

A portrait of Swami Vivekananda, a prominent Hindu monk and philosopher. He is depicted from the chest up, wearing a traditional orange turban and a matching orange high-collared jacket over a white shirt. He has a serious expression and is looking slightly to the left. The background is a solid, muted brown color.

SWAMI VIVEKANANDA

*Complete
Works*

READING
TIME

Índice

[Índice detalhado](#)

[Nota para a versão Kindle de The Complete Works of Swami Vivekananda](#)

[Nota do editor](#)

[Prefácio à Primeira Edição](#)

[Introdução](#)

[Volume 1](#)

[Volume 2](#)

[Volume 3](#)

[Volume 4](#)

[Volume 5](#)

[Volume 6](#)

[Volume 7](#)

[Volume 8](#)

[Volume 9](#)

[Notas de rodapé](#)

NOTA PARA A VERSÃO KINDLE

NOTA DO EDITOR

PREFÁCIO À DÉCIMA PRIMEIRA EDIÇÃO

PREFÁCIO À NONA EDIÇÃO

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

INTRODUÇÃO

VOLUME 1

1.1 DISCURSO NO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES

1.1.1 RESPOSTA AO BEM-VINDO

1.1.2 POR QUE DISCORDAMOS

1.1.3 DOCUMENTO SOBRE HINDUÍSMO

1.1.4 RELIGIÃO NÃO É A NECESSIDADE DA ÍNDIA

1.1.5 BUDISMO, O CUMPRIMENTO DO HINDUÍSMO

1.1.6 ENDEREÇO NA SESSÃO FINAL

1.2 KARMA-YOGA

1.2.1 CAPÍTULO 1: KARMA EM SEU EFEITO NO CARÁTER

1.2.2 CAPÍTULO 2: CADA UM É GRANDE NO SEU PRÓPRIO
LUGAR

1.2.3 CAPÍTULO 3: O SEGREDO DO TRABALHO

1.2.4 CAPÍTULO 4: O QUE É DEVER?

1.2.5 CAPÍTULO 5: AJUDAMOS A MESMOS, NÃO AO MUNDO

1.2.6 CAPÍTULO 6: O NÃO APEGO É AUTO-ABNEGAÇÃO
COMPLETA

1.2.7 CAPÍTULO 7: LIBERDADE

1.2.8 CAPÍTULO 8: O IDEAL DO KARMA-YOGA

1.3 RAJA-YOGA

1.3.0 PREFÁCIO

1.3.1 CAPÍTULO 1: INTRODUTÓRIO

1.3.2 CAPÍTULO 2: OS PRIMEIROS PASSOS

1.3.3 CAPÍTULO 3: PRANA

1.3.4 CAPÍTULO 4: O PRANA PSÍQUICO

1.3.5 CAPÍTULO 5: O CONTROLE DO PRANA PSÍQUICO

1.3.6 Capítulo 6: PRATYAHARA E DHARANA

1.3.7 CAPÍTULO 7: DHYANA E SAMADHI

1.3.8 CAPÍTULO 8: RAJA-YOGA EM RESUMO

1.3.9 AFORISMOS DE IOGA DE PATANJALI

1.3.9.0 INTRODUÇÃO

1.3.9.1 CONCENTRAÇÃO: SEUS USOS ESPIRITUAIS

1.3.9.2 CONCENTRAÇÃO: SUA PRÁTICA

1.3.9.3 PODERES

1.3.9.4 INDEPENDÊNCIA

1.3.9.5 APÊNDICE

1.4 PALESTRAS E DISCURSOS

1.4.1 ALMA, DEUS E RELIGIÃO

1.4.2 A RELIGIÃO HINDU

1.4.3 O QUE É RELIGIÃO?

1.4.4 IDEAIS RELIGIOSOS VÉDICOS

1.4.5 A FILOSOFIA VEDANTA

1.4.6 RAZÃO E RELIGIÃO

1.4.7 VEDANTA COMO FATOR DE CIVILIZAÇÃO

1.4.8 O ESPÍRITO E A INFLUÊNCIA DO VEDANTA

1.4.9 PASSOS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO HINDU

1.4.10 PASSOS PARA REALIZAÇÃO

1.4.11 VEDANTA E PRIVILÉGIO

1.4.12 PRIVILÉGIO

1.4.13 KRISHNA

1.4.14 O GITA I

1.4.15 O GITA II

1.4.16 O GITA III

1.4.17 MOHAMMED

1.4.18 VILVAMANGALA

1.4.19 A ALMA E DEUS

1.4.20 RESPIRAÇÃO

1.4.21 RELIGIÃO PRÁTICA: RESPIRAÇÃO E MEDITAÇÃO

VOLUME 2

PREFÁCIO À DÉCIMA EDIÇÃO

2.1 TRABALHO E SEU SEGREDO

2.2 OS PODERES DA MENTE

2.3 DICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE

PRÁTICA

2.4 BHAKTI OU DEVOÇÃO

2.5 JNANA-YOGA

2.5.1 CAPÍTULO 1: A NECESSIDADE DA RELIGIÃO

2.5.2 CAPÍTULO 2: A VERDADEIRA NATUREZA DO HOMEM

2.5.3 CAPÍTULO 3: MAYA E ILUSÃO

2.5.4 CAPÍTULO 4: MAYA E A EVOLUÇÃO DA CONCEPÇÃO
DE DEUS

2.5.5 CAPÍTULO 5: MAYA E LIBERDADE

2.5.6 CAPÍTULO 6: O ABSOLUTO E A MANIFESTAÇÃO

2.5.7 CAPÍTULO 7: DEUS EM TUDO

2.5.8 CAPÍTULO 8: REALIZAÇÃO

2.5.9 CAPÍTULO 9: UNIDADE NA DIVERSIDADE

2.5.10 CAPÍTULO 10: A LIBERDADE DA ALMA

2.5.11A CAPÍTULO 11A: O COSMOS

2.5.11B CAPÍTULO 11B: O COSMOS

2.5.12 CAPÍTULO 12: IMORTALIDADE

2.5.13 CAPÍTULO 13: O ATMAN

2.5.14 CAPÍTULO 14: O ATMAN: SUA BONDAGEM E LIBERDADE

2.5.15 CAPÍTULO 15: O HOMEM REAL E O APARENTE

2.6 VEDANTA PRÁTICA E OUTRAS PALESTRAS

2.6.1 VEDANTA PRÁTICA: PARTE 1

2.6.2 VEDANTA PRÁTICA: PARTE 2

2.6.3 VEDANTA PRÁTICA: PARTE 3

2.6.4 VEDANTA PRÁTICA: PARTE 4

2.6.5 O CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO DE UMA RELIGIÃO UNIVERSAL

2.6.6 O IDEAL DE UMA RELIGIÃO UNIVERSAL

2.6.7 O SEGREDO ABERTO

2.6.8 O CAMINHO PARA A BÊNÇÃO

2.6.9 YAJNAVALKYA E MAITREYI

2.6.10 ALMA, NATUREZA E DEUS

2.6.11 COSMOLOGIA

2.6.12 UM ESTUDO DA FILOSOFIA SANKHYA

2.6.13 SANKHYA E VEDANTA

2.6.14 O OBJETIVO

2.7 RELATÓRIAS EM JORNAIS AMERICANOS

2.7.1 NOTA

2.7.2 DIVINDADE DO HOMEM

2.7.3 SWAMI VIVEKANANDA NA ÍNDIA

2.7.4 HARMONIA RELIGIOSA

2.7.5 DA ÍNDIA DISTANTE

2.7.6 UMA NOITE COM NOSSOS PRIMOS HINDU

2.7.7 OS MODOS E COSTUMES DA ÍNDIA

2.7.8 AS RELIGIÕES DA ÍNDIA

2.7.9 SETAS E DOCTRINAS NA ÍNDIA

2.7.10 MENOS DOCTRINA E MAIS PÃO

2.7.11 A RELIGIÃO DE BUDA

2.7.12 TODAS AS RELIGIÕES SÃO BOAS

2.7.13 A VISÃO HINDU DA VIDA

2.7.14 IDEAIS DE FEMININO

2.7.15 VERDADEIRO BUDISMO

2.7.16 PRESENTE DA ÍNDIA PARA O MUNDO

2.7.17 CRIANÇAS VIÚVAS DA ÍNDIA

2.7.18 ALGUNS COSTUMES DOS HINDUS

VOLUME 3

PREFÁCIO À NONA EDIÇÃO

PREFÁCIO À OITAVA EDIÇÃO

3.1 PALESTRAS E DISCURSOS

3.1.1 UNIDADE, O OBJETIVO DA RELIGIÃO

3.1.2 A ALMA LIVRE

3.1.3 UMA EXISTÊNCIA APARECENDO TANTAS

3.2 BHAKTI-YOGA

3.2.1 CAPÍTULO 1: DEFINIÇÃO DE BHAKTI

3.2.2 CAPÍTULO 2: A FILOSOFIA DE ISHVARA

3.2.3 CAPÍTULO 3: REALIZAÇÃO ESPIRITUAL, O OBJETIVO DO BHAKTI-YOGA

3.2.4 CAPÍTULO 4: A NECESSIDADE DO GURU

3.2.5 CAPÍTULO 5: QUALIFICAÇÕES DO ASPIRANTE E DO PROFESSOR

3.2.6 CAPÍTULO 6: PROFESSORES ENCARNADOS E ENCARNAÇÃO

3.2.7 CAPÍTULO 7: O MANTRA: OM: PALAVRA E SABEDORIA

3.2.8 CAPÍTULO 8: ADORAÇÃO DE SUBSTITUTOS E IMAGENS

3.2.9 CAPÍTULO 9: O IDEAL ESCOLHIDO

3.2.10 CAPÍTULO 10: O MÉTODO E OS MEIOS

3.3 PARA-BHAKTI OU DEVOÇÃO SUPREMA

3.3.1 CAPÍTULO 1: A RENÚNCIA PREPARATÓRIA

3.3.2 CAPÍTULO 2: A RENÚNCIA DO BHAKTA RESULTA DO AMOR

3.3.3 CAPÍTULO 3: A NATURALIDADE DE BHAKTI-YOGA E SEU SEGREDO CENTRAL

3.3.4 CAPÍTULO 4: AS FORMAS DO AMOR - MANIFESTAÇÃO

3.3.5 CAPÍTULO 5: AMOR UNIVERSAL E COMO ELE LEVA À AUTO-ENTREGA

3.3.6 CAPÍTULO 6: O CONHECIMENTO SUPERIOR E O AMOR SUPERIOR SÃO UM PARA O AMANTE VERDADEIRO

3.3.7 CAPÍTULO 7: O TRIÂNGULO DO AMOR

3.3.8 CAPÍTULO 8: O DEUS DO AMOR É SUA PRÓPRIA PROVA

3.3.9 CAPÍTULO 9: REPRESENTAÇÕES HUMANAS DO IDEAL DIVINO DE AMOR

3.3.10 CAPÍTULO 10: CONCLUSÃO

3.4 PALESTRAS DE COLOMBO A ALMORA

3.4.1 PRIMEIRA PALESTRA PÚBLICA NO LESTE

3.4.2 VEDANTISMO

3.4.3 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO NO PAMBAN

3.4.4 DISCURSO NO TEMPLO DE RAMESWARAM SOBRE ADORAÇÃO REAL

3.4.5 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO EM RAMNAD

3.4.6 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO EM PARAMAKUDI

3.4.7 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO EM SHIVAGANGA E MANAMADURA

3.4.8 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO NA MADURA

3.4.9 A MISSÃO DO VEDANTA

3.4.10 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO A MADRAS

3.4.11 MEU PLANO DE CAMPANHA

3.4.12 VEDANTA EM SUA APLICAÇÃO À VIDA INDIANA

3.4.13 OS SÁBIOS DA ÍNDIA

3.4.14 O TRABALHO DIANTE DE NÓS

3.4.15 O FUTURO DA ÍNDIA

3.4.16 SOBRE CARIDADE

3.4.17 ENDEREÇO DE BOAS-VINDAS APRESENTADO EM CALCUTÁ E RESPOSTA

3.4.18 O VEDANTA EM TODAS AS SUAS FASES

3.4.19 ENDEREÇO DE BEM-VINDO A ALMORA E RESPOSTA

3.4.20 ENSINO VÉDICO NA TEORIA E PRÁTICA

3.4.21 BHAKTI

3.4.22 AS BASES COMUNS DO HINDUÍSMO

3.4.23 BHAKTI

3.4.24 O VEDANTA

3.4.25 VEDANTISMO

3.4.26 A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO ESPIRITUAL INDIANO NA INGLATERRA

3.4.27 SANNYASA: SEU IDEAL E PRÁTICA

3.4.28 O QUE APRENDI?

3.4.29 A RELIGIÃO EM QUE NASCEMOS

3.5 RELATÓRIOS EM JORNAIS AMERICANOS

3.5.1 ÍNDIA: SUA RELIGIÃO E COSTUMES

3.5.2 HINDUS NA FEIRA

3.5.3 NO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES

3.5.4 CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

3.5.5 REENCARNAÇÃO

3.5.6 CIVILIZAÇÃO HINDU

3.5.7 UMA PALESTRA INTERESSANTE

3.5.8 A RELIGIÃO HINDOO

3.5.9 O MONGE HINDOO

3.5.10 APLICAÇÃO DE TOLERÂNCIA

3.5.11 MODOS E COSTUMES NA ÍNDIA

3.5.12 FILOSOFIA HINDOO

3.5.13 MILAGRES

3.5.14 A DIVINDADE DO HOMEM

3.5.15 O AMOR DE DEUS

3.5.16 AS MULHERES DA ÍNDIA

3.6 ÍNDIA BUDISTA

VOLUME 4

4.1 ENDEREÇOS SOBRE BHAKTI-YOGA

4.1.1 A PREPARAÇÃO

4.1.2 OS PRIMEIROS PASSOS

4.1.3 O PROFESSOR DE ESPIRITUALIDADE

4.1.4 A NECESSIDADE DE SÍMBOLOS

4.1.5 OS SÍMBOLOS PRINCIPAIS

4.1.6 O ISHTA

4.2 PALESTRAS E DISCURSOS

4.2.1 O RAMAYANA

4.2.2 O MAHABHARATA

4.2.3 REFLEXÕES SOBRE O GITA

4.2.4 A HISTÓRIA DE JADA BHARATA

4.2.5 A HISTÓRIA DE PRAHLADA

4.2.6 OS GRANDES PROFESSORES DO MUNDO

4.2.7 SOBRE O SENHOR BUDA

4.2.8 CRISTO, O MENSAGEIRO

4.2.9 MEU MESTRE

4.2.10 PENSAMENTO RELIGIOSO INDIANO

[4.2.11 A BASE DA PESQUISA PSÍQUICA OU ESPIRITUAL](#)

[4.2.12 SOBRE ARTE NA ÍNDIA](#)

[4.2.13 A ÍNDIA É UM PAÍS OBRIGADO?](#)

[4.2.14 AS REIVINDICAÇÕES DA RELIGIÃO](#)

[4.2.15 CONCENTRAÇÃO](#)

[4.2.16 MEDITAÇÃO](#)

[4.2.17 A PRÁTICA DA RELIGIÃO](#)

[4.3 ESCRITOS: PROSA](#)

[4.3.1 A ALMA É IMORTAL?](#)

[4.3.2 REENCARNAÇÃO](#)

[4.3.3 NO DR. PAUL DEUSSEN](#)

[4.3.4 SOBRE O PROFESSOR MAX MÜLLER](#)

[4.3.5 ESBOÇO DA VIDA DE PAVHARI BABA](#)

[4.3.6 ARIANOS E TAMILIANOS](#)

[4.3.7 ENDEREÇO DA CONFERÊNCIA SOCIAL](#)

[4.3.8 MENSAGEM DA ÍNDIA PARA O MUNDO](#)

[4.3.9 OBSERVAÇÕES ERRADAS SOBRE TEOSOFIA](#)

[4.3.10 RESPOSTA AO ENDEREÇO DO MAHARAJA DE KHETRI](#)

[4.3.11 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE MADRAS](#)

[4.3.12 UMA MENSAGEM DE SIMPATIA A UM AMIGO](#)

[4.3.13 EM QUE ACREDITAMOS](#)

[4.3.14 NOSSO DEVER PARA COM AS MASSAS](#)

[4.3.15 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE CALCUTÁ](#)

[4.3.16 PARA MEUS CORAJOS MENINOS](#)

[4.3.17 UM PLANO DE TRABALHO PARA A ÍNDIA](#)

[4.3.18 FUNDAMENTOS DA RELIGIÃO](#)

[4.4 ESCRITOS: POEMAS](#)

4.4.1 KALI A MÃE

4.4.2 ANJOS DESCONHECIDOS

4.4.3 À ÍNDIA DESPERTA

4.4.4 DESCANSE EM PAZ

4.4.5 AGUARDE AINDA UM TEMPO, CORAÇÃO valente

4.4.6 NIRVANASHATKAM, OU SEIS ESTANZAS NO NIRVANA

4.4.7 A CANÇÃO DO SANNYÂSIN

4.4.8 PAZ

4.5 TRADUÇÃO: PROSA

4.5.1 O PROBLEMA DA ÍNDIA MODERNA E SUA SOLUÇÃO

4.5.2 RAMAKRISHNA: SUA VIDA E DITORES

4.5.3 CONGRESSO DE PARIS SOBRE A HISTÓRIA DAS
RELIGIÕES

4.5.4 CONHECIMENTO: SUA FONTE E AQUISIÇÃO

4.5.5 ÍNDIA MODERNA

4.5.6 A EDUCAÇÃO QUE A ÍNDIA PRECISA

4.5.7 NOSSOS PROBLEMAS SOCIAIS ATUAIS

4.6 TRADUÇÃO: POEMAS

4.6.1 PARA UM AMIGO

4.6.2 O HINO DA CRIAÇÃO

4.6.3 O HINO DO SAMADHI

4.6.4 UM HINO À MÃE DIVINA

4.6.5 UM HINO A SHIVA

4.6.6 UM HINO À DIVINDADE DE SHRI RAMAKRISHNA

4.6.7 "E DEIXE SHYAMA DANÇAR LÁ"

4.6.8 UMA CANÇÃO QUE CANTO PARA TI

VOLUME 5

PREFÁCIO À DÉCIMA EDIÇÃO

PREFÁCIO À OITAVA EDIÇÃO

PREFÁCIO À SÉTIMA EDIÇÃO

5.1 PRIMEIRA SÉRIE DE EPÍSTOLAS

5.1.0 NOTA

5.1.1 FAQUIR

5.1.2 PANDITJI MAHARAJ

5.1.3 ALASINGA

5.1.4 ALASINGA

5.1.5 ALASINGA

5.1.6 HARIPADA

5.1.7 AMIGOS

5.1.8 ALASINGA

5.1.9 SHARAT

5.1.10 ALASINGA

5.1.11 ALASINGA

5.1.12 IRMÃ

5.1.13 ALASINGA

5.1.14 ALASINGA

5.1.15 FINANÇAS

5.1.16 IRMÃ

5.1.17 ALASINGA

5.1.18 ALASINGA

5.1.19 VEEMIA

5.1.20 IRMÃ

5.1.21 ALASINGA

5.1.22 ALASINGA

5.1.23 FINANÇAS

5.1.24 ALASINGA

5.1.25 ALASINGA

5.1.26 DHARMAPALA

5.1.27 ALASINGA

5.1.28 Sra. TOURO

5.1.29 G.G.

5.1.30 ALASINGA

5.1.31 Sra. TORRO VELHO

5.1.32 IRMÃ

5.1.33 ALASINGA

5.1.34 IRMÃ

5.1.35 ALASINGA

5.1.36 IRMÃ

5.1.37 ALASINGA

5.1.38 S--

5.1.39 ALASINGA

5.1.40 ALASINGA

5.1.41 AMIGO

5.1.42 FINANÇAS

5.1.43 ALASINGA

5.1.44 SRA. William Sturges

5.1.45 MÃE

5.1.46 AMIGO

5.1.47 MAHARAJA DE KHETRI

5.1.48 AMIGO

5.1.49 ALASINGA

5.1.50 Sra. TOURO

5.1.51 RESISTENTE

5.1.52 ALASINGA

5.1.53 ALASINGA

5.1.54 ALASINGA

5.1.55 ALASINGA

5.1.56 IRMÃ

5.1.57 ABENÇOADO E AMADO

5.1.58 ALASINGA

5.1.59 ALASINGA

5.1.60 ALASINGA

5.1.61 NANJUNDA RAO

5.1.62 NANJUNDA RAO

5.1.63 ALASINGA

5.1.64 ALASINGA

5.1.65 ABENÇOADO E AMADO

5.1.66 NANJUNDA RAO

5.1.67 ALASINGA

5.1.68 ALASINGA

5.1.69 ALASINGA

5.1.70 ESPELHO INDIANO

5.1.71 ALASINGA

5.1.72 ALASINGA

5.1.73 SENHORA

5.1.74 HONRADA SENHORA

5.1.75 DOUTOR SHASHI

5.1.76 SR.

5.1.77 SARAT CHANDRA

5.1.78 IRMÃ

5.1.79 MÃE

5.1.80 JOE

5.1.81 JAGMOHANLAL

5.1.82 M.

5.1.83 SUA ALTEZA

5.1.84 SUA ALTEZA

5.1.85 SUA ALTEZA

5.1.86 SUA ALTEZA

5.1.87 SUA ALTEZA

5.1.88 SUA ALTEZA

5.1.89 MÃE

5.1.90 JOE

5.1.91 AMIGO

5.1.92

5.1.93 SHASHI

5.1.94 MÃE

5.1.95 RESISTENTE

5.1.96 MÃE

5.1.97 SHASHI

5.1.98 MÃE

5.1.99 JOE

5.1.100 JOE

5.1.101 MÃE

5.1.102 SWARUP

5.1.103 MARIA

5.1.104 SHASHI

5.1.105 JOE

5.1.106 JOE

5.1.107 JOE

5.1.108 MARIA

5.1.109 CRISTINA

5.1.110 MARIA

5.1.111 ABENÇOADO E AMADO

5.1.112 ABENÇOADO E AMADO

5.1.113 JOE

5.1.114 SWARUP

5.1.115 MÃE

5.1.116 IRMÃ NIVEDITA

5.1.117 Rakhal

5.1.118 Rakhal

5.1.119 Rakhal

5.1.120 Rakhal

5.1.121 JOE

5.1.122 JOE

5.1.123 OLHOS

5.2 ENTREVISTAS

5.2.1 MILAGRES

5.2.2 UM IOGUE INDIANO EM LONDRES

5.2.3 MISSÃO DA ÍNDIA

5.2.4 ÍNDIA E INGLATERRA

5.2.5 MISSÃO DO MISSIONÁRIO INDIANO NA INGLATERRA

5.2.6 COM O SWAMI VIVEKANANDA EM MADURA

5.2.7 O EXTERIOR E OS PROBLEMAS EM CASA

5.2.8 O TRABALHO MISSIONÁRIO DO PRIMEIRO SANNYASIN HINDU

5.2.9 DESPERTAR DO HINDUÍSMO EM BASE NACIONAL

5.2.10 SOBRE AS MULHERES INDIANAS — SEU PASSADO, PRESENTE E FUTURO

5.2.11 NOS LIMITES DO HINDUÍSMO

5.3 NOTAS DE PALESTRAS E DISCURSO

5.3.1 SOBRE KARMA-YOGA

5.3.2 SOBRE O FANATICISMO

5.3.3 TRABALHO É ADORAÇÃO

5.3.4 TRABALHO SEM MOTIVO

5.3.5 SADHANAS OU PREPARAÇÕES PARA UMA VIDA SUPERIOR

5.3.6 O COSMOS E O EU

5.3.7 QUEM É UM VERDADEIRO GURU?

5.3.8 NA ARTE

5.3.9 SOBRE A LÍNGUA

5.3.10 OS SANNYASINS

5.3.11 O SANNYASIN E O DOMÉSTICO

5.3.12 OS MALES DO ADHIKARIVADA

5.3.13 SOBRE BHAKTI-YOGA

5.3.14 ISHVARA E BRAHMAN

5.3.15 SOBRE JNANA-YOGA

5.3.16 A CAUSA DA ILUSÃO

5.3.17 EVOLUÇÃO

5.3.18 BUDISMO E VEDANTA

5.3.19 SOBRE A FILOSOFIA VEDANTA

5.3.20 LEI E LIBERDADE

5.3.21 OBJETIVO E MÉTODOS DE REALIZAÇÃO

5.3.22 UNIDADE MUNDIAL

5.3.23 O OBJETIVO DO RAJA-YOGA

5.4 PERGUNTAS E RESPOSTAS

5.4.1 DISCUSSÕES NA SOCIEDADE FILOSÓFICA DE GRADUAÇÃO

5.4.2 NO CLUBE DO SÉCULO XX DE BOSTON, EUA

5.4.3 NA BROOKLYN ETHICAL SOCIETY, BROOKLYN, EUA

5.4.4 SELEÇÕES DO DIÁRIO DE MATEMÁTICA

5.4.5 IOGA, VAIRAGYA, TAPASYA, AMOR

5.4.6 EM RESPOSTA A NIVEDITA

5.4.7 GURU, AVATARA, IOGA, JAPA, SEVA

5.5 CONVERSAS E DIÁLOGOS

5.5.1 SHRI SURENDRA NATH DAS GUPTA

5.5.2 SHRI SURENDRA NATH SEN

5.5.3 SHRI PRIYA NATH SINHA

5.5.4 SARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

5.6 PROVÉRBIOS E ENUNCIACÕES

5.7 ESCRITOS: PROSA E POEMAS

5.7.1 RAZÃO, FÉ E AMOR

5.7.2 SEIS DIVISAS SÂSCRITAS

5.7.3 A MENSAGEM DA SABEDORIA DIVINA

5.7.4 A MATEMÁTICA BELUR: UM APELO

5.7.5 ADVAITA ASHRAMA, HIMALAIA

5.7.6 A CASA DE SERVIÇO RAMAKRISHNA VARANASI: UM APELO

5.7.7 QUEM SABE COMO A MÃE BRINCA!

5.7.8 AO QUARTO DE JULHO

5.7.9 O ORIENTE E O OESTE

VOLUME 6

PREFÁCIO À SÉTIMA EDIÇÃO

PREFÁCIO À SEXTA EDIÇÃO

6.1 PALESTRAS E DISCURSOS

6.1.1 OS MÉTODOS E OBJETIVOS DA RELIGIÃO

6.1.2 A NATUREZA DA ALMA E SEU OBJETIVO

6.1.3 A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA

6.1.4 NATUREZA E HOMEM

6.1.5 CONCENTRAÇÃO E RESPIRAÇÃO

6.1.6 INTRODUÇÃO AO JNANA-YOGA

6.1.7 A FILOSOFIA VEDANTA E O CRISTIANISMO

6.1.8 ADORADOR E ADORADO

6.1.9 ADORAÇÃO FORMAL

6.1.10 AMOR DIVINO

6.2 NOTAS DE AULAS E PALESTRAS

6.2.1 RELIGIÃO E CIÊNCIA

6.2.2 RELIGIÃO É REALIZAÇÃO

6.2.3 RELIGIÃO É AUTO-ABNEGAÇÃO

6.2.4 TRABALHO ALTUÍSTICO É A VERDADEIRA RENÚNCIA

6.2.5 LIBERDADE DE SI

6.2.6 NOTAS SOBRE O VEDANTA

6.2.7 HINDU E GREGO

6.2.8 PENSAMENTOS SOBRE OS VEDAS E OS UPANISHADS

6.2.9 É RAJA IOGA

6.2.10 SOBRE BHAKTI-YOGA

6.2.11 SOBRE JNANA-YOGA

6.2.12 A REALIDADE E A SOMBRA

6.2.13 COMO SE TORNAR LIVRE

6.2.14 ALMA E DEUS

6.2.15 O OBJETIVO

6.2.16 SOBRE A PROVA DE RELIGIÃO

6.2.17 A TEORIA DO DESIGN

6.2.18 ESPÍRITO E NATUREZA

6.2.19 A PRÁTICA DA RELIGIÃO

6.2.20 NOTAS FRAGMENTÁRIAS SOBRE O RAMAYANA

6.2.21 NOTAS TOMADAS EM MADRAS, 1892-93

6.2.22 CONCENTRAÇÃO

6.2.23 O PODER DA MENTE

6.2.24 LIÇÕES DE RAJA-YOGA

6.2.25 LIÇÕES DE BHAKTI-YOGA

6.2.26 ADORAÇÃO À MÃE

6.2.27 NARADA-BHAKTI-SUTRAS

6.3 ESCRITOS: PROSA E POEMAS

6.3.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ÍNDIA

6.3.2 A HISTÓRIA DO MENINO GOPALA

6.3.3 MEU JOGO ESTÁ FEITO

6.3.4 A COPA

6.3.5 UMA BÊNÇÃO

6.3.6 O HINO DA CRIAÇÃO

6.3.7 NO SEIO DO MAR

6.3.8 HINDUÍSMO E SHRI RAMAKRISHNA

6.3.9 A LÍNGUA BENGALI

6.3.10 ASSUNTO PARA PENSAMENTO SÉRIO

6.3.11 DEMÔNIO DE SHIVA

6.4 EPÍSTOLAS – SEGUNDA SÉRIE

6.4.1 PRAMADADAS MITRA

6.4.2 PRAMADADAS MITRA

6.4.3 PRAMADADAS MITRA

6.4.4 PRAMADADAS MITRA

6.4.5 M—

6.4.6 PRAMADADAS MITRA

6.4.7 PRAMADADAS MITRA

6.4.8 PRAMADADAS MITRA

6.4.9 PRAMADADAS MITRA

6.4.10 PRAMADADAS MITRA

6.4.11 PRAMADADAS MITRA

6.4.12 PRAMADADAS MITRA

6.4.13 PRAMADADAS MITRA

6.4.14 PRAMADADAS MITRA

6.4.15 BALÂRAM BOSE

6.4.16 PRAMADADAS MITRA

6.4.17 PRAMADADAS MITRA

6.4.18 PRAMADADAS MITRA

6.4.19 PRAMADADAS MITRA

6.4.20 PRAMADADAS MITRA

6.4.21 PRAMADADAS MITRA

6.4.22 PRAMADADAS MITRA

6.4.23 INDIVÍDUOS

6.4.24 PRAMADADAS MITRA

6.4.25 PRAMADADAS MITRA

6.4.26 PRAMADADAS MITRA

6.4.27 INDIVÍDUOS

6.4.28 KANDHANANDA

6.4.29 PRAMADADAS MITRA

6.4.30 ABHEDANANDA

6.4.31 PRAMADADAS MITRA

6.4.32 PRAMADADAS MITRA

6.4.33 PRAMADADAS MITRA

6.4.34 SARADANANDA

6.4.35 GOVINDA SAHAY

6.4.36 GOVINDA SAHAY

6.4.37 GOVINDA SAHAY

6.4.38 NANJUNDA RAO

6.4.39 MÃE

6.4.40 MAHARAJA DE KHETRI

6.4.41 RAMAKRISHNANANDA

6.4.42 RAO BAHADUR NARASIMHACHARIAR

6.4.43 IRMÃS

6.4.44 IRMÃS

6.4.45 IRMÃOS

6.4.46 MÃE SARA

6.4.47 IRMÃOS DISCÍPULOS

6.4.48 SRA. TOURO

6.4.49 RAMAKRISHNANANDA

6.4.50 Sra. TOURO

6.4.51 NANJUNDA RAO

6.4.52 GOVINDA SAHAY

6.4.53 GOVINDA SAHAY

6.4.54 RAMAKRISHNANANDA

6.4.55 KHANDANANDA

6.4.56 IRMÃOS DISCÍPULOS

6.4.57 SRA. TOURO

6.4.58 SARADA

6.4.59 SANYAL

6.4.60 Sra. TOURO

6.4.61 SRA. TOURO

6.4.62 SRA. TOURO

6.4.63 SHASHI

6.4.64 SRA. TOURO

6.4.65 SRA. TOURO

6.4.66 SRA. TOURO

6.4.67 SRA. TOURO

6.4.68 SRA. TOURO

6.4.69 SHASHI

6.4.70 ALBERTA

6.4.71 Rakhai

6.4.72 AKHANANDANDA

6.4.73 IRMÃOS DISCÍPULOS

6.4.74 Rakhai

6.4.75 SHASHI

[6.4.76 Rakhal](#)
[6.4.77 SHASHI](#)
[6.4.78 Rakhal](#)
[6.4.79 SRA. TOURO](#)
[6.4.80 SRA. TOURO](#)
[6.4.81 MÃE](#)
[6.4.82 CARO—](#)
[6.4.83 Rakhal](#)
[6.4.84 SRA. TOURO](#)
[6.4.85 AKHANANDANDA](#)
[6.4.86 SRA. TOURO](#)
[6.4.87 ALBERTA](#)
[6.4.88 Sra. TOURO](#)
[6.4.89 Sra. TOURO](#)
[6.4.90 IRMÃ](#)
[6.4.91 SARADA](#)
[6.4.92 IOGEN](#)
[6.4.93 Sra. TOURO](#)
[6.4.94 SARADA](#)
[6.4.95 SRA. TOURO](#)
[6.4.96 SRA. TOURO](#)
[6.4.97 SARADA](#)
[6.4.98 Sra. TOURO](#)
[6.4.99 Sra. TOURO](#)
[6.4.100 SHASHI](#)
[6.4.101 SHASHI](#)
[6.4.102 FRANQUICENSO](#)

[6.4.103 SRA. TOURO](#)

[6.4.104 SRA. TOURO](#)

[6.4.105 LALA BADRI SHAH](#)

[6.4.106 SHASHI](#)

[6.4.107 SRA. TOURO](#)

[6.4.108 IRMÃ](#)

[6.4.109 JOE JOE](#)

[6.4.110 SENHORITA S. E. WALDO](#)

[6.4.111 SRA. TOURO](#)

[6.4.112 SENHORITA MARIA HALE](#)

[6.4.113 SRA. TOURO](#)

[6.4.114 LALA BADRI SHAH](#)

[6.4.115 CARO](#)

[6.4.116 IRMÃS](#)

[6.4.117 ALBERTA](#)

[6.4.118 SRA. TOURO](#)

[6.4.119 FRANQUICENSO](#)

[6.4.120 ALBERTA](#)

[6.4.121 MARIA](#)

[6.4.122 SRA. TOURO](#)

[6.4.123 MARIA](#)

[6.4.124 PRAMADADAS MITRA](#)

[6.4.125 SHUDHANANDA](#)

[6.4.126 SENHORITA NOBRE](#)

[6.4.127 Rakhal](#)

[6.4.128 KANDHANANDA](#)

[6.4.129 Rakhal](#)

[6.4.130 Rakhal](#)

[6.4.131 INDIVÍDUOS](#)

[6.4.132 INDIVÍDUOS](#)

[6.4.133 SRA. TOURO](#)

[6.4.134 MÃE](#)

[6.4.135 SARADA](#)

[6.4.136 INDIVÍDUOS](#)

[6.4.137 Rakhal](#)

[6.4.138 M](#)

[6.4.139 MÃE](#)

[6.4.140 MÃE](#)

[6.4.141 MARGOT](#)

[6.4.142 SARFARAZ HUSAIN](#)

[6.4.143 MARGOT](#)

[6.4.144 CARO](#)

[6.4.145 SRA. TOURO](#)

[6.4.146 CARO](#)

[6.4.147 SRA. TOURO](#)

[6.4.148 MARGOT](#)

[6.4.149 MARGOT](#)

[6.4.150 SRA. TOURO](#)

[6.4.151 MARGOT](#)

[6.4.152 MARGOT](#)

[6.4.153 NIVEDITA](#)

[6.4.154 INDIVÍDUOS](#)

[6.4.155 NIVEDITA](#)

[6.4.156 NIVEDITA](#)

6.4.157 MARGOT

6.4.158 JOE

6.4.159 NIVEDITA

6.4.160 NIVEDITA

6.4.161 NIVEDITA

6.4.162 NIVEDITA

6.4.163 MÃE

6.4.164 ALBERTA

6.4.165 JOE

6.4.166 NIVEDITA

6.4.167 JOE

6.4.168 NIVEDITA

6.5 CONVERSAS E DIÁLOGOS

6.5.1 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

6.5.2 CHAKRAVARTY SHARACHANDRA

6.5.3 CHAKRAVARTY SHARACHANDRA

6.5.4 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

6.5.5 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

6.5.6 SARATCHANDRA CHAKRAVARTY

6.5.7 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

6.5.8 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

6.5.9 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

6.5.10 SARATCHANDRA CHAKRAVARTY

6.5.11 SARATCHANDRA CHAKRAVARTY

6.5.12 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

VOLUME 7

PREFÁCIO À OITAVA EDIÇÃO

PREFÁCIO À SEXTA EDIÇÃO

PREFÁCIO À QUINTA EDIÇÃO

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

7.1 CONVERSAS INSPIRADAS

7.1.1 QUARTA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 1895

7.1.2 DOMINGO, 23 DE JUNHO DE 1895

7.1.3 SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1895

7.1.4 TERÇA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 1895

7.1.5 QUARTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1895

7.1.6 QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1895

7.1.7 SEXTA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 1895

7.1.8 SÁBADO, 29 DE JUNHO DE 1895

7.1.9 DOMINGO, 30 DE JUNHO DE 1895

7.1.10 SEGUNDA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 1895

7.1.11 TERÇA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1895

7.1.12 QUARTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1895

7.1.13 SEXTA-FEIRA, 5 DE JULHO DE 1895

7.1.14 SÁBADO, 6 DE JULHO DE 1895

7.1.15 DOMINGO, 7 DE JULHO DE 1895

7.1.16 SEGUNDA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 1895

7.1.17 TERÇA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 1895

7.1.18 QUARTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 1895

7.1.19 QUINTA-FEIRA, 11 DE JULHO DE 1895

7.1.20 SEXTA-FEIRA, 12 DE JULHO DE 1895

7.1.21 SÁBADO, 13 DE JULHO DE 1895

7.1.22 DOMINGO, 14 DE JULHO DE 1895

7.1.23 SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 1895

7.1.24 TERÇA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 1895
7.1.25 QUARTA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 1895
7.1.26 QUINTA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 1895
7.1.27 SEXTA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 1895
7.1.28 SÁBADO, 20 DE JULHO DE 1895
7.1.29 DOMINGO, 21 DE JULHO DE 1895
7.1.30 TERÇA-FEIRA, 23 DE JULHO DE 1895
7.1.31 QUARTA-FEIRA, 24 DE JULHO DE 1895
7.1.32 QUINTA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 1895
7.1.33 SEXTA-FEIRA, 26 DE JULHO DE 1895
7.1.34 SÁBADO, 27 DE JULHO DE 1895
7.1.35 DOMINGO, 28 DE JULHO DE 1895
7.1.36 SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 1895
7.1.37 TERÇA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 1895
7.1.38 QUARTA-FEIRA, 31 DE JULHO DE 1895
7.1.39 QUINTA-FEIRA, 1º DE AGOSTO DE 1895
7.1.40 2 DE AGOSTO DE 1895
7.1.41 SÁBADO, 3 DE AGOSTO DE 1895
7.1.42 DOMINGO, 4 DE AGOSTO DE 1895
7.1.43 SEGUNDA-FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1895
7.1.44 TERÇA-FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 1895

7.2 CONVERSAS E DIÁLOGOS

7.2.1 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY
7.2.2 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY
7.2.3 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY
7.2.4 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY
7.2.5 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

[7.2.6 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.7 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.8 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.9 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.10 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.11 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.12 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.13 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.14 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.15 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.16 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.17 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.18 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.19 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.20 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.21 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.22 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.23 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.24 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.25 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.26 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.27 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.28 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.29 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY](#)
[7.2.30 PRIYA NATH SINHA](#)
[7.2.31 PRIYA NATH SINHA](#)
[7.2.32 SRA. WRIGHT](#)

7.2.33 O APELO-AVALANCHE

7.2.34 A IMPRENSA LIVRE DE DETROIT

7.2.35 O TRIBUNO DE DETROIT

7.3 TRADUÇÃO DE ESCRITOS

7.3.1 NOTA

7.3.2 MEMÓRIAS DE VIAGENS EUROPEIAS I

7.3.3 MEMÓRIAS DE VIAGENS EUROPEIAS II

7.3.4 ADENDOS

7.4 NOTAS DE CONVERSAS E PALESTRAS

7.4.1 NA ARTE

7.4.2 SOBRE MÚSICA

7.4.3 SOBRE MANTRA E MANTRA-CHAITANYA

7.4.4 SOBRE CONCEPÇÕES DE DIVINDADE

7.4.5 NA ALIMENTAÇÃO

7.4.6 SOBRE A SANNYÂSA E A VIDA FAMILIAR

7.4.7 SOBRE QUESTIONAMENTO DA COMPETÊNCIA DO GURU

7.4.8 SHRI RAMAKRISHNA: O SIGNIFICADO DE SUA VIDA E ENSINAMENTOS

7.4.9 SOBRE SHRI RAMAKRISHNA E SUAS OPINIÕES

7.4.10 SHRI RAMAKRISHNA: O IDEAL DA NAÇÃO

7.4.11 MERCINÁRIOS NA RELIGIÃO

7.4.12 O DESTINO DO HOMEM

7.4.13 REENCARNAÇÃO

7.4.14 TEOLOGIA COMPARATIVA

7.4.15 BUDISMO, A RELIGIÃO DA LUZ DA ÁSIA

7.4.16 A CIÊNCIA DO IOGA

7.5 EPÍSTOLAS - TERCEIRA SÉRIE

7.5.0 NOTA

7.5.1 BALAM BOSE

7.5.2 BALAM BOSE

7.5.3 BALAM BOSE

7.5.4 BALAM BOSE

7.5.5 GUPTA

7.5.6 BALAM BOSE

7.5.7 ATUL CHANDRA GHOSH

7.5.8 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

7.5.9 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

7.5.10 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

7.5.11 SRA. MADEIRAS TANNATT

7.5.12 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

7.5.13 SRA. MADEIRAS

7.5.14 SENHORITA HARRIET MCKINDLEY

7.5.15 REV. R. A. HUME

7.5.16 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

7.5.17 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY

7.5.18 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY

7.5.19 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

7.5.20 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

7.5.21 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

7.5.22 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

7.5.23 MANMATHA NATH BHATTACHARYA

7.5.24 ABHEDANANDA

7.5.25 SHIVANANDA

7.5.26 SWAMI BRAHMANANDA

7.5.27 ALASINGA

7.5.28 DR. E. JANES

7.5.29 CARO

7.5.30 RAKHAL

7.5.31 ALASINGA

7.5.32 MEMBROS DE MATEMÁTICA DO ALAMBAZAR

7.5.34 RAMAKRISHNANANDA

7.5.35 PROF. JOHN HENRY WRIGHT

7.5.36 SENHORITA NOBRE

7.5.37 DR. L. I. JANES

7.5.38 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

7.5.39 Sra. TOURO

7.5.40 SHUDDHANANDA

7.5.41 SENHORITA NOBRE

7.5.42 SENHORITA NOBRE

7.5.43 SMT. SARALA GHOSAL

7.5.44 ET STURDY

7.5.45 Sra. LEGGETT

7.5.46 SRA. LEGGETT

7.5.47 MARGOT

7.5.48 Sra. LEGGETT

7.5.49 SRA. LEI

7.5.50 Sra. LEI

7.5.51 SR. LEGGETT

7.5.52 TIA ROXY

7.5.53 SENHORITA ALBERTA STURGES

VOLUME 8

DO PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

8.1 PALESTRAS E DISCURSO

8.1.1 JNANA IOGA

8.1.2 SEIS LIÇÕES DE RAJA-YOGA

8.1.3 MULHERES DA ÍNDIA

8.1.4 MINHA VIDA E MISSÃO

8.1.5 MENSAGEM DE BUDA PARA O MUNDO

8.1.6 DISCIPULADO

8.1.7 A VEDANTA É A RELIGIÃO DO FUTURO?

8.2 ESCRITOS: PROSA

8.2.1 LUTA PELA EXPANSÃO

8.2.2 O NASCIMENTO DA RELIGIÃO

8.2.3 QUATRO CAMINHOS DO IOGA

8.2.4 DESCANSO E MUDANÇA CÍCLICAS

8.2.5 UM PREFÁCIO À IMITAÇÃO DE CRISTO

8.3 ESCRITOS: POEMAS

8.3.1 UMA CORRESPONDÊNCIA INTERESSANTE

8.3.2 SONHO ABENÇOADO

8.3.3 LUZ

8.3.4 O DEUS VIVO

8.3.5 PARA UMA VIOLETA ANTECIPADA

8.3.6 PARA MINHA PRÓPRIA ALMA

8.3.7 A DANÇA DE SHIVA

8.3.8 SHIVA EM ÊXTASE

8.3.9 PARA SHRI KRISHNA

8.3.10 UM HINO A SHRI RAMAKRISHNA

8.3.11 UM HINO A SHRI RAMAKRISHNA

8.3.12 NINGUÉM PARA CULPAR

8.4 NOTAS DE CONVERSAS E PALESTRAS

8.4.1 NOTAS DAS CONVERSAS DE AULA

8.4.2 O HOMEM, O FABRICANTE DO SEU DESTINO

8.4.3 DEUS: PESSOAL E IMPESSOAL

8.4.4 A ENCARNAÇÃO DIVINA OU AVATARA

8.4.5 PRANAYAMA

8.4.6 MULHERES DO ORIENTE

8.4.7 CONGRESSO DE UNIDADE RELIGIOSA

8.4.8 O AMOR DE DEUS-I

8.4.9 O AMOR DE DEUS-II

8.4.10 ÍNDIA

8.4.11 HINDUS E CRISTÃOS

8.4.12 CRISTIANISMO NA ÍNDIA

8.4.13 A RELIGIÃO DO AMOR

8.4.14 JNANA E KARMA

8.4.15 AS REIVINDICAÇÕES DO VEDANTA SOBRE O MUNDO MODERNO

8.4.16 AS LEIS DA VIDA E DA MORTE

8.4.17 A REALIDADE E A SOMBRA

8.4.18 CAMINHO PARA A SALVAÇÃO

8.4.19 O POVO DA ÍNDIA

8.4.20 EU SOU O QUE SOU

8.4.21 UNIDADE

8.4.22 A ADORAÇÃO À MÃE DIVINA

8.4.23 A ESSÊNCIA DA RELIGIÃO

8.5 PROVÉRBIOS E ENUNCIACÕES

8.6 EPÍSTOLAS – QUARTA SÉRIE

8.6.0 NOTA

8.6.1 PRAMADADAS MITRA

8.6.2 PRAMADADAS MITRA

8.6.3 PRAMADADAS MITRA

8.6.4 PRAMADADAS MITRA

8.6.5 PRAMADADAS MITRA

8.6.6 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

8.6.7 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

8.6.8 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

8.6.9 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

8.6.10 HARIPADA MITRA

8.6.11 ALASINGA PERUMAL

8.6.12 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

8.6.13 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

8.6.14 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

8.6.15 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

8.6.16 IRMÃS HALE

8.6.17 IRMÃS HALE

8.6.18 SENHORITA MARY HALE

8.6.19 SENHORITA MARY HALE

8.6.20 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

8.6.21 UM DISCÍPULO DE MADRAS

8.6.22 Sra. GEORGE W. HALE

8.6.23 IRMÃS HALE

8.6.24 IRMÃS HALE

8.6.25 IRMÃS HALE

8.6.26 SENHORITA MARY HALE
8.6.27 SR. LEON LANDSBERG
8.6.28 SENHORITA MARY HALE
8.6.29 HARIDAS VIHARIDAS DESAI
8.6.30 HARIDAS VIHARIDAS DESAI
8.6.31 SRA. GEORGE W. HALE
8.6.32 SENHORITA MARY HALE
8.6.33 HARIDAS VIHARIDAS DESAI
8.6.34 HARIDAS VIHARIDAS DESAI
8.6.35 SENHORITA MARY HALE
8.6.36 SENHORITA MARY HALE
8.6.37 SENHORITA MARY HALE
8.6.38 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY
8.6.39 SR. FRANCIS LEGGETT
8.6.40 SR. ET STURDY
8.6.41 SR. ET STURDY
8.6.42 IRMÃS HALE
8.6.43 ALASINGA PERUMAL
8.6.44 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD
8.6.45 SENHORITA MARY HALE
8.6.46 SENHORITA MARY HALE
8.6.47 SENHORITA MARY HALE
8.6.48 SENHORITA MARY HALE
8.6.49 SR. ET STURDY
8.6.50 RM. ET STURDY
8.6.51 SR. ET STURDY
8.6.52 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

8.6.53 SWAMI ABHEDANANDA

8.6.54 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

8.6.55 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

8.6.56 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

8.6.57 SR. ET STURDY

8.6.58 SR. ET STURDY

8.6.59 SR. ET STURDY

8.6.60 RM. ET STURDY

8.6.61 SR. ET STURDY

8.6.62 SENHORITA JOSEPHINE MCLEOD

8.6.63 SR. ET STURDY

8.6.64 SR. ET STURDY

8.6.65 SWAMI SARADANANDA

8.6.66 SR. ET STURDY

8.6.67 SENHORITA MARY HALE

8.6.68 SR. ET STURDY

8.6.69 ALASINGA

8.6.70 RM. ET STURDY

8.6.71 SR. ET STURDY

8.6.72 SENHORITA MARY HALE

8.6.73 IRMÃS HALE

8.6.74 SR. ET STURDY

8.6.75 IRMÃS HALE

8.6.76 SENHORITA MARY HALE

8.6.77 IRMÃS HALE

8.6.78 SR. ET STURDY

8.6.79 SR. ET STURDY

8.6.80 KRIPANANDA

8.6.81 SR. JJ GOODWIN

8.6.82 SR. ET STURDY

8.6.83 SR. ET STURDY

8.6.84 SR. ET STURDY

8.6.85 SENHORITA MARY HALE

8.6.86 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

8.6.87 SWAMI BRAHMANANDA

8.6.88 SENHORITA MARY HALE

8.6.89 SWAMI BRAHMANANDA

8.6.90 SWAMI RAMAKRISHNANANDA

8.6.91 IRMÃ NIVEDITA

8.6.92 SWAMI BRAHMANANDA

8.6.93 SUDHIR

8.6.94 MARIA HALBOISTER

8.6.95 IRMÃ NIVEDITA

8.6.96 IRMÃ NIVEDITA

8.6.97 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

8.6.98 SWAMI BRAHMANANDA

8.6.99 MARIA HALBOISTER

8.6.100 SWAMI RAMAKRISHNANANDA

8.6.101 SWAMI RAMAKRISHNANANDA

8.6.102 SWAMI BRAHMANANDA

8.6.103 SWAMI BRAHMANANDA

8.6.104 SWAMI SHUDHANANDA

8.6.105 HARIPADA MITRA

8.6.106 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

[8.6.107 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.108 SWAMI RAMAKRISHNANANDA](#)
[8.6.109 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.110 IRMÃ NIVEDITA](#)
[8.6.111 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.112 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.113 IRMÃ NIVEDITA](#)
[8.6.114 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.115 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.116 SWAMI PREMANANDA](#)
[8.6.117 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.118 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.119 BRAHMANANDA](#)
[8.6.120 SWAMI SHIVANANDA](#)
[8.6.121 RAJA PYARI MOHAN MUKHERJEE](#)
[8.6.122 SWAMI RAMAKRISHNANANDA](#)
[8.6.123 SENHORITA MARIA HALE](#)
[8.6.124 SWAMI RAMAKRISHNANANDA](#)
[8.6.125 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD](#)
[8.6.126 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.127 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD](#)
[8.6.128 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.129 SR. ET STURDY](#)
[8.6.130 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.131 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[8.6.132 SENHORITA MARIA HALE](#)
[8.6.133 HARIPADA MITRA](#)

8.6.134 HARIPADA MITRA
8.6.135 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD
8.6.136 SENHORITA MARIA HALE
8.6.137 SR. ET STURDY
8.6.138 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD
8.6.139 SENHORITA MARIA HALBOISTER
8.6.140 SWAMI BRAHMANANDA
8.6.141 Sra. TORRO VELHO
8.6.142 SR. ET STURDY
8.6.143 SENHORITA MARIA HALE
8.6.144 SENHORITA MARIA HALE
8.6.145 SENHORITA MARIA HALE
8.6.146 SR. ET STURDY
8.6.147 SRA. TORRO VELHO
8.6.148 SWAMI BRAHMANANDA
8.6.149 SENHORITA MARIA HALE
8.6.150 SWAMI BRAHMANANDA
8.6.151 SRA. TORRO VELHO
8.6.152 SRA. TORRO VELHO
8.6.153 SENHORITA MARIA HALE
8.6.154 SRA. TORRO VELHO
8.6.155 SRA. TORRO VELHO
8.6.156 SENHORITA MARIA HALE
8.6.157 SENHORITA MARIA HALE
8.6.158 SRA. TORRO VELHO
8.6.159 SRA. TORRO VELHO
8.6.160 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

8.6.161 SWAMI BRAHMANANDA
8.6.162 SENHORITA MARIA HALE
8.6.163 SRA. TORRO VELHO
8.6.164 SENHORITA MARIA HALE
8.6.165 SENHORITA MARIA HALE
8.6.166 SWAMI TURYANANDA
8.6.167 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD
8.6.168 SWAMI TURYANANDA
8.6.169 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD
8.6.170 Sra. TORRO VELHO
8.6.171 IRMÃ NIVEDITA
8.6.172 UM AMIGO AMERICANO
8.6.173 SRA. TORRO VELHO
8.6.174 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD
8.6.175 UM AMIGO AMERICANO
8.6.176 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD
8.6.177 SENHORITA MARIA HALE
8.6.178 SENHORITA MARIA HALE
8.6.179 IRMÃ NIVEDITA
8.6.180 IRMÃ NIVEDITA
8.6.181 SENHORITA MARIA HALE
8.6.182 SENHORITA MARIA HALE
8.6.183 SENHORITA MARIA HALE
8.6.184 SWAMI TURYANANDA
8.6.185 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD
8.6.186 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD
8.6.187 SWAMI TURYANANDA

8.6.188 HARENDRA NATH

8.6.189 SWAMI TURYANANDA

8.6.190 SR. JOÃO FOX

8.6.191 SWAMI TURYANANDA

8.6.192 SWAMI TURYANANDA

8.6.193 SWAMI TURYANANDA

8.6.194 MADAME EMMA CALVÉ

8.6.195 IRMÃ CHRISTINE

8.6.196 SENHORITA JOSEPHINE MACLDEOD

8.6.197 SRA. TORRO VELHO

VOLUME 9

PREFÁCIO

AGRADECIMENTOS E ABREVIATURA

9.1 CARTAS – QUINTA SÉRIE

9.1.1 BALÂRAM BOSE

9.1.2 BALAM BOSE

9.1.3 BALÂRAM BOSE

9.1.4 BALÂRAM BOSE

9.1.5 FANTASMA DE TULSIRAM

9.1.6 SWAMI SARADANANDA

9.1.7 SRA. CASA GW

9.1.8 SRA. CASA GW

9.1.9 SRA. CASA GW

9.1.10 Sra. CASA GW

9.1.11 Sra. CASA GW

9.1.12 SRA. CASA GW

9.1.13 Sra. CASA GW

[9.1.14 Sra. CASA GW](#)
[9.1.15 Sra. CASA GW](#)
[9.1.16 SRA. CASA GW](#)
[9.1.17 Sra. CASA GW](#)
[9.1.18 Sra. JOHN J. BEGLEY](#)
[9.1.19 SRA. CASA GW](#)
[9.1.20 Sra. CASA GW](#)
[9.1.21 Sra. CASA GW](#)
[9.1.22 SRA. CASA GW](#)
[9.1.23 SRA. CASA GW](#)
[9.1.24 Sra. CASA GW](#)
[9.1.25 SRA. CASA GW](#)
[9.1.26 Sra. CASA GW](#)
[9.1.27 Sra. CASA GW](#)
[9.1.28 Sra. CASA GW](#)
[9.1.29 Sra. CASA GW](#)
[9.1.30 Sra. CASA GW](#)
[9.1.31 Sra. CASA GW](#)
[9.1.32 SRA. CASA GW](#)
[9.1.33 SRA. CASA GW](#)
[9.1.34 SRA. CASA GW](#)
[9.1.35 SRA. CASA GW](#)
[9.1.36 SRA. CASA GW](#)
[9.1.37 SRA. CASA GW](#)
[9.1.38 Sra. CASA GW](#)
[9.1.39 Sra. CASA GW](#)
[9.1.40 Sra. TORRO VELHO](#)

9.1.41 SENHORITA EMMA QUINTA-FEIRA

9.1.42 Sra. CASA GW

9.1.43 Sra. CASA GW

9.1.44 SRA. CASA GW

9.1.45 SRA. CASA GW

9.1.46 SRA. CASA GW

9.1.47 SENHORITA EMMA QUINTA-FEIRA

9.1.48 PROF. JOHN H. WRIGHT

9.1.49 Sra. CASA GW

9.1.50 Sra. CASA GW

9.1.51 Sra. CASA GW

9.1.52 Sra. CASA GW

9.1.53 Sra. CASA GW

9.1.54 SRA. CASA GW

9.1.55 SR. FRANCIS H. LEGGETT

9.1.56 SRA. CASA GW

9.1.57 Sra. TORRO VELHO

9.1.58 DR. Caro Paulo

9.1.59 Sra. TORRO VELHO

9.1.60 DR. Caro Paulo

9.1.61 SRA. CASA GW

9.1.62 Sra. CASA GW

9.1.63 Sra. TORRO VELHO

9.1.64 Sra. CASA GW

9.1.65 Sra. CASA GW

9.1.66 SRA. CASA GW

9.1.67 SR. FRANCIS LEGGETT

9.1.68 Sra. CASA GW

9.1.69 IRMÃ CHRISTINE

9.1.70 Sra. TORRO VELHO

9.1.71 IRMÃ CHRISTINE

9.1.72 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY

9.1.73 IRMÃ CHRISTINE

9.1.74 IRMÃ CHRISTINE

9.1.75 IRMÃ CHRISTINE

9.1.76 MAHARAJA DE LIMDI, CATHIAWAD, BOMBAIM

9.1.77 DEWAN DE MYSORE, MADRAS

9.1.78 IRMÃ CHRISTINE

9.1.79 SRA. TORRO VELHO

9.1.80 EDITOR, LUZ DO ORIENTE

9.1.81 Sra. TORRO VELHO

9.1.82 SRA. CHARLES (MARIA) FUNKE

9.1.83 SRA. TORRO VELHO

9.1.84 IRMÃ CHRISTINE

9.1.85 Sra. TORRO VELHO

9.1.86 SENHORITA EMMA QUINTA-FEIRA

9.1.87 GIRIDHARIDAS MANGALDAS VIHARIDAS DESAI

9.1.88 IRMÃ CHRISTINE

9.1.89 Sra. CHARLES (MARIA) FUNKE

9.1.90 IRMÃ CHRISTINE

9.1.91 IRMÃ CHRISTINE

9.1.92 Sra. TORRO VELHO

9.1.93 SR. FRANCIS LEGGETT

9.1.94 Sra. TORRO VELHO

9.1.95 SRA. CASA GW
9.1.96 EDITOR, LUZ
9.1.97 SRA. TORRO VELHO
9.1.98 IRMÃ CHRISTINE
9.1.99 IRMÃ CHRISTINE
9.1.100 IRMÃ NIVEDITA
9.1.101 IRMÃ NIVEDITA
9.1.102 IRMÃ CHRISTINE
9.1.103 COMITÊ MADRAS
9.1.105 IRMÃ CHRISTINE
9.1.106 SRA. TORRO VELHO
9.1.107 PANDIT RAM RAM SAMJAMI
9.1.108 IRMÃ NIVEDITA
9.1.109 LALA BADRI SAH
9.1.110 LALA BADRI SAH
9.1.111 Sra. FRANCIS LEGGETT
9.1.112 SRA. TORRO VELHO
9.1.113 SR. SOKANATHAN, COLOMBO
9.1.114 SWAMI SHIVANANDA
9.1.115 IRMÃ CHRISTINE
9.1.116 IRMÃ CHRISTINE
9.1.117 IRMÃ NIVEDITA
9.1.118 IRMÃ CHRISTINE
9.1.119 IRMÃ NIVEDITA
9.1.120 Sra. TORRO VELHO
9.1.121 MUNSHI JAGMOHANLAL
9.1.122 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

9.1.123 OFICIAL RESPONSÁVEL PELOS TELEGRAMAS,
SRINAGAR

9.1.124 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD OU SRA. TORRO
VELHO

9.1.125 SR. MÃE DE JJ GOODWIN

9.1.126 MAHARAJA AJIT SINGH, RAJA DE KHETRI

9.1.127 IRMÃ CHRISTINE

9.1.128 MAHARAJA AJIT SINGH, RAJA DE KHETRI

9.1.129 MAHARAJA AJIT SINGH, RAJA DE KHETRI

9.1.130 IRMÃ NIVEDITA

9.1.131 IRMÃ NIVEDITA

9.1.132 IRMÃ CHRISTINE

9.1.133 SWAMI BRAHMANANDA

9.1.134 SWAMI SWARUPANANDA

9.1.135 IRMÃ NIVEDITA

9.1.136 ISHWAR CHANDRA GHOSH

9.1.137 IRMÃ NIVEDITA

9.1.138 IRMÃ CHRISTINE

9.1.139 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

9.1.140 IRMÃ CHRISTINE

9.1.141 IRMÃ CHRISTINE

9.1.142 IRMÃ CHRISTINE

9.1.143 SRA. TORRO VELHO

9.1.144 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY

9.1.145 IRMÃ CHRISTINE

9.1.146 Sra. CASA GW

9.1.147 SRA. CASA GW

9.1.148 IRMÃ CHRISTINE

[9.1.149 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.150 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.151 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.152 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.153 SRA. TORRO VELHO](#)
[9.1.154 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.155 SRA. TORRO VELHO](#)
[9.1.156 SRA. CASA GW](#)
[9.1.157 IRMÃ NIVEDITA](#)
[9.1.158 SRA. CASA GW](#)
[9.1.159 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.160 SWAMI BRAHMANANDA](#)
[9.1.161 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.162 IRMÃ NIVEDITA](#)
[9.1.163 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD](#)
[9.1.164 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.165 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.166 IRMÃ NIVEDITA](#)
[9.1.167 IRMÃ NIVEDITA](#)
[9.1.168 SRA. OLE BULL \(EM LONDRES\)](#)
[9.1.169 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.170 SWAMI ABHEDANANDA](#)
[9.1.171 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.172 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.173 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.174 IRMÃ CHRISTINE](#)
[9.1.175 SRA. ALICE \(SHANTI\) HANSBROUGH](#)

9.1.176 IRMÃ CHRISTINE
9.1.177 SRA. ALICE (SHANTI) HANSBROUGH
9.1.178 SWAMI ABHEDANANDA
9.1.179 IRMÃ CHRISTINE
9.1.180 SRA. FRANCIS LEGGETT
9.1.181 IRMÃ CHRISTINE
9.1.182 IRMÃ NIVEDITA
9.1.183 IRMÃ CHRISTINE
9.1.184 IRMÃ CHRISTINE
9.1.185 Sra. TORRO VELHO
9.1.186 SENHORITA ALBERTA STURGES
9.1.187 IRMÃ CHRISTINE
9.1.188 IRMÃ NIVEDITA
9.1.189 IRMÃ CHRISTINE
9.1.190 MAHARAJA AJIT SINGH, RAJA DE KHETRI
9.1.191 Sra. OLE BULL (EM LONDRES)
9.1.192 RAMESH CHANDRA DUTTA
9.1.193 IRMÃ NIVEDITA
9.1.194 IRMÃ CHRISTINE
9.1.195 CARTA DE INTRODUÇÃO
9.1.196 IRMÃ CHRISTINE
9.1.197 SRA. TORRO VELHO
9.1.198 SRA. ALICE (SHANTI) HANSBROUGH
9.1.199 SR.
9.1.200 IRMÃ CHRISTINE
9.1.201 IRMÃ CHRISTINE
9.1.202 IRMÃ CHRISTINE

9.1.203 IRMÃ CHRISTINE

9.1.204 IRMÃ CHRISTINE

9.1.205 IRMÃ CHRISTINE

9.1.206 IRMÃ CHRISTINE

9.1.207 IRMÃ NIVEDITA

9.1.208 IRMÃ CHRISTINE

9.1.209 IRMÃ CHRISTINE

9.1.210 IRMÃ CHRISTINE

9.1.211 IRMÃ CHRISTINE

9.1.212 IRMÃ CHRISTINE

9.1.213 IRMÃ CHRISTINE

9.1.214 IRMÃ CHRISTINE

9.1.215 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

9.1.216 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

9.1.217 SRA. ALICE (SHANTI) HANSBROUGH

9.1.218 IRMÃ NIVEDITA

9.1.219 IRMÃ CHRISTINE

9.1.220 Sra. TORRO VELHO

9.1.221 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

9.1.222 IRMÃ CHRISTINE

9.1.223 Sra. EMMA CALVÉ

9.1.224 IRMÃ CHRISTINE

9.1.225 IRMÃ CHRISTINE

9.1.226 IRMÃ CHRISTINE

9.1.227 IRMÃ CHRISTINE

9.2 PALESTRAS E DISCURSOS

9.2.1 AS MULHERES DA ÍNDIA

9.2.2 O PRIMEIRO PASSO EM DIREÇÃO A JNANA

9.2.3 BHAKTI-YOGA

9.2.4 O MUNDAKA UPANISHAD

9.2.5 HISTÓRIA DA RAÇA ARIANA

9.3 NOTAS DE PALESTRAS E AULAS

9.3.1 NOTA

9.3.2 A RELIGIÃO DA ÍNDIA

9.3.3 MENSAGEM DE CRISTO AO MUNDO

9.3.4 MENSAGEM DE MOHAMMED PARA O MUNDO

9.3.5 AULAS DE MEDITAÇÃO POR SWAMI VIVEKANANDA

9.3.6 O GITA

9.3.7 O GITA - I

9.3.8 O GITA – III

9.3.9 CLASSE GITA

9.3.10 OBSERVAÇÕES DE VÁRIAS PALESTRAS

9.4 ESCRITOS: PROSA E POEMAS

9.4.1 O ÉTER

9.4.2 NOTAS

9.4.3 NOTAS DE AULA

9.4.4 MACROCOSMO E MICROCOSMO

9.4.5 NOTAS DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA PARA A
IMITAÇÃO DE CRISTO

9.4.6 O MANIFESTO DA PRAGA

9.4.7 MAIS UM CÍRCULO

9.4.8 UM POEMA SEM TÍTULO SOBRE SHRI RAMAKRISHNA

9.4.9 UM POEMA INACABADO

9.4.10 VERSOS DE BHARTRIHARI SOBRE A RENÚNCIA

9.5 CONVERSAS E ENTREVISTAS

9.5.1 PRIMEIRO ENCONTRO COM MADAME EMMA CALVÉ

9.5.2 PRIMEIRA REUNIÃO COM JOHN D. ROCKEFELLER

9.5.3 UM FILÓSOFO ESCURO DA ÍNDIA

**9.5.4 "ESTAMOS HIPNOTIZADOS EM FRAQUEZA PELO
NOSSO AMBIENTE"**

9.5.5 CASAMENTO

9.5.6 LINHA DE DEMARCAÇÃO

9.5.7 DEUS É!

9.5.8 RENÚNCIA

9.5.9 DISCÍPULO DE SHRI RAMAKRISHNA

9.5.10 A ENCARNAÇÃO DIVINA DO MESTRE

9.5.11 UMA ADMISSÃO PRIVADA

9.5.12 UMA SAUDAÇÃO

9.5.13 "ESTE MUNDO É UM ANEL DE CIRCO"

09/05/14 É KALI

9.5.15 TREINAMENTO SOB SHRI RAMAKRISHNA

9.6 TRECHOS DO LIVRO DA IRMÃ NIVEDITA

**9.6.0 NOTAS DE ALGUMAS PASSEIAS COM O SWAMI
VIVEKANANDA**

9.6.00 PREFÁCIO

9.6.1 A CASA NO GANGES

9.6.2 EM NAINI TAL E ALMORA

9.6.3 CONVERSAS DA MANHÃ EM ALMORA

9.6.4 A CAMINHO PARA KATHGODAM

9.6.5 A CAMINHO PARA BARAMULLA

9.6.6 O VALE DA CAXEMIRA

9.6.7 VIDA EM SRINAGAR

9.6.8 O TEMPLO DE PANDRENTHAN

9.6.9 ANDA E CONVERSA AO LADO DO JHELUM

9.6.10 O SANTUÁRIO DE AMARNATH

9.6.11 EM SRINAGAR NA VIAGEM DE VOLTA

9.6.12 O ACAMPAMENTO SOB OS CHENNARS

9.6.13 PALAVRAS FINAIS DO EDITOR

9.7 PROVÉRBIOS E ENUNCIACÕES

9.8 RELATÓRIOS DE JORNAL

9.8.1 RELATÓRIOS DE JORNAIS AMERICANOS

9.8.1.1 NOTA

9.8.1.2 *Jornais de Chicago*, 11 de setembro de 1893

9.8.1.3 *Registro de Chicago*, 11 de setembro de 1893

9.8.1.4 *Chicago Interoceânico*, 21 de setembro de 1893

9.8.1.5 *Crítico de Nova York*, 11 de novembro de 1893

9.8.1.6 *Cardeal Diário*, 21 de novembro de 1893

9.8.1.7 *Diário do Capitólio de Iowa*, 28 de novembro de 1893

9.8.1.8 *Registro do Estado de Iowa*, 28 de novembro de 1893

9.8.1.9 *Diário do Capitólio de Iowa*, 29 de novembro de 1893

9.8.1.10 *Registro do Estado de Iowa*, 30 de novembro de 1893

9.8.1.11 *Notícias diárias de Des Moines*, 30 de novembro de 1893

9.8.1.12 *Diário do Capitólio de Iowa*, 30 de novembro de 1893

9.8.1.13 *Registro do Estado de Iowa*, 1º de dezembro de 1893

9.8.1.14 *Jornal de Minneapolis*, 15 de dezembro de 1893

9.8.1.15 *Tribuna de Minneapolis*, 15 de dezembro de 1893

9.8.1.16 *Tribuna de Detroit*, 18 de fevereiro de 1894

- [9.8.1.17 Tribuna de Detroit, 19 de fevereiro de 1894](#)
- [9.8.1.18 Jornal de Detroit, 23 de fevereiro de 1894](#)
- [9.8.1.19 Notícias da noite de Detroit, 25 de fevereiro de 1894](#)
- [9.8.1.20 Tribuna de Detroit, 11 de março de 1894](#)
- [9.8.1.21 Tribuna de Detroit, 20 de março de 1894](#)
- [9.8.1.22 Notícias da noite de Detroit, 21 de março de 1894](#)
- [9.8.1.23 Imprensa do Bay City Times, 21 de março de 1894](#)
- [9.8.1.24 Notícias da noite de Saginaw, 21 de março de 1894](#)
- [9.8.1.25 O item noturno diário de Lynn, \(Data?\)](#)
- [9.8.1.26 New York Daily Tribune, 25 de abril de 1894](#)
- [9.8.1.27 Smith College Mensal, Maio de 1894](#)
- [9.8.1.28 New York Daily Tribune, 3 de maio de 1894](#)
- [9.8.1.29 Tribuna da Noite, 16 de maio de 1894](#)
- [9.8.1.30 Lawrence American e Andover Advertiser, 18 de maio de 1894](#)
- [9.8.1.31 Transcrição da noite de Boston, 11 de agosto de 1894](#)
- [9.8.1.32 Voz Greenacre, 1894](#)
- [9.8.1.33 Transcrição da noite de Boston, 15 de agosto de 1894](#)
- [9.8.1.34 Baltimore americano, 13 de outubro de 1894](#)
- [9.8.1.35 Notícias de Baltimore, 13 de outubro de 1894](#)
- [9.8.1.36 Baltimore Sunday Herald, 14 de outubro de 1894](#)
- [9.8.1.37 Washington Times, 29 de outubro de 1894](#)
- [9.8.1.38 Washington Times, 2 de novembro de 1894](#)
- [9.8.1.39 Notícias de Baltimore, 3 de novembro de 1894](#)
- [9.8.1.40 Águia Diária, 8 de abril de 1895](#)
- [9.8.1.41 Mundo de Nova York, 8 de dezembro de 1895](#)
- [9.8.1.42 Arauto de Nova York, 19 de janeiro de 1896](#)
- [9.8.1.43 Hartford Daily Times, 1º de fevereiro de 1896](#)

9.8.1.44 *Tribuna*, 5 de março de 1896

9.8.1.45 *Tribuna de Notícias*, 16 de março de 1896

9.8.1.46 *Transcrição da noite de Boston*, 21 de março de 1896

9.8.1.47 *Globo Diário de Boston*, 24 de março de 1896

9.8.1.48 *Transcrição da noite de Boston*, 27 de março de 1896

9.8.1.49 *Transcrição da noite de Boston*, 30 de março de 1896

9.8.1.50 *Los Angeles Times*, 9 de dezembro de 1899

9.8.1.51 *Los Angeles Times*, 13 de dezembro de 1899

9.8.1.52 *Herald de Los Angeles*, 13 de dezembro de 1899

9.8.1.53 *Herald de Los Angeles*, 3 de janeiro de 1900

9.8.1.54 *Los Angeles Times*, 17 de janeiro de 1900

9.8.1.55 *Herald de Los Angeles*, 26 de janeiro de 1900

9.8.1.56 *Unidade*, Fevereiro(?) 1900

9.8.1.57 *Crônica de São Francisco*, 24 de fevereiro de 1900

9.8.1.58 *Oakland Tribuna*, 26 de fevereiro de 1900

9.8.1.59 *A Alameda Encinal*, 5 de abril de 1900

9.8.2 RELATÓRIOS DE JORNAIS EUROPEUS

9.8.2.1 *Conselheiro Maidenhead*, 23 de outubro de 1895

9.8.2.2 *Padrão*, 23 de outubro de 1895

9.8.2.3 *Postagem matinal de Londres*, 23 de outubro de 1895

9.8.2.4 *Comunidade Cristã*, 14 de novembro de 1895

9.8.2.5 *A rainha*, 23 de novembro de 1895

9.8.2.6 *Crônica Diária*, 14 de maio de 1896

9.8.2.7 *Luz*, 4 de julho de 1896

9.8.2.8 *Luz*, 28 de outubro de 1896

9.8.3 RELATÓRIOS DE JORNAL INDIANO

9.8.3.1 *Correio Madura*, 28 de janeiro de 1893

[9.8.3.2 O Espelho Indiano, 28 de novembro de 1893](#)

[9.8.3.3 O Espelho Indiano, 7 de dezembro de 1893](#)

[9.8.3.4 O Espelho Indiano, 14 de junho de 1894](#)

[9.8.3.5 O Espelho Indiano, 20 de julho de 1894](#)

[9.8.3.6 O Bengalês, 18 de maio de 1895](#)

[9.8.3.7 O Espelho Indiano, 29 de junho de 1895](#)

[9.8.3.8 O Espelho Indiano, 1º de dezembro de 1895](#)

[9.8.3.9 O Espelho Indiano, 25 de março de 1896](#)

[9.8.3.10 O Espelho Indiano, 19 de junho de 1896](#)

[9.8.3.11 O Brahmavadin, 18 de julho de 1896](#)

[9.8.3.12 O Espelho Indiano, 22 de setembro de 1896](#)

[9.8.3.13 O Jornal da Sociedade Maha-Bodhi, Novembro de 1896](#)

[9.8.3.14 O Espelho Indiano, 16 de dezembro de 1896](#)

[9.8.3.15 O Amrita Bazar Patrika, 8 de janeiro de 1897](#)

[9.8.3.16 O Amrita Bazar Patrika, 20 de janeiro de 1897](#)

[9.8.3.17 O Espelho Indiano, 24 de fevereiro de 1898](#)

[9.8.3.18 O Espelho Indiano, 24 de abril de 1898](#)

[9.8.3.19 O Espelho Indiano, 15 de fevereiro de 1901](#)

[9.8.3.20 O reformador social indiano, 16 de junho de 1901](#)

[9.8.4 Índice das Fontes das Cartas de Swami Vivekananda no Vol. 9
\(Anexo III da versão impressa\)](#)

[NÃO PUBLICADO](#)

[10.1 MAHARAJA DE KHETRI](#)

[10.2 MAHARAJA DE KHETRI](#)

[10.3 NÃO TINHA CARNES NO JANTAR](#)

NOTA PARA A VERSÃO KINDLE DE

AS OBRAS COMPLETAS DE SWAMI VIVEKANANDA

1. Os volumes 1 a 8 foram preparados a partir da Primeira Edição Subsidiada da Edição Memorial Mayavati das Obras Completas de Swami Vivekananda, publicada por Advaita Ashrama, Calcutá (Calcutá) em janeiro de 1989, por ocasião do 125º aniversário de nascimento de Swami Vivekananda. .

2. O Volume 9 foi preparado a partir da segunda reimpressão da Primeira Edição, publicada em agosto de 1999.

3. O material não publicado nesta versão consiste em duas cartas escritas por Swami Vivekananda e obtidas no site da Ramakrishna Vedanta Society (www.vivekananda.org).

4. O texto completo está disponível em www.ramakrishnavivekananda.info

5. Foram feitas todas as tentativas para preservar a formatação da versão impressa, mas algumas alterações tornaram-se essenciais para se adequar ao formato eletrônico do Kindle.

(a) Um índice combinado foi criado para todos os nove volumes logo no início.

(b) As notas de rodapé das páginas individuais foram substituídas por notas finais que aparecem no final.

(c) O Kindle atualmente não suporta a fonte Devanagari usada para sânscrito e, portanto, o texto Devanagari que aparece na versão impressa aparece no modo gráfico no Kindle.

(d) O sânscrito nas notas finais aparece no formato ITRANS em vez de Devanagari, pois as notas finais parecem não suportar gráficos no Kindle.

(e) Não há índice para a versão Kindle, pois todo o texto pode ser facilmente pesquisado usando a função de pesquisa.

(f) O índice cronológico das cartas de Swami Vivekananda que aparece no final da versão impressa do Volume 9 não aparece na versão Kindle, mas está disponível na seção de Apêndices de www.ramakrishnavivekananda.info com hiperlinks ativos junto com um índice de destinatários.

6. Os artigos individuais foram numerados para facilitar a experiência de leitura.

7. O texto a seguir é da versão impressa das Obras Completas de Swami Vivekananda.

NOTA DO EDITOR

O ano de 1988 é o 125º aniversário de nascimento de Swami Vivekananda, pois ele nasceu em 12 de janeiro de 1863. A missão de sua vida foi propagar os elevados ensinamentos do Vedanta, à luz das realizações de seu Mestre, Sri Ramakrishna, ao longo de todo o mundo. o mundo e regenerar a sua Pátria em sintonia com a sua antiga tradição e o seu génio inerente. Para esse fim, ele concentrou todas as suas energias e faleceu antes dos quarenta anos.

Ele deixou um rico legado para as gerações futuras - seus escritos sobre os quatro yogas, epístolas, discursos, composições poéticas, etc. na forma de As Obras Completas de Swami Vivekananda (8 volumes em inglês e 10 volumes em hindi e outros). línguas regionais da Índia). Refletindo sobre a inspiração que as Obras do Swami proporcionaram aos nossos líderes patrióticos nacionais no início deste século, o Governo da Índia declarou o dia 12 de Janeiro como o Dia Nacional da Juventude a ser observado todos os anos em todo o país. A comunicação emitida a este respeito pelo Governo da Índia em 1984 afirma: 'Sentiu-se que a filosofia de Swamiji e os ideais pelos quais ele viveu e trabalhou poderiam ser uma grande fonte de inspiração para a Juventude Indiana.'

Desde então, desejamos ardentemente publicar uma edição mais barata das suas Obras Completas, subsidiando fortemente todo o conjunto, para que esteja ao alcance das pessoas comuns, particularmente da Juventude. Agora, temos o prazer de publicar esta edição subsidiada nesta ocasião memorável. Talvez não seja descabido mencionar aqui que todos os nossos líderes nacionais no início deste século, quando o Movimento pela Liberdade estava a ganhar terreno, reconheceram sem reservas que Swamiji e os seus discursos e escritos os inspiraram a dedicarem-se, de coração e alma, para servir a causa da Pátria e trabalhar pela sua Liberdade. Não é necessário citar suas palavras aqui, pois estão disponíveis em outros lugares. Um deles proclamou: 'A Índia moderna é criação dele (de Swamiji).' A Juventude da Índia precisa saber que legado inestimável Swamiji deixou para a posteridade e tentar cultivar o mesmo amor e espírito de sacrifício que ele próprio teve e manteve diante deles.

Swamiji foi, antes de tudo, um homem do Espírito, que realizou a Verdade última. Esta foi a faceta mais proeminente de sua personalidade multifacetada. Além disso, ele era um monge patriota, bastante fora da classe comum dos patriotas; ele foi um reformador social de tipo incomum; foi um educador com vários planos e programas originais; ele era um orador por “direito divino”; ele era um talentoso compositor de poemas em sânscrito, bengali e inglês; e ele foi abençoado com uma voz melodiosa que encantou seu Mestre.

Suas Obras Completas contêm seus discursos e escritos, bem como numerosas epístolas escritas a seus irmãos-discípulos, discípulos, admiradores e amigos. Existem suas conversas e diálogos com seus discípulos e associados íntimos. Ao enviar estes volumes a um preço mais barato, é nossa oração sincera que a Juventude de todo o mundo possa 'tirar vantagem desta fonte (de Swamiji) de sabedoria, de espírito e de fogo', absorver mesmo em pequena medida a sua mensagem imortal de o Vedanta, e capta, ainda que em pequena medida, o seu intenso amor pela Pátria, que era para ele 'a rainha da sua adoração'.

Aproveitamos esta oportunidade para expressar os nossos agradecimentos ao Comité de Implementação para a Comemoração do 40º Aniversário da

Independência da Índia e do Centenário de Jawaharlal Nehru, pela sua generosa ajuda neste sentido.

EDITOR

12 de janeiro de 1989

Dia Nacional da Juventude

Advaita Ashrama

Mayavati, Himalaia

PREFÁCIO À DÉCIMA PRIMEIRA EDIÇÃO

Além das cinco palestras - uma sobre Krishna, três sobre o Gita e uma sobre Maomé - do Vedanta e do Ocidente de Hollywood, reproduzidas na última edição, mais três palestras - A Alma e Deus, Respiração e Religião Prática : Respiração e Meditação — são reimpressos nesta edição da mesma revista. Os direitos autorais são reservados pela Vedanta Society of Southern California. Essas palestras, originalmente taquigrafadas por Ida Ansell, foram posteriormente transcritas para a forma escrita à mão. Sobre isso o editor da revista comenta:

“No interesse da fidelidade absoluta, ao transcrevê-los, não foram feitas alterações nas notas um tanto incompletas que Ida Ansell conseguiu anotar. Onde as omissões foram deixadas por alguma obscuridade, estas na versão impressa foram indicadas por três pontos. Qualquer assunto acrescentado para fins de esclarecimento foi colocado entre colchetes.”

Vilvamangala, acrescentado na décima edição, foi encontrado nos papéis da senhorita S. E. Waldo por Swami Raghavananda.

O Índice é revisado para incluir novas referências.

O EDITOR

Agosto de 1962

PREFÁCIO À NONA EDIÇÃO

Como aparecerá no prefácio da primeira edição, todas as obras, palestras, cartas e conversas disponíveis do Swami Vivekananda foram originalmente planejadas para serem publicadas em quatro ou cinco volumes.

Posteriormente, mais materiais chegaram à mão e o número de volumes se multiplicou, até que atualmente temos nada menos que oito deles, cada um dos quais é independente e é igualmente inspirador.

Sempre foi nosso esforço nos manter atualizados, no que diz respeito à impressão e preparação. Assim, embora a primeira edição tenha sido impressa em Mayavati, as edições subsequentes foram impressas de forma melhor em Calcutá. Além disso, os sucessivos editores têm trabalhado constantemente para remover todas as imprecisões e adicionar novos materiais, como os aforismos do Yoga Sânscrito na segunda edição do primeiro volume. E a presente edição do primeiro volume é enriquecida por um índice que, esperamos, será muito apreciado. É nossa intenção adicionar tais índices no final de todos os volumes subsequentes.

Nesta edição, como nas anteriores, as palavras sânscritas são colocadas em tipos romanos e começam com letras maiúsculas, sendo usados sinais diacríticos apenas quando as palavras ocorrem pela primeira vez em um capítulo ou palestra.

O EDITOR

Dezembro de 1954

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Temos aqui o primeiro de quatro volumes nos quais, sob o nome de MAYAVATI MEMORIAL EDITION, se espera publicar, a baixo custo, todas as palestras e escritos do Swami Vivekananda. Este volume consiste em cerca de duzentas e cinquenta páginas e contém todos os discursos do Swami Vivekananda, até onde foram coletados, que foram proferidos perante o Parlamento das Religiões e alguns outros públicos americanos. Além destes, inclui reimpressões de dois volumes inteiros, nomeadamente KARMA-YOGA e RAJA-YOGA, a palestra sobre "A Filosofia Vedanta" normalmente conhecida como Discurso de Harvard, e vários discursos isolados proferidos perante vários órgãos na Inglaterra e na América.

A próxima parte pretende conter o volume completo das palestras JNANA-YOGA proferidas na Inglaterra e também outras sobre o mesmo assunto proferidas na Inglaterra e na América, além daquelas sobre Filosofia Sankhya, Karma, Bhakti e Yoga. No terceiro volume serão reunidos os vários enunciados sobre Bhakti – BHAKTI-YOGA, com esboços da missão e da vida dos grandes professores, Buda, Cristo, Shri Ramakrishna e outros; também os discursos proferidos pelo Swami entre seu desembarque no Ceilão, em 15 de janeiro de 1897, e sua palestra final em Lahore, em novembro do mesmo ano, juntamente com relatos de palestras sobre vários outros assuntos diversos. O quarto volume, finalmente, conterá seus restantes escritos diversos em prosa, cartas, perguntas e respostas, poemas, artigos e também traduções de artigos e poemas bengalis. Espera-se que nestes quatro volumes sejam coletadas as obras completas do Swami, concluindo o conjunto com um glossário de palavras em sânscrito e um índice. Se necessário, porém, será publicado um quinto volume para tornar a coleção exaustiva.

Uma das características mais valiosas do trabalho será um esboço biográfico abrangente do Swami.

Como um pronunciamento oficial sobre o Hinduísmo em todas as suas fases, estes escritos e discursos estão além do valor. O Swami Vivekananda deu uma palestra pela primeira vez em uma plataforma pública em 11 de setembro de 1893 e em 4 de julho de 1902 faleceu. O fato de tanto ter sido registrado permanentemente do imenso trabalho realizado em nove curtos anos deve-se em grande parte à energia e devoção de seu jovem secretário

inglês, J. J. Goodwin, que o acompanhou da América para a Inglaterra em 1896, e para a Índia da Inglaterra. em 1897, e que foi o primeiro de seus discípulos pessoais a cair, morrendo em Ootacamund, em 2 de junho de 1898. Se o Sr. Goodwin tivesse vivido, sem dúvida teríamos tido mais registros inestimáveis do trabalho realizado na Califórnia, em Los Angeles, São Francisco e outros lugares, durante o inverno de 1899 a 1900.

Esta Edição Memorial Mayavati está sendo publicada pelos esforços e cuidadosamente editada pelos discípulos Sannyasin Orientais e Ocidentais de Swamiji, do Advaita Ashrama, Mayavati, Himalaia, com o objetivo de popularizar suas obras. Grande cuidado foi tomado na aquisição e utilização de cada palavra disponível de suas declarações proféticas. Reúne escritos que de outra forma poderiam ter permanecido dispersos e, em grande parte, em mãos estrangeiras. Além disso, é a edição mais barata já impressa. Cada parte conterá uma fotogravura. Nenhum esforço será poupado para tornar a obra um Memorial digno e adequado do grande Mestre.

E, finalmente, deve ser mencionado que muito do crédito pelo início deste trabalho se deve ao falecido Swami Swarupananda, cuja morte em 27 de junho de 1906, no meio dos preparativos para sua publicação, foi uma perda que é ainda sentido por toda a equipe da Mayavati.

O EDITOR

Mayawati, 1907

INTRODUÇÃO

NOSSO MESTRE E SUA MENSAGEM

Nos quatro volumes (agora em oito volumes - Ed.) das obras do Swami Vivekananda que irão compor a presente edição, temos o que não é apenas um evangelho para o mundo em geral, mas também para seus próprios filhos, o Carta da Fé Hindu. O que o hinduísmo precisava, em meio à desintegração geral da era moderna, era de uma rocha onde pudesse ancorar, uma expressão autoritária na qual pudesse reconhecer a si mesmo. E isto foi dado a ela, nestas palavras e escritos do Swami Vivekananda.

Pela primeira vez na história, como já foi dito em outro lugar, o próprio hinduísmo constitui aqui o tema da generalização de uma mente hindu da mais alta ordem. Durante séculos, o homem hindu que verificaria, a mãe hindu que ensinaria aos seus filhos qual era a fé dos seus antepassados, recorrerá às páginas destes livros em busca de segurança e luz. Muito depois de a língua inglesa ter desaparecido da Índia, a dádiva que aqui foi feita, através dessa língua, ao mundo, permanecerá e dará os seus frutos tanto no Oriente como no Ocidente. O que o Hinduísmo precisava era da organização e consolidação da sua própria ideia. O que o mundo precisava era de uma fé que não tivesse medo da verdade. Ambos são encontrados aqui. Tampouco poderia ter sido dada maior prova do vigor eterno do Sanâtana Dharma, do fato de que a Índia é tão grande no presente como sempre foi no passado, do que esta ascensão do indivíduo que, no momento crítico, reúne e dá voz à consciência comunitária.

Que a Índia só tivesse satisfeito a sua própria necessidade levando à humanidade fora das suas fronteiras o pão da vida é o que poderia ter sido previsto. Nem aconteceu nesta ocasião pela primeira vez. Foi antes, ao enviar às terras irmãs a mensagem de uma fé criadora de nação, que a Índia aprendeu como um todo a compreender a grandeza do seu próprio pensamento - uma auto-unificação que deu origem ao próprio hinduísmo moderno. Nunca devemos permitir que se esqueça que em solo indiano foi ouvido pela primeira vez a ordem de um Mestre aos Seus discípulos: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura!" É o mesmo pensamento, o mesmo impulso de amor, assumindo uma nova forma, que é proferido pelos lábios do Swami Vivekananda, quando ele diz a uma grande reunião no Ocidente: "Se uma religião é verdadeira, então todas as outras também devem ser verdadeiras. Assim, a fé hindu é tanto sua quanto minha. E novamente, ampliando a mesma ideia: "Nós, hindus, não apenas toleramos, nós nos unimos a todas as religiões, rezando na mesquita dos muçulmanos, adorando diante do fogo dos zoroastristas e ajoelhando-nos diante da cruz dos cristãos. Sabemos que todas as religiões, desde o fetichismo mais baixo até o absolutismo mais elevado, são apenas tentativas da alma humana de compreender e realizar o Infinito. Assim, reunimos todas essas flores e, unindo-as com o cordão do amor, transforme-os em um maravilhoso buquê de adoração." Para o coração deste orador, ninguém era

estrangeiro ou estrangeiro. Para ele, existiam apenas Humanidade e Verdade.

Do discurso do Swami perante o Parlamento das Religiões, pode-se dizer que quando ele começou a falar era sobre “as ideias religiosas dos Hindus”, mas quando terminou, o Hinduísmo tinha sido criado. O momento estava maduro com essa potencialidade. O vasto público que o enfrentava representava exclusivamente a mente ocidental, mas incluía algum desenvolvimento de tudo o que havia de mais distintivo. Todas as nações da Europa deram o seu contributo humano à América, e nomeadamente a Chicago, onde se realizou o Parlamento. Muito do melhor, bem como alguns dos piores, do esforço e da luta modernos, pode ser sempre encontrado dentro das fronteiras daquela Rainha Cívica Ocidental, cujos pés estão nas margens do Lago Michigan, enquanto ela se senta e medita, com a luz do Norte nos olhos. Há muito pouco na consciência moderna, muito pouco herdado do passado da Europa, que não mantenha algum posto avançado na cidade de Chicago. E embora a vida fervilhante e os interesses ardentes desse centro possam parecer para alguns de nós, no presente, em grande parte um caos, ainda assim eles estão indubitavelmente contribuindo para a revelação de algum ideal nobre e lentamente forjado de unidade humana, quando os dias de seu amadurecimento será plenamente cumprido.

Tal era a área psicológica, tal o mar da mente, jovem, tumultuado, transbordando de sua própria energia e autoconfiança, mas também curioso e alerta, que confrontou Vivekananda quando ele se levantou para falar. Atrás dele, pelo contrário, havia um oceano calmo com longos anos de desenvolvimento espiritual. Atrás dele havia um mundo que datava dos Vedas e que se lembrava dos Upanishads, um mundo para o qual o Budismo era quase moderno; um mundo repleto de sistemas religiosos de crenças e credos; uma terra tranquila, banhada pela luz do sol dos trópicos, cuja poeira de estradas foi trilhada pelos pés dos santos durante eras e eras. Atrás dele, em suma, estava a Índia, com os seus milhares de anos de desenvolvimento nacional, nos quais ela havia sondado muitas coisas, provado muitas coisas e realizado quase tudo, salvo apenas a sua perfeita unanimidade, de ponta a ponta da sua grande extensão. de tempo e espaço, quanto a certas verdades fundamentais e essenciais, partilhadas por todo o seu povo.

Estas eram, então, as duas inundações mentais, dois imensos rios de pensamento, por assim dizer, oriental e moderno, dos quais o andarilho vestido de amarelo na plataforma do Parlamento das Religiões formou por um momento o ponto de confluência. A formulação das bases comuns do Hinduísmo foi o resultado inevitável do choque do seu contacto, numa personalidade tão impessoal. Pois não foi nenhuma experiência própria que chegou aos lábios do Swami Vivekananda de lá. Ele nem aproveitou a ocasião para contar a história do seu Mestre. Em vez de qualquer uma destas coisas, foi a consciência religiosa da Índia que falou através dele, a mensagem de todo o seu povo, determinada por todo o seu passado. E enquanto ele falava, na juventude e no meio-dia do Ocidente, uma nação, dormindo nas sombras da metade escura da terra, no outro lado do Pacífico, esperava em espírito pelas palavras que seriam transmitidas no amanhecer que estava viajando em direção a eles, para revelar-lhes o segredo de sua própria grandeza e força.

Outros ficaram ao lado do Swami Vivekananda, na mesma plataforma que ele, como apóstolos de credos e igrejas particulares. Mas foi sua glória ter vindo pregar uma religião para a qual cada uma delas era, em suas próprias palavras, "apenas uma viagem, uma ascensão, de diferentes homens e mulheres, através de várias condições e circunstâncias para o mesmo objetivo". . Ele ficou ali, como declarou, para falar de Alguém que havia dito sobre todos eles, não que um ou outro fosse verdadeiro, neste ou naquele aspecto, ou por este ou aquele motivo, mas que "Tudo isso está ligado a Mim, como pérolas em um colar, onde quer que você veja santidade extraordinária e poder extraordinário, elevando e purificando a humanidade, saiba que eu estou lá. Para o hindu, diz Vivekananda, "o homem não está viajando do erro para a verdade, mas subindo de verdade para verdade, da verdade que é inferior para a verdade que é superior". Isto, e o ensinamento de Mukti - a doutrina de que "o homem deve se tornar divino ao realizar o divino", que a religião é aperfeiçoada em nós somente quando nos leva a "Aquele que é a única vida em um universo de morte, Ele que é a base constante de um mundo em constante mudança, Aquele que é a única alma, da qual todas as almas são apenas manifestações ilusórias" - podem ser tomadas como as duas grandes verdades notáveis que, autenticadas pela mais longa e complexa experiência em história humana, a Índia proclamou através dele ao mundo moderno do Ocidente.

Para a própria Índia, o breve discurso forma, como já foi dito, uma breve Carta de Emancipação. O hinduísmo em sua totalidade o orador baseia-se nos Vedas, mas espiritualiza nossa concepção da palavra, mesmo quando a pronuncia. Para ele, tudo o que é verdade é o Veda. "Pelos Vedas", diz ele, "nenhum livro se refere a nenhum livro. Eles se referem ao tesouro acumulado de leis espirituais descobertas por diferentes pessoas em épocas diferentes." Aliás, ele revela sua concepção do Sanatana Dharma. "Desde os elevados voos espirituais da filosofia Vedanta, dos quais as últimas descobertas da ciência parecem ecoar, até às ideias mais baixas de idolatria com a sua mitologia multifacetada, o agnosticismo dos budistas e o ateísmo dos jainistas, todos e cada um têm um lugar na religião hindu." Na sua opinião, não poderia haver nenhuma seita, nenhuma escola, nenhuma experiência religiosa sincera do povo indiano - por mais que possa parecer uma aberração para o indivíduo - que pudesse ser corretamente excluída do abraço do Hinduísmo. E desta Igreja-Mãe Indiana, segundo ele, a doutrina distintiva é a do Ishta Devatâ, o direito de cada alma escolher o seu próprio caminho e procurar Deus à sua maneira. Nenhum exército, portanto, carrega a bandeira de um Império tão amplo como o do Hinduísmo, assim definido. Pois assim como o seu objetivo espiritual é encontrar Deus, também o seu governo espiritual é a perfeita liberdade de cada alma para ser ela mesma.

No entanto, esta inclusão de todos, esta liberdade de cada um, não seria a glória do Hinduísmo que é, se não fosse pelo seu apelo supremo, da mais doce promessa: "Ouvi, filhos da bem-aventurança imortal! Mesmo vós que habitais em esferas mais elevadas! Pois eu encontrei aquele Ancião que está além de toda escuridão, de toda ilusão. E conhecendo-O, vocês também serão salvos da morte. Aqui está a palavra pela qual todo o resto existe e existiu. Aqui está a realização culminante, na qual todas as outras podem ser resolvidas. Quando, em sua palestra sobre "O Trabalho que Temos Diante de Nós", o Swami conclama todos a ajudá-lo na construção de um templo onde todos os adoradores do país possam adorar, um templo cujo santuário conterá apenas a palavra Om, há alguns dos nós que captamos no enunciado o vislumbre de um templo ainda maior - a própria Índia, a Pátria, como ela já existe - e vemos os caminhos, não apenas das igrejas indianas, mas de toda a Humanidade, convergindo para lá, ao pé daquele lugar sagrado onde está colocado o símbolo que não é símbolo, o nome que está além de todo som. É para isso, e não para longe dele, que conduzem todos

os caminhos de todos os cultos e de todos os sistemas religiosos. A Índia está de acordo com as religiões mais puritanas do mundo na sua declaração de que o progresso é do visível para o invisível, dos muitos para o Um, do baixo para o alto, da forma para o informe, e nunca na direção inversa. . Ela difere apenas por ter uma palavra de simpatia e promessa para cada convicção sincera, onde quer que seja e seja ela qual for, como constituindo um passo na grande ascensão.

O Swami Vivekananda teria sido menos do que era, se alguma coisa neste Evangelho do Hinduísmo fosse sua. Como o Krishna do Gitâ, como o Buda, como o Shankarâchârya, como todo grande mestre que o pensamento indiano conheceu, suas frases estão carregadas de citações dos Vedas e dos Upanishads. Ele permanece apenas como o Revelador, o Intérprete para a Índia dos tesouros que ela mesma possui em si mesma. As verdades que ele prega teriam sido igualmente verdadeiras se ele nunca tivesse nascido. Mais ainda, eles teriam sido igualmente autênticos. A diferença residiria na sua dificuldade de acesso, na sua falta de clareza moderna e incisividade nas declarações, e na sua perda de coerência e unidade mútuas. Se ele não tivesse vivido, os textos que hoje levarão o pão da vida a milhares de pessoas poderiam ter permanecido como disputas obscuras de estudiosos. Ele ensinou com autoridade e não como um dos Pandits. Pois ele próprio havia mergulhado nas profundezas da compreensão que pregava e voltou como Ramanuja apenas para contar seus segredos ao pária, ao proscrito e ao estrangeiro.

E, no entanto, esta afirmação de que o seu ensinamento não contém nada de novo não é absolutamente verdadeira. Nunca se deve esquecer que foi o Swami Vivekananda quem, ao proclamar a soberania da Filosofia Advaita, incluindo aquela experiência em que tudo é um, sem segundo, também acrescentou ao Hinduísmo a doutrina de que Dvaita, Vishishtadvaita e Advaita são mas três fases ou etapas em um único desenvolvimento, das quais a última constitui a meta. Isto é parte integrante da doutrina ainda maior e mais simples de que os muitos e o Um são a mesma Realidade, percebida pela mente em momentos diferentes e em atitudes diferentes; ou como Sri Ramakrishna expressou a mesma coisa: “Deus tem e não tem forma. E Ele é aquilo que inclui tanto a forma como o sem forma”.

É isto que acrescenta o seu significado culminante à vida do nosso Mestre, pois aqui ele se torna o ponto de encontro, não apenas do Oriente e do Ocidente, mas também do passado e do futuro. Se os muitos e o Um são de fato a mesma Realidade, então não são apenas todos os modos de adoração, mas igualmente todos os modos de trabalho, todos os modos de luta, todos os modos de criação, que são caminhos de realização. Nenhuma distinção, doravante, entre sagrado e secular. Trabalhar é orar. Conquistar é renunciar. A vida é em si religião. Ter e manter é uma confiança tão rigorosa quanto desistir e evitar.

Esta é a compreensão que faz de Vivekananda o grande pregador do Karma, não tão divorciado, mas expressando Jnâna e Bhakti. Para ele, a oficina, o escritório, o curral e o campo são cenários tão verdadeiros e adequados para o encontro de Deus com o homem quanto a cela do monge ou a porta do templo. Para ele, não há diferença entre o serviço ao homem e a adoração a Deus, entre a masculinidade e a fé, entre a verdadeira justiça e a espiritualidade. Todas as suas palavras, de um certo ponto de vista, são interpretadas como um comentário sobre esta convicção central. "Arte, ciência e religião", disse ele certa vez, "são apenas três maneiras diferentes de expressar uma única verdade. Mas para compreender isso precisamos ter a teoria do Advaita."

A influência formativa que determinou sua visão talvez possa ser considerada tripla. Houve, primeiro, sua educação literária, em sânscrito e inglês. O contraste entre os dois mundos assim abertos a ele trazia consigo uma forte impressão daquela experiência particular que formava o tema dos livros sagrados indianos. Era evidente que isto, se fosse verdade, não tinha sido descoberto pelos sábios indianos, como por alguns outros, numa espécie de acidente. Pelo contrário, era o tema de uma ciência, o objeto de uma análise lógica que não se esquivava de nenhum sacrifício exigido pela busca da verdade.

Em seu Mestre, Ramakrishna Paramahansa, que vivia e ensinava no jardim do templo em Dakshineshwar, o Swami Vivekananda – “Naren” como era então – encontrou aquela verificação dos textos antigos que seu coração e sua razão exigiam. Aqui estava a realidade que os livros descreviam apenas de forma fragmentada. Aqui estava alguém para quem Samâdhi era um

modo constante de conhecimento. Cada hora via a mente oscilar de muitos para Um. A cada momento ouvia a expressão da sabedoria reunida superconscientemente. Todos ao seu redor captaram a visão do divino. Sobreveio ao discípulo o desejo pelo conhecimento supremo “como se fosse uma febre”. No entanto, aquele que era assim a personificação viva dos livros o fazia inconscientemente, pois não havia lido nenhum deles! Em seu Guru, Ramakrishna Paramahansa, Vivekananda encontrou a chave da vida.

Mesmo agora, porém, a preparação para a sua tarefa não estava completa. Ele ainda tinha que vagar por toda a extensão da Índia, desde o Himalaia até o Cabo Comorin, misturando-se igualmente com santos, eruditos e almas simples, aprendendo com todos, ensinando a todos e vivendo com todos, vendo a Índia como ela era e é. , e assim apreendendo em sua abrangência aquele vasto todo, do qual a vida e a personalidade de seu Mestre foram um breve e intenso epítome.

Estes, então – os Shâstras, o Guru e a Pátria – são as três notas que se misturam para formar a música das obras de Vivekananda. Este é o tesouro que ele deve oferecer. Estes lhe fornecem os ingredientes com os quais ele compõe a cura do mundo – toda a sua generosidade espiritual. Estas são as três luzes acesas naquela única lâmpada que a Índia acendeu e preparou com sua mão, para a orientação de seus próprios filhos e do mundo nos poucos anos de trabalho entre 19 de setembro de 1893 e 4 de julho de 1902. E algumas de nós existem que, por causa dessa iluminação e deste registro que ele deixou atrás de si, abençoa a terra que o gerou e as mãos daqueles que o enviaram, e acredita que nem ainda foi nos foi dado para compreender a vastidão e o significado da mensagem que ele proferiu.

4 de julho de 1907

N. de Rk - V.

VOLUME 1

1.1 DISCURSO NO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES

1.1.1 RESPOSTA AO BEM-VINDO

No Parlamento Mundial das Religiões, Chicago

11 de setembro de 1893

Irmãs e Irmãos da América,

Enche-me o coração de uma alegria indescritível levantar-me em resposta ao acolhimento caloroso e cordial que nos deste. Agradeço-vos em nome da mais antiga ordem de monges do mundo; Agradeço-te em nome da mãe das religiões; e agradeço-vos em nome de milhões e milhões de hindus de todas as classes e seitas.

Os meus agradecimentos, também, a alguns dos oradores desta plataforma que, referindo-se aos delegados do Oriente, vos disseram que estes homens de nações distantes podem muito bem reivindicar a honra de levar a diferentes terras a ideia de tolerância. Tenho orgulho de pertencer a uma religião que ensinou ao mundo tanto a tolerância como a aceitação universal. Acreditamos não apenas na tolerância universal, mas aceitamos todas as religiões como verdadeiras. Tenho orgulho de pertencer a uma nação que acolheu os perseguidos e os refugiados de todas as religiões e de todas as nações da terra. Tenho orgulho de vos dizer que reunimos no nosso seio o remanescente mais puro dos israelitas, que veio para o sul da Índia e se refugiou conosco no mesmo ano em que o seu templo sagrado foi despedaçado pela tirania romana. Tenho orgulho de pertencer à religião que abrigou e ainda promove o remanescente da grande nação zoroastriana. Citarei para vocês, irmãos, alguns versos de um hino que me lembro de ter repetido desde a minha mais tenra infância, e que é repetido todos os dias por milhões de seres humanos: “Assim como as diferentes correntes, tendo suas fontes em lugares diferentes, todas se misturam com suas fontes. água no mar, assim, ó Senhor, os diferentes caminhos que os homens tomam através de diferentes tendências, por mais diversas que pareçam, tortuosas ou retas, todas levam a Ti.”

A presente convenção, que é uma das mais augustas assembleias já realizadas, é em si uma vindicação, uma declaração ao mundo da maravilhosa doutrina pregada no Gita: “Todo aquele que vem a Mim, através de qualquer forma, eu o alcanço; todos os homens estão lutando por caminhos que no final levam a mim.” O sectarismo, o fanatismo e seu terrível descendente, o fanatismo, há muito dominam esta bela terra. Eles encheram a terra de violência, encharcaram-na muitas e muitas vezes com sangue humano, destruíram a civilização e enviaram nações inteiras ao desespero. Se não fosse por estes demônios horríveis, a sociedade humana estaria muito mais avançada do que é agora. Mas chegou a hora deles; e espero fervorosamente que o sino que tocou esta manhã em honra desta convenção possa ser a sentença de morte de todo o fanatismo, de todas as perseguições com a espada ou com a caneta, e de todos os sentimentos pouco caridosos entre pessoas que se dirigem ao mesmo meta.

1.1.2 POR QUE DISCORDAMOS

15 de setembro de 1893

Vou te contar uma pequena história. Vocês ouviram o orador eloquente que acabou de terminar dizer: “Vamos parar de abusar uns dos outros”, e ele lamentou muito que sempre houvesse tanta variação.

Mas acho que deveria contar-lhes uma história que ilustrasse a causa dessa variação. Um sapo vivia num poço. Ele morava lá há muito tempo. Ele nasceu lá e foi criado lá, e ainda assim era um sapinho. É claro que os evolucionistas não estavam lá para nos dizer se a rã perdeu ou não os olhos, mas, para o bem da nossa história, devemos presumir que ela tinha olhos e que todos os dias limpava a água de todos os vermes e bacilos que viviam nele com uma energia que daria crédito aos nossos bacteriologistas modernos. Assim continuou e ficou um pouco elegante e gordo. Pois bem, um dia veio outro sapo que vivia no mar e caiu no poço.

"De onde você é?"

"Eu sou do mar."

"O mar! Quão grande é isso? É tão grande quanto o meu poço?" e ele deu um salto de um lado para o outro do poço.

“Meu amigo”, disse o sapo do mar, “como você compara o mar com o seu pequeno poço?”

Então o sapo deu outro salto e perguntou: “O seu mar é tão grande assim?”

“Que bobagem você fala, comparar o mar com o seu poço!”

"Bem, então", disse o sapo do poço, "nada pode ser maior que o meu poço; não pode haver nada maior que este; esse sujeito é um mentiroso, então expulse-o."

Essa tem sido a dificuldade o tempo todo.

Eu sou hindu. Estou sentado em meu pequeno poço e pensando que o mundo inteiro é meu pequeno poço. O cristão senta-se no seu pequeno poço e pensa que o mundo inteiro é o seu poço. O muçulmano senta-se no seu pequeno poço e pensa que aquilo é o mundo inteiro. Devo agradecer-vos, América, pelo grande esforço que estais a fazer para derrubar as barreiras deste nosso pequeno mundo, e esperar que, no futuro, o Senhor vos ajude a cumprir o vosso propósito.

1.1.3 DOCUMENTO SOBRE HINDUÍSMO

Lido no Parlamento em 19 de setembro de 1893

Existem agora três religiões no mundo que chegaram até nós desde os tempos pré-históricos – Hinduísmo, Zoroastrismo e Judaísmo. Todos receberam choques tremendos e todos provaram pela sua sobrevivência a sua força interna. Mas enquanto o Judaísmo não conseguiu absorver o Cristianismo e foi expulso do seu local de nascimento pela sua filha conquistadora, e um punhado de Parses é tudo o que resta para contar a história da sua grande religião, seita após seita surgiu na Índia e parecia abalar a religião dos Vedas até os seus próprios alicerces, mas como as águas da praia num tremendo terremoto, ela recuou apenas por um tempo,

apenas para retornar em uma inundação absorvente, mil vezes mais vigorosa, e quando o tumulto de a correria acabou, essas seitas foram todas sugadas, absorvidas e assimiladas no imenso corpo da fé materna.

Desde os elevados voos espirituais da filosofia Vedanta, dos quais as últimas descobertas da ciência parecem ecoar, até às ideias baixas da idolatria com a sua mitologia multifacetada, o agnosticismo dos budistas e o ateísmo dos jainistas, cada um e todos têm um lugar na religião hindu.

Onde então surge a questão: onde está o centro comum para o qual convergem todos esses raios amplamente divergentes? Onde está a base comum sobre a qual assentam todas estas contradições aparentemente sem esperança? E esta é a pergunta que tentarei responder.

Os Hindus receberam a sua religião através da revelação, os Vedas. Eles sustentam que os Vedas não têm começo nem fim. Pode parecer ridículo para esse público como um livro pode não ter começo nem fim. Mas pelos Vedas nenhum livro se refere. Significam o tesouro acumulado de leis espirituais descobertas por diferentes pessoas em diferentes épocas. Assim como a lei da gravitação existia antes de sua descoberta, e existiria se toda a humanidade a esquecesse, o mesmo acontece com as leis que regem o mundo espiritual. As relações morais, éticas e espirituais entre alma e alma e entre espíritos individuais e o Pai de todos os espíritos existiam antes de sua descoberta e permaneceriam mesmo se as esquecêssemos.

Os descobridores destas leis são chamados Rishis, e nós os honramos como seres aperfeiçoados. Tenho o prazer de dizer a este público que alguns dos maiores deles eram mulheres. Aqui pode-se dizer que essas leis, enquanto leis, podem não ter fim, mas devem ter tido um começo. Os Vedas nos ensinam que a criação não tem começo nem fim. Diz-se que a ciência provou que a soma total da energia cósmica é sempre a mesma. Então, se houve um tempo em que nada existia, onde estava toda essa energia manifestada? Alguns dizem que estava numa forma potencial em Deus. Nesse caso, Deus às vezes é potencial e às vezes cinético, o que o tornaria mutável. Tudo o que é mutável é um composto, e tudo o que é composto deve sofrer aquela mudança que se chama destruição. Então Deus morreria, o que é um absurdo. Portanto, nunca houve um tempo em que não houvesse criação.

Se me permitem usar uma comparação, criação e criador são duas linhas, sem começo e sem fim, paralelas uma à outra. Deus é a providência sempre ativa, por cujo poder sistemas após sistemas estão sendo desenvolvidos a partir do caos, feitos para funcionar por um tempo e novamente destruídos. É o que o menino brâmane repete todos os dias: “O sol e a lua, o Senhor criou como os sóis e as luas dos ciclos anteriores”. E isso está de acordo com a ciência moderna.

Aqui estou eu e se fecho os olhos e tento conceber a minha existência, “eu”, “eu”, “eu”, qual é a ideia diante de mim? A ideia de um corpo. Sou, então, nada mais que uma combinação de substâncias materiais? Os Vedas declaram: “Não”. Eu sou um espírito vivendo em um corpo. Eu não sou o corpo. O corpo morrerá, mas eu não morrerei. Aqui estou neste corpo; cairá, mas continuarei vivendo. Eu também tive um passado. A alma não foi criada, pois criação significa uma combinação que significa uma certa dissolução futura. Se então a alma foi criada, ela deve morrer. Alguns nascem felizes, gozam de saúde perfeita, com belo corpo, vigor mental e todas as necessidades supridas. Outros nascem miseráveis, alguns não têm mãos nem pés, outros ainda são idiotas e apenas arrastam uma existência miserável. Por que, se todos foram criados, por que um Deus justo e misericordioso cria um feliz e outro infeliz, por que Ele é tão parcial? Nem melhoraria a situação afirmar que aqueles que são miseráveis nesta vida serão felizes na vida futura. Por que um homem deveria ser miserável mesmo aqui, no reinado de um Deus justo e misericordioso?

Em segundo lugar, a ideia de um Deus criador não explica a anomalia, mas simplesmente expressa o decreto cruel de um ser todo-poderoso. Deve ter havido causas, então, antes de seu nascimento, para tornar um homem infeliz ou feliz e essas foram suas ações passadas.

Não são todas as tendências da mente e do corpo explicadas pela aptidão herdada? Aqui estão duas linhas paralelas de existência – uma da mente, a outra da matéria. Se a matéria e suas transformações respondem por tudo o que temos, não há necessidade de supor a existência de uma alma. Mas não pode ser provado que o pensamento tenha evoluído a partir da matéria, e se um monismo filosófico é inevitável, o monismo espiritual é certamente

lógico e não menos desejável do que um monismo materialista; mas nada disso é necessário aqui.

Não podemos negar que os corpos adquirem certas tendências por hereditariedade, mas essas tendências significam apenas a configuração física, através da qual só uma mente peculiar pode agir de uma maneira peculiar. Existem outras tendências peculiares a uma alma, causadas por suas ações passadas. E uma alma com uma certa tendência nasceria, pelas leis da afinidade, num corpo que é o instrumento mais adequado para a manifestação dessa tendência. Isto está de acordo com a ciência, pois a ciência quer explicar tudo pelo hábito, e o hábito é obtido através de repetições. Portanto, são necessárias repetições para explicar os hábitos naturais de uma alma recém-nascida. E como não foram obtidos nesta vida presente, devem ter vindo de vidas passadas.

Há outra sugestão. Tomando tudo isso como certo, como é que não me lembro de nada da minha vida passada? Isto pode ser facilmente explicado. Agora estou falando inglês. Não é a minha língua materna; na verdade, nenhuma palavra da minha língua materna está agora presente na minha consciência; mas deixe-me tentar trazê-los à tona, e eles aparecem. Isso mostra que a consciência é apenas a superfície do oceano mental, e em suas profundezas estão armazenadas todas as nossas experiências. Tente e lute, eles surgiriam e você estaria consciente até mesmo de sua vida passada.

Esta é uma evidência direta e demonstrativa. A verificação é a prova perfeita de uma teoria, e aqui está o desafio lançado ao mundo pelos Rishis. Nós descobrimos o segredo pelo qual as profundezas do oceano da memória podem ser despertadas – experimente-o e você obterá uma reminiscência completa de sua vida passada.

Então o Hindu acredita que ele é um espírito. A ele a espada não pode trespassá-lo – a ele o fogo não pode queimar – a ele a água não pode derreter – a ele o ar não pode secar. O Hindu acredita que toda alma é um círculo cuja circunferência não está em lugar nenhum, mas cujo centro está localizado no corpo, e que a morte significa a mudança deste centro de corpo para corpo. Nem a alma está vinculada às condições da matéria. Em sua própria essência, é livre, ilimitado, santo, puro e perfeito. Mas, de uma

forma ou de outra, ele se vê preso à matéria e pensa em si mesmo como matéria.

Por que deveria o ser livre, perfeito e puro estar assim sob o domínio da matéria, é a próxima questão. Como pode a alma perfeita ser iludida com a crença de que é imperfeita? Disseram-nos que os hindus evitam a questão e dizem que tal questão não pode existir. Alguns pensadores querem responder postulando um ou mais seres quase perfeitos e usam grandes nomes científicos para preencher a lacuna. Mas nomear não é explicar. A questão permanece a mesma. Como pode o perfeito tornar-se quase perfeito; como pode o puro, o absoluto, mudar até mesmo uma partícula microscópica de sua natureza? Mas o hindu é sincero. Ele não quer se abrigar em sofismas. Ele é corajoso o suficiente para enfrentar a questão de forma viril; e sua resposta é: “Não sei. Não sei como o ser perfeito, a alma, passou a pensar em si mesmo como imperfeito, unido e condicionado pela matéria.” Mas o fato é um fato apesar de tudo. a si mesmo como o corpo. O hindu não tenta explicar por que alguém pensa que é o corpo. A resposta de que é a vontade de Deus não é nada mais do que o que o hindu diz: “Eu não sei”.

Pois bem, a alma humana é eterna e imortal, perfeita e infinita, e a morte significa apenas uma mudança de centro de um corpo para outro. O presente é determinado pelas nossas ações passadas e o futuro pelo presente. A alma continuará evoluindo ou revertendo de nascimento em nascimento e de morte em morte. Mas aqui está outra questão: o homem é um pequeno barco em uma tempestade, erguido em um momento na crista espumosa de uma onda e no momento seguinte precipitado em um abismo escancarado, balançando de um lado para o outro à mercê de boas e más ações - um homem impotente? , naufrágio indefeso em uma corrente de causa e efeito sempre furiosa, sempre impetuosa e intransigente; uma pequena mariposa colocada sob a roda da causalidade que rola esmagando tudo em seu caminho e não espera pelas lágrimas da viúva ou pelo choro do órfão? O coração afunda com a ideia, mas esta é a lei da Natureza. Não há esperança? Não há escapatória? — foi o grito que subiu do fundo do coração desesperado. Chegou ao trono da misericórdia, e palavras de esperança e consolo descenderam e inspiraram um sábio védico, e ele se levantou diante do mundo e em voz de trombeta proclamou as boas novas:

"Ouvi, filhos da bem-aventurança imortal! nas esferas mais altas eu encontrei o Ancião que está além de toda escuridão, toda ilusão: conhecendo somente a Ele você será salvo da morte novamente." "Filhos da bem-aventurança imortal" – que nome doce e esperançoso! Permitam-me chamá-los, irmãos, por esse doce nome – herdeiros da bem-aventurança imortal – sim, o hindu se recusa a chamá-los de pecadores. Vocês são os Filhos de Deus, os participantes da bem-aventurança imortal, seres santos e perfeitos. Vós, divindades da terra – pecadores! É pecado chamar um homem assim; é uma difamação permanente contra a natureza humana. Subam, ó leões, e livrem-se da ilusão de que vocês são ovelhas; vocês são almas imortais, espíritos livres, bem-aventurados e eternos; vocês não são matéria, vocês não são corpos; a matéria é sua serva, e não você, o servo da matéria.

É assim que os Vedas proclamam não uma combinação terrível de leis implacáveis, nem uma prisão interminável de causa e efeito, mas que à frente de todas essas leis, em e através de cada partícula de matéria e força, está Alguém "sob cujo comando o vento sopra, o fogo queima, as nuvens chovem e a morte espreita sobre a terra."

E qual é a Sua natureza?

Ele está em toda parte, o Puro e sem forma, o Todo-Poderoso e o Todo-misericordioso. "Tu és nosso pai, Tu és nossa mãe, Tu és nosso amigo amado, Tu és a fonte de toda força; dá-nos força. Tu és Aquele que carrega os fardos do universo; ajuda-me a carregar o pequeno fardo desta vida. " Assim cantaram os Rishis dos Vedas. E como adorá-Lo? Através do amor. "Ele deve ser adorado como aquele que é amado, mais querido do que tudo nesta e na próxima vida."

Esta é a doutrina do amor declarada nos Vedas, e vejamos como ela é plenamente desenvolvida e ensinada por Krishna, a quem os hindus acreditam ter sido Deus encarnado na terra.

Ele ensinou que o homem deveria viver neste mundo como uma folha de lótus, que cresce na água, mas nunca é umedecida pela água; portanto, um homem deve viver no mundo – com o coração voltado para Deus e as mãos para trabalhar.

É bom amar a Deus pela esperança de recompensa neste ou no outro mundo, mas é melhor amar a Deus por amor, e a oração diz: "Senhor, não quero riquezas, nem filhos, nem aprendizagem. Se for seja a Tua vontade, irei de nascimento em nascimento, mas concede-me isto, para que eu possa Te amar sem a esperança de recompensa - amar desinteressadamente por causa do amor." Um dos discípulos de Krishna, o então Imperador da Índia, foi expulso de seu reino por seus inimigos e teve que se abrigar com sua rainha em uma floresta no Himalaia, e lá um dia a rainha lhe perguntou como foi que ele, o mais virtuoso dos homens deveria sofrer tanta miséria. Yudhishtira respondeu: "Veja, minha rainha, os Himalaias, como eles são grandiosos e belos; ame o Senhor. Ele é a fonte de toda beleza, de toda sublimidade. Ele é o único objeto a ser amado; . Deixe que Ele me coloque onde Ele quiser. Devo amá-Lo por amor, não posso negociar por amor.

Os Vedas ensinam que a alma é divina, apenas mantida na escravidão da matéria; a perfeição será alcançada quando esse vínculo se romper, e a palavra que eles usam para isso é, portanto, Mukti – liberdade, liberdade dos laços da imperfeição, liberdade da morte e da miséria.

E esta escravidão só pode cair através da misericórdia de Deus, e esta misericórdia vem sobre os puros. Portanto, a pureza é a condição de Sua misericórdia. Como funciona essa misericórdia? Ele se revela ao coração puro; os puros e os imaculados veem a Deus, sim, mesmo nesta vida; então, e somente então, toda a tortuosidade do coração é endireitada. Então toda dúvida cessa. Ele não é mais a aberração de uma terrível lei de causalidade. Este é o centro, a concepção vital do Hinduísmo. O Hindu não quer viver de palavras e teorias. Se existem existências além da existência sensorial comum, ele quer ficar cara a cara com elas. Se houver nele uma alma que não seja matéria, se houver uma Alma universal todo-misericordiosa, ele irá diretamente a Ele. Ele deve vê-Lo, e só isso pode destruir todas as dúvidas. Assim, a melhor prova que um sábio hindu dá sobre a alma, sobre Deus, é: "Eu vi a alma; eu vi Deus." E essa é a única condição de perfeição. A religião hindu não consiste em lutas e tentativas de acreditar numa determinada doutrina ou dogma, mas em realizar – não em acreditar, mas em ser e tornar-se.

Assim, todo o objetivo do seu sistema é, através da luta constante, tornar-se perfeito, tornar-se divino, alcançar Deus e ver Deus, e este alcançar Deus, ver Deus, tornar-se perfeito assim como o Pai Celestial é perfeito, constitui a religião do Hindus.

E o que acontece com um homem quando ele atinge a perfeição? Ele vive uma vida de felicidade infinita. Ele desfruta de bem-aventurança infinita e perfeita, tendo obtido a única coisa em que o homem deveria ter prazer, a saber, Deus, e desfruta da bem-aventurança com Deus.

Até agora todos os hindus concordam. Esta é a religião comum de todas as seitas da Índia; mas, então, a perfeição é absoluta, e o absoluto não pode ser dois ou três. Não pode ter quaisquer qualidades. Não pode ser um indivíduo. E assim, quando uma alma se torna perfeita e absoluta, ela deve se tornar uma com Brahman, e só perceberia o Senhor como a perfeição, a realidade de sua própria natureza e existência, a existência absoluta, o conhecimento absoluto e a bem-aventurança absoluta. Muitas vezes lemos isso chamado de perda da individualidade e de se tornar um estoque ou uma pedra.

“Ele zomba de cicatrizes que nunca foram feridas.”

Eu lhe digo que não é nada disso. Se é uma felicidade desfrutar da consciência deste pequeno corpo, deve ser uma felicidade maior desfrutar da consciência de dois corpos, a medida da felicidade aumentando com a consciência de um número crescente de corpos, sendo o objetivo, o máximo da felicidade sendo alcançado quando se tornaria uma consciência universal.

Portanto, para ganhar esta individualidade universal infinita, esta pequena e miserável individualidade-prisão deve desaparecer. Somente então a morte poderá cessar quando eu estiver sozinho com a vida, somente então a miséria poderá cessar quando eu for um com a própria felicidade, somente então todos os erros poderão cessar quando eu for um com o próprio conhecimento; e esta é a conclusão científica necessária. A ciência provou-me que a individualidade física é uma ilusão, que na verdade o meu corpo é um pequeno corpo em constante mudança num oceano ininterrupto de

matéria; e Advaita (unidade) é a conclusão necessária com minha outra contraparte, a alma.

A ciência nada mais é do que a descoberta da unidade. Assim que a ciência alcançasse a unidade perfeita, ela pararia de progredir, porque alcançaria a meta. Assim, a Química não poderia progredir mais quando descobrisse um elemento a partir do qual todos os outros poderiam ser feitos. A física pararia quando fosse capaz de cumprir seus serviços na descoberta de uma energia da qual todas as outras são apenas manifestações, e a ciência da religião se tornaria perfeita quando descobrisse Aquele que é a única vida em um universo de morte, Aquele que é a base constante de um mundo em constante mudança. Aquele que é a única Alma da qual todas as almas são apenas manifestações ilusórias. É assim que, através da multiplicidade e da dualidade, a unidade última é alcançada. A religião não pode ir mais longe. Este é o objetivo de toda ciência.

Toda a ciência está fadada a chegar a esta conclusão no longo prazo. Manifestação, e não criação, é a palavra da ciência hoje, e o hindu fica feliz porque o que ele tem guardado em seu peito há séculos será ensinado em uma linguagem mais contundente e com mais luz das últimas conclusões da ciência. .

Descemos agora das aspirações da filosofia para a religião dos ignorantes. Para começar, posso dizer-lhe que não existe politeísmo na Índia. Em cada templo, se alguém ficar parado e ouvir, encontrará os adoradores aplicando todos os atributos de Deus, incluindo a onipresença, às imagens. Não é politeísmo, nem o nome henoteísmo explicaria a situação. "A rosa chamada por qualquer outro nome teria o mesmo cheiro doce." Nomes não são explicações.

Lembro-me, quando menino, de ouvir um missionário cristão pregar para uma multidão na Índia. Entre outras coisas doces que ele estava dizendo a eles estava que se ele desse um golpe no ídolo deles com sua vara, o que ele poderia fazer? Um de seus ouvintes respondeu rispidamente: "Se eu abusar do seu Deus, o que Ele pode fazer?" "Você seria punido", disse o pregador, "quando morrer". "Então meu ídolo irá puni-lo quando você morrer", retrucou o hindu.

A árvore é conhecida pelos seus frutos. Quando vejo entre aqueles que são chamados de idólatras, homens, como nunca vi em lugar nenhum em moralidade, espiritualidade e amor, paro e me pergunto: "O pecado pode gerar santidade?"

A superstição é uma grande inimiga do homem, mas a intolerância é pior. Por que um cristão vai à igreja? Por que a cruz é sagrada? Por que o rosto está voltado para o céu em oração? Por que existem tantas imagens na Igreja Católica? Por que há tantas imagens nas mentes dos protestantes quando oram? Meus irmãos, não podemos pensar em nada sem uma imagem mental, assim como não podemos viver sem respirar. Pela lei da associação, a imagem material evoca a ideia mental e vice-versa. É por isso que o hindu usa um símbolo externo quando adora. Ele lhe dirá que isso ajuda a manter a mente fixa no Ser a quem ele ora. Ele sabe tão bem quanto você que a imagem não é Deus, não é onipresente. Afinal, quanto significa a onipresença para quase todo o mundo? É apenas uma palavra, um símbolo. Deus tem área superficial? Caso contrário, quando repetimos a palavra "onipresente", pensamos no céu estendido ou no espaço, só isso.

À medida que descobrimos que, de uma forma ou de outra, pelas leis da nossa constituição mental, temos que associar as nossas ideias de infinito com a imagem do céu azul, ou do mar, então naturalmente ligamos a nossa ideia de santidade com a imagem de um igreja, uma mesquita ou uma cruz. Os hindus associaram a ideia de santidade, pureza, verdade, onipresença e outras ideias a diferentes imagens e formas. Mas com a diferença de que enquanto algumas pessoas dedicam toda a sua vida ao seu ídolo de igreja e nunca ascendem mais alto, porque para elas religião significa um consentimento intelectual a certas doutrinas e fazer o bem aos seus semelhantes, toda a religião do Hindu está centrada em realização. O homem deve se tornar divino ao realizar o divino. Ídolos ou templos ou igrejas ou livros são apenas os suportes, as ajudas de sua infância espiritual: mas ele deve progredir continuamente.

Ele não deve parar em lugar nenhum. "Adoração externa, adoração material", dizem as escrituras, "é o estágio mais baixo; lutando para se elevar, a oração mental é o próximo estágio, mas o estágio mais elevado é quando o Senhor foi realizado". Marcos, o mesmo homem sério que está

ajoelhado diante do ídolo lhe diz: “A Ele o Sol não pode expressá-Lo, nem a lua, nem as estrelas, o relâmpago não pode expressá-Lo, nem o que chamamos de fogo; através Dele eles brilham”. Mas ele não abusa do ídolo de ninguém nem chama sua adoração de pecado. Ele reconhece nela uma etapa necessária da vida. "A criança é o pai do homem." Seria certo um velho dizer que a infância é um pecado ou a juventude um pecado?

Se um homem pudesse realizar sua natureza divina com a ajuda de uma imagem, seria correto chamar isso de pecado? Nem mesmo depois de passar desse estágio, ele deveria chamar isso de erro. Para o hindu, o homem não viaja do erro para a verdade, mas da verdade para a verdade, da verdade inferior para a verdade superior. Para ele, todas as religiões, desde o fetichismo mais baixo até o absolutismo mais elevado, significam tantas tentativas da alma humana para compreender e realizar o Infinito, cada uma determinada pelas condições de seu nascimento e associação, e cada uma delas marca um estágio de progresso. ; e cada alma é uma jovem águia voando cada vez mais alto, reunindo cada vez mais forças, até alcançar o Sol Glorioso.

A unidade na variedade é o plano da natureza, e os hindus o reconheceram. Todas as outras religiões estabelecem certos dogmas fixos e tentam forçar a sociedade a adotá-los. Coloca diante da sociedade apenas um casaco que deve servir em Jack, John e Henry, todos iguais. Se não servir para John ou Henry, ele deve ficar sem casaco para cobrir o corpo. Os hindus descobriram que o absoluto só pode ser realizado, ou pensado, ou declarado, através do relativo, e as imagens, cruzeiros e crescentes são simplesmente tantos símbolos – tantos pinos para pendurar as ideias espirituais. Não é que esta ajuda seja necessária para todos, mas aqueles que não precisam dela não têm o direito de dizer que é errada. Nem é obrigatório no Hinduísmo.

Uma coisa devo lhe contar. A idolatria na Índia não significa nada horrível. Não é a mãe das prostitutas. Por outro lado, é a tentativa de mentes subdesenvolvidas de compreender verdades espirituais elevadas. Os hindus têm os seus defeitos, às vezes têm as suas exceções; mas observe isto, eles são sempre a favor de punir seus próprios corpos, e nunca de cortar a garganta de seus vizinhos. Se o fanático hindu se queima na pira, ele nunca

acende o fogo da Inquisição. E mesmo isso não pode ser atribuído à sua religião, assim como a queima de bruxas não pode ser atribuída ao Cristianismo.

Para o hindu, então, todo o mundo das religiões é apenas uma viagem, uma ascensão de diferentes homens e mulheres, através de diversas condições e circunstâncias, em direção ao mesmo objetivo. Cada religião está apenas desenvolvendo um Deus a partir do homem material, e o mesmo Deus é o inspirador de todas elas. Por que, então, existem tantas contradições? São apenas aparentes, diz o hindu. As contradições provêm de uma mesma verdade adaptando-se às diversas circunstâncias de diferentes naturezas.

É a mesma luz que passa através de vidros de cores diferentes. E essas pequenas variações são necessárias para fins de adaptação. Mas no coração de tudo reina a mesma verdade. O Senhor declarou ao hindu em Sua encarnação como Krishna: "Eu sou em todas as religiões como o fio de um colar de pérolas. Onde quer que você veja uma santidade extraordinária e um poder extraordinário elevando e purificando a humanidade, saiba que eu estou lá." E qual foi o resultado? Desafio o mundo a encontrar, em todo o sistema de filosofia sânscrita, qualquer expressão como a de que só o hindu será salvo e não outros. Diz Vyasa: "Encontramos homens perfeitos mesmo além dos limites de nossa casta e credo". Mais uma coisa. Como pode, então, o Hindu, cuja estrutura de pensamento está centrada em Deus, acreditar no Budismo, que é agnóstico, ou no Jainismo, que é ateu?

Os budistas ou os jainistas não dependem de Deus; mas toda a força da sua religião é dirigida para a grande verdade central em cada religião, para desenvolver um Deus a partir do homem. Eles não viram o Pai, mas viram o Filho. E quem viu o Filho, viu também o Pai.

Isto, irmãos, é um breve esboço das ideias religiosas dos hindus. O hindu pode ter fracassado em levar a cabo todos os seus planos, mas se algum dia existir uma religião universal, ela deverá ser uma que não tenha localização, lugar ou tempo; que será infinito como o Deus que pregará, e cujo sol brilhará sobre os seguidores de Krishna e de Cristo, tanto sobre os santos como sobre os pecadores; que não será brâmane ou budista, cristão ou muçulmano, mas a soma total de tudo isso, e ainda terá espaço infinito para desenvolvimento; que em sua catolicidade abraçará em seus braços infinitos

e encontrará um lugar para cada ser humano, desde o selvagem rastejante mais inferior, não muito distante do bruto, até o homem mais elevado, elevando-se pelas virtudes de sua cabeça e coração quase acima da humanidade, fazendo a sociedade ficar maravilhada com ele e duvidar de sua natureza humana. Será uma religião que não terá lugar para perseguição ou intolerância na sua política, que reconhecerá a divindade em cada homem e mulher, e cujo âmbito total, cuja força total, será criada para ajudar a humanidade a realizar a sua própria verdadeira e divina natureza.

Ofereça tal religião e todas as nações o seguirão. O conselho de Asoka foi um conselho de fé budista. A reunião de Akbar, embora mais apropriada, era apenas uma reunião de salão. Estava reservado à América proclamar a todos os cantos do globo que o Senhor está em todas as religiões.

Que Aquele que é o Brahman dos Hindus, o Ahura-Mazda dos Zoroastrianos, o Buda dos Budistas, o Jeová dos Judeus, o Pai Celestial dos Cristãos, lhe dê forças para realizar a sua nobre ideia! A estrela surgiu no Oriente; viajou continuamente em direção ao Ocidente, às vezes turvo e às vezes refulgente, até dar uma volta no mundo; e agora está novamente surgindo no próprio horizonte do Leste, nas fronteiras do Sapo, [1] mil vezes mais refulgente do que nunca.

Salve, Columbia, pátria da liberdade! Foi dado a ti, que nunca mergulhou a mão no sangue do próximo, que nunca descobriu que o caminho mais curto para enriquecer era roubando o próximo, foi dado a ti marchar na vanguarda da civilização com a bandeira de harmonia.

1.1.4 RELIGIÃO NÃO É A NECESSIDADE DA ÍNDIA

20 de setembro de 1893

Os cristãos devem estar sempre prontos para boas críticas, e não creio que você se importe se eu fizer algumas críticas. Vocês, cristãos, que gostam tanto de enviar missionários para salvar a alma dos pagãos – por que não tentam salvar seus corpos da fome? Na Índia, durante as terríveis fomes, milhares de pessoas morreram de fome, mas vocês, cristãos, não fizeram nada. Vocês erguem igrejas por toda a Índia, mas o mal que grita no Oriente

não é a religião – eles têm religião suficiente – mas é o pão pelo qual milhões de sofrendores da Índia em chamas clamam com a garganta seca. Eles nos pedem pão, mas nós lhes damos pedras. É um insulto a um povo faminto oferecer-lhe religião; é um insulto a um homem faminto ensinar-lhe metafísica. Na Índia, um padre que pregasse por dinheiro perderia a casta e seria cuspidos pelo povo. Vim aqui em busca de ajuda para o meu povo empobrecido e percebi perfeitamente como era difícil conseguir ajuda dos cristãos para os pagãos em uma terra cristã.

1.1.5 BUDISMO, O CUMPRIMENTO DO HINDUÍSMO

26 de setembro de 1893

Não sou budista, como você ouviu, mas sou. Se a China, o Japão ou o Ceilão seguirem os ensinamentos do Grande Mestre, a Índia o adorará como Deus encarnado na terra. Você acabou de ouvir que vou criticar o Budismo, mas com isso desejo que você entenda apenas isso. Longe de mim criticar aquele a quem adoro como Deus encarnado na terra. Mas a nossa opinião sobre Buda é que ele não foi compreendido adequadamente pelos seus discípulos. A relação entre o Hinduísmo (por Hinduísmo, quero dizer a religião dos Vedas) e o que hoje é chamado de Budismo é quase a mesma que entre o Judaísmo e o Cristianismo. Jesus Cristo era judeu e Shâkya Muni era hindu. Os judeus rejeitaram Jesus Cristo, ou melhor, crucificaram-no, e os hindus aceitaram Shâkya Muni como Deus e o adoraram. Mas a verdadeira diferença que nós, hindus, queremos mostrar entre o budismo moderno e o que deveríamos entender como os ensinamentos do Senhor Buda reside principalmente nisto: Shâkya Muni veio para pregar nada de novo. Ele também, como Jesus, veio para cumprir e não para destruir. Só que, no caso de Jesus, foram os idosos, os judeus, que não o compreenderam, enquanto no caso de Buda, foram os seus próprios seguidores que não perceberam a importância dos seus ensinamentos. Assim como os judeus não compreenderam o cumprimento do Antigo Testamento, os budistas não compreenderam o cumprimento das verdades da religião hindu. Mais uma vez, repito, Shâkya Muni não veio para destruir, mas foi a realização, a conclusão lógica, o desenvolvimento lógico da religião dos hindus.

A religião dos hindus é dividida em duas partes: a cerimonial e a espiritual. A porção espiritual é especialmente estudada pelos monges.

Nisso não há casta. Um homem da casta mais elevada e um homem da casta mais baixa podem tornar-se monge na Índia, e as duas castas tornam-se iguais. Na religião não existe casta; casta é simplesmente uma instituição social. O próprio Shâkya Muni era um monge, e foi sua glória ter tido a generosidade de trazer à tona as verdades dos Vedas ocultos e através deles difundir-las para todo o mundo. Ele foi o primeiro ser no mundo que colocou em prática o missionário – ou melhor, ele foi o primeiro a conceber a ideia do proselitismo.

A grande glória do Mestre reside na sua maravilhosa simpatia por todos, especialmente pelos ignorantes e pelos pobres. Alguns de seus discípulos eram brâmanes. Quando Buda ensinava, o sânscrito não era mais a língua falada na Índia. Estava então apenas nos livros dos eruditos. Alguns dos discípulos brâmanes de Buda queriam traduzir seus ensinamentos para o sânscrito, mas ele lhes disse claramente: "Eu sou pelos pobres, pelo povo; deixe-me falar na língua do povo." E assim, até hoje, a maior parte de seus ensinamentos está no vernáculo daquela época na Índia.

Qualquer que seja a posição da filosofia, qualquer que seja a posição da metafísica, enquanto houver algo como a morte no mundo, enquanto houver algo como fraqueza no coração humano, enquanto houver um clamor saindo do coração do homem em sua própria fraqueza, haverá fé em Deus.

Do lado filosófico, os discípulos do Grande Mestre se lançaram contra as rochas eternas dos Vedas e não conseguiram esmagá-los, e do outro lado tiraram da nação aquele Deus eterno ao qual cada um, homem ou mulher, se apegava tanto, com carinho. E o resultado foi que o Budismo teve que morrer de morte natural na Índia. Atualmente não há ninguém que se autodenomina budista na Índia, sua terra natal.

Mas, ao mesmo tempo, o Bramanismo perdeu alguma coisa - aquele zelo reformador, aquela maravilhosa simpatia e caridade para com todos, aquele céu maravilhoso que o Budismo trouxera às massas e que tornara a sociedade indiana tão grande que um historiador grego que escreveu sobre a

Índia daquela época o tempo foi levado a dizer que nenhum hindu era conhecido por dizer uma mentira e nenhuma mulher hindu era conhecida por ser impura.

O Hinduísmo não pode viver sem o Budismo, nem o Budismo sem o Hinduísmo. Então perceba o que a separação nos mostrou: que os budistas não podem subsistir sem o cérebro e a filosofia dos brâmanes, nem os brâmanes sem o coração do budista. Esta separação entre os budistas e os brâmanes é a causa da queda da Índia. É por isso que a Índia é povoada por trezentos milhões de mendigos, e é por isso que a Índia tem sido escrava de conquistadores durante os últimos mil anos. Unamos então o maravilhoso intelecto dos Brâmanes com o coração, a alma nobre, o maravilhoso poder humanizador do Grande Mestre.

1.1.6 ENDEREÇO NA SESSÃO FINAL

27 de setembro de 1893

O Parlamento Mundial das Religiões tornou-se um facto consumado, e o Pai misericordioso ajudou aqueles que trabalharam para o trazer à existência, e coroou com sucesso o seu trabalho mais altruísta.

Meus agradecimentos àquelas almas nobres cujos grandes corações e amor à verdade primeiro sonharam este sonho maravilhoso e depois o realizaram. Meus agradecimentos à chuva de sentimentos liberais que inundou esta plataforma. Meus agradecimentos ao seu público esclarecido por sua bondade uniforme para comigo e por sua apreciação de cada pensamento que tende a suavizar o atrito das religiões. Algumas notas dissonantes eram ouvidas de vez em quando nesta harmonia. Meus agradecimentos especiais a eles, pois, por seu notável contraste, tornaram a harmonia geral mais doce.

Muito se tem dito sobre a base comum da unidade religiosa. Não vou agora arriscar minha própria teoria. Mas se alguém aqui espera que esta unidade venha pelo triunfo de qualquer uma das religiões e pela destruição das outras, a ele eu digo: “Irmão, a sua esperança é impossível”. Desejo que o cristão se torne hindu? Deus me livre. Desejo que o hindu ou o budista se tornem cristãos? Deus me livre.

A semente é colocada no solo e terra, ar e água são colocados ao seu redor. A semente se torna a terra; ou o ar, ou a água? Não. Torna-se uma planta, desenvolve-se segundo a lei do seu próprio crescimento, assimila o ar, a terra e a água, converte-os em substância vegetal e cresce em planta.

Semelhante é o caso da religião. O cristão não deve se tornar um hindu ou um budista, nem um hindu ou um budista deve se tornar um cristão. Mas cada um deve assimilar o espírito dos outros e ainda assim preservar a sua individualidade e crescer de acordo com a sua própria lei de crescimento.

Se o Parlamento das Religiões mostrou alguma coisa ao mundo, foi isto: provou ao mundo que a santidade, a pureza e a caridade não são bens exclusivos de nenhuma igreja no mundo, e que cada sistema produziu homens e mulheres da personagem mais exaltado. Perante esta evidência, se alguém sonha com a sobrevivência exclusiva da sua própria religião e com a destruição das outras, tenho pena dele do fundo do meu coração e faço-lhe notar que na bandeira de cada religião estará em breve escrito, apesar da resistência: “Ajudar e não Lutar”, “Assimilação e não Destruição”, “Harmonia e Paz e não Dissensão”.

1.2 KARMA-YOGA

1.2.1 CAPÍTULO 1: KARMA EM SEU EFEITO NO CARÁTER

A palavra Karma é derivada do sânscrito Kri, fazer; toda ação é Karma. Tecnicamente, esta palavra também significa os efeitos das ações. Em conexão com a metafísica, às vezes significa os efeitos, dos quais nossas ações passadas foram as causas. Mas no Karma-Yoga temos simplesmente a ver com a palavra Karma como significando trabalho. O objetivo da humanidade é o conhecimento. Esse é o ideal colocado diante de nós pela filosofia oriental. O prazer não é o objetivo do homem, mas o conhecimento. O prazer e a felicidade chegam ao fim. É um erro supor que o prazer seja o objetivo. A causa de todas as misérias que temos no mundo é que os homens tolaemente pensam que o prazer é o ideal pelo qual lutar. Depois de um tempo, o homem descobre que não é a felicidade, mas o conhecimento, para o qual ele está caminhando, e que tanto o prazer quanto

a dor são grandes professores, e que ele aprende tanto com o mal quanto com o bem. À medida que o prazer e a dor passam diante de sua alma, eles apresentam imagens diferentes, e o resultado dessas impressões combinadas é o que é chamado de “caráter” do homem. Se você considerar o caráter de qualquer homem, ele é realmente apenas o agregado de tendências, a soma total da inclinação de sua mente; você descobrirá que a miséria e a felicidade são fatores iguais na formação desse caráter. O bem e o mal têm uma participação igual na formação do caráter e, em alguns casos, a miséria é um professor melhor do que a felicidade. Ao estudar os grandes personagens que o mundo produziu, ouse dizer, na grande maioria dos casos, descobriríamos que foi a miséria que ensinou mais do que a felicidade, foi a pobreza que ensinou mais do que a riqueza, foram os golpes que trouxeram à tona seu fogo interior mais do que elogios.

Agora, este conhecimento, novamente, é inerente ao homem. Nenhum conhecimento vem de fora; está tudo dentro. O que dizemos que um homem “sabe” deveria, em linguagem estritamente psicológica, ser o que ele “descobre” ou “revela”; o que um homem “aprende” é realmente o que ele “descobre”, tirando a capa da sua própria alma, que é uma mina de conhecimento infinito.

Dizemos que Newton descobriu a gravitação. Estava em algum canto esperando por ele? Estava em sua mente; chegou a hora e ele descobriu. Todo conhecimento que o mundo já recebeu vem da mente; a infinita biblioteca do universo está em sua própria mente. O mundo externo é simplesmente a sugestão, a ocasião, que o leva a estudar a sua própria mente, mas o objeto do seu estudo é sempre a sua própria mente. A queda de uma maçã deu a sugestão a Newton, e ele estudou sua própria mente. Ele reorganizou todos os elos anteriores de pensamento em sua mente e descobriu um novo elo entre eles, que chamamos de lei da gravitação. Não estava na maçã nem em nada no centro da terra.

Todo conhecimento, portanto, secular ou espiritual, está na mente humana. Em muitos casos não é descoberto, mas permanece coberto, e quando a cobertura vai sendo lentamente retirada, dizemos: "Estamos aprendendo", e o avanço do conhecimento é feito pelo avanço deste processo de descoberta. O homem de quem este véu está sendo levantado é o homem mais sábio, o homem sobre quem ele repousa é ignorante, e o homem de quem ele foi totalmente removido é onisciente, onisciente. Houve homens oniscientes e, creio, ainda existirão; e que haverá miríades deles nos ciclos que virão. Como o fogo numa pedra, o conhecimento existe na mente; a sugestão é o atrito que a traz à tona. Assim, com todos os nossos sentimentos e ações – nossas lágrimas e nossos sorrisos, nossas alegrias e nossas tristezas, nosso choro e nossas risadas, nossas maldições e nossas bênçãos, nossos louvores e nossas culpas – podemos encontrar cada um deles, se estudarmos com calma. nós mesmos, termos sido arrancados de dentro de nós por tantos golpes. O resultado é o que somos. Todos esses golpes juntos são chamados de Karma – trabalho, ação. Todo golpe mental e físico que é dado à alma, pelo qual, por assim dizer, o fogo é arrancado dela, e pelo qual seu próprio poder e conhecimento são descobertos, é Karma, sendo esta palavra usada em seu sentido mais amplo. Assim, todos nós estamos praticando Karma o tempo todo. Estou falando com você: isso é Karma. Você está ouvindo: isso é Karma. Respiramos: isso é Karma. Nós caminhamos: Karma. Tudo o que fazemos, físico ou mental, é Karma e deixa marcas em nós.

Há certas obras que são, por assim dizer, o agregado, a soma total, de um grande número de obras menores. Se ficarmos perto da praia e ouvirmos as ondas batendo contra as pedras, pensaremos que é um barulho muito grande, mas sabemos que uma onda é na verdade composta de milhões e milhões de ondas minúsculas. Cada um deles está fazendo barulho, mas não o percebemos; é somente quando eles se tornam o grande agregado que ouvimos. Da mesma forma, cada pulsação do coração é trabalho. Sentimos certos tipos de trabalho e eles se tornam tangíveis para nós; são, ao mesmo tempo, o agregado de uma série de pequenas obras. Se você realmente deseja julgar o caráter de um homem, não olhe para suas grandes atuações. Todo tolo pode se tornar um herói uma vez ou outra. Observe um homem realizar suas ações mais comuns; essas são de fato as coisas que lhe dirão o verdadeiro caráter de um grande homem. Grandes ocasiões despertam até mesmo o mais inferior dos seres humanos para algum tipo de grandeza, mas só ele é o homem realmente grande, cujo caráter é sempre grande, o mesmo onde quer que esteja.

O carma, em seu efeito sobre o caráter, é o poder mais tremendo com o qual o homem tem de lidar. O homem é, por assim dizer, um centro, e atrai todos os poderes do universo para si, e neste centro funde todos eles e novamente os envia numa grande corrente. Tal centro é o homem real – o todo-poderoso, o onisciente – e ele atrai todo o universo para si. Bons e maus, miséria e felicidade, todos correm em sua direção e se agarram a ele; e a partir deles ele molda a poderosa corrente de tendência chamada caráter e a lança para fora. Assim como ele tem o poder de atrair qualquer coisa, ele também tem o poder de jogá-la fora.

Todas as ações que vemos no mundo, todos os movimentos na sociedade humana, todas as obras que temos ao nosso redor, são simplesmente a manifestação do pensamento, a manifestação da vontade do homem. Máquinas ou instrumentos, cidades, navios ou navios de guerra, todos estes são simplesmente a manifestação da vontade do homem; e esta vontade é causada pelo caráter, e o caráter é fabricado pelo Karma. Assim como é o Karma, também é a manifestação da vontade. Os homens de grande vontade que o mundo produziu foram todos trabalhadores tremendos – almas gigantescas, com vontades suficientemente poderosas para derrubar mundos, vontades que obtiveram através de trabalho persistente, através de

eras e eras. Uma vontade tão gigantesca como a de um Buda ou de um Jesus não poderia ser obtida em uma vida, pois sabemos quem foram seus pais. Não se sabe se seus pais alguma vez proferiram uma palavra para o bem da humanidade. Milhões e milhões de carpinteiros como José tinham partido; milhões ainda vivem. Milhões e milhões de reis mesquinhos como o pai de Buda existiram no mundo. Se foi apenas um caso de transmissão hereditária, como explicar que este pequeno príncipe, que talvez não tenha sido obedecido pelos seus próprios servos, tenha produzido este filho, a quem metade do mundo adora? Como você explica o abismo entre o carpinteiro e seu filho, a quem milhões de seres humanos adoram como Deus? Não pode ser resolvido pela teoria da hereditariedade. A vontade gigantesca que Buda e Jesus lançaram sobre o mundo, de onde veio? De onde veio esse acúmulo de poder? Deve ter existido ao longo de eras e eras, crescendo cada vez mais, até explodir na sociedade na forma de um Buda ou de um Jesus, chegando até aos dias de hoje.

Tudo isso é determinado pelo Karma, pelo trabalho. Ninguém pode obter nada a menos que ganhe. Esta é uma lei eterna. Às vezes podemos pensar que não é assim, mas com o tempo ficamos convencidos disso. Um homem pode lutar toda a sua vida pelas riquezas; ele pode enganar milhares de pessoas, mas finalmente descobre que não merecia ficar rico, e sua vida se torna um problema e um incômodo para ele. Podemos continuar acumulando coisas para nosso prazer físico, mas somente o que ganhamos é realmente nosso. Um tolo pode comprar todos os livros do mundo e eles estarão na sua biblioteca; mas ele só poderá ler aqueles que merece; e esse merecimento é produzido pelo Karma. Nosso Karma determina o que merecemos e o que podemos assimilar. Somos responsáveis pelo que somos; e tudo o que desejamos ser, temos o poder de nos fazer. Se o que somos agora foi o resultado das nossas próprias ações passadas, segue-se certamente que tudo o que desejamos ser no futuro pode ser produzido pelas nossas ações presentes; então temos que saber como agir. Você dirá: “Qual é a utilidade de aprender a trabalhar? Todo mundo trabalha de uma forma ou de outra neste mundo.” Mas existe algo como desperdiçar nossas energias. No que diz respeito ao Karma-Yoga, o Gita diz que é trabalhar com inteligência e como ciência; sabendo trabalhar, pode-se obter os melhores resultados. Você deve se lembrar que todo trabalho é simplesmente trazer à tona o poder da mente que já existe, para despertar a

alma. O poder está dentro de cada homem, assim como o conhecimento; as diferentes obras são como golpes para trazê-los à tona, para fazer acordar esses gigantes.

O homem trabalha com vários motivos. Não pode haver trabalho sem motivo. Algumas pessoas querem obter fama e trabalham pela fama. Outros querem dinheiro e trabalham por dinheiro. Outros querem ter poder e trabalham pelo poder. Outros querem ir para o céu e trabalham para isso. Outros querem deixar um nome quando morrem, como fazem na China, onde nenhum homem recebe um título até morrer; e esse é um caminho melhor, afinal, do que o nosso. Quando um homem faz algo muito bom ali, dão um título de nobreza ao seu pai, que já faleceu, ou ao seu avô. Algumas pessoas trabalham para isso. Alguns dos seguidores de certas seitas muçulmanas trabalham durante toda a vida para que um grande túmulo seja construído para eles quando morrerem. Conheço seitas entre as quais, assim que nasce uma criança, é preparado um túmulo para ela; esse é entre eles o trabalho mais importante que um homem deve realizar, e quanto maior e mais fino for o túmulo, melhor será a situação do homem. Outros funcionam como penitência; fazer todo tipo de coisas perversas, depois erguer um templo ou dar algo aos sacerdotes para suborná-los e obter deles um passaporte para o céu. Eles pensam que este tipo de beneficência irá libertá-los e eles ficarão impunes, apesar da sua pecaminosidade. Esses são alguns dos vários motivos para trabalhar.

Trabalhe pelo trabalho. Há alguns que são realmente o sal da terra em todos os países e que trabalham pelo trabalho, que não se importam com o nome, ou a fama, ou mesmo com a ida para o céu. Eles funcionam apenas porque o bem resultará disso. Há outros que fazem o bem aos pobres e ajudam a humanidade por motivos ainda mais elevados, porque acreditam em fazer o bem e amam o bem. A motivação para obter nome e fama raramente traz resultados imediatos, como regra geral; eles vêm até nós quando estamos velhos e quase acabamos com a vida. Se um homem trabalha sem qualquer motivo egoísta em vista, não ganha nada? Sim, ele ganha o mais alto. O altruísmo compensa mais, só que as pessoas não têm paciência para praticá-lo. É mais compensador do ponto de vista da saúde também. O amor, a verdade e o altruísmo não são apenas figuras de linguagem morais, mas constituem o nosso ideal mais elevado, porque neles reside uma grande

manifestação de poder. Em primeiro lugar, um homem que consegue trabalhar cinco dias, ou mesmo cinco minutos, sem qualquer motivo egoísta, sem pensar no futuro, no céu, no castigo ou em qualquer coisa do gênero, tem em si a capacidade de se tornar um poderoso gigante moral. É difícil fazê-lo, mas no fundo sabemos o seu valor e o bem que traz. É a maior manifestação de poder – esta tremenda restrição; o autocontrole é uma manifestação de maior poder do que qualquer ação externa. Uma carruagem com quatro cavalos pode descer uma colina sem restrições, ou o cocheiro pode conter os cavalos. Qual é a maior manifestação de poder: deixá-los ir ou mantê-los? Uma bala de canhão voando pelo ar percorre uma longa distância e cai. Outro é interrompido em seu voo ao bater em uma parede, e o impacto gera calor intenso. Toda energia que sai por motivos egoístas é desperdiçada; não fará com que o poder retorne para você; mas se for restringido, resultará no desenvolvimento do poder. Este autocontrole tenderá a produzir uma vontade poderosa, um caráter que faz um Cristo ou um Buda. Os tolos não conhecem este segredo; no entanto, eles querem governar a humanidade. Até um tolo pode governar o mundo inteiro se trabalhar e esperar. Que espere alguns anos, restrinja essa ideia tola de governar; e quando essa ideia desaparecer completamente, ele será uma potência no mundo. A maioria de nós não consegue enxergar além de alguns anos, assim como alguns animais não conseguem enxergar além de alguns passos. Apenas um pequeno círculo estreito – esse é o nosso mundo. Não temos paciência para olhar além e assim nos tornamos imorais e perversos. Esta é a nossa fraqueza, a nossa impotência.

Mesmo as formas mais inferiores de trabalho não devem ser desprezadas. Deixe o homem, que não conhece nada melhor, trabalhar para fins egoístas, por nome e fama; mas todos deveriam sempre tentar alcançar motivos cada vez mais elevados e compreendê-los. “Temos direito ao trabalho, mas não aos seus frutos:” Deixe os frutos em paz. Por que se preocupar com resultados? Se você deseja ajudar um homem, nunca pense qual deveria ser a atitude desse homem em relação a você. Se você quer fazer um ótimo ou bom trabalho, não se preocupe em pensar qual será o resultado.

Surge uma questão difícil neste ideal de trabalho. É necessária atividade intensa; devemos trabalhar sempre. Não podemos viver um minuto sem trabalho. O que acontece então com o descanso? Aqui está um lado da luta

da vida – o trabalho, no qual somos girados rapidamente. E aqui está o outro - o da renúncia calma e retraída: tudo ao redor é pacífico, há muito pouco barulho e espetáculo, apenas a natureza com seus animais e flores e montanhas. Nenhum deles é uma imagem perfeita. Um homem acostumado à solidão, se for colocado em contato com o turbilhão do mundo, será esmagado por ela; assim como o peixe que vive nas águas profundas do mar, assim que é trazido à superfície, quebra-se em pedaços, privado do peso da água que o mantinha unido. Pode um homem que está acostumado com a agitação e a correria da vida viver em paz se for para um lugar tranquilo? Ele sofre e talvez possa perder a cabeça. O homem ideal é aquele que, no meio do maior silêncio e da solidão, encontra a atividade mais intensa, e no meio da atividade mais intensa encontra o silêncio e a solidão do deserto. Ele aprendeu o segredo da moderação, controlou-se. Ele percorre as ruas de uma grande cidade com todo o seu trânsito, e sua mente está tão calma como se estivesse em uma caverna, onde nenhum som pudesse alcançá-lo; e ele está trabalhando intensamente o tempo todo. Esse é o ideal do Karma-Yoga, e se você alcançou isso, você realmente aprendeu o segredo do trabalho.

Mas temos que começar do início, retomar as obras à medida que elas chegam até nós e, lentamente, tornar-nos mais altruístas a cada dia. Devemos fazer o trabalho e descobrir a força motriz que nos motiva; e, quase sem exceção, nos primeiros anos, descobriremos que os nossos motivos são sempre egoístas; mas gradualmente esse egoísmo se dissolverá pela persistência, até que finalmente chegará o tempo em que seremos capazes de realizar um trabalho realmente altruísta. Todos podemos esperar que um dia ou outro, enquanto lutamos pelos caminhos da vida, chegará um momento em que nos tornaremos perfeitamente altruístas; e no momento em que atingirmos isso, todos os nossos poderes estarão concentrados e o conhecimento que é nosso será manifesto.

1.2.2 CAPÍTULO 2: CADA UM É GRANDE NO SEU PRÓPRIO LUGAR

Segundo a filosofia Sâmkhya, a natureza é composta por três forças chamadas, em sânscrito, Sattva, Rajas e Tamas. Estas, conforme

manifestadas no mundo físico, são o que podemos chamar de equilíbrio, atividade e inércia. Tamas é tipificado como escuridão ou inatividade; Rajas é atividade, expressa como atração ou repulsão; e Sattva é o equilíbrio dos dois.

Em cada homem existem estas três forças. Às vezes, Tamas prevalece. Tornamo-nos preguiçosos, não podemos nos mover, ficamos inativos, presos a certas ideias ou à mera estupidez. Outras vezes a atividade prevalece, e outras vezes ainda aquele equilíbrio calmo de ambos. Novamente, em diferentes homens, uma destas forças é geralmente predominante. A característica de um homem é a inatividade, a monotonia e a preguiça; a de outro, atividade, poder, manifestação de energia; e ainda em outro encontramos a doçura, a calma e a gentileza, que se devem ao equilíbrio entre ação e inação. Assim, em toda a criação – nos animais, nas plantas e nos homens – encontramos a manifestação mais ou menos típica de todas estas diferentes forças.

Karma-Yoga tem especialmente que lidar com estes três fatores. Ao ensinar o que são e como empregá-los, ajuda-nos a fazer melhor o nosso trabalho. A sociedade humana é uma organização graduada. Todos sabemos sobre a moralidade e todos sabemos sobre o dever, mas, ao mesmo tempo, descobrimos que em diferentes países o significado da moralidade varia muito. O que é considerado moral num país pode ser considerado perfeitamente imoral noutro. Por exemplo, num país, os primos podem casar; em outro, é considerado muito imoral; numa delas, os homens podem casar com as cunhadas; noutro, é considerado imoral; num país as pessoas só podem casar uma vez; em outro, muitas vezes; e assim por diante. Da mesma forma, em todos os outros departamentos da moralidade, descobrimos que o padrão varia muito – mas temos a ideia de que deve haver um padrão universal de moralidade.

Assim é com o dever. A ideia de dever varia muito entre as diferentes nações. Num país, se um homem não fizer certas coisas, as pessoas dirão que ele agiu mal; ao passo que, se ele fizer essas mesmas coisas noutro país, as pessoas dirão que ele não agiu corretamente - e, no entanto, sabemos que deve haver alguma ideia universal de dever. Da mesma forma, uma classe da sociedade pensa que certas coisas estão entre os seus deveres, enquanto

outra classe pensa exactamente o contrário e ficaria horrorizada se tivesse de fazer essas coisas. Dois caminhos nos são deixados abertos - o caminho dos ignorantes, que pensam que só existe um caminho para a verdade e que todos os outros estão errados, e o caminho dos sábios, que admitem que, de acordo com a nossa constituição mental ou o diferentes planos de existência em que estamos, o dever e a moralidade podem variar. O importante é saber que existem gradações de dever e de moralidade – que o dever de um estado de vida, num conjunto de circunstâncias, não será e não pode ser o de outro.

Para ilustrar: Todos os grandes professores ensinaram: “Não resista ao mal”, que a não-resistência é o ideal moral mais elevado. Todos sabemos que, se um certo número de nós tentasse pôr plenamente em prática essa máxima, todo o tecido social desmoronaria, os ímpios tomariam posse das nossas propriedades e das nossas vidas, e fariam connosco o que quisessem. Mesmo que apenas um dia de tal não-resistência fosse praticado, isso levaria ao desastre. No entanto, intuitivamente, no fundo do nosso coração, sentimos a verdade do ensinamento “Não resistas ao mal”. Este parece-nos ser o ideal mais elevado; no entanto, ensinar apenas esta doutrina equivaleria a condenar uma vasta parte da humanidade. Não só isso, seria fazer com que os homens sentissem que estavam sempre fazendo o que era errado, e causaria neles escrúpulos de consciência em todas as suas ações; isso os enfraqueceria, e essa auto-aprovação constante geraria mais vícios do que qualquer outra fraqueza. Para o homem que começou a odiar-se a porta da degeneração já se abriu; e o mesmo se aplica a uma nação.

Nosso primeiro dever é não nos odiarmos, porque para avançar devemos ter fé primeiro em nós mesmos e depois em Deus. Aquele que não tem fé em si mesmo nunca poderá ter fé em Deus. Portanto, a única alternativa que nos resta é reconhecer que o dever e a moralidade variam em diferentes circunstâncias; não que o homem que resiste ao mal esteja fazendo o que é sempre e em si mesmo errado, mas que, nas diferentes circunstâncias em que se encontra, pode até se tornar seu dever resistir ao mal.

Ao ler o Bhagavad-Gita, muitos de vocês nos países ocidentais podem ter ficado surpresos com o segundo capítulo, onde Shri Krishna chama Arjuna de hipócrita e covarde por causa de sua recusa em lutar, ou oferecer

resistência, por seus adversários serem seus adversários. amigos e parentes, alegando que a não resistência era o ideal mais elevado de amor. Esta é uma grande lição que todos devemos aprender: em todos os assuntos os dois extremos são iguais. O extremo positivo e o extremo negativo são sempre semelhantes. Quando as vibrações da luz são muito lentas, não as vemos, nem as vemos quando são muito rápidas. O mesmo ocorre com o som; quando o tom é muito baixo, não ouvimos; quando muito alto, também não ouvimos. Da mesma natureza é a diferença entre resistência e não-resistência. Um homem não resiste porque é fraco, preguiçoso e não pode, não porque não quer; o outro sabe que pode desferir um golpe irresistível se quiser; ainda assim, ele não apenas não ataca, mas abençoa seus inimigos. Aquele que por fraqueza resiste não comete pecado e, como tal, não pode receber nenhum benefício da não resistência; enquanto o outro cometeria um pecado ao oferecer resistência. Buda desistiu do seu trono e renunciou à sua posição, essa foi a verdadeira renúncia; mas não pode haver qualquer questão de renúncia no caso de um mendigo que não tem nada a renunciar. Portanto, devemos sempre ter cuidado com o que realmente queremos dizer quando falamos dessa não-resistência e desse amor ideal. Devemos primeiro ter o cuidado de compreender se temos o poder de resistência ou não. Então, tendo o poder, se renunciarmos a ele e não resistirmos, estaremos realizando um grande ato de amor; mas se não conseguirmos resistir e, ao mesmo tempo, tentarmos nos enganar com a crença de que somos movidos por motivos do amor mais elevado, estaremos fazendo exatamente o oposto. Arjuna tornou-se um covarde ao ver a poderosa formação contra ele; seu "amor" o fez esquecer seu dever para com seu país e seu rei. É por isso que Shri Krishna lhe disse que ele era um hipócrita: Tu falas como um homem sábio, mas tuas ações revelam que você é um covarde; portanto, levante-se e lute!

Essa é a ideia central do Karma-Yoga. O Karma-Yogue é o homem que compreende que o ideal mais elevado é a não-resistência, e que também sabe que esta não-resistência é a mais elevada manifestação de poder na posse real, e também o que é chamado de resistir ao mal é apenas um passo no caminho para a manifestação deste poder superior, nomeadamente, a não-resistência. Antes de alcançar este ideal mais elevado, o dever do homem é resistir ao mal; deixe-o trabalhar, deixe-o lutar, deixe-o atacar

direto no ombro. Somente então, quando ele tiver adquirido o poder de resistir, a não-resistência será uma virtude.

Certa vez, conheci um homem em meu país que eu conhecia antes como uma pessoa muito estúpida e enfadonha, que nada sabia e não tinha o desejo de saber nada, e que vivia uma vida de bruto. Ele me perguntou o que deveria fazer para conhecer a Deus, como se libertaria. "Você pode contar uma mentira?" Eu perguntei a ele. "Não", ele respondeu. "Então você deve aprender a fazer isso. É melhor contar uma mentira do que ser um bruto, ou um tronco de madeira. Você está inativo; certamente não atingiu o estado mais elevado, que está além de todas as ações, calmo e sereno ; você é muito chato até para fazer algo perverso. Esse foi um caso extremo, claro, e eu estava brincando com ele; mas o que eu quis dizer foi que um homem deve ser ativo para passar da atividade à perfeita calma.

A inatividade deve ser evitada por todos os meios. Atividade sempre significa resistência. Resista a todos os males, mentais e físicos; e quando você conseguir resistir, então a calma virá. É muito fácil dizer: "Não odeie ninguém, não resista ao mal", mas sabemos o que esse tipo de coisa geralmente significa na prática. Quando os olhos da sociedade se voltam para nós, podemos fazer uma demonstração de não-resistência, mas nos nossos corações isso é cancro o tempo todo. Sentimos a total necessidade da calma da não resistência; sentimos que seria melhor resistirmos. Se você deseja riqueza e sabe ao mesmo tempo que o mundo inteiro considera aquele que almeja a riqueza como um homem muito perverso, talvez você não ouse mergulhar na luta pela riqueza, mas sua mente estará correndo dia e noite. noite atrás de dinheiro. Isso é hipocrisia e não servirá para nada. Mergulhe no mundo e então, depois de um tempo, quando você tiver sofrido e desfrutado tudo o que há nele, a renúncia virá; então a calma virá. Portanto, satisfaça o seu desejo de poder e tudo mais, e depois de ter satisfeito o desejo, chegará o momento em que você saberá que tudo isso são coisas muito pequenas; mas até que você tenha satisfeito esse desejo, até que tenha passado por essa atividade, será impossível chegar ao estado de calma, serenidade e auto-entrega. Estas ideias de serenidade e renúncia têm sido pregadas há milhares de anos; todo mundo já ouviu falar deles desde a infância e, ainda assim, vemos muito poucos no mundo que

realmente atingiram esse estágio. Não sei se na minha vida vi vinte pessoas realmente calmas e que não resistem, e já viajei por meio mundo.

Cada homem deve assumir o seu próprio ideal e esforçar-se por realizá-lo. Esse é um caminho mais seguro para progredir do que assumir os ideais de outros homens, que ele nunca poderá esperar realizar. Por exemplo, pegamos uma criança e imediatamente lhe damos a tarefa de caminhar trinta quilômetros. Ou o pequenino morre, ou um em cada mil rasteja os trinta quilômetros, para chegar ao fim exausto e meio morto. Isso é o que geralmente tentamos fazer com o mundo. Todos os homens e mulheres, em qualquer sociedade, não têm a mesma mente, capacidade ou o mesmo poder para fazer as coisas; eles devem ter ideais diferentes, e não temos o direito de zombar de nenhum ideal. Que cada um faça o melhor que puder para realizar o seu próprio ideal. Nem é certo que eu seja julgado pelos seus padrões ou você pelos meus. A macieira não deve ser julgada pelo padrão do carvalho, nem o carvalho pelo padrão da maçã. Para julgar a macieira você deve seguir o padrão da maçã e, para o carvalho, o seu próprio padrão.

A unidade na variedade é o plano da criação. Por mais que homens e mulheres possam variar individualmente, há unidade em segundo plano. Os diferentes personagens e classes individuais de homens e mulheres são variações naturais da criação. Portanto, não devemos julgá-los pelo mesmo padrão ou apresentar-lhes o mesmo ideal. Tal atitude cria apenas uma luta antinatural, e o resultado é que o homem começa a odiar-se e é impedido de se tornar religioso e bom. Nosso dever é encorajar cada um em sua luta a viver de acordo com seu ideal mais elevado e, ao mesmo tempo, esforçar-se para tornar o ideal o mais próximo possível da verdade.

No sistema de moralidade hindu descobrimos que este facto tem sido reconhecido desde tempos muito antigos; e nas suas escrituras e livros sobre ética são estabelecidas regras diferentes para as diferentes classes de homens – o chefe de família, o Sannyâsin (o homem que renunciou ao mundo) e o estudante.

A vida de cada indivíduo, segundo as escrituras hindus, tem seus deveres peculiares, independentemente daquilo que pertence em comum à humanidade universal. O hindu começa a vida como estudante; então ele se casa e se torna chefe de família; na velhice ele se aposenta; e por último ele

desiste do mundo e se torna um Sannyasin. A cada uma dessas fases da vida estão associados certos deveres. Nenhum desses estágios é intrinsecamente superior a outro. A vida do homem casado é tão grande quanto a do celibatário que se dedicou ao trabalho religioso. O necrófago na rua é tão grande e glorioso quanto o rei em seu trono. Tire-o do trono, faça-o fazer o trabalho do necrófago e veja como ele se sai. Pegue o necrófago e veja como ele governará. É inútil dizer que o homem que vive fora do mundo é um homem maior do que aquele que vive no mundo; é muito mais difícil viver no mundo e adorar a Deus do que desistir dele e viver uma vida fácil e livre. Os quatro estágios da vida na Índia foram posteriormente reduzidos a dois – o do chefe de família e o do monge. O chefe de família casa-se e exerce os seus deveres de cidadão, e o dever do outro é dedicar todas as suas energias à religião, à pregação e à adoração a Deus. Lerei para vocês algumas passagens do Maha-Nirvâna-Tantra, que trata deste assunto, e vocês verão que é uma tarefa muito difícil para um homem ser chefe de família e desempenhar perfeitamente todos os seus deveres:

O chefe de família deve ser dedicado a Deus; o conhecimento de Deus deve ser seu objetivo de vida. No entanto, ele deve trabalhar constantemente, cumprir todos os seus deveres; ele deve entregar os frutos de suas ações a Deus.

É a coisa mais difícil neste mundo trabalhar e não se importar com o resultado, ajudar um homem e nunca pensar que ele deveria ser grato, fazer um bom trabalho e ao mesmo tempo nunca olhar para ver se isso lhe traz benefícios, nome ou fama, ou nada. Até o covarde mais flagrante torna-se corajoso quando o mundo o elogia. Um tolo pode cometer atos heróicos quando a aprovação da sociedade está sobre ele, mas para um homem fazer constantemente o bem sem se importar com a aprovação de seus semelhantes é de fato o maior sacrifício que o homem pode realizar. O grande dever do chefe de família é ganhar a vida, mas ele deve tomar cuidado para não fazê-lo contando mentiras, enganando ou roubando os outros; e ele deve lembrar que sua vida é para o serviço de Deus e dos pobres.

Sabendo que a mãe e o pai são os representantes visíveis de Deus, o chefe de família, sempre e por todos os meios, deve agradá-los. Se a mãe está

satisfeita e o pai, Deus está satisfeito com o homem. Aquela criança é realmente uma boa criança que nunca fala palavras duras com os pais.

Diante dos pais não se deve fazer piadas, não se deve demonstrar inquietação, não se deve demonstrar raiva ou temperamento. Diante da mãe ou do pai, a criança deve curvar-se e levantar-se na presença deles, e não deve sentar-se até que lhe ordenem que se sente.

Se o chefe de família tem comida, bebida e roupas sem primeiro ver que sua mãe e seu pai, seus filhos, sua esposa e os pobres são supridos, ele está cometendo um pecado. A mãe e o pai são as causas deste corpo; portanto, um homem deve passar por mil problemas para fazer o bem a eles.

Mesmo assim é seu dever para com sua esposa. Nenhum homem deve repreender sua esposa e deve sempre mantê-la como se ela fosse sua própria mãe. E mesmo quando ele estiver passando por grandes dificuldades e problemas, ele não deve demonstrar raiva de sua esposa.

Aquele que pensa em outra mulher além de sua esposa, mesmo que a toque com a mente, esse homem vai para o inferno sombrio.

Diante das mulheres ele não deve falar linguagem imprópria e nunca se gabar de seus poderes. Ele não deve dizer: “Eu fiz isso e fiz aquilo”.

O chefe de família deve sempre agradar a sua esposa com dinheiro, roupas, amor, fé e palavras como néctar, e nunca fazer nada que a perturbe. Aquele homem que conseguiu obter o amor de uma esposa casta teve sucesso em sua religião e possui todas as virtudes.

São deveres para com as crianças:

Um filho deve ser criado com amor até o quarto ano; ele deveria ser educado até os dezesseis anos. Quando ele tiver vinte anos de idade, deverá estar empregado em algum trabalho; ele deveria então ser tratado afetuosamente por seu pai como seu igual. Exatamente da mesma maneira a filha deve ser educada e educada com o maior cuidado. E quando ela se casar, o pai deverá dar-lhe jóias e riquezas.

Então o dever do homem é para com seus irmãos e irmãs, e para com os filhos de seus irmãos e irmãs, se forem pobres, e para com seus outros parentes, seus amigos e seus servos. Então, seus deveres são para com as pessoas da mesma aldeia, e os pobres, e qualquer pessoa que venha até ele em busca de ajuda. Tendo meios suficientes, se o chefe de família não se preocupa em dar aos seus parentes e aos pobres, saiba que ele é apenas um bruto; ele não é um ser humano.

O apego excessivo à comida, às roupas, aos cuidados com o corpo e ao penteado deve ser evitado. O chefe de família deve ser puro de coração e limpo de corpo, sempre ativo e sempre pronto para trabalhar.

Para os seus inimigos, o chefe de família deve ser um herói. A eles ele deve resistir. Esse é o dever do chefe de família. Ele não deve sentar-se num canto e chorar, e falar bobagens sobre não-resistência. Se ele não se mostrar um herói diante de seus inimigos, não terá cumprido seu dever. E com seus amigos e parentes ele deve ser gentil como um cordeiro.

É dever do chefe de família não prestar reverência aos ímpios; porque, se ele reverencia as pessoas más do mundo, ele patrocina a maldade; e será um grande erro se ele desconsiderar aqueles que são dignos de respeito, as pessoas boas. Ele não deve estar entusiasmado com sua amizade; ele não deve se esforçar para fazer amigos em todos os lugares; ele deve observar as ações dos homens com quem deseja fazer amizade e suas relações com outros homens, raciocinar sobre eles e então fazer amigos.

Essas três coisas ele não deve falar. Ele não deve falar em público sobre sua própria fama; ele não deve pregar seu próprio nome ou seus próprios poderes; ele não deve falar sobre sua riqueza ou sobre qualquer coisa que lhe tenha sido contada em particular.

Um homem não deve dizer que é pobre ou rico – não deve gabar-se da sua riqueza. Deixe-o manter seu próprio conselho; este é o seu dever religioso. Isto não é mera sabedoria mundana; se um homem não o fizer, poderá ser considerado imoral.

O chefe de família é a base, o suporte de toda a sociedade. Ele é o principal ganhador. Os pobres, os fracos, as crianças e as mulheres que não trabalham

— todos vivem às custas do chefe de família; portanto, deve haver certos deveres que ele deve cumprir, e esses deveres devem fazê-lo sentir-se forte para cumpri-los, e não fazê-lo pensar que está fazendo coisas abaixo de seu ideal. Portanto, se ele fez algo fraco, ou cometeu algum erro, não deve dizê-lo em público; e se ele está envolvido em algum empreendimento e sabe que certamente fracassará nele, não deve falar sobre isso. Tal auto-exposição não só é desnecessária, mas também enerva o homem e torna-o inadequado para o desempenho dos seus legítimos deveres na vida. Ao mesmo tempo, ele deve lutar arduamente para adquirir essas coisas – em primeiro lugar, conhecimento e, em segundo lugar, riqueza. É seu dever, e se ele não cumprir o seu dever, ele não será ninguém. Um chefe de família que não luta para obter riqueza é imoral. Se ele é preguiçoso e se contenta em levar uma vida ociosa, ele é imoral, porque dele dependem centenas de pessoas. Se ele obtiver riquezas, centenas de outros serão sustentados.

Se não houvesse nesta cidade centenas de pessoas que se esforçaram para enriquecer e adquiriram riqueza, onde estaria toda esta civilização, e estas casas de caridade e grandes casas?

Nesse caso, ir atrás de riqueza não é mau, porque essa riqueza é para distribuição. O chefe de família é o centro da vida e da sociedade. É uma adoração para ele adquirir e gastar riquezas nobremente, pois o chefe de família que luta para enriquecer por bons meios e com bons propósitos está fazendo praticamente a mesma coisa para alcançar a salvação que o anacoreta faz em sua cela quando está orando. ; pois neles vemos apenas os diferentes aspectos da mesma virtude de auto-entrega e auto-sacrifício motivados pelo sentimento de devoção a Deus e a tudo o que é Seu.

Ele deve lutar para adquirir um bom nome por todos os meios. Ele não deve jogar, não deve andar na companhia dos ímpios, não deve contar mentiras e não deve ser causa de problemas para os outros.

Muitas vezes as pessoas envolvem-se em coisas que não têm meios para realizar, e como resultado enganam os outros para atingirem os seus próprios fins. Depois, há em todas as coisas o fator tempo a ser levado em consideração; o que em um momento pode ser um fracasso, talvez em outro momento seja um grande sucesso.

O chefe de família deve falar a verdade e falar gentilmente, usando palavras que as pessoas gostem e que façam bem aos outros; nem deveria ele falar dos negócios de outros homens.

O chefe de família, ao cavar tanques, ao plantar árvores nas margens das estradas, ao estabelecer casas de repouso para homens e animais, ao construir estradas e construir pontes, vai em direção ao mesmo objetivo que o maior Yogi.

Esta é uma parte da doutrina do Karma-Yoga – a atividade, o dever do chefe de família. Há uma passagem mais adiante, onde diz que “se o chefe de família morre em batalha, lutando por seu país ou por sua religião, ele atinge o mesmo objetivo que o Iogue pela meditação”, mostrando assim que o que é dever para alguém não é dever para outro. Ao mesmo tempo, não diz que este dever é rebaixador e o outro elevante. Cada dever tem o seu lugar e, de acordo com as circunstâncias em que nos encontramos, devemos cumprir os nossos deveres.

Uma ideia surge de tudo isso – a condenação de toda fraqueza. Esta é uma ideia particular em todos os nossos ensinamentos que me agradam, seja na filosofia, seja na religião, ou no trabalho. Se você ler os Vedas, encontrará esta palavra sempre repetida – destemor – não tema nada. O medo é um sinal de fraqueza. Um homem deve cumprir seus deveres sem prestar atenção aos escárnios e ao ridículo do mundo.

Se um homem se retira do mundo para adorar a Deus, ele não deve pensar que aqueles que vivem no mundo e trabalham para o bem do mundo não estão adorando a Deus: nem devem aqueles que vivem no mundo, por esposa e filhos, pensar que aqueles que desistem do mundo são vagabundos inferiores. Cada um é ótimo em seu próprio lugar. Ilustrarei esse pensamento com uma história.

Um certo rei costumava perguntar a todos os Sannyasins que vinham para seu país: “Qual é o homem maior – aquele que abandona o mundo e se torna um Sannyasin, ou aquele que vive no mundo e desempenha seus deveres como chefe de família? ” Muitos sábios procuraram resolver o problema. Alguns afirmaram que o Sannyasin era o maior, e o rei exigiu que eles provassem sua afirmação. Quando não puderam, ele ordenou que

se casassem e se tornassem chefes de família. Então vieram outros e disseram: “O chefe de família que cumpre seus deveres é o homem mais importante”. Deles, também, o rei exigiu provas. Quando não puderam dá-los, ele fez com que também se estabelecessem como chefes de família.

Finalmente chegou um jovem Sannyasin, e o rei também perguntou a ele da mesma forma. Ele respondeu: “Cada um, ó rei, é igualmente grande em seu lugar”. “Prove isso para mim”, pediu o rei. “Eu vou provar isso para você”, disse o Sannyasin, “mas primeiro você deve vir e viver como eu por alguns dias, para que eu possa provar a você o que digo.” O rei consentiu e seguiu o Sannyasin para fora de seu próprio território e passou por muitos outros países até chegarem a um grande reino. Na capital daquele reino estava acontecendo uma grande cerimônia. O rei e o Sannyasin ouviram o barulho de tambores e música, e ouviram também os clamores; o povo estava reunido nas ruas em trajes de gala e uma grande proclamação estava sendo feita. O rei e o Sannyasin ficaram ali para ver o que estava acontecendo. O arauto proclamava em voz alta que a princesa, filha do rei daquele país, estava prestes a escolher um marido entre os que estavam reunidos diante dela.

Era um antigo costume na Índia que as princesas escolhessem os maridos dessa maneira. Cada princesa tinha certas ideias sobre o tipo de homem que desejava como marido. Alguns teriam o homem mais bonito, outros teriam apenas o mais culto, outros ainda o mais rico, e assim por diante. Todos os príncipes do bairro vestiram seus trajes mais corajosos e se apresentaram diante dela. Às vezes, eles também tinham seus próprios pregoeiros para enumerar suas vantagens e as razões pelas quais esperavam que a princesa os escolhesse. A princesa foi levada para um trono, na mais esplêndida vestimenta, e olhou e ouviu falar deles. Se ela não estivesse satisfeita com o que via e ouvia, ela dizia aos seus portadores: “Vão em frente”, e não se dava mais atenção aos pretendentes rejeitados. Se, porém, a princesa ficasse satisfeita com algum deles, ela jogava uma guirlanda de flores sobre ele e ele se tornava seu marido.

A princesa do país para onde nosso rei e o Sannyasin tinham vindo estava tendo uma dessas cerimônias interessantes. Ela era a princesa mais linda do mundo, e o marido da princesa seria o governante do reino após a morte de

seu pai. A ideia desta princesa era casar com o homem mais bonito, mas ela não conseguia encontrar o homem certo que a agradasse. Várias vezes essas reuniões aconteceram, mas a princesa não conseguiu escolher um marido. Este encontro foi o mais esplêndido de todos; mais pessoas do que nunca compareceram. A princesa subiu ao trono e os portadores a carregaram de um lugar para outro. Ela não parecia se importar com ninguém, e todos ficaram desapontados porque esta reunião também seria um fracasso. Nesse momento apareceu um jovem, um Sannyasin, bonito como se o sol tivesse descido à terra, e ficou num canto da assembléia, observando o que estava acontecendo. O trono com a princesa chegou perto dele, e assim que ela viu o belo Sannyasin, ela parou e jogou a guirlanda sobre ele. O jovem Sannyasin agarrou a guirlanda e jogou-a fora, exclamando: "Que bobagem é essa? Eu sou um Sannyasin. O que é o casamento para mim?" O rei daquele país pensou que talvez este homem fosse pobre e por isso não ousou se casar com a princesa, e disse-lhe: "Com minha filha vai metade do meu reino agora, e todo o reino depois da minha morte!" e coloque a guirlanda novamente no Sannyasin. O jovem se irritou mais uma vez, dizendo: "Bobagem! Não quero me casar", e afastou-se rapidamente da assembléia.

Agora a princesa estava tão apaixonada por esse jovem que disse: "Devo me casar com esse homem ou morrerei"; e ela foi atrás dele para trazê-lo de volta. Então nosso outro Sannyasin, que havia trazido o rei para lá, disse-lhe: "Rei, vamos seguir este par"; então eles caminharam atrás deles, mas a uma boa distância atrás. O jovem Sannyasin que se recusou a se casar com a princesa caminhou pelo campo por vários quilômetros. Quando ele chegou a uma floresta e entrou nela, a princesa o seguiu e as outras duas os seguiram. Agora, este jovem Sannyasin conhecia bem aquela floresta e conhecia todos os caminhos intrincados que havia nela. De repente, ele passou por um deles e desapareceu, e a princesa não conseguiu descobri-lo. Depois de muito tentar encontrá-lo, ela sentou-se debaixo de uma árvore e começou a chorar, pois não sabia a saída. Então nosso rei e o outro Sannyasin vieram até ela e disseram: "Não chore; nós lhe mostraremos o caminho para sair desta floresta, mas está muito escuro para que possamos encontrá-lo agora. Aqui está uma grande árvore; vamos descansar embaixo dela e pela manhã iremos cedo e lhe mostraremos o caminho."

Agora um passarinho e sua esposa e seus três pequeninos viviam naquela árvore, num ninho. Este passarinho olhou para baixo e viu as três pessoas debaixo da árvore e disse à sua esposa: "Minha querida, o que devemos fazer? Aqui estão alguns convidados na casa, e é inverno e não temos fogo." Então ele voou e pegou um pedaço de lenha acesa no bico e jogou-o diante dos convidados, aos quais eles acrescentaram combustível e acenderam uma fogueira. Mas o passarinho não ficou satisfeito. Ele disse novamente à esposa: "Minha querida, o que devemos fazer? Não há nada para dar a essas pessoas para comer, e elas estão com fome. Somos chefes de família; é nosso dever alimentar qualquer pessoa que venha à casa. Eu devo fazer o que puder, eu lhes darei meu corpo." Então ele mergulhou no meio do fogo e morreu. Os convidados o viram cair e tentaram salvá-lo, mas ele foi rápido demais para eles.

A esposa do passarinho viu o que seu marido fez e disse: "Aqui estão três pessoas e apenas um passarinho para eles comerem. ; deixe-os ficar com meu corpo também. Então ela caiu no fogo e morreu queimada.

Então os três passarinhos, quando viram o que foi feito e que ainda não havia comida suficiente para os três convidados, disseram: "Nossos pais fizeram o que puderam e ainda assim não é suficiente. É nosso dever continuar o trabalho de nossos pais; deixe nossos corpos irem também." E todos eles também precipitaram-se no fogo.

Espantados com o que viram, é claro que as três pessoas não podiam comer essas aves. Eles passaram a noite sem comer, e pela manhã o rei e o Sannyasin mostraram o caminho à princesa, e ela voltou para seu pai.

Então o Sannyasin disse ao rei: "Rei, você viu que cada um é grande em seu próprio lugar. Se você quer viver no mundo, viva como aqueles pássaros, prontos a qualquer momento para se sacrificar pelos outros. renunciar ao mundo, ser como aquele jovem para quem a mulher mais bela e um reino não eram nada. Se você quer ser chefe de família, considere a sua vida um sacrifício pelo bem dos outros e se você escolher a vida de renúncia; , nem olhe para a beleza, o dinheiro e o poder. Cada um é grande em seu lugar, mas o dever de um não é o dever do outro.

1.2.3 CAPÍTULO 3: O SEGREDO DO TRABALHO

Ajudar os outros fisicamente, eliminando as suas necessidades físicas, é realmente ótimo, mas a ajuda é grande conforme a necessidade é maior e conforme a ajuda é de grande alcance. Se as necessidades de um homem podem ser eliminadas por uma hora, isso o está realmente ajudando; se suas necessidades puderem ser eliminadas por um ano, isso será de maior ajuda para ele; mas se suas necessidades podem ser eliminadas para sempre, esta é certamente a maior ajuda que pode ser dada a ele. O conhecimento espiritual é a única coisa que pode destruir para sempre as nossas misérias; qualquer outro conhecimento satisfaz desejos apenas por um tempo. É somente com o conhecimento do espírito que a faculdade da necessidade é aniquilada para sempre; portanto, ajudar o homem espiritualmente é a maior ajuda que pode ser dada a ele. Aquele que dá ao homem o conhecimento espiritual é o maior benfeitor da humanidade e, como tal, sempre descobrimos que aqueles foram os mais poderosos dos homens que ajudaram o homem nas suas necessidades espirituais, porque a espiritualidade é a verdadeira base de todas as nossas atividades na vida. Um homem espiritualmente forte e são será forte em todos os outros aspectos, se assim o desejar. Até que haja força espiritual no homem, mesmo as necessidades físicas não poderão ser bem satisfeitas. Ao lado da ajuda espiritual vem a ajuda intelectual. A dádiva do conhecimento é uma dádiva muito mais elevada do que a do alimento e da roupa; é ainda mais elevado do que dar vida a um homem, porque a verdadeira vida do homem consiste em conhecimento. Ignorância é morte, conhecimento é vida. A vida tem muito pouco valor se for uma vida no escuro, tateando na ignorância e na miséria. O próximo passo, é claro, é ajudar um homem fisicamente. Portanto, ao considerar a questão de ajudar os outros, devemos sempre esforçar-nos para não cometer o erro de pensar que a ajuda física é a única ajuda que pode ser dada. Não é apenas o último, mas o menos importante, porque não pode trazer satisfação permanente. A miséria que sinto quando estou com fome é satisfeita comendo, mas a fome volta; minha miséria só pode cessar quando estou satisfeito além de qualquer necessidade. Então a fome não me deixará infeliz; nenhuma angústia, nenhuma tristeza será capaz de me comover. Então, aquela ajuda que tende a nos fortalecer espiritualmente é a mais elevada, depois vem a ajuda intelectual e depois a ajuda física.

As misérias do mundo não podem ser curadas apenas com ajuda física. Até que a natureza do homem mude, estas necessidades físicas sempre surgirão, e as misérias sempre serão sentidas, e nenhuma quantidade de ajuda física poderá curá-las completamente. A única solução para este problema é tornar a humanidade pura. A ignorância é a mãe de todo o mal e de toda a miséria que vemos. Deixem os homens terem luz, deixem-nos ser puros e espiritualmente fortes e educados, só então a miséria cessará no mundo, não antes. Podemos converter todas as casas do país num asilo de caridade, podemos encher o país com hospitais, mas a miséria do homem continuará a existir até que o carácter do homem mude.

Lemos repetidas vezes no Bhagavad-Gita que todos devemos trabalhar incessantemente. Todo trabalho é por natureza composto de bem e mal. Não podemos fazer nenhum trabalho que não traga algum bem em algum lugar; não pode haver nenhum trabalho que não cause algum dano em algum lugar. Toda obra deve necessariamente ser uma mistura do bem e do mal; ainda assim, somos ordenados a trabalhar incessantemente. O bem e o mal terão ambos os seus resultados, produzirão o seu Karma. Boas ações acarretarão bons efeitos para nós; ação ruim, ruim. Mas o bem e o mal são ambos escravos da alma. A solução alcançada no Gita em relação a esta natureza do trabalho que produz escravidão é que, se não nos apegarmos ao trabalho que fazemos, ele não terá qualquer efeito vinculativo na nossa alma. Tentaremos compreender o que significa este “desapego” ao trabalho.

Esta é a ideia central do Gita: trabalhe incessantemente, mas não se apegue a isso. Samskâra pode ser traduzido quase como “tendência inerente”. Usando a comparação de um lago para a mente, cada ondulação, cada onda que surge na mente, quando desaparece, não desaparece completamente, mas deixa uma marca e uma possibilidade futura de que essa onda volte a surgir. Essa marca, com possibilidade de reaparecimento da onda, é o que se chama Samskâra. Cada trabalho que fazemos, cada movimento do corpo, cada pensamento que pensamos, deixa tal impressão na substância mental, e mesmo quando tais impressões não são óbvias na superfície, são suficientemente fortes para funcionarem abaixo da superfície, subconscientemente. O que somos a cada momento é determinado pela soma total dessas impressões na mente. O que sou neste momento é o efeito da soma total de todas as impressões da minha vida passada. Isto é

realmente o que significa caráter; o caráter de cada homem é determinado pela soma total dessas impressões. Se prevalecerem as boas impressões, o caráter se tornará bom; se for ruim, torna-se ruim. Se um homem ouve continuamente palavras, tem maus pensamentos, pratica más ações, sua mente ficará cheia de más impressões; e eles influenciarão seu pensamento e trabalho sem que ele esteja consciente disso. Na verdade, essas más impressões estão sempre funcionando, e sua resultante deve ser má, e esse homem será um homem mau; ele não pode evitar. A soma total dessas impressões criará nele uma forte força motriz para praticar más ações. Ele será como uma máquina nas mãos de suas impressões, e elas o forçarão a fazer o mal. Da mesma forma, se um homem tem bons pensamentos e pratica boas obras, a soma total destas impressões será boa; e eles, de maneira semelhante, o forçarão a fazer o bem, mesmo apesar de si mesmo. Quando um homem fez tanto trabalho bom e teve tantos pensamentos bons que existe nele uma tendência irresistível de fazer o bem apesar de si mesmo e mesmo que deseje fazer o mal, sua mente, como a soma total de suas tendências, não permitirá que ele faça isso; as tendências o farão voltar atrás; ele está completamente sob a influência das boas tendências. Quando for esse o caso, diz-se que o bom caráter de um homem está estabelecido.

Assim como a tartaruga enfia os pés e a cabeça dentro da carapaça, e você pode matá-la e quebrá-la em pedaços, mas ela não sairá, mesmo assim o caráter daquele homem que tem controle sobre seus motivos e órgãos é imutavelmente estabelecido. Ele controla suas próprias forças internas e nada pode atraí-las contra sua vontade. Através deste reflexo contínuo de bons pensamentos, boas impressões movendo-se sobre a superfície da mente, a tendência para fazer o bem torna-se forte e, como resultado, sentimo-nos capazes de controlar os Indriyas (os órgãos dos sentidos, os centros nervosos). Somente assim o caráter será estabelecido, somente então o homem chegará à verdade. Tal homem está seguro para sempre; ele não pode fazer nenhum mal. Você pode colocá-lo em qualquer companhia, não haverá perigo para ele. Existe um estado ainda mais elevado do que ter esta boa tendência, e esse é o desejo de libertação. Você deve lembrar que a liberdade da alma é o objetivo de todos os Yogas, e cada um leva igualmente ao mesmo resultado. Somente pelo trabalho, os homens podem chegar onde Buda chegou, em grande parte, pela meditação, ou Cristo, pela oração. Buda era um Jnâni trabalhador, Cristo era um Bhakta, mas o mesmo

objetivo foi alcançado por ambos. A dificuldade está aqui. Libertação significa liberdade total – liberdade da escravidão do bem, bem como da escravidão do mal. Uma corrente de ouro é tão corrente quanto uma corrente de ferro. Tenho um espinho no dedo e uso outro para tirar o primeiro; e depois de tirá-lo, jogo os dois de lado; Não tenho necessidade de guardar o segundo espinho, porque afinal ambos são espinhos. Assim, as más tendências devem ser neutralizadas pelas boas, e as más impressões na mente devem ser removidas pelas novas ondas de boas, até que tudo o que é mau quase desapareça, ou seja subjugado e mantido sob controle em um canto do mundo. a mente; mas depois disso, as boas tendências também deverão ser conquistadas. Assim, o “apegado” torna-se o “desapegado”. Trabalhe, mas não deixe que a ação ou o pensamento produzam uma impressão profunda na mente. Deixe as ondulações irem e virem, deixe que grandes ações procedam dos músculos e do cérebro, mas não deixe que elas causem nenhuma impressão profunda na alma.

Como isso pode ser feito? Vemos que a impressão de qualquer ação à qual nos apegamos permanece. Posso encontrar centenas de pessoas durante o dia, e entre elas encontrar também alguém que amo; e quando me retiro à noite, posso tentar pensar em todos os rostos que vi, mas apenas aquele rosto vem à mente - o rosto que encontrei talvez apenas por um minuto, e que amei; todos os outros desapareceram. Meu apego a essa pessoa em particular causou uma impressão mais profunda em minha mente do que todos os outros rostos. Fisiologicamente, as impressões foram todas iguais; cada um dos rostos que vi retratava-se na retina, e o cérebro absorveu as imagens, e ainda assim não houve semelhança de efeito na mente. A maioria dos rostos, talvez, eram rostos inteiramente novos, nos quais eu nunca havia pensado antes, mas aquele rosto do qual tive apenas um vislumbre encontrou associações em seu interior. Talvez eu o tivesse imaginado durante anos, soubesse centenas de coisas sobre ele, e essa nova visão dele despertou centenas de lembranças adormecidas em minha mente; e esta impressão, tendo sido repetida talvez cem vezes mais do que as dos diferentes rostos juntos, produzirá um grande efeito na mente.

Portanto, seja “desapegado”; deixe as coisas funcionarem; deixe os centros cerebrais funcionarem; trabalhe incessantemente, mas não deixe que uma onda conquiste a mente. Trabalhe como se você fosse um estranho nesta

terra, um peregrino; trabalhem incessantemente, mas não se prendam; a escravidão é terrível. Este mundo não é a nossa habitação, é apenas uma das muitas etapas pelas quais estamos passando. Lembre-se daquele grande ditado do Sâmkhya: “Toda a natureza é para a alma, não a alma para a natureza”. A própria razão da existência da natureza é a educação da alma; não tem outro significado; está aí porque a alma deve ter conhecimento e, através do conhecimento, libertar-se. Se sempre nos lembrarmos disso, nunca estaremos apegados à natureza; saberemos que a natureza é um livro no qual devemos ler e que, quando tivermos adquirido o conhecimento necessário, o livro não terá mais valor para nós. Em vez disso, porém, estamos nos identificando com a natureza; pensamos que a alma está para a natureza, que o espírito está para a carne e, como diz o ditado popular, pensamos que o homem “vive para comer” e não “come para viver”. Cometemos continuamente esse erro; consideramos a natureza como nós mesmos e nos apegamos a ela; e assim que surge esse apego, há uma impressão profunda na alma, que nos prende e nos faz trabalhar não em liberdade, mas como escravos.

A essência deste ensinamento é que você deve trabalhar como um mestre e não como um escravo; trabalhe incessantemente, mas não faça trabalho escravo. Você não vê como todo mundo funciona? Ninguém pode estar totalmente em repouso; noventa e nove por cento da humanidade trabalham como escravos e o resultado é a miséria; é tudo um trabalho egoísta. Trabalhe através da liberdade! Trabalhe através do amor! A palavra “amor” é muito difícil de entender; o amor nunca chega até que haja liberdade. Não há amor verdadeiro possível no escravo. Se você comprar um escravo e amarrá-lo com correntes e fazê-lo trabalhar para você, ele trabalhará como um escravo, mas não haverá amor nele. Portanto, quando nós mesmos trabalhamos pelas coisas do mundo como escravos, não pode haver amor em nós, e nosso trabalho não é um trabalho verdadeiro. Isto é verdade para o trabalho feito para parentes e amigos, e também para o trabalho feito para nós mesmos. O trabalho egoísta é trabalho de escravo; e aqui está um teste. Todo ato de amor traz felicidade; não há ato de amor que não traga paz e bem-aventurança como reação. A existência real, o conhecimento real e o amor real estão eternamente ligados um ao outro, os três em um: onde um deles está, os outros também devem estar; eles são os três aspectos do Um sem segundo - a Existência - Conhecimento - Bem-aventurança. Quando

essa existência se torna relativa, nós a vemos como o mundo; que o conhecimento se transforma, por sua vez, no conhecimento das coisas do mundo; e essa bem-aventurança constitui a base de todo amor verdadeiro conhecido pelo coração do homem. Portanto, o verdadeiro amor nunca pode reagir de modo a causar dor ao amante ou ao amado. Suponha que um homem ame uma mulher; ele deseja tê-la só para ele e sente extremo ciúme de cada movimento dela; ele quer que ela se sente perto dele, fique perto dele e coma e se mova conforme sua ordem. Ele é um escravo dela e deseja tê-la como sua escrava. Isso não é amor; é uma espécie de afeto mórbido do escravo, insinuando-se como amor. Não pode ser amor, porque é doloroso; se ela não fizer o que ele quer, isso lhe trará dor. Com amor não há reação dolorosa; o amor só traz uma reação de felicidade; se não, não é amor; é confundir outra coisa com amor. Quando você conseguir amar seu marido, sua esposa, seus filhos, o mundo inteiro, o universo, de tal maneira que não haja nenhuma reação de dor ou ciúme, nenhum sentimento egoísta, então você estará em um estado adequado para ser desapegado. .

Krishna diz: "Olhe para mim, Arjuna! Se eu parar de trabalhar por um momento, o universo inteiro morrerá. Não tenho nada a ganhar com o trabalho; eu sou o único Senhor, mas por que trabalho? Porque amo o mundo ." Deus é desapegado porque ama; que o amor verdadeiro nos torna desapegados. Onde quer que haja apego, o apego às coisas do mundo, você deve saber que tudo isso é atração física entre conjuntos de partículas de matéria – algo que atrai dois corpos para cada vez mais perto e o tempo todo e, se eles não conseguirem chegar perto o suficiente, produz dor; mas onde existe amor verdadeiro, ele não se baseia de forma alguma no apego físico. Esses amantes podem estar a milhares de quilômetros de distância um do outro, mas o amor deles será o mesmo; não morre e nunca produzirá qualquer reação dolorosa.

Alcançar esse desapego é quase um trabalho para toda a vida, mas assim que chegamos a esse ponto, atingimos a meta do amor e nos tornamos livres; a escravidão da natureza cai de nós e vemos a natureza como ela é; ela não forja mais correntes para nós; somos inteiramente livres e não levamos em consideração os resultados do trabalho; quem então se importa com quais serão os resultados?

Você pede alguma coisa aos seus filhos em troca do que você lhes deu? É seu dever trabalhar para eles, e aí o assunto termina. Em tudo o que você fizer por uma determinada pessoa, cidade ou estado, assuma em relação a isso a mesma atitude que você tem em relação a seus filhos – não espere nada em troca. Se você puder invariavelmente assumir a posição de um doador, em que tudo que você dá é uma oferta gratuita ao mundo, sem qualquer pensamento de retorno, então seu trabalho não lhe trará nenhum apego. O apego só vem onde esperamos retorno.

Se trabalhar como escravos resulta em egoísmo e apego, trabalhar como senhor da nossa própria mente dá origem à felicidade do desapego. Falamos frequentemente de direito e justiça, mas descobrimos que no mundo o direito e a justiça são apenas conversa de criança. Existem duas coisas que guiam a conduta dos homens: poder e misericórdia. O exercício do poder é invariavelmente o exercício do egoísmo. Todos os homens e mulheres tentam aproveitar ao máximo qualquer poder ou vantagem que possuam. A misericórdia é o próprio céu; para sermos bons, todos temos que ser misericordiosos. Até mesmo a justiça e o direito devem depender da misericórdia. Qualquer pensamento de obter retorno pelo trabalho que fazemos dificulta o nosso progresso espiritual; não, no final traz miséria. Existe outra forma de pôr em prática esta ideia de misericórdia e de caridade altruísta; isto é, encarando o trabalho como “adoração” caso acreditemos em um Deus Pessoal. Aqui entregamos todos os frutos do nosso trabalho ao Senhor e, adorando-O assim, não temos o direito de esperar nada da humanidade pelo trabalho que fazemos. O próprio Senhor trabalha incessantemente e está sempre sem apego. Assim como a água não pode molhar a folha de lótus, o trabalho não pode vincular o homem altruísta, dando origem ao apego aos resultados. O homem altruísta e desapegado pode viver no coração de uma cidade populosa e pecaminosa; ele não será tocado pelo pecado.

Esta ideia de auto-sacrifício completo é ilustrada na seguinte história: Após a batalha de Kurukshetra, os cinco irmãos Pândava realizaram um grande sacrifício e fizeram grandes doações aos pobres. Todas as pessoas expressaram espanto com a grandeza e riqueza do sacrifício e disseram que tal sacrifício o mundo nunca tinha visto antes. Mas, depois da cerimônia, veio um pequeno mangusto, cujo corpo era metade dourado e a outra

metade marrom; e ele começou a rolar no chão da sala de sacrifício. Ele disse aos que estavam ao redor: “Vocês são todos mentirosos; isso não é sacrifício”. “O que!” eles exclamaram: “você diz que isso não é sacrifício; você não sabe como dinheiro e joias foram derramados entre os pobres e todos ficaram ricos e felizes? Este foi o sacrifício mais maravilhoso que qualquer homem já realizou.” Mas o mangusto disse: “Havia uma pequena aldeia, e nela morava um pobre brâmane com sua esposa, seu filho e a esposa de seu filho. Eles eram muito pobres e viviam de pequenos presentes que lhes eram dados para pregar e ensinar. Houve uma fome de três anos naquela terra e o pobre brâmane sofreu mais do que nunca. Finalmente, quando a família passou fome por vários dias, o pai trouxe para casa certa manhã um pouco de farinha de cevada, que ele teve a sorte de obter. e ele dividiu-o em quatro partes, uma para cada membro da família. Eles prepararam-no para a refeição e, quando estavam prestes a comer, houve uma batida na porta. O pai abriu-a e lá estava um convidado. ... Agora, na Índia, um convidado é uma pessoa sagrada; ele é como um deus por enquanto, e deve ser tratado como tal. Então o pobre brâmane disse: 'Entre, senhor, é bem-vindo', Ele se colocou diante do convidado. sua própria porção de comida, que o convidado comeu rapidamente e disse: 'Oh, senhor, você me matou; estou morrendo de fome há dez dias, e esse pouquinho apenas aumentou minha fome.' Então a esposa disse ao marido: 'Dê-lhe a minha parte', mas o marido disse: 'Não é assim'. A esposa, entretanto, insistiu, dizendo: 'Aqui está um homem pobre, e é nosso dever como chefes de família cuidar para que ele seja alimentado, e é meu dever como esposa dar-lhe minha porção, visto que você não tem mais nada para oferecer. ele.' Então ela deu sua parte ao convidado, que ele comeu, e disse que ele ainda estava morrendo de fome. Então o filho disse: 'Tome minha porção também; é dever de um filho ajudar seu pai a cumprir suas obrigações.' O convidado comeu, mas ainda ficou insatisfeito; então a esposa do filho também lhe deu sua porção. Isso foi suficiente, e o convidado partiu, abençoando-os naquela noite, aquelas quatro pessoas morreram de fome. no chão; e quando rolei meu corpo sobre eles, metade dele ficou dourado, como você vê, desde então tenho viajado por todo o mundo, na esperança de encontrar outro sacrifício como esse, mas em nenhum outro lugar encontrei um; a outra metade do meu corpo foi transformada em ouro. É por isso que digo que isso não é sacrifício.

Esta ideia de caridade está saindo da Índia; grandes homens estão se tornando cada vez menos. Quando eu estava aprendendo inglês, li um livro de histórias em inglês que contava a história de um menino zeloso que saiu para trabalhar e deu parte de seu dinheiro para sua velha mãe, e isso foi elogiado em três ou quatro páginas. . O que é que foi isso? Nenhum menino hindu jamais poderá entender a moral dessa história. Agora entendo quando ouço a ideia ocidental – cada um por si. E alguns homens tomam tudo para si, e pais e mães e esposas e filhos vão para a parede. Esse nunca e em lugar nenhum deveria ser o ideal do chefe de família.

Agora você vê o que significa Karma-Yoga; mesmo na hora da morte para ajudar alguém, sem fazer perguntas. Seja enganado milhões de vezes e nunca faça perguntas e nunca pense no que está fazendo. Nunca se vanglorie das suas dádivas aos pobres nem espere a sua gratidão, mas antes seja grato a eles por lhe darem a oportunidade de praticar a caridade para com eles. Assim, fica claro que ser um chefe de família ideal é uma tarefa muito mais difícil do que ser um Sannyasin ideal; a verdadeira vida de trabalho é de fato tão difícil quanto, se não mais difícil, do que a igualmente verdadeira vida de renúncia.

1.2.4 CAPÍTULO 4: O QUE É DEVER?

É necessário no estudo do Karma-Yoga saber o que é o dever. Se tenho que fazer algo, devo primeiro saber que é meu dever e então poderei fazê-lo. A ideia de dever novamente é diferente em diferentes nações. O muçulmano diz que o que está escrito no seu livro, o Alcorão, é seu dever; o hindu diz que o que está nos Vedas é seu dever; e o cristão diz que o que está na Bíblia é seu dever. Descobrimos que existem ideias variadas de dever, que diferem de acordo com os diferentes estados de vida, diferentes períodos históricos e diferentes nações. O termo “dever”, como qualquer outro termo abstrato universal, é impossível de definir claramente; só podemos ter uma ideia conhecendo suas operações práticas e resultados. Quando certas coisas ocorrem diante de nós, todos temos um impulso natural ou treinado para agir de determinada maneira em relação a elas; quando esse impulso chega, a mente começa a pensar na situação. Às vezes pensa que é bom agir de uma maneira particular nas condições dadas; outras vezes, pensa que é

errado agir da mesma maneira, mesmo nas mesmas circunstâncias. A ideia comum de dever em todos os lugares é que todo homem bom segue os ditames de sua consciência. Mas o que torna um ato um dever? Se um cristão encontra um pedaço de carne diante de si e não o come para salvar a sua própria vida, ou não o dá para salvar a vida de outro homem, ele certamente sentirá que não cumpriu o seu dever. Mas se um hindu ousa comer aquele pedaço de carne ou dá-lo a outro hindu, terá a mesma certeza de sentir que também não cumpriu o seu dever; o treinamento e a educação do hindu fazem com que ele se sinta assim. No século passado, havia notórios bandos de ladrões na Índia, chamados de bandidos; eles achavam que era seu dever matar qualquer homem que pudessem e tirar seu dinheiro; quanto maior o número de homens que matavam, melhor pensavam que eram. Normalmente, se um homem sai para a rua e atira em outro homem, ele pode sentir pena disso, pensando que fez algo errado. Mas se o mesmo homem, como soldado de seu regimento, matar não um, mas vinte, certamente se sentirá feliz e pensará que cumpriu seu dever notavelmente bem. Vemos, portanto, que não é o que se faz que define um dever. Dar uma definição objectiva de dever é, portanto, inteiramente impossível. No entanto, existe um dever do lado subjetivo. Qualquer ação que nos faça ir em direção a Deus é uma boa ação e é nosso dever; qualquer ação que nos faça descer é má e não é nosso dever. Do ponto de vista subjetivo, podemos ver que certos atos têm tendência a exaltar-nos e a enobrecer-nos, enquanto outros atos têm tendência a degradar-nos e a brutalizar-nos. Mas não é possível determinar com certeza quais atos têm qual tipo de tendência em relação a todas as pessoas, de todos os tipos e condições. Existe, no entanto, apenas uma ideia de dever que foi universalmente aceite por toda a humanidade, de todas as idades, seitas e países, e que foi resumida num aforismo sânscrito assim: “Não fira nenhum ser; não ferir nenhum ser é virtude, ferir qualquer ser é pecado.”

O Bhagavad-Gita freqüentemente alude a deveres que dependem do nascimento e da posição na vida. O nascimento e a posição na vida e na sociedade determinam em grande parte a atitude mental e moral dos indivíduos em relação às diversas atividades da vida. É, portanto, nosso dever realizar aquele trabalho que nos exalte e enobreça de acordo com os ideais e atividades da sociedade em que nascemos. Mas deve ser particularmente lembrado que os mesmos ideais e actividades não

prevalecem em todas as sociedades e países; a nossa ignorância disto é a principal causa de grande parte do ódio de uma nação por outra. Um americano pensa que tudo o que um americano faz de acordo com os costumes do seu país é a melhor coisa a fazer, e que quem não segue os seus costumes deve ser um homem muito perverso. Um hindu pensa que seus costumes são os únicos corretos e os melhores do mundo, e que quem não os obedece deve ser o homem mais perverso que existe. Este é um erro bastante natural que todos nós podemos cometer. Mas é muito prejudicial; é a causa de metade da falta de caridade encontrada no mundo. Quando cheguei a este país e estava passando pela Feira de Chicago, um homem puxou meu turbante por trás. Olhei para trás e vi que ele era um homem de aparência muito cavalheiresca, bem vestido. Falei com ele; e quando descobriu que eu sabia inglês, ficou muito envergonhado. Noutra ocasião, na mesma Feira, outro homem deu-me um empurrão. Quando perguntei o motivo, ele também ficou envergonhado e gaguejou um pedido de desculpas, dizendo: "Por que você se veste desse jeito?" A simpatia desses homens limitava-se ao alcance de sua própria língua e de sua própria moda de vestir. Grande parte da opressão das nações poderosas sobre as mais fracas é causada por este preconceito. Isso seca seu sentimento de solidariedade pelos semelhantes. Aquele mesmo homem que me perguntou por que eu não me vestia como ele e quis me maltratar por causa da minha vestimenta pode ter sido um homem muito bom, um bom pai e um bom cidadão; mas a bondade de sua natureza desapareceu assim que ele viu um homem com roupas diferentes. Os estrangeiros são explorados em todos os países, porque não sabem defender-se; assim, eles levam para casa falsas impressões dos povos que viram. Marinheiros, soldados e comerciantes comportam-se em terras estrangeiras de maneiras muito estranhas, embora nem sonhassem em fazê-lo no seu próprio país; talvez seja por isso que os chineses chamam os europeus e os americanos de "demônios estrangeiros". Eles não poderiam ter feito isso se tivessem conhecido o lado bom e gentil da vida ocidental.

Portanto, o único ponto que devemos lembrar é que devemos sempre tentar ver o dever dos outros através dos seus próprios olhos e nunca julgar os costumes de outros povos pelos nossos próprios padrões. Eu não sou o padrão do universo. Tenho que me acomodar ao mundo, e não o mundo a mim. Assim, vemos que os ambientes mudam a natureza dos nossos

deveres, e cumprir o dever que nos cabe em qualquer momento específico é a melhor coisa que podemos fazer neste mundo. Cumpramos esse dever que é nosso por nascimento; e quando tivermos feito isso, cumpramos o dever que nos cabe pela nossa posição na vida e na sociedade. Há, contudo, um grande perigo na natureza humana, a saber, que o homem nunca se examina. Ele acha que está tão apto para estar no trono quanto o rei. Mesmo que o seja, ele deve primeiro mostrar que cumpriu o dever de sua própria posição; e então deveres mais elevados virão para ele. Quando começamos a trabalhar seriamente no mundo, a natureza nos dá golpes a torto e a direito e logo nos permite descobrir a nossa posição. Nenhum homem pode ocupar satisfatoriamente por muito tempo uma posição para a qual não está apto. Não adianta reclamar contra o ajuste da natureza. Aquele que faz o trabalho inferior não é, portanto, um homem inferior. Nenhum homem deve ser julgado pela mera natureza dos seus deveres, mas todos devem ser julgados pela maneira e pelo espírito com que os desempenham.

Mais tarde descobriremos que mesmo esta ideia de dever sofre mudanças, e que o maior trabalho só é realizado quando não há motivo egoísta que o impulse. No entanto, é o trabalho através do sentido do dever que nos leva a trabalhar sem qualquer ideia de dever; quando o trabalho se tornar adoração – ou melhor, algo superior – então o trabalho será feito por si mesmo. Descobriremos que a filosofia do dever, seja na forma de ética ou de amor, é a mesma que em qualquer outro Yoga – sendo o objetivo atenuar o eu inferior, para que o verdadeiro Eu superior possa brilhar – a diminuição do desperdício de energias no plano inferior da existência, para que a alma possa manifestar-se nos planos superiores. Isto é conseguido pela negação contínua dos desejos inferiores, que o dever exige rigorosamente. Toda a organização da sociedade desenvolveu-se assim, consciente ou inconscientemente, nos domínios da acção e da experiência, onde, ao limitar o egoísmo, abrimos o caminho para uma expansão ilimitada da natureza real do homem.

O dever raramente é doce. Somente quando o amor lubrifica suas rodas é que ele funciona suavemente; caso contrário, é um atrito contínuo. De que outra forma os pais poderiam cumprir seus deveres para com os filhos, os maridos para com as esposas e vice-versa? Não nos deparamos com casos de atrito todos os dias em nossas vidas? O dever só é doce através do amor,

e o amor brilha apenas na liberdade. No entanto, é liberdade ser escravo dos sentidos, da raiva, dos ciúmes e de uma centena de outras coisas mesquinhas que devem ocorrer todos os dias na vida humana? Em todas essas pequenas dificuldades que encontramos na vida, a expressão mais elevada de liberdade é tolerar. As mulheres, escravas do seu próprio temperamento irritável e ciumento, tendem a culpar os seus maridos e a afirmar a sua própria “liberdade”, como pensam, sem saberem que assim apenas provam que são escravas. O mesmo acontece com os maridos que eternamente criticam suas esposas.

A castidade é a primeira virtude no homem ou na mulher, e o homem que, por mais que tenha se desviado, não pode ser conduzido ao caminho certo por uma esposa gentil, amorosa e casta é de fato muito raro. O mundo ainda não é tão ruim assim. Ouvimos muito sobre maridos brutais em todo o mundo e sobre a impureza dos homens, mas não é verdade que existem tantas mulheres brutais e impuras como homens? Se todas as mulheres fossem tão boas e puras como as suas constantes afirmações nos levam a acreditar, estou perfeitamente convencido de que não haveria um único homem impuro no mundo. Que brutalidade existe que a pureza e a castidade não podem vencer? Uma esposa boa e casta, que considera todos os outros homens, exceto seu próprio marido, como seus filhos e tem a atitude de uma mãe para com todos os homens, crescerá tanto no poder de sua pureza que não poderá haver um único homem, por mais brutal que seja, que não respirará um clima de santidade na sua presença. Da mesma forma, todo marido deve olhar para todas as mulheres, exceto para sua própria esposa, à luz de sua própria mãe, filha ou irmã. Aquele homem, novamente, que deseja ser professor de religião deve considerar cada mulher como sua mãe e sempre se comportar com ela como tal.

A posição da mãe é a mais elevada do mundo, pois é o único lugar onde se pode aprender e exercitar o maior altruísmo. O amor de Deus é o único amor superior ao amor de mãe; todos os outros são inferiores. É dever da mãe pensar primeiro nos filhos e depois em si mesma. Mas, em vez disso, se os pais pensam sempre primeiro em si próprios, o resultado é que a relação entre pais e filhos torna-se a mesma que entre as aves e os seus descendentes que, assim que crescem, não reconhecem nenhum dos pais. . Bem-aventurado, de fato, o homem que é capaz de considerar a mulher

como representante da maternidade de Deus. Bem-aventurada, de fato, a mulher para quem o homem representa a paternidade de Deus. Bem-aventurados os filhos que olham para os seus pais como a Divindade manifestada na terra.

A única maneira de ascender é cumprindo o dever que está ao nosso lado e, assim, reunindo forças para prosseguir até alcançarmos o estado mais elevado. Um jovem Sannyâsin foi para uma floresta; lá ele meditou, adorou e praticou Yoga por muito tempo. Depois de anos de trabalho árduo e prática, um dia ele estava sentado debaixo de uma árvore, quando algumas folhas secas caíram sobre sua cabeça. Ele olhou para cima e viu um corvo e uma garça brigando no topo da árvore, o que o deixou muito irritado. Ele disse: "O quê! Você se atreve a jogar essas folhas secas na minha cabeça!" Ao dizer essas palavras, ele olhou para eles com raiva, um clarão de fogo saiu de sua cabeça - tal era o poder do Iogue - e queimou os pássaros até virarem cinzas. Ele ficou muito feliz, quase radiante com esse desenvolvimento de poder – ele poderia queimar o corvo e a garça com um olhar. Depois de um tempo, ele teve que ir à cidade mendigar o pão. Ele foi, parou na porta e disse: “Mãe, me dê comida”. Uma voz veio de dentro de casa: “Espere um pouco, meu filho”. O jovem pensou: "Sua mulher miserável, como ousa me fazer esperar! Você ainda não conhece meu poder." Enquanto ele pensava assim, a voz veio novamente: "Rapaz, não pense muito em si mesmo. Aqui não tem corvo nem garça." Ele ficou surpreso; ainda assim ele teve que esperar. Por fim a mulher chegou e ele caiu aos pés dela e disse: “Mãe, como você sabia disso?” Ela disse: "Meu rapaz, não conheço o seu Yoga ou as suas práticas. Sou uma mulher comum, todos os dias. Fiz você esperar porque meu marido está doente e eu estava cuidando dele. Durante toda a minha vida lutei para cumprir meu dever. ... Quando eu era solteira, cumpri meu dever para com meus pais; agora que estou casada, cumpro meu dever para com meu marido; mas, ao cumprir meu dever, tornei-me iluminado; seus pensamentos e saiba o que você fez na floresta. Se você quiser saber algo mais elevado do que isso, vá ao mercado de tal ou tal cidade onde você encontrará um Vyâdha (a classe mais baixa de pessoas na Índia que costumava viver). como caçadores e açougueiros.) que lhe dirão algo que você ficará muito feliz em aprender." O Sannyasin pensou: “Por que eu deveria ir para aquela cidade e para um Vyadha?” Mas depois do que viu, sua mente se abriu um pouco, então ele

foi. Quando chegou perto da cidade, encontrou o mercado e lá viu, à distância, um Vyadha grande e gordo cortando carne com grandes facas, conversando e negociando com diferentes pessoas. O jovem disse: "Senhor, ajude-me! É este o homem com quem vou aprender? Ele é a encarnação de um demônio, se é que existe alguma coisa." Nesse ínterim, este homem olhou para cima e disse: "Ó Swami, aquela senhora o enviou aqui? Sente-se até que eu terminei o meu negócio." O Sannyasin pensou: "O que me ocorre aqui?" Ele sentou-se; o homem continuou com seu trabalho e, depois de terminar, pegou seu dinheiro e disse ao Sannyasin: "Venha, senhor, venha para minha casa". Ao chegar em casa, o Vyadha deu-lhe um assento, dizendo: "Espere aqui", e entrou na casa. Ele então lavou seu velho pai e sua mãe, alimentou-os e fez tudo o que pôde para agradá-los, após o que ele foi até o Sannyasin e disse: "Agora, senhor, você veio aqui para me ver; o que posso fazer por você?" O Sannyasin fez-lhe algumas perguntas sobre a alma e sobre Deus, e o Vyadha deu-lhe uma palestra que faz parte do Mahabhârata, chamada Vyâdha-Gitâ. Contém um dos voos mais altos do Vedanta. Quando o Vyadha terminou seu ensinamento, o Sannyasin ficou surpreso. Ele disse: "Por que você está nesse corpo? Com tal conhecimento como o seu, por que você está no corpo de um Vyadha e fazendo um trabalho tão imundo e feio?" "Meu filho", respondeu o Vyadha, "nenhum dever é feio, nenhum dever é impuro. Meu nascimento me colocou nessas circunstâncias e ambientes. ... Tento cumprir meu dever como chefe de família e tento fazer tudo o que posso para deixar meu pai e minha mãe felizes. Não conheço o seu Yoga, nem me tornei um Sannyasin, nem saí do mundo para um. floresta; no entanto, tudo o que você ouviu e viu veio a mim através do cumprimento desapegado do dever que pertence à minha posição.

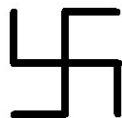
Há um sábio na Índia, um grande Iogue, um dos homens mais maravilhosos que já vi na minha vida. Ele é um homem peculiar, não ensinará ninguém; se você fizer uma pergunta, ele não responderá. É demais para ele assumir o cargo de professor, ele não vai fazer isso. Se você fizer uma pergunta e esperar alguns dias, no decorrer da conversa ele abordará o assunto e lançará uma luz maravilhosa sobre o assunto. Certa vez, ele me contou o segredo do trabalho: "Que o fim e os meios sejam unidos em um só." Quando você estiver fazendo qualquer trabalho, não pense em nada além. Faça isso como adoração, como a adoração mais elevada, e dedique toda a

sua vida a isso por enquanto. Assim, na história, o Vyadha e a mulher cumpriram seu dever com alegria e de todo o coração; e o resultado foi que se iluminaram, mostrando claramente que o correto desempenho dos deveres de qualquer posição da vida, sem apego aos resultados, nos leva à mais elevada realização da perfeição da alma.

É o trabalhador apegado aos resultados que reclama da natureza do dever que lhe cabe; para o trabalhador independente, todos os deveres são igualmente bons e constituem instrumentos eficientes com os quais o egoísmo e a sensualidade podem ser eliminados e a liberdade da alma assegurada. Todos nós temos a tendência de pensar muito bem sobre nós mesmos. Nossos deveres são determinados por nossos desejos em uma extensão muito maior do que estamos dispostos a conceder. A competição desperta a inveja e mata a bondade do coração. Para o resmungão, todos os deveres são desagradáveis; nada jamais o satisfará, e toda a sua vida está fadada ao fracasso. Continuemos trabalhando, fazendo o que for nosso dever e estando sempre prontos para colocar nossos ombros no volante. Então certamente veremos a Luz!

1.2.5 CAPÍTULO 5: AJUDAMOS A MESMOS, NÃO AO MUNDO

Antes de considerarmos mais detalhadamente como a devoção ao dever nos ajuda em nosso progresso espiritual, deixe-me apresentar-lhes, de forma resumida, outro aspecto do que nós, na Índia, entendemos por Karma. Em cada religião existem três partes: filosofia, mitologia e ritual. A filosofia, claro, é a essência de toda religião; a mitologia explica-a e ilustra-a através das vidas mais ou menos lendárias de grandes homens, de histórias e fábulas de coisas maravilhosas, e assim por diante; o ritual dá a essa filosofia uma forma ainda mais concreta, para que todos possam apreendê-la – o ritual é na verdade uma filosofia concretizada. Este ritual é Karma; é necessário em todas as religiões, porque a maioria de nós não consegue compreender coisas espirituais abstratas até que crescamos muito espiritualmente. É fácil para os homens pensarem que podem compreender qualquer coisa; mas quando se trata de experiência prática, descobrem que as ideias abstratas são muitas vezes muito difíceis de compreender. Portanto, os símbolos são de grande ajuda e não podemos prescindir do método simbólico de colocar as coisas diante de nós. Desde tempos imemoriais, símbolos têm sido usados por todos os tipos de religiões. Num certo sentido, não podemos pensar senão em símbolos; as próprias palavras são símbolos de pensamento. Num outro sentido, tudo no universo pode ser encarado como um símbolo. Todo o universo é um símbolo e Deus é a essência por trás dele. Este tipo de simbologia não é simplesmente a criação do homem; não é que certas pessoas pertencentes a uma religião se sentem juntas e pensem em certos símbolos, e os tragam à existência a partir de suas próprias mentes. Os símbolos da religião têm um crescimento natural. Caso contrário, por que é que certos símbolos estão associados a certas ideias na mente de quase todas as pessoas? Certos símbolos são universalmente predominantes. Muitos de vocês podem pensar que a cruz surgiu primeiro como um símbolo em conexão com a religião cristã, mas na verdade ela existia antes do cristianismo, antes de Moisés nascer, antes dos Vedas serem divulgados, antes de haver qualquer registro humano das coisas humanas. Pode-se descobrir que a cruz já existia entre os astecas e os fenícios; toda raça parece ter tido a cruz. Novamente, o símbolo do Salvador crucificado, de um homem crucificado na cruz, parece ter sido conhecido por quase todas as nações. O círculo tem sido um grande símbolo em todo o mundo. Depois, há o mais universal de todos os símbolos, a



suástica. Houve uma época em que se pensava que os budistas a carregavam consigo por todo o mundo, mas descobriu-se que muito antes do budismo ela era usada entre nações. Na Antiga Babilônia e no Egito ela foi encontrada. O que isso mostra? Todos esses símbolos não poderiam ter sido puramente convencionais. Deve haver alguma razão para isso; alguma associação natural entre eles e a mente humana. A linguagem não é o resultado de uma convenção; não é que as pessoas tenham concordado em representar certas ideias por certas palavras; nunca houve uma ideia sem uma palavra correspondente ou uma palavra sem uma ideia correspondente; ideias e palavras são por natureza inseparáveis. Os símbolos para representar ideias podem ser símbolos sonoros ou símbolos coloridos. Pessoas surdas e mudas precisam pensar com outros símbolos além dos sonoros. Cada pensamento na mente tem uma forma como contrapartida. Isto é chamado na filosofia sânscrita de Nâma-Rupa – nome e forma. É tão impossível criar por convenção um sistema de símbolos quanto criar uma linguagem. Nos símbolos ritualísticos do mundo temos uma expressão do pensamento religioso da humanidade. É fácil dizer que não há uso de rituais, templos e toda essa parafernália; todo bebê diz isso nos tempos modernos. Mas deve ser fácil para todos ver que aqueles que adoram dentro de um templo são, em muitos aspectos, diferentes daqueles que não adoram lá. Portanto, a associação de determinados templos, rituais e outras formas concretas com determinadas religiões tem uma tendência a trazer às mentes dos seguidores dessas religiões os pensamentos para os quais essas coisas concretas representam como símbolos; e não é sensato ignorar completamente os rituais e a simbologia. O estudo e a prática destas coisas fazem naturalmente parte do Karma-Yoga.

Existem muitos outros aspectos desta ciência do trabalho. Uma delas é conhecer a relação entre pensamento e palavra e o que pode ser alcançado pelo poder da palavra. Em todas as religiões o poder da palavra é reconhecido, tanto que em algumas delas se diz que a própria criação surgiu da palavra. O aspecto externo do pensamento de Deus é a Palavra, e como Deus pensou e quis antes de criar, a criação surgiu da Palavra. Neste estresse e pressa da nossa vida materialista, nossos nervos perdem a sensibilidade e ficam endurecidos. Quanto mais envelhecemos, quanto mais

tempo ficamos no mundo, mais insensíveis nos tornamos; e estamos propensos a negligenciar coisas que acontecem de forma persistente e proeminente ao nosso redor. A natureza humana, contudo, por vezes afirma-se, e somos levados a investigar e a admirar algumas destas ocorrências comuns; perguntar-se assim é o primeiro passo na aquisição da luz. Além do valor filosófico e religioso mais elevado da Palavra, podemos ver que os símbolos sonoros desempenham um papel proeminente no drama da vida humana. Estou falando com você. Eu não estou tocando em você; as pulsações do ar causadas pela minha fala chegam aos seus ouvidos, tocam os seus nervos e produzem efeitos nas suas mentes. Você não pode resistir a isso. O que pode ser mais maravilhoso do que isso? Um homem chama o outro de tolo, e com isso o outro se levanta, cerra o punho e dá um soco no nariz. Veja o poder da palavra! Há uma mulher chorando e infeliz; outra mulher se aproxima e lhe dirige algumas palavras gentis, o corpo dobrado da mulher que chora se endireita imediatamente, sua tristeza desaparece e ela já começa a sorrir. Pense no poder das palavras! Eles são uma grande força na filosofia superior, bem como na vida comum. Dia e noite manipulamos esta força sem pensar e sem questionar. Conhecer a natureza desta força e utilizá-la bem também faz parte do Karma-Yoga.

Nosso dever para com os outros significa ajudar os outros; fazendo o bem ao mundo. Por que deveríamos fazer o bem ao mundo? Aparentemente para ajudar o mundo, mas na verdade para ajudar a nós mesmos. Deveríamos sempre tentar ajudar o mundo, esse deveria ser o motivo mais elevado em nós; mas se considerarmos bem, descobriremos que o mundo não necessita de forma alguma da nossa ajuda. Este mundo não foi feito para que você ou eu viéssemos e o ajudássemos. Certa vez li um sermão que dizia: “Todo este mundo maravilhoso é muito bom, porque nos dá tempo e oportunidade para ajudar os outros”. Aparentemente, este é um sentimento muito bonito, mas não é uma blasfêmia dizer que o mundo precisa da nossa ajuda? Não podemos negar que há muita miséria nisso; sair e ajudar os outros é, portanto, a melhor coisa que podemos fazer, embora, no longo prazo, descubramos que ajudar os outros é apenas ajudar a nós mesmos. Quando menino, tive alguns ratos brancos. Eles eram guardados em uma caixinha com rodinhas, e quando os ratos tentavam cruzar as rodas, as rodas giravam e giravam, e os ratos nunca chegavam a lugar nenhum. O mesmo acontece com o mundo e com a nossa ajuda. A única ajuda é que façamos exercícios

morais. Este mundo não é bom nem mau; cada homem fabrica um mundo para si mesmo. Se um cego começa a pensar no mundo, ele é macio ou duro, ou frio ou quente. Somos uma massa de felicidade ou de miséria; vimos isso centenas de vezes em nossas vidas. Via de regra, os jovens são otimistas e os velhos pessimistas. Os jovens têm a vida pela frente; os velhos reclamam que seu dia acabou; centenas de desejos, que eles não conseguem realizar, lutam em seus corações. Mesmo assim, ambos são tolos. A vida é boa ou má de acordo com o estado de espírito em que a olhamos, não o é por si só. O fogo, por si só, não é bom nem mau. Quando nos mantém aquecidos, dizemos: “Como é lindo o fogo!” Quando queima nossos dedos, nós culpamos. Ainda assim, por si só não é bom nem mau. Conforme o utilizamos, produz em nós a sensação de bom ou ruim; assim também é este mundo. É perfeito. Por perfeição entende-se que está perfeitamente adaptado para atingir seus fins. Todos nós podemos ter plena certeza de que tudo continuará maravilhosamente bem sem nós, e não precisamos nos preocupar em querer ajudá-lo.

No entanto, devemos fazer o bem; o desejo de fazer o bem é a maior força motriz que temos, se soubermos o tempo todo que é um privilégio ajudar os outros. Não fique em um pedestal alto e pegue cinco centavos na mão e diga: “Aqui, meu pobre homem”, mas seja grato porque o pobre homem está lá, para que, ao fazer um presente para ele, você possa ajudar a si mesmo. Não é quem recebe que é abençoado, mas é quem dá. Seja grato por ter permissão para exercer seu poder de benevolência e misericórdia no mundo e, assim, tornar-se puro e perfeito. Todas as boas ações tendem a nos tornar puros e perfeitos. O que podemos fazer da melhor maneira? Construa um hospital, construa estradas ou construa asilos de caridade. Podemos organizar uma instituição de caridade e arrecadar dois ou três milhões de dólares, construir um hospital com um milhão, com o segundo dar bailes e beber champanhe, e do terceiro deixar os oficiais roubarem metade, e deixar o resto finalmente para chegar aos pobres; mas o que são tudo isso? Um vento forte em cinco minutos pode destruir todos os seus edifícios. O que faremos então? Uma erupção vulcânica pode destruir todas as nossas estradas, hospitais, cidades e edifícios. Desistamos de toda essa conversa tola de fazer o bem ao mundo. Não está esperando pela sua ou pela minha ajuda; no entanto, devemos trabalhar e fazer o bem constantemente, porque é uma bênção para nós mesmos. Essa é a única maneira de nos tornarmos

perfeitos. Nenhum mendigo que ajudamos jamais nos deveu um único centavo; devemos tudo a ele, porque ele nos permitiu exercer sobre ele a nossa caridade. É totalmente errado pensar que fizemos ou podemos fazer o bem ao mundo, ou pensar que ajudamos tais ou tais pessoas. É um pensamento tolo, e todos os pensamentos tolos trazem miséria. Achamos que ajudamos algum homem e esperamos que ele nos agradeça, e porque isso não acontece, a infelicidade chega até nós. Por que deveríamos esperar algo em troca do que fazemos? Seja grato ao homem que você ajuda, pense nele como Deus. Não é um grande privilégio poder adorar a Deus ajudando nossos semelhantes? Se fôssemos realmente desapegados, escaparíamos de toda essa dor de vãs expectativas e poderíamos alegremente fazer um bom trabalho no mundo. Nunca a infelicidade ou a miséria surgirão através de um trabalho realizado sem apego. O mundo continuará com sua felicidade e miséria por toda a eternidade.

Havia um homem pobre que queria algum dinheiro; e de alguma forma ele ouvira dizer que se conseguisse encontrar um fantasma, poderia ordenar-lhe que trouxesse dinheiro ou qualquer outra coisa que quisesse; então ele estava muito ansioso para pegar um fantasma. Ele saiu em busca de um homem que lhe desse um fantasma e, finalmente, encontrou um sábio com grandes poderes e pediu sua ajuda. O sábio perguntou-lhe o que ele faria com um fantasma. Quero que um fantasma trabalhe para mim; ensine-me como conseguir um, senhor; Eu desejo muito isso", respondeu o homem. Mas o sábio disse: "Não se perturbe, vá para casa." No dia seguinte, o homem foi novamente até o sábio e começou a chorar e a orar: "Dê-me um fantasma; Preciso de um fantasma, senhor, para me ajudar." Por fim, o sábio ficou enojado e disse: "Pegue este feitiço, repita esta palavra mágica, e um fantasma virá, e tudo o que você disser a ele, ele fará. Mas cuidado; eles são seres terríveis e devem ser mantidos continuamente ocupados. Se você não lhe der trabalho, ele tirará sua vida." O homem respondeu: "Isso é fácil; Posso dar-lhe trabalho para o resto da vida." Então ele foi para uma floresta e, após longa repetição da palavra mágica, um enorme fantasma apareceu diante dele e disse: "Eu sou um fantasma. Fui conquistado pela sua magia; mas você deve me manter constantemente empregado. No momento em que você não me der trabalho, eu vou matá-lo." O homem disse: "Construa um palácio para mim", e o fantasma disse: "Está feito; o palácio está construído." "Traga-me dinheiro", disse o homem. "Aqui está o seu

dinheiro", disse o fantasma. "Derrube esta floresta e construa uma cidade em seu lugar." "Isso está feito", disse o fantasma, "mais alguma coisa?" Agora o homem começou a ficar assustado e pensou que não poderia lhe dar mais nada para fazer; O pobre homem não conseguiu encontrar mais ocupação para ele e ficou assustado. Então ele correu e correu e finalmente alcançou o sábio e disse: "Oh, senhor, proteja minha vida!" o homem respondeu: "Não tenho nada para dar ao fantasma para fazer. Tudo o que eu mando ele fazer ele faz num instante, e ameaça me comer se eu não lhe der trabalho." Nesse momento chegou o fantasma, dizendo: "Vou te comer", e ele teria engolido o homem. O homem começou a tremer e implorou ao sábio que salvasse sua vida. O sábio disse: "Eu encontrarei uma saída para você. Olha aquele cachorro com rabo encaracolado. Desembainhe sua espada rapidamente, corte o rabo e entregue-o ao fantasma para endireitá-lo." O homem cortou o rabo do cachorro e deu-o ao fantasma, dizendo: "Endireita isso para mim." O fantasma pegou-o e lentamente e endireitou-o cuidadosamente, mas assim que o soltou, ele instantaneamente se enrolou novamente. Mais uma vez, ele o endireitou laboriosamente, apenas para encontrá-lo novamente enrolado assim que tentou soltá-lo novamente. endireitou-o, mas assim que o soltou, ele se enrolou novamente. Então ele continuou por dias e dias, até ficar exausto e dizer: "Nunca tive tantos problemas antes em minha vida. Sou um velho fantasma veterano, mas nunca antes estive em tantos problemas." "Farei um acordo com você", disse ele ao homem, "você me deixa em paz e eu deixarei que você fique com tudo o que lhe dei e prometerei não fazer mal a você." O homem ficou muito satisfeito e aceitou a oferta de bom grado.

Este mundo é como o rabo encaracolado de um cachorro, e as pessoas têm se esforçado para endireitá-lo há centenas de anos; mas quando eles o soltaram, ele se enrolou novamente. Como poderia ser de outra forma? É preciso primeiro saber trabalhar sem apego, e então não seremos fanáticos. Quando soubermos que este mundo é como o rabo encaracolado de um cão e que nunca se endireitará, não nos tornaremos fanáticos. Se não houvesse fanatismo no mundo, o mundo progrediria muito mais do que faz agora. É um erro pensar que o fanatismo pode contribuir para o progresso da humanidade. Pelo contrário, é um elemento retardador que cria ódio e raiva, e faz com que as pessoas lutem entre si, tornando-as antipáticas. Achamos que tudo o que fazemos ou possuímos é o melhor do mundo, e o que não

fazemos ou possuímos não tem valor. Portanto, lembre-se sempre do exemplo do rabo encaracolado do cachorro sempre que tiver tendência a se tornar fanático. Você não precisa se preocupar ou ficar sem dormir com o mundo; isso continuará sem você. Quando você tiver evitado o fanatismo, só então você trabalhará bem. É o homem sensato, o homem calmo, de bom senso e nervosismo, de grande simpatia e amor, que faz um bom trabalho e, portanto, faz o bem a si mesmo. O fanático é tolo e não tem simpatia; ele nunca poderá endireitar o mundo, nem se tornar puro e perfeito.

Recapitulando os principais pontos da palestra de hoje: Primeiro, temos que ter em mente que somos todos devedores ao mundo e que o mundo não nos deve nada. É um grande privilégio para todos nós podermos fazer qualquer coisa pelo mundo. Ao ajudar o mundo, nós realmente ajudamos a nós mesmos. O segundo ponto é que existe um Deus neste universo. Não é verdade que este universo esteja à deriva e precise da ajuda de você e de mim. Deus está sempre presente nele, Ele é imortal, eternamente ativo e infinitamente vigilante. Quando todo o universo dorme, Ele não dorme; Ele está trabalhando incessantemente; todas as mudanças e manifestações do mundo são Dele. Em terceiro lugar, não devemos odiar ninguém. Este mundo continuará sempre a ser uma mistura do bem e do mal. Nosso dever é simpatizar com os fracos e amar até mesmo o transgressor. O mundo é um grande ginásio moral onde todos devemos fazer exercícios para nos tornarmos cada vez mais fortes espiritualmente. Em quarto lugar, não devemos ser fanáticos de qualquer tipo, porque o fanatismo se opõe ao amor. Você ouve fanáticos dizendo levianamente: "Eu não odeio o pecador. Eu odeio o pecado", mas estou preparado para percorrer qualquer distância para ver o rosto daquele homem que pode realmente fazer uma distinção entre o pecado e o pecador. É fácil dizer isso. Se conseguirmos distinguir bem entre qualidade e substância, poderemos tornar-nos homens perfeitos. Não é fácil fazer isso. E além disso, quanto mais calmos estivermos e menos perturbados os nossos nervos, mais amaremos e melhor será o nosso trabalho.

1.2.6 CAPÍTULO 6: O NÃO APEGO É AUTO-ABNEGAÇÃO COMPLETA

Assim como toda ação que emana de nós volta para nós como reação, também nossas ações podem agir sobre outras pessoas e as delas sobre nós. Talvez todos vocês tenham observado que quando as pessoas praticam ações más, elas se tornam cada vez mais más, e quando começam a fazer o bem, elas se tornam cada vez mais fortes e aprendem a fazer o bem em todos os momentos. Esta intensificação da influência da ação não pode ser explicada por qualquer outro motivo que não seja o facto de podermos agir e reagir uns sobre os outros. Tomando uma ilustração da ciência física, quando estou realizando uma determinada ação, pode-se dizer que minha mente está em um certo estado de vibração; todas as mentes que estão em circunstâncias semelhantes terão a tendência de serem afetadas pela minha mente. Se houver diferentes instrumentos musicais afinados da mesma forma em uma sala, todos vocês devem ter notado que quando um deles é tocado, os outros têm a tendência de vibrar de modo a emitir a mesma nota. Assim, todas as mentes que têm a mesma tensão, por assim dizer, serão igualmente afetadas pelo mesmo pensamento. É claro que esta influência do pensamento sobre a mente irá variar de acordo com a distância e outras causas, mas a mente está sempre aberta ao afeto. Suponha que eu esteja cometendo um ato maligno, minha mente esteja em um certo estado de vibração e todas as mentes do universo, que estejam em um estado semelhante, tenham a possibilidade de serem afetadas pela vibração da minha mente. Assim, quando estou praticando uma boa ação, minha mente está em outro estado de vibração; e todas as mentes igualmente ligadas têm a possibilidade de serem afetadas pela minha mente; e esse poder da mente sobre a mente é mais ou menos conforme a força da tensão é maior ou menor.

Seguindo esta comparação, é bem possível que, assim como as ondas de luz podem viajar durante milhões de anos antes de atingirem qualquer objeto, as ondas de pensamento também possam viajar centenas de anos antes de encontrarem um objeto com o qual vibram em uníssono. É bem possível, portanto, que esta nossa atmosfera esteja repleta de tais pulsações de pensamento, tanto boas quanto más. Cada pensamento projetado de cada cérebro continua pulsando, por assim dizer, até encontrar um objeto adequado que o receberá. Qualquer mente que esteja aberta para receber alguns desses impulsos irá aceitá-los imediatamente. Assim, quando um homem está praticando más ações, ele levou sua mente a um certo estado de

tensão e todas as ondas que correspondem a esse estado de tensão, e que pode-se dizer que já estão na atmosfera, lutarão para entrar na atmosfera. a mente dele. É por isso que um malfeitor geralmente continua cometendo cada vez mais maldade. Suas ações se intensificam. Tal também será o caso de quem faz o bem; ele se abrirá a todas as boas ondas que estão na atmosfera, e suas boas ações também se intensificarão. Corremos, portanto, um duplo perigo ao praticar o mal: primeiro, abrimo-nos a todas as influências malignas que nos rodeiam; em segundo lugar, criamos o mal que afecta os outros, daqui a centenas de anos. Ao fazer o mal, prejudicamos a nós mesmos e aos outros também. Ao fazer o bem, fazemos o bem a nós mesmos e também aos outros; e, como todas as outras forças do homem, essas forças do bem e do mal também ganham força externamente.

De acordo com o Karma-Yoga, a ação realizada não pode ser destruída até que dê frutos; nenhum poder na natureza pode impedi-lo de produzir seus resultados. Se eu praticar uma ação má, devo sofrer por isso; não há poder neste universo para pará-lo ou detê-lo. Da mesma forma, se eu praticar uma boa ação, não há poder no universo que possa impedir que ela produza bons resultados. A causa deve ter o seu efeito; nada pode impedir ou restringir isso. Agora surge uma questão muito boa e séria sobre Karma-Yoga – a saber, que essas nossas ações, tanto boas quanto más, estão intimamente ligadas umas com as outras. Não podemos estabelecer uma linha de demarcação e dizer que esta ação é totalmente boa e esta totalmente má. Não há ação que não produza frutos bons e maus ao mesmo tempo. Para tomar o exemplo mais próximo: estou falando com vocês, e alguns de vocês, talvez, pensem que estou fazendo o bem; e ao mesmo tempo estou, talvez, matando milhares de micróbios na atmosfera; Estou, portanto, fazendo o mal a outra coisa. Quando está muito perto de nós e afecta aqueles que conhecemos, dizemos que é uma acção muito boa se os afectar de uma maneira boa. Por exemplo, você pode considerar o fato de eu ter falado com você como muito bom, mas os micróbios não o farão; os micróbios vocês não veem, mas vocês mesmos veem. A forma como a minha palestra vos afecta é óbvia para vós, mas a forma como afecta os micróbios não é tão óbvia. E assim, se analisarmos também nossas más ações, poderemos descobrir que algum bem possivelmente resulta delas em algum lugar. Aquele que, em boas ações, vê que há algo de mau nisso, e no

meio do mal vê que há algo de bom em algum lugar, conheceu o segredo do trabalho.

Mas o que se segue disso? Que, por mais que tentemos, não pode haver nenhuma ação que seja perfeitamente pura, ou qualquer que seja perfeitamente impura, considerando pureza e impureza no sentido de dano e não dano. Não podemos respirar ou viver sem ferir os outros, e cada pedaço de comida que comemos é tirado da boca de outra pessoa. Nossas próprias vidas estão expulsando outras vidas. Podem ser homens, ou animais, ou pequenos micróbios, mas temos que expulsar um ou outro destes. Sendo esse o caso, segue-se naturalmente que a perfeição nunca pode ser alcançada pelo trabalho. Podemos trabalhar por toda a eternidade, mas não haverá saída deste intrincado labirinto. Você pode trabalhar indefinidamente; não haverá fim para esta associação inevitável do bem e do mal nos resultados do trabalho.

O segundo ponto a considerar é: qual é o fim do trabalho? Encontramos a grande maioria das pessoas em todos os países acreditando que chegará um tempo em que este mundo se tornará perfeito, em que não haverá doenças, nem morte, nem infelicidade, nem maldade. Esta é uma ideia muito boa, uma força motriz muito boa para inspirar e elevar os ignorantes; mas se pensarmos por um momento, descobriremos que não pode ser assim. Como pode ser, visto que o bem e o mal são o reverso e o reverso da mesma moeda? Como você pode ter o bem sem o mal ao mesmo tempo? O que se entende por perfeição? Uma vida perfeita é uma contradição em termos. A própria vida é um estado de luta contínua entre nós e tudo o que está fora. A cada momento estamos realmente lutando com a natureza externa, e se formos derrotados, nossa vida terá que acabar. É, por exemplo, uma luta contínua por comida e ar. Se faltar comida ou ar, morremos. A vida não é algo simples e que flui suavemente, mas é um efeito composto. Essa luta complexa entre algo interno e o mundo externo é o que chamamos de vida. Portanto, é claro que quando esta luta cessar, haverá um fim para a vida.

O que se entende por felicidade ideal é a cessação desta luta. Mas então a vida cessará, pois a luta só poderá cessar quando a própria vida tiver cessado. Já vimos que, ao ajudar o mundo, ajudamos a nós mesmos. O principal efeito do trabalho feito para os outros é a purificação de nós

mesmos. Através do esforço constante para fazer o bem aos outros, procuramos esquecer-nos de nós mesmos; esse esquecimento de nós mesmos é a grande lição que temos que aprender na vida. O homem pensa tolamente que pode fazer-se feliz e, depois de anos de luta, descobre finalmente que a verdadeira felicidade consiste em matar o egoísmo e que ninguém pode fazê-lo feliz, exceto ele mesmo. Cada ato de caridade, cada pensamento de simpatia, cada ação de ajuda, cada boa ação, está tirando grande parte da auto-importância de nossos pequenos eus e nos fazendo pensar em nós mesmos como os mais baixos e os mais insignificantes, e, portanto, é está tudo bem. Aqui descobrimos que Jnâna, Bhakti e Karma – todos chegam a um ponto. O ideal mais elevado é a abnegação eterna e total, onde não existe “eu”, mas tudo é “Tu”; e quer ele esteja consciente ou inconsciente disso, o Karma-Yoga conduz o homem a esse fim. Um pregador religioso pode ficar horrorizado com a ideia de um Deus Impessoal; ele pode insistir em um Deus Pessoal e desejar manter sua própria identidade e individualidade, seja lá o que ele queira dizer com isso. Mas as suas ideias de ética, se forem realmente boas, não podem deixar de se basear na mais elevada abnegação. É a base de toda moralidade; você pode estendê-lo aos homens, aos animais ou aos anjos; é a única ideia básica, o único princípio fundamental que permeia todos os sistemas éticos.

Você encontrará várias classes de homens neste mundo. Primeiro, existem os homens-Deus, cuja abnegação é completa e que só fazem o bem aos outros, mesmo com o sacrifício das suas próprias vidas. Estes são os homens mais elevados. Se houver uma centena destes em qualquer país, esse país nunca precisa de se desesperar. Mas infelizmente são muito poucos. Depois, há os homens bons que fazem o bem aos outros, desde que isso não os prejudique. E há uma terceira classe que, para fazer o bem a si mesmos, prejudica os outros. Foi dito por um poeta sânscrito que existe uma quarta classe inominável de pessoas que ferem os outros apenas por ferir. Assim como em um pólo da existência existem os homens mais bons, que fazem o bem por fazer o bem, também, no outro pólo, há outros que prejudicam os outros apenas por causa do dano. Eles não ganham nada com isso, mas é da sua natureza fazer o mal.

Aqui estão duas palavras em sânscrito. Um é Pravritti, que significa girar em direção, e o outro é Nivritti, que significa girar para longe. O “girar em

direção a” é o que chamamos de mundo, o “eu e o meu”; inclui todas aquelas coisas que estão sempre enriquecendo esse “eu” com riqueza, dinheiro e poder, e nome e fama, e que são de uma natureza gananciosa. a natureza, sempre tendendo a acumular tudo em um centro, sendo esse centro “eu mesmo”. Esse é o Pravritti, a tendência natural de todo ser humano de pegar tudo de todos os lugares e amontoá-lo em torno de um centro, sendo esse centro o doce eu do próprio homem; Quando esta tendência começa a quebrar, quando é Nivritti ou “afastamento”, então começa a moralidade e a religião. Tanto Pravritti quanto Nivritti são da natureza do trabalho: o primeiro é um trabalho mau, e o último é um bom trabalho. é a base fundamental de toda moralidade e de toda religião, e sua própria perfeição é a total abnegação, a disposição para sacrificar a mente, o corpo e tudo mais por outro ser. Quando um homem atinge esse estado, ele atinge a perfeição de. Karma-Yoga Este é o resultado mais elevado das boas obras. Embora um homem não tenha estudado um único sistema de filosofia, embora ele não acredite em nenhum Deus, e nunca tenha acreditado, embora não tenha orado nem uma vez em toda a sua vida, se o simples poder das boas ações o trouxe a isso ao afirmar que está pronto a renunciar à sua vida e a tudo o mais pelos outros, ele chegou ao mesmo ponto a que o homem religioso chegará através das suas orações e o filósofo através do seu conhecimento; e assim você pode descobrir que o filósofo, o trabalhador e o devoto se encontram todos em um ponto, sendo esse ponto a abnegação de si mesmo. Por mais que os seus sistemas de filosofia e religião possam diferir, toda a humanidade permanece em reverência e temor diante do homem que está pronto a sacrificar-se pelos outros. Aqui, não se trata de forma alguma de credo ou doutrina – mesmo os homens que se opõem fortemente a todas as ideias religiosas, quando vêem um destes actos de completo auto-sacrifício, sentem que devem reverenciá-lo. Você não viu até mesmo o cristão mais intolerante, ao ler Luz da Ásia, de Edwin Arnold, reverenciar Buda, que não pregou nenhum Deus, não pregou nada além do auto-sacrifício? A única coisa é que o intolerante não sabe que o seu próprio fim e objetivo na vida é exatamente o mesmo daqueles de quem ele difere. O adorador, ao manter constantemente diante de si a idéia de Deus e um ambiente de bem, chega finalmente ao mesmo ponto e diz: "Faça-se a tua vontade", e não guarda nada para si mesmo. Isso é abnegação. O filósofo, com o seu conhecimento, vê que o eu aparente é uma ilusão e facilmente desiste dela. É abnegação. Então Karma, Bhakti e

Jnana se encontram aqui; e é isso que todos os grandes pregadores dos tempos antigos queriam dizer quando ensinavam que Deus não é o mundo. Há uma coisa que é o mundo e outra que é Deus; e esta distinção é muito verdadeira. O que eles querem dizer com mundo é egoísmo. O altruísmo é Deus. Alguém pode viver num trono, num palácio dourado, e ser perfeitamente altruísta; e então ele está em Deus. Outro pode viver numa cabana, usar trapos e não ter nada no mundo; contudo, se ele for egoísta, ele estará intensamente imerso no mundo.

Voltando a um dos nossos pontos principais, dizemos que não podemos fazer o bem sem ao mesmo tempo fazer algum mal, ou fazer o mal sem fazer algum bem. Sabendo disso, como podemos trabalhar? Tem havido, portanto, seitas neste mundo que, de uma forma surpreendentemente absurda, pregaram o suicídio lento como o único meio de sair do mundo, porque se um homem viver, ele terá que matar pobres animais e plantas ou causar danos a eles. algo ou alguém. Então, segundo eles, a única saída do mundo é morrer. Os jainistas pregaram esta doutrina como seu ideal mais elevado. Este ensinamento parece ser muito lógico. Mas a verdadeira solução é encontrada no Gita. É a teoria do desapego, de não estarmos apegados a nada enquanto fazemos o trabalho da vida. Saiba que você está totalmente separado do mundo, embora esteja no mundo, e que seja o que for que você esteja fazendo nele, você não está fazendo isso para seu próprio bem. Qualquer ação que você fizer por si mesmo terá efeito sobre você. Se for uma ação boa, você terá que obter o efeito bom, e se for ruim, você terá que obter o efeito ruim; mas qualquer ação que não seja feita para seu próprio bem, seja ela qual for, não terá efeito sobre você. Pode ser encontrada uma frase muito expressiva em nossas escrituras que incorpora esta ideia: "Mesmo que ele mate o universo inteiro (ou seja ele próprio morto), ele não é nem o assassino nem o morto, quando sabe que não está agindo por si mesmo. de forma alguma." Portanto, o Karma-Yoga ensina: "Não desista do mundo; viva no mundo, absorva suas influências tanto quanto puder; mas se for para seu próprio prazer, não trabalhe de forma alguma." O prazer não deve ser o objetivo. Primeiro mate-se e depois tome o mundo inteiro como você; como diziam os velhos cristãos: "O velho deve morrer". Este velho é a ideia egoísta de que o mundo inteiro foi feito para nossa diversão. Pais tolos ensinam seus filhos a orar: "Ó Senhor, Tu criaste este sol para mim e esta lua para mim", como se o Senhor não tivesse mais

nada a fazer além de criar tudo para esses bebês. Não ensine essas bobagens a seus filhos. Por outro lado, há pessoas que são tolas de outra forma: ensinam-nos que todos estes animais foram criados para matarmos e comermos, e que este universo é para o prazer dos homens. Isso é tudo tolice. Um tigre pode dizer: “O homem foi criado para mim” e orar: “Ó Senhor, quão perversos são esses homens que não vêm e se colocam diante de mim para serem comidos; eles estão violando a Tua lei”. Se o mundo foi criado para nós, também fomos criados para o mundo. Que este mundo foi criado para nossa diversão é a ideia mais perversa que nos prende. Este mundo não é para nosso bem. Milhões passam por isso todos os anos; o mundo não sente isso; milhões de outros são fornecidos em seu lugar. Assim como o mundo é para nós, nós também somos para o mundo.

Para funcionar adequadamente, portanto, é preciso primeiro abandonar a ideia de apego. Em segundo lugar, não se envolva na briga, seja uma testemunha e continue trabalhando. Meu mestre costumava dizer: “Olhe para seus filhos como uma enfermeira faz”. A enfermeira pegará seu bebê e o acariciará e brincará com ele e se comportará com ele tão gentilmente como se fosse seu próprio filho; mas assim que você avisar para ela desistir, ela estará pronta para retirar malas e bagagens de casa. Tudo em forma de apego é esquecido; não causará a menor angústia à enfermeira comum deixar seus filhos e cuidar de outras crianças. Mesmo assim você deve estar com tudo o que considera seu. Você é a enfermeira, e se você acredita em Deus, acredite que todas essas coisas que você considera suas são realmente Dele. A maior fraqueza muitas vezes se insinua como o maior bem e a maior força. É uma fraqueza pensar que alguém depende de mim e que posso fazer o bem a outro. Esta crença é a mãe de todo o nosso apego, e através deste apego vem toda a nossa dor. Devemos informar as nossas mentes de que ninguém neste universo depende de nós; nenhum mendigo depende da nossa caridade; nem uma alma por nossa bondade; nem uma coisa viva com nossa ajuda. Todos são ajudados pela natureza e serão ajudados mesmo que milhões de nós não estivéssemos aqui. O curso da natureza não irá parar para pessoas como você e eu; é, como já foi apontado, apenas um privilégio abençoado para você e para mim que nos seja permitido, no modo de ajudar os outros, educar-nos. Esta é uma grande lição a aprender na vida e, quando a tivermos aprendido plenamente, nunca seremos infelizes; podemos ir e nos misturar sem causar danos à sociedade

em qualquer lugar e em qualquer lugar. Você pode ter esposas e maridos, e regimentos de servos, e reinos para governar; se você agir com base no princípio de que o mundo não é para você e não precisa inevitavelmente de você, eles não poderão lhe causar nenhum dano. Este mesmo ano, alguns de seus amigos podem ter morrido. O mundo está esperando sem continuar, que eles voltem? Sua corrente está parada? Não, continua. Portanto, tire da cabeça a ideia de que você precisa fazer algo pelo mundo; o mundo não precisa de nenhuma ajuda sua. É um absurdo da parte de qualquer homem pensar que nasceu para ajudar o mundo; é simplesmente orgulho, é egoísmo insinuando-se em forma de virtude. Quando você tiver treinado sua mente e seus nervos para compreender essa ideia da não dependência do mundo de você ou de qualquer pessoa, não haverá reação na forma de dor resultante do trabalho. Quando você dá algo a um homem e não espera nada – nem mesmo espere que o homem seja grato – a ingratidão dele não afetará você, porque você nunca esperou nada, nunca pensou que tinha direito a algo em troca. Você deu a ele o que ele merecia; seu próprio Karma conseguiu isso para ele; seu Karma fez de você o portador disso. Por que você deveria se orgulhar de ter doado algo? Você é o porteiro que carregou o dinheiro ou outro tipo de presente, e o mundo mereceu isso por seu próprio Karma. Onde está então o motivo do orgulho em você? Não há nada de muito grandioso naquilo que você dá ao mundo. Quando você adquirir o sentimento de desapego, não haverá nem bem nem mal para você. É apenas o egoísmo que causa a diferença entre o bem e o mal. É uma coisa muito difícil de entender, mas com o tempo você aprenderá que nada no universo tem poder sobre você até que você permita que exerça tal poder. Nada tem poder sobre o Ser do homem, até que o Ser se torne um tolo e perca a independência. Assim, pelo desapego, você supera e nega o poder de qualquer coisa agir sobre você. É muito fácil dizer que nada tem o direito de agir sobre você até que você permita; mas qual é o verdadeiro sinal do homem que realmente não permite que nada atue sobre ele, que não fica nem feliz nem infeliz quando influenciado pelo mundo externo? O sinal é que a boa ou a má sorte não provoca nenhuma mudança na sua mente: em todas as condições ele continua a ser o mesmo.

Houve um grande sábio na Índia chamado Vyasa. Este Vyāsa é conhecido como o autor dos aforismos do Vedanta e era um homem santo. Seu pai tentou se tornar um homem perfeito e falhou. Seu avô também tentou e

falhou. Seu bisavô também tentou e falhou. Ele próprio não teve sucesso perfeito, mas seu filho, Shuka, nasceu perfeito. Vyasa ensinou sabedoria a seu filho; e depois de ensinar-lhe ele mesmo o conhecimento da verdade, ele o enviou à corte do rei Janaka. Ele foi um grande rei e se chamava Janaka Videha. Videha significa “sem corpo”. Embora fosse rei, ele havia esquecido completamente que era um corpo; ele sentia que era um espírito o tempo todo. Este menino Shuka foi enviado para ser ensinado por ele. O rei sabia que o filho de Vyasa estava vindo até ele para aprender sabedoria: então ele fez certos arranjos de antemão. E quando o menino se apresentou nos portões do palácio, os guardas não prestaram atenção nele. Eles apenas lhe deram um assento, e ele ficou ali sentado por três dias e três noites, ninguém falando com ele, ninguém perguntando quem ele era ou de onde ele era. Ele era filho de um grande sábio, seu pai era homenageado por todo o país e ele próprio era uma pessoa muito respeitável; no entanto, os guardas baixos e vulgares do palácio não lhe prestariam atenção. Depois disso, de repente, os ministros do rei e todos os grandes funcionários chegaram lá e o receberam com as maiores honras. Conduziram-no e mostraram-lhe quartos esplêndidos, deram-lhe os banhos mais perfumados e vestidos maravilhosos, e durante oito dias o mantiveram ali com todos os tipos de luxo. Aquele rosto solenemente sereno de Shuka não mudou nem um pouco com a mudança no tratamento dispensado a ele; ele era o mesmo no meio desse luxo e quando esperava na porta. Então ele foi levado perante o rei. O rei estava em seu trono, a música tocava e dançavam e outras diversões aconteciam. O rei então lhe deu um copo de leite cheio até a borda e pediu-lhe que desse sete voltas no salão sem derramar nem uma gota. O menino pegou a xícara e prosseguiu em meio à música e à atração dos lindos rostos. Conforme desejado pelo rei, ele deu sete voltas e nem uma gota de leite foi derramada. A mente do menino não poderia ser atraída por nada no mundo, a menos que ele permitisse que isso o afetasse. E quando ele trouxe a taça ao rei, o rei lhe disse: “O que seu pai lhe ensinou, e o que você mesmo aprendeu, só posso repetir. Você conheceu a Verdade; vá para casa”.

Assim, o homem que praticou o controle sobre si mesmo não pode ser influenciado por nada externo; não há mais escravidão para ele. Sua mente ficou livre. Somente tal homem está apto a viver bem no mundo. Geralmente encontramos homens com duas opiniões em relação ao mundo.

Alguns são pessimistas e dizem: “Como este mundo é horrível, como é perverso!” Alguns outros são otimistas e dizem: “Como este mundo é lindo, como é maravilhoso!” Para aqueles que não controlaram suas próprias mentes, o mundo ou está cheio do mal ou, na melhor das hipóteses, uma mistura de bem e mal. Este mesmo mundo se tornará para nós um mundo otimista quando nos tornarmos donos de nossas próprias mentes. Nada atuará sobre nós como bom ou mau; lugar adequado, para ser harmonioso. Alguns homens, que começam dizendo que o mundo é um inferno, muitas vezes terminam dizendo que é um paraíso quando conseguem praticar o autocontrole se somos Karma-Yogis genuínos e desejamos. para nos treinarmos para alcançar esse estado, onde quer que comecemos, certamente terminaremos em perfeita abnegação e, assim que esse aparente eu tiver desaparecido, o mundo inteiro, que a princípio nos parece estar cheio de maldade; , parecerá ser o próprio céu e cheio de bem-aventurança. Sua própria atmosfera será abençoada; cada rosto humano haverá deus. Tal é o fim e o objetivo do Karma-Yoga, e tal é a sua perfeição na vida prática.

Nossos vários Yogas não entram em conflito uns com os outros; cada um deles nos leva ao mesmo objetivo e nos torna perfeitos. Somente cada um deve ser praticado arduamente. Todo o segredo está na prática. Primeiro você tem que ouvir, depois pensar e depois praticar. Isto é verdade para todo Yoga. Primeiro você tem que ouvir sobre isso e entender o que é; e muitas coisas que você não entende ficarão claras para você pelo ouvir e pensar constantemente. É difícil entender tudo de uma vez. Afinal, a explicação de tudo está em você mesmo. Ninguém jamais foi realmente ensinado por outro; cada um de nós tem que aprender sozinho. O professor externo oferece apenas a sugestão que estimula o professor interno a trabalhar para compreender as coisas. Então as coisas se tornarão mais claras para nós pelo nosso próprio poder de percepção e pensamento, e as compreenderemos em nossas próprias almas; e essa realização se transformará no intenso poder da vontade. Primeiro é sentimento, depois torna-se desejo, e desse desejo surge a tremenda força para o trabalho que percorrerá cada veia, nervo e músculo, até que toda a massa do seu corpo se transforme num instrumento do altruísta Yoga do trabalho. , e o resultado desejado de perfeita abnegação e total altruísmo é devidamente alcançado. Esta conquista não depende de nenhum dogma, doutrina ou crença. Quer alguém seja cristão, judeu ou gentio, não importa. Você é altruísta? Essa é a

questão. Se estiver, você será perfeito sem ler um único livro religioso, sem entrar em uma única igreja ou templo. Cada um dos nossos Yogas está preparado para tornar o homem perfeito mesmo sem a ajuda dos outros, porque todos têm o mesmo objetivo em vista. Os Yogas do trabalho, da sabedoria e da devoção são todos capazes de servir como meios diretos e independentes para a obtenção de Moksha. “Só os tolos dizem que o trabalho e a filosofia são diferentes, e não os eruditos.” Os eruditos sabem que, embora aparentemente diferentes entre si, conduzem finalmente ao mesmo objetivo da perfeição humana.

1.2.7 CAPÍTULO 7: LIBERDADE

Além de significar trabalho, afirmamos que psicologicamente a palavra Karma também implica causalidade. Qualquer trabalho, qualquer ação, qualquer pensamento que produza um efeito é chamado de Karma. Assim, a lei do Karma significa a lei da causalidade, da causa e sequência inevitáveis. Onde quer que exista uma causa, um efeito deverá ser produzido; esta necessidade não pode ser resistida, e esta lei do Karma, de acordo com a nossa filosofia, é verdadeira em todo o universo. Tudo o que vemos, sentimos ou fazemos, qualquer ação que exista em qualquer lugar do universo, embora seja o efeito de um trabalho passado, por um lado, torna-se, por outro lado, uma causa, por sua vez, e produz seu próprio efeito. É necessário, junto com isso, considerar o que se entende pela palavra “lei”. Por lei entende-se a tendência de uma série se repetir. Quando vemos um acontecimento seguido de outro, ou por vezes acontecendo simultaneamente com outro, esperamos que esta sequência ou coexistência se repita. Nossos antigos lógicos e filósofos da escola Nyâyâ chamam esta lei pelo nome de Vyâpti. Segundo eles, todas as nossas ideias de direito se devem à associação. Uma série de fenómenos associa-se a coisas na nossa mente numa espécie de ordem invariável, de modo que tudo o que percebemos em qualquer momento é imediatamente referido a outros factos na mente. Qualquer ideia ou, de acordo com a nossa psicologia, qualquer onda produzida na substância mental, Chitta, deve sempre dar origem a muitas ondas semelhantes. Esta é a ideia psicológica de associação, e a causalidade é apenas um aspecto deste grande e difundido princípio de associação. Esta difusão de associação é o que é chamado, em sânscrito, de

Vyâpti. No mundo externo a ideia de lei é a mesma que no interno – a expectativa de que um determinado fenômeno será seguido por outro e que a série se repetirá. Na verdade, portanto, o direito não existe na natureza. Praticamente é um erro dizer que a gravitação existe na Terra, ou que existe alguma lei objetivamente existente em qualquer lugar da natureza. A lei é o método, a maneira pela qual nossa mente capta uma série de fenômenos; Está tudo na mente. Certos fenômenos, acontecendo um após o outro ou em conjunto, e seguidos pela convicção da regularidade da sua recorrência - permitindo assim às nossas mentes compreender o método de toda a série - constituem o que chamamos de lei.

A próxima questão a ser considerada é o que entendemos por lei ser universal. Nosso universo é aquela porção da existência caracterizada pelo que os psicólogos sânscritos chamam de Desha-kâla-nimitta, ou o que é conhecido na psicologia europeia como espaço, tempo e causalidade. Este universo é apenas uma parte da existência infinita, moldada num molde peculiar, composto de espaço, tempo e causalidade. Segue-se necessariamente que a lei só é possível dentro deste universo condicionado; além dela não pode haver nenhuma lei. Quando falamos do universo, queremos dizer apenas aquela porção da existência que é limitada pela nossa mente – o universo dos sentidos, que podemos ver, sentir, tocar, ouvir, pensar, imaginar. Só isso está sob lei; mas além dela a existência não pode estar sujeita à lei, porque a causalidade não se estende além do mundo das nossas mentes. Qualquer coisa além do alcance da nossa mente e dos nossos sentidos não está sujeita à lei da causalidade, pois não há associação mental de coisas na região além dos sentidos, e não há causalidade sem associação de ideias. Somente quando o “ser” ou existência é moldado em nome e forma é que ele obedece à lei da causalidade e é considerado sujeito à lei; porque toda lei tem sua essência na causalidade. qualquer coisa como livre arbítrio; as próprias palavras são uma contradição, porque vontade é o que conhecemos, e tudo o que conhecemos está dentro do nosso universo, e tudo dentro do nosso universo é moldado pelas condições de espaço, tempo e causalidade. aquilo que conhecemos, ou possivelmente podemos conhecer, deve estar sujeito à causalidade, e aquilo que obedece à lei da causalidade não pode ser livre. É influenciado por outros agentes e, por sua vez, torna-se uma causa, mas aquilo em que foi convertido. a vontade, que antes não era a vontade, mas que, quando caiu neste molde de espaço,

tempo e causalidade, se converteu na vontade humana, é livre e quando esta vontade sai deste molde de espaço, tempo; , e causalidade, ele estará livre novamente. Da liberdade ele vem, e se torna moldado nesta escravidão, e ele sai e volta para a liberdade novamente.

Foi levantada a questão de saber de quem vem este universo, em quem ele repousa e para quem vai; e a resposta foi dada: da liberdade ela vem, na escravidão ela descansa e volta novamente para aquela liberdade. Assim, quando falamos do homem como nada mais que aquele ser infinito que se manifesta, queremos dizer que apenas uma pequena parte dele é o homem; este corpo e esta mente que vemos são apenas uma parte do todo, apenas um ponto do ser infinito. Todo este universo é apenas uma partícula do ser infinito; e todas as nossas leis, nossas escravidões, nossas alegrias e nossas tristezas, nossas felicidades e nossas expectativas, estão apenas dentro deste pequeno universo; toda a nossa progressão e digressão estão dentro de sua pequena bússola. Então você vê como é infantil esperar uma continuação deste universo – a criação de nossas mentes – e esperar ir para o céu, o que, afinal de contas, deve significar apenas uma repetição deste mundo que conhecemos. Você vê imediatamente que é um desejo impossível e infantil fazer com que toda a existência infinita se adapte à existência limitada e condicionada que conhecemos. Quando um homem diz que terá repetidamente a mesma coisa que agora odeia, ou, como às vezes digo, quando ele pede uma religião confortável, você pode saber que ele se tornou tão degenerado que não consegue pensar em qualquer coisa superior ao que ele é agora; ele é apenas seu pequeno ambiente presente e nada mais. Ele esqueceu sua natureza infinita, e toda a sua ideia está confinada a essas pequenas alegrias, tristezas e ciúmes do coração do momento. Ele pensa que esta coisa finita é o infinito; e não só isso, ele não deixará essa tolice passar. Ele se apegava desesperadamente a Trishnâ e à sede de vida, o que os budistas chamam de Tanhâ e Tissâ. Pode haver milhões de tipos de felicidade, e seres, e leis, e progresso, e causalidade, todos agindo fora do pequeno universo que conhecemos; e, afinal de contas, tudo isso compreende apenas uma seção de nossa natureza infinita.

Para adquirir liberdade temos que ir além das limitações deste universo; não pode ser encontrado aqui. O equilíbrio perfeito, ou o que os cristãos chamam de paz que excede todo o entendimento, não pode ser obtido neste

universo, nem no céu, nem em qualquer lugar onde nossa mente e pensamentos possam ir, onde os sentidos possam sentir, ou que a imaginação possa conceber. . Nenhum lugar assim pode nos dar essa liberdade, porque todos esses lugares estariam dentro do nosso universo, e ele é limitado pelo espaço, pelo tempo e pela causalidade. Pode haver lugares que sejam mais etéreos do que esta nossa terra, onde os prazeres podem ser mais intensos, mas mesmo esses lugares devem estar no universo e, portanto, em cativeiro à lei; então temos que ir além, e a verdadeira religião começa onde termina este pequeno universo. Essas pequenas alegrias, tristezas e conhecimento das coisas terminam aí, e a realidade começa. Até desistirmos da sede de vida, do forte apego a esta nossa existência transitória e condicionada, não teremos esperança de vislumbrar sequer um vislumbre daquela liberdade infinita que está além. É lógico, então, que só existe uma maneira de alcançar aquela liberdade que é o objetivo de todas as aspirações mais nobres da humanidade, e que é renunciando a esta pequena vida, renunciando a este pequeno universo, renunciando a esta terra, renunciando a esta pequena vida, renunciando a este pequeno universo, renunciando a esta terra, abrir mão do céu, desistir do corpo, desistir da mente, desistir de tudo que é limitado e condicionado. Se abandonarmos o nosso apego a este pequeno universo dos sentidos ou da mente, seremos livres imediatamente. A única maneira de sair da escravidão é ir além das limitações da lei, ir além da causalidade.

Mas é muito difícil abandonar o apego a este universo; poucos conseguem isso. Existem duas maneiras de fazer isso mencionadas em nossos livros. Um é chamado de “Neti, Neti” (não isto, não isto), o outro é chamado de “Iti” (isto); o primeiro é o negativo e o último é o positivo. A forma negativa é a mais difícil. Isso só é possível para os homens das mais elevadas mentes excepcionais e vontades gigantescas que simplesmente se levantam e dizem: “Não, eu não permitirei isso”, e a mente e o corpo obedecem à sua vontade, e eles saem bem-sucedidos. Mas essas pessoas são muito raras. A grande maioria da humanidade escolhe o caminho positivo, o caminho através do mundo, fazendo uso de todas as amarras para quebrar essas mesmas amarras. Isto também é uma espécie de desistência; apenas isso é feito lenta e gradualmente, conhecendo as coisas, desfrutando das coisas e obtendo assim experiência, e conhecendo a natureza das coisas até que a mente finalmente as abandone e se desapegue. A primeira forma de

obter o desapego é através do raciocínio, e a última forma é através do trabalho e da experiência. O primeiro é o caminho do Jnâna-Yoga, e se caracteriza pela recusa em realizar qualquer trabalho; a segunda é a do Karma-Yoga, na qual não há cessação do trabalho. Cada um deve trabalhar no universo. Somente aqueles que estão perfeitamente satisfeitos com o Eu, cujos desejos não vão além do Eu, cuja mente nunca se desvia do Eu, para quem o Eu é tudo em todos, somente esses não funcionam. O resto deve funcionar. Uma corrente que desce por sua própria natureza cai em uma cavidade e forma um redemoinho e, depois de correr um pouco nesse redemoinho, emerge novamente na forma de corrente livre para continuar sem controle. Cada vida humana é como essa corrente. Ele entra no turbilhão, envolve-se neste mundo de espaço, tempo e causalidade, gira um pouco, gritando: "meu pai, meu irmão, meu nome, minha fama", e assim por diante, e finalmente emerge dele e recupera sua liberdade original. Todo o universo está fazendo isso. Quer saibamos ou não, quer estejamos conscientes ou inconscientes disso, estamos todos trabalhando para sair do sonho do mundo. A experiência do homem no mundo é capacitá-lo a sair do redemoinho.

O que é Karma-Yoga? O conhecimento do segredo do trabalho. Vemos que todo o universo está funcionando. Para que? Pela salvação, pela liberdade; do átomo ao ser mais elevado, trabalhando para um fim, liberdade para a mente, para o corpo, para o espírito. Todas as coisas estão sempre tentando obter liberdade, fugindo da escravidão. O sol, a lua, a terra, os planetas, todos estão tentando fugir da escravidão. As forças centrífugas e centrípetas da natureza são de fato típicas do nosso universo. Em vez de sermos atropelados neste universo, e depois de muito atraso e debate, conhecendo as coisas como elas são, aprendemos com o Karma-Yoga o segredo do trabalho, o método de trabalho, o poder organizador do trabalho. Uma grande quantidade de energia pode ser gasta em vão se não soubermos como utilizá-la. Karma-Yoga faz do trabalho uma ciência; você aprende com ele a melhor forma de utilizar todo o funcionamento deste mundo. O trabalho é inevitável, deve ser assim; mas devemos trabalhar com o propósito mais elevado. Karma-Yoga nos faz admitir que este mundo é um mundo de cinco minutos, que é algo pelo qual temos que passar; e essa liberdade não está aqui, mas só pode ser encontrada além. Para encontrar o caminho para sair das amarras do mundo, temos que percorrê-lo lenta e

seguramente. Pode haver aquelas pessoas excepcionais sobre as quais acabei de falar, aquelas que conseguem ficar de lado e desistir do mundo, como uma cobra tira a pele e fica de lado e olha para ela. Não há dúvida de que existem seres excepcionais; mas o resto da humanidade tem de percorrer lentamente o mundo do trabalho. Karma-Yoga mostra o processo, o segredo e o método para fazer isso da melhor maneira possível.

O que isso diz? "Trabalhe incessantemente, mas desista de todo apego ao trabalho." Não se identifique com nada. Mantenha sua mente livre. Tudo isso que você vê, as dores e as misérias, são apenas as condições necessárias deste mundo; a pobreza, a riqueza e a felicidade são apenas momentâneas; eles não pertencem de forma alguma à nossa natureza real. Nossa natureza está muito além da miséria e da felicidade, além de todo objeto dos sentidos, além da imaginação; e ainda assim devemos continuar trabalhando o tempo todo. "A miséria vem através do apego, não através do trabalho." Assim que nos identificamos com o trabalho que fazemos, sentimo-nos infelizes; mas se não nos identificarmos com isso, não sentiremos essa miséria. Se uma bela imagem pertencente a outra pessoa é queimada, o homem geralmente não fica infeliz; mas quando sua própria imagem é queimada, quão miserável ele se sente! Por que? Ambas eram lindas fotos, talvez cópias do mesmo original; mas num caso sente-se muito mais miséria do que no outro. É porque num caso ele se identifica com a imagem e no outro não. Este "eu e meu" causa toda a miséria. Com o sentimento de posse vem o egoísmo, e o egoísmo traz a miséria. Cada ato de egoísmo ou pensamento de egoísmo nos apega a algo e imediatamente nos tornamos escravos. Cada onda no Chitta que diz "Eu e meu" imediatamente nos envolve em uma corrente e nos torna escravos; e quanto mais dizemos "eu e meu", mais cresce a escravidão, mais aumenta a miséria. Portanto, Karma-Yoga nos diz para apreciarmos a beleza de todas as imagens do mundo, mas não nos identificarmos com nenhuma delas. Nunca diga "meu". Sempre que dizemos que algo é "meu", a miséria virá imediatamente. Nem sequer diga "meu filho" em sua mente. Possua o filho, mas não diga "meu". Se você fizer isso, então virá a miséria. Não diga "minha casa", não diga "meu corpo". Toda a dificuldade está aí. O corpo não é seu, nem meu, nem de ninguém. Esses corpos vão e vêm pelas leis da natureza, mas somos livres, servindo de testemunha. Este corpo não é mais livre do que um quadro ou uma parede. Por que deveríamos estar tão

apegados a um corpo Se alguém pinta um quadro, ele o faz e não projeta esse tentáculo de egoísmo? “Devo possuí-lo”. Assim que isso for projetado, a miséria começará.

Portanto, Karma-Yoga diz: primeiro destrua a tendência de projetar esse tentáculo do egoísmo e, quando você tiver o poder de controlá-lo, segure-o e não permita que a mente entre nos caminhos do egoísmo. Então você pode sair pelo mundo e trabalhar o máximo que puder. Misture em todos os lugares, vá onde quiser; você nunca será contaminado pelo mal. Existe a folha de lótus na água; a água não pode tocá-la e aderir a ela; assim você estará no mundo. Isto se chama “Vairâgya”, desapego ou desapego. Acredito ter lhe dito que sem desapego não pode haver qualquer tipo de Yoga. O desapego é a base de todos os Yogas. O homem que desiste de viver em casas, de usar roupas finas e de comer boa comida, e vai para o deserto, pode ser uma pessoa muito apegada. Sua única posse, seu próprio corpo, pode tornar-se tudo para ele; e enquanto viver, estará simplesmente lutando pelo bem de seu corpo. O desapego não significa nada que possamos fazer em relação ao nosso corpo externo, está tudo na mente. O elo de ligação entre “eu e o meu” está na mente. Se não tivermos esta ligação com o corpo e com as coisas dos sentidos, estaremos desapegados, onde quer que estejamos e o que quer que estejamos. Um homem pode estar num trono e ser perfeitamente desapegado; outro homem pode estar em farrapos e ainda muito apegado. Primeiro, temos que atingir esse estado de desapego e depois trabalhar incessantemente. Karma-Yoga nos dá o método que nos ajudará a abandonar todo apego, embora seja realmente muito difícil.

Aqui estão as duas maneiras de abandonar todo apego. O primeiro é para aqueles que não acreditam em Deus, ou em qualquer ajuda externa. Eles são deixados à própria sorte; eles têm simplesmente que trabalhar com a sua própria vontade, com os poderes da sua mente e discriminação, dizendo: “Devo ser desapegado”. Para quem acredita em Deus existe outro caminho, que é muito menos difícil. Eles entregam os frutos do trabalho ao Senhor; eles funcionam e nunca estão apegados aos resultados. Tudo o que eles veem, sentem, ouvem ou fazem é para Ele. Por qualquer bom trabalho que possamos fazer, não reivindicamos nenhum elogio ou benefício. É do Senhor; entregue os frutos a Ele. Fiquemos de lado e pensemos que somos

apenas servos que obedecem ao Senhor, nosso Mestre, e que todo impulso para a ação vem Dele a cada momento. Tudo o que você adora, tudo o que você percebe, tudo o que você faz, entregue tudo a Ele e descanse.

Estejamos em paz, em perfeita paz, conosco mesmos, e entreguemos todo o nosso corpo e mente e tudo mais como um sacrifício eterno ao Senhor. Em vez do sacrifício de derramar oblações no fogo, realize este grande sacrifício dia e noite – o sacrifício do seu pequeno eu. "Em busca de riqueza neste mundo, Tu és a única riqueza que encontrei; eu me sacrifico a Ti. Em busca de alguém para ser amado, Tu és o único amado que encontrei; eu me sacrifico a Ti." Repitamos isso dia e noite e digamos: "Nada para mim; não importa se a coisa é boa, ruim ou indiferente; eu não me importo com isso; eu sacrifico tudo a Ti". Dia e noite, renunciemos ao nosso eu aparente, até que isso se torne um hábito para nós, até que ele penetre no sangue, nos nervos e no cérebro, e todo o corpo seja obediente a cada momento a essa ideia de auto-renúncia. Vá então para o meio do campo de batalha, com o rugido dos canhões e o barulho da guerra, e você se sentirá livre e em paz.

Karma-Yoga nos ensina que a ideia comum de dever está no plano inferior; no entanto, todos nós temos que cumprir o nosso dever. No entanto, podemos ver que este sentido peculiar de dever é muitas vezes uma grande causa de miséria. O dever se torna uma doença para nós; isso nos arrasta sempre para frente. Ela se apodera de nós e torna toda a nossa vida miserável. É a ruína da vida humana. Este dever, esta ideia de dever é o sol do meio-dia de verão que queima o mais íntimo da alma da humanidade. Olhem para aqueles pobres escravos do dever! O dever não lhes deixa tempo para fazer orações, nem tempo para tomar banho. O dever está sempre sobre eles. Eles saem e trabalham. O dever é deles! Eles chegam em casa e pensam no trabalho do dia seguinte. O dever é deles! É viver uma vida de escravo, finalmente caindo na rua e morrendo nos arreios, como um cavalo. Isto é dever tal como é entendido. O único verdadeiro dever é ser desapegado e trabalhar como seres livres, entregar todo trabalho a Deus. Todos os nossos deveres são Dele. Bem-aventurados somos por termos sido ordenados aqui. Cumprimos nosso tempo; se o fazemos mal ou bem, quem sabe? Se fizermos bem, não colheremos os frutos. Se fizermos mal, também não receberemos cuidados. Descanse, seja livre e trabalhe. Esse tipo de liberdade é algo muito difícil de alcançar. Quão fácil é interpretar a escravidão como dever – o mórbido apego de carne por carne como dever!

Os homens saem pelo mundo e lutam e lutam por dinheiro ou por qualquer outra coisa a que se apeguem. Pergunte-lhes por que fazem isso. Dizem: “É um dever”. É a absurda ganância por ouro e ganho, e tentam cobrir isso com algumas flores.

Afinal, o que é o dever? É realmente o impulso da carne, do nosso apego; e quando um apego se estabelece, chamamos isso de dever. Por exemplo, em países onde não existe casamento, não existe dever entre marido e mulher; quando chega o casamento, marido e mulher vivem juntos por causa do apego; e esse tipo de convivência se estabelece após gerações; e quando fica assim resolvido, torna-se um dever. É, por assim dizer, uma espécie de doença crônica. Quando é agudo, chamamos de doença; quando é crônico, chamamos isso de natureza. É uma doença. Assim, quando o apego se torna crônico, nós o batizamos com o nome sonoro de dever. Nós espalhamos flores sobre ele, trombetas soam para ele, textos sagrados são recitados sobre ele, e então o mundo inteiro luta, e os homens roubam uns aos outros por causa deste dever. O dever é bom na medida em que controla a brutalidade. Para os tipos mais baixos de homens, que não podem ter nenhum outro ideal, isso é de algum bem; mas aqueles que querem ser Karma-Yogis devem jogar fora essa ideia de dever. Não há dever para você e para mim. Tudo o que você tem para dar ao mundo, dê-o por todos os meios, mas não como um dever. Não pense nisso. Não seja obrigado. Por que você deveria ser compelido? Tudo o que você faz sob compulsão serve para construir apego. Por que você deveria ter algum dever? Renuncie tudo a Deus. Nesta tremenda fornalha onde o fogo do dever queima a todos, beba esta taça de néctar e seja feliz. Estamos todos simplesmente cumprindo a Sua vontade e não temos nada a ver com recompensas e punições. Se você quer a recompensa, também deve receber o castigo; a única maneira de escapar do castigo é desistir da recompensa. A única maneira de sair da miséria é desistir da ideia de felicidade, porque as duas estão ligadas uma à outra. De um lado está a felicidade, do outro está a miséria. De um lado está a vida, do outro está a morte. A única maneira de superar a morte é desistir do amor pela vida. Vida e morte são a mesma coisa, vistas de pontos diferentes. Assim, a ideia de felicidade sem miséria, ou de vida sem morte, é muito boa para estudantes e crianças; mas o pensador vê que tudo isso é uma contradição em termos e desiste de ambos. Não procure elogios nem recompensas por nada que você faça. Assim que realizamos uma boa ação,

começamos a desejar crédito por ela. Assim que doamos dinheiro para alguma instituição de caridade, queremos ver nossos nomes estampados nos jornais. A miséria deve surgir como resultado de tais desejos. Os maiores homens do mundo faleceram desconhecidos. Os Budas e os Cristos que conhecemos são apenas heróis de segunda categoria em comparação com os maiores homens dos quais o mundo nada sabe. Centenas destes heróis desconhecidos viveram em todos os países trabalhando silenciosamente. Silenciosamente eles vivem e silenciosamente morrem; e com o tempo os seus pensamentos encontram expressão em Budas ou Cristos, e são estes últimos que se tornam conhecidos por nós. Os homens mais elevados não procuram obter qualquer nome ou fama a partir do seu conhecimento. Eles deixam suas ideias para o mundo; eles não fazem reivindicações para si próprios e não estabelecem escolas ou sistemas em seu nome. Toda a sua natureza se retrai diante de tal coisa. Eles são os Sâttvikas puros, que nunca conseguem causar qualquer agitação, mas apenas se derretem no amor. Já vi um desses iogues que vive numa caverna na Índia. Ele é um dos homens mais maravilhosos que já vi. Ele perdeu tão completamente o sentido de sua própria individualidade que podemos dizer que o homem nele se foi completamente, deixando para trás apenas o sentido abrangente do divino. Se um animal morde um de seus braços, ele está pronto para lhe dar também o outro braço e dizer que é a vontade do Senhor. Tudo o que vem a ele vem do Senhor. Ele não se mostra aos homens, mas é uma revista de amor e de ideias verdadeiras e doces.

Em seguida vêm os homens com mais Rajas, ou atividades, naturezas combativas, que adotam as idéias dos perfeitos e as pregam ao mundo. Os homens mais elevados recolhem silenciosamente ideias verdadeiras e nobres, e outros – os Budas e os Cristos – vão de lugar em lugar pregando-as e trabalhando para elas. Na vida de Gautama Buda, notamos que ele constantemente diz que é o vigésimo quinto Buda. Os vinte e quatro antes dele são desconhecidos na história, embora o Buda conhecido na história deva ter construído sobre os alicerces estabelecidos por eles. Os homens mais elevados são calmos, silenciosos e desconhecidos. São os homens que realmente conhecem o poder do pensamento; eles têm certeza de que, mesmo que entrem em uma caverna e fechem a porta e simplesmente tenham cinco pensamentos verdadeiros e depois morram, esses cinco pensamentos deles viverão por toda a eternidade. Na verdade, tais

pensamentos penetrarão nas montanhas, cruzarão os oceanos e viajarão pelo mundo. Eles penetrarão profundamente nos corações e cérebros humanos e suscitarão homens e mulheres que lhes darão expressão prática no funcionamento da vida humana. Esses homens Sattvika estão muito próximos do Senhor para serem ativos e lutarem, para trabalharem, lutarem, pregarem e fazerem o bem, como dizem, aqui na terra para a humanidade. Os trabalhadores ativos, por melhores que sejam, ainda têm um pouco de ignorância. Quando a nossa natureza ainda tiver algumas impurezas, só então poderemos trabalhar. É da natureza do trabalho ser normalmente impelido por motivo e apego. Na presença de uma Providência sempre ativa, que nota até a queda do pardal, como pode o homem atribuir alguma importância ao seu próprio trabalho? Não será uma blasfêmia fazer isso quando sabemos que Ele está cuidando das menores coisas do mundo? Temos apenas que ficar com temor e reverência diante Dele, dizendo: “Seja feita a tua vontade”. Os homens mais elevados não podem trabalhar, pois neles não há apego. Aqueles cuja alma inteira está voltada para o Ser, aqueles cujos desejos estão confinados no Ser, que se tornaram sempre associados ao Ser, para eles não há trabalho. Tais são, de fato, os mais elevados da humanidade; mas fora eles todos os outros têm que trabalhar. Ao trabalharmos assim, nunca deveríamos pensar que podemos ajudar, mesmo nas mínimas coisas deste universo. Nós não podemos. Só nos ajudamos neste ginásio do mundo. Esta é a atitude adequada de trabalho. Se trabalharmos desta forma, se nos lembrarmos sempre de que a nossa presente oportunidade de trabalhar desta forma é um privilégio que nos foi dado, nunca estaremos apegados a nada. Milhões como você e eu pensam que somos grandes pessoas no mundo; mas todos morremos e em cinco minutos o mundo nos esquece. Mas a vida de Deus é infinita. “Quem pode viver um momento, respirar um momento, se este Todo-Poderoso não quiser?” Ele é a Providência sempre ativa. Todo o poder é Dele e está sob Seu comando. Através do Seu comando os ventos sopram, o sol brilha, a terra vive e a morte espreita sobre a terra. Ele é tudo em tudo; Ele é tudo e está em todos. Só podemos adorá-Lo. Desista de todos os frutos do trabalho; faça o bem por si só; só então virá o desapego perfeito. Os laços do coração serão assim rompidos e colheremos a liberdade perfeita. Esta liberdade é de fato o objetivo do Karma-Yoga.

1.2.8 CAPÍTULO 8: O IDEAL DO KARMA-YOGA

A ideia mais grandiosa da religião do Vedanta é que podemos alcançar o mesmo objetivo por caminhos diferentes; e generalizei esses caminhos em quatro, a saber, os do trabalho, do amor, da psicologia e do conhecimento. Mas é preciso, ao mesmo tempo, lembrar que essas divisões não são muito marcadas e bastante exclusivas umas das outras. Um se mistura com o outro. Mas de acordo com o tipo que prevalece, nomeamos as divisões. Não é que você possa encontrar homens que não tenham outra faculdade além da de trabalhar, nem que você possa encontrar homens que não sejam mais do que adoradores devotados, nem que haja homens que não tenham mais do que mero conhecimento. Essas divisões são feitas de acordo com o tipo ou tendência que pode prevalecer no homem. Descobrimos que, no final, todos estes quatro caminhos convergem e tornam-se um. Todas as religiões e todos os métodos de trabalho e adoração nos levam a um único e mesmo objetivo.

Já tentei apontar esse objetivo. É liberdade como eu a entendo. Tudo o que percebemos ao nosso redor está lutando pela liberdade, desde o átomo até o homem, desde a partícula insensível e sem vida da matéria até a existência mais elevada na terra, a alma humana. Todo o universo é de facto o resultado desta luta pela liberdade. Em todas as combinações, cada partícula tenta seguir seu próprio caminho, fugir das outras partículas; mas os outros estão controlando isso. Nossa terra está tentando voar para longe do sol e a lua da terra. Tudo tem tendência à dispersão infinita. Tudo o que vemos no universo tem como base esta luta pela liberdade; é sob o impulso desta tendência que o santo reza e o ladrão rouba. Quando a linha de ação adotada não é adequada, chamamos isso de mal; e quando a manifestação disso é adequada e elevada, chamamos isso de bom. Mas o impulso é o mesmo, a luta pela liberdade. O santo fica oprimido com o conhecimento de sua condição de escravidão e quer se livrar dela; então ele adora a Deus. O ladrão é oprimido pela ideia de que não possui certas coisas e tenta livrar-se dessa necessidade, para se libertar dela; então ele rouba. A liberdade é o único objetivo de toda a natureza, senciente ou insensível; e consciente ou inconscientemente, tudo está lutando para atingir esse objetivo. A liberdade que o santo busca é muito diferente daquela que o ladrão busca; a liberdade amada pelo santo leva-o ao gozo de uma bem-aventurança infinita e

indescritível, enquanto aquilo em que o ladrão colocou seu coração apenas forja outros laços para sua alma.

Encontra-se em todas as religiões a manifestação desta luta pela liberdade. É a base de toda a moralidade, do altruísmo, o que significa livrar-se da ideia de que os homens são iguais ao seu corpinho. Quando vemos um homem fazendo um bom trabalho, ajudando os outros, significa que ele não pode ficar confinado ao círculo limitado do “eu e o meu”. Não há limite para sair do egoísmo. Todos os grandes sistemas de ética pregam o altruísmo absoluto como meta. Supondo que esse altruísmo absoluto possa ser alcançado por um homem, o que acontece com ele? Ele não é mais o pequeno Sr. Fulano de Tal; ele adquiriu expansão infinita. A pequena personalidade que ele tinha antes está agora perdida para ele; ele tornou-se infinito, e a consecução desta expansão infinita é de facto o objectivo de todas as religiões e de todos os ensinamentos morais e filosóficos. O personalista, quando ouve esta ideia colocada filosoficamente, fica assustado. Ao mesmo tempo, se ele prega a moralidade, afinal de contas ele mesmo ensina a mesma ideia. Ele não põe limites ao altruísmo do homem. Suponhamos que um homem se torne perfeitamente altruísta sob o sistema personalista, como podemos distingui-lo dos aperfeiçoados em outro sistema? Ele se tornou um com o universo e tornar-se esse é o objetivo de todos; só o pobre personalista não tem a coragem de seguir o seu próprio raciocínio até à conclusão correcta. Karma-Yoga é a obtenção, através do trabalho altruísta, daquela liberdade que é a meta de toda a natureza humana. Toda ação egoísta, portanto, retarda nosso alcance da meta, e toda ação altruísta nos leva em direção à meta; é por isso que a única definição que pode ser dada de moralidade é esta: aquilo que é egoísta é imoral, e aquilo que é altruísta é moral.

Mas, se chegarmos aos detalhes, o assunto não parecerá tão simples. Por exemplo, o ambiente muitas vezes torna os detalhes diferentes, como já mencionei. A mesma ação sob um conjunto de circunstâncias pode ser altruísta, e sob outro conjunto pode ser bastante egoísta. Portanto, podemos dar apenas uma definição geral e deixar que os detalhes sejam resolvidos, levando em consideração as diferenças de tempo, lugar e circunstâncias. Num país, um tipo de conduta é considerado moral, e noutro, a mesma conduta é imoral, porque as circunstâncias são diferentes. O objetivo de

toda a natureza é a liberdade, e a liberdade só pode ser alcançada através do altruísmo perfeito; todo pensamento, palavra ou ação altruísta nos leva ao objetivo e, como tal, é chamado de moral. Essa definição, você descobrirá, é válida em todas as religiões e em todos os sistemas de ética. Em alguns sistemas de pensamento, a moralidade deriva de um Ser Superior – Deus. Se você perguntar por que um homem deveria fazer isto e não aquilo, a resposta deles será: “Porque tal é a ordem de Deus”. Mas seja qual for a fonte da qual deriva, o seu código de ética também tem a mesma ideia central – não pensar em si mesmo, mas renunciar a si mesmo. E, no entanto, algumas pessoas, apesar desta elevada ideia ética, ficam assustadas com a ideia de terem de abandonar as suas pequenas personalidades. Podemos pedir ao homem que se apegue à ideia de pequenas personalidades que considere o caso de uma pessoa que se tornou perfeitamente altruísta, que não pensa em si mesma, que não faz nada por si mesma, que não fala uma palavra por si mesma, e então dizer onde está o seu “ele mesmo”. Esse “ele mesmo” só é conhecido por ele enquanto ele pensa, age ou fala por si mesmo. Se ele está consciente apenas dos outros, do universo e do todo, onde está o seu “ele mesmo”? Desapareceu para sempre.

Karma-Yoga, portanto, é um sistema de ética e religião destinado a alcançar a liberdade através do altruísmo e de boas obras. O Karma-Yogue não precisa acreditar em nenhuma doutrina. Ele pode nem acreditar em Deus, pode não perguntar o que é a sua alma, nem pensar em qualquer especulação metafísica. Ele tem o seu próprio objetivo especial de realizar o altruísmo; e ele tem que resolver isso sozinho. Cada momento de sua vida deve ser de realização, porque ele tem que resolver por mero trabalho, sem a ajuda de doutrina ou teoria, o mesmo problema ao qual o Jnâni aplica sua razão e inspiração e o Bhakta seu amor.

Agora vem a próxima pergunta: O que é esse trabalho? O que isso está fazendo de bom ao mundo? Podemos fazer o bem ao mundo? Em sentido absoluto, não; em um sentido relativo, sim. Nenhum bem permanente ou eterno pode ser feito ao mundo; se isso pudesse ser feito, o mundo não seria este mundo. Podemos saciar a fome de um homem durante cinco minutos, mas ele terá fome novamente. Todo prazer que proporcionamos a um homem pode ser considerado momentâneo. Ninguém pode curar permanentemente esta febre sempre recorrente de prazer e dor. Alguma

felicidade permanente pode ser dada ao mundo? No oceano não podemos levantar uma onda sem causar um buraco em outro lugar. A soma total das coisas boas do mundo tem sido sempre a mesma em sua relação com a necessidade e a ganância do homem. Não pode ser aumentado ou diminuído. Vejamos a história da raça humana como a conhecemos hoje. Não encontramos as mesmas misérias e a mesma felicidade, os mesmos prazeres e dores, as mesmas diferenças de posição? Não são alguns ricos, alguns pobres, alguns altos, alguns baixos, alguns saudáveis, alguns insalubres? Tudo isso aconteceu com os egípcios, os gregos e os romanos nos tempos antigos da mesma forma que acontece com os americanos hoje. Até onde a história é conhecida, sempre foi a mesma; mas, ao mesmo tempo, descobrimos que, acompanhando todas essas diferenças incuráveis de prazer e dor, sempre houve uma luta para aliviá-las. Cada período da história deu origem a milhares de homens e mulheres que trabalharam arduamente para facilitar a passagem da vida de outros. E até que ponto eles conseguiram? Só podemos brincar de conduzir a bola de um lugar para outro. Tiramos a dor do plano físico e ela vai para o mental. É como aquela imagem no inferno de Dante, onde os avarentos receberam uma massa de ouro para rolar colina acima. Cada vez que eles enrolavam um pouco, ele rolava novamente para baixo. Todas as nossas palestras sobre o milênio são muito bonitas como histórias de estudantes, mas não são melhores do que isso. Todas as nações que sonham com o milênio também pensam que, de todos os povos do mundo, terão então o melhor para si. Esta é a ideia maravilhosamente altruísta do milênio!

Não podemos acrescentar felicidade a este mundo; da mesma forma, também não podemos adicionar dor a isso. A soma total das energias de prazer e dor exibidas aqui na Terra será sempre a mesma. Nós apenas o empurramos deste lado para o outro lado, e daquele lado para este, mas ele permanecerá o mesmo, porque permanecer assim é a sua própria natureza. Este fluxo e refluxo, esta subida e descida, fazem parte da própria natureza do mundo; seria tão lógico defender o contrário quanto dizer que podemos ter vida sem morte. Isto é um completo disparate, porque a própria ideia de vida implica morte e a própria ideia de prazer implica dor. A lâmpada está constantemente queimando e essa é a sua vida. Se você quer ter vida, você tem que morrer a cada momento por ela. A vida e a morte são apenas expressões diferentes da mesma coisa, vistas de pontos de vista diferentes;

são a queda e a ascensão da mesma onda, e as duas formam um todo. Um olha para o lado da “queda” e se torna pessimista, outro olha para o lado da “ascensão” e se torna otimista. Quando um menino vai para a escola e seu pai e sua mãe cuidam dele, tudo lhe parece abençoado; seus desejos são simples, ele é um grande otimista. Mas o velho, com sua experiência variada, fica mais calmo e com certeza terá seu calor consideravelmente esfriado. Assim, as nações antigas, com sinais de decadência à sua volta, tendem a ser menos esperançosas do que as novas nações. Existe um provérbio na Índia: “Mil anos uma cidade e mil anos uma floresta”. Essa transformação da cidade em floresta e vice-versa está acontecendo em todos os lugares e torna as pessoas otimistas ou pessimistas conforme o lado que veem dela.

A próxima ideia que abordamos é a ideia de igualdade. Estas ideias do milénio têm sido grandes forças motrizes para trabalhar. Muitas religiões pregam isto como um elemento delas – que Deus está vindo para governar o universo, e que então não haverá diferença alguma nas condições. As pessoas que pregam esta doutrina são meros fanáticos, e os fanáticos são de fato os mais sinceros da humanidade. O Cristianismo foi pregado apenas com base no fascínio deste fanatismo, e foi isso que o tornou tão atraente para os escravos gregos e romanos. Eles acreditavam que sob a religião milenar não haveria mais escravidão, que haveria fartura para comer e beber; e, portanto, eles se reuniram em torno do padrão cristão. Aqueles que primeiro pregaram a ideia eram, naturalmente, fanáticos ignorantes, mas muito sinceros. Nos tempos modernos, esta aspiração milenar assume a forma de igualdade – de liberdade, igualdade e fraternidade. Isso também é fanatismo. A verdadeira igualdade nunca existiu e nunca poderá existir na terra. Como podemos todos ser iguais aqui? Este tipo impossível de igualdade implica a morte total. O que torna este mundo o que é? Equilíbrio perdido. No estado primordial, chamado caos, existe um equilíbrio perfeito. Como surgem então todas as forças formativas do universo? Pela luta, pela competição, pelo conflito. Suponhamos que todas as partículas da matéria fossem mantidas em equilíbrio; haveria então algum processo de criação? Sabemos pela ciência que isso é impossível. Perturbe um lençol de água e lá você encontrará cada partícula de água tentando se acalmar novamente, uma correndo contra a outra; e da mesma forma, todos os fenómenos a que chamamos universo – todas as coisas nele contidas – lutam para voltar ao

estado de equilíbrio perfeito. Novamente surge uma perturbação e novamente temos combinação e criação. A desigualdade é a própria base da criação. Ao mesmo tempo, as forças que lutam para obter a igualdade são tanto uma necessidade da criação como aquelas que a destroem.

A igualdade absoluta, aquilo que significa um equilíbrio perfeito de todas as forças em conflito em todos os planos, nunca poderá existir neste mundo. Antes de você atingir esse estado, o mundo se tornará bastante impróprio para qualquer tipo de vida e não haverá ninguém lá. Descobrimos, portanto, que todas estas ideias do milénio e da igualdade absoluta não são apenas impossíveis, mas também que, se tentarmos concretizá-las, elas conduzir-nos-ão seguramente ao dia da destruição. O que faz a diferença entre homem e homem? É em grande parte a diferença no cérebro. Hoje em dia, ninguém, exceto um lunático, dirá que todos nascemos com a mesma capacidade cerebral. Viemos ao mundo com dotações desiguais; viemos como homens maiores ou como homens inferiores, e não há como fugir dessa condição determinada pré-natalmente. Os índios americanos estiveram neste país durante milhares de anos, e alguns poucos de seus ancestrais vieram para suas terras. Que diferença causaram na aparência do país! Por que os índios não fizeram melhorias e construíram cidades, se todos eram iguais? Com seus ancestrais, um tipo diferente de poder cerebral entrou na terra, diferentes feixes de impressões passadas surgiram, e eles funcionaram e se manifestaram. A não diferenciação absoluta é a morte. Enquanto este mundo durar, a diferenciação existirá e deverá existir, e o milénio de igualdade perfeita só chegará quando um ciclo de criação chegar ao seu fim. Antes disso, a igualdade não pode existir. No entanto, esta ideia de realizar o milénio é uma grande força motriz. Tal como a desigualdade é necessária para a própria criação, também é necessária a luta para a limitar. Se não houvesse luta para se tornar livre e voltar para Deus, também não haveria criação. É a diferença entre estas duas forças que determina a natureza dos motivos dos homens. Sempre existirão esses motivos para trabalhar, alguns tendendo à escravidão e outros à liberdade.

A roda dentro da roda deste mundo é um mecanismo terrível; se colocarmos as mãos nele, assim que formos apanhados, desapareceremos. Todos pensamos que, quando tivermos cumprido um determinado dever, estaremos em descanso; mas antes de cumprirmos uma parte desse dever,

outra já está à nossa espera. Estamos todos sendo arrastados por esta poderosa e complexa máquina mundial. Existem apenas duas maneiras de sair disso; uma delas é desistir de todas as preocupações com a máquina, deixá-la ir e ficar de lado, desistir dos nossos desejos. Isso é muito fácil de dizer, mas é quase impossível de fazer. Não sei se em vinte milhões de homens se pode fazer isso. A outra maneira é mergulhar no mundo e aprender o segredo do trabalho, e esse é o caminho do Karma-Yoga. Não voe para longe das rodas da máquina do mundo, mas fique dentro dela e aprenda o segredo do trabalho. Através de um trabalho adequado feito por dentro, também é possível sair. Através desta própria maquinaria está a saída.

Vimos agora o que é trabalho. Faz parte da fundação da natureza e continua sempre. Aqueles que acreditam em Deus entendem isso melhor, porque sabem que Deus não é um ser tão incapaz que precise da nossa ajuda. Embora este universo continue sempre, nosso objetivo é a liberdade, nosso objetivo é o altruísmo; e de acordo com o Karma-Yoga, esse objetivo deve ser alcançado através do trabalho. Todas as ideias de tornar o mundo perfeitamente feliz podem ser boas como forças motrizes para fanáticos; mas devemos saber que o fanatismo produz tanto mal quanto bem. O Karma-Yogue pergunta por que você precisa de qualquer motivo para trabalhar além do amor inato pela liberdade. Esteja além dos motivos mundanos comuns. “Você tem direito ao trabalho, mas não aos frutos dele.” O homem pode treinar-se para conhecer e praticar isso, diz o Karma-Yogi. Quando a idéia de fazer o bem se tornar parte de seu próprio ser, ele não buscará nenhum motivo externo. Façamos o bem porque é bom fazer o bem; quem faz um bom trabalho até mesmo para chegar ao céu se compromete, diz o Karma-Yogue. Qualquer trabalho feito com qualquer motivo, por menor que seja, egoísta, em vez de nos libertar, forja mais uma corrente para os nossos pés.

Portanto, a única maneira é abrir mão de todos os frutos do trabalho, desapegar-se deles. Saiba que este mundo não somos nós, nem somos este mundo; que realmente não somos o corpo; que realmente não trabalhamos. Nós somos o Eu, eternamente em repouso e em paz. Por que deveríamos estar vinculados a alguma coisa? É muito bom dizer que deveríamos ser perfeitamente desapegados, mas como fazê-lo? Todo bom trabalho que

fazemos sem segundas intenções, em vez de forjar uma nova corrente, quebrará um dos elos das correntes existentes. Cada bom pensamento que enviamos ao mundo sem pensar em retorno, será armazenado lá em cima e quebrará um elo da corrente, e nos tornará cada vez mais puros, até nos tornarmos os mais puros dos mortais. No entanto, tudo isto pode parecer bastante quixotesco e demasiado filosófico, mais teórico do que prático. Li muitos argumentos contra o Bhagavad-Gita e muitos disseram que sem motivos você não pode trabalhar. Eles nunca viram trabalho altruísta, exceto sob a influência do fanatismo, e, portanto, falam dessa forma.

Deixe-me dizer-lhe, para concluir, algumas palavras sobre um homem que realmente colocou em prática esse ensinamento do Karma-Yoga. Esse homem é Buda. Ele é o único homem que levou isso à prática perfeita. Todos os profetas do mundo, exceto Buda, tinham motivos externos que os levaram a ações altruístas. Os profetas do mundo, com esta única exceção, podem ser divididos em dois grupos, um conjunto sustentando que são encarnações de Deus que desceu à terra, e o outro sustentando que são apenas mensageiros de Deus; e ambos extraem seu ímpeto para o trabalho de fora, esperam recompensa de fora, por mais altamente espiritual que seja a linguagem que usam. Mas Buda é o único profeta que disse: "Não me interessa conhecer suas várias teorias sobre Deus. Qual é a utilidade de discutir todas as doutrinas sutis sobre a alma? Faça o bem e seja bom. E isso o levará à liberdade e para qualquer verdade que exista." Ele estava, na condução de sua vida, absolutamente sem motivos pessoais; e que homem trabalhou mais do que ele? Mostre-me na história um personagem que tenha se elevado tão alto acima de todos. Toda a raça humana produziu apenas um tal caráter, uma filosofia tão elevada, uma simpatia tão ampla. Este grande filósofo, pregando a filosofia mais elevada, ainda assim tinha a mais profunda simpatia pelos animais mais inferiores e nunca fez qualquer reivindicação para si mesmo. Ele é o Karma-Yogue ideal, agindo inteiramente sem motivo, e a história da humanidade mostra que ele foi o maior homem que já existiu; sem comparação, a maior combinação de coração e cérebro que já existiu, o maior poder da alma que já foi manifestado. Ele é o primeiro grande reformador que o mundo viu. Ele foi o primeiro que ousou dizer: "Não acredite porque alguns manuscritos antigos foram produzidos, não acredite porque é a sua crença nacional, porque você foi levado a acreditar nisso desde a sua infância; mas raciocine tudo, e

depois de ter analisou-o, então, se você achar que ele fará bem a todos, acredite, viva de acordo com isso e ajude outros a viver de acordo com isso. Trabalha melhor quem trabalha sem motivo algum, nem por dinheiro, nem por fama, nem por qualquer outra coisa; e quando um homem puder fazer isso, ele será um Buda, e dele surgirá o poder para trabalhar de uma maneira que transforme o mundo. Este homem representa o ideal mais elevado do Karma-Yoga.

1.3 RAJA-YOGA

1.3.0 PREFÁCIO

Desde o início da história, vários fenômenos extraordinários foram registrados como acontecendo entre os seres humanos. As testemunhas não estão querendo, nos tempos modernos, atestar a realidade de tais eventos, mesmo em sociedades que vivem sob o brilho da ciência moderna. A vasta massa de tais evidências não é confiável, pois vem de pessoas ignorantes, supersticiosas ou fraudulentas. Em muitos casos, os chamados milagres são imitações. Mas o que eles imitam? Não é sinal de uma mente sincera e científica lançar qualquer coisa ao mar sem a devida investigação. Os cientistas da superfície, incapazes de explicar os vários fenômenos mentais extraordinários, esforçam-se por ignorar a sua própria existência. São, portanto, mais culpados do que aqueles que pensam que as suas orações são respondidas por um ser, ou seres, acima das nuvens, ou do que aqueles que acreditam que as suas petições farão com que tais seres mudem o curso do universo. Estes últimos têm a desculpa da ignorância, ou pelo menos de um sistema defeituoso de educação, que lhes ensinou a dependência de tais seres, uma dependência que se tornou parte da sua natureza degenerada. Os primeiros não têm essa desculpa.

Durante milhares de anos tais fenômenos foram estudados, investigados e generalizados, toda a base das faculdades religiosas do homem foi analisada, e o resultado prático é a ciência do Raja-Yoga. O Raja-Yoga, à maneira imperdoável de alguns cientistas modernos, não nega a existência de fatos difíceis de explicar; por outro lado, diz gentilmente, mas em termos

inequívocos, aos supersticiosos que os milagres, as respostas às orações e os poderes da fé, embora verdadeiros como fatos, não se tornam compreensíveis através da explicação supersticiosa de atribuí-los à ação de um ser, ou seres, acima das nuvens. Declara que cada homem é apenas um canal para o oceano infinito de conhecimento e poder que está por trás da humanidade. Ensina que os desejos e carências estão no homem, que o poder de suprir também está no homem; e que sempre e onde quer que um desejo, uma vontade, uma oração tenha sido satisfeita, foi deste armazém infinito que veio o suprimento, e não de qualquer ser sobrenatural. A ideia de seres sobrenaturais pode despertar, até certo ponto, o poder de ação no homem, mas também traz decadência espiritual. Traz dependência; traz medo; traz superstição. Degera numa crença horrível na fraqueza natural do homem. Não existe sobrenatural, diz o Yogue, mas existem na natureza manifestações grosseiras e manifestações sutis. As sutis são as causas, os grosseiros os efeitos. O grosseiro pode ser facilmente percebido pelos sentidos; não é assim o sutil. A prática do Raja-Yoga levará à aquisição de percepções mais sutis.

Todos os sistemas ortodoxos da filosofia indiana têm um objetivo em vista: a libertação da alma através da perfeição. O método é por Yoga. A palavra Yoga cobre um terreno imenso, mas tanto a Escola Sâmkhya quanto a Vedanta apontam para o Yoga de uma forma ou de outra.

O tema deste livro é aquela forma de Yoga conhecida como Raja-Yoga. Os aforismos de Patanjali são a autoridade máxima em Raja-Yoga e constituem seu livro didático. Os outros filósofos, embora ocasionalmente divergindo de Patanjali em alguns pontos filosóficos, aderiram, via de regra, ao seu método de prática com um consentimento decidido. A primeira parte deste livro compreende diversas palestras para turmas ministradas pelo presente escritor em Nova York. A segunda parte é uma tradução bastante livre dos aforismos (Sutras) de Patanjali, com comentários contínuos. Foram feitos esforços para evitar, tanto quanto possível, detalhes técnicos e manter o estilo de conversação livre e fácil. Na primeira parte são dadas algumas orientações simples e específicas para o aluno que deseja praticar, mas a todos eles é especialmente lembrado que, com poucas exceções, o Yoga só pode ser aprendido com segurança pelo contato direto com um professor. Se

essas conversas conseguirem despertar o desejo de mais informações sobre o assunto, o professor não vai faltar.

O sistema de Patanjali é baseado no sistema dos Sankhyas, sendo muito poucos os pontos de diferença. As duas diferenças mais importantes são, primeiro, que Patanjali admite um Deus Pessoal na forma de um primeiro professor, enquanto o único Deus que os Sankhyas admitem é um ser quase perfeito, temporariamente encarregado de um ciclo de criação. Em segundo lugar, os Yogis consideram que a mente é igualmente onipresente com a alma, ou Purusha, e os Sankhyas não.

O AUTOR

Cada alma é potencialmente divina.

O objetivo é manifestar esta Divindade interior, controlando a natureza, externa e interna.

Faça isso através do trabalho, ou da adoração, ou do controle psíquico, ou da filosofia – por um, ou mais, ou todos estes – e seja livre.

Isto é toda a religião. Doutrinas, ou dogmas, ou rituais, ou livros, ou templos, ou formas, são apenas detalhes secundários.

1.3.1 CAPÍTULO 1: INTRODUTÓRIO

Todo o nosso conhecimento é baseado na experiência. O que chamamos de conhecimento inferencial, em que vamos do menos ao mais geral, ou do geral ao particular, tem como base a experiência. Nas chamadas ciências exatas, as pessoas encontram facilmente a verdade, porque ela apela às experiências particulares de cada ser humano. O cientista não diz para você acreditar em nada, mas ele tem certos resultados que vêm de suas próprias experiências, e raciocinando sobre eles, quando nos pede para acreditarmos em suas conclusões, ele apela para alguma experiência universal da humanidade. Em toda ciência exata existe uma base que é comum a toda a

humanidade, de modo que podemos ver imediatamente a verdade ou a falácia das conclusões daí extraídas. Agora, a questão é: a religião tem ou não tal base? Terei de responder à questão tanto afirmativa como negativamente.

Diz-se que a religião, tal como é geralmente ensinada em todo o mundo, se baseia na fé e na crença e, na maioria dos casos, consiste apenas em diferentes conjuntos de teorias, e é por isso que encontramos todas as religiões em conflito umas com as outras. . Essas teorias, novamente, baseiam-se na crença. Um homem diz que existe um grande Ser sentado acima das nuvens e governando todo o universo, e ele me pede para acreditar nisso apenas com base na autoridade de sua afirmação. Da mesma forma, posso ter as minhas próprias ideias, nas quais peço aos outros que acreditem, e se eles perguntarem uma razão, não posso dar-lhes nenhuma. É por isso que a religião e a filosofia metafísica têm má fama hoje em dia. Todo homem instruído parece dizer: “Oh, essas religiões são apenas feixes de teorias sem qualquer padrão para julgá-las, cada homem pregando suas próprias idéias favoritas”. No entanto, existe uma base de crença universal na religião, que governa todas as diferentes teorias e todas as ideias variadas de diferentes seitas em diferentes países. Indo até a sua base, descobrimos que elas também se baseiam em experiências universais.

Em primeiro lugar, se você analisar todas as diversas religiões do mundo, descobrirá que elas estão divididas em duas classes, as que têm livro e as que não têm livro. Aqueles que têm um livro são os mais fortes e têm o maior número de seguidores. Aqueles que não tinham livros desapareceram em sua maioria, e os poucos novos têm poucos seguidores. No entanto, em todos eles encontramos um consenso de opinião, de que as verdades que ensinam são os resultados das experiências de pessoas específicas. O cristão pede que você acredite em sua religião, que acredite em Cristo e que acredite nele como a encarnação de Deus, que acredite em um Deus, em uma alma, e em um estado melhor dessa alma. Se eu lhe perguntar o motivo, ele diz que acredita neles. Mas se você for até a fonte do Cristianismo, descobrirá que ele se baseia na experiência. Cristo disse que viu Deus; os discípulos disseram que sentiram Deus; e assim por diante. Da mesma forma, no Budismo, é a experiência de Buda. Ele experimentou certas verdades, viu-as, entrou em contato com elas e as pregou ao mundo.

O mesmo acontece com os hindus. Em seus livros, os escritores, chamados Rishis, ou sábios, declaram que experimentaram certas verdades e as pregam. Assim, é claro que todas as religiões do mundo foram construídas sobre aquele fundamento universal e adamantino de todo o nosso conhecimento – a experiência direta. Todos os professores viram Deus; todos eles viram suas próprias almas, viram seu futuro, viram sua eternidade e o que viram, eles pregaram. A única diferença é que a maior parte destas religiões, especialmente nos tempos modernos, faz uma afirmação peculiar, nomeadamente, que estas experiências são impossíveis nos dias de hoje; só foram possíveis com alguns homens, que foram os primeiros fundadores das religiões que posteriormente levaram os seus nomes. Actualmente, estas experiências tornaram-se obsoletas e, portanto, temos agora de considerar a religião como crença. Isto eu nego totalmente. Se houve uma experiência neste mundo em qualquer ramo específico do conhecimento, segue-se absolutamente que essa experiência já foi possível milhões de vezes antes e será repetida eternamente. A uniformidade é a lei rigorosa da natureza; o que aconteceu uma vez pode acontecer sempre.

Os professores da ciência do Yoga, portanto, declaram que a religião não se baseia apenas na experiência dos tempos antigos, mas que nenhum homem pode ser religioso até que ele próprio tenha as mesmas percepções. Yoga é a ciência que nos ensina como obter essas percepções. Não adianta muito falar sobre religião até que a sintamos. Por que há tanta perturbação, tantas brigas e brigas em nome de Deus? Tem havido mais derramamento de sangue em nome de Deus do que por qualquer outra causa, porque as pessoas nunca foram à fonte; eles se contentavam apenas em dar um consentimento mental aos costumes de seus antepassados e queriam que outros fizessem o mesmo. Que direito tem um homem de dizer que tem uma alma se não a sente, ou que existe um Deus se não o vê? Se existe um Deus, devemos vê-lo; se existe uma alma, devemos percebê-la; caso contrário, é melhor não acreditar. É melhor ser um ateu declarado do que um hipócrita. A ideia moderna, por um lado, com os “eruditos” é que a religião e a metafísica e toda busca por um Ser Supremo são fúteis; por outro lado, com os semi-educados, a ideia parece ser que estas coisas realmente não têm fundamento; seu único valor consiste no fato de fornecerem fortes forças motrizes para fazer o bem ao mundo. Se os homens acreditarem em um Deus, eles podem se tornar bons e morais, e

assim se tornarem bons cidadãos. Não podemos culpá-los por manterem tais ideias, visto que todo o ensinamento que estes homens recebem é simplesmente acreditar numa eterna confusão de palavras, sem qualquer substância por trás delas. Eles são convidados a viver de palavras; Eles podem fazer isso? Se pudessem, eu não teria a menor consideração pela natureza humana. O homem quer a verdade, quer experimentar a verdade por si mesmo; quando ele tiver compreendido isso, percebido isso, sentido isso dentro do fundo de seu coração, então sozinho, declaram os Vedas, todas as dúvidas desapareceriam, toda escuridão seria dispersada e toda tortuosidade seria endireitada. “Vós, filhos da imortalidade, mesmo aqueles que vivem na esfera mais elevada, o caminho foi encontrado; há uma saída para todas essas trevas, e isso é percebendo Aquele que está além de todas as trevas; não há outro caminho.”

A ciência do Râja-Yoga propõe apresentar à humanidade um método prático e cientificamente elaborado para alcançar esta verdade. Em primeiro lugar, cada ciência deve ter o seu próprio método de investigação. Se você quer se tornar um astrônomo, sente-se e grite "Astronomia! Astronomia!" isso nunca chegará até você. O mesmo acontece com a química. Um certo método deve ser seguido. Você deve ir a um laboratório, pegar diferentes substâncias, misturá-las, combiná-las, experimentá-las, e disso surgirá o conhecimento de química. Se você quer ser astrônomo, você deve ir a um observatório, pegar um telescópio, estudar as estrelas e os planetas, e então você se tornará um astrônomo. Cada ciência deve ter seus próprios métodos. Eu poderia pregar-lhe milhares de sermões, mas eles não o tornariam religioso, até que você praticasse o método. Estas são as verdades dos sábios de todos os países, de todas as épocas, de homens puros e altruístas, que não tinham outro motivo senão fazer o bem ao mundo. Todos eles declaram que encontraram alguma verdade mais elevada do que aquilo que os sentidos podem nos trazer, e convidam à verificação. Eles nos pedem para adotarmos o método e praticarmos honestamente, e então, se não encontrarmos esta verdade superior, teremos o direito de dizer que não há verdade na afirmação, mas antes de fazermos isso, não somos racionais. ao negar a verdade de suas afirmações. Portanto, devemos trabalhar fielmente, usando os métodos prescritos, e a luz virá.

Ao adquirir conhecimento, fazemos uso de generalizações, e a generalização baseia-se na observação. Primeiro observamos os fatos, depois generalizamos e depois tiramos conclusões ou princípios. O conhecimento da mente, da natureza interna do homem, do pensamento, nunca poderá ser obtido até que tenhamos primeiro o poder de observar os fatos que acontecem internamente. É comparativamente fácil observar factos no mundo externo, pois muitos instrumentos foram inventados para esse efeito, mas no mundo interno não temos nenhum instrumento que nos ajude. No entanto, sabemos que devemos observar para termos uma ciência real. Sem uma análise adequada, qualquer ciência será inútil – mera teorização. E é por isso que todos os psicólogos têm discutido entre si desde o início dos tempos, exceto aqueles poucos que descobriram os meios de observação.

A ciência do Raja-Yoga, em primeiro lugar, propõe-nos dar-nos esse meio de observar os estados internos. O instrumento é a própria mente. O poder da atenção, quando devidamente orientado e direcionado para o mundo interno, analisará a mente e iluminará os fatos para nós. Os poderes da mente são como raios de luz dissipados; quando estão concentrados, iluminam. Este é o nosso único meio de conhecimento. Todo mundo está usando, tanto no mundo externo quanto no interno; mas, para o psicólogo, a mesma observação minuciosa deve ser dirigida ao mundo interno, que o homem científico dirige ao externo; e isso requer muita prática. Desde a infância fomos ensinados a prestar atenção apenas às coisas externas, mas nunca às internas; portanto, a maioria de nós quase perdeu a faculdade de observar o mecanismo interno. Virar a mente, por assim dizer, para dentro, impedi-la de sair, e depois concentrar todos os seus poderes, e lançá-los sobre a própria mente, a fim de que ela possa conhecer a sua própria natureza, analisar-se, é um trabalho muito árduo. No entanto, esse é o único caminho para qualquer coisa que seja uma abordagem científica do assunto.

Qual é a utilidade de tal conhecimento? Em primeiro lugar, o conhecimento em si é a maior recompensa do conhecimento e, em segundo lugar, também contém utilidade. Isso acabará com toda a nossa miséria. Quando, ao analisar sua própria mente, o homem se deparar, por assim dizer, com algo que nunca é destruído, algo que é, por sua própria natureza, eternamente puro e perfeito, ele não será mais miserável, nem infeliz. Toda miséria vem

do medo, do desejo insatisfeito. O homem descobrirá que nunca morre e então não terá mais medo da morte. Quando ele souber que é perfeito, ele não terá mais desejos vãos, e ambas as causas estando ausentes, não haverá mais miséria – haverá felicidade perfeita, mesmo enquanto estiver neste corpo.

Existe apenas um método pelo qual se pode atingir esse conhecimento, aquele que é chamado concentração. O químico em seu laboratório concentra todas as energias de sua mente em um único foco e as lança sobre os materiais que está analisando, descobrindo assim seus segredos. O astrônomo concentra todas as energias de sua mente e as projeta nos céus através de seu telescópio; e as estrelas, o sol e a lua revelam-lhe os seus segredos. Quanto mais eu puder concentrar meus pensamentos no assunto sobre o qual estou falando com você, mais luz poderei lançar sobre você. Você está me ouvindo e quanto mais concentrar seus pensamentos, mais claramente compreenderá o que tenho a dizer.

Como foi obtido todo o conhecimento do mundo senão pela concentração dos poderes da mente? O mundo está pronto a revelar os seus segredos se soubermos bater, como dar-lhe o golpe necessário. A força e a força do golpe vêm através da concentração. Não há limite para o poder da mente humana. Quanto mais concentrado estiver, mais poder será exercido sobre um ponto; esse é o segredo.

É fácil concentrar a mente nas coisas externas, a mente naturalmente vai para fora; mas não é assim no caso da religião, ou da psicologia, ou da metafísica, onde o sujeito e o objeto são um. O objeto é interno, a própria mente é o objeto, e é necessário estudar a própria mente – a mente que estuda a mente. Sabemos que existe o poder da mente chamado reflexão. Estou falando com você. Ao mesmo tempo, estou de lado, por assim dizer, como uma segunda pessoa, e sabendo e ouvindo o que estou falando. Você trabalha e pensa ao mesmo tempo, enquanto uma parte de sua mente fica parada e vê o que você está pensando. Os poderes da mente devem ser concentrados e voltados para si mesmos, e assim como os lugares mais obscuros revelam seus segredos diante dos penetrantes raios do sol, assim também esta mente concentrada penetrará seus próprios segredos mais íntimos. Assim chegaremos à base da crença, a verdadeira religião genuína.

Perceberemos por nós mesmos se temos almas, se a vida é de cinco minutos ou de eternidade, se existe um Deus no universo ou mais. Tudo nos será revelado. Isto é o que o Raja-Yoga se propõe ensinar. O objetivo de todos os seus ensinamentos é como concentrar as mentes, então, como descobrir os recônditos mais íntimos de nossas próprias mentes, então, como generalizar seus conteúdos e tirar deles nossas próprias conclusões. Portanto, nunca pergunta qual é a nossa religião, se somos deístas ou ateus, se somos cristãos, judeus ou budistas. Somos seres humanos; isso é suficiente. Todo ser humano tem o direito e o poder de buscar a religião. Todo ser humano tem o direito de perguntar o motivo, o porquê, e de ter sua pergunta respondida por si mesmo, desde que se dê ao trabalho.

Até agora, então, vemos que no estudo deste Raja-Yoga não é necessária nenhuma fé ou crença. Não acredite em nada até descobrir por si mesmo; é isso que nos ensina. A verdade não requer nenhum apoio para se manter firme. Você quer dizer que os fatos do nosso estado desperto requerem algum sonho ou imaginação para prová-los? Certamente não. Este estudo de Raja-Yoga exige muito tempo e prática constante. Uma parte desta prática é física, mas principalmente é mental. À medida que prosseguirmos, descobriremos quão intimamente a mente está ligada ao corpo. Se acreditarmos que a mente é simplesmente uma parte mais sutil do corpo, e que a mente atua sobre o corpo, então é lógico que o corpo deve reagir sobre a mente. Se o corpo estiver doente, a mente também ficará doente. Se o corpo estiver saudável, a mente permanecerá saudável e forte. Quando alguém está com raiva, a mente fica perturbada. Da mesma forma, quando a mente está perturbada, o corpo também fica perturbado. Na maioria da humanidade, a mente está muito sob o controle do corpo, sendo a sua mente muito pouco desenvolvida. A vasta massa da humanidade está muito pouco distante dos animais. Não só isso, mas em muitos casos, o poder de controle neles é pouco maior do que o dos animais inferiores. Temos muito pouco comando de nossas mentes. Portanto, para concretizar esse comando, para obter esse controle sobre o corpo e a mente, precisamos de certas ajudas físicas. Quando o corpo estiver suficientemente controlado, podemos tentar a manipulação da mente. Ao manipular a mente, seremos capazes de colocá-la sob nosso controle, fazê-la funcionar como quisermos e obrigá-la a concentrar seus poderes como desejamos.

De acordo com o Raja-Yogue, o mundo externo é apenas a forma grosseira do interno, ou sutil. Quanto mais sutil for sempre a causa, mais grosseiro será o efeito. Portanto, o mundo externo é o efeito, o interno a causa. Da mesma forma, as forças externas são simplesmente as partes mais grosseiras, das quais as forças internas são as mais finas. O homem que descobriu e aprendeu a manipular as forças internas terá toda a natureza sob seu controle. O Iogue se propõe nada menos que dominar todo o universo, controlar toda a natureza. Ele quer chegar ao ponto onde o que chamamos de “leis da natureza” não terá influência sobre ele, onde ele será capaz de ir além de todas elas. Ele será o senhor de toda a natureza, interna e externa. O progresso e a civilização da raça humana significam simplesmente controlar esta natureza.

Diferentes raças adotam diferentes processos de controle da natureza. Assim como na mesma sociedade alguns indivíduos querem controlar a natureza externa e outros a interna, também, entre as raças, alguns querem controlar a natureza externa e outros a interna. Alguns dizem que controlando a natureza interna controlamos tudo. Outros que controlando a natureza externa controlamos tudo. Levados ao extremo, ambos estão certos, porque na natureza não existe divisão entre interno ou externo. Estas são limitações fictícias que nunca existiram. Os externalistas e os internalistas estão destinados a encontrar-se no mesmo ponto, quando ambos atingirem o extremo do seu conhecimento. Assim como um físico, quando leva o seu conhecimento ao limite, descobre que ele se funde na metafísica, também um metafísico descobrirá que o que ele chama de mente e matéria são apenas distinções aparentes, sendo a realidade Uma.

O fim e objetivo de toda ciência é encontrar a unidade, aquele a partir do qual o múltiplo está sendo fabricado, aquele que existe como muitos. O Raja-Yoga propõe partir do mundo interno, estudar a natureza interna e, através disso, controlar o todo – tanto interno quanto externo. É uma tentativa muito antiga. A Índia tem sido o seu reduto especial, mas também foi tentada por outras nações. Nos países ocidentais, era considerado misticismo e as pessoas que queriam praticá-lo eram queimadas ou mortas como bruxas e feiticeiros. Na Índia, por diversas razões, caiu nas mãos de pessoas que destruíram noventa por cento do conhecimento e tentaram fazer do restante um grande segredo. Nos tempos modernos, surgiram no

Ocidente muitos dos chamados professores piores do que os da Índia, porque estes últimos sabiam alguma coisa, enquanto estes expoentes modernos não sabem nada.

Qualquer coisa que seja secreta e misteriosa nestes sistemas de Yoga deve ser imediatamente rejeitada. O melhor guia da vida é a força. Na religião, como em todos os outros assuntos, descarte tudo o que o enfraquece, não tenha nada a ver com isso. A divulgação de mistérios enfraquece o cérebro humano. Quase destruiu o Yoga – uma das mais grandiosas ciências. Desde o momento em que foi descoberto, há mais de quatro mil anos, o Yoga foi perfeitamente delineado, formulado e pregado na Índia. É surpreendente que quanto mais moderno o comentador, maiores são os erros que comete, ao passo que quanto mais antigo o escritor, mais racional ele é. A maioria dos escritores modernos fala de todo tipo de mistério. Assim, o Yoga caiu nas mãos de algumas pessoas que o tornaram um segredo, em vez de deixarem cair sobre ele todo o brilho da luz do dia e da razão. Eles fizeram isso para que pudessem ter os poderes só para si.

Em primeiro lugar, não há mistério no que ensino. O pouco que sei vou te contar. Tanto quanto posso raciocinar, farei isso, mas quanto ao que não sei, simplesmente lhe direi o que dizem os livros. É errado acreditar cegamente. Você deve exercer sua própria razão e julgamento; você deve praticar e ver se essas coisas acontecem ou não. Assim como você estudaria qualquer outra ciência, exatamente da mesma maneira você deveria estudar esta ciência. Não há mistério nem perigo nisso. Na medida em que é verdade, deveria ser pregado nas ruas públicas, em plena luz do dia. Qualquer tentativa de mistificar essas coisas produz grande perigo.

Antes de prosseguir, contarei um pouco da filosofia Sâmkhya, na qual se baseia todo o Raja-Yoga. Segundo a filosofia Sankhya, a gênese da percepção é a seguinte: as afecções dos objetos externos são transportadas pelos instrumentos externos para seus respectivos centros ou órgãos cerebrais, os órgãos transportam as afecções para a mente, a mente para a faculdade determinante, de é assim que Purusha (a alma) os recebe, quando resulta a percepção. Em seguida, ele devolve a ordem, por assim dizer, aos centros motores para que façam o que for necessário. Com exceção do Purusha, todos estes são materiais, mas a mente é uma matéria muito mais

sutil do que os instrumentos externos. Aquele material de que a mente é composta também forma a matéria sutil chamada Tanmâtras. Estes se tornam grosseiros e fazem a matéria externa. Essa é a psicologia do Sankhya. De modo que entre o intelecto e a matéria mais grosseira exterior há apenas uma diferença de grau. O Purusha é a única coisa imaterial. A mente é um instrumento, por assim dizer, nas mãos da alma, através do qual a alma capta objetos externos. A mente está em constante mudança e vacilação e pode, quando aperfeiçoada, ligar-se a vários órgãos, a um ou a nenhum. Por exemplo, se eu ouvir o relógio com muita atenção, talvez não veja nada, embora meus olhos possam estar abertos, mostrando que a mente não estava ligada ao órgão da visão, mas estava ao órgão da audição. Mas a mente aperfeiçoada pode estar ligada a todos os órgãos simultaneamente. Tem o poder reflexivo de olhar para trás, para suas próprias profundezas. Este poder reflexivo é o que o Yogi deseja alcançar; concentrando os poderes da mente e voltando-os para dentro, ele procura saber o que está acontecendo lá dentro. Não há nisso questão de mera crença; é a análise a que chegaram certos filósofos. Os fisiologistas modernos dizem-nos que os olhos não são o órgão da visão, mas que o órgão está num dos centros nervosos do cérebro, e o mesmo acontece com todos os sentidos; eles também nos dizem que esses centros são formados pelo mesmo material que o próprio cérebro. Os Sankhyas também nos dizem a mesma coisa. O primeiro é uma afirmação do lado físico, e o segundo do lado psicológico; no entanto, ambos são iguais. Nosso campo de pesquisa vai além disso.

O Yogi se propõe atingir aquele estado sutil de percepção no qual ele pode perceber todos os diferentes estados mentais. Deve haver percepção mental de todos eles. Pode-se perceber como a sensação está viajando, como a mente a está recebendo, como ela está indo para a faculdade determinativa e como esta a entrega ao Purusha. Como cada ciência requer certos preparativos e tem seu próprio método, que deve ser seguido antes que possa ser compreendido, assim como no Raja-Yoga.

Certas regulamentações relativas à alimentação são necessárias; devemos usar aquele alimento que nos traz a mente mais pura. Se você entrar em um zoológico, verá que isso é demonstrado imediatamente. Você vê os elefantes, animais enormes, mas calmos e gentis; e se você for em direção às jaulas dos leões e tigres, você os encontrará inquietos, mostrando quanta

diferença a comida fez. Todas as forças que atuam neste corpo foram produzidas a partir dos alimentos; vemos isso todos os dias. Se você começar a jejuar, primeiro seu corpo ficará fraco, as forças físicas sofrerão; então, depois de alguns dias, as forças mentais também sofrerão. Primeiro, a memória falhará. Então chega um ponto em que você não é capaz de pensar, muito menos de seguir qualquer curso de raciocínio. Temos, portanto, que tomar cuidado com o tipo de comida que comemos no início, e quando tivermos força suficiente, quando a nossa prática estiver bem avançada, não precisaremos ser tão cuidadosos a este respeito. Enquanto a planta cresce, ela deve ser cercada, para não se machucar; mas quando se torna uma árvore, as sebes são tiradas. É forte o suficiente para resistir a todos os ataques.

Um Yogi deve evitar os dois extremos do luxo e da austeridade. Ele não deve jejuar nem torturar sua carne. Aquele que faz isso, diz o Gita, não pode ser um Yogi: Aquele que jejua, aquele que se mantém acordado, aquele que dorme muito, aquele que trabalha demais, aquele que não trabalha, nenhum destes pode ser um Yogi (Gita, VI, 16).

1.3.2 CAPÍTULO 2: OS PRIMEIROS PASSOS

O Râja-Yoga é dividido em oito etapas. O primeiro é Yama – não matar, veracidade, não roubar, continência e não receber quaisquer presentes. O próximo é Niyama – limpeza, contentamento, austeridade, estudo e entrega a Deus. Depois vem Âsana, ou postura; Prânâyâma, ou controle do Prâna; Pratyâhâra, ou restrição dos sentidos em relação aos seus objetos; Dhâranâ, ou fixar a mente num ponto; Dhyâna, ou meditação; e Samâdhi, ou superconsciência. O Yama e o Niyama, como vemos, são treinamentos morais; sem estes como base nenhuma prática de Yoga terá sucesso. À medida que estes dois se estabelecem, o Yogue começará a perceber os frutos da sua prática; sem eles nunca dará frutos. Um Yogi não deve pensar em ferir ninguém, seja por pensamento, palavra ou ação. A misericórdia não será apenas para os homens, mas irá além e abrangerá o mundo inteiro.

O próximo passo é Asana, postura. Uma série de exercícios, físicos e mentais, deve ser realizada todos os dias, até que certos estados superiores

sejam alcançados. Portanto, é absolutamente necessário que encontremos uma postura na qual possamos permanecer por muito tempo. Aquela postura que for mais fácil para alguém deve ser a escolhida. Para pensar, uma determinada postura pode ser muito fácil para um homem, enquanto para outro pode ser muito difícil. Descobriremos mais tarde que durante o estudo dessas questões psicológicas ocorre uma grande atividade no corpo. As correntes nervosas terão de ser deslocadas e receber um novo canal. Novos tipos de vibrações começarão, toda a constituição será remodelada, por assim dizer. Mas a parte principal da atividade ocorrerá ao longo da coluna vertebral, de modo que a única coisa necessária para a postura é manter a coluna vertebral livre, sentado ereto, mantendo as três partes – o peito, o pescoço e a cabeça – em posição reta. linha. Deixe todo o peso do corpo ser sustentado pelas costelas, e então você terá posturas naturais fáceis com a coluna reta. Você verá facilmente que não pode ter pensamentos muito elevados com o peito dentro. Esta parte do Yoga é um pouco semelhante ao Hatha-Yoga, que trata inteiramente do corpo físico, tendo como objetivo torná-lo muito forte. Não temos nada a ver com isso aqui, porque suas práticas são muito difíceis, não podem ser aprendidas em um dia e, afinal, não levam a muito crescimento espiritual. Muitas dessas práticas você encontrará em Delsarte e outros professores, como colocar o corpo em diferentes posturas, mas o objeto nestas é físico, não psicológico. Não há um único músculo no corpo sobre o qual o homem não consiga estabelecer um controle perfeito. O coração pode parar ou continuar a seu comando, e cada parte do organismo pode ser controlada de forma semelhante.

O resultado deste ramo do Yoga é fazer com que os homens vivam muito; a saúde é a idéia principal, o único objetivo do Hatha-Yogi. Ele está determinado a não adoecer, e nunca o faz. Ele vive muito; cem anos não significam nada para ele; ele é bastante jovem e fresco quando tem 150 anos, sem um fio de cabelo grisalho. Mas isso é tudo. Uma figueira vive às vezes 5.000 anos, mas é uma figueira e nada mais. Portanto, se um homem vive muito, ele é apenas um animal saudável. Uma ou duas lições comuns dos Hatha-Yogis são muito úteis. Por exemplo, alguns de vocês acharão bom para dores de cabeça beber água fria pelo nariz assim que se levantam pela manhã; o dia todo seu cérebro ficará bem e fresco e você nunca pegará

um resfriado. É muito fácil de fazer; coloque o nariz na água, puxe pelas narinas e faça uma bomba na garganta.

Depois de aprender a ter um assento firme e ereto, deve-se realizar, segundo certas escolas, uma prática chamada purificação dos nervos. Esta parte foi rejeitada por alguns como não pertencente ao Raja-Yoga, mas por ser uma autoridade tão grande quanto o comentador Shankarâchârya a aconselha, acho adequado que ela seja mencionada, e citarei suas próprias orientações a partir de seu comentário sobre o Shvetâshvatara. Upanishad: "A mente cuja escória foi eliminada por Pranayama, fixa-se em Brahman; portanto, Pranayama é declarado. Primeiro os nervos devem ser purificados, depois vem o poder de praticar Pranayama. Fechando a narina direita com o polegar, através do encher a narina esquerda, conforme a capacidade; depois, sem intervalo, expelir o ar pela narina direita, fechando novamente a esquerda inspirando pela narina direita e ejetar pela esquerda, conforme a capacidade; vezes às quatro horas do dia, antes do amanhecer, durante o meio-dia, à noite e à meia-noite, em quinze dias ou um mês, a pureza dos nervos é alcançada;

A prática é absolutamente necessária. Você pode sentar-se e ouvir-me a cada hora todos os dias, mas se não praticar, não dará um passo adiante. Tudo depende da prática. Nunca entendemos essas coisas até que as experimentemos. Teremos que vê-los e senti-los por nós mesmos. Simplesmente ouvir explicações e teorias não adianta. Existem vários obstáculos à prática. A primeira obstrução é um corpo insalubre: se o corpo não estiver em condições, a prática será obstruída. Portanto temos que manter o corpo em boa saúde; temos que cuidar do que comemos e bebemos e do que fazemos. Sempre use um esforço mental, o que normalmente é chamado de "Ciência Cristã", para manter o corpo forte. Isso é tudo – nada mais do corpo. Não devemos esquecer que a saúde é apenas um meio para atingir um fim. Se a saúde fosse o fim, seríamos como animais; os animais raramente se tornam insalubres.

A segunda obstrução é a dúvida; sempre temos dúvidas sobre coisas que não vemos. O homem não pode viver de palavras, por mais que tente. Então, surge-nos a dúvida se há alguma verdade nestas coisas ou não; até mesmo o melhor de nós duvidará às vezes: com a prática, dentro de alguns

dias, um pequeno vislumbre surgirá, o suficiente para dar encorajamento e esperança. Como diz um certo comentarista da filosofia do Yoga: “Quando uma prova é obtida, por menor que seja, ela nos dará fé em todo o ensinamento do Yoga”. Por exemplo, após os primeiros meses de prática, você começará a descobrir que consegue ler os pensamentos de outras pessoas; eles virão até você em forma de imagem. Talvez você ouça algo acontecendo a longa distância, quando concentrar sua mente no desejo de ouvir. Esses vislumbres virão, a princípio aos poucos, mas o suficiente para lhe dar fé, força e esperança. Por exemplo, se você concentrar seus pensamentos na ponta do nariz, em poucos dias começará a cheirar uma linda fragrância, o que será suficiente para lhe mostrar que existem certas percepções mentais que podem se tornar óbvias sem o contato de objetos físicos. Mas devemos sempre lembrar que estes são apenas os meios; o objetivo, o fim, a meta de todo esse treinamento é a libertação da alma. O controle absoluto da natureza, e nada menos que isso, deve ser o objetivo. Devemos ser os senhores e não os escravos da natureza; nem o corpo nem a mente devem ser nossos senhores, nem devemos esquecer que o corpo é meu e não eu o corpo.

Um deus e um demônio foram aprender sobre o Ser com um grande sábio. Eles estudaram com ele por muito tempo. Por fim, o sábio disse-lhes: "Vocês mesmos são o Ser que procuram." Ambos pensaram que seus corpos eram o Eu. Eles voltaram para seu povo bastante satisfeitos e disseram: "Aprendemos tudo o que deveria ser aprendido; comamos, bebemos e nos divertimos; nós somos o Eu; não há nada além de nós." A natureza do demônio era ignorante, turva; então ele nunca mais perguntou, mas ficou perfeitamente satisfeito com a ideia de que ele era Deus, que por Ser se referia o corpo. O deus tinha uma natureza mais pura. A princípio ele cometeu o erro de pensar: Eu, este corpo, sou Brahman: então mantenha-o forte e saudável, e bem vestido, e dê-lhe todos os tipos de prazeres. Mas, em poucos dias, ele descobriu que esse não poderia ser o significado do sábio, seu mestre; deve haver algo superior. Então ele voltou e disse: "Senhor, você me ensinou que este corpo era o Ser? Se assim for, vejo todos os corpos morrerem; o Ser não pode morrer." O sábio disse: “Descubra; você é Isso”. Então o deus pensou que as forças vitais que funcionam no corpo eram o que o sábio queria dizer. Mas, depois de um tempo, ele descobriu que, se comesse, essas forças vitais permaneciam fortes, mas, se

ele passasse fome, elas ficavam fracas. O deus então voltou ao sábio e disse: "Senhor, você quer dizer que as forças vitais são o Ser?" O sábio disse: "Descubra por si mesmo; você é Isso". O deus voltou para casa mais uma vez, pensando que talvez fosse a mente o Ser. Mas em pouco tempo ele percebeu que os pensamentos eram tão variados, ora bons, ora ruins; a mente era mutável demais para ser o Eu. Ele voltou ao sábio e disse: "Senhor, não acho que a mente seja o Ser; você quis dizer isso?" "Não", respondeu o sábio, "tu és Isso; descubra por si mesmo." O deus foi para casa e finalmente descobriu que ele era o Eu, além de todo pensamento, alguém sem nascimento ou morte, a quem a espada não pode perfurar ou o fogo queimar, a quem o ar não pode secar ou a água derreter, o sem começo e sem fim, o ser imóvel, o intangível, o onisciente, o onipotente; que não era nem o corpo nem a mente, mas além de todos eles. Então ele ficou satisfeito; mas o pobre demônio não entendeu a verdade, devido ao seu gosto pelo corpo.

Este mundo tem muitas dessas naturezas demoníacas, mas também existem alguns deuses. Se alguém se propõe ensinar qualquer ciência para aumentar o poder do prazer sensorial, encontrará multidões prontas para isso. Se alguém se compromete a mostrar o objetivo supremo, encontrará poucos que o ouçam. Muito poucos têm o poder de compreender o que é mais elevado, menos ainda a paciência para alcançá-lo. Mas há também alguns que sabem que mesmo que o corpo possa viver durante mil anos, o resultado no final será o mesmo. Quando as forças que o mantêm unido desaparecem, o corpo deve cair. Nunca nasceu nenhum homem que pudesse impedir que seu corpo mudasse por um momento. Corpo é o nome de uma série de mudanças. "Assim como num rio as massas de água mudam diante de você a cada momento, e novas massas estão surgindo, mas assumindo formas semelhantes, o mesmo acontece com este corpo." No entanto, o corpo deve ser mantido forte e saudável. É o melhor instrumento que temos.

Este corpo humano é o maior corpo do universo, e um ser humano é o maior ser. O homem é superior a todos os animais, a todos os anjos; ninguém é maior que o homem. Mesmo os Devas (deuses) terão que descer novamente e alcançar a salvação através de um corpo humano. Somente o homem atinge a perfeição, nem mesmo os Devas. De acordo com os judeus e maometanos, Deus criou o homem depois de criar os anjos e tudo mais, e

depois de criar o homem Ele pediu aos anjos que viessem saudá-lo, e todos o fizeram, exceto Iblis; então Deus o amaldiçoou e ele se tornou Satanás. Por trás desta alegoria está a grande verdade de que este nascimento humano é o maior nascimento que podemos ter. A criação inferior, o animal, é monótona e fabricada principalmente a partir de Tamas. Os animais não podem ter pensamentos elevados; nem podem os anjos, ou Devas, alcançar a liberdade direta sem nascimento humano. Na sociedade humana, da mesma forma, muita riqueza ou muita pobreza é um grande obstáculo ao desenvolvimento superior da alma. É das classes médias que vêm os grandes do mundo. Aqui as forças são igualmente ajustadas e equilibradas.

Voltando ao nosso assunto, chegamos ao lado de Pranayama, controlando a respiração. O que isso tem a ver com a concentração dos poderes da mente? A respiração é como o volante desta máquina, o corpo. Em um motor grande, você vê o volante primeiro se movendo, e esse movimento é transmitido a máquinas cada vez mais finas, até que o mecanismo mais delicado e mais fino da máquina esteja em movimento. A respiração é esse volante, fornecendo e regulando a força motriz para tudo neste corpo.

Era uma vez um ministro de um grande rei. Ele caiu em desgraça. O rei, como punição, ordenou que ele fosse encerrado no topo de uma torre muito alta. Isto foi feito, e o ministro foi deixado ali para morrer. Ele tinha uma esposa fiel, porém, que ia à torre à noite e chamava o marido no topo para saber o que poderia fazer para ajudá-lo. Ele disse a ela para voltar à torre na noite seguinte e trazer consigo uma longa corda, um barbante forte, linha de carga, linha de seda, um besouro e um pouco de mel. Muito admirada, a boa esposa obedeceu ao marido e trouxe-lhe os artigos desejados. O marido orientou-a a prender firmemente o fio de seda ao besouro, depois untar seus chifres com uma gota de mel e soltá-lo na parede da torre, com a cabeça voltada para cima. Ela obedeceu a todas essas instruções e o besouro iniciou sua longa jornada. Cheirando o mel à frente, ele avançou lentamente, na esperança de alcançar o mel, até que finalmente chegou ao topo da torre, quando o ministro agarrou o besouro e se apoderou do fio de seda. Ele disse à esposa para amarrar a outra ponta na linha da mochila e, depois de puxar a linha da mochila, repetiu o processo com o barbante forte e, por último, com a corda. Então o resto foi fácil. O ministro desceu da torre por meio da

corda e escapou. Neste nosso corpo o movimento da respiração é o “fio de seda”; ao agarrá-lo e aprender a controlá-lo, agarraremos o fio das correntes nervosas e, a partir deles, o fio robusto de nossos pensamentos e, por último, a corda do Prana, controlando a qual alcançaremos a liberdade.

Não sabemos nada sobre o nosso próprio corpo; não podemos saber. Na melhor das hipóteses podemos pegar um cadáver e cortá-lo em pedaços, e há quem consiga pegar um animal vivo e cortá-lo em pedaços para ver o que há dentro do corpo. Ainda assim, isso não tem nada a ver com nossos próprios corpos. Sabemos muito pouco sobre eles. Por que não? Porque a nossa atenção não é discriminatória o suficiente para captar os movimentos muito delicados que acontecem dentro de nós. Só podemos conhecê-los quando a mente se torna mais sutil e penetra, por assim dizer, mais profundamente no corpo. Para obter a percepção sutil, temos que começar com as percepções mais grosseiras. Temos que nos apossar daquilo que está colocando todo o motor em movimento. Esse é o Prana, cuja manifestação mais óbvia é a respiração. Então, junto com a respiração, entraremos lentamente no corpo, o que nos permitirá descobrir as forças sutis, as correntes nervosas que se movem por todo o corpo. Assim que os percebermos e aprendermos a senti-los, começaremos a ter controle sobre eles e sobre o corpo. A mente também é colocada em movimento: por meio dessas diferentes correntes nervosas, alcançaremos finalmente o estado de controle perfeito sobre o corpo e a mente, tornando ambos nossos servos. Conhecimento é poder. Temos que obter esse poder. Portanto, devemos começar do início, com Pranayama, restringindo o Prana. Este Pranayama é um assunto longo e serão necessárias várias lições para ilustrá-lo completamente. Vamos analisá-lo parte por parte.

Veremos gradualmente as razões de cada exercício e quais forças do corpo são acionadas. Todas essas coisas virão até nós, mas requerem prática constante, e a prova virá pela prática. Nenhuma quantidade de raciocínio que eu possa lhes dar será uma prova para vocês, até que vocês mesmos o demonstrem. Assim que você começar a sentir essas correntes em movimento sobre você, as dúvidas desaparecerão, mas isso requer muita prática todos os dias. Você deve praticar pelo menos duas vezes por dia, e os melhores horários são pela manhã e à noite. Quando a noite se transforma em dia e o dia em noite, surge um estado de relativa calma. O

início da manhã e o início da noite são os dois períodos de calma. Seu corpo terá a mesma tendência de ficar calmo nesses momentos. Deveríamos aproveitar essa condição natural e começar então a praticar. Estabeleça como regra não comer antes de praticar; se você fizer isso, a força da fome acabará com sua preguiça. Na Índia, ensinam as crianças a nunca comer antes de terem praticado ou adorado, e isso se torna natural para elas depois de algum tempo; um menino não sentirá fome até que tenha tomado banho e praticado.

Aqueles de vocês que podem pagar farão melhor se tiverem um espaço apenas para esta prática. Não durma nesse quarto, ele deve ser mantido sagrado. Você não deve entrar no quarto antes de ter tomado banho e estar perfeitamente limpo de corpo e mente. Coloque sempre flores naquele cômodo; eles são o melhor ambiente para um Yogi; também fotos que são agradáveis. Queime incenso de manhã e à noite. Não tenha brigas, nem raiva, nem pensamentos profanos naquela sala. Somente permita a entrada de pessoas que tenham o mesmo pensamento que você. Então, gradualmente, haverá uma atmosfera de santidade na sala, de modo que quando você estiver infeliz, triste, em dúvida ou quando sua mente estiver perturbada, o próprio fato de entrar naquela sala o acalmará. Esta era a ideia do templo e da igreja, e em alguns templos e igrejas você ainda a encontrará, mas na maioria deles a própria ideia foi perdida. A ideia é que ao manter ali vibrações sagradas o local fique e permaneça iluminado. Aqueles que não têm condições de ter um quarto separado podem praticar onde quiserem. Sente-se numa postura ereta e a primeira coisa a fazer é enviar uma corrente de pensamento sagrado a toda a criação. Repita mentalmente: "Que todos os seres sejam felizes; que todos os seres sejam pacíficos; que todos os seres sejam felizes." Faça o mesmo para o leste, sul, norte e oeste. Quanto mais você fizer isso, melhor você se sentirá. Você descobrirá finalmente que a maneira mais fácil de nos tornarmos saudáveis é ver que os outros são saudáveis, e a maneira mais fácil de nos tornarmos felizes é ver que os outros estão felizes. Depois de fazer isso, aqueles que acreditam em Deus deveriam orar – não por dinheiro, nem por saúde, nem pelo céu; ore por conhecimento e luz; todas as outras orações são egoístas. Então a próxima coisa a fazer é pensar no seu próprio corpo e ver se ele é forte e saudável; é o melhor instrumento que você tem. Pense nisso como sendo tão forte quanto inflexível e que com a ajuda deste corpo você

cruzará o oceano da vida. A liberdade nunca será alcançada pelos fracos. Jogue fora toda fraqueza. Diga ao seu corpo que ele é forte, diga à sua mente que ele é forte e tenha fé e esperança ilimitadas em si mesmo.

1.3.3 CAPÍTULO 3: PRANA

Prânâyâma não é, como muitos pensam, algo relacionado à respiração; a respiração, na verdade, tem muito pouco a ver com isso, se é que tem alguma coisa. A respiração é apenas um dos muitos exercícios através dos quais chegamos ao verdadeiro Pranayama. Pranayama significa o controle do Prâna. Segundo os filósofos da Índia, todo o universo é composto de dois materiais, um dos quais eles chamam de Âkâsha. É a existência onipresente e que tudo penetra. Tudo o que tem forma, tudo o que é resultado de combinação, evolui a partir deste Akasha. É o Akasha que se torna o ar, que se torna os líquidos, que se torna os sólidos; é o Akasha que se torna o sol, a terra, a lua, as estrelas, os cometas; é o Akasha que se torna o corpo humano, o corpo animal, as plantas, todas as formas que vemos, tudo o que pode ser sentido, tudo o que existe. Não pode ser percebido; é tão sutil que está além de toda percepção comum; só pode ser visto quando se tornou grosseiro, tomou forma. No início da criação existe apenas este Akasha. No final do ciclo, os sólidos, os líquidos e os gases fundem-se novamente no Akasha, e a próxima criação procede de forma semelhante a partir deste Akasha.

Por qual poder este Akasha é fabricado neste universo? Pelo poder do Prana. Assim como Akasha é o material infinito e onipresente deste universo, também este Prana é o poder de manifestação infinito e onipresente deste universo. No início e no final de um ciclo tudo se torna Akasha, e todas as forças que estão no universo se transformam novamente em Prana; no próximo ciclo, deste Prana evolui tudo o que chamamos de energia, tudo o que chamamos de força. É o Prana que se manifesta como movimento; é o Prana que se manifesta como gravitação, como magnetismo. É o Prana que se manifesta como as ações do corpo, como as correntes nervosas, como a força do pensamento. Do pensamento até a força mais inferior, tudo é apenas a manifestação do Prana. A soma total de todas as forças do universo, mentais ou físicas, quando resolvidas de volta

ao seu estado original, é chamada Prana. "Quando não havia nada nem nada, quando a escuridão cobria a escuridão, o que existia então? Aquele Akasha existia sem movimento." O movimento físico do Prana foi interrompido, mas existiu mesmo assim.

No final de um ciclo, as energias agora exibidas no universo se acalmam e se tornam potenciais. No início do próximo ciclo eles iniciam, atacam o Akasha, e a partir do Akasha evoluem estas várias formas, e à medida que o Akasha muda, este Prana também se transforma em todas estas manifestações de energia. O conhecimento e controle deste Prana é realmente o que significa Pranayama.

Isto abre-nos a porta para um poder quase ilimitado. Suponhamos, por exemplo, que um homem entendesse perfeitamente o Prana e pudesse controlá-lo; que poder na terra não seria seu? Ele seria capaz de tirar o sol e as estrelas de seus lugares, de controlar tudo no universo, desde os átomos até os maiores sóis, porque controlaria o Prana. Este é o fim e objetivo do Pranayama. Quando o Yogue se tornar perfeito, não haverá nada na natureza que não esteja sob seu controle. Se ele ordenar que os deuses ou as almas dos que partiram venham, eles virão a seu comando. Todas as forças da natureza lhe obedecerão como escravas. Quando os ignorantes veem estes poderes do Yogue, eles os chamam de milagres. Uma peculiaridade da mente hindu é que ela sempre busca a última generalização possível, deixando os detalhes para serem resolvidos posteriormente. A questão é levantada nos Vedas: "O que é isso, sabendo qual, saberemos tudo?" Assim, todos os livros e todas as filosofias que foram escritas serviram apenas para provar isso, sabendo que tudo é conhecido. Se um homem quiser conhecer este universo pouco a pouco, ele deve conhecer cada grão de areia individual, o que significa tempo infinito; ele não pode conhecer todos eles. Então como pode ser o conhecimento? Como é possível que um homem seja onisciente através de detalhes? Os Yogis dizem que por trás desta manifestação particular há uma generalização. Por trás de todas as ideias particulares existe um princípio generalizado e abstrato; compreenda-o e você terá compreendido tudo. Assim como todo este universo foi generalizado nos Vedas naquela Existência Absoluta Única, e aquele que compreendeu essa Existência compreendeu todo o universo, também todas as forças foram generalizadas neste Prana, e aquele que compreendeu o

Prana compreendeu tudo. as forças do universo, mentais ou físicas. Aquele que controlou o Prana controlou a sua própria mente e todas as mentes que existem. Quem controlou o Prana controlou o seu corpo e todos os corpos que existem, porque o Prana é a manifestação generalizada da força.

Como controlar o Prana é a única ideia do Pranayama. Todos os treinamentos e exercícios nesse sentido são para esse fim. Cada homem deve começar onde está, deve aprender como controlar as coisas que estão mais próximas dele. Este corpo está muito próximo de nós, mais próximo do que qualquer coisa no universo externo, e esta mente é a mais próxima de todas. O Prana que trabalha esta mente e corpo é o mais próximo de nós de todo o Prana neste universo. Esta pequena onda de Prana que representa nossas próprias energias, mentais e físicas, é a mais próxima de nós de todas as ondas do oceano infinito de Prana. Se conseguirmos controlar essa pequena onda, só então poderemos esperar controlar todo o Prana. O Yogi que fez isso obtém perfeição; ele não está mais sob nenhum poder. Ele se torna quase todo-poderoso, quase onisciente. Vemos seitas em todos os países que tentaram controlar o Prana. Neste país existem curandeiros mentais, curandeiros pela fé, espíritas, cientistas cristãos, hipnotizadores, etc., e se examinarmos estes diferentes corpos, encontraremos na parte de trás de cada um este controle do Prana, quer eles o conheçam ou não. não. Se você resumir todas as suas teorias, o resíduo será esse. É a mesma força que eles estão manipulando, só que sem saber. Eles tropeçaram na descoberta de uma força e a utilizam inconscientemente sem conhecer sua natureza, mas é a mesma que o Yogi utiliza, e que vem do Prana.

O Prana é a força vital de todo ser. O pensamento é a ação mais refinada e mais elevada do Prana. O pensamento, novamente, como vemos, não é tudo. Existe também o que chamamos de instinto ou pensamento inconsciente, o plano de ação mais baixo. Se um mosquito nos picar, nossa mão o atacará automaticamente, instintivamente. Esta é uma expressão do pensamento. Todas as ações reflexas do corpo pertencem a este plano de pensamento. Existe novamente o outro plano de pensamento, o consciente. Raciocino, julgo, penso, vejo os prós e os contras de certas coisas, mas isso não é tudo. Sabemos que a razão é limitada. A razão só pode ir até certo ponto, além daquilo que não pode alcançar. O círculo dentro do qual funciona é realmente muito limitado. No entanto, ao mesmo tempo,

descobrimos que os factos invadem este círculo. Tal como a chegada dos cometas, certas coisas entram neste círculo; é certo que vêm de fora do limite, embora a nossa razão não possa ir além. As causas dos fenómenos que se intrometem neste pequeno limite estão fora deste limite. A mente pode existir num plano ainda mais elevado, o superconsciente. Quando a mente atinge esse estado chamado Samâdhi – concentração perfeita, superconsciência – ela ultrapassa os limites da razão e fica cara a cara com fatos que nenhum instinto ou razão jamais poderá conhecer. Todas as manipulações das forças sutis do corpo, as diferentes manifestações do Prana, se treinadas, dão um impulso à mente, ajudam-na a subir mais alto e a se tornar superconsciente, de onde atua.

Neste universo existe uma substância contínua em cada plano de existência. Fisicamente, este universo é um só: não há diferença entre o sol e você. O cientista lhe dirá que dizer o contrário é apenas uma ficção. Não há nenhuma diferença real entre a mesa e eu; a mesa é um ponto na massa da matéria e eu outro ponto. Cada forma representa, por assim dizer, um redemoinho no oceano infinito de matéria, do qual nenhum é constante. Assim como num riacho caudaloso pode haver milhões de redemoinhos, a água em cada um deles é diferente a cada momento, girando e girando por alguns segundos, e depois desaparecendo, substituída por uma nova quantidade, assim o universo inteiro é um só. massa de matéria em constante mudança, na qual todas as formas de existência são tantos redemoinhos. Uma massa de matéria entra em um redemoinho, digamos, um corpo humano, permanece lá por um período, muda e sai para outro, desta vez, digamos, um corpo animal, do qual, novamente, após alguns anos, entra em outro redemoinho, chamado de pedaço de mineral. É uma mudança constante. Nenhum corpo é constante. Não existe meu corpo ou seu corpo, exceto em palavras. Da enorme massa de matéria, um ponto é chamado de lua, outro de sol, outro de homem, outro de terra, outro de planta, outro de mineral. Nenhum é constante, mas tudo está mudando, a matéria se concretiza e se desintegra eternamente. Assim é com a mente. A matéria é representada pelo éter; quando a ação do Prana for mais sutil, este mesmo éter, no estado mais sutil de vibração, representará a mente e ainda permanecerá uma massa ininterrupta. Se você conseguir simplesmente chegar a essa vibração sutil, verá e sentirá que todo o universo é composto de vibrações sutis. Às vezes, certas drogas têm o poder de nos levar, ainda

em bom senso, a essa condição. Muitos de vocês devem se lembrar do célebre experimento de Sir Humphrey Davy, quando o gás hilariante o dominou - como, durante a palestra, ele permaneceu imóvel, estupefato e depois disso disse que todo o universo era feito de ideias. Pois, naquele momento, por assim dizer, as vibrações grosseiras haviam cessado, e apenas as vibrações sutis que ele chamava de ideias estavam presentes para ele. Ele só conseguia ver as vibrações sutis ao seu redor; tudo se tornou pensamento; todo o universo era um oceano de pensamentos, ele e todos os outros haviam se tornado pequenos redemoinhos de pensamentos.

Assim, mesmo no universo do pensamento encontramos unidade e, finalmente, quando chegamos ao Eu, sabemos que esse Eu só pode ser Um. Além das vibrações da matéria em seus aspectos grosseiros e sutis, além do movimento existe apenas Um. Mesmo no movimento manifestado só há unidade. Esses fatos não podem mais ser negados. A física moderna também demonstrou que a soma total das energias do universo é sempre a mesma. Também foi provado que esta soma total de energia existe em duas formas. Torna-se potencial, atenuado e acalmado, e em seguida surge manifestado como todas essas diversas forças; novamente ele volta ao estado de silêncio e novamente se manifesta. Assim vai evoluindo e envolvendo por toda a eternidade. O controle deste Prana, como afirmado anteriormente, é o que se chama Pranayama.

A manifestação mais óbvia deste Prana no corpo humano é o movimento dos pulmões. Se isso parar, como regra geral, todas as outras manifestações de força no corpo cessarão imediatamente. Mas há pessoas que podem treinar-se de tal maneira que o corpo continue vivo, mesmo quando esse movimento tiver cessado. Há algumas pessoas que conseguem enterrar-se durante dias e ainda assim viver sem respirar. Para alcançar o sutil devemos contar com a ajuda do mais grosseiro e, assim, viajar lentamente em direção ao mais sutil até chegarmos ao nosso ponto. Pranayama realmente significa controlar esse movimento dos pulmões e esse movimento está associado à respiração. Não que a respiração esteja produzindo isso; pelo contrário, está produzindo respiração. Este movimento aspira o ar pela ação da bomba. O Prana move os pulmões, o movimento dos pulmões atrai o ar. Portanto, Pranayama não é respirar, mas controlar a força muscular que move os pulmões. Essa força muscular que sai através dos nervos para os músculos e

deles para os pulmões, fazendo-os mover-se de uma certa maneira, é o Prana, que devemos controlar na prática do Pranayama. Quando o Prana for controlado, descobriremos imediatamente que todas as outras ações do Prana no corpo ficarão lentamente sob controle. Eu mesmo vi homens que controlaram quase todos os músculos do corpo; e porque não? Se tenho controle sobre certos músculos, por que não sobre todos os músculos e nervos do corpo? Que impossibilidade existe? Atualmente o controle foi perdido e o movimento tornou-se automático. Não podemos mover os ouvidos à vontade, mas sabemos que os animais podem. Não temos esse poder porque não o exercemos. Isso é o que se chama de atavismo.

Novamente, sabemos que o movimento que se tornou latente pode ser trazido de volta à manifestação. Através de trabalho árduo e prática, certos movimentos do corpo que estão mais adormecidos podem ser trazidos de volta ao controle perfeito. Raciocinando assim, descobrimos que não há impossibilidade, mas, por outro lado, toda probabilidade de que cada parte do corpo possa ser colocada sob perfeito controle. Isto o Yogi faz através do Pranayama. Talvez alguns de vocês tenham lido que em Pranayama, ao inspirar, você deve preencher todo o seu corpo com Prana. Nas traduções para o inglês, o Prana é dado como respiração, e você se sente inclinado a perguntar como isso deve ser feito. A culpa é do tradutor. Cada parte do corpo pode ser preenchida com Prana, essa força vital, e quando você consegue fazer isso, você pode controlar todo o corpo. Todas as doenças e misérias sentidas no corpo serão perfeitamente controladas; não só isso, você será capaz de controlar o corpo de outra pessoa. Tudo é contagioso neste mundo, bom ou ruim. Se o seu corpo estiver em certo estado de tensão, ele terá a tendência de produzir a mesma tensão em outros. Se você for forte e saudável, aqueles que moram perto de você também terão a tendência de se tornarem fortes e saudáveis, mas se você estiver doente e fraco, aqueles ao seu redor terão a tendência de se tornarem iguais. No caso de um homem tentar curar outro, a primeira ideia é simplesmente transferir a sua própria saúde para o outro. Este é o tipo primitivo de cura. Consciente ou inconscientemente, a saúde pode ser transmitida. Um homem muito forte, vivendo com um homem fraco, o tornará um pouco mais forte, quer ele saiba disso ou não. Quando feito de forma consciente, torna-se mais rápido e melhor em sua ação. Em seguida vêm aqueles casos em que um homem pode não ser muito saudável, mas sabemos que ele pode trazer

saúde a outro. O primeiro homem, nesse caso, tem um pouco mais de controle sobre o Prana e pode despertar, por enquanto, seu Prana, por assim dizer, para um certo estado de vibração e transmiti-lo a outra pessoa.

Houve casos em que este processo foi realizado à distância, mas na realidade não existe distância no sentido de ruptura. Onde está a distância que tem uma pausa? Existe alguma ruptura entre você e o sol? É uma massa contínua de matéria, sendo o sol uma parte e você outra. Existe uma ruptura entre uma parte de um rio e outra? Então por que nenhuma força pode viajar? Não há razão contra isso. Casos de cura à distância são perfeitamente verdadeiros. O Prana pode ser transmitido a uma distância muito grande; mas para um caso genuíno, existem centenas de fraudes. Este processo de cura não é tão fácil como se pensa. Nos casos mais comuns de cura, você descobrirá que os curadores simplesmente tiram vantagem do estado naturalmente saudável do corpo humano. Um alopata vem e trata pacientes de cólera e lhes dá seus remédios. O homeopata vem e dá os seus remédios, e cura talvez mais do que o alopata, porque o homeopata não perturba os seus pacientes, mas permite que a natureza lide com eles. O Curandeiro pela fé cura ainda mais, porque ele traz a força de sua mente para suportar e desperta, através da fé, o Prana adormecido do paciente.

Há um erro cometido constantemente pelos curandeiros: eles pensam que a fé cura diretamente o homem. Mas a fé por si só não cobre todo o terreno. Existem doenças onde os piores sintomas são que o paciente nunca pensa que tem aquela doença. Essa tremenda fé do paciente é em si um sintoma da doença e geralmente indica que ele morrerá rapidamente. Nesses casos, o princípio de que a cura pela fé não se aplica. Se fosse somente a fé que curasse, esses pacientes também seriam curados. É pelo Prana que vem a verdadeira cura. O homem puro, que controlou o Prana, tem o poder de levá-lo a um determinado estado de vibração, que pode ser transmitido a outros, despertando neles uma vibração semelhante. Você vê isso nas ações cotidianas. Estou falando com você. O que estou tentando fazer? Estou, por assim dizer, levando minha mente a um certo estado de vibração, e quanto mais eu conseguir trazê-la a esse estado, mais você será afetado pelo que eu digo. Todos vocês sabem que quanto mais eu fico entusiasmado, mais vocês gostam da palestra; e quando estou menos entusiasmado, você sente falta de interesse.

Os gigantescos poderes de vontade do mundo, os que movem o mundo, podem levar seu Prana a um estado elevado de vibração, e é tão grande e poderoso que alcança outros em um momento, e milhares são atraídos para eles, e metade dos mundo pensa como eles. Os grandes profetas do mundo tiveram o mais maravilhoso controle do Prana, o que lhes deu uma tremenda força de vontade; eles levaram seu Prana ao estado de movimento mais elevado e foi isso que lhes deu o poder de influenciar o mundo. Todas as manifestações de poder surgem deste controle. Os homens podem não saber o segredo, mas esta é a única explicação. Às vezes, em seu próprio corpo, o suprimento de Prana gravita mais ou menos para uma parte; o equilíbrio é perturbado, e quando o equilíbrio do Prana é perturbado, é produzido o que chamamos de doença. Tirar o Prana supérfluo, ou suprir o Prana que falta, estará curando a doença. Novamente, isso é Pranayama – aprender quando há mais ou menos Prana em uma parte do corpo do que deveria. Os sentimentos se tornarão tão sutis que a mente sentirá que há menos Prana no dedo do pé ou da mão do que deveria e possuirá o poder de fornecê-lo. Estas estão entre as várias funções do Pranayama. Eles devem ser aprendidos lenta e gradualmente e, como você pode ver, todo o objetivo do Raja-Yoga é realmente ensinar o controle e a direção nos diferentes planos do Prana. Quando um homem concentra suas energias, ele domina o Prana que está em seu corpo. Quando um homem está meditando, ele também concentra o Prana.

Num oceano há ondas enormes, como montanhas, depois ondas menores, e ainda menores, até pequenas bolhas, mas por trás de tudo isso está o oceano infinito. A bolha está conectada com o oceano infinito em uma extremidade e com a enorme onda na outra extremidade. Assim, um pode ser um homem gigantesco e outro uma pequena bolha, mas cada um está conectado com aquele oceano infinito de energia, que é o direito inato comum de todo animal que existe. Onde quer que haja vida, o depósito de energia infinita está por trás dela. Começando como um fungo, uma bolha minúscula e microscópica, e sempre extraindo desse depósito infinito de energia, uma forma muda lenta e continuamente até que, com o passar do tempo, se torne uma planta, depois um animal, depois um homem. em última análise, Deus. Isto é alcançado ao longo de milhões de eras, mas o que é o tempo? Um aumento de velocidade, um aumento de luta, é capaz de colmatar o abismo do tempo. Aquilo que naturalmente leva muito tempo para ser realizado

pode ser encurtado pela intensidade da ação, diz o Yogue. Um homem pode continuar absorvendo lentamente esta energia da massa infinita que existe no universo, e, talvez, ele precisará de cem mil anos para se tornar um Deva, e então, talvez, quinhentos mil anos para se tornar ainda mais elevado. e, talvez, cinco milhões de anos para se tornar perfeito. Dado o rápido crescimento, o tempo será reduzido. Por que não é possível, com esforço suficiente, atingir esta perfeição em seis meses ou seis anos? Não há limite. A razão mostra isso. Se um motor, com uma certa quantidade de carvão, percorrer três quilômetros por hora, percorrerá a distância em menos tempo com um suprimento maior de carvão. Da mesma forma, por que a alma, intensificando sua ação, não alcançará a perfeição nesta mesma vida? Todos os seres finalmente alcançarão esse objetivo, nós sabemos. Mas quem se importa em esperar todos esses milhões de eras? Por que não alcançá-lo imediatamente, mesmo neste corpo, nesta forma humana? Por que não obterei esse conhecimento infinito, esse poder infinito, agora?

O ideal do Iogue, toda a ciência do Yoga, tem como objetivo ensinar aos homens como, intensificando o poder de assimilação, encurtar o tempo para alcançar a perfeição, em vez de avançar lentamente de um ponto a ponto e esperar até que o todo a raça humana tornou-se perfeita. Todos os grandes profetas, santos e videntes do mundo — o que eles fizeram? Num período de vida, eles viveram toda a vida da humanidade, atravessaram todo o período de tempo que a humanidade comum leva para chegar à perfeição. Numa vida eles se aperfeiçoam; eles não pensam em mais nada, nunca vivem um momento para qualquer outra idéia, e assim o caminho é encurtado para eles. É isso que se entende por concentração, intensificando o poder de assimilação, encurtando assim o tempo. Raja-Yoga é a ciência que nos ensina como obter o poder da concentração.

O que Pranayama tem a ver com espiritismo? O Espiritismo também é uma manifestação do Pranayama. Se for verdade que os espíritos que partiram existem, mas não podemos vê-los, é bastante provável que haja centenas e milhões deles ao nosso redor que não podemos ver, sentir ou tocar. Podemos estar continuamente passando e repassando através de seus corpos, e eles não nos veem nem nos sentem. É um círculo dentro de um círculo, universo dentro de universo. Temos cinco sentidos e representamos o Prana em um determinado estado de vibração. Todos os seres no mesmo

estado de vibração se verão, mas se houver seres que representem o Prana em um estado de vibração mais elevado, eles não serão vistos. Podemos aumentar a intensidade de uma luz até não podermos mais vê-la, mas pode haver seres com olhos tão poderosos que possam ver tal luz. Novamente, se suas vibrações forem muito baixas, não vemos luz, mas há animais que podem vê-la, como gatos e corujas. Nosso alcance de visão é apenas um plano das vibrações deste Prana. Veja esta atmosfera, por exemplo; ela é empilhada camada sobre camada, mas as camadas mais próximas da Terra são mais densas do que as acima, e à medida que você sobe, a atmosfera torna-se cada vez mais fina. Ou vejamos o caso do oceano; à medida que você vai mais fundo, a pressão da água aumenta, e os animais que vivem no fundo do mar nunca poderão subir, ou serão quebrados em pedaços.

Pense no universo como um oceano de éter, consistindo de camada após camada de vários graus de vibração sob a ação do Prana; longe do centro as vibrações são menores, mais perto dele tornam-se cada vez mais rápidas; uma ordem de vibração forma um plano. Então suponhamos que essas faixas de vibrações sejam divididas em planos, tantos milhões de quilômetros de um conjunto de vibrações, e depois tantos milhões de quilômetros de outro conjunto de vibrações ainda mais elevado, e assim por diante. É, portanto, provável que aqueles que vivem no plano de um certo estado de vibração tenham o poder de reconhecer uns aos outros, mas não reconheçam aqueles que estão acima deles. No entanto, assim como através do telescópio e do microscópio podemos aumentar o alcance da nossa visão, da mesma forma podemos, através do Yoga, levar-nos ao estado de vibração de outro plano e, assim, permitir-nos ver o que está acontecendo lá. Suponhamos que esta sala esteja cheia de seres que não vemos. Eles representam o Prana em um determinado estado de vibração enquanto nós representamos outro. Suponha que eles representem um rápido e nós o oposto. Prana é o material de que eles são compostos, assim como nós. Todos são partes do mesmo oceano de Prana, diferem apenas em sua taxa de vibração. Se eu conseguir chegar à vibração rápida, este plano mudará imediatamente para mim: não verei mais você; você desaparece e eles aparecem. Alguns de vocês, talvez, saibam que isso é verdade. Toda essa condução da mente para um estado de vibração mais elevado está incluída em uma palavra no Yoga – Samadhi. Todos esses estados de vibração mais elevada, vibrações superconscientes da mente, estão agrupados naquela

única palavra, Samadhi, e os estados mais baixos de Samadhi nos dão visões desses seres. O grau mais elevado de Samadhi é quando vemos a coisa real, quando vemos o material do qual todos esses graus de seres são compostos, e esse pedaço de barro sendo conhecido, conhecemos todo o barro do universo.

Assim, vemos que Pranayama inclui até mesmo tudo o que é verdadeiro no espiritismo. Da mesma forma, você descobrirá que onde quer que qualquer seita ou grupo de pessoas esteja tentando descobrir algo oculto e místico, ou oculto, o que eles estão fazendo é realmente este Yoga, esta tentativa de controlar o Prana. Você descobrirá que onde quer que haja uma manifestação extraordinária de poder, ela é a manifestação deste Prana. Até as ciências físicas podem ser incluídas no Pranayama. O que move a máquina a vapor? Prana, agindo através do vapor. O que são todos esses fenômenos da eletricidade e assim por diante senão Prana? O que é ciência física? A ciência do Pranayama, por meios externos. O Prana, manifestando-se como poder mental, só pode ser controlado por meios mentais. Aquela parte do Pranayama que tenta controlar as manifestações físicas do Prana por meios físicos é chamada de ciência física, e aquela parte que tenta controlar as manifestações do Prana como força mental por meios mentais é chamada de Raja-Yoga.

1.3.4 CAPÍTULO 4: O PRANA PSÍQUICO

De acordo com os iogues, existem duas correntes nervosas na coluna vertebral, chamadas Pingalâ e Idâ, e um canal oco chamado Sushumnâ que atravessa a medula espinhal. Na extremidade inferior do canal oco está o que os Yogis chamam de “Lótus da Kundalini”. Eles a descrevem como de forma triangular, na qual, na linguagem simbólica dos iogues, existe um poder chamado Kundalini, enrolado. Quando essa Kundalini desperta, ela tenta forçar uma passagem através deste canal oco e, à medida que sobe passo a passo, por assim dizer, camada após camada da mente se abre e todas as diferentes visões e poderes maravilhosos chegam ao Yogue. Quando chega ao cérebro, o Yogue está perfeitamente desapegado do corpo e da mente; a alma se encontra livre. Sabemos que a medula espinhal é composta de maneira peculiar. Se tomarmos o número oito horizontalmente (¥), existem duas partes que estão conectadas no meio. Suponha que você adicione oito após oito, empilhados um em cima do outro, que representará a medula espinhal. A esquerda é Ida, a direita Pingala, e aquele canal oco que atravessa o centro da medula espinhal é Sushumna. Onde a medula espinhal termina em algumas vértebras lombares, uma fibra fina desce, e o canal sobe até mesmo dentro dessa fibra, só que muito mais fino. O canal é fechado na extremidade inferior, situada próximo ao chamado plexo sacral, que, segundo a fisiologia moderna, tem forma triangular. Os diferentes plexos que têm seus centros no canal espinhal podem muito bem representar os diferentes “lótus” do Yogue.

O Yogue concebe vários centros, começando com o Mulâdhâra, o básico, e terminando com o Sahasrâra, o Lótus de mil pétalas no cérebro. Assim, se considerarmos esses diferentes plexos como representantes desses lótus, a ideia do Iogue pode ser facilmente compreendida na linguagem da fisiologia moderna. Sabemos que existem dois tipos de ações nessas correntes nervosas, uma aferente e outra eferente; um sensorial e outro motor; um centrípeto e outro centrífugo. Um transporta as sensações para o cérebro e o outro, do cérebro para o corpo externo. Essas vibrações estão todas conectadas ao cérebro a longo prazo. Vários outros fatos que temos que lembrar, a fim de abrir caminho para a explicação que está por vir. Essa medula espinhal, no cérebro, termina numa espécie de bulbo, na medula, que não está ligado ao cérebro, mas flutua em um fluido no cérebro, de modo que, se houver um golpe na cabeça, a força desse o golpe será

dissipado no fluido e não danificará a lâmpada. Este é um fato importante a ser lembrado. Em segundo lugar, temos também que saber que, de todos os centros, temos de nos lembrar particularmente de três, o Muladhara (o básico), o Sahasrara (o lótus de mil pétalas do cérebro) e o Manipura (o lótus do umbigo). .

A seguir pegaremos um fato da física. Todos nós ouvimos falar de eletricidade e de várias outras forças relacionadas a ela. Ninguém sabe o que é a eletricidade, mas, até onde se sabe, é uma espécie de movimento. Existem vários outros movimentos no universo; qual é a diferença entre eles e a eletricidade? Suponhamos que esta mesa se mova – que as moléculas que a compõem se movem em direções diferentes; se todos forem movidos na mesma direção, será por meio da eletricidade. O movimento elétrico faz com que as moléculas de um corpo se movam na mesma direção. Se todas as moléculas de ar em uma sala forem movidas na mesma direção, isso criará uma gigantesca bateria de eletricidade na sala. Outro ponto da fisiologia que devemos lembrar é que o centro que regula o sistema respiratório, o sistema respiratório, tem uma espécie de ação controladora sobre o sistema de correntes nervosas.

Agora veremos por que a respiração é praticada. Em primeiro lugar, da respiração rítmica surge uma tendência de todas as moléculas do corpo se moverem na mesma direção. Quando a mente se transforma em vontade, as correntes nervosas passam a um movimento semelhante ao da eletricidade, porque foi comprovado que os nervos mostram polaridade sob a ação de correntes elétricas. Isto mostra que quando a vontade é transformada em correntes nervosas, ela se transforma em algo como eletricidade. Quando todos os movimentos do corpo se tornaram perfeitamente rítmicos, o corpo tornou-se, por assim dizer, uma gigantesca bateria de vontade. Esta tremenda vontade é exatamente o que o Yogi deseja. Esta é, portanto, uma explicação fisiológica do exercício respiratório. Tende a provocar uma ação rítmica no corpo e nos ajuda, através do centro respiratório, a controlar os demais centros. O objetivo do Prânâyâma aqui é despertar o poder acumulado no Muladhara, chamado Kundalini.

Tudo o que vemos, ou imaginamos, ou sonhamos, temos que perceber no espaço. Este é o espaço comum, chamado Mahakâsha, ou espaço elementar.

Quando um Yogue lê os pensamentos de outros homens, ou percebe objetos supra-sensoriais, ele os vê em outro tipo de espaço chamado Chittâkâsha, o espaço mental. Quando a percepção se torna sem objeto e a alma brilha em sua própria natureza, isso é chamado de Chidâkâsha, ou espaço do conhecimento. Quando a Kundalini é despertada e entra no canal do Sushumna, todas as percepções estão no espaço mental. Quando chega à extremidade do canal que se abre para o cérebro, a percepção sem objeto está no espaço do conhecimento. Tomando a analogia da eletricidade, descobrimos que o homem só pode enviar uma corrente através de um fio (o leitor deve lembrar que isto foi falado antes da descoberta da telegrafia sem fio. - Ed.), mas a natureza não necessita de fios para enviar suas tremendas correntes. Isto prova que o fio não é realmente necessário, mas que apenas a nossa incapacidade de dispensá-lo nos obriga a usá-lo.

Da mesma forma, todas as sensações e movimentos do corpo são enviados para o cérebro e para fora dele, através desses fios de fibras nervosas. As colunas de fibras sensoriais e motoras da medula espinhal são Ida e Pingala dos Iogues. Eles são os principais canais pelos quais viajam as correntes aferentes e eferentes. Mas por que a mente não deveria enviar notícias sem qualquer fio, ou reagir sem qualquer fio? Vemos que isso é feito na natureza. O Yogi diz que se você puder fazer isso, você se livrará da escravidão da matéria. Como fazer isso? Se você conseguir fazer a corrente passar pelo Sushumna, o canal no meio da coluna vertebral, você terá resolvido o problema. A mente criou esta rede do sistema nervoso e tem de quebrá-la, para que nenhum fio seja necessário para trabalhar através dela. Somente então todo o conhecimento chegará até nós – não haverá mais escravidão do corpo; é por isso que é tão importante que obtenhamos o controle desse Sushumna. Se pudermos enviar a corrente mental através do canal oco sem quaisquer fibras nervosas que atuem como fios, diz o Yogue, o problema está resolvido, e ele também diz que isso pode ser feito.

Este Sushumna está fechado na extremidade inferior das pessoas comuns; nenhuma ação ocorre através disso. O Iogue propõe uma prática pela qual ele pode ser aberto e as correntes nervosas podem viajar através dele. Quando uma sensação é levada a um centro, o centro reage. Esta reação, no caso dos centros automáticos, é seguida de movimento; no caso dos centros conscientes, é seguido primeiro pela percepção e, em segundo lugar, pelo

movimento. Toda percepção é a reação à ação externa. Como surgem, então, as percepções nos sonhos? Não há então nenhuma ação externa. Os movimentos sensoriais, portanto, estão enrolados em algum lugar. Por exemplo, vejo uma cidade; a percepção daquela cidade é a partir da reação às sensações trazidas dos objetos externos que compõem aquela cidade. Isto é, um certo movimento nas moléculas cerebrais foi desencadeado pelo movimento nos nervos que os transportam, que novamente são acionados por objetos externos na cidade. Agora, mesmo depois de muito tempo consigo me lembrar da cidade. Essa memória é exatamente o mesmo fenômeno, só que de forma mais branda. Mas de onde vem a ação que desencadeia mesmo a forma mais branda de vibrações semelhantes no cérebro? Certamente não a partir das sensações primárias. Portanto, deve ser que as sensações estejam enroladas em algum lugar e, pela sua atuação, provoquem a reação suave que chamamos de percepção onírica.

Agora, o centro onde todas essas sensações residuais estão, por assim dizer, armazenadas, é chamado de Muladhara, o receptáculo raiz, e a energia de ação enrolada é Kundalini, "o enrolado". É muito provável que a energia motora residual também seja armazenada no mesmo centro, pois, após estudo profundo ou meditação em objetos externos, a parte do corpo onde está situado o centro Muladhara (provavelmente o plexo sacral) aquece. Agora, se esta energia enrolada for despertada e tornada ativa, e então conscientemente levada a viajar pelo canal Sushumna, à medida que atua centro após centro, uma tremenda reação se estabelecerá. fibra e causa reação dos centros, a percepção é sonho ou imaginação. Mas quando, pelo poder da longa meditação interna, a vasta massa de energia armazenada viaja ao longo do Sushumna e atinge os centros, a reação é tremenda, imensamente superior à reação do sonho ou da imaginação, imensamente mais intensa do que a reação dos sentidos. percepção. É uma percepção supersensorial. E quando atinge a metrópole de todas as sensações, o cérebro, todo o cérebro, por assim dizer, reage, e o resultado é o brilho total da iluminação, a percepção do Eu. À medida que esta força Kundalini viaja de centro a centro, camada após camada da mente, por assim dizer, se abre, e este universo é percebido pelo Yogue em sua forma sutil ou causal. Somente então as causas deste universo, tanto como sensação quanto como reação, são conhecidas como são, e daí vem todo o conhecimento. Sendo as causas conhecidas, o conhecimento dos efeitos certamente se seguirá.

Assim, o despertar da Kundalini é o único caminho para alcançar a Sabedoria Divina, a percepção superconsciente e a realização do espírito. O despertar pode ocorrer de várias maneiras, através do amor a Deus, através da misericórdia de sábios aperfeiçoados, ou através do poder da vontade analítica do filósofo. Onde quer que tenha havido qualquer manifestação do que é comumente chamado de poder ou sabedoria sobrenatural, ali uma pequena corrente de Kundalini deve ter encontrado seu caminho para o Sushumna. Só que, na grande maioria desses casos, as pessoas tropeçaram, por ignorância, em alguma prática que libertou uma pequena porção da Kundalini enrolada. Toda adoração, consciente ou inconscientemente, leva a esse fim. O homem que pensa estar recebendo resposta às suas orações não sabe que a realização vem de sua própria natureza, que ele conseguiu, pela atitude mental de oração, despertar um pouco desse poder infinito que está enrolado dentro de si mesmo. O que, portanto, os homens ignorantemente adoram sob vários nomes, através do medo e da tribulação, o Iogue declara ao mundo ser o verdadeiro poder encerrado em cada ser, a mãe da felicidade eterna, se soubermos como nos aproximar dela. E Râja-Yoga é a ciência da religião, a razão de toda adoração, de todas as orações, formas, cerimônias e milagres.

1.3.5 CAPÍTULO 5: O CONTROLE DO PRANA PSÍQUICO

Temos agora que lidar com os exercícios do Prânâyâma. Vimos que o primeiro passo, segundo os iogues, é controlar o movimento dos pulmões. O que queremos fazer é sentir os movimentos mais sutis que ocorrem no corpo. Nossas mentes se exteriorizaram e perderam de vista os delicados movimentos internos. Se pudermos começar a senti-los, poderemos começar a controlá-los. Essas correntes nervosas percorrem todo o corpo, trazendo vida e vitalidade a todos os músculos, mas não as sentimos. O Yogi diz que podemos aprender a fazer isso. Como? Ao assumir e controlar o movimento dos pulmões; quando tivermos feito isso por um período de tempo suficiente, seremos capazes de controlar os movimentos mais sutis.

Chegamos agora aos exercícios de Pranayama. Sente-se ereto; o corpo deve ser mantido reto. A medula espinhal, embora não esteja ligada à coluna vertebral, ainda está dentro dela. Se você se sentar torto, você perturbará a

medula espinhal, então deixe-a livre. Sempre que você se senta torto e tenta meditar, você se machuca. As três partes do corpo, o peito, o pescoço e a cabeça, devem ser sempre mantidas retas em uma linha. Você descobrirá que com um pouco de prática isso será tão fácil quanto respirar. A segunda coisa é controlar os nervos. Dissemos que o centro nervoso que controla os órgãos respiratórios tem uma espécie de efeito controlador sobre os outros nervos, e a respiração rítmica é, portanto, necessária. A respiração que geralmente usamos não deveria ser chamada de respiração. É muito irregular. Depois, existem algumas diferenças naturais na respiração entre homens e mulheres.

A primeira lição é apenas respirar de maneira comedida, inspirando e expirando. Isso harmonizará o sistema. Depois de praticar isso por algum tempo, você fará bem em juntar a isso a repetição de alguma palavra como “Om” ou qualquer outra palavra sagrada. Na Índia usamos certas palavras simbólicas em vez de contar um, dois, três, quatro. É por isso que aconselho você a juntar a repetição mental do “Om”, ou alguma outra palavra sagrada, ao Pranayama. Deixe a palavra fluir para dentro e para fora com a respiração, ritmicamente, harmoniosamente, e você perceberá que todo o corpo está se tornando rítmico. Então você aprenderá o que é descanso. Comparado com isso, dormir não é descanso. Uma vez que esse descanso chegue, os nervos mais cansados se acalmarão e você descobrirá que nunca descansou realmente antes.

O primeiro efeito desta prática é percebido na mudança de expressão do rosto; linhas duras desaparecem; com pensamento calmo, a calma toma conta do rosto. Em seguida vem a bela voz. Nunca vi um Yogue com voz rouca. Esses sinais surgem após alguns meses de prática. Depois de praticar a respiração mencionada acima por alguns dias, você deverá praticar uma respiração mais elevada. Encha lentamente os pulmões com ar através da Idâ, a narina esquerda, e ao mesmo tempo concentre a mente na corrente nervosa. Você está, por assim dizer, enviando a corrente nervosa pela coluna vertebral e atingindo violentamente o último plexo, o lótus básico de forma triangular, a sede da Kundalini. Em seguida, mantenha a corrente ali por algum tempo. Imagine que você está lentamente atraindo essa corrente nervosa com a respiração através do outro lado, o Pingala, e depois expelindo-a lentamente pela narina direita. Você achará isso um pouco

difícil de praticar. A maneira mais fácil é tapar a narina direita com o polegar e, em seguida, inspirar lentamente pela esquerda; depois feche ambas as narinas com o polegar e o indicador e imagine que você está enviando aquela corrente para baixo e atingindo a base do Sushumnâ; em seguida, retire o polegar e expire pela narina direita. Em seguida, inspire lentamente por essa narina, mantendo a outra fechada pelo dedo indicador, depois feche ambas, como antes. A forma como os hindus praticam isso seria muito difícil para este país, porque eles fazem isso desde a infância e os seus pulmões estão preparados para isso. Aqui é bom começar com quatro segundos e aumentar lentamente. Desenhe em quatro segundos, segure em dezesseis segundos e jogue fora em oito segundos. Isto faz um Pranayama. Ao mesmo tempo, pense no lótus básico, de forma triangular; concentre a mente nesse centro. A imaginação pode te ajudar muito. A próxima respiração é inspirar lentamente e, em seguida, expulsá-la lentamente e, em seguida, interromper a expiração, usando os mesmos números. A única diferença é que no primeiro caso a respiração foi retida e, no segundo, retida. Este último é o mais fácil. A respiração em que você prende a respiração nos pulmões não deve ser praticada demais. Faça isso apenas quatro vezes pela manhã e quatro vezes à noite. Então você pode aumentar lentamente o tempo e o número. Você descobrirá que tem o poder para fazer isso e que sente prazer nisso. Portanto, aumente com muito cuidado e cautela, à medida que sentir que tem o poder, para seis em vez de quatro. Pode machucá-lo se você praticar irregularmente.

Dos três processos de purificação dos nervos descritos acima, o primeiro e o último não são difíceis nem perigosos. Quanto mais você praticar o primeiro, mais calmo você ficará. Basta pensar em "Om" e você poderá praticar mesmo enquanto está sentado no trabalho. Você ficará melhor com isso. Algum dia, se você praticar bastante, a Kundalini será despertada. Para quem pratica uma ou duas vezes ao dia, basta um pouco de calma do corpo e da mente, e uma bela voz; somente para aqueles que puderem prosseguir com isso a Kundalini será despertada, e toda a natureza começará a mudar, e o livro do conhecimento se abrirá. Você não precisará mais recorrer aos livros para obter conhecimento; sua própria mente se tornará seu livro, contendo conhecimento infinito. Já falei das correntes Ida e Pingala, que fluem por ambos os lados da coluna vertebral, e também do Sushumna, a passagem pelo centro da medula espinhal. Esses três estão presentes em

todos os animais; qualquer ser que tenha coluna vertebral tem essas três linhas de ação. Mas os Yogis afirmam que no homem comum o Sushumna está fechado; sua ação não é evidente enquanto a dos outros dois transporta energia para diferentes partes do corpo.

Somente o Yogi tem o Sushumna aberto. Quando esta corrente Sushumna se abre e começa a subir, ultrapassamos os sentidos, as nossas mentes tornam-se suprasensoriais, superconscientes – ultrapassamos até mesmo o intelecto, onde o raciocínio não consegue alcançar. Abrir esse Sushumna é o objetivo principal do Yogi. Segundo ele, ao longo deste Sushumna estão dispostos estes centros, ou, em linguagem mais figurativa, estes lótus, como são chamados. O mais baixo está na extremidade inferior da medula espinhal e é chamado Mulâdhâra, o próximo superior é chamado Svâdhishtâna, o terceiro Manipura, o quarto Anâhata, o quinto Vishuddha, o sexto Âjnâ e o último, que está no cérebro, é o Sahasrâra, ou “as mil pétalas”. Destes, temos que tomar conhecimento agora apenas de dois centros, o mais baixo, o Muladhara, e o mais elevado, o Sahasrara. Toda a energia deve ser retirada de seu lugar no Muladhara e trazida para o Sahasrara. Os Yogis afirmam que de todas as energias que existem no corpo humano, a mais elevada é o que chamam de "Ojas". Agora, esse Ojas está armazenado no cérebro, e quanto mais Ojas estiver na cabeça de um homem, mais poderoso ele será, mais intelectual, mais forte espiritualmente. Um homem pode falar uma bela linguagem e belos pensamentos, mas eles não impressionam as pessoas; outro homem não fala uma linguagem bonita nem pensamentos bonitos, mas suas palavras encantam. Cada movimento dele é poderoso. Esse é o poder de Ojas.

Agora, em cada homem há mais ou menos deste Ojas armazenado. Todas as forças que atuam no corpo em seu nível mais elevado tornam-se Ojas. Você deve lembrar que é apenas uma questão de transformação. A mesma força que atua externamente como eletricidade ou magnetismo se transformará em força interna; as mesmas forças que funcionam como energia muscular serão transformadas em Ojas. Os Yogis dizem que aquela parte da energia humana que é expressa como energia sexual, no pensamento sexual, quando controlada e controlada, facilmente se transforma em Ojas, e à medida que o Muladhara os orienta, o Yogi presta especial atenção a esse centro. Ele tenta absorver toda a sua energia sexual e convertê-la em Ojas. Somente o

homem ou mulher casto pode fazer com que o Ojas surja e armazene-o no cérebro; é por isso que a castidade sempre foi considerada a virtude mais elevada. Um homem sente que se não for casto, a espiritualidade desaparece, ele perde o vigor mental e a resistência moral. É por isso que em todas as ordens religiosas do mundo que produziram gigantes espirituais você sempre encontrará uma insistência na castidade absoluta. É por isso que os monges surgiram, desistindo do casamento. Deve haver castidade perfeita em pensamentos, palavras e ações; sem ela a prática do Raja-Yoga é perigosa e pode levar à insanidade. Se as pessoas praticam Raja-Yoga e ao mesmo tempo levam uma vida impura, como podem esperar tornar-se Yogis?

1.3.6 Capítulo 6: PRATYAHARA E DHARANA

O próximo passo é chamado Pratyâhâra. O que é isso? Você sabe como surgem as percepções. Em primeiro lugar, existem os instrumentos externos, depois os órgãos internos que atuam no corpo através dos centros cerebrais, e existe a mente. Quando estes se juntam e se ligam a algum objeto externo, então nós o percebemos. Ao mesmo tempo, é muito difícil concentrar a mente e ligá-la a apenas um órgão; a mente é uma escrava.

Ouvimos "Seja bom" e "Seja bom" e "Seja bom" ensinados em todo o mundo. Dificilmente existe uma criança, nascida em qualquer país do mundo, a quem não tenha sido dito: "Não roube", "Não conte mentiras", mas ninguém diz à criança como ela pode ajudar a fazê-lo. Falar não o ajudará. Por que ele não deveria se tornar um ladrão? Não lhe ensinamos como não roubar; nós simplesmente lhe dizemos: "Não roube". Somente quando o ensinamos a controlar sua mente é que realmente o ajudamos. Todas as ações, internas e externas, ocorrem quando a mente se une a certos centros, chamados órgãos. Quer queira ou não, ela é atraída a unir-se aos centros, e é por isso que as pessoas cometem atos tolos e se sentem infelizes, o que, se a mente estivesse sob controle, não fariam. Qual seria o resultado de controlar a mente? Então não se uniria aos centros de percepção e, naturalmente, o sentimento e a vontade estariam sob controle. Está claro até agora. É possível? É perfeitamente possível. Você vê isso nos tempos modernos; os curandeiros ensinam as pessoas a negar a miséria, a

dor e o mal. A filosofia deles é bastante indireta, mas é uma parte do Yoga na qual eles de alguma forma tropeçaram. Quando conseguem fazer com que uma pessoa se livre do sofrimento, negando-o, eles realmente usam uma parte do Pratyahara, pois tornam a mente da pessoa forte o suficiente para ignorar os sentidos. Os hipnotizadores, de maneira semelhante, por sugestão deles, provocam no paciente uma espécie de Pratyahara mórbido por enquanto. A chamada sugestão hipnótica só pode atuar sobre uma mente fraca. E até que o operador, por meio do olhar fixo ou de outro modo, consiga colocar a mente do sujeito numa espécie de condição passiva e mórbida, as suas sugestões nunca funcionam.

Ora, o controle dos centros que é estabelecido num paciente hipnótico ou num paciente de cura pela fé, pelo operador, durante algum tempo, é repreensível, porque leva à ruína final. Na verdade, não é controlar os centros cerebrais pelo poder da própria vontade, mas, por assim dizer, atordoar a mente do paciente por um tempo, através de golpes repentinos que a vontade de outra pessoa lhe desfere. Não é controlar por meio de rédeas e força muscular a carreira louca de uma equipe de fogo, mas sim pedir a outro que desfira golpes fortes na cabeça dos cavalos, para atordoá-los por um tempo e torná-los gentis. Em cada um desses processos, o homem operado perde uma parte de suas energias mentais, até que finalmente a mente, em vez de adquirir o poder do controle perfeito, torna-se uma massa disforme e impotente, e o único objetivo do paciente é o asilo para lunáticos.

Toda tentativa de controle que não seja voluntária, que não seja feita com a mente do próprio controlador, não é apenas desastrosa, mas frustra o fim. O objetivo de cada alma é a liberdade, o domínio – a liberdade da escravidão da matéria e do pensamento, o domínio da natureza externa e interna. Em vez de conduzir a isso, toda corrente de vontade de outro, seja qual for a forma que venha, seja como controle direto de órgãos, seja como forçando a controlá-los enquanto sob uma condição mórbida, apenas fixa mais um elo à já existente cadeia pesada de escravidão de pensamentos passados, superstições passadas. Portanto, tomem cuidado com o modo como vocês se permitem ser influenciados pelos outros. Cuidado com o modo como você, sem saber, leva outra pessoa à ruína. É verdade que alguns conseguem fazer o bem a muitos durante algum tempo, dando uma nova tendência às

suas propensões, mas, ao mesmo tempo, trazem a ruína a milhões de pessoas pelas sugestões inconscientes que lançam, despertando em homens e mulheres aquela atitude mórbida e passiva. , condição hipnótica que os torna finalmente quase sem alma. Quem quer que, portanto, peça a alguém que acredite cegamente, ou arraste as pessoas atrás de si pelo poder controlador de sua vontade superior, causa um dano à humanidade, embora possa não ter essa intenção.

Portanto, usem suas próprias mentes, controlem o corpo e a mente, lembrem-se de que até que vocês sejam uma pessoa doente, nenhuma vontade estranha poderá atuar sobre vocês; evite todos, por maiores e bons que sejam, que lhe peçam para acreditar cegamente. Por todo o mundo tem havido seitas que dançam, saltam e uivam, que se espalham como uma infecção quando começam a cantar, a dançar e a pregar; eles também são uma espécie de hipnotizadores. Eles exercem um controle singular por enquanto sobre pessoas sensíveis, infelizmente! muitas vezes, a longo prazo, degeneram raças inteiras. Sim, é mais saudável para o indivíduo ou para a raça permanecer mau do que tornar-se aparentemente bom por meio de um controle tão mórbido e estranho. Ficamos com o coração apertado ao pensar na quantidade de danos causados à humanidade por fanáticos religiosos tão irresponsáveis, mas bem-intencionados. Eles mal sabem que as mentes que atingem uma súbita convulsão espiritual sob suas sugestões, com música e orações, estão simplesmente se tornando passivas, mórbidas e impotentes, e se abrindo a qualquer outra sugestão, por mais maligna que seja. Mal sonham essas pessoas ignorantes e iludidas que, enquanto se felicitam pelo seu poder milagroso de transformar os corações humanos, poder que pensam ter sido derramado sobre elas por algum Ser acima das nuvens, estão semeando as sementes da decadência futura, do crime, da loucura e da morte. Portanto, tome cuidado com tudo que tira a sua liberdade. Saiba que é perigoso e evite-o por todos os meios ao seu alcance.

Aquele que conseguiu ligar ou desligar sua mente aos centros à vontade, teve sucesso em Pratyahara, que significa "reunir-se em direção a", controlar os poderes que saem da mente, libertando-a da escravidão dos sentidos. Quando pudermos fazer isso, teremos realmente caráter; só então teremos dado um longo passo em direção à liberdade; antes disso, somos meras máquinas.

Como é difícil controlar a mente! Bem, foi comparado ao macaco enlouquecido. Havia um macaco, inquieto por natureza, como todos os macacos são. Como se não bastasse, alguém o fez beber vinho à vontade, de modo que ficou ainda mais inquieto. Então um escorpião o picou. Quando um homem é picado por um escorpião, ele fica pulando o dia inteiro; então o pobre macaco descobriu que sua condição era pior do que nunca. Para completar sua miséria, um demônio entrou nele. Que linguagem pode descrever a inquietação incontrolável daquele macaco? A mente humana é como aquele macaco, incessantemente ativa por sua própria natureza; então fica embriagado com o vinho do desejo, aumentando assim a sua turbulência. Depois que o desejo toma posse, vem a ferroada do escorpião do ciúme diante do sucesso dos outros e, por último, o demônio do orgulho entra na mente, fazendo-a pensar que tem toda a importância. Quão difícil é controlar tal mente!

A primeira lição, então, é sentar-se por algum tempo e deixar a mente seguir em frente. A mente está borbulhando o tempo todo. É como aquele macaco pulando. Deixe o macaco pular o máximo que puder; você simplesmente espera e observa. Conhecimento é poder, diz o provérbio, e isso é verdade. Até que você saiba o que a mente está fazendo, você não poderá controlá-la. Dê-lhe o controle; muitos pensamentos horríveis podem surgir; você ficará surpreso ao saber que foi possível ter tais pensamentos. Mas você descobrirá que a cada dia os caprichos da mente se tornam cada vez menos violentos, que a cada dia ela se torna mais calma. Nos primeiros meses você descobrirá que a mente terá muitos pensamentos, mais tarde você descobrirá que eles diminuíram um pouco e em mais alguns meses serão cada vez menos, até que finalmente a mente estará sob perfeita ao controle; mas devemos praticar pacientemente todos os dias. Assim que o vapor for ligado, o motor deverá funcionar; assim que as coisas estão diante de nós, devemos perceber; portanto, um homem, para provar que não é uma máquina, deve demonstrar que não está sob o controle de nada. Este controle da mente, e não permitir que ela se una aos centros, é Pratyahara. Como isso é praticado? É um trabalho tremendo, que não pode ser feito em um dia. Somente depois de uma luta paciente e contínua durante anos poderemos ter sucesso.

Depois de ter praticado Pratyahara por algum tempo, dê o próximo passo, o Dhâranâ, mantendo a mente em certos pontos. O que significa manter a mente em certos pontos? Forçar a mente a sentir certas partes do corpo com exclusão de outras. Por exemplo, tente sentir apenas a mão, excluindo outras partes do corpo. Quando Chitta, ou matéria mental, está confinada e limitada a um determinado lugar, é Dharana. Este Dharana é de vários tipos e, junto com ele, é melhor brincar um pouco com a imaginação. Por exemplo, a mente deve ser levada a pensar num ponto do coração. Isso é muito difícil; uma maneira mais fácil é imaginar um lótus ali. Esse lótus está cheio de luz, luz refulgente. Coloque a mente aí. Ou pense no lótus no cérebro como cheio de luz, ou nos diferentes centros do Sushumna mencionados anteriormente.

O Yogi deve sempre praticar. Ele deveria tentar viver sozinho; a companhia de diferentes tipos de pessoas distrai a mente; não deve falar muito, porque falar distrai a mente; não trabalhar muito, porque muito trabalho distrai a mente; a mente não pode ser controlada depois de um dia inteiro de trabalho duro. Aquele que observa as regras acima torna-se um Yogi. Tal é o poder do Yoga que mesmo o mínimo dele trará muitos benefícios. Não fará mal a ninguém, mas beneficiará a todos. Em primeiro lugar, irá atenuar a excitação nervosa, trazer calma e permitir-nos ver as coisas com mais clareza. O temperamento será melhor e a saúde será melhor. Uma boa saúde será um dos primeiros sinais, e uma bela voz. Os defeitos na voz serão alterados. Este será um dos primeiros dos muitos efeitos que virão. Aqueles que praticam muito receberão muitos outros sinais. Às vezes haverá sons, como o repique de sinos ouvidos à distância, misturando-se e caindo no ouvido como um som contínuo. Às vezes, as coisas serão vistas, pequenos pontos de luz flutuando e se tornando cada vez maiores; e quando essas coisas acontecerem, saiba que você está progredindo rapidamente.

Aqueles que querem ser Yogis, e praticar muito, devem primeiro cuidar de sua dieta. Mas para aqueles que querem apenas um pouco de prática para a vida cotidiana dos negócios, não comam demais; caso contrário, eles podem comer o que quiserem. Para aqueles que querem progredir rapidamente e praticar bastante, uma dieta rigorosa é absolutamente necessária. Eles acharão vantajoso viver apenas de leite e cereais durante alguns meses. À medida que a organização se torna cada vez mais refinada, descobrir-se-á

no início que a menor irregularidade desequilibra a pessoa. Um pouco de comida a mais ou a menos perturbará todo o sistema, até que se obtenha um controle perfeito, e então será capaz de comer o que quiser.

Quando alguém começa a se concentrar, a queda de um alfinete parecerá um raio passando pelo cérebro. À medida que os órgãos ficam mais apurados, as percepções ficam mais afinadas. Estas são as etapas pelas quais temos que passar, e todos aqueles que perseverarem terão sucesso. Desista de toda argumentação e outras distrações. Existe alguma coisa no jargão intelectual árido? Isso apenas desequilibra a mente e a perturba. Coisas de planos mais sutis precisam ser realizadas. Falar fará isso? Então desista de toda conversa vã. Leia apenas os livros que foram escritos por pessoas que tiveram a Realização.

Seja como a ostra perolada. Há uma bela fábula indiana que diz que se chover quando a estrela Svâti estiver no ascendente, e uma gota de chuva cair numa ostra, essa gota se tornará uma pérola. As ostras sabem disso, então vêm à superfície quando aquela estrela brilha e esperam para pegar a preciosa gota de chuva. Quando uma gota cai nelas, rapidamente as ostras fecham as conchas e mergulham no fundo do mar, para ali desenvolverem pacientemente a gota até se tornarem pérolas. Deveríamos ser assim. Primeiro ouçam, depois compreendam e então, deixando todas as distrações, fechem suas mentes às influências externas e dediquem-se a desenvolver a verdade dentro de vocês. Existe o perigo de desperdiçar energias adotando uma ideia apenas pela sua novidade e depois abandonando-a por outra mais recente. Pegue uma coisa e faça-a, e veja o fim dela, e antes de ver o fim, não desista. Quem consegue enlouquecer com uma ideia, só ele vê a luz. Aqueles que apenas dão uma mordidinha aqui e outra ali nunca alcançarão nada. Eles podem excitar seus nervos por um momento, mas aí tudo terminará. Serão escravos nas mãos da natureza e nunca irão além dos sentidos.

Aqueles que realmente querem ser Yogis devem desistir, de uma vez por todas, de morder as coisas. Pegue uma ideia. Faça dessa ideia a sua vida - pense nela, sonhe com ela, viva com base nessa ideia. Deixe o cérebro, os músculos, os nervos, todas as partes do seu corpo ficarem cheios dessa ideia e deixe todas as outras ideias de lado. Este é o caminho para o sucesso e é

assim que grandes gigantes espirituais são produzidos. Outros são meras máquinas falantes. Se realmente quisermos ser abençoados e tornar os outros abençoados, devemos ir mais fundo. O primeiro passo é não perturbar a mente, não se associar com pessoas cujas ideias sejam perturbadoras. Todos vocês sabem que certas pessoas, certos lugares, certos alimentos os repelem. Evite-os; e aqueles que querem chegar ao mais alto devem evitar toda companhia, boa ou má. Pratique bastante; se você vive ou morre, não importa. É preciso mergulhar e trabalhar, sem pensar no resultado. Se você for corajoso o suficiente, em seis meses você será um Yogi perfeito. Mas aqueles que ocupam apenas um pouco disso e um pouco de tudo o mais não progridem. Não adianta simplesmente fazer um curso de lições. Para aqueles que estão cheios de Tamas, ignorantes e estúpidos – aqueles cujas mentes nunca se fixam em nenhuma ideia, que apenas anseiam por algo que os divirta – a religião e a filosofia são simplesmente objetos de entretenimento. Estes são os inperseverantes. Eles ouvem uma palestra, acham-na muito agradável e depois vão para casa e esquecem tudo. Para ter sucesso, você deve ter uma tremenda perseverança, uma tremenda vontade. “Beberei o oceano”, diz a alma perseverante, “à minha vontade, as montanhas desmoronarão”. Tenha esse tipo de energia, esse tipo de vontade, trabalhe duro e você alcançará a meta.

1.3.7 CAPÍTULO 7: DHYANA E SAMADHI

Fizemos uma visão superficial dos diferentes passos do Raja-Yoga, exceto os mais sutis, o treinamento da concentração, que é a meta à qual o Raja-Yoga nos conduzirá. Vemos, como seres humanos, que todo o nosso conhecimento que é chamado de racional se refere à consciência. Minha consciência desta mesa e de sua presença me faz saber que a mesa e você estão aqui. Ao mesmo tempo, há uma grande parte da minha existência da qual não tenho consciência. Todos os diferentes órgãos dentro do corpo, as diferentes partes do cérebro – ninguém tem consciência disso.

Quando como comida, faço-o conscientemente; quando assimilo, faço-o inconscientemente. Quando o alimento é transformado em sangue, isso é feito inconscientemente. Quando todas as diferentes partes do meu corpo são fortalecidas pelo sangue, isso é feito inconscientemente. E, no entanto,

sou eu quem está fazendo tudo isso; não pode haver vinte pessoas neste corpo. Como posso saber que faço isso e mais ninguém? Pode-se afirmar que meu trabalho consiste apenas em comer e assimilar a comida, e que o fortalecimento do corpo pela comida é feito para mim por outra pessoa. Isso não pode ser, porque pode ser demonstrado que quase todas as ações das quais estamos agora inconscientes podem ser trazidas ao plano da consciência. O coração está batendo aparentemente sem nosso controle. Nenhum de nós aqui pode controlar o coração; segue seu próprio caminho. Mas, com a prática, os homens podem controlar até mesmo o coração, até que ele bata à vontade, lenta ou rapidamente, ou quase pare. Quase todas as partes do corpo podem ser controladas. O que isso mostra? Que as funções que estão abaixo da consciência também são desempenhadas por nós, só que o fazemos inconscientemente. Temos, então, dois planos em que a mente humana funciona. O primeiro é o plano consciente, no qual todo trabalho é sempre acompanhado do sentimento de egoísmo. Em seguida vem o plano inconsciente, onde todo trabalho não é acompanhado pelo sentimento de egoísmo. A parte do trabalho mental que não é acompanhada pelo sentimento de egoísmo é trabalho inconsciente, e a parte que é acompanhada pelo sentimento de egoísmo é trabalho consciente. Nos animais inferiores, esse trabalho inconsciente é chamado de instinto. Nos animais superiores, e no mais elevado de todos os animais, o homem, prevalece o que se chama trabalho consciente.

Mas não termina aqui. Existe um plano ainda mais elevado no qual a mente pode trabalhar. Pode ir além da consciência. Assim como o trabalho inconsciente está abaixo da consciência, também existe outro trabalho que está acima da consciência e que também não é acompanhado do sentimento de egoísmo. O sentimento de egoísmo está apenas no plano intermediário. Quando a mente está acima ou abaixo dessa linha, não há sentimento de “eu”, e ainda assim a mente funciona. Quando a mente ultrapassa esta linha de autoconsciência, isso é chamado de Samâdhi ou superconsciência. Como, por exemplo, sabemos que um homem em Samadhi não desceu abaixo da consciência, não degenerou em vez de subir? Em ambos os casos as obras não são acompanhadas de egoísmo. A resposta é: pelos efeitos, pelos resultados do trabalho, conhecemos o que está abaixo e o que está acima. Quando um homem entra em sono profundo, ele entra num plano abaixo da consciência. Ele trabalha o corpo o tempo todo, respira, move o

corpo, talvez durante o sono, sem qualquer sentimento de ego que o acompanhe; ele está inconsciente e, quando volta do sono, é o mesmo homem que dormiu. A soma total do conhecimento que ele tinha antes de adormecer permanece a mesma; não aumenta em nada. Nenhuma iluminação vem. Mas quando um homem entra em Samadhi, se ele entra como um tolo, ele sai como um sábio.

O que faz a diferença? De um estado sai um homem exatamente o mesmo homem em que entrou, e de outro estado o homem sai iluminado, um sábio, um profeta, um santo, todo o seu caráter mudado, sua vida mudada, iluminada. Esses são os dois efeitos. Ora, sendo os efeitos diferentes, as causas devem ser diferentes. Como esta iluminação com a qual um homem volta do Samadhi é muito mais elevada do que a que pode ser obtida da inconsciência, ou muito mais elevada do que a que pode ser obtida pelo raciocínio em estado consciente, deve, portanto, ser a superconsciência, e o Samadhi é chamado de estado superconsciente. .

Esta, em resumo, é a ideia do Samadhi. Qual é a sua aplicação? O aplicativo está aqui. O campo da razão, ou do funcionamento consciente da mente, é estreito e limitado. Existe um pequeno círculo dentro do qual a razão humana deve mover-se. Não pode ir além. Qualquer tentativa de ir além é impossível, mas é além deste círculo da razão que reside tudo o que a humanidade tem de mais caro. Todas estas questões, se existe uma alma imortal, se existe um Deus, se existe alguma inteligência suprema guiando este universo ou não, estão além do campo da razão. A razão nunca poderá responder a essas perguntas. O que a razão diz? Diz: “Sou agnóstico; não sei se sim ou não”. No entanto, essas questões são muito importantes para nós. Sem uma resposta adequada a elas, a vida humana não terá sentido. Todas as nossas teorias éticas, todas as nossas atitudes morais, tudo o que há de bom e de grande na natureza humana, foram moldados com base em respostas que vieram de fora do círculo. É muito importante, portanto, que tenhamos respostas para estas questões. Se a vida é apenas uma peça curta, se o universo é apenas uma “combinação fortuita de átomos”, então por que deveria eu fazer o bem a outrem? Por que deveria haver misericórdia, justiça ou sentimento de solidariedade? O melhor para este mundo seria fazer feno enquanto o sol brilha, cada um por si. Se não há esperança, por que deveria amar meu irmão e não cortar sua garganta? Se não houver nada

além, se não houver liberdade, mas apenas rigorosas leis mortas, eu deveria apenas tentar ser feliz aqui. Você encontrará pessoas dizendo hoje em dia que têm fundamentos utilitários como base da moralidade. Qual é essa base? Obter a maior quantidade de felicidade para o maior número. Por que eu deveria fazer isso? Por que não deveria eu produzir a maior infelicidade para o maior número de pessoas, se isso serve ao meu propósito? Como os utilitaristas responderão a essa pergunta? Como você sabe o que é certo ou o que está errado? Sou impelido pelo meu desejo de felicidade e realizo-o, e isso está na minha natureza; Não sei nada além. Tenho esses desejos e devo realizá-los; por que você deveria reclamar? De onde vêm todas essas verdades sobre a vida humana, sobre a moralidade, sobre a alma imortal, sobre Deus, sobre o amor e a simpatia, sobre ser bom e, acima de tudo, sobre ser altruísta?

Toda a ética, toda a acção humana e todo o pensamento humano dependem desta ideia de altruísmo. Toda a ideia da vida humana pode ser resumida numa única palavra: altruísmo. Por que deveríamos ser altruístas? Onde está a necessidade, a força, o poder de eu ser altruísta? Você se considera um homem racional, um utilitário; mas se você não me mostrar uma razão para a utilidade, eu digo que você é irracional. Mostre-me a razão pela qual não devo ser egoísta. Pedir que alguém seja altruísta pode ser tão bom quanto poesia, mas poesia não é razão. Mostre-me um motivo. Por que devo ser altruísta e por que ser bom? Porque o Sr. e a Sra. Fulano dizem isso não pesa para mim. Onde está a utilidade de eu ser altruísta? Minha utilidade é ser egoísta se utilidade significa a maior quantidade de felicidade. Qual é a resposta? O utilitário nunca pode dar isso. A resposta é que este mundo é apenas uma gota num oceano infinito, um elo numa cadeia infinita. De onde tiraram essa ideia aqueles que pregaram o altruísmo e o ensinaram à raça humana? Sabemos que não é instintivo; os animais, que têm instinto, não sabem disso. Nem é razão; a razão não sabe nada sobre essas idéias. De onde então eles vieram?

Encontramos, ao estudar a história, um fato comum a todos os grandes professores de religião que o mundo já teve. Todos afirmam ter obtido as suas verdades do além, mas muitos deles não sabiam de onde as obtiveram. Por exemplo, alguém diria que um anjo desceu na forma de um ser humano, com asas, e disse-lhe: “Ouça, ó homem, esta é a mensagem”. Outro diz que

um Deva, um ser brilhante, apareceu para ele. Um terceiro diz que sonhou que seu ancestral veio e lhe contou certas coisas. Ele não sabia de nada além disso. Mas é comum que todos afirmem que esse conhecimento lhes veio do além, e não através do seu poder de raciocínio. O que a ciência do Yoga ensina? Ensina que eles estavam certos ao afirmar que todo esse conhecimento lhes veio além do raciocínio, mas que veio de dentro deles mesmos.

O Yogue ensina que a própria mente tem um estado de existência superior, além da razão, um estado superconsciente, e quando a mente chega a esse estado superior, então esse conhecimento, além do raciocínio, chega ao homem. O conhecimento metafísico e transcendental chega a esse homem. Este estado de ir além da razão, de transcender a natureza humana comum, pode por vezes surgir por acaso num homem que não compreende a sua ciência; ele, por assim dizer, tropeça nisso. Quando ele se depara com isso, geralmente o interpreta como vindo de fora. Então isto explica porque uma inspiração, ou conhecimento transcendental, pode ser o mesmo em diferentes países, mas num país parecerá vir através de um anjo, e noutro através de um Deva, e num terceiro através de Deus. O que isso significa? Significa que a mente trouxe o conhecimento pela sua própria natureza, e que a descoberta do conhecimento foi interpretada de acordo com a crença e a educação da pessoa através de quem veio. O fato real é que esses vários homens, por assim dizer, tropeçaram nesse estado superconsciente.

O Yogi diz que há um grande perigo em tropeçar neste estado. Em muitos casos existe o perigo de o cérebro ficar perturbado e, via de regra, você descobrirá que todos aqueles homens, por maiores que fossem, que tropeçaram nesse estado superconsciente sem entendê-lo, tatearam no escuro, e geralmente tinham, junto com seu conhecimento, alguma superstição curiosa. Eles se abriram para alucinações. Maomé afirmou que um dia o anjo Gabriel veio até ele em uma caverna e o levou no cavalo celestial, Harak, e ele visitou os céus. Mas apesar de tudo isso, Mohammed falou algumas verdades maravilhosas. Se você ler o Alcorão, encontrará as verdades mais maravilhosas misturadas com superstições. Como você vai explicar isso? Esse homem foi inspirado, sem dúvida, mas essa inspiração foi, por assim dizer, tropeçada. Ele não era um Yogi treinado e não sabia a razão do que estava fazendo. Pense no bem que Maomé fez ao mundo e

pense no grande mal que foi feito através do seu fanatismo! Pense nos milhões massacrados através dos seus ensinamentos, nas mães privadas dos seus filhos, nas crianças órfãs, nos países inteiros destruídos, nos milhões e milhões de pessoas mortas!

Assim, vemos este perigo ao estudarmos as vidas de grandes professores como Maomé e outros. No entanto, descobrimos, ao mesmo tempo, que todos foram inspirados. Sempre que um profeta entrava no estado superconsciente aumentando sua natureza emocional, ele trazia dele não apenas algumas verdades, mas também algum fanatismo, alguma superstição que prejudicava o mundo tanto quanto a grandeza do ensinamento ajudava. Para extrair qualquer razão da massa de incongruência a que chamamos vida humana, temos de transcender a nossa razão, mas temos de fazê-lo cientificamente, lentamente, através da prática regular, e temos de nos livrar de toda a superstição. Devemos dedicar-nos ao estudo do estado superconsciente como qualquer outra ciência. Na razão devemos estabelecer nossos alicerces, devemos seguir a razão até onde ela nos leva, e quando a razão falha, a própria razão nos mostrará o caminho para o plano mais elevado. Quando você ouvir um homem dizer: “Estou inspirado” e depois falar irracionalmente, rejeite isso. Por que? Porque esses três estados – instinto, razão e superconsciência, ou os estados inconsciente, consciente e superconsciente – pertencem a uma mesma mente. Não existem três mentes em um homem, mas um estado dela se desenvolve nos outros. O instinto se desenvolve em razão e a razão em consciência transcendental; portanto, nenhum dos estados contradiz os outros. A verdadeira inspiração nunca contradiz a razão, mas a preenche. Assim como você encontra os grandes profetas dizendo: “Não vim para destruir, mas para cumprir”, a inspiração sempre vem para realizar a razão e está em harmonia com ela.

Todas as diferentes etapas do Yoga têm como objetivo nos levar cientificamente ao estado superconsciente, ou Samadhi. Além disso, este é um ponto muito importante a ser compreendido: que a inspiração está tanto na natureza de cada homem quanto na dos antigos profetas. Estes profetas não foram únicos; eles eram homens como você ou eu. Eles eram grandes iogues. Eles ganharam essa superconsciência, e você e eu podemos conseguir o mesmo. Eles não eram pessoas peculiares. O próprio fato de um

homem ter atingido esse estado prova que é possível que todo homem consiga fazê-lo. Não só é possível, mas todo homem deve, eventualmente, chegar a esse estado, e isso é a religião. A experiência é o único professor que temos. Podemos falar e raciocinar durante toda a nossa vida, mas não compreenderemos uma palavra da verdade, até que nós mesmos a experimentemos. Você não pode esperar transformar um homem em cirurgião simplesmente dando-lhe alguns livros. Você não pode satisfazer minha curiosidade de conhecer um país mostrando-me um mapa; Devo ter experiência real. Os mapas só podem criar em nós curiosidade para obter um conhecimento mais perfeito. Além disso, eles não têm valor algum. Apegar-se aos livros apenas degenera a mente humana. Já houve blasfêmia mais horrível do que a afirmação de que todo o conhecimento de Deus está confinado a este ou aquele livro? Como ousam os homens chamar Deus de infinito e ainda assim tentar comprimi-Lo nas capas de um livrinho! Milhões de pessoas foram mortas porque não acreditaram no que os livros diziam, porque não queriam ver todo o conhecimento de Deus nas capas de um livro. É claro que esta matança e assassinatos já passaram, mas o mundo ainda está tremendamente ligado à crença nos livros.

Para alcançar o estado superconsciente de maneira científica é necessário passar pelos vários passos do Raja-Yoga que venho ensinando. Depois de Pratyâhâra e Dhâranâ, chegamos a Dhyâna, meditação. Quando a mente é treinada para permanecer fixada num determinado local interno ou externo, surge-lhe o poder de fluir numa corrente ininterrupta, por assim dizer, em direção a esse ponto. Este estado é chamado Dhyana. Quando alguém intensifica tanto o poder de Dhyana que é capaz de rejeitar a parte externa da percepção e permanecer meditando apenas na parte interna, o significado, esse estado é chamado de Samadhi. Os três – Dharana, Dhyana e Samadhi – juntos são chamados de Samyama. Isto é, se a mente puder primeiro concentrar-se num objeto e depois for capaz de continuar nessa concentração por um período de tempo e depois, através da concentração contínua, permanecer apenas na parte interna da percepção da qual o objeto foi o efeito, tudo fica sob o controle de tal mente.

Este estado meditativo é o estado mais elevado de existência. Enquanto houver desejo, nenhuma felicidade verdadeira poderá surgir. É apenas o estudo contemplativo e testemunhal dos objetos que nos traz verdadeiro

prazer e felicidade. O animal tem a sua felicidade nos sentidos, o homem no seu intelecto e o deus na contemplação espiritual. É somente para a alma que atingiu este estado contemplativo que o mundo realmente se torna belo. Para quem nada deseja e não se mistura com elas, as múltiplas mudanças da natureza são um panorama de beleza e sublimidade.

Estas ideias devem ser compreendidas em Dhyana, ou meditação. Ouvimos um som. Primeiro, existe a vibração externa; segundo, o movimento nervoso que o leva à mente; terceiro, a reação da mente, junto com a qual surge o conhecimento do objeto que foi a causa externa dessas diferentes mudanças, desde as vibrações etéreas até as reações mentais. Esses três são chamados no Yoga de Shabda (som), Artha (significado) e Jnâna (conhecimento). Na linguagem da física e da fisiologia, elas são chamadas de vibração etérea, o movimento dos nervos e do cérebro e a reação mental. Ora, estes processos, embora distintos, misturaram-se de tal maneira que se tornaram bastante indistintos. Na verdade, agora não podemos perceber nenhum deles, apenas percebemos o seu efeito combinado, o que chamamos de objeto externo. Todo ato de percepção inclui esses três, e não há razão para que não sejamos capazes de distingui-los.

Quando, pelas preparações anteriores, ela se tornar forte e controlada, e tiver o poder de uma percepção mais sutil, a mente deverá ser empregada na meditação. Esta meditação deve começar com objetos grosseiros e lentamente subir para objetos cada vez mais sutis, até se tornar sem objeto. A mente deve primeiro ser empregada na percepção das causas externas das sensações, depois nos movimentos internos e depois na sua própria reação. Quando tiver conseguido perceber as causas externas das sensações por si mesmas, a mente adquirirá o poder de perceber todas as existências materiais sutis, todos os corpos e formas sutis. Quando conseguir perceber os movimentos internos por si mesmos, ganhará o controle de todas as ondas mentais, em si ou em outros, mesmo antes de se traduzirem em energia física; e quando for capaz de perceber a reação mental por si só, o Yogue adquirirá o conhecimento de tudo, como de todo objeto sensível, e todo pensamento é o resultado dessa reação. Então ele terá visto os próprios fundamentos de sua mente e ela estará sob seu perfeito controle. Diferentes poderes virão ao Yogue, e se ele ceder às tentações de qualquer um deles, o caminho para seu progresso futuro será barrado. Tal é o mal de correr atrás

de prazeres. Mas se ele for forte o suficiente para rejeitar até mesmo esses poderes milagrosos, alcançará o objetivo do Yoga, a completa supressão das ondas no oceano da mente. Então a glória da alma, imperturbada pelas distrações da mente ou pelos movimentos do corpo, brilhará em todo o seu esplendor; e o Iogue se encontrará como é e como sempre foi, a essência do conhecimento, o imortal, o que tudo permeia.

Samadhi é propriedade de todo ser humano – ou melhor, de todo animal. Do animal mais inferior ao anjo mais elevado, em algum momento ou outro, cada um terá que chegar a esse estado, e então, e somente então, a verdadeira religião começará para ele. Até então, apenas lutamos para chegar a esse estágio. Não há diferença agora entre nós e aqueles que não têm religião, porque não temos experiência. Para que serve a concentração, exceto para nos levar a essa experiência? Cada um dos passos para atingir o Samadhi foi fundamentado, devidamente ajustado, organizado cientificamente e, quando praticado fielmente, certamente nos levará ao fim desejado. Então todas as tristezas cessarão, todas as misérias desaparecerão; as sementes das ações serão queimadas e a alma será livre para sempre.

1.3.8 CAPÍTULO 8: RAJA-YOGA EM RESUMO

O que se segue é um resumo do Râja-Yoga traduzido livremente do Kurma-Purâna.

O fogo do Yoga queima a jaula do pecado que envolve o homem. O conhecimento é purificado e o Nirvana é obtido diretamente. Do Yoga vem o conhecimento; o conhecimento novamente ajuda o Yogi. Aquele que combina em si Yoga e conhecimento, com ele o Senhor se agrada. Aqueles que praticam Mahâyoga, uma vez por dia, ou duas vezes por dia, ou três vezes, ou sempre, sabem que são deuses. O Yoga é dividido em duas partes. Um se chama Abhâva e o outro, Mahayoga. Onde o eu é meditado como zero e desprovido de qualidade, isso é chamado de Abhava. Aquilo em que alguém vê o eu como cheio de bem-aventurança e desprovido de todas as impurezas, e um com Deus, é chamado Mahayoga. O Yogi, por cada um, realiza o seu Eu. Os outros Yogas que lemos e ouvimos falar não merecem ser classificados com o excelente Mahayoga no qual o Yogue encontra a si

mesmo e a todo o universo como Deus. Este é o mais elevado de todos os Yogas.

Yama, Niyama, Âsana, Prânâyâma, Pratyâhâra, Dhârâna, Dhyâna e Samâdhi são os passos do Raja-Yoga, dos quais a não-agressão, a veracidade, a não-cobiça, a castidade, o não receber nada do outro são chamados de Yama. Isto purifica a mente, o Chitta. Nunca produzir dor por pensamento, palavra ou ação, em qualquer ser vivo, é o que se chama Ahimsâ, não-ferimento. Não há virtude maior do que a não lesão. Não há felicidade maior do que aquela que um homem obtém através desta atitude de não-ofensividade para com toda a criação. Pela verdade obtemos frutos do trabalho. Através da verdade tudo é alcançado. Na verdade, tudo está estabelecido. Relatar os fatos como eles são – isso é verdade. Não tomar os bens dos outros furtivamente ou pela força é chamado Asteya, não-cobiça. Castidade em pensamento, palavra e ação, sempre e em todas as condições, é o que se chama Brahmacharya. Não receber nenhum presente de ninguém, mesmo quando se está sofrendo terrivelmente, é o que se chama Aparigraha. A ideia é que, quando um homem recebe um presente de outro, seu coração se torna impuro, ele se torna abatido, ele perde sua independência, ele fica preso e apegado.

Os itens a seguir são ajudas para o sucesso no Yoga e são chamados de Niyama ou hábitos e observâncias regulares; Tapas, austeridade; Svâdhyâya, estudo; Santosha, contentamento; Shaucha, pureza; Ishvara-pranidhana, adoração a Deus. O jejum, ou de outras formas de controlar o corpo, é chamado de Tapas físicos. Repetir os Vedas e outros Mantras, pelos quais o material Sattva do corpo é purificado, é chamado de estudo, Svadhyaya. Existem três tipos de repetições desses Mantras. Um é chamado de verbal, outro de semiverbal e o terceiro de mental. O verbal ou audível é o mais baixo, e o inaudível é o mais alto de todos. A repetição alta é a verbal; o próximo é onde apenas os lábios se movem, mas nenhum som é ouvido. A repetição inaudível do Mantra, acompanhada da reflexão sobre seu significado, é chamada de “repetição mental” e é a mais elevada. Os sábios disseram que existem dois tipos de purificação, a externa e a interna. A purificação do corpo pela água, terra ou outros materiais é a purificação externa, como banho, etc. A purificação da mente pela verdade, e por todas as outras virtudes, é o que se chama purificação interna. Ambos são

necessários. Não é suficiente que um homem seja internamente puro e externamente sujo. Quando ambos não são alcançáveis, a pureza interna é melhor, mas ninguém será um Yogue até que tenha ambos. A adoração a Deus é feita por louvor, por pensamento, por devoção.

Falamos sobre Yama e Niyama. O próximo é Asana (postura). A única coisa a entender é deixar o corpo livre, mantendo o peito, os ombros e a cabeça retos. Depois vem Pranayama. Prana significa as forças vitais do próprio corpo, Âyâma significa controlá-las. Existem três tipos de Pranayama: o muito simples, o médio e o muito elevado. Pranayama é dividido em três partes: preenchimento, restrição e esvaziamento. Quando você começa com doze segundos, é o Pranayama mais baixo; quando você começa com vinte e quatro segundos, é o Pranayama intermediário; que Pranayama é o melhor que começa com trinta e seis segundos. No tipo mais baixo de Pranayama há transpiração, no tipo médio, tremor do corpo, e no Pranayama mais elevado há levitação do corpo e influxo de grande bem-aventurança. Existe um Mantra chamado Gâyatri. É um verso muito sagrado dos Vedas. "Meditamos na glória daquele Ser que produziu este universo; que Ele ilumine nossas mentes." Om está unido a ele no início e no fim. Em um Pranayama repita três Gayatris. Em todos os livros eles falam de Pranayama sendo dividido em Rechaka (rejeitar ou expirar), Puraka (inspirar) e Kurnbhaka (restringir, estacionário). Os Indriyas, os órgãos dos sentidos, agem externamente e entram em contato com objetos externos. Colocá-los sob o controle da vontade é o que chamamos de Pratyahara ou reunião em direção a si mesmo. Fixar a mente no lótus do coração, ou no centro da cabeça, é o que se chama Dharana. Limitado a um ponto, fazendo desse ponto a base, surge um tipo particular de ondas mentais; estas não são engolidas por outros tipos de ondas, mas gradualmente tornam-se proeminentes, enquanto todas as outras recuam e finalmente desaparecem. Em seguida, a multiplicidade destas ondas dá lugar à unidade e apenas uma onda permanece na mente. Isto é Dhyana, meditação. Quando nenhuma base é necessária, quando toda a mente se tornou uma onda, uma formação única, isso é chamado de Samadhi. Privado de toda ajuda de lugares e centros, apenas o significado do pensamento está presente. Se a mente puder ser fixada no centro por doze segundos, será um Dharana, doze desses Dharanas serão um Dhyana e doze desses Dhyanas serão um Samadhi.

Onde há fogo, ou na água ou no solo coberto de folhas secas, onde há muitos formigueiros, onde há animais selvagens, ou perigo, onde quatro ruas se encontram, onde há muito barulho, onde há muitas pessoas más, o Yoga não deve ser praticado. Isto aplica-se mais particularmente à Índia. Não pratique quando o corpo se sentir muito preguiçoso ou doente, ou quando a mente estiver muito infeliz e triste. Vá para um lugar bem escondido e onde as pessoas não venham incomodá-lo. Não escolha lugares sujos. Em vez disso, escolha belas paisagens ou um quarto bonito em sua própria casa. Quando você pratica, primeiro saude todos os antigos Yogis, e seu próprio Guru, e Deus, e então comece.

Fala-se de Dhyana e são dados alguns exemplos sobre o que meditar. Sente-se ereto e olhe para a ponta do nariz. Mais tarde saberemos como isso concentra a mente, como, controlando os dois nervos ópticos, avançamos muito em direção ao controle do arco de reação e, portanto, ao controle da vontade. Aqui estão alguns exemplos de meditação. Imagine um lótus no topo da cabeça, a vários centímetros de altura, tendo a virtude como centro e o conhecimento como haste. As oito pétalas do lótus são os oito poderes do Iogue. No interior, os estames e pistilos são a renúncia. Se o Yogi recusar os poderes externos, ele alcançará a salvação. Assim, as oito pétalas do lótus são os oito poderes, mas os estames e pistilos internos são a renúncia extrema, a renúncia a todos esses poderes. Dentro desse lótus pense no Dourado, o Todo-Poderoso, o Intangível, Aquele cujo nome é Om, o Inexprimível, rodeado de luz refulgente. Medite sobre isso. Outra meditação é dada. Pense em um espaço em seu coração e, no meio desse espaço, pense que uma chama está acesa. Pense nessa chama como a sua própria alma e dentro da chama há outra luz refulgente, e essa é a Alma da sua alma, Deus. Medite sobre isso no coração. Castidade, não injúria, perdão até mesmo ao maior inimigo, verdade, fé no Senhor, todos esses são Vrittis diferentes. Não tenha medo se você não for perfeito em tudo isso; trabalho, eles virão. Aquele que abandonou todo apego, todo medo e toda raiva, aquele cuja alma inteira se voltou para o Senhor, aquele que se refugiou no Senhor, cujo coração foi purificado, com qualquer desejo que ele vem ao Senhor, Ele concederá isso a ele. Portanto, adore-O através do conhecimento, do amor ou da renúncia.

“Aquele que não odeia ninguém, que é amigo de todos, que é misericordioso com todos, que não tem nada de próprio, que está livre do egoísmo, que é imparcial na dor e no prazer, que é tolerante, que está sempre satisfeito, que trabalha sempre no Yoga, cujo eu se tornou controlado, cuja vontade é firme, cuja mente e intelecto estão entregues a Mim, tal pessoa é Meu amado Bhakta De quem não vem perturbação, que não pode ser perturbado por outros, que não pode ser perturbado por outros. está livre de alegria, raiva, medo e ansiedade, tal pessoa é Meu amado Aquele que não depende de nada, que é puro e ativo, que não se importa se o bem ou o mal vem, e nunca se torna miserável, que tem. desistiu de todos os esforços por si mesmo; que é o mesmo no elogio ou na culpa, com uma mente silenciosa e pensativa, abençoado com o pouco que aparece em seu caminho, sem teto, pois o mundo inteiro é seu lar, e que é firme em suas idéias. , tal pessoa é Meu amado Bhakta." Somente esses se tornam Yogis.

* * * *

Houve um grande deus-sábio chamado Nârada. Assim como existem sábios entre a humanidade, grandes Iogues, também existem grandes Iogues entre os deuses. Narada era um bom iogue e muito bom. Ele viajou por toda parte. Um dia, ele estava passando por uma floresta e viu um homem que meditava até que as formigas brancas formassem um enorme monte ao redor de seu corpo - há muito tempo que ele estava sentado naquela posição. Ele disse a Narada: “Onde você está indo?” Narada respondeu: “Estou indo para o céu”. "Então pergunte a Deus quando Ele será misericordioso comigo; quando alcançarei a liberdade." Mais adiante, Narada viu outro homem. Ele estava pulando, cantando, dançando e disse: “Oh, Narada, onde você está indo?” Sua voz e seus gestos eram selvagens. Narada disse: “Estou indo para o céu”. "Então, pergunte quando estarei livre." Narada continuou. Com o passar do tempo ele voltou pela mesma estrada, e lá estava o homem que estava meditando com o formigueiro ao seu redor. Ele disse: “Oh, Narada, você perguntou ao Senhor sobre mim?” "Oh sim." "O que ele disse?" “O Senhor me disse que você alcançaria a liberdade em mais quatro nascimentos.” Então o homem começou a chorar e a lamentar-se e disse: "Meditei até que um formigueiro cresceu ao meu redor e ainda tenho mais quatro nascimentos!" Narada foi até o outro homem. "Você fez minha pergunta?" "Ah, sim. Você vê este tamarindo?

Devo lhe dizer que quantas folhas houver naquela árvore, tantas vezes, você nascerá e então alcançará a liberdade." O homem começou a dançar de alegria e disse: "Terei liberdade em tão pouco tempo!" Uma voz veio: "Meu filho, você terá liberdade neste minuto". Essa foi a recompensa por sua perseverança. Ele estava pronto para enfrentar todos aqueles nascimentos, nada o desencorajava. Mas o primeiro homem sentiu que mesmo mais quatro nascimentos seriam muito longos. Somente a perseverança, como a do homem que estava disposto a esperar eras, traz o resultado mais elevado.

1.3.9 AFORISMOS DE IOGA DE PATANJALI

1.3.9.0 INTRODUÇÃO

Antes de entrar nos aforismos do Yoga tentarei discutir uma grande questão, sobre a qual repousa toda a teoria da religião para os Iogues. Parece ser o consenso de opinião das grandes mentes do mundo, e tem sido quase demonstrado por pesquisas sobre a natureza física, que somos o resultado e a manifestação de uma condição absoluta, por trás da nossa atual condição relativa, e estamos avançando, voltar a esse absoluto. Sendo isto admitido, a questão é: O que é melhor, o absoluto ou este estado? Não há pessoas carentes que pensam que este estado manifestado é o estado mais elevado do homem. Pensadores de grande calibre são da opinião de que somos manifestações do ser indiferenciado e que o estado diferenciado é superior ao absoluto. Imaginam que no absoluto não pode haver qualidade alguma; que deve ser insensato, monótono e sem vida; que só esta vida pode ser desfrutada e, portanto, devemos apegar-nos a ela. Em primeiro lugar, queremos investigar outras soluções de vida. Havia uma antiga solução de que o homem após a morte permanecia o mesmo; que todos os seus lados bons, menos os lados maus, permaneceram para sempre. Dito de forma lógica, isto significa que o objectivo do homem é o mundo; este mundo elevado a um estágio mais elevado e eliminado de seus males é o estado que eles chamam de céu. Esta teoria, à primeira vista, é absurda e pueril, porque não pode ser. Não pode haver bem sem mal, nem mal sem bem. Viver em um mundo onde tudo é bom e nenhum mal é o que os lógicos sânscritos chamam de "sonho no ar". Outra teoria dos tempos modernos tem sido apresentada por diversas escolas, de que o destino do homem é

continuar sempre melhorando, sempre lutando, mas nunca alcançando a meta. Esta afirmação, embora aparentemente muito bonita, é também absurda, porque não existe movimento em linha recta. Todo movimento está em um círculo. Se você pegar uma pedra e projetá-la no espaço, e então viver o suficiente, essa pedra, se não encontrar nenhuma obstrução, retornará exatamente para sua mão. Uma linha reta projetada infinitamente deve terminar em um círculo. Portanto, esta ideia de que o destino do homem está progredindo cada vez mais, e nunca parando, é absurda. Embora estranho ao assunto, posso observar que esta ideia explica a teoria ética de que não se deve odiar, mas sim amar. Porque, tal como no caso da electricidade, a teoria moderna é que a energia sai do dínamo e completa o círculo de volta ao dínamo, o mesmo acontece com o ódio e o amor; eles devem voltar à fonte. Portanto, não odeie ninguém, porque o ódio que sai de você deverá, no longo prazo, voltar para você. Se você ama, esse amor voltará para você, completando o círculo. É tão certo quanto possível que todo ódio que sai do coração de um homem volta para ele com força total, nada pode detê-lo; da mesma forma, todo impulso de amor volta para ele.

Por outros motivos práticos, vemos que a teoria da progressão eterna é insustentável, pois a destruição é o objetivo de tudo o que é terreno. Todas as nossas lutas, esperanças, medos e alegrias, a que levarão? Todos terminaremos na morte. Nada é tão certo como isto. Onde está, então, esse movimento em linha reta — essa progressão infinita? É apenas ir até certo ponto e voltar ao centro de onde partiu. Veja como, a partir das nebulosas, são produzidos o sol, a lua e as estrelas; então eles se dissolvem e voltam para as nebulosas. O mesmo está sendo feito em todos os lugares. A planta retira matéria da terra, dissolve-a e devolve-a. Cada forma neste mundo é retirada dos átomos circundantes e volta para esses átomos. Não pode ser que a mesma lei atue de maneira diferente em lugares diferentes. A lei é uniforme. Nada é mais certo do que isso. Se esta é a lei da natureza, também se aplica ao pensamento. O pensamento se dissolverá e retornará à sua origem. Quer queiramos ou não, teremos que retornar à nossa origem que é chamada de Deus ou Absoluto. Todos viemos de Deus e todos somos obrigados a voltar para Deus. Chame isso pelo nome que quiser, Deus, Absoluto ou Natureza, o fato permanece o mesmo. “De quem sai todo este universo, em quem vive tudo o que nasce e para quem tudo retorna.” Este é um fato certo. A natureza funciona no mesmo plano; o que está sendo

trabalhado em uma esfera se repete em milhões de esferas. O que você vê com os planetas, o mesmo acontecerá com esta terra, com os homens e com todos. A onda enorme é um poderoso composto de ondas pequenas, pode ser de milhões; a vida do mundo inteiro é um composto de milhões de pequenas vidas, e a morte do mundo inteiro é o composto das mortes desses milhões de pequenos seres.

Agora surge a questão: voltar para Deus é o estado superior ou não? Os filósofos da escola do Yoga respondem enfaticamente que sim. Dizem que o estado atual do homem é uma degeneração. Não existe uma religião na face da terra que diga que o homem é uma melhoria. A idéia é que seu começo seja perfeito e puro, que ele degenere até não poder degenerar mais, e que chegue um momento em que ele se eleve novamente para completar o círculo. O círculo deve ser descrito. Por mais baixo que ele desça, ele deve finalmente seguir o caminho ascendente e voltar à fonte original, que é Deus. O homem vem de Deus no começo, no meio ele se torna homem e no final ele volta para Deus. Este é o método de colocá-lo na forma dualística. A forma monista é que o homem é Deus e volta para Ele novamente. Se o nosso estado atual é o mais elevado, então por que há tanto horror e miséria, e por que há um fim para isso? Se este é o estado superior, por que termina? Aquilo que corrompe e degenera não pode ser o estado mais elevado. Por que deveria ser tão diabólico, tão insatisfatório? É apenas desculpável, na medida em que através dele estamos alcançando um rumo mais elevado; temos que passar por isso para nos regenerarmos novamente. Coloque uma semente no chão e ela se desintegrará, dissolvendo-se depois de um tempo, e dessa dissolução surgirá a árvore esplêndida. Cada alma deve desintegrar-se para se tornar Deus. Portanto, quanto mais cedo sairmos deste estado que chamamos de “homem”, melhor para nós. É cometendo suicídio que saímos deste estado? De jeito nenhum. Isso vai piorar as coisas. Torturar-nos ou condenar o mundo não é a maneira de escapar. Temos que passar pelo Pântano do Desânimo, e quanto mais cedo passarmos, melhor. Deve-se sempre lembrar que o estado-homem não é o estado mais elevado.

A parte realmente difícil de compreender é que este estado, o Absoluto, que tem sido chamado de mais elevado, não é, como alguns temem, o do zoófito ou da pedra. Segundo eles, existem apenas dois estados de existência, um de pedra e outro de pensamento. Que direito eles têm de limitar a existência

a esses dois? Não existe algo infinitamente superior ao pensamento? As vibrações da luz, quando são muito baixas, não vemos; quando se tornam um pouco mais intensos, tornam-se luz para nós; quando se tornam ainda mais intensos, não os vemos — está escuro para nós. A escuridão do final é a mesma escuridão do começo? Certamente não; eles são diferentes como os dois pólos. A negligência da pedra é o mesmo que a negligência de Deus? Certamente não. Deus não pensa; Ele não raciocina. Por que Ele deveria? Existe alguma coisa desconhecida para Ele, que Ele deveria raciocinar? A pedra não consegue raciocinar; Deus não. Essa é a diferença. Esses filósofos acham que é terrível irmos além do pensamento; eles não encontram nada além do pensamento.

Existem estados de existência muito mais elevados, além do raciocínio. É realmente além do intelecto que se encontra o primeiro estado da vida religiosa. Quando você dá um passo além do pensamento, do intelecto e de todo raciocínio, então você deu o primeiro passo em direção a Deus; e esse é o começo da vida. O que comumente chamamos de vida nada mais é do que um estado embrionário.

A próxima questão será: Que prova existe de que o estado além do pensamento e do raciocínio é o estado mais elevado? Em primeiro lugar, todos os grandes homens do mundo, muito maiores do que aqueles que apenas falam, homens que moveram o mundo, homens que nunca pensaram em quaisquer fins egoístas, declararam que esta vida é apenas uma pequena etapa no caminho. em direção ao Infinito que está além. Em segundo lugar, não só o dizem, mas mostram o caminho a cada um, explicam os seus métodos, para que todos possam seguir os seus passos. Em terceiro lugar, não há outro caminho. Não existe outra explicação. Dando como certo que não existe um estado superior, por que passamos por este círculo o tempo todo; que razão pode explicar o mundo? O mundo sensível será o limite do nosso conhecimento se não pudermos ir mais longe, se não pudermos pedir mais nada. Isso é o que chamamos de agnosticismo. Mas que razão existe para acreditar no testemunho dos sentidos? Eu chamaria de verdadeiro agnóstico aquele homem que ficaria parado na rua e morreria. Se a razão é tudo, não nos deixa lugar para ficar deste lado do niilismo. Se um homem é agnóstico em relação a tudo, exceto dinheiro, fama e nome, ele é apenas uma fraude. Kant provou, sem sombra de dúvida, que não podemos

penetrar além do tremendo muro morto chamado razão. Mas essa é a primeira idéia sobre a qual todo o pensamento indiano se posiciona, ousa procurar, e consegue encontrar algo superior à razão, onde é o único lugar onde se encontra a explicação do estado atual. Este é o valor do estudo de algo que nos levará para além do mundo. "Tu és nosso pai e nos levará para a outra margem deste oceano de ignorância." Essa é a ciência da religião, nada mais.

1.3.9.1 AFORISMOS DE IOGA DE PATANJALI

CAPÍTULO 1: CONCENTRAÇÃO: SEUS USOS ESPIRITUAIS

अथ योगानुशासनम् ॥१॥

1. Agora a concentração está explicada.

योगश्चित्तवृत्तिनिरोधः ॥२॥

2. Yoga é impedir que a substância mental (Chitta) assuma várias formas (Vrittis).

Uma boa explicação é necessária aqui. Temos que entender o que é Chitta e o que são os Vrittis. Eu tenho olhos. Os olhos não veem. Retire o centro cerebral que está na cabeça, os olhos ainda estarão lá, as retinas completas, assim como as imagens dos objetos nelas contidas, e mesmo assim os olhos não verão. Portanto, os olhos são apenas um instrumento secundário, não o órgão da visão. O órgão da visão está em um centro nervoso do cérebro. Os dois olhos não serão suficientes. Às vezes um homem dorme com os olhos abertos. A luz está aí e a imagem está aí, mas uma terceira coisa é necessária – a mente deve estar unida ao órgão. O olho é o instrumento externo; precisamos também do centro cerebral e da ação da mente. Carruagens passam pela rua e você não as ouve. Por que? Porque a sua mente não se apegou ao órgão da audição. Primeiro, existe o instrumento, depois o órgão e, terceiro, a mente ligada a esses dois. A mente absorve a impressão mais profundamente e a apresenta à faculdade determinante – Buddhi – que reage. Junto com esta reação surge a ideia de egoísmo. Então esta mistura de ação e reação é apresentada ao Purusha, a Alma real, que

percebe um objeto nesta mistura. Os órgãos (Indriyas), juntamente com a mente (Manas), a faculdade determinante (Buddhi) e o egoísmo (Ahamkâra), formam o grupo denominado Antahkarana (o instrumento interno). Eles são apenas vários processos na substância mental, chamados Chitta. As ondas de pensamento no Chitta são chamadas de Vrittis (literalmente "redemoinho"). O que é pensamento? O pensamento é uma força, assim como a gravitação ou a repulsão. Do depósito infinito de força da natureza, o instrumento chamado Chitta apodera-se de parte, absorve-a e envia-a como pensamento. A força nos é fornecida através dos alimentos, e desse alimento o corpo obtém o poder do movimento, etc. Outras, as forças mais sutis, são liberadas no que chamamos de pensamento. Vemos assim que a mente não é inteligente; no entanto, parece ser inteligente. Por que? Porque a alma inteligente está por trás disso. Você é o único ser senciente; a mente é apenas o instrumento através do qual você capta o mundo externo. Pegue este livro; como livro, não existe fora, o que existe fora é desconhecido e incognoscível. O incognoscível fornece a sugestão que golpeia a mente, e a mente produz a reação na forma de um livro, da mesma maneira que quando uma pedra é atirada na água, a água é atirada contra ela na forma de ondas. O universo real é a ocasião da reação da mente. A forma de livro, ou de elefante, ou de homem, não está fora; tudo o que conhecemos é a nossa reação mental à sugestão externa. “A matéria é a possibilidade permanente de sensações”, disse John Stuart Mill. É apenas a sugestão que está fora. Veja uma ostra, por exemplo. Você sabe como as pérolas são feitas. Um parasita entra na casca e causa irritação, e a ostra lança uma espécie de esmaltação em volta dela, e isso forma a pérola. O universo da experiência é o nosso próprio esmalte, por assim dizer, e o universo real é o parasita que serve de núcleo. O homem comum nunca entenderá isso, porque quando tenta fazê-lo, joga fora um esmalte e vê apenas o seu próprio esmalte. Agora entendemos o que significam esses Vrittis. O verdadeiro homem está por trás da mente; a mente é o instrumento de suas mãos; é a sua inteligência que está se infiltrando na mente. Somente quando você fica por trás da mente é que ela se torna inteligente. Quando o homem desiste, ele se desfaz e não é nada. Assim você entende o que significa Chitta. É a substância da mente, e Vrittis são as ondas e ondulações que surgem nela quando causas externas a afetam. Esses Vrittis são o nosso universo.

Não podemos ver o fundo de um lago porque sua superfície está coberta de ondulações. Só é possível vislumbrar o fundo quando as ondulações diminuem e a água está calma. Se a água estiver barrenta ou agitada o tempo todo, o fundo não será visto. Se estiver claro e não houver ondas, veremos o fundo. O fundo do lago é o nosso verdadeiro Eu; o lago é o Chitta e as ondas são os Vrittis. Novamente, a mente está em três estados, um dos quais é a escuridão, chamada Tamas, encontrada em brutos e idiotas; ele apenas age para ferir. Nenhuma outra ideia entra nesse estado de espírito. Depois, há o estado mental ativo, Rajas, cujos principais motivos são o poder e o prazer. "Serei poderoso e governarei os outros." Depois, há o estado chamado Sattva, serenidade, calma, no qual as ondas cessam e a água do lago mental torna-se límpida. Não é inativo, mas intensamente ativo. É a maior manifestação de poder ficar calmo. É fácil ser ativo. Solte as rédeas e os cavalos fugirão com você. Qualquer um pode fazer isso, mas quem consegue parar os cavalos que mergulham é o homem forte. O que requer maior força, o desapego ou a restrição? O homem calmo não é o homem chato. Você não deve confundir Sattva com estupidez ou preguiça. O homem calmo é aquele que tem controle sobre as ondas mentais. A atividade é a manifestação da força inferior, da calma, do superior.

O Chitta está sempre tentando voltar ao seu estado puro natural, mas os órgãos o extraem. Contê-la, controlar essa tendência externa e iniciá-la na jornada de retorno à essência da inteligência é o primeiro passo no Yoga, porque somente dessa maneira o Chitta pode entrar em seu curso correto.

Embora Chitta esteja em todos os animais, do mais inferior ao mais elevado, é somente na forma humana que o encontramos como intelecto. Até que a substância mental possa assumir a forma de intelecto, não será possível retornar através de todas essas etapas e libertar a alma. A salvação imediata é impossível para a vaca ou para o cão, embora eles tenham mente, porque a sua Chitta ainda não pode assumir aquela forma que chamamos de intelecto.

O Chitta se manifesta nas seguintes formas – dispersão, escurecimento, concentração, unidirecional e concentrado. A forma de dispersão é atividade. Sua tendência é manifestar-se na forma de prazer ou de dor. A forma escurecida é opaca que tende a causar lesões. O comentarista diz que

a terceira forma é natural para os Devas, os anjos, e a primeira e a segunda para os demônios. A forma de reunião ocorre quando ela luta para se centralizar. A forma unidirecional é quando tenta se concentrar, e a forma concentrada é o que nos leva ao Samâdhi.

तदा दृष्टुः स्वरूपेऽवस्थानम् ॥३॥

3. Nesse momento (o momento da concentração) o vidente (Purusha) descansa em seu próprio estado (não modificado).

Assim que as ondas param e o lago fica calmo, vemos o seu fundo. O mesmo ocorre com a mente; quando está calmo, vemos qual é a nossa própria natureza; não nos misturamos, mas permanecemos nós mesmos.

वृत्तिसारूपमितरत्र ॥४॥

4. Em outros momentos (exceto o da concentração) o vidente é identificado com as modificações.

Por exemplo, alguém me culpa; isso produz uma modificação, Vritti, em minha mente, e eu me identifico com isso e o resultado é miséria.

वृत्तयः पञ्चतयः क्लिष्टा अक्लिष्टाः ॥५॥

5. Existem cinco classes de modificações, (algumas) dolorosas e (outras) não dolorosas.

प्रमाण - विपर्यय - विकृत्य - निद्रा - स्मृतयः ॥६॥

6. (Estes são) conhecimento correto, indiscriminação, ilusão verbal, sono e memória.

प्रत्यक्षानुमानागमाः प्रमाणानि ॥७॥

7. A percepção direta, a inferência e a evidência competente são provas.

Quando duas de nossas percepções não se contradizem, chamamos isso de prova. Ouço algo, e se contradiz algo já percebido, começo a brigar e não acredito. Existem também três tipos de prova. Pratyaksha, percepção direta;

tudo o que vemos e sentimos é uma prova, se não houve nada que iludisse os sentidos. Eu vejo o mundo; isso é prova suficiente de que ele existe. Em segundo lugar, Anumâna, inferência; você vê um sinal, e do sinal você chega à coisa significada. Terceiro, Âptavâkya, a evidência direta dos Yogis, daqueles que viram a verdade. Estamos todos lutando pelo conhecimento. Mas você e eu temos que lutar muito e chegar ao conhecimento através de um longo e tedioso processo de raciocínio, mas o Yogi, o puro, foi além de tudo isso. Diante de sua mente, o passado, o presente e o futuro são iguais, um livro para ele ler; ele não exige passar pelos processos tediosos para obter conhecimento; suas palavras são uma prova, porque ele vê conhecimento em si mesmo. Estes, por exemplo, são os autores das escrituras sagradas; portanto, as escrituras são prova. Se alguma dessas pessoas estiver viva agora, as suas palavras serão a prova. Outros filósofos iniciam longas discussões sobre Aptavakya e dizem: “Qual é a prova de suas palavras?” A prova é sua percepção direta. Porque tudo o que vejo é prova, e tudo o que você vê é prova, desde que não contradiga nenhum conhecimento passado. Existe conhecimento além dos sentidos, e sempre que não contradiga a razão e a experiência humana passada, esse conhecimento é uma prova. Qualquer louco pode entrar nesta sala e dizer que vê anjos ao seu redor; isso não seria prova. Em primeiro lugar, deve ser conhecimento verdadeiro e, em segundo lugar, não deve contradizer o conhecimento passado e, em terceiro lugar, deve depender do carácter da pessoa que o transmite. Ouvi dizer que o carácter do homem não é tão importante quanto o que ele pode dizer; devemos primeiro ouvir o que ele diz. Isto pode ser verdade em outras coisas. Um homem pode ser perverso e ainda assim fazer uma descoberta astronômica, mas na religião é diferente, porque nenhum homem impuro terá jamais o poder de alcançar as verdades da religião. Portanto, temos antes de tudo que ver que o homem que se declara um Âpta é uma pessoa perfeitamente altruísta e santa; segundo, que ele foi além dos sentidos; e em terceiro lugar, que o que ele diz não contradiz o conhecimento passado da humanidade. Qualquer nova descoberta da verdade não contradiz a verdade passada, mas enquadra-se nela. E em quarto lugar, essa verdade deve ter a possibilidade de verificação. Se um homem diz: “Tive uma visão” e me diz que não tenho o direito de vê-la, não acredito nele. Todos devem ter o poder de ver por si mesmos. Ninguém que vende seu conhecimento é um Apta. Todas estas condições devem ser cumpridas; você deve primeiro ver que o homem é

puro e que não tem motivos egoístas; que ele não tem sede de ganho ou fama. Em segundo lugar, ele deve mostrar que está superconsciente. Ele deve nos dar algo que não podemos obter dos nossos sentidos e que seja para o benefício do mundo. Em terceiro lugar, devemos ver que isso não contradiz outras verdades; se contradiz outras verdades científicas, rejeite-o imediatamente. Em quarto lugar, o homem nunca deveria ser singular; ele deveria representar apenas o que todos os homens podem alcançar. Os três tipos de prova são, então, a percepção sensorial direta, a inferência e as palavras de um Apta. Não consigo traduzir esta palavra para o inglês. Não é a palavra “inspirado”, porque se acredita que a inspiração vem de fora, enquanto esse conhecimento vem do próprio homem. O significado literal é “alcançado”.

विपर्ययो मिथ्याज्ञानमतद्रूपप्रतिष्ठम् ॥८॥

8. A discriminação é um conhecimento falso não estabelecido na natureza real.

A próxima classe de Vrittis que surge é confundir uma coisa com outra, como uma peça de madrepérola é tomada por uma peça de prata.

शब्दज्ञानानुपाती वस्तुशून्यो विकल्पः ॥९॥

9. A ilusão verbal decorre de palavras que não têm realidade (correspondente).

Existe outra classe de Vrittis chamada Vikalpa. Uma palavra é pronunciada e não esperamos para considerar o seu significado; chegamos a uma conclusão imediatamente. É o sinal de fraqueza do Chitta. Agora você pode entender a teoria da restrição. Quanto mais fraco o homem, menos controle ele tem. Examinem-se sempre por meio desse teste. Quando você estiver com raiva ou infeliz, raciocine como é que algumas notícias que chegaram até você estão jogando sua mente em Vrittis.

अभाव - प्रत्ययालम्बना - वृत्तिनिदा ॥१०॥

10. O sono é um Vritti que abrange a sensação de vacuidade.

A próxima aula de Vrittis é chamada de sono e sonho. Quando acordamos, sabemos que estivemos dormindo; só podemos ter memória da percepção. Aquilo que não percebemos, nunca poderemos ter qualquer memória. Cada reação é uma onda no lago. Ora, se durante o sono a mente não tivesse ondas, não teria percepções, positivas ou negativas, e, portanto, não nos lembrariamos delas. A verdadeira razão de nos lembrarmos do sono é que durante o sono havia uma certa classe de ondas na mente. A memória é outra classe de Vrittis chamada Smriti.

अनुभूतविषयासम्प्रमोषः स्मृतिः ॥११॥

11. A memória é quando os (Vrittis dos) sujeitos percebidos não desaparecem (e através das impressões voltam à consciência).

A memória pode vir da percepção direta, do falso conhecimento, da ilusão verbal e do sono. Por exemplo, você ouve uma palavra. Essa palavra é como uma pedra atirada no lago Chitta; causa uma onda, e essa onda provoca uma série de ondas; isso é memória. Então, durante o sono. Quando o tipo peculiar de ondulação chamada sono lança Chitta em uma ondulação de memória, isso é chamado de sonho. O sonho é outra forma de ondulação que, no estado de vigília, é chamada de memória.

अभ्यासवैराग्याभ्यां तन्निरोधः ॥१२॥

12. Seu controle se dá pela prática e pelo desapego.

A mente, para ter desapego, deve ser clara, boa e racional. Por que devemos praticar? Porque cada ação é como as pulsações que vibram na superfície do lago. A vibração desaparece e o que resta? Os Samskâras, as impressões. Quando um grande número dessas impressões permanece na mente, elas se fundem e se tornam um hábito. Diz-se: “O hábito é uma segunda natureza”, é também a primeira natureza e toda a natureza do homem; tudo o que somos é resultado do hábito. Isso nos dá consolo, porque, se for apenas um hábito, podemos fazer e desfazer a qualquer momento. Os Samskaras são deixados por essas vibrações saindo de nossa mente, cada uma delas deixando seu resultado. Nosso caráter é a soma total dessas marcas, e conforme prevalece alguma onda particular, tomamos esse tom. Se o bem prevalecer, a pessoa se torna boa; se for maldade, a pessoa se torna má; se

for alegria, a pessoa fica feliz. O único remédio para os maus hábitos são os contra-hábitos; todos os maus hábitos que deixaram suas impressões devem ser controlados por bons hábitos. Continue fazendo o bem, tendo continuamente pensamentos santos; essa é a única maneira de suprimir impressões básicas. Nunca diga que qualquer homem está desesperado, porque ele apenas representa um caráter, um conjunto de hábitos, que podem ser verificados por outros novos e melhores. Caráter são hábitos repetidos, e somente hábitos repetidos podem reformar o caráter.

तत्र स्थितौ यत्नोऽभ्यासः ॥१३॥

13. A luta contínua para mantê-los (os Vrittis) perfeitamente contidos é prática.

O que é prática? A tentativa de restringir a mente na forma Chitta, para evitar que ela se transforme em ondas.

स तु दीर्घकालनैरन्तर्यसत्कारासेवितो दृढभूमिः ॥१४॥

14. Torna-se firmemente fundamentado por longos esforços constantes com grande amor (para que o fim seja alcançado).

A restrição não surge em um dia, mas por meio de uma prática prolongada e contínua.

दृष्टानुश्रविकविषयवितृष्णस्य वशीकारसंज्ञा वैराग्यम् ॥१५॥

15. O efeito que atinge aqueles que abandonaram a sede por objetos, sejam eles vistos ou ouvidos, e que desejam controlar os objetos, é o desapego.

As duas forças motrizes de nossas ações são (1) o que vemos em nós mesmos, (2) a experiência dos outros. Essas duas forças lançam a mente, o lago, em diversas ondas. A renúncia é o poder de lutar contra essas forças e manter a mente sob controle. A renúncia deles é o que queremos. Estou passando por uma rua e um homem vem e leva meu relógio. Essa é minha própria experiência. Eu mesmo vejo isso, e isso imediatamente lança minha Chitta em uma onda, assumindo a forma de raiva. Não permita que isso aconteça. Se você não puder evitar isso, você não é nada; se puder, você

tem Vairâgya. Novamente, a experiência das pessoas de mentalidade mundana nos ensina que os prazeres dos sentidos são o ideal mais elevado. Estas são tentações tremendas. Negá-los e não permitir que a mente assuma uma forma de onda em relação a eles é renúncia; controlar os dois poderes motrizes que surgem da minha própria experiência e da experiência dos outros, e assim evitar que Chitta seja governado por eles, é Vairagya. Estes deveriam ser controlados por mim, e não eu por eles. Esse tipo de força mental é chamado de renúncia. Vairagya é o único caminho para a liberdade.

तत्परं पुरुषख्यातेर्गुणवैतृष्यम् ॥१६॥

16. Esse é o desapego extremo que desiste até mesmo das qualidades e vem do conhecimento (da natureza real) do Purusha.

É a manifestação mais elevada do poder de Vairagya quando tira até mesmo a nossa atração pelas qualidades. Temos primeiro que entender o que é o Purusha, o Ser, e quais são as qualidades. De acordo com a filosofia do Yoga, toda a natureza consiste em três qualidades ou forças; um é chamado Tamas, outro Rajas e o terceiro Sattva. Estas três qualidades manifestam-se no mundo físico como escuridão ou inatividade, atração ou repulsão e equilíbrio dos dois. Tudo o que existe na natureza, todas as manifestações, são combinações e recombinações destas três forças. A natureza foi dividida em diversas categorias pelos Sânkhyas; o Eu do homem está além de tudo isso, além da natureza. É refulgente, puro e perfeito. Qualquer inteligência que vemos na natureza é apenas o reflexo deste Eu sobre a natureza. A própria natureza é insensível. Você deve lembrar que a palavra natureza também inclui a mente; a mente está na natureza; o pensamento está na natureza; desde o pensamento até a forma mais grosseira da matéria, tudo está na natureza, a manifestação da natureza. Esta natureza cobriu o Eu do homem, e quando a natureza remove a cobertura, o Eu aparece em Sua própria glória. O desapego, conforme descrito no aforismo 15 (como sendo o controle dos objetos ou da natureza) é a maior ajuda para a manifestação do Eu. O próximo aforismo define Samadhi, concentração perfeita que é o objetivo do Yogue.

वितर्कविचारानन्दस्मितानुगमात् सम्प्रज्ञातः ॥१७॥

17. A concentração chamada conhecimento correto é aquela que é seguida pelo raciocínio, pela felicidade da discriminação e pelo egoísmo incondicional.

Samadhi é dividido em duas variedades. Um é chamado de Samprajnata e o outro de Asamprajnata. No Samprajnata Samadhi vêm todos os poderes de controle da natureza. É de quatro variedades. A primeira variedade é chamada Savitarka, quando a mente medita repetidamente sobre um objeto, isolando-o de outros objetos. Existem dois tipos de objetos para meditação nas vinte e cinco categorias dos Sankhyas, (1) as vinte e quatro categorias insensíveis da Natureza, e (2) o único Purusha senciente. Esta parte do Yoga é inteiramente baseada na filosofia Sankhya, sobre a qual já lhe falei. Como você deve se lembrar, o egoísmo, a vontade e a mente têm uma base comum, a Chitta ou a matéria mental, a partir da qual todos eles são fabricados. A substância mental absorve as forças da natureza e as projeta como pensamento. Deve haver algo, novamente, onde força e matéria sejam uma só. Isso é chamado de Avyakta, o estado não manifestado da natureza antes da criação, e ao qual, após o fim de um ciclo, toda a natureza retorna, para sair novamente após outro período. Além disso está o Purusha, a essência da inteligência. Conhecimento é poder, e assim que começamos a conhecer uma coisa, adquirimos poder sobre ela; assim também quando a mente começa a meditar nos diferentes elementos, ela ganha poder sobre eles. Esse tipo de meditação onde os elementos grosseiros externos são os objetos é chamada Savitarka. Vitarka significa pergunta; Savitarka, questionando, questionando os elementos, por assim dizer, para que eles possam dar suas verdades e seus poderes ao homem que medita sobre eles. Não há libertação na obtenção de poderes. É uma busca mundana por prazeres, e não há prazer nesta vida; toda busca por diversão é vã; esta é a velha, velha lição que o homem acha tão difícil de aprender. Quando ele aprende, ele sai do universo e se torna livre. A posse dos chamados poderes ocultos está apenas intensificando o mundo e, no final, intensificando o sofrimento. Embora como cientista Patanjali seja obrigado a apontar as possibilidades desta ciência, ele nunca perde a oportunidade de nos alertar contra esses poderes.

Novamente, na mesma meditação, quando alguém luta para retirar os elementos do tempo e do espaço e pensar neles como são, isso é chamado

de Nirvitarka, sem dúvida. Quando a meditação vai um degrau mais alto e toma os Tanmatras como objeto, e pensa neles como se estivessem no tempo e no espaço, ela é chamada de Savichâra, com discriminação; e quando na mesma meditação eliminamos o tempo e o espaço e pensamos nos elementos sutis como eles são, isso é chamado de Nirvichâra, sem discriminação. O próximo passo é quando os elementos, tanto grosseiros quanto sutis, são abandonados, e o objeto da meditação é o órgão interior, o órgão pensante. Quando o órgão pensante é considerado desprovido das qualidades de atividade e embotamento, ele é então chamado de Sânda, o Samadhi bem-aventurado. Quando a própria mente é o objeto da meditação, quando a meditação se torna muito madura e concentrada, quando todas as ideias dos materiais grosseiros e sutis são abandonadas, quando o estado Sattva apenas do Ego permanece, mas diferenciado de todos os outros objetos, é chamado Sâmita Samadhi. O homem que alcançou isso alcançou o que é chamado nos Vedas de “desprovido de corpo”. Ele pode pensar em si mesmo sem seu corpo grosseiro; mas ele terá que pensar em si mesmo como tendo um belo corpo. Aqueles que neste estado se fundem na natureza sem atingir a meta são chamados de Prakritilayas, mas aqueles que não param mesmo aí alcançam a meta, que é a liberdade.

विरामप्रत्ययाभ्यासपूर्वः संस्कारशेषोऽन्यः ॥१८॥

18. Existe outro Samadhi que é alcançado pela prática constante da cessação de toda atividade mental, na qual Chitta retém apenas as impressões não manifestadas.

Este é o Asamprajnata Samadhi superconsciente perfeito, o estado que nos dá liberdade. O primeiro estado não nos dá liberdade, não liberta a alma. Um homem pode alcançar todos os poderes e ainda assim cair novamente. Não há salvaguarda até que a alma vá além da natureza. É muito difícil fazê-lo, embora o método pareça fácil. O método consiste em meditar na própria mente e, sempre que surgir um pensamento, derrubá-lo, não permitindo que nenhum pensamento entre na mente, tornando-a assim um vácuo completo. Quando pudermos realmente fazer isso, nesse exato momento alcançaremos a libertação. Quando pessoas sem treinamento e preparação tentam deixar suas mentes vazias, é provável que consigam apenas cobrir-se com Tamas, o material da ignorância, que torna a mente

embotada e estúpida, e os leva a pensar que estão criando um vácuo de a mente. Ser capaz de realmente fazer isso é manifestar a maior força, o maior controle. Quando este estado, Asamprajnata, superconsciência, é alcançado, o Samadhi torna-se sem sementes. O que isso significa? Numa concentração onde há consciência, onde a mente só consegue reprimir as ondas em Chitta e mantê-las sob controle, as ondas permanecem na forma de tendências. Estas tendências (ou sementes) tornam-se ondas novamente, quando chegar a hora. Mas quando você destruiu todas essas tendências, quase destruiu a mente, então o Samadhi se torna sem sementes; não há mais sementes na mente com as quais se possa fabricar repetidamente esta planta da vida, este ciclo incessante de nascimento e morte.

Você pode perguntar: que estado seria aquele em que não há mente, não há conhecimento? O que chamamos de conhecimento é um estado inferior àquele que está além do conhecimento. Você deve sempre ter em mente que os extremos são muito parecidos. Se uma vibração muito baixa do éter for considerada escuridão, um estado intermediário como luz, uma vibração muito alta será escuridão novamente. Da mesma forma, a ignorância é o estado mais baixo, o conhecimento é o estado intermediário e, além do conhecimento, está o estado mais elevado, cujos dois extremos parecem iguais. O próprio conhecimento é algo fabricado, uma combinação; não é realidade.

Qual é o resultado da prática constante desta concentração superior? Todas as velhas tendências de inquietação e estupidez serão destruídas, assim como as tendências de bondade também. O caso é semelhante ao dos produtos químicos usados para remover a sujeira e a liga do ouro. Quando o minério é fundido, a escória é queimada junto com os produtos químicos. Portanto, esse poder de controle constante interromperá as más tendências anteriores e, eventualmente, as boas também. Essas tendências boas e más suprimirão uma à outra, deixando sozinha a Alma, em seu próprio esplendor, livre do bem ou do mal, o onipresente, onipotente e onisciente. Então o homem saberá que não nasceu nem morreu, nem precisou do céu ou da terra. Ele saberá que não veio nem foi, era a natureza que se movia e esse movimento se refletia na alma. A forma da luz refletida pelo vidro sobre a parede se move, e a parede tolamente pensa que está se movendo. O mesmo acontece com todos nós; é Chitta em constante movimento,

assumindo várias formas, e pensamos que somos essas várias formas. Todas essas ilusões desaparecerão. Quando aquela Alma livre ordenar – não orar ou implorar, mas ordenar – então tudo o que Ela deseja será imediatamente cumprido; tudo o que Ele quiser, Ele poderá fazer. De acordo com a filosofia Sankhya, Deus não existe. Diz que não pode haver nenhum Deus neste universo, porque se houvesse um, Ele deveria ser uma alma, e uma alma deveria estar ligada ou livre. Como pode a alma que está presa pela natureza, ou controlada pela natureza, criar? Ele próprio é um escravo. Por outro lado, por que a Alma que é livre deveria criar e manipular todas essas coisas? Não tem desejos, portanto não pode ter nenhuma necessidade de criar. Em segundo lugar, diz que a teoria de Deus é desnecessária; a natureza explica tudo. Qual é a utilidade de qualquer Deus? Mas Kapila ensina que há muitas almas que, embora quase atingindo a perfeição, ficam aquém porque não conseguem renunciar perfeitamente a todos os poderes. Suas mentes, por um tempo, fundem-se na natureza, para ressurgir como seus mestres. Esses deuses existem. Todos nós nos tornaremos tais deuses e, de acordo com os Sankhyas, o Deus mencionado nos Vedas realmente significa uma dessas almas livres. Além deles não existe um Criador do universo eternamente livre e abençoado. Por outro lado, os Yogis dizem: “Não é assim, existe um Deus; existe uma Alma separada de todas as outras almas, e Ele é o Mestre eterno de toda a criação, o sempre livre, o Professor de todos os professores”. Os Yogis admitem que aqueles a quem os Sankhyas chamam de “a natureza fundida” também existem. Eles são Yogis que não alcançaram a perfeição e, embora, por um tempo, impedidos de atingir a meta, permanecem como governantes de partes do universo.

भव .प्रत्ययो विदेह .प्रकृतित्यानाम् ॥१९॥

19. (Este Samadhi quando não seguido por extremo desapego) torna-se a causa da re-manifestação dos deuses e daqueles que se fundem na natureza.

Os deuses nos sistemas filosóficos indianos representam certos cargos elevados que são preenchidos sucessivamente por várias almas. Mas nenhum deles é perfeito.

श्रद्धा - वीर्य - स्मृति - समाधि - प्रज्ञा - पूर्वक - इतरेषाम् ॥२०॥

20. Para outros (este Samadhi) vem através da fé, energia, memória, concentração e discriminação do real.

Estes são aqueles que não querem a posição de deuses ou mesmo a de governantes de ciclos. Eles alcançam a libertação.

तीव्रसंवेगानामासन्नः ॥२१॥

21. O sucesso é rápido para quem é extremamente enérgico.

मृदुमध्याधिमात्रत्वात्ततोऽपि विशेषः ॥२२॥

22. O sucesso dos Yogis difere conforme os meios que adotam são leves, médios ou intensos.

ईश्वरप्रणिधानाद्वा ॥२३॥

23. Ou pela devoção a Ishvara.

क्लेशकर्मविपाकाशयैरपरामृष्टः पुरुषविशेष ईश्वरः ॥२४॥

24. Ishvara (o Governante Supremo) é um Purusha especial, intocado pela miséria, pelas ações, pelos seus resultados e desejos.

Devemos lembrar novamente que a filosofia do Pâtanjala Yoga é baseada na filosofia Sankhya; somente nestes últimos não há lugar para Deus, enquanto com os iogues Deus tem um lugar. Os Yogis, porém, não mencionam muitas ideias sobre Deus, como a criação. Deus como o Criador do universo não é entendido pelo Ishvara dos Yogis. De acordo com os Vedas, Ishvara é o Criador do universo; porque é harmonioso, deve ser a manifestação de uma vontade. Os Yogis querem estabelecer um Deus, mas chegam a Ele de uma maneira peculiar. Eles dizem:

तत्र निरतिशयं सर्वज्ञत्वबीजम् ॥२५॥

25. Nele se torna infinito aquela onisciência que nos outros é (apenas) um germe.

A mente deve sempre viajar entre dois extremos. Você pode pensar em espaço limitado, mas essa ideia também oferece espaço ilimitado. Feche os olhos e pense em um espacinho; ao mesmo tempo que você percebe o pequeno círculo, você tem um círculo ao seu redor de dimensões ilimitadas. Com o tempo é a mesma coisa. Tente pensar em um segundo; você terá, com o mesmo ato de percepção, de pensar no tempo que é ilimitado. O mesmo acontece com o conhecimento. O conhecimento é apenas um germe no homem, mas você terá que pensar em um conhecimento infinito em torno dele, para que a própria constituição de nossa mente nos mostre que existe conhecimento ilimitado, e os Yogis chamam esse conhecimento ilimitado de Deus.

स पूर्वेषामपि गुरुः कलेनानवच्छेदात् ॥२६॥

26. Ele é o Mestre até mesmo dos professores antigos, não sendo limitado pelo tempo.

É verdade que todo o conhecimento está dentro de nós, mas este tem de ser suscitado por outro conhecimento. Embora a capacidade de saber esteja dentro de nós, ela deve ser evocada, e esse despertar do conhecimento só pode ser feito, afirma um Yogue, por meio de outro conhecimento. A matéria morta e insensível nunca evoca o conhecimento; é a ação do conhecimento que traz o conhecimento. Os seres conhecedores devem estar conosco para despertar o que há em nós, por isso esses professores sempre foram necessários. O mundo nunca existiu sem eles, e nenhum conhecimento pode surgir sem eles. Deus é o Mestre de todos os professores, porque esses professores, por maiores que tenham sido – deuses ou anjos – estavam todos presos e limitados pelo tempo, enquanto Deus não o é. Existem duas deduções peculiares dos Yogis. A primeira é que, ao pensar no limitado, a mente deve pensar no ilimitado; e que se uma parte dessa percepção é verdadeira, a outra também deve ser, porque o seu valor como percepções da mente é igual. O próprio fato de o homem ter um pouco de conhecimento mostra que Deus tem conhecimento ilimitado. Se devo escolher um, por que não o outro? A razão me obriga a aceitar ambos ou rejeitar ambos. Se acredito que existe um homem com pouco conhecimento, devo admitir também que existe alguém por trás dele com conhecimento ilimitado. A segunda dedução é que nenhum conhecimento

pode surgir sem um professor. É verdade, como dizem os filósofos modernos, que há algo no homem que evolui a partir dele; todo conhecimento está no homem, mas certos ambientes são necessários para evocá-lo. Não podemos encontrar nenhum conhecimento sem professores. Se existem professores homens, professores divinos ou professores anjos, todos eles são limitados; quem foi o professor antes deles? Somos obrigados a admitir, como última conclusão, um professor que não está limitado pelo tempo; e esse Mestre Único de conhecimento infinito, sem começo nem fim, é chamado Deus.

तस्य वाचकः प्रणवः ॥२७॥

27. Sua palavra manifestada é Om.

Cada ideia que você tem em mente tem uma contrapartida em uma palavra; a palavra e o pensamento são inseparáveis. A parte externa de uma mesma coisa é o que chamamos de palavra, e a parte interna é o que chamamos de pensamento. Nenhum homem pode, através da análise, separar o pensamento da palavra. A ideia de que a linguagem foi criada pelos homens – certos homens sentados juntos e decidindo sobre as palavras – provou ser errada. Desde que o homem existiu, existiram palavras e linguagem. Qual é a conexão entre uma ideia e uma palavra? Embora vejamos que sempre deve haver uma palavra com um pensamento, não é necessário que o mesmo pensamento exija a mesma palavra. O pensamento pode ser o mesmo em vinte países diferentes, mas a linguagem é diferente. Devemos ter uma palavra para expressar cada pensamento, mas essas palavras não precisam necessariamente ter o mesmo som. Os sons variam em diferentes nações. Nosso comentarista diz: “Embora a relação entre pensamento e palavra seja perfeitamente natural, ainda assim não significa uma conexão rígida entre um som e uma ideia”. Esses sons variam, mas a relação entre os sons e os pensamentos é natural. A ligação entre pensamentos e sons só é boa se houver uma ligação real entre a coisa significada e o símbolo; até então esse símbolo nunca entrará em uso geral. Um símbolo é o manifestador da coisa significada, e se a coisa significada já existe, e se, por experiência, sabemos que o símbolo expressou aquela coisa muitas vezes, então temos certeza de que existe uma relação real entre eles. Mesmo que as coisas não estejam presentes, haverá milhares que as conhecerão pelos

seus símbolos. Deve haver uma conexão natural entre o símbolo e a coisa significada; então, quando esse símbolo é pronunciado, ele lembra a coisa significada. O comentarista diz que a palavra manifestada de Deus é Om. Por que ele enfatiza essa palavra? Existem centenas de palavras para Deus. Um pensamento está ligado a mil palavras; a ideia de “Deus” está ligada a centenas de palavras, e cada uma delas representa um símbolo de Deus. Muito bom. Mas deve haver uma generalização entre todas as palavras de todos os tempos, algum substrato, algum terreno comum de todos esses símbolos, e aquele que é o símbolo comum será o melhor e realmente representará todos eles. Ao emitir um som, usamos a laringe e o palato como caixa de ressonância. Existe algum som material do qual todos os outros sons devam ser manifestações, aquele que seja o som mais natural? Om (Aum) é um desses sons, a base de todos os sons. A primeira letra, A, é o som da raiz, a tonalidade, pronunciada sem tocar nenhuma parte da língua ou do palato; M representa o último som da série, sendo produzido pelos lábios fechados, e o U rola da raiz até o final da caixa de ressonância da boca. Assim, Om representa todo o fenômeno da produção sonora. Como tal, deve ser o símbolo natural, a matriz de todos os vários sons. Denota toda a gama e possibilidade de todas as palavras que podem ser formadas. Além dessas especulações, vemos que em torno desta palavra Om estão centradas todas as diferentes ideias religiosas na Índia; todas as diversas ideias religiosas dos Vedas se reuniram em torno desta palavra Om. O que isso tem a ver com a América e a Inglaterra, ou qualquer outro país? Simplesmente isto: a palavra foi mantida em todas as fases do crescimento religioso na Índia e foi manipulada para significar todas as várias ideias sobre Deus. Monistas, dualistas, monodualistas, separatistas e até ateus adotaram este Om. Om tornou-se o único símbolo da aspiração religiosa da grande maioria dos seres humanos. Tomemos, por exemplo, a palavra inglesa Deus. Abrange apenas uma função limitada, e se você for além dela, terá que adicionar adjetivos, para torná-la Pessoal, ou Impessoal, ou Deus Absoluto. O mesmo acontece com as palavras para Deus em todas as outras línguas; seu significado é muito pequeno. Esta palavra Om, no entanto, tem vários significados. Como tal, deveria ser aceite por todos.

तज्जपस्तर्धभावम् ॥२५॥

28. A repetição deste (Om) e a meditação sobre o seu significado (é o caminho).

Por que deveria haver repetição? Não esquecemos a teoria dos Samskaras, de que a soma total das impressões vive na mente. Tornam-se cada vez mais latentes, mas permanecem lá e, assim que recebem o estímulo certo, saem. A vibração molecular nunca cessa. Quando este universo é destruído, todas as vibrações massivas desaparecem; o sol, a lua, as estrelas e a terra derretem; mas as vibrações permanecem nos átomos. Cada átomo desempenha a mesma função que os grandes mundos. Assim, mesmo quando as vibrações de Chitta diminuem, suas vibrações moleculares continuam e, quando recebem o impulso, saem novamente. Agora podemos entender o que significa repetição. É o maior estímulo que pode ser dado aos Samskaras espirituais. “Um momento de companhia com o sagrado faz um navio cruzar este oceano da vida.” Tal é o poder da associação. Portanto, esta repetição do Om, e pensar no seu significado, é manter uma boa companhia em sua própria mente. Estude e depois medite sobre o que você estudou. Assim a luz chegará até você, o Eu se manifestará.

Mas é preciso pensar no Om e também no seu significado. Evite as más companhias, porque as cicatrizes de velhas feridas estão em você, e as más companhias são exatamente o que é necessário para despertá-las. Da mesma forma, somos informados de que a boa companhia despertará as boas impressões que existem em nós, mas que se tornaram latentes. Não há nada mais sagrado no mundo do que estar em boa companhia, porque as boas impressões tenderão então a vir à tona.

ततः प्रत्यक्चेतनाधिगमोऽप्यन्तरायाभावश्च ॥२९॥

29. Disso se ganha (o conhecimento da) introspecção e a destruição de obstáculos.

A primeira manifestação da repetição e do pensamento do Om é que o poder introspectivo se manifestará cada vez mais, todos os obstáculos mentais e físicos começarão a desaparecer. Quais são os obstáculos para o Yogi?

व्याधि - स्त्यान - संशय - प्रमादालस्याविरति - भ्रान्तिदर्शनालब्धभूमिकत्वान्
- वस्थितत्त्वानि चित्तविक्षेपास्तेऽन्तरायाः ॥३०॥

30. Doença, preguiça mental, dúvida, falta de entusiasmo, letargia, apego aos prazeres dos sentidos, falsa percepção, não obtenção de concentração e afastamento do estado quando obtido, são as distrações obstrutivas.

Doença . Este corpo é o barco que nos levará à outra margem do oceano da vida. Deve ser cuidado. Pessoas insalubres não podem ser Yogis. A preguiça mental faz-nos perder todo o interesse vivo pelo assunto, sem o qual não haverá vontade nem energia para praticar. Dúvidas surgirão na mente sobre a verdade da ciência, por mais forte que seja a convicção intelectual de alguém, até que surjam certas experiências psíquicas peculiares, como ouvir ou ver à distância, etc. Esses vislumbres fortalecem a mente e fazem o estudante perseverar. Caindo... quando obtido. Em alguns dias ou semanas, quando você estiver praticando, a mente ficará calma e facilmente concentrada, e você perceberá que está progredindo rapidamente. De repente, um dia o progresso irá parar e você se verá, por assim dizer, encalhado. Perseverar. Todo progresso prossegue por meio dessa ascensão e queda.

दुःख - दीर्घमनस्याङ्गमेजयत्व - श्वासप्रश्वासा विक्षेपसहभुवः ॥३१॥

31. Luto, sofrimento mental, tremores no corpo, respiração irregular acompanham a falta de concentração.

A concentração trará repouso perfeito à mente e ao corpo sempre que for praticada. Quando a prática foi mal direcionada, ou não suficientemente controlada, surgem estes distúrbios. A repetição do Om e a entrega ao Senhor fortalecerão a mente e trarão energia renovada. Os tremores nervosos atingirão quase todas as pessoas. Não se importe com eles, mas continue praticando. A prática irá curá-los e tornar o assento firme.

तत्प्रतिषेधार्थमेकतत्त्वाभ्यासः ॥३२॥

32. Para remediar isso, a prática de uma disciplina (deve ser feita).

Fazer a mente assumir a forma de um objeto por algum tempo destruirá esses obstáculos. Este é um conselho geral. Nos aforismos seguintes será ampliado e particularizado. Como uma prática não pode servir a todos, vários métodos serão avançados e cada um, pela experiência real, descobrirá o que mais o ajuda.

मैत्री - करुणा मुदितोपेक्षाणां सुख - दुःखपुण्यापुण्य -
विषयाणां भावनातश्चित्तप्रसादनम् ॥३३॥

33. Amizade, misericórdia, alegria e indiferença, sendo pensadas em relação aos assuntos felizes, infelizes, bons e maus, respectivamente, pacificam Chitta.

Devemos ter esses quatro tipos de ideias. Devemos ter amizade para todos; devemos ser misericordiosos com aqueles que estão na miséria; quando as pessoas estão felizes, devemos estar felizes; e para com os ímpios devemos ser indiferentes. O mesmo ocorre com todos os assuntos que surgem diante de nós. Se o assunto for bom, nos sentiremos amigáveis com ele; se o assunto do pensamento é miserável, devemos ser misericordiosos com ele. Se for bom, devemos estar contentes; se for mau, devemos ser indiferentes. Essas atitudes da mente em relação aos diferentes assuntos que surgem antes dela tornarão a mente pacífica. A maioria de nossas dificuldades em nossas vidas diárias vem de sermos incapazes de manter nossas mentes dessa maneira. Por exemplo, se um homem nos faz mal, instantaneamente queremos reagir mal, e cada reação maligna mostra que não somos capazes de conter Chitta; sai em ondas em direção ao objeto e perdemos nosso poder. Cada reação na forma de ódio ou maldade é uma grande perda para a mente; e todo mau pensamento ou ato de ódio, ou qualquer pensamento de reação, se for controlado, será colocado a nosso favor. Não é que perdemos ao nos restringirmos assim; estamos ganhando infinitamente mais do que suspeitamos. Cada vez que reprimimos o ódio, ou um sentimento de raiva, há muita energia boa armazenada a nosso favor; esse pedaço de energia será convertido em poderes superiores.

प्रच्छेदन - विधारणाभ्यां वा प्राणस्य ॥३४॥

34. Expulsando e restringindo a Respiração.

A palavra usada é Prâna. Prana não é exatamente respiração. É o nome da energia que existe no universo. Tudo o que você vê no universo, tudo o que se move ou funciona, ou tem vida, é uma manifestação deste Prana. A soma total da energia exibida no universo é chamada Prana. Este Prana, antes do início de um ciclo, permanece num estado quase imóvel; e quando o ciclo começa, esse Prana começa a se manifestar. É este Prana que se manifesta como movimento – como o movimento nervoso nos seres humanos ou nos animais; e o mesmo Prana está se manifestando como pensamento, e assim por diante. Todo o universo é uma combinação de Prana e Âkâsha; o corpo humano também. Do Akasha você obtém os diferentes materiais que você sente e vê, e do Prana todas as diversas forças. Agora, esse jogar fora e restringir o Prana é o que chamamos de Pranayama. Patanjali, o pai da filosofia do Yoga, não dá muitas instruções específicas sobre Pranayama, mas mais tarde outros Yogis descobriram várias coisas sobre este Pranayama e fizeram dele uma grande ciência. Com Patanjali é uma das muitas maneiras, mas ele não dá muita ênfase a isso. Ele quer dizer que você simplesmente joga o ar para fora, e o aspira, e o segura por algum tempo, isso é tudo, e com isso a mente ficará um pouco mais calma. Mas, mais tarde, você descobrirá que a partir disso evoluiu uma ciência específica chamada Pranayama. Ouviremos um pouco do que estes iogues posteriores têm a dizer.

Algumas coisas eu já lhes contei antes, mas uma pequena repetição servirá para fixá-las em suas mentes. Primeiro, você deve lembrar que este Prana não é a respiração; mas aquilo que causa o movimento da respiração, aquilo que é a vitalidade da respiração, é o Prana. Novamente, a palavra Prana é usada para todos os sentidos; todos eles são chamados de Pranas, a mente é chamada de Prana; e assim vemos que Prana é força. E, no entanto, não podemos chamar-lhe força, porque a força é apenas a manifestação dela. É aquilo que se manifesta como força e tudo mais na forma de movimento. O Chitta, a substância mental, é o motor que absorve o Prana do ambiente e fabrica a partir do Prana as diversas forças vitais – aquelas que mantêm o corpo em preservação – e o pensamento, a vontade e todos os outros poderes. Pelo processo de respiração mencionado acima, podemos controlar todos os vários movimentos do corpo e as várias correntes nervosas que percorrem o corpo. Primeiro começamos a reconhecê-los e depois lentamente adquirimos controle sobre eles.

Agora, estes últimos Yogis consideram que existem três correntes principais deste Prana no corpo humano. Um eles chamam de Idâ, outro Pingalâ, e o terceiro Sushumnâ. Pingala, segundo eles, está no lado direito da coluna vertebral, e o Ida à esquerda, e no meio da coluna vertebral está o Sushumna, um canal vazio. Ida e Pingala, segundo eles, são as correntes que atuam em cada homem, e através dessas correntes estamos desempenhando todas as funções da vida. Sushumna está presente em tudo, como possibilidade; mas funciona apenas no Yogi. Você deve se lembrar que o Yoga muda o corpo. À medida que você pratica, seu corpo muda; não é o mesmo corpo que você tinha antes da prática. Isto é muito racional e pode ser explicado, porque cada novo pensamento que temos deve criar, por assim dizer, um novo canal através do cérebro, e isso explica o tremendo conservadorismo da natureza humana. A natureza humana gosta de percorrer os sulcos que já existem, porque é fácil. Se pensarmos, apenas por exemplo, que a mente é como uma agulha, e a substância cerebral é um caroço macio diante dela, então cada pensamento que temos cria uma rua, por assim dizer, no cérebro, e essa rua se fecharia. para cima, mas para a massa cinzenta que vem e forma um forro para mantê-la separada. Se não existisse massa cinzenta, não haveria memória, porque memória significa percorrer estas ruas antigas, reconstituindo um pensamento, por assim dizer. Agora talvez você tenha notado que quando se fala sobre assuntos em que se pega algumas ideias que são familiares a todos, e as combina e recombina, é fácil acompanhar porque esses canais estão presentes no cérebro de todos, e só é necessário recorrer a eles. Mas sempre que surge um novo assunto, novos canais têm que ser criados, por isso não é compreendido prontamente. E é por isso que o cérebro (é o cérebro, e não as próprias pessoas) recusa inconscientemente ser influenciado por novas ideias. Ele resiste. O Prana está tentando criar novos canais e o cérebro não permite. Este é o segredo do conservadorismo. Quanto menos canais houver no cérebro, e quanto menos a agulha do Prana tiver feito essas passagens, mais conservador será o cérebro e mais lutará contra novos pensamentos. Quanto mais atencioso for o homem, mais complicadas serão as ruas em seu cérebro e mais facilmente ele adotará novas ideias e as compreenderá. Assim, com cada ideia nova, causamos uma nova impressão no cérebro, abrimos novos canais através da substância cerebral, e é por isso que descobrimos que na prática do Yoga (sendo um conjunto inteiramente novo de pensamentos e motivos) há tanta resistência física no início. É por isso

que descobrimos que a parte da religião que trata do lado mundial da natureza é tão amplamente aceita, enquanto a outra parte, a filosofia ou a psicologia, que esclarece a natureza interior do homem, é tão frequentemente negligenciada.

Devemos lembrar a definição deste nosso mundo; é apenas a Existência Infinita projetada no plano da consciência. Um pouco do Infinito é projetado na consciência, e isso chamamos de nosso mundo. Portanto, existe um além Infinito; e a religião tem de lidar com ambos – com o pequeno pedaço que chamamos de nosso mundo, e com o Infinito além. Qualquer religião que lide com apenas um destes dois será defeituosa. Deve lidar com ambos. A parte da religião que lida com a parte do Infinito que entrou no plano da consciência, ficou presa, por assim dizer, no plano da consciência, na jaula do tempo, do espaço e da causalidade, é bastante familiar para nós, porque já estamos nisso, e as ideias sobre este mundo estão conosco quase desde tempos imemoriais. A parte da religião que lida com o Infinito além é inteiramente nova para nós, e obter ideias sobre ela produz novos canais no cérebro, perturbando todo o sistema, e é por isso que você descobre na prática do Yoga que as pessoas comuns são a princípio voltadas para fora de seus sulcos. Para diminuir ao máximo estas perturbações, todos estes métodos foram concebidos por Patanjali, para que possamos praticar qualquer um deles que melhor nos seja adequado.

विषयवर्ती वा प्रवृत्तिरुत्पन्ना मनसः स्थितिनिबन्धिनी ॥३५॥

35. Aquelas formas de concentração que trazem percepções sensoriais extraordinárias causam perseverança na mente.

Isto vem naturalmente com Dhâranâ, concentração; dizem os iogues, se a mente se concentra na ponta do nariz, começa-se a cheirar, depois de alguns dias, perfumes maravilhosos. Se ficar concentrado na raiz da língua, começa-se a ouvir sons; se na ponta da língua começa a sentir sabores maravilhosos; se estiver no meio da língua, sente-se como se estivesse entrando em contato com alguma coisa. Se concentrarmos a mente no paladar, começaremos a ver coisas peculiares. Se um homem cuja mente está perturbada quiser adotar algumas dessas práticas de Yoga, mas duvidar da veracidade delas, ele terá suas dúvidas resolvidas quando, depois de um pouco de prática, essas coisas vierem a ele, e ele perseverará. .

विशोका वा ज्योतिष्मती ॥३६॥

36. Ou (pela meditação sobre) a Luz Refulgente, que está além de toda tristeza.

Este é outro tipo de concentração. Pense no lótus do coração, com as pétalas voltadas para baixo, e passando por ele, o Sushumna; inspire e, enquanto expira, imagine que o lótus está virado com as pétalas para cima e dentro desse lótus há uma luz refulgente. Medite sobre isso.

वीतरागविषयं वा चित्तम् ॥३७॥

37. Ou (pela meditação) o coração que abandonou todo apego aos objetos dos sentidos.

Pegue alguma pessoa santa, alguma grande pessoa que você reverencia, algum santo que você sabe ser perfeitamente desapegado, e pense em seu coração. Esse coração tornou-se desapegado e medite nele; isso acalmará a mente. Se você não puder fazer isso, existe a próxima maneira:

स्वप्ननिद्राज्ञानालम्बनं वा ॥३८॥

38. Ou meditando no conhecimento que surge durante o sono.

Às vezes, um homem sonha que viu anjos vindo até ele e conversando com ele, que está em estado de êxtase, que ouviu música flutuando no ar. Ele está em uma condição feliz naquele sonho e, quando acorda, isso lhe causa uma profunda impressão. Pense nesse sonho como real e medite sobre ele. Se você não consegue fazer isso, medite em qualquer coisa sagrada que lhe agrade.

यथाभिमतध्यानाद्वा ॥३९॥

39. Ou pela meditação sobre qualquer coisa que nos pareça boa.

Isso não significa qualquer assunto perverso, mas qualquer coisa boa que você goste, qualquer lugar que você mais goste, qualquer cenário que você mais goste, qualquer ideia que você mais goste, qualquer coisa que concentre a mente.

परमाणु परममहत्त्वान्तोऽस्य वशीकारः ॥४०॥

40. A mente do Yogue meditando assim, torna-se desobstruída do atômico ao infinito.

A mente, através desta prática, contempla facilmente o menor, bem como o maior. Assim, as ondas mentais tornam-se mais fracas.

क्षीणवृत्तेरभिजातस्येव मणेर्गहीतु ग्रहण - गाह्येषु तत्स्थ -
तद्वन्नता समापत्तिः ॥४१॥

41. O Yogi cujos Vrittis se tornaram impotentes (controlados) obtém no receptor, (o instrumento de) receber, e no recebido (o Ser, a mente e os objetos externos), concentração e uniformidade como o cristal (diante de cores diferentes). objetos).

O que resulta desta meditação constante? Devemos lembrar como num aforismo anterior Patanjali entrou nos vários estados de meditação, como o primeiro seria o grosseiro, o segundo o fino, e a partir deles o avanço era para objetos ainda mais sutis. O resultado dessas meditações é que podemos meditar tão facilmente nos objetos finos quanto nos grosseiros. Aqui o Yogue vê as três coisas, o receptor, o recebido e o instrumento receptor, correspondendo à Alma, aos objetos externos e à mente. Existem três objetos de meditação que nos foram dados. Primeiro, as coisas grosseiras, como corpos ou objetos materiais; segundo, coisas boas, como a mente, o Chitta; e terceiro, o Purusha qualificou, não o Purusha em si, mas o Egoísmo. Pela prática, o Yogi se estabelece em todas essas meditações. Sempre que medita ele consegue afastar todos os outros pensamentos; ele se identifica com aquilo em que medita. Quando ele medita, ele é como um pedaço de cristal. Antes das flores o cristal quase se identifica com as flores. Se a flor for vermelha, o cristal parece vermelho, ou se a flor for azul, o cristal parece azul.

तत्र शब्दार्थज्ञानविकल्पैः सङ्कीर्णा सवितर्का समापत्तिः ॥४२॥

42. O som, o significado e o conhecimento resultante, sendo misturados, são (chamados) Samadhi com pergunta.

Som aqui significa vibração, ou seja, as correntes nervosas que o conduzem; e conhecimento, reação. Todas as diversas meditações que tivemos até agora, Patanjali chama de Savitarka (meditação com perguntas). Mais tarde ele nos dá Dhyânas cada vez mais elevados. Nestes que se denominam “com questionamento”, mantemos a dualidade sujeito e objeto, que resulta da mistura de palavra, significado e conhecimento. Existe primeiro a vibração externa, a palavra. Isto, levado para dentro pelas correntes sensoriais, é o significado. Depois disso surge uma onda reacionária em Chitta, que é o conhecimento, mas a mistura desses três constitui o que chamamos de conhecimento. Em todas as meditações até esta obtemos esta mistura como objetos de meditação. O próximo Samadhi é mais elevado.

स्मृतिपरिशुद्धौ स्वरूपशून्येवार्थमात्रनिर्भासा निर्विकल्पा ॥४३॥

43. O Samadhi denominado “sem questionamento” (vem) quando a memória está purificada, ou desprovida de qualidades, expressando apenas o significado (do objeto meditado).

É pela prática da meditação desses três que chegamos ao estado onde estes três não se misturam. Podemos nos livrar deles. Tentaremos primeiro entender o que são esses três. Aqui está o Chitta; você sempre se lembrará da comparação entre a substância mental e um lago, e a vibração, a palavra, o som, como uma pulsação vindo sobre ele. Você tem aquele lago calmo dentro de você, e eu pronuncio uma palavra, “Vaca”. Assim que ele entra pelos seus ouvidos, uma onda é produzida em seu Chitta junto com ele. Então essa onda representa a ideia da vaca, a forma ou o significado como a chamamos. A vaca aparente que você conhece é na verdade a onda na substância mental que surge como uma reação às vibrações sonoras internas e externas. Com o som, a onda morre; nunca pode existir sem uma palavra. Você pode perguntar como é quando pensamos apenas na vaca e não ouvimos nenhum som. Você mesmo faz esse som. Você está dizendo “vaca” vagamente em sua mente, e com isso surge uma onda. Não pode haver onda alguma sem esse impulso sonoro; e quando não é de fora, é de dentro, e quando o som morre, a onda morre. O que resta? O resultado da reação, e isso é o conhecimento. Esses três estão tão intimamente combinados em nossa mente que não podemos separá-los. Quando o som chega, os sentidos

vibram e a onda surge em reação; eles seguem tão de perto um ao outro que não há como discernir um do outro. Quando esta meditação é praticada por muito tempo, a memória, receptáculo de todas as impressões, purifica-se e somos capazes de distingui-las claramente umas das outras. Isto se chama Nirvitarka, concentração sem questionamento.

एतयैव सविचारा निर्विचारा च सूक्ष्मविषया व्याख्याता ॥४४॥

44. Por este processo (as concentrações) com discriminação e sem discriminação, cujos objectos são mais sutis, são (também) explicadas.

Um processo semelhante ao anterior é aplicado novamente; apenas, os objetos a serem considerados nas meditações anteriores são grosseiros; nisso eles estão bem.

सूक्ष्मविषयत्वश्चालिङ्ग पर्यवसानम् ॥४५॥

45. Os objetos mais sutis terminam com Pradhana.

Os objetos grosseiros são apenas os elementos e tudo o que é fabricado a partir deles. Os objetos finos começam com os Tanmatras ou partículas finas. Os órgãos, a mente (a mente, ou sensorio comum, o agregado de todos os sentidos), o egoísmo, a substância mental (a causa de toda manifestação), o estado de equilíbrio dos materiais Sattva, Rajas e Tamas - chamados Pradhâna (chefe), Prakriti (natureza) ou Avyakta (não manifestado) - estão todos incluídos na categoria de objetos finos, exceto Purusha (a Alma).

ता एव सबीजः समाधिः ॥४६॥

46. Estas concentrações são com sementes.

Estes não destroem as sementes das ações passadas e, portanto, não podem proporcionar a liberação, mas o que trazem ao Iogue é afirmado no seguinte aforismo.

निर्विचार - वैशारद्येऽध्यात्मप्रसादः ॥४७॥

47. Purificada a concentração “sem discriminação”, Chitta torna-se firmemente fixada.

ऋतम्भरा तत्र प्रज्ञा ॥४८॥

48. O conhecimento nisso é chamado de “cheio de Verdade”.

O próximo aforismo explicará isso.

श्रुतानुमानप्रज्ञाभ्यामन्यविषया विशेषार्थत्वात् ॥४९॥

49. O conhecimento obtido através do testemunho e da inferência diz respeito a objetos comuns. O Samadhi que acabamos de mencionar é de uma ordem muito mais elevada, sendo capaz de penetrar onde a inferência e o testemunho não podem chegar.

A ideia é que temos de obter o nosso conhecimento de objectos comuns através da percepção directa, e por inferência a partir dela, e do testemunho de pessoas que são competentes. Por “pessoas competentes”, os Yogis sempre se referem aos Rishis, ou os Videntes dos pensamentos registrados nas escrituras – os Vedas. Segundo eles, a única prova das escrituras é que foram o testemunho de pessoas competentes, mas dizem que as escrituras não podem nos levar à realização. Podemos ler todos os Vedas, e ainda assim não perceberemos nada, mas quando praticamos seus ensinamentos, então atingimos aquele estado que realiza o que as escrituras dizem, que penetra onde nem a razão, nem a percepção, nem a inferência podem ir, e onde o testemunho de outros não podem aproveitar. Isto é o que significa o aforismo.

A realização é a verdadeira religião, todo o resto é apenas preparação – ouvir palestras, ler livros ou raciocinar é apenas preparar o terreno; não é religião. Assentimento intelectual e dissidência intelectual não são religião. A ideia central dos iogues é que, assim como entramos em contato direto com os objetos dos sentidos, a religião também pode ser percebida diretamente em um sentido muito mais intenso. As verdades da religião, como Deus e Alma, não podem ser percebidas pelos sentidos externos. Não posso ver Deus com os meus olhos, nem posso tocá-Lo com as minhas mãos, e também sabemos que também não podemos raciocinar além dos sentidos. A razão nos deixa num ponto bastante indeciso; podemos raciocinar durante toda a nossa vida, como o mundo tem feito há milhares de anos, e o resultado é que descobrimos que somos incompetentes para provar ou refutar os factos da religião. Aquilo que percebemos diretamente tomamos como base, e sobre essa base raciocinamos. Portanto, é óbvio que o raciocínio tem de ocorrer dentro desses limites da percepção. Nunca pode ir além. Todo o âmbito da realização, portanto, está além da percepção sensorial. Os Yogis dizem que o homem pode ir além de sua percepção sensorial direta e também de sua razão. O homem tem dentro de si a faculdade, o poder de transcender até mesmo o seu intelecto, um poder que está em cada ser, em cada criatura. Pela prática do Yoga esse poder é despertado, e então o homem transcende os limites comuns da razão e percebe diretamente coisas que estão além de toda razão.

50. A impressão resultante deste Samadhi obstrui todas as outras impressões.

Vimos no aforismo anterior que a única maneira de atingir essa superconsciência é pela concentração, e também vimos que o que impede a mente de se concentrar são os Samskaras passados, as impressões. Todos vocês observaram que, quando tentam concentrar a mente, seus pensamentos divagam. Quando você está tentando pensar em Deus, é exatamente nesse momento que esses Samskaras aparecem. Outras vezes não são tão ativos; mas quando você não os quer, eles certamente estarão lá, tentando ao máximo se amontoar em sua mente. Por que deveria ser assim? Por que deveriam ser muito mais potentes no momento da concentração? É porque você os está reprimindo e eles reagem com toda a sua força. Outras vezes eles não reagem. Quão incontáveis devem ser essas impressões antigas do passado, todas alojadas em algum lugar de Chitta, prontas, esperando como tigres, para saltar! Estas têm de ser suprimidas para que possa surgir a ideia que desejamos, com exclusão das outras. Em vez disso, todos estão lutando para subir ao mesmo tempo. Estes são os vários poderes dos Samskaras que impedem a concentração da mente. Portanto, este Samadhi que acaba de ser dado é o melhor a ser praticado, devido ao seu poder de suprimir os Samskaras. O Samskara que será elevado por esse tipo de concentração será tão poderoso que impedirá a ação dos outros e os manterá sob controle.

तस्यापि निरोधे सर्वनिरोधानिर्बीजः समाधिः ॥५॥

51. Mesmo pela restrição desta (impressão, que obstrui todas as outras impressões), sendo tudo restringido, surge o Samadhi “sem semente”.

Você se lembra que nosso objetivo é perceber a própria Alma. Não podemos perceber a Alma, porque ela se misturou com a natureza, com a mente, com o corpo. O homem ignorante pensa que seu corpo é a Alma. O homem instruído pensa que sua mente é a Alma. Mas ambos estão enganados. O que faz a Alma se misturar com tudo isso? Diferentes ondas no Chitta surgem e cobrem a Alma; vemos apenas um pequeno reflexo da Alma através destas ondas; então, se a onda é de raiva, vemos a Alma como irada; “Estou com raiva”, diz um deles. Se for de amor, nos vemos refletidos nessa onda e dizemos que estamos amando. Se essa onda for de

fraqueza e a Alma estiver refletida nela, pensamos que somos fracos. Essas diversas ideias vêm dessas impressões, desses Samskaras que cobrem a Alma. A verdadeira natureza da Alma não é percebida enquanto houver uma única onda no lago Chitta; esta natureza real nunca será percebida até que todas as ondas tenham diminuído. Então, primeiro, Patanjali nos ensina o significado dessas ondas; em segundo lugar, a melhor forma de reprimi-los; e em terceiro lugar, como tornar uma onda tão forte que suprima todas as outras ondas, o fogo comendo fogo, por assim dizer. Quando resta apenas um, será fácil suprimi-lo também, e quando isso acabar, este Samadhi ou concentração é chamado sem sementes. Não deixa nada, e a Alma se manifesta tal como é, em Sua própria glória. Só então sabemos que a Alma não é um composto; É o único eterno simples no universo e, como tal, não pode nascer, não pode morrer; É imortal, indestrutível, a essência sempre viva da inteligência.

1.3.9.2 AFORISMOS DE IOGA DE PATANJALI

CAPÍTULO 2: CONCENTRAÇÃO: SUA PRÁTICA

तपः – स्वाध्यायेश्वरप्रणिधानानि क्रियायोगः ॥१॥

1. A mortificação, o estudo e a entrega dos frutos do trabalho a Deus são chamados de Kriyâ-yoga.

Aqueles Samâdhis com os quais terminamos o nosso último capítulo são muito difíceis de alcançar; portanto, devemos abordá-los lentamente. O primeiro passo, o passo preliminar, é chamado Kriya-yoga. Literalmente, isso significa trabalho, trabalhando em prol do Yoga. Os órgãos são os cavalos, a mente é a rédea, o intelecto é o cocheiro, a alma é o cavaleiro e o corpo é a carruagem. O dono da casa, o Rei, o Eu do homem, está sentado nesta carruagem. Se os cavalos forem muito fortes e não obedecerem às rédeas, se o cocheiro, o intelecto, não souber controlar os cavalos, então a carruagem sofrerá. Mas se os órgãos, os cavalos, estiverem bem controlados, e se a rédea, a mente, estiver bem segura nas mãos do cocheiro, o intelecto, a carruagem alcança a meta. O que se entende, portanto, por esta mortificação? Segurar firmemente a rédea enquanto guia

o corpo e os órgãos; não permitindo que façam o que quiserem, mas mantendo ambos sob controle adequado. Estudar . O que se entende por estudo neste caso? Não estudo de romances ou livros de histórias, mas estudo daquelas obras que ensinam a libertação da Alma. Então, novamente, este estudo não significa estudos controversos. Supõe-se que o Iogue terminou seu período de controvérsia. Ele está farto disso e ficou satisfeito. Ele só estuda para intensificar suas convicções. Vâda e Siddhânta – estes são os dois tipos de conhecimento bíblico – Vada (o argumentativo) e Siddhanta (o decisivo). Quando um homem é totalmente ignorante, ele assume o primeiro deles, a luta argumentativa e o raciocínio a favor e contra; e quando termina, ele retoma o Siddhanta, o decisivo, chegando a uma conclusão. Simplesmente chegar a esta conclusão não bastará. Deve ser intensificado. Os livros são infinitos em número e o tempo é curto; portanto, o segredo do conhecimento é pegar o que é essencial. Pegue isso e tente viver de acordo com isso. Existe uma antiga lenda indiana que diz que se você colocar um copo de leite e água diante de um Râja-Hamsa (cisne), ele pegará todo o leite e deixará a água. Dessa forma, deveríamos pegar o que tem valor no conhecimento e deixar a escória. A ginástica intelectual é necessária no início. Não devemos entrar cegamente em nada. O Yogue passou do estado argumentativo e chegou a uma conclusão que é, como as rochas, imóvel. A única coisa que ele procura agora fazer é intensificar essa conclusão. Não discuta, ele diz; se alguém forçar argumentos sobre você, fique em silêncio. Não responda a nenhuma discussão, mas vá embora com calma, porque as discussões só perturbam a mente. A única coisa necessária é treinar o intelecto, de que adianta perturbá-lo à toa? O intelecto é apenas um instrumento fraco e só pode nos dar conhecimento limitado pelos sentidos. O Yogi quer ir além dos sentidos, portanto o intelecto não tem utilidade para ele. Ele tem certeza disso e, portanto, cala-se e não discute. Cada discussão desequilibra sua mente, cria uma perturbação em Chitta, e uma perturbação é uma desvantagem. Argumentações e pesquisas sobre a razão são apenas úteis. Existem coisas muito mais elevadas além deles. A vida inteira não é para brigas de estudantes e sociedades de debate. “Entregar os frutos do trabalho a Deus” é não assumir nem crédito nem culpa, mas entregar ambos ao Senhor e estar em paz.

2. (É para) a prática do Samadhi e a minimização das obstruções que causam dor.

A maioria de nós transforma nossas mentes em crianças mimadas, permitindo-lhes fazer o que quiserem. Portanto, é necessário que Kriya-yoga seja praticado constantemente, a fim de obter o controle da mente e trazê-la à sujeição. As obstruções ao Yoga surgem da falta de controle e nos causam dor. Eles só podem ser removidos negando a mente e mantendo-a sob controle, através do Kriya-yoga.

अविद्यास्मिता- राग- द्वेषाभिनिवेशाः क्लेशाः ॥३॥

3. As obstruções que causam dor são – ignorância, egoísmo, apego, aversão e apego à vida.

Estas são as cinco dores, o vínculo quártuplo que nos prende, do qual a ignorância é a causa e os outros quatro os seus efeitos. É a única causa de toda a nossa miséria. O que mais pode nos deixar infelizes? A natureza da Alma é a bem-aventurança eterna. O que pode torná-lo triste, exceto a ignorância, a alucinação, a ilusão? Toda dor da Alma é simplesmente ilusão.

अविद्या क्षेत्रमुत्तरेषां प्रसुप्त- तनु- विच्छिन्नोदाराणाम् ॥४॥

4. A ignorância é o campo produtivo de todos os que se seguem, sejam eles adormecidos, atenuados, dominados ou expandidos.

A ignorância é a causa do egoísmo, do apego, da aversão e do apego à vida. Essas impressões existem em diferentes estados. Às vezes eles estão adormecidos. Muitas vezes você ouve a expressão “inocente como um bebê”, mas no bebê pode haver o estado de um demônio ou de um deus, que surgirá gradualmente. No Yogue, essas impressões, os Samskâras deixados pelas ações passadas, são atenuados, isto é, existem num estado muito sutil, e ele pode controlá-los, e não permitir que se manifestem. "Superado" significa que às vezes um conjunto de impressões é reprimido por um tempo por aqueles que são mais fortes, mas eles aparecem quando a causa repressora é removida. O último estado é o “expandido”, quando os Samskaras, tendo um ambiente útil, alcançam uma grande atividade, seja boa ou má.

अनित्याशुचि - दुःखानात्मसु नित्य - शुचि - सुखात्मख्यातिरविद्या ॥५॥

5. Ignorância é tomar o não-eterno, o impuro, o doloroso e o não-Eu pelo eterno, o puro, o feliz e o Âtman ou Eu (respectivamente).

Todos os diferentes tipos de impressões têm uma fonte: a ignorância. Temos primeiro que aprender o que é a ignorância. Todos nós pensamos: “Eu sou o corpo, e não o Ser, o puro, o refulgente, o sempre bem-aventurado”, e isso é ignorância. Pensamos no homem e vemos o homem como corpo. Esta é a grande ilusão.

दृग्दर्शनशक्त्योरेकात्मतेवासिता ॥६॥

6. O egoísmo é a identificação do vidente com o instrumento de ver.

Aquele que vê é realmente o Ser, o puro, o sempre santo, o infinito, o imortal. Este é o Eu do homem. E quais são os instrumentos? O Chitta ou matéria mental, o Buddhi ou faculdade determinante, o Manas ou mente, e os Indriyas ou órgãos dos sentidos. Estes são os instrumentos para ele ver o mundo externo, e a identificação do Ser com os instrumentos é o que se chama de ignorância do egoísmo. Dizemos: “Eu sou a mente”, “Eu sou o pensamento”, “Estou com raiva” ou “Estou feliz”. Como podemos ficar com raiva e como podemos odiar? Devemos nos identificar com o Eu que não pode mudar. Se É imutável, como pode ser um momento feliz e um momento infeliz? É sem forma, infinito, onipresente. O que pode mudar isso? Está além de toda lei. O que pode afetar isso? Nada no universo pode produzir efeito sobre Ele. No entanto, através da ignorância, identificamo-nos com a substância mental e pensamos que sentimos prazer ou dor.

सुखानुशयी राजः ॥७॥

7. Apego é aquilo que reside no prazer.

Encontramos prazer em certas coisas, e a mente flui como uma corrente em direção a elas; e seguir o centro de prazer, por assim dizer, é o que se chama apego. Nunca estamos apegados onde não encontramos prazer. Às vezes, sentimos prazer em coisas muito estranhas, mas o princípio permanece: onde quer que encontremos prazer, ali estaremos apegados.

दुःखानुशयी द्वेषः ॥८॥

8. Aversão é aquilo que reside na dor.

Aquilo que nos causa dor, procuramos fugir imediatamente.

स्वरसवाही विदुषोऽपि तथारूढोऽभिनिवेशः ॥९॥

9. Fluindo através de sua própria natureza, e estabelecido até mesmo nos eruditos, está o apego à vida.

Esse apego à vida você vê manifestado em cada animal. Sobre ela foram feitas muitas tentativas para construir a teoria de uma vida futura, porque os homens gostam tanto da vida que desejam também uma vida futura. É evidente que este argumento não tem muito valor, mas o mais curioso é que, nos países ocidentais, a ideia de que este apego à vida indica uma possibilidade de vida futura aplica-se apenas aos homens, mas não incluem animais. Na Índia, este apego à vida tem sido um dos argumentos para provar a experiência e a existência passadas. Por exemplo, se é verdade que todo o nosso conhecimento provém da experiência, então é certo que aquilo que nunca experimentamos não podemos imaginar ou compreender. Assim que as galinhas nascem, elas começam a pegar comida. Muitas vezes já se viu, onde patos foram chocados por galinhas, que, assim que saíram dos ovos, voaram para a água e a mãe pensou que iriam se afogar. Se a experiência é a única fonte de conhecimento, onde é que estas galinhas aprenderam a apanhar comida, ou os patinhos que a água era o seu elemento natural? Se você disser que é instinto, isso não significa nada – é simplesmente uma palavra, mas não há explicação. O que é esse instinto? Temos muitos instintos em nós mesmos. Por exemplo, a maioria de vocês, senhoras, toca piano e lembram-se, quando aprenderam, de como tinham de colocar cuidadosamente os dedos nas teclas pretas e brancas, uma após a outra, mas agora, depois de longos anos de prática, vocês pode conversar com seus amigos enquanto seus dedos tocam mecanicamente. Tornou-se instinto. Assim, com todo trabalho que fazemos; pela prática torna-se instinto, torna-se automático; mas, tanto quanto sabemos, todos os casos que agora consideramos automáticos são razão degenerada. Na linguagem do Yogi, o instinto está envolvido na razão. A discriminação se envolve e se torna Samskaras automáticos. Portanto, é perfeitamente lógico pensar que

tudo o que chamamos de instinto neste mundo é simplesmente razão envolvida. Como a razão não pode existir sem experiência, todo instinto é, portanto, resultado de experiências passadas. As galinhas temem o falcão e os patinhos adoram a água; ambos são resultados de experiências passadas. Então a questão é se essa experiência pertence a uma alma particular, ou simplesmente ao corpo, se esta experiência que chega ao pato é a experiência dos antepassados do pato, ou a experiência do próprio pato. Os cientistas modernos sustentam que pertence ao corpo, mas os iogues sustentam que é a experiência da mente, transmitida através do corpo. Isso é chamado de teoria da reencarnação.

Vimos que todo o nosso conhecimento, quer o chamemos de percepção, ou de razão, ou de instinto, deve passar por aquele único canal chamado experiência, e tudo o que agora chamamos de instinto é o resultado da experiência passada, degenerada em instinto e que o instinto se regenera novamente na razão. Assim por diante, por todo o universo, e sobre isso foi construído um dos principais argumentos a favor da reencarnação na Índia. As experiências recorrentes de vários medos, com o passar do tempo, produzem esse apego à vida. É por isso que a criança tem medo instintivamente, porque a experiência passada de dor está presente nela. Mesmo nos homens mais instruídos, que sabem que este corpo irá desaparecer, e que dizem "não importa, tivemos centenas de corpos, a alma não pode morrer" - mesmo neles, com todas as suas convicções intelectuais, ainda encontramos este apego para a vida. Por que isso está apegado à vida? Vimos que isso se tornou instintivo. Na linguagem psicológica dos Yogis, tornou-se um Samskara. Os Samskaras, finos e escondidos, estão dormindo em Chitta. Toda esta experiência passada de morte, tudo o que chamamos de instinto, é experiência que se tornou subconsciente. Ele vive em Chitta e não está inativo, mas trabalha embaixo dele.

Podemos apreciar e sentir as Chitta-Vrittis, as ondas mentais, que são grosseiras; eles podem ser controlados mais facilmente, mas e os instintos mais sutis? Como eles podem ser controlados? Quando estou com raiva, toda a minha mente se torna uma enorme onda de raiva. Eu sinto, vejo, manipulo, posso manipular facilmente, posso lutar com isso; mas não terei sucesso perfeito na luta até que possa chegar às suas causas. Um homem me diz algo muito duro e começo a sentir que estou ficando exaltado, e ele

continua até que fico totalmente zangado e me esqueço, me identifico com a raiva. Quando ele começou a abusar de mim, pensei: “Vou ficar com raiva”. A raiva era uma coisa e eu era outra; mas quando fiquei com raiva, fiquei com raiva. Esses sentimentos têm de ser controlados no germe, na raiz, em suas formas sutis, antes mesmo de nos tornarmos conscientes de que eles estão agindo sobre nós. Para a grande maioria da humanidade, os estados delicados destas paixões nem sequer são conhecidos – os estados em que emergem do subconsciente. Quando uma bolha sobe do fundo do lago, não a vemos, nem mesmo quando está quase chegando à superfície; só quando ele explode e causa uma onda é que sabemos que ele está lá. Só teremos sucesso em lidar com as ondas quando pudermos dominá-las em suas causas nobres, e até que você possa dominá-las e subjugar-las antes que se tornem grosseiras, não há esperança de conquistar qualquer paixão perfeitamente. Para controlar nossas paixões, temos que controlá-las pela raiz; só então seremos capazes de queimar suas próprias sementes. Assim como as sementes fritas jogadas no chão nunca surgirão, essas paixões nunca surgirão.

ते प्रतिप्रसवहेयाः सूक्ष्माः ॥१०॥

10. Os bons Samskaras devem ser conquistados resolvendo-os em seu estado causal.

Samskaras são as impressões sutis que mais tarde se manifestam em formas grosseiras. Como esses excelentes Samskaras devem ser controlados? Resolvendo o efeito em sua causa. Quando Chitta, que é um efeito, é resolvido em sua causa, Asmitâ ou Egoísmo, somente então as impressões sutis morrem junto com ele. A meditação não pode destruí-los.

ध्यानहेयास्तद्वृत्तयः ॥११॥

11. Através da meditação, as suas modificações (grosseiras) devem ser rejeitadas.

A meditação é um dos grandes meios de controlar o surgimento dessas ondas. Pela meditação você pode fazer com que a mente subjogue essas ondas, e se você continuar praticando meditação por dias, meses e anos, até

que ela se torne um hábito, até que ela aconteça apesar de você mesmo, a raiva e o ódio serão controlados e verificado.

क्लेशमूलः कर्माशयो दुष्टदृजन्मवेदनीयः ॥१२॥

12. O “receptáculo das obras” tem a sua raiz nestas obstruções dolorosas, e a sua experiência está nesta vida visível, ou na vida invisível.

Por “receptáculo de obras” entende-se a soma total dos Samskaras. Seja qual for o trabalho que fazemos, a mente é lançada numa onda e, depois de terminado o trabalho, pensamos que a onda desapareceu. Não. Apenas ficou bom, mas ainda está lá. Quando tentamos lembrar o trabalho, ele surge novamente e se torna uma onda. Então estava lá; caso contrário, não haveria memória. Assim, cada ação, cada pensamento, bom ou mau, simplesmente desaparece e se torna bom, e fica ali armazenado. Tanto os pensamentos felizes quanto os infelizes são chamados de obstruções que causam dor, porque, segundo os iogues, eles, a longo prazo, trazem dor. Toda felicidade que vem dos sentidos acabará por trazer dor. Todo prazer nos deixará com sede de mais, e isso traz como resultado a dor. Não há limites para os desejos do homem; ele continua desejando e quando chega a um ponto em que o desejo não pode ser satisfeito, o resultado é a dor. Portanto, os Iogues consideram a soma total das impressões, boas ou más, como obstruções que causam dor; eles obstruem o caminho para a liberdade da Alma.

O mesmo acontece com os Samskaras, as raízes sutis de todos os nossos trabalhos; são as causas que trarão novamente efeitos, nesta vida ou nas vidas futuras. Em casos excepcionais, quando estes Samskaras são muito fortes, eles dão frutos rapidamente; atos excepcionais de maldade ou de bondade trazem seus frutos ainda nesta vida. Os Yogis sustentam que os homens que são capazes de adquirir um tremendo poder de bons Samskaras não precisam morrer, mas, mesmo nesta vida, podem transformar seus corpos em corpos divinos. Existem vários casos mencionados pelos Yogis em seus livros. Esses homens mudam a própria matéria dos seus corpos; eles reorganizam as moléculas de tal maneira que não têm mais doenças, e o que chamamos de morte não chega até eles. Por que não deveria ser isso? O significado fisiológico da alimentação é a assimilação da energia do sol. A energia chegou à planta, a planta é comida por um animal e o animal pelo homem. A ciência disso é que retiramos muita energia do sol e a tornamos

parte de nós mesmos. Sendo esse o caso, por que deveria haver apenas uma maneira de assimilar energia? O jeito da planta não é igual ao nosso; o processo de assimilação de energia da Terra difere do nosso. Mas todos assimilam energia de uma forma ou de outra. Os iogues dizem que são capazes de assimilar energia apenas pelo poder da mente, que podem absorver tanta energia quanto desejarem, sem recorrer aos métodos comuns. Assim como uma aranha faz sua teia com sua própria substância, fica presa a ela e não pode ir a lugar nenhum exceto ao longo das linhas dessa teia, também projetamos de nossa própria substância esta rede chamada nervos, e não podemos trabalhar exceto através dos canais desses nervos. O Yogue diz que não precisamos ficar presos a isso.

Da mesma forma, podemos enviar eletricidade para qualquer parte do mundo, mas temos que enviá-la por meio de fios. A natureza pode enviar uma vasta massa de eletricidade sem nenhum fio. Por que não podemos fazer o mesmo? Podemos enviar eletricidade mental. O que chamamos de mente é muito parecido com eletricidade. É claro que este fluido nervoso possui alguma quantidade de eletricidade, porque é polarizado e responde a todas as direções elétricas. Só podemos enviar a nossa electricidade através destes canais nervosos. Por que não enviar a eletricidade mental sem esta ajuda? Os Yogis dizem que isso é perfeitamente possível e praticável, e que quando você conseguir fazer isso, você trabalhará em todo o universo. Você poderá trabalhar com qualquer corpo em qualquer lugar, sem a ajuda do sistema nervoso. Quando a alma atua através desses canais, dizemos que o homem está vivo, e quando estes deixam de funcionar, diz-se que o homem está morto. Mas quando um homem é capaz de agir com ou sem estes canais, o nascimento e a morte não terão significado para ele. Todos os corpos do universo são constituídos de Tanmâtras, a diferença está na disposição destes últimos. Se você é o arranjador, pode organizar um corpo de uma forma ou de outra. Quem compõe esse corpo além de você? Quem come a comida? Se outro comesse a comida para você, você não viveria muito. Quem faz o sangue da comida? Você, certamente. Quem purifica o sangue e o envia pelas veias? Você. Somos os donos do corpo e vivemos nele. Só perdemos o conhecimento de como rejuvenescê-lo. Tornamo-nos automáticos, degenerados. Esquecemos o processo de organização de suas moléculas. Então, o que fazemos automaticamente tem que ser feito com conhecimento de causa. Nós somos os senhores e temos de regular esse

acordo; e assim que pudermos fazer isso, seremos capazes de rejuvenescer como quisermos, e então não teremos nem nascimento, nem doença, nem morte.

सति मूलेतद्विपाको जात्यायुर्भोगाः ॥१३॥

13. Estando a raiz ali, a fruição vem (na forma de) espécie, vida e experiência de prazer e dor.

As raízes, as causas, os Samskaras estando lá, eles se manifestam e formam os efeitos. A causa que desaparece torna-se o efeito; o efeito ficando mais sutil torna-se a causa do próximo efeito. Uma árvore produz uma semente, que se torna a causa de outra árvore, e assim por diante. Todas as nossas obras agora são efeitos de Samskaras passados; novamente, essas obras que se tornam Samskaras serão as causas de ações futuras, e assim seguimos em frente. Então este aforismo diz que estando a causa aí, o fruto deve vir, na forma de espécies de seres: um será um homem, outro um anjo, outro um animal, outro um demônio. Depois, há diferentes efeitos do Karma na vida. Um homem vive cinquenta anos, outro cem, outro morre em dois anos e nunca atinge a maturidade; todas essas diferenças na vida são reguladas pelo Karma passado. Um homem nasce, por assim dizer, por prazer; se ele se enterrar numa floresta, o prazer o seguirá até lá. Outro homem, onde quer que vá, é seguido pela dor; tudo se torna doloroso para ele. É o resultado do seu próprio passado. De acordo com a filosofia dos Iogues, todas as ações virtuosas trazem prazer e todas as ações viciosas trazem dor. Qualquer homem que pratique atos perversos certamente colherá seus frutos na forma de dor.

ते ह्यदपरितापफलाः पुण्यापुण्यहेतुत्वात् ॥१४॥

14. Frutificam como prazer ou dor, causados pela virtude ou pelo vício.

परिणामताप - संस्कारदुःखैर्गुणवृत्तिविरोधाच्च
दुःखमेव सर्वं विवेकिनः ॥१५॥

15. Para o discriminador, tudo é, por assim dizer, doloroso porque tudo traz dor, seja como consequência, ou como antecipação da perda de felicidade,

ou como um novo desejo que surge de impressões de felicidade, e também como contraposição de qualidades.

Os iogues dizem que o homem que possui poderes de discriminação, o homem de bom senso, vê através de tudo o que é chamado de prazer e dor, e sabe que eles vêm para todos, e que um segue e se funde com o outro; ele vê que os homens seguem um ignis fatuus durante toda a vida e nunca conseguem realizar seus desejos. O grande rei Yudhishtira disse certa vez que a coisa mais maravilhosa da vida é que a cada momento vemos pessoas morrendo ao nosso redor e, ainda assim, pensamos que nunca morreremos. Cercados de tolos por todos os lados, pensamos que somos as únicas exceções, os únicos homens instruídos. Cercados por todos os tipos de experiências de inconstância, pensamos que nosso amor é o único amor duradouro. Como pode ser? Até o amor é egoísta, e o Iogue diz que no final descobriremos que até o amor dos maridos e das esposas, dos filhos e dos amigos, decai lentamente. A decadência se apodera de tudo nesta vida. É somente quando tudo, até mesmo o amor, falha, que, num piscar de olhos, o homem descobre quão vão, quão onírico é este mundo. Então ele vislumbra Vairâgya (renúncia), vislumbra o Além. Só renunciando a este mundo é que o outro surge; nunca deixei de me agarrar a este. Nunca houve uma grande alma que não tivesse que rejeitar os prazeres e prazeres dos sentidos para adquirir sua grandeza. A causa da miséria é o choque entre as diferentes forças da natureza, uma arrastando para um lado e outra arrastando para outro, impossibilitando a felicidade permanente.

हेयं दुःखमनागतम् ॥१६॥

16. A miséria que ainda não chegou deve ser evitada.

Alguns Karmas já resolvemos, alguns estamos resolvendo agora no presente e alguns estão esperando para dar frutos no futuro. O primeiro tipo já passou e se foi. A segunda teremos que resolver, e só podemos conquistar e controlar aquela que espera dar frutos no futuro, para cujo fim todas as nossas forças devem ser dirigidas. Isto é o que Patanjali quer dizer quando afirma que os Samskaras devem ser controlados resolvendo-os em seu estado causal (Sutra 10).

दृष्टदृश्ययोः संयोगो हेयहेतुः ॥१७॥

17. A causa daquilo que deve ser evitado é a junção do que vê e do que é visto.

Quem é o vidente? O Eu do homem, o Purusha. O que é visto? Toda a natureza, começando pela mente, até a matéria grosseira. Todo prazer e dor surgem da junção entre este Purusha e a mente. O Purusha, você deve lembrar, de acordo com esta filosofia, é puro; quando unido à natureza, parece sentir prazer ou dor por reflexão.

प्रकाश - क्रिया - स्थितिशीलं भूतेन्द्रियात्मकं भोगापवर्गार्थं दृश्यम् ॥१८॥

18. O experienciado é composto de elementos e órgãos, é da natureza da iluminação, da ação e da inércia, e tem o propósito de experiência e liberação (do experimentador).

O experienciado, isto é, a natureza, é composto de elementos e órgãos – os elementos, grosseiros e finos, que compõem toda a natureza, e os órgãos dos sentidos, mente, etc. – e é da natureza da iluminação (Sattva), ação (Rajas) e inércia (Tamas). Qual é o propósito de toda a natureza? Para que o Purusha ganhe experiência. O Purusha, por assim dizer, esqueceu sua natureza poderosa e divina. Há uma história de que o rei dos deuses, Indra, certa vez se tornou um porco, chafurdando na lama; ele tinha uma porquinha e muitos porquinhos e estava muito feliz. Então alguns deuses viram sua situação, foram até ele e lhe disseram: "Você é o rei dos deuses, você tem todos os deuses sob seu comando. Por que você está aqui?" Mas Indra disse: "Não importa; estou bem aqui; não me importo com o céu, enquanto tiver esta porca e estes porquinhos." Os pobres deuses estavam perdendo o juízo. Depois de um tempo eles decidiram matar todos os porcos, um após o outro. Quando todos morreram, Indra começou a chorar e lamentar. Então os deuses rasgaram seu corpo de porco e ele saiu dele, e começou a rir, quando percebeu que sonho horrível ele tinha tido - ele, o rei dos deuses, ter se tornado um porco, e pensar que aquela vida de porco era a única vida! Não só isso, mas ter desejado que todo o universo entrasse na vida de porco! O Purusha, ao se identificar com a natureza, esquece que ela é pura e infinita. O Purusha não ama, é o próprio amor. Não existe, é a própria existência. A Alma não sabe, ela é o próprio conhecimento. É um erro dizer que a Alma ama, existe ou conhece. Amor, existência e conhecimento não são qualidades do Purusha, mas sua essência. Quando

eles refletem sobre algo, você pode chamá-los de qualidades desse algo. Não são as qualidades, mas a essência do Purusha, o grande Atman, o Ser Infinito, sem nascimento nem morte, estabelecido em sua própria glória. Parece ter se tornado tão degenerado que se você se aproximar e dizer: “Você não é um porco”, ele começa a gritar e a morder.

Assim é com todos nós neste Mâyâ, este mundo de sonho, onde tudo é miséria, choro e pranto, onde algumas bolas douradas são roladas e o mundo corre atrás delas. Você nunca foi sujeito a leis, a natureza nunca teve um vínculo com você. Isso é o que o Yogi lhe diz. Tenha paciência para aprender. E o Yogue mostra como, pela junção com a natureza, e identificando-se com a mente e o mundo, o Purusha se considera miserável. Então o Yogi continua mostrando que a saída é através da experiência. Você tem que adquirir toda essa experiência, mas terminá-la rapidamente. Nós nos colocamos nesta rede e teremos que sair. Fomos apanhados na armadilha e teremos que desenvolver a nossa liberdade. Portanto, obtenham esta experiência de maridos, e esposas, e amigos, e pequenos amores; você passará por eles com segurança se nunca esquecer o que realmente é. Nunca esqueça que este é apenas um estado momentâneo e que temos que passar por ele. A experiência é a única grande professora – a experiência do prazer e da dor – mas saiba que é apenas experiência. Ele leva, passo a passo, àquele estado onde todas as coisas se tornam pequenas, e o Purusha tão grande que todo o universo parece uma gota no oceano e cai no seu próprio nada. Temos que passar por experiências diferentes, mas nunca esqueçamos o ideal.

विशेषविशेष लिङ्गमात्रालिङ्गानि गुणपर्वणि ॥१९॥

19. Os estados das qualidades são o definido, o indefinido, o apenas indicado e o sem sinal.

O sistema de Yoga é construído inteiramente sobre a filosofia dos Sâmkhyas, como já lhes disse antes, e aqui novamente irei lembrá-los da cosmologia da filosofia Sankhya. De acordo com os Sankhyas, a natureza é a causa material e eficiente do universo. Na natureza existem três tipos de materiais: o Sattva, os Rajas e os Tamas. O material Tamas é tudo o que é obscuro, tudo o que é ignorante e pesado. O Rajas é atividade. O Sattva é calma, luz. A natureza, antes da criação, é chamada por eles de Avyakta,

indefinida ou indiscreta; isto é, em que não há distinção de forma ou nome, um estado em que estes três materiais são mantidos em perfeito equilíbrio. Então o equilíbrio é perturbado, os três materiais começam a se misturar de várias maneiras e o resultado é o universo. Em cada homem também existem esses três materiais. Quando o material Sattva prevalece, o conhecimento surge; quando Rajas, atividade; e quando Tamas, escuridão, lassidão, ociosidade e ignorância. Segundo a teoria Sankhya, a manifestação mais elevada da natureza, constituída pelos três materiais, é o que chamam de Mahat ou inteligência, inteligência universal, da qual cada intelecto humano faz parte. Na psicologia Sankhya há uma distinção nítida entre Manas, a função da mente, e a função do Buddhi, o intelecto. A função da mente é simplesmente coletar e transmitir impressões e apresentá-las ao Buddhi, o Mahat individual, que determina isso. De Mahat surge o egoísmo, do qual também surgem os materiais nobres. Os materiais finos combinam-se e tornam-se os materiais grosseiros exteriores – o universo externo. A afirmação da filosofia Sankhya é que, começando com o intelecto até um bloco de pedra, tudo é produto de uma substância, diferente apenas como estados de existência mais sutis até mais grosseiros. Quanto mais sutil é a causa e mais grosseiro é o efeito. De acordo com. para a filosofia Sankhya, além de toda a natureza está o Purusha, que não é de forma alguma material. Purusha não é de forma alguma semelhante a qualquer outra coisa, seja Buddhi, ou mente, ou os Tanmatras, ou os materiais grosseiros. Não é semelhante a nenhum deles, é totalmente separado, totalmente diferente em sua natureza, e a partir disso argumentam que o Purusha deve ser imortal, porque não é o resultado de combinação. Aquilo que não é o resultado da combinação não pode morrer. Os Purushas ou almas são infinitos em número.

Agora compreenderemos o aforismo de que os estados das qualidades são definidos, indefinidos, apenas indicados e sem signos. Por "definido" entende-se os elementos grosseiros, que podemos sentir. Por "indefinido" entende-se os materiais muito finos, os Tanmatras, que não podem ser sentidos pelos homens comuns. Se você praticar Yoga, entretanto, diz Patanjali, depois de um tempo suas percepções se tornarão tão apuradas que você realmente verá os Tanmatras. Por exemplo, você já ouviu falar que todo homem tem uma certa luz sobre si; todo ser vivo emite uma certa luz, e isso, diz ele, pode ser visto pelo Yogue. Nem todos vemos isso, mas todos

jogamos fora esses Tanmatras, assim como uma flor envia continuamente partículas finas que nos permitem cheirá-la. Todos os dias de nossas vidas jogamos fora uma grande quantidade de coisas boas ou más, e onde quer que vamos a atmosfera está repleta desses materiais. Foi assim que surgiu na mente humana, inconscientemente, a ideia de construir templos e igrejas. Por que o homem deveria construir igrejas para adorar a Deus? Por que não adorá-Lo em qualquer lugar? Mesmo que ele não soubesse o motivo, o homem descobriu que o lugar onde as pessoas adoravam a Deus ficou cheio de bons Tanmatras. Todos os dias as pessoas vão para lá, e quanto mais vão, mais santos ficam, e mais santo se torna aquele lugar. Se algum homem que não tem muito Sattva for para lá, o lugar irá influenciá-lo e despertar sua qualidade Sattva. Aqui, portanto, está o significado de todos os templos e lugares sagrados, mas você deve lembrar que a santidade deles depende da congregação de pessoas santas ali. A dificuldade do homem é que ele esquece o significado original e coloca a carroça na frente dos bois. Foram os homens que santificaram esses lugares, e então o efeito tornou-se a causa e santificou os homens. Se apenas os ímpios fossem para lá, seria tão ruim quanto qualquer outro lugar. Não é o edifício, mas as pessoas que fazem uma igreja, e é isso que sempre esquecemos. É por isso que os sábios e as pessoas santas, que possuem muito desta qualidade Sattva, podem enviá-la e exercer uma tremenda influência dia e noite no seu entorno. Um homem pode tornar-se tão puro que a sua pureza se tornará tangível. Quem entra em contato com ele torna-se puro.

Em seguida, “o somente indicado” significa o Buddhi, o intelecto. “O indicado apenas” é a primeira manifestação da natureza; dele procedem todas as outras manifestações. O último é “o sem sinal”. Parece haver uma grande diferença entre a ciência moderna e todas as religiões neste ponto. Toda religião tem a ideia de que o universo surge da inteligência. A teoria de Deus, considerando-a no seu significado psicológico, à parte de todas as ideias de personalidade, é que a inteligência está em primeiro lugar na ordem da criação, e que da inteligência surge o que chamamos de matéria grosseira. Os filósofos modernos dizem que a inteligência é a última a chegar. Dizem que coisas pouco inteligentes evoluem lentamente para animais, e dos animais para homens. Eles afirmam que em vez de tudo sair da inteligência, a própria inteligência é a última a surgir. Tanto as afirmações religiosas como as científicas, embora pareçam diretamente

opostas uma à outra, são verdadeiras. Tome uma série infinita, A—B—A—B —A—B. etc. A questão é: qual é o primeiro, A ou B? Se você considerar a série como A—B. você dirá que A é o primeiro, mas se tomar isso como B — A, dirá que B é o primeiro. Depende da maneira como olhamos para isso. A inteligência sofre modificação e se torna a matéria grosseira, esta novamente se funde com a inteligência, e assim o processo continua. Os Sankhyas e outros religiosos colocam a inteligência em primeiro lugar, e a série torna-se inteligência e depois matéria. O homem científico põe o dedo na matéria e diz matéria e depois inteligência. Ambos indicam a mesma cadeia. A filosofia indiana, contudo, vai além da inteligência e da matéria, e encontra um Purusha, ou Eu, que está além da inteligência, da qual a inteligência é apenas a luz emprestada.

दृष्टा बुद्धिमान्नः शुद्धोऽपि प्रत्ययानुपश्यः ॥२०॥

20. O vidente é apenas inteligência e, embora puro, vê através da coloração do intelecto.

Esta é, novamente, a filosofia Sankhya. Vimos pela mesma filosofia que desde a forma mais inferior até à inteligência tudo é natureza; além da natureza estão os Purushas (almas), que não possuem qualidades. Então como a alma parece feliz ou infeliz? Por reflexão. Se uma flor vermelha for colocada perto de um pedaço de cristal puro, o cristal parecerá vermelho, da mesma forma, as aparências de felicidade ou infelicidade da alma são apenas reflexos. A alma em si não tem coloração. A alma está separada da natureza. A natureza é uma coisa, a alma é outra, eternamente separada. Os Sankhyas dizem que a inteligência é um composto, que cresce e diminui, que muda, tal como o corpo muda, e que a sua natureza é quase a mesma que a do corpo. Assim como a unha está para o corpo, o corpo também está para a inteligência. A unha faz parte do corpo, mas pode ser cortada centenas de vezes e o corpo ainda durará. Da mesma forma, a inteligência dura eras, enquanto este corpo pode ser “decomposto”, jogado fora. No entanto, a inteligência não pode ser imortal porque muda – crescendo e diminuindo. Qualquer coisa que mude não pode ser imortal. Certamente a inteligência é fabricada, e esse facto mostra-nos que deve haver algo para além disso. Não pode ser livre, tudo o que está relacionado com a matéria está na natureza e, portanto, está ligado para sempre. Quem é livre? O livre

certamente deve estar além de causa e efeito. Se você disser que a ideia de liberdade é uma ilusão, direi que a ideia de escravidão também é uma ilusão. Dois fatos vêm à nossa consciência e permanecem ou desaparecem um com o outro. Estas são as nossas noções de escravidão e liberdade. Se quisermos atravessar uma parede e a nossa cabeça bater nessa parede, vemos que estamos limitados por ela. Ao mesmo tempo, encontramos força de vontade e pensamos que podemos direcioná-la para todos os lugares. A cada passo essas ideias contraditórias chegam até nós. Temos que acreditar que somos livres, mas a cada momento descobrimos que não somos livres. Se uma ideia é uma ilusão, a outra também é uma ilusão, e se uma é verdadeira, a outra também é verdadeira, porque ambas se baseiam na mesma base – a consciência. O Yogi diz que ambos são verdadeiros; que estamos vinculados no que diz respeito à inteligência, que somos livres no que diz respeito à alma. É a verdadeira natureza do homem, a alma, o Purusha, que está além de toda lei de causalidade. A sua liberdade está se infiltrando através de camadas de matéria em várias formas, inteligência, mente, etc. É a sua luz que brilha através de tudo. A inteligência não tem luz própria. Cada órgão possui um centro específico no cérebro; não é que todos os órgãos tenham um centro; cada órgão é separado. Por que todas as percepções se harmonizam? Onde eles conseguem sua unidade? Se estivesse no cérebro, seria necessário que todos os órgãos, os olhos, o nariz, os ouvidos, etc., tivessem um único centro, embora saibamos com certeza que existem centros diferentes para cada um. Um homem pode ver e ouvir ao mesmo tempo, portanto deve haver uma unidade por trás da inteligência. A inteligência está conectada com o cérebro, mas por trás da inteligência está até mesmo o Purusha, a unidade, onde todas as diferentes sensações e percepções se unem e se tornam uma. A própria alma é o centro onde todas as diferentes percepções convergem e se unificam. Essa alma é livre e é a sua liberdade que lhe diz a cada momento que você é livre. Mas você erra e mistura essa liberdade a cada momento com inteligência e mente. Você tenta atribuir essa liberdade à inteligência e descobre imediatamente que a inteligência não é livre; você atribui essa liberdade ao corpo, e imediatamente a natureza lhe diz que você está novamente enganado. É por isso que existe essa sensação mesclada de liberdade e escravidão ao mesmo tempo. O Yogue analisa tanto o que é livre quanto o que está vinculado, e sua ignorância desaparece. Ele descobre que o Purusha é livre, é a essência

daquele conhecimento que, vindo através do Buddhi, torna-se inteligência e, como tal, está vinculado.

तदर्थ एव दृश्यस्यात्मा ॥२१॥

21. A natureza do vivenciado é para ele.

A natureza não tem luz própria. Enquanto o Purusha estiver presente nele, ele aparecerá como luz. Mas a luz é emprestada; assim como a luz da lua é refletida. De acordo com os Yogis, todas as manifestações da natureza são causadas pela própria natureza, mas a natureza não tem nenhum propósito em vista, exceto libertar o Purusha.

कृतार्थं प्रति नष्टमप्यनष्टं तदन्यसाधारणत्वात् ॥२२॥

22. Embora destruído para aquele cujo objetivo foi alcançado, ainda assim não é destruído, sendo comum a outros.

Toda a atividade da natureza é fazer com que a alma saiba que ela está totalmente separada da natureza. Quando a alma sabe disso, a natureza não tem mais atrativos para ela. Mas toda a natureza desaparece apenas para o homem que se tornou livre. Sempre permanecerá um número infinito de outros, para quem a natureza continuará trabalhando.

स्वस्वामिशक्त्योः स्वरूपोपलब्धिहेतुः संयोगः ॥२३॥

23. A junção é a causa da realização da natureza de ambos os poderes, o experiente e o seu Senhor.

De acordo com este aforismo, ambos os poderes da alma e da natureza manifestam-se quando estão em conjunção. Então todas as manifestações são descartadas. A ignorância é a causa desta conjunção. Vemos todos os dias que a causa da nossa dor ou prazer é sempre a nossa união com o corpo. Se eu estivesse perfeitamente certo de que não sou este corpo, não prestaria atenção ao calor e ao frio, ou qualquer coisa do tipo. Este corpo é uma combinação. É apenas uma ficção dizer que eu tenho um corpo, você outro e o sol outro. Todo o universo é um oceano de matéria, e você é o nome de uma pequena partícula, e eu de outra, e o sol de outra. Sabemos

que este assunto está em constante mudança. O que um dia está formando o sol, no dia seguinte pode formar a matéria do nosso corpo.

तस्य हेतुर्विद्या ॥२४॥

24. A ignorância é a sua causa.

Através da ignorância nos unimos a um corpo particular e assim nos abrimos para a miséria. Esta ideia de corpo é uma simples superstição. É a superstição que nos deixa felizes ou infelizes. É a superstição causada pela ignorância que nos faz sentir calor e frio, dor e prazer. É nossa função superar essa superstição, e o Iogue nos mostra como podemos fazer isso. Foi demonstrado que, sob certas condições mentais, um homem pode ser queimado, mas não sentirá dor. A dificuldade é que esta súbita reviravolta na mente surge como um redemoinho num minuto e desaparece no minuto seguinte. Se, no entanto, conseguirmos isso através do Yoga, alcançaremos permanentemente a separação do Eu e do corpo.

तद्भावात् संयोगाभावो हानं तद्दृशेः कैवल्यम् ॥२५॥

25. Havendo ausência disso (ignorância), há ausência de junção, que é a coisa a ser evitada; essa é a independência do vidente.

De acordo com a filosofia do Yoga, é através da ignorância que a alma se une à natureza. O objetivo é livrar-nos do controle da natureza sobre nós. Esse é o objetivo de todas as religiões. Cada alma é potencialmente divina. O objetivo é manifestar esta Divindade interiormente, controlando a natureza, externa e interna. Faça isso através do trabalho, ou da adoração, ou do controle psíquico, ou da filosofia – por um ou mais ou todos estes – e seja livre. Isto é toda a religião. Doutrinas, ou dogmas, ou rituais, ou livros, ou templos, ou formas, são apenas detalhes secundários. O Yogi tenta atingir esse objetivo através do controle psíquico. Até que possamos nos libertar da natureza, seremos escravos; como ela dita, devemos ir. O Yogi afirma que quem controla a mente também controla a matéria. A natureza interna é muito mais elevada do que a externa e muito mais difícil de enfrentar, muito mais difícil de controlar. Portanto, aquele que conquistou a natureza interna controla todo o universo; torna-se seu servo. Raja-Yoga propõe métodos para obter esse controle. Forças superiores às que

conhecemos na natureza física terão de ser subjugadas. Este corpo é apenas a crosta externa da mente. Não são duas coisas diferentes; eles são como a ostra e sua concha. São apenas dois aspectos de uma coisa; a substância interna da ostra absorve a matéria externa e fabrica a concha. Da mesma forma, as finas forças internas que são chamadas de mente absorvem a matéria grosseira de fora e a partir dela fabricam esta casca externa, o corpo. Se, então, temos controle do interno, é muito fácil ter controle do externo. Então, novamente, estas forças não são diferentes. Não é que algumas forças sejam físicas e outras mentais; as forças físicas são apenas as manifestações grosseiras das forças sutis, assim como o mundo físico é apenas a manifestação grosseira do mundo sutil.

विवेकख्यातिरविप्लवा हानोपायः ॥२६॥

26. O meio de destruição da ignorância é a prática ininterrupta de discriminação.

Este é o verdadeiro objetivo da prática – a discriminação entre o real e o irreal, sabendo que o Purusha não é a natureza, que não é matéria nem mente e que, por não ser natureza, não pode mudar. É apenas a natureza que muda, combinando e recombinaando, dissolvendo-se continuamente. Quando através da prática constante começarmos a discriminar, a ignorância desaparecerá e o Purusha começará a brilhar em sua natureza real – onisciente, onipotente, onipresente.

तस्य सप्तधा प्रान्तभूमिः प्रज्ञा ॥२७॥

27. Seu conhecimento é do nível sétuplo mais elevado.

Quando esse conhecimento chegar; virá, por assim dizer, em sete graus, um após o outro; e quando um deles começa, sabemos que estamos adquirindo conhecimento. O primeiro a aparecer será que sabemos o que deve ser conhecido. A mente deixará de ficar insatisfeita. Embora estejamos conscientes de que temos sede de conhecimento, começamos a procurar aqui e ali, onde quer que pensemos que podemos obter alguma verdade, e não conseguindo encontrá-la, ficamos insatisfeitos e procuramos uma nova direção. Toda busca é vã, até começarmos a perceber que o conhecimento está dentro de nós, que ninguém pode nos ajudar, que devemos ajudar a nós

mesmos. Quando começarmos a praticar o poder da discriminação, o primeiro sinal de que estamos nos aproximando da verdade será que esse estado de insatisfação desaparecerá. Teremos a certeza de que encontramos a verdade e de que ela não pode ser outra coisa senão a verdade. Então poderemos saber que o sol está nascendo, que a manhã está surgindo para nós e, tomando coragem, devemos perseverar até que a meta seja alcançada. A segunda série será a ausência de todas as dores. Será impossível que qualquer coisa no universo, externa ou interna, nos cause dor. A terceira será a obtenção do pleno conhecimento. A onisciência será nossa. A quarta será a obtenção do fim de todo dever através da discriminação. A seguir virá o que é chamado de liberdade de Chitta. Perceberemos que todas as dificuldades e lutas, todas as vacilações da mente caíram, assim como uma pedra rola do topo da montanha para o vale e nunca mais volta a subir. O próximo passo será que a própria Chitta perceberá que se dissolve em suas causas sempre que desejarmos. Finalmente descobriremos que estamos estabelecidos em nosso Eu, que estivemos sozinhos em todo o universo, e nem o corpo nem a mente jamais estiveram relacionados, muito menos unidos, a nós. Eles estavam trabalhando à sua maneira e nós, por ignorância, nos unimos a eles. Mas estivemos sozinhos, onipotentes, onipresentes, sempre abençoados; nosso próprio Eu era tão puro e perfeito que não precisávamos de mais nada. Não precisávamos de mais ninguém para nos fazer felizes, pois somos a própria felicidade. Descobriremos que este conhecimento não depende de mais nada; em todo o universo não pode haver nada que não se torne refulgente antes do nosso conhecimento. Este será o último estado, e o Yogue ficará em paz e calmo, para nunca mais sentir dor, para nunca mais ser iludido, para nunca mais ser tocado pela miséria. Ele saberá que é sempre abençoado, sempre perfeito, todo-poderoso.

योगाङ्गनुष्ठानादशुद्धिक्षये ज्ञानदीप्तिराविवेकख्याते: ॥२८॥

28. Pela prática das diferentes partes do Yoga, sendo as impurezas destruídas, o conhecimento se torna refulgente até a discriminação.

Agora vem o conhecimento prático. O que acabamos de falar é muito mais elevado. Está muito acima de nossas cabeças, mas é o ideal. É necessário

primeiro obter controle físico e mental. Então a realização se tornará estável nesse ideal. Conhecido o ideal, resta praticar o método para alcançá-lo.

यम – नियमासन – प्राणायाम – प्रत्याहार – धारणा – ध्यान – समाधयोऽष्टावङ्गानि ॥२९॥

29. Yama, Niyama, Âsana, Prânâyâama, Pratyâhâra, Dhâranâ, Dhyâna e Samâdhi são os oito membros do Yoga.

अहिंसा – सत्यास्तेय – ब्रह्मचर्यापरिग्रहा यमाः ॥३०॥

30. Não matar, veracidade, não roubar, continência e não receber são chamados Yamas.

Um homem que deseja ser um Yogi perfeito deve abandonar a ideia do sexo. A alma não tem sexo; por que deveria se degradar com ideias sexuais? Mais tarde compreenderemos melhor por que essas ideias devem ser abandonadas. A mente do homem que recebe presentes é influenciada pela mente do doador, de modo que o receptor provavelmente se degenerará. Receber presentes tende a destruir a independência da mente e a nos tornar escravos. Portanto, não receba presentes.

एते जाति – देश – काल – समयानवच्छिन्नाः सार्वभौममहाव्रतम् ॥३१॥

31. Estes, ininterruptos por tempo, lugar, propósito e regras de casta, são grandes votos (universais).

Estas práticas – não matar, veracidade, não roubar, castidade e não receber – devem ser praticadas por todos os homens, mulheres e crianças; por cada alma, independentemente de nação, país ou posição.

शौच – सन्तोष – तपः – स्वाध्यायेश्वरप्रणिधानानि नियमाः ॥३२॥

32. Purificação interna e externa, contentamento, mortificação, estudo e adoração a Deus são os Niyamas.

A purificação externa é manter o corpo puro; um homem sujo nunca será um Yogi. Deve haver purificação interna também. Isso é obtido pelas virtudes mencionadas em I.33. É claro que a pureza interna tem maior valor

do que a externa, mas ambas são necessárias, e a pureza externa, sem a interna, não adianta.

वितर्कबाधने प्रतिपक्षभावनम् ॥३३॥

33. Para obstruir pensamentos que são inimigos do Yoga, devem ser trazidos pensamentos contrários.

Essa é a maneira de praticar as virtudes que foram declaradas. Por exemplo, quando uma grande onda de raiva surge na mente, como podemos controlar isso? Apenas levantando uma onda oposta. Pense no amor. Às vezes uma mãe fica muito zangada com o marido e, nesse estado, o bebê chega e ela o beija; a velha onda desaparece e surge uma nova onda, o amor pela criança. Isso suprime o outro. O amor é o oposto da raiva. Da mesma forma, quando surge a ideia de roubar, deve-se pensar em não roubar; quando surgir a ideia de receber presentes, substitua-a por um pensamento contrário.

वितर्का हिंसादयः कृतकारितानुमोदिता लोभक्रोधमोहपूर्वका मृदुमध्याधि -
मात्रा दुःखाज्ञानानन्तफला इति प्रतिपक्षभावनम् ॥३४॥

34. As obstruções ao Yoga são a matança, a falsidade, etc., sejam elas cometidas, causadas ou aprovadas; seja por avareza, ou raiva, ou ignorância; seja leve, mediano ou ótimo; e resultam em infinita ignorância e miséria. Este é (o método de) pensar o contrário.

Se eu contar uma mentira, ou fizer com que outra pessoa conte uma, ou aprovar que outra pessoa o faça, é igualmente pecaminoso. Se for uma mentira muito branda, ainda assim é uma mentira. Cada pensamento vicioso irá ricochetear, cada pensamento de ódio que você possa ter pensado, mesmo em uma caverna, será armazenado e um dia retornará para você com um poder tremendo na forma de alguma miséria aqui. Se você projetar ódio e ciúme, eles irão repercutir sobre você com juros compostos. Nenhum poder pode evitá-los; depois de colocá-los em movimento, você terá que suportá-los. Lembrar disso o impedirá de fazer coisas más.

अहिंसाप्रतिष्ठायां तत्सन्निधौ वैरत्यागः ॥३५॥

35. Estabelecido o não matar, em sua presença cessam todas as inimizades (em outras).

Se um homem alcançar o ideal de não ferir os outros, diante dele até mesmo os animais que são por natureza ferozes se tornarão pacíficos. O tigre e o cordeiro brincarão juntos diante daquele Yogi. Quando você chegar a esse estado, só então compreenderá que se tornou firmemente estabelecido na não-ferimento.

सत्यप्रतिष्ठायां क्रियाफलाश्रयत्वम् ॥३६॥

36. Pelo estabelecimento da veracidade o Yogue obtém o poder de obter para si e para os outros os frutos do trabalho sem as obras.

Quando esse poder da verdade for estabelecido com você, mesmo em sonhos você nunca dirá uma mentira. Você será verdadeiro em pensamentos, palavras e ações. Tudo o que você disser será verdade. Você pode dizer a um homem: “Seja abençoado”, e esse homem será abençoado. Se um homem estiver doente e você lhe disser: “Seja curado”, ele será curado imediatamente.

अस्तेयप्रतिष्ठायां सर्वरत्नोपस्थानम् ॥३७॥

37. Pelo estabelecimento do não-roubo, toda riqueza chega ao Yogue.

Quanto mais você foge da natureza, mais ela te segue; e se você não se importa com ela, ela se torna sua escrava.

ब्रह्मचर्यप्रतिष्ठायां वीर्यलाभः ॥३८॥

38. Através do estabelecimento da continência ganha-se energia.

O cérebro casto tem uma energia tremenda e uma força de vontade gigantesca. Sem castidade não pode haver força espiritual. A continência dá um controle maravilhoso sobre a humanidade. Os líderes espirituais dos homens têm sido muito continentes e foi isso que lhes deu poder. Portanto o Yogi deve ser continente.

अपरिग्रहस्थैर्ये जन्मकथन्तासंबोधः ॥३९॥

39. Quando ele está fixo na não recepção, ele obtém a memória da vida passada.

Quando um homem não recebe presentes, ele não fica em dívida com os outros, mas permanece independente e livre. Sua mente se torna pura. Com cada presente, é provável que ele receba os males do doador. Se ele não receber, a mente é purificada e o primeiro poder que obtém é a memória da vida passada. Só então o Yogi se torna perfeitamente fixado em seu ideal. Ele vê que esteve indo e vindo muitas vezes, então fica determinado que desta vez será livre, que não irá mais ir e vir, e será escravo da Natureza.

शौचात्स्वाङ्गजुगुप्सा परैरसंसर्गः ॥४०॥

40. Estabelecida a limpeza interna e externa, surge a aversão ao próprio corpo e a não relação sexual com os outros.

Quando há uma verdadeira purificação do corpo, externa e interna, surge a negligência do corpo, e a ideia de mantê-lo agradável desaparece. Um rosto que outros chamam de mais belo parecerá ao Yogue meramente animal, se não houver inteligência por trás dele. O que o mundo chama de rosto muito comum, ele considera celestial, se o espírito brilhar por trás dele. Esta sede de corpo é a grande ruína da vida humana. Assim, o primeiro sinal do estabelecimento da pureza é que você não se importa em pensar que é um corpo. Somente quando a pureza chega é que nos livramos da ideia de corpo.

सत्त्वशुद्धिः - सौमनस्यैकागचेन्द्रियजयात्मदर्शन - योग्यत्वानि च ॥४१॥

41. Também surge a purificação do Sattva, a alegria da mente, a concentração, a conquista dos órgãos e a aptidão para a realização do Ser.

Pela prática da limpeza, o material Sattva prevalece e a mente torna-se concentrada e alegre. O primeiro sinal de que você está se tornando religioso é que você está ficando alegre. Quando um homem está triste, isso pode ser dispepsia, mas não é religião. Uma sensação prazerosa é a natureza do Sattva. Tudo é prazeroso para o homem Sâttvika, e quando isso acontecer, saiba que você está progredindo no Yoga. Toda dor é causada por Tamas, então você deve se livrar dele; a melancolia é um dos Exultantes de

Tamas. Somente os fortes, os bem-educados, os jovens, os saudáveis e os ousados são adequados para serem Yogis. Para o Iogue tudo é felicidade, cada rosto humano que ele vê lhe traz alegria. Esse é o sinal de um homem virtuoso. A miséria é causada pelo pecado e por nenhuma outra causa. Que negócio você tem com rostos nublados? Isto é terrível. Se você está com o rosto nublado, não saia naquele dia, feche-se no seu quarto. Que direito você tem de espalhar esta doença pelo mundo? Quando sua mente fica controlada, você tem controle sobre todo o corpo; em vez de ser escrava desta máquina, a máquina é sua escrava. Em vez de esta máquina ser capaz de arrastar a alma para baixo, ela se torna sua maior companheira.

सन्तोषादनुत्तमः सुखलामः ॥४२॥

42. Do contentamento vem a felicidade superlativa.

कायेन्द्रियसिद्धिक्षयात्तपसः ॥४३॥

43. O resultado da mortificação é trazer poderes aos órgãos e ao corpo, destruindo a impureza.

Os resultados da mortificação são vistos imediatamente, às vezes por meio de poderes de visão aumentados, ouvindo coisas à distância, e assim por diante.

स्वाध्यायादिष्टदेवतासम्प्रयोगः ॥४४॥

44. Pela repetição do Mantra vem a realização da divindade pretendida.

Quanto mais elevados forem os seres que você deseja alcançar, mais difícil será a prática.

समाधिसिद्धिरीश्वरप्रणिधानात् ॥४५॥

45. Ao sacrificar tudo a Ishvara vem o Samadhi.

Pela renúncia ao Senhor, o Samadhi se torna perfeito.

स्थिरसुखमासनम् ॥४६॥

46. Postura é firme e agradável.

Agora vem Asana, postura. Até que você consiga um assento firme, você não poderá praticar a respiração e outros exercícios. A firmeza do assento significa que você não sente o corpo de forma alguma. De maneira comum, você descobrirá que, assim que ficar sentado por alguns minutos, todo tipo de perturbação entrará no corpo; mas quando você ultrapassar a ideia de um corpo concreto, perderá todo o sentido do corpo. Você não sentirá prazer nem dor. E quando você levantar seu corpo novamente, ele se sentirá muito descansado. É apenas um descanso perfeito que você pode dar ao corpo. Quando você conseguir conquistar o corpo e mantê-lo firme, sua prática permanecerá firme, mas enquanto você estiver perturbado pelo corpo, seus nervos ficarão perturbados e você não conseguirá concentrar a mente.

प्रयत्नशैथिल्यानन्तसमापत्तिभ्याम् ॥४७॥

47. Ao diminuir a tendência natural (para a inquietação) e meditar no ilimitado, a postura torna-se firme e agradável.

Podemos tornar o assento firme pensando no infinito. Não podemos pensar no Infinito Absoluto, mas podemos pensar no céu infinito.

ततो द्वन्द्वानमिधातः ॥४८॥

48. Assento conquistado, as dualidades não obstruem.

As dualidades, bom e mau, calor e frio, e todos os pares de opostos, não irão então perturbar você.

तस्मिन् सति श्वासप्रश्वासयोगतिविच्छेदः प्राणायामः ॥४९॥

49. Controlar o movimento da expiração e a inspiração segue depois disso.

Quando a postura for conquistada, o movimento do Prana deverá ser quebrado e controlado. Assim chegamos ao Pranayama, o controle das forças vitais do corpo. Prana não é respiração, embora geralmente seja assim traduzido. É a soma total da energia cósmica. É a energia que está em cada corpo, e a sua manifestação mais aparente é o movimento dos

pulmões. Esse movimento é causado pelo Prana inspirando e é o que procuramos controlar no Pranayama. Começamos controlando a respiração, como a maneira mais fácil de controlar o Prana.

बाह्याभ्यन्तरस्तम्भवृत्तिः देशकालसंख्याभिः परिदृष्टो दीर्घसूक्ष्मः ॥५०॥

50. Suas modificações são externas ou internas, ou imóveis, reguladas por lugar, termos e número, seja longo ou curto.

Os três tipos de movimento de Pranayama são: um pelo qual inspiramos, outro pelo qual o expiramos, e a terceira ação é quando a respiração é retida nos pulmões ou impedida de entrar nos pulmões. Estes, novamente, variam de acordo com o local e o tempo. Por lugar entende-se que o Prana é mantido em alguma parte específica do corpo. Por tempo entende-se quanto tempo o Prana deve ficar confinado a um determinado lugar, e assim somos informados de quantos segundos devemos manter um movimento e quantos segundos devemos manter outro. O resultado deste Pranayama é Udghâta, despertando a Kundalini.

बाह्याभ्यन्तरविषया क्षेपी चतुर्थः ॥५१॥

51. A quarta é restringir o Prana refletindo sobre o objeto externo ou interno.

Este é o quarto tipo de Pranayama, no qual o Kumbhaka é realizado por uma longa prática acompanhada de reflexão, que está ausente nos outros três.

ततः क्षीयते प्रकाशावरणम् ॥५२॥

52. A partir disso, a cobertura da luz de Chitta é atenuada.

O Chitta possui, por sua própria natureza, todo conhecimento. É feito de partículas de Sattva, mas é coberto por partículas de Rajas e Tamas, e por Pranayama essa cobertura é removida.

धारणासु च योग्यता मनसः ॥५३॥

53. A mente torna-se apta para Dharana.

Depois que essa cobertura for removida, seremos capazes de concentrar a mente.

स्वस्वविषयासम्प्रयोगे चित्तस्वरूपानुकार इवेन्द्रियाणां प्रत्याहारः ॥५४॥

54. A absorção dos órgãos ocorre quando eles abandonam seus próprios objetos e assumem a forma da substância mental, por assim dizer.

Os órgãos são estados separados da matéria mental. Vejo um livro; a forma não está no livro, está na mente. Algo está fora e chama essa forma. A verdadeira forma está no Chitta. Os órgãos se identificam e assumem a forma de tudo o que lhes acontece. Se você puder impedir que a substância mental assuma essas formas, a mente permanecerá calma. Isso é chamado Pratyahara.

ततः परमा वश्यतेन्द्रियाणाम् ॥५५॥

55. Daí surge o controle supremo dos órgãos.

Quando o Yogue consegue evitar que os órgãos assumam a forma de objetos externos e fazê-los permanecer unos com a substância mental, então surge o controle perfeito dos órgãos. Quando os órgãos estão perfeitamente sob controle, todos os músculos e nervos estarão sob controle, porque os órgãos são os centros de todas as sensações e de todas as ações. Esses órgãos são divididos em órgãos de trabalho e órgãos de sensação. Quando os órgãos são controlados, o Yogue pode controlar todos os sentimentos e ações; todo o corpo fica sob seu controle. Somente então a pessoa começa a sentir alegria ao nascer; então pode-se dizer com sinceridade: “Bem-aventurado sou por ter nascido”. Quando esse controle dos órgãos é obtido, sentimos quão maravilhoso é realmente este corpo.

1.3.9.3 AFORISMOS DE IOGA DE PATANJALI

CAPÍTULO 3: PODERES

Chegamos agora ao capítulo em que os poderes do Yoga são descritos.

देशबन्धश्चित्तस्य धारणा ॥१॥

1. Dhâranâ é manter a mente concentrada em algum objeto específico.

Dharana (concentração) é quando a mente se agarra a algum objeto, seja no corpo ou fora do corpo, e se mantém nesse estado.

तत्र प्रत्ययैकतानता ध्यानम् ॥२॥

2. Um fluxo ininterrupto de conhecimento nesse objeto é Dhyâna.

A mente tenta pensar em um objeto, fixar-se em um ponto específico, como o topo da cabeça, o coração, etc., e se a mente consegue receber as sensações apenas através daquela parte do corpo, e através de nenhuma outra parte, isso seria Dharana, e quando a mente consegue manter-se nesse estado por algum tempo, isso é chamado de Dhyana (mediação).

तदैवार्थमात्रनिर्भासं स्वरूपशून्यमिव समाधिः ॥३॥

3. Quando isso, abandonando todas as formas, reflete apenas o significado, é Samâdhi.

Isso acontece quando na meditação a forma ou a parte externa é abandonada. Suponha que eu estivesse meditando em um livro e conseguisse gradualmente concentrar a mente nele e perceber apenas as sensações internas, o significado, não expresso de qualquer forma - esse estado de Dhyana é chamado de Samadhi.

त्रैयमेकत्र संयमः ॥४॥

4. (Estes) três (quando praticados) em relação a um objeto é Samyama.

Quando um homem consegue direcionar sua mente para qualquer objeto específico e fixá-lo ali, e então mantê-lo ali por um longo tempo, separando o objeto da parte interna, isso é Samyama; ou Dharana, Dhyana e Samadhi, um seguindo o outro, e formando um. A forma da coisa desapareceu e apenas o seu significado permanece na mente.

तज्जयात् प्रज्ञाऽऽलोकः ॥५॥

5. Pela conquista disso vem a luz do conhecimento.

Quando alguém consegue fazer este Samyama, todos os poderes ficam sob seu controle. Este é o grande instrumento do Yogi. Os objetos de conhecimento são infinitos e são divididos em grosseiro, mais grosseiro, mais grosseiro e sutil, mais sutil, mais refinado e assim por diante. Este Samyama deve ser aplicado primeiro às coisas grosseiras, e quando você começar a obter conhecimento deste grosseiro, lentamente, por etapas, ele deverá ser levado às coisas mais sutis.

तस्य भूमिषु विनियोगः ॥६॥

6. Isso deve ser empregado em etapas.

Esta é uma nota de advertência para não tentar ir rápido demais.

त्रयमन्तरङ्गं पूर्वैभ्यः ॥७॥

7. Estes três são mais internos do que os anteriores.

Antes destes tivemos o Pratyâhâra, o Prânâyâma, o Âsana, o Yama e o Niyama; são partes externas dos três – Dharana, Dhyana e Samadhi. Quando um homem os alcança, ele pode alcançar a onisciência e a onipotência, mas isso não seria salvação. Esses três fariam; não tornaria a mente Nirvikalpa, imutável, mas deixaria as sementes para obter corpos novamente. Somente quando as sementes são, como diz o Iogue, “fritas”, é que perdem a possibilidade de produzir novas plantas. Esses poderes não podem fritar a semente.

तदपि बहिरङ्गं निर्बीजस्य ॥८॥

8. Mas mesmo eles são externos aos sem sementes (Samadhi).

Comparados com aquele Samadhi sem sementes, portanto, mesmo estes são externos. Ainda não atingimos o verdadeiro Samadhi, o estágio mais elevado, mas inferior, no qual este universo ainda existe como o vemos, e no qual estão todos esses poderes.

बुद्धान् निरोधसंस्कारयोरभिभव-प्रादुर्भावौ निरोधश्चक्षुःचित्तान्वयो निरोध-परिणामः ॥९॥

9. Pela supressão das impressões perturbadas da mente e pelo surgimento de impressões de controle, diz-se que a mente, que persiste naquele momento de controle, atinge as modificações controladoras.

Isto é, neste primeiro estado de Samadhi as modificações da mente foram controladas, mas não perfeitamente, porque se o fossem, não haveria modificações. Se houver uma modificação que impele a mente a correr através dos sentidos, e o Yogue tentar controlá-la, esse próprio controle será uma modificação. Uma onda será controlada por outra onda, portanto não será o verdadeiro Samadhi em que todas as ondas diminuirão, pois o próprio controle será uma onda. No entanto, este Samadhi inferior está muito mais próximo do Samadhi superior do que quando a mente começa a borbulhar.

तस्य प्रशान्तवाहिता संस्कारात् ॥१०॥

10. Seu fluxo torna-se constante pelo hábito.

O fluxo desse controle contínuo da mente torna-se constante quando praticado dia após dia, e a mente obtém a faculdade de concentração constante.

सर्वार्थतैकाग्रतयोः क्षयोदयौ चित्तस्य समाधि-परिणामः ॥११॥

11. Tomando todos os tipos de objetos e concentrando-se em um objeto, esses dois poderes sendo destruídos e manifestados respectivamente, o Chitta obtém a modificação chamada Samadhi.

A mente pega vários objetos, se depara com todo tipo de coisas. Esse é o estado inferior. Existe um estado superior da mente, quando ela assume um objeto e exclui todos os outros, do qual o Samadhi é o resultado.

शान्तोदितौ तुल्यप्रत्ययौ चित्तस्यैकाग्रता-परिणामः ॥१२॥

12. A unidirecionalidade de Chitta ocorre quando a impressão do passado e a do presente são semelhantes.

Como podemos saber que a mente ficou concentrada? Porque a ideia do tempo desaparecerá. Quanto mais o tempo passa despercebido mais concentrados ficamos. Na vida comum vemos que quando nos interessamos por um livro não anotamos a hora e, quando saímos do livro, muitas vezes ficamos surpresos ao descobrir quantas horas se passaram. Todo o tempo terá a tendência de vir e permanecer naquele presente. Assim, a definição é dada: quando o passado e o presente se unem, diz-se que a mente está concentrada. [2]

एतेन भूतेन्द्रियेषु धर्मलक्षणावस्थापरिणामा व्याख्याताः ॥१३॥

13. Com isto se explica a tríplice transformação da forma, do tempo e do estado, na matéria fina ou grosseira e nos órgãos.

Pelas três mudanças na substância mental quanto à forma, tempo e estado são explicadas as mudanças correspondentes na matéria grosseira e sutil e nos órgãos. Suponha que haja um pedaço de ouro. Ele se transforma em pulseira e novamente em brinco. Estas são mudanças quanto à forma. Os mesmos fenômenos observados do ponto de vista do tempo nos dão mudanças quanto ao tempo. Novamente, a pulseira ou o brinco podem ser brilhantes ou foscos, grossos ou finos, e assim por diante. Esta é uma mudança de estado. Agora, referindo-nos aos aforismos 9, 11 e 12, a substância mental está se transformando em Vrittis – isto é mudança quanto à forma. O fato de passar por momentos passados, presentes e futuros é uma mudança no tempo. O fato de as impressões variarem quanto à intensidade dentro de um período específico, digamos, o presente, é uma mudança quanto ao estado. As concentrações ensinadas nos aforismos anteriores deveriam dar ao Yogue um controle voluntário sobre as transformações de sua substância mental, o que por si só o capacitará a realizar o Samyama mencionado no Sutra 4.

शान्तोदित्वाव्यपदेश्यधर्मानुपासी धर्मी ॥१४॥

14. Aquilo que sofre a ação de transformações, sejam passadas, presentes ou ainda a serem manifestadas, é o qualificado.

Isto é, o qualificado é a substância que está sendo influenciada pelo tempo e pelos Samskâras, e sendo alterada e manifestada sempre.

क्रमान्यत्वं परिणामान्यत्वे हेतुः ॥१५॥

15. A sucessão de mudanças é a causa da evolução múltipla.

परिणामत्रयसंयमादतीतानागतज्ञानम् ॥१६॥

16. Ao fazer Samyama nos três tipos de mudanças vem o conhecimento do passado e do futuro.

Não devemos perder de vista a primeira definição de Samyama. Quando a mente atingiu aquele estado em que se identifica com a impressão interna do objeto, deixando a externa, e quando, por longa prática, isso é retido pela mente e a mente pode entrar nesse estado em um momento, isso é Samyama. Se um homem nesse estado quiser conhecer o passado e o futuro, ele terá que fazer um Samyama sobre as mudanças nos Samskaras (III. 13). Alguns estão trabalhando agora, alguns já deram certo e alguns estão esperando para trabalhar. Então, ao fazer um Samyama sobre isso, ele conhece o passado e o futuro.

शब्दार्थप्रत्ययानामितरेतराध्यासात्सङ्कस्तत्प्रविभागसंयमात् सर्वभूतरुतज्ञानम् ॥१७॥

17. Ao fazer Samyama com base em palavra, significado e conhecimento, que normalmente são confundidos, surge o conhecimento de todos os sons dos animais.

A palavra representa a causa externa, o significado representa a vibração interna que viaja até o cérebro através dos canais dos Indriyas, transmitindo a impressão externa à mente, e o conhecimento representa a reação da mente, com a qual vem a percepção. Esses três, confusos, constituem nossos objetos dos sentidos. Suponha que eu ouça uma palavra; há primeiro a vibração externa, depois a sensação interna levada à mente pelo órgão da audição, então a mente reage e eu conheço a palavra. A palavra que conheço é uma mistura das três – vibração, sensação e reação. Normalmente estes três são inseparáveis; mas pela prática o Yogi pode separá-los. Quando um homem atinge isso, se ele faz um Samyama sobre qualquer som, ele entende o significado que aquele som pretendia expressar, seja ele feito pelo homem ou por qualquer outro animal.

संस्कारसाक्षात्करणान् पूर्वजातिज्ञानम् ॥१८॥

18. Ao perceber as impressões, (vem) o conhecimento da vida passada.

Cada experiência que temos vem na forma de uma onda em Chitta, e isso diminui e se torna cada vez mais sutil, mas nunca se perde. Ela permanece lá em forma diminuta, e se pudermos trazer essa onda novamente, ela se tornará memória. Assim, se o Yogi puder fazer um Samyama nessas impressões passadas na mente, ele começará a se lembrar de todas as suas vidas passadas.

प्रत्ययस्य परचित्तज्ञानम् ॥१९॥

19. Ao fazer Samyama sobre os sinais no corpo de outra pessoa, vem o conhecimento de sua mente.

Cada homem possui sinais particulares em seu corpo, que o diferenciam dos demais; quando o Yogi faz um Samyama sobre esses sinais, ele conhece a natureza da mente daquela pessoa.

न च तत् सालम्बनं तस्याविषयीभूतत्वात् ॥२०॥

20. Mas não o seu conteúdo, que não é o objeto do Samyama.

Ele não conheceria o conteúdo da mente fazendo um Samyama no corpo. Seria necessário um Samyama duplo, primeiro nos sinais do corpo e depois na própria mente. O Yogi então saberia tudo o que está naquela mente.

कायरूपसंयमात्तद्गाह्यशक्ति स्तम्भे चक्षुः प्रकाशासंयोगोऽन्तर्धानम् ॥२१॥

21. Ao fazer Samyama na forma do corpo, a perceptibilidade da forma sendo obstruída e o poder de manifestação no olho sendo separado, o corpo do Yogue torna-se invisível.

Um Yogi parado no meio desta sala pode aparentemente desaparecer. Ele realmente não desaparece, mas não será visto por ninguém. A forma e o corpo estão, por assim dizer, separados. Você deve lembrar que isso só pode ser feito quando o Yogue tiver alcançado aquele poder de concentração quando a forma e a coisa formada estiverem separadas. Então ele faz um

Samyama sobre isso, e o poder de perceber as formas é obstruído, porque o poder de perceber as formas vem da junção da forma e da coisa formada.

एतेन शब्दाद्यन्तर्धानमुक्तम् ॥२२॥

22. Com isto também se explica o desaparecimento ou ocultação de palavras que estão sendo ditas e outras coisas.

सोपक्रमं निरुपक्रमं च कर्म तत्संयमादपरान्तज्ञानमरिष्टेभ्यो वा ॥२३॥

23. O karma é de dois tipos – que logo frutificará e que frutificará tarde. Ao fazer Samyana sobre estes, ou pelos sinais chamados Arishta, presságios, os Yogis sabem o momento exato da separação de seus corpos.

Quando um Yogi faz um Samyama em seu próprio Karma, sobre aquelas impressões em sua mente que estão agora funcionando, e aquelas que estão apenas esperando para funcionar, ele sabe exatamente por aquelas que estão esperando quando seu corpo cairá. Ele sabe quando vai morrer, a que horas, até mesmo a que minutos. Os hindus dão muita importância a esse conhecimento ou consciência da proximidade da morte, porque é ensinado no Gita que os pensamentos no momento da partida são grandes poderes na determinação da próxima vida.

मैत्र्यादिषु बलानि ॥२४॥

24. Ao fazer Samyama sobre amizade, misericórdia, etc. (Capítulo 1. Sutra 33), o Yogi se destaca nas respectivas qualidades.

बलेषु हस्तिबलादीनि ॥२५॥

25. Ao fazer Samyama com base na força do elefante e de outros, a respectiva força chega ao Yogi.

Quando um Yogi atinge este Samyama e deseja força, ele faz um Samyama com base na força do elefante e o consegue. A energia infinita está à disposição de todos, desde que saibam como obtê-la. O Yogi descobriu a ciência para obtê-lo.

प्रवृत्त्यालोकन्यासात् सूक्ष्म-व्यवहित-विप्रकृष्टज्ञानम् ॥२६॥

26. Ao fazer Samyama na Luz Refulgente (Capítulo 1. Sutra 36), vem o conhecimento do que é sutil, do que é obstruído e do que é remoto.

Quando o Yogi faz Samyama naquela Luz Refulgente no coração, ele vê coisas que são muito remotas, coisas, por exemplo, que estão acontecendo em um lugar distante e que estão obstruídas por barreiras montanhosas, e também coisas que são muito boas.

भुवनज्ञानं सूर्ये संयमात् ॥२७॥

27. Ao fazer Samyama no sol, (vem) o conhecimento do mundo.

चन्द्रे ताराव्यूहज्ञानम् ॥२८॥

28. Na lua, (vem) o conhecimento do aglomerado de estrelas.

ध्रुवे तद्गतिज्ञानम् ॥२९॥

29. Na estrela polar, (vem) o conhecimento dos movimentos das estrelas.

नाभिचक्रे कायव्यूहज्ञानम् ॥३०॥

30. No círculo do umbigo, (vem) o conhecimento da constituição do corpo.

कण्ठकूपे क्षुत्पिपासानिवृत्तिः ॥३१॥

31. Na cavidade da garganta, (vem) a cessação da fome.

Quando um homem está com muita fome, se ele consegue fazer Samyama no fundo da garganta, a fome cessa.

कूर्मनड्यां स्थैर्यम् ॥३२॥

32. No nervo chamado Kurma, (vem) a fixidez do corpo.

Quando ele está praticando, o corpo não é perturbado.

मूर्धज्योतिषि सिद्धदर्शनम् ॥३३॥

33. Na luz que emana do topo da cabeça, visão dos Siddhas.

Os Siddhas são seres que estão um pouco acima dos fantasmas. Quando o Yogi concentra sua mente no topo de sua cabeça, ele verá esses Siddhas. A palavra Siddha não se refere aos homens que se tornaram livres – sentido em que é frequentemente usada.

प्रातिमाह्वा सर्वम् ॥३३॥

34. Ou pelo poder de Pratibha, todo conhecimento.

Tudo isso pode vir sem qualquer Samyama para o homem que tem o poder de Pratibha (iluminação espontânea da pureza). Quando um homem se eleva a um estado elevado de Pratibha, ele possui aquela grande luz. Todas as coisas são aparentes para ele. Tudo vem para ele naturalmente, sem fazer Samyama.

हृदये चित्त-संवित् ॥३४॥

35. No coração, conhecimento das mentes.

सत्त्वपुरुषयोरत्यन्तासंकीर्णयोः पत्ययाविशेषाद् भोगः परार्थत्वात् स्वार्थसंयमात् पुरुषज्ञानम् ॥३५॥

36. O prazer vem da não discriminação da alma e de Sattva, que são totalmente diferentes porque as ações deste último são para outra pessoa. Samyama, no egocêntrico, dá conhecimento do Purusha.

Toda ação de Sattva, uma modificação de Prakriti caracterizada pela luz e felicidade, é para a alma. Quando Sattva está livre do egoísmo e iluminado com a inteligência pura de Purusha, ele é chamado de egocêntrico, porque nesse estado ele se torna independente de todas as relações.

ततः प्रातिमश्रावणवेदनादर्शास्वादवार्ता जायन्ते ॥३६॥

37. Disso surge o conhecimento pertencente a Pratibha e (sobrenatural) ouvir, tocar, ver, saborear e cheirar.

ते समाधावुपसर्गा व्युत्थाने सिद्ध्यः ॥३७॥

38. Estes são obstáculos ao Samadhi; mas eles são poderes no estado mundano.

Para o Yogi, o conhecimento dos prazeres do mundo vem da junção do Purusha e da mente. Se ele quiser fazer Samyama sabendo que são duas coisas diferentes, natureza e alma, ele obtém conhecimento do Purusha. Daí surge a discriminação. Quando ele consegue esse discernimento, ele obtém Pratibha, a luz do gênio supremo. Esses poderes, entretanto, são obstáculos à realização do objetivo mais elevado, o conhecimento do Ser puro e da liberdade. Estas devem, por assim dizer, ser encontradas no caminho; e se o Yogue os rejeita, ele alcança o mais elevado. Se ele for tentado a adquiri-los, seu progresso será impedido.

बन्धकारणैश्चित्यत् प्रचारसंवेदनाच्च चित्तस्य परशरीरावेशः ॥३९॥

39. Quando a causa da escravidão de Chitta se torna afrouxada, o Yogi, pelo seu conhecimento dos seus canais de atividade (os nervos), entra no corpo de outra pessoa.

O Yogi pode entrar num cadáver e fazê-lo levantar-se e mover-se, mesmo enquanto ele próprio está trabalhando em outro corpo. Ou ele pode entrar num corpo vivo e manter a mente e os órgãos desse homem sob controle e, por enquanto, agir através do corpo desse homem. Isso é feito pelo Yogi que chega a esta discriminação de Purusha e da natureza. Se ele quiser entrar no corpo de outro, ele faz um Samyama nesse corpo e entra nele, porque não só sua alma é onipresente, mas também sua mente, como ensina o Yogi. É um pedaço da mente universal. Agora, porém, só pode funcionar; através das correntes nervosas deste corpo, mas quando o Yogue se liberta dessas correntes nervosas, ele pode trabalhar através de outras coisas.

उदानजयाज्जलपङ्ककण्टकादिष्वसङ्ग उत्क्रान्तिश्च ॥४०॥

40. Ao conquistar a corrente chamada Udâna o Yogue não afunda na água ou em pântanos, pode andar sobre espinhos etc., podendo morrer à vontade.

Udana é o nome da corrente nervosa que governa os pulmões e todas as partes superiores do corpo e, quando ele a domina, torna-se leve. Ele não

afunda na água; ele pode andar sobre espinhos e lâminas de espadas, permanecer no fogo e partir desta vida sempre que quiser.

समानजयात् प्रज्वलनम् ॥४१॥

41. Pela conquista do atual Samâna ele é cercado por um clarão de luz.

Sempre que ele gosta, a luz brilha em seu corpo.

श्रोत्राकाशयोः सम्बन्धसंयमाद्विद्यं श्रोत्रम् ॥४२॥

42. Ao fazer Samyama sobre a relação entre o ouvido e o Akasha surge a audição divina.

Existe o Akasha, o éter, e o instrumento, o ouvido. Ao fazer Samyama neles, o Yogi obtém uma audição supranormal; ele ouve tudo. Qualquer coisa falada ou soada a quilômetros de distância ele pode ouvir.

कायाकाशयोः सम्बन्धसंयमालुघुत्तुल समापत्तेश्चाकाशगमनम् ॥४३॥

43. Ao fazer Samyama sobre a relação entre o Akasha e o corpo e tornar-se leve como algodão, etc., através da meditação sobre eles, o iogue atravessa os céus.

Este Akasha é o material deste corpo; é apenas Akasha em certa forma que se tornou o corpo. Se o Yogi fizer um Samyama neste material Akasha de seu corpo, ele adquire a leveza do Akasha, e ele pode ir a qualquer lugar através do ar. Assim também no outro caso.

बहिरकल्पिता वृत्तिर्महाविदेहा ततः प्रकाशावरणक्षयः ॥४४॥

44. Ao fazer Samyama nas “modificações reais” da mente, fora do corpo, chamadas de grande desencarnação, ocorre o desaparecimento da cobertura para a luz.

A mente, em sua tolice, pensa que está trabalhando neste corpo. Por que eu deveria estar preso a um sistema nervoso e colocar o Ego apenas em um corpo, se a mente é onipresente? Não há razão para que eu deveria. O Yogi quer sentir o Ego onde quiser. As ondas mentais que surgem na ausência de

egoísmo no corpo são chamadas de “modificações reais” ou “grande desencarnação”. Quando ele consegue fazer Samyama nessas modificações, toda cobertura para a luz desaparece e toda escuridão e ignorância desaparecem. Tudo lhe parece cheio de conhecimento.

स्थूल-स्वरूप-सूक्ष्मान्वयार्थवत्त्वसंयमाद्भूतजयः ॥४५॥

45. Ao fazer Samyama nas formas grosseiras e finas dos elementos, seus traços essenciais, a inerência dos Gunas neles e sua contribuição para a experiência da alma, vem o domínio dos elementos.

O Yogi faz Samyama nos elementos, primeiro nos estados grosseiros e depois nos estados mais sutis. Este Samyama é adotado mais por uma seita budista. Eles pegam um pedaço de argila e fazem Samyama nele, e gradualmente começam a ver os materiais finos dos quais ele é composto, e quando conhecem todos os materiais finos contidos nele, obtêm poder sobre aquele elemento. O mesmo acontece com todos os elementos. O Yogi pode conquistar todos eles.

ततोऽणिमादिप्रदुर्भावः कायसम्पत्तदुर्मानभिघातश्च ॥४६॥

46. Disso vem a pequenez e o resto dos poderes, a “glorificação do corpo” e a indestrutibilidade das qualidades corporais.

Isto significa que o Yogi atingiu os oito poderes. Ele pode tornar-se tão minúsculo quanto uma partícula, ou tão grande quanto uma montanha, tão pesado quanto a terra, ou tão leve quanto o ar; ele pode alcançar tudo o que quiser, pode governar tudo o que quiser, pode conquistar tudo o que quiser e assim por diante. Um leão sentar-se-á aos seus pés como um cordeiro, e todos os seus desejos serão satisfeitos à vontade.

रूप-लावण्य-बल-वज्रसंहननत्वानि कायसम्पत् ॥४७॥

47. A “glorificação do corpo” é beleza, tez, força, dureza adamantina.

O corpo se torna indestrutível. Nada pode prejudicá-lo. Nada pode destruí-lo até que o Yogue o deseje. "Quebrando a barra do tempo, ele vive neste

universo com seu corpo." Nos Vedas está escrito que para esse homem não existe mais doença, morte ou dor.

ग्रहण – स्वरूपास्मितान्वयार्थवत्त्वसंयमादिन्द्रियजयः ॥४८॥

48. Ao fazer Samyama sobre a objetividade e o poder de iluminação dos órgãos, sobre o egoísmo, a inerência dos Gunas neles e sobre sua contribuição para a experiência da alma, vem a conquista dos órgãos.

Na percepção dos objetos externos os órgãos saem do seu lugar na mente e vão em direção ao objeto; isso é seguido pelo conhecimento. O egoísmo também está presente no ato. Quando o Yogi faz Samyama nestes e nos outros dois por gradação, ele conquista os órgãos. Pegue qualquer coisa que você veja ou sinta, um livro, por exemplo; primeiro concentre a mente nisso, depois no conhecimento que está na forma de um livro, e depois no Ego que vê o livro, e assim por diante. Através dessa prática todos os órgãos serão conquistados.

ततो मनोजवित्वं विकरणभावः प्रधानजयश्च ॥४९॥

49. Daí vem para o corpo o poder do movimento rápido como a mente, o poder dos órgãos independentemente do corpo e a conquista da natureza.

Assim como pela conquista dos elementos surge o corpo glorificado, da conquista dos órgãos surgirão os poderes acima mencionados.

सत्त्वपुरुषान्यताख्यातिमात्रस्य सर्वभावाधिष्ठातृत्वं सर्वज्ञातृत्वश्च ॥५०॥

50. Ao fazer Samyama sobre a discriminação entre o Sattva e o Purusha, surge a onipotência e a onisciência.

Quando a natureza for conquistada e a diferença entre o Purusha e a natureza for percebida – que o Purusha é indestrutível, puro e perfeito – então vem a onipotência e a onisciência.

तद्वैराग्यादपि दोषबीजक्षये कैवल्यम् ॥५१॥

51. Ao abrir mão até mesmo desses poderes, ocorre a destruição da própria semente do mal, que leva a Kaivalya.

Ele alcança a solidão, a independência e se torna livre. Quando se abandona até mesmo as ideias de onipotência e onisciência, surge a rejeição total do prazer, das tentações dos seres celestiais. Quando o Yogi vê todos esses poderes maravilhosos e os rejeita, ele alcança a meta. Quais são todos esses poderes? Simplesmente manifestações. Eles não são melhores que os sonhos. Até a onipotência é um sonho. Depende da mente. Enquanto houver uma mente, ela poderá ser compreendida, mas o objetivo está além até mesmo da mente.

स्थान्युपनिमन्त्रणे सद्गमयाकरणं पुनरनिष्टप्रसङ्गात् ॥५२॥

52. O Yogue não deve sentir-se atraído ou lisonjeado pelas propostas dos seres celestiais por medo do mal novamente.

Existem outros perigos também; deuses e outros seres vêm para tentar o Yogi. Eles não querem que ninguém seja perfeitamente livre. Eles são ciumentos, assim como nós, e às vezes piores do que nós. Eles têm muito medo de perder seus lugares. Aqueles Yogis que não alcançam a perfeição morrem e se tornam deuses; saindo da estrada direta eles vão para uma das ruas laterais e conseguem esses poderes. Então, novamente, eles têm que nascer. Mas aquele que é forte o suficiente para resistir a essas tentações e ir direto ao objetivo, torna-se livre.

क्षण - तत्कर्मयोः संयमाद्विवेकजं ज्ञानम् ॥५३॥

53. Ao fazer Samyama em uma partícula de tempo e sua precessão e sucessão surge a discriminação.

Como devemos evitar todas essas coisas, esses Devas, e céus, e poderes? Pela discriminação, pela distinção entre o bem e o mal. Portanto, é dado um Samyama através do qual o poder de discriminação pode ser fortalecido. Isto fazendo um Samyama em uma partícula de tempo, e no tempo anterior e seguinte.

जाति - लक्षण - देशैरन्यताऽनवच्छेदात्तुल्ययोस्ततः प्रतिपत्तिः ॥५४॥

54. Aquelas coisas que não podem ser diferenciadas por espécie, signo e lugar, mesmo elas serão discriminadas pelo Samyama acima.

A miséria que sofremos vem da ignorância, da não discriminação entre o real e o irreal. Todos nós consideramos o mal pelo bem, o sonho pela realidade. A alma é a única realidade e nós a esquecemos. O corpo é um sonho irreal e pensamos que somos todos corpos. Esta não discriminação é a causa da miséria. É causado pela ignorância. Quando a discriminação surge, ela traz força, e somente então poderemos evitar todas essas diversas ideias de corpo, céus e deuses. Essa ignorância surge através da diferenciação por espécie, signo e lugar. Por exemplo, pegue uma vaca. A vaca é diferenciada do cachorro por espécie. Mesmo só com as vacas, como fazemos a distinção entre uma vaca e outra? Por sinais. Se dois objetos forem exatamente semelhantes, eles poderão ser distinguidos se estiverem em lugares diferentes. Quando os objetos estão tão misturados que mesmo esses diferenciais não nos ajudam, o poder de discriminação adquirido pela prática acima mencionada nos dará a capacidade de distingui-los. A filosofia mais elevada do Yogue baseia-se neste fato: o Purusha é puro e perfeito, e é o único “simples” que existe neste universo. O corpo e a mente são compostos e, no entanto, estamos sempre nos identificando com eles. O grande erro é que a distinção foi perdida. Quando este poder de discriminação for alcançado, o homem verá que tudo neste mundo, mental e físico, é um composto e, como tal, não pode ser o Purusha.

तारकं सर्वविषयं सर्वथाविषयमक्रमश्चेति विवेकज्ञं ज्ञानम् ॥५५॥

55. O conhecimento salvador é aquele conhecimento de discriminação que abrange simultaneamente todos os objetos, em todas as suas variações.

Salvando, porque o conhecimento leva o Yogue através do oceano do nascimento e da morte. Toda Prakriti em todos os seus estados, sutis e grosseiros, está ao alcance deste conhecimento. Não há sucessão na percepção por meio deste conhecimento; abrange todas as coisas simultaneamente, de relance.

सत्त्वपुरुषयोः शुद्धिसाम्ये कैवल्यमिति ॥५६॥

56. Pela semelhança de pureza entre o Sattva e o Purusha vem Kaivalya.

Quando a alma percebe que não depende de nada no universo, desde os deuses até o átomo mais inferior, isso se chama Kaivalya (isolamento) e

perfeição. É alcançado quando esta mistura de pureza e impureza chamada Sattva (intelecto) se torna tão pura quanto o próprio Purusha; então o Sattva reflete apenas a essência inqualificável da pureza, que é o Purusha.

1.3.9.4 AFORISMOS DE IOGA DE PATANJALI

CAPÍTULO 4: INDEPENDÊNCIA

जन्मोषधि - मन्त्र - तपः समाधिजाः सिद्धयः ॥१॥

1. Os Siddhis (poderes) são alcançados por nascimento, meios químicos, poder das palavras, mortificação ou concentração.

Às vezes, um homem nasce com os Siddhis, poderes, é claro, aqueles que ele conquistou em sua encarnação anterior. Desta vez ele nasce, por assim dizer, para desfrutar dos frutos deles. Diz-se de Kapila, o grande pai da filosofia Sâmkhya, que ele nasceu Siddha, que significa literalmente um homem que alcançou o sucesso.

Os Yogues afirmam que esses poderes podem ser obtidos por meios químicos. Todos vocês sabem que a química começou originalmente como alquimia; os homens foram em busca da pedra filosofal e dos elixires da vida, e assim por diante. Na Índia havia uma seita chamada Râsâyanas. A ideia deles era que a idealidade, o conhecimento, a espiritualidade e a religião estavam todos muito certos, mas que o corpo era o único instrumento para atingir tudo isso. Se o corpo acabasse de vez em quando, levaria muito mais tempo para atingir a meta. Por exemplo, um homem quer praticar Yoga, ou quer tornar-se espiritual. Antes de avançar muito, ele morre. Então ele pega outro corpo e começa de novo, depois morre, e assim por diante. Desta forma, perder-se-á muito tempo morrendo e nascendo de novo. Se o corpo pudesse ser fortalecido e perfeito, de modo que se livrasse do nascimento e da morte, teríamos muito mais tempo para nos tornarmos espirituais. Então esses Rasayanas dizem: primeiro torne o corpo muito forte. Eles afirmam que este corpo pode se tornar imortal. A ideia deles é que se a mente fabrica o corpo, e se for verdade que cada mente é apenas uma saída para a energia infinita, não deveria haver limite para cada saída obter qualquer quantidade de energia externa. Por que é impossível manter

nossos corpos o tempo todo? Temos que fabricar todos os corpos que já tivemos. Assim que este corpo morrer, teremos que fabricar outro. Se podemos fazer isso, por que não podemos fazê-lo aqui e agora, sem sair do corpo atual? A teoria está perfeitamente correta. Se é possível vivermos após a morte e criarmos outros corpos, por que é impossível que tenhamos o poder de criar corpos aqui, sem dissolver inteiramente este corpo, simplesmente mudando-o continuamente? Eles também pensavam que no mercúrio e no enxofre estava oculto o poder mais maravilhoso, e que por meio de certas preparações destes um homem poderia manter o corpo pelo tempo que quisesse. Outros acreditavam que certas drogas poderiam trazer poderes, como voar pelo ar. Muitos dos medicamentos mais maravilhosos da atualidade devemos aos Rasayanas, principalmente o uso de metais na medicina. Certas seitas de Yogis afirmam que muitos dos seus principais professores ainda vivem nos seus antigos corpos. Patanjali, a grande autoridade em Yoga, não nega isso.

O poder das palavras . Existem certas palavras sagradas chamadas Mantras, que têm poder, quando repetidas sob condições adequadas, de produzir esses poderes extraordinários. Vivemos no meio de uma quantidade tão grande de milagres, dia e noite, que não pensamos nada sobre eles. Não há limite para o poder do homem, o poder das palavras e o poder da mente.

Mortificação. Você descobre que em todas as religiões foram praticadas mortificações e ascetismos. Nestas concepções religiosas os hindus vão sempre aos extremos. Você encontrará homens com as mãos levantadas durante toda a vida, até que suas mãos murchem e morram. Os homens ficam de pé, dia e noite, até que seus pés incham e, se sobreviverem, as pernas ficam tão rígidas nessa posição que não conseguem mais dobrá-las, mas têm que ficar de pé por toda a vida. Certa vez, vi um homem que mantinha as mãos levantadas dessa maneira e perguntei-lhe como se sentiu quando fez isso pela primeira vez. Ele disse que era uma tortura terrível. Foi uma tortura tão grande que ele teve que ir até um rio e se colocar na água, e isso aliviou a dor por um tempo. Depois de um mês ele não sofreu muito. Através de tais práticas, poderes (Siddhis) podem ser alcançados.

Concentração . A concentração é Samâdhi, e isso é o Yoga propriamente dito; esse é o tema principal desta ciência e é o meio mais elevado. Os

anteriores são apenas secundários e não podemos alcançar o mais elevado através deles. Samadhi é o meio pelo qual podemos ganhar tudo e qualquer coisa, mental, moral ou espiritual.

जात्यन्तरपरिणामः प्रकृत्यापूरत् ॥२॥

2. A mudança para outra espécie ocorre pelo preenchimento da natureza.

Patanjali apresentou a proposição de que esses poderes surgem por nascimento, às vezes por meios químicos ou por meio de mortificação. Ele também admite que este corpo pode ser mantido por qualquer período de tempo. Agora ele prossegue afirmando qual é a causa da mudança do corpo para outra espécie. Ele diz que isso é feito pelo preenchimento da natureza, o que explica no próximo aforismo.

निमित्तप्रयोजकं प्रकृतीनां वरणभेदस्तु ततः क्षेत्रिकवत् ॥३॥

3. As boas e as más ações não são as causas diretas das transformações da natureza, mas atuam como rompedores de obstáculos às evoluções da natureza: como um agricultor rompe os obstáculos ao curso da água, que então escorre por sua própria natureza .

A água para irrigação dos campos já está no canal, apenas fechada por comportas. O agricultor abre essas portas e a água entra sozinha, pela lei da gravitação. Assim, todo progresso e poder já estão em cada homem; a perfeição é a natureza do homem, só que ela é barrada e impedida de seguir seu curso correto. Se alguém puder tirar a barra, em correria a natureza. Então o homem alcança os poderes que já lhe pertencem. Aqueles que chamamos de ímpios tornam-se santos, assim que a barra é quebrada e a natureza entra em ação. É a natureza que está nos conduzindo em direção à perfeição e, eventualmente, ela trará todos para lá. Todas estas práticas e lutas para nos tornarmos religiosos são apenas um trabalho negativo, para retirar as grades e abrir as portas para aquela perfeição que é o nosso direito inato, a nossa natureza.

Hoje a teoria da evolução dos antigos Iogues será melhor compreendida à luz da investigação moderna. E, no entanto, a teoria dos Iogues é uma explicação melhor. As duas causas da evolução apresentadas pelos

modernos, a saber, a seleção sexual e a sobrevivência do mais apto, são inadequadas. Suponhamos que o conhecimento humano tenha avançado tanto a ponto de eliminar a competição, tanto na função de adquirir sustento físico como na de adquirir um companheiro. Então, de acordo com os modernos, o progresso humano irá parar e a raça morrerá. O resultado desta teoria é fornecer a cada opressor um argumento para acalmar os receios de consciência. Não faltam homens que, fazendo-se passar por filósofos, querem matar todas as pessoas más e incompetentes (eles são, claro, os únicos juízes de competência) e assim preservar a raça humana! Mas o grande evolucionista antigo, Patanjali, declara que o verdadeiro segredo da evolução é a manifestação da perfeição que já existe em cada ser; que esta perfeição foi barrada e a maré infinita por trás está lutando para se expressar. Estas lutas e competições são apenas o resultado da nossa ignorância, porque não sabemos a maneira correta de destrancar o portão e deixar a água entrar. Esta maré infinita atrás deve expressar-se; é a causa de toda manifestação. As competições pela vida ou pela gratificação sexual são apenas efeitos momentâneos, desnecessários e estranhos, causados pela ignorância. Mesmo quando toda a competição tiver cessado, esta natureza perfeita por trás nos fará avançar até que todos se tornem perfeitos. Portanto, não há razão para acreditar que a concorrência seja necessária para progredir. No animal o homem foi reprimido, mas assim que a porta foi aberta, o homem saiu correndo. Portanto, no homem existe o deus potencial, preso pelas fechaduras e grades da ignorância. Quando o conhecimento quebra essas barreiras, o deus se manifesta.

निर्माणचित्तान्यस्मितामात्रात् ॥४॥

4. Somente do egoísmo procedem as mentes criadas.

A teoria do Karma é que sofremos pelas nossas boas ou más ações, e todo o objetivo da filosofia é alcançar a glória do homem. Todas as escrituras cantam a glória do homem, da alma, e então, ao mesmo tempo, pregam o Karma. Uma boa ação traz tal resultado, e uma má ação, outro, mas se a alma puder ser influenciada por uma boa ou má ação, a alma não significa nada. As más ações impedem a manifestação da natureza do Purusha; boas ações eliminam os obstáculos e a glória do Purusha se manifesta. O Purusha em si nunca muda. Tudo o que você faz nunca destrói sua própria glória,

sua própria natureza, porque a alma não pode ser influenciada por nada, apenas um véu é estendido diante dela, escondendo sua perfeição.

Com o objetivo de esgotar rapidamente seu Karma, os Yogis criam Kâya-vyuha, ou grupos de corpos, nos quais podem resolvê-lo. Para todos esses corpos eles criam mentes a partir do egoísmo. Estas são chamadas de “mentes criadas”, em contraste com suas mentes originais.

प्रवृत्तिभेदे प्रयोजकं चित्तमेकमनेकेषाम् ॥५॥

5. Embora as atividades das diferentes mentes criadas sejam diversas, a única mente original é a controladora de todas elas.

Essas diferentes mentes, que atuam nesses diferentes corpos, são chamadas de mentes feitas, e os corpos, de corpos feitos; isto é, corpos e mentes fabricados. A matéria e a mente são como dois depósitos inesgotáveis. Quando você se torna um Yogi, você aprende o segredo do controle deles. Era seu o tempo todo, mas você o esqueceu. Quando você se torna um Yogi, você se lembra disso. Então você pode fazer qualquer coisa com ele, manipulá-lo da maneira que quiser. O material a partir do qual uma mente fabricada é criada é exatamente o mesmo material usado para o macrocosmo. Não é que a mente seja uma coisa e a matéria outra, são aspectos diferentes da mesma coisa. Asmitâ, egoísmo, é o material, o estado sutil de existência a partir do qual essas mentes e corpos feitos do Yogue são fabricados. Portanto, quando o Yogue tiver descoberto o segredo dessas energias da natureza, ele poderá fabricar qualquer número de corpos ou mentes a partir da substância conhecida como egoísmo.

तत्र ध्यानजमनाशयम् ॥६॥

6. Entre os vários Chittas, aquilo que é alcançado pelo Samadhi é a ausência de desejos.

Entre todas as várias mentes que vemos em vários homens, apenas aquela mente que atingiu o Samadhi, a concentração perfeita, é a mais elevada. Um homem que atingiu certos poderes através de medicamentos, ou através de palavras, ou através de mortificações, ainda tem desejos, mas aquele

homem que atingiu Samadhi através da concentração é o único que está livre de todos os desejos.

कर्माशुक्लकृष्णं योगिनस्त्रिविधमितरेषाम् ॥७॥

7. As obras não são nem pretas nem brancas para os Yogis; para outros, são triplos – preto, branco e misto.

Quando o Yogue atinge a perfeição, suas ações e o Karma produzido por essas ações não o prendem, porque ele não as deseja. Ele apenas trabalha; ele trabalha para fazer o bem, e faz o bem, mas não se importa com o resultado, e isso não acontecerá com ele. Mas, para os homens comuns, que não atingiram o estado mais elevado, as obras são de três tipos: pretas (más ações), brancas (boas ações) e mistas.

ततस्तद्विपाकानुगुणानामेवाभिव्यक्तिर्वासनानाम् ॥८॥

8. Destas três obras são manifestadas em cada estado apenas aqueles desejos (que são) adequados apenas a esse estado. (Os outros estão suspensos por enquanto.)

Suponha que eu tenha criado os três tipos de Karma, bom, mau e misto, e suponha que eu morra e me torne um deus no céu. Os desejos em um corpo divino não são iguais aos desejos em um corpo humano; o corpo divino não come nem bebe. O que acontece com meus Karmas passados não trabalhados que produzem como efeito o desejo de comer e beber? Para onde iriam esses Karmas quando eu me tornasse um deus? A resposta é que os desejos só podem manifestar-se em ambientes adequados. Somente surgirão aqueles desejos para os quais o ambiente está preparado; o resto permanecerá armazenado. Nesta vida temos muitos desejos piedosos, muitos desejos humanos, muitos desejos animais. Se eu tomar um corpo divino, só surgirão os bons desejos, porque para eles os ambientes são adequados. E se eu tomar um corpo animal, apenas os desejos animais surgirão, e os bons desejos esperarão. O que isso mostra? Que por meio do ambiente possamos verificar esses desejos. Somente aquele Karma adequado e adequado aos ambientes surgirá. Isto mostra que o poder do ambiente é o grande obstáculo para controlar até mesmo o próprio Karma.

जाति - देश - काल - व्यवहितानामप्यानन्तर्यं स्मृतिसंस्कारयोरैकरूपत्वात् ॥९॥

9. Há consecutividade nos desejos, ainda que separados por espécie, espaço e tempo, havendo identificação de memória e impressões.

As experiências que se tornam boas tornam-se impressões; impressões revividas tornam-se memória. A palavra memória aqui inclui a coordenação inconsciente de experiências passadas, reduzidas a impressões, com ação consciente presente. Em cada corpo, o conjunto de impressões adquiridas num corpo semelhante só se torna a causa da ação nesse corpo. As experiências de um corpo diferente são mantidas em suspenso. Cada corpo age como se fosse descendente apenas de uma série de corpos daquela espécie; assim, a consecutividade dos desejos não deve ser quebrada.

तत्सामनादित्वं चाशिषो नित्यत्वात् ॥१०॥

10. Sendo a sede de felicidade eterna, os desejos não têm começo.

Toda experiência é precedida pelo desejo de felicidade. Não houve início de experiência, pois cada nova experiência é construída sobre a tendência gerada pela experiência passada; portanto, o desejo não tem começo.

हेतुफलाश्रयालम्बनैः संगृहीतत्वादेशामभावे तदभावः ॥११॥

11. Sendo mantido unido por causa, efeito, suporte e objetos, na ausência destes está a sua ausência.

Os desejos são mantidos unidos por causa e efeito; (As causas são as "obstruções que suportam a dor" (Capítulo 2: Sutra 3) e ações (Capítulo 4: Sutra 7), e os efeitos são "espécies, vida e experiência de prazer e dor" (Capítulo 2: Sutra 13). — Ed.) se um desejo foi suscitado, ele não morre sem produzir o seu efeito. Então, novamente, a substância mental é o grande depósito, o suporte de todos os desejos passados reduzidos à forma Samskara; até que tenham se resolvido, eles não morrerão. Além disso, enquanto os sentidos receberem os objetos externos, surgirão novos desejos. Se for possível livrar-se da causa, do efeito, do suporte e dos objetos do desejo, só então ele desaparecerá.

अतीतानागतं स्वरूपतोऽस्य ध्वमेदादूर्माणाम् ॥१२॥

12. O passado e o futuro existem em sua própria natureza, tendo qualidades diferentes.

A ideia é que a existência nunca surge da inexistência. O passado e o futuro, embora não existam numa forma manifestada, ainda assim existem numa forma sutil.

ते व्यक्त-सूक्ष्मा गुणात्मानः ॥१३॥

13. Eles são manifestos ou finos, sendo da natureza dos Gunas.

Os Gunas são as três substâncias, Sattva, Rajas e Tamas, cujo estado grosseiro é o universo sensível. Passado e futuro surgem dos diferentes modos de manifestação destas Gunas.

परिणामैकत्वाद्वस्तुतत्त्वम् ॥१४॥

14. A unidade nas coisas vem da unidade nas mudanças.

Embora existam três substâncias, sendo suas mudanças coordenadas, todos os objetos têm sua unidade.

वस्तुसाम्ये चित्तमेदात्तयोर्विभक्तः पन्थाः ॥१५॥

15. Visto que a percepção e o desejo variam em relação ao mesmo objeto, a mente e o objeto são de natureza diferente.

Ou seja, existe um mundo objetivo independente de nossas mentes. Esta é uma refutação do Idealismo Budista. Como pessoas diferentes olham para a mesma coisa de maneira diferente, não pode ser mera imaginação de qualquer indivíduo em particular.

(Há um aforismo adicional aqui em algumas edições:

न चैकचित्ततन्त्रं वस्तु तदप्रमाणकं तदा किं स्यात् ॥

"Não se pode dizer que o objeto depende de uma única mente. Não havendo prova de sua existência, ele se tornaria então inexistente."

Se a percepção de um objeto fosse o único critério de sua existência, então quando a mente estivesse absorta em alguma coisa ou estivesse em Samadhi, ela não seria percebida por ninguém e poderia muito bem ser considerada inexistente. Esta é uma conclusão indesejável. -Ed.)

तदुपरागापेक्षित्वाञ्चितस्य वस्तु ज्ञाताज्ञातम् ॥१६॥

16. As coisas são conhecidas ou desconhecidas pela mente, dependendo da coloração que dão à mente.

सद्य ज्ञाताञ्चितवृत्तयस्तत्प्रभोः पुरुषस्यापरिणामित्वात् ॥१७॥

17. Os estados da mente são sempre conhecidos, porque o senhor da mente, o Purusha, é imutável.

Toda a essência desta teoria é que o universo é mental e material. Ambos estão em um estado contínuo de fluxo. O que é este livro? É uma combinação de moléculas em constante mudança. Um lote sai e outro entra; é um redemoinho, mas o que faz a unidade? O que o torna o mesmo livro? As mudanças são rítmicas; em ordem harmoniosa, elas enviam impressões à minha mente, e estas juntas formam uma imagem contínua, embora as partes estejam continuamente mudando. A própria mente está mudando continuamente. A mente e o corpo são como duas camadas da mesma substância, movendo-se em velocidades diferentes. Relativamente, sendo um mais lento e o outro mais rápido, podemos distinguir entre os dois movimentos. Por exemplo, um trem está em movimento e um vagão se move ao lado dele. É possível encontrar o movimento de ambos até certo ponto. Mas ainda assim é necessário algo mais. O movimento só pode ser percebido quando há algo que não está se movendo. Mas quando duas ou três coisas estão em movimento relativo, percebemos primeiro o movimento da mais rápida e depois o das mais lentas. Como a mente deve perceber? Também está em um fluxo. Portanto, é necessária outra coisa que se mova mais lentamente, então você deve chegar a algo em que o movimento seja ainda mais lento, e assim por diante, e você não encontrará fim. Portanto, a lógica obriga você a parar em algum lugar. Você deve

completar a série conhecendo algo que nunca muda. Por trás desta cadeia interminável de movimentos está o Purusha, o imutável, o incolor, o puro. Todas essas impressões são meramente refletidas nele, como uma lanterna mágica lança imagens sobre uma tela, sem manchá-la de forma alguma.

न तत् स्वाभासं दृश्यत्वात् ॥१८॥

18. A mente não é autoluminosa, sendo um objeto.

Um tremendo poder se manifesta em toda parte na natureza, mas não é autoluminoso, nem essencialmente inteligente. Somente o Purusha é autoluminoso e dá luz a tudo. É o poder do Purusha que está se infiltrando em toda matéria e força.

एकसमये चोभयान्वधारणम् ॥१९॥

19. Por ser incapaz de conhecer ambos ao mesmo tempo.

Se a mente fosse autoluminosa, seria capaz de conhecer a si mesma e a seus objetos ao mesmo tempo, o que não é possível. Quando conhece o objeto, não pode refletir sobre si mesmo. Portanto o Purusha é autoluminoso e a mente não.

चित्तान्तरदृश्ये बुद्धिबुद्धेरिति प्रसङ्गः स्मृतिसङ्करश्च ॥२०॥

20. Supondo-se outra mente cognoscente, tais suposições não terão fim, e o resultado será confusão de memória.

Suponhamos que exista outra mente que conheça a mente comum, então terá de haver ainda outra que conheça a primeira e, portanto, não haverá fim para ela. Isso resultará em confusão de memória, não haverá depósito de memória.

चित्तेरप्रतिसंक्रमायास्तदाकाराणस्तौ स्वबुद्धि- संवेदनम् ॥२१॥

21. Sendo a essência do conhecimento (o Purusha) imutável, quando a mente toma sua forma, ela se torna consciente.

Patanjali diz isso para deixar mais claro que o conhecimento não é uma qualidade do Purusha. Quando a mente se aproxima do Purusha ela é refletida, por assim dizer, sobre a mente, e a mente, por enquanto, torna-se conhecedora e parece como se fosse ela mesma o Purusha.

दृष्टं दृश्योपरक्तं चित्तं सर्वात्म ॥२२॥

22. Colorida pelo que vê e pelo que é visto, a mente é capaz de compreender tudo.

De um lado da mente, o mundo externo, o que é visto, está sendo refletido e, do outro, o que vê está sendo refletido. Assim chega o poder de todo conhecimento à mente.

तत्संख्येयवासनाभिचित्रमपि परार्थं संहत्यकरित्वात् ॥२३॥

23. A mente, embora variegada por inúmeros desejos, age por outro (o Purusha), porque age em combinação.

A mente é um composto de várias coisas e, portanto, não pode funcionar por si mesma. Tudo o que é uma combinação neste mundo tem algum objeto para essa combinação, alguma terceira coisa para a qual essa combinação ocorre. Portanto, esta combinação da mente é para o Purusha.

विशेषदर्शिन आत्मभाव-भावनानिवृत्तिः ॥२४॥

24. Para o discriminador, a percepção da mente como Atman cessa.

Através da discriminação o Yogi sabe que o Purusha não é a mente.

तदा विवेकनिम्नं कैवल्यप्रागभावं चित्तम् ॥२५॥

25. Então, decidida a discriminar, a mente atinge o estado anterior de Kaivalya (isolamento). (Há outra leitura - कैवल्यप्रागभारं । O significado então seria: "Então a mente se torna profunda em discriminação e gravita em direção a Kaivalya." - Ed.)

Assim, a prática do Yoga leva ao poder discriminativo, à clareza de visão. O véu cai dos olhos e vemos as coisas como elas são. Descobrimos que a natureza é um composto e mostra o panorama para o Purusha, que é a testemunha; que a natureza não é o Senhor, que todas as combinações da natureza existem simplesmente para mostrar esses fenômenos ao Purusha, o

rei interior entronizado. Quando a discriminação surge através da prática prolongada, o medo cessa e a mente atinge o isolamento.

तच्छिद्रेषु प्रत्ययान्तराणि संस्कारेभ्यः ॥२६॥

26. Os pensamentos que surgem como obstruções a isso provêm de impressões.

Todas as diversas ideias que surgem, fazendo-nos acreditar que necessitamos de algo externo para nos fazer felizes, são obstáculos a essa perfeição. O Purusha é felicidade e bem-aventurança por sua própria natureza. Mas esse conhecimento é encoberto por impressões passadas. Essas impressões precisam ser resolvidas.

हानमेषां क्लेशवदुक्तम् ॥२७॥

27. A destruição deles ocorre da mesma maneira que a da ignorância, do egoísmo, etc., como dito anteriormente (Capítulo 2: Sutra 10).

प्रसख्यानेऽप्यकुसीदस्य सर्वथा विवेकख्यातेर्धर्ममेघः समाधिः ॥२८॥

28. Mesmo quando chega ao conhecimento discriminativo correto das essências, aquele que desiste dos frutos, a ele chega, como resultado da dominação perfeita, o Samadhi chamado de nuvem da virtude.

Quando o Iogue atinge esta discriminação, todos os poderes mencionados no capítulo anterior vêm até ele, mas o verdadeiro Iogue rejeita todos eles. Para ele chega um conhecimento peculiar, uma luz particular, chamada Dharma-megha, a nuvem da virtude. Todos os grandes profetas do mundo que a história registrou tiveram isso. Eles encontraram toda a base do conhecimento dentro de si mesmos. A verdade para eles tornou-se real. A paz, a calma e a pureza perfeita tornaram-se a sua própria natureza, depois de terem abandonado as vaidades dos poderes.

ततः क्लेशकर्मनिवृत्तिः ॥२९॥

29. Daí vem a cessação da dor e dos trabalhos.

Quando essa nuvem de virtude chega, então não há mais medo de cair, nada pode arrastar o Yogue para baixo. Não haverá mais males para ele. Não há mais dores.

तद्य सर्वावरणमलपेतस्य ज्ञानस्याऽनन्त्याज्ज्ञेयमत्यम् ॥३०॥

30. O conhecimento, desprovido de cobertura e impurezas, tornando-se infinito, o cognoscível torna-se pequeno.

O próprio conhecimento está aí; sua cobertura desapareceu. Uma das escrituras budistas define o que Buda significa (que é o nome de um estado) como conhecimento infinito, infinito como o céu. Jesus alcançou isso e se tornou o Cristo. Todos vocês alcançarão esse estado. O conhecimento torna-se infinito, o cognoscível torna-se pequeno. Todo o universo, com todos os seus objetos de conhecimento, torna-se nada antes do Purusha. O homem comum se considera muito pequeno, porque para ele o cognoscível parece infinito.

ततः कृतार्थानां परिणामक्रमसमाप्तिगुणानाम् ॥३१॥

31. Então terminam as sucessivas transformações das qualidades, tendo elas atingido o fim.

Então todas essas diversas transformações das qualidades, que mudam de espécie para espécie, cessam para sempre.

क्षणप्रतियोगी परिणामापरान्तनिर्गह्यः क्रमः ॥३२॥

32. As mudanças que existem em relação aos momentos e que se percebem no outro extremo (no final de uma série) são sucessivas.

Patanjali aqui define a palavra sucessão, as mudanças que existem em relação aos momentos. Enquanto penso, muitos momentos passam, e a cada momento há uma mudança de ideia, mas só percebo essas mudanças no final de uma série. Isto é chamado de sucessão, mas para a mente que realizou a onipresença não há sucessão. Tudo se tornou presente para ela; para ele só existe o presente, o passado e o futuro estão perdidos. O tempo

permanece controlado, todo o conhecimento está presente em um segundo. Tudo é conhecido como um flash.

पुरुषार्थशून्यानां गुणानां प्रतिप्रसवः कैवल्यं
स्वरूपप्रतिष्ठा वा चितिशक्तेरिति ॥३३॥

33. A resolução na ordem inversa das qualidades, desprovida de qualquer motivo de ação para o Purusha, é Kaivalya, ou é o estabelecimento do poder do conhecimento em sua própria natureza.

A tarefa da natureza está cumprida, esta tarefa altruísta que a nossa doce ama, a natureza, impôs a si mesma. Ela gentilmente pegou a alma que se esquecia de si mesma pela mão, por assim dizer, e mostrou-lhe todas as experiências do universo, todas as manifestações, elevando-o cada vez mais alto através de vários corpos, até que sua glória perdida voltasse, e ele se lembrasse de sua própria natureza. Então a bondosa mãe voltou pelo mesmo caminho por onde veio, para outros que também se perderam no deserto sem trilhas da vida. E assim ela está trabalhando, sem começo e sem fim. E assim, através do prazer e da dor, através do bem e do mal, o rio infinito das almas flui para o oceano da perfeição, da auto-realização.

Glória àqueles que perceberam sua própria natureza. Que suas bênçãos estejam sobre todos nós!

1.3.9.5 AFORISMOS DE IOGA DE PATANJALI

APÊNDICE

REFERÊNCIAS AO IOGA

Shvetâshvatara Upanishad

CAPÍTULO II

अग्निर्यत्राभिमध्यते वायुर्यत्राधिरुध्यते ।
सोमो यत्रातिरिच्यते तत्र सञ्जायते मनः ॥६॥

6. Onde o fogo é esfregado, onde o ar é controlado, onde o Soma flui, ali é criada uma mente (perfeita).

त्रिरुन्नतं स्थाप्य समं शरीरं
हृदीन्द्रियाणि मनसा सन्निवेश्य ।
ब्रह्मोद्भूतेन प्रतरेत विद्वान्
सोतांसि सर्वाणि भयावहानि ॥८॥

8. Colocando o corpo em postura reta, com o peito, a garganta e a cabeça eretos, fazendo com que os órgãos entrem na mente, o sábio atravessa todas as correntes temíveis por meio da balsa de Brahman.

प्राणान् प्रपीडयेह संयुक्तचेष्टः
क्षीणे प्राणे नासिकयोच्छ्वसीत ।
दृष्टश्चयुक्तमिव वाहमेनं
विद्वान् मनो धारयेत्ताम्रमत्त ॥९॥

9. O homem de esforços bem regulados controla o Prâna; e quando se acalma, expira pelas narinas. O sábio perseverante mantém sua mente como um cocheiro segura os cavalos inquietos.

समे शुचौ शर्करावह्निवालुका
विवर्जिते शब्दजलश्रयादिभिः ।
मनोनुकूले न च चक्षुषीडने
गुहानिवाताश्रयणे प्रयोजयेत् ॥१०॥

10. Em lugares (solitários) como cavernas nas montanhas onde o chão é plano, livre de seixos, fogo ou areia, onde não há ruídos perturbadores de homens ou cachoeiras, em lugares auspiciosos, úteis para a mente e agradáveis aos olhos. Yoga é para ser praticado (a mente deve ser unida).

नीहारधूमकर्कानिलानलानां
स्वद्योतविद्युत् स्फटिक-शशीनाम् ।
एतानि रूपाणि पुरःसराणि
ब्रह्मण्यभिव्यक्तिकराणि योगे ॥११॥

11. Como a neve, a fumaça, o sol, o vento, o fogo, o vaga-lume, o relâmpago, o cristal, a lua, essas formas, vindo antes, manifestam gradualmente o Brahman no Yoga.

पृथ्व्यप्तेजोऽनिलखे समुत्थिते
पञ्चात्मके योगगुणे प्रवृत्ते ।
न तस्य रोगो न जरा न मृत्युः
प्राप्तस्य योगाग्निमयं शरीरम् ॥१२॥

12. Quando as percepções do Yoga, surgindo da terra, da água, da luz, do fogo, do éter, tiverem ocorrido, então o Yoga terá começado. Para aquele que tem um corpo feito do fogo do Yoga não vem doença, nem velhice, nem morte.

लघुत्वमारोग्यमलोलुपत्वं
वर्णप्रसादः स्वरसौष्टवञ्च ।
गन्धः शुभो मूत्रपुरीषमत्यं
योगप्रवृत्तिं प्रथमां वदन्ति ॥१३॥

13. Os primeiros sinais de entrada no Yoga são leveza, saúde, não cobiça, clareza de tez, uma bela voz, um odor agradável no corpo e escassez de excreções.

यथैव बिम्बं मृदयोपलिप्तं
तेजोमयं भाजते तत् सुधान्तम् ।
तद्वाऽऽत्मतत्त्वं प्रसमीक्ष्य देही
एकः कृतार्थो भवते वीतशोकः ॥१४॥

14. Assim como o ouro ou a prata, primeiro cobertos com terra e depois limpos, brilham cheios de luz, assim o homem encarnado, vendo a verdade do Atman como um só, atinge a meta e fica sem tristeza.

Yâjnavalkya citado por Shankara

(No Svetâshvatara Upanishad Bhashya.)

आसनानि समभ्यस्य वाञ्छितानि यथाविधि ।
 प्राणायामं ततो गार्गी जितसंनततोऽभ्यसेत् ॥
 मुद्रासने कुशान् सम्यगास्तीर्थाजिनमेव च ।
 लम्बोदरं च सम्यूज्य फल्गोदकभक्षणे ॥
 तदासने सुखसीनः सञ्जे न्यस्येतरं करम् ।
 समधीवशिराः सम्यक् संवृताभ्यः सुनिश्चलः ॥
 प्राङ्मुखोदङ्मुखो वाऽपि नासाग्न्यस्तलोचनः ।
 अतिमुक्तममुक्तं वा वर्जयित्वा प्रवचतः ॥
 नाडीसंशोधनं कुर्यादुक्तमार्गेण यत्नतः ।
 वृषा क्लेशो भवतस्य तच्छोधनमकुर्वतः ॥
 नासाये शशमूत्रबीजं चन्दनपवित्रानितम् ।
 सप्तमस्य तु वर्गस्य चतुर्थं बिन्दुसंयुतम् ॥
 विभ्रमध्यस्थमालोक्य नासागे चक्षुषी उभे ।
 हृदया पूरयेद्वायुं बाह्यां द्वादशमात्रकैः ॥
 ततोऽपि पूर्ववदध्यायेत् स्फुरज्ज्वलक्कीर्युतम् ।
 रुषं बिन्दुसंयुक्तं शिखिमण्डलसंस्थितम् ॥
 ध्यायेद्विरेचयेद्वायुं मन्दं पिङ्गलया पुनः ।
 पुनः पिङ्गलयापूर्य घ्राणं दक्षिणतः सुधीः ॥
 तद्वाट्विरेचयेद्वायुमिडया तु शनैः शनैः ।
 विचतुर्वत्सरं चापि विचतुर्मसमेव वा ॥
 गुरुणोक्तप्रकारेण रहस्येवं समभ्यसेत् ।
 प्रसर्गज्वन्दिने सावं स्नात्वा षट्कृत्व आचरेत् ॥
 सन्ध्यादिकर्म कृत्वा च मध्यरात्रेऽपि नित्यशः ।
 नाडीशुद्धिमवाप्नोति तच्चिह्नं दृश्यते पुष्पक् ॥
 शरीरलघ्ना दीप्तिर्जलपिनिवि वर्धनम् ।
 नाद्यभिज्यक्तिरित्वेवलिङ्गं तच्छुद्धिसूचनम् ॥
 प्राणायामं ततः कुर्यादेचपूरककुम्भकैः ।
 प्राणायामसमायोगः प्राणायामः प्रकीर्तितः ॥

* * *
 पूरयेत् षोडशमंत्रैरापादतल मस्तकम् ।
 मातृद्वैत्रिंशकः पञ्चादेचयेत् सुप्तमालितः ॥
 सम्पूर्णकुम्भबद्धायोर्निश्चलं मुष्टिर्न देशतः ।
 कुम्भकं धारणं गार्गी चतुःषष्ठ्या तु मात्रया ॥
 ऋषयस्तु वदन्त्यन्यै प्राणायामपरायणैः ।
 पवित्रीभूता पूतान्त्राः प्रभञ्जनत्रये स्ताः ॥
 तत्राद्यौ कुम्भकं कृत्वा चतुःषष्ठ्या तु मात्रया ।
 रेचयेत् षोडशमंत्रैर्नसनेकेन सुन्दरि ।
 ततश्च पूरयेद्वायुं शनैः षोडशमात्रया ॥
 प्राणायामैर्हृद्दौषान् धारणाभिरुचं किञ्चिन्नान् ।
 मन्त्राहाराच्च संसर्गोन्मथानेनानीभ्रशान् गुणान् ॥

“Depois de praticar as posturas conforme desejado, de acordo com as regras, então, ó Gârgi, o homem que conquistou a postura praticará Prânâyâma.

“Sentado em postura fácil, sobre uma pele (de veado ou tigre), colocado sobre a grama Kusha, adorando Ganapati com frutas e doces, colocando a palma da mão direita sobre a esquerda, mantendo a garganta e a cabeça na mesma linha, os lábios fechados e firmes, voltados para o leste ou para o norte, os olhos fixos na ponta do nariz, evitando muita comida ou jejum, os Nâdis deverão ser purificados, sem os quais a prática será infrutífera. ,” na junção de Pingalâ e Idâ (as narinas direita e esquerda), o Ida deve ser preenchido com ar externo em doze Mâtrâs (segundos); então o Yogi medita sobre o fogo no mesmo lugar com a palavra "Rung", e enquanto medita assim, ejeta lentamente o ar através do Pingala (narina direita). Novamente

preenchendo através do Pingala o ar deve ser ejetado lentamente através do Ida, da mesma forma. Isto deve ser praticado por três ou quatro anos, ou três. ou quatro meses, de acordo com as instruções de um Guru, em segredo (sozinho em uma sala), de manhã cedo, ao meio-dia, à noite e à meia-noite (até) os nervos ficarem purificados. Leveza de corpo, tez clara, bom apetite, audição do Nâda, são sinais de purificação dos nervos. Em seguida deve ser praticado Pranayama composto por Rechaka (exalação), Kumbhaka (retenção) e Puraka (inalação). Unir o Prâna com o Apâna é Pranayama.

“Em dezesseis Matras preenchendo o corpo da cabeça aos pés, em trinta e dois Matras o Prana deve ser expelido, e em sessenta e quatro o Kumbhaka deve ser feito.

“Há outro Pranayama no qual o Kumbhaka deve primeiro ser feito com sessenta e quatro Matras, depois o Prana deve ser descartado com dezesseis, e o corpo em seguida preenchido com dezesseis Matras.

"Por Pranayama as impurezas do corpo são eliminadas; por Dhâranâ as impurezas da mente; por Pratyâhâra as impurezas do apego; e por Samadhi é retirado tudo o que esconde o senhorio da Alma."

Sankhya

LIVRO III

भावनोपचयात् शुद्धस्य सर्वं ॥२९॥

29. Ao realizar a meditação, chegam ao puro (o Purusha) todos os poderes da natureza.

रागोपहतिर्ध्यानम् ॥३०॥

30. Meditação é a remoção do apego.

वृत्तिनिरोधात्तत्सिद्धिः ॥ ३१॥

31. Aperfeiçoa-se pela supressão das modificações.

धारणाऽऽसनस्वकर्मणा तत्सिद्धिः ॥३२॥

32. Através de Dhâranâ, postura e desempenho dos deveres, ela é aperfeiçoada.

निरोधश्छर्दिविधारणाभ्याम् ॥३३॥

33. A restrição do Prâna se dá por meio de expulsão e retenção.

स्थिरसुखमासनम् ॥३४॥

34. Postura é aquela que é estável e fácil.

वैराग्याद्भ्यासाच्च ॥३५॥

36. Também pelo desapego e pela prática, a meditação é aperfeiçoada.

तत्त्वाभ्यासाच्चेति नेतीति त्यागाद्विवेकसिद्धिः ॥३६॥

74. Pela reflexão sobre os princípios da natureza, e pela renúncia a eles como “não é isso, não é isso”, a discriminação é aperfeiçoada.

LIVRO IV

आवृत्तिरसकृदुपदेशात् ॥३७॥

3. A instrução deve ser repetida.

श्येनवत् सुखःदुःखी त्यागवियोगाभ्याम् ॥३८॥

5. Assim como o falcão fica infeliz se a comida lhe for tirada e feliz se ele mesmo a desistir (assim aquele que desiste de tudo voluntariamente é feliz).

अहिनिर्वयनीवत् ॥३९॥

6. Como a cobra fica feliz em abrir mão de sua pele velha.

असाधनानुचिन्तनं बन्धाय भरतवत् ॥४०॥

8. Aquilo que não é um meio de libertação não deve ser pensado; torna-se uma causa de escravidão, como no caso de Bharata.

बहुभिर्योगे विरोधो रागादिभिः कुमारीशङ्खवत् ॥९॥

9. Da associação de muitas coisas há obstrução à meditação, através da paixão, aversão, etc., como as pulseiras de conchas na mão da virgem.

द्वाभ्यामपि तथैव ॥१०॥

10. É o mesmo mesmo no caso de dois.

निराशः सुखी पिङ्गलावत् ॥११॥

11. Os renunciantes da esperança são felizes, como a menina Pingalâ.

बहुशास्त्रगुरूप्राप्तनेऽपि सारादानं षटपदवत् ॥१३॥

13. Embora deva ser dada devoção a muitos institutos e professores, a essência deve ser tirada de todos eles, assim como a abelha tira a essência de muitas flores.

इषुकारवन्नैकचित्तस्य समाधिहानिः ॥१४॥

14. Aquele cuja mente se tornou concentrada como a do atirador de flechas não tem sua meditação perturbada.

कृत्तनियमलङ्घनाद्यनर्थक्यं लोकवत् ॥१५॥

15. Através da transgressão das regras originais ocorre o não alcance da meta, como em outras coisas mundanas.

प्रणतिब्रह्मचर्यपसर्पणानि कृत्वा सिद्धिर्बहुकालात्तद्वत् ॥१९॥

19. Pela continência, reverência e devoção ao Guru, o sucesso vem depois de muito tempo (como no caso de Indra).

न कालनियमो वामदेववत् ॥२०॥

20. Não existe lei quanto ao tempo, como no caso de Vâmadeva.

लब्धासिधययोगाद्वा नद्वत् ॥२४॥

24. Ou através da associação com alguém que atingiu a perfeição.

न भोगात् रागशान्तिर्मुनिवत् ॥२७॥

27. Não é através dos prazeres que o desejo é apaziguado, mesmo nos sábios (que praticam Yoga há muito tempo).

LIVRO V

योगसिद्धयोऽप्यौषधादिसिद्धिबन्नापलपनीयाः ॥१२८॥

128. Os Siddhis alcançados pelo Yoga não devem ser negados como a recuperação através de medicamentos, etc.

LIVRO VI

स्थिरसुखमासनमिति न नियमः ॥२४॥

24. Qualquer postura fácil e estável é um Âsana; não há outra regra.

Vyasa-Sutras

CAPÍTULO IV, SEÇÃO I

आसीनः सम्भवात् ॥७॥

7. A adoração é possível na postura sentada.

ध्यानाच्च ॥८॥

8. Por causa da meditação.

अचलत्वश्चापेक्ष्य ॥९॥

9. Porque o meditante (pessoa) é comparado à terra imóvel.

स्मरन्ति च ॥१०॥

10. Também porque os Smritis assim o dizem.

यत्रैकाग्रता सत्राविशेषात् ॥११॥

11. Não existe lei de lugar; onde quer que a mente esteja concentrada, ali a adoração deve ser realizada.

Esses vários extratos dão uma ideia do que outros sistemas da filosofia indiana têm a dizer sobre o Yoga.

1.4 PALESTRAS E DISCURSOS

1.4.1 ALMA, DEUS E RELIGIÃO

Através das paisagens do passado, a voz dos séculos chega até nós; a voz dos sábios do Himalaia e dos reclusos da floresta; a voz que chegou às raças semíticas; a voz que falou através de Buda e de outros gigantes espirituais; a voz que vem daqueles que vivem na luz que acompanhou o homem no início da terra — a luz que brilha onde quer que o homem vá e vive com ele para sempre — está chegando até nós agora mesmo. Esta voz é como os pequenos riachos; que vêm das montanhas. Agora eles desaparecem e agora aparecem novamente em um fluxo mais forte até que finalmente se unem em uma inundação poderosa e majestosa. As mensagens que nos chegam dos profetas e dos homens e mulheres santos de todas as seitas e nações estão a unir as suas forças e a falar-nos com a voz de trombeta do passado. E a primeira mensagem que nos traz é: A paz esteja convosco e com todas as religiões. Não é uma mensagem de antagonismo, mas de uma religião unida.

Vamos estudar esta mensagem primeiro. No início deste século quase se temia que a religião estivesse no fim. Sob os tremendos golpes de marreta da investigação científica, velhas superstições desmoronavam-se como massas de porcelana. Aqueles para quem a religião significava apenas um conjunto de credos e cerimoniais sem sentido estavam desesperados; eles estavam perdendo o juízo. Tudo estava escorregando entre seus dedos. Durante algum tempo, parecia inevitável que a onda crescente de agnosticismo e materialismo varresse tudo à sua frente. Houve quem não ousasse expressar o que pensavam. Muitos consideraram o caso desesperador e a causa da religião perdida de uma vez por todas. Mas a maré mudou e veio o resgate – o quê? O estudo das religiões comparadas. Pelo estudo das diferentes religiões descobrimos que em essência elas são uma só. Quando eu era menino, esse ceticismo me atingiu e, por um tempo, pareceu que eu deveria desistir de toda esperança na religião. Mas, felizmente para mim, estudei a religião cristã, a muçulmana, a budista e outras, e qual foi a minha surpresa ao descobrir que os mesmos princípios fundamentais ensinados pela minha religião também eram ensinados por todas as religiões. Isso me atraiu dessa maneira. O que é a verdade? Perguntei. Este mundo é verdadeiro? Sim. Por que? Porque eu vejo isso. Os belos sons que acabamos de ouvir (a música vocal e instrumental) são verdadeiros? Sim. Porque nós os ouvimos. Sabemos que o homem tem corpo, olhos e ouvidos, e tem uma natureza espiritual que não podemos ver. E com as suas faculdades espirituais ele pode estudar estas diferentes religiões e descobrir que, quer uma religião seja ensinada nas florestas e selvas da Índia ou numa terra cristã, no essencial todas as religiões são uma só. Isto apenas nos mostra que a religião é uma necessidade constitucional da mente humana. A prova de uma religião depende da prova de todas as demais. Por exemplo, se eu tenho seis dedos e ninguém mais tem, você pode dizer que isso é anormal. O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao argumento de que apenas uma religião é verdadeira e todas as outras falsas. Uma única religião, como um par de seis dedos no mundo, não seria natural. Vemos, portanto, que se uma religião é verdadeira, todas as outras devem ser verdadeiras. Existem diferenças nas coisas não essenciais, mas nas coisas essenciais são todas uma só. Se meus cinco dedos forem verdadeiros, eles provam que os seus cinco dedos também são verdadeiros. Onde quer que o homem esteja, ele deve desenvolver uma crença, deve desenvolver a sua natureza religiosa.

E outro fato que encontro no estudo das diversas religiões do mundo é que existem três estágios diferentes de ideias com relação à alma e a Deus. Em primeiro lugar, todas as religiões admitem que, além do corpo que perece, existe uma certa parte ou algo que não muda como o corpo, uma parte que é imutável, eterna, que nunca morre; mas algumas das religiões posteriores ensinam que, embora haja uma parte de nós que nunca morre, ela teve um começo. Mas tudo o que tem um começo deve necessariamente ter um fim. Nós – a parte essencial de nós – nunca tivemos um começo e nunca teremos um fim. E acima de todos nós, acima desta natureza eterna, existe outro Ser eterno, sem fim – Deus. As pessoas falam sobre o começo do mundo, o começo do homem. A palavra começo significa simplesmente o início do ciclo. Em nenhum lugar significa o início de todo o Cosmos. É impossível que a criação tenha tido um começo. Nenhum de vocês pode imaginar um momento de início. Aquilo que tem um começo deve ter um fim. “Nunca eu não existi, nem você, nem nenhum de nós deixará de existir daqui em diante”, diz o Bhagavad-Gita. Onde quer que o início da criação seja mencionado, significa o início de um ciclo. Seu corpo encontrará a morte, mas sua alma, nunca.

Junto com esta ideia da alma encontramos outro grupo de ideias a respeito da sua perfeição. A alma em si é perfeita. O Antigo Testamento dos Hebreus admite o homem perfeito desde o início. O homem tornou-se impuro pelas suas próprias ações. Mas ele deverá recuperar a sua antiga natureza, a sua natureza pura. Alguns falam dessas coisas em alegorias, fábulas e símbolos. Mas quando começamos a analisar essas afirmações, descobrimos que todas elas ensinam que a alma humana é perfeita em sua própria natureza e que o homem deve recuperar essa pureza original. Como? Conhecendo a Deus. Assim como a Bíblia diz: “Ninguém pode ver a Deus senão através do Filho”. O que isso significa? Que ver Deus é o objetivo e a meta de toda a vida humana. A filiação deve ocorrer antes de nos tornarmos um com o Pai. Lembre-se de que o homem perdeu a pureza através de suas próprias ações. Quando sofremos, é por causa dos nossos próprios atos; Deus não deve ser culpado por isso.

Intimamente ligada a estas ideias está a doutrina – que era universal antes de os europeus a mutilarem – a doutrina da reencarnação. Alguns de vocês podem ter ouvido falar e ignorado. Esta ideia de reencarnação corre paralela

à outra doutrina da eternidade da alma humana. Nada que termine num ponto pode ficar sem começo e nada que comece num ponto pode ficar sem fim. Não podemos acreditar numa impossibilidade tão monstruosa como o início da alma humana. A doutrina da reencarnação afirma a liberdade da alma. Suponha que houve um começo absoluto. Então todo o fardo desta impureza no homem recai sobre Deus. O Pai todo misericordioso responsável pelos pecados do mundo! Se o pecado ocorre desta forma, por que um deveria sofrer mais do que outro? Por que tal parcialidade, se provém de um Deus todo misericordioso? Por que milhões são pisoteados? Por que morrem de fome pessoas que nunca fizeram nada para causar isso? Quem é responsável? Se eles não tivessem participação nisso, certamente Deus seria o responsável. Portanto, a melhor explicação é que alguém é responsável pelas misérias que sofre. Se eu colocar a roda em movimento, sou responsável pelo resultado. E se posso trazer miséria, também posso pará-la. Segue-se necessariamente que somos livres. Não existe destino. Não há nada que nos obrigue. O que fizemos, isso podemos desfazer.

Para um argumento relacionado com esta doutrina pedirei a sua paciente atenção, pois é um pouco complicado. Adquirimos todo o nosso conhecimento através da experiência; essa é a única maneira. O que chamamos de experiências está no plano da consciência. Por exemplo: um homem toca uma música num piano e coloca cada dedo em cada tecla conscientemente. Ele repete esse processo até que o movimento dos dedos se torne um hábito. Ele então toca uma música sem ter que prestar atenção especial a cada tonalidade específica. Da mesma forma, descobrimos em relação a nós mesmos que as nossas tendências são o resultado de ações conscientes passadas. Uma criança nasce com certas tendências. De onde eles vêm? Nenhuma criança nasce com uma tabula rasa – com uma página limpa e em branco – de mente. A página foi escrita anteriormente. Os antigos filósofos gregos e egípcios ensinavam que nenhuma criança vinha com a mente vazia. Cada criança vem com uma centena de tendências geradas por ações conscientes passadas. Não os adquiriu nesta vida, e somos obrigados a admitir que os deve ter tido em vidas passadas. O mais radical materialista tem de admitir que estas tendências são o resultado de ações passadas, mas acrescenta que estas tendências vêm através da hereditariedade. Nossos pais, avós e bisavós chegaram até nós através desta lei da hereditariedade. Ora, se só a hereditariedade explica isto, não há

necessidade alguma de acreditar na alma, porque o corpo explica tudo. Não precisamos entrar nos diferentes argumentos e discussões sobre o materialismo e o espiritismo. Até agora o caminho está claro para aqueles que acreditam numa alma individual. Vemos que, para chegar a uma conclusão razoável, devemos admitir que tivemos vidas passadas. Esta é a crença dos grandes filósofos e sábios do passado e dos tempos modernos. Tal doutrina era acreditada entre os judeus. Jesus Cristo acreditou nisso. Ele diz na Bíblia: “Antes que Abraão existisse, eu sou”. E em outro lugar é dito: “Este é Elias que dizem ter vindo”.

Todas as diferentes religiões que cresceram entre diferentes nações, sob diversas circunstâncias e condições, tiveram a sua origem na Ásia, e os asiáticos as compreendem bem. Quando saíram da pátria, se envolveram em erros. As ideias mais profundas e nobres do Cristianismo nunca foram compreendidas na Europa, porque as ideias e imagens utilizadas pelos escritores da Bíblia lhe eram estranhas. Tomemos como ilustração as fotos da Madonna. Cada artista pinta a sua Madonna de acordo com as suas ideias pré-concebidas. Tenho visto centenas de imagens da Última Ceia de Jesus Cristo, e ele é obrigado a sentar-se à mesa. Agora, Cristo nunca se sentou à mesa; ele se agachou com outros, e eles tinham uma tigela onde mergulhavam pão – não o tipo de pão que você come hoje. É difícil para qualquer nação compreender os costumes desconhecidos de outras pessoas. Quão mais difícil foi para os europeus compreenderem os costumes judaicos depois de séculos de mudanças e acréscimos de fontes gregas, romanas e outras! Apesar de todos os mitos e mitologias que o rodeiam, não é de admirar que as pessoas obtenham muito pouco da bela religião de Jesus, e não é de admirar que tenham feito dela uma moderna religião comercial.

Para chegar ao nosso ponto. Descobrimos que todas as religiões ensinam a eternidade da alma, bem como que o seu brilho foi diminuído e que a sua pureza primitiva deve ser recuperada pelo conhecimento de Deus. Qual é a ideia de Deus nessas diferentes religiões? A ideia primária de Deus era muito vaga. As nações mais antigas tinham diferentes Deidades – sol, terra, fogo, água. Entre os antigos judeus encontramos vários desses deuses lutando ferozmente entre si. Então encontramos Elohim a quem os judeus e os babilônios adoravam. A seguir encontramos um Deus supremo. Mas a

ideia diferia de acordo com as diferentes tribos. Cada um deles afirmou que seu Deus era o maior. E eles tentaram provar isso lutando. Aquele que combateu melhor provou assim que seu Deus era o maior. Essas raças eram mais ou menos selvagens. Mas gradualmente ideias cada vez melhores tomaram o lugar das antigas. Todas aquelas ideias antigas desapareceram ou foram para a despesa. Todas essas religiões foram fruto de séculos; nenhum caiu dos céus. Cada um teve que ser trabalhado pouco a pouco. Em seguida vêm as ideias monoteístas: a crença em um Deus, que é onipotente e onisciente, o único Deus do universo. Este Deus único é extracósmico; ele está nos céus. Ele está investido das concepções grosseiras de Seus originadores. Ele tem um lado direito e um lado esquerdo, e um pássaro em Sua mão, e assim por diante. Mas uma coisa descobrimos: os deuses tribais desapareceram para sempre e o único Deus do universo tomou o seu lugar: o Deus dos deuses. Ainda assim, Ele é apenas um Deus extra-cósmico. Ele é inacessível; nada pode chegar perto Dele. Mas lentamente esta ideia também mudou, e no estágio seguinte encontramos um Deus imanente na natureza.

No Novo Testamento é ensinado: “Pai Nosso que estás nos céus” – Deus vivendo nos céus separado dos homens. Estamos vivendo na terra e Ele está vivendo no céu. Mais adiante encontramos o ensino de que Ele é um Deus imanente à natureza; Ele não é apenas Deus no céu, mas também na terra. Ele é o Deus em nós. Na filosofia hindu encontramos um estágio da mesma proximidade de Deus conosco. Mas não paramos por aí. Existe o estágio não-dualista, no qual o homem percebe que o Deus que ele tem adorado não é apenas o Pai no céu e na terra, mas que “eu e meu Pai somos um”. Ele percebe em sua alma que ele é o próprio Deus, apenas uma expressão inferior Dele. Tudo o que é real em mim é Ele; tudo o que é real Nele sou eu. O abismo entre Deus e o homem é assim superado. Assim descobrimos como, ao conhecer a Deus, encontramos o reino dos céus dentro de nós.

No primeiro estágio, ou estágio dualista, o homem sabe que é uma pequena alma pessoal, John, James ou Tom; e ele diz: “Serei John, James ou Tom por toda a eternidade, e nunca mais nada”. Da mesma forma, o assassino poderia vir e dizer: “Continuarei um assassino para sempre”. Mas com o passar do tempo, Tom desaparece e volta ao puro Adão original.

"Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus." Podemos ver Deus? Claro que não. Podemos conhecer a Deus? Claro que não. Se Deus puder ser conhecido, Ele não será mais Deus. Conhecimento é limitação. Mas eu e meu Pai somos um: encontro a realidade em minha alma. Estas ideias são expressas em algumas religiões e em outras apenas sugeridas. Em alguns, eles foram expatriados. Os ensinamentos de Cristo são agora muito pouco compreendidos neste país. Se me der licença, direi que eles nunca foram muito bem compreendidos.

Os diferentes estágios de crescimento são absolutamente necessários para alcançar a pureza e a perfeição. Os vários sistemas religiosos baseiam-se, no fundo, nas mesmas ideias. Jesus diz que o reino dos céus está dentro de você. Novamente ele diz: "Pai nosso que estás nos céus". Como você concilia os dois ditos? Desta forma: Ele estava falando às massas sem instrução quando disse o último, as massas que não tinham instrução religiosa. Era necessário falar com eles na sua própria língua. As massas querem ideias concretas, algo que os sentidos possam compreender. Um homem pode ser o maior filósofo do mundo, mas uma criança na religião. Quando um homem desenvolve um elevado estado de espiritualidade, ele pode compreender que o reino dos céus está dentro dele. Esse é o verdadeiro reino da mente. Assim, vemos que as aparentes contradições e perplexidades em cada religião marcam apenas diferentes estágios de crescimento. E, como tal, não temos o direito de culpar ninguém pela sua religião. Existem estágios de crescimento em que formas e símbolos são necessários; eles são a linguagem que as almas nesse estágio podem compreender.

A próxima ideia que quero trazer para vocês é que a religião não consiste em doutrinas ou dogmas. Não é o que você lê, nem quais dogmas você acredita que é importante, mas o que você percebe. "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus", sim, nesta vida. E isso é salvação. Há quem ensine que isso pode ser alcançado pelo murmúrio de palavras. Mas nenhum grande Mestre jamais ensinou que as formas externas eram necessárias para a salvação. O poder de alcançá-lo está dentro de nós mesmos. Vivemos e nos movemos em Deus. Os credos e as seitas têm o seu papel a desempenhar, mas são para as crianças, duram, mas temporariamente. Os livros nunca fazem religiões, mas as religiões fazem

livros. Não devemos esquecer isso. Nenhum livro jamais criou Deus, mas Deus inspirou todos os grandes livros. E nenhum livro jamais criou uma alma. Nunca devemos esquecer isso. O fim de todas as religiões é a realização de Deus na alma. Essa é a única religião universal. Se existe uma verdade universal em todas as religiões, eu a coloco aqui – na realização de Deus. Ideais e métodos podem diferir, mas esse é o ponto central. Pode haver milhares de raios diferentes, mas todos eles convergem para um único centro, e esse é a realização de Deus: algo por trás deste mundo dos sentidos, deste mundo de eterno comer, beber e falar bobagens, este mundo de falsas sombras e egoísmo. . Existe isso além de todos os livros, além de todos os credos, além das vaidades deste mundo e é a realização de Deus dentro de você. Um homem pode acreditar em todas as igrejas do mundo, pode carregar na cabeça todos os livros sagrados já escritos, pode batizar-se em todos os rios da terra, ainda assim, se não tiver percepção de Deus, eu classificaria ele com o maior ateu. E um homem pode nunca ter entrado numa igreja ou numa mesquita, nem realizado qualquer cerimônia, mas se ele sente Deus dentro de si e é assim elevado acima das vaidades do mundo, esse homem é um homem santo, um santo, chame-o como quiser. vai. Assim que um homem se levanta e diz que está certo ou que sua igreja está certa, e todos os outros estão errados, ele próprio está totalmente errado. Ele não sabe que da prova de todos os outros depende a prova da sua própria. Amor e caridade para com toda a raça humana, eis a prova da verdadeira religiosidade. Não me refiro à afirmação sentimental de que todos os homens são irmãos, mas de que é preciso sentir a unidade da vida humana. Na medida em que não sejam exclusivos, vejo que as seitas e credos são todos meus; eles são todos grandiosos. Todos eles estão ajudando os homens em direção à verdadeira religião. Acrescento que é bom nascer numa igreja, mas é mau morrer lá. É bom nascer criança, mas é ruim continuar criança. Igrejas, cerimônias e símbolos são bons para as crianças, mas quando a criança crescer, ela deverá explodir a igreja ou a si mesma. Não devemos permanecer crianças para sempre. É como tentar ajustar um casaco a todos os tamanhos e alturas. Não deprecio a existência de seitas no mundo. Quisera Deus que houvesse mais vinte milhões, pois quanto mais houver, maior será o campo de seleção. O que me oponho é tentar adequar uma religião a cada caso. Embora todas as religiões sejam essencialmente iguais, elas devem ter variedades de formas produzidas por circunstâncias

diferentes entre diferentes nações. Cada um de nós deve ter sua própria religião individual, individual no que diz respeito às suas exterioridades.

Há muitos anos, visitei um grande sábio do nosso país, um homem muito santo. Falamos do nosso livro revelado, os Vedas, da sua Bíblia, do Alcorão e dos livros revelados em geral. No final da nossa conversa, esse bom homem pediu-me que fosse até a mesa e pegasse um livro; era um livro que, entre outras coisas, continha a previsão das chuvas do ano. O sábio disse: “Leia isso”. E li a quantidade de chuva que iria cair. Ele disse: “Agora pegue o livro e aperte-o”. Eu fiz isso e ele disse: “Ora, meu rapaz, não sai uma gota d’água. Até que a água saia, é tudo livro, livro. Então, até que sua religião faça você perceber Deus, ela é inútil. Aquele que só livros de estudos de religião lembram a fábula do burro que carregava nas costas uma pesada carga de açúcar, mas não conhecia a doçura disso.

Devemos aconselhar os homens a se ajoelharem e clamarem: “Ó miseráveis pecadores que somos!” Não, antes lembremo-los da sua natureza divina. Vou te contar uma história. Uma leoa em busca de uma presa encontrou um rebanho de ovelhas e, ao pular em uma delas, deu à luz um filhote e morreu no local. O jovem leão foi criado no rebanho, comia grama e balia como uma ovelha, e nunca soube que era um leão. Um dia, um leão se deparou com o rebanho e ficou surpreso ao ver nele um enorme leão comendo grama e balindo como uma ovelha. À sua vista, o rebanho fugiu e as ovelhas-leões com eles. Mas o leão aproveitou a oportunidade e um dia encontrou a ovelha-leão dormindo. Ele o acordou e disse: “Você é um leão”. O outro disse: “Não” e começou a balir como uma ovelha. Mas o leão estranho levou-o a um lago e pediu-lhe que olhasse na água para a sua própria imagem e visse se não se parecia com ele, o leão estranho. Ele olhou e reconheceu que sim. Então o leão estranho começou a rugir e pediu-lhe que fizesse o mesmo. A ovelha-leão testou sua voz e logo estava rugindo tão grandiosamente quanto a outra. E ele não era mais uma ovelha.

Meus amigos, gostaria de dizer a todos vocês que vocês são poderosos como leões.

Se o quarto estiver escuro, você bate no peito e chora: “Está escuro, escuro, escuro!” Não, a única maneira de obter a luz é acender uma luz, e então a escuridão desaparece. A única maneira de perceber a luz acima de você é

atingir a luz espiritual dentro de você, e as trevas do pecado e da impureza desaparecerão. Pense no seu eu superior, não no inferior.

* * *

Algumas perguntas e respostas aqui se seguiram.

P. Um homem na audiência disse: “Se os ministros pararem de pregar o fogo do inferno, eles não terão controle sobre o seu povo”.

R. É melhor que eles percam o controle então. O homem que está assustado com a religião não tem religião alguma. Melhor ensiná-lo sobre sua natureza divina do que sobre seu animal.

P. O que o Senhor quis dizer quando disse: “O reino dos céus não é deste mundo?”

A. Que o reino dos céus está dentro de nós. A ideia judaica era um reino dos céus nesta terra. Essa não foi a idéia de Jesus.

P. Você acredita que viemos dos animais?

R. Acredito que, pela lei da evolução, os seres superiores surgiram dos reinos inferiores.

P. Você conhece alguém que se lembre de sua vida anterior?

R. Conheci alguns que me disseram que se lembravam de sua vida anterior. Eles chegaram a um ponto em que podiam se lembrar de suas encarnações anteriores.

P. Você acredita na crucificação de Cristo?

A. Cristo era Deus encarnado; eles não poderiam matá-lo. Aquilo que foi crucificado era apenas uma aparência, uma miragem.

P. Se ele pudesse ter produzido uma aparência como essa, não teria sido o maior milagre de todos?

R. Considero os milagres os maiores obstáculos no caminho da verdade. Quando os discípulos de Buda lhe contaram sobre um homem que havia realizado um chamado milagre - pegou uma tigela de uma grande altura sem tocá-la - e lhe mostraram a tigela, ele pegou-a e esmagou-a sob seus pés e disse-lhes que nunca construir sua fé em milagres, mas buscar a verdade em princípios eternos. Ele lhes ensinou a verdadeira luz interior – a luz do espírito, que é a única luz segura pela qual se pode guiar. Milagres são apenas obstáculos. Deixemo-los de lado.

P. Você acredita que Jesus pregou o Sermão da Montanha?

R. Eu acredito que sim. Mas neste assunto tenho que seguir os livros como outros fazem, e estou ciente de que o mero testemunho de livros é um terreno bastante instável. Mas estamos todos seguros em seguir os ensinamentos do Sermão da Montanha como guia. Temos que pegar o que agrada ao nosso espírito interior. Buda ensinou quinhentos anos antes de Cristo, e as suas palavras estavam cheias de bênçãos: nunca uma maldição saiu dos seus lábios, nem da sua vida; nunca de Zoroastro, nem de Confúcio.

1.4.2 A RELIGIÃO HINDU

Minha religião é aprender. Eu leio melhor a minha Bíblia à luz da sua Bíblia e as profecias sombrias da minha religião tornam-se mais brilhantes quando comparadas com as dos seus profetas. A verdade sempre foi universal. Se eu sozinho tivesse seis dedos em minha mão enquanto todos vocês tivessem apenas cinco, vocês não pensariam que minha mão era a verdadeira intenção da natureza, mas sim que ela era anormal e doente. O mesmo acontece com a religião. Se apenas um credo fosse verdadeiro e todos os outros falsos, você teria o direito de dizer que aquela religião estava doente; se uma religião é verdadeira, todas as outras devem ser verdadeiras. Assim, a religião hindu é propriedade sua e também minha. Dos duzentos e noventa milhões de pessoas que habitam a Índia, apenas dois milhões são cristãos, sessenta milhões de muçulmanos e todo o resto são hindus.

Os hindus encontraram seu credo nos antigos Vedas, uma palavra derivada de Vid, “saber”. Trata-se de uma série de livros que, em nossa opinião, contêm a essência de todas as religiões; mas não pensamos que só eles contenham as verdades. Eles nos ensinam a imortalidade da alma. Em cada país e em cada peito humano existe um desejo natural de encontrar um equilíbrio estável – algo que não mude. Não podemos encontrá-lo na natureza, pois todo o universo nada mais é do que uma massa infinita de mudanças. Mas inferir disso que nada existe imutável é cair no erro da escola sulista de budistas e dos Chârvâkas, que acreditam que tudo é matéria e nada é mente, que toda religião é uma trapaça, e a moralidade e a bondade, superstições inúteis. . A filosofia Vedanta ensina que o homem não está limitado pelos seus cinco sentidos. Eles só conhecem o presente e nem o futuro nem o passado; mas como o presente significa tanto o passado como o futuro, e todos os três são apenas demarcações do tempo, o presente também seria desconhecido se não fosse por algo acima dos sentidos, algo independente do tempo, que unifica o passado e o futuro no presente. .

Mas o que é independente? Não o nosso corpo, pois depende de condições externas; nem a nossa mente, porque os pensamentos que a compõem são causados. É a nossa alma. Os Vedas dizem que o mundo inteiro é uma mistura de independência e dependência, de liberdade e escravidão, mas através de tudo isso brilha a alma independente, imortal, pura, perfeita, santa. Pois se for independente, não pode perecer, pois a morte é apenas uma mudança e depende de condições; se for independente, deve ser perfeita, pois a imperfeição é novamente apenas uma condição e, portanto, dependente. E esta alma imortal e perfeita deve ser a mesma tanto no Deus mais elevado como no homem mais humilde, sendo a diferença entre eles apenas no grau em que esta alma se manifesta.

Mas por que deveria a alma tomar para si um corpo? Pela mesma razão que pego um espelho: para me ver. Assim, no corpo, a alma se reflete. A alma é Deus, e todo ser humano tem dentro de si uma divindade perfeita, e cada um deverá mostrar sua divindade mais cedo ou mais tarde. Se eu estiver em um quarto escuro, nenhum protesto o tornará mais claro – devo acender um fósforo. Da mesma forma, nenhuma quantidade de resmungos e lamentos tornará nosso corpo imperfeito mais perfeito. Mas o Vedanta ensina – invoque a sua alma, mostre a sua divindade. Ensinem aos seus filhos que

eles são divinos, que a religião é algo positivo e não uma bobagem negativa; que não é sujeição a gemidos quando sob opressão, mas expansão e manifestação.

Todas as religiões afirmam que o presente e o futuro do homem são modificados pelo passado e que o presente é apenas o efeito do passado. Como é, então, que cada criança nasce com uma experiência que não pode ser explicada pela transmissão hereditária? Como é que alguém nasce de bons pais, recebe uma boa educação e se torna um bom homem, enquanto outro vem de pais apaixonados e acaba na forca? Como você explica essa desigualdade sem implicar Deus? Por que um Pai misericordioso deveria colocar Seu filho em condições que trariam miséria? Não é explicação alguma dizer que Deus fará as pazes; mais tarde – Deus não tem dinheiro de sangue. Então, também, o que acontece com a minha liberdade, se este for o meu primeiro nascimento? Vindo a este mundo sem a experiência de uma vida anterior, minha independência desapareceria, pois meu caminho seria marcado pela experiência de outros. Se não posso ser o criador da minha própria fortuna, então não sou livre. Assumo sobre mim a culpa pela miséria desta existência e digo que desfarei o mal que fiz em outra existência. Esta é, então, a nossa filosofia da migração da alma. Entramos nesta vida com a experiência de outra, e a fortuna ou infortúnio desta existência é o resultado de nossos atos em uma existência anterior, sempre nos tornando melhores, até que finalmente a perfeição seja alcançada.

Acreditamos em um Deus, o Pai do universo, infinito e onipotente. Mas se a nossa alma finalmente se tornar perfeita, ela também deverá tornar-se infinita. Mas não há espaço para dois seres infinitos e incondicionais e, portanto, acreditamos num Deus Pessoal, e nós mesmos somos Ele. Estas são as três etapas que toda religião percorreu. Primeiro vemos Deus no além, depois nos aproximamos Dele e lhe damos onipresença para que vivamos Nele; e finalmente reconhecemos que somos Ele. A ideia de um Deus Objetivo não é falsa – na verdade, toda ideia de Deus e, portanto, toda religião, é verdadeira, pois cada uma é apenas um estágio diferente na jornada, cujo objetivo é a concepção perfeita dos Vedas. Por isso, também, não apenas toleramos, mas nós, hindus, aceitamos todas as religiões, rezando na mesquita dos maometanos, adorando diante do fogo dos zoroastrianos e ajoelhando-nos diante da cruz dos cristãos, sabendo que

todas as religiões, desde as mais baixas do fetichismo ao mais elevado absolutismo, significam tantas tentativas da alma humana para compreender e realizar o infinito, cada uma determinada pelas condições de seu nascimento e associação, e cada uma delas marcando um estágio de progresso. Reunimos todas essas flores e as amarramos com o barbante do amor, formando um maravilhoso buquê de adoração.

Se eu sou Deus, então minha alma é um templo do Altíssimo, e cada movimento meu deveria ser uma adoração – amor pelo amor, dever pelo dever, sem esperança de recompensa ou medo de punição. Assim, a minha religião significa expansão, e expansão significa realização e percepção no sentido mais elevado – sem murmurações ou genuflexões. O homem deve tornar-se divino, realizando o divino cada vez mais, dia após dia, num progresso sem fim.

(Resumo de uma palestra proferida perante a Ethical Society, Brooklyn, na Pouch Gallery na Clinton Avenue, em 30 de dezembro de 1894. Reproduzido do Brooklyn Standard Union.)

1.4.3 O QUE É RELIGIÃO?

Uma enorme locomotiva ultrapassou a linha e um pequeno verme que rastejava sobre um dos trilhos salvou sua vida rastejando para fora do caminho da locomotiva. No entanto, este pequeno verme, tão insignificante que pode ser esmagado num momento, é uma coisa viva, enquanto esta locomotiva, tão grande, tão imensa, é apenas um motor, uma máquina. Você diz que um tem vida e o outro é apenas matéria morta e que todos os seus poderes, força e velocidade são apenas os de uma máquina morta, um dispositivo mecânico. No entanto, o pobre verme que se movia sobre os trilhos e que o menor toque da locomotiva teria privado de sua vida é um ser majestoso comparado àquela enorme locomotiva. É uma pequena parte do Infinito e, portanto, é maior que este poderoso motor. Por que deveria ser assim? Como podemos distinguir os vivos dos mortos? A máquina executa mecanicamente todos os movimentos que seu criador a obrigou a realizar; seus movimentos não são os da vida. Como podemos então fazer a distinção entre os vivos e os mortos? Na vida existe liberdade, existe inteligência; nos

mortos tudo está preso e nenhuma liberdade é possível, porque não há inteligência. Esta liberdade que nos distingue das meras máquinas é o que todos almejamos. Ser mais livre é o objetivo de todos os nossos esforços, pois somente na liberdade perfeita pode haver perfeição. Este esforço para alcançar a liberdade está subjacente a todas as formas de adoração, quer saibamos disso ou não.

Se examinássemos os vários tipos de adoração em todo o mundo, veríamos que os mais rudes da humanidade estão adorando fantasmas, demônios e os espíritos de seus antepassados – adoração à serpente, adoração a deuses tribais e adoração aos que partiram. . Porque é que eles fazem isto? Porque sentem que de alguma forma desconhecida estes seres são maiores, mais poderosos que eles próprios e limitam a sua liberdade. Procuram, portanto, apaziguar esses seres para evitar que os molestem, ou seja, para obter mais liberdade. Eles também procuram ganhar o favor desses seres superiores, para obter, por meio de dádiva dos deuses, o que deveria ser conquistado pelo esforço pessoal.

No geral, isto mostra que o mundo espera um milagre. Essa expectativa nunca nos abandona e, por mais que tentemos, estamos todos correndo atrás do milagroso e do extraordinário. O que é a mente senão aquela incessante investigação do significado e do mistério da vida? Podemos dizer que apenas pessoas incultas vão atrás de todas essas coisas, mas a questão ainda permanece: Por que deveria ser assim? Os judeus estavam pedindo um milagre. O mundo inteiro tem pedido o mesmo há milhares de anos. Há, novamente, a insatisfação universal. Criamos um ideal, mas corremos apenas até a metade do caminho quando criamos um novo. Lutamos muito para atingir algum objetivo e depois descobrimos que não o queremos. Estamos tendo essa insatisfação repetidas vezes, e o que há na mente para que haja apenas insatisfação? Qual é o significado desta insatisfação universal? É porque a liberdade é o objetivo de todo homem. Ele busca isso sempre, toda a sua vida é uma luta por isso. A criança rebela-se contra a lei assim que nasce. A sua primeira expressão é um grito, um protesto contra a escravidão em que se encontra. Este anseio de liberdade produz a ideia de um Ser absolutamente livre. O conceito de Deus é um elemento fundamental na constituição humana. No Vedanta, Sat-chit-ânanda (Existência-Conhecimento-Bem-aventurança) é o conceito mais elevado de

Deus possível para a mente. É a essência do conhecimento e é, por natureza, a essência da bem-aventurança. Temos sufocado essa voz interior há bastante tempo, procurando seguir a lei e acalmar a natureza humana, mas existe aquele instinto humano de se rebelar contra as leis da natureza. Podemos não compreender qual é o significado, mas existe aquela luta inconsciente do humano com o espiritual, do inferior com a mente superior, e a luta tenta preservar a vida separada de alguém, o que chamamos de nossa “individualidade”.

Até os infernos se destacam pelo fato milagroso de que nascemos rebeldes; e o primeiro fato da vida – a irrupção da própria vida – contra isso nos rebelamos e clamamos: “Não há lei para nós”. Enquanto obedecermos às leis, seremos como máquinas, e o universo continua, e não podemos quebrá-lo. Leis como leis tornam-se a natureza do homem. O primeiro indício da vida em seu nível superior é ver essa luta dentro de nós para quebrar o vínculo da natureza e sermos livres. "Liberdade, ó liberdade! Liberdade, ó liberdade!" é a canção da alma. A escravidão, infelizmente, estar preso por natureza, parece ser o seu destino.

Por que deveria haver adoração de serpentes, fantasmas ou demônios e todos esses vários credos e formas de milagres? Por que dizemos que existe vida, que existe ser em alguma coisa? Deve haver um sentido em toda essa busca, nesse esforço para compreender a vida, para explicar o ser. Não é sem sentido e vão. É o esforço incessante do homem para se tornar livre. O conhecimento que hoje chamamos de ciência tem lutado durante milhares de anos na sua tentativa de conquistar a liberdade, e as pessoas pedem liberdade. No entanto, não há liberdade na natureza. É tudo lei. Mesmo assim a luta continua. Não, toda a natureza, desde o sol até os átomos, está sob lei, e mesmo para o homem não há liberdade. Mas não podemos acreditar. Temos estudado as leis desde o início e ainda assim não podemos — ou melhor, não acreditaremos — que o homem esteja sob a lei. A alma clama sempre: "Liberdade, ó Liberdade!" Com a concepção de Deus como um Ser perfeitamente livre, o homem não pode descansar eternamente nesta escravidão. Ele deveria subir mais alto e, a menos que a luta fosse por ele mesmo, ele a consideraria muito severa. O homem diz para si mesmo: “Nasci escravo, estou preso; no entanto, existe um Ser que não está preso à natureza. Ele é livre e Mestre da natureza”.

A concepção de Deus, portanto, é uma parte tão essencial e fundamental da mente quanto a ideia de escravidão. Ambos são o resultado da ideia de liberdade. Não pode haver vida, mesmo na planta, sem a ideia de liberdade. Na planta ou no verme, a vida deve elevar-se ao conceito individual. Está ali, trabalhando inconscientemente, a planta vivendo sua vida para preservar a variedade, o princípio ou a forma, e não a natureza. A ideia da natureza controlando cada passo adiante anula a ideia de liberdade. Avante avança a ideia do mundo material, avança a ideia de liberdade. Mesmo assim a luta continua. Estamos ouvindo sobre todas as disputas entre credos e seitas, mas credos e seitas são justos e apropriados, eles devem existir. A cadeia está a alongar-se e naturalmente a luta aumenta, mas não haveria discussões se soubéssemos que estamos todos a lutar para alcançar o mesmo objectivo.

A personificação da liberdade, o Mestre da natureza, é o que chamamos de Deus. Você não pode negá-Lo. Não, porque você não pode se mover ou viver sem a ideia de liberdade. Você viria aqui se não acreditasse que era livre? É bem possível que o biólogo possa e dê alguma explicação sobre esse esforço perpétuo para ser livre. Tome tudo isso como certo, mas a ideia de liberdade ainda está presente. É um fato, tanto quanto o outro fato que aparentemente você não consegue superar, o fato de estar sob a natureza.

A escravidão e a liberdade, a luz e a sombra, o bem e o mal devem estar presentes, mas o próprio fato da escravidão mostra também esta liberdade escondida ali. Se um é um fato, o outro é igualmente um fato. Deve haver essa ideia de liberdade. Embora agora não possamos ver que esta ideia de escravidão, no homem inculto, é a sua luta pela liberdade, ainda assim a ideia de liberdade está lá. A escravidão do pecado e da impureza no selvagem inculto é muito pequena para sua consciência, pois sua natureza é apenas um pouco mais elevada que a do animal. Ele luta contra a escravidão da natureza física, a falta de gratificação física, mas a partir desta consciência inferior cresce e amplia a concepção superior de uma escravidão mental ou moral e um anseio por liberdade espiritual. Aqui vemos o divino brilhando vagamente através do véu da ignorância. O véu é muito denso no início e a luz pode estar quase obscurecida, mas ela está lá, sempre pura e não ofuscada – o fogo radiante da liberdade e da perfeição. O homem personifica isso como o Governante do Universo, o Único Ser

Livre. Ele ainda não sabe que o universo é todo um, que a diferença está apenas no grau, no conceito.

Toda a natureza é adoração a Deus. Onde quer que haja vida, há esta busca pela liberdade e essa liberdade é igual a Deus. Necessariamente esta liberdade nos dá domínio sobre toda a natureza e é impossível sem conhecimento. Quanto mais sabemos, mais nos tornamos mestres da natureza. Somente o domínio está nos tornando fortes e se existe algum ser inteiramente livre e senhor da natureza, esse ser deve ter um conhecimento perfeito da natureza, deve ser onipresente e onisciente. A liberdade deve andar de mãos dadas com estes, e ser o único que os adquiriu estará além da natureza.

Bem-aventurança, paz eterna, decorrente da liberdade perfeita, é o conceito mais elevado de religião subjacente a todas as ideias de Deus no Vedanta – Existência absolutamente livre, não vinculada a nada, nenhuma mudança, nenhuma natureza, nada que possa produzir uma mudança Nele. Esta mesma liberdade está em você e em mim e é a única liberdade real.

Deus ainda está estabelecido em Seu próprio Eu majestoso e imutável. Você e eu tentamos ser um com Ele, mas plantamo-nos na natureza, nas ninharias da vida diária, no dinheiro, na fama, no amor humano e em todas essas formas mutáveis da natureza que criam escravidão. Quando a natureza brilha, de que depende o brilho? Sobre Deus e não sobre o sol, nem a lua, nem as estrelas. Onde quer que alguma coisa brilhe, seja a luz do sol ou a nossa própria consciência, é Ele. Ele brilha, tudo brilha depois dele.

Agora vimos que este Deus é evidente por si mesmo, impessoal, onisciente, o Conhecedor e Mestre da natureza, o Senhor de tudo. Ele está por trás de toda adoração e ela está sendo feita de acordo com Ele, quer saibamos disso ou não. Vou um passo além. Aquilo que todos se maravilham, aquilo que chamamos de mal, é também a Sua adoração. Isto também faz parte da liberdade. Não, serei até terrível e lhe direi que, quando você está fazendo o mal, o impulso por trás também é essa liberdade. Pode ter sido mal orientado e enganado, mas estava lá; e não pode haver vida ou impulso a menos que essa liberdade esteja por trás dele. A liberdade respira na pulsação do universo. A menos que haja unidade no coração universal, não poderemos compreender a variedade. Tal é a concepção do Senhor nos

Upanishads. Às vezes, eleva-se ainda mais, apresentando-nos um ideal diante do qual a princípio ficamos horrorizados – que somos, em essência, um com Deus. Aquele que é o colorido das asas da borboleta e o desabrochar do botão da rosa é o poder que está na planta e na borboleta. Aquele que nos dá vida é o poder dentro de nós. Do Seu fogo surge a vida, e a morte mais terrível também é o Seu poder. Aquele cuja sombra é a morte, Sua sombra também é a imortalidade. Tome uma concepção ainda mais elevada. Veja como estamos fugindo como lebres caçadas de tudo o que é terrível, e como eles, escondendo a cabeça e pensando que estamos seguros. Veja como o mundo inteiro está fugindo de tudo que é terrível. Certa vez, quando estava em Varanasi, estava passando por um lugar onde havia um grande tanque de água de um lado e um muro alto do outro. Foi no terreno onde havia muitos macacos. Os macacos de Varanasi são brutos enormes e às vezes mal-humorados. Eles agora decidiram não me deixar passar pela rua deles, então eles uivaram e gritaram e agarraram meus pés quando eu passei. À medida que eles se aproximavam, comecei a correr, mas quanto mais rápido corria, mais rápido chegavam os macacos e começaram a me morder. Parecia impossível escapar, mas naquele momento encontrei um estranho que me gritou: “Enfrente os brutos”. Virei-me e encarei os macacos, e eles recuaram e finalmente fugiram. Essa é uma lição para toda a vida: enfrente o terrível, enfrente-o com ousadia. Tal como os macacos, as dificuldades da vida diminuem quando deixamos de fugir diante delas. Se quisermos ganhar a liberdade, deve ser conquistando a natureza, nunca fugindo. Os covardes nunca conquistam vitórias. Temos de combater o medo, os problemas e a ignorância se esperamos que eles fujam diante de nós.

O que é a morte? O que são terrores? Você não vê a face do Senhor neles? Fuja do mal, do terror e da miséria, e eles o seguirão. Enfrente-os e eles fugirão. O mundo inteiro adora a facilidade e o prazer, e muito poucos ousam adorar aquilo que é doloroso. Elevar-se acima de ambos é a ideia de liberdade. A menos que o homem passe por este portão, ele não poderá ser livre. Todos nós temos que enfrentar isso. Nós nos esforçamos para adorar o Senhor, mas o corpo surge entre nós, a natureza surge entre Ele e nós e cega nossa visão. Devemos aprender como adorá-Lo e amá-Lo no raio, na vergonha, na tristeza, no pecado. O mundo inteiro sempre pregou o Deus da virtude. Eu prego um Deus de virtude e um Deus de pecado em um. Aceite-

O se tiver coragem – esse é o único caminho para a salvação; somente então chegará até nós a Verdade Última que vem da ideia de unidade. Então se perderá a ideia de que um é maior que o outro. Quanto mais nos aproximarmos da lei da liberdade, mais nos submeteremos ao Senhor e os problemas desaparecerão. Então não diferenciaremos a porta do inferno da porta do céu, nem diferenciaremos os homens e diremos: “Eu sou maior do que qualquer ser no universo”. Até que não vejamos nada no mundo, exceto o próprio Senhor, todos esses males nos assolarão e faremos todas essas distinções; porque só no Senhor, no Espírito, somos todos um; e até que vejamos Deus em todos os lugares, esta unidade não existirá para nós.

Dois pássaros de bela plumagem, companheiros inseparáveis, pousavam na mesma árvore, um no topo e outro embaixo. O lindo pássaro lá embaixo comia os frutos da árvore, doces e amargos, um momento doce e outro amargo. No momento em que comeu uma fruta amarga, ele se arrependeu, mas depois de um tempo comeu outra e quando também estava amarga, ele olhou para cima e viu o outro pássaro que não comia nem o doce nem o amargo, mas estava calmo e majestoso, imerso em sua própria glória. E então o pobre pássaro inferior esqueceu e continuou comendo as frutas doces e amargas novamente, até que finalmente comeu uma extremamente amarga; e então ele parou novamente e mais uma vez olhou para o glorioso pássaro acima. Então ele se aproximou cada vez mais do outro pássaro; e quando ele chegou perto o suficiente, raios de luz brilharam sobre ele e o envolveram, e ele viu que estava transformado no pássaro mais alto. Ele ficou calmo, majestoso, livre e descobriu que havia apenas um pássaro na árvore o tempo todo. O pássaro de baixo era apenas o reflexo do de cima. Portanto, somos na realidade um com o Senhor, mas o reflexo nos faz parecer muitos, como quando o único sol se reflete em um milhão de gotas de orvalho e parece um milhão de pequenos sóis. A reflexão deve desaparecer se quisermos nos identificar com a nossa verdadeira natureza, que é divina. O próprio universo nunca pode ser o limite da nossa satisfação. É por isso que o avarento junta cada vez mais dinheiro, é por isso que o ladrão rouba, o pecador peca, é por isso que você está aprendendo filosofia. Todos têm um propósito. Não há outro propósito na vida, exceto alcançar essa liberdade. Consciente ou inconscientemente, todos nós buscamos a perfeição. Todo ser deve alcançá-lo.

O homem que tateia no pecado, na miséria, o homem que escolhe o caminho através dos infernos, chegará lá, mas levará tempo. Não podemos salvá-lo. Algumas pancadas fortes na sua cabeça o ajudarão a voltar-se para o Senhor. O caminho da virtude, da pureza, do altruísmo, da espiritualidade torna-se finalmente conhecido e o que todos estão fazendo inconscientemente, estamos tentando fazer conscientemente. A ideia é expressa por São Paulo: “O Deus que vocês ignorantemente adoram, eu o declaro a vocês”. Esta é a lição que o mundo inteiro deve aprender. O que essas filosofias e teorias da natureza têm a fazer, senão ajudar-nos a atingir esse único objetivo na vida? Cheguemos a essa consciência da identidade de tudo e deixemos o homem ver-se em tudo. Não sejamos mais adoradores de credos ou seitas com noções pequenas e limitadas de Deus, mas vejamo-Lo em tudo no universo. Se você conhece a Deus, encontrará em todos os lugares a mesma adoração que encontra em seu próprio coração.

Livre-se, em primeiro lugar, de todas essas ideias limitadas e veja Deus em cada pessoa – trabalhando por meio de todas as mãos, andando por todos os pés e comendo por todas as bocas. Em cada ser Ele vive, em todas as mentes Ele pensa. Ele é evidente, mais próximo de nós do que nós mesmos. Saber que isto é religião, é fé, e que agrade ao Senhor dar-nos esta fé! Quando sentirmos essa unidade, seremos imortais. Somos até fisicamente imortais, um com o universo. Enquanto houver um que respire em todo o universo, eu viverei nele. Não sou esse pequeno ser limitado, sou o universal. Eu sou a vida de todos os filhos do passado. Eu sou a alma de Buda, de Jesus, de Maomé. Eu sou a alma dos professores, e sou todos os ladrões que roubaram, e todos os assassinos que foram enforcados, sou o universal. Levante-se então; esta é a adoração mais elevada. Você é um com o universo. Isso é apenas humildade – não rastejar de quatro e chamar a si mesmo de pecador. Essa é a evolução mais elevada quando este véu de diferenciação é arrancado. O credo mais elevado é a Unidade. Eu sou fulano de tal é uma ideia limitada, não verdadeira em relação ao verdadeiro “eu”. Eu sou a universal; permaneça nisso e sempre adore o Altíssimo através da forma mais elevada, pois Deus é Espírito e deve ser adorado em espírito e em verdade. Através de formas inferiores de adoração, os pensamentos materiais do homem elevam-se à adoração espiritual e o Infinito Universal é finalmente adorado no espírito e através dele. Aquilo que é limitado é material. Somente o Espírito é infinito. Deus é Espírito, é

infinito; o homem é Espírito e, portanto, infinito, e somente o Infinito pode adorar o Infinito. Adoraremos o Infinito; essa é a adoração espiritual mais elevada. A grandeza de concretizar essas ideias, como é difícil! Teorizo, falo, filosofo; e no momento seguinte algo vem contra mim, e inconscientemente fico com raiva, esqueço que há qualquer coisa no universo além deste pequeno eu limitado, esqueço de dizer: "Eu sou o Espírito, o que é essa bagatela para mim? Eu sou o Espírito." Esqueço que sou eu quem está brincando, esqueço Deus, esqueço a liberdade.

Afiada como a lâmina de uma navalha, longa e difícil de atravessar, é o caminho para a liberdade. Os sábios declararam isso repetidas vezes. No entanto, não deixe que essas fraquezas e falhas o prendam. Os Upanishads declararam: "Levante-se! Desperte! e não pare até que a meta seja alcançada." Certamente cruzaremos o caminho, por mais afiado que seja como uma navalha, e por mais longo, distante e difícil que seja. O homem se torna o mestre de deuses e demônios. Ninguém é culpado por nossas misérias, exceto nós mesmos. Você acha que só existe um copo escuro de veneno se o homem for procurar néctar? O néctar está aí e é para todo homem que se esforça para alcançá-lo. O próprio Senhor nos diz: "Desista de todos esses caminhos e lutas. Refugie-se em Mim. Eu te levarei para a outra margem, não tenha medo". Ouvimos isso de todas as escrituras do mundo que chegam até nós. A mesma voz nos ensina a dizer: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu", pois "tu é o reino, o poder e a glória". É difícil, tudo muito difícil. Digo a mim mesmo: "Neste momento me refugiarei em Ti, ó Senhor. Ao Teu amor sacrificarei tudo, e no Teu altar colocarei tudo o que é bom e virtuoso. e o mal, eu oferecerei a Ti; Tu os leva e eu nunca esquecerei." Num momento eu digo: "seja feita a tua vontade", e no momento seguinte algo vem me tentar e eu fico furioso. O objetivo de todas as religiões é o mesmo, mas a linguagem dos professores é diferente. A tentativa é matar o falso "eu", para que o verdadeiro "eu", o Senhor, reine. "Eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus zeloso. Não terás outros deuses diante de mim", dizem as escrituras hebraicas. Deus deve estar lá sozinho. Devemos dizer: "Não eu, mas Tu", e então devemos desistir de tudo, exceto do Senhor. Ele, e somente Ele, deveria reinar. Talvez lutemos muito e, no momento seguinte, nossos pés escorregam e tentamos estender as mãos para a Mãe. Descobrimos que não podemos ficar sozinhos. A vida é infinita, um capítulo da qual é: "Faça-se a tua vontade",

e a menos que compreendamos todos os capítulos, não poderemos compreender o todo. “Seja feita a tua vontade” – a cada momento a mente traidora se rebela contra ela, mas isso deve ser dito repetidas vezes, se quisermos conquistar o eu inferior. Não podemos servir um traidor e ainda assim sermos salvos. Há salvação para todos, exceto para o traidor, e somos condenados como traidores, traidores contra nós mesmos, contra a majestade da Mãe, quando nos recusamos a obedecer à voz do nosso Eu superior. Aconteça o que acontecer, devemos entregar nossos corpos e mentes à Vontade Suprema. Bem foi dito pelo filósofo hindu: "Se o homem disser duas vezes: 'seja feita a tua vontade', ele comete pecado." “Faça-se a tua vontade”, o que mais é necessário, por que dizê-lo duas vezes? O que é bom é bom. Não mais devemos recuperá-lo. "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu, porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre."

1.4.4 IDEAIS RELIGIOSOS VÉDICOS

O que mais nos preocupa é o pensamento religioso – sobre a alma e Deus e tudo o que diz respeito à religião. Tomaremos os Samhitâs. São coleções de hinos que formam, por assim dizer, a literatura ariana mais antiga, propriamente falando, a literatura mais antiga do mundo. Pode ter havido alguns fragmentos de literatura mais antiga aqui e ali, até mais antigos do que isso, mas não livros, ou literatura propriamente dita. Como livro colecionado, este é o livro mais antigo que o mundo possui, e aqui é retratado o sentimento mais antigo dos arianos, suas aspirações, as questões que surgiram sobre seus costumes e métodos, e assim por diante. Logo de início encontramos uma ideia muito curiosa. Esses hinos são cantados em louvor a diferentes deuses, Devas como são chamados, os brilhantes. Há um grande número deles. Um é chamado Indra, outro Varuna, outro Mitra, Parjanya, e assim por diante. Várias figuras mitológicas e alegóricas aparecem diante de nós, uma após a outra – por exemplo, Indra, o trovão, golpeando a serpente que impediu a humanidade de receber as chuvas. Então ele solta seu raio, a serpente é morta e a chuva cai em chuvas torrenciais. O povo fica satisfeito e adora Indra com oblações. Eles fazem uma pira sacrificial, matam alguns animais, assam sua carne no espeto e oferecem essa carne a Indra. E eles tinham uma planta popular chamada Soma. Que planta era ninguém sabe agora; desapareceu completamente,

mas pelos livros deduzimos que, quando esmagado, produzia uma espécie de suco leitoso, e que era fermentado; e também pode-se concluir que esse suco fermentado de Soma era inebriante. Isso também eles ofereceram a Indra e aos outros deuses, e eles próprios também beberam. Às vezes bebiam um pouco demais, e os deuses também. Indra ocasionalmente ficava bêbado. Há passagens que mostram que Indra certa vez bebeu tanto desse suco Soma que falou palavras irrelevantes. O mesmo acontece com Varuna. Ele é outro deus, muito poderoso, e da mesma forma protege seus devotos, e eles o louvam com suas libações de Soma. O mesmo acontece com o deus da guerra e assim por diante. Mas a ideia popular que parece tornar as mitologias dos Samhitas totalmente diferentes das outras mitologias é que junto com cada um desses deuses está a ideia de um infinito. Este infinito é abstrato e às vezes descrito como Âditya. Outras vezes, é afixado, por assim dizer, a todos os outros deuses. Tomemos, por exemplo, Indra. Em alguns livros você descobrirá que Indra tem um corpo, é muito forte, às vezes usa uma armadura dourada, e desce, vive e come com seus devotos, luta contra os demônios, luta contra as cobras, e assim por diante. Novamente, em um hino descobrimos que Indra recebeu uma posição muito elevada; ele é onipresente e onipotente, e Indra vê o coração de cada ser. O mesmo acontece com Varuna. Este Varuna é o deus do ar e é responsável pela água, assim como Indra era anteriormente; e então, de repente, nós o encontramos levantado e considerado onipresente, onipotente e assim por diante. Lerei uma passagem sobre Varuna em sua forma mais elevada e você entenderá o que quero dizer. Foi traduzido para poesia inglesa, por isso é melhor que eu o leia dessa forma.

O poderoso Senhor nas alturas nossas ações, como se estivessem próximas, espiona;

Os deuses sabem que todos os homens o fazem, embora os homens desejassem disfarçar seus atos;

Quem fica de pé, quem se move ou rouba de um lugar para outro,

Ou o esconde em sua cela secreta — os deuses rastreiam seus movimentos.

Onde quer que dois conspiram juntos e considerem que estão sozinhos,

O Rei Varuna está lá, um terceiro, e todos os seus esquemas são conhecidos.

Esta terra é dele, a ele pertencem aqueles céus vastos e ilimitados;

Ambos os mares dentro dele repousam, mas naquela pequena piscina ele jaz,

Quem está muito além do céu deve pensar em como voar.

Ele não poderia escapar das garras de Varuna, o Rei.

Seus espiões, descendo dos céus, planam por todo o mundo;

Seus mil olhos varrem totalmente os limites mais remotos da Terra.

Assim podemos multiplicar exemplos sobre os outros deuses; todos eles vêm, um após o outro, para compartilhar o mesmo destino - eles primeiro começam como deuses, e então são elevados a esta concepção como o Ser em quem todo o universo existe, que vê cada coração, que é o governante do universo. E no caso de Varuna, há outra ideia, apenas o germe de uma ideia que surgiu, mas foi imediatamente suprimida pela mente ariana, e essa ideia era a ideia do medo. Em outro lugar, lemos que eles estão com medo de terem pecado e pedem perdão a Varuna. Nunca foi permitido que essas ideias, por razões que você compreenderá mais tarde, crescessem em solo indiano, mas os germes estavam brotando ali, a ideia de medo e a ideia de pecado. Esta é a ideia, como todos sabem, do que se chama monoteísmo. Este monoteísmo, como vemos, chegou à Índia num período muito antigo. Ao longo dos Samhitas, na primeira e mais antiga parte, esta ideia monoteísta prevalece, mas descobriremos que ela não se mostrou suficiente para os arianos; eles a deixaram de lado, por assim dizer, como um tipo de ideia muito primitiva e foram adiante, como nós, hindus, pensamos. É claro

que ao ler livros e críticas aos Vedas escritos por Europeus, o Hindu não pode deixar de sorrir quando lê, que os escritos dos nossos autores estão saturados apenas desta educação anterior. As pessoas que absorveram como leite materno a idéia de que o ideal mais elevado de Deus é a idéia de um Deus Pessoal, naturalmente não ousam pensar nas linhas desses antigos pensadores da Índia, quando descobrem que logo após os Samhitas, o monoteísta A ideia com a qual a porção Samhita está repleta foi considerada pelos arianos como inútil e indigna de filósofos e pensadores, e que eles lutaram muito por uma ideia mais filosófica e transcendental. A idéia monoteísta era humana demais para eles, embora lhe dessem descrições como "O universo inteiro repousa Nele" e "Tu és o guardião de todos os corações". Os hindus eram ousados, para seu grande crédito, diga-se, pensadores ousados em todas as suas ideias, tão ousados que uma centelha do seu pensamento assusta os chamados pensadores ousados do Ocidente. Bem foi dito pelo Prof. Max Müller sobre esses pensadores que eles subiram a alturas onde só seus pulmões poderiam respirar e onde os de outros seres teriam estourado. Estas pessoas corajosas seguiram a razão onde quer que ela os levasse, não importa a que custo, nunca se importando se todas as suas melhores superstições fossem despedaçadas, nunca se importando com o que a sociedade pensaria sobre eles, ou falaria sobre eles; mas o que eles achavam que era certo e verdadeiro, eles pregaram e falaram.

Antes de entrarmos em todas essas especulações dos antigos sábios védicos, primeiro nos referiremos a um ou dois exemplos muito curiosos dos Vedas. O fato peculiar – que esses deuses são assumidos, por assim dizer, um após o outro, elevados e sublimados, até que cada um tenha assumido as proporções do infinito Deus Pessoal do Universo – exige uma explicação. O Prof. Max Müller cria para ele um novo nome, por considerá-lo peculiar aos hindus: ele o chama de "Henoteísmo". Não precisamos ir muito longe para obter a explicação. Está dentro do livro. A poucos passos do lugar onde encontramos esses deuses sendo elevados e sublimados, encontramos também a explicação. Surge a questão de como as mitologias hindus deveriam ser tão únicas, tão diferentes de todas as outras. Nas mitologias babilônicas ou gregas, encontramos um deus lutando para subir, e ele assume uma posição e permanece lá, enquanto os outros deuses morrem. De todos os Molochs, Jeová torna-se supremo, e os outros Molochs são

esquecidos, perdidos para sempre; ele é o Deus dos deuses. Assim também, de todos os deuses gregos, Zeus vem à frente e assume grandes proporções, torna-se o Deus do Universo, e todos os outros deuses são degradados em anjos menores. Este fato se repetiu em tempos posteriores. Os budistas e os jainistas elevaram um de seus profetas à divindade e tornaram todos os outros deuses subservientes a Buda ou a Jina. Este é o processo mundial, mas aí encontramos uma exceção, por assim dizer. Um deus é louvado e, por enquanto, diz-se que todos os outros deuses obedecem às suas ordens, e aquele mesmo que se diz ter sido elevado por Varuna é elevado, no próximo livro, à posição mais elevada. . Eles ocupam a posição do Deus Pessoal sucessivamente. Mas a explicação está no livro, e é uma grande explicação, que deu o tema a todo o pensamento subsequente na Índia, e que será o tema de todo o mundo das religiões: "Ekam Sat Viprâ Bahudhâ Vadanti – Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam por vários nomes." Em todos esses casos em que foram escritos hinos sobre todos esses deuses, o Ser percebido era um e o mesmo; foi o observador quem fez a diferença. Foi o hinista, o sábio, o poeta, que cantou em diferentes línguas e diferentes palavras, o louvor de um mesmo Ser. "Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam por vários nomes." Resultados tremendos se seguiram daquele versículo. Alguns de vocês, talvez, fiquem surpresos ao pensar que a Índia é o único país onde nunca houve uma perseguição religiosa, onde nunca houve qualquer homem perturbado por causa da sua fé religiosa. Teístas ou ateus, monistas, dualistas, monoteístas estão lá e vivem sempre sem serem molestados. Os materialistas foram autorizados a pregar nos degraus dos templos bramânicos, contra os deuses e contra o próprio Deus; eles pregaram por todo o país que a ideia de Deus era uma mera superstição, e que os deuses, os Vedas e a religião eram simplesmente superstições inventadas pelos sacerdotes para seu próprio benefício, e eles foram autorizados a fazer isso sem serem molestados. E assim, onde quer que fosse, Buda tentava reduzir ao pó todas as coisas antigas, sagradas para os hindus, e Buda morria de velhice. O mesmo fizeram os jainistas, que riram da ideia de Deus. "Como pode ser que existe um Deus?" eles perguntaram; "deve ser uma mera superstição." E assim por diante, existem inúmeros exemplos. Antes da onda muçulmana chegar à Índia, nunca se sabia o que era a perseguição religiosa; os hindus apenas experimentaram isso como se fossem feitos por estrangeiros. E mesmo agora é um facto patente o quanto os hindus ajudaram a construir igrejas cristãs, e quanta disponibilidade

existe para os ajudar. Nunca houve derramamento de sangue. Mesmo as religiões heterodoxas que surgiram na Índia foram igualmente afectadas; por exemplo, o budismo. O Budismo é uma grande religião em alguns aspectos, mas confundir o Budismo com o Vedanta não faz sentido; qualquer um pode assinalar a diferença que existe entre o Cristianismo e o Exército da Salvação. Existem pontos grandes e bons no Budismo, mas esses grandes pontos caíram em mãos que não foram capazes de mantê-los seguros. As jóias que vieram dos filósofos caíram nas mãos das turbas, e as turbas adotaram as suas ideias. Eles tinham muito entusiasmo, algumas ideias maravilhosas, ideias grandiosas e humanitárias, mas, afinal, há algo mais que é necessário – pensamento e intelecto – para manter tudo seguro. Onde quer que você veja as ideias mais humanitárias caírem nas mãos da multidão, o primeiro resultado, você pode notar, é a degradação. É o aprendizado e o intelecto que mantêm as coisas seguras. Agora, este Budismo foi a primeira religião missionária para o mundo, penetrou em todo o mundo civilizado tal como existia naquela época, e nunca foi derramada uma gota de sangue por essa religião. Lemos como na China os missionários budistas foram perseguidos e milhares foram massacrados por dois ou três imperadores sucessivos, mas depois disso a sorte favoreceu os budistas e um dos imperadores ofereceu-se para vingar-se dos perseguidores, mas os missionários recusaram. Tudo o que devemos a este versículo. É por isso que quero que você se lembre: “A quem eles chamam de Indra, Mitra, Varuna – Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam por vários nomes”.

Foi escrito, ninguém sabe em que data, pode ter sido há 8.000 anos, apesar do que todos os estudiosos modernos possam dizer, pode ter sido há 9.000 anos. Nenhuma dessas especulações religiosas é moderna, mas elas são tão atuais hoje quanto eram quando foram escritas, ou melhor, mais recentes, pois naquela época distante o homem não era tão civilizado como o conhecemos agora. Ele não aprendera a cortar a garganta do irmão porque seu pensamento diferia um pouco dele; ele não inundou o mundo com sangue, ele não se tornou demônio para seu próprio irmão. Em nome da humanidade, ele não massacróu toda a humanidade naquela época. Portanto, estas palavras chegam até nós hoje muito frescas, como grandes palavras estimulantes e vivificantes, muito mais frescas do que eram quando foram escritas: “Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam por

vários nomes”. Temos ainda que aprender que todas as religiões, seja qual for o nome que possam ser chamadas, sejam elas hindus, budistas, muçulmanas ou cristãs, têm o mesmo Deus, e quem zomba de qualquer uma delas zomba do seu próprio Deus.

Essa foi a solução a que chegaram. Mas, como já disse, esta antiga ideia monoteísta não satisfaz a mente hindu. Não foi suficientemente longe, não explicou o mundo visível: um governante do mundo não explica o mundo – certamente não. Um governante do universo não explica o universo, e muito menos um governante externo, alguém que está fora dele. Ele pode ser um guia moral, o maior poder do universo, mas isso não explica o universo; e a primeira questão que surge agora, assumindo proporções, é a questão sobre o universo: "De onde ele veio?" "Como isso aconteceu?" "Como isso existe?" Vários hinos podem ser encontrados sobre esta questão lutando para assumir forma, e em nenhum lugar a encontramos tão poeticamente e tão maravilhosamente expressa como no seguinte hino:

"Então não havia nada nem nada, nem ar, nem céu, nem nada. O que cobria tudo? Onde repousava tudo? Então não havia morte, nem imortalidade, nem mudança para noite e dia." A tradução perde boa parte da beleza poética. "Então a morte não existia, nem a imortalidade, nem a mudança da noite para o dia;" o próprio som do sânscrito é musical. "Aquilo existia, aquela respiração, cobrindo, por assim dizer, aquela existência de Deus; mas não começou a se mover." É bom lembrar esta ideia de que existia imóvel, porque descobriremos como esta ideia brota mais tarde na cosmologia, como de acordo com a metafísica e a filosofia hindus, todo este universo é uma massa de vibrações, por assim dizer, movimentos. ; e há períodos em que toda essa massa de movimentos diminui e se torna cada vez mais sutil, permanecendo nesse estado por algum tempo. Esse é o estado descrito neste hino. Existia imóvel, sem vibração, e quando esta criação começou, começou a vibrar e toda esta criação saiu dela, aquela respiração, calma, autossustentada, nada mais além dela.

"A escuridão existiu primeiro." Aqueles de vocês que já estiveram na Índia ou em qualquer país tropical e viram o estouro das monções compreenderão a majestade destas palavras. Lembro-me das tentativas de três poetas de retratar isso. Milton diz: "Nenhuma luz, mas sim escuridão visível".

Kalidasa diz: “Escuridão que pode ser penetrada com uma agulha”, mas ninguém chega perto desta descrição védica: “Escuridão escondida na escuridão”. Tudo está ressecado e crepitante, toda a criação parece estar queimando, e tem sido assim há dias, quando uma tarde há em um canto do horizonte uma partícula de nuvem, e em menos de meia hora ela se estendeu até toda a terra, até que, por assim dizer, fique coberta de nuvens, nuvem sobre nuvem, e então irrompa em um tremendo dilúvio de chuva. A causa da criação foi descrita como vontade. Aquilo que existia inicialmente transformou-se em vontade, e esta vontade começou a manifestar-se como desejo. Isto também devemos lembrar, porque descobrimos que esta ideia de desejo é considerada a causa de tudo o que temos. Esta ideia de vontade tem sido a pedra angular do sistema budista e do sistema vedântico e, mais tarde, penetrou na filosofia alemã e constitui a base do sistema filosófico de Schopenhauer. É aqui que ouvimos falar dele pela primeira vez.

Agora surgiu primeiro o desejo, a semente primordial da mente.

Os sábios, buscando a sabedoria em seus corações, encontraram o vínculo, Entre a existência e a inexistência.

É uma expressão muito peculiar; o poeta termina dizendo que “talvez Ele nem saiba”. Descobrimos neste hino, além de seus méritos poéticos, que esse questionamento sobre o universo assumiu proporções bem definidas, e que as mentes desses sábios devem ter avançado para tal estado, quando todos os tipos de respostas comuns não os satisfariam. Descobrimos que eles nem sequer ficaram satisfeitos com este Governador acima. Existem vários outros hinos onde surge a mesma ideia, sobre como tudo isso aconteceu, e assim como vimos, quando eles estavam tentando encontrar um Governador do universo, um Deus Pessoal, eles estavam abordando um Deu após o outro. , elevando-o a essa posição, então agora descobriremos que em vários hinos uma ou outra ideia é retomada, expandida infinitamente e responsabilizada por tudo no universo. Uma ideia particular é tomada como suporte, onde tudo repousa e existe, e esse suporte tornou-se tudo isto. E assim por diante com várias idéias. Eles tentaram esse método com o Prâna, o princípio da vida. Eles expandiram a ideia do princípio da vida até que este se tornasse universal e infinito. É o princípio da vida que sustenta tudo; não apenas o corpo humano, mas é a luz do sol e da lua, é o

poder que move tudo, a energia motriz universal. Algumas dessas tentativas são muito bonitas, muito poéticas. Alguns deles, como “Ele inaugura a bela manhã”, são maravilhosamente líricos na maneira como retratam as coisas. Então esse mesmo desejo que, como acabamos de ler, surgiu como o primeiro germe primordial da criação, começou a se estender até se tornar o Deus universal. Mas nenhuma dessas ideias satisfaz.

Aqui a ideia é sublimada e finalmente abstraída em personalidade. "Só Ele existiu no princípio; Ele é o único Senhor de tudo o que existe; Ele sustenta este universo; Aquele que é o autor das almas, Aquele que é o autor da força, a quem todos os deuses adoram, cuja sombra é a vida, cuja sombra é a morte; a quem mais devemos adorar? Cuja glória declaram os cumes nevados do Himalaia, cuja glória os oceanos com todas as suas águas proclamam." E assim por diante, mas, como acabei de dizer, essa ideia não os satisfaz.

Finalmente encontramos uma posição muito peculiar. A mente ariana há muito procurava uma resposta externa para a questão. Eles questionaram tudo o que puderam encontrar, o sol, a lua e as estrelas, e encontraram tudo o que puderam dessa maneira. Na melhor das hipóteses, toda a natureza poderia ensiná-los apenas sobre um Ser pessoal que é o Governante do universo; não poderia ensinar mais nada. Em suma, do mundo externo só podemos tirar a ideia de um arquiteto, aquilo que se chama Teoria do Design. Não é um argumento muito lógico, como todos sabemos; há algo de infantil nisso, mas é a única coisa que podemos saber sobre Deus do mundo externo, que este mundo exigia um construtor. Mas isso não é uma explicação do universo. Os materiais deste mundo estavam diante Dele, e este Deus queria todos esses materiais, e a pior objeção é que Ele deve ser limitado pelos materiais. O construtor não poderia ter feito uma casa sem os materiais que a compõem. Portanto ele estava limitado pelos materiais; ele só poderia fazer o que os materiais lhe permitissem. Portanto, o Deus que a Teoria do Design oferece é, na melhor das hipóteses, apenas um arquiteto, e um arquiteto limitado do universo; Ele está vinculado e restringido pelos materiais; Ele não é nada independente. Isso eles já haviam descoberto, e muitas outras mentes teriam descansado nisso. Em outros países aconteceu a mesma coisa; a mente humana não poderia descansar ali; as mentes pensantes e gananciosas queriam ir mais longe, mas as atrasadas

apoderaram-se delas e não as deixaram crescer. Mas, felizmente, esses sábios hindus não eram pessoas que levassem pancadas na cabeça; eles queriam uma solução e agora descobrimos que estavam trocando o externo pelo interno. A primeira coisa que os impressionou foi que não é com os olhos e os sentidos que percebemos esse mundo externo e sabemos alguma coisa sobre religião; a primeira ideia, portanto, era encontrar a deficiência, e essa deficiência era tanto física quanto moral, como veremos. Você não sabe, diz um desses sábios, a causa deste universo; surgiu uma tremenda diferença entre você e eu – por quê? Porque você tem falado sobre coisas dos sentidos e está satisfeito com os objetos dos sentidos e com os meros cerimoniais da religião, enquanto eu conheço o Purusha além.

Junto com esse progresso de idéias espirituais que estou tentando traçar para você, só posso sugerir um pouco sobre o outro fator no crescimento, pois isso não tem nada a ver com o nosso assunto, portanto não preciso me alongar sobre ele – o crescimento dos rituais. À medida que essas ideias espirituais progrediam em progressão aritmética, as ideias ritualísticas progrediam em progressão geométrica. A essa altura, as velhas superstições haviam se desenvolvido em uma enorme massa de rituais, que cresceram e cresceram até quase matar a vida hindu. No entanto, ao mesmo tempo, encontramos uma luta contra este avanço do ritual desde os primeiros dias. A única objeção levantada aí é esta: o amor por cerimoniais, vestir-se em determinados horários, comer de certa maneira, e espetáculos e múmias religiosas como esses são apenas religião externa, porque você está satisfeito com os sentidos e não quer ir embora. além deles. Esta é uma tremenda dificuldade para nós, para cada ser humano. Na melhor das hipóteses, quando queremos ouvir falar de coisas espirituais, nosso padrão são os sentidos; ou um homem ouve coisas sobre filosofia, e Deus, e coisas transcendentais, e depois de ouvir sobre elas durante dias, ele pergunta: Afinal, quanto dinheiro elas trarão, quanto prazer sensorial elas trarão? Pois o seu prazer está apenas nos sentidos, muito naturalmente. Mas essa satisfação nos sentidos, diz o nosso sábio, é uma das causas que estendeu o véu entre a verdade e nós mesmos. A devoção aos cerimoniais, a satisfação nos sentidos e a formação de várias teorias criaram um véu entre nós e a verdade. Este é outro grande marco, e teremos que traçar este ideal até o fim, e ver como ele se desenvolveu mais tarde naquela maravilhosa teoria de Mâyâ do Vedanta, como este véu será a verdadeira explicação do

Vedanta, como a verdade estava lá o tempo todo, era apenas esse véu que o cobria.

Assim descobrimos que as mentes destes antigos pensadores arianos iniciaram um novo tema. Eles descobriram que no mundo externo nenhuma pesquisa daria uma resposta à sua pergunta. Eles poderiam procurar no mundo externo por séculos, mas não encontrariam resposta para suas perguntas. Então eles recorreram a esse outro método; e de acordo com isso, eles foram ensinados que esses desejos dos sentidos, desejos por cerimoniais e externalidades fizeram com que um véu se colocasse entre eles e a verdade, e que isso não pode ser removido por nenhum cerimonial. Eles tiveram que recorrer às suas próprias mentes e analisá-las para encontrar a verdade em si mesmos. O mundo exterior falhou e eles voltaram-se para o mundo interior, e então esta se tornou a verdadeira filosofia do Vedanta; a partir daqui começa a filosofia Vedanta. É a pedra fundamental da filosofia Vedanta. À medida que avançamos, descobrimos que todas as suas investigações estão dentro. Desde o início eles pareciam declarar: não procure a verdade em nenhuma religião; está aqui na alma humana, o milagre de todos os milagres na alma humana, o empório de todo o conhecimento, a mina de toda a existência - procure aqui. O que não está aqui não pode estar lá. E eles descobriram passo a passo que aquilo que é externo é apenas um reflexo sombrio, na melhor das hipóteses, daquilo que está dentro. Veremos como eles pegaram, por assim dizer, essa velha ideia de Deus, o Governador do universo, que é externo ao universo, e primeiro O colocaram dentro do universo. Ele não é um Deus exterior, mas está dentro; e eles O levaram de lá para seus próprios corações. Aqui Ele está no coração do homem, a Alma de nossas almas, a Realidade em nós.

Várias grandes ideias devem ser compreendidas, a fim de compreender adequadamente o funcionamento da filosofia Vedanta. Em primeiro lugar, não é filosofia no sentido em que falamos da filosofia de Kant e Hegel. Não é um livro ou o trabalho de um homem. Vedanta é o nome de uma série de livros escritos em épocas diferentes. Às vezes, em uma dessas produções, haverá cinquenta coisas diferentes. Nem estão devidamente organizados; os pensamentos, por assim dizer, foram anotados. Às vezes, no meio de outras coisas estranhas, encontramos alguma ideia maravilhosa. Mas um facto é notável: estas ideias nos Upanishads estariam sempre a progredir. Nessa

linguagem antiga e grosseira, o funcionamento da mente de cada um dos sábios foi, por assim dizer, pintado exatamente como foi; como as idéias são a princípio muito grosseiras e se tornam cada vez mais refinadas até atingirem o objetivo do Vedanta, e esse objetivo assume um nome filosófico. Só que no início foi uma busca pelos Devas, os brilhantes, e depois foi a origem do universo, e a mesma busca está ganhando outro nome, mais filosófico, mais claro - a unidade de todas as coisas - "Saber o que é tudo mais se torna conhecido."

1.4.5 A FILOSOFIA VEDANTA

A filosofia Vedanta, como é geralmente chamada hoje em dia, na verdade compreende todas as diversas seitas que existem agora na Índia. Assim, tem havido várias interpretações e, na minha opinião, elas têm sido progressivas, começando com a dualística ou Dvaita e terminando com a não-dualística ou Advaita. A palavra Vedanta significa literalmente o fim dos Vedas – sendo os Vedas as escrituras dos hindus. [3] Às vezes, no Ocidente, os Vedas significam apenas os hinos e rituais dos Vedas. Mas atualmente essas partes estão quase fora de uso e, geralmente, a palavra Vedas na Índia significa Vedanta. Todos os nossos comentaristas, quando querem citar uma passagem das escrituras, via de regra, citam o Vedanta, que tem outro nome técnico entre os comentaristas – os Shrutis. (O termo Shruti – que significa “aquilo que é ouvido” – embora inclua toda a literatura védica, é aplicado principalmente pelos comentaristas dos Upanishads.) Ora, todos os livros conhecidos pelo nome de Vedanta não foram inteiramente escritos depois das porções ritualísticas dos Vedas. Por exemplo, um deles – o Ishâ Upanishad – constitui o quadragésimo capítulo do Yajur-Veda, sendo esta uma das partes mais antigas dos Vedas. Existem outros Upanishads [4] que formam porções dos Brahmanas ou escritos ritualísticos; e o resto dos Upanishads são independentes, não incluídos em nenhum dos Brahmanas ou outras partes dos Vedas; mas não há razão para supor que eles fossem inteiramente independentes de outras partes, pois, como bem sabemos, muitas delas foram totalmente perdidas e muitos dos Brahmanas foram extintos. Portanto, é bem possível que os Upanishads independentes pertencessem a alguns Brahmanas, que com o passar do

tempo caíram em desuso, enquanto os Upanishads permaneceram. Esses Upanishads também são chamados de Livros Florestais ou Aranyakas.

O Vedanta, então, praticamente constitui as escrituras dos hindus, e todos os sistemas de filosofia que são ortodoxos devem tomá-lo como seu fundamento. Até mesmo os budistas e jainistas, quando lhes for conveniente, citarão uma passagem do Vedanta como autoridade. Todas as escolas de filosofia na Índia, embora afirmem ter sido baseadas nos Vedas, adotaram nomes diferentes para seus sistemas. O último, o sistema de Vyâsa, baseou-se nas doutrinas dos Vedas mais do que os sistemas anteriores, e fez uma tentativa de harmonizar as filosofias anteriores, como o Sâmkhya e o Nyâya, com as doutrinas do Vedanta. Por isso é especialmente chamada de filosofia Vedanta; e os Sutas ou aforismos de Vyasa são, na Índia moderna, a base da filosofia Vedanta. Novamente, estes Sutas de Vyasa foram explicados de diversas maneiras por diferentes comentaristas. Em geral, existem atualmente três tipos de comentaristas [5] na Índia; de suas interpretações surgiram três sistemas de filosofia e seitas. Um é o dualista, ou Dvaita; um segundo é o não-dualista qualificado, ou Vishishtâdvaita; e um terceiro é o não-dualista, ou Advaita. Destes, os dualistas e os não-dualistas qualificados incluem o maior número do povo indiano. Os não-dualistas são comparativamente poucos em número. Agora tentarei apresentar-lhes as idéias contidas em todas essas três seitas; mas antes de prosseguir, farei uma observação – que esses diferentes sistemas Vedanta têm uma psicologia comum, que é a psicologia do sistema Sankhya. A psicologia Sankhya é muito parecida com as psicologias dos sistemas Nyaya e Vaisheshika, diferindo apenas em pequenos detalhes.

Todos os Vedantistas concordam em três pontos. Eles acreditam em Deus, nos Vedas revelados e em ciclos. Já consideramos os Vedas. A crença sobre os ciclos é a seguinte: toda a matéria no universo é o resultado de uma matéria primordial chamada Âkâsha; e toda força, seja gravitação, atração ou repulsão, ou vida, é o resultado de uma força primordial chamada Prâna. Prana agindo sobre Akasha é criar ou projetar [6] o universo. No início de um ciclo, Akasha está imóvel, não manifestado. Então o Prana começa a agir cada vez mais, criando formas cada vez mais grosseiras a partir do Akasha – plantas, animais, homens, estrelas e assim por diante. Depois de um tempo incalculável, esta evolução cessa e a involução começa, tudo

sendo resolvido de volta, através de formas cada vez mais sutis, ao Akasha e ao Prana originais, quando um novo ciclo se segue. Agora existe algo além do Akasha e do Prana. Ambos podem ser resolvidos em uma terceira coisa chamada Mahat – a Mente Cósmica. Esta Mente Cósmica não cria Akasha e Prana, mas transforma-se neles.

Vamos agora abordar as crenças sobre a mente, a alma e Deus. De acordo com a psicologia Sankhya universalmente aceita, na percepção – no caso da visão, por exemplo – existem, em primeiro lugar, os instrumentos da visão, os olhos. Atrás dos instrumentos – os olhos – está o órgão da visão ou Indriya – o nervo óptico e seus centros – que não é o instrumento externo, mas sem o qual os olhos não verão. Mais ainda é necessário para a percepção. A mente ou Manas deve vir e anexar-se ao órgão. E, além disso, a sensação deve ser levada ao intelecto ou Buddhi – o estado determinante e reativo da mente. Quando a reação vem de Buddhi, junto com ela surge o mundo externo e o egoísmo. Aqui está então a vontade; mas nem tudo está completo. Assim como toda imagem, sendo composta de impulsos sucessivos de luz, deve ser unida em algo estacionário para formar um todo, também todas as ideias na mente devem ser reunidas e projetadas em algo estacionário - relativamente ao corpo e à mente - que é, no que é chamado de Alma ou Purusha ou Âtman.

De acordo com a filosofia Sankhya, o estado reativo da mente denominado Buddhi ou intelecto é o resultado, a mudança ou uma certa manifestação do Mahat ou Mente Cósmica. O Mahat transforma-se em pensamento vibrante; e isso se torna, por um lado, transformado em órgãos e, por outro lado, em finas partículas de matéria. Da combinação de tudo isso, todo este universo é produzido. Mesmo por trás de Mahat, o Sankhya concebe um certo estado que é chamado Avyakta ou não-manifestado, onde nem mesmo a manifestação da mente está presente, mas apenas as causas existem. Também é chamado de Prakriti. Além desta Prakriti, e eternamente separado dela, está o Purusha, a alma do Sankhya que não tem atributos e é onipresente. O Purusha não é o executor, mas a testemunha. A ilustração do cristal é usada para explicar o Purusha. Diz-se que este último é como um cristal sem cor, diante do qual são colocadas cores diferentes, e então parece ser colorido pelas cores que o precedem, mas na realidade não é. Os Vedantistas rejeitam as ideias Sankhya da alma e da natureza. Eles afirmam

que entre eles existe um enorme abismo a ser transposto. Por um lado, o sistema Sankhya chega à natureza e, imediatamente, tem que saltar para o outro lado e chegar à alma, que é totalmente separada da natureza. Como podem essas cores diferentes, como o Sankhya as chama, serem capazes de agir sobre aquela alma que por sua natureza é incolor? Assim, os Vedantistas, desde o início, afirmam que esta alma e esta natureza são uma. [7] Mesmo os Vedantistas dualistas admitem que o Atman ou Deus não é apenas a causa eficiente deste universo, mas também a causa material. Mas eles só dizem isso com algumas palavras. Eles realmente não querem dizer isso, pois tentam escapar de suas conclusões desta forma: Eles dizem que existem três existências neste universo – Deus, a alma e a natureza. A natureza e a alma são, por assim dizer, o corpo de Deus e, neste sentido, pode-se dizer que Deus e todo o universo são um. Mas esta natureza e todas estas várias almas permanecem diferentes umas das outras por toda a eternidade. Somente no início de um ciclo eles se manifestam; e quando o ciclo termina, eles ficam bem e permanecem em bom estado. Os Advaita Vedantistas – os não-dualistas – rejeitam esta teoria da alma e, tendo quase toda a gama dos Upanishads a seu favor, constroem a sua filosofia inteiramente sobre eles. Todos os livros contidos nos meus Upanishads têm um assunto, uma tarefa diante deles – para provar o seguinte tema: “Assim como pelo conhecimento de um pedaço de barro temos o conhecimento de todo o barro do universo, então o que é isso, sabendo que sabemos tudo no universo?” A ideia dos Advaitistas é generalizar todo o universo em um – aquele algo que é realmente todo este universo. E eles afirmam que todo este universo é um, que é um Ser que se manifesta em todas essas diversas formas. Eles admitem que existe o que o Sankhya chama de natureza, mas dizem que a natureza é Deus. É este Ser, o Sat, que se converteu em tudo isso – o universo, o homem, a alma e tudo o que existe. Mente e Mahat são apenas as manifestações daquele Sat. Mas então surge a dificuldade de que isso seria panteísmo. Como é que aquele Sat que é imutável, como eles admitem (pois aquilo que é absoluto é imutável), foi transformado naquilo que é mutável e perecível? Os Advaitistas aqui têm uma teoria que chamam de Vivarta Vâda ou manifestação aparente. De acordo com os dualistas e os Sankhyas, todo este universo é a evolução da natureza primordial. De acordo com alguns Advaitistas e alguns dualistas, todo este universo evoluiu de Deus. E de acordo com os Advaitistas propriamente ditos, os seguidores de Shankaracharya, todo o universo é a aparente evolução de

Deus. Deus é a causa material deste universo, mas não realmente, apenas aparentemente. A célebre ilustração utilizada é a da corda e da cobra, onde a corda parecia ser a cobra, mas não era realmente assim. A corda realmente não se transformou em cobra. Mesmo assim, todo este universo tal como existe é esse Ser. Permanece inalterado e todas as mudanças que vemos nele são apenas aparentes. Estas mudanças são causadas por Desha, Kâla e Nimitta (espaço, tempo e causalidade), ou, de acordo com uma generalização psicológica superior, por Nâma e Rupa (nome e forma). É pelo nome e pela forma que uma coisa se diferencia da outra. O nome e a forma por si só já fazem a diferença. Na realidade, eles são um e o mesmo. Novamente, dizem os Vedantistas, não é que exista algo como fenômeno e algo como númeno. A corda se transforma em cobra, aparentemente apenas; e quando a ilusão cessa, a cobra desaparece. Quando alguém está na ignorância, ele vê o fenômeno e não vê Deus. Quando ele vê Deus, este universo desaparece inteiramente para ele. A ignorância ou Mâyâ, como é chamada, é a causa de todo esse fenômeno – o Absoluto, o Imutável, sendo tomado como este universo manifestado. Este Maya não é zero absoluto, nem inexistência. É definido como nem existência nem inexistência. Não é existência, porque isso só pode ser dito do Absoluto, do Imutável e, neste sentido, Maya é inexistência. Novamente, não se pode dizer que seja inexistência; pois se fosse, nunca poderia produzir fenômeno. Portanto, é algo que não é nenhum dos dois; e na filosofia Vedanta é chamado Anirvachaniya ou inexprimível. Maya, então, é a verdadeira causa deste universo. Maya dá nome e forma ao que Brahman ou Deus dá ao material; e este último parece ter se transformado em tudo isso. Os Advaitistas, então, não têm lugar para a alma individual. Dizem que as almas individuais são criadas por Maya. Na realidade eles não podem existir. Se houvesse apenas uma existência, como poderia ser que eu fosse um, e você fosse um, e assim por diante? Somos todos um, e a causa do mal é a percepção da dualidade. Assim que começo a sentir que estou separado deste universo, primeiro vem o medo e depois vem a miséria. "Onde se ouve outro, vê-se outro, isso é pequeno. Onde não se vê outro, onde não se ouve outro, isso é o maior, isso é Deus. Nesse maior está a felicidade perfeita. Nas coisas pequenas não há felicidade."

De acordo com a filosofia Advaita, então, esta diferenciação da matéria, estes fenômenos, estão, por assim dizer, por um tempo, escondendo a

verdadeira natureza do homem; mas este último realmente não mudou em nada. No verme inferior, assim como no ser humano superior, a mesma natureza divina está presente. A forma de verme é a forma inferior na qual a divindade foi mais ofuscada por Maya; essa é a forma mais elevada em que foi menos ofuscada. Por trás de tudo existe a mesma divindade, e dela surge a base da moralidade. Não machuque outro. Ame a todos como a si mesmo, porque todo o universo é um. Ao ferir outra pessoa, estou prejudicando a mim mesmo; ao amar o outro, estou amando a mim mesmo. Disto também surge aquele princípio da moralidade Advaita que foi resumido em uma palavra – abnegação. O Advaitista diz que este pequeno eu personalizado é a causa de toda a minha miséria. Este eu individualizado, que me torna diferente de todos os outros seres, traz ódio, ciúme e miséria, luta e todos os outros males. E quando esta ideia for eliminada, toda luta cessará, toda miséria desaparecerá. Portanto, isso deve ser abandonado. Devemos sempre nos manter prontos, até mesmo para desistir de nossas vidas pelos seres mais inferiores. Quando um homem está pronto até mesmo para desistir de sua vida por um pequeno inseto, ele alcançou a perfeição que o Advaitista deseja alcançar; e no momento em que ele estiver assim preparado, o véu da ignorância cairá dele e ele sentirá sua própria natureza. Mesmo nesta vida, ele sentirá que é um com o universo. Por um tempo, por assim dizer, todo este mundo fenomênico desaparecerá para ele, e ele perceberá o que é. Mas enquanto o Karma deste corpo permanecer, ele terá que viver. Este estado, quando o véu desaparece e ainda assim o corpo permanece por algum tempo, é o que os Vedantistas chamam de Jivanmukti, a liberdade viva. Se um homem for iludido por uma miragem durante algum tempo, e um dia a miragem desaparecer – se ela voltar no dia seguinte, ou em algum momento futuro, ele não será iludido. Antes que a miragem aparecesse pela primeira vez, o homem não conseguia distinguir entre a realidade e o engano. Mas quando ela estiver quebrada, enquanto ele tiver órgãos e olhos para trabalhar, ele verá a imagem, mas não será mais iludido. Essa sutil distinção entre o mundo real e a miragem que ele capturou, e esta última não pode mais iludi-lo. Assim, quando o Vedantista realizou a sua própria natureza, o mundo inteiro desapareceu para ele. Ele voltará novamente, mas não mais o mesmo mundo de miséria. A prisão da miséria transformou-se em Sat, Chit, Ânanda – Existência Absoluta, Conhecimento Absoluto, Bem-aventurança Absoluta – e alcançar isto é o objetivo da Filosofia Advaita.

(O discurso acima foi proferido perante a Graduate Philosophical Society da Universidade de Harvard, em 25 de março de 1896.)

(Uma discussão a seguir está disponível no Vol. V.)

1.4.6 RAZÃO E RELIGIÃO

(Entregue na Inglaterra)

Um sábio chamado Nârada foi até outro sábio chamado Sanatkumâra para aprender sobre a verdade, e Sanatkumara perguntou o que ele já havia estudado. Narada respondeu que havia estudado os Vedas, Astronomia e várias outras coisas, mas não obteve satisfação. Houve então uma conversa entre os dois, durante a qual Sanatkumara observou que todo esse conhecimento dos Vedas, da Astronomia e da Filosofia era apenas secundário; as ciências eram apenas secundárias. Aquilo que nos fez perceber que Brahman era o conhecimento supremo e mais elevado. Encontramos esta ideia em todas as religiões, e é por isso que a religião sempre afirmou ser o conhecimento supremo. O conhecimento das ciências cobre, por assim dizer, apenas uma parte de nossas vidas, mas o conhecimento que a religião nos traz é eterno, tão infinito quanto a verdade que ela prega. Alegando esta superioridade, as religiões muitas vezes desprezaram, infelizmente, todo o conhecimento secular, e não apenas isso, mas muitas vezes recusaram ser justificadas pela ajuda do conhecimento secular. Em consequência, em todo o mundo têm havido lutas entre o conhecimento secular e o conhecimento religioso, um reivindicando a autoridade infalível como seu guia, recusando-se a ouvir qualquer coisa que o conhecimento secular tenha a dizer sobre o assunto, o outro, com o seu brilhante instrumento de razão, querendo despedaçar tudo o que a religião pudesse trazer. Esta luta foi e ainda é travada em todos os países. As religiões foram repetidas vezes derrotadas e quase exterminadas. O culto à deusa da Razão durante a Revolução Francesa não foi a primeira manifestação desse fenómeno na história da humanidade, foi uma reconstituição do que tinha acontecido nos tempos antigos, mas nos tempos modernos assumiu maiores proporções. As ciências físicas estão agora mais bem equipadas do que anteriormente, e as religiões tornaram-se cada vez menos equipadas. Os fundamentos foram todos minados, e o homem

moderno, independentemente do que diga em público, sabe na privacidade do seu coração que não pode mais “acreditar”. Acreditando em certas coisas porque um corpo organizado de sacerdotes lhe diz para acreditar, acreditando porque está escrito em certos livros, acreditando porque o seu povo gosta que ele acredite, o homem moderno sabe que é impossível para ele. É claro que há muitas pessoas que parecem concordar com a chamada fé popular, mas também sabemos com certeza que não pensam. Sua ideia de crença pode ser melhor traduzida como “descuido-não-pensar”. Esta luta não pode durar muito mais tempo sem despedaçar todos os edifícios da religião.

A questão é: existe uma saída? Dito de uma forma mais concreta: deverá a religião justificar-se pelas descobertas da razão, através das quais todas as outras ciências se justificam? Os mesmos métodos de investigação que aplicamos às ciências e ao conhecimento exterior devem ser aplicados à ciência da Religião? Na minha opinião, deve ser assim, e também sou de opinião que quanto mais cedo isso for feito, melhor. Se uma religião for destruída por tais investigações, então será sempre uma superstição inútil e indigna; e quanto mais cedo isso acontecer, melhor. Estou plenamente convencido de que a sua destruição seria a melhor coisa que poderia acontecer. Tudo o que é escória será removido, sem dúvida, mas as partes essenciais da religião emergirão triunfantes desta investigação. Não só se tornará científico - pelo menos tão científico como qualquer uma das conclusões da física ou da química - mas terá maior força, porque a física ou a química não têm mandato interno para atestar a sua verdade, o que a religião tem.

As pessoas que negam a eficácia de qualquer investigação racionalista sobre a religião parecem-me, de certa forma, contradizer-se. Por exemplo, o cristão afirma que a sua religião é a única verdadeira, porque foi revelada a fulano de tal. O muçulmano faz a mesma afirmação em relação à sua religião; este é o único verdadeiro, porque foi revelado a fulano de tal. Mas o cristão diz ao muçulmano: "Certas partes da sua ética não parecem estar certas. Por exemplo, os seus livros dizem, meu amigo muçulmano, que um infiel pode ser convertido à religião de Maomé pela força, e se ele quiser não aceitar a religião muçulmana, ele poderá ser morto e qualquer muçulmano que matar tal infiel terá uma entrada segura no céu, quaisquer

que tenham sido seus pecados ou delitos." O muçulmano responderá dizendo: "É certo que eu faça isso, porque meu livro assim o ordena. Será errado da minha parte não fazê-lo." O cristão diz: "Mas meu livro não diz isso". O muçulmano responde: "Eu não sei; não estou vinculado à autoridade do seu livro; meu livro diz: 'Mate todos os infiéis'. Como você sabe o que é certo e o que é errado? Certamente o que está escrito em meu livro está certo e o que o seu livro diz, 'Não mate', está errado. Você também diz a mesma coisa, meu amigo cristão, você diz que o que Jeová declarou aos judeus é certo de fazer, e o que ele os proibiu de fazer, está errado. Assim digo eu, Allah declarou em meu livro que certas coisas deveriam ser feitas, e que certas coisas não deveriam ser feitas, e isso é todo o teste do certo e do errado." Apesar disso o cristão não está satisfeito; ele insiste na comparação da moralidade do Sermão da Montanha com a moralidade do Alcorão. Como isso será decidido? Certamente não pelos livros, porque os livros, lutando entre si, não podem ser os juízes. Decididamente, então, temos que admitir que há algo mais universal do que estes livros, algo mais elevado do que todos os códigos éticos que existem no mundo, algo que pode julgar entre a força das inspirações de diferentes nações. Quer o declaremos com ousadia, clareza ou não – é evidente que aqui apelamos à razão.

Agora, surge a questão se esta luz da razão é capaz de julgar entre inspiração e inspiração, e se esta luz pode manter o seu padrão quando a disputa é entre profeta e profeta, se ela tem o poder de compreender qualquer coisa de religião. Caso contrário, nada poderá determinar a luta desesperada de livros e profetas que vem acontecendo há séculos; pois significa que todas as religiões são meras mentiras, irremediavelmente contraditórias, sem qualquer ideia constante de ética. A prova da religião depende da verdade da constituição do homem, e não de quaisquer livros. Esses livros são as consequências, os efeitos da constituição do homem; o homem fez esses livros. Ainda estamos para ver os livros que criaram o homem. A razão é igualmente um efeito daquela causa comum, a constituição do homem, onde deve estar o nosso apelo. E, no entanto, como só a razão está diretamente ligada a esta constituição, deve-se recorrer a ela, desde que siga fielmente a mesma. O que quero dizer com razão? Refiro-me ao que todo homem ou mulher educado está querendo fazer atualmente: aplicar as descobertas do conhecimento secular à religião. O primeiro

princípio do raciocínio é que o particular é explicado pelo geral, o geral pelo mais geral, até chegarmos ao universal. Por exemplo, temos a ideia de direito. Se algo acontece e acreditamos que é efeito de tal ou tal lei, ficamos satisfeitos; isso é uma explicação para nós. O que queremos dizer com esta explicação é que está provado que este único efeito, que nos insatisfez, é apenas um particular de uma massa geral de ocorrências que designamos pela palavra “lei”. Quando uma maçã caiu, Newton ficou perturbado; mas quando descobriu que todas as maçãs caíram, foi por gravidade, e ele ficou satisfeito. Este é um princípio do conhecimento humano. Vejo um determinado ser, um ser humano, na rua. Refiro-o à concepção mais ampla do homem e fico satisfeito; Eu sei que ele é um homem referindo-o ao mais geral. Assim, os particulares devem ser referidos ao geral, o geral ao mais geral, e tudo, finalmente, ao universal, o último conceito que temos, o mais universal – o da existência. A existência é o conceito mais universal.

Somos todos seres humanos; isto é, cada um de nós, por assim dizer, uma parte particular do conceito geral, a humanidade. Um homem, um gato e um cachorro são todos animais. Esses exemplos particulares, como homem, cachorro ou gato, fazem parte de um conceito maior e mais geral, o animal. O homem, e o gato, e o cachorro, e a planta, e a árvore, todos se enquadram no conceito ainda mais geral, vida. Novamente, todos estes, todos os seres e todos os materiais, estão sob o único conceito de existência, pois todos nós estamos nele. Esta explicação significa apenas referir o particular a um conceito superior, encontrando mais do seu tipo. A mente, por assim dizer, armazenou numerosas classes de tais generalizações. Está, por assim dizer, cheio de escaninhos onde todas essas ideias são agrupadas, e sempre que encontramos algo novo a mente imediatamente tenta descobrir seu tipo em um desses escaninhos. Se a encontrarmos, colocamos a coisa nova ali e ficamos satisfeitos, e diz-se que conhecemos a coisa. Isto é o que se entende por conhecimento e nada mais. E se não descobrirmos que existe algo parecido, ficamos insatisfeitos e temos de esperar até encontrarmos uma classificação adicional para isso, já existente na mente. Portanto, como já indiquei, o conhecimento é mais ou menos classificação. Há algo mais. Uma segunda explicação do conhecimento é que a explicação de uma coisa deve vir de dentro e não de fora. Havia a crença de que, quando um homem jogava uma pedra e ela caía, algum demônio a arrastava para baixo. Muitas ocorrências que são realmente fenômenos naturais são atribuídas pelas

peessoas a seres não naturais. Que um fantasma tenha sido arrastado para baixo da pedra era uma explicação que não estava na coisa em si, era uma explicação vinda de fora; mas a segunda explicação da gravitação é algo da natureza da pedra; a explicação vem de dentro. Você encontrará essa tendência em todo o pensamento moderno; em uma palavra, o que se entende por ciência é que as explicações das coisas estão em sua própria natureza e que nenhum ser ou existência externa é necessária para explicar o que está acontecendo no universo. O químico nunca necessita de demônios, ou fantasmas, ou qualquer coisa desse tipo, para explicar seus fenômenos. O físico nunca exige que qualquer um deles explique as coisas que sabe, nem qualquer outro cientista. E esta é uma das características da ciência que pretendo aplicar à religião. Nisto as religiões são consideradas deficientes e é por isso que estão desmoronando em pedaços. Toda ciência deseja explicações internas, da própria natureza das coisas; e as religiões não são capazes de suprir isso. Existe uma teoria antiga de uma divindade pessoal inteiramente separada do universo, que tem sido sustentada desde os tempos mais remotos. Os argumentos a favor disto têm sido repetidos repetidas vezes, como é necessário ter um Deus inteiramente separado do universo, uma divindade extracósmica, que criou o universo a partir de sua vontade, e é concebido pela religião como sendo seu governante. Encontramos, além de todos estes argumentos, o Deus Todo-Poderoso pintado como o Todo-misericordioso e, ao mesmo tempo, as desigualdades permanecem no mundo. Estas coisas não dizem respeito de forma alguma ao filósofo, mas ele diz que o cerne da questão estava errado; foi uma explicação de fora, e não de dentro. Qual é a causa do universo? Algo fora dele, algum ser que está movimentando este universo! E assim como foi considerado insuficiente para explicar o fenômeno da queda da pedra, também foi considerado insuficiente para explicar a religião. E as religiões estão a desmoronar-se, porque não conseguem dar uma explicação melhor do que esta.

Outra ideia ligada a isto, a manifestação do mesmo princípio, de que a explicação de tudo vem de dentro dele, é a moderna lei da evolução. Todo o significado da evolução é simplesmente que a natureza de uma coisa é reproduzida, que o efeito nada mais é do que a causa em outra forma, que todas as potencialidades do efeito estavam presentes na causa, que toda a criação é apenas uma evolução. e não uma criação. Isto é, todo efeito é uma

reprodução de uma causa anterior, alterada apenas pelas circunstâncias, e assim ocorre em todo o universo, e não precisamos sair do universo para procurar as causas dessas mudanças; eles estão dentro. É desnecessário procurar qualquer causa externa. Isso também está destruindo a religião. O que quero dizer com quebrar a religião é que as religiões que se agarraram à ideia de uma divindade extracósmica, de que ele é um homem muito grande e nada mais, já não conseguem manter-se de pé; eles foram derrubados, por assim dizer.

Pode haver uma religião que satisfaça estes dois princípios? Eu acho que pode haver. Em primeiro lugar, vimos que temos de satisfazer o princípio da generalização. O princípio da generalização deve ser satisfeito juntamente com o princípio da evolução. Temos de chegar a uma generalização definitiva, que não só será a mais universal de todas as generalizações, mas da qual todo o resto deverá resultar. Será da mesma natureza do efeito mais baixo; a causa, a causa mais elevada, a última, a causa primordial, deve ser a mesma que o mais inferior e mais distante de seus efeitos, uma série de evoluções. O Brahman do Vedanta preenche essa condição, porque Brahman é a última generalização a que podemos chegar. Não tem atributos, mas é Existência, Conhecimento e Bem-aventurança – Absoluto. A existência, como vimos, é a generalização última a que a mente humana pode chegar. Conhecimento não significa o conhecimento que temos, mas a essência disso, aquilo que se expressa no curso da evolução nos seres humanos ou em outros animais como conhecimento. A essência desse conhecimento significa o fato último além, se assim posso dizer, até mesmo da consciência. Isso é o que se entende por conhecimento e o que vemos no universo como a unidade essencial das coisas. Na minha opinião, se a ciência moderna está provando alguma coisa repetidas vezes, é que somos um – mental, espiritual e fisicamente. É errado dizer que somos até fisicamente diferentes. Supondo que somos materialistas, para efeitos de argumentação, teremos de chegar a isto, que todo o universo é simplesmente um oceano de matéria, do qual você e eu somos como pequenos redemoinhos. Massas de matéria estão entrando em cada redemoinho, assumindo a forma de redemoinho e saindo como matéria novamente. A matéria que está no meu corpo pode ter estado no seu há alguns anos, ou no sol, ou pode ter sido a matéria numa planta, e assim por diante, num estado contínuo de fluxo. O que significa seu corpo e meu

corpo? É a unidade do corpo. O mesmo acontece com o pensamento. É um oceano de pensamentos, uma massa infinita, na qual a sua mente e a minha mente são como redemoinhos. Você não está vendo o efeito agora, como meus pensamentos estão entrando nos seus e os seus nos meus? Toda a nossa vida é uma; somos um, até mesmo em pensamento. Chegando a uma generalização ainda maior, a essência da matéria e do pensamento é a sua potencialidade de espírito; esta é a unidade da qual todos vieram, e que deve ser essencialmente uma. Somos absolutamente um; somos fisicamente um, somos mentalmente um e, como espírito, nem é preciso dizer que somos um, se é que acreditamos no espírito. Esta unidade é o único fato que é provado todos os dias pela ciência moderna. Ao homem orgulhoso é dito: Você é igual àquele verme ali; não pense que você é algo enormemente diferente disso; Você é o mesmo. Você foi isso em uma encarnação anterior, e o verme rastejou até esse estado de homem, do qual você tanto se orgulha. Esta grande pregação, a unidade das coisas, tornando-nos um com tudo o que existe, é a grande lição a aprender, pois a maioria de nós está muito feliz por nos tornarmos um com os seres superiores, mas ninguém quer ser um com os seres inferiores. Tal é a ignorância humana, que se os antepassados de alguém fossem homens honrados pela sociedade, mesmo que fossem brutais, se fossem ladrões, mesmo barões ladrões, todos nós tentaríamos traçar a nossa ascendência até eles; mas se entre os nossos antepassados tivemos cavalheiros pobres e honestos, nenhum de nós quer atribuir-lhes a nossa ascendência. Mas as escamas estão caindo dos nossos olhos, a verdade está começando a se manifestar cada vez mais, e isso é um grande ganho para a religião. Esse é exatamente o ensinamento do Advaita, sobre o qual estou ensinando para vocês. O Eu é a essência deste universo, a essência de todas as almas; Ele é a essência da sua própria vida, ou melhor, “Tu és Isso”. Você é um com este universo. Aquele que diz que é diferente dos outros, mesmo que por um fio de cabelo, torna-se imediatamente infeliz. A felicidade pertence àquele que conhece esta unidade, que sabe que é um com este universo.

Vemos assim que a religião do Vedanta pode satisfazer as exigências do mundo científico, referindo-o à generalização mais elevada e à lei da evolução. Que a explicação de uma coisa vem de dentro dela é ainda mais completamente satisfeito pelo Vedanta. O Brahman, o Deus do Vedanta, não tem nada fora de Si mesmo; nada mesmo. Tudo isso realmente é Ele: Ele

está no universo: Ele é o próprio universo. "Tu és o homem, tu és a mulher, tu és o jovem andando no orgulho da juventude, tu és o velho cambaleando em seus passos." Ele está aqui. A Ele vemos e sentimos: Nele vivemos, nos movemos e existimos. Você tem essa concepção no Novo Testamento. É essa ideia, Deus imanente ao universo, a própria essência, o coração, a alma das coisas. Ele se manifesta, por assim dizer, neste universo. Você e eu somos pequenos pedaços, pequenos pontos, pequenos canais, pequenas expressões, todos vivendo dentro desse oceano infinito de Existência, Conhecimento e Bem-aventurança. A diferença entre o homem e o homem, entre os anjos e o homem, entre o homem e os animais, entre os animais e as plantas, entre as plantas e as pedras, não é de espécie, porque todos, desde o anjo mais elevado até à partícula mais inferior da matéria, são apenas uma expressão daquele oceano infinito, e a diferença é apenas de grau. Eu sou uma manifestação inferior, você pode ser uma manifestação superior, mas em ambos os materiais são iguais. Você e eu somos canais do mesmo canal, e isso é Deus; como tal, sua natureza é Deus, e a minha também. Você é da natureza de Deus por direito de nascença; eu também. Você pode ser um anjo de pureza e eu posso ser o mais negro dos demônios. No entanto, meu direito inato é esse oceano infinito de Existência, Conhecimento e Bem-aventurança. O seu também. Você se manifestou mais hoje. Espere; Vou me manifestar ainda mais, pois tenho tudo dentro de mim. Nenhuma explicação estranha é procurada; nada é solicitado. A soma total de todo este universo é o próprio Deus. Deus é então importante? Não, certamente não, pois a matéria é Deus percebido pelos cinco sentidos; que Deus, conforme percebido através do intelecto, é mente; e quando o espírito vê, Ele é visto como espírito. Ele não é matéria, mas tudo o que é real na matéria é Ele. Tudo o que é real nesta cadeira é Ele, pois a cadeira requer duas coisas para ser construída. Havia algo fora que meus sentidos me trouxeram e para o qual minha mente contribuiu com outra coisa, e a combinação desses dois é a cadeira. Aquilo que existiu eternamente, independente dos sentidos e do intelecto, foi o próprio Senhor. Nele os sentidos estão pintando cadeiras, e mesas, e quartos, casas, e mundos, e luas, e sóis, e estrelas, e tudo mais. Como é, então, que todos nós vemos esta mesma cadeira, que todos nós pintamos essas várias coisas no Senhor, nesta Existência, Conhecimento e Bem-aventurança? Não é necessário que todos pintem da mesma maneira, mas aqueles que pintam da mesma maneira estão no mesmo plano de existência e, portanto, veem as pinturas

uns dos outros tão bem quanto uns aos outros. Pode haver milhões de seres entre você e eu que não pintam o Senhor da mesma maneira, e eles e suas pinturas não vemos.

Por outro lado, como todos sabem, as pesquisas físicas modernas tendem cada vez mais a demonstrar que o que é real é apenas o mais refinado; o bruto é simplesmente aparência. Seja como for, vimos que se alguma teoria da religião pode resistir ao teste do raciocínio moderno, essa teoria é a Advaita, porque preenche os seus dois requisitos. É a generalização mais elevada, além mesmo da personalidade, generalização que é comum a todos os seres. Uma generalização que termina no Deus Pessoal nunca pode ser universal, pois, antes de tudo, para conceber um Deus Pessoal devemos dizer: Ele é todo misericordioso, todo bom. Mas este mundo é uma coisa mista, algumas boas e outras ruins. Cortamos o que gostamos e generalizamos isso em um Deus Pessoal! Assim como você diz que um Deus Pessoal é isto e aquilo, você também tem que dizer que Ele não é isto e não aquilo. E você sempre descobrirá que a ideia de um Deus Pessoal tem que trazer consigo um demônio pessoal. É assim que vemos claramente que a ideia de um Deus Pessoal não é uma verdadeira generalização, temos que ir além, ao Impessoal. Nisso o universo existe, com todas as suas alegrias e misérias, pois tudo o que existe nele veio do Impessoal. Que tipo de Deus pode ser aquele a quem atribuímos o mal e outras coisas? A ideia é que tanto o bem quanto o mal são aspectos diferentes, ou manifestações da mesma coisa. A ideia de que eles eram dois foi uma ideia muito errada desde o início, e tem sido a causa de grande parte da miséria neste nosso mundo - a ideia de que o certo e o errado são duas coisas separadas, cortadas e secas, independentes. um do outro, que o bem e o mal são duas coisas eternamente separáveis e separadas. Eu ficaria muito feliz em ver um homem que pudesse me mostrar algo que é bom o tempo todo e algo que é ruim o tempo todo. Como se pudssemos definir seriamente algumas ocorrências nesta nossa vida como boas e apenas boas, e algumas que são más e apenas más. O que é bom hoje pode ser mau amanhã. O que é ruim hoje pode ser bom amanhã. O que é bom para mim pode ser ruim para você. A conclusão é que, como qualquer outra coisa, também há uma evolução no bem e no mal. Há algo que em sua evolução chamamos, em um grau, de bom e, em outro, de mal. A tempestade que mata meu amigo eu chamo de má, mas pode ter salvado a vida de centenas de milhares de pessoas ao

matar os bacilos no ar. Eles chamam isso de bom, mas eu chamo de mal. Portanto, tanto o bem como o mal pertencem ao mundo relativo, aos fenômenos. O Deus Impessoal que propomos não é um Deus relativo; portanto, não se pode dizer que seja bom ou mau, mas que seja algo além, porque não é bom nem mau. O bem, porém, é uma manifestação mais próxima Dele do que o mal.

Qual é o efeito de aceitar tal Ser Impessoal, uma Deidade Impessoal? O que ganharemos? Será que a religião permanecerá como um fator na vida humana, nosso consolador, nosso ajudador? O que acontece com o desejo do coração humano de orar por ajuda a algum ser? Tudo isso permanecerá. O Deus Pessoal permanecerá, mas numa base melhor. Ele foi fortalecido pelo Impessoal. Vimos que sem o Impessoal o Pessoal não pode permanecer. Se você quer dizer que existe um Ser totalmente separado deste universo, que criou este universo apenas por Sua vontade, do nada, isso não pode ser provado. Tal estado de coisas não pode existir. Mas se compreendermos a ideia do Impessoal, então a ideia do Pessoal também poderá permanecer aí. Este universo, nas suas diversas formas, nada mais é do que as diversas leituras do mesmo Impessoal. Quando o lemos com os cinco sentidos, chamamos-lhe mundo material. Se houver um ser com mais sentidos que cinco, ele interpretará isso como outra coisa. Se um de nós adquirir o sentido elétrico, ele verá o universo como outra coisa novamente. Existem várias formas dessa mesma Unidade, das quais todas essas diversas ideias de mundos são apenas várias leituras, e o Deus Pessoal é a leitura mais elevada que pode ser alcançada, desse Impessoal, pelo intelecto humano. Para que o Deus Pessoal seja verdadeiro tanto quanto esta cadeira é verdadeira, tanto quanto este mundo é verdadeiro, mas nada mais. Não é verdade absoluta. Ou seja, o Deus Pessoal é esse mesmo Deus Impessoal e, portanto, é verdadeiro, assim como eu, como ser humano, sou verdadeiro e não verdadeiro ao mesmo tempo. Não é verdade que eu seja o que você vê que sou; você pode se satisfazer nesse ponto. Eu não sou o ser que você pensa que eu sou. Você pode satisfazer sua razão quanto a isso, porque a luz, e várias vibrações, ou condições da atmosfera, e todos os tipos de movimentos dentro de mim contribuíram para que eu fosse considerado por você como o que sou. Se alguma dessas condições mudar, sou diferente novamente. Você pode se satisfazer tirando uma fotografia do mesmo homem sob diferentes condições de luz. Portanto, sou o que apareço em

relação aos seus sentidos e, no entanto, apesar de todos esses fatos, existe algo imutável do qual todos esses são diferentes estados de existência, o eu impessoal, do qual milhares de eus são pessoas diferentes. Eu era criança, era jovem, estou envelhecendo. Todos os dias da minha vida, o meu corpo e os meus pensamentos mudam, mas apesar de todas estas mudanças, a soma total delas constitui uma massa que é uma quantidade constante. Esse é o eu impessoal, do qual todas essas manifestações formam, por assim dizer, partes.

Da mesma forma, sabemos que a soma total deste universo é imóvel, mas tudo que pertence a este universo consiste em movimento, tudo está em constante estado de fluxo, tudo mudando e se movendo. Ao mesmo tempo, vemos que o universo como um todo é imóvel, porque o movimento é um termo relativo. Movo-me em relação à cadeira, que não se move. Deve haver pelo menos dois para fazer movimento. Se todo este universo for tomado como uma unidade, não haverá movimento; em relação ao que deveria mover? Assim, o Absoluto é imutável e imóvel, e todos os movimentos e mudanças ocorrem apenas no mundo fenomênico, o limitado. Esse todo é Impessoal, e dentro deste Impessoal estão todas essas várias pessoas, começando com o átomo mais inferior, até Deus, o Deus Pessoal, o Criador, o Governante do Universo, a quem oramos, diante de quem nos ajoelhamos, e assim por diante. . Tal Deus Pessoal pode ser estabelecido com muita razão. Tal Deus Pessoal é explicável como a manifestação mais elevada do Impessoal. Você e eu somos manifestações muito baixas, e o Deus Pessoal é o mais elevado que podemos conceber. Nem você ou eu podemos nos tornar esse Deus Pessoal. Quando o Vedanta diz que você e eu somos Deus, isso não significa o Deus Pessoal. Para dar um exemplo. De uma massa de barro é fabricado um enorme elefante de barro, e do mesmo barro é feito um ratinho de barro. Será que algum dia o rato de barro seria capaz de se tornar o elefante de barro? Mas coloque os dois na água e ambos serão argila; como o barro, ambos são um, mas como o rato e o elefante, haverá uma diferença eterna entre eles. O Infinito, o Impessoal, é como o barro do exemplo. Nós e o Governante do Universo somos um, mas como seres manifestados, homens, somos Seus escravos eternos, Seus adoradores. Assim vemos que o Deus Pessoal permanece. Tudo o mais neste mundo relativo permanece, e a religião é colocada sobre uma base

melhor. Portanto é necessário que primeiro conheçamos o Impessoal para conhecer o Pessoal.

Como vimos, diz a lei da razão, o particular só é conhecido através do geral. Portanto, todos esses detalhes, do homem a Deus, só são conhecidos através do Impessoal, a generalização mais elevada. As orações permanecerão, só que ganharão um significado melhor. Todas aquelas ideias insensatas de oração, os estágios inferiores da oração, que são simplesmente palavras para todos os tipos de desejos tolos em nossas mentes, talvez tenham que desaparecer. Em todas as religiões sensatas, nunca permitem orações a Deus; eles permitem orações aos deuses. Isso é bastante natural. Os católicos romanos oram aos santos; isso é muito bom. Mas orar a Deus não faz sentido. Pedir a Deus que lhe dê uma lufada de ar, que faça cair uma chuva, que faça crescer frutas no seu jardim, e assim por diante, é bastante antinatural. Os santos, porém, que eram pequenos seres como nós, podem nos ajudar. Mas orar ao Governante do Universo, tagarelando sobre cada pequena necessidade nossa, e desde a infância dizendo: “Ó Senhor, estou com dor de cabeça; deixe-a ir”, é ridículo. Houve milhões de almas que morreram neste mundo e estão todas aqui; eles se tornaram deuses e anjos; deixe-os vir em sua ajuda. Mas Deus! Não pode ser. A Ele devemos ir em busca de coisas mais elevadas. Na verdade, é um tolo aquele que, descansando nas margens do Gangâ, cava um pequeno poço para obter água; Na verdade, um tolo é aquele que, vivendo perto de uma mina de diamantes, escava em busca de pedaços de cristal.

E de fato seremos tolos se formos ao Pai de toda misericórdia, Pai de todo amor, para coisas terrenas triviais. A Ele, portanto, iremos em busca de luz, de força, de amor. Mas enquanto houver em nós fraqueza e desejo de dependência servil, existirão essas pequenas orações e ideias de adoração ao Deus Pessoal. Mas aqueles que são altamente avançados não se importam com essas pequenas ajudas, eles quase se esqueceram de tudo isso de buscar coisas para si mesmos, de querer coisas para si mesmos. A ideia predominante neles é – não eu, mas você, meu irmão. Essas são as pessoas adequadas para adorar o Deus Impessoal. E qual é a adoração do Deus Impessoal? Não há escravidão ali – “Ó Senhor, eu não sou nada, tenha piedade de mim”. Você conhece o antigo poema persa, traduzido para o inglês: "Vim ver minha amada. As portas estavam fechadas. Bati e uma voz

veio de dentro. 'Quem é você?' 'Eu sou fulano de tal' A porta não foi aberta. Uma segunda vez, vim e bati; me fizeram a mesma pergunta e dei a mesma resposta. A porta não foi aberta. veio a pergunta. Eu respondi: 'Eu sou você, meu amor', e a porta se abriu." A adoração do Deus Impessoal é através da verdade. E o que é a verdade? Que eu sou Ele. Quando digo que não sou Tu, não é verdade. Quando digo que estou separado de você, é uma mentira, uma mentira terrível. Eu sou um com este universo, nasci um. É evidente para os meus sentidos que sou um com o universo. Sou um com o ar que me rodeia, um com o calor, um com a luz, eternamente um com todo o Ser Universal, que se chama este universo, que é confundido com o universo, pois é Ele e nada mais, o sujeito eterno no coração que diz: “Eu sou”, em cada coração – o imortal, o insone, sempre acordado, o imortal, cuja glória nunca morre, cujos poderes nunca falham. Eu sou um com Isso.

Tudo isso é adoração ao Impessoal, e qual é o resultado? Toda a vida do homem será mudada. Força, força é o que tanto queremos nesta vida, pois o que chamamos de pecado e tristeza têm uma causa, e essa é a nossa fraqueza. Com a fraqueza vem a ignorância, e com a ignorância vem a miséria. Isso nos tornará fortes. Então as misérias serão ridicularizadas, então a violência do vil será ridicularizada, e o tigre feroz revelará, por trás de sua natureza de tigre, meu próprio Eu. Esse será o resultado. É forte aquela alma que se tornou uma com o Senhor; ninguém mais é forte. Na sua própria Bíblia, qual você acha que foi a causa daquela força de Jesus de Nazaré, daquela força imensa e infinita que riu dos traidores e abençoou aqueles que estavam dispostos a matá-lo? Foi isso: “Eu e meu Pai somos um”; foi aquela oração: “Pai, assim como eu sou um com você, faça com que todos sejam um comigo”. Essa é a adoração do Deus Impessoal. Seja um com o universo, seja um com Ele. E este Deus Impessoal não requer demonstrações, nem provas. Ele está mais perto de nós do que nossos sentidos, mais perto de nós do que nossos próprios pensamentos; é nele e através dele que vemos e pensamos. Para ver qualquer coisa, devo primeiro vê-Lo. Para ver este muro eu primeiro O vejo, e depois o muro, pois Ele é o sujeito eterno. Quem está vendo quem? Ele está aqui no coração dos nossos corações. Corpos e mentes mudam; miséria, felicidade, bem e mal vêm e vão; dias e anos passam; a vida vem e vai; mas Ele não morre. A mesma voz, “eu sou, eu sou”, é eterna, imutável. Nele e por meio dele sabemos tudo. Nele e através dele vemos tudo. Nele e através dele sentimos,

pensamos, vivemos e somos. E esse “eu”, que confundimos ser um pequeno “eu”, limitado, não é apenas o meu “eu”, mas o seu, o “eu” de todos, dos animais, dos anjos, do mais inferior dos seres. baixo. Esse “eu sou” é o mesmo no assassino e no santo, o mesmo no rico e no pobre, o mesmo no homem e na mulher, o mesmo no homem e nos animais. Da ameoba mais inferior ao anjo mais elevado, Ele reside em cada alma e declara eternamente: "Eu sou Ele, eu sou Ele". Quando tivermos compreendido aquela voz eternamente presente ali, quando tivermos aprendido esta lição, todo o universo terá expressado o seu segredo. A natureza terá nos revelado o seu segredo. Nada mais resta a saber. Assim encontramos a verdade que todas as religiões procuram, que todo este conhecimento das ciências materiais é apenas secundário. Esse é o único conhecimento verdadeiro que nos torna um com este Deus Universal do Universo.

1.4.7 VEDANTA COMO FATOR DE CIVILIZAÇÃO

(Extrato de um endereço entregue em Airrie Lodge, Ridgeway Gardens, Inglaterra)

As pessoas que são capazes de ver apenas o aspecto externo grosseiro das coisas podem perceber na nação indiana apenas um povo conquistado e sofredor, uma raça de sonhadores e filósofos. Eles parecem ser incapazes de perceber que no reino espiritual a Índia conquista o mundo. Não há dúvida de que é verdade que, assim como a mente ocidental excessivamente ativa se beneficiaria com uma mistura da introspecção oriental e do hábito meditativo, o oriental se beneficiaria com uma atividade e energia um pouco maiores. Ainda assim, devemos perguntar: Qual pode ser a força que faz com que este povo aflito e sofredor, os hindus e também os judeus (as duas raças das quais se originaram todas as grandes religiões do mundo) sobrevivam, quando outras nações perecem? A causa só pode ser a sua força espiritual. Os hindus ainda vivem, embora silenciosos; os judeus são hoje mais numerosos do que quando viviam na Palestina. A filosofia da Índia permeia todo o mundo civilizado, modificando-se e permeando-a à medida que avança. Assim também nos tempos antigos, o seu comércio chegou às costas de África antes de a Europa ser conhecida e abriu a comunicação com o resto do mundo, refutando assim a crença de que os indianos nunca saíam do seu próprio país.

É também notável que a posse da Índia por uma potência estrangeira tenha sido sempre um ponto de viragem na história dessa potência, trazendo-lhe riqueza, prosperidade, domínio e ideias espirituais. Enquanto o homem ocidental tenta medir o quanto lhe é possível possuir e desfrutar, o oriental parece seguir o caminho oposto e medir quão pouco de posses materiais ele pode usar. Nos Vedas traçamos o esforço daquele povo antigo para encontrar Deus. Em sua busca por Ele, eles encontraram diferentes estratos; começando com a adoração dos ancestrais, eles passaram à adoração de Agni, o deus do fogo, de Indra, o deus do trovão, e de Varuna, o Deus dos deuses. Encontramos o crescimento desta ideia de Deus, de muitos deuses para um Deus, em todas as religiões; seu verdadeiro significado é que Ele é o chefe dos deuses tribais, que cria o mundo, o governa e vê cada coração; os estágios de crescimento conduzem de uma multiplicidade de deuses ao monoteísmo. Esta concepção antropomórfica, porém, não satisfez os hindus, era humana demais para aqueles que buscavam o Divino. Portanto, eles finalmente desistiram de procurar Deus no mundo exterior dos sentidos e da matéria, e voltaram sua atenção para o mundo interior. Existe um mundo interior? E o que é isso? É Âtman. É o Ser, é a única coisa da qual um indivíduo pode ter certeza. Se ele conhece a si mesmo, poderá conhecer o universo, e não de outra forma. A mesma pergunta foi feita no início dos tempos, ainda no Rig-Veda, de outra forma: “Quem ou o que existiu desde o início?” Essa questão foi gradualmente resolvida pela filosofia Vedanta. O Atman existiu. Isto é, o que chamamos de Absoluto, a Alma Universal, o Eu, é a força pela qual desde o início todas as coisas foram, são e serão manifestadas.

Embora os filósofos do Vedanta tenham resolvido essa questão, eles ao mesmo tempo descobriram a base da ética. Embora todas as religiões tenham ensinado preceitos éticos, tais como: “Não mate, não fira; ame o seu próximo como a si mesmo”, etc., ainda assim, nenhum deles deu a razão. Por que não deveria ferir meu vizinho? Para esta questão não houve resposta satisfatória ou conclusiva, até que ela foi desenvolvida pelas especulações metafísicas dos hindus que não conseguiam ficar satisfeitos com meros dogmas. Assim, os hindus dizem que este Atman é absoluto e onipenetrante, portanto infinito. Não pode haver dois infinitos, pois eles se limitariam e se tornariam finitos. Além disso, cada alma individual é uma parte integrante dessa Alma Universal, que é infinita. Portanto, ao ferir o

próximo, o indivíduo na verdade fere a si mesmo. Esta é a verdade metafísica básica subjacente a todos os códigos éticos. Acredita-se com demasiada frequência que uma pessoa, no seu progresso rumo à perfeição, passa do erro à verdade; que quando ele passa de um pensamento a outro, deve necessariamente rejeitar o primeiro. Mas nenhum erro pode levar à verdade. A alma passando por suas diferentes etapas vai de verdade em verdade, e cada etapa é verdadeira; vai da verdade inferior à verdade superior. Este ponto pode ser ilustrado da seguinte maneira. Um homem viaja em direção ao sol e tira uma fotografia a cada passo. Quão diferente seria a primeira fotografia da segunda e ainda mais da terceira ou da última, quando ele alcançasse o sol real! Mas todas estas coisas, embora difiram tão amplamente umas das outras, são verdadeiras, apenas são feitas para parecerem diferentes pelas condições mutáveis do tempo e do espaço. Foi o reconhecimento desta verdade que permitiu aos hindus perceber a verdade universal de todas as religiões, da mais baixa à mais elevada; fez deles as únicas pessoas que nunca sofreram perseguições religiosas. O santuário de um santo muçulmano que hoje é negligenciado e esquecido pelos muçulmanos, é adorado pelos hindus! Muitos exemplos podem ser citados, ilustrando o mesmo espírito de tolerância.

A mente oriental não poderia ficar satisfeita até encontrar aquela meta, que é o fim buscado por toda a humanidade, a saber, a Unidade. O cientista ocidental procura a unidade no átomo ou na molécula. Quando ele o encontra, não há mais nada a descobrir, e assim, quando encontramos a Unidade da Alma ou do Eu, que é chamada de Atman, não podemos ir mais longe. Torna-se claro que tudo no mundo dos sentidos é uma manifestação daquela Substância Única. Além disso, o cientista é levado à necessidade de reconhecer a metafísica, quando supõe que os átomos que não têm largura nem comprimento ainda se tornam, quando combinados, a causa da extensão, do comprimento e da largura. Quando um átomo atua sobre outro, é necessário algum meio. Qual é esse meio? Será um terceiro átomo. Se sim, então a questão ainda permanece sem resposta: como estes dois agem no terceiro? Uma manifesta reductio ad absurdum. Esta contradição de termos também se encontra na hipótese necessária a toda ciência física de que um ponto é aquilo que não tem partes nem magnitude, e uma linha tem comprimento sem largura. Estes não podem ser vistos ou concebidos. Por que? Porque eles não estão ao alcance dos sentidos. São concepções

metafísicas. Assim vemos, é finalmente a mente que dá forma a toda percepção. Quando vejo uma cadeira, não é a cadeira real externa ao meu olho que percebo, mas algo externo mais a imagem mental formada. Assim, mesmo o materialista é levado à metafísica no último extremo.

1.4.8 O ESPÍRITO E A INFLUÊNCIA DO VEDANTA

(Entregue no Twentieth Century Club, Boston)

Antes de entrar no assunto desta tarde, permite-me dizer algumas palavras de agradecimento, agora que tenho oportunidade? Vivi três anos entre vocês. Viajei por quase toda a América e, ao regressar daqui para o meu país, é justo aproveitar esta oportunidade para expressar a minha gratidão nesta Atenas da América. Quando cheguei a este país, depois de alguns dias pensei que seria capaz de escrever um livro sobre a nação. Mas depois de três anos aqui, descobri que não consigo escrever nem uma página. Por outro lado, descobri, ao viajar por vários países, que por baixo das diferenças superficiais que encontramos no vestuário e na alimentação e nos pequenos detalhes de comportamento, o homem é o homem em todo o mundo; a mesma maravilhosa natureza humana está representada em toda parte. No entanto, existem certas características e, em poucas palavras, gostaria de resumir aqui todas as minhas experiências. Nesta terra da América, não se questionam as peculiaridades de um homem. Se um homem é um homem, isso é suficiente, e eles o aceitam em seus corações, e isso é algo que nunca vi em nenhum outro país do mundo.

Vim aqui para representar uma filosofia da Índia, chamada filosofia Vedanta. Esta filosofia é muito, muito antiga; é o resultado daquela massa de literatura ariana antiga conhecida pelo nome de Vedas. É, por assim dizer, a própria flor de todas as especulações, experiências e análises, incorporadas naquela massa de literatura – recolhida e selecionada ao longo dos séculos. Esta filosofia Vedanta tem certas peculiaridades. Em primeiro lugar, é perfeitamente impessoal; não deve a sua origem a nenhuma pessoa ou profeta: não se constrói em torno de um homem como centro. No entanto, não tem nada a dizer contra as filosofias que se constroem em torno de certas pessoas. Mais tarde, na Índia, surgiram outras filosofias e

sistemas, construídos em torno de certas pessoas – como o Budismo, ou muitas das nossas seitas actuais. Cada um deles tem um determinado líder a quem devem lealdade, tal como os cristãos e os maometanos. Mas a filosofia Vedanta está na base de todas essas diversas seitas, e não há luta nem antagonismo entre o Vedanta e qualquer outro sistema no mundo.

Ele estabelece um princípio - e que, afirma o Vedanta, pode ser encontrado em todas as religiões do mundo - que o homem é divino, que tudo isso que vemos ao nosso redor é o resultado dessa consciência do divino. Tudo o que é forte, bom e poderoso na natureza humana é o resultado dessa divindade e, embora potencial em muitos, não há diferença entre o homem e o homem essencialmente, sendo todos igualmente divinos. Existe, por assim dizer, um oceano infinito atrás, e você e eu somos tantas ondas saindo desse oceano infinito; e cada um de nós está tentando o seu melhor para manifestar esse exterior infinito. Assim, potencialmente, cada um de nós tem esse oceano infinito de Existência, Conhecimento e Bem-aventurança como nosso direito inato, nossa verdadeira natureza; e a diferença entre nós é causada pelo maior ou menor poder de manifestar esse divino. Portanto, o Vedanta estabelece que cada homem deve ser tratado não como aquilo que manifesta, mas como aquilo que representa. Cada ser humano representa o divino e, portanto, cada professor deve ser útil, não condenando o homem, mas ajudando-o a evocar a divindade que está dentro dele.

Ensina também que toda a vasta massa de energia que vemos exposta na sociedade e em todos os planos de ação vem realmente de dentro para fora; e, portanto, o que é chamado de inspiração por outras seitas, o Vedantista implora pela liberdade de chamar a expiração do homem. Ao mesmo tempo, não discute com outras seitas; o Vedanta não discute com aqueles que não entendem esta divindade do homem. Consciente ou inconscientemente, todo homem está tentando revelar essa divindade.

O homem é como uma mola infinita, enrolada numa pequena caixa, e essa mola tenta desdobrar-se; e todos os fenômenos sociais que vemos como resultado dessa tentativa de desdobramento. Todas as competições, lutas e males que vemos ao nosso redor não são nem as causas desses desdobramentos, nem os efeitos. Como diz um dos nossos grandes filósofos – no caso da irrigação de um campo, o tanque está em algum lugar num

nível mais alto, e a água está tentando entrar no campo e é bloqueada por um portão. Mas assim que o portão é aberto, a água entra por sua própria natureza; e se houver poeira e sujeira no caminho, a água rola sobre eles. Mas a poeira e a sujeira não são nem o resultado nem a causa deste desdobramento da natureza divina do homem. São circunstâncias coexistentes e, portanto, podem ser remediadas.

Ora, esta ideia, afirma o Vedanta, pode ser encontrada em todas as religiões, seja na Índia ou fora dela; apenas, em alguns deles, a ideia é expressa através da mitologia, e em outros, através da simbologia. O Vedanta afirma que não houve uma inspiração religiosa, uma manifestação do homem divino, por maior que fosse, mas foi a expressão daquela unidade infinita na natureza humana; e tudo o que chamamos de ética e moralidade e de fazer o bem aos outros também é apenas a manifestação dessa unidade. Há momentos em que todo homem sente que é um com o universo e corre para expressá-lo, quer saiba disso ou não. Esta expressão de unidade é o que chamamos de amor e simpatia, e é a base de toda a nossa ética e moralidade. Isto é resumido na filosofia Vedanta pelo célebre aforismo Tat Tvam Asi, “Tu és Isso”.

A todo homem é ensinado isto: Tu és um com este Ser Universal e, como tal, cada alma que existe é a tua alma; e todo corpo que existe é o seu corpo; e ao machucar alguém, você se machuca; ao amar alguém, você ama a si mesmo. Assim que uma corrente de ódio é lançada para fora, a quem machuca, também machuca a si mesmo; e se o amor sai de você, certamente retornará para você. Pois eu sou o universo; este universo é meu corpo. Eu sou o Infinito, só que não tenho consciência disso agora; mas estou lutando para obter esta consciência do Infinito, e a perfeição será alcançada quando chegar a plena consciência deste Infinito.

Outra ideia peculiar do Vedanta é que devemos permitir esta variação infinita no pensamento religioso, e não tentar levar todos à mesma opinião, porque o objetivo é o mesmo. Como diz o vedantista em sua linguagem poética: “Assim como tantos rios, que nascem em diferentes montanhas, descem, tortuosos ou retos, e finalmente desembocam no oceano – assim também todos esses vários credos e religiões, partindo de pontos de vista

diferentes e percorrendo caminhos tortuosos ou retos, finalmente venha a Ti”.

Como manifestação disso, descobrimos que esta filosofia antiquíssima, através da sua influência, inspirou diretamente o Budismo, a primeira religião missionária do mundo, e indiretamente, também influenciou o Cristianismo, através dos Alexandrinos, dos Gnósticos e dos Europeus. filósofos da idade média. E mais tarde, influenciando o pensamento alemão, produziu quase uma revolução nas regiões da filosofia e da psicologia. No entanto, toda esta massa de influência foi dada ao mundo quase despercebida. Assim como a queda suave do orvalho à noite traz sustentação a toda a vida vegetal, também, lenta e imperceptivelmente, esta filosofia divina se espalhou pelo mundo para o bem da humanidade. Nenhuma marcha de exércitos foi usada para pregar esta religião. No Budismo, uma das religiões mais missionárias do mundo, encontramos inscrições remanescentes do grande Imperador Asoka - registrando como os missionários foram enviados para Alexandria, para Antioquia, para a Pérsia, para a China e para vários outros países do então mundo civilizado. . Trezentos anos antes de Cristo, foram-lhes dadas instruções para não insultarem outras religiões: "A base de todas as religiões é a mesma, onde quer que estejam; tente ajudá-las tudo o que puder, ensine-as tudo o que puder, mas não tente ferir eles."

Assim, na Índia nunca houve qualquer perseguição religiosa por parte dos hindus, mas apenas aquela maravilhosa reverência que eles têm por todas as religiões do mundo. Eles abrigaram uma parte dos hebreus, quando foram expulsos de seu próprio país; e os judeus Malabar permanecem como resultado. Receberam em outra época o remanescente dos persas, quando foram quase aniquilados; e eles permanecem até hoje, como parte de nós e amados por nós, como os modernos parses de Bombaim. Houve cristãos que afirmaram ter vindo com São Tomé, o discípulo de Jesus Cristo; e foram autorizados a estabelecer-se na Índia e a manter as suas próprias opiniões; e uma colônia deles ainda existe na Índia. E este espírito de tolerância não desapareceu. Não vai e não pode morrer lá.

Esta é uma das grandes lições que o Vedanta tem a ensinar. Sabendo que, consciente ou inconscientemente, estamos lutando para alcançar o mesmo

objetivo, por que deveríamos ser impacientes? Se um homem é mais lento que outro, não precisamos ficar impacientes, não precisamos amaldiçoá-lo ou insultá-lo. Quando nossos olhos forem abertos e o coração purificado, a obra da mesma influência divina, o desdobramento da mesma divindade em cada coração humano, se manifestará; e só então estaremos em posição de reivindicar a irmandade do homem.

Quando um homem atingiu o mais alto, quando não vê nem homem nem mulher, nem seita, nem credo, nem cor, nem nascimento, nem qualquer uma dessas diferenciações, mas vai além e encontra aquela divindade que é o verdadeiro homem por trás de cada ser humano - somente então ele alcançou a irmandade universal, e somente esse homem é um Vedantista.

Esses são alguns dos resultados históricos práticos do Vedanta.

1.4.9 PASSOS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO HINDU

O primeiro grupo de ideias religiosas que vemos surgir - quero dizer, ideias religiosas reconhecidas, e não as ideias muito baixas, que não merecem o nome de religião - inclui todas a ideia de inspiração e livros revelados e assim por diante. O primeiro grupo de ideias religiosas começa com a ideia de Deus. Aqui está o universo, e este universo é criado por um certo Ser. Tudo o que existe neste universo foi criado por Ele. Junto com isso, num estágio posterior, surge a ideia de alma – que existe este corpo, e algo dentro deste corpo que não é o corpo. Esta é a ideia de religião mais primitiva que conhecemos. Podemos encontrar alguns seguidores disso na Índia, mas foi abandonado muito cedo. As religiões indianas tiveram um início peculiar. É apenas através de uma análise rigorosa, e de muitos cálculos e conjecturas, que poderemos pensar que esse estágio existiu nas religiões indianas. O estado tangível em que os encontramos é o próximo passo, não o primeiro. No primeiro passo, a ideia de criação é muito peculiar, e é que todo o universo é criado do zero, pela vontade de Deus; que todo este universo não existia, e deste nada tudo isso surgiu. Na próxima etapa, descobrimos que esta conclusão é questionada. Como a existência pode ser produzida a partir da inexistência? No primeiro passo do Vedanta esta pergunta é feita. Se este universo existe deve ter surgido de

alguma coisa, porque foi muito fácil perceber que nada surge do nada, em lugar nenhum. Todo trabalho feito por mãos humanas requer materiais. Se uma casa for construída, o material já existia antes; se for feito um barco, o material já existia antes; se algum implemento for feito, os materiais já existiam antes. Então o efeito é produzido. Naturalmente, portanto, a primeira ideia de que este mundo foi criado do nada foi rejeitada e quis-se algum material a partir do qual este mundo foi criado. Toda a história da religião, na verdade, é esta busca por esse material.

Do que tudo isso foi produzido? Além da questão da causa eficiente, ou Deus, além da questão de que Deus criou o universo, a grande questão de todas as questões é: Do que Ele o criou? Todas as filosofias estão se voltando, por assim dizer, para esta questão. Uma solução é que a natureza, Deus e a alma são existências eternas, como se três linhas corressem paralelamente eternamente, das quais a natureza e a alma compreendem o que chamam de realidade dependente, e Deus a realidade independente. Cada alma, como cada partícula de matéria, depende perfeitamente da vontade de Deus. Antes de prosseguirmos para os outros passos, abordaremos a ideia de alma e então descobriremos que, com todos os filósofos vedânticos, há um tremendo afastamento de toda a filosofia ocidental. Todos eles têm uma psicologia comum. Qualquer que tenha sido a sua filosofia, a sua psicologia é a mesma na Índia, a velha psicologia Sâmkhya. De acordo com isto, a percepção ocorre pela transmissão das vibrações que chegam primeiro aos órgãos dos sentidos externos, dos órgãos externos aos internos, dos órgãos internos à mente, da mente ao Buddhi, do Buddhi ou intelecto. , para algo que é uma unidade, que eles chamam de Âtman. Chegando à fisiologia moderna, sabemos que ela encontrou centros para todas as diferentes sensações. Primeiro ele encontra os centros inferiores e depois um grau superior de centros, e estes dois centros correspondem exatamente aos órgãos internos e à mente, mas não foi encontrado nenhum centro que controle todos os outros centros. Portanto, a fisiologia não consegue dizer o que unifica todos estes centros. Onde os centros se unem? Os centros do cérebro são todos diferentes. e não existe um centro que controle todos os outros centros; portanto, até onde vai, a psicologia indiana permanece incontestada neste ponto. Precisamos ter essa unificação, alguma coisa sobre a qual as sensações serão refletidas, para formar um todo completo. Até que haja esse algo, não posso ter ideia

de você, ou de uma foto, ou de qualquer outra coisa. Se não tivéssemos essa coisa unificadora, apenas veríamos, depois de um tempo respiraríamos, depois ouviríamos, e assim por diante, e enquanto eu ouvisse um homem falando, não o veria de forma alguma, porque todos os centros são diferentes.

Este corpo é feito de partículas que chamamos de matéria, e é opaco e insensível. Assim é o que os Vedantistas chamam de corpo sutil. O corpo fino, segundo eles, é um corpo material, mas transparente, feito de partículas muito finas, tão finas que nenhum microscópio consegue vê-las. Qual é a utilidade disso? É o receptáculo das forças sutis. Assim como este corpo grosseiro é o receptáculo das forças grosseiras, o corpo sutil é o receptáculo das forças sutis, que chamamos de pensamento, em suas diversas modificações. Primeiro está o corpo, que é matéria grosseira, com força bruta. A força não pode existir sem matéria. Deve ser necessária a existência de alguma matéria, para que as forças mais grosseiras trabalhem no corpo; e essas mesmas forças tornam-se mais sutis; a própria força que atua de forma grosseira atua de forma sutil e se torna pensamento. Não há distinção entre eles, simplesmente um é a manifestação grosseira e o outro a manifestação sutil da mesma coisa. Também não há qualquer distinção entre este corpo sutil e o corpo grosseiro. O corpo sutil também é material, apenas matéria muito fina; e assim como este corpo grosseiro é o instrumento que opera as forças grosseiras, o corpo sutil é o instrumento que opera as forças finas. De onde vêm todas essas forças? Segundo a filosofia Vedanta, existem duas coisas na natureza, uma das quais chamam de Âkâsha, que é a substância, infinitamente sutil, e a outra chamam de Prâna, que é a força. Tudo o que você vê, sente ou ouve, como ar, terra ou qualquer coisa, é material – o produto do Akasha. Ele continua e se torna cada vez mais sutil, ou cada vez mais grosseiro, mudando sob a ação do Prana. Assim como o Akasha, o Prana é onipresente e interpenetra tudo. Akasha é como a água, e tudo o mais no universo é como blocos de gelo, feitos dessa água e flutuando na água, e Prana é o poder que transforma este Akasha em todas essas diversas formas. O corpo grosseiro é o instrumento feito de Akasha, para a manifestação do Prana em formas grosseiras, como movimento muscular, ou andar, sentar, falar, e assim por diante. Esse corpo sutil também é feito de Akasha, uma forma muito sutil de Akasha, para a manifestação do mesmo Prana na forma mais sutil de pensamento. Então,

primeiro existe esse corpo grosseiro. Além disso está este corpo sutil, e além disso está o Jiva, o homem real. Assim como as unhas podem ser cortadas muitas vezes e ainda assim fazer parte do nosso corpo, não é diferente, o nosso corpo grosseiro também está relacionado com o corpo sutil. Não é que um homem tenha um corpo fino e também grosseiro; é apenas um corpo, a parte que dura mais é o corpo sutil, e a que se dissolve mais cedo é o grosso. Assim como posso cortar esta unha inúmeras vezes, milhões de vezes posso me desfazer deste corpo grosseiro, mas o corpo sutil permanecerá. De acordo com os dualistas, este Jiva ou o homem real é muito bom, minúsculo.

Até agora vemos que o homem é um ser que tem primeiro um corpo grosseiro que se dissolve muito rapidamente, depois um corpo sutil que permanece por eras, e então um Jiva. Este Jiva, de acordo com a filosofia Vedanta, é eterno, assim como Deus é eterno. A natureza também é eterna, mas mutavelmente eterna. O material da natureza – Prana e Akasha – é eterno, mas está mudando eternamente em diferentes formas. Mas o Jiva não é fabricado nem de Akasha nem de Prana; é imaterial e, portanto, permanecerá para sempre. Não é o resultado de nenhuma combinação de Prana e Akasha, e tudo o que não é o resultado da combinação, nunca será destruído, porque a destruição está voltando às causas. O corpo grosseiro é um composto de Akasha e Prana e, portanto, será decomposto. O belo corpo também se decomporá depois de muito tempo, mas o Jiva é simples e nunca será destruído. Nunca nasceu pelo mesmo motivo. Nada simples pode nascer. O mesmo argumento se aplica. Aquilo que é um composto só pode nascer. Toda a natureza, compreendendo milhões e milhões de almas, está sob a vontade de Deus. Deus é onipresente, onisciente, sem forma e trabalha através da natureza dia e noite. Tudo isso está sob Seu controle. Ele é o Governante eterno. Assim dizem os dualistas. Então surge a pergunta: se Deus é o governante deste universo, por que Ele criou um universo tão perverso, por que devemos sofrer tanto? Eles dizem que não é culpa de Deus. É nossa culpa que sofremos. Tudo o que plantamos, colhemos. Ele não fez nada para nos punir. O homem nasce pobre, ou cego, ou de alguma outra forma. Qual é a razão? Ele já tinha feito alguma coisa antes, ele nasceu assim. O Jiva existe desde sempre, nunca foi criado. Ele tem feito todo tipo de coisa o tempo todo. Tudo o que fazemos reage sobre nós. Se fizermos o bem, teremos felicidade, e se fizermos o mal, teremos

infelicidade. Assim, o Jiva continua desfrutando e sofrendo, e fazendo todo tipo de coisas.

O que vem depois da morte? Todos esses filósofos Vedanta admitem que este Jiva é puro por sua própria natureza. Mas a ignorância encobre a sua verdadeira natureza, dizem eles. Assim como pelas más ações ele se cobriu de ignorância, também pelas boas ações ele se torna novamente consciente de sua própria natureza. Assim como é eterno, sua natureza é pura. A natureza de cada ser é pura.

Quando através de boas ações todos os seus pecados e más ações foram lavados, então o Jiva se torna puro novamente, e quando se torna puro, ele vai para o que é chamado de Devayâna. Seu órgão de fala entra na mente. Você não pode pensar sem palavras. Onde quer que haja pensamento, deve haver palavras. À medida que as palavras entram na mente, a mente se transforma em Prana, e o Prana em Jiva. Então o Jiva sai rapidamente do corpo e vai para as regiões solares. Este universo tem esfera após esfera. Esta terra é a esfera mundial, na qual estão luas, sóis e estrelas. Além disso aqui está a esfera solar, e além daquela outra que eles chamam de esfera lunar. Além disso existe a esfera que eles chamam de esfera do relâmpago, a esfera elétrica, e quando o Jiva vai para lá, vem outro Jiva, já perfeito, para recebê-lo, e o leva para outro mundo, o céu mais elevado, chamado de Brahmaloaka, onde o Jiva vive eternamente, não há mais para nascer ou morrer. Ele desfruta por toda a eternidade e obtém todos os tipos de poderes, exceto o poder de criação. Existe apenas um governante do universo, e esse governante é Deus. Ninguém pode tornar-se Deus; os dualistas sustentam que se você diz que é Deus, isso é uma blasfêmia. Todos os poderes, exceto o criativo, vêm para o Jiva, e se ele gosta de ter corpos e trabalhar em diferentes partes do mundo, pode fazê-lo. Se ordenar que todos os deuses venham diante dele, se quiser que seus antepassados venham, todos eles aparecerão sob seu comando. Seus poderes são tais que ele nunca mais sente dor e, se quiser, pode viver no Brahmaloaka por toda a eternidade. Este é o homem mais elevado, que alcançou o amor de Deus, que se tornou perfeitamente altruísta, perfeitamente purificado, que desistiu de todos os desejos e que não quer fazer nada exceto adorar e amar a Deus.

Há outros que não são tão elevados, que fazem boas obras, mas querem alguma recompensa. Dizem que darão muito aos pobres, mas querem ir para o céu em troca. Quando eles morrem, o que acontece com eles? A fala entra na mente, a mente entra no Prana, o Prana entra no Jiva, e o Jiva sai e vai para a esfera lunar, onde se diverte muito por um longo período. Lá ele desfruta de felicidade, enquanto perdurar o efeito de suas boas ações. Quando o mesmo se esgota, desce, e mais uma vez entra na vida terrena conforme seus desejos. Na esfera lunar, o Jiva torna-se o que chamamos de deus, ou o que os cristãos ou maometanos chamam de anjo. Esses deuses são nomes de certas posições; por exemplo, Indra, o rei dos deuses, é o nome de uma posição; milhares de homens chegam a essa posição. Quando um homem virtuoso que realizou o mais elevado dos ritos védicos morre, ele se torna o rei dos deuses; a essa altura, o velho rei desceu novamente e se tornou homem. Assim como os reis mudam aqui, os deuses, os Devas, também têm que morrer. No céu todos morrerão. O único lugar imortal é Brahmaloça, onde não há nascimento nem morte.

Então os Jivas vão para o céu e se divertem muito, exceto de vez em quando, quando os demônios os perseguem. Na nossa mitologia diz-se que existem demônios, que às vezes incomodam os deuses. Em todas as mitologias, você lê como esses demônios e os deuses lutaram, e os demônios às vezes conquistaram os deuses, embora muitas vezes, ao que parece, os demônios não tenham feito tantas coisas perversas quanto os deuses. Em todas as mitologias, por exemplo, você encontra os Devas que gostam de mulheres. Assim, depois que sua recompensa termina, eles caem novamente, passam pelas nuvens, pelas chuvas, e assim entram em algum grão ou planta e encontram seu caminho para o corpo humano, quando o grão ou planta é comido pelos homens. O pai lhes dá o material para conseguirem um corpo adequado. Quando o material não lhes convém mais, eles têm que fabricar outras carrocerias. Agora existem os sujeitos muito perversos, que fazem todo tipo de coisas diabólicas; eles nascem de novo como animais, e se são muito maus, nascem como animais muito baixos, ou tornam-se plantas, ou pedras.

Na forma Deva eles não produzem nenhum Karma; só o homem faz Karma. Karma significa trabalho que produzirá efeito. Quando um homem morre e se torna um Deva, ele tem apenas um período de prazer e, durante esse

tempo, não produz nenhum Karma novo; é simplesmente uma recompensa pelo seu bom Karma passado. Quando o bom Karma é resolvido, o Karma restante começa a fazer efeito e ele desce à terra. Ele se torna homem novamente, e se ele faz boas obras e se purifica, ele vai para Brahmaloça e não volta mais.

O animal é um estado de permanência para o Jiva evoluindo de formas inferiores. Com o passar do tempo, o animal se torna homem. É um facto significativo que à medida que a população humana aumenta, a população animal diminui. As almas animais estão todas se tornando homens. Muitas espécies de animais já se tornaram homens. Para onde mais eles foram?

Nos Vedas não há menção ao inferno. Mas nossos Purânas, os últimos livros de nossas escrituras, pensavam que nenhuma religião poderia ser completa, a menos que infernos estivessem ligados a ela, e então inventaram todos os tipos de infernos. Em alguns deles, os homens são serrados ao meio e continuamente torturados, mas não morrem. Eles sentem continuamente uma dor intensa, mas os livros são misericordiosos o suficiente para dizer que é apenas por um período. O Karma ruim é resolvido nesse estado e então eles voltam à Terra e têm outra chance. Então esta forma humana é a grande oportunidade. É chamado de corpo Karma, no qual decidimos nosso destino. Estamos correndo num enorme círculo e este é o ponto do círculo que determina o futuro. Portanto, esta é considerada a forma mais importante que existe. O homem é maior que os deuses.

Até agora com dualismo, puro e simples. Em seguida vem a filosofia vedântica superior que diz que isso não pode acontecer. Deus é a causa material e eficiente deste universo. Se você diz que existe um Deus que é um Ser infinito, e uma alma que também é infinita, e uma natureza que também é infinita, você pode continuar multiplicando infinitos sem limites, o que é simplesmente absurdo; você destrói toda a lógica. Portanto, Deus é a causa material e eficiente do universo; Ele projeta este universo fora de Si mesmo. Então como é que Deus se tornou estas paredes e esta mesa, que Deus se tornou o porco, e o assassino, e todas as coisas más do mundo? Dizemos que Deus é puro. Como Ele pode se tornar todas essas coisas degeneradas? Nossa resposta é: assim como sou uma alma e tenho um

corpo e, em certo sentido, este corpo não é diferente de mim, ainda assim eu, o verdadeiro eu, de fato, não sou o corpo. Por exemplo, digo: sou uma criança, um jovem ou um velho, mas a minha alma não mudou. Continua sendo a mesma alma. Da mesma forma, todo o universo, compreendendo toda a natureza e um número infinito de almas, é, por assim dizer, o corpo infinito de Deus. Ele está interpenetrando tudo isso. Só ele é imutável, mas a natureza muda e a alma muda. Ele não é afetado por mudanças na natureza e na alma. De que forma a natureza muda? Nas suas formas; assume novas formas. Mas a alma não pode mudar dessa forma. A alma se contrai e se expande em conhecimento. Ele contrai por meio de más ações. Aquelas ações que contraem o verdadeiro conhecimento natural e a pureza da alma são chamadas de más ações. Aquelas ações, novamente, que trazem à tona a glória natural da alma, são chamadas de boas ações. Todas estas almas eram puras, mas ficaram contraídas; através da misericórdia de Deus e praticando boas ações, eles se expandirão e recuperarão sua pureza natural. Todos têm a mesma chance e, no longo prazo, devem sair. Mas este universo não cessará, porque é eterno. Esta é a segunda teoria. O primeiro é chamado dualismo. A segunda afirma que existem Deus, alma e natureza, e alma e natureza formam o corpo de Deus e, portanto, estes três formam uma unidade. Representa um estágio superior de desenvolvimento religioso e é conhecido pelo nome de monismo qualificado. No dualismo, o universo é concebido como uma grande máquina acionada por Deus, enquanto no monismo qualificado, é concebido como um organismo, interpenetrado pelo Eu Divino.

Os últimos são os não-dualistas. Eles levantam também a questão de que Deus deve ser a causa material e eficiente deste universo. Como tal, Deus tornou-se a totalidade deste universo e não há como ir contra isso. E quando essas outras pessoas dizem que Deus é a alma, e o universo é o corpo, e o corpo está mudando, mas Deus é imutável, dizem os não-dualistas, tudo isso é um absurdo. Nesse caso, qual é a utilidade de chamar Deus de a causa material deste universo? A causa material é a causa que se torna efeito; o efeito nada mais é do que a causa em outra forma. Onde quer que você veja um efeito, é a causa reproduzida. Se o universo é o efeito e Deus a causa, deve ser a reprodução de Deus. Se você disser que o universo é o corpo de Deus, e que o corpo se torna contraído e sutil e se torna a causa, e a partir disso o universo evolui, os não-dualistas dizem que foi o próprio Deus

quem se tornou este universo. Agora vem uma pergunta muito boa. Se este Deus se tornou este universo, você e todas essas coisas são Deus.

Certamente. Este livro é Deus, tudo é Deus. Meu corpo é Deus, e minha mente é Deus, e minha alma é Deus. Então por que existem tantos Jivas? Deus ficou dividido em milhões de Jivas? Esse Deus único se transforma em milhões de Jivas? Então como isso se tornou assim? Como pode esse poder e substância infinitos, o Ser único do universo, ficar dividido? É impossível dividir o infinito. Como pode esse Ser puro se tornar este universo? Se Ele se tornou o universo, Ele é mutável, e se Ele é mutável, Ele faz parte da natureza, e tudo o que é natureza e mutável nasce e morre. Se nosso Deus é mutável, Ele deve morrer algum dia. Tome nota disso. Novamente, quanto de Deus se tornou este universo? Se você disser X (a quantidade algébrica desconhecida), então Deus é Deus menos X agora e, portanto, não é o mesmo Deus de antes desta criação, porque muita coisa se tornou neste universo.

Assim, os não-dualistas dizem: "Este universo não existe de forma alguma; é tudo ilusão. Todo este universo, esses Devas, deuses, anjos e todos os outros seres nascidos e morrendo, todo esse número infinito de almas vindo subindo e descendo, são todos sonhos." Não existe Jiva de forma alguma. Como pode haver muitos? É o único Infinito. Assim como um único sol, refletido em vários pedaços de água, parece ser muitos, e milhões de glóbulos de água refletem tantos milhões de sóis, e em cada glóbulo haverá uma imagem perfeita do sol, mas há apenas um sol, assim como todos esses Jivas são apenas reflexos em mentes diferentes. Estas mentes diferentes são como muitos glóbulos diferentes, refletindo este Ser único. Deus está sendo refletido em todos esses diferentes Jivas. Mas um sonho não pode existir sem uma realidade, e essa realidade é aquela Existência Infinita. Você, como corpo, mente ou alma, é um sonho, mas o que você realmente é é Existência, Conhecimento, Bem-aventurança. Você é o Deus deste universo. Você está criando todo o universo e atraindo-o. Assim diz o Advaitista. Portanto, todos esses nascimentos e renascimentos, idas e vindas, são invenções de Mâyâ. Você é infinito. Para onde você pode ir? O sol, a lua e todo o universo são apenas gotas em sua natureza transcendente. Como você pode nascer ou morrer? Eu nunca nasci, nunca nascerei. Nunca tive pai ou mãe, amigos ou inimigos, pois sou Existência, Conhecimento, Bem-aventurança Absoluta. Eu sou Ele, eu sou Ele. Então, qual é o objetivo,

segundo esta filosofia? Que aqueles que recebem esse conhecimento são um com o universo. Para eles, todos os céus e até mesmo Brahmaloça são destruídos, todo o sonho desaparece e eles se tornam o Deus eterno do universo. Eles alcançam sua individualidade real, com seu conhecimento e felicidade infinitos, e se tornam livres. Os prazeres nas pequenas coisas cessam. Estamos encontrando prazer neste corpinho, nesta pequena individualidade. Quão maior é o prazer quando todo este universo é meu corpo! Se há prazer num só corpo, quanto mais quando todos os corpos são meus! Então a liberdade é alcançada. E isso se chama Advaita, a filosofia Vedanta não-dualista.

Estes são os três passos que a filosofia Vedanta deu, e não podemos ir mais longe, porque não podemos ir além da unidade. Quando uma ciência atinge a unidade, ela não pode de forma alguma ir mais longe. Você não pode ir além desta ideia do Absoluto.

Todas as pessoas não podem adotar esta filosofia Advaita; É difícil. Em primeiro lugar, é muito difícil compreendê-lo intelectualmente. Requer o intelecto mais aguçado, uma compreensão ousada. Em segundo lugar, não é adequado para a grande maioria das pessoas. Portanto, existem essas três etapas. Comece com o primeiro. Então, pensando nisso e compreendendo-o, o segundo se abrirá. Assim como uma raça avança, os indivíduos também têm de avançar. Os passos que a raça humana deu para alcançar os mais altos pináculos do pensamento religioso, cada indivíduo terá de dar. Só que, embora a raça humana tenha levado milhões de anos para passar de um passo a outro, os indivíduos podem viver toda a vida da raça humana num período muito mais curto. Mas cada um de nós terá que passar por essas etapas. Aqueles de vocês que não são dualistas olham para trás, para o período de suas vidas em que eram dualistas fortes. Assim que você pensar que é um corpo e uma mente, terá que assumir todo esse sonho. Se você pegar uma porção, deverá pegar o todo. O homem que diz, aqui está este mundo, e não existe Deus (pessoal), é um tolo; porque se existe um mundo, terá que haver uma causa, e é isso que se chama Deus. Você não pode ter um efeito sem saber que existe uma causa. Deus só desaparecerá quando este mundo desaparecer; então você se tornará Deus (Absoluto), e este mundo não será mais para você. Enquanto existir o sonho de que você é um corpo, você estará fadado a se ver nascendo e morrendo; mas assim que

esse sonho desaparecer, também desaparecerá o sonho de que você está nascendo e morrendo, e também desaparecerá o outro sonho de que existe um universo. Aquela mesma coisa que agora vemos como o universo aparecerá para nós como Deus (Absoluto), e aquele mesmo Deus que por tanto tempo foi externo aparecerá como sendo interno, como o nosso próprio Eu.

1.4.10 PASSOS PARA REALIZAÇÃO

(Uma palestra proferida na América)

Em primeiro lugar entre as qualificações exigidas do aspirante a Jnâna, ou sabedoria, vêm Shama e Dama, que podem ser considerados juntos. Significam manter os órgãos em seus próprios centros, sem permitir que se desviem. Explicarei primeiro o que significa a palavra “órgão”. Aqui estão os olhos; os olhos não são os órgãos da visão, mas apenas os instrumentos. A menos que os órgãos também estejam presentes, não posso ver, mesmo que tenha olhos. Mas, dados tanto os órgãos como os instrumentos, a menos que a mente se ligue a estes dois, nenhuma visão ocorre. Assim, em cada ato de percepção são necessárias três coisas – primeiro, os instrumentos externos, depois, os órgãos internos e, por último, a mente. Se algum deles estiver ausente, então não haverá percepção. Assim, a mente atua através de dois agentes – um externo e outro interno. Quando vejo coisas, minha mente se apaga, se exterioriza; mas suponha que eu feche os olhos e comece a pensar, a mente não sai, ela está internamente ativa. Mas, em ambos os casos, há atividade dos órgãos. Quando olho para você e falo com você, tanto os órgãos quanto os instrumentos estão ativos. Quando fecho os olhos e começo a pensar, os órgãos estão ativos, mas não os instrumentos. Sem a atividade destes órgãos não haverá pensamento. Vocês descobrirão que nenhum de vocês pode pensar sem algum símbolo. No caso do cego, ele também tem que pensar em alguma figura. Os órgãos da visão e da audição são geralmente muito ativos. Você deve ter em mente que a palavra “órgão” significa o centro nervoso do cérebro. Os olhos e ouvidos são apenas instrumentos de visão e audição, e os órgãos estão dentro. Se os órgãos forem destruídos por qualquer meio, mesmo que os olhos ou os ouvidos estejam lá, não veremos nem ouviremos. Portanto, para controlar a

mente, devemos primeiro ser capazes de controlar estes órgãos. Impedir a mente de vagar para fora ou para dentro, e manter os órgãos em seus respectivos centros, é o que significam as palavras Shama e Dama. Shama consiste em não permitir que a mente se exteriorize, e Dama, em verificar os instrumentos externos.

Agora vem Uparati que consiste em não pensar nas coisas dos sentidos. A maior parte do nosso tempo é gasto pensando sobre os objetos dos sentidos, coisas que vimos, ou ouvimos, que veremos ou ouviremos, coisas que comemos, ou estamos comendo, ou comeremos, lugares onde temos viveu, e assim por diante. Pensamos neles ou falamos deles a maior parte do tempo. Aquele que deseja ser um Vedantino deve abandonar esse hábito.

Depois vem a próxima preparação (é uma tarefa difícil ser filósofo!), Titikshâ, a mais difícil de todas. É nada menos que a tolerância ideal – “Não resista ao mal”. Isto requer uma pequena explicação. Podemos não resistir a um mal, mas ao mesmo tempo podemos sentir-nos muito infelizes. Um homem pode me dizer coisas muito duras, e eu posso não odiá-lo externamente por isso, posso não responder, e posso me conter para não ficar aparentemente com raiva, mas a raiva e o ódio podem estar em minha mente, e eu posso me sentir muito mal com aquele homem. Isso não é não-resistência; eu deveria estar sem qualquer sentimento de ódio ou raiva, sem qualquer pensamento de resistência; minha mente deve então estar tão calma como se nada tivesse acontecido. E somente quando cheguei a esse estado é que alcancei a não-resistência, e não antes. Tolerância a toda miséria, sem sequer pensar em resistir ou expulsá-la, sem sequer qualquer sentimento doloroso na mente, ou qualquer remorso – isto é Titiksha. Suponha que eu não resista e que algum grande mal aconteça com isso; se eu tiver Titiksha, não sentirei nenhum remorso por não ter resistido. Quando a mente atinge esse estado, ela se estabelece em Titiksha. As pessoas na Índia fazem coisas extraordinárias para praticar este Titiksha. Eles suportam um calor e um frio tremendos sem se importar, nem mesmo se importam com a neve, porque não se preocupam com o corpo; é deixado entregue a si mesmo, como se fosse uma coisa estranha.

A próxima qualificação exigida é Shraddhâ, fé. É preciso ter uma fé tremenda na religião e em Deus. Até que alguém o tenha, não pode aspirar a

ser um Jnâni. Um grande sábio uma vez me disse que nem um em cada vinte milhões neste mundo acreditava em Deus. Perguntei-lhe por que, e ele me disse: "Suponha que haja um ladrão nesta sala, e ele fique sabendo que há uma massa de ouro na sala ao lado, e apenas uma divisória muito fina entre as duas salas; o que acontecerá?" qual é a condição daquele ladrão?" Respondi: "Ele não conseguirá dormir; seu cérebro estará pensando ativamente em algum meio de conseguir o ouro e ele não pensará em mais nada". Então ele respondeu: "Você acredita que um homem poderia acreditar em Deus e não enlouquecer para conquistá-lo? Se um homem acredita sinceramente que existe aquela imensa e infinita mina de Bem-aventurança, e que Ela pode ser alcançada, esse homem não acreditaria? enlouquecer em sua luta para alcançá-lo?" A forte fé em Deus e o consequente desejo de alcançá-Lo constituem Shraddha.

Depois vem Samâdhâna, ou prática constante, para manter a mente em Deus. Nada é feito em um dia. A religião não pode ser engolida na forma de uma pílula. Requer prática árdua e constante. A mente só pode ser conquistada pela prática lenta e constante.

O próximo é Mumukshutva, o desejo intenso de ser livre. Aqueles de vocês que leram Light of Asia, de Edwin Arnold, lembrem-se de sua tradução do primeiro sermão de Buda, onde Buda diz:

Vocês sofrem por si mesmos. Ninguém mais obriga.

Nenhum outro garante que você viva e morra,

E gire no volante, abrace e beije

Seus raios de agonia,

Seu pneu de lágrimas, sua nave de nada.

Toda a miséria que temos é de nossa própria escolha; tal é a nossa natureza. O velho chinês, que depois de sessenta anos de prisão foi libertado com a coroação de um novo imperador, exclamou, ao sair, que não poderia viver; ele deve voltar para sua horrível masmorra entre ratos e camundongos; ele não suportava a luz. Então ele pediu que o matassem ou o mandassem de volta para a prisão, e ele foi mandado de volta. Exatamente semelhante é a

condição de todos os homens. Corremos precipitadamente atrás de todo tipo de miséria e não estamos dispostos a nos libertar delas. Todos os dias corremos atrás do prazer e, antes de alcançá-lo, descobrimos que ele se foi, escorregou por entre nossos dedos. Ainda assim, não cessamos de nossa busca louca, mas seguimos em frente, tolos cegos que somos.

Em alguns moinhos de petróleo na Índia, são usados bois que dão voltas e mais voltas para moer as sementes oleaginosas. Há um jugo no pescoço do boi. Eles têm um pedaço de madeira saindo da canga e sobre ele está preso um pedaço de palha. O boi está vendado de tal forma que só consegue olhar para frente, e por isso estica o pescoço para pegar a palha; e ao fazê-lo empurra um pouco mais o pedaço de madeira; e faz outra tentativa com o mesmo resultado, e ainda outra, e assim por diante. Ele nunca pega a palha, mas dá voltas e mais voltas na esperança de pegá-la e, ao fazê-lo, mói o óleo. Da mesma forma, você e eu, que nascemos escravos da natureza, do dinheiro e da riqueza, das esposas e dos filhos, estamos sempre perseguindo um pedaço de palha, uma mera quimera, e passamos por inúmeras vidas sem obter o que buscamos. O grande sonho é o amor; todos nós vamos amar e ser amados, todos seremos felizes e nunca encontraremos a miséria, mas quanto mais caminhamos em direção à felicidade, mais ela se afasta de nós. Assim o mundo continua, a sociedade continua, e nós, escravos cegos, temos que pagar por isso sem saber. Estudem suas próprias vidas e descubram quão pouca felicidade há nelas e quão pouco de verdade vocês ganharam no decorrer desta busca inútil pelo mundo.

Você se lembra da história de Sólon e Creso? O rei disse ao grande sábio que a Ásia Menor era um lugar muito feliz. E o sábio lhe perguntou: "Quem é o homem mais feliz? Nunca vi ninguém muito feliz". "Bobagem", disse Creso, "sou o homem mais feliz do mundo." "Espere, senhor, até o fim da sua vida; não tenha pressa", respondeu o sábio e foi embora. Com o passar do tempo, esse rei foi conquistado pelos persas, e eles ordenaram que ele fosse queimado vivo. A pira funerária foi preparada e quando o pobre Creso a viu, gritou em voz alta: "Sólon! Sólon!" Ao ser questionado a quem se referia, ele contou sua história, e o imperador persa ficou emocionado e salvou sua vida.

Tal é a história de vida de cada um de nós; tal é o tremendo poder da natureza sobre nós. Ele repetidamente nos afasta, mas ainda assim o perseguimos com uma excitação febril. Estamos sempre esperando contra a esperança; esta esperança, esta quimera enlouquece-nos; estamos sempre esperando pela felicidade.

Houve um grande rei na Índia antiga a quem certa vez foram feitas quatro perguntas, uma das quais era: "Qual é a coisa mais maravilhosa do mundo?" "Esperança", foi a resposta. Isto é a coisa mais maravilhosa. Dia e noite vemos pessoas morrendo ao nosso redor, e ainda assim pensamos que não morreremos; nunca pensamos que morreremos ou que sofreremos. Cada homem pensa que o sucesso será seu, esperando contra a esperança, contra todas as probabilidades, contra todos os raciocínios matemáticos. Ninguém nunca está realmente feliz aqui. Se um homem é rico e tem bastante para comer, sua digestão está fora de ordem e ele não consegue comer. Se a digestão de um homem for boa e ele tiver o poder digestivo de um corvo-marinho, ele não terá nada para colocar na boca. Se ele for rico, não terá filhos. Se ele estiver com fome e for pobre, terá todo um regimento de crianças e não saberá o que fazer com elas. Por que é tão? Porque a felicidade e a miséria são o reverso e o reverso da mesma moeda; quem leva a felicidade, também deve levar a miséria. Todos nós temos esta ideia tola de que podemos ter felicidade sem miséria, e isso tomou conta de nós de tal forma que não temos controle sobre os sentidos.

Quando eu estava em Boston, um jovem veio até mim e me deu um pedaço de papel no qual havia escrito um nome e endereço, seguido destas palavras: "Toda a riqueza e toda a felicidade do mundo são suas, se você souber como obtê-los. Se você vier até mim, eu lhe ensinarei como obtê-los. Cobrar \$ 5. Ele me deu isso e disse: "O que você acha disso?" Eu disse: "Jovem, por que você não consegue dinheiro para imprimir isto? Você nem sequer tem dinheiro suficiente para imprimir isto!" Ele não entendeu isso. Ele estava apaixonado pela ideia de que poderia obter imensa riqueza e felicidade sem nenhum problema. Existem dois extremos para os quais os homens correm; um é o otimismo extremo, quando tudo é cor de rosa, agradável e bom; o outro, o pessimismo extremo, quando tudo parece estar contra eles. A maioria dos homens tem cérebros mais ou menos subdesenvolvidos. Vemos um em um milhão com um cérebro bem

desenvolvido; os demais têm idiossincrasias peculiares ou são monomaniacos.

Naturalmente chegamos a extremos. Quando somos saudáveis e jovens, pensamos que toda a riqueza do mundo será nossa, e quando mais tarde somos chutados pela sociedade como bolas de futebol e envelhecemos, sentamos num canto e coaxamos e jogamos água fria no entusiasmo de outros. Poucos homens sabem que com o prazer há dor, e com a dor, prazer; e assim como a dor é repugnante, o prazer também o é, pois é irmão gêmeo da dor. É depreciativo para a glória do homem que ele vá atrás da dor, e igualmente depreciativo, que ele vá atrás do prazer. Ambos deveriam ser rejeitados por homens cuja razão é equilibrada. Por que os homens não buscarão a liberdade de serem manipulados? Neste momento somos açoitados e, quando começamos a chorar, a natureza nos dá um dólar; novamente somos chicoteados e, quando choramos, a natureza nos dá um pedaço de pão de gengibre e começamos a rir novamente.

O sábio quer liberdade; ele descobre que os objetos dos sentidos são todos vãos e que não há fim para os prazeres e as dores. Quantas pessoas ricas no mundo desejam encontrar novos prazeres! Todos os prazeres são antigos e eles desejam novos. Você não vê quantas coisas tolas eles estão inventando todos os dias, só para excitar os nervos por um momento, e feito isso, como surge uma reação? A maioria das pessoas é como um rebanho de ovelhas. Se a ovelha que lidera cai numa vala, todas as outras o seguem e quebram o pescoço. Da mesma forma, o que um membro dirigente de uma sociedade faz, todos os outros fazem, sem pensar no que estão fazendo. Quando um homem começa a ver a vaidade das coisas mundanas, sentirá que não deve ser assim manipulado ou levado pela natureza. Isso é escravidão. Se um homem lhe diz algumas palavras gentis, ele começa a sorrir e, quando ouve algumas palavras duras, começa a chorar. Ele é escravo de um pedaço de pão, de um sopro de ar; um escravo do vestuário, um escravo do patriotismo, do país, do nome e da fama. Ele está, portanto, no meio da escravidão e o verdadeiro homem foi enterrado dentro dela, através de sua escravidão. O que você chama de homem é um escravo. Quando se percebe toda essa escravidão, surge então o desejo de ser livre; surge um desejo intenso. Se um pedaço de carvão aceso for colocado na cabeça de um homem, veja como ele se esforça para jogá-lo fora. Semelhantes serão as

lutas pela liberdade de um homem que realmente entende que é um escravo da natureza.

Vimos agora o que é Mumukshutva, ou o desejo de ser livre. O próximo treinamento também é muito difícil. Nityânitya-Viveka — discriminar entre o que é verdadeiro e o que é falso, entre o eterno e o transitório. Somente Deus é eterno, todo o resto é transitório. Tudo morre; os anjos morrem, os homens morrem, os animais morrem, a terra morre, o sol, a lua e as estrelas, todos morrem; tudo sofre mudanças constantes. As montanhas de hoje foram os oceanos de ontem e serão oceanos amanhã. Tudo está em um estado de fluxo. Todo o universo é uma massa de mudanças. Mas há Alguém que nunca muda, e esse é Deus; e quanto mais nos aproximamos Dele, menor será a mudança para nós, menos a natureza será capaz de trabalhar em nós; e quando O alcançarmos e permanecermos com Ele, conquistaremos a natureza, seremos mestres dos fenômenos da natureza, e eles não terão efeito sobre nós.

Veja, se realmente passamos pela disciplina acima, realmente não precisamos de mais nada neste mundo. Todo conhecimento está dentro de nós. Toda perfeição já está na alma. Mas esta perfeição foi encoberta pela natureza; camada após camada da natureza está cobrindo essa pureza da alma. O que devemos fazer? Na verdade, não desenvolvemos nossas almas de forma alguma. O que pode desenvolver o perfeito? Simplesmente eliminamos o mal; e a alma se manifesta em sua pureza imaculada, em sua liberdade natural e inata.

Agora começa a indagação: Por que esta disciplina é tão necessária? Porque a religião não se atinge pelos ouvidos, nem pelos olhos, nem ainda pelo cérebro. Nenhuma escritura pode nos tornar religiosos. Podemos estudar todos os livros que existem no mundo, mas talvez não entendamos uma palavra de religião ou de Deus. Podemos falar durante toda a nossa vida e ainda assim não sermos melhores com isso; podemos ser as pessoas mais intelectuais que o mundo já viu, e ainda assim podemos não chegar a Deus. Por outro lado, você não viu que homens irreligiosos foram produzidos a partir do treinamento mais intelectual? É um dos males da sua civilização ocidental que vocês busquem apenas a educação intelectual e não cuidem do coração. Isso apenas torna os homens dez vezes mais egoístas, e isso

será a sua destruição. Quando houver conflito entre o coração e o cérebro, deixe o coração ser seguido, porque o intelecto tem apenas um estado, a razão, e dentro disso o intelecto trabalha, e não pode ir além. É o coração que leva alguém ao plano mais elevado, que o intelecto nunca pode alcançar; vai além do intelecto e alcança o que é chamado de inspiração. O intelecto nunca pode ser inspirado; somente o coração quando é iluminado se torna inspirado. Um homem intelectual e sem coração nunca se torna um homem inspirado. É sempre o coração que fala no homem de amor; descobre um instrumento maior do que o intelecto pode lhe dar, o instrumento da inspiração. Assim como o intelecto é o instrumento do conhecimento, o coração também é o instrumento da inspiração. Num estado inferior, é um instrumento muito mais fraco que o intelecto. Um homem ignorante não sabe nada, mas é um pouco emotivo por natureza. Compare-o com um grande professor – que poder maravilhoso este último possui! Mas o professor está limitado pelo seu intelecto e pode ser um demônio e um homem intelectual ao mesmo tempo; mas o homem de coração nunca pode ser um demônio; nenhum homem com emoção jamais foi um demônio. Cultivado adequadamente, o coração pode ser mudado e irá além do intelecto; será transformado em inspiração. O homem terá que ir além do intelecto no final. O conhecimento do homem, os seus poderes de percepção, de raciocínio, de intelecto e de coração, estão todos ocupados em bater o leite do mundo. Da longa agitação surge a manteiga, e essa manteiga é Deus. Os homens de coração ficam com a “manteiga” e o “leitelho” fica para o intelectual.

Tudo isso são preparativos para o coração, para esse amor, para aquela intensa simpatia que pertence ao coração. Não é necessário ser educado ou aprendido para chegar a Deus. Certa vez, um sábio me disse: “Para matar os outros é preciso estar equipado com espadas e escudos, mas para cometer suicídio uma agulha é suficiente; portanto, para ensinar os outros, são necessários muito intelecto e aprendizado, mas não para a sua própria autoiluminação. " Você é puro? Se você for puro, você alcançará Deus. "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus." Se você não for puro e conhecer todas as ciências do mundo, isso não o ajudará em nada; você pode estar enterrado em todos os livros que lê, mas isso não será de muita utilidade. É o coração que alcança a meta. Siga o coração. Um coração puro vê além do intelecto; fica inspirado; ele sabe coisas que a

razão nunca poderá saber, e sempre que houver conflito entre o coração puro e o intelecto, fique sempre do lado do coração puro, mesmo que você pense que o que seu coração está fazendo não é razoável. Quando deseja fazer o bem aos outros, seu cérebro pode lhe dizer que não é político fazê-lo, mas siga seu coração, e você descobrirá que cometerá menos erros do que seguindo seu intelecto. O coração puro é o melhor espelho para o reflexo da verdade, por isso todas essas disciplinas são para a purificação do coração. E assim que estiver puro, todas as verdades brilharão sobre ele num minuto; toda a verdade do universo se manifestará em seu coração, se você for suficientemente puro.

As grandes verdades sobre os átomos, os elementos mais sutis e as percepções sutis dos homens foram descobertas há muito tempo por homens que nunca viram um telescópio, ou um microscópio, ou um laboratório. Como eles sabiam de todas essas coisas? Foi através do coração; eles purificaram o coração. Está-nos aberto fazer o mesmo hoje; na verdade, é a cultura do coração, e não a do intelecto, que diminuirá a miséria do mundo.

O intelecto foi cultivado com o resultado de que centenas de ciências foram descobertas, e o seu efeito foi que poucos tornaram muitos escravos - isso é todo o bem que foi feito. Foram criadas necessidades artificiais; e todo homem pobre, tenha ou não dinheiro, deseja ter essas necessidades satisfeitas e, quando não consegue, luta e morre na luta. Este é o resultado. Através do intelecto não é o caminho para resolver o problema da miséria, mas através do coração. Se todo esse enorme esforço tivesse sido gasto para tornar os homens mais puros, mais gentis, mais tolerantes, este mundo teria mil vezes mais felicidade do que tem hoje. Cultive sempre o coração; através do coração o Senhor fala, e através do intelecto você mesmo fala.

Você se lembra do Antigo Testamento, onde foi dito a Moisés: “Tire os sapatos dos pés, pois o lugar onde você está é terra santa”. Devemos sempre abordar o estudo da religião com essa atitude reverente. Aquele que vem com um coração puro e uma atitude reverente, seu coração será aberto; as portas se abrirão para ele e ele verá a verdade.

Se você vier apenas com o intelecto, poderá ter um pouco de ginástica intelectual, teorias intelectuais, mas não a verdade. A verdade tem uma face

tal que qualquer um que a veja fica convencido. O sol não necessita de nenhuma tocha para mostrá-lo; o sol é auto-refulgente. Se a verdade exige provas, o que evidenciará essas provas? Se algo é necessário como testemunho da verdade, onde está o testemunho desse testemunho? Devemos abordar a religião com reverência e amor, e o nosso coração se levantará e dirá: isto é verdade e isto é mentira.

O campo da religião está além dos nossos sentidos, além até mesmo da nossa consciência. Não podemos sentir Deus. Ninguém viu Deus com os olhos nem verá; ninguém tem Deus em sua consciência. Não tenho consciência de Deus, nem de você, nem de ninguém. Onde está Deus? Onde está o campo da religião? Está além dos sentidos, além da consciência. A consciência é apenas um dos muitos planos em que trabalhamos; você terá que transcender o campo da consciência, ir além dos sentidos, aproximar-se cada vez mais do seu próprio centro e, ao fazer isso, você se aproximará cada vez mais de Deus. Qual é a prova de Deus? Percepção direta, Pratyaksha. A prova deste muro é que eu o percebo. Deus já foi percebido dessa forma por milhares de pessoas antes, e será percebido por todos que quiserem percebê-Lo. Mas esta percepção não é de modo algum uma percepção sensorial; é suprasensorial, superconsciente, e todo esse treinamento é necessário para nos levar além dos sentidos. Por meio de todo tipo de trabalho e escravidão passados, estamos sendo arrastados para baixo; esses preparativos nos tornarão puros e leves. As amarras cairão por si mesmas, e seremos levados além deste plano de percepção sensorial ao qual estamos amarrados, e então veremos, ouviremos e sentiremos coisas que os homens nos três estados comuns (ou seja, vigília, sonho e durma) nem sintam, nem vejam, nem ouçam. Então falaremos uma língua estranha, por assim dizer, e o mundo não nos compreenderá, porque não conhece nada além dos sentidos. A verdadeira religião é inteiramente transcendental. Todo ser que existe no universo tem a potencialidade de transcender os sentidos; até mesmo o pequeno verme um dia transcenderá os sentidos e alcançará Deus. Nenhuma vida será um fracasso; não existe fracasso no universo. Cem vezes o homem se machucará, mil vezes cairá, mas no final perceberá que é Deus. Sabemos que não há progresso em linha reta. Cada alma se move, por assim dizer, em um círculo, e terá que completá-lo, e nenhuma alma pode descer tão baixo, mas chegará um momento em que terá que subir. Ninguém estará perdido. Todos somos projetados a partir de

um centro comum, que é Deus. A vida mais elevada e também a mais baixa que Deus já projetou retornará ao Pai de todas as vidas. "De quem todos os seres são projetados, em quem todos vivem e para quem todos retornam; esse é Deus."

1.4.11 VEDANTA E PRIVILÉGIO

(Entregue em Londres)

Quase terminamos a parte metafísica do Advaita. Um ponto, e talvez o mais difícil de compreender, permanece. Vimos até agora que, de acordo com a teoria Advaita, tudo o que vemos ao nosso redor, e na verdade todo o universo, é a evolução daquele Absoluto único. Isso é chamado, em sânscrito, de Brahman. O Absoluto transformou-se na totalidade da natureza. Mas aí surge uma dificuldade. Como é possível que o Absoluto mude? O que fez o Absoluto mudar? Pela sua própria definição, o Absoluto é imutável. A mudança do imutável seria uma contradição. A mesma dificuldade se aplica àqueles que acreditam num Deus Pessoal. Por exemplo, como surgiu esta criação? Não poderia ter surgido do nada; isso seria uma contradição – algo que surge do nada nunca pode existir. O efeito é a causa de outra forma. Da semente cresce a grande árvore; a árvore é a semente, mais o ar e a água absorvidos. E se houvesse algum método de testar a quantidade de ar e água consumida para formar o corpo da árvore, descobriríamos que é exatamente o mesmo que o efeito, a árvore. A ciência moderna provou, sem sombra de dúvida, que é assim, que a causa é o efeito sob outra forma. O ajuste das partes da causa muda e se torna o efeito. Portanto, temos de evitar esta dificuldade de ter um universo sem causa, e somos obrigados a admitir que Deus se tornou o universo.

Mas evitamos uma dificuldade e caímos em outra. Em todas as teorias, a ideia de Deus surge através da ideia de imutabilidade. Rastreamos historicamente como a única ideia que sempre temos em mente na busca de Deus, mesmo na sua forma mais crua, é a ideia de liberdade; e a ideia de liberdade e de imutabilidade é a mesma. É somente o livre que nunca muda, e somente o imutável que é livre; pois a mudança é produzida por algo exterior a uma coisa, ou dentro dela mesma, que é mais poderoso que o

ambiente. Tudo o que pode ser mudado está necessariamente vinculado a certa causa ou causas, que não podem ser imutáveis. Supondo que Deus se tornou este universo, então Deus está aqui e mudou. E suponha que o Infinito se tornou este universo finito, muito do Infinito se foi e, portanto, Deus é Infinito menos o universo. Um Deus mutável não seria nenhum Deus. Para evitar esta doutrina do panteísmo, existe uma teoria muito ousada do Vedanta. É que este universo, tal como o conhecemos e pensamos, não existe, que o imutável não mudou, que todo este universo é mera aparência e não realidade, que esta ideia de partes, e pequenos seres, e diferenciações é apenas aparente, não a natureza da coisa em si. Deus não mudou em nada e nem se tornou o universo. Vemos Deus como o universo, porque temos que olhar através do tempo, do espaço e da causalidade. É o tempo, o espaço e a causalidade que fazem essa diferenciação aparentemente, mas não realmente. Esta é realmente uma teoria muito ousada. Agora, essa teoria deveria ser explicada com um pouco mais de clareza. Não significa idealismo no sentido em que é geralmente entendido. Não diz que este universo não existe; existe, mas ao mesmo tempo não é o que consideramos. Para ilustrar isto, o exemplo dado pela filosofia Advaita é bem conhecido. Na escuridão da noite, um toco de árvore é visto como um fantasma por alguma pessoa supersticiosa, como um policial por um ladrão, como um amigo por alguém que espera por seu companheiro. Em todos estes casos, o toco da árvore não mudou, mas há mudanças aparentes, e essas mudanças estavam na mente de quem o viu. Do lado subjetivo podemos entendê-lo melhor através da psicologia. Existe algo fora de nós, cuja verdadeira natureza é desconhecida e incognoscível para nós; vamos chamá-lo de x. E há algo dentro, que também é desconhecido e incognoscível para nós; vamos chamá-lo de y. O cognoscível é uma combinação de x mais y, e tudo o que conhecemos, portanto, deve ter duas partes, o x fora e o y dentro; e x mais y é o que conhecemos. Portanto, cada forma no universo é em parte criação nossa e em parte algo externo. Agora, o que o Vedanta sustenta é que este x e este y são um e o mesmo.

Alguns filósofos ocidentais, especialmente Herbert Spencer, e alguns outros filósofos modernos chegaram a uma conclusão muito semelhante. Quando se diz que o mesmo poder que se manifesta na flor está brotando em minha própria consciência, é exatamente a mesma ideia que o Vedantista quer pregar, que a realidade do mundo externo e a realidade do mundo interno

são um e o mesmo. Mesmo as ideias do interno e do externo existem por diferenciação e não existem nas próprias coisas. Por exemplo, se desenvolvermos outro sentido, o mundo inteiro mudará para nós, mostrando que é o sujeito que mudará o objeto. Se eu mudar, o mundo externo muda. A teoria do Vedanta, portanto, chega a isto, que você e eu e tudo no universo somos esse Absoluto, não partes, mas o todo. Você é o todo desse Absoluto, e todos os outros também, porque a ideia de parte não pode entrar nele. Estas divisões, estas limitações, são apenas aparentes, não na coisa em si. Sou completo e perfeito e nunca fui preso, prega corajosamente o Vedanta. Se você pensa que está vinculado, você permanecerá vinculado; se você sabe que é livre, livre você é. Assim, o fim e o objetivo desta filosofia é fazer-nos saber que sempre fomos livres e que permaneceremos livres para sempre. Nunca mudamos, nunca morremos e nunca nascemos. Quais são todas essas mudanças então? O que acontece com este mundo fenomenal? Este mundo é admitido como um mundo aparente, limitado pelo tempo, espaço e causalidade, e chega ao que é chamado de Vivarta-vâda em sânscrito, evolução da natureza e manifestação do Absoluto. O Absoluto não muda nem reevolui. Na pequena ameba está latente essa perfeição infinita. É chamada de ameba por sua cobertura de ameba, e da ameba ao homem perfeito a mudança não está no que está dentro – isso permanece o mesmo, imutável – mas a mudança ocorre na cobertura.

Há uma tela aqui e algumas belas paisagens lá fora. Há um pequeno buraco na tela através do qual só podemos vislumbrá-lo. Suponha que esse buraco comece a aumentar; à medida que fica cada vez maior, mais e mais cenário aparece e, quando a tela desaparece, ficamos cara a cara com todo o cenário. Esta cena externa é a alma, e a tela entre nós e o cenário é Mâyâ – tempo, espaço e causalidade. Há um pequeno buraco em algum lugar, através do qual só consigo vislumbrar a alma. Quando o buraco é maior, vejo cada vez mais, e quando a tela desaparece, sei que sou a alma. Assim, as mudanças no universo não estão no Absoluto; eles estão na natureza. A Natureza evolui cada vez mais, até que o Absoluto se manifeste. Em todos existe; em alguns manifesta-se mais do que em outros. Todo o universo é realmente um. Ao falar da alma, dizer que uma é superior a outra não tem sentido. Ao falar da alma, dizer que o homem é superior ao animal ou à planta não tem sentido; todo o universo é um. Nas plantas o obstáculo à manifestação da alma é muito grande; nos animais um pouco menos; e no

homem ainda menos; em homens cultos e espirituais ainda menos; e nos homens perfeitos, desapareceu completamente. Todas as nossas lutas, exercícios, dores, prazeres, lágrimas e sorrisos, tudo o que fazemos e pensamos tendem para esse objetivo, o rasgar da tela, tornando o buraco maior, afinando as camadas que permanecem entre a manifestação e a realidade por trás. Nosso trabalho, portanto, não é libertar a alma, mas livrar-nos das amarras. O sol está coberto por camadas de nuvens, mas não é afetado por elas. A função do vento é afastar as nuvens, e quanto mais as nuvens desaparecem, mais aparece a luz do sol. Não há mudança alguma na alma – Infinito, Absoluto, Eterno, Conhecimento, Bem-aventurança e Existência. Nem pode haver nascimento ou morte para a alma. Morrer e nascer, reencarnar e ir para o céu não podem ser para a alma. São aparências diferentes, miragens diferentes, sonhos diferentes. Se um homem que está sonhando com este mundo agora sonha com pensamentos e ações perversas, depois de um certo tempo o pensamento desse mesmo sonho produzirá o próximo sonho. Ele sonhará que está em um lugar horrível, sendo torturado. O homem que está sonhando com bons pensamentos e boas ações, depois que esse período de sonho terminar, sonhará que está em um lugar melhor; e assim por diante, de sonho em sonho. Mas chegará o momento em que todo esse sonho desaparecerá. Para cada um de nós chegará um momento em que todo o universo será considerado um mero sonho, em que descobriremos que a alma é infinitamente melhor do que o seu entorno. Nesta luta através do que chamamos de nossos ambientes, chegará um momento em que descobriremos que esses ambientes eram quase nulos em comparação com o poder da alma. É apenas uma questão de tempo, e o tempo não é nada no Infinito. É uma gota no oceano. Podemos nos dar ao luxo de esperar e ficar calmos.

Consciente ou inconscientemente, portanto, todo o universo está caminhando em direção a esse objetivo. A lua está lutando para sair da esfera de atração de outros corpos, e sairá dela, no longo prazo. Mas aqueles que se esforçam conscientemente para se libertarem aceleram o tempo. Um benefício desta teoria que vemos na prática é que a ideia de um amor universal real só é possível deste ponto de vista. Todos são nossos companheiros de viagem, nossos companheiros de viagem – todas as formas de vida, plantas, animais; não apenas meu irmão homem, mas meu irmão bruto, meu irmão planta; não apenas meu irmão, o bom, mas meu

irmão, o mau, meu irmão, o espiritual, e meu irmão, o ímpio. Todos eles estão indo para o mesmo objetivo. Todos estão na mesma corrente, cada um correndo em direção a essa liberdade infinita. Não podemos manter o rumo, ninguém pode detê-lo, ninguém pode voltar atrás, por mais que tente; ele será levado adiante e, no final, alcançará a liberdade. Criação significa a luta para voltar à liberdade, ao centro do nosso ser, de onde fomos expulsos, por assim dizer. O próprio fato de estarmos aqui mostra que estamos indo em direção ao centro, e a manifestação desta atração pelo centro é o que chamamos de amor.

A questão é colocada: De onde vem este universo, em que permanece, para onde volta? E a resposta é: Do amor vem, no amor permanece, de volta ao amor. Assim, podemos compreender que, gostemos ou não, não há volta para ninguém. Todos têm que chegar ao centro, mas podem ter dificuldades para voltar. No entanto, se lutarmos conscientemente, com conhecimento de causa, isso suavizará a passagem, diminuirá o choque e acelerará o tempo. Outra conclusão a que chegamos naturalmente é que todo o conhecimento e todo o poder estão dentro e não fora. O que chamamos de natureza é um vidro refletor – isso é todo o uso da natureza – e todo conhecimento é esse reflexo do interior neste vidro da natureza. O que chamamos de poderes, segredos da natureza e força estão todos dentro. No mundo externo há apenas uma série de mudanças. Não existe conhecimento na natureza; todo conhecimento vem da alma humana. O homem manifesta o conhecimento, descobre-o dentro de si, que é pré-existente por toda a eternidade. Todos são a personificação do Conhecimento, todos são a personificação da Bem-aventurança eterna e da Existência eterna. O efeito ético é exactamente o mesmo, como vimos noutros lugares, no que diz respeito à igualdade.

Mas a ideia de privilégio é a ruína da vida humana. Duas forças, por assim dizer, estão constantemente em ação, uma formando a casta e a outra destruindo a casta; em outras palavras, aquele que busca o privilégio, o outro que destrói o privilégio. E sempre que o privilégio é quebrado, mais e mais luz e progresso vêm para a corrida. Essa luta que vemos ao nosso redor. É claro que há primeiro a ideia brutal de privilégio, a dos fortes sobre os fracos. Existe o privilégio da riqueza. Se um homem tem mais dinheiro que outro, ele quer um pequeno privilégio sobre aqueles que têm menos. Existe o privilégio ainda mais sutil e poderoso do intelecto; porque um

homem sabe mais do que outros, ele reivindica mais privilégios. E o último de tudo, e o pior, porque o mais tirânico, é o privilégio da espiritualidade. Se algumas pessoas pensam que sabem mais sobre a espiritualidade, sobre Deus, reivindicam um privilégio superior a todos os outros. Eles dizem: “Desçam e nos adorem, rebanhos comuns; nós somos os mensageiros de Deus, e vocês têm que nos adorar”. Ninguém pode ser vedantista e, ao mesmo tempo, admitir privilégios a alguém, seja mental, físico ou espiritual; absolutamente nenhum privilégio para ninguém. O mesmo poder está em cada homem, um manifestando mais, o outro menos; a mesma potencialidade está em todos. Onde está a reivindicação de privilégio? Todo conhecimento está em cada alma, mesmo na mais ignorante; ele não o manifestou, mas, talvez, não tenha tido oportunidade, os ambientes talvez não lhe fossem adequados. Quando ele tiver a oportunidade, ele a manifestará. A ideia de que um homem nasce superior a outro não tem sentido no Vedanta; que entre duas nações uma é superior e a outra inferior não tem qualquer significado. Coloque-os nas mesmas circunstâncias e veja se a mesma inteligência surge ou não. Antes disso você não tem o direito de dizer que uma nação é superior a outra. E quanto à espiritualidade, nenhum privilégio deve ser reivindicado ali. É um privilégio servir a humanidade, pois esta é a adoração a Deus. Deus está aqui, em todas essas almas humanas. Ele é a alma do homem. Que privilégio os homens podem pedir? Não existem mensageiros especiais de Deus, nunca existiram e nunca poderão existir. Todos os seres, grandes ou pequenos, são igualmente manifestações de Deus; a diferença está apenas na manifestação. A mesma mensagem eterna, que foi eternamente dada, chega até eles pouco a pouco. A mensagem eterna está escrita no coração de cada ser; já existe e todos estão lutando para expressá-lo. Alguns, em circunstâncias adequadas, expressam-no um pouco melhor do que outros, mas como portadores da mensagem são todos um. Que reivindicação de superioridade existe? O homem mais ignorante, a criança mais ignorante, é um mensageiro de Deus tão grande quanto qualquer outro que já existiu, e tão grande quanto qualquer outro que ainda está por vir. Pois a mensagem infinita está impressa de uma vez por todas no coração de cada ser. Onde quer que exista um ser, esse ser contém a mensagem infinita do Altíssimo. Está lá. O trabalho do Advaita, portanto, é quebrar todos estes privilégios. É o trabalho mais difícil de todos, e é curioso dizer que tem sido menos activo do que em qualquer outro lugar da sua terra natal. Se existe alguma terra de

privilégios, é a terra que deu origem a esta filosofia – privilégio tanto para o homem espiritual como para o homem de nascimento. Lá eles não têm tanto privilégio por dinheiro (esse é um dos benefícios, eu acho), mas privilégio por nascimento e espiritualidade está em toda parte.

Certa vez, foi feita uma tentativa gigantesca de pregar a ética vedântica, que teve sucesso até certo ponto por várias centenas de anos, e sabemos historicamente que aqueles anos foram os melhores tempos daquela nação. Refiro-me à tentativa budista de quebrar o privilégio. Alguns dos mais belos epítetos dirigidos a Buda de que me lembro são: “Tu, o destruidor de castas, destruidor de privilégios, pregador da igualdade para todos os seres”. Então, ele pregou essa ideia de igualdade. Seu poder tem sido mal compreendido até certo ponto na irmandade dos Shramanas, onde descobrimos que centenas de tentativas foram feitas para transformá-los em uma igreja, com superiores e inferiores. Você não pode dar grande valor a uma igreja quando diz às pessoas que elas são todas deuses. Um dos bons efeitos do Vedanta foi a liberdade de pensamento religioso, de que a Índia desfrutou ao longo de todos os tempos da sua história. É algo para se gloriar, pois é a terra onde nunca houve perseguição religiosa, onde as pessoas têm liberdade perfeita na religião.

Este lado prático da moralidade Vedanta é tão necessário hoje como sempre foi, talvez mais necessário do que nunca, pois toda esta reivindicação de privilégios tornou-se tremendamente intensificada com a extensão do conhecimento. A ideia de Deus e do diabo, ou Ahura Mazda e Ahriman, contém muita poesia. A diferença entre Deus e o diabo não está em nada, exceto no altruísmo e no egoísmo. O diabo sabe tanto quanto Deus, é tão poderoso quanto Deus; só que ele não tem santidade – isso faz dele um demônio. Aplique a mesma ideia ao mundo moderno: o excesso de conhecimento e de poder, sem santidade, torna os seres humanos demônios. Um tremendo poder está sendo adquirido pela fabricação de máquinas e outros aparelhos, e privilégios são reivindicados hoje como nunca foram reivindicados na história do mundo. É por isso que o Vedanta quer pregar contra isso, para acabar com esta tiranização sobre as almas dos homens.

Aqueles de vocês que estudaram o Gita se lembrarão das passagens memoráveis: “Aquele que olha para o brâmane erudito, para a vaca, o

elefante, o cachorro ou o proscrito com o mesmo olhar, ele de fato é o sábio, e o sábio homem"; "Mesmo nesta vida ele conquistou a existência relativa cuja mente está firmemente fixada nesta uniformidade, pois o Senhor é um e o mesmo para todos, e o Senhor é puro; portanto, aqueles que têm esta uniformidade para todos, e são puros, são disse estar vivendo em Deus." Esta é a essência da moralidade vedântica – esta igualdade para todos. Vimos que é o mundo subjetivo que governa o objetivo. Mude de assunto e o objeto certamente mudará; purifique-se e o mundo certamente será purificado. Essa única coisa precisa ser ensinada agora mais do que nunca. Estamos cada vez mais ocupados com os nossos vizinhos e cada vez menos com nós próprios. O mundo mudará se mudarmos; se formos puros, o mundo se tornará puro. A questão é por que eu deveria ver o mal nos outros. Não posso ver o mal a menos que seja mau. Não posso ser infeliz a menos que seja fraco. Coisas que costumavam me deixar infeliz quando eu era criança, não o fazem agora. O sujeito mudou, então o objeto estava fadado a mudar; assim diz o Vedanta. Riremos de todas essas coisas que chamamos de causas da miséria e do mal quando chegarmos a esse maravilhoso estado de igualdade, a essa mesmice. Isto é o que é chamado no Vedanta de alcançar a liberdade. O sinal de aproximação dessa liberdade é cada vez mais essa mesmice e igualdade. Na miséria e na felicidade o mesmo, no sucesso e na derrota o mesmo – tal mente está se aproximando desse estado de liberdade.

A mente não pode ser facilmente conquistada. Mentes que se levantam em ondas à aproximação de cada pequena coisa, à menor provocação ou perigo, em que estado devem estar! O que falar de grandeza ou espiritualidade, quando essas mudanças ocorrem na mente? Esta condição instável da mente deve ser mudada. Devemos perguntar-nos até que ponto podemos ser influenciados pelo mundo externo e até que ponto podemos manter-nos com os nossos próprios pés, apesar de todas as forças exteriores a nós. Quando conseguirmos evitar que todas as forças do mundo nos desequilibrem, só então alcançaremos a liberdade, e não antes. Isso é salvação. Está aqui e em nenhum outro lugar; é este momento. Desta ideia, desta nascente, todas as belas correntes de pensamento fluíram sobre o mundo, geralmente incompreendidas em sua expressão, aparentemente contradizendo-se umas às outras. Encontramos hostes de almas corajosas e maravilhosamente espirituais, em todas as nações, indo para cavernas ou florestas para

meditar, cortando sua conexão com o mundo externo. Esta é a única ideia. E, por outro lado, encontramos seres brilhantes e ilustres entrando na sociedade, tentando criar seus semelhantes, os pobres, os miseráveis. Aparentemente, esses dois métodos são contraditórios. O homem que vive numa caverna, separado dos seus semelhantes, sorri com desprezo para aqueles que trabalham pela regeneração dos seus semelhantes. "Que tolice!" ele diz; "que trabalho existe? O mundo de Maya sempre permanecerá o mundo de Maya; ele não pode ser mudado." Se eu perguntar a um de nossos sacerdotes na Índia: "Você acredita no Vedanta?" - ele diz: "Essa é a minha religião; certamente acredito; essa é a minha vida." "Muito bem, você admite a igualdade de toda a vida, a mesmice de tudo?" "Certamente, eu quero." No momento seguinte, quando um homem de casta inferior se aproxima deste padre, ele salta para um lado da rua para evitá-lo. "Por que você pula?" "Porque o toque dele teria me poluído." "Mas você estava dizendo que somos todos iguais e admite que não há diferença nas almas." Ele diz: "Oh, isso é, em teoria, apenas para os chefes de família; quando eu for para uma floresta, considerarei todos iguais". Você pergunta a um de seus grandes homens na Inglaterra, de grande nascimento e riqueza, se ele acredita, como cristão, na irmandade da humanidade, já que tudo veio de Deus. Ele responde afirmativamente, mas em cinco minutos grita algo pouco elogioso sobre o rebanho comum. Assim, tem sido uma teoria apenas há vários milhares de anos e nunca entrou em prática. Todos entendem isso, declaram isso como verdade, mas quando você lhes pede para praticá-lo, eles dizem que isso levará milhões de anos.

Havia um certo rei que tinha um grande número de cortesãos, e cada um desses cortesãos declarou que estava pronto para sacrificar sua vida por seu mestre, e que ele era o ser mais sincero que já nasceu. Com o passar do tempo, um Sannyâsin veio até o rei. O rei disse-lhe que nunca houve um rei que tivesse tantos cortesãos sinceros como ele. O Sannyasin sorriu e disse que não acreditava nisso. O rei disse que o Sannyasin poderia testá-lo se quisesse. Então o Sannyasin declarou que faria um grande sacrifício pelo qual o reinado do rei se estenderia por muito tempo, com a condição de que fosse feito um pequeno tanque no qual cada um de seus cortesãos despejasse uma jarra de leite, no escuro, da noite. O rei sorriu e disse: "Este é o teste?" E ele pediu aos seus cortesãos que fossem até ele e disse-lhes o que deveria ser feito. Todos manifestaram a sua alegre concordância com a

proposta e regressaram. Na calada da noite, eles vieram e esvaziaram suas jarras no tanque. Mas pela manhã foi encontrado apenas cheio de água. Os cortesãos foram reunidos e questionados sobre o assunto. Cada um deles pensava que haveria tantas jarras de leite que sua água não seria detectada. Infelizmente, a maioria de nós tem a mesma ideia e fazemos a nossa parte no trabalho, assim como fizeram os cortesãos da história.

Há tanta ideia de igualdade, diz o padre, que o meu pequeno privilégio não será detectado. Assim dizem os nossos homens ricos, assim dizem os tiranos de todos os países. Há mais esperança para os tiranizados do que para os tiranos. Levará muito tempo para os tiranos chegarem à liberdade, mas menos tempo para os outros. A crueldade da raposa é muito mais terrível que a crueldade do leão. O leão desfere um golpe e fica quieto por algum tempo, mas a raposa que tenta persistentemente seguir sua presa nunca perde uma oportunidade. A arte sacerdotal é por natureza cruel e sem coração. É por isso que a religião desce onde surge o sacerdócio. Diz o Vedanta: devemos abandonar a ideia de privilégio, e então a religião virá. Antes disso não havia religião alguma.

Você acredita no que Cristo diz: “Venda tudo o que você tem e dê aos pobres?” Igualdade prática aí; não tente torturar os textos, mas aceite a verdade como ela é. Não tente torturar textos. Ouvi dizer que isso foi pregado apenas para um punhado de judeus que ouviram Jesus. O mesmo argumento também se aplicará a outras coisas. Não torturar textos; ouse encarar a verdade como ela é. Mesmo que não consigamos alcançá-lo, confessemos a nossa fraqueza, mas não destruamos o ideal. Esperemos que algum dia o alcancemos e nos esforcemos por isso. Aí está – “Venda tudo o que você tem, dê aos pobres e siga-me”. Assim, pisoteando todos os privilégios e tudo em nós que funciona pelo privilégio, trabalhemos por aquele conhecimento que trará o sentimento de mesmice para toda a humanidade. Você acha que por falar uma linguagem um pouco mais polida você é superior ao homem comum. Lembre-se de que quando você pensa isso, você não está caminhando em direção à liberdade, mas está forjando uma nova corrente para seus pés. E, acima de tudo, se o orgulho da espiritualidade entrar em você, ai de você. É a escravidão mais terrível que já existiu. Nem a riqueza nem qualquer outra escravidão do coração humano podem prender tanto a alma quanto esta. “Sou mais puro que os

outros”, é a ideia mais terrível que pode entrar no coração humano. Em que sentido você é puro? O Deus em você é o Deus em tudo. Se você não sabia disso, você não sabia de nada. Como pode haver diferença? É tudo um. Cada ser é templo do Altíssimo; se você consegue ver isso, ótimo; se não, a espiritualidade ainda não chegou até você.

1.4.12 PRIVILÉGIO

(Entregue no Sesame Club, Londres)

Duas forças parecem estar atuando em toda a natureza. Um deles está constantemente se diferenciando e o outro está constantemente unificando; um fazendo cada vez mais indivíduos separados, o outro, por assim dizer, reunindo os indivíduos em uma massa, trazendo à tona a mesmice em meio a toda essa diferenciação. Parece que a acção destas duas forças entra em todos os departamentos da natureza e da vida humana. No plano físico, sempre encontramos as duas forças atuando de maneira mais distinta, separando os indivíduos, tornando-os cada vez mais distintos de outros indivíduos, e novamente transformando-os em espécies e classes, e revelando semelhanças de expressões e formas. O mesmo vale para a vida social do homem. Desde o início da sociedade, estas duas forças têm atuado, diferenciando-se e unificando-se. Sua acção aparece de várias formas e é chamada por vários nomes, em diferentes lugares e em diferentes momentos. Mas a essência está presente em todos, uma contribuindo para a diferenciação e a outra para a mesmice; aquele que cria a casta e o outro que a destrói; um criando classes e privilégios, e o outro destruindo-os. Todo o universo parece ser o campo de batalha destas duas forças. Por um lado, insiste-se que, embora este processo unificador exista, devemos resistir-lhe com todas as nossas forças, porque conduz à morte, que a unidade perfeita é a aniquilação perfeita, e que quando o processo diferenciador que está em acção em este universo cessa, o universo chega ao fim. É a diferenciação que causa os fenômenos que estão diante de nós; a unificação reduziria todos eles a uma questão homogênea e sem vida. Tal coisa, é claro, a humanidade deseja evitar. O mesmo argumento se aplica a todas as coisas e fatos que vemos ao nosso redor. Afirma-se que mesmo no corpo físico e na classificação social, a mesmice absoluta produziria a

morte natural e a morte social. A mesmice absoluta de pensamento e sentimento produziria decadência e degeneração mental. A mesmice, portanto, deve ser evitada. Este tem sido o argumento por um lado, e tem sido defendido em todos os países e em vários tempos, apenas com uma mudança de linguagem. Praticamente é o mesmo argumento defendido pelos brâmanes da Índia, quando querem defender as divisões e castas, quando querem defender os privilégios de uma certa parte da comunidade, contra todos os outros. A destruição das castas, declaram eles, levaria à destruição da sociedade, e corajosamente apresentam o facto histórico de que a sua sociedade foi a que viveu mais tempo. Então eles, com alguma demonstração de força, apelam para esse argumento. Com alguma demonstração de autoridade, declaram que só aquilo que faz o indivíduo viver uma vida mais longa deve certamente ser melhor do que aquilo que produz vidas mais curtas.

Por outro lado, a ideia de unidade sempre teve seus defensores. Desde os dias dos Upanishads, dos Budas e dos Cristos, e de todos os outros grandes pregadores da religião, até aos nossos dias, nas novas aspirações políticas, e nas reivindicações dos oprimidos e oprimidos, e de todos aqueles que encontram eles próprios desprovidos de privilégios – surge a única afirmação desta unidade e uniformidade. Mas a natureza humana se afirma. Aqueles que têm uma vantagem querem mantê-la, e se encontrarem um argumento, por mais unilateral e grosseiro que seja, devem agarrar-se a ele. Isto se aplica a ambos os lados.

Aplicada à metafísica, esta questão assume também outra forma. O budista declara que não precisamos procurar nada que traga unidade em meio a esses fenômenos; devemos estar satisfeitos com este mundo fenomênico. Esta variedade é a essência da vida, por mais miserável e fraca que pareça; não podemos ter mais nada. O Vedantista declara que a unidade é a única coisa que existe; a variedade é apenas fenomenal, efêmera e aparente. “Não olhe para a variedade”, diz o Vedantista, “volte para a unidade”. “Evite a unidade; é uma ilusão”, diz o budista, “vá para a variedade”. As mesmas diferenças de opinião na religião e na metafísica chegaram até aos nossos dias, pois, de facto, a soma total dos princípios do conhecimento é muito pequena. A metafísica e o conhecimento metafísico, a religião e o conhecimento religioso atingiram o seu ápice há cinco mil anos, e estamos

apenas reiterando as mesmas verdades em diferentes línguas, apenas enriquecendo-as às vezes com a adição de novas ilustrações. Então essa é a luta, ainda hoje. Um lado quer que nos limitemos ao fenomenal, a toda esta variação, e salienta, com grande demonstração de argumentação, que a variação tem de permanecer, pois quando isso cessa, tudo desaparece. O que entendemos por vida foi causado pela variação. O outro lado, ao mesmo tempo, aponta corajosamente para a unidade.

Chegando à ética, encontramos um tremendo afastamento. É, talvez, a única ciência que se afasta ousadamente desta luta. Pois a ética é unidade; sua base é o amor. Não vai olhar para esta variação. O único objetivo da ética é esta unidade, esta mesmice. Os mais elevados códigos éticos que a humanidade descobriu até o presente não conhecem variação; eles não têm tempo para parar para investigar; seu único objetivo é proporcionar essa mesmice. A mente Indiana, sendo mais analítica – quero dizer, a mente Vedanta – encontrou esta unidade como o resultado de todas as suas análises, e quis basear tudo nesta ideia única de unidade. Mas, como vimos, no mesmo país, havia outras mentes (os budistas) que não conseguiam encontrar essa unidade em parte alguma. Para eles, toda a verdade era uma grande variação, não havia conexão entre uma coisa e outra.

Lembro-me de uma história contada pelo Prof. Max Müller num dos seus livros, uma antiga história grega, de como um brâmane visitou Sócrates em Atenas. O brâmane perguntou: “Qual é o conhecimento mais elevado?” E Sócrates respondeu: “Conhecer o homem é o fim e o objetivo de todo conhecimento”. “Mas como você pode conhecer o homem sem conhecer a Deus?” respondeu o brâmane. Um lado, o lado grego, representado pela Europa moderna, insistiu no conhecimento do homem; o lado indiano, representado principalmente pelas antigas religiões do mundo, insistiu no conhecimento de Deus. Um vê Deus na natureza e o outro vê a natureza em Deus. A nós, no momento, talvez tenha sido dado o privilégio de nos afastarmos de ambos os aspectos e de ter uma visão imparcial do todo. É um fato que a variação existe, e deve existir, se quisermos que a vida exista. É também um facto que nestas e através destas variações a unidade deve ser percebida. Este é um fato de que Deus é percebido na natureza. Mas também é fato que a natureza é percebida em Deus. O conhecimento do homem é o conhecimento mais elevado, e somente conhecendo o homem

podemos conhecer a Deus. É também um fato que o conhecimento de Deus é o conhecimento mais elevado, e conhecendo somente a Deus podemos conhecer o homem. Por mais aparentemente contraditórias que essas afirmações possam parecer, elas são a necessidade da natureza humana. Todo o universo é um jogo de unidade na variedade e de variedade na unidade. Todo o universo é um jogo de diferenciação e unidade; todo o universo é um jogo do finito no Infinito. Não podemos aceitar um sem conceder o outro. Mas não podemos tomar ambos como factos da mesma percepção, como factos da mesma experiência; no entanto, desta forma, sempre continuará.

Portanto, chegar ao nosso propósito mais particular, que é a religião e não a ética, um estado de coisas onde toda variação morreu, dando lugar a uma homogeneidade uniforme e morta, é impossível enquanto durar a vida. Nem é desejável. Ao mesmo tempo, existe o outro lado do facto, a saber, que esta unidade já existe. Essa é a afirmação peculiar – não que esta unidade tenha que ser feita, mas que ela já existe, e que você não poderia perceber a variedade, sem ela. Deus não foi criado, mas Ele já existe. Esta tem sido a reivindicação de todas as religiões. Sempre que alguém percebeu o finito, também percebeu o Infinito. Alguns enfatizaram o lado finito e declararam que percebiam o finito exterior; outros enfatizaram o lado Infinito e declararam que percebiam apenas o Infinito. Mas sabemos que é uma necessidade lógica não podermos perceber um sem o outro. Portanto, a afirmação é que esta uniformidade, esta unidade, esta perfeição — como podemos chamá-la — não deve ser feita, ela já existe e está aqui. Temos apenas que reconhecê-lo, compreendê-lo. Quer saibamos disso ou não, quer possamos expressá-lo em linguagem clara ou não, quer esta percepção assuma a força e a clareza de uma percepção sensorial ou não, ela está aí. Pois somos obrigados pela necessidade lógica de nossas mentes a confessar que ele existe, caso contrário, a percepção do finito não existiria. Não estou falando da velha teoria da substância e das qualidades, mas da unidade; que no meio de toda essa massa de fenômenos, o próprio fato da consciência de que você e eu somos diferentes traz para nós, no mesmo momento, a consciência de que você e eu não somos diferentes. O conhecimento seria impossível sem essa unidade. Sem a ideia de mesmice não haveria nem percepção nem conhecimento. Assim, ambos correm lado a lado.

Portanto, a uniformidade absoluta das condições, se esse for o objetivo da ética, parece ser impossível. Que todos os homens deveriam ser iguais, nunca poderia ser, por mais que tentássemos. Os homens nascerão diferenciados; alguns terão mais poder que outros; alguns terão capacidades naturais, outros não; alguns terão corpos perfeitos, outros não. Nunca poderemos parar com isso. Ao mesmo tempo, ressoam em nossos ouvidos as maravilhosas palavras de moralidade proclamadas por vários professores: “Assim, vendo o mesmo Deus igualmente presente em todos, o sábio não prejudica o Eu pelo Eu, e assim alcança o objetivo mais elevado. vida eles conquistaram a existência relativa cujas mentes estão firmemente fixadas nesta mesmice; pois Deus é puro, e Deus é o mesmo para todos. Portanto, diz-se que tais pessoas vivem em Deus. Não podemos negar que esta é a verdadeira ideia; mas, ao mesmo tempo, surge a dificuldade de que a uniformidade no que diz respeito às formas e posições externas nunca possa ser alcançada.

Mas o que pode ser alcançado é a eliminação do privilégio. Esse é realmente o trabalho diante do mundo inteiro. Em todas as vidas sociais, houve aquela luta em todas as raças e em todos os países. A dificuldade não é que um grupo de homens seja naturalmente mais inteligente do que outro, mas se esse grupo de homens, por ter a vantagem da inteligência, deveria tirar até mesmo o prazer físico daqueles que não possuem essa vantagem. A luta é para destruir esse privilégio. Que alguns serão fisicamente mais fortes do que outros e, portanto, naturalmente capazes de subjugar ou derrotar os fracos, é um fato evidente, mas que por causa dessa força eles deveriam reunir para si toda a felicidade alcançável nesta vida, não é de acordo com a lei, e a luta tem sido contra ela. Que algumas pessoas, através da aptidão natural, sejam capazes de acumular mais riqueza do que outras, é natural: mas que, devido a esse poder de adquirir riqueza, elas tiranizem e atropelem aqueles que não conseguem adquirir tanta riqueza, não faz parte da lei, e a luta tem sido contra isso. O gozo da vantagem sobre outrem é um privilégio e, ao longo dos tempos, o objetivo da moralidade tem sido a sua destruição. Este é o trabalho que tende à mesmice, à unidade, sem destruir a variedade.

Que todas essas variações permaneçam eternamente; é a própria essência da vida. Todos nós jogaremos desta forma, eternamente. Você será rico e eu serei pobre; você será forte e eu serei fraco; você será instruído e eu

ignorante; você será espiritual, e eu, menos. Mas e daí? Continuemos assim, mas porque você é física ou intelectualmente mais forte, você não deve ter mais privilégios do que eu, e o fato de você ter mais riqueza não é razão para que você deva ser considerado maior do que eu, pois essa mesmice está aqui, apesar de as diferentes condições.

O trabalho da ética tem sido, e será no futuro, não a destruição da variação e o estabelecimento da uniformidade no mundo externo - o que é impossível porque traria morte e aniquilação - mas o reconhecimento da unidade apesar de todas estas variações, reconhecer o Deus interior, apesar de tudo o que nos assusta, reconhecer essa força infinita como propriedade de todos, apesar de toda fraqueza aparente, e reconhecer a pureza eterna, infinita e essencial da alma, apesar de tudo pelo contrário, que aparece na superfície. Isto temos que reconhecer. Tomar apenas um lado, apenas metade da posição, é perigoso e pode levar a brigas. Devemos aceitar a coisa toda tal como ela é, baseá-la e resolvê-la em todas as áreas das nossas vidas, como indivíduos e como membros unitários da sociedade.

1.4.13 KRISHNA

Este artigo foi taquigrafado por Ida Ansell. Como, no entanto, a velocidade de Swamiji era grande demais para ela em seus primeiros dias, pontos são colocados nos artigos para indicar as omissões, enquanto as palavras entre colchetes são acrescentadas para unir as partes desconectadas.

(Entregue na Califórnia, em 1º de abril de 1900)

Quase as mesmas circunstâncias que deram origem ao Budismo na Índia cercaram a ascensão de Krishna. Não só isso, os acontecimentos daquele dia acontecem em nossa época.

Existe um certo ideal. Ao mesmo tempo, deve haver sempre uma grande maioria da raça humana que não consegue atingir o ideal, nem mesmo intelectualmente. ... Os fortes fazem isso e muitas vezes não têm simpatia pelos fracos. Dos fracos aos fortes são apenas mendigos. Os fortes marcham à frente. ... É claro que vemos imediatamente que a posição mais elevada a assumir é ser solidário e prestativo para com aqueles que são fracos. Mas

então, em muitos casos, o filósofo impede que sejamos solidários. Se seguirmos a teoria de que toda esta vida infinita tem de ser determinada pelos poucos anos de existência aqui e agora, ... então é muito desesperador para nós, ... e não temos tempo para olhar para trás. aqueles que são fracos. Mas se estas não forem as condições - se o mundo for apenas uma das muitas escolas pelas quais temos que passar, se a vida eterna deve ser moldada, moldada e guiada pela lei eterna, e pela lei eterna, oportunidades eternas aguardam todos – então não precisamos ter pressa. Temos tempo para simpatizar, para olhar em volta, estender a mão aos fracos e educá-los.

Com o Budismo temos duas palavras em sânscrito: uma é traduzida como religião, a outra como seita. O fato mais curioso é que os discípulos e descendentes de Krishna não têm nome para sua religião [embora] os estrangeiros a chamem de Hinduísmo ou Brahmanismo. Existe uma religião e existem muitas seitas. No momento em que você lhe dá um nome, individualiza-o e separa-o do resto, é uma seita, não mais uma religião. Uma seita [proclama] a sua própria verdade e declara que não há verdade em nenhum outro lugar. A religião acredita que houve, e ainda existe, uma religião no mundo. Nunca existiram duas religiões. É a mesma religião [apresentando] aspectos diferentes em lugares diferentes. A tarefa é conceber a compreensão adequada do objetivo e do alcance da humanidade.

Este foi o grande trabalho de Krishna: limpar os nossos olhos e fazer-nos olhar com uma visão mais ampla para a humanidade na sua marcha para cima e para a frente. Seu foi o primeiro coração grande o suficiente para ver a verdade em tudo, seus primeiros lábios que proferiram belas palavras para todos e cada um.

Este Krishna precedeu Buda em alguns milhares de anos. ... Muitas pessoas não acreditam que ele tenha existido. Alguns acreditam que [a adoração a Krishna surgiu] da antiga adoração ao sol. Parece haver vários Krishnas: um foi mencionado nos Upanishads, outro foi rei, outro foi general. Todos foram agrupados em um Krishna. Não importa muito. O fato é que chega um indivíduo que é único em espiritualidade. Então, todos os tipos de lendas são inventados em torno dele. Mas, todas as Bíblias e histórias que são lançadas sobre esta pessoa têm que ser reformuladas no [molde de] seu caráter. Todas as histórias do Novo Testamento devem ser modeladas na

vida aceita [e] no caráter de Cristo. Em todas as histórias indianas sobre Buda, a nota central de toda aquela vida é mantida – o sacrifício pelos outros. ...

Em Krishna encontramos... duas ideias supremas em sua mensagem: A primeira é a harmonia de ideias diferentes; o segundo é o desapego. Um homem pode atingir a perfeição, o objetivo mais elevado, sentando-se num trono, comandando exércitos, elaborando grandes planos para as nações. Na verdade, o grande sermão de Krishna foi pregado no campo de batalha.

Krishna viu claramente através da vaidade de todas as palhaçadas, zombarias e cerimoniais dos antigos sacerdotes; e ainda assim ele viu algo de bom neles.

Se você é um homem forte, muito bem! Mas não amaldiçoe outras pessoas que não são fortes o suficiente para você. ... Todo mundo diz: "Ai de vocês!!" Quem diz: "Ai de mim por não poder ajudá-lo?" As pessoas estão fazendo tudo certo com o melhor de suas habilidades, meios e conhecimentos. Ai de mim por não poder levantá-los até onde estou!

Portanto, os cerimoniais, a adoração aos deuses e os mitos estão bem, diz Krishna. ... Por que? Porque todos levam ao mesmo objetivo. Cerimônias, livros e formulários – todos esses são elos da corrente. Se apossar! Essa é a única coisa. Se você é sincero e realmente conseguiu um link, não o solte; o resto está fadado a vir. [Mas as pessoas] não se apegam. Eles passam o tempo discutindo e determinando o que deveriam conseguir, e não conseguem nada. ... Estamos sempre atrás da verdade, mas nunca queremos obtê-la. Queremos simplesmente o prazer de perguntar. Temos muita energia e gastamos assim. É por isso que Krishna diz: Agarre-se a qualquer uma dessas correntes que estão estendidas a partir do centro comum. Nenhum passo é maior que outro. ... Não culpe nenhuma visão da religião, na medida em que seja sincera. Segure-se em um desses elos e ele o puxará para o centro. Seu próprio coração ensinará todo o resto. O professor interior ensinará todos os credos, todas as filosofias. ...

Krishna fala de si mesmo como Deus, como Cristo o faz. Ele vê a Divindade em si mesmo. E ele diz: "Ninguém pode sair um dia do meu caminho. Todos têm que vir até mim. Quem quiser adorar de qualquer

forma, eu lhe dou fé nessa forma, e através dela eu o encontro. ..." (Gita, IV. 12.) Seu coração é totalmente voltado para as massas.

Independente, Krishna se destaca. A própria ousadia disso nos assusta. Dependemos de tudo... de algumas boas palavras, das circunstâncias. Quando a alma não quer depender de nada, nem mesmo da vida, esse é o cúmulo da filosofia, o cúmulo da masculinidade. A adoração leva ao mesmo objetivo. Krishna dá grande ênfase à adoração. Adorar Deus!

Vários tipos de adoração que vemos neste mundo. O homem doente é muito adorador de Deus. ... Existe o homem que perde a fortuna; ele também reza muito para conseguir dinheiro. A adoração mais elevada é a do homem que ama a Deus por amor de Deus. [A pergunta pode ser feita:] "Por que deveria haver tanta tristeza se Deus existe?" O adorador responde! "... Há miséria no mundo; [mas] por causa disso não deixo de amar a Deus. Não O adoro para tirar a minha [miséria]. Eu O amo porque Ele é o próprio amor." Os outros [tipos de adoração] são de nível inferior; mas Krishna não condena nada. É melhor fazer alguma coisa do que ficar parado. O homem que começa a adorar a Deus crescerá gradualmente e começará a amar a Deus por amor. ...

Como alcançar a pureza vivendo esta vida? Vamos todos para as cavernas da floresta? Qual o bem que isto faria? Se a mente não estiver sob controle, não adianta viver em uma caverna porque a mesma mente trará todos os distúrbios para lá. Encontraremos vinte demônios na caverna porque todos os demônios estão na mente. Se a mente estiver sob controle, podemos ter a caverna em qualquer lugar, onde quer que estejamos.

É a nossa própria atitude mental que faz do mundo o que ele é para nós. Nossos pensamentos tornam as coisas bonitas, nossos pensamentos tornam as coisas feias. O mundo inteiro está em nossas mentes. Aprenda a ver as coisas sob a luz adequada. Primeiro, acredite neste mundo – que há um significado por trás de tudo. Tudo no mundo é bom, é sagrado e belo. Se você vir algo maligno, pense que não o está entendendo da maneira certa. Jogue o fardo sobre você mesmo! ... Sempre que somos tentados a dizer que o mundo está indo para o lixo, devemos nos analisar e descobriremos que perdemos a faculdade de ver as coisas como elas são.

Trabalhe dia e noite! "Eis que eu sou o Senhor do Universo. Não tenho nenhum dever. Todo dever é uma escravidão. Mas eu trabalho pelo trabalho. Se eu parasse de trabalhar por um minuto, [haveria o caos]." (Ibid. III. 22-23.) Então trabalhe, sem qualquer ideia de dever. ...

Este mundo é uma peça. Vocês são Seus companheiros de brincadeira. Vá em frente e trabalhe, sem nenhuma tristeza, sem nenhuma miséria. Veja Sua peça nas favelas, nos bares! Trabalhe para levantar pessoas! Não que sejam vis ou degradados; Krishna não diz isso.

Você sabe por que tão pouco trabalho bom é feito? Minha senhora vai para a favela. ... Ela dá alguns ducados e diz: "Meus pobres homens, peguem isso e sejam felizes!" ... Ou minha bela mulher, andando pela rua, vê um pobre coitado e joga cinco centavos para ele. Pense na blasfêmia disso! Bem-aventurados somos porque o Senhor nos deu seus ensinamentos em seu próprio Testamento. Jesus diz: "Quando o fizestes ao menor destes meus irmãos, a mim o fizestes". É uma blasfêmia pensar que você pode ajudar alguém. Primeiro elimine essa ideia de ajudar e depois vá adorar. Os filhos de Deus são filhos do seu Mestre. [E os filhos são apenas formas diferentes do pai.] Você é Seu servo. ... Sirva ao Deus vivo! Deus vem até você nos cegos, nos paralisados, nos pobres, nos fracos, nos diabólicos. Que oportunidade gloriosa para você adorar! No momento em que você pensa que está "ajudando", você desfaz tudo e se degrada. Sabendo disso, trabalhe. "O que se segue?" você diz. Você não sente aquele desgosto, aquela miséria terrível. ... Então o trabalho não é mais escravidão. Torna-se uma brincadeira e a própria alegria. ... Trabalhar! Seja desapegado! Esse é todo o segredo. Se você se apegar, você se tornará infeliz. ...

Com tudo o que fazemos na vida nos identificamos. Aqui está um homem que me diz palavras duras. Sinto a raiva vindo sobre mim. Em poucos segundos, a raiva e eu somos um, e então vem a miséria. Anexem-se ao Senhor e a mais nada, porque todo o resto é irreal. O apego ao irreal trará miséria. Existe apenas uma Existência que é real, apenas uma Vida na qual não há objeto nem [sujeito]. ...

Mas o amor desapegado não irá machucá-lo. Faça qualquer coisa – case-se, tenha filhos. ... Faça o que quiser - nada vai te machucar. Não faça nada

com a ideia de “meu”. Dever pelo dever; trabalhar por trabalhar. O que isso significa para você? Você fica de lado.

Quando chegarmos a esse desapego, poderemos compreender o maravilhoso mistério do universo; como é intensa atividade e vibração e, ao mesmo tempo, intensa paz e calma; como é trabalhar a cada momento e descansar a cada momento. Esse é o mistério do universo – o impessoal e o pessoal em um, o infinito e o finito em um. Então descobriremos o segredo. "Aquele que encontra no meio da atividade intensa o maior descanso, e no meio do maior descanso a atividade intensa, ele se torna um Yogi." (Ibid. IV. 18.) Só ele é um verdadeiro trabalhador, ninguém mais. Trabalhamos um pouco e nos quebramos. Por que? Ficamos apegados a esse trabalho. Se não nos apegarmos, lado a lado teremos descanso infinito. ...

Como é difícil chegar a esse tipo de desapego! Portanto, Krishna nos mostra os caminhos e métodos inferiores. A maneira mais fácil para todos é fazer o trabalho e não receber os resultados. É o nosso desejo que nos une. Se assumirmos os resultados das ações, sejam boas ou más, teremos que suportá-los. Mas se não trabalharmos para nós mesmos, mas para a glória do Senhor, os resultados virão por si mesmos. “Você tem direito ao trabalho, mas não aos frutos dele.” (Ibid. II. 47.) O soldado trabalha sem resultados. Ele cumpre seu dever. Se a derrota vier, ela será do general, não do soldado. Cumprimos o nosso dever por amor – amor pelo geral, amor pelo Senhor. ...

Se você é forte, siga a filosofia Vedanta e seja independente. Se você não consegue fazer isso, adore a Deus; se não, adore alguma imagem. Se você não tem força nem para fazer isso, faça boas obras sem a ideia de ganho. Ofereça tudo o que você tem ao serviço do Senhor. Continue lutando! "Folhas e água e uma flor - quem quer que coloque alguma coisa no meu altar, eu a recebo com igual deleite." (Ibid. IX. 26.) Se você não pode fazer nada, nem uma única boa obra, então refugie-se [no Senhor] . "O Senhor reside no coração do ser, fazendo-o girar em Sua roda. Refugie-se Nele com toda a sua alma e coração. ... (Ibid. XVIII. 61-62.)

Estas são algumas das ideias gerais que Krishna pregou sobre esta ideia de amor [no Gita]. Existem [em] outros grandes livros, sermões sobre o amor – como com Buda, como com Jesus. ...

Algumas palavras sobre a vida de Krishna. Há muita semelhança entre as vidas de Jesus e de Krishna. Está em andamento uma discussão sobre qual emprestado do outro. Havia o rei tirânico em ambos os lugares. Ambos nasceram em uma manjedoura. Os pais estavam vinculados em ambos os casos. Ambos foram salvos por anjos. Em ambos os casos, todos os meninos nascidos naquele ano foram mortos. A infância é a mesma. ... Novamente, no final, ambos foram mortos. Krishna foi morto por acidente; ele levou o homem que o matou para o céu. Cristo foi morto e abençoou o ladrão e o levou para o céu.

Existem muitas semelhanças entre o Novo Testamento e o Gita. O pensamento humano segue o mesmo caminho. ... Encontrarei para você a resposta nas palavras do próprio Krishna: "Sempre que a virtude diminui e a irreligião prevalece, eu desço. Repetidamente eu venho. Portanto, sempre que você vir uma grande alma lutando para elevar a humanidade, saiba que eu venho e adoro..."(Ibid. IV. 8; X. 41.)

Ao mesmo tempo, se ele vem como Jesus ou como Buda, por que existe tanto cisma? As pregações devem ser seguidas! Um devoto hindu diria: Foi o próprio Deus quem se tornou Cristo, Krishna e Buda e todos esses [grandes professores]. Um filósofo hindu diria: Estas são as grandes almas; eles já estão livres. E embora sejam livres, recusam-se a aceitar a sua libertação enquanto o mundo inteiro sofre. Eles vêm repetidamente, assumem uma encarnação humana e ajudam a humanidade. Eles sabem desde a infância o que são e para que vêm. ... Eles não passam pela escravidão como nós. ... Eles vêm por sua própria vontade e não podem deixar de ter um tremendo poder espiritual. Não podemos resistir. A vasta massa da humanidade é arrastada para o redemoinho da espiritualidade, e a vibração continua indefinidamente porque uma dessas [grandes almas] dá um empurrão. Assim continua até que toda a humanidade seja libertada e o jogo deste planeta termine.

Glória às grandes almas cujas vidas temos estudado! Eles são os deuses vivos do mundo. Eles são as pessoas a quem devemos adorar. Se Ele vier até mim, só poderei reconhecê-lo se Ele assumir a forma humana. Ele está em toda parte, mas nós O vemos? Só podemos vê-Lo se Ele assumir a limitação do homem. Se os homens e... os animais são manifestações de

Deus, esses professores da humanidade são líderes, são Gurus. Portanto, saudações a você, cujo escabelo é adorado pelos anjos! Saudações a vocês, líderes da raça humana! Saudações a vocês, grandes professores! Vocês, líderes, recebam nossas saudações para todo o sempre!

1.4.14 O GITA I

Este artigo foi taquigrafado por Ida Ansell. Como, no entanto, a velocidade de Swamiji era grande demais para ela em seus primeiros dias, pontos são colocados nos artigos para indicar as omissões, enquanto as palavras entre colchetes são acrescentadas para unir as partes desconectadas.

(Entregue em São Francisco, em 26 de maio de 1900)

Compreender o Gita requer seu contexto histórico. O Gita é um comentário sobre os Upanishads. Os Upanishads são a Bíblia da Índia. Eles ocupam o mesmo lugar que o Novo Testamento. Existem [mais de] cem livros que compõem os Upanishads, alguns muito pequenos e outros grandes, cada um deles um tratado separado. Os Upanishads não revelam a vida de nenhum professor, mas simplesmente ensinam princípios. São [por assim dizer] notas taquigráficas tomadas para discussão em [assembleias eruditas], geralmente nas cortes dos reis. A palavra Upanishad pode significar “sessões” [ou “sentado perto de um professor”]. Aqueles de vocês que podem ter estudado alguns dos Upanishads podem entender como eles são esboços taquigráficos condensados. Depois de longas discussões, eles foram anotados, possivelmente de memória. A dificuldade é que você obtém muito pouco do plano de fundo. Apenas os pontos luminosos são mencionados ali. A origem do sânscrito antigo é 5.000 a.C.; os Upanishads [são pelo menos] dois mil anos antes disso. Ninguém sabe [exatamente] quantos anos eles têm. O Gita adota as ideias dos Upanishads e, em [alguns] casos, as próprias palavras. Eles estão interligados com a ideia de trazer à tona, de forma compacta, condensada e sistemática, todo o assunto de que tratam os Upanishads.

As escrituras [originais] dos hindus são chamadas de Vedas. Eram tão vastos – a massa de escritos – que se apenas os textos fossem trazidos para cá, esta sala não os conteria. Muitos deles estão perdidos. Eles foram

divididos em ramos, cada ramo colocado na cabeça de certos sacerdotes e mantido vivo pela memória. Esses homens ainda existem. Eles repetirão livro após livro dos Vedas sem perder uma única entonação. A maior parte dos Vedas desapareceu. A pequena porção restante forma uma biblioteca inteira por si só. O mais antigo deles contém os hinos do Rig-Veda. O objetivo do estudioso moderno é restaurar [a sequência das composições védicas]. A ideia antiga e ortodoxa é bem diferente, assim como a sua ideia ortodoxa da Bíblia é bem diferente da dos estudiosos modernos. Os Vedas são divididos em duas porções: uma, os Upanishads, a porção filosófica, a outra, a porção de trabalho.

Tentaremos dar uma pequena ideia da parte do trabalho. Consiste em rituais e hinos, vários hinos dirigidos a vários deuses. A porção ritual é composta por cerimônias, algumas delas muito elaboradas. São necessários muitos sacerdotes. A função sacerdotal tornou-se uma ciência por si só, devido à elaboração dos cerimoniais. Gradualmente, a ideia popular de veneração cresceu em torno destes hinos e rituais. Os deuses desapareceram e em seu lugar ficaram os rituais. Esse foi o curioso desenvolvimento na Índia. O hindu ortodoxo [o Mimâmsaka] não acredita em deuses, os não-ortodoxos acreditam neles. Se você perguntar ao hindu ortodoxo qual é o significado desses deuses nos Vedas, [ele não será capaz de dar nenhuma resposta satisfatória]. Os sacerdotes cantam esses hinos e derramam libações e oferendas no fogo. Quando você pergunta ao hindu ortodoxo o significado disso, ele diz que as palavras têm o poder de produzir certos efeitos. Isso é tudo. Existe todo o poder natural e sobrenatural que já existiu. Os Vedas são simplesmente palavras que têm o poder místico de produzir efeitos se a entonação sonora estiver correta. Se um som estiver errado, não funcionará. Cada um deve ser perfeito. [Assim] o que em outras religiões é chamado de oração desapareceu e os Vedas se tornaram os deuses. Então você vê a tremenda importância atribuída às palavras dos Vedas. Estas são as palavras eternas das quais todo o universo foi produzido. Não pode haver nenhum pensamento sem a palavra. Assim, tudo o que existe neste mundo é a manifestação do pensamento, e o pensamento só pode manifestar-se através de palavras. Esta massa de palavras pelas quais o pensamento não manifestado se torna manifesto, é isso que os Vedas significam. Segue-se que a existência externa de tudo [depende dos Vedas, para o pensamento] não existe sem a palavra. Se a palavra “cavalo” não existisse, ninguém

poderia pensar em um cavalo. [Portanto] deve haver [uma relação íntima entre] pensamento, palavra e o objeto externo. Quais são essas palavras [na realidade]? Os Vedas. Eles não a chamam de língua sânscrita. É a linguagem védica, uma linguagem divina. O sânscrito é uma forma degenerada. Assim como todas as outras línguas. Não existe linguagem mais antiga que o Védico. Você pode perguntar: “Quem escreveu os Vedas?” Eles não foram escritos. As palavras são os Vedas. Uma palavra é Veda, se consigo pronunciá-la corretamente. Então produzirá imediatamente o efeito [desejado].

Esta massa de Vedas existe eternamente e todo o mundo é a manifestação desta massa de palavras. Então, quando o ciclo termina, toda essa manifestação de energia torna-se cada vez mais refinada, torna-se apenas palavras e depois pensamento. No próximo ciclo, primeiro o pensamento se transforma em palavras e depois dessas palavras [todo o universo] é produzido. Se há algo aqui que não está nos Vedas, isso é ilusão sua. Isso não existe.

[Numerosos] livros somente sobre esse assunto defendem os Vedas. Se você disser [aos seus autores] que os Vedas devem ter sido pronunciados primeiro pelos homens, [eles simplesmente rirão]. Você nunca ouviu falar de nenhum [homem pronunciando-as pela primeira vez]. Tomemos as palavras de Buda. Há uma tradição de que ele viveu e pronunciou estas palavras [muitas vezes antes]. Se o cristão se levantar e disser: “Minha religião é uma religião histórica e, portanto, a sua está errada e a nossa é verdadeira”, [o Mimamsaka responde], “Sendo você uma religião histórica, você confessa que um homem a inventou há mil e novecentos anos. o que é verdadeiro deve ser infinito e eterno. Esse é o único teste da verdade. Ele nunca decai, é sempre o mesmo. Você confessa que sua religião foi criada por tal e tal homem. Os Vedas não foram criados. ou qualquer coisa.... Apenas palavras infinitas, infinitas por sua própria natureza, das quais todo o universo vem e vai. Em resumo, está perfeitamente correto. ... O som deve ser o início da criação. Deve haver sons de germes como plasma germinativo. Não pode haver ideias sem palavras. ... Onde houver sensações, ideias, emoções, deve haver palavras. A dificuldade é quando dizem que estes quatro livros são os Vedas e nada mais. [Então] o budista se levantará e dirá: "Os nossos são os Vedas. Eles nos foram revelados mais

tarde." Aquilo não pode ser. A natureza não funciona assim. A natureza não manifesta suas leis pouco a pouco, um centímetro de gravitação hoje e [mais um centímetro] amanhã. Não, toda lei está completa. Não há evolução alguma no direito. É [dado] de uma vez por todas. É tudo bobagem, esta “nova religião e melhor inspiração” e tudo mais. Não significa nada. Pode haver cem mil leis e o homem pode conhecer apenas algumas hoje. Nós os descobrimos – isso é tudo. Aqueles velhos sacerdotes com suas tremendas [afirmações sobre palavras eternas], tendo destronado os deuses, tomaram o lugar dos deuses. [Eles disseram]: "Você não entende o poder das palavras. Nós sabemos como usá-las. Somos os deuses vivos do mundo. Pague-nos; nós manipularemos as palavras e você conseguirá o que deseja. Você pode pronunciar as palavras você mesmo? Você não pode, pois, lembre-se, um erro produzirá o efeito oposto. Você quer ser rico, bonito, ter uma vida longa, um bom marido? Pague apenas ao padre e fique quieto!"

No entanto, há outro lado. O ideal da primeira parte dos Vedas é totalmente diferente do ideal da outra parte, os Upanishads. O ideal da primeira parte coincide com [o de] todas as outras religiões do mundo, exceto o Vedanta. O ideal é o prazer aqui e no futuro – marido e mulher, marido e filhos. Pague seu dólar e o padre lhe dará um certificado, e você terá momentos felizes no céu. Você encontrará todo o seu pessoal lá e terá esse carrossel sem fim. Sem lágrimas, sem choro – apenas rindo. Sem dor de estômago, mas ainda comendo. Sem dor de cabeça, mas ainda assim [festas]. Esse, consideravam os sacerdotes, era o objetivo mais elevado do homem.

Há outra ideia nesta filosofia que está de acordo com as suas ideias modernas. O homem é um escravo da natureza, e escravo eternamente ele deve permanecer. Chamamos isso de Carma. Karma significa lei e se aplica a todos os lugares. Tudo está limitado pelo Karma. "Não há saída?" "Não! Permaneçam escravos durante todos os anos - bons escravos. Nós manipularemos as palavras para que vocês tenham apenas o lado bom e não o lado ruim de tudo - se vocês nos pagarem o suficiente." Esse era o ideal [dos Mimamsakas]. Esses são os ideais que são populares ao longo dos tempos. A vasta massa da humanidade nunca é pensante. Mesmo que tentem pensar, o [efeito da] vasta massa de superstições sobre eles é terrível. No momento em que enfraquecem, ocorre um golpe e a espinha

dorsal se quebra em vinte pedaços. Eles só podem ser movidos por iscas e ameaças. Eles nunca podem se mover por conta própria. Eles devem estar assustados, horrorizados ou aterrorizados, e serão seus escravos para sempre. Eles não têm mais nada a fazer senão pagar e obedecer. Todo o resto é feito pelo padre. ... Quão mais fácil se torna a religião! Você vê, você não tem nada para fazer. Vá para casa e sente-se calmamente. Alguém está fazendo tudo por você. Pobres, pobres animais!

Lado a lado, estava o outro sistema. Os Upanishads são diametralmente opostos em todas as suas conclusões. Em primeiro lugar, os Upanishads acreditam em Deus, o criador do universo, seu governante. Você encontra mais tarde [a ideia de uma Providência benigna]. É uma [concepção] totalmente oposta. Agora, embora ouçamos o padre, o ideal é muito mais sutil. Em vez de muitos deuses, eles criaram um só Deus.

A segunda ideia, de que todos vocês estão sujeitos à lei do Karma, os Upanishads admitem, mas eles declaram a saída. O objetivo do homem é ir além da lei. E o prazer nunca pode ser o objetivo, porque o prazer só pode estar na natureza.

Em terceiro lugar, os Upanishads condenam todos os sacrifícios e dizem que isso é bobagem. Isso pode lhe dar tudo o que você deseja, mas não é desejável, pois quanto mais você consegue, mais você [quer], e você corre em círculos eternamente, nunca chegando ao fim – desfrutando e chorando. Algo como a felicidade eterna é impossível em qualquer lugar. É apenas um sonho de criança. A mesma energia se transforma em alegria e tristeza.

Mudei um pouco minha psicologia hoje. Eu descobri o fato mais curioso. Você tem uma certa ideia e não quer tê-la, e pensa em outra coisa, e a ideia que deseja suprimir é totalmente suprimida. Qual é essa ideia? Eu vi sair em quinze minutos. Saiu e me surpreendeu. Foi forte e veio de uma forma tão violenta e terrível que pensei que fosse um louco. E quando acabou, tudo o que aconteceu [foi uma supressão da emoção anterior]. O que saiu? Era minha própria má impressão que precisava ser resolvida. "A natureza fará o que quer. O que a supressão pode fazer?" (Gita, III. 33.) Essa é uma [afirmação] terrível no Gita. Parece que, afinal, pode ser uma luta em vão. Você pode ter cem mil [impulsos competindo] ao mesmo tempo. Você pode

reprimi-los, mas no momento em que a primavera se recupera, a coisa toda estará lá novamente.

[Mas há esperança]. Se você for poderoso o suficiente, poderá dividir sua consciência em vinte partes, todas ao mesmo tempo. Estou mudando minha psicologia. A mente cresce. Isso é o que dizem os Yogis. Existe uma paixão e ela desperta outra, e a primeira morre. Se você está com raiva e depois feliz, no momento seguinte a raiva passa. A partir dessa raiva você fabricou o próximo estado. Esses estados são sempre intercambiáveis. A felicidade e a miséria eternas são o sonho de uma criança. Os Upanishads salientam que o objetivo do homem não é a miséria nem a felicidade, mas temos que ser senhores daquilo a partir do qual estes são fabricados. Devemos dominar a situação na sua raiz, por assim dizer.

O outro ponto de divergência é: os Upanishads condenam todos os rituais, especialmente aqueles que envolvem a matança de animais. Eles declaram que tudo isso é bobagem. Uma escola de antigos filósofos diz que é preciso matar tal animal em um determinado momento para que o efeito seja produzido. [Você pode responder], "Mas [há] também o pecado de tirar a vida do animal; você terá que sofrer por isso." Dizem que tudo isso é bobagem. Como você sabe o que é certo e o que é errado? Sua mente diz isso? Quem se importa com o que sua mente diz? Que bobagem você está falando? Você está colocando sua mente contra as escrituras. Se sua mente diz algo e os Vedas dizem outra coisa, pare sua mente e acredite nos Vedas. Se dizem que matar um homem é certo, está certo. Se você disser: "Não, minha consciência diz [o contrário]", não servirá]. No momento em que você acredita em qualquer livro como a palavra eterna, como sagrado, você não poderá mais questionar. Não vejo como vocês aqui acreditam na Bíblia sempre que dizem sobre ela: "Quão maravilhosas são essas palavras, quão certas e quão boas!" Porque, se você acredita na Bíblia como a palavra de Deus, você não tem nenhum direito de julgar. No momento em que você julga, você pensa que é superior à Bíblia. [Então] qual é a utilidade da Bíblia para você? Os sacerdotes dizem: "Nós nos recusamos a fazer comparação com a sua Bíblia ou com a de qualquer pessoa. Não adianta comparar, porque - qual é a autoridade? Aí termina. Se você acha que algo não está certo, vá e acerte de acordo com o Vedas."

Os Upanishads acreditam nisso, [mas também têm um padrão mais elevado]. Por um lado, eles não querem derrubar os Vedas e, por outro, veem esses sacrifícios de animais e os sacerdotes roubando o dinheiro de todos. Mas na psicologia eles são todos iguais. Todas as diferenças estão na filosofia, [em relação] à natureza da alma. Tem corpo e mente? E a mente é apenas um feixe de nervos, os nervos motores e os nervos sensoriais? A psicologia, todos eles consideram um dado adquirido, é uma ciência perfeita. Não pode haver nenhuma diferença aí. Toda a luta tem sido em relação à filosofia – a natureza da alma, e Deus, e tudo mais.

Depois, outra grande diferença entre os sacerdotes e os Upanishads. Os Upanishads dizem: renuncie. Esse é o teste de tudo. Renuncie a tudo. É a faculdade criativa que nos traz para todo esse emaranhado. A mente está em sua própria natureza quando está calma. No momento em que você conseguir acalmá-lo, nesse [mesmo] momento você saberá a verdade. O que é que está girando a mente? Imaginação, atividade criativa. Pare a criação e você conhecerá a verdade. Todo o poder de criação deve parar, e então você saberá a verdade imediatamente.

Por outro lado, os sacerdotes são todos a favor [da criação]. Imagine uma espécie de vida [na qual não existe atividade criativa. É impensável]. As pessoas tinham que ter um plano [para desenvolver uma sociedade estável. Foi adotado um sistema de seleção rígido. Por exemplo,] nenhuma pessoa cega e manca pode se casar. [Como resultado] você encontrará muito menos deformidades [na Índia] do que em qualquer outro país do mundo. Epilépticos e loucos [pessoas] são muito raros [lá]. Isso se deve à seleção direta. Os sacerdotes dizem: “Deixe-os se tornarem Sannyasins”. Por outro lado, os Upanishads dizem: "Oh, não, [as] melhores e mais finas [e] flores mais frescas da terra devem ser colocadas sobre o altar. Os fortes, os jovens, com intelecto são e corpo são - eles devem lutar pelo verdade."

Assim, com todas estas divergências de opinião, já lhes disse que os padres já se diferenciaram numa casta separada. A segunda é a casta dos reis. ... Toda a filosofia Upanishad vem dos cérebros dos reis, não dos sacerdotes. Existe uma luta económica através de cada luta religiosa. Esse animal chamado homem tem alguma influência religiosa, mas é guiado pela economia. Os indivíduos são guiados por outra coisa, mas a massa da

humanidade nunca fez um movimento a menos que a economia estivesse [envolvida]. Você pode [pregar uma religião que pode não ser perfeita em todos os detalhes], mas se houver um contexto econômico [para isso], e você tiver os mais [ardorosos defensores] para pregá-la, você pode convencer um país inteiro. ...

Sempre que qualquer religião tem sucesso, deve ter valor econômico. Milhares de seitas semelhantes lutarão pelo poder, mas apenas aqueles que enfrentam o verdadeiro problema econômico o terão. O homem é guiado pelo estômago. Ele anda e o estômago vai primeiro e a cabeça depois. Você não viu isso? Levará séculos para a cabeça ir primeiro. Quando um homem chega aos sessenta anos de idade, ele é chamado para fora [do mundo]. A vida toda é uma ilusão, e justamente quando você começa a ver as coisas como elas são, você é arrebatado. Contanto que o estômago funcionasse primeiro, você estava bem. Quando os sonhos das crianças começam a desaparecer e você começa a ver as coisas como elas são, a cabeça vai. Justamente quando a cabeça vai primeiro, [você sai].

[Para] a religião dos Upanishads ser popularizada foi uma tarefa difícil. Há muito pouca economia, mas um tremendo altruísmo. ...

Os Upanishads tinham muito pouco reino, embora tenham sido descobertos por reis que detinham todo o poder real em suas mãos. Então a luta... começou a ser mais acirrada. Seu ponto culminante ocorreu dois mil anos depois, no Budismo. A semente do Budismo está aqui, na luta comum entre o rei e o sacerdote; e [na luta] todas as religiões declinaram. Um queria sacrificar a religião, o outro queria se apegar aos sacrifícios, aos deuses védicos, etc. O Budismo... quebrou as correntes das massas. Todas as castas e credos tornaram-se iguais num minuto. Assim, as grandes ideias religiosas na Índia existem, mas ainda não foram pregadas: caso contrário, não servem de nada. ...

Em todos os países é o padre que é conservador, por duas razões – porque é o seu pão e porque ele só pode andar com o povo. Todos os padres não são fortes. Se o povo disser: “Pregue dois mil deuses”, os sacerdotes o farão. São os servos da congregação que os pagam. Deus não os paga. Portanto, culpem-se antes de culpar os sacerdotes. Você só pode obter o governo, a religião e o sacerdócio que merece, e nada melhor.

Assim, a grande luta começou na Índia e chega a um dos seus pontos culminantes no Gita. Quando estava causando medo de que toda a Índia fosse dividida entre [os] dois... [grupos], surgiu este homem Krishna, e no Gita ele tenta reconciliar a cerimônia e a filosofia dos sacerdotes e do pessoas. Krishna é amado e adorado da mesma forma que você é Cristo. A diferença está apenas na idade. Os hindus celebram o aniversário de Krishna como vocês comemoram o de Cristo. Krishna viveu há cinco mil anos e sua vida está repleta de milagres, alguns deles muito semelhantes aos da vida de Cristo. A criança nasceu na prisão. O pai o levou embora e o colocou com os pastores. Todas as crianças nascidas naquele ano foram condenadas a serem mortas. ... Ele foi morto; esse foi o seu destino.

Krishna era um homem casado. Existem milhares de livros sobre ele. Eles não me interessam muito. Os hindus são ótimos em contar histórias, entende? [Se] os missionários cristãos contarem uma história da sua Bíblia, os hindus produzirão vinte histórias. Você diz que a baleia engoliu Jonas; os hindus dizem que alguém engoliu um elefante. ...Desde criança ouço falar da vida de Krishna. Presumo que deve ter havido um homem chamado Krishna, e seu Gita mostra que ele [deixou] um livro maravilhoso. Eu lhe disse, você pode compreender o caráter de um homem analisando as fábulas sobre ele. As fábulas têm a natureza [de decorações]. Você deve descobrir que todos eles são polidos e manipulados para se adequarem ao personagem. Por exemplo, tome Buda. A ideia central [é] o sacrifício. Existem milhares de folclores, mas em todos os casos o sacrifício deve ter sido mantido. Existem milhares de histórias sobre Lincoln, sobre algumas características daquele grande homem. Você pega todas as fábulas e encontra a ideia geral e [sabe] que esse era o personagem central do homem. Você descobre em Krishna que o desapego é a ideia central. Ele não precisa de nada. Ele não quer nada. Ele trabalha pelo trabalho. "Trabalhe pelo trabalho. Adore pelo amor. Faça o bem porque é bom fazer o bem. Não peça mais." Esse deve ter sido o caráter do homem. Caso contrário, estas fábulas não poderiam ser reduzidas à ideia de desapego. O Gita não é seu único sermão. ...

Ele é o homem mais completo que conheço, maravilhosamente desenvolvido igualmente no cérebro, no coração e nas mãos. Cada momento [dele] está cheio de atividade, seja como cavalheiro, guerreiro,

ministro ou qualquer outra coisa. Grande como cavaleiro, como estudioso, como poeta. Essa atividade completa e maravilhosa e combinação de cérebro e coração você vê no Gita e em outros livros. Coração maravilhoso, linguagem refinada e nada pode se aproximar disso em lugar nenhum. Esta tremenda atividade do homem – a impressão ainda está lá. Cinco mil anos se passaram e ele influenciou milhões e milhões. Pense na influência que este homem tem sobre o mundo inteiro, quer você saiba disso ou não. Minha consideração por ele é por sua perfeita sanidade. Nenhuma teia de aranha naquele cérebro, nenhuma superstição. Ele sabe a utilidade de tudo e quando é preciso [atribuir um lugar para cada um], ele está lá. Aqueles que falam, vão a todos os lugares, questionam sobre o mistério dos Vedas, etc., não conhecem a verdade. Eles não são melhores que fraudes. Há lugar nos Vedas [até] para superstição, para ignorância. O segredo é descobrir o lugar adequado para cada coisa.

Então aquele coração! Ele é o primeiro homem, muito antes de Buda, a abrir a porta da religião a todas as castas. Essa mente maravilhosa! Aquela vida tremendamente ativa! A atividade do Buda estava num plano, o plano do ensino. Ele não poderia manter a esposa e o filho e se tornar professor ao mesmo tempo. Krishna pregou no meio do campo de batalha. "Aquele que, no meio de uma atividade intensa, se encontra na maior calma e na maior paz, encontra uma atividade intensa, esse é o maior [o iogue e também o homem mais sábio]." (Ibid. IV. 18.) Não significa nada para este homem – o lançamento de mísseis sobre ele. Calmo e sereno, ele continua discutindo os problemas da vida e da morte. Cada um dos profetas é o melhor comentário sobre o seu próprio ensino. Se você quiser saber o que significa a doutrina do Novo Testamento, vá até o Sr. Fulano de Tal. [Mas] leia repetidas vezes [os quatro Evangelhos e tente entender sua importância à luz da maravilhosa vida do Mestre conforme retratada ali]. Os grandes homens pensam, e você e eu [também] pensamos. Mas há uma diferença. Pensamos e nossos corpos não seguem. Nossas ações não se harmonizam com nossos pensamentos. Nossas palavras não têm o poder das palavras que se tornam Vedas. ... Tudo o que eles pensam deve ser realizado. Se eles disserem: "Eu faço isso", o corpo faz isso. Obediência perfeita. Este é o fim. Você pode pensar que é Deus em um minuto, mas não pode ser [Deus]. Essa é a dificuldade. Eles se tornam o que pensam. Nós nos tornaremos [apenas] em [graus].

Veja, isso era sobre Krishna e sua época. Na próxima palestra conheceremos mais de seu livro.

1.4.15 O GITA II

Este artigo foi taquigrafado por Ida Ansell. Como, no entanto, a velocidade de Swamiji era grande demais para ela em seus primeiros dias, pontos são colocados nos artigos para indicar as omissões, enquanto as palavras entre colchetes são acrescentadas para unir as partes desconectadas.

(Entregue em São Francisco, em 28 de maio de 1900)

O Gitâ requer uma pequena introdução preliminar. A cena se passa no campo de batalha de Kurukshetra. Havia dois ramos da mesma raça lutando pelo império da Índia há cerca de cinco mil anos. Os Pândavas tinham o direito, mas os Kauravas tinham o poder. Os Pandavas eram cinco irmãos e viviam em uma floresta. Krishna era amigo dos Pandavas. Os Kauravas não lhes concederiam tanta terra que cobriria a ponta de uma agulha.

A cena de abertura é o campo de batalha, e ambos os lados veem seus parentes e amigos – um irmão de um lado e outro do outro; um avô de um lado, neto do outro. ... Quando Arjuna vê seus próprios amigos e parentes do outro lado e sabe que pode ter que matá-los, seu coração cede e ele diz que não lutará. Assim começa o Gita.

Para todos nós neste mundo a vida é uma luta contínua. ... Muitas vezes queremos interpretar nossa fraqueza e covardia como perdão e renúncia. Não há mérito na renúncia de um mendigo. Se uma pessoa que pode [dar um golpe] se abstém, há mérito nisso. Se uma pessoa que tem desiste, há mérito nisso. Sabemos quantas vezes em nossas vidas, por preguiça e covardia, desistimos da batalha e tentamos hipnotizar nossas mentes para acreditar que somos corajosos.

O Gita começa com este verso muito significativo: "Levanta-te, ó Príncipe! Desista desta covardia, desta fraqueza! Levante-se e lute!" (Gita, II. 3.) Então Arjuna, tentando discutir o assunto [com Krishna], traz ideias morais mais elevadas, como a não-resistência é melhor que a resistência, e assim por diante. Ele está tentando se justificar, mas não consegue enganar Krishna. Krishna é o Eu superior, ou Deus. Ele percebe a discussão imediatamente. Neste caso [o motivo] é fraqueza. Arjuna vê seus próprios parentes e não pode agredi-los. ...

Há um conflito no coração de Arjuna entre seu emocionalismo e seu dever. Quanto mais perto estamos de [bestas e] pássaros, mais estamos nos infernos da emoção. Chamamos isso de amor. É auto-hipnotização. Estamos sob o controle de nossas [emoções] como animais. Uma vaca pode sacrificar a sua vida pelos seus filhotes. Todo animal pode. E daí? Não é a

emoção cega e de pássaro que leva à perfeição. ... [Alcançar] a consciência eterna, esse é o objetivo do homem! Ali a emoção não tem lugar, nem o sentimentalismo, nem nada que pertença aos sentidos – apenas a luz da razão pura. [Lá] o homem permanece como espírito.

Agora, Arjuna está sob o controle desse emocionalismo. Ele não é o que deveria ser - um grande sábio iluminado e autocontrolado trabalhando através da luz eterna da razão. Ele se tornou como um animal, como um bebê, apenas deixando seu coração levar seu cérebro, fazendo papel de bobo e tentando encobrir sua fraqueza com os nomes floridos de “amor” e assim por diante. Krishna vê através disso. Arjuna fala como um homem de pouco conhecimento e apresenta muitas razões, mas ao mesmo tempo fala a linguagem de um tolo.

"O sábio não sente pena daqueles que vivem nem daqueles que morrem." (Ibid. 11.) [Krishna diz:] "Você não pode morrer, nem eu posso. Nunca houve um tempo em que não existíssemos. Nunca haverá um tempo em que não existiremos. Assim como nesta vida um homem começa com infância, e [passa pela juventude e pela velhice, então, na morte, ele simplesmente passa para outro tipo de corpo]. Por que um homem sábio deveria se arrepender?" (Ibid. 12-13.) E onde está o início deste emocionalismo que se apoderou de você? Está nos sentidos. “É o toque dos sentidos que traz toda essa qualidade de existência: calor e frio, prazer e dor. Eles vêm e vão.” (Ibid. 14.) O homem está infeliz neste momento, feliz no próximo. Como tal, ele não pode experimentar a natureza da alma. ...

"A existência nunca pode ser inexistência, nem a inexistência pode jamais se tornar existência. ... Saiba, portanto, que aquilo que permeia todo este universo não tem começo nem fim. É imutável. Não há nada no universo que possa mudança [o Imutável]. Embora este corpo tenha começo e fim, o habitante do corpo é infinito e sem fim." (Ibid. 16-18.)

Sabendo disso, levante-se e lute! Nem um passo atrás, essa é a ideia. ... Lute, aconteça o que acontecer. Deixe as estrelas saírem da esfera! Deixe o mundo inteiro ficar contra nós! A morte significa apenas uma mudança de roupa. E daí? Assim lute! Você não ganha nada se tornando covarde. ... Dando um passo para trás, você não evita nenhum infortúnio. Você chorou para todos os deuses do mundo. A miséria cessou? As massas na Índia

clamam a sessenta milhões de deuses e ainda morrem como cães. Onde estão esses deuses? ... Os deuses vêm para ajudá-lo quando você consegue. Então, qual é a utilidade? Morra jogo. ... Isso de dobrar os joelhos às superstições, de se vender à sua própria mente não combina com você, minha alma. Você é infinito, imortal, sem nascimento. Porque você é um espírito infinito, não lhe convém ser um escravo. ... Surgir! Acordado! Fique de pé e lute! Morra se for preciso. Não há ninguém para ajudá-lo. Você é todo o mundo. Quem pode ajudá-lo?

"Os seres são desconhecidos dos nossos sentidos humanos antes do nascimento e depois da morte. É apenas nesse ínterim que eles se manifestam. O que há para lamentar? (Ibid. 28.)

"Alguns olham para Ele [o Ser] com admiração. Alguns falam Dele como maravilhoso. Outros ouvem Dele como maravilhoso. Outros, ouvindo falar Dele, não entendem." (Ibid. 29.)

Mas se você diz que matar todas essas pessoas é pecaminoso, então considere isso do ponto de vista do seu próprio dever de casta. ... "Tornando o prazer e a miséria iguais, tornando o sucesso e a derrota iguais, levante-se e lute. (Ibid. 38.)

Este é o início de outra doutrina peculiar do Gita – a doutrina do desapego. Isto é, temos que arcar com o resultado de nossas próprias ações porque nos apegamos a elas. ... "Somente o que é feito como dever pelo dever ... pode dissipar a escravidão do Karma." (Ibid. 39.) Não há perigo de você exagerar. ... "Se você fizer pelo menos um pouco disso, [este Yoga o salvará do terrível ciclo de nascimento e morte]. (Ibid. 40.)

"Saiba, Arjuna, a mente que tem sucesso é a mente que está concentrada. As mentes que estão ocupadas com dois mil assuntos (têm) suas energias dispersas. Alguns podem falar uma linguagem floreada e pensar que não há nada além dos Vedas. Eles querem vão para o céu. Eles querem coisas boas através do poder dos Vedas, e por isso fazem sacrifícios." (Ibid. 41-43.) Tais pessoas nunca alcançarão qualquer sucesso [na vida espiritual] a menos que abandonem todas essas ideias materialistas. (Ibid. 44.)

Essa é outra grande lição. A espiritualidade nunca poderá ser alcançada a menos que todas as ideias materiais sejam abandonadas. ... O que há nos sentidos? Os sentidos são todos ilusão. As pessoas desejam mantê-los [no céu] mesmo depois de mortos – um par de olhos, um nariz. Alguns imaginam que terão mais órgãos do que têm agora. Eles querem ver Deus sentado em um trono por toda a eternidade – o corpo material de Deus. ... Os desejos desses homens são pelo corpo, pela comida, pela bebida e pelo prazer. É a vida materialista prolongada. O homem não consegue pensar em nada além desta vida. Esta vida é toda para o corpo. "Tal homem nunca chega àquela concentração que leva à liberdade." (Ibid. 44.)

“Os Vedas ensinam apenas coisas pertencentes aos três Gunas, a Sattva, Rajas e Tamas.” (Ibid. 45.) Os Vedas apenas ensinam sobre coisas da natureza. As pessoas não podem pensar nada que não vejam na terra. Se falam do céu, pensam num rei sentado num trono, em pessoas queimando incenso. É tudo natureza, nada além da natureza. Os Vedas, portanto, não ensinam nada além da natureza. “Vá além da natureza, além das dualidades da existência, além da sua própria consciência, não se importando com nada, nem com o bem nem com o mal.” (Ibid. 45.)

Nós nos identificamos com nossos corpos. Somos apenas corpo, ou melhor, possuídos de um corpo. Se sou beliscado, eu choro. Tudo isso é um absurdo, pois eu sou a alma. Toda essa cadeia de miséria, imaginação, animais, deuses e demônios, tudo, o mundo inteiro, tudo isso vem da identificação de nós mesmos com o corpo. Eu sou espírito. Por que eu pulo se você me belisca? ... Veja a escravidão disso. Você não tem vergonha? Somos religiosos! Somos filósofos! Somos sábios! Senhor nos abençoe! O que nós somos? Vivendo infernos, é isso que somos. Lunáticos, é isso que somos!

Não podemos abrir mão da ideia [de corpo]. Estamos presos à terra. ... Nossas ideias são cemitérios. Quando deixamos o corpo, estamos ligados por milhares de elementos a essas [idéias].

Quem pode trabalhar sem nenhum apego? Essa é a verdadeira questão. Tal homem é o mesmo, quer seu trabalho seja bem-sucedido ou fracasse. Seu coração não dá uma batida falsa, mesmo que todo o trabalho de sua vida seja reduzido a cinzas em um momento. "Este é o sábio que sempre trabalha

pelo trabalho, sem se importar com os resultados. Assim, ele vai além da dor do nascimento e da morte. Assim, ele se torna livre." (Ibid. 51.) Então ele vê que todo esse apego é ilusão. O Eu nunca pode ser apegado. ... Então ele vai além de todas as escrituras e filosofias. (Ibid. 52.) Se a mente é iludida e puxada para um redemoinho por livros e escrituras, qual é o benefício de todas essas escrituras? Um diz isso, outro diz aquilo. Que livro você deve levar? Estar sozinho! Veja a glória de sua própria alma e veja que você terá que trabalhar. Então você se tornará um homem de vontade firme. (Ibid. 53.)

Arjuna pergunta: "Quem é uma pessoa de vontade estabelecida?" (Ibid. 54.)

[Krishna responde:] "O homem que desistiu de todos os desejos, que não deseja nada, nem mesmo esta vida, nem liberdade, nem deuses, nem trabalho, nem qualquer coisa. Quando ele fica perfeitamente satisfeito, ele não tem mais desejos." (Ibid. 55.) Ele viu a glória do Eu e descobriu que o mundo, os deuses e o céu estão... dentro do seu próprio Eu. Então os deuses não se tornam deuses; a morte se torna nenhuma morte; a vida se torna nenhuma vida. Tudo mudou. "Diz-se que um homem está [iluminado] se sua vontade se tornou firme, se sua mente não está perturbada pela miséria, se ele não deseja nenhuma felicidade, se ele está livre de todo [apego], de todo medo, de toda raiva (Ibid. 56.) ...

"Assim como a tartaruga pode retrair as pernas, e se você bater nela, nem um pé sai, da mesma forma o sábio pode retrair todos os seus órgãos dos sentidos para dentro" (Ibid. 58.) e nada pode forçá-los a sair. Nada pode abalá-lo, nenhuma tentação nem nada. Deixe o universo girar sobre ele, isso não causa uma única agitação em sua mente.

Aí vem uma questão muito importante. Às vezes as pessoas jejuam por dias. ... Quando o pior homem jejua por vinte dias, ele se torna bastante gentil. O jejum e a tortura têm sido praticados por pessoas em todo o mundo. A ideia de Krishna é que tudo isso é bobagem. Ele diz que os sentidos desaparecerão por um momento do homem que se tortura, mas emergirão novamente com vinte vezes mais [poder]. ... O que você deveria fazer? A ideia é ser natural – sem ascetismo. Vá em frente, trabalhe, mas lembre-se de que você não está apegado. A vontade nunca poderá ser

firmeiramente fixada no homem que não aprendeu e praticou o segredo do desapego.

Saio e abro os olhos. Se houver algo lá, devo ver. Eu não posso evitar. A mente corre atrás dos sentidos. Agora os sentidos devem abandonar qualquer reação à natureza.

"Onde é noite escura para o mundo [ligado aos sentidos], o [homem] autocontrolado está acordado. É dia para ele. ... E onde o mundo está acordado, o sábio dorme." (Ibid. 69.) Onde o mundo está acordado? Nos sentidos. As pessoas querem comer, beber e ter filhos, e então morrem como um cachorro. ... Eles estão sempre atentos aos sentidos. Até a religião deles é apenas para isso. Eles inventam um Deus para ajudá-los, para lhes dar mais mulheres, mais dinheiro, mais filhos – nunca um Deus para ajudá-los a se tornarem mais semelhantes a Deus! "Onde o mundo inteiro está acordado, o sábio dorme. Mas onde os ignorantes estão dormindo, aí o sábio se mantém acordado" (Ibid. 69.) - no mundo da luz onde o homem se vê não como um pássaro, não como um animal, não como corpo, mas como espírito infinito, imortal, imortal. Lá, onde os ignorantes estão dormindo e não têm tempo, nem intelecto, nem poder para compreender, aí o sábio está acordado. Isso é luz do dia para ele.

"Assim como todos os rios do mundo despejam constantemente suas águas no oceano, mas a natureza grandiosa e majestosa do oceano permanece imperturbável e inalterada, mesmo que todos os sentidos tragam sensações da natureza, o coração oceânico do sábio não conhece perturbação, não conhece o medo." (Ibid. 70.) Que as misérias venham em milhões de rios e a felicidade em centenas! Não sou escravo da miséria! Não sou escravo da felicidade!

1.4.16 O GITA III

Este artigo foi taquigrafado por Ida Ansell. Como, no entanto, a velocidade de Swamiji era grande demais para ela em seus primeiros dias, pontos são colocados nos artigos para indicar as omissões, enquanto as palavras entre colchetes são acrescentadas para unir as partes desconectadas.

(Entregue em São Francisco, em 29 de maio de 1900)

Arjuna pergunta: “Você apenas aconselhou a ação e ainda assim defende o conhecimento de Brahman como a forma mais elevada de vida. Krishna, se você acha que o conhecimento é melhor que a ação, por que me diz para agir?” (Gita III. 1.)

[Shri Krishna]: "Desde os tempos antigos, esses dois sistemas chegaram até nós. Os filósofos Sâmkhya avançam a teoria do conhecimento. Os Yogis avançam a teoria do trabalho. Mas ninguém pode alcançar a paz renunciando às ações. Ninguém nesta vida pode parar a atividade, mesmo que por um momento. As qualidades da natureza [Gunas] o farão agir. Aquele que interrompe suas atividades e ao mesmo tempo ainda está pensando sobre elas, só se torna um hipócrita. a mente gradualmente controla seus órgãos dos sentidos, empregando-os no trabalho, para que o homem seja melhor. (Ibid. 2-8.) ...

"Mesmo que você conheça o segredo de que não tem nenhum dever, que é livre, ainda assim você tem que trabalhar para o bem dos outros. Porque tudo o que um grande homem faz, as pessoas comuns também farão. (Ibid. 20-21.) Se um grande homem que alcançou paz de espírito e liberdade parar de trabalhar, então todos os demais sem esse conhecimento e paz tentarão imitá-lo, e assim surgiria confusão (Ibid. 22-24).

"Veja, Arjuna, não há nada que eu não possua e nada que eu queira adquirir. E ainda assim continuo a trabalhar. Se eu parasse de trabalhar por um momento, todo o universo [seria destruído]. (Ibid. 22- 24.) Aquilo que os ignorantes fazem com desejo de resultados e ganhos, que os sábios façam sem qualquer apego e sem qualquer desejo de resultados e ganhos." (Ibid. 25.)

Mesmo que você tenha conhecimento, não perturbe a fé infantil dos ignorantes. Por outro lado, desça ao nível deles e eleve-os gradualmente. (Ibid. 26, 29.) Essa é uma ideia muito poderosa e tornou-se o ideal na Índia. É por isso que você pode ver um grande filósofo entrando em um templo e adorando imagens. Não é hipocrisia.

Mais tarde, lemos o que Krishna diz: “Mesmo aqueles que adoram outras divindades estão realmente me adorando”. (Ibid. IX. 23.) É Deus encarnado quem o homem está adorando. Deus ficaria zangado se você O chamasse pelo nome errado? Ele não seria nenhum Deus! Você não consegue entender que tudo o que um homem tem em seu coração é Deus – mesmo que ele adore uma pedra? E daí!

Compreenderemos mais claramente se nos livrarmos da ideia de que a religião consiste em doutrinas. Uma ideia da religião é que o mundo inteiro nasceu porque Adão comeu a maçã e não há como escapar. Acredite em Jesus Cristo – na morte de um certo homem! Mas na Índia a ideia é bem diferente. [Lá] religião significa realização, nada mais. Não importa se se chega ao destino numa carruagem com quatro cavalos, num carro elétrico ou rolando pelo chão. O objetivo é o mesmo. Para os [cristãos] o problema é como escapar da ira do terrível Deus. Para os indianos, trata-se de como se tornar o que realmente são, de recuperar a sua individualidade perdida. ...

Você já percebeu que você é espírito? Quando você diz “sim”, o que isso significa – esse pedaço de carne chamado corpo ou espírito, o infinito, sempre abençoado, refulgente, imortal? Você pode ser o maior filósofo, mas enquanto tiver a ideia de que é o corpo, não será melhor do que o verme rastejando sob seus pés! Não há desculpa para você! Tanto pior para você que conhece todas as filosofias e ao mesmo tempo pensa que é o corpo! Deuses do corpo, é isso que vocês são! Isso é religião?

A religião é a realização do espírito como espírito. o que estamos fazendo agora? Justamente o oposto, perceber o espírito como matéria. Do Deus imortal fabricamos a morte e a matéria, e da matéria morta e opaca fabricamos o espírito. ...

Se você [consegue compreender Brahman] ficando de cabeça para baixo, ou sobre um pé só, ou adorando cinco mil deuses com três cabeças cada – bem-vindo! ... Faça do jeito que puder! Ninguém tem o direito de dizer nada. Portanto, Krishna diz, se o seu método é melhor e mais elevado, você não tem por que dizer que o método de outro homem é ruim, por mais perverso que você possa considerá-lo.

Novamente, devemos considerar que a religião é uma [questão de] crescimento, não uma massa de palavras tolas. Há dois mil anos, um homem viu Deus. Moisés viu Deus numa sarça ardente. O que Moisés fez quando viu Deus salva você? Ninguém ver a Deus pode ajudá-lo nem um pouco, exceto que isso pode excitá-lo e exortá-lo a fazer a mesma coisa. Esse é todo o valor dos exemplos dos antigos. Nada mais. [Apenas] placas de sinalização no caminho. A alimentação de nenhum homem pode satisfazer outro homem. Ninguém vendo a Deus pode salvar outro homem. Você tem que ver Deus por si mesmo. Todas essas pessoas brigando sobre qual é a natureza de Deus – se Ele tem três cabeças em um corpo ou cinco cabeças em seis corpos. Você viu Deus? Não... E eles não acreditam que possam vê-Lo. Que tolos somos nós, mortais! Claro, lunáticos!

[Na Índia] tornou-se uma tradição que se existe um Deus, Ele deve ser o seu Deus e o meu Deus. A quem pertence o sol! Você diz que o Tio Sam é tio de todo mundo. Se existe um Deus, você deveria ser capaz de vê-lo. Se não, deixe-O ir.

Cada um acha que seu método é o melhor. Muito bom! Mas lembre-se, pode ser bom para você. Um alimento que é muito indigesto para um é muito digerível para outro. Porque é bom para você, não tire a conclusão precipitada de que seu método é o método de todos, que o casaco de Jack cabe em John e Mary. Todos os homens e mulheres sem instrução, sem cultura e sem pensamento foram colocados nesse tipo de camisa de força! Pense por si mesmo. Tornem-se ateus! Tornem-se materialistas! Isso seria melhor. Exercita a mente! ... Que direito você tem de dizer que o método deste homem está errado? Pode ser errado para você. Isto é, se você adotar o método, você ficará degradado; mas isso não significa que ele será degradado. Portanto, diz Krishna, se você tem conhecimento e vê um homem fraco, não o condene. Vá ao nível dele e ajude-o se puder. Ele deve crescer. Posso colocar cinco baldes de conhecimento na cabeça dele em cinco horas. Mas que bem isso fará? Ele ficará um pouco pior do que antes.

De onde vem toda essa escravidão da ação? Porque acorrentamos a alma à ação. De acordo com o nosso sistema indiano, existem duas existências: a natureza, de um lado, e o Ser, o Atman, do outro. Pela palavra natureza entende-se não apenas todo este mundo externo, mas também nossos

corpos, a mente, a vontade, até mesmo o que diz “eu”. Além de tudo isso está a vida infinita e a luz da alma – o Eu, o Atman. ... De acordo com esta filosofia, o Eu é totalmente separado da natureza, sempre foi e sempre será. ... Nunca houve um tempo em que o espírito pudesse ser identificado até mesmo com a mente. ...

É evidente que a comida que você ingere está fabricando a mente o tempo todo. É importante. O Eu está acima de qualquer conexão com a comida. Se você come ou não, não importa. Se você pensa ou não... não importa. É uma luz infinita. Sua luz é sempre a mesma. Se você colocar um copo azul ou verde [diante de uma luz], o que isso tem a ver com a luz? Sua cor é imutável. É a mente que muda e dá as diferentes cores. No momento em que o espírito deixa o corpo, tudo se desintegra.

A realidade na natureza é o espírito. A própria realidade – a luz do espírito – se move, fala e faz tudo [através de nossos corpos, mentes, etc.]. É a energia, a alma e a vida do espírito que está sendo trabalhada de diferentes maneiras pela matéria... O espírito é a causa de todos os nossos pensamentos, ações corporais e tudo mais, mas não é tocado pelo bem ou pelo mal, prazer ou dor, calor ou frio, e todo o dualismo da natureza, embora empreste sua luz a tudo.

“Portanto, Arjuna, todas essas ações estão na natureza. A natureza... está elaborando suas próprias leis em nossos corpos e mentes. Nós nos identificamos com a natureza e dizemos: 'Estou fazendo isso.' Desta forma, a ilusão nos apodera." (Ibid. III. 27.)

Sempre agimos sob alguma compulsão. Quando a fome me obriga, eu como. E o sofrimento é ainda pior – a escravidão. Esse verdadeiro “eu” é eternamente livre. O que pode obrigá-lo a fazer alguma coisa? O sofrimento está na natureza. Somente quando nos identificamos com o corpo é que dizemos: “Estou sofrendo; sou o Sr. Fulano de Tal” – toda essa bobagem. Mas quem conhece a verdade mantém-se distante. O que quer que seu corpo faça, o que quer que sua mente faça, ele não se importa. Mas lembre-se, a grande maioria da humanidade está sob esta ilusão; e sempre que fazem algum bem, sentem que são [os fazedores]. Eles ainda não são capazes de compreender a filosofia superior. Não perturbe a fé deles! Eles estão evitando o mal e fazendo o bem. Boa ideia! Deixe-os ficar com isso!

... Eles são trabalhadores para sempre. Aos poucos, eles pensarão que há maior glória do que fazer o bem. Eles apenas testemunharão, e as coisas serão feitas... Aos poucos eles compreenderão. Quando tiverem evitado todo o mal e feito todo o bem, então começarão a perceber que estão além de toda a natureza. Eles não são os fazedores. Eles ficam [separados]. Eles são a... testemunha. Eles simplesmente ficam parados e olham. A natureza está gerando todo o universo... Eles viram as costas. "No começo, ó amado, só existia aquela Existência. Nada mais existia. E Isso [pensativo], todo o resto foi criado." (Chhândogya, VI. ii. 2-3.)

"Mesmo aqueles que conhecem o caminho agem impelidos por sua própria natureza. Cada um age de acordo com sua natureza. Ele não pode transcendê-la." (Gita, III. 33.) O átomo não pode desobedecer à lei. Quer se trate do átomo mental ou físico, ele deve obedecer à lei. "Qual é a utilidade de [restrição externa]?" (Gita, III. 33.)

O que determina o valor de qualquer coisa na vida? Nem prazer, nem posses. Analise tudo. Você descobrirá que não há valor, exceto na experiência, para nos ensinar algo. E em muitos casos são as nossas dificuldades que nos proporcionam melhor experiência do que prazer. Muitas vezes os golpes nos proporcionam uma experiência melhor do que as carícias da natureza... Até a fome tem seu lugar e valor....

De acordo com Krishna, não somos novos seres que acabaram de surgir. Nossas mentes não são mentes novas... Nos tempos modernos, todos sabemos que cada criança traz [com ela] todo o passado, não apenas da humanidade, mas da vida vegetal. Existem todos os capítulos anteriores, e este capítulo presente, e há muitos capítulos futuros antes dele. Todo mundo tem seu caminho mapeado, esboçado e planejado para ele. E apesar de toda esta escuridão, não pode haver nada sem causa – nenhum evento, nenhuma circunstância... É simplesmente a nossa ignorância. Toda a cadeia infinita de causalidade... está ligada de um elo a outro, de volta à natureza. Todo o universo está preso a esse tipo de corrente. É a [cadeia de] causa e efeito universal, você recebendo um elo, uma parte, eu outra... E essa [parte] é a nossa própria natureza.

Agora Shri Krishna diz: “É melhor morrer em seu próprio caminho do que tentar o caminho de outro.” (Ibid. 35.) Este é o meu caminho, e estou aqui

embaixo. E você está lá em cima, e sempre fico tentado a desistir do meu caminho pensando que irei até lá e ficarei com você. E se eu subir, não estou nem lá nem aqui. Não devemos perder de vista esta doutrina. É tudo [uma questão de] crescimento. Espere e cresça, e você alcançará tudo; caso contrário, haverá [grande perigo espiritual]. Aqui está o segredo fundamental do ensino da religião.

O que você quer dizer com “salvar pessoas” e todos acreditarem na mesma doutrina? Não pode ser. Existem as idéias gerais que podem ser ensinadas à humanidade. O verdadeiro professor será capaz de descobrir qual é a sua própria natureza. Talvez você não saiba disso. É possível que o que você pensa ser a sua própria natureza esteja totalmente errado. Não se desenvolveu até a consciência. O professor é a pessoa que deveria saber... Ele deveria saber, olhando para o seu rosto, e colocá-lo no [seu caminho]. Tateamos e lutamos aqui e ali e fazemos todo tipo de coisas e não fazemos nenhum progresso até chegar o momento em que caímos nessa corrente de vida e seguimos em frente. O sinal é que no momento em que estivermos nessa corrente flutuaremos. Então não há mais luta. Isto é para ser descoberto. Então morra nesse [caminho] em vez de desistir dele e seguir outro.

Em vez disso, iniciamos uma religião e criamos um conjunto de dogmas e traímos o objetivo da humanidade e tratamos todos [como tendo] a mesma natureza. Não há duas pessoas que tenham a mesma mente ou o mesmo corpo. ... Não há duas pessoas que tenham a mesma religião....

Se você quer ser religioso, não entre pelos portões de nenhuma religião organizada. Fazem cem vezes mais mal do que bem, porque impedem o crescimento do desenvolvimento individual de cada um. Estude tudo, mas mantenha seu assento firme. Se você seguir meu conselho, não coloque seu pescoço na armadilha. No momento em que eles tentarem colocar o laço em você, tire seu pescoço e vá para outro lugar. [Assim como] a abelha que colhe o mel de muitas flores permanece livre, não presa a nenhuma flor, não fique preso... Não entre pela porta de nenhuma religião organizada. [A religião] é apenas entre você e seu Deus, e nenhuma terceira pessoa deve se interpor entre vocês. Pense no que essas religiões organizadas fizeram! Que Napoleão foi mais terrível do que aquelas perseguições religiosas? . . . Se

“você e eu nos organizarmos, começaremos a odiar todas as pessoas. É melhor não amar, se amar significa apenas odiar os outros. Isso não é amor. Isso é o inferno! Se amar o seu próprio povo significa odiar todos os outros, isso é a quintessência do egoísmo e da brutalidade, e o efeito é que isso os tornará brutos. Portanto, é melhor morrer desenvolvendo sua própria religião natural do que seguir a religião natural de outra pessoa, por maior que ela possa parecer para você. (Ibid. 35.)

“Cuidado, Arjuna, a luxúria e a raiva são os grandes inimigos. mente. O Eu não deseja nada (Ibid. 37, 40.)

"Este Yoga eu ensinei nos tempos antigos [a Vivaswân; Vivaswan o ensinou a Manu]. ... Foi assim que o conhecimento desceu de uma coisa para outra. Mas com o tempo este grande Yoga foi destruído. É por isso que estou contando isso para você novamente hoje." (Ibid. IV. 1-3.)

Então Arjuna pergunta: “Por que você fala assim? Você é um homem que nasceu outro dia e [Vivaswan nasceu muito antes de você]. O que você quer dizer com que o ensinou?” (Ibid. 4.)

Então Krishna diz: “Ó Arjuna, você e eu percorremos o ciclo de nascimentos e mortes muitas vezes, mas você não está consciente de todos eles. Eu não tenho começo, não nasci, o Senhor absoluto de toda a criação. tome forma. Sempre que a virtude diminui e a maldade prevalece, venho ajudar a humanidade Para a salvação dos bons, para a destruição da maldade, para o estabelecimento da espiritualidade venho de vez em quando. Eu o alcanço através disso. Mas saiba, Arjuna, ninguém jamais poderá desviar-se do meu caminho." (Ibid. 5-8, 11.) Ninguém jamais o fez. Como podemos nós? Ninguém se desvia de Seu caminho.

... Todas as sociedades baseiam-se em más generalizações. A lei só pode ser formada mediante generalização perfeita. Qual é o velho ditado: toda lei tem sua exceção? ... Se for uma lei, não pode ser violada. Ninguém pode quebrá-lo. A maçã quebra a lei da gravitação? No momento em que uma lei é quebrada, não existe mais universo. Chegará um momento em que você infringirá a lei e nesse momento sua consciência, mente e corpo se dissolverão.

Tem um homem roubando lá. Por que ele rouba? Você o pune. Por que você não consegue abrir espaço para ele e colocar sua energia para trabalhar? ... Você diz: "Você é um pecador", e muitos dirão que ele violou a lei. Todo este rebanho da humanidade é forçado [à uniformidade] e, portanto, todos os problemas, pecados e fraquezas... O mundo não é tão ruim quanto você pensa. Fomos nós, tolos, que o tornamos mau. Fabricamos nossos próprios fantasmas e demônios, e então... não conseguimos nos livrar deles. Colocamos as mãos diante dos olhos e gritamos: "Alguém nos dê luz". Tolos! Tire as mãos dos olhos! Isso é tudo... Invocamos os deuses para nos salvar e ninguém se culpa. Essa é a pena. Por que existe tanto mal na sociedade? O que é que eles dizem? Carne e o diabo e a mulher. Por que inventar essas coisas? Ninguém pede para você inventá-los. "Ninguém, ó Arjuna, pode desviar-se do meu caminho." (Ibid. 11.) Somos tolos e nossos caminhos são tolos. Temos que passar por tudo isso Maya. Deus fez o céu e o homem fez o inferno para si mesmo.

"Nenhuma ação pode me tocar. Não desejo os resultados da ação. Quem me conhece conhece o segredo e não está vinculado à ação. Os antigos sábios, conhecendo esse segredo, [poderiam se envolver em ação com segurança]. Trabalhe em da mesma maneira (Ibid. 14-15.)

"Aquele que vê em meio a intensa atividade, intensa calma e em meio à mais intensa paz é intensamente ativo [é realmente sábio]. (Ibid. 18.) ... Esta é a questão: Com todos os sentidos e todos os órgãos ativos, você tem aquela paz tremenda [para que] nada possa perturbá-lo? Parado na Market Street, esperando o carro com toda a correria... acontecendo ao seu redor, você está em meditação - calmo e em paz? você está intensamente ativo lá com todo o silêncio sobre você? Se você é, você é um Yogi, caso contrário não.

"[Os videntes o chamam de sábio] cujas tentativas são gratuitas, sem qualquer desejo de ganho, sem qualquer egoísmo." (Ibid. 19). A verdade nunca poderá chegar até nós enquanto formos egoístas. Colorimos tudo com nós mesmos. As coisas chegam até nós como são. Não que eles estejam escondidos, de jeito nenhum! Nós os escondemos. Temos o pincel. Chega uma coisa e a gente não gosta, escova um pouco e depois olha. ... Não queremos saber. Pintamos tudo com nós mesmos. Em toda ação a força

motriz é o egoísmo. Tudo está escondido por nós mesmos. Somos como a lagarta que tira o fio do próprio corpo e dele faz o casulo, e eis que é pega. Pelo seu próprio trabalho ele se aprisiona. Isso é o que estamos fazendo. No momento em que digo “eu”, o fio dá uma volta. "Eu e o meu", outra vez. Assim vai. ...

Não podemos ficar sem ação nem por um momento. Agir! Mas tal como quando o seu vizinho lhe pede: “Venha e me ajude!” você tem exatamente a mesma ideia quando está se ajudando. Não mais. Seu corpo não tem mais valor que o de John. Não faça mais pelo seu corpo do que pelo John. Isso é religião.

"Aquele cujos esforços são desprovidos de todo desejo e egoísmo queimou toda essa escravidão da ação com o fogo do conhecimento. Ele é sábio." (Ibid. 19.) Ler livros não pode fazer isso. A bunda pode ficar sobrecarregada com toda a biblioteca; isso não o faz aprender nada. Qual é a utilidade de ler muitos livros? “Desistindo de todo apego ao trabalho, sempre satisfeito, sem esperança de ganho, o homem sábio age e está além da ação.” (Ibid. 20.) ...

Nu saí do ventre de minha mãe e nu volto. Indefeso eu vim e indefeso eu vou. Desamparado estou agora. E não sabemos [o objetivo]. É terrível pensarmos nisso. Temos ideias tão estranhas! Vamos a um médium e vemos se o fantasma pode nos ajudar. Pense na fraqueza! Fantasmas, demônios, deuses, qualquer um – vamos lá! E todos os padres, todos os charlatões! Esse é exatamente o momento em que eles se apoderam de nós, no momento em que estamos fracos. Então eles trazem todos os deuses.

Vejo no meu país um homem tornar-se forte, educado, tornar-se filósofo e dizer: “Toda esta oração e banho é um disparate”. ... O pai do homem morre e sua mãe morre. Esse é o choque mais terrível que um hindu pode sofrer. Você o encontrará tomando banho em todas as piscinas sujas, entrando no templo, lambendo a poeira. ... Ajude alguém! Mas estamos indefesos. Não há ajuda de ninguém. Essa é a verdade. Houve mais deuses do que seres humanos; e ainda assim nenhuma ajuda. Morremos como cães – sem ajuda. Em toda parte bestialidade, fome, doença, miséria, maldade! E todos estão clamando por ajuda. Mas não há ajuda. E, no entanto, esperando contra a esperança, continuamos a gritar por ajuda. Oh, que condição miserável! Oh,

que terror é isso! Olhe dentro do seu próprio coração! Metade [do problema] não é culpa nossa, mas sim de nossos pais. Nascidos com essa fraqueza, cada vez mais ela foi colocada em nossas cabeças. Passo a passo vamos além.

É um erro tremendo sentir-se desamparado. Não procure ajuda de ninguém. Nós somos nossa própria ajuda. Se não podemos ajudar a nós mesmos, não há ninguém para nos ajudar. ... "Tu és o teu único amigo, tu mesmo és o teu único inimigo. Não há outro inimigo além deste meu eu, nenhum outro amigo além de mim mesmo." (Ibid. VI. 5.) Esta é a última e maior lição, e Oh, que tempo leva para aprendê-la! Parece que conseguimos controlá-lo e, no momento seguinte, chega a velha onda. A espinha dorsal quebra. Enfraquecemos e novamente nos agarramos a essa superstição e ajuda. Basta pensar naquela enorme massa de miséria, e tudo causado por esta falsa ideia de ir procurar ajuda!

Possivelmente o padre diz suas palavras rotineiras e espera alguma coisa. Sessenta mil pessoas olham para o céu, rezam e pagam ao padre. Mês após mês eles ainda olham, ainda pagam e rezam. ... Pense nisso! Não é loucura? O que mais é isso? Quem é responsável? Você pode pregar religião, mas para excitar as mentes de crianças subdesenvolvidas...! Você terá que sofrer por isso. No fundo do seu coração, o que você é? Para cada pensamento enfraquecedor que você colocar na cabeça de alguém, você terá que pagar com juro compostos. A lei do Karma deve ter seu pedaço de carne. ...

Existe apenas um pecado. Isso é fraqueza. Quando eu era menino, li Paraíso Perdido, de Milton. O único homem bom por quem eu tinha algum respeito era Satanás. O único santo é aquela alma que nunca enfraquece, enfrenta tudo e decide morrer no jogo.

Levante-se e morra no jogo! ... Não adicione uma loucura à outra. Não acrescente sua fraqueza ao mal que está por vir. Isso é tudo que tenho a dizer ao mundo. Seja forte! ... Você fala de fantasmas e demônios. Nós somos os demônios vivos. O sinal de vida é força e crescimento. O sinal da morte é a fraqueza. Tudo o que for fraco, evite! É a morte. Se for força, desça ao inferno e tome posse dela! Só há salvação para os corajosos. "Ninguém, exceto os corajosos, merece o justo." Ninguém, exceto os mais

corajosos, merece a salvação. Inferno de quem? Tortura de quem? De quem é o pecado? De quem é a fraqueza? Morte de quem? Doença de quem?

Você acredita em Deus. Se você fizer isso, acredite no Deus verdadeiro. "Tu és o homem, tu és a mulher, tu és o jovem caminhando com a força da juventude, ... tu és o velho cambaleando com sua bengala." (Shvetâshvatara, IV. 3.) Tu és fraqueza. Tu és o medo. Tu és o céu e tu és o inferno. Tu és a serpente que picaria. Venha você como o medo! Venha você como a morte! Venha você como miséria! ...

Toda fraqueza, toda escravidão é imaginação. Fale uma palavra sobre ele, ele deve desaparecer. Não enfraqueça! Não há outra saída.... Levante-se e seja forte! Sem medo. Sem superstição. Encare a verdade como ela é! Se a morte chegar – essa é a pior das nossas misérias – deixe-a chegar! Estamos determinados a morrer no jogo. Essa é toda a religião que conheço. Ainda não consegui, mas estou lutando para fazê-lo. Posso não, mas você pode. Prossiga!

Onde alguém vê outro, ouve outro, enquanto houver dois, deve haver medo, e o medo é a mãe de tudo [miséria]. Onde ninguém vê o outro, onde tudo é Um, não há ninguém para ser miserável, ninguém para ser infeliz. (Chhândogya, VII. xxiii-xxiv, (adaptado)) [Existe apenas] o Um sem segundo. Portanto, não tenha medo. Acorde, levante-se e não pare até que a meta seja alcançada!

1.4.17 MOHAMMED

Este artigo foi taquigrafado por Ida Ansell. Como, no entanto, a velocidade de Swamiji era grande demais para ela em seus primeiros dias, pontos são colocados nos artigos para indicar as omissões, enquanto as palavras entre colchetes são acrescentadas para unir as partes desconectadas.

(Entregue em 25 de março de 1900, na área da baía de São Francisco)

A antiga mensagem de Krishna é uma que harmoniza três – a de Buda, a de Cristo e a de Maomé. Cada um dos três iniciou uma ideia e levou-a ao extremo. Krishna antecede todos os outros profetas. [No entanto,

poderíamos dizer:] Krishna pega as ideias antigas e as sintetiza, [embora] sua mensagem seja a mais antiga. Sua mensagem estava, naquele momento, submersa pela onda avançada do Budismo. Hoje é a mensagem peculiar à Índia. Se assim o desejar, esta tarde levarei Maomé e apresentarei a obra específica do grande profeta árabe.

Maomé [quando] jovem... não [parecia] se importar muito com religião. Ele estava inclinado a ganhar dinheiro. Ele era considerado um jovem simpático e muito bonito. Havia uma viúva rica. Ela se apaixonou por esse jovem e eles se casaram. Quando Maomé se tornou imperador na maior parte do mundo, os impérios romano e persa estavam todos sob os seus pés e ele tinha várias esposas. Quando um dia lhe perguntaram qual esposa ele gostava mais, ele apontou para sua primeira esposa: "Porque ela acreditou em mim primeiro." Mulher tem fé.... Ganhe independência, ganhe tudo, mas não perca essa característica da mulher! ...

O coração de Maomé estava doente com o pecado, a idolatria e a adoração simulada, as superstições e os sacrifícios humanos, e assim por diante. Os judeus foram degradados pelos cristãos. Por outro lado, os cristãos estavam mais degradados do que os seus próprios compatriotas.

Estamos sempre com pressa. [Mas] se alguma grande obra deve ser feita, deve haver uma grande preparação. ... Depois de muito orar, dia e noite, Maomé começou a ter sonhos e visões. Gabriel apareceu-lhe em sonho e disse-lhe que ele era o mensageiro da verdade. Ele lhe disse que a mensagem de Jesus, de Moisés e de todos os profetas se perderia e pediu-lhe que fosse pregar. Vendo os cristãos pregando política em nome de Jesus, vendo os persas pregando o dualismo, Maomé disse: "Nosso Deus é um só Deus. Ele é o Senhor de tudo o que existe. Não há comparação entre Ele e qualquer outro."

Deus é Deus. Não existe filosofia, nem código de ética complicado. "Nosso Deus é único e Maomé é o Profeta." ... Maomé começou a pregar nas ruas de Meca. ... Eles começaram a persegui-lo e ele fugiu para a cidade de [Medina]. Ele começou a lutar e toda a raça se uniu. [O Maomedanismo] inundou o mundo em nome do Senhor. O tremendo poder conquistador! ...

Você... as pessoas têm ideias muito duras e são tão supersticiosas e preconceituosas! Esses mensageiros devem ter vindo de Deus, caso contrário, como poderiam ter sido tão grandes? Você olha para cada defeito. Cada um de nós tem seus defeitos. Quem não tem? Posso apontar muitos defeitos nos judeus. Os ímpios estão sempre procurando defeitos. ... As moscas vêm e procuram a [úlcer], e as abelhas vêm apenas pelo mel da flor. Não siga o caminho da mosca, mas o da abelha....

Mohammed casou-se com várias esposas depois. Grandes homens podem casar com duzentas esposas cada. "Gigantes" como você, eu não permitiria que se casassem com uma só mulher. Os personagens das grandes almas são misteriosos e seus métodos estão além de nossa compreensão. Não devemos julgá-los. Cristo pode julgar Maomé. Quem somos você e eu? Bebezinhos. O que entendemos dessas grandes almas? ...

[O Maomedanismo] veio como uma mensagem para as massas. ... A primeira mensagem foi igualdade. ... Existe uma religião - o amor. Não há mais questão de raça, cor, [ou] qualquer outra coisa. Junte-se! Essa qualidade prática venceu. ... A grande mensagem era perfeitamente simples. Acredite em um Deus, o criador do céu e da terra. Tudo foi criado do nada por Ele. Não faça perguntas. ...

Seus templos são como igrejas protestantes. ... sem música, sem pinturas, sem imagens. Um púlpito no canto; sobre isso está o Alcorão. Todas as pessoas ficam na fila. Nenhum padre, nenhuma pessoa, nenhum bispo. ... O homem que ora deve ficar ao lado da audiência. Algumas partes são lindas. ...

Esses idosos eram todos mensageiros de Deus. Eu caio e os adoro; Eu tiro o pó dos seus pés. Mas eles estão mortos! ... E estamos vivos. Devemos ir em frente! ... A religião não é uma imitação de Jesus ou Maomé. Mesmo que uma imitação seja boa, nunca é genuína. Não seja uma imitação de Jesus, mas seja Jesus. Você é tão grande quanto Jesus, Buda ou qualquer outra pessoa. Se não estivermos... devemos lutar e ser. Eu não seria exatamente como Jesus. É desnecessário que eu nasça judeu. ...

A maior religião é ser fiel à sua própria natureza. Tenha fé em você mesmo! Se você não existe, como pode Deus existir, ou qualquer outra pessoa?

Onde quer que você esteja, é esta mente que percebe até o Infinito. Eu vejo Deus, portanto Ele existe. Se não consigo pensar em Deus, Ele não existe [para mim]. Esta é a grande marcha do nosso progresso humano.

Estas [grandes almas] são sinais no caminho. Isso é tudo que eles são. Eles dizem: “Avante, irmãos!” Nós nos apegamos a eles; nunca queremos nos mover. Não queremos pensar; queremos que os outros pensem por nós. Os mensageiros cumprem sua missão. Eles pedem para estar de pé e fazendo. Cem anos depois nos apegamos à mensagem e adormecemos.

Falar sobre fé, crença e doutrina é fácil, mas é muito difícil construir o caráter e conter a maré dos sentidos. Nós sucumbimos. Tornamo-nos hipócritas. ...

[Religião] não é uma doutrina, [não] uma regra. É um processo. Isso é tudo. [Doutrinas e regras] são todas para exercício. Através desse exercício ficamos fortes e finalmente rompemos os laços e nos tornamos livres. A doutrina não tem utilidade exceto para a ginástica. ... Através do exercício a alma se torna perfeita. Esse exercício é interrompido quando você diz: “Eu acredito”. ...

"Sempre que a virtude diminui e a imoralidade abunda, eu assumo a forma humana. Em todas as épocas venho para a salvação dos bons, para a destruição dos ímpios, para o estabelecimento da espiritualidade." (Gita, IV. 7-8.)

[Tais] são os grandes mensageiros da luz. Eles são nossos grandes professores, nossos irmãos mais velhos. Mas devemos seguir nosso próprio caminho!

1.4.18 VILVAMANGALA

(Encontrado nos papéis da senhorita S. E. Waldo por Swami Raghavananda quando ele estava nos EUA)

Esta é uma história de um dos livros da Índia, chamado "Vidas dos Santos". Havia um jovem, brâmane de nascimento, em uma certa aldeia. O homem

se apaixonou por uma mulher má de outra aldeia. Havia um rio grande entre as duas aldeias, e esse homem, todos os dias, ia até aquela garota, atravessando esse rio numa balsa. Agora, um dia ele teve que fazer as exéquias do pai, e por isso, embora estivesse com saudades, quase morrendo de vontade de ir até a menina, não pôde. As cerimônias tinham que ser realizadas, e todas essas coisas tinham que ser suportadas; é absolutamente necessário na sociedade hindu. Ele estava preocupado e furioso e tudo mais, mas não conseguia evitar. Por fim a cerimônia terminou e a noite chegou, e com a noite surgiu uma tremenda tempestade uivante. A chuva caía torrencialmente e o rio se agitava em ondas gigantescas. Era muito perigoso atravessar. Mesmo assim ele foi até a margem do rio. Não havia balsa. Os barqueiros tinham medo de atravessar, mas ele iria; seu coração estava ficando louco de amor pela garota, então ele iria. Tinha um tronco boiando, e ele pegou, e com a ajuda dele, atravessou o rio, e chegando do outro lado arrastou o tronco para cima, jogou na margem e foi até a casa. As portas estavam fechadas. Ele bateu na porta, mas o vento uivava e ninguém o ouviu. Então ele contornou as paredes e finalmente encontrou o que pensou ser uma corda pendurada na parede. Ele agarrou-se a ela, dizendo para si mesmo: “Oh, meu amor deixou uma corda para eu escalar”. Com a ajuda daquela corda ele pulou o muro, chegou ao outro lado, errou o equilíbrio e caiu, e o barulho despertou os moradores da casa, e a menina saiu e encontrou o homem desmaiado. Ela o reanimou e, percebendo que ele estava com um cheiro muito desagradável, disse: "Qual é o seu problema? Por que esse fedor em seu corpo? Como você entrou em casa?" Ele disse: “Por que meu amor não colocou aquela corda ali?” Ela sorriu e disse: "Que amor? Nós queremos dinheiro, e você acha que eu soltei uma corda para você, tolo que você é? Como você atravessou o rio?" "Ora, consegui um tronco de madeira." “Vamos ver”, disse a garota. A corda era uma cobra, uma serpente tremendamente venenosa, cujo menor toque é a morte. Tinha a cabeça enfiada num buraco e estava entrando quando o homem agarrou sua cauda e pensou que fosse uma corda. A loucura do amor o fez fazer isso. Quando a serpente tiver a cabeça na toca e o corpo fora, e você a agarrar, ela não deixará sair a cabeça; então o homem subiu por ela, mas a força do puxão matou a serpente. "Onde você conseguiu o registro?" "Estava flutuando rio abaixo." Era um cadáver purulento; o riacho o havia arrastado e ele tomou por um tronco, o que explicava por que ele tinha um odor tão desagradável. A

mulher olhou para ele e disse: "Nunca acreditei no amor; nós nunca acreditamos; mas, se isso não é amor, o Senhor tenha piedade de mim. Não sabemos o que é o amor. Mas, meu amigo, por que você dê esse coração a uma mulher como eu? Por que você não dá isso a Deus? Você será perfeito? Foi um raio no cérebro do homem. Ele teve um vislumbre do além por um momento. "Existe um Deus?" "Sim, sim, meu amigo, existe", disse a mulher. E o homem seguiu em frente, entrou numa floresta, começou a chorar e a orar. "Eu te quero, ó Senhor! Esta maré do meu amor não pode encontrar um receptáculo nos pequenos seres humanos. Eu quero amar onde este poderoso rio do meu amor pode ir, o oceano do amor; este tremendo rio caudaloso do meu amor não pode entrar em pequenos lagos, ele quer o oceano infinito. Tu estás lá; Então ele permaneceu lá por anos. Depois de anos pensando que tinha conseguido, ele se tornou um Sannyasin e veio para as cidades. Um dia ele estava sentado na margem de um rio, em um dos balneários, e uma linda jovem, esposa de um comerciante da cidade, com sua criada, veio e passou pelo local. O velho estava novamente dentro dele, o rosto bonito o atraiu novamente. O Iogue olhou e olhou, levantou-se e seguiu a menina até sua casa. Logo o marido apareceu e, vendo o Sannyasin com o traje amarelo, disse-lhe: "Entre, senhor, o que posso fazer por você?" O Iogue disse: "Vou lhe perguntar uma coisa terrível". "Pergunte qualquer coisa, senhor, eu sou um Grihastha (chefe de família), e qualquer coisa que alguém pedir, estou pronto para dar." "Eu quero ver sua esposa." O homem disse: "Senhor, o que é isso! Bem, eu sou puro, e minha esposa é pura, e o Senhor é uma proteção para todos. Bem-vindo; entre, senhor." Ele entrou e o marido o apresentou à esposa. "O que posso fazer para você?" perguntou a senhora. Ele olhou e olhou, e então disse: "Mãe, você pode me dar dois grampos do seu cabelo?" "Aqui estão eles." Ele os enfiou em seus dois olhos, dizendo: "Afastem-se, seus patifes! Doravante, nada de coisas carnavais para vocês. Se você quiser ver, veja o Pastor dos bosques de Vrindaban com os olhos da alma. Esses são todos os olhos que você tem. ." Então ele voltou para a floresta. Lá novamente ele chorou e chorou e chorou. Foi todo aquele grande fluxo de amor no homem que lutava para chegar à verdade, e finalmente conseguiu; ele deu a sua alma, o rio do seu amor, a direção certa, e ela chegou ao Pastor. A história conta que ele viu Deus na forma de Krishna. Então, pela primeira vez, ele lamentou ter perdido os olhos e só poder ter a visão interna. Ele escreveu alguns belos poemas de amor. Em todos os livros sânscritos, os escritores saúdam

primeiramente seus Gurus. Então ele saudou aquela garota como seu primeiro Guru.

1.4.19 A ALMA E DEUS

Este artigo foi taquigrafado por Ida Ansell. Como, no entanto, a velocidade de Swamiji era grande demais para ela em seus primeiros dias, pontos são colocados nos artigos para indicar as omissões, enquanto as palavras entre colchetes são acrescentadas para unir as partes desconectadas.

(Entregue em São Francisco, 23 de março de 1900)

Se foi o medo ou a mera curiosidade que primeiro levou o homem a pensar em poderes superiores a si mesmo, não precisamos discutir. ... Estes suscitaram na mente tendências peculiares de adoração, e assim por diante. Nunca houve [tempos na história da humanidade] sem [algum ideal] de adoração. Por que? O que nos faz lutar por algo além do que vemos – seja uma bela manhã ou o medo de espíritos mortos? ... Não precisamos voltar aos tempos pré-históricos, pois é um fato tão presente hoje como há dois mil anos. Não encontramos satisfação aqui. Qualquer que seja a nossa posição na vida – [mesmo que sejamos] poderosos e ricos – não conseguimos encontrar satisfação.

O desejo é infinito. Sua realização é muito limitada. Nossos desejos não têm fim; mas quando vamos cumpri-los, vem a dificuldade. Foi assim com as mentes mais primitivas, quando seus desejos eram [poucos]. Mesmo [estes] não puderam ser realizados. Agora, com as nossas artes e ciências melhoradas e multiplicadas, os nossos desejos também não podem ser satisfeitos. Por outro lado, estamos a lutar para aperfeiçoar meios para a realização dos desejos, e os desejos estão a aumentar. ...

O homem mais primitivo naturalmente queria ajuda externa para coisas que não conseguia realizar. ...Ele desejava algo e não pôde ser obtido. Ele queria ajuda de outros poderes. O homem primitivo mais ignorante e o homem mais culto de hoje, cada um apelando a Deus e pedindo a realização de algum desejo, são exatamente iguais. Que diferença? [Algumas pessoas] encontram muita diferença. Estamos sempre encontrando muita diferença

nas coisas quando não há diferença alguma. Ambos [o homem primitivo e o homem culto] pleiteiam o mesmo [poder]. Você pode chamá-lo de Deus, Alá ou Jeová. Os seres humanos querem algo e não conseguem com seus próprios poderes, e estão atrás de alguém que os ajude. Isso é primitivo e ainda está presente entre nós. ... Todos nascemos selvagens e gradualmente nos civilizamos. ... Todos nós aqui, se pesquisarmos, encontraremos o mesmo fato. Mesmo agora esse medo não nos abandona. Podemos falar alto, tornar-nos filósofos e tudo mais; mas quando chega o golpe, descobrimos que devemos implorar por ajuda. Acreditamos em todas as superstições que já existiram. [Mas] não há superstição no mundo [que não tenha alguma base de verdade]. Se eu cubro meu rosto e apenas a ponta do meu [nariz] fica à mostra, ainda assim fica um pouco do meu rosto. Então, [com] as superstições – os pequenos detalhes são verdadeiros.

Veja, o tipo mais inferior de manifestação religiosa veio com o enterro dos falecidos. ... Primeiro eles os embrulharam e os colocaram em montes, e os espíritos dos falecidos vieram e viveram nos [montes, à noite]. ... Então eles começaram a enterrá-los. ... No portão está uma deusa terrível com mil dentes. ... Então [veio] a queima do corpo e as chamas sustentaram o espírito. ... Os egípcios trouxeram comida e água para os que partiram.

A próxima grande ideia foi a dos deuses tribais. Esta tribo tinha um deus e aquela tribo outro. Os judeus tinham o seu Deus Jeová, que era o seu próprio deus tribal e lutava contra todos os outros deuses e tribos. Esse deus faria qualquer coisa para agradar seu próprio povo. Se ele matasse uma tribo inteira não protegida por ele, tudo bem, muito bom. Um pouco de amor foi dado, mas esse amor ficou confinado a uma pequena parte.

Gradualmente, surgiram ideais mais elevados. O chefe da tribo conquistadora era o Chefe dos chefes, Deus dos deuses. ... O mesmo aconteceu com os persas quando conquistaram o Egito. O imperador persa era o Senhor dos [senhores], e diante do imperador ninguém poderia resistir. A morte era a pena para quem olhasse para o imperador persa.

Então veio o ideal de Deus Todo-Poderoso e Todo-poderoso, o Governante onipotente e onisciente do universo: Ele vive no céu, e o homem presta homenagem especial ao seu Mais Amado, que cria tudo para o homem. O mundo inteiro é para o homem. O sol, a lua e as estrelas são [para ele].

Todos os que têm essas ideias são homens primitivos, nada civilizados e nada cultos. Todas as religiões superiores tiveram seu crescimento entre o Ganges e o Eufrates. ... Fora da Índia não encontraremos nenhum desenvolvimento adicional [da religião além desta ideia de Deus no céu]. Esse foi o maior conhecimento já obtido fora da Índia. Ali está o céu local onde ele está e [para onde] os fiéis irão quando morrerem. ... Pelo que vi, deveríamos chamá-la de uma ideia muito primitiva. ... Mumbo jumbo na África [e] Deus no céu - a mesma coisa. Ele move o mundo e, claro, a sua vontade está sendo feita em todos os lugares. ...

O antigo povo hebreu não se importava com nenhum céu. Essa é uma das razões pelas quais [se opuseram] a Jesus de Nazaré – porque ele ensinou a vida após a morte. Paraíso em sânscrito significa terra além desta vida. Então o paraíso deveria compensar todo esse mal. O homem primitivo não se importa com o mal. ... Ele nunca questiona por que deveria haver algum. ...

... A palavra diabo é uma palavra persa. ... Os persas e os hindus [compartilham a ascendência ariana] por motivos religiosos, e ... eles falavam a mesma língua, apenas as palavras que uma seita usa para o bem e a outra usa para o mal. A palavra Deva é uma antiga palavra sânscrita para Deus, a mesma palavra nas línguas arianas. Aqui a palavra significa o diabo. ...

Mais tarde, quando o homem desenvolveu [sua vida interior], ele começou a questionar e a dizer que Deus é bom. Os persas diziam que havia dois deuses – um era mau e o outro era bom. [A ideia deles era que] tudo nesta vida era bom: um país lindo, onde havia primavera quase o ano todo e ninguém morria; não havia doença, estava tudo bem. Então veio este Maligno e tocou a terra, e depois vieram a morte e as doenças e os mosquitos e os tigres e os leões. Então os arianos deixaram a sua pátria e migraram para o sul. Os velhos arianos devem ter vivido bem ao norte. Os judeus aprenderam [a ideia do diabo] com os persas. Os persas também ensinaram que chegará o dia em que esse deus perverso será morto, e é nosso dever permanecer com o deus bom e adicionar nossa força a ele nesta luta eterna entre ele e o deus mau. ... O mundo inteiro será queimado e todos ganharão um novo corpo.

A ideia persa era que até os ímpios seriam purificados e não seriam mais maus. A natureza do ariano era amor e poesia. Eles não conseguem pensar em serem queimados [para a eternidade]. Todos receberão novos corpos. Então não haverá mais morte. Então isso é o que há de melhor em ideias [religiosas] fora da Índia. ...

Junto com isso está a tensão ética. Tudo o que o homem precisa fazer é cuidar de três coisas: bom pensamento, boa palavra, boa ação. Isso é tudo. É uma religião prática e sábia. Já surgiu um pouco de poesia nisso. Mas existe poesia superior e pensamento superior.

Na Índia vemos este Satã na parte mais antiga dos Vedas. Ele simplesmente (aparece) e desaparece imediatamente. ... Nos Vedas, o deus mau recebeu um golpe e desapareceu. Ele se foi e os persas o levaram. Estamos tentando fazer com que ele deixe o mundo [al]juntos. Tomando a ideia persa, vamos fazer dele um cavalheiro decente; dê a ele um novo corpo. Houve o fim da ideia de Satanás na Índia.

Mas a ideia de Deus continuou; mas lembre-se, aí vem outro fato. A ideia de Deus cresceu lado a lado com a ideia do [materialismo] até que você a rastreou até o imperador da Pérsia. Mas por outro lado vem a metafísica, a filosofia. Há outra linha de pensamento, a ideia da própria alma [do Âtman não-dual, do homem]. Isso também cresce. Assim, fora da Índia, as ideias sobre Deus tiveram que permanecer naquela forma concreta até que a Índia viesse ajudá-los um pouco. ... As outras nações pararam com aquela velha ideia concreta. Neste país [América], há milhões que acreditam que Deus é [tem?] um corpo. ... Seitas inteiras dizem isso. [Eles acreditam que] Ele governa o mundo, mas há um lugar onde Ele tem um corpo. Ele está sentado em um trono. Eles acendem velas e cantam músicas assim como fazem em nossos templos.

Mas na Índia eles são sensatos o suficiente para nunca fazer [de seu Deus um ser físico]. Você nunca vê na Índia um templo de Brahmã. Por que? Porque a ideia de alma sempre existiu. A raça hebraica nunca questionou a alma. Não há nenhuma ideia de alma no Antigo Testamento. A primeira está no Novo Testamento. Os persas tornaram-se muito práticos – um povo maravilhosamente prático – uma raça lutadora e conquistadora. Eles eram o

povo inglês dos velhos tempos, sempre lutando e destruindo seus vizinhos – envolvidos demais nesse tipo de coisa para pensar na alma. ...

A ideia mais antiga da alma [era a de] um corpo sutil dentro deste corpo grosseiro. O bruto desaparece e o fino aparece. No Egito, aquele corpo excelente também morre, e assim que o corpo grosseiro se desintegra, o corpo excelente também se desintegra. É por isso que construíram aquelas pirâmides [e embalsamaram os cadáveres dos seus antepassados, esperando assim garantir a imortalidade aos que partiram]. ...

O povo indiano não tem nenhuma consideração pelo cadáver. [A atitude deles é:] "Vamos pegá-lo e queimá-lo." O filho tem que atear fogo ao corpo do pai. ...

Existem dois tipos de raças, a divina e a demoníaca. Os divinos pensam que são alma e espírito. Os demoníacos pensam que são corpos. Os antigos filósofos indianos tentaram insistir que o corpo não é nada. “Assim como um homem tira sua vestimenta velha e pega uma nova, da mesma forma o corpo velho é [abandonado] e ele pega um novo” (Gita, II. 22). No meu caso, todo o meu entorno e educação estavam tentando [me fazer] para o outro lado. Sempre estive associado aos maometanos e aos cristãos, que cuidam mais do corpo. ...

É apenas um passo [do corpo] para o espírito. ... [Na Índia] eles insistiram neste ideal da alma. Tornou-se [sinônimo de] a ideia de Deus. ... Se a ideia da alma começa a se expandir, [o homem deve chegar à conclusão de que ela está além do nome e da forma]. ... A ideia indiana é que a alma não tem forma. Qualquer que seja a forma, um dia ou outro irá quebrar. Não pode haver forma alguma a menos que seja o resultado da força e da matéria; e todas as combinações devem se dissolver. Se for esse o caso, [se] sua alma for [feita de nome e forma, ela se desintegra], e você morre, e não é mais imortal. Se for duplo, tem forma e pertence à natureza e obedece às leis naturais de nascimento e morte. ... Eles descobrem que esta [alma] não é a mente... nem um duplo. ...

Os pensamentos podem ser guiados e controlados. ... [Os Iogues da Índia] praticaram para ver até que ponto os pensamentos podem ser guiados e controlados. À força de trabalho árduo, os pensamentos podem ser

completamente silenciados. Se os pensamentos fossem [o verdadeiro homem], assim que o pensamento cessasse, ele deveria morrer. O pensamento cessa na meditação; até mesmo os elementos da mente estão bastante quietos. A circulação sanguínea para. Sua respiração para, mas ele não está morto. Se o pensamento fosse ele, tudo deveria acabar, mas eles descobrem que não vai. Isso é prático [prova]. Eles chegaram à conclusão de que mesmo a mente e o pensamento não eram o verdadeiro homem. Então a especulação mostrou que não poderia ser.

Eu venho, penso e falo. No meio de tudo [esta atividade está] esta unidade [do Eu]. Meu pensamento e ação são variados, muitos [vezes]... mas neles e através deles corre... aquele Uno imutável. Não pode ser o corpo. Isso está mudando a cada minuto. Não pode ser a mente; pensamentos novos e frescos [vêm] o tempo todo. Não é o corpo nem a mente. Tanto o corpo como a mente pertencem à natureza e devem obedecer às leis da natureza. Uma mente livre nunca o fará. ...

Agora, portanto, este homem real não pertence à natureza. É a pessoa cuja mente e corpo pertencem à natureza. Estamos usando muito da natureza. Assim como você passa a usar caneta, tinta e cadeira, ele usa muito da natureza em forma sutil e grosseira; forma grosseira, o corpo, e forma sutil, a mente. Se for simples, deve ser informe. Somente na natureza existem formas. Aquilo que não é da natureza não pode ter nenhuma forma, fina ou grosseira. Deve ser sem forma. Deve ser onipresente. Entenda isso. [Leve] este copo em cima da mesa. O copo é forma e a mesa é forma. Grande parte do vidro desaparece, grande parte da mesa [quando eles quebram]. ...

A alma... não tem nome porque não tem forma. Não irá para o céu nem [para o inferno], assim como não entrará neste copo. Assume a forma do recipiente que preenche. Se não estiver no espaço, qualquer uma das duas coisas é possível. Ou a [alma permeia] o espaço ou o espaço está nele. Você está no espaço e deve ter uma forma. O espaço nos limita, nos liga e faz de nós uma forma. Se você não está no espaço, o espaço está em você. Todos os céus e o mundo estão na pessoa. ...

Assim deve ser com Deus. Deus é onipresente. "Sem mãos [ele agarra] tudo; sem pés ele pode se mover. ..." (Shvetâshvatara Upanishad, III. 19.) Ele [é] o sem forma, o imortal, o eterno. A ideia de Deus veio. ... Ele é o

Senhor das almas, assim como minha alma é o [senhor] do meu corpo. Se minha alma deixasse o corpo, o corpo não existiria por um momento. Se Ele deixasse minha alma, a alma não existiria. Ele é o criador do universo; de tudo que morre Ele é o destruidor. Sua sombra é a morte; Sua sombra é a vida.

[Os antigos filósofos indianos] pensaram: ... Este mundo imundo não é adequado para a atenção do homem. Não há nada no universo que seja [permanente – nem bom nem mau]. ...

Eu lhe disse... Satanás... não teve muita chance [na Índia]. Por que? Porque eles eram muito ousados na religião. Eles não eram bebês. Você já viu essa característica das crianças? Eles estão sempre tentando jogar a culpa em outra pessoa. As mentes dos bebês [estão] tentando, quando cometem um erro, jogar a culpa em alguém [outra]. Por um lado, dizemos: “Dê-me isto; dê-me aquilo”. Por outro lado, dizemos: “Eu não fiz isso; o diabo me tentou. O diabo fez isso”. Essa é a história da humanidade, da humanidade fraca. ...

Por que o mal? Por que [o mundo] é um buraco imundo e sujo? Nós conseguimos. Ninguém é culpado. Colocamos a mão no fogo. O Senhor nos abençoe, [o homem recebe] exatamente o que merece. Só Ele é misericordioso. Se orarmos a Ele, Ele nos ajuda. Ele se entrega a nós.

Essa é a ideia deles. Eles são de natureza poética. Eles enlouquecem com poesia. Sua filosofia é poesia. Esta filosofia é um poema. ... Todo [pensamento elevado] em sânscrito é escrito em poesia. Metafísica, astronomia – tudo em poesia.

Somos responsáveis, e como chegamos ao mal? [Você pode dizer], “Nasci pobre e miserável. Lembro-me da dura luta durante toda a minha vida”. Os filósofos dizem que você é o culpado. Você não quer dizer que tudo isso surgiu sem qualquer causa? Você é um ser racional. Sua vida não é sem causa e você é a causa. Você fabrica sua própria vida o tempo todo. ... Você faz e molda sua própria vida. Você é responsável por si mesmo. Não coloque a culpa em ninguém, nenhum Satanás. Você só será punido um pouco mais. ...

[Um homem] é levado diante de Deus, e Ele diz: “Trinta e uma chicotadas para você,” ... quando chega outro homem. Ele diz: “Trinta chicotadas: quinze para aquele sujeito e quinze para o professor – aquele homem horrível que o ensinou”. Essa é a coisa horrível no ensino. Eu não sei o que vou conseguir. Eu vou por todo o mundo. Se eu tiver que ganhar quinze por cada um que ensinei!...

Temos que chegar a esta ideia: “Esta Minha Mâyâ é divina”. É Minha atividade [Minha] divindade. “[Meu Maya] é difícil de atravessar, mas aqueles que se refugiam em mim [vão além de Maya].” (Gita, VII. 14.) Mas você descobre que é muito difícil cruzar este oceano [de Maya] sozinho. Você não pode. É a velha questão – a galinha e o ovo. Se você fizer algum trabalho, esse trabalho se tornará a causa e produzirá o efeito. Esse efeito [novamente] torna-se a causa e produz o efeito. E assim por diante. Se você empurrar isso para baixo, isso nunca para. Depois de colocar algo em movimento, não há mais como parar. Eu faço algum trabalho, bom ou ruim, [e isso provoca uma reação em cadeia].... Não posso parar agora.

É impossível sairmos desta escravidão [sozinhos]. Só é possível se houver alguém mais poderoso do que esta lei de causalidade, e se ele tiver piedade de nós e nos arrastar para fora.

E declaramos que existe tal pessoa - Deus. Existe tal ser, todo misericordioso.... Se Deus existe, então é possível que eu seja salvo. Como você pode ser salvo por sua própria vontade? Você vê a filosofia da doutrina da salvação pela graça? Vocês, ocidentais, são maravilhosamente inteligentes, mas quando se comprometem a explicar a filosofia, tornam-se maravilhosamente complicados. Como você pode se salvar pelo trabalho, se por salvação você quer dizer que será tirado de toda esta natureza? Salvação significa apenas apoiar-se em Deus, mas se você entender o que significa salvação, então você é o Eu... Você não é a natureza. Você é a única coisa fora das almas, dos deuses e da natureza. Estas são as existências externas, e Deus [está] interpenetrando tanto a natureza quanto a alma.

Portanto, assim como minha alma é para meu corpo, nós, por assim dizer, somos os corpos de Deus. Deus-almas-natureza – é um. O Um, porque, como eu disse, quero dizer o corpo, a alma e a mente. Mas, como vimos, a lei da causalidade permeia cada pedacinho da natureza e, uma vez

apanhado, não é possível sair. Uma vez que você entra nas malhas da lei, uma possível forma de fuga não é [através do trabalho realizado] por você. Você pode construir hospitais para cada mosca e pulga que já viveu... Tudo isso você pode fazer, mas nunca levaria à salvação... [Os hospitais] sobem e descem novamente. [A salvação] só é possível se houver algum ser que a natureza nunca capturou, que seja o Governante da natureza. Ele governa a natureza em vez de ser governado pela natureza. Ele deseja a lei em vez de ser derrubado pela lei. ... Ele existe e é todo misericordioso. No momento em que você O buscar [Ele te salvará].

Por que Ele não nos tirou? Você não o quer. Você quer tudo menos Ele. No momento em que você O quiser, naquele momento você O alcançará. Nós nunca O queremos. Dizemos: "Senhor, dê-me uma bela casa". Queremos a casa, não Ele. "Dê-me saúde! Salve-me dessa dificuldade!" Quando um homem não quer nada além dele, [ele o consegue]. "O mesmo amor que os homens ricos têm pelo ouro, pela prata e pelas posses, Senhor, que eu tenha o mesmo amor por Ti. Não quero a terra nem o céu, nem a beleza nem o aprendizado. Não quero a salvação. Deixe-me ir para o inferno novamente e novamente. Mas uma coisa eu quero: amar-Te, e por amor - nem mesmo para o céu."

Tudo o que o homem deseja, ele consegue. Se você sempre sonha em ter um corpo, [você vai conseguir outro corpo]. Quando esse corpo vai embora ele quer outro e continua gerando corpo após corpo. Ame a matéria e você se tornará matéria. Você primeiro se torna um animal. Quando vejo um cachorro roendo um osso, digo: "Senhor, ajude-nos!" Ame o corpo até se tornar cachorro e gato! Ainda degenere, até se tornar mineral – todo corpo e nada mais....

Existem outras pessoas que não fariam concessões. O caminho para a salvação é através da verdade. Essa foi outra palavra de ordem. ...

[O homem começou a progredir espiritualmente] quando expulsou o diabo. Ele se levantou e assumiu a responsabilidade pela miséria do mundo sobre seus próprios ombros. Mas sempre que olhava [para o] passado e futuro e [para a] lei de causalidade, ele se ajoelhava e dizia: "Senhor, salva-me, [tu] que [é] nosso criador, nosso pai e nosso querido amigo". Isso é poesia, mas não uma poesia muito boa, eu acho. Por que não? É a pintura do Infinito

[sem dúvida]. Você tem em todas as línguas como eles pintam o Infinito. [Mas] é o infinito dos sentidos, dos músculos. ...

"[Ele] o sol [não ilumina], nem a lua, nem as estrelas, [nem] o relâmpago." (Katha Upanishad, II. ii. 15.) Essa é outra pintura do Infinito, através de linguagem negativa. ... E o último Infinito está pintado na espiritualidade dos Upanishads. O Vedanta não é apenas a filosofia mais elevada do mundo, mas é o maior poema....

Observe hoje que esta é a... diferença entre a primeira parte dos Vedas e a segunda. No primeiro, tudo está no [domínio do] sentido. Mas todas as religiões estão apenas [preocupadas com o] infinito do mundo externo – a natureza e o Deus da natureza... [Não é tão Vedanta]. Esta é a primeira luz que a mente humana lança de tudo isso. Nenhuma satisfação [vem] do infinito [no] espaço. "[O] Auto-existente [Um] [criou] os [sentidos voltados] ... para o mundo exterior. Aqueles, portanto, que [procuram] fora nunca encontrarão aquilo [que está dentro]. Existem poucos que , querendo conhecer a verdade, voltem seus olhos para dentro e em suas próprias almas contemplem a glória [do Ser]." (Katha Upanishad, II. i. 1.)

Não é o infinito do espaço, mas o verdadeiro Infinito, além do espaço, além do tempo... Tal é o mundo perdido pelo Ocidente... Suas mentes foram voltadas para a natureza externa e para o Deus da natureza. Olhe para dentro de você e encontre a verdade que você [esqueceu]. É possível que a mente saia deste sonho sem a ajuda dos deuses? Uma vez iniciada a ação, não há ajuda a não ser que o Pai misericordioso nos tire de lá.

Isso não seria liberdade, [mesmo] nas mãos do Deus misericordioso. Escravidão é escravidão. A corrente de ouro é tão ruim quanto a corrente de ferro. Há alguma saída?

Você não está vinculado. Ninguém nunca foi vinculado. [O Eu] está além. É tudo. Você é o único; não há dois. Deus era o seu próprio reflexo lançado na tela de Maya. O verdadeiro Deus [é o Eu]. Aquele [a quem o homem] adora ignorantemente é esse reflexo. [Eles dizem que] o Pai que está no céu é Deus. Porque Deus? [É porque Ele é] o seu próprio reflexo que [Ele] é Deus. Você vê como você está vendo Deus o tempo todo? À medida que você se desdobra, o reflexo fica [mais claro].

"Dois lindos pássaros estão sentados na mesma árvore. Aquele [é] calmo, silencioso, majestoso; aquele abaixo [do eu individual], está comendo os frutos, doces e amargos, e ficando feliz e triste. [Mas quando o eu individual contempla o Senhor adorado como seu próprio Eu verdadeiro, ele não sofre mais.]" (Mundaka Upanishad, III. i. 1-2.)

... Não diga "Deus". Não diga "Tu". Diga "eu". A linguagem do [dualismo] diz: "Deus, Tu, meu Pai". A linguagem [do não-dualismo] diz: "Mais querido para mim do que eu mesmo. Eu não teria nenhum nome para Ti. O mais próximo que posso usar é eu....

"Deus é verdadeiro. O universo é um sonho. Abençoado sou por saber neste momento que [fui e] serei livre por toda a eternidade; ... que sei que estou adorando apenas a mim mesmo; que nenhuma natureza, não a ilusão, teve algum poder sobre mim. Desaparece de mim a natureza, desapareça [estes] deuses; desapareça a adoração;... desapareça as superstições, pois eu sou o Infinito. ... Fulano de tal, responsabilidade, felicidade, miséria - desapareceram. Eu sou o Infinito. Como pode haver morte para mim, ou nascimento? A quem devo temer? é ter medo de [quem]? Eu sou a única Existência. Nada mais existe.

É apenas uma questão de memória [da sua verdadeira natureza], não de salvação pelo trabalho. Você consegue a salvação? Você [já] está livre.

Continue dizendo: "Eu sou livre". Não importa se no momento seguinte a ilusão vier e disser: "Estou preso". Deshipnotize tudo.

[Esta verdade] é a primeira a ser ouvida. Ouça primeiro. Pense nisso dia e noite. Preencha a mente [com isso] dia e noite: "Eu sou Isso. Eu sou o Senhor do universo. Nunca houve qualquer ilusão..." Medite sobre isso com toda a força da mente até que você realmente veja essas paredes. , casas, tudo, derretem - [até] o corpo, tudo, desaparece. "Eu ficarei sozinho. Eu sou o único." Continue lutando! "Quem se importa! Queremos ser livres; [nós] não queremos nenhum poder. Mundos aos quais renunciamos; céus que renunciamos; infernos que renunciamos. O que me importa com todos esses poderes, e isso e aquilo! O que me importa se a mente é controlada ou descontrolada! Deixe-a seguir em frente!

O sol [brilha sobre justos e injustos]. Ele é tocado pelo [caráter] defeituoso de alguém? "Eu sou Ele. O que quer que [minha] mente faça, eu não sou tocado. O sol não é tocado ao brilhar em lugares imundos, eu sou a Existência."

Esta é a religião da filosofia [não-dual]. [É difícil. Continue lutando! Abaixo todas as superstições! Nem professores, nem escrituras, nem deuses [existem]. Abaixo os templos, os sacerdotes, os deuses, as encarnações, o próprio Deus! Eu sou todo o Deus que já existiu! Pronto, levantem-se, filósofos! Sem medo! Não fale mais de Deus e da superstição do mundo. Somente a verdade triunfa, e isso é verdade. Eu sou o Infinito.

Todas as superstições religiosas são imaginações vãs. ... Esta sociedade, que vejo você diante de mim, e [que] estou falando com você - tudo isso é superstição; tudo deve ser abandonado. Basta ver o que é preciso para se tornar um filósofo! Este é o [caminho] do [Jnâna-] Yoga, o caminho através do conhecimento. Os outros [caminhos] são fáceis, lentos,... mas isso é pura força mental. Nenhum fraco [pode seguir este caminho do conhecimento. Você deve ser capaz de dizer:] "Eu sou a Alma, sempre livre; [eu] nunca estive preso. O tempo está em mim, não eu no tempo. Deus nasceu em minha mente. Deus, o Pai, Pai do universo - ele é criado por mim em minha própria mente...."

Vocês se autodenominam filósofos? Mostre! Pensem nisso, falem sobre isso e ajudem uns aos outros nesse caminho, e desistam de toda superstição!

1.4.20 RESPIRAÇÃO

Este artigo foi taquigrafado por Ida Ansell. Como, no entanto, a velocidade de Swamiji era grande demais para ela em seus primeiros dias, pontos são colocados nos artigos para indicar as omissões, enquanto as palavras entre colchetes são acrescentadas para unir as partes desconectadas.

(Entregue em São Francisco, 28 de março de 1900)

Os exercícios respiratórios são muito populares na Índia desde os tempos mais antigos, tanto que fazem parte de sua religião, assim como ir à igreja e

repetir certas orações... Tentarei apresentar essas idéias a vocês. .

Já lhe contei como o filósofo indiano reduz todo o universo em duas partes – Prâna e Âkâsha.

Prana significa força – tudo o que se manifesta como movimento ou possível movimento, força ou atração. ... Eletricidade, magnetismo, todos os movimentos do corpo, todos [os movimentos] da mente - tudo isso são várias manifestações de uma coisa chamada Prana. A melhor forma de Prana, porém, está [no cérebro], manifestando-se como luz [da compreensão]. Esta luz está sob a orientação do pensamento.

A mente deveria controlar cada pedaço de Prana que foi trabalhado no corpo... [A] mente deveria ter controle total do corpo. Esse não é [o caso] com todos. Com a maioria de nós é o contrário. A mente deve ser capaz de controlar cada parte [do corpo] à vontade. Isso é razão, filosofia; mas [quando] chegamos a questões de fato, não é assim. Para você, por outro lado, a carroça está na frente dos bois. É o corpo dominando a mente. Se meu dedo ficar preso, sinto muito. O corpo trabalha sobre a mente. Se acontecer alguma coisa que eu não gosto que aconteça, fico preocupado; minha mente [está] desequilibrada. O corpo é senhor da mente. Nós nos tornamos corpos. Não somos nada além de corpos agora.

Aí [vem] o filósofo para nos mostrar a saída, para nos ensinar o que realmente somos. Você pode raciocinar e compreender intelectualmente, mas há um longo caminho entre a compreensão intelectual e a realização prática disso. Entre a planta do edifício e o próprio edifício existe uma distância bastante longa. Portanto, deve haver vários métodos [para alcançar o objetivo da religião]. No último curso estudamos o método da filosofia, tentando colocar tudo sob controle, afirmando mais uma vez a liberdade da alma. ... "É muito difícil. Este caminho não é para [todos] os corpos. A mente corporificada tenta fazê-lo com grande dificuldade" (Gita, XII. 5).

Um pouco de ajuda física deixará a mente confortável. O que seria mais racional do que fazer com que a própria mente realizasse a tarefa? Mas isto não pode. A ajuda física é necessária para a maioria de nós. O sistema de Râja-Yoga consiste em utilizar essas ajudas físicas, fazer uso dos poderes e forças do corpo para produzir certos estados mentais, para tornar a mente

cada vez mais forte até que ela recupere seu império perdido. Por pura força de vontade, se alguém conseguir isso, tanto melhor. Mas a maioria de nós não consegue, por isso usaremos meios físicos e ajudaremos a vontade no seu caminho.

... Todo o universo é um tremendo caso de unidade na variedade. Existe apenas uma massa mental. Diferentes [estados] dessa mente têm nomes diferentes. [Eles são] pequenos redemoinhos diferentes neste oceano da mente. Somos universais e individuais ao mesmo tempo. Assim continua a peça... Na realidade, esta unidade nunca é quebrada. [Matéria, mente, espírito são todos um.]

Todos estes são apenas vários nomes. Existe apenas um fato no universo, e nós o encaramos de vários pontos de vista. O mesmo [fato] visto de um ponto de vista torna-se matéria. O mesmo, de outro ponto de vista, torna-se mente. Não existem duas coisas. Confundindo a corda com a cobra, o medo tomou conta [de um homem] e o fez chamar outra pessoa para matar a cobra. [Seu] sistema nervoso começou a tremer; seu coração começou a bater... Todas essas manifestações [vieram] do medo, e ele descobriu que era uma corda, e todas desapareceram. Isto é o que vemos na realidade. O que até os sentidos veem — o que chamamos de matéria — isso [também] é o Real; só que não como vimos. A mente [que] viu a corda [e] a considerou uma cobra não estava iludida. Se fosse, não teria visto nada. Uma coisa é tomada por outra, não como algo que não existe. O que vemos aqui é corpo, e tomamos o Infinito como matéria... Estamos apenas buscando essa Realidade. Nunca estamos iludidos. Sempre conhecemos a verdade, apenas a nossa leitura da verdade às vezes é errada. Você pode perceber apenas uma coisa de cada vez. Quando vejo a cobra, a corda desapareceu completamente. E quando vejo a corda, a cobra desapareceu. Deve ser uma coisa....

Quando vemos o mundo, como podemos ver Deus? Pense em sua própria mente. O que se entende por mundo é Deus visto como todas as coisas [pelos] nossos sentidos. Aqui você vê a cobra; a corda não é. Quando você conhece o Espírito, todo o resto desaparecerá. Quando você vê o próprio Espírito, você não vê matéria, porque aquilo que você chamou de matéria é a mesma coisa que é Espírito. Todas essas variações são [sobrepostas] pelos

nossos sentidos. O mesmo sol, refletido por mil pequenas ondas, representará para nós milhares de pequenos sóis. Se estou olhando para o universo com meus sentidos, interpreto-o como matéria e força. É um e muitos ao mesmo tempo. A variedade não destrói a unidade. Os milhões de ondas não destroem a unidade do oceano. Continua sendo o mesmo oceano. Ao olhar para o universo, lembre-se de que podemos reduzi-lo à matéria ou à força. Se aumentarmos a velocidade, a massa diminui. ... Por outro lado, podemos aumentar a massa e diminuir a velocidade.... Podemos quase chegar a um ponto em que toda a massa desaparecerá completamente. ...

Não se pode dizer que a matéria causa força, nem [pode] a força [ser] a causa da matéria. Ambos estão tão [relacionados] que um pode desaparecer no outro. Deve haver um terceiro [fator], e esse terceiro algo é a mente. Você não pode produzir o universo a partir da matéria, nem da força. A mente é algo que não é nem força nem matéria, mas que gera força e matéria o tempo todo. No longo prazo, a mente gera toda a força, e é isso que se entende por mente universal, a soma total de todas as mentes. Todos estão criando, e na soma total de todas essas criações você tem o universo – unidade na diversidade. É um e é muitos ao mesmo tempo.

O Deus Pessoal é apenas a soma total de tudo e, ainda assim, é um indivíduo por si só, assim como você é o corpo individual do qual cada célula é uma parte individual.

Tudo o que tem movimento está incluído no Prana ou força. [É] este Prana que move as estrelas, o sol, a lua; Prana é gravitação. ...

Todas as forças da natureza, portanto, devem ser criadas pela mente universal. E nós, como pequenos pedaços de mente, [estamos] retirando esse Prana da natureza, trabalhando-o novamente em nossa própria natureza, movendo nossos corpos e fabricando nosso pensamento. Se [você acha] que o pensamento não pode ser fabricado, pare de comer por vinte dias e veja como você se sente. Comece hoje e conte. ... Até o pensamento é fabricado pela comida. Não há dúvidas sobre isso.

O controle desse Prana que está trabalhando tudo, o controle desse Prana no corpo, se chama Prânâyâma. Vemos com o nosso bom senso que é a respiração que põe tudo em movimento. Se eu parar de respirar, eu paro. Se

a respiração começar, [o corpo] começa a se mover. O que queremos atingir não é a respiração em si; é algo mais sutil por trás da respiração.

[Era uma vez um ministro de um grande rei. O] rei, descontente com o ministro, ordenou que ele fosse confinado no topo de [uma torre muito alta. Isto foi feito, e o ministro foi deixado ali para morrer. Sua esposa veio à torre à noite e chamou o marido.] O ministro disse a ela: "Não adianta chorar." Ele disse a ela para levar um pouco de mel, [um besouro], um pacote de linha fina, um novelo de barbante e uma corda. Ela amarrou o fio fino em uma das patas do besouro e colocou mel no topo da cabeça dele e soltou [com a cabeça levantada]. [O besouro avançou lentamente, na esperança de alcançar o mel, até que finalmente chegou ao topo da torre, quando o ministro agarrou o besouro e tomou posse do fio de seda, depois do fio de embalagem, depois do fio resistente. , e por último da corda. O ministro desceu da torre por meio da corda e escapou. Neste nosso corpo o movimento da respiração é o “fio de seda”; ao agarrá-lo, agarramos o fio das correntes nervosas e, a partir deles, o fio robusto de nossos pensamentos e, por último, a corda do Prana, controlando a qual alcançamos a liberdade. (Vide ante.)

Com a ajuda das coisas no plano material, temos que chegar a [percepções] cada vez mais refinadas. O universo é um, qualquer que seja o ponto que você toque. Todos os pontos são apenas variações desse ponto. Em todo o universo existe uma unidade (no fundo)... Mesmo através de uma coisa tão grosseira como a respiração, posso apoderar-me do próprio Espírito.

Pelo exercício da respiração começamos a sentir todos os movimentos do corpo que [agora] não sentimos. Assim que começamos a senti-los, começamos a dominá-los. Os pensamentos no germe se abrirão para nós e seremos capazes de controlá-los. É claro que nem todos temos a oportunidade, nem a vontade, nem a paciência, nem a fé para perseguir tal coisa; mas existe a ideia de bom senso que traz algum benefício para todos.

O primeiro benefício é a saúde. Noventa e nove por cento de nós não respiramos adequadamente. Não inflam os pulmões o suficiente... A regularidade [da respiração] purificará o corpo. Isso acalma a mente... Quando você está em paz, sua respiração prossegue pacificamente, [é] rítmica. Se a respiração for rítmica, você deve estar em paz. Quando a

mente está perturbada, a respiração fica interrompida. Se você consegue trazer o ritmo da respiração à força através da prática, por que não consegue ficar em paz? Quando você for incomodado, entre na sala e feche a porta. Não tente controlar a mente, mas continue com a respiração rítmica por dez minutos. O coração ficará em paz. Esses são benefícios de bom senso que chegam a todos. Os outros pertencem ao Yogi....

Exercícios de respiração profunda [são apenas o primeiro passo]. Existem cerca de oitenta e quatro [posturas para] vários exercícios. Algumas [pessoas] adotaram essa respiração como toda a [busca] da vida. Eles não fazem nada sem consultar a respiração. Eles ficam o tempo todo [observando] em qual narina tem mais fôlego. Quando for a direita, [eles] farão certas coisas, e quando [for] a esquerda, eles farão outras coisas. Quando [a respiração] fluir igualmente por ambas as narinas, eles adorarão.

Quando a respiração vem ritmicamente pelas duas narinas, é hora de controlar sua mente. Por meio da respiração você pode fazer com que as correntes do corpo se movam através de qualquer parte do corpo, apenas [à vontade]. Sempre que [qualquer] parte do corpo estiver doente, envie o Prana para essa parte, tudo através da respiração.

Várias outras coisas são feitas. Existem seitas que tentam não respirar. Eles não fariam nada que os fizesse respirar com dificuldade. Eles entram numa espécie de transe... Quase nenhuma parte do corpo [funciona]. O coração quase para [de bater].... A maioria desses exercícios é muito perigosa; os métodos superiores [são] para adquirir poderes superiores. Existem seitas inteiras tentando [iluminar] todo o corpo pela retirada da respiração e então eles se erguerão no ar. Nunca vi ninguém subir... Nunca vi ninguém voar pelo ar, mas os livros dizem isso. Não pretendo saber tudo. O tempo todo estou vendo coisas maravilhosas... [Uma vez observei um] homem trazendo frutas e flores, etc. [do nada].

... O Iogue, quando se torna perfeito, pode tornar seu corpo tão pequeno que atravessará esta parede - este mesmo corpo. Ele pode ficar tão pesado que duzentas pessoas não conseguem levantá-lo. Ele poderá voar pelo ar se quiser. [Mas] ninguém pode ser tão poderoso quanto o próprio Deus. Se pudessem, e um criasse, outro destruiria....

Isso está nos livros. Eu [mal posso] acreditar neles, nem desacreditá-los. O que eu vi eu levo....

Se o estudo [melhorar?] das coisas neste mundo é possível, não é pela competição, é pela regulação da mente. Os ocidentais dizem: “Essa é a nossa natureza; não podemos evitar”. Estudando seus problemas sociais, [concluo] que você também não pode resolvê-los. Em algumas coisas você está pior do que nós, ... e todas essas coisas não levam o mundo a lugar nenhum...

Os fortes levam tudo; os fracos vão para a parede. Os pobres estão esperando.... O homem que pode levar, levará tudo. Os pobres odeiam aquele homem. Por que? Porque eles estão esperando sua vez. Todos os sistemas que inventam ensinam a mesma coisa. O problema só pode ser resolvido na mente do homem.... Nenhuma lei jamais o obrigará a fazer o que ele não quer. ... Só se [o homem] quiser ser bom é que ele será bom. Toda a lei e os júrís... não podem torná-lo bom. O homem todo-poderoso diz: “Eu não me importo”. ... A única solução é se todos quisermos ser bons. Como isso pode ser feito?

Todo conhecimento está dentro da mente. Quem viu o conhecimento na pedra ou a astronomia na estrela? Está tudo no ser humano.

Vamos perceber [que] somos o poder infinito. Quem colocou um limite ao poder da mente? Vamos perceber que somos todos mente. Cada gota contém todo o oceano. Essa é a mente do homem. A mente indiana reflete sobre estes [poderes e potencialidades] e quer trazê-los todos para fora. Para si mesmo, ele não se importa com o que acontece. Levará muito tempo [para alcançar a perfeição]. Se levar cinquenta mil anos, que tal! ...

A própria fundação da sociedade, a sua formação, produz o defeito. [A perfeição] só é possível se a mente do homem for mudada, se ele, por sua doce vontade, mudar de ideia; e a grande dificuldade é que ele também não consegue forçar sua própria mente.

Você pode não acreditar em todas as afirmações deste Raja-Yoga. É absolutamente necessário que cada indivíduo possa tornar-se divino. Isso só é [possível] quando cada indivíduo tem domínio absoluto sobre seus

próprios pensamentos... [Os pensamentos, os sentidos] deveriam ser todos meus servos, não meus senhores. Só então será possível que os males desapareçam....

A educação não está enchendo a mente com muitos fatos. Aperfeiçoar o instrumento e obter domínio completo da minha própria mente [é o ideal da educação]. Se eu quiser concentrar minha mente em um ponto, ela vai até lá, e no momento em que eu chamo, ela está livre [de novo]....

Essa é a grande dificuldade. Através de uma grande luta obtemos um certo poder de concentração, o poder de apego da mente a certas coisas. Mas então não existe o poder do desapego. Eu daria metade da minha vida para tirar minha mente daquele objeto! Eu não posso. É o poder de concentração e apego, bem como o poder de desapego [que devemos desenvolver]. [Se] o homem [é] igualmente poderoso em ambos – esse homem atingiu a masculinidade. Você não pode torná-lo infeliz, mesmo que o universo inteiro caia em seus ouvidos. Que livros podem te ensinar isso? Você pode ler qualquer quantidade de livros... Coloque na criança cinquenta mil palavras por momento, ensine-lhe todas as teorias e filosofias... Há apenas uma ciência que lhe ensinará fatos, e essa ciência é a psicologia... . E o trabalho começa com o controle da respiração.

Lenta e gradualmente você entra nas câmaras da mente e gradualmente obtém o controle da mente. É uma luta longa e [dura]. Não deve ser considerado algo curioso. Quando alguém quer fazer alguma coisa, ele tem um plano. [Raja-Yoga] não propõe nenhuma fé, nenhuma crença, nenhum Deus. Se você acredita em dois mil deuses, pode tentar isso. Por que não? ... [Mas no Raja-Yoga] são princípios impessoais.

A maior dificuldade é qual? Falamos e teorizamos A grande maioria da humanidade tem de lidar com coisas que são concretas. Pois as pessoas estúpidas não conseguem ver toda a filosofia mais elevada. Assim termina. Você pode ser formado em todas as ciências do mundo, ... mas se ainda não percebeu, deve se tornar um bebê e aprender.

... Se você lhes dá coisas abstratas e infinitas, eles se perdem. Dê-lhes coisas [para fazer], um pouco de cada vez [Diga-lhes:] "Você respira tantas vezes, você faz isso." Eles continuam, [eles] entendem isso e encontram

prazer nisso. Estes são os jardins de infância da religião. É por isso que os exercícios respiratórios serão tão benéficos. Peço a todos que não sejam apenas curiosos. Pratique alguns dias, e se você não encontrar nenhum benefício, então venha e me amaldiçoe....

Todo o universo é uma massa de energia e está presente em todos os pontos. Um grão é suficiente para todos nós, se soubermos como conseguir o que existe....

Esse ter que fazer é o veneno que está nos matando.... [O dever é] o que agrada aos escravos.... [Mas] eu sou livre! O que eu faço é minha peça. [Eu não sou um escravo. Estou] me divertindo um pouco – isso é tudo....

Os espíritos que partiram - eles são fracos, estão tentando obter vitalidade de nós....

A vitalidade espiritual pode ser transmitida de uma mente para outra. O homem que dá é o Guru. O homem que recebe é o discípulo. Essa é a única maneira pela qual a verdade espiritual é trazida ao mundo.

[Na morte] todos os sentidos vão para a [mente] e a mente vai para Prana, vitalidade. A alma sai e leva consigo parte da mente. Ele carrega uma certa parte da vitalidade e também uma certa quantidade de material muito fino, como o germe do corpo espiritual. O Prana não pode existir sem algum tipo de [veículo].... Ele se aloja nos pensamentos e sairá novamente. Então você fabrica esse novo corpo e esse novo cérebro. Através disso ele se manifestará....

[Espíritos falecidos] não podem fabricar um corpo; e aqueles que são muito fracos não se lembram de que estão mortos... Eles tentam obter mais prazer desta vida [espiritual] entrando nos corpos de outras pessoas, e qualquer pessoa que abra seu corpo para eles corre um risco terrível. . Eles buscam sua vitalidade....

Neste mundo nada é permanente exceto Deus.... Salvação significa conhecer a verdade. Não nos tornamos nada; nós somos o que somos. A salvação [vem] pela fé e não pelo trabalho. É uma questão de conhecimento! Você deve saber o que você é, e está feito. O sonho

desaparece. Isso você [e outros] estão sonhando aqui. Quando eles morrem, eles vão para o céu [do seu sonho]. Eles vivem esse sonho, e [quando acaba], levam um corpo bonito [aqui], e são gente boa....

[O homem sábio diz:] "Todos esses [desejos] desapareceram de mim. Desta vez não vou usar toda essa parafernália." Ele tenta obter conhecimento e luta muito, e vê que sonho, que pesadelo é este - [esse sonho], e está construindo céus e mundos e coisas piores. Ele ri disso.

[De acordo com SWAMI VIVEKANANDA, SUA SEGUNDA VISITA AO OESTE (P. 461), este discurso foi proferido em 29 de março de 1900 sob o título "A Ciência da Respiração". -Ed.]

1.4.21 RELIGIÃO PRÁTICA: RESPIRAÇÃO E MEDITAÇÃO

Este artigo foi taquigrafado por Ida Ansell. Como, no entanto, a velocidade de Swamiji era grande demais para ela em seus primeiros dias, pontos são colocados nos artigos para indicar as omissões, enquanto as palavras entre colchetes são acrescentadas para unir as partes desconectadas.

(Entregue em São Francisco, 5 de abril de 1900)

A idéia que cada um tem da religião prática está de acordo com sua teoria da praticidade e com o ponto de vista a partir do qual ele parte. Há trabalho. Existe o sistema de adoração. Existe conhecimento.

O filósofo pensa... a diferença entre escravidão e liberdade só é causada pelo conhecimento e pela ignorância. Para ele, o conhecimento é a meta, e sua praticidade é obter esse conhecimento.... A religião prática do adorador é o poder do amor e da devoção. A religião prática do trabalhador consiste em praticar boas obras. E assim, como em qualquer outra coisa, estamos sempre tentando ignorar o padrão do outro, tentando vincular o mundo inteiro ao nosso padrão.

Fazer o bem ao próximo é a religião prática do homem cheio de amor. Se os homens não ajudam a construir hospitais, ele pensa que eles não têm religião alguma. Mas não há razão para que todos devam fazer isso. O

filósofo, da mesma forma, pode denunciar todo homem que não possui conhecimento. As pessoas podem construir vinte mil hospitais, e o filósofo declara que eles são apenas... bestas de carga dos deuses. O adorador tem sua própria ideia e padrão: Homens que não conseguem amar a Deus não são bons, seja qual for o trabalho que façam. O [Yogi acredita no] [controle] psíquico e na conquista da natureza [interna]. "Quanto você ganhou com isso? Quanto controle sobre seus sentidos, sobre seu corpo?" - isso é tudo que o Yogi pergunta. E, como dissemos, cada um julga os outros pelo seu próprio padrão. Os homens podem ter doado milhões de dólares e alimentado ratos e gatos, como alguns fazem na Índia. Dizem que os homens podem cuidar de si mesmos, mas os pobres animais não. Essa é a ideia deles. Mas para o Yogue o objetivo é a conquista da natureza [interna], e ele julga o homem por esse padrão....

Estamos sempre falando [sobre] religião prática. Mas deve ser prático no nosso sentido. Especialmente [assim] nos países ocidentais. O ideal dos protestantes são as boas obras. Eles não se importam muito com devoção e filosofia. Eles acham que não há muito nisso. "Qual é o seu conhecimento!" [eles dizem]. "O homem tem que fazer alguma coisa!" ... Um pouco de humanitarismo! As igrejas protestam dia e noite contra o agnosticismo insensível. No entanto, eles parecem estar se voltando rapidamente para isso. Escravos insensíveis! Religião da utilidade! Esse é o espírito agora. E é por isso que alguns budistas se tornaram tão populares no Ocidente. As pessoas não sabem se existe um Deus ou não, se existe uma alma ou não. [Eles pensam:] Este mundo está cheio de miséria. Tente ajudar este mundo.

A doutrina do Yoga, sobre a qual estamos palestrando, não é desse ponto de vista. [Ensina que] existe a alma, e dentro desta alma está todo o poder. Já está aí, e se conseguirmos dominar este corpo, todo o poder será desenvolvido. Todo conhecimento está na alma. Por que as pessoas estão lutando? Para diminuir a miséria... Toda infelicidade é causada por não termos domínio sobre o corpo... Todos nós estamos colocando a carroça na frente dos bois... Tomemos o sistema de trabalho, por exemplo. Estamos tentando fazer o bem... confortando os pobres. Não chegamos à causa que criou a miséria. É como pegar um balde para esvaziar o oceano, e mais [água] chega o tempo todo. O Yogi vê que isso é um absurdo. [Ele diz que] a saída da miséria é conhecer primeiro a causa da miséria... Tentamos fazer

o bem que podemos. Pelo que? Se existe uma doença incurável, por que deveríamos lutar e cuidar de nós mesmos? Se os utilitaristas disserem: “Não se preocupem com a alma e com Deus!” o que é isso para o Yogi e o que é para o mundo? O mundo não obtém nenhum bem [de tal atitude]. Mais e mais miséria está acontecendo o tempo todo....

O Yogi diz que você deve ir à raiz de tudo isso. Por que existe miséria no mundo? Ele responde: "É tudo uma tolice nossa, não termos o domínio adequado de nossos próprios corpos. Isso é tudo." Ele aconselha os meios pelos quais esta miséria pode ser [superada]. Se você conseguir assim dominar o seu corpo, toda a miséria do mundo desaparecerá. Todos os hospitais estão rezando para que mais e mais pessoas doentes cheguem lá. Cada vez que você pensa em fazer alguma caridade, você pensa que há algum mendigo para aceitar sua caridade. Se você disser: “Ó Senhor, deixe o mundo estar cheio de pessoas caridosas!” - você quer dizer, deixe o mundo ficar cheio de mendigos também. Deixe o mundo estar cheio de boas obras – deixe o mundo estar cheio de miséria. Isso é servilismo total!

... O Iogue diz que a religião é prática se você souber primeiro por que existe a miséria. Toda a miséria do mundo está nos sentidos. Existe alguma doença no sol, na lua e nas estrelas? O mesmo fogo que cozinha a sua refeição queima a criança. A culpa é do incêndio? Bendito seja o fogo! Abençoada seja esta eletricidade! Dá luz.... Onde você pode colocar a culpa? Não nos elementos. O mundo não é bom nem mau; o mundo é o mundo. O fogo é o fogo. Se você queimar o dedo nisso, você é um tolo. Se você [prepara sua refeição e com ela sacia sua fome], você é um homem sábio. Essa é toda a diferença. As circunstâncias nunca podem ser boas ou más. Somente o homem individual pode ser bom ou mau. O que significa o mundo ser bom ou ruim? A miséria e a felicidade só podem pertencer ao homem individual sensual.

Os Yogis dizem que a natureza é apreciada; a alma é o desfrutador. Toda miséria e felicidade – onde está? Nos sentidos. É o toque dos sentidos que causa prazer e dor, calor e frio. Se pudermos controlar os sentidos e ordenar o que eles devem sentir – e não permitir que eles nos ordenem como estão fazendo agora – se eles puderem obedecer aos nossos comandos, tornarem-se nossos servos, o problema será resolvido imediatamente. Estamos limitados pelos sentidos; eles brincam conosco, nos fazem de idiotas o tempo todo.

Aqui está um mau cheiro. Isso me trará infelicidade assim que tocar meu nariz. Eu sou escravo do meu nariz. Se não sou seu escravo, não me importo. Um homem me amaldiçoa. Suas maldições entram em meus ouvidos e ficam retidas em minha mente e corpo. Se eu for o mestre, direi: "Deixe essas coisas passarem; elas não são nada para mim. Não sou infeliz. Não me incomoda." Esta é a verdade absoluta, pura, simples e clara.

O outro problema a ser resolvido é: é prático? O homem pode alcançar o poder do domínio do corpo? ... Yoga diz que é prático... Supondo que não seja - suponha que haja dúvidas em sua mente. Você tem que tentar. Não há outra saída....

Você pode fazer boas obras o tempo todo. Mesmo assim, você será escravo dos seus sentidos, será miserável e infeliz. Você pode estudar a filosofia de todas as religiões. Os homens neste país carregam muitos e muitos livros

nas costas. São meros estudiosos, escravos dos sentidos e, portanto, felizes e infelizes. Eles leram dois mil livros, e está tudo bem; mas assim que surge um pouco de miséria, eles ficam preocupados, ansiosos... Vocês se dizem homens! Você se levanta... e constrói hospitais. Vocês são tolos!

Qual é a diferença entre homens e animais? ... "Comida e [sono], procriação da espécie e medo existem em comum com os animais. Há uma diferença: o homem pode controlar tudo isso e se tornar Deus, o mestre." Os animais não podem fazer isso. Os animais podem fazer trabalhos de caridade. As formigas fazem isso. Os cães fazem isso. Qual é a diferença então? Os homens podem ser senhores de si mesmos. Eles podem resistir à reação a qualquer coisa.... O animal não consegue resistir a nada. Ele é mantido... pelo fio da natureza em todos os lugares. Essa é toda a distinção. Um é o senhor da natureza, o outro o escravo da natureza. O que é a natureza? Os cinco sentidos....

[A conquista da natureza interna] é a única saída, de acordo com o Yoga.... A sede de Deus é religião.... Boas obras e tudo o que [apenas] acalma um pouco a mente. Praticar isso – ser perfeito – tudo depende do nosso passado. Tenho estudado [Yoga] durante toda a minha vida e ainda fiz muito pouco progresso. Mas tenho [resultado] suficiente para acreditar que este é o único caminho verdadeiro. Chegará o dia em que serei dono de mim mesmo. Se não nesta vida, [em outra vida]. Vou lutar e nunca desistir. Nada está perdido. Se eu morrer neste momento, todas as minhas lutas passadas [virão em minha ajuda]. Você não viu o que faz a diferença entre um homem e outro? É o passado deles. Os hábitos passados fazem de um homem um gênio e de outro um tolo. Você pode ter o poder do passado e ter sucesso em cinco minutos. Ninguém pode prever o momento. Todos nós temos que atingir a [perfeição] em algum momento.

A maior parte das lições práticas que o Iogue nos dá está na mente, no poder de concentração e meditação... Tornamo-nos muito materialistas. Quando pensamos em nós mesmos, encontramos apenas o corpo. O corpo tornou-se o ideal, nada mais. Portanto, um pouco de ajuda física é necessária....

Primeiro, sente-se numa postura em que você possa ficar sentado imóvel por muito tempo. Todas as correntes nervosas em funcionamento passam ao

longo da coluna. A coluna não foi projetada para suportar o peso do corpo. Portanto a postura deve ser tal que o peso do corpo não recaia sobre a coluna. Deixe-o estar livre de toda pressão.

Existem algumas outras coisas preliminares. Existe a grande questão da alimentação e do exercício....

A alimentação deve ser simples e ingerida várias vezes [ao dia], em vez de uma ou duas vezes. Nunca fique com muita fome. "Aquele que come demais não pode ser um Iogue. Quem jejua demais não pode ser um Iogue. Quem dorme demais não pode ser um Iogue, nem aquele que fica muito acordado." (Gita, VI. 16.) Aquele que não faz nenhum trabalho e aquele que trabalha demais não pode ter sucesso. Alimentação adequada, exercícios adequados, sono adequado, vigília adequada – são necessários para qualquer sucesso.

Qual é o alimento adequado, de que tipo, temos que determinar por nós mesmos. Ninguém pode determinar isso [para nós]. Como prática geral, temos que evitar alimentos excitantes.... Não sabemos como variar a nossa dieta com a nossa ocupação. Sempre esquecemos que é com o alimento que fabricamos tudo o que temos. Portanto, a quantidade e o tipo de energia que queremos, a comida deve determinar....

Nem todos os exercícios violentos são necessários.... Se você quer ser musculoso, o Yoga não é para você. Você tem que fabricar um organismo melhor do que o que tem agora. Exercícios violentos são positivamente prejudiciais... Viva entre aqueles que não fazem muito exercício. Se você não praticar exercícios violentos, viverá mais. Você não quer queimar sua lâmpada nos músculos! Pessoas que trabalham com o cérebro são as que vivem mais.... Não acenda a lâmpada rapidamente. Deixe queimar lenta e suavemente... Cada ansiedade, cada exercício violento – físico e mental – [significa] que você está queimando a lâmpada.

A dieta adequada significa, geralmente, simplesmente não comer alimentos muito condimentados. Existem três tipos de mente, diz o Yogue, de acordo com os elementos da natureza. Uma é a mente embotada, que cobre a luminosidade da alma. Depois, há aquilo que torna as pessoas ativas e, por último, aquilo que as torna calmas e pacíficas.

Agora há pessoas que nascem com tendência a dormir o tempo todo. Seu gosto será voltado para aquele tipo de comida que está apodrecendo – queijo rastejante. Eles comerão queijo que salta da mesa. É uma tendência natural deles.

Depois, pessoas ativas. Seu gosto é por tudo que é quente e picante, álcool forte....

As pessoas Sâttvika são muito atenciosas, quietas e pacientes. Eles comem comida em pequenas quantidades e nunca nada de ruim.

Sempre me fazem a pergunta: "Devo desistir da carne?" Meu Mestre disse: "Por que você deveria desistir de alguma coisa? Ela desistirá de você." Não desista de nada na natureza. Torne-o tão quente para a natureza que ela desistirá de você. Chegará um momento em que você não poderá comer carne. A simples visão disso irá enojá-lo. Chegará um momento em que muitas coisas das quais você está lutando para abandonar serão desagradáveis, positivamente repugnantes.

Depois, há vários tipos de exercícios respiratórios. Um consiste em três partes: inspirar, prender a respiração – parar sem respirar – e expirar. [Alguns exercícios respiratórios] são bastante difíceis, e alguns dos complicados apresentam grande perigo se forem feitos sem dieta adequada. Eu não aconselharia você a passar por nenhum desses, exceto os muito simples.

Respire fundo e encha os pulmões. Expire lentamente o ar. Pegue por uma narina e encha os pulmões, e jogue fora lentamente pela outra narina. Alguns de nós não respiramos profundamente o suficiente. Outros não conseguem encher os pulmões o suficiente. Essas respirações corrigirão isso muito. Meia hora pela manhã e meia hora à noite farão de você outra pessoa. Esse tipo de respiração nunca é perigoso. Os demais exercícios devem ser praticados bem devagar. E meça sua força. Se dez minutos são um desperdício, leve apenas cinco.

Espera-se que o Yogi mantenha seu próprio corpo bem. Esses vários exercícios respiratórios são de grande ajuda na regulação das diferentes partes do corpo. Todas as diferentes partes são inundadas de respiração. É

através da respiração que ganhamos controle de todos eles. A desarmonia em partes do corpo é controlada por um maior fluxo de correntes nervosas em direção a elas. O Yogi deve ser capaz de dizer quando, em qualquer parte, a dor é causada por menos ou mais vitalidade. Ele tem que igualar isso....

Outra condição [para o sucesso no Yoga] é a castidade. É a pedra angular de toda prática. Casado ou solteiro – castidade perfeita. É um assunto longo, claro, mas quero dizer-vos: as discussões públicas sobre este assunto não agradam a este país. Estes países ocidentais estão cheios dos seres mais degradados, na forma de professores que ensinam a homens e mulheres que, se forem castos, serão feridos. Como eles reúnem tudo isso? ... As pessoas vêm até mim - milhares vêm todos os anos - com esta pergunta. Alguém lhes disse que se forem castos e puros serão feridos fisicamente... Como é que estes professores sabem disso? Eles foram castos? Esses tolos impuros e impuros, criaturas lascivas, querem arrastar o mundo inteiro ao seu [nível]! ...

Nada se ganha exceto pelo sacrifício... A função mais sagrada da nossa consciência humana, a mais nobre, não a torne impura! Não o degradem ao nível dos brutos... Tornem-se homens decentes! ... Seja casto e puro! ... Não há outro caminho. Cristo encontrou algum outro caminho? ... Se você consegue conservar e usar a energia de maneira adequada, ela o leva a Deus. Invertido, é o próprio inferno....

É muito mais fácil fazer qualquer coisa no plano externo, mas o maior conquistador do mundo se torna uma mera criança quando tenta controlar sua própria mente. Este é o mundo que ele tem de conquistar – o mundo maior e mais difícil de conquistar. Não se desespere! Acorde, levante-se e não pare até que a meta seja alcançada!...

VOLUME 2

PREFÁCIO À DÉCIMA EDIÇÃO

A seção 'Reports in American Newspapers', adicionada recentemente, é de Swami Vivekananda in America: New Discoveries, com direitos autorais da Vedanta Society of Northern California, São Francisco, EUA. O Índice, introduzido na oitava edição, é revisado para incluir as novas referências .

EDITOR

Junho de 1963

2.1 TRABALHO E SEU SEGREDO

(Entregue em Los Angeles, Califórnia, 4 de janeiro de 1900)

Uma das maiores lições que aprendi na minha vida é prestar tanta atenção aos meios de trabalho quanto ao seu fim. Ele foi um grande homem com quem aprendi isso, e sua própria vida foi uma demonstração prática desse grande princípio. Tenho sempre aprendido grandes lições desse princípio, e parece-me que todo o segredo do sucesso está aí; prestar tanta atenção aos meios quanto ao fim.

Nosso grande defeito na vida é que somos tão atraídos pelo ideal, o objetivo é tão mais encantador, tão mais atraente, tão maior em nosso horizonte mental, que perdemos completamente de vista os detalhes.

Mas sempre que o fracasso ocorre, se o analisarmos criticamente, em noventa e nove por cento dos casos descobriremos que foi porque não prestamos atenção aos meios. A devida atenção ao acabamento, ao fortalecimento dos meios é o que precisamos. Com os meios corretos, o fim deve chegar. Esquecemos que é a causa que produz o efeito; o efeito não pode surgir por si só; e a menos que as causas sejam exatas, adequadas e

poderosas, o efeito não será produzido. Uma vez escolhido o ideal e determinados os meios, quase podemos abandonar o ideal, porque temos a certeza de que ele estará lá, quando os meios forem aperfeiçoados. Quando a causa está presente, não há mais dificuldade em relação ao efeito, o efeito certamente virá. Se cuidarmos da causa, o efeito cuidará de si mesmo. A realização do ideal é o efeito. Os meios são a causa: a atenção aos meios, portanto, é o grande segredo da vida. Também lemos isso no Gita e aprendemos que temos que trabalhar, trabalhar constantemente com toda a nossa força; colocar toda a nossa mente no trabalho, seja ele qual for, que estamos fazendo. Ao mesmo tempo, não devemos estar apegados. Isto é, não devemos ser afastados do trabalho por qualquer outra coisa; ainda assim, devemos poder parar de trabalhar sempre que quisermos.

Se examinarmos as nossas próprias vidas, descobriremos que a maior causa da tristeza é esta: pegamos algo e colocamos toda a nossa energia nisso – talvez seja um fracasso e ainda assim não podemos desistir dele. Sabemos que isso nos está a prejudicar, que qualquer apego adicional a ele está simplesmente a trazer-nos miséria; ainda assim, não podemos nos desvencilhar dele. A abelha veio sorver o mel, mas seus pés ficaram presos no pote de mel e ela não conseguiu escapar. Repetidas vezes, nos encontramos nesse estado. Esse é todo o segredo da existência. Porque estamos aqui? Viemos aqui para saborear o mel e encontramos nossas mãos e pés grudados nele. Fomos apanhados, embora viemos para apanhar. Viemos para desfrutar; estamos sendo desfrutados. Viemos para governar; estamos sendo governados. Viemos trabalhar; estamos sendo trabalhados. O tempo todo, encontramos isso. E isso entra em cada detalhe da nossa vida. Estamos sendo trabalhados por outras mentes e estamos sempre lutando para trabalhar em outras mentes. Queremos aproveitar os prazeres da vida; e eles comem nossos sinais vitais. Queremos obter tudo da natureza, mas descobrimos, a longo prazo, que a natureza nos tira tudo – esgota-nos e põe-nos de lado.

Se não fosse por isso, a vida teria sido só luz do sol. Deixa para lá! Com todos os seus fracassos e sucessos, com todas as suas alegrias e tristezas, pode ser uma sucessão de raios de sol, se não formos apanhados.

Essa é a única causa da miséria: estamos apegados, estamos sendo apanhados. Portanto diz o Gita: Trabalhe constantemente; trabalhe, mas não se apegue; não seja pego. Reserve para si o poder de se desapegar de tudo, por mais amado, por mais que a alma anseie por isso, por maiores que sejam as dores da miséria que você sentiria se fosse deixá-lo; ainda assim, reserve o poder de deixá-lo quando quiser. Os fracos não têm lugar aqui, nesta vida ou em qualquer outra vida. A fraqueza leva à escravidão. A fraqueza leva a todos os tipos de miséria, física e mental. Fraqueza é morte. Existem centenas de milhares de micróbios que nos rodeiam, mas eles não podem nos prejudicar, a menos que fiquemos fracos, até que o corpo esteja pronto e predisposto para recebê-los. Pode haver um milhão de micróbios de miséria flutuando ao nosso redor. Deixa para lá! Eles não ousam aproximar-se de nós, não têm poder para nos controlar, até que a mente esteja enfraquecida. Este é o grande fato: a força é vida, a fraqueza é morte. A força é felicidade, vida eterna, imortal; fraqueza é tensão e miséria constantes: fraqueza é morte.

O apego é a fonte de todos os nossos prazeres agora. Somos apegados aos nossos amigos, aos nossos parentes; estamos apegados aos nossos trabalhos intelectuais e espirituais; estamos apegados a objetos externos, de modo que obtemos prazer com eles. O que, novamente, traz miséria senão esse mesmo apego? Temos que nos desapegar para ganhar alegria. Se ao menos tivéssemos o poder de nos separarmos à vontade, não haveria qualquer miséria. Só o homem poderá obter o melhor da natureza, aquele que, tendo o poder de se apegar a uma coisa com toda a sua energia, tem também o poder de se desligar quando deve fazê-lo. A dificuldade é que deve haver tanto poder de apego quanto de desapego. Há homens que nunca se sentem atraídos por nada. Eles nunca conseguem amar, são insensíveis e apáticos; eles escapam da maioria das misérias da vida. Mas o muro nunca sente miséria, o muro nunca ama, nunca é ferido; mas é o muro, afinal. Certamente é melhor estar preso e preso do que ser uma parede. Portanto, o homem que nunca ama, que é duro e pedregoso, escapando da maior parte das misérias da vida, escapa também das suas alegrias. Nós não queremos isso. Isso é fraqueza, isso é morte. Não foi despertada aquela alma que nunca sente fraqueza, nunca sente miséria. Esse é um estado insensível. Nós não queremos isso.

Ao mesmo tempo, não queremos apenas este poderoso poder do amor, este poderoso poder do apego, o poder de lançar toda a nossa alma sobre um único objecto, perdendo-nos e deixando-nos ser aniquilados, por assim dizer, por outras almas - o que é o poder dos deuses - mas queremos ser ainda mais elevados que os deuses. O homem perfeito pode colocar toda a sua alma nesse ponto do amor, mas ainda assim é desapegado. Como é que isso acontece? Há outro segredo para aprender.

O mendigo nunca está feliz. O mendigo só recebe uma esmola com pena e desprezo, pelo menos com o pensamento de que o mendigo é um objeto inferior. Ele nunca gosta realmente do que recebe.

Somos todos mendigos. Faça o que fizermos, queremos um retorno. Somos todos comerciantes. Somos comerciantes de vida, somos comerciantes de virtude, somos comerciantes de religião. E infelizmente! também somos comerciantes apaixonados.

Se você vier negociar, se for uma questão de dar e receber, se for uma questão de comprar e vender, cumpra as leis de compra e venda. Existe um momento ruim e existe um momento bom; há uma subida e uma descida nos preços: espera-se sempre que o golpe venha. É como olhar para os espelhos. Seu rosto se reflete: você faz uma careta - há uma no espelho; se você rir, o espelho ri. Isso é comprar e vender, dar e receber.

Nós somos pegos. Como? Não pelo que damos, mas pelo que esperamos. Recebemos miséria em troca do nosso amor; não pelo fato de amarmos, mas pelo fato de desejarmos amor em troca. Não há miséria onde não há necessidade. O desejo, a carência, é o pai de toda miséria. Os desejos são regidos pelas leis do sucesso e do fracasso. Os desejos devem trazer miséria.

O grande segredo do verdadeiro sucesso, da verdadeira felicidade, então, é este: o homem que não pede retorno, o homem perfeitamente altruísta, é o mais bem-sucedido. Parece ser um paradoxo. Não sabemos que todo homem que é altruísta na vida é enganado e magoado? Aparentemente, sim. "Cristo era altruísta e, ainda assim, foi crucificado." É verdade, mas sabemos que o seu altruísmo é a razão, a causa de uma grande vitória – a

coroação de milhões e milhões de vidas com as bênçãos do verdadeiro sucesso.

Não pergunte nada; não quero nada em troca. Dê o que você tem para dar; ela voltará para você — mas não pense nisso agora, ela voltará multiplicada por mil — mas a atenção não deve estar voltada para isso. No entanto, tenha o poder de dar: dê, e aí termina. Aprenda que toda a vida é doação, que a natureza o forçará a dar. Então, dê de boa vontade. Mais cedo ou mais tarde você terá que desistir. Você entra na vida para acumular. Com as mãos cerradas, você quer pegar. Mas a natureza coloca a mão na sua garganta e abre as suas mãos. Quer você queira ou não, você tem que dar. No momento em que você diz “não vou”, o golpe vem; Você está ferido. Ninguém está lá, mas será obrigado, no longo prazo, a desistir de tudo. E quanto mais se luta contra esta lei, mais miserável se sente. É porque não ousamos dar, porque não estamos suficientemente resignados para aceder a esta grande exigência da natureza, que somos infelizes. A floresta desapareceu, mas recebemos calor em troca. O sol está retirando água do oceano, para devolvê-la em chuvas. Você é uma máquina de receber e de dar: você recebe para dar. Não peça, portanto, nada em troca; mas quanto mais você dá, mais virá para você. Quanto mais rápido você esvaziar o ar desta sala, mais rápido ela será preenchida pelo ar externo; e se você fechar todas as portas e todas as aberturas, aquilo que está dentro permanecerá, mas aquilo que está fora nunca entrará, e aquilo que está dentro ficará estagnado, degenerado e envenenado. Um rio está continuamente se esvaziando no oceano e continuamente se enchendo novamente. Bar não a saída para o oceano. No momento em que você faz isso, a morte se apodera de você.

Não seja, portanto, um mendigo; seja desapegado. Esta é a tarefa mais terrível da vida! Você não calcula os perigos do caminho. Mesmo reconhecendo intelectualmente as dificuldades, realmente não as conhecemos até que as sintamos. À distância podemos ter uma visão geral de um parque: bem, e daí? Nós sentimos e realmente sabemos disso quando estamos nele. Mesmo que todas as nossas tentativas sejam um fracasso, e sangremos e sejamos dilacerados, ainda assim, apesar de tudo isso, temos que preservar o nosso coração — devemos afirmar a nossa Divindade no meio de todas essas dificuldades. A natureza quer que reajamos, devolvamos golpe por golpe, trapaça por trapaça, mentira por mentira, para

revidar com todas as nossas forças. Então é necessário um poder superdivino para não revidar, para manter o controle, para ser desapegado.

Todos os dias renovamos nossa determinação de sermos desapegados. Olhamos para trás e olhamos para os objetos passados de nosso amor e apego, e sentimos como cada um deles nos deixou infelizes. Descemos às profundezas do desânimo por causa do nosso “amor”! Vimo-nos meros escravos nas mãos dos outros, fomos arrastados cada vez mais para baixo! E tomamos uma nova determinação: “De agora em diante, serei dono de mim mesmo; de agora em diante, terei controle sobre mim mesmo”. Mas chega a hora, e a mesma história mais uma vez! Novamente a alma é capturada e não consegue sair. O pássaro está preso numa rede, lutando e esvoaçando. Esta é a nossa vida.

Eu conheço as dificuldades. Eles são tremendos, e noventa por cento de nós ficamos desanimados e desanimados e, por nossa vez, muitas vezes nos tornamos pessimistas e deixamos de acreditar na sinceridade, no amor e em tudo o que é grandioso e nobre. Assim, encontramos homens que, no frescor de suas vidas, foram misericordiosos, gentis, simples e inocentes, tornando-se na velhice máscaras mentirosas de homens. Suas mentes são uma massa de complexidade. Pode haver uma boa dose de política externa, possivelmente. Não são cabeça-quente, não falam, mas seria melhor que o fizessem; seus corações estão mortos e, portanto, eles não falam. Eles não amaldiçoam, não ficam com raiva; mas seria melhor para eles poder ficar com raiva, mil vezes melhor, poder amaldiçoar. Eles não podem. Há morte no coração, pois mãos frias se apoderaram dele, e ele não pode mais agir, nem mesmo para proferir uma maldição, mesmo para usar uma palavra dura.

Temos que evitar tudo isto: por isso digo que necessitamos de poder superdivino. O poder sobre-humano não é forte o suficiente. A força superdivina é o único caminho, a única saída. Só por ela podemos passar ilesos por todas essas complexidades, por essas chuvas de misérias. Podemos ser cortados em pedaços, despedaçados, mas nossos corações devem ficar cada vez mais nobres.

É muito difícil, mas podemos superá-la com prática constante. Devemos aprender que nada pode acontecer conosco, a menos que nos tornemos

suscetíveis a isso. Acabei de dizer que nenhuma doença pode me atingir até que o corpo esteja pronto; não depende apenas dos germes, mas de uma certa predisposição que já existe no corpo. Obtemos apenas aquilo para o qual estamos preparados. Vamos desistir do nosso orgulho e compreender que a miséria nunca é imerecida. Nunca houve um golpe imerecido: nunca houve um mal para o qual eu não tivesse preparado o caminho com as minhas próprias mãos. Deveríamos saber disso. Analise-se e descobrirá que cada golpe que recebeu veio até você porque você se preparou para isso. Você fez metade e o mundo externo fez a outra metade: foi assim que veio o golpe. Isso nos deixará sóbrios. Ao mesmo tempo, desta mesma análise surgirá uma nota de esperança, e a nota de esperança é: "Não tenho controle do mundo externo, mas aquilo que está em mim e mais próximo de mim, meu próprio mundo, está em mim. meu controle. Se os dois juntos forem obrigados a cometer um fracasso, se os dois juntos forem necessários para me dar um golpe, não contribuirei com aquele que está sob minha responsabilidade e como então o golpe pode vir? controle de mim mesmo, o golpe nunca virá."

Estamos o tempo todo, desde a nossa infância, tentando colocar a culpa em algo fora de nós. Estamos sempre nos levantando para corrigir outras pessoas, e não a nós mesmos. Se estivermos infelizes, dizemos: "Oh, o mundo é um mundo do diabo". Amaldiçoamos os outros e dizemos: "Que tolos apaixonados!" Mas por que deveríamos estar num mundo assim, se realmente somos tão bons? Se este é um mundo demoníaco, devemos ser demônios também; por que mais deveríamos estar aqui? "Oh, as pessoas do mundo são tão egoístas!" É verdade; mas por que deveríamos ser encontrados nessa empresa, se somos melhores? Basta pensar nisso.

Só recebemos o que merecemos. É mentira quando dizemos que o mundo é mau e nós somos bons. Nunca poderá ser assim. É uma mentira terrível que contamos a nós mesmos.

Esta é a primeira lição a aprender: esteja determinado a não amaldiçoar nada de fora, a não culpar ninguém de fora, mas seja um homem, levante-se, coloque a culpa em si mesmo. Você descobrirá que isso é sempre verdade. Controle-se.

Não é uma pena que num determinado momento falemos tanto da nossa masculinidade, de sermos deuses - que sabemos tudo, podemos fazer tudo, somos inculpáveis, imaculados, as pessoas mais altruístas do mundo; e no momento seguinte uma pedrinha nos machuca, um pouco de raiva de um pequeno Jack nos fere – qualquer tolo na rua torna “esses deuses” infelizes! Deveria ser assim se somos tais deuses? É verdade que a culpa é do mundo? Poderia Deus, que é a mais pura e a mais nobre das almas, tornar-se miserável por algum de nossos truques? Se você é tão altruísta, você é como Deus. Que mundo pode te machucar? Você passaria pelo sétimo inferno ileso, intocado. Mas o próprio fato de você reclamar e querer culpar o mundo externo mostra que você sente o mundo externo – o próprio fato de você sentir mostra que você não é o que afirma ser. Você só aumenta sua ofensa acumulando sofrimento após sofrimento, imaginando que o mundo externo está machucando você e gritando: “Oh, este mundo do diabo! Este homem me machuca; aquele homem me machuca!” e assim por diante. Está adicionando mentiras à miséria.

Devemos cuidar de nós mesmos – isso é o que podemos fazer – e desistir de cuidar dos outros por um tempo. Aperfeiçoemos os meios; o fim cuidará de si mesmo. Pois o mundo só pode ser bom e puro se as nossas vidas forem boas e puras. É um efeito e nós somos os meios. Portanto, vamos nos purificar. Tornemo-nos perfeitos.

2.2 OS PODERES DA MENTE

(Entregue em Los Angeles, Califórnia, 8 de janeiro de 1900)

Em todo o mundo tem havido a crença no sobrenatural ao longo dos tempos. Todos nós já ouvimos falar de acontecimentos extraordinários e muitos de nós tivemos alguma experiência pessoal com eles. Prefiro introduzir o assunto contando-lhes alguns fatos que surgiram em minha própria experiência. Certa vez ouvi falar de um homem que, se alguém fosse até ele com perguntas em mente, as responderia imediatamente; e também fui informado de que ele predisse acontecimentos. Fiquei curioso e fui vê-lo com alguns amigos. Cada um de nós tinha algo em mente para perguntar e, para evitar erros, anotamos nossas perguntas e as colocamos no

bolso. Assim que o homem viu um de nós, repetiu nossas perguntas e deu as respostas. Então ele escreveu algo num papel, que dobrou, pediu que eu assinasse no verso e disse: "Não olhe para isso; coloque-o no bolso e guarde-o lá até que eu o peça novamente". E assim por diante para cada um de nós. Em seguida, ele nos contou sobre alguns eventos que aconteceriam conosco no futuro. Então ele disse: "Agora, pense em uma palavra ou frase, de qualquer idioma que você quiser." Pensei numa longa frase em sânscrito, uma língua que ele ignorava totalmente. "Agora, tire o papel do bolso", disse ele. A frase em sânscrito foi escrita lá! Ele a havia escrito uma hora antes com a observação: "Em confirmação do que escrevi, este homem pensará nesta frase." Estava correto. Outro de nós, que recebeu um papel semelhante, que assinou e colocou no bolso, também foi solicitado a pensar em uma frase. Pensou numa frase em árabe, que era ainda menos possível ao homem saber; foi alguma passagem do Alcorão. E meu amigo encontrou isso escrito no papel.

Outro de nós era médico. Ele pensou em uma frase de um livro médico alemão. Estava escrito em seu papel.

Vários dias depois, procurei esse homem novamente, pensando que possivelmente já havia sido enganado de alguma forma antes. Levei outros amigos e também nesta ocasião ele saiu maravilhosamente triunfante.

Outra vez, eu estava na cidade de Hyderabad, na Índia, e me falaram de um brâmane que poderia produzir inúmeras coisas de onde ninguém sabia. Este homem estava negociando lá; ele era um cavalheiro respeitável. E pedi a ele que me mostrasse seus truques. Aconteceu que este homem estava com febre, e na Índia existe uma crença geral de que se um homem santo colocasse a mão sobre um homem doente, ele ficaria bom. Este brâmane veio até mim e disse: "Senhor, coloque a mão na minha cabeça, para que minha febre seja curada". Eu disse: "Muito bem; mas você me mostra seus truques". Ele prometeu. Coloquei minha mão em sua cabeça como desejava, e mais tarde ele veio cumprir sua promessa. Ele tinha apenas uma tira de pano na cintura, tiramos todo o resto dele. Eu tinha um cobertor que dei para ele se enrolar, porque estava frio, e o fiz sentar num canto. Vinte e cinco pares de olhos olhavam para ele. E ele disse: "Agora, olhe, escreva o que quiser". Todos anotamos nomes de frutas que nunca cresceram naquele

país, cachos de uvas, laranjas e assim por diante. E nós demos a ele esses pedaços de papel. E de debaixo do seu cobertor saíram alqueires de uvas, laranjas, e assim por diante, tanto que se toda aquela fruta fosse pesada, teria sido duas vezes mais pesada que o homem. Ele nos pediu para comer a fruta. Alguns de nós objetamos, pensando que era hipnotismo; mas o homem começou a comer – então todos nós comemos. Estava tudo bem.

Ele terminou produzindo uma massa de rosas. Cada flor era perfeita, com gotas de orvalho nas pétalas, nenhuma esmagada, nenhuma ferida. E muitos deles! Quando pedi uma explicação ao homem, ele disse: “É tudo um truque”.

Fosse o que fosse, parecia impossível que pudesse ser apenas um truque de prestidigitação. De onde ele poderia ter conseguido tantas coisas?

Bem, eu vi muitas coisas assim. Andando pela Índia você encontra centenas de coisas semelhantes em lugares diferentes. Estes estão em todos os países. Mesmo neste país você encontrará coisas maravilhosas. É claro que há muita fraude, sem dúvida; mas então, sempre que você vir uma fraude, você também terá que dizer que a fraude é uma imitação. Deve haver alguma verdade em algum lugar que esteja sendo imitada; você não pode imitar nada. A imitação deve ser de algo substancialmente verdadeiro.

Em tempos muito remotos na Índia, há milhares de anos, estes factos aconteciam ainda mais do que hoje. Parece-me que quando um país se torna densamente povoado, o poder psíquico deteriora-se. Dado um vasto país pouco habitado, talvez haja ali mais poder psíquico. Esses fatos, os hindus, têm uma mente analítica. assumiu e investigou. E chegaram a certas conclusões notáveis; isto é, eles fizeram disso uma ciência. Eles descobriram que tudo isso, embora extraordinário, também é natural; não há nada sobrenatural. Eles estão sujeitos a leis da mesma forma que qualquer outro fenómeno físico. Não é uma aberração da natureza que um homem nasça com tais poderes. Eles podem ser sistematicamente estudados, praticados e adquiridos. Esta ciência eles chamam de ciência do Raja-Yoga. Existem milhares de pessoas que cultivam o estudo desta ciência e, para toda a nação, ela tornou-se parte da adoração diária.

A conclusão a que chegaram é que todos estes poderes extraordinários estão na mente do homem. Esta mente faz parte da mente universal. Cada mente está conectada com todas as outras mentes. E cada mente, onde quer que esteja localizada, está em comunicação real com o mundo inteiro.

Você já notou o fenômeno chamado transferência de pensamento? Um homem aqui está pensando alguma coisa, e esse pensamento se manifesta em outra pessoa, em algum outro lugar. Com os preparativos – não por acaso – um homem quer enviar um pensamento para outra mente à distância, e esta outra mente sabe que um pensamento está chegando, e ele o recebe exatamente como ele é enviado. A distância não faz diferença. O pensamento vai e chega ao outro homem, e ele o compreende. Se sua mente fosse algo isolado aqui, e minha mente fosse algo isolado ali, e não houvesse conexão entre os dois, como seria possível que meu pensamento chegasse até você? Nos casos comuns, não é o meu pensamento que chega diretamente a você; mas meu pensamento tem que ser dissolvido em vibrações etéreas e essas vibrações etéreas vão para o seu cérebro, e elas têm que ser resolvidas novamente em seus próprios pensamentos. Aqui há uma dissolução do pensamento e há uma resolução do pensamento. É um processo indireto. Mas na telepatia não existe tal coisa; é direto.

Isto mostra que existe uma continuidade da mente, como a chamam os Yogis. A mente é universal. Sua mente, minha mente, todas essas pequenas mentes, são fragmentos dessa mente universal, pequenas ondas no oceano; e devido a esta continuidade, podemos transmitir nossos pensamentos diretamente uns aos outros.

Você vê o que está acontecendo ao nosso redor. O mundo é de influência. Parte da nossa energia é gasta na preservação do nosso próprio corpo. Além disso, cada partícula de nossa energia é usada dia e noite para influenciar outras pessoas. Nossos corpos, nossas virtudes, nosso intelecto e nossa espiritualidade, todos estes influenciam continuamente os outros; e assim, inversamente, estamos sendo influenciados por eles. Isso está acontecendo ao nosso redor. Agora, para dar um exemplo concreto. Um homem vem; você sabe que ele é muito culto, sua língua é linda e ele fala com você por hora; mas ele não causa nenhuma impressão. Outro homem chega e diz algumas palavras, mal arranjadas, talvez sem gramática; mesmo assim, ele

causa uma impressão imensa. Muitos de vocês já viram isso. Portanto, é evidente que as palavras por si só nem sempre podem produzir uma impressão. Palavras e até pensamentos contribuem com apenas um terço da influência para causar uma boa impressão; o homem, dois terços. O que você chama de magnetismo pessoal do homem – é isso que sai e impressiona você.

Nas nossas famílias estão os chefes; alguns deles são bem-sucedidos, outros não. Por que? Reclamamos dos outros em nossas falhas. No momento em que não tenho sucesso, digo que fulano de tal é a causa do fracasso. No fracasso, não gostamos de confessar as próprias falhas e fraquezas. Cada pessoa tenta manter-se impecável e colocar a culpa em alguém ou em alguma outra coisa, ou mesmo na má sorte. Quando os chefes de família falham, devem perguntar-se por que é que algumas pessoas administram uma família tão bem e outras não. Então você descobrirá que a diferença se deve ao homem – sua presença, sua personalidade.

Chegando aos grandes líderes da humanidade, sempre descobrimos que o que contava era a personalidade do homem. Agora, tomemos todos os grandes autores do passado, os grandes pensadores. Na verdade, quantos pensamentos eles tiveram? Pegue todos os escritos que nos foram deixados pelos antigos líderes da humanidade; pegue cada um de seus livros e avalie-os. Os pensamentos reais, novos e genuínos, que foram pensados neste mundo até agora, são apenas alguns. Leia em seus livros os pensamentos que eles nos deixaram. Os autores não nos parecem gigantes, mas sabemos que foram grandes gigantes em sua época. O que os tornou assim? Não apenas os pensamentos que tiveram, nem os livros que escreveram, nem os discursos que fizeram, foi outra coisa que já se foi, que é a sua personalidade. Como já observei, a personalidade do homem é de dois terços, e seu intelecto, suas palavras, são apenas um terço. É o verdadeiro homem, a personalidade do homem, que nos atravessa. Nossas ações são apenas efeitos. As ações devem ocorrer quando o homem está presente; o efeito certamente seguirá a causa.

O ideal de toda educação, de todo treinamento, deveria ser esta criação humana. Mas, em vez disso, estamos sempre tentando polir o exterior. De que adianta polir o exterior quando não há interior? O fim e objetivo de

todo treinamento é fazer o homem crescer. O homem que influencia, que lança sua magia, por assim dizer, sobre seus semelhantes, é um dínamo de poder, e quando esse homem está pronto, ele pode fazer tudo e qualquer coisa que quiser; aquela personalidade colocada em qualquer coisa fará com que funcione.

Agora, vemos que, embora isto seja um facto, nenhuma lei física que conheçamos irá explicar isto. Como podemos explicá-lo pelo conhecimento químico e físico? Quanto oxigênio, hidrogênio, carbono, quantas moléculas em posições diferentes e quantas células, etc., etc. podem explicar essa personalidade misteriosa? E ainda vemos, é um fato, e não só isso, é o homem real; e é esse homem que vive, se move e trabalha, é esse homem que influencia, move seus semelhantes e desmaia, e seu intelecto, livros e obras são apenas vestígios deixados para trás. Pense nisso. Compare os grandes professores de religião com os grandes filósofos. Os filósofos dificilmente influenciaram o homem interior de alguém e, ainda assim, escreveram livros maravilhosos. Os professores religiosos, por outro lado, mudaram de país durante a sua vida. A diferença foi feita pela personalidade. No filósofo é uma personalidade tênue que influencia; nos grandes profetas é tremendo. No primeiro tocamos o intelecto, no segundo tocamos a vida. Num caso, trata-se simplesmente de um processo químico, que reúne certos ingredientes químicos que podem combinar-se gradualmente e, em circunstâncias adequadas, produzir um flash de luz ou falhar. No outro, é como uma tocha que gira rapidamente, iluminando outras.

A ciência do Yoga afirma ter descoberto as leis que desenvolvem esta personalidade e, através da devida atenção a essas leis e métodos, cada um pode crescer e fortalecer a sua personalidade. Esta é uma das grandes coisas práticas e este é o segredo de toda a educação. Isto tem uma aplicação universal. Na vida do chefe de família, na vida do pobre, do rico, do homem de negócios, do homem espiritual, na vida de cada um, é algo grandioso, o fortalecimento desta personalidade. Existem leis, muito boas, que estão por trás das leis físicas, como sabemos. Isto é, não existem realidades como um mundo físico, um mundo mental, um mundo espiritual. O que quer que seja, é um. Digamos que é uma espécie de existência gradual; a parte mais grossa está aqui, vai diminuindo e ficando cada vez mais fina. O melhor é o que

chamamos de espírito; o mais grosseiro, o corpo. E assim como acontece aqui no microcosmo, é exatamente o mesmo no macrocosmo. O nosso universo é exatamente assim; é a espessura externa grosseira e se estreita em algo cada vez mais sutil até se tornar Deus.

Sabemos também que o maior poder está no que é fino e não no que é grosseiro. Vemos um homem pegar um peso enorme, vemos seus músculos incharem e por todo o seu corpo vemos sinais de esforço, e pensamos que os músculos são coisas poderosas. Mas são os fios finos, os nervos, que dão força aos músculos; no momento em que um desses fios é cortado e não chega aos músculos, eles não conseguem mais trabalhar. Esses minúsculos nervos trazem o poder de algo ainda mais sutil, e este, por sua vez, o traz de algo ainda mais sutil – o pensamento, e assim por diante. Então, é a multa que é realmente a sede do poder. É claro que podemos ver os movimentos no geral; mas quando ocorrem movimentos sutis, não podemos vê-los. Quando uma coisa grosseira se move, nós a captamos e, assim, identificamos naturalmente o movimento com coisas grosseiras. Mas todo o poder está realmente em jogo. Não vemos nenhum movimento no fino, talvez porque o movimento é tão intenso que não conseguimos percebê-lo. Mas se por alguma ciência, por qualquer investigação, formos ajudados a apreender essas forças mais sutis que são a causa da expressão, a própria expressão estará sob controle. Há uma pequena bolha saindo do fundo de um lago; não o vemos chegando o tempo todo, só o vemos quando ele irrompe na superfície; portanto, só podemos perceber os pensamentos depois que eles se desenvolvem bastante, ou depois que se tornam ações. Reclamamos constantemente que não temos controle sobre nossas ações, sobre nossos pensamentos. Mas como podemos ter isso? Se conseguirmos controlar os movimentos sutis, se conseguirmos apreender o pensamento pela raiz, antes que ele se torne pensamento, antes que se torne ação, então será possível controlarmos o todo. Agora, se existe um método pelo qual possamos analisar, investigar, compreender e, finalmente, lidar com esses poderes mais sutis, as causas mais sutis, só então será possível ter controle sobre nós mesmos e sobre o homem que tem controle sobre sua própria mente. certamente terá controle sobre todas as outras mentes. É por isso que a pureza e a moralidade sempre foram objeto da religião; um homem puro e moral tem controle de si mesmo. E todas as mentes são iguais, diferentes partes de uma Mente. Quem conhece um pedaço de barro conhece todo o

barro do universo. Aquele que conhece e controla a sua própria mente conhece o segredo de cada mente e tem poder sobre cada mente

Agora, podemos nos livrar de grande parte do nosso mal físico, se tivermos controle sobre as partes finas; podemos nos livrar de muitas preocupações, se tivermos controle sobre os movimentos sutis; muitos fracassos podem ser evitados se tivermos controle sobre esses delicados poderes. Até agora, é utilidade. No entanto, além, há algo mais elevado.

Agora, vou lhe contar uma teoria, que não discutirei agora, mas simplesmente colocarei diante de você a conclusão. Cada homem, em sua infância, percorre os estágios pelos quais sua raça evoluiu; só a raça levou milhares de anos para fazer isso, enquanto a criança leva alguns anos. A criança é primeiro o velho selvagem - e ele esmaga uma borboleta sob os pés. A criança é inicialmente como os ancestrais primitivos de sua raça. À medida que cresce, ele passa por diferentes estágios até atingir o desenvolvimento de sua raça. Só ele faz isso com rapidez e rapidez. Agora, tome toda a humanidade como uma raça, ou tome toda a criação animal, o homem e os animais inferiores, como um todo. Há um fim para o qual o todo se move. Chamemos isso de perfeição. Nascem alguns homens e mulheres que antecipam todo o progresso da humanidade. Em vez de esperar e renascer repetidamente durante séculos até que toda a raça humana tenha atingido essa perfeição, eles, por assim dizer, passam por ela em poucos anos de sua vida. E sabemos que podemos acelerar estes processos, se formos fiéis a nós mesmos. Se um número de homens, sem qualquer cultura, for deixado a viver numa ilha, e receber apenas comida, roupa e abrigo suficientes, eles irão gradualmente progredir, evoluindo para níveis cada vez mais elevados de civilização. Sabemos também que este crescimento pode ser acelerado por meios adicionais. Ajudamos o crescimento das árvores, não é? Deixados à natureza, eles teriam crescido, mas teriam demorado mais; nós os ajudamos a crescer em menos tempo do que de outra forma teriam levado. Fazemos sempre a mesma coisa, acelerando o crescimento das coisas por meios artificiais. Por que não podemos acelerar o crescimento do homem? Podemos fazer isso como uma corrida. Por que os professores são enviados para outros países? Porque por estes meios podemos acelerar o crescimento das raças. Agora, não podemos acelerar o crescimento dos indivíduos? Pudermos. Podemos colocar um

limite à pressa? Não podemos dizer quanto um homem pode crescer em uma vida. Você não tem razão para dizer que um homem pode fazer isso e nada mais. As circunstâncias podem apressá-lo maravilhosamente. Pode haver então algum limite até que você chegue à perfeição? Então, o que resulta disso? – Que um homem perfeito, isto é, o tipo que está por vir desta raça, talvez daqui a milhões de anos, esse homem possa vir hoje. E isto é o que dizem os Yogis, que todas as grandes encarnações e profetas são tais homens; que eles alcançaram a perfeição nesta vida. Tivemos homens assim em todos os períodos da história do mundo e em todos os momentos. Muito recentemente, existiu um homem que viveu a vida de toda a raça humana e chegou ao fim – mesmo nesta vida. Mesmo esta aceleração do crescimento deve estar sujeita a leis. Suponhamos que possamos investigar estas leis e compreender os seus segredos e aplicá-los às nossas próprias necessidades; segue-se que crescemos. Aceleramos nosso crescimento, aceleramos nosso desenvolvimento e nos tornamos perfeitos, mesmo nesta vida. Esta é a parte mais elevada da nossa vida, e a ciência do estudo da mente e dos seus poderes tem esta perfeição como o seu verdadeiro fim. Ajudar os outros com dinheiro e outras coisas materiais e ensiná-los a viver bem na vida diária são meros detalhes.

A utilidade desta ciência é trazer à tona o homem perfeito, e não deixá-lo esperar e esperar por séculos, apenas um brinquedo nas mãos do mundo físico, como um tronco de madeira levado de onda em onda e balançando. o oceano. Essa ciência quer que você seja forte, que assuma o trabalho com as próprias mãos, em vez de deixá-lo nas mãos da natureza, e vá além desta vidinha. Essa é a grande ideia.

O homem está crescendo em conhecimento, em poder, em felicidade. Continuamente, estamos crescendo como raça. Vemos que isso é verdade, perfeitamente verdade. É verdade para os indivíduos? Até certo ponto, sim. Mas, ainda assim, surge novamente a questão: onde você fixa o limite? Só consigo ver a uma distância de alguns metros. Mas vi um homem fechar os olhos e ver o que está acontecendo em outra sala. Se você disser que não acredita, talvez em três semanas esse homem possa fazer você fazer o mesmo. Pode ser ensinado a qualquer pessoa. Algumas pessoas, mesmo em cinco minutos, podem ler o que está acontecendo na mente de outra pessoa. Esses fatos podem ser demonstrados.

Agora, se estas coisas são verdadeiras, onde podemos colocar um limite? Se um homem pode ler o que está acontecendo na mente de outra pessoa no canto desta sala, por que não na sala ao lado? Por que não em qualquer lugar? Não podemos dizer por que não. Não ousamos dizer que não é possível. Só podemos dizer que não sabemos como isso acontece. Os cientistas materiais não têm o direito de dizer que coisas como esta não são possíveis; eles só podem dizer: “Não sabemos”. A ciência tem de recolher factos, generalizá-los, deduzir princípios e declarar a verdade – isso é tudo. Mas se começarmos por negar os factos, como pode ser uma ciência?

Não há fim para o poder que um homem pode obter. Esta é a peculiaridade da mente indiana: quando alguma coisa lhe interessa, ela fica absorvida e outras coisas são negligenciadas. Você sabe quantas ciências tiveram sua origem na Índia. A matemática começou aí. Até hoje vocês contam 1, 2, 3, etc. até zero, segundo os números sânscritos, e todos sabem que a álgebra também se originou na Índia, e que a gravitação era conhecida pelos indianos milhares de anos antes de Newton nascer.

Você vê a peculiaridade. Num determinado período da história indiana, este tema do homem e da sua mente absorveu todo o seu interesse. E foi tão atraente, porque parecia a maneira mais fácil de atingir seus objetivos. Agora, a mente indiana ficou tão convencida de que poderia fazer tudo e qualquer coisa de acordo com a lei, que seus poderes se tornaram o grande objeto de estudo. Feitiços, magia e outros poderes, e tudo isso não era nada extraordinário, mas uma ciência ensinada regularmente, assim como as ciências físicas que eles haviam ensinado antes disso. Tal convicção nestas coisas tomou conta da raça humana que as ciências físicas quase desapareceram. Foi a única coisa que veio antes deles. Diferentes seitas de Yogis começaram a fazer todo tipo de experimentos. Alguns fizeram experiências com a luz, tentando descobrir como luzes de cores diferentes produziam alterações no corpo. Eles usavam certas roupas coloridas, viviam sob uma certa cor e comiam certos alimentos coloridos. Todos os tipos de experimentos foram feitos dessa maneira. Outros fizeram experiências com som, parando e destapando os ouvidos. E ainda outros experimentaram o sentido do olfato, e assim por diante.

A ideia era chegar à base, chegar às partes mais delicadas da coisa. E alguns deles realmente mostraram poderes maravilhosos. Muitos deles tentavam flutuar no ar ou passar por ele. Vou lhe contar uma história que ouvi de um grande estudioso do Ocidente. Foi-lhe contado por um governador do Ceilão que assistiu à apresentação. Uma menina foi trazida à frente e sentada de pernas cruzadas num banco feito de gravetos cruzados. Depois de ela ter ficado sentada por algum tempo, o showman começou a tirar, uma após a outra, essas barras transversais; e quando todos foram retirados, a garota ficou flutuando no ar. O governador achou que havia algum truque, então desembainhou a espada e passou-a violentamente por baixo da garota; não havia nada lá. Agora, o que foi isso? Não foi mágica ou algo extraordinário. Essa é a peculiaridade. Ninguém na Índia lhe diria que coisas assim não existem. Para o hindu isso é algo natural. Você sabe o que os hindus costumam dizer quando têm que lutar contra seus inimigos: "Oh, um de nossos iogues virá e expulsará todos!" É a crença extrema da raça. Que poder existe na mão ou na espada? O poder está todo no espírito.

Se isso for verdade, é tentação suficiente para a mente exercer o seu máximo. Mas, como acontece com qualquer outra ciência, é muito difícil realizar qualquer grande conquista, o mesmo acontece com esta, e muito mais. No entanto, a maioria das pessoas pensa que estes poderes podem ser facilmente adquiridos. Quantos anos você leva para fazer fortuna? Pense nisso! Primeiro, quantos anos você leva para aprender ciências elétricas ou engenharia? E então você terá que trabalhar o resto da sua vida.

Novamente, a maioria das outras ciências lida com coisas que não se movem, que são fixas. Você pode analisar a cadeira, a cadeira não voa para longe de você. Mas esta ciência trata da mente, que se move o tempo todo; no momento em que você quer estudá-lo, ele escorrega. Agora a mente está num determinado estado de espírito, no momento seguinte, talvez, seja diferente, mudando, mudando o tempo todo. No meio de toda esta mudança, ela tem de ser estudada, compreendida, apreendida e controlada. Quão mais difícil, então, é esta ciência! Requer treinamento rigoroso. As pessoas me perguntam por que não lhes dou aulas práticas. Ora, não é brincadeira. Eu estou nesta plataforma conversando com você e você vai para casa e não encontra nenhum benefício; nem eu. Então você diz: "É tudo besteira." É porque você queria fazer disso uma besteira. Conheço

muito pouco desta ciência, mas o pouco que ganhei trabalhei durante trinta anos da minha vida, e há seis anos venho contando às pessoas o pouco que sei. Levei trinta anos para aprender; trinta anos de dura luta. Às vezes eu trabalhava nisso vinte horas durante as vinte e quatro; às vezes eu dormia apenas uma hora durante a noite; às vezes trabalhava noites inteiras; às vezes eu morava em lugares onde quase não havia som, quase não havia respiração; às vezes eu tinha que viver em cavernas. Pense nisso. E ainda assim sei pouco ou nada; Mal toquei a bainha da vestimenta desta ciência. Mas posso entender que é verdadeiro, vasto e maravilhoso.

Agora, se houver alguém entre vocês que realmente queira estudar esta ciência, ele terá que começar com esse tipo de determinação, a mesma, ou até mais, do que aquela que ele coloca em qualquer negócio da vida.

E quanta atenção os negócios exigem, e que capataz rigoroso ele é! Mesmo que morra o pai, a mãe, a esposa ou o filho, os negócios não podem parar! Mesmo que o coração esteja partido, ainda temos que ir ao nosso local de trabalho, quando cada hora de trabalho é uma dor. Isso é negócio, e pensamos que é justo, que é certo.

Esta ciência exige mais aplicação do que qualquer empresa pode exigir. Muitos homens podem ter sucesso nos negócios; muito poucos nisso. Porque muito depende da constituição particular da pessoa que o estuda. Assim como nos negócios nem todos podem ganhar fortuna, mas todos podem ganhar alguma coisa, também no estudo desta ciência cada um pode ter um vislumbre que o convencerá da sua verdade e do facto de que houve homens que a compreenderam plenamente.

Este é o esboço da ciência. Ela se sustenta por conta própria e à sua própria luz, e desafia a comparação com qualquer outra ciência. Houve charlatões, houve mágicos, houve trapaceiros, e mais aqui do que em qualquer outro campo. Por que? Pela mesma razão, quanto mais rentável for o negócio, maior será o número de charlatões e trapaceiros. Mas isso não é motivo para que o negócio não deva ser bom. E mais uma coisa; pode ser uma boa ginástica intelectual ouvir todos os argumentos e uma satisfação intelectual ouvir falar de coisas maravilhosas. Mas, se algum de vocês realmente quiser aprender algo além disso, apenas assistir a palestras não será suficiente. Isso não pode ser ensinado em palestras, pois é vida; e a vida só pode transmitir

vida. Se houver alguém entre vocês que esteja realmente determinado a aprender, ficarei muito feliz em ajudá-lo.

2.3 DICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE PRÁTICA

(Entregue no Home of Truth, Los Angeles, Califórnia)

Esta manhã tentarei apresentar-lhes algumas idéias sobre respiração e outros exercícios. Temos discutido teorias há tanto tempo que agora será bom ter um pouco da prática. Muitos livros foram escritos na Índia sobre esse assunto. Assim como o seu pessoal é prático em muitas coisas, parece que o nosso pessoal é prático nesse sentido. Cinco pessoas neste país unirão as suas cabeças e dirão: “Teremos uma sociedade por ações”, e em cinco horas estará feito; na Índia não conseguiriam fazer isso em cinquenta anos; eles são tão pouco práticos em assuntos como este. Mas, note bem, se um homem inicia um sistema de filosofia, por mais selvagem que seja sua teoria, ele terá seguidores. Por exemplo, uma seita é iniciada para ensinar que se um homem ficar em uma perna só por doze anos, dia e noite, ele obterá a salvação – haverá centenas de pessoas prontas para ficar em uma perna só. Todo o sofrimento será suportado silenciosamente. Há pessoas que mantêm os braços erguidos durante anos para obter mérito religioso. Eu vi centenas deles. E, veja bem, eles nem sempre são tolos ignorantes, mas são homens que irão surpreendê-lo com a profundidade e amplitude de seu intelecto. Então, veja bem, a palavra prático também é relativa.

Estamos sempre cometendo esse erro ao julgar os outros; estamos sempre inclinados a pensar que nosso pequeno universo mental é tudo o que existe; nossa ética, nossa moralidade, nosso senso de dever, nosso senso de utilidade são as únicas coisas que valem a pena ter. Outro dia, quando ia para a Europa, passava por Marselha, onde se realizava uma tourada. Todos os ingleses no vapor ficaram loucos de excitação, abusando e criticando tudo como cruel. Quando cheguei à Inglaterra, ouvi falar de um grupo de lutadores de boxe que estiveram em Paris e foram expulsos sem cerimônia pelos franceses, que consideravam a luta de boxe muito brutal. Quando ouço estas coisas em vários países, começo a compreender a maravilhosa palavra de Cristo: “Não julgueis para não serdes julgados”. Quanto mais

aprendemos, mais ele descobre quão ignorantes somos, quão multiforme e multifacetada é a mente do homem. Quando eu era menino, costumava criticar as práticas ascéticas dos meus compatriotas; grandes pregadores em nossa própria terra os criticaram; o maior homem que já nasceu, o próprio Buda, os criticou. Mas mesmo assim, à medida que envelheço, sinto que não tenho o direito de julgar. Às vezes desejo que, apesar de todas as suas incongruências, eu tivesse um fragmento do seu poder para fazer e sofrer. Muitas vezes penso que o meu julgamento e a minha crítica não procedem de qualquer aversão à tortura, mas de pura covardia – porque não posso fazê-lo – não me atrevo a fazê-lo.

Então você vê que força, poder e coragem são coisas muito peculiares. Geralmente dizemos: “Um homem corajoso, um homem valente, um homem ousado”, mas devemos ter em mente que essa coragem ou bravura ou qualquer outra característica nem sempre caracteriza o homem. O mesmo homem que correria para a boca de um canhão recua diante da faca do cirurgião; e outro homem que nunca ousa enfrentar uma arma suportará calmamente uma operação cirúrgica severa, se necessário. Agora, ao julgar os outros, você deve sempre definir os seus termos de coragem ou grandeza. O homem que estou criticando como não sendo bom pode ser maravilhosamente bom em alguns pontos em que não sou.

Veja outro exemplo. Você costuma notar que quando as pessoas discutem sobre o que o homem e a mulher podem fazer, sempre se comete o mesmo erro. Eles acham que mostram o que o homem tem de melhor porque ele pode lutar, por exemplo, e submeter-se a um tremendo esforço físico; e isso se opõe à fraqueza física e à qualidade não combativa da mulher. Isto é injusto. A mulher é tão corajosa quanto o homem. Cada um é igualmente bom à sua maneira. Que homem pode criar um filho com tanta paciência, perseverança e amor quanto uma mulher? Aquele desenvolveu o poder de fazer; o outro, o poder do sofrimento. Se a mulher não pode agir, o homem também não pode sofrer. Todo o universo está em perfeito equilíbrio. Não sei, mas algum dia poderemos acordar e descobrir que o mero verme tem algo que equilibra a nossa masculinidade. A pessoa mais perversa pode ter algumas boas qualidades que me faltam totalmente. Vejo isso todos os dias da minha vida. Olha o selvagem! Eu gostaria de ter um físico tão esplêndido. Ele come, bebe, à vontade, talvez sem saber o que é a doença,

enquanto eu sofro a cada minuto. Quantas vezes eu teria ficado feliz por ter trocado meu cérebro pelo corpo dele! Todo o universo é apenas uma onda e um vazio; não pode haver onda sem cavidade. Equilíbrio em todos os lugares. Você tem uma coisa ótima, seu vizinho tem outra coisa ótima. Quando você estiver julgando um homem e uma mulher, julgue-os pelo padrão de suas respectivas grandezas. Não se pode estar no lugar do outro. Um não tem o direito de dizer que o outro é mau. É a mesma velha superstição que diz: “Se isso for feito, o mundo irá à ruína”. Mas, apesar disso, o mundo ainda não está em ruínas. Foi dito neste país que se os negros fossem libertados, o país iria à ruína – mas foi isso? Também foi dito que se as massas fossem educadas, o mundo ficaria em ruínas – mas só seria melhorado. Há vários anos, foi publicado um livro que retratava a pior coisa que poderia acontecer à Inglaterra. O escritor mostrou que à medida que os salários dos trabalhadores aumentavam, o comércio inglês diminuía. Levantou-se um grito de que os trabalhadores na Inglaterra eram exorbitantes nas suas exigências e que os alemães trabalhavam por salários menores. Uma comissão foi enviada à Alemanha para investigar isto e relatou que os trabalhadores alemães recebiam salários mais elevados. Por que foi assim? Por causa da educação das massas. Então, que tal o mundo ir à ruína se as massas forem educadas? Na Índia, especialmente, encontramos velhos fogies por todo o país. Eles querem manter tudo em segredo das massas. Essas pessoas chegam à conclusão muito satisfatória de que são o crême de la crême deste universo. Eles acreditavam que não poderiam ser prejudicados por esses experimentos perigosos. Somente as massas podem ser prejudicadas por eles!

Agora, voltando à prática. O tema da aplicação prática da psicologia foi abordado na Índia desde muito cedo. Cerca de mil e quatrocentos anos antes de Cristo, floresceu na Índia um grande filósofo, de nome Patanjali. Ele coletou todos os fatos, evidências e pesquisas em psicologia e aproveitou todas as experiências acumuladas no passado. Lembre-se, este mundo é muito antigo; não foi criado há apenas dois ou três mil anos. É ensinado aqui no Ocidente que a sociedade começou há mil e oitocentos anos, com o Novo Testamento. Antes disso não havia sociedade. Isto pode ser verdade no que diz respeito ao Ocidente, mas não é verdade no que diz respeito ao mundo inteiro. Muitas vezes, enquanto eu estava dando palestras em Londres, um amigo meu muito intelectual e inteligente discutia comigo, e

um dia depois de usar todas as suas armas contra mim, ele de repente exclamou: "Mas por que seus Rishis não vieram para a Inglaterra para nos ensinar ?" Eu respondi: "Porque não havia Inglaterra para onde ir. Eles pregariam nas florestas?"

“Há cinquenta anos”, disse-me Ingersoll, “você teria sido enforcado neste país se tivesse vindo pregar. Você teria sido queimado vivo ou teria sido apedrejado para fora das aldeias”.

Portanto, não há nada de irracional na suposição de que a civilização existiu mil e quatrocentos anos antes de Cristo. Ainda não está definido se a civilização sempre veio do inferior para o superior. Os mesmos argumentos e provas que foram apresentados para provar esta proposição também podem ser usados para demonstrar que o selvagem é apenas um homem civilizado degradado. O povo da China, por exemplo, nunca poderá acreditar que a civilização surgiu de um estado selvagem, porque o contrário está na sua experiência. Mas quando você fala da civilização da América, o que você quer dizer é a perpetuidade e o crescimento da sua própria raça.

É muito fácil acreditar que os hindus, que estão em declínio há setecentos anos, foram altamente civilizados no passado. Não podemos provar que não é assim.

Não há um único caso de qualquer civilização que seja espontânea. Não houve uma raça no mundo que se tornasse civilizada a menos que outra raça civilizada viesse e se misturasse com essa raça. A origem da civilização deve ter pertencido, por assim dizer, a uma ou duas raças que foram para o estrangeiro, espalharam as suas ideias e se misturaram com outras raças e assim a civilização se espalhou.

Para fins práticos, falemos na linguagem da ciência moderna. Mas devo pedir-lhe que tenha em mente que, assim como existe superstição religiosa, também existe uma superstição em matéria de ciência. Há sacerdotes que têm como especialidade o trabalho religioso; assim também existem sacerdotes da lei física, cientistas. Assim que o nome de um grande cientista, como Darwin ou Huxley, é citado, seguimos cegamente. É a moda do dia. Noventa e nove por cento do que chamamos de conhecimento

científico são meras teorias. E muitos deles não são melhores que as antigas superstições de fantasmas com muitas cabeças e mãos, mas com a diferença de que estas últimas diferenciavam um pouco o homem dos troncos e das pedras. A verdadeira ciência nos pede para sermos cautelosos. Assim como devemos ter cuidado com os sacerdotes, devemos ter cuidado com os cientistas. Comece com descrença. Analise, teste, comprove tudo e depois pegue. Algumas das crenças mais atuais da ciência moderna não foram provadas. Mesmo numa ciência como a matemática, a grande maioria das suas teorias são apenas hipóteses de trabalho. Com o advento de um conhecimento maior, eles serão jogados fora.

Em 1400 a.C. um grande sábio fez uma tentativa de organizar, analisar e generalizar certos fatos psicológicos. Ele foi seguido por muitos outros que pegaram partes do que ele havia descoberto e fizeram um estudo especial sobre elas. Somente os hindus, de todas as raças antigas, dedicaram-se ao estudo deste ramo do conhecimento com toda a seriedade. Estou lhes ensinando agora sobre isso, mas quantos de vocês irão praticá-lo? Quantos dias, quantos meses serão necessários antes que você desista? Você é impraticável neste assunto. Na Índia, eles perseverarão por séculos e séculos. Você ficará surpreso ao saber que eles não têm igrejas, nem Orações Comuns, ou qualquer coisa do tipo; mas eles, todos os dias, ainda praticam as respirações e tentam concentrar a mente; e essa é a parte principal de sua devoção. Estes são os pontos principais. Todo hindu deve fazer isso. É a religião do país. Só que cada um pode ter um método especial – uma forma especial de respiração, uma forma especial de concentração, e qual é o seu método especial, nem mesmo a sua esposa precisa saber; o pai não precisa saber o do filho. Mas todos eles têm que fazer isso. E não há nada de oculto nessas coisas. A palavra “oculto” não tem relação com eles. Perto do Gangâ milhares e milhares de pessoas podem ser vistas diariamente sentadas nas suas margens, respirando e concentrando-se com os olhos fechados. Pode haver duas razões que tornam certas práticas impraticáveis para a generalidade da humanidade. Uma delas é que os professores afirmam que as pessoas comuns não são adequadas para eles. Pode haver alguma verdade nisso, mas se deve mais ao orgulho. O segundo é o medo da perseguição. Um homem, por exemplo, não gostaria de praticar a respiração publicamente neste país, porque seria considerado muito estranho; não é a moda aqui. Por outro lado, na Índia, se

um homem orasse: “O pão nosso de cada dia nos dá hoje”, as pessoas ririam dele. Nada poderia ser mais tolo para a mente hindu do que dizer: “Pai Nosso que estás no Céu”. O hindu, quando adora, pensa que Deus está dentro dele.

Segundo os iogues, existem três correntes nervosas principais: uma que chamam de Idâ, a outra de Pingalâ, e a do meio, de Sushumnâ, e todas elas estão dentro da coluna vertebral. O Ida e o Pingala, o esquerdo e o direito, são aglomerados de nervos, enquanto o do meio, o Sushumna, é oco e não é um aglomerado de nervos. Este Sushumna está fechado e não tem utilidade para o homem comum, pois ele trabalha apenas através do Ida e do Pingala. As correntes descem e sobem continuamente através desses nervos, transportando ordens por todo o corpo através de outros nervos que correm para os diferentes órgãos do corpo.

É a regulação e a ritmização de Ida e Pingala que é o grande objetivo da respiração. Mas isso em si não é nada – é apenas uma quantidade limitada de ar levado para os pulmões; exceto para purificar o sangue, não tem mais utilidade. Não há nada de oculto no ar que inspiramos com a respiração e assimilamos para purificar o sangue; a ação é apenas um movimento. Este movimento pode ser reduzido ao movimento unitário que chamamos de Prâna; e em toda parte, todos os movimentos são as diversas manifestações deste Prana. Este Prana é eletricidade, é magnetismo; é jogado fora pelo cérebro como pensamento. Tudo é Prana; está movendo o sol, a lua e as estrelas.

Dizemos que tudo o que existe neste universo foi projetado pela vibração do Prana. O resultado mais elevado da vibração é o pensamento. Se houver algo superior, não podemos concebê-lo. Os nervos, Ida e Pingala, atuam através do Prana. É o Prana que move todas as partes do corpo, tornando-se as diferentes forças. Abandone aquela velha ideia de que Deus é algo que produz o efeito e se senta em um trono distribuindo justiça. Ao trabalhar ficamos exaustos porque usamos muito Prana.

Os exercícios respiratórios, chamados Prânâyâma, provocam a regulação da respiração, ação rítmica do Prana. Quando o Prana funciona ritmicamente, tudo funciona corretamente. Quando os Yogis conseguem controlar seu próprio corpo, se há alguma doença em alguma parte, eles sabem que o

Prana ali não é rítmico e direcionam o Prana para a parte afetada até que o ritmo seja restabelecido.

Assim como você pode controlar o Prana em seu próprio corpo, se você for poderoso o suficiente, poderá controlar, mesmo daqui, o Prana de outro homem na Índia. É tudo um. Não há pausa; a unidade é a lei. Fisicamente, psiquicamente, mentalmente, moralmente, metafisicamente, é tudo um. A vida é apenas uma vibração. Aquilo que vibra este oceano de éter, vibra você. Assim como num lago se formam vários estratos de gelo com vários graus de solidez, ou como num oceano de vapor existem vários graus de densidade, este universo é um oceano de matéria. Este é um oceano de éter no qual encontramos o sol, a lua, as estrelas e nós mesmos – em diferentes estados de solidez; mas a continuidade não está quebrada; é o mesmo por toda parte.

Agora, quando estudamos metafísica, passamos a saber que o mundo é um, não que o espiritual, o material, o mental e o mundo das energias sejam separados. É tudo igual, mas visto de diferentes planos de visão. Quando você pensa em si mesmo como um corpo, você esquece que é uma mente, e quando você pensa em si mesmo como uma mente, você esquece o corpo. Só existe uma coisa: você é; você pode vê-lo como matéria ou corpo – ou pode vê-lo como mente ou espírito. Nascimento, vida e morte são apenas velhas superstições. Ninguém jamais nasceu, ninguém jamais morrerá; mudamos de posição — isso é tudo. Lamento ver no Ocidente o quanto eles valorizam a morte; sempre tentando pegar um pouco de vida. "Dê-nos vida após a morte! Dê-nos vida!" Eles ficam tão felizes quando alguém lhes diz que eles vão viver depois! Como posso duvidar de uma coisa dessas! Como posso imaginar que estou morto! Tente pensar em si mesmo como morto e você verá que está presente para ver seu próprio cadáver. A vida é uma realidade tão maravilhosa que você não pode esquecê-la nem por um momento. Você também pode duvidar de que existe. Este é o primeiro fato da consciência – eu sou. Quem pode imaginar um estado de coisas que nunca existiu? É a mais evidente de todas as verdades. Portanto, a ideia da imortalidade é inerente ao homem. Como discutir um assunto inimaginável? Por que deveríamos querer discutir os prós e os contras de um assunto que é evidente?

O universo inteiro, portanto, é uma unidade, seja qual for o ponto de vista que você o veja. Neste momento, para nós, este universo é uma unidade de Prana e Âkâsha, força e matéria. E lembre-se, como todos os outros princípios básicos, isso também é contraditório. Pois o que é a força? - aquilo que move a matéria. E o que é matéria? - aquilo que é movido pela força. É uma gangorra! Alguns dos fundamentos do nosso raciocínio são muito curiosos, apesar da nossa ostentação de ciência e conhecimento. “É uma dor de cabeça sem cabeça”, como diz o provérbio sânscrito. Este estado de coisas foi chamado de Maya. Não tem existência nem inexistência. Você não pode chamar isso de existência, porque só existe aquilo que está além do tempo e do espaço, que é a auto-existência. No entanto, este mundo satisfaz até certo ponto a nossa ideia de existência. Portanto, tem uma existência aparente.

Mas existe a existência real em e através de tudo; e essa realidade, por assim dizer, está presa nas malhas do tempo, do espaço e da causalidade. Existe o homem real, o infinito, o sem começo, o infinito, o sempre abençoado, o sempre livre. Ele foi pego nas malhas do tempo, espaço e causalidade. Assim como tudo neste mundo. A realidade de tudo é a mesma infinita. Isto não é idealismo; não é que o mundo não exista. Tem uma existência relativa e preenche todos os seus requisitos. Mas não tem existência independente. Ela existe por causa da Realidade Absoluta além do tempo, do espaço e da causalidade.

Fiz longas digressões. Agora, voltemos ao nosso assunto principal.

Todos os movimentos automáticos e todos os movimentos conscientes são a atuação do Prana através dos nervos. Agora, veja você, será muito bom ter controle sobre as ações inconscientes.

Em outras ocasiões, contei-lhes a definição de Deus e do homem. O homem é um círculo infinito cuja circunferência não está em parte alguma, mas o centro está localizado num ponto; e Deus é um círculo infinito cuja circunferência não está em lugar nenhum, mas cujo centro está em toda parte. Ele trabalha através de todas as mãos, vê através de todos os olhos, anda com todos os pés, respira através de todos os corpos, vive em toda a vida, fala através de todas as bocas e pensa através de todos os cérebros. O homem pode tornar-se semelhante a Deus e adquirir controle sobre todo o

universo se multiplicar infinitamente o seu centro de autoconsciência. A consciência, portanto, é a principal coisa a ser compreendida. Digamos que aqui está uma linha infinita em meio à escuridão. Não vemos a linha, mas nela há um ponto luminoso que se move. À medida que se move ao longo da linha, ilumina sucessivamente as suas diferentes partes, e tudo o que fica para trás torna-se novamente escuro. Nossa consciência; pode muito bem ser comparado a este ponto luminoso. Suas experiências passadas foram substituídas pelas presentes ou tornaram-se subconscientes. Não temos consciência da sua presença em nós; mas lá estão eles, influenciando inconscientemente nosso corpo e mente. Cada movimento que agora é feito sem a ajuda da consciência era anteriormente consciente. Foi-lhe dado um impulso suficiente para trabalhar por si só.

O grande erro em todos os sistemas éticos, sem exceção, tem sido o fracasso em ensinar os meios pelos quais o homem poderia abster-se de fazer o mal. Todos os sistemas de ética ensinam: “Não roube!” Muito bom; mas por que um homem rouba? Porque todos os roubos, furtos e outras ações malignas, via de regra, tornaram-se automáticos. O ladrão sistemático, o ladrão, o mentiroso, o homem e a mulher injustos, são todos estes apesar de si mesmos! É realmente um tremendo problema psicológico. Deveríamos olhar para o homem sob a luz mais caridosa. Não é tão fácil ser bom. O que vocês são senão meras máquinas até serem livres? Você deveria se orgulhar porque é bom? Certamente não. Você é bom porque não pode evitar. Outro é mau porque não consegue evitar. Se você estivesse no lugar dele, quem sabe o que você teria sido? A mulher na rua, ou o ladrão na prisão, é o Cristo que está sendo sacrificado para que você seja um bom homem. Essa é a lei do equilíbrio. Todos os ladrões e assassinos, todos os injustos, os mais fracos, os mais perversos, os demônios, todos eles são o meu Cristo! Devo uma adoração ao Deus Cristo e ao demônio Cristo! Essa é a minha doutrina, não posso evitar. Minha saudação vai aos pés dos bons, dos santos, e aos pés dos ímpios e dos diabólicos! Todos eles são meus professores, todos são meus pais espirituais, todos são meus Salvadores. Posso amaldiçoar alguém e ainda assim me beneficiar com suas falhas; Posso abençoar outro e me beneficiar de suas boas ações. Isso é tão verdadeiro quanto eu estar aqui. Tenho que zombar da mulher que anda na rua, porque a sociedade quer! Ela, meu Salvador, ela, cujo andar nas ruas é a causa da castidade das outras mulheres! Pense nisso. Pensem, homens e

mulheres, nesta questão em sua mente. É uma verdade – uma verdade nua e ousada! À medida que vejo mais o mundo, vejo mais homens e mulheres, esta convicção fica mais forte. Quem devo culpar? A quem devo elogiar? Ambos os lados do escudo devem ser vistos.

A tarefa que temos diante de nós é vasta; e antes de mais nada, devemos procurar controlar a vasta massa de pensamentos afundados que se tornaram automáticos em nós. A má ação está, sem dúvida, no plano consciente; mas a causa que produziu a má ação estava muito além, nos domínios do inconsciente, invisível e, portanto, mais potente.

A psicologia prática direciona, antes de tudo, suas energias para o controle do inconsciente, e sabemos que podemos fazê-lo. Por que? Porque sabemos que a causa do inconsciente é o consciente; os pensamentos inconscientes são os milhões submersos dos nossos velhos pensamentos conscientes, as velhas ações conscientes tornam-se petrificadas – não olhamos para eles, não os conhecemos, esquecemo-nos deles. Mas lembre-se, se o poder do mal está no inconsciente, o poder do bem também está. Temos muitas coisas guardadas em nós como num bolso. Nós os esquecemos, nem sequer pensamos neles, e há muitos deles, apodrecendo, tornando-se positivamente perigosos; elas surgem, as causas inconscientes que matam a humanidade. A verdadeira psicologia tentaria, portanto, colocá-los sob o controle do consciente. A grande tarefa é reviver o homem inteiro, por assim dizer, para torná-lo senhor completo de si mesmo. Mesmo o que chamamos de ação automática dos órgãos do nosso corpo, como o fígado, etc., pode obedecer aos nossos comandos.

Esta é a primeira parte do estudo, o controle do inconsciente. O próximo é ir além do consciente. Assim como o trabalho inconsciente está abaixo da consciência, existe outro trabalho que está acima da consciência. Quando este estado superconsciente é alcançado, o homem torna-se livre e divino; a morte se torna imortalidade, a fraqueza se torna poder infinito e a escravidão de ferro se torna liberdade. Esse é o objetivo, o reino infinito do superconsciente.

Assim, portanto, vemos agora que deve haver um trabalho duplo. Primeiro, pelo bom funcionamento do Ida e do Pingala, que são as duas correntes

ordinárias existentes, para controlar a ação subconsciente; e em segundo lugar, ir além da consciência.

Os livros dizem que só ele é o Yogue que, após longa prática de autoconcentração, alcançou esta verdade. O Sushumna abre-se agora e uma corrente que nunca antes entrou nesta nova passagem encontrará o seu caminho e ascenderá gradualmente (o que chamamos em linguagem figurada) aos diferentes centros de lótus, até finalmente atingir o cérebro. Então o Yogue se torna consciente do que ele realmente é, o próprio Deus.

Todos, sem exceção, todos nós, podemos alcançar esta culminação do Yoga. Mas é uma tarefa terrível. Se uma pessoa quiser alcançar esta verdade, terá que fazer algo mais do que ouvir palestras e fazer alguns exercícios respiratórios. Tudo está na preparação. Quanto tempo leva para acender uma luz? Só um segundo; mas quanto tempo leva para fazer a vela! Quanto tempo leva para jantar? Talvez meia hora. Mas horas para preparar a comida! Queremos acender a luz num segundo, mas esquecemos que a confecção da vela é o principal.

Mas embora seja tão difícil alcançar a meta, mesmo as nossas menores tentativas não são em vão. Sabemos que nada está perdido. No Gita, Arjuna pergunta a Krishna: "Aqueles que falham em atingir a perfeição no Yoga nesta vida serão destruídos como as nuvens do verão?" Krishna responde: "Nada, meu amigo, está perdido neste mundo. Tudo o que alguém faz, permanece como seu, e se a fruição do Yoga não vier nesta vida, ele será retomado no próximo nascimento." Caso contrário, como você explica a infância maravilhosa de Jesus, Buda, Shankara?

Respiração, postura, etc. são, sem dúvida, ajuda no Yoga; mas eles são meramente físicos. Os grandes preparativos são mentais. A primeira coisa necessária é uma vida tranquila e pacífica.

Se você quer ser um Yogi, você deve ser livre e colocar-se em circunstâncias onde esteja sozinho e livre de toda ansiedade. Aquele que deseja uma vida confortável e agradável e ao mesmo tempo quer realizar o Eu é como o tolo que, querendo atravessar o rio, agarrou um crocodilo, confundindo-o com um tronco de madeira (Vivekachudâmani, 84.). "Buscai primeiro o reino de Deus, e tudo vos será acrescentado." Este é o único

grande dever, esta é a renúncia. Viva por um ideal e não deixe lugar na mente para mais nada. Coloquemos todas as nossas energias para adquirir aquilo que nunca falha – a nossa perfeição espiritual. Se tivermos um verdadeiro anseio pela realização, devemos lutar, e através da luta o crescimento virá. Cometeremos erros, mas eles podem ser anjos desprevenidos.

A maior ajuda para a vida espiritual é a meditação (Dhyâna). Na meditação nos despojamos de todas as condições materiais e sentimos nossa natureza divina. Não dependemos de nenhuma ajuda externa na meditação. O toque da alma pode pintar as cores mais brilhantes mesmo nos lugares mais sombrios; pode lançar uma fragrância sobre a coisa mais vil; pode tornar divino o ímpio – e toda inimizade, todo egoísmo é apagado. Quanto menos o pensamento do corpo, melhor. Pois é o corpo que nos arrasta para baixo. É o apego, a identificação, que nos torna infelizes. Este é o segredo: pensar que sou o espírito e não o corpo, e que todo este universo com todas as suas relações, com todo o seu bem e todo o seu mal, é apenas uma série de pinturas - cenas numa tela – do qual sou testemunha.

2.4 BHAKTI OU DEVOÇÃO

A ideia de um Deus Pessoal prevaleceu em quase todas as religiões, exceto em muito poucas. Com exceção do Budista e do Jainista, talvez todas as religiões do mundo tenham a ideia de um Deus Pessoal, e com ela vem a ideia de devoção e adoração. Os budistas e os jainistas, embora não tenham um Deus pessoal, adoram os fundadores das suas religiões precisamente da mesma forma que outros adoram um Deus pessoal. Esta ideia de devoção e adoração a algum ser superior que possa refletir o amor ao homem é universal. Em diversas religiões este amor e devoção manifestam-se em vários graus, em diferentes fases. O estágio mais baixo é o do ritualismo, quando as ideias abstratas são quase impossíveis e são arrastadas para o plano mais baixo e concretizadas. As formas entram em jogo e, junto com elas, vários símbolos. Ao longo da história do mundo, descobrimos que o homem está tentando compreender o abstrato através de formas-pensamento, ou símbolos. Todas as manifestações externas da religião – sinos, música, rituais, livros e imagens – estão sob esse título. Qualquer

coisa que apele aos sentidos, qualquer coisa que ajude o homem a formar uma imagem concreta do abstrato, é tomada e adorada.

De tempos em tempos, houve reformadores em todas as religiões que se posicionaram contra todos os símbolos e rituais. Mas a sua oposição tem sido vã, pois enquanto o homem permanecer como é, a grande maioria quererá sempre algo concreto a que se agarrar, algo em torno do qual, por assim dizer, colocar as suas ideias, algo que será o centro de todas as formas-pensamento em suas mentes. As grandes tentativas dos maometanos e dos protestantes foram dirigidas para este fim, de acabar com todos os rituais, e ainda assim descobrimos que mesmo entre eles, os rituais se infiltraram. Eles não podem ser mantidos de fora; após longa luta, as massas simplesmente trocam um símbolo por outro. O muçulmano, que pensa que todo ritual, toda forma, imagem ou cerimônia usada por um não-maometano é pecaminoso, não pensa assim quando chega ao seu próprio santuário, a Caaba. Todo religioso muçulmano, onde quer que ore, deve imaginar que está diante da Caaba. Quando ele faz uma peregrinação até lá, ele deve beijar a pedra negra na parede do santuário. Todos os beijos que foram impressos naquela pedra, por milhões e milhões de peregrinos, servirão de testemunhas em benefício dos fiéis no último dia do julgamento. Depois, há o poço de Zimzim. Os maometanos acreditam que quem tirar um pouco de água daquele poço terá seus pecados perdoados e, após o dia da ressurreição, terá um corpo fresco e viverá para sempre. Em outros, constatamos que a simbologia surge na forma de edifícios. Os protestantes afirmam que as igrejas são mais sagradas do que outros lugares. A igreja, tal como é, representa um símbolo. Ou existe o Livro. A ideia do Livro para eles é muito mais sagrada do que qualquer outro símbolo.

É vão pregar contra o uso de símbolos, e por que deveríamos pregar contra eles? Não há razão para que o homem não deva usar símbolos. Eles os possuem para representar as ideias expressadas por trás deles. Este universo é um símbolo, no qual e através do qual tentamos apreender a coisa significada, que está além e atrás. O espírito é o objetivo, e não a matéria. Formas, imagens, sinos, velas, livros, igrejas, templos e todos os símbolos sagrados são muito bons, muito úteis para a planta crescente da espiritualidade, mas até agora e não mais longe. Na maioria dos casos de teste, descobrimos que a planta não cresce. É muito bom nascer numa

igreja, mas é muito ruim morrer numa igreja. É muito bom nascer dentro dos limites de certas formas que ajudam a plantinha da espiritualidade, mas se um homem morre dentro dos limites dessas formas, isso mostra que ele não cresceu, que não houve desenvolvimento da alma .

Se, portanto, alguém diz que símbolos, rituais e formas devem ser mantidos para sempre, está errado; mas se ele diz que estes símbolos e rituais são uma ajuda para o crescimento da alma, no seu estado inferior e subdesenvolvido, ele está certo. Mas você não deve confundir este desenvolvimento da alma com algo intelectual. Um homem pode ter um intelecto gigantesco, mas espiritualmente pode ser um bebê. Você pode verificar isso neste momento. Todos vocês foram ensinados a acreditar em um Deus Onipresente. Tente pensar nisso. Quão poucos de vocês podem ter alguma ideia do que significa onipresença! Se você lutar muito, terá algo como a ideia do oceano, ou do céu, ou de uma vasta extensão de terra verde, ou de um deserto. Todas estas são imagens materiais, e enquanto você não puder conceber o abstrato como abstrato, o ideal como o ideal, você terá que recorrer a essas formas, a essas imagens materiais. Não faz muita diferença se essas imagens estão dentro ou fora da mente. Todos nascemos idólatras, e a idolatria é boa porque está na natureza do homem. Quem pode ir além disso? Somente o homem perfeito, o Deus-homem. O resto são todos idólatras. Enquanto virmos este universo diante de nós, com suas formas e contornos, seremos todos idólatras. Este é um símbolo gigantesco que estamos adorando. Aquele que diz ser o corpo é um idólatra nato. Somos espírito, espírito que não tem forma nem formato, espírito que é infinito e não importa. Portanto, qualquer um que não consiga compreender o abstrato, que não consiga pensar em si mesmo como ele é, exceto na e através da matéria, como o corpo, é um idólatra. E, no entanto, como as pessoas brigam entre si, chamando-se uns aos outros de idólatras! Em outras palavras, cada um diz que seu ídolo está certo e os dos outros estão errados.

Portanto, devemos nos livrar dessas noções infantis. Deveríamos ir além da tagarelice dos homens que pensam que a religião é apenas uma massa de palavras fúteis, que é apenas um sistema de doutrinas; para quem a religião é apenas um pequeno consentimento ou dissidência intelectual; a quem a religião acredita em certas palavras que os seus próprios sacerdotes lhes

dizem; para quem a religião é algo em que seus antepassados acreditaram; para quem a religião é uma certa forma de ideias e superstições às quais se apegam porque são as suas superstições nacionais. Deveríamos ir além de tudo isso e olhar para a humanidade como um vasto organismo, caminhando lentamente em direção à luz - uma planta maravilhosa, desdobrando-se lentamente para aquela verdade maravilhosa que é chamada Deus - e os primeiros giros, os primeiros movimentos, em direção a isso são sempre através de matéria e através do ritual.

No cerne de todos esses ritualismos, existe uma ideia que se destaca acima de todas as demais – a adoração de um nome. Aqueles de vocês que estudaram as formas mais antigas do Cristianismo, aqueles que estudaram as outras religiões do mundo, talvez tenham notado que existe esta ideia em todas elas, a adoração de um nome. Diz-se que um nome é muito sagrado. Na Bíblia lemos que o santo nome de Deus era considerado sagrado sem comparação, santo além de tudo. Era o mais santo de todos os nomes, e pensava-se que esta mesma Palavra era Deus. Isto é bem verdade. O que é este universo senão nome e forma? Você consegue pensar sem palavras? Palavra e pensamento são inseparáveis. Tente se algum de vocês consegue separá-los. Sempre que você pensa, você o faz por meio de formas de palavras. Um traz o outro; o pensamento traz a palavra, e a palavra traz o pensamento. Assim, todo o universo é, por assim dizer, o símbolo externo de Deus, e por trás disso está Seu grande nome. Cada corpo particular é uma forma, e por trás desse corpo particular está o seu nome. Assim que você pensa no nosso amigo Fulano de Tal, surge a ideia do corpo dele, e assim que você pensa no corpo do seu amigo, você tem a ideia do nome dele. Isso está na constituição do homem. Isto é, psicologicamente, na substância mental do homem, não pode surgir a ideia de nome sem a ideia de forma, e não pode surgir a ideia de forma sem a ideia de nome. Eles são inseparáveis; eles são os lados externo e interno da mesma onda. Como tal, os nomes têm sido exaltados e adorados em todo o mundo – consciente ou inconscientemente, o homem encontrou a glória dos nomes.

Novamente, descobrimos que em muitas religiões diferentes, personagens sagrados têm sido adorados. Eles adoram Krishna, adoram Buda, adoram Jesus e assim por diante. Depois, há o culto aos santos; centenas deles foram adorados em todo o mundo, e por que não? A vibração da luz está em

toda parte. A coruja vê no escuro. Isso mostra que ela está ali, embora o homem não possa vê-la. Para o homem, essa vibração só é visível na lâmpada, no sol, na lua, etc. Deus é onipresente, está se manifestando em cada ser; mas para os homens, Ele só é visível, reconhecível, no homem. Quando Sua luz, Sua presença, Seu espírito brilha através do rosto humano, então, e somente então, o homem pode entendê-Lo. Assim, o homem tem adorado a Deus através dos homens o tempo todo, e deve fazê-lo enquanto for homem. Ele pode chorar contra isso, lutar contra isso, mas assim que tentar realizar Deus, encontrará a necessidade constitucional de pensar em Deus como um homem.

Assim, descobrimos que em quase todas as religiões estas são as três coisas primárias que temos na adoração a Deus – formas ou símbolos, nomes, homens-Deus. Todas as religiões têm isso, mas você descobre que elas querem lutar entre si. Alguém diz: “Meu nome é o único nome; minha forma é a única forma; e meus homens-Deus são os únicos homens-Deus no mundo; os seus são simplesmente mitos”. Nos tempos modernos, os clérigos cristãos tornaram-se um pouco mais gentis e admitem que, nas religiões mais antigas, as diferentes formas de culto eram prenúncios do cristianismo, que, naturalmente, consideram eles, é a única forma verdadeira. Deus testou a Si mesmo em tempos antigos, testou Seus poderes ao dar forma a essas coisas que culminaram no Cristianismo. Isto, pelo menos, é um grande avanço. Há cinquenta anos não teriam dito nem isso; nada era verdade, exceto sua própria religião. Esta ideia não se limita a nenhuma religião, nação ou classe de pessoas; as pessoas estão sempre pensando que a única coisa certa a ser feita pelos outros é o que elas mesmas estão fazendo. E é aqui que o estudo das diferentes religiões nos ajuda. Mostra-nos que os mesmos pensamentos que chamamos de nossos, e apenas nossos, estavam presentes há centenas de anos em outros, e às vezes até numa forma de expressão melhor do que a nossa.

Estas são as formas externas de devoção pelas quais o homem deve passar; mas se for sincero, se quiser realmente alcançar a verdade, vai mais alto do que isso, para um plano onde as formas não são nada. Templos ou igrejas, livros ou formulários, são simplesmente o jardim de infância da religião, para tornar a criança espiritual forte o suficiente para dar passos mais elevados; e estes primeiros passos são necessários se ele quiser a religião.

Com a sede, o anseio por Deus, vem a verdadeira devoção, o verdadeiro Bhakti. Quem tem saudade? Essa é a questão. A religião não está nas doutrinas, nos dogmas, nem na argumentação intelectual; é ser e se tornar, é realização. Ouvimos tantas pessoas falando sobre Deus e a alma, e todos os mistérios do universo, mas se você pegar um por um e perguntar: "Você realizou Deus? Você viu sua Alma?" - quantos podem dizer que sim? E ainda assim eles estão todos brigando uns com os outros! Certa vez, na Índia, representantes de diferentes seitas se reuniram e começaram a disputar. Um deles disse que o único Deus era Shiva; outro disse que o único Deus era Vishnu, e assim por diante; e não houve fim para a discussão deles. Um sábio estava passando por ali e foi convidado pelos disputantes para decidir o assunto. Ele primeiro perguntou ao homem que afirmava que Shiva era o maior Deus: "Você viu Shiva? Você o conhece? Se não, como você sabe que Ele é o maior Deus?" Então, voltando-se para o adorador de Vishnu, ele perguntou: "Você viu Vishnu?" E depois de fazer esta pergunta a todos eles, ele descobriu que nenhum deles sabia nada de Deus. Por isso discutiam tanto, pois se realmente soubessem, não teriam discutido. Quando uma jarra está sendo enchida com água ela faz barulho, mas quando está cheia não há barulho. Assim, o próprio facto destas disputas e lutas entre seitas mostra que eles não sabem nada sobre religião. A religião para eles é uma mera massa de palavras fúteis, para serem escritas em livros. Cada um se apressa em escrever um grande livro, para torná-lo o mais massivo possível, roubando o material de cada livro que encontra e nunca reconhecendo sua dívida. Então ele lança este livro ao mundo, aumentando a perturbação que já existe lá.

A grande maioria dos homens são ateus. Fico feliz que, nos tempos modernos, outra classe de ateus tenha surgido no mundo ocidental – refiro-me aos materialistas. Eles são ateus sinceros. Eles são melhores do que os ateus religiosos, que são insinceros, que lutam e falam sobre religião, e ainda assim não a querem, nunca tentam realizá-la, nunca tentam compreendê-la. Lembre-se das palavras de Cristo: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á". Estas palavras são literalmente verdadeiras, não são figuras ou ficção. Eles foram o fluxo do sangue do coração de um dos maiores filhos de Deus que já veio a este nosso mundo; palavras que vieram como fruto da realização, de um homem que sentiu e realizou o próprio Deus; que falou com Deus, viveu com Deus,

cem vezes mais intensamente do que você ou eu vemos este edifício. Quem quer Deus? Essa é a questão. Você acha que toda essa massa de pessoas no mundo quer Deus e não consegue alcançá-Lo? Aquilo não pode ser. Que necessidade existe sem o seu objeto externo? O homem quer respirar e há ar para ele respirar. O homem quer comer e há comida para comer. O que cria esses desejos? A existência de coisas externas. Foi a luz que fez os olhos; foi o som que fez os ouvidos. Assim, todo desejo nos seres humanos foi criado por algo que já existia fora. Este desejo de perfeição, de atingir a meta e ir além da natureza, como pode estar lá, até que algo o tenha criado e perfurado na alma do homem, e o faça viver lá? Aquele, portanto, em quem esse desejo for despertado, alcançará a meta. Queremos tudo menos Deus. Esta não é a religião que você vê ao seu redor. Minha senhora tem móveis em sua sala, vindos de todo o mundo, e agora está na moda ter algo japonês; então ela compra um vaso e coloca no quarto dela. Assim é a religião para a grande maioria; eles têm todo tipo de coisas para se divertirem e, a menos que acrescentem um pouco de religião, a vida não estará bem, porque a sociedade os criticaria. A sociedade espera isso; então eles devem ter alguma religião. Este é o estado atual da religião no mundo.

Um discípulo foi até seu mestre e disse-lhe: “Senhor, eu quero religião”. O mestre olhou para o jovem e não falou, apenas sorriu. O jovem vinha todos os dias e insistia que queria religião. Mas o velho sabia melhor que o jovem. Um dia, quando fazia muito calor, ele pediu ao jovem que fosse com ele até o rio e desse um mergulho. O jovem mergulhou e o velho o seguiu e segurou o jovem sob a água à força. Depois que o jovem lutou por um tempo, ele o soltou e perguntou o que ele mais queria enquanto estava debaixo d’água. “Uma lufada de ar”, respondeu o discípulo. “Você quer Deus dessa maneira? Se quiser, você O alcançará em um momento”, disse o mestre. Até que você tenha essa sede, esse desejo, você não poderá obter religião, por mais que possa lutar com seu intelecto, ou com seus livros, ou com seus formulários. Até que essa sede seja despertada em você, você não será melhor do que qualquer ateu; só o ateu é sincero e você não.

Um grande sábio costumava dizer: “Suponhamos que há um ladrão numa sala e, de alguma forma, ele descobre que há uma grande quantidade de ouro na sala ao lado e que há apenas uma divisória fina entre as duas salas. qual seria a condição daquele ladrão? Ele ficaria sem dormir, ele não seria

capaz de comer ou fazer nada. Toda a sua mente estaria em conseguir aquele ouro. A Felicidade, a Bem-Aventura, a Glória estivessem aqui, eles agiriam como agem no mundo, sem tentar obter Deus?" Assim que um homem começa a acreditar que existe um Deus, ele fica louco de desejo de chegar até Ele. Outros podem seguir o seu caminho, mas assim que um homem tiver certeza de que existe uma vida muito mais elevada do que aquela que ele está levando aqui, assim que ele tiver certeza de que os sentidos não são todos, que este corpo material limitado é tão nada comparado com a bem-aventurança imortal, eterna e imorredoura do Ser, ele fica louco até descobrir essa bem-aventurança por si mesmo. E esta loucura, esta sede, esta mania, é o que se chama de "despertar" para a religião, e quando isso acontece, o homem começa a ser religioso. Mas isso leva muito tempo. Todas essas formas e cerimônias, essas orações e peregrinações, esses livros, sinos, velas e sacerdotes, são os preparativos; eles tiram as impurezas da alma. E quando a alma se torna pura, ela naturalmente quer chegar à mina de toda pureza, o próprio Deus. Assim como um pedaço de ferro, que foi coberto com a poeira de séculos, pode estar o tempo todo perto de um ímã e ainda assim não ser atraído por ele, mas assim que a poeira é removida, o ferro é atraído por ele. o ímã; assim, quando a alma humana, coberta com a poeira dos séculos, impurezas, maldades e pecados, depois de muitos nascimentos, torna-se suficientemente purificada por essas formas e cerimônias, fazendo o bem aos outros, amando outros seres, surge sua atração espiritual natural, acorda e luta em direção a Deus.

No entanto, todas estas formas e símbolos são simplesmente o começo, não o verdadeiro amor de Deus. Ouvimos falar de amor em todos os lugares. Todos dizem: "Ame a Deus". Os homens não sabem o que é amar; se o fizessem, não falariam tão facilmente sobre isso. Todo homem diz que pode amar e então, num piscar de olhos, descobre que não existe amor em sua natureza. Toda mulher diz que pode amar e logo descobre que não pode. O mundo está cheio de conversas sobre amor, mas é difícil amar. Onde está o amor? Como você sabe que existe amor? O primeiro teste do amor é que ele não conhece negociações. Enquanto você vir um homem amar outro apenas para obter algo dele, você saberá que isso não é amor; é uma loja. Onde quer que haja qualquer questão de compra e venda, não é amor. Então, quando um homem ora a Deus: "Dê-me isto e dê-me aquilo", isso não é

amor. Como pode ser? Ofereço-lhe uma oração e você me dá algo em troca; é isso que é, mera loja.

Um certo grande rei foi caçar em uma floresta e lá encontrou um sábio. Ele conversou um pouco com ele e ficou tão satisfeito que lhe pediu que aceitasse um presente dele. "Não", disse o sábio, "estou perfeitamente satisfeito com minha condição; essas árvores me dão frutas suficientes para comer; esses lindos riachos puros me fornecem toda a água que eu quero; eu durmo nessas cavernas. O que me importa?" seus presentes, embora você seja um imperador?" O imperador disse: "Só para me purificar, para me gratificar, venha comigo até a cidade e leve algum presente". Por fim, o sábio consentiu em ir com o imperador e foi levado ao palácio do imperador, onde havia ouro, jóias, mármore e coisas mais maravilhosas. Riqueza e poder manifestavam-se em toda parte. O imperador pediu ao sábio que esperasse um minuto, enquanto ele repetia sua oração, e ele foi para um canto e começou a orar: "Senhor, dê-me mais riqueza, mais filhos, mais território". Entretanto, o sábio levantou-se e começou a afastar-se. O imperador o viu indo e foi atrás dele. "Fique senhor, você não pegou meu presente e está indo embora." O sábio virou-se para ele e disse: "Mendigo, eu não mendigo aos mendigos. O que você pode dar? Você tem implorado a si mesmo o tempo todo." Essa não é a linguagem do amor. Qual é a diferença entre amor e lojista, se você pede a Deus que lhe dê isso e aquilo? O primeiro teste do amor é que ele não conhece negociações. O amor é sempre o doador e nunca o tomador. Diz o filho de Deus: "Se Deus quiser, dou-Lhe tudo de mim, mas não quero nada Dele. Não quero nada neste universo. Eu O amo, porque quero amá-Lo, e não peço nenhum favor em voltar. Quem se importa se Deus é todo-poderoso ou não? Não quero nenhum poder Dele nem nenhuma manifestação de Seu poder. É suficiente para mim que Ele é o Deus de amor.

O segundo teste é que o amor não conhece o medo. Enquanto o homem pensar em Deus como um Ser sentado acima das nuvens, com recompensas numa mão e castigos na outra, não poderá haver amor. Você pode assustar alguém e fazê-lo amar? O cordeiro ama o leão? O rato, o gato? O escravo, o mestre? Os escravos às vezes simulam o amor, mas será que é amor? Onde você já viu amor com medo? É sempre uma farsa. Com o amor nunca vem a ideia do medo. Pense numa jovem mãe na rua: se um cachorro late para

ela, ela foge para a casa mais próxima. No dia seguinte ela está na rua com seu filho, e suponha que um leão ataque a criança, onde estará sua posição? Justamente na boca do leão, protegendo seu filho. O amor venceu todo o seu medo. Assim também no amor de Deus. Quem se importa se Deus é um recompensador ou um punidor? Esse não é o pensamento de um amante. Pense em um juiz quando chega em casa, o que sua esposa vê nele? Não um juiz, nem um recompensador ou punidor, mas seu marido, seu amor. O que seus filhos veem nele? Seu pai amoroso, não o punidor ou recompensador. Portanto, os filhos de Deus nunca veem Nele um punidor ou recompensador. Somente as pessoas que nunca experimentaram o amor é que temem e tremem. Abandone todo o medo – embora essas ideias horríveis de Deus como um punidor ou recompensador possam ter sua utilidade em mentes selvagens. Alguns homens, mesmo os mais intelectuais, são selvagens espirituais, e estas ideias podem ajudá-los. Mas para os homens que são espirituais, os homens que estão se aproximando da religião, nos quais o insight espiritual é despertado, tais ideias são simplesmente infantis, simplesmente tolas. Tais homens rejeitam todas as ideias de medo.

O terceiro é um teste ainda mais elevado. O amor é sempre o ideal mais elevado. Depois de passarmos pelos dois primeiros estágios, quando nos livramos de todas as compras e de todo o medo, começamos a perceber que o amor é sempre o ideal mais elevado. Quantas vezes neste mundo vemos uma mulher bonita amando um homem feio? Quantas vezes vemos um homem bonito amando uma mulher feia! Qual é a atração? Os espectadores só veem o homem feio ou a mulher feia, mas não o amante; para o amante, o amado é o ser mais lindo que já existiu. Como é? A mulher que ama o homem feio pega, por assim dizer, o ideal de beleza que está em sua mente e o projeta nesse homem feio; e o que ela adora e ama não é o homem feio, mas o seu próprio ideal. Esse homem é, por assim dizer, apenas a sugestão, e sobre essa sugestão ela lança o seu próprio ideal e o cobre; e se torna seu objeto de adoração. Agora, isso se aplica a todos os casos em que amamos. Muitos de nós temos irmãos ou irmãs de aparência muito comum; no entanto, a própria ideia de serem irmãos ou irmãs os torna lindos para nós.

A filosofia subjacente é que cada um projeta seu próprio ideal e o venera. Este mundo externo é apenas o mundo da sugestão. Tudo o que vemos,

projetamos em nossas próprias mentes. Um grão de areia entra na concha de uma ostra e a irrita. A irritação produz uma secreção na ostra, que cobre o grão de areia e o resultado é uma linda pérola. Da mesma forma, as coisas externas nos fornecem sugestões, sobre as quais projetamos nossos próprios ideais e fazemos nossos objetos. Os ímpios veem este mundo como um inferno perfeito e os bons como um paraíso perfeito. Os amantes veem este mundo como cheio de amor, e os que odeiam, como cheio de ódio; os combatentes não veem nada além de conflitos, e os pacíficos, nada além de paz. O homem perfeito não vê nada além de Deus. Assim, sempre adoramos o nosso ideal mais elevado, e quando chegamos ao ponto, quando amamos o ideal como o ideal, todos os argumentos e dúvidas desaparecem para sempre. Quem se importa se Deus pode ser demonstrado ou não? O ideal nunca pode desaparecer, porque faz parte da minha própria natureza. Só questionarei o ideal quando questionar a minha própria existência, e como não posso questionar um, não posso questionar o outro. Quem se importa se Deus pode ser todo-poderoso e misericordioso ao mesmo tempo ou não? Quem se importa se Ele é o recompensador da humanidade, se Ele nos olha com os olhos de um tirano ou com os olhos de um monarca beneficente?

O amante ultrapassou todas essas coisas, além das recompensas e dos castigos, além dos medos e das dúvidas, além da demonstração científica ou de qualquer outra demonstração. Para ele é suficiente o ideal do amor, e não é evidente que este universo é apenas uma manifestação deste amor? O que é que faz os átomos se unirem aos átomos, as moléculas às moléculas, e faz com que os planetas voem uns em direção aos outros? O que é que atrai o homem ao homem, o homem à mulher, a mulher ao homem e os animais aos animais, atraindo o universo inteiro, por assim dizer, para um centro? É o que se chama amor. Sua manifestação vai do átomo mais inferior ao ser mais elevado: onipotente, onipresente, é esse amor. O que se manifesta como atração no senciente e no insensível, no particular e no universal, é o amor de Deus. É a única força motriz que existe no universo. Sob o impulso desse amor, Cristo dá a vida pela humanidade, Buda até por um animal, a mãe pela criança, o marido pela esposa. É sob o impulso do mesmo amor que os homens estão dispostos a dar as suas vidas pela sua pátria, e é estranho dizer que, sob o impulso do mesmo amor, o ladrão rouba, o assassino mata. Mesmo nestes casos, o espírito é o mesmo, mas a manifestação é diferente. Esta é a única força motriz no universo. O ladrão

ama ouro; o amor existe, mas é mal direcionado. Assim, em todos os crimes, bem como em todas as ações virtuosas, por trás está aquele amor eterno. Suponhamos que um homem assina um cheque de mil dólares para os pobres de Nova Iorque e, ao mesmo tempo, na mesma sala, outro homem falsifica o nome de um amigo. A luz com que ambos escrevem é a mesma, mas cada um será responsável pelo uso que dela fizer. Não é a luz que deve ser elogiada ou culpada. Desapegado, mas brilhando em tudo, está o amor, a força motriz do universo, sem a qual o universo desmoronaria num momento, e esse amor é Deus.

“Ninguém, ó amado, ama o marido por causa do marido, mas pelo Ser que está no marido; ninguém, ó amado, jamais ama a esposa por causa da esposa, mas pelo Eu que está na esposa. ama qualquer outra coisa, exceto o Eu." Mesmo este egoísmo, tão condenado, não é senão uma manifestação do mesmo amor. Afaste-se desta peça, não se misture com ela, mas veja este maravilhoso panorama, este grande drama, representado cena após cena, e ouça esta maravilhosa harmonia; todos são manifestação do mesmo amor. Mesmo no egoísmo, esse eu se multiplicará, crescerá e crescerá. Esse eu único, esse homem único, se tornará dois eus quando se casar; vários, quando tiver filhos; e assim ele cresce até sentir o mundo inteiro como o seu Eu, o universo inteiro como o seu Eu. Ele se expande em uma massa de amor universal, amor infinito – o amor que é Deus.

Assim chegamos ao que é chamado de Bhakti supremo, devoção suprema, na qual formas e símbolos desaparecem. Aquele que alcançou isso não pode pertencer a nenhuma seita, pois todas as seitas estão nele. A que ele pertencerá? Pois todas as igrejas e templos estão nele. Onde está a igreja grande o suficiente para ele? Tal homem não pode vincular-se a certas formas limitadas. Onde está o limite para o amor ilimitado, com o qual ele se tornou um? Em todas as religiões que adotam este ideal de amor, encontramos luta para expressá-lo. Embora entendamos o que este amor significa e vejamos que tudo neste mundo de afeições e atrações é uma manifestação desse Amor Infinito, cuja expressão foi tentada por sábios e santos de diferentes nações, ainda assim os encontramos usando todos os poderes de linguagem, transfigurando até a expressão mais carnal em divina.

Assim cantou o sábio real hebreu, assim cantaram eles da Índia. "Ó amado, um beijo de Teus lábios! Beijado por Ti, a sede de Ti aumenta para sempre! Todas as tristezas cessam, a pessoa esquece o passado, o presente e o futuro, e só pensa em Ti." Essa é a loucura do amante, quando todos os desejos desaparecem. "Quem se importa com a salvação? Quem se importa em ser salvo? Quem se importa em ser perfeito? Quem se importa com a liberdade?" — diz o amante. "Não quero riqueza, nem mesmo saúde; não quero beleza, não quero intelecto: deixe-me nascer de novo e de novo, em meio a todos os males que existem no mundo; não vou reclamar, mas deixe-me amar Ti, e isso por amor."

Essa é a loucura do amor que encontra expressão nessas canções. O amor humano mais elevado, mais expressivo, mais forte e mais atraente é aquele entre homem e mulher e, portanto, essa linguagem foi usada para expressar a mais profunda devoção. A loucura deste amor humano foi o mais tênue eco do amor louco dos santos. Os verdadeiros amantes de Deus querem enlouquecer, embriagar-se do amor de Deus, tornar-se "homens embriagados de Deus". Eles querem beber do cálice do amor que foi preparado pelos santos e sábios de todas as religiões, que derramaram nele o sangue de seus corações, e no qual foram concentradas todas as esperanças daqueles que amaram a Deus sem buscar recompensa, que queria o amor apenas para si. A recompensa do amor é o amor, e que recompensa! É a única coisa que tira todas as tristezas, o único cálice, através do qual esta doença do mundo desaparece. O homem torna-se divinamente louco e esquece que ele é homem.

Por último, descobrimos que todos estes vários sistemas, no final, convergem para aquele ponto único, aquela união perfeita. Sempre começamos como dualistas. Deus é um Ser separado e eu sou um ser separado. O amor se interpõe e o homem começa a se aproximar de Deus, e Deus, por assim dizer, começa a se aproximar do homem. O homem assume todos os vários relacionamentos da vida, como pai, mãe, amigo ou amante; e o último ponto é alcançado quando ele se torna um com o objeto de adoração. "Eu sou você, e você sou eu; e adorando você, eu adoro a mim mesmo; e adorando a mim mesmo, eu adoro você." Aí encontramos o ponto culminante daquilo com que o homem começa. No início era amor por si mesmo, mas as reivindicações do pequeno eu tornavam o amor egoísta; no

final veio o brilho total da luz, quando esse eu se tornou o Infinito. Aquele Deus que a princípio era um Ser em algum lugar, resolveu-se, por assim dizer, no Amor Infinito. O próprio homem também foi transformado. Ele estava se aproximando de Deus, ele estava se livrando de todos os desejos vãos, dos quais antes estava cheio. Com os desejos, o egoísmo desapareceu e, no ápice, ele descobriu que o Amor, o Amante e o Amado eram Um.

2.5 JNANA-YOGA

2.5.1 CAPÍTULO 1: A NECESSIDADE DA RELIGIÃO

(Entregue em Londres)

De todas as forças que trabalharam e ainda trabalham para moldar os destinos da raça humana, nenhuma, certamente, é mais potente do que aquela, cuja manifestação chamamos de religião. Todas as organizações sociais têm como pano de fundo, em algum lugar, o funcionamento dessa força peculiar, e o maior impulso de coesão já posto em ação entre as unidades humanas derivou deste poder. É óbvio para todos nós que, em muitos casos, os laços religiosos revelaram-se mais fortes do que os laços raciais, ou climáticos, ou mesmo de descendência. É um facto bem conhecido que pessoas que adoram o mesmo Deus, que acreditam na mesma religião, têm-se apoiado umas às outras, com muito maior força e constância, do que pessoas meramente da mesma descendência, ou mesmo irmãos. Várias tentativas foram feitas para rastrear os primórdios da religião. Em todas as religiões antigas que chegaram até nós até hoje, encontramos uma afirmação: que elas são todas sobrenaturais, que sua gênese não está, por assim dizer, no cérebro humano, mas que elas se originaram em algum lugar fora do cérebro. disso.

Duas teorias ganharam alguma aceitação entre os estudiosos modernos. Uma é a teoria espiritual da religião, a outra é a evolução da ideia do Infinito. Um partido sustenta que o culto aos ancestrais é o início das ideias religiosas; a outra, que a religião se origina na personificação dos poderes da natureza. O homem quer manter a memória dos seus parentes falecidos e pensa que eles estão vivos mesmo quando o corpo está dissolvido, e quer

colocar comida para eles e, num certo sentido, adorá-los. Disso surgiu o crescimento que chamamos de religião.

Estudando as antigas religiões dos egípcios, babilônios, chineses e muitas outras raças na América e em outros lugares, encontramos traços muito claros de que esse culto aos ancestrais foi o início da religião. Com os antigos egípcios, a primeira ideia da alma foi a de um duplo. Cada corpo humano continha outro ser muito semelhante a ele; e quando um homem morria, esse duplo saía do corpo e ainda assim continuava a viver. Mas a vida do duplo durou apenas enquanto o cadáver permaneceu intacto, e é por isso que encontramos entre os egípcios tanta solicitude em manter o corpo ileso. E é por isso que construíram aquelas enormes pirâmides nas quais preservavam os corpos. Pois, se alguma parte do corpo externo fosse ferida, o duplo seria correspondentemente ferido. Isto é claramente adoração aos ancestrais. Com os antigos babilônios encontramos a mesma ideia do duplo, mas com uma variação. O duplo perdeu todo o sentido do amor; assustava os vivos dar-lhe comida e bebida e ajudá-los de várias maneiras. Perdeu até todo o carinho pelos próprios filhos e pela própria esposa. Também entre os antigos hindus encontramos vestígios desse culto aos ancestrais. Entre os chineses, a base da sua religião também pode ser considerada o culto aos antepassados, e ainda permeia todo aquele vasto país. Na verdade, a única religião que pode realmente florescer na China é a do culto aos antepassados. Assim, parece, por um lado, que se apresenta uma posição muito boa para aqueles que defendem a teoria do culto aos antepassados como o início da religião.

Por outro lado, há estudiosos que, a partir da antiga literatura ariana, mostram que a religião se originou no culto à natureza. Embora na Índia encontremos provas de adoração aos ancestrais em todos os lugares, nos registros mais antigos não há qualquer vestígio disso. No Rig-Veda Samhitâ, registro mais antigo da raça ariana, não encontramos nenhum vestígio dela. Os estudiosos modernos pensam que é o culto à natureza que encontram ali. A mente humana parece lutar para dar uma espiada nos bastidores. A madrugada, o entardecer, o furacão, as forças estupendas e gigantescas da natureza, suas belezas, têm exercitado a mente humana, e ela aspira a ir além, a compreender algo sobre elas. Na luta eles dotam esses fenômenos de atributos pessoais, dando-lhes almas e corpos, às vezes belos,

às vezes transcendentais. Toda tentativa termina com esses fenômenos se tornando abstrações, personalizadas ou não. O mesmo ocorre com os antigos gregos; toda a sua mitologia é simplesmente essa adoração abstrata da natureza. O mesmo aconteceu com os antigos alemães, os escandinavos e todas as outras raças arianas. Assim, também deste lado, foi apresentado um argumento muito forte de que a religião tem a sua origem na personificação dos poderes da natureza.

Estas duas visões, embora pareçam contraditórias, podem ser reconciliadas numa terceira base, que, a meu ver, é o verdadeiro germe da religião, e que proponho chamar de luta para transcender as limitações dos sentidos. Ou o homem vai em busca dos espíritos de seus ancestrais, os espíritos dos mortos, ou seja, ele quer ter um vislumbre do que existe depois que o corpo é dissolvido, ou ele deseja compreender o poder que atua por trás dos estupendo fenômenos da natureza. Qualquer que seja o caso, uma coisa é certa: ele tenta transcender as limitações dos sentidos. Ele não pode ficar satisfeito com os seus sentidos; ele quer ir além deles. A explicação não precisa ser misteriosa. Para mim parece muito natural que o primeiro vislumbre da religião venha através dos sonhos. A primeira ideia da imortalidade do homem pode muito bem surgir através dos sonhos. Não é esse um estado maravilhoso? E sabemos que as crianças e as mentes não instruídas encontram muito pouca diferença entre o sonho e o estado desperto. O que pode ser mais natural do que descobrirem, como lógica natural, que mesmo durante o estado de sono, quando o corpo está aparentemente morto, a mente continua com todo o seu intrincado funcionamento? Não é de admirar que os homens cheguem imediatamente à conclusão de que, quando este corpo for dissolvido para sempre, o mesmo trabalho continuará? Esta, a meu ver, seria uma explicação mais natural do sobrenatural, e através desta ideia onírica a mente humana eleva-se a concepções cada vez mais elevadas. É claro que, com o tempo, a grande maioria da humanidade descobriu que esses sonhos não são verificados pelos seus estados de vigília, e que durante o estado de sonho não é que o homem tenha uma nova existência, mas simplesmente que ele recapitula as experiências dos despertos. estado.

Mas a essa altura a busca já havia começado, e a busca era interior, e o homem continuou investigando mais profundamente os diferentes estágios

da mente e descobriu estados mais elevados do que a vigília ou o sonho. Encontramos este estado de coisas em todas as religiões organizadas do mundo, chamado de êxtase ou inspiração. Em todas as religiões organizadas, declara-se que os seus fundadores, profetas e mensageiros entraram em estados mentais que não eram nem de vigília nem de sono, nos quais se depararam face a face com uma nova série de fatos relacionados com o que é chamado de reino espiritual. Eles perceberam as coisas ali com muito mais intensidade do que percebemos os fatos ao nosso redor em nosso estado de vigília. Tomemos, por exemplo, as religiões dos brâmanes. Diz-se que os Vedas foram escritos por Rishis. Esses Rishis eram sábios que perceberam certos fatos. A definição exata da palavra sânscrita Rishi é um Vidente de Mantras – dos pensamentos transmitidos nos hinos védicos. Esses homens declararam que haviam percebido — sentido, se é que essa palavra pode ser usada com relação ao suprassensível — certos fatos, e esses fatos eles passaram a registrar. Encontramos a mesma verdade declarada entre judeus e cristãos.

Algumas exceções podem ser feitas no caso dos budistas representados pela seita do Sul. Pode-se perguntar: se os budistas não acreditam em nenhum Deus ou alma, como pode a sua religião ser derivada do estado supra-sensorial de existência? A resposta a isto é que até os budistas encontram uma lei moral eterna, e essa lei moral não foi fundamentada no sentido que damos à palavra. Mas Buda encontrou-a, descobriu-a, num estado supra-sensorial. Aqueles de vocês que estudaram a vida de Buda, mesmo que brevemente, apresentada naquele belo poema, A Luz da Ásia, podem lembrar que Buda é representado sentado sob a árvore Bo até atingir aquele estado mental supra-sensorial. Todos os seus ensinamentos vieram através disso, e não através de cogitações intelectuais.

Assim, uma afirmação tremenda é feita por todas as religiões; que a mente humana, em determinados momentos, transcende não apenas as limitações dos sentidos, mas também o poder do raciocínio. Fica então cara a cara com fatos que nunca poderia ter percebido, nunca poderia ter raciocinado. Esses fatos são a base de todas as religiões do mundo. É claro que temos o direito de contestar estes factos, de os submeter à prova da razão. No entanto, todas as religiões existentes no mundo reivindicam para a mente humana este

poder peculiar de transcender os limites dos sentidos e os limites da razão; e esse poder eles apresentam como uma declaração de fato.

Além da consideração da questão de saber até que ponto estes factos alegados pelas religiões são verdadeiros, encontramos uma característica comum a todos eles. São todas abstrações em contraste com as descobertas concretas da física, por exemplo; e em todas as religiões altamente organizadas eles assumem a forma mais pura de Abstração Unitária, seja na forma de uma Presença Abstrata, como um Ser Onipresente, como uma Personalidade Abstrata chamada Deus, como uma Lei Moral, ou na forma de uma Essência Abstrata subjacente a toda existência. Também nos tempos modernos, as tentativas feitas de pregar religiões sem apelar ao estado supra-sensorial da mente tiveram que retomar as antigas abstrações dos Antigos e dar-lhes nomes diferentes como "Lei Moral", a "Unidade Ideal", e assim por diante, mostrando assim que essas abstrações não estão nos sentidos. Nenhum de nós ainda viu um "Ser Humano Ideal", e ainda assim nos dizem para acreditar nele. Nenhum de nós viu ainda um homem idealmente perfeito e, no entanto, sem esse ideal não podemos progredir. Assim, este único fato se destaca de todas essas diferentes religiões, que existe uma Unidade Ideal de Abstração, que é colocada diante de nós, seja na forma de uma Pessoa ou de um Ser Impessoal, ou de uma Lei, ou de uma Presença, ou de uma Essência. . Estamos sempre lutando para nos elevarmos a esse ideal. Todo ser humano, seja quem for e onde quer que esteja, tem um ideal de poder infinito. Todo ser humano tem um ideal de prazer infinito. A maior parte das obras que encontramos ao nosso redor, das atividades expostas por toda parte, devem-se à luta por esse poder infinito ou por esse prazer infinito. Mas alguns descobrem rapidamente que, embora lutem pelo poder infinito, não é através dos sentidos que ele pode ser alcançado. Eles logo descobrem que esse prazer infinito não pode ser obtido através dos sentidos, ou, em outras palavras, os sentidos são muito limitados e o corpo é muito limitado para expressar o Infinito. Manifestar o Infinito através do finito é impossível e, mais cedo ou mais tarde, o homem aprende a desistir de tentar expressar o Infinito através do finito. Esta desistência, esta renúncia à tentativa, é o pano de fundo da ética. A renúncia é a própria base sobre a qual se sustenta a ética. Nunca houve um código ético pregado que não tivesse a renúncia como base.

A ética sempre diz: “Não eu, mas você”. Seu lema é: “Não eu, mas não-eu”. As vãs ideias do individualismo, às quais o homem se apegava quando tenta encontrar esse Poder Infinito ou esse Prazer Infinito através dos sentidos, têm de ser abandonadas – dizem as leis da ética. Você tem que se colocar em último lugar e os outros antes de você. Os sentidos dizem: “Eu primeiro”. A ética diz: “Devo me manter por último”. Assim, todos os códigos de ética baseiam-se nesta renúncia; destruição, e não construção, do indivíduo no plano material. Esse Infinito nunca encontrará expressão no plano material, nem é possível ou pensável.

Assim, o homem tem que abandonar o plano da matéria e ascender a outras esferas para buscar uma expressão mais profunda desse Infinito. Desta forma, as diversas leis éticas estão sendo moldadas, mas todas têm aquela ideia central: a abnegação eterna. A autoaniquilação perfeita é o ideal da ética. As pessoas ficam assustadas quando lhes é pedido que não pensem nas suas individualidades. Eles parecem ter muito medo de perder o que chamam de individualidade. Ao mesmo tempo, os mesmos homens declarariam que os mais elevados ideais de ética estão certos, nunca por um momento pensando que o âmbito, o objectivo, a ideia de toda a ética é a destruição, e não a construção, do indivíduo.

Os padrões utilitários não podem explicar as relações éticas dos homens, pois, em primeiro lugar, não podemos derivar quaisquer leis éticas de considerações de utilidade. Sem a sanção sobrenatural, como é chamada, ou a percepção do superconsciente, como prefiro chamá-la, não pode haver ética. Sem a luta pelo Infinito não pode haver ideal. Qualquer sistema que queira vincular os homens aos limites das suas próprias sociedades não é capaz de encontrar uma explicação para as leis éticas da humanidade. O Utilitarista quer que desistamos da luta pelo Infinito, da busca pelo Supersensorial, como algo impraticável e absurdo, e, ao mesmo tempo, pede-nos que assumamos a ética e façamos o bem à sociedade. Por que devemos fazer o bem? Fazer o bem é uma consideração secundária. Devemos ter um ideal. A ética em si não é o fim, mas o meio para atingir o fim. Se o fim não existe, por que deveríamos ser éticos? Por que deveria eu fazer o bem a outros homens e não prejudicá-los? Se a felicidade é o objectivo da humanidade, por que não deveria eu fazer a mim mesmo feliz e aos outros infelizes? O que me impede? Em segundo lugar, a base da

utilidade é demasiado estreita. Todas as formas e métodos sociais atuais derivam da sociedade tal como ela existe, mas que direito tem o utilitarista de presumir que a sociedade é eterna? A sociedade não existia há muito tempo, possivelmente não existirá daqui a muito tempo. Muito provavelmente é um dos estágios transitórios através dos quais estamos caminhando em direção a uma evolução superior, e qualquer lei derivada apenas da sociedade não pode ser eterna, não pode abranger todo o terreno da natureza do homem. Na melhor das hipóteses, portanto, as teorias utilitaristas só podem funcionar nas actuais condições sociais. Além disso, eles não têm valor. Mas uma moralidade, um código ético, derivado da religião e da espiritualidade, tem como escopo o todo do homem infinito. Ela abrange o indivíduo, mas suas relações são com o Infinito, e abrange também a sociedade - porque a sociedade nada mais é do que números desses indivíduos agrupados; e tal como se aplica ao indivíduo e às suas relações eternas, deve necessariamente aplicar-se a toda a sociedade, qualquer que seja a condição em que se encontre num dado momento. Assim vemos que sempre existe a necessidade de religião espiritual para a humanidade. O homem nem sempre pode pensar na matéria, por mais prazerosa que ela seja.

Foi dito que muita atenção às coisas espirituais perturba as nossas relações práticas neste mundo. Já nos dias do sábio chinês Confúcio, dizia-se: “Vamos cuidar deste mundo: e então, quando tivermos terminado com este mundo, cuidaremos do outro mundo”. É muito bom que cuidemos deste mundo. Mas se muita atenção ao espiritual pode afetar um pouco as nossas relações práticas, muita atenção ao chamado prático nos prejudica aqui e no futuro. Isso nos torna materialistas. Pois o homem não deve considerar a natureza como seu objetivo, mas como algo superior.

O homem é homem enquanto luta para se elevar acima da natureza, e esta natureza é interna e externa. Não só compreende as leis que governam as partículas de matéria fora de nós e nos nossos corpos, mas também a natureza mais subtil interior, que é, de facto, a força motriz que governa o externo. É bom e muito grandioso conquistar a natureza externa, mas é ainda mais grandioso conquistar a nossa natureza interna. É grandioso e bom conhecer as leis que regem as estrelas e os planetas; é infinitamente mais grandioso e melhor conhecer as leis que regem as paixões, os

sentimentos, a vontade da humanidade. Esta conquista do homem interior, a compreensão dos segredos do funcionamento sutil que está dentro da mente humana e o conhecimento de seus maravilhosos segredos, pertencem inteiramente à religião. A natureza humana – quero dizer, a natureza humana comum – quer ver grandes fatos materiais. O homem comum não consegue compreender nada que seja sutil. Bem foi dito que as massas admiram o leão que mata mil cordeiros, nunca por um momento pensando que isso é a morte dos cordeiros. Embora seja um triunfo momentâneo para o leão; porque encontram prazer apenas nas manifestações de força física. Assim é com o funcionamento normal da humanidade. Eles entendem e encontram prazer em tudo que é externo. Mas em cada sociedade há uma secção cujos prazeres não estão nos sentidos, mas mais além, e que de vez em quando vislumbra algo superior à matéria e lutam para alcançá-lo. E se lermos a história das nações nas entrelinhas, sempre descobriremos que a ascensão de uma nação vem com um aumento no número de tais homens; e a queda começa quando esta busca pelo Infinito, por mais vaidosos que os utilitaristas possam chamá-la, cessar. Isto é, a fonte principal da força de cada raça reside na sua espiritualidade, e a morte dessa raça começa no dia em que a espiritualidade diminui e o materialismo ganha terreno.

Assim, além dos fatos e verdades sólidas que podemos aprender com a religião, além dos confortos que dela podemos obter, a religião, como ciência, como estudo, é o maior e mais saudável exercício que a mente humana pode ter. Esta busca do Infinito, esta luta para compreender o Infinito, este esforço para ir além das limitações dos sentidos - fora da matéria, por assim dizer - e para evoluir o homem espiritual - este esforço dia e noite para tornar o Infinito um com nosso ser – esta luta em si é a maior e mais gloriosa que o homem pode travar. Algumas pessoas sentem maior prazer em comer. Não temos o direito de dizer que não deveriam. Outros encontram maior prazer em possuir certas coisas. Não temos o direito de dizer que não deveriam. Mas também não têm o direito de dizer “não” ao homem que encontra o seu maior prazer no pensamento espiritual. Quanto menor a organização, maior o prazer nos sentidos. Muito poucos homens conseguem comer uma refeição com o mesmo gosto que um cachorro ou um lobo. Mas todos os prazeres do cão ou do lobo desapareceram, por assim dizer, nos sentidos. Os tipos inferiores de humanidade em todas as nações encontram prazer nos sentidos, enquanto os

cultos e educados o encontram no pensamento, na filosofia, nas artes e nas ciências. A espiritualidade é um plano ainda mais elevado. Sendo o assunto infinito, esse plano é o mais elevado, e o prazer ali é o mais elevado para aqueles que podem apreciá-lo. Assim, mesmo no terreno utilitário de que o homem deve procurar o prazer, ele deve cultivar o pensamento religioso, pois é o prazer mais elevado que existe. Assim, a religião, como estudo, parece-me absolutamente necessária.

Podemos ver isso em seus efeitos. É a maior força motriz que move a mente humana. Nenhum outro ideal pode colocar em nós a mesma massa de energia que o espiritual. No que diz respeito à história humana, é óbvio para todos nós que tem sido assim e que os seus poderes não estão mortos. Não nego que os homens, simplesmente por motivos utilitários, possam ser muito bons e morais. Houve muitos grandes homens neste mundo perfeitamente sãos, morais e bons, simplesmente por motivos utilitários. Mas os que movem o mundo, homens que trazem, por assim dizer, uma massa de magnetismo ao mundo, cujo espírito trabalha às centenas e aos milhares, cuja vida acende outros com um fogo espiritual - tais homens, sempre descobrimos, têm essa formação espiritual. Sua força motriz veio da religião. A religião é a maior força motriz para a realização daquela energia infinita que é o direito de nascença e a natureza de todo homem. Na construção do caráter, na criação de tudo o que é bom e grandioso, na promoção da paz aos outros e à paz para si mesmo, a religião é a força motriz mais elevada e, portanto, deve ser estudada desse ponto de vista. A religião deve ser estudada numa base mais ampla do que anteriormente. Todas as idéias religiosas estreitas, limitadas e combativas têm que desaparecer. Todas as ideias de seitas e ideias religiosas tribais ou nacionais devem ser abandonadas. Que cada tribo ou nação tenha seu próprio Deus particular e pense que todas as outras estão erradas é uma superstição que deveria pertencer ao passado. Todas essas ideias devem ser abandonadas.

À medida que a mente humana se amplia, os seus passos espirituais também se ampliam. Já chegou o tempo em que um homem não pode registrar um pensamento sem que ele alcance todos os cantos da terra; por meios meramente físicos, entramos em contato com o mundo inteiro; portanto, as futuras religiões do mundo terão de se tornar tão universais, tão amplas.

Os ideais religiosos do futuro devem abranger tudo o que existe no mundo e é bom e grande e, ao mesmo tempo, ter um âmbito infinito para o desenvolvimento futuro. Tudo o que foi bom no passado deve ser preservado; e as portas devem ser mantidas abertas para futuras adições à loja já existente. As religiões também devem ser inclusivas e não desprezar umas às outras porque os seus ideais particulares de Deus são diferentes. Na minha vida tenho visto muitos homens espirituais, muitas pessoas sensatas, que não acreditavam em Deus, isto é, não no nosso sentido da palavra. Talvez eles entendessem Deus melhor do que nós jamais conseguiríamos. A ideia pessoal de Deus ou do Impessoal, do Infinito, da Lei Moral ou do Homem Ideal - tudo isso deve ser incluído na definição de religião. E quando as religiões se tornaram assim alargadas, o seu poder para o bem terá aumentado cem vezes. As religiões, tendo em si um tremendo poder, muitas vezes causaram mais danos do que benefícios ao mundo, simplesmente devido à sua estreiteza e limitações.

Mesmo hoje em dia encontramos muitas seitas e sociedades, com quase as mesmas ideias, lutando entre si, porque uma não quer expor essas ideias precisamente da mesma forma que outra. Portanto, as religiões terão que se ampliar. As ideias religiosas terão de se tornar universais, vastas e infinitas; e só então teremos o pleno desempenho da religião, pois o poder da religião apenas começou a manifestar-se no mundo. Diz-se por vezes que as religiões estão a desaparecer, que as ideias espirituais estão a desaparecer do mundo. Para mim, parece que eles apenas começaram a crescer. O poder da religião, ampliado e purificado, irá penetrar em todas as partes da vida humana. Enquanto a religião esteve nas mãos de uns poucos escolhidos ou de um corpo de sacerdotes, ela esteve nos templos, nas igrejas, nos livros, nos dogmas, nos cerimoniais, nas formas e nos rituais. Mas quando chegarmos ao conceito real, espiritual e universal, então, e somente então, a religião se tornará real e viva; ele entrará em nossa própria natureza, viverá em todos os nossos movimentos, penetrará em todos os poros de nossa sociedade e será infinitamente mais um poder para o bem do que nunca.

O que é necessário é um sentimento de solidariedade entre os diferentes tipos de religião, visto que todos eles permanecem ou caem juntos, um sentimento de solidariedade que brota da estima e do respeito mútuos, e não da expressão condescendente, paternalista e mesquinha de boa vontade,

infelizmente em voga atualmente com muitos. E, acima de tudo, isto é necessário entre os tipos de expressão religiosa provenientes do estudo dos fenômenos mentais - infelizmente, ainda hoje reivindicando exclusivamente o nome de religião - e aquelas expressões de religião cujas cabeças, por assim dizer, estão penetrando mais no segredo do céu, embora seus pés estejam agarrados à terra, refiro-me às chamadas ciências materialistas.

Para conseguir esta harmonia, ambos terão que fazer concessões, às vezes muito grandes, ou mais, às vezes dolorosas, mas cada um se achará melhor pelo sacrifício e mais avançado na verdade. E no final, o conhecimento que está confinado ao domínio do tempo e do espaço encontrará e se tornará um com aquilo que está além de ambos, onde a mente e os sentidos não podem alcançar – o Absoluto, o Infinito, o Um sem segundo.

2.5.2 CAPÍTULO 2: A VERDADEIRA NATUREZA DO HOMEM

(Entregue em Londres)

Grande é a tenacidade com que o homem se apegue aos sentidos. No entanto, por mais substancial que ele possa considerar o mundo externo em que vive e se move, chega um momento na vida dos indivíduos e das raças em que, involuntariamente, eles perguntam: "Isso é real?" Para a pessoa que nunca encontra um momento para questionar as credenciais dos seus sentidos, cujo cada momento está ocupado com algum tipo de prazer sensorial - até para ela a morte chega, e ela também é compelida a perguntar: "Isso é real?" A religião começa com esta pergunta e termina com a sua resposta. Mesmo no passado remoto, onde a história registrada não nos pode ajudar, à luz misteriosa da mitologia, no obscuro crepúsculo da civilização, descobrimos que a mesma pergunta foi feita: "O que acontece com isto? O que é real?"

Um dos mais poéticos dos Upanishads, o Katha Upanishad, começa com a pergunta: "Quando um homem morre, há uma disputa. Uma parte declara que ele se foi para sempre, a outra insiste que ele ainda está vivo. O que é verdadeiro?" Várias respostas foram dadas. Toda a esfera da metafísica, da filosofia e da religião está realmente repleta de várias respostas a esta questão. Ao mesmo tempo, foram feitas tentativas para suprimi-lo, para pôr

fim à inquietação da mente que pergunta: "O que está além? O que é real?" Mas enquanto a morte persistir, todas estas tentativas de supressão serão sempre infrutíferas. Podemos falar sobre não ver nada além e manter todas as nossas esperanças e aspirações confinadas ao momento presente, e lutar arduamente para não pensar em nada além do mundo dos sentidos; e, talvez, tudo o que está fora ajuda a manter-nos limitados dentro dos seus estreitos limites. O mundo inteiro pode combinar-se para impedir-nos de ir além do presente. No entanto, enquanto houver morte, a questão deverá surgir repetidamente: "Será a morte o fim de todas estas coisas às quais nos apegamos, como se fossem a mais real de todas as realidades, a mais substancial de todas as substâncias?" O mundo desaparece em um momento e desaparece. Estando à beira de um precipício além do qual está o abismo infinito, toda mente, por mais endurecida que seja, é obrigada a recuar e perguntar: "Isso é real?" As esperanças de uma vida inteira, construídas pouco a pouco com todas as energias de uma grande mente, desaparecem num segundo. Eles são reais? Esta pergunta deve ser respondida. O tempo nunca diminui o seu poder; por outro lado, acrescenta-lhe força.

Depois, há o desejo de ser feliz. Corremos atrás de tudo para sermos felizes; seguimos nossa louca carreira no mundo externo dos sentidos. Se você perguntar ao jovem com quem a vida é bem-sucedida, ele dirá que isso é real; e ele realmente pensa assim. Talvez, quando o mesmo homem envelhecer e descobrir que a fortuna lhe escapa, ele então declarará que é o destino. Ele finalmente descobre que seus desejos não podem ser satisfeitos. Aonde quer que ele vá, há um muro de adamantino além do qual ele não pode passar. Toda atividade sensorial resulta em uma reação. Tudo é evanescente. Prazer, miséria, luxo, riqueza, poder e pobreza, até mesmo a própria vida, são todos evanescentes.

Duas posições permanecem para a humanidade. Uma delas é acreditar, com os niilistas, que tudo é nada, que nada sabemos, que nunca poderemos saber nada sobre o futuro, o passado ou mesmo o presente. Pois devemos lembrar que quem nega o passado e o futuro e quer manter-se fiel ao presente é simplesmente um louco. Pode-se também negar o pai e a mãe e afirmar a criança. Seria igualmente lógico. Para negar o passado e o futuro, o presente também deve inevitavelmente ser negado. Esta é uma posição, a dos

niilistas. Nunca vi um homem que pudesse realmente se tornar um niilista por um minuto. É muito fácil conversar.

Depois, há a outra posição – procurar uma explicação, procurar o real, descobrir no meio deste mundo eternamente mutável e evanescente tudo o que é real. Neste corpo que é um agregado de moléculas de matéria, existe algo que seja real? Esta tem sido a busca ao longo da história da mente humana. Nos tempos mais antigos, frequentemente encontramos vislumbres de luz entrando nas mentes dos homens. Encontramos o homem, mesmo assim, dando um passo além deste corpo, encontrando algo que não é este corpo externo, embora muito parecido com ele, muito mais completo, muito mais perfeito, e que permanece mesmo quando este corpo é dissolvido. Lemos nos hinos do Rig-Veda, dirigidos ao Deus do Fogo que está queimando um cadáver: "Leve-o, ó Fogo, em seus braços suavemente, dê-lhe um corpo perfeito, um corpo brilhante, leve-o para onde o vivem os pais, onde não há mais tristeza, onde não há mais morte." A mesma ideia você encontrará presente em todas as religiões. E temos outra ideia com isso. É um facto significativo que todas as religiões, sem uma exceção, sustentam que o homem é uma degeneração daquilo que ele era, quer revestam isso com palavras mitológicas, quer com a linguagem clara da filosofia, quer com as belas expressões da poesia. Este é o único fato que resulta de todas as escrituras e de todas as mitologias: o homem que existe é uma degeneração do que ele era. Este é o cerne da verdade na história da queda de Adão nas escrituras judaicas. Isto é repetido repetidamente nas escrituras dos hindus; o sonho de um período que eles chamam de Era da Verdade, quando nenhum homem morria a menos que desejasse morrer, quando ele pudesse manter seu corpo pelo tempo que quisesse e sua mente fosse pura e forte. Não havia mal nem miséria; e a era atual é uma corrupção desse estado de perfeição. Lado a lado com isso, encontramos a história do dilúvio por toda parte. Essa história em si é uma prova de que esta era atual é considerada uma corrupção de uma era anterior por todas as religiões. Continuou a tornar-se cada vez mais corrupto até que o dilúvio varreu uma grande parte da humanidade e novamente começou a série ascendente. Ele está subindo lentamente novamente para alcançar mais uma vez aquele estado inicial de pureza. Todos vocês conhecem a história do dilúvio no Antigo Testamento. A mesma história era corrente entre os antigos babilônios, os egípcios, os chineses e os hindus. Manu, um grande

sábio antigo, estava orando na margem do Gangâ, quando um peixinho veio até ele em busca de proteção, e ele o colocou em um pote de água que tinha diante de si. "O que você quer?" perguntou Manu. O peixinho declarou que estava sendo perseguido por um peixe maior e queria proteção. Manu levou o peixinho para casa e pela manhã ele já estava do tamanho da panela e disse: "Não posso mais viver nesta panela". Manu colocou ele em um tanque, e no dia seguinte ele estava do tamanho do tanque e declarou que não poderia mais morar ali. Então Manu teve que levá-lo até um rio, e pela manhã os peixes encheram o rio. Então Manu o colocou no oceano e ele declarou: "Manu, eu sou o Criador do universo. Tomei esta forma para vir e avisar que vou inundar o mundo. Você constrói uma arca e nela coloca um par de toda espécie de animal, e deixe sua família entrar na arca, e lá projetará da água meu chifre. Fixe a arca nela e quando o dilúvio passar, saia e povoe a terra. Então o mundo foi inundado e Manu salvou sua própria família e dois animais de cada espécie e sementes de todas as plantas. Quando o dilúvio cessou, ele veio e povoou o mundo; e todos somos chamados de "homem", porque somos descendentes de Manu.

Agora, a linguagem humana é a tentativa de expressar a verdade que está dentro. Estou plenamente convencido de que um bebê cuja linguagem consiste em sons ininteligíveis está tentando expressar a filosofia mais elevada, só que o bebê não tem os órgãos nem os meios para expressá-la. A diferença entre a linguagem dos mais elevados filósofos e as declarações dos bebês é de grau e não de espécie. O que vocês chamam de linguagem matemática mais correta e sistemática do tempo presente, e as linguagens nebulosas, místicas e mitológicas dos antigos, diferem apenas em grau. Todos eles têm uma grande ideia por trás, que está, por assim dizer, lutando para se expressar; e muitas vezes por trás dessas mitologias antigas estão pepitas de verdade; e muitas vezes, lamento dizer, por trás das frases finas e polidas dos modernos está um lixo flagrante. Portanto, não precisamos jogar nada ao mar porque está revestido de mitologia, porque não se enquadra nas noções do Sr. Fulano de Tal ou da Sra. Fulano de Tal dos tempos modernos. Se as pessoas rissem da religião porque a maioria das religiões declara que os homens devem acreditar em mitologias ensinadas por tal ou tal profeta, deveriam rir mais desses modernos. Nos tempos modernos, se um homem cita um Moisés, um Buda ou um Cristo, riem dele; mas deixe-o dar o nome de um Huxley, um Tyndall ou um Darwin, e

será engolido sem sal. “Huxley disse isso”, isso é suficiente para muitos. Estamos realmente livres de superstições! Aquilo era uma superstição religiosa, e esta era uma superstição científica; somente nessa superstição surgiram ideias vivificantes de espiritualidade; dentro e através desta superstição moderna vêm a luxúria e a ganância. Essa superstição era a adoração a Deus, e essa superstição é a adoração do lucro imundo, da fama ou do poder. Essa é a diferença.

Para voltar à mitologia. Por trás de todas essas histórias encontramos uma ideia suprema: a de que o homem é uma degeneração do que era. Chegando aos tempos atuais, a pesquisa moderna parece repudiar absolutamente esta posição. Os evolucionistas parecem contradizer inteiramente esta afirmação. Segundo eles, o homem é a evolução do molusco; e, portanto, o que a mitologia afirma não pode ser verdade. Existe na Índia, contudo, uma mitologia que é capaz de conciliar ambas as posições. A mitologia indiana tem uma teoria de ciclos, de que toda progressão ocorre na forma de ondas. Cada onda é acompanhada por uma queda, e esta por uma subida no momento seguinte, por uma queda no momento seguinte, e novamente por outra subida. O movimento ocorre em ciclos. Certamente é verdade, mesmo com base na investigação moderna, que o homem não pode ser simplesmente uma evolução. Toda evolução pressupõe uma involução. O homem científico moderno lhe dirá que você só pode extrair de uma máquina a quantidade de energia que você colocou nela anteriormente. Algo não pode ser produzido do nada. Se o homem é uma evolução do molusco, então o homem perfeito – o homem-Buda, o homem-Cristo – estava envolvido no molusco. Se não for assim, de onde vêm essas personalidades gigantescas? Algo não pode surgir do nada. Assim, estamos na posição de reconciliar as Escrituras com a luz moderna. Essa energia que se manifesta lentamente através de vários estágios até se tornar o homem perfeito, não pode surgir do nada. Existia em algum lugar; e se o molusco ou o protoplasma é o primeiro ponto até onde você pode rastreá-lo, esse protoplasma, de uma forma ou de outra, deve ter contido a energia.

Há uma grande discussão sobre se o agregado de materiais que chamamos de corpo é a causa da manifestação da força que chamamos de alma, pensamento, etc., ou se é o pensamento que manifesta este corpo. É claro que as religiões do mundo sustentam que a força chamada pensamento

manifesta o corpo, e não o contrário. Existem escolas de pensamento moderno que sustentam que o que chamamos de pensamento é simplesmente o resultado do ajuste das partes da máquina que chamamos de corpo. Assumir a segunda posição de que a alma ou a massa de pensamento, ou como você possa chamá-la, é o resultado desta máquina, o resultado das combinações químicas e físicas da matéria que constituem o corpo e o cérebro, deixa a questão sem resposta. O que faz o corpo? Que força combina as moléculas na forma do corpo? Que força existe que retira material da massa de matéria ao redor e forma meu corpo de uma maneira, outro corpo de outra maneira, e assim por diante? O que faz essas distinções infinitas? Dizer que a força chamada alma é o resultado das combinações das moléculas do corpo é colocar a carroça na frente dos bois. Como surgiram as combinações; onde estava a força para fazê-los? Se você disser que alguma outra força foi a causa dessas combinações, e que a alma foi o resultado dessa matéria, e que essa alma – que combinou uma certa massa de matéria – foi ela mesma o resultado das combinações, isso não é resposta. Deve-se adotar aquela teoria que explica a maioria dos fatos, se não todos, e isso sem contradizer outras teorias existentes. É mais lógico dizer que a força que absorve a matéria e forma o corpo é a mesma que se manifesta através desse corpo. Dizer, portanto, que as forças do pensamento manifestadas pelo corpo são o resultado do arranjo das moléculas e não têm existência independente, não tem sentido; nem a força pode evoluir a partir da matéria. Pelo contrário, é possível demonstrar que aquilo que chamamos de matéria não existe de todo. É apenas um certo estado de força. Pode-se provar que solidez, dureza ou qualquer outro estado da matéria são o resultado do movimento. O aumento do movimento de vórtice transmitido aos fluidos confere-lhes a força dos sólidos. Uma massa de ar em movimento de vórtice, como num tornado, torna-se sólida e pelo seu impacto quebra ou corta os sólidos. Um fio de teia de aranha, se pudesse ser movido a uma velocidade quase infinita, seria tão forte quanto uma corrente de ferro e cortaria um carvalho. Olhando desta forma, seria mais fácil provar que o que chamamos de matéria não existe. Mas o contrário não pode ser provado.

Qual é a força que se manifesta através do corpo? É óbvio para todos nós, qualquer que seja essa força, que ela está absorvendo partículas, por assim dizer, e manipulando formas a partir delas – o corpo humano. Ninguém

mais vem aqui para manipular corpos para você e para mim. Nunca vi ninguém comer comida por mim. Tenho que assimilá-lo, fabricar sangue e ossos e tudo mais a partir desse alimento. O que é essa força misteriosa? As ideias sobre o futuro e sobre o passado parecem aterrorizantes para muitos. Para muitos, parecem ser mera especulação.

Tomaremos o tema atual. Qual é esta força que agora está trabalhando através de nós? Sabemos como nos tempos antigos, em todas as escrituras antigas, este poder, esta manifestação de poder, era considerado uma substância brilhante que tinha a forma deste corpo, e que permaneceu mesmo após a queda deste corpo. Mais tarde, porém, descobrimos que surge uma ideia mais elevada – que este corpo brilhante não representava a força. Tudo o que tem forma deve ser o resultado de combinações de partículas e requer algo mais por trás dele para movê-lo. Se este corpo necessita de algo que não é o corpo para manipulá-lo, o corpo brilhante, pela mesma necessidade, também necessitará de algo diferente de si mesmo para manipulá-lo. Então, esse algo foi chamado de alma, o Atman em sânscrito. Foi o Atman que, através do corpo brilhante, atuou, por assim dizer, no corpo grosseiro externo. O corpo brilhante é considerado o receptáculo da mente, e o Atman está além disso. Nem mesmo é a mente; trabalha a mente e, através da mente, o corpo. Você tem um Atman, eu tenho outro, cada um de nós tem um Atman separado e um corpo sutil separado, e através disso trabalhamos no corpo externo grosseiro. Perguntas foram então feitas sobre este Atman sobre sua natureza. O que é este Atman, esta alma do homem que não é nem o corpo nem a mente? Seguiram-se grandes discussões. Especulações foram feitas, vários matizes de investigação filosófica surgiram; e tentarei apresentar-lhes algumas das conclusões que foram alcançadas sobre este Atman.

As diferentes filosofias parecem concordar que este Atman, seja ele qual for, não tem forma nem formato, e aquilo que não tem forma nem formato deve ser onipresente. O tempo começa com a mente, o espaço também está na mente. A causalidade não pode permanecer sem tempo. Sem a ideia de sucessão não pode haver qualquer ideia de causalidade. O tempo, o espaço e a causação, portanto, estão na mente, e como este Atman está além da mente e é sem forma, deve estar além do tempo, além do espaço e além da causação. Agora, se estiver além do tempo, do espaço e da causalidade,

deve ser infinito. Então vem a maior especulação em nossa filosofia. O infinito não pode ser dois. Se a alma for infinita, só pode haver uma Alma, e todas as ideias de várias almas – você tendo uma alma, e eu tendo outra, e assim por diante – não são reais. O Homem Real, portanto, é uno e infinito, o Espírito onipresente. E o homem aparente é apenas uma limitação desse Homem Real. Nesse sentido, as mitologias são verdadeiras: o homem aparente, por maior que seja, é apenas um vago reflexo do Homem Real que está além. O Homem Real, o Espírito, estando além da causa e do efeito, não limitado pelo tempo e pelo espaço, deve, portanto, ser livre. Ele nunca foi vinculado e não poderia ser vinculado. O homem aparente, o reflexo, é limitado pelo tempo, pelo espaço e pela causalidade e, portanto, está preso. Ou, na linguagem de alguns dos nossos filósofos, ele parece estar preso, mas na verdade não está. Esta é a realidade em nossas almas, esta onipresença, esta natureza espiritual, este infinito. Cada alma é infinita, portanto não há questão de nascimento e morte. Algumas crianças estavam sendo examinadas. O examinador colocou-lhes questões bastante difíceis, e entre elas estava esta: "Por que a terra não cai?" Ele queria evocar respostas sobre a gravitação. A maioria das crianças não conseguiu responder; alguns responderam que era gravitação ou algo assim. Uma garotinha inteligente respondeu fazendo outra pergunta: "Onde deveria cair?" A pergunta é um absurdo. Onde a terra deveria cair? Não há queda ou ascensão para a terra. No espaço infinito não existe cima ou baixo; isso é apenas no relativo. Para onde está indo ou vindo para o infinito? De onde deveria vir e para onde deveria ir?

Assim, quando as pessoas deixam de pensar no passado ou no futuro, quando desistem da ideia de corpo, porque o corpo vai e vem e é limitado, então elas ascenderam a um ideal mais elevado. O corpo não é o Homem Real, nem a mente, pois a mente aumenta e diminui. É o Espírito do além, o único que pode viver para sempre. O corpo e a mente estão continuamente mudando e são, na verdade, apenas nomes de séries de fenômenos mutáveis, como rios cujas águas estão em constante estado de fluxo, apresentando ainda a aparência de riachos ininterruptos. Cada partícula deste corpo está mudando continuamente; ninguém tem o mesmo corpo por muitos minutos juntos e, ainda assim, pensamos nele como o mesmo corpo. O mesmo ocorre com a mente; num momento está feliz, noutro momento infeliz; um momento forte, outro fraco; um redemoinho em constante

mudança. Esse não pode ser o Espírito que é infinito. A mudança só pode ser limitada. Dizer que o infinito muda de alguma forma é absurdo; não pode ser. Vocês podem se mover e eu posso me mover, como corpos limitados; cada partícula neste universo está em constante estado de fluxo, mas tomando o universo como uma unidade, como um todo, ele não pode se mover, não pode mudar. O movimento é sempre uma coisa relativa. Eu me movo em relação a outra coisa. Qualquer partícula neste universo pode mudar em relação a qualquer outra partícula; mas tome o universo inteiro como um só, e em relação ao que ele pode se mover? Não há nada além disso. Portanto, esta Unidade infinita é imutável, imóvel, absoluta, e este é o Homem Real. Nossa realidade, portanto, consiste no Universal e não no limitado. São delírios antigos, por mais confortáveis que sejam, pensar que somos seres pouco limitados, em constante mudança. As pessoas ficam assustadas quando lhes dizem que são o Ser Universal, presente em todos os lugares. Através de tudo o que você trabalha, de cada pé que você move, de cada lábio que você fala, de cada coração que você sente.

As pessoas ficam assustadas quando ouvem isso. Eles perguntarão repetidamente se não vão manter sua individualidade. O que é individualidade? Eu gostaria de ver isso. Um bebê não tem bigode; quando ele se tornar homem, talvez tenha bigode e barba. Sua individualidade estaria perdida, se estivesse no corpo. Se eu perder um olho, ou se perder uma das mãos, minha individualidade estaria perdida se estivesse no corpo. Então, um bêbado não deveria desistir de beber porque perderia sua individualidade. Um ladrão não deveria ser um bom homem porque assim perderia sua individualidade. Nenhum homem deveria mudar seus hábitos por medo disso. Não há individualidade exceto no Infinito. Essa é a única condição que não muda. Todo o resto está em constante estado de fluxo. Nem a individualidade pode estar na memória. Suponhamos que, por causa de uma pancada na cabeça, eu esqueça tudo do meu passado; então, perdi toda a individualidade; Eu fui embora. Não me lembro de dois ou três anos da minha infância, e se memória e existência são uma só, então tudo o que esqueci desapareceu. Aquela parte da minha vida que não me lembro, eu não vivi. Essa é uma ideia muito estreita de individualidade.

Ainda não somos indivíduos. Estamos lutando pela individualidade, e esse é o Infinito, essa é a verdadeira natureza do homem. Só vive aquele cuja vida

está em todo o universo, e quanto mais concentramos nossas vidas em coisas limitadas, mais rápido caminhamos para a morte. Aqueles momentos sozinhos que vivemos quando nossas vidas estão no universo, nos outros; e viver esta vidinha é morte, simplesmente morte, e é por isso que surge o medo da morte. O medo da morte só pode ser vencido quando o homem compreender que enquanto houver uma vida neste universo, ele estará vivendo. Quando ele pode dizer: “Estou em tudo, em todos, estou em todas as vidas, sou o universo”, só então surge o estado de destemor. Falar de imortalidade em coisas em constante mudança é absurdo. Diz um antigo filósofo sânscrito: Somente o Espírito é o indivíduo, porque é infinito. Nenhum infinito pode ser dividido; o infinito não pode ser quebrado em pedaços. É o mesmo, unidade indivisa para sempre, e este é o homem individual, o Homem Real. O homem aparente é apenas uma luta para expressar, para manifestar esta individualidade que está além; e a evolução não está no Espírito. Estas mudanças que estão acontecendo – o ímpio se tornando bom, o animal se tornando homem, tome-as da maneira que quiser – não estão no Espírito. São evolução da natureza e manifestação do Espírito. Suponha que haja uma tela escondendo você de mim, na qual há um pequeno buraco através do qual posso ver alguns dos rostos diante de mim, apenas alguns rostos. Agora suponha que o buraco comece a ficar cada vez maior e, à medida que isso acontece, cada vez mais a cena diante de mim se revela e quando finalmente toda a tela desaparece, fico cara a cara com todos vocês. Você não mudou nada neste caso; era o buraco que estava evoluindo e vocês estavam gradualmente se manifestando. Assim é com o Espírito. Nenhuma perfeição será alcançada. Você já está livre e perfeito. Quais são essas ideias de religião e de Deus e da busca pelo além? Por que o homem procura um Deus? Por que o homem, em todas as nações, em todos os estados da sociedade, deseja um ideal perfeito em algum lugar, seja no homem, em Deus ou em outro lugar? Porque essa ideia está dentro de você. Era o seu próprio coração batendo e você não sabia; você estava confundindo isso com algo externo. É o Deus dentro de você mesmo que está impulsionando você a buscá-Lo, a realizá-Lo. Depois de longas buscas aqui e ali, nos templos e nas igrejas, na terra e nos céus, você finalmente volta, completando o círculo de onde começou, para sua própria alma e encontra Aquele por quem você tem procurado por todo o mundo. mundo, por quem você tem chorado e orado em igrejas e templos, para quem você olha como o mistério de todos os mistérios envolto nas nuvens, está mais

próximo do próximo, é o seu próprio Eu, a realidade de sua vida, corpo, e alma. Essa é a sua própria natureza. Afirme, manifeste. Para não se tornar puro, você já é puro. Você não deve ser perfeito, você já é isso. A natureza é como aquela tela que esconde a realidade além. Todo bom pensamento que você pensa ou age está simplesmente rasgando o véu, por assim dizer; e a pureza, o Infinito, o Deus por trás, se manifesta cada vez mais.

Esta é toda a história do homem. O véu fica cada vez mais fino, e mais e mais luz por trás brilha, pois é da sua natureza brilhar. Não pode ser conhecido; em vão tentamos saber disso. Se fosse cognoscível, não seria o que é, pois é o sujeito eterno. O conhecimento é uma limitação, o conhecimento é objetivante. Ele é o sujeito eterno de tudo, a testemunha eterna neste universo, o seu próprio Eu. O conhecimento é, por assim dizer, um degrau inferior, uma degeneração. Já somos esse sujeito eterno; como podemos saber disso? É a verdadeira natureza de cada homem, e ele luta para expressá-la de várias maneiras; caso contrário, por que existem tantos códigos éticos? Onde está a explicação de toda ética? Uma ideia destaca-se como o centro de todos os sistemas éticos, expressa de várias formas, nomeadamente, fazer o bem aos outros. O motivo orientador da humanidade deveria ser a caridade para com os homens, a caridade para com todos os animais. Mas todas estas são várias expressões daquela verdade eterna de que “Eu sou o universo; este universo é um”. Ou então, onde está o motivo? Por que devo fazer o bem aos meus semelhantes? Por que devo fazer o bem aos outros? O que me obriga? É simpatia, o sentimento de mesmice em todos os lugares. Os corações mais duros às vezes sentem simpatia por outros seres. Mesmo o homem que fica assustado se lhe disserem que esta suposta individualidade é na verdade uma ilusão, que é ignóbil tentar agarrar-se a esta aparente individualidade, esse mesmo homem lhe dirá que a abnegação extrema é o centro de toda moralidade. E o que é a abnegação perfeita? Significa a abnegação deste eu aparente, a abnegação de todo egoísmo. Esta ideia de “eu e meu” – Ahamkâra e Mamatâ – é o resultado da Superstição passada, e quanto mais este eu presente desaparece, mais o Eu real se torna manifesto. Esta é a verdadeira abnegação, o centro, a base, a essência de todo ensinamento moral; e quer o homem saiba disso ou não, o mundo inteiro está caminhando lentamente em direção a isso, praticando-o mais ou menos. Só que a grande maioria da humanidade está fazendo isso inconscientemente.

Deixe-os fazer isso conscientemente. Façamos então o sacrifício, sabendo que este “eu e meu” não é o verdadeiro Eu, mas apenas uma limitação. Mas um vislumbre daquela realidade infinita que está por trás — apenas uma centelha daquele fogo infinito que é o Todo — representa o homem atual; o Infinito é sua verdadeira natureza.

Qual é a utilidade, o efeito, o resultado desse conhecimento? Hoje em dia, temos que medir tudo pela utilidade – por quantas libras, xelins e centavos isso representa. Que direito tem uma pessoa de pedir que a verdade seja julgada pelo padrão de utilidade ou dinheiro? Suponha que não haja utilidade, será menos verdadeiro? A utilidade não é o teste da verdade. No entanto, há a maior utilidade nisso. A felicidade, vemos, é o que todos buscam, mas a maioria a busca em coisas que são evanescentes e não reais. Nenhuma felicidade jamais foi encontrada nos sentidos. Nunca houve uma pessoa que encontrasse a felicidade nos sentidos ou no prazer dos sentidos. A felicidade só é encontrada no Espírito. Portanto, a maior utilidade para a humanidade é encontrar esta felicidade no Espírito. O próximo ponto é que a ignorância é a grande mãe de toda miséria, e a ignorância fundamental é pensar que o Infinito chora e chora, que Ele é finito. Esta é a base de toda ignorância: nós, os imortais, os sempre puros, o Espírito perfeito, pensamos que somos pequenas mentes, que somos pequenos corpos; é a mãe de todo egoísmo. Assim que penso que sou um corpinho, quero preservá-lo, protegê-lo, mantê-lo bonito, às custas de outros corpos; então você e eu nos separamos. Assim que surge essa ideia de separação, ela abre a porta para todo mal e leva a todo sofrimento. Esta é a utilidade de que se uma fração muito pequena dos seres humanos que vivem hoje puder deixar de lado a ideia de egoísmo, estreiteza e pequenez, esta terra se tornará um paraíso amanhã; mas apenas com máquinas e melhorias no conhecimento material, isso nunca acontecerá. Isso só aumenta a miséria, pois o óleo derramado no fogo aumenta ainda mais a chama. Sem o conhecimento do Espírito, todo conhecimento material é apenas colocar lenha no fogo, apenas entregar nas mãos do homem egoísta mais um instrumento para tomar o que pertence aos outros, para viver da vida dos outros, em vez de desistir da sua vida pela eles.

É prático? - é outra questão. Pode ser praticado na sociedade moderna? A verdade não presta homenagem a nenhuma sociedade, antiga ou moderna.

A sociedade tem que prestar homenagem à Verdade ou morrer. As sociedades devem ser moldadas pela verdade, e a verdade não tem de se ajustar à sociedade. Se uma verdade tão nobre como o altruísmo não pode ser praticada na sociedade, é melhor para o homem abandonar a sociedade e ir para a floresta. Esse é o homem ousado. Existem dois tipos de coragem. Uma delas é a coragem de enfrentar o canhão. E a outra é a coragem da convicção espiritual. Um imperador que invadiu a Índia foi instruído por seu professor a ir ver alguns dos sábios de lá. Depois de uma longa busca por um, ele encontrou um homem muito velho sentado em um bloco de pedra. O Imperador conversou um pouco com ele e ficou muito impressionado com sua sabedoria. Ele pediu ao sábio que fosse com ele para seu país. "Não", disse o sábio, "estou bastante satisfeito com minha floresta aqui." Disse o Imperador: "Eu lhe darei dinheiro, posição, riqueza. Eu sou o Imperador do mundo". "Não", respondeu o homem, "não me importo com essas coisas." O Imperador respondeu: "Se você não for, eu vou te matar". O homem sorriu serenamente e disse: "Essa é a coisa mais tola que você já disse, Imperador. Você não pode me matar. Para mim, o sol não pode secar, o fogo não pode queimar, a espada não pode matar, pois eu sou o sem nascimento, o imortal, o eterno. -Espírito vivo, onipotente e onipresente." Esta é a ousadia espiritual, enquanto a outra é a coragem de um leão ou de um tigre. No Motim de 1857 houve um Swami, uma grande alma, a quem um amotinado muçulmano esfaqueou severamente. Os amotinados hindus capturaram e levaram o homem ao Swami, oferecendo-se para matá-lo. Mas o Swami olhou calmamente e disse: "Meu irmão, tu és Ele, tu és Ele!" e expirou. Este é outro exemplo. De que adianta falar da força dos seus músculos, da superioridade das suas instituições ocidentais, se você não consegue fazer com que a Verdade se encaixe na sua sociedade, se você não consegue construir uma sociedade na qual a Verdade mais elevada se encaixe? Qual é a vantagem dessa conversa arrogante sobre sua grandeza e grandeza, se você se levantar e dizer: "Essa coragem não é prática". Não há nada prático além de libras, xelins e centavos? Se sim, por que se gabar de sua sociedade? Essa sociedade é a maior, onde as verdades mais elevadas se tornam práticas. Essa é a minha opinião; e se a sociedade for; não é adequado para as verdades mais elevadas, faça com que seja assim; e quanto mais cedo, melhor. Levantem-se, homens e mulheres, com este espírito, ousem acreditar na Verdade, ousem praticar a Verdade! O mundo requer algumas centenas de homens e mulheres ousados. Pratique

aquela ousadia que ousa conhecer a Verdade, que ousa mostrar a Verdade na vida, que não treme diante da morte, ou melhor, acolhe a morte, faz o homem saber que ele é o Espírito, que, em todo o universo, nada pode matar ele. Então você estará livre. Então você conhecerá a sua verdadeira Alma. "Este Atman deve primeiro ser ouvido, depois pensado e depois meditado."

Há uma grande tendência nos tempos modernos de falar demais sobre trabalho e menosprezar o pensamento. Fazer é muito bom, mas isso vem do pensar. Pequenas manifestações de energia através dos músculos são chamadas de trabalho. Mas onde não há pensamento, não haverá trabalho. Encha o cérebro, portanto, com pensamentos elevados, ideais mais elevados, coloque-os dia e noite diante de você, e disso surgirá um grande trabalho. Não fale sobre impureza, mas diga que somos puros. Nós nos hipnotizamos com o pensamento de que somos pequenos, que nascemos e que vamos morrer, e em um estado constante de medo.

Há uma história sobre uma leoa, que já era grande e jovem, andando em busca de uma presa; e vendo um rebanho de ovelhas, ela saltou sobre elas. Ela morreu no esforço; e nasceu um pequeno leãozinho, órfão de mãe. As ovelhas cuidavam dele e as ovelhas o criavam, e ele crescia com elas, comia capim e baliava como as ovelhas. E embora com o tempo tenha se tornado um leão grande e adulto, pensou que era uma ovelha. Um dia outro leão veio em busca de uma presa e ficou surpreso ao descobrir que no meio deste rebanho de ovelhas havia um leão, fugindo como as ovelhas ao se aproximar do perigo. Tentou aproximar-se da ovelha-leão, para lhe dizer que não era uma ovelha, mas um leão; mas o pobre animal fugiu quando ele se aproximou. Porém, ele aproveitou a oportunidade e um dia encontrou a ovelha-leão dormindo. Ele se aproximou e disse: "Você é um leão". "Eu sou uma ovelha", gritou o outro leão e não pôde acreditar no contrário, mas baliou. O leão o arrastou até um lago e disse: "Olhe aqui, aqui está o meu reflexo e o seu". Depois veio a comparação. Olhou para o leão e depois para o seu próprio reflexo, e num momento surgiu a ideia de que era um leão. O leão rugiu, o balido desapareceu. Vocês são leões, vocês são almas puras, infinitas e perfeitas. O poder do universo está dentro de você. "Por que você chora, meu amigo? Não há nascimento nem morte para você. Por que você chora? Não há doença nem miséria para você, mas você é como o

céu infinito; nuvens de várias cores vêm sobre ele, brincam por um momento , então desaparece. Mas o céu é sempre o mesmo azul eterno." Por que vemos maldade? Havia um toco de árvore e, no escuro, um ladrão veio por ali e disse: "Aquele é um policial". Um jovem que esperava por sua amada viu e pensou que fosse sua namorada. Uma criança que ouviu histórias de fantasmas achou que era um fantasma e começou a gritar. Mas o tempo todo era o toco de uma árvore. Vemos o mundo como somos. Suponha que haja um bebê em uma sala com um saco de ouro sobre a mesa e um ladrão venha e roube o ouro. O bebê saberia que foi roubado? Aquilo que temos dentro, vemos fora. O bebê não tem ladrão dentro e não vê ladrão lá fora. Então, com todo o conhecimento. Não fale da maldade do mundo e de todos os seus pecados. Chore porque você ainda verá a maldade. Chore porque você verá o pecado em todos os lugares e, se quiser ajudar o mundo, não o condene. Não o enfraqueça mais. Pois o que é o pecado e o que é a miséria, e o que são tudo isso, senão os resultados da fraqueza? O mundo fica cada vez mais fraco a cada dia por causa desses ensinamentos. Os homens aprendem desde a infância que são fracos e pecadores. Ensine-lhes que todos são filhos gloriosos da imortalidade, mesmo aqueles que são os mais fracos em manifestação. Deixem que pensamentos positivos, fortes e úteis entrem em seus cérebros desde a infância. Abram-se a esses pensamentos, e não aos que os enfraquecem e paralisam. Digam para suas próprias mentes: "Eu sou Ele, eu sou Ele". Deixem que isso ressoe dia e noite em suas mentes como uma canção, e no momento da morte declarem "Eu sou Ele". Essa é a verdade; a força infinita do mundo é sua. Expulsem a superstição que cobriu suas mentes. Sejam corajosos. Conheça a Verdade e pratique a Verdade. A meta pode estar distante, mas desperte, levante-se e não pare até que a meta seja alcançada.

2.5.3 CAPÍTULO 3: MAYA E ILUSÃO

(Entregue em Londres)

Quase todos vocês já ouviram falar da palavra Mâyâ. Geralmente é usado, embora incorretamente, para denotar ilusão, ou ilusão, ou algo parecido. Mas a teoria de Maya constitui um dos pilares sobre os quais repousa o Vedanta; é, portanto, necessário que seja devidamente compreendido. Peço-

lhe um pouco de paciência, pois existe um grande perigo de ser mal compreendido. A ideia mais antiga de Maya que encontramos na literatura védica é a sensação de ilusão; mas então a verdadeira teoria não foi alcançada. Encontramos passagens como: “Indra, através de seu Maya, assumiu várias formas”. Aqui é verdade que a palavra Maya significa algo como magia, e encontramos várias outras passagens, sempre com o mesmo significado. A palavra Maya então desapareceu completamente de vista. Mas enquanto isso a ideia estava se desenvolvendo. Mais tarde, surgiu a questão: “Por que não podemos conhecer este segredo do universo?” E a resposta dada foi muito significativa: “Porque falamos em vão, e porque estamos satisfeitos com as coisas dos sentidos, e porque corremos atrás dos desejos; portanto, nós, por assim dizer, cobrimos a Realidade com uma névoa. ” Aqui a palavra Maya não é usada, mas temos a ideia de que a causa da nossa ignorância é uma espécie de névoa que se interpõe entre nós e a Verdade. Muito mais tarde, num dos últimos Upanishads, encontramos a palavra Maya reaparecendo, mas desta vez ocorreu uma transformação nela, e uma massa de novos significados se associou à palavra. Teorias foram propostas e repetidas, outras foram retomadas, até que finalmente a ideia de Maya se consolidou. Lemos no Shvetâshvatara Upanishad: “Saiba que a natureza é Maya e o Governante deste Maya é o próprio Senhor”. Chegando aos nossos filósofos, descobrimos que esta palavra Maya foi manipulada de várias maneiras, até chegarmos ao grande Shankarâchârya. A teoria de Maya também foi um pouco manipulada pelos budistas, mas nas mãos dos budistas tornou-se muito parecida com o que é chamado de Idealismo, e esse é o significado que agora é geralmente dado à palavra Maya. Quando o Hindu diz que o mundo é Maya, imediatamente as pessoas ficam com a ideia de que o mundo é uma ilusão. Esta interpretação tem alguma base, como vem dos filósofos budistas, porque havia uma seção de filósofos que não acreditava de forma alguma no mundo externo. Mas o Maya do Vedanta, na sua última forma desenvolvida, não é nem Idealismo nem Realismo, nem é uma teoria. É uma simples declaração de fatos – o que somos e o que vemos ao nosso redor.

Como já lhe disse antes, as mentes das pessoas de quem vieram os Vedas tinham a intenção de seguir princípios, de descobrir princípios. Eles não tinham tempo para trabalhar nos detalhes ou esperar por eles; eles queriam ir fundo no cerne das coisas. Algo além os estava chamando, por assim

dizer, e eles mal podiam esperar. Espalhados pelos Upanishads, descobrimos que os detalhes dos assuntos que hoje chamamos de ciências modernas são muitas vezes muito errados, mas, ao mesmo tempo, os seus princípios estão corretos. Por exemplo, a ideia do éter, que é uma das mais recentes teorias da ciência moderna, pode ser encontrada na nossa literatura antiga em formas muito mais desenvolvidas do que a moderna teoria científica do éter hoje, mas era em princípio. Quando tentaram demonstrar o funcionamento desse princípio, cometeram muitos erros. A teoria do princípio vital que tudo permeia, do qual toda a vida neste universo é apenas uma manifestação diferente, foi compreendida nos tempos védicos; ela é encontrada nos Brahmanas. Há um longo hino nos Samhitâs em louvor ao Prâna, do qual toda a vida é apenas uma manifestação. A propósito, pode interessar a alguns de vocês saber que existem teorias na filosofia védica sobre a origem da vida nesta Terra muito semelhantes àquelas que foram apresentadas por alguns cientistas europeus modernos. É claro que todos vocês sabem que existe uma teoria de que a vida veio de outros planetas. É uma doutrina estabelecida por alguns filósofos védicos que a vida vem desta forma da lua.

Chegando aos princípios, achamos esses pensadores védicos muito corajosos e maravilhosamente ousados ao propor teorias amplas e generalizadas. A solução deles para o mistério do universo, a partir do mundo externo, foi tão satisfatória quanto poderia ser. O funcionamento detalhado da ciência moderna não aproxima a questão da solução, porque os princípios falharam. Se a teoria do éter falhou nos tempos antigos em fornecer uma solução para o mistério do universo, a elaboração dos detalhes dessa teoria do éter não nos levaria muito mais perto da verdade. Se a teoria da vida que tudo permeia falhasse como teoria deste universo, não significaria mais nada se fosse elaborada em detalhe, pois os detalhes não mudam o princípio do universo. O que quero dizer é que, na sua investigação sobre o princípio, os pensadores hindus foram tão ousados e, em alguns casos, muito mais ousados que os modernos. Eles fizeram algumas das mais grandiosas generalizações já alcançadas, e algumas ainda permanecem como teorias, que a ciência moderna ainda não conseguiu igualar como teorias. Por exemplo, eles não apenas chegaram à teoria do éter, mas foram além e classificaram a mente também como um éter ainda mais rarefeito. Além disso, eles encontraram um éter ainda mais rarefeito.

No entanto, isso não foi solução, não resolveu o problema. Nenhuma quantidade de conhecimento do mundo externo poderia resolver o problema. “Mas”, diz o cientista, “estamos apenas começando a saber um pouco: espere alguns milhares de anos e encontraremos a solução”. “Não”, diz o Vedantista, pois ele provou, sem sombra de dúvida, que a mente é limitada, que não pode ir além de certos limites – além do tempo, do espaço e da causalidade. Assim como nenhum homem pode saltar para fora de si mesmo, nenhum homem pode ir além dos limites que lhe foram impostos pelas leis do tempo e do espaço. Qualquer tentativa de resolver as leis da causalidade, do tempo e do espaço seria fútil, porque a própria tentativa teria de ser feita assumindo como certa a existência destes três. O que significa então a afirmação da existência do mundo? “Este mundo não existe.” O que isso significa? Isso significa que não tem existência absoluta. Existe apenas em relação à minha mente, à sua mente e à mente de todos os outros. Vemos este mundo com os cinco sentidos, mas se tivéssemos outro sentido, veríamos nele algo mais. Se tivéssemos ainda outro sentido, pareceria algo ainda diferente. Não tem, portanto, existência real; não tem existência imutável, imóvel e infinita. Nem pode ser chamado de inexistência, visto que existe e que somos escravos de trabalhar nele e através dele. É uma mistura de existência e inexistência.

Vindo das abstrações para os detalhes comuns e cotidianos de nossas vidas, descobrimos que toda a nossa vida é uma contradição, uma mistura de existência e inexistência. Existe essa contradição no conhecimento. Parece que o homem pode saber tudo, se apenas quiser saber; mas antes de dar alguns passos, ele encontra um muro de adamantino que não consegue ultrapassar. Todo o seu trabalho gira em torno de um círculo e ele não pode ir além desse círculo. Os problemas que lhe são mais próximos e queridos o impelem e clamam, dia e noite, por uma solução, mas ele não pode resolvê-los, porque não pode ir além do seu intelecto. E ainda assim esse desejo está fortemente implantado nele. Ainda assim sabemos que o único bem pode ser obtido controlando-o e verificando-o. A cada respiração, cada impulso do nosso coração nos pede para sermos egoístas. Ao mesmo tempo, existe algum poder além de nós que diz que somente o altruísmo é que é bom. Toda criança nasce otimista; ele sonha sonhos dourados. Na juventude ele se torna ainda mais otimista. É difícil para um jovem acreditar que exista algo chamado morte, algo como derrota ou degradação. A velhice chega e a

vida é uma massa de ruínas. Os sonhos desapareceram no ar e o homem se tornou pessimista. Assim vamos de um extremo ao outro, fustigados pela natureza, sem saber para onde vamos. Isso me lembra uma canção célebre da Lalita Vistara, a biografia de Buda. Buda nasceu, diz o livro, como o salvador da humanidade, mas esqueceu-se dos luxos do seu palácio. Alguns anjos vieram e cantaram uma canção para despertá-lo. E o peso de toda a música é que estamos flutuando no rio da vida, que está mudando continuamente, sem parar e sem descanso. Assim são as nossas vidas, continuando sem descanso. O que devemos fazer? O homem que tem o suficiente para comer e beber é um otimista e evita qualquer menção à miséria, pois isso o assusta. Não conte a ele sobre as tristezas e os sofrimentos do mundo; vá até ele e diga que está tudo bem. “Sim, estou seguro”, diz ele. “Olhe para mim! Tenho uma bela casa para morar. Não tenho medo do frio e da fome; portanto, não traga essas fotos horríveis diante de mim.” Mas, por outro lado, há outros que morrem de frio e de fome. Se você for e ensinar-lhes que está tudo bem, eles não ouvirão você. Como podem desejar que os outros sejam felizes quando estão infelizes? Assim, estamos oscilando entre o otimismo e o pessimismo.

Depois, há o tremendo fato da morte. O mundo inteiro caminha para a morte; tudo morre. Todo o nosso progresso, as nossas vaidades, as nossas reformas, os nossos luxos, a nossa riqueza, o nosso conhecimento, têm um fim: a morte. Isso é tudo que é certo. As cidades vêm e vão, os impérios sobem e descem, os planetas quebram-se em pedaços e transformam-se em pó, para serem soprados pelas atmosferas de outros planetas. Assim tem acontecido desde tempos sem começo. A morte é o fim de tudo. A morte é o fim da vida, da beleza, da riqueza, do poder, da virtude também. Os santos morrem e os pecadores morrem, os reis morrem e os mendigos morrem. Todos eles irão para a morte e, ainda assim, existe esse tremendo apego à vida. De alguma forma, não sabemos porquê, agarramo-nos à vida; não podemos desistir. E esta é Maya.

A mãe amamenta o filho com muito cuidado; toda a sua alma, toda a sua vida, está naquela criança. A criança cresce, torna-se homem, e talvez se torne canalha e bruto, chuta-a e bate-lhe todos os dias; e ainda assim a mãe se apega ao filho; e quando a sua razão desperta, ela a encobre com a ideia do amor. Ela nem pensa que isso não é amor, que é algo que a domina e que

ela não consegue se livrar; por mais que ela tente, ela não consegue se livrar da escravidão em que está. E esta é Maya.

Estamos todos atrás do Velocino de Ouro. Cada um de nós pensa que isso será dele. Todo homem razoável percebe que sua chance é, talvez, uma em vinte milhões, mas todos lutam por ela. E esta é Maya.

A morte ronda dia e noite sobre esta nossa terra, mas ao mesmo tempo pensamos que viveremos eternamente. Certa vez, uma pergunta foi feita ao rei Yudhishthira: "Qual é a coisa mais maravilhosa nesta terra?" E o rei respondeu: "Todos os dias morrem pessoas ao nosso redor, mas os homens pensam que nunca morrerão". E esta é Maya.

Estas tremendas contradições no nosso intelecto, no nosso conhecimento, sim, em todos os factos da nossa vida enfrentam-nos por todos os lados. Surge um reformador e quer remediar os males que existem numa determinada nação; e antes de serem remediados, milhares de outros males surgem em outro lugar. É como uma casa velha que está caindo; você remenda em um lugar e a ruína se estende a outro. Na Índia, os nossos reformadores clamam e pregam contra os males da viuvez forçada. No Ocidente, o não casamento é o grande mal. Ajude os solteiros de um lado; eles estão sofrendo. Ajude as viúvas do outro; eles estão sofrendo. É como o reumatismo crônico: você sai da cabeça e vai para o corpo; você dirige de lá e ele vai para os pés. Os reformadores surgem e pregam que a aprendizagem, a riqueza e a cultura não devem estar nas mãos de um grupo seleto; e eles fazem o seu melhor para torná-los acessíveis a todos. Estes podem trazer mais felicidade para alguns, mas, talvez, à medida que a cultura chega, a felicidade física diminua. O conhecimento da felicidade traz o conhecimento da infelicidade. Qual caminho então devemos seguir? A menor quantidade de prosperidade material de que desfrutamos está a causar a mesma quantidade de miséria noutros lugares. Esta é a lei. Os jovens, talvez, não o vejam claramente, mas aqueles que viveram o suficiente e aqueles que lutaram o suficiente irão compreendê-lo. E esta é Maya. Estas coisas acontecem dia e noite e é impossível encontrar uma solução para este problema. Por que deveria ser assim? É impossível responder a isto, porque a questão não pode ser formulada logicamente. Na verdade, não há como nem porquê; só sabemos que é e que não podemos

evitar. Até mesmo compreendê-lo, desenhar uma imagem exata dele em nossa própria mente, está além do nosso poder. Como podemos resolver isso então?

Maya é uma declaração da realidade deste universo, de como ele está acontecendo. As pessoas geralmente ficam assustadas quando essas coisas lhes são contadas. Mas devemos ser ousados. Ocultar factos não é a forma de encontrar uma solução. Como todos sabem, uma lebre caçada por cães abaixa a cabeça e se considera segura; então, quando caímos no otimismo; fazemos exatamente como a lebre, mas isso não é remédio. Há objeções contra isso, mas você pode observar que elas geralmente vêm de pessoas que possuem muitas das coisas boas da vida. Neste país (Inglaterra) é muito difícil tornar-se pessimista. Todo mundo me diz como o mundo está maravilhosamente bem, como é progressivo; mas o que ele mesmo é é o seu próprio mundo. Surgem velhas questões: o Cristianismo deve ser a única religião verdadeira do mundo porque as nações cristãs são prósperas! Mas esta afirmação contradiz-se a si mesma, porque a prosperidade da nação cristã depende do infortúnio das nações não-cristãs. Deve haver alguns para atacar. Suponhamos que o mundo inteiro se tornasse cristão, então as nações cristãs se tornariam pobres, porque não haveria nações não-cristãs para elas atacarem. Assim, o argumento se mata. Os animais vivem das plantas, os homens dos animais e, o pior de tudo, uns dos outros, os fortes dos fracos. Isso está acontecendo em todos os lugares. E esta é Maya. Que solução você encontra para isso? Ouvimos todos os dias muitas explicações e somos informados de que no longo prazo tudo ficará bem. Tomando como certo que isto é possível, por que deveria haver esta forma diabólica de fazer o bem? Por que o bem não pode ser feito através do bem, em vez de através destes métodos diabólicos? Os descendentes dos seres humanos de hoje serão felizes; mas por que deve haver todo esse sofrimento agora? Não há solução. Esta é a Maia.

Mais uma vez, ouvimos frequentemente que uma das características da evolução é eliminar o mal, e este mal sendo continuamente eliminado do mundo, finalmente apenas o bem permanecerá. É muito bom ouvir isto e satisfaz a vaidade daqueles que têm bens deste mundo suficientes, que não têm uma luta difícil a enfrentar todos os dias e não estão a ser esmagados sob a roda desta chamada evolução. É realmente muito bom e reconfortante

para esses afortunados. O rebanho comum pode surfar, mas não se importa; deixe-os morrer, eles não têm importância. Muito bem, mas este argumento é falacioso do começo ao fim. É um dado adquirido, em primeiro lugar, que o bem e o mal manifestados neste mundo são duas realidades absolutas. Em segundo lugar, faz, ou pior ainda, a suposição de que a quantidade de bem é uma quantidade crescente e a quantidade de mal é uma quantidade decrescente. Então, se o mal estiver sendo eliminado desta forma pelo que eles chamam de evolução, chegará um momento em que todo esse mal será eliminado e o que resta será totalmente bom. É muito fácil dizer, mas será possível provar que o mal é uma quantidade decrescente? Tomemos, por exemplo, o homem que vive numa floresta, que não sabe cultivar a mente, não consegue ler um livro, nunca ouviu falar de algo como escrever. Se ele estiver gravemente ferido, logo ficará bom novamente; enquanto morremos se sofrermos um arranhão. As máquinas estão tornando as coisas baratas, promovendo o progresso e a evolução, mas milhões são esmagados, para que alguém possa ficar rico; enquanto alguém fica rico, milhares ao mesmo tempo ficam cada vez mais pobres, e massas inteiras de seres humanos são feitas escravas. Dessa forma está acontecendo. O homem animal vive nos sentidos. Se ele não consegue comer o suficiente, ele fica infeliz; ou se algo acontecer com seu corpo, ele ficará infeliz. Nos sentidos, tanto a sua miséria como a sua felicidade começam e terminam. À medida que este homem progride, à medida que o seu horizonte de felicidade aumenta, o seu horizonte de infelicidade aumenta proporcionalmente. O homem da floresta não sabe o que é ter ciúmes, estar nos tribunais, pagar impostos, ser culpado pela sociedade, ser governado dia e noite pela mais tremenda tirania que o diabolismo humano já inventou, que investiga os segredos de cada coração humano. Ele não sabe como o homem se torna mil vezes mais diabólico que qualquer outro animal, com todo o seu vão conhecimento e com todo o seu orgulho. É assim que, à medida que emergimos dos sentidos, desenvolvemos poderes superiores de prazer e, ao mesmo tempo, temos de desenvolver também poderes superiores de sofrimento. Os nervos ficam mais apurados e capazes de suportar mais sofrimento. Em todas as sociedades, muitas vezes descobrimos que o homem comum é ignorante, quando abusado, não sente muito, mas sente uma boa surra. Mas o cavalheiro não suporta uma única palavra de insulto; ele ficou tão nervoso. A miséria aumentou com sua suscetibilidade à felicidade. Isto não prova muito o argumento do evolucionista. À medida que aumentamos o nosso

poder de ser feliz, também aumentamos o nosso poder de sofrer, e por vezes tenho tendência a pensar que se aumentarmos o nosso poder de ser feliz em progressão aritmética, aumentaremos, por outro lado, o nosso poder de nos tornarmos felizes. miserável em progressão geométrica. Nós que estamos progredindo sabemos que quanto mais progredimos, mais caminhos se abrem para a dor e também para o prazer. E esta é Maya.

Assim descobrimos que Maya não é uma teoria para a explicação do mundo; é simplesmente uma declaração dos fatos tais como eles existem, de que a própria base do nosso ser é a contradição, de que em todos os lugares temos que passar por essa tremenda contradição, de que onde quer que haja o bem, também deve haver o mal, e onde quer que haja o mal, deve haver algum bem, onde quer que haja vida, a morte deve seguir como sua sombra, e todo aquele que sorri terá que chorar e vice-versa. Nem este estado de coisas pode ser remediado. Podemos realmente imaginar que haverá um lugar onde só existirá o bem e nenhum mal, onde apenas sorriremos e nunca choraremos. Isto é impossível pela própria natureza das coisas; pois as condições permanecerão as mesmas. Onde quer que exista em nós o poder de produzir um sorriso, aí está o poder de produzir lágrimas. Onde quer que exista o poder de produzir felicidade, em algum lugar se esconde o poder de nos tornar infelizes.

Assim, a filosofia Vedanta não é otimista nem pessimista. Ele expressa essas duas visões e considera as coisas como elas são. Admite que este mundo é uma mistura de bem e mal, felicidade e miséria, e que para aumentar um, é necessário necessariamente aumentar o outro. Nunca haverá um mundo perfeitamente bom ou mau, porque a própria ideia é uma contradição em termos. O grande segredo revelado por esta análise é que o bem e o mal não são duas existências separadas e definidas. Não há nada neste nosso mundo que você possa rotular como bom e apenas bom, e não há nada no universo que você possa rotular como ruim e apenas ruim. O mesmo fenómeno que parece ser bom agora, pode parecer mau amanhã. A mesma coisa que produz miséria em um pode produzir felicidade em outro. O fogo que queima a criança pode preparar uma boa refeição para um homem faminto. Os mesmos nervos que carregam as sensações de miséria carregam também as sensações de felicidade. A única maneira de deter o mal, portanto, é deter também o bem; Não há outro caminho. Para deter a morte, teremos que deter também a vida. A vida sem morte e a felicidade sem miséria são contradições, e nenhuma delas pode ser encontrada isoladamente, porque cada uma delas é apenas uma manifestação diferente da mesma coisa. O que ontem pensei ser bom, não acho que seja bom agora. Quando olho para trás, para minha vida, e vejo quais eram meus ideais em diferentes épocas, concluo que é assim. Houve uma época em que meu ideal era conduzir uma parelha de cavalos fortes; em outra ocasião pensei que, se pudesse fazer certo tipo de doce, ficaria perfeitamente feliz; mais tarde imaginei que ficaria inteiramente satisfeito se tivesse mulher, filhos e muito dinheiro. Hoje rio de todos esses ideais como se fossem meras bobagens infantis.

O Vedanta diz que chegará um momento em que olharemos para trás e riremos dos ideais que nos fazem ter medo de desistir da nossa individualidade. Cada um de nós deseja manter este corpo por tempo indeterminado, pensando que seremos muito felizes, mas chegará um momento em que riremos dessa ideia. Agora, se isso for verdade, estamos num estado de contradição desesperadora – nem existência nem inexistência, nem miséria nem felicidade, mas uma mistura delas. Qual é, então, a utilidade do Vedanta e de todas as outras filosofias e religiões? E, sobretudo, de que adianta fazer um bom trabalho? Esta é uma pergunta que

vem à mente. Se for verdade que você não pode fazer o bem sem fazer o mal, e sempre que você tentar criar felicidade sempre haverá miséria, as pessoas lhe perguntarão: "Qual é a utilidade de fazer o bem?" A resposta é, em primeiro lugar, que devemos trabalhar para diminuir a miséria, pois essa é a única maneira de nos tornarmos felizes. Cada um de nós descobre isso mais cedo ou mais tarde em nossas vidas. Os brilhantes descobrem isso um pouco mais cedo, e os maçantes um pouco mais tarde. Os estúpidos pagam muito caro pela descoberta e os brilhantes menos caro. Em segundo lugar, devemos fazer a nossa parte, porque só assim sairemos desta vida de contradições. Tanto as forças do bem como as do mal manterão o universo vivo para nós, até que despertemos dos nossos sonhos e desistamos desta construção de tortas de lama. Essa lição teremos que aprender, e levará muito, muito tempo para aprendê-la.

Foram feitas tentativas na Alemanha para construir um sistema de filosofia com base no fato de que o Infinito se tornou o finito. Tais tentativas também são feitas na Inglaterra. E a análise da posição destes filósofos é esta: o Infinito está tentando expressar-se neste universo, e que chegará um momento em que o Infinito conseguirá fazê-lo. Está tudo muito bem, e usamos as palavras Infinito e manifestação e expressão, e assim por diante, mas os filósofos naturalmente pedem uma base lógica fundamental para a afirmação de que o finito pode expressar plenamente o Infinito. O Absoluto e o Infinito só podem se tornar este universo por limitação. Deve ser limitado tudo o que vem através dos sentidos, ou através da mente, ou através do intelecto; e que o limitado seja o ilimitado é simplesmente absurdo e nunca poderá existir. O Vedanta, por outro lado, diz que é verdade que o Absoluto ou o Infinito está tentando se expressar no finito, mas chegará um momento em que descobrirá que é impossível, e então terá que vencer. uma retirada, e esta retirada significa renúncia que é o verdadeiro começo da religião. Hoje em dia é muito difícil até falar em renúncia. Foi dito sobre mim na América que eu era um homem que saiu de uma terra que estava morta e enterrada há cinco mil anos e falava em renúncia. Assim diz, talvez, o filósofo inglês. No entanto, é verdade que esse é o único caminho para a religião. Renuncie e desista. O que Cristo disse? "Aquele que perder a vida por minha causa, achá-la-á." Repetidas vezes ele pregou a renúncia como o único caminho para a perfeição. Chega um momento em que a mente desperta desse sonho longo e sombrio – a

criança desiste da brincadeira e quer voltar para a mãe. Ela descobre a verdade da afirmação: “O desejo nunca é satisfeito pela fruição dos desejos, apenas aumenta ainda mais, como o fogo, quando manteiga é derramada sobre ele”.

Isto é verdade para todos os prazeres dos sentidos, para todos os prazeres intelectuais e para todos os prazeres de que a mente humana é capaz. Eles não são nada, estão dentro de Maya, dentro desta rede além da qual não podemos ir. Podemos correr nele através do tempo infinito e não encontrar fim, e sempre que lutamos para obter um pouco de prazer, uma massa de miséria cai sobre nós. Quão horrível é isso! E quando penso nisso, não posso deixar de considerar que esta teoria de Maya, esta afirmação de que tudo é Maya, é a melhor e única explicação. Quanta miséria existe neste mundo; e se você viajar entre várias nações, descobrirá que uma nação tenta curar seus males por um meio, e outra por outro. O mesmo mal foi assumido por várias raças, e foram feitas tentativas de várias maneiras para controlá-lo, mas nenhuma nação conseguiu. Se foi minimizado num ponto, uma massa de maldade foi aglomerada em outro ponto. Assim vai. Os hindus, para manterem um elevado padrão de castidade na raça, sancionaram o casamento infantil, o que, a longo prazo, degradou a raça. Ao mesmo tempo, não posso negar que este casamento infantil torna a raça mais casta. O que você teria? Se quisermos que a nação seja mais casta, enfraquecemos fisicamente os homens e as mulheres através do casamento infantil. Por outro lado, você está em melhor situação na Inglaterra? Não, porque a castidade é a vida de uma nação. Você não acha na história que o primeiro sinal de morte de uma nação foi a falta de castidade? Quando isso tiver entrado, o fim da corrida estará à vista. Onde conseguiremos então uma solução para essas misérias? Se os pais escolhem maridos e esposas para os seus filhos, então este mal é minimizado. As filhas da Índia são mais práticas do que sentimentais. Mas muito pouco de poesia permanece em suas vidas. Novamente, se as pessoas escolhem os seus próprios maridos e esposas, isso não parece trazer muita felicidade. A mulher indiana é geralmente muito feliz; não há muitos casos de brigas entre marido e mulher. Por outro lado, nos Estados Unidos, onde existe maior liberdade, o número de lares e casamentos infelizes é grande. A infelicidade está aqui, ali e em toda parte. O que isso mostra? Afinal, não se obteve muita felicidade com todos esses ideais. Todos nós lutamos pela felicidade e

assim que conseguimos um pouco de felicidade de um lado, do outro vem a infelicidade.

Não trabalharemos então para fazer o bem? Sim, com mais entusiasmo do que nunca, mas o que este conhecimento fará por nós é quebrar o nosso fanatismo. O inglês não será mais fanático e amaldiçoará o hindu. Ele aprenderá a respeitar os costumes das diferentes nações. Haverá menos fanatismo e mais trabalho real. Os fanáticos não podem trabalhar, desperdiçam três quartos da sua energia. É o homem sensato, calmo e prático que trabalha. Então, a potência para trabalhar aumentará a partir dessa ideia. Sabendo que este é o estado das coisas, haverá mais paciência. A visão da miséria ou do mal não será capaz de nos desequilibrar e nos fazer correr atrás das sombras. Portanto, a paciência chegará até nós, sabendo que o mundo terá que seguir seu próprio caminho. Se, por exemplo, todos os homens se tornaram bons, os animais terão entretanto evoluído para homens e terão de passar pelo mesmo estado, e o mesmo acontece com as plantas. Mas apenas uma coisa é certa; o poderoso rio está correndo em direção ao oceano, e todas as gotas que constituem a corrente serão, com o tempo, atraídas para aquele oceano sem limites. Então, nesta vida, com todas as suas misérias e tristezas, suas alegrias e sorrisos e lágrimas, uma coisa é certa, que todas as coisas estão correndo em direção ao seu objetivo, e isso: é apenas uma questão de tempo quando você e eu, e as plantas e os animais, e todas as partículas de vida que existem devem alcançar o Oceano Infinito da Perfeição, devem alcançar a Liberdade, a Deus.

Deixe-me repetir, mais uma vez, que a posição vedântica não é nem pessimismo nem otimismo. Não diz que este mundo é totalmente mau ou totalmente bom. Diz que o nosso mal não tem menos valor do que o nosso bem, e o nosso bem não tem mais valor do que o nosso mal. Eles estão unidos. Este é o mundo e, sabendo disso, você trabalha com paciência. Pelo que? Por que devemos trabalhar? Se este for o estado das coisas, o que devemos fazer? Por que não se tornar agnóstico? Os agnósticos modernos também sabem que não há solução para este problema, não há saída para este mal de Maya, como dizemos na nossa língua; portanto, eles nos dizem para estarmos satisfeitos e aproveitarmos a vida. Aqui está, novamente, um erro, um erro tremendo, um erro extremamente ilógico. E é isso. O que você

quer dizer com vida? Você quer dizer apenas a vida dos sentidos? Nisto cada um de nós difere apenas ligeiramente dos brutos. Tenho certeza de que não está presente aqui ninguém cuja vida esteja apenas nos sentidos. Então, esta vida presente significa algo mais do que isso. Nossos sentimentos, pensamentos e aspirações são parte integrante de nossa vida; e não é a luta pela área, pelo ideal, pela perfeição, um dos componentes mais importantes do que chamamos de vida? Segundo os agnósticos, devemos aproveitar a vida como ela é. Mas esta vida significa, acima de tudo, esta busca do ideal; a essência da vida está caminhando para a perfeição. Devemos ter isso e, portanto, não podemos ser agnósticos ou aceitar o mundo tal como ele aparece. A posição agnóstica considera esta vida, sem o componente ideal, como tudo o que existe. E isto, afirmam os agnósticos, não pode ser alcançado, portanto ele deve desistir da busca. Isto é o que se chama Maya – esta natureza, este universo.

Todas as religiões são mais ou menos tentativas de ir além da natureza – as mais cruas ou as mais desenvolvidas, expressas através da mitologia ou simbologia, histórias de deuses, anjos ou demônios, ou através de histórias de santos ou videntes, grandes homens ou profetas, ou através das abstrações da filosofia – todos têm esse único objetivo, todos estão tentando ir além dessas limitações. Numa palavra, todos eles estão lutando pela liberdade. O homem sente, consciente ou inconscientemente, que está preso; ele não é o que quer ser. Foi-lhe ensinado no exato momento em que começou a olhar em volta. Naquele mesmo instante ele soube que estava preso, e descobriu também que havia algo nele que queria voar além, para onde o corpo não poderia seguir, mas que ainda estava acorrentado por essa limitação. Mesmo nas ideias religiosas mais baixas, onde os antepassados falecidos e outros espíritos - na sua maioria violentos e cruéis, à espreita nas casas dos seus amigos, apreciadores de derramamento de sangue e de bebidas fortes - são adorados, mesmo aí encontramos um factor comum, o da liberdade. . O homem que quer adorar os deuses vê neles, acima de tudo, maior liberdade do que em si mesmo. Se uma porta estiver fechada, ele pensa que os deuses podem passar por ela e que as paredes não têm limitações para eles. Essa ideia de liberdade aumenta até chegar ao ideal de um Deus Pessoal, cujo conceito central é que Ele é um Ser além da limitação da natureza, de Maya. Vejo diante de mim, por assim dizer, que em alguns desses retiros florestais esta questão está sendo discutida por

aqueles antigos sábios da Índia; e em um deles, onde até mesmo os mais velhos e os mais santos não conseguem alcançar as soluções, um jovem se levanta no meio deles e declara: "Ouvi, filhos da imortalidade, ouvi, vós que habitais nos lugares mais altos, Eu encontrei o caminho. Conhecendo Aquele que está além das trevas, podemos ir além da morte."

Este Maya está em toda parte. Isto é terrível. No entanto, temos que trabalhar nisso. O homem que diz que trabalhará quando o mundo se tornar totalmente bom e então ele desfrutará da bem-aventurança tem tanta probabilidade de sucesso quanto o homem que se senta ao lado do Ganges e diz: "Vou atravessar o rio quando toda a água tiver corrido para dentro." o oceano." O caminho não está com Maya, mas contra ela. Este é outro fato para aprender. Não nascemos como ajudantes da natureza, mas como competidores da natureza. Somos seus senhores de títulos, mas nos vinculamos. Por que esta casa está aqui? A natureza não o construiu. A natureza diz, vá morar na floresta. O homem diz: Vou construir uma casa e lutar com a natureza, e ele o faz. Toda a história da humanidade é uma luta contínua contra as chamadas leis da natureza, e no final o homem ganha. Chegando ao mundo interno, lá também está acontecendo a mesma luta, essa luta entre o homem animal e o homem espiritual, entre a luz e as trevas; e aqui também o homem se torna vitorioso. Ele, por assim dizer, abre caminho para fora da natureza em direção à liberdade.

Vemos, então, que além deste Maya os filósofos Vedantas encontram algo que não está limitado por Maya; e se conseguirmos chegar lá, não seremos limitados por Maya. Esta ideia é, de uma forma ou de outra, propriedade comum de todas as religiões. Mas, com o Vedanta, é apenas o começo da religião e não o fim. A ideia de um Deus Pessoal, o Governante e Criador deste universo, como Ele foi denominado, o Governante de Maya, ou natureza, não é o fim dessas ideias Vedantas; Isso é apenas o começo. A ideia cresce cada vez mais até que o Vedantista descobre que Aquele que, ele pensava, estava do lado de fora, é ele mesmo e está na realidade dentro. Ele é aquele que é livre, mas que por limitação pensou que estava preso.

2.5.4 CAPÍTULO 4: MAYA E A EVOLUÇÃO DA CONCEPÇÃO DE DEUS

(Entregue em Londres, 20 de outubro de 1896)

Vimos como a idéia de Mâyâ, que constitui, por assim dizer, uma das doutrinas básicas do Advaita Vedanta, é, em seus germes, encontrada até mesmo nos Samhitâs, e que na realidade todas as idéias que são desenvolvidas no Os Upanishads já podem ser encontrados nos Samhitas de uma forma ou de outra. A esta altura, a maioria de vocês já está familiarizada com a idéia de Maya e sabe que às vezes ela é erroneamente explicada como ilusão, de modo que, quando se diz que o universo é Maya, isso também deve ser explicado como sendo ilusão. A tradução da palavra não é feliz nem correta. Maya não é uma teoria; é simplesmente uma declaração de fatos sobre o universo tal como ele existe, e para compreender Maya devemos voltar aos Samhitas e começar com a concepção no germe.

Vimos como surgiu a ideia dos Devas. Ao mesmo tempo sabemos que estes Devas eram inicialmente apenas seres poderosos, nada mais. A maioria de vocês fica horrorizada ao ler as antigas escrituras, sejam elas dos gregos, dos hebreus, dos persas ou de outros, e descobre que os deuses antigos às vezes faziam coisas que, para nós, são muito repugnantes. Mas quando lemos estes livros, esquecemos completamente que somos pessoas do século XIX e que estes deuses eram seres que existiam há milhares de anos. Esquecemos também que as pessoas que adoravam esses deuses não encontravam nada de incongruente em seu caráter, nada encontravam que os assustasse, porque eram muito parecidos com eles. Posso também observar que esta é a grande lição que temos de aprender ao longo da vida. Ao julgar os outros, sempre os julgamos pelos nossos próprios ideais. Não é assim que deveria ser. Cada um deve ser julgado de acordo com o seu próprio ideal e não pelo de qualquer outra pessoa. Nas nossas relações com os nossos semelhantes, trabalhamos constantemente sob este erro, e sou de opinião que a grande maioria das nossas brigas uns com os outros surge simplesmente desta única causa: estamos sempre a tentar julgar os deuses dos outros pelos nossos próprios, os ideais dos outros pelos nossos ideais e os motivos dos outros pelos nossos motivos. Sob certas circunstâncias, posso fazer certa coisa, e quando vejo outra pessoa seguindo o mesmo caminho, penso que ela também tem o mesmo motivo que a motiva, sem imaginar que, embora o efeito possa ser o mesmo, muitas outras causas

podem produzir o mesmo. coisa. Ele pode ter realizado a ação com um motivo bem diferente daquele que me impeliu a fazê-lo. Portanto, ao julgarmos essas religiões antigas, não devemos adotar o ponto de vista a que nos inclinamos, mas devemos colocar-nos na posição de pensamento e de vida daqueles primeiros tempos.

A ideia do Jeová cruel e implacável no Antigo Testamento assustou muitos – mas porquê? Que direito têm eles de presumir que o Jeová dos antigos judeus deve representar a ideia convencional do Deus dos dias atuais? E, ao mesmo tempo, não devemos esquecer que virão homens depois de nós que rirão das nossas ideias sobre religião e Deus da mesma forma que rimos das dos antigos. No entanto, através de todas essas diversas concepções corre o fio dourado da unidade, e é o propósito do Vedanta descobrir esse fio. “Eu sou o fio que atravessa todas essas diversas ideias, cada uma das quais é como uma pérola”, diz o Senhor Krishna; e é dever do Vedanta estabelecer esse fio condutor, por mais incongruentes ou repugnantes que possam parecer essas idéias quando julgadas de acordo com as concepções de hoje. Estas ideias, no contexto dos tempos passados, eram harmoniosas e não mais hediondas do que as nossas ideias actuais. Somente quando tentamos retirá-los de seus contextos e aplicá-los às nossas circunstâncias atuais é que a hediondez se torna óbvia. Pois os antigos arredores estão mortos e desaparecidos. Assim como o antigo judeu se desenvolveu no judeu perspicaz, moderno e perspicaz, e o antigo ariano no intelectual hindu, da mesma forma, Jeová cresceu e os Devas cresceram.

O grande erro está em reconhecer a evolução dos adoradores, enquanto não reconhecemos a evolução dos Adorados. Ele não é creditado pelo avanço que seus devotos fizeram. Isto é, você e eu, representando ideias, crescemos; esses deuses também, como representantes de ideias, cresceram. Isto pode parecer um tanto curioso para você – que Deus pode crescer. Ele não pode. Ele é imutável. No mesmo sentido, o homem real nunca cresce. Mas as ideias do homem sobre Deus estão constantemente mudando e se expandindo. Veremos mais adiante como o homem real por trás de cada uma dessas manifestações humanas é imóvel, imutável, puro e sempre perfeito; e da mesma forma a ideia que formamos de Deus é uma mera manifestação, nossa própria criação. Por trás disso está o Deus real que nunca muda, o sempre puro, o imutável. Mas a manifestação está sempre

mudando, revelando cada vez mais a realidade por trás. Quando revela mais do fato por trás, é chamado de progressão; quando esconde mais do fato por trás, é chamado de retrocesso. Assim, à medida que crescemos, os deuses também crescem. Do ponto de vista comum, assim como nos revelamos à medida que evoluímos, os deuses também se revelam.

Estaremos agora em condições de compreender a teoria de Maya. Em todas as regiões do mundo, a única questão que se propõem discutir é esta: Por que existe desarmonia no universo? Por que existe esse mal no universo? Não encontramos esta questão no próprio início das ideias religiosas primitivas, porque o mundo não parecia incongruente ao homem primitivo. As circunstâncias não eram desarmônicas para ele; não houve nenhuma onda de opiniões; para ele não havia antagonismo entre o bem e o mal. Havia apenas um sentimento em seu coração de algo que dizia sim e algo que dizia não. O homem primitivo era um homem de impulso. Ele fazia o que lhe ocorria e tentava fazer surgir através dos músculos qualquer pensamento que lhe ocorresse na mente, e nunca parava para julgar e raramente tentava controlar seus impulsos. Assim, com os deuses, eles também eram criaturas impulsivas. Indra vem e destrói as forças dos demônios. Jeová fica satisfeito com uma pessoa e descontente com outra, por que razão ninguém sabe ou pergunta. O hábito da investigação ainda não havia surgido, e tudo o que ele fazia era considerado correto. Não havia ideia de bem ou mal. Os Devas fizeram muitas coisas perversas no sentido que damos à palavra; repetidas vezes Indra e outros deuses cometeram ações muito perversas, mas para os adoradores de Indra as ideias de maldade e maldade não ocorreram, então eles não as questionaram.

Com o avanço das ideias éticas veio a luta. Surgiu um certo sentido no homem, chamado em diferentes línguas e nações por nomes diferentes. Chame-a de voz de Deus, ou o resultado da educação passada, ou o que você quiser, mas o efeito foi este: teve um poder de controle sobre os impulsos naturais do homem. Há um impulso em nossas mentes que diz: faça. Atrás dela surge outra voz que diz: não. Há um conjunto de ideias em nossa mente que está sempre lutando para sair através dos canais dos sentidos, e por trás disso, embora possa ser tênue e fraco, há uma voz infinitamente pequena que diz: não saia. As duas belas palavras em sânscrito para estes fenômenos são Pravritti e Nivritti, “circulando para

frente” e “circulando para dentro”. É o movimento circular que geralmente governa nossas ações. A religião começa com esse círculo interno. A religião começa com este “não faça”. A espiritualidade começa com este “não fazer”. Quando o “não” não existe, a religião ainda não começou. E esse “não” veio, fazendo com que as ideias dos homens crescessem, apesar dos deuses guerreiros que eles adoravam.

Um pouco de amor despertou no coração da humanidade. Na verdade, era muito pequeno e mesmo agora não é muito maior. A princípio, foi confinado a uma tribo que talvez abrangesse membros da mesma tribo; esses deuses amavam suas tribos e cada deus era um deus tribal, o protetor daquela tribo. E às vezes os membros de uma tribo se consideram descendentes de seu deus, assim como os clãs de diferentes nações pensam que são descendentes comuns do homem que foi o fundador do clã. Existiram nos tempos antigos, e ainda existem hoje, algumas pessoas que afirmam ser descendentes não apenas desses deuses tribais, mas também do Sol e da Lua. Você lê nos antigos livros em sânscrito dos grandes imperadores heróicos das dinastias solar e lunar. Eles foram os primeiros adoradores do Sol e da Lua e gradualmente passaram a se considerar descendentes do deus do Sol da Lua e assim por diante. Assim, quando estas ideias tribais começaram a crescer, surgiu um pouco de amor, uma ligeira ideia de dever mútuo, um pouco de organização social. Então, naturalmente, surgiu a ideia: como podemos viver juntos sem suportar e tolerar? Como pode um homem viver com outro sem ter algum tempo para controlar seus impulsos, para se conter, para deixar de fazer coisas que sua mente o incitaria a fazer? É impossível. Daí surge a ideia de restrição. Todo o tecido social baseia-se nessa ideia de moderação, e todos sabemos que o homem ou a mulher que não aprendeu a grande lição de tolerância e tolerância leva uma vida extremamente miserável.

Agora, quando essas ideias de religião surgiram, um vislumbre de algo mais elevado, mais ético, surgiu no intelecto da humanidade. Descobriu-se que os deuses antigos eram incongruentes — esses deuses dos antigos, barulhentos, lutadores, bebedores e comedores de carne — cujo deleite estava no cheiro de carne queimada e nas libações de bebidas alcoólicas fortes. Às vezes, Indra bebia tanto que caía no chão e falava de maneira ininteligível. Esses deuses não podiam mais ser tolerados. Surgiu a ideia de

investigar os motivos, e os deuses tiveram que intervir para participar da investigação. A razão para tais e tais ações era exigida e a razão faltava. Portanto, o homem desistiu desses deuses, ou melhor, desenvolveu ideias mais elevadas a respeito deles. Eles examinaram, por assim dizer, todas as ações e qualidades dos deuses e descartaram aquelas que não conseguiam harmonizar, e mantiveram aquelas que podiam compreender, e combinaram-nas, rotulando-as com um nome, Deva-deva, o Deus dos deuses. O deus a ser adorado não era mais um simples símbolo de poder; algo mais era necessário do que isso. Ele era um deus ético; ele amou a humanidade e fez o bem à humanidade. Mas a ideia de Deus ainda permanecia. Eles aumentaram o seu significado ético e aumentaram também o seu poder. Ele se tornou o ser mais ético do universo, além de quase todo-poderoso.

Mas toda essa colcha de retalhos não serviria. À medida que a explicação assumia maiores proporções, a dificuldade que procurava resolver também o fazia. Se as qualidades do deus aumentavam na progressão aritmética, a dificuldade e a dúvida aumentavam na progressão geométrica. A dificuldade de Jeová era muito pequena em comparação com a dificuldade do Deus do universo, e esta questão permanece até os dias atuais. Por que, sob o reinado de um Deus todo-poderoso e todo-amoroso do universo, deveria ser permitido que coisas diabólicas permanecessem? Por que há tanto mais miséria do que felicidade, e tanto mais maldade do que bem? Podemos fechar os olhos a todas estas coisas, mas permanece o facto de que este mundo é um mundo horrível. Na melhor das hipóteses, é o inferno de Tântalo. Aqui estamos nós com fortes impulsos e desejos mais fortes de prazeres sensoriais, mas não conseguimos satisfazê-los. Levanta-se uma onda que nos impele para a frente, apesar da nossa vontade, e assim que damos um passo, vem um golpe. Estamos todos condenados a viver aqui como Tântalo. Os ideais vêm à nossa cabeça muito além do limite dos nossos ideais sensoriais, mas quando procuramos expressá-los, não conseguimos fazê-lo. Por outro lado, somos esmagados pela massa crescente que nos rodeia. No entanto, se eu desistir de toda idealidade e simplesmente lutar por este mundo, minha existência será a de um bruto, e eu me degenerarei e me degradarei. Nenhuma das duas maneiras é felicidade. A infelicidade é o destino daqueles que se contentam em viver neste mundo, nascidos como nasceram. Miséria mil vezes maior é o destino

daqueles que ousam defender a verdade e as coisas mais elevadas e que ousam pedir algo mais elevado do que a mera existência bruta aqui. Estes são fatos; mas não há explicação — não pode haver explicação alguma. Mas o Vedanta mostra a saída. Você deve ter em mente que tenho que lhe contar fatos que às vezes o assustarão, mas se você se lembrar do que eu digo, pensar nisso e digeri-lo, isso será seu, irá elevá-lo mais alto e torná-lo capaz de compreender e viver na verdade.

Agora, é uma afirmação de que este mundo é o inferno de Tântalo, que não sabemos nada sobre este universo, mas ao mesmo tempo não podemos dizer que não sabemos. Não posso dizer que esta cadeia existe, quando penso que não a conheço. Pode ser uma ilusão completa do meu cérebro. Posso estar sonhando o tempo todo. Estou sonhando que estou falando com você e que você está me ouvindo. Ninguém pode provar que não é um sonho. Meu próprio cérebro pode ser um sonho, e quanto a isso ninguém jamais viu o seu próprio cérebro. Todos nós consideramos isso garantido. Assim é com tudo. Meu próprio corpo eu considero garantido. Ao mesmo tempo não posso dizer, não sei. Esta posição entre o conhecimento e a ignorância, este crepúsculo místico, a mistura da verdade e da falsidade – e onde elas se encontram – ninguém sabe. Caminhamos no meio de um sonho, meio dormindo, meio acordados, passando toda a nossa vida numa névoa; este é o destino de todos nós. Este é o destino de todo conhecimento sensorial. Este é o destino de toda filosofia, de toda alardeada ciência, de todo alardeado conhecimento humano. Este é o universo.

O que você chama de matéria, ou espírito, ou mente, ou qualquer outra coisa que você queira chamá-los, o fato permanece o mesmo: não podemos dizer que eles existem, não podemos dizer que eles não são. Não podemos dizer que são um, não podemos dizer que são muitos. Este eterno jogo de luz e escuridão — indiscriminado, indistinguível, inseparável — está sempre presente. Um facto, mas ao mesmo tempo não um facto; acordado e ao mesmo tempo dormindo. Esta é uma declaração de fatos, e é isso que se chama Maya. Nascemos nesta Maya, vivemos nela, pensamos nela, sonhamos nela. Somos filósofos nisso, somos homens espirituais nisso, ou melhor, somos demônios neste Maya, e somos deuses neste Maya. Amplie suas ideias tanto quanto você puder, tornando-as cada vez mais altas, chame-as de infinitas ou por qualquer outro nome que desejar, mesmo essas

ideias estão dentro deste Maya. Não pode ser de outra forma, e todo o conhecimento humano é uma generalização deste Maya tentando conhecê-lo como parece ser. Este é o trabalho de Nâma-Rupa – nome e forma. Tudo o que tem forma, tudo o que evoca uma ideia na sua mente, está dentro de Maya; pois tudo o que está sujeito às leis do tempo, do espaço e da causalidade está dentro de Maya.

Voltemos um pouco àquelas primeiras idéias de Deus e vejamos o que aconteceu com elas. Percebemos imediatamente que a ideia de algum Ser que nos ama eternamente – eternamente altruísta e todo-poderoso, governando este universo – não poderia satisfazer. “Onde está o Deus justo e misericordioso?” perguntou o filósofo. Ele não vê milhões e milhões de Seus filhos perecerem, na forma de homens e animais; pois quem pode viver um momento aqui sem matar outros? Você consegue respirar sem destruir milhares de vidas? Você vive, porque milhões morrem. Cada momento da sua vida, cada respiração que você respira, é a morte para milhares; cada movimento que você faz é a morte de milhões. Cada pedaço que você come é a morte de milhões. Por que eles deveriam morrer? Existe um velho sofisma de que são existências muito baixas. Supondo que sejam - o que é questionável, pois quem sabe se a formiga é maior que o homem, ou o homem que a formiga - quem pode provar uma coisa ou outra? Além dessa questão, mesmo assumindo que estes são seres muito inferiores, por que deveriam morrer? Se estiverem baixos, terão mais motivos para viver. Por que não? Porque vivem mais nos sentidos, sentem prazer e dor mil vezes mais do que você ou eu podemos sentir. Qual de nós janta com o mesmo gosto que um cachorro ou um lobo? Nenhuma, porque as nossas energias não estão nos sentidos; eles estão no intelecto, no espírito. Mas nos animais, toda a sua alma está nos sentidos, e eles enlouquecem e desfrutam de coisas com as quais nós, seres humanos, nunca sonhamos, e a dor é proporcional ao prazer. Prazer e dor são distribuídos em igual medida. Se o prazer sentido pelos animais é muito mais aguçado do que o sentido pelo homem, segue-se que o sentimento de dor dos animais é tão aguçado, se não mais aguçado, que o do homem. Portanto, o facto é que a dor e a miséria que os homens sentem ao morrer são intensificadas mil vezes nos animais e, no entanto, nós os matamos sem nos preocuparmos com a sua miséria. Esta é a Maia. E se supormos que existe um Deus Pessoal como o ser humano, que fez tudo, estas chamadas explicações e teorias que tentam

provar que do mal surge o bem não são suficientes. Que venham vinte mil coisas boas, mas por que viriam do mal? Seguindo esse princípio, eu poderia cortar a garganta de outras pessoas porque quero o pleno prazer dos meus cinco sentidos. Isso não é motivo. Por que o bem deveria vir através do mal? A questão ainda precisa ser respondida e não pode ser respondida. A filosofia da Índia foi obrigada a admitir isto.

O Vedanta foi (e é) o sistema religioso mais ousado. Não parou em lugar nenhum e tinha uma vantagem. Não havia nenhum corpo de sacerdotes que procurasse suprimir todos os homens que tentassem dizer a verdade. Sempre houve liberdade religiosa absoluta. Na Índia, a escravidão da superstição é social; aqui no Ocidente a sociedade é muito livre. As questões sociais na Índia são muito rigorosas, mas a opinião religiosa é livre. Na Inglaterra, um homem pode vestir-se da maneira que quiser ou comer o que quiser - ninguém se opõe; mas se ele deixa de ir à igreja, a Sra. Grundy o ataca. Ele tem que se conformar primeiro com o que a sociedade diz sobre religião, e então poderá pensar na verdade. Na Índia, por outro lado, se um homem janta com alguém que não pertence à sua própria casta, a sociedade desce com todos os seus terríveis poderes e esmaga-o ali mesmo. Se ele quiser se vestir de maneira um pouco diferente da maneira como seu ancestral se vestia há muito tempo, ele estará perdido. Ouvi falar de um homem que foi expulso pela sociedade porque percorreu vários quilômetros para ver o primeiro trem. Bem, presumiremos que isso não era verdade! Mas na religião encontramos ateus, materialistas e budistas, credos, opiniões e especulações de todas as fases e variedades, algumas das mais surpreendentes, vivendo lado a lado. Pregadores de todas as seitas procuram e conseguem adeptos, e nos próprios portões dos templos dos deuses, os Brâmanes - para seu crédito, diga-se - permitem que até os materialistas se levantem e expressem as suas opiniões.

Buda morreu em idade avançada. Lembro-me de um amigo meu, um grande cientista americano, que gostava de ler a sua vida. Ele não gostou da morte de Buda porque não foi crucificado. Que ideia falsa! Para um homem ser grande ele deve ser assassinado! Tais ideias nunca prevaleceram na Índia. Este grande Buda viajou por toda a Índia, denunciando seus deuses e até mesmo o Deus do universo, e ainda assim viveu até uma boa velhice. Durante oitenta anos ele viveu e converteu metade do país.

Depois, havia os Chârvâkas, que pregavam coisas horríveis, o materialismo mais grosseiro e indisfarçável, tal como no século XIX eles não ousavam pregar abertamente. Esses Charvakas foram autorizados a pregar de templo em templo, e de cidade em cidade, que a religião era toda bobagem, que era artimanha sacerdotal, que os Vedas eram palavras e escritos de tolos, ladrões e demônios, e que não havia nem Deus nem uma alma eterna. Se existia uma alma, por que ela não voltou após a morte, atraída pelo amor da esposa e do filho? A ideia deles era que, se houvesse uma alma, ela ainda deveria amar após a morte e querer coisas boas para comer e vestir-se bem. No entanto, ninguém machucou esses Charvakas.

Assim, a Índia sempre teve esta magnífica ideia de liberdade religiosa, e deveis lembrar-vos que a liberdade é a primeira condição para o crescimento. O que você não liberta, nunca crescerá. A ideia de que você pode fazer os outros crescerem e ajudar no seu crescimento, de que você pode direcioná-los e guiá-los, mantendo sempre para si a liberdade do professor, é um absurdo, uma mentira perigosa que retardou o crescimento de milhões e milhões de seres humanos em este mundo. Deixe os homens terem a luz da liberdade. Essa é a única condição de crescimento.

Nós, na Índia, permitimos a liberdade em questões espirituais e temos um tremendo poder espiritual no pensamento religioso até hoje. Você concede a mesma liberdade em questões sociais e, portanto, tem uma esplêndida organização social. Não demos qualquer liberdade à expansão das questões sociais e a nossa sociedade é limitada. Nunca deram qualquer liberdade em assuntos religiosos, mas com fogo e espada reforçaram as vossas crenças, e o resultado é que a religião é um crescimento atrofiado e degenerado na mente europeia. Na Índia, temos de nos libertar das algemas da sociedade; na Europa, as correntes devem ser retiradas dos pés do progresso espiritual. Então ocorrerá um maravilhoso crescimento e desenvolvimento do homem. Se descobirmos que existe uma unidade que atravessa todos estes desenvolvimentos, espirituais, morais e sociais, descobriremos que a religião, no sentido mais pleno da palavra, deve entrar na sociedade e na nossa vida quotidiana. À luz do Vedanta você compreenderá que todas as ciências são apenas manifestações da religião, assim como tudo o que existe neste mundo.

Vemos, então, que através da liberdade as ciências foram construídas; e neles temos dois conjuntos de opiniões, um materialista e denunciador, e outro positivo e construtivo. É um fato muito curioso que em todas as sociedades você os encontre. Supondo que haja um mal na sociedade, você encontrará imediatamente um grupo se levantando e denunciando-o de forma vingativa, que às vezes degenera em fanatismo. Existem fanáticos em todas as sociedades, e as mulheres frequentemente juntam-se a estes protestos, devido à sua natureza impulsiva. Todo fanático que se levanta e denuncia algo pode conquistar seguidores. É muito fácil quebrar; um maníaco pode quebrar tudo o que quiser, mas seria difícil para ele construir qualquer coisa. Esses fanáticos podem fazer algum bem, de acordo com a sua opinião, mas muito mais danos. Porque as instituições sociais não se fazem num dia, e mudá-las significa eliminar a causa. Suponha que exista um mal; denunciá-lo não irá removê-lo, mas você deve trabalhar na raiz. Primeiro descubra a causa, depois remova-a e o efeito também será removido. O mero clamor não produz qualquer efeito, a menos que produza infortúnio.

Há outros que tiveram simpatia no coração e que compreenderam a ideia de que devemos ir fundo na causa, estes foram os grandes santos. Um fato que você deve lembrar é que todos os grandes professores do mundo declararam que não vieram para destruir, mas para cumprir. Muitas vezes a sua atitude não foi compreendida e a sua tolerância foi considerada um compromisso indigno com as opiniões populares existentes. Mesmo agora, você ocasionalmente ouve que esses profetas e grandes mestres eram um tanto covardes e não ousavam dizer e fazer o que consideravam certo; mas não foi assim. Os fanáticos pouco compreendem o poder infinito do amor nos corações destes grandes sábios que consideravam os habitantes deste mundo como seus filhos. Eles eram os verdadeiros pais, os verdadeiros deuses, cheios de infinita simpatia e paciência por todos; eles estavam prontos para suportar e tolerar. Eles sabiam como a sociedade humana deveria crescer e, pacientemente, lenta e seguramente, continuaram aplicando seus remédios, não denunciando e assustando as pessoas, mas guiando-as gentil e gentilmente para cima, passo a passo. Tais foram os escritores dos Upanishads. Eles sabiam muito bem como as antigas ideias de Deus não eram conciliáveis com as ideias éticas avançadas da época; eles sabiam muito bem que o que os ateus pregavam continha muita

verdade, ou melhor, grandes pepitas de verdade; mas, ao mesmo tempo, compreenderam que aqueles que desejassem cortar o fio que prendia as contas, que quisessem construir uma nova sociedade no ar, fracassariam completamente.

Nunca construímos de novo, simplesmente trocamos de lugar; não podemos ter nada de novo, apenas mudamos a posição das coisas. A semente cresce na árvore, com paciência e suavidade; devemos direcionar as nossas energias para a verdade e cumprir a verdade que existe, e não tentar criar novas verdades. Assim, em vez de denunciar estas velhas ideias de Deus como impróprias para os tempos modernos, os antigos sábios começaram a procurar a realidade que havia nelas. O resultado foi a filosofia Vedanta, e dentre as antigas divindades, entre o Deus monoteísta, o Governante do universo, eles encontraram ideias cada vez mais elevadas no que é chamado de Absoluto Impessoal; eles encontraram unidade em todo o universo.

Aquele que vê neste mundo de multiplicidade aquele que atravessa tudo, neste mundo de morte aquele que encontra aquela Vida Infinita Única, e neste mundo de insensibilidade e ignorância aquele que encontra aquela Luz e Conhecimento Único, a ele pertence a paz eterna. Para mais ninguém, para mais ninguém.

2.5.5 CAPÍTULO 5: MAYA E LIBERDADE

(Entregue em Londres, 22 de outubro de 1896)

“Chegamos atrás de nuvens de glória”, diz o poeta. Porém, nem todos nós chegamos como nuvens de glória; alguns de nós chegam como um rastro de neblina negra; não pode haver dúvida sobre isso. Mas cada um de nós vem a este mundo para lutar, como num campo de batalha. Viemos aqui chorando para abrir caminho, da melhor maneira que pudermos, e para abrir um caminho para nós mesmos através deste oceano infinito de vida; avançamos, tendo longas eras atrás de nós e uma imensa extensão além. E assim por diante, até que a morte chegue e nos tire do campo – vitoriosos ou derrotados, não sabemos. E esta é Maya.

A esperança é dominante no coração da infância. O mundo inteiro é uma visão dourada para os olhos abertos da criança; ele pensa que sua vontade é suprema. À medida que ele avança, a cada passo a natureza permanece como um muro adamantino, impedindo seu progresso futuro. Ele pode se lançar contra ela repetidas vezes, esforçando-se para romper. Quanto mais ele avança, mais o ideal recua, até que a morte chegue e talvez haja libertação. E esta é Maya.

Um homem de ciência surge, ele tem sede de conhecimento. Nenhum sacrifício é grande demais, nenhuma luta é desesperadora demais para ele. Ele segue em frente descobrindo segredo após segredo da natureza, buscando os segredos mais íntimos de seu coração, e para quê? Para que serve tudo isso? Por que deveríamos dar-lhe glória? Por que ele deveria adquirir fama? A natureza não faz infinitamente mais do que qualquer ser humano pode fazer? – e a natureza é monótona, insensível. Por que deveria ser uma glória imitar os estúpidos, os insensíveis? A natureza pode lançar um raio de qualquer magnitude a qualquer distância. Se um homem consegue fazer uma pequena parte, nós o elogiamos e o exaltamos até os céus. Por que? Por que deveríamos elogiá-lo por imitar a natureza, imitar a morte, imitar a estupidez, imitar a insensibilidade? A força da gravitação pode despedaçar a maior massa que já existiu; no entanto, é insensível. Que glória há em imitar o insensível? No entanto, todos nós estamos lutando depois disso. E esta é Maya.

Os sentidos arrastam a alma humana. O homem está buscando prazer e felicidade onde nunca poderá ser encontrado. Por inúmeras eras todos fomos ensinados que isso é fútil e vão, não há felicidade aqui. Mas não podemos aprender; é-nos impossível fazê-lo, exceto através das nossas próprias experiências. Nós os experimentamos e um golpe vem. Aprendemos então? Nem mesmo então. Como mariposas que se lançam contra a chama, estamos nos lançando repetidas vezes nos prazeres dos sentidos, na esperança de encontrar satisfação ali. Voltamos sempre com energia renovada; assim continuamos, até morrermos aleijados e enganados. E esta é Maya.

O mesmo acontece com o nosso intelecto. No nosso desejo de resolver os mistérios do universo, não podemos parar o nosso questionamento,

sentimos que devemos saber e não podemos acreditar que nenhum conhecimento será obtido. Alguns passos e surge o muro do tempo sem começo e sem fim que não podemos superar. Alguns passos e surge um muro de espaço ilimitado que não pode ser superado, e o todo fica irrevogavelmente preso pelos muros de causa e efeito. Não podemos ir além deles. No entanto, lutamos e ainda temos que lutar. E esta é Maya.

A cada respiração, a cada pulsação do coração, a cada um dos nossos movimentos, pensamos que somos livres, e no mesmo momento nos é mostrado que não o somos. Escravos acorrentados, escravos da natureza, no corpo, na mente, em todos os nossos pensamentos, em todos os nossos sentimentos. E esta é Maya.

Nunca houve uma mãe que não pensasse que seu filho era um gênio nato, a criança mais extraordinária que já nasceu; ela adora seu filho. Toda a sua alma está na criança. A criança cresce, talvez se torne um bêbado, um bruto, maltrata a mãe, e quanto mais a maltrata, mais aumenta o seu amor. O mundo elogia isso como o amor altruísta da mãe, sem sonhar que a mãe é uma escrava nata, ela não pode evitar. Ela preferiria mil vezes livrar-se do fardo, mas não consegue. Então ela o cobre com uma massa de flores, que ela chama de amor maravilhoso. E esta é Maya.

Somos todos assim no mundo. Uma lenda conta como certa vez Nârada disse a Krishna: “Senhor, mostre-me Maya”. Alguns dias se passaram e Krishna pediu a Narada que fizesse uma viagem com ele em direção ao deserto, e depois de caminhar vários quilômetros, Krishna disse: "Narada, estou com sede; você pode trazer um pouco de água para mim?" "Eu irei imediatamente, senhor, e pegarei água para você." Então Narada foi. A pouca distância havia uma aldeia; entrou na aldeia em busca de água e bateu a uma porta, que foi aberta por uma linda jovem. Ao vê-la, ele imediatamente esqueceu que seu Mestre estava esperando por água, talvez morrendo por falta dela. Ele esqueceu tudo e começou a conversar com a garota. Durante todo aquele dia ele não retornou ao seu Mestre. No dia seguinte, ele estava novamente em casa conversando com a menina. Essa conversa amadureceu em amor; ele pediu a filha ao pai, e eles se casaram, moraram lá e tiveram filhos. Assim se passaram doze anos. Seu sogro morreu, ele herdou sua propriedade. Ele viveu, como parecia pensar, uma

vida muito feliz com sua esposa e filhos, seus campos e seu gado. e assim por diante. Então veio uma inundação. Uma noite, o rio subiu até transbordar e inundar toda a aldeia. Casas caíram, homens e animais foram arrastados e afogados, e tudo ficou flutuando na correnteza. Narada teve que escapar. Com uma mão segura sua esposa e com a outra seus dois filhos; outra criança estava em seus ombros, e ele tentava atravessar aquela tremenda inundação. Depois de alguns passos, ele descobriu que a corrente era muito forte e a criança em seus ombros caiu e foi levada. Um grito de desespero veio de Narada. Ao tentar salvar aquela criança, ele perdeu o controle de uma das outras, e esta também se perdeu. Por fim, sua esposa, a quem ele abraçou com todas as forças, foi arrancada pela corrente e ele foi jogado na margem, chorando e lamentando-se em amarga lamentação. Atrás dele ouviu-se uma voz gentil: "Meu filho, onde está a água? Você foi buscar uma jarra de água e estou esperando por você; você já se foi há quase meia hora." "Meia hora!" exclamou Narada. Doze anos inteiros passaram por sua mente e todas essas cenas aconteceram em meia hora! E esta é Maya.

De uma forma ou de outra, estamos todos nisso. É um estado de coisas muito difícil e intrincado de entender. Foi pregado em todos os países, ensinado em todos os lugares, mas apenas alguns acreditaram nele, porque até que nós mesmos tenhamos as experiências, não poderemos acreditar nele. O que isso mostra? Algo muito terrível. Pois tudo é inútil. O tempo, o vingador de tudo, chega e não sobra nada. Ele engole o santo e o pecador, o rei e o camponês, o belo e o feio; ele não deixa nada. Tudo está correndo em direção a esse objetivo: a destruição. Nosso conhecimento, nossas artes, nossas ciências, tudo corre em direção a isso. Ninguém pode conter a maré, ninguém pode contê-la por um minuto. Podemos tentar esquecê-lo, da mesma forma que as pessoas numa cidade assolada pela peste tentam criar o esquecimento bebendo, dançando e outras tentativas vãs, ficando assim paralisadas. Portanto, estamos tentando esquecer, tentando criar o esquecimento por meio de todos os tipos de prazeres sensoriais. E esta é Maya.

Duas maneiras foram propostas. Um método, que todos conhecem, é muito comum e é: "Pode ser verdade, mas não pense nisso. 'Faça feno enquanto o sol brilha', como diz o provérbio. É tudo verdade, é um fato, mas não se importe com isso. Aproveite os poucos prazeres que puder, faça o pouco

que puder, não olhe para o lado negro da imagem, mas sempre para o lado esperançoso, positivo." Há alguma verdade nisso, mas também há um perigo. A verdade é que é uma boa força motriz. A esperança e um ideal positivo são forças motrizes muito boas para as nossas vidas, mas há um certo perigo neles. O perigo reside em desistirmos da luta em desespero. Esse é o caso daqueles que pregam: "Tome o mundo como ele é, sente-se tão calma e confortavelmente quanto puder e fique contente com todas essas misérias. Quando você receber golpes, diga que não são golpes, mas flores; são conduzidos como escravos, digam que são livres Dia e noite, contem mentiras para os outros e para suas próprias almas, porque essa é a única maneira de viver felizes. Isto é o que se chama sabedoria prática, e nunca foi tão prevalente no mundo como neste século XIX; porque nunca houve golpes mais duros do que agora, nunca a competição foi tão acirrada, nunca os homens foram tão cruéis com seus semelhantes como agora; e, portanto, esse consolo deve ser oferecido. Atualmente é apresentado da maneira mais forte; mas falha, como sempre deve falhar. Não podemos esconder uma carniça com rosas; é impossível. Não duraria muito; pois logo as rosas murchariam e a carniça estaria pior do que nunca. O mesmo ocorre com nossas vidas. Podemos tentar cobrir nossas feridas antigas e purulentas com pano de ouro, mas chega um dia em que o pano de ouro é removido e a ferida em toda a sua feiúra é revelada.

Não há esperança então? É verdade que somos todos escravos de Maya, nascemos em Maya e vivemos em Maya. Não há então saída, não há esperança? Que somos todos miseráveis, que este mundo é realmente uma prisão, que mesmo a nossa chamada beleza rasteira é apenas uma prisão, e que mesmo os nossos intelectos e mentes são prisões, isso é sabido há séculos e séculos. Nunca houve um homem, nunca houve uma alma humana, que não tenha sentido isso uma vez ou outra, por mais que fale. E os mais velhos sentem isso mais, porque neles está a experiência acumulada de toda uma vida, porque não podem ser facilmente enganados pelas mentiras da natureza. Não há saída? Descobrimos que com tudo isto, com este facto terrível diante de nós, no meio da tristeza e do sofrimento, mesmo neste mundo onde a vida e a morte são sinónimos, mesmo aqui, há uma voz mansa e delicada que ressoa através de todas as idades, através de em cada país e em cada coração: "Esta Minha Maya é divina, feita de qualidades e muito difícil de atravessar. No entanto, aqueles que vêm a Mim atravessam

o rio da vida". "Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei." Esta é a voz que nos leva adiante. O homem ouviu e está ouvindo através dos tempos. Esta voz chega aos homens quando tudo parece estar perdido e a esperança desapareceu, quando a dependência do homem da sua própria força foi esmagada e tudo parece derreter-se entre os seus dedos, e a vida é uma ruína sem esperança. Então ele ouve. Isso se chama religião.

Por um lado, portanto, está a afirmação ousada de que tudo isso é bobagem, de que isso é Maya, mas junto com ela há a afirmação mais esperançosa de que, além de Maya, existe uma saída. Por outro lado, os homens práticos nos dizem: "Não se preocupem com bobagens como religião e metafísica. Vivam aqui; este é realmente um mundo muito ruim, mas tirem o melhor proveito dele." O que, em linguagem simples, significa viver uma vida hipócrita e mentirosa, uma vida de fraude contínua, cobrindo todas as feridas da melhor maneira que puder. Vá colocando patch após patch, até que tudo se perca e você seja uma massa de retalhos. Isso é o que chamamos de vida prática. Aqueles que estão satisfeitos com esta colcha de retalhos nunca chegarão à religião. A religião começa com uma tremenda insatisfação com o estado actual das coisas, com as nossas vidas, e um ódio, um ódio intenso por este remendar da vida, um desgosto ilimitado pela fraude e pelas mentiras. Só pode ser religioso aquele que ousa dizer, como o poderoso Buda disse uma vez sob a árvore Bo, quando esta ideia de praticidade apareceu diante dele e ele viu que era um absurdo, e ainda assim não conseguiu encontrar uma saída. Quando lhe veio a tentação de desistir de sua busca pela verdade, de voltar ao mundo e viver a velha vida de fraude, chamando as coisas por nomes errados, contando mentiras para si mesmo e para todos, ele, o gigante, conquistou-a e disse: "A morte é melhor do que uma vida vegetante e ignorante; é melhor morrer no campo de batalha do que viver uma vida de derrota." Esta é a base da religião. Quando um homem toma esta posição, ele está a caminho de encontrar a verdade, está a caminho de Deus. Essa determinação deve ser o primeiro impulso para se tornar religioso. Vou abrir um caminho para mim. Saberei a verdade ou desistirei da minha vida tentando. Pois deste lado não é nada, desapareceu, desaparece todos os dias. O jovem bonito e esperançoso de hoje é o veterano de amanhã. Esperanças, alegrias e prazeres morrerão como flores com a geada de amanhã. Esse é um lado; de outro, estão os

grandes encantos da conquista, das vitórias sobre todos os males da vida, da vitória sobre a própria vida, da conquista do universo. Desse lado os homens podem ficar de pé. Aqueles que ousam, portanto, lutar pela vitória, pela verdade, pela religião, estão no caminho certo; e é isso que pregam os Vedas: Não se desespere, o caminho é muito difícil, como andar no fio de uma navalha; ainda assim, não se desespere, levante-se, desperte e encontre o ideal, a meta.

Agora, todas essas diversas manifestações de religião, seja qual for a forma em que tenham chegado à humanidade, têm esta base central comum. É a pregação da liberdade, a saída deste mundo. Eles nunca vieram para reconciliar o mundo e a religião, mas para cortar o nó górdio, para estabelecer a religião no seu próprio ideal, e não para se comprometer com o mundo. Isso é o que toda religião prega, e o dever do Vedanta é harmonizar todas essas aspirações, tornar manifesto o terreno comum entre todas as religiões do mundo, tanto as mais elevadas como as mais baixas. O que chamamos de superstição mais flagrante e de filosofia mais elevada têm realmente um objetivo comum, na medida em que ambas tentam mostrar o caminho para sair da mesma dificuldade, e na maioria dos casos esse caminho é feito através da ajuda de alguém que não está ele próprio vinculado pelo leis da natureza em uma palavra, alguém que é livre. Apesar de todas as dificuldades e diferenças de opinião sobre a natureza do único agente livre, seja ele um Deus Pessoal, ou um ser senciente como o homem, seja masculino, feminino ou neutro - e as discussões têm sido intermináveis - o fundamental ideia é a mesma. Apesar das contradições quase desesperadoras dos diferentes sistemas, encontramos o fio dourado da unidade que atravessa todos eles, e nesta filosofia, esse fio dourado foi traçado, revelando-se pouco a pouco à nossa visão, e o primeiro passo para esta revelação é a base comum de que todos estão avançando em direção à liberdade.

Um fato curioso, presente em meio a todas as nossas alegrias e tristezas, dificuldades e lutas, é que certamente estamos caminhando para a liberdade. A questão era praticamente esta: "O que é este universo? De onde ele surge? Para onde ele vai?" E a resposta foi: "Na liberdade ele surge, na liberdade ele descansa, e na liberdade ele se desfaz". Esta ideia de liberdade você não pode abandonar. Suas ações, suas próprias vidas serão perdidas

sem isso. A cada momento a natureza prova que somos escravos e não livres. No entanto, surge simultaneamente a outra ideia, a de que ainda somos livres. A cada passo somos derrubados, por assim dizer, por Maya, e é-nos mostrado que estamos presos; e no entanto, no mesmo momento, juntamente com este golpe, juntamente com este sentimento de que estamos presos, surge o outro sentimento de que somos livres. Alguma voz interior nos diz que somos livres. Mas se tentarmos realizar essa liberdade, torná-la manifesta, achamos as dificuldades quase insuperáveis. No entanto, apesar disso, ela insiste em afirmar-se interiormente: "Sou livre, sou livre." E se você estudar todas as diversas religiões do mundo, encontrará esta ideia expressa. Não só a religião – não devemos tomar esta palavra no seu sentido estrito – mas toda a vida da sociedade é a afirmação desse princípio único de liberdade. Todos os movimentos são a afirmação dessa liberdade. Essa voz tem sido ouvida por todos, quer saibam disso ou não, aquela voz que declara: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos”. Pode não ser na mesma língua ou na mesma forma de discurso, mas de uma forma ou de outra, aquela voz que clama pela liberdade tem estado connosco. Sim, nascemos aqui por causa dessa voz; cada um dos nossos movimentos é para isso. Estamos todos correndo em direção à liberdade, todos seguimos essa voz, quer saibamos disso ou não; assim como as crianças da aldeia foram atraídas pela música do flautista, todos nós seguimos a música da voz sem saber.

Somos éticos quando seguimos essa voz. Não apenas a alma humana, mas todas as criaturas, das mais baixas às mais altas, ouviram a voz e estão correndo em direção a ela; e na luta ou se combinam ou se empurram para fora do caminho. Assim surgem a competição, as alegrias, as lutas, a vida, o prazer e a morte, e todo o universo nada mais é do que o resultado dessa luta louca para alcançar a voz. Esta é a manifestação da natureza.

O que acontece depois? A cena começa a mudar. Assim que você conhece a voz e entende o que é, todo o cenário muda. O mesmo mundo que era o horrível campo de batalha de Maya agora se transformou em algo bom e belo. Já não amaldiçoamos a natureza, nem dizemos que o mundo é horrível e que é tudo vão; não precisamos mais chorar e lamentar. Assim que entendemos a voz, vemos a reafirmação do porquê esta luta deveria estar aqui, esta luta, esta competição, esta dificuldade, esta crueldade, estes

pequenos prazeres e alegrias; vemos que eles estão na natureza das coisas, porque sem eles não haveria caminho em direção à voz, a alcançar a qual estamos destinados, quer saibamos disso ou não. Toda a vida humana, toda a natureza, portanto, está lutando para alcançar a liberdade. O sol está se movendo em direção à meta, assim como a terra girando em torno do sol, assim como a lua girando em torno da terra. Para esse objectivo o planeta está a mover-se e o ar está a soprar. Tudo está lutando para isso. O santo está indo em direção a essa voz – ele não pode evitar, isso não é glória para ele. Assim é o pecador. O homem caridoso vai direto a essa voz e não pode ser impedido; o avarento também vai para o mesmo destino: o maior trabalhador do bem ouve dentro de si a mesma voz e não pode resistir, deve ir em direção à voz; o mesmo ocorre com o mais preguiçoso. Um tropeça mais que o outro, e quem tropeça mais chamamos de mau, quem tropeça menos chamamos de bom. Bom e mau nunca são duas coisas diferentes, são a mesma coisa; a diferença não é de tipo, mas de grau.

Agora, se a manifestação deste poder de liberdade está realmente governando todo o universo – aplicando isso à religião, nosso estudo especial – descobrimos que esta ideia tem sido a única afirmação do começo ao fim. Tomemos a forma mais inferior de religião, onde há adoração de ancestrais falecidos ou de certos deuses poderosos e cruéis; qual é a ideia proeminente sobre os deuses ou ancestrais que partiram? Que são superiores à natureza, não sujeitos às suas restrições. O adorador tem, sem dúvida, ideias muito limitadas sobre a natureza. Ele próprio não pode atravessar uma parede, nem voar para os céus, mas os deuses que ele adora podem fazer essas coisas. O que isso significa, filosoficamente? Que a afirmação da liberdade existe, que os deuses que ele adora são superiores à natureza como ele a conhece. O mesmo acontece com aqueles que adoram seres ainda mais elevados. À medida que a ideia de natureza se expande, a ideia da alma que é superior à natureza também se expande, até chegarmos ao que chamamos de monoteísmo, que afirma que existe Maya (natureza) e que existe algum Ser que é o Governante de essa Maia.

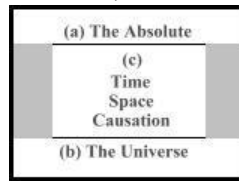
Aqui começa o Vedanta, onde essas ideias monoteístas aparecem pela primeira vez. Mas a filosofia Vedanta precisa de mais explicações. Esta explicação – de que existe um Ser além de todas essas manifestações de Maya, que é superior e independente de Maya, e que nos atrai para Si

mesmo, e que todos nós estamos indo em direção a Ele – é muito boa, diz o Vedanta, mas contudo, a percepção não é clara, a visão é turva e nebulosa, embora não contradiga diretamente a razão. Assim como em seu hino é dito: “Mais perto, meu Deus de Ti”, o mesmo hino seria muito bom para o Vedantino, só que ele mudaria uma palavra e a tornaria: “Mais perto, meu Deus, de mim”. A ideia de que o objectivo está longe, muito além da natureza, atraindo-nos a todos para ele, tem de ser aproximada cada vez mais, sem a degradar ou degenerar. O Deus do céu se torna o Deus na natureza, e o Deus na natureza se torna o Deus que é a natureza, e o Deus que é a natureza se torna o Deus dentro deste templo do corpo, e o Deus que habita no templo do corpo finalmente torna-se o próprio templo, torna-se a alma e o homem - e aí alcança as últimas palavras que pode ensinar. Aquele a quem os sábios têm procurado em todos esses lugares está em nossos corações; a voz que você ouviu estava certa, diz o Vedanta, mas a direção que você deu à voz estava errada. Esse ideal de liberdade que você percebeu estava correto, mas você o projetou fora de si mesmo e esse foi o seu erro. Traga-o cada vez mais para perto, até descobrir que ele estava o tempo todo dentro de você, era o seu próprio eu. Essa liberdade era a sua própria natureza, e esta Maya nunca o prendeu. A natureza nunca tem poder sobre você. Como uma criança assustada, você sonhava que isso o estava estrangulando, e a libertação desse medo é o objetivo: não apenas vê-lo intelectualmente, mas percebê-lo, atualizá-lo, muito mais definitivamente do que percebemos este mundo. Então saberemos que somos livres. Então, e somente então, todas as dificuldades desaparecerão, então todas as perplexidades do coração serão eliminadas, toda tortuosidade será endireitada, então desaparecerá a ilusão da multiplicidade e da natureza; e Maya, em vez de ser um sonho horrível e sem esperança, como é agora, se tornará bela, e esta terra, em vez de ser uma prisão, se tornará nosso playground, e até mesmo os perigos e as dificuldades, até mesmo todos os sofrimentos, se tornarão deificados e nos mostrará sua verdadeira natureza, nos mostrará que por trás de tudo, como a substância de tudo, Ele está de pé, e que Ele é o único Eu real.

2.5.6 CAPÍTULO 6: O ABSOLUTO E A MANIFESTAÇÃO

(Entregue em Londres, 1896)

A única questão que é mais difícil de compreender na compreensão da filosofia Advaita, e a única questão que será feita repetidas vezes e que sempre permanecerá é: Como o Infinito, o Absoluto, tornou-se o finito? Abordarei agora esta questão e, para ilustrá-la, utilizarei uma figura. Aqui



está o Absoluto (a), e este é o universo (b). O Absoluto tornou-se o universo. Com isto não se entende apenas o mundo material, mas o mundo mental, o mundo espiritual – céus e terras e, de fato, tudo o que existe. Mente é o nome de uma mudança, e corpo o nome de outra mudança, e assim por diante, e todas essas mudanças compõem o nosso universo. Este Absoluto (a) tornou-se o universo (b) ao passar pelo tempo, espaço e causalidade (c). Esta é a ideia central do Advaita. O tempo, o espaço e a causalidade são como o vidro através do qual o Absoluto é visto e, quando é visto no lado inferior, aparece como o universo. Agora concluímos imediatamente disso que no Absoluto não há tempo, espaço, nem causalidade. A ideia de tempo não pode existir, visto que não existe mente, nem pensamento. A ideia de espaço não pode existir, visto que não há mudança externa. O que você chama de movimento e causalidade não pode existir onde existe apenas Um. Temos que compreender isto, e gravar em nossas mentes, que o que chamamos de causalidade começa depois, se assim nos é permitido dizer, da degeneração do Absoluto em fenomênico, e não antes; que a nossa vontade, o nosso desejo e todas essas coisas sempre vêm depois disso. Penso que a filosofia de Schopenhauer comete um erro na sua interpretação do Vedanta, pois procura fazer da vontade tudo. Schopenhauer coloca a vontade no lugar do Absoluto. Mas o absoluto não pode ser apresentado como vontade, pois a vontade é algo mutável e fenomênico, e além da linha traçada acima do tempo, do espaço e da causalidade, não há mudança, nem movimento; é somente abaixo da linha que começam o movimento externo e o movimento interno, chamado pensamento. Não pode haver vontade do outro lado e, portanto, não pode ser a causa deste universo. Chegando mais perto, vemos em nossos próprios corpos que a vontade não é a causa de todo movimento. Eu movo esta cadeira; minha vontade é a causa desse movimento, e essa vontade se manifesta como movimento muscular na outra extremidade. Mas o mesmo poder que move a cadeira move o coração, os pulmões e assim por diante,

mas não através da vontade. Dado que o poder é o mesmo, ele só se torna vontade quando sobe ao plano da consciência, e chamá-lo de vontade antes de ter subido a este plano é um equívoco. Isto causa muita confusão na filosofia de Schopenhauer.

Uma pedra cai e perguntamos: por quê? Esta questão só é possível na suposição de que nada acontece sem causa. Peço-lhes que deixem isso bem claro em suas mentes, pois sempre que perguntamos por que algo acontece, estamos assumindo como certo que tudo o que acontece deve ter um porquê, ou seja, deve ter sido precedido por alguma outra coisa que agiu como a causa. Essa precedência e sucessão são o que chamamos de lei da causalidade. Isso significa que tudo no universo é, por sua vez, causa e efeito. É a causa de certas coisas que vêm depois dele, e é ele próprio o efeito de alguma outra coisa que o precedeu. Isso é chamado de lei da causalidade e é uma condição necessária de todo o nosso pensamento. Acreditamos que cada partícula do universo, seja ela qual for, está em relação com todas as outras partículas. Tem havido muita discussão sobre como surgiu essa ideia. Na Europa, houve filósofos intuitivos que acreditaram que era constitucional na humanidade, outros acreditaram que vinha da experiência, mas a questão nunca foi resolvida. Veremos mais tarde o que o Vedanta tem a dizer sobre isso. Mas primeiro temos de compreender que a própria pergunta “porquê” pressupõe que tudo o que nos rodeia foi precedido por certas coisas e será sucedido por outras coisas. A outra crença envolvida nesta questão é que nada no universo é independente, que tudo é influenciado por algo externo a si mesmo. A interdependência é a lei de todo o universo. Ao perguntar o que causou o Absoluto, que erro estamos cometendo! Para fazer esta pergunta temos que supor que o Absoluto também está vinculado a alguma coisa, que é dependente de alguma coisa; e ao fazer esta suposição, arrastamos o Absoluto até o nível do universo. Pois no Absoluto não há tempo, espaço ou causalidade; É tudo um. Aquilo que existe por si só não pode ter nenhuma causa. Aquilo que é gratuito não pode ter causa alguma; caso contrário, não seria livre, mas vinculado. Aquilo que tem relatividade não pode ser livre. Assim, vemos que a própria questão de por que o Infinito se tornou finito é impossível, pois é autocontraditória. Vindo das sutilezas para a lógica do nosso plano comum, para o bom senso, podemos ver isso por outro lado, quando buscamos saber como o Absoluto se tornou o relativo. Supondo que

soubéssemos a resposta, o Absoluto continuaria sendo o Absoluto? Teria se tornado relativo. O que se entende por conhecimento em nossa ideia de senso comum? É apenas algo que se tornou limitado pela nossa mente que conhecemos, e quando está além da nossa mente, não é conhecimento. Agora, se o Absoluto se tornar limitado pela mente, Ele não será mais Absoluto; Tornou-se finito. Tudo o que é limitado pela mente torna-se finito. Portanto, conhecer o Absoluto é novamente uma contradição em termos. É por isso que esta pergunta nunca foi respondida, porque se fosse respondida não existiria mais um Absoluto. Um Deus conhecido não é mais Deus; Ele se tornou finito como um de nós. Ele não pode ser conhecido. Ele é sempre o Incognoscível.

Mas o que Advaita diz é que Deus é mais do que cognoscível. Este é um ótimo fato para aprender. Você não deve voltar para casa com a ideia de que Deus é incognoscível no sentido que os agnósticos colocam. Por exemplo, aqui está uma cadeira, é conhecida por nós. Mas o que está além do éter ou se existem pessoas lá ou não é possivelmente incognoscível. Mas Deus não é conhecido nem incognoscível neste sentido. Ele é algo ainda mais elevado do que se conhece; isso é o que significa Deus ser desconhecido e incognoscível. A expressão não é usada no sentido em que se pode dizer que algumas questões são desconhecidas e incognoscíveis. Deus é mais que conhecido. Esta cadeira é conhecida, mas Deus é intensamente mais do que isso porque nele e através dele temos que conhecer esta cadeira em si. Ele é a Testemunha, a eterna Testemunha de todo conhecimento. Tudo o que sabemos, temos que saber nele e através dele. Ele é a Essência do nosso próprio Eu. Ele é a Essência deste ego, deste eu e não podemos saber nada exceto nesse eu e através dele. Portanto, você tem que saber tudo em e através do Brahman. Para conhecer a cadeira você tem que conhecê-la em e através de Deus. Assim, Deus está infinitamente mais próximo de nós do que a cadeira, mas ainda assim Ele é infinitamente mais alto. Nem conhecido, nem desconhecido, mas algo infinitamente superior a ambos. Ele é o seu Eu. “Quem viveria um segundo, quem respiraria um segundo neste universo, se aquele Abençoado não o estivesse preenchendo?” Porque nele e através dele respiramos, nele e através dele existimos. Não o Ele está em algum lugar e fazendo meu sangue circular. O que se quer dizer é que Ele é a Essência de tudo isso, a Alma da minha alma. Você não pode, de forma alguma, dizer que O conhece; isso seria degradá-lo. Você não pode

sair de si mesmo, então não pode conhecê-Lo. Conhecimento é objetificação. Por exemplo, na memória você objetiva muitas coisas, projetando-as para fora de si mesmo. Toda a memória, todas as coisas que vi e que conheço estão na minha mente. As imagens, as impressões de todas essas coisas, estão em minha mente, e quando eu tentasse pensá-las, conhecê-las, o primeiro ato de conhecimento seria projetá-las para fora. Isso não pode ser feito com Deus, porque Ele é a Essência de nossas almas, não podemos projetá-Lo fora de nós mesmos. Aqui está uma das passagens mais profundas do Vedanta: "Aquele que é a Essência da sua alma, Ele é a Verdade, Ele é o Ser, tu és Isso, ó Shvetaketu." Isto é o que significa "Tu és Deus". Você não pode descrevê-Lo em nenhuma outra linguagem. Todas as tentativas de linguagem, chamando-O de pai, ou irmão, ou nosso amigo mais querido, são tentativas de objetivar Deus, o que não pode ser feito. Ele é o Sujeito Eterno de tudo. Eu sou o sujeito desta cátedra; Eu vejo a cadeira; então Deus é o Sujeito Eterno da minha alma. Como vocês podem objetificá-Lo, a Essência de suas almas, a Realidade de tudo? Assim, eu repetiria para você mais uma vez, Deus não é cognoscível nem incognoscível, mas algo infinitamente superior a ambos. Ele é um conosco, e aquilo que é um conosco não é nem cognoscível nem incognoscível, como o nosso próprio eu. Você não pode conhecer a si mesmo; você não pode movê-lo e torná-lo um objeto para olhar, porque você é isso e não pode se separar dele. Nem é incognoscível, pois o que é mais conhecido do que você mesmo? É realmente o centro do nosso conhecimento. Exatamente no mesmo sentido, Deus não é incognoscível nem conhecido, mas infinitamente superior a ambos; pois Ele é o nosso verdadeiro Eu.

Primeiro, vemos então que a pergunta "O que causou o Absoluto?" é uma contradição em termos; e em segundo lugar, descobrimos que a ideia de Deus no Advaita é esta Unidade; e, portanto, não podemos objetificá-Lo, pois estamos sempre vivendo e nos movendo Nele, quer saibamos disso ou não. Tudo o que fazemos é sempre através dele. Agora a questão é: o que são tempo, espaço e causalidade? Advaita significa não-dualidade; não há dois, mas um. No entanto, vemos que aqui está uma proposição de que o Absoluto está se manifestando como muitos, através do véu do tempo, do espaço e da causalidade. Portanto, parece que aqui existem dois, o Absoluto e Mâyâ (a soma total de tempo, espaço e causalidade). Parece aparentemente muito convincente que existam dois. A isto o Advaitista

responde que não pode ser chamado de dois. Para ter dois, devemos ter duas existências absolutamente independentes que não podem ser causadas. Em primeiro lugar, não se pode dizer que tempo, espaço e causalidade sejam existências independentes. O tempo é uma existência inteiramente dependente; ele muda com cada mudança de nossa mente. Às vezes, no sonho, imaginamos que vivemos vários anos, outras vezes, vários meses se passaram como um segundo. Portanto, o tempo depende inteiramente do nosso estado de espírito. Em segundo lugar, às vezes a ideia de tempo desaparece completamente. O mesmo acontece com o espaço. Não podemos saber o que é espaço. No entanto, está aí, indefinível, e não pode existir separado de mais nada. O mesmo acontece com a causalidade.

O único atributo peculiar que encontramos no tempo, no espaço e na causalidade é que eles não podem existir separados de outras coisas. Tente pensar no espaço sem cor, sem limites, ou qualquer conexão com as coisas ao redor – apenas espaço abstrato. Você não pode; você tem que pensar nisso como o espaço entre dois limites ou entre três objetos. Tem que estar conectado com algum objeto para ter alguma existência. Assim, com o tempo; você não pode ter nenhuma ideia de tempo abstrato, mas tem que pegar dois eventos, um precedente e outro sucessor, e unir os dois eventos pela ideia de sucessão. O tempo depende de dois eventos, assim como o espaço tem de estar relacionado com objetos externos. E a ideia de causalidade é inseparável do tempo e do espaço. O que há de peculiar neles é que não têm existência independente. Eles nem sequer têm a existência que a cadeira ou a parede têm. Eles são como sombras ao redor de tudo que você não consegue capturar. Eles não têm existência real; contudo, eles não são inexistentes, visto que através deles todas as coisas estão se manifestando como este universo. Assim vemos, primeiro, que a combinação de tempo, espaço e causalidade não tem existência nem inexistência. Em segundo lugar, às vezes desaparece. Para dar uma ilustração, há uma onda no oceano. A onda é certamente igual ao oceano, mas sabemos que é uma onda e, como tal, diferente do oceano. O que faz essa diferença? O nome e a forma, isto é, a ideia na mente e a forma. Agora, podemos pensar numa forma de onda como algo separado do oceano? Certamente não. Está sempre associado à ideia do oceano. Se a onda diminuir, a forma desaparece num momento, e ainda assim a forma não era

uma ilusão. Enquanto a onda existiu, a forma estava lá, e você certamente veria a forma. Esta é a Maia.

Todo este universo, portanto, é, por assim dizer, uma forma peculiar; o Absoluto é aquele oceano enquanto você e eu, e os sóis e as estrelas, e tudo o mais somos várias ondas desse oceano. E o que torna as ondas diferentes? Apenas a forma, e essa forma é o tempo, o espaço e a causalidade, todos inteiramente dependentes da onda. Assim que a onda passa, eles desaparecem. Assim que o indivíduo abandona esta Maya, ela desaparece para ele e ele se torna livre. Toda a luta consiste em livrar-nos deste apego ao tempo, ao espaço e à causalidade, que são sempre obstáculos no nosso caminho. Qual é a teoria da evolução? Quais são os dois fatores? Um tremendo poder potencial que está tentando se expressar, e as circunstâncias que o estão reprimindo, os ambientes não permitindo que ele se expresse. Então, para lutar contra esses ambientes, o poder está tomando novos corpos continuamente. Uma ameba, na luta, ganha outro corpo e vence alguns obstáculos, depois ganha outro corpo e assim por diante, até se tornar homem. Agora, se você levar essa ideia à sua conclusão lógica, deve chegar um momento em que aquele poder que estava na ameba e que evoluiu como o homem terá conquistado todas as obstruções que a natureza pode trazer diante dele e escapará assim de todos os seus ambientes. . Esta ideia expressa na metafísica assumirá esta forma; há dois componentes em cada ação, um é o sujeito, o outro é o objeto e o único objetivo da vida é fazer com que o sujeito seja senhor do objeto. Por exemplo, sinto-me infeliz porque um homem me repreende. Minha luta será para me tornar forte o suficiente para conquistar o meio ambiente, para que ele possa me repreender e eu não sinta. É assim que todos nós estamos tentando conquistar. O que se entende por moralidade? Fortalecer o sujeito sintonizando-o com o Absoluto, para que a natureza finita deixe de ter controle sobre nós. É uma conclusão lógica da nossa filosofia que chegará um momento em que teremos conquistado todos os ambientes, porque a natureza é finita.

Aqui está outra coisa para aprender. Como você sabe que a natureza é finita? Você só pode saber isso através da metafísica. A natureza é aquele Infinito sob limitações. Portanto é finito. Então, deve chegar um momento em que teremos conquistado todos os ambientes. E como vamos conquistá-

los? Não podemos conquistar todos os ambientes objetivos. Nós não podemos. O peixinho quer voar de seus inimigos na água. Como isso acontece? Desenvolvendo asas e se tornando um pássaro. Os peixes não mudaram a água nem o ar; a mudança estava em si. A mudança é sempre subjetiva. Ao longo de toda a evolução, você descobrirá que a conquista da natureza ocorre pela mudança de assunto. Aplique isso à religião e à moralidade e você descobrirá que a conquista do mal ocorre apenas pela mudança no subjetivo. É assim que o sistema Advaita obtém toda a sua força, no lado subjetivo do homem. Falar de mal e de miséria é um absurdo, porque eles não existem lá fora. Se sou imune a toda raiva, nunca sinto raiva. Se sou à prova de todo ódio, nunca sentirei ódio.

Este é, portanto, o processo pelo qual se consegue essa conquista – através do subjetivo, aperfeiçoando o subjetivo. Posso ousar dizer que a única religião que concorda, e até vai um pouco além das pesquisas modernas, tanto em termos físicos como morais, é a Advaita, e é por isso que atrai tanto os cientistas modernos. Eles descobrem que as velhas teorias dualistas não são suficientes para eles, não satisfazem as suas necessidades. Um homem deve ter não apenas fé, mas também fé intelectual. Agora, nesta última parte do século XIX, uma ideia como a de que a religião proveniente de qualquer outra fonte que não a própria religião hereditária deve ser falsa mostra que ainda resta fraqueza, e tais ideias devem ser abandonadas. Não quero dizer que tal seja o caso apenas neste país, é em todos os países, e em nenhum mais do que no meu. Este Advaita nunca foi autorizado a chegar ao povo. A princípio alguns monges o pegaram e levaram para as florestas, e por isso passou a ser chamado de “Filosofia da Floresta”. Pela misericórdia do Senhor, o Buda veio e pregou isso às massas, e toda a nação tornou-se budista. Muito depois disso, quando ateus e agnósticos destruíram a nação novamente, descobriu-se que Advaita era a única maneira de salvar a Índia do materialismo.

Assim, Advaita salvou duas vezes a Índia do materialismo. Antes da chegada do Buda, o materialismo havia se espalhado de forma assustadora e era do tipo mais hediondo, não como o dos dias atuais, mas de uma natureza muito pior. Sou materialista em certo sentido, porque acredito que só existe Um. É nisso que o materialista quer que você acredite; só que ele chama isso de matéria e eu chamo isso de Deus. Os materialistas admitem

que desta questão surgiu toda a esperança, e religião, e tudo mais. Eu digo, tudo isso saiu de Brahman. Mas o materialismo que prevaleceu antes de Buda era aquele tipo grosseiro de materialismo que ensinava: "Coma, beba e divirta-se; não existe Deus, alma ou céu; a religião é uma mistura de sacerdotes perversos." Ensinou a moralidade de que, enquanto você viver, deverá tentar viver feliz; comer, embora você tenha que pedir dinheiro emprestado para a comida, e não se preocupe em reembolsá-lo. Esse era o velho materialismo, e esse tipo de filosofia se espalhou tanto que ainda hoje tem o nome de "filosofia popular". Buda trouxe à luz o Vedanta, deu-o ao povo e salvou a Índia. Mil anos depois de sua morte, prevaleceu novamente um estado de coisas semelhante. As multidões, as massas e várias raças foram convertidas ao Budismo; Naturalmente, os ensinamentos do Buda degeneraram com o tempo, porque a maioria das pessoas era muito ignorante. O Budismo não ensinou nenhum Deus, nenhum Governante do universo, então gradualmente as massas trouxeram seus deuses, e demônios, e duendes novamente, e uma tremenda miscelânea foi feita no Budismo na Índia. Mais uma vez o materialismo veio à tona, assumindo a forma de licenciosidade com as classes mais altas e de superstição com as classes mais baixas. Então Shankaracharya surgiu e mais uma vez reviveu a filosofia Vedanta. Ele fez disso uma filosofia racionalista. Nos Upanishads os argumentos são muitas vezes muito obscuros. Por Buda foi enfatizado o lado moral da filosofia, e por Shankaracharya, o lado intelectual. Ele elaborou, racionalizou e colocou diante dos homens o maravilhoso sistema coerente do Advaita.

O materialismo prevalece na Europa hoje. Você pode orar pela salvação dos cééticos modernos, mas eles não cederam, eles querem a razão. A salvação da Europa depende de uma religião racionalista, e o Advaita – a não-dualidade, a Unidade, a ideia do Deus Impessoal – é a única religião que pode ter algum domínio sobre qualquer povo intelectual. Ela surge sempre que a religião parece desaparecer e a irreligião parece prevalecer, e é por isso que se consolidou na Europa e na América.

Eu diria mais uma coisa em relação a esta filosofia. Nos antigos Upanishads encontramos poesia sublime; seus autores eram poetas. Platão diz que a inspiração chega às pessoas através da poesia, e parece que estes antigos Rishis, videntes da Verdade, foram elevados acima da humanidade para

mostrar estas verdades através da poesia. Eles nunca pregaram, nem filosofaram, nem escreveram. A música saiu de seus corações. Em Buda tínhamos o grande coração universal e a paciência infinita, tornando a religião prática e trazendo-a à porta de todos. Em Shankaracharya vimos um tremendo poder intelectual, lançando sobre tudo a luz abrasadora da razão. Queremos hoje que esse sol brilhante da intelectualidade se una ao coração de Buda, o maravilhoso coração infinito de amor e misericórdia. Esta união nos dará a filosofia mais elevada. Ciência e religião se encontrarão e apertarão as mãos. Poesia e filosofia se tornarão amigas. Esta será a religião do futuro e, se conseguirmos resolvê-la, podemos ter a certeza de que o será para todos os tempos e povos. Este é o único caminho que se mostrará aceitável para a ciência moderna, pois está quase a chegar a esse ponto. Quando o professor científico afirma que todas as coisas são a manifestação de uma força, isso não nos lembra do Deus de quem ouvimos nos Upanishads: “Assim como o fogo único que entra no universo se expressa em várias formas, da mesma forma que Um A alma está se expressando em cada alma e ainda assim é infinitamente mais?” Você não vê para onde a ciência está tendendo? A nação hindu procedeu ao estudo da mente, através da metafísica e da lógica. As nações europeias partem da natureza externa e agora também estão a chegar aos mesmos resultados. Descobrimos que, pesquisando através da mente, finalmente chegamos a essa Unidade, a esse Universal, à Alma Interna de tudo, à Essência e à Realidade de tudo, ao Sempre Livre, ao Sempre Bem-Aventurado, ao Sempre Existente. Através da ciência material chegamos à mesma Unidade. A ciência hoje diz-nos que todas as coisas são apenas a manifestação de uma energia que é a soma total de tudo o que existe, e que a tendência da humanidade é para a liberdade e não para a escravidão. Por que os homens deveriam ser morais? Porque através da moralidade está o caminho para a liberdade, e a imoralidade leva à escravidão.

Outra peculiaridade do sistema Advaita é que desde o seu início ele é não destrutivo. Esta é outra glória, a ousadia de pregar: “Não perturbe a fé de ninguém, mesmo daqueles que por ignorância se apegaram a formas inferiores de adoração”. É isso que diz, não perturbe, mas ajude a todos a subirem cada vez mais; incluir toda a humanidade. Esta filosofia prega um Deus que é uma soma total. Se procuramos uma religião universal que possa ser aplicada a todos, essa religião não deve ser composta apenas pelas

partes, mas deve ser sempre a sua soma total e incluir todos os graus de desenvolvimento religioso.

Esta ideia não é claramente encontrada em nenhum outro sistema religioso. Todas são partes lutando igualmente para alcançar o todo. A existência da parte é apenas para isso. Assim, desde o início, Advaita não teve antagonismo com as diversas seitas existentes na Índia. Existem dualistas hoje, e o seu número é de longe o maior na Índia, porque o dualismo atrai naturalmente mentes menos educadas. É uma explicação do universo muito conveniente, natural e de bom senso. Mas com esses dualistas, Advaita não tem nada a ver. Um pensa que Deus está fora do universo, em algum lugar no céu, e o outro, que Ele é sua própria Alma, e que será uma blasfêmia chamá-lo de algo mais distante. Qualquer ideia de separação seria terrível. Ele é o mais próximo dos próximos. Não existe palavra em qualquer idioma para expressar essa proximidade, exceto a palavra Unidade. Com qualquer outra idéia, o Advaitista não fica satisfeito, assim como o dualista fica chocado com o conceito do Advaita e o considera uma blasfêmia. Ao mesmo tempo, o Advaitista sabe que estas outras ideias devem existir, e por isso não tem qualquer desavença com o dualista que está no caminho certo. Do seu ponto de vista, o dualista terá de ver muitos. É uma necessidade constitucional de seu ponto de vista. Deixe-o ficar com isso. O Advaitista sabe que quaisquer que sejam as suas teorias, ele está indo para o mesmo objetivo que ele mesmo. Aí ele difere inteiramente do dualista que é forçado pelo seu ponto de vista a acreditar que todas as opiniões divergentes estão erradas. Os dualistas de todo o mundo acreditam naturalmente num Deus Pessoal que é puramente antropomórfico, que, como um grande potentado neste mundo, fica satisfeito com alguns e descontente com outros. Ele fica arbitrariamente satisfeito com algumas pessoas ou raças e derrama bênçãos sobre elas. Naturalmente, o dualista chega à conclusão de que Deus tem favoritos e espera ser um deles. Você descobrirá que em quase todas as religiões existe a ideia: “Somos os favoritos de nosso Deus, e somente acreditando como acreditamos, você poderá ser levado ao favor Dele”. Alguns dualistas são tão tacanhos que insistem que apenas os poucos que foram predestinados ao favor de Deus podem ser salvos; o resto pode tentar muito, mas não pode ser aceito. Eu desafio você a me mostrar uma religião dualista que não tenha mais ou menos essa exclusividade. E, portanto, pela natureza das coisas, as religiões dualistas são obrigadas a

lutar e a discutir umas com as outras, e isso têm feito sempre. Mais uma vez, estes dualistas ganham o favor popular apelando à vaidade dos incultos. Gostam de sentir que desfrutam de privilégios exclusivos. O dualista pensa que você não pode ser moral até que tenha um Deus com uma vara na mão, pronto para puni-lo. As massas irrefletidas são geralmente dualistas e elas, pobres coitados, têm sido perseguidas há milhares de anos em todos os países; e a sua ideia de salvação é, portanto, a libertação do medo do castigo. Um clérigo na América me perguntou: "O quê! Você não tem Diabo em sua religião? Como pode ser isso?" Mas descobrimos que os melhores e os maiores homens que nasceram no mundo trabalharam com essa ideia elevada e impessoal. É o Homem que disse: "Eu e meu Pai somos Um", cujo poder desceu a milhões. Durante milhares de anos funcionou para sempre. E sabemos que o mesmo Homem, por ser não dualista, foi misericordioso com os outros. Para as massas que não conseguiam conceber nada superior a um Deus Pessoal, ele disse: "Ore ao seu Pai que está nos céus". Para outros que podiam compreender uma ideia mais elevada, ele disse: "Eu sou a videira, vós sois os ramos", mas aos seus discípulos, a quem se revelou mais plenamente, ele proclamou a verdade mais elevada: "Eu e meu Pai somos Um. "

Foi o grande Buda, que nunca se importou com os deuses dualistas e que foi chamado de ateu e materialista, que ainda assim estava pronto a desistir do seu corpo por uma pobre cabra. Esse Homem pôs em movimento as ideias morais mais elevadas que qualquer nação pode ter. Sempre que existe um código moral, é um raio de luz daquele Homem. Não podemos forçar os grandes corações do mundo a limites estreitos e mantê-los aí, especialmente nesta altura da história da humanidade, em que existe um grau de desenvolvimento intelectual como nunca se sonhou há cem anos, quando uma onda surgiu um conhecimento científico com o qual ninguém, nem mesmo há cinquenta anos, teria sonhado. Ao tentar forçar as pessoas a limites estreitos, você as degrada em animais e massas irracionais. Você mata a vida moral deles. O que se deseja agora é uma combinação do maior coração com a mais elevada intelectualidade, do amor infinito com o conhecimento infinito. O Vedantista não dá outros atributos a Deus, exceto estes três – que Ele é Existência Infinita, Conhecimento Infinito e Bem-aventurança Infinita, e ele considera esses três como Um. A existência sem conhecimento e amor não pode existir; conhecimento sem amor e amor sem

conhecimento não podem existir. O que queremos é a harmonia da Existência, do Conhecimento e da Bem-aventurança Infinita. Pois esse é o nosso objetivo. Queremos harmonia e não desenvolvimento unilateral. E é possível ter o intelecto de um Shankara com o coração de um Buda. Espero que todos lutemos para alcançar essa combinação abençoada.

2.5.7 CAPÍTULO 7: DEUS EM TUDO

(Entregue em Londres, 27 de outubro de 1896)

Vimos como a maior parte da nossa vida deve necessariamente estar repleta de males, por mais que resistamos, e que essa massa de males é praticamente quase infinita para nós. Temos lutado para remediar isso desde o início dos tempos, mas tudo permanece praticamente igual. Quanto mais descobrimos remédios, mais nos vemos assolados por males mais sutis. Vimos também que todas as religiões propõem um Deus como a única forma de escapar a estas dificuldades. Todas as religiões nos dizem que se considerarmos o mundo como ele é, como a maioria das pessoas práticas nos aconselhariam a fazer nesta época, então nada nos restaria a não ser o mal. Eles ainda afirmam que há algo além deste mundo. Esta vida nos cinco sentidos, a vida no mundo material, não é tudo; é apenas uma pequena porção e meramente superficial. Atrás e além está o Infinito no qual não existe mais mal. Algumas pessoas chamam isso de Deus, alguns de Alá, alguns de Jeová, Jove e assim por diante. O Vedantin chama isso de Brahman.

A primeira impressão que temos dos conselhos dados pelas religiões é que é melhor encerrarmos a nossa existência. À questão de como curar os males da vida, a resposta aparentemente é: desistir da vida. Isso lembra uma velha história. Um mosquito pousou na cabeça de um homem, e um amigo, querendo matar o mosquito, deu-lhe um golpe tão forte que matou o homem e o mosquito. O remédio para o mal parece sugerir um curso de ação semelhante. A vida está cheia de males, o mundo está cheio de males; esse é um fato que ninguém com idade suficiente para conhecer o mundo pode negar.

Mas qual é o remédio proposto por todas as religiões? Que este mundo não é nada. Além deste mundo há algo que é muito real. Aí vem a dificuldade. O remédio parece destruir tudo. Como isso pode ser um remédio? Não há saída então? O Vedanta diz que o que todas as religiões propõem é perfeitamente verdade, mas deve ser devidamente compreendido. Muitas vezes é mal compreendido, porque as religiões não são muito claras no seu significado. O que realmente queremos é cabeça e coração combinados. O coração é realmente grande; é através do coração que vêm as grandes inspirações da vida. Eu preferiria cem vezes ter um pequeno coração e nenhum cérebro, do que ser só cérebro e sem coração. A vida é possível, o progresso é possível para quem tem coração, mas quem não tem coração e só cérebro morre de secura.

Ao mesmo tempo, sabemos que aquele que é levado apenas pelo coração tem que passar por muitos males, pois de vez em quando corre o risco de cair em armadilhas. A combinação de coração e cabeça é o que queremos. Não quero dizer que um homem deva comprometer o seu coração pelo seu cérebro ou vice-versa, mas que todos tenham uma quantidade infinita de coração e sentimento e, ao mesmo tempo, uma quantidade infinita de razão. Existe algum limite para o que queremos neste mundo? O mundo não é infinito? Há espaço para uma quantidade infinita de sentimentos e também para uma quantidade infinita de cultura e razão. Deixe-os unir-se sem limites, deixe-os correr juntos, por assim dizer, em linhas paralelas, um com o outro.

A maioria das religiões compreende o facto, mas o erro em que todas parecem cair é o mesmo; são levados pelo coração, pelos sentimentos. Existe mal no mundo, desista do mundo; esse é o grande ensinamento, e o único ensinamento, sem dúvida. Desista do mundo. Não pode haver duas opiniões de que, para compreender a verdade, todos nós temos que desistir do erro. Não pode haver duas opiniões de que todos nós, para termos o bem, devemos abandonar o mal; não pode haver duas opiniões de que todos nós, para termos vida, devemos renunciar ao que é a morte.

E, no entanto, o que nos resta, se esta teoria envolve desistir da vida dos sentidos, da vida tal como a conhecemos? E o que mais queremos dizer com vida? Se desistirmos disso, o que resta?

Compreenderemos isso melhor quando, mais tarde, chegarmos às porções mais filosóficas do Vedanta. Mas por enquanto peço que afirme que somente no Vedanta encontramos uma solução racional para o problema. Aqui só posso apresentar a você o que o Vedanta procura ensinar, e isso é a deificação do mundo. O Vedanta na realidade não denuncia o mundo. O ideal de renúncia em nenhum lugar atinge tal altura como nos ensinamentos do Vedanta. Mas, ao mesmo tempo, não se pretende um conselho suicida seco; significa realmente deificação do mundo – desistir do mundo tal como o pensamos, tal como o conhecemos, tal como nos aparece – e saber o que ele realmente é. Deifique-o; é somente Deus. Lemos no início de um dos mais antigos Upanishads: “Tudo o que existe neste universo deve ser coberto pelo Senhor”.

Temos que cobrir tudo com o próprio Senhor, não através de um falso tipo de otimismo, não cegando os nossos olhos ao mal, mas vendo realmente Deus em tudo. Assim, temos que desistir do mundo, e quando o mundo é abandonado, o que resta? Deus. O que isso significa? Você pode ter sua esposa; isso não significa que você deve abandoná-la, mas que deve ver Deus na esposa. Desista de seus filhos; o que isso significa? Expulsá-los de casa, como fazem alguns brutos humanos em todos os países? Certamente não. Isso é diabolismo; não é religião. Mas veja Deus em seus filhos. Então, em tudo. Na vida e na morte, na felicidade e na miséria, o Senhor está igualmente presente. O mundo inteiro está cheio do Senhor. Abra seus olhos e veja-O. Isto é o que o Vedanta ensina. Desista do mundo que você conjecturou, porque sua conjectura foi baseada em uma experiência muito parcial, em um raciocínio muito pobre e em sua própria fraqueza. Desistir; o mundo em que pensamos há tanto tempo, o mundo ao qual nos agarramos há tanto tempo, é um mundo falso criado por nós mesmos. Desista disso; abra os olhos e veja que como tal nunca existiu; foi um sonho, Maya. O que existia era o próprio Senhor. É Ele quem está no filho, na esposa e no marido; é Ele quem está no bem e no mal; Ele está no pecado e no pecador; Ele está na vida e na morte.

Uma afirmação tremenda, de fato! No entanto, esse é o tema que o Vedanta deseja demonstrar, ensinar e pregar. Este é apenas o tema de abertura.

Assim evitamos os perigos da vida e seus males. Não deseje nada. O que nos torna infelizes? A causa de todas as misérias que sofremos é o desejo. Você deseja algo e o desejo não é satisfeito; o resultado é angústia. Se não houver desejo, não há sofrimento. Mas também aqui existe o perigo de ser mal compreendido. Portanto, é necessário explicar o que quero dizer com desistir do desejo e libertar-me de toda miséria. As paredes não têm desejo e nunca sofrem. É verdade, mas eles nunca evoluem. Esta cadeira não tem desejos, nunca sofre; mas é sempre uma cadeira. Há uma glória na felicidade, há uma glória no sofrimento. Se me atrevo a dizer isso, também há uma utilidade no mal. A grande lição de miséria que todos conhecemos. Há centenas de coisas que fizemos em nossas vidas e que gostaríamos de nunca ter feito, mas que, ao mesmo tempo, foram grandes professores. Quanto a mim, estou feliz por ter feito algo de bom e muitas coisas ruins; feliz por ter feito algo certo e feliz por ter cometido muitos erros, porque cada um deles foi uma grande lição. Eu, como sou agora, sou o resultado de tudo que fiz, de tudo que pensei. Cada ação e pensamento tiveram seus efeitos, e esses efeitos são a soma total do meu progresso.

Todos nós entendemos que os desejos são errados, mas o que significa desistir dos desejos? Como a vida poderia continuar? Seria o mesmo conselho suicida, matando o desejo e o homem também. A solução é esta. Não que você não deva ter propriedades, não que você não deva ter coisas que são necessárias e coisas que são até mesmo luxos. Tenha tudo o que quiser e muito mais, basta saber a verdade e percebê-la. A riqueza não pertence a ninguém. Não tenho ideia de propriedade, possessão. Você não é ninguém, nem eu, nem ninguém. Tudo pertence ao Senhor, porque o versículo inicial nos diz para colocar o Senhor em tudo. Deus está na riqueza que você desfruta. Ele está no desejo que surge em sua mente. Ele está nas coisas que você compra para satisfazer seu desejo; Ele está em seu lindo traje, em seus lindos enfeites. Esta é a linha de pensamento. Tudo será metamorfoseado assim que você começar a ver as coisas sob essa luz. Se você colocar Deus em cada movimento seu, em sua conversa, em sua forma, em tudo, todo o cenário muda, e o mundo, em vez de parecer um mundo de angústia e miséria, se tornará um paraíso.

“O reino dos céus está dentro de você”, diz Jesus; assim diz o Vedanta e todo grande professor. "Quem tem olhos para ver, veja, e quem tem ouvidos

para ouvir, ouça." O Vedanta prova que a verdade que procuramos durante todo esse tempo está presente e esteve conosco o tempo todo. Em nossa ignorância, pensamos que a tínhamos perdido e andamos pelo mundo chorando e chorando, lutando para encontrar a verdade, enquanto o tempo todo ela habitava em nossos corações. Só aí podemos encontrá-lo.

Se entendermos a desistência do mundo no seu sentido antigo e grosseiro, então chegaremos a isto: que não devemos trabalhar, que devemos ficar ociosos, sentados como pedaços de terra, sem pensar nem fazer nada, mas devemos tornar-nos fatalistas, movidos por todas as circunstâncias, ordenados pelas leis da natureza, vagando de um lugar para outro. Esse seria o resultado. Mas não é isso que se quer dizer. Devemos trabalhar. A humanidade comum, impulsionada por todos os lados por falsos desejos, o que sabe ela sobre o trabalho? O homem movido pelos seus próprios sentimentos e pelos seus próprios sentidos, o que sabe ele sobre o trabalho? Trabalha quem não é movido pelos próprios desejos, por qualquer tipo de egoísmo. Ele trabalha sem ter segundas intenções em vista. Trabalha aquele que não tem nada a ganhar com o trabalho.

Quem gosta da foto, o vendedor ou o vidente? O vendedor está ocupado com suas contas, calculando qual será o seu ganho, quanto lucro ele terá na foto. Seu cérebro está cheio disso. Ele está olhando para o martelo e observando os lances. Ele pretende ouvir o quão rápido os lances estão aumentando. Está gostando da foto aquele homem que foi até lá sem intenção de comprar ou vender. Ele olha a foto e gosta. Portanto, todo este universo é uma imagem, e quando estes desejos desaparecerem, os homens desfrutarão do mundo, e então esta compra e venda e estas ideias tolas de posse terminarão. O agiota se foi, o comprador se foi, o vendedor se foi, este mundo continua sendo a imagem, uma bela pintura. Nunca li sobre nenhuma concepção de Deus mais bela do que a seguinte: "Ele é o Grande Poeta, o Poeta Antigo; todo o universo é Seu poema, vindo em versos, rimas e ritmos, escritos em felicidade infinita." Quando tivermos desistido dos desejos, só então seremos capazes de ler e desfrutar este universo de Deus. Então tudo se tornará deificado. Recantos e recantos, atalhos e lugares sombrios, que pensávamos escuros e profanos, serão todos divinizados. Todos eles revelarão a sua verdadeira natureza, e sorriremos

para nós mesmos e pensaremos que todo esse choro e choro não passou de uma brincadeira de criança, e que estávamos apenas parados, observando.

Então faça o seu trabalho, diz o Vedanta. Primeiro nos aconselha como trabalhar – desistindo – desistindo do mundo aparente e ilusório. O que isso significa? Ver Deus em todos os lugares. Assim você trabalha. Deseje viver cem anos, tenha todos os desejos terrenos, se quiser, apenas divinize-os, converta-os no céu. Tenha o desejo de viver uma vida longa de ajuda, de felicidade e atividade nesta terra. Trabalhando assim, você encontrará a saída. Não há outro caminho. Se um homem mergulha de cabeça nos luxos tolos do mundo sem conhecer a verdade, ele perdeu o equilíbrio e não consegue alcançar a meta. E se um homem amaldiçoa o mundo, vai para uma floresta, mortifica sua carne e se mata pouco a pouco de fome, faz de seu coração um deserto estéril, mata todos os sentimentos e se torna duro, severo e seco, isso o homem também perdeu o caminho. Estes são os dois extremos, os dois erros em cada extremidade. Ambos perderam o caminho, ambos erraram o gol.

Então trabalhe, diz o Vedanta, colocando Deus em tudo e sabendo que Ele está em tudo. Trabalhar incessantemente, tendo a vida como algo divinizado, como o próprio Deus, e sabendo que isso é tudo que temos que fazer, isso é tudo que devemos pedir. Deus está em tudo, onde mais iremos para encontrá-lo? Ele já está em cada obra, em cada pensamento, em cada sentimento. Sabendo assim, devemos trabalhar – este é o único caminho, não há outro. Assim, os efeitos do trabalho não nos prenderão. Vimos como os desejos falsos são a causa de toda a miséria e mal que sofremos, mas quando são assim divinizados, purificados, por meio de Deus, não trazem nenhum mal, não trazem miséria. Aqueles que não aprenderam este segredo terão que viver num mundo demoníaco até descobri-lo. Muitos não sabem que mina infinita de bem-aventurança existe neles, ao seu redor, em todos os lugares; eles ainda não descobriram isso. O que é um mundo demoníaco? O Vedanta diz, ignorância.

Estamos morrendo de sede sentados às margens do rio mais caudaloso. Estamos morrendo de fome sentados perto de pilhas de comida. Aqui está o universo feliz, mas não o encontramos. Estamos nisso o tempo todo e sempre nos enganamos. A religião se propõe descobrir isso para nós. O

anseio por este universo feliz está em todos os corações. Tem sido a procura de todas as nações, é o único objectivo da religião, e este ideal é expresso em várias línguas e em diferentes religiões. É apenas a diferença de linguagem que causa todas essas aparentes divergências. Um expressa um pensamento de uma maneira, outro de uma maneira um pouco diferente, mas talvez cada um esteja querendo dizer exatamente o que o outro está expressando em uma linguagem diferente.

Mais questões surgem em relação a isso. É muito fácil conversar. Desde a minha infância ouço falar de ver Deus em todos os lugares e em tudo, e então posso realmente aproveitar o mundo, mas assim que me misturo com o mundo e recebo alguns golpes dele, a ideia desaparece. Estou andando pela rua pensando que Deus está em cada homem, e um homem forte aparece e me dá um empurrão e caio no chão. Então me levanto rapidamente com o punho cerrado, o sangue subiu à minha cabeça e o reflexo se foi. Imediatamente fiquei louco. Tudo está esquecido; em vez de encontrar Deus, vejo o diabo. Desde que nascemos nos disseram para ver Deus em tudo. Toda religião ensina isso – ver Deus em tudo e em todo lugar. Você não se lembra no Novo Testamento de como Cristo diz isso? Todos nós aprendemos isso; mas é quando chegamos ao lado prático que começa a dificuldade. Todos vocês se lembram de como, nas Fábulas de Esopo, um belo cervo olha para sua forma refletida em um lago e diz ao seu filhote: "Como sou poderoso, olhe para minha cabeça esplêndida, olhe para meus membros, como eles são fortes e musculosos. ; e com que rapidez posso correr." Nesse ínterim, ele ouve latidos de cães ao longe e imediatamente corre atrás e, depois de correr vários quilômetros, volta ofegante. O jovem diz: "Você acabou de me dizer o quão forte você era, como foi que quando o cachorro latiu você fugiu?" "Sim, meu filho; mas quando os cães latem toda a minha confiança desaparece." Esse é o nosso caso. Temos em alta consideração a humanidade, sentimo-nos fortes e valentes, tomamos grandes decisões; mas quando os "cães" da provação e da tentação latem, somos como o cervo da fábula. Então, se for esse o caso, qual é a utilidade de ensinar todas essas coisas? Existe o maior uso. A utilidade é essa, que a perseverança finalmente conquistará. Nada pode ser feito em um dia.

"Este Eu deve primeiro ser ouvido, depois pensado e depois meditado." Todos podem ver o céu, até o próprio verme que rasteja pela terra vê o céu azul, mas como ele está longe! Assim é com o nosso ideal. Está longe, sem dúvida, mas ao mesmo tempo sabemos que devemos tê-lo. Devemos até ter o ideal mais elevado. Infelizmente nesta vida, a grande maioria das pessoas está tateando nesta vida sombria sem nenhum ideal. Se um homem com um ideal comete mil erros, tenho certeza de que o homem sem ideal comete cinquenta mil. Portanto, é melhor ter um ideal. E devemos ouvir falar desse ideal tanto quanto pudermos, até que ele entre em nossos corações, em nossos cérebros, em nossas próprias veias, até que forme cada gota de nosso sangue e permeie todos os poros de nosso corpo. Devemos meditar sobre isso. "É da plenitude do coração que a boca fala", e da plenitude do coração também trabalha a mão.

É o pensamento que é a força propulsora em nós. Preencha a mente com os pensamentos mais elevados, ouça-os dia após dia, pense neles mês após mês. Não importa as falhas; são bastante naturais, são a beleza da vida, esses fracassos. O que seria da vida sem eles? Não valeria a pena ter se não fosse pelas lutas. Onde estaria a poesia da vida? Não importa as lutas, os erros. Nunca ouvi uma vaca mentir, mas é apenas uma vaca – nunca um homem. Portanto, não importa esses fracassos, esses pequenos retrocessos; mantenha o ideal mil vezes e, se falhar mil vezes, tente mais uma vez. O ideal do homem é ver Deus em tudo. Mas se você não consegue vê-Lo em tudo, veja-O em uma coisa, naquilo que você mais gosta, e depois veja-O em outra. Então você pode ir. Existe vida infinita diante da alma. Não tenha pressa e você alcançará seu objetivo.

"Ele, Aquele que vibra mais rapidamente que a mente, que atinge mais velocidade do que a mente pode alcançar, a quem nem mesmo os deuses alcançam, nem o pensamento alcança, Ele se move, tudo se move. Nele tudo existe. Ele está se movendo. Ele também é imóvel. Ele está perto e está longe. Ele está fora de tudo, interpenetrando tudo. Quem vê em cada ser esse mesmo Atman, e quem vê tudo nesse Atman, nunca se afasta desse Atman. ... Quando toda a vida e todo o universo são vistos neste Atman, então sozinho o homem alcançou o segredo. Onde há mais miséria para aquele que vê esta Unidade no universo?

Este é outro grande tema do Vedanta, esta Unidade da vida, esta Unidade de tudo. Veremos como isso demonstra que toda a nossa miséria vem da ignorância, e esta ignorância é a ideia de multiplicidade, esta separação entre homem e homem, entre nação e nação, entre terra e lua, entre lua e sol. Dessa ideia de separação entre átomo e átomo surge toda a miséria. Mas o Vedanta diz que esta separação não existe, não é real. É apenas aparente, na superfície. No coração das coisas ainda existe Unidade. Se você for abaixo da superfície, encontrará a Unidade entre homem e homem, entre raças e raças, altos e baixos, ricos e pobres, deuses e homens, e homens e animais. Se você se aprofundar o suficiente, tudo será visto apenas como variações do Um, e aquele que atingiu esta concepção da Unidade não terá mais ilusões. O que pode iludi-lo? Ele conhece a realidade de tudo, o segredo de tudo. Onde há mais miséria para ele? O que ele deseja? Ele traçou a realidade de tudo até o Senhor, o Centro, a Unidade de tudo, e isso é Existência Eterna, Conhecimento Eterno, Bem-aventurança Eterna. Não há morte, nem doença, nem tristeza, nem miséria, nem descontentamento. Tudo é União Perfeita e Felicidade Perfeita. Por quem ele deveria chorar então? Na Realidade não existe morte, não existe miséria; na Realidade, não há ninguém por quem lamentar, ninguém por quem lamentar. Ele penetrou em tudo, o Puro, o Sem Forma, o Incorpóreo, o Imaculado. Ele, o Conhecedor, Ele, o Grande Poeta, o Auto-Existente, Aquele que dá a todos o que ele merece. Eles tateiam nas trevas aqueles que adoram este mundo ignorante, o mundo que é produzido a partir da ignorância, pensando nele como Existência, e aqueles que vivem toda a sua vida neste mundo, e nunca encontram nada melhor ou mais elevado, estão tateando em trevas ainda maiores. . Mas aquele que conhece o segredo da natureza, vendo Aquilo que está além da natureza através da ajuda da natureza, ele atravessa a morte, e através da ajuda Daquilo que está além da natureza, ele desfruta da Bem-aventurança Eterna. "Tu, sol, que cobriste a Verdade com o teu disco dourado, remove o véu, para que eu possa ver a Verdade que está dentro de ti. Eu conheci a Verdade que está dentro de ti, eu soube qual é o verdadeiro significado dos teus raios e da tua glória e vi Aquilo que brilha em ti; a Verdade em ti eu vejo, e Aquilo que está dentro de ti está dentro de mim, e eu sou Isso."

2.5.8 CAPÍTULO 8: REALIZAÇÃO

(Entregue em Londres, 29 de outubro de 1896)

Vou ler para você um dos Upanishads. É chamado de Katha Upanishad. Alguns de vocês, talvez, tenham lido a tradução de Sir Edwin Arnold, chamada O Segredo da Morte. Em nosso último [ou seja, numa palestra anterior] vimos como a investigação que começou com a origem do mundo e a criação do universo não conseguiu obter uma resposta satisfatória de fora, e como então se voltou para dentro. Este livro retoma psicologicamente essa sugestão, questionando a natureza interna do homem. Primeiramente foi perguntado quem criou o mundo externo e como ele surgiu. Agora a questão é: o que é isso no homem; o que o faz viver e se mover, e o que acontece quando ele morre? Os primeiros filósofos estudaram a substância material e tentaram alcançar o máximo através dela. Na melhor das hipóteses, encontraram um governador pessoal do universo, um ser humano imensamente ampliado, mas ainda assim, para todos os efeitos, um ser humano. Mas isso não poderia ser toda a verdade; na melhor das hipóteses, poderia ser apenas uma verdade parcial. Vemos este universo como seres humanos, e nosso Deus é a nossa explicação humana do universo.

Suponha que uma vaca fosse filosófica e tivesse religião, ela teria um universo de vacas, e uma vaca solução para o problema, e não seria possível que ela visse nosso Deus. Suponha que os gatos se tornassem filósofos, eles veriam um universo felino e teriam uma solução felina para o problema do universo, e um gato governando-o. Portanto, vemos a partir disto que a nossa explicação do universo não é a totalidade da solução. Nem a nossa concepção cobre a totalidade do universo. Seria um grande erro aceitar aquela posição tremendamente egoísta que o homem tende a assumir. A solução do problema universal que podemos obter do exterior enfrenta a dificuldade de que, em primeiro lugar, o universo que vemos é o nosso próprio universo particular, a nossa própria visão da Realidade. Essa Realidade não podemos ver através dos sentidos; não podemos compreendê-lo. Só conhecemos o universo do ponto de vista dos seres com cinco sentidos. Suponha que obtenhamos outro sentido, todo o universo deve mudar para nós. Suponhamos que tivéssemos um sentido magnético, é bem possível que pudéssemos então encontrar milhões e milhões de forças existentes que não conhecemos agora e para as quais não temos nenhum

sentido ou sentimento presente. Nossos sentidos são limitados, na verdade muito limitados; e dentro destas limitações existe o que chamamos de nosso universo; e nosso Deus é a solução desse universo, mas essa não pode ser a solução de todo o problema. Mas o homem não pode parar aí. Ele é um ser pensante e deseja encontrar uma solução que explique de forma abrangente todos os universos. Ele quer ver um mundo que seja ao mesmo tempo o mundo dos homens, e dos deuses, e de todos os seres possíveis, e encontrar uma solução que explique todos os fenômenos.

Vemos, devemos primeiro encontrar o universo que inclui todos os universos; devemos encontrar algo que, por si só, deve ser o material que percorre todos esses vários planos de existência, quer o apreendamos através dos sentidos ou não. Se pudéssemos encontrar algo que pudéssemos conhecer como propriedade comum dos mundos inferiores e superiores, então o nosso problema estaria resolvido. Mesmo que apenas pela força da lógica pudéssemos compreender que deve haver uma base para toda a existência, então o nosso problema poderia aproximar-se de algum tipo de solução; mas esta solução certamente não pode ser obtida apenas através do mundo que vemos e conhecemos, porque é apenas uma visão parcial do todo.

Nossa única esperança reside então em penetrar mais fundo. Os primeiros pensadores descobriram que quanto mais longe estavam; no centro, mais marcantes eram as variações e diferenciações; e que quanto mais se aproximavam do centro, mais perto estavam da unidade. Quanto mais próximos estivermos do centro de um círculo, mais próximos estaremos do terreno comum onde todos os raios se encontram; e quanto mais longe estamos do centro, mais divergente é a nossa linha radial das outras. O mundo externo está longe do centro e, portanto, não existe nele nenhum terreno comum onde todos os fenômenos da existência possam se encontrar. Na melhor das hipóteses, o mundo externo é apenas uma parte do todo dos fenômenos. Existem outras partes, a mental, a moral e a intelectual – os vários planos de existência – e considerar apenas uma e encontrar uma solução para o todo a partir dessa é simplesmente impossível. Queremos primeiro, portanto, encontrar em algum lugar um centro a partir do qual, por assim dizer, todos os outros planos de existência comecem, e permanecendo aí devemos tentar encontrar uma solução. Essa é a proposta. E onde fica

esse centro? Está dentro de nós. Os antigos sábios penetraram cada vez mais fundo até descobrirem que no âmago da alma humana está o centro de todo o universo. Todos os planos gravitam em direção a esse ponto. Esse é o terreno comum e, só aí, poderemos encontrar uma solução comum. Portanto, a questão de quem fez este mundo não é muito filosófica, nem a sua solução significa nada.

Isto o Katha Upanishad fala em linguagem muito figurativa. Houve, nos tempos antigos, um homem muito rico que fez um certo sacrifício que exigia que ele doasse tudo o que tinha. Agora, este homem não era sincero. Ele queria obter a fama e a glória de ter feito o sacrifício, mas estava apenas dando coisas que não tinham mais utilidade para ele – vacas velhas, estéreis, cegas e mancadas. Ele tinha um filho chamado Nachiketas. Esse menino viu que seu pai não estava fazendo o que era certo, que estava quebrando seu voto; mas ele não sabia o que dizer a ele. Na Índia, pai e mãe são deuses vivos para seus filhos. E então o menino se aproximou do pai com o maior respeito e perguntou-lhe humildemente: "Pai, a quem você vai me dar? Pois o seu sacrifício exige que tudo seja doado." O pai ficou muito irritado com a pergunta e respondeu: "O que você quer dizer, rapaz? Um pai entregando o próprio filho?" O menino fez a pergunta uma segunda e uma terceira vez, e então o pai irado respondeu: "Eu entrego a Ti à Morte (Yama)". E a história continua dizendo que o menino foi até Yama, o deus da morte. Yama foi o primeiro homem que morreu. Ele foi para o céu e se tornou o governador de todos os Pitris; todas as pessoas boas que morrem, vão e vivem com ele por muito tempo. Ele é uma pessoa muito pura e santa, casta e boa, como seu nome (Yama) indica.

Então o menino foi para o mundo de Yama. Mas às vezes até os deuses não estão em casa, e esse menino teve que esperar três dias lá. Após o terceiro dia, Yama voltou. "Ó erudito", disse Yama, "você está esperando aqui há três dias sem comida e é um convidado digno de respeito. Saudações a ti, ó brâmane, e bem-estar para mim! Lamento muito não ter estado em casa. Mas por isso farei as pazes. Pedirei três bênçãos, uma para cada dia." E o menino perguntou: "Meu primeiro benefício é que a raiva de meu pai contra mim possa passar; que ele seja gentil comigo e me reconheça quando você me permitir partir." Yama concedeu isso totalmente. A próxima vantagem foi que ele queria saber sobre um certo sacrifício que levava as

pessoas ao céu. Agora vimos que a ideia mais antiga que tivemos na porção Samhitâ dos Vedas era apenas sobre o céu, onde eles tinham corpos brilhantes e viviam com os pais. Aos poucos surgiram outras ideias, mas não foram satisfatórias; ainda havia necessidade de algo superior. Viver no céu não seria muito diferente da vida neste mundo. Na melhor das hipóteses, seria apenas uma vida de homem rico e muito saudável, com abundância de prazeres sensoriais e um corpo são que não conhece doenças. Seria este mundo material, só que um pouco mais refinado; e vimos a dificuldade que o mundo material externo nunca consegue resolver o problema. Portanto, nenhum céu pode resolver o problema. Se este mundo não pode resolver o problema, nenhuma multiplicação deste mundo o poderá fazer, porque devemos sempre lembrar que a matéria é apenas uma parte infinitesimal dos fenômenos da natureza. A grande parte dos fenômenos que realmente vemos não é matéria. Por exemplo, em cada momento da nossa vida, que grande papel é desempenhado pelo pensamento e pelo sentimento, em comparação com os fenômenos materiais exteriores! Quão vasto é este mundo interno com sua tremenda atividade! Os fenômenos sensoriais são muito pequenos comparados a ele. A solução do céu comete este erro; insiste que a totalidade dos fenômenos está apenas no tato, no paladar, na visão, etc. Portanto, essa ideia de céu não dava plena satisfação a todos. No entanto, Nachiketas pede, como segunda dádiva, algum sacrifício através do qual as pessoas possam alcançar este paraíso. Havia uma ideia nos Vedas de que esses sacrifícios agradavam aos deuses e levavam os seres humanos ao céu.

Ao estudar todas as religiões você notará o fato de que tudo o que é velho se torna sagrado. Por exemplo, os nossos antepassados na Índia costumavam escrever em casca de bétula, mas com o tempo aprenderam a fazer papel. No entanto, a casca da bétula ainda é considerada muito sagrada. Quando os utensílios com que cozinhavam nos tempos antigos foram aperfeiçoados, os antigos tornaram-se sagrados; e em nenhum lugar esta ideia é mais mantida do que na Índia. Métodos antigos, que devem ter nove ou dez mil anos, como esfregar dois gravetos para fazer fogo, ainda são seguidos. Na hora do sacrifício nenhum outro método servirá. O mesmo acontece com o outro ramo dos arianos asiáticos. Seus descendentes modernos ainda gostam de obter fogo através de raios, mostrando que costumavam obter fogo dessa forma. Mesmo quando aprenderam outros

costumes, mantiveram os antigos, que depois se tornaram sagrados. O mesmo acontece com os hebreus. Eles costumavam escrever em pergaminho. Eles agora escrevem no papel, mas o pergaminho é muito sagrado. O mesmo ocorre com todas as nações. Todo rito que você agora considera sagrado era simplesmente um costume antigo, e os sacrifícios védicos eram desta natureza. Com o passar do tempo, à medida que encontraram melhores métodos de vida, suas idéias melhoraram muito; ainda assim, essas velhas formas permaneciam e, de tempos em tempos, eram praticadas e recebiam um significado sagrado.

Então, um grupo de homens assumiu a tarefa de realizar esses sacrifícios. Estes eram os sacerdotes, que especulavam sobre os sacrifícios, e os sacrifícios tornaram-se tudo para eles. Os deuses passaram a desfrutar da fragrância dos sacrifícios, e considerava-se que tudo neste mundo poderia ser obtido pelo poder dos sacrifícios. Se certas oblações fossem feitas, certos hinos cantados, certas formas peculiares de altares feitos, os deuses concederiam tudo. Então Nachiketas pergunta por que forma de sacrifício um homem pode ir para o céu. A segunda bênção também foi prontamente concedida por Yama, que prometeu que este sacrifício deveria doravante receber o nome de Nachiketas.

Então vem o terceiro benefício, e com ele começa o Upanishad propriamente dito. O menino disse: "Existe esta dificuldade: quando um homem morre, alguns dizem que ele existe, outros que não. Instruído por você, desejo entender isso." Mas Yama estava assustado. Ele ficou muito feliz em conceder os outros dois benefícios. Agora ele disse: "Os deuses dos tempos antigos ficaram intrigados neste ponto. Esta lei sutil não é fácil de entender. Escolha algum outro benefício, ó Nachiketas, não me pressione neste ponto, liberte-me."

O menino estava determinado e disse: "O que você disse é verdade, ó Morte, que até os deuses tinham dúvidas sobre este ponto, e não é fácil de entender. Mas não consigo obter outro expoente como você e não há nenhum outro benefício igual a este."

A morte disse: "Peça filhos e netos que viverão cem anos, muito gado, elefantes, ouro e cavalos. Peça um império nesta terra e viva quantos anos quiser. Ou escolha qualquer outro benefício que você considere igual. para estes – riqueza e longa vida. Ou seja um rei, ó Nachiketas, na vasta terra eu farei de você o desfrutador de todos os desejos. Peça por todos aqueles desejos que são difíceis de obter no mundo. carruagens e música, que não devem ser obtidas pelo homem, são suas. Deixe-as servi-lo, ó Nachiketas, mas não me questione sobre o que vem depois da morte.

Nachiketas disse: "Estas são apenas coisas de um dia, ó Morte, elas desgastam a energia de todos os órgãos dos sentidos. Mesmo a vida mais longa é muito curta. Esses cavalos e carruagens, danças e canções, podem permanecer Contigo. Homem não podemos ficar satisfeitos com a riqueza. Podemos reter a riqueza quando contemplamos a Ti? Viveremos apenas enquanto Tu desejares". Somente o benefício que pedi é escolhido por mim."

Yama ficou satisfeito com esta resposta e disse: "A perfeição é uma coisa e o prazer é outra; estes dois tendo fins diferentes, envolvem os homens de maneira diferente. Aquele que escolhe a perfeição torna-se puro. Aquele que escolhe o prazer perde seu verdadeiro fim. Tanto a perfeição quanto o prazer se apresentam. para o homem; o homem sábio tendo examinado ambos distingue um do outro Ele escolhe a perfeição como sendo superior ao prazer, mas o homem tolo escolhe o prazer pelo prazer de seu corpo, tendo pensado nas coisas que são apenas aparentemente desejáveis. , você os abandonou sabiamente." A morte então começou a ensinar Nachiketas.

Temos agora uma ideia muito desenvolvida de renúncia e moralidade védica, de que até que alguém tenha conquistado os desejos de prazer, a verdade não brilhará nele. Enquanto estes desejos vão dos nossos sentidos clamam e nos arrastam para fora a cada momento, tornando-nos escravos de tudo o que está fora - de um pouco de cor, de um pouco de sabor, de um pequeno toque - apesar de todas as nossas pretensões, como pode a verdade se expressar em nossos corações?

Yama disse: "Aquilo que está além nunca surge diante da mente de uma criança irrefletida iludida pela loucura das riquezas. 'Este mundo existe, o

outro não', pensando assim, eles vêm repetidamente sob meu poder. Para compreender esta verdade é muito difícil. Muitos, mesmo ouvindo-o continuamente, não o compreendem, pois o orador deve ser maravilhoso, assim como o ouvinte deve ser maravilhoso, assim como a mente deve ser perturbada por vão. argumentos, pois não é mais uma questão de argumento, é uma questão de fato”. Sempre ouvimos que todas as religiões insistem em termos fé. Fomos ensinados a acreditar cegamente. Bem, esta ideia de fé cega é questionável, sem dúvida, mas analisando-a, descobrimos que por trás dela há uma verdade muito grande. O que isso realmente significa é o que lemos agora. A mente não deve ser perturbada por argumentos vãos, porque os argumentos não nos ajudarão a conhecer a Deus. É uma questão de fato e não de argumento. Todos os argumentos e raciocínios devem ser baseados em certas percepções. Sem estes, não pode haver qualquer argumento. O raciocínio é o método de comparação entre certos fatos que já percebemos. Se estes factos percebidos ainda não existirem, não pode haver qualquer raciocínio. Se isso é verdade para os fenômenos externos, por que não deveria ser assim para os internos? O químico pega certos produtos químicos e produz certos resultados. Isto é um fato; você vê, sente e faz disso a base sobre a qual constrói todos os seus argumentos químicos. O mesmo acontece com os físicos e com todas as outras ciências. Todo conhecimento deve basear-se na percepção de certos fatos, e sobre isso temos que construir o nosso raciocínio. Mas, curiosamente, a grande maioria da humanidade pensa, especialmente nos tempos atuais, que tal percepção não é possível na religião, que a religião só pode ser apreendida por meio de argumentos vãos. Portanto, somos instruídos a não perturbar a mente com argumentos vãos. A religião é uma questão de fato, não de conversa. Temos que analisar nossas próprias almas e descobrir o que está lá. Temos que entendê-lo e perceber o que é compreendido. Isso é religião. Nenhuma quantidade de conversa fará religião. Assim, a questão de saber se Deus existe ou não nunca pode ser provada por argumentos, pois os argumentos estão tanto de um lado como do outro. Mas se existe um Deus, Ele está em nossos corações. Você já O viu? A questão de saber se este mundo existe ou não ainda não foi decidida, e o debate entre os idealistas e os realistas é interminável. No entanto, sabemos que o mundo existe, que continua. Nós apenas mudamos o significado das palavras. Assim, com todas as questões da vida, devemos chegar aos fatos. Existem certos fatos religiosos que, como na ciência

externa, devem ser percebidos, e sobre eles a religião será construída. É claro que a afirmação extrema de que se deve acreditar em todos os dogmas de uma religião é degradante para a mente humana. O homem que pede para você acreditar em tudo, se degrada, e, se você acredita, degrada você também. Os sábios do mundo têm apenas o direito de nos dizer que analisaram as suas mentes e encontraram estes factos, e se fizermos o mesmo, também acreditaremos, e não antes. Isso é tudo o que existe na religião. Mas devem sempre lembrar-se disto: na verdade, 99,9 por cento daqueles que atacam a religião nunca analisaram as suas mentes, nunca lutaram para chegar aos factos. Portanto, os seus argumentos não têm qualquer peso contra a religião, assim como as palavras de um homem cego que grita: “Vocês são todos tolos que acreditam no sol”, não nos afetariam.

Esta é uma ótima ideia para aprender e manter, essa ideia de realização. Esta turbulência, luta e diferença nas religiões só cessarão quando compreendermos que a religião não está nos livros e nos templos. É uma percepção real. Somente o homem que realmente percebeu Deus e a alma tem religião. Não há diferença real entre o gigante eclesiástico mais elevado, que consegue falar em volume, e o materialista mais inferior e mais ignorante. Somos todos ateus; vamos confessá-lo. O mero consentimento intelectual não nos torna religiosos. Tomemos como exemplo um cristão, ou um muçulmano, ou um seguidor de qualquer outra religião do mundo. Qualquer homem que realmente compreendesse a verdade do Sermão da Montanha seria perfeito e se tornaria um deus imediatamente. No entanto, diz-se que existem muitos milhões de cristãos no mundo. O que se quer dizer é que a humanidade poderá, em algum momento, tentar compreender esse Sermão. Nem um em vinte milhões é um verdadeiro cristão.

Assim, na Índia, diz-se que existem trezentos milhões de vedantinos. Mas se houvesse um em cada mil que tivesse realmente realizado a religião, este mundo logo mudaria grandemente. Somos todos ateus, mas tentamos lutar contra o homem que admite isso. Estamos todos no escuro; a religião é para nós um mero consentimento intelectual, uma mera conversa, um mero nada. Muitas vezes consideramos religioso um homem que fala bem. Mas isso não é religião. "Métodos maravilhosos de unir palavras, poderes retóricos e explicar os textos dos livros de várias maneiras - estes são apenas para o

prazer dos eruditos, e não da religião." A religião surge quando começa a verdadeira realização em nossas próprias almas. Esse será o alvorecer da religião; e só então seremos morais. Agora não somos muito mais morais que os animais. Somos apenas dominados pelos chicotes da sociedade. Se a sociedade hoje dissesse: "Não vou puni-lo se você roubar", deveríamos apenas correr para a propriedade uns dos outros. É o policial que nos torna morais. É a opinião social que nos torna morais e, na verdade, somos pouco melhores que os animais. Compreendemos o quanto isso está no segredo de nossos próprios corações. Portanto, não sejamos hipócritas. Confessemos que não somos religiosos e não temos o direito de desprezar os outros. Somos todos irmãos e seremos verdadeiramente morais quando tivermos realizado a religião.

Se você viu um determinado país e um homem o força a dizer que você não o viu, ainda no fundo do seu coração você sabe que o viu. Então, quando você vê a religião e Deus num sentido mais intenso do que vê este mundo externo, nada será capaz de abalar a sua crença. Então você tem fé verdadeira. Isso é o que significam as palavras do seu Evangelho: "Aquele que tem fé como um grão de mostarda". Então você conhecerá a Verdade porque você se tornou a Verdade.

Esta é a palavra de ordem do Vedanta – realize a religião, não basta falar. Mas isso é feito com muita dificuldade. Ele se escondeu dentro do átomo, este Ancião que reside no recôndito mais íntimo de cada coração humano. Os sábios O compreenderam através do poder da introspecção e foram além da alegria e da miséria, além do que chamamos de virtude e vício, além das boas e más ações, além do ser e do não-ser; quem O viu viu a Realidade. Mas e então o céu? Era a ideia de felicidade menos infelicidade. Ou seja, o que queremos são as alegrias desta vida menos as tristezas. É uma ideia muito boa, sem dúvida; isso vem naturalmente; mas é totalmente um erro, porque não existe bem absoluto, nem mal absoluto.

Todos vocês já ouviram falar daquele homem rico em Roma que um dia soube que lhe restava apenas cerca de um milhão de libras de sua propriedade; ele disse: "O que devo fazer amanhã?" e imediatamente cometeu suicídio. Um milhão de libras era pobreza para ele. O que é alegria e o que é tristeza? É uma quantidade que desaparece, que desaparece

continuamente. Quando eu era criança, pensei que se pudesse ser taxista, seria o auge da felicidade para mim dirigir. Acho que não agora. A que alegria você se apegará? Este é o único ponto que todos devemos tentar compreender e é uma das últimas superstições que nos deixaram. A ideia de prazer de cada pessoa é diferente. Já vi um homem que não fica feliz a menos que engula um pedaço de ópio todos os dias. Ele pode sonhar com um paraíso onde a terra seja feita de ópio. Isso seria um paraíso muito ruim para mim. Repetidamente, na poesia árabe, lemos sobre o céu com belos jardins, por onde correm rios. Vivi grande parte da minha vida num país onde há muita água; muitas aldeias são inundadas e milhares de vidas são sacrificadas todos os anos. Então, meu céu não teria jardins por onde correm os rios; Eu teria uma terra onde chove muito pouco. Nossos prazeres estão sempre mudando. Se um jovem sonha com o céu, ele sonha com um paraíso onde terá uma linda esposa. Quando esse mesmo homem envelhece, ele não quer uma esposa. São as nossas necessidades que constituem o nosso céu, e o céu muda com a mudança das nossas necessidades. Se tivéssemos um paraíso como aquele desejado por aqueles para quem o gozo dos sentidos é o fim da existência, então não progrediríamos. Essa seria a maldição mais terrível que poderíamos pronunciar sobre a alma. É tudo o que podemos fazer? Um pouco de choro e dança, e depois morrer como um cachorro! Que maldição você pronuncia sobre a cabeça da humanidade quando anseia por essas coisas! É isso que você faz quando chora pelas alegrias deste mundo, pois não sabe o que é a verdadeira alegria. O que a filosofia insiste não é em abrir mão das alegrias, mas em saber o que realmente é a alegria. O céu norueguês é um tremendo lugar de luta onde todos se sentam diante de Odin; eles caçam javalis e depois vão para a guerra e se destroem. Mas de uma forma ou de outra, depois de algumas horas de luta, as feridas estão todas curadas e eles vão para um salão onde o javali foi assado e fazem um carrossel. E então o javali ganha forma novamente, pronto para ser caçado no dia seguinte. Isso é praticamente a mesma coisa que o nosso céu, nem um pouco pior, apenas as nossas ideias podem ser um pouco mais refinadas. Queremos caçar javalis e chegar a um lugar onde todos os prazeres continuem, tal como o norueguês imagina que o javali é caçado e comido todos os dias e recupera no dia seguinte.

Agora, a filosofia insiste que existe uma alegria que é absoluta, que nunca muda. Essa alegria não pode ser as alegrias e prazeres que temos nesta vida,

mas o Vedanta mostra que tudo o que é alegre nesta vida é apenas uma partícula dessa verdadeira alegria, porque essa é a única alegria que existe. A cada momento estamos realmente desfrutando da felicidade absoluta, embora encoberta, incompreendida e caricaturada. Onde quer que haja alguma bênção, bem-aventurança ou alegria, mesmo a alegria do ladrão em roubar, é aquela bem-aventurança absoluta que emerge, só que se tornou obscurecida, confusa, por assim dizer, com todos os tipos de condições estranhas, e mal compreendida. . Mas para entender isso, temos que passar pela negação, e então começará o lado positivo. Temos que abandonar a ignorância e tudo o que é falso, e então a verdade começará a revelar-se a nós. Quando tivermos compreendido a verdade, as coisas das quais desistimos inicialmente assumirão uma nova forma e forma, aparecerão para nós sob uma nova luz e se tornarão deificadas. Eles terão sido sublimados e então os compreenderemos em sua verdadeira luz. Mas para compreendê-los, temos primeiro que ter um vislumbre da verdade; devemos abandoná-los primeiro e depois recuperá-los, deificados. Temos que desistir de todas as nossas misérias e tristezas, de todas as nossas pequenas alegrias.

"Aquilo que todos os Vedas declaram, que é proclamado por todas as penitências, buscando que os homens levem uma vida de continência, eu lhe direi em uma palavra - é 'Om'." Você encontrará esta palavra “Om” muito elogiada nos Vedas e considerada muito sagrada.

Agora Yama responde à pergunta: “O que acontece com um homem quando o corpo morre?” "Este Sábio nunca morre, nunca nasce, Ele surge do nada, e nada surge Dele. Não nascido, Eterno, Eterno, este Ancião nunca pode ser destruído com a destruição do corpo. Se o matador pensa que pode matar, ou se o morto pensa que está morto, ambos não conhecem a verdade, pois o Ser não mata nem é morto." Uma posição tremenda. Gostaria de chamar a atenção para o adjetivo da primeira linha, que é “sábio”. À medida que prosseguirmos, descobriremos que o ideal do Vedanta é que toda sabedoria e toda pureza já estão na alma, vagamente expressas ou melhor expressas – essa é toda a diferença. A diferença entre homem e homem, e todas as coisas em toda a criação, não está em espécie, mas apenas em grau. O pano de fundo, a realidade de todos é o mesmo Eterno, Sempre Abençoado, Sempre Puro e Sempre Perfeito. É o Atman, a Alma, no santo e no pecador, no feliz e no miserável, no belo e no feio, nos homens e nos animais; é o

mesmo por toda parte. É Aquele que brilha. A diferença é causada pelo poder de expressão. Em alguns Ele é expresso mais, em outros menos, mas esta diferença de expressão não tem efeito sobre o Atman. Se no seu vestuário um homem mostra mais do seu corpo do que outro, isso não faz qualquer diferença nos seus corpos; a diferença está no vestido. É melhor lembrarmos aqui que em toda a filosofia Vedanta não existe bom e mau, não são duas coisas diferentes; a mesma coisa é boa ou má, e a diferença é apenas de grau. Aquilo que hoje chamo de prazeroso, amanhã, em circunstâncias melhores, posso chamar de dor. O fogo que nos aquece também pode nos consumir; não é culpa do fogo. Assim, sendo a Alma pura e perfeita, o homem que pratica o mal está mentindo para si mesmo, ele não conhece a natureza de si mesmo. Mesmo no assassino a Alma pura está presente; Não morre. Foi seu erro; ele não poderia manifestar Isto; ele havia encoberto Isto. Nem no homem que pensa que está morto a Alma é morta; É eterno. Nunca pode ser morto, nunca destruído. "Infinitamente menor que o menor, infinitamente maior que o maior, este Senhor de tudo está presente nas profundezas de cada coração humano. Os sem pecado, desprovidos de toda miséria, vêm-no através da misericórdia do Senhor; os incorpóreos, mas habitando em o corpo; o Sem Espaço, mas parecendo ocupar o espaço; Infinito, Onipresente: sabendo que tal é a Alma, os sábios nunca são infelizes."

"Este Atman não deve ser realizado pelo poder da fala, nem por um vasto intelecto, nem pelo estudo dos seus Vedas." Esta é uma declaração muito ousada. Como eu disse antes, os sábios eram pensadores muito ousados e nunca paravam diante de nada. Você deve se lembrar que na Índia esses Vedas são considerados de uma forma muito mais elevada do que até mesmo os cristãos consideram sua Bíblia. A sua ideia de revelação é que um homem foi inspirado por Deus; mas na Índia a ideia é que as coisas existem porque estão nos Vedas. Nos e através dos Vedas toda a criação surgiu. Tudo o que é chamado de conhecimento está nos Vedas. Cada palavra é sagrada e eterna, eterna como a alma, sem começo e sem fim. Toda a mente do Criador está neste livro, por assim dizer. Essa é a luz na qual os Vedas são mantidos. Por que isso é moral? Porque os Vedas dizem isso. Por que essa coisa é imoral? Porque os Vedas dizem isso. Apesar disso, observe a ousadia desses sábios que proclamaram que a verdade não pode ser encontrada através de muito estudo dos Vedas. "Com quem o

Senhor se agrada, a esse homem Ele se expressa”. Mas então, pode-se levantar a objecção de que isto é algo como partidarismo. Mas Yama explica: “Aqueles que são malfeitores, cujas mentes não são pacíficas, nunca poderão ver a Luz. É para aqueles que são verdadeiros de coração, puros de ação, cujos sentidos são controlados, que este Ser se manifesta. ”

Aqui está uma bela figura. Imagine o Ser como o cavaleiro e este corpo como a carruagem, o intelecto como o cocheiro, a mente como as rédeas e os sentidos como os cavalos. Aquele cujos cavalos estão bem domados e cujas rédeas são fortes e bem mantidas nas mãos do cocheiro (o intelecto) alcança a meta que é o estado Dele, o Onipresente. Mas o homem cujos cavalos (os sentidos) não são controlados, nem as rédeas (a mente) bem controladas, vai para a destruição. Este Atman em todos os seres não se manifesta aos olhos ou aos sentidos, mas aqueles cujas mentes foram purificadas e refinadas, percebem-No. Além de todo som, de toda visão, além da forma, absoluto, além de todo gosto e tato, infinito, sem começo e sem fim, até mesmo além da natureza, o Imutável; quem O realiza, liberta-se das garras da morte. Mas é muito difícil. É, por assim dizer, andar no fio de uma navalha; o caminho é longo e perigoso, mas continue lutando, não se desespere. Acorde, levante-se e não pare até que o objetivo seja alcançado.

A única ideia central em todos os Upanishads é a da realização. Muitas questões surgirão de tempos em tempos, especialmente para o homem moderno. Haverá a questão da utilidade, haverá várias outras questões, mas em todas descobriremos que somos motivados pelas nossas associações passadas. É a associação de ideias que tem um tremendo poder sobre as nossas mentes. Para aqueles que desde a infância sempre ouviram falar de um Deus Pessoal e da personalidade da mente, essas idéias certamente parecerão muito severas e duras, mas se as ouvirem e refletirem sobre elas, elas se tornarão parte de suas vidas e serão não os assuste mais. A grande questão que geralmente surge é a utilidade da filosofia. Para isso só pode haver uma resposta: se, do ponto de vista utilitário, é bom que os homens procurem o prazer, por que não deveriam aqueles cujo prazer está na especulação religiosa procurar isso? Como os prazeres dos sentidos agradam a muitos, eles os procuram, mas pode haver outros a quem eles não agradam, que desejam um desfrute mais elevado. O prazer do cachorro

está apenas em comer e beber. O cão não consegue compreender o prazer do cientista que desiste de tudo e, talvez, habita no topo de uma montanha para observar a posição de certas estrelas. Os cães podem sorrir para ele e pensar que ele é um louco. Talvez este pobre cientista nunca tenha tido dinheiro suficiente para casar e vive de forma muito simples. Pode ser que o cachorro ria dele. Mas o cientista diz: “Meu querido cachorro, seu prazer está apenas nos sentidos que você desfruta, e você não conhece nada além; mas para mim esta é a vida mais agradável, e se você tem o direito de buscar seu prazer em seu próprio caminho, eu também no meu.” O erro é que queremos amarrar o mundo inteiro ao nosso próprio plano de pensamento e fazer da nossa mente a medida de todo o universo. Para você, as antigas coisas dos sentidos são, talvez, o maior prazer, mas não é necessário que meu prazer seja o mesmo, e quando você insiste nisso, eu discordo de você. Essa é a diferença entre o utilitário mundano e o homem religioso. O primeiro homem diz: “Veja como estou feliz. Recebo dinheiro, mas não me preocupo com religião. É muito inescrutável e sou feliz sem ele”. Até agora tudo bem; bom para todos os utilitários. Mas este mundo é terrível. Se um homem obtém felicidade de alguma forma, exceto ferindo seus semelhantes, que Deus o abençoe; mas quando este homem vem até mim e diz: “Você também deve fazer essas coisas, você será um tolo se não o fizer”, eu digo: “Você está errado, porque as próprias coisas que lhe dão prazer não foram a menor atração para mim. Se eu tivesse que ir atrás de alguns punhados de ouro, minha vida não valeria a pena, eu morreria! Essa é a resposta que o homem religioso daria. O fato é que a religião só é possível para aqueles que acabaram com essas coisas inferiores. Devemos ter nossas próprias experiências, devemos correr ao máximo. Só quando terminamos esta corrida é que o outro mundo se abre.

Os prazeres dos sentidos às vezes assumem outra fase perigosa e tentadora. Você sempre ouvirá a ideia – em tempos muito antigos, em todas as religiões – de que chegará um tempo em que todas as misérias da vida cessarão, e apenas suas alegrias e prazeres permanecerão, e esta terra se tornará um paraíso. Isso eu não acredito. Esta terra sempre permanecerá neste mesmo mundo. É uma coisa terrível de se dizer, mas não vejo como escapar disso. A miséria no mundo é como o reumatismo crônico no corpo; dirija-o de uma parte e ele vai para outra, dirija-o de lá e você sentirá isso em outro lugar. Faça o que fizer, ainda está lá. Antigamente as pessoas

viviam nas florestas e comiam umas às outras; nos tempos modernos, eles não comem a carne uns dos outros, mas enganam-se uns aos outros. Países e cidades inteiras são arruinadas pela trapaça. Isso não mostra muito progresso. Não vejo que o que vocês chamam de progresso no mundo seja outra coisa que a multiplicação de desejos. Se uma coisa é óbvia para mim é que os desejos trazem toda a miséria; é o estado do mendigo, que está sempre implorando por alguma coisa, e incapaz de ver qualquer coisa sem o desejo de possuí-la, está sempre desejando, desejando mais. Se o poder de satisfazer nossos desejos aumenta em progressão aritmética, o poder do desejo aumenta em progressão geométrica. A soma total de felicidade e miséria neste mundo é pelo menos a mesma. Se uma onda sobe no oceano, ela forma um buraco em algum lugar. Se a felicidade chega a um homem, a infelicidade chega a outro ou, talvez, a algum animal. Os homens estão a aumentar em número e alguns animais estão a diminuir; estamos matando-os e tomando suas terras; estamos tirando deles todos os meios de sustento. Como podemos dizer, então, que a felicidade está aumentando? A raça forte devora os mais fracos, mas você acha que a raça forte ficará muito feliz? Não; eles começarão a se matar. Não vejo, em termos práticos, como este mundo pode tornar-se um paraíso. Os fatos são contra. Também em bases teóricas, vejo que não pode ser.

A perfeição é sempre infinita. Já somos esse infinito e estamos tentando manifestar esse infinito. Você e eu, e todos os seres, estamos tentando manifestar isso. Até agora está tudo bem. Mas a partir deste facto alguns filósofos alemães iniciaram uma teoria peculiar – que esta manifestação se tornará cada vez mais elevada até alcançarmos a manifestação perfeita, até nos tornarmos seres perfeitos. O que significa manifestação perfeita? Perfeição significa infinito e manifestação significa limite, e portanto significa que nos tornaremos limitados ilimitados, o que é contraditório. Tal teoria pode agradar às crianças; mas está envenenando suas mentes com mentiras e é muito ruim para a religião. Mas sabemos que este mundo é uma degradação, que o homem é uma degradação de Deus e que Adão caiu. Não há religião hoje que não ensine que o homem é uma degradação. Fomos degradados até à condição de animais e agora estamos a subir para sair desta escravidão. Mas nunca seremos capazes de manifestar inteiramente o Infinito aqui. Lutaremos muito, mas chegará um momento em que descobriremos que é impossível ser perfeito aqui, enquanto

estivermos limitados pelos sentidos. E então a marcha de volta ao nosso estado original do Infinito será soada.

Isto é renúncia. Teremos que sair da dificuldade invertendo o processo pelo qual entramos, e então a moralidade e a caridade começarão. Qual é a palavra de ordem de todos os códigos éticos? “Não eu, mas tu”, e este “eu” é o resultado do Infinito por trás, tentando se manifestar no mundo exterior. Este pequeno “eu” é o resultado, e terá que voltar atrás e unir-se ao Infinito, à sua própria natureza. Cada vez que você diz: “Não eu, meu irmão, mas você”, você está tentando voltar atrás, e toda vez que você diz “Eu, e não você”, você dá o passo em falso de tentar manifestar o Infinito através do sentido -mundo. Isso traz lutas e males ao mundo, mas depois de um tempo a renúncia deve vir, a renúncia eterna. O pequeno “eu” está morto e desaparecido. Por que se preocupar tanto com esta vidinha? Todos esses desejos vãos de viver e aproveitar esta vida, aqui ou em algum outro lugar, trazem a morte.

Se formos desenvolvidos a partir de animais, os animais também poderão ser homens degradados. Como você sabe que não é assim? Você viu que a prova da evolução é simplesmente esta: você encontra uma série de corpos, do mais baixo ao mais alto, subindo numa escala gradualmente ascendente. Mas a partir disso, como você pode insistir que é sempre de baixo para cima e nunca de cima para baixo? O argumento aplica-se nos dois sentidos, e se alguma coisa é verdade, creio que é que a série se está a repetir ao subir e descer. Como você pode ter evolução sem involução? Nossa luta por uma vida superior mostra que fomos degradados de um estado elevado. Deve ser assim, só que pode variar nos detalhes. Sempre me apego à ideia apresentada em uma só voz por Cristo, Buda e o Vedanta, de que todos devemos chegar à perfeição com o tempo, mas apenas abandonando essa imperfeição. Este mundo não é nada. Na melhor das hipóteses, é apenas uma caricatura hedionda, uma sombra da Realidade. Devemos ir para a Realidade. A Renúncia nos levará a Ela. A renúncia é a própria base da nossa verdadeira vida; cada momento de bondade e vida real que desfrutamos é quando não pensamos em nós mesmos. Este pequeno eu separado deve morrer. Então descobriremos que estamos no Real, e que a Realidade é Deus, e Ele é a nossa verdadeira natureza, e Ele está sempre em nós e conosco. Vamos viver Nele e permanecer Nele. É o único estado

alegre de existência. A vida no plano do Espírito é a única vida, e vamos todos tentar alcançar esta realização.

2.5.9 CAPÍTULO 9: UNIDADE NA DIVERSIDADE

(Entregue em Londres, 3 de novembro de 1896)

"O Autoexistente projetou os sentidos para fora e, portanto, o homem olha para fora, não para dentro de si mesmo. Um certo sábio, desejando a imortalidade, com sentidos invertidos, percebeu o Ser interior." Como já disse, a primeira investigação que encontramos nos Vedas foi a respeito das coisas exteriores, e então surgiu uma nova ideia de que a realidade das coisas não pode ser encontrada no mundo externo; não olhando para fora, mas voltando os olhos, como é literalmente expresso, para dentro. E a palavra usada para a Alma é muito significativa: foi Ele quem se interiorizou, a realidade mais íntima do nosso ser, o centro do coração, o âmago, de onde, por assim dizer, tudo sai; o sol central do qual a mente, o corpo, os órgãos dos sentidos e tudo o mais que temos são apenas raios que se projetam para fora. "Homens de intelecto infantil, pessoas ignorantes, correm atrás de desejos externos e caem na armadilha da morte de longo alcance, mas os sábios e compreensivos da imortalidade nunca buscam o Eterno nesta vida de coisas finitas." Fica aqui clara a mesma ideia de que neste mundo externo, cheio de coisas finitas, é impossível ver e encontrar o Infinito. O Infinito deve ser buscado somente naquilo que é infinito, e a única coisa infinita em nós é aquilo que está dentro de nós, nossa própria alma. Nem o corpo, nem a mente, nem mesmo os nossos pensamentos, nem o mundo que vemos ao nosso redor, são infinitos. O Vidente, Aquele a quem todos pertencem, a Alma do homem, Aquele que está desperto no homem interno, sozinho é infinito, e para buscar a Causa Infinita de todo este universo devemos ir até lá. Somente na Alma Infinita podemos encontrá-lo. "O que está aqui também está lá, e o que está aqui também. Aquele que vê o múltiplo vai de morte em morte." Vimos como no início havia o desejo de ir para o céu. Quando esses antigos arianos ficaram insatisfeitos com o mundo ao seu redor, naturalmente pensaram que após a morte iriam para algum lugar onde haveria toda felicidade sem qualquer miséria; estes lugares eles multiplicaram e chamaram de Svargas - a palavra

pode ser traduzida como céus - onde haveria alegria para sempre, o corpo se tornaria perfeito, e também a mente, e lá eles viveriam com seus antepassados. Mas assim que surgiu a filosofia, os homens descobriram que isso era impossível e absurdo. A própria ideia de um infinito no lugar seria uma contradição em termos, pois um lugar deve começar e continuar no tempo. Portanto, eles tiveram que desistir dessa ideia. Eles descobriram que os deuses que viviam nestes céus já haviam sido seres humanos na terra, que através de suas boas obras se tornaram deuses, e as divindades, como as chamam, eram diferentes estados, diferentes posições; nenhum dos deuses mencionados nos Vedas é indivíduo permanente.

Por exemplo, Indra e Varuna não são nomes de certas pessoas, mas nomes de cargos como governadores e assim por diante. O Indra que viveu antes não é a mesma pessoa que o Indra dos dias atuais; ele faleceu e outro homem da terra ocupou seu lugar. O mesmo acontece com todos os outros deuses. Estas são certas posições, que são preenchidas sucessivamente por almas humanas que se elevaram à condição de deuses e, ainda assim, até morrem. No antigo Rig-Veda encontramos a palavra “imortalidade” usada em relação a esses deuses, mas mais tarde ela foi totalmente abandonada, pois eles descobriram que a imortalidade que está além do tempo e do espaço não pode ser falada em relação a qualquer forma física, por mais sutil que seja. Por melhor que seja, deve ter início no tempo e no espaço, pois os fatores necessários que entram na constituição da forma estão no espaço. Tente pensar numa forma sem espaço: é impossível. O espaço é, por assim dizer, um dos materiais que compõem a forma, e isso está em constante mudança. O espaço e o tempo estão em Maya, e essa ideia é expressa na linha – “O que é buraco, isso também está lá.” Se existem esses deuses, eles devem estar sujeitos às mesmas leis que se aplicam aqui, e todas as leis envolvem destruição e renovação repetidas vezes. Essas leis estão moldando a matéria em diferentes formas e destruindo-as novamente. Tudo que nasce deve morrer; e assim, se existem céus, as mesmas leis devem ser válidas lá.

Neste mundo descobrimos que toda felicidade é seguida pela miséria como sua sombra. A vida tem sua sombra, a morte. Eles devem caminhar juntos, porque não são contraditórios, nem duas existências separadas, mas diferentes manifestações da mesma unidade, vida e morte, tristeza e

felicidade, bem e mal. A concepção dualista de que o bem e o mal são duas entidades separadas e que ambos existem eternamente é absurda à primeira vista. São as diversas manifestações de um mesmo fato, uma vez aparecendo como mau e em outra como bom. A diferença não existe em espécie, mas apenas em grau. Eles diferem entre si em grau de intensidade. Descobrimos que os mesmos sistemas nervosos transmitem sensações boas e ruins, e quando os nervos são lesados, nenhuma das sensações nos ocorre. Se um determinado nervo estiver paralisado, não teremos as sensações prazerosas que costumavam surgir naqueles fios e, ao mesmo tempo, também não teremos as sensações dolorosas. Eles nunca são dois, mas iguais. De novo. a mesma coisa produz prazer e dor em diferentes momentos da vida. O mesmo fenômeno produzirá prazer em um e dor em outro. Comer carne produz prazer para o homem, mas dor para o animal que é comido. Nunca houve nada que desse prazer a todos. Alguns estão satisfeitos, outros descontentes. Então vamos continuar. Portanto, esta dualidade de existência é negada. E o que se segue? Eu disse a vocês em minha última palestra que nunca poderemos ter tudo de bom nesta terra e nada de ruim. Pode ter decepcionado e assustado alguns de vocês, mas não posso evitar e estou aberto à convicção quando me mostram o contrário; mas até que isso possa ser provado para mim, e eu possa descobrir que é verdade, não posso dizer isso.

O argumento geral contra a minha afirmação, e aparentemente muito convincente, é que, no decurso da evolução, tudo o que há de mau naquilo que vemos à nossa volta está a ser gradualmente eliminado, e o resultado é que, se esta eliminação continuar durante milhões de anos, anos, chegará um tempo em que todo o mal terá sido extirpado e só o bem permanecerá. Este é aparentemente um argumento muito sólido. Quisera Deus que fosse verdade! Mas há uma falácia nisso, e é isso que dá como certo que tanto o bem quanto o mal são coisas eternamente fixas. É dado como certo que existe uma massa definida de mal, que pode ser representada por cem, e também de bem, e que esta massa de mal está diminuindo a cada dia, restando apenas o bem. Mas é assim? A história do mundo mostra que o mal é uma quantidade continuamente crescente, assim como o bem. Pegue o homem mais inferior; ele vive na floresta. Sua sensação de prazer é muito pequena, assim como seu poder de sofrer. Sua miséria está inteiramente no plano dos sentidos. Se ele não consegue comida suficiente, ele fica infeliz;

mas dê-lhe bastante comida e liberdade para vagar e caçar, e ele ficará perfeitamente feliz. Sua felicidade consiste apenas nos sentidos, e o mesmo acontece com sua miséria. Mas se esse homem aumentar em conhecimento, a sua felicidade aumentará, o intelecto abrir-se-á para ele e o seu prazer sensorial evoluirá para o prazer intelectual. Ele sentirá prazer ao ler um belo poema, e um problema matemático será de interesse absorvente para ele. Mas, com isso, os nervos internos se tornarão cada vez mais suscetíveis às misérias da dor mental, nas quais o selvagem não pensa. Veja uma ilustração muito simples. No Tibete não existe casamento e não existe ciúme, mas sabemos que o casamento é um estado muito mais elevado. Os tibetanos não conheceram o prazer maravilhoso, a bênção da castidade, a felicidade de ter uma esposa casta e virtuosa, ou um marido casto e virtuoso. Essas pessoas não podem sentir isso. E da mesma forma, eles não sentem o ciúme intenso da esposa ou do marido casto, ou a miséria causada pela infidelidade de ambos os lados, com todas as dores e tristezas que os crentes na castidade experimentam. Por um lado, estes últimos obtêm felicidade, mas, por outro, também sofrem miséria.

Pegue o seu país que é o mais rico do mundo, e que é mais luxuoso do que qualquer outro, e veja quão intensa é a miséria, quantos lunáticos a mais você tem, em comparação com outras raças, apenas porque os desejos são tão intensos. Um homem deve manter um alto padrão de vida, e a quantidade de dinheiro que gasta em um ano seria uma fortuna para um homem na Índia. Você não pode pregar para ele sobre uma vida simples porque a sociedade exige muito dele. A roda da sociedade está girando; não para pelas lágrimas da viúva ou pelos lamentos dos órfãos. Este é o estado das coisas em todos os lugares. Seu senso de prazer está desenvolvido, sua sociedade é muito mais bonita do que algumas outras. Você tem muito mais coisas para desfrutar. Mas aqueles que têm menos têm muito menos miséria. Você pode argumentar assim o tempo todo: quanto mais elevado for o ideal que você tem no cérebro, maior será o seu prazer e mais profundo será o seu sofrimento. Um é como a sombra do outro. Que os males estão a ser eliminados pode ser verdade, mas se assim for, os bons também devem estar a desaparecer. Mas os males não estão se multiplicando rapidamente e os bons diminuindo, se assim posso dizer? Se o bem aumenta na progressão aritmética, o mal aumenta na progressão geométrica. E esta é Maya. Isto não é otimismo nem pessimismo. A

Vedanta não assume a posição de que este mundo seja apenas miserável. Isso não seria verdade. Ao mesmo tempo, é um erro dizer que este mundo está cheio de felicidade e bênçãos. Portanto, é inútil dizer às crianças que este mundo é todo bom, só flores, só leite e mel. Isso é o que todos nós sonhamos. Ao mesmo tempo, é errado pensar, porque um homem sofreu mais que outro, que tudo é mau. É esta dualidade, este jogo do bem e do mal que faz o nosso mundo de experiências. Ao mesmo tempo, o Vedanta diz: “Não pense que o bem e o mal são dois, são duas essências separadas, pois são uma e a mesma coisa, aparecendo em diferentes graus e sob diferentes formas e produzindo diferenças de sentimento na mesma mente”. Assim, o primeiro pensamento do Vedanta é a descoberta da unidade no externo; a Existência Única se manifestando, por mais diferente que possa parecer na manifestação. Pense na velha e grosseira teoria dos persas – dois deuses criando este mundo, o deus bom fazendo tudo que é bom, e o deus mau, tudo que é ruim. À primeira vista, você vê o absurdo, pois se for executada, toda lei da natureza deve ter duas partes, uma das quais é manipulada por um deus, e então ele vai embora e o outro deus manipula a outra parte. . Aí surge a dificuldade de ambos trabalharem no mesmo mundo, e esses dois deuses se manterem em harmonia prejudicando uma parte e fazendo o bem a outra. Este é um caso grosseiro, claro, a forma mais grosseira de expressar a dualidade da existência. Mas tomemos a teoria mais avançada e mais abstrata de que este mundo é parcialmente bom e parcialmente mau. Isto também é absurdo, argumentando do mesmo ponto de vista. É a lei da unidade que nos dá o nosso alimento, e é a mesma lei que mata muitos através de acidentes ou desventuras.

Descobrimos, então, que este mundo não é otimista nem pessimista; é uma mistura de ambos e, à medida que prosseguirmos, descobriremos que toda a culpa será retirada da natureza e colocada sobre nossos próprios ombros. Ao mesmo tempo, o Vedanta mostra a saída, mas não pela negação do mal, porque analisa com ousadia o fato tal como ele é e não procura esconder nada. Não é impossível; não é agnóstico. Descobre um remédio, mas quer colocar esse remédio em bases adamantinas: não fechando a boca da criança e cegando-lhe os olhos com algo que não é verdade, e que a criança descobrirá dentro de poucos dias. Lembro-me de quando eu era jovem, o pai de um jovem morreu e o deixou em situação precária, com uma grande família para sustentar, e ele descobriu que os amigos de seu pai não estavam

dispostos a ajudá-lo. Ele conversou com um clérigo que lhe ofereceu este consolo: “Oh, está tudo bem, tudo foi enviado para o nosso bem”. Esse é o velho método de tentar colocar um pedaço de folha de ouro numa ferida antiga. É uma confissão de fraqueza, de absurdo. O jovem foi embora e seis meses depois nasceu um filho do clérigo, e ele deu uma festa de ação de graças para a qual o jovem foi convidado. O clérigo orou: “Graças a Deus por Sua misericórdia”. E o jovem levantou-se e disse: “Pare, isso tudo é miséria”. O clérigo perguntou: "Por quê?" "Porque quando meu pai morreu você disse que era bom, embora aparentemente mau; então agora, isso é aparentemente bom, mas realmente mau." É esta a maneira de curar a miséria do mundo? Seja bom e tenha misericórdia de quem sofre. Não tente consertar isso, nada irá curar este mundo; vá além disso.

Este é um mundo de bem e mal. Onde quer que haja o bem, o mal segue, mas além e por trás de todas essas manifestações, de todas essas contradições, o Vedanta descobre essa Unidade. Diz: “Desista do que é mau e desista do que é bom”. O que resta então? Por trás do bem e do mal está algo que é seu, o verdadeiro você, além de todo mal, e além de todo bem também, e é isso que se manifesta como bom e mau. Saiba que primeiro, e só então, você será um verdadeiro otimista, e não antes; pois então você será capaz de controlar tudo. Controle essas manifestações e você terá liberdade para manifestar o verdadeiro “você”. Primeiro seja senhor de si mesmo, levante-se e seja livre, vá além dos limites dessas leis, pois essas leis não o governam de forma absoluta, elas são apenas parte do seu ser. Primeiro descubra que você não é escravo da natureza, nunca foi e nunca será; que esta natureza, por mais infinita que você possa pensar, é apenas finita, uma gota no oceano, e sua Alma é o oceano; você está além das estrelas, do sol e do. Eles são como meras bolhas em comparação com o seu ser infinito. Saiba disso e você controlará o bem e o mal. Só então toda a visão mudará e você se levantará e dirá: “Quão belo é o bem e quão maravilhoso é o mal!”

Isso é o que o Vedanta ensina. Não propõe nenhum remédio desleixado, cobrindo as feridas com folhas de ouro e quanto mais a ferida infecciona, colocando mais folhas de ouro. Esta vida é um fato difícil; trabalhe com ousadia, embora possa ser difícil; não importa, a alma é mais forte. Não atribui nenhuma responsabilidade aos pequenos deuses; pois vocês são os

criadores de suas próprias fortunas. Vocês se fazem sofrer, fazem o bem e o mal, e são vocês que colocam as mãos diante dos olhos e dizem que está escuro. Tire as mãos e veja a luz; você é refulgente, você já é perfeito, desde o início. Agora entendemos o versículo: “De morte em morte vai aquele que vê muitos aqui”. Veja Aquele e seja livre.

Como devemos ver isso? Esta mente, tão iludida, tão fraca, tão facilmente conduzida, até mesmo esta mente pode ser forte e pode vislumbrar esse conhecimento, essa Unidade, que nos salva de morrer repetidamente. Assim como a chuva que cai sobre uma montanha flui em vários riachos pelas encostas da montanha, todas as energias que vocês veem aqui vêm daquela Unidade. Tornou-se múltiplo caindo sobre Maya. Não corra atrás do coletor; vá em direção ao Um. “Ele está em tudo o que se move; Ele está em tudo o que é puro; Ele preenche o universo; Ele está no sacrifício; Ele é o convidado na casa; Ele está no homem, na água, nos animais, na verdade; Ele é o Grande. Assim como o fogo que entra neste mundo se manifesta em várias formas, da mesma forma, aquela Alma do universo está se manifestando em todas essas diversas formas, assim como o ar que entra neste universo se manifesta em várias formas. , a Alma Única de todas as almas, de todos os seres, está se manifestando em todas as formas." Isto é verdade para você quando você entende esta Unidade, e não antes. Então é todo otimismo, porque Ele é visto em todos os lugares. A questão é que, se tudo isso for verdade, que aquele Puro – o Ser, o Infinito – entrou em tudo isso, como é que Ele sofre, como é que Ele se torna miserável, impuro? Ele não faz isso, diz o Upanishad. “Assim como o sol é a causa da visão de todo ser, mas não é defeituoso pelo defeito de nenhum olho, assim mesmo o Ser de todos não é afetado pelas misérias do corpo, ou por qualquer miséria que esteja ao seu redor. ." Posso ter alguma doença e ver tudo amarelo, mas o sol não é afetado por isso. "Ele é o Único, o Criador de tudo, o Governante de tudo, a Alma Interna de cada ser - Aquele que torna Sua Unidade múltipla. Assim, aos sábios que O percebem como a Alma de suas almas, a eles pertence a paz eterna; a ninguém outro, a ninguém mais. Aquele que neste mundo de evanescência encontra Aquele que nunca muda, aquele que neste universo de morte encontra aquela Vida Única, aquele que neste múltiplo encontra aquela Unidade, e todos aqueles que O percebem como a Alma de. suas almas, a eles pertence a paz eterna; a ninguém mais, a ninguém mais. Onde encontrá-Lo no mundo externo, onde encontrá-Lo nos

sóis, nas luas e nas estrelas? nem as estrelas, o relâmpago não pode iluminar o lugar; o que dizer deste fogo mortal que brilha, tudo o mais brilha. Aqui está outra bela comparação. Aqueles de vocês que estiveram na Índia e viram como a figueira nasce de uma raiz e se espalha por toda parte, entenderão isso. Ele é aquela figueira-da-índia; Ele é a raiz de tudo e se ramificou até se tornar este universo, e por mais que Ele se estenda, cada um desses troncos e ramos está conectado.

Vários céus são mencionados nas porções Brâhmanas dos Vedas, mas o ensinamento filosófico dos Upanishads desiste da ideia de ir para o céu. A felicidade não está neste ou naquele céu, está na alma; lugares não significam nada. Aqui está outra passagem que mostra os diferentes estados de realização: “No céu dos antepassados, assim como um homem vê as coisas em um sonho, assim a Verdade Real é vista”. Assim como nos sonhos vemos as coisas nebulosas e não tão distintas, também vemos a Realidade ali. Existe outro céu chamado Gandharva, no qual tudo é ainda menos claro; assim como um homem vê seu próprio reflexo na água, assim a Realidade é vista ali. O céu mais elevado que os hindus concebem é chamado de Brahmaloka; e nisso a Verdade é vista muito mais claramente, como luz e sombra, mas ainda não de forma muito distinta. Mas assim como um homem vê seu próprio rosto num espelho, perfeito, distinto e claro, assim a Verdade brilha na alma do homem. O céu mais elevado, portanto, está em nossas próprias almas; o maior templo de adoração é a alma humana, maior que todos os céus, diz o Vedanta; pois em nenhum céu, em nenhum lugar, podemos compreender a realidade tão distinta e claramente como nesta vida, em nossa própria alma. Mudar de lugar não ajuda muito. Enquanto estive na Índia, pensei que a caverna me daria uma visão mais clara. Eu descobri que não era assim. Então pensei que a floresta faria o mesmo, Varanasi. Mas a mesma dificuldade existia em todo o lado, porque criamos os nossos próprios mundos. Se eu sou mau, o mundo inteiro é mau para mim. Isso é o que diz o Upanishad. E a mesma coisa se aplica a todos os mundos. Se eu morrer e for para o céu, encontrarei o mesmo, pois até que eu seja puro não adianta ir para cavernas, ou florestas, ou para Varanasi, ou para o céu, e se eu poli meu espelho, não importa onde moro, recebo a Realidade tal como Ela é. Portanto, é inútil correr de um lado para outro e gastar em vão energia, que deveria ser gasta apenas no polimento do espelho. A mesma ideia é expressa novamente: “Ninguém O vê, ninguém

vê Sua forma com os olhos. É na mente, na mente pura, que Ele é visto, e esta imortalidade é conquistada”.

Aqueles que estiveram nas palestras de verão sobre Râja-Yoga ficarão interessados em saber que o que foi ensinado naquela época era um tipo diferente de Yoga. O Yoga que estamos considerando agora consiste principalmente no controle dos sentidos. Quando os sentidos são mantidos como escravos pela alma humana, quando não conseguem mais perturbar a mente, então o Yogue alcançou a meta. "Quando todos os desejos vãos do coração foram abandonados, então este mesmo mortal se torna imortal, então ele se torna um com Deus mesmo aqui. Quando todos os nós do coração são cortados, então o mortal se torna imortal, e ele desfruta Brahman aqui." Aqui, nesta terra, em nenhum outro lugar.

Algumas palavras devem ser ditas aqui. Você geralmente ouvirá que este Vedanta, esta filosofia e outros sistemas orientais olham apenas para algo além, deixando de lado os prazeres e as lutas desta vida. Esta ideia está totalmente errada. Somente pessoas ignorantes que não conhecem nada do pensamento oriental e que nunca tiveram cérebro suficiente para entender nada de seus verdadeiros ensinamentos é que lhe dizem isso. Pelo contrário, lemos nas nossas escrituras que os nossos filósofos não querem ir para outros mundos, mas depreciam-nos como lugares onde as pessoas choram e riem apenas por um pouco de tempo e depois morrem. Enquanto estivermos fracos teremos que passar por estas experiências; mas tudo o que é verdadeiro está aqui, e isso é a alma humana. E também se insiste nisso: ao cometer suicídio, não podemos escapar do inevitável; não podemos evitá-lo. Mas o caminho certo é difícil de encontrar. O Hindu é tão prático quanto o Ocidental, só que diferimos na nossa visão da vida. Aquele diz: construa uma boa casa, tenhamos boas roupas e comida, cultura intelectual, e assim por diante, pois isso é o todo da vida; e nisso ele é imensamente prático. Mas o hindu diz que o verdadeiro conhecimento do mundo significa conhecimento da alma, metafísica; e ele quer aproveitar essa vida. Na América houve um grande agnóstico, um homem muito nobre, um homem muito bom e um orador muito bom. Ele deu palestras sobre religião, que disse ser inútil; por que preocupar-nos com outros mundos? Ele empregou esta comparação; temos uma laranja aqui e queremos espremer todo o suco dela. Encontrei-me com ele uma vez e disse: "Concordo inteiramente com

você. Tenho algumas frutas e também quero espremer o suco. Nossa diferença está na escolha da fruta. Você quer uma laranja e eu prefiro uma manga. Você acha que é suficiente viver aqui e comer e beber e ter um pouco de conhecimento científico, mas você não tem o direito de dizer que isso irá agradar a todos os gostos. cai no chão, ou como uma corrente elétrica sacode meus nervos, eu me suicidaria. Quero entender o cerne das coisas, o próprio núcleo Seu estudo é a manifestação da vida, o meu é a própria vida. você deve saber disso e expulsar de sua mente todos os pensamentos sobre o céu e o inferno e todas as outras superstições, mesmo que elas existam no mesmo sentido que este mundo existe. Devo conhecer o coração desta vida, sua própria essência, o que ela é. , não só como funciona e quais são suas manifestações eu quero o porquê de tudo, deixo o como para as crianças. Como disse um dos seus compatriotas: 'Enquanto fumo um cigarro, se eu escrevesse um livro, seria a ciência do cigarro.' É bom e ótimo ser científico, Deus os abençoe em sua busca; mas quando um homem diz que isso é tudo, ele está falando tolamente, não se importando em saber a razão de ser da vida, nunca estudando a própria existência. Posso argumentar que todo o seu conhecimento é um absurdo, sem base. Você está estudando as manifestações da vida, e quando lhe pergunto o que é a vida, você diz que não sabe. Você é bem-vindo ao seu escritório, mas deixe-me no meu."

Sou prático, muito prático, do meu jeito. Portanto, a sua ideia de que apenas o Ocidente é prático é um disparate. Você é prático de uma forma e eu de outra. Existem diferentes tipos de homens e mentes. Se no Oriente for dito a um homem que ele descobrirá a verdade permanecendo em uma perna só durante toda a sua vida, ele seguirá esse método. Se no Ocidente os homens ouvirem que existe uma mina de ouro em algum lugar de um país incivilizado, milhares enfrentarão os perigos ali, na esperança de obter o ouro; e, talvez, apenas um tenha sucesso. Os mesmos homens ouviram dizer que têm alma, mas contentam-se em deixar o cuidado delas para a igreja. O primeiro homem não se aproxima dos selvagens, diz que pode ser perigoso. Mas se lhe dissermos que no topo de uma alta montanha vive um sábio maravilhoso que pode lhe dar o conhecimento da alma, ele tenta subir até ele, mesmo que seja morto na tentativa. Ambos os tipos de homens são práticos, mas o erro reside em considerar este mundo como o todo da vida.

O seu é o ponto de fuga do prazer dos sentidos – não há nada permanente nele, só traz mais e mais miséria – enquanto o meu traz a paz eterna.

Não estou dizendo que sua opinião esteja errada, você é bem-vindo. Grande bem e bênção resultam disso, mas não condene, portanto, minha visão. O meu também é prático à sua maneira. Vamos todos trabalhar em nossos próprios planos. Oxalá todos nós fôssemos igualmente práticos em ambos os lados. Tenho visto alguns cientistas que eram igualmente práticos, tanto como cientistas como como homens espirituais, e tenho grande esperança de que, com o passar do tempo, toda a humanidade seja eficiente da mesma maneira. Quando uma chaleira com água está fervendo, se você observar o fenômeno, verá primeiro uma bolha subindo, depois outra e assim por diante, até que finalmente todas se juntam e ocorre uma tremenda comoção. Este mundo é muito semelhante. Cada indivíduo é como uma bolha, e as nações se assemelham a muitas bolhas. Gradualmente, estas nações estão a juntar-se, e tenho a certeza que chegará o dia em que a separação desaparecerá e aquela Unidade para a qual todos estamos a ir tornar-se-á manifesta. Chegará um tempo em que todo homem será tão intensamente prático no mundo científico quanto no espiritual, e então essa Unidade, a harmonia da Unidade, permeará o mundo inteiro. Toda a humanidade se tornará Jivanmuktas – livre enquanto viver. Todos nós lutamos para alcançar esse fim através dos nossos ciúmes e ódios, através do nosso amor e cooperação. Uma tremenda corrente flui em direção ao oceano, levando-nos consigo; e embora, como canudos e pedaços de papel, às vezes possamos flutuar sem rumo, no longo prazo certamente nos juntaremos ao Oceano da Vida e da Bem-aventurança.

2.5.10 CAPÍTULO 10: A LIBERDADE DA ALMA

(Entregue em Londres, 5 de novembro de 1896)

O Katha Upanishad, que temos estudado, foi escrito muito depois daquele que abordamos agora – o Chhândogya. A linguagem é mais moderna e o pensamento mais organizado. Nos Upanishads mais antigos a linguagem é muito arcaica, como a da parte dos hinos dos Vedas, e às vezes é preciso percorrer uma grande quantidade de coisas desnecessárias para chegar às

doutrinas essenciais. A literatura ritualística sobre a qual lhe falei e que forma a segunda divisão dos Vedas, deixou grande parte de sua marca neste antigo Upanishad, de modo que mais da metade dela ainda é ritualística. Há, no entanto, um grande ganho em estudar os muito antigos Upanishads. Você traça, por assim dizer, o crescimento histórico das ideias espirituais. Nos Upanishads mais recentes, as ideias espirituais foram reunidas e reunidas num só lugar; como no Bhagavad Gitâ, por exemplo, que podemos, talvez, considerar como o último dos Upanishads, você não encontra qualquer indício dessas idéias ritualísticas. O Gita é como um buquê composto de lindas flores de verdades espirituais coletadas nos Upanishads. Mas no Gita você não pode estudar o surgimento das ideias espirituais, você não pode rastreá-las até sua fonte. Para fazer isso, como muitos apontaram, você deve estudar os Vedas. A grande ideia de santidade associada a estes livros preservou-os, mais do que qualquer outro livro no mundo, da mutilação. Neles, os pensamentos mais elevados e mais baixos foram todos preservados, o essencial e o não essencial, os ensinamentos mais enobrecedores e as questões mais simples de detalhe estão lado a lado; pois ninguém se atreveu a tocá-los. Os comentaristas vieram e tentaram suavizá-los e extrair ideias novas e maravilhosas das coisas antigas; eles tentaram encontrar ideias espirituais até mesmo nas declarações mais comuns, mas os textos permaneceram e, como tais, são o mais maravilhoso estudo histórico. Todos sabemos que nas escrituras de cada religião foram feitas mudanças para se adequarem à crescente espiritualidade dos tempos posteriores; uma palavra foi alterada aqui e outra colocada ali, e assim por diante. Isto, provavelmente, não foi feito com a literatura védica, ou se alguma vez foi feito, é quase imperceptível. Portanto, temos esta grande vantagem: somos capazes de estudar os pensamentos em seu significado original, de observar como eles se desenvolveram, como a partir de ideias materialistas evoluíram ideias espirituais cada vez mais refinadas, até atingirem seu ápice no Vedanta. Descrições de alguns costumes e costumes antigos também estão lá, mas não aparecem muito nos Upanishads. A linguagem utilizada é peculiar, concisa, mnemônica.

Os escritores desses livros simplesmente anotaram essas linhas para ajudar a lembrar certos fatos que eles supunham já serem bem conhecidos. Numa narrativa, talvez, que estão contando, eles tomam como certo que ela é bem conhecida de todos a quem se dirigem. Surge assim uma grande

dificuldade, mal conhecemos o verdadeiro significado de qualquer uma destas histórias, porque as tradições quase desapareceram e o pouco que resta delas foi muito exagerado. Muitas novas interpretações foram colocadas sobre eles, de modo que quando você os encontra nos Purânas eles já se tornaram poemas líricos. Tal como no Ocidente, encontramos este facto proeminente no desenvolvimento político das raças ocidentais: elas não conseguem suportar o domínio absoluto, estão sempre a tentar impedir que qualquer homem as governe e estão gradualmente a avançar para ideias democráticas cada vez mais elevadas. , ideias cada vez mais elevadas de liberdade física, então, na metafísica indiana, exatamente o mesmo fenómeno aparece no desenvolvimento da vida espiritual. A multiplicidade de deuses deu lugar a um Deus do universo, e nos Upanishads há uma rebelião até mesmo contra esse Deus único. Não só era insuportável a ideia de muitos governantes do universo governando seus destinos, mas também era intolerável que houvesse uma pessoa governando este universo. Esta é a primeira coisa que nos impressiona. A ideia cresce e cresce, até atingir o seu clímax. Em quase todos os Upanishads, encontramos o clímax chegando no final, e esse é o destronamento deste Deus do universo. A personalidade de Deus desaparece, a impessoalidade surge. Deus não é mais uma pessoa, não é mais um ser humano, por mais magnificado e exagerado que seja, que governa este universo, mas Ele se tornou um princípio corporificado em cada ser, imanente em todo o universo. Seria ilógico passar do Deus Pessoal ao Impessoal e, ao mesmo tempo, deixar o homem como pessoa. Assim, o homem pessoal é destruído e o homem como princípio é construído. A pessoa é apenas um fenómeno, o princípio está por trás dela. Assim, de ambos os lados, simultaneamente, encontramos a quebra de personalidades e a abordagem aos princípios, o Deus Pessoal aproximando-se do Impessoal, o homem pessoal aproximando-se do Homem Impessoal. Depois vêm os estágios sucessivos da convergência gradual das duas linhas avançadas do Deus Impessoal e do Homem Impessoal. E os Upanishads incorporam os estágios através dos quais essas duas linhas finalmente se tornam uma, e a última palavra de cada Upanishad é: “Tu és Isso”. Existe apenas Um Princípio Eternamente Bem-aventurado, e esse Princípio está se manifestando como toda esta variedade.

Depois vieram os filósofos. O trabalho dos Upanishads parece ter terminado nesse ponto; o próximo foi assumido pelos filósofos. A estrutura lhes foi

dada pelos Upanishads, e eles tiveram que preencher os detalhes. Então, muitas questões surgiriam naturalmente. Tomando como certo que existe apenas Um Princípio Impessoal que se manifesta em todas essas múltiplas formas, como é que o Um se torna muitos? É outra maneira de colocar a mesma velha questão que, em sua forma grosseira, chega ao coração humano como a investigação da causa do mal e assim por diante. Por que existe o mal no mundo e qual é a sua causa? Mas a mesma questão tornou-se agora refinada, abstraída. Já não se pergunta a partir da plataforma dos sentidos por que somos infelizes, mas a partir da plataforma da filosofia. Como é que este Princípio Único se torna múltiplo? E a resposta, como vimos, a melhor resposta que a Índia produziu é a teoria de Maya, que diz que Ela realmente não se tornou múltipla, que realmente não perdeu nada da Sua verdadeira natureza. A diversidade é apenas aparente. O homem é apenas aparentemente uma pessoa, mas na realidade ele é o Ser Impessoal. Deus é uma pessoa apenas aparentemente, mas na verdade Ele é o Ser Impessoal.

Mesmo nesta resposta houve fases sucessivas e os filósofos variaram nas suas opiniões. Todos os filósofos indianos não admitiram esta teoria maia. Possivelmente a maioria deles não o fez. Existem dualistas, com uma espécie de dualismo grosseiro, que não permitiram que a pergunta fosse feita, mas a sufocaram logo no seu nascimento. Eles disseram: "Você não tem o direito de fazer tal pergunta, você não tem o direito de pedir uma explicação; é simplesmente a vontade de Deus, e temos que nos submeter a ela silenciosamente. Não há liberdade para a alma humana. Tudo está predestinado – o que faremos, teremos, desfrutaremos e sofreremos e quando o sofrimento chegar, é nosso dever suportá-lo pacientemente, seremos ainda mais punidos; os Vedas dizem isso." E assim eles têm seus textos e seus significados e querem aplicá-los.

Há outros que, embora não admitam a teoria maia, ficam no meio do caminho. Dizem que toda esta criação forma, por assim dizer, o corpo de Deus. Deus é a Alma de todas as almas e de toda a natureza. No caso das almas individuais, a contração vem das más ações. Quando um homem faz algo mau, sua alma começa a se contrair e seu poder diminui e vai diminuindo, até que ele faça boas obras, quando se expande novamente. Uma ideia parece ser comum em todos os sistemas indianos, e creio que em

todos os sistemas do mundo, quer eles saibam disso ou não, e é isso que eu deveria chamar de divindade do homem. Não existe um sistema no mundo, nenhuma religião real, que não defenda a ideia de que a alma humana, seja ela qual for, ou qualquer que seja a sua relação com Deus, é essencialmente pura e perfeita, quer seja expressa na linguagem da mitologia, da alegoria ou filosofia. Sua verdadeira natureza é a bem-aventurança e o poder, não a fraqueza e a miséria. De uma forma ou de outra, essa miséria chegou. Os sistemas rudimentares podem chamá-lo de mal personificado, de demônio ou de Ahriman, para explicar como surgiu essa miséria. Outros sistemas podem tentar transformar um Deus e um diabo num só, o que torna algumas pessoas infelizes e outras felizes, sem qualquer razão. Outros ainda, mais ponderados, trazem a teoria de Maya e assim por diante. Mas um facto destaca-se claramente e é com ele que temos de lidar. Afinal de contas, estas ideias e sistemas filosóficos são apenas ginástica da mente, exercícios intelectuais. A única grande ideia que me parece clara, e que surge através de massas de superstições em todos os países e em todas as religiões, é a única ideia luminosa de que o homem é divino, de que a divindade é a nossa natureza.

Qualquer outra coisa que venha é uma mera sobreposição, como o Vedanta chama. Algo foi sobreposto, mas essa natureza divina nunca morre. Tanto nos mais degradados como nos mais santos, está sempre presente. Tem que ser chamado e tudo se resolverá. Temos que perguntar. e isso se manifestará. As pessoas de antigamente sabiam que o fogo vivia na pederneira e na madeira seca, mas era necessária a fricção para apagá-lo. Portanto, este fogo de liberdade e pureza é a natureza de cada alma, e não uma qualidade, porque as qualidades podem ser adquiridas e, portanto, podem ser perdidas. A alma é uma com a Liberdade, e a alma é uma com a Existência, e a alma é uma com o Conhecimento. O Sat-Chit-Ânanda – Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta – é a natureza, o direito inato da Alma, e todas as manifestações que vemos são Suas expressões, manifestando-se de maneira obscura ou brilhante. Até a morte é apenas uma manifestação dessa Existência Real. Nascimento e morte, vida e decadência, degeneração e regeneração – são todas manifestações dessa Unidade. Assim, o conhecimento, seja como for que se manifeste, seja como ignorância ou como aprendizagem, é apenas a manifestação desse mesmo Chit, a essência do conhecimento; a diferença é apenas de grau e

não de espécie. A diferença de conhecimento entre o verme mais inferior que rasteja sob nossos pés e o gênio mais elevado que o mundo pode produzir é apenas de grau, e não de espécie. O pensador vedantino diz corajosamente que os prazeres desta vida, mesmo as alegrias mais degradadas, são apenas manifestações daquela Única Bem-aventurança Divina, a Essência da Alma.

Esta ideia parece ser a mais proeminente no Vedanta e, como já disse, parece-me que todas as religiões a defendem. Ainda não conheço a religião que não conhece. É a única ideia universal que funciona em todas as religiões. Veja a Bíblia, por exemplo. Você encontra aí a afirmação alegórica de que o primeiro homem, Adão, era puro e que sua pureza foi posteriormente obliterada por suas más ações. Fica claro nesta alegoria que eles pensavam que a natureza do homem primitivo era perfeita. As impurezas que vemos, as fraquezas que sentimos, são apenas sobreposições a essa natureza, e a história subsequente da religião cristã mostra que eles também acreditam na possibilidade, ou melhor, na certeza de recuperar esse antigo estado. Esta é toda a história da Bíblia, Antigo e Novo Testamento juntos. O mesmo aconteceu com os maometanos: eles também acreditavam em Adão e na pureza de Adão, e através de Maomé foi aberto o caminho para recuperar esse estado perdido. O mesmo acontece com os budistas: eles acreditam no estado chamado Nirvana, que está além deste mundo relativo. É exatamente o mesmo que o Brahman dos Vedantinos, e todo o sistema dos Budistas é baseado na ideia de recuperar esse estado perdido de Nirvana. Em todos os sistemas encontramos esta doutrina presente, de que você não pode obter nada que já não seja seu. Você não está em dívida com ninguém neste universo. Você reivindica seu próprio direito de nascença, como foi expresso de forma muito poética por um grande filósofo vedantino, no título de um de seus livros – “A conquista de nosso próprio império”. Esse império é nosso; nós o perdemos e temos que recuperá-lo. O Mâyâvâdin, porém, diz que esta perda do império foi uma alucinação; você nunca o perdeu. Esta é a única diferença.

Embora todos os sistemas concordem até agora que tínhamos o império e que o perdemos, eles dão-nos conselhos variados sobre como recuperá-lo. Uma diz que é preciso realizar certas cerimônias, pagar certas quantias de dinheiro a certos ídolos, comer certos tipos de comida, viver de uma

maneira peculiar para reconquistar esse império. Outro diz que se vocês chorarem, se prostrarem e pedirem perdão a algum Ser além da natureza, vocês recuperarão esse império. Novamente, outro diz que se você amar tal Ser de todo o coração, você recuperará esse império. Todos esses conselhos variados estão nos Upanishads. À medida que prossigo, você descobrirá que é assim. Mas o último e maior conselho é que você não precisa chorar. Você não precisa passar por todas essas cerimônias e não precisa se preocupar em como recuperar seu império, porque você nunca o perdeu. Por que você deveria procurar o que nunca perdeu? Você já é puro, você já é livre. Se você pensa que é livre, livre você é neste momento, e se você pensa que está preso, você estará preso. Esta é uma afirmação muito ousada e, como lhe disse no início deste curso, terei que falar com você com muita ousadia. Isso pode assustá-lo agora, mas quando você pensar sobre isso e perceber isso em sua própria vida, você saberá que o que eu digo é verdade. Pois, supondo que a liberdade não seja a sua natureza, de forma alguma você poderá se tornar livre. Suponhamos que você fosse livre e de alguma forma perdesse essa liberdade, isso mostra que, para começar, você não era livre. Se você estivesse livre, o que poderia ter feito você perdê-lo? O independente nunca pode tornar-se dependente; se for realmente dependente, a sua independência foi uma alucinação.

Dos dois lados, então, qual você escolherá? Se você disser que a alma era por sua própria natureza pura e livre, segue-se naturalmente que não havia nada neste universo que pudesse torná-la vinculada ou limitada. Mas se houvesse algo na natureza que pudesse prender a alma, segue-se naturalmente que não era livre, e a sua afirmação de que era livre é uma ilusão. Portanto, se for possível alcançarmos a liberdade, a conclusão é inevitável de que a alma é, por natureza, livre. Não pode ser de outra forma. Liberdade significa independência de qualquer coisa externa, e isso significa que nada fora dela poderia funcionar como uma causa. A alma não tem causa, e daí decorrem todas as grandes ideias que temos. Você não pode estabelecer a imortalidade da alma, a menos que você conceda que ela é por natureza livre, ou em outras palavras, que ela não pode ser influenciada por nada externo. Pois a morte é um efeito produzido por alguma causa externa. Bebo veneno e morro, mostrando assim que meu corpo pode sofrer a ação de algo externo chamado veneno. Mas se é verdade que a alma é livre, segue-se naturalmente que nada pode afetá-la e ela nunca pode morrer.

Liberdade, imortalidade, bem-aventurança, tudo depende de a alma estar além da lei da causalidade, além deste Maya. Desses dois qual você vai levar? Faça do primeiro uma ilusão ou faça do segundo uma ilusão. Certamente farei do segundo uma ilusão. Está mais em consonância com todos os meus sentimentos e aspirações. Estou perfeitamente consciente de que sou livre por natureza e não admitirei que esta escravidão seja verdadeira e que a minha liberdade seja uma ilusão.

Essa discussão ocorre em todas as filosofias, de uma forma ou de outra. Mesmo nas filosofias mais modernas você encontra a mesma discussão surgindo. Existem dois partidos. Diz-se que não existe alma, que a ideia de alma é uma ilusão produzida pelo trânsito repetido de partículas ou matéria, provocando a combinação que vocês chamam de corpo ou cérebro; que a impressão de liberdade é o resultado das vibrações e movimentos e do trânsito contínuo dessas partículas. Havia seitas budistas que defendiam a mesma opinião e ilustravam-na com este exemplo: Se os jovens pegarem numa tocha e a rodarem rapidamente, haverá um círculo de luz. Esse círculo realmente não existe, porque a tocha muda de lugar a cada momento. Somos apenas feixes de pequenas partículas que, em seu rápido giro, produzem a ilusão de uma alma permanente. A outra parte afirma que na rápida sucessão de pensamentos, a matéria ocorre como uma ilusão e não existe realmente. Assim, vemos um lado afirmando que o espírito é uma ilusão e o outro, que a matéria é uma ilusão. De que lado você ficará? É claro que pegaremos o espírito e negaremos a matéria. Os argumentos são semelhantes para ambos, apenas do lado espírita o argumento é um pouco mais forte. Pois ninguém jamais viu o que é a matéria. Só podemos sentir a nós mesmos. Nunca conheci um homem que pudesse sentir a importância fora de si mesmo. Ninguém jamais foi capaz de saltar fora de si mesmo. Portanto o argumento é um pouco mais forte do lado do espírito. Em segundo lugar, a teoria espírita explica o universo, enquanto o materialismo não. Portanto, a explicação materialista é ilógica. Se você resumir todas as filosofias e analisá-las, descobrirá que elas são reduzidas a uma só; ou a outra dessas duas posições. Portanto, também aqui, de uma forma mais complexa, de uma forma mais filosófica, encontramos a mesma questão sobre a pureza natural e a liberdade. Um lado diz que o primeiro é uma ilusão, e o outro, que o segundo é uma ilusão. E, claro, apoiamos a segunda, ao acreditar que a nossa escravidão é uma ilusão.

A solução do Vedanta é que não estamos presos, já somos livres. Não só isso, mas dizer ou pensar que estamos vinculados é perigoso – é um erro, é auto-hipnotismo. Assim que você disser: “Estou preso”, “Estou fraco”, “Estou desamparado”, aí de você; você rebita mais uma corrente em si mesmo. Não diga isso, não pense isso. Eu ouvi falar de um homem que vivia numa floresta e costumava repetir dia e noite, “Shivoham” – Eu sou o Abençoado – e um dia um tigre caiu sobre ele e o arrastou para matá-lo; as pessoas do outro lado do rio viram e ouviram a voz enquanto a voz permaneceu nele, dizendo: "Shivoham" - até mesmo nas próprias mandíbulas do tigre. Houve muitos homens assim. Houve casos de homens que, ao serem despedaçados, abençoaram seus inimigos. "Eu sou Ele, eu sou Ele; e você também. Eu sou puro e perfeito e todos os meus inimigos também. Você é Ele, e eu também." Isto é - a posição de força. No entanto, existem coisas grandes e maravilhosas nas religiões dos dualistas; maravilhosa é a ideia do Deus Pessoal separado da natureza, a quem adoramos e amamos. Às vezes, essa ideia é muito reconfortante. Mas, diz o Vedanta, o calmante é algo parecido com o efeito que vem de um opiáceo, e não natural. A longo prazo, traz fraqueza, e o que este mundo deseja hoje, mais do que nunca, é força. É a fraqueza, diz o Vedanta, a causa de toda miséria neste mundo. A fraqueza é a única causa do sofrimento. Tornamo-nos infelizes porque somos fracos. Mentimos, roubamos, matamos e cometemos outros crimes porque somos fracos. Sofremos porque somos fracos. Morremos porque somos fracos. Onde não há nada que nos enfraqueça, não há morte nem tristeza. Somos miseráveis por causa da ilusão. Desista da ilusão e tudo desaparecerá. É claro e simples, de fato. Através de todas essas discussões filosóficas e de uma tremenda ginástica mental chegamos a esta ideia religiosa, a mais simples do mundo.

O Vedanta monista é a forma mais simples na qual você pode expressar a verdade. Ensinar o dualismo foi um tremendo erro cometido na Índia e em outros lugares, porque as pessoas não olhavam para os princípios fundamentais, mas apenas pensavam no processo que é realmente muito complexo. Para muitos, estas tremendas proposições filosóficas e lógicas eram alarmantes. Eles pensavam que essas coisas não poderiam ser universalizadas, não poderiam ser seguidas na vida prática cotidiana e que sob o pretexto de tal filosofia surgiria muita negligência na vida.

Mas não acredito de forma alguma que as ideias monistas pregadas ao mundo produzam imoralidade e fraqueza. Pelo contrário, tenho razões para acreditar que é o único remédio que existe. Se isso for verdade, por que deixar as pessoas beberem água de esgoto quando a corrente da vida está fluindo? Se esta é a verdade, que todos eles são puros, por que não neste momento ensiná-lo ao mundo inteiro? Por que não ensiná-lo com a voz do trovão a todo homem que nasce, aos santos e pecadores, homens, mulheres e crianças, ao homem no trono e ao homem que varre as ruas?

Parece agora um empreendimento muito grande e grandioso; para muitos parece muito surpreendente, mas isso se deve à superstição e nada mais. Ao comermos todo tipo de comida ruim e indigesta, ou ao passarmos fome, somos incompetentes para comer uma boa refeição. Ouvimos palavras de fraqueza desde a nossa infância. Você ouve as pessoas dizerem que não acreditam em fantasmas, mas, ao mesmo tempo, há muito poucos que não têm uma sensação assustadora no escuro. É simplesmente superstição. Assim, com todas as superstições religiosas, há pessoas neste país que, se eu lhes disser que o diabo não existe, pensarão que toda a religião desapareceu. Muitas pessoas me disseram: como pode haver religião sem demônio? Como pode haver religião sem alguém para nos dirigir? Como podemos viver sem ser governados por alguém? Gostamos de ser assim tratados, porque nos acostumamos. Não ficamos felizes até sentirmos que fomos repreendidos por alguém todos os dias. A mesma superstição! Mas por mais terrível que possa parecer agora, chegará o tempo em que olharemos para trás, cada um de nós, e sorriremos para cada uma daquelas superstições que cobriam a alma pura e eterna, e repetiremos com alegria, com verdade e com força. , sou livre, fui livre e sempre serei livre. Esta ideia monista surgirá do Vedanta e é a única ideia que merece viver. As escrituras podem perecer amanhã. Quer esta ideia tenha surgido pela primeira vez nos cérebros dos hebreus ou das pessoas que vivem nas regiões árticas, ninguém se importa. Pois esta é a verdade e a verdade é eterna; e a própria verdade ensina que não é propriedade especial de nenhum indivíduo ou nação. Homens, animais e deuses são todos recipientes comuns desta verdade única. Deixe que todos recebam. Por que tornar a vida miserável? Por que deixar as pessoas caírem em todo tipo de superstição? Darei dez mil vidas, se vinte deles desistirem de suas superstições. Não apenas neste país, mas na terra onde ele nasceu, se você

contar essa verdade às pessoas, elas ficarão assustadas. Eles dizem: "Esta ideia é para os Sannyasins que desistem do mundo e vivem nas florestas; para eles está tudo bem. Mas para nós, pobres chefes de família, todos devemos ter algum tipo de medo, devemos ter cerimônias", e assim por diante. .

As ideias dualistas governaram o mundo durante bastante tempo e este é o resultado. Por que não fazer um novo experimento? Pode levar séculos para que todas as mentes recebam o monismo, mas por que não começar agora? Se contamos isso para vinte pessoas em nossas vidas, fizemos um ótimo trabalho.

Há uma ideia que muitas vezes milita contra ela. É isto. É muito bom dizer: "Eu sou o Puro, o Abençoado", mas não posso demonstrar isso sempre em minha vida. Isso é verdade; o ideal é sempre muito difícil. Toda criança que nasce vê o céu muito distante, mas será que há alguma razão pela qual não devemos olhar para o céu? Resolveria a situação avançar para a superstição? Se não conseguirmos obter néctar, seria melhor bebermos veneno? Seria de alguma ajuda para nós, porque não podemos compreender a verdade imediatamente, entrar nas trevas e ceder à fraqueza e à superstição?

Não tenho qualquer objecção ao dualismo em muitas das suas formas. Gosto da maioria deles, mas tenho objeções a toda forma de ensino que inculque fraqueza. Esta é a pergunta que faço a todo homem, mulher ou criança, quando estão em treinamento físico, mental ou espiritual. Você é forte? Você sente força? – pois sei que só a verdade dá força. Sei que só a verdade dá vida, e nada além de ir em direção à realidade nos tornará fortes, e ninguém alcançará a verdade até que seja forte. Todo sistema, portanto, que enfraquece a mente, torna alguém supersticioso, faz alguém ficar deprimido, faz alguém desejar todos os tipos de impossibilidades, mistérios e superstições selvagens, eu não gosto, porque seu efeito é perigoso. Tais sistemas nunca trazem nenhum bem; tais coisas criam morbidez na mente, tornam-na fraca, tão fraca que com o passar do tempo será quase impossível receber a verdade ou viver de acordo com ela. Força, portanto, é a única coisa necessária. A força é o remédio para as doenças do mundo. A força é o remédio que os pobres devem ter quando tiranizados pelos ricos. A força

é o remédio que o ignorante deve ter quando oprimido pelos eruditos; e é o remédio que os pecadores devem ter quando tiranizados por outros pecadores; e nada dá tanta força como esta ideia de monismo. Nada nos torna tão morais como esta ideia de monismo. Nada nos faz trabalhar tão bem, da melhor maneira possível, como quando toda a responsabilidade é atribuída a nós mesmos. Eu desafio todos vocês. Como você se comportará se eu colocar um bebezinho em seus braços? Toda a sua vida mudará naquele momento; seja o que for, você deve se tornar altruísta por enquanto. Você desistirá de todas as suas ideias criminosas assim que a responsabilidade for lançada sobre você – todo o seu caráter mudará. Portanto, se toda a responsabilidade for lançada sobre nossos próprios ombros, estaremos no nosso melhor e mais elevado nível; quando não temos ninguém a quem procurar, nenhum diabo em quem colocar a culpa, nenhum Deus pessoal para carregar nossos fardos, quando somos os únicos responsáveis, então nos elevaremos ao nosso melhor e mais elevado. Sou responsável pelo meu destino, sou o portador do bem para mim mesmo, sou o portador do mal. Eu sou o Puro e Abençoado. Devemos rejeitar todos os pensamentos que afirmam o contrário. "Não tenho morte nem medo, não tenho casta nem credo, não tenho pai nem mãe nem irmão, nem amigo nem inimigo, pois sou Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta; sou o Bem-aventurado, sou o Bem-aventurado Primeiro, não estou preso nem pela virtude nem pelo vício, nem pela felicidade nem pela miséria. As peregrinações, os livros e os cerimoniais nunca podem me prender. Não tenho fome nem sede; venha para o corpo, eu sou Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta; eu sou o Bem-aventurado, eu sou o Bem-aventurado."

Esta, diz o Vedanta, é a única oração que devemos fazer. Esta é a única maneira de alcançar a meta, de dizer a nós mesmos e a todos os outros que somos divinos. E à medida que repetimos isso, a força vem. Aquele que inicialmente vacila ficará cada vez mais forte, e a voz aumentará de volume até que a verdade tome posse de nossos corações, percorra nossas veias e permeie nossos corpos. A ilusão desaparecerá à medida que a luz se tornar cada vez mais refulgente, carga após carga de ignorância desaparecerá e então chegará um momento em que tudo o mais desaparecerá e somente o Sol brilhará.

2.5.11A CAPÍTULO 11A: O COSMOS

O MACROCOSMO

(Entregue em Nova York, 19 de janeiro de 1896)

As flores que vemos ao nosso redor são lindas, lindo é o nascer do sol da manhã, lindos são os matizes variados da natureza. Todo o universo é lindo, e o homem tem desfrutado disso desde seu aparecimento na Terra. Sublimes e inspiradoras são as montanhas; os gigantescos rios caudalosos que rolam em direção ao mar, os desertos sem trilhas, o oceano infinito, os céus estrelados - tudo isso é realmente inspirador, sublime e belo. Toda a massa de existência que chamamos de natureza atua na mente humana desde tempos imemoriais. Tem atuado sobre o pensamento do homem e, como reação, surge a pergunta: o que são isso, de onde vêm? Já na época da porção mais antiga da mais antiga composição humana, os Vedas, encontramos a mesma pergunta feita: "De onde é isso? Quando não havia nada nem nada, e a escuridão estava escondida na escuridão, quem projetou isso? universo? Como? Quem sabe o segredo?" E a questão chegou até nós no momento. Milhões de tentativas foram feitas para respondê-la, mas milhões de vezes ela terá que ser respondida novamente. Não é que cada resposta tenha sido um fracasso; cada resposta a esta pergunta continha uma parte da verdade, e esta verdade ganha força à medida que o tempo passa. Tentarei apresentar-lhes o esboço da resposta que obtive dos antigos filósofos da Índia; em harmonia com o conhecimento moderno.

Verificamos que nesta questão mais antiga alguns pontos já foram resolvidos. A primeira é que houve um tempo em que “não havia nada nem nada”, quando este mundo não existia; nossa mãe terra com os mares e oceanos, os rios e as montanhas, as cidades e as aldeias, as raças humanas, os animais, as plantas, os pássaros, os planetas e os luminares, toda essa infinita variedade de criação, não existiam. Temos certeza disso? Tentaremos rastrear como se chega a essa conclusão. O que o homem vê ao seu redor? Pegue uma plantinha. Ele coloca uma semente no solo e, mais tarde, encontra uma planta aparecendo, levantando-se lentamente acima do solo e crescendo e crescendo, até se tornar uma árvore gigantesca. Depois morre, deixando apenas a semente. Ela completa o círculo – sai da semente, torna-se a árvore e termina na semente novamente. Veja um pássaro, como

do ovo ele brota, vive sua vida e depois morre, deixando outros ovos, sementes de futuros pássaros. O mesmo acontece com os animais e com o homem. Tudo na natureza começa, por assim dizer, a partir de certas sementes, certos rudimentos, certas formas sutis, e torna-se cada vez mais grosseiro, e se desenvolve, continuando assim por um certo tempo, e então novamente volta àquela forma sutil, e desaparece. . A gota de chuva em que brinca o lindo raio de sol foi desenhada na forma de vapor do oceano, foi para longe no ar e atingiu uma região onde se transformou em água e caiu na sua forma atual - para ser convertida em vapor de novo. O mesmo acontece com tudo na natureza que nos rodeia. Sabemos que as enormes montanhas estão a ser trabalhadas pelos glaciares e pelos rios, que lenta mas seguramente as trituram e as transformam em areia, que se arrasta para o oceano onde se deposita no seu leito, camada após camada, tornando-se dura como rochas. , mais uma vez para serem amontoados nas montanhas de uma geração futura. Novamente eles serão triturados e pulverizados, e assim o curso continua. Da areia erguem-se estas montanhas; até a areia eles vão.

Se for verdade que a natureza é totalmente uniforme, se for verdade, e até agora nenhuma experiência humana o contradisse, que o mesmo método pelo qual um pequeno grão de areia é criado funciona na criação de sóis e estrelas gigantescos e tudo isso universo, se for verdade que todo este universo é construído exatamente no mesmo plano que o átomo, se for verdade que a mesma lei prevalece em todo o universo, então, como foi dito nos Vedas, "Conhecendo um pedaço de barro conhecemos a natureza de todo o barro que existe no universo." Pegue uma plantinha e estude sua vida, e conheceremos o universo como ele é. Se conhecermos um grão de areia, compreenderemos o segredo de todo o universo. Aplicando este raciocínio aos fenômenos, descobrimos, em primeiro lugar, que tudo é quase semelhante no início e no fim. A montanha sai da areia e volta para a areia; o rio sai do vapor e volta a ser vapor; a vida vegetal vem da semente e volta para a semente; a vida humana sai dos germes humanos e volta aos germes humanos. O universo com as suas estrelas e planetas saiu de um estado nebuloso e deve voltar a ele. O que aprendemos com isso? Que o estado manifestado ou mais grosseiro é o efeito, e o estado mais sutil é a causa. Há milhares de anos, foi demonstrado por Kapila, o grande pai de toda filosofia, que destruição significa voltar à causa. Se esta mesa aqui for

destruída, ela retornará à sua causa, àquelas finas formas e partículas que, combinadas, formaram esta forma que chamamos de mesa. Se um homem morrer, ele retornará aos elementos que lhe deram o corpo; se esta terra morrer, ela retornará aos elementos que lhe deram forma. Isto é o que se chama destruição, voltar à causa. Portanto aprendemos que o efeito é igual à causa, e não diferente. É apenas em outra forma. Este copo é um efeito, e teve a sua causa, e esta causa está presente nesta forma. Uma certa quantidade do material chamado vidro mais a força nas mãos do fabricante são as causas, o instrumental e o material que, combinados, produziram essa forma chamada vidro. A força que estava nas mãos do fabricante está presente no vidro como o poder de adesão, sem o qual as partículas se desfariam; e o material de vidro também está presente. O vidro é apenas uma manifestação dessas causas sutis em uma nova forma, e se for quebrado em pedaços, a força que estava presente na forma de adesão retornará e se unirá ao seu próprio elemento, e as partículas de vidro permanecerão o mesmo. iguais até assumirem novas formas.

Assim descobrimos que o efeito nunca é diferente da causa. Acontece apenas que este efeito é uma reprodução da causa numa forma mais grosseira. A seguir, aprendemos que todas essas formas particulares que chamamos de plantas, animais ou homens estão sendo repetidas ad infinitum, subindo e descendo. A semente produz a árvore. A árvore produz a semente, que novamente surge como outra árvore, e assim por diante; Não há fim para isso. Gotas de água rolam pelas montanhas até o oceano, e sobem novamente como vapor, voltam para as montanhas e descem novamente para o oceano. Assim, subindo e descendo, o ciclo continua. O mesmo acontece com todas as vidas, com toda a existência que podemos ver, sentir, ouvir ou imaginar. Tudo o que está dentro dos limites do nosso conhecimento procede da mesma maneira, como inspirar e expirar no corpo humano. Tudo na criação ocorre desta forma, uma onda subindo, outra caindo, subindo novamente, caindo novamente. Cada onda tem o seu buraco, cada buraco tem a sua onda. A mesma lei deve aplicar-se ao universo tomado como um todo, devido à sua uniformidade. Este universo deve ser resolvido em suas causas; o sol, a lua, as estrelas e a terra, o corpo e a mente, e tudo neste universo devem retornar às suas causas mais sutis, desaparecer, ser destruídos, por assim dizer. Mas eles viverão nas causas

como formas sutis. Dessas formas sutis, eles emergirão novamente como novas terras, sóis, luas e estrelas.

Há mais um fato a ser aprendido sobre essa ascensão e queda. A semente sai da árvore; ela não se torna imediatamente uma árvore, mas passa por um período de inatividade, ou melhor, um período de ação muito sutil e não manifestada. A semente tem que trabalhar por algum tempo abaixo do solo. Ele se quebra em pedaços, degenera, por assim dizer, e a regeneração surge dessa degeneração. No início, todo este universo tem que funcionar da mesma forma durante um período naquela forma diminuta, invisível e não manifestada, que é chamada de caos, e; disso surge uma nova projeção. Todo o período de uma manifestação deste universo – sua descida para a forma mais sutil, permanecendo lá por algum tempo e saindo novamente – é, em sânscrito, chamado de Kalpa ou Ciclo. A seguir vem uma questão muito importante especialmente para os modernos; vezes. Vemos que as formas mais sutis se desenvolvem lenta e lentamente e gradualmente se tornam cada vez mais grosseiras. Vimos que a causa é igual ao efeito, e o efeito é apenas a causa sob outra forma. Portanto, todo este universo não pode ser produzido do nada. Nada vem sem causa, e a causa é o efeito em outra forma.

Do que foi então produzido este universo? De um universo sutil anterior. Do que foram produzidos os homens? A forma fina anterior. Do que a árvore foi produzida? Fora da semente; toda a árvore estava ali na semente. Ele sai e se torna manifesto. Então, todo este universo foi criado a partir deste mesmo universo que existe em uma forma diminuta. Foi manifestado agora. Ele retornará àquela forma diminuta e novamente se manifestará. Agora descobrimos que as formas sutis saem lentamente e tornam-se cada vez mais grosseiras até atingirem o seu limite, e quando atingem o seu limite, voltam cada vez mais para trás, tornando-se cada vez mais refinadas. Este sair do sutil e tornar-se grosseiro, simplesmente mudando a disposição de suas partes, por assim dizer, é o que nos tempos modernos chamamos de evolução. Isto é verdade, perfeitamente verdade; vemos isso em nossas vidas. Nenhum homem racional pode discutir com estes evolucionistas. Mas temos que aprender mais uma coisa. Temos que dar um passo adiante, e o que é isso? Que toda evolução é precedida por uma involução. A semente é o pai da árvore, mas outra árvore foi ela mesma o pai da semente.

A semente é a bela forma da qual surge a grande árvore, e outra grande árvore era a forma envolvida naquela semente. Todo este universo estava presente no universo cósmico sutil. A pequena célula, que depois se torna o homem, era simplesmente o homem envolvido e evoluiu como homem. Se isto estiver claro, não temos qualquer discórdia com os evolucionistas, pois vemos que se eles admitirem este passo, em vez de destruírem a religião, serão os maiores apoiantes dela.

Vemos então que nada pode ser criado do nada. Tudo existe por toda a eternidade e existirá por toda a eternidade. Somente o movimento ocorre em ondas e cavidades sucessivas, retornando às formas sutis e saindo para manifestações grosseiras. Essa involução e evolução ocorrem em toda a natureza. Toda a série de evolução, começando com a manifestação mais inferior da vida e alcançando o homem mais elevado e mais perfeito, deve ter sido a involução de outra coisa. A questão é: a involução de quê? O que estava envolvido? Deus. O evolucionista lhe dirá que a sua ideia de que era Deus está errada. Por que? Porque você vê que Deus é inteligente, mas descobrimos que a inteligência se desenvolve muito mais tarde no curso da evolução. É no homem e nos animais superiores que encontramos inteligência, mas milhões de anos se passaram neste mundo antes que esta inteligência surgisse. Esta objecção dos evolucionistas não se sustenta, como veremos ao aplicar a nossa teoria. A árvore sai da semente, volta para a semente; o começo e o fim são iguais. A terra sai de sua causa e retorna a ela. Sabemos que se pudermos encontrar o começo, poderemos encontrar o fim. E converso, se encontrarmos o fim, poderemos encontrar o começo. Se for assim, tomemos toda esta série evolutiva, desde o protoplasma numa extremidade até ao homem perfeito na outra, e toda esta série é uma vida. No final encontramos o homem perfeito, então no começo deve ter sido igual. Portanto, o protoplasma era a involução da inteligência superior. Você pode não perceber, mas essa inteligência envolvida é o que está se desenrolando até se manifestar no homem mais perfeito. Isso pode ser demonstrado matematicamente. Se a lei da conservação da energia for verdadeira, você não pode tirar nada de uma máquina a menos que primeiro a coloque nela. A quantidade de trabalho que você obtém de um motor é exatamente a mesma que você investiu nele na forma de água e carvão, nem mais nem menos. O trabalho que estou fazendo agora é exatamente o que coloco em mim, na forma de ar, comida e outras coisas. É apenas uma

questão de mudança e manifestação. Não pode ser acrescentada à economia deste universo uma partícula de matéria ou um quilo de força, nem pode ser retirada uma partícula de matéria ou um quilo de força. Se for esse o caso, o que é essa inteligência? Se não estava presente no protoplasma, deve ter surgido de repente, algo saído do nada, o que é um absurdo. Segue-se, portanto, absolutamente que o homem perfeito, o homem livre, o Deus-homem, que foi além das leis da natureza e transcendeu tudo, que não precisa mais passar por esse processo de evolução, através do nascimento e da morte, aquele homem chamado de "homem-Cristo" pelos cristãos, e de "homem-Buda" pelos budistas, e de "Livre" pelos iogues - aquele homem perfeito que está em uma extremidade da cadeia da evolução estava envolvido na célula do protoplasma, que está na outra extremidade da mesma cadeia.

Aplicando a mesma razão a todo o universo, vemos que a inteligência deve ser o Senhor da criação, a causa. Qual é a noção mais evoluída que o homem tem deste universo? É a inteligência, o ajuste de parte a parte, a demonstração de inteligência, da qual a antiga teoria do design foi uma tentativa de expressão. O começo foi, portanto, a inteligência. No início, essa inteligência se envolve e, no final, essa inteligência evolui. A soma total da inteligência exibida no universo deve, portanto, ser a inteligência universal envolvida que se desenvolve. Essa inteligência universal é o que chamamos de Deus. Chame-o por qualquer outro nome, é absolutamente certo que no início existe essa Inteligência Cósmica Infinita. Essa inteligência cósmica se envolve, e se manifesta, evolui, até se tornar o homem perfeito, o “homem-Cristo”, o “homem-Buda”. Então ele volta para sua própria fonte. É por isso que todas as escrituras dizem: “Nele vivemos, nos movemos e existimos”. É por isso que todas as escrituras pregam que viemos de Deus e voltamos para Deus. Não se assuste com termos teológicos; se os termos o assustam, você não está apto para ser filósofo. Esta inteligência cósmica é o que os teólogos chamam de Deus.

Já me perguntaram muitas vezes: “Por que você usa essa palavra antiga, Deus?” Porque é a melhor palavra para o nosso propósito; você não pode encontrar uma palavra melhor do que essa, porque todas as esperanças, aspirações e felicidade da humanidade estão centradas nessa palavra. É impossível agora mudar a palavra. Palavras como estas foram cunhadas

pela primeira vez por grandes santos que perceberam a sua importância e compreenderam o seu significado. Mas à medida que se tornam correntes na sociedade, as pessoas ignorantes aceitam estas palavras, e o resultado é que perdem o seu espírito e glória. A palavra Deus tem sido usada desde tempos imemoriais, e a ideia desta inteligência cósmica, e de tudo o que é grande e sagrado, está associada a ela. Você quer dizer que porque algum tolo diz que não está tudo bem, devemos jogá-lo fora? Outro homem pode chegar e dizer: “Acredite na minha palavra”, e outro ainda: “Acredite na minha palavra”. Portanto, não haverá fim para palavras tolas. Use a palavra antiga, use-a apenas com o verdadeiro espírito, limpe-a da superstição e perceba plenamente o que esta grande palavra antiga significa. Se você compreender o poder das leis de associação, saberá que essas palavras estão associadas a inúmeras ideias majestosas e poderosas; eles têm sido usados e adorados por milhões de almas humanas e associados por elas a tudo o que há de mais elevado e melhor, tudo o que é racional, tudo o que é amável e tudo o que há de grande e grandioso na natureza humana. E elas vêm como sugestões dessas associações, e não podem ser abandonadas. Se eu tentasse expressar tudo isso apenas dizendo que Deus criou o universo, isso não teria significado nenhum para você. No entanto, depois de toda esta luta, voltamos para Ele, o Antigo e Supremo.

Vemos agora que todas as diversas formas de energia cósmica, tais como matéria, pensamento, força, inteligência e assim por diante, são simplesmente manifestações dessa inteligência cósmica, ou, como a chamaremos daqui em diante, do Senhor Supremo. Tudo o que você vê, sente ou ouve, em todo o universo, é Sua criação, ou para ser um pouco mais preciso, é Sua projeção; ou, para ser ainda mais preciso, é o próprio Senhor. É Ele quem brilha como o sol e as estrelas, Ele é a mãe terra. Ele é o próprio oceano. Ele vem como chuvas suaves, Ele é o ar suave que respiramos e é Ele quem atua como força no corpo. Ele é o discurso que se pronuncia, Ele é o homem que fala. Ele é o público que está aqui. Ele é a plataforma na qual estou, Ele é a luz que me permite ver seus rostos. É tudo Ele. Ele mesmo é a causa material e eficiente deste universo, e é Ele quem se envolve na diminuta célula, evolui na outra extremidade e se torna Deus novamente. É Ele quem desce e se torna o átomo mais inferior e, lentamente, revelando Sua natureza, reúne-se a Ele mesmo. Este é o mistério do universo. "Tu és o homem, Tu és a mulher, Tu és o homem forte

andando no orgulho da juventude, Tu és o velho cambaleando de muletas, Tu estás em tudo. Tu és tudo, ó Senhor." Esta é a única solução do Cosmos que satisfaz o intelecto humano. Em uma palavra, nascemos Dele, vivemos Nele e para Ele voltamos.

2.5.11B CAPÍTULO 11B: O COSMOS

O MICROCOSMO

(Entregue em Nova York, 26 de janeiro de 1896)

A mente humana deseja naturalmente sair, espiar para fora do corpo, por assim dizer, através dos canais dos órgãos. O olho deve ver, o ouvido deve ouvir, os sentidos devem sentir o mundo externo – e naturalmente as belezas e sublimidades da natureza cativam primeiro a atenção do homem. As primeiras questões que surgiram na alma humana foram sobre o mundo externo. A solução do mistério foi pedida ao céu, às estrelas, aos corpos celestes, à terra, aos rios, às montanhas, ao oceano; e em todas as religiões antigas encontramos vestígios de como a mente humana tateante inicialmente captou tudo o que era externo. Havia um deus do rio, um deus do céu, um deus das nuvens, um deus da chuva; tudo o que é externo, tudo o que hoje chamamos de poderes da natureza, tornou-se metamorfoseado, transfigurado, em vontades, em deuses, em mensageiros celestiais. À medida que a questão se aprofundava cada vez mais, estas manifestações externas não conseguiam satisfazer a mente humana e, finalmente, a energia voltou-se para dentro, e a questão foi colocada sobre a própria alma do homem. Do macrocosmo a questão foi refletida de volta ao microcosmo; do mundo externo a questão foi refletida para o interno. A partir da análise da natureza externa, o homem é levado a analisar a interna; este questionamento do homem interno surge com um estado de civilização mais elevado, com uma visão mais profunda da natureza, com um estado de crescimento mais elevado.

O tema da discussão esta tarde é esse homem interno. Nenhuma questão é tão próxima e cara ao coração do homem como a do homem interno. Quantos milhões de vezes, em quantos países esta pergunta foi feita! Sábios

e reis, ricos e pobres, santos e pecadores, todos os homens, todas as mulheres, todos têm feito esta pergunta de tempos em tempos. Não há nada permanente nesta vida humana evanescente? Não há nada, perguntaram eles, que não desapareça quando este corpo morre? Não há algo vivo quando esta estrutura se transforma em pó? Não existe algo que sobreviva ao fogo que reduz o corpo a cinzas? E se sim, qual é o seu destino? Onde isso vai? De onde veio? Estas perguntas foram feitas repetidas vezes, e enquanto durar esta criação, enquanto houver cérebros humanos para pensar, esta pergunta terá de ser feita. Contudo, não é que a resposta não tenha surgido; cada vez que a resposta chegasse, e com o passar do tempo, a resposta ganharia cada vez mais força. A questão foi respondida de uma vez por todas há milhares de anos e, ao longo dos tempos subsequentes, tem sido reafirmada, reilustrada e tornada mais clara para o nosso intelecto. O que temos que fazer, portanto, é reformular a resposta. Não pretendemos lançar nenhuma luz nova sobre esses problemas que tudo absorvem, mas apenas colocar diante de vocês a antiga verdade na linguagem dos tempos modernos, falar os pensamentos dos antigos na linguagem dos modernos, falar os pensamentos dos filósofos na linguagem do povo, para falar os pensamentos dos anjos na linguagem do homem, para falar os pensamentos de Deus na linguagem da pobre humanidade, para que o homem os compreenda; pois a mesma essência divina da qual emanaram as ideias está sempre presente no homem e, portanto, ele sempre pode compreendê-las.

Estou olhando para você. Quantas coisas são necessárias para esta visão? Primeiro, os olhos. Pois se eu for perfeito em todos os outros aspectos e ainda assim não tiver olhos, não poderei ver você. Em segundo lugar, o verdadeiro órgão da visão. Pois os olhos não são os órgãos. Eles são apenas instrumentos de visão, e atrás deles está o verdadeiro órgão, o centro nervoso do cérebro. Se esse centro for ferido, um homem pode ter um par de olhos mais claro, mas não será capaz de ver nada. Então, é necessário que esse centro, ou o verdadeiro órgão, esteja aí. Assim, com todos os nossos sentidos. O ouvido externo é apenas o instrumento que transporta a vibração do som para dentro, para o centro. No entanto, isso não é suficiente. Suponha que em sua biblioteca você esteja lendo atentamente um livro e o relógio bata, mas você não o ouça. O som está aí, as pulsações no ar estão aí, o ouvido e o centro também estão aí, e essas vibrações foram transportadas através do ouvido até o centro, e ainda assim você não as

ouve. O que está querendo? A mente não está lá. Assim vemos que a terceira coisa necessária é que a mente deve estar presente. Primeiro os instrumentos externos, depois o órgão ao qual este instrumento externo transmitirá a sensação e, por último, o próprio órgão deve estar unido à mente. Quando a mente não está unida ao órgão, o órgão e o ouvido podem receber a impressão, e ainda assim não teremos consciência disso. A mente também é apenas a portadora; tem que levar a sensação ainda adiante e apresentá-la ao intelecto. O intelecto é a faculdade determinante e decide o que lhe é trazido. Ainda assim, isso não é suficiente. O intelecto deve levá-lo adiante e apresentar tudo diante do governante no corpo, a alma humana, o rei no trono. Diante dele isso é apresentado, e dele vem a ordem, o que fazer ou o que não fazer; e a ordem desce na mesma sequência para o intelecto, para a mente, para os órgãos, e os órgãos a transmitem aos instrumentos, e a percepção é completa.

Os instrumentos estão no corpo externo, o corpo grosseiro do homem; mas a mente e o intelecto não. Eles estão no que é chamado na filosofia hindu de corpo mais sutil; e o que na teologia cristã você lê como o corpo espiritual do homem; mais fino, muito mais fino que o corpo, mas não a alma. Esta alma está além de todos eles. O corpo externo perece em poucos anos; qualquer causa simples pode perturbá-lo e destruí-lo. O corpo mais fino não é tão facilmente perecível; no entanto, às vezes degenera e outras vezes torna-se forte. Vemos como, no velho, a mente perde a sua força, como, quando o corpo está vigoroso, a mente se torna vigorosa, como vários medicamentos e drogas a afetam, como tudo o que é externo actua sobre ela, e como ela reage sobre o exterior. mundo. Assim como o corpo tem o seu progresso e decadência, o mesmo acontece com a mente e, portanto, a mente não é a alma, porque a alma não pode decair nem degenerar. Como podemos saber disso? Como podemos saber que há algo por trás dessa mente? Porque o conhecimento que é autoiluminador e a base da inteligência não pode pertencer à matéria monótona e morta. Nunca foi vista nenhuma matéria grosseira que tivesse a inteligência como essência própria. Nenhuma matéria opaca ou morta pode iluminar-se. É a inteligência que ilumina toda a matéria. Este salão está aqui apenas através da inteligência porque, como salão, sua existência seria desconhecida a menos que alguma inteligência o construísse. Este corpo não é autoluminoso; se fosse, seria assim também com um homem morto. Nem a

mente nem o corpo espiritual podem ser autoluminosos. Eles não fazem parte da essência da inteligência. Aquilo que é autoluminoso não pode decair. A luminosidade daquilo que brilha através de uma luz emprestada vai e vem; mas aquilo que é a própria luz, o que pode fazer isso ir e vir, florescer e decair? Vemos que a lua aumenta e diminui porque brilha através da luz emprestada do sol. Se um pedaço de ferro for colocado no fogo e ficar incandescente, ele brilhará e brilhará, mas sua luz desaparecerá, porque é emprestado. Assim, a decadência só é possível daquela luz que é emprestada e não é da sua própria essência.

Agora vemos que o corpo, a forma externa, não tem luz como essência própria, não é autoluminoso e não pode conhecer a si mesmo; nem a mente. Por que não? Porque a mente cresce e diminui, porque é vigorosa em um momento e fraca em outro, porque pode ser influenciada por tudo e qualquer coisa. Portanto, a luz que brilha através da mente não é dela mesma. De quem é então? Deve pertencer àquilo que o tem como essência própria e, como tal, nunca pode decair ou morrer, nunca se tornar mais forte ou mais fraco; é autoluminoso, é a própria luminosidade. Não pode ser que a alma saiba, é conhecimento. Não pode ser que a alma tenha existência, mas é existência. Não pode ser que a alma seja feliz, é a própria felicidade. Aquilo que é feliz tomou emprestada a sua felicidade; aquele que tem conhecimento recebeu o seu conhecimento; e aquilo que tem existência relativa tem apenas uma existência refletida. Onde quer que existam qualidades, essas qualidades foram refletidas na substância, mas a alma não tem conhecimento, existência e bem-aventurança como qualidades; elas são a essência da alma.

Novamente, pode-se perguntar: por que devemos considerar isso um dado adquirido? Por que admitiremos que a alma tem o conhecimento, a bem-aventurança, a existência como sua essência, e não os tomou emprestados? Pode-se argumentar: por que não dizer que a luminosidade da alma, a bem-aventurança da alma, o conhecimento da alma são emprestados da mesma forma que a luminosidade do corpo é emprestada da mente? A falácia de argumentar desta forma será que não haverá limite. De quem foram emprestados? Se dissermos de alguma outra fonte, a mesma pergunta será feita novamente. Assim, finalmente teremos que chegar a alguém que seja

autoluminoso; para abreviar as coisas, então, o caminho lógico é parar onde obtemos luminosidade própria e não prosseguir.

Vemos, então, que este ser humano é composto primeiro por esta cobertura externa, o corpo; em segundo lugar, o corpo mais sutil, consistindo de mente, intelecto e egoísmo. Atrás deles está o verdadeiro Eu do homem. Vimos que todas as qualidades e poderes do corpo grosseiro são emprestados da mente, e a mente, o corpo mais sutil, empresta seus poderes e luminosidade da alma, que está por trás.

Surgem agora muitas questões sobre a natureza desta alma. Se a existência da alma for extraída do argumento de que ela é autoluminosa, de que o conhecimento, a existência e a bem-aventurança são a sua essência, segue-se naturalmente que esta alma não pode ter sido criada. Uma existência autoluminosa, independente de qualquer outra existência, nunca poderia ter sido o resultado de nada. Sempre existiu; nunca houve um tempo em que ela não existisse, porque se a alma não existisse, onde estava o tempo? O tempo está na alma; é quando a alma reflete seus poderes na mente e a mente pensa que chega a hora. Quando não havia alma, certamente não havia pensamento, e sem pensamento não havia tempo. Como se pode, portanto, dizer que a alma existe no tempo, quando o próprio tempo existe na alma? Não tem nascimento nem morte, mas está passando por todos esses vários estágios. Está se manifestando lenta e gradualmente, de baixo para cima, e assim por diante. É expressar a sua própria grandeza, trabalhando através da mente no corpo; e através do corpo ela apreende o mundo externo e o compreende. Ela pega um corpo e o usa; e quando esse corpo falhou e se esgotou, é preciso outro corpo; e assim por diante.

Aí surge uma questão muito interessante, aquela que é geralmente conhecida como a reencarnação da alma. Às vezes as pessoas ficam assustadas com a ideia, e a superstição é tão forte que os homens pensantes até acreditam que são o resultado de nada, e então, com a mais grandiosa lógica, tentam deduzir a teoria de que embora tenham saído do zero, eles irão seja eterno para sempre. Aqueles que saem do zero certamente terão que voltar ao zero. Nem você, nem eu, nem ninguém presente saiu do zero, nem voltará ao zero. Existimos eternamente e existiremos, e não há poder sob o sol ou acima do sol que possa desfazer a sua ou a minha existência ou

nos enviar de volta ao zero. Ora, esta ideia de reencarnação não só não é uma ideia assustadora, mas é extremamente essencial para o bem-estar moral da raça humana. É a única conclusão lógica a que homens ponderados podem chegar. Se você vai existir na eternidade daqui em diante, deve ser porque você existiu por toda a eternidade no passado: não pode ser de outra forma. Tentarei responder a algumas objeções que geralmente são levantadas contra a teoria. Embora muitos de vocês pensem que são objeções muito tolas, ainda assim temos que respondê-las, pois às vezes descobrimos que os homens mais ponderados estão prontos para apresentar as ideias mais tolas. Bem se disse que nunca houve uma ideia tão absurda que não encontrasse filósofos para defendê-la. A primeira objeção é: por que não nos lembramos do nosso passado? Lembramos de todo o nosso passado nesta vida? Quantos de vocês se lembram do que faziam quando eram bebês? Nenhum de vocês se lembra da sua primeira infância, e se da memória depende a sua existência, então este argumento prova que vocês não existiram quando bebês, porque não se lembram da sua infância. É simplesmente um disparate absoluto dizer que a nossa existência depende da nossa lembrança disso. Por que deveríamos nos lembrar do passado? Esse cérebro desapareceu, foi partido em pedaços e um novo cérebro foi fabricado. O que chegou a este cérebro é a resultante, a soma total das impressões adquiridas no nosso passado, com as quais a mente passou a habitar o novo corpo.

Eu, enquanto estou aqui, sou o efeito, o resultado de todo o passado infinito que está ligado a mim. E por que é necessário que eu me lembre de todo o passado? Quando um grande sábio antigo, um vidente ou um profeta antigo, que ficou cara a cara com a verdade, diz algo, esses homens modernos se levantam e dizem: "Oh, ele era um tolo!" Mas basta usar outro nome, "Huxley diz isso, ou Tyndall"; então deve ser verdade, e eles consideram isso um dado adquirido. No lugar das antigas superstições, eles erigiram superstições modernas; no lugar dos antigos Papas da religião, eles instalaram os modernos Papas da ciência. Assim, vemos que esta objecção quanto à memória não é válida, e esta é praticamente a única objecção séria que é levantada contra esta teoria. Embora tenhamos visto que não é necessário para a teoria que exista a memória de vidas passadas, ainda assim, ao mesmo tempo, estamos em condições de afirmar que há casos que mostram que esta memória surge, e que cada um de nós recuperará essa

memória naquela vida em que se tornará livre. Só então você descobrirá que este mundo é apenas um sonho; só então você perceberá na alma de sua alma que você não passa de atores e o mundo é um palco; somente então a ideia de desapego chegará até você com o poder do trovão; então toda esta sede de prazer, este apego à vida e a este mundo desaparecerá para sempre; então a mente verá claramente como a luz do dia quantas vezes tudo isso existiu para você, quantos milhões de vezes você teve pais e mães, filhos e filhas, maridos e esposas, parentes e amigos, riqueza e poder. Eles vieram e foram. Quantas vezes você esteve no topo da onda e quantas vezes você caiu no fundo do desespero! Quando a memória trazer tudo isso para você, então sozinho você será um herói e sorrirá quando o mundo desaprovar você. Só então você se levantará e dirá. "Eu nem me importo com você, ó Morte, que terrores você tem por mim?" Isto chegará a todos.

Existem argumentos, alguma prova racional para esta reencarnação da alma? Até agora apresentamos o lado negativo, mostrando que os argumentos opostos para refutá-lo não são válidos. Existem provas positivas? Há; e os mais válidos também. Nenhuma outra teoria, exceto a da reencarnação, explica a grande divergência que encontramos entre homem e homem em seus poderes para adquirir conhecimento. Primeiro, consideremos o processo pelo qual o conhecimento é adquirido. Suponha que eu vá para a rua e veja um cachorro. Como posso saber que é um cachorro? Refiro-o à minha mente, e nela estão grupos de todas as minhas experiências passadas, organizados e categorizados, por assim dizer. Assim que surge uma nova impressão, pego-a e remeto-a a algum dos antigos escaninhos, e assim que encontro um grupo das mesmas impressões já existentes, coloco-a nesse grupo e fico satisfeito. . Sei que é um cachorro, porque coincide com as impressões já existentes. Quando não encontro dentro de mim os cognatos dessa nova experiência, fico insatisfeito. Quando, não encontrando os cognatos de uma impressão, ficamos insatisfeitos, esse estado de espírito é chamado de “ignorância”; mas, quando, encontrando os cognatos de uma impressão já existente, ficamos satisfeitos, isso se chama “conhecimento”. Quando uma maçã caiu, os homens ficaram insatisfeitos. Então, gradualmente, eles descobriram o grupo. Qual foi o grupo que eles encontraram? Que todas as maçãs caíram, então chamaram isso de "gravitação". Vemos agora que sem um fundo de experiência já existente, qualquer nova experiência seria impossível, pois

não haveria nada a que referir a nova impressão. Assim, se, como pensam alguns filósofos europeus, uma criança viesse ao mundo com o que chamam de tabula rasa, tal criança nunca atingiria qualquer grau de poder intelectual, porque não teria nada a que referir as suas novas experiências. . Vemos que o poder de adquirir conhecimento varia em cada indivíduo, e isso mostra que cada um de nós veio com seu próprio fundo de conhecimento. O conhecimento só pode ser obtido de uma forma, a via da experiência; não há outra maneira de saber. Se não experimentamos isso nesta vida, devemos ter experimentado em outras vidas. Como é que o medo da morte está em toda parte? Uma galinha acabou de sair do ovo e uma águaia vem, e a galinha voa com medo para sua mãe. Há uma explicação antiga (dificilmente a dignificaria com tal nome). Isso se chama instinto. O que faz aquela galinha que acabou de sair do ovo ter medo de morrer? Como é que, assim que um patinho nascido por uma galinha chega perto da água, ele pula nela e nada? Nunca nadou antes, nem viu nada nadar. As pessoas chamam isso de instinto. É uma palavra grande, mas nos deixa onde estávamos antes. Estudemos esse fenômeno do instinto. Uma criança começa a tocar piano. No início, ela deve prestar atenção a cada tecla que está tocando e, à medida que avança durante meses e anos, a execução torna-se quase involuntária, instintiva. O que foi feito primeiro com vontade consciente não requer mais tarde um esforço da vontade. Esta ainda não é uma prova completa. Resta metade, e isso significa que quase todas as ações que agora são instintivas podem ser colocadas sob o controle da vontade. Cada músculo do corpo pode ser controlado. Isto é perfeitamente conhecido. Assim, a prova está completa por este duplo método, de que o que hoje chamamos de instinto é a degeneração de ações voluntárias; portanto, se a analogia se aplica a toda a criação, se toda a natureza é uniforme, então o que é instinto nos animais inferiores, assim como nos homens, deve ser a degeneração da vontade.

Aplicando a lei que defendemos no macrocosmo de que cada involução pressupõe uma evolução, e cada evolução uma involução, vemos que o instinto está envolvido na razão. O que chamamos de instinto nos homens ou nos animais deve, portanto, estar envolvido; ações degeneradas e voluntárias, e ações voluntárias são impossíveis sem experiência. A experiência deu início a esse conhecimento, e esse conhecimento está aí. O medo da morte, o patinho indo para a água e todas as ações involuntárias do

ser humano que se tornaram instintivas são resultados de experiências passadas. Até agora procedemos com muita clareza e até agora a ciência mais recente está conosco. Mas aí vem mais uma dificuldade. Os cientistas mais recentes estão voltando aos antigos sábios e, na medida em que o fizeram, há perfeito acordo. Admitem que cada homem e cada animal nasce com um fundo de experiência, e que todas estas ações na mente são o resultado de experiências passadas. "Mas qual é a utilidade", perguntam eles, "de dizer que essa experiência pertence à alma? Por que não dizer que ela pertence ao corpo, e somente ao corpo? Por que não dizer que é uma transmissão hereditária?" Esta é a última pergunta. Por que não dizer que toda a experiência com a qual nasci é o efeito resultante de toda a experiência passada dos meus antepassados? A soma total da experiência desde o pequeno protoplasma até o ser humano mais elevado está em mim, mas passou de corpo a corpo no curso da transmissão hereditária. Onde estará a dificuldade? Essa pergunta é muito bonita e admitimos parte dessa transmissão hereditária. Quão longe? No que diz respeito ao fornecimento do material. Nós, pelas nossas ações passadas, nos conformamos com um certo nascimento em um determinado corpo, e o único material adequado para esse corpo vem dos pais que se tornaram aptos para ter aquela alma como descendente.

A simples teoria hereditária toma como certa a proposição mais surpreendente, sem qualquer prova, de que a experiência mental pode ser registrada em matérias, de que a experiência mental pode estar envolvida na matéria. Quando olho para você no lago da minha mente há uma onda. Essa onda diminui, mas permanece em boa forma, como uma impressão. Entendemos uma impressão física que permanece no corpo. Mas que provas existem para supor que a impressão mental pode permanecer no corpo, uma vez que o corpo se despedaça? O que carrega isso? Mesmo admitindo que fosse possível que cada impressão mental permanecesse no corpo, que cada impressão, desde o primeiro homem até meu pai, estivesse no corpo de meu pai, como poderia ser transmitida para mim? Através da célula bioplasmática? Como poderia ser? Porque o corpo do pai não chega integralmente ao filho. Os mesmos pais podem ter vários filhos; então, desta teoria da transmissão hereditária, onde a impressão e o impresso (isto é, o material) são uma só coisa, segue-se rigorosamente que, com o nascimento de cada filho, os pais devem perder uma parte de suas próprias

impressões, ou, se os pais deveriam transmitir todas as suas impressões, então, após o nascimento do primeiro filho, suas mentes seriam um vácuo.

Novamente, se na célula bioplasmática entrou a quantidade infinita de impressões de todos os tempos, onde e como está? Esta é uma posição extremamente impossível, e até que estes fisiologistas possam provar como e onde essas impressões vivem naquela célula, e o que querem dizer com uma impressão mental adormecida na célula física, a sua posição não pode ser tomada como certa. Até agora está claro que esta impressão está na mente, que a mente nasce e renasce, e usa o material que é mais adequado para ela, e que a mente que se tornou apta apenas para um determinado tipo de corpo terá que esperar até obter esse material. Isso nós entendemos. A teoria chega então a isto: há transmissão hereditária no que diz respeito ao fornecimento de material à alma. Mas a alma migra e fabrica corpo após corpo, e cada pensamento que pensamos e cada ação que praticamos são armazenados nela em formas finas, prontas para surgir novamente e assumir uma nova forma. Quando olho para você, uma onda surge em minha mente. Ele mergulha, por assim dizer, e fica cada vez mais fino, mas não morre. Está pronto para recomençar como uma onda em forma de memória. Portanto, todas essas impressões estão em minha mente e, quando eu morrer, a força resultante delas estará sobre mim. Está aqui uma bola, e cada um de nós pega um martelo nas mãos e bate na bola de todos os lados; a bola vai de um ponto a outro da sala e, quando chega à porta, sai voando. O que isso faz com isso? A resultante de todos esses golpes. Isso lhe dará sua direção. Então, o que dirige a alma quando o corpo morre? A resultante, a soma total de todas as obras que realizou, dos pensamentos que pensou. Se o resultado for tal que seja necessário fabricar um novo corpo para maior experiência, ele irá para os pais que estão prontos para fornecer-lhe o material adequado para esse corpo. Assim, de corpo em corpo ele irá, às vezes para o céu, e de volta à terra, tornando-se homem, ou algum animal inferior. Dessa forma, ele continuará até terminar a experiência e completar o círculo. Conhece então a sua própria natureza, sabe o que é, e a ignorância desaparece, os seus poderes tornam-se manifestos, torna-se perfeito; não há mais necessidade de a alma trabalhar através de corpos físicos, nem há necessidade de ela trabalhar através de corpos mais sutis, ou mentais. Ela brilha em sua própria luz e é livre, não mais para nascer, não mais para morrer.

Não entraremos agora nos detalhes disto. Mas trarei diante de vocês mais um ponto com relação a esta teoria da reencarnação. É a teoria que promove a liberdade da alma humana. É a única teoria que não atribui a culpa de todas as nossas fraquezas a outra pessoa, o que é uma falácia humana comum. Não olhamos para as nossas próprias falhas; os olhos não se veem, eles veem os olhos de todos os outros. Nós, seres humanos, somos muito lentos em reconhecer as nossas próprias fraquezas, as nossas próprias falhas, desde que possamos atribuir a culpa a outra pessoa. Os homens em geral atribuem toda a culpa da vida aos seus semelhantes ou, na sua falta, a Deus, ou invocam um fantasma e dizem que é o destino. Onde está o destino e quem é o destino? Nós colhemos o que nós semeamos. Somos os criadores do nosso próprio destino. Ninguém mais tem a culpa, ninguém tem o elogio. O vento está soprando; os navios com as velas desfraldadas apanham-no e seguem o seu caminho, mas os que têm as velas desfraldadas não apanham o vento. Isso é culpa do vento? É culpa do Pai misericordioso, cujo vento de misericórdia sopra sem cessar, dia e noite, cuja misericórdia não conhece decadência, é culpa dele que alguns de nós sejam felizes e outros infelizes? Nós fazemos nosso próprio destino. Seu sol brilha tanto para os fracos quanto para os fortes. Seu vento sopra tanto para o santo quanto para o pecador. Ele é o Senhor de todos, o Pai de todos, misericordioso e imparcial. Você quer dizer que Ele, o Senhor da criação, olha para as coisas mesquinhas da nossa vida da mesma maneira que nós? Que ideia degenerada de Deus seria isso! Somos como cachorrinhos, travando lutas de vida ou morte aqui e pensando tolamente que até o próprio Deus levará isso tão a sério quanto nós. Ele sabe o que significa a brincadeira dos cachorrinhos. Nossas tentativas de colocar a culpa nele, fazendo dele o punidor e o recompensador, são apenas tolas. Ele não pune nem recompensa ninguém. A Sua infinita misericórdia está aberta a todos, em todos os momentos, em todos os lugares, sob todas as condições, infalível e inabalável. Depende de nós como o usamos. Depende de nós como o utilizamos. Não culpe nem o homem, nem Deus, nem ninguém no mundo. Quando você estiver sofrendo, culpe-se e tente fazer melhor.

Esta é a única solução do problema. Aqueles que culpam os outros – e, infelizmente! o número deles aumenta a cada dia – geralmente são infelizes e têm cérebros indefesos; eles chegaram a esse ponto através dos seus próprios erros e culpam os outros, mas isso não altera a sua posição. Isso

não os serve de forma alguma. Esta tentativa de lançar a culpa sobre os outros apenas os enfraquece ainda mais. Portanto, não culpem ninguém por suas próprias falhas, mantenham-se de pé e assumam toda a responsabilidade sobre si mesmos. Diga: “Esta miséria que estou sofrendo é causada por mim mesmo, e isso prova que terá que ser desfeita somente por mim”. Aquilo que criei, posso demolir; aquilo que é criado por outra pessoa, nunca serei capaz de destruir. Portanto, levante-se, seja ousado, seja forte. Assuma toda a responsabilidade sobre seus ombros e saiba que você é o criador do seu próprio destino. Toda a força e socorro que vocês desejam estão dentro de vocês. Portanto, faça o seu próprio futuro. "Deixe o passado morto enterrar seus mortos." O futuro infinito está diante de você, e você deve sempre se lembrar de que cada palavra, pensamento e ação guarda um estoque para você e que, assim como os maus pensamentos e más obras estão prontos para saltar sobre você como tigres, também existe o inspirando esperança de que os bons pensamentos e boas ações estejam prontos com o poder de cem mil anjos para defendê-lo sempre e para sempre.

2.5.12 CAPÍTULO 12: IMORTALIDADE

(Entregue na América)

Que pergunta foi feita mais vezes, que ideia levou mais os homens a procurar uma resposta no universo, que pergunta está mais próxima e mais cara ao coração humano, que pergunta está mais inseparavelmente ligada à nossa existência, do que esta, a imortalidade da alma humana? Tem sido tema de poetas e sábios, de sacerdotes e profetas; reis no trono discutiram isso, mendigos nas ruas sonharam com isso. O melhor da humanidade abordou-o e o pior dos homens esperou por isso. O interesse pelo tema ainda não morreu, nem morrerá enquanto existir a natureza humana. Várias respostas foram apresentadas ao mundo por várias mentes. Milhares de pessoas, novamente, em todos os períodos da história, desistiram da discussão e, no entanto, a questão permanece atual como sempre. Muitas vezes, no tumulto e na luta de nossas vidas, parecemos esquecê-lo, mas de repente alguém morre - alguém, talvez, a quem amávamos, alguém próximo e querido em nossos corações, é arrebatado de nós - e a luta, o barulho e o

tumulto do mundo que nos rodeia cessa por um momento, e a alma faz as velhas perguntas "E depois disto?" "O que acontece com a alma?"

Todo o conhecimento humano provém da experiência; não podemos saber nada exceto pela experiência. Todo o nosso raciocínio é baseado na experiência generalizada, todo o nosso conhecimento nada mais é do que experiência harmonizada. Olhando ao nosso redor, o que encontramos? Uma mudança contínua. A planta sai da semente, cresce na árvore, completa o círculo e volta para a semente. O animal chega, vive um certo tempo, morre e completa o círculo. O homem também. As montanhas desmoronam lenta mas seguramente, os rios secam lenta mas seguramente, as chuvas saem do mar e voltam para o mar. Por toda parte os círculos estão sendo completados, nascimento, crescimento, desenvolvimento e decadência se sucedem com precisão matemática. Esta é a nossa experiência cotidiana. Dentro de tudo isso, por trás de toda essa vasta massa do que chamamos de vida, de milhões de formas e formatos, milhões e milhões de variedades, começando do átomo mais inferior ao homem espiritualizado mais elevado, encontramos uma certa unidade existente. Todos os dias descobrimos que o muro que se pensava dividir uma coisa e outra está a ser derrubado, e toda a matéria está a ser reconhecida pela ciência moderna como uma substância, manifestando-se de diferentes maneiras e em várias formas; a única vida que atravessa tudo como uma cadeia contínua, da qual todas essas diversas formas representam os elos, elo após elo, estendendo-se quase infinitamente, mas de uma mesma cadeia. Isto é o que se chama evolução. É uma ideia muito antiga, tão antiga como a sociedade humana, só que está a ficar cada vez mais fresca à medida que o conhecimento humano progride. Há mais uma coisa que os antigos percebiam, mas que nos tempos modernos ainda não é percebida tão claramente: a involução. A semente está se tornando planta; um grão de areia nunca se torna uma planta. É o pai que se torna filho; um pedaço de barro nunca se torna uma criança. De onde vem essa evolução, eis a questão. Qual foi a semente? Era igual à árvore. Todas as possibilidades de uma futura árvore estão nessa semente; todas as possibilidades de um futuro homem estão no bebezinho; todas as possibilidades de qualquer vida futura estão no germe. O que é isso? Os antigos filósofos da Índia chamavam isso de involução. Descobrimos então que toda evolução pressupõe uma involução. Nada pode ser evoluído que já não esteja lá. Aqui, mais uma vez,

a ciência moderna vem em nosso auxílio. Você sabe, por raciocínio matemático, que a soma total da energia exibida no universo é sempre a mesma. Você não pode tirar um átomo de matéria ou um quilo de força. Você não pode adicionar ao universo um átomo de matéria ou um quilo de força. Como tal, a evolução não surge do zero; então, de onde vem? Da involução anterior. A criança é o homem envolvido, e o homem é a criança evoluída. A semente é a árvore envolvida, e a árvore é a semente desenvolvida. Todas as possibilidades da vida estão no germe. O problema fica um pouco mais claro. Adicione a isso a primeira ideia de continuação da vida. Do protoplasma mais inferior ao ser humano mais perfeito, existe realmente apenas uma vida. Assim como em uma vida temos tantas fases de expressão, o protoplasma se desenvolvendo no bebê, na criança, no jovem, no velho, então, desse protoplasma até o homem mais perfeito, temos uma vida contínua, uma corrente. Isto é evolução, mas vimos que cada evolução pressupõe uma involução. Toda esta vida que lentamente se manifesta evolui do protoplasma até o ser humano aperfeiçoado - a Encarnação de Deus na terra - toda esta série é apenas uma vida, e toda esta manifestação deve ter estado envolvida naquela mesma vida. protoplasma. Toda essa vida, esse mesmo Deus na terra, se envolveu nisso e aos poucos foi surgindo, manifestando-se aos poucos, aos poucos, aos poucos. A expressão mais elevada deve ter existido no estado germinativo em forma diminuta; portanto, esta força, toda esta cadeia, é a involução daquela vida cósmica que está em toda parte. É esta massa de inteligência que, desde o protoplasma até o homem mais aperfeiçoado, está se desenrolando lenta e lentamente. Não que cresça. Tire todas as ideias de crescimento da sua mente. À ideia de crescimento está associado algo que vem de fora, algo estranho, o que desmentiria a verdade de que o Infinito que está latente em cada vida é independente de todas as condições externas. Nunca poderá crescer; Sempre esteve lá e apenas se manifesta.

O efeito é a causa manifestada. Não há diferença essencial entre o efeito e a causa. Veja este copo, por exemplo. Tinha o material, e o material mais a vontade do fabricante fez o vidro e essas duas foram suas causas e estão presentes nele. De que forma o testamento é apresentado? Como adesão. Se a força não estivesse aqui, cada partícula cairia. Qual é o efeito então? É igual à causa, apenas tomando; forma diferente, uma composição diferente. Quando a causa é alterada e limitada por um tempo, ela se torna o efeito.

Devemos nos lembrar disso. Aplicando-o à nossa idéia de vida, toda a manifestação desta série, desde o protoplasma até o homem mais perfeito, deve ser a mesma coisa que a vida cósmica. Primeiro ele se envolveu e ficou melhor; e a partir dessa coisa boa que molha a causa, ela evoluiu, manifestou-se e tornou-se mais grosseira.

Mas a questão da imortalidade ainda não está resolvida. Vimos que tudo neste universo é indestrutível. Não há nada novo; não haverá nada de novo. A mesma série de manifestações apresenta-se alternadamente como uma roda, subindo e descendo. Todo movimento neste universo é na forma de ondas, subindo e descendo sucessivamente. Sistemas após sistemas estão saindo de formas sutis, evoluindo e assumindo formas mais grosseiras, fundindo-se novamente, por assim dizer, e voltando às formas sutis. Novamente eles emergem disso, evoluindo por um certo período e voltando lentamente à causa. O mesmo acontece com toda a vida. Cada manifestação de vida surge e depois volta novamente. O que acontece? A forma. A forma se quebra, mas surge novamente. Em certo sentido, até os corpos e as formas são eternos. Como? Suponha que pegamos um número de dados e os lançamos, e eles caem nesta proporção — 6 — 5 — 3 — 4. Pegamos os dados e os lançamos repetidas vezes; deve haver um momento em que os mesmos números voltarão; a mesma combinação deve vir. Agora, cada partícula, cada átomo, que existe neste universo, eu tomo por tal dado, e estes estão sendo jogados fora e combinados repetidas vezes. Todas essas formas diante de você são uma combinação. Aqui estão as formas de um copo, uma mesa, uma jarra de água e assim por diante. Esta é uma combinação; com o tempo, tudo vai quebrar. Mas deve chegar um momento em que exatamente a mesma combinação voltará, quando você estará aqui, e esta forma estará aqui, este assunto será falado, e este jarro estará aqui. Isso aconteceu inúmeras vezes e um número infinito de vezes se repetirá. Até agora com as formas físicas. O que encontramos? Que mesmo a combinação das formas físicas se repete eternamente.

Uma conclusão muito interessante que se segue desta teoria é a explicação de fatos como estes: Alguns de vocês, talvez, tenham visto um homem que pode ler a vida passada de outros e prever o futuro. Como é possível que alguém veja como será o futuro, a menos que haja um futuro regulamentado? Os efeitos do passado ocorrerão no futuro e vemos que é

assim. Você viu a grande roda gigante [8] em Chicago. A roda gira, e as pequenas salas da roda aparecem regularmente, uma após a outra; um conjunto de pessoas entra neles, e depois de terem dado a volta no círculo, eles saem, e um novo grupo de pessoas entra. Cada um desses grupos é como uma dessas manifestações, desde os animais mais inferiores até o homem mais elevado. . A natureza é como a corrente da roda gigante, interminável e infinita, e essas pequenas carruagens são os corpos ou formas em que novos grupos de almas viajam, subindo cada vez mais alto até se tornarem perfeitos e saírem da roda. Mas a roda continua. E enquanto os corpos estiverem na roda, pode-se prever absoluta e matematicamente para onde irão, mas o mesmo não acontece com as almas. Assim é possível ler com precisão o passado e o futuro da natureza. Vemos, então, que há recorrência dos mesmos fenômenos materiais em determinados períodos, e que as mesmas combinações têm ocorrido através da eternidade. Mas essa não é a imortalidade da alma. Nenhuma força pode morrer, nenhuma matéria pode ser aniquilada. O que acontece com isso? Ele vai mudando, para frente e para trás, até retornar à fonte de onde veio. Não há movimento em linha reta. Tudo se move em círculo; uma linha reta, produzida infinitamente, torna-se um círculo. Se for esse o caso, não pode haver degeneração eterna para nenhuma alma. Não pode ser. Tudo deve completar o círculo e voltar à sua origem. O que somos você e eu e todas essas almas? Na nossa discussão sobre evolução e involução, vimos que você e eu devemos fazer parte da consciência cósmica, da vida cósmica, da mente cósmica, que se envolveu e devemos completar o círculo e voltar a esta inteligência cósmica que é Deus. Essa inteligência cósmica é o que as pessoas chamam de Senhor, ou Deus, ou Cristo, ou Buda, ou Brahman, o que os materialistas percebem como força, e os agnósticos como aquele além infinito e inexprimível; e todos nós fazemos parte disso.

Esta é a segunda ideia, mas não é suficiente; ainda haverá mais dúvidas. É muito bom dizer que não há destruição para nenhuma força. Mas todas as forças e formas que vemos são combinações. Esta forma que temos diante de nós é uma composição de várias partes componentes e, portanto, cada força que vemos é igualmente composta. Se você pegar a ideia científica de força e chamá-la de soma total, a resultante de diversas forças, o que acontece com sua individualidade? Tudo o que é composto deve, mais cedo ou mais tarde, voltar às suas partes componentes. Tudo o que neste universo

é o resultado da combinação de matéria ou força deverá, mais cedo ou mais tarde, retornar aos seus componentes. Qualquer que seja o resultado de certas causas, deve morrer, deve ser destruído. Ele é dividido, disperso e resolvido novamente em seus componentes. A alma não é uma força; nem é pensado. É o fabricante do pensamento, mas não o pensamento em si; é o fabricante do corpo, mas não do corpo. Por quê então? Vemos que o corpo não pode ser a alma. Por que não? Porque não é inteligente. Um cadáver não é inteligente, nem um pedaço de carne num açougue. O que queremos dizer com inteligência? Potência reativa. Queremos nos aprofundar um pouco mais nisso. Aqui está uma jarra; Eu vejo isso. Como? Os raios de luz do jarro entram nos meus olhos e formam uma imagem na minha retina, que é levada ao cérebro. No entanto, não há visão. O que os fisiologistas chamam de nervos sensoriais carregam essa impressão para dentro. Mas até isso não há reação. O centro nervoso do cérebro leva a impressão à mente, e a mente reage, e assim que essa reação ocorre, o jarro pisca diante dela. Tomemos um exemplo mais comum. Suponha que você esteja me ouvindo atentamente e um mosquito esteja pousado na ponta do seu nariz e lhe dando aquela sensação agradável que os mosquitos podem dar; mas você está tão interessado em me ouvir que nem sente o mosquito. O que aconteceu? O mosquito picou uma determinada parte da sua pele e alguns nervos estão ali. Eles levaram uma certa sensação ao cérebro, e a impressão está lá, mas a mente, estando ocupada com outra coisa, não reage, então você não percebe a presença do mosquito. Quando surge uma nova impressão, se a mente não reagir, não estaremos conscientes dela, mas quando a reação surge, sentimos, vemos, ouvimos e assim por diante. Com esta reação vem a iluminação, como a chamam os filósofos Sâmkhya. Vemos que o corpo não pode iluminar, porque na ausência de atenção nenhuma sensação é possível. Conhecem-se casos em que, sob condições peculiares, um homem que nunca aprendeu uma determinada língua foi capaz de falá-la. Investigações subsequentes provaram que o homem, quando criança, viveu entre pessoas que falavam aquela língua e as impressões foram deixadas em seu cérebro. Essas impressões permaneceram armazenadas lá em cima, até que, por algum motivo, a mente reagiu e a iluminação veio, e então o homem foi capaz de falar a língua. Isto mostra que a mente por si só não é suficiente, que a própria mente é um instrumento nas mãos de alguém. No caso daquele menino, a mente continha essa linguagem, mas ele não a conhecia, mas mais tarde

chegou um momento em que ele a conheceu. Mostra que existe alguém além da mente; e quando o menino era bebê, esse alguém não usou o poder; mas quando o menino cresceu, ele aproveitou e usou. Primeiro, aqui está o corpo, depois a mente, ou instrumento de pensamento, e em terceiro lugar, atrás desta mente, está o Ser do homem. A palavra sânscrita é Atman. Como os filósofos modernos identificaram o pensamento com alterações moleculares no cérebro, eles não sabem como explicar tal caso e geralmente o negam. A mente está intimamente ligada ao cérebro, que morre toda vez que o corpo muda. O Ser é o iluminador, e a mente é o instrumento em Suas mãos, e através desse instrumento Ela se apodera do instrumento externo e, assim, surge a percepção. Os instrumentos externos captam as impressões e as transportam para os órgãos, pois você deve lembrar sempre que os olhos e os ouvidos são apenas receptores – são os órgãos internos, os centros cerebrais, que agem. Em sânscrito, esses centros são chamados de Indriyas, e eles carregam sensações para a mente, e a mente os apresenta mais atrás, para outro estado da mente, que em sânscrito é chamado de Chitta, e lá eles são organizados em vontade, e todos estes os apresentam. ao Rei dos reis interiormente, o Governante em Seu trono, o Eu do homem. Ele então vê e dá Suas ordens. Então a mente atua imediatamente sobre os órgãos e os órgãos sobre o corpo externo. O verdadeiro Percebedor, o verdadeiro Governante, o Governador, o Criador, o Manipulador de tudo isso, é o Ser do homem.

Vemos, então, que o Ser do homem não é o corpo, nem é pensamento. Não pode ser um composto. Por que não? Porque tudo que é composto pode ser visto ou imaginado. Aquilo que não podemos imaginar ou perceber, que não podemos unir, não é força ou matéria, causa ou efeito, e não pode ser um composto. O domínio dos compostos é apenas até onde se estende o nosso universo mental, o nosso universo de pensamento. Além disso, não é válido; é até onde reina a lei, e se há algo além da lei, não pode ser um composto. O Ser do homem, estando além da lei da causalidade, não é um composto. É sempre livre e é o Governante de tudo o que está dentro da lei. Nunca morrerá, porque a morte significa voltar às partes componentes, e aquilo que nunca foi um composto nunca pode morrer. É um absurdo dizer que Ele morre.

Estamos agora pisando em terreno cada vez mais delicado, e alguns de vocês, talvez, fiquem assustados. Vimos que este Eu, estando além do pequeno universo de matéria, força e pensamento, é simples; e como um simples Não pode morrer. Aquilo que não morre não pode viver. Pois a vida e a morte são o anverso e o reverso da mesma moeda. Vida é outro nome para morte e morte para vida. Um modo particular de manifestação é o que chamamos de vida; outro modo particular de manifestação da mesma coisa é o que chamamos de morte. Quando a onda sobe ao topo é vida; e quando cai no buraco é a morte. Se alguma coisa está além da morte, vemos naturalmente que também deve estar além da vida. Devo lembrá-los da primeira conclusão de que a alma do homem faz parte da energia cósmica que existe, que é Deus. Descobrimos agora que está além da vida e da morte. Você nunca nasceu e nunca morrerá. O que é esse nascimento e morte que vemos ao nosso redor? Isto pertence apenas ao corpo, porque a alma é onipresente. "Como pode ser?" você pode perguntar. "Tantas pessoas estão sentadas aqui e você diz que a alma é onipresente?" O que há, pergunto eu, para limitar qualquer coisa que esteja além da lei, além da causalidade? Este copo é limitado; não é onipresente, porque a matéria circundante o obriga a assumir essa forma, não permite que se expanda. Está condicionado a tudo ao seu redor e é, portanto, limitado. Mas aquilo que está além da lei, onde não há nada para agir de acordo com ele, como pode ser limitado? Deve ser onipresente. Você está em todo lugar do universo. Como é então que nasci e vou morrer e tudo mais? Essa é a conversa sobre ignorância, alucinação do cérebro. Você não nasceu e nem morrerá. Você não nasceu, nem renascerá, nem vida, nem encarnação, nem nada. O que você quer dizer com ir e vir? Tudo bobagem superficial. Você está em todos os lugares. Então o que é isso indo e vindo? É a alucinação produzida pela mudança deste corpo sutil que vocês chamam de mente. Isso está acontecendo. Apenas uma pequena partícula de nuvem passando diante do céu. À medida que avança, pode criar a ilusão de que o céu se move. Às vezes você vê uma nuvem se movendo diante da lua e pensa que a lua está se movendo. Quando você está num trem você pensa que a terra está voando, ou quando você está num barco você pensa que a água se move. Na realidade você não vai nem vem, você não está nascendo, nem vai renascer; você é infinito, sempre presente, além de toda causalidade e sempre livre. Tal questão está fora de lugar, é um disparate flagrante. Como poderia haver mortalidade se não houve nascimento?

Teremos que dar mais um passo para chegar a uma conclusão lógica. Não existe meio-termo. Vocês são metafísicos e não há choro. Se então estamos além de toda lei, devemos ser oniscientes, sempre abençoados; todo conhecimento deve estar em nós e todo poder e bem-aventurança. Certamente. Você é o onisciente. ser onipresente do universo. Mas de tais seres pode haver muitos? Pode haver centenas de milhares de milhões de seres onipresentes? Certamente não. Então, o que acontece com todos nós? Você é apenas um; existe apenas um tal Eu, e esse Eu Único é você. Atrás desta pequena natureza está o que chamamos de Alma. Existe apenas Um Ser, Uma Existência, o sempre abençoado, o onipresente, o onisciente, o que não nasce, o que não morre. "Através do Seu controle o céu se expande, através do Seu controle o ar respira, através do Seu controle o sol brilha, e através do Seu controle todos vivem. Ele é a Realidade na natureza, Ele é a Alma da sua alma, não, mais, você é Ele, você é um com Ele." Onde quer que haja dois, há medo, há perigo, há conflito, há conflito. Quando tudo é Um, quem há para odiar, contra quem lutar? Quando tudo é Ele, com quem você pode lutar? Isto explica a verdadeira natureza da vida; isso explica a verdadeira natureza do ser. isso é perfeição e isso é Deus. Enquanto você vir muitos, você estará iludido. "Neste mundo de muitos, aquele que vê o Um, neste mundo em constante mudança, aquele que vê Aquele que nunca muda, como a Alma de sua própria alma, como seu próprio Eu, ele é livre, ele é abençoado, ele alcançou a meta ." Portanto, saiba que você é Ele; tu és o Deus deste universo, "Tat Tvam Asi" (Aquele que és). Todas essas diversas ideias de que sou homem ou mulher, ou doente ou saudável, ou forte ou fraco, ou que odeio ou amo, ou que tenho um pouco de poder, são apenas alucinações. Fora com eles, eu O que te torna fraco? O que faz você temer? Você é o Ser Único no universo. O que te assusta? Levante-se então e seja livre. Saiba que cada pensamento e palavra que o enfraquece neste mundo é o único mal que existe. Tudo o que torna os homens fracos e temerosos é o único mal que deve ser evitado. O que pode assustar você? Se os sóis se põem e as luas se transformam em pó, e sistemas após sistemas são aniquilados, o que isso significa para vocês? Fique como uma rocha; você é indestrutível. Você é o Eu, o Deus do universo. Diga: "Eu sou a Existência Absoluta, a Bem-aventurança Absoluta, o Conhecimento Absoluto, eu sou Ele", e como um leão quebrando sua jaula, quebre sua corrente e seja livre para sempre. O que te assusta, o que te prende? Apenas

ignorância e ilusão; nada mais pode prendê-lo. Você é o Puro, o Sempre Abençoado.

Tolos tolos dizem que vocês são pecadores e vocês se sentam em um canto e choram. É tolice, maldade, pura maldade dizer que vocês são pecadores! Você é todo Deus. Você não vê Deus e o chama de homem? Portanto, se você ousar, mantenha-se firme nisso – molde toda a sua vida nisso. Se um homem cortar sua garganta, não diga não, pois você está cortando sua própria garganta. Quando você ajuda um homem pobre, não sinta o menor orgulho. Isso é adoração para você, e não causa de orgulho. O universo inteiro não é você? Onde há alguém que não seja você? Você é a Alma deste universo. Você é o sol, a lua e as estrelas, é você que brilha em todos os lugares. O universo inteiro é você. Quem você vai odiar ou lutar? Saiba, então, que você é Ele e modele toda a sua vida de acordo; e aquele que sabe disso e modela sua vida de acordo com isso não rastejará mais nas trevas.

2.5.13 CAPÍTULO 13: O ATMAN

(Entregue na América)

Muitos de vocês leram o célebre livro de Max Müller, Três Palestras sobre a Filosofia Vedanta, e alguns de vocês podem, talvez, ter lido, em alemão, o livro do Professor Deussen sobre a mesma filosofia. No que está sendo escrito e ensinado no Ocidente sobre o pensamento religioso da Índia, está representada principalmente uma escola de pensamento indiano, aquela que é chamada de Advaitismo, o lado monista da religião indiana; e às vezes pensa-se que todos os ensinamentos dos Vedas estão incluídos naquele sistema único de filosofia. Existem, no entanto, várias fases do pensamento indiano; e, talvez, esta forma não-dualista seja minoritária em comparação com as outras fases. Desde os tempos mais antigos tem havido várias seitas de pensamento na Índia, e como nunca houve uma igreja formulada ou reconhecida ou qualquer corpo de homens para designar as doutrinas nas quais cada escola deveria acreditar, as pessoas eram muito livres para escolher as suas próprias. formar, fazer sua própria filosofia e estabelecer suas próprias seitas. Descobrimos, portanto, que desde os tempos mais antigos a Índia esteve repleta de seitas religiosas. Atualmente, não sei

quantas centenas de seitas temos na Índia, e várias novas seitas estão surgindo todos os anos. Parece que a atividade religiosa daquela nação é simplesmente inesgotável.

Destas várias seitas, em primeiro lugar, podem ser feitas duas divisões principais, a ortodoxa e a não ortodoxa. Aqueles que acreditam nas escrituras hindus, os Vedas, como revelações eternas da verdade, são chamados de ortodoxos, e aqueles que se apoiam em outras autoridades, rejeitando os Vedas, são os heterodoxos na Índia. As principais seitas hindus não ortodoxas modernas são os jainistas e os budistas. Entre os ortodoxos, alguns declaram que as Escrituras têm autoridade muito mais elevada do que a razão; outros dizem novamente que apenas aquela parte das Escrituras que é racional deve ser tomada e o resto rejeitado.

Das três divisões ortodoxas, os Sâmkhyas, os Naiyâyikas e os Mimâmsakas, os dois primeiros, embora existissem como escolas filosóficas, não conseguiram formar nenhuma seita. A única seita que agora realmente abrange a Índia é a dos posteriores Mimamsakas ou Vedantistas. Sua filosofia é chamada de Vedantismo. Todas as escolas de filosofia hindu partem do Vedanta ou Upanishads, mas os monistas adotaram o nome como uma especialidade, porque queriam basear toda a sua teologia e filosofia no Vedanta e nada mais. Com o passar do tempo, o Vedanta prevaleceu, e todas as diversas seitas da Índia que hoje existem podem ser atribuídas a uma ou outra de suas escolas. No entanto, estas escolas não são unânimes nas suas opiniões.

Descobrimos que existem três variações principais entre os Vedantistas. Num ponto todos concordam: todos acreditam em Deus. Todos esses vedantistas também acreditam que os Vedas são a palavra revelada de Deus, não exatamente no mesmo sentido, talvez, como os cristãos ou os maometanos acreditam, mas num sentido muito peculiar. A ideia deles é que os Vedas são uma expressão do conhecimento de Deus, e como Deus é eterno, Seu conhecimento está eternamente com Ele, e assim os Vedas são eternos. Existe outra base comum de crença: a da criação em ciclos, de que toda a criação aparece e desaparece; que é projetado e se torna cada vez mais grosseiro, e no final de um período incalculável de tempo torna-se cada vez mais sutil, quando se dissolve e desaparece, e então vem um período de descanso. Novamente: começa a aparecer e passa pelo mesmo processo. Postulam a existência de um material que chamam de Âkâsha, que é algo parecido com o éter dos cientistas, e de um poder que chamam de Prâna. Sobre; este Prana eles declaram que por sua vibração o universo é produzido. Quando um ciclo termina, toda essa manifestação da natureza torna-se cada vez mais sutil e se dissolve naquele Akasha que não pode ser visto ou sentido, mas a partir do qual tudo é fabricado. Todas as forças que vemos na natureza, como gravitação, atração e repulsão, ou como pensamento, sentimento e movimento nervoso – todas essas diversas forças se transformam nesse Prana, e a vibração do Prana cessa. Nesse estado permanece até o início do próximo ciclo. Prana então começa a vibrar, e essa vibração atua sobre o Akasha, e todas essas formas são lançadas em sucessão regular.

A primeira escola sobre a qual falarei é denominada escola dualística. Os dualistas acreditam que Deus, que é o criador do universo e seu governante, está eternamente separado da natureza, eternamente separado da alma humana. Deus é eterno; a natureza é eterna; assim são todas as almas. A natureza e as almas manifestam-se e mudam, mas Deus permanece o mesmo. De acordo com os dualistas, mais uma vez, este Deus é pessoal porque tem qualidades, não porque tem um corpo. Ele tem atributos humanos; Ele é misericordioso, Ele é justo, Ele é poderoso, Ele é todo-poderoso, Ele pode ser abordado, Ele pode receber oração, Ele pode ser amado, Ele ama em troca, e assim por diante. Em uma palavra, Ele é um Deus humano, apenas infinitamente maior que o homem; Ele não tem nenhuma das más qualidades que os homens têm. “Ele é o repositório de um número infinito de qualidades abençoadas” – essa é a definição deles. Ele não pode criar sem materiais, e a natureza é o material a partir do qual Ele cria todo o universo. Existem alguns dualistas não-Vedânticos, chamados de "Atomistas", que acreditam que a natureza nada mais é do que um número infinito de átomos, e que a vontade de Deus, agindo sobre esses átomos, cria. Os Vedantistas negam a teoria atômica; eles dizem que é perfeitamente ilógico. Os átomos indivisíveis são como pontos geométricos sem partes nem magnitude; mas algo sem partes ou magnitude, se multiplicado um número infinito de vezes, permanecerá o mesmo. Qualquer coisa que não tenha partes nunca produzirá algo que tenha partes; qualquer número de zeros somados não formará um único número inteiro. Portanto, se esses átomos são tais que não têm partes nem magnitude, a criação do universo é simplesmente impossível a partir de tais átomos. Portanto, de acordo com os dualistas vedânticos, existe o que eles chamam de natureza indiscreta ou indiferenciada, e a partir disso Deus cria o universo. A vasta massa do povo indiano é dualista. A natureza humana normalmente não pode conceber nada superior. Descobrimos que noventa por cento da população da Terra que acredita em qualquer religião é dualista. Todas as religiões da Europa e da Ásia Ocidental são dualistas; eles têm que ser. O homem comum não consegue pensar em nada que não seja concreto. Ele naturalmente gosta de se apegar àquilo que seu intelecto pode compreender. Isto é, ele só pode conceber ideias espirituais mais elevadas trazendo-as ao seu próprio nível. Ele só pode compreender pensamentos abstratos tornando-os concretos. Esta é a religião das massas em todo o mundo. Eles acreditam em um Deus que é totalmente separado deles, um grande rei, um

monarca elevado e poderoso, por assim dizer. Ao mesmo tempo, eles O tornam mais puro que os monarcas da terra; eles Lhe dão todas as boas qualidades e removem Dele as más qualidades. Como se algum dia fosse possível existir o bem sem o mal; como se pudesse haver qualquer concepção de luz sem uma concepção de escuridão!

Com todas as teorias dualistas, a primeira dificuldade é: como é possível que, sob o domínio de um Deus justo e misericordioso, o repositório de um número infinito de boas qualidades, possa haver tantos males neste mundo? Esta questão surgiu em todas as religiões dualistas, mas os hindus nunca inventaram um Satã como resposta. Os hindus, de comum acordo, atribuíram a culpa ao homem, e foi fácil para eles fazê-lo. Por que? Porque, como acabei de dizer, eles não acreditavam que as almas fossem criadas do nada. Vemos nesta vida que podemos moldar e moldar o nosso futuro, cada um de nós, todos os dias, tenta moldar o amanhã; hoje fixamos o destino do amanhã; amanhã determinaremos o destino do dia seguinte, e assim por diante. É bastante lógico que este raciocínio também possa ser retrocedido. Se através dos nossos próprios actos moldamos o nosso destino no futuro, porque não aplicar a mesma regra ao passado? Se, numa cadeia infinita, um certo número de elos se repetem alternadamente, então, se um desses grupos de elos for explicado, poderemos explicar toda a cadeia. Assim, neste período infinito de tempo, se pudermos cortar uma porção e explicar essa porção e compreendê-la, então, se for verdade que a natureza é uniforme, a mesma explicação deverá aplicar-se a toda a cadeia do tempo. Se é verdade que estamos a definir o nosso próprio destino aqui neste curto espaço de tempo, se é verdade que tudo deve ter uma causa tal como o vemos agora, também deve ser verdade que aquilo que somos agora é o efeito de todo o nosso passado; portanto, nenhuma outra pessoa é necessária para moldar o destino da humanidade, exceto o próprio homem. Os males que existem no mundo não são causados por ninguém além de nós mesmos. Nós causamos todo esse mal; e assim como vemos constantemente a miséria resultante de más ações, também podemos ver que grande parte da miséria existente no mundo é o efeito da maldade passada do homem. Somente o homem, portanto, de acordo com esta teoria, é responsável. Deus não é o culpado. Ele, o Pai eternamente misericordioso, não tem culpa alguma. "Nós colhemos o que nós semeamos."

Outra doutrina peculiar dos dualistas é que toda alma deve eventualmente chegar à salvação. Ninguém ficará de fora. Através de várias vicissitudes, através de vários sofrimentos e prazeres, cada um deles sairá no final. Sair do quê? A ideia comum de todas as seitas hindus é que todas as almas têm de sair deste universo. Nem o universo que vemos e sentimos, nem mesmo um imaginário, pode ser certo, o real, porque ambos estão misturados com o bem e o mal. Segundo os dualistas, existe além deste universo um lugar cheio de felicidade e apenas de bem; e quando esse lugar for alcançado, não haverá mais necessidade de nascer e renascer, de viver e morrer; e essa ideia é muito cara para eles. Não há mais doenças lá e não há mais mortes. Haverá felicidade eterna, e eles estarão na presença de Deus para sempre e O desfrutarão para sempre. Eles acreditam que todos os seres, desde o verme mais inferior até os anjos e deuses mais elevados, todos, mais cedo ou mais tarde, chegarão a esse mundo onde não haverá mais miséria. Mas o nosso mundo nunca acabará; continua infinitamente, embora se mova em ondas. Embora se mova em ciclos, nunca termina. O número de almas que devem ser salvas, que devem ser aperfeiçoadas, é infinito. Alguns estão nas plantas, alguns estão nos animais inferiores, alguns estão nos homens, alguns estão nos deuses, mas todos eles, mesmo os deuses mais elevados, são imperfeitos, estão em cativeiro. Qual é a escravidão? A necessidade de nascer e a necessidade de morrer. Até os deuses mais elevados morrem. Quais são esses deuses? Eles significam certos estados, certos escritórios. Por exemplo, Indra, o rei dos deuses, significa um determinado cargo; alguma alma que era muito elevada foi preencher esse posto neste ciclo, e depois deste ciclo ela nascerá de novo como homem e descenderá a esta terra, e o homem que for muito bom neste ciclo irá e preencherá esse posto. no próximo ciclo. O mesmo acontece com todos esses deuses; são certos cargos que foram preenchidos alternadamente por milhões e milhões de almas, que, depois de ocuparem esses cargos, desceram e se tornaram homens. Aqueles que praticam boas obras neste mundo e ajudam os outros, mas com o objetivo de recompensar, esperando alcançar o céu ou receber o elogio de seus semelhantes, devem, quando morrerem, colher os benefícios dessas boas obras - eles se tornam estes Deuses. Mas isso não é salvação; a salvação nunca virá através da esperança de recompensa. Tudo o que o homem deseja o Senhor lhe dá. Os homens desejam poder, desejam prestígio, desejam prazeres como deuses, e conseguem realizar esses desejos, mas nenhum efeito do trabalho pode ser eterno. O efeito se

esgotará após um certo período de tempo; pode levar eras, mas depois disso desaparecerá, e esses deuses deverão descer novamente e tornar-se homens e ter outra chance de libertação. Os animais inferiores surgirão e tornar-se-ão homens, tornar-se-ão deuses, talvez, e depois tornar-se-ão homens novamente, ou voltarão a ser animais, até ao momento em que se livrarão de todo o desejo de prazer, da sede de vida, deste apego ao "eu e meu". Este "eu e o meu" é a raiz de todo o mal no mundo. Se você perguntar a um dualista: "Seu filho é seu?" ele dirá: "É de Deus. Minha propriedade não é minha, é de Deus". Tudo deve ser considerado como de Deus.

Agora, estas seitas dualistas na Índia são grandes vegetarianos, grandes pregadores da não matança de animais. Mas a ideia deles sobre isso é bem diferente daquela dos budistas. Se você perguntar a um budista: "Por que você prega contra a matança de qualquer animal?" ele responderá: "Não temos o direito de tirar nenhuma vida"; e se você perguntar a um dualista: "Por que você não mata nenhum animal?" ele diz: "Porque é do Senhor". Assim, o dualista diz que este "eu e meu" deve ser aplicado a Deus e somente a Deus; Ele é o único "eu" e tudo é Dele. Quando um homem chega ao estado em que não tem "eu e o meu", quando tudo é entregue ao Senhor, quando ele ama a todos e está pronto até a dar a sua vida por um animal, sem qualquer desejo de recompensa, então seu coração será purificado, e quando o coração tiver sido purificado, nesse coração virá o amor de Deus. Deus é o centro de atração de cada alma, e o dualista diz: "Uma agulha coberta com argila não será atraída por um ímã, mas assim que a argila for removida, ela será atraída". Deus é o ímã e a alma humana é a agulha, e suas más obras, a sujeira e a poeira que a cobrem. Assim que a alma estiver pura, por atração natural, ela se aproximará de Deus e permanecerá com Ele para sempre, mas permanecerá eternamente separada. A alma aperfeiçoada, se quiser, pode assumir qualquer forma; pode levar cem corpos, se assim o desejar. ou não ter nenhum, se assim o desejar. Torna-se quase todo-poderoso, exceto pelo fato de não poder criar; esse poder pertence somente a Deus. Ninguém, por mais perfeito que seja, pode administrar os assuntos do universo; essa função pertence a Deus. Mas todas as almas, quando se tornam perfeitas, tornam-se felizes para sempre e vivem eternamente com Deus. Esta é a afirmação dualista.

Uma outra ideia que os dualistas pregam. Eles protestam contra a ideia de orar a Deus: “Senhor, dá-me isto e dá-me aquilo”. Eles acham que isso não deveria ser feito. Se um homem precisa pedir algum presente material, ele deve pedi-lo a seres inferiores; peça a um desses deuses, ou anjos ou a um ser aperfeiçoado, as coisas temporais. Deus só deve ser amado. É quase uma blasfêmia orar a Deus: “Senhor, dá-me isto e dá-me aquilo”. De acordo com os dualistas, portanto, o que um homem deseja, ele conseguirá, mais cedo ou mais tarde, orando a um dos deuses; mas se ele quiser a salvação, ele deve adorar a Deus. Esta é a religião das massas da Índia.

A verdadeira filosofia Vedanta começa com aqueles conhecidos como não-dualistas qualificados. Afirmam que o efeito nunca é diferente da causa; o efeito é apenas a causa reproduzida de outra forma. Se o universo é o efeito e Deus a causa, deve ser o próprio Deus – não pode ser nada além disso. Eles começam com a afirmação de que Deus é tanto a causa eficiente quanto a causa material do universo; que Ele mesmo é o criador e Ele mesmo é o material a partir do qual toda a natureza é projetada. A palavra “criação” na sua língua não tem equivalente em sânscrito, porque não existe nenhuma seita na Índia que acredite na criação, tal como é considerada no Ocidente, como algo que surge do nada. Parece que houve uma época em que alguns tiveram essa ideia, mas foram rapidamente silenciados. Atualmente não conheço nenhuma seita que acredite nisso. O que queremos dizer com criação é a projeção daquilo que já existia. Agora, todo o universo, de acordo com esta seita, é o próprio Deus. Ele é o material do universo. Lemos nos Vedas: "Assim como a Urnanâbhi (aranha) tece o fio de seu próprio corpo, ... da mesma forma, todo o universo saiu do Ser."

Se o efeito é a causa reproduzida, a questão é: "Como é que encontramos este universo material, monótono e pouco inteligente produzido a partir de um Deus, que não é material, mas que é inteligência eterna? Como, se a causa é pura e perfeito, o efeito pode ser bem diferente?" O que dizem esses não-dualistas qualificados? A teoria deles é muito peculiar. Dizem que estas três existências, Deus, a natureza e a alma, são uma. Deus é, por assim dizer, a Alma, e a natureza e as almas são o corpo de Deus. Assim como eu tenho um corpo e uma alma, todo o universo e todas as almas são o corpo de Deus, e Deus é a Alma das almas. Assim, Deus é a causa material do universo. O corpo pode ser mudado – pode ser jovem ou velho, forte ou

fraco – mas isso não afeta em nada a alma. É a mesma existência eterna, manifestando-se através do corpo. Os corpos vêm e vão, mas a alma não muda. Mesmo assim, todo o universo é o corpo de Deus e, nesse sentido, é Deus. Mas a mudança no universo não afeta Deus. A partir deste material Ele cria o universo e, no final de um ciclo, Seu corpo torna-se mais sutil, contrai-se; no início de outro ciclo, ele se expande novamente e dele evoluem todos esses mundos diferentes.

Agora, tanto os dualistas como os não-dualistas qualificados admitem que a alma é por natureza pura, mas através das suas próprias ações ela se torna impura. Os não-dualistas qualificados expressam-no de forma mais bela do que os dualistas, salvando que a pureza e a perfeição da alma se contraem e se manifestam novamente, e o que estamos agora a tentar fazer é remanifestar a inteligência, a pureza, o poder que é natural. para a alma. As almas têm uma infinidade de qualidades, mas não a de onipotência ou onisciência. Cada má ação contrai a natureza da alma, e cada boa ação a expande, e essas almas são todas partes de Deus. “Como de um fogo ardente voam milhões de faíscas da mesma natureza, assim mesmo deste Ser Infinito, Deus, estas almas vieram.” Cada um tem o mesmo objetivo. O Deus dos não-dualistas qualificados é também um Deus Pessoal, o repositório de um número infinito de qualidades abençoadas, só Ele está interpenetrando tudo no universo. Ele é imanente em tudo e em toda parte; e quando as escrituras dizem que Deus é tudo, significa que Deus está interpenetrando tudo, não que Deus se tornou a parede, mas que Deus está na parede. Não há uma partícula, nem um átomo no universo onde Ele não esteja. As almas são todas limitadas; eles não são onipresentes. Quando eles conseguem a expansão dos seus poderes e se tornam perfeitos, não há mais nascimento e morte para eles; eles vivem com Deus para sempre.

Agora chegamos ao Advaitismo, a última e, o que pensamos, a mais bela flor da filosofia e da religião que qualquer país, em qualquer época, produziu, onde o pensamento humano atinge a sua expressão mais elevada e vai mesmo além do mistério que parece ser impenetrável. Este é o Vedantismo não-dualista. É demasiado obscuro, demasiado elevado para ser a religião das massas. Mesmo na Índia, o seu local de nascimento, onde governou supremo durante os últimos três mil anos, não foi capaz de permear as massas. À medida que prosseguirmos, descobriremos que é

difícil até mesmo para o homem e a mulher mais ponderados de qualquer país compreender o Advaitismo. Nós nos tornamos tão fracos; nós nos tornamos tão baixos. Podemos fazer grandes afirmações, mas naturalmente queremos apoiar-nos em outra pessoa. Somos como plantinhas fracas, sempre querendo um apoio. Quantas vezes me pediram uma “religião confortável!” Muito poucos homens pedem a verdade, menos ainda se atrevem a aprender a verdade e menos ainda se atrevem a segui-la em todos os seus aspectos práticos. Não é culpa deles; é tudo fraqueza do cérebro. Qualquer pensamento novo, especialmente de tipo elevado, cria uma perturbação, tenta criar um novo canal, por assim dizer, na matéria cerebral, e isso desequilibra o sistema, desequilibra os homens. Eles estão acostumados a determinados ambientes e têm que superar uma enorme massa de superstições antigas, superstições ancestrais, superstições de classe, superstições urbanas, superstições rurais e, por trás de tudo, a vasta massa de superstições que é inata em cada ser humano. No entanto, existem algumas almas corajosas no mundo que ousam conceber a verdade, que ousam aceitá-la e que ousam segui-la até o fim.

O que o Advaitista declara? Ele diz, se existe um Deus, que Deus deve ser tanto a causa material quanto a causa eficiente do universo. Ele não é apenas o criador, mas também o criado. Ele mesmo é este universo. Como pode ser? Deus, o puro, o espírito, tornou-se o universo? Sim; aparentemente sim. Aquilo que todas as pessoas ignorantes vêem como o universo não existe realmente. O que somos você e eu e todas essas coisas que vemos? Mero auto-hipnotismo; existe apenas uma Existência, a Infinita, a Sempre Abençoada. Nessa Existência sonhamos todos esses vários sonhos. É o Atman, além de tudo, o Infinito, além do conhecido, além do cognoscível; dentro e através Que vemos o universo. É a única Realidade. É esta mesa; É o público diante de mim; É a parede; É tudo, menos o nome e a forma. Tire a forma da mesa, tire o nome; o que resta é Isto. O Vedantista não chama Isso de Ele ou Ela - estas são ficções, ilusões do cérebro humano - não há sexo na alma. As pessoas que estão iludidas, que se tornaram como animais, veem uma mulher ou um homem; os deuses vivos não veem homens ou mulheres. Como podem aqueles que estão além de tudo ter alguma ideia sexual? Todos e tudo são o Atman – o Ser – o assexuado, o puro, o sempre abençoado. É o nome, a forma, o corpo, que são materiais e fazem toda essa diferença. Se eliminarmos essas duas

diferenças de nome e forma, todo o universo é um; não há dois, mas um em todos os lugares. Você e eu somos um. Não existe natureza, nem Deus, nem o universo, apenas aquela Existência Infinita, da qual, através do nome e da forma, tudo isso é fabricado. Como conhecer o Conhecedor? Não pode ser conhecido. Como você pode ver seu próprio Eu? Você só pode refletir a si mesmo. Assim, todo este universo é o reflexo daquele Ser Eterno Único, o Atman, e à medida que o reflexo recai sobre refletores bons ou maus, imagens boas ou más são lançadas. Assim, no assassino, o refletor é mau e não o Eu. No santo o refletor é puro. O Ser – o Atman – é puro por sua própria natureza. É a mesma Existência do universo que está se refletindo desde o verme mais inferior até o ser mais elevado e perfeito. Todo este universo é uma Unidade, uma Existência, física, mental, moral e espiritualmente. Estamos olhando para esta Existência única em diferentes formas e criando todas essas imagens sobre Ela. Ao ser que se limitou à condição de homem, Ele aparece como o mundo do homem. Para o ser que está em um plano superior de existência, pode parecer o paraíso. Existe apenas uma Alma no universo, não duas. Não vem nem vai. Não nasce, nem morre, nem reencarna. Como pode morrer? Para onde isso pode ir? Todos estes céus, todas estas terras e todos estes lugares são vãs imaginações da mente. Eles não existem, nunca existiram no passado e nunca existirão no futuro.

Sou onipresente, eterno. Onde eu posso ir? Onde eu ainda não estou? Estou lendo este livro da natureza. Página após página estou terminando e virando, e um sonho de vida após o outro vai embora. Mais uma página da vida é virada; vem outro sonho de vida, e ele vai embora, rolando e rolando, e quando termino a leitura, deixo-o ir e fico de lado, jogo fora o livro, e tudo acaba. O que o Advaitista prega? Ele destrona todos os deuses que já existiram ou que existirão no universo e coloca nesse trono o Eu do homem, o Atman, superior ao sol e à lua, superior aos céus, maior que este grande universo. Nenhum livro, nenhuma escritura, nenhuma ciência pode imaginar a glória do Ser que aparece como homem, o Deus mais glorioso que já existiu, o único Deus que já existiu, existe ou existirá. Devo adorar, portanto, ninguém além de mim mesmo. “Eu adoro a mim mesmo”, diz o Advaitista. A quem devo me curvar? Eu saúdo meu Eu. A quem devo pedir ajuda? Quem pode me ajudar, o Ser Infinito do universo? São sonhos tolos, alucinações; quem já ajudou alguém? Nenhum. Onde quer que você veja

um homem fraco, um dualista, chorando e clamando por ajuda de algum lugar acima dos céus, é porque ele não sabe que os céus também estão nele. Ele quer ajuda dos céus, e a ajuda vem. Vemos que isso vem; mas vem de dentro dele mesmo, e ele confunde-o como vindo de fora. Às vezes, um homem doente, deitado na cama, pode ouvir uma batida na porta. Ele se levanta e abre e não encontra ninguém lá. Ele volta para a cama e novamente ouve uma batida. Ele se levanta e abre a porta. Ninguém está lá. Por fim, ele descobre que foi o batimento cardíaco que ele imaginou ser uma batida na porta. Assim, o homem, após esta vã busca por vários deuses fora de si, completa o círculo e volta ao ponto de onde começou - a alma humana, e descobre que o Deus que ele procurava nas colinas e vales, a quem ele era buscando em cada riacho, em cada templo, nas igrejas e nos céus, aquele Deus que ele até imaginava sentado no céu e governando o mundo, é o seu próprio Ser. Eu sou Ele, e Ele sou eu. Ninguém, exceto eu, era Deus, e este pequeno eu nunca existiu.

No entanto, como poderia esse Deus perfeito ter sido iludido? Ele nunca foi. Como poderia um Deus perfeito estar sonhando? Ele nunca sonhou. A verdade nunca sonha. A própria questão de saber de onde surgiu esta ilusão é absurda. A ilusão surge apenas da ilusão. Não haverá ilusão assim que a verdade for vista. A ilusão sempre repousa sobre a ilusão; nunca repousa em Deus, a Verdade, o Atman. Você nunca está em ilusão; é a ilusão que está em você, diante de você. Uma nuvem está aqui; outro vem e o empurra para o lado e toma o seu lugar. Ainda outro vem e empurra aquele para longe. Assim como diante do céu azul eterno, nuvens de vários matizes e cores vêm, permanecem por pouco tempo e desaparecem, deixando-o com o mesmo azul eterno, assim também você é, eternamente puro, eternamente perfeito. Vocês são os verdadeiros Deuses do universo; não, não existem dois – existe apenas Um. É um erro dizer “você e eu”; diga "eu". Sou eu quem está comendo em milhões de bocas; como posso estar com fome? Sou eu quem trabalho através de um número infinito de mãos; como posso ficar inativo? Sou eu quem vive a vida de todo o universo; onde está a morte para mim? Estou além de toda vida, além de toda morte. Onde devo procurar a liberdade? Sou livre por natureza. Quem pode me amarrar – o Deus deste universo? As escrituras do mundo são apenas pequenos mapas, querendo delinear a minha glória, que é a única existência do universo. Então o que são esses livros para mim? Assim diz o Advaitista.

"Saiba a verdade e seja livre em um momento." Toda a escuridão então desaparecerá. Quando o homem tiver se visto como um com o Ser Infinito do universo, quando toda a separação tiver cessado, quando todos os homens e mulheres, deuses e anjos, todos os animais e plantas, e todo o universo se fundirem nessa Unidade, então todo o medo desaparece. Posso me machucar? Posso me matar? Posso me machucar? A quem temer? Você pode ter medo de si mesmo? Então toda tristeza desaparecerá. O que pode me causar tristeza? Eu sou a Existência Única do universo. Então todos os ciúmes desaparecerão; de quem ter ciúmes? De mim mesmo? Então todos os sentimentos ruins desaparecem. Contra quem posso ter maus pressentimentos? Contra mim mesmo? Não há ninguém no universo além de mim. E este é o único caminho, diz o Vedantista, para o Conhecimento. Acabar com essa diferenciação, acabar com essa superstição de que existem muitas. "Aquele que neste mundo de muitos vê aquele Um, aquele que nesta massa de insensibilidade vê aquele Ser Senciente, aquele que neste mundo de sombras capta essa Realidade, a ele pertence a paz eterna, a ninguém mais, a ninguém mais. "

Estes são os pontos salientes dos três passos que o pensamento religioso indiano deu em relação a Deus. Vimos que tudo começou com o Pessoal, o Deus extracósmico. Passou do corpo cósmico externo para o interno, Deus imanente ao universo, e terminou identificando a própria alma com esse Deus, e formando uma Alma, uma unidade de todas essas diversas manifestações no universo. Esta é a última palavra dos Vedas. Começa com o dualismo, passa por um monismo qualificado e termina no monismo perfeito. Sabemos que muito poucos neste mundo podem chegar ao fim, ou mesmo ousar acreditar nisso, e menos ainda ousam agir de acordo com isso. No entanto, sabemos que é aí que reside a explicação de toda a ética, de toda a moralidade e de toda a espiritualidade do universo. Por que é que todos dizem: "Faça o bem aos outros?" Onde está a explicação? Por que é que todos os grandes homens pregaram a fraternidade da humanidade, e os grandes homens pregaram a fraternidade de todas as vidas? Porque, quer estivessem conscientes disso ou não, por trás de tudo isso, através de todas as suas superstições irracionais e pessoais, estava espreitando a luz eterna do Ser, negando toda a multiplicidade e afirmando que todo o universo é apenas um.

Novamente, a última palavra nos deu um universo, que através dos sentidos vemos como matéria, através do intelecto como almas, e através do espírito como Deus. Para o homem que lança sobre si véus, que o mundo chama de maldade e maldade, este mesmo universo mudará e se tornará um lugar hediondo; para outro homem, que deseja prazeres, este mesmo universo mudará sua aparência e se tornará um paraíso, e para o homem perfeito tudo desaparecerá e se tornará seu próprio Eu.

Ora, como a sociedade existe atualmente, todas estas três etapas são necessárias; um não nega o outro, um é simplesmente a realização do outro. O Advaitista ou o Advaitista qualificado não diz que o dualismo está errado; é uma visão correta, mas inferior. Está a caminho da verdade; portanto, que cada um desenvolva a sua própria visão deste universo, de acordo com as suas próprias ideias. Não machuque ninguém, não negue a posição de ninguém; leve o homem onde ele está e, se puder, dê-lhe uma mão amiga e coloque-o numa plataforma mais alta, mas não machuque e não destrua. Tudo se tornará verdade no longo prazo. “Quando todos os desejos do coração forem vencidos, então este mesmo mortal se tornará imortal” – então o próprio homem se tornará Deus.

2.5.14 CAPÍTULO 14: O ATMAN: SUA BONDAGEM E LIBERDADE

(Entregue na América)

De acordo com a filosofia Advaita, só existe uma coisa real no universo, que ela chama de Brahman; tudo o mais é irreal, manifestado e fabricado a partir de Brahman pelo poder de Mâyâ. Voltar a esse Brahman é o nosso objetivo. Nós somos, cada um de nós, esse Brahman, essa Realidade, mais esse Maya. Se pudermos nos livrar desse Maya ou da ignorância, então nos tornaremos o que realmente somos. Segundo esta filosofia, cada homem consiste em três partes – o corpo, o órgão interno ou a mente, e por trás disso, o que é chamado de Âtman, o Eu. O corpo é o revestimento externo e a mente é o revestimento interno do Atman, que é o verdadeiro percebedor, o verdadeiro desfrutador, o ser no corpo que trabalha o corpo por meio do órgão interno ou da mente.

O Âtman é a única existência no corpo humano que é imaterial. Por ser imaterial, não pode ser composto e, por não ser composto, não obedece à lei de causa e efeito e, portanto, é imortal. Aquilo que é imortal não pode ter começo porque tudo que tem começo deve ter um fim. Segue-se também que deve ser informe; não pode haver nenhum amor sem matéria. Tudo que tem forma deve ter começo e fim. Nenhum de nós viu uma forma que não teve começo e que não terá fim. Uma forma surge de uma combinação de força e matéria. Esta cadeira tem uma forma peculiar, isto é, uma certa quantidade de matéria sofre a ação de uma certa quantidade de força e é levada a assumir uma forma particular. A forma é o resultado de uma combinação de matéria e força. A combinação não pode ser eterna; deve chegar a cada combinação um momento em que ela se dissolverá. Portanto, todas as formas têm um começo e um fim. Sabemos que nosso corpo perecerá; teve um começo e terá um fim. Mas o Ser não tendo forma, não pode ser limitado pela lei do começo e do fim. Existe desde o tempo infinito; assim como o tempo é eterno, o Eu do homem também é eterno. Em segundo lugar, deve ser onipresente. Só a forma é condicionada e limitada pelo espaço; aquilo que é informe não pode ser confinado no espaço. Assim, de acordo com o Advaita Vedanta, o Ser, o Atman, em você, em mim, em cada um, é onipresente. Você está tanto no sol agora quanto nesta terra, tanto na Inglaterra quanto na América. Mas o Ser atua através da mente e do corpo, e onde eles estão, a sua ação é visível.

Cada trabalho que fazemos, cada pensamento que pensamos, produz uma impressão, chamada em sânscrito Samskâra, na mente e a soma total dessas impressões torna-se a tremenda força que é chamada de “caráter”. O caráter de um homem é o que ele criou para si mesmo; é o resultado das ações mentais e físicas que ele realizou em sua vida. A soma total dos Samskaras é a força que dá ao homem a próxima direção após a morte. Um homem morre; o corpo desaparece e volta aos elementos; mas os Samskaras permanecem, aderindo à mente que, sendo feita de material fino, não se dissolve, porque quanto mais fino o material, mais persistente ele é. Mas a mente também se dissolve no longo prazo, e é por isso que lutamos. Neste contexto, a melhor ilustração que me vem à mente é a do redemoinho. Diferentes correntes de ar provenientes de diferentes direções encontram-se e no ponto de encontro unem-se e continuam girando; à medida que giram, formam um corpo de poeira, puxando pedaços de papel, palha, etc., em um

lugar, apenas para deixá-los cair e ir para outro, e assim vão girando, levantando e formando corpos a partir dos materiais que estão diante deles. Mesmo assim as forças, chamadas Prâna em sânscrito, se unem e formam o corpo e a mente a partir da matéria, e seguem em frente até que o corpo caia, quando levantam outros materiais para formar outro corpo, e quando este cai, outro sobe, e assim o processo continua. A força não pode viajar sem matéria. Assim, quando o corpo cai, a substância mental permanece, o Prana na forma de Samskaras agindo sobre ele; e então vai para outro ponto, levanta outro turbilhão de materiais novos e inicia outro movimento; e assim ele viaja de um lugar para outro até que toda a força se esgote; e então cai, acabou. Assim, quando a mente terminar, for totalmente quebrada em pedaços, sem deixar nenhum Samskara, seremos inteiramente livres, e até esse momento estaremos em cativeiro; até então o Atman é coberto pelo turbilhão da mente e imagina que está sendo levado de um lugar para outro. Quando o redemoinho cai, o Atman descobre que Ele é onipresente. Ele pode ir aonde quiser, é totalmente gratuito e é capaz de fabricar qualquer número de mentes ou corpos que desejar; mas até então só pode acontecer com o turbilhão. Esta liberdade é o objetivo para o qual todos caminhamos.

Suponha que haja uma bola nesta sala, e cada um de nós tenha um martelo nas mãos e comece a bater na bola, dando-lhe centenas de golpes, dirigindo-a de um ponto a outro, até que finalmente ela voe para fora da sala. Com que força e em que direção irá sair? Isso será determinado pelas forças que atuaram sobre ele por toda a sala. Todos os diferentes golpes dados terão seus efeitos. Cada uma de nossas ações, mentais e físicas, é um grande golpe. A mente humana é uma bola que está sendo rebatida. Estamos sendo atingidos nesta sala do mundo o tempo todo, e nossa saída dela é determinada pela força de todos esses golpes. Em cada caso, a velocidade e a direção da bola são determinadas pelos golpes recebidos; portanto, todas as nossas ações neste mundo determinarão o nosso futuro nascimento. Nosso nascimento atual, portanto, é o resultado de nosso passado. Este é um caso: suponha que eu lhe dê uma corrente sem fim, na qual há um elo preto e um elo branco alternadamente, sem começo e sem fim, e suponha que eu lhe pergunte a natureza da cadeia. A princípio você encontrará dificuldade em determinar sua natureza, sendo a cadeia infinita em ambas as extremidades, mas lentamente você descobrirá que é uma cadeia. Você logo descobre que esta cadeia infinita é uma repetição dos dois

elos, preto e branco, e estes multiplicados infinitamente tornam-se uma cadeia inteira. Se você conhece a natureza de um desses elos, conhece a natureza de toda a cadeia, porque é uma repetição perfeita. Todas as nossas vidas, passadas, presentes e futuras, formam, por assim dizer, uma cadeia infinita, sem começo e sem fim, cada elo da qual é uma vida, com dois fins, nascimento e morte. O que somos e fazemos aqui está sendo repetido continuamente, com poucas variações. Portanto, se conhecermos esses dois elos, conheceremos todas as passagens pelas quais teremos que passar neste mundo. Vemos, portanto, que a nossa passagem para este mundo foi determinada exatamente pelas nossas passagens anteriores. Da mesma forma, estamos neste mundo pelas nossas próprias ações. Assim como saímos com a soma total de nossas ações presentes sobre nós, também vemos que entramos nisso com a soma total de nossas ações passadas sobre nós; aquilo que nos tira é a mesma coisa que nos traz para dentro. O que nos traz para dentro? Nossos atos passados. O que nos tira? Nossas próprias ações aqui, e assim por diante. Como a lagarta que tira o fio da própria boca e constrói o seu casulo e finalmente se vê presa dentro do casulo, nós nos ligamos às nossas próprias ações, lançamos a rede das nossas ações em torno de nós mesmos. Colocamos em ação a lei da causalidade e achamos difícil sair dela. Colocamos a roda em movimento e estamos sendo esmagados por ela. Portanto, esta filosofia nos ensina que estamos uniformemente limitados pelas nossas próprias ações, boas ou más.

O Atman nunca vem nem vai, nunca nasce nem morre. É a natureza movendo-se diante do Atman, e o reflexo desse movimento está no Atman; e o Atman, ignorantemente, pensa que está se movendo, e não a natureza. Quando o Atman pensa isso, ele está escravizado; mas quando se trata de descobrir que nunca se move, que é onipresente, então surge a liberdade. O Atman em cativeiro é chamado Jiva. Assim, você vê que quando se diz que o Atman vem e vai, isso é dito apenas para facilitar a compreensão, assim como, por conveniência no estudo da astronomia, você é solicitado a supor que o Sol se move ao redor da Terra, embora tal não seja o caso. . Assim, o Jiva, a alma, chega a estados superiores ou inferiores. Esta é a conhecida lei da reencarnação; e esta lei vincula toda a criação.

As pessoas neste país acham horrível que o homem tenha surgido de um animal. Por que? Qual será o fim desses milhões de animais? Eles não são

nada? Se temos alma, eles também têm, e se eles não têm, nós também não. É absurdo dizer que só o homem tem alma e os animais nenhuma. Já vi homens piores que animais.

A alma humana permaneceu em formas inferiores e superiores, migrando de uma para outra, de acordo com os Samskaras ou impressões, mas é somente na forma mais elevada como homem que ela alcança a liberdade. A forma humana é mais elevada até mesmo do que a forma angélica, e de todas as formas é a mais elevada; o homem é o ser mais elevado da criação, porque alcança a liberdade.

Todo este universo estava em Brahman, e foi, por assim dizer, projetado para fora Dele, e tem se movido para voltar à fonte de onde foi projetado, como a eletricidade que sai do dínamo, completa o circuito e retorna a ele. O mesmo acontece com a alma. Projetado a partir de Brahman, passou por todos os tipos de formas vegetais e animais, e finalmente está no homem, e o homem é a abordagem mais próxima de Brahman. Voltar ao Brahman a partir do qual fomos projetados é a grande luta da vida. Se as pessoas sabem disso ou não, não importa. No universo, tudo o que vemos de movimento, de lutas em minerais, plantas ou animais é um esforço para voltar ao centro e estar em repouso. Houve um equilíbrio e este foi destruído; e todas as partes, átomos e moléculas estão lutando para encontrar novamente o equilíbrio perdido. Nesta luta eles estão se combinando e se reformando, dando origem a todos os fenômenos maravilhosos da natureza. Todas as lutas e competições na vida animal, na vida vegetal e em todos os outros lugares, todas as lutas sociais e guerras são apenas expressões dessa luta eterna para voltar a esse equilíbrio.

A passagem do nascimento à morte, esta viagem, é o que se chama Samsara em sânscrito, literalmente o ciclo do nascimento e da morte. Toda a criação, passando por esta rodada, mais cedo ou mais tarde se tornará livre. Pode-se levantar a questão de que, se todos alcançarmos a liberdade, por que deveríamos lutar para alcançá-la? Se todos quiserem ser livres, sentaremos e esperamos. É verdade que todo ser se tornará livre, mais cedo ou mais tarde; ninguém pode se perder. Nada pode ser destruído; tudo deve surgir. Se for assim, qual é a utilidade da nossa luta? Em primeiro lugar, a luta é o único meio que nos levará ao centro e, em segundo lugar, não sabemos

porque lutamos. Temos que. "Entre milhares de homens, alguns despertaram para a ideia de que se tornarão livres." As vastas massas da humanidade estão satisfeitas com as coisas materiais, mas há alguns que acordam e querem voltar, que estão fartos desta brincadeira, aqui em baixo. Estes lutam conscientemente, enquanto os demais o fazem inconscientemente.

O alfa e o ômega da filosofia Vedanta é “desistir do mundo”, abandonar o irreal e assumir o real. Aqueles que estão apaixonados pelo mundo podem perguntar: "Por que deveríamos tentar sair dele, voltar ao centro? Suponhamos que todos viemos de Deus, mas achamos que este mundo é prazeroso e agradável; então, por que deveríamos em vez disso, tentar obter cada vez mais do mundo? Por que deveríamos tentar sair dele? Eles dizem, vejam as maravilhosas melhorias que acontecem no mundo todos os dias, quanto luxo está sendo fabricado para isso. Isto é muito agradável. Por que deveríamos ir embora e lutar por algo que não é isso? A resposta é que o mundo certamente morrerá, será despedaçado e que muitas vezes tivemos os mesmos prazeres. Todas as formas que vemos agora manifestaram-se repetidas vezes, e o mundo em que vivemos já esteve aqui muitas vezes antes. Já estive aqui e conversei com você muitas vezes antes. Você saberá que deve ser assim, e as próprias palavras que você tem ouvido agora, você já ouviu muitas vezes antes. E muitas vezes mais será igual. As almas nunca foram diferentes, os corpos têm estado constantemente se dissolvendo e recorrendo. Em segundo lugar, estas coisas ocorrem periodicamente. Suponha que haja três ou quatro dados e, quando os lançamos, um dá cinco, outro quatro, mais três e mais dois. Se você continuar jogando, chegará momentos em que esses mesmos números se repetirão. Continue jogando, e não importa quanto tempo seja o intervalo, esses números devem voltar. Não se pode afirmar em quantos lances eles voltarão; esta é a lei do acaso. O mesmo acontece com as almas e suas associações. Por mais distantes que sejam os períodos, as mesmas combinações e dissoluções acontecerão repetidas vezes. O mesmo nascimento, comer e beber, e depois a morte, ocorrem repetidas vezes. Alguns nunca encontram nada mais elevado do que os prazeres do mundo, mas aqueles que querem voar mais alto descobrem que esses prazeres nunca são finais, são apenas um caminho.

Cada forma, digamos, começando no pequeno verme e terminando no homem, é como um dos carros da roda gigante de Chicago que está em movimento o tempo todo, mas os ocupantes mudam. Um homem entra em um carro, move-se com o volante e sai. A roda continua e continua. Uma alma entra em uma forma, reside nela por um tempo, depois a deixa e vai para outra e abandona-a novamente por uma terceira. Assim a rodada continua até sair da roda e ficar livre.

Os surpreendentes poderes de leitura do passado e do futuro da vida de um homem são conhecidos em todos os países e em todas as épocas. A explicação é que enquanto o Atman estiver dentro do reino da causalidade - embora a sua liberdade inerente não esteja totalmente perdida e possa afirmar-se, mesmo ao ponto de tirar a alma da cadeia causal, como faz no caso da homens que se tornam livres - suas ações são grandemente influenciadas pela lei causal e, portanto, tornam possível aos homens, possuidores do discernimento para traçar a sequência de efeitos, contar o passado e o futuro.

Enquanto houver desejo ou carência, é um sinal claro de que existe imperfeição. Um ser perfeito e livre não pode ter nenhum desejo. Deus não pode querer nada. Se Ele deseja, Ele não pode ser Deus. Ele será imperfeito. Portanto, toda a conversa sobre Deus desejar isso e aquilo, e ficar irado e satisfeito alternadamente, é conversa de bebê, mas não significa nada. Por isso tem sido ensinado por todos os professores: “Não deseje nada, desista de todos os desejos e fique perfeitamente satisfeito”.

Uma criança vem ao mundo engatinhando e sem dentes, e o velho sai sem dentes e engatinhando. Os extremos são semelhantes, mas um não tem experiência da vida que o precedeu, enquanto o outro já passou por tudo. Quando as vibrações do éter são muito baixas, não vemos luz, é escuridão; quando muito alto, o resultado também é escuridão. Os extremos geralmente parecem ser os mesmos, embora um esteja tão distante do outro quanto os pólos. A parede não tem desejos, assim como o homem perfeito também não. Mas a parede não é senciante o suficiente para desejar, enquanto para o homem perfeito não há nada a desejar. Existem idiotas que não têm desejos neste mundo porque seu cérebro é imperfeito. Ao mesmo tempo, o estado mais elevado é quando não temos desejos, mas os dois são

pólos opostos da mesma existência. Um está perto do animal e o outro perto de Deus.

2.5.15 CAPÍTULO 15: O HOMEM REAL E O APARENTE

(Entregue em Nova York)

Aqui estamos, e nossos olhos às vezes olham para frente, quilômetros à frente. O homem tem feito isso desde que começou a pensar. Ele está sempre olhando para frente, olhando para frente. Ele quer saber para onde vai mesmo após a dissolução de seu corpo. Várias teorias foram propostas, sistema após sistema foram apresentados para sugerir explicações. Alguns foram rejeitados, enquanto outros foram aceitos, e assim continuará, enquanto o homem estiver aqui, enquanto o homem pensar. Há alguma verdade em cada um desses sistemas. Há muito do que não é verdade em todos eles. Tentarei apresentar-lhes a soma e a substância, o resultado, das investigações neste sentido que foram feitas na Índia. Tentarei harmonizar os vários pensamentos sobre o assunto, tal como surgiram de tempos em tempos entre os filósofos indianos. Tentarei harmonizar os psicólogos e os metafísicos e, se possível, harmonizá-los-ei também com os pensadores científicos modernos.

O único tema da filosofia Vedanta é a busca pela unidade. A mente hindu não se preocupa com o particular; está sempre atrás do geral, ou melhor, do universal. "O que é isso, sabendo que todo o resto deve ser conhecido?" Esse é o único tema. "Assim como através do conhecimento de um pedaço de barro tudo o que é de barro é conhecido, então, o que é isso, sabendo que todo este universo será conhecido?" Essa é a única pesquisa. Todo este universo, segundo os filósofos hindus, pode ser reduzido a um material, que eles chamam de Âkâsha. Tudo o que vemos ao nosso redor, sentimos, tocamos, saboreamos, é simplesmente uma manifestação diferenciada deste Akasha. É onipresente, tudo bem. Tudo o que chamamos de sólidos, líquidos ou gases, figuras, formas ou corpos, a terra, o sol, a lua e as estrelas – tudo é composto deste Akasha.

Que força é que atua sobre este Akasha e fabrica este universo a partir dele? Junto com Akasha existe o poder universal; tudo o que é poder no universo, manifestando-se como força ou atração – ou melhor, até mesmo como pensamento – é apenas uma manifestação diferente daquele poder que os hindus chamam de Prâna. Este Prana, agindo sobre Akasha, está criando todo este universo. No início de um ciclo, este Prana, por assim dizer, dorme no oceano infinito do Akasha. Existia imóvel no começo. Então surge o movimento neste oceano de Akasha pela ação deste Prana, e à medida que este Prana começa a se mover, a vibrar, deste oceano surgem os vários sistemas celestes, sóis, luas, estrelas, terra, seres humanos, animais, plantas. , e as manifestações de todas as diversas forças e fenômenos. Toda manifestação de poder, portanto, segundo eles, é este Prana. Toda manifestação material é Akasha. Quando este ciclo terminar, tudo o que chamamos de sólido se fundirá na próxima forma, na próxima forma mais fina ou na forma líquida; isso se fundirá no gás, e isso em vibrações de calor mais finas e uniformes, e tudo se fundirá novamente no Akasha original, e o que agora chamamos de atração, repulsão e movimento, lentamente se transformará no Prana original. Diz-se então que esse Prana dorme por um período, para emergir novamente e expulsar todas aquelas formas; e quando esse período terminar, tudo irá diminuir novamente. Assim, este processo de criação vai descendo e subindo, oscilando para frente e para trás. Na linguagem da ciência moderna, está a tornar-se estático durante um período, e durante outro período está a tornar-se dinâmico. Num momento torna-se potencial e no período seguinte torna-se ativo. Essa alteração continuou por toda a eternidade.

No entanto, esta análise é apenas parcial. Isso já é conhecido até mesmo pela ciência física moderna. Além disso, a pesquisa da ciência física não consegue alcançar. Mas a investigação não pára nas consequências. Ainda não encontramos esse, sabendo que todo o resto será conhecido. Resolvemos todo o universo em dois componentes, no que chamamos de matéria e energia, ou no que os antigos filósofos da Índia chamavam de Akasha e Prana. O próximo passo é resolver este Akasha e o Prana em sua origem. Ambos podem ser resolvidos na entidade ainda mais elevada chamada mente. Foi fora da mente, o Mahat, o poder do pensamento universalmente existente, que estes dois foram produzidos. O pensamento é uma manifestação ainda mais sutil do ser do que Akasha ou Prana. É o

pensamento que se divide nesses dois. O pensamento universal existiu no início, e aquilo que se manifestou, mudou, evoluiu para estes dois Akasha e Prana: e pela combinação destes dois todo o universo foi produzido.

Em seguida, chegamos à psicologia. Estou olhando para você. As sensações externas me são trazidas pelos olhos; eles são transportados pelos nervos sensoriais até o cérebro. Os olhos não são os órgãos da visão. Eles são apenas instrumentos externos, porque se o verdadeiro órgão por trás, aquele que leva a sensação ao cérebro, for destruído, posso ter vinte olhos, mas não posso ver você. A imagem na retina pode ser tão completa quanto possível, mas não verei você. Portanto, o órgão é diferente dos seus instrumentos; atrás dos instrumentos, dos olhos, deve estar o órgão. Assim é com todas as sensações. O nariz não é o sentido do olfato; é apenas o instrumento, e atrás dele está o órgão. Em todos os sentidos que possuímos, existe primeiro o instrumento externo no corpo físico; atrás disso, no mesmo corpo físico, está o órgão; no entanto, estes não são suficientes. Suponha que eu esteja falando com você e você esteja me ouvindo com muita atenção. Algo acontece, digamos, uma campainha toca; você talvez não ouça a campainha tocar. As pulsações daquele som chegaram ao seu ouvido, atingiram o tímpano, a impressão foi levada pelo nervo até o cérebro; se todo o processo foi concluído até levar o impulso ao cérebro, por que você não ouviu? Algo mais estava faltando – a mente não estava apegada ao órgão. Quando a mente se separa do órgão, o órgão pode trazer-lhe qualquer notícia, mas a mente não a receberá. Quando ela se liga ao órgão, só então é possível à mente receber a notícia. No entanto, mesmo isso não completa o todo. Os instrumentos podem trazer a sensação de fora, os órgãos podem transportá-la para dentro, a mente pode ligar-se ao órgão e ainda assim a percepção pode não ser completa. Mais um fator é necessário; deve haver uma reação interna. Com essa reação vem o conhecimento. Aquilo que está fora envia, por assim dizer, uma corrente de notícias para o meu cérebro. Minha mente o pega e o apresenta ao intelecto, que o agrupa em relação às impressões pré-recebidas e envia uma corrente de reação, e com essa reação vem a percepção. Aqui, então, está a vontade. O estado mental que reage é chamado Buddhi, o intelecto. No entanto, mesmo isso não completa o todo. É necessário mais um passo. Suponha que aqui haja uma câmera e um lençol de pano, e eu tente lançar uma foto nesse lençol. O que eu devo fazer? Devo guiar vários raios de luz através da câmera para que caiam

sobre a folha e se agrupem ali. É necessário algo para que a imagem seja projetada, a qual não se move. Não consigo formar uma imagem sobre algo que esteja em movimento; esse algo deve ser estacionário, porque os raios de luz que lanço sobre ele estão se movendo, e esses raios de luz em movimento devem ser reunidos, unificados, coordenados e completados em algo que está estacionário. O mesmo acontece com as sensações que esses nossos órgãos carregam para dentro e apresentam à mente, e que a mente, por sua vez, apresenta ao intelecto. Este processo não estará completo a menos que haja algo permanente no fundo sobre o qual a imagem, por assim dizer, possa ser formada, sobre a qual possamos unificar todas as diferentes impressões. O que é que dá unidade à totalidade mutável do nosso ser? O que é que mantém a identidade da coisa em movimento, momento após momento? Em que se juntam todas as nossas diferentes impressões, em que as percepções, por assim dizer, se juntam, residem e formam um todo unido? Descobrimos que para servir a esse fim deve haver algo, e também vemos que esse algo deve estar, relativamente ao corpo e à mente, imóvel. A folha de tecido sobre a qual a câmera lança a imagem está, relativamente aos raios de luz, imóvel, caso contrário não haverá imagem. Ou seja, quem percebe deve ser um indivíduo. Esse algo sobre o qual a mente pinta todos esses quadros, esse algo sobre o qual nossas sensações, transportadas pela mente e pelo intelecto, são colocadas, agrupadas e formadas em uma unidade, é o que se chama alma do homem.

Vimos que é a mente cósmica universal que se divide em Akasha e Prana, e além da mente encontramos a alma em nós. No universo, por trás da mente universal, existe uma Alma, e ela se chama Deus. No indivíduo é a alma do homem. Neste universo, no cosmos, assim como a mente universal evolui para Akasha e Prana, mesmo assim, podemos descobrir que a própria Alma Universal evolui como mente. É realmente assim com o homem individual? A sua mente é a criadora do seu corpo e a sua alma a criadora da sua mente? Isto é, seu corpo, sua mente e sua alma são três existências diferentes ou são três em uma ou, novamente, são diferentes estados de existência do mesmo ser unitário? Tentaremos gradualmente encontrar uma resposta a esta questão. O primeiro passo que demos agora é este: aqui está este corpo externo, atrás deste corpo externo estão os órgãos, a mente, o intelecto, e atrás deste está a alma. No primeiro passo, descobrimos, por assim dizer, que a alma está separada do corpo, separada da própria mente.

As opiniões no mundo religioso ficam divididas neste ponto, e o ponto de partida é este. Todas as visões religiosas que geralmente são chamadas de dualismo sustentam que esta alma é qualificada, que possui várias qualidades, que todos os sentimentos de prazer, prazer e dor realmente pertencem à alma. Os não-dualistas negam que a alma possua tais qualidades; eles dizem que é desqualificado.

Deixe-me primeiro abordar os dualistas e tentar apresentar-lhe a posição deles em relação à alma e ao seu destino; a seguir, o sistema que os contradiz; e, por último, tentemos encontrar a harmonia que o não-dualismo nos trará. Esta alma do homem, por ser separada da mente e do corpo, por não ser composta de Akasha e Prana, deve ser imortal. Por que? O que queremos dizer com mortalidade? Decomposição. E isso só é possível para coisas que resultam de composição; qualquer coisa que seja feita de dois ou três ingredientes deve se decompor. Somente aquilo que não é o resultado da composição nunca pode se decompor e, portanto, nunca pode morrer. É imortal. Tem existido por toda a eternidade; é incriado. Cada item da criação é simplesmente uma composição; ninguém jamais viu a criação surgir do nada. Tudo o que sabemos sobre a criação é a combinação de coisas já existentes em formas mais novas. Sendo assim, esta alma do homem, sendo simples, deve ter existido desde sempre e existirá para sempre. Quando este corpo cai, a alma continua viva. De acordo com os Vedantistas, quando este corpo se dissolve, as forças vitais do homem voltam para a sua mente e a mente se dissolve, por assim dizer, no Prana, e esse Prana entra na alma do homem, e na alma do homem sai, vestido, por assim dizer, com o que eles chamam de corpo sutil, corpo mental ou corpo espiritual, como você gostaria de chamá-lo. Neste corpo estão os Samskâras do homem. O que são os Samskaras? Esta mente é como um lago, e cada pensamento é como uma onda nesse lago. Assim como no lago as ondas sobem e depois caem e desaparecem, também essas ondas de pensamento sobem continuamente na substância mental e depois desaparecem, mas não desaparecem para sempre. Eles se tornam cada vez mais refinados, mas estão todos lá, prontos para começar em outro momento, quando solicitados a fazê-lo. A memória está simplesmente trazendo de volta à forma de onda alguns daqueles pensamentos que entraram naquele estado mais sutil de existência. Assim, tudo o que pensamos, cada ação que realizamos, está alojado na mente; está tudo lá em boa forma, e quando um homem morre, a

soma total dessas impressões está na mente, que novamente trabalha com um pequeno material fino como médium. A alma, por assim dizer, revestida com essas impressões e com o corpo sutil, desmaia, e o destino da alma é guiado pela resultante de todas as diferentes forças representadas pelas diferentes impressões. Segundo nós, existem três objetivos diferentes para a alma.

Aqueles que são muito espirituais, quando morrem, seguem os raios solares e alcançam o que é chamado de esfera solar, através da qual alcançam o que é chamado de esfera lunar, e através disso alcançam o que é chamado de esfera do relâmpago, e lá eles encontram outra alma que já é abençoada, e ele guia o recém-chegado para a mais alta de todas as esferas, que é chamada de Brahmaloka, a esfera de Brahmâ. Lá essas almas alcançam a onisciência e a onipotência, tornando-se quase tão poderosas e oniscientes quanto o próprio Deus; e eles residem lá para sempre, de acordo com os dualistas, ou, de acordo com os não-dualistas, tornam-se um com o Universal no final do ciclo. A próxima classe de pessoas, que têm feito um bom trabalho com motivos egoístas, são levadas pelos resultados de suas boas obras, quando morrem, para o que é chamado de esfera lunar, onde existem vários céus, e lá adquirem corpos excelentes, os corpos dos deuses. Eles se tornam deuses e vivem lá e desfrutam das bênçãos do céu por um longo período; e depois que esse período termina, o antigo Karma está novamente sobre eles, e assim eles caem novamente na terra; eles descem através das esferas do ar e das nuvens e de todas essas diversas regiões e, finalmente, alcançam a terra através das gotas de chuva. Lá na terra eles se prendem a algum cereal que eventualmente é comido por algum homem que está apto a fornecer-lhes material para fazer um novo corpo. A última classe, a saber, os ímpios, quando morrem, tornam-se fantasmas ou demônios e vivem em algum lugar a meio caminho entre a esfera lunar e esta terra. Alguns tentam perturbar a humanidade, alguns são amigáveis; e depois de viverem lá por algum tempo, eles também caem de volta à terra e se tornam animais. Depois de viverem por algum tempo em um corpo animal, eles são libertados, voltam e se tornam homens novamente, e assim têm mais uma chance de realizar sua salvação. Vemos, então, que aqueles que quase atingiram a perfeição, nos quais resta apenas muito pouca impureza, vão para o Brahmaloka através dos raios do sol; aqueles que eram pessoas medianas, que fizeram um bom trabalho aqui com a idéia de ir para o céu, vão para os céus na

esfera lunar e lá obtêm corpos divinos; mas eles têm que se tornar homens novamente e assim ter mais uma chance de se tornarem perfeitos. Aqueles que são muito perversos tornam-se fantasmas e demônios, e então podem ter que se tornar animais; depois disso, eles se tornam homens novamente e têm outra chance de se aperfeiçoarem. Esta terra é chamada de Karma-Bhumi, a esfera do Karma. Somente aqui o homem cria seu Karma bom ou ruim. Quando um homem quer ir para o céu e faz boas obras para esse propósito, ele se torna tão bom e não acumula nenhum Karma ruim. Ele apenas aproveita os efeitos do bom trabalho que realizou na terra; e quando este bom Karma se esgota, cai sobre ele a força resultante de todo o mau Karma que ele havia acumulado anteriormente em vida, e que o traz novamente a esta terra. Da mesma forma, aqueles que se tornam fantasmas permanecem nesse estado, não dando origem a novo Karma, mas sofrem os maus resultados de seus erros passados, e mais tarde permanecem por um tempo em um corpo animal sem causar qualquer novo Karma. Quando esse período terminar, eles também se tornarão homens novamente. Os estados de recompensa e punição devidos a bons e maus Karmas são desprovidos da força geradora de novos Karmas; eles só precisam ser desfrutados ou sofridos. Se existe um Karma extraordinariamente bom ou extraordinariamente mau, ele dá frutos muito rapidamente. Por exemplo, se um homem tem feito muitas coisas más durante toda a sua vida, mas pratica uma boa ação, o resultado dessa boa ação aparecerá imediatamente, mas quando esse resultado tiver sido alcançado, todas as más ações devem produzir os seus resultados também. . Todos os homens que praticarem certos atos bons e grandes, mas cujo teor geral de vida não tenha sido correto, tornar-se-ão deuses; e depois de viverem por algum tempo em corpos divinos, desfrutando dos poderes dos deuses, eles terão que se tornar homens novamente; quando o poder das boas ações termina assim, o velho mal surge para ser resolvido. Aqueles que praticam atos extraordinariamente maus têm que assumir corpos de fantasmas e de demônios, e quando o efeito dessas ações más se esgota, a pouca ação boa que permanece associada a eles, faz com que eles se tornem novamente homens. O caminho para Brahmaloça, do qual não há mais queda nem retorno, é chamado de Devayâna, ou seja, o caminho para Deus; o caminho para o céu é conhecido como Pitriyâna, ou seja, o caminho para os pais.

O homem, portanto, de acordo com a filosofia Vedanta, é o maior ser que existe no universo, e este mundo do trabalho é o melhor lugar nele, porque somente aqui está a maior e a melhor chance para ele se tornar perfeito. Anjos ou deuses, como quer que vocês os chamem, têm todos de se tornar homens, se quiserem tornar-se perfeitos. Este é o grande centro, o equilíbrio maravilhoso e a oportunidade maravilhosa – esta vida humana.

Chegamos a seguir ao outro aspecto da filosofia. Há budistas que negam toda a teoria da alma que acabei de propor. “De que adianta”, diz o budista, “assumir algo como o substrato, como o pano de fundo deste corpo e mente? Por que não podemos permitir que os pensamentos continuem? Por que admitir uma terceira substância além deste organismo, composta de mente? e corpo, uma terceira substância chamada alma? Qual é a sua utilidade? Este organismo não é suficiente para se explicar? Esses argumentos são muito poderosos. Este raciocínio é muito forte. No que diz respeito à investigação externa, vemos que este organismo é uma explicação suficiente de si mesmo – pelo menos, muitos de nós o vemos sob essa luz. Por que então é necessário que exista uma alma como substrato, como algo que não é nem mente nem corpo, mas que serve de pano de fundo tanto para a mente como para o corpo? Que haja apenas mente e corpo. Corpo é o nome de um fluxo de matéria em constante mudança. Mente é o nome de um fluxo de consciência ou pensamento em constante mudança. O que produz a aparente unidade entre esses dois? Esta unidade não existe realmente, digamos. Pegue, por exemplo, uma tocha acesa e gire-a rapidamente diante de você. Você vê um círculo de fogo. O círculo realmente não existe, mas como a tocha está em movimento contínuo, ela deixa a aparência de um círculo. Portanto não há unidade nesta vida; é uma massa de matéria caindo continuamente, e toda essa matéria você pode chamar de uma unidade, mas nada mais. A mente também; cada pensamento é separado de todos os outros pensamentos; é apenas a correnteza que deixa para trás a ilusão de unidade; não há necessidade de uma terceira substância. Este fenômeno universal do corpo e da mente é tudo o que realmente existe; não postule algo por trás disso. Você descobrirá que este pensamento budista foi adotado por certas seitas e escolas nos tempos modernos, e todas elas afirmam que é novo – sua própria invenção. Esta tem sido a ideia central da maioria das filosofias budistas, que este mundo é em si todo-suficiente; que você não precisa

pedir nenhum histórico; tudo o que existe é este universo sensorial: de que adianta pensar em algo como suporte para este universo? Tudo é um agregado de qualidades; por que deveria haver uma substância hipotética na qual eles deveriam ser inerentes? A ideia de substância vem do rápido intercâmbio de qualidades, e não de algo imutável que existe por trás delas. Vemos quão maravilhosos são alguns destes argumentos, e eles apelam facilmente para a experiência comum da humanidade – na verdade, nem um em um milhão consegue pensar em outra coisa senão fenômenos. Para a grande maioria dos homens, a natureza parece ser apenas uma massa de mudanças mutáveis, rodopiantes, combinadas e misturadas. Poucos de nós temos um vislumbre do mar calmo atrás. Para nós é sempre açoitado em ondas; este universo nos aparece apenas como uma massa de ondas em movimento. Assim encontramos essas duas opiniões. Uma é que existe algo por trás do corpo e da mente que é uma substância imutável e imóvel; e a outra é que não existe imobilidade ou imutabilidade no universo; tudo é mudança e nada além de mudança. A solução desta diferença surge no próximo passo do pensamento, nomeadamente, o não-dualista.

Diz que os dualistas têm razão em encontrar algo por trás de tudo, como um pano de fundo que não muda; não podemos conceber a mudança sem que haja algo imutável. Só podemos conceber algo que seja mutável conhecendo algo que é menos mutável, e isso também deve parecer mais mutável em comparação com algo que é menos mutável, e assim por diante, até que sejamos obrigados a admitir que deve haver ser algo que nunca muda. Toda esta manifestação deve ter estado num estado de não-manifestação, calma e silenciosa, sendo o equilíbrio de forças opostas, por assim dizer, quando nenhuma força atuou, porque a força atua quando ocorre uma perturbação do equilíbrio. está sempre se apressando para retornar a esse estado de equilíbrio novamente. Se tivermos certeza de qualquer fato, estamos certos disso. Quando os dualistas afirmam que existe algo que não muda, eles estão perfeitamente certos, mas a sua análise de que se trata de algo subjacente que não é nem o corpo nem a mente, algo separado de ambos, está errada. Na medida em que os budistas dizem que todo o universo é uma massa de mudanças, eles estão perfeitamente certos; enquanto eu estiver separado do universo, enquanto eu me afastar e olhar para algo diante de mim, enquanto houver duas coisas – o observador e a coisa observada – parecerá sempre que o universo é um só. de mudança,

mudando continuamente o tempo todo. Mas a realidade é que existe mudança e imutabilidade neste universo. Não é que a alma, a mente e o corpo sejam três existências separadas, pois este organismo feito destes três é realmente um. É a mesma coisa que aparece como o corpo, como a mente e como a coisa além da mente e do corpo, mas não é tudo isso ao mesmo tempo. Quem vê o corpo nem sequer vê a mente, quem vê a mente não vê aquilo que chama de alma, e quem vê a alma – para ele o corpo e a mente desapareceram. Aquele que vê apenas o movimento nunca vê a calma absoluta, e aquele que vê a calma absoluta – para ele o movimento desapareceu. Uma corda é confundida com uma cobra. Aquele que vê a corda como a cobra, para ele a corda desapareceu, e quando a ilusão cessa e ele olha para a corda, a cobra desapareceu.

Existe então apenas uma existência que tudo abrange, e essa existe como múltipla. Este Eu ou Alma ou Substância é tudo o que existe no universo. Esse Eu ou Substância ou Alma é, na linguagem do não-dualismo, o Brahman que parece ser múltiplo pela interposição de nome e forma. Veja as ondas do mar. Nenhuma onda é realmente diferente do mar, mas o que torna a onda aparentemente diferente? Nome e forma; a forma da onda e o nome que lhe damos, “onda”. É isso que o diferencia do mar. Quando o nome e a forma desaparecem, é o mesmo mar. Quem pode fazer alguma diferença real entre a onda e o mar? Portanto, todo este universo é aquela Existência Unitária; nome e forma criaram todas essas diferenças. Assim como quando o sol brilha sobre milhões de glóbulos de água, em cada partícula é vista uma representação mais perfeita do sol, assim também a única Alma, o único Eu, a única Existência do universo, sendo refletida em todos esses numerosos glóbulos de variação nomes e formas, parece ser variado. Mas na realidade é apenas um. Não existe “eu” nem “você”; é tudo um. Ou é todo “eu” ou todo “você”. Esta ideia de dualidade, bezerro dois, é inteiramente falsa, e todo o universo, como normalmente o conhecemos, é o resultado deste falso conhecimento. Quando surge a discriminação e o homem descobre que não há dois, mas um, ele descobre que ele próprio é este universo. "Sou eu quem sou este universo tal como existe agora, uma massa contínua de mudanças. Sou eu quem está além de todas as mudanças, além de todas as qualidades, o eternamente perfeito, o eternamente abençoado."

Existe, portanto, apenas um Atman, um Eu, eternamente puro, eternamente perfeito, imutável, inalterado; isso nunca mudou; e todas essas diversas mudanças no universo são apenas aparências naquele Ser único.

Sobre ela o nome e a forma pintaram todos esses sonhos; é a forma que diferencia a onda do mar. Suponha que a onda diminua, a forma permanecerá? Não, ele desaparecerá. A existência da onda dependia inteiramente da existência do mar, mas a existência do mar não dependia de forma alguma da existência da onda. A forma permanece enquanto a onda permanece, mas assim que a onda a deixa, ela desaparece, não pode permanecer. Este nome e forma são o resultado do que é chamado de Maya. É esse Maya que está formando os indivíduos, fazendo com que uns pareçam diferentes dos outros. No entanto, não existe. Não se pode dizer que Maya exista. Não se pode dizer que a forma existe, porque depende da existência de outra coisa. Não se pode dizer que não existe, visto que isso faz toda a diferença. De acordo com a filosofia Advaita, então, esta Maya ou ignorância - ou nome e forma, ou, como tem sido chamado na Europa, "tempo, espaço e causalidade" - está fora desta Existência Infinita única, mostrando-nos a multiplicidade do universo; em substância, este universo é um. Enquanto alguém pensar que existem duas realidades últimas, estará enganado. Quando ele descobre que só existe um, ele está certo. Isto é o que nos é provado todos os dias, no plano físico, no plano mental e também no plano espiritual. Hoje foi demonstrado que você e eu, o sol, a lua e as estrelas somos apenas nomes diferentes de pontos diferentes no mesmo oceano de matéria, e que esta matéria está continuamente mudando em sua configuração. Esta partícula de energia que estava no Sol há vários meses pode estar agora no ser humano; amanhã pode estar em um animal, depois de amanhã pode estar em uma planta. Está sempre indo e vindo. É tudo uma massa ininterrupta e infinita de matéria, diferenciada apenas por nomes e formas. Um ponto é chamado de sol; outro, a lua; outro, as estrelas; outro homem; outro, animal; outro, planta; e assim por diante. E todos esses nomes são fictícios; eles não têm realidade, porque o todo é uma massa de matéria em constante mudança. Este mesmo universo, sob outro ponto de vista, é um oceano de pensamentos, onde cada um de nós é um ponto chamado mente particular. Você é uma mente, eu sou uma mente, todo mundo é uma mente; e o mesmo universo visto do ponto de vista do conhecimento, quando os olhos foram limpos de ilusões, quando a mente se

tornou pura, parece ser o Ser Absoluto ininterrupto, o sempre puro, o imutável, o imortal.

O que acontece então com toda essa escatologia tripla do dualista, de que quando um homem morre ele vai para o céu, ou vai para esta ou aquela esfera, e que as pessoas más se tornam fantasmas, e se tornam animais, e assim por diante? Nada vem e nada vai, diz o não-dualista. Como você pode ir e vir? Você é infinito; onde é o lugar para você ir? Em certa escola, várias crianças estavam sendo examinadas. O examinador tolamente fez todo tipo de perguntas difíceis para as crianças. Entre outras havia esta pergunta: “Por que a terra não cai?” Sua intenção era trazer à tona a ideia da gravitação ou alguma outra verdade científica complexa nessas crianças. A maioria deles não conseguia nem entender a pergunta e por isso deram todo tipo de respostas erradas. Mas uma garotinha inteligente respondeu com outra pergunta: “Onde cairá?” A própria pergunta do examinador era, à primeira vista, um disparate. Não há altos e baixos no universo; a ideia é apenas relativa. O mesmo acontece com a alma; a própria questão do nascimento e da morte em relação a isso é um total absurdo. Quem vai e quem vem? Onde você não está? Onde está o céu onde você ainda não está? Onipresente é o Eu do homem. Para onde devemos ir? Onde é que não devemos ir? Está em todo lugar. Assim, todo esse sonho infantil e ilusão pueril de nascimento e morte, de céus e céus superiores e mundos inferiores, todos desaparecem imediatamente para o perfeito. Para os quase perfeitos, ele desaparece após mostrar-lhes as diversas cenas até Brahmaloça. Continua para os ignorantes.

Como é que o mundo inteiro acredita em ir para o céu, em morrer e em nascer? Estou estudando um livro, página após página são lidas e viradas. Outra página chega e é virada. Quem muda? Quem vem e vai? Não eu, mas o livro. Toda essa natureza é um livro diante da alma, capítulo após capítulo é lido e folheado, e de vez em quando uma cena se abre. Isso é lido e virado. Chega um novo, mas a alma é sempre a mesma – eterna. É a natureza que está mudando, não a alma do homem. Isso nunca muda. Nascimento e morte estão na natureza, não em você. No entanto, os ignorantes estão iludidos; assim como pensamos, sob a ilusão, que o sol está se movendo e não a terra, exatamente da mesma maneira pensamos que estamos morrendo, e não a natureza. Tudo isso são, portanto, alucinações.

Assim como é uma alucinação quando pensamos que os campos estão se movendo e não o trem, exatamente da mesma maneira é a alucinação do nascimento e da morte. Quando os homens estão num certo estado de espírito, eles vêem esta mesma existência como a terra, como o sol, a lua, as estrelas; e todos aqueles que estão no mesmo estado de espírito veem as mesmas coisas. Entre você e eu pode haver milhões de seres em diferentes planos de existência. Eles nunca nos verão, nem nós a eles; só vemos aqueles que estão no mesmo estado de espírito e no mesmo plano que nós. Respondem aqueles instrumentos musicais que têm a mesma sintonia de vibração, por assim dizer; se o estado de vibração, que eles chamam de “vibração do homem”, fosse mudado, os homens não seriam mais vistos aqui; todo o “universo-homem” desapareceria e, em vez disso, outro cenário surgiria diante de nós, talvez deuses e o universo-deus, ou talvez, para o homem perverso, demônios e o mundo diabólico; mas tudo seria apenas visões diferentes do universo único. É este universo que, do plano humano, é visto como a terra, o sol, a lua, as estrelas e todas essas coisas - é este mesmo universo que, visto do plano da maldade, aparece como um lugar de punição. E este mesmo universo é visto como o paraíso por aqueles que querem vê-lo como o paraíso. Aqueles que sonharam em ir até um Deus que está sentado em um trono e ficar ali louvando-O durante toda a vida, quando morrerem, simplesmente terão uma visão do que têm em mente; este mesmo universo simplesmente se transformará em um vasto céu, com todos os tipos de seres alados voando e um Deus sentado em um trono. Esses céus são todos feitos pelo próprio homem. Portanto, o que o dualista diz é verdade, diz o Advaitin, mas é tudo simplesmente obra dele. Estas esferas e demônios e deuses e reencarnações e transmigrações são todos mitologia; assim também é esta vida humana. O grande erro que os homens sempre cometem é pensar que só esta vida é verdadeira. Eles entendem muito bem quando outras coisas são chamadas de mitologias, mas nunca estão dispostos a admitir o mesmo em relação à sua própria posição. Tudo o que parece é mera mitologia, e a maior de todas as mentiras é que somos corpos, o que nunca fomos nem podemos ser. A maior de todas as mentiras é que somos meros homens; nós somos o Deus do universo. Ao adorar a Deus, sempre adoramos o nosso próprio Eu oculto. A pior mentira que você já contou a si mesmo é que nasceu pecador ou homem perverso. Somente ele é um pecador que vê um pecador em outro homem. Suponha que haja um bebê aqui e você coloque um saco de ouro sobre a mesa.

Suponha que um ladrão venha e leve o ouro embora. Para o bebê é tudo igual; porque não há ladrão lá dentro, não há ladrão lá fora. Para os pecadores e os homens vis, existe vileza lá fora, mas não para os homens bons. Assim, os ímpios veem este universo como um inferno, e os parcialmente bons o veem como o céu, enquanto os seres perfeitos o percebem como o próprio Deus. Só então o véu cai dos olhos, e o homem, purificado e limpo, vê toda a sua visão mudada. Os pesadelos que o torturaram durante milhões de anos desaparecem todos, e aquele que se considerava um homem, ou um deus, ou um demônio, aquele que se considerava vivendo em lugares baixos, em lugares elevados, lugares, na terra, no céu, e assim por diante, descobre que ele é realmente onipresente; que todo o tempo está nele e que ele não está no tempo; que todos os céus estão nele, que ele não está em nenhum céu; e que todos os deuses que o homem já adorou estão nele, e que ele não está em nenhum desses deuses. Ele foi o fabricante de deuses e demônios, de homens e plantas e animais e pedras, e a verdadeira natureza do homem agora se revela para ele como sendo mais elevada que o céu, mais perfeita que este nosso universo, mais infinita que o tempo infinito, mais onipresente do que o éter onipresente. Somente assim o homem se torna destemido e livre. Então todas as ilusões cessam, todas as misérias desaparecem, todos os medos terminam para sempre. O nascimento vai embora e com ele a morte; as dores voam e com elas voam os prazeres; as terras desaparecem e com elas desaparecem os céus; os corpos desaparecem e com eles desaparece também a mente. Pois esse homem desaparece, por assim dizer, todo o universo. Esta luta de forças buscadora, móvel e contínua cessa para sempre, e aquilo que se manifestava como força e matéria, como lutas da natureza, como a própria natureza, como céus e terras e plantas e animais e homens e anjos, tudo isso se transfigura em uma existência infinita, inquebrável e imutável, e o homem conhecedor descobre que é um com essa existência. "Assim como nuvens de várias cores vêm diante do céu, permanecem lá por um segundo e depois desaparecem", assim mesmo diante desta alma estão chegando todas essas visões, de terras e céus, da lua e dos deuses, de prazeres e dores; mas todos eles morrem deixando o céu infinito, azul e imutável. O céu nunca muda; são as nuvens que mudam. É um erro pensar que o céu mudou. É um erro pensar que somos impuros, limitados, separados. O homem real é a Existência Unitária.

Surgem agora duas questões. A primeira é: “É possível realizar isso? Até agora é doutrina, filosofia, mas é possível realizá-lo?” Isso é. Ainda existem homens vivendo neste mundo para os quais a ilusão desapareceu para sempre. Eles morrem imediatamente após tal realização? Não tão cedo como deveríamos pensar. Duas rodas unidas por um poste estão andando juntas. Se eu pegar uma das rodas e, com um machado, cortar o poste em pedaços, a roda que eu segurei para, mas na outra roda está o seu impulso passado, então ela corre um pouco e depois cai. . Este ser puro e perfeito, a alma, é uma roda, e esta alucinação externa de corpo e mente é a outra roda, unida pelo pólo do trabalho, do Karma. O conhecimento é o machado que romperá o vínculo entre os dois, e a roda da alma irá parar – pare de pensar que está indo e vindo, vivendo e morrendo, pare de pensar que é a natureza e tem vontades e desejos, e encontrará que é perfeito, sem desejos. Mas na outra roda, a do corpo e da mente, estará o impulso dos atos passados; portanto, ele viverá por algum tempo, até que o impulso do trabalho passado se esgote, até que esse impulso seja eliminado, e então o corpo e a mente caíam e a alma se torne livre. Não há mais ninguém indo para o céu e voltando, nem mesmo alguém indo para Brahmaloka, ou para qualquer uma das esferas mais elevadas, pois de onde ele virá ou para onde irá? O homem que nesta vida atingiu este estado, para quem, pelo menos por um minuto, a visão comum do mundo mudou e a realidade se tornou aparente, ele é chamado de “Vivente Livre”. Este é o objetivo do Vedantin: alcançar a liberdade enquanto se vive.

Uma vez na Índia Ocidental, eu estava viajando por uma região desértica na costa do Oceano Índico. Durante dias e dias eu costumava viajar a pé pelo deserto, mas foi para minha surpresa que via todos os dias lindos lagos, com árvores ao redor deles, e as sombras das árvores de cabeça para baixo e vibrando ali. “Que lindo parece e eles chamam isso de país deserto!” Eu disse a mim mesmo. Viajei por quase um mês, vendo esses maravilhosos lagos, árvores e plantas. Um dia eu estava com muita sede e queria beber água, então comecei a ir até um desses lindos lagos límpidos e, ao me aproximar, ele desapareceu. E num piscar de olhos me ocorreu: "Esta é a miragem sobre a qual li durante toda a minha vida", e com isso veio também a ideia de que durante todo este mês, todos os dias, eu estive vendo a miragem e não sabia disso. Na manhã seguinte comecei minha marcha. Havia novamente o lago, mas com ele veio também a ideia de que era uma

miragem e não um lago verdadeiro. O mesmo acontece com este universo. Todos nós viajamos nesta miragem do mundo, dia após dia, mês após mês, ano após ano, sem saber que se trata de uma miragem. Um dia ele vai acabar, mas vai voltar; o corpo tem que permanecer sob o poder do Karma passado, e assim a miragem retornará. Este mundo retornará sobre nós enquanto estivermos presos pelo Karma: homens, mulheres, animais, plantas, nossos apegos e deveres, todos retornarão para nós, mas não com o mesmo poder. Sob a influência do novo conhecimento a força do Karma será quebrada, o seu veneno será perdido. Ela se transforma, pois junto com ela surge a ideia de que agora a conhecemos, de que a nítida distinção entre a realidade e a miragem foi conhecida.

Este mundo não será então o mesmo mundo de antes. Há, no entanto, um perigo aqui. Vemos em todos os países pessoas adotando esta filosofia e dizendo: "Estou além de toda virtude e vício; portanto, não estou sujeito a nenhuma lei moral; posso fazer o que quiser." Você pode encontrar muitos tolos neste país atualmente, dizendo: "Não estou preso; sou o próprio Deus; deixe-me fazer o que quiser". Isto não está certo, embora seja verdade que a alma está além de todas as leis, físicas, mentais ou morais. Dentro da lei está a escravidão; além da lei está a liberdade. Também é verdade que a liberdade é da natureza da alma, é o seu direito inato: que a verdadeira liberdade da alma brilha através dos véus da matéria na forma da aparente liberdade do homem. A cada momento da sua vida você sente que está livre. Não podemos viver, falar ou respirar por um momento sem sentir que somos livres; mas, ao mesmo tempo, um pouco de reflexão nos mostra que somos como máquinas e não somos livres. O que é verdade então? Essa ideia de liberdade é uma ilusão? Um partido sustenta que a ideia de liberdade é uma ilusão; outro diz que a ideia de escravidão é uma ilusão. Como isso acontece? O homem é realmente livre, o verdadeiro homem não pode deixar de ser livre. É quando ele entra no mundo de Maya, em nome e forma, que ele fica preso. Livre arbítrio é um nome impróprio. A vontade nunca poderá ser livre. Como pode ser? Somente quando o homem real se torna vinculado é que sua vontade passa a existir, e não antes. A vontade do homem está vinculada, mas aquilo que é o fundamento dessa vontade é eternamente livre. Assim, mesmo no estado de escravidão que chamamos de vida humana ou vida divina, na terra ou no céu, ainda permanece para nós aquela lembrança da liberdade que é nossa por direito divino. E

consciente ou inconscientemente estamos todos lutando para isso. Quando um homem alcançou a sua própria liberdade, como pode ser obrigado por qualquer lei? Nenhuma lei neste universo pode obrigá-lo, pois este universo em si é dele.

Ele é o universo inteiro. Ou diga que ele é o universo inteiro ou diga que para ele não existe universo. Como ele pode ter todas essas pequenas ideias sobre sexo e país? Como ele pode dizer: sou um homem, sou uma mulher, sou uma criança? Não são mentiras? Ele sabe que eles são. Como pode ele dizer que estes são direitos do homem e que estes outros são direitos da mulher? Ninguém tem direitos; ninguém existe separadamente. Não existe homem nem mulher; a alma não tem sexo, é eternamente pura. É mentira dizer que sou homem ou mulher, ou dizer que pertenço a este ou aquele país. Todo o mundo é meu país, todo o universo é meu, porque eu me vesti dele como se fosse meu corpo. No entanto, vemos que há pessoas neste mundo que estão prontas para afirmar estas doutrinas e, ao mesmo tempo, fazer coisas que deveríamos chamar de sujas; e se lhes perguntarmos por que fazem isso, eles nos dirão que é uma ilusão nossa e que não podem fazer nada de errado. Qual é o teste pelo qual eles serão julgados? O teste está aqui.

Embora o mal e o bem sejam manifestações condicionadas da alma, o mal é o revestimento mais externo, e o bem é o revestimento mais próximo do homem real, o Eu. E a menos que um homem atravesse a camada do mal, ele não poderá alcançar a camada do bem, e a menos que tenha atravessado ambas as camadas do bem e do mal, ele não poderá alcançar o Eu. Aquele que alcança o Ser, o que permanece ligado a ele? Um pouco de Karma, um pouco do impulso da vida passada, mas é tudo um bom impulso. Até que o mau momento seja totalmente resolvido e as impurezas do passado sejam totalmente queimadas, é impossível para qualquer homem ver e compreender a verdade. Assim, o que resta apegado ao homem que alcançou o Ser e viu a verdade é o remanescente das boas impressões da vida passada, o bom impulso. Mesmo que viva no corpo e trabalhe incessantemente, ele trabalha apenas para fazer o bem; seus lábios falam apenas bênçãos para todos; suas mãos só fazem boas obras; sua mente só pode ter bons pensamentos; sua presença é uma bênção onde quer que ele vá. Ele próprio é uma bênção viva. Tal homem irá, pela sua própria

presença, transformar até mesmo as pessoas mais perversas em santos. Mesmo que ele não fale, a sua presença será uma bênção para a humanidade. Esses homens podem fazer algum mal; eles podem cometer atos perversos? Há, você deve se lembrar, toda a diferença de pólo a pólo entre a realização e a mera conversa. Qualquer tolo pode falar. Até os papagaios falam. Falar é uma coisa e perceber é outra. Filosofias, e doutrinas, e argumentos, e livros, e teorias, e igrejas, e seitas, e todas essas coisas são boas à sua maneira; mas quando essa compreensão chega, essas coisas desaparecem. Por exemplo, os mapas são bons, mas quando vemos o país em si e olhamos novamente para os mapas, vemos que grande diferença encontramos! Portanto, aqueles que realizaram a verdade não necessitam dos raciocínios da lógica e de todas as outras ginásticas do intelecto para fazê-los compreender a verdade; é para eles a vida das suas vidas, concretizada, tornada mais que tangível. É, como dizem os sábios do Vedanta, “como uma fruta na sua mão”; você pode se levantar e dizer, está aqui. Assim, aqueles que compreenderam a verdade se levantarão e dirão: “Aqui está o Eu”. Você pode discutir com eles a cada ano, mas eles sorrirão para você; eles considerarão tudo isso como tagarelice de criança; eles vão deixar a criança tagarelar. Eles perceberam a verdade e estão plenos. Suponha que você tenha visto um país, e outro homem venha até você e tente argumentar com você que aquele país nunca existiu, ele pode continuar discutindo indefinidamente, mas sua única atitude mental em relação a ele deve ser sustentar que o homem está apto para um asilo para lunáticos. Assim, o homem da realização diz: “Toda essa conversa no mundo sobre suas pequenas religiões não passa de conversa fiada; a realização é a alma, a própria essência da religião”. A religião pode ser realizada. Você está pronto? Você quer? Você obterá a realização se o fizer, e então será verdadeiramente religioso. Até que você alcance a realização, não há diferença entre você e os ateus. Os ateus são sinceros, mas o homem que diz acreditar na religião e nunca tenta realizá-la não é sincero.

A próxima questão é saber o que vem depois da realização. Suponha que tenhamos percebido esta unidade do universo, que somos aquele Ser Infinito, e suponha que tenhamos percebido que este Eu é a única Existência e que é o mesmo Eu que está se manifestando em todas essas várias formas fenomênicas, o que acontece com nós depois disso? Devemos ficar inativos, ficar num canto e sentar ali e morrer? “Que bem isso fará ao

mundo?” Aquela velha pergunta! Em primeiro lugar, por que deveria fazer bem ao mundo? Existe alguma razão para que isso aconteça? Que direito tem alguém de fazer a pergunta: “Que bem isso fará ao mundo?” O que isso significa? Um bebê gosta de doces. Suponha que você esteja conduzindo investigações relacionadas a algum assunto relacionado à eletricidade e o bebê lhe pergunte: “Ele compra doces?” “Não”, você responde. “Então, que bem isso fará?” diz o bebê. Então os homens se levantam e dizem: “Que bem isso fará ao mundo; isso nos dará dinheiro?” “Não.” “Então o que há de bom nisso?” É isso que os homens querem dizer com fazer o bem ao mundo. No entanto, a realização religiosa faz todo o bem ao mundo. As pessoas têm medo de que, quando alcançarem isso, quando perceberem que só existe um, as fontes do amor secarão, que tudo na vida desaparecerá e que tudo o que amam desaparecerá para elas, por assim dizer, nesta vida e na vida por vir. As pessoas nunca param para pensar que aqueles que menos pensaram nas suas próprias individualidades foram os maiores trabalhadores do mundo. Somente então um homem ama quando descobre que o objeto de seu amor não é uma coisa baixa, pequena e mortal. Somente então um homem ama quando descobre que o objeto de seu amor não é um torrão de terra, mas é o próprio verdadeiro Deus. A esposa amará ainda mais o marido quando pensar que o marido é o próprio Deus. O marido amará ainda mais a esposa quando souber que a esposa é o próprio Deus. Amará mais os filhos aquela mãe que pensa que os filhos são o próprio Deus. Aquele homem amará seu maior inimigo, que sabe que esse inimigo é o próprio Deus. Esse homem amará um homem santo que sabe que o homem santo é o próprio Deus, e esse mesmo homem também amará o mais ímpio dos homens porque sabe que o pano de fundo desse mais ímpio dos homens é Ele mesmo, o Senhor. Tal homem se torna um motor do mundo para quem seu pequeno eu está morto e Deus está em seu lugar. Todo o universo será transfigurado para ele. Tudo o que é doloroso e miserável desaparecerá; todas as lutas partirão e irão. Em vez de ser uma prisão, onde todos os dias lutamos, lutamos e competimos por um pedaço de pão, este universo será então para nós um parque de diversões. Lindo será esse universo então! Somente tal homem tem o direito de se levantar e dizer: “Quão lindo é este mundo!” Só ele tem o direito de dizer que está tudo bem. Este será o grande bem para o mundo resultante de tal compreensão, que em vez deste mundo continuar com todos os seus atritos e conflitos, se toda a humanidade hoje perceber apenas um pouco dessa

grande verdade, o aspecto do mundo inteiro será mudado. , e, em lugar de lutas e discórdias, haveria um reinado de paz. Esta pressa indecente e brutal que nos obriga a ir à frente de todos os outros desaparecerá então do mundo. Com ele desaparecerá toda a luta, com ele desaparecerá todo o ódio, com ele desaparecerá todo o ciúme e todo o mal desaparecerá para sempre. Os deuses viverão então nesta terra. Esta mesma terra se tornará então o céu, e que mal pode haver quando os deuses brincam com deuses, quando os deuses trabalham com deuses e os deuses amam deuses? Essa é a grande utilidade da realização divina. Tudo o que você vê na sociedade será então mudado e transfigurado. Você não pensará mais no homem como mau; e esse é o primeiro grande ganho. Você não mais se levantará e lançará um olhar zombeteiro para um pobre homem ou mulher que cometeu um erro. Não mais, senhoras, vocês vão olhar com desprezo para a pobre mulher que anda pela rua à noite, porque vocês verão até lá o próprio Deus. Você não pensará mais em ciúmes e castigos. Todos eles desaparecerão; e o amor, o grande ideal do amor, será tão poderoso que nenhum chicote ou corda será necessário para guiar a humanidade corretamente.

Se uma milionésima parte dos homens e mulheres que vivem neste mundo simplesmente se sentasse e dissesse por alguns minutos: "Vocês são todos Deus, ó homens e ó animais e seres vivos, todos vocês são as manifestações daquele que vive. Divindade!" o mundo inteiro mudará em meia hora. Em vez de lançar tremendas bombas de ódio em todos os cantos, em vez de projetar correntes de ciúme e de maus pensamentos, em todos os países as pessoas pensarão que tudo é Ele. Ele é tudo o que você vê e sente. Como você pode ver o mal até que haja mal em você? Como você pode ver o ladrão, a menos que ele esteja lá, sentado no fundo do seu coração? Como você pode ver o assassino até que você mesmo seja o assassino? Seja bom e o mal desaparecerá para você. Todo o universo será assim mudado. Este é o maior ganho para a sociedade. Este é o grande ganho para o organismo humano. Esses pensamentos foram pensados, elaborados entre indivíduos nos tempos antigos na Índia. Por diversas razões, como a exclusividade dos professores e a conquista estrangeira, esses pensamentos não foram autorizados a se espalhar. No entanto, são grandes verdades; e onde quer que tenham trabalhado, o homem tornou-se divino. Toda a minha vida foi mudada pelo toque de um destes homens divinos, dos quais vos falarei no próximo domingo; e está chegando o momento em que esses pensamentos

serão lançados por todo o mundo. Em vez de viverem em mosteiros, em vez de ficarem confinados a livros de filosofia para serem estudados apenas pelos eruditos, em vez de serem propriedade exclusiva de seitas e de alguns eruditos, todos eles serão semeados e difundidos por todo o mundo, de modo que para que se tornem propriedade comum do santo e do pecador, dos homens, das mulheres e das crianças, dos eruditos e dos ignorantes. Eles então permearão a atmosfera do mundo, e o próprio ar que respiramos dirá com cada uma de suas pulsações: “Tu és Isso”. E todo o universo com suas miríades de sóis e luas, através de tudo que fala, em uma só voz dirá: “Tu és Isso”.

2.6 VEDANTA PRÁTICA E OUTRAS PALESTRAS

2.6.1 VEDANTA PRÁTICA: PARTE 1

(Entregue em Londres, 10 de novembro de 1896)

Pediram-me para dizer algo sobre a posição prática da filosofia Vedanta. Como já lhe disse, a teoria é realmente muito boa, mas como vamos colocá-la em prática? Se for absolutamente impraticável, nenhuma teoria terá qualquer valor, exceto como ginástica intelectual. O Vedanta, portanto, como religião, deve ser intensamente prático. Devemos ser capazes de realizá-lo em todas as áreas de nossas vidas. E não só isso, a diferenciação fictícia entre a religião e a vida do mundo deve desaparecer, pois o Vedanta ensina a unidade – uma vida por toda parte. Os ideais da religião devem abranger todo o campo da vida, devem entrar em todos os nossos pensamentos e cada vez mais na prática. Entrarei gradualmente no lado prático à medida que prosseguirmos. Mas esta série de palestras pretende ser uma base e, portanto, devemos primeiro aplicar-nos às teorias e compreender como elas são elaboradas, desde cavernas na floresta até ruas e cidades movimentadas; e uma característica peculiar que descobrimos é que muitos destes pensamentos foram o resultado, não do retiro para as florestas, mas emanaram de pessoas que esperamos que levem vidas mais ocupadas – de monarcas governantes.

Shvetaketu era filho de Âruni, um sábio, provavelmente um recluso. Ele foi criado na floresta, mas foi para a cidade dos Panchâlas e compareceu à corte do rei, Pravâhana Jaivali. O rei perguntou-lhe: "Você sabe como os seres partem daqui quando morrem?" "Não senhor." "Você sabe como eles voltam para cá?" "Não senhor." "Você conhece o caminho dos pais e o caminho dos deuses?" "Não senhor." Então o rei fez outras perguntas. Shvetaketu não conseguiu responder. Então o rei lhe disse que não sabia de nada. O menino voltou para o pai, e o pai admitiu que ele mesmo não conseguia responder a essas perguntas. Não que ele não estivesse disposto a responder a essas perguntas. Não que ele não estivesse disposto a ensinar o menino, mas ele não sabia dessas coisas. Então ele foi até o rei e pediu que lhe ensinassem esses segredos. O rei disse que essas coisas até então eram conhecidas apenas entre os reis; os padres nunca os conheceram. Ele, no entanto, passou a ensinar-lhe o que desejava saber. Em vários Upanishads descobrimos que esta filosofia Vedanta não é apenas o resultado da meditação nas florestas, mas que as melhores partes dela foram pensadas e expressas por cérebros que estavam mais ocupados nos assuntos cotidianos da vida. Não podemos conceber nenhum homem mais ocupado do que um monarca absoluto, um homem que governa milhões de pessoas e, no entanto, alguns destes governantes eram pensadores profundos.

Tudo indica que esta filosofia deve ser muito prática; e mais tarde, quando chegamos ao Bhagavad-Gita - a maioria de vocês, talvez, já o tenha lido, é o melhor comentário que temos sobre a filosofia Vedanta - curiosamente, a cena se passa no campo de batalha, onde Krishna ensina esta filosofia para Arjuna; e a doutrina que se destaca luminosamente em cada página do Gita é uma atividade intensa, mas no meio dela há calma eterna. Este é o segredo do trabalho, cujo alcance é o objetivo do Vedanta. A inatividade, tal como a entendemos no sentido de passividade, certamente não pode ser o objetivo. Se assim fosse, então as paredes que nos rodeiam seriam as mais inteligentes; eles estão inativos. Torrões de terra, tocos de árvores seriam os maiores sábios do mundo; eles estão inativos. Nem a inatividade se transforma em atividade quando combinada com paixão. A atividade real, que é o objetivo do Vedanta, é combinada com a calma eterna, a calma que não pode ser perturbada, o equilíbrio da mente que nunca é perturbado, aconteça o que acontecer. E todos sabemos, pela nossa experiência de vida, que essa é a melhor atitude para o trabalho.

Muitas vezes me perguntaram como podemos trabalhar se não temos a paixão que geralmente sentimos pelo trabalho. Também pensei assim há anos, mas à medida que envelheço e ganho mais experiência, descubro que não é verdade. Quanto menos paixão houver, melhor trabalhamos. Quanto mais calmos estivermos, melhor para nós e maior será a quantidade de trabalho que podemos fazer. Quando liberamos nossos sentimentos, desperdiçamos muita energia, despedaçamos nossos nervos, perturbamos nossas mentes e realizamos muito pouco trabalho. A energia que deveria ter sido liberada como trabalho é gasta como mero sentimento, que não conta para nada. Somente quando a mente está muito calma e serena é que toda a sua energia é gasta na realização de um bom trabalho. E se você ler a vida dos grandes trabalhadores que o mundo produziu, descobrirá que eles eram homens maravilhosamente calmos. Nada, por assim dizer, poderia desequilibrá-los. É por isso que o homem que fica com raiva nunca faz muito trabalho, e o homem que nada pode irritar realiza tanto. O homem que cede à raiva, ao ódio ou a qualquer outra paixão, não pode trabalhar; ele apenas se despedaça e não faz nada prático. É a mente calma, misericordiosa, equilibrada e bem equilibrada que realiza a maior parte do trabalho.

O Vedanta prega o ideal; e o ideal, como sabemos, está sempre muito à frente do real, do prático, como podemos chamá-lo. Existem duas tendências na natureza humana: uma para harmonizar o ideal com a vida, e outra para elevar a vida ao ideal. É ótimo entender isso, pois a primeira tendência é a tentação de nossas vidas. Acho que só posso fazer uma determinada classe de trabalho. A maior parte, talvez, seja ruim; a maior parte, talvez, tenha por trás uma força motriz de paixão, raiva, ou ganância, ou egoísmo. Agora, se alguém vem me pregar um certo ideal, cujo primeiro passo é abandonar o egoísmo, abandonar o prazer próprio, acho que isso é impraticável. Mas quando um homem traz um ideal que pode ser conciliado com o meu egoísmo, fico imediatamente feliz e agarro-me a ele. Esse é o ideal para mim. Assim como a palavra “ortodoxo” foi manipulada em várias formas, o mesmo aconteceu com a palavra “prático”. “Minha doxy é ortodoxia; a sua doxy é heterodoxia.” Então com praticidade. O que considero prático é para mim a única praticidade do mundo. Se sou lojista, acho que ser lojista é a única atividade prática do mundo. Se sou um ladrão, penso que roubar é a melhor maneira de ser prático; outros não são práticos.

Você vê como todos nós usamos essa palavra prática para coisas que gostamos e podemos fazer. Portanto, pedirei que você entenda que o Vedanta, embora seja intensamente prático, é sempre assim no sentido do ideal. Não prega um ideal impossível, por mais elevado que seja, e é suficientemente elevado para um ideal. Em uma palavra, esse ideal é que você seja divino, “Tu és Isso”. Esta é a essência do Vedanta; depois de todas as suas ramificações e ginástica intelectual, você sabe que a alma humana é pura e onisciente, você vê que superstições como nascimento e morte seriam um absurdo completo quando faladas em conexão com a alma. A alma nunca nasceu e nunca morrerá, e todas essas ideias de que vamos morrer e temos medo de morrer são meras superstições. E todas as ideias de que podemos fazer isto ou não aquilo são superstições. Nós podemos fazer tudo. O Vedanta ensina os homens a terem fé primeiro em si mesmos. Assim como certas religiões do mundo dizem que um homem que não acredita em um Deus pessoal fora de si mesmo é um ateu, o Vedanta diz que um homem que não acredita em si mesmo é um ateu. Não acreditar na glória da nossa própria alma é o que o Vedanta chama de ateísmo. Para muitos esta é, sem dúvida, uma ideia terrível; e a maioria de nós pensa que este ideal nunca poderá ser alcançado; mas o Vedanta insiste que isso pode ser realizado por qualquer um. Não há homem, nem mulher, nem criança, nem diferença de raça ou sexo, nem qualquer coisa que represente um obstáculo à realização do ideal, porque o Vedanta mostra que ele já está realizado, já está lá.

Todos os poderes do universo já são nossos. Fomos nós que colocamos as mãos diante dos olhos e choramos que está escuro. Saiba que não há escuridão ao nosso redor. Tire as mãos e aí está a luz que existia desde o início. A escuridão nunca existiu, a fraqueza nunca existiu. Nós, que somos tolos, clamamos que somos fracos; nós, que somos tolos, clamamos que somos impuros. Assim, o Vedanta não apenas insiste que o ideal é prático, mas que tem sido assim o tempo todo; e este Ideal, esta Realidade, é a nossa própria natureza. Tudo o mais que você vê é falso, falso. Assim que você diz: “Eu sou um pequeno ser mortal”, você está dizendo algo que não é verdade, você está desmentindo a si mesmo, você está se hipnotizando para algo vil, fraco e miserável.

O Vedanta não reconhece pecado, apenas reconhece erro. E o maior erro, diz o Vedanta, é dizer que você é fraco, que é um pecador, uma criatura miserável, e que não tem poder e não pode fazer isto e aquilo. Cada vez que você pensa dessa maneira, você, por assim dizer, prende mais um elo na corrente que o prende, acrescenta mais uma camada de hipnotismo à sua própria alma. Portanto, quem pensa que é fraco está errado, quem pensa que é impuro está errado e está jogando um pensamento ruim no mundo. Devemos sempre ter em mente que no Vedanta não há nenhuma tentativa de reconciliar a vida presente – a vida hipnotizada, esta vida falsa que assumimos – com o ideal; mas esta vida falsa deve desaparecer, e a vida real que sempre existe deve manifestar-se, deve brilhar. Nenhum homem se torna cada vez mais puro, é uma questão de maior manifestação. O véu cai e a pureza nativa da alma começa a se manifestar. Tudo já é nosso – pureza infinita, liberdade, amor e poder.

O Vedanta também diz que isso não só pode ser realizado nas profundezas das florestas ou cavernas, mas também pelos homens em todas as condições de vida possíveis. Vimos que as pessoas que descobriram estas verdades não viviam em cavernas nem em florestas, nem seguiam as vocações normais da vida, mas sim homens que, temos todos os motivos para acreditar, levavam vidas muito atarefadas, homens que tinham de comandar exércitos, sentar-se em tronos e zelar pelo bem-estar de milhões - e tudo isso, nos dias da monarquia absoluta, e não como nestes dias em que um rei é, em grande medida, uma mera figura de proa. No entanto, eles poderiam encontrar tempo para refletir sobre todos esses pensamentos, para realizá-los e para ensiná-los à humanidade. Quanto mais então deveria ser prático para nós, cujas vidas, comparadas com as deles, são vidas de lazer? Que não possamos realizá-los é uma vergonha para nós, visto que somos comparativamente livres o tempo todo, tendo muito pouco para fazer. Minhas exigências não são nada comparadas com as de um antigo monarca absoluto. Minhas necessidades não são nada comparadas com as exigências de Arjuna no campo de batalha de Kurukshetra, comandando um enorme exército; e ainda assim ele conseguia encontrar tempo em meio ao barulho e ao tumulto da batalha para falar sobre a filosofia mais elevada e levá-la também para sua vida. Certamente deveríamos ser capazes de fazer o mesmo nesta nossa vida – relativamente livre, fácil e confortável. A maioria de nós aqui tem mais tempo do que imaginamos, se realmente quisermos

usá-lo para o bem. Com a quantidade de liberdade que temos, podemos atingir duzentos ideais nesta vida, se quisermos, mas não devemos degradar o ideal ao real. Uma das coisas mais insinuantes chega até nós na forma de pessoas que pedem desculpas pelos nossos erros e nos ensinam como dar desculpas especiais para todos os nossos desejos e vontades tolas; e pensamos que o ideal deles é o único ideal que precisamos ter. Mas não é assim. O Vedanta não ensina tal coisa. O real deve ser conciliado com o ideal, a vida presente deve coincidir com a vida eterna.

Pois você deve sempre lembrar que o ideal central do Vedanta é esta unidade. Não existem dois em nada, não existem duas vidas, nem mesmo dois tipos diferentes de vida para os dois mundos. Você encontrará os Vedas falando dos céus e coisas assim a princípio; mas mais tarde, quando chegam aos ideais mais elevados de sua filosofia, eles descartam todas essas coisas. Existe apenas uma vida, um mundo, uma existência. Tudo é esse Um, a diferença está em grau e não em espécie. A diferença entre nossas vidas não é de espécie. O Vedanta nega inteiramente ideias como a de que os animais são separados dos homens e que foram feitos e criados por Deus para serem usados como alimento.

Algumas pessoas tiveram a gentileza de iniciar uma sociedade antivivisseccção. Perguntei a um membro: "Por que você acha, meu amigo, que é bastante lícito matar animais para alimentação e não matar um ou dois para experimentos científicos?" Ele respondeu: "A vivisseccção é horrível, mas animais nos foram dados como alimento". A unidade inclui todos os animais. Se a vida do homem é imortal, a do animal também o é. A diferença é apenas de grau e não de espécie. A ameba e eu somos iguais, a diferença é apenas de grau; e do ponto de vista da vida mais elevada, todas essas diferenças desaparecem. Um homem pode ver uma grande diferença entre a grama e uma pequena árvore, mas se você subir muito alto, a grama e a árvore maior parecerão praticamente iguais. Assim, do ponto de vista do ideal mais elevado, o animal mais inferior e o homem mais elevado são a mesma coisa. Se você acredita que existe um Deus, os animais e as criaturas mais elevadas devem ser iguais. Um Deus que é parcial com seus filhos, chamados homens, e cruel com seus filhos, chamados de bestas brutais, é pior que um demônio. Prefiro morrer cem vezes do que adorar tal Deus. Toda a minha vida seria uma luta com tal Deus. Mas não há diferença, e

aqueles que dizem que há, são pessoas irresponsáveis, sem coração, que não sabem. Aqui está um caso da palavra prática usada no sentido errado. Eu mesmo posso não ser um vegetariano muito estrito, mas entendo o ideal. Quando como carne sei que é errado. Mesmo que eu seja obrigado a comê-lo em certas circunstâncias, sei que é cruel. Não devo arrastar o meu ideal para o real e pedir desculpas desta forma pela minha conduta fraca. O ideal é não comer carne, não ferir nenhum ser, pois todos os animais são meus irmãos. Se você consegue pensar neles como seus irmãos, você fez um pequeno progresso em direção à irmandade de todas as almas, para não falar da irmandade dos homens! Isso é brincadeira de criança. Você geralmente descobre que isso não é muito aceitável para muitos, porque os ensina a desistir do que é real e a subir até o ideal. Mas se você apresentar uma teoria que seja compatível com sua conduta atual, eles a considerarão inteiramente prática.

Existe esta tendência fortemente conservadora na natureza humana: não gostamos de dar um passo em frente. Penso na humanidade assim como leio sobre pessoas que ficam congeladas na neve; todos eles, dizem, querem dormir, e se você tentar arrastá-los para cima, eles dizem: "Deixe-me dormir; é tão lindo dormir na neve", e morrem ali durante o sono. Assim é a nossa natureza. É isso que fazemos durante toda a nossa vida, ficando congelados dos pés para cima e ainda assim querendo dormir. Portanto, você deve lutar em direção ao ideal, e se vier um homem que queira reduzir esse ideal ao seu nível e ensinar uma religião que não carrega esse ideal mais elevado, não lhe dê ouvidos. Para mim, essa é uma religião impraticável. Mas se um homem ensina uma religião que apresenta o ideal mais elevado, estou pronto para ele. Cuidado quando alguém está tentando se desculpar por vaidades e fraquezas sensuais. Se alguém quiser pregar dessa maneira para nós, pobres torrões de terra sensíveis, como nós mesmos criamos ao seguir esse ensinamento, nunca progrediremos. Já vi muitas destas coisas, tive alguma experiência do mundo, e o meu país é a terra onde as seitas religiosas crescem como cogumelos. Todos os anos surgem novas seitas. Mas uma coisa que observei é que somente aqueles que nunca querem reconciliar o homem de carne com o homem de verdade é que progridem. Onde quer que exista esta falsa ideia de reconciliar as vaidades carnaís com os ideais mais elevados, de rebaixar Deus ao nível do homem,

surge a decadência. O homem não deveria ser degradado à escravidão mundana, mas deveria ser elevado a Deus.

Ao mesmo tempo, há um outro lado da questão. Não devemos desprezar os outros com desprezo. Todos nós estamos caminhando para o mesmo objetivo. A diferença entre fraqueza e força é de grau; a diferença entre a virtude e o vício é de grau, a diferença entre o céu e o inferno é de grau, a diferença entre a vida e a morte é de grau, todas as diferenças neste mundo são de grau, e não de espécie, porque a unidade é o segredo de tudo. Tudo é Um, que se manifesta como pensamento, ou vida, ou alma, ou corpo, e a diferença é apenas de grau. Como tal, não temos o direito de desprezar aqueles que não estão desenvolvidos exactamente no mesmo grau que nós. Não condene ninguém; se você puder estender uma mão amiga, faça-o. Se não puder, cruze as mãos, abençoe seus irmãos e deixe-os seguir seu próprio caminho. Arrastar e condenar não é a maneira de funcionar. Nunca o trabalho é realizado dessa maneira. Gastamos nossas energias condenando os outros. A crítica e a condenação são uma forma vã de gastar as nossas energias, pois a longo prazo aprendemos que todos estão a ver a mesma coisa, estão mais ou menos a aproximar-se do mesmo ideal, e que a maioria das nossas diferenças são apenas diferenças de expressão.

Tomemos a ideia do pecado. Eu estava contando a vocês agora mesmo a idéia vedântica disso, e a outra idéia é que o homem é um pecador. São praticamente iguais, só que um leva o lado positivo e o outro o negativo. Um mostra ao homem a sua força e o outro a sua fraqueza. Pode haver fraqueza, diz o Vedanta, mas não importa, queremos crescer. A doença foi descoberta assim que o homem nasceu. Todo mundo conhece sua doença; não exige que ninguém nos diga quais são as nossas doenças. Mas pensar o tempo todo que estamos doentes não vai nos curar – é necessário remédio. Podemos esquecer qualquer coisa externa, podemos tentar nos tornar hipócritas para o mundo externo, mas no fundo do coração todos conhecemos nossas fraquezas. Mas, diz o Vedanta, ser lembrado da fraqueza não ajuda muito; dê força, e a força não vem pensando na fraqueza o tempo todo. O remédio para a fraqueza não é meditar sobre a fraqueza, mas pensar na força. Ensine aos homens a força que já existe dentro deles. Em vez de dizer-lhes que são pecadores, o Vedanta assume a posição oposta e diz: “Você é puro e perfeito, e o que você chama de pecado não lhe

pertence”. Os pecados são graus muito baixos de Auto-manifestação; manifeste seu Eu em um alto grau. Essa é a única coisa a lembrar; todos nós podemos fazer isso. Nunca diga “Não”, nunca diga “Não posso”, pois você é infinito. Mesmo o tempo e o espaço não são nada comparados à sua natureza. Você pode fazer tudo e qualquer coisa, você é todo-poderoso.

Estes são os princípios da ética, mas agora descenderemos mais abaixo e resolveremos os detalhes. Veremos como este Vedanta pode ser aplicado em nossa vida cotidiana, na vida urbana, na vida rural, na vida nacional e na vida doméstica de cada nação. Pois, se uma religião não pode ajudar o homem onde quer que ele esteja, onde quer que esteja, não tem muita utilidade; permanecerá apenas uma teoria para uns poucos escolhidos. A religião, para ajudar a humanidade, deve estar pronta e ser capaz de ajudá-la em qualquer condição em que ela se encontre, na servidão ou na liberdade, nas profundezas da degradação ou nas alturas da pureza; em todos os lugares, igualmente, deveria poder vir em seu auxílio. Os princípios do Vedanta, ou o ideal da religião, ou como quer que você o chame, serão cumpridos pela sua capacidade de desempenhar esta grande função.

O ideal de fé em nós mesmos é de grande ajuda para nós. Se a fé em nós mesmos tivesse sido ensinada e praticada mais extensivamente, tenho certeza de que uma grande parte dos males e misérias que temos teria desaparecido. Ao longo da história da humanidade, se alguma força motriz foi mais potente que outra na vida de todos os grandes homens e mulheres, foi a da fé em si mesmos. Nascidos com a consciência de que seriam grandes, tornaram-se grandes. Deixe um homem descer o mais baixo possível; chegará um momento em que, por puro desespero, ele fará uma curva ascendente e aprenderá a ter fé em si mesmo. Mas é melhor para nós que saibamos disso desde o início. Por que deveríamos passar por todas essas experiências amargas para ganhar fé em nós mesmos? Podemos ver que toda a diferença entre o homem e o homem se deve à existência ou inexistência de fé em si mesmo. A fé em nós mesmos fará tudo. Eu experimentei isso em minha própria vida e ainda estou fazendo isso; e à medida que envelheço, essa fé se torna cada vez mais forte. Ele é um ateu que não acredita em si mesmo. As antigas religiões diziam que ele era um ateu que não acreditava em Deus. A nova religião diz que é o ateu aquele que não acredita em si mesmo. Mas não é uma fé egoísta porque o Vedanta,

novamente, é a doutrina da unidade. Significa fé em todos, porque vocês são todos. Amor por si mesmo significa amor por todos, amor pelos animais, amor por tudo, pois todos vocês são um. É a grande fé que tornará o mundo melhor. Estou certo disso. Ele é o homem mais elevado que pode dizer com verdade: “Eu sei tudo sobre mim mesmo”. Você sabe quanta energia, quantos poderes, quantas forças ainda estão escondidas por trás dessa sua estrutura? Que cientista conheceu tudo o que existe no homem? Milhões de anos se passaram desde que o homem chegou aqui e, ainda assim, apenas uma parte infinitesimal de seus poderes foi manifestada. Portanto, você não deve dizer que é fraco. Como você sabe quais possibilidades estão por trás dessa degradação superficial? Você sabe muito pouco daquilo que está dentro de você. Pois atrás de você está o oceano de infinito poder e bem-aventurança.

"Este Âtman é o primeiro a ser ouvido." Ouça dia e noite que você é essa Alma. Repitam isso para vocês mesmos, dia e noite, até que entre em suas veias, até que forme cada gota de sangue, até que esteja em sua carne e em seus ossos. Deixe todo o corpo estar repleto daquele ideal: “Eu sou a Alma que não nasce, que não morre, que é bem-aventurada, que é onisciente, que é onipotente e sempre gloriosa”. Pense nisso dia e noite; pense nisso até que se torne parte integrante de sua vida. Medite sobre isso e daí resultará trabalho. “É com a plenitude do coração que a boca fala”, e com a plenitude do coração também trabalham as mãos. A ação virá. Encham-se do ideal; faça o que fizer, pense bem. Todas as suas ações serão ampliadas, transformadas, divinizadas pelo próprio poder do pensamento. Se a matéria é poderosa, o pensamento é onipotente. Traga esse pensamento para sua vida, preencha-se com o pensamento de sua onipotência, sua majestade e sua glória. Quisera Deus que nenhuma superstição tivesse sido colocada em sua cabeça! Quisera Deus que não estivéssemos cercados desde o nascimento por todas essas influências supersticiosas e ideias paralisantes de nossa fraqueza e vileza! Quisera Deus que a humanidade tivesse um caminho mais fácil para alcançar as verdades mais nobres e mais elevadas! Mas o homem teve que passar por tudo isso; não torne o caminho mais difícil para aqueles que vêm depois de você.

Às vezes, essas são doutrinas terríveis de ensinar. Conheço pessoas que se assustam com essas ideias, mas para quem quer ser prático, essa é a

primeira coisa a aprender. Nunca diga a si mesmo ou aos outros que você é fraco. Faça o bem se puder, mas não prejudique o mundo. Você sabe no fundo do seu coração que muitas de suas idéias limitadas, essa humilhação de si mesmo e orar e chorar por seres imaginários são superstições. Conte-me um caso em que essas orações foram respondidas. Todas as respostas que vieram vieram de seus próprios corações. Você sabe que não existem fantasmas, mas assim que fica no escuro você sente uma sensação um pouco assustadora. Isso ocorre porque em nossa infância tivemos todas essas ideias assustadoras colocadas em nossas cabeças. Mas não ensine estas coisas aos outros por medo da sociedade e da opinião pública, por medo de incorrer no ódio dos amigos ou por medo de perder superstições queridas. Sejam mestres de tudo isso. O que há para ser ensinado mais na religião do que a unidade do universo e a fé em si mesmo? Todas as obras da humanidade durante milhares de anos têm sido voltadas para este único objetivo, e a humanidade ainda está trabalhando nisso. Agora é a sua vez e você já sabe a verdade. Pois foi ensinado por todos os lados. Não apenas a filosofia e a psicologia, mas também as ciências materialistas o declararam. Onde está hoje o homem científico que teme reconhecer a verdade desta unidade do universo? Quem ousa falar de muitos mundos? Tudo isso são superstições. Existe apenas uma vida e um mundo, e esta vida e um mundo aparecem para nós como múltiplos. Essa multiplicidade é como um sonho. Quando você sonha, um sonho passa e outro vem. Você não vive em seus sonhos. Os sonhos vêm um após o outro, cena após cena se desenrola diante de você. Assim é neste mundo de noventa por cento de miséria e dez por cento de felicidade. Talvez depois de um tempo isso pareça noventa por cento de felicidade, e nós o chamaremos de paraíso, mas chega ao sábio um momento em que tudo desaparece, e este mundo aparece como o próprio Deus, e sua própria alma como Deus. Não é, portanto, que existam muitos mundos, não é que existam muitas vidas. Toda esta multiplicidade é a manifestação daquele Um. Esse Um está se manifestando como matéria, espírito, mente, pensamento e tudo mais. É Aquele, manifestando-se como muitos. Portanto, o primeiro passo que devemos dar é ensinar a verdade a nós mesmos e aos outros.

Deixe o mundo ressoar com este ideal e deixe as superstições desaparecerem. Conte isso aos homens que são fracos e persistem em contá-lo. Você é o Puro; desperte e levante-se, ó poderoso, este sono não

combina com você. Acorde e levante-se, isso não lhe convém. Não pense que você é fraco e miserável. Todo-Poderoso, levante-se e desperte e manifeste sua própria natureza. Não é apropriado que você se considere um pecador. Não é apropriado que você se considere fraco. Digam isso ao mundo, digam a si mesmos, e vejam que resultado prático surge, vejam como com um flash elétrico tudo se manifesta, como tudo se muda. Diga isso à humanidade e mostre-lhes o seu poder. Então aprenderemos como aplicá-lo em nossa vida diária.

Para podermos usar o que chamamos de Viveka (discriminação), para aprender como, em cada momento de nossas vidas, em cada uma de nossas ações, discriminar entre o que é certo e o que é errado, o verdadeiro e o falso, teremos que conhecer o teste da verdade, que é pureza, unidade. Tudo o que contribui para a unidade é verdade. O amor é verdade e o ódio é falso, porque o ódio gera multiplicidade. É o ódio que separa o homem do homem; portanto, é errado e falso. É um poder em desintegração; separa e destrói.

O amor une, o amor cria essa unidade. Você se torna um, a mãe com o filho, a família com a cidade, o mundo inteiro se torna um com os animais. Pois o amor é Existência, o próprio Deus; e tudo isso é a manifestação desse Amor Único, mais ou menos expresso. A diferença é apenas de grau, mas é a manifestação desse Amor Único por toda parte. Portanto, em todas as nossas ações, temos que julgar se estamos promovendo a diversidade ou a unidade. Se for pela diversidade temos que desistir dela, mas se ela contribui para a unidade, temos certeza de que é bom. O mesmo ocorre com nossos pensamentos; temos que decidir se eles levam à desintegração, à multiplicidade ou à unidade, unindo alma a alma e exercendo uma influência. Se o fizerem, iremos apanhá-los e, caso contrário, iremos considerá-los criminosos.

Toda a ideia da ética é que ela não depende de nada incognoscível, não ensina nada desconhecido, mas na linguagem do Upanishad: "O Deus a quem você adora como um Deus desconhecido, o mesmo eu te prego." É através do Ser que você conhece alguma coisa. Eu vejo a cadeira; mas para ver a cadeira, tenho primeiro que perceber a mim mesmo e depois a cadeira. É no Self e através dele que a cadeira é percebida. É no Eu e através dele

que você é conhecido por mim, que o mundo inteiro é conhecido por mim; e, portanto, dizer que este Eu é desconhecido é pura bobagem. Tire o Ser e todo o universo desaparecerá. Todo o conhecimento vem do Ser e através dele. Portanto é o mais conhecido de todos. É você mesmo, aquilo que você chama de eu. Você pode se perguntar como esse eu de mim pode ser o eu de você. Você pode se perguntar como esse Eu limitado pode ser o Infinito ilimitado, mas é assim. O limitado é uma mera ficção. O Infinito foi encoberto, por assim dizer, e um pouco Dele está se manifestando como o Eu. A limitação nunca pode surgir sobre o ilimitado; é uma ficção. O Eu é conhecido, portanto, por cada um de nós – homem, mulher ou criança – e até mesmo pelos animais. Sem conhecê-lo, não podemos viver, nem nos mover, nem existir; sem conhecer este Senhor de todos, não podemos respirar nem viver um segundo. O Deus do Vedanta é o mais conhecido de todos e não é fruto da imaginação.

Se isso não é pregar um Deus prático, de que outra forma você poderia ensinar um Deus prático? Onde existe um Deus mais prático do que Aquele que vejo diante de mim - um Deus onipresente, em cada ser, mais real que os nossos sentidos? Pois vocês são Ele, o Deus Onipresente Todo-Poderoso, a Alma de suas almas, e se eu disser que vocês não são, digo uma mentira. Eu sei disso, quer eu sempre perceba ou não. Ele é a Unidade, a Unidade de tudo, a Realidade de toda a vida e de toda a existência.

Essas ideias da ética do Vedanta devem ser elaboradas detalhadamente e, portanto, vocês devem ter paciência. Como já lhes disse, queremos abordar o assunto em detalhe e trabalhá-lo minuciosamente, para ver como as ideias crescem a partir de ideais muito baixos, e como o grande Ideal da unidade se desenvolveu e se transformou no amor universal; e devemos estudá-los para evitar perigos. O mundo não consegue encontrar tempo para trabalhar desde os degraus mais baixos. Mas qual é a utilidade de estarmos em degraus mais elevados se não podemos transmitir a verdade aos outros que virão depois? Portanto, é melhor estudá-lo em todo o seu funcionamento; e primeiro, é absolutamente necessário limpar a parte intelectual, embora saibamos que a intelectualidade é quase nada; pois é o coração que é de maior importância. É através do coração que o Senhor é visto, e não através do intelecto. O intelecto é apenas o varredor de ruas, limpando o caminho para nós, um trabalhador secundário, o policial; mas o policial não é uma

necessidade positiva para o funcionamento da sociedade. Ele deve apenas interromper as perturbações, verificar as más ações, e esse é todo o trabalho exigido do intelecto. Quando você lê livros intelectuais, você pensa, depois de dominá-los, “Bendito seja o Senhor por estar fora deles”, porque o intelecto é cego e não pode se mover por si mesmo, não tem mãos nem pés. É o sentimento que funciona, que se move com velocidade infinitamente superior à da eletricidade ou de qualquer outra coisa. Você sente? - essa é a questão. Se fizer isso, você verá o Senhor: é o sentimento que você tem hoje que será intensificado, deificado, elevado à plataforma mais alta, até sentir tudo, a unidade em tudo, até sentir Deus em si mesmo e nos outros. . O intelecto nunca pode fazer isso. “Diferentes métodos de falar palavras, diferentes métodos de explicar os textos dos livros, estes são para o prazer dos eruditos, não para a salvação da alma” (Vivekachudâmani, 58).

Aqueles de vocês que leram Thomas a Kempis sabem como ele insiste nisso em cada página, e quase todos os homens santos do mundo insistiram nisso. O intelecto é necessário, pois sem ele caímos em erros grosseiros e cometemos todo tipo de erros. O intelecto verifica isso; mas, além disso, não tente construir nada sobre isso. É uma ajuda secundária e inativa; a verdadeira ajuda é o sentimento, o amor. Você sente pelos outros? Se você fizer isso, você estará crescendo em unidade. Se você não sentir sentimentos pelos outros, poderá ser o gigante mais intelectual que já nasceu, mas não será nada; você é apenas um intelecto seco e assim permanecerá. E se você sente, mesmo que não consiga ler nenhum livro e não conheça nenhum idioma, você está no caminho certo. O Senhor é seu.

Você não sabe pela história do mundo onde estava o poder dos profetas? Onde estava? No intelecto? Algum deles escreveu um belo livro sobre filosofia, sobre os mais intrincados raciocínios da lógica? Nenhum deles. Eles só falaram algumas palavras. Sinta-se como Cristo e você será um Cristo; sinta-se como Buda e você será um Buda. É o sentimento que é a vida, a força, a vitalidade, sem a qual nenhuma atividade intelectual pode chegar a Deus. O intelecto é como membros sem capacidade de locomoção. Somente quando o sentimento entra e lhes dá movimento é que eles se movem e atuam nos outros. Isso acontece em todo o mundo e é algo que você deve sempre lembrar. É uma das coisas mais práticas da moralidade vedântica, pois é o ensinamento do Vedanta que todos vocês são profetas e

todos devem ser profetas. O livro não é a prova da sua conduta, mas você é a prova do livro. Como você sabe que um livro ensina a verdade? Porque você é a verdade e sente isso. Isso é o que diz o Vedanta. Qual é a prova dos Cristos e Budas do mundo? Que você e eu nos sentimos como eles. É assim que você e eu entendemos que elas eram verdadeiras. Nossa alma profética é a prova de sua alma profética. Sua divindade é a prova do próprio Deus. Se você não é um profeta, nunca houve nada verdadeiro sobre Deus. Se você não é Deus, nunca existiu Deus e nunca existirá. Este, diz o Vedanta, é o ideal a seguir. Cada um de nós terá que se tornar um profeta, e você já é isso. Apenas saiba disso. Nunca pense que há algo impossível para a alma. É a maior heresia pensar assim. Se existe pecado, este é o único pecado – dizer que você é fraco ou que outros são fracos.

2.6.2 VEDANTA PRÁTICA: PARTE 2

(Entregue em Londres, 12 de novembro de 1896)

Contarei a vocês uma história muito antiga do Chhândogya Upanishad, que conta como o conhecimento chegou a um menino. A forma da história é muito grosseira, mas descobriremos que ela contém um princípio. Um menino disse à sua mãe: “Vou estudar os Vedas. Diga-me o nome do meu pai e da minha casta”. A mãe não era uma mulher casada e, na Índia, o filho de uma mulher que não era casada é considerado um pária; ele não é reconhecido pela sociedade e não tem o direito de estudar os Vedas. Então a pobre mãe disse: “Meu filho, não sei o nome da sua família; estive no serviço e servi em lugares diferentes; não sei quem é o seu pai, mas meu nome é Jabâlâ e o seu nome é Satyakâma”. A criança foi até um sábio e pediu para ser aceita como estudante. O sábio perguntou-lhe: “Qual é o nome do seu pai e qual é a sua casta?” O menino repetiu para ele o que ouvira de sua mãe. O sábio disse imediatamente: “Ninguém, exceto um Brâmane, poderia falar uma verdade tão prejudicial sobre si mesmo. Você é um Brâmane e eu lhe ensinarei. Você não se desviou da verdade.” Então ele manteve o menino com ele e o educou.

Agora vêm alguns dos métodos peculiares de educação na Índia antiga. Este professor deu a Satyakama quatrocentas vacas magras e fracas para cuidar e

o enviou para a floresta. Lá ele foi e viveu por algum tempo. A professora disse-lhe para voltar quando o rebanho aumentasse para mil. Depois de alguns anos, um dia Satyakama ouviu um grande touro no rebanho dizendo-lhe: "Somos mil agora; leve-nos de volta ao seu professor. Vou lhe ensinar um pouco de Brahman". "Continue, senhor", disse Satyakama. Então o touro disse: "O Leste é uma parte do Senhor, assim como o Oeste, assim como o Sul, assim como o Norte. Os quatro pontos cardeais são as quatro partes de Brahman. O fogo também lhe ensinará algo sobre Brahman." O fogo era um grande símbolo naquela época, e cada estudante tinha que adquirir fogo e fazer oferendas. Assim, no dia seguinte, Satyakama partiu para a casa de seu Guru, e quando à noite ele realizou sua oblação e adorou junto ao fogo, e estava sentado perto dele, ele ouviu uma voz vinda do fogo, "Ó Satyakama." "Fala, Senhor", disse Satyakama. (Talvez você possa se lembrar de uma história muito semelhante no Antigo Testamento, sobre como Samuel ouviu uma voz misteriosa.) "Ó Satyakama, vim ensinar-lhe um pouco de Brahman. Esta terra é uma porção desse Brahman. O céu e o o céu são porções Dele. O oceano é uma parte desse Brahman." Então o fogo disse que um certo pássaro também lhe ensinaria alguma coisa. Satyakama continuou sua jornada e no dia seguinte, quando ele realizou seu sacrifício noturno, um cisne veio até ele e disse: "Eu lhe ensinarei algo sobre Brahman. Este fogo que você adora, ó Satyakama, é uma parte daquele Brahman. O fogo que você adora, ó Satyakama, é uma parte daquele Brahman. o sol é uma parte, a lua é uma parte, o relâmpago é uma parte daquele Brahman. Um pássaro chamado Madgu lhe contará mais sobre isso. Na noite seguinte, aquele pássaro apareceu e uma voz semelhante foi ouvida por Satyakama: "Vou lhe contar algo sobre Brahman. A respiração é uma parte de Brahman, a visão é uma parte, a audição é uma parte, a mente é uma parte." Então o menino chegou à casa do professor e apresentou-se diante dele com a devida reverência. Assim que o professor viu esse discípulo, ele comentou: "Satyakama, tua face brilha como a de um conhecedor de Brahman! Quem então te ensinou?" "Outros seres além dos homens", respondeu Satyakama. "Mas eu gostaria que você me ensinasse, senhor. Pois ouvi de homens como você que o conhecimento que é aprendido somente com um Guru leva ao bem supremo." Então o sábio lhe ensinou o mesmo conhecimento que ele recebeu dos deuses. "E nada foi deixado de fora, sim, nada foi deixado de fora."

Agora, além das alegorias do que o touro, o fogo e os pássaros ensinaram, vemos a tendência do pensamento e a direção que tomava naqueles dias. A grande ideia da qual vemos aqui o germe é que todas essas vozes estão dentro de nós. À medida que compreendemos melhor estas verdades, descobrimos que a voz está em nosso próprio coração, e o aluno compreendeu que o tempo todo estava ouvindo a verdade; mas sua explicação não estava correta. Ele estava interpretando a voz como vinda do mundo externo, embora o tempo todo ela estivesse dentro dele. A segunda ideia que temos é a de tornar prático o conhecimento do Brahman. O mundo está sempre em busca das possibilidades práticas da religião, e descobrimos nessas histórias como ela se tornava cada vez mais prática a cada dia. A verdade foi mostrada através de tudo o que os alunos conheciam. O fogo que eles adoravam era Brahman, a terra fazia parte de Brahman e assim por diante.

A próxima história pertence a Upakosala Kâmalâyana, um discípulo deste Satyakama, que foi ser ensinado por ele e morou com ele por algum tempo. Agora Satyakama partiu em viagem e o estudante ficou muito desanimado; e quando a esposa do professor veio e perguntou por que ele não estava comendo, o menino disse: "Estou muito infeliz para comer". Então uma voz veio do fogo que ele adorava, dizendo: "Esta vida é Brahman, Brahman é o éter e Brahman é felicidade. Conheça Brahman." "Eu sei, senhor", respondeu o menino, "que a vida é Brahman, mas não sei se ela é éter e felicidade." Depois explicou que as duas palavras éter e felicidade significavam uma coisa na realidade, viz. o éter senciente (inteligência pura) que reside no coração. Então, ensinou-lhe Brahman como vida e como o éter no coração. Então o fogo lhe ensinou: "Esta terra, comida, fogo e sol a quem você adora são formas de Brahman. A pessoa que é vista no sol, eu sou Ele. Aquele que sabe disso e medita Nele, todos os seus pecados desaparece e ele tem vida longa e se torna feliz. Aquele que vive nos pontos cardeais, na lua, nas estrelas e na água, eu sou Aquele que vive nesta vida, no éter, nos céus e nos relâmpagos, eu sou Ele." Aqui também vemos a mesma ideia de religião prática. As coisas que eles adoravam, como o fogo, o sol, a lua e assim por diante, e a voz com a qual estavam familiarizados, constituem o tema das histórias que as explicam e lhes dão um significado mais elevado. E este é o lado real e prático do Vedanta. Não destrói o mundo, mas explica-o; não destrói a pessoa, mas explica-a; não destrói a

individualidade, mas explica-a mostrando a individualidade real. Não mostra que este mundo é vazio e não existe, mas diz: "Entenda o que é este mundo, para que não lhe faça mal". A voz não disse a Upakosala que o fogo que ele adorava, ou o sol, ou a lua, ou o relâmpago, ou qualquer outra coisa, estava tudo errado, mas mostrou-lhe que o mesmo espírito que estava dentro do sol, e a lua, o relâmpago, o fogo e a terra estavam nele, de modo que tudo se transformou, por assim dizer, aos olhos de Upakosala. O fogo que antes era meramente um fogo material, no qual se faziam oblações, assumiu um novo aspecto e tornou-se o Senhor. A terra se transformou, a vida se transformou, o sol, a lua, as estrelas, os relâmpagos, tudo se transformou e deificou. Sua verdadeira natureza era conhecida. O tema do Vedanta é ver o Senhor em tudo, ver as coisas em sua natureza real, não como parecem ser. Depois, outra lição é ensinada nos Upanishads: "Aquele que brilha através dos olhos é Brahman; Ele é o Belo, Ele é o Brilhante. Ele brilha em todos estes mundos." Uma certa luz peculiar, diz um comentarista, que chega ao homem puro, é o que se entende por luz nos olhos, e é dito que quando um homem é puro, tal luz brilhará em seus olhos, e essa luz pertence realmente para a Alma interior, que está em toda parte. É a mesma luz que brilha nos planetas, nas estrelas e nos sóis.

Vou agora ler para vocês alguma outra doutrina desses antigos Upanishads, sobre nascimento e morte e assim por diante. Talvez isso lhe interesse. Shvetaketu foi até o rei dos Panchâlas, e o rei perguntou-lhe: "Você sabe para onde as pessoas vão quando morrem? Você sabe como elas voltam? Você sabe por que o outro mundo não fica cheio?" O menino respondeu que não sabia. Então ele foi até seu pai e fez-lhe as mesmas perguntas. O pai disse: "Não sei", e foi até o rei. O rei disse que esse conhecimento nunca foi conhecido pelos sacerdotes, era apenas pelos reis, e essa era a razão pela qual os reis governavam o mundo. Este homem ficou com o rei por algum tempo, pois o rei disse que o ensinaria. "O outro mundo, ó Gautama, é o fogo. O sol é seu combustível. Os raios são a fumaça. O dia é a chama. A lua são as brasas. E as estrelas são as faíscas. Neste fogo os deuses derramam libação da fé e desta libação nasce o rei Soma." Então ele vai. "Você não precisa oblar aquele pequeno fogo: o mundo inteiro é esse fogo, e essa oblação, essa adoração, está acontecendo continuamente. Os deuses, e os anjos, e todos estão adorando-o. O homem é o maior símbolo do fogo, o corpo do homem." Aqui também vemos o ideal se tornando prático e

Brahman é visto em tudo. O princípio subjacente a todas estas histórias é que o simbolismo inventado pode ser bom e útil, mas já existem símbolos melhores do que qualquer um que possamos inventar. Você pode inventar uma imagem para adorar a Deus, mas já existe uma imagem melhor, o homem vivo. Você pode construir um templo para adorar a Deus, e isso pode ser bom, mas já existe um melhor, muito mais elevado, o corpo humano.

Você se lembra que os Vedas têm duas partes, a parte cerimonial e a parte do conhecimento. Com o tempo, os cerimoniais multiplicaram-se e tornaram-se tão intrincados que era quase impossível desemaranhá-los, e assim, nos Upanishads, descobrimos que os cerimoniais são quase eliminados, mas com cuidado, explicando-os. Vemos que antigamente eles faziam essas oblações e sacrifícios, depois vieram os filósofos, e em vez de arrancarem os símbolos das mãos dos ignorantes, em vez de assumirem a posição negativa, que infelizmente encontramos tão geral nas reformas modernas, eles deu-lhes algo para ocupar seu lugar. “Aqui está o símbolo do fogo”, disseram eles. “Muito bom! Mas aqui está outro símbolo, a terra. Que grande, grande símbolo! Aqui está este pequeno templo, mas o universo inteiro é um templo; um homem pode adorar em qualquer lugar. Existem figuras peculiares que os homens desenham no terra, e lá estão os altares, mas aqui está o maior dos altares, o corpo humano vivo e consciente, e adorar neste altar é muito mais elevado do que adorar qualquer símbolo morto.”

Chegamos agora a uma doutrina peculiar. Eu mesmo não entendo muito disso. Se você conseguir fazer algo com isso, eu lerei para você. Quando morre um homem que pela meditação se purificou e obteve conhecimento, ele primeiro vai para a luz, depois da luz para o dia, do dia para a metade clara da lua, daí para os seis meses em que o sol se orienta para o norte. , daquele para o ano, do ano para o sol, do sol para a lua, da lua para o relâmpago, e quando ele chega à esfera do relâmpago, ele encontra uma pessoa que não é humana, e essa pessoa o leva ao (condicionado) Brahman. Este é o caminho dos deuses. Quando os sábios e as pessoas sábias morrem, eles seguem esse caminho e não retornam. O que significa este mês e ano, e todas essas coisas, ninguém entende claramente. Cada um dá o seu significado, e alguns dizem que é tudo bobagem. O que significa ir ao

mundo da lua e do sol, e essa pessoa que vem ajudar a alma depois que ela atingiu a esfera do relâmpago, ninguém sabe. Existe uma ideia entre os hindus de que a lua é um lugar onde existe vida, e veremos como a vida surgiu a partir daí. Aqueles que não alcançaram o conhecimento, mas fizeram um bom trabalho nesta vida, primeiro vão, quando morrem, através da fumaça, depois para a noite, depois para a escuridão de quinze dias, depois para os seis meses em que o sol se orienta para o sul. , e daí eles vão para a região de seus antepassados, depois para o éter, depois para a região da lua, e lá se tornam o alimento dos deuses, e mais tarde, nascem como deuses e vivem lá enquanto suas boas obras permitir. E quando o efeito da boa obra tiver terminado, eles voltam à terra pelo mesmo caminho. Eles primeiro se tornam éter, depois ar, depois fumaça, depois névoa, depois nuvem e depois caem sobre a terra como gotas de chuva; então eles entram na comida, que é consumida pelos seres humanos, e finalmente se tornam seus filhos. Aqueles cujas obras foram muito boas nascem em boas famílias, e aqueles cujas obras foram más nascem mal, mesmo em corpos de animais. Os animais estão continuamente entrando e saindo desta terra. É por isso que a terra não está cheia nem vazia.

Também podemos tirar várias ideias disso, e mais tarde, talvez, seremos capazes de entendê-lo melhor, e poderemos especular um pouco sobre o que significa. A última parte, que trata de como retornam aqueles que estiveram no céu, é talvez mais clara que a primeira; mas a ideia toda parece ser a seguinte: não existe céu permanente sem a realização de Deus. Agora, algumas pessoas que não realizaram Deus, mas fizeram um bom trabalho neste mundo, com o objetivo de desfrutar os resultados, passam, quando morrem, por este e aquele lugar, até chegarem ao céu, e lá nascem na mesma forma que nós estamos aqui, como filhos dos deuses, e eles vivem lá enquanto suas boas obras permitirem. Disto surge uma ideia básica do Vedanta de que tudo que tem nome e forma é transitório. Esta terra é transitória, porque tem nome e forma, e assim os céus devem ser transitórios, porque lá também permanecem nome e forma. Um céu que é eterno será contraditório em termos, porque tudo o que tem nome e forma deve começar no tempo, existir no tempo e terminar no tempo. Estas são doutrinas estabelecidas do Vedanta e, como tal, os céus são abandonados.

Vimos no Samhitâ que a ideia do céu era que ele era eterno, da mesma forma que prevalece entre os maometanos e os cristãos. Os maometanos concretizam isso um pouco mais. Dizem que é um lugar onde há jardins, por baixo dos quais correm rios. No deserto da Arábia a água é muito desejável, por isso o Maometano sempre concebe o seu céu como contendo muita água. Nasci em um país onde chove seis meses por ano. Suponho que eu pensaria no céu como um lugar seco, e o mesmo aconteceria com o povo inglês. Esses céus no Samhita são eternos, e os que partiram têm belos corpos e vivem com seus antepassados, e são felizes para sempre. Lá eles se encontram com seus pais, filhos e outros parentes, e levam praticamente o mesmo tipo de vida que aqui, só que muito mais felizes. Todas as dificuldades e obstruções à felicidade nesta vida desapareceram, e apenas as suas partes boas e prazeres permanecem. Mas por mais confortável que a humanidade possa considerar este estado de coisas, a verdade é uma coisa e o conforto é outra. Há casos em que a verdade não é confortável até atingirmos o seu clímax. A natureza humana é muito conservadora. Ela faz alguma coisa e, depois de fazer isso, acha difícil sair dessa. A mente não receberá novos pensamentos, pois trazem desconforto.

Nos Upanishads, vemos um tremendo afastamento. Declara-se que estes céus em que os homens vivem com os antepassados após a morte não podem ser permanentes, visto que tudo o que tem nome e forma deve morrer. Se existem céus com formas, esses céus devem desaparecer com o passar do tempo; podem durar milhões de anos, mas chegará um momento em que terão de desaparecer. Com esta ideia veio outra de que estas almas devem regressar à terra, e que os céus são lugares onde desfrutaram dos resultados das suas boas obras, e depois de estes efeitos terminarem, elas regressam novamente a esta vida terrena. Uma coisa fica clara a partir disso: a humanidade já tinha uma percepção da filosofia da causalidade desde os primórdios. Mais tarde veremos como os nossos filósofos revelam isso na linguagem da filosofia e da lógica, mas aqui é quase na linguagem das crianças. Uma coisa que você pode observar ao ler esses livros é que tudo é percepção interna. Se você me perguntar se isso pode ser prático, minha resposta é: primeiro foi prático e depois filosófico. Você pode ver que primeiro essas coisas foram percebidas e realizadas e depois escritas. Este mundo falou com os primeiros pensadores. Os pássaros falaram com eles, os animais falaram com eles, o sol e a lua falaram com eles; e pouco a

pouco eles perceberam as coisas e entraram no coração da natureza. Não por cogitação, não pela força da lógica, não escolhendo o cérebro dos outros e fazendo um grande livro, como está na moda nos tempos modernos, nem mesmo como eu, pegando um de seus escritos e fazendo uma longa palestra, mas através de paciente investigação e descoberta eles descobriram a verdade. Seu método essencial era a prática, e assim deve ser sempre. A religião é sempre uma ciência prática, e nunca houve nem haverá qualquer religião teológica. É prática primeiro e conhecimento depois. A ideia de que as almas voltam já existe. Aquelas pessoas que fazem um bom trabalho com a ideia de um resultado conseguem, mas o resultado não é permanente. Aí temos a ideia de causalidade apresentada de forma muito bela, de que o efeito é apenas proporcional à causa. Tal como é a causa, assim será o efeito. Sendo a causa finita, o efeito deve ser finito. Se a causa é eterna, o efeito pode ser eterno, mas todas essas causas, fazer um bom trabalho e todas as outras coisas, são apenas causas finitas e, como tais, não podem produzir resultados infinitos.

Chegamos agora ao outro lado da questão. Como não pode haver um céu eterno, pelos mesmos motivos, não pode haver um inferno eterno. Suponha que eu seja um homem muito perverso, praticando o mal a cada minuto da minha vida. Ainda assim, toda a minha vida aqui, comparada com a minha vida eterna, não é nada. Se houver uma punição eterna, isso significará que há um efeito infinito produzido por uma causa finita, que não pode existir. Se eu fizer o bem durante toda a minha vida, não poderei ter um céu infinito; estaria cometendo o mesmo erro. Mas há um terceiro caminho que se aplica àqueles que conheceram a Verdade, àqueles que a compreenderam. Esta é a única maneira de ultrapassar este véu de Mâyâ – compreender o que é a Verdade; e os Upanishads indicam o que significa realizar a Verdade.

Significa não reconhecer nem o bem nem o mal, mas saber que tudo vem do Ser; O eu está em tudo. Significa negar o universo; fechar os olhos para isso; ver o Senhor tanto no inferno como no céu; vendo o Senhor na morte e também na vida. Esta é a linha de pensamento da passagem que li para você; a terra é um símbolo do Senhor, o céu é o Senhor, o lugar que ocupamos é o Senhor, tudo é Brahman. E isso deve ser visto, percebido, e não simplesmente falado ou pensado. Podemos ver como consequência

lógica que quando a alma tiver percebido que tudo está cheio do Senhor, de Brahman, ela não se importará se vai para o céu, ou para o inferno, ou para qualquer outro lugar; quer nasça de novo nesta terra ou no céu. Essas coisas deixaram de ter qualquer significado para aquela alma, porque todo lugar é o mesmo, todo lugar é o templo do Senhor, todo lugar se tornou santo e a presença do Senhor é tudo o que ela vê no céu, ou no inferno, ou em qualquer outro lugar. Nem bom nem mau, nem vida nem morte – apenas o infinito Brahman existe.

De acordo com o Vedanta, quando um homem chega a essa percepção, ele se torna livre e é o único homem apto para viver neste mundo. Outros não. O homem que vê o mal, como pode viver neste mundo? Sua vida é uma massa de miséria. O homem que vê perigos, sua vida é uma miséria; o homem que vê a morte, sua vida é uma miséria. Só esse homem pode viver neste mundo, só ele pode dizer: “Gosto desta vida e sou feliz nesta vida”. que viu a Verdade e a Verdade em tudo. A propósito, posso lhe dizer que a ideia de inferno não ocorre em nenhum lugar dos Vedas. Ela vem com os Purânas muito mais tarde. O pior castigo segundo os Vedas é voltar à terra, ter outra chance neste mundo. Desde o início vemos que a ideia está tomando um rumo impessoal. As ideias de punição e recompensa são muito materiais e só estão em consonância com a ideia de um Deus humano, que ama um e odeia outro, tal como nós. Punição e recompensa só são admissíveis com a existência de tal Deus. Eles tinham esse Deus no Samhita, e aí encontramos a ideia do medo entrando, mas assim que chegamos aos Upanishads, a ideia do medo desaparece e a ideia impessoal toma o seu lugar. É naturalmente a coisa mais difícil para o homem compreender esta ideia impessoal, pois ele está sempre agarrado à pessoa. Mesmo as pessoas que são consideradas grandes pensadores ficam enojadas com a ideia do Deus Impessoal. Mas para mim parece tão absurdo pensar em Deus como um homem encarnado. Qual é a ideia superior, um Deus vivo ou um Deus morto? Um Deus que ninguém vê, ninguém conhece, ou um Deus Conhecido?

O Deus Impessoal é um Deus vivo, um princípio. A diferença entre pessoal e impessoal é esta: o pessoal é apenas um homem, e a ideia impessoal é que Ele é o anjo, o homem, o animal, e ainda algo mais que não podemos ver, porque a impessoalidade inclui todas as personalidades, é a soma total de

tudo no universo e infinitamente mais. “Assim como o fogo único que vem ao mundo se manifesta de muitas formas, e ainda assim é infinitamente mais”, o mesmo ocorre com o Impessoal.

Queremos adorar um Deus vivo. Eu não vi nada além de Deus durante toda a minha vida, nem você. Para ver esta cadeira você primeiro vê Deus, e então a cadeira Nele e através Dele Ele está em toda parte dizendo: “Eu sou”. No momento em que você sente “eu sou”, você está consciente da Existência. Onde iremos para encontrar Deus se não pudermos vê-Lo em nossos corações e em todos os seres vivos? "Tu és o homem, tu és a mulher, tu és a menina e tu és o menino. Tu és o velho cambaleando com uma vara. Tu és o jovem andando no orgulho de sua força." Tu és tudo o que existe, um maravilhoso Deus vivo que é o único fato no universo. Para muitos, isto parece ser uma terrível contradição com o Deus tradicional que vive atrás de um véu em algum lugar e que ninguém jamais vê. Os sacerdotes apenas nos dão a garantia de que se os seguirmos, ouvirmos as suas admoestações e seguirmos o caminho que eles nos traçam - então, quando morrermos, eles nos darão um passaporte que nos permitirá ver a face de Deus! O que são todas essas idéias celestiais senão simplesmente modificações dessa arte sacerdotal absurda?

É claro que a ideia impessoal é muito destrutiva, tira todo o comércio dos sacerdotes, das igrejas e dos templos. Na Índia agora há fome, mas há templos em cada um dos quais há jóias que valem o resgate de um rei! Se os sacerdotes ensinassem esta ideia impessoal ao povo, a sua ocupação desapareceria. No entanto, temos que ensiná-lo de forma altruísta, sem artimanhas sacerdotais. Você é Deus e eu também; quem obedece a quem? Quem adora quem? Você é o templo mais elevado de Deus; Prefiro adorar você do que qualquer templo, imagem ou Bíblia. Por que algumas pessoas são tão contraditórias em seus pensamentos? São como peixes escapando de nossos dedos. Dizem que são homens práticos e teimosos. Muito bom. Mas o que é mais prático do que adorar aqui, adorar você? Eu vejo você, sinto você e sei que você é Deus. O maometano diz que não existe Deus senão Alá. O Vedanta diz que não há nada que não seja Deus. Isso pode assustar muitos de vocês, mas vocês entenderão isso aos poucos. O Deus vivo está dentro de você, mas você está construindo igrejas e templos e acreditando em todo tipo de bobagem imaginária. O único Deus a adorar é a alma humana no corpo humano. É claro que todos os animais também são templos, mas o homem é o mais elevado, o Taj Mahal dos templos. Se eu não puder adorar ali, nenhum outro templo terá qualquer vantagem. No momento em que percebi Deus sentado no templo de cada corpo humano, no momento em que me coloco em reverência diante de cada ser humano e vejo Deus nele - nesse momento estou livre da escravidão, tudo o que prende desaparece e estou livre.

Este é o mais prático de todos os cultos. Não tem nada a ver com teorização e especulação. No entanto, isso assusta muitos. Eles dizem que não está certo. Eles continuam teorizando sobre velhos ideais contados por seus avós, que um Deus em algum lugar no céu disse a alguém que ele era Deus. Desde então, temos apenas teorias. Isso é praticidade segundo eles, e nossas ideias são impraticáveis! Sem dúvida, o Vedanta diz que cada um deve ter o seu caminho, mas o caminho não é a meta. A adoração de um Deus no céu e todas essas coisas não são ruins, mas são apenas passos em direção à Verdade e não à Verdade em si. Eles são bons e belos, e algumas idéias maravilhosas estão aí, mas o Vedanta diz a todo momento: "Meu amigo, Aquele a quem você adora como desconhecido, eu adoro como você. Aquele a quem você adora como desconhecido e procura, por todo o

universo, esteve com você o tempo todo. Você está vivendo através Dele, e Ele é a Testemunha Eterna do universo" "Aquele a quem todos os Vedas adoram, ou melhor, Aquele que está sempre presente no eterno 'eu'. '. Ele existindo, todo o universo existe. Ele é a luz e a vida do universo. Se o 'eu' não estivesse em você, você não veria o sol, tudo seria uma massa escura. mundo."

Geralmente, uma pergunta é feita, e é esta que pode levar a uma tremenda dificuldade. Todos nós pensaremos: "Eu sou Deus, e tudo o que faço ou penso deve ser bom, pois Deus não pode fazer o mal". Em primeiro lugar, mesmo tomando como certo este perigo de má interpretação, pode ser provado que do outro lado o mesmo perigo não existe? Eles têm adorado um Deus no céu, separado deles, e de quem têm muito medo. Eles nasceram tremendo de medo e continuarão tremendo por toda a vida. O mundo ficou muito melhor com isso? Aqueles que compreenderam e adoraram um Deus Pessoal, e aqueles que compreenderam e adoraram um Deus Impessoal, de que lado estiveram os grandes trabalhadores do mundo – trabalhadores gigantescos, poderes morais gigantescos? Certamente no Impessoal. Como você pode esperar que a moralidade seja desenvolvida através do medo? Nunca poderá ser. "Onde alguém vê outro, onde alguém ouve outro, isso é Maya. Quando alguém não vê outro, quando não ouve outro, quando tudo se tornou o Atman, quem vê quem, quem percebe quem?" É tudo Ele e tudo eu, ao mesmo tempo. A alma tornou-se pura. Então, e somente então, entendemos o que é o amor. O amor não pode passar pelo medo, sua base é a liberdade. Quando realmente começamos a amar o mundo, então entendemos o que significa fraternidade ou humanidade, e não antes.

Portanto, não é correto dizer que a ideia Impessoal levará a uma tremenda quantidade de mal no mundo, como se a outra doutrina nunca se prestasse a obras do mal, como se não levasse ao sectarismo inundando o mundo com sangue e fazendo com que os homens se despedaçassem. "Meu Deus é o maior Deus, vamos decidir isso por uma luta livre." Esse é o resultado do dualismo em todo o mundo. Saia para a ampla luz do dia, saia dos pequenos caminhos estreitos, pois como pode a alma infinita descansar contente em viver e morrer em pequenos sulcos? Saia para o universo da Luz. Tudo no universo é seu, estenda os braços e abrace-o com amor. Se você já sentiu que queria fazer isso, você sentiu Deus.

Você se lembra daquela passagem no sermão de Buda, como ele enviou um pensamento de amor para o sul, o norte, o leste e o oeste, acima e abaixo, até que todo o universo foi preenchido com esta perda, tão grande, grande, e infinito. Quando você tem esse sentimento, você tem verdadeira personalidade. O universo inteiro é uma pessoa; deixe de lado as pequenas coisas. Desista do pequeno pelo Infinito, desista dos pequenos prazeres pela bem-aventurança infinita. É todo seu, pois o Impessoal inclui o Pessoal. Portanto, Deus é Pessoal e Impessoal ao mesmo tempo. E o Homem, o Homem Infinito e Impessoal, está se manifestando como pessoa. Nós, o infinito, nos limitamos, por assim dizer, a pequenas partes. O Vedanta diz que o Infinito é a nossa verdadeira natureza; nunca desaparecerá, permanecerá para sempre. Mas estamos nos limitando pelo nosso Karma, que como uma corrente em volta do nosso pescoço nos arrastou para esta limitação. Quebre essa corrente e seja livre. Pisoteie a lei sob seus pés. Não existe lei na natureza humana, não existe destino, não existe sina. Como pode haver lei no infinito? Liberdade é a sua palavra de ordem. A liberdade é a sua natureza, o seu direito inato. Seja livre e tenha quantas personalidades quiser. Então representaremos como o ator que sobe ao palco e faz o papel de um mendigo. Compare-o com o verdadeiro mendigo andando pelas ruas. A cena é talvez a mesma em ambos os casos, as palavras são talvez as mesmas, mas que diferença! Um desfruta de sua mendicância enquanto o outro sofre miséria com isso. E o que faz essa diferença? Um é livre e o outro está vinculado. O ator sabe que sua mendicância não é verdadeira, mas que ele a assumiu para brincar, enquanto o verdadeiro mendigo pensa que é seu estado muito familiar e que ele tem de suportá-lo, queira ou não. Esta é a lei. Enquanto não tivermos conhecimento da nossa verdadeira natureza, seremos mendigos, acotovelados por todas as forças da natureza; e escravizados por tudo na natureza; clamamos por ajuda em todo o mundo, mas a ajuda nunca chega até nós; choramos por seres imaginários, mas isso nunca acontece. Mas ainda esperamos que a ajuda chegue e, assim, chorando, lamentando e esperando, uma vida se passa e a mesma peça continua indefinidamente.

Seja livre; não espere nada de ninguém. Tenho certeza de que, se vocês olharem para trás, para suas vidas, descobrirão que sempre tentaram em vão obter ajuda de outras pessoas, o que nunca chegou. Toda a ajuda que veio veio de dentro de vocês. Vocês só tiveram os frutos daquilo por que

trabalharam e, ainda assim, estranhamente esperavam ajuda o tempo todo. A sala de um homem rico está sempre cheia; mas se você notar, não encontrará as mesmas pessoas lá. Os visitantes estão sempre esperando conseguir algo daqueles homens ricos, mas isso nunca acontece. Assim como nossas vidas são gastas em esperança, esperança, esperança, que nunca chega ao fim. Desista da esperança, diz o Vedanta. Por que você deveria ter esperança? Você tem tudo, não, você é tudo. O que você está esperando? Se um rei enlouquecer e correr tentando encontrar o rei do seu país, ele nunca o encontrará, porque ele próprio é o rei. Ele pode percorrer todas as aldeias e cidades do seu próprio país, procurando em todas as casas, chorando e lamentando, mas nunca o encontrará, porque ele próprio é o rei. É melhor sabermos que somos Deus e desistirmos dessa busca tola por Ele; e sabendo que somos Deus ficamos felizes e contentes. Desista de todas essas atividades malucas e depois desempenhe seu papel no universo, como ator no palco.

Toda a visão mudou e, em vez de uma prisão eterna, este mundo tornou-se um parque de diversões; em vez de uma terra de competição, é uma terra de felicidade, onde há primavera perpétua, flores desabrocham e borboletas voam. Este mesmo mundo se torna o céu, que antes era o inferno. Aos olhos dos presos é um tremendo lugar de tormento, mas aos olhos dos livres é bem diferente. Esta vida é a vida universal, os céus e todos esses lugares estão aqui. Todos os deuses estão aqui, os protótipos do homem. Os deuses não criaram o homem segundo seu tipo, mas o homem criou deuses. E aqui estão os protótipos, aqui está Indra, aqui está Varuna e todos os deuses do universo. Temos projetado nossos pequenos duplos e somos os originais desses deuses, somos os verdadeiros, os únicos deuses a serem adorados. Esta é a visão do Vedanta, e esta é a sua praticidade. Quando nos tornamos livres, não precisamos enlouquecer, abandonar a sociedade e correr para morrer na floresta ou na caverna; permaneceremos onde estávamos, apenas compreenderemos a coisa toda. Os mesmos fenômenos permanecerão, mas com um novo significado. Ainda não conhecemos o mundo; é somente através da liberdade que vemos o que é e compreendemos a sua natureza. Veremos então que esta chamada lei, ou sorte, ou destino ocupava apenas uma parte infinitesimal da nossa natureza. Era só um lado, mas do outro lado havia liberdade o tempo todo. Não sabíamos disso e é por isso que tentamos nos salvar do mal escondendo o rosto no chão, como a lebre

caçada. Através da ilusão temos tentado esquecer a nossa natureza, mas não conseguimos; estava sempre nos chamando, e toda a nossa busca por Deus ou deuses, ou pela liberdade externa, era uma busca pela nossa verdadeira natureza. Nós confundimos a voz. Pensávamos que vinha do fogo, ou de um deus, ou do sol, ou da lua, ou das estrelas, mas finalmente descobrimos que vinha de dentro de nós mesmos. Dentro de nós está esta voz eterna falando de liberdade eterna; sua música está eternamente acontecendo. Parte desta música da Alma tornou-se a terra, a lei, este universo, mas sempre foi nossa e sempre será. Em uma palavra, o ideal do Vedanta é conhecer o homem como ele realmente é, e esta é a sua mensagem: se você não pode adorar seu irmão homem, o Deus manifestado, como poderá adorar um Deus que não é manifestado?

Você não se lembra do que a Bíblia diz: “Se você não consegue amar o seu irmão, a quem você vê, como poderá amar a Deus, a quem você não vê?” Se você não consegue ver Deus no rosto humano, como poderá vê-lo nas nuvens, ou em imagens feitas de matéria fosca e morta, ou em meras histórias fictícias do nosso cérebro? Chamarei você de religioso a partir do dia em que você começar a ver Deus nos homens e nas mulheres, e então você entenderá o que significa virar a face esquerda para o homem que lhe bate na direita. Quando você vê o homem como Deus, tudo, até o tigre, será bem-vindo. Tudo o que vem a você é apenas o Senhor, o Eterno, o Abençoado, aparecendo para nós em várias formas, como nosso pai, e mãe, e amigo, e filho – eles são nossa própria alma brincando conosco.

Assim como as nossas relações humanas podem assim tornar-se divinas, também a nossa relação com Deus pode assumir qualquer uma destas formas e podemos considerá-Lo como nosso pai, ou mãe, ou amigo, ou amado. Chamar Deus de Mãe é um ideal mais elevado do que chamá-Lo de Pai; e chamá-lo de amigo é ainda mais elevado; mas o mais elevado é considerá-Lo como o Amado. O ponto mais alto de tudo é não ver diferença entre amante e amado. Talvez você se lembre da antiga história persa, de como um amante veio e bateu na porta da pessoa amada e foi perguntado: “Quem é você?” Ele respondeu: “Sou eu”, e não houve resposta. Ele veio pela segunda vez e exclamou: “Estou aqui”, mas a porta não foi aberta. Na terceira vez ele veio e a voz perguntou lá de dentro: “Quem está aí?” Ele respondeu: “Eu sou você mesmo, meu amado”, e a porta se abriu. Assim é a

relação entre Deus e nós mesmos. Ele está em tudo, Ele é tudo. Cada homem e cada mulher é o Deus vivo, palpável e feliz. Quem disse que Deus é desconhecido? Quem disse que Ele deve ser procurado? Encontramos Deus eternamente. Temos vivido Nele eternamente; em todos os lugares Ele é eternamente conhecido, eternamente adorado.

Depois surge outra ideia, de que outras formas de adoração não são erros. Este é um dos grandes pontos a ser lembrados: aqueles que adoram a Deus através de cerimoniais e formas, por mais grosseiros que possamos pensar que sejam, não estão errados. É a jornada de verdade em verdade, de verdade inferior para verdade superior. A escuridão é menos luz; o mal é menos bom; impureza é menos pureza. É preciso ter sempre presente que devemos ver os outros com olhos de amor, de simpatia, sabendo que estão a percorrer o mesmo caminho que percorremos. Se você é livre, deve saber que tudo será assim, mais cedo ou mais tarde, e se você for livre, como poderá ver o impermanente? Se você é realmente puro, como vê o impuro? Pois o que está dentro, está fora. Não podemos ver a impureza sem tê-la dentro de nós. Este é um dos aspectos práticos do Vedanta, e espero que todos tentemos trazê-lo para nossas vidas. Toda a nossa vida aqui é para colocar isso em prática, mas o grande ponto que ganhamos é que trabalharemos com satisfação e contentamento, em vez de com descontentamento e insatisfação, pois sabemos que a Verdade está dentro de nós, nós a temos como nosso direito inato. , e só temos que manifestá-lo e torná-lo tangível.

2.6.3 VEDANTA PRÁTICA: PARTE 3

(Entregue em Londres, 17 de novembro de 1896)

No Chhândogya Upanishad lemos que um sábio chamado Nârada foi até outro chamado Sanatkumâra e fez-lhe várias perguntas, uma das quais era se a religião era a causa das coisas como elas são. E Sanatkumara o conduz, por assim dizer, passo a passo, dizendo-lhe que existe algo mais elevado que esta terra, e algo mais elevado que aquilo, e assim por diante, até que ele chegue a Âkâsha, éter. O éter é superior à luz, porque no éter estão o sol e a lua, os relâmpagos e as estrelas; no éter vivemos e no éter morremos.

Então surge a questão, se existe algo superior a isso, e Sanatkumara lhe conta sobre o Prâna. Este Prana, segundo o Vedanta, é o princípio da vida. É como o éter, um princípio onipresente; e todo movimento, seja no corpo ou em qualquer outro lugar, é obra deste Prana. É maior que Akasha e através dele tudo vive. Prana está na mãe, no pai, na irmã, no professor, Prana é o conhecedor.

Vou ler outra passagem, onde Shvetaketu pergunta a seu pai sobre a Verdade, e o pai lhe ensina coisas diferentes, e conclui dizendo: "Aquilo que é a causa sutil de todas essas coisas, todas essas coisas são feitas. o Todo, isso é a Verdade, tu és Isso, ó Shvetaketu." E então ele dá vários exemplos. "Assim como uma abelha, ó Shvetaketu, colhe mel de flores diferentes, e como os diferentes méis não sabem que são de várias árvores e de várias flores, assim todos nós, tendo chegado a essa Existência, não sabemos que temos feito isso. Agora, aquilo que é essa essência sutil, Nele tudo o que existe tem seu eu. É o Verdadeiro e tu, ó Shvetaketu, é Isso. Ele dá outro exemplo dos rios que descem para o oceano. "Assim como os rios, quando estão no oceano, não sabem que foram vários rios, mesmo assim, quando saímos dessa Existência, não sabemos que somos Isso. Ó Shvetaketu, tu és Isso." Então ele segue com seus ensinamentos.

Agora existem dois princípios de conhecimento. O único princípio é que conhecemos referindo o particular ao geral e o geral ao universal; e a segunda é que qualquer coisa cuja explicação seja procurada deve ser explicada, tanto quanto possível, a partir de sua própria natureza. Retomando o primeiro princípio, vemos que todo o nosso conhecimento consiste realmente em classificações, cada vez mais altas. Quando algo acontece isoladamente, ficamos, por assim dizer, insatisfeitos. Quando se pode demonstrar que a mesma coisa acontece repetidas vezes, ficamos satisfeitos e chamamos isso de lei. Quando descobrimos que uma maçã caiu, ficamos insatisfeitos; mas quando descobrimos que todas as maçãs caem, chamamos isso de lei da gravitação e ficamos satisfeitos. O fato é que do particular deduzimos o geral.

Quando queremos estudar religião, devemos aplicar este processo científico. O mesmo princípio também se aplica aqui e, de fato, descobrimos que esse tem sido o método o tempo todo. Ao ler estes livros

dos quais venho traduzindo para vocês, a ideia mais antiga que posso traçar é o princípio de ir do particular ao geral. Vemos como os “brilhantes” se fundiram num só princípio; e da mesma forma, nas idéias do cosmos, encontramos os pensadores antigos indo cada vez mais alto - dos elementos sutis eles vão para elementos mais sutis e mais abrangentes, e desses detalhes eles chegam a um éter onipresente, e daí até eles vão para um éter onipresente. toda força abrangente, ou Prana; e através de tudo isso está o princípio de que um não está separado dos outros. É o próprio éter que existe na forma superior do Prana, ou na forma superior do Prana concreto, por assim dizer, e se torna éter; e esse éter se torna ainda mais grosseiro, e assim por diante.

A generalização do Deus Pessoal é outro exemplo disso. Vimos como esta generalização foi alcançada e foi chamada de soma total de toda a consciência. Mas surge uma dificuldade – é uma generalização incompleta. Tomamos apenas um lado dos factos da natureza, o facto da consciência, e sobre isso generalizamos, mas o outro lado é deixado de fora. Portanto, em primeiro lugar, trata-se de uma generalização defeituosa. Há outra insuficiência, e esta está relacionada com o segundo princípio. Tudo deve ser explicado a partir da sua própria natureza. Pode ter havido quem pensasse que cada maçã que caía no chão era arrastada por um fantasma, mas a explicação é a lei da gravitação; e embora saibamos que não é uma explicação perfeita, ainda assim é muito melhor que a outra, porque deriva da natureza da própria coisa, enquanto a outra postula uma causa estranha. Assim, em toda a gama do nosso conhecimento; a explicação que se baseia na natureza da própria coisa é uma explicação científica, e uma explicação que introduz um agente externo não é científica.

Portanto, a explicação de um Deus Pessoal como o criador do universo tem de resistir a esse teste. Se esse Deus está fora da natureza, não tendo nada a ver com a natureza, e esta natureza é o resultado do comando desse Deus e produzida do nada, é uma teoria muito não científica, e este tem sido o ponto fraco de toda religião teísta. ao longo dos tempos. Esses dois defeitos encontramos no que geralmente é chamado de teoria do monoteísmo, a teoria de um Deus Pessoal, com todas as qualidades de um ser humano muito multiplicado, que, por Sua vontade, criou este universo do nada e ainda assim é separado a partir dele. Isto nos leva a duas dificuldades.

Como vimos, não é uma generalização suficiente e, em segundo lugar, não é uma explicação da natureza a partir da natureza. Afirma que o efeito não é a causa, que a causa é inteiramente separada do efeito. No entanto, todo o conhecimento humano mostra que o efeito é apenas a causa sob outra forma. Para esta ideia as descobertas da ciência moderna tendem todos os dias, e a última teoria que tem sido aceite por todos os lados é a teoria da evolução, cujo princípio é que o efeito é apenas a causa numa outra forma, um reajustamento da causa, e a causa assume a forma do efeito. A teoria da criação do nada seria ridicularizada pelos cientistas modernos.

Agora, pode a religião resistir a esses testes? Se houver quaisquer teorias religiosas que possam resistir a estes dois testes, elas serão aceitáveis para a mente moderna, para a mente pensante. Qualquer outra teoria em que pedimos ao homem moderno que acredite, com base na autoridade de sacerdotes, ou igrejas, ou livros, ele é incapaz de aceitar, e o resultado é uma hedionda massa de descrença. Mesmo naqueles em quem há uma demonstração externa de crença, em seus corações há uma tremenda quantidade de descrença. O resto se afasta da religião, por assim dizer, desiste dela, considerando-a apenas como arte sacerdotal.

A religião foi reduzida a uma espécie de forma nacional. É um dos nossos melhores remanescentes sociais; deixe-o permanecer. Mas a necessidade real que o avô do homem moderno sentia por isso desapareceu; ele não considera mais isso satisfatório para sua razão. A ideia de tal Deus Pessoal, e de tal criação, a ideia que é geralmente conhecida como monoteísmo em todas as religiões, não pode mais ser válida. Na Índia, não conseguiu manter-se por causa dos budistas, e foi nesse ponto que eles obtiveram a vitória nos tempos antigos. Eles mostraram que se admitirmos que a natureza possui um poder infinito e que a natureza pode satisfazer todas as suas necessidades, é simplesmente desnecessário insistir que existe algo além da natureza. Até a alma é desnecessária.

A discussão sobre substância e qualidades é muito antiga, e às vezes você descobrirá que a velha superstição sobrevive até hoje. A maioria de vocês leu como, durante a Idade Média, e, lamento dizer, mesmo muito mais tarde, este foi um dos assuntos de discussão, se as qualidades aderiram à substância, se o comprimento, a largura e a espessura aderiram à substância.

que chamamos de matéria morta, quer, permanecendo a substância, as qualidades estejam lá ou não. A isto nosso budista diz: "Você não tem base para sustentar a existência de tal substância; as qualidades são tudo o que existe; você não vê além delas." Esta é apenas a posição da maioria dos nossos agnósticos modernos. Pois é esta luta da substância e das qualidades que, num plano superior, assume a forma da luta entre o númeno e o fenômeno. Existe o mundo fenomênico, o universo da mudança contínua, e há algo por trás que não muda; e esta dualidade de existência, númeno e fenômeno, alguns sustentam, é verdadeira, e outros com mais razão afirmam que você não tem o direito de admitir os dois, pois o que vemos, sentimos e pensamos é apenas o fenômeno. Você não tem o direito de afirmar que existe algo além do fenômeno; e não há resposta para isso. A única resposta que obtemos vem da teoria monística do Vedanta. É verdade que só existe um, e que um é fenômeno ou númeno. Não é verdade que existam dois – algo que muda e, nisso e através disso, algo que não muda; mas é a mesma coisa que parece mutável e que na realidade é imutável. Passamos a pensar no corpo, na mente e na alma como muitos, mas na verdade só existe um; e esse está aparecendo em todas essas diversas formas. Vejamos a conhecida ilustração dos monistas, a corda aparecendo como uma cobra. Algumas pessoas, no escuro ou por alguma outra causa, confundem a corda com a cobra, mas quando chega o conhecimento, a cobra desaparece e descobre-se que é uma corda. Através desta ilustração vemos que quando a cobra existe na mente, a corda desapareceu, e quando a corda existe, a cobra desapareceu. Quando vemos o fenômeno, e apenas o fenômeno, ao nosso redor, o númeno desapareceu, mas quando vemos o númeno, o imutável, segue-se naturalmente que o fenômeno desapareceu. Agora compreendemos melhor a posição tanto do realista como do idealista. O realista vê apenas o fenômeno, e o idealista olha para o númeno. Para o idealista, o idealista realmente genuíno, que chegou verdadeiramente ao poder da percepção, através do qual pode afastar-se de todas as ideias de mudança, para ele o universo mutável desapareceu, e ele tem o direito de dizer que tudo é ilusão, não há mudança. O realista, ao mesmo tempo, olha para o que muda. Para ele, o imutável desapareceu e ele tem o direito de dizer que tudo isso é real.

Qual é o resultado desta filosofia? É que a ideia de Deus Pessoal não é suficiente. Temos que chegar a algo mais elevado, à ideia Impessoal. É o

único passo lógico que podemos dar. Não que a ideia pessoal fosse destruída por isso, não que forneçamos provas de que o Deus Pessoal não existe, mas devemos recorrer ao Impessoal para a explicação do pessoal, pois o Impessoal é uma generalização muito mais elevada do que o pessoal. O Impessoal só pode ser Infinito, o pessoal é limitado. Assim preservamos o pessoal e não o destruimos. Muitas vezes nos surge a dúvida de que se chegarmos à ideia do Deus Impessoal, o pessoal será destruído, se chegarmos à ideia do homem Impessoal, o pessoal se perderá. Mas a ideia vedântica não é a destruição do indivíduo, mas a sua preservação real. Não podemos provar o indivíduo por nenhum outro meio, a não ser referindo-nos ao universal, provando que este indivíduo é realmente o universal. Se pensarmos no indivíduo como separado de tudo o mais no universo, ele não poderá subsistir um minuto. Tal coisa nunca existiu.

Em segundo lugar, pela aplicação do segundo princípio, de que a explicação de tudo deve provir da natureza da coisa, somos levados a uma ideia ainda mais ousada e mais difícil de compreender. Não é nada menos do que isto: o Ser Impessoal, a nossa generalização mais elevada, está em nós, e nós somos Isso. "Ó Shvetaketu, tu és Isso." Você é esse Ser Impessoal; aquele Deus, por quem você tem procurado por todo o universo, é você mesmo o tempo todo - você mesmo, não no sentido pessoal, mas no sentido Impessoal. O homem que conhecemos agora, o manifestado, é personalizado, mas a realidade disto é o Impessoal. Para compreender o pessoal temos que referi-lo ao Impessoal, o particular deve ser referido ao geral, e esse Impessoal é a Verdade, o Eu do homem.

Haverá várias perguntas relacionadas a isso e tentarei respondê-las à medida que prosseguirmos. Muitas dificuldades surgirão, mas primeiro entendamos claramente a posição do monismo. Como seres manifestados, parecemos estar separados, mas a nossa realidade é uma só, e quanto menos nos considerarmos separados daquele Um, melhor para nós. Quanto mais nos consideramos separados do Todo, mais miseráveis nos tornamos. A partir deste princípio monista chegamos à base da ética, e atrevo-me a dizer que não podemos obter qualquer ética de nenhum outro lugar. Sabemos que a ideia mais antiga de ética era a vontade de algum ser ou seres particulares, mas poucos estão preparados para aceitar isso agora, porque seria apenas uma generalização parcial. Os hindus dizem que não devemos fazer isto ou

aquilo porque os Vedas assim o dizem, mas o cristão não vai obedecer à autoridade dos Vedas. O cristão diz que você deve fazer isso e não aquilo porque a Bíblia assim diz. Isso não será vinculativo para aqueles que não acreditam na Bíblia. Mas devemos ter uma teoria que seja suficientemente ampla para abranger todos estes vários fundamentos. Assim como há milhões de pessoas que estão prontas para acreditar num Criador Pessoal, também houve milhares das mentes mais brilhantes deste mundo que sentiram que tais ideias não eram suficientes para elas, e queriam algo mais elevado, e onde quer que a religião não fosse suficientemente amplo para incluir todas estas mentes, o resultado foi que as mentes mais brilhantes da sociedade estiveram sempre fora da religião; e nunca isto foi tão marcante como atualmente, especialmente na Europa.

Para incluir estas mentes, portanto, a religião deve tornar-se suficientemente ampla. Tudo o que afirma deve ser julgado do ponto de vista da razão. Por que as religiões deveriam alegar que não são obrigadas a respeitar o ponto de vista da razão, ninguém sabe. Se não seguirmos o padrão da razão, não poderá haver qualquer julgamento verdadeiro, mesmo no caso das religiões. Uma religião pode ordenar algo muito hediondo. Por exemplo, a religião muçulmana permite que os maometanos matem todos os que não são da sua religião. Está claramente afirmado no Alcorão: “Mate os infiéis se eles não se tornarem muçulmanos”. Eles devem ser postos ao fogo e à espada. Agora, se dissermos a um muçulmano que isso é errado, ele naturalmente perguntará: "Como você sabe disso? Como você sabe que não é bom? Meu livro diz que é." Se você disser que seu livro é mais antigo, virá o budista e dirá: meu livro é muito mais antigo ainda. Então virá o hindu e dirá: meus livros são os mais antigos de todos. Portanto, referir-se a livros não servirá. Onde está o padrão pelo qual você pode comparar? Você dirá, olhe para o Sermão da Montanha, e o Maometano responderá, olhe para a Ética do Alcorão. O muçulmano dirá: quem é o árbitro sobre qual é o melhor dos dois? Nem o Novo Testamento nem o Alcorão podem ser o árbitro numa disputa entre eles. Deve haver alguma autoridade independente, e não pode ser qualquer livro, mas algo que é universal; e o que é mais universal que a razão? Já foi dito que a razão não é suficientemente forte; nem sempre nos ajuda a chegar à Verdade; muitas vezes comete erros e, portanto, a conclusão é que devemos acreditar na autoridade de uma igreja! Isso me foi dito por um católico romano, mas eu não conseguia entender a lógica disso.

Por outro lado, devo dizer que, se a razão fosse tão fraca, um corpo de sacerdotes seria mais fraco, e não vou aceitar o seu veredicto, mas vou respeitar a minha razão, porque com toda a sua fraqueza há alguma possibilidade de eu chegar à verdade através disso; enquanto, por outro lado, não existe tal esperança.

Devemos, portanto, seguir a razão e também simpatizar com aqueles que não chegam a nenhum tipo de crença, seguindo a razão. Pois é melhor que a humanidade se torne atea seguindo a razão do que acreditar cegamente em duzentos milhões de deuses sob a autoridade de qualquer pessoa. O que queremos é progresso, desenvolvimento, realização. Nenhuma teoria jamais elevou os homens. Nenhuma quantidade de livros pode nos ajudar a nos tornarmos mais puros. O único poder está na realização, e isso reside em nós mesmos e vem do pensamento. Deixe os homens pensarem. Um torrão de terra nunca pensa; mas permanece apenas um pedaço de terra. A glória do homem é que ele é um ser pensante. É da natureza do homem pensar e nisso ele difere dos animais. Acredito na razão e sigo a razão tendo visto o suficiente dos males da autoridade, pois nasci num país onde eles chegaram ao extremo da autoridade.

Os hindus acreditam que a criação surgiu dos Vedas. Como você sabe que existe uma vaca? Porque a palavra vaca está nos Vedas. Como você sabe que há um homem lá fora? Porque a palavra homem está lá. Se não fosse assim, não haveria nenhum homem lá fora. Isso é o que eles dizem. Autoridade com vingança! E não é estudado como eu o estudei, mas algumas das mentes mais poderosas o adotaram e elaboraram maravilhosas teorias lógicas em torno dele. Eles raciocinaram sobre isso e aí está – todo um sistema de filosofia; e milhares dos mais brilhantes intelectos dedicaram-se, ao longo de milhares de anos, à elaboração desta teoria. Tal tem sido o poder da autoridade, e grandes são os seus perigos. Impede o crescimento da humanidade e não devemos esquecer que queremos crescimento. Mesmo com toda a verdade relativa, mais do que a verdade em si, queremos o exercício. Essa é a nossa vida.

A teoria monista tem o mérito de ser a mais racional de todas as teorias religiosas que podemos conceber. Qualquer outra teoria, cada concepção de Deus que seja parcial, pequena e pessoal não é racional. E, no entanto, o

monismo tem esta grandeza que abrange todas estas concepções parciais de Deus como sendo necessárias para muitos. Algumas pessoas dizem que esta explicação pessoal é irracional. Mas é consolador; eles querem uma religião consoladora e nós entendemos que ela é necessária para eles. A clara luz da verdade muito poucos nesta vida podem suportar, muito menos viver à altura. É necessário, portanto, que esta religião confortável exista; ajuda muitas almas a melhorar. Mentes pequenas, cuja circunferência é muito limitada e que requerem pequenas coisas para construí-las, nunca se aventuram a elevar-se em pensamentos. Suas concepções são muito boas e úteis para eles, mesmo que sejam apenas de pequenos deuses e símbolos. Mas você tem que compreender o Impessoal, pois é somente nele e através dele que esses outros podem ser explicados. Tomemos, por exemplo, a ideia de um Deus Pessoal. Um homem que entende e acredita no Impessoal — John Stuart Mill, por exemplo — pode dizer que um Deus Pessoal é impossível e não pode ser provado. Admito com ele que um Deus Pessoal não pode ser demonstrado. Mas Ele é a leitura mais elevada do Impessoal que pode ser alcançada pelo intelecto humano, e o que mais é o universo senão várias leituras do Absoluto? É como um livro diante de nós, e cada um trouxe seu intelecto para lê-lo, e cada um tem que lê-lo por si mesmo. Há algo que é comum no intelecto de todos os homens; portanto, certas coisas parecem iguais ao intelecto da humanidade. O fato de você e eu vermos uma cadeira prova que há algo comum em nossas mentes. Suponhamos que um ser venha com outro sentido, ele não verá a cadeira de forma alguma; mas todos os seres constituídos de forma semelhante verão as mesmas coisas. Assim, este próprio universo é o Absoluto, o imutável, o númeno; e o fenômeno constitui a sua leitura. Pois você descobrirá primeiro que todos os fenômenos são finitos. Todo fenômeno que podemos ver, sentir ou pensar é finito, limitado pelo nosso conhecimento, e o Deus Pessoal, tal como O concebemos, é de fato um fenômeno. A própria ideia de causação existe apenas no mundo fenomênico, e Deus como a causa deste universo deve naturalmente ser pensado como limitado, e ainda assim Ele é o mesmo Deus Impessoal. Este mesmo universo, como vimos, é o mesmo Ser Impessoal lido pelo nosso intelecto. Tudo o que é realidade no universo é esse Ser Impessoal, e as formas e concepções lhe são dadas pelo nosso intelecto. Tudo o que é real nesta mesa é esse Ser, e a forma da mesa e todas as outras formas são dadas pelo nosso intelecto.

Ora, o movimento, por exemplo, que é um complemento necessário do fenomenal, não pode ser predicado do Universal. Cada pedacinho, cada átomo dentro do universo, está em constante estado de mudança e movimento, mas o universo como um todo é imutável, porque movimento ou mudança é uma coisa relativa; só podemos pensar em algo em movimento em comparação com algo que não está em movimento. Deve haver duas coisas para entender o movimento. Toda a massa do universo, considerada como uma unidade, não pode se mover. Em relação ao que ele irá mover? Não se pode dizer que isso mudou. Em relação ao que isso vai mudar? Assim, o todo é o Absoluto; mas dentro dele cada partícula está em constante estado de fluxo e mudança. É imutável e mutável ao mesmo tempo, Impessoal e Pessoal ao mesmo tempo. Esta é a nossa concepção do universo, do movimento e de Deus, e é isso que significa “Tu és Isso”. Vemos assim que o Impessoal, em vez de eliminar o pessoal, o Absoluto, em vez de derrubar o relativo, apenas o explica para plena satisfação da nossa razão e do nosso coração. O Deus Pessoal e tudo o que existe no universo são o mesmo Ser Impessoal visto através de nossas mentes. Quando nos livrarmos de nossas mentes, de nossas pequenas personalidades, nos tornaremos um com Ele. Isto é o que significa “Tu és Aquilo”. Pois devemos conhecer nossa verdadeira natureza, o Absoluto.

O homem finito e manifestado esquece sua fonte e pensa que está totalmente separado. Nós, como seres personalizados e diferenciados, esquecemos a nossa realidade, e o ensinamento do monismo não é que devemos abandonar essas diferenciações, mas devemos aprender a compreender o que elas são. Na realidade somos esse Ser Infinito, e nossas personalidades representam tantos canais através dos quais esta Realidade Infinita se manifesta; e toda a massa de mudanças que chamamos de evolução é provocada pela alma tentando manifestar cada vez mais sua energia infinita. Não podemos parar em nenhum lugar deste lado do Infinito; nosso poder, bem-aventurança e sabedoria não podem deixar de crescer até o Infinito. O poder, a existência e a bem-aventurança infinitos são nossos, e não temos que adquiri-los; eles são nossos e só temos que manifestá-los.

Esta é a ideia central do monismo, e que é tão difícil de entender. Desde a minha infância, todos ao meu redor ensinaram fraqueza; Desde que nasci

me disseram que eu era uma coisa fraca. É muito difícil para mim agora perceber minha própria força, mas através da análise e do raciocínio eu ganho conhecimento da minha própria força, eu percebo isso. Todo o conhecimento que temos neste mundo, de onde veio? Estava dentro de nós. Que conhecimento está fora? Nenhum. O conhecimento não estava na matéria; estava no homem o tempo todo. Ninguém jamais criou conhecimento; o homem traz isso de dentro. Está ali. Toda aquela grande figueira-da-índia que cobre hectares de terra estava na pequena semente que talvez não fosse maior que um oitavo de uma semente de mostarda; toda aquela massa de energia estava ali confinada. O gigantesco intelecto, sabemos, está enrolado na célula protoplasmática, e por que não deveria estar a energia infinita? Sabemos que é assim. Pode parecer um paradoxo, mas é verdade. Cada um de nós saiu de uma célula protoplasmática e todos os poderes que possuímos estavam ali reunidos. Você não pode dizer que eles vieram da comida; pois se você amontoar montanhas altas de comida, que poder surgirá disso? A energia estava lá, potencialmente, sem dúvida, mas ainda estava lá. O mesmo acontece com o poder infinito na alma do homem, quer ele saiba disso ou não. Sua manifestação é apenas uma questão de estarmos conscientes dela. Lentamente, esse gigante infinito está, por assim dizer, despertando, tornando-se consciente de seu poder e despertando; e com sua crescente consciência, cada vez mais suas amarras estão se rompendo, as correntes estão se rompendo, e certamente chegará o dia em que, com plena consciência de seu infinito poder e sabedoria, o gigante se levantará e ficará ereto. . Vamos todos ajudar a acelerar essa gloriosa consumação.

2.6.4 VEDANTA PRÁTICA: PARTE 4

(Entregue em Londres, 18 de novembro de 1896)

Temos lidado mais com o universal até agora. Esta manhã tentarei apresentar-lhes as idéias vedânticas da relação do particular com o universal. Como vimos, na forma dualista das doutrinas védicas, nas formas anteriores, havia uma alma particular e limitada claramente definida para cada ser. Tem havido muitas teorias sobre esta alma particular em cada indivíduo, mas a principal discussão foi entre os antigos Vedantistas e os

antigos Budistas, os primeiros acreditando na alma individual como completa em si mesma, os últimos negando in toto a existência de tal alma. uma alma individual. Como vos disse outro dia, é praticamente a mesma discussão que temos na Europa sobre substância e qualidade, um grupo que defende que por detrás das qualidades existe algo como substância, ao qual as qualidades são inerentes; e a outra negando a existência de tal substância como sendo desnecessária, pois as qualidades podem viver por si mesmas. A teoria mais antiga da alma, é claro, baseia-se no argumento da auto-identidade – “Eu sou eu” – de que o eu de ontem é o eu de hoje, e o eu de hoje será o eu de amanhã; que apesar de todas as mudanças que estão acontecendo no corpo, ainda acredito que sou o mesmo eu. Este parece ter sido o argumento central daqueles que acreditavam em uma alma individual limitada, mas perfeitamente completa.

Por outro lado, os antigos budistas negaram a necessidade de tal suposição. Eles apresentaram o argumento de que tudo o que sabemos, e tudo o que possivelmente podemos saber, são simplesmente estas mudanças. A postulação de uma substância imutável e imutável é simplesmente supérflua, e mesmo que existisse tal coisa imutável, nunca poderíamos compreendê-la, nem deveríamos ser capazes de conhecê-la em qualquer sentido da palavra. Encontraremos a mesma discussão actualmente em curso na Europa entre os religiosos e os idealistas, por um lado, e os modernos positivistas e agnósticos, por outro; um grupo acreditando que há algo que não muda (do qual o último representante é o seu Herbert Spencer), que temos um vislumbre de algo que é imutável. E o outro é representado pelos modernos Comtistas e pelos Agnósticos modernos. Aqueles de vocês que estiveram interessados há alguns anos nas discussões entre Herbert Spencer e Frederick Harrison devem ter notado que era a mesma velha dificuldade, uma parte defendendo uma substância por trás do mutável, e a outra parte negando a necessidade de tal uma suposição. Um partido diz que não podemos conceber mudanças sem conceber algo que não mude; a outra parte argumenta que isso é supérfluo; só podemos conceber algo que está mudando e, quanto ao imutável, não podemos conhecê-lo, senti-lo, nem senti-lo.

Na Índia, esta grande questão não encontrou solução em tempos muito antigos, porque vimos que a suposição de uma substância que está por trás

das qualidades, e que não é as qualidades, nunca pode ser substanciada; não, mesmo o argumento da auto-identidade, da memória – de que sou o eu de ontem porque me lembro dele e, portanto, fui uma coisa contínua – não pode ser fundamentado. A outra queixa geralmente apresentada é uma mera ilusão de palavras. Por exemplo, um homem pode usar uma longa série de frases como “eu faço”, “eu vou”, “eu sonho”, “eu durmo”, “eu me movo”, e aqui você encontrará a afirmação de que fazer, ir, sonhar etc., foram mudando, mas o que permaneceu constante foi esse “eu”. Como tal, concluem que o “eu” é algo constante e individual em si, mas todas essas mudanças pertencem ao corpo. Isto, embora aparentemente muito convincente e claro, baseia-se num mero jogo de palavras. O “eu” e o fazer, o ir e o sonhar podem estar separados em preto e branco, mas ninguém pode separá-los em sua mente.

Quando como, penso que estou comendo – me identifico com a comida. Quando corro, eu e a corrida não somos duas coisas separadas. Assim, o argumento da identidade pessoal não parece ser muito forte. O outro argumento da memória também é fraco. Se a identidade do meu ser for representada pela minha memória, muitas coisas que esqueci serão perdidas dessa identidade. E sabemos que as pessoas, sob certas condições, esquecem todo o seu passado. Em muitos casos de loucura, o homem pensará que é feito de vidro ou que é um animal. Se a existência desse homem depende da memória, ele se tornou vidro, o que não é o caso, não podemos fazer com que a identidade do Eu dependa de uma substância tão frágil como a memória. Assim, vemos que a alma, como uma identidade limitada, mas completa e contínua, não pode ser estabelecida como separada das qualidades. Não podemos estabelecer uma existência estreita e limitada à qual está ligado um conjunto de qualidades.

Por outro lado, o argumento dos antigos budistas parece ser mais forte – que não sabemos, e não podemos saber, nada que esteja além do conjunto de qualidades. Segundo eles, a alma consiste em um conjunto de qualidades chamadas sensações e sentimentos. Uma massa disso é o que chamamos de alma, e essa massa está mudando continuamente.

A teoria Advaitista da alma reconcilia ambas as posições. A posição do Advaitista é que é verdade que não podemos pensar na substância como

separada das qualidades, não podemos pensar na mudança e na não-mudança ao mesmo tempo; isso seria impossível. Mas aquilo que é a substância é a qualidade; substância e qualidade não são duas coisas. É o imutável que aparece como mutável. A substância imutável do universo não é algo separado dele. O númeno não é algo diferente dos fenômenos, mas é o próprio númeno que se tornou o fenômeno. Existe uma alma que é imutável, e o que chamamos de sentimentos e percepções, ou melhor, até mesmo o corpo, são a própria alma, vista de outro ponto de vista. Adquirimos o hábito de pensar que temos corpo e alma e assim por diante, mas, na verdade, só existe um.

Quando penso em mim mesmo como o corpo, sou apenas um corpo; não faz sentido dizer que sou outra coisa. E quando penso em mim mesmo como a alma, o corpo desaparece e a percepção do corpo não permanece. Ninguém pode obter a percepção do Ser sem que a percepção do corpo tenha desaparecido, ninguém pode obter a percepção da substância sem que a percepção das qualidades tenha desaparecido.

A antiga ilustração de Advaita, da corda sendo tomada por uma cobra, pode elucidar um pouco mais a questão. Quando um homem confunde a corda com uma cobra, a corda desaparece, e quando ele a toma por uma corda, a cobra desaparece e a corda apenas permanece. As ideias de existência dupla ou tripla vêm do raciocínio sobre dados insuficientes, e as lemos em livros ou ouvimos falar delas, até cairmos na ilusão de que realmente temos uma percepção dupla da alma e do corpo; mas tal percepção nunca existe realmente. A percepção é do corpo ou da alma. Não são necessários argumentos para provar isso; vocês podem verificar isso em suas próprias mentes.

Tente pensar em si mesmo como uma alma, como algo desencarnado. Você descobrirá que isso é quase impossível, e os poucos que forem capazes de fazê-lo descobrirão que, no momento em que se realizam como alma, não têm ideia do corpo. Você já ouviu falar, ou talvez tenha visto, pessoas que em ocasiões específicas estiveram em estados mentais peculiares, provocados por meditação profunda, auto-hipnotismo, histeria ou drogas. Da experiência deles você pode concluir que quando eles estavam percebendo algo interno, o externo havia desaparecido para eles. Isso

mostra que tudo o que existe é um. Aquele está aparecendo nessas diversas formas, e todas essas diversas formas dão origem à relação de causa e efeito. A relação de causa e efeito é de evolução – um se torna o outro, e assim por diante. Às vezes a causa desaparece, por assim dizer, e em seu lugar deixa o efeito. Se a alma é a causa do corpo, a alma, por assim dizer, desaparece por enquanto, e o corpo permanece; e quando o corpo desaparece, a alma permanece. Esta teoria se ajusta aos argumentos dos budistas que foram levantados contra a suposição do dualismo de corpo e alma, ao negar a dualidade e mostrar que a substância e as qualidades são uma e a mesma coisa, aparecendo em várias formas.

Vimos também que esta ideia do imutável só pode ser estabelecida em relação ao todo, mas nunca em relação à parte. A própria ideia de parte vem da ideia de mudança ou movimento. Tudo o que é limitado podemos compreender e conhecer, porque é mutável; e o todo deve ser imutável, porque não há outra coisa além dele em relação à qual a mudança seria possível. A mudança refere-se sempre a algo que não muda ou que muda relativamente menos.

De acordo com Advaita, portanto, a ideia da alma como universal, imutável e imortal pode ser demonstrada tanto quanto possível. A dificuldade seria no que diz respeito ao particular. O que devemos fazer com as velhas teorias dualistas que tanto nos dominam e pelas quais todos temos que passar - essas crenças em almas limitadas, pequenas e individuais?

Vimos que somos imortais em relação ao todo; mas a dificuldade é que desejamos tanto ser imortais como partes do todo. Vimos que somos Infinitos e que essa é a nossa real individualidade. Mas queremos muito tornar essas pequenas almas individuais. O que acontece com eles quando descobrimos em nossa experiência cotidiana que essas pequenas almas são indivíduos, com apenas a reserva de que são indivíduos em crescimento contínuo? Eles são iguais, mas não são iguais. O eu de ontem é o eu de hoje, mas não é assim, mudou um pouco. Agora, ao nos livrarmos da concepção dualista, de que no meio de todas essas mudanças há algo que não muda, e tomando a mais moderna das concepções, a da evolução, descobrimos que o “Eu” é um ser em constante mudança, entidade em expansão.

Se for verdade que o homem é a evolução de um molusco, o indivíduo molusco é o mesmo que o homem, só que precisa se expandir bastante. Do molusco ao homem tem sido uma expansão contínua em direção ao infinito. Portanto, a alma limitada pode ser denominada um indivíduo que está continuamente se expandindo em direção ao Indivíduo Infinito. A individualidade perfeita só será alcançada quando atingir o Infinito, mas deste lado do Infinito há uma personalidade em constante mudança e crescimento. Uma das características notáveis do sistema Advaitista de Vedanta é a harmonização dos sistemas anteriores. Em muitos casos ajudou muito a filosofia; em alguns casos, doeu. Nossos antigos filósofos conheciam o que vocês chamam de teoria da evolução; que o crescimento é gradual, passo a passo, e o reconhecimento disso levou-os a harmonizar todos os sistemas anteriores. Assim, nenhuma destas ideias anteriores foi rejeitada. A falha da fé budista foi não ter nem a faculdade nem a percepção deste crescimento contínuo e expansivo, e por esta razão nunca fez sequer uma tentativa de harmonizar-se com os passos pré-existentes em direção ao ideal. Eles foram rejeitados como inúteis e prejudiciais.

Esta tendência na religião é muito prejudicial. Um homem tem uma ideia nova e melhor, e então olha para trás, para aquelas das quais desistiu, e imediatamente decide que eram prejudiciais e desnecessárias. Ele nunca pensa que, por mais grosseiros que pareçam do seu ponto de vista atual, foram muito úteis para ele, que foram necessários para que ele alcançasse seu estado atual, e que cada um de nós deve crescer de maneira semelhante, vivendo primeiro em ideias rudimentares, tirando proveito delas e depois chegando a um padrão mais elevado. Com as teorias mais antigas, portanto, o Advaita é amigável. O dualismo e todos os sistemas que o precederam são aceitos pelo Advaita não de forma paternalista, mas com a convicção de que são verdadeiras manifestações da mesma verdade, e que todos levam às mesmas conclusões a que o Advaita chegou.

Com bênção, e não com maldição, devem ser preservadas todas essas diversas etapas pelas quais a humanidade tem que passar. Portanto, todos estes sistemas dualistas nunca foram rejeitados ou descartados, mas foram mantidos intactos no Vedanta; e a concepção dualista de uma alma individual, limitada mas completa em si mesma, encontra seu lugar no Vedanta.

De acordo com o dualismo, o homem morre e vai para outros mundos, e assim por diante; e essas ideias são mantidas no Vedanta em sua totalidade. Pois com o reconhecimento do crescimento do sistema Advaitista, estas teorias recebem o seu devido lugar ao admitirem que representam apenas uma visão parcial da Verdade.

Do ponto de vista dualista, este universo só pode ser encarado como uma criação de matéria ou força, só pode ser encarado como o jogo de uma certa vontade, e essa vontade, novamente, só pode ser encarada como separada do universo. Assim, um homem deste ponto de vista tem de ver-se como composto de uma natureza dual, corpo e alma, e esta alma, embora limitada, é individualmente completa em si mesma. As ideias de tal homem sobre a imortalidade e a vida futura estariam necessariamente de acordo com a sua ideia de alma. Estas fases foram mantidas no Vedanta e é, portanto, necessário que eu apresente a vocês algumas das ideias populares do dualismo. De acordo com esta teoria, temos um corpo, é claro, e por trás do corpo existe o que chamam de corpo sutil. Este belo corpo também é feito de matéria, só que muito fina. É o receptáculo de todo o nosso Karma, de todas as nossas ações e impressões, que estão prontas para surgir em formas visíveis. Cada pensamento que pensamos, cada ação que praticamos, depois de um certo tempo torna-se sutil, assume a forma de semente, por assim dizer, e vive no corpo sutil em uma forma potencial, e depois de um tempo emerge novamente e produz seus resultados. Estes resultados condicionam a vida do homem. Assim ele molda sua própria vida. O homem não está sujeito a nenhuma outra lei, exceto aquelas que ele cria para si mesmo. Nossos pensamentos, nossas palavras e ações são os fios da rede que lançamos ao nosso redor, para o bem ou para o mal. Uma vez posto em movimento um certo poder, temos que assumir todas as consequências dele. Esta é a lei do Karma. Atrás do corpo sutil vive Jiva ou a alma individual do homem. Existem várias discussões sobre a forma e o tamanho desta alma individual. Segundo alguns, é muito pequeno como um átomo; segundo outros, não é tão pequeno assim; segundo outros, é muito grande e assim por diante. Este Jiva é parte dessa substância universal e também é eterno; sem começo existe e sem fim existirá. Está passando por todas essas formas para manifestar sua verdadeira natureza que é a pureza. Toda ação que retarda esta manifestação é chamada de ação maligna; o mesmo acontece com os pensamentos. E toda ação e todo pensamento que

ajude o Jiva a se expandir, a manifestar sua verdadeira natureza, é bom. Uma teoria que é comum na Índia pelos dualistas mais rudes, bem como pelos não-dualistas mais avançados, é que todas as possibilidades e poderes da alma estão dentro dela e não provêm de nenhuma fonte externa. Eles estão na alma em forma potencial, e todo o trabalho da vida é simplesmente direcionado para a manifestação dessas potencialidades.

Eles também têm a teoria da reencarnação que diz que após a dissolução deste corpo, o Jiva terá outro, e depois que este for dissolvido, ele terá novamente outro, e assim por diante, seja aqui ou em alguns outros mundos; mas este mundo tem preferência, pois é considerado o melhor de todos os mundos para o nosso propósito. Outros mundos são concebidos como mundos onde há muito pouca miséria, mas por essa mesma razão, argumentam eles, há menos probabilidade de pensar em coisas mais elevadas. Como este mundo contém alguma felicidade e muita miséria, o Jiva, em algum momento ou outro, desperta, por assim dizer, e pensa em se libertar. Mas assim como as pessoas muito ricas neste mundo têm menos chance de pensar em coisas superiores, o Jiva no céu tem poucas chances de progresso, pois sua condição é a mesma de um homem rico, só que mais intensificada; tem um corpo muito bom que não conhece doenças e não tem necessidade de comer ou beber, e todos os seus desejos são satisfeitos. O Jiva vive lá, desfrutando de prazer após prazer, e assim esquece tudo sobre sua verdadeira natureza. Ainda existem alguns mundos superiores onde, apesar de todos os prazeres, a sua evolução posterior é possível. Alguns dualistas concebem a meta como o céu mais elevado, onde as almas viverão com Deus para sempre. Eles terão belos corpos e não conhecerão nem a doença nem a morte, nem qualquer outro mal, e todos os seus desejos serão realizados. De tempos em tempos alguns deles voltarão a esta terra e tomarão outro corpo para ensinar aos seres humanos o caminho para Deus; e os grandes professores do mundo têm sido assim. Eles já eram livres e viviam com Deus na esfera mais elevada; mas o seu amor e simpatia pela humanidade sofredora eram tão grandes que eles vieram e encarnaram novamente para ensinar à humanidade o caminho para o céu.

É claro que sabemos que o Advaita sustenta que este não pode ser o objetivo ou o ideal; a incorpórea deve ser o ideal. O ideal não pode ser finito. Qualquer coisa que não seja o Infinito não pode ser o ideal e não

pode haver um corpo infinito. Isso seria impossível, pois o corpo surge da limitação. Não pode haver pensamento infinito, porque o pensamento vem da limitação. Temos que ir além do corpo e também do pensamento, diz o Advaita. E também vimos que, segundo Advaita, esta liberdade não é para ser alcançada, ela já é nossa. Nós apenas esquecemos e negamos. A perfeição não é para ser alcançada, ela já está dentro de nós. A imortalidade e a bem-aventurança não devem ser adquiridas, já as possuímos; eles têm sido nossos o tempo todo.

Se você ousar declarar que é livre, livre você é neste momento. Se você diz que está vinculado, você permanecerá vinculado. Isto é o que Advaita corajosamente declara. Eu lhes contei as idéias dos dualistas. Você pode pegar o que quiser.

O ideal mais elevado do Vedanta é muito difícil de entender, e as pessoas estão sempre discutindo sobre ele, e a maior dificuldade é que quando se apegam a certas ideias, negam e combatem outras ideias. Escolha o que lhe convém e deixe que outros façam o que precisam. Se você deseja apegar-se a esta pequena individualidade, a esta masculinidade limitada, permaneça nela, tenha todos esses desejos e fique contente e satisfeito com eles. Se a sua experiência de masculinidade foi muito boa e agradável, conserve-a pelo tempo que desejar; e você pode fazer isso, pois você é o criador de sua própria fortuna; ninguém pode obrigá-lo a desistir de sua masculinidade. Vocês serão homens pelo tempo que quiserem; ninguém pode impedi-lo. Se vocês querem ser anjos, serão anjos, essa é a lei. Mas pode haver outros que nem sequer queiram ser anjos. Que direito você tem de pensar que a ideia deles é horrível? Você pode ter medo de perder cem libras, mas pode haver outros que nem piscariam se perdessem todo o dinheiro que tinham no mundo. Houve homens assim e ainda existem. Por que você se atreve a julgá-los de acordo com seus padrões? Você se apega às suas limitações e essas pequenas ideias mundanas podem ser o seu ideal mais elevado. Você é bem-vindo a eles. Será para você como você deseja. Mas há outros que viram a verdade e não conseguem descansar nestas limitações, que abandonaram estas coisas e querem ir além. O mundo com todos os seus prazeres é uma mera poça de lama para eles. Por que você quer vinculá-los às suas ideias? Você deve se livrar dessa tendência de uma vez por todas. Reserve um lugar para todos.

Certa vez, li uma história sobre alguns navios que foram atingidos por um ciclone nas ilhas dos Mares do Sul, e havia uma foto disso no Illustrated London News. Todos eles naufragaram, exceto um navio inglês, que resistiu à tempestade. A imagem mostrava os homens que iriam se afogar, parados no convés e aplaudindo as pessoas que navegavam em meio à tempestade (HMS Calliope e os navios de guerra americanos em Samoa. - Ed). Seja corajoso e generoso assim. Não arraste os outros para onde você está. Outra noção tola é que se perdermos a nossa pequena individualidade, não haverá moralidade, nem esperança para a humanidade. Como se todo mundo estivesse morrendo pela humanidade o tempo todo! Deus o abençoe! Se em cada país existissem duzentos homens e mulheres realmente desejosos de fazer o bem à humanidade, o milénio chegaria em cinco dias. Sabemos como estamos morrendo pela humanidade! Tudo isso são conversas exageradas e nada mais. A história do mundo mostra que aqueles que nunca pensaram na sua pequena individualidade foram os maiores benfeitores da raça humana, e que quanto mais os homens e as mulheres pensam em si próprios, menos são capazes de fazer pelos outros. Um é o altruísmo e o outro o egoísmo. Apegar-se a pequenos prazeres e desejar a continuação e repetição deste estado de coisas é egoísmo total. Não surge de nenhum desejo de verdade, sua gênese não está na bondade para com os outros seres, mas no egoísmo total do coração humano, na ideia: “Terei tudo e não me importo com mais ninguém”. Isto é o que me parece. Eu gostaria de ver mais homens morais no mundo, como alguns daqueles grandes e antigos profetas e sábios dos tempos antigos, que teriam desistido de cem vidas se pudessem, ao fazê-lo, beneficiar um pequeno animal! Fale de moralidade e de fazer o bem aos outros! Conversa boba do tempo presente!

Eu gostaria de ver homens morais como Gautama Buda, que não acreditava num Deus pessoal ou numa alma pessoal, nunca perguntava sobre eles, mas era um agnóstico perfeito, e ainda assim estava pronto a dar a sua vida por qualquer um, e trabalhava sua vida para o bem de todos, e pensava apenas no bem de todos. Bem foi dito pelo seu biógrafo, ao descrever o seu nascimento, que ele nasceu para o bem de muitos, como uma bênção para muitos. Ele não foi para a floresta meditar para sua própria salvação; ele sentiu que o mundo estava em chamas e que precisava encontrar uma saída. "Por que há tanta miséria no mundo?" - foi a única questão que dominou toda a sua vida. Você acha que somos tão morais quanto o Buda?

Quanto mais egoísta um homem, mais imoral ele é. E o mesmo acontece com a corrida. Aquela raça que está presa a si mesma tem sido a mais cruel e a mais perversa de todo o mundo. Não houve religião que se tenha agarrado mais a este dualismo do que aquela fundada pelo Profeta da Arábia, e não houve religião que tenha derramado tanto sangue e sido tão cruel com outros homens. No Alcorão existe a doutrina de que um homem que não acredita nestes ensinamentos deve ser morto; é uma misericórdia matá-lo! E a maneira mais segura de chegar ao céu, onde existem lindas houris e todos os tipos de prazeres dos sentidos, é matando esses incrédulos. Pense no derramamento de sangue que houve em consequência de tais crenças!

Na religião de Cristo havia pouca grosseria; há muito pouca diferença entre a religião pura de Cristo e a do Vedanta. Você encontra aí a ideia de unidade; mas Cristo também pregou ideias dualistas ao povo, a fim de dar-lhes algo tangível para se apegar, para conduzi-los ao ideal mais elevado. O mesmo Profeta que pregou: “Pai Nosso que estás nos céus”, também pregou: “Eu e meu Pai somos um”, e o mesmo Profeta sabia que através do “Pai que está nos céus” está o caminho para “Eu e meu Pai”. são um”. Só havia bênção e amor na religião de Cristo; mas assim que a grosseria se insinuou, ela foi degradada em algo não muito melhor do que a religião do Profeta da Arábia. Foi realmente uma crueldade - esta luta pelo pequeno eu, este apego ao "eu", não só nesta vida, mas também no desejo da sua continuidade mesmo após a morte. Eles declaram que isso é altruísmo; este é o fundamento da moralidade! Senhor, ajude-nos, se este for o fundamento da moralidade! E, estranhamente, homens e mulheres que deveriam saber melhor pensam que toda a moralidade será destruída se esses pequenos eus ficarem horrorizados com a ideia de que a moralidade só pode permanecer após a sua destruição. A palavra de ordem de todo bem-estar, de todo bem moral não é “eu”, mas “tu”. Quem se importa se existe um céu ou um inferno, quem se importa se existe uma alma ou não, quem se importa se existe algo imutável ou não? Aqui está o mundo e está cheio de miséria. Entre nessa como Buda fez e lute para diminuí-la ou morra na tentativa. Esqueçam-se; esta é a primeira lição a ser aprendida, seja você um teísta ou um ateu, seja um agnóstico ou um vedantista, um cristão ou um muçulmano. A única lição óbvia para todos é a destruição do pequeno eu e a construção do Eu Real.

Duas forças têm trabalhado lado a lado em linhas paralelas. Um diz “eu”, o outro diz “não eu”. Sua manifestação não ocorre apenas no homem, mas também nos animais, não apenas nos animais, mas nos menores vermes. A tigresa que mergulha suas presas no sangue quente de um ser humano daria a própria vida para proteger seus filhotes. O homem mais depravado que não hesita em tirar a vida de seus irmãos, talvez, se sacrifique sem qualquer hesitação para salvar sua esposa e filhos famintos. Assim, durante toda a criação, estas duas forças trabalharam lado a lado; onde você encontra um, você encontra o outro também. Um é egoísmo, o outro é altruísmo. Uma é aquisição, a outra é renúncia. Um leva, o outro dá. Do mais baixo ao mais alto, todo o universo é o playground dessas duas forças. Não requer nenhuma demonstração; é óbvio para todos.

Que direito tem qualquer setor da comunidade de basear todo o trabalho e evolução do universo apenas em um desses dois fatores, na competição e na luta? Que direito tem ela de basear todo o funcionamento do universo na paixão e na luta, na competição e na luta? Que estes existam, não negamos; mas que direito tem alguém de negar a atuação da outra força? Pode alguém negar que o amor, este “não eu”, esta renúncia é o único poder positivo no universo? Esse outro é apenas o emprego equivocado do poder do amor; o poder do amor traz competição, a verdadeira gênese da competição está no amor. A verdadeira gênese do mal está no altruísmo. O criador do mal é bom e o fim também é bom. É apenas um desvio do poder do bem. Um homem que mata outro é, talvez, movido a fazê-lo pelo amor ao seu próprio filho. Seu amor tornou-se limitado àquele bebezinho, excluindo milhões de outros seres humanos no universo. No entanto, limitado ou ilimitado, é o mesmo amor.

Assim, a força motriz de todo o universo, de qualquer maneira que se manifeste, é aquela coisa maravilhosa, o altruísmo, a renúncia, o amor, o real, a única força viva existente. Portanto, o Vedantista insiste nessa unidade. Insistimos nesta explicação porque não podemos admitir duas causas do universo. Se simplesmente sustentarmos que, por limitação, o mesmo amor belo e maravilhoso parece ser mau ou vil, descobriremos que todo o universo é explicado pela força única do amor. Caso contrário, duas causas do universo devem ser consideradas certas, uma boa e outra má, uma amor e outra ódio. O que é mais lógico? Certamente a teoria da força única.

Passemos agora a coisas que possivelmente não pertencem ao dualismo. Não posso ficar mais tempo com os dualistas. Eu estou com medo. Minha ideia é mostrar que o ideal mais elevado de moralidade e altruísmo anda de mãos dadas com a concepção metafísica mais elevada, e que você não precisa rebaixar sua concepção para obter ética e moralidade, mas, por outro lado, para alcançar uma base real de moralidade e ética você deve ter as mais elevadas concepções filosóficas e científicas. O conhecimento humano não é antagônico ao bem-estar humano. Pelo contrário, é somente o conhecimento que nos salvará em todos os aspectos da vida – no conhecimento está a adoração. Quanto mais soubermos, melhor para nós. O Vedantista diz que a causa de tudo o que é aparentemente mau é a limitação do ilimitado. O amor que fica limitado em pequenos canais e parece ser mau, eventualmente sai do outro lado e se manifesta como Deus. O Vedanta também diz que a causa de todo esse mal aparente está em nós mesmos. Não culpe nenhum ser sobrenatural, nem fique desesperado e desanimado, nem pense que estamos em um lugar do qual nunca poderemos escapar, a menos que alguém venha e nos dê uma mão amiga. Isso não pode ser, diz o Vedanta. Somos como bichos-da-seda; fazemos o fio da nossa própria substância e tecemos o casulo, e com o passar do tempo ficamos aprisionados lá dentro. Mas isso não é para sempre. Nesse casulo desenvolveremos a realização espiritual e, como a borboleta, sairemos livres. Tecemos esta rede de Karma em torno de nós mesmos; e em nossa ignorância nos sentimos como se estivéssemos presos, e choramos e lamentamos por ajuda. Mas a ajuda não vem de fora; vem de dentro de nós mesmos. Clame a todos os deuses do universo. Chorei durante anos e no final descobri que fui ajudado. Mas a ajuda veio de dentro. E tive que desfazer o que fiz por engano. Essa é a única maneira. Tive de cortar a rede que havia lançado em torno de mim, e o poder para fazer isso está dentro de mim. Disto estou certo de que nenhuma aspiração, bem ou mal orientada em minha vida, foi em vão, mas que sou a resultante de todo o meu passado, tanto bom quanto mau. Cometi muitos erros em minha vida; mas observe bem, tenho certeza de que sem cada um desses erros eu não seria o que sou hoje, e por isso estou bastante satisfeito por tê-los cometido. Não quero dizer que você deva ir para casa e cometer erros deliberadamente; não me entenda mal dessa maneira. Mas não fique deprimido com os erros que cometeu, mas saiba que no final tudo dará certo. Não pode ser de outra forma, porque a bondade é a nossa natureza, a pureza é a nossa natureza e

essa natureza nunca pode ser destruída. Nossa natureza essencial permanece sempre a mesma.

O que devemos entender é que aquilo que chamamos de erros ou maldade, cometemos porque somos fracos, e somos fracos porque somos ignorantes. Prefiro chamá-los de erros. A palavra pecado, embora originalmente seja uma palavra muito boa, tem um certo sabor que me assusta. Quem nos torna ignorantes? Nos mesmos. Colocamos as mãos sobre os olhos e choramos porque está escuro. Tire as mãos e haverá luz; a luz existe sempre para nós, a natureza auto-refulgente da alma humana. Você não ouve o que dizem os seus cientistas modernos? Qual é a causa da evolução? Desejo. O animal quer fazer alguma coisa, mas não acha o ambiente favorável e, por isso, desenvolve um novo corpo. Quem o desenvolve? O próprio animal, sua vontade. Você se desenvolveu a partir da ameba mais baixa. Continue a exercitar sua vontade e isso o levará ainda mais alto. A vontade é onipotente. Se é todo-poderoso, você pode dizer: por que não posso fazer tudo? Mas você está pensando apenas em seu pequeno eu. Olhem para trás, desde o estado da ameba até o do ser humano; quem fez tudo isso? Sua própria vontade. Você pode negar então que ele é todo-poderoso? Aquilo que fez você subir tão alto pode fazer você subir ainda mais. O que você quer é caráter, fortalecimento da vontade.

Se eu lhes ensinar, portanto, que sua natureza é má, que vocês deveriam ir para casa e sentar-se em sacos e cinzas e chorar suas vidas porque deram certos passos em falso, isso não os ajudará, mas os enfraquecerá ainda mais, e estarei lhe mostrando o caminho para mais mal do que bem. Se esta sala estiver cheia de escuridão por milhares de anos e você entrar e começar a chorar e lamentar: “Oh, escuridão”, a escuridão desaparecerá? Acenda um fósforo e a luz surgirá em um momento. Que bem lhe fará pensar durante toda a sua vida: “Oh, eu fiz o mal, cometi muitos erros”? Não é necessário nenhum fantasma para nos dizer isso. Traga a luz e o mal desaparecerá em um momento. Construa seu caráter e manifeste sua verdadeira natureza, a Refulgente, a Resplandecente, a Sempre Pura, e invoque-a em todos que você vê. Eu gostaria que todos nós tivéssemos chegado a tal estado que mesmo no mais vil dos seres humanos pudéssemos ver o Eu Real dentro de si e, em vez de condená-los, dizer: "Levanta-te, tu que és refulgente, levanta-te, tu que és sempre puro, levanta-te. tu, sem nascimento e sem

morte, levanta-te todo-poderoso e manifesta a tua verdadeira natureza. Estas pequenas manifestações não te convêm." Esta é a oração mais elevada que o Advaita ensina. Esta é a única oração, para lembrar a nossa verdadeira natureza, o Deus que está sempre dentro de nós, pensando nele sempre como infinito, todo-poderoso, sempre bom, sempre benéfico, altruísta, desprovido de todas as limitações. E porque essa natureza é altruísta, ela é forte e destemida; pois somente para o egoísmo vem o medo. Aquele que não tem nada a desejar para si mesmo, a quem teme e o que pode assustá-lo? Que medo tem a morte para ele? Que medo tem mal para ele? Portanto, se somos Advaitistas, devemos pensar a partir deste momento que o nosso antigo eu está morto e desaparecido. Os velhos senhor, senhora e senhorita fulano se foram, eram meras superstições, e o que resta é o sempre puro, o sempre forte, o todo-poderoso, o onisciente - só isso resta para nós, e então todo o medo desaparece de nós. Quem pode nos ferir, o onipresente? Toda fraqueza desapareceu de nós, e nosso único trabalho é despertar esse conhecimento em nossos semelhantes. Vemos que eles também são o mesmo eu puro, só que não sabem disso; devemos ensiná-los, devemos ajudá-los a despertar sua natureza infinita. Isto é o que considero absolutamente necessário em todo o mundo. Essas doutrinas são antigas, possivelmente mais antigas que muitas montanhas. Toda verdade é eterna. A verdade não é propriedade de ninguém; nenhuma raça, nenhum indivíduo pode reivindicar exclusividade sobre ela. A verdade é a natureza de todas as almas. Quem pode fazer uma reivindicação especial sobre isso? Mas tem de ser tornado prático, simples (pois as verdades mais elevadas são sempre simples), para que possa penetrar todos os poros da sociedade humana e tornar-se propriedade dos intelectos mais elevados e das mentes mais comuns, do homem, mulher e criança ao mesmo tempo. Todos estes raciocínios de lógica, todos estes feixes de metafísica, todas estas teologias e cerimónias podem ter sido boas no seu próprio tempo, mas vamos tentar tornar as coisas mais simples e trazer os dias dourados quando todo homem será um adorador, e o A realidade em cada homem será objeto de adoração.

2.6.5 O CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO DE UMA RELIGIÃO UNIVERSAL

(Proferido na Igreja Universalista, Pasadena,

Califórnia, 28 de janeiro de 1900)

Nenhuma busca foi mais cara ao coração humano do que aquela que nos traz a luz de Deus. Nenhum estudo consumiu tanta energia humana, seja em tempos passados ou presentes, como o estudo da alma, de Deus e do destino humano. Por mais imersos que estejamos nas nossas ocupações diárias, nas nossas ambições, no nosso trabalho, no meio da maior das nossas lutas, às vezes haverá uma pausa; a mente para e quer saber algo além deste mundo. Às vezes, ele vislumbra um reino além dos sentidos, e o resultado é uma luta para alcançá-lo. Assim tem sido ao longo dos tempos, em todos os países. O homem quis olhar além, quis expandir-se; e tudo o que chamamos de progresso, evolução, sempre foi medido por essa busca, a busca pelo destino humano, a busca por Deus.

Tal como as nossas lutas sociais são representadas entre diferentes nações por diferentes organizações sociais, também a luta espiritual do homem é representada por várias religiões; e assim como diferentes organizações sociais estão constantemente em conflito, estão constantemente em guerra umas com as outras, também estas organizações espirituais têm estado constantemente em guerra umas com as outras, constantemente em conflito. Os homens pertencentes a uma determinada organização social afirmam que o direito de viver só lhes pertence; e enquanto puderem, querem exercer esse direito à custa dos mais fracos. Sabemos que neste momento há uma luta feroz desse tipo em curso na África do Sul. Da mesma forma, cada seita religiosa reivindicou o direito exclusivo de viver. E assim descobrimos que, embora não haja nada que tenha trazido ao homem mais bênçãos do que a religião, ainda assim, ao mesmo tempo, não há nada que tenha trazido mais horror do que a religião. Nada contribuiu mais para a paz e o amor do que a religião; nada gerou um ódio mais feroz do que a religião. Nada tornou a fraternidade humana mais tangível do que a religião; nada gerou inimizade mais amarga entre homem e homem do que a religião. Nada construiu mais instituições de caridade, mais hospitais para homens, e mesmo para animais, do que a religião; nada inundou o mundo com mais sangue do que a religião. Sabemos, ao mesmo tempo, que sempre houve uma corrente subjacente de pensamento; sempre houve grupos de homens, filósofos, estudantes de religião comparada que tentaram e ainda tentam trazer harmonia no meio de todas estas seitas dissonantes e discordantes.

No que diz respeito a alguns países, estas tentativas foram bem sucedidas, mas no que diz respeito ao mundo inteiro, falharam.

Existem algumas religiões que chegaram até nós desde a mais remota antiguidade, que estão imbuídas da ideia de que todas as seitas deveriam poder viver, que cada seita tem um significado, uma grande ideia, embutida em si mesma, e, portanto, é necessário para o bem do mundo e deve ser ajudado. Nos tempos modernos, a mesma idéia prevalece e, de tempos em tempos, são feitas tentativas para reduzi-la à prática. Estas tentativas nem sempre correspondem às nossas expectativas, à altura da eficiência exigida. Não, para nossa grande decepção, às vezes descobrimos que estamos brigando ainda mais.

Agora, deixando de lado o estudo dogmático e adotando uma visão de bom senso da questão, descobrimos no início que existe um tremendo poder de vida em todas as grandes religiões do mundo. Alguns podem dizer que ignoram isto, mas a ignorância não é desculpa. Se um homem diz “Eu não sei o que está acontecendo no mundo externo, portanto as coisas que estão acontecendo no mundo externo não existem”, esse homem é indesculpável. Agora, aqueles de vocês que observam o movimento do pensamento religioso em todo o mundo estão perfeitamente conscientes de que nenhuma das grandes religiões do mundo morreu; não só isso, cada um deles é progressivo. Os cristãos estão a multiplicar-se, os maometanos estão a multiplicar-se, os hindus estão a ganhar terreno, e os judeus também estão a aumentar, e ao espalharem-se por todo o mundo e aumentarem rapidamente, o rebanho do Judaísmo está em constante expansão.

Apenas uma religião do mundo – uma antiga e grande religião – desapareceu, e essa é a religião do Zoroastrismo, a religião dos antigos Persas. Durante a conquista muçulmana da Pérsia, cerca de cem mil destas pessoas vieram e refugiaram-se na Índia e algumas permaneceram na antiga Pérsia. Aqueles que estavam na Pérsia, sob a constante perseguição dos maometanos, diminuíram até chegar a apenas dez mil; na Índia existem cerca de oitenta mil deles, mas não aumentam. Claro que existe uma dificuldade inicial; eles não convertem outros à sua religião. E então, esse punhado de pessoas que vivem na Índia, com o costume pernicioso do casamento entre primos, não se multiplica. Com esta única exceção, todas

as grandes religiões estão vivas, espalhando-se e aumentando. Devemos lembrar que todas as grandes religiões do mundo são muito antigas, nenhuma foi formada até o momento, e que toda religião do mundo deve sua origem ao país entre o Ganges e o Eufrates; nenhuma grande religião surgiu na Europa, nem uma na América, nem uma; toda religião é de origem asiática e pertence àquela parte do mundo. Se o que os cientistas modernos dizem for verdade, que a sobrevivência do mais apto é o teste, estas religiões provam, pelo facto de ainda viverem, que ainda estão aptas para algumas pessoas. Há uma razão pela qual eles deveriam viver: eles trazem o bem para muitos. Vejam os maometanos, como estão a espalhar-se em alguns lugares do Sul da Ásia, e a espalhar-se como fogo em África. Os budistas estão se espalhando por toda a Ásia Central, o tempo todo. Os hindus, como os judeus, não convertem os outros; ainda gradualmente, outras raças estão a aderir ao Hinduísmo e a adoptar as maneiras e costumes dos Hindus e a alinhar-se com eles. O Cristianismo, todos vocês sabem, está se espalhando – embora eu não tenha certeza de que os resultados sejam iguais à energia aplicada. A tentativa de propaganda dos cristãos tem um defeito tremendo – e esse é o defeito de todas as instituições ocidentais: a máquina consome noventa por cento da energia, há demasiada maquinaria. A pregação sempre foi assunto dos asiáticos. O povo ocidental é grandioso em organização, instituições sociais, exércitos, governos, etc.; mas quando se trata de pregar religião, eles não podem se aproximar do asiático, cujo negócio tem sido o tempo todo, e ele sabe disso e não usa muitos mecanismos.

Isto então é um facto na história actual da raça humana, que todas estas grandes religiões existem e estão a espalhar-se e a multiplicar-se. Agora, certamente há um significado para isso; e se tivesse sido a vontade de um Criador Onisciente e Todo-misericordioso que uma dessas religiões existisse e as demais morressem, isso teria se tornado um fato há muito, muito tempo. Se fosse um facto que apenas uma destas religiões é verdadeira e todas as outras são falsas, a esta altura já teria coberto todo o terreno. Mas não é assim; ninguém ganhou todo o terreno. Todas as religiões às vezes avançam – às vezes declinam. Agora, pense nisto: no seu próprio país há mais de sessenta milhões de pessoas, e apenas vinte e um milhões professam religiões de todos os tipos. Portanto, nem sempre é progresso. Em todos os países, provavelmente, se as estatísticas forem

tomadas, você descobrirá que as religiões às vezes estão progredindo e às vezes retrocedendo. As seitas estão se multiplicando o tempo todo. Se as afirmações de uma religião de que ela tem toda a verdade e que Deus lhe deu toda essa verdade num determinado livro fossem verdadeiras, por que existem tantas seitas? Não passam cinquenta anos antes que haja vinte seitas fundadas no mesmo livro. Se Deus colocou toda a verdade em certos livros, Ele não nos dá esses livros para que possamos discutir sobre textos. Esse parece ser o fato. Por que é isso? Mesmo que fosse dado por Deus um livro que contivesse toda a verdade sobre a religião, ele não serviria ao propósito porque ninguém poderia entender o livro. Tomemos a Bíblia, por exemplo, e todas as seitas que existem entre os cristãos; cada um dá sua própria interpretação ao mesmo texto, e cada um diz que só ele entende aquele texto e todos os demais estão errados. O mesmo acontece com todas as religiões. Existem muitas seitas entre os maometanos e entre os budistas, e centenas entre os hindus. Agora, trago-vos estes factos para vos mostrar que qualquer tentativa de levar toda a humanidade a um único método de pensar nas coisas espirituais foi um fracasso e sempre será um fracasso. Todo homem que inicia uma teoria, mesmo nos dias atuais, descobre que se se afastar trinta quilômetros de seus seguidores, eles formarão vinte seitas. Você vê isso acontecendo o tempo todo. Não se pode fazer com que todos se conformem às mesmas ideias: isso é um facto, e agradeço a Deus por isso. Não sou contra nenhuma seita. Fico feliz que existam seitas e só desejo que elas continuem a se multiplicar cada vez mais. Por que? Simplesmente por causa disso: se você, eu e todos os que estão aqui presentes pensássemos exatamente os mesmos pensamentos, não haveria pensamentos para pensarmos. Sabemos que duas ou mais forças devem entrar em colisão para produzir movimento. É o choque do pensamento, a diferenciação do pensamento, que desperta o pensamento. Agora, se todos pensássemos da mesma forma, seríamos como múmias egípcias num museu olhando vagamente para o rosto umas das outras – nada mais do que isso! Redemoinhos e redemoinhos ocorrem apenas em uma corrente viva e impetuosa. Não existem redemoinhos em águas estagnadas e mortas. Quando as religiões morrerem, não haverá mais seitas; será a perfeita paz e harmonia do túmulo. Mas enquanto a humanidade pensar, existirão seitas. A variação é o sinal de vida e deve estar presente. Rezo para que se multipliquem para que finalmente haja tantas seitas quantos seres humanos,

e cada um tenha o seu próprio método, o seu método individual de pensamento na religião.

Mas essa coisa já existe. Cada um de nós pensa à sua maneira, mas o seu curso natural tem sido obstruído o tempo todo e continua a ser obstruído. Se a espada não for usada diretamente, outros meios serão utilizados. Basta ouvir o que diz um dos melhores pregadores de Nova York: ele prega que os filipinos deveriam ser conquistados porque essa é a única maneira de ensinar-lhes o cristianismo! Já são católicos; mas ele quer torná-los presbiterianos e, para isso, está pronto para lançar todo esse terrível pecado de derramamento de sangue sobre sua raça. Que terrível! E este homem é um dos maiores pregadores deste país, um dos homens mais bem informados. Pense no estado do mundo quando um homem como esse não tem vergonha de se levantar e proferir tolices tão flagrantes; e pense no estado do mundo quando o público o aplaude! Isso é civilização? É a velha sede de sangue do tigre, do canibal, do selvagem, reaparecendo mais uma vez sob novos nomes, novas circunstâncias. O que mais pode ser? Se o estado das coisas é tal agora, pense nos horrores pelos quais o mundo passou nos tempos antigos, quando cada seita tentava, por todos os meios ao seu alcance, despedaçar as outras seitas. A história mostra isso. O tigre em nós está apenas adormecido; não está morto. Quando as oportunidades surgem, ele salta e, como antigamente, usa suas garras e presas. Além da espada, além das armas materiais, existem armas ainda mais terríveis – o desprezo, o ódio social e o ostracismo social. Agora, estas são as mais terríveis de todas as inflições que são lançadas contra pessoas que não pensam exatamente da mesma maneira que nós. E por que todos deveriam pensar como nós? Não vejo nenhum motivo. Se sou um homem racional, ficaria feliz por eles não pensarem como eu. Não quero viver numa terra semelhante a um túmulo; Quero ser um homem num mundo de homens. Os seres pensantes devem ser diferentes; a diferença é o primeiro sinal do pensamento. Se sou um homem atencioso, certamente gostaria de viver entre pessoas atenciosas, onde existam diferenças de opinião.

Surge então a questão: Como podem todas estas variedades ser verdadeiras? Se uma coisa é verdadeira, sua negação é falsa. Como podem opiniões contraditórias ser verdadeiras ao mesmo tempo? Esta é a pergunta que pretendo responder. Mas primeiro lhe perguntarei: todas as religiões do

mundo são realmente contraditórias? Não me refiro às formas externas que revestem os grandes pensamentos. Não me refiro aos diferentes edifícios, línguas, rituais, livros, etc. empregados em várias religiões, mas me refiro à alma interna de cada religião. Cada religião tem uma alma por trás dela, e essa alma pode diferir da alma de outra religião; mas eles são contraditórios? Eles se contradizem ou se complementam? - essa é a questão. Abordei a questão quando era bem menino e a estudei durante toda a minha vida. Pensando que minha conclusão possa ser de alguma ajuda para você, apresento-a a você. Acredito que não são contraditórios; eles são complementares. Cada religião, por assim dizer, assume uma parte da grande verdade universal e gasta toda a sua força para incorporar e tipificar essa parte da grande verdade. É, portanto, adição; não exclusão. Essa é a ideia. Surge sistema após sistema, cada um incorporando uma grande ideia, e ideais devem ser somados a ideais. E esta é a marcha da humanidade. O homem nunca progride do erro para a verdade, mas sim da verdade para a verdade, da verdade menor para a verdade superior – mas nunca avança do erro para a verdade. A criança pode desenvolver-se mais que o pai, mas será que o pai era fútil? A criança é o pai e mais alguma coisa. Se o seu estado atual de conhecimento fosse muito maior do que era quando você era criança, você desprezaria esse estágio agora? Você vai olhar para trás e chamar isso de inanidade? Ora, seu estágio atual é o conhecimento da criança mais algo mais.

Então, novamente, também sabemos que pode haver pontos de vista quase contraditórios sobre a mesma coisa, mas todos indicarão a mesma coisa. Suponha que um homem esteja viajando em direção ao sol e, à medida que avança, tire uma fotografia do sol em cada etapa. Quando volta, tem muitas fotografias do sol, que coloca diante de nós. Vemos que não há dois iguais e, no entanto, quem negará que todas estas são fotografias do mesmo sol, de pontos de vista diferentes? Tire quatro fotografias desta igreja de diferentes cantos: quão diferentes elas pareceriam, e ainda assim todas representariam esta igreja. Da mesma forma, todos nós olhamos para a verdade de diferentes pontos de vista, que variam de acordo com o nosso nascimento, educação, ambiente, e assim por diante. Estamos vendo a verdade, obtendo dela tanto quanto estas circunstâncias permitem, colorindo a verdade com o nosso próprio coração, compreendendo-a com o nosso próprio intelecto e apreendendo-a com a nossa própria mente. Só podemos saber o quanto da

verdade está relacionado a nós, tanto quanto somos capazes de receber. Isto faz a diferença entre homem e homem, e às vezes ocasiona ideias até contraditórias; no entanto, todos pertencemos à mesma grande verdade universal.

A minha ideia, portanto, é que todas estas religiões são forças diferentes na economia de Deus, trabalhando para o bem da humanidade; e que ninguém pode morrer, ninguém pode ser morto. Assim como você não pode matar nenhuma força da natureza, também não pode matar nenhuma dessas forças espirituais. Você viu que cada religião é viva. De tempos em tempos, pode retroceder ou avançar. Ao mesmo tempo, pode ser despojado de muitas de suas armadilhas; em outras ocasiões, pode estar coberto com todo tipo de adornos; mas mesmo assim, a alma está sempre lá, nunca pode ser perdida. O ideal que cada religião representa nunca se perde e, portanto, cada religião está em marcha de forma inteligente.

E aquela religião universal com a qual os filósofos e outros sonharam em todos os países já existe. Está aqui. Assim como a fraternidade universal do homem já existe, também existe a religião universal. Quais de vocês, que viajaram por toda parte, não encontraram irmãos e irmãs em todas as nações? Eu os encontrei em todo o mundo. A fraternidade já existe; só que há muitas pessoas que não conseguem perceber isso e apenas o perturbam clamando por novas irmandades. A religião universal também já existe. Se os sacerdotes e outras pessoas que assumiram a tarefa de pregar diferentes religiões simplesmente pararem de pregar por alguns momentos, veremos que isso acontece. Eles estão perturbando isso o tempo todo, porque é do interesse deles. Você vê que os padres em todos os países são muito conservadores. Por que é tão? Existem muito poucos sacerdotes que lideram o povo; a maioria deles é liderada pelo povo e são seus escravos e servos. Se você diz que está seco, eles dizem que está; se você diz que é preto, eles dizem que é preto. Se o povo avança, os sacerdotes devem avançar. Eles não podem ficar para trás. Portanto, antes de culpar os padres – está na moda culpar o padre – vocês deveriam culpar a si mesmos. Você só consegue o que merece. Qual seria o destino de um sacerdote que deseja dar-lhe ideias novas e avançadas e levá-lo adiante? Seus filhos provavelmente morreriam de fome e ele estaria vestido em trapos. Ele é governado pelas mesmas leis mundanas que você. “Se você continuar”, diz

ele, “vamos marchar”. É claro que existem almas excepcionais, que não são intimidadas pela opinião pública. Eles veem a verdade e somente a verdade que eles valorizam. A verdade tomou conta deles, tomou posse deles, por assim dizer, e eles não podem deixar de marchar em frente. Eles nunca olham para trás e para eles não existem pessoas. Só Deus existe para eles, Ele é a Luz diante deles, e eles estão seguindo essa Luz.

Conheci um cavalheiro mórmon neste país, que tentou me persuadir à sua fé. Eu disse: "Tenho grande respeito pelas suas opiniões, mas em certos pontos não concordamos - pertenço a uma ordem monástica e você acredita em casar com muitas esposas. Mas por que não vai à Índia pregar?" Então ele ficou surpreso. Ele disse: "Ora, você não acredita em nenhum casamento, e nós acreditamos na poligamia, e ainda assim você me pede para ir para o seu país!" Eu disse: "Sim; meus compatriotas ouvirão todos os pensamentos religiosos, de onde quer que venham. Gostaria que você fosse para a Índia, primeiro, porque sou um grande crente em seitas. Em segundo lugar, há muitos homens na Índia que não estão em todos satisfeitos com qualquer uma das seitas existentes, e por conta dessa insatisfação, eles não terão nada a ver com religião, e, possivelmente, você poderá obter algumas delas." Quanto maior o número de seitas, maior a chance de as pessoas adotarem a religião. No hotel, onde há todo tipo de comida, todos têm a oportunidade de saciar o apetite. Por isso, quero que as seitas se multipliquem em todos os países, para que mais pessoas tenham a oportunidade de serem espirituais. Não pense que as pessoas não gostam de religião. Eu não acredito. Os pregadores não podem dar-lhes o que necessitam. O mesmo homem que pode ter sido tachado de ateu, materialista ou algo assim, pode encontrar um homem que lhe dê a verdade de que necessita, e pode se tornar o homem mais espiritual da comunidade. Só podemos comer à nossa maneira. Por exemplo, nós, hindus, comemos com os dedos. Nossos dedos são mais flexíveis que os seus, você não pode usar os dedos da mesma maneira. Não apenas a comida deve ser fornecida, mas também ingerida da sua maneira particular. Você não apenas deve ter as idéias espirituais, mas elas devem vir até você de acordo com o seu próprio método. Eles devem falar a sua própria língua, a língua da sua alma, e só então eles irão satisfazê-lo. Quando chega o homem que fala a minha língua e dá a verdade na minha língua, eu imediatamente a entendo e a recebo para sempre. Este é um grande fato.

Agora, a partir disso, vemos que existem vários graus e tipos de mentes humanas e que tarefa as religiões assumem para elas! Um homem apresenta duas ou três doutrinas e afirma que a sua religião deve satisfazer toda a humanidade. Ele sai para o mundo, o zoológico de Deus, com uma pequena gaiola na mão, e diz: "Deus, o elefante e todos têm que entrar nisso. Mesmo que tenhamos que cortar o elefante em pedaços, ele deve entrar." Novamente, pode haver uma seita com algumas boas ideias. Seus seguidores dizem: "Todos os homens devem entrar!" "Mas não há lugar para eles". "Não importa! Corte-os em pedaços; coloque-os de qualquer maneira; se eles não entrarem, ora, eles serão condenados." Nunca conheci nenhum pregador, nenhuma seita que fizesse uma pausa e perguntasse: "Por que é que as pessoas não nos ouvem?" Em vez disso, eles amaldiçoam o povo e dizem: "O povo é mau". Eles nunca perguntam: "Como é que as pessoas não ouvem as minhas palavras? Por que não consigo fazê-las ver a verdade? Por que não consigo falar na língua delas? Por que não consigo abrir seus olhos?" Certamente, eles deveriam saber melhor, e quando encontram pessoas que não os ouvem, se amaldiçoam alguém, deveriam ser eles mesmos. Mas a culpa é sempre do povo! Eles nunca tentam tornar sua seita grande o suficiente para abranger todos.

Portanto, vemos imediatamente por que tem havido tanta estreiteza de espírito, a parte sempre afirmando ser o todo; a pequena unidade finita sempre reivindicando o infinito. Pense em pequenas seitas, nascidas dentro de algumas centenas de anos a partir de cérebros humanos falíveis, fazendo esta afirmação arrogante de conhecimento de toda a verdade infinita de Deus! Pense na arrogância disso! Se isso mostra alguma coisa, é o quão vaidosos são os seres humanos. E não é de admirar que tais afirmações tenham sempre falhado e, pela misericórdia do Senhor, estejam sempre destinadas ao fracasso. Nesta linha, os maometanos estavam em melhor situação; cada passo em frente foi dado com a espada – o Alcorão numa mão e a espada na outra: "Pegue o Alcorão, ou terá de morrer; não há alternativa!" Você sabe pela história quão fenomenal foi o seu sucesso; durante seiscentos anos nada lhes pôde resistir, e então chegou um momento em que tiveram de parar. O mesmo acontecerá com outras religiões se seguirem os mesmos métodos. Somos tão bebês! Sempre esquecemos a natureza humana. Quando começamos a vida, pensamos que nosso destino será algo extraordinário, e nada pode nos fazer descrever disso.

Mas quando envelhecemos, pensamos de forma diferente. O mesmo ocorre com as religiões. Em seus estágios iniciais, quando espalharam a. pouco, eles ficam com a ideia de que podem mudar a opinião de toda a raça humana em poucos anos, e continuam matando e massacrando para fazer convertidos pela força; então eles falham e começam a entender melhor. Vemos que estas seitas não tiveram sucesso naquilo que começaram a fazer, o que foi uma grande bênção. Basta pensar que se uma dessas seitas fanáticas tivesse tido sucesso em todo o mundo, onde estaria o homem hoje? Agora, o Senhor seja abençoado por eles não terem conseguido! No entanto, cada um representa uma grande verdade; cada religião representa uma excelência particular – algo que é a sua alma. Há uma história antiga que me vem à mente: havia algumas ostras que costumavam matar pessoas e fazer todo tipo de travessuras; mas eles próprios não poderiam ser mortos, até que alguém descobrisse que suas almas estavam em certos pássaros, e enquanto os pássaros estivessem seguros, nada poderia destruir as ostras. Assim, cada um de nós tem, por assim dizer, um tal pássaro, onde está a nossa alma; tem um ideal, uma missão a cumprir na vida. Cada ser humano é a personificação de tal ideal, de tal missão. Não importa o que você perca, desde que esse ideal não seja perdido e essa missão não seja prejudicada, nada poderá matá-lo. A riqueza pode ir e vir, os infortúnios podem acumular montanhas altas, mas se você mantiver o ideal inteiro, nada poderá matá-lo. Você pode ter envelhecido, até mesmo cem anos, mas se essa missão estiver fresca e jovem em seu coração, o que poderá matá-lo? Mas quando esse ideal é perdido e essa missão é prejudicada, nada pode salvá-lo. Toda a riqueza, todo o poder do mundo não irá salvá-lo. E o que são as nações senão indivíduos multiplicados? Assim, cada nação tem uma missão própria a cumprir nesta harmonia de raças; e enquanto essa nação mantiver esse ideal, nada poderá matar essa nação; mas se essa nação desiste da sua missão na vida e vai atrás de outra coisa, a sua vida torna-se curta e ela desaparece.

E o mesmo acontece com as religiões. O facto de todas estas antigas religiões estarem vivas hoje prova que devem ter mantido intacta essa missão; apesar de todos os seus erros, apesar de todas as dificuldades, apesar de todas as brigas, apesar de toda a incrustação de formas e figuras, o coração de cada um deles é são – é um coração palpitante, pulsante, vivo. Eles não perderam, nenhum deles, a grande missão para a qual vieram. E é

esplêndido estudar essa missão. Veja o islamismo, por exemplo. O povo cristão não odeia nenhuma religião no mundo tanto quanto o islamismo. Eles acham que é a pior forma de religião que já existiu. Assim que um homem se torna muçulmano, todo o Islão o recebe como um irmão de braços abertos, sem fazer qualquer distinção, o que nenhuma outra religião faz. Se um dos vossos índios americanos se tornar muçulmano, o sultão da Turquia não terá qualquer objecção em jantar com ele. Se ele tiver inteligência, nenhuma posição lhe será barrada. Neste país, nunca vi uma igreja onde o homem branco e o negro pudessem se ajoelhar lado a lado para orar. Basta pensar nisso: o Islão torna todos os seus seguidores iguais – então, como vê, essa é a excelência peculiar do islamismo. Em muitos lugares do Alcorão você encontra ideias de vida muito sensuais. Deixa para lá. O que o islamismo vem pregar ao mundo é esta fraternidade prática de todos os que pertencem à sua fé. Esta é a parte essencial da religião muçulmana; e todas as outras ideias sobre o céu e a vida, etc., não são islamitas. Eles são acréscimos.

Com os hindus você encontrará uma ideia nacional – a espiritualidade. Em nenhuma outra religião, em nenhum outro livro sagrado do mundo, você encontrará tanta energia gasta na definição da ideia de Deus. Tentaram definir o ideal da alma para que nenhum toque terreno pudesse prejudicá-lo. O espírito deve ser divino; e o espírito entendido como espírito não deve ser transformado em homem. A mesma ideia de unidade, da realização de Deus, o onipresente, é pregada por toda parte. Eles acham que é bobagem dizer que Ele vive no céu e tudo mais. É uma ideia meramente humana e antropomórfica. Todo o céu que já existiu está agora e aqui. Um momento no tempo infinito é tão bom quanto qualquer outro momento. Se você acredita em um Deus, você pode vê-Lo agora mesmo. Achamos que a religião começa quando você percebe algo. É não acreditar em doutrinas, nem dar assentimento intelectual, nem fazer declarações. Se existe um Deus, você o viu? Se você disser “não”, então que direito você tem de acreditar Nele? Se você está em dúvida se Deus existe, por que não luta para vê-Lo? Por que você não renuncia ao mundo e passa toda a sua vida por este único objetivo? A renúncia e a espiritualidade são as duas grandes ideias da Índia, e é porque a Índia se apega a estas ideias que todos os seus erros contam tão pouco.

Com os cristãos, a ideia central que tem sido pregada por eles é a mesma: “Vigiai e orai, porque o reino dos Céus está próximo” – o que significa purificar as vossas mentes e estar prontos! E esse espírito nunca morre. Você se lembra que os cristãos estão, mesmo nos dias mais sombrios, mesmo nos países cristãos mais supersticiosos, sempre tentando se preparar para a vinda do Senhor, tentando ajudar os outros, construindo hospitais, e assim por diante. Enquanto os cristãos mantiverem esse ideal, a sua religião viverá.

Agora um ideal se apresenta à minha mente. Pode ser apenas um sonho. Não sei se algum dia isso será realizado neste mundo, mas às vezes é melhor sonhar um sonho do que morrer com base em fatos concretos. Grandes verdades, mesmo em sonho, são boas, melhores que fatos ruins. Então, vamos sonhar um sonho.

Você sabe que existem vários graus de mente. Você pode ser um racionalista prosaico e de bom senso: você não se importa com formas e cerimônias; você quer fatos intelectuais, concretos e ressonantes, e só eles irão satisfazê-lo. Depois, há os Puritanos, os Maometanos, que não permitem uma imagem ou uma estátua no seu local de culto. Muito bem! Mas há outro homem que é mais artístico. Ele quer muita arte – a beleza das linhas e curvas, das cores, das flores, das formas; ele quer velas, luzes e todas as insígnias e parafernálias do ritual, para que possa ver Deus. A mente dele capta Deus nessas formas, assim como a sua O capta através do intelecto. Depois, há o homem devoto, cuja alma clama por Deus: ele não tem outra ideia senão adorar a Deus e louvá-Lo. Então, novamente, há o filósofo, parado fora de tudo isso, zombando deles. Ele pensa: “Que absurdos eles são! Que ideias sobre Deus!”

Eles podem rir um do outro, mas cada um tem um lugar neste mundo. Todas essas mentes diversas, todos esses tipos diversos são necessários. Se algum dia existir uma religião ideal, ela deverá ser ampla e grande o suficiente para fornecer alimento para todas essas mentes. Deve fornecer a força da filosofia ao filósofo, o coração do devoto ao adorador; ao ritualista, dará tudo o que o simbolismo mais maravilhoso pode transmitir; para o poeta, isso dará o máximo de coração que ele puder absorver, e outras coisas além

disso. Para criar uma religião tão ampla, teremos que voltar ao tempo em que as religiões começaram e abranger todas elas.

A nossa palavra de ordem, então, será aceitação e não exclusão. Não apenas a tolerância, pois a chamada tolerância é muitas vezes uma blasfêmia, e não acredito nela. Eu acredito na aceitação. Por que devo tolerar? Tolerância significa que acho que você está errado e estou apenas permitindo que você viva. Não é uma blasfêmia pensar que você e eu estamos permitindo que outros vivam? Aceito todas as religiões que existiram no passado e adoro todas elas; Eu adoro a Deus com cada um deles, seja qual for a forma em que O adorem. Irei à mesquita do maometano; Entrarei na igreja cristã e me ajoelharei diante do crucifixo; Entrarei no templo budista, onde me refugiarei em Buda e em sua Lei. Irei para a floresta e sentarei em meditação com o Hindu, que está tentando ver a Luz que ilumina o coração de cada um.

Não apenas farei tudo isso, mas mantereí meu coração aberto para tudo o que possa acontecer no futuro. O livro de Deus está terminado? Ou ainda é uma revelação contínua acontecendo? É um livro maravilhoso – estas revelações espirituais do mundo. A Bíblia, os Vedas, o Alcorão e todos os outros livros sagrados são apenas algumas páginas, e um número infinito de páginas ainda precisa ser desdobrado. Eu deixaria isso aberto para todos eles. Estamos no presente, mas nos abrimos para o futuro infinito. Absorvemos tudo o que aconteceu no passado, aproveitamos a luz do presente e abrimos todas as janelas do coração para tudo o que virá no futuro. Saudação a todos os profetas do passado, a todos os grandes do presente e a todos os que virão no futuro!

2.6.6 O IDEAL DE UMA RELIGIÃO UNIVERSAL

COMO DEVE ABRAÇAR DIFERENTES TIPOS DE MENTES E MÉTODOS

Onde quer que os nossos sentidos cheguem, ou o que quer que as nossas mentes imaginem, encontramos aí a acção e a reacção de duas forças, uma contrariando a outra e causando o jogo constante dos fenómenos mistos que

vemos à nossa volta, e daqueles que sentimos na nossa mente. mentes. No mundo externo, a ação dessas forças opostas expressa-se como atração e repulsão, ou como forças centrípetas e centrífugas; e no interno, como amor e ódio, bem e mal. Repelimos algumas coisas, atraímos outras. Somos atraídos por um, somos repelidos por outro. Muitas vezes em nossas vidas descobrimos que, sem qualquer razão, somos, por assim dizer, atraídos por certas pessoas; outras vezes, da mesma forma, somos repelidos pelos outros. Isto é patente para todos, e quanto mais elevado o campo de acção, mais potentes, mais notáveis são as influências destas forças opostas. A religião é o plano mais elevado do pensamento e da vida humana, e aqui descobrimos que o funcionamento destas duas forças foi mais marcante. O amor mais intenso que a humanidade já conheceu veio da religião, e o ódio mais diabólico que a humanidade conheceu também veio da religião. As mais nobres palavras de paz que o mundo já ouviu vieram de homens no plano religioso, e a denúncia mais amarga que o mundo já conheceu foi proferida por homens religiosos. Quanto mais elevado for o objeto de qualquer religião e quanto mais refinada for a sua organização, mais notáveis serão as suas atividades. Nenhum outro motivo humano inundou tanto o mundo com sangue como a religião; ao mesmo tempo, nada fez existir tantos hospitais e asilos para os pobres; nenhuma outra influência humana cuidou tanto, não apenas da humanidade, mas também dos animais mais inferiores, como a religião o fez. Nada nos torna tão cruéis como a religião, e nada nos torna tão ternos como a religião. Isto tem sido assim no passado e será também, com toda a probabilidade, assim no futuro. No entanto, no meio deste tumulto e deste tumulto, deste conflito e luta, deste ódio e ciúme das religiões e seitas, têm surgido, de tempos em tempos, vozes poderosas, abafando todo este barulho - fazendo-se ouvir de pólo a pólo, por assim dizer – proclamando paz e harmonia. Será que algum dia isso acontecerá?

Será possível que alguma vez reine uma harmonia ininterrupta neste plano de poderosa luta religiosa? O mundo está preocupado na última parte deste século com a questão da harmonia; na sociedade propõem-se vários planos e tentam colocá-los em prática; mas sabemos como é difícil fazê-lo. As pessoas acham que é quase impossível mitigar a fúria da luta da vida, atenuar a tremenda tensão nervosa que existe no homem. Agora, se é tão difícil trazer harmonia e paz ao plano físico da vida – o lado externo,

grosseiro e externo dela – então mil vezes mais difícil é trazer paz e harmonia para governar a natureza interna da vida. homem. Eu lhe pediria por enquanto que saísse da rede das palavras. Todos nós ouvimos desde a infância coisas como amor, paz, caridade, igualdade e fraternidade universal; mas tornaram-se para nós meras palavras sem significado, palavras que repetimos como papagaios, e tornou-se bastante natural para nós fazê-lo. Não podemos evitar. Grandes almas, que primeiro sentiram estas grandes ideias em seus corações, fabricaram estas palavras; e naquela época muitos entenderam seu significado. Mais tarde, pessoas ignorantes utilizaram essas palavras para brincar com elas e fizeram da religião um mero jogo de palavras, e não algo a ser posto em prática. Torna-se “a religião do meu pai”, “a religião da nossa nação”, “a religião do nosso país” e assim por diante. Professar qualquer religião torna-se apenas uma fase do patriotismo, e o patriotismo é sempre parcial. Trazer harmonia à religião deve ser sempre difícil. No entanto, consideraremos este problema da harmonia das religiões.

Vemos que em toda religião existem três partes – quero dizer, em toda religião grande e reconhecida. Em primeiro lugar, existe a filosofia que apresenta todo o alcance dessa religião, expondo os seus princípios básicos, a meta e os meios para alcançá-la. A segunda parte é a mitologia, que é a filosofia concretizada. Consiste em lendas relativas à vida dos homens, ou de seres sobrenaturais, e assim por diante. São as abstrações da filosofia concretizadas nas vidas mais ou menos imaginárias dos homens e dos seres sobrenaturais. A terceira parte é o ritual. Isto é ainda mais concreto e é feito de formas e cerimônias, diversas atitudes físicas, flores e incenso, e muitas outras coisas, que apelam aos sentidos. Nestes consiste o ritual. Você descobrirá que todas as religiões reconhecidas possuem esses três elementos. Alguns colocam mais ênfase em um, outros em outro. Consideremos agora a primeira parte, a filosofia. Existe uma filosofia universal? Ainda não. Cada religião traz à tona suas próprias doutrinas e insiste nelas como sendo as únicas verdadeiras. E não só faz isso, mas pensa que quem não acredita neles deve ir para algum lugar horrível. Alguns até desembainharão a espada para obrigar outros a acreditar no que eles acreditam. Isto não ocorre por maldade, mas por uma doença específica do cérebro humano chamada fanatismo. São muito sinceros, esses fanáticos, os mais sinceros dos seres humanos; mas são tão irresponsáveis quanto outros

lunáticos do mundo. Esta doença do fanatismo é uma das mais perigosas de todas as doenças. Toda a maldade da natureza humana é despertada por isso. A raiva é despertada, os nervos ficam à flor da pele e os seres humanos tornam-se como tigres.

Existe alguma semelhança mitológica, existe alguma harmonia mitológica, alguma mitologia universal aceita por todas as religiões? Certamente não. Todas as religiões têm a sua própria mitologia, apenas cada uma delas diz: “As minhas histórias não são meros mitos”. Vamos tentar entender a questão por meio de ilustração. Quero simplesmente ilustrar, não quero criticar nenhuma religião. O cristão acredita que Deus tomou a forma de uma pomba e desceu à terra; para ele isso é história, e não mitologia. O hindu acredita que Deus se manifesta na vaca. Os cristãos dizem que acreditar nisso é mera mitologia, e não história, que é superstição. Os judeus pensam que se uma imagem for feita na forma de uma caixa, ou de um baú, com um anjo de cada lado, então ela poderá ser colocada no Santo dos Santos; é sagrado para Jeová; mas se a imagem for feita na forma de um belo homem ou mulher, eles dizem: “Este é um ídolo horrível; quebre-o!” Esta é a nossa unidade na mitologia! Se um homem se levanta e diz: “Meu profeta fez tal e tal coisa maravilhosa”, outros dirão: “Isso é apenas superstição”, mas ao mesmo tempo dizem que seu próprio profeta fez coisas ainda mais maravilhosas, que eles considero histórico. Ninguém no mundo, até onde pude ver, é capaz de distinguir a sutil distinção entre história e mitologia, tal como existe nos cérebros dessas pessoas. Todas essas histórias, a qualquer religião a que pertençam, são realmente mitológicas, misturadas ocasionalmente, talvez com um pouco de história.

Em seguida vêm os rituais. Uma seita tem uma forma particular de ritual e pensa que isso é sagrado, enquanto os rituais de outra seita são simplesmente superstições flagrantes. Se uma seita adora um tipo peculiar de símbolo, outra seita diz: “Oh, é horrível!” Tomemos, por exemplo, uma forma geral de símbolo. O símbolo do falo é certamente um símbolo sexual, mas gradualmente esse seu aspecto foi esquecido e permanece agora como um símbolo do Criador. As nações que têm isso como símbolo nunca pensam nele como o falo; é apenas um símbolo, e aí termina. Mas um homem de outra raça ou credo não vê nele nada além do falo e começa a condená-lo; contudo, ao mesmo tempo, ele pode estar fazendo algo que

parece muito horrível para os chamados adoradores fálicos. Deixe-me tomar dois pontos como ilustração: o símbolo do falo e o sacramento dos cristãos. Para os cristãos o falo é horrível, e para os hindus o sacramento cristão é horrível. Dizem que o sacramento cristão, matar um homem, comer a sua carne e beber o seu sangue para obter as boas qualidades desse homem, é canibalismo. Isto é o que algumas tribos selvagens fazem; se um homem é corajoso, eles o matam e comem seu coração, porque pensam que isso lhes dará as qualidades de coragem e bravura que aquele homem possui. Mesmo um cristão tão devoto como Sir John Lubbock admite isto e diz que a origem deste símbolo cristão está nesta ideia selvagem. Os cristãos, é claro, não admitem esta visão da sua origem; e o que isso pode implicar nunca lhes vem à mente. Significa coisas sagradas, e isso é tudo que eles querem saber. Assim, mesmo nos rituais não existe um símbolo universal que possa exigir reconhecimento e aceitação geral. Onde então está qualquer universalidade? Como é possível então ter uma forma universal de religião? Isso, no entanto, já existe. E vamos ver o que é.

Todos ouvimos falar de fraternidade universal e de como as sociedades se levantam especialmente para pregar isto. Lembro-me de uma história antiga. Na Índia, tomar vinho é considerado muito ruim. Havia dois irmãos que desejaram, uma noite, beber vinho secretamente; e o tio deles, que era um homem muito ortodoxo, dormia num quarto bem próximo do deles. Então, antes de começarem a beber, disseram um ao outro: “Devemos ficar muito calados ou o tio vai acordar”. Enquanto bebiam, continuavam repetindo um para o outro “Silêncio! O tio vai acordar”, cada um tentando gritar para o outro. E, à medida que a gritaria aumentava, o tio acordou, entrou no quarto e descobriu tudo. Agora, todos nós gritamos como esses homens bêbados: “Irmandade universal! Somos todos iguais, portanto vamos formar uma seita”. Assim que você cria uma seita, você protesta contra a igualdade, e a igualdade não existe mais. Os maometanos falam de fraternidade universal, mas o que resulta disso na realidade? Ora, qualquer pessoa que não seja muçulmana não será admitida na irmandade; é mais provável que ele tenha a garganta cortada. Os cristãos falam de fraternidade universal; mas quem não é cristão deve ir para aquele lugar onde será eternamente assado.

E assim seguimos neste mundo em nossa busca pela fraternidade e igualdade universais. Quando vocês ouvirem esse tipo de conversa no mundo, peço que sejam um pouco reticentes, que se cuidem, pois por trás de toda essa conversa está muitas vezes o mais intenso egoísmo. "No inverno, às vezes, surge uma nuvem de trovão; ruge e ruge, mas não chove; mas na estação das chuvas as nuvens não falam, mas inundam o mundo com água." Portanto, aqueles que são realmente trabalhadores, e realmente sentem no coração a fraternidade universal dos homens, não falam muito, não fazem pequenas seitas pela fraternidade universal; mas os seus actos, os seus movimentos, toda a sua vida, mostram claramente que eles realmente possuem o sentimento de fraternidade pela humanidade, que têm amor e simpatia por todos. Eles não falam, eles falam e vivem. Este mundo está cheio de conversas barulhentas. Queremos um trabalho um pouco mais sério e menos conversa.

Até agora vemos que é difícil encontrar quaisquer características universais em relação à religião, mas sabemos que elas existem. Somos todos seres humanos, mas somos todos iguais? Certamente não. Quem disse que somos iguais? Só o lunático. Somos todos iguais em nossos cérebros, em nossos poderes, em nossos corpos? Um homem é mais forte que outro, um homem tem mais poder cerebral que outro. Se somos todos iguais, por que existe essa desigualdade? Quem fez isso? Nós. Porque temos mais ou menos poderes, mais ou menos cérebro, mais ou menos força física, isso deve fazer diferença entre nós. No entanto, sabemos que a doutrina da igualdade agrada ao nosso coração. Somos todos seres humanos; mas alguns são homens e alguns são mulheres. Aqui está um homem negro, ali está um homem branco; mas todos são homens, todos pertencem a uma só humanidade. Vários são os nossos rostos; Não vejo dois iguais, mas somos todos seres humanos. Onde está esta humanidade? Encontro um homem ou uma mulher, moreno ou louro; e entre todos esses rostos sei que existe uma humanidade abstrata que é comum a todos. Posso não encontrá-lo quando tento compreendê-lo, senti-lo e concretizá-lo, mas sei com certeza que ele está lá. Se de alguma coisa tenho certeza é desta humanidade que é comum a todos nós. É através desta entidade generalizada que vejo você como homem ou como mulher. O mesmo acontece com esta religião universal, que permeia todas as diversas religiões do mundo na forma de Deus; deve existir e existe por toda a eternidade. "Eu sou o fio que atravessa todas estas

pérolas”, e cada pérola é uma religião ou mesmo uma seita dela. Tais são as diferentes pérolas, e o Senhor é o fio que passa por todas elas; apenas a maioria da humanidade está totalmente inconsciente disso.

A unidade na variedade é o plano do universo. Somos todos homens e, no entanto, somos todos distintos uns dos outros. Como parte da humanidade, sou um com você e, como Sr. Fulano de Tal, sou diferente de você. Como homem, você está separado da mulher; como ser humano, você é um com a mulher. Como homem, você está separado do animal, mas como ser vivo, homem, mulher, animal e planta são todos um; e como existência, você é um com todo o universo. Essa existência universal é Deus, a Unidade última no universo. Nele somos todos um. Ao mesmo tempo, na manifestação, estas diferenças devem sempre permanecer. No nosso trabalho, nas nossas energias, à medida que se manifestam no exterior, estas diferenças devem sempre permanecer. Descobrimos então que se pela ideia de uma religião universal se entende que um conjunto de doutrinas deve ser acreditado por toda a humanidade, isso é totalmente impossível. Nunca poderá ser, nunca poderá haver um momento em que todos os rostos serão iguais. Novamente, se esperamos que exista uma mitologia universal, isso também é impossível; não pode ser. Nem pode haver um ritual universal. Tal estado de coisas nunca poderá existir; se isso acontecesse, o mundo seria destruído, porque a variedade é o primeiro princípio da vida. O que nos torna seres formados? Diferenciação. O equilíbrio perfeito seria a nossa destruição. Suponha que a quantidade de calor nesta sala, cuja tendência é para uma difusão igual e perfeita, obtenha esse tipo de difusão, então, para todos os efeitos práticos, esse calor deixará de existir. O que torna o movimento possível neste universo? Equilíbrio perdido. A unidade da mesmice só poderá surgir quando este universo for destruído, caso contrário, tal coisa seria impossível. Não só isso, seria perigoso tê-lo. Não devemos desejar que todos pensemos da mesma forma. Não haveria então pensamento para pensar. Deveríamos ser todos iguais, como as múmias egípcias num museu, olhando umas para as outras sem pensar. É esta diferença, esta diferenciação, esta perda de equilíbrio entre nós, que é a própria alma do nosso progresso, a alma de todo o nosso pensamento. Isto deve ser sempre.

O que quero dizer então com ideal de uma religião universal? Não me refiro a qualquer filosofia universal, ou a qualquer mitologia universal, ou a qualquer ritual universal mantido por todos; pois sei que este mundo deve continuar a funcionar, roda após roda, esta intrincada massa de máquinas, das mais complexas, das mais maravilhosas. O que podemos fazer então? Podemos fazê-lo funcionar suavemente, podemos diminuir o atrito, podemos lubrificar as rodas, por assim dizer. Como? Reconhecendo a necessidade natural da variação. Assim como reconhecemos a unidade pela nossa própria natureza, também devemos reconhecer a variação. Devemos aprender que a verdade pode ser expressa de centenas de milhares de maneiras, e que cada uma dessas maneiras é verdadeira até certo ponto. Devemos aprender que a mesma coisa pode ser vista de centenas de pontos de vista diferentes e que pode ser a mesma coisa. Tomemos por exemplo o sol. Suponhamos que um homem que está na terra olhe para o sol quando ele nasce pela manhã; ele vê uma grande bola. Suponha que ele inicie uma jornada em direção ao sol e leve consigo uma câmera, tirando fotos em todas as etapas de sua jornada, até chegar ao sol. As fotografias de cada etapa serão vistas como diferentes das das outras etapas; na verdade, quando volta, traz consigo tantas fotografias de tantos sóis diferentes, como parece; e ainda assim sabemos que o mesmo sol foi fotografado pelo homem nas diferentes fases do seu progresso. Mesmo assim acontece com o Senhor. Através da alta ou baixa filosofia, através da mitologia mais exaltada ou mais grosseira, através do ritualismo mais refinado ou do fetichismo mais flagrante, cada seita, cada alma, cada nação, cada religião, consciente ou inconscientemente, está lutando para cima, em direção a Deus; toda visão da verdade que o homem tem é uma visão Dele e de mais ninguém. Suponha que todos nós vamos com vasos nas mãos buscar água em um lago. Um tem um copo, outro uma jarra, outro um balde e assim por diante, e todos nós enchemos nossos recipientes. A água em cada caso assume naturalmente a forma do recipiente que cada um de nós carrega. Quem trouxe o copo tem a água em forma de copo; aquele que trouxe a jarra – sua água tem a forma de uma jarra, e assim por diante; mas, em todos os casos, água, e nada além de água, está no recipiente. O mesmo acontece no caso da religião; nossas mentes são como esses vasos, e cada um de nós está tentando chegar à realização de Deus. Deus é como aquela água enchendo esses diferentes vasos, e em cada vaso a visão de Deus vem

na forma do vaso. No entanto, Ele é Um. Ele é Deus em todos os casos. Este é o único reconhecimento de universalidade que podemos obter.

Até agora está tudo bem teoricamente. Mas existe alguma forma de concretizar de forma prática esta harmonia nas religiões? Descobrimos que este reconhecimento de que todas as diversas visões da religião são verdadeiras é muito antigo. Centenas de tentativas foram feitas na Índia, em Alexandria, na Europa, na China, no Japão, no Tibete e, finalmente, na América, para formular um credo religioso harmonioso, para fazer com que todas as religiões se unam no amor. Todos falharam porque não adoptaram nenhum plano prático. Muitos admitiram que todas as religiões do mundo estão certas, mas não mostram nenhuma forma prática de as unir, de modo a permitir que cada uma delas mantenha a sua própria individualidade na confluência. Só esse plano é prático, pois não destrói a individualidade de nenhum homem na religião e ao mesmo tempo mostra-lhe um ponto de união com todos os outros. Mas até agora, todos os planos de harmonia religiosa que foram tentados, embora propondo incluir todas as várias visões da religião, tentaram, na prática, ligá-los todos a algumas doutrinas, e assim produziram mais novas seitas. , lutando, lutando e empurrando uns contra os outros.

Eu também tenho meu pequeno plano. Não sei se vai funcionar ou não, e quero apresentá-lo para discussão. Qual é o meu plano? Em primeiro lugar, pediria à humanidade que reconhecesse esta máxima: “Não destrua”. Os reformadores iconoclastas não fazem bem ao mundo. Não quebre, não destrua nada, mas construa. Ajude, se puder; se não puder, cruze as mãos e fique parado e veja as coisas acontecerem. Não machuque se não puder prestar ajuda. Não diga uma palavra contra as convicções de qualquer homem, desde que sejam sinceras. Em segundo lugar, leve o homem onde ele está e, a partir daí, dê-lhe uma carona. Se for verdade que Deus é o centro de todas as religiões, e que cada um de nós está se movendo em direção a Ele ao longo de um desses raios, então é certo que todos nós devemos alcançar esse centro. E no centro, onde todos os raios se encontram, todas as nossas diferenças cessarão; mas até chegarmos lá, devem existir diferenças. Todos esses raios convergem para o mesmo centro. Um, segundo a sua natureza, viaja por uma dessas linhas, e outro, por outra; e se todos avançarmos segundo as nossas próprias linhas,

certamente chegaremos ao centro, porque “Todos os caminhos levam a Roma”. Cada um de nós cresce e se desenvolve naturalmente de acordo com sua própria natureza; com o tempo, cada um conhecerá a verdade mais elevada, pois, afinal, os homens devem ensinar a si mesmos. O que você e eu podemos fazer? Você acha que pode ensinar até uma criança? Você não pode. A criança ensina sozinha. Seu dever é proporcionar oportunidades e remover obstáculos. Uma planta cresce. Você faz a planta crescer? Seu dever é colocar uma cerca viva em volta dela e garantir que nenhum animal coma a planta, e aí termina seu dever. A planta cresce sozinha. O mesmo acontece com o crescimento espiritual de cada homem. Ninguém pode lhe ensinar; ninguém pode fazer de você um homem espiritual. Você tem que aprender sozinho; seu crescimento deve vir de dentro.

O que um professor externo pode fazer? Ele pode remover um pouco as obstruções e aí termina seu dever. Portanto ajude, se puder; mas não destrua. Desista de todas as ideias que você pode tornar os homens espirituais. É impossível. Não há outro professor para você além de sua própria alma. Reconheça isso. O que resulta disso? Na sociedade vemos tantas naturezas diferentes. Existem milhares e milhares de variedades de mentes e inclinações. Uma generalização completa deles é impossível, mas para o nosso propósito prático é suficiente caracterizá-los em quatro classes. Primeiro, existe o homem ativo, o trabalhador; ele quer trabalhar e há uma energia tremenda em seus músculos e nervos. O seu objectivo é trabalhar – construir hospitais, realizar obras de caridade, construir ruas, planejar e organizar. Depois, há o homem emotivo que ama o sublime e o belo em grau excessivo. Ele adora pensar no belo, apreciar o lado estético da natureza e adorar o Amor e o Deus do Amor. Ele ama de todo o coração as grandes almas de todos os tempos, os profetas das religiões e as Encarnações de Deus na terra; ele não se importa se a razão pode ou não provar que Cristo ou Buda existiram; ele não se importa com a data exata em que o Sermão da Montanha foi pregado, ou com o momento exato do nascimento de Krishna; o que ele cuida é de suas personalidades, de suas figuras adoráveis. Esse é o seu ideal. Esta é a natureza do amante, do homem emocional. Depois, há o místico cuja mente deseja analisar a si mesma, compreender o funcionamento da mente humana, quais são as forças que atuam internamente e como conhecê-las, manipulá-las e obter controle sobre elas. Esta é a mente mística. Depois, há o filósofo que quer pesar tudo e usar o seu intelecto mesmo além das possibilidades de toda a filosofia humana.

Ora, uma religião, para satisfazer a maior parte da humanidade, deve ser capaz de fornecer alimento a todos estes vários tipos de mentes; e onde esta capacidade falta, todas as seitas existentes tornam-se unilaterais. Suponha que você frequente uma seita que prega o amor e a emoção. Eles cantam e choram e pregam o amor. Mas assim que você diz: "Meu amigo, está tudo bem, mas quero algo mais forte do que isso - um pouco de razão e filosofia; quero entender as coisas passo a passo e de forma mais racional", eles dizem: "Saia" ; e eles não apenas pedem para você sair, mas também o mandariam para outro lugar, se pudessem. O resultado é que essa seita só

pode ajudar pessoas com mentalidade emocional. Eles não apenas não ajudam os outros, mas tentam destruí-los; e a parte mais perversa de tudo isso é que eles não apenas não ajudam os outros, mas também não acreditam na sua sinceridade. Novamente, há filósofos que falam da sabedoria da Índia e do Oriente e usam grandes termos psicológicos, com cinquenta sílabas, mas se um homem comum como eu for até eles e disser: "Vocês podem me dizer alguma coisa que me torne espiritual?" , a primeira coisa que fariam seria sorrir e dizer: "Oh, você está muito abaixo de nós em sua razão. O que você pode entender sobre espiritualidade?" Estes são filósofos de alto escalão. Eles simplesmente mostram a porta. Depois, há as seitas místicas que falam todo tipo de coisas sobre diferentes planos de existência, diferentes estados mentais, e o que o poder da mente pode fazer, e assim por diante; e se você for um homem comum e disser: "Mostre-me algo de bom que eu possa fazer; não sou muito dado a especulações; você pode me dar algo que me agrade?", eles sorrirão e dirão: "Ouça isso". tolo; ele não sabe nada, sua existência é para nada." E isso está acontecendo em todo o mundo. Eu gostaria de pegar os expoentes extremos de todas essas diferentes seitas, e trancá-los em uma sala, e fotografar seus lindos sorrisos zombeteiros!

Esta é a condição existente da religião, a condição existente das coisas. O que quero propagar é uma religião que seja igualmente aceitável para todas as mentes; deve ser igualmente filosófico, igualmente emocional, igualmente místico e igualmente propício à ação. Se vierem professores das faculdades, cientistas e físicos, eles cortejarão a razão. Deixe-os ter o quanto quiserem. Haverá um ponto além do qual pensarão que não podem ir, sem romper com a razão. Eles dirão: "Essas idéias de Deus e da salvação são supersticiosas, disfarce-as!" Eu digo: "Senhor Filósofo, este seu corpo é uma superstição maior. cadeira filosófica. Desista do corpo e, se não puder, chore e sente-se." Pois a religião deve ser capaz de mostrar como realizar a filosofia que nos ensina que este mundo é um, que existe apenas uma Existência no universo. Da mesma forma, se o místico vier, devemos recebê-lo, estar prontos para lhe dar a ciência da análise mental e demonstrá-la de forma prática diante dele. E se vierem pessoas emocionais, devemos sentar, rir e chorar com elas em nome do Senhor; devemos "beber o cálice do amor e enlouquecer". Se vier o trabalhador energético, devemos trabalhar com ele, com toda a energia que temos. E esta combinação será o

ideal da abordagem mais próxima de uma religião universal. Quisera Deus que todos os homens fossem constituídos de tal forma que em suas mentes todos esses elementos de filosofia, misticismo, emoção e trabalho estivessem igualmente presentes na íntegra! Esse é o ideal, o meu ideal de homem perfeito. Todo aquele que possui apenas um ou dois desses elementos de caráter, considero “unilateral”; e este mundo está quase cheio desses homens “unilaterais”, com conhecimento apenas daquele único caminho em que se movem; e qualquer outra coisa é perigosa e horrível para eles. Tornar-se harmoniosamente equilibrado em todas essas quatro direções é o meu ideal de religião. E esta religião é alcançada pelo que nós, na Índia, chamamos de Yoga – união entre os homens. e toda a humanidade; para o místico, entre seu Eu inferior e Superior, para o amante, a união entre ele e o Deus do Amor e para o filósofo é a união de toda a existência; Este é um termo sânscrito, e essas quatro divisões do Yoga têm nomes diferentes em sânscrito. O homem que busca esse tipo de união é chamado de Iogue. O trabalhador é chamado de Karma-Yogue. chamado de Bhakti-Yogi. Aquele que busca isso através do misticismo é chamado de Raja-Yogi. E aquele que busca isso através da filosofia é chamado de Jnâna-Yogi. Portanto, esta palavra Yogi compreende todos eles.

Agora, antes de mais nada, deixe-me praticar o Raja-Yoga. O que é esse Raja-Yoga, esse controle da mente? Neste país você está associando todos os tipos de duendes à palavra Yoga, receio. Portanto, devo começar dizendo que não tem nada a ver com essas coisas. Nenhum desses Yogas desiste da razão, nenhum deles pede que você seja enganado ou que entregue sua razão nas mãos de sacerdotes de qualquer tipo. Nenhum deles pede que você preste lealdade a qualquer mensageiro sobre-humano. Cada um deles diz para você se apegar à sua razão para se apegar a ela. Encontramos em todos os seres três tipos de instrumentos de conhecimento. O primeiro é o instinto, que se encontra mais desenvolvido nos animais; este é o instrumento mais baixo de conhecimento. Qual é o segundo instrumento de conhecimento? Raciocínio. Você descobre que isso é mais altamente desenvolvido no homem. Ora, em primeiro lugar, o instinto é um instrumento inadequado; para os animais, a esfera de ação é muito limitada e dentro desse limite atua o instinto. Quando você chega ao homem, você vê que ele se desenvolveu em grande parte na razão. A esfera de ação também foi ampliada aqui. No entanto, mesmo a razão ainda é muito

insuficiente. A razão só pode ir um pouco e depois pára, não pode ir mais longe; e se você tentar forçá-lo, o resultado será uma confusão impotente, a própria razão se tornará irracional. A lógica se torna um argumento em círculo. Tomemos, por exemplo, a própria base da nossa percepção, matéria e força. O que importa? Aquilo que é agido pela força. E forçar? Aquilo que atua sobre a matéria. Você vê a complicação, o que os lógicos chamam de gangorra, uma ideia dependendo da outra, e esta novamente dependendo daquilo. Você encontra uma barreira poderosa diante da razão, além da qual o raciocínio não pode ir; no entanto, sempre se sente impaciente para entrar na região do Infinito além. Este mundo, este universo que nossos sentidos sentem, ou que nossa mente pensa, é apenas um átomo, por assim dizer, do Infinito, projetado no plano da consciência; e dentro desse limite estreito, definido pela rede da consciência, funciona a nossa razão, e não além. Portanto, deve haver algum outro instrumento que nos leve além, e esse instrumento se chama inspiração. Portanto, instinto, razão e inspiração são os três instrumentos do conhecimento. O instinto pertence aos animais, a razão ao homem e a inspiração aos homens-Deus. Mas em todos os seres humanos encontram-se, numa condição mais ou menos desenvolvida, os germes de todos estes três instrumentos de conhecimento. Para que estes instrumentos mentais tenham evoluído, os germes devem estar presentes. E é preciso lembrar também que um instrumento é um desenvolvimento do outro e, portanto, não o contradiz. É a razão que se desenvolve em inspiração e, portanto, a inspiração não contradiz a razão, mas a preenche. Coisas que a razão não consegue alcançar são trazidas à luz pela inspiração; e não contradizem a razão. O velho não contradiz a criança, mas a realiza. Portanto, você deve sempre ter em mente que o grande perigo reside em confundir a forma inferior do instrumento com a superior. Muitas vezes o instinto é apresentado ao mundo como inspiração, e então surgem todas as reivindicações espúrias do dom de profecia. Um tolo ou um semilunático pensa que a confusão que ocorre em seu cérebro é inspiração e deseja que os homens o sigam. O absurdo irracional mais contraditório que tem sido pregado no mundo é simplesmente o jargão instintivo de cérebros lunáticos confusos tentando se passar pela linguagem da inspiração.

O primeiro teste do verdadeiro ensino deve ser que o ensino não contradiga a razão. E você pode ver que esta é a base de todos esses Yogas. Tomamos o Raja-Yoga, o Yoga psicológico, o caminho psicológico para a união. É um

assunto vasto, e só posso apontar-vos agora a ideia central deste Yoga. Temos apenas um método de adquirir conhecimento. Do homem inferior ao Yogi mais elevado, todos devem usar o mesmo método; e esse método é chamado de concentração. O químico que trabalha em seu laboratório concentra todos os poderes de sua mente, concentra-os em um único foco e lança-os sobre os elementos; e os elementos são analisados, e assim surge o seu conhecimento. O astrônomo também concentrou os poderes de sua mente e os reuniu em um só foco; e ele os joga em objetos através de seu telescópio; e estrelas e sistemas avançam e revelam seus segredos a ele. O mesmo acontece em todos os casos – com o professor na sua cadeira, o estudante com o seu livro – com cada homem que está a trabalhar para saber. Você está me ouvindo, e se minhas palavras lhe interessarem, sua mente ficará concentrada nelas; e então suponha que um relógio bata, você não o ouvirá, por causa dessa concentração; e quanto mais você for capaz de concentrar sua mente, melhor você me compreenderá; e quanto mais eu concentrar meu amor e meus poderes, melhor poderei expressar o que quero transmitir a vocês. Quanto maior esse poder de concentração, mais conhecimento se adquire, pois este é o único método de aquisição de conhecimento. Mesmo o engraxate mais baixo, se der mais concentração, ficará melhor com os sapatos pretos; o cozinheiro com concentração preparará uma refeição ainda melhor. Ao ganhar dinheiro, ou ao adorar a Deus, ou ao fazer qualquer coisa, quanto mais forte for o poder de concentração, melhor será feito. Este é o único chamado, a única batida, que abre os portões da natureza e deixa escapar torrentes de luz. Este, o poder da concentração, é a única chave para o tesouro do conhecimento. O sistema de Raja-Yoga trata quase exclusivamente disso. No estado atual do nosso corpo estamos muito distraídos, e a mente está desperdiçando suas energias em uma centena de tipos de coisas. Assim que tento acalmar meus pensamentos e concentrar minha mente em qualquer objeto de conhecimento, milhares de impulsos indesejados invadem o cérebro, milhares de pensamentos invadem a mente e a perturbam. Como verificar isso e manter a mente sob controle é todo o tema de estudo do Raja-Yoga.

Agora tomemos Karma-Yoga, a obtenção de Deus através do trabalho. É evidente que na sociedade existem muitas pessoas que parecem ter nascido para uma espécie de actividade ou outra, cujas mentes não podem concentrar-se apenas no plano do pensamento, e que têm apenas uma ideia,

concretizada no trabalho, visível e tangível. Deve haver uma ciência para esse tipo de vida também. Cada um de nós está envolvido em algum trabalho, mas a maioria de nós desperdiça a maior parte de nossas energias, porque não conhecemos o segredo do trabalho. Karma-Yoga explica este segredo e ensina onde e como trabalhar, como empregar com maior vantagem a maior parte de nossas energias no trabalho que está diante de nós. Mas com este segredo devemos levar em consideração a grande objecção contra o trabalho, nomeadamente a de que causa dor. Toda miséria e dor vêm do apego. Quero trabalhar, quero fazer o bem a um ser humano; e é noventa para um que aquele ser humano a quem ajudei se mostrará ingrato e se voltará contra mim; e o resultado para mim é dor. Tais coisas impedem a humanidade de trabalhar; e estraga boa parte do trabalho e da energia da humanidade, esse medo da dor e da miséria. Karma-Yoga nos ensina como trabalhar pelo trabalho, desapegado, sem nos importar com quem é ajudado e para quê. O Karma-Yogue trabalha porque é da sua natureza, porque sente que é bom para ele fazê-lo, e não tem outro objetivo além disso. Sua posição neste mundo é a de um doador, e ele nunca se preocupa em receber nada. Ele sabe que está dando e não pede nada em troca e, portanto, escapa às garras da miséria. A compreensão da dor, sempre que surge, é o resultado da reação de “apego”.

Existe então o Bhakti-Yoga para o homem de natureza emocional, o amante. Ele quer amar a Deus, ele confia e usa todos os tipos de rituais, flores, incenso, belos edifícios, formas e todas essas coisas. Você quer dizer que eles estão errados? Um fato devo lhe contar. É bom que você se lembre, especialmente neste país, que os grandes gigantes espirituais do mundo foram todos produzidos apenas por seitas religiosas que possuíam mitologia e rituais muito ricos. Todas as seitas que tentaram adorar a Deus sem qualquer forma ou cerimônia esmagaram sem piedade tudo o que há de belo e sublime na religião. A religião deles é, na melhor das hipóteses, um fanatismo, uma coisa árida. A história do mundo é uma testemunha permanente deste facto. Portanto, não despreze esses rituais e mitologias. Deixe que as pessoas os tenham; deixe que aqueles que assim o desejarem os tenham. Não exiba aquele sorriso indigno e zombeteiro e diga: "Eles são tolos; deixe-os ficar com isso". Não tão; os maiores homens que vi em minha vida, os mais maravilhosamente desenvolvidos em espiritualidade, passaram todos pela disciplina desses rituais. Não me considero digno de

sentar-me aos pés deles e de criticá-los! Como posso saber como essas ideias agem sobre as mentes humanas, quais delas devo aceitar e quais devo rejeitar? Estamos aptos a criticar tudo no mundo: sem justificativa suficiente. Deixe as pessoas terem toda a mitologia que quiserem, com suas lindas inspirações; pois você deve sempre ter em mente que as naturezas emocionais não se importam com definições abstratas da verdade. Deus para eles é algo tangível, a única coisa real; eles O sentem, ouvem, vêem e O amam. Deixe-os ter seu Deus. Seu racionalista parece-lhes ser como o tolo que, quando viu uma bela estátua, quis quebrá-la para descobrir de que material ela era feita. Bhakti-Yoga: ensina-os a amar, sem segundas intenções, amando a Deus e amando o bem porque é bom fazê-lo, não para ir para o céu, nem para conseguir filhos, riquezas, ou qualquer outra coisa. Ensina-lhes que o próprio amor é a maior recompensa do amor – que o próprio Deus é amor. Ensina-os a prestar todo tipo de homenagem a Deus como o Criador, o Onipresente, Onisciente, Governante Todo-Poderoso, o Pai e a Mãe. A frase mais elevada que pode expressá-Lo, a ideia mais elevada que a mente humana pode conceber Dele, é que Ele é o Deus do Amor. Onde quer que haja amor, é Ele. “Onde há amor, é Ele, o Senhor está presente ali”. Onde o marido beija a esposa, Ele está no beijo; onde a mãe beija o filho, Ele está ali no beijo; onde os amigos se dão as mãos, Ele, o Senhor, está presente como o Deus do Amor. Quando um grande homem ama e deseja ajudar a humanidade, Ele está dando gratuitamente Sua generosidade por meio de Seu amor à humanidade. Onde quer que o coração se expanda, Ele se manifesta. Isto é o que o Bhakti-Yoga ensina.

Chegamos finalmente ao Jnana-Yogi, o filósofo, o pensador, aquele que quer ir além do visível. Ele é o homem que não se satisfaz com as pequenas coisas deste mundo. Sua ideia é ir além da rotina diária de comer, beber e assim por diante; nem mesmo o ensino de milhares de livros o satisfará. Nem todas as ciências irão satisfazê-lo; na melhor das hipóteses, eles apenas trazem este pequeno mundo diante dele. O que mais lhe dará satisfação? Nem mesmo miríades de sistemas de mundos irão satisfazê-lo; eles são para ele apenas uma gota no oceano da existência. Sua alma deseja ir além de tudo isso até o âmago do ser, vendo a Realidade como Ela é; percebendo-O, sendo-O, tornando-se um com esse Ser Universal. Esse é o filósofo. Dizer que Deus é o Pai ou a Mãe, o Criador deste universo, seu Protetor e Guia, é para ele bastante inadequado para expressá-Lo. Para ele,

Deus é a vida da sua vida, a alma da sua alma. Deus é o seu próprio Eu. Nada mais resta que não seja Deus. Todas as suas partes mortais são atingidas pelos golpes pesados da filosofia e são eliminadas. O que finalmente permanece verdadeiramente é o próprio Deus.

Na mesma árvore há dois pássaros, um em cima e outro embaixo. O que está no topo é calmo, silencioso e majestoso, imerso em sua própria glória; aquele que está nos galhos mais baixos, comendo alternadamente frutas doces e amargas, pulando de galho em galho, torna-se alternadamente feliz e infeliz. Depois de um tempo, o pássaro inferior come uma fruta excepcionalmente amarga e fica enojado e olha para cima e vê o outro pássaro, aquele pássaro maravilhoso de plumagem dourada, que não come frutas doces nem amargas, que não é nem feliz nem infeliz, mas calmo, auto-suficiente. centrado e não vê nada além do seu Eu. O pássaro inferior anseia por essa condição, mas logo a esquece e novamente começa a comer os frutos. Em pouco tempo, ele come outra fruta excepcionalmente amarga, o que o deixa infeliz, e ele novamente olha para cima e tenta se aproximar do pássaro de cima. Mais uma vez ele esquece e depois de um tempo olha para cima, e assim por diante ele continua de novo e de novo, até que chega muito perto do lindo pássaro e vê o reflexo da luz de sua plumagem brincando em torno de seu próprio corpo, e ele sente uma mudança. e parece derreter; ele se aproxima ainda mais, e tudo nele se desfaz, e finalmente ele compreende essa mudança maravilhosa. O pássaro inferior era, por assim dizer, apenas a sombra de aparência substancial, o reflexo do superior; ele próprio era, em essência, o pássaro superior o tempo todo. Esse comer frutas, doces e amargas, esse passarinho inferior, chorando e feliz alternadamente, era uma vã quimera, um sonho: o tempo todo, o verdadeiro pássaro estava lá em cima, calmo e silencioso, glorioso e majestoso, além da dor, além da tristeza. O pássaro superior é Deus, o Senhor deste universo; e o pássaro inferior é a alma humana, comendo os frutos doces e amargos deste mundo. De vez em quando vem um duro golpe na alma. Por um tempo, ele para de comer e vai em direção ao Deus desconhecido, e uma inundação de luz vem. Ele pensa que este mundo é um espetáculo vão. Mais uma vez os sentidos o arrastam para baixo e ele começa como antes a comer os frutos doces e amargos do mundo. Mais uma vez, ocorre um golpe excepcionalmente forte. O seu coração abre-se novamente à luz divina; assim, gradualmente ele se aproxima de Deus e, à

medida que se aproxima cada vez mais, percebe que seu antigo eu se desfaz. Quando ele se aproxima o suficiente, ele vê que não é outro senão Deus, e exclama: "Aquele que eu descrevi para você como a Vida deste universo, como presente no átomo, e nos sóis e nas luas - Ele é a base de nossa própria vida, a Alma de nossa alma. Não, tu és Isso. Isto é o que este Jnana-Yoga ensina. Diz ao homem que ele é essencialmente divino. Mostra à humanidade a real unidade do ser, e que cada um de nós é o próprio Senhor Deus, manifestado na terra. Todos nós, desde o verme mais inferior que rasteja sob nossos pés até os seres mais elevados, para quem olhamos com admiração e admiração - todos somos manifestações do mesmo Senhor.

Por último, é imperativo que todos estes vários Yogas sejam realizados na prática; meras teorias sobre eles não farão nenhum bem. Primeiro temos que ouvir falar deles, depois temos que pensar sobre eles. Temos que raciocinar os pensamentos, gravá-los em nossas mentes, e temos que meditar sobre eles, realizá-los, até que finalmente se tornem toda a nossa vida. A religião não continuará mais a ser um conjunto de ideias ou teorias, nem um assentimento intelectual; ele entrará em nosso próprio eu. Por meio do consentimento intelectual podemos hoje concordar com muitas coisas tolas e mudar completamente de ideia amanhã. Mas a verdadeira religião nunca muda. A religião é realização; nem conversa, nem doutrina, nem teorias, por mais belas que sejam. É ser e se tornar, não ouvir ou reconhecer; é toda a alma transformada naquilo em que acredita. Isso é religião.

2.6.7 O SEGREDO ABERTO

(Entregue em Los Angeles, Califórnia, 5 de janeiro de 1900)

Qualquer que seja o caminho que tomemos na tentativa de compreender as coisas na sua realidade, se analisarmos suficientemente, descobriremos que finalmente chegamos a um estado peculiar de coisas, aparentemente uma contradição: algo que a nossa razão não consegue compreender e que, no entanto, é um facto. Pegamos algo – sabemos que é finito; mas assim que começamos a analisá-lo, ele nos leva além da nossa razão, e nunca

encontramos um fim para todas as suas qualidades, suas possibilidades, seus poderes, suas relações. Tornou-se infinito. Pegue até mesmo uma flor comum, que é bastante finita; mas quem pode dizer que sabe tudo sobre a flor? Não há possibilidade de alguém chegar ao fim do conhecimento sobre aquela flor. A flor tornou-se infinita – a flor que, para começar, era finita. Pegue um grão de areia. Analise-o. Começamos com a suposição de que é finito e, finalmente, descobrimos que não é, é infinito; mesmo assim, nós o consideramos finito. A flor é tratada de forma semelhante como algo finito.

O mesmo acontece com todos os nossos pensamentos e experiências, físicas e mentais. Começamos, podemos pensar, em pequena escala, e as compreendemos como pequenas coisas; mas logo eles escapam ao nosso conhecimento e mergulham no abismo do infinito. E a maior e a primeira coisa percebida somos nós mesmos. Também estamos no mesmo dilema sobre a existência. Nós existimos. Vemos que somos seres finitos. Vivemos e morremos. Nosso horizonte é estreito. Estamos aqui, limitados, confrontados com o universo ao nosso redor. A natureza pode nos eliminar da existência em um momento. Nossos pequenos corpos são mantidos juntos, prontos para se despedaçar a qualquer momento. Nós sabemos isso. Na região de ação como somos impotentes! Nossa vontade está sendo frustrada a cada passo. Tantas coisas que queremos fazer e quão poucas podemos fazer! Não há limite para a nossa vontade. Podemos querer tudo, querer tudo, podemos desejar ir para a estrela do cachorro. Mas quão poucos dos nossos desejos podem ser realizados! O corpo não permitirá isso. Bem, a natureza é contra a realização da nossa vontade. Somos fracos. O que é verdade para a flor, para o grão de areia, para o mundo físico e para cada pensamento, é cem vezes mais verdadeiro para nós mesmos. Também estamos no mesmo dilema da existência, sendo finitos e infinitos ao mesmo tempo. Somos como ondas no oceano; a onda é o oceano e ainda assim não é o oceano. Não há nenhuma parte da onda da qual você não possa dizer: “É o oceano”. O nome “oceano” aplica-se à onda e igualmente a todas as outras partes do oceano, e ainda assim está separado do oceano. Portanto, neste oceano infinito de existência, somos como pequenas ondas. Ao mesmo tempo, quando queremos realmente compreender a nós mesmos, não podemos – nos tornamos o infinito.

Parece que estamos caminhando em sonhos. Os sonhos estão bem numa mente onírica; mas assim que você quiser agarrar um deles, ele desaparecerá. Por que? Não que fosse falso, mas porque está além do poder da razão, do poder do intelecto para compreendê-lo. Tudo nesta vida é tão vasto que o intelecto não é nada comparado a ele. Recusa-se a obedecer às leis do intelecto! Ri da escravidão que o intelecto quer espalhar ao seu redor. E isso acontece mil vezes mais com a alma humana. "Nós mesmos" — este é o maior mistério do universo.

Como tudo isso é maravilhoso! Olhe para o olho humano. Quão facilmente ele pode ser destruído e, ainda assim, os maiores sóis existem apenas porque seus olhos os veem. O mundo existe porque seus olhos certificam que ele existe. Pense nesse mistério! Esses pobres olhinhos! Uma luz forte, ou um alfinete, pode destruí-los. No entanto, os mais poderosos motores de destruição, os cataclismos mais poderosos, a mais maravilhosa das existências, milhões de sóis, estrelas, luas e terra - todos dependem, para a sua existência, e têm de ser certificados por estas duas pequenas coisas! Dizem: "Natureza, você existe", e acreditamos que a natureza existe. Assim, com todos os nossos sentidos.

O que é isso? Onde está a fraqueza? Quem é forte? O que é ótimo e o que é pequeno? O que é alto e o que é baixo nesta maravilhosa interdependência de existência onde o menor átomo é necessário para a existência do todo? Quem é grande e quem é pequeno? Já é impossível descobrir! E porque? Porque nenhum é grande e nenhum é pequeno. Todas as coisas são interpenetradas por esse oceano infinito; a realidade deles é infinita; e tudo o que existe na superfície é apenas infinito. A árvore é infinita; assim como tudo o que você vê ou sente — cada grão de areia, cada pensamento, cada alma, tudo o que existe, é infinito. Infinito é finito e finito infinito. Esta é a nossa existência.

Agora, tudo isso pode ser verdade, mas todo esse sentimento após o Infinito é atualmente em grande parte inconsciente. Não é que tenhamos esquecido a nossa natureza infinita: ninguém jamais poderá fazer isso. Quem pode pensar que pode ser aniquilado? Quem pode pensar que ele vai morrer? Ninguém pode. Toda a nossa relação com o Infinito atua em nós

inconscientemente. De certa forma, portanto, esquecemos o nosso verdadeiro ser, e daí vem toda essa miséria.

Na vida prática diária somos prejudicados por pequenas coisas; somos escravizados por pequenos seres. A miséria surge porque pensamos que somos finitos – somos pequenos seres. E, no entanto, como é difícil acreditar que somos seres infinitos! No meio de toda essa miséria e problemas, quando uma pequena coisa pode me desequilibrar, devo ter o cuidado de acreditar que sou infinito. E o facto é que o somos, e que consciente ou inconscientemente estamos todos à procura de algo que é infinito; estamos sempre em busca de algo que seja gratuito.

Nunca houve uma raça humana que não tivesse uma religião e adorasse algum tipo de Deus ou deuses. Se Deus ou os deuses existiram ou não, não há dúvida; mas qual é a análise desse fenómeno psicológico? Por que todo o mundo está tentando encontrar ou buscando um Deus? Por que? Porque apesar de toda esta escravidão, apesar da natureza e desta tremenda energia da lei nos oprimir, nunca nos permitindo virar para qualquer lado - onde quer que vamos, o que quer que queiramos fazer, somos frustrados por esta lei, que é em todos os lugares – apesar de tudo isso, a alma humana nunca esquece a sua liberdade e está sempre em busca dela. A busca pela liberdade é a busca de todas as religiões; quer saibam ou não, quer consigam formulá-la bem ou mal, a ideia está aí. Até o homem mais inferior, o mais ignorante, procura algo que tenha poder sobre as leis da natureza. Ele quer ver um demônio, um fantasma, um deus – alguém que possa subjugar a natureza, para quem a natureza não seja onipotente, para quem não haja lei. "Oh, para alguém que pode infringir a lei!" Esse é o grito que vem do coração humano. Estamos sempre em busca de alguém que infrinja a lei. O motor acelerado acelera ao longo da ferrovia; o pequeno verme sai do seu caminho. Dizemos imediatamente: “O motor é matéria morta, uma máquina; e o verme está vivo”, porque o verme tentou infringir a lei. O motor, com toda a sua potência e poder, nunca poderá infringir a lei. Foi feito para ir em qualquer direção que o homem queira, e não pode fazer de outra forma; mas o verme, por menor que fosse, tentou infringir a lei e evitar o perigo. Tentou afirmar-se contra a lei, afirmar a sua liberdade; e havia nele o sinal do futuro Deus.

Em todos os lugares vemos esta afirmação de liberdade, esta liberdade da alma. Ela se reflete em todas as religiões na forma de Deus ou deuses; mas ainda é tudo externo – para quem só vê os deuses lá fora. O homem decidiu que ele não era nada. Ele tinha medo de nunca ser livre; então ele foi procurar alguém fora da natureza que fosse livre. Então ele pensou que havia muitos e muitos seres livres e gradualmente fundiu todos eles em um Deus dos deuses e Senhor dos senhores. Mesmo isso não o satisfaz. Ele chegou um pouco mais perto da verdade, um pouco mais perto; e então gradualmente descobriu que, fosse o que fosse, ele estava de alguma forma ligado ao Deus dos deuses e ao Senhor dos senhores; que ele, embora se considerasse limitado, baixo e fraco, estava de alguma forma conectado com aquele Deus dos deuses. Então lhe vieram visões; o pensamento surgiu e o conhecimento avançou. E ele começou a se aproximar cada vez mais daquele Deus, e finalmente descobriu que Deus e todos os deuses, todo esse fenômeno psicológico conectado com a busca por uma alma livre e todo-poderosa, era apenas um reflexo de sua própria ideia de si mesmo. . E então, finalmente, ele descobriu que não só era verdade que “Deus fez o homem à sua própria imagem”, mas que também era verdade que o homem fez Deus à sua própria imagem. Isso trouxe à tona a ideia da liberdade divina. O Ser Divino sempre esteve dentro, o mais próximo dos próximos. Aquele que sempre procurávamos lá fora, e finalmente descobrimos que Ele está no coração de nossos corações. Você deve conhecer a história do homem que confundiu o batimento cardíaco com alguém batendo na porta, foi até a porta e abriu, mas não encontrou ninguém lá, então voltou. Novamente ele pareceu ouvir uma batida na porta, mas não havia ninguém lá. Então ele entendeu que eram as batidas do seu próprio coração e interpretou erroneamente isso como uma batida na porta. Da mesma forma, o homem depois de sua busca descobre que esta liberdade infinita que ele colocava na imaginação o tempo todo na natureza externa é o sujeito interno, a Alma eterna das almas; esta Realidade, ele mesmo.

Assim, finalmente ele reconhece esta maravilhosa dualidade da existência: o sujeito, infinito e finito em um – o Ser Infinito é também a mesma alma finita. O Infinito está preso, por assim dizer, nas malhas do intelecto e aparentemente se manifesta como seres finitos, mas a realidade permanece inalterada.

Este é, portanto, o verdadeiro conhecimento: que a Alma de nossas almas, a Realidade que está dentro de nós, é Aquilo que é imutável, eterno, sempre abençoado, sempre livre. Este é o único terreno sólido onde podemos permanecer.

Este é, então, o fim de toda morte, o advento de toda imortalidade, o fim de toda miséria. E aquele que vê Aquele entre muitos, Aquele imutável no universo da mudança, aquele que O vê como a Alma de sua alma, a ele pertence a paz eterna - a mais ninguém.

E no meio das profundezas da miséria e da degradação, a Alma envia um raio de luz, e o homem acorda e descobre que o que é realmente seu, ele nunca poderá perder. Não, nunca podemos perder o que é realmente nosso. Quem pode perder o seu ser? Quem pode perder a sua própria existência? Se eu sou bom, é primeiro a existência, e então isso fica colorido com a qualidade da bondade. Se eu sou mau, é primeiro a existência, e isso fica colorido com a qualidade da maldade. Essa existência é a primeira, a última e sempre; nunca está perdido, mas está sempre presente.

Portanto, há esperança para todos. Ninguém pode morrer; ninguém pode ser degradado para sempre. A vida é apenas um playground, por mais grosseira que seja a brincadeira. Por mais que recebamos golpes e por mais que estejamos abatidos, a Alma está lá e nunca é ferida. Nós somos esse Infinito.

Assim cantou um Vedantin: "Nunca tive medo nem dúvida. A morte nunca veio até mim. Nunca tive pai ou mãe: pois nunca nasci. Onde estão meus inimigos? - pois eu sou Tudo. Eu sou a Existência e o Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta, eu sou Isso. Raiva, luxúria e ciúme, pensamentos malignos e todas essas coisas, nunca vieram a mim; "

Esse é o remédio para todas as doenças, o néctar que cura a morte. Aqui estamos neste mundo e a nossa natureza rebela-se contra ele. Mas repitamos: "Eu sou Isso; eu sou Isso. Não tenho medo, nem dúvida, nem morte. Não tenho sexo, nem credo, nem cor. Que credo posso ter? Que seita existe à qual devo pertencer?" pertencer? Que seita pode me segurar? Eu estou em todas as seitas!"

Por mais que o corpo se rebele, por mais que a mente se rebele, no meio da escuridão total, no meio das torturas agonizantes, no desespero extremo, repita isso, uma, duas, três vezes, sempre mais. A luz vem suavemente, lentamente, mas certamente vem.

Muitas vezes estive nas garras da morte, morrendo de fome, com os pés doloridos e cansado; durante dias e dias eu não tinha comido e muitas vezes não conseguia andar mais; Eu afundaria debaixo de uma árvore e a vida pareceria desaparecer. Eu não conseguia falar, mal conseguia pensar, mas por fim a mente voltou à ideia: “Não tenho medo nem morte; nunca tenho fome nem sede. é meu servo. Afirme sua força, Senhor dos senhores e Deus dos deuses! Levante-se e caminhe e não pare! E eu me levantaria, revigorado, e aqui estou, vivendo, hoje. Assim, sempre que a escuridão chegar, afirme a realidade e tudo o que for adverso deverá desaparecer. Afinal, é apenas um sonho. Por mais altas que as dificuldades pareçam, por mais terríveis e sombrias que todas as coisas pareçam, elas são apenas Mâyâ. Não tema – está banido. Esmague-o e ele desaparecerá. Carimbe-o e ele morre. Não tenha medo. Não pense quantas vezes você falha. Deixa para lá. O tempo é infinito. Vá em frente: afirme-se continuamente, e a luz deverá chegar. Você pode orar a todos que já nasceram, mas quem virá ajudá-lo? E o que dizer do caminho da morte do qual ninguém sabe como escapar? Ajude-se sozinho. Ninguém mais pode te ajudar, amigo. Pois só você é o seu maior inimigo, só você é o seu maior amigo. Apodere-se do Ser, então. Ficar de pé. Não tenha medo. No meio de todas as misérias e de todas as fraquezas, deixe o Eu sair, por mais tênue e imperceptível que seja a princípio. Você ganhará coragem e, finalmente, como um leão, rugirá: "Eu sou Isso! Eu sou Isso!" "Não sou homem, nem mulher, nem deus, nem demônio; não, nem nenhum dos animais, plantas ou árvores. Não sou pobre nem rico, nem erudito nem ignorante. Todas essas coisas são muito pequenas. comparado com o que sou: pois eu sou isso! Eis o sol, a lua e as estrelas: eu sou a luz que brilha neles! ! Pois, eu sou isso!

"Quem pensa que sou pequeno engana-se, pois o Eu é tudo o que existe. O sol existe porque eu declaro que existe, o mundo existe porque eu declaro que existe. Sem mim eles não podem permanecer, pois eu sou Existência, Conhecimento, e Bem-aventurança Absoluta – sempre feliz, sempre puro, sempre belo. Eis que o sol é a causa de nossa visão, mas ele próprio nunca é

afetado por nenhum defeito nos olhos de ninguém, mesmo assim estou trabalhando em tudo. órgãos, trabalhando através de tudo, mas nunca o bem e o mal do trabalho se ligam a mim. Para mim não há lei, nem Karma. Eu possuo as leis do Karma que sempre fui e sempre sou.

"Meu verdadeiro prazer nunca esteve nas coisas terrenas - no marido, na esposa, nos filhos e em outras coisas. Pois sou como o céu azul infinito: nuvens de muitas cores passam sobre ele e brincam por um segundo; elas se afastam, e há o mesmo azul imutável, a felicidade e a miséria, o bem e o mal, podem envolver-me por um momento, velando o Ser; mas eu ainda estou lá. Eles passam porque são mutáveis. Eu sei que é finito, portanto deve morrer. Se o mal vier, sei que é finito, só eu sou infinito e intocado por qualquer coisa. — Assim canta um dos nossos poetas.

Bebamos deste cálice, deste cálice que leva a tudo que é imortal, a tudo que é imutável. Não tema. Não acredite que somos maus, que somos finitos. que podemos morrer. Não é verdade.

"Isso deve ser ouvido, depois pensado e depois meditado." Quando as mãos trabalham,. a mente deveria repetir: "Eu sou Isso. Eu sou Isso." Pense nisso, sonhe com isso, até que se torne osso dos seus ossos e; carne de sua carne, até que todos os sonhos horríveis de pequenez, de fraqueza, de miséria e de maldade tenham desaparecido completamente, e então a Verdade não poderá mais ser escondida de você nem por um momento.

2.6.8 O CAMINHO PARA A BÊNÇÃO

Vou lhe contar uma história dos Vedas esta noite. Os Vedas são as escrituras sagradas dos hindus e constituem uma vasta coleção de literatura, cuja última parte é chamada de Vedanta, que significa o fim dos Vedas. Trata das teorias neles contidas e, mais especialmente, da filosofia com a qual estamos preocupados. Está escrito em sânscrito arcaico, e você deve lembrar que foi escrito há milhares de anos. Havia um certo homem que queria fazer um grande sacrifício. Na religião dos hindus, o sacrifício desempenha um papel importante. Existem vários tipos de sacrifícios. Eles fazem altares e derramam oblações no fogo, e repetem vários hinos e assim

por diante; e no final do sacrifício eles fazem uma doação aos brâmanes e aos pobres. Cada sacrifício tem seu dom peculiar. Houve um sacrifício, onde tudo o que um homem possuía tinha que ser abandonado. Ora, este homem, embora rico, era avarento e ao mesmo tempo queria obter um grande nome por ter feito este sacrifício tão difícil. E quando ele fez esse sacrifício, em vez de abrir mão de tudo que tinha, ele deu apenas suas vacas cegas, mancadas e velhas que nunca mais dariam leite. Mas ele tinha um filho chamado Nachiketas, um jovem inteligente, que, observando as pobres doações feitas por seu pai, e ponderando sobre o demérito que certamente resultaria para ele, resolveu compensá-las fazendo uma doação de si mesmo. . Então ele foi até seu pai e disse: “E a quem você vai me dar?” O pai não respondeu ao menino, e o menino perguntou uma segunda e uma terceira vez, quando o pai ficou irritado e disse: “Tu eu dou a Yama, a ti eu dou à Morte”. E o menino foi direto para o reino de Yama. Yama não estava em casa, então esperou lá. Depois de três dias, Yama veio e disse-lhe: "Ó brâmane, tu és meu convidado, e estás aqui há três dias sem comida. Eu te saúdo, e para te retribuir por este problema, eu te concederei três bênçãos." Então o menino pediu a primeira bênção: “Que a raiva de meu pai contra mim se acalme”, e a segunda bênção foi que ele queria saber sobre um certo sacrifício. E então veio o terceiro benefício. "Quando um homem morre, surge a pergunta: o que acontece com ele: algumas pessoas dizem que ele deixa de existir. Outras dizem que ele existe. Por favor, diga-me qual é a resposta. Este é o terceiro benefício que desejo." Então a Morte respondeu: "Os deuses nos tempos antigos tentaram desvendar o mistério; este mistério é tão delicado que é difícil saber. Peça algum outro benefício: não pergunte este. Peça uma vida longa de cem anos. Peça gado e cavalos, peça grandes reinos. Não me pressione para responder isso, seja o que for que o homem deseje para seu prazer, peça tudo isso e eu o cumprirei, mas não quero saber esse segredo. “Não, senhor”, disse o menino, “o homem não deve ficar satisfeito com a riqueza; se a riqueza fosse desejada, deveríamos obtê-la, se ao menos tivéssemos visto você. Também viveremos enquanto você governar. Que mortal decadente, vivendo no mundo inferior e possuidor de conhecimento, tendo obtido a companhia dos imortais e imortais, deleitaria-se com uma vida longa, conhecendo a natureza do prazer produzido pela música e pelo esporte? Portanto, conte-me este segredo sobre o grande futuro, não quero mais nada; é isso que Nachiketas quer, o mistério da morte." Então o Deus da morte ficou satisfeito. Temos dito nas últimas duas

ou três palestras que este Jnâna prepara a mente. Então você vê aqui que a primeira preparação é que um homem não deve desejar nada além da verdade, e a verdade pela verdade. Veja como esse menino rejeitou todos esses presentes que a Morte lhe ofereceu, apenas o conhecimento; , a verdade. Somente assim a verdade pode vir. O Deus da morte ficou satisfeito. "Aqui estão dois caminhos", disse ele, "um de prazer, o outro de bem-aventurança. Esses dois atraem a humanidade de várias maneiras. Torna-se um sábio aquele que, destes dois, adota aquilo que leva à bem-aventurança, e degenera aquele que segue o caminho do prazer. Eu te louvo, Nachiketas; você não pediu desejo. De várias maneiras eu tentei você no caminho do prazer; você resistiu a todos eles, você sabia que o conhecimento é muito superior a uma vida de prazer.

"Você entendeu que o homem que vive na ignorância e desfruta, não é diferente da besta bruta. No entanto, há muitos que, embora mergulhados na ignorância, no orgulho de seus corações, pensam que são grandes sábios e andam por aí e por aí. girando de muitas maneiras tortuosas, como os cegos conduzidos pelos cegos. Esta verdade, Nachiketas, nunca brilha no coração daqueles que são como crianças ignorantes, iludidas por alguns pedaços de terra. Eles não entendem este mundo, nem o outro. mundo. Eles negam isto e o outro, e assim repetidamente ficam sob meu controle. Muitos nem sequer têm a oportunidade de ouvir sobre isso e muitos, embora ouçam, não podem saber disso, porque o professor deve ser maravilhoso; Seja maravilhoso também aquele a quem o conhecimento é levado. Se o orador for um homem que não é muito avançado, então, mesmo ouvido cem vezes e ensinado cem vezes, a verdade nunca ilumina a alma. argumentos, Nachiketas; esta verdade só se torna refulgente no coração que foi purificado. Aquele que não pode ser visto sem a maior dificuldade, Aquele que está escondido, Aquele que entrou na caverna do coração dos corações — o Ancião — não pode ser visto com os olhos externos; vendo-O com os olhos da alma, renunciamos ao prazer e à dor. Aquele que conhece este segredo abandona todos os seus desejos vãos e alcança esta percepção superfina e, assim, torna-se sempre abençoado. Nachiketas, esse é o caminho para a bem-aventurança. Ele está além de toda virtude, além de todo vício, além de todos os deveres, além de todos os não-deveres, além de toda existência, além de tudo o que há de ser; quem sabe disso, só sabe. Aquele a quem todos os Vedas procuram, para ver quem os homens passam

por todo tipo de ascetismo, eu lhe direi Seu nome: É Om. Este Om eterno é o Brahman, este é o Imortal; aquele que conhece o segredo disto – tudo o que ele deseja é dele. Este Eu do homem, Nachiketas, sobre o qual você procura conhecer, nunca nasce e nunca morre. Sem começo, sempre existindo, este Ancião não é destruído quando o corpo é destruído. Se o matador pensa que pode matar, e se o homem assassinado pensa que está morto, ambos estão enganados, pois nem o Eu pode matar, nem pode ser morto. Infinitamente menor que a menor partícula, infinitamente maior que a maior existência, o Senhor de todos vive na caverna do coração de cada ser. Aquele que se tornou sem pecado O vê em toda a Sua glória, através da misericórdia do mesmo Senhor. (Descobrimos que a misericórdia de Deus é uma das causas da realização de Deus.) Sentado, Ele vai longe, deitado, Ele vai a todos os lugares; quem mais, senão homens de entendimento purificado e sutil, está qualificado para conhecer o Deus em quem todos os atributos conflitantes se encontram? Sem corpo, mas vivendo no corpo, intocado, mas aparentemente em contato, onipresente – sabendo que o Âtman é tal, o sábio desiste de toda miséria. Este Atman não será alcançado pelo estudo dos Vedas, nem pelo intelecto mais elevado, nem por muito aprendizado. Quem o Atman procura, ele obtém o Atman; a ele Ele revela Sua glória. Aquele que pratica continuamente más ações, aquele cuja mente não está calma, aquele que não consegue meditar, aquele que está sempre perturbado e inconstante – ele não consegue compreender e realizar este Atman que entrou na caverna do coração. Este corpo, ó Nachiketas, é a carruagem, os órgãos dos sentidos são os cavalos, a mente são as rédeas, o intelecto é o cocheiro e a alma é o cavaleiro da carruagem. Quando a alma se une ao cocheiro, Buddhi ou intelecto, e depois através dele com a mente, as rédeas, e através dela novamente com os órgãos, os cavalos, diz-se que ela é o desfrutador; ele percebe, ele trabalha, ele age. Aquele cuja mente não está sob controle e que não tem discriminação, seus sentidos não são controláveis como cavalos ferozes nas mãos de um cocheiro. Mas aquele que tem discernimento, cuja mente é controlada, seus órgãos são sempre controláveis como bons cavalos nas mãos de um cocheiro. Aquele que tem discernimento, cuja mente está sempre no caminho para compreender a verdade, que é sempre puro – ele recebe essa verdade, alcançando-a não há renascimento. Isto, ó Nachiketas, é muito difícil, o caminho é longo e é difícil de alcançar. Somente aqueles que atingiram a percepção mais refinada podem vê-lo, podem compreendê-lo. No entanto, não tenha medo.

Acorde, levante-se e faça. Não pare até atingir a meta. Pois os sábios dizem que a tarefa é muito difícil, como andar no fio de uma navalha. Aquele que está além dos sentidos, além de todo tato, além de toda forma, além de todo paladar, o Imutável, o Infinito, além até mesmo da inteligência, o Indestrutível – conhecendo somente a Ele, estamos a salvo das garras da morte.”

Até agora, vemos que Yama descreve a meta que deve ser alcançada. A primeira ideia que temos é que o nascimento, a morte, a miséria e as diversas reviravoltas a que estamos sujeitos no mundo só podem ser superados conhecendo o que é real. O que é real? Aquilo que nunca muda, o Eu do homem, o Eu por trás do universo. Então, novamente, diz-se que é muito difícil conhecê-lo. Conhecer não significa simplesmente consentimento intelectual, significa realização. Lemos repetidas vezes que esse Eu deve ser visto, percebido. Não podemos ver com os olhos; a percepção para isso tem que se tornar superfina. É a percepção grosseira pela qual as paredes e os livros são percebidos, mas a percepção para discernir a verdade tem que ser muito sutil, e esse é todo o segredo deste conhecimento. Então Yama diz que é preciso ser muito puro. Esse é o caminho para tornar a percepção superfina; e então ele continua nos contando outras maneiras. Esse Ser autoexistente está muito distante dos órgãos. Os órgãos ou instrumentos veem o exterior, mas o Uno autoexistente, o Ser, é visto no interior. Você deve se lembrar da qualificação necessária: o desejo de conhecer esse Eu voltando os olhos para dentro. Todas essas coisas lindas que vemos na natureza são muito boas, mas essa não é a maneira de ver Deus. Devemos aprender a voltar os olhos para dentro. A ânsia dos olhos de ver o exterior deve ser restringida. Quando você anda por uma rua movimentada, é difícil ouvir o homem com quem você anda falar, por causa do barulho das carruagens que passam. Ele não pode ouvir você porque há muito barulho. A mente está indo para fora e você não consegue ouvir o homem que está ao seu lado. Da mesma forma, o mundo que nos rodeia faz tanto barulho que atrai a mente para fora. Como podemos ver o Eu? Esta saída deve ser interrompida. Isso é o que significa voltar os olhos para dentro, e somente então a glória do Senhor interior será vista.

O que é esse Eu? Vimos que está além do intelecto. Aprendemos com o mesmo Upanishad que este Eu é eterno e onipresente, que você, eu e todos nós somos seres onipresentes e que o Eu é imutável. Agora, este Ser onipresente só pode ser um. Não pode haver dois seres igualmente onipresentes – como poderia ser isso? Não pode haver dois seres que sejam infinitos, e o resultado é que realmente existe apenas um Eu, e você, eu e todo o universo somos apenas um, aparecendo como muitos. "Assim como o fogo único que entra no mundo se manifesta de várias maneiras, da mesma forma que o Eu único, o Eu de todos, se manifesta em todas as formas." Mas a questão é: se este Eu é perfeito e puro, e o Ser Único do universo, o que acontece com Ele quando entra no corpo impuro, no corpo mau, no corpo bom, e assim por diante? Como pode permanecer perfeito? "O único sol é a causa da visão em todos os olhos, mas não é afetado pelos defeitos dos olhos de ninguém." Se um homem tem icterícia, ele vê tudo como amarelo; a causa de sua visão é o sol, mas ver tudo como amarelo não toca o sol. Mesmo assim, este Ser Único, embora seja o Ser de cada um, não é tocado pelas purezas ou impurezas externas. "Neste mundo onde tudo é evanescente, aquele que conhece Aquele que nunca muda, neste mundo de insensibilidade, aquele que conhece o único Ser senciente, neste mundo de muitos, aquele que conhece Este e o vê em sua própria alma, a ele pertence a bem-aventurança eterna, a ninguém mais, a ninguém mais ali brilha o sol, nem as estrelas, nem os relâmpagos, o que dizer do fogo Ele brilha, tudo brilha através de Sua luz, tudo se torna refulgente. os desejos que perturbam o coração cessam, então o mortal se torna imortal, e aqui se alcança Brahman. Quando toda a tortuosidade do coração desaparece, quando todos os seus nós são cortados, somente então o mortal se torna imortal. este estudo nos abençoe; que nos mantenha; que nos dê força, que não nos odeiemos!

Esta é a linha de pensamento que você encontrará na filosofia Vedanta. Vemos primeiro que aqui está um pensamento totalmente diferente do que você vê em qualquer outro lugar do mundo. Nas partes mais antigas dos Vedas a busca era a mesma que em outros livros, a busca era externa. Em alguns livros muito antigos, foi levantada a questão: "O que havia no princípio? Quando não havia nada nem nada, quando as trevas cobriam as trevas, quem criou tudo isso?" Então a busca começou. E eles começaram a falar sobre os anjos, os Devas, e todo tipo de coisas, e mais tarde

descobrimos que eles desistiram por acharem que não havia esperança. Na época deles a busca era externa e eles não conseguiam encontrar nada; mas nos dias posteriores, como lemos nos Vedas, eles tiveram que procurar dentro de si Aquele que existe por si mesmo. Esta é a ideia fundamental dos Vedas, que nossa busca nas estrelas, nas nebulosas, na Via Láctea, em todo este universo externo não leva a nada, nunca resolve o problema da vida e da morte. O maravilhoso mecanismo interno teve que ser analisado e revelou-lhes o segredo do universo; nem estrela ou sol poderiam fazer isso. O homem teve que ser anatomizado; não o corpo, mas a alma do homem. Nessa alma encontraram a resposta. Qual foi a resposta que encontraram? Que por trás do corpo, até mesmo por trás da mente, existe Aquele que existe por si mesmo. Ele não morre, nem nasce. O Auto-existente é onipresente, porque Ele não tem forma. Aquilo que não tem forma nem formato, aquilo que não é limitado pelo espaço ou pelo tempo, não pode viver em determinado lugar. Como pode isso? Está em toda parte, onipresente, igualmente presente em todos nós.

Qual é a alma do homem? Houve um partido que sustentava que existe um Ser, Deus, e um número infinito de almas além disso, que estão eternamente separadas de Deus em essência, e forma, e tudo mais. Isto é dualismo. Esta é a velha e grosseira ideia. A resposta dada por outra parte foi que a alma fazia parte da infinita Existência Divina. Assim como este corpo é um pequeno mundo por si só, e por trás dele está a mente ou pensamento, e por trás disso está a alma individual, da mesma forma, o mundo inteiro é um corpo, e por trás dele está a mente universal, e por trás disso está o Alma Universal. Assim como este corpo é uma porção do corpo universal, esta mente é uma porção da mente universal, e a alma do homem é uma porção da Alma universal. Isto é o que se chama Vishishtâdvaita, monismo qualificado. Agora sabemos que a Alma universal é infinita. Como o infinito pode ter partes? Como pode ser quebrado, dividido? Pode ser muito poético dizer que sou uma centelha do Infinito, mas é um absurdo para a mente pensante. O que significa dividir o Infinito? É algo material que você pode separar ou separar em pedaços? O infinito nunca pode ser dividido. Se isso fosse possível, não seria mais Infinito. Qual é a conclusão então? A resposta é: aquela Alma que é universal é você; você não é uma parte, mas o todo disso. Você é o todo de Deus. Então, quais são todas essas variedades? Encontramos tantos milhões de almas individuais. O que eles

são? Se o sol reflete sobre milhões de glóbulos de água, em cada glóbulo está a forma, a imagem perfeita do sol; mas são apenas imagens, e o sol real é um só. Portanto, esta alma aparente que existe em cada um de nós é apenas a imagem de Deus, nada além disso. O verdadeiro Ser que está por trás é aquele Deus. Somos todos um aí. Como Eu, existe apenas um no universo. Está em mim e em você, e é apenas um; e esse Eu único foi refletido em todos esses vários corpos como vários eus diferentes. Mas não sabemos disso; pensamos que estamos separados uns dos outros e separados Dele. E enquanto pensarmos assim, haverá miséria no mundo. Isso é alucinação.

Então a outra grande fonte de miséria é o medo. Por que um homem fere outro? Porque ele teme não ter prazer suficiente. Um homem teme que, talvez, não tenha dinheiro suficiente, e esse medo o leva a ferir outros e a roubá-los. Como pode haver medo se só existe uma existência? Se um raio cair na minha cabeça, o raio fui eu, porque sou a única existência. Se vier uma praga, sou eu; se um tigre vier, sou eu. Se a morte vier, sou eu. Eu sou a morte e a vida. Vemos que o medo vem com a ideia de que existem dois no universo. Sempre ouvimos pregar: “Amai-vos uns aos outros”. Pelo que? Essa doutrina foi pregada, mas a explicação está aqui. Por que eu deveria amar cada um? Porque eles e eu somos um. Por que eu deveria amar meu irmão? Porque ele e eu somos um. Existe esta unidade; esta solidariedade de todo o universo. Desde o verme mais inferior que rasteja sob nossos pés até os seres mais elevados que já existiram - todos têm vários corpos, mas são a única Alma. Por todas as bocas você come; por meio de todas as mãos você trabalha; através de todos os olhos, você vê. Você desfruta de saúde em milhões de corpos, você sofre de doenças em milhões de corpos. Quando essa ideia surgir, e nós a percebermos, a vermos, a sentirmos, então a miséria cessará, e com ela o medo. Como posso morrer? Não há nada além de mim. O medo cessa e só então surge a felicidade perfeita e o amor perfeito. Essa simpatia universal, amor universal, felicidade universal, que nunca muda, eleva o homem acima de tudo. Não tem reações e nenhuma miséria pode atingi-lo; mas esse pouco de comer e beber do mundo sempre traz uma reação. Toda a causa disso é esse dualismo, a ideia de que estou separado do universo, separado de Deus. Mas assim que tivermos percebido que “Eu sou Ele, eu sou o Ser do universo, sou eternamente abençoado,

eternamente livre” – então virá o verdadeiro amor, o medo desaparecerá e toda a miséria cessará.

2.6.9 YAJNAVALKYA E MAITREYI

Dizemos: “Aquele dia é realmente um dia ruim em que você não ouve o nome do Senhor, mas um dia nublado não é um dia ruim”. Yâjnavalkya foi um grande sábio. Você sabe, os Shastras na Índia ordenam que todo homem deva desistir do mundo quando envelhecer. Então Yajnavalkya disse à sua esposa: “Meu amado, aqui está todo o meu dinheiro e meus bens, e estou indo embora”. Ela respondeu: “Senhor, se eu tivesse toda esta terra cheia de riquezas, isso me daria a imortalidade?” Yajnavalkya disse: “Não, não será. Você será rico e isso será tudo, mas a riqueza não pode nos dar a imortalidade.” Ela respondeu: “O que devo fazer para conseguir aquilo que me tornará imortal? Se você sabe, diga-me.” Yajnavalkya respondeu: “Você sempre foi meu amado; você é mais amado agora por esta questão. Venha, sente-se e eu lhe direi; e quando você tiver ouvido, medite sobre isso.” Ele disse: “Não é por causa do marido que a esposa ama o marido, mas por causa do Âtman ela ama o marido, porque ela ama o Ser. Ninguém ama a esposa por causa da esposa; mas é porque alguém ama o Eu que ama a esposa. Ninguém ama os filhos pelos filhos, mas porque ama o Eu, portanto, ninguém ama a riqueza por causa da riqueza; , portanto, alguém ama a riqueza. Ninguém ama o Brâhmin por causa do Brâmane, mas porque alguém ama o Ser, ninguém ama o Kshatriya por causa do Kshatriya; alguém ama o mundo por causa do mundo, mas porque ama o Ser. Ninguém, da mesma forma, ama os deuses por causa dos deuses, mas porque ama o Ser. Ninguém ama nada por causa dessa coisa; é para o Ser que alguém o ama. Este Ser, portanto, deve ser ouvido, raciocinado e meditado. Ó meu Maitreyi, quando esse Eu for ouvido, quando esse Eu for visto, quando esse Eu for realizado, então, tudo isso se tornará conhecido.” O que obtemos então? Diante de nós encontramos uma filosofia curiosa. Foi dito que todo amor é egoísmo no sentido mais baixo da palavra: porque eu amo a mim mesmo, portanto amo o outro, não pode ser assim. Isso é verdade, mas é errado. Mas este eu é apenas a sombra daquele Eu real que está por trás. Parece errado e mau porque é pequeno. Esse amor infinito pelo Eu, que é o universo, parece ser. o mal parece ser pequeno, porque

aparece através de uma pequena parte. Mesmo quando a esposa ama o marido, quer ela saiba disso ou não, ela ama o marido por esse Eu. É egoísmo tal como se manifesta no mundo, mas, esse egoísmo é, na verdade, apenas uma pequena parte desse Eu. Sempre que alguém ama, deve amar no Ser e através dele. Este Eu tem que ser conhecido. Qual é a diferença? Aqueles que amam o Eu sem saber o que Ele é, seu amor é egoísmo. Aqueles que amam, sabendo o que é esse Eu, seu amor é gratuito; eles são sábios. "Aquele, o Brâmane, desiste de quem vê o Brâmane em qualquer outro lugar, exceto no Ser. O Kshatriya desiste, quem vê o Kshatriya em qualquer outro lugar, exceto no Ser. O mundo desiste daquele que vê este mundo em qualquer lugar, exceto naquele Atman. Os deuses desista daquele que ama os deuses sabendo que eles estão em qualquer outro lugar, exceto no Atman. Tudo desaparece daquele que conhece tudo como outra coisa, exceto os Brahmins, esses Kshatriyas, este mundo, esses deuses, tudo o que existe, tudo é. aquele Atman". Assim ele explica o que entende por amor.

Cada vez que particularizamos um objeto, o diferenciamos do Self. Estou tentando amar uma mulher; assim que essa mulher for particularizada, ela será separada do Atman, e meu amor por ela não será eterno, mas terminará em tristeza. Mas assim que vejo essa mulher como o Atman, esse amor se torna perfeito e nunca sofrerá. O mesmo acontece com tudo; assim que você está apegado a qualquer coisa no universo, separando-o do universo como um todo, do Atman, ocorre uma reação. Com tudo o que amamos fora do Ser, o resultado será tristeza e miséria. Se desfrutarmos de tudo no Ser, e como o Ser, nenhum sofrimento ou reação surgirá. Esta é uma felicidade perfeita. Como chegar a esse ideal? Yajnavalkya continua nos contando o processo pelo qual alcançar esse estado. O universo é infinito: como podemos pegar cada coisa particular e considerá-la como o Atman, sem conhecer o Atman? "Como acontece com um tambor, quando estamos à distância, não conseguimos captar o som, não podemos conquistar o som; mas assim que chegamos ao tambor e colocamos a mão nele, o som é conquistado. sendo soprado, não podemos captar ou conquistar o som, até que nos aproximemos e peguemos a concha, e então ela é conquistada. Quando a Vina está sendo tocada, quando chegamos à Vina, chegamos ao centro de onde vem o Vina. o som está procedendo. Como quando alguém está queimando combustível úmido, fumaça e faíscas de vários tipos vêm,

mesmo assim, deste Grande Ser foi soprado conhecimento, tudo saiu Dele, por assim dizer, tudo; conhecimento. Quanto a toda água, o único objetivo é o oceano; quanto a todo tato, a pele é o único centro como de todo cheiro, o nariz é o único centro como de todo paladar, a língua é o único objetivo; como para todas as formas, os olhos são o único objetivo, como para todos os sons, os ouvidos são o único objetivo, como para todo o pensamento; como em todo trabalho, as mãos são o único objetivo; assim como um pedaço de sal colocado na água do mar derrete e não podemos recuperá-lo, da mesma forma, Maitreyi, este Ser Universal é eternamente infinito; todo o conhecimento está Nele. Todo o universo surge Dele e novamente desce para Ele. Não há mais conhecimento, morte ou morte." Temos a ideia de que todos nós viemos Dele como faíscas, e quando você O conhece, então você volta e se torna um com Ele novamente. Nós somos o Universal.

Maitreyi ficou assustada, assim como em todos os lugares as pessoas ficam assustadas. Ela disse: "Senhor, é exatamente aqui que você lançou uma ilusão sobre mim. Você me assustou dizendo que não haverá mais deuses; toda a individualidade será perdida. Não haverá ninguém para reconhecer, ninguém para amar, ninguém para odiar. O que será de nós?" "Maitreyi, não pretendo confundi-la, ou melhor, deixar isso aqui. Você pode estar assustada. Onde há dois, um vê o outro, um ouve o outro, um acolhe o outro, um pensa no outro, um conhece o outro. Mas quando o todo se tornou aquele Atman, quem é visto por quem, quem deve ser ouvido por quem, quem deve ser acolhido por quem, quem deve ser conhecido por quem?" Essa ideia foi retomada por Schopenhauer e ecoou em sua filosofia. Através de quem conhecemos este universo, através do que conhecê-lo? Como conhecer o conhecedor? Por que meios podemos conhecer o conhecedor? Como pode ser? Porque nisso e através disso sabemos tudo. Por que meios podemos conhecê-Lo? De forma alguma, pois Ele é esse meio.

Até agora a ideia é que tudo é Um Ser Infinito. Essa é a verdadeira individualidade, quando não há mais divisão, nem partes; essas pequenas ideias são muito baixas, ilusórias. Mas ainda assim, dentro e através de cada centelha da individualidade, esse Infinito brilha. Tudo é uma manifestação do Atman. Como chegar a isso? Primeiro você faz a afirmação, assim como o próprio Yajnavalkya nos diz: "Este Atman é o primeiro a ser ouvido".

Então ele expôs o caso; então ele discutiu, e a última demonstração foi como conhecer Aquilo, através do qual todo conhecimento é possível. Então, por último, deve ser meditado. Ele pega o contraste, o microcosmo e o macrocosmo, e mostra como eles se desenrolam em linhas específicas e como tudo é lindo. "Esta terra é tão feliz, tão útil para todos os seres; e todos os seres são tão úteis para esta terra: tudo isso são manifestações daquele Auto-refulgente, o Atman." Tudo o que é bem-aventurança, mesmo no sentido mais baixo, é apenas o reflexo Dele. Tudo o que é bom é o Seu reflexo, e quando esse reflexo é uma sombra, é chamado de mal. Não existem dois deuses. Quando Ele está menos manifestado, isso é chamado de escuridão, de mal; e quando Ele está mais manifestado, isso se chama luz. Isso é tudo. O bem e o mal são apenas uma questão de grau: mais manifestados ou menos manifestados. Basta tomar o exemplo de nossas próprias vidas. Quantas coisas vemos em nossa infância que pensamos serem boas, mas que na verdade são más, e quantas coisas parecem más que são boas! Como as ideias mudam! Como uma ideia sobe cada vez mais! O que antes achávamos muito bom, não achamos tão bom agora. Portanto, o bem e o mal são apenas superstições e não existem. A diferença é apenas em grau. É tudo uma manifestação desse Atman; Ele está sendo manifestado em tudo; somente quando a manifestação é muito densa chamamos isso de mal; e quando é muito fino, chamamos de bom. É o melhor, quando toda a cobertura desaparece. Portanto, tudo o que existe no universo deve ser meditado apenas nesse sentido, para que possamos vê-lo como tudo de bom, porque é o melhor. Existe o mal e existe o bem; e o ápice, o centro, é a Realidade. Ele não é mau nem bom; Ele é o melhor. O melhor só pode ser um, os bons podem ser muitos e os maus muitos. Haverá graus de variação entre o bem e o mal, mas o melhor é apenas um, e esse melhor, quando visto através de coberturas finas, chamamos diferentes tipos de bem, e quando visto através de coberturas grossas, chamamos de mal. O bem e o mal são formas diferentes de superstição. Eles passaram por todos os tipos de ilusões dualistas e todos os tipos de ideias, e as palavras penetraram nos corações dos seres humanos, aterrorizando homens e mulheres e vivendo lá como terríveis tiranos. Eles nos fazem virar tigres. Todo o ódio com que odiamos os outros é causado por essas ideias tolas que absorvemos desde a nossa infância – o bem e o mal. Nosso julgamento da humanidade torna-se totalmente falso; fazemos desta bela terra um inferno;

mas assim que pudermos desistir do bem e do mal, ele se tornará um paraíso.

"Esta terra é feliz ('doce' é a tradução literal) para todos os seres e todos os seres são doces para esta terra; todos eles ajudam uns aos outros. E toda a doçura é o Atman, aquele refulgente e imortal que está dentro desta terra ." De quem é essa doçura? Como pode haver alguma doçura senão Ele? Essa doçura está se manifestando de várias maneiras. Onde quer que haja algum amor, qualquer doçura em qualquer ser humano, seja num santo ou num pecador, seja num anjo ou num assassino, seja no corpo, na mente ou nos sentidos, é Ele. Os prazeres físicos são apenas Ele, os prazeres mentais são apenas Ele, os prazeres espirituais são apenas Ele. Como pode haver algo além dele? Como pode haver vinte mil deuses e demônios lutando entre si? Sonhos infantis! Qualquer que seja o menor prazer físico é Ele, e o maior prazer espiritual é Ele. Não há doçura senão Ele. Assim diz Yajnavalkya. Quando você chegar a esse estado e olhar todas as coisas com os mesmos olhos, quando você vir até mesmo no prazer da bebida do bêbado apenas aquela doçura, então você terá a verdade, e somente então você saberá o que significa felicidade, o que significa paz. , o que significa amor; e enquanto houver essas distinções vãs, superstições tolas, infantis e tolas, todos os tipos de miséria surgirão. Mas aquele Imortal, o Refulgente, Ele está dentro da terra, é toda a Sua doçura, e a mesma doçura está no corpo. Este corpo é a terra, por assim dizer, e dentro de todos os poderes do corpo, de todos os prazeres do corpo, está Ele; os olhos veem, a pele toca; o que são todos esses prazeres? Aquele Auto-refulgente que está no corpo, Ele é o Atman. Este mundo, tão doce para todos os seres, e cada ser tão doce para ele, é apenas o Auto-refulgente; o Imortal é a felicidade naquele mundo. Em nós também, Ele é essa bem-aventurança. Ele é o Brahman. "Este ar é tão doce para todos os seres, e todos os seres são tão doces para ele. Mas Aquele que é aquele Ser Imortal Auto-refulgente no ar - também está neste corpo. Ele está se expressando como a vida de todos os seres. Este sol é tão doce para todos os seres. Todos os seres são tão doces para este sol. Aquele que é o Ser Auto-refulgente no sol, nós O refletimos como a luz menor. corpo, e é Seu reflexo que nos faz ver a luz. Esta lua é tão doce para todos, e todos são tão doces para a lua, mas aquele Auto-refulgente e Imortal que é a alma daquela lua, Ele é. em nós expressando-se como mente. Este relâmpago é tão belo, cada um é tão doce para o relâmpago, mas o Auto-

refulgente e Imortal é a alma deste relâmpago, e também está em nós, porque tudo é aquele Brahman. Atman, o Ser, é o rei de todos os seres." Estas ideias são muito úteis para os homens; eles são para meditação. Por exemplo, medite na terra; pense na terra e ao mesmo tempo saiba que temos Aquilo que está na terra, que ambos são iguais. Identifique o corpo com a terra e identifique a alma com a Alma que está por trás. Identifique o ar com a alma que está no ar e que está em mim. Eles são todos um, manifestados de diferentes formas. Realizar esta unidade é o fim e o objetivo de toda meditação, e é isso que Yajnavalkya estava tentando explicar a Maitreyi.

2.6.10 ALMA, NATUREZA E DEUS

De acordo com a filosofia Vedanta, o homem consiste em três substâncias, por assim dizer. O mais externo é o corpo, a forma grosseira do homem, no qual estão os instrumentos das sensações, como os olhos, o nariz, os ouvidos e assim por diante. Este olho não é o órgão da visão; é apenas o instrumento. Atrás disso está o órgão. Assim, os ouvidos não são os órgãos da audição; eles são os instrumentos, e atrás deles está o órgão, ou o que, na fisiologia moderna, é chamado de centro. Os órgãos são chamados de Indriyas em sânscrito. Se o centro que governa os olhos for destruído, os olhos não verão; assim com todos os nossos sentidos. Os órgãos, novamente, não podem sentir nada por si mesmos, até que haja algo mais ligado a eles. Esse algo é a mente. Muitas vezes você observou que estava profundamente envolvido em um determinado pensamento, e o relógio bateu e você não ouviu. Por que? A orelha estava lá; as vibrações entraram nele e foram levadas para o cérebro, mas você não ouviu, porque a mente não estava ligada ao órgão. As impressões dos objetos externos são transportadas para os órgãos e, quando a mente está apegada a eles, ela capta as impressões e lhes dá, por assim dizer, uma coloração, que é chamada de egoísmo, "eu". Veja o caso de um mosquito que me pica no dedo quando estou trabalhando. Não sinto isso, porque minha mente está ligada a outra coisa. Mais tarde, quando minha mente se une à impressão transmitida aos Indriyas, surge uma reação. Com esta reação tomo consciência do mosquito. Assim, mesmo a mente unindo-se aos órgãos não é suficiente; deve ocorrer a reação na forma de vontade. Esta faculdade da

qual vem a reação, a faculdade do conhecimento ou intelecto, é chamada "Buddhi". Primeiro, deve haver o instrumento externo, depois o órgão, depois a mente deve unir-se ao órgão, então deve vir a reação do intelecto. , e quando todas essas coisas estão completas, imediatamente surge a ideia, “Eu e o objeto externo”, e há uma percepção, um conceito, um conhecimento. O órgão externo, que é apenas o instrumento, está no corpo, e atrás dele está o órgão interno que é mais sutil; depois há a mente, depois a faculdade intelectual, depois o egoísmo, que diz: “Eu” – vejo, ouço, e assim por diante. Todo o processo é levado a cabo por certas forças; você pode chamá-las de forças vitais; em sânscrito são chamados de Prâna. Esta parte grosseira do homem, este corpo, no qual estão os instrumentos externos, é chamado em sânscrito, Sthula Sharira, o corpo grosseiro; atrás dela vem a série, começando pelos órgãos, a mente, o intelecto, o egoísmo. Estas e as forças vitais formam um composto que é chamado de corpo sutil, o Sukshma Sharira. Essas forças são compostas de elementos muito sutis, tão sutis que nenhuma lesão neste corpo pode destruí-las; eles sobrevivem a todos os choques dados a este corpo. O corpo grosseiro que vemos é composto de matéria grosseira e, como tal, está sempre sendo renovado e mudando continuamente. Mas os órgãos internos, a mente, o intelecto e o egoísmo são compostos do melhor material, tão fino que durarão por eras e eras. Eles são tão bons que nada pode resistir a eles; eles podem passar por qualquer obstrução. O corpo grosseiro não é inteligente, assim como o corpo sutil, sendo composto de matéria sutil. Embora uma parte seja chamada de mente, outra de intelecto e a terceira de egoísmo, ainda assim vemos à primeira vista que nenhuma delas pode ser o “Conhecedor”. Nenhum deles pode ser o observador, a testemunha, aquele para quem a ação é realizada e quem é o observador da ação. Todos esses movimentos na mente, ou na faculdade de intelecção, ou no egoísmo, devem ser para outra pessoa. Sendo compostos de matéria sutil, não podem ser auto-refulgentes. A sua luminosidade não pode estar neles mesmos. Esta manifestação da mesa, por exemplo, não pode ser devida a qualquer coisa material. Portanto deve haver alguém por trás de todos eles, que é o verdadeiro manifestador, o verdadeiro vidente, o verdadeiro desfrutador e Ele em sânscrito é chamado de Atman, a Alma do homem, o verdadeiro Eu do homem. Ele é quem realmente vê as coisas. Os instrumentos externos e os órgãos captam as impressões e as transmitem à mente, e a mente ao intelecto, e o intelecto as reflete como num espelho, e atrás dele está a Alma

que as olha e dá Suas ordens e Suas ordens. instruções. Ele é o governante de todos esses instrumentos, o mestre da casa, o rei entronizado no corpo. A faculdade do egoísmo, a faculdade da inteligência, a faculdade da cogitação, os órgãos, os instrumentos, o corpo, todos eles obedecem aos Seus comandos. É Ele quem está manifestando tudo isso. Este é o Atman do homem. Da mesma forma, podemos ver que o que está numa pequena parte do universo também deve estar em todo o universo. Se a conformidade é a lei do universo, cada parte do universo deve ter sido construída no mesmo plano que o todo. Então, naturalmente pensamos que por trás da forma material grosseira que chamamos de nosso universo, deve haver um universo de matéria mais sutil, que chamamos de pensamento, e por trás disso deve haver uma Alma, que torna todo esse pensamento possível, que comanda, que é o rei entronizado deste universo. Aquela alma que está por trás de cada mente e de cada corpo é chamada Pratyagâtman, o Atman individual, e aquela Alma que está por trás do universo como seu guia, governante e governador, é Deus.

A próxima coisa a considerar é de onde vêm todas essas coisas. A resposta é: o que significa vir? Se isso significa que algo pode ser produzido do nada, é impossível. Toda esta criação, manifestação, não pode ser produzida do zero. Nada pode ser produzido sem causa, e o efeito nada mais é do que a causa reproduzida. Aqui está um copo. Suponhamos que o quebreemos em pedaços e o pulverizemos, e por meio de produtos químicos quase o aniquilemos. Voltará a zero? Certamente não. A forma quebrar-se-á, mas as partículas que a compõem permanecerão ali; eles irão além dos nossos sentidos, mas permanecem, e é bem possível que outro vidro possa ser feito com esses materiais. Se isto for verdade num caso, será assim em todos os casos. Algo não pode ser feito do nada. Nem se pode fazer com que algo volte ao nada. Pode tornar-se cada vez mais sutil e, novamente, cada vez mais grosseiro. A gota de chuva é retirada do oceano na forma de vapor e é levada pelo ar até as montanhas; ali ele se transforma novamente em água e flui de volta por centenas de quilômetros até o oceano-mãe. A semente produz a árvore. A árvore morre, deixando apenas a semente. Novamente surge como outra árvore, que novamente termina na semente, e assim por diante. Olhe para um pássaro, de onde; do ovo ele brota, vira um lindo pássaro, vive sua vida e depois morre, restando apenas outros ovos, contendo germes de futuros pássaros. O mesmo acontece com os animais;

assim com os homens. Tudo começa, por assim dizer, de certas sementes, certos rudimentos, certas formas finas, e torna-se cada vez mais grosseiro à medida que se desenvolve; e então novamente ele volta àquela forma perfeita e desaparece. Todo o universo está acontecendo dessa maneira. Chega um momento em que todo este universo se derrete e se torna mais fino e finalmente desaparece completamente, por assim dizer, mas permanece como matéria superfina. Sabemos, através da ciência moderna e da astronomia, que esta Terra está a arrefecer e, com o passar do tempo, ficará muito fria e depois quebrar-se-á em pedaços e tornar-se-á cada vez mais fina, até se tornar éter mais uma vez. No entanto, todas as partículas permanecerão para formar o material a partir do qual outra Terra será projetada. Novamente isso desaparecerá e outro surgirá. Assim, este universo retornará às suas causas e novamente seus materiais se unirão e tomarão forma, como a onda que desce, sobe novamente e toma forma. Os atos de voltar às causas e sair novamente, tomando forma, são chamados em sânscrito de Sankocha e Vikâsha, que significam encolher e expandir. O universo inteiro, por assim dizer, encolhe e depois se expande novamente. Para usar as palavras mais aceitas da ciência moderna, eles estão envolvidos e evoluídos. Você ouve sobre evolução, como todas as formas crescem a partir das inferiores, crescendo cada vez mais lentamente. Isto é verdade, mas cada evolução pressupõe uma involução. Sabemos que a soma total da energia exibida no universo é sempre a mesma e que a matéria é indestrutível. De forma alguma você pode tirar uma partícula de matéria. Você não pode retirar um quilo de energia ou adicionar um. A soma total é sempre a mesma. Apenas a manifestação varia, sendo envolvida e evoluída. Portanto, este ciclo é a evolução da involução do ciclo anterior, e este ciclo estará novamente envolvido, ficando cada vez mais sutil, e daí surgirá o próximo ciclo. Todo o universo está acontecendo dessa maneira. Assim descobrimos que não existe criação no sentido de que algo é criado do nada. Para usar uma palavra melhor, existe manifestação, e Deus é o manifestador do universo. O universo, por assim dizer, está sendo soprado Dele, e novamente ele se encolhe Nele, e novamente Ele o joga fora. Uma bela comparação é dada nos Vedas: “Aquele Eterno expira este universo e o inspira”. Assim como podemos expirar uma pequena partícula de poeira e inspirá-la novamente. Tudo isso é muito bom, mas pode-se perguntar: como é que estamos no primeiro ciclo? A resposta é: Qual é o significado de um primeiro ciclo? Não houve nenhum. Se você puder dar um começo ao

tempo, todo o conceito de tempo será destruído. Tente pensar num limite onde o tempo começou, você tem que pensar no tempo além desse limite. Tente pensar onde começa o espaço, você terá que pensar no espaço além disso. O tempo e o espaço são infinitos e, portanto, não têm começo nem fim. Esta é uma ideia melhor do que a de que Deus criou o universo em cinco minutos e depois foi dormir, e desde então tem dormido. Por outro lado, esta ideia nos dará Deus como o Criador Eterno. Aqui está uma série de ondas subindo e descendo, e Deus está dirigindo esse processo eterno. Assim como o universo não tem começo nem fim, Deus também o é. Vemos que deve necessariamente ser assim, porque se dissermos que houve um tempo em que não houve criação, nem na forma grosseira nem na forma sutil, então não havia Deus, porque Deus é conhecido por nós como Sâkshi, a Testemunha de o universo. Quando o universo não existia, Ele também não. Um conceito segue o outro. A ideia da causa vem da ideia do efeito, e se não houver efeito, não haverá causa. Segue-se naturalmente que, assim como o universo é eterno, Deus é eterno.

A alma também deve ser eterna. Por que? Em primeiro lugar vemos que a alma não é matéria. Não é nem um corpo grosseiro, nem um corpo sutil, que chamamos de mente ou pensamento. Não é um corpo físico, nem o que no Cristianismo é chamado de corpo espiritual. É o corpo grosseiro e o corpo espiritual que estão sujeitos a mudanças. O corpo grosseiro está sujeito a mudar quase a cada minuto e morrer, mas o corpo espiritual perdura por longos períodos, até que a pessoa se liberte, quando também desaparece. Quando um homem se torna livre, o corpo espiritual se dispersa. O corpo grosseiro se desintegra toda vez que um homem morre. A alma, não sendo feita de nenhuma partícula, deve ser indestrutível. O que queremos dizer com destruição? A destruição é a desintegração dos materiais dos quais tudo é composto. Se este vidro for quebrado em pedaços, os materiais se desintegrarão e isso será a destruição do vidro. Desintegração de partículas é o que entendemos por destruição. Segue-se naturalmente que nada que não seja composto de partículas pode ser destruído, pode ser desintegrado. A alma não é composta de nenhum material. É a unidade indivisível. Portanto, deve ser indestrutível. Pelas mesmas razões, também deve ser sem começo. Portanto, a alma não tem começo nem fim.

Temos três entidades. Aqui está a natureza que é infinita, mas mutável. Toda a natureza não tem começo nem fim, mas dentro dela ocorrem múltiplas mudanças. É como um rio que desce até ao mar há milhares de anos. É sempre o mesmo rio, mas muda a cada minuto, as partículas de água mudam de posição constantemente. Depois, há Deus, imutável, o governante; e existe a alma imutável como Deus, eterna, mas sob o governante. Um é o mestre, o outro o servo e o terceiro é a natureza.

Sendo Deus a causa da projeção, da continuação e da dissolução do universo, a causa deve estar presente para produzir o efeito. Não só isso, a causa se torna o efeito. O vidro é produzido a partir de certos materiais e certas forças utilizadas pelo fabricante. No vidro existem essas forças mais os materiais. As forças utilizadas tornaram-se a força de adesão e, se essa força desaparecer, o vidro cairá em pedaços; os materiais também estão, sem dúvida, no vidro. Apenas a sua forma é alterada. A causa tornou-se o efeito. Onde quer que você veja um efeito, você sempre poderá analisá-lo como uma causa, a causa

se manifesta como o efeito. Segue-se que, se Deus é a causa do universo, e o universo é o efeito, que Deus se tornou o universo. Se as almas são o efeito e Deus a causa, Deus se tornou as almas. Cada alma, portanto, é uma parte de Deus. “Como de uma massa de fogo voam infinitas faíscas, assim também do Eterno saiu todo este universo de almas.”

Vimos que existe o Deus eterno e existe a natureza eterna. E há também um número infinito de almas eternas. Este é o primeiro estágio na religião, é chamado de dualismo, o estágio em que o homem vê a si mesmo e Deus eternamente separados, quando Deus é uma entidade separada por Ele, o eu e o homem são uma entidade separada por si mesmo e a natureza é uma entidade separada por si mesma. . Isto é o dualismo, que afirma que o sujeito e o objeto se opõem em tudo. Quando o homem olha para a natureza, ele é o sujeito e a natureza o objeto. Ele vê o dualismo entre sujeito e objeto. Quando ele olha para Deus, ele vê Deus como objeto e a si mesmo como sujeito. Eles são totalmente separados. Este é o dualismo entre o homem e Deus. Esta é geralmente a primeira visão da religião.

Depois vem outra visão que acabei de mostrar a você. O homem começa a descobrir que se Deus é a causa do universo e o universo o efeito, o próprio

Deus deve ter se tornado o universo e as almas, e ele é apenas uma partícula da qual Deus é o todo. Somos apenas pequenos seres, faíscas dessa massa de fogo, e todo o universo é uma manifestação do próprio Deus. Esse é o próximo passo. Em sânscrito, é chamado Vishishtâdvaita. Assim como eu tenho este corpo e este corpo cobre a alma, e a alma está neste corpo e através deste corpo, todo este universo de almas e natureza infinitas forma, por assim dizer, o corpo de Deus. Quando chega o período de involução, o universo se torna cada vez mais sutil, mas continua sendo o corpo de Deus. Quando a manifestação grosseira chega, então também o universo permanece o corpo de Deus. Assim como a alma humana é a alma do corpo e da mente humana, Deus é a Alma de nossas almas. Todos vocês já ouviram esta expressão em todas as religiões, “Alma de nossas almas”. Isso é o que significa isso. Ele, por assim dizer, reside neles, os guia, é o governante de todos eles. Na primeira visão, a do dualismo, cada um de nós é um indivíduo, eternamente separado de Deus e da natureza. Na segunda visão, somos indivíduos, mas não separados de Deus. Somos como pequenas partículas flutuando em uma massa, e essa massa é Deus. Somos indivíduos, mas um em Deus. Estamos todos Nele. Somos todos partes Dele e, portanto, somos Um. E, no entanto, entre homem e homem, entre homem e Deus, existe uma individualidade estrita, separada e ainda assim não separada.

Depois vem uma pergunta ainda mais delicada. A questão é: o infinito pode ter partes? O que significa partes do infinito? Se você raciocinar, descobrirá que é impossível. O infinito não pode ser dividido, permanece sempre infinito. Se pudesse ser dividido, cada parte seria infinita. E não pode haver dois infinitos. Suponhamos que existisse, um limitaria o outro e ambos seriam finitos. O infinito só pode ser um, indiviso. Assim se chegará à conclusão de que o infinito é um e não muitos, e que uma Alma Infinita está refletindo-se através de milhares e milhares de espelhos, aparecendo como muitas almas diferentes. É a mesma Alma Infinita, que é o pano de fundo do universo, que chamamos de Deus. A mesma Alma Infinita também é o pano de fundo da mente humana, que chamamos de alma humana.

2.6.11 COSMOLOGIA

Existem dois mundos, o microcosmo, e o macrocosmo, o interno e o externo. Obtemos a verdade de ambos por meio da experiência. A verdade colhida da experiência interna é a psicologia, a metafísica e a religião; da experiência externa, as ciências físicas. Agora, uma verdade perfeita deveria estar em harmonia com as experiências em ambos os mundos. O microcosmo deve dar testemunho do macrocosmo, e o macrocosmo do microcosmo; a verdade física deve ter sua contrapartida no mundo interno, e o mundo interno deve ter sua verificação externa. No entanto, como regra geral, descobrimos que muitas destas verdades estão em conflito. Num determinado período da história do mundo, os internos tornam-se supremos e começam a lutar contra os externos. Atualmente, os externos, os físicos, tornaram-se supremos e derrubaram muitas reivindicações de psicólogos e metafísicos. No que diz respeito ao meu conhecimento, acho que as partes reais e essenciais da psicologia estão em perfeita harmonia com as partes essenciais do conhecimento físico moderno. Não é dado a um indivíduo ser grande em todos os aspectos; não é dado a uma raça ou nação ser igualmente forte na pesquisa de todos os campos do conhecimento. As nações europeias modernas são muito fortes na sua investigação do conhecimento físico externo, mas não são tão fortes no seu estudo da natureza interior do homem. Por outro lado, os Orientais não têm sido muito fortes nas suas pesquisas do mundo físico externo, mas muito fortes nas suas pesquisas do mundo interno. Portanto, descobrimos que a física oriental e outras ciências não estão de acordo com as ciências ocidentais; nem a psicologia ocidental está em harmonia com a psicologia oriental. Os físicos orientais foram derrotados pelos cientistas ocidentais. Ao mesmo tempo, cada um afirma apoiar-se na verdade; e como afirmamos antes, a verdade real em qualquer campo do conhecimento não se contradiz; as verdades internas estão em harmonia com as verdades externas.

Todos conhecemos as teorias do cosmos segundo os astrónomos e físicos modernos; e ao mesmo tempo todos sabemos quão lamentavelmente eles minam a teologia da Europa, como estas descobertas científicas que são feitas funcionam como uma bomba atirada contra a sua fortaleza; e sabemos como os teólogos sempre tentaram reprimir essas pesquisas.

Quero aqui repassar as idéias psicológicas dos orientais sobre a cosmologia e tudo o que lhe diz respeito, e você descobrirá como elas estão

maravilhosamente de acordo com as últimas descobertas da ciência moderna; e onde há desarmonia, você descobrirá que é a ciência moderna que falta e não eles. Todos nós usamos a palavra natureza. Os antigos filósofos Sâkhya chamavam-no por dois nomes diferentes, Prakriti, que é muito parecido com a palavra natureza, e o nome mais científico, Avyakta, indiferenciado, do qual tudo procede, como átomos, moléculas e forças, mente, pensamento e inteligência. É surpreendente descobrir que os filósofos e metafísicos da Índia afirmaram há muito tempo que a mente é material. O que os nossos materialistas atuais estão tentando fazer, senão mostrar que a mente é um produto da natureza tanto quanto o corpo? E assim é o pensamento, e, aos poucos, descobriremos também a inteligência: tudo procede daquela natureza que é chamada Avyakta, o indiferenciado. Os Sankhyas definem-no como o equilíbrio de três forças, uma das quais é chamada Sattva, outra Rajas e a terceira Tamas. Tamas, a força mais baixa, é a da atração; um pouco mais alto é Rajas, o da repulsa; e o mais elevado é o equilíbrio destes dois, Sattva; de modo que quando essas duas forças, atração e repulsão, são mantidas sob perfeito controle pelo Sattva, não há criação nem movimento no mundo. Assim que este equilíbrio é perdido, o equilíbrio é perturbado, e uma destas forças torna-se mais forte que a outra, o movimento inicia-se e a criação começa. Este estado de coisas ocorre ciclicamente, periodicamente. Ou seja, há um período de perturbação do equilíbrio, quando as forças começam a combinar-se e a recombinar-se, e as coisas projetam-se para fora. Ao mesmo tempo, tudo tende a voltar ao estado primordial de equilíbrio, e chega o momento em que é alcançada a aniquilação total de todas as manifestações. Novamente, depois de um período, tudo é perturbado, projetado para fora, e novamente desce lentamente – como ondas. Todo movimento, tudo neste universo, pode ser comparado a ondas que passam por sucessivas subidas e descidas. Alguns desses filósofos sustentam que todo o universo se acalma por um período. Outros sustentam que este apaziguamento se aplica apenas aos sistemas; isto é, que enquanto o nosso sistema aqui, este sistema solar, se aquietará e voltará ao estado indiferenciado, milhões de outros sistemas irão no sentido contrário e projectar-se-ão para fora. Eu preferiria preferir a segunda opinião, de que esta aquietação não é simultânea em todo o universo, e que em diferentes partes acontecem coisas diferentes. Mas o princípio permanece o mesmo: tudo o que vemos — isto é, a própria natureza — progride em sucessivas subidas e descidas. O único estágio, queda, retorno

ao equilíbrio, o equilíbrio perfeito, é chamado Pralaya, o fim de um ciclo. A projeção e o Pralaya do universo foram comparados por escritores teístas na Índia à expiração e inspiração de Deus; Deus, por assim dizer, expira o universo, e ele entra nele novamente. Quando tudo se acalma, o que acontece com o universo? Ela existe apenas em formas mais sutis, na forma de causa, como é chamada na filosofia Sankhya. Não elimina causalidade, tempo e espaço; eles estão lá, só que se trata de formas muito finas e minúsculas. Supondo que todo este universo comece a encolher, até que cada um de nós se torne apenas uma pequena molécula, não deveríamos sentir a mudança, porque tudo o que se relaciona conosco estaria encolhendo ao mesmo tempo. A coisa toda desmorona, e novamente se projeta, a causa traz à tona o efeito, e assim por diante.

O que chamamos de matéria nos tempos modernos foi chamado por; os antigos psicólogos Bhutas, os elementos externos. Existe um elemento que, segundo eles, é eterno; todos os outros elementos são produzidos a partir deste. É chamado de Âkâsha. É um pouco semelhante à ideia de éter dos modernos, embora não exatamente semelhante. Junto com este elemento, existe a energia primordial chamada Prâna. Prana e Akasha combinam-se e recombina-se e formam os elementos a partir deles. Então, no final do Kalpa; tudo desaparece e volta para Akasha e Prana. Há no Rig-Veda, o escrito humano mais antigo que existe, uma bela passagem que descreve a criação, e é muito poética: "Quando não havia nada nem nada, quando a escuridão rolava sobre a escuridão, o que existia?" e a resposta é dada: "Então existia sem vibração". Esse Prana existia então, mas não havia movimento nele; Ânidavâtam significa "existia sem vibração". A vibração havia parado. Então, quando o Kalpa começa, após um intervalo imenso, o Anidavatam (átomo não vibratório) começa a vibrar, e golpe após golpe é dado pelo Prana a Akasha. Os átomos tornam-se condensados e, à medida que são condensados, diferentes elementos são formados. Geralmente encontramos essas coisas traduzidas de maneira muito curiosa; as pessoas não recorrem aos filósofos ou aos comentaristas para obterem suas traduções e não têm cérebro para entendê-las elas mesmas. Um homem bobo lê três letras em sânscrito e traduz um livro inteiro. Eles traduzem os elementos como ar, fogo e assim por diante; se procurassem os comentaristas, descobririam que não se referem ao ar ou qualquer coisa do tipo.

O Akasha, influenciado pelos repetidos golpes de Prana, produz Vâyú ou vibrações. Este Vayu vibra, e as vibrações que crescem cada vez mais rapidamente resultam em fricção que dá origem ao calor, Tejas. Aí esse calor acaba em liquefação, Âpah. Então esse líquido se torna sólido. Tínhamos o éter e o movimento, depois veio o calor, depois ele se liquefez e depois se condensou em matéria grosseira; e volta exatamente no sentido inverso. O sólido será liquefeito e então será convertido em uma massa de calor, que aos poucos voltará ao movimento; esse movimento irá parar e este Kalpa será destruído. Então, novamente ele retornará e novamente se dissolverá em éter. Prana não pode funcionar sozinho sem a ajuda de Akasha. Tudo o que conhecemos na forma de movimento, vibração ou pensamento é uma modificação do Prana, e tudo o que conhecemos na forma da matéria, seja como forma ou como resistência, é uma modificação do Akasha. O Prana não pode viver sozinho, nem agir sem médium; quando é puro Prana, tem o próprio Akasha para viver, e quando se transforma em forças da natureza, digamos, gravitação ou força centrífuga, deve ter matéria. Você nunca viu força sem matéria ou matéria sem força; o que chamamos de força e matéria são simplesmente as manifestações grosseiras dessas mesmas coisas, que, quando superfina, são chamadas de Prana e Akasha. Prana você pode chamar na vida inglesa de força vital; mas você não deve restringi-lo à vida do homem; ao mesmo tempo, você não deve identificá-lo com o Espírito, Atman. Então isso continua. A criação não pode ter começo nem fim; é um eterno contínuo.

Apresentaremos outra posição desses velhos psicólogos, que é a de que todas as coisas grosseiras são resultados de coisas boas. Tudo o que é grosseiro é composto de coisas finas, que eles chamam de Tanmâtras, as partículas finas. Sinto o cheiro de uma flor. Para cheirar, algo deve entrar em contato com meu nariz; a flor está ali, mas não a vejo se mover em minha direção. Aquilo que vem da flor e está em contato com meu nariz é chamado de Tanmatra, moléculas finas dessa flor. Assim com calor, luz e tudo mais. Estes Tanmatras podem novamente ser subdivididos em átomos. Filósofos diferentes têm teorias diferentes e sabemos que são apenas teorias. É suficiente para o nosso propósito saber que tudo o que é grosseiro é composto de coisas que são muito, muito finas. Primeiro obtemos os elementos grosseiros que sentimos externamente e depois vêm os elementos sutis com os quais o nariz, os olhos e os ouvidos entram em contato. Ondas

de éter tocam meus olhos; Não consigo vê-los, mas sei que devem entrar em contato com meus olhos antes que eu possa ver a luz.

Aqui estão os olhos, mas os olhos não veem. Retire o centro cerebral; os olhos ainda estarão lá, assim como a imagem do mundo exterior completa nas retinas; ainda assim os olhos não verão. Portanto, os olhos são apenas um instrumento secundário, não o órgão da visão. O órgão da visão é o centro nervoso do cérebro. Da mesma forma, o nariz é um instrumento e existe um órgão por trás dele. Os sentidos são simplesmente os instrumentos externos. Pode-se dizer que estes diferentes órgãos, Indriyas, como são chamados em sânscrito, são os verdadeiros centros de percepção.

É necessário que a mente esteja unida a um órgão para perceber. É uma experiência comum não ouvirmos o relógio bater quando estamos enterrados no estudo. Por que? O ouvido estava lá, o som era levado até o cérebro; contudo, não foi ouvido, porque a mente não se ligou ao órgão da audição.

Existe um órgão diferente para cada instrumento diferente. Pois, se alguém servisse para todos, descobriríamos que quando a mente se unisse a ele, todos os sentidos estariam igualmente ativos. Mas não é assim, como vimos no caso do relógio. Se houvesse apenas um órgão para todos os instrumentos, a mente veria e ouviria ao mesmo tempo, veria, ouviria e cheiraria ao mesmo tempo, e seria impossível para ela não fazer tudo isso ao mesmo tempo. Portanto é necessário que haja um órgão separado para cada sentido. Isto foi confirmado pela fisiologia moderna. Certamente é possível ouvir e ver ao mesmo tempo, mas isso ocorre porque a mente se liga parcialmente aos dois centros.

De que são feitos os órgãos? Vemos que os instrumentos – olhos, nariz e ouvidos – são feitos de materiais grosseiros. Os órgãos também são feitos de matéria. Assim como o corpo é composto de materiais grosseiros e fabrica Prana em diferentes forças grosseiras, os órgãos são compostos de elementos sutis, Akasha, Vayu, Tejas, etc., e fabricam Prana em forças mais sutis de percepção. Os órgãos, as funções do Prana, a mente e o Buddhi combinados, são chamados de corpo mais sutil do homem – o Linga ou Sukshma Sharira. O Linga Sharira tem uma forma real porque tudo que é material deve ter uma forma.

A mente é chamada de Manas, Chitta em Vritti ou vibração, o estado instável. Se você jogar uma pedra em um lago, primeiro haverá vibração e depois resistência. Por um momento a água vibrará e depois reagirá sobre a pedra. Então, quando qualquer impressão chega ao Chitta, primeiro ele vibra um pouco. Isso é chamado de Manas. A mente leva a impressão mais longe e a apresenta à faculdade determinante, Buddhi, que reage. Atrás de Buddhi está Ahamkara, o egoísmo, a autoconsciência que diz: “Eu sou”. Atrás de Ahamkara está Mahat, inteligência, a forma mais elevada de existência da natureza. Cada um é o efeito do seguinte. No caso do lago, todo golpe que chega até ele vem do mundo externo, enquanto no caso da mente, o golpe pode vir do mundo externo ou do mundo interno. Atrás da inteligência está o Ser do homem, o Purusha, o Atman, o puro, o perfeito, o único que é o vidente e para quem ocorre toda essa mudança.

O homem observa todas essas mudanças; ele mesmo nunca é impuro; mas através do que os Vedantistas chamam de Adhyāsa, por reflexão, por implicação, ele parece ser impuro. É como a aparência de um cristal quando uma flor vermelha ou azul é trazida diante dele: a cor é refletida nele, mas o cristal em si é puro. Tomaremos como certo que existem muitos eus, e cada eu é puro e perfeito; vários tipos de matéria grosseira e fina se sobrepõem ao eu e o tornam multicolorido. Por que a natureza faz tudo isso? A natureza está passando por todas essas mudanças para o desenvolvimento da alma; toda esta criação é para o benefício da alma, para que ela seja livre. Este imenso livro que chamamos de universo está estendido diante do homem para que ele possa ler; e ele eventualmente descobre que é um ser onisciente e onipotente. Devo dizer-lhe aqui que alguns dos nossos melhores psicólogos não acreditam em Deus no sentido em que você acredita Nele. O pai da nossa psicologia, Kapila, nega a existência de Deus. A sua ideia é que um Deus Pessoal é totalmente desnecessário; a própria natureza é suficiente para desenvolver toda a criação. O que é chamado de Teoria do Design, ele bateu na cabeça, e disse que nunca foi apresentada uma teoria mais infantil. Mas ele admite um tipo peculiar de Deus. Ele diz que todos nós estamos lutando para nos libertar; e quando nos tornamos livres, podemos, por assim dizer, fundir-nos na natureza, apenas para sair no início do próximo ciclo e ser o seu governante. Saímos como seres oniscientes e onipotentes. Nesse sentido podemos ser chamados de Deuses; você e eu e os seres mais humildes podemos ser Deuses em ciclos

diferentes. Ele diz que tal Deus será temporal; mas um Deus eterno, eternamente onipotente e governante do universo não pode existir. Se existisse tal Deus, haveria esta dificuldade: Ele deve ser um espírito preso ou livre. Um Deus perfeitamente livre não criaria: não há necessidade disso. Se Ele estivesse preso, Ele não criaria, porque não poderia: Ele seria impotente. Em ambos os casos, não pode haver nenhum governante eterno onisciente ou onipotente. Em nossas escrituras, onde quer que a palavra Deus seja mencionada, diz ele, ela significa aqueles seres humanos que se tornaram livres.

Kapila não acredita na unidade de todas as almas. Sua análise, até onde vai, é simplesmente maravilhosa. Ele é o pai dos pensadores indianos; O budismo e outros sistemas são o resultado do seu pensamento.

Segundo a sua psicologia, todas as almas podem recuperar a sua liberdade e os seus direitos naturais, que são a onnipotência e a onisciência. Mas surge a pergunta: Onde está essa escravidão? Kapila diz que não tem começo. Mas se não tem começo, deve ser sem fim, e nunca seremos livres. Ele diz que embora a escravidão não tenha começo, ela não tem aquele caráter constante e uniforme como a alma. Em outras palavras, a natureza (a causa da escravidão) não tem começo nem fim, mas não no mesmo sentido que a alma, porque a natureza não tem individualidade; é como um rio que recebe água fresca a cada momento; a soma total desses corpos d'água é o rio, mas o rio não é uma quantidade constante. Tudo na natureza muda constantemente, mas a alma nunca muda; então, como a natureza está sempre mudando, é possível que a alma saia da sua escravidão.

Todo o universo é construído sobre o mesmo plano que parte dele. Então, assim como eu tenho uma mente, existe uma mente cósmica. Assim como no individual, também no universal. Existe o corpo grosseiro universal; por trás disso, um corpo sutil universal; por trás disso, uma mente universal; por trás disso, um egoísmo ou consciência universal; e por trás disso, uma inteligência universal. E tudo isso está na natureza, na manifestação da natureza, e não fora dela.

Temos os corpos grosseiros de nossos pais, assim como nossa consciência. A hereditariedade estrita diz que meu corpo faz parte do corpo dos meus pais, o material da minha consciência e egoísmo faz parte do corpo dos

meus pais. Podemos aumentar a pequena porção herdada de nossos pais recorrendo à consciência universal. Existe um depósito infinito de inteligência do qual extraímos o que necessitamos; existe um depósito infinito de força mental no universo do qual extraímos eternamente; mas a semente deve vir dos pais. Nossa teoria é a hereditariedade associada à reencarnação. Pela lei da hereditariedade, a alma reencarnada recebe dos pais o material com o qual fabrica um homem.

Alguns dos filósofos europeus afirmaram que este mundo existe porque eu existo; e se eu não existir, o mundo não existirá. Às vezes é afirmado assim: Se todas as pessoas do mundo morressem e não existissem mais seres humanos, nem animais com poderes de percepção e inteligência, todas estas manifestações desapareceriam. Mas estes filósofos europeus não conhecem a sua psicologia, embora conheçam o princípio; a filosofia moderna tem apenas um vislumbre disso. Isto se torna fácil de entender quando visto do ponto de vista Sankhya. De acordo com Sankhya, é impossível que exista qualquer coisa que não tenha como material alguma parte da minha mente. Não conheço esta tabela como ela é. Uma impressão dele chega aos olhos, depois ao Indriya e depois à mente; e a mente reage, e essa reação é o que chamo de mesa. É exatamente o mesmo que atirar uma pedra num lago; o lago lança uma onda em direção à pedra; essa onda é o que conhecemos. O que é externo ninguém sabe; quando tento conhecê-lo, ele tem que se tornar o material que forneço. Eu, com minha própria mente, forneci o material para meus olhos. Há algo que está fora, que é apenas a ocasião, a sugestão, e sobre essa sugestão projeto minha mente; e assume a forma que vejo. Como todos nós vemos as mesmas coisas? Porque todos nós temos; partes semelhantes da mente cósmica. Aqueles que têm mentes semelhantes verão coisas semelhantes, e aqueles que não têm, não verão coisas iguais.

2.6.12 UM ESTUDO DA FILOSOFIA SANKHYA

Prakriti é chamada pelos filósofos Sankhya de indiscreta e definida como o equilíbrio perfeito dos materiais nela contidos; e segue-se naturalmente que em equilíbrio perfeito não pode haver movimento algum. No estado primordial antes de qualquer manifestação, quando não havia movimento, mas equilíbrio perfeito, esta Prakriti era indestrutível, porque a

decomposição ou morte vem da instabilidade ou mudança. Novamente, de acordo com o Sankhya, os átomos não são o estado primordial. Este universo não provém de átomos: eles podem ser do estado secundário ou terciário. O material primordial pode formar átomos e tornar-se coisas maiores e mais grosseiras; e no que diz respeito às investigações modernas, elas apontam para a mesma conclusão. Por exemplo, na teoria moderna do éter, se você disser que o éter é atômico, isso não resolverá nada. Para deixar mais claro, digamos que o ar é composto de átomos, e sabemos que o éter está em toda parte, interpenetrando-se, onipresente, e que esses átomos de ar estão flutuando, por assim dizer, no éter. Se o éter for novamente composto de átomos, ainda haverá espaços entre cada dois átomos de éter. O que os preenche? Se você supor que existe outro éter ainda mais sutil que faz isso, haverá novamente outros espaços entre os átomos desse éter mais sutil que precisam ser preenchidos, e assim será regressus ad infinitum, o que os filósofos Sankhya chamam de "causa que conduz". para nada" Portanto, a teoria atômica não pode ser definitiva. De acordo com Sankhya, a natureza é onipresente, uma massa onipresente da natureza, na qual estão as causas de tudo o que existe. O que se entende por causa? A causa é o estado sutil do estado manifestado; o estado não manifestado daquilo que se manifesta. O que você quer dizer com destruição? É reverter para a causa. Se você tiver um pedaço de cerâmica e der um golpe, ele será destruído. O que isto significa é que os efeitos voltam à sua própria natureza, os materiais com os quais a cerâmica foi criada voltam ao seu estado original. Para além desta ideia de destruição, qualquer ideia como a de aniquilação é à primeira vista absurda. De acordo com a ciência física moderna, pode ser demonstrado que toda destruição significa aquilo que Kapila disse há muito tempo – simplesmente reverter à causa. Voltar à forma mais refinada é tudo o que significa destruição. Você sabe como pode ser demonstrado em laboratório que a matéria é indestrutível. No presente estágio de nosso conhecimento, se alguém se levantar e disser que a matéria ou esta alma é aniquilada, ele está apenas se tornando ridículo; são apenas pessoas sem instrução e tolas que apresentariam tal proposta; e é curioso que o conhecimento moderno coincida com o que ensinaram aqueles antigos filósofos. Deve ser assim, e essa é a prova da verdade. Eles prosseguiram em sua investigação, tomando a mente como base; eles analisaram a parte mental deste universo e chegaram a certas conclusões, às quais nós,

analisando a parte física, devemos chegar, pois ambos devem levar ao mesmo centro.

Você deve lembrar que a primeira manifestação desta Prakriti no cosmos é o que o Sankhya chama de “Mahat”. Podemos chamá-lo de inteligência – o grande princípio, seu significado literal. A primeira mudança em Prakriti é esta inteligência; Eu não traduziria isso por autoconsciência, porque isso seria errado. A consciência é apenas uma parte dessa inteligência. Mahat é universal. Abrange todos os fundamentos do subconsciente, da consciência e da superconsciência; portanto, qualquer estado de consciência, aplicado a este Mahat, não seria suficiente. Na natureza, por exemplo, você nota certas mudanças acontecendo diante de seus olhos, as quais você vê e compreende, mas há outras mudanças, muito mais sutis, que nenhuma percepção humana pode captá-las. Eles vêm da mesma causa, o mesmo Mahat está fazendo essas mudanças. De Mahat surge o egoísmo universal. Tudo isso é substância. Não há diferença entre matéria e mente, exceto em grau. A substância é a mesma na forma mais fina ou mais grosseira; um se transforma no outro, e isso coincide exatamente com as conclusões da pesquisa fisiológica moderna. Ao acreditar no ensinamento de que a mente não está separada do cérebro, você será salvo de muitas lutas e lutas. O egoísmo novamente se transforma em duas variedades. Numa variedade, ele se transforma em órgãos. Os órgãos são de dois tipos: órgãos de sensação e órgãos de reação. Eles não são os olhos ou os ouvidos, mas atrás deles está o que vocês chamam de centros cerebrais, centros nervosos e assim por diante. Este egoísmo, esta matéria ou substância, muda, e deste material são fabricados estes centros. Da mesma substância é fabricada a outra variedade, os Tanmatras, finas partículas de matéria que atingem nossos órgãos de percepção e provocam sensações. Você não pode percebê-los, mas apenas sabe que eles estão lá. Dos Tanmatras é fabricada a matéria grosseira – terra, água e todas as coisas que vemos e sentimos. Quero deixar isso gravado em sua mente. É muito difícil compreendê-lo, porque nos países ocidentais as ideias sobre a mente e a matéria são muito estranhas. É difícil tirar essas impressões de nossos cérebros. Eu mesmo tive uma tremenda dificuldade ao ser educado em filosofia ocidental na minha infância. Tudo isso são coisas cósmicas. Pense nesta extensão universal da matéria, ininterrupta, uma substância, indiferenciada, que é o primeiro estado de tudo, e que começa a mudar da mesma forma que o leite se

transforma em coalhada. Esta primeira mudança é chamada Mahat. A substância Mahat se transforma na matéria mais grosseira chamada egoísmo. A terceira mudança se manifesta como órgãos dos sentidos universais e partículas finas universais, e estas últimas novamente se combinam e se tornam este universo denso que, com olhos, nariz e ouvidos, vemos, cheiramos e ouvimos. Este é o plano cósmico de acordo com o Sankhya, e o que está no cosmos também deve ser microcósmico. Pegue um homem individual. Ele tem primeiro uma parte da natureza indiferenciada nele, e essa natureza material nele se transforma neste Mahat, uma pequena partícula desta inteligência universal, e esta partícula de inteligência universal nele se transforma em egoísmo, e depois no sentido- órgãos e as finas partículas de matéria que se combinam e fabricam seu corpo. Quero que isto fique claro, porque é o trampolim para Sankhya, e é absolutamente necessário que você o compreenda, porque esta é a base da filosofia do mundo inteiro. Não há filosofia no mundo que não esteja em dívida com Kapila. Pitágoras veio para a Índia e estudou esta filosofia, e esse foi o início da filosofia dos gregos. Mais tarde, formou-se a escola Alexandrina e, ainda mais tarde, a Gnóstica. Ficou dividido em dois; uma parte foi para a Europa e Alexandria, e a outra permaneceu na Índia; e a partir disso foi desenvolvido o sistema de Vyasa. A filosofia Sankhya de Kapila foi o primeiro sistema racional que o mundo já viu. Todo metafísico do mundo deve prestar-lhe homenagem. Quero deixar claro em sua mente que devemos ouvi-lo como o grande pai da filosofia. Este homem maravilhoso, o mais antigo dos filósofos, é mencionado até mesmo no Shruti: “Ó Senhor, Tu que produziste o sábio Kapila no Princípio”. Quão maravilhosas eram suas percepções, e se existe alguma prova exigida do extraordinário poder de percepção dos Yogis, tais homens são a prova. Eles não tinham microscópios ou telescópios. No entanto, quão apurada era a sua percepção, quão perfeita e maravilhosa era a sua análise das coisas!

Apontarei aqui a diferença entre Schopenhauer e a filosofia indiana. Schopenhauer diz que o desejo, ou vontade, é a causa de tudo. É a vontade de existir que nos manifesta, mas negamos isso. A vontade é idêntica aos nervos motores. Quando vejo um objeto não há vontade; quando suas sensações são levadas ao cérebro, surge a reação, que diz “Faça isso” ou “Não faça isso”, e esse estado da substância do ego é o que se chama vontade. Não pode haver uma única partícula de vontade que não seja uma

reação. Tantas coisas precedem a vontade. É apenas algo fabricado a partir do ego, e o ego é uma fabricação de algo ainda mais elevado – a inteligência – e isso novamente é uma modificação da natureza indiscreta. Essa era a ideia budista, de que tudo o que vemos é vontade. É psicologicamente totalmente errado, porque a vontade só pode ser identificada com os nervos motores. Se você tirar os nervos motores, o homem não terá vontade alguma. Este fato, como talvez vocês bem saibam, foi descoberto após uma longa série de experimentos feitos com animais inferiores.

Nós vamos abordar esta questão. É muito importante compreender esta questão do Mahat no homem, o grande princípio, a inteligência. Esta própria inteligência é modificada no que chamamos de egoísmo, e esta inteligência é a causa de todos os poderes do corpo. Abrange todo o terreno, subconsciência, consciência e superconsciência. Quais são esses três estados? O estado subconsciente que encontramos nos animais, que chamamos de instinto. Isto é quase infalível, mas muito limitado. O instinto raramente falha. Um animal distingue quase instintivamente uma erva venenosa de uma erva comestível, mas seu instinto é muito limitado. Assim que surge algo novo, fica cego. Funciona como uma máquina. Depois vem um estado mais elevado de conhecimento que é falível e comete erros frequentemente, mas tem um alcance maior, embora seja lento, e a isto vocês chamam razão. É muito maior que o instinto, mas o instinto é mais seguro que a razão. Há mais chances de erros de raciocínio do que de instinto. Existe um estado mental ainda mais elevado, o superconsciente, que pertence apenas aos iogues, aos homens que o cultivaram. Isto é infalível e muito mais ilimitado em seu alcance do que a razão. Este é o estado mais elevado. Portanto, devemos lembrar que este Mahat é a verdadeira causa de tudo o que está aqui, aquilo que se manifesta de várias maneiras, abrange todo o terreno do subconsciente, do consciente e do superconsciente, os três estados em que o conhecimento existe.

Agora vem uma pergunta delicada que sempre é feita. Se um Deus perfeito criou o universo, por que existe imperfeição nele? O que chamamos de universo é o que vemos, e isso é apenas este pequeno plano de consciência e razão; além disso, não vemos nada. Agora, a própria questão é impossível. Se eu pegar apenas uma pequena porção de uma massa de alguma coisa e

olhar para ela, parece ser desarmônico. Naturalmente. O universo é desarmônico porque nós o tornamos assim. Como? O que é razão? O que é conhecimento? Conhecimento é encontrar a associação sobre as coisas. Você sai na rua e vê um homem e diz: eu sei que este é um homem; porque você se lembra das impressões em sua mente, das marcas em Chitta. Você viu muitos homens e cada um deles deixou uma impressão em sua mente; e ao ver esse homem, você encaminha isso para sua loja e vê muitas fotos semelhantes lá; e quando você os vê, fica satisfeito e coloca este novo com o resto. Quando surge uma nova impressão e ela tem associações em sua mente, você fica satisfeito; e esse estado de associação é chamado de conhecimento. Conhecimento é, portanto, agrupar uma experiência com o fundo de experiência já existente, e esta é uma das grandes provas do fato de que você não pode ter nenhum conhecimento até que já tenha um fundo existente. Se você não tiver experiência, como pensam alguns filósofos europeus, e se sua mente for uma tabula rasa para começar, você não poderá obter nenhum conhecimento, porque o próprio fato do conhecimento é o reconhecimento do novo por meio de associações já existentes no mundo. Deve haver uma loja disponível para encaminhar uma nova impressão. Suponhamos que uma criança nasça neste mundo sem tal fundo, seria impossível para ela obter qualquer conhecimento. Portanto, a criança deve ter estado anteriormente num estado em que tinha um fundo, e assim o conhecimento está aumentando eternamente. Encontre-me uma maneira de contornar esse argumento. É um fato matemático. Algumas escolas ocidentais de filosofia também sustentam que não pode haver conhecimento sem um fundo de conhecimento passado. Eles formularam a ideia de que a criança nasce com conhecimento. Estes filósofos ocidentais dizem que as impressões com que a criança vem ao mundo não se devem ao passado da criança, mas às experiências dos seus antepassados: trata-se apenas de transmissão hereditária. Em breve descobrirão que esta ideia está totalmente errada; alguns filósofos alemães estão agora a dar duros golpes nestas ideias de hereditariedade. A hereditariedade é muito boa, mas incompleta, só explica o lado físico. Como você explica os ambientes que nos influenciam? Muitas causas produzem um efeito. O meio ambiente é um dos efeitos modificadores. Nós criamos o nosso próprio ambiente: tal como é o nosso passado, encontramos o ambiente presente. Um homem bêbado gravita naturalmente para as favelas mais baixas da cidade.

Você entende o que significa conhecimento. Conhecimento é classificar uma nova impressão com as antigas, reconhecendo uma nova impressão. O que se entende por reconhecimento? Encontrar associações com impressões semelhantes às que já se tem. Nada mais se entende por conhecimento. Se for esse o caso, se conhecimento significa encontrar as associações, então deve ser que, para saber alguma coisa, tenhamos de definir toda a série dos seus semelhantes. Não é assim? Suponha que você pegue uma pedra; para encontrar a associação, você precisa ver toda a série de pedras semelhantes a ela. Mas com a nossa percepção do universo como um todo não podemos fazer isso, porque no escaninho da nossa mente há apenas um único registro da percepção, não temos outra percepção da mesma natureza ou classe, não podemos compará-la com qualquer outro. Não podemos referi-lo às suas associações. Este pedaço do universo, isolado pela nossa consciência, é uma coisa surpreendentemente nova, porque não fomos capazes de encontrar as suas associações. Portanto, estamos lutando contra isso e pensando que é horrível, perverso e ruim; às vezes podemos pensar que é bom, mas sempre pensamos que é imperfeito. Somente quando encontramos suas associações é que o universo pode ser conhecido. Nós o reconheceremos quando formos além do universo e da consciência, e então o universo permanecerá explicado. Até que possamos fazer isso, todas as batidas de nossas cabeças contra uma parede nunca explicarão o universo, porque o conhecimento é a descoberta de semelhantes, e este plano consciente só nos dá uma única percepção dele. O mesmo acontece com a nossa ideia de Deus. Tudo o que vemos de Deus é apenas uma parte, assim como vemos apenas uma parte do universo, e todo o resto está além da cognição humana. "Eu, o universal; tão grande sou que até mesmo este universo é apenas uma parte de Mim." É por isso que vemos Deus como imperfeito e não O compreendemos. A única maneira de entendê-Lo e ao universo é ir além da razão, além da consciência. "Quando você for além do que é ouvido e do que ouve, do pensamento e do pensamento, somente então você chegará à Verdade." "Vá além das escrituras, porque elas ensinam apenas a natureza, as três qualidades." Quando vamos além deles, encontramos a harmonia, e não antes.

O microcosmo e o macrocosmo são construídos exatamente no mesmo plano, e no microcosmo conhecemos apenas uma parte, a parte intermediária. Não conhecemos nem o subconsciente nem o

superconsciente. Conhecemos apenas o consciente. Se um homem se levanta e diz: “Sou um pecador”, ele faz uma afirmação falsa porque não conhece a si mesmo. Ele é o mais ignorante dos homens; de si mesmo ele conhece apenas uma parte, porque seu conhecimento cobre apenas uma parte do terreno em que se encontra. Assim, com este universo, é possível conhecer apenas uma parte dele com a razão, não o todo; pois o subconsciente, o consciente e o superconsciente, o Mahat individual e o Mahat universal, e todas as modificações subsequentes, constituem o universo.

O que faz a natureza (Prakriti) mudar? Vemos até agora que tudo, toda Prakriti, é Jada, insensível. É tudo composto e insensível. Onde quer que haja lei, é prova de que a região de seu jogo é insensível. Mente, inteligência, vontade e tudo mais são insensíveis. Mas todos eles refletem a senciência, o “Chit” de algum ser que está além de tudo isso, a quem os filósofos Sankhya chamam de “Purusha”. O Purusha é a causa involuntária de todas as mudanças no universo. Isto é, este Purusha, tomando-O no sentido universal, é o Deus do universo. Diz-se que a vontade do Senhor criou o universo. É muito boa como expressão comum, mas vemos que não pode ser verdade. Como poderia ser? A vontade é a terceira ou quarta manifestação da natureza. Muitas coisas existem antes dele, e o que as criou? A vontade é um composto, e tudo o que é composto é produto da natureza. A vontade, portanto, não poderia criar a natureza. Então, dizer que a vontade do Senhor criou o universo não tem sentido. Nossa vontade cobre apenas uma pequena parte da autoconsciência e move nosso cérebro. Não é a vontade que opera o seu corpo ou o universo. Este corpo está sendo movido por um poder do qual a vontade é apenas uma manifestação em uma parte. Da mesma forma, no universo existe vontade, mas esta é apenas uma parte do universo. Todo o universo não é guiado pela vontade; é por isso que não podemos explicá-lo pela teoria da vontade. Suponhamos que eu tome como certo que é a vontade que move o corpo; então, quando descubro que não posso fazê-lo à vontade, começo a me preocupar e a me irritar. A culpa é minha, porque eu não tinha o direito de considerar a teoria da vontade como certa. Da mesma forma, se tomo o universo e penso que é a vontade que o move e encontro coisas que não coincidem, a culpa é minha. Então o Purusha não é vontade; nem pode ser inteligência, porque a própria inteligência é um composto. Não pode haver inteligência sem algum

tipo de matéria correspondente ao cérebro. Onde quer que haja inteligência, deve haver algo semelhante àquela matéria que chamamos de cérebro, que se agrupa numa forma particular e serve ao propósito do cérebro. Onde quer que haja inteligência, deve haver essa matéria de uma forma ou de outra. Mas a própria inteligência é um composto. O que é então este Purusha? Não é inteligência nem vontade, mas é a causa de tudo isso. É a sua presença que faz com que todos funcionem e se combinem. Não se mistura com a natureza; não é inteligência, ou Mahat; mas o Ser, o puro, é Purusha. "Eu sou a testemunha e, através do meu testemunho, a natureza está produzindo; tudo o que é senciente e tudo o que é insensível."

O que é essa senciência na natureza? Descobrimos que a inteligência é esta senciência chamada Chit. A base da senciência está no Purusha, é a natureza do Purusha. É aquilo que não pode ser explicado, mas que é a causa de tudo o que chamamos de conhecimento. Purusha não é consciência, porque a consciência é um composto; mas tudo o que é leve e bom na consciência pertence a Purusha. Purusha não é consciente, mas tudo o que é leve na inteligência pertence a Purusha. A senciência está no Purusha, mas o Purusha não é inteligente, não sabe. O Chit no Purusha mais Prakriti é o que vemos ao nosso redor. Tudo o que é prazer, felicidade e luz no universo pertence a Purusha; mas é um composto porque é Purusha mais Prakriti. "Onde quer que haja felicidade, onde quer que haja bem-aventurança, há uma centelha daquela imortalidade que é Deus." "Purusha é a grande atração do universo; embora intocado e desconectado do universo, ainda assim atrai o universo inteiro." Você vê um homem indo atrás de ouro, porque atrás dele há uma centelha do Purusha, embora misturada com uma grande quantidade de sujeira. Quando um homem ama seus filhos ou uma mulher ama seu marido, qual é o poder de atração? Uma centelha de Purusha atrás deles. Está aí, só misturado com "sujeira". Nada mais pode atrair. "Neste mundo de insensibilidade só o Purusha é senciente." Este é o Purusha do Sankhya. Como tal, segue-se necessariamente que o Purusha deve ser onipresente. Aquilo que não é onipresente deve ser limitado. Todas as limitações são causadas; aquilo que é causado deve ter começo e fim. Se o Purusha for limitado, ele morrerá, não será livre, não será definitivo, mas deverá ter alguma causa. Portanto, é onipresente. Segundo Kapila, existem muitos Purushas; não um, mas um número infinito deles. Você e eu temos um para cada um de nós, e todos os outros também; um número infinito de

círculos, cada um infinito, percorrendo este universo. O Purusha não é mente nem matéria, o reflexo dele é tudo o que conhecemos. Temos certeza de que se for onipresente não tem morte nem nascimento. A natureza lança sobre ele a sua sombra, a sombra do nascimento e da morte, mas ele é puro por natureza. Até agora achamos maravilhosa a filosofia do Sankhya.

A seguir, examinaremos as provas contra isso. Até agora a análise é perfeita, a psicologia incontestável. Descobrimos, pela divisão dos sentidos em órgãos e instrumentos, que eles não são simples, mas compostos; dividindo o egoísmo em sentido e matéria, descobrimos que isto também é material e que Mahat também é um estado da matéria e, finalmente, encontramos o Purusha. Até agora não há objeção. Mas se fizermos a pergunta ao Sankhya: “Quem criou a natureza?” – o Sankhya diz que o Purusha e o Prakriti são incriados e onipresentes, e que deste Purusha existe um número infinito. Teremos que contestar estas proposições e encontrar uma solução melhor, e ao fazê-lo chegaremos ao Advaitismo. A nossa primeira objeção é: como pode haver estes dois infinitos? Então o nosso argumento será que o Sankhya não é uma generalização perfeita e que não encontramos nele uma solução perfeita. E então veremos como os Vedantistas superam todas essas dificuldades e alcançam uma solução perfeita, e ainda assim toda a glória realmente pertence ao Sankhya. É muito fácil dar um toque final a um edifício quando este é construído.

2.6.13 SANKHYA E VEDANTA

Vou lhe dar um resumo da filosofia Sânkhya, pela qual temos passado. Nós, nesta palestra, queremos descobrir onde estão seus defeitos e onde o Vedanta entra e o complementa. Você deve se lembrar que, de acordo com a filosofia Sankhya, a natureza é a causa de todas essas manifestações que chamamos de pensamento, intelecto, razão, amor, ódio, tato, paladar e matéria. Tudo vem da natureza. Esta natureza consiste em três tipos de elementos, chamados Sattva, Rajas e Tamas. Estas não são qualidades, mas elementos, os materiais a partir dos quais todo o universo evoluiu. No início de um ciclo estes permanecem em equilíbrio; e quando a criação chega, eles começam a se combinar e a se recombinar e a se manifestar como o universo. A primeira manifestação é o que o Sankhya chama de Mahat ou

Inteligência, e daí surge a consciência. De acordo com Sankhya, este é um elemento (Tattva). E fora da consciência evoluíram Manas ou mente, os órgãos dos sentidos e os Tanmâtras (partículas de som, tato, etc.). Todas as partículas finas evoluíram a partir da consciência, e dessas partículas finas surgem os elementos grosseiros que chamamos de matéria. Os Tanmatras não podem ser percebidos; mas quando se tornam partículas grosseiras, podemos senti-las e percebê-las.

O Chitta, em sua tríplice função de inteligência, consciência e mente, trabalha e fabrica as forças chamadas Prâna. Você deve se livrar imediatamente da ideia de que Prana é respiração. A respiração é um efeito do Prana. Por Prana entendemos as forças nervosas que governam e movem todo o corpo, que também se manifestam como pensamento. A manifestação principal e mais óbvia do Prana é o movimento respiratório. Prana atua sobre o ar, e não o ar sobre ele. Controlar o movimento respiratório é prânâyâma. Pranayama é praticado para dominar esse movimento; o objetivo não é apenas controlar a respiração ou fortalecer os pulmões. Isso é Delsarte, não Pranayama. Esses Pranas são as forças vitais que manipulam todo o corpo, enquanto por sua vez são manipulados por outros órgãos do corpo, que são chamados de mente ou órgãos internos. Até agora tudo bem. A psicologia é muito clara e precisa; e ainda assim é o pensamento racional mais antigo do mundo! Onde quer que exista alguma filosofia ou pensamento racional, ele deve uma coisa ou outra a Kapila. Pitágoras aprendeu na Índia e ensinou na Grécia. Mais tarde, Platão teve uma ideia disso; e ainda mais tarde os gnósticos levaram o pensamento para Alexandria, e de lá ele veio para a Europa. Portanto, onde quer que haja qualquer tentativa de psicologia ou filosofia, o grande pai disso é este homem, Kapila. Até agora vemos que sua psicologia é maravilhosa; mas teremos que divergir dele em alguns pontos, à medida que prosseguirmos. Descobrimos que o princípio básico sobre o qual Kapila trabalha é a evolução. Ele faz uma coisa evoluir a partir de outra, porque a sua própria definição de causalidade é “a causa reproduzida de outra forma”, e porque todo o universo, até onde o vemos, é progressivo e evolutivo. Vemos argila; em outra forma, chamamos de jarro. Clay foi a causa e o arremessador o efeito. Além disso, não podemos ter qualquer ideia de causalidade. Assim, todo este universo evoluiu a partir de um material, de Prakriti ou natureza. Portanto, o universo não pode ser essencialmente diferente da sua causa.

Segundo Kapila, da natureza indiferenciada ao pensamento ou intelecto, nenhum deles é o que ele chama de “Apreciador” ou “Iluminador”. Assim como é um pedaço de barro, também é um pedaço de mente. Por si só a mente não tem luz; mas comi veja os motivos. Portanto, deve haver alguém por trás disso, cuja luz esteja se infiltrando através de Mahat e da consciência, e das modificações subsequentes, e é isso que Kapila chama de Purusha, o Ser do Vedantin. Segundo Kapila, o Purusha é uma entidade simples, não um composto; ele é imaterial, o único que é imaterial, e todas essas diversas manifestações são materiais. Vejo um quadro negro. Primeiro, os instrumentos externos trarão essa sensação ao centro nervoso, ao Indriya, segundo Kapila; do centro irá para a mente e causará uma impressão; a mente apresentará isso ao Buddhi, mas Buddhi não pode agir; a ação vem, por assim dizer, do Purusha de trás. Estes, por assim dizer, são todos seus servos, trazendo-lhe as sensações, e ele, por assim dizer, dá as ordens, reage, é o desfrutador, o percebedor, o Real, o Rei em seu trono, o Eu de homem, que é imaterial. Porque ele é imaterial, segue-se necessariamente que ele deve ser infinito, ele não pode ter qualquer limitação. Cada um dos Purushas é onipresente; cada um de nós é onipresente, mas só podemos agir através do Linga Sharira, o corpo sutil. A mente, a autoconsciência, os órgãos e as forças vitais compõem o corpo sutil ou invólucro, que na filosofia cristã é chamado de corpo espiritual do homem. É este corpo que obtém a salvação, ou o castigo, ou o céu, que encarna e reencarna, porque vemos desde o início que a ida e a vinda do Purusha ou alma são impossíveis. Movimento significa ir ou vir, e o que vai ou vem de um lugar para outro não pode ser onipresente. Até agora vemos pela psicologia de Kapila que a alma é infinita e que a alma é a única coisa que não é composta de natureza. Ele é o único que está fora da natureza, mas aparentemente está preso à natureza. A natureza está ao seu redor e ele se identificou com ela. Ele pensa: “Eu sou o Linga Sharira”, “Eu sou a matéria grosseira, o corpo grosseiro”, e como tal ele desfruta do prazer e da dor, mas eles não pertencem realmente a ele, eles pertencem a este Linga Sharira ou ao bem. corpo.

O estado meditativo é sempre chamado de estado mais elevado pelo Yogue, quando não é um estado passivo nem ativo; nele você se aproxima mais do Purusha. A alma não tem prazer nem dor; é o testemunho de tudo, o testemunho eterno de todo trabalho, mas não tira frutos de nenhum trabalho.

Como o sol é a causa da visão de todos os olhos, mas não é afetado por nenhum defeito no olho, ou como quando um cristal tem flores vermelhas ou azuis colocadas diante dele, o cristal parece vermelho ou azul, mas não é nenhum dos dois; então, a alma não é nem passiva nem ativa, está além de ambos. A maneira mais próxima de expressar esse estado da alma é através da meditação. Esta é a filosofia Sankhya.

A seguir, Sankhya diz que a manifestação da natureza é para a alma; todas as combinações são para alguma terceira pessoa. As combinações que vocês chamam de natureza, essas mudanças constantes estão acontecendo para o desfrute da alma, para a sua liberação, para que ela possa ganhar toda essa experiência do mais baixo ao mais alto. Depois de consegui-lo, a alma descobre que nunca existiu na natureza, que estava totalmente separada, que é indestrutível, que não pode ir e vir; que ir para o céu e nascer de novo estava na natureza, e não na alma. Assim a alma se torna livre. Toda a natureza trabalha para o prazer e a experiência da alma. É obter essa experiência para atingir a meta, e essa meta é a liberdade. Mas as almas são muitas de acordo com a filosofia Sankhya. Existe um número infinito de almas. A outra conclusão de Kapila é que não existe Deus como Criador do universo. A natureza é suficiente por si só para dar conta de tudo. Deus não é necessário, diz o Sankhya.

O Vedanta diz que a Alma é em sua natureza Existência absoluta, Conhecimento absoluto, Bem-aventurança absoluta. Mas estas não são qualidades da Alma: são uma, não três, a essência da Alma; e concorda com o Sankhya ao pensar que a inteligência pertence à natureza, na medida em que vem através da natureza. O Vedanta também mostra que o que é chamado de inteligência é um composto. Por exemplo, vamos examinar nossas percepções. Vejo um quadro negro. Como surge o conhecimento? O que os filósofos alemães chamam de “a coisa em si” do quadro-negro é desconhecido, nunca poderei saber. Vamos chamá-lo de x. O quadro negro x atua na minha mente e a mente reage. A mente é como um lago. Jogue uma pedra em um lago e uma onda reacionária virá em direção à pedra; esta onda não é nada parecida com a pedra, é uma onda. O quadro negro x é como uma pedra que atinge a mente e a mente lança uma onda em sua direção, e essa onda é o que chamamos de quadro negro. Eu te vejo. Você, como realidade, é desconhecido e incognoscível. Você é x e age de acordo

com minha mente, e a mente lança uma onda na direção de onde vem o impacto, e essa onda é o que chamo de Sr. ou Sra. Fulano de Tal. Existem dois elementos na percepção, um vindo de fora e outro de dentro, e a combinação desses dois, $x + \text{mente}$, é o nosso universo externo. Todo conhecimento é por reação. No caso de uma baleia, foi determinado por cálculo quanto tempo depois de sua cauda ser atingida, sua mente reage e a baleia sente a dor. Semelhante é o caso da percepção interna. O verdadeiro eu dentro de mim também é desconhecido e incognoscível. Vamos chamá-lo de y . Quando eu me conheço como fulano de tal, é $\text{você} + \text{a mente}$. Isso é um golpe na mente. Portanto, todo o nosso mundo é $x + \text{mente}$ (externo) e $y + \text{mente}$ (interno), x e y representando a coisa em si por trás dos mundos externo e interno, respectivamente.

De acordo com o Vedanta, os três fatores fundamentais da consciência são: eu existo, eu sei e sou abençoado. A ideia de que não tenho necessidades, de que estou tranquilo, em paz, de que nada pode me perturbar, que surge de vez em quando, é o fato central do nosso ser, o princípio básico da nossa vida; e quando se torna limitado e se torna um composto, manifesta-se como existência fenomenal, conhecimento fenomenal e amor. Todo homem existe, e todo homem deve saber, e todo homem é louco por amor. Ele não pode deixar de amar. Através de toda a existência, do mais baixo ao mais elevado, todos devem amar. O y , a coisa interna em si, que, combinando-se com a mente, fabrica a existência, o conhecimento e o amor, é chamado pelos Vedantistas. Existência absoluta, Conhecimento absoluto, Bem-aventurança absoluta. Essa existência real é ilimitada, não misturada, não combinada, não conhece mudanças, é a alma livre; quando se confunde, se confunde, por assim dizer, com a mente, torna-se o que chamamos de existência individual. É a vida vegetal, a vida animal, a vida humana, tal como o espaço universal é isolado numa sala, num jarro, e assim por diante. E esse conhecimento real não é o que sabemos, nem a intuição, nem a razão, nem o instinto. Quando isso degenera e fica confuso, chamamos isso de intuição; quando degenera mais, chamamos isso de razão; e quando degenera ainda mais, chamamos isso de instinto. Esse conhecimento em si é Vijnâna, nem intuição, nem razão, nem instinto. A expressão mais próxima para isso é onisciência. Não há limite para isso, nem combinação. Essa bem-aventurança, quando fica turva, chamamos de amor, atração por corpos grosseiros ou corpos sutis, ou por ideias. Esta é apenas uma manifestação

distorcida dessa bem-aventurança. Existência Absoluta, Conhecimento absoluto e Bem-aventurança absoluta não são qualidades da alma, mas a essência; não há diferença entre eles e a alma. E os três são um; vemos uma coisa em três aspectos diferentes. Eles estão além de todo conhecimento relativo. Esse conhecimento eterno do Ser que permeia o cérebro do homem torna-se sua intuição, razão e assim por diante. Sua manifestação varia de acordo com o meio através do qual brilha. Como alma, não há diferença entre o homem e o animal mais inferior, apenas o cérebro deste último é menos desenvolvido e a manifestação através dele que chamamos de instinto é muito monótona. Num homem o cérebro é muito mais refinado, então a manifestação é muito mais clara, e no homem mais elevado ela se torna totalmente clara. O mesmo acontece com a existência; a existência que conhecemos, a esfera limitada da existência, é simplesmente um reflexo daquela existência real que é a natureza da alma. Assim, com felicidade; aquilo que chamamos de amor ou atração é apenas a rejeição da bem-aventurança eterna do Ser. Com a manifestação vem a limitação, mas o não manifestado, a natureza essencial da alma, é ilimitado; para essa bem-aventurança não há limite. Mas no amor há limitação. Eu te amo um dia, te odeio no outro. Meu amor aumenta num dia e diminui no outro, porque é apenas uma manifestação.

O primeiro ponto que discutiremos com Kapila é a sua ideia de Deus. Assim como a série de modificações de Prakriti, começando com o intelecto individual e terminando com o corpo individual, requer um Purusha por trás, como governante e governador, assim também, no Cosmos, o intelecto universal, o egoísmo universal, a mente universal, todos os materiais universais, finos e grosseiros, devem ter uma régua e um governador. Como a série cósmica se tornará completa sem o Purusha universal por trás de todos eles como governante e governador? Se você nega um Purusha universal por trás da série cósmica, negamos o seu Purusha por trás da série individual. Se for verdade que por trás da série de manifestações individuais graduadas e evoluídas, existe Um que está além de todas elas, o Purusha que não é composto de matéria, a mesma lógica se aplicará ao caso das manifestações universais. Este Eu Universal que está além das modificações universais de Prakriti é o que é chamado de Ishwara, o Governante Supremo, Deus.

Agora vem o ponto de diferença mais importante. Pode haver mais de um Purusha? O Purusha, como vimos, é onipresente e infinito. O onipresente, o infinito, não pode ser dois. Se houver dois infinitos A e B, o infinito A limitaria o infinito B, porque o infinito B não é o infinito A, e o infinito A não é o infinito B. Diferença em identidade significa exclusão, e exclusão significa limitação. Portanto, A e B, limitando-se, deixam de ser infinitos. Portanto, só pode haver um infinito, isto é, um Purusha.

Agora pegaremos nossos x e y e mostraremos que eles são um. Mostramos como o que chamamos de mundo externo é $x + \text{mente}$, e o mundo interno $y + \text{mente}$; x e y são quantidades desconhecidas e incognoscíveis. Toda diferença se deve ao tempo, espaço e causalidade. Esses são os elementos constituintes da mente. Nenhuma mentalidade é possível sem eles. Você nunca poderá pensar sem tempo, nunca poderá imaginar nada sem espaço e nunca poderá ter nada sem causalidade. Estas são as formas da mente. Remova-os e a própria mente não existirá. Toda diferença é, portanto, devida à mente. De acordo com o Vedanta, é a mente, suas formas, que aparentemente limitaram x e y e os fizeram aparecer como mundos externos e internos. Mas x e y, estando ambos além da mente, não têm diferença e, portanto, são um. Não podemos atribuir-lhes qualquer qualidade, porque as qualidades nascem da mente. Aquilo que não tem qualidade deve ser um; x não tem qualidades, requer apenas qualidades da mente; você também; portanto, esses x e y são um. Todo o universo é um. Existe apenas um Eu no universo, apenas uma Existência, e essa Existência Única, quando passa pelas formas de tempo, espaço e causalidade, é chamada por nomes diferentes, Buddhi, matéria sutil, matéria densa, tudo mental e físico. formulários. Tudo no universo é Aquele, aparecendo em várias formas. Quando uma pequena parte dela entra, por assim dizer, nesta rede de tempo, espaço e causalidade, ela toma formas; tire a rede e é tudo um. Portanto, na filosofia Advaita, todo o universo é um no Ser que é chamado Brahman. Esse Eu, quando aparece atrás do universo, é chamado de Deus. O mesmo Eu que aparece por trás deste pequeno universo, o corpo, é a alma. Esta mesma alma, portanto, é o Eu no homem. Existe apenas um Purusha, o Brahman do Vedanta; Deus e o homem, analisados, são um só nisso. O universo é você mesmo, o você ininterrupto; você está em todo o universo. "Com todas as mãos você trabalha, por todas as bocas você come, por todas as narinas você respira, por todas as mentes que você pensa." O universo

inteiro é você; o universo é o seu corpo; você é o universo formado e informe. Você é a alma do universo e seu corpo também. Você é Deus, você é os anjos, você é o homem, você é os animais, você é as plantas, você é os minerais, você é tudo; a manifestação de tudo é você. O que quer que exista é você. Você é o Infinito. O Infinito não pode ser dividido. Não pode ter partes, pois cada parte seria infinita, e então a parte seria idêntica ao todo, o que é absurdo. Portanto, a ideia de que você é o Sr. Fulano de Tal nunca pode ser verdadeira; é um sonho acordado. Saiba disso e seja livre. Esta é a conclusão do Advaita. "Eu não sou o corpo, nem os órgãos, nem a mente; eu sou Existência, Conhecimento e Bem-aventurança absoluta; eu sou Ele." Este é o verdadeiro conhecimento; toda razão e intelecto, e todo o resto é ignorância. Onde está o conhecimento para mim, pois eu sou o próprio conhecimento! Onde está a vida para mim, pois eu sou a própria vida! Tenho certeza de que vivo, pois sou a vida, o Ser Único, e nada existe exceto através de mim, e em mim, e como eu. Eu me manifesto através dos elementos, mas sou o Livre. Quem busca a liberdade? Ninguém. Se você pensa que está vinculado, você permanece vinculado; você faz sua própria escravidão. Se você sabe que é livre, você está livre neste momento. Isto é conhecimento, conhecimento da liberdade. A liberdade é o objetivo de toda a natureza.

2.6.14 O OBJETIVO

(Entregue em São Francisco, 27 de março de 1900)

(Reproduzido do Vedanta and the West, maio-junho de 1958. Os editores da Revista publicaram-no tal como foi gravado, acrescentando certas palavras (entre colchetes) para manter a continuidade do pensamento e pontos para indicar omissões que possam ter ocorrido. na gravação. - Ed.)

Descobrimos que o homem, por assim dizer, está sempre rodeado por algo maior do que ele mesmo, e está tentando compreender o significado disso. O homem sempre [buscará] o ideal mais elevado. Ele sabe que existe e que a religião é a busca do ideal mais elevado. No início, todas as suas buscas foram no plano externo – colocado no céu, em lugares diferentes – exatamente de acordo com [sua compreensão] da natureza total do homem.

[Mais tarde,] o homem começou a olhar para si mesmo um pouco mais de perto e começou a descobrir que o verdadeiro “eu” não era o “eu” que ele representa normalmente. Como ele aparece aos sentidos não é o mesmo que realmente é. Ele começou a [procurar] dentro de si mesmo e descobriu que. . . o mesmo ideal que ele [colocou] fora de si mesmo está o tempo todo dentro; o que ele estava adorando externamente era sua própria natureza interior real. A diferença entre o dualismo e o monismo é que quando o ideal é colocado fora [de si mesmo], é dualismo. Quando Deus é [procurado] dentro de nós, isso é monismo.

Primeiro, a velha questão de porquê e para quê. . . Como é que o homem se tornou limitado? Como o Infinito se tornou finito, o puro se tornou impuro? Em primeiro lugar, você nunca deve esquecer que esta questão nunca pode ser respondida [por] qualquer hipótese dualística.

Por que Deus criou o universo impuro? Por que o homem é tão miserável, feito por um Pai perfeito, infinito e misericordioso? Porquê este céu e esta terra, de onde obtemos a nossa concepção de lei? Ninguém pode imaginar nada que não tenha visto.

Todas as torturas que sentimos nesta vida, colocamos em outro lugar e esse é o nosso inferno. . . .

Por que o Deus infinito fez este mundo? [O dualista diz:] Assim como o oleiro faz potes. Deus, o oleiro; nós, os potes. . . . Numa linguagem mais filosófica, a questão é: Como é que se toma como certo que a verdadeira natureza do homem é pura, perfeita e infinita? Esta é a única dificuldade encontrada em qualquer sistema de monismo. Todo o resto está limpo e claro. Esta pergunta não pode ser respondida. Os monistas dizem que a questão em si é uma contradição.

Tomemos o sistema do dualismo – pergunta-se por que Deus criou o mundo. Isto é contraditório. Por que? Porque – qual é a ideia de Deus? Ele é um ser que não pode ser influenciado por nada externo.

Você e eu não somos livres. Estou morrendo de sede. Existe uma coisa chamada sede, sobre a qual não tenho controle, [que] me obriga a beber água. Cada ação do meu corpo e até mesmo cada pensamento da minha

mente são forçados a sair de mim. Eu tenho que fazer isso. É por isso que estou vinculado. . . . Sou forçado a fazer isso, a ter isso e assim por diante. . . . E o que significa por que e para quê? [Estar sujeito a forças externas.] Por que você bebe água? Porque a sede obriga você. Você é um escravo. Você nunca faz nada por vontade própria porque é forçado a fazer tudo. Seu único motivo para agir é alguma força. . . .

A terra, por si só, nunca se moveria, a menos que algo a obrigasse. Por que a luz queima? Não queima a menos que alguém venha e acenda um fósforo. Em toda a natureza, tudo está ligado. Escravidão, escravidão! Estar em harmonia com a natureza é [escravidão]. O que há em ser escravo da natureza e viver em uma jaula dourada? A maior lei e ordem está no [conhecimento de que o homem é essencialmente livre e divino]. Agora vemos que a questão por que e por que só pode ser feita [na ignorância]. Só posso ser forçado a fazer algo através de outra coisa.

[Você diz] Deus é livre. Novamente você pergunta por que Deus cria o mundo. Você se contradiz. O significado de Deus é inteiramente livre arbítrio. A questão colocada em linguagem lógica é esta: O que forçou Ele, que nunca pode ser forçado por ninguém, a criar o mundo? Você diz na mesma pergunta: O que O forçou? A pergunta é um absurdo. Ele é infinito por Sua própria natureza; Ele está livre. Responderemos às perguntas quando você puder fazê-las em linguagem lógica. A razão lhe dirá que existe apenas uma Realidade, nada mais. Onde quer que o dualismo tenha surgido, o monismo atingiu o auge e o expulsou.

Há apenas uma dificuldade em entender isso. A religião é uma coisa cotidiana e de bom senso. O homem da rua sabe disso se você colocar isso na linguagem dele e não [se for colocado] na linguagem de um filósofo. É comum na natureza humana [projetar-se]. Pense no que você sente com a criança. [Você se identifica com isso. Então] você tem dois corpos. [Da mesma forma] você pode sentir através da mente do seu marido. Onde você pode parar? Você pode sentir em corpos infinitos.

A natureza é conquistada pelo homem todos os dias. Como raça, o homem está manifestando seu poder. Tente na imaginação colocar um limite a esse poder no homem. Você admite que o homem como raça tem poder infinito, tem [um] corpo infinito. A única questão é o que você é. Você é a raça ou

um [indivíduo]? No momento em que você se isola, tudo te machuca. No momento em que você se expande e sente pelos outros, você ganha ajuda. O homem egoísta é o mais miserável do mundo. O mais feliz é o homem que não é nada egoísta. Ele se tornou toda a criação, toda a raça e Deus [está] dentro dele. . . . Assim, no dualismo – cristão, hindu e todas as religiões – o código de ética. . . . é: Não seja egoísta. . . . coisas para os outros! Expandir!

O ignorante pode ser levado a compreender [isto] muito facilmente, e o erudito pode ser levado a compreender ainda mais facilmente. Mas o homem que acaba de adquirir um pouquinho de conhecimento, o próprio Deus não pode fazê-lo entender. [A verdade é que] você não está separado [deste universo]; Assim como o seu Espírito] [não] está separado do resto de vocês. Se não fosse assim, você não poderia ver nada, não poderia sentir nada. Nossos corpos são simplesmente pequenos redemoinhos no oceano de matéria. A vida está dando uma guinada e passando, de outra forma. . . . O sol, a lua, as estrelas, você e eu somos meros redemoinhos. Por que selecionei [uma mente específica como minha? É] simplesmente um redemoinho mental no oceano da mente.

De que outra forma é possível que minha vibração chegue até você agora? Se você jogar uma pedra no lago, ela provoca uma vibração e [isso faz] a água vibrar. Eu coloco minha mente no estado de êxtase e a tendência é despertar a mesma bem-aventurança em sua mente. Quantas vezes em sua mente ou coração [você pensou algo] e sem comunicação [verbal], [outros tiveram seu pensamento]? Em todos os lugares somos um. . . . Isso é o que nunca entendemos. O [universo] inteiro é composto de tempo, espaço e causalidade. E Deus [aparece como este universo]. . . . Quando a natureza começou? Quando você [esqueceu sua verdadeira natureza e] ficou [preso ao tempo, espaço e causalidade].

Este é o círculo [giratório] de seus corpos e, ainda assim, essa é a sua natureza infinita. . . . Isto é certamente natureza – tempo, espaço e causalidade. Isso é tudo o que a natureza significa. O tempo começou quando você começou a pensar. O espaço começou quando você obteve o corpo; caso contrário, não poderá haver espaço. A causalidade começou quando você se tornou limitado. Precisamos de algum tipo de resposta. Aí

está a resposta. [Nossa limitação] é brincar. Só por diversão. Nada prende você; nada força [você. Você] nunca foi vinculado. Todos nós estamos desempenhando nosso papel nesta [peça] de nossa própria invenção.

Mas vamos trazer outra questão sobre a individualidade. Algumas pessoas têm tanto medo de perder sua individualidade. Não seria melhor para o porco perder sua individualidade suína se ele pudesse se tornar Deus? Sim. Mas o pobre porco não pensa assim naquele momento. Qual estado é minha individualidade? Quando eu era bebê, esparramado no chão tentando engolir o polegar? Era essa a individualidade que eu deveria lamentar perder? Daqui a cinquenta anos olharei para este estado atual e rirei, assim como [agora] olho para o estado de bebê. Qual dessas individualidades devo manter? . . .

Devemos entender o que significa essa individualidade. . . . [Existem duas tendências opostas:] uma é a proteção da individualidade, a outra é o desejo intenso de sacrificar a individualidade. . . . A mãe sacrifica toda a sua vontade pelo bebê necessitado. . . . Quando ela carrega o bebê nos braços, o chamado da individualidade, da autopreservação não é mais ouvido. Ela comerá a pior comida, mas seus filhos comerão a melhor. Então, para todas as pessoas que amamos, estamos prontos para morrer.

[Por um lado] estamos lutando muito para manter essa individualidade; por outro lado, tentando matá-lo. Com que resultado? Tom Brown pode lutar muito. Ele está [lutando] por sua individualidade. Tom morre e não há nenhuma ondulação em nenhum lugar da superfície da terra. Houve um judeu nascido há mil e novecentos anos e ele nunca moveu um dedo para manter sua individualidade. . . . Pense nisso! Esse judeu nunca lutou para proteger sua individualidade. É por isso que ele se tornou o maior do mundo. Isto é o que o mundo não sabe.

Com o tempo, seremos indivíduos. Mas em que sentido? Qual é a individualidade do homem? Não Tom Brown, mas Deus no homem. Essa é a [verdadeira] individualidade. Quanto mais o homem se aproxima disso, mais ele abandona a sua falsa individualidade. Quanto mais ele tenta coletar e ganhar tudo [para si], menos ele é um indivíduo. Quanto menos ele pensou em [si mesmo], mais ele sacrificou toda a individualidade durante

sua vida. . . mais ele é um indivíduo. Este é um segredo que o mundo não entende.

Devemos primeiro entender o que significa individualidade. É atingir o ideal. Você é homem agora, [ou] você é mulher. Você mudará o tempo todo. Você pode parar? Você quer manter sua mente como está agora – os anjos, os ódios, os ciúmes, as brigas, todas as mil e uma coisas na mente? Você quer dizer que vai mantê-los? . . . Você não pode parar em lugar nenhum. . . até que a conquista perfeita seja alcançada, até que você seja puro e perfeito.

Você não tem mais raiva quando é todo amor, felicidade, existência infinita. . . . Qual dos seus corpos você manterá? Você não pode parar em lugar nenhum até chegar a uma vida que nunca acaba. Vida infinita! Você para aí. Você tem um pouco de conhecimento agora e está sempre tentando obter mais. Onde você vai parar? Em nenhum lugar, até que você se torne um com a própria vida. . . .

Muitos querem o prazer [como] objetivo. Para esse prazer procuram apenas os sentidos. Nos planos superiores deve-se buscar muito prazer. Depois, nos planos espirituais. Então, em si mesmo – Deus dentro dele. O homem cujo prazer está fora [de si mesmo] torna-se infeliz quando essa coisa exterior se vai. Você não pode depender deste prazer de nada neste universo. Se todos os meus prazeres estão em mim mesmo, devo ter prazer ali o tempo todo, porque nunca poderei perder meu Ser. . . . Mãe, pai, filho, esposa, corpo, riqueza – tudo que posso perder, exceto eu mesmo. . . bem-aventurança no Ser Todo desejo está contido no Ser. . . . Esse. é a individualidade que nunca muda, e isso é perfeito.

. . . E como conseguir isso? Eles encontram o que as grandes almas deste mundo – todos os grandes homens e mulheres – encontraram [através da discriminação sustentada]. . . . O que dizer dessas teorias dualistas de vinte deuses, trinta deuses? Isso não importa. Todos eles tinham a única verdade: que esta falsa individualidade deveria desaparecer. . . . Portanto, este ego – quanto menos existir, mais próximo estou daquilo que realmente sou: o corpo universal. Quanto menos penso na minha mente individual, mais próximo estou dessa mente universal. Quanto menos penso na minha própria alma, mais próximo estou da alma universal.

Vivemos em um só corpo. Sentimos alguma dor, algum prazer. Só por esse pequeno prazer que temos em viver neste corpo, estamos prontos para matar tudo no universo para nos preservarmos. Se tivéssemos dois corpos. não seria muito melhor? Assim por diante, para a felicidade. Estou em todos. Através de todas as mãos eu trabalho; por todos os pés eu ando. Falo por todas as bocas; Eu vivo em todos os corpos. Infinitos meus corpos, infinitas minhas mentes. Vivi em Jesus de Nazaré, em Buda, em Maomé – em tudo o que há de bom e de grande no passado, no presente. Vou viver em tudo o que [poderá] vir depois. Isso é teoria [Não, é a verdade.]

Se você puder perceber isso, quão infinitamente mais prazeroso será. Que êxtase de alegria! Qual corpo é tão grande que precisamos aqui de qualquer coisa [do] corpo. . . Depois de viver em todos os corpos dos outros, em todos os corpos que existem neste mundo, o que acontece conosco? [Nós nos tornamos um com o Infinito. E] esse é o objetivo. Essa é a única maneira. Um [homem] diz: “Se eu conhecer a verdade, serei derretido como manteiga”. Eu gostaria que as pessoas fossem, mas elas são duras demais para serem derretidas tão rapidamente!

O que devemos fazer para sermos livres? Livre você já está. . . . Como poderia o livre ser vinculado? É uma mentira. [Você] nunca foi vinculado. Como poderia o ilimitado ser limitado por alguma coisa? Infinito dividido por infinito, somado a infinito, multiplicado por infinito [permanece] infinito. Você é infinito; Deus é infinito. Vocês são todos infinitos. Não pode haver duas existências, apenas uma. O Infinito nunca pode ser tornado finito. Você nunca está vinculado. Isso é tudo. . . . Você já está livre. Você alcançou a meta – tudo o que há para alcançar. Nunca permita que a mente pense que você não alcançou a meta. . . .

Tudo o que [pensamos] que nos tornamos. Se vocês pensam que são pobres pecadores, vocês se hipnotizam: “Sou um verme miserável e rastejante”. Aqueles que acreditam no inferno estarão no inferno quando morrerem; aqueles que dizem que irão para o céu [vão para o céu].

É tudo brincadeira. . . . [Você pode dizer:] “Temos que fazer alguma coisa; façamos o bem”. [Mas] quem se importa com o bem e o mal? Jogar! Deus Todo-Poderoso joga. Isso é tudo. . . .Você é o Deus todo-poderoso brincando. Se você quiser jogar paralelamente e fazer o papel de um

mendigo, você não deve [culpar outra pessoa por fazer essa escolha]. Você gosta de ser o mendigo. Você conhece sua verdadeira natureza [de ser divino]. Você é o rei e brinca de ser um mendigo. . . . É tudo divertido. Conheça e jogue. Isso é tudo que existe para fazer. Então pratique. Todo o universo é uma vasta peça. Tudo é bom porque tudo é divertido. Esta estrela vem e colide com a nossa terra, e estamos todos mortos. [Isso também é divertido.] Você só acha divertido as pequenas coisas que deleitam seus sentidos! . . .

[Disseram-nos que há] um deus bom aqui, e um deus mau ali, sempre vigilante para me agarrar no momento em que eu cometer um erro. . . . Quando eu era criança, alguém me disse que Deus observa tudo. Fui para a cama e olhei para cima e esperei que o teto do quarto se abrisse. [Nada aconteceu.] Ninguém está nos observando, exceto nós mesmos. Nenhum Senhor exceto o nosso [próprio Eu]; nenhuma natureza, mas o que sentimos. O hábito é uma segunda natureza; é também a primeira natureza. É tudo o que existe da natureza. Repito [algo] duas ou três vezes; torna-se minha natureza. Não seja infeliz! Não se arrependa! O que está feito está feito. Se você se queimar, [assuma as consequências].

. . . Seja sensato. Nós cometemos erros; e daí? Isso é tudo divertido. Eles ficam tão loucos por causa dos seus pecados passados, gemendo e chorando e tudo mais. Não se arrependa! Depois de ter feito o trabalho, não pense nisso. Prossiga! Não pare! Não olhe para trás! O que você ganhará olhando para trás? Você não perde nada, não ganha nada. Você não vai derreter como manteiga. Céus e infernos e encarnações – tudo bobagem!

Quem nasce e quem morre? Você está se divertindo, brincando com mundos e tudo mais. Você mantém esse corpo pelo tempo que quiser. Se você não gosta, não tenha. O Infinito é o real; o finito é o jogo. Você é o corpo infinito e o corpo finito em um. Sei! Mas o conhecimento não fará diferença alguma; a peça continuará. . . . Duas palavras – alma e corpo – foram unidas. O conhecimento [parcial] é a causa. Saiba que você está sempre livre. O fogo do conhecimento queima todas as [impurezas e limitações]. Eu sou esse Infinito. . . .

Você é tão livre quanto era no início, é agora e sempre será. Quem sabe que é livre é livre; quem sabe que está preso, está preso.

O que acontece com Deus, a adoração e tudo mais? Eles têm o seu lugar. Eu me dividi em Deus e em mim; Eu me torno o adorado e adoro a mim mesmo. Por que não? Deus sou eu. Por que não adorar o meu Eu? O Deus universal – Ele também é meu Eu. É tudo divertido. Não há outro propósito.

Qual é o fim e o objetivo da vida? Nenhum, porque eu [sei que sou o Infinito]. Se vocês são mendigos, podem ter objetivos. Não tenho objetivos, nem vontade, nem propósito. Venho ao seu país e faço palestras – apenas por diversão. Nenhum outro significado. Que significado pode haver aí? Somente escravos realizam ações por outra pessoa. Você não faz ações para mais ninguém. Quando lhe convém, você adora. Você pode se juntar aos cristãos, aos maometanos, aos chineses, aos japoneses. Você pode adorar todos os deuses que já existiram e que existirão. . . .

Estou no sol, na lua e nas estrelas. Estou com Deus e estou em todos os deuses. Eu adoro meu Eu.

Há outro lado disso. Eu o mantive em reserva. Eu sou o homem que vai ser enforcado. Eu sou todo perverso. Estou sendo punido nos infernos. Isso [também] é divertido. Este é o objetivo da filosofia [saber que sou o Infinito]. Objetivos, motivos, propósitos e deveres ficam em segundo plano. . . .

Esta verdade deve primeiro ser ouvida e depois pensada. Razão, discuta isso por todos os meios. Os iluminados não sabem mais do que isso. Saiba com certeza que você está em tudo. É por isso que você não deve machucar ninguém, porque ao machucá-los você machuca a si mesmo. . . . [Por último], isso deve ser meditado. Pense nisso. Você consegue perceber que chegará um momento em que tudo desmoronará no pó e você ficará sozinho? Esse momento de alegria extática nunca o deixará. Você realmente descobrirá que está sem corpo. Você nunca teve corpos.

Eu sou Um, sozinho, por toda a eternidade. A quem devo temer? É tudo meu Eu. Isto deve ser continuamente meditado. Através disso vem a realização. É através da realização que você se torna uma [bênção] para os outros. . . .

"Teu rosto brilha como [o de] alguém que conheceu a Deus." (Chhândogya. IV. ix. 2.) Esse é o objetivo. Isso não deve ser pregado como estou fazendo. "Debaixo de uma árvore vi um professor, um menino de dezesseis anos; o discípulo era um velho de oitenta. O professor ensinava em silêncio e as dúvidas do discípulo desapareceram." (Dakshinâtmurtistotram, 12.) E quem fala? Quem acende uma vela para ver o sol? Quando a verdade [aparece], nenhuma testemunha é necessária. Você sabe . . . É isso que você vai fazer: . . . perceba isso. [primeiro pense nisso. Raciocine. Satisfaça sua curiosidade. Então [pense] em mais nada. Eu gostaria que nunca lessemos nada. Senhor, ajude a todos nós! Basta ver o que um homem [instruído] se torna.

"Isto é dito, e aquilo é dito..."

"O que você me diz, meu amigo?"

"Eu não digo nada. " [Ele cita] o pensamento de todo mundo; mas ele não pensa nada. Se isso é educação, o que é loucura? Olhe para todos os homens que escreveram!... Esses escritores modernos, não duas frases deles! Todas as citações.

Não há muito valor nos livros, e na religião [de segunda mão] não há valor algum. É como comer. Sua religião não me satisfaria. Jesus viu Deus e Buda viu Deus. Se você ainda não viu Deus, você não é melhor que o ateu. Só que ele é quieto, e você fala muito e perturba o mundo com sua conversa. Livros, Bíblias e escrituras são inúteis. Conheci um velho quando era menino; [ele não estudou nenhuma escritura, mas transmitiu a verdade de Deus com um toque].

Silenciai, professores do mundo. Silêncio, livros. Senhor, só Tu falas e Teu servo escuta. . . . Se a verdade não existe, qual é a utilidade desta vida? Todos pensamos que vamos pegá-lo, mas não o fazemos. A maioria de nós pega apenas poeira. Deus não está lá. Se não há Deus, qual é a utilidade da vida? Existe algum lugar de descanso no universo? [Cabe a nós encontrá-lo]; só que não o procuramos intensamente. Somos] como um pequeno pedaço de boca levado pela correnteza.

Se existe esta verdade, se existe Deus, ela deve estar dentro de nós. . . .
[Devo ser capaz de dizer:] “Eu O vi com meus olhos”, caso contrário não tenho religião. Crenças, doutrinas, sermões não fazem religião. É realização, percepção de Deus [que é a única religião]. Qual é a glória de todos esses homens que o mundo adora? Deus não era mais uma doutrina [para eles. Eles acreditaram] porque seu avô acreditou? Não. Foi a realização do Infinito, superior aos seus próprios corpos, mentes e tudo mais. Este mundo é real na medida em que contém um pouco do reflexo desse Deus. Amamos o homem bom porque em seu rosto brilha um pouco mais o reflexo. Devemos pegá-lo nós mesmos. Não há outro caminho.

Esse é o objetivo. Lute por isso! Tenha sua própria Bíblia. Tenha seu próprio Cristo. Caso contrário você não é religioso. Não fale de religião. Os homens falam e falam. “Alguns deles, mergulhados nas trevas, no orgulho de seus corações pensam que têm a luz. E não só [isso], eles se oferecem para carregar outros nos ombros e ambos caem na cova.” (Katha, I. ii. 5.). . .

Nenhuma igreja jamais foi salva por si mesma. É bom nascer num templo, mas aí de quem morre num templo ou igreja. Fora disso! . . . Foi um bom começo, mas deixe assim! Era o lugar da infância. . . mas deixe estar! . . . Vá diretamente a Deus. Sem teorias, sem doutrinas. Somente então todas as dúvidas desaparecerão. Somente então toda tortuosidade será endireitada. . .
.

No meio do múltiplo, aquele que vê Aquele; no meio desta morte infinita, aquele que vê aquela vida; no meio do diverso, aquele que vê aquilo que nunca muda em sua própria alma - a ele pertence a paz eterna.

2.7 RELATÓRIAS EM JORNAIS AMERICANOS

2.7.1 NOTA

Estas reportagens de jornais americanos foram apresentadas exatamente como estavam no original. A grafia errada dos nomes próprios, a pontuação

e a gramática incorretas foram deixadas sem correção. — Editora.

2.7.2 DIVINDADE DO HOMEM

(Ada Record, 28 de fevereiro de 1894)

A palestra sobre a Divindade do Homem de Swami Vive Kananda, (antigamente, o nome de Swami Vivekananda foi assim escrito incorretamente pela imprensa americana. - Editora.), o monge hindu, atraiu uma casa lotada na Ópera na noite de sexta-feira passada [fevereiro 22].

Ele afirmou que a base fundamental de todas as religiões era a crença na alma que é o homem real, e em algo além da mente e da matéria, e passou a demonstrar a proposição. A existência de coisas materiais depende de outra coisa. A mente é mortal porque mutável. A morte é simplesmente uma mudança.

A alma usa a mente como instrumento e através dela afeta o corpo. A alma deve ser conscientizada de seus poderes. A natureza do homem é pura e santa, mas fica turva. Na nossa religião, cada alma tenta recuperar a sua própria natureza. A massa do nosso povo acredita na individualidade da alma. Estamos proibidos de pregar que a nossa é a única religião verdadeira. Continuando, o orador disse: "Eu sou um espírito e não uma matéria. A religião do Ocidente espera voltar a viver com o seu corpo. A nossa ensina que não pode haver tal estado. Dizemos liberdade da alma em vez de salvação." A palestra propriamente dita durou apenas 30 minutos, mas o presidente da comissão de palestras havia anunciado que ao final da palestra o palestrante responderia a quaisquer perguntas que lhe fossem propostas. Ele deu essa oportunidade e foi feito uso liberal do privilégio. Eles vieram de pregadores e professores, médicos e filósofos, de cidadãos e estudantes, de santos e pecadores, alguns foram escritos, mas dezenas levantaram-se em seus assentos e propuseram suas questões diretamente. O orador respondeu a todos - marquem a palavra, por favor - de maneira afável e em vários casos dirigiu a risada ao questionador. Eles mantiveram a fuzilaria por quase uma hora; quando o orador implorou para ser dispensado de mais trabalhos, ainda restava uma grande pilha de perguntas sem

resposta. Ele era um esquivo habilidoso em muitas das questões. Das suas respostas, extraímos as seguintes declarações adicionais em relação à crença e aos ensinamentos hindus: Eles acreditam na encarnação do homem. Um de seus ensinamentos é que seu Deus Krishna nasceu de uma virgem há cerca de 5.000 anos no norte da Índia. A história é muito semelhante à história bíblica de Cristo, só que o Deus deles foi morto acidentalmente. Eles acreditam na evolução e na transmigração das almas: ou seja, nossas almas já habitaram algum outro ser vivo, um pássaro, peixe ou animal, e quando morrermos irão para algum outro organismo. Em resposta à pergunta sobre onde estas almas estavam antes de virem a este mundo, ele disse que estavam em outros mundos. A alma é a base permanente de toda a existência. Não houve tempo em que não houvesse Deus e, portanto, não houve tempo em que não houvesse criação. Os budistas [sic] não acreditam em um deus pessoal; Não sou budista. Maomé não é adorado no mesmo sentido que Cristo. Maomé acredita em Cristo, mas nega que ele seja Deus. A terra foi povoada pela evolução e não pela seleção especial [criação]. Deus é o criador e a natureza a criada. Não temos oração exceto pelas crianças e apenas para melhorar a mente. A punição pelo pecado é comparativamente imediata. Nossas ações não são da alma e podem, portanto, ser impuras. É o nosso espírito que se torna perfeito e santo. Não há lugar de descanso para a alma. Não possui qualidades materiais. O homem assume o estado perfeito quando percebe que é um espírito. A religião é a manifestação da natureza da alma. Quanto mais profundamente eles veem é o que torna um mais santo que outro. Adorar é sentir a santidade de Deus. A nossa religião não acredita em missões e ensina que o homem deve amar a Deus por amor e ao próximo, apesar de si mesmo. O povo do Ocidente luta muito; o repouso é um fator de civilização. Não entregamos nossas enfermidades a Deus. Há uma tendência para uma união de religiões.

2.7.3 SWAMI VIVEKANANDA NA ÍNDIA

(Bay City Daily Tribune, 21 de março de 1894)

Bay City teve ontem um visitante ilustre na pessoa de Swami Vive Kananda, o tão falado monge hindu. Ele chegou ao meio-dia de Detroit,

onde foi convidado do senador Palmer, e seguiu imediatamente para a casa dos Fraser. Lá ele foi visto por um repórter do The Tribune.

Kananda falou de forma divertida sobre seu país e suas impressões sobre este país. Ele veio para a América pelo Pacífico e retornará pelo Atlântico. "Esta é uma terra excelente", disse ele, "mas eu não gostaria de viver aqui. Os americanos dão muita importância ao dinheiro. Eles lhe dão preferência sobre todo o resto. Seu povo tem muito a aprender. Quando sua nação for tão antiga como a nossa, você será mais sábio. Gosto muito de Chicago e Detroit é um lugar legal.

Questionado sobre quanto tempo pretendia permanecer na América, ele respondeu: "Não sei. Estou tentando conhecer a maior parte do seu país. Vou para o leste em seguida e passarei algum tempo em Boston e Nova York. Visitei Boston, mas não para ficar. Quando eu tiver visto a América, irei para a Europa, estou muito ansioso para visitar a Europa.

Quanto a si, o oriental disse ter 30 anos. Ele nasceu em Calcutá e estudou em uma faculdade daquela cidade. A sua profissão chama-o a todas as partes do país e ele é sempre o convidado da nação.

A Índia tem uma população de 285 milhões de habitantes", disse ele. "Destes cerca de 65 milhões são muçulmanos e a maioria dos outros hindus. Existem apenas cerca de 600 mil cristãos no país, e destes pelo menos 250 mil são católicos. Nosso povo, via de regra, não abraça o Cristianismo; eles estão satisfeitos com sua própria religião. Alguns entram no Cristianismo por motivos mercenários. Eles são livres para fazer o que quiserem. Dizemos que cada um tenha sua própria fé. Somos uma nação astuta. Não acreditamos em derramamento de sangue. Existem homens maus no nosso país e eles são a maioria, tal como no seu país. Não é razoável esperar que as pessoas sejam anjos."

Vive Kananda dará palestra em Saginaw esta noite

PALESTRA DA NOITE ÚLTIMA

O andar inferior da ópera estava confortavelmente lotado quando a palestra começou na noite passada. Pontualmente às 8h15 Swami Vive Kananda apareceu no palco, vestido com seu lindo traje oriental. Ele foi apresentado em poucas palavras pelo Dr. C. T. Newkirk.

A primeira parte do discurso consistiu numa explicação das diferentes religiões da Índia e da teoria da transmigração das almas. Em relação a este último, o orador disse que estava na mesma base que a teoria da conservação estava para o cientista. Esta última teoria, disse ele, foi produzida pela primeira vez por um filósofo do seu país. Eles não acreditavam em uma criação. Uma criação implicava fazer algo do nada. Isso era impossível. Não houve início da criação, assim como não houve início do tempo. Deus e a criação são como duas linhas – sem fim, sem começo, sem [?] paralelo. A teoria da criação deles é: “É, foi e será”. Eles acham que toda punição nada mais é do que reação. Se colocarmos a mão no fogo ela queima. Essa é a reação da ação. A condição futura da vida é determinada pela condição presente. Eles não acreditam que Deus pune. “Vocês, nesta terra”, disse o orador, “elogiam o homem que não fica zangado e denunciam o homem que fica zangado. E ainda assim milhares de pessoas em todo este país acusam todos os dias Deus de estar zangado. , que sentou e tocou seu instrumento enquanto Roma estava em chamas, e ainda assim milhares de seu povo estão acusando Deus de fazer a mesma coisa hoje.”

Os hindus não têm nenhuma teoria de redenção em sua religião. Cristo deve apenas mostrar o caminho. Cada homem e cada mulher são seres divinos, mas cobertos como se por uma tela, que a sua religião tenta remover. A remoção daquilo que os cristãos chamam de salvação, eles, de liberdade. Deus é o criador, preservador e destruidor do universo.

O orador procurou então defender as religiões do seu país. Ele disse que foi provado que todo o sistema da Igreja Católica Romana foi retirado dos livros do Budismo. O povo do Ocidente deveria aprender uma coisa com a Índia: tolerância.

Entre outros assuntos que ele defendeu e revisou estavam: Os missionários cristãos, o zelo da igreja presbiteriana e a sua não tolerância, a adoração do dólar neste país e os padres. Ele disse que estes últimos estavam no negócio

pelos dólares que havia nele e queriam saber quanto tempo permaneceriam na igreja se dependessem do recebimento de Deus. Depois de falar brevemente sobre o sistema de castas na Índia, a nossa civilização no sul, o nosso conhecimento geral da mente e vários outros tópicos, o orador concluiu as suas observações.

2.7.4 HARMONIA RELIGIOSA

(Saginaw Evening News, 22 de março de 1894)

Swami Vive Kananda, o muito falado monge hindu, falou ontem à noite para um público pequeno, mas profundamente interessado, na academia de música sobre "A Harmonia das Religiões". Ele estava vestido com trajes orientais e foi recebido extremamente cordial. Exmo. Rowland Connor apresentou graciosamente o orador, que dedicou a primeira parte de sua palestra a uma explicação das diferentes religiões da Índia e da teoria da transmigração das almas. Os primeiros invasores da Índia, os arianos, não tentaram exterminar a população da Índia como os cristãos fizeram quando foram para uma nova terra, mas foram feitos esforços para elevar pessoas de hábitos brutais. O hindu está enojado com as pessoas do seu país que não tomam banho e comem animais mortos. O povo do Norte da Índia não tentou impor os seus costumes aos do Sul, mas estes últimos adoptaram gradualmente muitos costumes da primeira classe. Nas partes mais meridionais da Índia há algumas pessoas que são cristãs e que o são há milhares de anos. Os espanhóis chegaram ao Ceilão com o cristianismo. Os espanhóis pensavam que o seu Deus lhes ordenara matar e assassinar e destruir os templos pagãos.

Se não existissem religiões diferentes, nenhuma religião sobreviveria. O cristão precisa de sua religião egoísta. O Hindu precisa do seu próprio credo. Aqueles que foram fundados em um livro ainda permanecem. Por que o cristão não conseguiu converter o judeu? Por que não conseguiram tornar os persas cristãos? Por que não acontece o mesmo com os muçulmanos? Por que não é possível causar qualquer impressão na China ou no Japão? Os budistas, a primeira religião missionária, têm o dobro do número de convertidos de qualquer outra religião e não usavam a espada.

Os maometanos usaram mais força e são os que menos contam entre as três grandes religiões missionárias. Os maometanos tiveram o seu dia. Todos os dias você lê sobre nações cristãs adquirindo terras por meio de derramamento de sangue. Que missionários pregam contra isso? Por que deveriam as nações mais sanguinárias exaltar uma suposta religião que não é a religião de Cristo? Os Judeus e os Árabes foram os pais do Cristianismo, e como foram perseguidos pelos Cristãos! Os cristãos foram pesados na balança na Índia e considerados em falta.

O orador não queria ser cruel, mas queria mostrar aos cristãos como eles eram vistos por outros olhos. Os missionários que pregam a fogueira são vistos com horror. Os maometanos rolaram onda após onda sobre a Índia, brandindo a espada, e hoje onde estão eles? O mais longe que todas as religiões podem ver é a existência de uma entidade espiritual. Portanto, nenhuma religião pode ensinar além deste ponto. Em cada religião existe a verdade essencial e o caixão não essencial onde esta joia está. A crença no livro judaico ou no livro hindu não é essencial. As circunstâncias mudam, o receptáculo é diferente; mas a verdade central permanece. Sendo o essencial o mesmo, as pessoas instruídas de cada comunidade retêm o essencial. A concha da ostra não é atraente, mas as pérolas estão dentro. Antes que uma pequena fração do mundo seja convertida, o Cristianismo estará dividido em muitos credos. Essa é a lei da natureza. Por que escolher um único instrumento das grandes orquestras religiosas da terra? Deixe a grande sinfonia continuar. Seja puro, pediu o orador, desista da superstição e veja a maravilhosa harmonia da natureza. A superstição leva a melhor sobre a religião. Todas as religiões são boas porque o essencial é o mesmo. Cada homem deveria ter o exercício perfeito de sua individualidade, mas essas individualidades formam um todo perfeito. Esta condição maravilhosa já existe. Cada credo teve algo a acrescentar à maravilhosa estrutura.

O orador procurou justificar as religiões do seu país e disse que tinha sido provado que todo o sistema da Igreja Católica Romana tinha sido retirado dos livros do Budismo. Ele se prolongou um pouco sobre o elevado código de moralidade e pureza de vida que a ética de Buda ensinava, mas permitiu que, no que diz respeito à crença na personalidade de Deus, prevalecesse o agnosticismo, sendo o principal seguir os preceitos de Buda que eram: "Seja bom, seja moral, seja perfeito."

2.7.5 DA ÍNDIA DISTANTE

(Saginaw Courier-Herald, 22 de março de 1894)

Ontem à noite, sentado no saguão do Hotel Vincent, estava um homem forte, de feições regulares, de bela presença, cuja pele morena tornava mais pronunciada a brancura perolada de seus dentes regulares. Sob uma testa larga e alta, seus olhos revelavam inteligência. Este senhor era Swami Vive Kananda, o pregador hindu. A conversa do Sr. Kananda é feita em frases em inglês puras e gramaticalmente construídas, às quais seu sotaque ligeiramente estrangeiro confere um toque picante. Os leitores dos jornais de Detroit estão cientes de que o Sr. Kananda deu palestras naquela cidade várias vezes e despertou a animosidade de alguns por causa das suas restrições aos cristãos. O representante do Courier-Herald teve uma conversa de alguns momentos com o erudito budista [?] pouco antes de ele partir para a Academia, onde iria dar uma palestra. O Sr. Kananda disse durante a conversa que ficou surpreso com os lapsos nos caminhos da retidão que eram tão comuns entre os cristãos, mas que havia coisas boas e ruins entre os membros de todas as entidades religiosas. Uma declaração que ele fez foi decididamente antiamericana. Ao ser questionado se estava investigando nossas instituições, ele respondeu: “Não, sou apenas um pregador”. Isto demonstrava tanto falta de curiosidade quanto estreiteza, o que parecia estranho para alguém que parecia ser tão versado em temas religiosos como o pregador budista [?].

Do hotel para a Academia foi apenas um passo e às 8 horas Rowland Connor apresentou a uma pequena plateia o conferencista, que vestia uma longa túnica laranja, presa por uma faixa vermelha, e que usava um turbante de enrolamentos de o que parecia ser um xale estreito.

O palestrante afirmou na abertura que não veio como missionário e que não cabia ao budista converter outras pessoas de suas fés e crenças. Ele disse que o tema do seu discurso seria “A Harmonia das Religiões”. O Sr. Kananda disse que muitas religiões antigas foram fundadas e estavam mortas e desaparecidas.

Ele disse que os budistas [hindus] compreendem dois terços da raça, e que o outro terço compreende todos os outros crentes. Ele disse que os budistas

não têm lugar de tormento futuro para os homens. Nisso diferem dos cristãos, que perdoarão um homem por cinco minutos neste mundo e o condenarão ao castigo eterno no próximo. Buda foi o primeiro a ensinar a fraternidade universal do homem. É um princípio fundamental da fé budista hoje. O cristão prega isso, mas não pratica os seus próprios ensinamentos.

Ele exemplificou a condição do negro no Sul, que não tem permissão para entrar em hotéis nem andar nos mesmos carros que homens brancos, e é um ser com quem nenhum homem decente falará. Ele disse que esteve no Sul e falou com base em seu conhecimento e observação.

2.7.6 UMA NOITE COM NOSSOS PRIMOS HINDU

(Northampton Daily Herald, 16 de abril de 1894)

Pois Swami Vive Kananda provou conclusivamente que todos os nossos vizinhos do outro lado da água, mesmo os mais remotos, são nossos primos próximos, diferindo apenas um pouco em cor, língua, costumes e religião, o monge hindu de língua prateada prefacia seu discurso na prefeitura no sábado à noite [14 de abril] por um esboço histórico da origem de sua própria nação e de todas as outras nações líderes da terra, que demonstrou a verdade de que o parentesco racial é mais um fato simples do que muitos sabem ou sempre desejam admitir.

O discurso informal que se seguiu a respeito de alguns dos costumes do povo hindu era mais da natureza de uma conversa agradável de salão, expressa com a liberdade fácil do adepto da conversação e para aqueles de seus ouvintes que possuíam um interesse natural e cultivado no assunto. tanto o homem quanto seu pensamento eram intensamente interessantes por mais razões do que as que podem ser apresentadas aqui. Mas para outros o orador foi decepcionante por não cobrir um escopo mais amplo em suas imagens de palavras, o discurso, embora extremamente extenso para a plataforma de palestras americana, referindo-se a muito poucos dos "costumes e maneiras" das pessoas peculiares consideradas, e de cuja vida pessoal, civil, doméstica, social e religiosa muito mais teria sido ouvido com prazer deste um dos melhores representantes desta mais antiga das raças, que o estudante médio da natureza humana deveria achar preeminentemente interessante, mas sobre o qual realmente sabe o mínimo.

As alusões à vida do hindu começaram com uma imagem do nascimento do menino hindu, sua introdução à formação educacional, seu casamento, uma ligeira referência à vida doméstica, mas não o que era esperado, o orador divergia frequentemente para fazer comentários comparativos sobre os costumes e ideias de sua própria raça e da raça de língua inglesa, social, moral e religiosamente, sendo a inferência em todos os casos claramente a favor da sua, embora expressa de maneira mais cortês, gentil e graciosa. Alguns de seus ouvintes, razoavelmente bem informados quanto às condições sociais e familiares entre os hindus de todas as classes, teriam gostado de ter feito ao orador uma ou duas perguntas desafiadoras sobre muitos dos pontos que ele abordou. Por exemplo, quando ele retratou de forma tão eloqüente e bela a ideia hindu da feminilidade como o ideal divino da maternidade, para ser sempre reverenciado, até mesmo adorado com uma devoção de lealdade, como o mais altruísta e verdadeiro dos filhos, maridos e pais americanos que mais respeita as mulheres não podemos sequer conceber, teríamos gostado de saber qual teria sido a resposta à pergunta sobre até que ponto esta bela teoria é exemplificada na prática na maioria dos lares hindus. que abrigam esposas, mães, filhas e irmãs.

A repreensão à ganância pelo ganho, ao vício nacional da busca pelo luxo, ao egoísmo, ao sentimento de "casta do dólar" que contamina as raças brancas europeias e americanas dominantes, levando-as ao seu perigo mortal, moral e civilmente, foi muito justa e soberbamente bem colocada, a voz musical lenta, suave e silenciosa, sem paixão, incorporando seu pensamento com todo o poder e fogo da expressão física mais veemente, e foi direto ao alvo como o "Tu és o homem" do profeta. Mas quando este erudito nobre hindu de nascimento, natureza e cultura tenta provar - como fez repetidamente nas suas frequentes e aparentemente semi-inconscientes digressões do ponto especial em consideração - que o indivíduo distintamente egocêntrico, autocultivo e preeminentemente egocêntrico salvador de almas, negativo e passivo, para não dizer que a religião egoísta e indolente de sua raça provou ser superior em sua utilidade para o mundo ao vitalmente agressivo, esquecido de si mesmo, que faz o bem aos outros-primeiro-último-e-sempre, vá -você-para-todo-o-mundo e religião de trabalho que chamamos de Cristianismo, em cujo nome nove décimos de todo o trabalho moral, espiritual e filantrópico realmente prático do mundo

foi e está sendo feito, quaisquer que sejam os erros tristes e grosseiros que tenham ocorrido. feito por seus fanáticos imprudentes, ele tenta um grande contrato.

Mas ver e ouvir Swami Vive Kananda é uma oportunidade que nenhum americano inteligente e justo deve perder se quiser ver a luz brilhante do mais fino produto da cultura mental, moral e espiritual de uma raça que avalia a sua idade por milhares, onde contamos os nossos às centenas e vale muito a pena o estudo de cada mente.

Domingo à tarde [15 de abril], o ilustre hindu falou aos alunos do Smith College no culto vespertino, sendo a Paternidade de Deus e a Irmandade do homem, virtualmente, seu tema, e que o discurso causou profunda impressão é evidenciado pelo relatório de cada auditor, a mais ampla liberalidade do verdadeiro sentimento e preceito religioso que caracteriza toda a tendência de pensamento.

2.7.7 OS MODOS E COSTUMES DA ÍNDIA

(Boston Herald, 15 de maio de 1894)

O Salão da Associação estava lotado de senhoras ontem, para ouvir Swami Vivekananda, o Monge Brâmane (que significa Hindu. - Editor.) falar sobre "A Religião da Índia" [na verdade, "Os Modos e Costumes da Índia"], para o benefício da ala Creche de 16 dias [na verdade, creche da rua Tyler]. O monge brâmane se tornou uma moda em Boston, como aconteceu em Chicago no ano passado, e sua maneira sincera, honesta e culta conquistou muitos amigos para ele.

A nação hindu não é dada ao casamento, disse ele, não porque odiamos as mulheres, mas porque a nossa religião nos ensina a adorar as mulheres. O hindu é ensinado a ver em cada mulher a sua mãe, e nenhum homem quer casar com a sua mãe. Deus é mãe para nós. Não nos importamos nada com Deus no céu; é mãe para nós. Consideramos o casamento um estado vulgar e baixo, e se um homem se casa é porque precisa de uma companheira para a religião.

Você diz que maltratamos nossas mulheres. Que nação no mundo não maltratou as suas mulheres? Na Europa ou na América, um homem pode casar-se com uma mulher por dinheiro e, depois de capturar os seus dólares, pode expulsá-la. Na Índia, pelo contrário, quando uma mulher se casa por dinheiro, os seus filhos são considerados escravos, de acordo com os nossos ensinamentos, e quando um homem rico se casa, o seu dinheiro passa para as mãos da sua esposa, de modo que é pouco provável que ele o faça. expulsar o guardião do seu dinheiro.

Você diz que somos pagãos, que somos incultos, incultos, mas rimos na manga da sua falta de refinamento ao nos dizer tais coisas. Conosco, qualidade e nascimento geram casta, não dinheiro. Nenhuma quantia de dinheiro pode fazer nada por você na Índia. Na casta, o mais pobre é tão bom quanto o mais rico, e isso é uma das coisas mais bonitas.

O dinheiro provocou guerras no mundo e fez com que os cristãos pisoteassem o pescoço uns dos outros. O ciúme, o ódio e a avareza nascem dos que ganham dinheiro. Aqui é tudo trabalho, agitação. Casta salva um homem de tudo isso. Torna possível que um homem viva com menos dinheiro e traz trabalho para todos. O homem de casta tem tempo para pensar na sua alma; e é isso que queremos na sociedade da Índia.

O brâmane nasce para adorar a Deus e, quanto mais elevada for a sua casta, maiores serão as suas restrições sociais. A casta nos manteve vivos como nação e, embora tenha muitos defeitos, tem muito mais vantagens.

Vivekananda descreveu as universidades e faculdades da Índia, tanto antigas como modernas, nomeadamente a de Benares, que tem 20 mil estudantes e professores.

Quando você julga minha religião, continuou ele, você considera que a sua é perfeita e a minha errada; e quando você critica a sociedade da Índia, você supõe que ela seja inculta, na medida em que não se ajusta aos seus padrões. Isso é um absurdo.

Referindo-se à questão da educação, o orador disse que os homens instruídos da Índia tornam-se professores, enquanto os menos instruídos tornam-se sacerdotes.

2.7.8 AS RELIGIÕES DA ÍNDIA

(Boston Herald, 17 de maio de 1894)

O monge brâmane, Swami Vivekananda, deu uma palestra ontem à tarde no Association Hall sobre "As Religiões da Índia", em auxílio à Creche de 16 Dias do Distrito. Houve um grande comparecimento.

O orador primeiro fez um relato dos maometanos, que constituíam, segundo ele, um quinto da população. Eles acreditavam no Antigo e no Novo Testamento, mas consideravam Jesus Cristo apenas como um profeta. Eles não tinham nenhuma organização religiosa, embora houvesse leitura do Alcorão.

Os parses, outra raça, chamavam seu livro sagrado de Zend-Avesta, e acreditavam em duas divindades guerreiras, Armuzd, o bom, e Ahriman, o mau. Eles acreditavam que finalmente o bem triunfaria sobre o mal. Seu código moral era resumido nas palavras: “Bom pensamento, boas palavras, boas ações”.

Os hindus propriamente ditos consideravam os Vedas sua escritura religiosa. Eles mantinham cada indivíduo nos costumes da casta, mas davam-lhe total liberdade para pensar por si mesmo em questões religiosas. Uma parte do seu método consistia em procurar algum homem santo ou profeta para aproveitar a corrente espiritual que fluía através dele.

Os hindus tinham três escolas religiosas diferentes — a dualista, a monística qualificada e a monística — e estas três eram consideradas fases pelas quais cada indivíduo passava naturalmente no decurso do seu desenvolvimento religioso.

Todos os três acreditavam em Deus, mas a escola dualista acreditava que Deus e o homem eram entidades separadas, enquanto a monista declarava que havia apenas uma existência no universo, esta existência unitária não contendo nem Deus nem alma, mas algo além.

O palestrante citou os Vedas para mostrar o caráter da religião hindu e declarou que, para encontrar Deus, é preciso examinar o próprio coração.

A religião não consistia em panfletos ou livros; consistia em olhar para o coração humano e encontrar ali as verdades de Deus e da imortalidade. “A quem eu quiser”, diziam os Vedas, “a ele eu crio um profeta”, e ser um profeta era tudo o que havia de religião.

O orador encerrou sua palestra fazendo um relato dos jainistas, que demonstram notável bondade para com os animais mudos, e cuja lei moral é resumida nas palavras: “Não ferir os outros é o bem maior”.

2.7.9 SETAS E DOUTRINAS NA ÍNDIA

(Harvard Crimson, 17 de maio de 1894)

Swami Vivekananda, o monge hindu, fez um discurso ontem à noite no Sever Hall, sob os auspícios da União Religiosa de Harvard. O discurso foi muito interessante, a voz clara e eloqüente do orador e sua fala baixa e sincera tornaram suas palavras singularmente impressionantes.

Existem várias seitas e doutrinas na Índia, disse Vivekananda, algumas das quais aceitam a teoria de um Deus pessoal, e outras que acreditam que Deus e o universo são um; mas qualquer que seja a seita a que o hindu pertença, ele não diz que a sua crença é a única correta e que todas as outras devem estar erradas. Ele acredita que existem muitas maneiras de chegar a Deus;

que um homem que é verdadeiramente religioso se eleva acima das disputas mesquinhas de seitas ou credos. Na Índia, se um homem acredita que é um espírito, uma alma e não um corpo, então diz-se que ele tem religião e não antes disso.

Para se tornar um monge na Índia é necessário perder todo pensamento sobre o corpo; olhar para outros seres humanos como almas. Portanto, os monges nunca podem se casar. Dois votos são feitos quando um homem se torna monge: pobreza e castidade. Ele não está autorizado a receber ou possuir qualquer dinheiro. A primeira cerimônia a ser realizada ao ingressar na ordem é a queima da efígie, que deveria destruir de uma vez por todas o antigo corpo, nome e casta. O homem então recebe um novo nome e pode sair e pregar ou viajar, mas não deve receber dinheiro pelo que faz.

2.7.10 MENOS DOCTRINA E MAIS PÃO

(Baltimore americano, 15 de outubro de 1894)

O Lyceum Theatre ficou lotado ontem à noite na primeira de uma série de reuniões dos irmãos Vrooman. O assunto discutido foi “Religião Dinâmica”.

Swami Vivekananda, o sumo sacerdote [?] da Índia, foi o último orador. Ele falou brevemente e foi ouvido com notável atenção. Seu inglês e seu modo de entrega eram excelentes. Há um sotaque estrangeiro em suas sílabas, mas não o suficiente para impedir que ele seja claramente compreendido. Ele estava vestido com os trajes de seu país natal, que eram decididamente pitorescos. Ele disse que poderia falar brevemente após o oratório que o precedeu, mas poderia acrescentar seu endosso a tudo o que havia sido dito. Ele viajou muito e pregou para todos os tipos de pessoas. Ele descobriu que o tipo específico de doutrina pregada fazia pouca diferença. O que se deseja é um tipo de trabalho prático. Se tais ideias não pudessem ser implementadas, ele perderia a fé na humanidade. O clamor em todo o mundo é “menos doutrina e mais pão”. Ele considerou correto o envio de missionários à Índia; ele não tinha objeções a oferecer, mas achou que seria melhor enviar menos homens e mais dinheiro. No que diz respeito à Índia,

ela tinha doutrina religiosa de sobra. Viver de acordo com as doutrinas era mais necessário do que mais doutrinas. O povo da Índia, assim como as pessoas de todo o mundo, foram ensinados a orar, mas a oração com os lábios não era suficiente; as pessoas deveriam orar com seus corações. "Algumas pessoas no mundo", disse ele, "realmente tentam fazer o bem. Outros olham e aplaudem, e pensam que eles próprios fizeram um grande bem. A vida é amor, e quando um homem deixa de fazer o bem aos outros, ele está morto espiritualmente."

No próximo domingo à noite, Swami Vivekananda fará o discurso da noite no Liceu.

(Dom, 15 de outubro de 1894)

Vivekananda sentou-se no palco ontem à noite com uma impassibilidade imperturbável até que chegou sua vez de falar. Então sua atitude mudou e ele falou com força e sentimento. Ele seguiu os irmãos Vrooman e disse que havia pouco a acrescentar ao que foi dito, exceto o seu testemunho como um "homem dos Antípodas".

“Temos doutrinas suficientes”, continuou ele. "O que queremos agora é o trabalho prático apresentado nestes discursos. Quando questionados sobre os missionários enviados à Índia, respondo que sim. Mas queremos mais dinheiro e menos homens. A Índia tem alqueires cheios de doutrinas e de sobra. O que se quer é os meios para realizá-los.

“A oração pode ser feita de diferentes maneiras. A oração com as mãos é ainda mais elevada do que a oração com os lábios e é mais salvadora.

"Todas as religiões nos ensinam a fazer o bem aos nossos irmãos. Fazer o bem não é nada extraordinário - é a única maneira de viver. Tudo na natureza tende à expansão para a vida e à contração para a morte. O mesmo acontece na religião. Faça o bem ajudando outros sem segundas intenções. No momento em que isso cessa, segue-se a contração e a morte."

2.7.11 A RELIGIÃO DE BUDA

(Morning Herald, 22 de outubro de 1894)

Uma audiência que lotou o Lyceum Theatre [Baltimore] do poço à cúpula reuniu-se ontem à noite na segunda da série de reuniões realizadas pelos Vrooman Brothers no interesse da "Religião Dinâmica". Um total de 3.000 pessoas estiveram presentes. Os discursos foram feitos pelo Rev. Hiram Vrooman, Rev. Walter Vrooman e Rev. Swarri Vivekananda, o Sumo Sacerdote Brâmane que agora visita esta cidade. Os oradores da noite sentaram-se no palco, sendo o Rev. Vivekananda objeto de particular interesse para todos. Ele usava um turbante amarelo e uma túnica vermelha amarrada na cintura [sic] com uma faixa da mesma cor, o que acrescentava ao tom oriental de suas feições e lhe dava um interesse peculiar. Sua personalidade parecia ser a característica da noite. Seu discurso foi proferido de maneira fácil e desembaraçada, com dicção perfeita e sotaque semelhante ao de um membro culto da raça latina familiarizado com a língua inglesa. Ele disse em parte:

O SUMO SACERDOTE FALA

"Buda começou a fundar a religião da Índia 600 anos antes do nascimento de Cristo. Ele descobriu que a religião da Índia naquela época estava principalmente envolvida em discussões eternas sobre a natureza da alma humana. Não havia remédio de acordo com as idéias então prevalecentes para o cura de males religiosos, mas sacrifícios de animais, altares de sacrifício e métodos semelhantes.

"No meio deste sistema nasceu um sacerdote [?] que era membro de uma das principais famílias que foi o fundador do Budismo. O seu trabalho foi, em primeiro lugar, não a fundação de uma nova religião, mas um movimento da reforma. Ele acreditava no bem de todos. Sua religião, conforme formulada por ele, consistia na descoberta de três coisas: Primeiro, 'Existe um mal'; Ele atribuiu isso ao desejo dos homens de serem superiores aos outros, um mal que poderia ser curado pelo altruísmo. Terceiro, "Esse mal é curável tornando-se altruísta". A força, concluiu ele, não poderia curá-lo; o ódio não pode curar o ódio.

"Essa era a base de sua religião. Enquanto a sociedade tentar curar o egoísmo humano por meio de leis e instituições cujo objetivo é forçar os outros a fazerem o bem ao próximo, nada poderá ser feito. O remédio não é colocar truque contra truque e força contra força. O único remédio é tornar homens e mulheres altruístas. Você pode promulgar leis para curar os males atuais, mas elas serão inúteis.

"Buda encontrou na Índia muita conversa sobre Deus e Sua essência e muito pouco trabalho. Ele sempre insistiu nesta verdade fundamental, que devemos ser puros e santos, e que devemos ajudar os outros a serem santos também. Ele acreditava que o homem deve trabalhar e ajudar os outros; encontrar sua alma nos outros; ele acreditava que na conjunção de fazer o bem aos outros é o único bem que fazemos a nós mesmos. para o mundo, muita teoria e pouca prática, atualmente, uma dúzia de Budas na Índia fariam bem, e um Buda neste país também seria benéfico.

"Quando há muita doutrina, muita crença na religião de meu pai, muita superstição racional, é necessária uma mudança. Tal doutrina produz o mal, e uma reforma é necessária."

Na conclusão do discurso do Sr. Vivekananda houve uma calorosa explosão de aplausos.

(Baltimore americano, 22 de outubro de 1894)

O Lyceum Theatre ficou lotado ontem à noite no segundo encontro da série conduzida pelos irmãos Vrooman sobre "Religião Dinâmica". Swami Vivekananda, da Índia, fez o discurso principal. Ele falou sobre a religião budista e falou dos males que existiam entre o povo da Índia, na época do nascimento de Buda. As desigualdades sociais na Índia, disse ele, eram naquele período mil vezes maiores do que em qualquer outro lugar do mundo. "Seiscentos anos antes de Cristo", continuou ele, "o sacerdócio da Índia exerceu grande influência sobre as mentes do povo, e entre a pedra de moinho superior e inferior da intelectualidade e do aprendizado o povo foi fundado. mais de dois terços da família humana, não foi fundada como uma religião inteiramente nova, mas antes como uma reforma que acabou com a

corrupção dos tempos. Buda parece ter sido o único profeta que fez tudo pelos outros e absolutamente nada por si mesmo. Ele abriu mão de seu lar e de todos os prazeres da vida para passar os dias em busca do remédio para a terrível doença da miséria humana. Numa época em que homens e sacerdotes discutiam a essência da divindade, ele descobriu o que as pessoas haviam negligenciado. , que a miséria existia. A causa do mal é o nosso desejo de sermos superiores aos outros e o nosso egoísmo. No momento em que o mundo se tornar altruísta, todo o mal desaparecerá. curado. O mundo tentou este método ineficazmente durante milhares de anos. Força contra força nunca cura, e a única cura para o mal é o altruísmo. Precisamos ensinar as pessoas a obedecer às leis em vez de fazer mais leis. O Budismo foi a primeira religião missionária do mundo, mas um dos ensinamentos do Budismo era não antagonizar nenhuma outra religião. As seitas enfraquecem o seu poder para sempre, fazendo guerra umas contra as outras."

2.7.12 TODAS AS RELIGIÕES SÃO BOAS

(Washington Post, 29 de outubro de 1894)

O Sr. Kananda falou ontem na Igreja do Povo a convite do Dr. Kent, pastor da igreja. Sua palestra pela manhã foi um sermão regular, tratando inteiramente do lado espiritual da religião e apresentando, para as seitas ortodoxas, a proposição bastante original de que há algo de bom no fundamento de toda religião, de que todas as religiões, assim como as línguas, descendem de de uma origem comum, e que cada um é bom em seus aspectos corporais e espirituais, desde que seja mantido livre de dogmas e fossilismos. O discurso da tarde foi mais na forma de uma palestra sobre a raça ariana e traçou a descendência das várias nacionalidades aliadas pela sua língua, religião e costumes da linhagem comum do sânscrito.

Após a reunião, a um repórter do Post, o Sr. Kananda disse: "Não afirmo nenhuma afiliação a nenhuma seita religiosa, mas ocupo a posição de um observador e, tanto quanto possível, de um professor para a humanidade. Toda religião para mim é boa ... Sobre os mistérios mais elevados da vida e

da existência, não posso fazer mais do que especular, como outros fazem. Mas eu o faço. não a apresente como uma doutrina. Ela não passa de uma teoria, na melhor das hipóteses, e não é suscetível de prova, exceto pela experiência pessoal, e essa prova é boa apenas para o homem que a possui. Sua experiência não é nada para mim, nem para a minha. para você. Eu não acredito em milagres – eles são repugnantes para mim em questões de religião. Você pode fazer o mundo desabar sobre meus ouvidos, mas isso não seria prova para mim de que existe um Deus, ou de que você trabalhou. por sua agência, se houvesse uma.

ELE ACREDITA CEGAMENTE

"Devo, no entanto, acreditar num passado e num futuro como necessários para a existência do presente. E se continuarmos a partir daqui, devemos seguir outras formas, e assim surge qualquer crença na reencarnação. Mas não posso provar nada , e qualquer um pode me privar da teoria da reencarnação, desde que me mostre algo melhor para substituí-la. Somente até o momento não encontrei nada que me oferecesse uma explicação tão satisfatória.

O Sr. Kananda é natural de Calcutá e formou-se na universidade governamental de lá. Ele fala inglês como um nativo, tendo recebido formação universitária nessa língua. Ele teve uma boa oportunidade de observar o contato entre os nativos e os ingleses, e seria decepcionante para um obreiro missionário estrangeiro ouvi-lo falar em estilo muito despreocupado sobre as tentativas de converter os nativos. Neste contexto, perguntaram-lhe que efeito o ensinamento ocidental estava tendo sobre o pensamento do Oriente.

“É claro”, disse ele, “nenhum pensamento de qualquer espécie pode entrar num país sem ter o seu efeito, mas o efeito do ensinamento cristão sobre o pensamento oriental é, se existir, tão pequeno que é imperceptível. causou tanta impressão lá quanto as doutrinas orientais aqui, talvez nem tanto. Isto é, entre os pensadores mais elevados do país. O efeito do trabalho missionário entre as massas é imperceptível. uma vez fora das seitas

nativas, mas a massa da população é tão grande que os convertidos dos missionários têm muito pouco efeito que pode ser visto."

OS IOGUES SÃO JUGGLERS

Quando questionado se sabia alguma coisa sobre as supostas performances milagrosas dos iogues e adeptos, o Sr. Kananda respondeu que não estava interessado em milagres e que, embora houvesse, é claro, muitos malabaristas inteligentes no país, suas performances eram truques. O Sr. Kananda disse que tinha visto o truque da manga apenas uma vez, e depois por um faquir em pequena escala. Ele tinha a mesma opinião sobre as supostas realizações dos lamas. "Há uma grande falta de observadores treinados, científicos e sem preconceitos em todos os relatos desses fenômenos", disse ele, "de modo que é difícil distinguir o falso do verdadeiro".

2.7.13 A VISÃO HINDU DA VIDA

(Brooklyn Times, 31 de dezembro de 1894)

A Associação Ética do Brooklyn, na Bolsa Gallery ontem à noite, ofereceu uma recepção a Swami Vivekananda. . . . Antes da recepção, o ilustre visitante proferiu uma palestra extremamente interessante sobre "As Religiões da Índia". Entre outras coisas ele disse:

"A visão de vida dos hindus é que estamos aqui para aprender; toda a felicidade da vida é aprender; a alma humana está aqui para amar aprender e obter experiência. Sou capaz de ler melhor minha Bíblia pela sua Bíblia, e você vai aprender a ler melhor sua Bíblia pela minha Bíblia. Se existe apenas uma religião para ser verdadeira, todo o resto deve ser verdadeiro. A mesma verdade se manifestou em diferentes formas, e as formas estão de acordo com as diferentes circunstâncias do físico. ou natureza mental das diferentes nações.

"Se a matéria e sua transformação respondem por tudo o que temos, não há necessidade de supor a existência de uma alma. Mas [não] pode ser provado

que o pensamento evoluiu a partir da matéria. Não podemos negar que os corpos herdam certas tendências, mas essas tendências significam apenas a configuração física através da qual apenas uma mente peculiar pode agir de uma maneira peculiar. Essas tendências peculiares naquela alma foram causadas por ações passadas. Uma alma com uma certa tendência nascerá em um corpo que é o instrumento mais adequado para a manifestação dessa tendência, pelas leis da afinidade. E isso está em perfeito acordo com a ciência, pois a ciência quer explicar tudo pelo hábito, e o hábito é obtido através de repetições. Portanto, essas repetições também são necessárias para explicar o hábito. Hábitos naturais de uma alma recém-nascida. Eles não foram adquiridos nesta vida presente, portanto, devem ter vindo de vidas passadas.

"Todas as religiões são muitos estágios. Cada um deles representa o estágio pelo qual a alma humana passa para realizar Deus. Portanto, nenhum deles deve ser negligenciado. Nenhum dos estágios é perigoso ou ruim. Eles são bons. Assim como uma criança torna-se um jovem e um jovem torna-se um homem velho, então eles estão viajando de verdade em verdade; eles se tornam perigosos apenas quando se tornam rígidos e não avançam mais - quando ele para de crescer se a criança se recusar. para se tornar um homem velho, então ele está doente, mas se eles crescerem continuamente, cada passo os levará adiante até que alcancem a verdade completa. Portanto, acreditamos em um Deus pessoal e impessoal e, ao mesmo tempo, acreditamos nele. todas as religiões que existiram, todas as religiões que existem e todas as religiões que existirão no mundo. Também acreditamos que devemos não apenas tolerar essas religiões, mas aceitá-las.

"No mundo físico material, expansão é vida e contração é morte. Tudo o que deixa de se expandir deixa de viver. Traduzindo isso no mundo moral, temos: Se alguém quiser expandir, ele deve amar, e quando ele deixa de amar, ele morre (...) É a sua natureza; você deve fazê-lo, porque essa é a única lei da vida. Portanto, devemos amar a Deus por causa do amor, portanto, devemos cumprir nosso dever por causa do dever; devemos trabalhar por causa do trabalho; saiba que você é mais puro e mais perfeito, saiba que este é o verdadeiro templo de Deus".

(Brooklyn Daily Eagle, 31 de dezembro de 1894)

Depois de se referir às opiniões dos maometanos, dos budistas e de outras escolas religiosas da Índia, o orador disse que os hindus receberam a sua religião através das revelações dos Vedas, que ensinam que a criação não tem começo nem fim. Eles ensinam que o homem é um espírito que vive num corpo. O corpo morrerá, mas o homem não. O espírito continuará vivendo. A alma não foi criada do nada, pois a criação significa uma combinação e isso significa uma certa dissolução futura. Se então a alma foi criada, ela deve morrer. Portanto, não foi criado. Ele poderia ser questionado como é que não nos lembramos de nada de nossas vidas passadas. Isto poderia ser facilmente explicado. Consciência é o nome apenas da superfície do oceano mental, e em suas profundezas estão armazenadas todas as nossas experiências. O desejo era descobrir algo que fosse estável. A mente, o corpo, toda a natureza, na verdade, está mudando. Esta questão de encontrar algo que fosse infinito já era discutida há muito tempo. Uma escola da qual os budistas modernos são representantes ensina que tudo o que não pudesse ser resolvido pelos cinco sentidos era inexistente. Que todo objeto depende de todos os outros, que é uma ilusão pensar que o homem é uma entidade independente. Os idealistas, por outro lado, afirmam que cada indivíduo é um corpo independente. A verdadeira solução para este problema é que a natureza é uma mistura de dependência e independência, de realidade e idealismo. Existe uma dependência que é provada pelo fato de que os movimentos dos nossos corpos são controlados pelas nossas mentes, e as nossas mentes são controladas pelo espírito dentro de nós, que os cristãos chamam de alma. A morte é apenas uma mudança. Os que passaram além e ocupam altos cargos lá são iguais aos que permanecem aqui, e os que ocupam cargos inferiores lá são iguais aos outros aqui. Todo ser humano é um ser perfeito. Se nos sentarmos no escuro e lamentarmos que esteja tão escuro que não nos aproveitará nada, mas se arranjarmos fósforos e acendermos uma luz, a escuridão desaparecerá imediatamente. Portanto, se nos sentarmos e lamentarmos que os nossos corpos são imperfeitos, que as nossas almas são imperfeitas, não teremos lucro. Quando invocarmos a luz da razão, então esta escuridão da dúvida desaparecerá. O objetivo da vida é aprender. Os cristãos podem aprender com os hindus e os hindus com os cristãos. Ele poderia ler melhor sua Bíblia depois de ler a nossa. “Diga aos seus filhos”, disse ele, “que a

religião é algo positivo, e não algo negativo. Não são os ensinamentos dos homens, mas um crescimento, um desenvolvimento de algo superior dentro de nossa natureza que busca saída. ao mundo nasce com uma certa experiência acumulada. A ideia de independência que nos possui mostra que há algo em nós além da mente e do corpo. O corpo e a mente são dependentes. A alma que nos anima é um fator independente que cria esse desejo. liberdade. Se não somos livres, como podemos esperar tornar o mundo bom ou perfeito? Acreditamos em Deus. , o Pai de todos nós, o Criador e Preservador de Seus filhos, onipresente e onipotente. Acreditamos em um Deus pessoal, como você, mas vamos além. foi antes, em tudo o que existe agora e em tudo o que está por vir. O hindu se curva diante de todas as religiões [sic], pois neste mundo a ideia é adição, não subtração. Faríamos um buquê de todas as lindas cores para Deus, o Criador, que é um Deus pessoal. Devemos amar a Deus por causa do amor, devemos cumprir nosso dever para com Ele por causa do dever, e devemos trabalhar para Ele por causa do trabalho e devemos adorá-Lo por causa da adoração.

"Os livros são bons, mas são apenas mapas. Lendo um livro por orientação de um homem, li que caíram tantos centímetros de chuva durante o ano. Então ele me disse para pegar o livro e apertá-lo entre as mãos. Eu fiz isso e nem uma gota d'água saiu dele. Foi apenas a ideia que o livro transmitiu. Assim, podemos obter o bem dos livros, do templo, da igreja, de qualquer coisa, desde que nos leve para frente e para cima. genuflexões, murmúrios e murmúrios não são religião. Todos são bons se nos ajudarem a chegar à percepção da perfeição que realizaremos quando estivermos face a face com Cristo. Essas são palavras ou instruções para nós, pelas quais podemos nos beneficiar. . Colombo, quando descobriu este continente, voltou e disse aos seus compatriotas que tinha encontrado o novo mundo. Eles não acreditariam nele, ou alguns não acreditariam, e ele disse-lhes para irem procurar por si próprios. leiamos essas verdades e venhamos e encontremos as verdades por nós mesmos e então teremos uma crença que ninguém pode tirar de nós."

Após a palestra foi dada aos presentes a oportunidade de questionar o orador sobre qualquer ponto sobre o qual desejassem ter a sua opinião. Muitos deles aproveitaram esta oferta. (Ver Obras Completas, Vol. V. na Seção "Perguntas e Respostas".)

2.7.14 IDEAIS DE FEMININO

(Brooklyn Standard Union, 21 de janeiro de 1895)

Swami Vivekananda, após ser apresentado ao público pelo Dr. Janes, presidente da Associação Ética, disse em parte:

“O produto das favelas de qualquer nação não pode ser o critério de nosso julgamento daquela nação. Pode-se coletar as maçãs podres e comidas por vermes debaixo de cada macieira do mundo, e escrever um livro sobre cada uma delas, e ainda assim saber nada da beleza e das possibilidades da macieira. Somente no que há de mais elevado e melhor podemos julgar uma nação - os caídos são uma raça por si mesmos. Portanto, não é apenas adequado, mas justo e correto, julgar um costume pelo que tem de melhor, pelo seu ideal.

"O ideal de feminilidade está centrado na raça ariana da Índia, a mais antiga na história do mundo. Nessa raça, homens e mulheres eram sacerdotes, 'sabatimini [saha-dharmini]' ou correligionários, como os Vedas os chamam. Ali cada família tinha sua lareira ou altar, onde, na hora do casamento, era aceso o fogo do casamento, que era mantido vivo, até que um dos cônjuges morresse, quando a fogueira funerária era acesa por sua faísca. Juntos ofereceram seus sacrifícios, e essa ideia foi levada tão longe que um homem não podia nem orar sozinho, porque se acreditava que ele era apenas metade de um ser, por essa razão nenhum homem solteiro poderia se tornar sacerdote. O mesmo acontecia na antiguidade. Roma e Grécia.

“Mas com o advento de uma classe sacerdotal distinta e separada, o co-sacerdício da mulher em todas essas nações retrocede. Primeiro foi a raça assíria, de sangue semita, que proclamou a doutrina de que as meninas não têm voz, e nenhum direito, mesmo quando casados. Os persas beberam profundamente dessa ideia babilônica, e por eles ela foi levada para Roma e para a Grécia, e em todos os lugares a mulher degenerou.

"Outra causa foi fundamental para que isso acontecesse - a mudança no sistema de casamento. O sistema mais antigo era matriarcal; isto é, aquele em que a mãe era o centro e em que as meninas acediam à sua posição. Isso levou ao curioso sistema dos Poliandros [poliândricos], onde cinco e seis

irmãos muitas vezes se casavam com a mesma esposa. Até mesmo os Vedas contêm um traço disso na disposição de que quando um homem morria sem deixar filhos, sua viúva tinha permissão para viver com ele. outro homem, até que ela se tornou mãe; mas os filhos que ela deu à luz não pertenciam ao pai, mas ao marido falecido. Nos anos posteriores, a viúva foi autorizada a casar-se novamente, o que a ideia moderna a proíbe de fazer.

"Mas lado a lado com essas excrescências, uma ideia muito intensa de pureza pessoal surgiu na nação. Em todas as páginas os Vedas pregam a pureza pessoal. As leis a esse respeito eram extremamente rígidas. Todos os meninos e meninas eram enviados para a universidade, onde eles estudaram até o vigésimo ou trigésimo ano; lá, a menor impureza era punida de forma quase cruel. Essa ideia de pureza pessoal ficou profundamente gravada no coração da raça, chegando quase a ser uma mania. encontrado na captura de Chito [Chitor] pelos maometanos. Os homens defenderam a cidade contra enormes probabilidades e quando as mulheres viram que a derrota era inevitável, acenderam um fogo monstruoso no mercado, e quando o inimigo arrombou os portões 74.500; mulheres pularam na enorme pilha funerária e morreram nas chamas. Este nobre exemplo foi transmitido na Índia até os dias de hoje, quando cada carta traz as palavras '74.500', o que significa que qualquer pessoa que leia a carta ilegalmente se torna assim. culpado de um crime semelhante ao que levou à morte aquelas nobres mulheres de Chito.

"O próximo período é o dos monges; veio com o advento do Budismo, que ensinava que apenas os monges poderiam alcançar o 'nirvana', algo semelhante ao paraíso cristão. O resultado foi que toda a Índia se tornou um enorme mosteiro; lá era apenas um objetivo, uma batalha - permanecer puro. Toda a culpa foi lançada sobre as mulheres, e até mesmo os provérbios alertaram contra elas: 'Qual é a porta para o inferno?' foi uma delas, à qual a resposta foi: 'Mulher'. Outra dizia: 'Qual é a corrente que nos prende ao pó. Mulher'. Outra: 'Quem é o mais cego dos cegos? mulher.'

“A mesma ideia pode ser encontrada nos claustros do Ocidente. O desenvolvimento de todo monaquismo sempre significou a degeneração das mulheres.

"Mas eventualmente surgiu outra ideia de feminilidade. No Ocidente encontrou o seu ideal na esposa, na Índia na mãe. Mas não pense que os

padres foram totalmente responsáveis por esta mudança. Sei que eles sempre reivindicaram tudo no mundo. mundo e digo isto, embora eu próprio seja sacerdote, dobrarei os joelhos a todos os profetas em todas as religiões e climas, mas a franqueza obriga-me a dizer que aqui no Ocidente o desenvolvimento das mulheres foi provocado por homens como John Stuart Mill e os filósofos revolucionários franceses fizeram alguma coisa, sem dúvida, mas não todos. Por que, na Ásia Menor, os bispos cristãos até hoje mantêm um harém!

“O ideal cristão é aquele que se encontra na raça anglo-saxónica. A mulher muçulmana difere enormemente das suas irmãs ocidentais na medida em que o seu desenvolvimento social e intelectual não é tão pronunciado. A mulher muçulmana é infeliz, porque não é assim. Na Índia, a mulher goza de direitos de propriedade há milhares de anos. Aqui um homem pode deserdar a sua esposa; na Índia, todos os bens do falecido marido devem ir para a esposa, absolutamente propriedade pessoal. bens imóveis para o resto da vida.

"Na Índia, a mãe é o centro da família e nosso ideal mais elevado. Ela é para nós a representante de Deus, assim como Deus é a mãe do Universo. Foi uma mulher sábia quem primeiro encontrou a unidade de Deus e estabeleceu esta doutrina em um dos primeiros hinos dos Vedas Nosso Deus é tanto pessoal quanto absoluto, o absoluto é masculino, o pessoal, feminino. E assim acontece que agora dizemos: 'A primeira manifestação de Deus é a mão que balança. o berço.' Ele é da raça “ariana”, que nasce através da oração, e é um nonariano, que nasce através da sensualidade.

“Esta doutrina da influência pré-natal está agora sendo lentamente reconhecida, e a ciência, assim como a religião, clama: 'Mantenha-se santo e puro.' Isso foi tão profundamente reconhecido na Índia, que lá até falamos de adultério no casamento, exceto quando o casamento é consumado em oração. E eu e todo bom hindu acreditamos que minha mãe era pura e santa e, portanto, devo a ela tudo isso. Eu sou. Esse é o segredo da raça – a castidade”.

2.7.15 VERDADEIRO BUDISMO

(Brooklyn Standard Union, 4 de fevereiro de 1895)

Swami Vivekananda, apresentado pelo Dr. Janes, presidente da Associação Ética, sob cujos auspícios essas palestras são ministradas, disse em parte: "O hindu ocupa uma posição única em relação ao budismo. religião predominante na Índia; mas enquanto Cristo foi rejeitado por seus compatriotas, Buda foi aceito como Deus Encarnado. Ele denunciou a arte sacerdotal nas próprias portas de seus templos, mas hoje ele é adorado por eles.

"Não, porém, o credo que leva seu nome. O que Buda ensinou, os hindus acreditam, mas o que os budistas ensinam, nós não aceitamos. Pois os ensinamentos do Grande Mestre, espalhados por toda a terra, voltaram na tradição, coloridos pelos canais por onde passaram.

"Para compreender plenamente o Budismo, devemos voltar à religião mãe de onde ele veio. Os livros dos Vedas têm duas partes; a primeira, Cura makanda [Karma Kanda], contém a porção sacrificial, enquanto a segunda parte, a O Vedanta denuncia os sacrifícios, ensinando a caridade e o amor, mas não a morte. Cada seita assumiu a porção que quis. O charvaka, ou materialista, baseando sua doutrina na primeira parte, acreditava que tudo era matéria e que não existe nem céu nem céu. um inferno, nem uma alma nem um Deus. A segunda seita, os Gains [Jains], eram ateus muito morais, que, embora rejeitassem a ideia de um Deus, acreditavam que existe uma alma, lutando por um desenvolvimento mais perfeito desses dois. as seitas eram chamadas de hereges. Uma terceira seita era chamada de ortodoxa, porque aceitava os Vedas, embora negasse a existência de um Deus pessoal, acreditando que tudo brotava do átomo ou da natureza.

"Assim, o mundo intelectual foi dividido antes da chegada de Buda. Mas para uma compreensão correta de sua religião, também é necessário falar da casta então existente. Os Vedas ensinam que aquele que conhece a Deus é um Brahma [Brâhmin]; aquele que protege seus companheiros são um Chocta [Kshatriya], enquanto aquele que ganha a vida no comércio é um Visha [Vaishya]. Essas diferentes diversões sociais [divisões] desenvolveram-se ou degeneraram em castas [castas] ligadas ao ferro, e uma arte sacerdotal organizada e cristalizada permaneceu. no pescoço da

nação. Nessa época nasceu Buda, e sua religião é, portanto, o culminar de uma tentativa de reforma religiosa e social.

"O ar estava cheio de barulho de discussão; 20.000 sacerdotes cegos tentavam liderar 20.000.000 [?] de cegos, lutando entre si. O que era mais necessário naquela época do que um Buda pregar? 'Pare de brigar, jogue seus livros à parte, seja perfeito!' Buda nunca lutou contra as castas verdadeiras, pois elas nada mais são do que a congregação daqueles com uma tendência natural particular, e são sempre valiosas. Mas Buda lutou contra as castas degeneradas com seus privilégios hereditários e disse aos Brâmanes: 'Os verdadeiros Brâmanes não são gananciosos. , nem criminoso nem raivoso - você é assim? Se não, não imite os homens genuínos e reais. A casta é um estado, não uma classe restrita, e todo aquele que conhece e ama a Deus é um verdadeiro brâmane. E com relação aos sacrifícios, ele disse: 'Onde dizem os Vedas que os sacrifícios nos tornam puros? Eles podem agradecer, talvez, aos anjos, mas não nos tornam melhores. seja perfeito.'

"Nos últimos anos, essas doutrinas de Buda foram esquecidas. Indo para terras ainda despreparadas para a recepção dessas nobres verdades, eles voltaram contaminados pelas fraquezas dessas nações. Assim surgiram os Niilistas - uma seita cuja doutrina era que todo o universo , Deus e alma, não tinham base, mas que tudo está continuamente mudando. Eles não acreditavam em nada além do prazer do momento, o que eventualmente resultou nas orgias mais revoltantes. Essa, entretanto, não é a doutrina de Buda, mas uma horrível. degeneração dele e honra para a nação hindu, que se levantou e o expulsou.

"Cada um dos ensinamentos do Buda está fundamentado nos Vedantas. Ele foi um daqueles monges que queria trazer à tona as verdades, escondidas nesses livros e nos mosteiros da floresta. Não acredito que o mundo esteja pronto para eles mesmo agora; ele ainda quer aquelas religiões inferiores, que ensinam sobre um Deus pessoal. Por causa disso, o Budismo original não conseguiu sustentar a mente popular, até que adotou as modificações, que foram refletidas no Tibete e os Tártaros não existiam. tudo niilista. Foi apenas uma tentativa de combater a casta e o sacerdócio; foi o primeiro no

mundo a se posicionar como defensor dos animais mudos, o primeiro a quebrar a casta, colocando-se entre o homem e o homem."

Swami Vivekananda concluiu sua palestra com a apresentação de algumas imagens da vida de Buda, o "grande ser, que nunca teve um pensamento e nunca realizou uma ação exceto para o bem dos outros; que tinha o maior intelecto e coração, abrangendo toda a humanidade e todos os animais, abrangendo todos, pronto para dar sua vida pelos anjos mais elevados, bem como pelo verme mais inferior." Ele primeiro mostrou como Buda, com o propósito de salvar um rebanho de ovelhas, destinado ao sacrifício de um rei, atirou-se sobre o altar e, assim, cumpriu seu propósito. Em seguida, ele retratou como o grande profeta se separou de sua esposa e de seu filho ao clamor da humanidade sofredora e, por último, como, depois que seus ensinamentos foram universalmente aceitos na Índia, ele aceitou o convite de um pária desprezado, que o jantou com carne de porco, de cujos efeitos ele morreu.

2.7.16 PRESENTE DA ÍNDIA PARA O MUNDO

(Brooklyn Standard Union, 27 de fevereiro de 1895)

Swami Vivekananda, o monge hindu, proferiu uma palestra na noite de segunda-feira sob os auspícios da Associação Ética do Brooklyn diante de um público bastante grande no salão da Sociedade Histórica de Long Island, na esquina das ruas Pierrepont e Clinton. Seu tema foi "O presente da Índia para o mundo".

Ele falou das maravilhosas belezas de sua terra natal, "onde estava o berço mais antigo da ética, das artes, das ciências e da literatura, e da integridade de cujos filhos e da virtude de cujas filhas foram cantadas por todos os viajantes". Em seguida, o palestrante mostrou em detalhes rápidos o que a Índia deu ao mundo.

"Na religião", disse ele, "ela exerceu uma grande influência sobre o cristianismo, pois os próprios ensinamentos de Cristo [poderiam] ser atribuídos aos de Buda." Ele mostrou, por meio de citações de obras de cientistas europeus e americanos, os muitos pontos de semelhança entre

Buda e Cristo. O nascimento deste último, seu isolamento do mundo, o número de seus apóstolos e a própria ética de seus ensinamentos são os mesmos de Buda, que viveu muitas centenas de anos antes dele.

"É mero acaso", perguntou o palestrante, "ou a religião de Buda foi apenas um prenúncio da religião de Cristo? A maioria dos seus pensadores parece estar satisfeita com a última explicação, mas há alguns ousados o suficiente para dizer que o Cristianismo é o descendência direta do Budismo, assim como a heresia mais antiga da religião cristã – a heresia Moneciana [Maniqueísta] – é agora universalmente considerada como o ensinamento de uma seita de Budistas. Mas há mais evidências de que o Cristianismo é fundado no Budismo. recentemente descobriram inscrições do reinado do imperador Oshoka [Asoka] da Índia, cerca de 300 a.C., que fez tratados com todos os reis gregos, e cujos missionários discriminaram [disseminaram?] naquelas mesmas partes onde, séculos depois, o cristianismo floresceu, o princípios da religião budista. Assim é explicado por que vocês têm nossa doutrina da trindade, da encarnação de Deus e de nossa ética, e por que o serviço em nossos templos é tão semelhante ao de suas atuais igrejas católicas, desde o início. missa com canto e bênção. O budismo já tinha tudo isso muito antes de você. Agora use seu próprio julgamento sobre essas premissas – nós, hindus, estamos prontos para nos convencer de que a sua religião é a mais antiga, embora já tivéssemos a nossa cerca de trezentos anos antes mesmo de a sua ser pensada.

"O mesmo vale com relação às ciências. A Índia deu à antiguidade os primeiros médicos científicos e, de acordo com Sir William Hunter, ela até contribuiu para a ciência médica moderna pela descoberta de vários produtos químicos e ensinando como reformar disformes ouvidos e narizes. Fez ainda mais na matemática, pois a álgebra, a geometria, a astronomia e o triunfo da ciência moderna – a matemática mista – foram todos inventados na Índia, tal como os dez algarismos, a pedra angular de toda a civilização actual. , foram descobertos na Índia e são, na realidade, palavras em sânscrito.

"Na filosofia, estamos ainda hoje muito acima de qualquer outra nação, como confessou Schopenhauer, o grande filósofo alemão. Na música, a Índia deu ao mundo o seu sistema de notação, com as sete notas cardeais e a

escala diatônica, todas de de que desfrutamos já em 350 a.C., embora tenha chegado à Europa apenas no século XI. Na filologia, a nossa língua sânscrita é agora universalmente reconhecida como a base de todas as línguas europeias, que, na verdade, nada mais são do que o jargão do sânscrito.

"Na literatura, nossos épicos, poemas e dramas têm uma classificação tão elevada quanto os de qualquer idioma; nosso 'Shaguntala' [Shakuntala] foi resumido pelo maior poeta da Alemanha, como 'céu e terra unidos'. A Índia deu ao mundo as fábulas de Esopo, que foi copiado por Esopo de um antigo livro em sânscrito; deu as Mil e Uma Noites, sim, até a história da Cinderela e dos talos de feijão. Na fabricação, a Índia foi a primeira a fazer algodão e [tintura] roxa. proficiente em todos os trabalhos de joalheria, e a própria palavra "açúcar", assim como o próprio artigo, é produto da Índia. Por último, ela inventou o jogo de xadrez, as cartas e os dados. a superioridade da Índia em todos os aspectos, que atraiu para as suas fronteiras as coortes famintas da Europa e, assim, indiretamente provocou a descoberta da América.

"E agora, o que o mundo deu à Índia em troca de tudo isso? Nada além de anulação [vilificação], maldição e desprezo. O mundo mergulhou no sangue vital de seus filhos, reduziu a Índia à pobreza e seus filhos e filhas à escravidão , e agora acrescenta insulto à injúria ao pregar-lhe uma religião que só pode prosperar com a destruição de todas as outras religiões. Mas a Índia não tem medo. Ela não implora por misericórdia das mãos de nenhuma nação. não podemos: lutar para conquistar; mas confiamos na eternidade da verdade. A mensagem da Índia ao mundo é, antes de tudo, a sua bênção, ela está devolvendo o bem pelo mal que lhe é feito, e assim ela põe em execução esta nobre ideia; , que teve sua origem na Índia Por último, a mensagem da Índia é que a bondade calma, a paciência e a gentileza acabarão por triunfar. de cujas coortes o mundo tremeu? Morreu. Onde estão os árabes, que em cinquenta anos levaram as suas bandeiras do Atlântico ao Pacífico? e onde estão os espanhóis, os cruéis assassinos de milhões de homens? Ambas as raças estão quase extintas; mas graças à moralidade dos seus filhos, a raça mais gentil nunca perecerá, e ela ainda verá a hora do seu triunfo."

No final da palestra, que foi calorosamente aplaudida, Swami Vivekananda respondeu a uma série de perguntas a respeito dos costumes da Índia. Ele negou positivamente a veracidade da declaração publicada no Standard Union de ontem [25 de fevereiro], no sentido de que as viúvas são maltratadas na Índia. A lei garante-lhe não só os bens próprios, antes do casamento, mas também tudo o que recebeu do marido, cuja morte, se não houver herdeiros diretos, os bens lhe passam. As viúvas raramente se casam na Índia, devido à escassez de homens. Ele também afirmou que os auto-sacrifícios das esposas pela morte de seus maridos, bem como a fanática autodestruição sob as rodas do Juggernaut, cessaram completamente, e encaminhou seus ouvintes como prova para a "História do Índio" de Sir William Hunter. Império".

2.7.17 CRIANÇAS VIÚVAS DA ÍNDIA

(Diário Águia, 27 de fevereiro de 1895)

Swami Vivekananda, o monge hindu, deu uma palestra no Salão Histórico na noite de segunda-feira, sob os auspícios da Associação Ética do Brooklyn, sobre "O Presente da Índia para o Mundo". Havia cerca de duzentas e cinquenta pessoas no salão quando o Swami subiu na plataforma. Muito interesse foi manifestado por conta da negação pela Sra. James McKeen, presidente do círculo Brooklyn Ramabai, que está interessado no trabalho cristão na Índia, da declaração atribuída à palestra de que as crianças viúvas da Índia não eram protegidas [mal- tratado]. Em nenhuma parte de sua palestra foi feita referência a essa negação, mas após sua conclusão, um dos presentes perguntou ao palestrante que explicação ele deveria dar à afirmação. Swami Vivekananda disse que não era verdade que as crianças viúvas fossem abusadas ou maltratadas de alguma forma. Ele adicionou:

"É um fato que alguns hindus se casam muito jovens. Outros se casam quando atingem uma idade razoável e alguns nem se casam. Meu avô se casou quando era criança. Meu pai quando tinha 14 anos e eu tenho 30 anos e ainda não sou casado. Quando um marido morre, todos os seus bens vão para a sua viúva. Se uma viúva for pobre, ela é igual às viúvas pobres de

qualquer outro país. Foi tanto melhor para a viúva quanto mais cedo ele morreu. Viajei por toda a Índia, mas não consegui ver nenhum dos casos mencionados de maus-tratos. Houve uma época em que havia fanáticos religiosos, viúvas, que se atiraram ao fogo e foram consumidas. pelas chamas na morte de seus maridos. Os hindus não acreditaram nisso, mas não o impediram, e foi somente quando os britânicos obtiveram o controle da Índia que isso foi finalmente proibido. monumentos foram erguidos em sua memória."

2.7.18 ALGUNS COSTUMES DOS HINDUS

(Brooklyn Standard Union, 8 de abril de 1895)

Uma reunião especial da Associação Ética do Brooklyn com discurso de Swami Vivekananda, o monge hindu como principal destaque, foi realizada na Bolsa Gallery, na avenida Clinton, ontem à noite. "Alguns costumes dos hindus, o que significam e como são mal interpretados", foi o assunto tratado. Uma grande multidão encheu a espaçosa galeria.

Vestido com seu traje oriental, com olhos brilhantes e rosto ruborizado, Swami Vivekananda começou a falar de seu povo, de seu país e de seus costumes. Ele desejava apenas que a justiça fosse mostrada a ele e aos seus. No início do seu discurso ele disse que daria uma ideia geral da Índia. Ele disse que não era um país, mas sim um continente; que ideias errôneas foram promulgadas por viajantes que nunca tinham visto o país. Ele disse que eram faladas nove línguas distintas e mais de 100 dialetos diferentes. Ele falou severamente daqueles que escreveram sobre seu país e disse que seus cérebros estavam confusos pela superstição e que eles tinham a ideia de que todos fora do âmbito de sua própria religião eram um canalha horrível. Um dos costumes muitas vezes mal interpretados era o de escovar os dentes pelos hindus. Eles nunca colocam cabelo ou pele na boca, mas usam uma planta. "Por isso um homem escreveu", disse o orador, "que os hindus se levantam cedo e engolem uma planta." Ele disse que o [costume das viúvas se atirarem debaixo do] carro do rolo compressor não existia, nunca existiu, e que ninguém sabia como tal história começou.

A palestra de Swami Vivekananda sobre castas foi muito abrangente e interessante. Ele disse que não era um sistema de classes concedido [classificado], mas que cada casta se considerava superior a todas as outras. Ele disse que era uma associação comercial e não uma instituição religiosa. Ele disse que ela existia desde tempos imemoriais e explicou como, no início, apenas certos direitos eram hereditários, mas como depois os laços foram estreitados e os casamentos mistos, o comer e o beber foram restritos a cada casta.

O orador falou do efeito que a mera presença de um cristão ou muçulmano teria numa família hindu. Ele disse que era uma verdadeira poluição um homem branco entrar na presença de um hindu, e que depois de receber alguém fora de sua religião, o hindu sempre tomava banho.

O monge hindu abusou [?] da ordem dos párias, dizendo que eles faziam todo o trabalho servil, comiam carniça e eram os necrófagos. Ele também disse que as pessoas que escreveram livros sobre a Índia só tiveram contato com essas pessoas, e não com hindus genuínos. Ele descreveu o julgamento de alguém que quebrou as regras da casta e disse que a única punição infligida foi a recusa da casta específica em casar, beber ou comer com ele ou com seus filhos. Todas as outras ideias estavam erradas.

Ao explicar os defeitos das castas, o orador disse que, ao impedir a concorrência, produzia estagnação e bloqueava completamente o progresso do povo. Ele disse que, ao eliminar a brutalidade, impediu as melhorias sociais. Ao controlar a concorrência, aumentou a população. A seu favor, disse ele, estava o facto de ser o único ideal de igualdade e fraternidade. Esse dinheiro não tinha nada a ver com a posição social na casta. Todos eram iguais. Ele disse que a culpa de todos os grandes reformadores era que eles pensavam que a casta se devia apenas à representação religiosa, em vez de atribuí-la à fonte certa, nomeadamente, às curiosas condições sociais. Ele falou com muita amargura das tentativas dos ingleses e muçulmanos de civilizar o país pela baioneta, pelo fogo e pela espada. Ele disse que para abolir as castas é preciso mudar completamente as condições sociais e destruir todo o sistema económico do país. Melhor, disse ele, que as ondas da [Baía de] Bengala fluam e afoguem tudo, em vez disso. A civilização inglesa era composta pelos três “B” – Bíblia, baioneta e conhaque. "Isso é

civilização, e foi levada a tal ponto que a renda média de um hindu é de 50 centavos por mês. A Rússia está do lado de fora, dizendo: 'Vamos civilizar um pouco', e a Inglaterra continua indefinidamente."

O monge ficava entusiasmado enquanto andava de um lado para o outro, falando rapidamente sobre o modo como os hindus haviam sido tratados. Ele avaliou os hindus educados no exterior e descreveu seu retorno à sua terra natal, "cheio de champanhe e novas ideias". Ele disse que o casamento infantil era ruim, porque o Ocidente assim o dizia, e que a sogra poderia torturar a nora impunemente, pois o filho não poderia interferir. Ele disse que os estrangeiros aproveitavam todas as oportunidades para abusar dos pagãos, porque eles tinham tantos males que queriam encobri-los. Ele disse que cada nação deve trabalhar a sua própria salvação, e que ninguém mais poderia resolver os seus problemas.

Ao falar dos benfeitores da Índia, ele perguntou se a América já tinha ouvido falar de David Herr [Hare], que fundou a primeira faculdade para mulheres e que dedicou tanto da sua vida à educação.

O orador apresentou vários provérbios indianos que não eram nada elogiosos aos ingleses. Ao encerrar, ele fez um apelo sincero por suas terras. Ele disse:

"Não importa, desde que a Índia seja fiel a si mesma e à sua religião. Mas um golpe foi desferido no seu coração por este terrível Ocidente ímpio quando ela envia a hipocrisia e o ateísmo para o seu meio. Em vez de enviar alqueires de abusos, carros cheios de vitupérios e cargas de condenações, deixemos fluir uma corrente interminável de amor. Sejamos todos homens".

VOLUME 3

PREFÁCIO À NONA EDIÇÃO

<>Nesta edição está incluída a Índia Budista, uma palestra até então inédita nesta série.

O Índice foi revisado para incluir novas referências.

EDITOR

Setembro de 1964

PREFÁCIO À OITAVA EDIÇÃO

Nesta edição são acrescentadas algumas reportagens sobre Swami Vivekananda e seus discursos publicados na imprensa americana da época. Estes foram publicados em 1958 em nosso livro Swami Vivekananda in America: New Discoveries, com direitos autorais da Vedanta Society of Northern California, São Francisco, EUA. Os relatórios são reproduzidos sem qualquer alteração ortográfica ou correção de erros factuais, que são óbvios, embora notas de rodapé são frequentemente adicionadas para ajudar os leitores. Os títulos são em sua maioria nossos, e algumas palavras explicativas são inseridas nos textos entre colchetes. O Índice que foi adicionado na última impressão foi revisado em conformidade.

EDITOR

Maio de 1960

3.1 PALESTRAS E DISCURSOS

3.1.1 UNIDADE, O OBJETIVO DA RELIGIÃO

(Entregue em Nova York, 1896)

Este nosso universo, o universo dos sentidos, do racional, do intelectual, é limitado em ambos os lados pelo ilimitado, pelo incognoscível, pelo sempre desconhecido. Aqui está a busca, aqui estão as investigações, aqui estão os fatos; daí vem a luz que é conhecida no mundo como religião.

Essencialmente, porém, a religião pertence ao plano suprassensível e não ao plano dos sentidos. Está além de todo raciocínio e não está no plano do intelecto. É uma visão, uma inspiração, um mergulho no desconhecido e no incognoscível, tornando o incognoscível mais do que conhecido, pois nunca poderá ser “conhecido”. Esta busca está na mente humana, creio eu, desde o início da humanidade. Não pode ter havido raciocínio e intelecto humanos em qualquer período da história do mundo sem esta luta, esta busca além.

Em nosso pequeno universo, esta mente humana, vemos surgir um pensamento. De onde surge, não sabemos; e quando desaparece, para onde vai, também não sabemos. O macrocosmo e o microcosmo estão, por assim dizer, no mesmo ritmo, passando pelos mesmos estágios, vibrando na mesma tonalidade.

Tentarei apresentar-lhes a teoria hindu de que as religiões não vêm de fora, mas de dentro. É minha convicção que o pensamento religioso está na própria constituição do homem, tanto que é impossível para ele desistir da religião até que possa desistir da sua mente e do seu corpo, até que possa desistir do pensamento e da vida. Enquanto o homem pensar, esta luta deverá continuar, e enquanto o homem deverá ter alguma forma de religião. Assim, vemos várias formas de religião no mundo. É um estudo desconcertante; mas não é, como muitos de nós pensamos, uma especulação vã. Em meio a esse caos há harmonia, em meio a esses sons discordantes há uma nota de concórdia; e quem estiver preparado para ouvi-lo captará o tom.

A grande questão de todas as questões do momento é esta: assumindo como certo que o conhecido e o cognoscível estão limitados em ambos os lados pelo incognoscível e pelo infinitamente desconhecido, porquê lutar por esse infinito desconhecido? Por que não nos contentaremos com o conhecido? Por que não ficaremos satisfeitos comendo, bebendo e fazendo um pouco de bem à sociedade? Essa ideia está no ar. Do professor mais culto ao bebê tagarela, somos informados de que fazer o bem ao mundo é tudo religião e

que é inútil nos preocuparmos com questões do além. Tanto é que isso se tornou um truísmo.

Mas, felizmente, devemos investigar o além. Este presente, isto expresso, é apenas uma parte daquilo que não é expresso. O universo sensorial é, por assim dizer, apenas uma porção, um pedaço daquele universo espiritual infinito projetado no plano da consciência sensorial. Como pode este pequeno pedaço de projeção ser explicado, compreendido, sem. sabendo o que está além? Diz-se de Sócrates que um dia, enquanto lecionava em Atenas, ele conheceu um brâmane que havia viajado para a Grécia, e Sócrates disse ao brâmane que o maior estudo para a humanidade é o homem. O Brâmane respondeu bruscamente: "Como você pode conhecer o homem até conhecer os Deuses?" Este Deus, este eternamente Incognoscível, ou Absoluto, ou Infinito, ou sem nome - você pode chamá-lo pelo nome que quiser - é a razão, a única explicação, a razão de ser daquilo que é conhecido e cognoscível, esta vida presente. Tome qualquer coisa diante de você, a coisa mais material - tome uma das ciências mais materiais, como a química ou a física, a astronomia ou a biologia - estude-a, empurre o estudo para frente e para frente, e as formas grosseiras começarão a derreter e se tornarão cada vez mais finas. , até que cheguem a um ponto em que você será obrigado a dar um salto tremendo dessas coisas materiais para as imateriais. O bruto se funde com o fino, a física com a metafísica, em todos os departamentos do conhecimento.

Assim o homem se vê levado a um estudo do além. A vida será um deserto, a vida humana será vã, se não pudermos conhecer o além. É muito bom dizer: contente-se com as coisas do presente. As vacas e os cães existem, e todos os animais também; e é isso que os torna animais. Portanto, se o homem se contentar com o presente e desistir de toda busca pelo além, a humanidade terá de voltar novamente ao plano animal. É a religião, a investigação do além, que faz a diferença entre o homem e um animal. Bem foi dito que o homem é o único animal que olha naturalmente para cima; todos os outros animais olham naturalmente para baixo. Que olhar para cima e subir e buscar a perfeição é o que se chama salvação; e quanto mais cedo um homem começa a subir, mais cedo ele se eleva em direção a esta ideia de verdade como salvação. Não consiste na quantidade de dinheiro que você tem no bolso, ou no vestido que você veste, ou na casa onde mora,

mas na riqueza do pensamento espiritual em seu cérebro. É isso que contribui para o progresso humano, é a fonte de todo o progresso material e intelectual, a força motriz por trás, o entusiasmo que impulsiona a humanidade para a frente.

A religião não vive de pão, não mora numa casa. Repetidas vezes você ouve esta objeção: "Que bem pode a religião fazer? Pode ela acabar com a pobreza dos pobres?" Supondo que não, isso provaria a inverdade da religião? Suponha que um bebê se levante entre vocês quando estão tentando demonstrar um teorema astronômico e diga: "Isso traz pão de gengibre?" "Não, não importa", você responde. "Então", diz o bebê, "é inútil". Os bebês julgam todo o universo do seu próprio ponto de vista, o de produzir pão de gengibre, e o mesmo acontece com os bebês do mundo. Não devemos julgar as coisas superiores a partir de um ponto de vista inferior. Tudo deve ser julgado pelo seu próprio padrão e o infinito deve ser julgado pelo padrão do infinito. A religião permeia toda a vida do homem, não apenas o presente, mas o passado, o presente e o futuro. É, portanto, a relação eterna entre a alma eterna e o Deus eterno. É lógico medir o seu valor pela sua ação em cinco minutos de vida humana? Certamente não. Todos estes são argumentos negativos.

Agora vem a pergunta: a religião pode realmente realizar alguma coisa? Pode. Traz ao homem a vida eterna. Fez do homem o que ele é e fará deste animal humano um deus. Isso é o que a religião pode fazer. Tire a religião da sociedade humana e o que restará? Nada além de uma floresta de brutos. A felicidade dos sentidos não é o objetivo da humanidade. A sabedoria (Jnâna) é o objetivo de toda a vida. Descobrimos que o homem desfruta mais do seu intelecto do que um animal desfruta dos seus sentidos; e vemos que o homem desfruta ainda mais de sua natureza espiritual do que de sua natureza racional. Portanto, a sabedoria mais elevada deve ser este conhecimento espiritual. Com esse conhecimento virá a felicidade. Todas estas coisas deste mundo são apenas sombras, as manifestações no terceiro ou quarto grau do verdadeiro Conhecimento e Bem-aventurança.

Mais uma pergunta: Qual é o objetivo? Hoje em dia afirma-se que o homem está progredindo infinitamente, para frente e para frente, e não há meta de perfeição a ser alcançada. Sempre se aproximando, nunca alcançando, seja

lá o que isso possa significar e por mais maravilhoso que seja, é um absurdo à primeira vista. Existe algum movimento em linha reta? Uma linha reta projetada infinitamente torna-se um círculo, retorna ao ponto inicial. Você deve terminar onde começou; e como você começou em Deus, você deve voltar para Deus. O que resta? Trabalho detalhado. Durante toda a eternidade você terá que fazer o trabalho detalhado.

Ainda outra questão: devemos descobrir novas verdades religiosas à medida que avançamos? Sim e não. Em primeiro lugar, não podemos saber mais nada sobre religião, tudo já foi conhecido. Em todas as religiões do mundo você encontrará a afirmação de que existe uma unidade dentro de nós. Sendo um com a divindade, não pode haver nenhum progresso adicional nesse sentido. Conhecimento significa encontrar essa unidade. Vejo vocês como homens e mulheres, e isso é variedade. Torna-se conhecimento científico quando eu os agrupo e os chamo de seres humanos. Veja a ciência da química, por exemplo. Os químicos procuram decompor todas as substâncias conhecidas nos seus elementos originais e, se possível, encontrar o único elemento do qual todas elas derivam. Pode chegar o momento em que eles encontrarão um elemento que é a fonte de todos os outros elementos. Alcançando isso, eles não podem ir mais longe; a ciência da química terá se tornado perfeita. O mesmo acontece com a ciência da religião. Se pudermos descobrir esta unidade perfeita, não poderá haver mais progresso.

A próxima questão é: Será que tal unidade pode ser encontrada? Na Índia, desde os tempos mais remotos, tentou-se chegar a uma ciência da religião e da filosofia, pois os hindus não as separam como é habitual nos países ocidentais. Consideramos a religião e a filosofia apenas como dois aspectos de uma coisa que deve igualmente ser fundamentada na razão e na verdade científica.

O sistema da filosofia Sâkhya é um dos mais antigos da Índia, ou mesmo do mundo. Seu grande expoente Kapila é o pai de toda a psicologia hindu; e o antigo sistema que ele ensinou ainda é a base de todos os sistemas de filosofia aceitos na Índia hoje, conhecidos como Darshanas. Todos eles adotam sua psicologia, por mais que difiram em outros aspectos.

O Vedanta, como resultado lógico do Sankhya, leva ainda mais longe as suas conclusões. Embora a sua cosmologia esteja de acordo com a ensinada por Kapila, o Vedanta não se satisfaz em terminar no dualismo, mas continua a sua busca pela unidade final que é tanto o objetivo da ciência como da religião.

3.1.2 A ALMA LIVRE

(Entregue em Nova York, 1896)

A análise dos Sânkhyas para a dualidade da existência — Natureza e almas. Há um número infinito de almas que, sendo simples, não podem morrer e devem, portanto, ser separadas da Natureza. A própria natureza muda e manifesta todos esses fenômenos; e a alma, de acordo com os Sankhyas, está inativa. É simples por si só, e a Natureza realiza todos esses fenômenos para a libertação da alma; e a libertação consiste na alma discriminar que não é a Natureza. Ao mesmo tempo, vimos que os Sankhyas eram obrigados a admitir que toda alma era onipresente. Sendo simples, a alma não pode ser limitada, porque toda limitação vem através do tempo, do espaço ou da causalidade. A alma estando inteiramente além destes não pode ter qualquer limitação. Para ter limitação é preciso estar no espaço, o que significa o corpo; e aquilo que é corpo deve estar na Natureza. Se a alma tivesse forma, seria identificada com a Natureza; portanto, a alma não tem forma, e não se pode dizer que aquilo que é informe existe aqui, ali ou em qualquer lugar. Deve ser onipresente. Além disso, a filosofia Sankhya não vai além disso.

O primeiro argumento dos Vedantistas contra isto é que esta análise não é perfeita. Se a sua Natureza for absoluta e a alma também for absoluta, haverá dois absolutos, e todos os argumentos que se aplicam no caso da alma para mostrar que ela é onipresente aplicar-se-ão no caso da Natureza, e a Natureza também estará além. todo o tempo, espaço e causalidade e, como resultado, não haverá mudança ou manifestação. Depois virá a dificuldade de ter dois absolutos, o que é impossível. Qual é a solução do Vedantista? A sua solução é que, tal como dizem os Sankhyas, é necessário algum Ser senciente como força motriz por trás, o que faz a

mente pensar e a Natureza funcionar, porque a Natureza em todas as suas modificações, desde a matéria grosseira até Mahat (Inteligência), é simplesmente insensível. Agora, diz o Vedantista, este Ser senciente que está por trás de todo o universo é o que chamamos de Deus e, conseqüentemente, este universo não é diferente Dele. Foi Ele mesmo quem se tornou este universo. Ele não é apenas a causa instrumental deste universo, mas também a causa material. A causa nunca é diferente do efeito; o efeito nada mais é do que a causa reproduzida de outra forma. Vemos isso todos os dias. Portanto, este Ser é a causa da Natureza. Todas as formas e fases do Vedanta, sejam dualistas, ou monistas qualificados, ou monistas, primeiro assumem esta posição de que Deus não é apenas a causa instrumental, mas também a causa material deste universo, que tudo o que existe é Ele. O segundo passo no Vedanta é que essas almas também são parte de Deus, uma centelha desse Fogo Infinito. “Assim como de uma massa de fogo voam milhões de pequenas partículas, assim mesmo deste Ancião vieram todas essas almas.” Até aí tudo bem, mas ainda não satisfaz. O que significa uma parte do Infinito? O Infinito é indivisível; não pode haver partes do Infinito. O Absoluto não pode ser dividido. O que significa, portanto, dizer que todas essas centelhas vêm Dele? O Advaitista, o Vedantista não-dualista, resolve o problema sustentando que realmente não existe parte; que cada alma não é realmente uma parte do Infinito, mas na verdade é o Brahman Infinito. Então como pode haver tantos? O sol refletido em milhões de glóbulos de água parece ser milhões de sóis, e em cada glóbulo há uma imagem em miniatura da forma do sol; então todas essas almas são apenas reflexos e não são reais. Eles não são o verdadeiro “eu” que é o Deus deste universo, o único Ser indiviso do universo. E todos esses pequenos seres diferentes, homens e animais, etc., são apenas reflexos, e não reais. São simplesmente reflexões ilusórias sobre a Natureza. Existe apenas um Ser Infinito no universo, e esse Ser aparece como você e como eu; mas esta aparência de divisões é, afinal, uma ilusão. Ele não foi dividido, mas apenas parece estar dividido. Esta aparente divisão é causada por olharmos para Ele através da rede de tempo, espaço e causalidade. Quando olho para Deus através da rede de tempo, espaço e causalidade, vejo-O como o mundo material. Quando olho para Ele de um plano um pouco mais alto, mas através da mesma rede, eu O vejo como um animal, um pouco mais alto como um homem, um pouco mais alto como um deus, mas ainda assim Ele é o Único Ser Infinito do universo, e esse Ser que

somos. Eu sou Isso e você é Isso. Não partes disso, mas tudo isso. "É o Eterno Conhecedor que está por trás de todos os fenômenos; Ele mesmo é os fenômenos." Ele é tanto o sujeito quanto o objeto, Ele é o "eu" e o "você". Como é isso? "Como conhecer o Conhecedor? O Conhecedor não pode conhecer a si mesmo; vejo tudo, mas não consigo ver a mim mesmo. O Eu, o Conhecedor, o Senhor de tudo, o Ser Real, é a causa de toda a visão que existe no universo, mas é impossível para Ele ver a si mesmo ou conhecer a si mesmo, exceto através da reflexão. Você não pode ver seu próprio rosto exceto em um espelho, e assim o Eu não pode ver sua própria natureza até que ela seja refletida, e todo este universo, portanto, é o Eu tentando. para realizar-se, esse reflexo é lançado primeiro do protoplasma, depois das plantas e dos animais, e assim por diante, de refletores cada vez melhores, até que o melhor refletor, o homem perfeito, seja alcançado - exatamente como um homem que, querendo. ao ver seu rosto, olha primeiro para uma pequena poça de água lamacenta e vê apenas um contorno, depois chega à água clara e vê uma imagem melhor do que um pedaço de metal brilhante e vê uma imagem ainda melhor; finalmente a um espelho, e vê-se refletido tal como é. Portanto, o homem perfeito é o reflexo mais elevado daquele Ser que é ao mesmo tempo sujeito e objeto. Você agora descobre por que o homem adora tudo instintivamente e como os homens perfeitos são instintivamente adorados como Deus em todos os países. Você pode falar como quiser, mas são eles que devem ser adorados. É por isso que os homens adoram Encarnações, como Cristo ou Buda. São as manifestações mais perfeitas do Eu eterno. Eles são muito mais elevados do que todas as concepções de Deus que você ou eu podemos ter. Um homem perfeito é muito mais elevado do que tais concepções. Nele o círculo se completa; o sujeito e o objeto tornam-se um. Nele todas as ilusões desaparecem e em seu lugar vem a compreensão de que ele sempre foi aquele Ser perfeito. Como surgiu essa escravidão então? Como foi possível que esse Ser perfeito degenerasse no imperfeito? Como foi possível que o livre se tornasse vinculado? O Advaitista diz que ele nunca foi preso, mas sempre foi livre. Várias nuvens de várias cores surgem diante do céu. Eles permanecem lá por um minuto e depois morrem. É o mesmo céu azul eterno que se estende ali para sempre. O céu nunca muda: é a nuvem que muda. Então você é sempre perfeito, eternamente perfeito. Nada muda sua natureza, nem mudará. Todas essas ideias de que sou imperfeito, sou um homem, ou uma mulher, ou um pecador, ou sou a mente, pensei, pensarei

— todas são alucinações; você nunca pensa, você nunca teve um corpo; você nunca foi imperfeito. Você é o abençoado Senhor deste universo, o único governante Todo-Poderoso de tudo o que existe e sempre será, o único governante poderoso destes sóis e estrelas e luas e terras e planetas e todos os pedacinhos do nosso universo. É através de você que o sol brilha e as estrelas derramam seu brilho, e a terra se torna bela. É através da sua bem-aventurança que todos eles se amam e se sentem atraídos. Você está em tudo e você é tudo. Quem evitar e quem levar? Você é tudo em tudo. Quando esse conhecimento chega, a ilusão desaparece imediatamente.

Certa vez, eu estava viajando pelo deserto da Índia. Viajei por mais de um mês e sempre encontrei as mais belas paisagens diante de mim, lindos lagos e tudo mais. Um dia eu estava com muita sede e quis tomar um drink em um desses lagos; mas quando me aproximei daquele lago ele desapareceu. Imediatamente, com um golpe, surgiu em meu cérebro a ideia de que se tratava de uma miragem sobre a qual li durante toda a minha vida; e então me lembrei e sorri da minha loucura, que durante o último mês todas as belas paisagens e lagos que eu via eram uma miragem, mas não consegui distingui-los então. Na manhã seguinte comecei novamente minha marcha; havia o lago e a paisagem, mas com isso veio imediatamente a ideia: “Isto é uma miragem”. Uma vez conhecido, ele havia perdido seu poder de ilusão. Portanto, esta ilusão do universo irá quebrar um dia. Tudo isso desaparecerá, derreterá. Isto é realização. Filosofia não é brincadeira nem conversa. Tem que ser realizado; este corpo desaparecerá, esta terra e tudo desaparecerá, esta ideia de que eu sou o corpo ou a mente desaparecerá por algum tempo, ou se o Karma terminar ele desaparecerá, para nunca mais voltar; mas se uma parte do Karma permanecer, então, assim como a roda de um oleiro, após o oleiro ter terminado o pote, às vezes continuará a partir do impulso passado, assim este corpo, quando a ilusão tiver desaparecido completamente, continuará por algum tempo. Novamente este mundo virá, homens e mulheres e animais virão, assim como a miragem veio no dia seguinte, mas não com a mesma força; junto com isso virá a ideia de que conheço sua natureza agora, e isso não causará nenhuma escravidão, nem mais dor, nem tristeza, nem miséria. Sempre que algo miserável surgir, a mente será capaz de dizer: “Eu conheço você como uma alucinação”. Quando um homem atinge esse estado, ele é chamado de Jivanmukta, livre de vida”, livre mesmo enquanto vive. O objetivo e fim nesta vida para o

Jnâna-Yogi é tornar-se este Jivanmukta, "livre de vida". Ele é Jivanmukta que pode viver neste mundo sem estar apegado. Ele é como as folhas de lótus na água, que nunca são molhadas pela água. Ele é o mais elevado dos seres humanos, ou melhor, o mais elevado de todos os seres, pois percebeu sua identidade com ele. o Absoluto, ele percebeu que é um com Deus. Enquanto você pensar que tem a menor diferença de Deus, o medo tomará conta de você, mas quando você souber que você é Ele, que não há diferença, absolutamente nenhuma diferença. , que você é Ele, todo Ele, e todo Ele, todo medo cessa "Aí, quem vê quem? Quem adora quem? Quem fala com quem? Quem ouve quem? Onde se vê o outro, onde se fala com o outro, onde se ouve o outro, isso é pouco. Onde ninguém vê ninguém, onde ninguém fala com ninguém, isso é o mais elevado, isso é o grande, esse é o Brahman. "Sendo Isso, você é sempre Isso. O que será do mundo então? Que bem faremos ao mundo? Tais perguntas não surgem "O que acontecerá com meu pão de gengibre se eu envelhecer?" "O que acontecerá com minhas bolinhas de gude se eu crescer? Então eu não vou crescer", diz o menino! "O que será das minhas bonecas se eu envelhecer?" diz a criança! É a mesma questão em relação a este mundo, ele não existe no passado, no presente, ou futuro. Se conhecemos o Âtman como Ele é, se sabemos que não há nada além deste Atman, que tudo o mais é apenas um sonho, sem existência na realidade, então este mundo com suas pobrezaas, suas misérias, então este mundo com suas pobrezaas, suas misérias, sua maldade e sua bondade deixarão de nos perturbar. Se elas não existirem, por quem e por que devemos nos preocupar? Isto é o que os Jnana-Yogis ensinam. Portanto, ouse ser livre, ouse ir tão longe quanto. seu pensamento conduz, e ouse realizar isso em sua vida. É muito difícil chegar a Jnâna. É para os mais corajosos e ousados, que ousam destruir todos os ídolos, não apenas intelectuais, mas nos sentidos. não sou eu; ele deve desaparecer. Todos os tipos de coisas curiosas podem surgir disso. Um homem se levanta e diz: "Eu não sou o corpo, portanto minha dor de cabeça deve ser curada"; mas onde está a dor de cabeça senão no corpo dele? Deixe mil dores de cabeça e mil corpos irem e virem. O que isso significa para mim? Não nasci nem morri; pai ou mãe nunca tive; amigos e inimigos não tenho nenhum, porque eles são todos eu. Sou meu próprio amigo e sou meu próprio inimigo. Eu sou Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. Eu sou Ele, eu sou Ele. Se em mil corpos estou sofrendo de febre e outros males, em milhões de corpos estou saudável. Se em mil corpos estou morrendo de

fome, em outros mil corpos estou festejando. Se em milhares de corpos estou sofrendo miséria, em milhares de corpos estou feliz. Quem culpará quem, quem elogiará quem? Quem procurar, quem evitar? Não procuro nada, nem evito nada, pois sou todo o universo. Eu me elogio, me culpo, sofro por mim mesmo, sou feliz por vontade própria, sou livre. Este é o Jnâni, o corajoso e ousado. Deixe todo o universo desabar; ele sorri e diz que nunca existiu, foi tudo uma alucinação. Ele vê o universo desmoronar. Onde estava! Para onde foi!

Antes de passarmos à parte prática, abordaremos mais uma questão intelectual. Até agora a lógica é tremendamente rigorosa. Se o homem raciocinar, não haverá lugar para ele permanecer até que chegue a isto, que só existe uma Existência, que todo o resto não é nada. Não resta outro caminho para a humanidade racional senão adotar esta visão. Mas como é que o que é infinito, sempre perfeito, sempre abençoado, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, caiu sob essas ilusões? É a mesma pergunta que tem sido feita em todo o mundo. Na forma vulgar, a pergunta é: “Como o pecado entrou neste mundo?” Esta é a forma mais vulgar e sensual da pergunta, e a outra é a forma mais filosófica, mas a resposta é a mesma. A mesma pergunta tem sido feita em vários graus e modas, mas nas suas formas inferiores não encontra solução, porque as histórias de maçãs, serpentes e mulheres não dão a explicação. Nesse estado, a pergunta é infantil e a resposta também. Mas a questão assumiu agora proporções muito elevadas: “Como surgiu esta ilusão?” E a resposta é ótima. A resposta é que não podemos esperar qualquer resposta a uma pergunta impossível. A própria questão é impossível em termos. Você não tem o direito de fazer essa pergunta. Por que? O que é perfeição? Aquilo que está além do tempo, do espaço e da causalidade – isso é perfeito. Então você pergunta como o perfeito se tornou imperfeito. Em linguagem lógica, a questão pode ser colocada desta forma: “Como foi que aquilo que está além da causalidade foi causado?” Você se contradiz. Primeiro você admite que está além da causalidade e depois pergunta o que causa isso. Esta questão só pode ser feita dentro dos limites da causalidade. Até onde se estende o tempo, o espaço e a causalidade, até agora esta questão pode ser feita. Mas, além disso, seria um absurdo perguntar isso, porque a pergunta é ilógica. Dentro do tempo, do espaço e da causalidade, ela nunca poderá ser respondida, e a resposta que pode estar além desses limites só poderá ser

conhecida quando os tivermos transcendido; portanto, o sábio deixará esta questão em paz. Quando um homem está doente, ele se dedica a curar sua doença sem insistir que deve primeiro aprender como a contraiu.

Existe outra forma desta questão, um pouco mais baixa, mas mais prática e ilustrativa: O que produziu esta ilusão? Qualquer realidade pode produzir ilusão? Certamente não. Vemos que uma ilusão produz outra, e assim por diante. É sempre a ilusão que produz a ilusão. É a doença que produz doença, e não a saúde que produz doença. A onda é a mesma coisa que a água, o efeito é a causa de outra forma. O efeito é a ilusão e, portanto, a causa deve ser a ilusão. O que produziu essa ilusão? Outra ilusão. E assim por diante, sem começar. A única pergunta que resta a você fazer é: isso não quebra o seu monismo, porque você tem duas existências no universo, uma você mesmo e a outra a ilusão? A resposta é: a ilusão não pode ser chamada de existência. Milhares de sonhos entram em sua vida, mas não fazem parte dela. Os sonhos vêm e vão; eles não têm existência. Chamar a ilusão de existência será sofisma. Portanto, existe apenas uma existência individual no universo, sempre livre e sempre abençoada; e é isso que você é. Esta é a última conclusão a que chegaram os Advaitistas.

Pode-se então perguntar: O que acontece com todas essas diversas formas de adoração? Eles permanecerão; eles estão simplesmente tateando no escuro em busca de luz, e através dessa busca a luz virá. Acabamos de ver que o Eu não pode ver a si mesmo. Nosso conhecimento está dentro da rede de Mâyâ (irrealidade), e além disso está a liberdade. Dentro da rede existe escravidão, tudo está sob lei; além disso não há lei. No que diz respeito ao universo, a existência é regida pela lei e, além disso, está a liberdade. Enquanto você estiver na rede de tempo, espaço e causalidade, dizer que você é livre é um absurdo, porque nessa rede tudo está sob rigorosas leis, sequências e consequências. Cada pensamento que você pensa é causado, cada sentimento foi causado; dizer que a vontade é livre é pura bobagem. Somente quando a existência infinita chega, por assim dizer, a esta rede de Maya é que ela assume a forma de vontade. A vontade é uma porção desse ser, presa na rede de Maya e, portanto, “livre arbítrio” é um termo impróprio. Isso não significa nada – pura bobagem. Assim como toda essa conversa sobre liberdade. Não há liberdade em Maya.

Cada um está tão limitado em pensamentos, palavras, ações e mente quanto um pedaço de pedra ou esta mesa. O fato de eu falar com você agora é tão rigoroso em causalidade quanto o fato de você me ouvir. Não há liberdade até que você vá além de Maya. Essa é a verdadeira liberdade da alma. Os homens, por mais perspicazes e intelectuais, por mais claramente que vejam a força da lógica de que nada aqui pode ser livre, são todos obrigados a pensar que são livres; eles não podem evitar. Nenhum trabalho pode continuar até que comecemos a dizer que somos livres. Significa que a liberdade de que falamos é o vislumbre do céu azul através das nuvens e que a verdadeira liberdade — o próprio céu azul — ficou para trás. A verdadeira liberdade não pode existir no meio desta ilusão, desta alucinação, deste absurdo do mundo, deste universo dos sentidos, do corpo e da mente. Todos esses sonhos, sem começo nem fim, descontrolados e incontrolláveis, mal ajustados, quebrados, desarmônicos, formam a nossa ideia deste universo. Em um sonho, quando você vê um gigante com vinte cabeças te perseguindo e você está fugindo dele, você não acha que isso é desarmônico; você acha que é apropriado e correto. Assim é esta lei. Tudo o que você chama de lei é simplesmente acaso sem sentido. Neste estado de sonho você chama isso de lei. Dentro de Maya, enquanto existir esta lei de tempo, espaço e causalidade, não há liberdade; e todas essas diversas formas de adoração estão dentro deste Maya. A ideia de Deus e as ideias do animal e do homem estão dentro deste Maya e, como tais, são igualmente alucinações; todos eles são sonhos. Mas você deve tomar cuidado para não discutir como alguns homens extraordinários de quem ouvimos falar atualmente. Dizem que a ideia de Deus é uma ilusão, mas a ideia deste mundo é verdadeira. Ambas as ideias permanecem ou caem pela mesma lógica. Só ele tem o direito de ser ateu aquele que nega este mundo, assim como o outro. O mesmo argumento vale para ambos. A mesma massa de ilusão se estende de Deus ao animal mais inferior, de uma folha de grama ao Criador. Eles permanecem ou caem pela mesma lógica. A mesma pessoa que vê falsidade na ideia de Deus também deveria vê-la na ideia do seu próprio corpo ou da sua própria mente. Quando Deus desaparece, desaparece também o corpo e a mente; e quando ambos desaparecem, aquilo que é a Existência Real permanece para sempre. "Lá os olhos não podem ir, nem a fala, nem a mente. Não podemos ver, nem saber." E agora entendemos que, no que diz respeito à fala, ao pensamento, ao conhecimento e ao intelecto, tudo está dentro deste Maya dentro da

escravidão. Além disso está a Realidade. Ali nem o pensamento, nem a mente, nem a fala podem chegar.

Até agora está tudo bem intelectualmente, mas depois vem a prática. O verdadeiro trabalho está na prática. Alguma prática é necessária para realizar esta Unidade? Mais decididamente. Não é que você se torne este Brahman. Você já é isso. Não é que você se tornará Deus ou perfeito; você já é perfeito; e sempre que você pensa que não é, isso é uma ilusão. Essa ilusão que diz que você é o Sr. Fulano de Tal ou a Sra. Fulano de Tal pode ser eliminada por outra ilusão, e esta é a prática. O fogo comerá o fogo, e você pode usar uma ilusão para vencer outra ilusão. Uma nuvem virá e afastará outra nuvem, e então ambas irão embora. Quais são essas práticas então? Devemos sempre ter em mente que não seremos livres, mas já somos livres. Toda ideia de que estamos vinculados é uma ilusão. Toda ideia de que somos felizes ou infelizes é uma tremenda ilusão; e outra ilusão surgirá — a de que temos de trabalhar, adorar e lutar para sermos livres — e isto irá expulsar a primeira ilusão, e então ambas irão parar.

A raposa é considerada muito profana pelos maometanos e pelos hindus. Além disso, se um cachorro tocar em algum pedaço de comida, ele deve ser jogado fora, não pode ser comido por nenhum homem. Numa certa casa muçulmana, uma raposa entrou e pegou um pouco de comida da mesa, comeu e fugiu. O homem era pobre e havia preparado um banquete muito bom para si mesmo, e esse banquete se tornou profano e ele não pôde comê-lo. Então ele foi até um mulá, um sacerdote, e disse: "Isso aconteceu comigo; uma raposa veio e comeu um bocado da minha refeição. O que pode ser feito? Eu tinha preparado um banquete e queria tanto comê-lo, e agora vem essa raposa e destrói tudo." O mulá pensou por um minuto e então encontrou apenas uma solução e disse: "A única maneira para você é conseguir um cachorro e fazê-lo comer um pouco do mesmo prato, porque cachorros e raposas estão eternamente brigando. deixado pela raposa irá para o seu estômago, e o deixado pelo cachorro irá para lá também, e ambos serão purificados". Estamos na mesma situação. Esta é uma alucinação de que somos imperfeitos; e pegamos outro, que temos que praticar para nos tornarmos perfeitos. Aí um irá perseguir o outro, pois podemos usar um espinho para extrair outro e depois jogar ambos fora. Há pessoas para quem é conhecimento suficiente ouvir: "Tu és Isso". Num piscar de olhos, este

universo desaparece e a verdadeira natureza brilha, mas outros têm que lutar muito para se livrarem desta ideia de escravidão.

A primeira pergunta é: Quem está apto a se tornar Jnana-Yogis? Aqueles que estão equipados com estes requisitos: Primeiro, renúncia a todos os frutos do trabalho e a todos os prazeres nesta vida ou em outra vida. Se você é o criador deste universo, tudo o que desejar você terá, porque você criará para si mesmo. É apenas uma questão de tempo. Alguns entendem imediatamente; com outros, os Samskâras (impressões) do passado impedem a realização de seus desejos. Damos o primeiro lugar aos desejos de diversão, seja nesta ou em outra vida. Negue que exista vida; porque a vida é apenas outro nome para a morte. Negue que você é um ser vivo. Quem se importa com a vida? A vida é uma dessas alucinações e a morte é a sua contrapartida. A alegria é uma parte dessas alucinações, a miséria é a outra, e assim por diante. O que você tem a ver com a vida ou a morte? Todas essas são criações da mente. Isso é chamado de desistir dos desejos de prazer nesta vida ou em outra.

Depois vem controlar a mente, acalmá-la para que ela não se quebre em ondas e tenha todos os tipos de desejos, mantendo a mente firme, não permitindo que ela entre em ondas de causas externas ou internas, controlando a mente perfeitamente, apenas pelo poder de vontade. O Jnana-Yogi não aceita nenhuma dessas ajudas físicas ou mentais: simplesmente raciocínio filosófico, conhecimento e sua própria vontade, estes são os instrumentos em que ele acredita. Em seguida vem Titikshâ, tolerância, suportar todas as misérias sem murmurar, sem reclamar. Quando ocorrer uma lesão, não se importe. Se um tigre vier, fique aí. Quem voa? Existem homens que praticam Titiksha e têm sucesso nisso. Há homens que dormem nas margens do Ganges sob o sol do solstício de verão da Índia, e no inverno flutuam nas águas do Ganges durante um dia inteiro; eles não se importam. Os homens sentam-se na neve do Himalaia e não se importam em usar nenhuma peça de roupa. O que é calor? O que é frio? Deixe as coisas irem e virem, o que é isso para mim, eu não sou o corpo. É difícil acreditar nisso nestes países ocidentais, mas é melhor saber que isso acontece. Assim como o seu povo é corajoso para saltar na boca de um canhão ou para o meio do campo de batalha, também o nosso povo é corajoso para pensar e pôr em prática a sua filosofia. Eles desistem de suas

vidas por isso. "Eu sou Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta; eu sou Ele, eu sou Ele." Assim como o ideal ocidental é manter o luxo na vida prática, o nosso é manter a forma mais elevada de espiritualidade, demonstrar que a religião não é apenas palavras fúteis, mas pode ser realizada, em cada pedacinho dela, nesta vida. . Isto é Titiksha, suportar tudo, não reclamar de nada. Eu mesmo já vi homens que dizem: "Eu sou a alma; o que é o universo para mim? Nem prazer nem dor, nem virtude nem vício, nem calor nem frio são nada para mim." Esse é Titiksha; não correr atrás dos prazeres do corpo. Qual é a religião? Orar: "Dê-me isto e aquilo"? Idéias tolas de religião! Aqueles que acreditam neles não têm uma ideia verdadeira de Deus e da alma. Meu Mestre costumava dizer: "O abutre sobe cada vez mais alto até se tornar um cisco, mas seu olho está sempre no pedaço de carniça podre que há na terra". Afinal, qual é o resultado de suas ideias sobre religião? Limpar as ruas e ter mais pão e roupas? Quem se importa com pão e roupas? Milhões vêm e vão a cada minuto. Quem se importa? Por que se preocupar com as alegrias e vicissitudes deste pequeno mundo? Vá além disso se tiver coragem; vá além da lei, deixe todo o universo desaparecer e fique sozinho. "Eu sou a Existência-Absoluta, o Conhecimento-Absoluto, a Bem-aventurança-Absoluta; eu sou Ele, eu sou Ele."

3.1.3 UMA EXISTÊNCIA APARECENDO TANTAS

(Entregue em Nova York, 1896)

Vairâgya ou renúncia é o ponto de viragem em todos os vários Yogas. O Karmi (trabalhador) renuncia aos frutos do seu trabalho. O Bhakta (devoto) renuncia a todos os pequenos amores pelo amor todo-poderoso e onipresente. O Iogue renuncia às suas experiências, porque a sua filosofia é que toda a Natureza, embora seja para a experiência da alma, finalmente o leva a saber que ele não está na Natureza, mas eternamente separado da Natureza. O Jnâni (filósofo) renuncia a tudo, porque a sua filosofia é que a Natureza nunca existiu, nem no passado, nem no presente, nem existirá no futuro. A questão da utilidade não pode ser colocada nestes temas mais elevados. É muito absurdo perguntar isso; e mesmo que se pergunte, depois de uma análise adequada, o que encontramos nesta questão da utilidade? O

ideal de felicidade, aquilo que traz mais felicidade ao homem, é de maior utilidade para ele do que essas coisas mais elevadas que não melhoram suas condições materiais nem lhe trazem tanta felicidade. Todas as ciências têm este fim, trazer felicidade à humanidade; e aquilo que traz maior quantidade de felicidade, o homem pega e desiste daquilo que traz menor quantidade de felicidade. Vimos como a felicidade está no corpo, ou na mente, ou no Âtman. Nos animais, e nos seres humanos mais inferiores, que são muito parecidos com os animais, a felicidade está toda no corpo. Nenhum homem pode comer com o mesmo prazer que um cão faminto ou um lobo; assim, no cão e no lobo, a felicidade está inteiramente no corpo. Nos homens encontramos um plano superior de felicidade, o do pensamento; e no Jnani existe o plano mais elevado de felicidade no Ser, o Atman. Assim, para o filósofo, este conhecimento do Ser é da maior utilidade, porque lhe dá a maior felicidade possível. As gratificações dos sentidos ou as coisas físicas não podem ser da mais alta utilidade para ele, porque ele não encontra nelas o mesmo prazer que encontra no próprio conhecimento; e afinal de contas, o conhecimento é o único objetivo e é realmente a maior felicidade que conhecemos. Todos os que trabalham na ignorância são, por assim dizer, os animais de tração dos Devas. A palavra Deva é aqui usada no sentido de homem sábio. Todas as pessoas que trabalham, labutam e trabalham como máquinas não aproveitam realmente a vida, mas é o homem sábio quem a desfruta. Um homem rico compra um quadro ao custo talvez de cem mil dólares, mas é o homem que entende de arte que o aprecia; e se o rico não tem conhecimento da arte, ela lhe é inútil, ele é apenas o dono. Em todo o mundo, é o homem sábio quem desfruta da felicidade do mundo. O homem ignorante nunca desfruta; ele tem que trabalhar para os outros inconscientemente.

Até agora vimos as teorias destes filósofos Advaitistas, sobre como existe apenas um Atman; não pode haver dois. Vimos como em todo este universo existe apenas Uma Existência; e essa Existência Única, quando vista através dos sentidos, é chamada de mundo, o mundo da matéria. Quando é visto através da mente, é chamado de mundo dos pensamentos e das ideias; e quando é visto como é, então é o Único Ser Infinito. Você deve ter isso em mente; não é que exista uma alma no homem, embora eu tivesse que tomar isso como certo para poder explicá-lo a princípio, mas que existe apenas Uma Existência, e essa é o Atman, o Ser; e quando isso é percebido através

dos sentidos, através de imagens sensoriais, é chamado de corpo. Quando é percebido através do pensamento, é chamado de mente. Quando é percebido em sua própria natureza, é o Atman, a Única Existência. Portanto, não é que existam três coisas em uma, o corpo, a mente e o Ser, embora essa fosse uma maneira conveniente de colocar isso no decorrer da explicação; mas tudo é esse Atman, e esse Ser único às vezes é chamado de corpo, às vezes de mente e às vezes de Ser, de acordo com uma visão diferente. Existe apenas um Ser que os ignorantes chamam de mundo. Quando um homem eleva-se em conhecimento, ele chama o mesmo Ser de mundo do pensamento. Novamente, quando o próprio conhecimento chega, todas as ilusões desaparecem e o homem descobre que tudo não passa de Atman. Eu sou essa Existência Única. Esta é a última conclusão. Não existem três nem dois no universo; é tudo Um. Aquele Um, sob a ilusão de Maya, é visto como muitos, assim como uma corda é vista como uma cobra. É a própria corda que é vista como uma cobra. Não há duas coisas ali, uma corda separada e uma cobra separada. Nenhum homem vê essas duas coisas ao mesmo tempo. Dualismo e não-dualismo são termos filosóficos muito bons, mas na percepção perfeita nunca percebemos o real e o falso ao mesmo tempo. Todos nascemos monistas, não podemos evitar. Nós sempre percebemos aquele. Quando percebemos a corda, não percebemos a cobra; e quando vemos a cobra, não vemos a corda – ela desapareceu. Quando você vê a ilusão, você não vê a realidade. Suponha que você veja um de seus amigos chegando à distância na rua; você o conhece muito bem, mas através da névoa que está diante de você, você pensa que é outro homem. Quando você vê seu amigo como outro homem, você não o vê de forma alguma, ele desapareceu. Você está percebendo apenas um. Suponha que seu amigo seja o Sr. A; mas quando você percebe o Sr. A como o Sr. B. você não vê o Sr. A de forma alguma. Em cada caso você percebe apenas um. Quando você se vê como um corpo, você é corpo e nada mais; e essa é a percepção da grande maioria da humanidade. Eles podem falar da alma e da mente e de todas essas coisas, mas o que percebem é a forma física, o tato, o paladar, a visão e assim por diante. Novamente, com certos homens em certos estados de consciência, eles percebem-se como pensamento. Você conhece, é claro, a história contada sobre Sir Humphrey Davy, que fez experimentos antes de sua aula com gás hilariante, e de repente um dos tubos quebrou, e o gás escapando, ele o respirou. uma estátua. Depois ele disse à turma que quando estava naquele

estado, ele realmente percebeu que o mundo inteiro é feito de ideias. O gás, por um tempo, fez com que ele esquecesse a consciência do corpo, e exatamente aquilo que ele via como corpo, ele começou a perceber como ideias. Quando a consciência se eleva ainda mais, quando esta pequena consciência insignificante desaparece para sempre, aquilo que é a Realidade por trás brilha, e nós o vemos como a Única Existência-Conhecimento-Bem-aventurança, o único Atman, o Universal. "Aquele que é apenas o próprio Conhecimento, Aquele que é a própria Bem-aventurança, além de toda comparação, além de todos os limites, sempre livre, nunca preso, infinito como o céu, imutável como o céu. Tal Ser se manifestará em seu coração em meditação. "

Como é que a teoria Advaitista explica estas várias fases do céu e dos infernos e estas várias ideias que encontramos em todas as religiões? Quando um homem morre, diz-se que ele vai para o céu ou para o inferno, vai para cá ou para lá, ou que quando um homem morre ele nasce de novo em outro corpo, seja no céu ou em outro mundo ou em algum outro lugar. Tudo isso são alucinações. Na verdade, ninguém nasce ou morre. Não existe céu, nem inferno, nem este mundo; todos os três nunca existiram realmente. Conte muitas histórias de fantasmas a uma criança e acrescente: deixe-a sair à noite. Há um pequeno toco de árvore. O que a criança vê? Um fantasma, com as mãos estendidas, pronto para agarrá-lo. Suponha que um homem venha da esquina da rua querendo conhecer sua namorada; ele vê aquele toco da árvore como a garota. Um policial que vem da esquina vê o toco como um ladrão. O ladrão vê isso como um policial. É o mesmo toco de árvore que foi visto de várias maneiras. O toco é a realidade, e as visões do toco são as projeções das diversas mentes. Existe um Ser, este Eu; Não vem nem vai. Quando um homem é ignorante, ele quer ir para o céu ou para algum lugar, e durante toda a sua vida ele esteve pensando e pensando nisso; e quando este sonho terreno desaparece, ele vê este mundo como um céu com Devas e anjos voando, e todas essas coisas. Se um homem deseja durante toda a sua vida encontrar seus antepassados, ele os obtém de Adão para baixo, porque ele os cria. Se um homem for ainda mais ignorante e sempre se assustou com fanáticos com ideias de inferno, com todo tipo de castigos, quando morrer, verá este mesmo mundo como um inferno. Tudo o que significa morrer ou nascer são simplesmente mudanças no plano de visão. Nem você se move, nem aquele movimento sobre o qual você projeta

sua visão. Você é o permanente, o imutável. Como você pode ir e vir? É impossível; você é onipresente. O céu nunca se move, mas as nuvens movem-se sobre a superfície do céu, e podemos pensar que o próprio céu se move, tal como quando estamos num comboio, pensamos que a terra está a mover-se. Não é assim, mas é o trem que está em movimento. Você está onde está; esses sonhos, essas diversas nuvens se movem. Um sonho segue outro sem conexão. Não existe lei ou conexão neste mundo, mas pensamos que existe uma grande conexão. Todos vocês provavelmente já leram Alice no País das Maravilhas. É o livro infantil mais maravilhoso que já foi escrito neste século. Quando o li, fiquei encantado; sempre estive na minha cabeça escrever esse tipo de livro para crianças. O que mais me agradou foi o que você acha mais incongruente: não haver nenhuma conexão aí. Uma ideia vem e salta para outra, sem qualquer ligação. Quando vocês eram crianças, vocês achavam que essa era uma conexão maravilhosa. Então esse homem trouxe de volta seus pensamentos de infância, que estavam perfeitamente ligados a ele quando criança, e compôs este livro para crianças. E todos esses livros que os homens escrevem, tentando fazer as crianças engolirem as suas próprias ideias como homens, são absurdos. Nós também somos crianças crescidas, só isso. O mundo é a mesma coisa desconectada – Alice no País das Maravilhas – sem qualquer conexão. Quando vemos coisas acontecerem várias vezes numa determinada sequência, chamamos isso de causa e efeito e dizemos que a coisa acontecerá novamente. Quando esse sonho mudar, outro sonho parecerá tão conectado quanto este. Quando sonhamos, todas as coisas que vemos parecem estar conectadas; durante o sonho nunca pensamos que sejam incongruentes; é somente quando acordamos que percebemos a falta de conexão. Quando acordarmos deste sonho do mundo e o compararmos com a Realidade, encontraremos nele todo absurdo incongruente, uma massa de incongruência passando diante de nós, não sabemos de onde nem para onde, mas sabemos que terminará; e isso é chamado Maya, e é como massas de nuvens felpudas e fugazes. Eles representam toda essa existência mutável, e o próprio sol, o imutável, é você. Quando você olha de fora para essa Existência imutável, você a chama de Deus; e quando você olha de dentro, você mesmo chama isso. É apenas um. Não existe nenhum Deus separado de você, nenhum Deus superior a você, o verdadeiro “você”. Todos os deuses são pequenos seres para você, todas as idéias de Deus e Pai no céu são apenas o seu próprio reflexo. O próprio Deus é a sua imagem. "Deus

criou o homem à Sua própria imagem." Isso está errado. O homem cria Deus à sua própria imagem. Isso está certo. Em todo o universo estamos criando deuses à nossa própria imagem. Criamos o deus e caímos a seus pés e o adoramos; e quando esse sonho chega a gente adora!

Este é um bom ponto para entender - que a soma e a substância desta palestra é que existe apenas Uma Existência, e que a Existência Única vista através de diferentes constituições aparece como a terra, ou o céu, ou o inferno, ou deuses, ou fantasmas, ou homens, ou demônios, ou mundo, ou todas estas coisas. Mas entre esses muitos, "Aquele que vê Aquele neste oceano de morte, aquele que vê aquela Vida Única neste universo flutuante, que percebe que Aquele que nunca muda, a ele pertence a paz eterna; a ninguém mais, a ninguém mais." Esta existência Única tem que ser realizada. Como, é a próxima pergunta. Como isso deve ser realizado? Como esse sonho será quebrado, como acordaremos desse sonho de que somos pequenos homens e mulheres e todas essas coisas? Nós somos o Ser Infinito do universo e nos materializamos nesses pequenos seres, homens e mulheres, dependendo da palavra doce de um homem, ou da palavra irada de outro, e assim por diante. Que dependência terrível, que escravidão terrível! Eu, que estou além de todo prazer e dor, cujo reflexo é todo o universo, pequenos pedaços de cuja vida são os sóis, as luas e as estrelas - sou mantido como um escravo terrível! Se você beliscar meu corpo, sinto dor. Se alguém diz uma palavra gentil, começo a me alegrar. Veja minha condição - escravo do corpo, escravo da mente, escravo do mundo, escravo de uma palavra boa, escravo de uma palavra ruim, escravo da paixão, escravo da felicidade, escravo da vida, escravo da morte, escravo de tudo ! Esta escravidão tem que ser quebrada. Como? "Este Atman deve primeiro ser ouvido, depois raciocinado e depois meditado." Este é o método do Advaita Jnâni. A verdade tem que ser ouvida, depois refletida e então constantemente afirmada. Pense sempre: "Eu sou Brahman". Qualquer outro pensamento deve ser deixado de lado como enfraquecedor. Deixe de lado todo pensamento que diga que você é homem ou mulher. Deixe o corpo ir, e a mente ir, e os deuses irem, e os fantasmas irem. Deixe tudo ir, exceto aquela Existência Única. "Onde se ouve o outro, onde se vê o outro, isso é pequeno; onde não se ouve o outro, onde não se vê o outro, isso é Infinito." Isso é máximo quando o sujeito e o objeto se tornam um. Quando sou o ouvinte e sou o orador, quando sou o professor e sou o ensinado,

quando sou o criador e sou o criado - só então o medo cessa; não há outro que nos deixe com medo. Não há nada além de mim mesmo, o que pode me assustar? Isto deve ser ouvido dia após dia. Livre-se de todos os outros pensamentos. Todo o resto deve ser jogado de lado, e isso deve ser repetido continuamente, derramado pelos ouvidos até chegar ao coração, até que cada nervo e músculo, cada gota de sangue forme com a ideia de que eu sou Ele, eu sou Ele. Mesmo às portas da morte diga: “Eu sou Ele”. Havia um homem na Índia, um Sannyâsin, que costumava repetir “Shivoham” – “Eu sou a Bem-aventurança Eterna”; e um tigre saltou sobre ele um dia e o arrastou e o matou; mas enquanto ele viveu, o som veio: “Shivoham, Shivoham”. Mesmo às portas da morte, no maior perigo, no meio do campo de batalha, no fundo do oceano, no topo das montanhas mais altas, na parte mais densa da floresta, diga a si mesmo: “Eu sou Ele, eu sou Ele”. Dia e noite digam: “Eu sou Ele”. É a maior força; é religião. “Os fracos nunca alcançarão o Atman.” Nunca diga: “Ó Senhor, sou um pecador miserável”. Quem irá ajudá-lo? Você é a ajuda do universo. O que neste universo pode te ajudar? Onde está o homem, ou o deus, ou o demônio para ajudá-lo? O que pode prevalecer sobre você? Você é o Deus do universo; onde você pode procurar ajuda? A ajuda nunca veio de lugar nenhum, exceto de você mesmo. Na sua ignorância, cada oração que você fez e foi respondida, você pensou que foi respondida por algum Ser, mas você mesmo respondeu a oração sem saber. A ajuda veio de você mesmo, e você imaginou com carinho que alguém estava lhe enviando ajuda. Não há ajuda para você fora de você; você é o criador do universo. Como o bicho-da-seda, você construiu um casulo ao seu redor. Quem vai te salvar? Estoure seu próprio casulo e saia como a linda borboleta, como a alma livre. Só então você verá a Verdade. Já diga a si mesmo: “Eu sou Ele”. Estas são palavras que queimarão a escória que está na mente, palavras que trarão à tona a tremenda energia que já está dentro de você, o poder infinito que está adormecido em seu coração. Isto deve ser revelado ouvindo constantemente a verdade e nada mais. Onde quer que haja pensamento de fraqueza, não se aproxime do lugar. Evite toda fraqueza se quiser ser um Jnani.

Antes de começar a praticar, limpe sua mente de todas as dúvidas. Lute, raciocine e discuta; e quando você tiver estabelecido em sua mente que isso e somente isso pode ser a verdade e nada mais, não discuta mais; Feche sua boca. Não ouça argumentação, nem discuta a si mesmo. Qual é a utilidade

de mais argumentos? Você se satisfaz, decidiu a questão. O que resta? A verdade tem agora de ser percebida; portanto, porquê desperdiçar tempo valioso em argumentos vãos? A verdade tem agora de ser meditada, e toda ideia que vos fortalece deve ser adoptada e todo pensamento que vos enfraquece deve ser rejeitado. O Bhakta medita sobre formas e imagens e todas essas coisas e sobre Deus. Este é o processo natural, mas mais lento. O Yogue medita sobre vários centros de seu corpo e manipula poderes em sua mente. O Jnani diz que a mente não existe, nem o corpo. Esta ideia do corpo e da mente deve desaparecer, deve ser expulsa; portanto, é tolice pensar neles. Seria como tentar curar uma doença trazendo outra. A sua meditação é, portanto, a mais difícil, a negativa; ele nega tudo, e o que resta é o Eu. Esta é a forma mais analítica. O Jnani quer separar o universo do Ser pela pura força da análise. É muito fácil dizer: “Eu sou um Jnani”, mas é muito difícil ser realmente um. “O caminho é longo”, é como caminhar no fio afiado de uma navalha; ainda assim, não se desespere. “Acorde, levante-se e não pare até que a meta seja alcançada”, dizem os Vedas.

Então, qual é a meditação do Jnani? Ele quer elevar-se acima de toda ideia de corpo ou mente, afastar a ideia de que ele é o corpo. Por exemplo, quando digo “Eu Swami”, imediatamente surge a ideia do corpo. O que devo fazer então? Devo dar um duro golpe na mente e dizer: “Não, não sou o corpo, sou o Eu”. Quem se importa se a doença vier ou a morte na forma mais horrível? Eu não sou o corpo. Por que deixar o corpo bonito? Para desfrutar da ilusão mais uma vez? Para continuar a escravidão? Deixe pra lá, eu não sou o corpo. Esse é o caminho do Jnani. O Bhakta diz: “O Senhor me deu este corpo para que eu possa cruzar com segurança o oceano da vida, e devo apreciá-lo até que a jornada seja concluída”. O Iogue diz: “Devo ter cuidado com o corpo, para poder prosseguir com firmeza e finalmente alcançar a liberação”. O Jnani sente que não pode esperar, deve atingir a meta neste exato momento. Ele diz: “Sou livre por toda a eternidade, nunca estou preso; sou o Deus do universo por toda a eternidade. Quem me aperfeiçoará? Já sou perfeito”. Quando um homem é perfeito, ele vê perfeição nos outros. Quando ele vê a imperfeição, é a sua própria mente se projetando. Como ele pode ver a imperfeição se ele mesmo não a possui? Portanto, o Jnani não se importa com perfeição ou imperfeição. Não existe nada para ele. Assim que ele está livre, ele não vê o bem e o mal. Quem vê o mal e o bem? Aquele que tem isso em si. Quem vê

o corpo? Aquele que pensa que é o corpo. No momento em que você se livra da ideia de que você é o corpo, você não vê mais o mundo; desaparece para sempre. O Jnani procura libertar-se desta escravidão da matéria pela força da convicção intelectual. Esta é a forma negativa – o “Neti, Neti” – “Isso não, isso não”.

3.2 BHAKTI-YOGA

3.2.1 CAPÍTULO 1: DEFINIÇÃO DE BHAKTI

ORAÇÃO

स तन्मयो ह्यमृत ईशसंस्थो ज्ञः सर्वगो भुवनस्यास्य गोप्ता ।
य ईशोऽस्य जगतो नित्यमेव नान्यो हेतुर्विद्यत ईशनाम ॥
यो ब्रह्माणं विदधाति पूर्वं यो वै वेदांश्च प्रहिणोति तस्मै ।
तं ह देवं आत्मबुद्धिप्रकाशं मुमुक्षुर्वै शरणमहं प्रपद्ये ॥

"Ele é a Alma do Universo; Ele é Imortal; Dele é o Governo; Ele é o Onisciente, o Onipresente, o Protetor do Universo, o Governante Eterno. Ninguém mais é eficiente para governar o mundo eternamente .Aquele que no início da criação projetou Brahmâ (ou seja, a consciência universal), e que lhe entregou os Vedas - buscando a liberação, eu busco refúgio naquele Refulgente, cuja luz direciona a compreensão para o Âtman."

Shvetâshvatara-Upanishad, VI. 17-18.

DEFINIÇÃO DE BHAKTI

Bhakti-Yoga é uma busca real e genuína pelo Senhor, uma busca que começa, continua e termina em amor. Um único momento de loucura de extremo amor a Deus nos traz liberdade eterna. "Bhakti", diz Nârada em sua explicação dos aforismos Bhakti, "é amor intenso a Deus"; “Quando um homem consegue isso, ele ama a todos, não odeia ninguém; ele fica satisfeito para sempre”; “Este amor não pode ser reduzido a nenhum benefício terreno”, porque enquanto durarem os desejos mundanos, esse

tipo de amor não vem; "Bhakti é maior que karma, maior que Yoga, porque estes são destinados a um objeto em vista, enquanto Bhakti é sua própria fruição, seus próprios meios e seu próprio fim."

Bhakti tem sido o tema constante de nossos sábios. Além dos escritores especiais sobre Bhakti, como Shândilya ou Narada, os grandes comentaristas dos Vyâsa-Sutras, evidentemente defensores do conhecimento (Jnâna), também têm algo muito sugestivo a dizer sobre o amor. Mesmo quando o comentarista está ansioso para explicar muitos, se não todos, os textos, de modo a fazê-los importar uma espécie de conhecimento árido, os Sutras, especialmente no capítulo sobre adoração, não se prestam a ser facilmente manipulados dessa maneira. .

Na verdade, não há tanta diferença entre conhecimento (Jnana) e amor (Bhakti) como as pessoas às vezes imaginam. Veremos, à medida que prosseguirmos, que no final eles convergem e se encontram no mesmo ponto. O mesmo acontece com o Râja-Yoga, que quando praticado como um meio para alcançar a libertação, e não (como infelizmente acontece frequentemente nas mãos de charlatões e traficantes de mistério) como um instrumento para enganar os incautos, leva-nos também ao mesmo objetivo.

A grande vantagem de Bhakti é que ela é a maneira mais fácil e natural de alcançar o grande fim divino em vista; a sua grande desvantagem é que nas suas formas inferiores muitas vezes degenera num fanatismo hediondo. A tripulação fanática do Hinduísmo, ou do Maometismo, ou do Cristianismo, sempre foi quase exclusivamente recrutada entre esses adoradores nos planos inferiores de Bhakti. Aquela unicidade de apego (Nishthâ) a um objeto amado, sem a qual nenhum amor genuíno pode crescer, é muitas vezes também a causa da denúncia de todo o resto. Todas as mentes fracas e subdesenvolvidas em todas as religiões ou países têm apenas uma maneira de amar o seu próprio ideal, ou seja, odiando todos os outros ideais. Aqui está a explicação de por que o mesmo homem que é tão amorosamente apegado ao seu próprio ideal de Deus, tão devotado ao seu próprio ideal de religião, torna-se um fanático uivante assim que vê ou ouve algo de qualquer outro ideal. Esse tipo de amor é parecido com o instinto canino de proteger a propriedade do dono contra invasões; apenas que o instinto do cão é melhor do que a razão do homem, pois o cão nunca confunde seu

dono com um inimigo, seja qual for a vestimenta com que se apresente. Novamente, o fanático perde todo o poder de julgamento. As considerações pessoais são, no seu caso, de um interesse tão absorvente que para ele não há dúvida alguma sobre o que um homem diz – se é certo ou errado; mas a única coisa que ele sempre tem o cuidado especial de saber é quem diz isso. O mesmo homem que é gentil, bom, honesto e amoroso com as pessoas de sua própria opinião, não hesitará em cometer os atos mais vis quando estes forem dirigidos contra pessoas que estão além dos limites de sua própria irmandade religiosa.

Mas este perigo existe apenas naquele estágio de Bhakti que é chamado de preparatório (Gauni). Quando Bhakti amadureceu e passou para aquela forma que é chamada de suprema (Parâ), não há mais medo dessas hediondas manifestações de fanatismo; aquela alma que é dominada por esta forma superior de Bhakti está muito perto do Deus do Amor para se tornar um instrumento para a difusão do ódio.

Não é dado a todos nós sermos harmoniosos na construção de nosso caráter nesta vida: no entanto, sabemos que esse caráter é do tipo mais nobre, no qual todos esses três – conhecimento, amor e Yoga – estão harmoniosamente fundidos. Três coisas são necessárias para um pássaro voar: as duas asas e a cauda como leme para dirigir. Jnana (Conhecimento) é uma asa, Bhakti (Amor) é a outra e Yoga é a cauda que mantém o equilíbrio. Para aqueles que não conseguem buscar todas essas três formas de adoração juntas e em harmonia e adotam, portanto, apenas Bhakti como seu caminho, é necessário sempre lembrar que as formas e os cerimoniais, embora absolutamente necessários para a alma progressista, não têm outro valor senão levando-nos àquele estado em que sentimos o amor mais intenso por Deus.

Há uma pequena diferença de opinião entre os professores do conhecimento e os do amor, embora ambos admitam o poder de Bhakti. Os Jnanis consideram Bhakti um instrumento de libertação, os Bhaktas consideram-no tanto como o instrumento quanto como a coisa a ser alcançada. Na minha opinião, esta é uma distinção sem muita diferença. Na verdade, Bhakti, quando usado como instrumento, na verdade significa uma forma inferior de adoração, e a forma superior torna-se inseparável da forma inferior de

realização num estágio posterior. Cada um parece dar grande ênfase ao seu próprio método peculiar de adoração, esquecendo que com o amor perfeito o verdadeiro conhecimento está fadado a surgir mesmo sem ser procurado, e que do conhecimento perfeito o amor verdadeiro é inseparável.

Tendo isso em mente, tentemos entender o que os grandes comentaristas do Vedanta têm a dizer sobre o assunto. Ao explicar o Sutra Âvrittirasakridupadeshât (A meditação é necessária, tendo sido frequentemente prescrita), Bhagavân Shankara diz: "Assim as pessoas dizem: 'Ele é devotado ao rei, ele é devotado ao Guru'; eles dizem isso daquele que segue seu Guru, e o faz, tendo esse seguimento como o único fim em vista. Da mesma forma, eles dizem: 'A esposa amorosa medita em seu marido amoroso'; Esta é a devoção de acordo com Shankara.

"A meditação, novamente, é uma lembrança constante (da coisa meditada) fluindo como um fluxo ininterrupto de óleo derramado de um recipiente para outro. Quando esse tipo de lembrança é alcançado (em relação a Deus), todas as amarras são rompidas. Assim é mencionado nas escrituras a respeito da lembrança constante como um meio para a libertação. Essa lembrança novamente tem a mesma forma que ver, porque tem o mesmo significado que na passagem: 'Quando Aquele que está longe e perto é visto, os laços do coração são quebrados, todas as dúvidas desaparecem e todos os efeitos do trabalho desaparecem. Aquele que está perto pode ser visto, mas aquele que está longe só pode ser lembrado. No entanto, as escrituras dizem que ele também deve ver Aquele que está perto. como Aquele que está longe, indicando-nos assim que o tipo de lembrança acima é tão bom quanto ver. Esta lembrança, quando exaltada, assume a mesma forma que ver. O conhecimento das escrituras, que é o mesmo que adoração repetida, tem sido descrito como lembrança constante. . . . Assim, a memória, que atingiu o auge do que é tão bom quanto a percepção direta, é mencionada no Shruti como um meio de liberação. 'Este Atman não pode ser alcançado através de várias ciências, nem pelo intelecto, nem por muito estudo dos Vedas. Quem quer que este Atman deseje, por ele o Atman é alcançado, para ele este Atman se descobre.' Aqui, depois de dizer que apenas ouvir, pensar e meditar não são os meios de atingir este Atman, é dito: 'Aquele que este Atman deseja, por ele o Atman é alcançado.' O extremamente amado é desejado; por quem quer que este Atman seja

extremamente amado, ele se torna o mais amado do Atman. Para que este amado alcance o Atman, o próprio Senhor ajuda. Pois foi dito pelo Senhor: 'Aqueles que estão constantemente apegados a Mim e Me adoram com amor - eu dou a direção à sua vontade pela qual eles vêm a Mim.' Portanto, diz-se que, para quem quer que esta lembrança, que é da mesma forma que a percepção direta, seja muito querida, porque é cara ao Objeto de tal percepção de memória, ele é desejado pelo Supremo Atman, por ele o Supremo Atman. é alcançado. Esta lembrança constante é denotada pela palavra Bhakti." Assim diz Bhagavân Râmânuja em seu comentário sobre o Sutra Athâto Brahma-jijnâsâ (daqui se segue uma dissertação sobre Brahman).

Ao comentar o Sutra de Patanjali, Ishvara pranidhânâdvâ, ou seja, "Ou pela adoração do Senhor Supremo" - Bhoja diz: "Pranidhâna é aquele tipo de Bhakti em que, sem buscar resultados, como prazeres sensoriais, etc., todos os trabalhos são dedicados a esse professor de professores." Bhagavan Vyâsa também, ao comentar sobre o mesmo, define Pranidhana como "a forma de Bhakti pela qual a misericórdia do Senhor Supremo chega ao Yogi e o abençoa concedendo-lhe seus desejos". Segundo Shândilya, "Bhakti é amor intenso a Deus". A melhor definição é, no entanto, aquela dada pelo rei dos Bhaktas, Prahlada:

या प्रीतिरविवेकानां विषयेष्वनपायिनी ।
त्वामनुस्मरतः सा मे हृदयान्मासर्पतु ॥

"Esse amor imortal que os ignorantes têm pelos objetos fugazes dos sentidos - enquanto continuo meditando em Ti - não pode esse amor escapar do meu coração!" Amor ! Para quem? Para o Senhor Supremo Ishvara. O amor por qualquer outro ser, por maior que seja, não pode ser Bhakti; pois, como diz Ramanuja em seu Shri Bhâshya, citando um antigo Âchârya, ou seja, um grande professor:

आब्रह्मस्तम्बपर्यन्ताः जगदन्तर्व्यवस्थिताः ।
प्राणिनः कर्मजनितसंसारवशवर्तिनः ॥
यतस्ततो न ते ध्याने ध्यानिनामुपकारकाः ।
अविद्यान्तर्गतास्सर्वे ते हि संसारगोचराः ॥

"Desde Brahmâ até uma moita de grama, todas as coisas que vivem no mundo são escravas do nascimento e da morte causados pelo Karma;

portanto, não podem ser úteis como objetos de meditação, porque estão todas na ignorância e sujeitas à mudança." Ao comentar a palavra Anurakti usada por Shandilya, o comentarista Svapneshvara diz que ela significa Anu, depois, e Rakti, apego; isto é, o apego que vem após o conhecimento da natureza e da glória de Deus; caso contrário, um apego cego a qualquer um, por ex. para esposa ou filhos, seria Bhakti. Vemos claramente, portanto, que Bhakti é uma série ou sucessão de esforços mentais de realização religiosa, começando com a adoração comum e terminando numa intensidade suprema de amor por Ishvara.

3.2.2 CAPÍTULO 2: A FILOSOFIA DE ISHVARA

Quem é Ishvara? Janmâdyasya yatah - "De quem vem o nascimento, a continuação e a dissolução do universo," - Ele é Ishvara - "o Eterno, o Puro, o Sempre Livre, o Todo-Poderoso, o Onisciente, o Todo-Misericordioso, o Professor de todos os professores"; e acima de tudo, Sa Ishvarah anirvachaniya-premasvarupah – “Ele, o Senhor, é, por Sua própria natureza, Amor inexprimível”. Estas certamente são as definições de um Deus Pessoal. Existem então dois Deuses – o “Não isto, não isto”, o Sat-chitânanda, a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança do filósofo, e este Deus de Amor do Bhakta? Não, é o mesmo Sat-chit-ananda que também é o Deus do Amor, o impessoal e o pessoal em um. Sempre deve ser entendido que o Deus Pessoal adorado pelo Bhakta não é separado ou diferente do Brahman. Tudo é Brahman, o Único sem segundo; apenas o Brahman, como unidade ou absoluto, é uma abstração demais para ser amado e adorado; então o Bhakta escolhe o aspecto relativo de Brahman, isto é, Ishvara, o Governante Supremo. Para usar uma comparação: Brahman é como o barro ou substância a partir da qual uma infinita variedade de artigos é moldada. Como o barro, eles são todos um; mas a forma ou manifestação os diferencia. Antes de cada um deles ser feito, todos existiam potencialmente no barro e, é claro, são substancialmente idênticos; mas quando formados, e enquanto a forma permanecer, eles serão separados e diferentes; o rato de barro nunca pode se tornar um elefante de barro, porque, como manifestações, somente a forma os torna o que são, embora, como barro informe, sejam todos um. Ishvara é a manifestação mais elevada da Realidade Absoluta, ou em outras palavras, a leitura mais

elevada possível do Absoluto pela mente humana. A criação é eterna, e Ishvara também o é.

No quarto Pâda do quarto capítulo de seus Sutras, após afirmar o quase infinito poder e conhecimento que chegará à alma liberada após a realização de Moksha, Vyāsa faz a observação, em um aforismo, de que ninguém, entretanto, obterá o poder de criar, governar e dissolver o universo, porque isso pertence somente a Deus. Ao explicar o Sutra, é fácil para os comentaristas dualistas mostrarem como é impossível para uma alma subordinada, Jiva, ter o poder infinito e a total independência de Deus. O completo comentarista dualista Madhvâchârya lida com esta passagem em seu método sumário usual, citando um verso do Varâha Purâna.

Ao explicar este aforismo, o comentarista Râmânuja diz: “Surgindo esta dúvida, se entre os poderes das almas libertadas está incluído aquele poder único do Supremo, isto é, da criação etc. do universo e mesmo do Senhorio de todos, ou se, sem isso, a glória do liberado consiste apenas na percepção direta do Supremo, temos como argumento o seguinte: É razoável que o liberado obtenha o senhorio do universo, porque as escrituras dizem: 'Ele atinge a igualdade extrema com o Supremo e todos os seus desejos são realizados.' Agora, a uniformidade extrema e a realização de todos os desejos não podem ser alcançadas sem o poder único do Senhor Supremo, a saber, o de governar o universo. Portanto, para alcançar a realização de todos os desejos e a uniformidade extrema com o Supremo, todos devemos admitir isso. os liberados obtêm o poder de governar todo o universo. A isto respondemos que os liberados obtêm todos os poderes, exceto o de governar o universo, é guiar a forma, a vida e os desejos de todos os sencientes e não. -seres sencientes. Os seres libertados, dos quais foi removido tudo o que oculta Sua verdadeira natureza, apenas desfrutam da percepção desobstruída de Brahman, mas não possuem o poder de governar o universo. Isto é provado pelo texto bíblico: "De quem. nascem todas essas coisas, pelas quais vivem todos os que nascem, para quem eles, partindo, retornam - perguntem sobre isso. Esse é Brahman.' Se esta qualidade de governar o universo fosse uma qualidade comum até mesmo aos libertados, então este texto não se aplicaria como uma definição de Brahman definindo-O através do Seu governo do universo. Somente os atributos incomuns definem uma coisa; portanto, em textos como - 'Meu querido

menino, sozinho, no início existia o Um sem segundo. Isso viu e sentiu: “Eu darei à luz muitos”. Esse calor projetado. – 'Brahman de fato só existia no começo. Aquele evoluiu. Isso projetou uma forma abençoada, o Kshatra. Todos esses deuses são Kshatras: Varuna, Soma, Rudra, Parjanya, Yama, Mrityu, Ishâna.' – 'Atman de fato existiu sozinho no começo; nada mais vibrou; Pensou em projetar o mundo; Ele projetou o mundo depois. – 'Somente Nârâyana existiu; nem Brahmâ, nem Ishana, nem o Dyâvâ-Prithivi, nem as estrelas, nem a água, nem o fogo, nem o Soma, nem o sol. Ele não teve prazer sozinho. Ele depois de Sua meditação teve uma filha, os dez órgãos, etc.' - e em outros como, 'Quem vive na terra está separado da terra, quem vive no Atman, etc.' – os Shrutis falam do Supremo como o sujeito do trabalho de governar o universo. . . . Nem nestas descrições do governo do universo há qualquer posição para a alma liberada, pela qual tal alma possa ter o governo do universo atribuído a ela."

Ao explicar o próximo Sutra, Ramanuja diz: “Se você diz que não é assim, porque há textos diretos nos Vedas que evidenciam o contrário, esses textos referem-se à glória dos liberados nas esferas das divindades subordinadas”. Esta também é uma solução fácil para a dificuldade. Embora o sistema de Ramanuja admita a unidade do total, dentro dessa totalidade da existência existem, segundo ele, diferenças eternas. Portanto, para todos os efeitos práticos, sendo este sistema também dualista, foi fácil para Ramanuja manter muito clara a distinção entre a alma pessoal e o Deus Pessoal.

Tentaremos agora compreender o que o grande representante da Escola Advaita tem a dizer sobre este assunto. Veremos como o sistema Advaita mantém intactas todas as esperanças e aspirações do dualista e, ao mesmo tempo, propõe a sua própria solução do problema em consonância com o destino elevado da humanidade divina. Aqueles que aspiram manter a sua mente individual mesmo após a libertação e permanecer distintos terão ampla oportunidade de realizar as suas aspirações e desfrutar da bênção do Brahman qualificado. Estes são aqueles de quem o Bhagavata Purana fala assim: "Ó rei, tais são as qualidades gloriosas do Senhor que os sábios cujo único prazer está no Ser, e de quem todos os grilhões caíram, até mesmo eles amam o Onipresente com o amor que é por amor." Estes são aqueles de quem os Sâmkhyas falam que se fundiram na natureza neste ciclo, de modo que, depois de atingirem a perfeição, possam surgir no próximo como

senhores dos sistemas mundiais. Mas nenhum destes jamais se torna igual a Deus (Ishvara). Aqueles que atingem aquele estado onde não há criação, nem criado, nem criador, onde não há nem conhecedor, nem cognoscível, nem conhecimento, onde não há nem eu, nem tu, nem ele, onde não há nem sujeito, nem objeto, nem relação, "aí, quem é visto por quem?" - tais pessoas foram além de tudo para "onde as palavras não podem ir nem a mente", foram para aquilo que os Shrutis declaram como "Isto não, isto não"; mas para aqueles que não conseguem ou não querem alcançar este estado, permanecerá inevitavelmente a visão trina do único Brahman indiferenciado como natureza, alma e o sustentador interpenetrante de ambos - Ishvara. Assim, quando Prahlada se esqueceu, ele não encontrou nem o universo nem a sua causa; tudo era para ele um Infinito, indiferenciado por nome e forma; mas assim que ele se lembrou de que era Prahlada, havia o universo diante dele e com ele o Senhor do universo - "o Repositório de um número infinito de qualidades abençoadas". Assim foi com as abençoadas Gopis. Enquanto elas perderam o senso de sua própria identidade e individualidade pessoal, elas eram todas Krishnas, e quando começaram novamente a pensar Nele como Aquele a ser adorado, então elas eram Gopis novamente, e imediatamente

तासामाविरभूच्छैरिः स्मयमानमुखाम्बुजः ।
पीताम्बरधरः सखी साक्षान्मथमन्मथः ॥

(Bhagavata) - "A eles apareceu Krishna com um sorriso em Seu rosto de lótus, vestido com vestes amarelas e com guirlandas, o conquistador encarnado (em beleza) do deus do amor."

Agora, voltando ao nosso Acharya Shankara: "Aqueles", diz ele, "que pela adoração do Brahman qualificado alcançam a conjunção com o Governante Supremo, preservando a sua própria mente – a sua glória é limitada ou ilimitada? argumento: Sua glória deveria ser ilimitada por causa dos textos das escrituras, 'Eles alcançam seu próprio reino', 'A ele todos os deuses oferecem adoração', 'Seus desejos são realizados em todos os mundos'. Como resposta a isso, Vyasa escreve. , 'Sem o poder de governar o universo.' Exceto o poder de criação, etc. do universo, os outros poderes, como Animã, etc., são adquiridos pelos liberados. Quanto a governar o universo, isso pertence ao Ishvara eternamente perfeito. Porque Ele é o sujeito de todas as escrituras. textos relativos à criação, etc., e as almas

liberadas não são mencionadas neles em qualquer conexão. O Senhor Supremo, de fato, é o único empenhado em governar o universo. Todos os textos relativos à criação, etc., apontam para Ele. adjetivo 'sempre perfeito'. Também as escrituras dizem que os poderes Anima etc. dos outros vêm da busca e da adoração a Deus. Portanto, eles não têm lugar no governo do universo. suas próprias mentes, é possível que suas vontades possam diferir, e que, enquanto um deseja a criação, outro pode desejar a destruição. A única maneira de evitar este conflito é tornar todas as vontades subordinadas a uma vontade. a vontade dos libertados depende da vontade do Governante Supremo."

Bhakti, então, pode ser direcionado a Brahman apenas em Seu aspecto pessoal. बलेशोऽधिकतरस्तेषामव्यक्तसक्तचेतसाम् — "O caminho é mais difícil para aqueles cuja mente está apegada ao Absoluto!" Bhakti tem que flutuar suavemente com a corrente da nossa natureza. É verdade que não podemos ter; alguma ideia de Brahman que não seja antropomórfica, mas não é igualmente verdadeira para tudo o que conhecemos? O maior psicólogo que o mundo já conheceu, Bhagavan Kapila, demonstrou há muito tempo que a consciência humana é um dos elementos na composição de todos os objetos de nossa percepção e concepção, internos e externos. Começando pelos nossos corpos e subindo até Ishvara, podemos ver que cada objeto da nossa percepção é esta consciência mais alguma outra coisa, seja ela qual for; e esta mistura inevitável é o que normalmente consideramos realidade. Na verdade, é, e sempre será, toda a realidade que a mente humana pode conhecer. Portanto, dizer que Ishvara é irreal, porque Ele é antropomórfico, é pura bobagem. Parece muito com a disputa ocidental sobre o idealismo e o realismo, cuja disputa aparentemente assustadora tem como fundamento um mero jogo com a palavra "real". A ideia de Ishvara cobre todo o terreno já denotado e conotado pela palavra real, e Ishvara é tão real quanto qualquer outra coisa no universo; e, afinal de contas, a palavra real não significa nada mais do que o que foi agora apontado. Esta é a nossa concepção filosófica de Ishvara.

3.2.3 CAPÍTULO 3: REALIZAÇÃO ESPIRITUAL, O OBJETIVO DO BHAKTI-YOGA

Para o Bhakta esses detalhes secos são necessários apenas para fortalecer sua vontade; além disso, eles não têm utilidade para ele. Pois ele está trilhando um caminho que muito em breve deverá levá-lo além das regiões nebulosas e turbulentas da razão, para conduzi-lo ao reino da realização. Ele, logo, pela misericórdia do Senhor, atinge um plano onde a razão pedante e impotente fica para trás, e o mero tatear intelectual na escuridão dá lugar à luz do dia da percepção direta. Ele não raciocina mais e acredita, quase percebe. Ele não discute mais, ele sente. E isso não é ver Deus, sentir Deus e desfrutar de Deus mais alto do que qualquer outra coisa? Não, os Bhaktas não têm desejado aqueles que sustentam que isso é superior até mesmo a Moksha – a libertação. E não é também a utilidade mais elevada? Há pessoas - e muitas delas também - no mundo que estão convencidas de que só é útil e útil aquilo que traz ao homem o conforto da criatura. Mesmo a religião, Deus, a eternidade, a alma, nada disso tem qualquer utilidade para eles, pois não lhes trazem dinheiro ou conforto físico. Para tais, todas aquelas coisas que não satisfazem os sentidos e apaziguam os apetites não têm utilidade. Em todas as mentes, a utilidade, contudo, é condicionada pelas suas próprias necessidades peculiares. Para os homens, portanto, que nunca se elevam além de comer, beber, gerar progênie e morrer, o único ganho está nos prazeres dos sentidos; e eles devem esperar e passar por muitos mais nascimentos e reencarnações para aprender a sentir até mesmo a mais tênue necessidade de algo superior. Mas aqueles para quem os interesses eternos da alma são de muito mais valor do que os interesses passageiros desta vida mundana, para quem a gratificação dos sentidos é apenas como a brincadeira impensada de um bebê, para eles Deus e o amor de Deus formam a mais alta e única utilidade da existência humana. Graças a Deus há alguns que ainda vivem neste mundo de muito mundanismo.

Bhakti-Yoga, como dissemos, está dividido em Gauni ou as formas preparatórias e as Parâ ou as formas supremas. Descobriremos, à medida que prosseguirmos, como, na fase preparatória, necessitamos inevitavelmente de muitas ajudas concretas que nos permitam avançar; e de fato as partes mitológicas e simbólicas de todas as religiões são crescimentos naturais que desde cedo cercam a alma aspirante e a ajudam em direção a Deus. É também um facto significativo que gigantes espirituais tenham sido produzidos apenas naqueles sistemas religiosos onde há um crescimento exuberante de rica mitologia e ritualismo. As

formas áridas e fanáticas de religião que tentam erradicar tudo o que é poético, tudo o que é belo e sublime, tudo o que dá um domínio firme à mente infantil que cambaleia em seu caminho em direção a Deus - as formas que tentam quebrar os próprios pilares do teto espiritual, e em suas concepções ignorantes e supersticiosas da verdade tentam afastar tudo o que é vivificante, tudo o que fornece o material formativo para a planta espiritual que cresce na alma humana - tais formas de religião descobrem muito cedo que tudo o que lhes resta é apenas uma concha vazia, uma moldura sem conteúdo de palavras e sofismas com talvez um pouco de sabor de uma espécie de limpeza social ou do chamado espírito de reforma.

A vasta massa daqueles cuja religião é assim são materialistas conscientes ou inconscientes – o fim e objetivo de suas vidas aqui e no futuro é o prazer, que na verdade é para eles o alfa e o ômega da vida humana, e que é seu Ishtâpurta; trabalhos como limpeza de ruas e coleta de lixo, destinados ao conforto material do homem são, segundo eles, o princípio e o fim de toda a existência humana; e quanto mais cedo os seguidores desta curiosa mistura de ignorância e fanatismo se manifestarem nas suas verdadeiras cores e se juntarem, como bem merecem, às fileiras dos ateus e dos materialistas, melhor será para o mundo. Uma onça da prática da retidão e da Auto-realização espiritual supera toneladas e toneladas de conversa fiada e sentimentos absurdos. Mostre-nos um, mas um gigantesco gênio espiritual crescendo de toda essa poeira seca de ignorância e fanatismo; e se não puderem, fechem a boca, abram as janelas dos seus corações para a clara luz da verdade e sentem-se como crianças aos pés daqueles que sabem do que estão falando - os sábios da Índia. Ouçamos então com atenção o que eles dizem.

3.2.4 CAPÍTULO 4: A NECESSIDADE DO GURU

Toda alma está destinada a ser perfeita e todo ser, no final, atingirá o estado de perfeição. Tudo o que somos agora é o resultado dos nossos atos e pensamentos do passado; e tudo o que seremos no futuro será o resultado do que pensamos que faremos agora. Mas isto, a formação dos nossos próprios destinos, não impede que recebamos ajuda externa; não, na grande maioria dos casos tal ajuda é absolutamente necessária. Quando isso acontece, os

poderes e possibilidades superiores da alma são acelerados, a vida espiritual é despertada, o crescimento é animado e o homem se torna santo e perfeito no final.

Este impulso acelerado não pode ser derivado de livros. A alma só pode receber impulsos de outra alma e de mais nada. Podemos estudar livros durante toda a nossa vida, podemos tornar-nos muito intelectuais, mas no final descobrimos que não nos desenvolvemos espiritualmente. Não é verdade que um elevado grau de desenvolvimento intelectual ande sempre de mãos dadas com um desenvolvimento proporcional do lado espiritual do Homem. Ao estudar livros, às vezes somos iludidos ao pensar que assim estamos sendo ajudados espiritualmente; mas se analisarmos o efeito do estudo dos livros sobre nós mesmos, descobriremos que, no máximo, é apenas o nosso intelecto que tira proveito de tais estudos, e não o nosso espírito interior. Esta inadequação dos livros para acelerar o crescimento espiritual é a razão pela qual, embora quase todos nós possamos falar maravilhosamente sobre assuntos espirituais, quando se trata de ação e de viver uma vida verdadeiramente espiritual, nos encontramos tão terrivelmente deficientes. Para vivificar o espírito, o impulso deve vir de outra alma.

A pessoa de cuja alma vem esse impulso é chamada de Guru – o professor; e a pessoa a cuja alma o impulso é transmitido é chamada de Shishya – o estudante. Para transmitir tal impulso a qualquer alma, em primeiro lugar, a alma da qual ele procede deve possuir o poder de transmiti-lo, por assim dizer, a outra; e em segundo lugar, a alma a quem é transmitida deve estar apta para recebê-la. A semente deve ser viva e o campo deve estar pronto para ser arado; e quando ambas as condições são satisfeitas, ocorre um maravilhoso crescimento da religião genuína. “O verdadeiro pregador da religião deve ter capacidades maravilhosas, e inteligente será seu ouvinte” - आश्चर्यो वक्ता कुशलोऽस्य लब्ध्वा; e quando ambos forem realmente maravilhosos e extraordinários, então o resultado será um esplêndido despertar espiritual, e não de outra forma. Somente esses são os verdadeiros professores, e somente esses são também os verdadeiros estudantes, os verdadeiros aspirantes. Todos os outros estão apenas brincando com a espiritualidade. Eles têm apenas um pouco de curiosidade despertada, apenas um pouco de aspiração intelectual acesa neles, mas estão apenas na margem externa do horizonte da religião. Não há dúvida de que até mesmo isso tem algum valor, pois com o passar do tempo pode resultar no despertar de uma verdadeira sede de religião; e é uma lei misteriosa da natureza que assim que o campo estiver pronto, a semente deve vir e de fato vem; assim que a alma deseja sinceramente ter religião, o transmissor da força religiosa deve aparecer e aparece para ajudar essa alma. Quando o poder que atrai a luz da religião na alma receptora é pleno e forte, o poder que responde a essa atração e envia luz surge naturalmente.

Existem, no entanto, alguns grandes perigos no caminho. Existe, por exemplo, o perigo para a alma receptora de confundir emoções momentâneas com um verdadeiro anseio religioso. Podemos estudar isso em nós mesmos. Muitas vezes em nossas vidas morre alguém que amávamos; recebemos um golpe; sentimos que o mundo está escorregando entre nossos dedos, que queremos algo mais seguro e mais elevado e que devemos nos tornar religiosos. Em poucos dias essa onda de sentimento passou e ficamos presos exatamente onde estávamos antes. Todos nós frequentemente confundimos tais impulsos com uma verdadeira sede de religião; mas enquanto essas emoções momentâneas forem assim confundidas, esse desejo contínuo e real da alma pela religião não surgirá, e não encontraremos o verdadeiro transmissor da espiritualidade em nossa

natureza. Portanto, sempre que somos tentados a reclamar da nossa busca pela verdade que tanto desejamos, provando-nos vãos, em vez de reclamar, o nosso primeiro dever deveria ser olhar para as nossas próprias almas e descobrir se o desejo no coração é real. Então, na grande maioria dos casos, descobrir-se-ia que não estávamos preparados para receber a verdade, que não havia sede real de espiritualidade.

Existem perigos ainda maiores em relação ao transmissor, o Guru. Há muitos que, embora imersos na ignorância, ainda assim, no orgulho de seus corações, imaginam que sabem tudo, e não apenas não param por aí, mas se oferecem para levar outros nos ombros; e assim o cego guiando outro cego, ambos caem na vala.

अविद्यायामन्तरे वर्तमानाः स्वयं धीराः पण्डितम्मन्यमानाः ।
दन्दस्यमाणाः परियन्ति मूढा अन्धेनेव नीयमाना यथान्धाः ॥

– “Tolos que habitam nas trevas, sábios em sua própria presunção e inchados com conhecimento vão, andam cambaleando de um lado para outro, como cegos guiados por cegos”. - (Katha Up., I. ii. 5). O mundo está cheio disso. Todo mundo quer ser professor, todo mendigo quer doar um milhão de dólares! Assim como esses mendigos são ridículos, esses professores também o são.

3.2.5 CAPÍTULO 5: QUALIFICAÇÕES DO ASPIRANTE E DO PROFESSOR

Como devemos conhecer um professor, então? O sol não necessita de tocha para torná-lo visível, não precisamos acender uma vela para vê-lo. Quando o sol nasce, instintivamente nos tornamos conscientes do fato, e quando um professor humano vier nos ajudar, a alma saberá instintivamente que a verdade já começou a brilhar sobre ela. A verdade se baseia em suas próprias evidências, não requer nenhum outro testemunho para provar que é verdadeira, é auto-refulgente. Penetra nos recantos mais íntimos da nossa natureza e, na sua presença, todo o universo se levanta e diz: “Isto é a verdade”. Os professores cuja sabedoria e verdade brilham como a luz do sol são os maiores que o mundo já conheceu e são adorados como Deus pela maior parte da humanidade. Mas também podemos obter ajuda de

pessoas comparativamente menores; só nós mesmos não possuímos intuição suficiente para julgar adequadamente o homem de quem recebemos ensino e orientação; portanto, deveria haver certos testes, certas condições, a serem satisfeitas pelo professor, como também existem para os ensinados.

As condições necessárias para o ensinado são a pureza, a verdadeira sede de conhecimento e a perseverança. Nenhuma alma impura pode ser realmente religiosa. A pureza de pensamento, fala e ação é absolutamente necessária para qualquer pessoa ser religiosa. Quanto à sede de conhecimento, é uma lei antiga que todos nós consigamos o que quisermos. Nenhum de nós pode obter outra coisa senão aquilo em que fixamos nossos corações. Ansiar pela religião é realmente uma coisa muito difícil, e não tão fácil como geralmente imaginamos. Ouvir discursos religiosos ou ler livros religiosos ainda não é prova de uma necessidade real sentida no coração; deve haver uma luta contínua, uma luta constante, uma luta incessante com a nossa natureza inferior, até que a necessidade superior seja realmente sentida e a vitória seja alcançada. Não se trata de um ou dois dias, de anos ou de vidas; a luta pode durar centenas de vidas. Às vezes, o sucesso pode vir imediatamente, mas devemos estar prontos para esperar pacientemente, mesmo pelo que pode parecer um período de tempo infinito. O aluno que inicia com tal espírito de perseverança certamente encontrará finalmente o sucesso e a realização.

No que diz respeito ao professor, devemos cuidar para que ele conheça o espírito das escrituras. O mundo inteiro lê Bíblias, Vedas e Alcorões; mas são apenas palavras, sintaxe, etimologia, filologia, os ossos secos da religião. O professor que lida demais com as palavras e permite que a mente seja levada pela força das palavras perde o ânimo. É somente o conhecimento do espírito das escrituras que constitui o verdadeiro professor religioso. A rede das palavras das escrituras é como uma enorme floresta na qual a mente humana muitas vezes se perde e não encontra saída.

शब्दजालं महारण्यं चित्तभ्रमणकारणम् । — "A rede de palavras é uma grande floresta; é a causa de uma curiosa divagação da mente." "Os vários métodos de juntar palavras, os vários métodos de falar em linguagem bonita, os vários métodos de explicar a dicção das escrituras são apenas para disputas e diversão dos eruditos, eles não conduzem ao desenvolvimento da percepção espiritual"

वाग्वैखरी शब्दझरी शास्त्रव्याख्यानकौशलम् ।
वैदुष्यं विदुषां तद्वत् भुक्तये न तु मुक्तये ॥

– Aqueles que empregam tais métodos para transmitir religião a outros desejam apenas exibir seu aprendizado, para que o mundo possa elogiá-los como grandes estudiosos. Você descobrirá que nenhum dos grandes mestres do mundo jamais se dedicou a essas diversas explicações do texto; não há neles nenhuma tentativa de “tortura de texto”, nenhum jogo eterno com o significado das palavras e suas raízes. No entanto, eles ensinaram nobremente, enquanto outros, que não têm nada a ensinar, às vezes pegam uma palavra e escrevem um livro de três volumes sobre sua origem, sobre o homem que a usou primeiro, e sobre o que esse homem estava acostumado a comer, e por quanto tempo. ele dormiu e assim por diante.

Bhagavân Ramakrishna costumava contar a história de alguns homens que foram a um pomar de mangas e se ocuparam em contar as folhas, os galhos e os galhos, examinando sua cor, comparando seu tamanho e anotando tudo com muito cuidado, e então se levantaram. uma discussão erudita sobre cada um destes temas, que sem dúvida foram muito interessantes para eles. Mas um deles, mais sensato que os outros, não se importava com todas essas coisas. e em vez disso, começou a comer a manga. E ele não era sábio? Portanto, deixe essa contagem de folhas e galhos e as anotações para outras pessoas. Este tipo de trabalho tem o seu devido lugar, mas não aqui

no domínio espiritual. Você nunca vê um homem espiritual forte entre esses “contadores de folhas”. A religião, o objetivo mais elevado, a glória mais elevada do homem, não exige tanto trabalho. Se você quer ser um Bhakta, não é necessário saber se Krishna nasceu em Mathurâ ou em Vraja, o que ele estava fazendo, ou apenas a data exata em que pronunciou os ensinamentos do Gitâ. Você só precisa sentir o desejo pelas belas lições de dever e amor do Gita. Todos os outros detalhes sobre ele e seu autor são para deleite dos eruditos. Deixe-os ter o que desejam. Diga "Shântih, Shântih" às suas controvérsias eruditas, e vamos "comer as mangas".

A segunda condição necessária para o professor é a ausência de pecado. Muitas vezes se faz a pergunta: "Por que deveríamos examinar o caráter e a personalidade de um professor? Temos apenas que julgar o que ele diz e aceitar isso." Isto não está certo. Se um homem quiser me ensinar algo de dinâmica, ou química, ou qualquer outra ciência física, ele pode ser o que quiser, porque o que as ciências físicas exigem é apenas um equipamento intelectual; mas nas ciências espirituais é impossível, do início ao fim, que possa haver qualquer luz espiritual na alma que seja impura. Que religião um homem impuro pode ensinar? A condição sine qua non para adquirir a verdade espiritual para si mesmo ou para transmiti-la a outros é a pureza do coração e da alma. Uma visão de Deus ou um vislumbre do além nunca acontece até que a alma esteja pura. Portanto, com o professor de religião devemos ver primeiro o que ele é e depois o que ele diz. Ele deve ser perfeitamente puro, e só então vem o valor de suas palavras, porque só então ele é o verdadeiro “transmissor”. O que ele pode transmitir se não tiver poder espiritual em si mesmo? Deve haver a vibração digna da espiritualidade na mente do professor, para que possa ser transmitida com simpatia à mente do ensinado. A função do professor é, na verdade, uma questão de transferência de algo, e não de mera estimulação das faculdades intelectuais ou outras existentes no ensinado. Algo real e apreciável como influência vem do professor e vai para o ensinado. Portanto o professor deve ser puro.

A terceira condição diz respeito ao motivo. O professor não deve ensinar com qualquer motivo egoísta oculto – por dinheiro, nome ou fama; seu trabalho deve ser simplesmente por amor, por puro amor pela humanidade em geral. O único meio pelo qual a força espiritual pode ser transmitida é o

amor. Qualquer motivo egoísta, como o desejo de ganho ou de nome, destruirá imediatamente esse meio de comunicação. Deus é amor, e somente aquele que conheceu a Deus como amor pode ser um professor de piedade e Deus para o homem.

Quando você vê que em seu professor todas essas condições são cumpridas, você está seguro; se não forem, não é seguro permitir-se ser ensinado por ele, pois existe o grande perigo de que, se ele não puder transmitir bondade ao seu coração, ele possa transmitir maldade. Este perigo deve ser protegido por todos os meios. श्रीनियोऽवृजिनोऽकामहतो यो ब्रह्मवित्तमः - "Aquele que é instruído nas escrituras, sem pecado, não poluído pela luxúria e é o maior conhecedor de Brahman" é o verdadeiro professor.

Do que foi dito, segue-se naturalmente que não podemos ser ensinados a amar, apreciar e assimilar a religião em todos os lugares e por todos. Os “livros nos riachos, os sermões nas pedras e o que há de bom em tudo” são todos muito verdadeiros como figura poética: mas nada pode transmitir a um homem um único grão de verdade, a menos que ele tenha em si mesmo os germes subdesenvolvidos dela. Para quem as pedras e os riachos pregam sermões? Para a alma humana, o lótus de cujo santuário interior já está cheio de vida. E a luz que causa a bela abertura deste lótus vem sempre do bom e sábio professor. Quando o coração é assim aberto, torna-se apto a receber ensinamentos das pedras ou dos riachos, das estrelas, ou do sol, ou da lua, ou de qualquer coisa que exista em nosso universo divino; mas o coração fechado não verá neles nada além de meras pedras ou simples riachos. Um cego pode ir a um museu, mas não lucrará com isso de forma alguma; seus olhos devem ser abertos primeiro, e só então ele poderá aprender o que as coisas do museu podem ensinar.

Essa pessoa que abre os olhos do aspirante à religião é o professor. Com o professor, portanto, nosso relacionamento é o mesmo que existe entre um ancestral e seu descendente. Sem fé, humildade, submissão e veneração nos nossos corações para com o nosso professor religioso, não pode haver qualquer crescimento da religião em nós; e é um facto significativo que, onde prevalece este tipo de relação entre o professor e o ensinado, só aí crescem gigantescos homens espirituais; enquanto nos países que negligenciaram a manutenção deste tipo de relação o professor religioso

tornou-se um mero conferencista, o professor esperando os seus cinco dólares e a pessoa ensinada esperando que o seu cérebro seja preenchido com as palavras do professor, e cada um seguindo o seu próprio caminho depois de tanto ter sido feito. Sob tais circunstâncias a espiritualidade torna-se quase uma quantidade desconhecida. Não há ninguém para transmiti-lo e ninguém para quem transmiti-lo. A religião para essas pessoas torna-se um negócio; eles acham que podem obtê-lo com seus dólares. Quisera Deus que a religião pudesse ser obtida tão facilmente! Mas infelizmente não pode ser.

A religião, que é o conhecimento mais elevado e a sabedoria mais elevada, não pode ser comprada, nem adquirida em livros. Você pode enfiar a cabeça em todos os cantos do mundo, pode explorar o Himalaia, os Alpes e o Cáucaso, pode sondar o fundo do mar e bisbilhotar cada canto do Tibete e do deserto de Gobi, você não vai encontrá-lo em qualquer lugar até que seu coração esteja pronto para recebê-lo e seu professor chegue. E quando esse professor divinamente designado chegar, sirva-o com confiança e simplicidade infantis, abra livremente seu coração à sua influência e veja nele Deus manifestado. Aqueles que procuram a verdade com tal espírito de amor e veneração, a eles o Senhor da Verdade revela as coisas mais maravilhosas sobre a verdade, a bondade e a beleza.

3.2.6 CAPÍTULO 6: PROFESSORES ENCARNADOS E ENCARNAÇÃO

Onde quer que Seu nome seja pronunciado, esse mesmo lugar é santo. Quanto mais é o homem que fala Seu nome, e com que veneração devemos nos aproximar daquele homem de quem vem até nós a verdade espiritual! Esses grandes professores da verdade espiritual são de fato muito poucos neste mundo, mas o mundo nunca está totalmente sem eles. São sempre as mais belas flores da vida humana — अहेतुकदयासिन्धुः — “o oceano de misericórdia sem qualquer motivo”. आचार्य मां विजानीयात् — “Conheça que o Guru sou eu”, diz Shri Krishna no Bhagavata. No momento em que o mundo fica absolutamente desprovido deles, torna-se um inferno hediondo e apressa-se à sua destruição.

Mais elevado e mais nobre do que todos os professores comuns é outro conjunto de professores, os Avatâras de Ishvara, no mundo. Conseguem transmitir espiritualidade com um toque, mesmo com um mero desejo. Os personagens mais baixos e degradados tornam-se em um segundo santos sob seu comando. Eles são os professores de todos os professores, as mais elevadas manifestações de Deus através do homem. Não podemos ver Deus exceto através deles. Não podemos deixar de adorá-los; e na verdade eles são os únicos a quem somos obrigados a adorar.

Nenhum homem pode realmente ver Deus exceto através destas manifestações humanas. Se tentarmos ver Deus de outra forma, faremos para nós mesmos uma caricatura horrível Dele e acreditaremos que a caricatura não é pior do que a original. Há a história de um homem ignorante a quem foi pedido que fizesse uma imagem do deus Shiva e que, após dias de árdua luta, fabricou apenas a imagem de um macaco. Portanto, sempre que tentamos pensar em Deus como Ele é em Sua perfeição absoluta, invariavelmente nos deparamos com o mais miserável fracasso, porque enquanto formos homens, não poderemos concebê-Lo como algo superior ao homem. Chegará o tempo em que transcenderemos a nossa natureza humana e O conheceremos como Ele é; mas enquanto formos homens, devemos adorá-Lo no homem e como homem. Por mais que fale, por mais que tente, você não pode pensar em Deus exceto como um homem. Você pode proferir grandes discursos intelectuais sobre Deus e sobre todas as coisas sob o sol, tornar-se grande racionalista e provar, para sua satisfação, que todos esses relatos dos Avatares de Deus como homem

são absurdos. Mas vamos por um momento ao bom senso prático. O que há por trás desse tipo de intelecto notável? Zero, nada, simplesmente muita espuma. Da próxima vez que você ouvir um homem proferindo uma grande palestra intelectual contra esta adoração dos Avatares de Deus, entre em contato com ele e pergunte qual é a sua idéia de Deus, o que ele entende por "onipotência", "onipresença" e todos os termos semelhantes, além da grafia das palavras. Ele realmente não quer dizer nada com eles; ele não pode formular como significado qualquer idéia que não seja afetada por sua própria natureza humana; ele não está em melhor situação neste assunto do que o homem comum que não leu um único livro. Aquele homem da rua, porém, é quieto e não perturba a paz do mundo, enquanto este grande falador cria perturbação e miséria entre a humanidade. Afinal de contas, a religião é realização, e devemos fazer a distinção mais nítida entre falar; e experiência intuitiva. O que experimentamos nas profundezas de nossas almas é a realização. Na verdade, nada é tão incomum quanto o bom senso em relação a esse assunto.

Pela nossa constituição atual estamos limitados e obrigados a ver Deus como homem. Se, por exemplo, os búfalos quiserem adorar a Deus, eles irão, de acordo com a sua própria natureza, vê-Lo como um enorme búfalo; se um peixe quiser adorar a Deus, terá que formar uma ideia Dele como um peixe grande, e o homem terá que pensar Nele como homem. E essas diversas concepções não se devem à imaginação mórbidamente ativa. Pode-se supor que o homem, o búfalo e os peixes representem tantos navios diferentes, por assim dizer. Todos esses vasos vão ao mar de Deus para se encherem de água, cada um segundo seu formato e capacidade; no homem a água assume a forma de homem, no búfalo a forma de um búfalo e no peixe a forma de um peixe. Em cada um desses vasos está a mesma água do mar de Deus. Quando os homens O veem, eles O veem como homem, e os animais, se tiverem alguma concepção de Deus, devem vê-Lo como animal, cada um de acordo com seu próprio ideal. Portanto, não podemos deixar de ver Deus como homem e, portanto, somos obrigados a adorá-Lo como homem. Não há outro caminho.

Dois tipos de homens não adoram Deus como homem – o bruto humano que não tem religião, e o Paramahansa que se elevou além de todas as fraquezas da humanidade e transcendeu os limites da sua própria natureza

humana. Para ele, toda a natureza tornou-se o seu próprio Ser. Somente ele pode adorar a Deus como Ele é. Também aqui, como em todos os outros casos, os dois extremos se encontram. O extremo da ignorância e o outro extremo do conhecimento – nenhum deles passa por atos de adoração. O bruto humano não adora por causa de sua ignorância, e os Jivanmuktas (almas livres) não adoram porque realizaram Deus em si mesmos. Estando entre esses dois pólos de existência, se alguém lhe disser que não vai adorar a Deus como homem, cuide gentilmente desse homem; ele é, para não usar um termo mais severo, um falador irresponsável; sua religião é para cérebros doentios e vazios.

Deus compreende as falhas humanas e se torna homem para fazer o bem à humanidade:

यदा यदा हि धर्मस्य ग्लानिर्भवति भारत ।
अभ्युत्थानमधर्मस्य तदात्मानं सृजाम्यहम् ॥
परित्राणाय साधूनां विनाशाय च दुष्कृताम् ।
धर्मसंस्थापनार्थाय संभवामि युगे युगे ॥

- "Sempre que a virtude diminui e a maldade prevalece, Eu me manifesto. Para estabelecer a virtude, para destruir o mal, para salvar o bem, eu venho de Yuga (era) para Yuga."

अवजानन्ति मां मूढा मानुषीं तनुमाश्रितम् ।
परं भावमजानन्तो मम भूतमेहश्चरम् ॥

- "Os tolos zombam de Mim que assumiram a forma humana, sem conhecer Minha verdadeira natureza como o Senhor do universo." Tal é a declaração de Shri Krishna no Gita sobre a Encarnação. “Quando surge um enorme maremoto”, diz Bhagavan Shri Ramakrishna, “todos os pequenos riachos e valas ficam cheios até a borda, sem qualquer esforço ou consciência de sua parte; então, quando uma Encarnação chega, um maremoto de espiritualidade irrompe sobre o mundo, e as pessoas sentem a espiritualidade quase plena no ar."

3.2.7 CAPÍTULO 7: O MANTRA: OM: PALAVRA E SABEDORIA

Mas agora não estamos considerando estes Mahâ-purushas, as grandes Encarnações, mas apenas os Siddha-Gurus (professores que atingiram a meta); eles, via de regra, devem transmitir os germes da sabedoria espiritual ao discípulo por meio de palavras (Mantras) para serem meditados. O que são esses Mantras? Todo este universo tem, segundo a filosofia indiana, tanto o nome quanto a forma (Nâma-Rupa) como condições de manifestação. No microcosmo humano, não pode haver uma única onda na substância mental (Chittavritti) não condicionada pelo nome e pela forma. Se é verdade que a natureza é inteiramente construída sobre o mesmo plano, este tipo de condicionamento pelo nome e pela forma também deve ser o plano da construção de todo o cosmos.

यथा एकेन मृत्पिण्डेन सर्वं मृन्मयं विज्ञातं स्यात्

— “Assim como se conhece um pedaço de barro, todas as coisas de barro são conhecidas”, portanto o conhecimento do microcosmo deve levar ao conhecimento do macrocosmo. Ora, a forma é a crosta externa, cujo nome ou ideia é a essência ou núcleo interno. O corpo é a forma, e a mente ou Antahkarana é o nome, e os símbolos sonoros estão universalmente associados ao Nâma (nome) em todos os seres que possuem o poder da fala. No homem individual, as ondas de pensamento que surgem no limitado Mahat ou Chitta (matéria mental) devem manifestar-se, primeiro como palavras e depois como formas mais concretas.

No universo, Brahmâ ou Hiranyagarbha ou o Mahat cósmico se manifestou primeiro como nome e depois como forma, isto é, como este universo. Todo esse universo sensível expresso é a forma, atrás da qual está o eterno e inexprimível Sphota, o manifestador como Logos ou Palavra. Este Sphota eterno, o material eterno essencial de todas as ideias ou nomes, é o poder através do qual o Senhor cria o universo, ou melhor, o Senhor primeiro se torna condicionado como o Sphota, e então evolui a Si mesmo como o universo sensível ainda mais concreto. Este Sphota tem uma palavra como único símbolo possível, e este é o ॐ (Om). E como por nenhum meio de análise possível podemos separar a palavra da ideia, este Om e o eterno Sphota são inseparáveis; e, portanto, é a partir desta mais sagrada de todas as palavras sagradas, a mãe de todos os nomes e formas, o eterno Om, que se pode supor que todo o universo tenha sido criado. Mas pode-se dizer que, embora pensamento e palavra sejam inseparáveis, ainda assim como pode haver vários símbolos de palavras para o mesmo pensamento, não é necessário que esta palavra particular Om seja a palavra representativa do pensamento, do qual o universo se manifestou. A esta objeção respondemos que este Om é o único símbolo possível que cobre todo o terreno, e não há outro igual a ele. O Sphota é o material de todas as palavras, mas não é uma palavra definida em seu estado totalmente formado. Isto é, se todas as peculiaridades que distinguem uma palavra de outra forem removidas, então o que resta será o Sphota; portanto este Sphota é chamado de Nâda-Brahma. o Som-Brahman.

Agora, como toda palavra-símbolo, destinada a expressar o inexprimível Sphota, irá particularizá-lo de tal forma que não será mais o Sphota, aquele símbolo que menos o particulariza e ao mesmo tempo expressa mais aproximadamente sua natureza, será o mais verdadeiro símbolo do mesmo; e este é o Om, e apenas o Om; porque essas três letras अ उ म (A.U.M.), pronunciadas em combinação como Om, podem muito bem ser o símbolo generalizado de todos os sons possíveis. A letra A é o menos diferenciado de todos os sons, por isso Krishna diz no Gita अक्षराणां अकारोऽस्मि — “Eu sou A entre as letras”. Novamente, todos os sons articulados são produzidos no espaço dentro da boca, começando com a raiz da língua e terminando nos lábios – o som da garganta é A, e M é o último som labial, e o U representa exatamente o movimento para frente do impulso que começa na raiz da língua até terminar nos lábios. Se pronunciado corretamente, este Om

representará todo o fenômeno da produção sonora, e nenhuma outra palavra pode fazer isso; e este, portanto, é o símbolo mais adequado do Sphota, que é o verdadeiro significado do Om. E como o símbolo nunca pode ser separado da coisa significada, o Om e o Sphota são um. E como o Sphota, sendo o lado mais sutil do universo manifestado, está mais próximo de Deus e é de fato a primeira manifestação da sabedoria divina, este Om é verdadeiramente um símbolo de Deus. Novamente, assim como o "Único" Brahman, o Akhanda-Sachchidânanda, a indivisa Existência-Conhecimento-Bem-aventurança, pode ser concebido por almas humanas imperfeitas apenas a partir de pontos de vista particulares e associados a qualidades particulares, assim este universo, Seu corpo, também tem ser pensado ao longo da linha da mente do pensador.

Esta direção da mente do adorador é guiada pelos seus elementos predominantes ou Tattvas. O resultado é que o mesmo Deus será visto em diversas manifestações como o possuidor de diversas qualidades predominantes, e o mesmo universo aparecerá cheio de múltiplas formas. Assim como no caso do símbolo menos diferenciado e mais universal, Om, o pensamento e o símbolo sonoro são vistos como inseparavelmente associados um ao outro, assim também esta lei de sua associação inseparável se aplica às muitas visões diferenciadas de Deus e do universo. : cada um deles, portanto, deve ter uma palavra-símbolo particular para expressá-lo. Estas palavras-símbolos, desenvolvidas a partir da mais profunda percepção espiritual dos sábios, simbolizam e expressam, tanto quanto possível, a visão particular de Deus e do universo que representam. E como o Om representa o Akhanda, o Brahman indiferenciado, os demais representam o Khanda ou as visões diferenciadas do mesmo Ser; e todos eles são úteis para a meditação divina e para a aquisição do verdadeiro conhecimento.

3.2.8 CAPÍTULO 8: ADORAÇÃO DE SUBSTITUTOS E IMAGENS

Os próximos pontos a serem considerados são a adoração de Pratikas ou de coisas mais ou menos satisfatórias como substitutos de Deus, e a adoração de Pratimãs ou imagens. O que é a adoração a Deus através de uma Pratika? Isso é

— Unir a mente com devoção àquilo que não é Brahman, tomando-o como Brahman” — diz Bhagavân Râmânuja. “Adore a mente como Brahman, isso é interno; e o Âkâsha como Brahman, isso se refere aos Devas”, diz Shankara. A mente é um Pratika interno, o Akasha é externo, e ambos devem ser adorados como substitutos de Deus. Ele continua: "Da mesma forma - 'o Sol é Brahman, este é o comando', 'Aquele que adora o Nome como Brahman' - em todas essas passagens surge a dúvida quanto à adoração de Pratikas." A palavra Pratika significa ir em direção; e adorar um Pratika é adorar algo como um substituto que é, em um ou mais aspectos, cada vez mais como Brahman, mas não é Brahman. Junto com os Pratikas mencionados nos Shrutis, existem vários outros que podem ser encontrados nos Purânas e nos Tantras. -a adoração pode ser incluída em todas as várias formas de adoração a Pitri e adoração a Deva.

Agora, adorar Ishvara e somente a Ele é Bhakti; a adoração de qualquer outra coisa – Deva, ou Pitri, ou qualquer outro ser – não pode ser Bhakti. Os vários tipos de adoração dos vários Devas devem ser incluídos no Karma ritualístico, que dá ao adorador apenas um resultado particular na forma de algum prazer celestial, mas não pode dar origem a Bhakti nem levar a Mukti. Uma coisa, portanto, deve ser cuidadosamente lembrada. Se, como pode acontecer em alguns casos, o ideal altamente filosófico, o Brahman supremo, é arrastado pela adoração de Pratika ao nível do Pratika, e o próprio Pratika é considerado o Atman do adorador ou seu Antaryâmin (Governante Interior), o adorador fica totalmente enganado, pois nenhum Pratika pode realmente ser o Atman do adorador.

Mas onde o próprio Brahman é o objeto de adoração, e o Pratika permanece apenas como um substituto ou uma sugestão dele, isto é, onde, através do Pratika, o onipresente Brahman é adorado - o próprio Pratika sendo idealizado na causa de tudo, Brahman — a adoração é positivamente benéfica; não, é absolutamente necessário para toda a humanidade até que todos tenham ultrapassado o estado primário ou preparatório da mente em relação à adoração. Quando, portanto, quaisquer deuses ou outros seres são adorados em si e por si mesmos, tal adoração é apenas um Karma ritualístico; e como Vidyâ (ciência) ela nos dá apenas o fruto pertencente a

esse Vidya específico; mas quando os Devas ou quaisquer outros seres são considerados Brahman e adorados, o resultado obtido é o mesmo da adoração de Ishvara. Isto explica como, em muitos casos, tanto nos Shrutis como nos Smritis, um deus, ou um sábio, ou algum outro ser extraordinário é elevado e elevado, por assim dizer, para fora de sua própria natureza e idealizado em Brahman, e é então adorado. Diz o Advaitin: “Tudo não é Brahman quando o nome e a forma foram removidos dele?” “Não é Ele, o Senhor, o Eu mais íntimo de cada um?” diz o Vishishtadvaitin.

फलम् आदित्याद्युपासनेषु ब्रह्मैव दास्यति सर्वाध्यक्षत्वात्

- "A fruição até mesmo da adoração de Adityas etc. O próprio Brahman concede, porque Ele é o Governante de todos." Diz Shankara em seu Brahma-Sutra-Bhâsya –

ईदृशं चात्र ब्रह्मण उपास्यत्वं यतः प्रतिकेषु तत्तद्दृष्ट्याध्यरोपणं प्रतिमादिषु इव विष्ण्वादीनाम् ।

"Aqui, desta forma, Brahman se torna o objeto de adoração, porque Ele, como Brahman, está sobreposto aos Pratikas, assim como Vishnu etc. são sobrepostos às imagens etc."

As mesmas idéias se aplicam à adoração dos Pratimas e à dos Pratikas; isto é, se a imagem representa um deus ou um santo, a adoração não é o resultado de Bhakti e não leva à libertação; mas se representa o único Deus, sua adoração trará tanto Bhakti quanto Mukti. Das principais religiões do mundo, vemos o Vedantismo, o Budismo e certas formas de Cristianismo usando imagens livremente; apenas duas religiões, o maometismo e o protestantismo, recusam tal ajuda. No entanto, os maometanos usam os túmulos dos seus santos e mártires quase no lugar das imagens; e os protestantes, ao rejeitarem todas as ajudas concretas à religião, estão se afastando cada vez mais da espiritualidade, até que atualmente quase não há diferença entre os protestantes avançados e os seguidores de Augusto Comte, ou agnósticos que pregam apenas a ética. Novamente, no Cristianismo e no Maometismo tudo o que existe de adoração de imagens cai naquela categoria em que a Pratika ou a Pratima é adorada em si, mas não como uma "ajuda para a visão" (Drishtisaukaryam) de Deus; portanto, na melhor das hipóteses, é apenas da natureza de Karmas ritualísticos e não pode produzir Bhakti ou Mukti. Nesta forma de adoração de imagens, a

lealdade da alma é dada a outras coisas além de Ishvara e, portanto, tal uso de imagens, ou sepulturas, ou templos, ou tumbas, é verdadeira idolatria; em si não é pecaminoso nem perverso – é um rito – um Karma, e os adoradores devem e irão obter o fruto disso.

3.2.9 CAPÍTULO 9: O IDEAL ESCOLHIDO

A próxima coisa a ser considerada é o que conhecemos como Ishta-Nishthâ. Aquele que aspira ser um Bhakta deve saber que “tantas opiniões são tantas maneiras”. Ele deve saber que todas as diversas seitas das diversas religiões são as diversas manifestações da glória do mesmo Senhor. "Eles Te chamam por tantos nomes; eles te dividem, por assim dizer, por nomes diferentes, mas em cada um deles se encontra Tua onipotência... Você alcança o adorador através de todos eles, nem há qualquer momento especial, enquanto a alma tiver um amor intenso por Ti. Você é tão fácil de se aproximar; é minha infelicidade não poder amar Você. Não só isso, o Bhakta deve tomar cuidado para não odiar, nem mesmo criticar aqueles radiantes filhos da luz que são os fundadores de várias seitas; ele não deve nem ouvir falar mal deles. Na verdade, muito poucos são aqueles que possuem ao mesmo tempo uma extensa simpatia e poder de apreciação, bem como uma intensidade de amor. Descobrimos, via de regra, que as seitas liberais e simpáticas perdem a intensidade do sentimento religioso e, nas suas mãos, a religião tende a degenerar numa espécie de vida de clube político-social. Por outro lado, sectários intensamente estreitos, embora demonstrem um amor muito louvável pelos seus próprios ideais, parecem ter adquirido cada partícula desse amor ao odiar todos aqueles que não têm exactamente as mesmas opiniões que eles. Quisera Deus que este mundo estivesse cheio de homens que fossem tão intensos em seu amor quanto em todo o mundo em suas simpatias! Mas esses são apenas poucos e raros. No entanto, sabemos que é praticável educar um grande número de seres humanos no ideal de uma combinação maravilhosa entre a amplitude e a intensidade do amor; e a maneira de fazer isso é por meio do caminho do Isha-Nishtha ou “devoção inabalável ao ideal escolhido”. Cada seita de cada religião apresenta apenas um ideal próprio para a humanidade, mas a eterna religião Vedanta abre à humanidade um número infinito de portas para entrada no santuário interno da divindade, e coloca diante da

humanidade uma gama quase inesgotável de ideais, existindo em cada um deles uma manifestação do Eterno. Com a mais gentil solicitude, o Vedanta aponta aos aspirantes a homens e mulheres os numerosos caminhos, escavados na rocha sólida das realidades da vida humana, pelos gloriosos filhos, ou manifestações humanas, de Deus, no passado e no presente. , e permanece com os braços estendidos para dar as boas-vindas a todos - para dar as boas-vindas até mesmo àqueles que ainda estão por vir - a esse Lar da Verdade e a esse Oceano de Bem-aventurança, onde a alma humana, libertada da rede de Mâyâ, pode transportar-se com perfeita liberdade e com alegria eterna.

Bhakti-Yoga, portanto, impõe-nos o mandamento imperativo de não odiarmos ou negarmos qualquer um dos vários caminhos que levam à salvação. No entanto, a planta em crescimento deve ser cercada para protegê-la até que se transforme em uma árvore. A tenra planta da espiritualidade morrerá se for exposta muito cedo à acção de uma constante mudança de ideias e ideais. Muitas pessoas, em nome do que pode ser chamado de liberalismo religioso, podem ser vistas alimentando a sua curiosidade ociosa com uma sucessão contínua de diferentes ideais. Com eles, ouvir coisas novas se transforma em uma espécie de doença, uma espécie de mania religiosa pela bebida. Eles querem ouvir coisas novas apenas para obter uma excitação nervosa temporária, e quando uma dessas influências excitantes tem efeito sobre eles, eles estão prontos para outra. A religião é para essas pessoas uma espécie de consumo intelectual de ópio, e aí termina. “Existe outro tipo de homem”, diz Bhagavan Ramakrishna, “que é como a ostra perolada da história. A ostra perolada deixa seu leito no fundo do mar e sobe à superfície para pegar a chuva. água quando a estrela Svâti está em ascensão. Ela flutua na superfície do mar com sua concha bem aberta, até conseguir pegar uma gota de água da chuva, e então mergulha profundamente no fundo do mar. , e ali permanece até conseguir formar uma linda pérola daquela gota de chuva.”

Esta é de fato a maneira mais poética e contundente pela qual a teoria de Ishta-Nishtha já foi apresentada. Este Eka-Nishtha ou devoção a um ideal é absolutamente necessário para o iniciante na prática da devoção religiosa. Ele deve dizer com Hanuman no Râmâyana: "Embora eu saiba que o Senhor de Shri e o Senhor de Jânaki são ambas manifestações do mesmo

Ser Supremo, ainda assim meu tudo em tudo é Râma com olhos de lótus." Ou, como foi dito pelo sábio Tulasidâsa, ele deve dizer: "Aceite a doçura de todos, sente-se com todos, anote o nome de todos, diga sim, sim, mas mantenha seu assento firme". Então, se o aspirante devocional for sincero, desta pequena semente surgirá uma árvore gigantesca como a figueira-da-índia, espalhando ramo após ramo e raiz após raiz para todos os lados, até cobrir todo o campo da religião. Assim o verdadeiro devoto compreenderá que Aquele que foi seu próprio ideal na vida é adorado em todos os ideais, por todas as seitas, sob todos os nomes e através de todas as formas.

3.2.10 CAPÍTULO 10: O MÉTODO E OS MEIOS

No que diz respeito ao método e aos meios do Bhakti-Yoga, lemos no comentário de Bhagavan Ramanuja sobre os Vedanta-Sutras: "A obtenção disso vem através da discriminação, do controle das paixões, da prática, do trabalho sacrificial, da pureza, da força e da supressão. de alegria excessiva." Viveka ou discriminação é, segundo Ramanuja, discriminar, entre outras coisas, o alimento puro do impuro. Segundo ele, os alimentos tornam-se impuros por três causas: (1) pela natureza do próprio alimento, como no caso do alho etc.; (2) devido ao fato de vir de pessoas iníquas e amaldiçoadas; e (3) de impurezas físicas, como sujeira ou cabelo, etc. Os Shrutis dizem: Quando a comida é pura, o elemento Sattva é purificado e a memória torna-se inabalável ", e Ramanuja cita isso do Chhândogya Upanishad.

A questão da alimentação sempre foi uma das mais vitais para os Bhaktas. Além da extravagância em que algumas das seitas Bhakti têm incorrido, há uma grande verdade subjacente a esta questão da alimentação. Devemos lembrar que, de acordo com a filosofia Sankhya, o Sattva, Rajas e Tamas, que no estado de equilíbrio homogêneo formam o Prakriti, e na condição heterogênea perturbada formam o universo – são tanto a substância quanto a qualidade de Prakriti. Como tais, são os materiais a partir dos quais todas as formas humanas foram fabricadas, e a predominância do material Sattva é o que é absolutamente necessário para o desenvolvimento espiritual. Os materiais que recebemos através da alimentação em nossa estrutura corporal são de grande ajuda para determinar nossa constituição mental; portanto, os

alimentos que comemos devem ser particularmente cuidadosos. Contudo, neste assunto, como em outros, o fanatismo em que invariavelmente caem os discípulos não deve ser atribuído aos mestres.

E esta discriminação alimentar é, afinal, de importância secundária. A mesma passagem citada acima é explicada por Shankara em seu Bhâshya sobre os Upanishads de uma maneira diferente, dando um significado totalmente diferente à palavra Âhâra, geralmente traduzida como alimento. Segundo ele, "Aquilo que é recolhido é Ahara. O conhecimento das sensações, como o som, etc., é recolhido para o desfrute do desfrutador (eu); a purificação do conhecimento que se reúne na percepção do sentidos é a purificação do alimento (Ahara). A palavra 'purificação do alimento' significa a aquisição do conhecimento de sensações intocadas pelos defeitos de apego, aversão e ilusão; sendo purificado, o material Sattva de quem o possui - o órgão interno - será purificado, e o Sattva sendo purificado, resultará uma memória ininterrupta do Infinito, que foi conhecido em Sua natureza real pelas escrituras."

Estas duas explicações são aparentemente conflitantes, mas ambas são verdadeiras e necessárias. A manipulação e o controle do que pode ser chamado de corpo mais sutil, ou seja, o humor, são sem dúvida funções mais elevadas do que o controle do corpo de carne mais grosseiro. Mas o controle do mais grosseiro é absolutamente necessário para permitir chegar ao controle do mais sutil. O iniciante, portanto, deve prestar especial atenção a todas as regras dietéticas que surgiram da linhagem de seus professores credenciados; mas o fanatismo extravagante e sem sentido, que levou a religião inteiramente para a cozinha, como pode ser notado no caso de muitas de nossas seitas, sem qualquer esperança de que a nobre verdade dessa religião venha algum dia à luz do sol da espiritualidade, é um tipo peculiar de materialismo puro e simples. Não é Jnâna, nem Bhakti, nem Karma; é um tipo especial de loucura, e aqueles que prendem suas almas a isso têm maior probabilidade de ir para manicômios do que para Brahmaloaka. Portanto, é lógico que a discriminação na escolha dos alimentos é necessária para a obtenção deste estado superior de composição mental que não pode ser facilmente obtido de outra forma.

Controlar as paixões é a próxima coisa a ser feita. Impedir os Indriyas (órgãos) de irem em direção aos objetos dos sentidos, controlá-los e colocá-los sob a orientação da vontade, é a virtude central na cultura religiosa. Depois vem a prática do autocontrole e da abnegação. Todas as imensas possibilidades de realização divina na alma não podem ser atualizadas sem esforço e sem tal prática por parte do aspirante a devoto. "A mente deve sempre pensar no Senhor." No início é muito difícil obrigar a mente a pensar sempre no Senhor, mas com cada novo esforço o poder para fazê-lo fica mais forte em nós. "Pela prática, ó filho de Kunti, e pelo desapego isso é alcançado", diz Shri Krishna no Gita. E então, quanto ao trabalho sacrificial, entende-se que os cinco grandes sacrifícios (Aos deuses, sábios, manes, convidados e todas as criaturas.) (Panchamahâyajna) devem ser realizados como de costume.

A pureza é absolutamente o trabalho básico, a rocha sobre a qual repousa todo o edifício Bhakti. Limpar o corpo externo e discriminar os alimentos são fáceis, mas sem limpeza e pureza internas, essas observâncias externas não têm valor algum. Na lista de qualidades que conduzem à pureza, conforme dada por Ramanuja, estão enumeradas: Satya, veracidade; Ârjava, sinceridade; Dayâ, fazer o bem aos outros sem nenhum ganho para si mesmo; Ahimsâ, não ferir os outros por pensamento, palavra ou ação; Anabhidhyâ, não cobiçar os bens dos outros, não ter pensamentos vãos, e não ficar remoendo as injúrias recebidas de outrem. Nesta lista, a única ideia que merece atenção especial é Ahimsa, não ferir os outros. Este dever de não ferir é, por assim dizer, obrigatório para nós em relação a todos os seres. Tal como acontece com alguns, não significa simplesmente não ferir os seres humanos e a impiedade para com os animais inferiores; nem, como acontece com alguns outros, significa proteger cães e gatos e alimentar formigas com açúcar - com liberdade para ferir o irmão homem de todas as maneiras horríveis! É notável que quase todas as boas ideias neste mundo possam ser levadas a extremos repugnantes. Uma boa prática levada ao extremo e trabalhada de acordo com a letra da lei torna-se um mal positivo. Os monges fedorentos de certas seitas religiosas, que não tomam banho com medo de que os vermes em seus corpos sejam mortos, nunca pensam no desconforto e na doença que trazem aos seus semelhantes. Contudo, eles não pertencem à religião dos Vedas!

O teste de Ahimsa é a ausência de ciúme. Qualquer homem pode fazer uma boa ação ou dar um bom presente no calor do momento ou sob a pressão de alguma superstição ou artimanha sacerdotal; mas o verdadeiro amante da humanidade é aquele que não tem ciúme de ninguém. Todos os chamados grandes homens do mundo podem ficar com ciúmes uns dos outros por um pequeno nome, por um pouco de fama e por alguns pedaços de ouro. Enquanto este ciúme existir no coração, estará longe da perfeição de Ahimsa. A vaca não come carne, nem a ovelha. Eles são grandes Yogis, grandes não-prejudiciais (Ahimsakas)? Qualquer tolo pode abster-se de comer isto ou aquilo; certamente isso não lhe dá mais distinção do que aos animais herbívoros. O homem que engana impiedosamente as viúvas e os órfãos e pratica as ações mais vis por dinheiro é pior do que qualquer bruto, mesmo que viva inteiramente da grama. O homem cujo coração nunca acalenta nem mesmo a ideia de prejudicar alguém, que se alegra com a prosperidade até mesmo de seu maior inimigo, esse homem é o Bhakta, ele é o Yogi, ele é o Guru de todos, embora viva todos os dias de sua vida na carne de porco. Portanto, devemos sempre lembrar que as práticas externas só têm valor quando ajudam a desenvolver a pureza interna. É melhor ter pureza interna apenas quando a atenção minuciosa às observâncias externas não for praticável. Mas aí do homem e aí da nação que se esquece dos fundamentos reais, internos e espirituais da religião e se agarra mecanicamente com um domínio mortal a todas as formas externas e nunca as abandona. As formas só têm valor na medida em que são expressões da vida interior. Se eles deixaram de expressar vida, esmague-os sem piedade.

O próximo meio para alcançar Bhakti-Yoga é a força (Anavasada). “Este Atman não deve ser alcançado pelos fracos”, diz o Shruti. Tanto a fraqueza física quanto a fraqueza mental são mencionadas aqui. “Os fortes, os resistentes” são os únicos alunos aptos. O que coisas insignificantes, pequenas e decrépitas podem fazer? Eles se quebrarão sempre que as forças misteriosas do corpo e da mente forem despertadas, mesmo que ligeiramente, pela prática de qualquer um dos Yogas. São “os jovens, os saudáveis, os fortes” que podem alcançar o sucesso. A força física, portanto, é absolutamente necessária. Somente o corpo forte pode suportar o choque da reação resultante da tentativa de controlar os órgãos. Aquele que quer se tornar um Bhakta deve ser forte, deve ser saudável. Quando os miseravelmente fracos tentam qualquer um dos Yogas, é provável que

contraíam alguma doença incurável ou enfraqueçam suas mentes. Enfraquecer voluntariamente o corpo não é realmente uma receita para a iluminação espiritual.

Os mentalmente fracos também não conseguem alcançar o Atman. A pessoa que aspira ser um Bhakta deve ser alegre. No mundo ocidental, a ideia de um homem religioso é que ele nunca sorri, que uma nuvem escura deve sempre pairar sobre seu rosto, a qual, novamente, deve estar longamente desenhada com as mandíbulas quase desabadas. Pessoas com corpos emaciados e rostos compridos são assuntos adequados para o médico, não são Yogis. É a mente alegre que é perseverante. É a mente forte que abre caminho através de mil dificuldades. E esta, a tarefa mais difícil de todas, abrir caminho para sair da rede de Maya, é o trabalho reservado apenas para vontades gigantescas.

Contudo, ao mesmo tempo, a alegria excessiva deve ser evitada (Anuddharsha). A alegria excessiva nos torna inadequados para pensamentos sérios. Também desperdiça as energias da mente em vão. Quanto mais forte a vontade, menor será a submissão ao domínio das emoções. A hilaridade excessiva é tão censurável quanto o excesso de triste seriedade, e toda realização religiosa só é possível quando a mente está numa condição estável e pacífica de equilíbrio harmonioso.

É assim que se pode começar a aprender como amar o Senhor.

3.3 PARA-BHAKTI OU DEVOÇÃO SUPREMA

3.3.1 CAPÍTULO 1: A RENÚNCIA PREPARATÓRIA

Terminamos agora a consideração do que pode ser chamado de Bhakti preparatória, e estamos iniciando o estudo do Parâ-Bhakti ou devoção suprema. Temos que falar de uma preparação para a prática deste Para-Bhakti. Todas essas preparações destinam-se apenas à purificação da alma. A repetição de nomes, os rituais, as formas e os símbolos, todas essas coisas

diversas são para a purificação da alma. O maior purificador entre todas essas coisas, um purificador sem o qual ninguém pode entrar nas regiões desta devoção superior (Para-Bhakti), é a renúncia. Isto assusta muitos; contudo, sem ela, não pode haver nenhum crescimento espiritual. Em todos os nossos Yogas esta renúncia é necessária. Este é o trampolim e o verdadeiro centro e o verdadeiro coração de toda cultura espiritual – a renúncia. Isto é religião – renúncia.

Quando a alma humana se afasta das coisas do mundo e tenta aprofundar-se nas coisas mais profundas; quando o homem, o espírito que aqui de alguma forma se concretizou e materializou, compreende que será destruído e reduzido quase a mera matéria, e desvia o rosto da matéria - então começa a renúncia, então começa o verdadeiro crescimento espiritual. A renúncia do Karma-Yogue consiste em abrir mão de todos os frutos de sua ação; ele não está apegado aos resultados do seu trabalho; ele não se importa com nenhuma recompensa aqui ou no futuro. O Raja-Yogue sabe que toda a natureza é destinada à alma para adquirir experiência, e que o resultado de todas as experiências da alma é que ela se torne consciente de sua eterna separação da natureza. A alma humana tem que compreender e perceber que ela tem sido espírito, e não matéria, durante toda a eternidade, e que esta conjunção com a matéria é e pode ser apenas por um tempo. O Raja-Yogue aprende a lição da renúncia através de sua própria experiência com a natureza. O Jnâna-Yogi tem que passar pela mais dura de todas as renúncias, pois tem que perceber desde o início que toda esta natureza de aparência sólida é toda uma ilusão. Ele tem que compreender que tudo o que é qualquer tipo de manifestação de poder na natureza pertence à alma, e não à natureza. Ele tem que saber desde o início que todo conhecimento e toda experiência estão na alma e não na natureza; então ele tem que se libertar imediatamente e pela pura força da convicção racional de toda escravidão à natureza. Ele deixa a natureza e tudo o que pertence a ela ir, ele os deixa desaparecer e tenta ficar sozinho!

De todas as renúncias, a mais natural, por assim dizer, é a do Bhakti-Yogue. Aqui não há violência, nada de que abandonar, nada de que arrancar, por assim dizer, de nós mesmos, nada de que tenhamos de nos separar violentamente. A renúncia do Bhakta é fácil, flui suavemente e é tão natural quanto as coisas ao nosso redor. Vemos a manifestação deste tipo de

renúncia, embora mais ou menos na forma de caricaturas, todos os dias ao nosso redor. Um homem começa a amar uma mulher; depois de um tempo ele ama outra, e a primeira mulher ele deixa ir. Ela sai de sua mente suavemente, suavemente, sem que ele sinta nenhum desejo por ela. Uma mulher ama um homem; ela então começa a amar outro homem, e o primeiro desaparece de sua mente naturalmente. Um homem ama a sua própria cidade, depois começa a amar o seu país, e o amor intenso pela sua pequena cidade desaparece suavemente, naturalmente. Novamente, um homem aprende a amar o mundo inteiro; o seu amor pelo seu país, o seu patriotismo intenso e fanático desaparece sem o ferir, sem qualquer manifestação de violência. Um homem inculto ama intensamente os prazeres dos sentidos; à medida que se torna culto, ele começa a amar os prazeres intelectuais, e seus prazeres sensoriais tornam-se cada vez menores. Nenhum homem pode desfrutar de uma refeição com o mesmo gosto ou prazer que um cão ou um lobo, mas os prazeres que um homem obtém de experiências e realizações intelectuais, o cão nunca poderá desfrutar. A princípio, o prazer está associado aos sentidos mais inferiores; mas assim que um animal atinge um plano superior de existência, o tipo inferior de prazer torna-se menos intenso. Na sociedade humana, quanto mais próximo o homem está do animal, mais forte é o seu prazer nos sentidos; e quanto mais elevado e mais culto for o homem, maior será seu prazer nas atividades intelectuais e em outras atividades mais refinadas. Assim, quando um homem chega ainda mais alto que o plano do intelecto, mais alto que o do mero pensamento, quando chega ao plano da espiritualidade e da inspiração divina, ele encontra ali um estado de bem-aventurança, comparado com o qual todos os prazeres dos sentidos, ou mesmo do intelecto, são como nada. Quando a lua brilha intensamente, todas as estrelas escurecem; e quando o sol brilha, a própria lua escurece. A renúncia necessária para alcançar Bhakti não é obtida matando nada, mas apenas surge tão naturalmente quanto na presença de uma luz cada vez mais forte, as menos intensas tornam-se cada vez mais fracas até desaparecerem completamente. Assim, este amor pelos prazeres dos sentidos e do intelecto é todo obscurecido, posto de lado e lançado na sombra pelo amor do próprio Deus.

Esse amor por Deus cresce e assume uma forma chamada Para-Bhakti ou devoção suprema. As formas desaparecem, os rituais desaparecem, os livros

são substituídos; imagens, templos, igrejas, religiões e seitas, países e nacionalidades – todas essas pequenas limitações e escravidões caem, por sua própria natureza, daquele que conhece este amor de Deus. Nada resta para amarrá-lo ou restringir sua liberdade. Um navio, de repente, chega perto de uma rocha magnética, e seus ferrolhos e barras de ferro são todos atraídos e puxados para fora, e as tábuas se soltam e flutuam livremente na água. A graça divina afrouxa assim os ferrolhos e barras da alma, e ela se torna livre. Portanto, nesta renúncia auxiliar à devoção, não há dureza, nem aridez, nem luta, nem repressão, nem supressão. O Bhakta não deve suprimir nenhuma de suas emoções, ele apenas se esforça para intensificá-las e direcioná-las a Deus.

3.3.2 CAPÍTULO 2: A RENÚNCIA DO BHAKTA RESULTA DO AMOR

Vemos amor em todos os lugares da natureza. Tudo o que há de bom, grande e sublime na sociedade é fruto desse amor; tudo o que na sociedade é muito mau, ou melhor, diabólico, é também a elaboração mal dirigida da mesma emoção do amor. É esta mesma emoção que nos dá o amor conjugal puro e santo entre marido e mulher, bem como o tipo de amor que satisfaz as formas mais baixas de paixão animal. A emoção é a mesma, mas sua manifestação é diferente em casos diferentes. É o mesmo sentimento de amor, bem ou mal direcionado, que impele um homem a fazer o bem e a dar tudo o que tem aos pobres, enquanto faz outro homem cortar a garganta de seus irmãos e tirar todos os seus bens. O primeiro ama os outros tanto quanto o segundo ama a si mesmo. A direção do amor é ruim no último caso, mas é correta e adequada no outro caso. O mesmo fogo que cozinha uma refeição para nós pode queimar uma criança, e não é culpa do fogo se isso acontecer; a diferença está na forma como é utilizado. Portanto, o amor, o intenso desejo de associação, o forte desejo por parte de dois de se tornarem um - e pode ser, afinal de contas, de se fundirem em um - está sendo manifestado em todos os lugares em formas superiores ou inferiores, conforme o caso. ser.

Bhakti-Yoga é a ciência do amor superior. Mostra-nos como direcioná-lo; mostra-nos como controlá-lo, como administrá-lo, como usá-lo, como dar-

lhe um novo objetivo, por assim dizer, e dele obter os resultados mais elevados e gloriosos, isto é, como fazer com que ele nos conduza. para a bem-aventurança espiritual. Bhakti-Yoga não diz: “Desista”; apenas diz: “Ame; ame o Altíssimo!” – e tudo o que é baixo naturalmente cai dele, cujo objeto de amor é o Altíssimo.

"Não posso dizer nada sobre Ti, exceto que Tu és meu amor. Tu és lindo, Oh, Tu és lindo! Tu és a própria beleza." Afinal, o que realmente é exigido de nós neste Yoga é que nossa sede pelo belo seja direcionada a Deus. Qual é a beleza do rosto humano, do céu, das estrelas e da lua? É apenas a apreensão parcial da verdadeira Beleza Divina, que tudo abrange. "Ele brilha, tudo brilha. É através da Sua luz que todas as coisas brilham." Assuma esta elevada posição de Bhakti que faz com que você esqueça de uma vez todas as suas pequenas personalidades. Afastese de todos os pequenos apegos egoístas do mundo. Não olhe para a humanidade como o centro de todos os seus interesses humanos e superiores. Seja uma testemunha, um estudante, e observe os fenômenos da natureza. Tenha o sentimento de desapego pessoal em relação ao homem e veja como esse poderoso sentimento de amor está se manifestando no mundo. Às vezes, produz-se um pouco de atrito, mas isso ocorre apenas no decorrer da luta para alcançar o amor real mais elevado. Às vezes há uma pequena briga ou uma pequena queda; mas é tudo apenas a propósito. Fique de lado e deixe que esses atritos venham livremente. Você sente os atritos apenas quando está na corrente do mundo, mas quando está fora dele, simplesmente como testemunha e como estudante, será capaz de ver que existem milhões e milhões de canais nos quais Deus está se manifestando. Ele mesmo como Amor.

"Onde quer que haja alguma bem-aventurança, mesmo nas coisas mais sensuais, há uma centelha daquela bem-aventurança eterna que é o próprio Senhor." Mesmo nos tipos mais baixos de atração existe o germe do amor divino. Um dos nomes do Senhor em sânscrito é Hari, e isso significa que Ele atrai todas as coisas para Si. De fato, a sua atração é a única digna dos corações humanos. Quem pode realmente atrair uma alma? Só ele! Você acha que a matéria morta pode realmente atrair a alma? Isso nunca aconteceu e nunca acontecerá. Quando você vê um homem perseguindo um rosto bonito, você acha que é o punhado de moléculas materiais dispostas

que realmente atrai o homem? De jeito nenhum. Por trás dessas partículas materiais deve haver e está o jogo da influência divina e do amor divino. O homem ignorante não sabe disso, mas ainda assim, consciente ou inconscientemente, ele é atraído por isso e somente por isso. Assim, mesmo as formas mais baixas de atração derivam seu poder do próprio Deus. "Ninguém, ó amado, jamais amou o marido por causa do marido; é o Âtman, o Senhor que está dentro, por quem o marido é amado." Esposas amorosas podem saber disso ou não; é verdade do mesmo jeito. "Ninguém, ó amado, jamais amou a esposa por causa da esposa, mas é o Ser na esposa que é amado." Da mesma forma, ninguém ama uma criança ou qualquer outra coisa no mundo, exceto por causa dAquele que está dentro. O Senhor é o grande ímã e todos somos como limalha de ferro; somos constantemente atraídos por Ele e todos nós lutamos para alcançá-Lo. Toda esta nossa luta neste mundo certamente não se destina a fins egoístas. Os tolos não sabem o que estão fazendo: o trabalho da sua vida é, afinal, aproximar-se do grande ímã. Todas as tremendas lutas e lutas na vida têm como objetivo nos fazer ir até Ele e sermos um com Ele.

O Bhakti-Yogue, entretanto, conhece o significado das lutas da vida; ele entende isso. Ele passou por uma longa série dessas lutas e sabe o que elas significam e deseja sinceramente livrar-se da fricção delas; ele quer evitar o conflito e ir direto ao centro de toda atração, o grande Hari. Esta é a renúncia ao Bhakta. Esta poderosa atração na direção de Deus faz com que todas as outras atrações desapareçam para ele. Este poderoso amor infinito de Deus que entra em seu coração não deixa lugar para qualquer outro amor viver ali. Como poderia ser de outra forma?" Bhakti enche seu coração com as águas divinas do oceano do amor, que é o próprio Deus; não há lugar ali para pequenos amores. Ou seja, a renúncia do Bhakta é aquele Vairâgya ou desapego para todas as coisas que não são Deus que resultam de Anurâga ou grande apego a Deus.

Esta é a preparação ideal para alcançar o Bhakti supremo. Quando esta renúncia chega, o portão se abre para a alma passar e alcançar as regiões elevadas de devoção suprema ou Para-Bhakti. É então que começamos a compreender o que é Para-Bhakti; e somente o homem que entrou no santuário interno do Para-Bhakti tem o direito de dizer que todas as formas e símbolos são inúteis para ele como auxílios à realização religiosa.

Somente ele alcançou aquele estado supremo de amor comumente chamado de irmandade do homem; o resto apenas fala. Ele não vê distinções; o poderoso oceano de amor penetrou nele, e ele não vê o homem no homem, mas vê seu Amado em todos os lugares. Através de cada rosto brilha para ele seu Hari. A luz do sol ou da lua é toda a Sua manifestação. Onde quer que haja beleza ou sublimidade, para ele tudo é Seu. Tais Bhaktas ainda estão vivos; o mundo nunca está sem eles. Tais, embora mordidos por uma serpente, apenas dizem que um mensageiro veio até eles de seu Amado. Somente esses homens têm o direito de falar de fraternidade universal. Eles não sentem ressentimento; suas mentes nunca reagem na forma de ódio ou ciúme. O externo, o sensual, desapareceu deles para sempre. Como podem ficar com raiva, quando, através do seu amor, são sempre capazes de ver a Realidade nos bastidores?

3.3.3 CAPÍTULO 3: A NATURALIDADE DE BHAKTI-YOGA E SEU SEGREDO CENTRAL

“Aqueles que com atenção constante sempre Te adoram, e aqueles que adoram o Indiferenciado, o Absoluto, destes quais são os maiores Yogis?” - Arjuna perguntou a Shri Krishna. A resposta foi: "Aqueles que concentram suas mentes em Mim Me adoram com eterna constância e são dotados da mais elevada fé, são Meus melhores adoradores, são os maiores Yogis. Aqueles que adoram o Absoluto, o Indescritível, o Indiferenciado, o Onipresente, o Impensável, o Todo-compreensível, o Imóvel e o Eterno, controlando o funcionamento de seus órgãos e tendo a convicção da uniformidade em relação a todas as coisas, eles também, estando empenhados em fazer o bem a todos os seres, chegam a Somente eu. Mas para aqueles cujas mentes foram devotadas ao Absoluto não manifestado, a dificuldade da luta ao longo do caminho é muito maior, pois é de fato com grande dificuldade que o caminho do Absoluto não manifestado é trilhado por qualquer ser encarnado. que, tendo oferecido todo o seu trabalho a Mim, com total confiança em Mim, meditam em Mim e Me adoram sem qualquer apego a nada mais - eles, Eu logo os levanto do oceano de nascimentos e mortes sempre recorrentes, como sua mente está totalmente apegado a Mim" (Gita, XII).

Jnâna-Yoga e Bhakti-Yoga são ambos mencionados aqui. Pode-se dizer que ambos foram definidos na passagem acima. Jnana-Yoga é grandioso; é alta filosofia; e quase todo ser humano pensa, curiosamente, que pode certamente fazer tudo o que a filosofia lhe exige; mas é realmente muito difícil viver verdadeiramente a vida da filosofia. Frequentemente corremos grandes perigos ao tentar guiar nossa vida pela filosofia. Pode-se dizer que este mundo está dividido entre pessoas de natureza demoníaca que pensam que o cuidado do corpo é o princípio e o fim de toda a existência, e pessoas de natureza piedosa que percebem que o corpo é simplesmente um meio enfim, um instrumento destinado à cultura da alma. O diabo pode e de fato cita as Escrituras para seus próprios propósitos; e assim o caminho do conhecimento parece oferecer justificativa para o que o homem mau faz, tanto quanto oferece incentivos para o que o homem bom faz. Este é o grande perigo do Jnana-Yoga. Mas Bhakti-Yoga é natural, doce e gentil; o Bhakta não voa tão alto como o Jnana-Yogi e, portanto, não está apto a sofrer quedas tão grandes. Até que as amarras da alma passem, é claro que ela não poderá ser livre, qualquer que seja a natureza do caminho que o homem religioso siga.

Aqui está uma passagem que mostra como, no caso de uma das Gopis abençoadas, as cadeias de mérito e demérito que prendiam a alma foram quebradas. "O intenso prazer em meditar em Deus tirou os efeitos vinculativos de suas boas ações. Então, sua intensa miséria de alma por não alcançá-Lo lavou todas as suas propensões pecaminosas; e então ela se tornou livre." -

तच्चिन्ताविपुलाह्लादश्रीणपुण्यचया तथा ।
तदप्राप्तिं महद्दुःखविलीनाशेषपातका ॥
निरुच्छसतया मुक्तिं गतान्या गोपकन्यका ॥

(Vishnu-Purâna). No Bhakti-Yoga o segredo central é, portanto, saber que as diversas paixões, sentimentos e emoções no coração humano não são erradas em si mesmas; apenas eles precisam ser cuidadosamente controlados e receber uma direção cada vez mais elevada, até atingirem a mais elevada condição de excelência. A direção mais elevada é aquela que nos leva a Deus; todas as outras direções são mais baixas. Descobrimos que prazeres e dores são sentimentos muito comuns e recorrentes em nossas vidas. Quando um homem sente dor porque não tem riqueza ou alguma

coisa mundana, ele está dando uma direção errada ao sentimento. Ainda assim, a dor tem sua utilidade. Deixe um homem sentir dor por não ter alcançado o Mais Alto, por não ter alcançado Deus, e essa dor será para sua salvação. Quando você fica feliz por ter um punhado de moedas, é uma direção errada dada à faculdade da alegria; deve receber uma direção mais elevada, deve ser feito para servir ao Ideal Mais Elevado. O prazer nesse tipo de ideal deve certamente ser a nossa maior alegria. A mesma coisa se aplica a todos os nossos outros sentimentos. O Bhakta diz que nenhum deles está errado, ele se apodera de todos eles e os aponta infalivelmente para Deus.

3.3.4 CAPÍTULO 4: AS FORMAS DO AMOR - MANIFESTAÇÃO

Aqui estão algumas das formas pelas quais o amor se manifesta. Primeiro há reverência. Por que as pessoas demonstram reverência aos templos e lugares sagrados? Porque Ele é adorado ali e Sua presença está associada a todos esses lugares. Por que as pessoas em todos os países prestam reverência aos professores de religião? É natural que o coração humano faça isso, porque todos esses professores pregam o Senhor. No fundo, a reverência é um crescimento do amor; nenhum de nós pode reverenciar aquele a quem não amamos. Depois vem Priti – prazer em Deus. Que imenso prazer os homens sentem nos objetos dos sentidos. Eles vão a qualquer lugar, correm por qualquer perigo, para conseguir aquilo que amam, aquilo que seus sentidos gostam. O que se deseja do Bhakta é esse mesmo tipo de amor intenso que, no entanto, deve ser direcionado a Deus. Depois há a mais doce das dores, Viraha, a intensa miséria devido à ausência do ser amado. Quando um homem sente intensa miséria porque não alcançou Deus, não conheceu aquilo que é a única coisa digna de ser conhecida e, em consequência, fica muito insatisfeito e quase louco - então existe Viraha; e este estado mental faz com que ele se sinta perturbado na presença de qualquer coisa que não seja a amada (Ekarativichikitsâ). No amor terreno vemos quantas vezes esse Viraha acontece. Mais uma vez, quando os homens estão real e intensamente apaixonados pelas mulheres ou as mulheres pelos homens, sentem uma espécie de aborrecimento natural na presença de todos aqueles a quem não amam. Exatamente o mesmo estado de impaciência em relação às coisas que não são amadas vem à mente

quando Para-Bhakti exerce controle sobre ela; até mesmo falar sobre outras coisas além de Deus torna-se então desagradável. “Pense Nele, pense somente Nele e desista de todas as outras palavras vãs” *अन्या वाचो विमुञ्चय ।* - Aqueles que falam somente Dele, o Bhakta descobre que é amigável com ele; enquanto aqueles que falam de qualquer outra coisa lhe parecem hostis. Um estágio ainda mais elevado de amor é alcançado quando a própria vida é mantida em prol do único Ideal de Amor, quando a própria vida é considerada bela e digna de ser vivida apenas por causa desse Amor *(नन्द्यप्राणसंस्थानं)*. Sem ele, tal vida não existiria nem por um momento. A vida é doce, porque pensa no Amado. Tadiyatâ (Seu) ocorre quando um homem se torna perfeito de acordo com Bhakti – quando ele se torna abençoado, quando ele alcança Deus, quando ele toca os pés de Deus, por assim dizer. Então toda a sua natureza é purificada e completamente mudada. Todo o seu propósito na vida então se torna cumprido. No entanto, muitos desses Bhaktas vivem apenas para adorá-Lo. Essa é a felicidade, o único prazer na vida do qual eles não desistirão. "Ó rei, tal é a qualidade abençoada de Hari que mesmo aqueles que ficaram satisfeitos com tudo, todos os nós de seus corações foram cortados, até mesmo eles amam o Senhor por causa do amor" - o Senhor "A quem todos os deuses adoram — todos os amantes da libertação e todos os conhecedores do Brahman" — *यं सर्वे देवा नमस्ति मुमुक्षुषो ब्रह्मवादिनश्चेति* (Nri .Tap . Up .). Tal é o poder do amor. Quando um homem se esquece completamente de si mesmo e não sente que nada lhe pertence, então ele adquire o estado de Tadiyata; tudo é sagrado para ele, porque pertence ao Amado. Mesmo no que diz respeito ao amor terreno, o amante pensa que tudo o que pertence ao seu amado é sagrado e muito querido para ele. Ele ama até mesmo um pedaço de pano pertencente ao queridinho do seu coração. Da mesma forma, quando uma pessoa ama o Senhor, todo o universo se torna querido para ela, porque é todo Seu.

3.3.5 CAPÍTULO 5: AMOR UNIVERSAL E COMO ELE LEVA À AUTO-ENTREGA

Como podemos amar o Vyashti, o particular, sem primeiro amar o Samashti, o universal? Deus é o Samashti, o todo universal generalizado e abstrato; e o universo que vemos é o Vyashti, a coisa particularizada. Amar o universo inteiro só é possível amando o Samashti – o universal – que é,

por assim dizer, a única unidade na qual se encontram milhões e milhões de unidades menores. Os filósofos da Índia não se limitam aos detalhes; eles lançam um olhar apressado para os detalhes e imediatamente começam a encontrar as formas generalizadas que incluirão todos os detalhes. A busca pelo universal é a única busca da filosofia e da religião indianas. O Jnâni visa a totalidade das coisas, aquele absoluto e; Ser generalizado, sabendo que ele sabe tudo. O Bhakta deseja realizar aquela Pessoa abstrata generalizada, ao amar a quem ele ama todo o universo. O Iogue deseja possuir aquela forma generalizada de poder, controlando-a e controlando todo o universo. A mente indiana, ao longo da sua história, tem sido direcionada para este tipo de busca singular pelo universal em tudo – na ciência, na psicologia, no amor, na filosofia. Portanto, a conclusão a que chega o Bhakta é que, se você continuar simplesmente amando uma pessoa após outra, poderá continuar a amá-la por um período infinito de tempo, sem ser minimamente capaz de amar o mundo como um todo. . Quando, finalmente, se chega à ideia central de que a soma total de todo o amor é Deus, que a soma total das aspirações de todas as almas do universo, sejam elas livres, ou presas, ou lutando por libertação, é Deus, só então se torna possível para qualquer um manifestar o amor universal. Deus é o Samashti, e este universo visível é Deus diferenciado e manifestado. Se amamos esta soma total, amamos tudo. Amar o mundo fazendo o bem será fácil então; só temos que obter esse poder amando a Deus primeiro; caso contrário, não é brincadeira fazer o bem ao mundo. “Tudo é Dele e Ele é meu Amante; eu O amo”, diz o Bhakta. Desta forma, tudo se torna sagrado para o Bhakta, porque todas as coisas são Dele. Todos são Seus filhos, Seu corpo, Sua manifestação. Como então podemos machucar alguém? Como então podemos não amar ninguém? Com o amor de Deus virá, como efeito seguro, o amor de cada pessoa no universo. Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais começamos a ver que todas as coisas estão Nele. Quando a alma consegue apropriar-se da bem-aventurança deste amor supremo, ela também começa a vê-Lo em tudo. Nosso coração se tornará assim uma fonte eterna de amor. E quando alcançamos estados ainda mais elevados deste amor, todas as pequenas diferenças entre as coisas do mundo se perdem inteiramente; o homem não é mais visto como homem, mas apenas como Deus; o animal não é mais visto como animal, mas como Deus; até o tigre não é mais um tigre, mas uma manifestação de Deus. Assim, neste

intenso estado de Bhakti, a adoração é oferecida a todos, a todas as vidas e a todos os seres.

एवं सर्वेषु भूतेषु भक्तिरव्यभिचारिणी ।
कर्तव्या षण्डितैर्ज्ञात्वा सर्वभूतमयं हरिम् ॥

- "Sabendo que Hari, o Senhor, está em cada ser, os sábios devem, portanto, manifestar amor inabalável por todos os seres."

Como resultado desse tipo de amor intenso e absorvente, surge o sentimento de perfeita auto-entrega, a convicção de que nada do que acontece é contra nós, Aprâtikulya. Então a alma amorosa será capaz de dizer, se a dor surgir: "Bem-vinda, dor". Se a miséria vier, dirá: "Bem-vinda miséria, você também é do Amado". Se uma serpente vier, ela dirá: "Bem-vinda, serpente". Se a morte chegar, tal Bhakta irá recebê-la com um sorriso. "Abençoado sou por todos eles virem até mim; todos são bem-vindos." O Bhakta neste estado de perfeita resignação, que surge do intenso amor a Deus e a todos os que são Seus, deixa de distinguir entre prazer e dor na medida em que o afetam. Ele não sabe o que é reclamar de dor ou miséria; e este tipo de resignação sem queixas à vontade de Deus, que é todo amor, é de fato uma aquisição mais valiosa do que toda a glória de performances grandiosas e heróicas.

Para a grande maioria da humanidade, o corpo é tudo; o corpo é todo o universo para eles; o prazer corporal é tudo em tudo. Este demônio da adoração do corpo e das coisas do corpo entrou em todos nós. Podemos nos entregar a conversa fiada e voar muito alto, mas somos como abutres mesmo assim; nossa mente é direcionada para o pedaço de carniça abaixo. Por que nosso corpo deveria ser salvo, digamos, do tigre? Por que não podemos entregá-lo ao tigre? O tigre ficará satisfeito com isso, e isso não está muito longe do auto-sacrifício e da adoração. Você pode alcançar a realização de tal ideia em que todo o sentido do eu está completamente perdido? É uma altura vertiginosa no pináculo da religião do amor, e poucos neste mundo alguma vez o escalaram; mas até que um homem alcance o ponto mais alto de auto-sacrifício sempre pronto e disposto, ele não poderá se tornar um Bhakta perfeito. Todos nós podemos conseguir manter nossos corpos de forma mais ou menos satisfatória e por intervalos de tempo mais ou menos longos. No entanto, os nossos corpos têm que ir; não há

permanência neles. Bem-aventurados aqueles cujos corpos são destruídos a serviço dos outros. "A riqueza, e até mesmo a própria vida, o sábio sempre mantém pronta para o serviço dos outros. Neste mundo, havendo uma coisa certa, a saber, a morte, é muito melhor que este corpo morra por uma boa causa do que por uma má causa. " Podemos prolongar a nossa vida por cinquenta ou cem anos; mas depois disso, o que é que acontece? Tudo o que é resultado da combinação deve dissolver-se e morrer. Deverá e chegará um momento para que ele seja decomposto. Jesus, Buda e Maomé estão todos mortos; todos os grandes Profetas e Mestres do mundo estão mortos.

“Neste mundo evanescente, onde tudo está desmoronando, temos que aproveitar ao máximo o tempo que temos”, diz o Bhakta; e realmente o maior uso da vida é mantê-la a serviço de todos os seres. É a horrível ideia do corpo que gera todo o egoísmo do mundo, apenas esta ilusão de que somos inteiramente o corpo que possuímos e que devemos, por todos os meios possíveis, tentar o nosso melhor para preservá-lo e agradá-lo. Se você sabe que é positivamente diferente do seu corpo, não terá ninguém com quem lutar ou contra quem lutar; você está morto para todas as ideias de egoísmo. Assim, o Bhakta declara que devemos nos manter como se estivéssemos totalmente mortos para todas as coisas do mundo; e isso é de fato auto-rendição. Deixe as coisas acontecerem como podem. Este é o significado de “seja feita a tua vontade” – não sair por aí lutando e lutando e pensando o tempo todo que Deus deseja todas as nossas próprias fraquezas e ambições mundanas. Pode ser que o bem resulte mesmo das nossas lutas egoístas; esta é, no entanto, a vigilância de Deus. A ideia do Bhakta aperfeiçoado deve ser nunca desejar e trabalhar para si mesmo. "Senhor, eles constroem altos templos em Teu nome; eles fazem grandes doações em Teu nome; sou pobre; não tenho nada; então tomo este meu corpo e o coloco a Teus pés. Não me desista, ó Senhor. " Tal é a oração que procede das profundezas do coração do Bhakta. Para aquele que o experimentou, este sacrifício eterno de si mesmo ao Amado Senhor é muito mais elevado do que toda riqueza e poder, do que até mesmo todos os pensamentos elevados de renome e prazer. A paz da calma resignação do Bhakta é uma paz que ultrapassa todo o entendimento e é de valor incomparável. Seu Apratikulya é um estado mental no qual não tem interesses e naturalmente não sabe nada que se oponha a ele. Neste estado de sublime resignação, tudo o que tem a forma de apego desaparece completamente, exceto aquele

amor todo-absorvente por Aquele em quem todas as coisas vivem, se movem e têm o seu ser. Este apego de amor a Deus é, de fato, algo que não prende a alma, mas efetivamente quebra todas as suas amarras.

3.3.6 CAPÍTULO 6: O CONHECIMENTO SUPERIOR E O AMOR SUPERIOR SÃO UM PARA O AMANTE VERDADEIRO

Os Upanishads distinguem entre um conhecimento superior e um conhecimento inferior; e para o Bhakta realmente não há diferença entre este conhecimento superior e seu amor superior (Parâ-Bhakti). O Mundaka Upanishad diz:

द्वे विद्ये वेदितव्ये इति ह स्म यद्ब्रह्मविदो वदन्ति । परा चैवापरा च ॥
तत्रापरा ऋग्वेदो यजुर्वेदः सामवेदोऽथर्ववेदः शिक्षा कल्पो व्याकरणं निरुक्तं
छन्दो ज्योतिषमिति । अथ परा यया तदक्षरमधिगम्यते ॥

- "Os conhecedores do Brahman declaram que existem dois tipos de conhecimento digno de ser conhecido, a saber, o Superior (Parâ) e o inferior (Aparâ). Destes, o inferior (conhecimento) consiste no Rig-Veda, o Yajur - Veda, o Sâma-Veda, o Atharva-Veda, o Shikshâ (ou a ciência que trata da pronúncia e do sotaque), o Kalpa (ou a liturgia sacrificial), a gramática, o Nirukta (ou a ciência que trata da etimologia e do significado de palavras), prosódia e astronomia; e o (conhecimento) superior é aquele pelo qual esse Imutável é conhecido."

O conhecimento superior é assim claramente demonstrado como sendo o conhecimento do Brahman; e o Devi-Bhâgavata nos dá a seguinte definição do amor superior (Para-Bhakti): "Assim como o óleo derramado de um recipiente para outro cai em uma linha ininterrupta, assim, quando a mente pensa no Senhor em um fluxo ininterrupto, nós tenha o que é chamado de Para-Bhakti ou amor supremo." Este tipo de direção imperturbável e sempre constante da mente e do coração para o Senhor, com um apego inseparável, é de fato a mais elevada manifestação do amor do homem por Deus. Todas as outras formas de Bhakti são apenas preparatórias para a obtenção desta forma mais elevada, a saber, o Para-Bhakti, que também é conhecido como o amor que vem após o apego (Râgânugâ). Quando esse amor supremo entrar no coração do homem, sua mente pensará

continuamente em Deus e não se lembrará de mais nada. Ele não dará espaço em si mesmo a pensamentos que não sejam os de Deus, e sua alma será invencivelmente pura e sozinha quebrará todos os laços da mente e da matéria e se tornará serenamente livre. Somente ele pode adorar o Senhor em seu próprio coração; para ele, formas, símbolos, livros e doutrinas são todos desnecessários e incapazes de serem úteis de alguma forma. Não é fácil amar o Senhor assim. Normalmente, o amor humano floresce apenas em lugares onde é retribuído; onde o amor não é retribuído com amor, a fria indiferença é o resultado natural. Existem, no entanto, raros casos em que podemos notar o amor manifestando-se mesmo quando não há retorno do amor. Podemos comparar esse tipo de amor, para fins ilustrativos, ao amor da mariposa pelo fogo; o inseto adora o fogo, cai nele e morre. Na verdade, é da natureza deste inseto amar assim. Amar, porque é a natureza do amor, amar é inegavelmente a manifestação mais elevada e mais altruísta de amor que pode ser vista no mundo. Tal amor, desenvolvendo-se no plano da espiritualidade, leva necessariamente à obtenção de Para-Bhakti.

3.3.7 CAPÍTULO 7: O TRIÂNGULO DO AMOR

Podemos representar o amor como um triângulo, cada um dos ângulos correspondendo a uma de suas características indissociáveis. Não pode haver triângulo sem todos os seus três ângulos; e não pode haver amor verdadeiro sem as três seguintes características. O primeiro ângulo do nosso triângulo amoroso é que o amor não conhece barganha. Onde quer que haja alguém buscando algo em troca, não pode haver amor verdadeiro; torna-se uma mera questão de manutenção de loja. Enquanto houver em nós qualquer ideia de obter este ou aquele favor de Deus em troca do nosso respeito e lealdade a Ele, não poderá haver amor verdadeiro crescendo em nossos corações. Aqueles que adoram a Deus porque desejam que Ele lhes conceda favores certamente não O adorarão se esses favores não acontecerem. O Bhakta ama o Senhor porque Ele é amável, não há outro motivo que origine ou direcione esta emoção divina do verdadeiro devoto.

Ouvimos dizer que certa vez um grande rei foi a uma floresta e lá encontrou um sábio. Ele conversou um pouco com o sábio e ficou muito satisfeito com sua pureza e sabedoria. O rei então quis que o sábio o agradasse

recebendo dele um presente. O sábio recusou-se a fazê-lo, dizendo: "Os frutos da floresta são alimento suficiente para mim; os puros riachos de água que descem das montanhas me dão bebida suficiente; as cascas das árvores me fornecem cobertura suficiente; e o cavernas das montanhas formam minha casa. Por que eu deveria aceitar algum presente seu ou de qualquer pessoa? O rei disse: "Só para me beneficiar, senhor, por favor, pegue algo de minhas mãos e venha comigo para a cidade e para o meu palácio". Depois de muita persuasão, o sábio finalmente consentiu em fazer o que o rei desejava e foi com ele para o seu palácio. Antes de oferecer o presente ao sábio, o rei repetiu suas orações, dizendo: "Senhor, dê-me mais filhos; Senhor, dê-me mais riqueza; Senhor, dê-me mais território; Senhor, mantenha meu corpo com melhor saúde", e assim sobre. Antes que o rei terminasse de fazer sua oração, o sábio levantou-se e saiu silenciosamente da sala. Com isso o rei ficou perplexo e começou a segui-lo, gritando em voz alta: "Senhor, você está indo embora, não recebeu meus presentes". O sábio virou-se para ele e disse: "Eu não mendigo aos mendigos. Você mesmo não é nada além de um mendigo, e como pode me dar alguma coisa? Não sou tolo em pensar em aceitar qualquer coisa de um mendigo como você. Vá embora , não me siga."

É bem evidenciada a distinção entre meros mendigos e os verdadeiros amantes de Deus. Implorar não é a linguagem do amor. Adorar a Deus mesmo por causa da salvação ou de qualquer outra recompensa é igualmente degenerado. O amor não conhece recompensa. O amor é sempre por amor. O Bhakta ama porque não consegue deixar de amar. Quando você vê uma bela paisagem e se apaixona por ela, você não exige nada de favor da paisagem, nem a paisagem exige nada de você. No entanto, a visão disso leva você a um estado mental de bem-aventurança; atenua todo o atrito em sua alma, acalma você, quase o eleva, por enquanto, além de sua natureza mortal e o coloca em uma condição de tranquilo êxtase divino. Esta natureza do amor verdadeiro é o primeiro ângulo do nosso triângulo. Não peça nada em troca do seu amor; deixe que sua posição seja sempre a do doador; dê seu amor a Deus, mas não peça nada em troca, nem mesmo dele.

O segundo ângulo do triângulo do amor é que o amor não conhece o medo. Aqueles que amam a Deus através do medo são os seres humanos mais inferiores, bastante subdesenvolvidos como os homens. Eles adoram a Deus

por medo do castigo. Ele é um grande Ser para eles, com um chicote numa mão e um cetro na outra; se não O obedecerem, têm medo de serem açoitados. É uma degradação adorar a Deus com medo do castigo; tal adoração é, se é que é adoração, a forma mais crua de adoração do amor. Enquanto houver medo no coração, como pode haver amor também? O amor vence naturalmente todo medo. Pense numa jovem mãe na rua e num cachorro latindo para ela; ela fica assustada e voa para a casa mais próxima. Mas suponhamos que no dia seguinte ela esteja na rua com seu filho e um leão ataque a criança. Onde estará a posição dela agora? Claro, na própria boca do leão, protegendo seu filho. O amor vence todo medo. O medo vem da ideia egoísta de se isolar do universo. Quanto menor e mais egoísta eu me torno, maior é o meu medo. Se um homem pensa que não é nada, o medo certamente o dominará. E quanto menos você se considerar uma pessoa insignificante, menos medo haverá para você. Enquanto houver a menor centelha de medo em você, não poderá haver amor ali. Amor e medo são incompatíveis; Deus nunca deve ser temido por aqueles que O amam. O mandamento: “Não pronuncie o nome do Senhor teu Deus em vão”, ri o verdadeiro amante de Deus. Como pode haver alguma blasfêmia na religião do amor? Quanto mais você tomar o nome do Senhor, melhor para você, seja qual for a maneira que você fizer isso. Você só está repetindo Seu nome porque O ama.

O terceiro ângulo do triângulo amoroso é que o amor não conhece rivais, pois nele está sempre corporificado o ideal mais elevado do amante. O verdadeiro amor nunca chega até que o objeto do nosso amor se torne para nós o nosso ideal mais elevado. Pode ser que em muitos casos o amor humano seja mal direcionado e mal colocado, mas para a pessoa que ama, aquilo que ela ama é sempre a sua própria ideia mais elevada. Alguém pode ver seu ideal no mais vil dos seres, e outro no mais elevado dos seres; no entanto, em todos os casos, é o único ideal que pode ser amado verdadeira e intensamente. O ideal mais elevado de todo homem é chamado de Deus. Ignorante ou sábio, santo ou pecador, homem ou mulher, educado ou inculto, culto ou inculto, para todo ser humano o ideal mais elevado é Deus. A síntese de todos os mais elevados ideais de beleza, de sublimidade e de poder nos dá a concepção mais completa do Deus amoroso e amável.

Esses ideais existem de uma forma ou de outra em todas as mentes naturalmente; eles formam parte integrante de todas as nossas mentes. Todas as manifestações ativas da natureza humana são lutas desses ideais para se tornarem realidade na vida prática. Todos os vários movimentos que vemos ao nosso redor na sociedade são causados pelos vários ideais em várias almas que tentam surgir e concretizar-se; o que está dentro pressiona para sair. Esta influência perenemente dominante do ideal é a única força, a única força motriz, que pode ser vista trabalhando constantemente no seio da humanidade. Pode ser que depois de centenas de nascimentos, depois de lutar durante milhares de anos, o homem descubra que é vão tentar fazer com que o ideal interior molde completamente as condições externas e se adapte bem a elas; depois de perceber isso, ele não tenta mais projetar seu próprio ideal no mundo exterior, mas adora o próprio ideal como ideal do ponto de vista mais elevado do amor. Este ideal idealmente perfeito abrange todos os ideais inferiores. Todos admitem a veracidade do ditado que diz que um amante vê a beleza de Helena na testa de um etíope. O homem que fica de lado como observador vê que o amor está aqui fora de lugar, mas o amante vê sua Helena mesmo assim e não vê o etíope. Helena ou Etíope, os objetos do nosso amor são realmente os centros em torno dos quais os nossos ideais se cristalizam. O que é que o mundo comumente adora? Certamente não é esse ideal abrangente e idealmente perfeito do devoto e amante supremo. Esse ideal que homens e mulheres comumente adoram é o que existe em si mesmos; cada pessoa projeta seu próprio ideal no mundo exterior e se ajoelha diante dele. É por isso que descobrimos que os homens que são cruéis e sedentos de sangue concebem um Deus sedento de sangue, porque só podem amar o seu próprio ideal mais elevado. É por isso que os homens bons têm um ideal de Deus muito elevado, e o seu ideal é de fato muito diferente do ideal dos outros.

3.3.8 CAPÍTULO 8: O DEUS DO AMOR É SUA PRÓPRIA PROVA

Qual é o ideal do amante que ultrapassou totalmente a ideia de egoísmo, de troca e barganha, e que não conhece o medo? Até mesmo para o grande Deus, tal homem dirá: “Eu lhe darei tudo de mim e não quero nada de você; na verdade, não há nada que eu possa chamar de meu”. Quando um homem adquire essa convicção, seu ideal se torna o de amor perfeito, o de perfeito

destemor no amor. O ideal mais elevado de tal pessoa não tem nenhuma estreiteza de particularidade; é o amor universal, o amor sem limites e vínculos, o próprio amor, o amor absoluto. Este grande ideal da religião do amor é adorado e amado absolutamente como tal, sem a ajuda de quaisquer símbolos ou sugestões. Esta é a forma mais elevada de Para-Bhakti – a adoração de um ideal tão abrangente como o ideal; todas as outras formas de Bhakti são apenas etapas no caminho para alcançá-lo.

Todos os nossos fracassos e todos os nossos sucessos em seguir a religião do amor estão no caminho para a realização desse ideal. Objeto após objeto é retomado e o ideal interior é sucessivamente projetado em todos eles; e todos esses objetos externos são considerados inadequados como expoentes do ideal interno sempre em expansão e são naturalmente rejeitados um após o outro. Por fim, o aspirante começa a pensar que é vão tentar realizar o ideal nos objetos externos, que todos os objetos externos não são nada quando comparados com o próprio ideal; e, com o passar do tempo, ele adquire o poder de realizar o ideal abstrato mais elevado e mais generalizado inteiramente como uma abstração que é para ele bastante viva e real. Quando o devoto chega a esse ponto, ele não se sente mais impelido a perguntar se Deus pode ser demonstrado ou não, se Ele é onipotente e onisciente ou não. Para ele, Ele é apenas o Deus do Amor; Ele é o ideal mais elevado de amor, e isso é suficiente para todos os seus propósitos. Ele, como amor, é evidente. Não são necessárias provas para demonstrar ao amante a existência do ser amado. Os Deuses-magistrados de outras formas de religião podem exigir muitas provas para comprová-los, mas o Bhakta não pensa e não pode pensar em tais Deuses de forma alguma. Para ele, Deus existe inteiramente como amor. “Ninguém, ó amado, ama o marido por causa do marido, mas é por causa do Ser que está no marido que o marido é amado; ninguém, ó amado, ama a esposa por causa da esposa, mas é pelo bem do Ser que está na esposa, que a esposa é amada.”

Alguns dizem que o egoísmo é a única força motriz em relação a todas as atividades humanas. Isso também é amor diminuído por ser particularizado. Quando penso que compreendo o Universal, certamente não pode haver egoísmo em mim; mas quando eu, por engano, penso que sou uma coisinha, meu amor se torna particularizado e estreito. O erro consiste em estreitar e contrair a esfera do amor. Todas as coisas do universo são de origem divina

e merecem ser amadas; deve-se, contudo, ter em mente que o amor ao todo inclui o amor às partes. Este todo é o Deus dos Bhaktas, e todos os outros Deuses, Pais no Céu, ou Governantes, ou Criadores, e todas as teorias e doutrinas e livros não têm propósito nem significado para eles, visto que eles têm através de seu amor supremo e a devoção se elevou acima dessas coisas completamente. Quando o coração é purificado, limpo e preenchido até a borda com o néctar divino do amor, todas as outras idéias de Deus tornam-se simplesmente pueris e são rejeitadas como inadequadas ou indignas. Tal é de fato o poder de Para-Bhakti ou Amor Supremo; e o Bhakta aperfeiçoado não mais vai ver Deus em templos e igrejas; ele não conhece lugar onde não o encontrará. Ele O encontra tanto no templo como fora do templo, ele O encontra na santidade do santo e também na maldade do ímpio, porque ele já O tem assentado em glória em seu próprio coração como a única e inextinguível Luz do Amor Todo-Poderoso. que está sempre brilhando e eternamente presente.

3.3.9 CAPÍTULO 9: REPRESENTAÇÕES HUMANAS DO IDEAL DIVINO DE AMOR

É impossível expressar a natureza deste ideal supremo e absoluto de amor em linguagem humana. Mesmo o vôo mais elevado da imaginação humana é incapaz de compreendê-la em toda a sua infinita perfeição e beleza. No entanto, os seguidores da religião do amor, tanto nas suas formas superiores como nas inferiores, em todos os países, sempre tiveram de usar a linguagem humana inadequada para compreender e definir o seu próprio ideal de amor. Mais ainda, o próprio amor humano, em todas as suas variadas formas, foi feito para tipificar este inexprimível amor divino. O homem só pode pensar nas coisas divinas à sua maneira humana; para nós, o Absoluto só pode ser expresso em nossa linguagem relativa. Todo o universo é para nós uma escrita do Infinito na linguagem do finito. Portanto, os Bhaktas fazem uso de todos os termos comuns associados ao amor comum da humanidade em relação a Deus e à Sua adoração através do amor.

Alguns dos grandes escritores de Para-Bhakti tentaram compreender e experimentar esse amor divino de muitas maneiras diferentes. A forma mais

inferior em que esse amor é apreendido é o que eles chamam de pacífico – o Shânta. Quando um homem adora a Deus sem o fogo do amor nele, sem a loucura em seu cérebro, quando seu amor é apenas o amor calmo e comum, um pouco mais elevado do que meras formas, cerimônias e símbolos, mas de forma alguma caracterizado pela loucura do amor. amor intensamente ativo, diz-se que é Shanta. Vemos algumas pessoas no mundo que gostam de seguir em frente lentamente e outras que vão e vêm como um redemoinho. O Shânta-Bhakta é calmo, pacífico, gentil.

O próximo tipo superior é o de Dâsya, ou seja, serviço; acontece quando um homem pensa que é servo do Senhor. O apego do servo fiel ao senhor é o seu ideal.

O próximo tipo de amor é Sakhya, amizade – “Tu és nosso querido amigo”. Assim como um homem abre o seu coração ao seu amigo e sabe que o amigo nunca o repreenderá pelas suas falhas, mas sempre tentará ajudá-lo, assim como existe a ideia de igualdade entre ele e o seu amigo, o amor igual flui e flui. entre o adorador e seu Deus amigo. Assim, Deus se torna nosso amigo, o amigo que está próximo, o amigo a quem podemos contar livremente todas as histórias de nossas vidas. Os segredos mais íntimos de nossos corações podemos expor diante Dele com a grande certeza de segurança e apoio. Ele é o amigo que o devoto aceita como igual. Deus é visto aqui como nosso companheiro de brincadeiras. Podemos muito bem dizer que estamos todos brincando neste universo. Assim como as crianças brincam, assim como os mais gloriosos reis e imperadores brincam com seus próprios jogos, o próprio Senhor Amado está brincando com este universo. Ele é perfeito; Ele não quer nada. Por que Ele deveria criar? A atividade está sempre conosco para a satisfação de um determinado desejo, e o desejo sempre pressupõe imperfeição. Deus é perfeito; Ele não tem desejos. Por que Ele deveria continuar com esta obra de criação sempre ativa? Que propósito Ele tem em vista? As histórias sobre Deus criando este mundo para um fim ou outro que imaginamos são boas como histórias, mas não de outra forma. Está tudo realmente no esporte; o universo é Sua peça acontecendo. Afinal, todo o universo deve ser uma grande diversão agradável para Ele. Se você é pobre, aproveite isso como uma diversão; se você é rico, aproveite a diversão de ser rico; se surgirem perigos, também é uma boa diversão; se a felicidade vier, haverá mais diversão. O mundo é

apenas um playground, e estamos aqui nos divertindo, brincando; e Deus está conosco brincando o tempo todo, e nós estamos com Ele brincando. Deus é nosso eterno companheiro de brincadeiras. Quão lindamente Ele está tocando! A peça termina quando o ciclo chega ao fim. Há descanso por mais ou menos tempo; novamente todos saem e brincam. Só quando você esquece que tudo é brincadeira e que você também está ajudando na brincadeira, é só então que vêm a miséria e a tristeza. Então o coração fica pesado, então o mundo pesa sobre você com um poder tremendo. Mas assim que você abandona a ideia séria da realidade como a característica dos incidentes mutáveis dos três minutos de vida e sabe que ela é apenas um palco no qual estamos atuando, ajudando-O a atuar, imediatamente a miséria cessa para você. . Ele atua em cada átomo; Ele está brincando quando está construindo terras, sóis e luas; Ele está brincando com o coração humano, com os animais, com as plantas. Somos Suas peças de xadrez; Ele coloca as peças de xadrez no tabuleiro e as sacode. Ele nos organiza primeiro de uma maneira e depois de outra, e estamos consciente ou inconscientemente ajudando em Seu jogo. E, ah, felicidade! nós somos Seus companheiros de brincadeira!

O próximo é o que é conhecido como Vâtsalya, amar a Deus não como nosso Pai, mas como nosso Filho. Isto pode parecer estranho, mas é uma disciplina que nos permite separar todas as ideias de poder do conceito de Deus. A ideia de poder traz consigo admiração. Não deveria haver admiração no amor. As ideias de reverência e obediência são necessárias para a formação do caráter; mas quando o caráter é formado, quando o amante tiver provado o amor calmo e pacífico e também um pouco de sua intensa loucura, então ele não precisará mais falar de ética e disciplina. Para conceber Deus como poderoso, majestoso e glorioso, como o Senhor do universo, ou como o Deus dos deuses, o amante diz que não se importa. É para evitar esta associação com Deus, com a sensação de poder que cria medo, que ele adora a Deus como seu próprio filho. A mãe e o pai não se emocionam com o filho; eles não podem ter qualquer reverência pela criança. Eles não conseguem pensar em pedir nenhum favor à criança. A posição da criança é sempre a do receptor, e por amor à criança os pais desistirão cem vezes de seus corpos. Eles sacrificarão mil vidas por aquele seu filho e, portanto, Deus é amado como um filho. Esta ideia de amar a Deus como uma criança surge e cresce naturalmente entre as seitas

religiosas que acreditam na encarnação de Deus. Para os maometanos é impossível ter esta ideia de Deus quando criança; eles vão recuar diante disso com uma espécie de horror. Mas o cristão e o hindu podem perceber isso facilmente, porque têm o menino Jesus e o bebê Krishna. As mulheres na Índia muitas vezes se consideram a mãe de Krishna; As mães cristãs também poderão assumir a ideia de que são mães de Cristo, e isso trará ao Ocidente o conhecimento da Maternidade Divina de Deus, de que tanto necessitam. As superstições de temor e reverência em relação a Deus estão profundamente enraizadas em nossos corações, e são necessários longos anos para afundarmos inteiramente no amor nossas idéias de reverência e veneração, de temor, majestade e glória em relação a Deus.

Existe mais uma representação humana do ideal divino do amor. É conhecido como Madhura, doce, e é a mais elevada de todas essas representações. Na verdade, é baseado na mais elevada manifestação de amor neste mundo, e este amor é também o mais forte conhecido pelo homem. O que o amor abala toda a natureza do homem, o que o amor percorre cada átomo do seu ser — enlouquece-o, faz-o esquecer a sua própria natureza, transforma-o, faz dele um Deus ou um demônio — como o amor entre o homem e a mulher. Nesta doce representação do amor divino, Deus é nosso marido. Somos todas mulheres; não há homens neste mundo; existe apenas um homem, e este é Ele, nosso Amado. Todo aquele amor que o homem dá à mulher, ou a mulher ao homem, deve ser entregue ao Senhor.

Todos os diferentes tipos de amor que vemos no mundo, e com os quais estamos mais ou menos brincando, têm Deus como único objetivo; mas, infelizmente, o homem não conhece o oceano infinito no qual flui constantemente este poderoso rio de amor, e por isso, tolamente, muitas vezes tenta direcioná-lo para bonequinhos de seres humanos. O tremendo amor pela criança que existe na natureza humana não é pela bonequinha de uma criança; se você conceder cegamente e exclusivamente à criança, você sofrerá as consequências. Mas através de tal sofrimento virá o despertar pelo qual você certamente descobrirá que o amor que está em você, se for dado a qualquer ser humano, mais cedo ou mais tarde trará dor e tristeza como resultado. Nosso amor deve, portanto, ser dado ao Altíssimo que nunca morre e nunca muda, Àquele no oceano de cujo amor não há refluxo

nem fluxo. O amor deve chegar ao seu destino certo, deve ir até Aquele que é realmente o oceano infinito do amor. Todos os rios deságuam no oceano. Mesmo a gota d'água que desce da encosta da montanha não consegue parar seu curso depois de chegar a um riacho ou rio, por maior que seja; finalmente, até mesmo aquela gota, de alguma forma, encontra o caminho para o oceano. Deus é o único objetivo de todas as nossas paixões e emoções. Se você quer ficar com raiva, fique com raiva dele. Repreenda seu Amado, repreenda seu Amigo. Quem mais você pode repreender com segurança? O homem mortal não tolerará pacientemente a sua raiva; haverá uma reação. Se você estiver com raiva de mim, certamente reagirei rapidamente, porque não consigo tolerar pacientemente sua raiva. Diga ao Amado: "Por que você não vem até mim; por que você me deixa assim sozinho?" Onde há algum prazer senão Nele? Que prazer pode haver em pequenos torrões de terra? É a essência cristalizada do gozo infinito que devemos buscar, e isso está em Deus. Deixe todas as nossas paixões e emoções subirem até Ele. Eles foram feitos para Ele, pois se errarem o alvo e descerem, tornam-se vis; e quando vão direto ao alvo, ao Senhor, até o mais inferior deles se transfigura. Todas as energias do corpo e da mente humanos, não importa como se expressem, têm o Senhor como seu único objetivo, como seu Ekayana. Todos os amores e todas as paixões do coração humano devem ir para Deus. Ele é o Amado. Quem mais este coração pode amar? Ele é o mais belo, o mais sublime, Ele é a própria beleza, a própria sublimidade. Quem neste universo é mais bonito que Ele? Quem neste universo está mais apto para se tornar marido do que Ele? Quem neste universo está mais apto para ser amado do que Ele? Então deixe Ele ser o marido, deixe Ele ser o Amado.

Muitas vezes acontece que os amantes divinos que cantam este amor divino aceitam a linguagem do amor humano em todos os seus aspectos como adequada para descrevê-lo. Os tolos não entendem isso; eles nunca o farão. Eles olham para isso apenas com o olho físico. Eles não entendem a agonia louca desse amor espiritual. Como eles podem? "Por um beijo de Seus lábios, ó Amado! Aquele que foi beijado por Ti, tem sua sede por Ti aumentando para sempre, todas as suas tristezas desaparecem, e ele se esquece de todas as coisas, exceto de Ti somente." Aspire por aquele beijo do Amado, aquele toque de Seus lábios que enlouquece o Bhakta, que faz do homem um deus. Para aquele que foi abençoado com esse beijo, toda a

natureza muda, os mundos desaparecem, os sóis e as luas desaparecem e o próprio universo se dissolve naquele oceano infinito de amor. Essa é a perfeição da loucura do amor

Sim, o verdadeiro amante espiritual não descansa nem aí; mesmo o amor de marido e mulher não é suficientemente louco para ele. Os Bhaktas também adotam a ideia do amor ilegítimo, porque é muito forte; a impropriedade disso não é de forma alguma o que eles têm em vista. A natureza desse amor é tal que quanto mais obstáculos houver ao seu livre jogo, mais apaixonado ele se torna. O amor entre marido e mulher é tranquilo, não há obstruções aí. Assim, os Bhaktas adotam a idéia de uma garota que está apaixonada por seu amado, e sua mãe, seu pai ou seu marido se opõem a tal amor; e quanto mais alguém obstrui o curso de seu amor, tanto mais seu amor tende a crescer em força. A linguagem humana não pode descrever como Krishna nos bosques de Vrindâ foi loucamente amado, como ao som de sua voz as sempre abençoadas Gopis correram para encontrá-lo, esquecendo tudo, esquecendo este mundo e seus laços, seus deveres, suas alegrias, e suas tristezas. Homem, ó homem, você fala do amor divino e ao mesmo tempo é capaz de atender a todas as vaidades deste mundo – você é sincero? "Onde está Rama, não há espaço para nenhum desejo - onde está o desejo, não há espaço para Rama; estes nunca coexistem - como a luz e as trevas, eles nunca estão juntos."

3.3.10 CAPÍTULO 10: CONCLUSÃO

Quando este ideal mais elevado de amor é alcançado, a filosofia é jogada fora; quem então cuidará disso? Liberdade, Salvação, Nirvana – tudo é jogado fora; quem se importa em se tornar livre enquanto desfruta do amor divino? "Senhor, eu não quero riqueza, nem amigos, nem beleza, nem aprendizado, nem mesmo liberdade; deixe-me nascer de novo e de novo, e seja Tu sempre meu Amor. Seja Tu sempre e sempre meu Amor." "Quem se importa em se tornar açúcar?" diz o Bhakta: "Quero provar o açúcar". Quem então desejará tornar-se livre e um com Deus? "Posso saber que sou Ele; mas me afastarei Dele e me tornarei diferente, para poder desfrutar do Amado." Isso é o que diz o Bhakta. O amor pelo amor é o seu maior prazer. Quem não ficará mil vezes amarrado de pés e mãos para desfrutar do

Amado? Nenhum Bhakta se importa com nada, exceto com o amor, exceto com amar e ser amado. Seu amor sobrenatural é como a maré subindo o rio; este amante sobe o rio contra a corrente. O mundo o chama de louco. Conheço alguém que o mundo costumava chamar de louco, e esta foi a sua resposta: "Meus amigos, o mundo inteiro é um asilo para lunáticos. Alguns são loucos por amor mundano, alguns por nome, alguns por fama, alguns por dinheiro, alguns por salvação e ir para o céu. Neste grande manicômio eu também estou louco, estou louco por Deus. Se você está louco por dinheiro, eu estou louco por Deus. Você também está louco. o melhor." O verdadeiro amor do Bhakta é esta loucura ardente diante da qual todo o resto desaparece para ele. O universo inteiro está para ele cheio de amor e somente de amor; é assim que parece ao amante. Então, quando um homem tem esse amor dentro dele, ele se torna eternamente abençoado, eternamente feliz. Somente esta bendita loucura do amor divino pode curar para sempre a doença do mundo que está em nós. Com o desejo, o egoísmo desapareceu. Ele se aproximou de Deus, abandonou todos aqueles desejos vãos dos quais antes estava cheio.

Todos nós temos que começar como dualistas na religião do amor. Deus é para nós um Ser separado, e nós também nos sentimos seres separados. O amor então chega no meio, e o homem começa a se aproximar de Deus, e Deus também se aproxima cada vez mais do homem. O homem assume todas as diversas relações da vida, como pai, como mãe, como filho, como amigo, como mestre, como amante, e as projeta no seu ideal de amor, no seu Deus. Para ele, Deus existe como tudo isso, e o último ponto de seu progresso é alcançado quando ele sente que se tornou absolutamente imerso no objeto de sua adoração. Todos nós começamos com amor por nós mesmos, e as reivindicações injustas do pequeno eu tornam até o amor egoísta. Por fim, porém, surge o brilho total da luz, no qual esse pequeno eu é visto como tendo se tornado um com o Infinito. O próprio homem é transfigurado na presença desta Luz do Amor e percebe finalmente a bela e inspiradora verdade de que o Amor, o Amante e o Amado são Um.

3.4 PALESTRAS DE COLOMBO A ALMORA

3.4.1 PRIMEIRA PALESTRA PÚBLICA NO LESTE

(Entregue em Colombo)

Após seu trabalho memorável no Ocidente, Swami Vivekananda desembarcou em Colombo na tarde de 15 de janeiro de 1897 e recebeu uma recepção real justa pela comunidade hindu de lá. O seguinte discurso de boas-vindas foi então apresentado a ele:

SRIMAT VIVEKANANDA SWAMI

Reverenciado senhor,

Em cumprimento de uma resolução aprovada numa reunião pública dos Hindus da cidade de Colombo, pedimos-lhe calorosas boas-vindas a esta Ilha. Consideramos um privilégio sermos os primeiros a recebê-lo no seu regresso a casa após a sua grande missão no Ocidente.

Assistimos com alegria e gratidão ao sucesso com que a missão, sob a bênção de Deus, foi coroada. Você proclamou às nações da Europa e da América o ideal Hindu de uma religião universal, harmonizando todos os credos, fornecendo alimento espiritual para cada alma de acordo com as suas necessidades, e atraindo-a amorosamente para Deus. Você pregou a Verdade e o Caminho, ensinados desde tempos remotos por uma sucessão de Mestres cujos pés abençoados caminharam e santificaram o solo da Índia, e cuja graciosa presença e inspiração fizeram dela, através de todas as suas vicissitudes, a Luz do Mundo. .

À inspiração de tal Mestre, Shri Ramakrishna Paramahansa Deva, e ao seu zelo abnegado, as nações ocidentais devem o benefício inestimável de serem colocadas em contato vivo com o gênio espiritual da Índia, enquanto a muitos de nossos próprios compatriotas, libertos de o glamour da civilização ocidental, o valor da nossa gloriosa herança foi trazido para casa.

Através do seu nobre trabalho e exemplo você colocou a humanidade sob uma obrigação difícil de pagar, e você derramou um novo brilho sobre a

nossa Pátria. Oramos para que a graça de Deus continue a prosperar você e seu trabalho, e

Permanecemos, Reverenciado Senhor,

Atenciosamente,

para e em nome dos Hindus de Colombo,

P. COOOMARA SWAMY,

Membro do Conselho Legislativo do Ceilão,

Presidente da Reunião.

A. KULAVEERASINGHAM, Secretário.

Colombo, janeiro de 1897.

O Swami deu uma breve resposta, expressando o seu apreço pela gentil acolhida que recebeu. Aproveitou a oportunidade para salientar que a manifestação não tinha sido feita em homenagem a um grande político, ou a um grande soldado, ou a um milionário, mas sim a um Sannyâsin mendicante, mostrando a tendência da mente hindu para a religião. Ele insistiu na necessidade de manter a religião como a espinha dorsal da vida nacional para que a nação pudesse viver, e rejeitou qualquer caráter pessoal pelas boas-vindas que recebeu, mas insistiu em que se tratasse do reconhecimento de um princípio.

Na noite do dia 16 o Swami deu a seguinte palestra pública no Salão Floral:

O pouco trabalho que fiz não foi devido a nenhum poder inerente que reside em mim, mas sim aos aplausos, à boa vontade e às bênçãos que seguiram meu caminho no Ocidente, a partir desta nossa muito amada, mais sagrada e querida Pátria. Algum bem foi feito, sem dúvida, no Ocidente, mas especialmente para mim; pois o que antes era resultado de natureza emocional, talvez tenha ganhado a certeza da convicção e alcançado o poder e a força da demonstração. Antigamente eu pensava como todo hindu pensa, e como o Exmo. O Presidente acaba de lhe mostrar que esta é Punya Bhumi, a terra do Karma. Hoje estou aqui e digo, com a convicção da

verdade, que é assim. Se existe alguma terra nesta terra que possa reivindicar ser o abençoado *Punya Bhumi*, ser a terra para a qual todas as almas nesta terra devem prestar contas do Karma, a terra para a qual toda alma que está seguindo seu caminho em direção a Deus deve veio para atingir o seu último lar, a terra onde a humanidade atingiu o seu máximo em termos de gentileza, de generosidade, de pureza, de calma, acima de tudo, a terra da introspecção e da espiritualidade - é a Índia. Daí terem começado os fundadores das religiões desde os tempos mais antigos, inundando a terra repetidas vezes com as águas puras e perenes da verdade espiritual. Daí procederam as ondas gigantes da filosofia que cobriram a terra, Leste ou Oeste, Norte ou Sul, e portanto novamente devem iniciar a onda que vai espiritualizar a civilização material do mundo. Aqui está a água vivificante com a qual deve ser apagado o fogo ardente do materialismo que está queimando o âmago dos corações de milhões de pessoas em outras terras. Acreditem, meus amigos, isso vai acontecer.

Tanta coisa tenho visto, e até agora aqueles de vocês que são estudantes da história das raças já estão cientes desse fato. A dívida que o mundo tem para com a nossa Pátria é imensa. Tomando país por país, não há uma única raça nesta terra à qual o mundo deva tanto quanto ao paciente hindu, ao moderado hindu. "O hindu brando" às vezes é usado como expressão de reprovação; mas se alguma vez uma censura ocultou uma verdade maravilhosa, foi no termo "o hindu brando", que sempre foi o filho abençoado de Deus. Civilizações surgiram em outras partes do mundo. Nos tempos antigos e nos tempos modernos, grandes ideias emanaram de raças fortes e grandes. Nos tempos antigos e modernos, ideias maravilhosas foram transmitidas de uma raça para outra. Nos tempos antigos e modernos, sementes de grande verdade e poder foram lançadas no exterior pelas marés avançadas da vida nacional; mas observem vocês, meus amigos, sempre foi com o toque das trombetas de guerra e com a marcha das coortes em combate. Cada ideia teve que ser encharcada em um dilúvio de sangue. Cada ideia teve que passar pelo sangue de milhões de nossos semelhantes. Cada palavra de poder teve de ser seguida pelos gemidos de milhões, pelos lamentos dos órfãos, pelas lágrimas das viúvas. Isto, em geral, outras nações ensinaram; mas a Índia existe pacificamente há milhares de anos. Aqui a actividade prevalecia quando nem sequer a Grécia existia, quando Roma não era pensada, quando os próprios pais dos europeus modernos

viviam nas florestas e se pintavam de azul. Ainda antes, quando a história não tem registo e a tradição não ousa perscrutar a escuridão daquele passado intenso, desde então até agora, ideias após ideias marcharam dela, mas cada palavra foi pronunciada com uma bênção por detrás e paz. antes disso. Nós, de todas as nações do mundo, nunca fomos uma raça conquistadora, e essa bênção está sobre a nossa cabeça e, portanto, vivemos.

Houve um tempo em que ao som da marcha dos grandes batalhões gregos a terra tremia. Desapareceu da face da terra, sem deixar nenhuma história para contar, desapareceu aquela antiga terra dos gregos. Houve um tempo em que a Águia Romana flutuava sobre tudo que valia a pena ter neste mundo; em toda parte o poder de Roma foi sentido e pressionado sobre a cabeça da humanidade; a terra tremeu ao nome de Roma. Mas o Monte Capitolino é uma massa de ruínas, a aranha tece a sua teia onde governavam os Césares. Houve outras nações igualmente gloriosas que surgiram e desapareceram, vivendo algumas horas de domínio exultante e exuberante e de uma vida nacional perversa, e depois desaparecendo como ondas na face das águas. Assim, estas nações deixaram a sua marca na face da humanidade. Mas nós vivemos, e se Manu voltasse hoje não ficaria desorientado e não se encontraria numa terra estrangeira. As mesmas leis estão aqui, leis ajustadas e pensadas ao longo de milhares e milhares de anos; costumes, fruto da perspicácia de séculos e da experiência de séculos, que parecem eternos; e com o passar dos dias, à medida que golpe após golpe de infortúnio lhes é desferido, tais golpes parecem ter servido apenas a um propósito: torná-los mais fortes e mais constantes. E para encontrar o centro de tudo isso, o coração de onde flui o sangue, a mola mestra da vida nacional, acredite quando digo, depois da minha experiência do mundo, que está aqui.

Para as outras nações do mundo, a religião é uma entre as muitas ocupações da vida. Existe a política, existem os prazeres da vida social, existe tudo o que a riqueza pode comprar ou o poder pode trazer, existe tudo o que os sentidos podem desfrutar; e entre todas essas diversas ocupações da vida e toda essa busca por algo que possa aguçar ainda mais os sentidos enjoados - entre tudo isso, talvez haja um pouco de religião. Mas aqui, na Índia, a religião é a única ocupação da vida. Quantos de vocês sabem que houve

uma guerra sino-japonesa? Muito poucos de vocês, se houver. Que existem enormes movimentos políticos e movimentos socialistas tentando transformar a sociedade ocidental, quantos de vocês sabem? Na verdade, muito poucos, se houver. Mas que houve um Parlamento das Religiões na América, e que houve um Sannyâsin hindu enviado para lá, fico surpreso ao descobrir que até os mais cool sabem disso. Isso mostra como sopra o vento, onde está a vida nacional. Eu costumava ler livros escritos por viajantes que viajavam pelo mundo, especialmente estrangeiros, que deploravam a ignorância das massas orientais, mas descobri que isso era parcialmente verdadeiro e, ao mesmo tempo, parcialmente falso. Se você perguntar a um lavrador na Inglaterra, ou na América, ou na França, ou na Alemanha a que partido ele pertence, ele poderá lhe dizer se pertence aos Radicais ou aos Conservadores, e em quem irá votar. Na América ele dirá se é republicano ou democrata, e até sabe alguma coisa sobre a questão da prata. Mas se você perguntar a ele sobre sua religião, ele lhe dirá que vai à igreja e pertence a uma determinada denominação. Isso é tudo que ele sabe e acha que é suficiente.

Agora, quando chegarmos à Índia, se você perguntar a um de nossos lavradores: "Você sabe alguma coisa sobre política?" Ele responderá: "O que é isso?" Ele não compreende os movimentos socialistas, a relação entre capital e trabalho e tudo mais; ele nunca ouviu falar de tais coisas em sua vida, ele trabalha duro e ganha o seu pão. Mas você pergunta: "Qual é a sua religião?" ele responde: "Olha aqui, meu amigo, marquei isso na minha testa." Ele pode lhe dar uma ou duas boas dicas sobre questões religiosas. Essa tem sido minha experiência. Essa é a vida da nossa nação.

Os indivíduos têm cada um as suas peculiaridades, e cada homem tem o seu próprio método de crescimento, a sua própria vida marcada para ele pela infinita vida passada, por todo o seu Karma passado, como dizemos nós, hindus. Ele vem a este mundo com todo o passado consigo, o passado infinito inaugura o presente, e a maneira como usamos o presente irá criar o futuro. Assim, todos os que nascem neste mundo têm uma inclinação, uma direção que devem seguir, através da qual devem viver, e o que é verdade para o indivíduo é igualmente verdade para a raça. Cada raça, da mesma forma, tem uma inclinação peculiar, cada raça tem uma razão de ser peculiar, cada raça tem uma missão peculiar a cumprir na vida do mundo.

Cada corrida tem que fazer o seu próprio resultado, para cumprir a sua missão. A grandeza política ou o poder militar nunca é a missão da nossa raça; nunca foi e, guarde minhas palavras, nunca será. Mas houve a outra missão que nos foi dada, que é conservar, preservar, acumular, por assim dizer, num dínamo, toda a energia espiritual da raça, e essa energia concentrada deve derramar-se num dilúvio sobre o mundo sempre que as circunstâncias forem propícias. Deixe o persa ou o grego, o romano, o árabe ou o inglês marcharem com seus batalhões, conquistarem o mundo e unirem as diferentes nações, e a filosofia e a espiritualidade da Índia estarão sempre prontas para fluir ao longo dos novos canais para dentro. nas veias das nações do mundo. O cérebro calmo do hindu deve distribuir a sua própria quota para contribuir para a soma total do progresso humano. O presente da Índia para o mundo é a luz espiritual.

Assim, no passado, lemos na história que sempre que surgia uma nação conquistadora que unia as diferentes raças do mundo, ligava a Índia às outras raças, tirando-a, por assim dizer, da sua solidão e do seu distanciamento do resto do mundo em que ela se lançou repetidas vezes, que sempre que tal estado foi provocado, o resultado foi a inundação do mundo com ideias espirituais indianas. No início deste século, Schopenhauer, o grande filósofo alemão, estudando a partir de uma tradução não muito clara dos Vedas feita a partir de uma antiga tradução para o persa e daí por um jovem francês para o latim, diz: “Em todo o mundo não há estudo tão benéfico e tão elevado como o dos Upanishads. Foi o consolo da minha vida, será o consolo da minha morte.” Este grande sábio alemão predisse que “O mundo está prestes a ver uma revolução no pensamento mais extensa e mais poderosa do que aquela que foi testemunhada pelo Renascimento da Literatura Grega”, e hoje as suas previsões estão a concretizar-se. Aqueles que mantêm os olhos abertos, aqueles que compreendem o funcionamento das mentes das diferentes nações do Ocidente, aqueles que são pensadores e estudam as diferentes nações, encontrarão a imensa mudança que foi produzida no tom, no procedimento, na métodos e na literatura do mundo por esta lenta e incessante permeação do pensamento indiano.

Mas há outra peculiaridade, como já sugeri a você. Nunca pregamos nossos pensamentos com fogo e espada. Se existe uma palavra na língua inglesa

para representar a dádiva da Índia ao mundo, se existe uma palavra na língua inglesa para expressar o efeito que a literatura da Índia produz sobre a humanidade, é esta palavra, “fascinação”. . É o oposto de qualquer coisa que te pega de repente; lança sobre você, por assim dizer, um encanto imperceptível. Para muitos, pensamento indiano, costumes indianos; Os costumes indianos, a filosofia indiana, a literatura indiana são repulsivos à primeira vista; mas deixe-os perseverar, deixe-os ler, deixe-os familiarizar-se com os grandes princípios subjacentes a essas ideias, e será noventa e nove para um que o encanto se apoderará deles e o fascínio será o resultado. Lento e silencioso, como o suave orvalho que cai pela manhã, invisível e inaudível, mas produzindo um resultado tremendo, tem sido o trabalho da raça espiritual calma, paciente e sofredora sobre o mundo do pensamento.

Mais uma vez a história vai se repetir. Pois hoje, sob a luz fulminante da ciência moderna, quando crenças antigas e aparentemente fortes e invulneráveis foram destruídas até aos seus alicerces, quando reivindicações especiais feitas à lealdade da humanidade por diferentes seitas foram todas transformadas em átomos e desapareceram no ar. , quando os golpes de marreta das modernas pesquisas antiquárias estão pulverizando como massas de porcelana todos os tipos de ortodoxias antiquadas, quando a religião no Ocidente está apenas nas mãos dos ignorantes e os conhecedores olham com desprezo para qualquer coisa pertencente à religião, aqui vem à tona a filosofia da Índia, que apresenta as mais elevadas aspirações religiosas da mente indiana, onde os fatos filosóficos mais grandiosos têm sido a espiritualidade prática do povo. Isto naturalmente vem em socorro, a ideia da unidade de tudo, o Infinito, a ideia do Impessoal, a ideia maravilhosa da alma eterna do homem, da continuidade ininterrupta na marcha dos seres, e da infinidade do universo. As antigas seitas viam o mundo como uma pequena poça de lama e pensavam que o tempo havia começado outro dia. Foi lá em nossos livros antigos, e somente lá, que a grande ideia da gama infinita de tempo, espaço e causalidade e, acima de tudo, a glória infinita do espírito do homem governou toda a busca pela religião. Quando as tremendas teorias modernas de evolução e conservação de energia e assim por diante estão desferindo golpes mortais em todos os tipos de teologias grosseiras, o que pode mais manter a lealdade da humanidade culta senão as idéias mais maravilhosas, convincentes, amplas

e enobrecedoras que podem ser encontrado apenas naquele produto mais maravilhoso da alma do homem, a maravilhosa voz de Deus, o Vedanta?

Ao mesmo tempo, devo observar que o que quero dizer com a nossa religião trabalhando nas nações fora da Índia compreende apenas os princípios, o pano de fundo, o fundamento sobre o qual essa religião é construída. O funcionamento detalhado, os pontos minuciosos que foram elaborados ao longo de séculos de necessidade social, os pequenos raciocínios sobre maneiras, costumes e bem-estar social, não encontram corretamente um lugar na categoria de religião. Sabemos que em nossos livros é feita uma distinção clara entre dois conjuntos de verdades. O único conjunto é aquele que permanece para sempre, sendo construído sobre a natureza do homem, a natureza da alma, a relação da alma com Deus, a natureza de Deus, a perfeição, e assim por diante; existem também os princípios da cosmologia, da infinidade da criação, ou, mais corretamente, da projeção, da maravilhosa lei da processão cíclica, e assim por diante - estes são os princípios eternos fundados nas leis universais da natureza. O outro conjunto compreende as leis menores que norteiam o funcionamento da nossa vida cotidiana. Elas pertencem mais propriamente aos Purânas, aos Smritis, e não aos Shrutis. Estes não têm nada a ver com os outros princípios. Mesmo no nosso próprio país, estas leis menores têm mudado constantemente. Os costumes de uma época, de um Yuga, não foram os costumes de outra, e como Yuga vem depois de Yuga, eles ainda terão que mudar. Grandes Rishis aparecerão e nos conduzirão a costumes e costumes adequados a novos ambientes.

Os grandes princípios subjacentes a toda esta visão maravilhosa, infinita, enobrecedora e expansiva do homem, de Deus e do mundo foram produzidos na Índia. Somente na Índia o homem não se levantou para lutar por um pequeno Deus tribal, dizendo: "Meu Deus é verdadeiro e o seu não é verdadeiro; vamos ter uma boa luta por isso." Foi somente aqui que não ocorreram ideias como a luta por pequenos deuses. Estes grandes princípios subjacentes, baseados na natureza eterna do homem, são hoje tão potentes para trabalhar para o bem da raça humana como eram há milhares de anos, e assim permanecerão, enquanto esta terra existir, enquanto existir. pois a lei do Karma permanece, desde que nasçamos como indivíduos e tenhamos que elaborar o nosso próprio destino através do nosso poder individual.

E acima de tudo, o que a Índia tem para dar ao mundo é isto. Se observarmos o crescimento e o desenvolvimento das religiões nas diferentes raças, sempre descobriremos que cada tribo, no início, tem um deus próprio. Se as tribos forem aliadas entre si, esses deuses terão um nome genérico, como por exemplo, todos os deuses babilônicos tinham. Quando os babilônios foram divididos em muitas raças, eles tinham o nome genérico de Baal, assim como as raças judaicas tinham deuses diferentes com o nome comum de Moloch; e ao mesmo tempo você descobrirá que uma dessas tribos se torna superior às demais e reivindica seu próprio rei como rei de todos. Daí resulta naturalmente que também quer preservar o seu próprio deus como o deus de todas as raças. Baal-Merodaque, diziam os babilônios, era o maior deus; todos os outros eram inferiores. Moloch-Yahveh era superior a todos os outros Molochs. E essas questões tinham que ser decididas pela sorte da batalha. A mesma luta ocorreu aqui também. Na Índia, os mesmos deuses concorrentes lutavam entre si pela supremacia, mas a grande sorte deste país e do mundo foi que surgiu no meio do barulho e da confusão uma voz que declarou एकसिद्धिं बहुधा वदन्ति - "Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam por vários nomes." Não é que Shiva seja superior a Vishnu, não é que Vishnu seja tudo e Shiva não seja nada, mas é o mesmo a quem você chama de Shiva, ou Vishnu, ou por uma centena de outros nomes. Os nomes são diferentes, mas é o mesmo. Toda a história da Índia você pode ler nestas poucas palavras. Toda a história tem sido uma repetição em linguagem massiva, com tremendo poder, daquela doutrina central. Foi repetido na terra até entrar no sangue da nação, até começar a vibrar com cada gota de sangue que corria em suas veias, até se tornar um com a vida, parte integrante do material do qual era. Foi composto; e assim a terra foi transmutada na mais maravilhosa terra da tolerância, dando o direito de acolher as várias religiões, bem como todas as seitas, na velha pátria-mãe.

E aqui está a explicação do fenómeno mais notável que só é testemunhado aqui – todas as várias seitas, aparentemente irremediavelmente contraditórias, mas que vivem em tal harmonia. Você pode ser um dualista e eu posso ser um monista. Você pode acreditar que é o servo eterno de Deus, e eu posso declarar que sou um com o próprio Deus; no entanto, nós dois somos bons hindus. Como isso é possível? Leia então एकं सद्भिषा बहुधा वदन्ति - "Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam por vários nomes." Acima de todas as outras, meus compatriotas, esta é a grande verdade que devemos ensinar ao mundo. Mesmo as pessoas mais instruídas de outros países torcem o nariz num ângulo de quarenta e cinco graus e chamam a nossa religião de idolatria. Eu vi isso; e eles nunca pararam para pensar na quantidade de superstições que havia em suas próprias cabeças. Ainda é assim em toda parte, esse tremendo sectarismo, a baixa estreiteza da mente. O que um homem possui é a única coisa que vale a pena ter; a única vida que vale a pena viver é a sua pequena vida de adoração ao dólar e ao dinheiro; a única pequena posse que vale a pena ter é a sua própria propriedade e nada mais. Se ele conseguir fabricar uma pequena bobagem de barro ou inventar uma máquina, isso será admirado além dos maiores bens. Esse é o caso em todo o mundo, apesar da educação e da aprendizagem. Mas a educação ainda não existiu no mundo, e a civilização – a civilização ainda não começou em lado nenhum. Noventa e nove decimais, nove por cento da raça humana são mais ou menos selvagens mesmo agora. Podemos ler sobre essas coisas em livros, e ouvir falar de tolerância na religião e tudo mais, mas ainda existe muito pouco disso no mundo; leve minha experiência para isso. Noventa e nove por cento nem sequer pensam nisso. Ainda há uma tremenda perseguição religiosa em todos os países onde estive, e as mesmas velhas objeções são levantadas contra o aprendizado de algo novo. A pouca tolerância que existe no mundo, a pouca simpatia que ainda existe no mundo pelo pensamento religioso, está praticamente aqui na terra dos arianos, e em nenhum outro lugar. É aqui que os indianos constroem templos para maometanos e cristãos; em nenhum outro lugar. Se você for a outros países e pedir aos muçulmanos ou a pessoas de outras religiões que construam um templo para você, veja como eles o ajudarão. Em vez disso, eles tentarão destruir o seu templo e você também, se puderem. A grande lição, portanto, que o mundo mais deseja, que o mundo ainda tem de aprender com a Índia, é a ideia não só de tolerância, mas de simpatia. Bem foi dito no Mahimnah-stotra: “Assim como os diferentes rios, partindo de

diferentes montanhas, correndo retos ou tortuosos, finalmente chegam ao oceano, assim, ó Shiva, os diferentes caminhos que os homens tomam através de diferentes tendências , por mais variados que pareçam, tortos ou retos, todos levam a Estes. Embora possam tomar vários caminhos, todos estão no caminho certo. Alguns podem correr um pouco tortos, outros podem correr retos, mas finalmente todos virão ao Senhor, o Único. Então, e somente então, seu Bhakti de Shiva estará completo quando você não apenas O vê no Linga, mas também O vê em todos os lugares. Ele é o sábio, é o amante de Hari que vê Hari em tudo e em todos. Se você é um verdadeiro amante de Shiva, deve vê-Lo em tudo e em todos. Você deve cuidar para que toda adoração seja dada a Ele, seja qual for o nome ou a forma; que todos os joelhos dobrados em direção à Caaba, ou ajoelhados numa igreja cristã, ou num templo budista, estão ajoelhados perante Ele, quer saibam disso ou não, quer tenham consciência disso ou não; que em qualquer nome ou forma que sejam oferecidas, todas essas flores são colocadas a Seus pés; pois Ele é o único Senhor de todos, a única Alma de todas as almas. Ele sabe infinitamente melhor o que este mundo quer do que você ou eu. É impossível que toda diferença possa cessar; deve existir; sem variação a vida deve cessar. É esse choque, a diferenciação do pensamento que cria a luz, o movimento, tudo. A diferenciação, infinitamente contraditória, deve permanecer, mas não é necessário que nos odiemos; não é necessário, portanto, que lutemos uns contra os outros.

Portanto, temos de aprender novamente a única verdade central que foi pregada apenas aqui na nossa Pátria, e que tem de ser pregada mais uma vez na Índia. Por que? Porque não está apenas nos nossos livros, mas permeia todas as fases da nossa literatura nacional e está na vida nacional. Aqui e somente aqui é praticado todos os dias, e qualquer homem cujos olhos estejam abertos pode ver que é praticado aqui e somente aqui. Portanto, temos que ensinar religião. Existem outras lições mais elevadas que a Índia pode ensinar, mas são apenas para os instruídos. As lições de brandura, gentileza, tolerância, simpatia e fraternidade podem ser aprendidas por todos, sejam homens, mulheres ou crianças, instruídos ou não, independentemente de raça, casta ou credo. "Eles Te chamam por vários nomes; Tu és Um."

3.4.2 VEDANTISMO

O seguinte discurso de boas-vindas dos Hindus de Jaffna foi apresentado a Swami Vivekananda:

SRIMAT VIVEKANANDA SWAMI

Reverenciado senhor,

Nós, os habitantes de Jaffna que professamos a religião hindu, desejamos oferecer-lhe as mais calorosas boas-vindas à nossa terra, o principal centro do hinduísmo no Ceilão, e expressar a nossa gratidão pela sua gentil aceitação do nosso convite para visitar esta parte de Lanka.

Nossos ancestrais se estabeleceram aqui vindos do sul da Índia, há mais de dois mil anos, e trouxeram consigo sua religião, que era patrocinada pelos reis tâmeis de Jaffna; mas quando o seu governo foi substituído pelo dos portugueses e dos holandeses, a observância dos ritos religiosos foi interferida, o culto religioso público foi proibido e os Templos Sagrados, incluindo dois dos mais famosos santuários, foram arrasados. pela mão cruel da perseguição. Apesar das persistentes tentativas destas nações de impor aos nossos antepassados a religião cristã, eles agarraram-se firmemente à sua antiga fé e transmitiram-na a nós como a mais nobre das nossas heranças. Agora sob o domínio da Grã-Bretanha, não só existe houve um grande e inteligente avivamento, mas os edifícios sagrados foram e estão sendo restaurados.

Aproveitamos esta oportunidade para expressar a nossa profunda gratidão pelo seu trabalho nobre e desinteressado na causa da nossa religião, em levar a luz da verdade, conforme revelada nos Vedas, ao Parlamento das Religiões, na divulgação das verdades da Filosofia Divina. da Índia na América e na Inglaterra, e em tornar o mundo ocidental familiarizado com as verdades do hinduísmo e, assim, aproximar o Ocidente do Oriente. Também expressamos a nossa gratidão a vocês por iniciarem um movimento para o renascimento da nossa antiga religião nesta era materialista, quando há uma decadência da fé e um desrespeito pela busca da verdade espiritual.

Não podemos expressar adequadamente nossa dívida para com você por fazer com que o povo do Ocidente conhecesse a catolicidade de nossa religião e por imprimir nas mentes dos sábios do Ocidente a verdade de que há mais coisas na filosofia dos hindus do que se sonha. na Filosofia do Ocidente.

Nem precisamos garantir-lhe que temos observado cuidadosamente o progresso de sua missão no Ocidente e sempre nos regozijamos sinceramente com sua devoção e trabalhos bem-sucedidos no campo da religião. As referências apreciativas feitas pela imprensa nos grandes centros de actividade intelectual, crescimento moral e investigação religiosa no Ocidente, a vós e às vossas valiosas contribuições para a nossa literatura religiosa, constituem um testemunho eloquente dos vossos nobres e magníficos esforços.

Imploramos expressar nossa sincera gratificação por sua visita à nossa terra e esperar que nós, que, assim como você, olhamos para os Vedas como a base de todo o verdadeiro conhecimento espiritual, possamos ter muitas mais ocasiões de vê-lo em nosso meio. .

Que Deus, que até agora coroou o seu nobre trabalho com notável sucesso, lhe poupe muito tempo, dando-lhe vigor e força para continuar a sua nobre Missão.

Permanecemos, Reverenciado Senhor,

Com os melhores cumprimentos,

. . .

para e em nome do HINDUS DE JAFFNA.

Uma resposta eloquente foi dada, e na noite seguinte o Swami deu uma palestra sobre o Vedantismo, cujo relatório está aqui anexado:

O assunto é muito extenso e o tempo é curto; uma análise completa da religião dos hindus é impossível em uma palestra. Apresentarei, portanto, diante de vocês os pontos mais importantes de nossa religião em uma

linguagem tão simples quanto possível. A palavra Hindu, pela qual está na moda hoje em dia nos denominarmos, perdeu todo o seu significado, pois esta palavra significava apenas aqueles que viviam do outro lado do rio Indo (em sânscrito, Sindhu). Este nome foi transformado em hindu pelos antigos persas, e todas as pessoas que viviam do outro lado do rio Sindhu eram chamadas por eles de hindus. Assim esta palavra chegou até nós; e durante o governo muçulmano nós mesmos adotamos a palavra. Pode não haver nenhum mal em usar a palavra é claro; mas, como eu disse, perdeu o seu significado, pois você pode notar que todas as pessoas que vivem deste lado do Indo nos tempos modernos não seguem a mesma religião que seguiam nos tempos antigos. A palavra, portanto, abrange não apenas os hindus propriamente ditos, mas também os maometanos, os cristãos, os jainistas e outras pessoas que vivem na Índia. Eu, portanto, não usaria a palavra Hindu. Que palavra devemos usar então? As outras palavras que podemos usar são os Vaidikas, seguidores dos Vedas, ou melhor ainda, os Vedantistas, seguidores do Vedanta. A maioria das grandes religiões do mundo deve lealdade a certos livros que acreditam ser as palavras de Deus ou de alguns outros seres sobrenaturais, e que são a base da sua religião. Ora, de todos estes livros, de acordo com os sábios modernos do Ocidente, os mais antigos são os Vedas dos Hindus. Portanto, é necessário um pouco de compreensão sobre os Vedas.

Esta massa de escritos chamada Vedas não é a expressão de pessoas. Sua data nunca foi fixada, nunca poderá ser fixada e, segundo nós, os Vedas são eternos. Há um ponto importante que quero que você lembre: que todas as outras religiões do mundo reivindicam sua autoridade como sendo entregue por um Deus Pessoal ou por vários seres pessoais, anjos ou mensageiros especiais de Deus, a certas pessoas; embora a afirmação dos hindus seja que os Vedas não devem sua autoridade a ninguém, eles próprios são a autoridade, sendo eternos – o conhecimento de Deus. Nunca foram escritos, nunca foram criados, existiram ao longo dos tempos; assim como a criação é infinita e eterna, sem começo e sem fim, o conhecimento de Deus também o é sem começo e sem fim. E esse conhecimento é o que os Vedas significam (Vid saber). A massa de conhecimento chamada Vedanta foi descoberta por personagens chamados Rishis, e o Rishi é definido como um Mantra-drashtâ, um vidente do pensamento; não que o pensamento fosse dele. Sempre que você ouvir que uma determinada passagem dos Vedas

veio de um certo Rishi, nunca pense que ele a escreveu ou criou em sua mente; ele foi o vidente do pensamento que já existia; existiu no universo eternamente. Este sábio foi o descobridor; os Rishis foram descobridores espirituais.

Esta massa de escritos, os Vedas, é dividida principalmente em duas partes, o Karma Kânda e o Jnâna Kânda – a porção de trabalho e a porção de conhecimento, a cerimonial e a espiritual. A porção de trabalho consiste em vários sacrifícios; a maioria deles ultimamente foi abandonada por não ser praticável nas atuais circunstâncias, mas outras permanecem até os dias de hoje, de uma forma ou de outra. As ideias principais do Karma Kanda, que consiste nos deveres do homem, nos deveres do estudante, do chefe de família, do recluso e nos vários deveres das diferentes estações da vida, são seguidas mais ou menos até o presente. dia. Mas a porção espiritual da nossa religião está na segunda parte, o Jnana Kanda, o Vedanta, o fim dos Vedas, a essência, o objetivo dos Vedas. A essência do conhecimento dos Vedas foi chamada pelo nome de Vedanta, que compreende os Upanishads; e todas as seitas da Índia – Dualistas, Monistas Qualificados, Monistas, ou os Shaivitas, Vaishnavitas, Shâktas, Sauras, Gânapatyas, cada um que ouse entrar no rebanho do Hinduísmo – devem reconhecer os Upanishads dos Vedas. Eles podem ter suas próprias interpretações e interpretá-las à sua maneira, mas devem obedecer à autoridade. É por isso que queremos usar a palavra Vedantista em vez de Hindu. Todos os filósofos ortodoxos da Índia devem reconhecer a autoridade do Vedanta; e todas as nossas religiões atuais, por mais grosseiras que algumas delas possam parecer, por mais inexplicáveis que alguns de seus propósitos possam parecer, quem as compreende e as estuda pode rastreá-las até as idéias dos Upanishads. Tão profundamente estes Upanishads penetraram em nossa raça que aqueles de vocês que estudam a simbologia da religião mais crua dos Hindus ficarão surpresos ao encontrar, às vezes, expressões figurativas dos Upanishads – os Upanishads tornam-se simbolizados depois de um tempo em figuras e assim por diante. Grandes ideias espirituais e filosóficas contidas nos Upanishads estão hoje conosco, convertidas em adoração doméstica na forma de símbolos. Assim, os vários símbolos agora usados por nós vêm todos do Vedanta, porque no Vedanta eles são usados como figuras, e essas ideias se espalharam pela nação e a permearam até se tornarem parte de sua vida cotidiana como símbolos.

Ao lado do Vedanta vêm os Smritis. Estes também são livros escritos por sábios, mas a autoridade do Smritis está subordinada à do Vedanta, porque eles estão na mesma relação conosco que as escrituras das outras religiões estão em relação a eles. Admitimos que os Smritis foram escritos por determinados sábios; nesse sentido, são iguais às escrituras de outras religiões, mas esses Smritis não são a autoridade final. Se houver algo num Smriti que contradiga o Vedanta, o Smriti deve ser rejeitado – sua autoridade se foi. Esses Smritis, vemos novamente, variaram de tempos em tempos. Lemos que tal e tal Smriti deveria ter autoridade na Satya Yuga, tal e tal na Tretâ Yuga, alguns na Dwâpara Yuga, e alguns na Kali Yuga, e assim por diante. À medida que as condições essenciais mudavam, à medida que várias circunstâncias passaram a ter influência sobre a raça, os costumes e costumes tiveram que ser mudados, e estes Smritis, como regulando principalmente os costumes e costumes da nação, também tiveram que ser alterados de tempos em tempos. Este é um ponto que peço especialmente que você lembre. Os princípios da religião que estão no Vedanta são imutáveis. Por que? Porque todos eles são construídos sobre os princípios eternos que existem no homem e na natureza; eles nunca podem mudar. As ideias sobre a alma, sobre ir para o céu e assim por diante nunca podem mudar; eram os mesmos há milhares de anos, são os mesmos hoje e serão os mesmos daqui a milhões de anos. Mas as práticas religiosas que se baseiam inteiramente na nossa posição e correlação social devem mudar com as mudanças na sociedade. Tal ordem, portanto, seria boa e verdadeira num determinado período e não em outro. Concluimos, portanto, que determinado alimento é permitido em um momento e não em outro, porque o alimento era adequado para aquele momento; mas o clima e outras coisas mudaram várias outras circunstâncias que precisavam ser atendidas, então o Smriti mudou a comida e outras coisas. Assim, segue-se naturalmente que se nos tempos modernos a nossa sociedade exige que sejam feitas mudanças, elas devem ser enfrentadas, e os sábios virão e nos mostrarão o caminho para enfrentá-las; mas nem um pinga dos princípios de nossa religião será mudado; eles permanecerão intactos.

Depois, há os Purânas. पुराणं पञ्चलक्षणम् - o que significa que os Puranas têm cinco características - aquela que trata da história, da cosmologia, com várias ilustrações simbólicas de princípios filosóficos, e assim por diante. Estes foram escritos para popularizar a religião dos Vedas. A língua em que os Vedas foram escritos é muito antiga e, mesmo entre os estudiosos, poucos conseguem traçar a data desses livros. Os Puranas foram escritos na língua do povo da época, o que chamamos de sânscrito moderno. Na época, eles não eram destinados aos estudiosos, mas às pessoas comuns; e as pessoas comuns não conseguem entender a filosofia. Tais coisas foram dadas a eles de forma concreta, por meio das vidas de santos e tipos e grandes homens e eventos históricos que aconteceram à raça, etc. Os sábios fizeram uso dessas coisas para ilustrar os princípios eternos da religião.

Existem ainda outros livros, os Tantras. Estes são muito parecidos com os Puranas em alguns aspectos, e em alguns deles há uma tentativa de reviver as antigas idéias de sacrifício do Karma Kanda.

Todos esses livros constituem as escrituras dos hindus. Quando existe uma tal massa de livros sagrados numa nação e numa raça que dedicou a maior parte das suas energias ao pensamento da filosofia e da espiritualidade (ninguém sabe durante quantos milhares de anos), é bastante natural que existam tantas seitas; na verdade, é surpreendente que não existam milhares mais. Estas seitas diferem muito umas das outras em certos pontos. Não teremos tempo para compreender as diferenças entre estas seitas e todos os detalhes espirituais sobre elas; portanto, abordarei os fundamentos comuns, os princípios essenciais de todas essas seitas nas quais todo hindu deve acreditar.

A primeira é a questão da criação, de que esta natureza, Prakriti, Mâyâ, é infinita, sem começo. Não é que este mundo tenha sido criado outro dia, não é que um Deus veio e criou o mundo e desde então está dormindo; pois isso não pode ser. A energia criativa ainda está acontecendo. Deus está criando eternamente – nunca está em repouso. Lembre-se da passagem do Gita onde Krishna diz: “Se eu permanecer em repouso por um momento, este universo será destruído”. Se essa energia criativa que trabalha ao nosso redor, dia e noite, parar por um segundo, tudo cai por terra. Nunca houve um tempo em que essa energia não funcionasse em todo o universo, mas

existe a lei dos ciclos, Pralaya. Nossa palavra sânscrita para criação, devidamente traduzida, deveria ser projeção e não criação. Pois a palavra criação na língua inglesa infelizmente tem aquela ideia terrível e grosseira de algo que surge do nada, criação a partir da inexistência, inexistência tornando-se existência, o que, é claro, eu não insultaria você pedindo-lhe para acreditar. Nossa palavra, portanto, é projeção. Toda esta natureza existe, torna-se mais sutil, desaparece; e então, após um período de descanso, por assim dizer, a coisa toda é novamente projetada para frente, e a mesma combinação, a mesma evolução, as mesmas manifestações aparecem e permanecem tocando, por assim dizer, por um certo tempo, apenas para quebrar novamente em pedaços, para ficar cada vez mais fino, até que tudo desapareça e saia novamente. Assim, ele avança e retrocede com um movimento ondulatório por toda a eternidade. Tempo, espaço e causalidade estão todos dentro desta natureza. Dizer, portanto, que ela teve um começo é um total absurdo. Nenhuma dúvida pode ocorrer quanto ao seu início ou fim. Portanto, onde quer que em nossas escrituras sejam usadas as palavras começo e fim, você deve lembrar que isso significa o começo e o fim de um ciclo específico; não mais do que isso.

O que torna esta criação? Deus. O que quero dizer com o uso da palavra inglesa Deus? Certamente não é a palavra normalmente usada em inglês – há uma grande diferença. Não há outra palavra adequada em inglês. Prefiro limitar-me à palavra sânscrita Brahman. Ele é a causa geral de todas essas manifestações. O que é este Brahman? Ele é eterno, eternamente puro, eternamente desperto, o todo-poderoso, o onisciente, o onisciente, o onipresente, o sem forma, o sem partes. Ele cria este universo. Se ele estiver sempre criando e sustentando este universo, surgirão duas dificuldades. Vemos que há parcialidade no universo. Uma pessoa nasce feliz e outra infeliz; um é rico e outro pobre; isso mostra parcialidade. Depois há também a crueldade, pois aqui a própria condição de vida é a morte. Um animal despedaça outro, e cada homem tenta levar a melhor sobre seu próprio irmão. Esta competição, crueldade, horror e suspiros dilacerando corações dia e noite é o estado das coisas neste nosso mundo. Se esta for a criação de um Deus, esse Deus é pior do que cruel, pior do que qualquer demônio que o homem já imaginou. Sim! diz o Vedanta, não é culpa de Deus que exista esta parcialidade, que exista esta competição. Quem faz isso? Nos mesmos. Há uma nuvem derramando chuva sobre todos os

campos. Mas é só o campo bem cultivado que leva vantagem da chuva; outro campo que não tenha sido cultivado ou cuidado não pode obter essa vantagem. Não é culpa da nuvem. A misericórdia de Deus é eterna e imutável; somos nós que fazemos a diferenciação. Mas como explicar essa diferença de alguns nascerem felizes e outros infelizes? Eles não fazem nada para perceber essas diferenças! Não nesta vida, mas sim no último nascimento e a diferença é explicada por esta ação na vida anterior.

Chegamos agora ao segundo princípio com o qual todos concordamos, não apenas todos os hindus, mas todos os budistas e todos os jainistas. Todos concordamos que a vida é eterna. Não é que tenha surgido do nada, pois isso não pode acontecer. Não valeria a pena ter uma vida assim. Tudo o que começa no tempo deve terminar no tempo. Se a vida começou ontem, deve terminar amanhã, e o resultado é a aniquilação. A vida devia existir. Não é necessária agora muita perspicácia para ver isso, pois todas as ciências dos tempos modernos têm vindo em nosso auxílio, ilustrando do mundo material os princípios incorporados nas nossas escrituras. Você já sabe que cada um de nós é efeito do passado infinito; a criança é introduzida no mundo não como algo que sai das mãos da natureza, como os poetas tanto se deleitam em retratar, mas ela carrega o fardo de um passado infinito; para o bem ou para o mal, ele vem resolver seus próprios atos passados. Isso faz a diferenciação. Esta é a lei do Karma. Cada um de nós é o criador do seu próprio destino. Esta lei derruba de uma só vez todas as doutrinas de predestinação e destino e nos dá o único meio de reconciliação entre Deus e o homem. Nós, nós, e ninguém mais, somos responsáveis pelo que sofremos. Nós somos os efeitos e somos as causas. Somos livres, portanto. Se estou infeliz, foi culpa minha, e isso mostra que posso ser feliz se quiser. Se sou impuro, isso também é culpa minha, e isso mostra que posso ser puro se quiser. A vontade humana está além de todas as circunstâncias. Diante dela - a vontade e a liberdade fortes, gigantescas e infinitas do homem - todos os poderes, até mesmo os da natureza, devem curvar-se, sucumbir e tornar-se seus servos. Este é o resultado da lei do Karma.

A próxima pergunta, naturalmente, seria: O que é a alma? Não podemos compreender Deus em nossas escrituras sem conhecer a alma. Tem havido tentativas na Índia, e também fora da Índia, de vislumbrar o além através do estudo da natureza externa, e todos sabemos o terrível fracasso que resultou.

Em vez de nos dar um vislumbre do além, quanto mais estudamos o mundo material, mais tendemos a nos materializar. Quanto mais lidamos com o mundo material, até mesmo a pouca espiritualidade que possuímos antes desaparece. Portanto, esse não é o caminho para a espiritualidade, para o conhecimento do Altíssimo; mas deve passar pelo coração, pela alma humana. O funcionamento externo não nos ensina nada sobre o além, sobre o Infinito, só o interno pode fazê-lo. Através da alma, portanto, somente da análise da alma humana, podemos compreender Deus. Existem diferenças de opinião quanto à natureza da alma humana entre as diversas seitas da Índia, mas existem certos pontos de acordo. Todos concordamos que as almas não têm começo nem fim, e são imortais por sua própria natureza; também que todos os poderes, bênçãos, pureza, onipresença, onisciência estão enterrados em cada alma. Essa é uma grande ideia que devemos lembrar. Em cada homem e em cada animal, por mais fraco ou perverso, grande ou pequeno, reside a mesma alma onipresente e onisciente. A diferença não está na alma, mas na manifestação. Entre mim e o menor animal a diferença está apenas na manifestação, mas em princípio ele é igual a mim, é meu irmão, tem a mesma alma que eu. Este é o maior princípio que a Índia pregou. A conversa sobre a irmandade dos homens torna-se na Índia a irmandade da vida universal, dos animais e de toda a vida, até às formiguinhas – todos estes são os nossos corpos. Assim como nossas escrituras dizem: “Assim, o sábio, sabendo que o mesmo Senhor habita todos os corpos, adorará cada corpo como tal”. É por isso que na Índia existem ideias tão misericordiosas sobre os pobres, sobre os animais, sobre todas as pessoas e sobre tudo o mais. Este é um dos pontos comuns sobre as nossas ideias sobre a alma.

Naturalmente, chegamos à ideia de Deus. Mais uma coisa sobre a alma. Quem estuda a língua inglesa muitas vezes se ilude com as palavras, a alma e a mente. Nosso Âtman e nossa alma são coisas totalmente diferentes. O que chamamos de Manas, a mente, os ocidentais chamam de alma. O Ocidente nunca teve a ideia de alma até a conseguir através da filosofia sânscrita, há cerca de vinte anos. O corpo está aqui, além disso está a mente, mas a mente não é o Atman; é o corpo sutil, o Sukshma Sharira, feito de partículas finas, que vai do nascimento à morte, e assim por diante; mas por trás da mente está o Atman, a alma, o Ser do homem. Não pode ser traduzido pela palavra alma ou mente, por isso temos de usar a palavra

Atman, ou, como os filósofos ocidentais a designaram, pela palavra Self. Seja qual for a palavra que você usar, você deve manter claro em sua mente que o Atman está separado da mente, assim como do corpo, e que este Atman passa pelo nascimento e pela morte, acompanhado pela mente, o Sukshma Sharira. E quando chegar o momento em que ele alcançou todo o conhecimento e se manifestou com perfeição, então esta passagem do nascimento à morte cessa para ele. Então é livre manter essa mente, o Sukshma Sharira, ou abandoná-la para sempre e permanecer independente e livre por toda a eternidade. O objetivo da alma é a liberdade. Essa é uma peculiaridade da nossa religião. Também temos céus e infernos; mas estes não são infinitos, pois pela própria natureza das coisas não podem existir. Se existissem céus, seriam apenas repetições deste nosso mundo numa escala maior, com um pouco mais de felicidade e um pouco mais de prazer, mas isso é ainda pior para a alma. Existem muitos desses céus. Pessoas que fazem boas obras aqui com o pensamento de recompensa, quando morrem, nascem de novo como deuses em um desses céus, como Indra e outros. Esses deuses são os nomes de certos estados. Eles também foram homens e, por boas obras, tornaram-se deuses; e esses nomes diferentes que você lê, como Indra e assim por diante, não são nomes da mesma pessoa. Haverá milhares de Indras. Nahusha foi um grande rei e, quando morreu, tornou-se Indra. É uma posição; uma alma se eleva e assume a posição de Indra e permanece nela apenas por um certo tempo; ele então morre e nasce de novo como homem. Mas o corpo humano é o mais elevado de todos. Alguns dos deuses podem tentar ir mais alto e desistir de todas as ideias de prazer nos céus; mas, assim como neste mundo a riqueza, a posição e o prazer iludem a grande maioria, a maioria dos deuses também fica iludida e, depois de exercitarem seu bom Karma, eles caem e se tornam seres humanos novamente. Esta terra, portanto, é o Karma Bhumi; é nesta terra que alcançamos a libertação. Portanto, mesmo esses céus não valem a pena ser alcançados.

O que vale então a pena ter? Mukti, liberdade. Mesmo no mais alto dos céus, diz a nossa escritura, você é um escravo; o que importa se você é rei há vinte mil anos? Enquanto você tiver um corpo, enquanto você for um escravo da felicidade, enquanto o tempo trabalhar em você, o espaço funcionar em você, você será um escravo. A ideia, portanto, é estar livre da natureza externa e interna. A natureza deve cair aos seus pés, e você deve

pisoteá-la e ser livre e glorioso indo além. Não existe mais vida; portanto, há mais morte. Não há mais prazer; portanto, não há mais miséria. É uma felicidade indescritível, destrutível, além de tudo. O que chamamos de felicidade e bem aqui são apenas partículas dessa bem-aventurança eterna. E esta felicidade eterna é o nosso objetivo.

A alma também não tem sexo; não podemos dizer do Atman que é um homem ou uma mulher. O sexo pertence apenas ao corpo. Todas essas ideias, portanto, como homem ou mulher, são uma ilusão quando faladas com relação ao Ser, e só são apropriadas quando faladas sobre o corpo. O mesmo acontece com as ideias de idade. Nunca envelhece; o Antigo é sempre o mesmo. Como isso veio à terra? Há apenas uma resposta para isso em nossas escrituras. A ignorância é a causa de toda essa escravidão. É através da ignorância que ficamos presos; o conhecimento irá curá-lo, levando-nos para o outro lado. Como esse conhecimento virá? Através do amor, Bhakti; pela adoração a Deus, amando todos os seres como templos de Deus. Ele reside dentro deles. Assim, com esse amor intenso virá o conhecimento, e a ignorância desaparecerá, os laços se romperão e a alma será livre.

Existem duas ideias de Deus em nossas escrituras – uma, a pessoal; e o outro, o impessoal. A ideia do Deus Pessoal é que Ele é o onipresente criador, preservador e destruidor de tudo, o eterno Pai e Mãe do universo, mas Aquele que está eternamente separado de nós e de todas as almas; e a libertação consiste em aproximar-se Dele e viver Nele. Depois, há a outra ideia do Impessoal, onde todos esses adjetivos são retirados como supérfluos, como ilógicos e permanece um Ser impessoal e onipresente que não pode ser chamado de ser cognoscente, porque o conhecimento só pertence à mente humana. Ele não pode ser chamado de ser pensante, porque esse é um processo apenas dos fracos. Ele não pode ser chamado de ser racional, porque raciocinar é um sinal de fraqueza. Ele não pode ser chamado de ser criador, porque ninguém cria exceto em cativeiro. Que escravidão Ele tem? Ninguém funciona exceto para a realização de desejos; que desejos Ele tem? Nada funciona, exceto para suprir algumas necessidades; o que ele quer? Nos Vedas não é a palavra “Ele” que é usada, mas “Isso”, pois “Ele” faria uma distinção invejosa, como se Deus fosse um

homem. “Isso”, o impessoal, é usado, e esse “Isso” impessoal é pregado. Este sistema é chamado de Advaita.

E quais são as nossas relações com este Ser Impessoal? – que nós somos Ele. Nós e Ele somos um. Cada um é apenas uma manifestação daquele Impessoal, a base de todo o ser, e a miséria consiste em pensar que somos diferentes deste Ser Infinito e Impessoal; e a libertação consiste em conhecer a nossa unidade com esta maravilhosa Impessoalidade. Estas, em resumo, são as duas ideias de Deus que encontramos em nossas escrituras.

Algumas observações devem ser feitas aqui. É somente através da ideia do Deus Impessoal que você pode ter qualquer sistema de ética. Em todas as nações a verdade tem sido pregada desde os tempos mais antigos – amai os vossos semelhantes como a vós mesmos – quero dizer, amai os seres humanos como a vós mesmos. Na Índia tem sido pregado: “amem todos os seres como a si mesmos”; não fazemos distinção entre homens e animais. Mas nenhuma razão apareceu, ninguém sabia por que seria bom amar os outros seres como a nós mesmos. E a razão disso está na ideia do Deus Impessoal; você entende isso quando aprende que o mundo inteiro é um - a unidade do universo - a solidariedade de toda a vida - que ao machucar alguém estou machucando a mim mesmo, ao amar alguém estou amando a mim mesmo. Portanto, entendemos por que não devemos machucar os outros. A razão da ética, portanto, só pode ser obtida a partir deste ideal do Deus Impessoal. Depois há a questão da posição do Deus Pessoal nisso. Entendo o maravilhoso fluxo de amor que vem da ideia de um Deus Pessoal. Aprecio profundamente o poder e a potência de Bhakti nos homens para atender às necessidades de diferentes épocas. O que queremos agora no nosso país, porém, não é tanto choro, mas um pouco de força. Que mina de força existe neste Deus Impessoal, quando todas as superstições foram jogadas fora e o homem se mantém de pé com o conhecimento – Eu sou o Ser Impessoal do mundo! O que pode me deixar com medo? Não me importo nem mesmo com as leis da natureza. A morte é uma piada para mim. O homem se apoia na glória de sua própria alma, o infinito, o eterno, o imortal - aquela alma que nenhum instrumento pode perfurar, que nenhum ar pode secar, nem fogo queimar, nenhuma água derreter, o infinito, o sem nascimento, o imortal, sem começo e sem fim, diante de cuja magnitude os sóis e as luas e todos os seus sistemas aparecem como gotas no oceano,

diante de cuja glória o espaço se dissolve no nada e o tempo desaparece na inexistência. Devemos acreditar nesta alma gloriosa. Disso virá o poder. O que quer que você pense, isso você será. Se você se considera fraco, fraco você será; se você se considera forte, forte você será; se vocês se consideram impuros, impuros serão; se você se considera puro, puro você será. Isso nos ensina a não nos considerarmos fracos, mas como fortes, onipotentes, oniscientes. Não importa que eu ainda não tenha expressado isso, está em mim. Todo conhecimento está em mim, todo poder, toda pureza e toda liberdade. Por que não posso expressar esse conhecimento? Porque eu não acredito nisso. Deixe-me acreditar nisso, e isso deve e irá acontecer. Isto é o que a ideia do Impessoal ensina. Fortaleça seus filhos desde a infância; não lhes ensine fraqueza, nem formas, mas torne-os fortes; deixe-os ficar de pé - ousados, conquistadores, sofredores; e antes de tudo, aprendam sobre a glória da alma. Que você fique sozinho no Vedanta – e sozinho lá. Tem ideias de amor e adoração e outras coisas que temos em outras religiões, e muito mais; mas esta ideia da alma é o pensamento que dá vida, o mais maravilhoso. Ali e somente ali está o grande pensamento que vai revolucionar o mundo e reconciliar o conhecimento do mundo material com a religião.

Assim, tentei apresentar-vos os pontos mais importantes da nossa religião – os princípios. Tenho apenas que dizer algumas palavras sobre a prática e a aplicação. Como vimos, nas circunstâncias existentes na Índia, naturalmente devem surgir muitas seitas. Na verdade, descobrimos que existem muitas seitas na Índia e, ao mesmo tempo, conhecemos o fato misterioso de que essas seitas não discutem entre si. O Shaivita não diz que todo Vaishnavita será condenado, nem o Vaishnavita que todo Shaivita será condenado. O Shaivita diz: este é o meu caminho e você tem o seu; no final devemos nos unir. Todos eles sabem disso na Índia. Esta é a teoria de Ishta. Desde os tempos mais antigos, foi reconhecido que existem várias formas de adoração a Deus. Também se reconhece que naturezas diferentes requerem métodos diferentes. Seu método de chegar a Deus pode não ser o meu método, possivelmente pode me machucar. Uma ideia como a de que só existe um caminho para todos é prejudicial, sem sentido e deve ser inteiramente evitada. Ai do mundo quando todos têm a mesma opinião religiosa e seguem o mesmo caminho. Então todas as religiões e todos os pensamentos serão destruídos. A variedade é a própria alma da vida.

Quando morrer completamente, a criação morrerá. Quando esta variação de pensamento é mantida, devemos existir; e não precisamos brigar por causa dessa variedade. Seu jeito é muito bom para você, mas não para mim. Meu caminho é bom para mim, mas não para você. Meu caminho é chamado em sânscrito, meu “Ishta”. Veja bem, não temos nenhuma disputa com nenhuma religião do mundo. Cada um de nós tem o seu Ishta. Mas quando vemos homens chegando e dizendo: “Este é o único caminho”, e tentando nos forçar isso na Índia, temos uma palavra a dizer; nós rimos deles. Para essas pessoas que querem destruir os seus irmãos porque parecem seguir um caminho diferente em direção a Deus – falar de amor é um absurdo. O amor deles não conta muito. Como podem pregar o amor quem não consegue convencer outro homem a seguir um caminho diferente do seu? Se isso é amor, o que é ódio? Não temos qualquer conflito com nenhuma religião do mundo, quer ela ensine os homens a adorar Cristo, Buda, Maomé ou qualquer outro profeta. "Bem-vindo, meu irmão", diz o hindu, "vou ajudá-lo; mas você deve permitir que eu siga meu caminho também. Esse é o meu Ishta. Seu caminho é muito bom, sem dúvida; mas pode ser perigoso para minha própria experiência me diz qual alimento é bom para mim, e nenhum exército de médicos pode me dizer isso. Então eu sei por experiência própria qual caminho é o melhor para mim. Esse é o objetivo, o Ishta, e, portanto, dizemos que se um templo, ou um símbolo, ou uma imagem o ajudar a compreender a Divindade interior, você é bem-vindo. Tenha duzentas imagens, se quiser. Se certas formas e formulários o ajudam a realizar o Divino, Deus o acelera; tenha, por todos os meios, quaisquer formas, e quaisquer templos, e quaisquer cerimônias que você queira para aproximá-lo de Deus. Mas não discuta por causa deles; no momento em que você briga, você não está indo em direção a Deus, você está indo para trás, em direção aos brutos.

Estas são algumas idéias em nossa religião. É uma questão de inclusão de todos e de exclusão de ninguém. Embora as nossas castas e as nossas instituições estejam aparentemente ligadas à nossa religião, não o são. Estas instituições têm sido necessárias para nos proteger como nação, e quando esta necessidade de autopreservação deixar de existir, eles morrerão de morte natural. Mas quanto mais envelheço, melhor pareço pensar nestas consagradas instituições da Índia. Houve um tempo em que pensei que muitos deles eram inúteis e sem valor; mas quanto mais velho fico, mais

pareço sentir timidez em amaldiçoar qualquer um deles, pois cada um deles é a personificação da experiência de séculos. Uma criança de ontem, destinada a morrer depois de amanhã, vem até mim e me pede para mudar todos os meus planos; e se eu ouvir o conselho daquele bebê e mudar todo o ambiente de acordo com suas idéias, eu mesmo serei um tolo, e mais ninguém. Muitos dos conselhos que nos chegam de diferentes países são semelhantes a este. Diga a esses espertinhos: "Eu ouvirei vocês quando vocês mesmos construírem uma sociedade estável. Vocês não conseguem se apegar a uma ideia por dois dias, vocês brigam e fracassam; vocês nascem como mariposas na primavera e morrem como elas em cinco minutos. Vocês surgem como bolhas e também explodem como bolhas. Primeiro, forme uma sociedade estável como a nossa. Primeiro, crie leis e instituições que permaneçam inalteradas em seu poder por muitos séculos. então, meu amigo, você é apenas uma criança tonta.

Terminei o que tinha a dizer sobre a nossa religião. Terminarei lembrando-lhe a necessidade urgente do dia. Louvado seja Vyâsa, o grande autor do Mahabhârata, porque neste Kali Yuga há uma grande obra. As Tapas e outros Yogas pesados que eram praticados em outras Yugas não funcionam agora. O que é necessário neste Yuga é dar, ajudar os outros. O que significa Dana? O mais elevado dos dons é dar conhecimento espiritual, o próximo é dar conhecimento secular, e o próximo é salvar vidas, o último é dar comida e bebida. Aquele que dá conhecimento espiritual salva a alma de muitos nascimentos. Aquele que dá o conhecimento secular abre os olhos dos seres humanos para o conhecimento espiritual, e muito abaixo destes coloca todos os outros dons, até mesmo o salvamento de vidas. Portanto, é necessário que você aprenda isso e observe que todos os outros tipos de trabalho têm muito menos valor do que transmitir conhecimento espiritual. A maior e mais elevada ajuda é aquela dada na disseminação do conhecimento espiritual. Há uma fonte eterna de espiritualidade em nossas escrituras, e em nenhum lugar da Terra, exceto nesta terra de renúncia, encontramos exemplos tão nobres de espiritualidade prática. Tive uma pequena experiência do mundo. Acredite, fala-se muito em outras terras; mas o homem prático da religião, que a trouxe para sua vida, está aqui e aqui sozinho. Falar não é religião; os papagaios podem falar, as máquinas podem falar hoje em dia. Mas mostre-me a vida de renúncia, de espiritualidade, de todo sofrimento, de amor infinito. Este tipo de vida

indica um homem espiritual. Com tais ideias e tão nobres exemplos práticos em nosso país, seria uma grande pena se os tesouros nos cérebros e corações de todos esses grandes Yogis não fossem trazidos para se tornarem propriedade comum de todos, ricos e pobres, altos e baixos. baixo; não apenas na Índia, mas devem ser transmitidos para todo o mundo. Este é um dos nossos maiores deveres, e vocês descobrirão que quanto mais trabalham para ajudar os outros, mais se ajudam a si mesmos. O único dever vital que incumbe a você, se você realmente ama sua religião, se você realmente ama seu país, é que você deve lutar arduamente para estar de pé e em ação, com esta grande idéia de trazer à tona os tesouros de seus livros fechados e entregar transferi-los para seus legítimos herdeiros.

E acima de tudo, uma coisa é necessária. Sim, durante séculos estivemos saturados de um ciúme terrível; estamos sempre ficando com ciúmes um do outro. Por que este homem tem um pouco de precedência e eu não? Mesmo na adoração a Deus queremos precedência, a tal estado de escravidão chegamos. Isto deve ser evitado. Se há algum pecado flagrante na Índia neste momento, é esta escravidão. Todos querem comandar e ninguém quer obedecer; e isto se deve à ausência daquele maravilhoso sistema Brahmacharya de outrora. Primeiro, aprenda a obedecer. O comando virá sozinho. Sempre aprenda primeiro a ser um servo e então você estará apto para ser um mestre. Evite esse ciúme e você fará grandes obras que ainda não foram feitas. Nossos ancestrais realizaram obras maravilhosas e nós olhamos para trás, para seu trabalho, com veneração e orgulho. Mas também realizaremos grandes feitos e deixaremos que outros olhem para trás com bênçãos e orgulho de nós como seus antepassados. Com a bênção do Senhor, todos aqui ainda cometerão atos que eclipsarão os de nossos ancestrais, por mais grandes e gloriosos que tenham sido.

3.4.3 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO NO PAMBAN

Na chegada de Swami Vivekananda a Pamban, ele foi recebido por Sua Alteza o Raja de Ramnad, que lhe concedeu calorosas boas-vindas. Os preparativos foram feitos no cais de desembarque para uma recepção formal; e aqui, sob um pandal decorado com muito bom gosto, foi lido o seguinte discurso em nome do povo Pamban:

QUE AGRADEÇA SUA SANTIDADE,

Regozijamo-nos imensamente em receber Vossa Santidade com o coração cheio da mais profunda gratidão e da mais elevada veneração - gratidão por ter consentido tão prontamente e graciosamente em nos fazer uma visita rápida, apesar dos numerosos apelos que lhe foram feitos, e veneração pelas muitas qualidades nobres e excelentes que você possui e pelo grande trabalho que tão nobremente se comprometeu a fazer, e que tem desempenhado com notável habilidade, máximo zelo e seriedade.

Regozijamo-nos verdadeiramente por ver que os esforços de Vossa Santidade em semear as sementes da filosofia hindu nas mentes cultas das grandes nações ocidentais estão a ser coroados com tanto sucesso que já vemos por toda a parte o aspecto brilhante e alegre do porte de excelentes frutas em grande abundância, e ore humildemente para que Vossa Santidade, durante sua estada em Âryâvarta, tenha o prazer de se esforçar um pouco mais do que você fez no Ocidente para despertar as mentes de seus irmãos nesta nossa pátria mãe de suas tristes sono para toda a vida e fazê-los recordar o evangelho da verdade, há muito esquecido.

Nossos corações estão tão cheios do mais sincero afeto, da maior reverência e da mais alta admiração por Vossa Santidade - nosso grande líder espiritual, que realmente achamos impossível expressar adequadamente nossos sentimentos e, portanto, imploramos para concluir com uma oração sincera e unida. à misericordiosa Providência que abençoe Vossa Santidade com uma longa vida de utilidade e que lhe conceda tudo o que possa tender a suscitar os sentimentos há muito perdidos de fraternidade universal.

O Raja acrescentou a isso uma breve recepção pessoal, que foi notável pela sua profundidade de sentimento, e então o Swami respondeu com o seguinte efeito:

A nossa pátria sagrada é uma terra de religião e filosofia - o berço de gigantes espirituais - a terra da renúncia, onde e só onde, desde os tempos mais antigos até aos mais modernos, existiu o mais elevado ideal de vida aberto ao homem.

Estive nos países do Ocidente – viajei por muitas terras de muitas raças; e cada raça e cada nação me parece ter um ideal particular – um ideal proeminente que permeia toda a sua vida; e este ideal é a espinha dorsal da vida nacional. Nem a política nem o poder militar, nem a supremacia comercial nem o génio mecânico fornecem à Índia essa espinha dorsal, mas a religião; e somente a religião é tudo o que temos e pretendemos ter. A espiritualidade sempre esteve na Índia.

De fato, grandes são as manifestações da força muscular, e maravilhosas as manifestações do intelecto que se expressam através de máquinas pelos aparelhos da ciência; contudo, nada disso é mais potente do que a influência que o espírito exerce sobre o mundo.

A história da nossa raça mostra que a Índia sempre foi muito ativa. Hoje somos ensinados por homens que deveriam saber melhor que o hindu é brando e passivo; e isso se tornou uma espécie de provérbio entre os povos de outras terras. Descarto a ideia de que a Índia tenha sido passiva. Em nenhum lugar a atividade foi mais pronunciada do que nesta nossa terra abençoada, e a grande prova dessa atividade é que nossa raça mais antiga e magnânima ainda vive, e a cada década de sua gloriosa carreira parece assumir uma nova juventude – imortal e imperecível. . Esta atividade se manifesta aqui na religião. Mas é um facto peculiar da natureza humana julgar os outros de acordo com o seu próprio padrão de actividade.

Tomemos, por exemplo, um sapateiro. Ele entende apenas de fabricação de calçados e pensa que não há nada nesta vida exceto a fabricação de sapatos. Um pedreiro não entende nada além de pedreiro e prova isso sozinho em sua vida, no dia a dia. E há outra razão que explica isso. Quando as vibrações da luz são muito intensas, não as vemos, porque somos constituídos de tal forma que não podemos ir além do nosso próprio plano de visão. Mas o Iogue, com sua introspecção espiritual, é capaz de ver através do véu materialista das multidões vulgares.

Os olhos do mundo inteiro estão agora voltados para esta terra da Índia em busca de alimento espiritual; e a Índia tem de fornecê-lo para todas as raças. Somente aqui está o melhor ideal para a humanidade; e os estudiosos ocidentais estão agora a esforçar-se por compreender este ideal que está

consagrado na nossa literatura e filosofia sânscrita e que tem sido a característica da Índia ao longo dos tempos.

Desde o início da história, nenhum missionário saiu da Índia para propagar as doutrinas e dogmas hindus; mas agora uma mudança maravilhosa está acontecendo sobre nós. Shri Bhagavân Krishna diz: “Sempre que a virtude diminui e a imoralidade prevalece, então venho sempre para ajudar o mundo”. As pesquisas religiosas nos revelam o fato de que não existe um país que possua um bom código ético, mas que tenha emprestado algo dele de nós, e que não exista uma única religião que possua boas idéias sobre a imortalidade da alma, mas que as tenha derivado direta ou indiretamente de nós.

Nunca houve um momento na história do mundo em que houvesse tantos roubos, e arrogância, e tirania dos fortes sobre os fracos, como neste final do século XIX. Todos deveriam saber que não há salvação exceto através da conquista dos desejos, e que nenhum homem é livre se estiver sujeito à escravidão da matéria. Esta grande verdade todas as nações estão lentamente começando a compreender e apreciar. Assim que o discípulo estiver em condições de compreender esta verdade, as palavras do Guru vêm em seu auxílio. O Senhor envia ajuda aos Seus próprios filhos em Sua infinita misericórdia que nunca cessa e está sempre fluindo em todos os credos. Nosso Senhor é o Senhor de todas as religiões. Esta ideia pertence apenas à Índia; e desafio qualquer um de vocês a encontrá-lo em qualquer outra escritura do mundo.

Nós, hindus, fomos agora colocados, sob a providência de Deus, numa posição muito crítica e responsável. As nações do Ocidente vêm até nós em busca de ajuda espiritual. Uma grande obrigação moral recai sobre os filhos da Índia de se equiparem plenamente para o trabalho de esclarecer o mundo sobre os problemas da existência humana. Uma coisa que podemos notar: embora você descubra que bons e grandes homens de outros países se orgulham de remontar sua descendência a algum barão ladrão que vivia em uma fortaleza na montanha e emergia de tempos em tempos para saquear viajantes que passavam, nós, hindus, , por outro lado, orgulham-se de serem descendentes de Rishis e sábios que viviam de raízes e frutas em montanhas e cavernas, meditando no Supremo. Podemos estar degradados e

degenerados agora; mas por mais degradados e degenerados que estejamos, podemos nos tornar grandes se começarmos a trabalhar com seriedade em nome de nossa religião.

Aceite os meus sinceros agradecimentos pela amável e cordial recepção que me dispensaste. É impossível para mim expressar minha gratidão a Sua Santidade o Raja de Ramnad por seu amor por mim. Se algum bom trabalho foi feito por mim e através de mim, a Índia deve muito a este bom homem, pois foi ele quem concebeu a ideia de eu ir para Chicago, e foi ele quem colocou essa ideia na minha cabeça e insistiu persistentemente comigo, para realizá-lo. Ao meu lado, ele, com todo o seu antigo entusiasmo, ainda espera que eu trabalhe cada vez mais. Eu gostaria que houvesse mais meia dúzia de Rajas assim que se interessassem por nossa querida pátria e trabalhassem para sua melhoria na linha espiritual.

3.4.4 DISCURSO NO TEMPLO DE RAMESWARAM SOBRE ADORAÇÃO REAL

Posteriormente foi feita uma visita ao Templo Rameswaram, onde o Swami foi convidado a dirigir algumas palavras às pessoas ali reunidas. Isso ele fez nos seguintes termos:

É no amor que existe a religião e não na cerimônia, no amor puro e sincero do coração. A menos que um homem seja puro de corpo e mente, entrar em um templo e adorar Shiva é inútil. As orações daqueles que são puros de mente e corpo serão respondidas por Shiva, e aqueles que são impuros e ainda assim tentam ensinar religião a outros fracassarão no final. A adoração externa é apenas um símbolo da adoração interna; mas a adoração interna e a pureza são as coisas reais. Sem eles, a adoração externa seria inútil. Portanto, todos vocês devem tentar se lembrar disso.

As pessoas ficaram tão degradadas nesta Kali Yuga que pensam que podem fazer qualquer coisa e então podem ir para um lugar sagrado e seus pecados serão perdoados. Se um homem entra em um templo com uma mente impura, ele aumenta os pecados que já tinha e volta para casa como um homem pior do que quando o deixou. Tirtha (local de peregrinação) é um

lugar cheio de coisas sagradas e de homens santos. Mas se pessoas santas vivem em determinado lugar, e se não há templo lá, mesmo isso é um Tirtha. Se pessoas profanas vivem em um lugar onde pode haver cem templos, o Tirtha desapareceu daquele lugar. E é muito difícil viver num Tirtha; pois se o pecado for cometido em qualquer lugar comum, ele pode ser facilmente removido, mas o pecado cometido em um Tirtha não pode ser removido. Esta é a essência de toda adoração – ser puro e fazer o bem aos outros. Aquele que vê Shiva nos pobres, nos fracos e nos doentes, realmente adora Shiva; e se ele vê Shiva apenas na imagem, sua adoração é apenas preliminar. Aquele que serviu e ajudou um homem pobre vendo Shiva nele, sem pensar em sua casta, ou credo, ou raça, ou qualquer coisa, com ele Shiva está mais satisfeito do que com o homem que O vê apenas nos templos.

Um homem rico tinha um jardim e dois jardineiros. Um desses jardineiros era muito preguiçoso e não trabalhava; mas quando o dono chegava ao jardim, o preguiçoso se levantava, cruzava os braços e dizia: “Como é lindo o rosto do meu mestre”, e dançava diante dele. O outro jardineiro não falava muito, mas trabalhava duro e produzia todo tipo de frutas e vegetais que carregava na cabeça para o seu dono que morava muito longe. Desses dois jardineiros, qual seria o mais querido do seu mestre? Shiva é esse mestre, e este mundo é Seu jardim, e há dois tipos de jardineiros aqui; aquele que é preguiçoso, hipócrita e não faz nada, apenas fala sobre os lindos olhos, nariz e outras características de Shiva; e o outro, que cuida dos filhos de Shiva, de todos aqueles que são pobres e fracos, de todos os animais e de toda a Sua criação. Qual destes seria o mais amado por Shiva? Certamente aquele que serve Seus filhos. Quem quer servir o pai deve servir primeiro os filhos. Aquele que deseja servir Shiva deve servir Seus filhos – deve servir primeiro todas as criaturas deste mundo. É dito no Shâstra que aqueles que servem aos servos de Deus são Seus maiores servos. Então você terá isso em mente.

Deixe-me dizer novamente que você deve ser puro e ajudar qualquer pessoa que vier até você, tanto quanto estiver ao seu alcance. E isso é bom Karma. Pelo poder disso, o coração se torna puro (Chitta-shuddhi), e então Shiva, que reside em cada um, se manifestará. Ele está sempre no coração de cada um. Se houver sujeira e poeira no espelho, não poderemos ver nossa

imagem. Portanto, a ignorância e a maldade são a sujeira e a poeira que estão no espelho dos nossos corações. O egoísmo é o principal pecado, pensar primeiro em nós mesmos. Aquele que pensa: “Comerei primeiro, terei mais dinheiro que os outros e possuirei tudo”, aquele que pensa: “Chegarei ao céu antes dos outros, obterei Mukti antes dos outros” é o homem egoísta. O homem altruísta diz: “Serei o último, não me importa ir para o céu, irei até para o inferno se, fazendo isso, puder ajudar meus irmãos”. Esse altruísmo é o teste da religião. Aquele que tem mais deste altruísmo é mais espiritual e mais próximo de Shiva. Quer seja erudito ou ignorante, ele está mais próximo de Shiva do que qualquer outra pessoa, quer saiba disso ou não. E se um homem é egoísta, mesmo que tenha visitado todos os templos, visto todos os locais de peregrinação e se pintado como um leopardo, ele está ainda mais distante de Shiva.

3.4.5 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO EM RAMNAD

Em Ramnad, o seguinte discurso foi apresentado a Swami Vivekananda pelo Raja:

Sua Santíssima,

Sri Paramahansa, Yati-Râja, Digvijaya-Kolâhala, Sarvamata-Sampratipanna, Parama-Yogeeswara, Srimat Bhagavân Sree Ramakrishna Paramahansa Karakamala Sanjâta, Râjâdhirâja-Sevita, SREE VIVEKANANDA SWAMI, AGRADEÇA SUA SANTIDADE,

Nós, os habitantes deste antigo e histórico Samsthânam de Sethu Bandha Rameswaram, também conhecido como Râmanâthapuram ou Ramnad, imploramos, cordialmente, recebê-los nesta nossa pátria mãe. Consideramos um privilégio muito raro sermos os primeiros a prestar a Vossa Santidade a nossa mais sincera homenagem no seu desembarque na Índia, e isso, nas costas santificadas pelos passos daquele grande Herói e nosso reverenciado Senhor - Sree Bhagavân Râmachandra.

Assistimos com sentimentos de orgulho e prazer genuínos ao sucesso sem precedentes que coroou os vossos louváveis esforços para levarem aos mestres do Ocidente os méritos intrínsecos e a excelência da nossa nobre e

consagrada religião. Com uma eloquência insuperável e numa linguagem clara e inconfundível, vocês proclamaram e convenceram o público culto na Europa e na América de que o Hinduísmo preenche todos os requisitos do ideal de uma religião universal e se adapta ao temperamento e às necessidades dos homens e mulheres de todas as raças e credos. Animado puramente por um impulso desinteressado, influenciado pelos melhores motivos e com considerável auto-sacrifício, Vossa Santidade atravessou mares e oceanos sem limites para transmitir a mensagem da verdade e da paz e para fincar a bandeira do triunfo espiritual e da glória da Índia no rico solo da Europa e da América. Vossa Santidade demonstrou, tanto por preceito como pela prática, a viabilidade e a importância da fraternidade universal. Acima de tudo, o vosso trabalho no Ocidente tendeu indirectamente e em grande medida a despertar nos filhos e filhas apáticos da Índia para um sentido da grandeza e glória da sua fé ancestral, e a criar neles um interesse genuíno no estudo e observância de sua querida e inestimável religião

Sentimos que não podemos transmitir adequadamente em palavras os nossos sentimentos de gratidão e agradecimento a Vossa Santidade pelos seus trabalhos filantrópicos em prol da regeneração espiritual do Oriente e do Ocidente. Não podemos encerrar este discurso sem nos referirmos à grande bondade que Vossa Santidade sempre estendeu ao nosso Raja, que é um dos seus devotados discípulos, e a honra e orgulho que ele sente por este ato gracioso de Vossa Santidade em aterrisar primeiro em seu território é indescritível.

Concluindo, rezamos ao Todo-Poderoso que abençoe Vossa Santidade com vida longa, saúde e força para que possa continuar o bom trabalho que tão habilmente foi inaugurado por você.

Com respeito e amor,

Nós imploramos para nos inscrevermos,

O mais devotado e obediente de Vossa Santidade

DISCÍPULOS E SERVOS.

RAMNAD,

25 de janeiro de 1897.

A resposta do Swami segue in extenso:

A noite mais longa parece estar passando, o problema mais doloroso parece estar finalmente chegando ao fim, o aparente cadáver parece estar despertando e uma voz está vindo até nós - lá atrás, onde a história e até mesmo a tradição não conseguem espiar na escuridão do passado, descendo de lá, refletido como se fosse de pico a pico do infinito Himalaia do conhecimento, e do amor, e do trabalho, Índia, esta nossa pátria mãe - uma voz está vindo até nós, gentil, firme, e ainda assim inconfundível em suas declarações, e vai ganhando volume com o passar dos dias, e eis que quem dorme está despertando! Como uma brisa do Himalaia, está trazendo vida aos ossos e músculos quase mortos, a letargia está passando, e só os cegos não podem ver, ou os perversos não verão, que ela está despertando, esta nossa pátria mãe, de seu sono profundo e longo. Ninguém mais pode desistir dela; ela nunca mais vai dormir; nenhum poder externo pode mais detê-la; pois o gigante infinito está se levantando.

Alteza e senhores de Ramnad, aceitem meus sinceros agradecimentos pela cordialidade e gentileza com que me receberam. Sinto que você é cordial e gentil, pois o coração fala ao coração melhor do que qualquer linguagem da boca; o espírito fala ao espírito em silêncio e, ainda assim, na linguagem mais inconfundível, e sinto isso no fundo do meu coração. Vossa Alteza Ramnad, se houve algum trabalho feito pelo meu humilde eu na causa da nossa religião e da nossa pátria nos países ocidentais, se algum pequeno trabalho foi feito para despertar a simpatia do nosso próprio povo, chamando a sua atenção para as joias inestimáveis que, eles não sabem, estão enterradas profundamente em sua própria casa - se, em vez de morrer de sede e beber água suja de esgoto em outro lugar, por causa da cegueira da ignorância, eles estão sendo chamados a ir e beber da fonte eterna que flui perenemente em sua própria casa - se alguma coisa foi feita para despertar nosso povo para a ação, para fazê-lo compreender que em tudo, a religião e somente a religião é a vida da Índia, e quando isso acabar, a Índia morrerá, apesar de política, apesar das reformas sociais, apesar da riqueza de Kubera derramada sobre a cabeça de cada um dos seus filhos - se alguma coisa foi feita para este fim, a Índia e todos os países onde qualquer trabalho foi feito devem muito disso a vocês, Raja de Ramnad. Pois foi você quem

me deu a ideia primeiro e foi você quem me incentivou persistentemente a trabalhar. Você, por assim dizer, entendeu intuitivamente o que iria acontecer e me pegou pela mão, me ajudou o tempo todo e nunca deixou de me encorajar. É bom, portanto, que você seja o primeiro a se regozijar com meu sucesso, e é bom que eu desembarque primeiro em seu território ao retornar à Índia.

Grandes obras devem ser feitas, poderes maravilhosos devem ser desenvolvidos, temos que ensinar muitas coisas a outras nações, como já foi dito por Vossa Alteza. Esta é a pátria da filosofia, da espiritualidade e da ética, da doçura, da gentileza e do amor. Estas ainda existem, e a minha experiência do mundo leva-me a permanecer em terreno firme e a fazer a ousada declaração de que a Índia ainda é a primeira e mais importante de todas as nações do mundo nestes aspectos. Veja este pequeno fenômeno. Houve imensas mudanças políticas nos últimos quatro ou cinco anos. Organizações gigantescas que se comprometem a subverter a totalidade das instituições existentes em diferentes países e que obtêm algum sucesso têm trabalhado em todo o mundo ocidental. Pergunte ao nosso pessoal se eles ouviram alguma coisa sobre eles. Eles não ouviram uma palavra sobre eles. Mas que houve um Parlamento das Religiões em Chicago, e que houve um Sannyasin enviado da Índia para esse Parlamento, e que ele foi muito bem recebido e desde então tem trabalhado no Ocidente, o mendigo mais pobre sabe. Ouvi dizer que as nossas massas são densas, que não querem qualquer educação e que não se importam com qualquer informação. Certa vez, eu mesmo tive uma inclinação tola para essa opinião, mas acho que a experiência é um professor muito mais glorioso do que qualquer quantidade de especulação ou qualquer quantidade de livros escritos por viajantes globais e observadores apressados. Esta experiência me ensina que eles não são densos, que não são lentos, que são tão ávidos e sedentos por informações quanto qualquer raça sob o sol; mas então cada nação tem o seu próprio papel a desempenhar e, naturalmente, cada nação tem a sua própria peculiaridade e individualidade com que nasce. Cada um representa, por assim dizer, uma nota peculiar nesta harmonia das nações, e esta é a sua própria vida, a sua vitalidade. Nele está a espinha dorsal, o alicerce e o alicerce da vida nacional, e aqui nesta terra abençoada, o alicerce, a espinha dorsal, o centro da vida é a religião e somente a religião. Deixemos que outros falem de política, da glória da aquisição de imensa riqueza

derramada pelo comércio, do poder e da difusão do comercialismo, da gloriosa fonte da liberdade física; mas estes a mente hindu não entende e não quer entender. Toque-o na espiritualidade, na religião, em Deus, na alma, no Infinito, na liberdade espiritual, e garanto-lhe que o camponês mais humilde da Índia está mais bem informado sobre esses assuntos do que muitos supostos filósofos em outras terras. Eu disse, senhores, que ainda temos algo a ensinar ao mundo. Esta é a razão, a razão de ser, pela qual esta nação tem vivido, apesar de centenas de anos de perseguição, apesar de quase mil anos de domínio estrangeiro e opressão estrangeira. Esta nação ainda vive; a razão de ser é que ainda se prende a Deus, ao tesouro da religião e da espiritualidade.

Nesta terra ainda estão a religião e a espiritualidade, as fontes que terão de transbordar e inundar o mundo para trazer nova vida e nova vitalidade às nações ocidentais e outras, que estão agora quase derrubadas, meio mortas e degradadas. por ambições políticas e esquemas sociais. Das muitas vozes, consoantes e dissidentes, da mistura de sons que preenchem a atmosfera indiana, surge uma nota suprema, marcante e completa, que é a renúncia. Desistir! Essa é a palavra de ordem das religiões indianas. Este mundo é uma ilusão de dois dias. A vida atual é de cinco minutos. Além está o Infinito, além deste mundo de ilusão; vamos buscar isso. Este continente está iluminado por mentes e inteligências corajosas e gigantescas que até pensam neste chamado universo infinito como apenas uma poça de lama; além e ainda além eles vão. O tempo, mesmo o tempo infinito, é para eles apenas inexistência. Além e além do tempo eles vão. O espaço não é nada para eles; além disso eles querem ir, e ir além do fenomenal é a própria alma da religião. A característica da minha nação é este transcendentalismo, esta luta para ir além, esta ousadia de rasgar o véu da face da natureza e ter, a qualquer risco, a qualquer preço, um vislumbre do além. Esse é o nosso ideal, mas é claro que todas as pessoas de um país não podem desistir completamente. Você quer entusiasamá-los, então aqui está como fazer isso. Os vossos discursos sobre política, sobre regeneração social, os vossos discursos sobre ganhar dinheiro e comercialismo - tudo isto irá rolar como água nas costas de um pato. Essa espiritualidade, então, é o que vocês têm para ensinar ao mundo. Temos que aprender mais alguma coisa, temos que aprender alguma coisa do mundo? Temos, talvez, de ganhar um pouco em conhecimento material, em poder de organização, em capacidade de lidar

com poderes, em poder de organização, em extrair os melhores resultados das causas mais pequenas. Talvez até certo ponto possamos aprender isso com o Ocidente. Mas se alguém prega na Índia o ideal de comer, beber e se divertir, se alguém quiser transformar o mundo material em um Deus, esse homem é um mentiroso; ele não tem lugar nesta terra santa, a mente indiana não quer ouvi-lo. Sim, apesar do brilho e do brilho da civilização ocidental, apesar de todo o seu polimento e da sua maravilhosa manifestação de poder, estando nesta plataforma, digo-lhes na cara que tudo é vão. É vaidade das vaidades. Só Deus vive. Só a alma vive. Só a espiritualidade vive. Espere aí.

No entanto, talvez algum tipo de materialismo, moderado às nossas próprias necessidades, seria uma bênção para muitos dos nossos irmãos que ainda não estão maduros para as verdades mais elevadas. Este é o erro cometido em todos os países e em todas as sociedades, e é extremamente lamentável que na Índia, onde isso sempre foi entendido, tenha sido cometido o mesmo erro de impor as verdades mais elevadas a pessoas que não estão preparadas para elas. tarde. Meu método não precisa ser o seu. O Sannyasin, como todos sabem, é o ideal de vida do Hindu, e cada um, pelos nossos Shâstras, é compelido a desistir. Todo hindu que provou os frutos deste mundo deve desistir na última parte de sua vida, e quem não o faz não é hindu e não tem mais o direito de se autodenominar hindu. Sabemos que este é o ideal: desistir depois de ver e experimentar a vaidade das coisas. Tendo descoberto que o coração do mundo material é um mero vazio, contendo apenas cinzas, desista dele e volte. A mente está circulando para frente, por assim dizer, em direção aos sentidos, e essa mente tem que circular para trás; o Pravritti tem que parar e o Nivritti tem que começar. Esse é o ideal. Mas esse ideal só pode ser realizado após uma certa experiência. Não podemos ensinar à criança a verdade da renúncia; a criança nasce otimista; toda a sua vida está em seus sentidos; toda a sua vida é uma massa de prazer sensorial. Portanto, há homens infantis em todas as sociedades que necessitam de uma certa quantidade de experiência, de prazer, para verem através da vaidade disso, e então a renúncia chegará a eles. Houve ampla provisão para eles em nossos Livros; mas, infelizmente, em tempos posteriores, tem havido uma tendência de vincular todos às mesmas leis às quais o Sannyasin está vinculado, e isso é um grande erro. Mas para isso não era necessário que existisse grande parte da pobreza e da miséria que se

vê na Índia. A vida de um homem pobre está cercada e limitada por tremendas leis espirituais e éticas, das quais ele não tem utilidade. Tire as mãos! Deixe que o pobre sujeito se divirta um pouco, e então ele se levantará e a renúncia chegará a ele por si mesma. Talvez nesta linha possamos aprender algo com o povo ocidental; mas devemos ser muito cautelosos ao aprender essas coisas. Lamento dizer que a maioria dos exemplos que encontramos hoje de homens que absorveram as ideias ocidentais são mais ou menos fracassos.

Existem dois grandes obstáculos no nosso caminho na Índia: a Cila da velha ortodoxia e a Caríbdis da moderna civilização europeia. Destes dois, voto na velha ortodoxia e não no sistema europeizado; pois o velho ortodoxo pode ser ignorante, pode ser rude, mas ele é um homem, tem fé, tem força, mantém-se sobre os próprios pés; embora o homem europeizado não tenha espinha dorsal, ele é uma massa de ideias heterogêneas recolhidas aleatoriamente de todas as fontes – e essas ideias não são assimiladas, não são digeridas, não são harmonizadas. Ele não fica de pé e sua cabeça gira e gira. Onde está a força motriz de seu trabalho? – com alguns tapinhas condescendentes do povo inglês. Os seus esquemas de reformas, as suas veementes injúrias contra os males de certos costumes sociais, têm como mola mestra algum patrocínio europeu. Por que alguns de nossos costumes são chamados de males? Porque os europeus assim o dizem. Essa é a razão que ele dá. Eu não me submeteria a isso. Levante-se e morra com suas próprias forças, se há algum pecado no mundo, é fraqueza; evite toda fraqueza, pois fraqueza é pecado, fraqueza é morte. Estas criaturas desequilibradas ainda não estão formadas em personalidades distintas; como devemos chamá-los – homens, mulheres ou animais? Enquanto aqueles velhos ortodoxos eram firmes e eram homens. Ainda existem alguns exemplos excelentes, e o que quero apresentar a vocês agora é o seu Raja de Ramnad. Aqui você tem um homem do qual não há hindu mais zeloso em toda a extensão desta terra; aqui você tem um príncipe do qual não há príncipe nesta terra melhor informado em todos os assuntos, tanto orientais quanto ocidentais, que tira de cada nação tudo o que pode de bom. "Aprenda bons conhecimentos com toda a devoção da casta mais baixa. Aprenda o caminho para a liberdade, mesmo que venha de um pária, servindo-o. Se uma mulher é uma joia, aceite-a em casamento, mesmo que ela venha de uma família inferior de a casta mais baixa." Tal é a lei

estabelecida pelo nosso grande e incomparável legislador, o divino Manu. Isto é verdade. Fique de pé e assimile o que puder; aprenda com cada nação, pegue o que é útil para você. Mas lembrem-se que, como hindus, todo o resto deve estar subordinado aos nossos próprios ideais nacionais. Cada homem tem uma missão na vida, que é o resultado de todo o seu infinito Karma passado. Cada um de vocês nasceu com uma herança esplêndida, que é toda a infinita vida passada de sua gloriosa nação. Milhões de seus antepassados estão observando, por assim dizer, cada ação sua, então estejam alertas. E qual é a missão com que nasce toda criança hindu? Você não leu a orgulhosa declaração de Manu a respeito do Brâmane, onde ele diz que o nascimento do Brâmane é “para a proteção do tesouro da religião”? Devo dizer que essa é a missão não só do Brâmane, mas de toda criança, seja menino ou menina, que nasce nesta terra abençoada “para a proteção do tesouro da religião”. E todos os outros problemas da vida devem estar subordinados a esse tema principal. Essa também é a lei da harmonia na música. Pode haver uma nação cujo tema da vida seja a supremacia política; a religião e tudo o mais devem tornar-se subordinados a esse grande tema de sua vida. Mas aqui está outra nação cujo grande tema da vida é a espiritualidade e a renúncia, cuja única palavra de ordem é que este mundo é todo vaidade e uma ilusão de três dias, e tudo o mais, seja ciência ou conhecimento, prazer ou poderes, riqueza, nome ou fama, deve estar subordinado a esse tema. O segredo do carácter de um verdadeiro hindu reside na subordinação do seu conhecimento das ciências e da aprendizagem europeias, da sua riqueza, posição e nome, ao tema principal que é inato em cada criança hindu – a espiritualidade e a pureza da raça. Portanto, entre estes dois, o caso do homem ortodoxo que possui toda a fonte vital da raça, a espiritualidade, e o outro homem cujas mãos estão cheias de imitações de jóias ocidentais, mas não tem apego ao princípio que dá vida, a espiritualidade. — destes, não duvido que todos aqui concordem que devemos escolher o primeiro, o ortodoxo, porque nele há alguma esperança — ele tem o tema nacional, algo em que se apegar; então ele viverá, mas o outro morrerá. Tal como no caso dos indivíduos, se o princípio da vida não for perturbado, se a função principal dessa vida individual estiver presente, quaisquer lesões sofridas no que diz respeito a outras funções não são graves, não matam o indivíduo, portanto, enquanto esta função principal da nossa vida não for perturbada, nada pode destruir a nossa nação. Mas observe bem, se você desistir dessa espiritualidade,

deixando-a de lado para ir atrás da civilização materializante do Ocidente, o resultado será que em três gerações você será uma raça extinta; porque a espinha dorsal da nação será quebrada, o alicerce sobre o qual o edifício nacional foi construído será minado e o resultado será a aniquilação total.

Portanto, meus amigos, a saída é, antes de mais nada, mantermos um firme apego à espiritualidade – aquele dom inestimável que nos foi transmitido pelos nossos antigos antepassados. Você já ouviu falar de um país onde os maiores reis tentaram traçar sua descendência não a reis, não a barões ladrões que viviam em antigos castelos que saqueavam viajantes pobres, mas a sábios seminus que viviam na floresta? Você já ouviu falar de tal terra? Esta é a terra. Em outros países, os grandes sacerdotes tentam traçar a sua descendência até algum rei, mas aqui os maiores reis traçariam a sua descendência até algum sacerdote antigo. Portanto, quer você acredite na espiritualidade ou não, pelo bem da vida nacional, você tem que se apegar à espiritualidade e mantê-la. Então estenda a outra mão e ganhe tudo o que puder de outras raças, mas tudo deve estar subordinado a esse ideal de vida; e daí surgirá uma Índia futura maravilhosa e gloriosa - tenho certeza de que está chegando - uma Índia maior do que nunca. Sábios surgirão maiores que todos os sábios antigos; e seus ancestrais não apenas ficarão satisfeitos, mas tenho certeza, eles ficarão orgulhosos de suas posições em outros mundos por desprezarem seus descendentes, tão gloriosos e tão grandes.

Vamos todos trabalhar duro, meus irmãos; não é hora de dormir. Do nosso trabalho depende a vinda da Índia do futuro. Ela está lá pronta esperando. Ela está apenas dormindo. Levante-se e desperte e veja-a sentada aqui em seu trono eterno, rejuvenescida, mais gloriosa do que nunca – esta nossa pátria mãe. A ideia de Deus em nenhum outro lugar foi tão plenamente desenvolvida como nesta nossa pátria mãe, pois a mesma ideia de Deus nunca existiu em nenhum outro lugar. Talvez você esteja surpreso com minha afirmação; mas mostre-me qualquer ideia de Deus de qualquer outra escritura igual à nossa; eles têm apenas Deuses de clã, o Deus dos Judeus, o Deus dos Árabes, e de tal e tal raça, e o seu Deus está lutando contra os Deuses das outras raças. Mas a ideia daquele Deus benéfico e misericordioso, nosso pai, nossa mãe, nosso amigo, o amigo de nossos amigos, a alma de nossas almas, está aqui e apenas aqui. E que Aquele que é o Shiva dos Shaivitas, o Vishnu dos Vaishnavitas, o Karma dos Karmis, o

Buda dos Budistas, o Jina dos Jainistas, o Jeová dos Cristãos e dos Judeus, o Alá dos Maometanos, o Senhor de cada seita, o Brahman dos Vedantistas, Aquele que tudo permeia, cuja glória só foi conhecida nesta terra - que Ele nos abençoe, que Ele nos ajude, que Ele nos dê força, energia para nós, para levar essa ideia à prática. Que aquilo que ouvimos e estudamos se torne alimento para nós, que se torne força em nós, que se torne energia em nós para ajudarmos uns aos outros; que nós, professor e ensinado, não tenhamos inveja um do outro! Paz, paz, paz, em nome de Hari!

3.4.6 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO EM PARAMAKUDI

Paramakudi foi o primeiro ponto de parada após deixar Ramnad, e houve uma manifestação em grande escala, incluindo a apresentação do seguinte discurso:

SREEMAT VIVEKANANDA SWAMI

Nós, os cidadãos de Paramakudi, imploramos respeitosamente para conceder a Vossa Santidade as mais calorosas boas-vindas a este lugar, após a sua campanha espiritual bem-sucedida de quase quatro anos no mundo ocidental.

Partilhamos com os nossos compatriotas os sentimentos de alegria e orgulho pela filantropia que vos levou a participar no Parlamento das Religiões, realizado em Chicago, e a apresentar aos representantes do mundo religioso os tesouros sagrados mas escondidos da nossa antiga terra. Você, através de sua ampla exposição das verdades sagradas contidas na literatura védica, desiludiu as mentes iluminadas do Ocidente dos preconceitos entretidos por elas contra nossa antiga fé, e as convenceu de sua universalidade e adaptabilidade para intelectos de todas as tonalidades e em todas as épocas. .

A presença entre nós dos seus discípulos ocidentais é uma prova positiva de que os seus ensinamentos religiosos não foram apenas compreendidos na teoria, mas também produziram frutos práticos. A influência magnética de sua augusta pessoa nos lembra de nossos antigos e sagrados Rishis, cuja

realização do Ser por meio do ascetismo e do autocontrole os tornou os verdadeiros guias e preceptores da raça humana.

Concluindo, oramos sinceramente ao Todo-Misericordioso para que Vossa Santidade seja poupada por muito tempo para continuar a abençoar e espiritualizar toda a humanidade.

Com os melhores votos.

Nós imploramos para nos inscrevermos,

Os DISCÍPULOS e SERVOS mais obedientes e dedicados de Vossa Santidade.

No decorrer da sua resposta o Swami disse:

É quase impossível expressar o meu agradecimento pela gentileza e cordialidade com que me receberam. Mas se me for permitido dizê-lo, acrescentarei que o meu amor pelo meu país, e especialmente pelos meus compatriotas, será o mesmo, quer eles me recebam com a maior cordialidade ou me rejeitem do país. Pois no Gitâ Shri Krishna diz: os homens devem trabalhar apenas pelo trabalho, e amar pelo amor. O trabalho que fiz no mundo ocidental foi muito pequeno; não há ninguém aqui presente que não pudesse ter feito cem vezes mais trabalho no Ocidente do que eu fiz. E estou aguardando ansiosamente o dia em que surgirão mentes poderosas, mentes espirituais gigantescas, que estarão prontas para sair da Índia até os confins do mundo para ensinar espiritualidade e renúncia - aquelas idéias que vieram das florestas da Índia e pertencem apenas ao solo indiano.

Há períodos na história da raça humana em que, por assim dizer, nações inteiras são tomadas por uma espécie de cansaço mundial, quando descobrem que todos os seus planos lhes escapam entre os dedos, que velhas instituições e sistemas estão a desmoronar-se em pó. , que suas esperanças estão todas frustradas e tudo parece estar fora de controle. Duas tentativas foram feitas no mundo para fundar a vida social: uma foi baseada na religião e a outra foi baseada na necessidade social. Uma foi fundada na

espiritualidade, a outra no materialismo; um sobre o transcendentalismo, o outro sobre o realismo. Um olha além do horizonte deste pequeno mundo material e tem a ousadia de começar a vida ali, mesmo separado do outro. O outro, o segundo, contenta-se em tomar posição sobre as coisas do mundo e espera aí encontrar uma base firme. Curiosamente, parece que às vezes prevalece o lado espiritual, e depois o lado materialista – em movimentos ondulatórios que se sucedem. No mesmo país haverá marés diferentes. Ao mesmo tempo, prevalece a torrente total de ideias materialistas, e tudo nesta vida – a prosperidade, a educação que proporciona mais prazeres, mais comida – tornar-se-á glorioso no início e depois isso degradar-se-á e degenerará. Junto com a prosperidade, todos os ciúmes e ódios inatos da raça humana ascenderão ao calor. A competição e a crueldade impiedosa serão a palavra de ordem do dia. Citando um provérbio inglês muito comum e não muito elegante, “Cada um por si, e o diabo leva quem fica por último”, torna-se o lema do dia. Então as pessoas pensam que todo o esquema da vida é um fracasso. E o mundo seria destruído se a espiritualidade não tivesse vindo em socorro e ajudando o mundo que está afundando. Então o mundo ganha uma nova esperança e encontra uma nova base para uma nova construção, e surge outra onda de espiritualidade, que com o tempo declina novamente. Via de regra, a espiritualidade traz consigo uma classe de homens que reivindicam exclusivamente os poderes especiais do mundo. O efeito imediato disto é uma reação ao materialismo, que abre a porta para inúmeras reivindicações exclusivas, até que chegue o momento em que não apenas todos os poderes espirituais da raça, mas todos os seus poderes e privilégios materiais estejam centrados nas mãos de um muito pouco; e estes poucos, que estão no pescoço das massas populares, querem governá-las. Então a sociedade tem de ajudar a si mesma, e o materialismo vem em socorro.

Se você olhar para a Índia, nossa pátria, verá que a mesma coisa está acontecendo agora. Que você esteja aqui hoje para dar as boas-vindas a alguém que foi à Europa para pregar o Vedanta, teria sido impossível se o materialismo da Europa não tivesse aberto o caminho para isso. O materialismo veio em socorro da Índia, num certo sentido, abrindo as portas da vida a todos, destruindo os privilégios exclusivos de casta, abrindo à discussão os tesouros inestimáveis que estavam escondidos nas mãos de muito poucos que até perderam o uso deles. Metade foi roubada e perdida; e

a outra metade que resta está nas mãos de homens que, como cães na manjedoura, não comem e não permitem que outros o façam. Por outro lado, os sistemas políticos pelos quais lutamos na Índia estão na Europa há muito tempo, foram testados durante séculos e foram considerados deficientes. Uma após outra, as instituições, os sistemas e tudo o que está relacionado com o governo político foram condenados como inúteis; e a Europa está inquieta, não sabe para onde se virar. A tirania material é tremenda. A riqueza e o poder de um país estão nas mãos de alguns homens que não trabalham, mas manipulam o trabalho de milhões de seres humanos. Através deste poder eles podem inundar toda a terra com sangue. A religião e todas as coisas estão sob seus pés; eles governam e permanecem supremos. O mundo ocidental é governado por um punhado de Shylocks. Todas essas coisas de que ouvimos falar – governo constitucional, liberdade, liberdade e parlamentos – são apenas piadas.

O Ocidente geme sob a tirania dos Shylocks, e o Oriente geme sob a tirania dos sacerdotes; cada um deve manter o outro sob controle. Não pense que só um pode ajudar o mundo. Nesta criação do Senhor imparcial, Ele tornou iguais todas as partículas do universo. O pior e mais demoníaco homem tem algumas virtudes que o maior santo não possui; e o verme mais inferior pode ter certas coisas que o homem mais elevado não possui. O pobre trabalhador, que você acha que tem tão pouco prazer na vida, não tem o seu intelecto, não consegue compreender a Filosofia Vedanta e assim por diante; mas compare o seu corpo com o dele e você verá que o corpo dele não é tão sensível à dor quanto o seu. Se ele sofrer cortes graves no corpo, eles cicatrizarão mais rapidamente do que os seus. Sua vida está nos sentidos e ele gosta disso. Sua vida também é de equilíbrio e equilíbrio. Seja com base no materialismo, ou no intelecto, ou na espiritualidade, a compensação que é dada pelo Senhor a cada um de forma imparcial é exatamente a mesma. Portanto, não devemos pensar que somos os salvadores do mundo. Podemos ensinar muitas coisas ao mundo e também podemos aprender muitas coisas com ele. Podemos ensinar ao mundo apenas o que ele espera. Toda a civilização ocidental desmoronará nos próximos cinquenta anos se não houver fundamento espiritual. É inútil e inútil tentar governar a humanidade com a espada. Vereis que os próprios centros a partir dos quais surgiram ideias como o governo pela força são os primeiros centros a degradar-se, degenerar e desmoronar-se. A Europa, o

centro da manifestação da energia material, desintegrar-se-á em pó dentro de cinquenta anos se não estiver consciente de mudar a sua posição, de mudar o seu terreno e de fazer da espiritualidade a base da sua vida. E o que salvará a Europa é a religião dos Upanishads.

Além das diferentes seitas, filosofias e escrituras, existe uma doutrina subjacente – a crença na alma do homem, o Âtman – comum a todas as nossas seitas: e que pode mudar toda a tendência do mundo. Entre os hindus, os jainistas e os budistas, na verdade em toda a Índia, existe a ideia de uma alma espiritual que é o receptáculo de todo o poder. E você sabe muito bem que não existe um sistema de filosofia na Índia que lhe ensine que você pode obter poder, pureza ou perfeição de fora; mas todos eles lhe dizem que estes são o seu direito de nascença, a sua natureza. A impureza é uma mera sobreposição sob a qual a sua verdadeira natureza ficou oculta. Mas o verdadeiro você já é perfeito, já é forte. Você não precisa de nenhuma ajuda para governar a si mesmo; você já é autocontido. A única diferença está em saber ou não saber. Portanto, a única dificuldade foi resumida na palavra Avidyâ. O que faz a diferença entre Deus e o homem, entre o santo e o pecador? Apenas ignorância. Qual é a diferença entre o homem superior e o verme inferior que rasteja sob seus pés? Ignorância. Isso faz toda a diferença. Pois dentro daquele pequeno verme rastejante está alojado poder, conhecimento e pureza infinitos – a divindade infinita do próprio Deus. Não é manifestado; terá que ser manifestado.

Esta é a grande verdade que a Índia tem de ensinar ao mundo, porque não existe em nenhum outro lugar. Isto é espiritualidade, a ciência da alma. O que faz um homem se levantar e trabalhar? Força. Força é bondade, fraqueza é pecado. Se há uma palavra que você encontra saindo como uma bomba dos Upanishads, explodindo como uma bomba sobre as massas de ignorância, é a palavra destemor. E a única religião que deveria ser ensinada é a religião do destemor. Quer neste mundo, quer no mundo da religião, é verdade que o medo é a causa segura da degradação e do pecado. É o medo que traz a miséria, o medo que traz a morte, o medo que gera o mal. E o que causa o medo? Ignorância de nossa própria natureza. Cada um de nós é herdeiro aparente do Imperador dos imperadores; são da substância do próprio Deus. Não, de acordo com o Advaita, somos o próprio Deus, embora tenhamos esquecido a nossa própria natureza ao pensar em nós

mesmos como pequenos homens. Caímos dessa natureza e, portanto, fizemos diferenças – sou um pouco melhor que você, ou você do que eu, e assim por diante. Esta ideia de unidade é a grande lição que a Índia tem para dar, e observem vocês, quando isso é compreendido, muda todo o aspecto das coisas, porque vocês olham para o mundo através de outros olhos que não viam antes. E este mundo não é mais um campo de batalha onde cada alma nasce para lutar com todas as outras almas e o mais forte obtém a vitória e o mais fraco vai para a morte. Torna-se um playground onde o Senhor brinca como uma criança, e nós somos Seus companheiros de brincadeira, Seus colegas de trabalho. Esta é apenas uma peça, por mais terrível, hedionda e perigosa que possa parecer. Nós nos enganamos em seu aspecto. Quando conhecemos a natureza da alma, a esperança chega aos mais fracos, aos mais degradados, aos pecadores mais miseráveis. Somente, declara seu Shâstra, não se desespere. Pois você é o mesmo, faça o que fizer e não pode mudar sua natureza. A própria natureza não pode destruir a natureza. Sua natureza é pura. Pode estar escondido por milhões de eras, mas finalmente irá conquistar e sair. Portanto o Advaita traz esperança a todos e não desespere. Seu ensino não é através do medo; ensina, não sobre demônios que estão sempre alerta para agarrá-lo se você errar o equilíbrio - não tem nada a ver com demônios - mas diz que você tomou seu destino em suas próprias mãos. Seu próprio Karma fabricou este corpo para você, e ninguém fez isso por você. O Senhor Onipresente foi escondido pela ignorância e a responsabilidade é sua. Você não precisa pensar que foi trazido ao mundo sem sua escolha e deixado neste lugar horrível, mas saber que você mesmo fabricou seu corpo, pouco a pouco, exatamente como está fazendo neste exato momento. Você mesmo come; ninguém come por você. Você assimila o que come; ninguém faz isso por você. Você faz sangue, músculos e corpo a partir da comida; ninguém faz isso por você. Então você tem feito isso o tempo todo. Um elo de uma corrente explica a cadeia infinita. Se é verdade por um momento que você fabrica seu corpo, é verdade para todos os momentos que já existiram ou que virão. E toda a responsabilidade do bem e do mal recai sobre você. Esta é a grande esperança. O que fiz, isso posso desfazer. E ao mesmo tempo a nossa religião não tira da humanidade a misericórdia do Senhor. Isso está sempre lá. Por outro lado, Ele está ao lado desta tremenda corrente do bem e do mal. Ele, o sem vínculos, o sempre misericordioso, está sempre pronto para

nos ajudar até a outra margem, pois Sua misericórdia é grande e sempre chega aos puros de coração.

A vossa espiritualidade, num certo sentido, deverá constituir a base da nova ordem da sociedade. Se eu tivesse mais tempo, poderia mostrar-lhe como o Ocidente tem ainda mais a aprender com algumas das conclusões do Advaita, pois nestes dias de ciência materialista o ideal do Deus Pessoal não conta muito. Mas ainda assim, mesmo que um homem tenha uma forma de religião muito grosseira e queira templos e formas, ele pode ter quantos quiser; se ele deseja um Deus Pessoal para amar, poderá encontrar aqui as idéias mais nobres de um Deus Pessoal, como nunca foram alcançadas em nenhum outro lugar do mundo. Se um homem quiser ser racionalista e satisfazer a sua razão, é também aqui que poderá encontrar as ideias mais racionais do Impessoal.

3.4.7 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO EM SHIVAGANGA E MANAMADURA

Em Manamadura, o seguinte discurso de boas-vindas dos Zemindars e cidadãos de Shivaganga e Manamadura foi apresentado ao Swami:

PARA SRI SWAMI VIVEKANANDA

MUITO REVERENDIDO SENHOR,

Nós, os Zemindars e cidadãos de Shivaganga e Manamadura, imploramos para lhe oferecer as mais calorosas boas-vindas. Nos momentos mais otimistas de nossas vidas, em nossos sonhos mais amplos, nunca imaginamos que você, que estava tão perto de nossos corações, estaria tão próximo de nossas casas. O primeiro telegrama insinuando sua incapacidade de vir a Shivaganga lançou uma profunda tristeza em nossos corações e, se não fosse o subsequente forro de esperança para a nuvem, nossa decepção teria sido extrema. Quando soubemos pela primeira vez que você havia consentido em homenagear nossa cidade com sua presença, pensamos que havíamos realizado nossa maior ambição. A montanha

prometeu chegar a Maomé e a nossa alegria não teve limites. Mas quando a montanha foi obrigada a retirar o seu consentimento, e surgiram os nossos piores receios de que talvez não pudéssemos sequer ir até à montanha, você teve o prazer de ceder às nossas importunações.

Apesar das dificuldades quase intransponíveis da viagem, o nobre espírito de abnegação com que transmitiste a mais grandiosa mensagem do Oriente ao Ocidente, a forma magistral como a missão foi executada e o sucesso maravilhoso e sem paralelo que coroou seus esforços filantrópicos lhe renderam uma glória imorredoura. Numa época em que o materialismo ganha-pão ocidental estava a fazer as mais fortes incursões nas convicções religiosas indianas, quando os ditos e escritos dos nossos sábios começavam a ser numerados, o advento de um novo mestre como você já marcou uma era nos anais da avanço religioso, e esperamos que, com o passar do tempo, você consiga desintegrar a escória que cobre temporariamente o ouro genuíno da filosofia indiana e, lançando-a na poderosa casa da moeda do intelecto, torne-a moeda corrente em todo o globo. . A catolicidade com que conseguiste hastear triunfantemente a bandeira do pensamento filosófico indiano entre os religiosos heterogêneos reunidos no Parlamento das Religiões permite-nos esperar que em data não distante o senhor, tal como o seu contemporâneo na esfera política, governe um império sobre a qual o sol nunca se põe, apenas com a diferença de que o dela é um império sobre a matéria, e o seu será sobre a mente. Assim como ela bateu todos os recordes na história política pela duração e beneficência de seu reinado, oramos sinceramente ao Todo-Poderoso para que você seja poupado por tempo suficiente para consumir o trabalho de amor que você empreendeu tão desinteressadamente e, assim, ofuscar todos os seus antecessores na história espiritual.

Nós somos,

Reverendíssimo Senhor,

Seu mais zeloso e dedicado

FUNCIONÁRIOS.

A resposta do Swami foi no seguinte sentido:

Não posso expressar a profunda dívida de gratidão que você me depositou pela gentil e calorosa recepção que acaba de ser concedida por você. Infelizmente, não estou agora em condições de fazer um discurso muito grande, por mais que o deseje. Apesar dos belos adjetivos que nosso amigo sânscrito teve a gentileza de me aplicar, afinal de contas, tenho um corpo, por mais tolo que seja; e o corpo sempre segue as sugestões, condições e leis da matéria. Como tal, existe fadiga e cansaço em relação ao corpo material.

É uma grande coisa ver a maravilhosa alegria e apreço expressos em todas as partes do país pelo pouco trabalho que tenho feito no Ocidente. Eu vejo isso apenas desta forma: quero aplicá-lo àquelas grandes almas que virão no futuro. Se o pouco de trabalho que foi feito por mim recebe tal aprovação da nação, qual deve ser a aprovação que os gigantes espirituais, os impulsionadores do mundo que virão depois de nós, obterão desta nação? A Índia é a terra da religião; o hindu entende a religião e apenas a religião. Séculos de educação sempre estiveram nessa linha; e o resultado é que é a única preocupação da vida; e todos vocês sabem bem que é assim. Não é necessário que todos sejam lojistas; nem é necessário que todos sejam professores; não é necessário que todos sejam lutadores; mas neste mundo haverá diferentes nações produzindo harmonia de resultados.

Bem, talvez estejamos fadados pela Providência Divina a tocar a nota espiritual nesta harmonia das nações, e me alegra ver que ainda não perdemos as grandes tradições que nos foram transmitidas pelos mais gloriosos antepassados, dos quais qualquer nação pode se orgulhar. Isso me dá esperança, me dá uma fé inabalável no destino da raça. Isso me alegra, não pela atenção pessoal que me foi dada, mas por saber que o coração da nação está lá e ainda é sólido. A Índia ainda vive; quem disse que ela está morta? Mas o Ocidente quer ver-nos activos. Se quiserem ver-nos activos no campo de batalha, ficarão desapontados – esse não é o nosso campo – tal como ficaríamos desapontados se esperássemos ver uma nação militar activa no campo da espiritualidade. Mas deixe-os vir aqui e ver se estamos igualmente ativos e como a nação está vivendo e está tão viva como

sempre. Deveríamos dissipar a ideia de que degeneramos. Até agora tudo bem.

Mas agora tenho que dizer algumas palavras duras, que espero que você não considere indelicadas. Pois acaba de ser feita a queixa de que o materialismo europeu quase nos inundou. A culpa não é toda dos Europeus, mas em grande parte nossa. Nós, como Vedantistas, devemos sempre olhar as coisas de um ponto de vista introspectivo, a partir de suas relações subjetivas. Nós, como Vedantistas, sabemos com certeza que não há poder no universo para nos ferir, a menos que primeiro nos machuquemos. Um quinto da população da Índia tornou-se maometano. Tal como antes, dois terços da população nos tempos antigos tornaram-se budistas, um quinto são agora muçulmanos e os cristãos já são mais de um milhão.

De quem é a culpa? Um de nossos historiadores diz em linguagem sempre memorável: Por que esses pobres desgraçados deveriam morrer de fome e de sede quando a fonte perene da vida está fluindo? A questão é: o que fizemos por essas pessoas que abandonaram a sua própria religião? Por que eles deveriam ter se tornado muçulmanos? Ouvi falar de uma garota honesta na Inglaterra que se tornaria prostituta. Quando uma senhora pediu que ela não fizesse isso, sua resposta foi: "Essa é a única maneira de obter simpatia. Não consigo encontrar ninguém que me ajude agora; mas deixe-me ser uma mulher caída e oprimida, e então talvez damas misericordiosas venham e me levem para uma casa e façam tudo o que puderem por mim." Estamos chorando por estes renegados agora, mas o que fizemos por eles antes? Que cada um de nós se pergunte o que aprendemos; pegamos a tocha da verdade e, em caso afirmativo, até onde a levamos? Nós não os ajudamos então. Esta é a pergunta que devemos nos fazer. O fato de não termos feito isso foi culpa nossa, do nosso próprio Karma. Não culpemos ninguém, culpemos o nosso próprio Karma.

O materialismo, ou o maometismo, ou o cristianismo, ou qualquer outro ismo no mundo nunca poderiam ter tido sucesso se vocês não os permitissem. Nenhum bacilo pode atacar a estrutura humana até que ela seja degradada e degenerada pelo vício, pela má alimentação, pela privação e pela exposição; o homem saudável passa ileso por massas de bacilos venenosos. Mas ainda há tempo para mudar nossos hábitos. Abandone

todas aquelas velhas discussões, velhas brigas sobre coisas que não têm sentido, que são absurdas por sua própria natureza. Pense nos últimos seiscentos ou setecentos anos de degradação, quando centenas de homens adultos discutiram durante anos se deveríamos beber um copo de água com a mão direita ou com a esquerda, se a mão deveria ser lavada três ou quatro vezes. vezes, se deveríamos gargarejar cinco ou seis vezes. O que você pode esperar de homens que passam a vida discutindo questões tão importantes como essas e escrevendo as mais eruditas filosofias sobre elas! Existe o perigo de a nossa religião entrar na cozinha. Não somos vedantistas, a maioria de nós agora, nem paurânicos, nem tântricos. Somos apenas "não-tocadores". Nossa religião está na cozinha. Nosso Deus é a panela e nossa religião é: "Não me toque, eu sou santo". Se isto continuar por mais um século, cada um de nós estará num asilo para lunáticos. É um sinal claro de amolecimento do cérebro quando a mente não consegue compreender os problemas mais elevados da vida; toda a originalidade é perdida, a mente perde toda a sua força, sua atividade e seu poder de pensamento, e apenas tenta dar voltas e mais voltas na menor curva que consegue encontrar. Este estado de coisas tem primeiro de ser atirado ao mar e depois temos de nos levantar, ser activos e fortes; e então reconheceremos a nossa herança nesse tesouro infinito, o tesouro que os nossos antepassados nos deixaram, um tesouro que o mundo inteiro necessita hoje. O mundo morrerá se este tesouro não for distribuído. Traga-o para fora, distribua-o pela transmissão. Vyasa diz: Doar por si só é o único trabalho neste Kali Yuga; e de todos os dons, dar vida espiritual é o maior presente possível; o próximo presente é o conhecimento secular; o próximo, salvando a vida do homem; e o último, dar comida aos necessitados. De comida demos o suficiente; nenhuma nação é mais caridosa do que nós. Enquanto houver um pedaço de pão na casa do mendigo, ele dará metade. Tal fenómeno só pode ser observado na Índia. Já temos o suficiente disso, vamos aos outros dois, os dons do conhecimento espiritual e secular. E se todos fôssemos corajosos e tivéssemos corações fortes, e com absoluta sinceridade colocássemos os ombros no volante, em vinte e cinco anos todo o problema estaria resolvido, e não haveria mais nada aqui pelo que lutar; todo o mundo indiano seria mais uma vez ariano.

Isso é tudo que tenho para lhe contar agora. Não costumo falar muito sobre planos; Prefiro fazer e mostrar, e depois falar dos meus planos. Tenho meus

planos e pretendo realizá-los se o Senhor quiser, se a vida me for dada. Não sei se terei sucesso ou não, mas é uma grande coisa assumir um grande ideal de vida e depois entregar toda a vida a ele. Pois qual é o valor da vida, essa vida vegetante, pequena e baixa do homem? Subordiná-la a um ideal elevado é o único valor que a vida tem. Este é o grande trabalho a ser feito na Índia. Saúdo o atual reavivamento religioso; e eu seria um tolo se perdesse a oportunidade de bater no ferro enquanto ele está quente.

3.4.8 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO NA MADURA

(escrito agora como Madurai)

O Swami foi apresentado com um discurso de boas-vindas dos hindus de Madura, que dizia o seguinte:

Swami mais reverenciado,

Nós, o Público Hindu de Madura, imploramos para lhe oferecer as mais sinceras e respeitadas boas-vindas à nossa antiga e sagrada cidade. Percebemos em você um exemplo vivo do Sannyasin Hindu, que, renunciando a todos os laços e apegos mundanos calculados para levar à gratificação do eu, está dignamente empenhado no nobre dever de viver para os outros e se esforçando para elevar a condição espiritual da humanidade. . Você demonstrou pessoalmente que a verdadeira essência da religião hindu não está necessariamente ligada a regras e rituais, mas que é uma filosofia sublime capaz de dar paz e consolo aos angustiados e aflitos.

Você ensinou a América e a Inglaterra a admirar aquela filosofia e aquela religião que procura elevar cada homem da maneira mais adequada às suas capacidades e ambientes. Embora seus ensinamentos tenham sido transmitidos em terras estrangeiras nos últimos três anos, eles não foram devorados com menos avidez neste país e não tenderam nem um pouco a neutralizar o crescente materialismo importado de um solo estrangeiro.

A Índia vive até hoje, pois tem uma missão a cumprir no ordenamento espiritual do universo. O aparecimento de uma alma como você no final

deste ciclo do Kali Yuga é para nós um sinal seguro da encarnação, num futuro próximo, de grandes almas através das quais essa missão será cumprida.

Madura, a sede do aprendizado antigo, Madura, a cidade favorecida do Deus Sundareshwara, o sagrado Dwadashântakshetram dos Iogues, não fica atrás de nenhuma outra cidade indiana em sua calorosa admiração por sua exposição da filosofia indiana e em seu agradecimento por seus inestimáveis serviços para a humanidade. .

Oramos para que você seja abençoado com uma vida longa de vigor, força e utilidade.

O Swami respondeu nos seguintes termos:

Gostaria de poder viver entre vocês por vários dias e cumprir as condições que acabam de ser indicadas pelo seu digníssimo Presidente para relatar-lhe minhas experiências no Ocidente e o resultado de todo o meu trabalho lá nos últimos quatro anos. Mas, infelizmente, até os Swamis têm corpos; e as constantes viagens e palestras que tive de fazer nas últimas três semanas impossibilitaram-me de fazer um discurso muito longo esta noite. Limitar-me-ei, portanto, a agradecer-lhe muito cordialmente a gentileza que me foi demonstrada e reservarei outras coisas para algum dia no futuro, quando, em melhores condições de saúde, tivermos tempo para conversar sobre mais assuntos diversos do que posso fazer em tão pouco tempo esta noite. Estando em Madura, como convidado de um de seus conhecidos cidadãos e nobres, o Raja de Ramnad, um fato vem com destaque à minha mente. Talvez a maioria de vocês saiba que foi o Raja quem primeiro colocou em minha mente a ideia de ir para Chicago, e foi ele quem o apoiou o tempo todo com todo o seu coração e influência. Grande parte, portanto, dos elogios que me foram feitos neste discurso, deveria ir para este nobre homem do sul da Índia. Eu apenas gostaria que em vez de se tornar um Raja ele se tornasse um Sannyasin, pois é para isso que ele realmente está apto.

Onde quer que haja algo realmente necessário numa parte do mundo, o complemento encontrará o seu caminho e fornecer-lhe-á nova vida. Isto é

verdade tanto no mundo físico quanto no espiritual. Se houver falta de espiritualidade numa parte do mundo, e ao mesmo tempo se a espiritualidade existir noutro lugar, quer lutemos conscientemente por ela ou não, essa espiritualidade encontrará o seu caminho para a parte onde é necessária e equilibrará a desigualdade. . Na história da raça humana, não uma ou duas vezes, mas repetidamente, no passado foi o destino da Índia fornecer espiritualidade ao mundo. Descobrimos que sempre que, por conquista poderosa ou por supremacia comercial, diferentes partes do mundo foram reunidas em uma raça inteira e legados foram feitos de um canto a outro, cada nação, por assim dizer, despejou sua própria cota, seja político, social ou espiritual. A contribuição da Índia para a soma total do conhecimento humano tem sido a espiritualidade e a filosofia. Ela contribuiu com isso muito antes da ascensão do Império Persa; a segunda vez foi durante o Império Persa; pela terceira vez durante a ascendência dos gregos; e agora, pela quarta vez durante a ascendência dos ingleses, ela cumprirá mais uma vez o mesmo destino. À medida que as ideias ocidentais de organização e civilização externa estão a penetrar e a fluir para o nosso país, quer as tenhamos ou não, a espiritualidade e a filosofia indianas estão a inundar as terras do Ocidente. Ninguém pode resistir, e nós também não podemos resistir a algum tipo de civilização material do Ocidente. Um pouco disso, talvez, seja bom para nós, e um pouco de espiritualização seja bom para o Ocidente; assim o equilíbrio será preservado. Não é que devamos aprender tudo com o Ocidente, ou que eles tenham que aprender tudo connosco, mas cada um terá de fornecer e transmitir às gerações futuras o que tem para a realização futura desse sonho de séculos - a harmonia das nações, um mundo ideal. Se esse mundo ideal algum dia chegará, não sei, se essa perfeição social algum dia será alcançada, tenho minhas próprias dúvidas; venha ou não, cada um de nós terá que trabalhar pela ideia como se ela viesse amanhã, e como se dependesse apenas do seu trabalho, e só dele. Cada um de nós terá de acreditar que todos os outros no mundo fizeram o seu trabalho, e o único trabalho que falta fazer para tornar o mundo perfeito tem de ser feito por ele mesmo. Esta é a responsabilidade que devemos assumir.

Enquanto isso, na Índia há um tremendo renascimento da religião. Há perigo pela frente e também glória; pois o avivamento às vezes gera fanatismo, às vezes vai ao extremo, de modo que muitas vezes nem mesmo

está no poder daqueles que iniciam o avivamento controlá-lo quando ele ultrapassa um certo comprimento. É melhor, portanto, estar avisado. Temos de encontrar o nosso caminho entre a Cila da velha ortodoxia supersticiosa e a Caríbdis do materialismo – do europeísmo, da falta de alma, da chamada reforma – que penetrou até aos alicerces do progresso ocidental. Esses dois precisam ser cuidados. Em primeiro lugar, não podemos tornar-nos ocidentais; portanto, imitar os faroestes é inútil. Suponha que você possa imitar os faroestes, naquele momento em que você morrer, você não terá mais vida em você. Em segundo lugar, é impossível. Uma corrente está nascendo, muito além de onde o tempo começou, fluindo através de milhões de eras da história humana; você pretende se apossar desse riacho e empurrá-lo de volta à sua fonte, a uma geleira do Himalaia? Mesmo que isso fosse praticável, não seria possível europeizar-se. Se você acha que é impossível para o europeu se livrar dos poucos séculos de cultura que existem no Ocidente, você acha que é possível se livrar da cultura de dezenas de séculos brilhantes? Não pode ser. Devemos também lembrar que em cada pequeno deus de aldeia e em cada pequena superstição há um costume que estamos acostumados a chamar de nossa fé religiosa. Mas os costumes locais são infinitos e contraditórios. A quais devemos obedecer e quais não devemos obedecer? O Brâmane do Sul da Índia, por exemplo, encolheria de horror ao ver outro Brâmane comendo carne; um brâmane no Norte acha que é uma coisa muito gloriosa e sagrada de se fazer - ele mata centenas de cabras em sacrifício. Se você apresentar seu costume, eles estarão igualmente preparados para o deles. Vários são os costumes em toda a Índia, mas são locais. O maior erro cometido é que pessoas ignorantes sempre pensam que este costume local é a essência da nossa religião.

Mas além disso há uma dificuldade ainda maior. Existem dois tipos de verdade que encontramos em nossos Shâstras, uma que se baseia na natureza eterna do homem – aquela que trata da relação eterna entre Deus, a alma e a natureza; o outro, com circunstâncias locais, ambientes da época, instituições sociais do período, e assim por diante. A primeira classe de verdades está incorporada principalmente em nossos Vedas, nossas escrituras; o segundo no Smritis, os Puranas. etc. Devemos lembrar que para todos os períodos os Vedas são o objetivo final e a autoridade, e se os Purânas diferirem em algum aspecto dos Vedas, essa parte dos Puranas deve ser rejeitada sem piedade. Descobrimos, então, que em todos estes Smritis

os ensinamentos são diferentes. Um Smriti diz, este é o costume, e esta deveria ser a prática desta era. Outro diz, esta é a prática desta era, e assim por diante. Este é o Âchâra que deveria ser o costume do Satya Yuga, e este é o Achara que deveria ser o costume do Kali Yuga, e assim por diante. Agora, esta é uma das doutrinas mais gloriosas que você tem, que as verdades eternas, sendo baseadas na natureza do homem, nunca mudarão enquanto o homem viver; são virtudes para todos os tempos, onipresentes e universais. Mas os Smritis falam geralmente de circunstâncias locais, de deveres decorrentes de diferentes ambientes, e mudam com o passar do tempo. Vocês sempre devem se lembrar disso porque um pequeno costume social vai mudar, vocês não vão perder sua religião, de jeito nenhum. Lembre-se que esses costumes já foram alterados. Houve um tempo nesta mesma Índia em que, sem comer carne, nenhum brâmane poderia permanecer brâmane; você lê nos Vedas como, quando um sannyasin, um rei ou um grande homem entrava em uma casa, o melhor boi era morto; como com o tempo se descobriu que, como éramos uma raça agrícola, matar os melhores touros significava a aniquilação da raça. Portanto, a prática foi interrompida e uma voz levantou-se contra a matança de vacas. Às vezes descobrimos que existiam então o que hoje consideramos os costumes mais horríveis. Com o passar do tempo, outras leis tiveram que ser feitas. Estes, por sua vez, terão de desaparecer, e outros Smritis virão. Este é um fato que temos que aprender: os Vedas, sendo eternos, serão um e o mesmo em todas as eras, mas os Smritis terão um fim. À medida que o tempo passa, mais e mais Smritis irão embora, sábios virão, e eles mudarão e direcionarão a sociedade para melhores canais, para deveres e para caminhos que estejam de acordo com a necessidade da época, e sem os quais é impossível que a sociedade pode viver. Assim temos que guiar o nosso rumo, evitando estes dois perigos; e espero que cada um de nós aqui tenha amplitude suficiente e, ao mesmo tempo, fé suficiente para compreender o que isso significa, o que suponho ser a inclusão de tudo, e não a exclusão. Quero a intensidade do fanático mais a extensão do materialista. Profundo como o oceano, amplo como o céu infinito, esse é o tipo de coração que desejamos. Sejam tão progressistas como qualquer nação que já existiu e, ao mesmo tempo, tão fiéis e conservadores em relação às nossas tradições como só os hindus sabem ser.

Em palavras simples, temos primeiro que aprender a distinção entre o essencial e o não essencial em tudo. O essencial é eterno, o não essencial só tem valor por um determinado tempo; e se depois de algum tempo não forem substituídos por algo essencial, são positivamente perigosos. Não quero dizer que você deva se levantar e insultar todos os seus antigos costumes e instituições. Certamente não; você não deve insultar nem mesmo o mais maligno deles. Não insulte ninguém. Mesmo aqueles costumes que agora parecem ser males positivos, foram positivamente vivificantes em tempos passados; e se tivermos que removê-los, não devemos fazê-lo com maldições, mas com bênçãos e gratidão pelo trabalho glorioso que esses costumes realizaram para a preservação de nossa raça. E devemos também lembrar que os líderes das nossas sociedades nunca foram generais ou reis, mas sim Rishis. E quem são os Rishis? O Rishi, como é chamado nos Upanishads, não é um homem comum, mas um Mantra-drashtâ. Ele é um homem que vê a religião, para quem a religião não é apenas aprendizagem de livros, nem argumentação, nem especulação, nem muita conversa, mas realização real, um encontro face a face com verdades que transcendem os sentidos. Este é o Rishihood, e esse Rishihood não pertence a nenhuma época, ou tempo, ou mesmo a seitas ou castas. Vâtsyâyana diz que a verdade deve ser realizada; e temos que lembrar que você, eu e cada um de nós seremos chamados a nos tornarmos Rishis; e devemos ter fé em nós mesmos; devemos nos tornar motores do mundo, pois tudo está em nós. Devemos ver a Religião face a face, experimentá-la e assim resolver as nossas dúvidas sobre ela; e então, levantando-nos na luz gloriosa do estado de Rishi, cada um de nós será um gigante; e cada palavra que sai de nossos lábios trará consigo aquela infinita sanção de segurança; e diante de nós o mal desaparecerá por si mesmo, sem a necessidade de amaldiçoar ninguém, sem a necessidade de abusar de ninguém, sem a necessidade de lutar contra ninguém no mundo. Que o Senhor nos ajude, cada um de nós aqui, a realizar o Rishihood para nossa própria salvação e a dos outros!

3.4.9 A MISSÃO DO VEDANTA

Por ocasião da sua visita a Kumbakonam, o Swamiji foi presenteado com o seguinte discurso da comunidade hindu local:

SWAMIN reverenciado,

Em nome dos habitantes hindus desta antiga e religiosamente importante cidade de Kumbakonam, solicitamos permissão para lhe oferecer as mais calorosas boas-vindas no seu regresso do mundo ocidental à nossa própria terra sagrada de grandes templos e santos e sábios famosos. Estamos muito gratos a Deus pelo notável sucesso da sua missão religiosa na América e na Europa, e por ter-lhe permitido convencer os mais escolhidos representantes das grandes religiões do mundo reunidos em Chicago que tanto a filosofia como a religião hindus são tão amplas. e tão racionalmente católicos que têm em si o poder de exaltar e harmonizar todas as ideias de Deus e da espiritualidade humana.

A convicção de que a causa da Verdade está sempre segura nas mãos d'Aquele que é a vida e a alma do universo tem sido, durante milhares de anos, parte da nossa fé viva; e se hoje nos regozijamos com os resultados do seu santo trabalho em terras cristãs, é porque os olhos dos homens dentro e fora da Índia estão assim a ser abertos ao valor inestimável da herança espiritual da nação hindu preeminentemente religiosa. O sucesso do seu trabalho naturalmente adicionou grande brilho ao já renomado nome do seu grande Guru; também nos elevou na estima do mundo civilizado; mais do que tudo, fez-nos sentir que também nós, como povo, temos motivos para nos orgulharmos das conquistas do nosso passado e que a ausência de uma agressividade reveladora na nossa civilização não é de forma alguma um sinal da sua exaustão ou decadência. doença. Com trabalhadores perspicazes, dedicados e totalmente altruístas como vocês no nosso meio, o futuro da nação hindu não pode deixar de ser brilhante e esperançoso. Que o Deus do universo, que também é o grande Deus de todas as nações, conceda-lhe saúde e vida longa, e torne-o cada vez mais forte e sábio no desempenho de sua elevada e nobre função como um digno professor de religião e filosofia hindu.

Um segundo discurso também foi apresentado pelos estudantes hindus da cidade.

O Swami então proferiu o seguinte discurso sobre a Missão do Vedanta:

Uma quantidade muito pequena de trabalho religioso realizado traz muitos resultados. Se esta afirmação do Gita quisesse uma ilustração, estou descobrindo a cada dia a verdade desse grande ditado em minha humilde vida. O meu trabalho tem sido realmente muito insignificante, mas a gentileza e a cordialidade do acolhimento que me receberam em cada passo da minha viagem de Colombo a esta cidade estão simplesmente além de qualquer expectativa. No entanto, ao mesmo tempo, é digno das nossas tradições como hindus, é digno da nossa raça; pois aqui estamos nós, a raça hindu, cuja vitalidade, cujo princípio de vida, cuja própria alma, por assim dizer, está na religião. Vi um pouco do mundo, viajando entre as raças do Oriente e do Ocidente; e em todos os lugares encontro entre as nações um grande ideal que constitui a espinha dorsal, por assim dizer, dessa raça. Para alguns é política, para outros é cultura social; outros, novamente, podem ter cultura intelectual e assim por diante, devido à sua origem nacional. Mas esta, a nossa pátria, tem a religião e apenas a religião como base, como espinha dorsal, como alicerce sobre o qual se baseou toda a construção da sua vida. Alguns de vocês talvez se lembrem de que, em minha resposta ao amável discurso que o povo de Madras me enviou na América, salientei o fato de que um camponês na Índia tem, em muitos aspectos, uma educação religiosa melhor do que muitos cavaleiros na Índia. o Ocidente, e hoje, sem qualquer dúvida, eu próprio estou a verificar as minhas próprias palavras. Houve um tempo em que me senti bastante descontente com a falta de informação entre as massas da Índia e com a falta de sede de informação entre elas, mas agora compreendo isso. Onde reside o seu interesse, é aí que eles estão mais ávidos por informações do que as massas de qualquer outra raça que eu tenha visto ou entre as quais viajei. Pergunte aos nossos camponeses sobre as importantes mudanças políticas na Europa, as convulsões que estão a ocorrer na sociedade europeia – eles não sabem nada sobre elas, nem querem saber; mas os camponeses, mesmo no Ceilão, separados da Índia em muitos aspectos, privados de um interesse vivo na Índia - descobri que os próprios camponeses que trabalhavam nos campos já estavam familiarizados com o facto de ter havido um Parlamento das Religiões na América , que um Sannyasin indiano tinha ido até lá e que teve algum sucesso.

Onde, portanto, está o seu interesse, eles estão tão ávidos por informações quanto qualquer outra raça; e a religião é o único interesse do povo da

Índia. Não estou apenas discutindo agora se é bom ter a vitalidade da raça em ideais religiosos ou em ideais políticos, mas até agora está claro para nós que, para o bem ou para o mal, a nossa vitalidade está concentrada na nossa religião. Você não pode mudar isso. Você não pode destruí-lo e colocar outro em seu lugar. Você não pode transplantar uma árvore grande e crescente de um solo para outro e fazê-la criar raízes ali imediatamente. Para o bem ou para o mal, o ideal religioso tem inundado a Índia há milhares de anos; para o bem ou para o mal, a atmosfera indiana esteve repleta de ideais religiosos durante muitos séculos; para o bem ou para o mal, nascemos e fomos criados bem no meio dessas idéias de religião, até que elas tenham entrado em nosso próprio sangue e vibrado com cada gota em nossas veias, e se tornado uma com nossa constituição, tornou-se o muita vitalidade de nossas vidas. Você pode abandonar tal religião sem despertar a mesma energia em reação, sem encher o canal que aquele poderoso rio abriu para si mesmo no decorrer de milhares de anos? Você quer que o Gangâ volte ao seu leito gelado e comece um novo rumo? Mesmo que isso fosse possível, seria impossível para este país abandonar o seu percurso característico de vida religiosa e empreender uma nova carreira política ou qualquer outra coisa. Só se pode trabalhar sob a lei da menor resistência, e esta linha religiosa é a linha de menor resistência na Índia. Esta é a linha da vida, esta é a linha do crescimento e esta é a linha do bem-estar na Índia – seguir o caminho da religião.

Sim, em outros países a religião é apenas uma das muitas necessidades da vida. Para usar uma ilustração comum que costumo usar, minha senhora tem muitas coisas em sua sala, e hoje em dia está na moda ter um vaso japonês, e ela deve adquiri-lo; não parece bom ficar sem ele. Portanto, minha senhora, ou meu cavalheiro, tem muitas outras ocupações na vida, e também um pouco de religião deve entrar para completá-la. Conseqüentemente, ele ou ela tem um pouco de religião. A política, a melhoria social, numa palavra, este mundo, é o objectivo da humanidade no Ocidente, e Deus e a religião entram silenciosamente como ajudantes para atingir esse objectivo. O seu Deus é, por assim dizer, o Ser que ajuda a limpar e a fornecer este mundo para eles; aparentemente esse é todo o valor de Deus para eles. Você não sabe como, nos últimos cem ou duzentos anos, tem ouvido repetidamente dos lábios de homens que deveriam saber melhor, da boca daqueles que pelo menos fingem saber melhor, que todos

os argumentos que eles produzem contra a religião indiana é isto - que a nossa religião não conduz ao bem-estar neste mundo, que não nos traz ouro, que não nos torna ladrões de nações, que não faz com que os fortes se posicionem sobre os corpos dos fracos e se alimentam com o sangue vital dos fracos. Certamente nossa religião não faz isso. Não pode enviar coortes, sob cujos pés a terra treme, com o propósito de destruição, pilhagem e ruína de raças. Portanto eles dizem – o que há nesta religião? Não traz grãos para o moinho, nem força para os músculos; o que há em tal religião?

Eles nem sonham que esse é o mesmo argumento com o qual provamos a religião, porque ela não contribui para este mundo. A nossa é a única religião verdadeira porque, segundo ela, este pequeno mundo sensorial de três dias de duração não deve ser o fim e o objetivo de tudo, não deve ser o nosso grande objetivo. Este pequeno horizonte terrestre de poucos metros não é o que limita a visão da nossa religião. O nosso está muito além, e ainda além; além dos sentidos, além do espaço e além do tempo, muito além, até que nada deste mundo reste e o próprio universo se torne como uma gota no oceano transcendente da glória da alma. A nossa religião é a verdadeira porque ensina que só Deus é verdadeiro, que este mundo é falso e passageiro, que todo o seu ouro é apenas pó, que todo o seu poder é finito e que a própria vida é muitas vezes um mal; portanto é que a nossa é a verdadeira religião. A nossa religião é a verdadeira porque, acima de tudo, ensina a renúncia e se mantém com a sabedoria de eras para contar e declarar às nações que são meros filhos de ontem em comparação com nós, hindus - que possuímos a antiguidade da sabedoria, descobertos pelos nossos antepassados aqui na Índia - para dizer-lhes em palavras simples: "Filhos, vocês são escravos dos sentidos; só há finitude nos sentidos, só há ruína nos sentidos; os três curtos dias de luxo aqui trazem apenas finalmente a ruína. Desista de tudo, renuncie ao amor dos sentidos e do mundo; Através da renúncia é o caminho para a meta e não através do prazer. Portanto, a nossa é a única religião verdadeira.

Sim, é um fato curioso que, embora nações após nações tenham surgido no palco do mundo, desempenhado seu papel vigorosamente por alguns momentos e morrido quase sem deixar marca ou ondulação no oceano do tempo, aqui estamos nós vivendo , por assim dizer, uma vida eterna. Falam muito das novas teorias sobre a sobrevivência do mais apto e pensam que é

a força dos músculos que faz com que o mais apto possa sobreviver. Se isso fosse verdade, qualquer uma das agressivamente conhecidas nações do velho mundo teria vivido hoje em glória, e nós, os fracos hindus, que nunca conquistamos sequer uma outra raça ou nação, deveríamos ter morrido; no entanto, vivemos aqui com trezentos milhões de pessoas! (Uma jovem inglesa disse-me uma vez: O que fizeram os hindus? Eles nunca conquistaram uma única raça!) E não é verdade que todas as suas energias tenham sido gastas, que a atrofia tenha tomado conta do seu corpo: isso não é verdade. Há vitalidade suficiente, e ela sai em torrentes e inunda o mundo quando chega o momento e exige isso.

Lançamos, por assim dizer, um desafio ao mundo inteiro desde os tempos mais antigos. No Ocidente, eles estão tentando resolver o problema de quanto um homem pode possuir, e nós estamos tentando aqui resolver o problema de quão pouco um homem pode viver. Esta luta e esta diferença ainda durarão alguns séculos. Mas se a história contém alguma verdade e se os prognósticos algum dia se provarem verdadeiros, será necessário que aqueles que se treinam para viver com o mínimo e se controlam bem acabarão por ganhar a batalha, e que aqueles que correm atrás do prazer e do luxo, por mais vigorosos que possam parecer no momento, terão que morrer e ser aniquilados. Há momentos na história da vida de um homem, ou melhor, na história da vida das nações, em que uma espécie de cansaço do mundo se torna dolorosamente predominante. Parece que uma tal onda de cansaço mundial se abateu sobre o mundo ocidental. Lá também eles têm seus pensadores, grandes homens; e já estão descobrindo que esta corrida pelo ouro e pelo poder é toda vaidade das vaidades; muitos, ou melhor, a maioria dos homens e mulheres cultos que aí vivem, já estão cansados desta competição, desta luta, desta brutalidade da sua civilização comercial, e estão ansiosos por algo melhor. Há uma classe que ainda se apegava às mudanças políticas e sociais como a única panaceia para os males da Europa, mas entre os grandes pensadores de lá, outros ideais estão a crescer. Descobriram que nenhuma manipulação política ou social das condições humanas pode curar os males da vida. É uma mudança da própria alma para melhor, a única que curará os males da vida. Nenhuma quantidade de força, ou governo, ou crueldade legislativa mudará as condições de uma raça, mas é apenas a cultura espiritual e a cultura ética que podem mudar para melhor as tendências raciais erradas. Assim, estas raças do Ocidente estão ansiosas

por algum novo pensamento, por alguma nova filosofia; a religião que tiveram, o Cristianismo, embora bom e glorioso em muitos aspectos, foi mal compreendido e, tal como entendido até agora, é considerado insuficiente. Os homens pensativos do Ocidente encontram na nossa filosofia antiga, especialmente no Vedanta, o novo impulso de pensamento que procuram, o próprio alimento e bebida espiritual de que têm fome e sede. E não é de admirar que seja assim.

Acostumei-me a ouvir todos os tipos de afirmações maravilhosas apresentadas em favor de todas as religiões sob o sol. Você também ouviu, recentemente, as afirmações apresentadas pelo Dr. Barrows, um grande amigo meu, de que o Cristianismo é a única religião universal. Deixe-me considerar esta questão por um momento e apresentar-lhe minhas razões pelas quais penso que é o Vedanta, e somente o Vedanta, que pode se tornar a religião universal do homem, e que nenhuma outra está preparada para esse papel. Com exceção da nossa, quase todas as outras grandes religiões do mundo estão inevitavelmente ligadas à vida ou vidas de um ou mais dos seus fundadores. Todas as suas teorias, os seus ensinamentos, as suas doutrinas e a sua ética são construídos em torno da vida de um fundador pessoal, de quem obtêm a sua sanção, a sua autoridade e o seu poder; e, estranhamente, sobre a historicidade da vida do fundador é construída, por assim dizer, toda a estrutura de tais religiões. Se houver um golpe desferido na historicidade daquela vida, como tem sido o caso nos tempos modernos com as vidas de quase todos os chamados fundadores da religião - sabemos que metade dos detalhes de tais vidas não são agora seriamente acreditados. e que a outra metade é seriamente posta em dúvida - se este for o caso, se aquela rocha da historicidade, como eles pretendem chamá-la, for abalada e quebrada, todo o edifício desmoronará, completamente quebrado, para nunca mais recuperar o seu status perdido .

Cada uma das grandes religiões do mundo, exceto a nossa, é construída sobre tais personagens históricos; mas o nosso baseia-se em princípios. Não há homem ou mulher que possa afirmar ter criado os Vedas. São a personificação de princípios eternos; os sábios os descobriram; e de vez em quando os nomes desses sábios são mencionados – apenas seus nomes; nem sabemos quem ou o que eram. Em muitos casos não sabemos quem foram os seus pais e, em quase todos os casos, não sabemos quando e onde

nasceram. Mas o que importava para eles, esses sábios, com seus nomes? Eles eram pregadores de princípios e eles próprios, até onde podiam, tentavam tornar-se ilustrações dos princípios que pregavam. Ao mesmo tempo, tal como o nosso Deus é um Deus Impessoal e, no entanto, Pessoal, também a nossa religião é intensamente impessoal - uma religião baseada em princípios - e, no entanto, com um âmbito infinito para o jogo das pessoas; pois que religião lhe dá mais Encarnações, mais profetas e videntes, e ainda espera por infinitamente mais? O Bhagavata diz que as Encarnações são infinitas, deixando amplo espaço para quantas você quiser. Portanto, se qualquer uma ou mais destas pessoas na história religiosa da Índia, qualquer uma ou mais destas Encarnações, e qualquer um ou mais dos nossos profetas provarem não ter sido históricos, isso não prejudica em nada a nossa religião; mesmo assim permanece firme como sempre, porque se baseia em princípios e não em pessoas. É em vão que tentamos reunir todos os povos do mundo em torno de uma única personalidade. É difícil fazê-los reunir-se mesmo em torno de princípios eternos e universais. Se algum dia for possível trazer a maior parte da humanidade para uma maneira de pensar em relação à religião, observe, isso deve ser sempre através de princípios e não através de pessoas. No entanto, como eu disse, a nossa religião tem amplo espaço para a autoridade e influência das pessoas. Existe aquela maravilhosa teoria de Ishta que lhe dá a escolha mais completa e livre possível entre essas grandes personalidades religiosas. Você pode tomar qualquer um dos profetas ou professores como seu guia e objeto de sua adoração especial; você pode até pensar que aquele que você escolheu é o maior dos profetas, o maior de todos os Avatâras; não há mal nenhum nisso, mas você deve manter uma base sólida de princípios eternamente verdadeiros. O fato estranho aqui é que o poder de nossas Encarnações só tem sido válido para nós na medida em que são ilustrações dos princípios dos Vedas. A glória de Shri Krishna é que ele tem sido o melhor pregador de nossa eterna religião de princípios e o melhor comentarista do Vedanta que já existiu na Índia.

A segunda reivindicação do Vedanta à atenção do mundo é que, de todas as escrituras do mundo, é a única escritura cujo ensino está em plena harmonia com os resultados que foram alcançados pelas modernas investigações científicas de fontes externas. natureza. Duas mentes no passado obscuro da história, cognatas entre si em forma, parentesco e simpatia, começaram,

sendo colocadas em rotas diferentes. Uma era a antiga mente hindu e a outra, a antiga mente grega. O primeiro começou analisando o mundo interno. Este último partiu em busca desse objetivo além da análise do mundo externo. E mesmo através das várias vicissitudes da sua história, é fácil perceber que estas duas vibrações de pensamento tendem a produzir ecos semelhantes do objetivo além. Parece claro que as conclusões da ciência materialista moderna podem ser aceitáveis, em harmonia com a sua religião, apenas para os vedantinos ou hindus, como são chamados. Parece claro que o materialismo moderno pode manter-se e, ao mesmo tempo, aproximar-se da espiritualidade, adotando as conclusões do Vedanta. Parece-nos, e a todos os que desejam saber, que as conclusões da ciência moderna são as mesmas conclusões a que o Vedanta chegou há séculos atrás; apenas, na ciência moderna, eles são escritos na linguagem da matéria. Esta é então outra reivindicação do Vedanta sobre as mentes ocidentais modernas, a sua racionalidade, o maravilhoso racionalismo do Vedanta. Algumas das melhores mentes científicas ocidentais da época me disseram quão maravilhosamente racionais são as conclusões do Vedanta. Conheço pessoalmente um deles que mal tem tempo de fazer sua refeição ou de sair do laboratório, mas que ainda assim fica de pé a cada hora para assistir às minhas palestras sobre o Vedanta; pois, como ele expressa, eles são tão científicos, harmonizam-se tão exatamente com as aspirações da época e com as conclusões a que a ciência moderna está chegando no momento.

Gostaria especialmente de chamar a sua atenção para duas dessas conclusões científicas extraídas da religião comparada: uma refere-se à ideia da universalidade das religiões, e a outra à ideia da unidade das coisas. Observamos nas histórias da Babilônia e entre os judeus um interessante fenômeno religioso acontecendo. Descobrimos que cada um desses povos babilônicos e judeus estava dividido em muitas tribos, cada tribo tendo um deus próprio, e que esses pequenos deuses tribais tinham frequentemente um nome genérico. Os deuses entre os babilônios eram todos chamados de Baals, e entre eles Baal Merodake era o principal. Com o passar do tempo, uma dessas muitas tribos conquistaria e assimilaria as outras tribos racialmente aliadas, e o resultado natural seria que o deus da tribo conquistadora seria colocado à frente de todos os deuses das outras tribos. Assim foi criado o chamado monoteísmo vangloriado dos semitas. Entre os

judeus, os deuses eram chamados de Molochs. Destes havia um Moloch que pertencia à tribo chamada Israel, e ele era chamado de Moloch-Yahveh ou Moloch-Yava. Com o tempo, esta tribo de Israel conquistou lentamente algumas das outras tribos da mesma raça, destruiu os seus Molochs e declarou o seu próprio Moloch como o Moloch Supremo de todos os Molochs. E tenho certeza de que a maioria de vocês conhece a quantidade de derramamento de sangue, de tirania e de selvageria brutal que esta conquista religiosa acarretou. Mais tarde, os babilônios tentaram destruir esta supremacia de Moloch-Yahveh, mas não conseguiram.

Parece-me que tal tentativa de auto-afirmação tribal em questões religiosas poderia ter ocorrido nas fronteiras e também na Índia. Aqui, também, todas as diversas tribos dos arianos poderiam ter entrado em conflito umas com as outras por declararem a supremacia dos seus vários deuses tribais; mas a história da Índia seria diferente, seria diferente da dos judeus. Somente a Índia seria, de todas as terras, a terra da tolerância e da espiritualidade; e, portanto, a luta entre tribos e seus deuses não ocorreu aqui por muito tempo. Para um dos maiores sábios que já nasceu, descoberto aqui na Índia, mesmo naquele tempo distante, que a história não pode alcançar, e em cuja escuridão nem mesmo a própria tradição ousa espiar - naquele tempo distante o sábio surgiu e declarou: एकं सद् विद्मः बहुधा वर्तते — "Aquele que existe é um; os sábios O chamam de vários modos." Esta é uma das frases mais memoráveis já proferidas, uma das maiores verdades já descobertas. E para nós, hindus, esta verdade tem sido a espinha dorsal da nossa existência nacional. Pois ao longo dos séculos de nossa vida nacional, esta ideia - एकं सद् विद्मः बहुधा वर्तते - desce, ganhando volume e plenitude até permear toda a nossa existência nacional, até se misturar em nosso sangue, e se tornou um conosco. Vivemos essa grande verdade em todos os sentidos e o nosso país tornou-se a gloriosa terra da tolerância religiosa. É aqui e somente aqui que eles constroem templos e igrejas para as religiões que vieram com o objetivo de condenar a nossa própria religião. Este é um grande princípio que o mundo espera aprender conosco. Sim, você pouco sabe o quanto de intolerância ainda existe no exterior. Ocorreu-me mais de uma vez que teria de deixar os meus ossos em terras estrangeiras devido à prevalência da intolerância religiosa. Matar um homem não é nada por causa da religião; amanhã poderão fazê-lo no próprio coração da alardeada civilização do Ocidente, se hoje não o fizerem realmente. A expulsão nas suas formas

mais horríveis atingia frequentemente a cabeça de um homem no Ocidente se ele ousasse dizer uma palavra contra a religião aceite no seu país. Eles falam aqui com fluência e suavidade em críticas às nossas leis de castas. Se você for para o Ocidente e viver lá como eu vivi, saberá que mesmo alguns dos maiores professores de que você ouve falar são covardes flagrantes e não ousam dizer, por medo da opinião pública, uma centésima parte do que afirmam. ser realmente verdadeiro em matéria religiosa.

Portanto, o mundo está à espera desta grande ideia de tolerância universal. Será uma grande aquisição para a civilização. Não, nenhuma civilização pode existir por muito tempo a menos que esta ideia entre nela. Nenhuma civilização pode crescer a menos que os fanáticos, o derramamento de sangue e a brutalidade parem. Nenhuma civilização pode começar a erguer a cabeça até que olhemos uns para os outros com caridade; e o primeiro passo para essa caridade tão necessária é olhar com caridade e bondade para as convicções religiosas dos outros. Mais ainda, compreender que não devemos apenas ser caridosos, mas também positivamente úteis uns aos outros, por mais diferentes que sejam as nossas ideias e convicções religiosas. E é exatamente isso que fazemos na Índia, como acabei de relatar a vocês. Foi aqui na Índia que os hindus construíram e continuam a construir igrejas para os cristãos e mesquitas para os maometanos. Essa é a coisa a fazer. Apesar do seu ódio, apesar da sua brutalidade, apesar da sua crueldade, apesar da sua tirania, e apesar da linguagem vil que são dados a proferir, iremos e devemos continuar a construir igrejas para os cristãos e mesquitas. para os maometanos até que conquistemos através do amor, até que tenhamos demonstrado ao mundo que só o amor é a coisa mais adequada para sobreviver e não o ódio, que é a gentileza que tem a força para viver e frutificar, e não a mera brutalidade e violência física força.

A outra grande ideia que o mundo quer de nós hoje, a parte pensante da Europa, ou melhor, o mundo inteiro - mais, talvez, as classes mais baixas do que as mais altas, mais as massas do que os cultos, mais os ignorantes do que os educados, mais os fracos do que os fortes - é aquela grande ideia eterna da unidade espiritual de todo o universo. Não preciso dizer-vos hoje, homens da Universidade de Madras, como as pesquisas modernas do Ocidente demonstraram através de meios físicos a unidade e a solidariedade de todo o universo; como, fisicamente falando, você e eu, o sol, a lua e as

estrelas somos apenas pequenas ondas ou sem ondas no meio de um oceano infinito de matéria; como a psicologia indiana demonstrou há muito tempo que, da mesma forma, tanto o corpo como a mente são apenas meros nomes ou pequenas ondas no oceano da matéria, o Samashti; e como, indo um passo além, também é mostrado no Vedanta que por trás dessa ideia da unidade de todo o espetáculo, a verdadeira Alma é uma. Existe apenas uma Alma em todo o universo, tudo é apenas Uma Existência. Esta grande ideia da solidariedade real e básica de todo o universo tem assustado muitos, mesmo neste país. Mesmo agora, às vezes encontra mais oponentes do que adeptos. Digo-vos, no entanto, que é a única grande ideia vivificante que o mundo quer de nós hoje, e que as massas mudas da Índia desejam para a sua elevação, pois ninguém pode regenerar esta nossa terra sem a aplicação prática e eficaz operação deste ideal de unidade das coisas.

O Ocidente racional está seriamente empenhado em procurar a racionalidade, a razão de ser de toda a sua filosofia e da sua ética; e todos vocês sabem bem que a ética não pode derivar da mera sanção de qualquer personagem, por maior e divino que ele tenha sido. Tal explicação da autoridade da ética não atrai mais os mais elevados pensadores do mundo; eles querem algo mais do que a sanção humana para que os códigos éticos e morais sejam vinculativos, eles querem algum princípio eterno de verdade como a sanção da ética. E onde se encontra essa sanção eterna, exceto na única Realidade Infinita que existe em você, em mim e em todos, no Ser, na Alma? A unidade infinita da Alma é a sanção eterna de toda moralidade, que você e eu não somos apenas irmãos - toda literatura que expressa a luta do homem pela liberdade pregou isso para você - mas que você e eu somos realmente um. Este é o ditame da filosofia indiana. Essa unidade é a razão de toda ética e de toda espiritualidade. A Europa quer-o hoje tanto como as nossas massas oprimidas, e este grande princípio está mesmo agora a formar inconscientemente a base de todas as mais recentes aspirações políticas e sociais que estão a surgir na Inglaterra, na Alemanha, em França e na América. E observem, meus amigos, que em e através de toda a literatura que expressa a luta do homem pela liberdade, pela liberdade universal, vocês sempre encontram os ideais do Vedanta indiano aparecendo com destaque. Em alguns casos, os escritores não conhecem a fonte de sua inspiração, em alguns casos tentam parecer muito originais, e

alguns o são, ousados e gratos o suficiente para mencionar a fonte e reconhecer sua dívida para com ela.

Quando eu estava na América, ouvi uma vez a reclamação de que eu estava pregando muito sobre Advaita e muito pouco sobre dualismo. Sim, eu sei que grandeza, que oceanos de amor, que bênçãos e alegrias infinitas e extáticas existem nas teorias dualistas do amor, da adoração e da religião. Eu sei tudo. Mas este não é o momento para chorarmos, mesmo de alegria; já choramos o suficiente; não é mais hora de nos tornarmos moles. Essa suavidade esteve conosco até nos tornarmos como massas de algodão e morrermos. O que o nosso país quer agora são músculos de ferro e nervos de aço, vontades gigantescas às quais nada pode resistir, que possam penetrar nos mistérios e nos segredos do universo, e que cumpram o seu propósito de qualquer forma, mesmo que isso signifique descer ao fundo do oceano e encontrar a morte cara a cara. Isso é o que queremos, e isso só pode ser criado, estabelecido e fortalecido pela compreensão e realização do ideal do Advaita, esse ideal da unidade de todos. Fé, fé, fé em nós mesmos, fé, fé em Deus – este é o segredo da grandeza. Se vocês têm fé em todos os trezentos e trinta milhões de seus deuses mitológicos, e em todos os deuses que os estrangeiros introduziram de vez em quando em seu meio, e ainda não têm fé em si mesmos, não há salvação para vocês. Tenham fé em si mesmos, mantenham-se firmes nessa fé e sejam fortes; é disso que precisamos. Por que é que nós, trezentos e trinta milhões de pessoas, fomos governados durante os últimos mil anos por todo e qualquer punhado de estrangeiros que escolheram passar por cima dos nossos corpos prostrados? Porque eles tinham fé em si mesmos e nós não. O que aprendi no Ocidente e o que vi por trás daqueles ditos frívolos das seitas cristãs que repetiam que o homem era um pecador caído e irremediavelmente caído? Ali vi que dentro dos corações nacionais, tanto da Europa como da América, reside o tremendo poder da fé dos homens em si mesmos. Um garoto inglês lhe dirá: “Sou inglês e posso fazer qualquer coisa”. O garoto americano lhe dirá a mesma coisa, e o mesmo acontecerá com qualquer garoto europeu. Nossos meninos podem dizer a mesma coisa aqui? Não, nem mesmo os pais do menino. Perdemos a fé em nós mesmos. Portanto, pregar o aspecto Advaita do Vedanta é necessário para despertar os corações dos homens, para mostrar-lhes a glória de suas almas. É, portanto, que eu prego este Advaita;

e não o faço como sectário, mas com base em bases universais e amplamente aceitáveis.

É fácil descobrir o caminho da reconciliação que não prejudicará o dualista ou o monista qualificado. Não existe um único sistema na Índia que não defenda a doutrina de que Deus está dentro, de que a Divindade reside dentro de todas as coisas. Cada um dos nossos sistemas Vedânticos admite que toda pureza, perfeição e força já estão na alma. Segundo alguns, esta perfeição às vezes torna-se, por assim dizer, contraída, e outras vezes torna-se novamente expandida. No entanto, está lá. De acordo com o Advaita, ele não se contrai nem se expande, mas fica oculto e descoberto de vez em quando. Praticamente a mesma coisa em vigor. Uma pode ser uma afirmação mais lógica que a outra, mas quanto ao resultado, às conclusões práticas, ambas são praticamente as mesmas; e esta é a ideia central de que o mundo necessita, e em nenhum lugar a necessidade é mais sentida do que nesta nossa própria pátria.

Sim, meus amigos, devo contar-lhes algumas duras verdades. Li no jornal que, quando um dos nossos companheiros é assassinado ou maltratado por um inglês, os uivos se espalham por todo o país; Leio e choro, e no momento seguinte me vem à mente a pergunta: Quem é o responsável por tudo isso? Como Vedantista não posso deixar de colocar essa questão para mim mesmo. O hindu é um homem introspectivo; ele quer ver as coisas em si e através de si mesmo, através da visão subjetiva. Eu, portanto, me pergunto: quem é o responsável? E a resposta sempre vem: os ingleses não; não, eles não são responsáveis; somos nós os responsáveis por toda a nossa miséria e toda a nossa degradação, e só nós somos responsáveis. Os nossos antepassados aristocráticos continuaram a pisar as massas comuns do nosso país, até que se tornaram indefesas, até que, sob este tormento, os pobres, os pobres, quase esqueceram que eram seres humanos. Eles foram obrigados a ser apenas rachadores de lenha e tiradores de água durante séculos, tanto que são levados a acreditar que nasceram como escravos, nasceram como rachadores de lenha e tiradores de água. Apesar de toda a nossa alardeada educação dos tempos modernos, se alguém disser uma palavra gentil sobre eles, muitas vezes descubro que nossos homens se esquivam imediatamente do dever de erguê-los, essas pobres pessoas oprimidas. Não apenas isso, mas também acho que todos os tipos de argumentos demoníacos e brutais,

retirados das idéias grosseiras de transmissão hereditária e outras bobagens semelhantes do mundo ocidental, são apresentados a fim de brutalizar e tyrannizar ainda mais os pobres. . No Parlamento das Religiões da América, compareceu, entre outros, um jovem, um negro nato, um verdadeiro negro africano, e fez um belo discurso. Fiquei interessado no jovem e de vez em quando conversava com ele, mas não conseguia descobrir nada sobre ele. Mas um dia, na Inglaterra, conheci alguns americanos; e foi isso que eles me disseram. Este menino era filho de um chefe negro que vivia no coração da África, e que um dia outro chefe ficou zangado com o pai deste menino e o assassinou e assassinou a mãe também, e eles foram cozidos e comidos; ele ordenou que a criança também fosse morta, cozida e comida; mas o menino fugiu e, depois de passar por grandes dificuldades e ter viajado uma distância de várias centenas de quilômetros, chegou à costa e lá foi levado para um navio americano e levado para a América. E esse menino fez aquele discurso! Depois disso, o que eu pensaria da sua doutrina da hereditariedade!

Sim, Brâmanes, se o Brâmane tem mais aptidão para aprender com base na hereditariedade do que o Pária, não gastem mais dinheiro na educação do Brâmane, mas gastem tudo com o Pária. Dê aos fracos, pois aí é necessário todo o presente. Se o brâmane nasce inteligente, ele pode educar-se sem ajuda. Se os outros não nascem inteligentes, deixe-os receber todos os ensinamentos e professores que desejarem. Isso é justiça e razão, como eu a entendo. O nosso pobre povo, estas massas oprimidas da Índia, necessitam, portanto, de ouvir e saber o que realmente são. Sim, que cada homem, mulher e criança, sem respeito de casta ou nascimento, fraqueza ou força, ouça e aprenda que por trás do forte e do fraco, por trás do alto e do baixo, por trás de cada um, existe aquela Alma Infinita, assegurando a possibilidade infinita e a capacidade infinita de todos se tornarem grandes e bons. Proclamemos a cada alma: उचिष्ठत जाग्रत प्राप्य कविविबोधत - Levante-se, desperte e não pare até que a meta seja alcançada. Levante-se, acorde! Acorde deste hipnotismo de fraqueza. Nenhum é realmente fraco; a alma é infinita, onipotente e onisciente. Levante-se, afirme-se, proclame o Deus dentro de você, não O negue! Muita inatividade, muita fraqueza, muito hipnotismo tem estado e está sobre nossa raça. Ó vocês, hindus modernos, deshipnotizem-se. A maneira de fazer isso é encontrada em seus próprios livros sagrados. Ensinem-se, ensinem a cada um a sua verdadeira natureza, invoquem a alma adormecida e vejam como ela desperta. O poder virá, a glória virá, a bondade virá, a pureza virá e tudo o que é excelente virá quando esta alma adormecida for despertada para a atividade autoconsciente. Sim, se há algo no Gita que eu gosto, são esses dois versos, que se revelam fortes como a própria essência, a própria essência do ensinamento de Krishna - "Aquele que vê o Senhor Supremo habitando igualmente em todos os seres, o Imperecível nas coisas que perecem, ele vê de fato. Pois vendo o Senhor como o mesmo, presente em todos os lugares, ele não destrói o Ser pelo Ser, e assim ele vai para o objetivo mais elevado."

Assim, há uma grande abertura para o Vedanta realizar trabalhos benéficos aqui e em outros lugares. Esta ideia maravilhosa da uniformidade e onipresença da Alma Suprema deve ser pregada para a melhoria e elevação da raça humana aqui como em outros lugares. Onde quer que haja o mal e onde quer que haja ignorância e falta de conhecimento, descobri por experiência que todo o mal vem, como dizem as nossas escrituras, com base nas diferenças, e que todo o bem vem da fé na igualdade, na igualdade e

unidade subjacentes. das coisas. Este é o grande ideal Vedântico. Ter o ideal é uma coisa, mas aplicá-lo de forma prática aos detalhes da vida cotidiana é outra bem diferente. É muito bom apontar um ideal, mas onde está o caminho prático para alcançá-lo?

Aí surge naturalmente a difícil e controversa questão da casta e da reforma social, que tem estado em primeiro lugar durante séculos nas mentes do nosso povo. Devo dizer-lhe francamente que não sou um destruidor de castas nem um mero reformador social. Não tenho nada a ver diretamente com suas castas ou com sua reforma social. Viva em qualquer casta que você quiser, mas isso não é motivo para você odiar outro homem ou outra casta. É o amor e somente o amor que eu prego, e baseio meus ensinamentos na grande verdade vedântica da uniformidade e onipresença da Alma do Universo. Durante quase os últimos cem anos, o nosso país foi inundado com reformadores sociais e várias propostas de reforma social. Pessoalmente, não tenho culpa alguma desses reformadores. A maioria deles são homens bons e bem-intencionados, e os seus objectivos também são muito louváveis em certos pontos; mas é um facto patente que estes cem anos de reforma social não produziram nenhum resultado permanente e valioso, apreciável em todo o país. Discursos de plataforma foram feitos aos milhares, denúncias em volumes após volumes foram lançadas sobre a cabeça devotada da raça hindu e da sua civilização, e ainda assim nenhum bom resultado prático foi alcançado; e onde está a razão para isso? A razão não é difícil de encontrar. Está na própria denúncia. Como já lhes disse antes, em primeiro lugar, devemos tentar manter o nosso carácter historicamente adquirido como povo. Admito que temos de aprender muitas coisas de outras nações, que temos de aprender muitas lições do exterior; mas lamento dizer que a maioria dos nossos movimentos de reforma modernos têm sido imitações imprudentes dos meios e métodos de trabalho ocidentais; e isso certamente não servirá para a Índia; portanto, todos os nossos recentes movimentos de reforma não tiveram resultado.

Em segundo lugar, a denúncia não é, de forma alguma, a melhor forma de fazer o bem. Que existem males na nossa sociedade que até uma criança pode ver; e em que sociedade não existem males? E deixem-me aproveitar esta oportunidade, meus compatriotas, para lhes dizer que, ao comparar as diferentes raças e nações do mundo entre as quais estive, cheguei à

conclusão de que o nosso povo é, em geral, o mais moral e o mais piedoso, e as nossas instituições são, no seu plano e propósito, as mais adequadas para tornar a humanidade feliz. Não desejo, portanto, nenhuma reforma. Meu ideal é crescimento, expansão, desenvolvimento em âmbito nacional. Ao relembrar a história do meu país, não encontro em todo o mundo outro país que tenha feito tanto pela melhoria da mente humana. Portanto não tenho palavras de condenação para a minha nação. Eu digo a eles: "Vocês se saíram bem; apenas tentem fazer melhor." Grandes coisas foram feitas no passado nesta terra, e ainda há tempo e espaço para que coisas maiores sejam feitas. Tenho certeza que você sabe que não podemos ficar parados. Se ficarmos parados, morreremos. Temos que avançar ou retroceder. Temos que progredir ou degenerar. Os nossos antepassados fizeram grandes coisas no passado, mas temos de crescer para uma vida mais plena e ir além das suas grandes conquistas. Como podemos agora voltar atrás e nos degenerar? Aquilo não pode ser; isso não deve ser; voltar atrás levará à decadência nacional e à morte. Portanto, sigamos em frente e façamos coisas ainda maiores; é isso que tenho para te contar.

Não sou nenhum pregador de nenhuma reforma social momentânea. Não procuro remediar os males, apenas peço-vos que avanceis e completeis a realização prática do esquema do progresso humano que foi traçado na mais perfeita ordem pelos nossos antepassados. Só peço que você trabalhe para realizar cada vez mais o ideal vedântico da solidariedade do homem e de sua natureza divina inata. Se eu tivesse tempo, mostrar-vos-ia com prazer como tudo o que temos agora a fazer foi estabelecido há anos pelos nossos antigos legisladores, e como eles realmente anteciparam todas as diferentes mudanças que ocorreram e ainda irão ocorrer no nosso país. instituições nacionais. Eles também violavam as castas, mas não eram como os nossos homens modernos. Eles não queriam dizer com a quebra de castas que todas as pessoas de uma cidade deveriam sentar-se juntas para um jantar de bife e champanhe, nem que todos os tolos e lunáticos do país deveriam se casar quando, onde e com quem eles escolhessem e reduziram o país a um asilo para lunáticos, nem acreditaram que a prosperidade de uma nação deve ser avaliada pelo número de maridos que as suas viúvas conseguem. Ainda não vi uma nação tão próspera.

O homem ideal dos nossos antepassados era o brâmane. Em todos os nossos livros destaca-se com destaque este ideal do Brâmane. Na Europa existe o meu Senhor, o Cardeal, que está a lutar arduamente e a gastar milhares de libras para provar a nobreza dos seus antepassados, e não ficará satisfeito enquanto não descobrir que a sua ascendência remonta a algum tirano terrível que viveu numa colina e assistiu as pessoas que passavam e sempre que tinha oportunidade, saltava sobre elas e as roubava. Esse era o negócio destes antepassados que concederam nobreza, e o meu Lorde Cardeal não ficará satisfeito até que consiga traçar a sua ascendência a um deles. Na Índia, por outro lado, os maiores príncipes procuram traçar a sua descendência até algum antigo sábio que se vestia com um pedaço de tanga, vivia numa floresta, comendo raízes e estudando os Vedas. É lá que o príncipe indiano vai traçar sua ascendência. Você pertence à casta superior quando pode traçar sua ascendência até um Rishi, e não de outra forma.

Nosso ideal de nascimento elevado, portanto, é diferente daquele dos outros. Nosso ideal é o Brahmin da cultura espiritual e da renúncia. Por ideal brâmane, o que quero dizer? Refiro-me ao brâmane ideal, no qual o mundanismo está totalmente ausente e a verdadeira sabedoria está abundantemente presente. Esse é o ideal da raça hindu. Você não ouviu como é declarado que ele, o brâmane, não é receptivo à lei, que não tem lei, que não é governado por reis e que seu corpo não pode ser ferido? Isso é perfeitamente verdade. Não o compreenda à luz lançada sobre ele por tolos interessados e ignorantes, mas compreenda-o à luz da verdadeira e original concepção vedântica. Se o Brâmane é aquele que matou todo o egoísmo e que vive e trabalha para adquirir e propagar a sabedoria e o poder do amor - se um país é totalmente habitado por tais Brâmanes, por homens e mulheres que são espirituais, morais e bons, é estranho pensar naquele país como estando acima e além de toda lei? Que polícia, que militares são necessários para governá-los? Por que alguém deveria governá-los? Por que eles deveriam viver sob um governo? Eles são bons e nobres e são homens de Deus; estes são nossos brâmanes ideais, e lemos que na Satya Yuga havia apenas uma casta, e essa casta era o brâmane. Lemos no Mahabhârata que o mundo inteiro estava no início povoado de brâmanes, e que à medida que começaram a degenerar, foram divididos em castas diferentes, e que quando o ciclo mudar, todos eles retornarão àquela origem bramânica. Este ciclo está se invertendo agora e chamo a atenção de vocês para esse fato.

Portanto, a nossa solução para a questão das castas não é degradar aqueles que já estão no alto, não é correr loucamente pela comida e pela bebida, não é saltar dos nossos próprios limites para ter mais prazer, mas ela acontece com cada um de nós, cumprindo os ditames de nossa religião Vedanta, alcançando a espiritualidade e nos tornando o Brahmin ideal. Há uma lei imposta a cada um de vocês nesta terra por seus ancestrais, sejam vocês arianos ou não-arianos, Rishis ou Brâmanes, ou os párias mais baixos. A ordem é a mesma para todos vocês, que vocês devem progredir sem parar, e que desde o homem mais elevado até o pária mais baixo, todos neste país devem tentar se tornar o Brâmane ideal. Esta ideia vedântica é aplicável não apenas aqui, mas em todo o mundo. Tal é o nosso ideal de casta destinado a elevar toda a humanidade lenta e suavemente em direção à realização daquele grande ideal do homem espiritual que é sem resistência, calmo, firme, adorador, puro e meditativo. Nesse ideal está Deus.

Como essas coisas serão realizadas? Devo chamar mais uma vez a vossa atenção para o facto de que amaldiçoar, difamar e abusar não produzem nem podem produzir nada de bom. Eles foram tentados durante anos e anos e nenhum resultado valioso foi obtido. Bons resultados só podem ser produzidos através do amor, através da simpatia. É um ótimo assunto e requer várias palestras para elucidar todos os planos que tenho em vista e todas as idéias que, a esse respeito, vêm à minha mente dia após dia. Devo, portanto, concluir, apenas lembrando a vocês deste facto que este navio de nossa nação, ó hindus, tem navegado aqui de forma útil há séculos. Hoje, talvez, tenha surgido um vazamento; hoje, talvez, esteja um pouco desgastado. E se for esse o caso, é bom que você e eu tentemos o nosso melhor para estancar o vazamento e os buracos. Contemos aos nossos compatriotas sobre o perigo, deixemo-los acordar e ajude-nos. Chorarei a plenos pulmões de uma parte a outra deste país, para despertar o povo para a situação e para o seu dever. Suponha que eles não me ouçam, ainda assim não terei uma palavra de insulto para eles, nem uma palavra de maldição. Grande foi o trabalho da nossa nação no passado; e se não pudermos fazer coisas maiores no futuro, tenhamos esta consolação de que podemos afundar e morrer juntos em paz. Sejam patriotas, amem a raça que fez grandes coisas por nós no passado. Sim, quanto mais comparo notas, mais amo vocês, meus compatriotas; você é bom, puro e gentil. Você sempre foi tiranizado, e tal é a ironia deste mundo material de Mâyâ. Esqueça isso; o

Espírito triunfará no longo prazo. Entretanto, trabalhemos e não abusemos do nosso país, não amaldiçoemos e abusemos das instituições castigadas pelo tempo e desgastadas pelo trabalho da nossa pátria três vezes santa. Não tenhais nenhuma palavra de condenação nem mesmo para as mais supersticiosas e mais irracionais das suas instituições, pois elas também devem ter servido a algum bem no passado. Lembre-se sempre de que não existe no mundo nenhum outro país cujas instituições sejam realmente melhores em seus objetivos e objetivos do que as instituições deste país. Tenho visto castas em quase todos os países do mundo, mas em nenhum lugar o seu plano e propósito são tão gloriosos como aqui. Se a casta é inevitável, prefiro uma casta de pureza, cultura e auto-sacrifício do que uma casta de dólares. Portanto, não pronuncie palavras de condenação. Feche seus lábios e deixe seus corações se abrirem. Trabalhem pela salvação desta terra e do mundo inteiro, cada um de vocês pensando que todo o fardo está sobre seus ombros. Leve a luz e a vida do Vedanta a todas as portas e desperte a divindade que está escondida dentro de cada alma. Então, qualquer que seja a medida do seu sucesso, você terá a satisfação de ter vivido, trabalhado e morrido por uma grande causa. No sucesso desta causa, seja como for, está centrada a salvação da humanidade aqui e no futuro.

3.4.10 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE BEM-VINDO A MADRAS

Quando o Swami Vivekananda chegou a Madras, um discurso de boas-vindas foi apresentado a ele pelo Comitê de Recepção de Madras. Ele dizia o seguinte:

SWAMIN reverenciado,

Em nome dos seus correligionários hindus em Madras, oferecemos-lhe as mais calorosas boas-vindas por ocasião do seu regresso da sua missão religiosa no Ocidente. Nosso objetivo ao abordá-lo com este endereço não é o desempenho de qualquer função meramente formal ou cerimonial; viemos oferecer-vos o amor dos nossos corações e expressar o nosso sentimento de gratidão pelos serviços que vós, pela graça de Deus, pudestes prestar à

grande causa da Verdade, proclamando os elevados ideais religiosos da Índia.

Quando o Parlamento das Religiões foi organizado em Chicago, alguns dos nossos compatriotas sentiram-se naturalmente ansiosos para que a nossa nobre e antiga religião fosse dignamente representada nele e devidamente exposta à nação americana e, através dela, ao mundo ocidental em geral. Foi então nosso privilégio conhecê-lo e perceber mais uma vez o que tantas vezes se provou verdadeiro na história das nações, que com a hora surge o homem que deve ajudar a promover a causa da Verdade. Quando você se comprometeu a representar o Hinduísmo no Parlamento das Religiões, a maioria de nós sentiu, pelo que sabíamos dos seus grandes dons, que a causa do Hinduísmo seria habilmente defendida pelo seu representante naquela memorável assembleia religiosa. A vossa representação das doutrinas do Hinduísmo, ao mesmo tempo clara, correcta e autorizada, não só produziu uma impressão notável no próprio Parlamento das Religiões, mas também levou um número de homens e mulheres, mesmo em terras estrangeiras, a perceberem que fora da fonte da espiritualidade indiana, doses refrescantes de vida e amor imortais podem ser tomadas de modo a provocar uma evolução maior, mais completa e mais santa da humanidade do que a que já foi testemunhada neste nosso globo. Estamos particularmente gratos a vocês por terem chamado a atenção dos representantes das Grandes Religiões do Mundo para a característica doutrina Hindu da Harmonia e da Irmandade das Religiões. Não é mais possível que homens realmente esclarecidos e sérios insistam que a Verdade e a Santidade são posses exclusivas de qualquer localidade particular ou corpo de homens ou sistema de doutrina e disciplina, ou sustentar que qualquer fé ou filosofia sobreviverá até a exclusão e destruição de todos os outros. Em sua própria linguagem feliz, que traz à tona plenamente a doce harmonia no coração do Bhagavad-Gitâ: "Todo o mundo das religiões é apenas uma viagem, um surgimento de diferentes homens e mulheres, através de diversas condições e circunstâncias, em direção ao mesmo objetivo. "

Se você tivesse se contentado em simplesmente cumprir este dever elevado e sagrado confiado aos seus cuidados, mesmo assim, seus correligionários hindus teriam ficado felizes em reconhecer com alegria e gratidão o valor

inestimável de seu trabalho. Mas, ao entrar nos países ocidentais, também foste portador de uma mensagem de luz e de paz para toda a humanidade, baseada nos antigos ensinamentos da "Religião Eterna" da Índia. Ao agradecer-lhe por tudo o que você fez no sentido de defender a profunda racionalidade da religião do Vedanta, é com grande prazer que aludimos à grande tarefa que você tem em vista, de estabelecer uma missão ativa com centros permanentes para a propagação de nossa religião e filosofia. O empreendimento ao qual você se propõe dedicar suas energias é digno das tradições sagradas que você representa e digno, também, do espírito do grande Guru que inspirou sua vida e seus objetivos. Esperamos e confiamos que nos será dado também associar-nos a vós neste nobre trabalho. Oramos fervorosamente Àquele que é o onisciente e misericordioso Senhor do Universo, que lhe conceda vida longa e força total e que abençoe seu trabalho com aquela coroa de glória e sucesso que sempre merece brilhar na testa do imortal. Verdade.

A seguir foi lido o seguinte discurso do Marajá de Khetri:

SUA SANTIDADE,

Desejo aproveitar esta oportunidade antecipada da sua chegada e recepção a Madras para expressar os meus sentimentos de alegria e prazer pelo seu regresso seguro à Índia e para oferecer as minhas sinceras felicitações pelo grande sucesso que tem acompanhado os seus esforços altruístas nas terras ocidentais, onde é o orgulho dos mais elevados intelectos de que “Nem um centímetro de terreno uma vez conquistado pela ciência jamais foi reconquistado pela religião” – embora na verdade a ciência quase nunca tenha afirmado se opor à verdadeira religião. Esta terra sagrada de Âryâvarta tem sido singularmente afortunada por ter sido capaz de garantir um representante tão digno dos seus sábios no Parlamento das Religiões realizado em Chicago, e é inteiramente devido à sua sabedoria, iniciativa e entusiasmo que o mundo ocidental veio compreender o estoque inesgotável de espiritualidade que a Índia tem até hoje. Seus trabalhos provaram agora, sem sombra de dúvida, que as contradições dos numerosos credos do mundo são todas reconciliadas à luz universal do Vedanta, e que todos os povos do mundo precisam compreender e realizar na prática a grande

verdade de que "A Unidade em variedade" é o plano da natureza na evolução do universo, e que somente pela harmonia e fraternidade entre as religiões e pela tolerância e ajuda mútuas a missão e o destino da humanidade podem ser realizados. Sob os seus elevados e santos auspícios e a influência inspiradora dos seus elevados ensinamentos, nós, da geração atual, temos o privilégio de testemunhar a inauguração de uma nova era na história do mundo, na qual a intolerância, o ódio e o conflito poderão, espero, cessar. , e a paz, a simpatia e o amor reinam entre os homens. E eu, em comum com meu povo, oro para que as bênçãos de Deus repousem sobre você e seu trabalho.

Quando os endereços foram lidos, o Swami saiu do salão e subiu no camarote de uma carruagem que esperava. Devido ao intenso entusiasmo da grande multidão reunida para recebê-lo, o Swami só foi capaz de dar a seguinte resposta curta, adiando a sua resposta adequada para uma ocasião futura:

O homem propõe e Deus dispõe. Foi proposto que os endereços e as respostas fossem veiculados no estilo inglês. Mas aqui Deus dispõe – estou falando para um público disperso em uma carruagem no estilo Gitã. Estamos gratos, portanto, por isso ter acontecido assim. Dá entusiasmo ao discurso e força ao que vou lhe contar. Não sei se minha voz chegará a todos vocês, mas farei o meu melhor. Nunca antes tive a oportunidade de discursar em uma grande reunião ao ar livre.

A maravilhosa bondade, a alegria fervorosa e entusiástica com que fui recebido de Colombo a Madras, e que provavelmente serei recebido em toda a Índia, superaram até as minhas expectativas mais otimistas; mas isso só me deixa feliz, pois prova a afirmação que fiz repetidas vezes no passado de que, assim como cada nação tem um ideal como sua vitalidade, assim como cada nação tem um sulco particular que se tornará seu, assim a religião é a peculiaridade do crescimento da mente indiana. Noutras partes do mundo, a religião é uma das muitas considerações; na verdade, é uma ocupação menor. Na Inglaterra, por exemplo, a religião faz parte da política nacional. A Igreja Inglesa pertence à classe dominante e, como tal,

acreditem nela ou não, todos a apoiam, pensando que é a sua Igreja. Espera-se que cada cavalheiro e cada senhora pertençam a essa Igreja. É um sinal de gentileza. Assim, com outros países, existe um grande poder nacional; ou é representado pela política ou é representado por algumas atividades intelectuais; ou é representado pelo militarismo ou pelo comercialismo. Ali bate o coração da nação, e a religião é uma das muitas coisas ornamentais secundárias que essa nação possui.

Aqui na Índia, é a religião que constitui o cerne do coração nacional. É a espinha dorsal, o alicerce, o alicerce sobre o qual o edifício nacional foi construído. Política, poder e até mesmo intelecto constituem uma consideração secundária aqui. A religião, portanto, é a única consideração na Índia. Já me disseram centenas de vezes sobre a falta de informação que existe entre as massas do povo indiano; e isso é verdade. Ao desembarcar em Colombo, descobri que nenhum deles tinha ouvido falar das convulsões políticas que estavam a ocorrer na Europa – as mudanças, a queda de ministérios, e assim por diante. Nenhum deles tinha ouvido falar do que se entende por socialismo e anarquismo, e desta ou daquela mudança na atmosfera política da Europa. Mas que havia um Sannyasin da Índia enviado ao Parlamento das Religiões, e que ele havia alcançado algum tipo de sucesso, tornou-se conhecido por todos os homens, mulheres e crianças no Ceilão. Prova que não há falta de informação, nem falta de desejo de informação quando esta é do carácter que lhes convém, quando está de acordo com as necessidades da sua vida. A política e todas estas coisas nunca foram uma necessidade da vida indiana, mas a religião e a espiritualidade têm sido as únicas condições sob as quais ela viveu, prosperou e terá de viver no futuro.

Dois grandes problemas estão sendo resolvidos pelas nações do mundo. A Índia ficou de um lado e o resto do mundo ficou do outro lado. E o problema é este: quem sobreviverá? O que faz uma nação sobreviver e as outras morrerem? Deveria sobreviver o amor ou o ódio, sobreviveria o prazer ou a renúncia, sobreviveria a matéria ou o espírito, na luta da vida? Pensamos como nossos ancestrais, em épocas pré-históricas. Onde nem mesmo a tradição consegue penetrar a escuridão desse passado, aí os nossos gloriosos antepassados assumiram a sua parte no problema e lançaram o desafio ao mundo. Nossa solução é a renúncia, a desistência, o destemor e o amor; estes são os mais aptos para sobreviver. Desistir dos sentidos faz uma nação sobreviver. Como prova disso, aqui está a história de hoje que nos conta sobre nações em forma de cogumelo que sobem e descem quase todos os séculos – começando do nada, fazendo jogos cruéis durante alguns dias e depois derretendo. Esta grande e gigantesca raça que teve de enfrentar alguns dos maiores problemas de infortúnios, perigos e vicissitudes como nunca caíram sobre a cabeça de qualquer outra nação do mundo, sobrevive

porque tomou o partido da renúncia; pois sem renúncia como pode haver religião? A Europa está a tentar resolver o outro lado do problema sobre quanto um homem pode ter, quanto mais poder um homem pode possuir por bem ou por mal, de uma forma ou de outra. A concorrência — cruel, fria e sem coração — é a lei da Europa. A nossa lei é a de castas — a quebra da competição, o controlo das suas forças, a mitigação das suas crueldades, a facilitação da passagem da alma humana através deste mistério da vida.

Nesta fase a multidão tornou-se tão incontrolável que o Swami não conseguiu fazer-se ouvir com vantagem. Ele, portanto, terminou seu discurso com estas palavras:

Amigos, estou muito satisfeito com seu entusiasmo. É maravilhoso. Não pense que estou descontente com você; Estou, por outro lado, extremamente satisfeito com a demonstração de entusiasmo. Isso é o que é necessário — um tremendo entusiasmo. Apenas torne-o permanente; mantem. Não deixe o fogo apagar. Queremos realizar grandes coisas na Índia. Para isso preciso da sua ajuda; tal entusiasmo é necessário. É impossível realizar esta reunião por mais tempo. Agradeço-lhe muito a sua gentileza e acolhimento entusiástico. Nos momentos calmos teremos melhores pensamentos e ideias para trocar; agora por enquanto, meus amigos, adeus.

É impossível dirigir-me a vocês por todos os lados, portanto vocês devem contentar-se esta noite em apenas me ver. Reservarei meu discurso para outra ocasião. Agradeço-lhe muito o seu acolhimento entusiástico.

3.4.11 MEU PLANO DE CAMPANHA

(Entregue no Victoria Hall, Madras)

Como outro dia não pudemos prosseguir devido à multidão, aproveitarei esta oportunidade para agradecer ao povo de Madras pela gentileza uniforme que recebi de suas mãos. Não sei qual a melhor forma de expressar a minha gratidão pelas belas palavras que foram expressas nos

discursos do que rezar ao Senhor para que me torne digno das expressões gentis e generosas e trabalhando toda a minha vida pela causa da nossa religião e servir a nossa pátria; e que o Senhor me torne digno deles.

Com todos os meus defeitos, acho que tenho um pouco de ousadia. Recebi uma mensagem da Índia para o Ocidente e, corajosamente, transmiti-a aos povos americano e inglês. Quero, antes de entrar no assunto do dia, dizer algumas palavras ousadas a todos vocês. Tem havido certas circunstâncias crescendo ao meu redor, tendendo a me frustrar, se opor ao meu progresso e me eliminar da existência, se pudessem. Graças a Deus eles falharam, pois tais tentativas sempre falharão. Mas tem havido, nos últimos três anos, uma certa quantidade de mal-entendidos, e enquanto estive em terras estrangeiras, mantive a paz e não disse sequer uma palavra; mas agora, pisando no solo da minha pátria, quero dar algumas palavras de explicação. Não que eu me importe com o resultado dessas palavras – não que eu me importe com o sentimento que vou evocar em você com essas palavras. Pouco me importa, pois sou o mesmo Sannyâsin que entrou na sua cidade há cerca de quatro anos com este cajado e Kamandalu; o mesmo mundo amplo está diante de mim. Sem mais prefácio, deixe-me começar.

Em primeiro lugar, devo dizer algumas palavras sobre a Sociedade Teosófica. Escusado será dizer que um certo trabalho bom foi feito pela Sociedade na Índia; como tal, todo hindu lhe é grato, e especialmente à Sra. Besant; pois embora eu saiba muito pouco sobre ela, o pouco que sei me impressionou com a ideia de que ela é uma sincera simpatizante desta nossa pátria e que está fazendo o melhor que está ao seu alcance para criar nosso país. Por isso, a eterna gratidão de todo índio verdadeiro é dela, e todas as bênçãos estejam com ela e com ela para sempre. Mas isso é uma coisa – e ingressar na Sociedade dos Teosofistas é outra. Respeito, estima e amor são uma coisa, e engolir tudo o que alguém tem a dizer, sem raciocinar, sem criticar, sem analisar, é outra bem diferente. Corre o boato de que os teosofistas ajudaram nas minhas pequenas conquistas na América e na Inglaterra. Devo dizer-lhe claramente que cada palavra disto está errada, cada palavra disto é falsa. Ouvimos muita conversa neste mundo sobre ideias liberais e simpatia pelas diferenças de opinião. Isso é muito bom, mas, na verdade, descobrimos que um só simpatiza com o outro enquanto o outro acredita em tudo o que tem a dizer, mas assim que ousa discordar,

essa simpatia desaparece, esse amor desaparece. Há outros, mais uma vez, que têm os seus próprios machados para moer, e se algo surgir num país que impeça a sua trituração, os seus corações ardem, qualquer quantidade de ódio surge, e eles não sabem o que fazer. Que mal causa ao missionário cristão o facto de os hindus tentarem limpar as suas próprias casas? Que dano causará ao Brâhmo Samâj e a outros organismos reformistas que os Hindus estão a tentar ao máximo reformar? Por que eles deveriam se opor? Por que deveriam eles ser os maiores inimigos desses movimentos? Por que? - Eu pergunto. Parece-me que o seu ódio e ciúme são tão amargos que não se pode perguntar por que ou como.

Quatro anos atrás, quando eu, um Sannyasin pobre, desconhecido e sem amigos, estava indo para a América, indo além das águas para a América sem quaisquer apresentações ou amigos lá, chamei o líder da Sociedade Teosófica. Naturalmente pensei que ele, sendo americano e amante da Índia, talvez me desse uma carta de apresentação para alguém de lá. Ele me perguntou: "Você se juntará à minha Sociedade?" "Não", respondi, "como posso? Pois não acredito na maioria de suas doutrinas." "Então, sinto muito, não posso fazer nada por você", respondeu ele. Isso não estava abrindo caminho para mim. Cheguei à América, como vocês sabem, com a ajuda de alguns amigos de Madras. A maioria deles está presente aqui. Apenas um está ausente, o Sr. Juiz Subramania Iyer, a quem devo minha mais profunda gratidão. Ele tem a perspicácia de um gênio e é um dos amigos mais leais que tenho nesta vida, um verdadeiro amigo, de fato, um verdadeiro filho da Índia. Cheguei à América vários meses antes do início do Parlamento das Religiões. O dinheiro que eu tinha comigo era pouco e logo foi gasto. O inverno se aproximava e eu só tinha roupas finas de verão. Eu não sabia o que fazer naquele clima frio e sombrio, pois se eu fosse mendigar nas ruas, o resultado seria que eu seria mandado para a prisão. Lá estava eu com os últimos dólares no bolso. Mande um telegrama para meus amigos em Madras. Isto veio a ser conhecido pelos teosofistas, e um deles escreveu: "Agora o diabo vai morrer; Deus abençoe a todos nós." Isso estava abrindo o caminho para mim? Eu não teria mencionado isso agora; mas, como meus compatriotas queriam saber, isso deve ser divulgado. Há três anos que não abro a boca sobre estas coisas; o silêncio tem sido meu lema; mas hoje a coisa saiu. Isso não foi tudo. Encontrei alguns teosofistas no Parlamento das Religiões e quis conversar e me misturar com eles. Lembro-me dos olhares

de desprezo que estavam em seus rostos, tanto quanto de dizer: "Que negócio tem o verme aqui no meio dos deuses?" Depois que ganhei nome e fama no Parlamento das Religiões, veio um tremendo trabalho para mim; mas a cada passo os teosofistas tentaram me derrubar. Os teósofos foram aconselhados a não virem assistir às minhas palestras, pois assim perderiam toda a simpatia da Sociedade, porque as leis da secção esotérica declaram que qualquer homem que se junte a essa secção esotérica deverá receber instruções de Kuthumi e Moria, é claro através dos seus representantes visíveis - o Sr. Judge e a Sra. Besant - de modo que ingressar na seção esotérica significa renunciar à independência. Certamente eu não poderia fazer tal coisa, nem poderia chamar de hindu qualquer homem que fizesse tal coisa. Eu tinha um grande respeito pelo Sr. Juiz. Ele era um homem digno, aberto, justo, simples, e foi o melhor representante que os Teosofistas já tiveram. Não tenho o direito de criticar a disputa entre ele e a Sra. Besant quando cada um afirma que o seu Mahatma está certo. E o estranho é que ambos reivindicam o mesmo Mahatma. O Senhor conhece a verdade: Ele é o Juiz, e ninguém tem o direito de julgar quando a balança é igual. Assim eles prepararam o caminho para mim por toda a América!

Eles se juntaram à outra oposição – os missionários cristãos. Não há nenhuma mentira negra imaginável que estes últimos não tenham inventado contra mim. Eles enegreceram meu caráter de cidade em cidade, pobre e sem amigos, embora eu estivesse em um país estrangeiro. Tentaram me expulsar de todas as casas e fazer com que todos os homens que se tornassem meus amigos se tornassem meus inimigos. Eles tentaram me matar de fome; e lamento dizer que um dos meus compatriotas participou nisto contra mim. Ele é o líder de um partido reformista na Índia. Este senhor declara todos os dias: "Cristo veio à Índia". É assim que Cristo virá à Índia? Será esta a forma de reformar a Índia? E este senhor eu conhecia desde a infância; ele era um dos meus melhores amigos; quando o vi — fazia muito tempo que não conhecia um dos meus conterrâneos — fiquei muito feliz, e foi esse o tratamento que recebi dele. No dia em que o Parlamento me aplaudiu, no dia em que me tornei popular em Chicago, a partir desse dia o seu tom mudou; e de forma dissimulada, ele tentou fazer tudo o que podia para me machucar. É assim que Cristo virá à Índia? Foi essa a lição que ele aprendeu depois de vinte anos sentado aos pés de Cristo? Os nossos grandes reformadores declaram que o cristianismo e o

poder cristão irão elevar o povo indiano. É assim que se faz? Certamente, se esse cavalheiro é uma ilustração, não parece muito esperançoso.

Mais uma palavra: li no órgão dos reformadores sociais que sou chamado de Shudra e sou desafiado quanto ao direito que um Shudra tem de se tornar um Sannyasin. Ao que eu respondo: traço minha descendência até aquele a cujos pés todo Brâmane deposita flores quando pronuncia as palavras - यमाय धर्मराजाय चित्रगुप्ताय वै नमः - e cujos descendentes são os mais puros dos Kshatriyas. Se você acredita na sua mitologia ou nas suas escrituras Paurânika, deixe esses chamados reformadores saberem que minha casta, além de outros serviços no passado, governou metade da Índia durante séculos. Se a minha casta for deixada de lado, o que restará da atual civilização da Índia? Só em Bengala, o meu sangue forneceu-lhes o maior filósofo, o maior poeta, o maior historiador, o maior arqueólogo, o maior pregador religioso; meu sangue forneceu à Índia os maiores de seus cientistas modernos. Esses detratores deveriam ter conhecido um pouco de nossa própria história, e ter estudado nossas três castas, e aprendido que o Brâmane, o Kshatriya e o Vaishya têm igual direito de serem Sannyasins: os Traivarnikas têm igual direito aos Vedas. Isso é apenas a propósito. Acabei de me referir a isso, mas não ficarei nem um pouco magoado se me chamarem de Shudra. Será uma pequena reparação pela tirania dos meus antepassados sobre os pobres. Se eu for um pária, ficarei ainda mais feliz, pois sou discípulo de um homem que – o brâmane dos brâmanes – queria limpar a casa de um pária. É claro que o pária não o permitiria; como ele pôde deixar este Brâmane Sannyasin vir e limpar sua casa! E este homem acordou na calada da noite, entrou sorrateiramente na casa deste Pária, limpou a sua latrina, e com os seus longos cabelos limpou o local, e isso ele fez dia após dia para que pudesse tornar-se servo de todos. Carrego os pés daquele homem na minha cabeça; ele é meu herói; a vida desse herói tentarei imitar. Sendo o servo de todos, um hindu procura elevar-se. É assim que os hindus deveriam elevar as massas, e não procurando qualquer influência estrangeira. Vinte anos de civilização ocidental trazem-me à mente a ilustração do homem que quer matar de fome o seu próprio amigo numa terra estrangeira, simplesmente porque este amigo é popular, simplesmente porque pensa que este homem o impede de ganhar dinheiro. E a outra é a ilustração do que o próprio hinduísmo genuíno e ortodoxo fará em casa. Deixe qualquer um de nossos reformadores trazer essa vida, pronto para servir até mesmo um pária, e então eu me sentarei a seus pés e aprenderei, e não antes disso. Um grama de prática vale vinte mil toneladas de conversa fiada.

Agora chego às sociedades reformistas em Madras. Eles têm sido muito gentis comigo. Eles me deram palavras muito gentis e salientaram, e concordo plenamente com eles, que há uma diferença entre os reformadores de Bengala e os de Madras. Muitos de vocês se lembrarão do que eu lhes disse muitas vezes, que Madras está em um estado muito bonito agora há pouco. Não entrou no jogo de ação e reação como fez Bengala. Aqui há um progresso constante e lento durante todo o processo; aqui está o crescimento e não a reação. Em muitos casos, até certo ponto, há um reavivamento em Bengala; mas em Madras não é um reavivamento, é um crescimento, um crescimento natural. Como tal, concordo inteiramente com o que os reformadores apontam como a diferença entre os dois povos; mas há uma diferença que eles não entendem. Receio que algumas destas sociedades tentem intimidar-me para me juntar a elas. Isso é uma coisa estranha para eles tentarem. Um homem que enfrentou a fome cara a cara durante quatorze anos de sua vida, que não sabe onde conseguirá uma refeição no dia seguinte e onde dormir, não pode ser intimidado tão facilmente. Um homem, quase sem roupa, que ousou viver onde o termómetro marcava trinta graus abaixo de zero, sem saber de onde viria a próxima refeição, não se intimida tão facilmente na Índia. Esta é a primeira coisa que direi a eles: tenho um pouco de vontade própria. Também tenho minha pouca experiência; e tenho uma mensagem para o mundo que entregarei sem medo e sem preocupação com o futuro. Aos reformadores salientarei que sou um reformador maior do que qualquer um deles. Eles querem reformar apenas pequenos pedaços. Quero uma reforma radical. Onde diferimos é no método. O método deles é a destruição, o meu é o da construção. Não acredito em reformas; Eu acredito no crescimento. Não me atrevo a me colocar na posição de Deus e ditar à nossa sociedade: "Deste modo você deve se mover e não aquele." Quero simplesmente ser como o esquilo na construção da ponte de Rama, que ficou bastante satisfeito em colocar na ponte a sua pequena cota de pó de areia. Essa é a minha posição. Esta maravilhosa máquina nacional tem funcionado através dos tempos, este maravilhoso rio da vida nacional está fluindo diante de nós. Quem sabe e quem se atreve a dizer se é bom e como se moverá? Milhares de circunstâncias aglomeram-se à sua volta, dando-lhe um impulso especial, tornando-o monótono num momento e mais rápido noutro. Quem ousa comandar seu movimento? O nosso é apenas trabalhar, como diz o Gita, sem procurar resultados. Alimentar a vida nacional com o combustível que

ela quiser, mas o crescimento é seu; ninguém pode ditar-lhe o seu crescimento. Os males são abundantes em nossa sociedade, mas também existem males em todas as outras sociedades. Aqui a terra às vezes fica encharcada com lágrimas de viúvas; lá no Ocidente, o ar está cheio de suspiros dos solteiros. Aqui a pobreza é a grande desgraça da vida; ali, o cansaço da vida pelo luxo é a grande desgraça que assola a raça. Aqui os homens querem suicidar-se porque não têm nada para comer; lá eles cometem suicídio porque têm muito o que comer. O mal está em toda parte; é como reumatismo crônico. Dirija desde o pé, vai até a cabeça; dirija de lá, ele vai para outro lugar. É uma questão de persegui-lo de um lugar para outro; isso é tudo. Sim, filhos, tentar remediar o mal não é o verdadeiro caminho. Nossa filosofia ensina que o mal e o bem estão eternamente unidos, o anverso e o reverso da mesma moeda. Se você tem um, deve ter o outro; uma onda no oceano deve custar uma depressão em outro lugar. Não, toda a vida é má. Nenhuma respiração pode ser respirada sem matar outra pessoa; nem um pedaço de comida pode ser comido sem privar alguém dela. Esta é a lei; isso é filosofia. Portanto, a única coisa que podemos fazer é compreender que todo este trabalho contra o mal é mais subjetivo do que objetivo. O trabalho contra o mal é mais educativo do que real, por maior que falemos. Esta é, antes de tudo, a ideia de trabalhar contra o mal; e deveria nos acalmar, deveria tirar o fanatismo do nosso sangue. A história do mundo ensina-nos que onde quer que tenham havido reformas fanáticas, o único resultado foi que elas derrotaram os seus próprios fins. Não se pode imaginar nenhuma convulsão maior para o estabelecimento do direito e da liberdade do que a guerra pela abolição da escravidão na América. Todos vocês sabem disso. E quais foram seus resultados? Os escravos estão hoje em situação cem vezes pior do que antes da abolição. Antes da abolição, esses pobres negros eram propriedade de alguém e, como propriedades, tinham que ser cuidados para não se deteriorarem. Hoje eles não são propriedade de ninguém. Suas vidas não têm valor; eles são queimados vivos por meras presenças. Eles são abatidos sem qualquer lei para os seus assassinos; pois são negros, não são seres humanos, nem sequer são animais; e esse é o efeito dessa remoção violenta do mal pela lei ou pelo fanatismo. Tal é o testemunho da história contra todos os movimentos fanáticos, mesmo aqueles que fazem o bem. Eu já vi isso. Minha própria experiência me ensinou isso. Portanto, não posso aderir a nenhuma dessas sociedades condenatórias. Por que condenar? Existem males em todas as

sociedades; todo mundo sabe disso. Toda criança de hoje sabe disso; ele pode subir em uma plataforma e nos dar um discurso sobre os terríveis males da sociedade hindu. Todo estrangeiro sem instrução que vem aqui viajando pelo mundo tem uma visão ferroviária da Índia em extinção e dá palestras muito eruditas sobre os terríveis males na Índia. Admitimos que existem males. Todos podem mostrar o que é o mal, mas aquele é o amigo da humanidade que encontra uma saída para a dificuldade. Tal como o rapaz que se afogava e o filósofo – quando o filósofo lhe dava uma palestra, o rapaz gritou: “Tire-me primeiro da água” – também o nosso povo grita: “Já tivemos palestras suficientes, sociedades suficientes, documentos suficientes; onde está o homem que nos dará uma mão para nos arrastar para fora? Onde está o homem que realmente nos ama? Sim, esse homem é procurado. É aí que discordo inteiramente destes movimentos de reforma. Há cem anos eles estão aqui. Que bem foi feito, exceto a criação de uma literatura muito injuriosa e condenatória? Quisera Deus que não estivesse aqui! Eles criticaram, condenaram, abusaram dos ortodoxos, até que os ortodoxos captaram o seu tom e os pagaram com a sua própria moeda; e o resultado é a criação de uma literatura em todos os vernáculos que é a vergonha da raça, a vergonha do país. Isso é reforma? Isso está levando a nação à glória? De quem é a culpa?

Há, então, outra grande consideração. Aqui na Índia sempre fomos governados por reis; reis fizeram todas as nossas leis. Agora os reis se foram e não sobrou ninguém para agir. O governo não ousa; tem de moldar os seus hábitos de acordo com o crescimento da opinião pública. Leva tempo, muito tempo, para formar uma opinião pública saudável e forte que resolva os seus próprios problemas; e enquanto isso teremos que esperar. Todo o problema da reforma social resume-se, portanto, no seguinte: onde estão aqueles que querem a reforma? Faça-os primeiro. Onde estão as pessoas? A tirania de uma minoria é a pior tirania que o mundo já viu. Alguns homens que pensam que certas coisas são más não farão uma nação se mover. Por que a nação não se move? Primeiro eduque a nação, crie o seu corpo legislativo e então a lei estará disponível. Primeiro crie o poder, a sanção da qual surgirá a lei. Os reis se foram; onde está a nova sanção, o novo poder do povo? Traga isso à tona. Portanto, mesmo para a reforma social, o primeiro dever é educar o povo, e teremos de esperar até que esse momento chegue. A maioria das reformas que foram agitadas durante o

século passado foram ornamentais. Cada uma destas reformas afecta apenas as duas primeiras castas, e nenhuma outra. A questão do casamento de viúvas não afectaria setenta por cento das mulheres indianas, e todas essas questões só atingem as castas mais altas do povo indiano que são educadas, note bem, à custa das massas. Todos os esforços foram gastos na limpeza de suas próprias casas. Mas isso não é reforma. Você deve ir até a base da coisa, até a raiz da questão. Isso é o que chamo de reforma radical. Coloque o fogo lá e deixe queimar para cima e faça uma nação indígena. E a solução do problema não é tão fácil, pois é grande e vasto. Não tenha pressa, esse problema é conhecido há centenas de anos.

Hoje é moda falar de budismo e de agnosticismo budista, especialmente no Sul. Nem sonham que esta degradação que hoje nos acompanha foi deixada pelo Budismo. Este é o legado que o Budismo nos deixou. Você lê em livros escritos por homens que nunca estudaram a ascensão e queda do Budismo que a propagação do Budismo se deveu à maravilhosa ética e à maravilhosa personalidade de Gautama Buda. Tenho todo o respeito e veneração pelo Senhor Buda, mas guarde as minhas palavras, a propagação do Budismo deveu-se menos às doutrinas e à personalidade do grande pregador, do que aos templos que foram construídos, aos ídolos que foram erguidos, e ao lindo cerimoniais que foram apresentados à nação. Assim o Budismo progrediu. As pequenas lareiras nas casas onde as pessoas derramavam as suas libações não eram suficientemente fortes para resistirem a estes magníficos templos e cerimónias; mas mais tarde a coisa toda degenerou. Tornou-se uma massa de corrupção da qual não posso falar perante esta audiência; mas quem quiser saber poderá ver um pouco naqueles grandes templos, cheios de esculturas, no sul da Índia; e esta é toda a herança que recebemos dos budistas.

Surgiu então o grande reformador Shankarâchârya e seus seguidores, e durante estas centenas de anos, desde sua época até os dias atuais, tem havido um lento retorno das massas indianas à pureza imaculada da religião Vedanta. Esses reformadores conheciam muito bem os males que existiam, mas não os condenaram. Eles não disseram: “Tudo o que você tem está errado e você deve jogá-lo fora”. Nunca poderá ser assim. Hoje li que meu amigo Dr. Barrows diz que em trezentos anos o Cristianismo derrubou as influências religiosas romanas e gregas. Esta não é a palavra de um homem

que viu a Europa, a Grécia e Roma. A influência da religião romana e grega está presente, mesmo nos países protestantes, apenas com nomes alterados – deuses antigos rebatizados de uma nova forma. Eles mudam de nome; as deusas tornam-se Marias e os deuses tornam-se santos, e os cerimoniais tornam-se novos; até o antigo título de Pontifex Maximus está lá. Portanto, mudanças repentinas não podem ocorrer e Shankaracharya sabia disso. O mesmo fez Ramanuja. O único caminho que lhes restava era lentamente elevar a religião existente ao ideal mais elevado. Se tivessem procurado aplicar o outro método, teriam sido hipócritas, pois a doutrina fundamental da sua religião é a evolução, a alma indo em direção ao objetivo mais elevado, através de todos esses vários estágios e fases, que são, portanto, necessários e úteis. . E quem ousa condená-los?

Tornou-se banal dizer que a idolatria é errada, e todo homem a engole atualmente sem questionar. Certa vez pensei assim, e para pagar a pena disso tive que aprender minha lição sentado aos pés de um homem que realizou tudo através de ídolos; Faço alusão a Ramakrishna Paramahansa. Se tais Ramakrishna Paramahansas são produzidos pela adoração de ídolos, o que você terá – o credo do reformador ou qualquer número de ídolos? Eu quero uma resposta. Pegue mais mil ídolos se você puder produzir Ramakrishna Paramahansas por meio da adoração de ídolos, e que Deus o acelere! Produza naturezas tão nobres por todos os meios que puder. No entanto, a idolatria está condenada! Por que? Ninguém sabe. Porque, há algumas centenas de anos, algum homem de sangue judeu o condenou? Isto é, ele condenou os ídolos de todos, exceto o seu. Se Deus é representado em alguma forma bonita ou simbólica, disse o judeu, isso é terrivelmente ruim; é pecado. Mas se Ele for representado em forma de baú, com dois anjos sentados de cada lado, e uma nuvem pairando sobre ele, é o Santo dos Santos. Se Deus vem na forma de uma pomba, é santo. Mas se Ele vier na forma de uma vaca, isso é superstição pagã; condene! É assim que o mundo funciona. É por isso que o poeta diz: “Que tolos somos nós, mortais!” Como é difícil olhar através dos olhos um do outro, e essa é a ruína da humanidade. Essa é a base do ódio e do ciúme, da briga e da briga. Rapazes, bebês bigodudos, que nunca saíram de Madras, levantando-se e querendo ditar leis a trezentos milhões de pessoas com milhares de tradições nas costas! Você não tem vergonha? Afaste-se de tal blasfêmia e aprenda primeiro suas lições! Rapazes irreverentes, simplesmente porque

vocês podem rabiscar algumas linhas no papel e fazer com que algum tolo as publique para vocês, vocês pensam que são os educadores do mundo, vocês pensam que são a opinião pública da Índia! É assim? Devo dizer isto aos reformadores sociais de Madras que tenho o maior respeito e amor por eles. Amo-os pelos seus grandes corações e pelo seu amor pelo seu país, pelos pobres, pelos oprimidos. Mas o que eu lhes diria com amor de irmão é que o método deles não está certo; Foi tentado durante cem anos e falhou. Vamos tentar algum novo método.

A Índia alguma vez precisou de reformadores? Você lê a história da Índia? Quem foi Ramanuja? Quem foi Shankara? Quem foi Nanak? Quem foi Caitanya? Quem foi Kabir? Quem foi Dâdu? Quem eram todos esses grandes pregadores, um após o outro, uma galáxia de estrelas de primeira grandeza? Ramanuja não sentia pena das classes mais baixas? Ele não tentou durante toda a sua vida admitir até mesmo o pária em sua comunidade? Ele não tentou admitir até mesmo os muçulmanos em seu rebanho? Nanak não conversou com hindus e maometanos e tentou provocar um novo estado de coisas? Todos tentaram e seu trabalho ainda continua. A diferença é esta. Eles não tiveram a fanfarronada dos reformadores de hoje; eles não tinham maldições nos lábios como fizeram os reformadores modernos; seus lábios pronunciavam apenas bênçãos. Eles nunca condenaram. Disseram ao povo que a raça deve crescer sempre. Eles olharam para trás e disseram: “Ó hindus, o que vocês fizeram foi bom, mas, meus irmãos, vamos fazer melhor”. Eles não disseram: “Você foi mau, agora sejamos bons”. Eles disseram: “Você tem sido bom, mas agora vamos melhorar”. Isso faz toda a diferença. Devemos crescer de acordo com a nossa natureza. É vão tentar as linhas de acção que as sociedades estrangeiras nos enxertaram; é impossível. Glória a Deus, que é impossível, que não podemos ser distorcidos e torturados na forma de outras nações. Não condeno as instituições de outras raças; eles são bons para eles, mas não para nós. O que é carne para eles pode ser veneno para nós. Esta é a primeira lição a aprender. Com outras ciências, outras instituições e outras tradições por trás deles, eles conseguiram o seu sistema atual. Nós, com as nossas tradições, com milhares de anos de Karma atrás de nós, naturalmente só podemos seguir a nossa própria tendência, seguir os nossos próprios ritmos; e isso teremos que fazer.

Qual é o meu plano então? Meu plano é seguir as ideias dos grandes Mestres antigos. Estudei seu trabalho e foi-me dado descobrir a linha de ação que tomaram. Eles foram os grandes criadores da sociedade. Eles foram os grandes doadores de força, pureza e vida. Eles fizeram um trabalho maravilhoso. Temos que fazer um trabalho maravilhoso também. As circunstâncias tornaram-se um pouco diferentes e, conseqüentemente, as linhas de ação tiveram que ser um pouco alteradas, e isso é tudo. Vejo que cada nação, como cada indivíduo, tem um tema nesta vida, que é o seu centro, a nota principal em torno da qual todas as outras notas formam a harmonia. Numa nação o poder político é a sua vitalidade, como na Inglaterra, a vida artística noutra, e assim por diante. Na Índia, a vida religiosa constitui o centro, a tônica de toda a música da vida nacional; e se qualquer nação tentar livrar-se da sua vitalidade nacional – a direcção que se tornou sua ao longo dos séculos – essa nação morre se tiver sucesso na tentativa. E, portanto, se você tiver sucesso na tentativa de se livrar da sua religião e assumir a política, ou a sociedade, ou qualquer outra coisa como o seu centro, como a vitalidade da sua vida nacional, o resultado será que você se tornará extinto. Para evitar isso, você deve fazer com que tudo e todos funcionem através da vitalidade da sua religião. Deixe todos os seus nervos vibrarem na espinha dorsal da sua religião. Percebi que não posso pregar nem mesmo a religião aos americanos sem lhes mostrar o seu efeito prático na vida social. Eu não poderia pregar religião na Inglaterra sem mostrar as maravilhosas mudanças políticas que o Vedanta traria. Assim, na Índia, a reforma social tem de ser pregada mostrando quão mais espiritual será a vida que o novo sistema trará; e a política tem de ser pregada mostrando o quanto irá melhorar aquilo que a nação deseja – a sua espiritualidade. Cada homem tem de fazer a sua própria escolha; o mesmo acontece com todas as nações. Fizemos nossa escolha há muito tempo e devemos cumpri-la. E, afinal, não é uma escolha tão ruim. Será uma escolha tão ruim neste mundo pensar não na matéria, mas no espírito, não no homem, mas em Deus? Essa fé intensa em outro mundo, esse ódio intenso por este mundo, esse poder intenso de renúncia, essa fé intensa em Deus, essa fé intensa na alma imortal, está em você. Desafio qualquer um a desistir. Você não pode. Você pode tentar me impor, tornando-se materialista, falando sobre materialismo por alguns meses, mas eu sei o que você é; se eu te pegar pela mão, você voltará tão bom teísta como sempre nasceu. Como você pode mudar sua natureza?

Assim, qualquer melhoria na Índia requer, antes de mais nada, uma reviravolta na religião. Antes de inundar a Índia com ideias socialistas ou políticas, primeiro inunde a terra com ideias espirituais. A primeira obra que exige nossa atenção é que as verdades mais maravilhosas confinadas em nossos Upanishads, em nossas escrituras, em nossos Purânas devem ser extraídas dos livros, trazidas dos mosteiros, trazidas das florestas, trazidas da posse de grupos selecionados de pessoas e espalhadas por todo o país, para que essas verdades possam correr como fogo por todo o país, de norte a sul e de leste a oeste, do Himalaia a Comorin, de Sindh ao Brahmaputra. Todos devem conhecê-los, porque é dito: “Isto deve primeiro ser ouvido, depois pensado e depois meditado”. Deixe as pessoas ouvirem primeiro, e quem quer que ajude a fazer as pessoas ouvirem sobre as grandes verdades em suas próprias escrituras não poderá criar para si um Karma melhor hoje. Diz nosso Vyasa: "No Kali Yuga resta um Karma. Sacrifícios e tremendos Tapasyâs são inúteis agora. Do Karma resta um, e esse é o Karma da doação." E desses dons, o dom da espiritualidade e do conhecimento espiritual é o mais elevado; o próximo presente é o dom do conhecimento secular; o próximo é o dom da vida; e a quarta é a dádiva de comida. Veja esta corrida maravilhosamente caridosa; veja a quantidade de presentes que são feitos neste país pobre, muito pobre; vejam a hospitalidade onde um homem pode viajar de norte a sul, tendo o que há de melhor na terra, sendo sempre tratado por todos como se fosse um amigo, e onde nenhum mendigo passa fome enquanto houver um pedaço de pão em qualquer lugar !

Nesta terra de caridade, assumamos a energia da primeira caridade, a difusão do conhecimento espiritual. E essa difusão não deve ficar confinada às fronteiras da Índia; deve ser espalhado por todo o mundo. Este tem sido o costume. Aqueles que lhes dizem que o pensamento indiano nunca saiu da Índia, aqueles que lhes dizem que sou o primeiro sannyasin que foi a terras estrangeiras para pregar, não conhecem a história da sua própria raça. Repetidas vezes esse fenômeno aconteceu. Sempre que o mundo exigiu, esta inundação perene de espiritualidade transbordou e inundou o mundo. Dádivas de conhecimento político podem ser feitas com o toque de trombetas e a marcha de coortes. Doações de conhecimento secular e conhecimento social podem ser feitas com fogo e espada. Mas o conhecimento espiritual só pode ser dado em silêncio, como o orvalho que cai invisível e inaudível, mas fazendo florescer massas de rosas. Este tem

sido o presente da Índia ao mundo repetidas vezes. Sempre que houve uma grande raça conquistadora, unindo as nações do mundo, tornando possíveis estradas e trânsitos, imediatamente a Índia surgiu e deu a sua quota de poder espiritual à soma total do progresso do mundo. Isto aconteceu muito antes do nascimento de Buda, e ainda restam vestígios dele na China, na Ásia Menor e no coração do arquipélago malaio. Foi o que aconteceu quando o grande conquistador grego uniu os quatro cantos do mundo então conhecido; então, a espiritualidade indiana desapareceu, e a alardeada civilização do Ocidente é apenas o remanescente desse dilúvio. Agora surgiu novamente a mesma oportunidade; o poder da Inglaterra uniu as nações do mundo como nunca foi feito antes. As estradas e canais de comunicação ingleses correm de um extremo ao outro do mundo. Graças ao génio inglês, o mundo de hoje está ligado de uma forma que nunca antes aconteceu. Hoje foram formados centros comerciais como nunca antes na história da humanidade. E imediatamente, consciente ou inconscientemente, a Índia ergue-se e derrama os seus dons de espiritualidade; e eles correrão por essas estradas até chegarem aos confins do mundo. O fato de eu ter ido para a América não foi obra minha ou sua; mas o Deus da Índia que está guiando o seu destino me enviou, e enviará centenas deles a todas as nações do mundo. Nenhum poder na terra pode resistir a isso. Isto também tem que ser feito. Você deve sair para pregar sua religião, pregá-la a todas as nações sob o sol, pregá-la a todos os povos. Esta é a primeira coisa a fazer. E depois de pregar o conhecimento espiritual, junto com ele virá esse conhecimento secular e todo outro conhecimento que você quiser; mas se você tentar obter o conhecimento secular sem religião, eu lhe digo claramente, vã é sua tentativa na Índia, ela nunca terá influência sobre o povo. Até mesmo o grande movimento budista foi um fracasso, em parte por causa disso.

Portanto, meus amigos, o meu plano é iniciar instituições na Índia, para treinar os nossos jovens como pregadores das verdades das nossas escrituras na Índia e fora da Índia. Homens, homens, estes são procurados: todo o resto estará pronto, mas são procurados jovens fortes, vigorosos, crentes, sinceros até a espinha dorsal. Com eles e o mundo será revolucionado. A vontade é mais forte do que qualquer outra coisa. Tudo deve cair antes da vontade, pois isso vem de Deus e do próprio Deus; uma vontade pura e forte é onipotente. Você não acredita nisso? Pregue, pregue

ao mundo as grandes verdades de sua religião; o mundo espera por eles. Durante séculos, as pessoas aprenderam teorias de degradação. Disseram-lhes que não são nada. Foi dito às massas em todo o mundo que elas não são seres humanos. Eles ficaram tão assustados durante séculos, que quase se tornaram animais. Nunca lhes foi permitido ouvir falar do Atman. Deixe-os ouvir sobre o Atman - que mesmo o mais baixo dos baixos tem o Atman dentro de si, que nunca morre e nunca nasce - daquele a quem a espada não pode perfurar, nem o fogo queimar, nem o ar secar - imortal, sem começo ou fim, o Atman todo puro, onipotente e onipresente! Deixe-os ter fé em si mesmos, pois o que faz a diferença entre o inglês e você? Deixe-os falar sobre sua religião e dever e assim por diante. Eu encontrei a diferença. A diferença está aqui, que o inglês acredita em si mesmo e você não. Ele acredita que é inglês e pode fazer qualquer coisa. Isso traz à tona o Deus dentro dele, e ele pode fazer o que quiser. Foi-lhe dito e ensinado que você não pode fazer nada e que você está se tornando uma nulidade a cada dia. O que queremos é força, então acreditem em vocês mesmos. Nós nos tornamos fracos, e é por isso que o ocultismo e o misticismo chegam até nós – essas coisas assustadoras; pode haver grandes verdades neles, mas quase nos destruíram. Fortaleça seus nervos. O que queremos são músculos de ferro e nervos de aço. Já choramos o suficiente. Chega de chorar, mas fique de pé e seja homem. É uma religião que cria o homem que queremos. São teorias de criação do homem que queremos. É a educação humana em todos os sentidos que queremos. E aqui está o teste da verdade – qualquer coisa que o torne fraco física, intelectual e espiritualmente, rejeite como veneno; não há vida nisso, não pode ser verdade. A verdade está se fortalecendo. A verdade é pureza, a verdade é todo conhecimento; a verdade deve ser fortalecedora, deve ser esclarecedora, deve ser revigorante. Esses misticismos, apesar de conterem alguns grãos de verdade, estão geralmente enfraquecendo. Acredite em mim, tenho uma experiência disso ao longo da vida, e a única conclusão que tiro é que está enfraquecendo. Viajei por toda a Índia, procurei em quase todas as cavernas daqui e morei no Himalaia. Conheço pessoas que viveram lá a vida toda. Eu amo minha nação, não posso ver você degradado, enfraquecido mais do que está agora. Portanto, sou obrigado, por sua causa e pela verdade, a gritar: "Espere!" e levantar a minha voz contra esta degradação da minha raça. Abandone esses misticismos enfraquecedores e seja forte. Volte para os seus Upanishads – o brilho, o fortalecimento, a filosofia brilhante – e

afaste-se de todas essas coisas misteriosas, de todas essas coisas enfraquecedoras. Adote esta filosofia; as maiores verdades são as coisas mais simples do mundo, simples como a sua própria existência. As verdades dos Upanishads estão diante de você. Aceite-os, viva de acordo com eles e a salvação da Índia estará próxima.

Mais uma palavra e terminei. Eles falam de patriotismo. Acredito no patriotismo e também tenho o meu próprio ideal de patriotismo. Três coisas são necessárias para grandes conquistas. Primeiro, sinta com o coração. O que há no intelecto ou na razão? Dá alguns passos e aí para. Mas através do coração vem a inspiração. O amor abre as portas mais impossíveis; o amor é a porta para todos os segredos do universo. Sintam-se, portanto, meus pretensos reformadores, meus pretensos patriotas! Você sente? Você acha que milhões e milhões de descendentes de deuses e de sábios se tornaram vizinhos próximos dos brutos? Você acha que milhões estão morrendo de fome hoje, e milhões estão morrendo de fome há muito tempo? Você sente que a ignorância tomou conta da terra como uma nuvem escura? Isso deixa você inquieto? Isso te deixa sem dormir? Foi para o seu sangue, percorrendo suas veias, tornando-se consoante com os batimentos cardíacos? Isso quase te deixou louco? Você está dominado por aquela ideia da miséria da ruína e esqueceu tudo sobre seu nome, sua fama, suas esposas, seus filhos, suas propriedades, até mesmo seus próprios corpos? Você fez aquilo? Esse é o primeiro passo para se tornar um patriota, o primeiro passo. Eu não fui para a América, como a maioria de vocês sabe, para o Parlamento das Religiões, mas esse sentimento demoníaco estava em mim e dentro da minha alma. Viajei doze anos por toda a Índia, sem encontrar maneira de trabalhar para os meus compatriotas, e foi por isso que fui para a América. A maioria de vocês sabe disso, quem me conheceu naquela época. Quem se importava com este Parlamento das Religiões? Aqui estava minha própria carne e sangue afundando todos os dias, e quem cuidava deles? Este foi meu primeiro passo.

Você pode sentir, então; mas em vez de gastar suas energias em conversas fúteis, você encontrou alguma saída, alguma solução prática, alguma ajuda em vez de condenação, algumas palavras doces para acalmar suas misérias, para tirá-los desta morte em vida?

No entanto, isso não é tudo. Você tem vontade de superar obstruções no alto de montanhas? Se o mundo inteiro estivesse contra você com a espada na mão, você ainda se atreveria a fazer o que acha certo? Se suas esposas e filhos estivessem contra você, se todo o seu dinheiro fosse embora, seu nome morresse, sua riqueza desaparecesse, você ainda continuaria com isso? Você ainda o perseguiria e seguiria firmemente em direção ao seu próprio objetivo? Como diz o grande Rei Bhartrihari: “Deixe os sábios culparem ou deixem-nos elogiar; deixe a deusa da fortuna vir ou deixe-a ir para onde ela quiser; deixe a morte chegar hoje, ou deixe-a vir daqui a centenas de anos; ele de fato é o firme homem que não se afasta um centímetro do caminho da verdade.” Você tem essa firmeza? Se vocês tiverem essas três coisas, cada um de vocês fará milagres. Você não precisa escrever nos jornais, não precisa dar palestras; seu próprio rosto brilhará. Se você mora em uma caverna, seus pensamentos permearão até mesmo através das paredes rochosas, vibrarão por todo o mundo por centenas de anos, talvez, até que se fixem em algum cérebro e funcionem lá. Tal é o poder do pensamento, da sinceridade e da pureza de propósito.

Receio estar atrasando você, mas mais uma palavra. Este navio nacional, os meus compatriotas, os meus amigos, os meus filhos – este navio nacional tem transportado milhões e milhões de almas através das águas da vida. Durante dezenas de séculos brilhantes, ele tem navegado através desta água e, através da sua ação, milhões de almas foram levadas para a outra margem, para a bem-aventurança. Mas hoje, talvez por culpa sua, este barco ficou um pouco danificado, teve um vazamento; e você, portanto, amaldiçoaria isso? É apropriado que você se levante e pronuncie maldição sobre ele, alguém que fez mais trabalho do que qualquer outra coisa no mundo? Se há buracos neste navio nacional, nesta nossa sociedade, somos seus filhos. Vamos tapar os buracos. Façamo-lo de bom grado com o sangue do nosso coração; e se não pudermos, então vamos morrer. Faremos um plug em nossos cérebros e os colocaremos no navio, mas nunca o condenaremos. Não diga uma palavra dura contra esta sociedade. Eu amo isso por sua grandeza passada. Amo todos vocês porque são filhos dos deuses e porque são filhos dos gloriosos antepassados. Como então posso amaldiçoar você! Nunca. Todas as bênçãos estejam com você! Vim até vocês, meus filhos, para lhes contar todos os meus planos. Se você os ouvir, estou pronto para trabalhar com você. Mas se você não os ouvir, e até

mesmo me expulsar da Índia, voltarei e lhe direi que estamos todos afundando! Vim agora para sentar-me no meio de vocês e, se quisermos afundar, afundemos todos juntos, mas nunca deixemos maldições subirem aos nossos lábios.

3.4.12 VEDANTA EM SUA APLICAÇÃO À VIDA INDIANA

Há uma palavra que se tornou muito comum como denominação de nossa raça e de nossa religião. A palavra “Hindu” requer uma pequena explicação em relação ao que quero dizer com Vedantismo. Esta palavra "Hindu" era o nome que os antigos persas costumavam aplicar ao rio Sindhu. Sempre que em sânscrito há um "s", no persa antigo ele muda para "h", de modo que "Sindhu" se tornou "Hindu"; e todos vocês sabem como os gregos achavam difícil pronunciar “h” e o abandonaram completamente, de modo que ficamos conhecidos como índios. Ora, esta palavra “Hindu”, aplicada aos habitantes do outro lado do Indo, qualquer que tenha sido o seu significado nos tempos antigos, perdeu toda a sua força nos tempos modernos; pois todas as pessoas que vivem deste lado do Indo já não pertencem a uma religião. Existem os hindus propriamente ditos, os maometanos, os parses, os cristãos, os budistas e os jainistas. A palavra “Hindu” em seu sentido literal deveria incluir tudo isso; mas como significando a religião, não seria apropriado chamar todos esses hindus. É muito difícil, portanto, encontrar um nome comum para a nossa religião, visto que esta religião é uma coleção, por assim dizer, de várias religiões, de várias ideias, de vários cerimoniais e formas, todas reunidas quase sem nome, e sem igreja e sem organização. O único ponto em que, talvez, todas as nossas seitas concordam é que todos nós acreditamos nas escrituras – os Vedas. Talvez seja certo que nenhum homem pode ter o direito de ser chamado de hindu se não admitir a autoridade suprema dos Vedas. Todos estes Vedas, como você sabe, estão divididos em duas partes – o Karma Kânda e o Jnâna Kânda. O Karma Kanda inclui vários sacrifícios e cerimoniais, dos quais a maior parte caiu em desuso na era atual. O Jnana Kanda, por incorporar os ensinamentos espirituais dos Vedas conhecidos como Upanishads e Vedanta, sempre foi citado como a autoridade máxima por todos os nossos professores, filósofos e escritores, sejam dualistas, ou monistas qualificados, ou monistas. Qualquer que seja a sua filosofia ou seita, cada

um na Índia tem de encontrar a sua autoridade nos Upanishads. Se não conseguir, a sua seita será heterodoxa. Portanto, talvez o único nome nos tempos modernos que designaria todos os hindus em todo o país seria “Vedantista” ou “Vaidika”, como você pode dizer; e nesse sentido sempre uso as palavras “Vedantismo” e “Vedanta”. Quero deixar isso um pouco mais claro, pois ultimamente tornou-se costume da maioria das pessoas identificar a palavra Vedanta com o sistema Advaitico da filosofia Vedanta. Todos sabemos que o Advaitismo é apenas um ramo dos vários sistemas filosóficos que foram fundados nos Upanishads. Os seguidores do sistema Vishishtadvaitico têm tanta reverência pelos Upanishads quanto os seguidores do Advaita, e os Vishishtadvaitistas reivindicam tanta autoridade para o Vedanta quanto o Advaitista. O mesmo acontece com os dualistas; o mesmo acontece com todas as outras seitas na Índia. Mas a palavra Vedantista tornou-se um tanto identificada na mente popular com a palavra Advaitista, e talvez com alguma razão, porque, embora tenhamos os Vedas como nossas escrituras, temos Smritis e Purânas – escritos subsequentes – para ilustrar as doutrinas dos Vedas. ; é claro que estes não têm o mesmo peso que os Vedas. E a lei é que sempre que estes Puranas e Smritis diferirem de qualquer parte do Shruti, o Shruti deve ser seguido e o Smriti rejeitado. Agora, nas exposições do grande filósofo Advaita Shankara, e na escola por ele fundada, descobrimos que a maioria das autoridades citadas são dos Upanishads, muito raramente uma autoridade é citada dos Smritis, exceto, talvez, para elucidar um ponto que poderia dificilmente pode ser encontrado nos Shrutis. Por outro lado, outras escolas refugiam-se cada vez mais nos Smritis e cada vez menos nos Shrutis; e à medida que avançamos para as seitas cada vez mais dualistas, encontramos uma quantidade proporcional de Smritis citada, que está fora de proporção com o que deveríamos esperar de um Vedantista. Talvez seja porque estes deram tal predominância às autoridades Paurânika que o Advaitista passou a ser considerado o Vedantista por excelência, se assim posso dizer.

Seja como for, a palavra Vedanta deve abranger todo o terreno da vida religiosa indiana e, sendo parte dos Vedas, por toda a aceitação é a literatura mais antiga que temos; pois qualquer que seja a ideia dos estudiosos modernos, os hindus não estão prontos para admitir que partes dos Vedas foram escritas numa época e outras partes foram escritas em outra época. É claro que eles ainda se apegam à crença de que os Vedas como um todo

foram produzidos ao mesmo tempo, ou melhor, se assim posso dizer, que eles nunca foram produzidos, mas que sempre existiram na mente do Senhor. Isto é o que quero dizer com a palavra Vedanta, que ela cobre o terreno do dualismo, do monismo qualificado e do Advaitismo na Índia. Talvez possamos até aceitar partes do Budismo, e também do Jainismo, se elas vierem – pois os nossos corações são suficientemente grandes. Mas são eles que não entrarão, estamos prontos, pois após uma análise severa você sempre descobrirá que a essência do Budismo foi toda emprestada dos mesmos Upanishads; até mesmo a ética, a chamada grande e maravilhosa ética do Budismo, estava presente palavra por palavra, em algum dos Upanishads; e assim todas as boas doutrinas dos jainistas estavam lá, menos seus caprichos. Também nos Upanishads encontramos os germes de todo o desenvolvimento subsequente do pensamento religioso indiano. Às vezes tem sido defendido, sem qualquer fundamento, que não existe um ideal de Bhakti nos Upanishads. Aqueles que estudaram os Upanishads sabem que isso não é verdade. Há Bhakti suficiente em cada Upanishad se você apenas procurar por isso; mas muitas dessas ideias que se encontram tão plenamente desenvolvidas em tempos posteriores nos Puranas e outros Smritis estão apenas em germe nos Upanishads. O esboço, o esqueleto, estava lá, por assim dizer. Foi preenchido em alguns dos Puranas. Mas não existe um ideal indiano plenamente desenvolvido que não possa ser rastreado até à mesma fonte – os Upanishads. Certas tentativas ridículas foram feitas por pessoas sem muita erudição Upanishad para rastrear Bhakti até alguma fonte estrangeira; mas como vocês sabem, tudo isso provou ser um fracasso, e tudo o que vocês querem de Bhakti está aí, até mesmo nos Samhitas, para não falar dos Upanishads – está lá, adoração e amor e todo o resto; somente os ideais de Bhakti estão se tornando cada vez mais elevados. Nas porções do Samhita, de vez em quando, você encontra vestígios de uma religião de medo e tribulação; nos Samhitas de vez em quando você encontra um adorador tremendo diante de um Varuna, ou algum outro deus. De vez em quando você descobrirá que eles são muito torturados pela idéia do pecado, mas os Upanishads não têm lugar para delinear essas coisas. Não existe religião de medo nos Upanishads; é de Amor e de Conhecimento.

Esses Upanishads são nossas escrituras. Eles foram explicados de maneira diferente e, como já lhe disse, sempre que houver uma diferença entre a

literatura posterior de Pauranika e os Vedas, os Puranas devem ceder. Mas é ao mesmo tempo verdade que, como resultado prático, nos encontramos com noventa por cento Pauranika e dez por cento Vaidika – mesmo que seja só isso. E todos nós encontramos os usos mais contraditórios prevalecendo em nosso meio e também opiniões religiosas prevalecentes em nossa sociedade que dificilmente têm qualquer autoridade nas escrituras dos hindus; e em muitos casos lemos em livros e vemos com espanto costumes do país que não têm autoridade nos Vedas nem nos Smritis ou Puranas, mas são simplesmente locais. E, no entanto, cada aldeão ignorante pensa que se esse pequeno costume local desaparecer, ele não permanecerá mais hindu. Na sua mente, o Vedantismo e estes pequenos costumes locais foram indissoluvelmente identificados. Ao ler as escrituras, é difícil para ele compreender que o que ele está fazendo não tem a sanção das escrituras e que desistir delas não o prejudicará em nada, mas, por outro lado, fará dele um homem melhor. Em segundo lugar, existe a outra dificuldade. Estas nossas escrituras têm sido muito vastas. Lemos no Mahabhâshya de Patanjali, aquela grande obra filológica, que o Sâma-Veda tinha mil ramos. Onde estão todos eles? Ninguém sabe. O mesmo acontece com cada um dos Vedas; a maior parte desses livros desapareceu, e apenas uma pequena parte nos resta. Todos eles foram administrados por famílias específicas; e ou essas famílias morreram, ou foram mortas sob perseguição estrangeira, ou de alguma forma foram extintas; e com eles, aquele ramo do aprendizado dos Vedas do qual eles se encarregaram também foi extinto. Devemos lembrar deste fato, pois ele sempre constitui uma âncora nas mãos daqueles que querem pregar algo novo ou defender qualquer coisa, mesmo contra os Vedas. Sempre que na Índia há uma discussão entre o costume local e os Shrutis, e sempre que é apontado que o costume local é contra as escrituras, o argumento apresentado é que não é, que os costumes existiam no ramo dos Shrutis que foi extinto e por isso foi reconhecido. No meio de todos esses métodos variados de leitura e comentário de nossas escrituras, é realmente muito difícil encontrar o fio condutor de todas elas; pois ficamos imediatamente convencidos de que deve haver algum terreno comum subjacente a todas essas diversas divisões e subdivisões. Deve haver harmonia, um plano comum, sobre o qual todos esses pequenos edifícios foram construídos, alguma base comum a esta massa de confusão aparentemente menos esperançosa que chamamos de nossa religião. Caso

contrário, não poderia ter durado tanto tempo, não poderia ter durado tanto tempo.

Voltando novamente aos nossos comentaristas, encontramos outra dificuldade. O comentarista Advaitico, sempre que chega um texto Advaitico, preserva-o tal como é; mas o mesmo comentarista, assim que um texto dualista se apresenta, tortura-o se pode, e extrai dele o significado mais estranho. Às vezes o “não nascido” se torna uma “cabra”, tais são as maravilhosas mudanças efetuadas. Para agradar ao comentarista, "Ajâ", o Nascituro, é explicado como "Aja", uma cabra. Da mesma forma, se não de uma forma ainda pior, os textos são tratados pelo comentador dualista. Todo texto dualista é preservado, e todo texto que fala de filosofia não-dualista é torturado da maneira que quiser. Esta língua sânscrita é tão complexa, o sânscrito dos Vedas é tão antigo, e a filologia sânscrita é tão perfeita, que qualquer quantidade de discussão pode ser mantida durante séculos em relação ao significado de uma palavra. Se um Pandit colocar isso em sua cabeça, ele poderá traduzir a tagarelice de qualquer pessoa em sânscrito correto pela força do argumento e pela citação de textos e regras. Estas são as dificuldades na nossa forma de compreender os Upanishads. Foi-me dado viver com um homem que era um dualista tão ardente, um Advaitista tão ardente, um Bhakta tão ardente quanto um Jnani. E viver com esse homem primeiro colocou na minha cabeça a compreensão dos Upanishads e dos textos das escrituras a partir de uma base independente e melhor do que seguir cegamente os comentaristas; e na minha opinião e nas minhas pesquisas cheguei à conclusão de que esses textos não são nada contraditórios. Portanto, não precisamos ter medo de torturar textos! Os textos são lindos, sim, são maravilhosos; e não são contraditórias, mas maravilhosamente harmoniosas, uma ideia conduzindo à outra. Mas o único facto que descobri é que em todos os Upanishads, eles começam com ideias dualistas, com adoração e tudo mais, e terminam com um grande florescimento de ideias Advaiticas.

Portanto, descubro agora, à luz da vida deste homem, que o dualista e o advaitista não precisam lutar entre si. Cada um tem um lugar, e um ótimo lugar na vida nacional. O dualista deve permanecer, pois ele é tão parte integrante da vida religiosa nacional como o Advaitista. Um não pode existir sem o outro; um é a realização do outro; um é o prédio, o outro é o

topo; um é a raiz, o outro é o fruto e assim por diante. Portanto, qualquer tentativa de torturar os textos dos Upanishads parece-me muito ridícula. Começo a descobrir que a linguagem é maravilhosa. Além de todos os seus méritos como a maior filosofia, além de seu maravilhoso mérito como teologia, por mostrar o caminho da salvação para a humanidade, a literatura Upanishad é a mais maravilhosa pintura de sublimidade que o mundo possui. Aqui surge com força total aquela individualidade da mente humana, aquela mente hindu introspectiva e intuitiva. Temos pinturas de sublimidade em outras partes de todas as nações, mas quase sem exceção você descobrirá que o ideal delas é captar o sublime nos músculos. Tomemos por exemplo Milton, Dante, Homero ou qualquer um dos poetas ocidentais. Há neles passagens maravilhosamente sublimes; mas aí há sempre uma apreensão do infinito através dos sentidos, dos músculos, obtendo o ideal da expansão infinita, o infinito do espaço. Encontramos as mesmas tentativas feitas na porção Samhita. Você conhece alguns desses Riks maravilhosos onde a criação é descrita; as próprias alturas de expressão do sublime na expansão e do infinito no espaço são alcançadas. Mas logo descobriram que o Infinito não pode ser alcançado dessa maneira, que mesmo o espaço infinito, a expansão e a natureza externa infinita não poderiam expressar as ideias que lutavam para encontrar expressão em suas mentes, e assim recorreram a outras ideias. explicações. A linguagem tornou-se nova nos Upanishads; é quase negativo, às vezes é caótico, às vezes levando você além dos sentidos, apontando para você algo que você não consegue compreender, que você não consegue sentir, e ao mesmo tempo você tem certeza de que está ali. Que passagem no mundo pode ser comparada com esta? -

न तत्र सूर्यो भासि न चन्द्रतारकं नेमा विद्युतो भान्ति कुतोऽयमग्निः ।

— Lá o sol não pode iluminar, nem a lua nem as estrelas, o relâmpago não pode iluminar o lugar, o que falar deste fogo mortal." Novamente, onde você pode encontrar uma expressão mais perfeita de toda a filosofia do mundo, a essência do que os hindus alguma vez pensaram, todo o sonho da salvação humana, pintado numa linguagem mais maravilhosa, numa figura mais maravilhosa do que esta?

द्वा सुपर्णा सयुजा सखाया समानं वृक्षं परिषस्वजाते ।
तयोरन्यः पिप्पलं स्वाद्वत्त्यनश्नन्नन्यो अभिचाकशीति ॥
समाने वृक्षे पुरुषो निमग्नोऽनीशया शोचति मुहुर्मानः ।
जुष्टं यदा पश्यत्यन्यमोक्षमस्य महिमानमिति वीतशोकः ॥

Na mesma árvore há dois pássaros de bela plumagem, muito amigáveis um com o outro, um comendo os frutos, o outro sentado calmo e silencioso sem comer - o do galho mais baixo comendo alternadamente os frutos doces e amargos e ficando feliz e infeliz, mas o outro que está no topo, calmo e majestoso; ele não come frutas doces nem amargas, não se preocupa com a felicidade nem com a miséria, imerso em sua própria glória. Esta é a imagem da alma humana. O homem está comendo os frutos doces e amargos desta vida, perseguindo o ouro, perseguindo os seus sentidos, perseguindo as vaidades da vida - ele segue desesperadamente e loucamente na carreira. Em outros lugares, os Upanishads compararam a alma humana ao cocheiro e os sentidos aos cavalos loucos desenfreados. Tal é a carreira dos homens que perseguem as vaidades da vida, das crianças que sonham sonhos dourados apenas para descobrir que são apenas vaidosos, e dos velhos que ruminam os seus feitos passados, e ainda assim não sabem como sair desta rede. Este é o mundo. No entanto, na vida de cada um surgem momentos dourados; no meio das tristezas mais profundas, ou melhor, das alegrias mais profundas, chegam momentos em que uma parte da nuvem que esconde a luz do sol se afasta, por assim dizer, e temos um vislumbre, apesar de nós mesmos, de algo além - longe, muito além da vida dos sentidos; longe, além de suas vaidades, suas alegrias e suas tristezas; longe, além da natureza, ou de nossa imaginação de felicidade aqui ou no futuro; longe de toda sede de ouro, ou de fama, ou de nome, ou de posteridade. O homem para por um momento neste vislumbre e vê o outro pássaro calmo e majestoso, não comendo frutas nem doces nem amargas, mas imerso em sua própria glória, Auto-satisfeito, Auto-satisfeito. Como diz o Gita,

यस्त्वात्मरतिरेव स्यादात्मतृप्तश्च मानवः आत्मन्येव च संतुष्टस्तस्य कार्यं न विद्यते ॥

– “Aquele cuja devoção é ao Atman, aquele que não deseja nada além do Atman, aquele que ficou satisfeito no Atman, que trabalho existe para ele fazer?” Por que ele deveria trabalhar duro? O homem tem um vislumbre, depois esquece novamente e continua comendo os frutos doces e amargos da vida; talvez depois de um tempo ele tenha outro vislumbre, e o pássaro

inferior se aproxime cada vez mais do pássaro superior, à medida que são recebidos golpes após golpes. Se ele tiver a sorte de receber pancadas fortes, ele se aproximará cada vez mais de seu companheiro, do outro pássaro, de sua vida, de seu amigo; e ao se aproximar dele, ele descobre que a luz do pássaro mais alto brinca em torno de sua própria plumagem; e à medida que ele se aproxima cada vez mais, eis! a transformação está acontecendo. Quanto mais ele se aproxima, ele se vê derretendo, por assim dizer, até desaparecer completamente. Ele realmente não existia; era apenas o reflexo do outro pássaro que estava ali calmo e majestoso em meio às folhas em movimento. Foi toda a sua glória, daquele pássaro superior. Ele então fica destemido, perfeitamente satisfeito, calmamente sereno. Nesta figura, os Upanishads levam você da concepção dualística à concepção Advaitica extrema.

Exemplos intermináveis podem ser citados, mas não temos tempo nesta palestra para fazer isso ou para mostrar a maravilhosa poesia dos Upanishads, a pintura do sublime, as grandes concepções. Mas devo observar uma outra idéia: a linguagem, o pensamento e tudo mais vêm diretamente, caem sobre você como a lâmina de uma espada, fortes como os golpes de um martelo. Não há como confundir seus significados. Cada tom dessa música é firme e produz todo o seu efeito; sem giros, sem palavras malucas, sem complexidades nas quais o cérebro se perde. Não há sinais de degradação – nenhuma tentativa de alegorização excessiva, empilhamento excessivo de adjetivos após adjetivos, tornando tudo cada vez mais intrincado, até que todo o sentido se perca, e o cérebro fique tonto, e o homem não conheça o seu sair do labirinto dessa literatura. Não havia nada disso ainda. Se for literatura humana, deve ser a produção de uma raça que ainda não perdeu nada do seu vigor nacional.

Força, força é o que os Upanishads me falam em cada página. Esta é a única coisa importante a lembrar, foi a única grande lição que aprendi em minha vida; força, diz, força, ó homem, não seja fraco. Não existem fraquezas humanas? — diz o homem. Existem, dizem os Upanishads, mas será que mais fraqueza os curaria? Você tentaria lavar sujeira com sujeira? O pecado curará o pecado, a fraqueza curará a fraqueza? Força, ó homem, força, dizem os Upanishads, levante-se e seja forte. Sim, é a única literatura no mundo onde você encontra a palavra “Abhiih”, “destemido”, usada

repetidamente; em nenhuma outra escritura do mundo este adjetivo é aplicado a Deus ou ao homem. Abhihi, destemido! E na minha mente surge do passado a visão do grande Imperador do Ocidente, Alexandre, o Grande, e vejo, por assim dizer, numa imagem, o grande monarca parado na margem do Indo, conversando com um dos nossos Sannyâsins. na floresta; o velho com quem ele conversava, talvez nu, completamente nu, sentado sobre um bloco de pedra, e o imperador, surpreso com sua sabedoria, tentando-o com ouro e honra para que fosse para a Grécia. E este homem sorri para o seu ouro, e sorri para as suas tentações, e recusa; e então o Imperador, mantendo sua autoridade como Imperador, diz: "Eu vou matá-lo se você não vier", e o homem cai na gargalhada e diz: "Você nunca disse tal falsidade em sua vida, como você diz agora mesmo. Quem pode me matar? Eu, você mata, Imperador do mundo material Nunca! Pois eu sou Espírito não nascido e imorredouro: nunca nasci e nunca morro; você me mata, criança que você é!" Isso é força, isso é força! E quanto mais leio os Upanishads, meus amigos, meus compatriotas, mais choro por vocês, pois aí está a grande aplicação prática. Força, força para nós. O que precisamos é de força, quem nos dará força? Existem milhares para nos enfraquecer, e já estamos fartos de histórias. Cada um dos nossos Puranas, se você pressionar, distribui histórias suficientes para preencher três quartos das bibliotecas do mundo. Tudo o que pode nos enfraquecer como raça que tivemos nos últimos mil anos. Parece que durante esse período a vida nacional tinha este fim em vista, a saber, como nos tornar cada vez mais fracos até nos tornarmos verdadeiras minhocas, rastejando aos pés de cada um que se atreve a colocar o pé sobre nós. Portanto, meus amigos, como alguém do seu sangue, como alguém que vive e morre com vocês, deixe-me dizer-lhes que queremos força, força e sempre força. E os Upanishads são a grande mina de força. É aí que reside a força suficiente para revigorar o mundo inteiro; o mundo inteiro pode ser vivificado, fortalecido e energizado através deles. Eles convocarão com voz de trombeta os fracos, os miseráveis e os oprimidos de todas as raças, todos os credos e todas as seitas para que se levantem e sejam livres. Liberdade, liberdade física, liberdade mental e liberdade espiritual são as palavras de ordem dos Upanishads.

Sim, esta é a única escritura no mundo, de todas as outras, que não fala de salvação, mas de liberdade. Liberte-se das amarras da natureza, liberte-se da

fraqueza! E isso mostra que você já tem essa liberdade dentro de você. Essa é outra peculiaridade de seus ensinamentos. Você é um Dvaitista; não importa, você tem que admitir que por sua própria natureza a alma é perfeita; somente por certas ações da alma ela se contraiu. Na verdade, a teoria da contracção e expansão de Râmânuja é exactamente o que os evolucionistas modernos chamam de evolução e atavismo. A alma retrocede, torna-se contraída, por assim dizer, seus poderes tornam-se potenciais; e através de boas ações e bons pensamentos ela se expande novamente e revela sua perfeição natural. Com o Advaitista a única diferença é que ele admite a evolução na natureza e não na alma. Suponha que haja uma tela e um pequeno buraco na tela. Sou um homem atrás de uma tela olhando para esta grande assembléia. Só consigo ver poucos rostos aqui. Suponha que o buraco aumente; à medida que aumenta, mais e mais desta montagem é revelada para mim, e na íntegra quando o buraco é identificado com a tela - não há nada entre você e eu neste caso. Nem você mudou nem eu mudei; toda a mudança estava na tela. Você foi o mesmo do começo ao fim; apenas a tela mudou. Esta é a posição do Advaitista em relação à evolução – evolução da natureza e manifestação do Ser interior. Não que o Ser possa de alguma forma ser contraído. É imutável, o Infinito. Ele foi coberto, por assim dizer, com um véu, o véu de Maya, e à medida que esse véu de Maya se torna cada vez mais fino, a glória inata e natural da alma surge e se torna mais manifesta. Esta é a grande doutrina que o mundo espera aprender da Índia. Independentemente do que falem, por mais que tentem vangloriar-se, descobrirão, dia após dia, que nenhuma sociedade pode resistir sem admitir isso. Você não percebe como tudo está sendo revolucionado? Você não vê como era costume presumir que tudo era mau até que se provasse bom? Na educação, na punição de criminosos, no tratamento de lunáticos, até no tratamento de doenças comuns, essa era a lei antiga. Qual é a lei moderna? A lei moderna diz que o próprio corpo é saudável; cura doenças de sua própria natureza. A medicina pode, na melhor das hipóteses, ajudar a armazenar o que há de melhor no corpo. O que diz isso dos criminosos? É um dado adquirido que, por mais baixo que seja um criminoso, ainda existe a divindade interior, que não muda, e devemos tratar os criminosos em conformidade. Todas estas coisas estão agora mudando, e reformatórios e penitenciárias estão sendo estabelecidos. Então, com tudo. Consciente ou inconscientemente, essa ideia indiana da divindade dentro de cada um está se expressando até mesmo em outros

países. E nos seus livros está a explicação que outras nações têm de aceitar. O tratamento de um homem para com outro será totalmente revolucionado, e estas velhas ideias de apontar a fraqueza da humanidade terão de desaparecer. Eles terão recebido o seu golpe mortal neste século. Agora as pessoas podem se levantar e nos criticar. Tenho sido criticado, de um extremo ao outro do mundo, como alguém que prega a ideia diabólica de que não existe pecado! Muito bom. Os descendentes desses mesmos homens me abençoarão como pregador da virtude, e não do pecado. Eu sou o professor da virtude, não do pecado. Eu me glorio em ser o pregador da luz, e não das trevas.

A segunda grande ideia que o mundo espera receber dos nossos Upanishads é a solidariedade deste universo. As antigas linhas de demarcação e diferenciação estão a desaparecer rapidamente. A electricidade e a energia a vapor estão a colocar as diferentes partes do mundo em intercomunicação umas com as outras e, como resultado, nós, Hindus, já não dizemos que todos os países para além da nossa própria terra estão povoados de demónios e duendes, nem o povo dos cristãos países dizem que a Índia é povoada apenas por canibais e selvagens. Quando saímos do nosso país, encontramos o mesmo irmão, com a mesma mão forte para ajudar, com os mesmos lábios para dizer boa sorte; e às vezes são melhores do que no país onde nascemos. Quando chegam aqui, encontram a mesma irmandade, a mesma alegria, a mesma boa sorte. Nossos Upanishads dizem que a causa de toda miséria é a ignorância; e isso é perfeitamente verdade quando aplicado a todos os estados de vida, sejam eles sociais ou espirituais. É a ignorância que nos faz odiar, é pela ignorância que não nos conhecemos e não nos amamos. Assim que nos conhecemos, o amor vem, deve vir, pois não somos um. Assim, encontramos a solidariedade que surge apesar de si mesma. Mesmo na política e na sociologia, problemas que eram apenas nacionais há vinte anos já não podem ser resolvidos apenas em bases nacionais. Estão assumindo proporções gigantescas, formas gigantescas. Só podem ser resolvidos quando analisados à luz mais ampla dos fundamentos internacionais. As organizações internacionais, as combinações internacionais, as leis internacionais são o grito do dia. Isso mostra a solidariedade. Na ciência, todos os dias eles chegam a uma visão ampla e semelhante da matéria. Você fala da matéria, de todo o universo como uma massa, um oceano de matéria, no qual você e eu, o sol e a lua, e tudo mais

somos apenas nomes de diferentes pequenos redemoinhos e nada mais. Mentalmente falando, é um oceano universal de pensamentos no qual você e eu somos pequenos redemoinhos semelhantes; e como espírito não se move, não muda. É o Atman Imutável, Ininterrupto e Homogêneo. O clamor pela moralidade também está chegando, e isso pode ser encontrado em nossos livros. A explicação da moralidade, a fonte da ética, que também o mundo quer; e que chegará aqui.

O que queremos na Índia? Se os estrangeiros querem estas coisas, nós as queremos vinte vezes mais. Porque, apesar da grandeza dos Upanishads, apesar da nossa alardeada ascendência de sábios, em comparação com muitas outras raças, devo dizer-vos que somos fracos, muito fracos. Em primeiro lugar está a nossa fraqueza física. Essa fraqueza física é a causa de pelo menos um terço das nossas misérias. Somos preguiçosos, não podemos trabalhar; não podemos combinar, não nos amamos; somos intensamente egoístas, não podemos ficar três juntos sem nos odiarmos, sem sentirmos ciúmes um do outro. Esse é o estado em que nos encontramos - multidões irremediavelmente desorganizadas, imensamente egoístas, lutando entre si durante séculos para saber se uma determinada marca deve ser colocada em nossa testa desta ou daquela maneira, escrevendo volumes e volumes sobre questões tão importantes como quer o olhar de um homem estrague minha comida ou não! Isto temos feito nos últimos séculos. Não podemos esperar nada de elevado de uma raça cuja energia cerebral tem sido ocupada em problemas e pesquisas tão maravilhosamente belos! E não temos vergonha de nós mesmos? Sim, às vezes somos; mas embora consideremos essas coisas frívolas, não podemos abandoná-las. Falamos de muitas coisas como papagaios, mas nunca as fazemos; falar e não fazer tornou-se um hábito para nós. Qual é a causa disso? Fraqueza física. Esse tipo de cérebro fraco não é capaz de fazer nada; devemos fortalecê-lo. Em primeiro lugar, os nossos jovens devem ser fortes. A religião virá depois. Sejam fortes, meus jovens amigos; esse é o meu conselho para você. Você estará mais perto do Céu através do futebol do que através do estudo do Gita. Estas são palavras em negrito; mas tenho que dizê-las, pois amo você. Eu sei onde o sapato aperta. Ganhei um pouco de experiência. Você vai entender melhor o Gita com seus bíceps, seus músculos, um pouco mais fortes. Você compreenderá melhor o poderoso gênio e a poderosa força de Krishna com um pouco de sangue forte em você. Vocês compreenderão melhor os Upanishads e a

glória do Atman quando seu corpo estiver firme sobre seus pés e vocês se sentirem como homens. Portanto, temos que aplicá-los às nossas necessidades.

As pessoas ficam enojadas muitas vezes com a minha pregação do Advaitismo. Não pretendo pregar o Advaitismo, ou o Dvaitismo, ou qualquer outro ismo no mundo. O único ismo que exigimos agora é esta ideia maravilhosa da alma – o seu poder eterno, a sua força eterna, a sua pureza eterna e a sua perfeição eterna. Se eu tivesse um filho, desde o nascimento começaria a dizer-lhe: “Tu és o Puro”. Você leu em um dos Puranas aquela bela história da rainha Madâlasâ, como assim que ela tem um filho ela coloca seu bebê com as próprias mãos no berço, e como enquanto o berço balança para frente e para trás, ela começa a cantar, "Tu és o Puro, o Imaculado, o Sem Pecado, o Poderoso, o Grande." Sim, há muito nisso. Sinta que você é ótimo e se torna ótimo. O que obtive como experiência em todo o mundo, é a questão. Podem falar de pecadores - e se todos os ingleses realmente acreditassem que são pecadores, os ingleses não seriam melhores do que os negros da África Central. Deus os abençoe por não acreditarem nisso! Por outro lado, o inglês acredita que já nasceu senhor do mundo. Ele acredita que é ótimo e pode fazer qualquer coisa no mundo; se quer ir ao sol ou à lua, acredita que pode; e isso o torna ótimo. Se ele tivesse acreditado nos seus padres que ele era um pobre e miserável pecador, que iria ser assado por toda a eternidade, ele não seria o mesmo inglês que é hoje. Portanto, encontro em cada nação que, apesar dos sacerdotes e da superstição, o divino interior vive e se afirma. Perdemos a fé. Acredite em mim, temos menos fé do que o inglês e a mulher - mil vezes menos fé! Estas são palavras simples; mas eu digo isso, não posso evitar. Você não vê como os ingleses e as mulheres, quando compreendem nossos ideais, ficam loucos, por assim dizer; e embora sejam a classe dominante, eles vêm para a Índia para pregar a nossa própria religião, apesar das zombarias e do ridículo dos seus próprios compatriotas? Quantos de vocês poderiam fazer isso? E por que você não pode fazer isso? Você não sabe disso? Você sabe mais do que eles; você é mais sábio do que lhe convém, essa é a sua dificuldade! Simplesmente porque seu sangue é como água, seu cérebro está descamando, seu corpo está fraco! Você deve mudar o corpo. A fraqueza física é a causa e nada mais. Você falou de reformas, de ideais e de todas essas coisas durante os últimos cem anos; mas quando se trata de

prática, você não será encontrado em lugar nenhum - até que você tenha enojado o mundo inteiro, e o próprio nome de reforma seja ridículo! E qual é a causa? Você não sabe? Você sabe muito bem. A única causa é que você é fraco, fraco, fraco; seu corpo está fraco, sua mente está fraca, vocês não têm fé em si mesmos! Séculos e séculos, mil anos de tirania esmagadora de castas, reis, estrangeiros e seu próprio povo esgotaram todas as suas forças, meus irmãos. Sua espinha dorsal está quebrada, vocês são como vermes oprimidos. Quem vai te dar força? Deixa eu te contar, força, força é o que queremos. E o primeiro passo para obter força é defender os Upanishads e acreditar - "Eu sou a Alma", "A mim a espada não pode cortar; nem as armas perfuram; a mim o fogo não pode queimar; a mim o ar não pode secar; eu sou o Onipotente". , eu sou o Onisciente." Então repita estas palavras abençoadas e salvadoras. Não diga que somos fracos; podemos fazer tudo e qualquer coisa. O que não podemos fazer? Tudo pode ser feito por nós; todos nós temos a mesma alma gloriosa, acreditemos nela. Tenha fé, como Nachiketâ. Na época do sacrifício de seu pai, a fé veio a Nachiketa; sim, eu gostaria que a fé chegasse a cada um de vocês; e cada um de vocês seria um gigante, um motor do mundo com um intelecto gigantesco – um Deus infinito em todos os aspectos. É isso que eu quero que você se torne. Esta é a força que você obtém dos Upanishads, esta é a fé que você obtém daí.

Sim, mas era apenas para os Sannyâsin! Rahasya (esotérico)! Os Upanishads estavam nas mãos dos Sannyasin; ele foi para a floresta! Shankara foi um pouco gentil e disse que mesmo os Grihasthas (chefes de família) podem estudar os Upanishads, isso lhes fará bem; não vai machucá-los. Mas ainda assim a ideia é que os Upanishads falavam apenas da vida na floresta do recluso. Como eu lhe disse outro dia, o único comentário, o comentário oficial sobre os Vedas, foi feito de uma vez por todas por Aquele que inspirou os Vedas – por Krishna no Gita. Está presente para todos em todas as ocupações da vida. Estas concepções do Vedanta devem surgir, devem permanecer não apenas na floresta, não apenas na caverna, mas devem sair para trabalhar no bar e no banco, no púlpito e na cabana do homem pobre, com os pescadores que pescam e com os estudantes que estudam. Eles chamam todos os homens, mulheres e crianças, qualquer que seja a sua ocupação, onde quer que estejam. E o que há para temer! Como podem os pescadores e todos estes realizar os ideais

dos Upanishads? O caminho foi mostrado. É infinito; a religião é infinita, ninguém pode ir além dela; e tudo o que você faz com sinceridade é bom para você. Mesmo a menor coisa bem feita traz resultados maravilhosos; portanto, que cada um faça o pouco que puder. Se o pescador pensa que é o Espírito, será um pescador melhor; se o aluno pensa que é o Espírito, será um aluno melhor. Se o advogado pensa que é o Espírito, será um advogado melhor, e assim por diante, e o resultado será que as castas permanecerão para sempre. É da natureza da sociedade formar grupos; e o que irá acontecer serão esses privilégios. A casta é uma ordem natural; Posso cumprir uma função na vida social e você outra; você pode governar um país e eu posso consertar um par de sapatos velhos, mas não é por isso que você é maior do que eu, pois você pode consertar meus sapatos? Posso governar o país? Eu sou inteligente em consertar sapatos, você é inteligente em ler os Vedas, mas isso não é motivo para você pisar em minha cabeça. Por que, se alguém comete um assassinato, deveria ser elogiado, e se outro rouba uma maçã, por que deveria ser enforcado? Isso terá que acabar. Casta é boa. Essa é a única maneira natural de resolver a vida. Os homens devem formar grupos e você não pode se livrar disso. Onde quer que você vá, haverá castas. Mas isso não significa que deva haver esses privilégios. Eles deveriam levar uma pancada na cabeça. Se você ensinar Vedanta ao pescador, ele dirá: Sou um homem tão bom quanto você; Eu sou um pescador, você é um filósofo, mas tenho em mim o mesmo Deus que você tem em você. E é isso que queremos, nenhum privilégio para ninguém, oportunidades iguais para todos; que todos aprendam que o divino está dentro, e cada um realizará sua própria salvação.

A liberdade é a primeira condição do crescimento. É errado, mil vezes errado, se algum de vocês ousar dizer: “Eu trabalharei na salvação desta mulher ou criança”. Perguntam-me repetidamente o que penso do problema da viúva e o que penso da questão da mulher. Deixe-me responder de uma vez por todas: sou viúva por você me perguntar essa bobagem? Sou uma mulher que você me faz essa pergunta repetidas vezes? Quem é você para resolver os problemas das mulheres? Você é o Senhor Deus para governar toda viúva e toda mulher? Tire as mãos! Eles resolverão seus próprios problemas. Ó tiranos, tentando pensar que vocês podem fazer qualquer coisa por qualquer um! Tire as mãos! O Divino cuidará de tudo. Quem é você para presumir que sabe tudo? Como ousam pensar, ó blasfemadores,

que têm direito sobre Deus? Pois você não sabe que toda alma é a Alma de Deus? Cuide do seu próprio Karma; uma carga de Karma está em você para ser trabalhada. Sua nação pode colocá-lo em um pedestal, sua sociedade pode animá-lo até os céus e os tolos podem elogiá-lo: mas Ele não dorme, e a retribuição certamente virá, aqui ou no futuro.

Olhe para cada homem, mulher e cada um como Deus. Você não pode ajudar ninguém, você só pode servir: servir os filhos do Senhor, servir ao próprio Senhor, se você tiver o privilégio. Se o Senhor permitir que você possa ajudar qualquer um de Seus filhos, abençoado você será; não pensem muito em si mesmos. Abençoado é que esse privilégio lhe foi concedido quando outros não o tiveram. Faça isso apenas como uma adoração. Eu deveria ver Deus nos pobres, e é para minha salvação que vou adorá-los. Os pobres e os miseráveis são para a nossa salvação, para que possamos servir ao Senhor, vindo na forma do doente, vindo na forma do lunático, do leproso e do pecador! Ousadas são minhas palavras; e deixe-me repetir que é o maior privilégio em nossa vida podermos servir ao Senhor em todas essas formas. Desista da ideia de que governando os outros você pode fazer algum bem a eles. Mas você pode fazer o máximo que puder no caso da planta; você pode fornecer à semente em crescimento os materiais para a formação de seu corpo, trazendo-lhe a terra, a água, o ar que ela desejar. Levará tudo o que quiser por sua própria natureza. Ele irá assimilar e crescer por sua própria natureza.

Traga toda luz ao mundo. Luz, traga luz! Deixe a luz chegar a todos; a tarefa não estará concluída até que todos tenham alcançado o Senhor. Leve luz aos pobres e traga mais luz aos ricos, pois eles precisam dela mais do que os pobres. Traga luz aos ignorantes e mais luz aos educados, pois as vaidades da educação do nosso tempo são tremendas! Assim traga luz a todos e deixe o resto ao Senhor, pois nas palavras do mesmo Senhor “Tens direito ao trabalho e não aos frutos dele”. “Não deixe que seu trabalho produza resultados para você e, ao mesmo tempo, você nunca fique sem trabalho.”

Que Aquele que ensinou ideias tão grandiosas aos nossos antepassados, há muito tempo, nos ajude a obter forças para colocar em prática os Seus mandamentos!

3.4.13 OS SÁBIOS DA ÍNDIA

Ao falar dos sábios da Índia, a minha mente remonta àqueles períodos dos quais a história não tem registo, e a tradição tenta em vão trazer os segredos da escuridão do passado. Os sábios da Índia têm sido quase inumeráveis, pois o que a nação hindu tem feito há milhares de anos, exceto produzir sábios? Tomarei, portanto, a vida de alguns dos mais brilhantes, os que marcaram época, e apresentá-los-ei a vocês, ou seja, meu estudo sobre eles.

Em primeiro lugar, temos que entender um pouco sobre as nossas escrituras. Dois ideais de verdade estão em nossas escrituras; um é o que chamamos de eterno, e o outro não é tão autoritário, mas vinculativo em circunstâncias, tempos e lugares específicos. As relações eternas que tratam da natureza da alma e de Deus, e as relações entre as almas e Deus estão incorporadas no que chamamos de Shrutis, os Vedas. O próximo conjunto de verdades é o que chamamos de Smritis, conforme incorporado nas palavras de Manu. Yâjñavalkya, e outros escritores e também nos Purânas, até os Tantras. A segunda classe de livros e ensinamentos está subordinada aos Shrutis, visto que sempre que qualquer um deles contradizer algo nos Shrutis, os Shrutis devem prevalecer. Esta é a lei. A ideia é que a estrutura do destino e do objetivo do homem tenha sido toda delineada nos Vedas, os detalhes foram deixados para serem trabalhados nos Smritis e nos Puranas. Quanto às orientações gerais, os Shrutis são suficientes; para a vida espiritual, nada mais pode ser dito, nada mais pode ser conhecido. Tudo o que é necessário foi conhecido, todos os conselhos necessários para conduzir a alma à perfeição foram completados nos Shrutis; apenas os detalhes foram deixados de fora, e estes os Smritis fornecem de tempos em tempos.

Outra peculiaridade é que esses Shrutis têm muitos sábios como registradores das verdades contidas neles, principalmente homens, até mesmo algumas mulheres. Muito pouco se sabe sobre suas personalidades, as datas de seu nascimento e assim por diante, mas seus melhores pensamentos, suas melhores descobertas, devo dizer, estão ali preservadas, incorporadas na literatura sagrada de nosso país, os Vedas. Já nos Smritis as personalidades estão mais em evidência. Pessoas surpreendentes, gigantescas, impressionantes e que movem o mundo estão diante de nós,

por assim dizer, pela primeira vez, às vezes até de maior magnitude do que seus ensinamentos.

Esta é uma peculiaridade que temos de compreender – que a nossa religião prega um Deus Pessoal Impessoal. Ela prega qualquer quantidade de leis impessoais, além de qualquer quantidade de personalidade, mas a própria fonte de nossa religião está nos Shrutis, os Vedas, que são perfeitamente impessoais; todas as pessoas vêm nos Smritis e Puranas – os grandes Avatâras, Encarnações de Deus, Profetas, e assim por diante. E também deve ser observado que, exceto a nossa religião, todas as outras religiões do mundo dependem da vida ou vidas de algum fundador ou fundadores pessoais. O Cristianismo é construído sobre a vida de Jesus Cristo, o Maometismo sobre Maomé, o Budismo sobre Buda, o Jainismo sobre os Jinas, e assim por diante. Segue-se naturalmente que deve haver em todas estas religiões muita luta sobre o que elas chamam de evidências históricas destas grandes personalidades. Se em algum momento as evidências históricas sobre a existência desses personagens nos tempos antigos enfraquecerem, todo o edifício da religião desmoronará e será feito em pedaços. Escapamos deste destino porque a nossa religião não se baseia em pessoas, mas em princípios. O fato de você obedecer à sua religião não é porque ela veio da autoridade de um sábio, não, nem mesmo de uma Encarnação. Krishna não é a autoridade dos Vedas, mas os Vedas são a autoridade do próprio Krishna. Sua glória é que ele é o maior pregador dos Vedas que já existiu. O mesmo acontece com as outras Encarnações; o mesmo acontece com todos os nossos sábios. Nosso primeiro princípio é que tudo o que é necessário para a perfeição do homem e para alcançar a liberdade está nos Vedas. Você não consegue encontrar nada de novo. Você não pode ir além de uma unidade perfeita, que é a meta de todo conhecimento; isso já foi alcançado aí e é impossível ir além da unidade. O conhecimento religioso tornou-se completo quando Tat Twam Asi (Tu és Aquilo) foi descoberto, e isso estava nos Vedas. O que restou foi a orientação das pessoas de tempos em tempos, de acordo com diferentes épocas e lugares, de acordo com diferentes circunstâncias e ambientes; as pessoas tinham que ser guiadas pelo velho, velho caminho, e para isso vieram esses grandes professores, esses grandes sábios. Nada pode sustentar mais claramente esta posição do que o célebre ditado de Shri Krishna no Gîtâ: “Sempre que a virtude diminui e a irreligião prevalece, Eu Me crio

para a proteção do bem; para a destruição de toda imoralidade estou vindo de vez em quando. ." Esta é a ideia na Índia.

O que se segue? Que, por um lado, existem esses princípios eternos que se sustentam em seus próprios fundamentos, sem depender sequer de qualquer raciocínio, muito menos da autoridade de sábios, por maiores que sejam, de Encarnações, por mais brilhantes que tenham sido. Podemos observar que, como esta é a posição única na Índia, a nossa afirmação é que o Vedanta só pode ser a religião universal, que já é a religião universal existente no mundo, porque ensina princípios e não pessoas. Nenhuma religião construída sobre uma pessoa pode ser considerada um tipo por todas as raças da humanidade. Em nosso próprio país, descobrimos que houve tantos personagens grandiosos; mesmo numa cidade pequena, muitas pessoas são consideradas tipos pelas diferentes mentes daquela cidade. Como é possível que uma pessoa, como Maomé, Buda ou Cristo, possa ser considerada o único tipo para o mundo inteiro, ou melhor, que toda a moralidade, ética, espiritualidade e religião só possa ser verdadeira a partir da sanção disso? uma pessoa e uma pessoa sozinha? Agora, a religião Vedanta não exige tal autoridade pessoal. A sua sanção é a natureza eterna do homem, a sua ética baseia-se na eterna solidariedade espiritual do homem, já existente, já alcançada e a não ser alcançada. Por outro lado, desde os tempos mais remotos, os nossos sábios têm-se sentido conscientes do facto de que a grande maioria da humanidade necessita de uma personalidade. Eles devem ter um Deus Pessoal de uma forma ou de outra. O mesmo Buda que se declarou contra a existência de um Deus Pessoal não havia morrido cinquenta anos antes de seus discípulos fabricarem dele um Deus Pessoal. O Deus Pessoal é necessário e, ao mesmo tempo, sabemos que, em vez e melhor do que as vãs imaginações de um Deus Pessoal, que em noventa e nove casos entre cem são indignos de adoração humana, temos neste mundo, vivendo e andando em nosso meio, Deuses vivos, de vez em quando. Estes são mais dignos de adoração do que qualquer Deus imaginário, qualquer criação da nossa imaginação, isto é, qualquer ideia de Deus que possamos formar. Shri Krishna é muito maior do que qualquer ideia de Deus que você ou eu possamos ter. Buda é uma ideia muito mais elevada, uma ideia mais viva e idolatrada, do que o ideal que você ou eu podemos conceber em nossas mentes; e é por isso que eles sempre

comandam a adoração da humanidade, mesmo com a exclusão de todas as divindades imaginárias.

Nossos sábios sabiam disso e, portanto, deixaram aberto a todos os povos indianos a adoração de tais grandes Personagens, tais Encarnações. Não, a maior dessas Encarnações vai além: “Onde quer que um poder espiritual extraordinário seja manifestado pelo homem externo, saiba que Eu estou lá, é de Mim que vem essa manifestação”. Isso deixa a porta aberta para o Hindu adorar as Encarnações de todos os países do mundo. O Hindu pode adorar qualquer sábio e qualquer santo de qualquer país, e de facto sabemos que vamos adorar muitas vezes nas igrejas dos cristãos, e muitas, muitas vezes nas mesquitas muçulmanas, e isso é bom. Por que não? A nossa, como eu disse, é a religião universal. É suficientemente inclusivo, é suficientemente amplo para incluir todos os ideais. Todos os ideais de religião que já existem no mundo podem ser incluídos imediatamente, e podemos esperar pacientemente que todos os ideais que virão no futuro sejam tomados da mesma forma, abraçados nos braços infinitos da religião do Vedanta.

Esta é, mais ou menos, a nossa posição em relação aos grandes sábios, as Encarnações de Deus. Existem também personagens secundários. Encontramos a palavra Rishi repetidamente mencionada nos Vedas, e ela se tornou uma palavra comum atualmente. O Rishi é a grande autoridade. Temos que entender essa ideia. A definição é que o Rishi é o Mantra-drashtâ, o vidente do pensamento. Qual é a prova da religião? – isso foi perguntado em tempos muito antigos. Não há prova nos sentidos da declaração.

यतो वाचो निवर्तन्ते अप्राप्य मनसा सह

- "De onde as palavras refletem de volta com o pensamento sem atingir a meta."

न तत्र चक्षुर्गच्छति न वाग्गच्छति नो मनः ।

– “Lá os olhos não podem alcançar, nem a fala, nem a mente” – essa tem sido a declaração há séculos e séculos. A natureza externa não pode nos dar nenhuma resposta quanto à existência da alma, à existência de Deus, à vida

eterna, ao objetivo do homem e tudo mais. Esta mente está em constante mudança, sempre num estado de fluxo; é finito, está quebrado em pedaços. Como pode a natureza falar do Infinito, do Imutável, do Ininterrupto, do Indivisível, do Eterno? Nunca pode. E sempre que a humanidade se esforçou para obter uma resposta a partir de matéria morta e monótona, a história mostra quão desastrosos foram os resultados. Como surge, então, o conhecimento que os Vedas declaram? Isso acontece por ser um Rishi. Este conhecimento não está nos sentidos; mas serão os sentidos o princípio e o fim de tudo do ser humano? Quem ousa dizer que os sentidos são o tudo-em-tudo do homem? Mesmo em nossas vidas, na vida de cada um de nós aqui, surgem momentos de calma, talvez, quando vemos diante de nós a morte de alguém que amamos, quando algum choque nos atinge, ou quando uma extrema bem-aventurança nos atinge. Existem muitas outras ocasiões em que a mente, por assim dizer, fica calma, sente por um momento a sua verdadeira natureza; e um vislumbre do Infinito além, onde as palavras não podem alcançar nem a mente ir, nos é revelado. Isso acontece na vida cotidiana, mas precisa ser intensificado, praticado, aperfeiçoado. Os homens descobriram há muito tempo que a alma não está presa ou limitada pelos sentidos, não, nem mesmo pela consciência. Temos que compreender que esta consciência é apenas o nome de um elo da cadeia infinita. O Ser não é idêntico à consciência, mas a consciência é apenas uma parte do Ser. Além da consciência é onde reside a busca ousada. A consciência está vinculada aos sentidos. Além disso, além dos sentidos, os homens devem ir para chegar às verdades do mundo espiritual, e ainda hoje há pessoas que conseguem ir além dos limites dos sentidos. Estes são chamados Rishis, porque ficam cara a cara com verdades espirituais.

A prova, portanto, dos Vedas é exatamente a mesma que a prova desta tabela diante de mim, Pratyaksha, percepção direta. Vejo isso com os sentidos, e as verdades da espiritualidade também vemos num estado superconsciente da alma humana. Este estado Rishi não é limitado por tempo ou lugar, por sexo ou raça. Vâtsyâyana corajosamente declara que este Rishi é propriedade comum dos descendentes do sábio, do ariano, do não-ariano, até mesmo do Mlechchha. Esta é a sabedoria dos Vedas, e devemos constantemente lembrar-nos deste ideal de religião na Índia, que desejo que outras nações do mundo também se lembrem e aprendam, para que haja menos lutas e menos disputas. A religião não está nos livros, nem

nas teorias, nem nos dogmas, nem nas conversas, nem mesmo nos raciocínios. É ser e se tornar. Sim, meus amigos, até que cada um de vocês se torne um Rishi e fique cara a cara com os fatos espirituais, a vida religiosa não terá começado para vocês. Até que o superconsciente se abra para você, a religião é mera conversa, nada mais é do que preparação. Você está falando de segunda mão, de terceira mão, e aqui se aplica aquele belo ditado de Buda quando ele discutiu com alguns brâmanes. Eles vieram discutir sobre a natureza de Brahman, e o grande sábio perguntou: "Você viu Brahman?" "Não, disse o brâmane; "Ou seu pai?" "Não, ele também não"; "Ou seu avô?" "Acho que nem ele O viu." "Meu amigo, como você pode discutir sobre uma pessoa quem seu pai e seu avô nunca viram e tentam rebaixar um ao outro?" Isso é o que o mundo inteiro está fazendo. Digamos na linguagem do Vedanta: "Este Atman não pode ser alcançado com muita conversa, não. , nem mesmo pelo intelecto mais elevado, não, nem mesmo pelo estudo dos próprios Vedas."

Falemos a todas as nações do mundo na linguagem dos Vedas: Vãs são as vossas lutas e as vossas querelas; você viu Deus a quem você quer pregar? Se você ainda não viu, vã é a sua pregação; Você não sabe o que você diz; e se você viu a Deus, você não discutirá, seu próprio rosto brilhará. Um antigo sábio dos Upanishads enviou seu filho para aprender sobre Brahman, e a criança voltou e o pai perguntou: "o que você aprendeu?" A criança respondeu que havia aprendido muitas ciências. Mas o pai disse: "Isso não é nada, volte". E o filho voltou, e quando voltou o pai fez a mesma pergunta, e a mesma resposta veio do filho. Mais uma vez ele teve que voltar. E na próxima vez que ele veio, todo o seu rosto estava brilhando; e seu pai levantou-se e declarou: "Sim, hoje, meu filho, seu rosto brilha como o de um conhecedor de Brahman." Quando você conhecer a Deus, seu próprio rosto mudará, sua voz mudará, toda a sua aparência mudará. Você será uma bênção para a humanidade; ninguém será capaz de resistir ao Rishi. Este é o Rishi, o ideal da nossa religião. O resto, todas essas palestras e raciocínios e filosofias e dualismos e monismos, e até mesmo os próprios Vedas são apenas preparativos, coisas secundárias. O outro é primário. Os Vedas, a gramática, a astronomia, etc., todos estes são secundários; esse é o conhecimento supremo que nos faz perceber o Imutável. Aqueles que realizaram são os sábios que encontramos nos Vedas; e entendemos como este Rishi é o nome de um tipo, de uma classe, que se espera que cada um

de nós, como verdadeiros hindus, se torne em algum período de nossa vida, e tornar-se o que, para o hindu, significa salvação. Não acreditar em doutrinas, não ir a milhares de templos, nem banhar-se em todos os rios do mundo, mas tornar-se o Rishi, o Mantra-drashta – isso é liberdade, isso é salvação.

Desde tempos posteriores, existiram grandes sábios que moveram o mundo, grandes Encarnações das quais houve muitas; e de acordo com o Bhagavata, eles também são infinitos em número, e os que são mais adorados na Índia são Râma e Krishna. Rama, o antigo ídolo das eras heróicas, a personificação da verdade, da moralidade, o filho ideal, o marido ideal, o pai ideal e, acima de tudo, o rei ideal, este Rama foi apresentado diante de nós pelo grande sábio Vâlmiki . Nenhuma linguagem pode ser mais pura, mais casta, mais bela e ao mesmo tempo mais simples do que a linguagem com que o grande poeta retratou a vida de Rama. E o que falar de Sitâ? Você pode esgotar a literatura do mundo que já passou, e posso assegurar-lhe que você terá que esgotar a literatura do mundo do futuro, antes de encontrar outra Sita. Sita é única; esse personagem foi retratado de uma vez por todas. Pode ter havido vários Ramas, talvez, mas nunca mais do que uma Sita! Ela é exatamente o tipo da verdadeira mulher indiana, pois todos os ideais indianos de uma mulher perfeita surgiram daquela vida de Sita; e aqui ela permanece há milhares de anos, comandando a adoração de cada homem, mulher e criança em toda a extensão da terra de Âryâvarta. Lá estará ela sempre, esta gloriosa Sita, mais pura que a própria pureza, toda paciência e todo sofrimento. Ela que sofreu aquela vida de sofrimento sem murmurar, ela a esposa sempre casta e sempre pura, ela o ideal do povo, o ideal dos deuses, a grande Sita, nosso Deus nacional ela deve sempre permanecer. E cada um de nós a conhece muito bem para exigir muitos delineamentos. Toda a nossa mitologia pode desaparecer, até mesmo os nossos Vedas podem desaparecer, e a nossa língua sânscrita pode desaparecer para sempre, mas enquanto houver cinco hindus vivendo aqui, mesmo que falem apenas o dialeto mais vulgar, haverá a história de Sita presente. . Guarde minhas palavras: Sita entrou nos pontos vitais de nossa raça. Ela está no sangue de cada homem e mulher hindu; somos todos filhos de Sita. Qualquer tentativa de modernizar as nossas mulheres, se tentar afastar as nossas mulheres desse ideal de Sita, é imediatamente um fracasso, como vemos todos os dias. As mulheres da

Índia devem crescer e desenvolver-se nos passos de Sita, e esse é o único caminho.

O próximo é Aquele que é adorado de várias formas, o ideal favorito dos homens e também das mulheres, o ideal das crianças e também dos homens adultos. Quero dizer Aquele a quem o escritor do Bhagavata não se contentou em chamar de Encarnação, mas disse: “As outras Encarnações eram apenas partes do Senhor. Ele, Krishna, era o próprio Senhor”. E não é estranho que tais adjetivos sejam aplicados a ele quando nos maravilhamos com a multifacetada de seu caráter. Ele era o sannyasin mais maravilhoso e o chefe de família mais maravilhoso de todos; ele tinha a mais maravilhosa quantidade de Rajas, poder, e ao mesmo tempo vivia no meio da mais maravilhosa renúncia. Krishna nunca poderá ser compreendido até que você tenha estudado o Gita, pois ele era a personificação de seu próprio ensinamento. Cada uma dessas Encarnações veio como uma ilustração viva daquilo que vieram pregar. Krishna, o pregador do Gita, foi durante toda a sua vida a personificação daquela Canção Celestial; ele foi a grande ilustração do desapego. Ele desiste de seu trono e nunca se importa com isso. Ele, o líder da Índia, sob cuja palavra os reis descem dos seus tronos, nunca quis ser rei. Ele é o simples Krishna, sempre o mesmo Krishna que brincava com as Gopis. Ah, aquela passagem mais maravilhosa de sua vida, a mais difícil de entender, e que ninguém deveria tentar entender até que ele se tornasse perfeitamente casto e puro, aquela mais maravilhosa expansão de amor, alegorizada e expressa naquela bela peça em Vrindâban, que ninguém pode compreender, exceto aquele que enlouqueceu de amor, embriagado profundamente da taça do amor! Quem pode compreender as agonias da tradição das Gopis – o próprio ideal de amor, amor que não quer nada, amor que nem se importa com o céu, amor que não se importa com nada neste mundo ou no mundo vindouro? E aqui, meus amigos, através deste amor pelas Gopis foi encontrada a única solução para o conflito entre o Deus Pessoal e o Deus Impessoal. Sabemos como o Deus Pessoal é o ponto mais alto da vida humana; sabemos que é filosófico acreditar num Deus Impessoal, imanente no universo, de quem tudo é apenas uma manifestação. Ao mesmo tempo, as nossas almas anseiam por algo concreto, algo que queremos agarrar, a cujos pés possamos derramar a nossa alma, e assim por diante. O Deus Pessoal é, portanto, a concepção mais elevada da natureza humana. No entanto, a razão fica horrorizada com

tal ideia. É a mesma velha questão que você encontra discutida nos Brahma-Sutras, que você encontra Draupadi discutindo com Yudhishtira na floresta: Se existe um Deus Pessoal, todo-misericordioso, todo-poderoso, por que é o inferno de um Deus? terra aqui, por que Ele criou isso? – Ele deve ser um Deus parcial. Não houve solução, e a única solução que pode ser encontrada é o que você leu sobre o amor das Gopis. Eles odiavam todos os adjetivos aplicados a Krishna; eles não se importavam em saber que ele era o Senhor da criação, não se importavam em saber que ele era todo-poderoso, não se importavam em saber que ele era onipotente e assim por diante. A única coisa que entenderam foi que ele era o Amor infinito, só isso. As Gopis entendiam Krishna apenas como o Krishna de Vrindaban. Ele, o líder dos exércitos, o Rei dos reis, para eles era o pastor, e o pastor para sempre. "Não quero riquezas, nem muitas pessoas, nem quero aprender; não, nem quero ir para o céu. Que alguém nasça de novo e de novo, mas Senhor, conceda-me isto, para que eu tenha amor por Ti, e isso por amor." Um grande marco na história da religião está aqui, o ideal de amor pelo amor, trabalho pelo trabalho, dever pelo dever, e pela primeira vez saiu dos lábios da maior das Encarnações, Krishna, e pela primeira vez na história da humanidade, em solo da Índia. As religiões do medo e das tentações desapareceram para sempre e, apesar do medo do inferno e da tentação de desfrutar no céu, surgiu o mais grandioso dos ideais, o amor pelo amor, o dever pelo dever, o trabalho pelo trabalho.

E que amor! Eu acabei de lhe dizer que é muito difícil compreender o amor das Gopis. Não há tolos, mesmo entre nós, que não conseguem compreender o maravilhoso significado daquele mais maravilhoso de todos os episódios. Há, deixe-me repetir, tolos impuros, até mesmo nascidos do nosso sangue, que tentam fugir disso como se fossem algo impuro. Para eles, só tenho a dizer: primeiro tornem-se puros; e você deve lembrar que aquele que conta a história do amor das Gopis não é outro senão Shuka Deva. O historiador que registra esse maravilhoso amor das Gopis é aquele que nasceu puro, o eternamente puro Shuka, filho de Vyasa. Enquanto houver egoísmo no coração, o amor a Deus será impossível; nada mais é do que uma loja: "Eu te dou algo; ó Senhor, você me dá algo em troca"; e diz o Senhor: "Se vocês não fizerem isso, cuidarei bem de vocês quando morrerem. Vou assá-los pelo resto de suas vidas. talvez", e assim por diante. Enquanto tais idéias estiverem no cérebro, como alguém poderá

compreender a agonia louca do amor das Gopis? "Ó, pelo menos, um beijo daqueles lábios! Aquele que foi beijado por Ti, sua sede por Ti aumenta para sempre, todas as tristezas desaparecem, e ele se esquece do amor por tudo o mais, exceto por Ti e somente por Ti." Sim, esqueça primeiro o amor pelo ouro, pelo nome e pela fama, e por este nosso pequeno mundo truncado. Então, só então, você compreenderá o amor das Gopis, sagrado demais para ser tentado sem desistir de tudo, sagrado demais para ser compreendido até que a alma se torne perfeitamente pura. Pessoas com ideias de sexo, de dinheiro e de fama, borbulhando a cada minuto no coração, ousando criticar e compreender o amor das Gopis! Essa é a própria essência da Encarnação de Krishna. Mesmo o Gita, a grande filosofia em si, não se compara a essa loucura, pois no Gita o discípulo é ensinado lentamente como caminhar em direção à meta, mas aqui está a loucura do prazer, a embriaguez do amor, onde discípulos e professores e ensinamentos e livros e todas estas coisas se tornaram uma; até mesmo as ideias de medo, de Deus e do céu – tudo foi jogado fora. O que resta é a loucura do amor. É o esquecimento de tudo, e o amante não vê nada no mundo exceto Krishna e somente Krishna, quando o rosto de cada ser se torna um Krishna, quando seu próprio rosto se parece com Krishna, quando sua própria alma se torna tingida com a cor de Krishna . Esse foi o grande Krishna!

Não perca seu tempo com pequenos detalhes. Assuma a estrutura, a essência da vida. Pode haver muitas discrepâncias históricas, pode haver interpolações na vida de Krishna. Todas essas coisas podem ser verdadeiras; mas, ao mesmo tempo, deve ter havido uma base, um fundamento para esta nova e tremenda partida. Tomando a vida de qualquer outro sábio ou profeta, descobrimos que esse profeta é apenas a evolução do que aconteceu antes dele, descobrimos que esse profeta está apenas pregando as ideias que foram espalhadas pelo seu próprio país, mesmo na sua própria época. Podem existir grandes dúvidas até mesmo se esse profeta existiu ou não. Mas aqui desafio qualquer um a mostrar se essas coisas, esses ideais – trabalho pelo trabalho, amor pelo amor, dever pelo dever, não eram ideias originais de Krishna e, como tal, deve ter havido alguém com quem essas surgiram ideias. Eles não poderiam ter sido emprestados de mais ninguém. Eles não estavam flutuando na atmosfera quando Krishna nasceu. Mas o Senhor Krishna foi o primeiro pregador disso; seu discípulo Vyasa o pegou e pregou para a humanidade. Esta é a ideia mais elevada a ser imaginada. A

coisa mais elevada que podemos obter dele é Gopijanavallabha, o Amado das Gopis de Vrindaban. Quando essa loucura vier ao seu cérebro, quando você compreender as abençoadas Gopis, então você compreenderá o que é o amor. Quando o mundo inteiro desaparecer, quando todas as outras considerações tiverem desaparecido, quando você se tornar um coração puro, sem nenhum outro objetivo, nem mesmo a busca pela verdade, então, e somente então, chegará até você a loucura desse amor, o força e o poder daquele amor infinito que as Gopis tinham, aquele amor pelo amor. Esse é o objetivo. Quando você consegue isso, você tem tudo.

Descer ao estrato inferior – Krishna, o pregador do Gita. Sim, há uma tentativa na Índia agora que é como colocar a carroça na frente dos bois. Muitos de nosso povo pensam que Krishna, como amante das Gopis, é algo bastante estranho, e os europeus não gostam muito disso. Dr. Fulano de Tal não gosta disso. Certamente então, as Gopis têm que ir! Sem a sanção dos europeus, como poderá Krishna viver? Ele não pode! No Mahabharata não há menção às Gopis exceto em um ou dois lugares, e nesses lugares não muito notáveis. Na oração de Draupadi há menção a uma vida Vrindaban, e no discurso de Shishupala há novamente menção a este Vrindaban. Tudo isso são interpolações! O que os europeus não querem: tem de ser rejeitado. São interpolações, a menção das Gopis e de Krishna também! Pois bem, com estes homens, mergulhados no comercialismo, onde até o ideal da religião se tornou comercial, todos eles estão tentando ir para o céu fazendo algo aqui; a bania quer juro compostos, quer economizar alguma coisa aqui e aproveitar ali. Certamente as Gopis não têm lugar em tal sistema de pensamento. Desse amante ideal descemos ao estrato inferior de Krishna, o pregador do Gita. Do que o Gita, nenhum comentário melhor sobre os Vedas foi escrito ou pode ser escrito. A essência dos Shrutis, ou dos Upanishads, é difícil de ser compreendida, visto que existem tantos comentadores, cada um tentando interpretar à sua maneira. Então vem o próprio Senhor, Aquele que é o inspirador dos Shrutis, para nos mostrar o significado deles, como o pregador do Gita, e hoje a Índia não quer nada melhor, o mundo não quer nada melhor do que esse método de interpretação. É de admirar que os intérpretes subsequentes das escrituras, mesmo comentando o Gita, muitas vezes não conseguissem captar o significado, muitas vezes não conseguissem captar o sentido. Pois o que você encontra no Gita e o que nos comentaristas modernos? Um

comentarista não-dualista adota um Upanishad; há tantas passagens dualísticas, e ele as distorce e tortura até obter algum significado, e quer trazer todas elas para um significado próprio. Se um comentarista dualista aparecer, há tantos textos não-dualistas que ele começa a torturar, para trazê-los todos para um significado dualista. Mas você descobre que no Gita não há tentativa de torturar nenhum deles. Eles estão bem, diz o Senhor; pois lenta e gradualmente a alma humana sobe cada vez mais, passo após passo, do grosseiro ao sutil, do sutil ao mais sutil, até atingir o Absoluto, a meta. Isso é o que está no Gita. Até mesmo o Karma Kanda é adotado e é mostrado que embora não possa dar a salvação direta; mas apenas indiretamente, mas isso também é válido; as imagens são válidas indiretamente; cerimônias, formas, tudo só vale com uma condição, pureza de coração. Pois a adoração é válida e leva à meta se o coração for puro e o coração for sincero; e todos esses vários modos de adoração são necessários; caso contrário, por que deveriam estar lá? As religiões e as seitas não são obra de hipócritas e de pessoas perversas que inventaram tudo isto para conseguirem algum dinheiro, como alguns dos nossos homens modernos querem pensar. Por mais razoável que essa explicação possa parecer, não é verdade, e eles não foram inventados dessa forma. Eles são o resultado da necessidade da alma humana. Eles estão todos aqui para satisfazer o desejo e a sede de diferentes classes de mentes humanas, e você não precisa pregar contra eles. No dia em que essa necessidade cessar, eles desaparecerão juntamente com a cessação dessa necessidade; e enquanto essa necessidade persistir, eles deverão estar lá, apesar da sua pregação, apesar da sua crítica. Você pode usar a espada ou a arma, pode inundar o mundo com sangue humano, mas enquanto houver necessidade de ídolos, eles deverão permanecer. Essas formas e todos os vários passos da religião permanecerão, e entendemos pelo Senhor Shri Krishna por que deveriam.

Um capítulo bastante mais triste da história da Índia chega agora. No Gita já ouvimos o som distante dos conflitos das seitas, e o Senhor vem no meio para harmonizar todos eles; Ele, o grande pregador da harmonia, o maior professor da harmonia, Senhor Shri Krishna. Ele diz: “Em Mim estão todos enfiados como pérolas num fio”. Já ouvimos os sons distantes, os murmúrios do conflito, e possivelmente houve um período de harmonia e calma, quando ele irrompeu novamente, não apenas por motivos religiosos, mas possivelmente por motivos de castas - a luta entre os dois fatores

poderosos em nossa comunidade, os reis e os sacerdotes. E da crista mais alta da onda que inundou a Índia durante quase mil anos, vemos outra figura gloriosa, e essa figura foi o nosso Gautama Shâkyamuni. Todos vocês conhecem seus ensinamentos e pregações. Nós o adoramos como Deus encarnado, o maior e mais ousado pregador da moralidade que o mundo já viu, o maior Karma-Yogi; como discípulo de si mesmo, por assim dizer, o mesmo Krishna veio mostrar como tornar práticas suas teorias. Veio mais uma vez a mesma voz que no Gita pregava: "Mesmo o mínimo que se faça desta religião salva de um grande medo". "Mulheres, ou Vaishyas, ou mesmo Shudras, todos alcançam o objetivo mais elevado." Quebrando as amarras de todos, as correntes de todos, declarando liberdade a todos para alcançar o objetivo mais elevado, vêm as palavras do Gita, ressoa como um trovão a poderosa voz de Krishna: "Mesmo nesta vida eles conquistaram a relatividade, cujas mentes são firmemente fixados na mesmice, pois Deus é puro e o mesmo para todos, portanto, diz-se que tais pessoas vivem em Deus". "Assim, vendo o mesmo Senhor igualmente presente em todos os lugares, o sábio não prejudica o Ser por si mesmo e, assim, alcança o objetivo mais elevado." Por assim dizer, para dar um exemplo vivo desta pregação, por assim dizer, para tornar prática pelo menos uma parte dela, o próprio pregador veio em outra forma, e este foi Shakyamuni, o pregador dos pobres e miseráveis, aquele que rejeitou até mesmo a língua dos deuses para falar na língua do povo, para que pudesse chegar ao coração do povo, aquele que abriu mão de um trono para viver com os mendigos, e os pobres, e os abatidos, aquele que pressionou o pária em seu peito como um segundo Rama.

Todos vocês conhecem seu grande trabalho, seu grande caráter. Mas a obra tinha um grande defeito, e por isso sofremos até hoje. Nenhuma culpa é atribuída ao Senhor. Ele é puro e glorioso, mas infelizmente tais ideais elevados não puderam ser bem assimilados pelas diferentes raças incivilizadas e incultas da humanidade que se reuniram no seio dos arianos. Essas raças, com variedades de superstições e adoração hedionda, precipitaram-se para dentro do rebanho dos arianos e por um tempo pareceram ter se tornado civilizados, mas antes que um século se passasse eles trouxeram suas cobras, seus fantasmas e todas as outras coisas. seus ancestrais costumavam adorar, e assim toda a Índia tornou-se uma massa degradada de superstição. Os primeiros budistas, em sua fúria contra a

matança de animais, denunciaram os sacrifícios dos Vedas; e esses sacrifícios costumavam ser realizados em todas as casas. Havia um fogo aceso, e essa era toda a parafernália de adoração. Esses sacrifícios foram destruídos, e em seu lugar surgiram lindos templos, lindas cerimônias e lindos sacerdotes, e tudo o que você vê na Índia nos tempos modernos. Sorrio quando leio livros escritos por algumas pessoas modernas que deveriam saber melhor que o Buda foi o destruidor da idolatria bramânica. Mal sabem eles que o Budismo criou o Brahminismo e a idolatria na Índia.

Houve um livro escrito há um ou dois anos por um senhor russo, que afirmava ter descoberto uma vida muito curiosa de Jesus Cristo, e numa parte do livro ele diz que Cristo foi ao templo de Jagannath para estudar com o Brâmanes, mas ficou enojado com sua exclusividade e seus ídolos, e então ele foi até os Lamas do Tibete, tornou-se perfeito e foi para casa. Para qualquer homem que saiba alguma coisa sobre a história da Índia, essa afirmação prova que tudo foi uma fraude, porque o templo de Jagannath é um antigo templo budista. Nós assumimos este e outros e os re-hinduizamos. Teremos que fazer muitas coisas assim ainda. Isso é Jagannath, e não havia nenhum brâmane lá naquela época, e ainda assim somos informados de que Jesus Cristo veio estudar com os brâmanes de lá. É o que diz o nosso grande arqueólogo russo.

Assim, apesar da pregação da misericórdia aos animais, apesar da religião ética sublime, apesar das discussões minuciosas sobre a existência ou não existência de uma alma permanente, toda a construção do Budismo desmoronou aos poucos; e a ruína era simplesmente horrível. Não tenho tempo nem disposição para descrever a você a hediondez que surgiu na esteira do Budismo. As cerimônias mais hediondas, os mais horríveis, os livros mais obscenos que mãos humanas já escreveram ou que o cérebro humano já concebeu, as formas mais bestiais que já passaram sob o nome de religião, foram todos criação do degradado Budismo.

Mas a Índia tem de viver, e o espírito dos Senhores desceu novamente. Aquele que declarou: “Eu irei sempre que a virtude diminuir”, veio novamente, e desta vez a manifestação foi no Sul, e levantou-se aquele jovem Brâmane de quem foi declarado que aos dezesseis anos ele havia completado todos os seus escritos. ; o maravilhoso menino Shankaracharya

surgiu. Os escritos deste menino de dezesseis anos são as maravilhas do mundo moderno, e o menino também. Ele queria trazer de volta o mundo indiano à sua pureza original, mas pense na dimensão da tarefa que tinha pela frente. Eu lhes contei alguns pontos sobre a situação que existia na Índia. Todos estes horrores que vocês estão tentando reformar são o resultado desse reinado de degradação. Os tártaros e os Baluchis e todas as raças hediondas da humanidade vieram para a Índia e tornaram-se budistas, e assimilaram-se conosco, e trouxeram os seus costumes nacionais, e toda a nossa vida nacional tornou-se uma enorme página dos mais horríveis e mais bestiais costumes. . Essa foi a herança que aquele menino recebeu dos budistas e, desde então, todo o trabalho na Índia é uma reconquista desta degradação budista pelo Vedanta. Ainda está acontecendo, ainda não terminou. Veio Shankara, um grande filósofo, e mostrou que a verdadeira essência do Budismo e a do Vedanta não são muito diferentes, mas que os discípulos não compreenderam o Mestre e se degradaram, negaram a existência da alma e de Deus, e tornaram-se ateus. Foi isso que Shankara mostrou, e todos os budistas começaram a voltar à antiga religião. Mas então eles se acostumaram a todas essas formas; o que poderia ser feito?

Depois veio o brilhante Râmânua. Receio que Shankara, com seu grande intelecto, não tivesse um coração tão grande. O coração de Ramanuja estava maior. Ele sentia pelos oprimidos, simpatizava com eles. Ele assumiu as cerimônias, os acréscimos que haviam se acumulado, tornou-os puros tanto quanto possível, e instituiu novas cerimônias, novos métodos de adoração, para as pessoas que absolutamente precisavam deles. Ao mesmo tempo, ele abriu a porta do andar mais alto; adoração espiritual do brâmane ao pária. Esse foi o trabalho de Ramanuja. Esse trabalho continuou, invadiu o Norte, foi assumido por alguns grandes líderes de lá; mas isso foi muito mais tarde, durante o domínio muçulmano; e o mais brilhante desses profetas dos tempos comparativamente modernos no Norte foi Chaitanya.

Você pode marcar uma característica desde a época de Ramanuja – a abertura da porta da espiritualidade para todos. Essa foi a palavra de ordem de todos os profetas que sucederam Ramanuja, assim como foi a palavra de ordem de todos os profetas antes de Shankara. Não sei por que Shankara deveria ser representado como bastante exclusivo; Não encontro nada em seus escritos que seja exclusivo. Tal como no caso das declarações do

Senhor Buda, esta exclusividade que foi atribuída aos ensinamentos de Shankara não se deve muito possivelmente aos seus ensinamentos, mas à incapacidade dos seus discípulos. Este grande sábio do Norte, Chaitanya, representou o amor louco das Gopis. Ele próprio um brâmane, nascido em uma das famílias mais racionalistas da época, ele próprio um professor de lógica lutando e obtendo uma vitória verbal - pois isso ele aprendeu desde a infância como o ideal mais elevado de vida e, ainda assim, através da misericórdia de para algum sábio, toda a vida daquele homem mudou; ele desistiu de sua luta, de suas brigas, de seu cargo de professor de lógica e se tornou um dos maiores professores de Bhakti que o mundo já conheceu – o louco Chaitanya. Seu Bhakti percorreu toda a terra de Bengala, trazendo consolo a todos. Seu amor não conhecia limites. O santo ou o pecador, o hindu ou o muçulmano, o puro ou o impuro, a prostituta, a prostituta - todos tiveram parte no seu amor, todos tiveram parte na sua misericórdia: e até hoje, embora grandemente degenerados, como tudo acontece com o tempo, a sua seita é o refúgio dos pobres, dos oprimidos, dos marginalizados, dos fracos, daqueles que foram rejeitados por toda a sociedade. Mas, ao mesmo tempo, devo observar, em nome da verdade, que encontramos o seguinte: nas seitas filosóficas encontramos liberalismos maravilhosos. Não há um único homem que siga Shankara que diga que todas as diferentes seitas da Índia são realmente diferentes. Ao mesmo tempo, ele foi um tremendo defensor da exclusividade no que diz respeito às castas. Mas em cada pregador Vaishnavita encontramos um liberalismo maravilhoso no que diz respeito ao ensino das questões de castas, mas exclusividade no que diz respeito às questões religiosas.

Um tinha uma cabeça grande, o outro um coração grande, e era chegado o momento de nascer um, a personificação tanto desta cabeça quanto deste coração; era chegado o momento de nascer alguém que em um só corpo teria o intelecto brilhante de Shankara e o coração maravilhosamente expansivo e infinito de Chaitanya; alguém que veria em cada seita o mesmo espírito operando, o mesmo Deus; alguém que veria Deus em cada ser, alguém cujo coração choraria pelos pobres, pelos fracos, pelos excluídos, pelos oprimidos, por todos neste mundo, dentro ou fora da Índia; e ao mesmo tempo cujo grande e brilhante intelecto conceberia pensamentos tão nobres que harmonizariam todas as seitas conflitantes, não apenas na Índia, mas fora da Índia, e trariam à existência uma harmonia maravilhosa, a

religião universal da cabeça e do coração. Tal homem nasceu, e tive a sorte de sentar-me a seus pés durante anos. Chegou a hora, era necessário que tal homem nascesse, e ele veio; e a parte mais maravilhosa de tudo isso foi que o trabalho de sua vida aconteceu perto de uma cidade repleta de pensamento ocidental, uma cidade que enlouqueceu com essas ideias ocidentais, uma cidade que se tornou mais europeizada do que qualquer outra cidade na Índia. Lá ele viveu, sem qualquer estudo de livros; este grande intelecto nunca aprendeu nem mesmo a escrever seu próprio nome, [9] mas a maioria dos graduados de nossa universidade encontrou nele um gigante intelectual. Ele era um homem estranho, este Shri Ramakrishna Paramahansa. É uma longa, longa história, e não tenho tempo para contar nada sobre ele esta noite. Deixe-me agora apenas mencionar o grande Shri Ramakrishna, a realização dos sábios indianos, o sábio da época, aquele cujo ensinamento é agora, no presente, muito benéfico. E observe o poder divino trabalhando por trás do homem. O filho de um padre pobre, nascido numa aldeia remota, desconhecida e impensada, hoje é adorado literalmente por milhares de pessoas na Europa e na América, e amanhã será adorado por mais milhares. Quem conhece os planos do Senhor!

Agora, meus irmãos, se vocês não veem a mão, o dedo da Providência, é porque vocês são cegos, nascidos cegos mesmo. Se chegar a hora, e outra oportunidade, falarei com você mais detalhadamente sobre ele. Apenas deixe-me dizer agora que se eu lhe disse uma palavra de verdade, foi dele e somente dele, e se eu lhe disse muitas coisas que não eram verdadeiras, que não eram corretas, que não eram benéficas para a raça humana, eles eram todos meus e a responsabilidade é minha.

3.4.14 O TRABALHO DIANTE DE NÓS

(Apresentado na Sociedade Literária Triplicana, Madras)

O problema da vida está se tornando mais profundo e amplo a cada dia que passa, à medida que o mundo avança. A palavra de ordem e a essência foram pregadas nos tempos passados, quando a verdade vedântica foi descoberta pela primeira vez, a solidariedade de toda a vida. Um átomo neste universo não pode se mover sem arrastar o mundo inteiro consigo.

Não pode haver qualquer progresso sem que o mundo inteiro o siga, e está a tornar-se cada dia mais evidente que a solução de qualquer problema nunca poderá ser alcançada em bases raciais, nacionais ou restritas. Cada ideia deve tornar-se ampla até abranger todo este mundo, cada aspiração deve continuar a aumentar até envolver toda a humanidade, ou melhor, toda a vida, dentro do seu âmbito. Isto explicará por que o nosso país nos últimos séculos não foi o que era no passado. Descobrimos que uma das causas que levou a esta degeneração foi o estreitamento dos nossos pontos de vista, estreitando o âmbito das nossas ações.

Houve duas nações curiosas - originadas da mesma raça, mas colocadas em circunstâncias e ambientes diferentes, trabalhando para colocar os problemas da vida, cada uma à sua maneira particular. Refiro-me ao antigo hindu e ao antigo grego. O ariano indiano - limitado ao norte pelas calotas nevadas do Himalaia, com rios de água doce semelhantes a oceanos ondulantes que o cercam nas planícies, com florestas eternas que, para ele, pareciam ser o fim do mundo - transformou sua visão para dentro; e dado o instinto natural, o cérebro superfino do ariano, com este cenário sublime que o rodeia, o resultado natural foi que ele se tornou introspectivo. A análise da sua própria mente foi o grande tema do Indo-Ariano. Com o grego, por outro lado, que chegou a uma parte da terra que era mais bela do que sublime, as belas ilhas do arquipélago grego, a natureza ao seu redor, generosa mas simples - a sua mente saiu naturalmente. Queria analisar o mundo externo. E como resultado descobrimos que da Índia surgiram todas as ciências analíticas, e da Grécia todas as ciências da generalização. A mente hindu seguiu em sua própria direção e produziu os resultados mais maravilhosos. Mesmo nos dias de hoje, a capacidade lógica dos hindus e o tremendo poder que o cérebro indiano ainda possui são incomparáveis. Todos nós sabemos que nossos meninos sempre triunfaram contra os meninos de qualquer outro país. Ao mesmo tempo que o vigor nacional desapareceu, talvez um ou dois séculos antes da conquista muçulmana da Índia, esta faculdade nacional tornou-se tão exagerada que se degradou, e encontramos alguma desta degradação em tudo na Índia, na arte, na música, nas ciências, em tudo. Na arte, não havia mais uma concepção ampla, não havia mais a simetria da forma e a sublimidade da concepção, mas surgiu a tremenda tentativa de um estilo ornamentado e florido. A originalidade da corrida parecia ter sido perdida. Na música não existiam mais as ideias

comoventes da antiga música sânscrita, nem cada nota se sustentava, por assim dizer, sobre seus próprios pés, e produzia a harmonia maravilhosa, mas cada nota havia perdido sua individualidade. Toda a música moderna é uma confusão de notas, uma massa confusa de curvas. Isso é um sinal de degradação na música. Assim, se você analisar suas concepções idealistas, encontrará a mesma tentativa de figuras ornamentadas e perda de originalidade. E mesmo na religião, seu campo especial, ocorreram as mais horríveis degradações. O que se pode esperar de uma raça que durante centenas de anos tem estado ocupada em discutir problemas tão importantes como se deveríamos beber um copo de água com a mão direita ou com a esquerda? Que maior degradação pode haver do que o fato de as maiores mentes de um país terem discutido sobre a cozinha durante centenas de anos, discutindo se posso tocar em você ou se você me toca, e qual é a penitência por esse toque! Os temas do Vedanta, as concepções mais sublimes e gloriosas de Deus e da alma já pregadas na terra, estavam meio perdidos, enterrados nas florestas, preservados por alguns Sannyasins, enquanto o resto da nação discutia as importantes questões de comovente. uns aos outros, e roupas e comida. A conquista muçulmana nos deu muitas coisas boas, sem dúvida; mesmo o homem mais inferior do mundo pode ensinar algo ao mais elevado; ao mesmo tempo, não conseguiu trazer vigor à corrida. Então, para o bem ou para o mal, ocorreu a conquista inglesa da Índia. É claro que toda conquista é má, pois a conquista é um mal, o governo estrangeiro é um mal, sem dúvida; mas mesmo através do mal às vezes surge o bem, e o grande bem da conquista inglesa é este: a Inglaterra, ou melhor, toda a Europa, tem de agradecer à Grécia pela sua civilização. É a Grécia que fala através de tudo na Europa. Cada edifício, cada peça de mobiliário tem a impressão da Grécia; A ciência e a arte europeias nada mais são do que gregas. Hoje o antigo grego encontra o antigo hindu no solo da Índia. Assim, lenta e silenciosamente, o fermento veio; o movimento alargado, vivificante e revivalista que vemos à nossa volta foi trabalhado em conjunto por estas forças. Uma concepção de vida mais ampla e generosa está diante de nós; e embora no início tenhamos nos iludido um pouco e desejado restringir as coisas, estamos descobrindo hoje que esses impulsos generosos que estão em ação, essas concepções mais amplas da vida, são a interpretação lógica do que está em nossos livros antigos. São a realização, com um efeito rigorosamente lógico, das concepções primárias dos nossos próprios antepassados. Ampliar-se, sair,

amalgamar, universalizar, é o fim dos nossos objectivos. E durante todo o tempo temos nos tornado cada vez menores e nos dissociados, contrariando os planos estabelecidos em nossas escrituras.

Vários perigos estão no caminho, e um deles é o da concepção extrema de que somos as pessoas do mundo. Com todo o meu amor pela Índia e com todo o meu patriotismo e veneração pelos antigos, não posso deixar de pensar que temos de aprender muitas coisas com outras nações. Devemos estar sempre prontos para sentar-nos aos pés de todos, pois, observem, todos podem nos ensinar grandes lições. Diz nosso grande legislador, Manu: "Receba algum bom conhecimento, mesmo dos de origem inferior, e mesmo do homem de origem inferior, aprenda pelo serviço o caminho para o céu." Nós, portanto, como verdadeiros filhos de Manu, devemos obedecer às suas ordens e estar prontos para aprender as lições desta vida ou da vida futura com qualquer pessoa que possa nos ensinar. Ao mesmo tempo, não devemos esquecer que também temos de ensinar uma grande lição ao mundo. Não podemos prescindir do mundo fora da Índia; foi nossa tolice pensar que poderíamos, e pagamos a pena com cerca de mil anos de escravidão. O facto de não termos saído para comparar as coisas com outras nações, de não termos notado o funcionamento que tem acontecido ao nosso redor, tem sido a grande causa desta degradação da mente indiana. Pagamos a pena; não façamos mais isso. Todas essas ideias tolas de que os indianos não devem sair da Índia são infantis. Eles devem levar uma pancada na cabeça; quanto mais você sair e viajar entre as nações do mundo, melhor para você e para o seu país. Se você tivesse feito isso há centenas de anos, não estaria aqui hoje, aos pés de todas as nações que querem governar a Índia. O primeiro efeito manifesto da vida é a expansão. Você deve expandir se quiser viver. No momento em que você parar de se expandir, a morte estará sobre você, o perigo estará à sua frente. Fui à América e à Europa, às quais você tão gentilmente alude; Tenho que fazê-lo, porque esse é o primeiro sinal de renascimento da vida nacional, de expansão. Este renascimento da vida nacional, expandindo-se por dentro, me confundiu, e milhares de pessoas serão prejudicadas dessa forma. Guarde minhas palavras, isso tem que acontecer se esta nação sobreviver. Esta questão, portanto, é o maior dos sinais do renascimento da vida nacional, e através desta expansão a nossa quota de oferta à massa geral de

conhecimento humano, a nossa contribuição para a convulsão geral do mundo, está a sair para o exterior. mundo.

Novamente, isso não é uma coisa nova. Aqueles de vocês que pensam que os hindus sempre estiveram confinados dentro das quatro paredes do seu país ao longo de todas as épocas, estão totalmente enganados; você não estudou os livros antigos, você não estudou corretamente a história da raça, se assim pensa. Cada nação deve dar para viver. Quando você dá vida, você terá vida; quando você recebe, você deve pagar dando a todos os outros; e que vivemos há tantos milhares de anos é um facto que nos encara, e a solução que resta é que temos estado sempre a dar ao mundo exterior, independentemente do que os ignorantes possam pensar. Mas a dádiva da Índia é a dádiva da religião e da filosofia, da sabedoria e da espiritualidade. E a religião não quer que grupos marchem à frente do seu caminho e abram o seu caminho. A sabedoria e a filosofia não querem ser levadas por torrentes de sangue. A sabedoria e a filosofia não marcham sobre corpos humanos sangrando, não marcham com violência, mas vêm nas asas da paz e do amor, e sempre foi assim. Portanto, tivemos que dar. Uma jovem em Londres me perguntou: "O que vocês, hindus, fizeram? Vocês nunca conquistaram uma única nação." Isto é verdade do ponto de vista do inglês, do corajoso, do heróico, do Kshatriya – a conquista é a maior glória que um homem pode ter sobre outro. Isso é verdade do ponto de vista dele, mas do nosso é exatamente o oposto. Se me pergunto qual foi a causa da grandeza da Índia, respondo: porque nunca a conquistamos. Essa é a nossa glória. Você ouve todos os dias, e às vezes, lamento dizer, de homens que deveriam saber melhor, denúncias de nossa religião, porque ela não é de forma alguma uma religião conquistadora. Na minha opinião, esse é o argumento pelo qual a nossa religião é mais verdadeira do que qualquer outra religião, porque nunca conquistou, porque nunca derramou sangue, porque a sua boca sempre derramou sobre todos palavras de bênção, de paz, palavras de amor e simpatia. Foi aqui e somente aqui que os ideais de tolerância foram pregados pela primeira vez. E é aqui e só aqui que a tolerância e a simpatia se tornaram práticas. É teórico em todos os outros países, é aqui e só aqui que os hindus constroem mesquitas para os maometanos e igrejas para os cristãos.

Então, veja você, nossa mensagem foi divulgada ao mundo muitas vezes, mas lentamente, silenciosamente, despercebida. Está no mesmo nível de tudo na Índia. A única característica do pensamento indiano é o seu silêncio, a sua calma. Ao mesmo tempo, o tremendo poder que está por trás dele nunca é expresso pela violência. É sempre o mesmerismo silencioso do pensamento indiano. Se um estrangeiro se dedica a estudar nossa literatura, a princípio isso lhe é repugnante; talvez não haja a mesma agitação, a mesma intensidade que o desperta instantaneamente. Compare as tragédias da Europa com as nossas tragédias. Aquele é cheio de ação, que te desperta no momento, mas quando termina, vem a reação, e tudo desaparece, lavado, por assim dizer, de seus cérebros. As tragédias indianas são como o poder do mesmerista, silencioso, silencioso, mas à medida que você as estuda, elas o fascinam; você não pode se mover; Você está preso; e quem quer que tenha ousado tocar em nossa literatura sentiu a escravidão e está preso para sempre. Como o orvalho suave que cai invisível e inaudível, e ainda assim faz florescer a mais bela das rosas, tem sido a contribuição da Índia para o pensamento do mundo. Silencioso, despercebido, mas onipotente nos seus efeitos, revolucionou o pensamento do mundo, mas ninguém sabe quando o fez. Certa vez, alguém me comentou: “Como é difícil determinar o nome de qualquer escritor na Índia”, ao que respondi: “Essa é a ideia indiana”. Os escritores indianos não são como os escritores modernos que roubam noventa por cento das suas ideias a outros autores, enquanto apenas dez por cento são suas, e têm o cuidado de escrever um prefácio no qual dizem: "Por estas ideias sou responsável". Aqueles grandes mestres que produziram resultados importantes nos corações da humanidade contentaram-se em escrever os seus livros sem sequer mencionarem os seus nomes, e em morrer silenciosamente, deixando os livros para a posteridade. Quem conhece os escritores da nossa filosofia, quem conhece os escritores dos nossos Purânas? Todos eles passam pelo nome genérico de Vyâsa, e Kapila, e assim por diante. Eles têm sido verdadeiros filhos de Shri Krishna. Eles têm sido verdadeiros seguidores do Gita; eles praticamente cumpriram o grande mandato: “Tens direito ao trabalho, mas não aos frutos dele”.

Assim, a Índia está a trabalhar no mundo, mas uma condição é necessária. Pensamentos como mercadorias só podem passar por canais criados por alguém. As estradas têm de ser construídas antes mesmo que o pensamento possa viajar de um lugar para outro, e sempre que na história do mundo

uma grande nação conquistadora surgiu, ligando as diferentes partes do mundo, então derramou através desses canais o pensamento da Índia. e assim entrou nas veias de todas as raças. Antes mesmo de os budistas nascerem, acumulam-se diariamente evidências de que o pensamento indiano penetrou no mundo. Antes do Budismo, o Vedanta penetrou na China, na Pérsia e nas ilhas do Arquipélago Oriental. Mais uma vez, quando a poderosa mente dos gregos uniu as diferentes partes do mundo oriental, surgiu o pensamento indiano; e o Cristianismo, com toda a sua alardeada civilização, é apenas uma coleção de pequenos fragmentos do pensamento indiano. A nossa é a religião da qual o Budismo, com toda a sua grandeza, é um filho rebelde, e da qual o Cristianismo é uma imitação muito irregular. Um desses ciclos chegou novamente. Existe o tremendo poder da Inglaterra que uniu as diferentes partes do mundo. As estradas inglesas já não se contentam, como as estradas romanas, em percorrer terras, mas também abriram profundezas em todas as direções. De oceano a oceano correm as estradas da Inglaterra. Cada parte do mundo tem estado ligada a todas as outras partes, e a electricidade desempenha um papel maravilhoso como o novo mensageiro. Sob todas estas circunstâncias, encontramos novamente a Índia a reviver e pronta a dar a sua própria quota ao progresso e à civilização do mundo. E o resultado é que fui forçado, por assim dizer, por natureza, a ir e pregar para a América e a Inglaterra. Cada um de nós deveria ter percebido que a hora havia chegado. Tudo parece propício, e o pensamento indiano, filosófico e espiritual, torra mais uma vez e conquista o mundo. O problema que temos diante de nós, portanto, é assumir proporções cada vez maiores. Não se trata apenas de revitalizar o nosso próprio país – isso é uma questão pequena; Sou um homem imaginativo – e a minha ideia é a conquista do mundo inteiro pela raça hindu.

Houve grandes raças conquistadoras no mundo. Também temos sido grandes conquistadores. A história da nossa conquista foi descrita pelo nobre imperador da Índia, Asoka, como a conquista da religião e da espiritualidade. Mais uma vez o mundo deve ser conquistado pela Índia. Este é o sonho da minha vida, e desejo que cada um de vocês que me ouve hoje tenha o mesmo sonho em suas mentes e não pare até que tenha realizado o sonho. Eles dirão a você todos os dias que é melhor olharmos primeiro para nossas próprias casas e depois trabalharmos fora. Mas direi em linguagem simples que você trabalha melhor quando trabalha para

outras pessoas. O melhor trabalho que vocês fizeram para si mesmos foi quando trabalharam para outros, tentando disseminar suas ideias em línguas estrangeiras além-mar, e este mesmo encontro é a prova de como a tentativa de esclarecer outros países com seus pensamentos está ajudando o seu próprio país. Um quarto do efeito que foi produzido neste país pela minha ida à Inglaterra e à América não teria sido produzido se eu tivesse limitado as minhas ideias apenas à Índia. Este é o grande ideal que temos diante de nós, e todos devem estar prontos para isso – a conquista do mundo inteiro pela Índia – nada menos do que isso, e todos devemos estar prontos para isso, esforçar todos os nossos nervos para isso. Deixe os estrangeiros virem e inundarem a terra com seus exércitos, não importa. Levante-se, Índia, e conquiste o mundo com sua espiritualidade! Sim, como foi declarado primeiro neste solo, o amor deve vencer o ódio, o ódio não pode vencer a si mesmo. O materialismo e todas as suas misérias nunca poderão ser conquistados pelo materialismo. Os exércitos, quando tentam conquistar exércitos, apenas se multiplicam e transformam a humanidade em brutos. A espiritualidade deve conquistar o Ocidente. Aos poucos eles estão descobrindo que o que querem é a espiritualidade para preservá-los como nações. Eles estão esperando por isso, estão ansiosos por isso. De onde virá o abastecimento? Onde estão os homens prontos para ir a todos os países do mundo com as mensagens dos grandes sábios da Índia? Onde estão os homens que estão dispostos a sacrificar tudo para que esta mensagem chegue a todos os cantos do mundo? Tais estímulos heróicos são necessários para ajudar na difusão da verdade. Deseja-se que tais trabalhadores heróicos viajem para o exterior e ajudem a disseminar as grandes verdades do Vedanta. O mundo quer isso; sem ele o mundo será destruído. Todo o mundo ocidental está sobre um vulcão que pode explodir amanhã e desmoronar-se amanhã. Eles procuraram em todos os cantos do mundo e não encontraram trégua. Eles beberam profundamente do cálice do prazer e descobriram que era vaidade. Agora é o momento de trabalhar para que as ideias espirituais da Índia possam penetrar profundamente no Ocidente. Portanto, jovens de Madras, peço-lhes especialmente que se lembrem disso. Devemos sair, devemos conquistar o mundo através da nossa espiritualidade e filosofia. Não há outra alternativa, devemos fazê-lo ou morrer. A única condição da vida nacional, da vida nacional desperta e vigorosa, é a conquista do mundo pelo pensamento indiano.

Ao mesmo tempo, não devemos esquecer que o que quero dizer com conquista do mundo pelo pensamento espiritual é o envio dos princípios vivificantes, e não as centenas de superstições que temos abraçado ao peito durante séculos. Estes têm que ser eliminados mesmo neste solo e jogados fora, para que possam morrer para sempre. Estas são as causas da degradação da raça e levarão ao amolecimento do cérebro. Devemos ter cuidado com aquele cérebro que não consegue pensar pensamentos elevados e nobres, que perdeu todo o poder de originalidade, que perdeu todo o vigor, aquele cérebro que está sempre se envenenando com todos os tipos de pequenas superstições que passam sob o nome de religião. Ao nosso ver, aqui na Índia, existem vários perigos. Destes, os dois, Cila e Caríbdis, o materialismo grosseiro e a sua oposta superstição flagrante, devem ser evitados. Existe hoje o homem que, depois de beber o copo da sabedoria ocidental, pensa que sabe tudo. Ele ri dos antigos sábios. Para ele, todo o pensamento hindu é um lixo: a filosofia é apenas uma tagarelice infantil e a religião é uma superstição de tolos. Por outro lado, existe o homem educado, mas uma espécie de monomaníaco, que corre para o outro extremo e quer explicar o presságio disto e daquilo. Ele tem explicações filosóficas e metafísicas, e só Deus sabe que outras explicações pueris para cada superstição que pertence à sua raça peculiar, ou aos seus deuses peculiares, ou à sua aldeia peculiar. Cada pequena superstição da aldeia é para ele um mandato dos Vedas, e do cumprimento dela, segundo ele, depende a vida nacional. Você deve tomar cuidado com isso. Eu preferiria ver cada um de vocês como ateus do que como tolos supersticiosos, pois o ateu está vivo e você pode fazer algo com ele. Mas se a superstição entra, o cérebro desaparece, o cérebro fica amolecido, a degradação toma conta da vida. Evite esses dois. Homens corajosos e ousados, é isso que queremos. O que queremos é vigor no sangue, força nos nervos, músculos de ferro e nervos de aço, e não suavizar ideias tolas. Evite tudo isso. Evite todo mistério. Não há mistério na religião. Existe algum mistério no Vedanta, ou nos Vedas, ou nos Samhitâs, ou nos Puranas? Que sociedades secretas os sábios de outrora estabeleceram para pregar a sua religião? Que truques de prestidigitação foram registrados como usados por eles para levar suas grandes verdades à humanidade? A promoção de mistérios e a superstição são sempre sinais de fraqueza. Estes são sempre sinais de degradação e de morte. Portanto, tome cuidado com eles; seja forte e fique de pé. Grandes coisas estão aí, coisas maravilhosas. Podemos chamá-las de coisas

sobrenaturais, no que diz respeito às nossas ideias sobre a natureza, mas nenhuma dessas coisas é um mistério. Nunca foi pregado neste solo que as verdades da religião eram mistérios ou que eram propriedade de sociedades secretas situadas nos cumes nevados do Himalaia. Eu estive no Himalaia. Você não esteve lá; está a várias centenas de quilômetros de suas casas. Eu sou um Sannyâsin e estou de pé há quatorze anos. Essas sociedades misteriosas não existem em lugar nenhum. Não corra atrás dessas superstições. Melhor para você e para a raça que você se torne um ateu, porque você teria força, mas isso é degradação e morte. É uma vergonha para a humanidade que homens fortes gastem seu tempo com essas superstições, gastem todo o seu tempo inventando alegorias para explicar as superstições mais podres do mundo. Seja ousado; não tente explicar tudo dessa maneira. O facto é que temos muitas superstições, muitas manchas e feridas no nosso corpo - estas têm de ser extirpadas, cortadas e destruídas - mas estas não destroem a nossa religião, a nossa vida nacional, a nossa espiritualidade. Cada princípio da religião é seguro, e quanto mais cedo essas manchas negras forem eliminadas, melhor os princípios brilharão e mais gloriosamente. Atenha-se a eles.

Você ouve afirmações feitas por todas as religiões como sendo a religião universal do mundo. Deixe-me dizer-lhe em primeiro lugar que talvez nunca exista tal coisa, mas se existe uma religião que pode reivindicar ser isso, é apenas a nossa religião e nenhuma outra, porque qualquer outra religião depende de alguma pessoa ou pessoas. Todas as outras religiões foram construídas em torno da vida do que consideram ser um homem histórico; e o que eles acham que é a força da religião é na verdade a fraqueza, pois refuta a historicidade do homem e todo o tecido desmorona. Metade das vidas desses grandes fundadores de religiões foram despedaçadas, e a outra metade duvidou muito seriamente. Como tal, toda verdade que tinha sua sanção apenas em suas palavras desaparece no ar. Mas as verdades de nossa religião, embora tenhamos muitas pessoas, não dependem delas. A glória de Krishna não é o fato de ele ser Krishna, mas o fato de ele ter sido o grande professor do Vedanta. Se não fosse assim, seu nome teria morrido na Índia, da mesma forma que o nome de Buda morreu. Assim, nossa lealdade é sempre aos princípios, e não às pessoas. As pessoas são apenas as personificações, as ilustrações dos princípios. Se os princípios existirem, as pessoas virão aos milhares e milhões. Se o princípio for

seguro, pessoas como Buda nascerão às centenas e aos milhares. Mas se o princípio for perdido e esquecido e toda a vida nacional tentar agarrar-se a uma pessoa chamada histórica, aí dessa religião, perigo para essa religião! A nossa é a única religião que não depende de uma pessoa ou pessoas; é baseado em princípios. Ao mesmo tempo, há espaço para milhões de pessoas. Há amplo terreno para apresentar pessoas, mas cada uma delas deve ser uma ilustração dos princípios. Não devemos esquecer isso. Esses princípios de nossa religião são todos seguros, e deveria ser o trabalho da vida de cada um de nós mantê-los seguros e livres da sujeira e poeira acumuladas ao longo dos tempos. É estranho que, apesar da degradação que se apoderou da raça humana repetidas vezes, estes princípios do Vedanta nunca tenham sido manchados. Ninguém, por mais perverso que fosse, jamais ousou jogar sujeira sobre eles. Nossas escrituras são as escrituras mais bem preservadas do mundo. Em comparação com outros livros, não houve interpolações, nem tortura de texto, nem destruição da essência do pensamento neles contido. Está ali exatamente como estava primeiro, direcionando a mente humana para o ideal, a meta.

Você descobre que esses textos foram comentados por diferentes comentaristas, pregados por grandes mestres e seitas fundadas sobre eles; e você descobre que nestes livros dos Vedas há várias ideias aparentemente contraditórias. Existem certos textos que são inteiramente dualistas, outros são inteiramente monistas. O comentarista dualista, sem saber o que fazer, deseja bater na cabeça dos textos monistas. Pregadores e padres querem explicá-los no sentido dualista. O comentarista monista serve os textos dualistas de maneira semelhante. Agora, isso não é culpa dos Vedas. É tolice tentar provar que todos os Vedas são dualistas. É igualmente tolo tentar provar que todos os Vedas são não-dualistas. Eles são dualistas e não-dualistas. Nós os entendemos melhor hoje à luz de ideias mais recentes. Estas são apenas concepções diferentes que levam à conclusão final de que tanto as concepções dualistas como as monistas são necessárias para a evolução da mente e, portanto, os Vedas as pregam. Em misericórdia para com a raça humana, os Vedas mostram os vários passos para a meta mais elevada. Não que sejam palavras contraditórias e vão usadas pelos Vedas para iludir as crianças; eles são necessários não apenas para as crianças, mas para muitos homens adultos. Enquanto tivermos um corpo e enquanto estivermos iludidos pela ideia da nossa identidade com o corpo, enquanto

tivermos cinco sentidos e vermos o mundo externo, devemos ter um Deus Pessoal. Pois se temos todas estas ideias, devemos aceitar, como o grande Râmânúja provou, todas as ideias sobre Deus, a natureza e a alma individualizada; quando você pega aquele, você tem que pegar o triângulo inteiro – não podemos evitá-lo. Portanto, enquanto você enxergar o mundo externo, evitar um Deus Pessoal e uma alma pessoal é uma loucura flagrante. Mas pode haver momentos na vida dos sábios em que a mente humana transcende, por assim dizer, as suas próprias limitações, o homem vai ainda além da natureza, para o reino do qual o Shruti declara, “de onde as palavras retornam com a mente sem alcançá-la”. ; “Lá os olhos não alcançam nem a fala nem a mente”; “Não podemos dizer que sabemos, não podemos dizer que não sabemos”. Ali, a alma humana transcende todas as limitações, e então, somente então, surge na alma humana a concepção do monismo: eu e todo o universo somos um; Eu e Brahman somos um. E você descobrirá que esta conclusão não foi alcançada apenas por meio do conhecimento e da filosofia, mas também de partes dela por meio do poder do amor. Você leu no Bhagavata, quando Krishna desapareceu e as Gopis lamentaram seu desaparecimento, que finalmente o pensamento de Krishna tornou-se tão proeminente em suas mentes que cada uma esqueceu seu próprio corpo e pensou que era Krishna, e começou a se enfeitar e a brincar como ele fez. Entendemos, portanto, que essa identidade vem inclusive através do amor. Houve um antigo poeta sufi persa, e um de seus poemas diz: "Cheguei ao Amado e vi que a porta estava fechada; bati na porta e de dentro veio uma voz: 'Quem está aí?' Eu respondi: 'Estou'. A porta não abriu. Uma segunda vez, bati na porta e a mesma voz perguntou: 'Quem está aí?' 'Eu sou fulano de tal.' A porta não abriu. Apareci pela terceira vez e a mesma voz perguntou: 'Quem está aí?' 'Eu sou Ti mesmo, meu Amor', e a porta se abriu."

Existem, portanto, muitos estágios, e não precisamos discutir sobre eles, mesmo que tenha havido disputas entre os antigos comentaristas, a quem todos nós deveríamos reverenciar; pois não há limitação ao conhecimento, não há onisciência que seja propriedade exclusiva de alguém nos tempos antigos ou modernos. Se existiram sábios e Rishis no passado, tenham certeza de que haverá muitos agora. Se existiram Vyāsas, Vâlmikis e Shankarâchâryas nos tempos antigos, por que cada um de vocês não pode se tornar um Shankaracharya? Este é outro ponto da nossa religião que você

deve sempre lembrar, que em todas as outras escrituras a inspiração é citada como sua autoridade, mas esta inspiração é limitada a muito poucas pessoas, e através delas a verdade chegou às massas, e todos nós temos para obedecê-los. A verdade veio a Jesus de Nazaré e todos devemos obedecê-lo. Mas a verdade chegou aos Rishis da Índia – os Mantra-drashtas, os videntes do pensamento – e chegará a todos os Rishis no futuro, não aos faladores, não aos engolidores de livros, não aos estudiosos, não aos filólogos, mas aos videntes do pensamento. O Ser não pode ser alcançado através de muita conversa, nem mesmo pelos intelectos mais elevados, nem mesmo pelo estudo das escrituras. As próprias escrituras dizem isso. Você encontra em alguma outra escritura uma afirmação tão ousada como esta: nem mesmo pelo estudo dos Vedas você alcançará o Atman? Você deve abrir seu coração. Religião não é ir à igreja, nem fazer marcas na testa, nem vestir-se de maneira peculiar; vocês podem pintar-se com todas as cores do arco-íris, mas se o coração não foi aberto, se vocês não realizaram Deus, tudo será vão. Se alguém tem a cor do coração, não deseja nenhuma cor externa. Essa é a verdadeira realização religiosa. Não devemos esquecer que as cores e todas essas coisas são boas na medida em que ajudam; até agora são todos bem-vindos. Mas eles tendem a degenerar e, em vez de ajudar, retardam, e o homem identifica a religião com as externalidades. Ir ao templo equivale à vida espiritual. Dar algo a um padre equivale à vida religiosa. Estes são perigosos e perniciosos e devem ser verificados imediatamente. Nossas escrituras declaram repetidas vezes que mesmo o conhecimento dos sentidos externos não é religião. Essa é a religião que nos faz perceber o Imutável, e essa é a religião para todos. Aquele que realiza a verdade transcendental, aquele que realiza o Atman em sua própria natureza, aquele que fica face a face com Deus, vê Deus sozinho em tudo, tornou-se um Rishi. E não há vida religiosa para você até que você se torne um Rishi. Só então a religião começa para você, agora é apenas a preparação. Então a religião surge sobre você, agora você está apenas passando por ginástica intelectual e torturas físicas.

Devemos, portanto, lembrar que a nossa religião estabelece clara e distintamente que todo aquele que deseja a salvação deve passar pelo estágio de Rishihood – deve tornar-se um Mantra-drashta, deve ver Deus. Isso é salvação; essa é a lei estabelecida por nossas escrituras. Então fica fácil examinar as escrituras com nossos próprios olhos, compreender o

significado para nós mesmos, analisar exatamente o que queremos e compreender a verdade por nós mesmos. Isto é o que tem que ser feito. Ao mesmo tempo, devemos prestar toda a reverência aos antigos sábios pelo seu trabalho. Eles eram ótimos, esses antigos, mas nós queremos ser maiores. Eles fizeram um excelente trabalho no passado, mas devemos fazer um trabalho maior do que o deles. Eles tinham centenas de Rishis na Índia antiga. Teremos milhões – teremos, e quanto mais cedo cada um de vocês acreditar nisso, melhor para a Índia e melhor para o mundo. Tudo o que você acredita, isso você será. Se vocês se consideram sábios, sábios vocês serão amanhã. Não há nada para obstruí-lo. Pois se existe uma doutrina comum que permeia todas as nossas seitas aparentemente combativas e contraditórias, é que toda a glória, poder e pureza já estão dentro da alma; somente de acordo com Ramanuja, a alma às vezes se contrai e se expande, e de acordo com Shankara, ela cai na ilusão. Não importa essas diferenças. Todos admitem a verdade de que o poder existe - potencial ou manifesto - e quanto mais cedo você acreditar nisso, melhor para você. Todo o poder está dentro de você; você pode fazer tudo e qualquer coisa. Acredite nisso, não acredite que você é fraco; não acredite que vocês são lunáticos meio malucos, como a maioria de nós acredita hoje em dia. Você pode fazer tudo e qualquer coisa, mesmo sem a orientação de ninguém. Todo o poder está lá. Levante-se e expresse a divindade dentro de você.

3.4.15 O FUTURO DA ÍNDIA

Esta é a terra antiga onde a sabedoria se instalou antes de ir para qualquer outro país, a mesma Índia cujo influxo de espiritualidade é representado, por assim dizer, no plano material, por rios ondulados como oceanos, onde o eterno Himalaia, subindo de nível acima, com suas coberturas de neve, olham, por assim dizer, para os próprios mistérios do céu. Aqui está a mesma Índia cujo solo foi pisado pelos pés dos maiores sábios que já existiram. Aqui surgiram pela primeira vez investigações sobre a natureza do homem e sobre o mundo interno. Aqui surgiram pela primeira vez as doutrinas da imortalidade da alma, da existência de um Deus supervisor, um Deus imanente na natureza e no homem, e aqui os mais elevados ideais da religião e da filosofia atingiram os seus pontos culminantes. Esta é a terra

de onde, como os maremotos, a espiritualidade e a filosofia têm repetidamente inundado o mundo e inundado o mundo, e esta é a terra de onde mais uma vez essas marés devem proceder para trazer vida e vigor às raças decadentes. da humanidade. É a mesma Índia que resistiu aos choques de séculos, a centenas de invasões estrangeiras e a centenas de convulsões de costumes e costumes. É a mesma terra que permanece mais firme do que qualquer rocha no mundo, com o seu vigor eterno, a sua vida indestrutível. Sua vida é da mesma natureza da alma, sem começo e sem fim, imortal; e nós somos filhos de um país assim.

Filhos da Índia, estou aqui para falar com vocês hoje sobre algumas coisas práticas, e meu objetivo ao lembrá-los sobre as glórias do passado é simplesmente este. Muitas vezes me disseram que olhar para o passado apenas degenera e não leva a nada, e que deveríamos olhar para o futuro. Isso é verdade. Mas do passado se constrói o futuro. Olhe para trás, portanto, tanto quanto você puder, beba profundamente das fontes eternas que estão atrás, e depois disso, olhe para frente, marche para frente e torne a Índia mais brilhante, maior, muito mais elevada do que jamais foi. Nossos ancestrais eram ótimos. Devemos primeiro lembrar disso. Devemos conhecer os elementos do nosso ser, o sangue que corre em nossas veias; devemos ter fé nesse sangue e no que ele fez no passado; e a partir dessa fé e consciência da grandeza passada, devemos construir uma Índia ainda maior do que aquilo que tem sido. Houve períodos de decadência e degradação. Não lhes dou muita importância; Nós todos sabemos isso. Esses períodos foram necessários. Uma árvore poderosa produz um belo fruto maduro. Esse fruto cai no chão, apodrece e apodrece, e dessa decomposição surge a raiz e a futura árvore, talvez mais poderosa que a primeira. Este período de decadência pelo qual passamos foi ainda mais necessário. Dessa decadência está surgindo a Índia do futuro; está brotando, já saíram as primeiras folhas; e uma árvore poderosa e gigantesca, a Urdhvamula, está aqui, já começando a aparecer; e é sobre isso que vou falar com vocês.

Os problemas na Índia são mais complicados, mais importantes, do que os problemas de qualquer outro país. Raça, religião, língua, governo – todos estes juntos formam uma nação. Os elementos que compõem as nações do mundo são de facto muito poucos, raça após raça, em comparação com este

país. Aqui estiveram os arianos, os dravidianos, os tártaros, os turcos, os mongóis, os europeus – todas as nações do mundo, por assim dizer, derramando o seu sangue nesta terra. Das línguas, o conglomerado mais maravilhoso está aqui; de costumes e costumes, há mais diferenças entre duas raças indianas do que entre as raças européia e oriental.

O único ponto comum que temos é a nossa tradição sagrada, a nossa religião. Esse é o único terreno comum e sobre ele teremos de construir. Na Europa, as ideias políticas formam a unidade nacional. Na Ásia, os ideais religiosos formam a unidade nacional. A unidade na religião, portanto, é absolutamente necessária como primeira condição para o futuro da Índia. Deve haver o reconhecimento de uma religião em toda a extensão desta terra. O que quero dizer com uma religião? Não no sentido de uma religião mantida entre os cristãos, ou entre os maometanos, entre os budistas. Sabemos que a nossa religião tem certos fundamentos comuns, comuns a todas as nossas seitas, por mais variadas que sejam as suas conclusões, por mais diferentes que sejam as suas reivindicações. Portanto, existem certos pontos em comum; e dentro de suas limitações, esta nossa religião admite uma variação maravilhosa, uma quantidade infinita de liberdade para pensar e viver nossas próprias vidas. Todos nós sabemos disso, pelo menos aqueles de nós que já pensaram; e o que queremos é trazer à tona esses princípios comuns vivificantes de nossa religião, e permitir que cada homem, mulher e criança, em toda a extensão deste país, os compreenda, os conheça e tente trazê-los à tona em suas vidas. . Este é o primeiro passo; e, portanto, tem que ser tomado.

Vemos como na Ásia, e especialmente na Índia, as dificuldades raciais, as dificuldades linguísticas, as dificuldades sociais, as dificuldades nacionais, todas se dissolvem diante deste poder unificador da religião. Sabemos que para a mente indiana não há nada mais elevado do que os ideais religiosos, que esta é a tónica da vida indiana, e só podemos trabalhar na linha da menor resistência. Não é apenas verdade que o ideal da religião é o ideal mais elevado; no caso da Índia é o único meio de trabalho possível; trabalhar em qualquer outra linha, sem antes fortalecê-la, seria desastroso. Portanto, a primeira pedra na construção de uma futura Índia, o primeiro passo a ser escavado naquela rocha dos tempos, é esta unificação da religião. Todos nós temos que aprender que nós, hindus - dualistas,

monistas qualificados ou monistas, Shaivas, Vaishnavas ou Pâshupatas - a qualquer denominação a que pertencamos, temos certas ideias comuns por trás de nós, e que chegou o momento em que o bem -sendo de nós mesmos, para o bem-estar da nossa raça, devemos abandonar todas as nossas pequenas brigas e diferenças. Tenha certeza de que essas brigas são totalmente erradas; eles são condenados pelas nossas escrituras, proibidos pelos nossos antepassados; e aqueles grandes homens de quem reivindicamos a nossa descendência, cujo sangue corre nas nossas veias, olham com desprezo para os seus filhos que discutem sobre pequenas diferenças.

Com o abandono das brigas, todas as outras melhorias virão. Quando o sangue vital é forte e puro, nenhum germe de doença pode viver naquele corpo. Nosso sangue vital é a espiritualidade. Se fluir claro, se fluir forte, puro e vigoroso, tudo estará certo; os defeitos políticos, sociais, quaisquer outros defeitos materiais, até mesmo a pobreza da terra, serão todos curados se esse sangue for puro. Pois se o germe da doença for eliminado, nada poderá entrar no sangue. Fazendo uma comparação com a medicina moderna, sabemos que deve haver duas causas para produzir uma doença: algum germe venenoso externo e o estado do corpo. Até que o corpo esteja em condições de admitir os germes, até que o corpo seja degradado a uma vitalidade inferior para que os germes possam entrar, prosperar e multiplicar-se, não há poder em nenhum germe do mundo para produzir uma doença no corpo. Na verdade, milhões de germes passam continuamente pelo corpo de todas as pessoas; mas enquanto for vigoroso, nunca terá consciência deles. Somente quando o corpo está fraco é que esses germes se apoderam dele e produzem doenças. O mesmo acontece com a vida nacional. É quando o corpo nacional está fraco que todos os tipos de germes de doenças, no estado político da raça ou no seu estado social, no seu estado educacional ou intelectual, aglomeram-se no sistema e produzem doenças. Para remediá-la, portanto, devemos ir à raiz desta doença e limpar o sangue de todas as impurezas. A única tendência será fortalecer o homem, tornar o sangue puro e o corpo vigoroso, de modo que seja capaz de resistir e eliminar todos os venenos externos.

Vimos que nosso vigor, nossa força, ou melhor, nossa vida nacional está em nossa religião. Não vou discutir agora se é certo ou não, se é correto ou não,

se é benéfico ou não a longo prazo, ter esta vitalidade na religião, mas para o bem ou para o mal ela existe; você não pode sair disso, você tem isso agora e para sempre, e você tem que mantê-lo, mesmo que não tenha a mesma fé que eu tenho em nossa religião. Você está vinculado a isso e, se desistir, será feito em pedaços. Essa é a vida da nossa raça e deve ser fortalecida. Você resistiu aos choques de séculos simplesmente porque cuidou muito bem disso, sacrificou todo o resto por isso. Seus antepassados suportaram tudo com ousadia, até mesmo a própria morte, mas preservaram sua religião. Templo após templo foi destruído pelo conquistador estrangeiro, mas assim que a onda passou, a torre do templo ergueu-se novamente. Alguns desses antigos templos do sul da Índia e aqueles como Somnâth de Gujarat lhe ensinarão muita sabedoria e lhe darão uma visão mais aguçada da história da raça do que qualquer quantidade de livros. Observe como esses templos carregam as marcas de cem ataques e cem regenerações, continuamente destruídos e continuamente surgindo das ruínas, rejuvenescidos e fortes como sempre! Essa é a mente nacional, essa é a corrente vital nacional. Siga-o e isso levará à glória. Desista e você morrerá; a morte será o único resultado, a aniquilação o único efeito, no momento em que você der um passo além dessa corrente vital. Não quero dizer que outras coisas não sejam necessárias. Não quero dizer que as melhorias políticas ou sociais não sejam necessárias, mas o que quero dizer é que, e quero que tenham isso em mente, elas são secundárias aqui e que a religião é primária. A mente indiana é primeiro religiosa, depois qualquer outra coisa. Então isso é para ser fortalecido, e como fazer? Apresentarei a você minhas idéias. Eles estão em minha mente há muito tempo, mesmo anos antes de eu deixar as costas de Madras e ir para a América, e o fato de ter ido para a América e a Inglaterra foi simplesmente para propagar essas ideias. Eu não me importava nem um pouco com o Parlamento das Religiões ou qualquer outra coisa; foi simplesmente uma oportunidade; pois foram realmente essas minhas ideias que me levaram por todo o mundo.

A minha ideia é, antes de mais nada, trazer à tona as jóias da espiritualidade que estão armazenadas nos nossos livros e na posse de apenas alguns, escondidas, por assim dizer, nos mosteiros e nas florestas – trazê-las à tona; tirar deles o conhecimento, não apenas das mãos onde está escondido, mas do baú ainda mais inacessível, da língua em que está preservado, a incrustação de séculos de palavras sânscritas. Em uma palavra, quero torná-

los populares. Quero trazer à tona essas ideias e deixá-las ser propriedade comum de todos, de cada homem na Índia, quer ele conheça a língua sânscrita ou não. A grande dificuldade no caminho é a língua sânscrita – a nossa língua gloriosa; e esta dificuldade não pode ser removida até que – se for possível – toda a nossa nação seja boa erudita em sânscrito. Você compreenderá a dificuldade quando eu lhe disser que estudei essa língua durante toda a minha vida e, ainda assim, cada novo livro é novo para mim. Quão mais difícil seria então para as pessoas que nunca tiveram tempo de estudar a língua completamente! Portanto as ideias devem ser ensinadas na língua do povo; ao mesmo tempo, a educação em sânscrito deve continuar junto, porque o próprio som das palavras em sânscrito confere prestígio, poder e força à raça. As tentativas do grande Ramanuja, de Chaitanya e de Kabir para elevar as classes mais baixas da Índia mostram que resultados maravilhosos foram alcançados durante a vida daqueles grandes profetas; contudo, os fracassos posteriores têm de ser explicados e a causa demonstrada porque o efeito dos seus ensinamentos cessou quase um século após o falecimento destes grandes Mestres. O segredo está aqui. Eles criaram as classes mais baixas; eles desejavam que isso surgisse, mas não aplicaram suas energias na difusão da língua sânscrita entre as massas. Até o grande Buda deu um passo em falso ao impedir que a língua sânscrita fosse estudada pelas massas. Ele queria resultados rápidos e imediatos e traduziu e pregou na língua da época, o páli. Isso foi ótimo; ele falava na língua do povo, e o povo o entendia. Isso foi ótimo; espalhou as ideias rapidamente e fez com que elas alcançassem todos os lugares. Mas junto com isso, o sânscrito deveria ter se espalhado. O conhecimento veio, mas o prestígio não estava, a cultura não estava. É a cultura que resiste aos choques e não uma simples massa de conhecimentos. Você pode colocar uma massa de conhecimento no mundo, mas isso não adiantará muito. Deve haver cultura no sangue. Todos nós conhecemos, nos tempos modernos, nações que possuem muito conhecimento, mas e quanto a elas? Eles são como tigres, são como selvagens, porque a cultura não existe. O conhecimento é apenas superficial, como o é a civilização, e um pequeno arranhão traz à tona o velho selvagem. Essas coisas acontecem; este é o perigo. Ensine as massas no vernáculo, dê-lhes ideias; obterão informações, mas é necessário algo mais; dê-lhes cultura. Até que você lhes dê isso, não poderá haver permanência na condição elevada das massas. Haverá outra casta criada, tendo a vantagem da língua sânscrita, que rapidamente se

destacará das demais e as governará da mesma forma. A única segurança, eu digo a vocês, homens que pertencem às castas inferiores, a única maneira de elevar sua condição é estudar sânscrito, e essa luta, escrita e espuma contra as castas superiores é em vão, não faz bem e cria brigam e discutem, e esta raça, infelizmente já dividida, vai ficar cada vez mais dividida. A única maneira de conseguir o nivelamento das castas é apropriar-se da cultura, da educação que é a força das castas superiores. Feito isso, você tem o que deseja

Em relação a isto, quero discutir uma questão que tem uma importância particular no que diz respeito a Madras. Existe uma teoria de que houve uma raça humana no sul da Índia chamada Dravidianos, totalmente diferente de outra raça no norte da Índia chamada de arianos, e que os brâmanes do sul da Índia são os únicos arianos que vieram do norte, os outros homens do sul A Índia pertence a uma casta e raça totalmente diferente daquelas dos brâmanes do sul da Índia. Agora, peço perdão, Sr. Filólogo, isso é totalmente infundado. A única prova disso é que existe uma diferença de língua entre o Norte e o Sul. Não vejo nenhuma outra diferença. Somos tantos homens do Norte aqui, e peço aos meus amigos europeus que escolham os homens do Norte e do Sul nesta assembleia. Onde está a diferença? Uma pequena diferença de idioma. Mas os Brâmanes são uma raça que veio para cá falando a língua sânscrita! Pois bem, eles adotaram a língua dravidiana e esqueceram o sânscrito. Por que as outras castas não deveriam ter feito o mesmo? Por que não deveriam todas as outras castas ter vindo, uma após a outra, do Norte da Índia, adotado a língua dravidiana e esquecido a sua própria? Esse é um argumento que funciona nos dois sentidos. Não acredite em coisas tão bobas. Pode ter havido um povo dravidiano que desapareceu daqui, e os poucos que restaram viviam em florestas e outros lugares. É bem possível que a língua tenha sido adotada, mas todos esses são arianos que vieram do Norte. Toda a Índia é ariana, nada mais.

Depois, há a outra ideia de que a casta Shudra é certamente a aborígine. O que eles são? Eles são escravos. Dizem que a história se repete. Os americanos, os ingleses, os holandeses e os portugueses apoderaram-se dos africanos pobres e obrigaram-nos a trabalhar arduamente enquanto viveram, e os seus filhos mestiços nasceram na escravatura e mantiveram-se nessa

condição durante um longo período. A partir desse exemplo maravilhoso, a mente retrocede vários milhares de anos e imagina que a mesma coisa aconteceu aqui, e nosso arqueólogo sonha com a Índia cheia de aborígenes de olhos escuros e com o brilhante ariano vindo - Deus sabe de onde. Segundo alguns, vieram do Tibete Central, outros dirão que vieram da Ásia Central. Há ingleses patriotas que pensam que os arianos eram todos ruivos. Outros, segundo sua ideia, pensam que todos tinham cabelos pretos. Se o escritor for um homem de cabelos pretos, os arianos eram todos de cabelos pretos. Ultimamente, houve uma tentativa de provar que os arianos viviam nos lagos suíços. Eu não lamentaria se todos tivessem se afogado ali, com teoria e tudo. Alguns dizem agora que viveram no Pólo Norte. Senhor abençoe os arianos e suas habitações! Quanto à verdade destas teorias, não há uma palavra nas nossas escrituras, nem uma só, que prove que o ariano tenha vindo de qualquer lugar fora da Índia, e na Índia antiga estava incluído o Afeganistão. Aí termina. E a teoria de que a casta Shudra eram todos não-arianos e eram uma multidão, é igualmente ilógica e igualmente irracional. Não seria possível, naquela época, que alguns arianos se estabelecessem e vivessem ali com cem mil escravos sob seu comando. Esses escravos os teriam comido e feito “chutney” com eles em cinco minutos. A única explicação pode ser encontrada no Mahabhârata, que diz que no início da Satya Yuga havia uma casta, os Brâmanes, e depois, por diferenças de ocupações, eles foram se dividindo em castas diferentes, e essa é a única explicação verdadeira e explicação racional que foi dada. E na próxima Satya Yuga todas as outras castas terão que voltar à mesma condição.

A solução do problema das castas na Índia assume, portanto, esta forma: não degradar as castas superiores, não esmagar os brâmanes. A Brahminidade é o ideal da humanidade na Índia, como maravilhosamente apresentado por Shankaracharya no início de seu comentário sobre o Gitâ, onde ele fala sobre a razão da vinda de Krishna como um pregador para a preservação da Brahminidade, da Brahminidade. Esse foi o grande final. Este Brâmane, o homem de Deus, aquele que conheceu Brahman, o homem ideal, o homem perfeito, deve permanecer; ele não deve ir. E com todos os defeitos da casta agora, sabemos que todos devemos estar prontos para dar aos Brâmanes este crédito, de que deles vieram mais homens com verdadeiro Brâmane do que de todas as outras castas. Isso é verdade. Esse é

o crédito que lhes é devido por todas as outras castas. Devemos ser suficientemente ousados, devemos ser corajosos o suficiente para falar dos seus defeitos, mas ao mesmo tempo devemos dar-lhes o crédito que lhes é devido. Lembre-se do antigo provérbio inglês: “Dê a cada homem o que lhe é devido”. Portanto, meus amigos, não adianta brigar entre as castas. Que bem isso fará? Irá dividir-nos ainda mais, enfraquecer-nos ainda mais, degradar-nos ainda mais. Os dias de privilégios exclusivos e reivindicações exclusivas acabaram, desapareceram para sempre do solo da Índia, e esta é uma das grandes bênçãos do domínio britânico na Índia. Até mesmo ao governo muçulmano devemos essa grande bênção, a destruição do privilégio exclusivo. Afinal, essa regra não era de todo ruim; nada é totalmente ruim e nada é totalmente bom. A conquista muçulmana da Índia veio como uma salvação para os oprimidos, para os pobres. É por isso que um quinto do nosso povo se tornou muçulmano. Não foi a espada que fez tudo. Seria o cúmulo da loucura pensar que tudo foi obra de espada e fogo. E um quinto – metade – do seu povo de Madras se tornará cristão se você não tomar cuidado. Já houve alguma coisa mais tola no mundo do que o que vi no país de Malabar? O pobre pária não pode passar pela mesma rua que o homem da casta superior, mas se ele mudar seu nome para um nome inglês confuso, está tudo bem; ou para um nome muçulmano, está tudo bem. Que inferência você tiraria, exceto que esses Malabaris são todos lunáticos, seus lares são tantos asilos para lunáticos, e que eles devem ser tratados com escárnio por todas as raças na Índia até que eles melhorem suas maneiras e conheçam melhor. Que vergonha para eles que costumes tão perversos e diabólicos sejam permitidos; seus próprios filhos podem morrer de fome, mas assim que adotam alguma outra religião ficam bem alimentados. Não deveria haver mais luta entre as castas.

A solução não é derrubar o superior, mas elevar o inferior ao nível do superior. E essa é a linha de trabalho encontrada em todos os nossos livros, apesar do que você possa ouvir de algumas pessoas cujo conhecimento de suas próprias escrituras e cuja capacidade de compreender os poderosos planos dos antigos são apenas zero. Eles não entendem, mas aqueles que têm cérebro, que têm o intelecto para compreender todo o escopo do trabalho. Eles ficam de lado e seguem a maravilhosa procissão da vida nacional através dos tempos. Eles podem rastreá-lo passo a passo através de todos os livros, antigos e modernos. Qual é o plano? O ideal em uma extremidade é o Brâmane e o ideal na outra extremidade é o Chandála, e todo o trabalho é elevar o Chandala até o Brâmane. Lenta e lentamente você encontra mais e mais privilégios concedidos a eles. Há livros onde você lê palavras tão ferozes como estas: "Se o Shudra ouvir os Vedas, encha seus ouvidos com chumbo derretido, e se ele se lembrar de uma frase, corte sua língua. Se ele disser ao brâmane: 'Seu brâmane', corte a língua dele". Isto é, sem dúvida, uma velha barbárie diabólica; é óbvio; mas não culpe os legisladores, que simplesmente registram os costumes de algum setor da comunidade. Esses demônios às vezes surgiam entre os antigos. Houve demônios em todos os lugares, mais ou menos em todas as épocas. Conseqüentemente, você descobrirá que mais tarde esse tom é modificado um pouco, como por exemplo: "Não perturbe os Shudras, mas não lhes ensine coisas superiores". Então gradualmente descobrimos em outros Smritis, especialmente naqueles que agora têm pleno poder, que se os Shudras imitam as maneiras e costumes dos Brâmanes, eles se saem bem, eles devem ser encorajados. Assim está acontecendo. Não tenho tempo para apresentar a vocês todos esses trabalhos, nem como eles podem ser rastreados em detalhes; mas, chegando aos fatos claros, descobrimos que todas as castas deverão ascender lenta e lentamente. Existem milhares de castas, e algumas estão até sendo admitidas na condição de brâmane, pois o que impede qualquer casta de se declarar brâmane? Assim, a casta, com todo o seu rigor, foi criada dessa maneira. Suponhamos que existam castas aqui com dez mil pessoas cada uma. Se estes se unirem e disserem: nós nos chamaremos de brâmanes, nada poderá detê-los; Eu vi isso em minha própria vida. Algumas castas tornam-se fortes e, assim que todas concordam, quem pode dizer não? Porque fosse o que fosse, cada casta era exclusiva da outra. Não se intrometeu nos assuntos dos outros; mesmo as

diversas divisões de uma casta não se intrometeram nas outras divisões, e aqueles poderosos criadores de época, Shankaracharya e outros, foram os grandes criadores de castas. Não posso contar-lhes todas as coisas maravilhosas que eles fabricaram, e alguns de vocês podem se ressentir do que tenho a dizer. Mas em minhas viagens e experiências eu os tracei e cheguei a resultados maravilhosos. Eles às vezes pegavam hordas de Baluchis e imediatamente os tornavam Kshatriyas, também conseguiam hordas de pescadores e os tornavam brâmanes imediatamente. Eles eram todos Rishis e sábios, e temos que nos curvar à sua memória. Então, sejam todos vocês Rishis e sábios; esse é o segredo. Mais ou menos seremos todos Rishis. O que significa um Rishi? O puro. Seja puro primeiro e você terá poder. Simplesmente dizer: “Eu sou um Rishi” não servirá; mas quando você é um Rishi, descobrirá que os outros lhe obedecem instintivamente. Algo misterioso emana de você, que faz com que eles te sigam, que os faça ouvir você, que os faça inconscientemente, mesmo contra sua vontade, realizar seus planos. Isso é Rishi.

Quanto aos detalhes, é claro que eles têm de ser trabalhados através de gerações. Mas isto é apenas uma sugestão para lhe mostrar que essas brigas deveriam cessar. Lamento especialmente que nos tempos muçulmanos houvesse tanta dissensão entre as castas. Isso deve parar. É inútil para ambos os lados, especialmente para o lado da casta superior, o brâmane, porque o tempo para estes privilégios e reivindicações exclusivas já passou. O dever de toda aristocracia é cavar a sua própria sepultura, e quanto mais cedo o fizer, melhor. Quanto mais atrasar, mais apodrecerá e pior será a morte. É dever do Brâmane, portanto, trabalhar pela salvação do resto da humanidade na Índia. Se ele fizer isso, e enquanto fizer isso, ele será um brâmane, mas não será um brâmane quando tentar ganhar dinheiro. Você, por outro lado, deve ajudar apenas o verdadeiro brâmane que a merece; que leva ao céu. Mas às vezes um presente para outra pessoa que não o merece leva a outro lugar, diz a nossa escritura. Você deve estar atento a isso. Ele é o único brâmane que não tem emprego secular. O emprego secular não é para o brâmane, mas para as outras castas. Apelo aos Brâmanes para que trabalhem arduamente para criar o povo indiano, ensinando-lhes o que sabem, divulgando a cultura que acumularam durante séculos. É claramente dever dos Brâmanes da Índia lembrar o que é o verdadeiro Brahmin. Como diz Manu, todos esses privilégios e honras são concedidos ao brâmane,

porque “com ele está o tesouro da virtude”. Ele deve abrir esse tesouro e distribuir os seus valores para o mundo. É verdade que ele foi o primeiro pregador às raças indianas, foi o primeiro a renunciar a tudo para alcançar a realização mais elevada da vida antes que outros pudessem alcançar a ideia. Não foi culpa dele ter marchado à frente da outra casta. Por que as outras castas não entenderam e não fizeram como ele? Por que eles se sentaram e foram preguiçosos e deixaram os brâmanes vencerem a corrida?

Mas uma coisa é obter uma vantagem e outra é preservá-la para mau uso. Sempre que o poder é usado para o mal, torna-se diabólico; deve ser usado apenas para o bem. Portanto, esta cultura acumulada durante séculos, da qual o Brâmane tem sido o administrador, deve agora ser dada ao povo em geral, e foi porque não a deu ao povo que a invasão muçulmana foi possível. Foi porque ele não abriu este tesouro ao povo desde o início, que durante mil anos fomos pisoteados por todos aqueles que escolheram vir para a Índia. Foi através disso que nos degradamos, e a primeira tarefa deve ser abrir as células que escondem os maravilhosos tesouros que os nossos antepassados comuns acumularam; traga-os e dê-os a todos e o Brahmin deve ser o primeiro a fazê-lo. Existe uma velha superstição em Bengala de que se a cobra que morde sugar seu próprio veneno do paciente, o homem deve sobreviver. Pois bem, o Brâmane deve sugar seu próprio veneno. Para as castas não-brâmanes eu digo: esperem, não tenham pressa. Não aproveite todas as oportunidades de lutar contra o brâmane, porque, como mostrei, você está sofrendo por sua própria culpa. Quem lhe disse para negligenciar a espiritualidade e o aprendizado do sânscrito? O que você tem feito todo esse tempo? Por que você tem sido indiferente? Por que você agora se preocupa e se irrita porque outra pessoa tinha mais inteligência, mais energia, mais coragem e ação do que você? Em vez de desperdiçar suas energias em discussões vãs e brigas nos jornais, em vez de brigar e brigar em suas próprias casas – o que é pecaminoso – usem todas as suas energias na aquisição da cultura que o Brâmane tem, e pronto. Por que vocês não se tornam estudiosos do sânscrito? Por que vocês não gastam milhões para levar a educação sânscrita a todas as castas da Índia? Essa é a questão. No momento em que você faz essas coisas, você se torna igual ao Brahmin. Esse é o segredo do poder na Índia.

Sânscrito e prestígio andam juntos na Índia. Assim que você tiver isso, ninguém ousará dizer nada contra você. Esse é o único segredo; pegue isso. Todo o universo, para usar a comparação do antigo Advaitista, está num estado de auto-hipnotismo. É a vontade que é o poder. É o homem de vontade forte que lança, por assim dizer, uma auréola ao seu redor e leva todas as outras pessoas ao mesmo estado de vibração que ele tem em sua mente. Esses homens gigantescos aparecem. E qual é a ideia? Quando um indivíduo poderoso aparece, sua personalidade infunde seus pensamentos em nós, e muitos de nós passamos a ter os mesmos pensamentos e, assim, nos tornamos poderosos. Por que é que as organizações são tão poderosas? Não diga que a organização é material. Por que é que, para tomarmos um caso em questão, quarenta milhões de ingleses governam trezentos milhões de pessoas aqui? Qual é a explicação psicológica? Esses quarenta milhões unem suas vontades e isso significa poder infinito, e vocês, trezentos milhões, têm uma vontade separada uma da outra. Portanto, para fazer da Índia um grande futuro, todo o segredo está na organização, na acumulação de poder, na coordenação de vontades.

Já diante de minha mente surge um dos versos maravilhosos do Rig-Veda Samhitâ que diz: "Tenham todos um só pensamento, tenham todos um só pensamento, pois nos dias de outrora, os deuses, tendo um só pensamento, foram capazes de receber oblações." Que os deuses podem ser adorados pelos homens é porque eles têm a mesma opinião. Ser unânime é o segredo da sociedade. E quanto mais vocês continuam brigando e discutindo sobre todas as trivialidades como "Dravidiano" e "Ariano", e a questão dos Brâmanes e dos não-Brâmanes e tudo mais, mais longe vocês estão dessa acumulação de energia e poder que está indo para fazer a futura Índia. Pois bem, o futuro da Índia depende inteiramente disso. Esse é o segredo – acumulação de força de vontade, coordenação, reunindo todos eles, como aqui, num só foco. Cada chinês pensa à sua maneira, e um punhado de japoneses pensam todos da mesma maneira, e você sabe o resultado. É assim que acontece ao longo da história do mundo. Em todos os casos, encontramos pequenas nações compactas sempre governando e governando nações enormes e difíceis de manejar, e isso é natural, porque é mais fácil para as pequenas nações compactas trazerem as suas ideias para o mesmo foco e, assim, tornarem-se desenvolvidas. E quanto maior a nação, mais

difícil ela é. Nascidos, por assim dizer, como uma multidão desorganizada, eles não conseguem se unir. Todas estas dissensões devem parar.

Há ainda outro defeito em nós. Senhoras, desculpem-me, mas através de séculos de escravidão, tornámo-nos como uma nação de mulheres. Dificilmente se consegue reunir três mulheres durante cinco minutos neste país ou em qualquer outro país, mas elas discutem. As mulheres constituem grandes sociedades nos países europeus e fazem declarações tremendas sobre o poder das mulheres e assim por diante; então eles brigam, e algum homem vem e governa todos eles. Em todo o mundo eles ainda exigem que algum homem os governe. Nós somos como eles. Mulheres nós somos. Se uma mulher passa a liderar outras mulheres, todos começam imediatamente a criticá-la, a despedaçá-la e a fazê-la sentar-se. Se um homem vem e lhes dá um tratamento um pouco duro, os repreende de vez em quando, está tudo bem, eles estão acostumados com esse tipo de mesmerismo. O mundo inteiro está cheio desses mesmeristas e hipnotizadores. Da mesma forma, se um dos nossos compatriotas se levanta e tenta tornar-se grande, todos nós tentamos segurá-lo, mas se um estrangeiro vier e tentar nos dar um pontapé, está tudo bem. Já estamos acostumados, não é? E os escravos devem tornar-se grandes senhores! Então desista de ser um escravo. Durante os próximos cinquenta anos, só esta será a nossa tônica – esta, a nossa grande Mãe Índia. Que todos os outros deuses vão desaparecer temporariamente de nossas mentes. Este é o único deus que está desperto, a nossa própria raça – “em todos os lugares as suas mãos, em todos os lugares os seus pés, em todos os lugares os seus ouvidos, ele cobre tudo”. Todos os outros deuses estão dormindo. Que deuses vão perseguiremos e ainda assim não podemos adorar o deus que vemos ao nosso redor, o Virât? Quando tivermos adorado isso, seremos capazes de adorar todos os outros deuses. Antes de podermos rastejar oitocentos metros, queremos atravessar o oceano como Hanumân! Não pode ser. Todo mundo vai ser um Yogi, todo mundo vai meditar! Não pode ser. O dia inteiro misturando-se com o mundo com Karma Kânda, e à noite sentado e assoando o nariz! É tão fácil? Os Rishis deveriam voar pelo ar porque você assoou o nariz três vezes? Isso é uma piada? É tudo um disparate. O que é necessário é Chittashuddhi, purificação do coração. E como isso acontece? A primeira de todas as adorações é a adoração do Virat – daqueles que nos rodeiam. Adore. Adoração é o equivalente exato da palavra sânscrita, e nenhuma outra palavra em inglês serve. Estes são todos

os nossos deuses – homens e animais; e os primeiros deuses que devemos adorar são os nossos compatriotas. Temos que adorá-los, em vez de ter ciúmes uns dos outros e brigar uns com os outros. É o Karma mais terrível pelo qual sofremos e, no entanto, não abre os nossos olhos!

Pois bem, o assunto é tão vasto que não sei onde parar, e devo encerrar minha palestra expondo diante de vocês em poucas palavras os planos que quero levar a cabo em Madras. Devemos ter controle sobre a educação espiritual e secular da nação. Você entende isso? Você deve sonhar, deve falar, deve pensar que é e deve resolver isso. Até então não há salvação para a raça. A educação que vocês estão recebendo agora tem alguns pontos positivos, mas tem uma desvantagem tremenda, que é tão grande que todas as coisas boas são prejudicadas. Em primeiro lugar, não é uma educação que produza o homem, é apenas e inteiramente uma educação negativa. Uma educação negativa ou qualquer treino que se baseie na negação é pior que a morte. A criança é levada para a escola e a primeira coisa que aprende é que seu pai é um tolo, a segunda coisa que seu avô é um lunático, a terceira coisa que todos os seus professores são hipócritas, a quarta que todos os livros sagrados são mentiras. ! Aos dezesseis anos ele é uma massa de negação, sem vida e sem ossos. E o resultado é que cinquenta anos de tal educação não produziram um homem original nas três Presidências. Todo homem original que foi produzido foi educado em outro lugar, e não neste país, ou foi mais uma vez para as antigas universidades para se purificar das superstições. Educação não é a quantidade de informação que é colocada em seu cérebro e corre solta, sem ser digerida, durante toda a sua vida. Devemos ter uma assimilação de ideias que construa a vida, que forme o homem e que forme o caráter. Se você assimilou cinco idéias e fez delas sua vida e caráter, você terá mais educação do que qualquer homem que tenha de cor uma biblioteca inteira.

यथा खरश्चन्द्रनभारवाही भास्व्य वेत्ता न तु चन्द्रस्य ।

- “O burro que carrega sua carga de sândalo conhece apenas o peso e não o valor do sândalo.” Se a educação é idêntica à informação, as bibliotecas são os maiores sábios do mundo e as enciclopédias são os Rishis. O ideal, portanto, é que tenhamos toda a educação do nosso país, espiritual e secular,

nas nossas próprias mãos, e esta deve ser feita em linhas nacionais, através de métodos nacionais, tanto quanto possível.

É claro que este é um esquema muito grande, um plano muito grande. Não sei se algum dia isso vai dar certo. Mas devemos começar o trabalho. Mas como? Veja Madras, por exemplo. Devemos ter um templo, pois para os hindus a religião deve vir em primeiro lugar. Então, você pode dizer, todas as seitas discutirão sobre isso. Mas faremos dele um templo não sectário, tendo apenas “Om” como símbolo, o maior símbolo de qualquer seita. Se houver alguma seita aqui que acredite que “Om” não deveria ser o símbolo, ela não tem o direito de se autodenominar hindu. Todos terão o direito de interpretar o Hinduísmo, cada um de acordo com as ideias da sua seita, mas devemos ter um templo comum. Você pode ter suas próprias imagens e símbolos em outros lugares, mas não brigue aqui com aqueles que diferem de você. Aqui deveriam ser ensinados os fundamentos comuns das nossas diferentes seitas e, ao mesmo tempo, as diferentes seitas deveriam ter perfeita liberdade para vir e ensinar as suas doutrinas, com apenas uma restrição, isto é, não discutir com outras seitas. Diga o que você tem a dizer, o mundo quer; mas o mundo não tem tempo para ouvir o que você pensa das outras pessoas; vocês podem guardar isso para vocês.

Em segundo lugar, em conexão com este templo deveria haver uma instituição para treinar professores que deveriam pregar a religião e dar educação secular ao nosso povo; eles devem carregar ambos. Como já levamos a religião de porta em porta, levemos junto com ela também a educação secular. Isso pode ser feito facilmente. Então o trabalho se estenderá através desses grupos de professores e pregadores, e gradualmente teremos templos semelhantes em outros lugares, até cobrirmos toda a Índia. Esse é o meu plano. Pode parecer gigantesco, mas é muito necessário. Você pode perguntar onde está o dinheiro. O dinheiro não é necessário. Dinheiro não é nada. Nos últimos doze anos da minha vida, não sabia de onde viria a próxima refeição; mas o dinheiro e tudo mais que eu quero devem vir, porque eles são meus escravos, e não eu deles; dinheiro e tudo mais devem vir. Deve – essa é a palavra. Onde estão os homens? Essa é a questão. Jovens de Madras, minha esperança está em vocês. Você responderá ao chamado de sua nação? Cada um de vocês tem um futuro glorioso se ousarem acreditar em mim. Tenham uma fé tremenda em si

mesmos, como a fé que eu tinha quando era criança e que estou desenvolvendo agora. Tenham essa fé, cada um de vocês, em si mesmos – esse poder eterno está alojado em cada alma – e vocês reviverão toda a Índia. Sim, iremos então a todos os países sob o sol, e as nossas ideias serão, em breve, uma componente das muitas forças que estão a trabalhar para formar todas as nações do mundo. Devemos entrar na vida de todas as raças na Índia e no exterior; terá que trabalhar para que isso aconteça. Agora, para isso, quero homens jovens. “São os jovens, os fortes e saudáveis, de intelecto aguçado que alcançarão o Senhor”, dizem os Vedas. Este é o momento de decidir o seu futuro – enquanto você possui a energia da juventude, não quando está exausto e cansado, mas no frescor e vigor da juventude. Trabalho – esta é a hora; pois somente as flores mais frescas, intocadas e sem cheiro devem ser colocadas aos pés do Senhor, e Ele as recebe. Despertem-se, portanto, ou a vida será curta. Há obras maiores a serem feitas do que aspirar a se tornar advogado e provocar brigas e coisas assim. Um trabalho muito maior é este sacrifício de vocês mesmos para o benefício da sua raça, para o bem-estar da humanidade. O que há nesta vida? Vocês são hindus e existe em vocês a crença instintiva de que a vida é eterna. Às vezes recebo jovens que vêm falar comigo sobre o ateísmo; Não acredito que um hindu possa se tornar ateu. Ele pode ler livros europeus e convencer-se de que é um materialista, mas é apenas por um tempo. Não está no seu sangue. Você não pode acreditar no que não está na sua constituição; seria uma tarefa desesperadora para você. Não tente esse tipo de coisa. Certa vez, tentei fazer isso quando era menino, mas não foi possível. A vida é curta, mas a alma é imortal e eterna, e uma coisa sendo certa, a morte, assumamos, portanto, um grande ideal e entreguemos toda a nossa vida a ele. Que esta seja a nossa determinação, e que Ele, o Senhor, que "vem sempre para a salvação do Seu próprio povo", para citar as nossas escrituras - que o grande Krishna nos abençoe e nos conduza a todos ao cumprimento dos nossos objectivos. !

3.4.16 SOBRE CARIDADE

Durante a sua estada em Madras, o Swami presidiu a reunião anual do Chennapuri Annadâna Samâjam, uma instituição de natureza caritativa, e no decurso de um breve discurso referiu-se a uma observação de um orador

anterior, desaprovando a doação de esmolas especiais ao brâmane. e acima das outras castas. Swamiji ressaltou que isso tinha seu lado bom e seu lado ruim. Toda a cultura que a nação possuía praticamente estava entre os brâmanes, e eles também foram os pensadores da nação. Retirem-se os meios de vida que lhes permitiram ser pensadores e a nação como um todo sofreria. Falando da caridade indiscriminada da Índia em comparação com a caridade legal de outras nações, disse ele, o resultado do seu sistema de ajuda foi que o vagabundo da Índia se contentou em receber prontamente o que lhe foi dado prontamente e viveu uma vida pacífica e contente. : enquanto o vagabundo do Ocidente, não querendo ir para a casa dos pobres - pois o homem ama a liberdade mais do que a comida - tornou-se um ladrão, o inimigo da sociedade, e exigiu a organização de um sistema de magistratura, polícia, prisões e outros estabelecimentos. Deve haver pobreza enquanto existir a doença conhecida como civilização: e daí a necessidade de alívio. De modo que tiveram que escolher entre a caridade indiscriminada da Índia, que, pelo menos no caso dos Sannyasins, mesmo que não fossem homens sinceros, pelo menos os forçou a aprender um pouco das suas escrituras antes de poderem obter comida ; e a caridade discriminatória das nações ocidentais, que necessitava de um sistema dispendioso de assistência aos pobres e que, no final, só conseguiu transformar mendicantes em criminosos.

3.4.17 ENDEREÇO DE BOAS-VINDAS APRESENTADO EM CALCUTÁ E RESPOSTA

Ao chegar a Calcutá, o Swami Vivekananda foi recebido com intenso entusiasmo, e todo o seu percurso pelas ruas decoradas da cidade foi repleto de uma imensa multidão esperando para vê-lo. A recepção oficial foi realizada uma semana depois, na residência do falecido Raja Radha Kanta Deb Bahadur em Sobha Bazar, quando Raja Benoy Krishna Deb Bahadur assumiu a presidência. Após algumas breves observações introdutórias do Presidente, o seguinte discurso foi lido e apresentado a ele, encerrado em um caixão de prata:

PARA SRIMAT VIVEKANANDA SWAMI

QUERIDO IRMÃO,

Nós, os habitantes hindus de Calcutá e de vários outros lugares de Bengala, oferecemos-lhe no seu regresso à sua terra natal uma calorosa recepção. Fazemo-lo com um sentimento de orgulho e também de gratidão, pois pelo seu nobre trabalho e exemplo em várias partes do mundo vocês honraram não só a nossa religião, mas também o nosso país e a nossa província em particular.

No grande Parlamento das Religiões, que constituiu uma Secção da Feira Mundial realizada em Chicago em 1893, apresentastes os princípios da religião Ariana. A substância de sua exposição foi para a maior parte do público uma revelação, e sua maneira foi avassaladora tanto por sua graça quanto por sua força. Alguns podem tê-lo recebido com espírito questionador, alguns podem tê-lo criticado, mas o seu efeito geral foi uma revolução nas ideias religiosas de uma grande parte dos americanos cultos. Uma nova luz surgiu em sua mente, e com a habitual seriedade e amor pela verdade, eles decidiram tirar proveito dela. Suas oportunidades se ampliaram; seu trabalho cresceu. Você teve que atender telefonema após telefonema de muitas cidades de vários estados, tirar muitas dúvidas, tirar muitas dificuldades. Você fez este trabalho com energia, habilidade e sinceridade; e levou a resultados duradouros. O seu ensino influenciou profundamente muitos círculos esclarecidos na Comunidade Americana, estimulou o pensamento e a investigação e, em muitos casos, alterou definitivamente as concepções religiosas no sentido de uma maior apreciação dos ideais hindus. O rápido crescimento de clubes e sociedades para o estudo comparativo das religiões e a investigação da verdade espiritual é testemunho do vosso trabalho no Extremo Ocidente. Você pode ser considerado o fundador de uma faculdade em Londres para o ensino da filosofia Vedanta. Suas palestras foram ministradas regularmente, assistidas pontualmente e amplamente apreciadas. A sua influência estendeu-se para além das paredes das salas de aula. O amor e a estima que foram evocados por seus ensinamentos são evidenciados pelos calorosos agradecimentos, no discurso que lhe foi apresentado na véspera de sua partida de Londres, pelos estudantes da filosofia Vedanta daquela cidade.

Seu sucesso como professor deve-se não apenas ao seu profundo e íntimo conhecimento das verdades da religião ariana e à sua habilidade de exposição pela fala e pela escrita, mas também, e em grande parte, à sua personalidade. Suas palestras, seus ensaios e seus livros têm elevados méritos, espirituais e literários, e não poderiam deixar de produzir seu efeito. Mas foi intensificado de uma maneira que desafia a expressão pelo exemplo de sua vida simples, sincera e abnegada, de sua modéstia, devoção e seriedade.

Embora reconhecendo seus serviços como professor das sublimes verdades de nossa religião, sentimos que devemos prestar um tributo à memória de seu reverenciado preceptor, Shri Ramakrishna Paramahansa. A ele devemos em grande parte até a você. Com sua rara visão mágica, ele descobriu cedo a centelha celestial em você e previu para você uma carreira que felizmente está agora em vias de realização. Foi ele quem revelou a visão e a faculdade divina com as quais Deus o abençoou, deu aos seus pensamentos e aspirações a tendência que aguardava o toque sagrado e ajudou suas atividades na região do invisível. Seu legado mais precioso para a posteridade foi você mesmo.

Vá em frente, alma nobre, trabalhando firme e valentemente no caminho que você escolheu. Você tem um mundo para conquistar. Você tem que interpretar e defender a religião dos hindus aos ignorantes, aos céticos, aos deliberadamente cegos. Você começou o trabalho com um espírito que inspira nossa admiração e já alcançou um sucesso que muitos países testemunham. Mas ainda há muito a fazer; e o nosso próprio país, ou melhor, deveríamos dizer o seu próprio país, espera por você. As verdades da religião hindu têm de ser expostas a um grande número de hindus. Prepare-se então para o grande esforço. Temos confiança em você e na justiça de nossa causa. Nossa religião nacional não busca obter triunfos materiais. Os seus propósitos são espirituais; sua arma é uma verdade que está escondida dos olhos materiais e cede apenas à razão reflexiva. Apelamos ao mundo e, quando necessário, aos próprios hindus, para que abram o olho interior, transcendam os sentidos, leiam corretamente os livros sagrados, enfrentem a realidade suprema e percebam a sua posição e destino como homens. Ninguém está mais bem preparado do que você para despertar ou fazer o chamado, e só podemos assegurar-lhe nossa sincera

simpatia e cooperação leal naquele trabalho que aparentemente é sua missão ordenada pelo Céu.

Permanecemos, querido irmão,

Seus amorosos AMIGOS E ADMIRADORES.

A resposta do Swami foi a seguinte:

Quer-se perder o indivíduo no universal, renuncia-se, foge e tenta desligar-se de todas as associações do corpo do passado, trabalha-se arduamente para esquecer até que é homem; no entanto, bem no fundo do seu coração, há um som suave, uma corda vibrando, um sussurro, que lhe diz: Oriente ou Ocidente, o lar é o melhor. Cidadãos da capital deste Império, diante de vocês estou, não como um Sannyasin, não, nem mesmo como um pregador, mas venho diante de vocês como o mesmo garoto de Calcutá para falar com vocês como costumava fazer. Sim, gostaria de sentar na poeira das ruas desta cidade e, com a liberdade da infância, abrir minha mente para vocês, meus irmãos. Aceite, portanto, o meu sincero agradecimento por esta palavra única que utilizou: "Irmão". Sim, eu sou seu irmão e vocês são meus irmãos. Um amigo inglês me perguntou na véspera de minha partida: "Swami, como você se sente agora em sua pátria, depois de quatro anos de experiência no luxuoso, glorioso e poderoso Ocidente?" Eu só pude responder: "Eu amei a Índia antes de partir. Agora o próprio pó da Índia tornou-se sagrado para mim, o próprio ar agora é sagrado para mim; agora é a terra santa, o local de peregrinação, o Tirtha. " Cidadãos de Calcutá - meus irmãos - não posso expressar minha gratidão a vocês pela gentileza que demonstraram, ou melhor, não deveria agradecer de forma alguma, pois vocês são meus irmãos, vocês cumpriram apenas um dever de irmão, sim, apenas um hindu dever do irmão; pois tais laços familiares, tais relacionamentos, tal amor não existem em nenhum lugar além dos limites desta nossa pátria mãe.

O Parlamento das Religiões foi um grande acontecimento, sem dúvida. De várias cidades desta terra agradecemos aos senhores que organizaram o encontro, e eles mereceram todo o nosso agradecimento pela gentileza que nos tiveram; mas ainda assim permita-me interpretar para você a história do Parlamento das Religiões. Eles queriam um cavalo e queriam montá-lo.

Havia pessoas lá que queriam fazer disso um espetáculo pagão, mas foi ordenado de outra forma; não poderia deixar de ser assim. A maioria deles foi gentil, mas nós lhes agradecemos o suficiente.

Por outro lado, a minha missão na América não era no Parlamento das Religiões. A propósito, isso foi apenas uma coisa, foi apenas uma abertura, uma oportunidade, e por isso estamos muito gratos aos membros do Parlamento; mas, na verdade, nossos agradecimentos são devidos ao grande povo dos Estados Unidos, à nação americana, à grande nação calorosa e hospitaleira da América, onde, mais do que em qualquer outro lugar, o sentimento de fraternidade foi desenvolvido. Um americano encontra você por cinco minutos a bordo de um trem, e você é amigo dele, e no momento seguinte ele o convida como hóspede para sua casa e revela o segredo de toda a sua vida ali. Esse é o caráter da raça americana, e nós o apreciamos muito. A gentileza deles para comigo está além de qualquer narração; ainda levaria anos para contar como fui tratado por eles da maneira mais gentil e maravilhosa. Assim são os nossos agradecimentos à outra nação do outro lado do Atlântico. Ninguém jamais desembarcou em solo inglês com mais ódio no coração por uma raça do que eu pelos ingleses, e nesta plataforma estão presentes amigos ingleses que podem testemunhar o fato; mas quanto mais eu vivia entre eles e via como a máquina funcionava - a vida nacional inglesa - e me misturava com eles, descobria onde estava o coração da nação e mais os amava. Não há ninguém entre vocês aqui presentes, meus irmãos, que ame o povo inglês mais do que eu agora. Você tem que ver o que está acontecendo lá e se misturar com eles. Como a filosofia, a nossa filosofia nacional do Vedanta, resumiu todos os infortúnios, todas as misérias, como provenientes daquela única causa, a ignorância, aqui também devemos compreender que as dificuldades que surgem entre nós e o povo inglês se devem principalmente a essa ignorância. ; nós não os conhecemos, eles não nos conhecem.

Infelizmente, para a mente ocidental, a espiritualidade, ou melhor, até mesmo a moralidade, está eternamente ligada à prosperidade mundana; e assim que um inglês ou qualquer outro homem ocidental desembarca em nosso solo e encontra uma terra de pobreza e miséria, ele imediatamente conclui que não pode haver nenhuma religião aqui, nem mesmo qualquer moralidade. Sua própria experiência é verdadeira. Na Europa, devido à

inclemência do clima e a muitas outras circunstâncias, a pobreza e o pecado andam juntos, mas não é assim na Índia. Na Índia, por outro lado, a minha experiência é que quanto mais pobre o homem, melhor ele é em termos de moralidade. Ora, isto leva tempo a compreender, e quantos estrangeiros existem que irão parar para compreender isto, o próprio segredo da existência nacional na Índia? Poucos são os que terão paciência para estudar a nação e compreendê-la. Aqui e só aqui, está a única raça onde pobreza não significa crime, pobreza não significa pecado; e aqui está a única raça onde não só a pobreza não significa crime, mas a pobreza foi deificada, e a vestimenta do mendigo é a vestimenta dos mais altos do país. Por outro lado, temos também que estudar pacientemente as instituições sociais do Ocidente e não nos precipitarmos em julgamentos loucos sobre elas. A mistura dos sexos, os seus diferentes costumes, as suas maneiras, têm todo o seu significado, têm todos os seus aspectos grandiosos, se você tiver paciência para estudá-los. Não que eu queira dizer que vamos pegar emprestados os costumes e costumes deles, nem que eles vão pegar emprestado os nossos, pois os costumes e costumes de cada raça são o resultado de séculos de crescimento paciente dessa raça, e cada um tem um profundo significado por trás disso; e, portanto, eles não devem ridicularizar nossos costumes e costumes, nem nós os deles.

Mais uma vez, quero fazer outra declaração antes desta assembleia. Meu trabalho na Inglaterra tem sido mais satisfatório para mim do que meu trabalho na América. O inglês ousado, corajoso e firme, se é que posso usar a expressão, com o crânio um pouco mais grosso que o das outras pessoas — se uma vez ele tem uma ideia colocada no cérebro, ela nunca sai; e a imensa praticidade e energia da corrida faz com que ela brote e dê frutos imediatamente. Não é assim em nenhum outro país. Essa imensa praticidade, essa imensa vitalidade da corrida, você não vê em nenhum outro lugar. Há menos imaginação, mas mais trabalho, e quem conhece a fonte, a mola mestra do coração inglês? Quanta imaginação e sentimento existe! Eles são uma nação de heróis, são os verdadeiros Kshatriyas; sua educação consiste em esconder seus sentimentos e nunca demonstrá-los. Desde a infância eles foram educados para isso. Raramente você encontrará um inglês manifestando sentimentos, ou melhor, até mesmo uma inglesa. Tenho visto mulheres inglesas trabalharem e realizarem ações que deixariam os mais corajosos bengalis a segui-las. Mas com toda essa

superestrutura heróica, por trás dessa cobertura do lutador, há uma fonte profunda de sentimentos no coração inglês. Se você souber como chegar, se chegar lá, se tiver contato pessoal e se misturar com ele, ele abrirá o coração, será seu amigo para sempre, será seu servo. Portanto, na minha opinião, o meu trabalho em Inglaterra tem sido mais satisfatório do que em qualquer outro lugar. Acredito firmemente que se eu morresse amanhã a obra na Inglaterra não morreria, mas continuaria a expandir-se o tempo todo.

Irmãos, vocês tocaram outra corda em meu coração, a mais profunda de todas, e essa é a menção ao meu professor, meu mestre, meu herói, meu ideal, meu Deus na vida – Shri Ramakrishna Paramahansa. Se alguma coisa foi alcançada por mim, por meio de pensamentos, palavras ou ações, se alguma vez saiu dos meus lábios uma palavra que tenha ajudado alguém no mundo, não reivindico isso, foi dele. Mas se houve maldições saindo dos meus lábios, se houve ódio saindo de mim, é tudo meu e não dele. Tudo o que foi fraco foi meu, e tudo o que foi vivificante, fortalecedor, puro e santo foi sua inspiração, suas palavras e ele mesmo. Sim, meus amigos, o mundo ainda não conheceu esse homem. Lemos na história do mundo sobre os profetas e suas vidas, e estes chegam até nós através de séculos de escritos e trabalhos de seus discípulos. Através de milhares de anos de cinzelamento e modelagem, as vidas dos grandes profetas de outrora chegaram até nós; e ainda assim, na minha opinião, ninguém tem tanto brilho quanto aquela vida que vi com meus próprios olhos, sob cuja sombra vivi, a cujos pés aprendi tudo – a vida de Ramakrishna Paramahansa. Sim, amigos, todos vocês conhecem o célebre ditado do Gitâ:

यदा यदा हि धर्मस्य ग्लानिर्भवति भारत ।
अभ्युत्थानमधर्मस्य तदात्मानं सृजाम्यहम् ॥
परित्राणाय साधूनां विनाशाय च दुष्कृताम् ।
धर्मसंस्थापनार्थाय संभवामि युगे युगे ॥

"Sempre que, ó descendente de Bharata, há declínio do Dharma e ascensão do Adharma, então eu Me corpo. Para a proteção dos bons, para a destruição dos ímpios, e para o estabelecimento do Dharma, eu venho a existir em todas as idades."

Junto com isso você precisa entender mais uma coisa. Tal coisa está diante de nós hoje. Antes que uma dessas ondas gigantescas de espiritualidade

chegue, há redemoinhos de manifestação menor por toda a sociedade. Um deles surge, a princípio desconhecido, despercebido e impensado, assumindo proporções, engolindo, por assim dizer, e assimilando todos os outros pequenos redemoinhos, tornando-se imenso, tornando-se um maremoto e caindo sobre a sociedade com um poder que ninguém pode resistir. Isso está acontecendo diante de nós. Se você tiver olhos, você verá. Se o seu coração estiver aberto, você receberá. Se você busca a verdade, você a encontrará. Cego, cego mesmo é o homem que não vê os sinais do dia! Sim, este menino nascido de pais brâmanes pobres em uma aldeia remota da qual poucos de vocês ouviram falar, está literalmente sendo adorado em terras que têm sido fulminantes contra o culto pagão durante séculos. De quem é esse poder? É meu ou seu? Não é outro senão o poder que foi manifestado aqui como Ramakrishna Paramahansa. Pois, você e eu, e sábios e profetas, ou melhor, até mesmo Encarnações, todo o universo, somos apenas manifestações de poder mais ou menos individualizado, mais ou menos concentrado. Aqui tem havido uma manifestação de um imenso poder, apenas o início de cujo funcionamento estamos vendo, e antes que esta geração morra, vocês verão o funcionamento mais maravilhoso desse poder. Chegou mesmo a tempo da regeneração da Índia, pois de vez em quando esquecemos o poder vital que deve sempre funcionar na Índia.

Cada nação tem seu próprio método peculiar de trabalho. Alguns trabalham através da política, alguns através de reformas sociais, alguns através de outras linhas. Conosco, a religião é o único terreno ao longo do qual podemos avançar. O inglês pode compreender até a religião através da política. Talvez o americano consiga compreender até a religião através de reformas sociais. Mas o Hindu pode compreender até mesmo a política quando esta é dada através da religião; a sociologia deve passar pela religião, tudo deve passar pela religião. Pois esse é o tema, o resto são variações da música-vida nacional. E isso estava em perigo. Parecia que íamos mudar este tema na nossa vida nacional, que íamos trocar a espinha dorsal da nossa existência, por assim dizer, que estávamos a tentar substituir uma espinha dorsal espiritual por uma espinha dorsal política. E se tivéssemos conseguido, o resultado teria sido a aniquilação. Mas não era para ser. Então esse poder se manifestou. Não me importa sob que ponto você entende este grande sábio, não importa quanto respeito você presta a ele, mas eu desafio você cara a cara com o fato de que aqui está uma

manifestação do poder mais maravilhoso que existe há vários séculos. na Índia, e é seu dever, como hindus, estudar esse poder, para descobrir o que foi feito para a regeneração, para o bem da Índia e para o bem de toda a raça humana através dele. Sim, muito antes de as ideias de religião universal e sentimento fraterno entre diferentes seitas serem debatidas e discutidas em qualquer país do mundo, aqui, à vista desta cidade, vivia um homem cuja vida inteira foi um Parlamento de Religiões como deveria ser. .

O ideal mais elevado em nossas escrituras é o impessoal, e desejaria a Deus que todos nós aqui fôssemos elevados o suficiente para realizar esse ideal impessoal; mas, como não pode ser, é absolutamente necessário que a grande maioria dos seres humanos tenha um ideal pessoal; e nenhuma nação pode ascender, pode tornar-se grande, pode trabalhar sem se colocar entusiasticamente sob a bandeira de um destes grandes ideais de vida. Ideais políticos, personagens representando ideais políticos, até mesmo ideais sociais, ideais comerciais, não teriam poder na Índia. Queremos ideais espirituais diante de nós, queremos reunir-nos com entusiasmo em torno de grandes nomes espirituais. Nossos heróis devem ser espirituais. Tal herói nos foi dado na pessoa de Ramakrishna Paramahansa. Se esta nação quiser crescer, acredite na minha palavra, terá de se unir com entusiasmo em torno deste nome. Não importa quem prega Ramakrishna Paramahansa, seja eu, você ou qualquer outra pessoa. Mas ele eu coloco diante de você, e cabe a você julgar, e para o bem de nossa raça, para o bem de nossa nação, julgar agora, o que você deve fazer com este grande ideal de vida. Uma coisa que devemos lembrar é que foi a mais pura de todas as vidas que você já viu, ou deixe-me dizer claramente, sobre a qual você já leu. E diante de você está o fato de que é a manifestação mais maravilhosa do poder da alma que você pode ler, e muito menos esperar ver. Dez anos após a sua morte, este poder circundou o globo; esse fato está diante de você. Cumprindo o dever, portanto, pelo bem de nossa raça, pelo bem de nossa religião, coloco este grande ideal espiritual diante de você. Não o julgue através de mim. Sou apenas um instrumento fraco. Não deixe seu caráter ser julgado ao meu ver. Foi tão grande que se eu ou qualquer outro de seus discípulos passássemos centenas de vidas, não poderíamos fazer justiça a uma milionésima parte do que ele realmente era. Julguem por si mesmos; no coração de seus corações está a Testemunha Eterna, e que Ele, o mesmo Ramakrishna Paramahansa, para o bem de nossa nação, para o bem-estar

de nosso país e para o bem da humanidade, abra seus corações, torne-os verdadeiros e firmes trabalhar pela imensa mudança que deve ocorrer, quer nos esforcemos ou não. Pois a obra do Senhor não espera por pessoas como você ou eu. Ele pode levantar Seus obreiros do pó às centenas e aos milhares. É uma glória e um privilégio podermos trabalhar sob Ele.

A partir disso a ideia se expande. Como você me disse, temos que conquistar o mundo. Isso nós temos que fazer! A Índia deve conquistar o mundo e nada menos que isso é o meu ideal. Pode ser muito grande, pode surpreender muitos de vocês, mas é assim. Devemos conquistar o mundo ou morrer. Não há outra alternativa. O sinal de vida é a expansão; devemos sair, expandir, mostrar vida, ou degradar, apodrecer e morrer. Não há outra alternativa. Pegue qualquer um destes, viva ou morra. Agora, todos nós sabemos sobre os ciúmes e brigas mesquinhas que temos em nosso país. Acredite na minha palavra, é o mesmo em todos os lugares. As outras nações com suas vidas políticas têm políticas externas. Quando descobrem muitas brigas em casa, procuram alguém no exterior com quem brigar, e a briga em casa cessa. Temos estas disputas sem qualquer política externa que as impeça. Esta deve ser a nossa política externa eterna, pregando as verdades dos nossos Shâstras às nações do mundo. Eu pergunto a vocês que têm mentalidade política: vocês precisam de alguma outra prova de que isso nos unirá como raça? Esta mesma assembleia é um testemunho suficiente.

Em segundo lugar, além destas considerações egoístas, existem os altruístas, os nobres, os exemplos vivos atrás de nós. Uma das grandes causas da miséria e da queda da Índia foi que ela se estreitou, mergulhou na sua concha como faz a ostra, e recusou-se a dar as suas jóias e os seus tesouros às outras raças da humanidade, recusou-se a dar as verdades vivificantes para nações sedentas fora do rebanho ariano. Essa tem sido a grande causa; que não saímos, que não comparamos notas com outras nações - essa foi a única grande causa da nossa queda, e cada um de vocês sabe que aquela pequena agitação, a pequena vida que vocês vêem na Índia, começa a partir de o dia em que Raja Rammohan Roy rompeu as paredes dessa exclusividade. Desde aquele dia, a história da Índia tomou outro rumo e agora está a crescer com um movimento acelerado. Se tivemos pequenos riachos no passado, os dilúvios estão chegando e ninguém pode resistir a eles. Portanto devemos sair, e o segredo da vida é dar e receber. Devemos

sempre sentar-nos aos pés dos ocidentais para aprender tudo, até mesmo religião? Podemos aprender o mecanismo com eles. Podemos aprender muitas outras coisas. Mas temos que lhes ensinar algo, e essa é a nossa religião, essa é a nossa espiritualidade. O mundo está à espera de uma civilização completa, à espera que os tesouros saiam da Índia, à espera da maravilhosa herança espiritual da raça, que, através de décadas de degradação e miséria, a nação ainda agarrou ao seu peito. O mundo está esperando por esse tesouro; mal vocês sabem quanta fome e sede existe fora da Índia por esses maravilhosos tesouros de nossos antepassados. Conversamos aqui, brigamos uns com os outros, rimos e ridicularizamos tudo o que é sagrado, até que se tornou quase um vício nacional ridicularizar tudo o que é sagrado. Mal entendemos a angústia de milhões de pessoas que esperam do lado de fora dos muros, estendendo as mãos para um pequeno gole daquele néctar que os nossos antepassados preservaram nesta terra da Índia. Por isso devemos sair, trocar a nossa espiritualidade por qualquer coisa que eles tenham para nos dar; pelas maravilhas da região do espírito trocaremos as maravilhas da região da matéria. Nem sempre seremos alunos, mas professores também. Não pode haver amizade sem igualdade, e não pode haver igualdade quando uma parte é sempre o professor e a outra parte está sempre aos seus pés. Se quiser tornar-se igual ao inglês ou ao americano, terá de ensinar, além de aprender, e ainda terá muito a ensinar ao mundo nos séculos vindouros. Isto tem que ser feito. Fogo e entusiasmo devem estar em nosso sangue. Nós, bengalis, recebemos o crédito pela imaginação e acredito que a temos. Fomos ridicularizados como uma raça imaginativa, como homens com muitos sentimentos. Deixe-me dizer-lhes, meus amigos, o intelecto é realmente ótimo, mas para dentro de certos limites. É através do coração, e somente do coração, que a inspiração vem. É através dos sentimentos que os segredos mais elevados são alcançados; e portanto é o bengali, o homem de sentimentos, que tem de fazer este trabalho.

उत्तिष्ठत जाग्रत प्राप्य वरान्निबोधत । - Levante-se, acorde e não pare até que o fim desejado seja alcançado. Jovens de Calcutá, levantem-se, despertem, pois o tempo é propício. Tudo já está se abrindo diante de nós. Seja ousado e não tema. É somente em nossas escrituras que este adjetivo é dado ao Senhor – Abhih, Abhih. Temos que nos tornar Abhih, destemidos, e nossa tarefa estará cumprida. Levante-se, desperte, pois seu país precisa deste tremendo sacrifício. São os jovens que farão isso. “Os jovens, os enérgicos, os fortes, os bem construídos, os intelectuais” – para eles é a tarefa. E temos centenas e milhares de jovens assim em Calcutá. Se, como você diz, eu fiz alguma coisa, lembre-se de que eu era aquele garoto imprestável que brincava nas ruas de Calcutá. Se eu fiz tanto, quanto mais você fará! Levante-se e desperte, o mundo está chamando você. Em outras partes da Índia há intelecto, há dinheiro, mas o entusiasmo só existe na minha terra natal. Isso deve sair; portanto, levantem-se, jovens de Calcutá, com entusiasmo no sangue. Não é que você seja pobre, que não tenha amigos. Quem já viu o dinheiro fazer o homem? É o homem que sempre ganha dinheiro. O mundo inteiro foi feito pela energia do homem, pelo poder do entusiasmo, pelo poder da fé.

Aqueles de vocês que estudaram o mais belo de todos os Upanishads, o Katha, lembrarão como o rei iria fazer um grande sacrifício e, em vez de doar coisas que tinham algum valor, ele estava doando vacas e cavalos que não serviram para nada, e o livro diz que naquele momento Shraddhâ entrou no coração de seu filho Nachiketâ. Eu não traduziria esta palavra Shraddha para você, seria um erro; é uma palavra maravilhosa de se entender, e muito depende dela; veremos como funciona, pois imediatamente encontraremos Nachiketa dizendo a si mesmo: "Sou superior a muitos, sou inferior a poucos, mas em nenhum lugar sou o último, também posso fazer alguma coisa." E essa ousadia aumentou, e o menino quis resolver o problema que estava na sua cabeça, o problema da morte. A solução só poderia ser encontrada indo até a casa da Morte, e o menino foi. Lá estava ele, o corajoso Nachiketa esperando na casa da Morte por três dias, e você sabe como ele conseguiu o que desejava. O que queremos é este Shraddha. Infelizmente, quase desapareceu da Índia e é por isso que nos encontramos no estado actual. O que faz a diferença entre o homem e o homem é a diferença neste Shraddha e nada mais. O que torna um homem grande e outro fraco e inferior é este Shraddha. Meu Mestre costumava dizer que

aquele que se considera fraco se tornará fraco, e isso é verdade. Este Shraddha deve entrar em você. Qualquer poder material que vocês vejam manifestado pelas raças ocidentais é o resultado deste Shraddha, porque eles acreditam em seus músculos e se vocês acreditam em seu espírito, quanto mais isso funcionará! Acredite nessa alma infinita, no poder infinito que, com consenso de opinião, seus livros e sábios pregam. Aquele Atman que nada pode destruir, nele está um poder infinito apenas esperando para ser invocado. Pois aqui está a grande diferença entre todas as outras filosofias e a filosofia indiana. Sejam dualistas, monistas qualificados ou monistas, todos eles acreditam firmemente que tudo está na própria alma; basta apenas sair e se manifestar. Portanto, este Shraddha é o que eu quero, e o que todos nós aqui queremos, esta fé em nós mesmos, e diante de você está a grande tarefa de obter essa fé. Desistam da terrível doença que se insinua no nosso sangue nacional, dessa ideia de ridicularizar tudo, dessa perda de seriedade. Desista disso. Seja forte e tenha este Shraddha, e todo o resto certamente acontecerá.

Ainda não fiz nada; você tem que fazer a tarefa. Se eu morrer amanhã o trabalho não morrerá. Acredito sinceramente que milhares de pessoas surgirão das fileiras para assumir o trabalho e levá-lo cada vez mais longe, além de toda a minha imaginação mais esperançosa já pintada. Tenho fé no meu país e especialmente na juventude do meu país. A juventude de Bengala tem a maior de todas as tarefas que já foi colocada sobre os ombros dos jovens. Tenho viajado durante os últimos dez anos por toda a Índia, e a minha convicção é que da juventude de Bengala virá o poder que elevará a Índia mais uma vez ao seu devido lugar espiritual. Sim, da juventude de Bengala, com esta imensa quantidade de sentimento e entusiasmo no sangue, virão aqueles heróis que marcharão de um canto a outro da terra, pregando e ensinando as verdades espirituais eternas de nossos antepassados. E este é o grande trabalho que está diante de você. Portanto, deixe-me concluir lembrando-lhe mais uma vez: “Levante-se, desperte e não pare até que o fim desejado seja alcançado”. Não tenha medo, pois todos os grandes poderes, ao longo da história da humanidade, estiveram com o povo. De suas fileiras surgiram todos os maiores gênios do mundo, e a história só pode se repetir. Não tenha medo de nada. Você fará um trabalho maravilhoso. No momento em que você teme, você não é ninguém. É o medo a grande causa da miséria no mundo. O medo é a maior de todas

as superstições. É o medo a causa dos nossos infortúnios, e é o destemor que traz o céu, mesmo que num momento. Portanto, “Levante-se, desperte e não pare até que a meta seja alcançada”.

Senhores, permitam-me agradecer mais uma vez por toda a gentileza que recebi de suas mãos. É meu desejo – meu desejo intenso e sincero – prestar pelo menos um serviço ao mundo e, acima de tudo, ao meu próprio país e aos meus compatriotas.

3.4.18 O VEDANTA EM TODAS AS SUAS FASES

(Entregue em Calcutá)

Lá atrás, onde nenhuma história registrada, ou melhor, nem mesmo a luz fraca da tradição, pode penetrar, a luz tem brilhado continuamente, às vezes ofuscada por circunstâncias externas, às vezes refulgente, mas imorredoura e constante, derramando seu brilho não apenas sobre a Índia, mas permeando todo o mundo do pensamento com seu poder, silencioso, imperceptível, gentil, mas onipotente, como o orvalho que cai pela manhã, invisível e despercebido, mas fazendo florescer a mais bela das rosas: este tem sido o pensamento do Upanishads, a filosofia do Vedanta. Ninguém sabe quando começou a florescer no solo da Índia. As suposições foram em vão. As suposições, especialmente dos escritores ocidentais, têm sido tão conflitantes que nenhuma data certa pode ser atribuída a elas. Mas nós, hindus, do ponto de vista espiritual, não admitimos que tenham tido qualquer origem. Este Vedanta, a filosofia dos Upanishads, ousaria afirmar, foi o primeiro e também o último pensamento no plano espiritual que já foi concedido ao homem.

Deste oceano do Vedanta, ondas de luz de tempos em tempos se dirigem para o oeste e para o leste. Antigamente, ele viajou para o Ocidente e deu impulso à mente dos gregos, seja em Atenas, ou em Alexandria, ou em Antioquia. O sistema Sâmkhya deve claramente ter deixado a sua marca nas mentes dos antigos gregos; e o Sankhya e todos os outros sistemas na Índia aclamam essa autoridade única, os Upanishads, o Vedanta. Também na Índia, apesar de todas estas seitas chocantes que vemos hoje e de todas

aquelas que existiram no passado, a única autoridade, a base de todos estes sistemas, ainda foram os Upanishads, o Vedanta. Quer você seja um dualista, ou um monista qualificado, um Advaitista, ou um Vishishtadvaitista, um Shuddhadvaitista, ou qualquer outro Advaitista, ou Dvaitista, ou como quer que você se chame, atrás de você estão como autoridade, seus Shastras, suas escrituras, o Upanishads. Qualquer sistema na Índia que não obedeça aos Upanishads não pode ser chamado de ortodoxo, e mesmo os sistemas dos Jainistas e dos Budistas foram rejeitados do solo da Índia apenas porque não eram leais aos Upanishads. Assim, o Vedanta, quer saibamos disso ou não, penetrou em todas as seitas da Índia, e o que chamamos de Hinduísmo, esta poderosa figueira com suas imensas e quase infinitas ramificações, foi totalmente interpenetrada pela influência do Vedanta. Estejamos conscientes disso ou não, pensamos no Vedanta, vivemos no Vedanta, respiramos o Vedanta e morremos no Vedanta, e todo hindu faz isso. Pregar o Vedanta na terra da Índia, e diante de um público indiano, parece, portanto, ser uma anomalia. Mas é a única coisa que deve ser pregada, e é a necessidade da época que isso deva ser pregado. Pois, como acabei de lhe dizer, todas as seitas indianas devem ser leais aos Upanishads; mas entre estas seitas há muitas contradições aparentes. Muitas vezes, os próprios grandes sábios de outrora não conseguiam compreender a harmonia subjacente dos Upanishads. Muitas vezes, até mesmo os sábios brigaram, tanto que se tornou um provérbio que não existem sábios que não sejam diferentes. Mas o tempo exige que seja dada uma melhor interpretação a esta harmonia subjacente dos textos Upanishads, sejam eles dualistas, ou não-dualistas, quase-dualistas, ou assim por diante. Isto tem de ser demonstrado ao mundo em geral, e este trabalho é necessário tanto na Índia como fora da Índia; e eu, pela graça de Deus, tive a grande sorte de sentar-me aos pés de alguém cuja vida inteira foi tal interpretação, cuja vida, mil vezes mais do que cujo ensinamento, foi um comentário vivo sobre os textos dos Upanishads, era na verdade o espírito dos Upanishads vivendo em forma humana. Talvez eu tenha conseguido um pouco dessa harmonia; Não sei se poderei expressá-lo ou não. Mas esta é minha tentativa, minha missão na vida, de mostrar que as escolas vedânticas não são contraditórias, que todas elas necessitam umas das outras, todas se cumprem, e uma, por assim dizer, é o trampolim para a outra, até que a meta, o Advaita, o Tat Tvam Asi, é alcançada. Houve um tempo na Índia em que o Karma Kânda dominava. Existem muitos grandes

ideais, sem dúvida, nessa parte dos Vedas. Parte de nossa adoração diária atual ainda está de acordo com os preceitos do Karma Kanda. Mas com tudo isso, o Karma Kanda dos Vedas quase desapareceu da Índia. Muito pouco da nossa vida hoje está vinculada e regulada pelas ordens do Karma Kanda dos Vedas. Em nossas vidas comuns somos principalmente Paurânikas ou Tântrikas, e, mesmo onde alguns textos Védicos são usados pelos Brâmanes da Índia, o ajuste dos textos não é principalmente de acordo com os Vedas, mas de acordo com os Tantras ou os Puranas. Como tal, chamar-nos Vaidikas no sentido de seguir o Karma Kanda dos Vedas, não creio, seria apropriado. Mas o outro fato é que somos todos Vedantistas. É melhor que as pessoas que se autodenominam Hindus sejam chamadas de Vedantistas e, como já lhe mostrei, sob esse nome Vaidantika aparecem todas as nossas diversas seitas, sejam dualistas ou não-dualistas.

As seitas que existem atualmente na Índia passam a ser divididas em geral nas duas grandes classes de dualistas e monistas. As pequenas diferenças nas quais algumas destas seitas insistem, e sobre cuja autoridade querem assumir novos nomes como Advaitistas puros, ou Advaitistas qualificados, e assim por diante, não importam muito. A título de classificação, ou são dualistas ou monistas, e das seitas existentes na atualidade, algumas delas são muito novas, e outras parecem ser reproduções de seitas muito antigas. Uma aula eu apresentaria pela vida e filosofia de Râmânua, e a outra por Shankarâchârya.

Ramanuja é o principal filósofo dualista da Índia posterior, a quem todas as outras seitas dualistas seguiram, direta ou indiretamente, tanto na substância dos seus ensinamentos como na organização das suas seitas, até mesmo em alguns dos pontos mais minuciosos da sua organização. Você ficará surpreso se comparar Ramanuja e seu trabalho com outras seitas dualistas Vaishnavas na Índia, para ver o quanto eles se assemelham em organização, ensino e método. Há o grande pregador do Sul, Madhva Muni, e seguindo-o, nosso grande Chaitanya de Bengala, que adotou a filosofia dos Madhvas e a pregou em Bengala. Existem algumas outras seitas também no sul da Índia, como os Shaivas dualistas qualificados. Os Shaivas na maior parte da Índia são Advaitistas, exceto em algumas partes do sul da Índia e no Ceilão. Mas eles também apenas substituem Vishnu por Shiva e são Ramanujistas em todos os sentidos do termo, exceto na doutrina da alma. Os seguidores

de Ramanuja sustentam que a alma é Anu, como uma partícula, muito pequena, e os seguidores de Shankaracharya sustentam que é Vibhu, onipresente. Houve várias seitas não dualistas. Parece que houve seitas em tempos antigos que o movimento de Shankara engoliu e assimilou inteiramente. Às vezes você encontra uma investida contra o próprio Shankara em alguns dos comentários, especialmente no de Vijnâna Bhikshu que, embora seja Advaitista, tenta perturbar o Mâyâvâda de Shankara. Parece que havia escolas que não acreditavam neste Mayavada, e chegaram ao ponto de chamar Shankara de cripto-budista, Prachchhanna Bauddha, e pensaram que este Mayavada foi tirado dos budistas e trazido para dentro do rebanho Vedanta. Seja como for, nos tempos modernos todos os Advaitistas se posicionaram sob o comando de Shankaracharya; e Shankaracharya e seus discípulos foram os grandes pregadores do Advaita tanto no sul quanto no norte da Índia. A influência de Shankaracharya não penetrou muito no nosso país de Bengala e na Caxemira e no Punjab, mas no sul da Índia os Smârtas são todos seguidores de Shankaracharya, e com Varanasi como centro, a sua influência é simplesmente imensa, mesmo em muitas partes do Norte. Índia.

Agora, tanto Shankara quanto Ramanuja deixaram de lado qualquer pretensão de originalidade. Ramanuja nos diz expressamente que está apenas seguindo o grande comentário de Bodhâyana.

भगवद्बोधायनकृतां विस्तीर्णा ब्रह्मसूत्रवृत्तिं पूर्वाचार्याः संचिक्षिपुः तन्मतानुसारेण सूत्राक्षराणि व्याख्यास्यन्ते ।

- "Os antigos professores resumiram aquele extenso comentário sobre os Brahma-sutras que foi composto pelo Bhagavân Bodhayana; de acordo com sua opinião, as palavras do Sutra são explicadas." Isso é o que Ramanuja diz no início do seu comentário, o Shri-Bhâshya. Ele pega isso e faz dele um Samkshepa, e é isso que temos hoje. Eu mesmo nunca tive a oportunidade de ver este comentário de Bodhayana. O falecido Swami Dayânanda Saraswati queria rejeitar todos os outros comentários dos Vyâsa-Sutras, exceto o de Bodhayana; e embora ele nunca tenha perdido a oportunidade de ter um caso com Ramanuja, ele próprio nunca conseguiu produzir o Bodhayana. Procurei-o por toda a Índia e nunca consegui vê-lo. Mas Ramanuja é muito claro nesse ponto e nos diz que está pegando as idéias, e às vezes as próprias passagens de Bodhayana, e as condensando no

presente Ramanuja Bhashya. Parece que Shankaracharya também estava fazendo o mesmo. Existem alguns lugares em seu Bhashya que mencionam comentários mais antigos, e quando sabemos que seu Guru e o Guru de seu Guru foram vedantistas da mesma escola que ele, às vezes até mais completos, mais ousados até do que o próprio Shankara em certos pontos, parece bastante claro que ele também não estava pregando nada muito original, e que mesmo em seu Bhashya ele próprio estava fazendo o mesmo trabalho que Ramanuja fez com Bodhayana, mas pelo que Bhashya, não pode ser descoberto no momento.

Todos esses Darshanas que você já viu ou ouviu falar são baseados na autoridade Upanishadica. Sempre que querem citar um Shruti, eles se referem aos Upanishads. Eles estão sempre citando os Upanishads. Seguindo os Upanishads surgiram outras filosofias da Índia, mas cada uma delas falhou em obter o controle sobre a Índia que a filosofia de Vyasa obteve, embora a filosofia de Vyasa seja um desenvolvimento de uma mais antiga, o Sankhya, e toda filosofia e todos os sistemas na Índia – quero dizer, em todo o mundo – devem muito a Kapila, talvez o maior nome da história da Índia em termos psicológicos e filosóficos. A influência de Kapila é vista em todo o mundo. Onde quer que exista um sistema de pensamento reconhecido, aí você poderá rastrear sua influência; mesmo que tenha sido há milhares de anos, ainda assim ele está ali, o brilhante, glorioso e maravilhoso Kapila. Sua psicologia e grande parte de sua filosofia foram aceitas por todas as seitas da Índia, com muito poucas diferenças. No nosso próprio país, os nossos filósofos Naiyâyika não conseguiram causar muita impressão no mundo filosófico da Índia. Eles estavam muito ocupados com pequenas coisas como espécies e gêneros, e assim por diante, e com aquela terminologia muito complicada, cujo estudo é o trabalho de uma vida inteira. Como tal, eles estavam muito ocupados com a lógica e deixaram a filosofia para os Vedantistas, mas cada uma das seitas filosóficas indianas nos tempos modernos adotou a terminologia lógica dos Naiyayikas de Bengala. Jagadisha, Gadadhara e Shiromani são tão conhecidos em Nadia quanto em algumas cidades de Malabar. Mas a filosofia de Vyasa, os Vyasa-Sutras, está firmemente estabelecida e alcançou a permanência daquilo que pretendia apresentar aos homens, o Brahman do lado Vedântico da filosofia. A razão estava inteiramente subordinada aos Shrutis e, como declara Shankaracharya, Vyasa não se importava em raciocinar. Sua ideia ao

escrever os Sutas foi apenas reunir e com um fio fazer uma guirlanda de flores dos textos Vedanta. Seus Sutas são admitidos na medida em que estão subordinados à autoridade dos Upanishads, e nada mais.

E, como eu disse, todas as seitas da Índia agora consideram estes Vyasa-Sutas como a grande autoridade, e cada nova seita na Índia começa com um novo comentário sobre os Vyasa-Sutas de acordo com a sua luz. A diferença entre alguns destes comentadores é por vezes muito grande, por vezes a tortura do texto é bastante repugnante. Os Vyasa-Sutas conquistaram o lugar de autoridade, e ninguém pode esperar fundar uma seita na Índia até que possa escrever um novo comentário sobre os Vyasa-Sutas.

O próximo em autoridade é o célebre Gita. A grande glória de Shankaracharya foi sua pregação do Gita. É uma das maiores obras que este grande homem realizou entre as muitas nobres obras de sua nobre vida – a pregação do Gita e a escrita dos mais belos comentários sobre ele. E ele foi seguido por todos os fundadores das seitas ortodoxas na Índia, cada um dos quais escreveu um comentário sobre o Gita.

Os Upanishads são muitos, e diz-se que são cento e oito, mas alguns declaram que são ainda maiores em número. Alguns deles são evidentemente de uma data muito posterior, como por exemplo, o Allopanishad em que Allah é louvado e Maomé é chamado de Rajasulla. Disseram-me que isto foi escrito durante o reinado de Akbar para unir os hindus e os maometanos, e às vezes eles conseguiam alguma palavra, como Allah, ou Illa nos Samhitâs, e faziam um Upanishad sobre ela. Portanto, neste Allopanishad, Maomé é o Rajasulla, seja lá o que isso signifique. Existem outros Upanishads sectários da mesma espécie, que vocês consideram inteiramente modernos, e tem sido tão fácil escrevê-los, visto que esta linguagem da porção Samhitâ dos Vedas é tão arcaica que não há gramática nela. Anos atrás tive a ideia de estudar a gramática dos Vedas e comecei com todo o empenho a estudar Panini e o Mahâbhâshya, mas para minha surpresa descobri que a melhor parte da gramática védica consiste apenas em exceções às regras. Uma regra é feita, e depois disso vem uma declaração no sentido de: “Esta regra será uma exceção”. Então você vê quanta liberdade existe para qualquer um escrever qualquer coisa, sendo a

única salvaguarda o dicionário de Yâska. Ainda assim, aqui você encontrará, em sua maioria, um grande número de sinônimos. Considerando tudo isso, como é fácil escrever quantos Upanishads você quiser. Basta ter um pouco de conhecimento de sânscrito, o suficiente para fazer as palavras parecerem com as antigas palavras arcaicas, e você não terá medo da gramática. Então você traz Rajasulla ou qualquer outro Sula que você quiser. Dessa forma, muitos Upanishads foram fabricados, e me disseram que isso está sendo feito até agora. Em algumas partes da Índia, tenho plena certeza, eles estão tentando fabricar tais Upanishads entre as diferentes seitas. Mas entre os Upanishads há aqueles que, à primeira vista, trazem a evidência de genuinidade, e estes foram retomados e comentados pelos grandes comentaristas, especialmente por Shankara, seguido por Ramanuja e todos os demais.

Há mais uma ou duas idéias com relação aos Upanishads que quero trazer ao seu conhecimento, pois são um oceano de conhecimento, e falar sobre os Upanishads, mesmo para uma pessoa incompetente como eu, leva anos e nem uma palestra. apenas. Quero, portanto, chamar a sua atenção para um ou dois pontos do estudo dos Upanishads. Em primeiro lugar, são os poemas mais maravilhosos do mundo. Se você ler a porção Samhita dos Vedas, encontrará de vez em quando passagens da mais maravilhosa beleza. Por exemplo, o famoso Shloka que descreve o Caos — तम आसीत् तमसा गूढमग्रे etc. — "Quando a escuridão estava escondida na escuridão", e assim por diante. Lê-se e sente-se a maravilhosa sublimidade da poesia. Você percebe que fora da Índia, e também dentro dela, tem havido tentativas de pintar o sublime. Mas lá fora sempre foi o infinito nos músculos, o mundo externo, o infinito da matéria, ou do espaço. Quando Milton ou Dante, ou qualquer outro grande poeta europeu, antigo ou moderno, quer pintar um quadro do infinito, ele tenta voar para fora, para fazer você sentir o infinito através dos músculos. Essa tentativa também foi feita aqui. Você o encontra nos Samhitas, a extensão infinita maravilhosamente pintada e colocada diante dos leitores, como não foi feito em nenhum outro lugar. Marque aquela frase - तम आसीत् तमसा गूढम् , - e agora marque a descrição da escuridão por três poetas. Tomemos como exemplo a nossa própria Kâlidâsa – “Escuridão que pode ser penetrada com a ponta de uma agulha”; depois Milton – “Nenhuma luz, mas sim escuridão visível”; mas vamos agora ao Upanishad: “A escuridão estava cobrindo a escuridão”, “A escuridão estava escondida

na escuridão”. Nós que vivemos nos trópicos podemos entender isso, a repentina explosão das monções, quando em um momento o horizonte escurece e as nuvens ficam cobertas por mais nuvens negras ondulantes. Assim por diante, o poema continua; mas ainda assim, na porção Samhita, todas essas tentativas são externas. Como em qualquer outro lugar, as tentativas de encontrar a solução para os grandes problemas da vida passaram pelo mundo externo. Tal como a mente grega ou a mente europeia moderna querem encontrar a solução da vida e de todos os problemas sagrados do Ser através da investigação do mundo externo. o mesmo aconteceu com os nossos antepassados, e tal como os europeus falharam, eles também falharam. Mas o povo ocidental nunca mais se moveu, ali permaneceu, fracassou na busca da solução dos grandes problemas de vida e morte no mundo externo, e ali permaneceu, encalhado; nossos antepassados também acharam isso impossível, mas foram mais ousados ao declarar a total impotência dos sentidos para encontrar a solução. Em nenhum outro lugar a resposta foi melhor colocada do que no Upanishad:

यतो वाचो निवर्तन्ते अप्राप्य मनसा सह ।

— “De onde as palavras voltam refletidas, junto com a mente”;

न तत्र चक्षुर्गच्छति न वाग्गच्छति ।

- “Lá o olho não pode ir, nem a fala pode alcançar”. Existem várias frases que declaram o total desamparo dos sentidos, mas não pararam aí; recorreram à natureza interna do homem, foram buscar a resposta em sua própria alma, tornaram-se introspectivos; eles desistiram da natureza externa como um fracasso, pois nada poderia ser feito ali, pois nenhuma esperança, nenhuma resposta poderia ser encontrada; eles descobriram que a matéria opaca e morta não lhes daria a verdade, e recorreram à alma brilhante do homem, e ali a resposta foi encontrada.

तमेवैकं जान्य आत्मानम् अन्या वाचो विमुञ्चथ । - "Conheça apenas este Atman", declararam eles, "desista de todas as outras palavras vãs e não ouça outras." No Atman eles encontraram a solução – o maior de todos os Atmans, o Deus, o Senhor deste universo, Sua relação com o Atman do homem, nosso dever para com Ele e, através disso, nossa relação uns com os outros. E aqui você encontra a poesia mais sublime do mundo. Não mais se tenta pintar este Atman na linguagem da matéria. Não, por isso eles abandonaram até mesmo toda linguagem positiva. Não há mais qualquer tentativa de chegar aos sentidos para dar-lhes a idéia do infinito, não há mais um infinito externo, monótono, morto, material, espaçoso, sensual, mas em vez disso surge algo que é tão fino quanto até aquilo mencionado no ditado -

न तत्र सूर्यो भाति न चन्द्रतारकं नेमा विद्युतो भान्ति कुतोऽयमग्निः ।
तमेव भान्तमनुभाति सर्वं तस्य भासा सर्वमिदं विभाति ॥

Que poesia no mundo pode ser mais sublime que esta! "Lá o sol não pode iluminar, nem a lua, nem as estrelas, lá este relâmpago não pode iluminar; o que dizer deste fogo mortal!" Essa poesia você não encontra em nenhum outro lugar. Veja esse maravilhoso Upanishad, o Katha. Que final maravilhoso, que arte maravilhosa exibida naquele poema! Quão maravilhosamente começa com aquele garotinho a quem Shraddhâ veio, que queria ver Yama, e como o mais maravilhoso de todos os professores, a própria Morte, lhe ensina as grandes lições da vida e da morte! E qual foi a sua missão? Para conhecer o segredo da morte.

O segundo ponto que quero que você lembre é o caráter perfeitamente impessoal dos Upanishads. Embora encontremos muitos nomes, e muitos oradores, e muitos professores nos Upanishads, nenhum deles permanece como uma autoridade dos Upanishads, nem um único verso é baseado na vida de qualquer um deles. Estas são simplesmente figuras como sombras movendo-se no fundo, não sentidas, invisíveis, não realizadas, mas a verdadeira força está nos textos maravilhosos, brilhantes e refulgentes dos Upanishads, perfeitamente impessoais. Se vinte Yâjnavalkyas vieram, viveram e morreram, isso não importa; os textos estão lá. E ainda assim não é contra nenhuma personalidade; é amplo e expansivo o suficiente para abranger todas as personalidades que o mundo já produziu e todas as que ainda estão por vir. Não tem nada a dizer contra a adoração de pessoas, ou Avataras, ou sábios. Por outro lado, está sempre defendendo-o. Ao mesmo

tempo, é perfeitamente impessoal. É uma ideia maravilhosa, como o Deus que prega, a ideia impessoal dos Upanishads. Para o sábio, o pensador, o filósofo, para o racionalista, é tão impessoal quanto qualquer cientista moderno pode desejar. E estas são as nossas escrituras. Você deve se lembrar que o que a Bíblia é para os cristãos, o que o Alcorão é para os muçulmanos, o que o Tripitaka é para os budistas, o que o Zend Avesta é para os parses, esses Upanishads são para nós. Estas e nada além destas são as nossas escrituras. Os Purânas, os Tantras e todos os outros livros, até mesmo os Vyasa-Sutras, são de autoridade secundária, terciária, mas os primários são os Vedas. Manu, e os Puranas, e todos os outros livros devem ser levados na medida em que concordam com a autoridade dos Upanishads, e quando discordam devem ser rejeitados sem piedade. Devemos sempre lembrar disso, mas, infelizmente para a Índia, atualmente nos esquecemos disso. Um pequeno costume de aldeia parece agora ser a autoridade real e não o ensinamento dos Upanishads. Uma ideia mesquinha corrente numa aldeia à beira da estrada em Bengala parece ter a autoridade dos Vedas, e até algo melhor. E essa palavra “ortodoxo”, que influência maravilhosa! Para o aldeão, seguir cada pedacinho do Karma Kanda é o cúmulo da "ortodoxia", e aquele que não o faz ouve: "Vá embora, você não é mais hindu." Portanto, há, infelizmente na minha terra natal, pessoas que adotarão um desses Tantras e dirão que a prática deste Tantra deve ser obedecida; quem não o faz não é mais ortodoxo nas suas opiniões. Portanto, é melhor lembrarmos que nos Upanishads é a autoridade primária, até mesmo os Sutras Grihya e Shrauta estão subordinados à autoridade dos Vedas. São as palavras dos Rishis, nossos antepassados, e você tem que acreditar nelas se quiser se tornar um hindu. Você pode até acreditar nas ideias mais peculiares sobre a Divindade, mas se negar a autoridade dos Vedas, você é um Nâstika. É aí que reside a diferença entre as escrituras dos cristãos ou dos budistas e as nossas; todos eles são Puranas, e não escrituras, porque descrevem a história do dilúvio e a história dos reis e das famílias reinantes, e registram a vida de grandes homens, e assim por diante. Este é o trabalho dos Puranas e, na medida em que concordam com os Vedas, são bons. Na medida em que a Bíblia e as escrituras de outras nações concordam com os Vedas, elas são perfeitamente boas, mas quando não concordam, não devem mais ser aceitas. O mesmo ocorre com o Alcorão. Há muitos ensinamentos morais neles e, na medida em que concordam com os Vedas, têm a autoridade dos Puranas, mas nada mais. A

ideia é que os Vedas nunca foram escritos; a ideia é que eles nunca existiram. Certa vez, um missionário cristão me disse que suas escrituras têm um caráter histórico e, portanto, são verdadeiras, ao que respondi: "As minhas não têm caráter histórico e, portanto, são verdadeiras; sendo as suas históricas, elas foram evidentemente feitas por algum homem, o outro dia. Os seus são feitos pelo homem e os meus não; Tal é a relação dos Vedas com todas as outras escrituras atualmente.

Chegamos agora aos ensinamentos dos Upanishads. Vários textos estão lá. Alguns são perfeitamente dualistas, enquanto outros são monistas. Mas existem certas doutrinas que são aceitas por todas as diferentes seitas da Índia. Primeiro, existe a doutrina do Samsâra ou reencarnação da alma. Em segundo lugar, todos concordam na sua psicologia; primeiro há o corpo, por trás disso, o que eles chamam de Sukshma Sharira, a mente, e até mesmo por trás disso, está o Jiva. Essa é a grande diferença entre a psicologia ocidental e a indiana; na psicologia ocidental a mente é a alma, aqui não é. O Antahkarana, o instrumento interno, como é chamada a mente, é apenas um instrumento nas mãos daquele Jiva, através do qual o Jiva atua no corpo ou no mundo externo. Aqui todos concordam, e todos também concordam que este Jiva ou Atman, Jivatman como é chamado por várias seitas, é eterno, sem começo; e que vai de nascimento em nascimento, até obter uma liberação final. Todos concordam nisso, e também todos concordam num outro ponto muito vital, que por si só marca caracteristicamente, de forma mais proeminente, mais vital, a diferença entre a mente indiana e a ocidental, e é isto, que tudo está na alma . Não há inspiração, mas propriamente dito, expiração. Todos os poderes e toda pureza e toda grandeza – tudo está na alma. O Yogue lhe diria que os Siddhis – Animâ, Laghimâ, e assim por diante – que ele deseja alcançar não devem ser alcançados, no sentido próprio da palavra, mas já estão na alma; o trabalho é torná-los manifestos. Patanjali, por exemplo, diria que mesmo no verme mais inferior que rasteja sob seus pés, todos os poderes óctuplos do Yogue já existem. A diferença foi feita pelo corpo. Assim que conseguir um corpo melhor, os poderes se manifestarão, mas eles estão lá.

निमित्तप्रयोजकं प्रकृतीनां वरणमेदस्तु ततः क्षेत्रिकवत् ।

— “Boas e más ações não são as causas diretas das transformações da natureza, mas atuam como rompedores de obstáculos às evoluções da natureza: como um agricultor rompe os obstáculos ao curso da água, que então escorre por sua própria natureza .” Aqui Patanjali dá o célebre exemplo do cultivador trazendo água para seu campo a partir de um enorme tanque em algum lugar. O tanque já está cheio e a água inundaria seu terreno em um momento, só que há um muro de barro entre o tanque e seu campo. Assim que a barreira é quebrada, a água sai correndo com seu próprio poder e força. Esta massa de poder, pureza e perfeição já está na alma. A única diferença é o Âvarana – este véu – que foi lançado sobre ele. Uma vez removido o véu, a alma alcança a pureza e seus poderes se manifestam. Esta, você deve lembrar, é a grande diferença entre o pensamento oriental e o ocidental. Conseqüentemente, você encontra pessoas ensinando doutrinas tão terríveis como a de que todos nascemos pecadores, e porque não acreditamos nessas doutrinas terríveis, todos nascemos maus. Eles nunca param para pensar que se formos maus por natureza, nunca poderemos ser bons - pois como pode a natureza mudar? Se muda, contradiz-se; não é a natureza. Deveríamos nos lembrar disso. Aqui o dualista, o advaitista e todos os outros na Índia concordam.

O próximo ponto, no qual todas as seitas da Índia acreditam, é Deus. É claro que as suas ideias sobre Deus serão diferentes. Os dualistas acreditam num Deus Pessoal, e apenas pessoal. Quero que você entenda um pouco mais essa palavra pessoal. Esta palavra pessoal não significa que Deus tenha um corpo, sente-se num trono em algum lugar e governe este mundo, mas significa Saguna, com qualidades. Existem muitas descrições do Deus Pessoal. Este Deus Pessoal como o Governante, o Criador, o Preservador e o Destruidor deste universo é acreditado por todas as seitas. Os Advaitistas acreditam em algo mais. Eles acreditam numa fase ainda mais elevada deste Deus Pessoal, que é pessoal-impessoal. Nenhum adjetivo pode ilustrar onde não há qualificação, e o Advaitista não lhe daria quaisquer qualidades exceto as três – Sat-Chit-Ananda, Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta. Foi isso que Shankara fez. Mas nos próprios Upanishads você descobre que eles vão ainda mais longe e dizem que nada pode ser predicado disso, exceto Neti, Neti, “Isso não, isso não”.

Aqui todas as diferentes seitas da Índia concordam. Mas assumindo o lado dualista, como já disse, considerarei Ramanuja como o típico dualista da Índia, o grande representante moderno do sistema dualista. É uma pena que o nosso povo em Bengala saiba tão pouco sobre os grandes líderes religiosos da Índia, que nasceram noutras partes do país; e por falar nisso, durante todo o período muçulmano, com exceção do nosso Chaitanya, todos os grandes líderes religiosos nasceram no sul da Índia, e é o intelecto do sul da Índia que realmente governa a Índia agora; pois até mesmo Chaitanya pertencia a uma dessas seitas, uma seita dos Madhvas. De acordo com Ramanuja, essas três entidades são eternas – Deus, e alma, e natureza. As almas são eternas e permanecerão existindo eternamente, individualizadas por toda a eternidade, e manterão sua individualidade o tempo todo. Sua alma será diferente da minha alma por toda a eternidade, diz Ramanuja, e assim esta natureza – que é um fato existente, tanto um fato quanto a existência da alma ou a existência de Deus – permanecerá sempre diferente. E Deus é interpenetrante, a essência da alma, Ele é o Antaryâmin. Neste sentido, Ramanuja às vezes pensa que Deus é um com a alma, a essência da alma, e essas almas - no momento do Pralaya, quando toda a natureza se torna o que ele chama de Sankuchita, contraída - tornam-se contraídas e diminutas e permanecem assim. por um tempo. E no início do próximo ciclo todos eles saem, de acordo com o seu Karma passado, e sofrem o efeito desse Karma. Toda ação que faz com que a pureza e a perfeição inatas naturais da alma se contraíam é uma ação má, e toda ação que a faz sair e se expandir é uma ação boa, diz Ramanuja. Tudo o que ajuda a tornar o Vikâsha da alma é bom, e tudo o que o torna Sankuchita é mau. E assim a alma prossegue, expandindo-se ou contraindo-se em suas ações, até que através da graça de Deus venha a salvação. E essa graça chega a todas as almas, diz Ramanuja, que são puras e lutam por essa graça.

Há um verso célebre nos Shrutis,

आहारशुद्धौ सत्त्वशुद्धिः सत्त्वशुद्धौ ध्रुवास्मृतिः

"Quando a comida é pura, então o Sattva se torna puro; quando o Sattva é puro, então o Smriti" - a memória do Senhor, ou a memória de nossa própria perfeição - se você for um Advaitista - "torna-se mais verdadeiro, mais estável, e absoluto". Aqui está uma ótima discussão. Em primeiro

lugar, o que é este Sattva? Sabemos que, de acordo com o Sankhya – e isso tem sido admitido por todas as nossas seitas de filosofia – o corpo é composto de três tipos de materiais – não de qualidades. A ideia geral é que Sattva, Rajas e Tamas são qualidades. De forma alguma, não são qualidades, mas os materiais deste universo, e com Âhâra-shuddhi, quando a comida é pura, o material Sattva torna-se puro. O único tema do Vedanta é obter este Sattva. Como já lhe disse, a alma já é pura e perfeita e está, de acordo com o Vedanta, coberta por partículas de Rajas e Tamas. As partículas Sattva são as mais luminosas, e a refulgência da alma penetra através delas tão facilmente quanto a luz através do vidro. Portanto, se as partículas Rajas e Tamas forem embora e deixarem as partículas Sattva, neste estado o poder e a pureza da alma aparecerão e deixarão a alma mais manifesta.

Portanto é necessário ter este Sattva. E o texto diz: “Quando Ahara se tornar puro”. Ramanuja entende a palavra Ahara como significando comida e fez dela um dos pontos decisivos de sua filosofia. Não só isso, mas também afectou toda a Índia e todas as diferentes seitas. Portanto é necessário que compreendamos o que isso significa, pois esse, segundo Ramanuja, é um dos principais fatores da nossa vida, Ahara-shuddhi. O que torna os alimentos impuros? pergunta Ramanuja. Três tipos de defeitos tornam o alimento impuro – primeiro, Jâti-dosha, o defeito na própria natureza da classe à qual o alimento pertence, como o cheiro da cebola, do alho e similares. O próximo é Âshraya-dosha, o defeito da pessoa de quem vem o alimento; a comida vinda de uma pessoa má o tornará impuro. Eu mesmo vi muitos grandes sábios na Índia seguindo estritamente esse conselho durante toda a vida. É claro que eles tinham o poder de saber quem trazia a comida, e até mesmo quem tocou na comida, e eu vi isso na minha vida, não uma, mas centenas de vezes. Então Nimitta-dosha, o defeito de coisas impuras ou influências que entram em contato com os alimentos é outro. É melhor cuidarmos disso um pouco mais agora. Tornou-se muito comum na Índia comer alimentos com sujeira, poeira e pedaços de cabelo. Se for ingerido alimento do qual esses três defeitos foram removidos, isso formará Sattva-shuddhi, purificará o Sattva. A religião parece ser uma tarefa muito fácil então. Então, todos poderão ter religião se ela vier comendo apenas alimentos puros. Não há ninguém tão fraco ou incompetente neste mundo, que eu saiba, que não possa salvar-se desses defeitos. Depois vem

Shankaracharya, que diz que esta palavra Ahara significa pensamento recolhido na mente; quando isso se torna puro, o Sattva se torna puro, e não antes disso. Você pode comer o que quiser. Se a comida por si só purificasse o Sattva, então alimente o macaco com leite e arroz durante toda a vida; ele se tornaria um grande Yogi? Então as vacas e os cervos seriam grandes Yogis. Como foi dito: “Se é tomando muito banho que se chega ao céu, os peixes chegarão primeiro ao céu. Se comendo vegetais um homem chega ao céu, as vacas e os veados chegarão primeiro ao céu”.

mas qual é a solução? Ambos são necessários. É claro que a ideia que Shankaracharya nos dá de Ahara é a ideia principal. Mas a comida pura, sem dúvida, ajuda o pensamento puro; tem uma ligação íntima; ambos deveriam estar lá. Mas o defeito é que na Índia moderna esquecemos o conselho de Shankaracharya e adotamos apenas o significado de “alimento puro”. É por isso que as pessoas ficam bravas comigo quando digo que a religião entrou na cozinha; e se você estivesse em Madras comigo, você teria concordado comigo. Os bengalis são melhores que isso. Em Madras, jogam fora comida se alguém olhar para ela. E com tudo isto, não vejo que as pessoas lá estejam melhor. Se apenas comer este e aquele tipo de comida e salvá-la da aparência desta e daquela pessoa lhes desse a perfeição, você esperaria que todos fossem homens perfeitos, o que não são.

Assim, embora estes devam ser combinados e ligados entre si para formar um todo perfeito, não coloque a carroça na frente dos bois. Há um clamor hoje em dia sobre esta e aquela comida e sobre Varnâshrama, e os bengalis são os mais vociferantes nestes clamores. Eu perguntaria a cada um de vocês: o que vocês sabem sobre este Varnashrama? Onde estão as quatro castas hoje neste país? Responda-me; Não vejo as quatro castas. Assim como diz nosso provérbio bengali, “Uma dor de cabeça sem cabeça”, então você quer fazer este Varnashrama aqui. Não existem quatro castas aqui. Vejo apenas o Brâmane e o Shudra. Se existem os Kshatriyas e os Vaishyas, onde estão eles e por que vocês, brâmanes, não lhes ordenam que tomem o Yajnopavita e estudem os Vedas, como todo hindu deveria fazer? E se os Vaishyas e os Kshatriyas não existem, mas apenas os Brâmanes e os Shudras, os Shastras dizem que o Brâmane não deve viver num país onde só existem Shudras; então saia mala e bagagem! Você sabe o que os Shastras dizem sobre as pessoas que comem comida Mlechchha e vivem

sob um governo dos Mlechchhas, como você tem feito nos últimos mil anos? Você conhece a penitência para isso? A penitência seria queimar-se com as próprias mãos. Querem passar por professores e andar como hipocrisias? Se você acredita em seus Shastras, queime-se primeiro, como fez aquele grande brâmane que foi com Alexandre, o Grande, e se queimou porque pensou ter comido a comida de um Mlechchha. Faça assim e verá que toda a nação estará aos seus pés. Você não acredita nos seus próprios Shastras e ainda assim quer fazer com que os outros acreditem neles. Se você acha que não é capaz de fazer isso nesta era, admita sua fraqueza e desculpe a fraqueza dos outros, aceite as outras castas, dê-lhes uma mão amiga, deixe-os estudar os Vedas e se tornarem arianos tão bons quanto qualquer outro. Arianos no mundo, e sejam vocês também arianos, vocês brâmanes de Bengala.

Desistam deste Vâmâchâra imundo que está matando o seu país. Você não viu as outras partes da Índia. Quando vejo o quanto o Vamachara entrou na nossa sociedade, considero-o um lugar muito vergonhoso, com toda a sua ostentação de cultura. Estas seitas Vamachara estão a explorar a nossa sociedade em Bengala. Aqueles que saem durante o dia e pregam mais alto sobre Âchâra, são eles que praticam a horrível devassidão à noite e são apoiados pelos livros mais terríveis. Eles são ordenados pelos livros para fazer essas coisas. Vocês que são de Bengala sabem disso. Os Shastras bengalis são os Vamachara Tantras. Eles são publicados aos montes, e vocês envenenam as mentes de seus filhos com eles, em vez de ensinar-lhes seus Shrutis. Pais de Calcutá, vocês não se sentem envergonhados de que coisas tão horríveis como esses Vamachara Tantras, com traduções também, sejam colocadas nas mãos de seus meninos e meninas, e suas mentes envenenadas, e que eles sejam educados com a ideia de que estes são os Shastras dos Hindus? Se você tem vergonha, tire-os de seus filhos e deixe-os ler os verdadeiros Shastras, os Vedas, o Gita, os Upanishads.

De acordo com as seitas dualistas da Índia, as almas individuais permanecem como indivíduos por toda parte, e Deus cria o universo a partir de material pré-existente apenas como causa eficiente. De acordo com os Advaitistas, por outro lado, Deus é tanto a causa material quanto a causa eficiente do universo. Ele não é apenas o Criador do universo, mas o cria a partir de Si mesmo. Essa é a posição Advaitista. Existem seitas dualistas

grosseiras que acreditam que este mundo foi criado por Deus a partir de Si mesmo e, ao mesmo tempo, Deus está eternamente separado do universo e tudo está eternamente subordinado ao Governante do universo. Existem também seitas que também acreditam que Deus desenvolveu este universo a partir de Si mesmo, e os indivíduos, a longo prazo, alcançam o Nirvâna para abandonar o finito e tornar-se o Infinito. Mas essas seitas desapareceram. A única seita de Advaitistas que você vê na Índia moderna é composta pelos seguidores de Shankara. De acordo com Shankara, Deus é a causa material e eficiente através de Mâyâ, mas não na realidade. Deus não se tornou este universo; mas o universo não existe, e Deus existe. Este é um dos pontos mais elevados para se compreender o Advaita Vedanta, esta ideia de Maya. Receio não ter tempo para discutir este ponto mais difícil da nossa filosofia. Aqueles de vocês que estão familiarizados com a filosofia ocidental encontrarão algo muito semelhante em Kant. Mas devo adverti-los, aqueles de vocês que estudaram os escritos do Professor Max Müller sobre Kant, que há uma ideia muito enganosa. Foi Shankara quem primeiro descobriu a ideia da identidade de tempo, espaço e causalidade com Maya, e tive a sorte de encontrar uma ou duas passagens nos comentários de Shankara e enviá-las ao meu amigo, o Professor. Então até essa ideia estava aqui na Índia. Agora, esta é uma teoria peculiar – esta teoria maia dos Advaita Vedantistas. O Brahman é tudo o que existe, mas a diferenciação foi causada por este Maya. A unidade, o único Brahman, é o último, o objetivo, e aqui há novamente uma eterna dissensão entre o pensamento indiano e o ocidental. A Índia lançou este desafio ao mundo durante milhares de anos, e o desafio foi assumido por diferentes nações, e o resultado é que todos sucumbiram e vocês sobreviveram. Este é o desafio de que este mundo é uma ilusão, que é tudo Maya, que quer você coma do chão com os dedos ou jante em pratos de ouro, quer você viva em palácios e seja um dos monarcas mais poderosos ou o mais pobre de todos. mendigos, a morte é o único resultado; é tudo igual, tudo Maya. Esse é o velho tema indiano, e repetidamente surgem nações que tentam desdizê-lo, refutá-lo; tornando-se grandes, tendo o prazer como sua palavra de ordem, o poder em suas mãos, eles usam esse poder ao máximo, desfrutam ao máximo e no momento seguinte morrem. Permanecemos para sempre porque vemos que tudo é Maya. Os filhos de Maya vivem para sempre, mas os filhos do prazer morrem.

Aqui novamente há outra grande diferença. Assim como encontramos as tentativas de Hegel e Schopenhauer na filosofia alemã, também encontramos as mesmas ideias apresentadas na Índia antiga. Felizmente para nós, o hegelianismo foi cortado pela raiz e não foi permitido que brotasse e lançasse os seus rebentos nefastos sobre esta nossa pátria mãe. A única ideia de Hegel é que o um, o absoluto, é apenas caos, e que a forma individualizada é a maior. O mundo é maior que o não-mundo, o Samsâra é maior que a salvação. Essa é a única ideia, e quanto mais você mergulha neste Samsara, mais sua alma fica coberta com o funcionamento da vida, melhor você é. Eles dizem, você não vê como construímos casas, limpamos as ruas, desfrutamos dos sentidos? Sim, por trás disso eles podem esconder rancor, miséria, horror – por trás de cada pedacinho desse prazer.

Por outro lado, nossos filósofos declararam desde o início que toda manifestação, o que vocês chamam de evolução, é vã, uma tentativa vã do não manifestado de se manifestar. Sim, você é a poderosa causa deste universo, tentando se refletir em pequenas poças de lama! Mas depois de tentar por um tempo, você descobre que foi tudo em vão e bate em retirada para o lugar de onde veio. Isto é Vairâgya, ou renúncia, e o início da religião. Como pode a religião ou a moralidade começar sem a própria renúncia? O Alfa e o Ômega são a renúncia. “Desista”, diz o Veda, “desista”. Essa é a única maneira: “Desistir”.

न प्रजया धनेन त्यागेनैकेऽमृतत्वमानशुः

– “Nem através da riqueza, nem através da progênie, mas desistindo sozinho, a imortalidade será alcançada.” Esse é o ditado dos livros indianos. É claro que tem havido grandes desistências do mundo, até mesmo sentados em tronos. Mas até o próprio (Rei) Janaka teve que renunciar; quem foi maior renunciante do que ele? Mas nos tempos modernos todos queremos ser chamados de Janakas! Eles são todos Janakas (lit. pais) de crianças – crianças despidas, mal alimentadas e miseráveis. A palavra Janaka só pode ser aplicada a eles nesse sentido; eles não têm nenhum dos pensamentos brilhantes e divinos que o velho Janaka tinha. Estes são os nossos Janakas modernos! Um pouco menos desse Janakismo agora, e vá direto ao ponto! Se você puder desistir, você terá religião. Se não puder, você pode ler todos os livros que existem no mundo, do Oriente ao Ocidente, engolir todas as bibliotecas e se tornar o maior dos Pandits, mas se você tiver apenas Karma Kanda, você não será nada; não há espiritualidade. Somente através da renúncia esta imortalidade será alcançada. É o poder, o grande poder, que nem sequer se importa com o universo; então é isso ब्रह्माण्डम् गोप्यतायते ।

"Todo o universo se torna como um buraco feito por um pé de vaca."

Renúncia, essa é a bandeira, a bandeira da Índia, flutuando sobre o mundo, o único pensamento imorredouro que a Índia envia repetidas vezes como um aviso às raças moribundas, como um aviso a toda a tirania, como um aviso à maldade no mundo. Sim, hindus, não deixem de segurar essa bandeira. Segure-o no alto. Mesmo que você seja fraco e não possa renunciar, não rebaixe o ideal. Diga: “Sou fraco e não posso renunciar ao mundo”, mas não tente ser hipócrita, torturando textos, apresentando argumentos capciosos e tentando jogar poeira nos olhos de pessoas que são ignorantes. Não faça isso, mas reconheça que você é fraco. Pois a ideia é ótima, a da renúncia. O que importa se milhões fracassarem na tentativa, se dez soldados ou mesmo dois regressarem vitoriosos! Abençoados sejam os milhões de mortos! O sangue deles comprou a vitória. Esta renúncia é o ideal em todas as diferentes seitas védicas, exceto uma, e essa é a seita Vallabhâchârya na Presidência de Bombaim, e a maioria de vocês está ciente do que acontece onde a renúncia não existe. Queremos ortodoxia – mesmo os horivelmente ortodoxos, mesmo aqueles que se sufocam com cinzas, mesmo aqueles que ficam com as mãos levantadas. Sim, nós os queremos, por mais antinaturais que sejam, por defenderem a ideia de

desistir e agirem como um aviso à corrida contra sucumbir aos luxos efeminados que estão se insinuando na Índia, corroendo nossos órgãos vitais e tendendo a fazer toda a raça é uma raça de hipócritas. Queremos ter um pouco de ascetismo. A renúncia conquistou a Índia em tempos passados, ela ainda precisa conquistar a Índia. Ainda assim, permanece como o maior e mais elevado dos ideais indianos – esta renúncia. A terra de Buda, a terra de Ramanuja, de Ramakrishna Paramahansa, a terra da renúncia, a terra onde, desde os tempos antigos, o Karma Kanda foi pregado contra, e ainda hoje existem centenas que desistiram de tudo e se tornaram Jivanmuktas - sim, essa terra desistirá de seus ideais? Certamente não. Pode haver pessoas cujos cérebros foram influenciados pelos luxuosos ideais ocidentais; pode haver milhares e centenas de milhares que beberam profundamente de prazer, esta maldição do Ocidente – os sentidos – a maldição do mundo; no entanto, apesar de tudo isso, haverá outros milhares nesta minha pátria para quem a religião será sempre uma realidade e que estarão sempre prontos a desistir sem calcular o custo, se necessário.

Outro ideal muito comum em todas as nossas seitas, quero colocar diante de vocês; também é um assunto vasto. Esta ideia única de que a religião deve ser realizada existe apenas na Índia.

नायमात्मा प्रवचनेन लभ्यो न मेधया न बहुना श्रुतेन

– “Este Atman não pode ser alcançado com muita conversa, nem com o poder do intelecto, nem com muito estudo das escrituras.” Não, a nossa é a única escritura no mundo que declara que nem mesmo pelo estudo das escrituras o Atman pode ser realizado – nem palestras, nem palestras, nada disso, mas Ele deve ser realizado. Vem do professor para o discípulo. Quando esse insight chega ao discípulo, tudo fica esclarecido e a realização segue.

Mais uma ideia. Existe um costume peculiar em Bengala, que eles chamam de Kula-Guru, ou Guruship hereditário. "Meu pai foi seu Guru, agora eu serei seu Guru. Meu pai foi o Guru de seu pai, então eu serei seu." O que é um Guru? Voltemos aos Shrutis – “Aquele que conhece o segredo dos Vedas”, não os leitores ávidos, não os gramáticos, não os Pandits em geral, mas aquele que conhece o significado.

यथा खरश्चन्दनभास्वाही भास्व वेत्ता न तु चन्दनस्य ।

— “Um burro carregado de sândalo conhece apenas o peso da madeira, mas não suas preciosas qualidades”; assim são esses Pandits. Nós não queremos isso. O que eles podem ensinar se não tiverem a Realização? Quando eu era menino aqui, nesta cidade de Calcutá, eu costumava ir de um lugar para outro em busca de religião, e em todos os lugares eu perguntava ao palestrante depois de ouvir grandes palestras: “Você viu Deus?” O homem ficou surpreso com a ideia de ver Deus; e o único homem que me disse: “Eu tenho”, foi Ramakrishna Paramahansa, e não apenas isso, mas ele disse: “Eu colocarei você no caminho de vê-Lo também”. O Guru não é um homem que distorce e tortura textos

वाग्वैखरी शब्दझरी शास्त्रव्याख्यानकौशलं वैदुष्यं विदुषां तद्वदभुक्तये न तु मुक्तये ।

- "Diferentes maneiras de lançar palavras, diferentes maneiras de explicar os textos das escrituras, são para o prazer dos eruditos, não para a liberdade." Shrotriya, aquele que conhece o segredo dos Shrutis, Avrijina, o sem pecado, e Akâmahata, livre do desejo - aquele que não quer ganhar dinheiro ensinando-lhe - ele é o Shânta, o Sâdhu, que vem como a fonte que traz as folhas e flores de várias plantas, mas não pede nada da planta, pois sua própria natureza é fazer o bem. Faz bem e aí está. Tal é o Guru,

तीर्णाः स्वयं भीमभवार्षावं जनानहेतुनान्यनपि तारयन्तः

- “Quem atravessou ele próprio este terrível oceano da vida, e sem qualquer ideia de ganho para si, ajuda outros também a atravessar o oceano.” Este é o Guru, e observe que ninguém mais pode ser um Guru, pois

अविद्यायामन्तरे वर्तमानाः स्वयं धीराः पण्डितम्मन्यमानाः ।
दन्दम्यमाणाः परियन्ति मूढा अन्धेनैव नीयमाना यथान्धाः

- "Eles mesmos mergulhados nas trevas, mas no orgulho de seus corações, pensando que sabem tudo, os tolos querem ajudar os outros, e dão voltas e mais voltas por muitos caminhos tortuosos, cambaleando de um lado para outro, e assim como os cegos guiando o cegos, ambos caem na vala." Assim dizem os Vedas. Compare isso com seu costume atual. Vocês são vedantistas, são muito ortodoxos, não são? Vocês são grandes hindus e

muito ortodoxos. Sim, o que eu quero fazer é torná-lo mais ortodoxo. Quanto mais ortodoxo você for, mais sensato; e quanto mais você pensa na ortodoxia moderna, mais tolo você é. Volte à sua antiga ortodoxia, pois naquela época todo som que vinha desses livros, toda pulsação, vinha de um coração forte, firme e sincero; cada nota era verdadeira. Depois veio a degradação na arte, na ciência, na religião, em tudo, a degradação nacional. Não temos tempo para discutir as causas, mas todos os livros escritos sobre esse período respiram a pestilência – a decadência nacional; em vez de vigor, apenas lamentos e choros. Volte, volte aos velhos tempos, quando havia força e vitalidade. Seja forte mais uma vez, beba profundamente desta fonte de outrora, e essa é a única condição de vida na Índia.

Segundo o Advaitista, esta individualidade que temos hoje é uma ilusão. Este tem sido um osso duro de roer em todo o mundo. Imediatamente você diz a um homem que ele não é um indivíduo, ele tem muito medo de que sua individualidade, seja ela qual for, se perca! Mas o Advaitista diz que nunca houve uma individualidade, você tem mudado a cada momento da sua vida. Você era criança e pensava de uma maneira, agora você é homem e pensa de outra maneira, novamente você será um homem velho e pensará de forma diferente. Todo mundo está mudando. Se sim, onde está sua individualidade? Certamente não no corpo, ou na mente, ou no pensamento. E além disso está o seu Atman, e, diz o Advaitista, este Atman é o próprio Brahman. Não pode haver dois infinitos. Existe apenas um indivíduo e é infinito. Em palavras simples, somos seres racionais e queremos raciocinar. E o que é a razão? Mais ou menos de classificação, até não poder mais prosseguir. E o finito só pode encontrar o seu repouso último quando é classificado no infinito. Pegue uma coisa finita e continue analisando-a, mas você não encontrará descanso em lugar nenhum até alcançar o último ou o infinito, e esse infinito, diz o Advaitista, é o único que existe. Todo o resto é Maya, nada mais tem existência real; tudo o que existe em qualquer coisa material é este Brahman; nós somos este Brahman, e a forma e tudo mais é Maya. Retire a forma e o formato, e você e eu seremos todos um. Mas temos que nos proteger da palavra “eu”. Geralmente as pessoas dizem: “Se eu sou o Brahman, por que não posso fazer isto e aquilo?” Mas isso é usar a palavra num sentido diferente. Assim que você pensa que está preso, você não é mais Brahman, o Ser, que não quer nada, cuja luz está dentro. Todos os Seus prazeres e felicidade estão dentro; perfeitamente satisfeito

consigo mesmo, Ele não quer nada, não espera nada, perfeitamente destemido, perfeitamente livre. Isso é Brahman. Nisso somos todos um.

Agora, este parece ser, portanto, o grande ponto de diferença entre o dualista e o Advaitista. Você encontra até mesmo grandes comentaristas como Shankaracharya criando significados para textos, o que, na minha opinião, às vezes não parece justificado. Às vezes você encontra Ramanuja lidando com textos de uma forma que não é muito clara. Até mesmo entre nossos Pandits existe a ideia de que apenas uma dessas seitas pode ser verdadeira e as demais devem ser falsas, embora eles tenham a ideia nos Shrutis, a ideia mais maravilhosa que a Índia ainda não deu ao mundo: एकं सद्भिषा बहुधा वदन्ति । — "Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam por vários nomes." Esse tem sido o tema, e a solução de todo esse problema de vida da nação é a solução desse tema - एकं सद्भिषा बहुधा वदन्ति । Sim, exceto alguns homens instruídos, quero dizer, exceto alguns poucos homens espirituais, na Índia, sempre esquecemos disso. Esquecemos esta grande ideia, e você descobrirá que há pessoas entre os Pandits - eu acho que noventa e oito por cento - que são de opinião que ou o Advaitista será verdadeiro, ou o Vishishtadvaitista será verdadeiro, ou o Dvaitista será verdadeiro; e se você for a Varanasi e sentar-se por cinco minutos em um dos Ghats de lá, você terá uma demonstração do que eu digo. Você verá uma tourada regular acontecendo sobre essas várias seitas e coisas.

Assim permanece. Então veio alguém cuja vida era a explicação, cuja vida era a elaboração da harmonia que é a base de todas as diferentes seitas da Índia, quero dizer, Ramakrishna Paramahansa. É a sua vida que explica que ambas são necessárias, que são como as teorias geocêntricas e heliocêntricas da astronomia. Quando uma criança aprende astronomia, ela aprende primeiro o geocêntrico e desenvolve ideias de astronomia semelhantes às do geocêntrico. Mas quando ele chegar aos detalhes da astronomia, o heliocêntrico será necessário, e ele o compreenderá melhor. O dualismo é a ideia natural dos sentidos; enquanto estivermos limitados pelos sentidos, seremos obrigados a ver um Deus que é apenas Pessoal, e nada além de Pessoal, seremos obrigados a ver o mundo como ele é. Diz Ramanuja: "Enquanto você pensar que é um corpo, e pensar que é uma mente, e pensar que é um Jiva, cada ato de percepção lhe dará os três – Alma, e natureza, e algo que causa ambos. ." Mas, no entanto, ao mesmo

tempo, até mesmo a ideia do corpo desaparece onde a própria mente se torna cada vez mais sutil, até quase desaparecer, quando todas as diferentes coisas que nos fazem temer, nos tornam fracos e nos prendem a isso. a vida corporal desapareceu. Então, e somente então, alguém descobre a verdade desse grande e antigo ensinamento. Qual é o ensinamento?

इहैव तैर्जितः सर्गो येषां साम्ये स्थितं मनः ।
निर्दोषं हि समं ब्रह्म तस्माद्ब्रह्मणि ते स्थिताः ॥

"Mesmo nesta vida, eles conquistaram o ciclo de nascimento e morte, cujas mentes estão firmemente fixadas na mesmice de tudo, pois Deus é puro e o mesmo para todos e, portanto, diz-se que tais pessoas vivem em Deus."

समं पश्यन् हि सर्वत्र समबलितमीश्वरम् ।
न हि नस्त्यात्मनात्मानं ततो याति परां गतिम् ॥

“Assim, vendo o Senhor igual em todos os lugares, ele, o sábio, não fere o Eu por si mesmo, e assim vai para o objetivo mais elevado.”

3.4.19 ENDEREÇO DE BEM-VINDO A ALMORA E RESPOSTA

Ao chegar a Almora, Swamiji recebeu um discurso de boas-vindas em hindi dos cidadãos de Almora, do qual o seguinte é uma tradução:

DE GRANDE ALMA,

Desde o momento em que soubemos que, após obter a conquista espiritual no Ocidente, você partiu da Inglaterra para sua pátria mãe, a Índia, estávamos naturalmente desejosos de ter o prazer de vê-lo. Pela graça do Todo-Poderoso, esse momento auspicioso finalmente chegou. O ditado do grande poeta e príncipe dos Bhaktas, Tulasidāsa, “Uma pessoa que ama intensamente outra certamente a encontrará”, foi plenamente realizado hoje. Reunimo-nos aqui para recebê-lo com sincera devoção. Você nos agradeceu muito por ter se esforçado tanto para visitar esta cidade novamente. Mal podemos agradecer o suficiente por sua gentileza. Abençoado você é! Abençoado, abençoado é o reverenciado Gurudeva que iniciou você no

Yoga. Abençoada é a terra de Bhârata onde, mesmo nesta terrível Kali Yuga, existem líderes de raças arianas como você. Mesmo em um período inicial de vida, você, por sua simplicidade, sinceridade, caráter, filantropia, disciplina severa, conduta e pregação de conhecimento, adquiriu aquela fama imaculada em todo o mundo da qual tanto nos orgulhamos.

Na verdade, você realizou aquela difícil tarefa que ninguém jamais empreendeu neste país desde os dias de Shri Shankarâchârya. Qual de nós alguma vez sonhou que um descendente dos antigos arianos indianos, à força de Tapas, provaria ao povo culto da Inglaterra e da América a superioridade da antiga religião indiana sobre outros credos? Perante os representantes de diferentes religiões, reunidos no Parlamento Mundial das Religiões, realizado em Chicago, defendestes tão habilmente a superioridade da antiga religião da Índia que os seus olhos se abriram. Naquela grande assembléia, oradores eruditos defenderam suas respectivas religiões à sua maneira, mas você superou todos eles. Você estabeleceu completamente que nenhuma religião pode competir com a religião dos Vedas. Não apenas isso, mas ao pregar a sabedoria antiga em vários lugares dos continentes acima mencionados, você atraiu muitos homens eruditos para a antiga religião e filosofia ariana. Também na Inglaterra você plantou a bandeira da antiga religião, que agora é impossível remover.

Até este momento, as nações civilizadas modernas da Europa e da América eram inteiramente ignorantes da natureza genuína da nossa religião, mas com o nosso ensinamento espiritual abristes-lhes os olhos, através dos quais vieram a saber que a antiga religião, que devido a a sua ignorância, que costumavam rotular "como uma religião de subtilezas de pessoas vaidosas ou uma massa de discursos destinados a tolos", é uma mina de pedras preciosas. Certamente: “É melhor ter um filho virtuoso e talentoso do que ter centenas de filhos tolos”; “É a lua que sozinha com sua luz dissipa todas as trevas e não todas as estrelas juntas.” Somente a vida de um filho bom e virtuoso como você é realmente útil ao mundo. A Mãe Índia é consolada no seu estado decaído pela presença de filhos piedosos como você. Muitos cruzaram os mares e correram sem rumo para lá e para cá, mas foi somente através da recompensa do seu bom Karma passado que vocês provaram a grandeza de nossa religião além dos mares. Você tornou o único objetivo de sua vida, por meio de palavras, pensamentos e ações, transmitir instrução

espiritual à humanidade. Você está sempre pronto para dar instrução religiosa.

Ouvimos com grande prazer que você pretende estabelecer um Math (mosteiro) aqui, e rezamos sinceramente para que seus esforços nesse sentido sejam coroados de sucesso. O grande Shankaracharya também, após sua conquista espiritual, estabeleceu um Math em Badarikâshrama, no Himalaia, para a proteção da antiga religião. Da mesma forma, se o seu desejo também for satisfeito, a Índia será grandemente beneficiada. Pelo estabelecimento do Math, nós, Kumaoneses, obteremos vantagens espirituais especiais e não veremos a antiga religião desaparecer gradualmente do nosso meio.

Desde tempos imemoriais, esta parte do país tem sido a terra do ascetismo. Os maiores sábios indianos passaram seu tempo em piedade e ascetismo nesta terra; mas isso se tornou uma coisa do passado. Esperamos sinceramente que, com o estabelecimento da Matemática, você gentilmente nos faça realizá-la novamente. Foi esta terra sagrada que desfrutou da celebridade em toda a Índia por ter religião verdadeira, Karma, disciplina e negociação justa, todos os quais parecem ter decaído com o passar do tempo. E esperamos que, através dos seus nobres esforços, esta terra reverta ao seu antigo estado religioso.

Não podemos expressar adequadamente a alegria que sentimos com a sua chegada aqui. Que você viva muito, gozando de perfeita saúde e levando uma vida filantrópica! Que seus poderes espirituais estejam sempre aumentando, para que, através de seus esforços, o infeliz estado da Índia possa desaparecer em breve!

Foram apresentados dois outros discursos, aos quais o Swami deu a seguinte breve resposta:

Esta é a terra dos sonhos dos nossos antepassados, onde nasceu Pârvati, a Mãe da Índia. Esta é a terra santa onde toda alma ardente da Índia deseja chegar no final da sua vida e encerrar o último capítulo da sua carreira mortal. No topo das montanhas desta terra abençoada, nas profundezas das

suas cavernas, nas margens das suas torrentes impetuosas, foram pensados os pensamentos mais maravilhosos, um pouco dos quais atraiu tanta admiração até mesmo dos estrangeiros, e que foram considerados incomparáveis pelos juízes mais competentes. Esta é a terra onde, desde a minha infância, sonho passar a minha vida e, como todos vocês sabem, tentei repetidamente viver aqui; e embora o momento não fosse oportuno, e eu tivesse trabalho a fazer e fui levado para fora deste lugar sagrado, ainda assim a esperança da minha vida é terminar meus dias em algum lugar deste Pai das Montanhas onde os Rishis viveram, onde a filosofia nasceu. Talvez, meus amigos, eu não consiga fazê-lo, da maneira que planejei antes - como gostaria que esse silêncio, essa incógnita me fosse dada - mas rezo sinceramente e espero, e quase acredito, que meu os últimos dias serão passados aqui, entre todos os lugares da terra.

Habitantes desta terra santa, aceitem a minha gratidão pelos elogios que receberam de vocês pelo meu pequeno trabalho no Ocidente. Mas, ao mesmo tempo, a minha mente não quer falar sobre isso, nem no Oriente nem no Ocidente. À medida que pico após pico deste Pai das Montanhas começou a aparecer diante dos meus olhos, toda a propensão para o trabalho, aquela fermentação que vinha acontecendo em meu cérebro há anos, pareceu se acalmar e, em vez de falar sobre o que havia sido feito e o que ia ser feito, a mente reverteu para aquele tema eterno que o Himalaia sempre nos ensina, aquele tema que reverbera na própria atmosfera do lugar, o único tema cujo murmúrio ouço até agora na correria redemoinhos de seus rios – renúncia!

सर्वं वस्तु भयान्वितं भुवि नृणां वैराग्यमेवाभयम्

- "Tudo nesta vida está repleto de medo. É somente a renúncia que torna alguém destemido." Sim, esta é a terra da renúncia.

O tempo não me permitirá, e as circunstâncias não são adequadas, falar-lhe plenamente. Terei de concluir, portanto, salientando-lhes que o Himalaia representa essa renúncia, e a grande lição que sempre ensinaremos à humanidade será a renúncia. Assim como nossos antepassados costumavam ser atraídos para isso nos últimos dias de suas vidas, almas tão fortes de todos os cantos desta terra, no futuro, serão atraídas para este Pai das Montanhas, quando toda essa luta entre seitas e todos aqueles as diferenças

nos dogmas não serão mais lembradas, e as disputas entre a sua religião e a minha religião terão desaparecido completamente, quando a humanidade compreender que existe apenas uma religião eterna, e que essa é a percepção do divino interior, e o resto é mera espuma: almas tão ardentes virão aqui sabendo que o mundo não é senão vaidade das vaidades, sabendo que tudo é inútil exceto a adoração ao Senhor e somente ao Senhor.

Amigos, vocês foram muito gentis em aludir a uma ideia minha, que é iniciar um centro no Himalaia, e talvez eu tenha explicado suficientemente por que deveria ser assim, por que, acima de todos os outros, este é o local que eu quero selecionar como um dos grandes centros para ensinar esta religião universal. Estas montanhas estão associadas às melhores memórias da nossa raça; se estes Himalaias forem retirados da história da Índia religiosa, muito pouco ficará para trás. Aqui, portanto, deve haver um desses centros, não apenas de atividade, mas mais de calma, de meditação e de paz; e espero um dia perceber isso. Espero também encontrá-lo em outros momentos e ter melhores oportunidades de conversar com você. Por enquanto, deixe-me agradecer novamente por toda a gentileza que me foi demonstrada, e deixe-me considerá-la não apenas como gentileza demonstrada comigo pessoalmente, mas como para alguém que representa nossa religião. Que isso nunca saia de nossos corações! Que possamos sempre permanecer tão puros como somos no momento presente, e tão entusiasmados pela espiritualidade como estamos agora!

3.4.20 ENSINO VÉDICO NA TEORIA E PRÁTICA

Quando a visita do Swami estava chegando ao fim, seus amigos em Almora o convidaram para dar uma palestra em hindi. Ele consentiu em fazer a tentativa pela primeira vez. Ele começou devagar e logo se animou com o tema, e se viu construindo suas frases e quase suas palavras à medida que avançava. Aqueles que estão mais familiarizados com as dificuldades e limitações da língua hindi, ainda pouco desenvolvida como meio de oratória, expressaram sua opinião de que Swamiji havia alcançado um triunfo pessoal e que ele havia provado, pelo uso magistral do hindi, que a língua tinha em si possibilidades inimagináveis de desenvolvimento na direção da oratória.

Outra palestra foi proferida no English Club em inglês, da qual segue um breve resumo.

O assunto era "Alcance Védico na Teoria e na Prática". Um breve esboço histórico do surgimento da adoração do Deus tribal e sua propagação através da conquista de outras tribos foi seguido por um relato dos Vedas. Sua natureza, caráter e ensino foram brevemente abordados. Então o Swami falou sobre a alma, comparando o método ocidental que busca a solução dos mistérios vitais e religiosos no mundo exterior, com o método oriental que, ao não encontrar resposta na natureza externa, volta sua investigação para dentro. Ele justamente reivindicou para sua nação a glória de ser o descobridor do método introspectivo que lhe é peculiar e de ter dado à humanidade os tesouros inestimáveis da espiritualidade que são o resultado somente desse método. Passando deste tema, naturalmente tão caro ao coração de um hindu, o Swami atingiu o clímax do seu poder como professor espiritual quando descreveu a relação da alma com Deus, a sua aspiração e a verdadeira unidade com Deus. Por algum tempo parecia que o professor, suas palavras, seu público e o espírito que os permeia eram um só. Já não havia qualquer consciência de “eu” e “tu”, de “isto” ou “aquilo”. As diferentes unidades ali reunidas foram perdidas e fundidas no brilho espiritual que emanava tão poderosamente do grande mestre e os mantinha mais do que fascinados.

Aqueles que o ouviram com frequência recordarão experiências semelhantes quando ele deixou de ser Swami Vivekananda dando palestras para ouvintes críticos e atentos, quando todos os detalhes e personalidades foram perdidos, nomes e formas desapareceram, permanecendo apenas o Espírito, unindo o orador, o ouvinte e o palavra falada.

3.4.21 BHAKTI

(Entregue em Sialkote, Punjab)

Atendendo a convites do Punjab e da Caxemira, o Swami Vivekananda viajou por aquelas regiões. Ele permaneceu na Caxemira por mais de um mês e seu trabalho lá foi muito apreciado pelo Marajá e seus irmãos. Ele

então passou alguns dias visitando Murree, Rawalpindi e Jammu, e em cada um desses lugares deu palestras. Posteriormente, ele visitou Sialkote e deu palestras duas vezes, uma em inglês e outra em hindi. O tema da palestra em hindi do Swamiji foi Bhakti, cujo resumo, traduzido para o inglês, é apresentado abaixo:

As diversas religiões que existem no mundo, embora difiram na forma de culto que adotam, são na verdade uma só. Em alguns lugares as pessoas constroem templos e adoram neles, em alguns adoram o fogo, em outros se prostram diante dos ídolos, enquanto há muitos que não acreditam em Deus. Todas são verdadeiras, pois, se você olhar para o verdadeiro espírito, a verdadeira religião e as verdades de cada uma delas, elas são todas iguais. Em algumas religiões, Deus não é adorado, ou melhor, não se acredita em Sua existência, mas homens bons e dignos são adorados como se fossem deuses. O exemplo digno de citação neste caso é o Budismo. Bhakti está em toda parte, seja dirigida a Deus ou a pessoas nobres. Upâsâna na forma de Bhakti é supremo em toda parte, e Bhakti é mais facilmente alcançado que Jnâna. Este último requer circunstâncias favoráveis e prática extenuante. O Yoga não pode ser praticado adequadamente a menos que o homem seja fisicamente saudável e livre de todos os apegos mundanos. Mas Bhakti pode ser praticado mais facilmente por pessoas em todas as condições de vida. Shândilya Rishi, que escreveu sobre Bhakti, diz que o amor extremo por Deus é Bhakti. Prahlada fala no mesmo sentido. Se um homem não consegue comida um dia, ele fica perturbado; se seu filho morrer, quão angustiante será para ele! O verdadeiro Bhakta sente as mesmas dores em seu coração quando anseia por Deus. A grande qualidade de Bhakti é que ela limpa a mente, e a Bhakti firmemente estabelecida para o Senhor Supremo é por si só suficiente para purificar a mente. "Ó Deus, Teus nomes são inumeráveis, mas em cada nome Teu poder se manifesta, e cada nome está repleto de significado profundo e poderoso." Devemos pensar sempre em Deus e não considerar o tempo e o lugar para fazê-lo.

Os diferentes nomes sob os quais Deus é adorado são aparentemente diferentes. Um pensa que o seu método de adorar a Deus é o mais eficaz, e outro pensa que o seu é o processo mais potente de alcançar a salvação. Mas olhe para a verdadeira base de tudo, e ela é uma só. Os Shaivas chamam Shiva de o mais poderoso; os Vaishnavas se apegam ao seu todo-

poderoso Vishnu; os adoradores de Devi não cederão a ninguém na ideia de que sua Devi é o poder mais onipotente do universo. Deixe os pensamentos inimigos de lado se quiser ter Bhakti permanente. O ódio é algo que impede enormemente o curso de Bhakti, e o homem que não odeia ninguém alcança Deus. Mesmo assim é necessária a devoção ao próprio ideal. Hanumân diz: "Vishnu e Râma, eu sei, são a mesma coisa, mas afinal, Rama com olhos de lótus é meu melhor tesouro." As tendências peculiares com as quais uma pessoa nasce devem permanecer com ela. Esta é a principal razão pela qual o mundo não pode ser de uma religião – e Deus não permita que haja apenas uma religião – pois o mundo seria então um caos e não um cosmos. Um homem deve seguir as tendências que lhe são peculiares; e se ele conseguir um professor para ajudá-lo a avançar em seus próprios caminhos, ele progredirá. Deveríamos deixar uma pessoa seguir o caminho que pretende seguir, mas se tentarmos forçá-la a seguir outro caminho, ela perderá o que já conquistou e se tornará inútil. Assim como o rosto de uma pessoa não se parece com o de outra, a natureza de uma difere da de outra, e por que não deveria ser permitido que ela agisse de acordo? Um rio corre numa determinada direção; e se você direcionar o curso para um canal regular, a corrente se tornará mais rápida e a força aumentará, mas tente desviá-la de seu curso correto e você verá o resultado; o volume e também a força serão diminuídos. Esta vida é muito importante e, portanto, deve ser guiada de acordo com a tendência da pessoa. Na Índia não havia inimizade e todas as religiões permaneceram ilesas; então a religião viveu. Deve-se lembrar que as disputas sobre religião surgem do pensamento de que só alguém tem a verdade e quem não acredita como se acredita é um tolo; enquanto outro pensa que o outro é um hipócrita, pois se não fosse, o seguiria.

Se Deus desejava que as pessoas seguissem uma religião, por que surgiram tantas religiões? Métodos foram tentados em vão para forçar uma religião a todos. Mesmo quando a espada foi erguida para obrigar todas as pessoas a seguirem uma religião, a história diz-nos que dez religiões surgiram em seu lugar. Uma religião não pode servir a todos. O homem é produto de duas forças, ação e reação, que o fazem pensar. Se tais forças não exercitassem a mente do homem, ele seria incapaz de pensar. O homem é uma criatura que pensa; Manushya (homem) é um ser com Manas (mente); e assim que seu poder de pensamento se esgota, ele não se torna melhor que um animal.

Quem gostaria de um homem assim? Deus não permita que tal estado recaia sobre o povo da Índia. A variedade na unidade é necessária para manter o homem como homem. A variedade deve ser preservada em tudo; enquanto houver variedade o mundo existirá. É claro que variedade não significa apenas que um é pequeno e o outro é grande; mas se todos desempenharem igualmente bem seus papéis em suas respectivas posições na vida, a variedade ainda será preservada. Em todas as religiões houve homens bons e capazes, tornando assim a religião a que pertenciam digna de respeito; e como existem pessoas assim em todas as religiões, não deveria haver ódio por qualquer seita.

Então pode-se perguntar: devemos respeitar aquela religião que defende o vício? A resposta será certamente negativa, e tal religião deve ser expulsa imediatamente, porque produz danos. Toda religião deve ser baseada na moralidade e a pureza pessoal deve ser considerada superior ao Dharma. Neste contexto, deve-se saber que Âchâra significa pureza interior e exterior. A pureza externa pode ser alcançada pela limpeza do corpo com água e outras coisas recomendadas nos Shâstras. O homem interno deve ser purificado não falando mentiras, não bebendo, não praticando atos imorais e fazendo o bem aos outros. Se você não comete nenhum pecado, se não conta mentiras, se não bebe, não joga ou comete roubo, isso é bom. Mas esse é apenas o seu dever e você não pode ser aplaudido por isso. Algum serviço a outros também deve ser feito. Assim como você faz o bem a si mesmo, você deve fazer o bem aos outros.

Aqui direi algo sobre a regulamentação alimentar. Todos os velhos costumes desapareceram, e nada mais é do que uma vaga noção de não comer com este homem e de não comer; com aquele homem foi deixado entre nossos compatriotas. A pureza pelo toque é a única relíquia que resta das boas regras estabelecidas há centenas de anos. Três tipos de comida são proibidos nos Shastras. Primeiro, os alimentos que são defeituosos por natureza, como o alho ou a cebola. Se um homem come demais, isso cria paixão, e ele pode ser levado a cometer imoralidades, odiosas tanto para Deus como para o homem. Em segundo lugar, alimentos contaminados por impurezas externas. Devemos escolher um lugar bastante arrumado e limpo para guardar nossa comida. Terceiro, devemos evitar comer alimentos tocados por um homem mau, porque o contato com ele produz más ideias

em nós. Mesmo que alguém seja filho de um brâmane, mas seja devasso e imoral em seus hábitos, não devemos comer comida de suas mãos.

Mas o espírito destas observâncias desapareceu. O que resta é que não podemos comer das mãos de qualquer homem que não seja da casta mais elevada, mesmo que ele seja a pessoa mais sábia e santa. O desrespeito dessas velhas regras sempre pode ser encontrado na confeitaria. Se você olhar lá, encontrará moscas pairando sobre a confeitaria, e a poeira da estrada soprando sobre os doces, e o próprio confeiteiro com um vestido não muito limpo e arrumado. Os compradores devem declarar em uma só voz que não comprarão doces a menos que sejam guardados em caixas de vidro na loja Halwai. Isso teria o efeito salutar de impedir que as moscas transmitissem a cólera e outros germes da peste para os doces. Deveríamos melhorar, mas em vez de melhorar retrocedemos. Manu diz que não devemos cuspir na água, mas jogamos todo tipo de sujeira nos rios. Considerando todas estas coisas, descobrimos que a purificação do eu exterior é muito necessária. Os Shâstrakâras sabiam disso muito bem. Mas agora o verdadeiro espírito desta observância de pureza na alimentação se perdeu e apenas a letra permanece. Ladrões, bêbados e criminosos podem ser nossos companheiros de casta, mas se um homem bom e nobre comer com uma pessoa de uma casta inferior, que seja tão respeitável quanto ele, será rejeitado e perdido para sempre. Este costume tem sido a ruína do nosso país. Deve, portanto, ser claramente entendido que o pecado ocorre ao entrar em contato com pecadores e nobreza na companhia de pessoas boas; e manter-se afastado dos ímpios é a purificação externa.

A purificação interna é uma tarefa muito mais severa. Consiste em falar a verdade, sentir os pobres, ajudar os necessitados, etc. Falamos sempre a verdade? O que acontece muitas vezes é isso. As pessoas vão à casa de uma pessoa rica para tratar de algum negócio próprio e o bajulam chamando-o de benfeitor dos pobres e assim por diante, mesmo que esse homem possa cortar a garganta de um homem pobre que vem à sua casa. O que é isso? Nada além de falsidade. E é isso que polui a mente. Portanto, é verdade que tudo o que diz um homem que purificou seu eu interior durante doze anos sem nutrir uma única idéia viciosa durante esse período, certamente se tornará realidade. Este é o poder da verdade, e aquele que purificou tanto o eu interior como o exterior é o único capaz de Bhakti. Mas a beleza é que o

próprio Bhakti limpa a mente em grande medida. Embora os Judeus, os Maometanos e os Cristãos não atribuam tanta importância à excessiva purificação externa do corpo como os Hindus, ainda assim eles a têm de uma forma ou de outra; eles descobrem que, até certo ponto, isso é sempre necessário. Entre os judeus, a idolatria é condenada, mas eles tinham um templo no qual era guardado um baú que chamavam de arca, no qual estavam preservadas as Tábuas da Lei, e acima do baú havia duas figuras de anjos com asas estendidas, entre os quais a Presença Divina deveria se manifestar como uma nuvem. Esse templo já foi destruído há muito tempo, mas os novos templos são feitos exatamente à moda antiga, e no baú são guardados livros religiosos. Os católicos romanos e os cristãos gregos praticam a adoração de ídolos em certas formas. A imagem de Jesus e de sua mãe são adoradas. Entre os protestantes não existe adoração de ídolos, mas eles adoram a Deus de uma forma pessoal, que pode ser chamada de adoração de ídolos em outra forma. Entre os parses e os iranianos, a adoração do fogo é praticada em grande parte. Entre os maometanos, os profetas e as grandes e nobres pessoas são adorados e voltam o rosto para a Caaba quando rezam. Estas coisas mostram que os homens no primeiro estágio do desenvolvimento religioso têm de fazer uso de algo externo, e quando o eu interior se purifica eles se voltam para concepções mais abstratas. "Quando se busca que o Jiva esteja unido a Brahman, é melhor; quando a meditação é praticada, ela é medíocre, a repetição de nomes é a forma mais baixa e a adoração externa é a mais baixa das mais baixas." Mas deve ser claramente entendido que mesmo na prática desta última não há pecado. Cada um deve fazer o que é capaz de fazer; e se ele for dissuadido disso, ele o fará de alguma outra maneira para atingir seu objetivo. Portanto, não devemos falar mal de um homem que adora ídolos. Ele está nesse estágio de crescimento e, portanto, deve tê-los; os homens sábios deveriam tentar ajudar esses homens e levá-los a melhorar. Mas não adianta discutir sobre esses vários tipos de adoração.

Algumas pessoas adoram a Deus para obter riqueza, outras porque desejam ter um filho e se consideram Bhagavatas (devotos). Isto não é Bhakti, e eles não são verdadeiros Bhagavatas. Quando chega um Sâdhu que professa que pode fazer ouro, eles correm para ele e ainda se consideram Bhagavatas. Não é Bhakti se adoramos a Deus com o desejo de ter um filho; não é Bhakti se adoramos com o desejo de ser rico; não é Bhakti mesmo que

desejemos o céu; não é Bhakti se um homem adora com o desejo de ser salvo das torturas do inferno. Bhakti não é o resultado do medo ou da ganância. Ele é o verdadeiro Bhagavata que diz: “Ó Deus, não quero uma esposa bonita, não quero conhecimento ou salvação. Deixe-me nascer e morrer centenas de vezes. serviço.” É neste estágio – e quando um homem vê Deus em tudo, e tudo em Deus – que ele alcança Bhakti perfeito. É então que ele vê Vishnu encarnado em tudo, desde o micróbio até Brahmâ, e é então que ele vê Deus se manifestando em tudo, é então que ele sente que não há nada sem Deus, e é então e somente então que pensando ser o mais insignificante de todos os seres, ele adora a Deus com o verdadeiro espírito de um Bhakta. Ele então deixa Tirthas e formas externas de adoração para trás, ele vê cada homem como o templo mais perfeito.

Bhakti é descrito de várias maneiras nos Shastras. Dizemos que Deus é nosso Pai. Da mesma forma, nós O chamamos de Mãe, e assim por diante. Esses relacionamentos são concebidos para fortalecer Bhakti em nós e nos fazem sentir mais próximos e queridos de Deus. Portanto, esses nomes são justificáveis de uma maneira, e é que as palavras são simplesmente palavras de carinho, o resultado do amor afetuoso que um verdadeiro Bhagavata sente por Deus. Tomemos como exemplo a história de Râdhâ e Krishna em Râsalilâ. A história simplesmente exemplifica o verdadeiro espírito de um Bhakta, porque nenhum amor no mundo excede o que existe entre um homem e uma mulher. Quando existe um amor tão intenso, não há medo, nenhum outro apego, exceto aquele que une aquele par num vínculo inseparável e totalmente absorvente. Mas no que diz respeito aos pais, o amor vem acompanhado de medo devido à reverência que temos por eles. Por que deveríamos nos importar se Deus criou alguma coisa ou não? O que temos a ver com o fato de que Ele é nosso preservador? Ele é apenas nosso Amado, e devemos adorá-Lo sem todos os pensamentos de medo. Um homem ama a Deus somente quando não tem outro desejo, quando não pensa em mais nada e quando está louco por Ele. O amor que um homem tem pela sua amada pode ilustrar o amor que devemos ter por Deus. Krishna é o Deus e Radha O ama; leia os livros que descrevem essa história e então você poderá imaginar como deveria amar a Deus. Mas quantos entendem isso? Como podem as pessoas que são cruéis em sua essência e não têm ideia do que é moralidade entender tudo isso? Quando as pessoas expulsam todos os tipos de pensamentos mundanos de suas mentes e vivem

em uma atmosfera moral e espiritual clara, é então que elas compreendem os pensamentos mais obscuros, mesmo que sejam incultos. Mas quão poucos existem dessa natureza! Não existe uma única religião que não possa ser pervertida pelo homem. Por exemplo, ele pode pensar que o Âtman está totalmente separado do corpo e, portanto, ao cometer pecados com o corpo, seu Atman não é afetado. Se as religiões fossem verdadeiramente seguidas, não teria havido um único homem, seja hindu, maometano ou cristão, que não fosse totalmente puro. Mas os homens são guiados pela sua própria natureza, seja ela boa ou má; não há como negar isso. Mas no mundo sempre há alguns que ficam intoxicados quando ouvem falar de Deus e derramam lágrimas de alegria quando lêem sobre Deus. Tais homens são verdadeiros Bhaktas.

No estágio inicial do desenvolvimento religioso, o homem pensa em Deus como seu Mestre e em si mesmo como Seu servo. Ele se sente em dívida com Ele por suprir suas necessidades diárias e assim por diante. Deixe esses pensamentos de lado. Existe apenas um poder atrativo, e esse poder é Deus; e é em obediência a esse poder atrativo que o sol, a lua e tudo o mais se movem. Tudo neste mundo, seja bom ou ruim, pertence a Deus. Tudo o que acontece em nossa vida, seja bom ou ruim, está nos levando a Ele. Um homem mata outro por causa de algum propósito egoísta. Mas o motivo por trás é o amor, seja por si mesmo ou por qualquer outra pessoa. Quer façamos o bem ou o mal, a hélice é o amor. Quando um tigre mata um búfalo é porque ele ou seus filhotes estão com fome.

Deus é o amor personificado. Ele é aparente em tudo. Todos estão sendo atraídos por Ele, quer saibam disso ou não. Quando uma mulher ama o seu marido, ela não entende que é o divino no seu marido que é o grande poder de atração. O Deus do Amor é a única coisa a ser adorada. Enquanto pensarmos Nele apenas como o Criador e Preservador, podemos oferecer-Lhe adoração externa, mas quando vamos além de tudo isso e pensamos que Ele é o Amor Encarnado, vendo-O em todas as coisas e todas as coisas Nele, é então esse Bhakti supremo é alcançado.

3.4.22 AS BASES COMUNS DO HINDUÍSMO

Ao chegar a Lahore, o Swamiji foi recebido com grande entusiasmo pelos líderes, tanto do Ârya Samâj quanto do Sanâtana Dharma Sabhâ. Durante sua breve estada em Lahore, Swamiji proferiu três palestras. A primeira delas foi sobre “As Bases Comuns do Hinduísmo”, a segunda sobre “Bhakti”, e a terceira foi a famosa palestra sobre “O Vedanta”. Na primeira ocasião ele falou o seguinte:

Esta é a terra considerada a mais sagrada até mesmo na sagrada Âryâvarta; este é o Brahmâvarta do qual fala nosso grande Manu. Esta é a terra de onde surgiu aquela poderosa aspiração pelo Espírito, sim, que nos tempos vindouros, como mostra a história, inundará o mundo. Esta é a terra onde, tal como os seus rios caudalosos, as aspirações espirituais surgiram e uniram as suas forças, até viajarem por todo o mundo e se declararem com uma voz de trovão. Esta é a terra que primeiro suportou o peso de todas as incursões e invasões na Índia; esta terra heróica teve primeiro que desnudar seu seio a cada ataque dos bárbaros exteriores em Aryavarta. Esta é a terra que, depois de todos os seus sofrimentos, ainda não perdeu totalmente a sua glória e a sua força. Foi aqui que, mais tarde, o gentil Nânak pregou seu maravilhoso amor pelo mundo. Foi aqui que o seu amplo coração se abriu e os seus braços se estenderam para abraçar o mundo inteiro, não só dos hindus, mas também dos muçulmanos. Foi aqui que um dos últimos e um dos mais gloriosos heróis de nossa raça, Guru Govinda Singh, depois de derramar seu sangue e o de seus mais queridos e próximos pela causa da religião, mesmo quando abandonado por aqueles para quem esse sangue foi galpão, retirou-se para o Sul para morrer como um leão ferido atingido no coração, sem uma palavra contra seu país, sem uma única palavra de murmúrio.

Aqui, nesta nossa antiga terra, filhos da terra dos cinco rios, estou diante de vocês, não como um professor, pois sei muito pouco para ensinar, mas como alguém que veio do leste para trocar palavras de saudação com os irmãos do oeste, para comparar notas. Aqui estou eu, não para descobrir as diferenças que existem entre nós, mas para descobrir onde concordamos. Aqui estou eu tentando entender em que terreno podemos permanecer sempre irmãos, sobre quais alicerces a voz que falou desde a eternidade pode tornar-se cada vez mais forte à medida que cresce. Aqui estou tentando propor a vocês algo de trabalho construtivo e não destrutivo. Para

as críticas, os dias já passaram e aguardamos um trabalho construtivo. O mundo precisa, por vezes, de críticas mesmo ferozes; mas isso é apenas por um tempo, e o trabalho para a eternidade é progresso e construção, e não crítica e destruição. Durante os últimos cem anos, tem havido uma enxurrada de críticas por toda esta nossa terra, onde todo o jogo da ciência ocidental foi liberado sobre todos os pontos escuros e, como resultado, os cantos e os buracos tornaram-se muito mais proeminente do que qualquer outra coisa. Naturalmente, surgiram intelectos poderosos por todo o país, grandes e gloriosos, com o amor pela verdade e pela justiça nos seus corações, com o amor pelo seu país e, acima de tudo, um intenso amor pela sua religião e pelo seu Deus; e porque essas almas poderosas sentiam tão profundamente, porque amavam tão profundamente, criticavam tudo o que consideravam errado. Glória a esses espíritos poderosos do passado! Eles fizeram muito bem; mas a voz dos dias atuais está vindo até nós, dizendo: “Basta!” Já houve críticas suficientes, já houve críticas suficientes, chegou a hora da reconstrução, da reconstrução; chegou a hora de reunirmos todas as nossas forças dispersas, de concentrá-las num único foco e, através disso, liderar a nação na sua marcha em frente, que durante séculos quase foi interrompida. A casa foi limpa; deixe-o ser habitado novamente. A estrada foi liberada. Março filhos dos arianos!

Senhores, este é o motivo que me traz diante de vocês, e no início posso declarar-lhes que não pertenço a nenhum partido ou seita. Eles são todos grandes e gloriosos para mim, eu amo todos eles e durante toda a minha vida tenho tentado encontrar o que há de bom e verdadeiro neles. Portanto, é minha proposta esta noite apresentar a vocês pontos em que estamos de acordo, para descobrir, se pudermos, uma base para acordo; e se pela graça do Senhor tal estado de coisas for possível, vamos tomá-lo e, a partir da teoria, colocá-lo em prática. Somos hindus. Não uso a palavra hindu em nenhum sentido ruim, nem concordo com aqueles que pensam que ela tem algum significado ruim. Antigamente, significava simplesmente pessoas que viviam do outro lado do Indo; hoje, muitos daqueles que nos odeiam podem ter feito uma má interpretação disso, mas os nomes não são nada. Depende de nós se o nome Hindu representará tudo o que é glorioso, tudo o que é espiritual, ou se permanecerá um nome de opróbrio, designando os oprimidos, os indignos, os pagãos. Se atualmente a palavra hindu significa algo ruim, não importa; pela nossa ação, estejamos prontos para mostrar

que esta é a palavra mais elevada que qualquer linguagem pode inventar. Tem sido um dos princípios da minha vida não ter vergonha dos meus próprios antepassados. Sou um dos homens mais orgulhosos que já nasceu, mas deixe-me dizer-lhe francamente, não é por mim, mas por causa da minha ascendência. Quanto mais estudei o passado, mais olhei para trás, mais e mais esse orgulho tomou conta de mim, e ele me deu a força e a coragem da convicção, me levantou do pó da terra e me colocou trabalhando naquele grande plano traçado por nossos grandes ancestrais. Filhos daqueles antigos arianos, pela graça do Senhor, que vocês possam ter o mesmo orgulho, que a fé em seus ancestrais penetre em seu sangue, que ela se torne uma parte integrante de suas vidas, que ela trabalhe para a salvação do mundo. !

Antes de tentar descobrir o ponto preciso onde estamos todos de acordo, o terreno comum da nossa vida nacional, uma coisa devemos lembrar. Assim como existe uma individualidade em cada homem, também existe uma individualidade nacional. Assim como um homem difere de outro em certos detalhes, em certas características próprias, uma raça difere de outra em certas características peculiares; e assim como é missão de cada homem cumprir um determinado propósito na economia da natureza, assim como há uma linha particular estabelecida para ele pelo seu próprio Karma passado, o mesmo acontece com as nações - cada nação tem um destino a seguir. cumprir, cada nação tem uma mensagem a transmitir, cada nação tem uma missão a cumprir. Portanto, desde o início, devemos ter que compreender a missão da nossa própria raça, o destino que ela deve cumprir, o lugar que deve ocupar na marcha das nações, a nota que deve contribuir para a harmonia das raças. . Em nosso país, quando crianças, ouvimos histórias de como algumas serpentes têm jóias em suas cabeças, e o que quer que alguém faça com a serpente, enquanto a jóia estiver lá, a serpente não poderá ser morta. Ouvimos histórias de gigantes e ogros que tinham almas vivendo em certos passarinhos e, enquanto o pássaro estivesse seguro, não havia poder na terra para matar esses gigantes; você pode cortá-los em pedaços ou fazer o que quiser com eles, os gigantes não poderiam morrer. Assim, com as nações, há um certo ponto onde a vida de uma nação se centra, onde reside a nacionalidade da nação, e até que isso seja atingido, a nação não pode morrer. À luz disso podemos compreender o fenômeno mais maravilhoso que a história do mundo já conheceu. Onda após onda de

conquista bárbara atingiu esta nossa terra devotada. "Alá Ho Akbar!" alugou os céus durante centenas de anos, e nenhum hindu sabia que momento seria o seu último. Esta é a mais sofrida e a mais subjugada de todas as terras históricas do mundo. No entanto, continuamos praticamente na mesma corrida, prontos para enfrentar dificuldades repetidas vezes, se necessário; e não só isso, ultimamente há sinais de que não só estamos fortes, mas prontos para sair, pois o sinal de vida é a expansão.

Descobrimos hoje que as nossas ideias e pensamentos já não estão confinados dentro dos limites da Índia, mas, queiramos ou não, eles estão marchando para fora, filtrando-se na literatura das nações, tomando o seu lugar entre as nações, e em alguns, até mesmo obtendo uma posição ditatorial de comando. Por trás disso encontramos a explicação de que a grande contribuição da Índia para a soma total do progresso mundial é o maior, o mais nobre e o mais sublime tema que pode ocupar a mente do homem – é a filosofia e a espiritualidade. Nossos ancestrais tentaram muitas outras coisas; eles, como outras nações, foram os primeiros a revelar os segredos da natureza externa como todos conhecemos, e com seus cérebros gigantescos aquela raça maravilhosa poderia ter feito milagres naquela linha da qual o mundo poderia ter se orgulhado para sempre. Mas eles desistiram por algo mais elevado; algo melhor ressoa nas páginas dos Vedas: "Aquele ciência é a maior que nos faz conhecer Aquele que nunca muda!" A ciência da natureza, mutável, evanescente, o mundo da morte, da desgraça, da miséria, pode ser grande, realmente grande; mas a ciência dAquele que não muda, o Bem-aventurado, onde só há paz, só onde há vida eterna, só onde há perfeição, só onde cessa toda a miséria - essa, segundo nossos ancestrais, era a ciência mais sublime de todas. Afinal, ciências que só podem nos dar pão, roupas e poder sobre nossos semelhantes, ciências que só podem nos ensinar como conquistar nossos semelhantes, como governá-los, que ensinam os fortes a dominar os fracos - aqueles que eles poderiam descobrir se quisessem. Mas louvado seja o Senhor, eles capturaram imediatamente o outro lado, que era maior, infinitamente mais elevado, infinitamente mais feliz, até que se tornou a característica nacional, até que chegou até nós, herdado de pai para filho por milhares de anos. anos, até que se torne uma parte integrante de nós, até que forme cada gota de sangue que corre em nossas veias, até que se torne nossa segunda natureza, até que o nome da religião e do hindu se tornem um. Esta é a característica nacional

e não pode ser tocada. Bárbaros com espada e fogo, bárbaros trazendo religiões bárbaras, nenhum deles conseguia tocar o cerne, nenhum conseguia tocar a “jóia”, nenhum tinha o poder de matar o “pássaro” que habitava a alma da raça. Esta, portanto, é a vitalidade da raça, e enquanto isso permanecer, não há poder sob o sol que possa matar a raça. Todas as torturas e misérias do mundo passarão sem nos ferir, e sairemos das chamas como Prahlada, desde que nos apeguemos a esta maior de todas as nossas heranças, a espiritualidade. Se um hindu não é espiritual, não o chamo de hindu. Em outros países, um homem pode primeiro ser político e depois ter um pouco de religião, mas aqui na Índia o primeiro e mais importante dever de nossas vidas é sermos espirituais primeiro e depois, se houver tempo, deixar que outras coisas aconteçam. . Tendo isto em mente, estaremos em melhor posição para compreender por que, para o nosso bem-estar nacional, devemos primeiro procurar nos dias de hoje todas as forças espirituais da raça, como foi feito em tempos passados e será feito em todos os tempos. tempos que virão. A união nacional na Índia deve ser uma reunião das suas forças espirituais dispersas. Uma nação na Índia deve ser uma união daqueles cujos corações batem na mesma sintonia espiritual.

Já houve seitas suficientes neste país. Há seitas suficientes, e haverá muitas no futuro, porque esta tem sido a peculiaridade da nossa religião: em princípios abstratos, foi dada tanta latitude que, embora depois tenham sido elaborados tantos detalhes, todos esses detalhes são os trabalhando com base em princípios, amplos como os céus acima de nossas cabeças, eternos como a própria natureza. Seitas, portanto, naturalmente, devem existir aqui, mas o que não precisa existir é disputa sectária. As seitas devem existir, mas o sectarismo não. O mundo não seria melhor com o sectarismo, mas o mundo não pode seguir em frente sem ter seitas. Um conjunto de homens não pode fazer tudo. A massa quase infinita de energia no mundo não pode ser administrada por um pequeno número de pessoas. Aqui, vemos imediatamente a necessidade que nos impôs esta divisão do trabalho – a divisão em seitas. Para o uso das forças espirituais, haja seitas; mas há alguma necessidade de discutirmos quando os nossos livros mais antigos declaram que esta diferenciação é apenas aparente, que apesar de todas estas diferenças existe um fio de harmonia, aquela unidade embelezada, que atravessa todos eles? Nossos livros mais antigos declararam: एकं सद्भिर्ग्रा बहुधा वदन्ति — "Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam por vários nomes." Portanto, se houver estas lutas sectárias, se houver estas lutas entre as diferentes seitas, se houver ciúme e ódio entre as diferentes seitas na Índia, a terra onde todas as seitas sempre foram honradas, é uma vergonha para nós que ousamos para nos chamarmos de descendentes desses pais.

Existem certos grandes princípios nos quais, penso eu, nós - sejam Vaishnavas, Shaivas, Shâktas ou Gânapatyas, quer pertençamos aos antigos Vedantistas ou aos modernos, quer pertençamos às antigas seitas rígidas ou às modernas seitas reformadas - somos todos um , e quem se autodenomina hindu acredita nesses princípios. É claro que há uma diferença na interpretação, na explicação destes princípios, e essa diferença deveria existir, e deveria ser permitida, pois o nosso padrão não é vincular todos os homens à nossa posição. Seria um pecado forçar cada homem a elaborar a sua própria interpretação das coisas e a viver segundo os seus próprios métodos. Talvez todos os que estão aqui concordem no primeiro ponto: acreditamos que os Vedas são os ensinamentos eternos dos segredos da religião. Todos nós acreditamos que esta literatura sagrada não tem começo nem fim, é contemporânea da natureza, que não tem começo nem fim; e que todas as nossas diferenças religiosas, todas as nossas lutas religiosas devem

terminar quando estivermos na presença desse livro sagrado; todos concordamos que este é o último tribunal de recurso para todas as nossas diferenças espirituais. Podemos ter diferentes pontos de vista sobre o que são os Vedas. Pode haver uma seita que considere uma porção mais sagrada do que outra, mas isso pouco importa, desde que digamos que somos todos irmãos nos Vedas, que desses livros veneráveis, eternos e maravilhosos veio tudo o que possuímos hoje. , bom, santo e puro. Bem, portanto, se acreditamos em tudo isso, que este princípio seja pregado antes de tudo por toda a extensão do país. Se isso for verdade, que os Vedas tenham aquela proeminência que sempre mereceram e na qual todos nós acreditamos. Primeiro, então, os Vedas. O segundo ponto em que todos acreditamos é Deus, o poder criador e preservador de todo o universo, e a quem ele retorna periodicamente para aparecer em outros períodos e manifestar esse fenômeno maravilhoso, chamado universo. Podemos diferir quanto à nossa concepção de Deus. Alguém pode acreditar em um Deus que é inteiramente pessoal, outro pode acreditar em um Deus que é pessoal e ainda assim não humano, e ainda outro pode acreditar em um Deus que é totalmente impessoal, e todos podem obter apoio dos Vedas. Ainda assim, somos todos crentes em Deus; isto é, aquele homem que não acredita num Poder Infinito maravilhoso, do qual tudo veio, no qual tudo vive e para o qual tudo deve retornar no final, não pode ser chamado de hindu. Se for assim, tentemos pregar essa ideia por todo o país. Pregue qualquer concepção que você tiver para dar, não há diferença, não vamos brigar por isso, mas pregar Deus; isso é tudo que queremos. Uma ideia pode ser melhor que outra, mas, lembre-se, nenhuma delas é ruim. Um é bom, outro é melhor e, novamente, outro pode ser o melhor, mas a palavra mau não entra na categoria da nossa religião. Portanto, que o Senhor abençoe a todos que pregam o nome de Deus da forma que desejarem! Quanto mais Ele for pregado, melhor para esta raça. Que os nossos filhos sejam educados nesta ideia, que esta ideia entre nos lares dos mais pobres e dos mais humildes, bem como dos mais ricos e dos mais elevados - a ideia do nome de Deus.

A terceira ideia que apresentarei a vocês é que, ao contrário de todas as outras raças do mundo, não acreditamos que este mundo foi criado há apenas alguns milhares de anos e que será destruído eternamente num determinado dia. Nem acreditamos que a alma humana tenha sido criada juntamente com este universo do nada. Aqui está outro ponto com o qual

acho que todos podemos concordar. Acreditamos que a natureza não tem começo nem fim; somente nos períodos psicológicos essa matéria grosseira do universo exterior volta ao seu estado mais sutil, permanecendo assim por um certo período, para ser novamente projetada para fora para manifestar todo esse panorama infinito que chamamos de natureza. Este movimento ondulatório já existia antes mesmo do início do tempo, por toda a eternidade, e permanecerá por um período infinito de tempo.

Além disso, todos os hindus acreditam que o homem não é apenas um corpo material grosseiro; não apenas dentro dele existe o corpo mais sutil, a mente, mas há algo ainda maior - pois o corpo muda e a mente também - algo além, o Âtman - não posso traduzir a palavra para você, pois qualquer tradução estará errada – que existe algo além deste corpo sutil, que é o Atman do homem, que não tem começo nem fim, que não sabe o que é a morte. E então esta ideia peculiar, diferente daquela de todas as outras raças de homens, de que este Atman habita corpo após corpo até que não haja mais interesse em continuar a fazê-lo, e se torna livre, para não nascer de novo, refiro-me à teoria do Samsâra e à teoria das almas eternas ensinadas pelos nossos Shâstras. Este é outro ponto em que todos concordamos, seja qual for a seita a que pertençamos. Pode haver diferenças quanto à relação entre a alma e Deus. De acordo com uma seita a alma pode ser eternamente diferente de Deus, de acordo com outra pode ser uma centelha daquele fogo infinito, mas novamente de acordo com outros pode ser uma com aquele Infinito. Não importa qual seja a nossa interpretação, desde que nos apeguemos à crença básica de que a alma é infinita, que esta alma nunca foi criada e, portanto, nunca morrerá, que ela teve que passar e evoluir para vários corpos, até que atingiu a perfeição no ser humano – nisso estamos todos de acordo. E então vem a descoberta mais diferenciadora, mais grandiosa e mais maravilhosa que já foi feita nos domínios da espiritualidade. Alguns de vocês, talvez, que têm estudado o pensamento ocidental, já devem ter observado que existe outra diferença radical que separa de uma só vez tudo o que é ocidental de tudo o que é oriental. É isso que afirmamos, quer sejamos Shaktas, Sauras ou Vaishnavas, mesmo que sejamos Bauddhas ou Jainas, todos nós afirmamos na Índia que a alma é por natureza pura e perfeita, infinita em poder e abençoada. Apenas, de acordo com o dualista, esta bem-aventurança natural da alma foi contraída pelo mau trabalho passado e, através da graça de Deus, irá novamente abrir-

se e mostrar a sua perfeição; embora, de acordo com o monista, mesmo esta ideia de contração seja um erro parcial, é o véu de Maya que nos faz pensar que a alma perdeu os seus poderes, mas os poderes estão aí plenamente manifestados. Seja qual for a diferença, chegamos ao núcleo central e há imediatamente uma diferença irreconciliável entre tudo o que é ocidental e oriental. O Oriente está olhando para dentro, em busca de tudo o que é grande e bom. Quando adoramos, fechamos os olhos e tentamos encontrar Deus dentro de nós. O Western está olhando para fora em busca de seu Deus. Para o Ocidente, seus livros religiosos foram inspirados, enquanto para nós nossos livros expiraram; como se eles tivessem vindo, o sopro de Deus, dos corações dos sábios eles surgiram, os Mantra-drashtâs.

Este é um grande ponto a ser entendido e, meus amigos, meus irmãos, deixem-me dizer-lhes, este é o único ponto em que teremos que insistir no futuro. Pois estou firmemente convencido e imploro que você entenda este fato: nada de bom sai do homem que dia e noite pensa que não é ninguém. Se um homem, dia e noite, pensa que é miserável, baixo e nada, ele se torna nada. Se você disser sim, sim, “eu sou, eu sou”, você também será; e se você disser “eu não sou”, pense que você não é, e dia e noite medite sobre o fato de que você não é nada, sim, nada você será. Esse é o grande fato que você deve lembrar. Somos filhos do Todo-Poderoso, somos centelhas do fogo infinito e divino. Como podemos ser nada? Somos tudo, estamos prontos para fazer tudo, podemos fazer tudo e o homem deve fazer tudo. Esta fé em si mesmos estava nos corações dos nossos antepassados, esta fé em si mesmos foi a força motriz que os impulsionou cada vez mais na marcha da civilização; e se houve degeneração, se houve defeito, guarde minhas palavras, você descobrirá que essa degradação começou no dia em que nosso povo perdeu a fé em si mesmo. Perder a fé em si mesmo significa perder a fé em Deus. Você acredita naquela Providência infinita e boa trabalhando em você e através de você? Se você acredita que este Onipresente, o Antaryâmin, está presente em cada átomo, é completamente, Ota-prota, como diz a palavra sânscrita, penetrando seu corpo, mente e alma, como você pode perder, coração? Eu posso ser uma pequena bolha de água e você pode ser uma onda que atinge a altura de uma montanha. Deixa para lá! O oceano infinito é o pano de fundo de mim e de você. O meu também é esse oceano infinito de vida, de poder, de espiritualidade, assim como o seu. Eu já estou unido - desde o meu nascimento, desde o próprio

fato da minha vida - estou no Yoga com aquela vida infinita e bondade infinita e poder infinito, como você é, por mais alto que seja uma montanha. Portanto, meus irmãos, ensinem esta grande, enobrecedora e grandiosa doutrina que salva vidas a seus filhos, desde o nascimento. Você não precisa ensinar-lhes o Advaitismo; ensine-lhes o Dvaitismo, ou qualquer “ismo” que você quiser, mas vimos que este é o “ismo” comum em toda a Índia; esta maravilhosa doutrina da alma, a perfeição da alma, é comumente acreditada por todas as seitas. Como diz o nosso grande filósofo Kapila, se a pureza não for a natureza da alma, ela nunca poderá atingir a pureza posteriormente, pois qualquer coisa que não fosse perfeita por natureza, mesmo que atingisse a perfeição, essa perfeição desapareceria novamente. Se a impureza é a natureza do homem, então o homem terá de permanecer impuro, mesmo que possa permanecer puro por cinco minutos. Chegará o tempo em que esta pureza desaparecerá, desaparecerá, e a velha impureza natural terá seu domínio mais uma vez. Portanto, dizem todos os nossos filósofos, o bem é a nossa natureza, a perfeição é a nossa natureza, não a imperfeição, não a impureza - e devemos lembrar-nos disso. Lembre-se do belo exemplo do grande sábio que, quando estava morrendo, pediu à sua mente que se lembrasse de todos os seus feitos poderosos e de todos os seus pensamentos poderosos. Lá você não descobre que ele estava ensinando sua mente a se lembrar de todas as suas fraquezas e de todas as suas loucuras. Loucuras existem, fraquezas devem existir, mas lembre-se sempre da sua verdadeira natureza – essa é a única maneira de curar a fraqueza, essa é a única maneira de curar as loucuras.

Parece que estes poucos pontos são comuns entre todas as várias seitas religiosas na Índia, e talvez no futuro, sobre esta plataforma comum, os religiosos conservadores e liberais, do tipo antigo e do novo tipo, possam agitar os grupos. Acima de tudo, há outra coisa a lembrar, que lamentamos esquecermos de vez em quando, que a religião, na Índia, significa realização e nada menos que isso. “Acredite na doutrina e você estará seguro” nunca nos poderá ser ensinado, pois não acreditamos nisso. Você é o que você mesmo faz. Você é, pela graça de Deus e pelos seus próprios esforços, o que você é. Apenas acreditar em certas teorias e doutrinas não o ajudará muito. A palavra poderosa que saiu do céu da espiritualidade na Índia foi Anubhuti, realização, e os nossos são os únicos livros que declaram repetidas vezes: “O Senhor deve ser visto”. Palavras ousadas e

corajosas, de fato, mas verdadeiras em sua essência; cada som, cada vibração é verdadeira. A religião deve ser realizada, não apenas ouvida; não é aprender alguma doutrina como um papagaio. Nem é mero consentimento intelectual – isso não é nada; mas deve entrar em nós. Sim, e portanto a maior prova que temos da existência de um Deus não é porque a nossa razão o diz, mas porque Deus foi visto tanto pelos antigos como pelos modernos. Acreditamos na alma não só porque existem boas razões para provar a sua existência, mas, acima de tudo, porque houve no passado milhares de pessoas na Índia, ainda há muitos que perceberam, e haverá milhares no futuro que perceberão e verão suas próprias almas. E não há salvação para o homem até que ele veja Deus, realize sua própria alma. Portanto, acima de tudo, vamos entender isso, e quanto mais entendermos, menos teremos de sectarismo na Índia, pois é apenas aquele homem que realizou Deus e O viu, que é religioso. Nele os nós foram desfeitos, só nele as dúvidas diminuíram; somente ele se libertou dos frutos da ação, aquele que viu Aquele que está mais próximo dos próximos e mais distante dos distantes. Sim, muitas vezes confundimos mera tagarelice com verdade religiosa, meras perorações intelectuais com grande realização espiritual, e depois vem o sectarismo, depois vem a luta. Se compreendermos uma vez que esta compreensão é a única religião, olharemos para os nossos próprios corações e descobriremos até que ponto estamos na compreensão das verdades da religião. Então compreenderemos que nós mesmos estamos tateando nas trevas e levando outros a tatear nas mesmas trevas, então cessaremos o sectarismo, as brigas e as lutas áridas. Pergunte a um homem que deseja iniciar uma luta sectária: "Você viu Deus? Você viu o Atman? Se não viu, que direito você tem de pregar Seu nome - você andando nas trevas tentando me levar para a mesma escuridão - o cego guiando o cego, e ambos caindo na vala?"

Portanto, pense mais antes de criticar os outros. Deixe-os seguir o seu próprio caminho para a realização, enquanto lutam para ver a verdade nos seus próprios corações; e quando a verdade ampla e nua for vista, então eles encontrarão aquela maravilhosa bem-aventurança que, maravilhosamente, foi testemunhada por todos os videntes da Índia, por todos os que compreenderam a verdade. Então, somente palavras de amor sairão desse coração, pois ele já foi tocado por Aquele que é a essência do próprio Amor. Então, e somente então, todas as disputas sectárias cessarão e

estaremos em posição de compreender, de trazer aos nossos corações, de abraçar, de amar intensamente a própria palavra Hindu e todos os que levam esse nome. Observe-me, então e somente então você é hindu quando o próprio nome envia através de você um choque galvânico de força. Então, e somente então, você é um hindu quando todo homem que leva esse nome, de qualquer país, falando nossa língua ou qualquer outra língua, se torna ao mesmo tempo o mais próximo e o mais querido de você. Naquele momento, e somente então, você é hindu quando a angústia de alguém que leva esse nome vem ao seu coração e faz você se sentir como se seu próprio filho estivesse em perigo. Então, e somente então, você será um hindu quando estiver pronto para suportar tudo por eles, como o grande exemplo que citei no início desta palestra, do seu grande Guru Govind Singh. Expulso deste país, lutando contra os seus opressores, depois de ter derramado o seu próprio sangue pela defesa da religião hindu, depois de ter visto os seus filhos serem mortos no campo de batalha - sim, este exemplo do grande Guru, deixado mesmo por aqueles para cujos pelo amor de Deus, ele estava derramando seu sangue e o sangue dos seus mais próximos e queridos - ele, o leão ferido, retirou-se calmamente do campo para morrer no Sul, mas nem uma palavra de maldição escapou de seus lábios contra aqueles que o haviam abandonado ingratamente! Observem, cada um de vocês terá que ser um Govind Singh, se quiserem fazer o bem ao seu país. Você pode ver milhares de defeitos em seus compatriotas, mas marque seu sangue hindu. Eles são os primeiros deuses que você terá que adorar, mesmo que eles façam de tudo para te machucar, mesmo que todos eles mandem uma maldição para você, você lhes envie palavras de amor. Se eles expulsarem você, retire-se para morrer em silêncio como aquele poderoso leão, Govind Singh. Tal homem é digno do nome de Hindu; tal ideal deveria estar sempre diante de nós. Todas as nossas machadinhas nos deixam enterrar; envie esta grande corrente de amor por toda parte.

Deixe-os falar da regeneração da Índia como quiserem. Deixe-me dizer-lhe, como alguém que trabalhou – pelo menos tentou trabalhar – durante toda a sua vida, que não há regeneração para a Índia até que você seja espiritual. Não apenas isso, mas disso depende o bem-estar do mundo inteiro. Pois devo dizer-vos francamente que os próprios alicerces da civilização ocidental foram abalados até à sua base. Os edifícios mais poderosos, se construídos sobre os alicerces de areia solta do materialismo, um dia cairão

em ruínas, um dia cambalearão até à sua destruição. A história do mundo é o nosso testemunho. Nação após nação surgiu e baseou a sua grandeza no materialismo, declarando que o homem era todo matéria. Sim, na língua ocidental, um homem desiste do fantasma, mas na nossa língua um homem desiste do seu corpo. O homem ocidental é primeiro um corpo e depois tem uma alma; conosco, o homem é alma e espírito e tem corpo. Aí reside um mundo de diferença. Todas as civilizações, portanto, que se basearam em alicerces de areia como o conforto material e tudo mais, desapareceram uma após a outra, após vidas curtas, da face do mundo; mas a civilização da Índia e das outras nações que se colocaram aos pés da Índia para ouvir e aprender, nomeadamente o Japão e a China, sobrevivem até aos dias de hoje, e há até sinais de renascimento entre elas. Suas vidas são como a da Fênix, mil vezes destruída, mas pronta para surgir novamente mais gloriosa. Mas uma civilização materialista, uma vez destruída, nunca mais poderá ressurgir; aquele edifício, uma vez derrubado, é despedaçado de uma vez por todas. Portanto tenha paciência e espere, o futuro está reservado para nós.

Não tenha pressa, não saia imitando ninguém. Esta é outra grande lição que devemos lembrar; imitação não é civilização. Posso vestir-me com um vestido de Raja, mas isso fará de mim um Raja? Um burro com pele de leão nunca faz um leão. A imitação, a imitação covarde, nunca traz progresso. É realmente o sinal de terrível degradação em um homem. Sim, quando um homem começa a odiar-se, então chega o último golpe. Quando um homem começa a ter vergonha dos seus antepassados, o fim chegou. Aqui estou eu, um dos menores da raça hindu, mas orgulhoso da minha raça, orgulhoso dos meus antepassados. Tenho orgulho de me chamar de hindu, tenho orgulho de ser um de seus servos indignos. Estou orgulhoso de ser um compatriota seu, vocês, os descendentes dos sábios, vocês, os descendentes dos Rishis mais gloriosos que o mundo já viu. Portanto, tenham fé em si mesmos, tenham orgulho de seus antepassados, em vez de se envergonharem deles. E não imite, não imite! Sempre que você está sob o controle de outras pessoas, você perde sua própria independência. Se você está trabalhando, mesmo em coisas espirituais, sob o comando de outros, lentamente você perde toda a faculdade, até mesmo de pensamento. Revele através de seus próprios esforços o que você tem, mas não imite, mas tire o que é bom dos outros. Temos que aprender com os outros. Você coloca a semente no solo e

lhe dá bastante terra, ar e água para se alimentar; quando a semente cresce e se torna uma planta e uma árvore gigantesca, ela se torna a terra, se torna o ar ou se torna a água? Torna-se a planta poderosa, a árvore poderosa, segundo a sua própria natureza, tendo absorvido tudo o que lhe foi dado. Deixe que essa seja a sua posição. Na verdade, temos muitas coisas a aprender com os outros, sim, aquele homem que se recusa a aprender já está morto. Declara nossa Manu:

आदित परां विद्यां प्रयत्नाद्वरादपि । अन्त्यादपि परं धर्मं स्वीरलं दुष्कुलादपि ।

- "Tome a joia de uma mulher para sua esposa, embora ela seja de descendência inferior. Aprenda o conhecimento supremo com o serviço, mesmo do homem de nascimento inferior; e mesmo do Chandâla, aprenda servindo-o o caminho para a salvação." Aprenda tudo o que é bom dos outros, mas traga-o e absorva-o à sua maneira; não se torne outro. Não seja arrastado para fora desta vida indiana; não pense nem por um momento que seria melhor para a Índia se todos os indianos se vestissem, comessem e se comportassem como outra raça. Você conhece a dificuldade de abandonar um hábito de alguns anos. O Senhor sabe quantos milhares de anos estão em seu sangue; esta vida nacional especializada tem fluido de uma maneira, Deus sabe quantos milhares de anos; e você quer dizer que aquele poderoso riacho, que quase atingiu seu oceano, pode voltar novamente às neves de seu Himalaia? Isso é impossível! A luta para fazer isso só iria quebrá-lo. Portanto, abram caminho para a corrente vital da nação. Remova os bloqueios que impedem o progresso deste poderoso rio, limpe seu caminho, limpe o canal, e ele sairá correndo por seu próprio impulso natural, e a nação continuará avançando e progredindo.

Estas são as linhas que peço para sugerir-lhe para o trabalho espiritual na Índia. Há muitos outros grandes problemas que, por falta de tempo, não posso apresentar a vocês esta noite. Por exemplo, existe a maravilhosa questão da casta. Tenho estudado esta questão, seus prós e contras, durante toda a minha vida; Estudei-o em quase todas as províncias da Índia. Misturei-me com pessoas de todas as castas em quase todas as partes do país e estou demasiado confuso para compreender o próprio significado disso. Quanto mais tento estudá-lo, mais fico confuso. Ainda finalmente descubro que um pequeno raio de luz está diante de mim, começo a sentir

seu significado agora mesmo. Depois, há outro grande problema sobre comer e beber. Esse é realmente um grande problema. Não é algo tão inútil como geralmente pensamos. Cheguei à conclusão de que a insistência que fazemos agora sobre comer e beber é muito curiosa e vai apenas contra o que os Shastras exigiam, ou seja, ficamos tristes por negligenciarmos a pureza adequada dos alimentos que comemos e bebida; perdemos o verdadeiro espírito disso.

Há diversas outras questões que quero apresentar a vocês e mostrar como esses problemas podem ser resolvidos, como elaborar as ideias; mas, infelizmente, a reunião só pôde ser iniciada muito tarde, e não desejo mais detê-los agora. Mantereí, portanto, minhas idéias sobre castas e outras coisas para uma ocasião futura.

Agora, mais uma palavra e terminarei essas ideias espirituais. A religião por muito tempo ficou estática na Índia. O que queremos é torná-lo dinâmico. Quero que isso seja trazido para a vida de todos. A religião, como sempre aconteceu no passado, deve entrar nos palácios dos reis, bem como nas casas dos camponeses mais pobres do país. A religião, a herança comum, o direito inato universal da raça, deve ser trazida gratuitamente à porta de todos. A religião na Índia deve ser tão gratuita e de fácil acesso quanto o ar de Deus. E este é o tipo de trabalho que temos de realizar na Índia, mas não através da criação de pequenas seitas e da luta em pontos de divergência. Preguemos onde todos concordamos e deixemos que as diferenças se resolvam por si mesmas. Como tenho dito repetidas vezes ao povo indiano, se houver a escuridão de séculos numa sala e entrarmos na sala e começarmos a gritar: “Oh, está escuro, está escuro!”, será que a escuridão desaparecerá? ? Traga a luz e a escuridão desaparecerá imediatamente. Este é o segredo dos homens reformadores. Sugira-lhes coisas superiores; acredite primeiro no homem. Por que começar com a crença de que o homem está degradado e degenerado? Em qualquer caso, nunca falhei em minha fé no homem, mesmo encarando-o no seu pior. Sempre que tive fé no homem, embora a princípio a perspectiva nem sempre fosse brilhante, ela triunfou no longo prazo. Tenha fé no homem, quer ele lhe pareça muito erudito ou muito ignorante. Tenha fé no homem, quer ele pareça um anjo ou o próprio diabo. Tenha fé primeiro no homem, e depois tendo fé nele, acredite que se nele há defeitos, se ele comete erros, se ele abraça as

doutrinas mais cruéis e vis, acredite que não é de sua natureza real que elas vêm, mas pela falta de ideais mais elevados. Se um homem vai em direção ao que é falso, é porque não consegue obter o que é verdadeiro. Portanto, o único método de corrigir o que é falso é fornecer-lhe o que é verdadeiro. Faça isso e deixe-o comparar. Você lhe dá a verdade e aí seu trabalho está concluído. Deixe-o comparar isso em sua mente com o que já tem dentro de si; e, guarde minhas palavras, se você realmente lhe deu a verdade, o falso deve desaparecer, a luz deve dissipar as trevas e a verdade trará o bem à tona. Este é o caminho se você quiser reformar o país espiritualmente; esse é o caminho, e não brigar, nem mesmo dizer às pessoas que o que elas estão fazendo é ruim. Coloque o bem diante deles, veja com que entusiasmo eles o aceitam, veja como o divino que nunca morre, que está sempre vivo no humano, surge desperto e estende a mão para tudo o que é bom e tudo o que é glorioso.

Que Aquele que é o Criador, o Preservador e o Protetor de nossa raça, o Deus de nossos antepassados, seja chamado pelo nome de Vishnu, ou Shiva, ou Shakti, ou Ganapati, seja Ele adorado como Saguna ou como Nirguna, quer Ele seja adorado como pessoal ou impessoal, que Aquele a quem nossos antepassados conheceram e se dirigiram pelas palavras एकं सद्भिर्वा बहुधा वदन्ति - "Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam por vários nomes" - que Ele entre em nós com Seu amor poderoso; que Ele derrame Suas bênçãos sobre nós, que Ele nos faça compreender uns aos outros, que Ele nos faça trabalhar uns pelos outros com amor verdadeiro, com amor intenso pela verdade, e que não deseje o mínimo por nossa fama pessoal, nosso prestígio pessoal, nossa vantagem pessoal, participe deste grande trabalho de regeneração espiritual da Índia!

3.4.23 BHAKTI

(Entregue em Lahore em 9 de novembro de 1897)

Há um som que chega até nós como um eco distante no meio das torrentes estrondosas dos Upanishads, às vezes aumentando em proporção e volume, e ainda assim, em toda a literatura do Vedanta, sua voz, embora clara, não é muito clara. forte. O principal dever dos Upanishads parece ser apresentar diante de nós o espírito e o aspecto do sublime, e ainda assim, por trás dessa

maravilhosa sublimidade, surgem aqui e ali vislumbres de poesia enquanto lemos;

न तत्र सूर्यो भाति न चन्द्रतारकं नेमा विद्युतो भान्ति कुतोऽयमग्निः

— “Lá não brilha o sol, nem a lua, nem as estrelas, o que dizer deste fogo?” Ao ouvirmos a comovente poesia desses versos maravilhosos, somos levados, por assim dizer, para fora do mundo dos sentidos, até mesmo para fora do mundo do intelecto, e levados para aquele mundo que nunca pode ser compreendido, e no entanto, que está sempre conosco. Por trás mesmo desta sublimidade existe outro ideal que segue como sua sombra, um ideal mais aceitável para a humanidade, um mais de uso diário, um que deve entrar em todas as partes da vida humana, que mais tarde assume proporção e volume, e é afirmado na íntegra. e linguagem determinada no Purâna, e esse é o ideal de Bhakti. Os germes de Bhakti já estão aí; os germes estão até mesmo no Samhitâ; os germes um pouco mais desenvolvidos estão nos Upanishads; mas eles são detalhados nos Puranas.

Para compreender Bhakti, portanto, temos que compreender estes nossos Puranas. Ultimamente tem havido grandes discussões sobre sua autenticidade. Muitas passagens de significado incerto foram retomadas e criticadas. Em muitos lugares tem sido apontado que as passagens não suportam a luz da ciência moderna e assim por diante. Mas, além de todas essas discussões, além da validade científica das afirmações dos Puranas, além de sua geografia válida ou inválida, além de sua astronomia válida ou inválida, e assim por diante, o que encontramos com certeza, traçado um pouco aos poucos, em quase todos esses volumes, esta doutrina de Bhakti é ilustrada, reilustrada, declarada e reafirmada, nas vidas dos santos e nas vidas dos reis. Parece ter sido dever dos Puranas servir de ilustração para aquele grande ideal do belo, o ideal de Bhakti, e este, como afirmei, está muito mais próximo do homem comum. Na verdade, existem muito poucos que podem compreender e apreciar, muito menos viver e se mover, na grandeza do brilho total da luz do Vedanta, porque o primeiro passo para o Vedantista puro é ser Abhihi, destemido. A fraqueza tem que desaparecer antes que um homem ouse se tornar um Vedantista, e sabemos como isso é difícil. Mesmo aqueles que desistiram de toda ligação com o mundo, e têm muito poucas amarras que os tornem covardes, sentem no fundo de seus

corações quão fracos eles são às vezes, às vezes quão moles eles se tornam, quão intimidados; muito mais acontece com os homens que têm tantas escravidões e têm que permanecer como escravos de tantas centenas de milhares de coisas, dentro e fora de si mesmos, homens cuja vida está arrastando a escravidão a cada momento. Para eles os Puranas vêm com a mais bela mensagem de Bhakti.

Para eles a suavidade e a poesia são espalhadas, para eles são contadas estas histórias maravilhosas e maravilhosas de um Dhruva e um Prahlada, e de mil santos, e estas ilustrações são para torná-las práticas. Quer vocês acreditem ou não na precisão científica dos Puranas, não há ninguém entre vocês cuja vida não tenha sido influenciada pela história de Prahlada, ou de Dhruva, ou de qualquer um desses grandes santos Paurânika. Não temos apenas que reconhecer o poder dos Puranas em nossos dias, mas devemos ser gratos a eles, pois eles nos deram no passado uma religião popular mais abrangente e melhor do que aquela que o degradado budismo moderno estava nos levando. para. Esta ideia fácil e suave de Bhakti foi escrita e trabalhada, e temos que adotá-la em nossa vida prática cotidiana, pois veremos à medida que avançamos como a ideia foi desenvolvida até que Bhakti se torne a essência do amor. Enquanto existir amor pessoal e material, não se pode ignorar os ensinamentos dos Puranas. Enquanto existir a fraqueza humana de contar com o apoio de alguém, estes Puranas, de uma forma ou de outra, sempre deverão existir. Você pode alterar seus nomes; você pode condenar aqueles que já existem, mas imediatamente será compelido a escrever outro Purana. Se surgir entre nós um sábio que não queira esses antigos Puranas, descobriremos que seus discípulos, dentro de vinte anos após sua morte, farão de sua vida outro Purana. Essa será toda a diferença.

Esta é uma necessidade da natureza do homem; somente para eles não existem Puranas que foram além de todas as fraquezas humanas e se tornaram o que realmente se deseja de um Paramahansa, almas corajosas e ousadas, que foram além das amarras de Mâyâ, das necessidades até mesmo da natureza - os triunfantes, os conquistadores, os deuses do mundo. O homem comum não pode prescindir de um Deus pessoal para adorar; se ele não adora um Deus em natureza, ele tem que adorar um Deus na forma de uma esposa, ou de um filho, ou de um pai, ou de um amigo, ou de um

professor, ou de outra pessoa; e a necessidade recai ainda mais sobre as mulheres do que sobre os homens. A vibração da luz pode estar em toda parte; pode ser em locais escuros, pois os gatos e outros animais a percebem, mas para nós a vibração deve estar em nosso plano para se tornar visível. Podemos falar, portanto, de um Ser Impessoal e assim por diante, mas enquanto formos mortais comuns, Deus poderá ser visto somente no homem. Nossa concepção de Deus e nossa adoração a Deus são naturalmente, portanto, humanas. "Este corpo, de fato, é o maior templo de Deus." Assim, descobrimos que os homens têm sido adorados ao longo dos tempos, e embora possamos condenar ou criticar algumas das extravagâncias que naturalmente se seguem, descobrimos imediatamente que o coração está são, que apesar dessas extravagâncias, apesar desta entrada em extremos, há uma essência, há um núcleo verdadeiro e firme, uma espinha dorsal, para a doutrina que é pregada. Não estou pedindo que você engula sem consideração nenhuma história antiga ou qualquer jargão não científico. Não estou convidando você a acreditar em todos os tipos de explicações Vâmâchâri que, infelizmente, se infiltraram em alguns dos Puranas, mas o que quero dizer é isto, que existe uma essência que não deve ser perdida, uma razão para a existência dos Puranas, e esse é o ensinamento de Bhakti para tornar a religião prática, para trazer a religião de seus altos vãos filosóficos para a vida cotidiana de nossos seres humanos comuns.

[O palestrante defendeu o uso de ajuda material em Bhakti. Quisera Deus que o homem não estivesse onde está, mas é inútil lutar contra os fatos existentes; o homem é um ser material agora, por mais que ele fale sobre espiritualidade e tudo mais. Portanto, o homem material deve ser controlado e elevado lentamente, até que se torne espiritual. Hoje em dia é difícil para 99 por cento de nós compreender a espiritualidade, e ainda mais difícil falar sobre ela. As forças motrizes que nos impulsionam para a frente e os esforços que procuramos realizar são todos materiais. Só podemos trabalhar, na linguagem de Herbert Spencer, na linha de menor resistência, e os Puranas têm o bom senso e o bom senso para trabalhar na linha de menor resistência; e os sucessos alcançados pelos Puranas foram maravilhosos e únicos. O ideal de Bhakti é obviamente espiritual, mas o caminho passa pela matéria e não podemos evitar. Tudo o que conduz à obtenção desta espiritualidade no mundo material, portanto, deve ser apreendido e levado

ao uso do homem para evoluir o ser espiritual. Tendo salientado que os Shâstras começam por dar o direito de estudar os Vedas a todos, sem distinção de sexo, casta ou credo, ele afirmou que se fazer um templo material ajuda um homem a amar mais a Deus, seja bem-vindo; se fazer uma imagem de Deus ajuda um homem a alcançar esse ideal de amor, que o Senhor o abençoe e lhe dê vinte dessas imagens, se ele quiser. Se alguma coisa o ajudar a atingir esse ideal de espiritualidade, será bem-vindo, desde que seja moral, porque qualquer coisa imoral não ajudará, mas apenas retardará. Ele atribuiu a oposição ao uso de imagens no culto na Índia, em parte, pelo menos, a Kabir, mas, por outro lado, mostrou que a Índia teve grandes filósofos e fundadores de religiões que nem sequer acreditavam na existência de um Deus Pessoal e pregavam com ousadia. Isso ao povo, mas ainda assim não condenou o uso de imagens. Na melhor das hipóteses, eles apenas disseram que não era uma forma de adoração muito elevada, e não houve nenhum dos Puranas em que se dissesse que era uma forma muito elevada. Tendo-se referido historicamente ao uso da adoração de imagens pelos judeus, na sua crença de que Jeová residia num baú, ele condenou a prática de abusar da adoração de ídolos apenas porque outros disseram que era má. Embora uma imagem ou qualquer outra forma material pudesse ser usada se ajudasse a tornar um homem espiritual, ainda assim não havia nenhum livro em nossa religião que não afirmasse muito claramente que era a forma mais inferior de adoração, porque era adoração através da matéria. . A tentativa que foi feita em toda a Índia para forçar esta adoração de imagens a todos, ele não tinha linguagem para condenar; que negócio alguém tinha para dirigir e ditar a alguém o que ele deveria adorar e por meio de quê? Como poderia qualquer outro homem saber através do que ele iria crescer, se o seu crescimento espiritual seria através da adoração de uma imagem, da adoração do fogo, ou mesmo da adoração de uma coluna? Isso deveria ser guiado e dirigido por nossos próprios Gurus e pela relação entre o Guru e o Shishya. Isso explicava a regra que os livros Bhakti estabeleceram para o que era chamado de Ishta, ou seja, que cada homem tinha que adotar sua própria forma peculiar de adoração, sua própria maneira de ir em direção a Deus, e esse ideal escolhido era seu Ishta. Devatâ. Ele deveria considerar outras formas de adoração com simpatia, mas ao mesmo tempo praticar sua própria forma até atingir a meta e chegar ao centro onde não mais necessitava de ajuda material. Neste contexto, era necessária uma palavra de advertência contra um sistema predominante em

algumas partes da Índia, o que foi chamado de sistema Kula-Guru, uma espécie de Guruismo hereditário. Lemos nos livros que “Aquele que conhece a essência dos Vedas não tem pecado e não ensina outro por amor ao ouro ou amor a qualquer outra coisa, cuja misericórdia é sem causa, que dá como a fonte que não pede qualquer coisa das plantas e árvores, pois é da sua natureza fazer o bem, e trazê-los à vida mais uma vez, e brotam botões, flores e folhas, aquele que não quer nada, mas cuja vida inteira é apenas fazer o bem” - tal homem poderia ser um Guru e ninguém mais. Havia outro perigo, pois um Guru não era apenas um professor; isso foi uma parte muito pequena disso. O Guru, como acreditavam os hindus, transmitia espiritualidade aos seus discípulos. Tomando um exemplo material comum, portanto, se um homem não fosse inoculado com o vírus bom, ele corria o risco de ser inoculado com o que era mau e vil, de modo que, ao ser ensinado por um Guru mau, corria o risco de aprender algo mau. . Portanto, era absolutamente necessário que esta ideia de Kula-Guru desaparecesse da Índia. O Guruismo não deve ser um comércio; isso deve parar, foi contra os Shastras. Nenhum homem deveria chamar a si mesmo de Guru e ao mesmo tempo ajudar o estado atual das coisas sob o sistema Kula-Guru.

Falando sobre a questão da alimentação, o Swami destacou que a insistência atual nas regulamentações estritas quanto à alimentação era, em grande medida, superficial e errava o alvo que originalmente pretendiam cobrir. Ele deu um exemplo particular da ideia de que se deveria ter cuidado com quem tinha permissão de tocar nos alimentos, e destacou que havia um profundo significado psicológico nisso, mas que na vida cotidiana dos homens comuns era um cuidado difícil ou impossível de exercer. . Aqui novamente se cometeu o erro de insistir na observância geral de uma idéia que só era possível a uma classe, aqueles que dedicaram inteiramente suas vidas à espiritualidade, enquanto a grande maioria dos homens ainda estava insatisfeita com os prazeres materiais, e até que fossem saciados até certo ponto, era inútil pensar em forçar-lhes a espiritualidade.

A forma mais elevada de adoração estabelecida pelo Bhakta foi a adoração ao homem. Na verdade, se houvesse algum tipo de adoração, ele sugeriria levar um homem pobre, ou seis, ou doze, conforme suas circunstâncias permitissem, todos os dias para suas casas, e servi-los, pensando que eles

eram Nârâyanas. Ele tinha visto caridade em muitos países e a razão pela qual não teve sucesso foi porque não foi feita com bom espírito. “Aqui, pegue isto e vá embora” – isso não era caridade, mas a expressão do orgulho do coração, para ganhar o aplauso do mundo, para que o mundo pudesse saber que eles estavam se tornando caridosos. Os hindus devem saber que, de acordo com o Smritis, o doador era inferior ao receptor, pois o receptor era, naquele momento, o próprio Deus. Portanto, ele sugeriria uma forma de adoração como trazer alguns desses pobres Narayanas, ou Narayanas cegos, e Narayanas famintos para todas as casas todos os dias, e dar-lhes a adoração que dariam a uma imagem, alimentando-os e vestindo-os, e os no dia seguinte fazendo o mesmo com os outros. Ele não condenou nenhuma forma de adoração, mas o que disse foi que a forma mais elevada e mais necessária atualmente na Índia era esta forma de adoração Narayana.

Concluindo, ele comparou Bhakti a um triângulo. O primeiro ângulo era que o amor não conhecia o desejo, o segundo, que o amor conhecia o medo. O amor pela recompensa ou pelo serviço de qualquer tipo era a religião do mendigo, a religião do lojista, com muito pouco de religião real nela. Que não se tornem mendigos, porque, em primeiro lugar, a mendicância era sinal de ateísmo. “Tolo é realmente o homem que vive nas margens do Ganges e cava um pequeno poço para beber água.” Assim é o homem que implora a Deus objetos materiais. O bhakta deve estar pronto para se levantar e dizer: “Não quero nada de você, Senhor, mas se precisar de alguma coisa de mim, estou pronto para dar”. O amor não conhecia o medo. Eles não tinham visto uma mulher pequena e frágil passando pela rua e, se um cachorro latia, ela voava para a casa ao lado? No dia seguinte ela estava na rua, talvez, com o filho no peito. E um leão a atacou. Onde ela estava então? Na boca do leão para salvar seu filho. Por último, o amor era o próprio amor. O Bhakta finalmente chega a isto, que o próprio amor é Deus e nada mais. Onde o homem deveria ir para provar a existência de Deus? O amor era a mais visível de todas as coisas visíveis. Era a força que movia o sol, a lua e as estrelas, manifestando-se nos homens, nas mulheres e nos animais, em todos os lugares e em tudo. Foi expresso em forças materiais como gravitação e assim por diante. Estava em toda parte, em cada átomo, manifestando-se em toda parte. Era aquele amor infinito, a única força motriz deste universo, visível em todos os lugares, e este era o próprio Deus.]

[Do relatório publicado no The Tribune.]

3.4.24 O VEDANTA

(Entregue em Lahore em 12 de novembro de 1897)

Existem dois mundos em que vivemos, um externo e outro interno. O progresso humano tem sido feito, desde tempos passados, quase em linhas paralelas ao longo destes dois mundos. A busca começou no exterior, e o homem inicialmente quis obter respostas para todos os problemas profundos da natureza externa. O homem queria satisfazer a sua sede pelo belo e pelo sublime de tudo o que o rodeava; ele queria expressar-se e tudo o que havia dentro dele na linguagem do concreto; e realmente grandiosas foram as respostas que obteve, ideias maravilhosas sobre Deus e adoração, e expressões arrebatadoras do belo. De fato, ideias sublimes vieram do mundo externo. Mas o outro, abrindo-se mais tarde para a humanidade, apresentou-lhe um universo ainda mais sublime, ainda mais belo e infinitamente mais expansivo. Na porção Karma Kânda dos Vedas, encontramos as mais maravilhosas idéias de religião inculcadas, encontramos as mais maravilhosas idéias sobre um Criador, Preservador e Destruidor soberano do universo apresentadas diante de nós em uma linguagem às vezes mais comovente. A maioria de vocês talvez se lembre daquele Shloka mais maravilhoso do Rig-Veda Samhitâ, onde você obtém a descrição do caos, talvez a mais sublime que já foi tentada. Apesar de tudo isso, descobrimos que é apenas uma pintura do sublime exterior, descobrimos que ainda assim é grosseiro, que algo de matéria ainda se apegava a ele. No entanto, descobrimos que é apenas a expressão do Infinito em; a linguagem da matéria, na linguagem do finito, é o infinito dos músculos e não da mente; é o infinito do espaço e não do pensamento. Portanto, na segunda parte de Jnâna Kânda, descobrimos que há um procedimento totalmente diferente. A primeira foi uma busca na natureza externa pelas verdades do universo; foi uma tentativa de obter a solução dos problemas profundos da vida no mundo material. यस्यैते हिमवन्तो महित्वा — "Cujas glórias estes Himalaias declaram". Esta é uma grande ideia, mas ainda não foi suficientemente grandiosa para a Índia. A mente indiana teve de recuar e a pesquisa tomou uma direção totalmente diferente; do externo a busca veio para o interno, da matéria para a mente. Surgiu o grito: "Quando um homem morre, o que acontece com ele?"

अस्तीत्येके नायमस्तीति चेके

— “Alguns dizem que ele existe, outros que ele se foi; diga, ó rei da Morte, qual é a verdade?” Um procedimento totalmente diferente que encontramos

aqui. A mente indiana obteve tudo o que podia obter do mundo externo, mas não se sentiu satisfeita com isso; quis pesquisar mais, mergulhar na própria alma, e a resposta final veio.

Os Upanishads, ou o Vedanta, ou os Âranyakas, ou Rahasya é o nome desta porção dos Vedas. Aqui descobrimos imediatamente que a religião se livrou de todas as formalidades externas. Aqui descobrimos imediatamente que as coisas espirituais não são contadas na linguagem da matéria, mas na linguagem do espírito; o superfino na linguagem do superfino. Não há mais qualquer grosseria associada a isso, não há mais qualquer compromisso com coisas de interesse mundano. Ousadas, corajosas, além da concepção dos dias atuais, estão as mentes gigantescas dos sábios dos Upanishads, declarando as verdades mais nobres que já foram pregadas à humanidade, sem qualquer compromisso, sem qualquer medo. Isto, meus compatriotas, quero apresentar a vocês. Até mesmo o Jnana Kanda dos Vedas é um vasto oceano; muitas vidas são necessárias para entender pelo menos um pouco disso. Verdadeiramente foi dito por Râmânuja sobre os Upanishads que eles formam a cabeça, os ombros, a crista dos Vedas, e certamente os Upanishads se tornaram a Bíblia da Índia moderna. Os hindus têm o maior respeito pelo Karma Kanda dos Vedas, mas, para todos os efeitos práticos, sabemos que há séculos por Shruti se entende os Upanishads, e apenas os Upanishads. Sabemos que todos os nossos grandes filósofos, sejam Vyâsa, Patanjali ou Gautama, e até mesmo o pai de toda a filosofia, o próprio grande Kapila, sempre que queriam uma autoridade para o que escreviam, todos eles a encontravam nos Upanishads, e em nenhum lugar caso contrário, pois nele estão as verdades que permanecem para sempre.

Existem verdades que são verdadeiras apenas num determinado sentido, numa determinada direção, sob determinadas circunstâncias e para determinados tempos – aquelas que se baseiam nas instituições dos tempos. Existem outras verdades que se baseiam na natureza do próprio homem e que devem perdurar enquanto o próprio homem perdurar. Estas são as únicas verdades que podem ser universais, e apesar de todas as mudanças que ocorreram na Índia, no que diz respeito ao nosso ambiente social, aos nossos métodos de vestir, à nossa maneira de comer, aos nossos modos de adoração - estas verdades universais dos Shrutis, as maravilhosas idéias vedânticas, destacam-se em sua própria sublimidade, imóveis, invencíveis,

imortais e imortais. No entanto, os germes de todas as ideias desenvolvidas nos Upanishads já haviam sido ensinados no Karma Kanda. A ideia do cosmos que todas as seitas de Vedantistas tinham de considerar como certa, a psicologia que formou a base comum de todas as escolas indianas de pensamento, já teria sido elaborada e apresentada ao mundo. Algumas palavras, portanto, sobre o Karma Kanda são necessárias antes de começarmos a parte espiritual, o Vedanta; e antes de tudo gostaria de explicar o sentido em que uso a palavra Vedanta.

Infelizmente existe a noção equivocada na Índia moderna de que a palavra Vedanta se refere apenas ao sistema Advaita; mas você deve sempre lembrar que na Índia moderna os três Prasthânas são considerados igualmente importantes no estudo de todos os sistemas religiosos. Em primeiro lugar, existem as Revelações, os Shrutis, com o que quero dizer os Upanishads. Em segundo lugar, entre as nossas filosofias, os Sutras de Vyasa têm o maior destaque por serem a consumação de todos os sistemas de filosofia anteriores. Esses sistemas não são contraditórios entre si, mas um se baseia no outro, e há um desdobramento gradual do tema que culmina nos Sutras de Vyasa. Então, entre os Upanishads e os Sutras, que são a sistematização das maravilhosas verdades do Vedanta, surge o Gita, o comentário divino do Vedanta.

Os Upanishads, os Vyâsa-Sutras e o Gita, portanto, foram adotados por todas as seitas na Índia que desejam reivindicar autoridade para a ortodoxia, seja dualista, ou Vishishtâdvaitista, ou Advaitista; as autoridades de cada um deles são os três Prasthanas. Descobrimos que um Shankaracharya, ou um Râmânua, ou um Madhvâchârya, ou um Vallabhâcharya, ou um Chaitanya – qualquer um que quisesse propor uma nova seita – tinha que adotar estes três sistemas e escrever apenas um novo comentário sobre eles. Portanto, seria errado limitar a palavra Vedanta apenas a um sistema que surgiu dos Upanishads. Todos estes são abrangidos pela palavra Vedanta. O Vishishtadvaitista tem tanto direito de ser chamado de Vedantista quanto o Advaitista; na verdade, irei um pouco mais longe e direi que o que realmente queremos dizer com a palavra Hindu é realmente o mesmo que Vedantista. Quero que você observe que esses três sistemas existem na Índia quase desde tempos imemoriais; pois você não deve acreditar que Shankara foi o inventor do sistema Advaita. Já existia muito antes de

Shankara nascer; ele foi um de seus últimos representantes. O mesmo acontece com o sistema Vishishtadvaita: ele já existia muito antes do aparecimento de Ramanuja, como já sabemos pelos comentários que ele escreveu; o mesmo acontece com os sistemas dualistas que existiram lado a lado com os outros. E com meu pouco conhecimento cheguei à conclusão de que eles não se contradizem.

Assim como no caso dos seis Darshanais, descobrimos que eles são um desdobramento gradual dos grandes princípios cuja música começa muito atrás nas notas suaves e graves e termina na explosão triunfante do Advaita, assim também nestes três sistemas encontramos o trabalho gradual da mente humana em direção a ideais cada vez mais elevados, até que tudo se funda naquela unidade maravilhosa que é alcançada no sistema Advaita. Portanto, estes três não são contraditórios. Por outro lado, devo dizer-lhe que este foi um erro cometido por não poucos. Descobrimos que um professor Advaitista mantém intactos os textos que ensinam especialmente o Advaitismo e tenta interpretar os textos dualistas ou não-dualistas qualificados em seu próprio significado. Da mesma forma, encontramos professores dualistas tentando ler o seu significado dualista nos textos Advaiticos. Nossos Gurus foram grandes homens, mas há um ditado que diz: “Mesmo as falhas de um Guru devem ser contadas”. Sou de opinião que só nisso eles se enganaram. Não precisamos entrar na tortura de textos, não precisamos entrar em nenhum tipo de desonestidade religiosa, não precisamos entrar em nenhum tipo de bobagem gramatical, não precisamos sair por aí tentando colocar nossas próprias ideias em textos que nunca foram feitos para eles. , mas o trabalho é simples e se torna mais fácil, uma vez que você entende a maravilhosa doutrina de Adhikârabheda.

É verdade que os Upanishads têm este tema diante deles:

कस्मिन्नु भगवो विज्ञाते सर्वमिदं विज्ञातं भवति ।

- "O que é esse conhecimento que conhecemos todo o resto?" Na linguagem moderna, o tema dos Upanishads é encontrar uma unidade última das coisas. O conhecimento nada mais é do que encontrar a unidade em meio à diversidade. Toda ciência se baseia nisso; todo o conhecimento humano se baseia na descoberta da unidade no meio da diversidade; e se é tarefa de pequenos fragmentos do conhecimento humano, que chamamos de nossas ciências, encontrar unidade em meio a alguns fenômenos diferentes, a tarefa torna-se estupenda quando o tema diante de nós é encontrar unidade em meio a este maravilhoso universo diversificado, onde prevalecem inúmeras diferenças em nome e forma, em matéria e espírito - cada pensamento diferente de todos os outros pensamentos, cada forma diferente de todas as outras formas. No entanto, harmonizar estes muitos planos e Lokas intermináveis, no meio desta variedade infinita para encontrar a unidade, é o tema dos Upanishads. Por outro lado, aplica-se a velha ideia de Arundhati Nyâya. Para mostrar a um homem a bela estrela Arundhati, ele pega a estrela grande e brilhante mais próxima dela, na qual ele deve fixar primeiro os olhos, e então se torna muito fácil direcionar sua visão para Arundhati. Esta é a tarefa que temos diante de nós e, para provar minha ideia, tenho simplesmente que mostrar-lhes os Upanishads, e vocês os verão. Quase todos os capítulos começam com o ensinamento dualista, Upâsanâ. Deus é inicialmente ensinado como alguém que é o Criador deste universo, seu Preservador e para quem tudo vai finalmente. Ele deve ser adorado, o Governante, o Guia da natureza, externa e interna, mas aparecendo como se estivesse fora da natureza e externamente. Um passo adiante e encontramos o mesmo professor ensinando que esse Deus não está fora da natureza, mas é imanente na natureza. E finalmente ambas as ideias são descartadas, e tudo o que é real é Ele; não há diferença. तत्त्वमसि श्वेतकेतो — "Shvetaketu, isso és." Esse Imanente é finalmente declarado ser o mesmo que está na alma humana. Aqui não há compromisso; aqui não há medo da opinião dos outros. A verdade, a verdade ousada, tem sido ensinada em linguagem ousada, e não precisamos temer pregar a verdade na mesma linguagem ousada hoje, e, pela graça de Deus, espero pelo menos ser alguém que ousa ser esse pregador ousado. .

Voltando às nossas preliminares. Há duas primeiras coisas a serem compreendidas – uma, o aspecto psicológico comum a todas as escolas Vedantas, e a outra, o aspecto cosmológico. Abordarei primeiro o último.

Hoje encontramos descobertas maravilhosas da ciência moderna chegando até nós como raios vindos do nada, abrindo nossos olhos para maravilhas com as quais nunca sonhamos. Mas muitas delas são apenas redescobertas do que foi encontrado há muito tempo. Foi ainda outro dia que a ciência moderna descobriu que mesmo no meio da variedade de forças existe unidade. Acabou de descobrir que o que chama de calor, magnetismo, eletricidade e assim por diante, são todos conversíveis em uma força unitária e, como tal, expressa tudo isso por um nome, seja qual for o nome que você escolher. Mas isso foi feito até mesmo no Samhita; por mais velho e antigo que seja, nele encontramos exatamente essa ideia de força a que me referia. Todas as forças, quer você as chame de gravitação, ou atração, ou repulsão, quer se expressem como calor, ou eletricidade, ou magnetismo, nada mais são do que variações dessa energia unitária. Quer se expressem como pensamento, refletido no Antahkarana, os órgãos internos do homem, ou como ação de um órgão externo, a unidade da qual brotam é o que se chama Prâna. Novamente, o que é Prana? Prana é Spandana ou vibração. Quando todo este universo tiver retornado ao seu estado original, o que acontecerá com esta força infinita? Eles acham que ele está extinto? Claro que não. Se fosse extinto, qual seria a causa da próxima onda, porque o movimento ocorre em formas de onda, subindo, descendo, subindo novamente, caindo novamente? Aqui está a palavra Srishti, que expressa o universo. Observe que a palavra não significa criação. Não consigo falar inglês; Tenho que traduzir as palavras em sânscrito da melhor maneira possível. É Srishti, projeção. No final de um ciclo, tudo se torna cada vez mais sutil e retorna ao estado primordial do qual surgiu, e aí permanece por um tempo inativo, pronto para surgir novamente. Isso é Srishti, projeção. E o que acontece com todas essas forças, os Pranas? Eles são reduzidos ao Prana primordial, e este Prana torna-se quase imóvel – não totalmente imóvel; e é isso que é descrito no Sukta Védico: “Ele vibrava sem vibrações” – Ânidavâtam. Existem muitas frases técnicas nos Upanishads difíceis de entender. Por exemplo, tome esta palavra Vâta; muitas vezes significa ar e muitas vezes movimento, e muitas vezes as pessoas confundem um com o outro. Devemos nos proteger contra isso. E o que acontece com o que você chama de matéria? As forças permeiam toda a matéria; todos eles se dissolvem em Âkâsha, de onde saem novamente; este Akasha é a matéria primordial. Quer você traduza como éter ou qualquer outra coisa, a ideia é que este Akasha é a forma primordial da matéria. Este

Akasha vibra sob a ação do Prana, e quando o próximo Srishti está surgindo, à medida que a vibração se torna mais rápida, o Akasha é amarrado em todas essas formas de ondas que chamamos de sóis, luas e sistemas.

Lemos novamente: यद्विदं किञ्च जगत् सर्वं प्राण एजति निःसृतम् — “Tudo neste universo foi projetado, Prana vibrando.” Você deve marcar a palavra Ejati, porque vem de Eja – vibrar. Nihsritam — projetado. Yadidam Kincha – seja o que for neste universo.

Isso faz parte do lado cosmológico. Há muitos detalhes trabalhando nisso. Por exemplo, como ocorre o processo, como surge o primeiro éter, e como do éter surgem outras coisas, como esse éter começa a vibrar, e daí surge Vâyü. Mas a única ideia aqui é que é do mais sutil que veio o mais grosseiro. A matéria grosseira é a última a emergir e a mais externa, e esta matéria grosseira tinha antes de si a matéria mais fina. No entanto, vemos que tudo foi dividido em dois, mas ainda não existe uma unidade final. Existe a unidade da força, Prana, existe a unidade da matéria, chamada Akasha. Existe alguma unidade a ser encontrada entre eles novamente? Eles podem ser fundidos em um? A nossa ciência moderna está muda aqui, ainda não encontrou a saída; e se estiver fazendo isso, assim como lentamente encontrou o mesmo velho Prana e o mesmo antigo Akasha, terá que seguir a mesma linha.

A próxima unidade é o Ser impessoal onipresente conhecido por seu antigo nome mitológico como Brahmâ, o Brahma de quatro cabeças e psicologicamente chamado de Mahat. É aqui que os dois se unem. O que é chamado de sua mente é apenas um pedaço deste Mahat preso na armadilha do cérebro, e a soma total de todas as mentes presas nas malhas dos cérebros é o que vocês chamam de Samashti, o agregado, o universal. A análise teve que ir mais longe; ainda não estava completo. Aqui éramos cada um de nós, por assim dizer, um microcosmo, e o mundo considerado como um todo é o macrocosmo. Mas seja o que for que esteja no Vyashti, no particular, podemos conjecturar com segurança que algo semelhante está acontecendo também fora. Se tivéssemos o poder de analisar as nossas próprias mentes, poderíamos conjecturar com segurança que a mesma coisa está acontecendo na mente cósmica. O que é essa mente é a questão. Nos

tempos modernos, nos países ocidentais, à medida que a ciência física progride rapidamente, à medida que a fisiologia conquista, passo a passo, fortaleza após fortaleza das antigas religiões, o povo ocidental não sabe onde se posicionar, porque, para seu grande desespero, a fisiologia moderna, em todos os aspectos, passo identificou a mente com o cérebro. Mas nós, na Índia, sempre soubemos disso. Essa é a primeira proposição que o menino hindu aprende: a mente é matéria, só que mais sutil. O corpo é grosseiro e por trás do corpo está o que chamamos de Sukshma Sharira, o corpo sutil ou mente. Isso também é material, só que mais fino; e não é o Âtman.

Não vou traduzir esta palavra para vocês em inglês, porque a ideia não existe na Europa; é intraduzível. A tentativa moderna dos filósofos alemães é traduzir a palavra Atman pela palavra “Self”, e até que essa palavra seja universalmente aceita, é impossível usá-la. Então, chame-o de Eu ou algo assim, é o nosso Atman. Este Atman é o verdadeiro homem por trás. É o Atman que usa a mente material como seu instrumento, seu Antahkarana, como é o termo psicológico para a mente. E a mente, por meio de uma série de órgãos internos, trabalha os órgãos visíveis do corpo. O que é essa mente? Foi ainda outro dia que os filósofos ocidentais souberam que os olhos não são os verdadeiros órgãos da visão, mas que por trás destes existem outros órgãos, os Indriyas, e se estes forem destruídos, um homem pode ter mil olhos, como Indra, mas não haverá visão para ele. Sim, sua filosofia começa com esta suposição de que por visão não se entende a visão externa. A verdadeira visão pertence aos órgãos internos, os centros cerebrais internos. Você pode chamá-los do que quiser, mas não é que os Indriyas sejam os olhos, ou o nariz, ou as orelhas. E a soma total de todos esses Indriyas mais Manas, Buddhi, Chitta, Ahamkara, etc., é o que se chama mente, e se o fisiologista moderno vier lhe dizer que o cérebro é o que se chama mente, e que o O cérebro é formado por tantos órgãos que você não precisa ter medo; diga-lhe que seus filósofos sempre souberam disso; é um dos primeiros princípios da sua religião.

Pois bem, temos que entender agora o que significa Manas, Buddhi, Chitta, Ahamkara, etc. Primeiro de tudo, tomemos Chitta. É a matéria mental – uma parte do Mahat – é o nome genérico para a própria mente, incluindo todos os seus vários estados. Suponhamos que numa noite de verão haja um

lago, liso e calmo, sem ondulações em sua superfície. E suponha que alguém jogue uma pedra neste lago. O que acontece? Primeiro vem a ação, o golpe dado na água; em seguida a água sobe e envia uma reação em direção à pedra, e essa reação assume a forma de uma onda. Primeiro a água vibra um pouco e imediatamente devolve uma reação em forma de onda. Podemos comparar o Chitta com este lago, e os objetos externos são como as pedras atiradas nele. Assim que entra em contato com algum objeto externo por meio desses Indriyas – os Indriyas devem estar lá para carregar esses objetos externos para dentro – há uma vibração, que é chamada de Manas, indecisa. Em seguida há uma reação, a faculdade determinante, Buddhi, e junto com esta Buddhi surge a ideia de Aham e do objeto externo. Suponha que haja um mosquito pousado em minha mão. Essa sensação é levada para minha Chitta e ela vibra um pouco; este é o Manas psicológico. Depois há uma reação e surge imediatamente a ideia de que tenho um mosquito na mão e que terei de expulsá-lo. Assim, essas pedras são atiradas no lago, mas no caso do lago todo golpe que chega até ele vem do mundo externo, enquanto no caso do lago da mente, os golpes podem vir do mundo externo ou do mundo interno. Esta série é chamada de Antahkarana.

Junto com isso, você deve entender mais uma coisa que nos ajudará a compreender o sistema Advaita mais tarde. É isto. Todos vocês devem ter visto pérolas e a maioria sabe como as pérolas são formadas. Um grão de areia entra na concha de uma ostra pérola e provoca ali uma irritação, e o corpo da ostra reage à irritação e cobre a pequena partícula com seu próprio suco. Isso cristaliza e forma a pérola. Então todo o universo é assim, é a pérola que está sendo formada por nós. O que recebemos do mundo externo é simplesmente o golpe. Mesmo para estarmos conscientes desse golpe, temos que reagir, e assim que reagimos, realmente projetamos uma parte de nossa própria mente em direção ao golpe, e quando tomamos conhecimento disso, é realmente a nossa própria mente, tal como aconteceu. Foi moldado pelo golpe. Portanto, é claro mesmo para aqueles que querem acreditar num realismo rígido e rápido de um mundo externo, o que não podem deixar de admitir nestes dias de fisiologia - que supondo que representamos o mundo externo por "x", o que realmente sabemos é "x" mais a mente, e esse elemento mente é tão grande que cobriu todo aquele "x" que permaneceu desconhecido e incognoscível por toda parte; e, portanto, se existe um

mundo externo, ele é sempre desconhecido e incognoscível. O que sabemos dele é como é moldado, formado e modelado pela nossa própria mente. O mesmo ocorre com o mundo interno. O mesmo se aplica à nossa própria alma, o Atman. Para conhecer o Atman teremos que conhecê-lo através da mente; e, portanto, o que pouco sabemos deste Atman é simplesmente o Atman mais a mente. Isto é, o Atman encoberto, formado e moldado pela mente, e nada mais. Voltaremos a isso um pouco mais tarde, mas lembraremos o que foi dito aqui.

A próxima coisa a entender é isso. Surgiu a questão de que este corpo é o nome de um fluxo contínuo de matéria - a cada momento estamos adicionando material a ele, e a cada momento material é descartado por ele - como um rio fluindo continuamente, vastas massas de água sempre mudando de lugar; ainda assim, consideramos tudo isso na imaginação e o chamamos de o mesmo rio. Como chamamos o rio? A cada momento a água muda, a costa muda, a cada momento o ambiente muda, o que é então o rio? É o nome desta série de mudanças. Então, com a mente. Essa é a grande doutrina Kshanika Vijnâna Vâda, mais difícil de entender, mas mais rigorosa e logicamente desenvolvida na filosofia budista; e isto surgiu na Índia em oposição a alguma parte do Vedanta. Isso tinha que ser respondido e veremos mais tarde como só poderia ser respondido pelo Advaitismo e por nada mais. Veremos também como, apesar das noções curiosas das pessoas sobre o Advaitismo, e do medo das pessoas sobre o Advaitismo, ele é a salvação do mundo, porque só nele se encontra a razão das coisas. O dualismo e outros ismos são muito bons como meios de adoração, muito satisfatórios para a mente, e talvez tenham ajudado a mente a avançar; mas se o homem quiser ser racional e religioso ao mesmo tempo, Advaita é o único sistema no mundo para ele. Bem, agora consideraremos a mente como um rio semelhante, enchendo-se continuamente numa extremidade e esvaziando-se na outra extremidade. Onde está aquela unidade que chamamos de Atman? A ideia é esta: apesar desta mudança contínua no corpo, e apesar desta mudança contínua na mente, existe em nós algo que é imutável, que faz com que as nossas ideias sobre as coisas pareçam imutáveis. Quando raios de luz vindos de diferentes direções incidem sobre uma tela, ou sobre uma parede, ou sobre algo que não é mutável, então, e somente então, é possível que eles formem uma unidade, então, e somente então, é possível que eles formem uma unidade. um todo completo. Onde

está essa unidade nos órgãos humanos, sobre a qual, por assim dizer, as várias idéias se unirão e se tornarão um todo completo? Isto certamente não pode ser a própria mente, visto que ela também muda. Portanto deve haver algo que não seja nem o corpo nem a mente, algo que não muda, algo permanente, sobre o qual todas as nossas ideias, as nossas sensações recaem para formar uma unidade e um todo completo; e esta é a verdadeira alma, o Atman do homem. E vendo que tudo o que é material, quer você chame isso de matéria sutil, ou mente, deve ser mutável, vendo que o que você chama de matéria grosseira, o mundo externo, também deve ser mutável em comparação com isso – esse algo imutável não pode ser de substância material; portanto, é espiritual, isto é, não é matéria – é indestrutível, imutável.

A seguir virá outra questão: além daqueles velhos argumentos que só surgem no mundo externo, os argumentos em apoio ao design – quem criou este mundo externo, quem criou a matéria, etc.? A ideia aqui é conhecer a verdade apenas a partir da natureza interior do homem, e a questão surge da mesma forma que surgiu em relação à alma. Tomando como certo que existe uma alma imutável em cada homem, que não é nem a mente nem o corpo, ainda existe uma unidade de ideia entre as almas, uma unidade de sentimento, de simpatia. Como é possível que minha alma possa agir sobre a sua alma, onde está o meio através do qual ela pode atuar, onde está o meio através do qual ela pode atuar? Como é que posso sentir alguma coisa sobre suas almas? O que é que está em contato com a sua alma e com a minha alma? Portanto, há uma necessidade metafísica de admitir outra alma, pois deve ser uma alma que atue em contato com todas as diferentes almas, e na e através da matéria - uma Alma que cobre e interpenetra todo o número infinito de almas no mundo, em e através do qual eles vivem, e através do qual eles simpatizam, amam e trabalham uns pelos outros. E esta Alma universal é Paramâtman, o Senhor Deus do universo. Novamente, segue-se que porque a alma não é feita de matéria, visto que é espiritual, ela não pode obedecer às leis da matéria, não pode ser julgada pelas leis da matéria. É, portanto, invencível, sem nascimento, sem morte e sem mudança.

नैनं छिन्दन्ति शस्त्राणि नैनं दहति पावकः ।
न चैनं क्लेदयन्त्यापो न शोषयति मारुतः ॥
नित्यः सर्वगतः स्थाणुरचलोऽयं सनातनः ॥

- "Este Eu, as armas não podem perfurar, nem o fogo pode queimar, a água não pode molhar, nem o ar pode secar. Imutável, onipenetrante, imóvel, eterno é este Eu do homem." Aprendemos de acordo com o Gita e o Vedanta que este Eu individual também é Vibhu e, de acordo com Kapila, é onipresente. É claro que existem seitas na Índia que sustentam que o Ser é Anu, infinitamente pequeno; mas o que eles querem dizer é Anu em manifestação; sua verdadeira natureza é Vibhu, onipenetrante.

Surge outra ideia, talvez surpreendente, mas uma ideia caracteristicamente indiana, e se existe alguma ideia que é comum a todas as nossas seitas, é esta. Portanto, peço-lhes que prestem atenção a esta ideia e que se lembrem dela, pois esta é a base de tudo o que temos na Índia. A ideia é esta. Você tem barba da doutrina da evolução física pregada no mundo ocidental pelos sábios alemães e ingleses. Diz-nos que os corpos dos diferentes animais são realmente um; as diferenças que vemos são apenas expressões diferentes da mesma série; que do verme mais inferior ao homem mais elevado e mais santo é apenas um - um se transformando no outro, e assim por diante, subindo cada vez mais, cada vez mais alto, até atingir a perfeição. Tivemos essa ideia também. Declara nosso Yogi Patanjali — जात्यन्तरपरिणामः प्रकृत्यापूरतः । Uma espécie — o Jāti é espécie — muda para outra espécie — evolução; Parināma significa uma coisa se transformando em outra, assim como uma espécie se transforma em outra. Onde é que diferimos dos Europeus? Patanjali diz, Prakṛityāpurāt, “Pelo preenchimento da natureza”. O Europeu diz que é a competição, a selecção natural e sexual, etc., que força um corpo a assumir a forma de outro. Mas aqui está outra ideia, uma análise ainda melhor, aprofundando a coisa e dizendo: “Pelo preenchimento da natureza”. O que significa esse preenchimento da natureza? Admitimos que a ameba sobe cada vez mais até se tornar um Buda; admitimos isso, mas estamos ao mesmo tempo certos de que não é possível obter uma quantidade de trabalho de uma máquina a menos que a tenhamos colocado de uma forma ou de outra. A soma total da energia permanece a mesma, quaisquer que sejam as formas que possa assumir. Se você quiser uma massa de energia em uma extremidade, terá que colocá-la na outra extremidade; pode estar em outra forma, mas a quantidade de energia que deve ser produzida deve ser a mesma. Portanto, se um Buda é o fim da mudança, a própria ameba também deve ter sido o Buda. Se o Buda é a ameba evoluída, a ameba também era o Buda envolvido. Se este universo é a manifestação de uma

quantidade quase infinita de energia, quando este universo estava em estado de Pralaya, deve ter representado a mesma quantidade de energia envolvida. Não pode ter sido de outra forma. Como tal, segue-se que toda alma é infinita. Desde o verme mais inferior que rasteja sob nossos pés até os maiores e mais nobres santos, todos têm esse poder infinito, pureza infinita e tudo infinito. A única diferença está no grau de manifestação. O verme está manifestando apenas um pouquinho dessa energia, você manifestou mais, outro homem-deus manifestou ainda mais: essa é toda a diferença. Mas esse poder infinito existe mesmo assim. Diz Patanjali: ततः क्षेत्रिकवत् । — "Como o camponês irrigando seu campo." Através de um cantinho do seu campo ele traz água de um reservatório em algum lugar, e talvez ele tenha uma pequena trava que impede que a água entre no seu campo. Quando ele quer água, basta abrir a fechadura e a água corre por sua própria força. A potência não precisa ser somada, ela já está lá no reservatório. Assim, cada um de nós, cada ser, tem como pano de fundo um tal reservatório de força, poder infinito, pureza infinita, bem-aventurança infinita e existência infinita - apenas essas fechaduras, esses corpos, estão nos impedindo de expressar o que realmente somos. o mais completo.

E à medida que estes corpos se tornam cada vez mais organizados, à medida que o Tamoguna se torna o Rajoguna, e à medida que o Rajoguna se torna Sattvaguna, mais e mais deste poder e pureza se manifestam, e é por isso que o nosso povo tem sido tão cuidadoso com a alimentação e a alimentação. bebida e a questão alimentar. Pode ser que as ideias originais se tenham perdido, tal como aconteceu com o nosso casamento – que, embora não pertencendo ao assunto, posso tomar como exemplo. Se eu tiver outra oportunidade falarei com você sobre isso; mas deixe-me dizer-lhe agora que as ideias por trás do nosso sistema matrimonial são as únicas ideias através das quais pode haver uma verdadeira civilização. Não pode haver mais nada. Se a um homem ou a uma mulher fosse permitida a liberdade de tomar qualquer mulher ou homem como esposa ou marido, se o prazer individual, a satisfação dos instintos animais, pudesse fluir solto na sociedade, o resultado seria mau, filhos maus, perverso e demoníaco. Sim, o homem em todos os países está, por um lado, produzindo estas crianças brutais e, por outro lado, multiplicando a força policial para reprimir estes brutos. A questão não é como destruir o mal dessa forma, mas como impedir o próprio nascimento do mal. E enquanto você viver em sociedade,

seu casamento certamente afetará todos os seus membros; e, portanto, a sociedade tem o direito de ditar com quem você deve se casar e com quem não deve. E grandes ideias desse tipo estão por trás do sistema de casamento daqui, o que eles chamam de Jati astrológico da noiva e do noivo. E, de passagem, posso observar que, segundo Manu, uma criança que nasce da luxúria não é ariana. A criança cuja própria concepção e cuja morte está de acordo com as regras dos Vedas, tal é um Ariano. Sim, e menos destas crianças arianas estão a ser produzidas em todos os países, e o resultado é a massa do mal a que chamamos Kali Yuga. Mas perdemos todos estes ideais – é verdade que não podemos levar agora todas estas ideias ao máximo – é perfeitamente verdade que fizemos quase uma caricatura de algumas destas grandes ideias. É lamentavelmente verdade que os pais e as mães não são mais o que eram antigamente, nem a sociedade é tão educada como costumava ser, nem a sociedade tem aquele amor pelos indivíduos que costumava ter. Mas, por mais defeituoso que seja o funcionamento, o princípio é sólido; e se a sua aplicação se tornou deficiente, se um método falhou, adote o princípio e resolva-o melhor; por que matar o princípio? O mesmo se aplica à questão alimentar. O trabalho e os detalhes são ruins, muito ruins mesmo, mas isso não fere o princípio. O princípio é eterno e deve existir. Resolva tudo de novo e faça uma aplicação reformada.

Esta é a grande idéia do Atman, na qual cada uma de nossas seitas na Índia deve acreditar. Somente, como veremos, os dualistas pregam que este Atman, através de más obras, torna-se Sankuchita, isto é, todos os seus poderes e sua natureza ficam contraídos, e através de boas obras novamente essa natureza se expande. E o Advaitista diz que o Atman nunca se expande nem se contrai, mas parece fazê-lo. Parece ter sido contratado. Essa é toda a diferença, mas todos têm a mesma idéia de que nosso Atman já possui todos os poderes, não que algo venha de fora para ele, não que algo caia dos céus para ele. Observe bem, seus Vedas não são inspirados, mas expiraram, não que tenham vindo de algum lugar externo, mas são as leis eternas que vivem em cada alma. Os Vedas estão na alma da formiga, na alma do deus. A formiga só precisa evoluir e adquirir o corpo de um sábio ou de um Rishi, e os Vedas surgirão, leis eternas se expressando. Esta é a única grande ideia para compreender que o nosso poder já é nosso, a nossa salvação já está dentro de nós. Digamos que ele se contraiu ou que foi coberto com o véu de

Mâyâ, pouco importa; a ideia já existe; você deve acreditar nisso, acreditar na possibilidade de todos – que mesmo no homem mais inferior existe a mesma possibilidade que no Buda. Esta é a doutrina do Atman.

Mas agora vem uma luta tremenda. Aqui estão os budistas, que analisam igualmente o corpo em um fluxo material e analisam igualmente a mente em outro. E quanto a este Atman, eles afirmam que é desnecessário; portanto, não precisamos assumir o Atman de forma alguma. Qual a utilidade de uma substância e as qualidades aderidas à substância? Dizemos Gunas, qualidades e apenas qualidades. É ilógico assumir duas causas onde uma explicará tudo. E a luta continuou, e todas as teorias que sustentavam a doutrina da substância foram jogadas por terra pelos budistas. Houve uma ruptura em toda a linha daqueles que se apegavam à doutrina da substância e das qualidades, de que você tem uma alma, e eu tenho uma alma, e cada um tem uma alma separada da mente e do corpo, e que cada um é um indivíduo.

Até agora vimos que a ideia de dualismo está correta; pois existe o corpo, existe então o corpo sutil – a mente – existe este Atman, e em e através de todos os Atmans está aquele Paramâtman, Deus. A dificuldade aqui é que este Atman e Paramatman são ambos chamados de substância, à qual a mente e o corpo e as chamadas substâncias aderem como tantas qualidades. Ninguém jamais viu uma substância, ninguém jamais poderá conceber; qual é a utilidade de pensar nesta substância? Por que não se tornar um Kshanikavâdin e dizer que tudo o que existe é esta sucessão de correntes mentais e nada mais? Eles não aderem um ao outro, não formam uma unidade, um persegue o outro, como ondas no oceano, nunca completas, nunca formando uma unidade-todo. O homem é uma sucessão de ondas, e quando uma desaparece gera outra, e a cessação destas formas de onda é o que se chama Nirvana. Você vê que o dualismo é mudo diante disso; é impossível que possa surgir qualquer argumento, e o Deus dualista também não pode ser mantido aqui. A ideia de um Deus que é onipresente, mas que é uma pessoa que cria sem mãos, e se move sem pés, e assim por diante, e que criou o universo como um Kumbhakâra (oleiro) cria um Ghata (pote), declara o budista, é infantil, e que se isso é Deus, ele vai lutar contra esse Deus e não adorá-lo. Este universo está cheio de miséria; se for obra de um Deus, vamos lutar contra esse Deus. E em segundo lugar, este Deus é

ilógico e impossível, como todos vocês sabem. Não precisamos entrar nos defeitos da “teoria do design”, como todos os nossos Kshanikas os demonstraram muito bem; e assim este Deus Pessoal caiu em pedaços.

A verdade, e nada além da verdade, é a palavra de ordem do Advaitista.

सत्यमेव जयते नानृतं । सत्येन पन्था विततो देवयानः

- "Somente a verdade triunfa, e não a inverdade. Somente através da verdade o caminho para os deuses, Devayâna, reside." Todos marcham sob essa bandeira; sim, mas é apenas para esmagar a posição do homem mais fraco pela sua própria. Você vem com sua ideia dualista de Deus para provocar uma briga com um homem pobre que está adorando uma imagem, e você pensa que é maravilhosamente racional, você pode confundi-lo; mas se ele se virar e destruir o seu próprio Deus Pessoal e chamar isso de ideal imaginário, onde você está? Você recorre à fé e assim por diante, ou levanta o grito do ateísmo, o velho grito de um homem fraco – quem o derrota é um ateu. Se quiserem ser racionais, sejam racionais em todas as etapas e, se não, concedam aos outros o mesmo privilégio que vocês pedem para si mesmos. Como você pode provar a existência desse Deus? Por outro lado, pode ser quase refutado. Não há sombra de prova quanto à Sua existência, e há argumentos muito fortes em contrário. Como você provará Sua existência, com seu Deus, e Seus Gunas, e um número infinito de almas que são substância, e cada alma é um indivíduo? Em que você é um indivíduo? Você não é como um corpo, pois sabe hoje melhor do que os antigos budistas sabiam que o que poderia ter sido matéria no sol acabou de se tornar matéria em você, e sairá e se tornará matéria nas plantas; então onde está a sua individualidade, Sr. Fulano de Tal? O mesmo se aplica à mente. Onde está sua individualidade? Você tem um pensamento esta noite e outro amanhã. Você não pensa da mesma forma que pensava quando era criança; e os velhos não pensam da mesma forma que pensavam quando eram jovens. Onde está sua individualidade então? Não diga que está na consciência, este Ahamkara, porque isso cobre apenas uma pequena parte da sua existência. Enquanto falo com você, todos os meus órgãos estão funcionando e não tenho consciência disso. Se a consciência é a prova da existência, então eles não existem, porque não estou consciente deles. Onde

você está então com suas teorias sobre o Deus Pessoal? Como você pode provar tal Deus?

Mais uma vez, os budistas levantar-se-ão e declararão que isto não só é ilógico, como também imoral, pois ensina o homem a ser um covarde e a procurar ajuda externa, e ninguém pode dar-lhe tal ajuda. Aqui está o universo, o homem o criou; por que então depender de um ser imaginário externo que ninguém jamais viu, sentiu ou recebeu ajuda? Por que então vocês se fazem de covardes e ensinam a seus filhos que o estado mais elevado do homem é ser como um cachorro, e vão rastejando diante desse ser imaginário, dizendo que vocês são fracos e impuros, e que vocês são tudo vil neste universo? Por outro lado, os budistas podem insistir não apenas para que você minta, mas também para que traga uma tremenda quantidade de maldade sobre seus filhos; pois, observe bem, este mundo é de hipnotização. Tudo o que você diz a si mesmo, isso você se torna. Quase as primeiras palavras que o grande Buda pronunciou foram: "O que você pensa, isso você é; o que você pensará, isso você será." Se isso for verdade, não ensine a si mesmo que você não é nada, sim, que você não pode fazer nada a menos que seja ajudado por alguém que não mora aqui, mas está sentado acima das nuvens. O resultado será que você ficará cada vez mais enfraquecido a cada dia. Ao repetir constantemente: "somos muito impuros, Senhor, torna-nos puros", o resultado será que vocês se hipnotizarão em todos os tipos de vícios. Sim, os budistas dizem que noventa por cento desses vícios que você vê em todas as sociedades são devidos a esta ideia de um Deus Pessoal; é uma ideia terrível do ser humano que o fim e o objetivo desta expressão da vida, desta maravilhosa expressão da vida, seja tornar-se como um cachorro. Diz o budista ao Vaishnava, se o seu ideal, seu objetivo e meta é ir para o lugar chamado Vaikuntha, onde Deus vive, e ficar ali diante Dele com as mãos postas por toda a eternidade, é melhor cometer suicídio do que fazer isso. Os budistas podem até insistir nisso, é por isso que ele vai criar a aniquilação, o Nirvana, para escapar disso. Estou apresentando essas idéias a você como budista, apenas por enquanto, porque hoje em dia diz-se que todas essas idéias advaíticas o tornam imoral, e estou tentando lhe dizer como é o outro lado. Enfrentemos ambos os lados com ousadia e bravura.

Vimos, em primeiro lugar, que isto não pode ser provado, esta ideia de um Deus Pessoal criando o mundo; há alguma criança que possa acreditar nisso hoje? Porque um Kumbhakara cria um Ghata, portanto um Deus criou o mundo! Se for assim, então o seu Kumbhakara também é Deus; e se alguém lhe disser que Ele age sem cabeça e sem mãos, você poderá levá-lo para um asilo para lunáticos. Alguma vez o seu Deus Pessoal, o Criador do mundo, por quem você clama durante toda a sua vida, o ajudou - é o próximo desafio da ciência moderna. Eles provarão que qualquer ajuda que você recebeu poderia ter sido obtida por seus próprios esforços e, melhor ainda, você não precisava ter gasto sua energia chorando, você poderia ter feito melhor sem chorar e chorar. E vimos que juntamente com esta ideia de um Deus Pessoal vêm a tirania e as artimanhas sacerdotais. A tirania e o sacerdócio prevaleceram onde quer que esta ideia existisse, e até que a mentira seja derrubada, dizem os budistas, a tirania não cessará. Enquanto o homem pensar que tem de se encolher diante de um ser sobrenatural, enquanto existirem padres para reivindicar direitos e privilégios e para fazer os homens se encolherem diante deles, enquanto estes pobres homens continuarão a pedir a algum padre que atue como interceder por eles. Você pode acabar com o brâmane, mas preste atenção, aqueles que fizerem isso se colocarão no lugar dele e serão piores, porque o brâmane tem uma certa generosidade dentro dele, mas esses arrivistas são sempre os piores dos tiranizadores. Se um mendigo ganha riqueza, ele pensa que o mundo inteiro é um pedaço de palha. Portanto, estes sacerdotes devem existir enquanto esta ideia de Deus Pessoal persistir, e será impossível pensar em qualquer grande moralidade na sociedade. A arte sacerdotal e a tirania andam de mãos dadas. Por que foi inventado? Porque alguns homens fortes dos tempos antigos colocaram as pessoas nas mãos e disseram: você deve nos obedecer ou iremos destruí-lo. Isso foi tudo. महद्वयं वज्रमुद्यतम् । — É a ideia do trovão que mata todo aquele que não lhe obedece.

Em seguida, o budista diz: você tem sido perfeitamente racional até este ponto, que tudo é resultado da lei do Karma. Você acredita em uma infinidade de almas, e que as almas não nascem nem morrem, e essa infinidade de almas e a crença na lei do Karma são perfeitamente lógicas, sem dúvida. Não pode haver causa sem efeito, o presente deve ter tido a sua causa no passado e terá o seu efeito no futuro. O Hindu diz que o Karma é Jada (inerte) e não Chaitanya (Espírito), portanto é necessário algum

Chaitanya para levar esta causa a bom termo. É assim que Chaitanya é necessário para fazer a planta frutificar? Se eu plantar a semente e adicionar água, nenhum Chaitanya será necessário. Você pode dizer que havia algum Chaitanya original ali, mas as próprias almas eram o Chaitanya, nada mais é necessário. Se as almas humanas também o têm, que necessidade há de um Deus, como dizem os jainistas, que, ao contrário dos budistas, acreditam nas almas e não acreditam em Deus. Onde você está lógico, onde você está moral? E quando você critica o Advaitismo e teme que isso resulte em imoralidade, basta ler um pouco do que tem sido feito na Índia por seitas dualistas. Se houve vinte mil canalhas Advaitistas, também houve vinte mil canalhas Dvaitistas. De um modo geral, haverá mais canalhas Dvaitistas, porque é necessário um tipo de mente melhor para compreender o Advaitismo, e os Advaitistas dificilmente podem ser intimidados por alguma coisa. O que resta para vocês, hindus, então? Não há ajuda para você fora das garras dos budistas. Você pode citar os Vedas, mas ele não acredita neles. Ele dirá: "Meus Tripitakas dizem o contrário, e eles não têm começo nem fim, nem mesmo foram escritos por Buda, pois Buda diz que os está apenas recitando; eles são eternos". E acrescenta: "Os seus estão errados, os nossos são os verdadeiros Vedas, os seus são fabricados pelos sacerdotes brâmanes, portanto, descarte-os." Como você escapa?

Aqui está a maneira de sair. Aceite a primeira objeção, a metafísica, de que substância e qualidades são diferentes. Diz o Advaitista, eles não são. Não há diferença entre substância e qualidades. Você conhece a velha ilustração, como a corda é tomada pela cobra, e quando você vê a cobra você não vê a corda, a corda desapareceu. Dividir a coisa em substância e qualidade é algo metafísico nos cérebros dos filósofos, pois nunca poderão estar em vigor fora. Você vê qualidades se for um homem comum, e substância se for um grande Yogi, mas nunca vê as duas ao mesmo tempo. Assim, budistas, a sua disputa sobre substância e qualidades tem sido apenas um erro de cálculo que não se sustenta na realidade. Mas se a substância não for qualificada, só pode haver uma. Se você retirar qualidades da alma e mostrar que essas qualidades estão realmente na mente, sobrepostas à alma, então nunca poderá haver duas almas, pois é a qualificação que faz a diferença entre uma alma e outra. Como você sabe que uma alma é diferente da outra? Devido a certas marcas diferenciadoras, certas qualidades. E onde não existem qualidades, como pode haver

diferenciação? Portanto não existem duas almas, existe apenas Uma, e o seu Paramatman é desnecessário, é esta mesma alma. Esse Um é chamado Paramatman, esse mesmo é chamado Jivâtman, e assim por diante; e vocês, dualistas, como os Sâmkhyas e outros, que dizem que a alma é Vibhu, onipresente, como podem fazer dois infinitos? Só pode haver um. O que mais? Este Um é o Atman Infinito, todo o resto é sua manifestação. Aí o budista pára, mas aí não termina.

A posição Advaitista não é apenas uma crítica fraca. O Advaitista critica os outros quando eles chegam muito perto dele, e simplesmente os joga fora, isso é tudo; mas ele propõe sua própria posição. Ele é o único que critica, e não se limita a criticar e mostrar livros. Olha Você aqui. Você diz que o universo é algo em movimento contínuo. Em Vyashti (o finito) tudo está em movimento; você está se movendo, a mesa está se movendo, há movimento em toda parte; é Samsâra, movimento contínuo; é Jagat. Portanto não pode haver individualidade neste Jagat, porque individualidade significa aquilo que não muda; não pode haver qualquer individualidade mutável, é uma contradição em termos. Não existe individualidade neste nosso pequeno mundo, o Jagat. Pensamento e sentimento, mente e corpo, homens, animais e plantas estão em contínuo estado de fluxo. Mas suponha que você considere o universo como uma unidade; ele pode mudar ou se mover? Certamente não. O movimento é possível em comparação com algo que está um pouco menos em movimento ou totalmente imóvel. O universo como um todo, portanto, é imóvel, imutável. Você é, portanto, um indivíduo e então sozinho quando você é a totalidade dele, quando a compreensão de “Eu sou o universo” chega. É por isso que o Vedantista diz que enquanto houver dois, o medo não cessa. Somente quando a pessoa não vê o outro, não sente o outro, é quando tudo é um – só então o medo cessa, só então a morte desaparece, só então o Samsara desaparece. Advaita nos ensina, portanto, que o homem é individual por ser universal, e não por ser particular. Você é imortal somente quando é o todo. Você é destemido e imortal apenas quando é o universo; e então aquilo que você chama de universo é o mesmo que você chama de Deus, o mesmo que você chama de existência, o mesmo que você chama de todo. É a única Existência indivisa que é considerada o mundo múltiplo que vemos, assim como outros que estão no mesmo estado de espírito que nós. Pessoas que fizeram um Karma um pouco melhor e obtiveram um estado mental melhor, quando morrem, olham para isso como Svarga e vêem Indras e assim por diante. Pessoas ainda mais elevadas verão isso, exatamente a mesma coisa que Brahma-Loka, e os perfeitos não verão a terra nem os céus, nem qualquer Loka. O universo terá desaparecido e Brahman estará em seu lugar.

Podemos conhecer este Brahman? Eu lhes falei sobre a pintura do Infinito no Samhita. Aqui encontraremos outro lado mostrado, o infinito interno.

Esse era o infinito dos músculos. Aqui teremos o Infinito do pensamento. Lá, tentou-se pintar o Infinito em linguagem positiva; aqui essa linguagem falhou e a tentativa foi pintá-la com uma linguagem negativa. Aqui está este universo, e mesmo admitindo que seja Brahman, podemos conhecê-lo? Não! Não! Você deve entender isso novamente com muita clareza. Repetidamente esta dúvida surgirá em você: Se isto é Brahman, como podemos saber disso?

विज्ञातारम्भे केन विज्ञानीयात्

– “Por meio do que o conhecedor pode ser conhecido?” Como o conhecedor pode ser conhecido? Os olhos veem tudo; eles podem se ver? Não podem: O próprio facto do conhecimento é uma degradação. Filhos dos arianos, vocês devem se lembrar disso, pois aqui reside uma grande história. Todas as tentações ocidentais que chegam até você têm sua base metafísica numa coisa: não há nada mais elevado do que o conhecimento sensorial. No Oriente, dizemos nos nossos Vedas que este conhecimento é inferior à própria coisa, porque é sempre uma limitação. Quando você quer saber alguma coisa, ela imediatamente fica limitada pela sua mente. Eles dizem, voltemos ao caso da ostra fazendo uma pérola e vejamos como o conhecimento é uma limitação, reunir uma coisa, trazê-la para a Consciência e não conhecê-la como um todo. Isto é verdade para todo o conhecimento, e poderá ser menos verdade para o Infinito? Você pode assim limitar Aquele que é a substância de todo conhecimento, Aquele que é o Sâkshi, a testemunha, sem o qual você não pode ter nenhum conhecimento, Aquele que não tem qualidades, que é a Testemunha de todo o universo, a Testemunha em nosso próprio almas? Como você pode conhecê-Lo? Por que meios você pode amarrá-Lo? Tudo, todo o universo, é uma tentativa tão falsa. Este Atman infinito está, por assim dizer, tentando ver Sua própria face, e todos, desde os animais mais inferiores até os deuses mais elevados, são como tantos espelhos nos quais se refletir, e Ele está pegando ainda outros, achando-os insuficientes. , até que no corpo humano Ele venha a saber que é o finito do finito, tudo é finito, não pode haver qualquer expressão do Infinito no finito. Depois vem a marcha retrógrada, e isso é o que se chama renúncia, Vairâgya. De volta dos sentidos, de volta! Não cair na razão é a palavra de ordem de Vairagya. Esta é a palavra de ordem de toda a moralidade, esta é a palavra de ordem de todo o bem-estar;

pois você deve lembrar que conosco o universo começa em Tapasyâ, na renúncia, e conforme você vai e volta, todas as formas vão se manifestando diante de você, e são deixadas de lado uma após a outra até que você permaneça o que realmente é. Isto é Moksha ou libertação.

Esta ideia temos que entender: विज्ञातारमरे केन विज्ञानीयात् — "Como conhecer o conhecedor?" O conhecedor não pode ser conhecido, porque se fosse conhecido, não seria o conhecedor. Se você olhar seus olhos num espelho, o reflexo não será mais seus olhos, mas outra coisa, apenas um reflexo. Então, se esta alma, este Ser Universal e Infinito que você é, é apenas uma testemunha, de que adianta isso? Não pode viver, movimentar-se e desfrutar o mundo como nós. As pessoas não conseguem entender como a testemunha pode desfrutar. "Oh", dizem eles, "vocês, hindus, tornaram-se inertes e inúteis, através desta doutrina de que são testemunhas!" Em primeiro lugar, só a testemunha pode desfrutar. Se há uma luta de luta livre, quem gosta dela, quem participa dela ou quem assiste - os de fora? Quanto mais e mais você é testemunha de qualquer coisa na vida, mais você gosta dela. E este é Ânanda; e, portanto, a bem-aventurança infinita só poderá ser sua quando você se tornar a testemunha deste universo; então sozinho você é um Mukta Purusha. Só a testemunha pode trabalhar sem qualquer desejo, sem qualquer ideia de ir para o céu, sem qualquer ideia de culpa, sem qualquer ideia de louvor. Somente a testemunha desfruta, e mais ninguém.

Chegando ao aspecto moral, há uma coisa entre o aspecto metafísico e o aspecto moral do Advaitismo; é a teoria de Mâyâ. Todos esses pontos do sistema Advaita requerem anos para serem compreendidos e meses para serem explicados. Portanto, você me desculpará se eu apenas tocá-los em passant. Esta teoria de Maya tem sido a coisa mais difícil de entender em todas as épocas. Deixe-me dizer-lhe em poucas palavras que certamente não é uma teoria, é a combinação das três ideias Desha-Kâla-Nimitta – espaço, tempo e causalidade – e este tempo, espaço e causa foram ainda mais reduzidos a Nâma- Rupa. Suponha que haja uma onda no oceano. A onda é distinta do oceano apenas na sua forma e nome, e esta forma e este nome não podem ter qualquer existência separada da onda; eles existem apenas com a onda. A onda pode diminuir, mas a mesma quantidade de água permanece, mesmo que o nome e a forma que estavam na onda desapareçam para sempre. Portanto, esta Maya é o que faz a diferença entre

mim e você, entre todos os animais e o homem, entre deuses e homens. Na verdade, é esse Maya que faz com que o Atman seja capturado, por assim dizer, em tantos milhões de seres, e estes são distinguíveis apenas através do nome e da forma. Se você deixar isso de lado, deixar de lado o nome e a forma, toda essa variedade desaparecerá para sempre e você será o que realmente é. Esta é a Maia.

Novamente, não se trata de uma teoria, mas de uma declaração de fatos. Quando o realista afirma que esta mesa existe, o que ele quer dizer é que esta mesa tem uma existência independente e própria, que não depende da existência de mais nada no universo, e se todo este universo for destruído e aniquilado, esta tabela permanecerá como está agora. Um pouco de reflexão lhe mostrará que não pode ser assim. Tudo aqui no mundo dos sentidos é dependente e interdependente, relativo e correlativo, a existência de um depende do outro. Há três passos, portanto, no nosso conhecimento das coisas; a primeira é que cada coisa é individual e separada de todas as outras; e o próximo passo é descobrir que existe uma relação e correlação entre todas as coisas; e a terceira é que há apenas uma coisa que vemos como muitas. A primeira ideia de Deus com os ignorantes é que esse Deus está em algum lugar fora do universo, ou seja, a concepção de Deus é extremamente humana; Ele faz exatamente o que um homem faz, só que em uma escala cada vez maior. E vimos como essa ideia de Deus é provada em poucas palavras como irracional e insuficiente. E a próxima ideia é a ideia de um poder que vemos manifestado em todos os lugares. Este é o verdadeiro Deus Pessoal que obtemos no Chandi, mas, observe bem, não é um Deus que você torna o reservatório apenas de todas as boas qualidades. Você não pode ter dois Deuses, Deus e Satanás; você deve ter apenas um e ousar chamá-lo de bom e mau. Tenha apenas um e assuma as consequências lógicas. Lemos no Chandi: "Saudamos-Te, ó Mãe Divina, que vive em cada ser como paz. Saudamos-Te, ó Mãe Divina, que vive em todos os seres como pureza". Ao mesmo tempo, devemos assumir todas as consequências de chamá-Lo de Todo-formado. "Tudo isso é bem-aventurança, ó Gângi; onde quer que haja bem-aventurança, há uma porção do Divino." Você pode usá-lo como quiser. Sob esta luz diante de mim, você pode dar cem rúpias a um homem pobre, e outro homem pode falsificar seu nome, mas a luz será a mesma para ambos. Esta é a segunda etapa. E a terceira é que Deus não está nem fora da natureza nem dentro da natureza, mas Deus e a natureza e a

alma e o universo são todos termos conversíveis. Você nunca vê duas coisas; são suas palavras metafísicas que o iludiram. Você assume que é um corpo e tem uma alma, e que ambos estão juntos. Como pode ser? Tente em sua própria mente. Se há um Yogi entre vocês, ele se conhece como Chaitanya, para ele o corpo desapareceu. Um homem comum pensa em si mesmo como um corpo; a ideia de espírito desapareceu dele; mas porque existem as ideias metafísicas de que o homem tem um corpo e uma alma e todas essas coisas, você pensa que elas estão todas simultaneamente lá. Uma coisa de cada vez. Não fale de Deus quando você vê a matéria; você vê o efeito e apenas o efeito, e a causa você não pode ver, e no momento em que você puder ver a causa, o efeito terá desaparecido. Onde está o mundo então e quem o retirou?

"Aquele que está sempre presente como consciência, a bem-aventurança absoluta, além de todos os limites, além de toda comparação, além de todas as qualidades, sempre livre, ilimitado como o céu, sem partes, o absoluto, o perfeito - tal Brahman, ó sábio, Ó erudito, brilha no coração do Jnani em Samâdhi (Vivekachudamani, 408).

"Onde todas as mudanças da natureza cessam para sempre, quem é pensado além de todos os pensamentos, quem é igual a todos, mas não tendo igual, imensurável, quem os Vedas declaram, quem é a essência daquilo que chamamos de nossa existência, o perfeito - tal Brahman, ó sábio, ó erudito, brilha no coração do Jnani em Samadhi (Ibid., 409).

"Além de todo nascimento e morte, o Infinito, incomparável, como todo o universo inundado de água no Mahapralaya - água acima, água abaixo, água por todos os lados, e na face dessa água nem uma onda, nem uma ondulação - silencioso e calma, todas as visões desapareceram, todas as brigas e brigas e a guerra dos tolos e dos santos cessaram para sempre - tal Brahman, ó sábio, ó erudito, brilha no coração do Jnani em Samadhi." (Ibid., 410)

Isso também acontece, e quando isso acontece o mundo desaparece.

Vimos então que este Brahman, esta Realidade é desconhecida e incognoscível, não no sentido do agnóstico, mas porque conhecê-Lo seria uma blasfêmia, porque você já é Ele. Vimos também que este Brahman não

é esta mesa e ainda assim é esta mesa. Tire o nome e a forma, e tudo o que é realidade é Ele. Ele é a realidade em tudo.

"Tu és a mulher, tu és o homem, tu és o menino, e a menina também, tu és o velho sustentado numa vara, tu és tudo em tudo no universo." Esse é o tema do Advaitismo. Mais algumas palavras. Nisto reside, descobrimos, a explicação da essência das coisas. Vimos como só aqui podemos tomar uma posição firme contra todo o avanço da lógica e do conhecimento científico. Aqui, finalmente, a razão tem uma base sólida e, ao mesmo tempo, o vedantista indiano não amaldiçoa os passos anteriores; ele olha para trás e os abençoa, e sabe que eles eram verdadeiros, apenas percebidos e declarados erroneamente. Eles eram a mesma verdade, vista apenas através do vidro de Maya, por mais distorcida que seja - mas verdade, e nada além da verdade. O mesmo Deus que o homem ignorante via fora da natureza, o mesmo que o homem pouco sábio via como interpenetrando o universo, e o mesmo que o sábio percebe como seu próprio Ser, como todo o universo em si - todos são Um e o mesmo Ser, a mesma entidade vista de diferentes pontos de vista, vista através de diferentes lentes de Maya, percebida por diferentes mentes, e toda a diferença foi causada por isso. Não apenas isso, mas uma visão deve levar à outra. Qual é a diferença entre ciência e conhecimento comum? Saia para a rua no escuro e, se algo incomum estiver acontecendo ali, pergunte a um dos transeuntes qual é a causa disso. Se for dez para um ele dirá que é um fantasma que está causando o fenômeno. Ele está sempre perseguindo fantasmas e espíritos externos, porque é da natureza da ignorância buscar causas fora dos efeitos. Se uma pedra cair, foi atirada por um demônio ou por um fantasma, diz o homem ignorante, mas o homem científico diz que é a lei da natureza, a lei da gravitação.

Qual é a luta entre ciência e religião em todos os lugares? As religiões estão sobrecarregadas com uma grande quantidade de explicações que vêm de fora - um anjo é responsável pelo sol, outro pela lua, e assim por diante, ad infinitum. Toda mudança é causada por um espírito, e o único ponto comum de acordo é que todos estão fora da coisa. Ciência significa que a causa de uma coisa é procurada pela natureza da própria coisa. À medida que a ciência progride passo a passo, ela tirou a explicação dos fenômenos naturais das mãos dos espíritos e dos anjos. Porque o Advaitismo fez o mesmo em questões espirituais, é a religião mais científica. Este universo

não foi criado por nenhum Deus extracósmico, nem é obra de nenhum gênio externo. É autocriador, autodissolvente, automanifestado, Uma Existência Infinita, o Brahman. Tattvamasi Shvetaketo - "Isso és tu! Ó Shvetaketu!"

Assim você vê que esta, e somente esta, e nenhuma outra, pode ser a única religião científica. E com toda a conversa sobre ciência que ocorre diariamente na Índia moderna e semi-educada, com toda a conversa sobre racionalismo e razão que ouço todos os dias, eu espero isso; Seitas inteiras de vocês virão e ousarão ser Advaitistas, e ousarão pregar isso ao mundo nas palavras de Buda, बहुजनहिताय बहुजनसुखाय - "Para o bem de muitos, para a felicidade de muitos." Se não, eu os considero covardes. Se você não consegue superar a sua covardia, se o seu medo é a sua desculpa, permita a mesma liberdade aos outros, não tente acabar com o pobre adorador de ídolos, não o chame de demônio, não saia pregando para todos os homens, isso não concorda inteiramente com você. Saibam primeiro que vocês mesmos são covardes, e se a sociedade os assusta, se as suas próprias superstições do passado os assustam tanto, quanto mais essas superstições irão assustar e prender aqueles que são ignorantes? Essa é a posição Advaita. Tenha misericórdia dos outros. Quisera Deus que o mundo inteiro fosse Advaitista amanhã, não apenas em teoria, mas em realização. Mas se isso não for possível, façamos a próxima melhor coisa; vamos pegar os ignorantes pelo grupo, conduzi-los sempre passo a passo, conforme podem, e saber que cada passo em todo o crescimento religioso na Índia tem sido progressivo. Não é de ruim para bom, mas de bom para melhor.

Algo mais precisa ser dito sobre a relação moral. Nossos meninos falam alegremente hoje em dia; eles aprendem com alguém - Deus sabe de quem - que o Advaita torna as pessoas imorais, porque se somos todos um e todos Deus, que necessidade de moralidade haverá! Em primeiro lugar, esse é o argumento do bruto, que só pode ser dominado pelo chicote. Se vocês são tão brutos, cometa suicídio em vez de se passar por seres humanos que precisam ser dominados pelo chicote. Se o chicote for retirado, todos vocês serão demônios! Todos vocês deveriam ser mortos se for esse o caso. Não há ajuda para você; você deve sempre viver sob esse chicote e vara, e não há salvação, nem escapatória para você.

Em segundo lugar, apenas Advaita e Advaita explicam a moralidade. Cada religião prega que a essência de toda moralidade é fazer o bem aos outros. E porque? Seja altruísta. E por que eu deveria? Algum Deus disse isso? Ele não é para mim. Alguns textos declararam isso? Deixe eles; isso não é nada para mim; deixe todos contarem. E se o fizerem, o que isso significa para mim? Cada um por si, e alguém fica com o que fica em segundo plano – essa é toda a moralidade do mundo, pelo menos para muitos. Qual é a razão pela qual eu deveria ser moral? Você não pode explicá-lo, exceto quando você conhece a verdade conforme dada no Gita: “Aquele que vê todos em si mesmo, e a si mesmo em todos, vendo assim o mesmo Deus vivendo em todos, ele, o sábio, não mata mais o Ser”. por si mesmo." Saiba através do Advaita que quem quer que você machuque, você machuca a si mesmo; eles são todos vocês. Quer você saiba disso ou não, você trabalha com todas as mãos, com todos os pés que você move, você é o rei desfrutando no palácio, você é o mendigo levando aquela existência miserável na rua; você está tanto no ignorante quanto no erudito, você está no homem que é fraco e você está no forte; saiba disso e seja solidário. E é por isso que não devemos machucar os outros. É por isso que nem me importo se terei que passar fome, porque haverá milhões de bocas comendo ao mesmo tempo, e são todas minhas. Portanto, eu não deveria me importar com o que acontece comigo e com o que é meu, pois todo o universo é meu, estou desfrutando de toda a bem-aventurança ao mesmo tempo; e quem pode matar a mim ou ao universo? Aqui está a moralidade. Aqui, somente no Advaita, a moralidade é explicada. Os outros ensinam o item, mas não podem lhe dar a razão. Então, até agora sobre a explicação.

Qual é o ganho? É força. Tire o véu de hipnotismo que você lançou sobre o mundo, não envie pensamentos e palavras de fraqueza para a humanidade. Saiba que todos os pecados e todos os males podem ser resumidos nesta única palavra: fraqueza. É a fraqueza a força motriz de todas as más ações; é a fraqueza a fonte de todo egoísmo; é a fraqueza que faz com que os homens prejudiquem os outros; é a fraqueza que os faz manifestar o que não são na realidade. Deixe que todos saibam o que são; deixe-os repetir dia e noite o que são. Soham. Deixe-os sugar com o leite materno essa ideia de força - eu sou Ele, eu sou Ele. Isto deve ser ouvido primeiro -

श्रोतव्यो मन्तव्यो निदिध्यासितव्यः etc. E então deixe-os pensar nisso, e desse pensamento, desse coração procederão obras como o mundo nunca viu. O que deve ser feito? Sim, alguns dizem que este Advaita é impraticável; isto é, ainda não está se manifestando no plano material. Até certo ponto isso é verdade, pois lembre-se do ditado dos Vedas:

ओमित्येकाक्षरं ब्रह्म ओमित्येकाक्षरं परम् ।
ओमित्येकाक्षरं ज्ञात्वा यो यदिच्छति तस्य तत् ॥

"Om, este é o Brahman; Om, esta é a maior realidade; aquele que conhece o segredo deste Om, tudo o que deseja, ele consegue." Sim, portanto primeiro conheça o segredo deste Om, que você é o Om; conheça o segredo deste Tattvamasi, e então, somente então, tudo o que você quiser virá até você. Se você quer ser grande materialmente, acredite que você é assim. Eu posso ser uma pequena bolha, e você pode ser uma onda da altura de uma montanha, mas saiba que para nós dois o oceano infinito é o pano de fundo, o infinito Brahman é nosso depósito de poder e força, e podemos extrair tanto quanto quisermos. tipo, nós dois, eu a bolha e você a onda do alto da montanha. Acreditem, portanto, em vocês mesmos. O segredo do Advaita é: acredite primeiro em si mesmo e depois acredite em qualquer outra coisa. Na história do mundo, você descobrirá que apenas as nações que acreditaram em si mesmas se tornaram grandes e fortes. Na história de cada nação, vocês sempre descobrirão que somente aqueles indivíduos que acreditaram em si mesmos se tornaram grandes e fortes. Aqui, para a Índia, veio um inglês que era apenas um escriturário e, por falta de fundos e outros motivos, tentou por duas vezes estourar-lhe os miolos; e quando falhou, acreditou em si mesmo, acreditou que nasceu para fazer grandes coisas; e esse homem se tornou Lord Clive, o fundador do Império. Se ele tivesse acreditado nos Padres e tivesse rastejado durante toda a vida - "Ó Senhor,

sou fraco e abatido" - onde ele estaria? Em um asilo para lunáticos. Você também se tornou lunático por causa desses ensinamentos malignos. Tenho visto, em todo o mundo, os maus efeitos destes fracos ensinamentos de humildade destruindo a raça humana. Nossos filhos são criados dessa maneira, e é de admirar que se tornem semilunáticos?

Isso é ensinar do lado prático. Acreditem, portanto, em vocês mesmos, e se querem riquezas materiais, resolvam-nas; ele chegará até você. Se você quer ser intelectual, trabalhe no plano intelectual, e você será um gigante intelectual. E se você deseja alcançar a liberdade, trabalhe-a no plano espiritual, e livre você será e entrará no Nirvana, a Bem-aventurança Eterna. Mas um defeito que estava no Advaita era o fato de ele ter sido trabalhado por tanto tempo apenas no plano espiritual, e em nenhum outro lugar; agora chegou a hora de tornar isso prático. Não será mais um Rahasya, um segredo, não viverá mais com monges em cavernas e florestas, e no Himalaia; deve resumir-se à vida quotidiana das pessoas; será realizado no palácio do rei, na caverna do contemplativo; será praticado na cabana do pobre, pelo mendigo na rua, em toda parte; em qualquer lugar isso pode ser resolvido. Portanto, não tema se você é uma mulher ou um Shudra, pois esta religião é tão grande, diz o Senhor Krishna, que mesmo um pouco dela traz uma grande quantidade de bem.

Portanto, filhos dos arianos, não fiquem parados; desperte, levante-se e não pare até que o objetivo seja alcançado. Chegou o momento em que este Advaita deverá ser trabalhado na prática. Vamos trazê-lo do céu para a terra; esta é a presente dispensação. Sim, as vozes dos nossos antepassados estão nos dizendo para trazê-lo do céu para a terra. Deixe seus ensinamentos permearem o mundo, até que eles tenham entrado em todos os poros da sociedade, até que se tornem propriedade comum de todos, até que se tornem parte integrante de nossas vidas, até que entrem em nossas veias e formem com cada gota de sangue lá.

Sim, você pode ficar surpreso ao ouvir que, como vedantistas práticos, os americanos são melhores do que nós. Eu costumava ficar à beira-mar em Nova York e olhar para os emigrantes vindos de diferentes países - esmagados, oprimidos, sem esperança, incapazes de olhar um homem nos olhos, tendo como posse uma pequena trouxa de roupas, e tudo isso em

trapos; se viam um policial ficavam com medo e tentavam passar para o outro lado da trilha. E, veja bem, em seis meses aqueles mesmos homens estavam andando eretos, bem vestidos, olhando todo mundo nos olhos; e o que fez essa diferença maravilhosa? Digamos, este homem vem da Armênia ou de algum outro lugar onde foi esmagado de forma irreconhecível, onde todos lhe disseram que ele nasceu um escravo e nasceu para permanecer em um estado inferior por toda a vida, e onde pelo menos se moveu de sua parte ele foi pisado. Ali, tudo lhe dizia, por assim dizer: "Escravo! você é um escravo, continue assim. Desesperado, você nasceu, desesperado, você deve permanecer." Até o próprio ar murmurava ao seu redor, por assim dizer: "Não há esperança para você; desesperado e escravo, você deve permanecer", enquanto o homem forte esmagava a vida dele. E quando desembarcou nas ruas de Nova York, encontrou um senhor, bem vestido, apertando-lhe a mão; não fazia diferença que um estivesse em farrapos e o outro bem vestido. Ele deu um passo adiante e viu um restaurante, onde havia cavalheiros jantando em uma mesa, e ele foi convidado a se sentar no canto da mesma mesa. Ele andou e encontrou uma nova vida, que havia um lugar onde ele era um homem entre os homens. Talvez ele tenha ido a Washington, apertado a mão do Presidente dos Estados Unidos, e talvez lá tenha visto homens vindos de aldeias distantes, camponeses e malvestidos, todos apertando a mão do Presidente. Então o véu de Maya escorregou dele. Ele é Brahman, aquele que foi hipnotizado pela escravidão e pela fraqueza está mais uma vez desperto, e ele se eleva e se torna um homem em um mundo de homens. Sim, neste nosso país, o próprio local de nascimento do Vedanta, nossas massas foram hipnotizadas durante séculos para esse estado. Tocá-los é poluição, sentar-se com eles é poluição! Desesperados eles nasceram, desesperados devem permanecer! E o resultado é que eles foram afundando, afundando, afundando, e chegaram ao último estágio ao qual um ser humano pode chegar. Pois que país existe no mundo onde o homem tem que dormir com o gado? E por isso não culpe mais ninguém, não cometa o erro dos ignorantes. O efeito está aqui e a causa também. Nós somos os culpados. Levante-se, seja ousado e assuma a culpa sobre seus próprios ombros. Não jogue lama nos outros; por todas as falhas que você sofre, você é a única e única causa.

Jovens de Lahore, entendam isto, pois este grande pecado hereditário e nacional, está sobre nossos ombros. Não há esperança para nós. Você pode

criar milhares de sociedades, vinte mil assembleias políticas, cinquenta mil instituições. Estes serão inúteis até que haja essa simpatia, esse amor, esse coração que pensa por todos; até que o coração de Buda chegue mais uma vez à Índia, até que as palavras do Senhor Krishna sejam levadas ao seu uso prático, não haverá esperança para nós. Você continua imitando os europeus e suas sociedades e seus agrupamentos, mas deixe-me contar-lhe uma história, um fato que vi com meus próprios olhos. Uma companhia de birmaneses foi levada para Londres por algumas pessoas daqui, que se revelaram serem eurasionos. Eles exibiram essas pessoas em Londres, pegaram todo o dinheiro e depois levaram esses birmaneses para o continente e os deixaram lá para o bem ou para o mal. Estas pobres pessoas não conheciam uma palavra de nenhuma língua europeia, mas o cônsul inglês na Áustria enviou-as para Londres. Eles estavam indefesos em Londres, sem conhecer ninguém. Mas uma senhora inglesa ficou sabendo deles, levou esses estrangeiros da Birmânia para sua própria casa, deu-lhes suas próprias roupas, sua cama e tudo mais, e depois mandou a notícia para os jornais. E, observe, no dia seguinte toda a nação estava, por assim dizer, despertada. O dinheiro entrou e essas pessoas foram ajudadas e enviadas de volta para a Birmânia. Neste tipo de simpatia baseiam-se todas as suas instituições políticas e outras; é a base sólida do amor, pelo menos para eles próprios. Eles podem não amar o mundo; e os birmaneses podem ser seus inimigos, mas em Inglaterra, nem é preciso dizer, existe um grande amor pelo seu próprio povo, pela verdade, pela justiça e pela caridade para com o estrangeiro que está à porta. Eu seria o homem mais ingrato se não lhe contasse quão maravilhosamente e quão hospitaleiramente fui recebido em todos os países do Ocidente. Onde está o coração aqui para construir? Assim que abrimos uma pequena sociedade por ações, tentamos enganar uns aos outros e tudo desmorona. Você fala em imitar os ingleses e construir uma nação tão grande quanto eles. Mas onde estão as bases? As nossas são apenas areia e, portanto, o prédio desaba com estrondo num piscar de olhos.

Portanto, jovens de Lahore, levantem mais uma vez aquela poderosa bandeira do Advaita, pois em nenhum outro terreno vocês poderão ter esse amor maravilhoso até que vejam que o mesmo Senhor está presente em todos os lugares. Desfralde essa bandeira do amor! "Levante-se, desperte e não pare até que o objetivo seja alcançado." Levante-se, levante-se mais uma vez, pois nada pode ser feito sem renúncia. Se você quiser ajudar os

outros, seu pequeno eu deve ir embora. Nas palavras dos cristãos – você não pode servir a Deus e a Mamom ao mesmo tempo. Tenha Vairagya. Seus ancestrais desistiram do mundo por fazerem grandes coisas. Atualmente há homens que renunciam ao mundo para ajudar na sua própria salvação. Jogue fora tudo, até mesmo a sua própria salvação, e vá ajudar os outros. Sim, você está sempre falando palavras ousadas, mas aqui está o Vedanta prático diante de você. Desista desta sua pequena vida. O que importa se você morrer de fome – você e eu e milhares de pessoas como nós – enquanto esta nação viver? A nação está afundando, a maldição de incontáveis milhões de pessoas está sobre nossas cabeças – aqueles a quem temos dado água para beber quando estavam morrendo de sede e enquanto o rio perene de água passava, os incontáveis milhões de quem nós permitimos morrer de fome à vista da abundância, os incontáveis milhões a quem falamos de Advaita e a quem odiamos com todas as nossas forças, os incontáveis milhões para quem inventamos a doutrina de Lokâchâra (uso), a quem temos falado teoricamente que somos todos iguais e todos somos um com o mesmo Senhor, sem sequer um pinga de prática. "No entanto, meus amigos, isso deve estar apenas na mente e nunca na prática!" Limpe essa mancha. "Levante-se e acorde." O que importa se esta vidinha acabar? Todos têm que morrer, o santo ou o pecador, o rico ou o pobre. O corpo nunca permanece para ninguém. Levante-se e desperte e seja perfeitamente sincero. A nossa falta de sinceridade na Índia é terrível; o que queremos é caráter, aquela firmeza e caráter que fazem um homem se apegar a algo como a morte sombria.

"Deixe os sábios culparem ou deixem-nos elogiar, deixe Lakshmi vir hoje ou deixe-a ir embora, deixe a morte chegar agora mesmo ou daqui a cem anos; ele de fato é o sábio que não dá um passo em falso no caminho certo." Levante-se e desperte, pois o tempo está passando e todas as nossas energias serão: desperdiçadas em conversas vãs. Levante-se e desperte, deixe que as pequenas coisas, as brigas por pequenos detalhes e as brigas por pequenas doutrinas sejam deixadas de lado, pois aqui está a maior de todas as obras, aqui estão os milhões que afundam. Quando os muçulmanos chegaram pela primeira vez à Índia, havia um grande número de hindus aqui; mas observe como hoje eles diminuíram! Todos os dias eles diminuirão cada vez mais até desaparecerem completamente. Deixe-os desaparecer, mas com eles desaparecerão as ideias maravilhosas, das quais,

com todos os seus defeitos e todas as suas deturpações, ainda permanecem como representantes. E com eles desaparecerá este maravilhoso Advaita, a jóia de todo pensamento espiritual. Portanto, levante-se, desperto, com as mãos estendidas para proteger a espiritualidade do mundo. E antes de tudo, resolva isso para o seu próprio país. O que queremos não é tanto espiritualidade, mas um pouco da descida do Advaita para o mundo material. Primeiro o pão e depois a religião. Nós os enchemos demais de religião, quando os pobres coitados estão morrendo de fome. Nenhum dogma irá satisfazer os desejos da fome. Há duas maldições aqui: primeiro a nossa fraqueza, em segundo lugar, o nosso ódio, os nossos corações secos. Você pode falar de doutrinas aos milhões, pode ter seitas às centenas de milhões; sim, mas não é nada até que você tenha coragem de sentir. Sinta-os como o seu Veda lhe ensina, até descobrir que são partes de seus próprios corpos, até perceber que você e eles, o pobre e o rico, o santo e o pecador, são todos partes de Um Todo Infinito, que você chame Brahman.

Senhores, tentei apresentar-lhes alguns dos pontos mais brilhantes do sistema Advaita, e agora chegou o momento em que ele deveria ser colocado em prática, não apenas neste país, mas em todos os lugares. A ciência moderna e os seus golpes de marreta estão a pulverizar os alicerces de porcelana de todas as religiões dualistas em todo o lado. Não só aqui os dualistas estão torturando os textos até que eles não se estendam mais – pois os textos não são borracha da Índia – não é só aqui que eles estão tentando entrar nos cantos e recantos para se protegerem; é ainda mais assim na Europa e na América. E mesmo lá algo dessa ideia terá que partir da Índia. Já chegou lá. Terá que crescer e aumentar e salvar também as suas civilizações. Pois no Ocidente a velha ordem das coisas está desaparecendo, dando lugar a uma nova ordem de coisas, que é a adoração do ouro, a adoração de Mamon. Assim, este velho e rudimentar sistema religioso era melhor que o sistema moderno, nomeadamente – a concorrência e o ouro. Nenhuma nação, por mais forte que seja, pode sustentar-se sobre tais alicerces, e a história do mundo diz-nos que todos os que tinham tais alicerces estão mortos e desaparecidos. Em primeiro lugar, temos de impedir a entrada de tal onda na Índia. Portanto, pregue o Advaita a todos, para que a religião possa resistir ao choque da ciência moderna. Não só isso, você terá que ajudar os outros; seu pensamento ajudará a Europa e a América. Mas acima de tudo, deixe-me lembrá-lo mais uma vez que aqui há

necessidade de trabalho prático, e a primeira parte disso é que você deveria ir até os milhões de pessoas que estão afundando na Índia e tomá-los pela mão, lembrando-se das palavras do Senhor Krishna. :

इहैव तैर्जितः सर्गो येषां साम्ये स्थितं मनः ।
निर्दोषं हि समं ब्रह्म तस्मात् ब्रह्मणि ते स्थिताः ॥

"Mesmo nesta vida, eles conquistaram a existência relativa cujas mentes estão firmemente fixadas na mesmice de tudo, pois Deus é puro e o mesmo para todos; portanto, diz-se que tais pessoas vivem em Deus."

3.4.25 VEDANTISMO

Em Khetri, em 20 de dezembro de 1897, Swami Vivekananda proferiu uma palestra sobre o Vedantismo no salão do bangalô do Maharaja, onde estava hospedado com seus discípulos. O Swami foi apresentado pelo Raja, que era o presidente da reunião; e ele falou por mais de uma hora e meia. O Swami estava em sua melhor forma, e foi uma pena que nenhum taquígrafo estivesse presente para relatar detalhadamente esta interessante palestra. A seguir está um resumo das anotações feitas na época:

Duas nações de outrora, nomeadamente a grega e a ariana, colocadas em ambientes e circunstâncias diferentes - a primeira, rodeada por tudo o que havia de belo, doce e tentador na natureza, com um clima revigorante, e a última, rodeada por todos os lados por todos os lados. que foi sublime, e nasceu e foi nutrido num clima que não permitia muito exercício físico – desenvolveu dois ideais peculiares e diferentes de civilização. O estudo dos gregos era o infinito exterior, enquanto o dos arianos era o infinito interior; um estudou o macrocosmo e o outro o microcosmo. Cada um teve seu papel distinto a desempenhar na civilização do mundo. Não que um fosse obrigado a pedir emprestado ao outro, mas se comparassem as notas, ambos sairiam ganhando. Os arianos eram por natureza uma raça analítica. Nas ciências da matemática e da gramática obtiveram-se frutos maravilhosos, e pela análise da mente desenvolveu-se toda a árvore. Em Pitágoras, Sócrates, Platão e nos neoplatônicos egípcios podemos encontrar vestígios do pensamento indiano.

O Swami traçou então detalhadamente a influência do pensamento indiano na Europa e mostrou como, em diferentes períodos, a Espanha, a Alemanha e outros países europeus foram grandemente influenciados por ele. O príncipe indiano, Dârâ-Shuko, traduziu os Upanishads para o persa, e uma tradução latina dos mesmos foi vista por Schopenhauer, cuja filosofia foi moldada por eles. Ao lado dele, a filosofia de Kant também apresenta traços dos ensinamentos dos Upanishads. Na Europa é o interesse pela filologia comparada que atrai estudiosos para o estudo do sânscrito, embora existam homens como Deussen que se interessam pela filosofia por si só. O Swami esperava que no futuro houvesse muito mais interesse no estudo do Sânscrito. Ele então mostrou que a palavra "Hindu" em tempos antigos era cheia de significado, referindo-se às pessoas que viviam além do Sindhu ou do Indo; agora não tem sentido, não representa nem a nação nem a sua religião, pois deste lado do Indo vivem atualmente várias raças que professam religiões diferentes.

O Swami então se debruçou longamente sobre os Vedas e afirmou que eles não eram falados por nenhuma pessoa, mas as ideias evoluíam lenta e lentamente até serem incorporadas na forma de livro, e então esse livro se tornou a autoridade. Ele disse que várias religiões estavam incorporadas nos livros: o poder dos livros parecia infinito. Os hindus têm os seus Vedas e terão de mantê-los durante milhares de anos mais, mas as suas ideias sobre eles devem ser mudadas e reconstruídas sobre uma base sólida de rocha. Os Vedas, disse ele, eram uma literatura enorme. Noventa e nove por cento deles estavam desaparecidos; estavam sob a guarda de certas famílias, com cuja extinção os livros foram perdidos. Mas ainda assim, aqueles que sobraram agora não poderiam ser contidos nem mesmo em um grande salão como aquele. São severamente escritos em linguagem arcaica e simples; sua gramática era muito grosseira, tanto que se dizia que alguma parte dos Vedas não tinha significado.

Ele então se detalhou nas duas porções dos Vedas – o Karma Kânda e o Jñâna Kânda. Os Karma Kanda, disse ele, eram os Samhitâs e os Brâhmanas. Os Brahmanas lidavam com sacrifícios. Os Samhitas eram canções compostas em Chhandas conhecidas como Anushtup, Trishtup, Jagati, etc. Geralmente elogiavam divindades como Varuna ou Indra; e surgiu a questão de quem eram essas divindades; e se alguma teoria fosse

levantada sobre eles, ela seria esmagada por outras teorias, e assim por diante.

O Swami então explicou diferentes ideias de adoração. Com os antigos babilônios, a alma era apenas um duplo, não tendo individualidade própria e incapaz de romper sua ligação com o corpo. Acreditava-se que esse duplo sofria de fome e sede, de sentimentos e emoções semelhantes aos do corpo antigo. Outra ideia era que se o primeiro corpo fosse ferido, o duplo também seria ferido; quando o primeiro foi aniquilado, o duplo também pereceu; assim cresceu a tendência de preservar o corpo, e assim surgiram múmias, tumbas e sepulturas. Os egípcios, os babilônios e os judeus nunca foram além desta ideia do duplo; eles não alcançaram a ideia do Âtman além.

A opinião do professor Max Müller era que nenhum vestígio de adoração ancestral poderia ser encontrado no Rig-Veda. Lá não nos deparamos com a visão horrível de múmias olhando fixamente para nós. Lá os deuses eram amigáveis com o homem; a comunhão entre o adorador e o adorado era saudável. Não houve melancolia, nem falta de simples alegria, nem falta de sorrisos ou de luz nos olhos. O Swami disse que meditando nos Vedas ele até parecia ouvir as risadas dos deuses. Os Rishis Védicos podem não ter expressão completa, mas eles eram homens de cultura e coração, e nós somos brutos em comparação com eles. Swamiji então recitou vários Mantras em confirmação do que acabara de dizer: “Leve-o para o lugar onde vivem os Padres, onde não há sofrimento ou tristeza” etc. Assim surgiu a ideia de que quanto mais cedo o cadáver fosse cremado, melhor. Aos poucos, eles aprenderam que havia um corpo mais sutil que foi para um lugar onde havia toda alegria e nenhuma tristeza. Na religião semítica havia tribulação e medo; pensava-se que se um homem visse Deus, ele morreria. Mas de acordo com o Rig-Veda, quando um homem via Deus face a face, então começava sua vida real.

Agora surgiram as perguntas: Quais eram esses deuses? Às vezes Indra vinha e ajudava o homem; às vezes Indra bebia Soma demais. De vez em quando, adjetivos como todo-poderoso, todo-penetrante eram atribuídos a ele; o mesmo aconteceu com Varuna. Assim continuou, e alguns desses Mantras representando as características desses deuses eram maravilhosos, e a linguagem era extremamente grandiosa. O orador aqui repetiu o famoso Nâsadiya Sukta que descreve o estado Pralaya e no qual ocorre a ideia de "Escuridão cobrindo a escuridão", e perguntou se as pessoas que descreveram essas ideias sublimes em tal pensamento poético eram incivilizadas e incultas, então o que deveríamos chamar nós mesmos. Não cabia a ele, disse Swamiji, criticar ou fazer qualquer julgamento sobre aqueles Rishis e seus deuses – Indra ou Varuna. Tudo isso era como um panorama, desdobrando uma cena após a outra, e por trás de todas elas como pano de fundo se destacava एकं सद्दिप्तिं बहुधा वदन्ति - "Aquilo que existe é Um; os sábios O chamam de várias maneiras." A coisa toda era muito mística, maravilhosa e extraordinariamente bela. Parecia ainda bastante inacessível – o véu era tão fino que se rasgaria, por assim dizer, ao menor toque e desapareceria como uma miragem.

Continuando, ele disse que uma coisa lhe parecia bastante clara e possível: que também os arianos, como os gregos, se voltavam para fora da natureza em busca de uma solução, que a natureza os tentava para fora, os conduzia passo a passo para o mundo exterior, belo e bom. . Mas aqui na Índia tudo o que não fosse sublime não valia nada. Nunca ocorreu aos gregos investigar os segredos após a morte. Mas aqui, desde o início, foi perguntado repetidamente: "O que sou eu? O que será de mim após a morte?" Ali o pensamento grego – o homem morreu e foi para o céu. O que significava ir para o céu? Significava sair de tudo; não havia nada dentro, tudo estava fora; sua busca foi toda direcionada para fora, ou melhor, ele próprio estava, por assim dizer, fora de si mesmo. E quando ele foi para um lugar que era muito parecido com este mundo sem todas as suas tristezas, ele pensou que tinha conseguido tudo o que era desejável e ficou satisfeito; e aí todas as ideias de religião pararam. Mas isto não satisfez a mente hindu. Na sua análise, esses céus estavam todos incluídos no universo material. “Tudo o que vem por combinação”, diziam os hindus, “morre por aniquilação”. Eles perguntaram à natureza externa: “Você sabe o que é alma?” e a natureza respondeu: “Não”. "Existe algum Deus?" A natureza respondeu: “Não sei”.

Então eles se afastaram da natureza. Eles compreenderam que a natureza externa, por maior e grandiosa que fosse, era limitada no espaço e no tempo. Então surgiu outra voz; novos pensamentos sublimes surgiram em suas mentes. Aquela voz disse – “Neti, Neti”, “Isso não, isso não”. Todos os diferentes deuses foram agora reduzidos a um só; os sóis, as luas e as estrelas – ou melhor, todo o universo – eram um, e sobre este novo ideal foi construída a base espiritual da religião.

न तत्र सूर्यो भाति न चन्द्रतारकं नेमा विद्युतो भाति कुलोऽयमग्निः ।
तमेव भान्तमनुभाति सर्वं तस्य भासा सर्वमिदं विभाति ॥

- "Lá o sol não brilha, nem a lua, nem as estrelas, nem os relâmpagos, o que falar deste fogo. Ele brilha, tudo brilha. Através dele tudo brilha." Não existe mais aquela ideia limitada, grosseira e pessoal; não existe mais aquela pequena ideia de Deus sentando para julgar; essa busca não é mais externa, mas doravante ela é direcionada para dentro. Assim, os Upanishads tornaram-se a Bíblia da Índia. Era uma literatura vasta, esses Upanishads, e todas as escolas que sustentavam opiniões diferentes na Índia foram estabelecidas com base nos Upanishads.

O Swami passou para as teorias dualística, monista qualificada e advaítica, e as reconciliou dizendo que cada uma delas era como um passo pelo qual um passava antes que o outro fosse alcançado; a evolução final para o Advaitismo foi o resultado natural, e o último passo foi o “Tattvamasi”. Ele apontou onde até mesmo os grandes comentaristas Shankarâchârya, Râmânujâchârya e Madhvâchârya cometeram erros. Cada um acreditava nos Upanishads como autoridade única, mas pensava que eles pregavam uma coisa, apenas um caminho. Assim, Shankaracharya cometeu o erro ao supor que todos os Upanishads ensinavam uma coisa, que era o Advaitismo, e nada mais; e sempre que ocorria uma passagem que continha claramente a ideia Dvaita, ele distorcia e torturava o significado para fazê-la apoiar sua própria teoria. O mesmo aconteceu com Ramanuja e Madhvacharya quando ocorreram textos Advaiticos puros. Era perfeitamente verdade que os Upanishads tinham uma coisa a ensinar, mas isso era ensinado como uma subida de um degrau a outro. Swamiji lamentou que na Índia moderna o espírito da religião tenha desaparecido; apenas o externo permanece. As pessoas não são hindus nem vedantistas. Eles são meramente não-tocistas; a cozinha é o seu templo e as Hândi Bartans (panelas) são o seu Devatâ

(objeto de culto). Este estado de coisas deve desaparecer. Quanto mais cedo for abandonado, melhor para a nossa religião. Deixem os Upanishads brilharem em sua glória e, ao mesmo tempo, não deixem que existam brigas entre diferentes seitas.

Como Swamiji não estava mantendo boa saúde, ele se sentiu exausto nesta fase do seu discurso; então ele descansou um pouco por meia hora, tempo durante o qual todo o público esperou pacientemente para ouvir o resto da palestra. Ele saiu e falou novamente por meia hora, e explicou que o conhecimento era a descoberta da unidade na diversidade, e o ponto mais alto de toda ciência era alcançado quando ela encontrava a unidade única subjacente a toda variedade. Isto era tão verdadeiro na ciência física como na espiritual.

3.4.26 A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO ESPIRITUAL INDIANO NA INGLATERRA

O Swami Vivekananda presidiu uma reunião na qual a Irmã Nivedita (Senhorita M. E. Noble) proferiu uma palestra sobre "A Influência do Pensamento Espiritual Indiano na Inglaterra" em 11 de março de 1898, no Star Theatre, Calcutá. Swami Vivekananda ao se levantar para apresentar a Srta. Noble falou o seguinte:

SENHORAS E SENHORES,

Quando eu estava viajando pelas partes orientais da Ásia, uma coisa me impressionou especialmente – a prevalência do pensamento espiritual indiano nos países da Ásia Oriental. Você pode imaginar a surpresa com que notei escritos nas paredes dos templos chineses e japoneses alguns mantras sânscritos bem conhecidos, e possivelmente você ficará ainda mais satisfeito em saber que eles estavam todos em antigos caracteres bengalis, permanecendo até mesmo no presente. dia como um monumento de energia missionária e zelo demonstrado por nossos antepassados de Bengala.

Fora estes países asiáticos, o trabalho do pensamento espiritual da Índia é tão difundido e inconfundível que mesmo nos países ocidentais, indo bem abaixo da superfície, encontrei vestígios da mesma influência ainda presentes. Tornou-se agora um facto histórico que as ideias espirituais do povo indiano viajaram tanto para o Oriente como para o Ocidente nos tempos passados. Todos sabemos agora quanto o mundo deve à espiritualidade da Índia e que factor poderoso no presente e no passado da humanidade têm sido os poderes espirituais da Índia. Estas são coisas do passado. Considero outro fenómeno muito notável, e é o facto de os mais estupendos poderes da civilização e do progresso em direcção à humanidade e ao progresso social terem sido efectuados por aquela raça maravilhosa – refiro-me aos anglo-saxónicos. Posso ir mais longe e dizer-lhe que, se não fosse pelo poder dos anglo-saxões, não nos teríamos reunido aqui hoje para discutir, como estamos a fazer, a influência do nosso pensamento espiritual indiano. E voltando ao nosso próprio país, vindo do Ocidente para o Oriente, vejo as mesmas potências anglo-saxónicas a trabalhar aqui com todos os seus defeitos, mas mantendo as suas boas características peculiarmente características, e acredito que finalmente o grande resultado foi alcançado. A ideia britânica de expansão e progresso está a forçar-nos a subir, e lembremo-nos que a civilização do Ocidente foi extraída da fonte dos gregos e que a grande ideia da civilização grega é a da expressão. Na Índia pensamos – mas, infelizmente, por vezes pensamos tão profundamente que já não nos sobra força para expressão. Gradualmente, portanto, aconteceu que a nossa força de expressão não se manifestou perante o mundo, e qual é o resultado disso? O resultado é este: trabalhamos para esconder tudo o que tínhamos. Começou primeiro com os indivíduos como uma faculdade de ocultação e acabou por se tornar um hábito nacional de ocultação – existe entre nós uma tal falta de poder de expressão que somos agora considerados uma nação morta. Sem expressão, como podemos viver? A espinha dorsal da civilização ocidental é a expansão e a expressão. Este lado do trabalho da raça anglo-saxónica na Índia, para o qual chamo a vossa atenção, é calculado para despertar a nossa nação mais uma vez para se expressar, e está a incitá-la a revelar os seus tesouros escondidos perante o mundo, usando o meios de comunicação fornecidos pela mesma raça poderosa. Os anglo-saxões criaram um futuro para a Índia, e o espaço através do qual as nossas ideias ancestrais se espalham agora é simplesmente fenomenal. Sim, que grandes facilidades

nossos antepassados tiveram quando transmitiram sua mensagem de verdade e salvação? Sim, como o grande Buda pregou a nobre doutrina da fraternidade universal? Já naquela época havia grandes facilidades aqui, em nossa amada Índia, para alcançar a verdadeira felicidade, e podíamos facilmente enviar nossas ideias de um extremo ao outro do mundo. Agora alcançamos até mesmo a raça anglo-saxônica. Este é o tipo de interação que está acontecendo agora, e descobrimos que a nossa mensagem é ouvida, e não apenas ouvida, mas também respondida. A Inglaterra já nos deu alguns dos seus grandes intelectos para nos ajudar na nossa missão. Todos já ouviram falar e talvez conheçam a minha amiga Sra. Müller, que está agora aqui nesta plataforma. Esta senhora, nascida de uma família muito boa e bem educada, entregou-nos toda a sua vida por amor à Índia e fez da Índia a sua casa e a sua família. Cada um de vocês conhece o nome daquela nobre e distinta mulher inglesa que também dedicou toda a sua vida ao trabalho pelo bem da Índia e pela regeneração da Índia – refiro-me à Sra. Besant. Hoje, encontramos nesta plataforma duas senhoras da América que têm a mesma missão nos seus corações; e posso assegurar-vos que eles também estão dispostos a dedicar as suas vidas para fazer o mínimo de bem ao nosso pobre país. Aproveito esta oportunidade para vos lembrar o nome de um dos nossos compatriotas - alguém que viu a Inglaterra e a América, alguém em quem tenho grande confiança, e a quem respeito e amo, e que estaria presente aqui se não fosse por um compromisso em outro lugar - um homem que trabalha de forma constante e silenciosa para o bem do nosso país, um homem de grande espiritualidade - quero dizer o Sr. Mohini Mohan Chatterji. E agora a Inglaterra enviou-nos outro presente, Miss Margaret Noble, de quem esperamos muito. Sem mais palavras minhas, apresento-lhe a senhorita Noble, que agora se dirigirá a você.

Depois que a Irmã Nivedita terminou a sua interessante palestra, o Swami levantou-se e disse:

Tenho apenas algumas palavras a dizer. Temos a ideia de que nós, indianos, podemos fazer alguma coisa, e entre os indianos nós, bengalis, podemos rir dessa ideia; mas eu não. Minha missão na vida é despertar uma luta em você. Quer você seja um Advaitin, quer seja um monista ou dualista qualificado, isso não importa muito. Mas deixe-me chamar sua atenção para uma coisa que infelizmente sempre esquecemos: isto é: “Ó homem, tenha fé

em si mesmo”. Esse é o caminho pelo qual podemos ter fé em Deus. Quer você seja um Advaitista ou um dualista, quer você seja um crente no sistema de Yoga ou um crente em Shankarâchârya, quer você seja um seguidor de Vyâsa ou Vishvâmitra, isso não importa muito. Mas a questão é que neste ponto o pensamento indiano difere daquele de todo o resto do mundo. Lembremo-nos por um momento que, enquanto em todas as outras religiões e em todos os outros países o poder da alma é totalmente ignorado – a alma é considerada quase impotente, fraca e inerte – nós na Índia consideramos a alma como sendo eterno e sustenta que permanecerá perfeito por toda a eternidade. Devemos sempre ter em mente os ensinamentos dos Upanishads.

Lembre-se de sua grande missão na vida. Nós, indianos, e especialmente os de Bengala, fomos invadidos por uma vasta quantidade de ideias estrangeiras que estão a corroer os pontos vitais da nossa religião nacional. Por que estamos tão atrasados hoje em dia? Por que noventa e nove por cento de nós somos constituídos por ideias e elementos inteiramente estranhos? Isto tem que ser descartado se quisermos subir na escala das nações. Se quisermos crescer, devemos também lembrar que temos muito a aprender com o Ocidente. Deveríamos aprender com o Ocidente as suas artes e as suas ciências. Do Ocidente temos de aprender as ciências da natureza física, enquanto, por outro lado, o Ocidente tem de vir até nós para aprender e assimilar a religião e o conhecimento espiritual. Nós, hindus, devemos acreditar que somos os professores do mundo. Temos clamado aqui pela obtenção de direitos políticos e muitas outras coisas semelhantes. Muito bem. Direitos, privilégios e outras coisas só podem surgir através da amizade, e a amizade só pode ser esperada entre dois iguais. Quando uma das partes é um mendigo, que amizade pode haver? É muito bom falar assim, mas digo que sem cooperação mútua nunca poderemos tornar-nos homens fortes. Portanto, devo convidá-los a irem para a Inglaterra e para a América, não como mendigos, mas como professores de religião. A lei da troca deve ser aplicada com o melhor de nosso poder. Se tivermos que aprender com eles os modos e métodos de nos tornarmos felizes nesta vida, por que, em troca, não deveríamos dar-lhes os métodos e meios que os tornariam felizes por toda a eternidade? Acima de tudo, trabalhe pelo bem da humanidade. Desista da chamada ostentação de sua vida estreita e ortodoxa. A morte está à espera de todos, e lembrem-se disto - o facto

histórico mais maravilhoso - que todas as nações do mundo têm de sentar-se pacientemente aos pés da Índia para aprender as verdades eternas incorporadas na sua literatura. A Índia não morre. A China não morre. O Japão não morre. Portanto, devemos sempre lembrar que nossa espinha dorsal é a espiritualidade, e para isso devemos ter um guia que nos mostre o caminho, esse caminho do qual estou falando agora há pouco. Se algum de vocês não acredita nisso, se há um menino hindu entre nós que não está pronto para acreditar que sua religião é pura espiritualidade, eu não o chamo de hindu. Lembro-me que numa das aldeias de Caxemira, enquanto conversava com uma senhora idosa muçulmana, perguntei-lhe com voz suave: "Qual é a sua religião?" Ela respondeu em sua própria língua: "Louvado seja o Senhor! Pela misericórdia de Deus, sou muçulmana." E então perguntei a um hindu: "Qual é a sua religião?" Ele respondeu claramente: "Sou hindu". Lembro-me daquela grande palavra do Katha Upanishad – Shraddhâ ou fé maravilhosa. Um exemplo de Shraddha pode ser encontrado na vida de Nachiketâ. Pregar a doutrina de Shraddha ou fé genuína é a missão da minha vida. Deixe-me repetir-lhe que esta fé é um dos factores potentes da humanidade e de todas as religiões. Primeiro, tenham fé em si mesmos. Saiba que embora uma possa ser uma pequena bolha e a outra uma onda da altura de uma montanha, ainda assim, por trás da bolha e da onda está o oceano infinito. Portanto, há esperança para todos. Há salvação para todos. Cada um deverá, mais cedo ou mais tarde, livrar-se dos laços de Mâyâ. Esta é a primeira coisa a fazer. A esperança infinita gera aspiração infinita. Se essa fé vier até nós, ela trará de volta a nossa vida nacional como era nos dias de Vyasa e Arjuna – os dias em que todas as nossas sublimes doutrinas da humanidade foram pregadas. Hoje estamos muito atrasados em termos de percepção e pensamentos espirituais. A Índia tinha muita espiritualidade, tanto que a sua grandeza espiritual fez da Índia a maior nação das raças então existentes no mundo; e se quisermos acreditar nas tradições e nas esperanças, esses dias voltarão mais uma vez para nós, e isso depende de você. Vocês, jovens de Bengala, não admirem os ricos e grandes homens que têm dinheiro. Os pobres fizeram todo o grande e gigantesco trabalho do mundo. Vocês, pobres homens de Bengala, subam, vocês podem fazer tudo e devem fazer tudo. Muitos seguirão seu exemplo, por mais pobre que você seja. Seja firme e, acima de tudo, seja puro e sincero com a espinha dorsal. Tenha fé em seu destino. Vocês, jovens de Bengala, devem trabalhar pela salvação da Índia. Observe que, acredite

ou não, não pense que isso será feito hoje ou amanhã. Acredito nisso como acredito em meu próprio corpo e em minha própria alma. Portanto, meu coração está com vocês – jovens de Bengala. Depende de você que não tem dinheiro; porque você é pobre, portanto você trabalhará. Porque você não tem nada, então você será sincero. Por ser sincero, você estará pronto para renunciar a tudo. Isso é o que estou lhe dizendo agora. Mais uma vez repito isso para você. Esta é a sua missão na vida, esta é a minha missão na vida. Não me importa qual filosofia você adota; apenas estou pronto para provar aqui que por toda a Índia existe uma corrente mútua e cordial de fé eterna na perfeição da humanidade, e eu mesmo acredito nisso. E deixe essa fé se espalhar por toda a terra.

3.4.27 SANNYASA: SEU IDEAL E PRÁTICA

Um discurso de despedida foi proferido a Swamiji pelos Sannyâsins juniores do Math (Belur), na véspera de sua partida para o Ocidente pela segunda vez. O seguinte é o conteúdo da resposta de Swamiji conforme registrada no Diário de Matemática em 19 de junho de 1899:

Este não é o momento para uma longa palestra. Mas falarei brevemente com você sobre algumas coisas que gostaria que você colocasse em prática. Primeiro, temos que compreender o ideal e depois os métodos pelos quais podemos torná-lo prático. Aqueles de vocês que são Sannyasins devem tentar fazer o bem aos outros, pois Sannyasa significa isso. Não há tempo para fazer um longo discurso sobre a “Renúncia”, mas irei caracterizá-la muito brevemente como “o amor à morte”. As pessoas do mundo amam a vida. O Sannyasin deve amar a morte. Devemos cometer suicídio então? Longe disso. Pois os suicidas não são amantes da morte, pois muitas vezes se vê que quando um homem que tenta cometer suicídio falha, ele nunca tenta fazê-lo pela segunda vez. Qual é o amor da morte então? Devemos morrer, isso é certo; morramos então por uma boa causa. Deixe que todas as nossas ações – comer, beber e tudo o que fazemos – tendam ao sacrifício de nós mesmos. Você nutre seu corpo comendo. De que adianta fazer isso se você não considera isso um sacrifício ao bem-estar dos outros? Você nutre suas mentes lendo livros. Não adianta fazer isso, a menos que você

considere isso também um sacrifício para o mundo inteiro. Pois o mundo inteiro é um; você é considerado uma parte muito insignificante disso e, portanto, é certo que você sirva seus milhões de irmãos em vez de engrandecer esse pequeno eu.

सर्वतः पाणिपादं तत् सर्वतोऽक्षिशिरोमुखम् ।
सर्वतः श्रुतिमहोके सर्वमावृत्य तिष्ठति ॥

"Com mãos e pés por toda parte, com olhos, cabeças e bocas por toda parte, com ouvidos por toda parte no universo, Isso existe permeando tudo." (Gita, XIII. 13)

Portanto, você deve morrer uma morte gradual. Em tal morte está o céu, todo o bem está armazenado nele – e no seu oposto está tudo o que é diabólico e mau.

Depois, quanto aos métodos de levar os ideais à vida prática. Primeiro, temos que compreender que não devemos ter nenhum ideal impossível. Um ideal demasiado elevado torna uma nação fraca e degradada. Isso aconteceu depois das reformas budista e jainista. Por outro lado, muita praticidade também é errada. Se você não tem nem um pouquinho de imaginação, se não tem um ideal que te deixe guiar, você é simplesmente um bruto. Portanto, não devemos diminuir o nosso ideal, nem devemos perder de vista a praticidade. Devemos evitar os dois extremos. No nosso país, a velha ideia é sentar-se numa caverna, meditar e morrer. Ir à frente dos outros na salvação é errado. É preciso aprender, mais cedo ou mais tarde, que não se pode obter a salvação se não se tentar buscar a salvação dos seus irmãos. Você deve tentar combinar em sua vida imenso idealismo com imensa praticidade. Você deve estar preparado para entrar em meditação profunda agora, e no momento seguinte você deve estar pronto para cultivar esses campos (Swamiji disse, apontando para os prados do Math). Você deve estar preparado para explicar as complexidades difíceis dos Shâstras agora, e no momento seguinte para ir vender a produção dos campos no mercado. Você deve estar preparado para todos os serviços servis, não apenas aqui, mas também em outros lugares.

A próxima coisa a lembrar é que o objetivo desta instituição é formar homens. Você não deve meramente aprender o que os Rishis ensinaram.

Esses Rishis se foram e suas opiniões também se foram com eles. Vocês mesmos devem ser Rishis. Vocês também são homens tanto quanto os maiores homens que já nasceram – até mesmo as nossas Encarnações. O que o mero aprendizado por meio de livros pode fazer? O que a meditação pode fazer? O que os Mantras e Tantras podem fazer? Você deve se manter em pé. Você deve ter este novo método – o método de criação do homem. O verdadeiro homem é aquele que é forte como a própria força e ainda assim possui um coração de mulher. Você deve sentir pelos milhões de seres ao seu redor e, ainda assim, deve ser forte e inflexível e também deve possuir Obediência; embora possa parecer um pouco paradoxal – você deve possuir essas virtudes aparentemente conflitantes. Se o seu superior ordenar que você se jogue em um rio e pegue um crocodilo, você deve primeiro obedecer e depois argumentar com ele. Mesmo que a ordem esteja errada, primeiro obedeça e depois contradiga-a. A desgraça das seitas, especialmente em Bengala, é que se alguém tiver uma opinião diferente, ele imediatamente inicia uma nova seita, não tem paciência para esperar. Então você deve ter um profundo respeito pela sua Sangha. Não há lugar para desobediência aqui. Esmague-o sem piedade. Não há membros desobedientes aqui, você deve expulsá-los. Não deve haver traidores no acampamento. Você deve ser tão livre quanto o ar e tão obediente quanto esta planta e o cachorro.

3.4.28 O QUE APRENDI?

(Entregue em Dacca, 30 de março de 1901)

Em Dacca Swamiji proferiu duas palestras em inglês. A primeira foi sobre “O que aprendi?” e a segunda foi “A Religião em que Nascemos”. O texto a seguir foi traduzido de um relatório em bengali escrito por um discípulo e contém o conteúdo da primeira palestra:

Em primeiro lugar, devo expressar a minha satisfação pela oportunidade que me foi dada de vir a Bengala Oriental para adquirir um conhecimento íntimo desta parte do país, que até agora me faltava, apesar das minhas andanças por muitos países civilizados do Ocidente, bem como como minha

satisfação ao ver rios majestosos, amplas planícies férteis e aldeias pitorescas neste meu próprio país, Bengala, que não tive a sorte de ver com meus próprios olhos antes. Eu não sabia que em todo o meu país, Bengala, havia tanta beleza e encanto em terra e água. Mas o meu ganho foi tanto que, depois de conhecer os vários países do mundo, posso agora apreciar muito mais as belezas da minha própria terra.

Da mesma forma também, em busca de religião, eu tinha viajado entre várias seitas - seitas que haviam assumido os ideais de nações estrangeiras como se fossem seus, e eu mendigava à porta de outros, sem saber então que na religião de meu país, em nossa religião nacional, havia tanta beleza e grandeza. Já se passaram muitos anos desde que descobri que o Hinduísmo é a religião mais perfeitamente satisfatória do mundo. Por isso, sinto-me profundamente triste quando vejo existir entre os meus compatriotas, que professam uma fé inigualável, uma indiferença tão generalizada para com a nossa religião - embora esteja muito consciente das condições materialistas desfavoráveis em que passam as suas vidas - devido à difusão dos modos de pensamento europeus nesta nossa grande pátria.

Atualmente, existem entre nós alguns reformadores que querem reformar a nossa religião, ou melhor, transformá-la de pernas para o ar, com vista à regeneração da nação hindu. Há, sem dúvida, algumas pessoas atenciosas entre eles, mas há também muitos que seguem os outros cegamente e agem de maneira tola, sem saber o que fazem. Esta classe de reformadores está muito entusiasmada em introduzir ideias estrangeiras na nossa religião. Eles adotaram a palavra “idolatria” e afirmam que o hinduísmo não é verdadeiro, porque é idólatra. Nunca procuram descobrir o que é esta chamada “idolatria”, se é boa ou má; apenas seguindo o exemplo dos outros, eles são ousados o suficiente para denunciar o hinduísmo como falso. Há outra classe de homens entre nós que pretendem dar algumas explicações científicas escorregadias para todo e qualquer costume, rito, etc. hindu, e que estão sempre falando de eletricidade, magnetismo, vibração do ar e todo esse tipo de coisa. Quem sabe, mas talvez um dia eles definam o próprio Deus como nada mais que uma massa de vibrações elétricas! Porém, Mãe abençoe a todos! É Ela quem está realizando Seu trabalho de várias maneiras, através de naturezas e tendências múltiplas.

Em contraste com estes, há aquela classe antiga que diz: “Eu não sei, não me importo em saber ou compreender todos esses seus raciocínios minuciosos; eu quero Deus, eu quero o Atman, eu quero ir para aquele Além, onde não existe universo, onde não há prazer ou dor, onde habita a Bem-aventurança Suprema”; que dizem: “Eu acredito na salvação banhando-me no sagrado Gangâ com fé”; que dizem: "aquele que você adorar com singeleza de fé e devoção como o único Deus do universo, em qualquer forma como Shiva, Râma, Vishnu, etc., você obterá Moksha"; àquela classe antiga e robusta que tenho orgulho de pertencer.

Depois, há uma seita que nos aconselha a seguirmos a Deus e ao mundo juntos. Não são sinceros, não expressam o que sentem no coração. Qual é o ensinamento dos Grandes? - "Onde há Rama, não há Kama; onde há Kama, lá Rama não está. Noite e dia nunca podem existir juntos." A voz dos antigos sábios nos proclama: “Se você deseja alcançar Deus, você terá que renunciar ao Kâma-Kâanchana (luxúria e posse). O Samsâra é irreal, oco, vazio de substância. Se você não conseguir alcançar Deus, tente o que quiser. Se não conseguir, reconheça que é fraco, mas de forma alguma diminua o Ideal. Não cubra o cadáver corrupto com folhas de ouro! Então segundo eles, se você quer ganhar espiritualidade, chegar a Deus, a primeira coisa que você tem que fazer é desistir dessa brincadeira de “esconde-esconde com suas ideias”, dessa desonestidade, desse “roubo dentro da câmara”. do pensamento".

O que aprendi? O que aprendi com esta antiga seita? Eu aprendi:

दुर्लभं त्रयमेवैतत् देवानुग्रहेतुम् ।
मनुष्यत्वं मुमुक्षुत्वं महापुरुषसंश्रयः ॥

- "Na verdade, estes três são raros de serem obtidos e só vêm através da graça de Deus - nascimento humano, desejo de obter Moksha e a companhia dos de grande alma." A primeira coisa necessária é Manushyatva, nascimento humano, porque só é favorável à obtenção de Mukti. O próximo é Mumukshutva. Embora os nossos meios de realização variem de acordo com a diferença entre seitas e indivíduos - embora diferentes indivíduos possam reivindicar os seus direitos e meios especiais para adquirir conhecimento, que variam de acordo com as suas diferentes situações na vida - ainda assim pode-se dizer em geral sem medo de

contradição que sem este Mumukshutâ, a realização de Deus é impossível. O que é Mumukshutva? É o forte desejo de Moksha – o anseio sincero de sair da esfera da dor e do prazer – o desgosto total pelo mundo. Quando esse desejo intenso e ardente de ver Deus vier, você deverá saber que tem direito à realização do Supremo.

Então outra coisa é necessária, e esta é entrar em contato direto com os Mahapurushas, e assim moldar nossas vidas de acordo com as daqueles de grande alma que alcançaram a Meta. Mesmo o desgosto pelo mundo e um desejo ardente por Deus não são suficientes. A iniciação do Guru é necessária. Por que? Porque é você se conectar com aquela grande fonte de poder que foi transmitida através de gerações, de um Guru a outro, em sucessão ininterrupta. O devoto deve buscar e aceitar o Guru ou preceptor espiritual como seu conselheiro, filósofo, amigo e guia. Em suma, o Guru é a condição sine qua non para o progresso no caminho da espiritualidade. Quem então devo aceitar como meu Guru?

श्रोत्रियोऽवृजिनोऽकामहतो यो ब्रह्मवित्तमः

– “Aquele que é versado nos Vedas, sem mácula, ileso pelo desejo, aquele que é o melhor dos conhecedores de Brahman.” Shrotriya – aquele que não é apenas instruído nos Shâstras, mas que conhece seus segredos sutis, que percebeu sua verdadeira importância em sua vida. "Lendo apenas as várias escrituras, eles se tornaram apenas papagaios, e não Pandits. Ele realmente se tornou um Pandit que ganhou Prema (Amor Divino) ao ler pelo menos uma palavra dos Shâstras." Meros Pandits aprendidos em livros são inúteis. Hoje em dia todo mundo quer ser Guru; até um pobre mendigo quer dar de presente milhares de rúpias! Então o Guru deve estar isento de qualquer mancha, e ele deve ser Akâmahata – ileso de qualquer desejo – ele não deve ter outro motivo exceto o de puramente fazer o bem aos outros, ele deve ser um oceano de misericórdia sem razão e não transmitir ensinamentos religiosos com o objetivo de ganhar nome ou fama, ou qualquer coisa pertencente a interesses egoístas. E ele deve ser o conhecedor intenso de Brahman, isto é, alguém que realizou Brahman de forma tão tangível quanto uma fruta Âmalaka na palma da mão. Tal é o Guru, diz o Shruti. Quando a união espiritual é estabelecida com tal Guru, então vem a realização de Deus – então a visão de Deus se torna fácil de ser alcançada.

Após a iniciação, deve haver no aspirante à Verdade, Abhyâsa ou tentativa sincera e repetida de aplicação prática da Verdade por meios prescritos de meditação constante sobre o Ideal Escolhido. Mesmo que você tenha uma sede ardente por Deus, ou tenha conquistado o Guru, a menos que tenha junto com ele o Abhyasa, a menos que pratique o que lhe foi ensinado, você não poderá obter a Realização. Quando tudo isso estiver firmemente estabelecido em você, você alcançará a Meta.

Portanto, eu digo a vocês, como hindus, como descendentes dos gloriosos arianos, não esqueçam o grande ideal da nossa religião, o grande ideal dos hindus, que é ir além deste Samsara - não apenas renunciar ao mundo, mas desistir do céu também; sim, não apenas desistir do mal, mas também desistir do bem; e assim ir além de tudo, além desta existência fenomenal, e finalmente realizar o Sat-Chit-Ânanda Brahman – a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, que é Brahman.

3.4.29 A RELIGIÃO EM QUE NASCEMOS

Numa reunião ao ar livre realizada em Dacca, em 31 de março de 1901, o Swamiji falou em inglês durante duas horas sobre o assunto acima, diante de uma vasta audiência. O que se segue é uma tradução da palestra de um relato bengali de um discípulo:

Num passado remoto, o nosso país fez avanços gigantescos nas ideias espirituais. Vamos, hoje, trazer diante de nossa mente essa história antiga. Mas o grande perigo de meditar sobre a grandeza do passado é deixarmos de nos esforçar por coisas novas e nos contentarmos em vegetar sobre aquela glória ancestral passada e nos orgulharmos dela. Devemos nos proteger contra isso. Nos tempos antigos houve, sem dúvida, muitos Rishis e Maharshis que ficaram cara a cara com a Verdade. Mas para que esta recordação da nossa antiga grandeza seja realmente benéfica, nós também devemos nos tornar Rishis como eles. Sim, não apenas isso, mas é minha firme convicção que seremos Rishis ainda maiores do que qualquer outro que nossa história nos apresente. No passado, o sinal eram nossas conquistas – eu me glorio nelas e sinto orgulho de pensar nelas. Não estou

nem desesperado ao ver a presente degradação, e estou cheio de esperança ao imaginar o que está por vir no futuro. Por que? Porque eu sei que a semente passa por uma transformação completa, sim, a semente como semente é aparentemente destruída antes de se desenvolver em uma árvore. Da mesma forma, no meio da nossa actual degradação reside, apenas adormecida por um tempo, a potencialidade da futura grandeza da nossa religião, pronta para surgir novamente, talvez mais poderosa e gloriosa do que nunca.

Agora vamos considerar quais são as bases comuns de acordo na religião em que nascemos. À primeira vista, inegavelmente encontramos várias diferenças entre as nossas seitas. Alguns são Advaitistas, alguns são Vishishtadvaitistas e outros são Dvaitistas. Alguns acreditam nas Encarnações de Deus, alguns na adoração de imagens, enquanto outros são defensores da doutrina do Sem Forma. Também quanto aos costumes, sabe-se que existem várias diferenças. Os Jâts não são excluídos, mesmo que se casem entre muçulmanos e cristãos. Eles podem entrar em qualquer templo hindu sem impedimentos. Em muitas aldeias do Punjab, quem não come suínos dificilmente será considerado hindu. No Nepal, um brâmane pode casar-se nas quatro Varnas; enquanto em Bengala, um brâmane não pode se casar nem mesmo entre as subdivisões de sua própria casta. E assim por diante. Mas no meio de todas estas diferenças notamos um ponto de unidade entre todos os hindus, e é este: nenhum hindu come carne de vaca. Da mesma forma, existe uma grande base comum de unidade subjacente às várias formas e seitas da nossa religião.

Primeiro, ao discutir as escrituras, um facto destaca-se de forma proeminente – que apenas aquelas religiões que tinham uma ou muitas escrituras próprias como base avançaram aos trancos e barrancos e sobreviveram até aos dias de hoje, apesar de toda a perseguição e repressão lançada contra elas. A religião grega, com toda a sua beleza, morreu na ausência de qualquer escritura que a apoiasse; mas a religião dos judeus permanece inalterada em seu poder, baseando-se na autoridade do Antigo Testamento. O mesmo acontece com a religião hindu, com a sua escritura, os Vedas, a mais antiga do mundo. Os Vedas são divididos em Karma Kânda e Jnâna Kânda. Seja para o bem ou para o mal, o Karma Kanda caiu em desuso na Índia, embora existam alguns brâmanes no Deccan que ainda

realizam Yajnas de vez em quando com o sacrifício de cabras; e também encontramos aqui e ali vestígios do Kriyâ Kânda Védico nos Mantras usados em conexão com nosso casamento e cerimônias de Shrâddha, etc. Mas não há chance de ele ser reabilitado em sua base original. Kumârila Bhatta uma vez tentou fazer isso, mas não teve sucesso em sua tentativa.

O Jnana Kanda dos Vedas compreende os Upanishads e é conhecido pelo nome de Vedanta, o pináculo dos Shrutis, como é chamado. Onde quer que você encontre os Âchâryas citando uma passagem dos Shrutis, é invariavelmente dos Upanishads. O Vedanta é agora a religião dos hindus. Se qualquer seita na Índia quiser ter as suas ideias estabelecidas com firmeza no povo, deve baseá-las na autoridade do Vedanta. Todos eles têm que fazer isso, sejam eles Dvaitistas ou Advaitistas. Até os Vaishnavas têm que ir ao Gopâlatâpini Upanishad para provar a veracidade de suas próprias teorias. Se uma nova seita não encontrar nada nos Shrutis que confirme suas idéias, ela chegará ao ponto de fabricar um novo Upanishad e torná-lo atual como uma das antigas produções originais. Houve muitos assim no passado.

Quanto aos Vedas, os hindus acreditam que não são meros livros compostos por homens de alguma época remota. Eles os consideram uma massa acumulada de infinita sabedoria divina, que às vezes se manifesta e outras vezes permanece imanifestada. O comentarista Sâyanâchârya diz em algum lugar de suas obras

यो वेदेभ्योऽखिलं जगत् निर्ममे

— “Quem criou todo o universo a partir do conhecimento dos Vedas”. Ninguém jamais viu o compositor dos Vedas e é impossível imaginar um. Os Rishis foram apenas os descobridores dos Mantras ou Leis Eternas; eles simplesmente ficaram cara a cara com os Vedas, a mina infinita de conhecimento, que existe desde tempos sem começo.

Quem são esses Rishis? Vâtsyâyana diz: "Aquele que alcançou através de meios adequados a realização direta do Dharma, somente ele pode ser um Rishi, mesmo que seja um Mlechchha de nascimento." Assim é que nos tempos antigos, Vasishtha, nascido de uma união ilegítima, Vyâsa, o filho de uma pescadora, Narada, o filho de uma serva com ascendência incerta, e

muitos outros de natureza semelhante alcançaram o estado de Rishi. Na verdade, chega-se ao seguinte: nenhuma distinção deve ser feita com alguém que realizou a Verdade. Se todas as pessoas que acabamos de nomear se tornaram Rishis, então, ó brâmanes Kulin dos dias atuais, quão maiores Rishis vocês podem se tornar! Esforce-se por alcançar esse Rishihood, não pare até que você tenha alcançado a meta, e o mundo inteiro se curvará a seus pés! Seja um Rishi – esse é o segredo do poder.

Este Veda é nossa única autoridade e todos têm direito a ele.

यथेमां वाचं कल्याणीमावदन्ति जनेभ्यः ।
ब्रह्मराजन्याभ्यां शूद्राय चार्याय च स्वाय चारणाय ॥

– Assim diz o Shukla Yajur Veda (XXVI. 2). Você pode mostrar a alguma autoridade deste nosso Veda que nem todos têm direito a isso? Os Purânas, sem dúvida, dizem que uma determinada casta tem direito a tal e tal recensão dos Vedas, ou que uma determinada casta não tem o direito de estudá-los, ou que esta porção dos Vedas é para a Satya Yuga e aquela porção é para o Kali Yuga. Mas, observe, o Veda não diz isso; são apenas os seus Puranas que fazem isso. Mas pode o servo ditar ao senhor? Os Smritis, Puranas, Tantras – todos estes são aceitáveis apenas na medida em que concordam com os Vedas; e onde quer que sejam contraditórios, devem ser rejeitados como não confiáveis. Mas hoje em dia colocamos os Puranas num pedestal ainda mais alto que os Vedas! O estudo dos Vedas quase desapareceu de Bengala. Como desejo que logo chegue o dia em que em todos os lares o Veda será adorado junto com Shâlagrâma, a Deidade doméstica, quando os jovens, os velhos e as mulheres inaugurarão a adoração do Veda!

Não tenho fé nas teorias apresentadas pelos sábios ocidentais em relação aos Vedas. Eles estão hoje fixando a antiguidade dos Vedas em um determinado período, e novamente amanhã perturbando-a e adiantando-a mil anos, e assim por diante. Contudo, sobre os Puranas, eu lhe disse que eles só têm autoridade na medida em que concordam com os Vedas, caso contrário, não. Nos Puranas encontramos muitas coisas que não concordam com os Vedas. Por exemplo, está escrito nos Puranas que alguém viveu dez mil anos, outros vinte mil anos, mas nos Vedas encontramos: शतायुर्वै पुरुषः - "O homem vive de fato cem anos." O que devemos aceitar neste caso? Certamente os Vedas. Apesar de declarações como estas, não deprecio os Puranas. Eles contêm muitos ensinamentos belos e esclarecedores e palavras de sabedoria sobre Yoga, Bhakti, Jnâna e Karma; esses, é claro, devemos aceitar. Depois, há os Tantras. O verdadeiro significado da palavra Tantra é Shâstra, como por exemplo, Kâpila Tantra. Mas a palavra Tantra é geralmente usada num sentido limitado. Sob a influência de reis que adotaram o budismo e pregaram e transmitiram a doutrina de Ahimsâ, as performances dos Yâga-Yajnas védicos tornaram-se uma coisa do passado, e ninguém poderia matar qualquer animal em sacrifício por medo do rei. Mas posteriormente entre os próprios budistas – que foram convertidos do hinduísmo – as melhores partes destes Yaga-Yajnas foram adotadas e praticadas em segredo. Destes surgiram os Tantras. Exceto algumas das coisas abomináveis dos Tantras, como o Vâmâchâra etc., os Tantras não são tão ruins quanto as pessoas tendem a pensar. Há muitos pensamentos vedânticos elevados e sublimes neles. Na verdade, as porções Brahmanas dos Vedas foram um pouco modificadas e incorporadas ao corpo dos Tantras. Todas as formas de nosso culto e os cerimoniais dos dias atuais, que compõem o Karma Kanda, são observados de acordo com os Tantras.

Agora vamos discutir um pouco os princípios da nossa religião. Não obstante as diferenças e controvérsias existentes entre as nossas diversas seitas, existem nelas também vários motivos de unidade. Primeiro, quase todos eles admitem a existência de três coisas – três entidades – Ishvara, Atman e Jagat. Ishvara é Aquele que está eternamente criando, preservando e destruindo todo o universo. Com exceção dos Sâmkhyas, todos os outros acreditam nisso. Depois a doutrina do Atman e a reencarnação da alma; afirma que inúmeras almas individuais, tendo assumido corpo após corpo repetidas vezes, giram e giram na roda do nascimento e da morte de acordo

com seus respectivos Karmas; isto é Samsâravâda, ou como é comumente chamada a doutrina do renascimento. Depois, há o Jagat ou universo sem começo e sem fim. Embora alguns considerem estas três fases diferentes de uma só, e alguns outros como três entidades distintamente diferentes, e ainda outros de várias outras maneiras, ainda assim todos são unânimes em acreditar nestas três.

Aqui devo pedir-lhe que se lembre de que os hindus, desde tempos imemoriais, conheciam o Atman como algo separado de Manas, a mente. Mas os ocidentais nunca poderiam voar além da mente. O Ocidente sabe que o universo está repleto de felicidade e, como tal, é para eles um lugar onde podem desfrutar ao máximo; mas o Oriente nasce com a convicção de que este Samsara, esta existência em constante mudança, está cheio de miséria e, como tal, não é nada, nada além de irreal, não vale a pena trocar a alma pelas suas alegrias e posses efémeras. Por esta mesma razão, o Ocidente é sempre especialmente hábil na acção organizada, e por isso também o Oriente é sempre ousado na busca dos mistérios do mundo interno.

Voltemo-nos, contudo, agora para um ou dois outros aspectos do hinduísmo. Existe a doutrina das Encarnações de Deus. Nos Vedas encontramos menção a Matsya Avatâra, apenas a Encarnação do Peixe. Se todos acreditam ou não nesta doutrina, não é a questão; o verdadeiro significado, entretanto, deste Avatâravâda é a adoração do Homem – ver Deus no homem é a verdadeira visão de Deus. O hindu não vai através da natureza até o Deus da natureza – ele vai até o Deus do homem através do Homem.

Depois, há a adoração de imagens. Exceto os cinco Devatâs que devem ser adorados em todo Karma auspicioso conforme prescrito em nossos Shastras, todos os outros Devatas são meramente nomes de certos estados mantidos por eles. Mas, novamente, esses cinco Devatas nada mais são do que nomes diferentes do Único Deus. Esta adoração externa de imagens, entretanto, foi descrita em todos os nossos Shastras como a mais baixa de todas as formas inferiores de adoração. Mas isso não significa que seja algo errado a se fazer. Apesar das muitas iniquidades que encontraram entrada nas práticas de adoração de imagens tal como estão em voga agora, não as

condeno. Sim, onde eu estaria se não tivesse sido abençoado com a poeira dos pés sagrados daquele Brâmane ortodoxo e adorador de imagens!

Aqueles reformadores que pregam contra a adoração de imagens, ou o que eles denunciam como idolatria - para eles eu digo: "Irmãos, se vocês estão aptos a adorar a Deus sem forma, descartando toda ajuda externa, façam-no, mas por que vocês condenam outros que não podem?" fazer o mesmo? Um belo e grande edifício, a gloriosa relíquia de uma antiguidade venerável, por negligência ou desuso, caiu em uma condição dilapidada; ao chão. O que você fará com ele? Você tomará em mãos a limpeza e os reparos necessários e assim restaurará o antigo, ou derrubará todo o edifício e tentará construir outro em seu lugar, depois de um sórdido edifício? plano moderno cuja permanência ainda não foi estabelecida? Temos que reformá-lo, o que realmente significa prepará-lo ou aperfeiçoá-lo por meio de limpezas e reparos necessários, e não demolindo tudo. Aí termina a função de reforma. o velho está acabado, a que necessidade adicional ele serve? Faça isso se puder, se não, tire as mãos!" O grupo de reformadores em nosso país deseja, pelo contrário, construir uma seita própria separada. Eles, no entanto, fizeram um bom trabalho; que as bênçãos de Deus seja derramado sobre suas cabeças! Mas por que vocês, hindus, querem se separar do grande rebanho comum? vós, filhos dos Imortais, meus compatriotas, temos operado durante séculos, transportando a civilização e enriquecendo o mundo inteiro com os seus tesouros inestimáveis. Durante séculos brilhantes, este nosso navio nacional tem atravessado o oceano da vida e levado milhões. de almas para a outra margem, além de toda miséria Mas hoje pode ter surgido um vazamento e sido danificado, por culpa sua ou por qualquer causa que não importa. O que vocês, que se colocaram nisso, fariam agora? amaldiçoem-no e briguem entre vocês! Vocês não se uniriam e se esforçariam ao máximo para tapar os buracos? Vamos todos dar com alegria o sangue dos nossos corações para fazer isso; e se falharmos na tentativa, vamos todos afundar e morrer juntos, com bênçãos e não maldições nos lábios.

E para os brâmanes eu digo: "Vão é o seu orgulho de nascimento e ancestralidade. Livre-se disso. A condição de brâmane, de acordo com seus Shastras, você não tem mais agora, porque você viveu por muito tempo sob os reis Mlechchha. Se você acredita nas palavras de seus próprios

ancestrais, então vá neste exato momento e faça expiação entrando no fogo lento aceso por Tusha (cascas), como aquele velho Kumarila Bhatta, que com o propósito de expulsar os budistas primeiro se tornou um discípulo dos budistas e então derrotá-los na discussão tornou-se a causa da morte de muitos, e posteriormente entrou no Tushânala para expiar seus pecados. Se você não for corajoso o suficiente para fazer isso, então admita sua fraqueza e estenda uma mão amiga e abra os portões de conhecimento a todos e a todos, e dar às massas oprimidas mais uma vez os seus direitos e privilégios justos e legítimos."

3.5 RELATÓRIOS EM JORNAIS AMERICANOS

3.5.1 ÍNDIA: SUA RELIGIÃO E COSTUMES

(Salem Evening News, 29 de agosto de 1893)

Apesar do clima quente da tarde de ontem, um bom número de membros do clube Pensamento e Trabalho, com convidados, reuniram-se na capela Wesley para conhecer Swami Vive Kanonda, [10] um monge hindu, agora viajando por este país, e para ouvir um discurso informal daquele cavalheiro, principalmente sobre a religião dos hindus conforme ensinada por seus Vedar (Vedas.) ou livros sagrados. Ele também falou de casta, simplesmente como uma divisão social e de forma alguma dependente de sua religião.

A pobreza da maioria das massas foi fortemente abordada. A Índia, com uma área muito menor que a dos Estados Unidos, contém vinte e trezentos milhões [sic] de pessoas, e destas, trezentos milhões [sic] ganham salários, em média, menos de cinquenta centavos por mês. Em alguns casos, as pessoas em distritos inteiros do país subsistem durante meses e até anos, inteiramente de flores (Mohua.), produzidas por uma certa árvore que, quando fervida, é comestível.

Noutros distritos os homens só comem arroz, as mulheres e as crianças devem saciar a fome com a água em que o arroz é cozinhado. Uma falha na colheita de arroz significa fome. Metade das pessoas vive com uma refeição por dia, a outra metade não sabe de onde virá a próxima refeição. Segundo Swami Vive Kyonda, a necessidade do povo da Índia não é mais religião, ou melhor, mas como ele expressa, "praticidade", e é com a esperança de interessar o povo americano nesta grande necessidade do sofrendo e morrendo de fome por milhões que ele veio para este país.

Ele falou longamente sobre a condição de seu povo e sua religião. No decorrer de seu discurso, ele foi frequentemente e de perto questionado pelo Dr. F. A. Gardner e pelo Rev. SF Nobbs da Igreja Batista Central. Ele disse que os missionários tinham ótimas teorias e começaram com boas ideias, mas nada fizeram pela condição industrial do povo. Ele disse que os americanos, em vez de enviar missionários para treiná-los em religião, seria melhor enviar alguém para lhes dar educação industrial.

Questionado sobre se não era um facto que os cristãos ajudavam o povo da Índia em tempos de angústia, e se não ajudavam de forma prática através de escolas de formação, o orador respondeu que o faziam algumas vezes, mas na verdade não era para seu crédito. pois a lei não lhes permitia tentar influenciar as pessoas nessas ocasiões.

Ele explicou a má condição da mulher na Índia, alegando que os homens hindus tinham tanto respeito pelas mulheres que foi considerado melhor não deixá-la sair. As mulheres hindus eram tão estimadas que eram mantidas em reclusão. Ele explicou o antigo costume de as mulheres serem queimadas após a morte de seus maridos, alegando que as amavam tanto que não poderiam viver sem o marido. Eles eram um no casamento e devem ser um na morte.

Ele foi questionado sobre a adoração de ídolos e o fato de se atirarem na frente do carro gigante, e disse que não se deve culpar o povo hindu pelo negócio de automóveis, pois foi um ato de fanáticos e principalmente de leprosos.

O orador explicou que a sua missão no seu país era organizar monges para fins industriais, para que pudessem dar ao povo o benefício desta educação

industrial e assim elevá-los e melhorar a sua condição.

Esta tarde, Vive Kanonda falará sobre as crianças da Índia a quaisquer crianças ou jovens que tenham o prazer de ouvi-lo na 166 North Street, tendo a Sra. Woods gentilmente oferecido o seu jardim para esse fim. Pessoalmente é um homem bonito, moreno mas gracioso, vestido com uma longa túnica de cor vermelho amarelado presa na cintura por um cordão, e usando na cabeça um turbante amarelo. Sendo monge, ele não tem casta e pode comer e beber com qualquer pessoa.

* * *

(Gazeta Diária, 29 de agosto de 1893)

Rajah [11] Swami Vivi Rananda da Índia foi o convidado do Clube de Pensamento e Trabalho de Salem ontem à tarde na igreja de Wesley.

Um grande número de senhoras e senhores estiveram presentes e apertaram a mão, à moda americana, do ilustre monge. Usava vestido laranja, com faixa vermelha, turbante amarelo, com a ponta pendurada para um lado, que usava como lenço, e sapatos de congresso.

Ele falou longamente sobre a condição de seu povo e sua religião. No decorrer de seu discurso, ele foi frequentemente e de perto questionado pelo Dr. F. A. Gardner e pelo Rev. SF Nobbs da Igreja Batista Central. Ele disse que os missionários tinham ótimas teorias e começaram com boas ideias, mas nada fizeram pela condição industrial do povo. Ele disse que os americanos, em vez de enviar missionários para treiná-los em religião, seria melhor enviar alguém para lhes dar educação industrial.

Falando longamente sobre as relações entre homens e mulheres, ele disse que os maridos da Índia nunca mentiram e nunca perseguiram, e citou vários outros pecados que nunca cometeram.

Questionado sobre se não era um facto que os cristãos ajudavam o povo da Índia em tempos de angústia, e se não ajudavam de forma prática através de escolas de formação, o orador respondeu que o faziam algumas vezes, mas

na verdade não era para seu crédito. , pois a lei não lhes permitia tentar influenciar as pessoas nessas ocasiões.

Ele explicou a má condição das mulheres na Índia alegando que os homens hindus tinham tanto respeito pelas mulheres que foi considerado melhor não deixá-la sair. As mulheres hindus eram tão estimadas que eram mantidas em reclusão. Ele explicou o antigo costume de as mulheres serem queimadas após a morte de seus maridos, alegando que as amavam tanto que não poderiam viver sem o marido. Eles eram um no casamento e devem ser um na morte.

Ele foi questionado sobre a adoração de ídolos e o fato de se atirarem na frente do carro gigante, e disse que não se deve culpar o povo hindu pelo negócio de automóveis, pois foi um ato de fanáticos e principalmente de leprosos.

Quanto à adoração de ídolos, ele disse que perguntou aos cristãos o que eles pensavam quando oravam, e alguns disseram que pensavam na igreja, outros em DEUS. Agora seu povo pensava nas imagens. Para os pobres, os ídolos eram necessários. Ele disse que nos tempos antigos, quando sua religião começou, as mulheres se distinguiam pelo gênio espiritual e pela grande força mental. Apesar disso, como ele parecia reconhecer, as mulheres de hoje tinham degenerado. Eles não pensavam em nada além de comer e beber, fofocas e escândalos.

O orador explicou que a sua missão no seu país era organizar monges para fins industriais, para que pudessem dar ao povo o benefício desta educação industrial e, assim, elevá-los e melhorar a sua condição.

* * *

(Salem Evening News, 1º de setembro de 1893)

O erudito Monge da Índia que está passando alguns dias nesta cidade, falará na Igreja do Leste no domingo à noite, às 7h30. Swami (Rev.) Viva Kananda pregou na igreja episcopal de Annisquam no último domingo à noite, a convite do pastor e professor Wright de Harvard, que lhe mostrou grande gentileza.

Na segunda-feira à noite ele parte para Saratoga, onde discursará à associação de Ciências Sociais. Mais tarde ele falará perante o Congresso em Chicago. Como todos os homens que são educados nas universidades superiores da Índia, Viva Kananda fala inglês de maneira fácil e correta. Sua simples conversa com as crianças na última terça-feira sobre os jogos, escolas, costumes e maneiras das crianças na Índia foi valiosa e muito interessante. Seu bondoso coração ficou tocado pela declaração de uma pequena senhorita de que sua professora “la lambeu com tanta força que ela quase quebrou o dedo”. . . . Como Viva Kananda, como todos os monges, deve viajar por sua terra pregando a religião da verdade, da castidade e da fraternidade dos homens, nenhum grande bem poderia passar despercebido, ou um erro terrível escapar de seus olhos. Ele é extremamente generoso com todas as pessoas de outras religiões e só tem palavras gentis para aqueles que diferem dele.

* * *

(Gazeta Diária, 5 de setembro de 1893)

Rajah Swami Vivi Rananda, da Índia, falou na igreja do Leste no domingo à noite, sobre a religião da Índia e os pobres de sua terra natal. Reuniu-se um bom público, mas não tão grande quanto a importância do assunto ou do orador interessante mereciam. O monge estava vestido com seu traje nativo e falou por cerca de quarenta minutos. A grande necessidade da Índia hoje, que não é a Índia de cinquenta anos atrás, é, disse ele, de missionários para educar o povo industrial e socialmente e não religiosamente. Os hindus têm toda a religião que desejam, e a religião hindu é a mais antiga do mundo. O monge é um orador muito agradável e prendeu a atenção do público.

* * *

(Diário Saratoga, 6 de setembro de 1893)

. . . A plataforma foi ocupada em seguida por Vive Kananda, um monge de Madras, no Hindustão, que pregou por toda a Índia. Ele se interessa por ciências sociais e é um palestrante inteligente e interessante. Ele falou sobre o domínio muçulmano na Índia.

O programa de hoje abrange alguns temas muito interessantes, especialmente o artigo sobre "Bimetalismo", do Coronel Jacob Greene de Hartford. Vive Kananda falará novamente, desta vez sobre o Uso da Prata na Índia.

3.5.2 HINDUS NA FEIRA

(Transcrição da noite de Boston, 30 de setembro de 1893)

Chicago, 23 de setembro:

Há uma sala à esquerda da entrada do Palácio de Arte marcada como "Nº 1 - mantenha-se afastado". Para isso todos os oradores do Congresso das Religiões se dirigem, mais cedo ou mais tarde, seja para conversar uns com os outros ou com o Presidente Bonney, cujo gabinete privado fica num canto do apartamento. As portas dobráveis são zelosamente guardadas do público em geral, geralmente afastadas o suficiente umas das outras para permitir a entrada. Apenas os delegados devem penetrar nos recintos sagrados, mas não é impossível obter um "gergelim aberto" e, assim, desfrutar de um breve oportunidade de relações mais estreitas com os convidados ilustres do que a plataforma do Salão de Colombo oferece.

A figura mais marcante que se encontra nesta antessala é Swami Vivekananda, o monge brâmane. Ele é um homem grande e bem constituído, com a postura soberba dos hindustanis, rosto bem barbeado, traços regulares e bem moldados, dentes brancos e lábios bem esculpidos que geralmente se abrem em um sorriso benevolente enquanto ele conversa. Sua cabeça bem equilibrada é coroada com um turbante cor de limão ou vermelho, e sua batina (não é o nome técnico desta vestimenta), amarrada na cintura e caindo abaixo dos joelhos, alterna em um laranja brilhante e um rico carmesim. Ele fala inglês excelente e respondeu prontamente a todas as perguntas feitas com sinceridade.

Junto com sua simplicidade de comportamento há um toque de reserva pessoal ao falar com as mulheres, o que sugere a vocação escolhida. Quando questionado sobre as leis de sua ordem, ele disse: "Posso fazer o que quiser, sou independente. Às vezes moro nas montanhas do Himalaia e

às vezes nas ruas das cidades. Nunca sei onde conseguirei meu próximo refeição, nunca guardo dinheiro comigo, venho aqui por assinatura." Depois, olhando para um ou dois de seus compatriotas que por acaso estavam por perto, acrescentou: "Eles cuidarão de mim", dando a inferência de que seu projeto de lei do conselho em Chicago é atendido por outros. Quando questionado se estava usando seu traje habitual de monge, ele disse: "Este é um bom vestido; quando estou em casa, estou em farrapos e ando descalço. Acredito em casta? Casta é um costume social; a religião não tem nada a ver com isso; todas as castas se associarão a mim."

É bastante evidente, no entanto, pelo comportamento e pela aparência geral do Sr. Vivekananda que ele nasceu entre castas altas – anos de pobreza voluntária e peregrinações sem-teto não roubaram-lhe seu direito inato de cavalheiro; até mesmo o nome de sua família é desconhecido; ele seguiu o exemplo de Vivekananda ao abraçar uma carreira religiosa, e "Swami" é apenas o título de reverendo concedido a ele. Ele não pode estar muito longe dos trinta anos e parece ter sido feito para esta vida e sua fruição, bem como para a meditação na vida além. Não podemos deixar de nos perguntar qual poderia ter sido o ponto de viragem para ele.

"Por que eu deveria me casar", foi sua resposta abrupta a um comentário sobre tudo o que renunciou ao se tornar monge, "quando vejo em cada mulher apenas a Mãe divina? Por que faço todos esses sacrifícios? Para me emancipar dos laços terrenos e apegos para que não haja renascimento para mim. Quando eu morrer, quero ser imediatamente absorvido pelo divino, um com Deus, eu seria um Buda.

Vivekananda não quer dizer com isso que ele seja budista. Nenhum nome ou seita pode rotulá-lo. Ele é um resultado do Brahminismo superior, um produto do espírito Hindu, que é vasto, sonhador, autoextinguível, um Sanyasi ou homem santo.

Ele distribui alguns panfletos relacionados ao seu mestre, Paramhansa Ramakrishna, um devoto hindu, que impressionou tanto seus ouvintes e alunos que muitos deles se tornaram ascetas após sua morte. Mozoomdar também considerava este santo como seu mestre, mas Mozoomdar trabalha pela santidade no mundo, nele, mas não nele, como Jesus ensinou.

O discurso de Vivekananda perante o parlamento foi amplo como os céus acima de nós, abrangendo o que há de melhor em todas as religiões, como a religião universal definitiva – caridade para toda a humanidade, boas obras pelo amor de Deus, não por medo de punição ou esperança de recompensa. Ele é um grande favorito no parlamento, pela grandeza de seus sentimentos e também por sua aparência. Se ele simplesmente cruzar a plataforma, ele será aplaudido, e essa aprovação marcante de milhares de pessoas ele aceitará com um espírito infantil de gratificação, sem nenhum traço de vaidade. Deve ser uma experiência estranha também para este jovem e humilde monge brâmane, esta transição repentina da pobreza e da auto-anulação para a riqueza e o engrandecimento. Quando lhe perguntaram se sabia alguma coisa sobre aqueles irmãos do Himalaia em que os teosofistas tão firmemente acreditavam, ele respondeu com a simples declaração: “Nunca conheci nenhum deles”, de modo a sugerir: “Pode haver tais pessoas, mas embora eu esteja em casa, no Himalaia, ainda não os encontrei.”

3.5.3 NO PARLAMENTO DAS RELIGIÕES

(The Dubuque, Iowa, Times, 29 de setembro de 1893)

FEIRA MUNDIAL, 28 de setembro. — (Especial.) — O Parlamento das religiões chegou a um ponto em que se desenvolvem agudas acerbidades. O tênue véu de cortesia foi mantido, é claro, mas por trás dele havia mal-estar. O Rev. Joseph Cook criticou duramente os hindus e, por sua vez, foi criticado mais duramente. Ele disse que falar de um universo que não foi criado é um absurdo quase imperdoável, e os asiáticos retrucaram que um universo que teve um começo é um absurdo evidente. O bispo J. P. Newman, atirando de longa distância das margens do Ohio, declarou que os orientais insultaram todos os cristãos dos Estados Unidos por suas deturpações dos missionários, e os orientais, com seu sorriso provocantemente calmo e arrogante, responderam que isso foi simplesmente a ignorância do bispo.

FILOSOFIA BUDISTA

Em resposta direta à pergunta, três eruditos budistas nos transmitiram, em uma linguagem notavelmente simples e bela, sua crença fundamental sobre Deus, o homem e a matéria.

[A seguir está um resumo do artigo de Dharmapala sobre "A dívida do mundo para com Buda", que ele prefaciou, como aprendemos em outra fonte, cantando uma canção de bênção cingalesa. O artigo então continua:]

A peroração dele [de Dharmapala] foi a coisa mais bonita que o público de Chicago já ouviu. Demóstenes nunca o excedeu.

OBSERVAÇÕES CANTANGÉRIAS

Swami Vivekananda, o monge hindu, não teve tanta sorte. Ele estava sem humor, ou logo ficou, aparentemente. Ele usava uma túnica laranja e um turbante amarelo-claro e lançou-se imediatamente num ataque selvagem às nações cristãs com estas palavras: "Nós, que viemos do Oriente, sentamo-nos aqui dia após dia e ouvimos de uma forma condescendente que deveríamos aceitar o cristianismo porque as nações cristãs são as mais prósperas. Olhamos ao nosso redor e vemos a Inglaterra como a nação cristã mais próspera do mundo, com o pé no pescoço de 250 milhões de asiáticos. A Europa começou com a Espanha. A prosperidade da Espanha começou com a invasão do México. O Cristianismo ganha a sua prosperidade cortando as gargantas dos seus semelhantes.

E assim continuaram, cada orador seguinte ficando mais rabugento, por assim dizer.

* * *

(Perspectiva, 7 de outubro de 1893)

. . . O tema do trabalho cristão na Índia chama Vivekananda, em seu brilhante laranja sacerdotal, a se levantar. Ele critica o trabalho das missões cristãs. É evidente que ele não tentou compreender o Cristianismo, mas também, como afirma, os seus sacerdotes também não fizeram qualquer esforço para compreender a sua religião, com as suas crenças enraizadas e

preconceitos raciais de milhares de anos. Eles simplesmente vieram, na sua opinião, para desprezar as suas crenças mais sagradas e para minar a moral e o espiritualismo das pessoas que ele foi designado para ensinar.

* * *

(Crítica, 7 de outubro de 1893)

Mas as figuras mais impressionantes do Parlamento foram o sacerdote budista H. Dharmapala do Ceilão e o monge hindu Suami Vivekananda. “Se a teologia e o dogma se colocam no seu caminho na busca da verdade”, disse o primeiro incisivamente, “deixe-os de lado. Aprenda a pensar sem preconceitos, a amar todos os seres pelo amor, a expressar destemidamente suas convicções, a levar uma vida de pureza, e a luz do sol da verdade irá iluminá-lo.” Mas por mais eloquentes que tenham sido muitos dos breves discursos nesta reunião, cujo entusiasmo triunfante culminou justamente na soberba interpretação do coro Aleluia pelo Apollo Club, ninguém expressou tão bem o espírito do Parlamento, as suas limitações e a sua melhor influência, como fez o monge hindu. Copio seu discurso na íntegra, mas só posso sugerir seu efeito sobre o público, pois ele é um orador por direito divino, e seu rosto forte e inteligente em seu cenário pitoresco de amarelo e laranja não era menos interessante do que essas palavras sinceras e o ele lhes deu uma expressão rica e rítmica... [Depois de citar a maior parte do Discurso Final de Swamiji, o artigo continua:]

Talvez o resultado mais tangível do congresso tenha sido o sentimento que despertou em relação às missões estrangeiras. A impertinência de enviar estudantes de teologia semi-educados para instruir os sábios e eruditos orientais nunca foi levada a público de língua inglesa com mais força. É somente no espírito de tolerância e simpatia que temos liberdade para tocar a sua fé, e os exortadores que possuem essas qualidades são raros. É necessário compreender que temos tanto a aprender com os budistas quanto eles conosco, e que somente através da harmonia a influência mais elevada pode ser exercida.

Lucy Monroe.

Chicago, 3 de outubro de 1893.

* * *

[A um pedido do New York World de 1º de outubro de 1893, por "um sentimento ou expressão sobre o significado da grande reunião" de cada representante, Swamiji respondeu com uma citação do Gita e uma de Vyâsa:]

"Eu sou Aquele que está em todas as religiões - como o fio que passa por um colar de pérolas." "Homens santos, perfeitos e puros são vistos em todos os credos, portanto todos levam à mesma verdade - pois como pode o néctar ser o resultado de um veneno?"

3.5.4 CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

(Crítica, 7 de outubro de 1893)

. . . Foi uma consequência do Parlamento das Religiões, que abriu os nossos olhos para o facto de que a filosofia dos credos antigos contém muita beleza para os modernos. Quando percebemos isso claramente, nosso interesse por seus expoentes acelerou e, com avidez característica, partimos em busca de conhecimento. O meio mais disponível para obtê-lo, após o encerramento do Parlamento, foi através dos discursos e palestras de Swami Vivekananda, que ainda está nesta cidade [Chicago]. Seu propósito original ao vir para este país era despertar o interesse dos americanos no início de novas indústrias entre os hindus, mas ele abandonou isso por enquanto, porque acha que, como "os americanos são as pessoas mais caridosas do mundo", todo homem com um propósito vem aqui em busca de ajuda para realizá-lo. Quando questionado sobre a situação relativa dos pobres aqui e na Índia, ele respondeu que nossos pobres seriam príncipes lá, e que ele havia sido levado pelo pior bairro da cidade apenas para encontrá-lo, do ponto de vista de seu conhecimento, confortável. e até agradável.

Um brâmane dos brâmanes, Vivekananda desistiu de sua posição para se juntar à irmandade dos monges, onde todo orgulho de casta é renunciado voluntariamente. E ainda assim ele carrega a marca da raça em sua pessoa.

A sua cultura, a sua eloquência e a sua personalidade fascinante deram-nos uma nova ideia da civilização hindu. Ele é uma figura interessante, seu rosto fino, inteligente e móvel em seu cenário de amarelos, e sua voz profunda e musical, ao mesmo tempo cativante a seu favor. Portanto, não é estranho que ele tenha sido adotado pelos clubes literários, tenha pregado e dado palestras em igrejas, até que a vida de Buda e as doutrinas de sua fé se tornaram familiares para nós. Ele fala sem anotações, apresentando seus fatos e suas conclusões com a maior arte, a mais convincente sinceridade; e elevando-se às vezes a uma eloquência rica e inspiradora. Tão erudito e culto, aparentemente, como o jesuíta mais talentoso, ele também tem algo de jesuítico no caráter de sua mente; mas embora os pequenos sarcasmos lançados em seus discursos sejam tão agudos quanto um florete, eles são tão delicados que muitos de seus ouvintes passam despercebidos. No entanto, sua cortesia é infalível, pois essas investidas nunca são direcionadas tão diretamente aos nossos costumes a ponto de serem rudes. Atualmente ele se contenta em nos esclarecer sobre sua religião e as palavras de seus filósofos. Ele aguarda com expectativa o momento em que passaremos além da idolatria - agora necessária, em sua opinião, para as classes ignorantes - além da adoração, até mesmo, para o conhecimento da presença de Deus na natureza, da divindade e da responsabilidade do homem. "Trabalhe a sua própria salvação", diz ele com o Buda moribundo; "Eu não posso ajudá-lo. Nenhum homem pode ajudá-lo. Sirva-se."

Lucy Monroe.

3.5.5 REENCARNAÇÃO

(Índice Evanston, 7 de outubro de 1893)

Na Igreja Congregacional, durante a semana passada, foi ministrado um curso de palestras que em natureza se assemelhava muito ao Parlamento Religioso que acaba de ser concluído. Os palestrantes foram o Dr. Carl van Bergen, da Suécia, e Suami Vivekananda, o monge hindu. ... Suami Vivekananda é uma representante da Índia no Parlamento das Religiões. Ele atraiu muita atenção por seu traje único nas cores mandarim, por sua presença magnética e por sua oratória brilhante e maravilhosa exposição da

filosofia hindu. Sua estada em Chicago foi uma ovação contínua. O curso de palestras foi organizado para cobrir três noites.

[As palestras das noites de sábado e terça-feira estão listadas sem comentários; então o artigo continua:]

Na noite de quinta-feira, 5 de outubro, o Dr. von Bergen falou sobre “Huldine Beamish, a Fundadora das Filhas do Rei da Suécia”, e “Reencarnação” foi o assunto tratado pelo monge hindu. Este último foi muito interessante; as opiniões são aquelas que não são ouvidas com frequência nesta parte do mundo. A doutrina da reencarnação da alma, embora comparativamente nova e pouco compreendida neste país, é bem conhecida no Oriente, sendo a base de quase todas as religiões daquele povo. Aqueles que não o utilizam como dogma, não dizem nada contra. O principal ponto a ser decidido em relação à doutrina é se tivemos um passado. Sabemos que temos um presente e temos certeza de um futuro. No entanto, como pode haver um presente sem passado? A ciência moderna provou que a matéria existe e continua a existir. A criação é apenas uma mudança na aparência. Não nascemos do nada. Alguns consideram Deus como a causa comum de tudo e julgam isso uma razão suficiente para a existência. Mas em tudo devemos considerar os fenômenos; de onde e de que matéria surge. Os mesmos argumentos que provam que existe um futuro provam que existe um passado. É necessário que haja outras causas além da vontade de Deus. A hereditariedade não é capaz de dar causa suficiente. Alguns dizem que não temos consciência de uma existência anterior. Muitos casos foram encontrados onde há reminiscências distintas de um passado. E aqui reside o germe da teoria. Como os hindus são gentis com os animais burros, muitos acreditam que acreditamos na reencarnação das almas nas ordens inferiores. Eles não são capazes de conceber que a bondade para com os animais estúpidos seja outra coisa que não o resultado da superstição. Um antigo sacerdote hindu define religião como qualquer coisa que eleve a pessoa. A brutalidade é expulsa, a humanidade dá lugar à divindade. A teoria da encarnação não confina o homem a esta pequena terra. Sua alma pode ir para outras terras mais altas, onde ele será um ser mais elevado, possuindo, em vez de cinco sentidos, oito, e continuando dessa maneira, ele finalmente se aproximará do ápice da perfeição, da

divindade, e lhe será permitido beber profundamente. do esquecimento nas "Ilhas dos Abençoados".

3.5.6 CIVILIZAÇÃO HINDU

[Embora a palestra no Streator em 9 de outubro tenha sido bem frequentada, o Streator Daily Free Press de 9 de outubro publicou a seguinte revisão um tanto sombria:]

A palestra deste célebre hindu na Ópera, sábado à noite, foi muito interessante. Através da filologia comparativa, ele procurou estabelecer a relação há muito admitida entre as raças arianas e seus descendentes no novo mundo. Ele defendeu moderadamente o sistema de castas da Índia, que mantém três quartos da população em completa e humilhante sujeição, e vangloriou-se de que a Índia de hoje era a mesma Índia que assistiu durante séculos as nações meteóricas do mundo surgirem no horizonte e afundarem. no esquecimento. Assim como o povo, ele ama o passado. Ele não vive para si mesmo, mas para Deus. Em seu país, a mendicância e a mendicância são valorizadas, embora não sejam tão distinguidas em suas palestras. Quando a refeição é preparada, esperam que chegue algum homem que seja servido primeiro, depois os animais, os empregados, o homem da casa e por último a dona da casa. Os meninos são levados aos 10 anos de idade e mantidos por professores por um período de dez a vinte anos, educados e enviados para retomar suas ocupações anteriores ou para se envolverem em uma vida de peregrinação, pregação e oração intermináveis, levando consigo apenas isso. que lhes é dado para comer e vestir, mas nunca tocando em dinheiro. Vivekananda pertence à última classe. Os homens que se aproximam da velhice afastam-se do mundo e, após um período de estudo e oração, quando se sentem santificados, também avançam na divulgação do evangelho. Ele observou que o lazer era necessário para o desenvolvimento intelectual e pontuou os americanos por não educarem os índios que Colombo encontrou em estado de selvageria. Nisso ele exibiu falta de conhecimento das condições. Sua palestra foi lamentavelmente curta e muita coisa não foi dita e parecia ter maior importância do que muita coisa que foi dita.

(Fica claro no relatório acima que a imprensa americana, por uma razão ou outra, nem sempre deu a Swamiji uma recepção entusiástica.)

3.5.7 UMA PALESTRA INTERESSANTE

(Wisconsin State Journal, 21 de novembro de 1893)

A palestra na Igreja Congregacional [Madison] ontem à noite proferida pelo célebre monge hindu, Vivekananda, foi extremamente interessante e continha muito da filosofia sólida e da boa religião. Por mais pagão que seja, o Cristianismo pode muito bem seguir muitos de seus ensinamentos. Seu credo é tão amplo quanto o universo, abrangendo todas as religiões e aceitando a verdade onde quer que ela possa ser encontrada. A intolerância, a superstição e as cerimônias fúteis, declarou ele, não têm lugar nas “religiões da Índia”.

3.5.8 A RELIGIÃO HINDOO

(Minneapolis Star, 25 de novembro de 1893)

O "Brahminismo", em toda a sua atração sutil, por causa de sua incorporação de princípios antigos e verdadeiros, foi o assunto que prendeu a atenção do público ontem à noite na Primeira Igreja Unitarista [Minneapolis], enquanto Swami Vive Kananda expôs a fé hindu. Foi um público que incluía mulheres e homens atenciosos, pois o palestrante havia sido convidado pelos “Peripatéticos”, e entre os amigos que compartilharam o privilégio com eles estavam ministros de diversas denominações, bem como estudantes e acadêmicos. Vive Kananda é um sacerdote brâmane e ocupava a plataforma em seu traje nativo, com cafetã na cabeça, casaco laranja preso na cintura com faixa vermelha e vestimentas inferiores vermelhas.

Ele apresentou sua fé com toda a sinceridade, falando lenta e claramente, convencendo seus ouvintes pela quietude de palavras, em vez de por ações rápidas. Suas palavras foram cuidadosamente avaliadas e cada uma carregava seu significado direto. Ele ofereceu as verdades mais simples da

religião hindu e, embora não tenha dito nada duro sobre o cristianismo, abordou-o de maneira a colocar a fé de Brahma acima de todos. O pensamento onipresente e o princípio orientador da religião hindu é a divindade inerente da alma; a alma é perfeita e a religião é a manifestação da divindade já existente no homem. O presente é apenas uma linha de demarcação entre o passado e o futuro, e das duas tendências no homem, se o bem preponderar, ele passará para uma esfera superior, se o mal tiver poder, ele degenera. Esses dois estão continuamente trabalhando dentro dele; o que o eleva é a virtude, o que degenera é o mal.

Kananda falará na Primeira Igreja Unitarista amanhã de manhã.

* * *

(Notícias de Des Moines, 28 de novembro de 1893)

Swami Vivekananda, o talentoso estudioso da longínqua Índia, falou na igreja Central ontem à noite [27 de novembro]. Ele foi um representante de seu país e credo no recente parlamento de religiões reunido em Chicago durante a feira mundial. O Rev. H. O. Breeden apresentou o orador ao público. Ele se levantou e depois de se curvar ao público, iniciou sua palestra, cujo tema era "Religião Hindu". Sua palestra não se limitou a nenhuma linha de pensamento, mas consistiu mais em algumas de suas próprias visões filosóficas relativas à sua religião e outras. Ele afirma que é preciso abraçar todas as religiões para se tornar o cristão perfeito. O que não se encontra em uma religião é suprido por outra. Eles são bons e necessários para o verdadeiro cristão. Quando você envia um missionário ao nosso país, ele se torna um cristão hindu e eu, um cristão hindu. Muitas vezes me perguntaram neste país se vou tentar converter as pessoas aqui. Eu tomo isso como um insulto. Não acredito nesta ideia de conversão. [12] Hoje temos um homem pecador; amanhã, de acordo com a sua idéia, ele se converterá e aos poucos alcançará a santidade. De onde vem essa mudança? Como você explica isso? O homem não tem uma alma nova, pois a alma deve morrer. Você diz que ele foi mudado por Deus. Deus é perfeito, todo poderoso e é a própria pureza. Então, depois que esse homem for convertido, ele será o mesmo Deus menos a pureza que ele deu àquele homem para se tornar santo. Existem em nosso país duas palavras que têm um significado totalmente diferente do que têm neste país. Eles são

“religião” e “seita”. Afirmamos que a religião abrange todas as religiões. Toleramos tudo, menos a intolerância. Depois, há aquela palavra “seita”. Aqui abraça aquelas pessoas doces que se envolvem no seu manto de caridade e dizem: “Estamos certos; vocês estão errados”. Isso me lembra a história dos dois sapos. Um sapo nasceu num poço e viveu nele toda a sua vida. Um dia, um sapo do mar caiu naquele poço e eles começaram a conversar sobre o mar. O sapo que morava no poço perguntou ao visitante qual era o tamanho do mar, mas não conseguiu obter uma resposta inteligente. Então o sapo da casa pulou de um canto do poço para outro e perguntou ao visitante se o mar era tão grande assim. Ele disse sim. O sapo pulou novamente e disse: “O mar é tão grande assim?” e recebendo uma resposta afirmativa, disse consigo mesmo: “Este sapo deve ser um mentiroso; vou tirá-lo do meu poço.” É assim que acontece com essas seitas. Eles procuram expulsar e pisotear aqueles que não acreditam como eles.

3.5.9 O MONGE HINDOO

(Apelo-Avalanche, 16 de janeiro de 1894)

Swami Vive Kananda, o monge hindu, que fará uma palestra no Auditório [Memphis] esta noite, é um dos homens mais eloquentes que já apareceu na plataforma religiosa ou de palestras neste país. Sua oratória incomparável, profunda penetração nas coisas ocultas, sua inteligência no debate e grande seriedade capturaram a maior atenção dos homens pensantes do mundo no Parlamento de Religião da Feira Mundial, e a admiração de milhares de pessoas que desde então o ouviram durante sua palestra percorrer muitos dos estados da União.

Nas conversas, ele é um cavalheiro muito agradável; sua escolha de palavras são as joias da língua inglesa, e seu porte geral o classifica entre as pessoas mais cultas da etiqueta e dos costumes ocidentais. Como companheiro é um homem encantador e como conversador talvez não seja superado nas salas de estar de nenhuma cidade do mundo ocidental. Ele fala inglês não apenas distintamente, mas fluentemente, e suas ideias, tão novas

quanto brilhantes, escorrem de sua língua em um transbordamento perfeitamente desconcertante de linguagem ornamental.

Swami Vive Kananda, por sua religião herdada ou pelos primeiros ensinamentos, cresceu como brâmane, mas ao se converter à religião hindu, sacrificou sua posição e tornou-se um sacerdote hindu, ou como é conhecido no país de idealidade oriental, um sanyasin. Ele sempre foi um estudioso atento das obras maravilhosas e misteriosas da natureza, extraídas da elevada concepção de Deus, e com os anos passados como aluno e professor nas faculdades superiores daquele país oriental, adquiriu um conhecimento que lhe deu uma reputação mundial como um dos estudiosos mais atenciosos da época.

Seu maravilhoso primeiro discurso perante os membros do Parlamento da Feira Mundial o carimbou imediatamente como um líder naquele grande corpo de pensadores religiosos. Durante a sessão, ele foi frequentemente ouvido em defesa de sua religião, e algumas das mais belas e filosóficas jóias que enfeitam a língua inglesa saíram de seus lábios, retratando os deveres mais elevados que o homem devia ao homem e ao seu Criador. Ele é um artista de pensamento, um idealista de crenças e um dramaturgo de plataforma.

Desde sua chegada a Memphis, ele tem sido convidado do Sr. Hu L. Brinkley, onde recebe ligações dia e noite de muitas pessoas em Memphis que desejam prestar-lhe suas homenagens. Ele também é convidado informal do Tennessee Club e participou da recepção oferecida pela Sra. S. R. Shepherd, no sábado à noite. O Coronel R. B. Snowden ofereceu um jantar em sua casa em Annesdale em homenagem ao ilustre visitante no domingo, onde conheceu o Bispo Assistente Thomas F. Gailor, o Rev.

Ontem à tarde ele deu uma palestra diante de um grande e elegante público composto por membros do Clube do Século XIX, nas salas do clube no Edifício Randolph. Esta noite ele será ouvido no Auditório sobre "Hindooísmo".

3.5.10 APLICAÇÃO DE TOLERÂNCIA

(Comercial de Memphis, 17 de janeiro de 1894)

Uma audiência de proporções justas reuniu-se ontem à noite no Auditório para saudar o célebre monge hindu. Swami Vive Kananda, em sua palestra sobre Hinduísmo.

Ele foi apresentado num breve mas informativo discurso pelo juiz R. J. Morgan, que fez um esboço do desenvolvimento da grande raça ariana, de onde vieram os europeus e os hindus, traçando assim um parentesco racial entre os povos da América e o orador que iria se dirigir a eles.

O eminente Oriental foi recebido com aplausos liberais e ouvido com atento interesse o tempo todo. Ele é um homem de bela presença física, com traços regulares de bronze e formas de belas proporções. Ele usava um manto de seda rosa, preso na cintura por uma faixa preta, calças pretas e na cabeça estava graciosamente pendurado um turbante de seda amarela da Índia. Sua entrega é muito boa, seu uso do inglês é perfeito na escolha das palavras e na correção gramatical e de construção. A única imprecisão de pronúncia está na acentuação das palavras, às vezes, em uma sílaba errada. Os ouvintes atentos, porém, provavelmente perderam poucas palavras, e sua atenção foi bem recompensada por um discurso cheio de pensamentos originais, informações e ampla sabedoria. O discurso poderia ser apropriadamente chamado de apelo à tolerância universal, ilustrado por observações relativas à religião da Índia. Este espírito, afirmou ele, o espírito de tolerância e amor, é a inspiração central de todas as religiões que são dignas, e este, pensa ele, é o fim a ser assegurado por qualquer forma de fé.

Sua palestra sobre o hinduísmo não foi estritamente circunstancial. Sua tentativa foi antes fornecer uma análise de seu espírito do que uma história de suas lendas ou uma imagem de suas formas. Ele se deteve apenas em algumas das características distintivas do credo ou do ritual de sua fé, mas as explicou de maneira mais clara e perspicaz. Ele fez um relato vívido das características místicas do hinduísmo, a partir das quais surgiu a tão frequentemente mal interpretada teoria da reencarnação. Ele explicou como a sua religião ignorou as diferenciações do tempo, como, assim como todos os homens acreditam no presente e no futuro da alma, a fé de Brahma acredita no seu passado. Ele deixou claro, também, como a sua fé não

acredita no “pecado original”, mas baseia todos os esforços e aspirações na crença da perfectibilidade da humanidade. A melhoria e a purificação, afirma ele, devem basear-se na esperança. O desenvolvimento do homem é um retorno a uma perfeição original. Esta perfeição deve vir através da prática da santidade e do amor. Aqui ele mostrou como o seu próprio povo praticou estas qualidades, como a Índia tem sido uma terra de refúgio para os oprimidos, citando o exemplo das boas-vindas dadas pelos hindus aos judeus quando Tito saqueou Jerusalém e destruiu o Templo.

De maneira gráfica, ele contou que os hindus não dão muita importância às formas. Às vezes, cada membro da família diferirá na sua adesão às seitas, mas todos adorarão a Deus adorando o espírito de amor que é o Seu atributo central. Os hindus, diz ele, sustentam que existe o bem em todas as religiões, que todas as religiões são encarnações da inspiração do homem para a santidade e, sendo assim, todas deveriam ser respeitadas. Ele ilustrou isso com uma citação dos Vedas [?], nos quais diversas religiões são simbolizadas como vasos de formas diferentes, com os quais diferentes homens vinham trazer água de uma fonte. As formas dos vasos são muitas, mas a água da verdade é aquilo com que todos procuram encher os seus vasos. Deus conhece todas as formas de fé, pensa ele, e reconhecerá seu próprio nome, não importa como seja chamado, ou qual seja a forma da homenagem que lhe foi prestada.

Os hindus, continuou ele, adoram o mesmo Deus que os cristãos. A trindade hindu de Brahma, Vishnu, Siva é apenas uma personificação de Deus, o criador, o preservador e o destruidor. Que os três sejam considerados três em vez de um é simplesmente uma corrupção devido ao facto de que a humanidade em geral deve ter a sua ética tornada tangível. Da mesma forma, as imagens materiais dos deuses hindus são simplesmente símbolos de qualidades divinas.

Ele contou, para explicar a doutrina hindu da encarnação, a história de Krishna, que nasceu de concepção imaculada e cuja história se assemelha muito à história de Jesus. O ensinamento de Krishna, afirma ele, é a doutrina do amor por si só, e ele a expressou com as palavras "Se o temor do Senhor é o início da religião, o amor de Deus é o seu fim."

Toda a sua palestra não pode ser esboçada aqui, mas foi um apelo magistral ao amor fraternal e uma defesa eloquente de uma bela fé. A conclusão foi especialmente boa, quando ele reconheceu sua prontidão para aceitar Cristo, mas também deveria curvar-se a Krishna e a Buda; e quando, com uma bela imagem da crueldade da civilização, recusou responsabilizar Cristo pelos crimes do progresso.

3.5.11 MODOS E COSTUMES NA ÍNDIA

(Apelo-Avalanche, 21 de janeiro de 1894)

Swami Vive Kananda, o monge hindu, proferiu uma palestra na La Salette Academy [Memphis] ontem à tarde. Devido à chuva torrencial, um público muito pequeno estava presente.

O assunto discutido foi “Modos e Costumes na Índia”. Vive Kananda está apresentando teorias de pensamento religioso que encontram prontamente alojamento nas mentes de alguns dos pensadores mais avançados desta e de outras cidades da América.

Sua teoria é fatal para a crença ortodoxa, tal como ensinada pelos professores cristãos. Tem sido o esforço supremo da América cristã iluminar as mentes turvas da Índia pagã, mas parece que o esplendor oriental da religião de Kananda eclipsou a beleza do cristianismo antigo, tal como ensinado pelos nossos pais, e encontrará um rico campo no qual prosperar nas mentes de alguns dos mais instruídos da América.

Este é um dia de "modismos" e Kananda parece estar preenchendo uma "carência há muito sentida". Ele é, talvez, um dos homens mais eruditos de seu país e possui uma quantidade maravilhosa de magnetismo pessoal, e seus ouvintes ficam encantados com sua eloquência. Embora seja liberal em seus pontos de vista, ele vê muito pouco para admirar no cristianismo ortodoxo. Kananda recebeu atenção mais marcante em Memphis do que quase qualquer palestrante ou ministro que já visitou a cidade.

Se um missionário na Índia fosse tão cordialmente recebido como o monge hindu é aqui, a obra de espalhar o evangelho de Cristo em terras pagãs estaria bem avançada. Sua palestra ontem à tarde foi interessante do ponto de vista histórico. Ele está profundamente familiarizado com a história e as tradições de seu país natal, desde a história muito antiga até o presente, e pode descrever os vários lugares e objetos de interesse com graça e facilidade.

Durante a sua palestra era frequentemente interrompido por perguntas feitas pelas senhoras presentes, e respondia a todas as perguntas sem a menor hesitação, excepto quando uma das senhoras fazia uma pergunta com o objectivo de atraí-lo para uma discussão religiosa. Ele recusou ser desviado

do tema original do seu discurso e informou ao interrogador que em outro momento daria a sua opinião sobre a “transmigração da alma”, etc.

No decurso das suas observações, ele disse que o seu avô se casou quando ele tinha 3 anos e o seu pai casou aos 18, mas ele nunca se casou. Um monge não está proibido de se casar, mas se ele se casar, ela se tornará monge com os mesmos poderes e privilégios e ocupará a mesma posição social que seu marido. [13]

Respondendo a uma pergunta, ele disse que não havia divórcios na Índia por qualquer motivo, mas se, após 14 anos de vida de casado, não houvesse filhos na família, o marido poderia casar com outra com o consentimento da esposa, mas se ela objetou que ele não poderia se casar novamente. Sua descrição dos antigos mausoléus e templos era de uma beleza incomparável e mostra que os antigos possuíam conhecimento científico muito superior ao dos artesãos mais experientes da atualidade.

Swami Vivi Kananda aparecerá esta noite no Y. M. H. A. Hall pela última vez nesta cidade. Ele está sob contrato com o "Slayton Lyceum Bureau", de Chicago, para cumprir um contrato de três anos neste país. Ele partirá amanhã para Chicago, onde tem compromisso para a noite do dia 25.

(Detroit Tribune, 15 de fevereiro de 1894)

Ontem à noite, um grande público teve o privilégio de ver e ouvir o famoso Monge Hindu do Brahmo Samaj, Swami Vive Kananda, enquanto ele palestrava na Igreja Unitária sob os auspícios do Unity Club. Ele apareceu em trajes nativos e fez com seu rosto bonito e figura robusta uma aparência distinta. Sua eloquência prendeu a atenção do público e provocou aplausos em intervalos frequentes. Ele falou dos “Modos e Costumes da Índia” e apresentou o assunto no mais perfeito inglês. Ele disse que eles não chamavam seu país de Índia nem a si mesmos de hindus. Hindustão era o nome do país e eles eram brâmanes. Nos tempos antigos eles falavam sânscrito. Nessa língua, a razão e o significado de uma palavra foram explicados e tornados bastante evidentes, mas agora tudo isso desapareceu. Júpiter em sânscrito significa "Pai no Céu". Todas as línguas do norte da Índia eram agora praticamente as mesmas, mas se ele fosse para a parte sul daquele país não poderia conversar com o povo. Nas palavras pai, mãe,

irmã, irmão, etc.; o sânscrito deu pronúncias muito semelhantes. Este e outros fatos o levam a pensar que todos viemos da classe comum, os arianos. Quase todos os ramos desta raça perderam a sua identidade

Havia quatro castas, os sacerdotes, os proprietários de terras e militares, os comerciantes e os artesãos, trabalhadores e servos. Nas três primeiras castas, os meninos com idades de dez, onze e treze anos, respectivamente, são colocados nas mãos de professores de universidades e permanecem com eles até os trinta, vinte e cinco e vinte anos, respectivamente. ...

Antigamente, tanto meninos quanto meninas eram instruídos, mas agora apenas os meninos são favorecidos. No entanto, está a ser feito um esforço para rectificar o erro há muito existente. Uma boa parte da filosofia e das leis do país é obra das mulheres durante os tempos antigos, antes dos bárbaros começarem a governar o país. Aos olhos dos hindus a mulher agora tem os seus direitos. Ela se mantém firme e tem a lei ao seu lado.

Quando o aluno retorna da faculdade, ele pode se casar e constituir família. Marido e mulher devem arcar com o trabalho e ambos têm seus direitos. Na casta militar, as filhas muitas vezes podem escolher os maridos, mas em todos os outros casos todos os preparativos são feitos pelos pais. Há um esforço constante sendo feito agora para remediar o casamento infantil. A cerimônia de casamento é muito bonita, cada um toca o coração do outro e eles juram diante de Deus e da assembleia que serão fiéis um ao outro. Nenhum homem pode ser padre antes de se casar. Quando um homem assiste ao culto público, ele é sempre acompanhado pela sua esposa. Em sua adoração, o hindu realiza cinco cerimônias: adoração ao seu Deus, aos seus antepassados, aos pobres, aos animais mudos e ao saber. Enquanto um hindu tiver alguma coisa em casa, um hóspede nunca deverá desejar. Quando ele está satisfeito, então os filhos, então o pai e a mãe participam. São a nação mais pobre do mundo, mas, excepto em tempos de fome, ninguém morre de fome. Civilização é uma grande obra. Mas, em comparação, afirma-se que na Inglaterra um em cada 400 é bêbado, enquanto na Índia a proporção é de um para cada milhão. Foi dada uma descrição da cerimônia de queima dos mortos. Nenhuma publicidade é feita, exceto no caso de algum grande nobre. Depois de um jejum de quinze dias, os parentes dão presentes aos pobres em nome dos antepassados ou

para a formação de alguma instituição. Em questões morais, eles estão muito acima de todas as outras nações.

3.5.12 FILOSOFIA HINDOO

(Detroit Free Press, 16 de fevereiro de 1894)

A segunda palestra do monge hindu, Swami Vive Kananda, foi proferida ontem à noite na igreja Unitária para um público grande e muito agradecido. A expectativa do público de que o palestrante os esclarecesse sobre a "Filosofia Hindu", como a palestra foi intitulada, foi satisfeita apenas até certo ponto. Foram feitas alusões à filosofia de Buda, e o orador foi aplaudido quando disse que o Budismo foi a primeira religião missionária do mundo e que garantiu o maior número de convertidos sem o derramamento de uma gota de sangue; mas ele não disse nada ao seu público sobre a religião ou filosofia de Buda. Ele fez uma série de pequenas críticas à religião cristã e aludiu aos problemas e miséria que foram causados pela sua introdução em países pagãos, mas evitou habilmente qualquer comparação entre a condição social das pessoas em sua própria terra e aquela das pessoas com quem ele estava falando. De modo geral, ele disse que os filósofos hindus ensinavam de uma verdade inferior para uma superior; ao passo que se pede e se espera que uma pessoa que aceita uma doutrina cristã mais recente jogue fora toda a sua crença anterior e aceite a mais nova em sua totalidade. "É um sonho inútil quando todos nós teremos as mesmas opiniões religiosas", disse ele. "Nenhuma emoção pode ser produzida exceto por elementos conflitantes que atuam sobre a mente. É a repulsa à mudança, a nova luz, a apresentação do novo ao antigo, que provoca a sensação."

[Como a primeira palestra antagonizou algumas pessoas, o repórter da Free Press foi muito cauteloso. Felizmente, porém, o Detroit Tribune apoiou consistentemente Swamiji, e assim, em seu relatório de 16 de fevereiro, temos uma ideia de sua palestra sobre "Filosofia Hindu", embora o repórter do Tribune pareça ter feito anotações um tanto incompletas:]

(Detroit Tribune, 16 de fevereiro de 1894)

O monge Brahman, Swami Vive Kananda, deu novamente uma palestra ontem à noite na igreja Unitária, cujo tema foi “Filosofia Hindu”. O orador tratou por algum tempo de filosofia geral e metafísica, mas disse que dedicaria a palestra à parte referente à religião. Existe uma seita que acredita na alma, mas é agnóstica em relação a Deus. O Budismo [sic] era uma grande religião moral, mas eles não poderiam viver muito sem acreditar em um deus. Outra seita conhecida como os gigantes [jainistas] acredita na alma, mas não no governo moral do país. Havia vários milhões desta seita na Índia. Seus sacerdotes e monges amarram um lenço sobre seus rostos, acreditando que se seu hálito quente entrar em contato com um homem ou animal, ocorrerá a morte.

Entre os ortodoxos, todos acreditam na revelação. Alguns pensam que cada corda da Bíblia vem diretamente de Deus. A ampliação do significado de uma palavra talvez funcionasse na maioria das religiões, mas na dos hindus eles têm o sânscrito, que sempre retém o significado completo e as razões do mundo.

O distinto oriental pensava que havia um sexto sentido muito maior do que qualquer um dos cinco que sabemos possuir. Foi a verdade da revelação. Um homem pode ler todos os livros sobre religião do mundo e ainda assim ser o maior canalha do país. Revelação significa relatos posteriores de descobertas espirituais.

A segunda posição que alguns assumem é uma criação sem começo nem fim. Suponhamos que houve um tempo em que o mundo não existia; o que Deus estava fazendo então? Para os hindus a criação era apenas uma forma. Um homem nasce com um corpo saudável, é de boa família e cresce como um homem piedoso. Outro nasce com um corpo mutilado e torto e se torna um homem perverso e paga a pena. Por que um deus justo e santo deve criar um com tantas vantagens e outro com tantas desvantagens? A pessoa não tem escolha. O malfeitor tem consciência de sua culpa. A diferença entre virtude e vício foi exposta. Se Deus quisesse todas as coisas, haveria o fim de toda ciência. Até onde o homem pode descer? É possível que o homem volte a ser bruto novamente?

Kananda estava feliz por ser hindu. Quando Jerusalém foi destruída pelos romanos, vários milhares [de judeus] estabeleceram-se na Índia. Quando os

persas foram expulsos do seu país pelos árabes, vários milhares encontraram refúgio no mesmo país e nenhum foi molestado. Os hindus acreditam que todas as religiões são verdadeiras, mas a deles é anterior a todas as outras. Os missionários nunca são molestados pelos hindus. Os primeiros missionários ingleses foram impedidos de desembarcar naquele país por ingleses e foi um hindu que intercedeu por eles e lhes deu a primeira mão. A religião é aquela que acredita em tudo. A religião foi comparada aos cegos e ao elefante. Cada homem sentia-se pertencente a uma parte especial e daí tirou conclusões sobre o que era um elefante. Cada um estava certo a seu modo, mas todos eram necessários para formar um todo. Os filósofos hindus dizem "verdade com verdade, verdade inferior para superior". É um sonho inútil daqueles que pensam que em algum momento todos pensarão da mesma forma, pois isso seria a morte da religião. Cada religião se divide em pequenas seitas, cada uma afirmando ser a verdadeira e todas as outras erradas. A perseguição é desconhecida no Budismo. Enviaram os primeiros missionários e são os únicos que podem dizer que converteram milhões sem derramar uma só gota de sangue. Os hindus, com todos os seus defeitos e superstições, nunca perseguem. O orador queria saber como é que os cristãos permitiam tais iniquidades que estão presentes em todos os países cristãos.

3.5.13 MILAGRES

(Notícias da noite, 17 de fevereiro de 1894)

Não posso atender ao pedido do The News para fazer um milagre como prova da minha religião”, disse Vive Kananda a um representante deste jornal, após ver o editorial do The News sobre o assunto. trabalhador e, em segundo lugar, a pura religião hindu que professo não se baseia em milagres. Não reconhecemos milagres. Existem maravilhas realizadas além dos nossos cinco sentidos, mas elas são operadas por alguma lei. Nossa religião não tem nada a ver com eles. A maioria das coisas estranhas que são feitas na Índia e relatadas nos jornais estrangeiros são truques de prestidigitação ou ilusões hipnóticas. Não são performances de sábios. Estes não andam pelo país realizando suas maravilhas nos mercados em troca de

pagamento. Eles só podem ser vistos e conhecidos por aqueles que procuram conhecer a verdade, e não movidos pela curiosidade infantil."

3.5.14 A DIVINDADE DO HOMEM

(Detroit Free Press, 18 de fevereiro de 1894)

Swami Vive Kananda, filósofo e sacerdote hindu, concluiu sua série de palestras, ou melhor, sermões, na igreja Unitária ontem à noite, falando sobre "A Divindade de Deus" [sic]. (Na verdade o assunto era "A Divindade do Homem".) Apesar do mau tempo, a igreja ficou lotada quase até a porta meia hora antes do irmão oriental – como ele gosta de ser chamado – aparecer. Todas as profissões e ocupações empresariais estavam representadas na audiência atenta - advogados, juízes, ministros do evangelho, comerciantes, rabinos - para não falar das muitas senhoras que, pela sua presença repetida e atenção extasiada, demonstraram uma decidida inclinação para derramar adulação sobre o visitante sombrio cuja atração na sala de estar é tão grande quanto sua habilidade na tribuna.

A palestra da noite passada foi menos descritiva do que as anteriores, e durante quase duas horas Vive Kananda teceu uma textura metafísica sobre assuntos humanos e divinos tão lógica que fez a ciência parecer senso comum. Foi uma bela vestimenta lógica que ele teceu, repleta de tantas cores vivas e tão atraente e agradável de contemplar quanto um dos tecidos multicoloridos feitos à mão em sua terra natal e perfumados com a fragrância mais sedutora do Oriente. Este cavalheiro moreno usa imagens poéticas como um artista usa as cores, e os matizes são aplicados exatamente onde pertencem, o resultado tendo um efeito um tanto bizarro, mas ainda assim tendo um fascínio peculiar. Caleidoscópicas foram as conclusões lógicas que se sucederam rapidamente, e o hábil manipulador foi recompensado por seus esforços de tempos em tempos com aplausos entusiásticos.

A palestra foi precedida com a afirmação de que muitas perguntas foram feitas ao palestrante. Ele preferiu responder a algumas delas em particular, mas três ele selecionou, por razões que parecem, para responder do púlpito.

Eles foram: (Este e os próximos quatro parágrafos aparecem no Vol. IV das Obras Completas sob o título "A Índia é um país prejudicado?")

“Será que o povo da Índia submete os seus filhos às leis dos crocodilos?”

"Eles se matam sob as rodas do rolo compressor?"

"Eles queimam as viúvas com seus maridos?"

A primeira questão foi tratada pelo palestrante no sentido de que um americano no exterior responderia a perguntas sobre índios correndo pelas ruas de Nova York e mitos semelhantes que ainda hoje são acalentados por muitas pessoas no continente. A declaração era ridícula demais para dar uma resposta séria a ela. Quando questionado por certas pessoas bem-intencionadas, mas ignorantes, por que davam apenas crianças do sexo feminino aos crocodilos, ele só pôde responder ironicamente que provavelmente era porque eram mais macios e macios e podiam ser mastigados mais facilmente pelos habitantes dos rios do país ignorante. Em relação à lenda do rolo compressor, o palestrante explicou a antiga prática na cidade sagrada e observou que possivelmente alguns, em seu zelo em agarrar a corda e participar do desenho do carro, escorregaram e caíram e foram destruídos. Alguns desses infortúnios foram exagerados até à versão distorcida da qual as boas pessoas de outros países se encolheram de horror. Vive Kananda negou que o povo queimasse viúvas. Era verdade, porém, que as viúvas se queimavam. Nos poucos casos em que isto aconteceu, foram instadas a não o fazer pelos padres e homens santos que sempre se opuseram ao suicídio. Onde as viúvas devotas insistiram, afirmando que desejavam acompanhar os seus maridos na transformação que tinha ocorrido eles foram obrigados a submeter-se à prova de fogo. Isto é, eles enfiavam as mãos nas chamas e, se permitissem que fossem consumidas, nenhuma outra oposição seria colocada no caminho da realização dos seus desejos. Mas a Índia não é o único país onde as mulheres que amaram seguiram imediatamente a pessoa amada através dos reinos da imortalidade; suicídio em tais casos ocorreu em todos os países. É um fanatismo incomum em qualquer país; tão incomum na Índia como em outros lugares. Não, repetiu o orador, as pessoas não queimam mulheres na Índia; nem nunca queimaram bruxas.

Prosseguindo para a palestra propriamente dita, Vive Kananda passou a analisar os atributos físicos, mentais e anímicos da vida. O corpo é apenas uma casca; a mente é algo que representa apenas uma parte breve e fantástica; enquanto a alma tem individualidade distinta em si mesma. Realizar a infinidade do eu é alcançar a “liberdade”, que é a palavra hindu para “salvação”. Através de uma argumentação convincente, o palestrante mostrou que toda alma é algo independente, pois se fosse dependente não poderia adquirir a imortalidade. Ele contou uma história das antigas lendas de seu país para ilustrar a maneira pela qual a realização disso pode chegar ao indivíduo. Uma leoa saltando em direção a uma ovelha deu à luz um filhote. A leoa morreu e o filhote foi amamentado pelas ovelhas e por muitos anos se considerou uma ovelha e agiu como tal. Mas um dia outro leão apareceu e conduziu o primeiro leão até um lago onde ele olhou e viu sua semelhança com o outro leão. Com isso ele rugiu e percebeu toda a majestade de si mesmo. Muitas pessoas são como o leão disfarçado de ovelha e ficam encurralados, chamam-se pecadores e humilham-se de todas as formas imagináveis, sem ainda verem a perfeição e a divindade que reside em si mesmos. O ego do homem e da mulher é a alma. Se a alma é independente, como então pode ser isolada do todo infinito? Assim como o grande sol brilha sobre um lago e o resultado são inúmeros reflexos, a alma é distinta como cada reflexo, embora a grande fonte seja reconhecida e apreciada. A alma não tem sexo. Quando tiver realizado a condição de liberdade absoluta, o que poderá ter a ver com o sexo que é físico? Neste contexto, o conferencista mergulhou profundamente nas águas da filosofia ou religião suecaborgiana, e a ligação entre a convicção dos hindus e as expressões espirituais de fé por parte do homem santo mais moderno tornou-se plenamente aparente. Swedenborg parecia um sucessor europeu de um antigo sacerdote hindu, vestindo trajes modernos com uma convicção antiga; uma linha de pensamento que o maior dos filósofos e romancistas franceses [Balzac?] achou por bem incorporar em sua edificante história da alma perfeita. Cada indivíduo tem em si a perfeição. Encontra-se nos recessos escuros do seu ser físico. Dizer que um homem se tornou bom porque Deus lhe deu uma porção de Sua perfeição é conceber o Ser Divino como Deus menos a perfeição que ele concedeu a uma pessoa nesta terra. A lei inexorável da ciência prova que a alma é individual e deve ter perfeição dentro de si, cuja obtenção significa liberdade, não salvação, e a realização da infinidade individual. Natureza! Deus! Religião! É tudo um.

As religiões são todas boas. Uma bolha de ar em um copo d'água se esforça para se juntar à massa de ar externa; em óleo, vinagre e outros materiais de diferentes densidades os seus esforços são menos ou mais retardados de acordo com o líquido. Assim, a alma luta através de vários meios para alcançar a sua infinidade individual. Uma religião é mais bem adaptada a um determinado povo devido aos hábitos de vida, associação, características hereditárias e influências climáticas. Outra religião é adequada a outro povo por razões semelhantes. Tudo o que é melhor parecia ser a substância das conclusões do palestrante. Tentar mudar abruptamente a religião de uma nação seria como um homem que vê um rio fluindo dos Alpes. Ele critica o rumo que tomou. Outro homem vê o poderoso riacho que desce do Himalaia, um riacho que corre há gerações e milhares de anos, e diz que não seguiu o caminho mais curto e melhor. O cristão retrata Deus como um ser pessoal sentado em algum lugar acima de nós. O cristão não pode necessariamente ser feliz no Céu, a menos que possa ficar à beira das ruas douradas e, de vez em quando, olhar para outro lugar e ver a diferença. Em vez da regra de ouro, o Hindu acredita na doutrina de que todo o não-eu é bom e todo o eu é mau, e através desta crença a realização do infinito individual e a liberdade da alma no momento apropriado serão cumpridas. Quão excessivamente vulgar, afirmou Vive Kananda, era a regra de ouro! Sempre eu mesmo! sempre eu mesmo! era o credo cristão. Fazer aos outros o que você gostaria que fizessem! Era um credo horrível, bárbaro e selvagem, mas ele não desejava condenar o credo cristão, pois para aqueles que estão satisfeitos com ele, ele é bem adaptado. Deixe a grande corrente fluir, e será um tolo aquele que tentar mudar seu curso, quando a natureza encontrar a solução. Espiritualista (na verdadeira aceitação da palavra) e fatalista, Vive Kananda enfatizou sua opinião de que tudo estava bem e que ele não tinha vontade de converter os cristãos. Eles eram cristãos; estava bem. Ele era hindu; isso também estava bem. Em seu país foram formulados diferentes credos para as necessidades de pessoas de diferentes graus de inteligência, tudo isso marcando o progresso da evolução espiritual. A religião hindu não era uma religião individual; sempre egoísta em suas aspirações, sempre mantendo promessas de recompensa ou ameaças de punição. Mostra ao indivíduo que ele pode atingir o infinito através do não-eu. Este sistema de subornar homens para se tornarem cristãos, alegadamente vindo de Deus, que se manifestou a certos homens na terra, é atroz. É terrivelmente desmoralizante e o credo

cristão, aceite literalmente, tem um efeito vergonhoso sobre a natureza moral dos fanáticos que o aceitam, retardando o tempo em que a infinidade do eu pode ser alcançada.

* * *

[O repórter do Tribune, talvez o mesmo que já tinha ouvido “gigantes” no lugar de “jainistas”, desta vez ouviu “enterrar” no lugar de “queimar”; mas por outro lado, com exceção das declarações de Swamiji sobre a regra de ouro, ele parece ter relatado com mais ou menos precisão:]

(Detroit Tribune, 18 de fevereiro de 1894)

Swami Vive Kananda, na Igreja Unitária, declarou ontem à noite que as viúvas nunca foram enterradas [queimadas] vivas na Índia, através da religião ou da lei, mas o ato em todos os casos foi voluntário por parte das mulheres. A prática foi proibida por um imperador, mas gradualmente cresceu novamente até que o governo inglês a interrompeu. Fanáticos existiam em todas as religiões, tanto na cristã como na hindu. Sabia-se que os fanáticos na Índia mantinham as mãos sobre a cabeça em penitência por tanto tempo que o braço gradualmente ficava rígido nessa posição, e assim permaneceu para sempre. Da mesma forma, os homens fizeram a promessa de permanecer parados em uma posição. Com o tempo, essas pessoas perderiam todo o controle dos membros inferiores e nunca mais seriam capazes de andar. Todas as religiões eram verdadeiras e o povo praticava a moralidade, não por causa de qualquer ordem divina, mas por causa do seu próprio bem. Os hindus, disse ele, não acreditavam na conversão, chamando-a de perversão. As associações, o ambiente e a educação foram responsáveis pelo grande número de religiões, e quão tolo foi um expoente de uma religião declarar que a crença de outro homem estava errada. Foi tão razoável quanto um homem da Ásia vindo para a América e depois de ver o curso do Mississippi dizer-lhe: "Você está correndo totalmente errado. Você terá que voltar ao ponto de partida e começar tudo de novo." Seria igualmente tolo se um homem na América visitasse os Alpes e, depois de seguir o curso de um rio até ao Mar da Alemanha, lhe informasse que o seu curso era demasiado tortuoso e que a única solução seria fluir conforme indicado. A regra de ouro, declarou ele, era tão antiga quanto a própria terra e a ela podiam ser atribuídas todas as regras de moralidade [sic]. O homem

é um feixe de egoísmo. Ele achava que a teoria do fogo do inferno era uma bobagem. Não poderia haver felicidade perfeita quando se sabia que existia sofrimento. Ele ridicularizou a maneira como algumas pessoas religiosas agem ao orar. O hindu, disse ele, fechou os olhos e comungou com o espírito interior, enquanto alguns cristãos que ele tinha visto pareciam olhar fixamente para algum ponto como se vissem Deus sentado no seu trono celestial. Em matéria de religião havia dois extremos, o fanático e o ateu. Havia algo de bom no ateu, mas o fanático vivia apenas para si mesmo. Agradeceu a uma pessoa anônima que lhe enviou uma imagem do coração de Jesus. Ele considerou isso uma manifestação de intolerância. Os fanáticos não pertencem a nenhuma religião. Eles são um fenômeno singular [sic].

3.5.15 O AMOR DE DEUS

(O relatório desta palestra da Detroit Free Press está impresso no Vol. VIII das Obras Completas.)

(Detroit Tribune, 21 de fevereiro de 1894)

A Primeira Igreja Unitarista estava lotada ontem à noite para ouvir Vive Kananda. O público era composto por pessoas que vinham da Avenida Jefferson e da parte alta da Avenida Woodward. A maioria eram senhoras que pareciam profundamente interessadas no discurso e aplaudiram vários comentários do brâmane com muito entusiasmo.

O amor mencionado pelo orador não era o amor que acompanha a paixão, mas um amor puro e santo que alguém na Índia sente por seu Deus. Como Vive Kananda afirmou no início de seu discurso, o assunto era “O amor que o indiano sente por seu Deus”. Mas ele não pregou seu texto. A maior parte de seu discurso foi um ataque à religião cristã. A religião do índio e o amor ao seu Deus eram a menor parte. Os pontos de seu discurso foram ilustrados com diversas anedotas aplicáveis de pessoas famosas na história. Os temas das anedotas eram renomados imperadores mongóis de sua terra natal e não dos reis hindus nativos.

Os professores de religião foram divididos em duas turmas pelo conferencista, os seguidores do conhecimento e os seguidores da devoção. O fim da vida dos seguidores do conhecimento era a experiência. O fim da vida do devoto era o amor.

O amor, disse ele, era um sacrifício. Nunca é preciso, mas sempre dá. O hindu nunca pede nada ao seu Deus, nunca rezou pela salvação e por uma vida futura feliz, mas em vez disso deixa toda a sua alma ir para o seu Deus num amor fascinante. Esse belo estado de existência só poderia ser alcançado quando a pessoa sentisse uma necessidade avassaladora de Deus. Então Deus veio em toda a Sua plenitude.

Havia três maneiras diferentes de olhar para Deus. Uma delas era olhar para Ele como um personagem poderoso e prostrar-se e adorar Seu poder. Outra era adorá-Lo como um pai. Na Índia, o pai sempre punia os filhos e um elemento de medo se misturava com a consideração e o amor pelo pai. Ainda outra maneira de pensar em Deus era como mãe. Na Índia, uma mãe sempre foi verdadeiramente amada e reverenciada. Essa era a maneira dos índios olharem para o seu Deus.

Kananda disse que um verdadeiro amante de Deus estaria tão envolvido em seu amor que não teria tempo de parar e dizer aos membros de outra seita que eles estavam seguindo o caminho errado para proteger Deus e se esforçar para trazê-lo ao seu caminho. de pensar.

* * *

(Diário de Detroit)

Se Vive Kananda, o monge brâmane, que está ministrando um curso de palestras nesta cidade, pudesse ser induzido a permanecer por mais uma semana, o maior salão de Detroit não abrigaria as multidões que estariam ansiosas para ouvi-lo. Ele se tornou uma verdadeira moda, já que na noite passada todos os assentos da Igreja Unitarista estavam ocupados e muitos foram obrigados a permanecer de pé durante toda a palestra.

O tema do palestrante foi “O Amor de Deus”. Sua definição de amor era "algo absolutamente altruísta; aquilo que não pensa além da glorificação e

adoração do objeto ao qual nossos afetos são concedidos". O amor, disse ele, é uma qualidade que se curva E adora e não pede nada em troca. O amor de Deus, pensou ele, era diferente. Deus não é aceito, disse ele, porque realmente precisamos dele, exceto para fins egoístas. Sua palestra estava repleta de histórias e anedotas, todas mostrando o motivo egoísta subjacente ao motivo do amor a Deus. Os Cânticos de Salomão foram citados pelo palestrante como a parte mais bela da Bíblia cristã e, ainda assim, ele ouviu com profundo pesar que havia a possibilidade de serem removidos. "Na verdade", declarou ele, como uma espécie de argumento decisivo no final, "o amor de Deus parece basear-se numa teoria de 'O que posso tirar disso?' Os cristãos são tão egoístas no seu amor que pedem continuamente a Deus que lhes dê alguma coisa, incluindo todo o tipo de coisas egoístas. A religião moderna é, portanto, nada mais que um mero hobby e moda e as pessoas afluem à igreja como um monte de ovelhas.

3.5.16 AS MULHERES DA ÍNDIA

(Detroit Free Press, 25 de março de 1894)

Kananda deu uma palestra ontem à noite na Igreja Unitarista sobre "As Mulheres da Índia". O orador voltou às mulheres da Índia antiga, mostrando a grande consideração que elas têm nos livros sagrados, onde as mulheres eram profetisas. A espiritualidade deles era então admirável. É injusto julgar as mulheres no Leste pelos padrões ocidentais. No Ocidente a mulher é a esposa; no leste ela é a mãe. Os hindus adoram a ideia de mãe, e até mesmo os monges são obrigados a tocar a terra com a testa diante de suas mães. A castidade é muito estimada.

A palestra foi uma das mais interessantes que Kananda já proferiu e foi calorosamente recebido.

* * *

(Detroit Evening News, 25 de março de 1894)

Swami Vive Kananda deu uma palestra na Igreja Unitária ontem à noite sobre "As Mulheres da Índia, Passado, Medieval e Presente". Ele afirmou

que na Índia a mulher era a manifestação visível de Deus e que toda a sua vida foi entregue ao pensamento de que ela era mãe, e para ser uma mãe perfeita ela deveria ser casta. Nenhuma mãe na Índia alguma vez abandonou os seus filhos, disse ele, e desafiou qualquer um a provar o contrário. As raparigas da Índia morreriam se, tal como as raparigas americanas, fossem obrigadas a expor metade dos seus corpos ao olhar vulgar dos jovens. Ele desejava que a Índia fosse julgada pelo padrão daquele país e não por este.

* * *

(Tribuna, 1º de abril de 1894)

Enquanto Swami Kananda estava em Detroit, ele teve várias conversas, nas quais respondeu a perguntas sobre as mulheres da Índia. Foi a informação que ele transmitiu que sugeriu uma palestra pública sua sobre este assunto. Mas como ele fala sem anotações, alguns dos pontos que ele apresentou em conversas privadas não apareceram em seu discurso público. Então seus amigos ficaram um tanto desapontados. Mas uma de suas ouvintes colocou no papel algumas das coisas que ele contou em suas palestras da tarde, e agora pela primeira vez são divulgadas à imprensa:

Para os grandes planaltos das altas montanhas do Himalaia vieram primeiro os arianos, e lá até hoje reside o tipo puro de Brahman, um povo com o qual nós, ocidentais, só podemos sonhar. Puro em pensamento, ação e ação, tão honesto que um saco de ouro deixado em local público seria encontrado ileso vinte anos depois; tão lindo que, para usar a frase do próprio Kananda, “ver uma garota no campo é fazer uma pausa e maravilhar-se com o fato de Deus poder fazer algo tão requintado”. Suas feições são regulares, seus olhos e cabelos escuros, e sua pele da cor que seria produzida pelas gotas que caíam de um dedo picado em um copo de leite. Estes são os hindus em seu tipo puro, imaculado e desimpedido.

Quanto às suas leis de propriedade, o dote da esposa pertence exclusivamente a ela, nunca passando a ser propriedade do marido. Ela pode vender ou doar sem o consentimento dele. Os presentes de qualquer

pessoa para si mesma, inclusive os do marido, são somente dela, para serem usados como bem entenderem.

Mulher caminha para o exterior sem medo; ela é tão livre quanto a confiança perfeita nas pessoas ao seu redor pode torná-la. Não há zenana no Himalaia e há uma parte da Índia que os missionários nunca alcançam. Estas aldeias são de acesso mais difícil. Estas pessoas, intocadas pela influência maometana, só podem ser alcançadas através de escaladas cansativas e penosas, e são desconhecidas tanto pelos maometanos como pelos cristãos.

OS PRIMEIROS HABITANTES DA ÍNDIA

Nas florestas da Índia são encontradas raças de pessoas selvagens — muito selvagens, até ao canibalismo. Estes são os índios originais e nunca foram arianos ou hindus.

À medida que os hindus se estabeleceram no país propriamente dito e se espalharam por sua vasta área, corrupções de vários tipos encontraram lar entre eles. O sol estava escaldante e os homens expostos a ele eram de cor escura.

São necessárias apenas cinco gerações para mudar o brilho transparente da tez branca dos habitantes das montanhas do Himalaia para o tom bronzeado dos hindus da Índia.

Kananda tem um irmão muito louro e outro mais moreno que ele. Seu pai e sua mãe são justos. As mulheres tendem a ser mais justas, segundo a etiqueta cruel dos Zenana estabelecida para proteção contra os maometanos que as mantêm dentro de casa. Kananda tem trinta e um anos.

UM CLIPE EM HOMENS AMERICANOS

Kananda afirma com um brilho divertido nos olhos que os homens americanos o divertem. Eles professam adorar a mulher, mas na sua opinião simplesmente adoram a juventude e a beleza. Eles nunca se apaixonam por rugas e cabelos grisalhos. Na verdade, ele tem a forte impressão de que os

homens americanos já tiveram o truque - herdado, com certeza - de queimar as suas mulheres idosas. A história moderna chama isso de queima de bruxas. Foram os homens que acusaram e condenaram as bruxas, e geralmente era a idade avançada da vítima que a levava à fogueira. Vê-se, portanto, que queimar mulheres vivas não é um costume exclusivamente hindu. Ele pensou que se fosse lembrado que a igreja cristã queimou mulheres idosas na fogueira, haveria menos horror expresso em relação à queima de viúvas hindus.

QUEIMADURAS COMPARADAS

A viúva hindu foi para a agonia da morte em meio a banquetes e canções, vestida com suas roupas mais caras e acreditando, em sua maior parte, que tal ato significava as glórias do Paraíso para ela e sua família. Ela foi adorada como mártir e seu nome foi consagrado nos registros da família.

Por mais horrível que o rito nos pareça, é um quadro brilhante comparado com a queima da bruxa cristã que, considerada culpada desde o início, foi lançada numa masmorra sufocante, torturada cruelmente para extorquir confissão, submetida a um julgamento infame, arrastada em meio a zombarias para a fogueira e consolada em meio a seus sofrimentos pelo conforto do espectador de que a queima de seu corpo era apenas o símbolo do fogo eterno do inferno, no qual sua alma sofreria um tormento ainda maior.

MÃES SÃO SAGRADAS

Kananda diz que o hindu é ensinado a adorar o princípio da maternidade. A mãe supera a esposa. A mãe é santa. A maternidade de Deus está mais em sua mente do que a paternidade.

Todas as mulheres, seja qual for a casta, estão isentas de castigos corporais. Se uma mulher assassinar, sua cabeça será poupada. Ela pode ser colocada montada em um burro de frente para o rabo. Assim, cavalgando pelas ruas, um baterista grita seu crime, após o que ela é libertada, sendo sua humilhação considerada punição suficiente para servir de prevenção para novos crimes.

Caso ela queira se arrepender, há casas religiosas abertas para ela, onde ela pode se purificar ou ela pode, por sua própria opção, entrar imediatamente na classe dos monges e assim se tornar uma mulher santa.

A questão foi colocada ao Sr. Kananda se a liberdade assim permitida na união dos monges sem um superior sobre eles não tendia à hipocrisia entre a ordem, como ele afirma, dos mais puros filósofos hindus. Kananda concordou, mas explicou que não há ninguém entre o povo e o monge. O monge destruiu todas as castas. Um brâmane não tocará no hindu de casta inferior, mas deixará que ele ou ela se torne monge e o mais poderoso se prostrará diante do monge de casta inferior.

O povo é obrigado a cuidar do monge, mas apenas enquanto acreditar na sua sinceridade. Uma vez condenado por hipocrisia, ele é chamado de mentiroso e cai nas profundezas da mendicância – um mero mendigo errante – sem inspirar respeito.

OUTROS PENSAMENTOS

Uma mulher tem prioridade até mesmo com um príncipe. Quando os estudiosos gregos visitaram o Hindustão para conhecer os hindus, todas as portas se abriram para eles, mas quando o muçulmano com sua espada e o inglês com suas balas chegaram, suas portas foram fechadas. Esses convidados não eram bem-vindos. Como diz Kananda deliciosamente: “Quando o tigre chega, fechamos as portas até que ele passe”.

Os Estados Unidos, diz Kananda, inspiraram-lhe esperanças de grandes possibilidades no futuro, mas o nosso destino, tal como o do mundo, não reside nos legisladores de hoje, mas nas mulheres. Palavras do Sr. Kananda: "A salvação do seu país depende das suas mulheres."

3.6 ÍNDIA BUDISTA

(Reproduzido do Volume Memorial do Centenário de Swami Vivekananda, publicado pelo Centenário de Swami Vivekananda, Calcutá, em 1963. Os

acréscimos entre colchetes foram feitos para fins de esclarecimento. Os pontos indicam prováveis omissões. — Editora.)

(Entregue no Shakespeare Club, Pasadena, Califórnia, em 2 de fevereiro de 1900)

A Índia Budista é o nosso tema desta noite. Quase todos vocês, talvez, tenham lido o poema de Edwin Arnold sobre a vida de Buda, e alguns de vocês, talvez, tenham abordado o assunto com mais interesse acadêmico, pois em inglês, francês e alemão, há bastante linguagem budista. literatura. O próprio budismo é o mais interessante dos assuntos, pois é a primeira explosão histórica de uma religião mundial. Houve grandes religiões antes do surgimento do Budismo, na Índia e noutros lugares, mas, mais ou menos, estão confinadas às suas próprias raças. Os antigos hindus, ou os antigos judeus, ou os antigos persas, cada um deles tinha uma grande religião, mas essas religiões eram mais ou menos raciais. Com o Budismo começa pela primeira vez aquele fenômeno peculiar da religião começando corajosamente a conquistar o mundo. Independentemente das suas doutrinas, das verdades que ensinou e da mensagem que tinha para transmitir, estamos face a face com um dos tremendos cataclismos do mundo. Poucos séculos após o seu nascimento, os missionários de Buda, descalços e com a cabeça rapada, espalharam-se por todo o mundo civilizado então conhecido e penetraram ainda mais longe - desde a Lapónia, por um lado, até às Ilhas Filipinas, por outro. Eles se espalharam amplamente poucos séculos após o nascimento de Buda; e na própria Índia, a religião de Buda já havia engolido quase dois terços da população.

Toda a Índia nunca foi budista. Ficou do lado de fora. O Budismo teve o mesmo destino que o Cristianismo teve com os Judeus; a maioria dos judeus permaneceu indiferente. Assim, a velha religião indiana sobreviveu. Mas a comparação termina aqui. O Cristianismo, embora não conseguisse incluir toda a raça judaica, tomou ele próprio o país. Onde existia a religião antiga — a religião dos Judeus — que foi conquistada pelo Cristianismo em muito pouco tempo e a antiga religião foi dispersada, e assim a religião dos Judeus vive uma vida esporádica em diferentes partes do mundo. Mas na Índia esta criança gigantesca foi absorvida, a longo prazo, pela mãe que lhe deu à luz, e hoje o próprio nome de Buda é quase desconhecido em toda a

Índia. Você sabe mais sobre o budismo do que noventa e nove por cento dos indianos. Na melhor das hipóteses, os indianos só conhecem o nome – “Oh, ele foi um grande profeta, uma grande Encarnação de Deus” – e aí termina. A ilha do Ceilão permanece para Buda e, em algumas partes do país do Himalaia, ainda existem alguns budistas. Além disso não há nenhum. Mas [o Budismo] espalhou-se por todo o resto da Ásia.

Ainda assim, tem o maior número de seguidores de qualquer religião e modificou indiretamente os ensinamentos de todas as outras religiões. Uma boa parte do Budismo entrou na Ásia Menor. Houve uma luta constante ao mesmo tempo para saber se os budistas prevaleceriam ou as seitas cristãs posteriores. Os [gnósticos] e as outras seitas dos primeiros cristãos eram mais ou menos budistas em suas tendências, e todas elas se fundiram naquela maravilhosa cidade de Alexandria, e da fusão sob a lei romana surgiu o cristianismo. O Budismo no seu aspecto político e social é ainda mais interessante do que as suas [doutrinas] e dogmas; e como a primeira explosão do tremendo poder da religião conquistadora do mundo, é também muito interessante.

Estou mais interessado nesta palestra na Índia, pois ela foi afetada pelo Budismo; e para compreender um pouco o Budismo e a sua ascensão, temos de ter algumas ideias sobre a Índia como ela existia quando este grande profeta nasceu.

Já existia na Índia uma vasta religião com uma escritura organizada – os Vedas; e esses Vedas existiam como uma massa de literatura e não como um livro – assim como você encontra o Antigo Testamento, a Bíblia. Agora, a Bíblia é uma massa de literatura de diferentes épocas; pessoas diferentes são os escritores, e assim por diante. É uma coleção. Agora, os Vedas são uma vasta coleção. Não sei se, se todos os textos fossem encontrados – ninguém encontrou todos os textos, ninguém mesmo na Índia viu todos os livros – se todos os livros fossem conhecidos, esta sala os conteria. É uma enorme massa de literatura, transmitida de geração em geração por Deus, que deu as Escrituras. E a ideia sobre as escrituras na Índia tornou-se tremendamente ortodoxa. Você reclama de suas ortodoxias na adoração de livros. Se você entender a ideia dos hindus, onde você estará? Os hindus pensam que os Vedas são o conhecimento direto de Deus, que Deus criou

todo o universo nos e através dos Vedas, e que todo o universo existe porque está nos Vedas. A vaca existe fora porque a palavra “vaca” está nos Vedas; o homem existe fora por causa da palavra nos Vedas. Aqui você vê o início daquela teoria que mais tarde os cristãos desenvolveram e expressaram no texto: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus”. É a velha, muito antiga teoria da Índia. Sobre isso se baseia toda a ideia das escrituras. E lembre-se, cada palavra é o poder de Deus. A palavra é apenas a manifestação externa no plano material. Assim, toda esta manifestação é apenas a manifestação no plano material; e a Palavra são os Vedas, e o Sânscrito é a língua de Deus. Deus falou uma vez. Ele falou em sânscrito, e essa é a linguagem divina. Todas as outras línguas, consideram eles, não passam de zurros de animais; e para denotar que eles chamam todas as outras nações que não falam sânscrito [Mlechchhas], a mesma palavra que os bárbaros dos gregos. Eles estão zurrando, não falando, e o Sânscrito é a língua divina.

Agora, os Vedas não foram escritos por ninguém; eles eram eternamente coexistentes com Deus. Deus é infinito. O mesmo acontece com o conhecimento, e através deste conhecimento é criado o mundo. A ideia deles de ética é [que uma coisa é boa] porque a lei assim o diz. Tudo está limitado por esse livro – nada [pode ir] além disso, porque o conhecimento de Deus – você não pode ir além disso. Essa é a ortodoxia indiana.

Na última parte dos Vedas, você vê o mais elevado, o espiritual. Nas porções iniciais, há a parte bruta. Você cita uma passagem dos Vedas – “Isso não é bom”, você diz. “Por que?” “Há uma injunção maligna positiva” – a mesma que você vê no Antigo Testamento. Há inúmeras coisas em todos os livros antigos, ideias curiosas, que não gostaríamos nos nossos dias. Você diz: “Essa doutrina não é nada boa; ora, ela choca minha ética!” Como você teve sua ideia? [Apenas] pelo seu próprio pensamento? Sair! Se for ordenado por Deus, que direito você tem de questionar? Quando os Vedas dizem: “Não faça isso; isso é imoral”, e assim por diante, você não terá mais o direito de questionar. E essa é a dificuldade. Se você disser a um hindu: “Mas nossa Bíblia não diz isso”, [ele responderá] “Oh, sua Bíblia! ? Todo o conhecimento está em Deus. Você quer dizer que Ele ensinou por meio de duas ou mais Bíblias? Você quer dizer que Ele cometeu um erro depois, então? e ensinou outra Bíblia para outra nação? Você não pode

trazer outro livro que seja tão antigo quanto os Vedas. Todo o resto foi copiado depois disso. Eles não iriam ouvir você. E o cristão traz a Bíblia. Dizem: “Isso é fraude. Deus só fala uma vez, porque nunca comete erros”.

Agora, pense nisso. Essa ortodoxia é terrível. E se você perguntar a um hindu que ele deve reformar sua sociedade e fazer isso e aquilo, ele diz: "Está nos livros? Se não estiver, não me importo em mudar. Espere. Em quinhentos anos mais você descobrirá que isso é bom." Se você lhe disser: “Essa instituição social que você tem não está certa”, ele dirá: “Como você sabe disso?” Depois ele diz: "Nossas instituições sociais neste assunto são as melhores. Espere quinhentos anos e suas instituições morrerão. O teste é a sobrevivência do mais apto. Você vive, mas não há uma comunidade no mundo que viva quinhentos anos juntos. Olha aqui, estivemos de pé o tempo todo." Isso é o que eles diriam. Ortodoxia terrível! E graças a Deus atravessei esse oceano.

Esta foi a ortodoxia da Índia. O que mais havia? Tudo foi dividido, toda a sociedade, como é hoje, embora de uma forma muito mais rigorosa na época - dividida em castas. Há outra coisa para aprender. Há uma tendência de criação de castas [agora] acontecendo aqui no Ocidente. E eu mesmo – sou um renegado. Eu quebrei tudo. Não acredito em castas, individualmente. Tem coisas muito boas nele. Para mim, Senhor, ajude-me! Eu não teria nenhuma casta, se Ele me ajudasse. Vocês entendem o que quero dizer com casta e todos estão tentando fazer isso muito rápido. É um comércio hereditário [para] os hindus. Os hindus diziam antigamente que a vida deveria ser mais fácil e tranquila. E o que torna tudo vivo? Concorrência. O comércio hereditário mata. Você é carpinteiro? Muito bem, seu filho só pode ser carpinteiro. O que você está? Um ferreiro? A ferraria torna-se uma casta; seus filhos se tornarão ferreiros. Não permitimos que mais ninguém entre nesse negócio, então você ficará quieto e permanecerá lá. Você é um militar, um lutador? Faça uma casta. Você é padre? Faça uma casta. O sacerdócio é hereditário. E assim por diante. Rígido e de alta potência! Isso tem um lado excelente, e esse lado é que realmente rejeita a concorrência. Foi isso que fez a nação viver enquanto outras nações morreram – aquela casta. Mas há um grande mal: ele freia a individualidade. Terei que ser carpinteiro porque nasci carpinteiro; mas eu não gosto disso. Isso está nos livros, e isso foi antes do Buda nascer. Estou

falando da Índia como era antes de Buda. E você está tentando hoje o que chama de socialismo! Coisas boas virão; mas no longo prazo você será uma [praga] para a raça. Liberdade é a palavra de ordem. Seja livre! Um corpo livre, uma mente livre e uma alma livre! Foi isso que senti durante toda a minha vida; Prefiro fazer o mal livremente do que fazer o bem sob escravidão.

Bem, essas coisas pelas quais eles estão chorando agora no Ocidente, eles já fizeram lá há muito tempo. A terra foi nacionalizada. . . aos milhares todas essas coisas. A culpa recai sobre esta casta obstinada. O povo indiano é intensamente socialista. Mas, além disso, existe uma riqueza de individualismo. Eles são tremendamente individualistas - isto é, depois de estabelecerem todos esses regulamentos minuciosos. Eles regulamentaram como você deve comer, beber, dormir e morrer! Tudo está regulamentado lá; desde o início da manhã até quando você vai para a cama e dorme, você está seguindo os regulamentos e a lei. Lei, lei. Você se pergunta se uma nação deveria [viver] sob isso? A lei é a morte. Quanto mais lei existir num país, pior para o país. [Mas para sermos um indivíduo] vamos para as montanhas, onde não há lei, nem governo. Quanto mais leis você faz, mais polícia e socialismo, mais canalhas existem. Agora, esta tremenda regulamentação da lei [está] aí. Assim que uma criança nasce, ela sabe que nasceu escrava: escrava de sua casta, primeiro; escravo de sua nação, a seguir. Escravo, escravo, escravo. Cada ação – beber e comer. Ele deve comer regularmente; esta oração com o primeiro bocado, esta oração com o segundo, aquela oração com o terceiro e aquela oração quando ele bebe água. Basta pensar nisso! Assim, dia após dia, isso continua indefinidamente.

Mas eles eram pensadores. Eles sabiam que isso não levaria à verdadeira grandeza. Então eles deixaram uma saída para todos eles. Afinal, eles descobriram que todos esses regulamentos são apenas para o mundo e para a vida do mundo. Assim que você não quiser dinheiro [e] não quiser filhos – não há negócio para este mundo – você poderá sair totalmente de graça. Aqueles que saem assim são chamados de Sannyasins – pessoas que desistiram. Eles nunca se organizaram, nem o fazem agora; eles são uma ordem livre de homens e mulheres que se recusam a casar, que se recusam a possuir propriedades, e não têm lei – nem mesmo os Vedas os obrigam. Eles

estão no topo dos Vedas. Eles estão [no] outro pólo [das] nossas instituições sociais. Eles estão além da casta. Eles cresceram além. Eles são grandes demais para estarem sujeitos a esses pequenos regulamentos e coisas assim. Apenas duas coisas [são] necessárias para eles: não devem possuir propriedades e não devem se casar. Se você se casar, se estabelecer ou possuir bens, imediatamente os regulamentos estarão sobre você; mas se você não fizer nenhum desses dois, você está livre. Eles eram os deuses vivos da raça, e noventa e nove por cento dos nossos grandes homens e mulheres encontravam-se entre eles.

Em todos os países, a verdadeira grandeza da alma significa individualidade extraordinária, e essa individualidade você não consegue obter na sociedade. Ele se preocupa e se irrita e quer explodir a sociedade. Se a sociedade quiser reprimir isso, essa alma quer despedaçar a sociedade. E eles criaram um canal fácil. Eles dizem: "Bem, uma vez que você sai da sociedade, então você pode pregar e ensinar tudo o que quiser. Nós apenas o adoramos à distância. Portanto, havia homens e mulheres tremendos e individualistas, e eles são as pessoas mais importantes do mundo. toda a sociedade. Se um daqueles rostos raspados vestidos de amarelo vier, o príncipe nem mesmo ousará permanecer sentado em sua presença; ele deverá ficar de pé na próxima meia hora, um desses Sannyasins poderá estar na porta de uma das cabanas; os súditos mais pobres, contentes por receber apenas um pedaço de pão. E ele tem que se misturar com todas as classes; agora ele dorme com um homem pobre em sua cabana; em pratos de ouro nos palácios dos reis; no dia seguinte, ele não tem comida e dorme debaixo de uma árvore. A sociedade olha para estes homens com grande respeito e alguns deles, apenas para mostrar a sua individualidade, tentarão chocar as ideias públicas; Mas as pessoas nunca ficam chocadas enquanto mantiverem estes princípios: pureza perfeita e nenhuma propriedade.

Esses homens, sendo muito individualistas, estão sempre testando novas teorias e planos — visitando todos os países. Eles devem pensar em algo novo; eles não podem correr no velho ritmo. Outros estão todos tentando nos fazer seguir o velho ritmo, forçando-nos a pensar da mesma forma. Mas a natureza humana é maior do que qualquer tolice humana. A nossa grandeza é maior que a nossa fraqueza; as coisas boas são mais fortes que as coisas más. Supondo que conseguissem fazer com que todos

pensássemos no mesmo ritmo, lá estaríamos — sem mais pensamentos para pensar; nós morreríamos.

Ali estava uma sociedade que quase não tinha vitalidade, com os seus membros pressionados pelas correntes de ferro da lei. Eles foram forçados a ajudar uns aos outros. Lá, havia regulamentações tremendas: regulamentações até sobre como respirar: como lavar o rosto e as mãos; como tomar banho; como escovar os dentes; e assim por diante, até o momento da morte. E além destas regulamentações estava o maravilhoso individualismo do Sannyasin. Lá estava ele. E todos os dias uma nova seita crescia entre estes homens e mulheres fortes e individualistas. Os antigos livros sânscritos falam sobre o destaque deles - de uma mulher que era uma velha muito estranha e estranha dos tempos antigos; ela sempre tinha alguma coisa nova; às vezes [ela era] criticada, mas sempre as pessoas tinham medo dela, obedecendo-a tranquilamente. Então, existiram aqueles grandes homens e mulheres dos tempos antigos.

E nesta sociedade, tão oprimida pelas regulamentações, o poder estava nas mãos dos sacerdotes. Na escala social, a casta mais elevada é [a do] padre, e sendo isso um negócio – não conheço outra palavra, por isso uso a palavra “padre”. Não é no mesmo sentido que neste país, porque o nosso padre não é um homem que ensina religião ou filosofia. A função de um sacerdote é cumprir todos esses mínimos detalhes dos regulamentos que foram estabelecidos. O sacerdote é o homem que ajuda nesses regulamentos. Ele se casa com você; ao seu funeral ele vem orar. Portanto, em todas as cerimônias realizadas a um homem ou a uma mulher, o sacerdote deve estar presente. Na sociedade o ideal é o casamento. [Todos] devem se casar. É a regra. Sem casamento o homem não pode realizar nenhuma cerimônia religiosa; ele é apenas meio homem; [ele] não é competente para officiar – nem mesmo o próprio sacerdote pode officiar como sacerdote, a menos que se case. Metade de um homem é inadequado na sociedade.

Agora, o poder dos sacerdotes aumentou tremendamente. . . . A política geral dos nossos legisladores nacionais era dar esta honra aos padres. Eles também tinham o mesmo plano socialista [você está] pronto para [tentar] que os impediu de conseguir dinheiro. Qual [foi] o motivo? Honra social. Veja bem, o sacerdote em todos os países é o mais elevado na escala social,

tanto na Índia que o brâmane mais pobre é maior que o maior rei do país, por nascimento. Ele é o nobre da Índia. Mas a lei não permite que ele fique rico. A lei o reduz à pobreza – apenas lhe dá essa honra. Ele não pode fazer mil coisas; e quanto mais elevada for a casta na escala social, mais restritos serão os seus prazeres. Quanto mais alta a casta, menor o número de tipos de alimentos que o homem pode comer, menor a quantidade de alimentos que o homem pode comer, menor o número de ocupações que [ele pode] exercer. uma sucessão perpétua de dificuldades – nada mais do que isso. É uma disciplina perpétua no comer, no beber e em tudo mais; e todas as [penalidades] exigidas da casta inferior são exigidas da casta superior dez vezes mais. O homem mais humilde conta uma mentira; sua multa é de um dólar. Um brâmane deve pagar, digamos, cem dólares – [pois] ele sabe o que é melhor.

Mas esta foi uma grande organização para começar. Mais tarde, chegou o momento em que eles, esses sacerdotes, começaram a ter todo o poder nas suas mãos; e finalmente esqueceram o segredo do seu poder: a pobreza. Eram homens que a sociedade alimentava e vestia para que pudessem simplesmente aprender, ensinar e pensar. Em vez disso, começaram a estender as mãos para agarrar as riquezas da sociedade. Eles se tornaram “ganhadores de dinheiro” – para usar a sua palavra – e esqueceram todas essas coisas.

Depois havia a segunda casta, a casta real, a militar. O poder real estava em suas mãos. Não só isso – eles produziram todos os nossos grandes pensadores, e não os Brâmanes. É curioso. Todos os nossos grandes profetas, quase sem exceção, pertencem à casta real. O grande homem Krishna também pertencia a essa casta; Rama, ele também, e todos os nossos grandes filósofos, quase todos [se sentaram] no trono; daí vieram todos os grandes filósofos da renúncia. Do trono veio a voz que sempre gritava: “Renuncie”. Esses militares eram seus reis; e eles [também] eram os filósofos; eles eram os oradores dos Upanishads. Nos seus cérebros e nos seus pensamentos, eles eram maiores que os sacerdotes, eram mais poderosos, eram os reis - e ainda assim os sacerdotes obtiveram todo o poder e: tentaram tiranizá-los. E assim foi: a competição política entre as duas castas, os sacerdotes e os reis.

Outro fenômeno está aí. Aqueles de vocês que assistiram à primeira palestra já sabem que na Índia existem duas grandes raças: uma é chamada de Ariana; o outro, o não-ariano. É a raça ariana que possui as três castas; mas todo o resto é apelidado com um nome, Shudras – sem casta. Eles não são arianos de forma alguma. (Muitas pessoas vieram de fora da Índia e encontraram os Shudras [lá], os aborígenes do país). Seja como for, estas vastas massas de pessoas não-arianas e as pessoas mistas entre elas, tornaram-se gradualmente civilizadas e começaram a planejar os mesmos direitos que os arianos. Eles queriam entrar em suas escolas e faculdades; queriam tomar o fio sagrado dos arianos; eles queriam realizar as mesmas cerimônias que os arianos e queriam ter direitos iguais na religião e na política como os arianos. E o sacerdote brâmane foi o grande antagonista de tais afirmações. Veja, é a natureza dos padres em todos os países – eles são as pessoas mais conservadoras, naturalmente. Enquanto for um comércio, deve ser; é do seu interesse ser conservador. Portanto, os sacerdotes tentavam controlar essa onda de murmúrio fora do território ariano com todas as suas forças. Dentro do domínio ariano, houve também um tremendo fermento religioso, e [foi] liderado principalmente por esta casta militar.

Já existia a seita dos jainistas [que são uma] [força] conservadora na Índia [até] hoje. É uma seita muito antiga. Declararam-se contra a validade das escrituras dos hindus, os Vedas. Eles próprios escreveram alguns livros e disseram: “Nossos livros são os únicos livros originais, os únicos Vedas originais, e os Vedas que agora estão sendo publicados sob esse nome foram escritos pelos Brâmanes para enganar o povo”. E eles também traçaram o mesmo plano. Veja, é difícil para você enfrentar os argumentos dos hindus sobre as escrituras. Eles também alegaram que o mundo foi criado através desses livros. E foram escritos na linguagem popular. O sânscrito, mesmo então, deixou de ser uma língua falada - [tinha] exatamente a mesma relação [com a língua falada] que o latim tem com o italiano moderno. Agora, eles escreveram todos os seus livros em Pali; e quando um brâmane disse: “Ora, seus livros estão em páli!”, eles disseram: “O sânscrito é uma língua dos mortos”.

Em seus métodos e maneiras eles eram diferentes. Pois, veja bem, essas escrituras hindus, os Vedas, são uma vasta massa de acumulação – algumas

delas rudimentares – até que você chegue onde a religião é ensinada, apenas a espiritual. Agora, essa foi a porção dos Vedas que todas essas seitas afirmaram pregar. Depois, há três passos nos antigos Vedas: primeiro, trabalhar; segundo, adoração; terceiro, conhecimento. Quando um homem se purifica pelo trabalho e pela adoração, então Deus está dentro desse homem. Ele percebeu que já está lá. Ele só pode tê-Lo visto porque a mente se tornou pura. Agora, a mente pode ser purificada pelo trabalho e pela adoração. Isso é tudo. A salvação já está aí. Nós não sabemos disso. Portanto, trabalho, adoração e conhecimento são os três passos. Por trabalho, eles significam fazer o bem aos outros. Isso tem, é claro, alguma coisa, mas principalmente, no que diz respeito aos brâmanes, trabalhar significa realizar esses cerimoniais elaborados: matança de vacas e matança de touros, matança de cabras e todos os tipos de animais, que são capturados frescos e jogados em o fogo, e assim por diante. “Agora”, declararam os jainistas, “isso não é trabalho algum, porque ferir os outros nunca pode ser um bom trabalho”; e eles disseram; “Esta é a prova de que seus Vedas são falsos Vedas, fabricados pelos sacerdotes, porque você não quer dizer que qualquer bom livro nos ordenará [a] matar animais e fazer essas coisas. Você não acredita nisso. Então, todos essa matança de animais e outras coisas que você vê nos Vedas foram escritas pelos brâmanes, porque somente eles são beneficiados. É apenas o sacerdote que embolsa o dinheiro e vai para casa. ofício sacerdotal.”

Uma de suas doutrinas era que não pode haver Deus: “Os sacerdotes inventaram Deus, para que o povo possa acreditar em Deus e pagar-lhes dinheiro. Tudo bobagem! Deus não existe. Existe natureza e existem almas, e isso é tudo. As almas se enredaram nesta vida e envolveram-nas com a roupa do homem que você chama de corpo. Agora, faça um bom trabalho. Mas daí surgiu naturalmente a doutrina de que tudo o que é matéria é vil. Eles são os primeiros professores de ascetismo. Se o corpo é o resultado de impureza, ora, portanto o corpo é vil. Se um homem ficar em uma perna só por algum tempo – “Tudo bem, é um castigo”. Se a cabeça bater contra uma parede — “Alegrai-vos, é um castigo muito bom”. Alguns dos grandes fundadores da [Ordem Franciscana] – um deles São Francisco – iam a um determinado lugar para encontrar alguém; e São Francisco tinha um de seus companheiros com ele, e ele começou a conversar se [a pessoa] iria recebê-los ou não, e este homem sugeriu que possivelmente ele os rejeitaria. Disse

São Francisco: “Isso não basta, irmão, mas se, quando vamos e batemos à porta, vier o homem e nos expulsar, não basta. chicotadas completas, mesmo isso não é suficiente. E então, se ele nos amarrar as mãos e os pés e nos chicotear até sangrarmos por todos os poros e nos jogar na neve, isso seria suficiente.

Essas [mesmas] ideias ascéticas prevaleciam naquela época. Esses jainistas foram os primeiros grandes ascetas; mas eles fizeram um ótimo trabalho. “Não machuque ninguém e faça o bem a tudo que puder, e isso é toda a moralidade e ética, e esse é todo o trabalho que existe, e o resto é bobagem - os brâmanes criaram isso. ” E então eles começaram a trabalhar e elaboraram esse princípio do começo ao fim, e é um ideal maravilhoso: como tudo o que chamamos de ética eles simplesmente extraem desse grande princípio de não prejudicar e de fazer o bem.

Esta seita foi pelo menos quinhentos anos antes de Buda, e ele foi quinhentos e cinquenta anos antes de Cristo (as datas de Jaina e Buda não eram conhecidas com precisão naquela época). Agora, toda a criação animal é dividida em cinco seções: as mais inferiores têm apenas um órgão, o do tato; o próximo, toque e saboreie; o próximo, tato, paladar e audição; o próximo, tato, paladar, audição e visão. E a seguir, os cinco órgãos. Os dois primeiros, o de um órgão e o de dois órgãos, são invisíveis a olho nu e estão por toda parte na água. Uma coisa terrível, matar essas [formas inferiores de vida]. Esta bacteriologia só surgiu no mundo moderno nos últimos vinte anos e, portanto, ninguém sabia nada sobre ela. Eles disseram que os animais inferiores têm apenas um órgão, o tato; nada mais. Os próximos maiores [eram] também invisíveis. E todos sabiam que se fervesse água esses animais seriam todos mortos. Então esses monges, se morressem de sede, nunca matariam esses animais bebendo água. Mas se [um monge] estiver à sua porta e você lhe der um pouco de água fervida, será seu pecado matar os animais - e ele receberá o benefício. Eles levam essas ideias a extremos ridículos. Por exemplo, ao esfregar o corpo – se ele tomar banho – ele terá que matar vários animálculos; então ele nunca toma banho. Ele mesmo morre; ele diz que está tudo bem. A vida não se importa com ele; ele será morto e salvará a vida.

Esses jainistas estavam lá. Havia várias outras seitas de ascetas; e enquanto isso acontecia, por um lado, havia o ciúme político entre os sacerdotes e os reis. E então essas diferentes seitas insatisfeitas [estavam] surgindo por toda parte. E havia o problema maior: as vastas multidões de pessoas que queriam os mesmos direitos que os arianos, morrendo de sede enquanto a corrente perene da natureza passava por eles, e sem direito a beber uma gota de água.

E esse homem nasceu – o grande homem Buda. A maioria de vocês sabe sobre ele, sua vida. E apesar de todos os milagres e histórias que geralmente são atribuídos a qualquer grande homem, em primeiro lugar, ele é um dos profetas mais históricos do mundo. Dois são muito históricos: um, o mais antigo, Buda, e o outro, Maomé, porque tanto amigos como inimigos concordam sobre eles. Portanto, temos plena certeza de que tais pessoas existiram. Quanto às outras pessoas, temos apenas que dar como certo o que os discípulos dizem – nada mais. Nosso Krishna – você sabe, o profeta hindu – ele é muito mitológico. Grande parte de sua vida, e tudo sobre ele, foi escrito apenas por seus discípulos; e então parece haver, às vezes, três ou quatro homens, todos reunidos em um só. Não sabemos tão claramente sobre muitos dos profetas; mas quanto a este homem, porque amigos e inimigos escrevem sobre ele, temos certeza de que existiu tal personagem histórico. E se analisarmos todas as fábulas e relatos de milagres e histórias que geralmente são contadas sobre um grande homem neste mundo, encontraremos um núcleo interno; e durante todo o relato daquele homem, ele nunca fez nada por si mesmo – nunca! Como você sabe disso? Porque, veja você, quando as fábulas são atribuídas a um homem, as fábulas devem ser tingidas com o caráter geral desse homem. Nenhuma fábula tentou imputar qualquer vício ou imoralidade ao homem. Até mesmo seus inimigos têm contas favoráveis.

Quando Buda nasceu, ele era tão puro que qualquer pessoa que olhasse para seu rosto à distância imediatamente desistiu da religião cerimonial e se tornou monge e foi salvo. Então os deuses realizaram uma reunião. Eles disseram: “Estamos perdidos”. Porque a maioria dos deuses vive dos cerimoniais. Esses sacrifícios vão para os deuses e todos esses sacrifícios acabaram. Os deuses estavam morrendo de fome e [o motivo] era que seu poder havia acabado. Então os deuses disseram: "De qualquer forma,

devemos sacrificar este homem. Ele é puro demais para a nossa vida." E então os deuses vieram e disseram: "Senhor, viemos pedir-lhe uma coisa. Queremos fazer um grande sacrifício e pretendemos fazer uma grande fogueira, e temos procurado em todo o mundo um local puro para acender o fogo e não conseguimos encontrá-lo, e agora o encontramos. Se você se deitar, em seu peito faremos o enorme fogo. "Concedido", diz ele, "continue." E os deuses acenderam o fogo bem alto no peito de Buda, e pensaram que ele estava morto, mas não estava. E então eles se aproximaram e disseram: "Estamos perdidos". E todos os deuses começaram a atacá-lo. Nada de bom. Eles não poderiam matá-lo. De baixo, vem a voz: "Por que [você] está fazendo todas essas tentativas vãs?" "Quem olha para você fica purificado e é salvo, e ninguém vai nos adorar". "Então, sua tentativa é em vão, porque a pureza nunca pode ser morta." Esta fábula foi escrita por seus inimigos e, ainda assim, ao longo de toda a fábula, a única culpa atribuída a Buda é que ele foi um grande professor de pureza.

Sobre suas doutrinas, alguns de vocês sabem um pouco. São as suas doutrinas que atraem muitos pensadores modernos a quem vocês chamam de agnósticos. Ele foi um grande pregador da irmandade da humanidade: "Ariano ou não-ariano, com casta ou sem casta, e com seitas ou sem seitas, todos têm o mesmo direito de Deus e para a religião e para a liberdade. Venham todos vocês." Mas quanto a outras coisas, ele era muito agnóstico. "Seja prático." Um dia vieram até ele cinco jovens, nascidos brâmanes, discutindo sobre uma questão. Eles vieram até ele para perguntar-lhe o caminho para a verdade. E um deles disse: "Meu povo ensina isso, e este é o caminho para a verdade". O outro disse: "Aprendi isso e este é o único caminho para a verdade". "Qual é o caminho certo, senhor?" "Bem, você diz que seu povo ensinou que isso é verdade e é o caminho para Deus?" "Sim." "Mas você viu Deus?" "Não senhor." "Seu pai?" "Não senhor." "Seu avô?" "Não senhor." "Nenhum deles viu Deus?" "Não." "Bem, e seus professores - nenhum deles viu Deus?" "Não." E ele perguntou o mesmo aos outros. Todos declararam que ninguém tinha visto a Deus. "Bem", disse Buda, "em certa aldeia veio um jovem chorando, uivando e chorando: 'Oh, eu a amo tanto! E então os aldeões chegaram; e a única coisa que ele disse foi que a amava tanto. 'Não sei.' 'Onde ela mora?' 'Eu não sei' - mas ele a amava tanto. 'Como ela está?' 'Isso eu não sei; mas, ah, eu a amo tanto.'" Então perguntou Buda: "Jovem, como você chamaria esse jovem?" "Ora,

senhor, ele era um tolo!" E todos declararam: "Por que, senhor, aquele jovem foi certamente um tolo, por estar chorando e tudo mais por uma mulher, por dizer que a amava tanto e nunca a viu ou soube que ela existia ou algo assim?" "Você não é o mesmo? Você diz que esse Deus que seu pai ou seu avô nunca viram, e agora estão brigando por uma coisa que nem você nem seus ancestrais jamais conheceram, e estão tentando cortar a garganta uns dos outros por causa disso." Então os jovens perguntaram: "O que devemos fazer?" "Agora, diga-me: seu pai alguma vez ensinou que Deus está sempre irado?" "Não senhor." "Seu pai alguma vez ensinou que Deus é mau?" "Não, senhor, Ele é sempre puro." "Bem, agora, se você é puro e bom e tudo mais, você não acha que terá mais chance de se aproximar desse Deus do que discutindo tudo isso e tentando cortar a garganta um do outro? puro e seja bom; seja puro e ame a todos." E isso foi [tudo].

Você vê que a não matança de animais e a caridade para com os animais já eram uma doutrina existente quando ele nasceu; mas era novo para ele – a quebra de castas, aquele movimento tremendo. E a outra coisa que era nova: ele tomou quarenta dos seus discípulos e os enviou por todo o mundo, dizendo: "Ide; misturai-vos com todas as raças e nações e pregai o excelente evangelho para o bem de todos, para o benefício de todos". . " E, claro, ele não foi molestado pelos hindus. Ele morreu em idade avançada. Durante toda a sua vida ele foi um homem muito severo: nunca cedeu à fraqueza. Não acredito em muitas de suas doutrinas; Claro que eu não fiz. Acredito que o Vedantismo dos antigos hindus é muito mais reflexivo, é uma filosofia de vida mais grandiosa. Gosto de seu método de trabalho, mas o que mais gosto naquele homem é que, entre todos os profetas da humanidade, aqui estava um homem que nunca teve teias de aranha no cérebro e que era são e forte. Quando os reinos estavam a seus pés, ele ainda era o mesmo homem, afirmando "Eu sou um homem entre os homens".

Ora, os hindus, eles estão morrendo de vontade de adorar alguém. Você descobrirá que, se viver o suficiente, serei adorado por nosso povo. Se você for lá para ensinar algo a eles, antes de morrer você será adorado. Sempre tentando adorar alguém. E vivendo naquela raça, o Buda honrado pelo mundo, ele morreu sempre declarando que era apenas um homem. Nenhum

de seus adúladores conseguiu arrancar dele uma observação de que ele era diferente de qualquer outro homem.

Essas últimas palavras dele sempre emocionaram meu coração. Ele estava velho, estava sofrendo, estava perto da morte, e então veio o pária desprezado - ele vive de carniça, de animais mortos; os hindus não permitiam que entrassem nas cidades — um deles convidou-o para um jantar e ele veio com os seus discípulos, e o pobre Chanda, quis tratar este grande mestre de acordo com o que achava melhor; então ele tinha muita carne de porco e muito arroz para ele, e Buda olhou para isso. Os discípulos estavam todos [hesitando], e o Mestre disse: “Bem, não coma, você vai se machucar”. Mas ele sentou-se calmamente e comeu. O professor da igualdade deve comer o jantar do [pária] Chanda, até mesmo a carne do porco. Ele sentou-se e comeu.

Ele já estava morrendo. Ele percebeu que a morte se aproximava e pediu: "Espalhe-me algo debaixo desta árvore, pois acho que o fim está próximo." E ele estava ali debaixo da árvore e se deitou; ele não conseguia mais sentar-se. E a primeira coisa que fez foi dizer: “Vá até aquele Chanda e diga-lhe que ele tem sido um dos meus maiores benfeitores; para a refeição dele, vou para o Nirvana”. E então vários homens vieram ser instruídos, e um discípulo disse: “Não se aproxime agora, o Mestre está falecendo”. E assim que ouviu isso, o Senhor disse: “Deixe-os entrar”. E veio outro e os discípulos não quiseram [deixá-los entrar]. Novamente eles vieram, e então o Senhor moribundo disse: "E, ó, tu Ananda, estou morrendo. Não chore por mim. Não pense por mim. Eu fui embora. Trabalhe diligentemente sua própria salvação. Cada um de vocês é justo. o que eu sou. Eu não sou nada além de um de vocês. O que eu sou hoje é o que eu mesmo fiz.

Estas são as palavras memoráveis de Buda: "Não acredite porque um livro antigo é produzido como uma autoridade. Não acredite porque seu pai disse que [você deveria] acreditar no mesmo. Não acredite porque outras pessoas como você acreditam nisso. Teste tudo, tente tudo , e então acredite, e se você encontrar isso para o bem de muitos, dê-o a todos." E com estas palavras o Mestre faleceu.

Veja a sanidade do homem. Sem deuses, sem anjos, sem demônios — ninguém. Nada desse genero. Severo, sensato, cada célula cerebral perfeita

e completa, mesmo no momento da morte. Sem ilusão. Não concordo com muitas de suas doutrinas. Talvez você não. Mas na minha opinião – ah, se eu tivesse apenas uma gota dessa força! O filósofo mais sábio que o mundo já viu. Seu melhor e mais sensato professor. E nunca aquele homem se curvou diante do poder dos tirânicos Brâmanes. Nunca aquele homem se dobrou. Direto e igual em todos os lugares: chorando com os miseráveis, ajudando os miseráveis, cantando com os cantantes, forte com os fortes, e em todos os lugares o mesmo homem sábio e capaz.

E, claro, com tudo isto não consigo compreender a sua doutrina. Você sabe que ele negou que houvesse qualquer alma no homem – isto é, no sentido hindu da palavra. Agora, todos nós, hindus, acreditamos que existe algo permanente no homem, que é imutável e que vive por toda a eternidade. E isso no homem chamamos de Atman, que não tem começo nem fim. E [acreditamos] que existe algo permanente na natureza [e que chamamos de Brahman, que também não tem começo nem fim]. Ele negou ambos. Ele disse que não há provas de nada permanente. É tudo uma mera massa de mudanças; uma massa de pensamento em mudança contínua é o que vocês chamam de mente. ... A tocha lidera a procissão. O círculo é uma ilusão. [Ou tomemos o exemplo de um rio.] É um rio contínuo que passa; a cada momento uma nova massa de água passando. Assim é esta vida; assim é todo o corpo, assim é toda a mente.

Bem, eu não entendo a sua doutrina – nós, hindus, nunca a entendemos. Mas posso entender o motivo por trás disso. Oh, o motivo gigantesco! O Mestre diz que o egoísmo é a grande maldição do mundo; que somos egoístas e que aí está a maldição. Não deve haver motivo para egoísmo. Você está [como um rio] passando – um fenômeno contínuo. Não tenha Deus; não tenho alma; fique de pé e faça o bem pelo bem - nem por medo de punição nem por ir a lugar nenhum. Fique sábio e sem motivo. O motivo é: quero fazer o bem, é bom fazer o bem. Tremendo! Tremendo! Não simpatizo em nada com a sua metafísica; mas minha mente fica com ciúmes quando penso na força moral. Apenas perguntem a suas mentes qual de vocês pode ficar de pé por uma hora, capaz e ousado como aquele homem. Não posso por cinco minutos. Eu me tornaria um covarde e gostaria de apoio. Eu sou fraco – um covarde. E fico entusiasmado ao pensar neste tremendo gigante. Não podemos nos aproximar dessa força. O mundo

nunca viu [nada] comparado a essa força. E ainda não vi nenhuma outra força como essa. Todos nascemos covardes. Se pudermos nos salvar [não nos importamos com mais nada]. Dentro está o tremendo medo, o tremendo motivo, o tempo todo. Nosso próprio egoísmo nos torna os mais flagrantes covardes; nosso próprio egoísmo é a grande causa do medo e da covardia. E lá estava ele: "Faça o bem porque é bom; não faça mais perguntas; isso é suficiente. Um homem feito para fazer o bem por meio de uma fábula, uma história, uma superstição - ele estará fazendo o mal assim que surgir a oportunidade. Só é bom aquele homem que faz o bem pelo bem, e esse é o caráter do homem."

"E o que resta do homem?" foi perguntado ao Mestre. "Tudo - tudo. Mas o que há no homem? Não o corpo, não a alma, mas o caráter. E isso fica para todas as idades. Todos os que passaram e morreram, deixaram para nós seus caracteres, bens eternos para o resto da humanidade; e esses personagens estão trabalhando – trabalhando o tempo todo." E Buda? E quanto a Jesus de Nazaré? O mundo está cheio de seus personagens. Doutrina tremenda!

Vamos descer um pouco – ainda não chegamos ao assunto. (Risos.) Não devo acrescentar mais algumas palavras esta noite. ...

E então, o que ele fez. Seu método de trabalho: organização. A ideia que você tem hoje da igreja é o caráter dele. Ele saiu da igreja. Ele organizou esses monges e os transformou em um corpo. Até mesmo a votação por cédula existe quinhentos e sessenta anos antes de Cristo. Organização minuciosa. A igreja foi abandonada e tornou-se um poder tremendo, e realizou um grande trabalho missionário na Índia e fora da Índia. Então veio, trezentos anos depois, duzentos anos antes de Cristo, o grande imperador Asoka, como tem sido chamado pelos historiadores ocidentais, o mais divino dos monarcas, e esse homem tornou-se inteiramente convertido às idéias de Buda, e ele foi o maior imperador do mundo naquela época. Seu avô foi contemporâneo de Alexandre e, desde a época de Alexandre, a Índia tornou-se mais intimamente ligada à Grécia. ... Todos os dias na Ásia Central alguma inscrição ou outra é encontrada. A Índia tinha esquecido tudo sobre Buda e Asoka e todos. Mas havia pilares, obeliscos, colunas, com letras antigas que ninguém conseguia ler. Alguns dos antigos imperadores mongóis declararam que dariam milhões para que alguém os

lesse; mas ninguém conseguiu. Nos últimos trinta anos, eles foram lidos; eles estão todos escritos em Pali.

A primeira inscrição é: ". . ."

E então ele escreve esta inscrição, descrevendo o terror e a miséria da guerra; e então ele se converteu à religião. Então disse ele: “De agora em diante, que nenhum dos meus descendentes pense em adquirir glória conquistando outras raças. Se eles querem glória, que ajudem outras raças; que enviem professores de ciências e professores de religião. glória em tudo.” E a seguir você descobre como ele está enviando missionários até mesmo para Alexandria... Você se pergunta por encontrar por toda aquela parte do país seitas surgindo imediatamente, chamadas Therapute, Essênios, e todos aqueles - vegetarianos extremos, e assim por diante. Agora, este grande Imperador Asoka construiu hospitais para homens e animais. As inscrições mostram que estão encomendando hospitais, construindo hospitais para homens e para animais. Ou seja, quando um animal envelhece, se sou pobre e não posso mais mantê-lo, não o abate por misericórdia. Esses hospitais são mantidos por instituições de caridade públicas. Os comerciantes costeiros pagam tanto por cada cem pesos que vendem, e tudo o que vai para o hospital; então ninguém é tocado. Se você tem uma vaca velha — qualquer coisa — e não quer ficar com ela, mande para o hospital; eles guardam isso, até mesmo ratos e camundongos e qualquer coisa que você envie. Só que nossas senhoras às vezes tentam matar esses animais, você sabe. Vão em grande número vê-los e trazem todo tipo de bolo; os animais são mortos muitas vezes por esta comida. Ele alegou que os animais deveriam estar tão sob a proteção do governo quanto o homem. Por que os animais deveriam ser autorizados a serem mortos? [Não há razão. Mas ele diz que, antes mesmo de proibir a matança de animais para alimentação, [as pessoas] devem receber todos os tipos de vegetais. Então ele enviou e coletou todos os tipos de vegetais e os plantou na Índia; e então, assim que estas foram introduzidas, a ordem foi: doravante, quem matar um animal será punido. Um governo deve ser um governo; os animais também devem ser protegidos. Que negócio tem um homem em matar uma vaca, uma cabra ou qualquer outro animal para se alimentar?

Assim, o Budismo foi e tornou-se um grande poder político na Índia. Aos poucos, também se desfez – afinal, este tremendo empreendimento missionário. Mas, para seu crédito, deve ser dito que eles nunca pegaram na espada para pregar religião. Com exceção da religião budista, não existe uma única religião no mundo que possa dar um passo sem derramamento de sangue – nenhuma que consiga obter cem mil convertidos apenas com o poder do cérebro. Não não. Durante todo. E é exatamente isso que você fará nas Filipinas. Esse é o seu método. Torne-os religiosos pela espada. É isso que os seus sacerdotes estão pregando. Conquiste-os e mate-os para que possam obter religião. Uma maneira maravilhosa de pregar religião!

Você sabe como este grande imperador Asoka foi convertido. Este grande imperador em sua juventude não foi tão bom. [Ele tinha um irmão.] E os dois irmãos discutiram e o outro irmão derrotou este, e o imperador em vingança quis matá-lo. O imperador recebeu a notícia de que havia se abrigado com um monge budista. Agora, eu lhe contei como nossos monges são muito santos; ninguém chegaria perto deles. O próprio imperador veio. Ele disse: "Entregue o homem para mim" Então o monge pregou para ele: "A vingança é ruim. Desarme a raiva com amor. A raiva não é curada pela raiva, nem o ódio pelo ódio. Dissolva a raiva pelo amor. Cure o ódio pelo amor. Amigo, se por um mal você devolver outro, você não curará o primeiro mal, mas apenas adicionará mais um mal ao mundo. O imperador disse: "Tudo bem, tolo que você é. Você está pronto para dar a sua vida - para dar a sua vida por aquele homem?" "Pronto, senhor." E ele saiu. E o imperador desembainhou a espada e disse: "Prepare-se". E no momento em que ia atacar, ele olhou para o rosto do homem. Não houve uma piscadela naqueles olhos. O imperador parou e disse: "Diga-me, monge, onde você aprendeu essa força, pobre mendigo, de não piscar?" E então ele pregou novamente. "Vá em frente, monge", ele disse, "Isso é bom", disse ele. Conseqüentemente, ele [caiu] no encanto do Mestre – no encanto do Buda.

Houve três coisas no Budismo: o próprio Buda, sua lei, sua igreja. No começo era tão simples. Quando o Mestre morreu, antes de sua morte, eles disseram: "O que faremos com você?" "Nada." "Que monumentos devemos fazer sobre você?" Ele disse: "Apenas faça um montinho se quiser, ou simplesmente não faça nada". Aos poucos, surgiram enormes templos e toda a parafernália. O uso de imagens era desconhecido antes disso. Digo

que eles foram os primeiros a usar imagens. Há imagens de Buda e de todos os santos, sentados e orando. Toda esta parafernália foi-se multiplicando nesta organização. Então esses mosteiros enriqueceram. A verdadeira causa da queda está aqui. O monaquismo é muito bom para poucos; mas quando você prega isso de tal maneira que todo homem ou mulher que tem uma mente desiste imediatamente da vida social, quando você encontra por toda a Índia mosteiros, alguns contendo cem mil monges, às vezes vinte mil monges em um edifício - enorme, edifícios gigantescos, estes mosteiros, espalhados por toda a Índia e, claro, centros de aprendizagem, e tudo isso - quem restou para procriar a descendência, para continuar a raça? Somente os fracos. Todas as mentes fortes e vigorosas desapareceram. E então veio a decadência nacional pela pura perda de vigor.

Vou lhe contar sobre esta maravilhosa irmandade. Isso é ótimo. Mas teoria e ideia são uma coisa e o trabalho real é outra coisa. A ideia é muito boa: praticar a não-resistência e tudo mais, mas se todos nós sairmos para a rua e praticarmos a não-resistência, sobrarão muito pouco nesta cidade. Isto é, a ideia é boa, mas ninguém ainda encontrou uma solução prática sobre como alcançá-la.

Há algo em casta, na medida em que significa sangue; algo como a hereditariedade existe, certamente. Agora tente [compreender] – por que você não mistura seu sangue com o dos negros, dos índios americanos? A natureza não permitirá você. A natureza não permite que você misture seu sangue com eles. Existe o trabalho inconsciente que salva a raça. Essa era a casta dos arianos. Veja bem, não digo que eles não sejam iguais a nós. Eles devem ter os mesmos privilégios e vantagens e tudo mais; mas sabemos que se certas raças se misturam, degradam-se. Com toda a casta estrita de arianos e não-arianos, aquele muro foi derrubado até certo ponto, e hordas dessas raças estranhas entraram com todas as suas estranhas superstições, maneiras e costumes. Pense nisto: não há decência suficiente para vestir roupas, comer carne, etc. Mas atrás dele veio seu fetiche, seu sacrifício humano, sua superstição, seu diabolismo. Ele manteve isso para trás, [ele permaneceu] decente por alguns anos. Depois disso, ele trouxe todas essas coisas para frente. E isso foi degradante para toda a raça. E então o sangue se misturou; [casamentos mistos] ocorreram com todos os tipos de raças não misturáveis. A corrida caiu. Mas, no longo prazo, provou ser bom. Se

você se misturar com negros e índios americanos, certamente esta civilização cairá. Mas centenas e centenas de anos depois, desta mistura surgirá mais uma vez uma raça gigantesca, mais forte do que nunca; mas, por enquanto, você tem que sofrer. Os hindus acreditam – essa é uma crença peculiar, creio; e não sei, não tenho nada a dizer em contrário, não encontrei nada em contrário — eles acreditam que só houve uma raça civilizada: a ariana. Até que ele dê o seu sangue, nenhuma outra raça poderá ser civilizada. Nenhum ensino servirá. O ariano dá seu sangue a uma raça, e então esta se torna civilizada. Ensinar sozinho não resolverá. Ele seria um exemplo em seu país: você daria seu sangue à raça negra? Então ele obteria uma cultura superior.

O hindu adora castas. Posso ter pouca mancha dessa superstição – não sei. Eu amo o ideal do Mestre. Ótimo! Mas, para mim, não creio que o trabalho tenha sido muito prático; e essa foi uma das grandes causas que levaram à queda da nação indiana, no longo prazo. Mas então isso provocou essa tremenda fusão. Onde tantas raças diferentes estão se fundindo, se misturando - um homem branco como você, ou amarelo, enquanto outro homem tão negro quanto eu, e todas as classes entre esses dois extremos, e cada raça mantendo seus costumes, maneiras e tudo mais - em a longo prazo, uma fusão está ocorrendo, e desta fusão certamente surgirá uma tremenda reviravolta; mas, por enquanto, o gigante precisa dormir. Esse é o efeito de toda essa fusão.

Quando o Budismo seguiu esse caminho, houve uma reação inevitável. Existe apenas uma entidade em todo o mundo. É um mundo unitário. A diversidade é apenas um serviço visual. É tudo um. A ideia de unidade e o que chamamos de monismo – sem dualidade – é a ideia na Índia. Esta doutrina: sempre esteve na Índia; [foi] apresentado sempre que o materialismo e o ceticismo destruíram tudo. Quando o Budismo destruiu tudo ao introduzir todos os tipos de bárbaros estrangeiros na Índia – suas maneiras, costumes e coisas assim – houve uma reação, e essa reação foi liderada por um jovem monge [Shankarâchârya]. E [em vez] de pregar novas doutrinas e sempre ter novos pensamentos e criar seitas, ele trouxe de volta à vida os Vedas: e o Hinduísmo moderno tem, portanto, uma mistura do Hinduísmo antigo, sobre o qual predominam os Vedantistas. Mas, veja você, o que uma vez morre nunca mais volta à vida, e aqueles cerimoniais

do [Hinduísmo] nunca voltaram à vida. Você ficará surpreso se eu lhe disser que, de acordo com os antigos cerimoniais, aquele que não come carne não é um bom hindu. Em certas ocasiões ele deve sacrificar um touro e comê-lo. Isso é nojento agora. No entanto, eles podem diferir uns dos outros na Índia, pois são todos um – nunca comem carne bovina. Os antigos sacrifícios e os antigos deuses, todos desapareceram; a Índia moderna pertence à parte espiritual dos Vedas.

O budismo foi a primeira seita na Índia. Eles foram os primeiros a dizer: “O nosso é o único caminho. Até que você se junte à nossa igreja, você não poderá ser salvo”. Foi o que disseram: “É o caminho correto”. Mas, sendo de sangue hindu, não podiam ser sectários tão insensíveis como noutros países. Haverá salvação para você: ninguém irá errar para sempre. Não não. [Havia] muito sangue hindu neles para isso. O coração não era tão duro assim. Mas você tem que se juntar a eles.

Mas a ideia hindu, você sabe, é não se juntar a ninguém. Onde quer que você esteja, esse é um ponto a partir do qual você pode começar em direção ao centro. Tudo bem. Ele — o Hinduísmo — tem esta vantagem: o seu segredo é que as doutrinas e os dogmas não significam nada; o que você é é o que importa. Se você falar sobre todas as melhores filosofias que o mundo já produziu, [mas] se você for um tolo em seu comportamento, elas não contam; e se no seu comportamento você for bom, você terá mais chances. Sendo assim, o Vedantista pode esperar por todos. O Vedantismo ensina que existe apenas uma existência e uma coisa real, e essa coisa é Deus. Está além de todo tempo e espaço e causalidade e tudo mais. Nunca poderemos defini-Lo. Nunca podemos dizer o que Ele é, exceto [que] Ele é Existência Absoluta, Conhecimento Absoluto, Felicidade Absoluta. Ele é a única realidade. De tudo Ele é a realidade; de você e de mim, da parede e de [tudo] em todos os lugares. É do Seu conhecimento que depende todo o nosso conhecimento: é da Sua bem-aventurança que depende o nosso prazer; e Ele é a única realidade. E quando o homem percebe isso, ele sabe que “eu sou a única realidade, porque eu sou Ele – o que é real em mim é Ele também”. De modo que quando um homem é perfeitamente puro e bom e está além de toda grosseria, ele encontra, como Jesus descobriu: “Eu e meu Pai somos um”. O Vedantista tem paciência para esperar por todos. Onde quer que você esteja, isto é o mais elevado: "Eu e meu Pai somos

um." Perceba isso. Se uma imagem ajudar, imagens são bem-vindas. Se adorar um grande homem ajuda você, adore-o. Se adorar Maomé ajuda você, vá em frente. Seja apenas sincero; e se você for sincero, diz o Vedantismo, certamente será levado ao objetivo. Não sobrará nenhum. Seu coração, que contém toda a verdade, se desdobrará capítulo após capítulo, até que você conheça a última verdade, que “Eu e meu Pai somos um”. E o que é a salvação? Para viver com Deus. Onde? Em qualquer lugar. Aqui neste momento. Um momento no tempo infinito é tão bom quanto qualquer outro momento. Esta é a velha doutrina dos Vedas, veja você. Isso foi revivido. O budismo morreu na Índia. Deixou a sua marca na sua caridade, nos seus animais, etc. na Índia; e o Vedantismo está reconquistando a Índia de uma ponta à outra.

VOLUME 4

4.1 ENDEREÇOS SOBRE BHAKTI-YOGA

4.1.1 A PREPARAÇÃO

A melhor definição dada de Bhakti-Yoga talvez esteja incorporada no versículo: "Que aquele amor eterno que os não-discriminatórios têm pelos objetos fugazes dos sentidos nunca deixe este meu coração - de mim que busco a Ti!" Vemos que forte amor os homens, que não conhecem nada melhor, têm pelos objetos dos sentidos, pelo dinheiro, pelas roupas, por suas esposas, filhos, amigos e posses. Que apego tremendo eles têm a todas essas coisas! Assim, na oração acima, o sábio diz: “Terei esse apego, esse apego tremendo, somente a Ti”. Este amor, quando dado a Deus, é chamado Bhakti. Bhakti não é destrutivo; ensina-nos que nenhuma das faculdades que possuímos foi dada em vão, que através delas está o caminho natural para chegar à libertação. Bhakti não mata nossas tendências, não vai contra a natureza, mas apenas lhe dá uma direção mais elevada e mais poderosa. Com que naturalidade amamos os objetos dos sentidos! Não podemos deixar de fazê-lo, porque eles são muito reais para nós. Normalmente não

vemos nada de real nas coisas superiores, mas quando um homem vê algo real além dos sentidos, além do universo dos sentidos, a ideia é que ele pode ter um apego forte, só que deve ser transferido para o objeto além do sentidos, que é Deus. E quando o mesmo tipo de amor que antes foi dado aos objetos dos sentidos é dado a Deus, isso é chamado Bhakti. Segundo o sábio Râmânuja, são os seguintes os preparativos para conseguir esse amor intenso.

O primeiro é Viveka. É uma coisa muito curiosa, especialmente para as pessoas do Ocidente. Significa, segundo Ramanuja, “discriminação alimentar”. A comida contém todas as energias que constituem as forças do nosso corpo e mente; ele foi transferido, conservado e recebeu novas direções em meu corpo, mas meu corpo e minha mente não têm nada essencialmente diferente da comida que comi. Assim como a força e a matéria que encontramos no mundo material tornam-se corpo e mente em nós, também, essencialmente, a diferença entre corpo e mente e a comida que comemos está apenas na manifestação. Sendo assim, a partir das partículas materiais do nosso alimento construímos o instrumento do pensamento, e que a partir das forças mais sutis alojadas nessas partículas fabricamos o próprio pensamento, segue-se naturalmente que tanto este pensamento como o instrumento serão modificados pela a comida que ingerimos. Existem certos tipos de alimentos que produzem uma certa mudança na mente; Nós vemos isso todos os dias. Existem outros tipos que produzem uma mudança no corpo e, a longo prazo, têm um efeito tremendo na mente. É uma coisa ótima de aprender; grande parte da miséria que sofremos é causada pela comida que ingerimos. Você descobre que depois de uma refeição pesada e indigesta é muito difícil controlar a mente; está funcionando, funcionando o tempo todo. Existem certos alimentos que são excitantes; se você comer esse tipo de comida, descobrirá que não consegue controlar a mente. É óbvio que depois de beber uma grande quantidade de vinho, ou de outra bebida alcoólica, um homem descobre que a sua mente não seria controlada; foge de seu controle.

De acordo com Ramanuja, há três coisas na alimentação que devemos evitar. Primeiro, existe Jâti, a natureza, ou espécie do alimento, que deve ser considerada. Todos os alimentos excitantes devem ser evitados, como a carne, por exemplo; isso não deve ser tomado porque é por natureza

impuro. Só podemos obtê-lo tirando a vida de outra pessoa. Sentimos prazer por um momento, e outra criatura tem que desistir da sua vida para nos dar esse prazer. Não só isso, mas desmoralizamos outros seres humanos. Seria muito melhor se cada homem que come carne matasse ele próprio o animal; mas, em vez de fazê-lo, a sociedade faz com que uma classe de pessoas faça esse negócio por eles, e por isso os odeia. Na Inglaterra, nenhum açougueiro pode fazer parte de um júri, pois a ideia é que ele é cruel por natureza. Quem o torna cruel? Sociedade. Se não comêssemos carne bovina e de carneiro, não haveria açougueiros. Comer carne só é permitido para pessoas que trabalham muito duro e que não serão Bhaktas; mas se vocês pretendem ser bhaktas, devem evitar carne. Além disso, todos os alimentos excitantes, como cebola, alho e todos os alimentos malcheirosos, como “chucrute”. Qualquer alimento que tenha ficado parado por dias, até que sua condição seja alterada, qualquer alimento cujos sucos naturais estejam quase secos, qualquer alimento que tenha mau cheiro, deve ser evitado.

A próxima coisa a ser considerada em relação à comida é ainda mais complexa para as mentes ocidentais – é o que é chamado de Âshraya, ou seja, a pessoa de quem ela vem. Esta é uma teoria bastante misteriosa dos hindus. A idéia é que cada homem tenha uma certa aura ao seu redor, e seja qual for a coisa que ele toca, uma parte de seu caráter, por assim dizer, de sua influência, permanece nela. Supõe-se que o caráter de um homem emana dele, por assim dizer, como uma força física, e tudo o que ele toca é afetado por ela. Por isso devemos ter cuidado com quem toca na nossa comida quando esta está cozinhada; uma pessoa má ou imoral não deve tocá-lo. Aquele que deseja ser um Bhakta não deve jantar com pessoas que ele sabe serem muito perversas, porque a infecção delas virá através da comida.

A outra forma de pureza a ser observada é Nimitta, ou instrumentos. Sujeira e poeira não devem estar nos alimentos. Os alimentos não devem ser trazidos do mercado e colocados na mesa sem serem lavados. Devemos ter cuidado também com a saliva e outras secreções. Os lábios nunca devem, por exemplo, ser tocados com os dedos. A membrana mucosa é a parte mais delicada do corpo e todas as tendências são transmitidas facilmente pela saliva. Seu contato, portanto, deve ser considerado não apenas ofensivo, mas também perigoso. Mais uma vez, não devemos comer alimentos cuja

metade tenha sido consumida por outra pessoa. Quando estas coisas são evitadas na alimentação, ela se torna pura; o alimento puro traz uma mente pura, e numa mente pura há uma memória constante de Deus.

Deixe-me dizer-lhe a mesma coisa explicada por outro comentarista, Shankarâchârya, que tem uma visão bem diferente. Esta palavra para comida, em sânscrito, é derivada da raiz, que significa reunir. Âhâra significa “reunido”. Qual é a explicação dele? Ele diz que a passagem que diz que quando o alimento é puro a mente se tornará pura realmente significa que, para que não nos tornemos sujeitos aos sentidos, devemos evitar o seguinte: Primeiro, quanto ao apego; não devemos estar extremamente apegados a nada, exceto a Deus. Veja tudo, faça tudo, mas não se apegue. Assim que surge o apego extremo, o homem se perde, ele não é mais dono de si mesmo, ele é um escravo. Se uma mulher é tremendamente apegada a um homem, ela se torna escrava desse homem. Não adianta ser escravo. Existem coisas mais elevadas neste mundo do que se tornar escravo de um ser humano. Ame e faça o bem a todos, mas não se torne escravo. Em primeiro lugar, o apego nos degenera individualmente e, em segundo lugar, nos torna extremamente egoístas. Devido a esta falha, queremos prejudicar os outros para fazer o bem àqueles que amamos. Muitas das más ações cometidas neste mundo são realmente cometidas através do apego a certas pessoas. Portanto, todo apego, exceto o das boas obras, deve ser evitado; mas o amor deve ser dado a todos. Depois, quanto ao ciúme. Não deveria haver ciúme em relação aos objetos dos sentidos; o ciúme é a raiz de todos os males e uma coisa muito difícil de vencer. Em seguida, ilusão. Sempre tomamos uma coisa por outra e agimos de acordo com isso, com o resultado de trazermos miséria sobre nós mesmos. Tomamos o mal pelo bem. Qualquer coisa que desperte nossos nervos por um momento, pensamos; como o bem maior, e mergulhar nele imediatamente, mas descobrir, quando for tarde demais, que nos deu um golpe tremendo. Todos os dias nos deparamos com esse erro e muitas vezes continuamos nele durante toda a vida. Quando os sentidos, sem estarem extremamente apegados, sem ciúmes ou sem ilusão, trabalham no mundo, tal trabalho ou coleção de impressões é chamado de alimento puro, de acordo com Shankaracharya. Quando se ingere alimento puro, a mente é capaz de absorver objetos e pensar neles sem apego, ciúme ou ilusão; então a mente se torna pura, e então há memória constante de Deus nessa mente.

É bastante natural dizer que o significado de Shankara é o melhor, mas desejo acrescentar que também não se deve negligenciar a interpretação de Ramanuja. Somente quando você cuidar do verdadeiro alimento material é que o resto virá. É bem verdade que a mente é o mestre, mas muito poucos de nós não estamos limitados pelos sentidos. Todos somos controlados pela matéria; e enquanto estivermos assim controlados, devemos receber ajuda material; e então, quando nos tornarmos fortes, poderemos comer ou beber o que quisermos. Temos que seguir Ramanuja no cuidado com comida e bebida; ao mesmo tempo devemos também cuidar da nossa alimentação mental. É muito fácil cuidar do alimento material, mas o trabalho mental deve acompanhá-lo; então, gradualmente, nosso eu espiritual se tornará cada vez mais forte, e o eu físico, menos assertivo. Então a comida não fará mais mal a você. O grande perigo é que todo homem queira saltar até o ideal mais elevado, mas saltar não é o caminho. Isso só termina em uma queda. Estamos presos aqui e temos que quebrar nossas correntes lentamente. Isto se chama Viveka, discriminação.

O próximo é chamado Vimoka, liberdade dos desejos. Quem quer amar a Deus deve livrar-se dos desejos extremos, não desejar nada exceto Deus. Este mundo é bom na medida em que ajuda a pessoa a ir para o mundo superior. Os objetos dos sentidos são bons na medida em que nos ajudam a atingir objetivos superiores. Sempre esquecemos que este mundo é um meio para um fim, e não um fim em si. Se este fosse o fim, seríamos imortais aqui em nosso corpo físico; nunca deveríamos morrer. Mas vemos pessoas morrendo a todo momento ao nosso redor e, ainda assim, tolamente, pensamos que nunca morreremos; e a partir dessa convicção passamos a pensar que esta vida é o objetivo. Esse é o caso de noventa e nove por cento de nós. Esta noção deve ser abandonada imediatamente. Este mundo é bom na medida em que é um meio de nos aperfeiçoarmos; e assim que deixa de ser assim, é mau. Portanto, esposa, marido, filhos, dinheiro e aprendizado são bons, desde que nos ajudem a seguir em frente; mas assim que param de fazer isso, não passam de maus. Se a esposa nos ajuda a alcançar Deus, ela é uma boa esposa; o mesmo acontece com um marido ou um filho. Se o dinheiro ajuda um homem a fazer o bem aos outros, ele tem algum valor; mas se não, é simplesmente uma massa de mal, e quanto mais cedo for eliminado, melhor.

O próximo é Abhyâsa, prática. A mente deve sempre ir em direção a Deus. Nenhuma outra coisa tem o direito de retê-lo. Deveria pensar continuamente em Deus, embora esta seja uma tarefa muito difícil; no entanto, isso pode ser feito através da prática persistente. O que somos agora é o resultado de nossa prática passada. Novamente, a prática nos torna o que seremos. Então pratique de outra maneira; uma espécie de reviravolta nos trouxe para cá, vire para o outro lado e saia dessa o mais rápido possível. Pensar nos sentidos nos trouxe até aqui - para chorar em um momento, para nos alegrar no próximo, para estar à mercê de cada brisa, escravo de tudo. Isso é vergonhoso, mas ainda assim nos chamamos de espíritos. Vá para o outro lado, pense em Deus; não deixe a mente pensar em nenhum prazer físico ou mental, mas somente em Deus. Quando ele tentar pensar em outra coisa, dê-lhe um bom golpe, para que ele se vire e pense em Deus. Assim como o óleo derramado de um recipiente para outro cai em uma linha ininterrupta, como os sinos vindos de longe caem sobre os ouvidos como um som contínuo, assim deve a mente fluir em direção a Deus em um fluxo contínuo. Não deveríamos apenas impor esta prática à mente, mas também os sentidos deveriam ser empregados. Em vez de ouvirmos coisas tolas, devemos ouvir sobre Deus; em vez de falarmos palavras tolas, devemos falar de Deus. Em vez de ler livros tolos, devemos ler livros bons que falam de Deus.

A maior ajuda para esta prática de manter Deus na memória é, talvez, a música. O Senhor diz a Nârada, o grande professor de Bhakti: “Eu não moro no céu, nem moro no coração do Yogue, mas onde Meus devotos cantam Meu louvor, aí estou eu”. A música tem um poder tremendo sobre a mente humana; isso o leva à concentração em um momento. Você encontrará seres humanos estúpidos, ignorantes, baixos e brutos, que nunca estabilizam a mente por um momento em outras ocasiões, quando ouvem uma música atraente, imediatamente ficam encantados e concentrados. Até as mentes dos animais, como cães, leões, gatos e serpentes, ficam encantadas com a música.

O próximo é Kriyâ, trabalho – fazer o bem aos outros. A memória de Deus não chegará ao homem egoísta. Quanto mais nos manifestarmos e fizermos o bem aos outros, mais nossos corações serão purificados e Deus estará neles. De acordo com nossas escrituras, existem cinco tipos de trabalho,

chamados de sacrifício quántuplo. Primeiro, estude. Um homem deve estudar todos os dias algo sagrado e bom. Segundo, adoração a Deus, aos anjos ou aos santos, conforme seja. Terceiro, nosso dever para com nossos antepassados. Quarto, nosso dever para com os seres humanos. O homem não tem o direito de viver ele próprio numa casa, até que construa também para os pobres, ou para quem dela necessita. A casa do chefe de família deveria estar aberta a todos os pobres e sofredores; então ele é um verdadeiro chefe de família. Se ele construir uma casa apenas para ele e sua esposa desfrutarem, ele nunca será um amante de Deus. Nenhum homem tem o direito de cozinhar alimentos apenas para si; é para outros, e ele deveria ficar com o que resta. É uma prática comum na Índia que, quando os primeiros produtos da estação chegam ao mercado, como morangos ou mangas, um homem compre alguns deles e dê aos pobres. Então ele come deles; e é um exemplo muito bom a seguir neste país. Este treinamento tornará o homem altruísta e, ao mesmo tempo, será uma excelente lição prática para sua esposa e filhos. Os hebreus antigamente costumavam dar as primícias a Deus. O primeiro de tudo deveria ir para os pobres; temos apenas direito ao que resta. Os pobres são os representantes de Deus; qualquer um que sofre é Seu representante. Sem dar, quem come e gosta de comer, gosta de pecar. Quinto, nosso dever para com os animais inferiores. É diabólico dizer que todos os animais são criados para que os homens sejam mortos e usados da maneira que o homem quiser. É o evangelho do diabo, não de Deus. Pensem em como é diabólico cortá-los para ver se um nervo treme ou não, numa determinada parte do corpo. Fico feliz que no nosso país tais coisas não sejam aprovadas pelos hindus, independentemente do incentivo que possam receber do governo estrangeiro sob o qual estão submetidos. Uma porção dos alimentos cozinhados numa casa também pertence aos animais. Eles deveriam receber comida todos os dias; deveria haver hospitais em todas as cidades deste país para cavalos, vacas, cães e gatos pobres, coxos ou cegos, onde deveriam ser alimentados e cuidados.

Depois há Kalyâna, pureza, que compreende o seguinte: Satya, veracidade. Aquele que é verdadeiro, a ele vem o Deus da verdade. Pensamento, palavra e ação devem ser perfeitamente verdadeiros. Próximo Ârjava, franqueza, retidão. A palavra significa, para ser simples, sem corrupção no coração, sem trapaça. Mesmo que seja um pouco duro, seja direto e não

torto. Dayâ, pena, compaixão. Ahimsâ, não ferir nenhum ser por pensamento, palavra ou ação. Dâna, caridade. Não há virtude maior que a caridade. O homem mais inferior é aquele cuja mão atrai, ao receber; e ele é o homem mais elevado cuja mão se estende para dar. A mão foi feita para dar sempre. Dê o último pedaço de pão que tiver, mesmo que esteja morrendo de fome. Você será livre em um momento se morrer de fome dando a outra pessoa. Imediatamente você será perfeito, você se tornará Deus. Pessoas que têm filhos já estão vinculadas. Eles não podem doar. Eles querem desfrutar dos filhos e devem pagar por isso. Não há crianças suficientes no mundo? É apenas o egoísmo que diz: “Terei um filho para mim”.

O próximo é Anavasada – não desânimo, alegria. O desânimo não é religião, seja lá o que for. Por ser sempre agradável e sorridente, você fica mais perto de Deus, mais perto do que qualquer oração. Como podem aquelas mentes sombrias e monótonas amar? Se falam de amor, é falso; eles querem machucar os outros. Pense nos fanáticos; eles fazem as caras mais longas, e toda a sua religião é lutar contra os outros em palavras e atos. Pense no que eles fizeram no passado e no que fariam agora se tivessem carta branca. Eles inundariam o mundo inteiro com sangue amanhã se isso lhes trouxesse poder. Ao adorar o poder e fazer caretas, eles perdem todo o amor de seus corações. Assim, o homem que sempre se sente miserável nunca chegará a Deus. Não é religião, é diabolismo dizer: “Sou tão miserável”. Cada homem tem seu próprio fardo para carregar. Se você está infeliz, tente ser feliz, tente conquistá-lo.

Deus não deve ser alcançado pelos fracos. Nunca seja fraco. Você deve ser forte; você tem força infinita dentro de você. De que outra forma você conquistará alguma coisa? De que outra forma você virá a Deus? Ao mesmo tempo você deve evitar a alegria excessiva, Uddharsha, como é chamada. Uma mente nesse estado nunca fica calma; torna-se inconstante. A alegria excessiva sempre será seguida de tristeza. Lágrimas e risos são parentes próximos. Muitas vezes as pessoas correm de um extremo ao outro. Deixe a mente estar alegre, mas calma. Nunca deixe cair em excessos, pois todo excesso será seguido de uma reação.

Estas, de acordo com Ramanuja, são os preparativos para Bhakti.

4.1.2 OS PRIMEIROS PASSOS

Os filósofos que escreveram sobre Bhakti definiram-no como amor extremo por Deus. Por que um homem deveria amar a Deus é a questão a ser resolvida; e até que entendamos isso, não seremos capazes de compreender o assunto de forma alguma. Existem dois ideais de vida totalmente diferentes. Um homem de qualquer país que tenha qualquer religião sabe que é um corpo e também um espírito. Mas há uma grande diferença quanto ao objetivo da vida humana.

Nos países ocidentais, via de regra, as pessoas dão mais ênfase ao aspecto corporal do homem; aqueles filósofos que escreveram sobre Bhakti na Índia enfatizaram o lado espiritual do homem; e esta diferença parece ser típica das nações orientais e ocidentais. É assim mesmo na linguagem comum. Na Inglaterra, quando se fala em morte, diz-se que um homem desistiu de seu fantasma; na Índia, um homem entregou o seu corpo. A única ideia é que o homem é um corpo e tem uma alma; a outra, que o homem é alma e tem corpo. Problemas mais intrincados surgem disso. Segue-se naturalmente que o ideal que sustenta que o homem é um corpo e tem uma alma coloca toda a ênfase no corpo. Se você perguntar por que o homem vive, lhe dirão que é para desfrutar os sentidos, para desfrutar de posses e riquezas. Ele não pode sonhar com nada além, mesmo que lhe seja dito; sua ideia de uma vida futura seria uma continuação desse prazer. Ele lamenta muito que isso não possa continuar aqui o tempo todo, mas ele tem que partir; e ele pensa que de uma forma ou de outra irá para algum lugar onde a mesma coisa será renovada. Ele terá os mesmos prazeres, os mesmos sentidos, só que intensificados e fortalecidos. Ele quer adorar a Deus, porque Deus é o meio para atingir esse fim. O objetivo de sua vida é o desfrute dos objetos dos sentidos, e ele passa a saber que existe um Ser que pode lhe proporcionar um período muito longo desses prazeres, e é por isso que ele adora a Deus.

Por outro lado, a ideia indiana é que Deus é a meta da vida; não há nada além de Deus, e os prazeres dos sentidos são simplesmente algo pelo qual estamos passando agora na esperança de conseguir coisas melhores. Não só isso; seria desastroso e terrível se o homem não tivesse nada além de prazeres sensoriais. Em nossa vida cotidiana descobrimos que quanto menos prazeres sensoriais, mais elevada será a vida do homem. Olhe para o

cachorro quando ele come. Nenhum homem jamais comeu com a mesma satisfação. Observe o porco dando grunhidos de satisfação enquanto come; é o seu paraíso, e se o maior arcanjo viesse e olhasse, o porco nem sequer o notaria. Toda a sua existência está em comer. Nunca nasceu nenhum homem que pudesse comer dessa maneira. Pense no poder da audição dos animais inferiores, no poder da visão; todos os seus sentidos são altamente desenvolvidos. O prazer dos sentidos é extremo; eles ficam simplesmente loucos de alegria e prazer. E quanto mais baixo o homem também, mais deleite ele encontra nos sentidos. À medida que ele sobe, o objetivo se torna razão e amor. À medida que essas faculdades se desenvolvem, ele perde o poder de desfrutar os sentidos.

A título de ilustração, se tomarmos como certo que uma certa quantidade de poder é dada ao homem, e que isso pode ser gasto no corpo, ou na mente, ou no espírito, então todos os poderes gastos em qualquer um destes deixam de existir. muito menos para ser gasto com os outros. As raças ignorantes ou selvagens têm faculdades sensuais muito mais fortes do que as raças civilizadas, e esta é, de facto, uma das lições que aprendemos da história: à medida que uma nação se torna civilizada, a organização nervosa torna-se mais refinada e eles tornam-se fisicamente mais fracos. Civilize uma raça selvagem e você encontrará a mesma coisa; outra raça bárbara surge e a conquista. Quase sempre é a raça bárbara que vence. Vemos então que se desejarmos apenas ter prazeres sensoriais o tempo todo, nos degradaremos ao estado bruto. Um homem não sabe o que está pedindo quando diz que quer ir para um lugar onde seus prazeres sensoriais serão intensificados; que ele só pode ter indo até os brutos.

O mesmo acontece com os homens que desejam um céu cheio de prazeres sensoriais. Eles são como porcos chafurdando no lamaçal dos sentidos, incapazes de ver qualquer coisa além. Esse prazer sensorial é o que eles desejam, e a perda dele é a perda do céu para eles. Estes nunca poderão ser Bhaktas no sentido mais elevado da palavra; eles nunca poderão ser verdadeiros amantes de Deus. Ao mesmo tempo, embora este ideal inferior seja seguido por um tempo, ele também mudará no decorrer do tempo, cada homem descobrirá que existe algo superior, do qual ele não sabia, e assim este apego à vida e às coisas dos sentidos desaparecerá gradualmente. Quando eu era menino na escola, briguei com outro colega por causa de

alguns doces, e ele, sendo o menino mais forte, arrancou-os da minha mão. Lembro-me da sensação que tive; Achei que aquele menino era o menino mais perverso que já havia nascido e que, assim que ficasse forte o suficiente, eu o puniria; não houve punição suficiente para sua maldade. Nós dois crescemos agora e somos amigos rapidamente. Este mundo está cheio de bebês para quem comer e beber, e todos esses bolinhos são tudo. Eles vão sonhar com esses bolos, e sua ideia de vida futura é onde esses bolos serão abundantes. Pense no índio americano que acredita que sua vida futura será num lugar que é um excelente terreno para caça. Cada um de nós tem uma ideia de um céu tal como queremos que seja; mas com o passar do tempo, à medida que envelhecemos e vemos coisas mais elevadas, temos vislumbres mais elevados além. Mas não abandonemos as nossas ideias sobre a vida futura da forma habitual dos tempos modernos, não acreditando em nada – isso é destruição. O agnóstico que assim destrói tudo está enganado, o Bhakta vê mais alto. O agnóstico não quer ir para o céu, porque não tem nenhum; enquanto o Bhakta não quer ir para o céu, porque pensa que é brincadeira de criança. O que ele quer é Deus.

O que pode ser um fim mais elevado do que Deus? O próprio Deus é o objetivo mais elevado do homem; veja-O, desfrute-O. Nunca poderemos conceber nada superior, porque Deus é perfeição. Não podemos conceber nenhum prazer superior ao do amor, mas esta palavra amor tem significados diferentes. Não significa o amor egoísta comum do mundo; é blasfêmia chamar isso de amor. O amor pelos nossos filhos e pelas nossas esposas é mero amor animal; aquele amor que é perfeitamente altruísta é o único amor, e isso vem de Deus. É uma coisa muito difícil de conseguir. Estamos passando por todos esses amores diferentes – amor pelos filhos, pelo pai, pela mãe e assim por diante. Aos poucos exercitamos a faculdade do amor; mas na maioria dos casos nunca aprendemos nada com isso, ficamos presos a um passo, a uma pessoa. Em alguns casos, os homens saem desta escravidão. Os homens estão sempre correndo atrás de esposas, riqueza e fama neste mundo; às vezes eles são atingidos com muita força na cabeça e descobrem o que este mundo realmente é. Ninguém neste mundo pode realmente amar qualquer coisa além de Deus. O homem descobre que o amor humano é totalmente vazio. Os homens não podem amar, embora falem sobre isso. A esposa diz que ama o marido e o beija; mas assim que ele morre, a primeira coisa em que ela pensa é na conta bancária e no que

fará no dia seguinte. O marido ama a esposa; mas quando ela fica doente e perde a beleza, ou fica abatida, ou comete um erro, ele deixa de cuidar dela. Todo o amor do mundo é hipocrisia e vacuidade.

Um sujeito finito não pode amar, nem um objeto finito pode ser amado. Quando o objeto do amor de um homem morre a cada momento, e sua mente também muda constantemente à medida que ele cresce, que amor eterno você pode esperar encontrar no mundo? Não pode haver nenhum amor verdadeiro senão em Deus: por que então todos esses amores? Estas são meras etapas. Existe um poder por trás que nos impulsiona para frente, não sabemos onde procurar o verdadeiro objeto, mas esse amor está nos enviando adiante em busca dele. Repetidamente descobrimos nosso erro. Agarramos alguma coisa e descobrimos que ela escapa por entre nossos dedos, e então agarramos outra coisa. Assim continuamos, até que finalmente surge a luz; chegamos a Deus, o Único que ama. Seu amor não conhece mudanças e está sempre pronto para nos acolher. Quanto tempo algum de vocês me suportaria se eu os machucasse? Aquele em cuja mente não há raiva, ódio ou inveja, que nunca perde o equilíbrio, morre ou nasce, quem é ele senão Deus? Mas o caminho para Deus é longo e difícil, e muito poucas pessoas O alcançam. Somos todos bebês lutando. Milhões de pessoas fazem comércio religioso. Poucos homens num século alcançam esse amor de Deus, e todo o país se torna abençoado e santificado. Quando um filho de Deus aparece, um país inteiro é abençoado. É verdade que poucos nascem em qualquer século em todo o mundo, mas todos deveriam se esforçar para alcançar esse amor de Deus. Quem sabe, senão você ou eu, seremos os próximos a alcançar? Lutemos, portanto.

Dizemos que a esposa ama o marido. Ela pensa que toda a sua alma está absorta nele: chega um bebê e metade vai para o bebê, ou mais. Ela mesma sentirá que o mesmo amor de marido não existe agora. O mesmo acontece com o pai. Sempre descobrimos que quando objetos de amor mais intensos chegam até nós, o amor anterior desaparece lentamente. As crianças na escola pensam que alguns dos seus colegas são os seres mais queridos que têm na vida, ou que os seus pais ou mães o são; então vem o marido ou a esposa, e imediatamente o antigo sentimento desaparece e o novo amor se torna predominante. Uma estrela surge, outra maior surge, e depois uma ainda maior, e finalmente o sol surge, e todas as luzes menores

desaparecem. Esse sol é Deus. As estrelas são os amores menores. Quando o Sol irrompe sobre ele, um homem enlouquece, o que Emerson chama de "um homem intoxicado por Deus". O homem transfigura-se em Deus, tudo se funde naquele único oceano de amor. O amor comum é mera atração animal. Caso contrário, por que existe a distinção entre os sexos? Se alguém se ajoelha diante de uma imagem, é uma idolatria terrível; mas se alguém se ajoelhar diante do marido ou da esposa, isso é perfeitamente permitido!

O mundo nos apresenta múltiplos estágios de amor. Temos primeiro que limpar o terreno. Na nossa visão da vida repousará toda a teoria do amor. Pensar que este mundo é o objetivo e o fim da vida é brutal e degenerador. Qualquer homem que comece a vida com essa ideia degenera-se. Nunca subirá mais alto, nunca terá esse vislumbre por trás, será sempre um escravo dos sentidos. Ele lutará pelo dólar que lhe renderá alguns bolos para comer. Melhor morrer do que viver essa vida. Escravos deste mundo, escravos dos sentidos, despertemo-nos; há algo mais elevado do que esta vida sensorial. Você acha que o homem, o Espírito Infinito, nasceu para ser escravo dos olhos, do nariz e dos ouvidos? Há um Espírito Infinito e Onisciente por trás que pode fazer tudo, quebrar todos os laços; e esse Espírito nós somos, e obtemos esse poder através do amor. Este é o ideal que devemos lembrar. É claro que não podemos obtê-lo em um dia. Podemos imaginar que o temos, mas afinal é uma fantasia; está muito, muito longe. Devemos levar o homem onde ele está e ajudá-lo a subir. O homem está no materialismo; você e eu somos materialistas. Falarmos sobre Deus e o Espírito é bom; mas está simplesmente na moda em nossa sociedade falar assim: aprendemos isso como um papagaio e repetimos. Portanto, temos que nos levar onde estamos como materialistas, e devemos contar com a ajuda da matéria e prosseguir lentamente até nos tornarmos verdadeiros espiritualistas, e nos sentirmos espíritos, compreendermos o espírito, e descobriremos que este mundo que chamamos de infinito é apenas uma forma externa grosseira daquele mundo que está por trás.

Mas algo além disso é necessário. Você lê no Sermão da Montanha: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á". A dificuldade é: quem busca, quem quer? Todos dizemos que conhecemos a Deus. Um homem escreve um livro para refutar Deus, outro para prová-Lo. Um homem pensa que é seu dever prová-lo durante toda a vida; outro, para

refutá-Lo, e ele começa a ensinar ao homem que Deus não existe. Qual é a utilidade de escrever um livro para provar ou refutar Deus? O que importa para a maioria das pessoas se Deus existe ou não? A maioria dos homens trabalha como uma máquina, sem pensar em Deus e sem sentir necessidade Dele. Então um dia chega a Morte e diz: “Venha”. O homem diz: “Espere um pouco, quero mais um pouco de tempo. Quero ver meu filho crescer um pouco mais”. Mas a Morte diz: “Venha imediatamente”. Então continua. O mesmo acontece com o pobre John. O que diremos ao pobre João? Ele nunca encontrou nada em que Deus fosse o mais elevado; talvez ele tenha sido um porco no passado e seja muito melhor como homem. Mas há alguns que despertam um pouco. Chega alguma miséria, morre alguém que mais amamos, aquilo sobre o qual tínhamos colocado toda a nossa alma, aquilo pelo qual havíamos enganado o mundo inteiro e talvez o nosso próprio irmão, isso desaparece, e um golpe nos atinge. Talvez uma voz venha à nossa alma e pergunte: “E depois disso?” Às vezes a morte chega sem golpe, mas esses casos são poucos. A maioria de nós, quando alguma coisa escapa por entre nossos dedos, perguntamos: "O que vem a seguir?" Como nos apegamos aos sentidos! Você já ouviu falar de um homem se afogando agarrado a uma palha; um homem se agarrará primeiro a uma palha e, quando ela falhar, dirá que alguém deve ajudá-lo. Ainda assim, as pessoas devem, como diz a frase em inglês, “semear a sua aveia selvagem”, antes de poderem ascender a coisas mais elevadas.

Bhakti é uma religião. A religião não é para muitos, isso é impossível. Uma espécie de exercício de joelho, em pé e sentado, pode ser adequado para muitos; mas a religião é para poucos. Existem em cada país apenas algumas centenas de pessoas que podem ser e serão religiosas. Os outros não podem ser religiosos, porque não serão despertados e não querem ser. O principal é querer Deus. Queremos tudo, exceto Deus, porque nossas necessidades comuns são supridas pelo mundo externo; é somente quando nossas necessidades vão além do mundo externo que desejamos um suprimento do interno, de Deus. Enquanto as nossas necessidades estiverem confinadas aos estreitos limites deste universo físico, não poderemos ter qualquer necessidade de Deus; só quando ficamos saciados com tudo o que existe aqui é que olhamos para além em busca de suprimento. Somente quando houver necessidade é que a demanda surgirá. Acabe com esta brincadeira de

criança com o mundo o mais rápido que puder, e então você sentirá a necessidade de algo além do mundo, e o primeiro passo na religião virá.

Existe uma forma de religião que está na moda. Minha amiga tem muitos móveis em sua sala; está na moda ter um vaso japonês, então ela deve ter um mesmo que custe mil dólares. Da mesma forma ela terá um pouco de religião e se filiara a uma igreja. Bhakti não é para isso. Isso não é querer. Querer é aquilo sem o qual não podemos viver. Queremos fôlego, queremos comida, queremos roupas; sem eles não podemos viver. Quando um homem ama uma mulher neste mundo, há momentos em que ele sente que sem ela não pode viver, embora isso seja um erro. Quando um marido morre, a esposa pensa que não pode viver sem ele; mas ela vive do mesmo jeito. Este é o segredo da necessidade: é aquilo sem o qual não podemos viver; ou deve vir até nós ou morreremos. Quando chegar o momento em que sentirmos o mesmo em relação a Deus, ou em outras palavras, quisermos algo além deste mundo, algo acima de todas as forças materiais, então poderemos nos tornar Bhaktas. O que são as nossas pequenas vidas quando por um momento a nuvem desaparece e temos um vislumbre do além, e naquele momento todos esses desejos inferiores parecem uma gota no oceano? Então a alma cresce e sente a necessidade de Deus e deve tê-Lo.

O primeiro passo é: O que queremos? Perguntemo-nos todos os dias esta pergunta: queremos Deus? Você pode ler todos os livros do universo, mas esse amor não é obtido pelo poder da fala, nem pelo intelecto mais elevado, nem pelo estudo de várias ciências. Quem deseja a Deus obterá Amor, a ele Deus se entrega. O amor é sempre mútuo, reflexivo. Você pode me odiar, e se eu quiser te amar, você me causa repulsa. Mas se eu persistir, em um mês ou um ano você certamente me amará. É um fenômeno psicológico bem conhecido. Assim como a esposa amorosa pensa em seu marido falecido, com o mesmo amor devemos desejar o Senhor, e então encontraremos Deus, e todos os livros e as diversas ciências não seriam capazes de nos ensinar nada. Ao ler livros nos tornamos papagaios; ninguém se aprende lendo livros. Se um homem lê apenas uma palavra de amor, ele realmente se torna erudito. Então, queremos primeiro obter esse desejo.

Perguntemo-nos todos os dias: "Queremos Deuses?" Quando começamos a falar de religião, e especialmente quando assumimos uma posição elevada e

começamos a ensinar outros, devemos fazer-nos a mesma pergunta. Muitas vezes descubro que não quero Deus, quero mais pão. Posso enlouquecer se não conseguir um pedaço de pão; muitas senhoras enlouquecerão se não conseguirem um alfinete de diamante, mas não têm o mesmo desejo por Deus; eles não conhecem a única Realidade que existe no universo. Existe um provérbio em nossa língua: Se eu quiser ser caçador, caçarei o rinoceronte; se eu quiser ser ladrão, roubarei o tesouro do rei. Qual é a utilidade de roubar mendigos ou caçar formigas? Então, se você quer amar, ame a Deus. Quem se importa com essas coisas do mundo? Este mundo é totalmente falso; todos os grandes professores do mundo descobriram isso; não há saída senão através de Deus. Ele é a meta da nossa vida; todas as ideias de que o mundo é o objetivo da vida são perniciosas. Este mundo e este corpo têm um valor próprio, um valor secundário, como meio para um fim; mas o mundo não deveria ser o fim. Infelizmente, muitas vezes fazemos do mundo o fim e de Deus o meio. Encontramos pessoas indo à igreja e dizendo: “Deus, dê-me isto e aquilo; Deus, cure minha doença”. Eles querem corpos bonitos e saudáveis; e porque ouvem que alguém fará esse trabalho por eles, vão orar a Ele. É melhor ser ateu do que ter tal ideia de religião. Como eu lhe disse, este Bhakti é o ideal mais elevado; Não sei se o alcançaremos ou não nos próximos milhões de anos, mas devemos fazer dele o nosso ideal mais elevado, fazer com que os nossos sentidos apontem para o mais elevado. Se não conseguirmos chegar ao fim, pelo menos chegaremos mais perto dele. Temos que trabalhar lentamente através do mundo e dos sentidos para chegar a Deus.

4.1.3 O PROFESSOR DE ESPIRITUALIDADE

Toda alma está destinada a ser perfeita e todo ser, no final, alcançará esse estado. Tudo o que somos agora é o resultado de tudo o que fomos ou pensamos no passado; e tudo o que seremos no futuro será o resultado do que fazemos ou pensamos agora. Mas isto não impede que recebamos ajuda externa; as possibilidades da alma são sempre aceleradas por alguma ajuda externa, tanto que, na grande maioria dos casos no mundo, a ajuda externa é quase absolutamente necessária. A influência vivificadora vem de fora e atua em nossas próprias potencialidades; e então o crescimento começa, a vida espiritual chega e o homem se torna santo e perfeito no final. Este

impulso acelerado que vem de fora não pode ser recebido dos livros; a alma só pode receber impulso de outra alma e de mais nada. Podemos estudar livros durante toda a nossa vida, podemos tornar-nos muito intelectuais, mas no final descobrimos que não nos desenvolvemos espiritualmente. Não se segue daí que uma ordem elevada de desenvolvimento intelectual sempre mostre um desenvolvimento equivalente do lado espiritual do homem; por outro lado, encontramos quase todos os dias casos em que o intelecto se tornou altamente desenvolvido às custas do espírito.

Agora, no desenvolvimento intelectual, podemos obter muita ajuda dos livros, mas no desenvolvimento espiritual, quase nada. Ao estudar livros, às vezes somos iludidos pensando que estamos sendo ajudados espiritualmente; mas se nos analisarmos, descobriremos que apenas o nosso intelecto foi ajudado, e não o espírito. Essa é a razão pela qual quase todos nós podemos falar maravilhosamente sobre assuntos espirituais, mas quando chega a hora de agir, nos sentimos terrivelmente deficientes. É porque os livros não podem nos dar esse impulso externo. Para vivificar o espírito, esse impulso deve vir de outra alma.

Essa alma da qual vem esse impulso é chamada de Guru, o professor; e a alma à qual o impulso é transmitido chama-se discípulo, estudante. Para transmitir este impulso, em primeiro lugar, a alma de onde ele provém deve possuir o poder de transmiti-lo, por assim dizer, a outra pessoa; e em segundo lugar, o objeto ao qual é transmitido deve estar apto para recebê-lo. A semente deve ser viva e o campo deve estar pronto para ser arado; e quando ambas as condições são satisfeitas, ocorre um maravilhoso crescimento da religião. “O orador da religião deve ser maravilhoso, assim como o ouvinte”; e quando ambos forem realmente maravilhosos, extraordinários, somente então ocorrerá um esplêndido crescimento espiritual, e não de outra forma. Estes são os verdadeiros professores e estes são os verdadeiros alunos. Além destes, os outros estão a brincar com a espiritualidade – apenas a travar um pouco de luta intelectual, apenas a satisfazer um pouco de curiosidade – mas estão apenas na margem exterior do horizonte da religião. Há algum valor nisso; a verdadeira sede pela religião pode assim ser despertada; tudo vem com o tempo. É uma lei misteriosa da natureza que assim que o campo estiver pronto a semente deve vir, assim que a alma deseja a religião, o transmissor da força religiosa

deve vir. "O pecador que busca encontra o Salvador que busca." Quando o poder que atrai na alma receptora estiver pleno e maduro, o poder que responde a essa atração deve surgir.

Mas há grandes perigos no caminho. Existe o perigo para a alma receptora de confundir a sua emoção momentânea com um verdadeiro anseio religioso. Encontramos isso em nós mesmos. Muitas vezes em nossas vidas morre alguém que amávamos; recebemos um golpe; por um momento pensamos que este mundo está escorregando entre nossos dedos, e que queremos algo mais elevado, e que seremos religiosos. Em poucos dias essa onda passa e ficamos presos onde estávamos. Muitas vezes confundimos tais impulsos com uma verdadeira sede de religião, mas enquanto essas emoções momentâneas forem assim confundidas, essa necessidade contínua e real da alma não virá, e não encontraremos o “transmissor”.

Portanto, quando reclamamos que não temos a verdade e que a desejamos tanto, em vez de reclamar, nosso primeiro dever deveria ser olhar para dentro de nossas próprias almas e descobrir se realmente a queremos. Na grande maioria dos casos descobriremos que não estamos aptos; Nós não queremos; não havia sede pelo espiritual.

Ainda existem mais dificuldades para o “transmissor”. Há muitos que, embora imersos na ignorância, ainda assim, no orgulho do seu coração, pensam que sabem tudo, e não apenas não param aí, mas se oferecem para levar outros nos ombros, e assim "o cego guiando o cego, ambos caem na vala". O mundo está cheio disso; todo mundo quer ser professor, todo mendigo quer doar um milhão de dólares. Assim como este último é ridículo, esses professores também o são.

Como devemos conhecer um professor então? Em primeiro lugar, o sol não necessita de tocha para se tornar visível. Não acendemos uma vela para ver o sol. Quando o sol nasce, instintivamente nos tornamos conscientes do seu nascimento; e quando um professor de homens vier nos ajudar, a alma saberá instintivamente que encontrou a verdade. A verdade se sustenta em suas próprias evidências; não requer nenhum outro testemunho para atestar isso; é auto-refulgente. Penetra nos recônditos mais íntimos da nossa natureza, e todo o universo se levanta e diz: “Isto é a Verdade”. Estes são os grandes professores, mas também podemos obter ajuda dos menores; e

como nós mesmos nem sempre somos suficientemente intuitivos para ter certeza do nosso julgamento sobre o homem de quem recebemos, deveria haver certos testes. Existem certas condições necessárias no ensinado e também no professor.

As condições necessárias para o ensinado são pureza, verdadeira sede de conhecimento e perseverança. Nenhuma alma impura pode ser religiosa; essa é a única grande condição; a pureza em todos os sentidos é absolutamente necessária. A outra condição é uma verdadeira sede de conhecimento. Quem quer ? Essa é a questão. Conseguimos tudo o que queremos – essa é uma lei muito antiga. Quem quer, consegue. Querer religião é uma coisa muito difícil, não tão fácil como geralmente pensamos. Então sempre esquecemos que a religião não consiste em ouvir palestras ou em ler livros, mas é uma luta contínua, uma luta contra a nossa própria natureza, uma luta contínua até que a vitória seja alcançada. Não se trata de um ou dois dias, de anos ou de vidas, mas podem ser centenas de vidas, e devemos estar preparados para isso. Pode acontecer imediatamente ou pode não acontecer daqui a centenas de vidas; e devemos estar prontos para isso. O aluno que inicia com esse espírito obtém sucesso.

No professor devemos primeiro ver que ele conhece o segredo das escrituras. O mundo inteiro lê escrituras – Bíblias, Vedas, Alcorões e outras; mas são apenas palavras, arranjo externo, sintaxe, etimologia, filologia, os ossos secos da religião. O professor pode ser capaz de descobrir qual é a idade de qualquer livro, mas as palavras são apenas as formas externas nas quais as coisas surgem. Quem lida demais com as palavras e deixa a mente correr sempre na força das palavras perde o ânimo. Portanto, o professor deve ser capaz de conhecer o espírito das escrituras. A rede de palavras é como uma enorme floresta na qual a mente humana se perde e não encontra saída. Os vários métodos de unir palavras, os vários métodos de falar uma bela língua, os vários métodos de explicar os ditames das escrituras, são apenas para o deleite dos eruditos. Eles não alcançam a perfeição; eles simplesmente desejam mostrar seu aprendizado, para que o mundo possa elogiá-los e ver que são homens instruídos. Você descobrirá que nenhum dos grandes professores do mundo se dedicou a essas diversas explicações de textos; da parte deles, não há nenhuma tentativa de “torturar o texto”, nem dizer: “Esta palavra significa isto, e esta é a conexão filológica entre

esta e aquela palavra”. Você estuda todos os grandes professores que o mundo produziu e verá que nenhum deles segue esse caminho. No entanto, eles ensinaram, enquanto outros, que não têm nada a ensinar, pegam uma palavra e escrevem um livro de três volumes sobre a sua origem e uso. Como dizia meu Mestre, o que você pensaria dos homens que entrassem em um pomar de mangueiras e se ocupassem em contar as folhas e examinar a cor das folhas, o tamanho dos galhos, o número de galhos, e assim por diante, enquanto só um deles teve o bom senso de começar a comer as mangas? Então deixe essa contagem de folhas e galhos e essas anotações para outros. Esse trabalho tem seu próprio valor em seu devido lugar, mas não aqui no reino espiritual. Os homens nunca se tornam espirituais através de tal trabalho; você nunca viu um homem espiritual forte entre esses "contadores de folhas". A religião é o objetivo mais elevado do homem, a glória mais elevada, mas não requer “contagem de folhas”. Se você quer ser cristão, não é necessário saber se Cristo nasceu em Jerusalém ou em Belém ou apenas a data exata em que pronunciou o Sermão da Montanha; você só precisa sentir o Sermão da Montanha. Não é necessário ler duas mil palavras sobre quando foi entregue. Tudo isso é para o prazer dos eruditos. Deixe-os ficar com isso; diga amém a isso. Vamos comer as mangas.

A segunda condição necessária ao professor é que ele não tenha pecado. Certa vez, um amigo me fez a pergunta na Inglaterra: "Por que deveríamos olhar para a personalidade de um professor? Temos apenas que julgar o que ele diz e aceitar isso." Não tão. Se um homem quiser me ensinar algo de dinâmica, química ou qualquer outra ciência física, ele poderá ser de qualquer caráter; ele ainda pode ensinar dinâmica ou qualquer outra ciência. Pois o conhecimento que as ciências físicas exigem é simplesmente intelectual e depende da força intelectual; um homem pode ter, nesse caso, um poder intelectual gigantesco sem o menor desenvolvimento de sua alma. Mas nas ciências espirituais é impossível, do início ao fim, que possa haver qualquer luz espiritual naquela alma que é impura. O que tal alma pode ensinar? Não sabe nada. A verdade espiritual é pureza. “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”. Nessa frase está a essência de todas as religiões. Se você aprendeu isso, tudo o que foi dito no passado e tudo o que é possível dizer no futuro, você soube; você não precisa procurar mais nada, pois você tem tudo o que é necessário nessa frase; poderia salvar o mundo, se todas as outras escrituras fossem perdidas. Uma visão de Deus,

um vislumbre do além nunca chega até que a alma esteja pura. Portanto, para o professor de espiritualidade, a pureza é a única coisa indispensável; devemos ver primeiro o que ele é e depois o que ele diz. O mesmo não acontece com os professores intelectuais; ali nos importamos mais com o que ele diz do que com o que ele é. Com o professor de religião devemos antes de tudo ver o que ele é, e só então vem o valor das palavras, porque ele é o transmissor. O que ele transmitirá, se não tiver nele um poder espiritual plano? Para dar uma comparação: se um aquecedor estiver quente, ele pode transmitir vibrações de calor, mas se não estiver, é impossível fazê-lo. O mesmo acontece com as vibrações mentais do professor religioso, que ele transmite à mente do ensinado. É uma questão de transferência e não de estimular apenas as nossas faculdades intelectuais. Algum poder, real e tangível, sai do professor e começa a crescer na mente do ensinado. Portanto, a condição necessária é que o professor seja verdadeiro.

A terceira condição é o motivo. Devemos cuidar para que ele não ensine com segundas intenções, por nome, ou fama, ou qualquer outra coisa, mas simplesmente por amor, puro amor por você. Quando as forças espirituais são transmitidas do professor para o ensinado, elas só podem ser transmitidas por meio do amor; não há outro meio que possa transmiti-los. Qualquer outro motivo, como ganho ou nome, destruiria imediatamente o meio de transmissão; portanto, tudo deve ser feito através do amor. Só quem conheceu a Deus pode ser professor. Quando você vê que no professor essas condições estão preenchidas, você está seguro; se não forem cumpridos, não é sensato aceitá-lo. Há um grande risco, se ele não consegue transmitir o bem, de às vezes transmitir o mal. Isso deve ser evitado; portanto, segue-se naturalmente que não podemos ser ensinados por ninguém e por todos.

A pregação de sermões junto a riachos e pedras pode ser verdadeira como figura poética, mas ninguém pode pregar um único grão de verdade até que a tenha em si mesmo. Para quem os riachos pregam sermões? Somente para aquela alma humana cujo lótus da vida já se abriu. Quando o coração estiver aberto, ele poderá receber ensinamentos dos riachos ou das pedras — poderá obter algum ensinamento religioso de tudo isso; mas o coração fechado não verá nada além de riachos e pedras rolantes. Um cego pode ir a

um museu, mas ele apenas vai e vem; se quiser ver, seus olhos devem primeiro ser abertos. Este abridor de olhos da religião é o professor. Com o professor, portanto, a nossa relação é a de ancestral e descendente; o professor é o ancestral espiritual e o discípulo é o descendente espiritual. É muito bom falar de liberdade e independência, mas sem humildade, submissão, veneração e fé não haverá religião alguma. É um facto significativo que onde esta relação ainda existe entre o professor e o ensinado, só aí crescem almas espirituais gigantescas; mas naqueles que a abandonaram, a religião se tornou uma diversão. Nas nações e igrejas onde esta relação entre professor e ensinado não é mantida, a espiritualidade é quase uma quantidade desconhecida. Nunca vem sem esse sentimento; não há ninguém para transmitir e ninguém para quem transmitir, porque todos são independentes. De quem eles podem aprender? E se vêm para aprender, vêm para comprar aprendizado. Dê-me um dólar em religião; não posso pagar um dólar por isso? A religião não pode ser obtida dessa maneira!

Não há nada mais elevado e mais sagrado do que o conhecimento que chega à alma transmitido por um professor espiritual. Se um homem se tornou um Yogi perfeito, isso acontece por si só, mas não pode ser obtido nos livros. Você pode ir e bater a cabeça nos quatro cantos do mundo, procurar no Himalaia, nos Alpes, no Cáucaso, no deserto de Gobi ou no Saara, ou no fundo do mar, mas isso não acontecerá até que você encontre um professor . Encontre o professor, sirva-o como uma criança, abra seu coração à sua influência, veja nele Deus manifestado. Nossa atenção deve estar fixada no professor como a manifestação mais elevada de Deus; e à medida que o poder da atenção se concentra ali, a imagem do professor como homem desaparecerá; a moldura desaparecerá e o verdadeiro Deus permanecerá ali. Aqueles que chegam à verdade com tal espírito de veneração e amor – para eles o Senhor da verdade fala as palavras mais maravilhosas. “Tire os sapatos dos pés, pois o lugar onde você está é terra santa”. Onde quer que Seu nome seja pronunciado, esse lugar é santo. Quanto mais é um homem que fala Seu nome, e com que veneração devemos nos aproximar de um homem de quem vêm as verdades espirituais! Este é o espírito com que devemos ser ensinados. Tais professores são poucos, sem dúvida, neste mundo, mas o mundo nunca está totalmente sem eles. No momento em que estiver absolutamente desprovido disso, deixará de existir, tornar-se-á um inferno horrível e simplesmente desaparecerá. Esses professores são as

belas flores da vida humana e mantêm o mundo funcionando; é a força que se manifesta nesses corações de vida que mantêm intactos os limites da sociedade.

Além destes há outro conjunto de professores, os Cristos do mundo. Esses professores de todos os professores representam o próprio Deus na forma de homem. Eles são muito mais elevados; eles podem transmitir espiritualidade com um toque, com um desejo, que santifica até os personagens mais baixos e degradados em um segundo. Você não leu sobre como eles costumavam fazer essas coisas? Não são os professores de quem eu estava falando; eles são os professores de todos os professores, as maiores manifestações de Deus ao homem; não podemos ver Deus exceto através deles. Não podemos deixar de adorá-los, e eles são os únicos seres que somos obrigados a adorar.

Nenhum homem “viu” Deus senão como Ele se manifestou no Filho. Não podemos ver Deus. Se tentarmos vê-Lo, faremos uma caricatura horrível de Deus. Há uma história indiana de que foi pedido a um homem ignorante que fizesse uma imagem do deus Shiva e, após dias de luta, ele fez a imagem de um macaco. Portanto, sempre que tentamos fazer uma imagem de Deus, fazemos uma caricatura Dele, porque não podemos entendê-Lo como algo superior ao homem enquanto formos homens. Chegará o tempo em que transcenderemos a nossa natureza humana e O conheceremos como Ele é; mas enquanto formos homens, devemos adorá-Lo no homem. Por mais que falemos, por mais que tentemos, não podemos ver Deus exceto como um homem. Podemos proferir grandes discursos intelectuais, tornarmos grandes racionalistas e provar que essas histórias de Deus são totalmente absurdas, mas cheguemos ao bom senso prático. O que está por trás desse intelecto notável? Zero, nada, simplesmente muita espuma. Da próxima vez que você ouvir um homem proferindo grandes palestras intelectuais contra essa adoração a Deus, contate-o e pergunte-lhe qual é a sua ideia de Deus, o que ele quer dizer com "onipotência", "onisciência" e "amor onipresente", e assim por diante, além da grafia das palavras. Ele não significa nada, não consegue formular uma ideia, não é melhor que o homem da rua que não leu um único livro. Aquele homem da rua, porém, é quieto e não perturba o mundo, enquanto os argumentos do outro causam perturbação. Ele não tem percepção real e ambos estão no mesmo plano.

A religião é realização, e vocês devem fazer a distinção mais nítida entre conversa e realização. O que você percebe em sua alma é a realização. O homem não tem ideia do Espírito, deve pensá-lo com as formas que tem diante de si. Ele tem que pensar no céu azul, ou nos vastos campos, ou no mar, ou em algo enorme. De que outra forma você pode pensar em Deus? Então, o que você está fazendo na realidade? Você está falando de onipresença e pensando no mar. Deus é o mar? É necessário um pouco mais de bom senso. Nada é tão incomum quanto o bom senso, o mundo está cheio de conversa. Uma trégua para toda essa discussão espumosa do mundo. Pela nossa constituição atual, estamos limitados e obrigados a ver Deus como homem. Se os búfalos quiserem adorar a Deus, eles O verão como um enorme búfalo. Se um peixe quiser adorar a Deus, terá que pensar Nele como um peixe grande. Você e eu, o búfalo, o peixe, cada um representa muitos recipientes diferentes. Todos estes vão ao mar para serem enchidos de água de acordo com o formato de cada embarcação. Em cada um desses recipientes não há nada além de água. O mesmo acontece com Deus. Quando os homens O veem, eles O veem como homem, e os animais como animais – cada um de acordo com o seu ideal. Essa é a única maneira pela qual você pode vê-Lo; você tem que adorá-Lo como homem, porque não há outra saída. Duas classes de homens não adoram Deus como homem – o bruto humano que não tem religião, e o Paramahansa (iogues superior) que foi além da humanidade, que abandonou sua mente e corpo e foi além dos limites da natureza. Toda a natureza tornou-se o seu Eu. Ele não tem mente nem corpo e pode adorar a Deus como Deus, assim como Jesus ou Buda. Eles não adoravam a Deus como homem. O outro extremo é o bruto humano. Você sabe como dois extremos se parecem. Semelhante é o caso do extremo da ignorância e do outro extremo do conhecimento; nenhum desses adora ninguém. Os extremamente ignorantes não adoram a Deus, não sendo desenvolvidos o suficiente para sentirem a necessidade de fazê-lo. Aqueles que alcançaram o conhecimento mais elevado também não adoram a Deus – tendo realizado e se tornado um com Deus. Deus nunca adora a Deus. Entre estes dois pólos da existência, se alguém lhe disser que não vai adorar a Deus como homem, cuide dele. Ele é um falador irresponsável, está enganado; sua religião é para pensadores fúteis, é um absurdo intelectual.

Portanto, é absolutamente necessário adorar a Deus como homem, e bem-aventuradas são aquelas raças que têm tal “Deus-homem” para adorar. Os cristãos têm esse Deus-homem em Cristo; portanto, apegue-se a Cristo; nunca desista de Cristo. Essa é a maneira natural de ver Deus; ver Deus no homem. Todas as nossas ideias sobre Deus estão concentradas ali. A grande limitação que os cristãos têm é que eles não dão atenção a outras manifestações de Deus além de Cristo. Ele era uma manifestação de Deus; o mesmo aconteceu com Buda; o mesmo aconteceu com alguns outros, e haverá centenas de outros. Não limite Deus a lugar nenhum. Preste toda a reverência que você acha que é devida a Deus, a Cristo; essa é a única adoração que podemos ter. Deus não pode ser adorado; Ele é o Ser imanente do universo. É somente à Sua manifestação como homem que podemos orar. Seria um plano muito bom, quando os cristãos oram, dizer “em nome de Cristo”. Seria sensato parar de orar a Deus e orar apenas a Cristo. Deus entende as falhas humanas e se torna homem para fazer o bem à humanidade. “Sempre que a virtude diminui e a imoralidade prevalece, então venho ajudar a humanidade”, diz Krishna. Ele também diz: “Os tolos, sem saber que eu, o Deus Onipotente e Onipresente do universo, assumi esta forma humana, zombam de Mim e pensam que isso não pode acontecer”. Suas mentes foram obscurecidas pela ignorância demoníaca, de modo que não conseguem ver Nele o Senhor do universo. Estas grandes Encarnações de Deus devem ser adoradas. Não só isso, só eles podem ser adorados; e nos dias de seu nascimento e nos dias em que partiram deste mundo, deveríamos prestar-lhes uma reverência mais especial. Ao adorar a Cristo, prefiro adorá-Lo exatamente como Ele deseja; no dia do Seu nascimento, prefiro adorá-Lo jejuando do que festejando – orando. Quando pensamos neles, esses grandes seres, eles se manifestam em nossas almas e nos tornam semelhantes a eles. Toda a nossa natureza muda e nos tornamos como eles.

Mas você não deve confundir Cristo ou Buda com duendes voando pelo ar e todo esse tipo de bobagem. Sacrilégio! Cristo entrando em uma sessão espírita para dançar! Eu vi essa presença neste país. Não é dessa forma que essas manifestações de Deus acontecem. O próprio toque de um deles se manifestará no homem; quando Cristo tocar, toda a alma do homem mudará, esse homem será transfigurado assim como Ele foi. Toda a sua vida será espiritualizada; de cada poro do seu corpo emanará poder espiritual.

Quais foram os grandes poderes de Cristo em milagres e curas, em um de seus personagens? Eram coisas baixas e vulgares que Ele não podia deixar de fazer porque estava entre seres vulgares. Onde foi feito esse milagre? Entre os judeus; e os judeus não o levaram. Onde isso não foi feito? Na Europa. A realização de milagres foi para os judeus, que rejeitaram a Cristo, e o Sermão da Montanha para a Europa, que O aceitou. O espírito humano assumiu o que era verdadeiro e rejeitou o que era espúrio. A grande força de Cristo não está em Seus milagres ou em Sua cura. Qualquer idiota poderia fazer essas coisas. Os tolos podem curar os outros, os demônios podem curar os outros. Tenho visto homens demoníacos horríveis fazerem milagres maravilhosos. Eles parecem fabricar frutas da terra. Conheci tolos e homens diabólicos que contam o passado, o presente e o futuro. Já vi tolos curarem de relance, pela vontade, as doenças mais horríveis. Estes são poderes, na verdade, mas muitas vezes poderes demoníacos. O outro é o poder espiritual de Cristo que viverá e sempre viveu - um amor todo-poderoso e gigantesco e as palavras de verdade que Ele pregou. A ação de curar os homens à primeira vista é esquecida, mas Seu ditado: “Bem-aventurados os puros de coração”, que vive até hoje. Estas palavras são um gigantesco depósito de poder – inesgotável. Enquanto durar a mente humana, enquanto o nome de Deus não for esquecido, essas palavras continuarão indefinidamente e nunca deixarão de existir. Estes são os poderes que Jesus ensinou e os poderes que Ele tinha. O poder da pureza; é um poder definido. Portanto, ao adorar a Cristo, ao orar a Ele, devemos sempre lembrar o que estamos buscando. Não aquelas coisas tolas de exibição milagrosa, mas os maravilhosos poderes do Espírito, que tornam o homem livre, dão-lhe o controle sobre toda a natureza, tiram-lhe o distintivo da escravidão e mostram-lhe Deus.

4.1.4 A NECESSIDADE DE SÍMBOLOS

Bhakti é dividido em duas porções. Um deles é chamado Vaidhi, formal ou cerimonial; a outra porção é chamada Mukhyâ, suprema. A palavra Bhakti cobre todo o terreno entre a forma mais baixa de adoração e a forma mais elevada de vida. Toda a adoração que você viu em qualquer país do mundo, ou em qualquer religião, é regulada pelo amor. Há muitas coisas que são simples cerimônias; há também muita coisa que, embora não seja

cerimônia, ainda não é amor, mas um estado inferior. No entanto, essas cerimônias são necessárias. A parte externa de Bhakti é absolutamente necessária para ajudar a alma a avançar. O homem comete um grande erro quando pensa que pode saltar imediatamente para o estado mais elevado. Se um bebê pensa que dentro de um dia será um homem velho, ele está enganado; e espero que você sempre tenha em mente este ideal: que a religião não está nos livros, nem no consentimento intelectual, nem no raciocínio. A razão, as teorias, os documentos, as doutrinas, os livros, as cerimônias religiosas, são todos auxílios à religião: a própria religião consiste na realização. Todos nós dizemos: “Existe um Deus”. Você viu Deus? Essa é a questão. Você ouve um homem dizer: “Deus está no céu”. Você pergunta se ele O viu, e se ele disser que viu, você riria dele e diria que ele é um maníaco. Para a maioria das pessoas, a religião é uma espécie de consentimento intelectual e não vai além de um documento. Eu não chamaria isso de religião. É melhor ser ateu do que ter esse tipo de religião. A religião não depende do nosso consentimento ou dissidência intelectual. Você diz que existe uma alma. Você viu a alma? Como é que todos nós temos almas e não as vemos? Você tem que responder à pergunta e descobrir a maneira de ver a alma. Caso contrário, é inútil falar de religião. Se alguma religião for verdadeira, deve ser capaz de nos mostrar a alma e de nos mostrar Deus e a verdade em nós mesmos. Se você e eu lutarmos por toda a eternidade sobre uma dessas doutrinas ou documentos, nunca chegaremos a qualquer conclusão. As pessoas lutam há muito tempo e qual é o resultado? O intelecto não pode chegar lá de forma alguma. Temos que ir além do intelecto; a prova da religião está na percepção direta. A prova da existência deste muro é que o vemos; se você se sentasse e discutisse sobre sua existência ou inexistência durante séculos, nunca chegaria a nenhuma conclusão; mas diretamente você vê isso, é o suficiente. Se todos os homens do mundo lhe dissessem que isso não existe, você não acreditaria neles, porque sabe que a evidência dos seus próprios olhos é superior à de todas as doutrinas e documentos do mundo.

Para ser religioso, primeiro é preciso jogar os livros ao mar. Quanto menos você ler livros, melhor para você; Faça uma coisa de cada vez. É uma tendência nos países ocidentais, nestes tempos modernos, criar uma mistura de cérebros; todos os tipos de ideias não assimiladas correm desordenadamente no cérebro e formam um caos sem nunca terem a chance

de se estabelecer e cristalizar em uma forma definida. Em muitos casos torna-se uma espécie de doença, mas isto não é religião. Então alguns querem uma sensação. Conte-lhes sobre fantasmas e pessoas que vêm do Pólo Norte ou de qualquer outro lugar remoto, com asas ou em qualquer outra forma, e que eles estão invisivelmente presentes e cuidando deles, e os fazem sentir-se estranhos, então eles ficam satisfeitos e vão para casa; mas dentro de vinte e quatro horas eles estão prontos para uma nova sensação. Isto é o que alguns chamam de religião. Este é o caminho para o asilo para lunáticos, e não para a religião. O Senhor não pode ser alcançado pelos fracos, e todas essas coisas estranhas tendem à fraqueza. Portanto, não se aproxime deles; eles apenas enfraquecem as pessoas, trazem desordem ao cérebro, enfraquecem a mente, desmoralizam a alma, e o resultado é uma confusão desesperadora. Você deve ter em mente que a religião não consiste em conversas, ou doutrinas, ou livros, mas em realização; não é aprender, mas ser. Todo mundo sabe: “Não roube”, mas e daí? Esse homem realmente sabe quem não roubou. Todo mundo sabe: “Não machuque os outros”, mas qual é o valor disso? Aqueles que não fizeram isso perceberam isso, sabem disso e construíram seu caráter sobre isso. A religião está realizando; e eu o chamarei de adorador de Deus quando você se tornar capaz de realizar a Idéia. Antes disso é a grafia do estranho, e nada mais. É esse poder de realização que faz a religião. Nenhuma quantidade de doutrinas, filosofias ou livros éticos que você possa ter enfiado em seu cérebro terá muita importância, apenas o que você é e o que você percebeu. Portanto, temos que realizar a religião, e esta realização da religião é um processo longo. Quando os homens ouvem falar de algo muito elevado e maravilhoso, todos pensam que conseguirão isso, e nunca param por um momento para considerar que terão que trabalhar para alcançá-lo; todos eles querem pular para lá. Se for o mais alto, somos a favor. Nunca paramos para considerar se temos o poder, e o resultado é que não fazemos nada. Você não pode pegar um homem com um forcado e empurrá-lo até lá; todos nós temos que trabalhar gradualmente. Portanto a primeira parte da religião é Vaidhi Bhakti, a fase inferior da adoração.

Quais são essas fases inferiores de adoração? Eles são vários. Para atingir o estado em que podemos realizar, devemos passar pelo concreto – assim como você vê as crianças aprenderem primeiro através do concreto – e gradualmente chegar ao abstrato. Se você disser a um bebê que cinco vezes

dois é dez, ele não entenderá; mas se você trazer dez coisas e mostrar que cinco vezes dois é dez, ele entenderá. A religião é um processo longo e lento. Somos todos bebês aqui; podemos ser velhos e ter estudado todos os livros do universo, mas somos todos bebês espirituais. Aprendemos as doutrinas e os dogmas, mas não percebemos nada em nossas vidas. Teremos que começar agora no concreto, através de formas e palavras, orações e cerimônias; e destas formas concretas serão milhares; um formulário não precisa ser para todos. Alguns podem ser ajudados por imagens, outros não. Alguns exigem uma imagem externa, outros, uma imagem interna do cérebro. O homem que a coloca dentro diz: “Sou um homem superior. Quando está dentro, está tudo bem; quando está fora, é idolatria, vou combatê-la”. Quando um homem coloca uma imagem em forma de igreja ou templo, ele pensa que é sagrada; mas quando está em forma humana, ele se opõe a isso!

Portanto, existem várias formas através das quais a mente realizará este exercício concreto; e então, passo a passo, chegaremos à compreensão abstrata, à realização abstrata. Novamente, a mesma forma não é para todos; existe uma forma que combina com você e outra que combina com outra pessoa, e assim por diante. Todas as formas, embora conduzam ao mesmo objectivo, podem não ser para todos nós. Aqui está outro erro que geralmente cometemos. Meu ideal não combina com você; e por que eu deveria forçar isso em você? Minha maneira de construir igrejas ou de ler hinos não combina com você; por que eu deveria forçar isso em você? Vá para o mundo e todo tolo lhe dirá que sua forma é a única correta, que todas as outras formas são diabólicas e que ele é o único homem escolhido que já nasceu no universo. Mas, na verdade, todas essas formas são boas e úteis. Assim como existem certas variedades na natureza humana, também é necessário que exista um número igual de formas na religião; e quanto mais houver, melhor para o mundo. Se existem vinte formas de religião no mundo, isso é muito bom; se houver quatrocentos, melhor ainda — haverá mais para escolher. Portanto, deveríamos ficar contentes quando o número de religiões e ideias religiosas aumentar e se multiplicar, porque então incluirão todos os homens e ajudarão ainda mais a humanidade. Quisera Deus que as religiões se multiplicassem até que cada homem tivesse a sua própria religião, bem separada de qualquer outra! Esta é a ideia do Bhakti-Yogue.

A ideia final é que minha religião não pode ser a sua, ou a sua, minha. Embora a meta e o objetivo sejam os mesmos, cada um tem que seguir um caminho diferente, de acordo com as tendências de sua mente; e embora estes caminhos sejam vários, todos devem ser verdadeiros, porque conduzem ao mesmo objectivo. Não pode ser que um seja verdadeiro e o resto não. A escolha do próprio caminho é chamada na linguagem de Bhakti, Ishta, o caminho escolhido.

Depois, há palavras. Todos vocês já ouviram falar do poder das palavras, como elas são maravilhosas! Cada livro – a Bíblia, o Alcorão e os Vedas – está cheio do poder das palavras. Certas palavras têm um poder maravilhoso sobre a humanidade. Novamente, existem outras formas, conhecidas como símbolos. Os símbolos têm grande influência na mente humana. Mas os grandes símbolos da religião não foram criados indefinidamente. Descobrimos que são as expressões naturais do pensamento. Pensamos simbolicamente. Todas as nossas palavras são apenas símbolos do pensamento por trás, e diferentes pessoas passaram a usar símbolos diferentes sem saber o motivo. Tudo ficou para trás e esses símbolos estão associados aos pensamentos; e assim como o pensamento traz o símbolo para fora, o símbolo, pelo contrário, pode trazer o pensamento para dentro. Assim, uma parte de Bhakti fala sobre esses vários assuntos de símbolos, palavras e orações. Toda religião tem orações, mas uma coisa você deve ter em mente: orar por saúde ou riqueza não é Bhakti, é tudo Karma ou ação meritória. Orar por qualquer ganho físico é simplesmente Karma, como uma oração para ir para o céu e assim por diante. Aquele que deseja amar a Deus, ser um Bhakta, deve descartar todas essas orações. Aquele que quiser entrar nos reinos da luz deve primeiro desistir de comprar e vender essa religião de “loja”, e então entrar pelos portões. Não é que você não receba aquilo pelo que ora; você consegue tudo, mas essa oração é uma religião de mendigo. "Tolo é realmente aquele que, vivendo nas margens do Ganges, cava um pequeno poço para obter água. Um tolo realmente é o homem que, chegando a uma mina de diamantes, procura contas de vidro." Este corpo morrerá algum dia, então qual é a utilidade de orar por sua saúde repetidas vezes? O que há em saúde e riqueza? O homem mais rico pode usar e desfrutar apenas uma pequena parte da sua riqueza. Nunca poderemos obter todas as coisas deste mundo; e se não, quem se importa? Este corpo irá embora, quem se importa com

essas coisas? Se coisas boas vierem, seja bem vindo; se eles forem embora, deixe-os ir. Bem-aventurados eles quando chegam e bem-aventurados quando vão. Estamos nos esforçando para chegar à presença do Rei dos reis. Não podemos chegar lá com roupas de mendigo. Mesmo que quiséssemos entrar na presença de um imperador, deveríamos ser admitidos? Certamente não. Deveríamos ser expulsos. Este é o Imperador dos imperadores, e nesses trapos de mendigo não podemos entrar. Os lojistas nunca têm acesso lá; comprar e vender não têm lugar lá. Conforme você lê na Bíblia, Jesus expulsou os compradores e vendedores do Templo. Não ore por pequenas coisas. Se você busca apenas conforto corporal, onde está a diferença entre homens e animais? Pense-se um pouco mais alto do que isso.

Portanto, nem é preciso dizer que a primeira tarefa para se tornar um Bhakta é desistir de todos os desejos do céu e de outras coisas. A questão é como se livrar desses desejos. O que torna os homens infelizes? Porque são escravos, sujeitos a leis, marionetes nas mãos da natureza, tombados como brinquedos. Estamos continuamente cuidando deste corpo que qualquer coisa pode derrubar; e por isso vivemos num estado constante de medo. Li que um cervo tem que correr em média sessenta ou setenta milhas todos os dias, porque está assustado. Deveríamos saber que estamos em situação pior do que o cervo. O cervo descansa um pouco, mas nós não temos nenhum. Se o cervo conseguir grama suficiente, ele fica satisfeito, mas estamos sempre multiplicando nossos desejos. É um desejo mórbido multiplicar nossos desejos. Tornamo-nos tão desequilibrados e antinaturais que nada natural nos satisfará. Estamos sempre nos agarrando a coisas mórbidas, precisamos ter uma excitação não natural – comida, bebida, ambiente e vida não naturais. Quanto ao medo, o que são as nossas vidas senão feixes de medo? O cervo tem apenas uma classe de medo, como o dos tigres, lobos, etc. O homem tem o universo inteiro a temer.

Como nos libertaremos disso é a questão. Os utilitaristas dizem: “Não fale de Deus e do futuro; não sabemos nada dessas coisas, vivamos felizes neste mundo”. Eu seria o primeiro a fazê-lo se pudéssemos, mas o mundo não nos permitirá. Enquanto você for um escravo da natureza, como poderá? Quanto mais você luta, mais envolvido você se torna. Você vem traçando planos para te fazer feliz, não sei há quantos anos, mas a cada ano as coisas

parecem piorar. Há duzentos anos, no velho mundo, as pessoas tinham poucas necessidades; mas se o seu conhecimento aumentasse em progressão aritmética, as suas necessidades aumentavam em progressão geométrica. Achamos que na salvação pelo menos nossos desejos serão realizados, por isso desejamos ir para o céu. Essa sede eterna e insaciável! Sempre querendo alguma coisa! Quando um homem é mendigo, ele quer dinheiro. Quando ele tem dinheiro, ele quer outras coisas, a sociedade; e depois disso, outra coisa. Nunca em repouso. Como devemos extinguir isso? Se chegarmos ao céu, isso só aumentará o desejo. Se um pobre enriquece, isso não sacia seus desejos, é apenas como jogar manteiga no fogo, aumentando suas chamas brilhantes. Ir para o céu significa tornar-se intensamente mais rico, e então o desejo surge cada vez mais. Lemos sobre muitas coisas humanas no céu nas diferentes Bíblias do mundo; nem sempre são muito bons lá; e afinal de contas, esse desejo de ir para o céu é um desejo de prazer. Isso tem que ser abandonado. É algo muito pequeno e muito vulgar para você pensar em ir para o céu. É o mesmo que pensar: vou me tornar um milionário e dominar as pessoas. Existem muitos desses céus, mas através deles você não pode obter o direito de entrar pelos portões da religião e do amor.

4.1.5 OS SÍMBOLOS PRINCIPAIS

Existem duas palavras em sânscrito, Pratika e Pratinâ. Pratika significa aproximar-se, aproximar-se. Em todos os países você encontra vários graus de adoração. Neste país, por exemplo, há pessoas que adoram imagens de santos, há pessoas que adoram certas formas e símbolos. Depois, há pessoas que adoram seres diferentes que são superiores aos homens, e o seu número está a aumentar muito rapidamente – adoradores de espíritos que partiram. Li que há cerca de oito milhões deles aqui. Depois, há outras pessoas que adoram certos seres de grau superior – os anjos, os deuses e assim por diante. O Bhakti-Yoga não condena nenhum desses vários graus, mas todos são classificados sob o mesmo nome, Pratika. Essas pessoas não estão adorando a Deus, mas Pratika, algo que está próximo, um passo em direção a Deus. Esta adoração Pratika não pode nos levar à salvação e à liberdade; só pode nos dar certas coisas específicas pelas quais os adoramos. Por exemplo, se um homem adora seus ancestrais ou amigos que partiram, ele

pode obter deles certos poderes ou certas informações. Qualquer dádiva particular obtida destes objetos de adoração é chamada Vidyâ, conhecimento particular; mas a liberdade, o objetivo mais elevado, só vem pela adoração do próprio Deus. Alguns orientalistas pensam, ao expor os Vedas, que até o próprio Deus Pessoal é um Pratika. O Deus Pessoal pode ser um Pratika, mas os Pratikas não são o Deus Pessoal nem o Impessoal. Eles não podem ser adorados como Deus. Portanto, seria um grande erro se as pessoas pensassem que adorando esses diferentes Pratikas, seja como anjos, ou ancestrais, ou Mahatmãs (homens santos, santos), etc., ou espíritos que partiram, poderiam alcançar a liberdade. Na melhor das hipóteses, eles só podem alcançar certos poderes, mas só Deus pode nos libertar. Mas por causa disso eles não devem ser condenados, a sua adoração produz algum resultado. O homem que não entende nada superior pode obter algum poder, algum prazer, pela adoração destes Pratikas; e depois de um longo curso de experiência, quando ele estiver pronto para chegar à liberdade, ele por sua própria vontade abandonará os Pratikas.

Destes vários Pratikas, a forma mais prevalente é a adoração aos amigos que partiram. A natureza humana – o amor pessoal, o amor pelos nossos amigos – é tão forte em nós que, quando eles morrem, desejamos vê-los mais uma vez – agarrados às suas formas. Esquecemos que essas formas, enquanto vivíamos, mudavam constantemente e, quando morrem, pensamos que se tornam constantes e que assim as veremos. Não só isso, mas se tenho um amigo ou um filho que foi canalha, assim que ele morre, começo a pensar que ele é a pessoa mais santa que existe; ele se torna um deus. Há pessoas na Índia que, se um bebê morre, não o queimam, mas o enterram e constroem um templo sobre ele; e aquele bebezinho se torna o deus daquele templo. Esta é uma forma de religião muito prevalente em muitos países, e não faltam filósofos que pensam que esta foi a origem de todas as religiões. É claro que eles não podem provar isso. Devemos lembrar, contudo, que esta adoração de Pratikas nunca poderá nos levar à salvação ou à liberdade.

Em segundo lugar, é muito perigoso. O perigo é que estes Pratikas, “estágios próximos”, na medida em que nos conduzem a um estágio posterior, estejam bem; mas as chances são de noventa e nove contra uma de que seguiremos os Pratikas por toda a vida. É muito bom nascer numa igreja, mas é muito ruim morrer lá. Para deixar mais claro, é muito bom

nascer em uma determinada seita e ter seu treinamento — isso traz à tona nossas qualidades superiores; mas na grande maioria dos casos morremos naquela pequena seita, nunca saímos ou crescemos. Esse é o grande perigo de todas essas adorações de Pratikas. Diz-se que todos estes são estágios pelos quais se tem que passar, mas nunca se sai deles; e quando alguém envelhece, ainda se apegam a eles. Se um jovem não vai à igreja, ele deveria ser condenado. Mas se um velho vai à igreja, ele também deve ser condenado; ele não tem mais nada a ver com a brincadeira dessa criança; a igreja deveria ter sido apenas uma preparação para algo superior. Que negócio ele tem mais com formulários e Pratikas e todas essas preliminares?

A adoração do livro é outra forma forte desta Pratika, a forma mais forte. Você encontra em todos os países que o livro se torna o Deus. Existem seitas no meu país que acreditam que Deus encarna e se torna homem, mas mesmo Deus encarnado como homem deve estar em conformidade com os Vedas, e se Seus ensinamentos não estiverem em conformidade, eles não O aceitarão. Buda é adorado pelos hindus, mas se você lhes disser: “Se você adora Buda, por que não aceita Seus ensinamentos?” dirão, porque eles, os budistas, negam os Vedas. Esse é o significado da adoração do livro. Qualquer quantidade de mentiras em nome de um livro religioso está correta. Na Índia, se eu quiser ensinar algo novo, e simplesmente declarar isso por minha própria autoridade, como o que penso, ninguém virá me ouvir; mas se eu pegar alguma passagem dos Vedas, e fazer malabarismos com ela, e dar-lhe o significado mais impossível, matar tudo o que há de razoável nela, e trazer à tona minhas próprias idéias como as idéias que foram entendidas pelos Vedas, todos os tolos me seguirá no meio da multidão. Depois, há homens pregando uma espécie de cristianismo que assustaria o cristão comum; mas eles dizem: “Isso é o que Jesus Cristo quis dizer”, e muitos se aproximam deles. As pessoas não querem nada de novo, se não estiver nos Vedas ou na Bíblia. É uma questão de nervosismo: quando você ouve algo novo e surpreendente, você se assusta; ou quando você vê algo novo, você se assusta; é constitucional. É muito mais assim com os pensamentos. A mente está em uma rotina e adotar uma nova ideia é muito cansativo; então a ideia tem que ser colocada perto da rotina, e então a gente a adota lentamente. É uma boa política, mas uma má moralidade. Pense na massa de incongruências que os reformadores, e o que vocês

chamam de pregadores liberais, despejam na sociedade hoje. Segundo os Cientistas Cristãos, Jesus foi um grande curador; segundo os espíritas, Ele era um grande médium; de acordo com os Teosofistas, Ele era um Mahatmâ. Tudo isso deve ser deduzido do mesmo texto. Há um texto nos Vedas que diz: “Somente a existência (Sat) existia, ó amado, nada mais existia no início”. Muitos significados diferentes são dados à palavra Sat neste texto. Os Atomistas dizem que a palavra significa “átomos”, e desses átomos o mundo foi produzido. Os naturalistas dizem que significava “natureza”, e da natureza tudo surgiu. Os Shunyavâdins (mantenedores do Vazio) dizem que significava “nada”, “zero”, e do nada tudo foi produzido. Os Teístas dizem que significava “Deus”, e os Advaitistas dizem que era “Existência Absoluta”, e todos se referem ao mesmo texto como sua autoridade.

Esses são os defeitos da adoração do livro. Mas há, por outro lado, uma grande vantagem nisso: dá força. Todas as seitas religiosas desapareceram, exceto aquelas que possuem um livro. Nada parece matá-los. Alguns de vocês já ouviram falar dos Parsees. Eles eram os antigos persas e, ao mesmo tempo, havia cerca de cem milhões deles. A maioria deles foi conquistada pelos árabes e convertida ao islamismo. Alguns fugiram dos seus perseguidores com o seu livro, que ainda os preserva. Um livro é a forma mais tangível de Deus. Pense nos judeus; se não tivessem um livro, simplesmente teriam se fundido ao mundo. Mas isso os mantém acordados; o Talmud os mantém juntos, apesar da mais horrível perseguição. Uma das grandes vantagens de um livro é que ele cristaliza tudo de forma tangível e conveniente, e é o mais prático de todos os ídolos. Basta colocar um livro no altar e todos verão; um bom livro que todo mundo lê. Receio poder ser considerado parcial. Mas, na minha opinião, os livros produziram mais mal do que bem. Eles são responsáveis por muitas doutrinas perniciosas. Todos os credos vêm de livros, e os livros são os únicos responsáveis pela perseguição e pelo fanatismo no mundo. Os livros dos tempos modernos estão criando mentirosos em todos os lugares. Estou surpreso com o número de mentirosos no exterior em todos os países.

A próxima coisa a ser considerada é a Prátima, ou imagem, o uso de imagens. Em todo o mundo você encontrará imagens de uma forma ou de outra. Para alguns, é na forma de um homem, que é a melhor forma. Se eu

quisesse adorar uma imagem, preferiria tê-la na forma de um homem do que de um animal, ou de um edifício, ou de qualquer outra forma. Uma seita pensa que uma determinada forma é o tipo certo de imagem, e outra pensa que é ruim. O cristão pensa que quando Deus veio em forma de pomba estava tudo bem, mas se Ele veio em forma de peixe, como dizem os hindus, é muito errado e supersticioso. Os judeus pensam que se um ídolo for feito na forma de um baú com dois anjos sentados sobre ele e um livro sobre ele, está tudo bem, mas se for na forma de um homem ou de uma mulher, é horrível. Os muçulmanos pensam que quando rezam, se tentarem formar uma imagem mental do templo com a Caaba, a pedra negra nele contida, e se virarem para o oeste, está tudo bem, mas se você formar a imagem na forma de uma igreja é idolatria. Este é o defeito da adoração de imagens. No entanto, todas estas parecem ser etapas necessárias.

Neste assunto é de suprema importância pensar o que nós mesmos acreditamos. O que percebemos é a questão. O que Jesus, ou Buda, ou Moisés fizeram não é nada para nós, a menos que nós também o façamos por nós mesmos. Não satisfaria a nossa fome se nos trancássemos num quarto e pensássemos no que Moisés comeu, nem o que Moisés pensava nos salvaria. Minhas ideias são muito radicais nesses pontos. Às vezes penso que estou certo quando concordo com todos os professores antigos, outras vezes penso que eles estão certos quando concordam comigo. Eu acredito em pensar de forma independente. Acredito em me tornar totalmente livre dos santos professores; preste toda a reverência a eles, mas veja a religião como uma pesquisa independente. Tenho que encontrar minha luz, assim como eles encontraram a deles. A descoberta da luz não nos satisfará de forma alguma. Você tem que se tornar a Bíblia, e não segui-la, exceto prestando-lhe reverência como uma luz no caminho, como um guia, uma marca: esse é todo o valor que ela tem. Mas estas imagens e outras coisas são bastante necessárias. Você pode tentar concentrar a mente ou até mesmo projetar qualquer pensamento. Você descobrirá que naturalmente forma imagens em sua mente. Você não pode evitar. Dois tipos de pessoas nunca necessitam de qualquer imagem – o animal humano que nunca pensa em nenhuma religião, e o ser aperfeiçoado que passou por esses estágios. Entre estes dois pontos todos necessitamos de algum tipo de ideal, exterior e interior. Pode ser na forma de um ser humano que partiu, ou de um homem ou mulher vivo. Isso é apego à personalidade e ao corpo, e é

bastante natural. Estamos propensos a concretizar. Como poderíamos estar aqui se não concretizássemos? Somos espíritos concretizados e assim nos encontramos aqui nesta terra. A concretização nos trouxe até aqui e nos levará para fora. Buscar as coisas dos sentidos nos tornou seres humanos, e somos obrigados a adorar seres pessoais, independentemente do que digamos em contrário. É muito fácil dizer “Não seja pessoal”; mas o mesmo homem que diz isso é geralmente mais pessoal. Seu apego por determinados homens e mulheres é muito forte; não o abandona quando morrem, ele quer segui-los além da morte. Isso é idolatria; é a semente, a própria causa da idolatria; e estando a causa presente, ela surgirá de alguma forma. Não é melhor ter um apego pessoal a uma imagem de Cristo ou de Buda do que a um homem ou mulher comum? No Ocidente, as pessoas dizem que é ruim ajoelhar-se diante de imagens, mas podem ajoelhar-se diante de uma mulher e dizer: “Você é minha vida, a luz dos meus olhos, minha alma”. Isso é pior idolatria. E se isso for falar sobre minha alma, minha vida? Em breve irá embora. É apenas apego aos sentidos. É um amor egoísta coberto por uma massa de flores. Os poetas dão-lhe um bom nome e jogam sobre ele água de lavanda e todo tipo de coisas atraentes. Não é melhor ajoelhar-se diante de uma estátua de Buda ou do conquistador Jina e dizer: “Tu és minha vida”? Eu preferiria fazer isso.

Existe outro tipo de Pratika que não é reconhecido nos países ocidentais, mas é ensinado em nossos livros. Isto ensina a adoração da mente como Deus. Qualquer coisa que seja adorada como Deus é um estágio, uma aproximação, por assim dizer. Um exemplo disso é o método de mostrar a bela estrela conhecida como Arundhati, próxima ao grupo das Plêiades. É mostrada a alguém uma grande estrela próxima a ela, e quando ele fixa sua atenção nela e chega a conhecê-la, é mostrada uma estrela mais bela e ainda mais próxima; e quando ele fixa sua atenção nisso, ele é conduzido até Arundhati. Então, todos esses vários Pratikas e Pratimas levam a Deus. A adoração de Buda e de Cristo constitui uma Pratika, uma aproximação da adoração a Deus. Mas esta adoração de Buda e de Cristo não salvará um homem, ele deve ir além deles, até Aquele que se manifestou como Jesus Cristo, pois somente Deus pode nos dar liberdade. Existem até alguns filósofos que dizem que estes deveriam ser considerados como Deus; eles não são Pratikas, mas o próprio Deus. Contudo, podemos adotar todos esses diferentes Pratikas, esses diferentes estágios de abordagem, e não sermos feridos por eles: mas se pensarmos, enquanto os adoramos, que estamos adorando a Deus, estamos enganados. Se um homem adora Jesus Cristo e pensa que será salvo por isso, está completamente enganado. Se um homem pensa que adorando um ídolo ou os fantasmas ou espíritos dos que partiram ele será salvo, ele está totalmente enganado. Podemos adorar qualquer coisa vendo Deus nela, se pudermos esquecer o ídolo e ver Deus ali. Não devemos projetar nenhuma imagem sobre Deus. Mas podemos preencher qualquer imagem com aquela Vida que é Deus. Apenas esqueça a imagem e você estará certo o suficiente – pois “Dele vem tudo”. Ele é tudo. Podemos adorar uma imagem como Deus, mas não Deus como a imagem. Deus na imagem está certo, mas a imagem como Deus está errada. Deus na imagem está perfeitamente certo. Não há perigo aí. Esta é a verdadeira adoração a Deus. Mas a imagem de Deus é uma mera Pratika.

A próxima grande coisa a considerar em Bhakti é a “palavra”, o Nâmashakti, o poder do nome. Todo o universo é composto de nome e forma. Tudo o que vemos é um composto de nome e forma, ou simplesmente nome com forma, que é uma imagem mental. Afinal, não há nada que não seja nome e forma. Todos nós acreditamos que Deus não tem forma nem formato, mas assim que começamos a pensar Nele, Ele adquire

nome e forma. Chitta é como um lago calmo, os pensamentos são como ondas sobre este Chitta - e nome e forma são as formas normais pelas quais essas ondas surgem; nenhuma onda pode surgir sem nome e forma. O uniforme não pode ser pensado; está além do pensamento; assim que se torna pensamento e matéria, deve ter nome e forma. Não podemos separar estes. É dito em muitos livros que Deus criou o universo a partir da Palavra. Shabdabrahman, em sânscrito, é a teoria cristã da Palavra. Uma antiga teoria indiana, foi levada para Alexandria por pregadores indianos e plantada lá. Assim se fixou ali a ideia do Verbo e da Encarnação.

Há um significado profundo no pensamento de que Deus criou tudo a partir da Palavra. Sendo o próprio Deus sem forma, esta é a melhor maneira de descrever a projeção das formas, ou a criação. A palavra sânscrita para criação é Srishti, projeção. O que significa “Deus criou as coisas do nada”? O universo é projetado a partir de Deus. Ele se torna o universo, e tudo retorna para Ele, e novamente prossegue, e novamente retorna. Por toda a eternidade continuará assim. Vimos que a projeção de qualquer coisa na mente não pode existir sem nome e forma. Suponhamos que a mente esteja perfeitamente calma, inteiramente sem pensamentos; no entanto, assim que o pensamento começar a surgir, ele imediatamente tomará nome e forma. Cada pensamento tem um certo nome e uma certa forma. Da mesma forma, o próprio fato da criação, o próprio fato da projeção está eternamente ligado ao nome e à forma. Assim, descobrimos que toda ideia que o homem tem, ou pode ter, deve estar ligada a um determinado nome ou palavra como sua contraparte. Sendo assim, é bastante natural supor que este universo é o resultado da mente, assim como o seu corpo é o resultado da sua ideia – a sua ideia, por assim dizer, tornada concreta e externalizada. Além disso, se for verdade que todo o universo é construído segundo o mesmo plano, então, se você conhecer a maneira como um átomo é construído, poderá compreender como todo o universo é construído. Se é verdade que em você o corpo forma a parte grosseira externa e a mente forma a parte sutil interna, e ambos são eternamente inseparáveis, então, quando você deixar de ter o corpo, você deixará de ter a mente também. Quando o cérebro de um homem é perturbado, suas idéias também ficam perturbadas, porque são apenas uma, a parte mais sutil e a mais grosseira. Não existem duas coisas como matéria e mente. Assim como em uma alta coluna de ar existem estratos densos e rarefeitos de um mesmo elemento ar, o mesmo ocorre com

o corpo; é uma coisa, camada por camada, do mais grosseiro ao mais fino. Novamente, o corpo é como as unhas. À medida que estes continuam a crescer mesmo quando são cortados, a partir de nossas idéias sutis cresce corpo após corpo. Quanto melhor uma coisa, mais persistente ela é; encontramos isso sempre. Quanto mais grosseiro for, menos persistente. Assim, a forma é o mais grosseiro e nomeia o estado mais sutil de um único poder manifestado chamado pensamento. Mas estes três são um; é a Unidade e a Trindade, os três graus de existência da mesma coisa. Mais fino, mais condensado e mais condensado. Onde quer que um esteja, os outros também estão. Onde quer que esteja o nome, há forma e pensamento.

Segue-se naturalmente que, se o universo é construído sobre o mesmo plano do corpo, o universo também deve ter as mesmas divisões de forma, nome e pensamento. O “pensamento” é a parte mais bela do universo, a verdadeira força motriz. O pensamento por trás do nosso corpo é chamado de alma, e o pensamento por trás do universo é chamado de Deus. Depois disso vem o nome e, por último, a forma que vemos e sentimos. Por exemplo, você é uma pessoa específica, um pequeno universo neste universo, um corpo com uma forma específica; depois, por trás disso, um nome, John ou Jane, e por trás disso, novamente, um pensamento; da mesma forma, existe todo este universo, e por trás dele está o nome, o que é chamado de “Palavra” em todas as religiões, e por trás disso está Deus. O pensamento universal é Mahat, como os Sâmkhyas o chamam, consciência universal. Qual é esse nome? Deve haver algum nome. O mundo é homogêneo e a ciência moderna mostra, sem sombra de dúvida, que cada átomo é composto do mesmo material que todo o universo. Se você conhece um pedaço de barro, você conhece todo o universo. O homem é o ser mais representativo do universo, o microcosmo, um pequeno universo em si mesmo. Assim, no homem, encontramos a forma, por trás dela o nome, e por trás disso o pensamento, o ser pensante. Portanto, este universo deve estar exatamente no mesmo plano. A questão é: qual é esse nome? De acordo com os hindus essa palavra é Om. Os antigos egípcios também acreditavam nisso. O Katha Upanishad diz: "Aquilo, buscando o que um homem pratica Brahmacharya, eu lhe direi resumidamente o que é isso, isso é Om. ... Este é Brahman, o Imutável, e é o mais elevado; conhecendo este Imutável, tudo o que alguém deseja, ele consegue."

Este Om representa o nome de todo o universo, ou Deus. Situando-se a meio caminho entre o mundo externo e Deus, representa ambos. Mas então podemos considerar o universo aos poucos, de acordo com os diferentes sentidos, como tato, como cor, como paladar e de várias outras maneiras. Em cada caso, podemos fazer deste universo milhões de universos de diferentes pontos de vista, cada um dos quais será um universo completo por si só, e cada um terá um nome, uma forma e um pensamento por trás. Esses pensamentos por trás são Pratikas. Cada um deles tem um nome. Esses nomes de símbolos sagrados são usados no Bhakti-Yoga. Eles têm um poder quase infinito. Simplesmente pela repetição destas palavras podemos conseguir tudo o que desejamos, podemos chegar à perfeição. Mas duas coisas são necessárias. “O professor deve ser maravilhoso, assim como o ensinado deve ser”, diz o Katha Upanishad. Tal nome deve provir de uma pessoa a quem descendeu através de sucessão correta. De mestre para discípulo a corrente espiritual vem chegando; desde os tempos antigos, carregando seu poder. A pessoa de quem vem essa palavra é chamada de Guru, e a pessoa a quem ela vai é chamada de Shishya, o discípulo. Quando a palavra é recebida de maneira regular e repetida, muito avanço tem sido feito no Bhakti-Yoga. Simplesmente pela repetição dessa palavra chegará até mesmo ao estado mais elevado de Bhakti. "Tu tens tantos nomes. Tu entendes o que eles significam, todos esses nomes são Teus, e em cada um está Teu poder infinito; não há tempo nem lugar para repetir esses nomes, pois todos os tempos e lugares são sagrados. Tu és tão fácil, Tu és tão misericordioso, quão infeliz sou eu, que não tenho amor por Ti!"

4.1.6 O ISHTA

A teoria de Ishta, à qual me referi brevemente antes, é um assunto que requer atenção cuidadosa porque com uma compreensão adequada desta, todas as diversas religiões do mundo podem ser compreendidas. A palavra Ishta é derivada da raiz Ish, desejar, escolher. O ideal de todas as religiões, de todas as seitas, é o mesmo – a conquista da liberdade e a cessação da miséria. Onde quer que você encontre religião, você encontrará esse ideal funcionando de uma forma ou de outra. É claro que nos estágios inferiores da religião isso não é tão bem expresso; mas ainda assim, bem ou mal expresso, é o único objetivo ao qual toda religião se aproxima. Todos nós

queremos nos livrar da miséria; estamos lutando para alcançar a liberdade – física, mental, espiritual. Esta é toda a ideia sobre a qual o mundo está trabalhando. Embora o objetivo seja o mesmo, pode haver muitas maneiras de alcançá-lo, e essas maneiras são determinadas pelas peculiaridades de nossa natureza. A natureza de um homem é emocional, a de outro é intelectual, de outro é ativa, e assim por diante. Novamente, na mesma natureza pode haver muitas subdivisões. Tomemos por exemplo o amor, com o qual estamos especialmente preocupados neste assunto de Bhakti. A natureza de um homem tem um amor mais forte pelas crianças; outro tem por esposa, outro por mãe, outro por pai, outro por amigos. Outros, por natureza, amam a pátria, e alguns amam a humanidade no sentido mais amplo; é claro que são muito poucos, embora todos nós falemos disso como se fosse a força motriz orientadora de nossas vidas. Alguns poucos sábios experimentaram isso. Algumas grandes almas da humanidade sentem este amor universal, e esperamos que este mundo nunca fique sem tais homens.

Descobrimos que mesmo em um assunto existem muitas maneiras diferentes de atingir seu objetivo. Todos os cristãos acreditam em Cristo; mas pense em quantas explicações diferentes eles têm dele. Cada igreja o vê sob uma luz diferente, de pontos de vista diferentes. Os olhos do presbiteriano estão fixos naquela cena da vida de Cristo quando ele foi aos cambistas; ele o vê como um lutador. Se você perguntar a um Quaker, talvez ele diga: “Ele perdoou seus inimigos”. O Quaker tem essa visão e assim por diante. Se você perguntar a um católico romano qual ponto da vida de Cristo é mais agradável para ele, ele, talvez, dirá: “Quando ele deu as chaves a Pedro”. Cada seita é obrigada a vê-lo à sua maneira.

Segue-se que haverá muitas divisões e subdivisões até mesmo do mesmo assunto. Pessoas ignorantes tomam uma dessas subdivisões e tomam posição sobre ela, e não apenas negam o direito de qualquer outro homem de interpretar o universo de acordo com sua própria luz, mas ousam dizer que outros estão completamente errados, e só eles estão certos. . Se eles se opuserem, eles começam a lutar. Dizem que matarão qualquer homem que não acredite como eles acreditam, tal como fazem os muçulmanos. São pessoas que se acham sinceras e que ignoram todas as outras. Mas qual é a posição que queremos assumir neste Bhakti-Yoga? Não só não diríamos aos outros que eles estão errados, mas também lhes diremos que estão certos –

todos estes que seguem os seus próprios caminhos. Esse caminho, que a sua natureza torna absolutamente necessário que você siga, é o caminho certo. Cada um de nós nasce com uma peculiaridade da natureza como resultado de nossa existência passada. Ou chamamos isso de nossa própria experiência passada reencarnada ou de passado hereditário; seja como for, somos o resultado do passado - isso é absolutamente certo, através de quaisquer canais que esse passado possa ter surgido. Segue-se naturalmente que cada um de nós é um efeito, do qual o nosso passado foi a causa; e como tal, existe um movimento peculiar, um trem peculiar, em cada um de nós; e portanto cada um terá que encontrar o seu caminho.

Desta forma, este método, ao qual cada um de nós está naturalmente adaptado, é denominado “caminho escolhido”. Esta é a teoria de Ishta, e aquele caminho que é nosso chamamos de nosso próprio Ishta. Por exemplo, a ideia que um homem tem de Deus é que Ele é o Governante onipotente do universo. Sua natureza talvez seja tal. Ele é um homem autoritário que quer governar a todos; ele naturalmente considera Deus um governante onipotente. Outro homem, que talvez fosse um mestre-escola, e severo, não pode ver senão um Deus justo, um Deus de castigo, e assim por diante. Cada um vê Deus de acordo com sua própria natureza; e esta visão, condicionada pela nossa própria natureza, é o nosso Ishta. Nós nos colocamos em uma posição onde podemos ter essa visão de Deus, e somente isso; não podemos ver nenhuma outra visão. Talvez você às vezes pense no ensinamento de um homem que é o melhor e se adapta perfeitamente a você, e no dia seguinte você pede a um de seus amigos para ir ouvi-lo; mas ele sai com a ideia de que foi o pior ensinamento que já ouviu. Ele não está errado e é inútil brigar com ele. O ensino era bom, mas não era adequado àquele homem. Para estendê-lo um pouco mais, devemos compreender que a verdade vista de diferentes pontos de vista pode ser verdade, mas não a mesma verdade.

À primeira vista, isto pareceria uma contradição em termos, mas devemos lembrar que uma verdade absoluta é apenas uma, enquanto as verdades relativas são necessariamente diversas. Veja a sua visão deste universo, por exemplo. Este universo, como uma entidade absoluta, é imutável, inalterado e totalmente igual. Mas você, eu e todos os outros ouvimos e vemos, cada um em seu próprio universo. Pegue o sol. O sol é um; mas quando você, eu

e centenas de outras pessoas estamos em lugares diferentes e olhamos para ele, cada um de nós vê um sol diferente. Não podemos evitar. Uma pequena mudança de lugar mudará toda a visão que o homem tem do sol. Uma ligeira mudança na atmosfera fará novamente uma visão diferente. Assim, na percepção relativa, a verdade sempre parece diferente. Mas a Verdade Absoluta é uma só. Portanto, não precisamos brigar com os outros quando os encontramos; estamos dizendo algo sobre religião que não está exatamente de acordo com a nossa visão dela. Devemos lembrar que ambos podemos ser verdadeiros, embora aparentemente contraditórios. Pode haver milhões de raios convergindo para o mesmo centro do sol. Quanto mais longe eles estiverem do centro, maior será a distância entre dois quaisquer. Mas quando todos se encontram no centro, todas as diferenças desaparecem. Existe tal centro, que é o objetivo absoluto da humanidade. É Deus. Nós somos os raios. As distâncias entre os raios são as limitações constitucionais através das quais podemos captar a visão de Deus. Enquanto permanecemos neste plano, cada um de nós está obrigado a ter uma visão diferente da Realidade Absoluta; e como tal, todas as opiniões são verdadeiras e nenhum de nós precisa discutir com outro. A única solução reside em aproximar-se do centro. Se tentarmos resolver as nossas diferenças através de argumentos ou brigas, descobriremos que podemos continuar durante centenas de anos sem chegar a uma conclusão. A história prova isso. A única solução é marchar em frente e ir em direção ao centro; e quanto mais cedo fizermos isso, mais cedo as nossas diferenças desaparecerão.

Esta teoria de Ishta, portanto, significa permitir que um homem escolha a sua própria religião. Um homem não deveria forçar outro a adorar o que ele adora. Todas as tentativas de reunir os seres humanos por meio de exércitos, força ou argumentos, para conduzi-los desordenadamente para o mesmo recinto e fazê-los adorar o mesmo Deus, falharam e falharão sempre, porque é constitucionalmente impossível fazê-lo. Não só isso, existe o perigo de travar o seu crescimento. Dificilmente você encontra algum homem ou mulher que não esteja lutando por algum tipo de religião; e quantos estão satisfeitos, ou melhor, quão poucos estão satisfeitos! Quão poucos encontram alguma coisa! E porque? Simplesmente porque a maioria deles vai atrás de tarefas impossíveis. Eles são forçados a isso pelo ditado de outros. Por exemplo, quando sou criança, meu pai coloca em minhas

mãos um livro que diz que Deus é tal e tal. Que negócio ele tem para colocar isso em minha mente? Como ele sabe como eu me desenvolveria? E ignorando o meu desenvolvimento constitucional, ele quer forçar as suas ideias no meu cérebro, com o resultado de que o meu crescimento seja atrofiado. Você não pode fazer uma planta crescer em solo inadequado para ela. Uma criança ensina a si mesma. Mas você pode ajudá-lo a avançar à sua maneira. O que você pode fazer não é de natureza positiva, mas negativa. Você pode eliminar os obstáculos, mas o conhecimento surge da sua própria natureza. Afrouxe um pouco a terra, para que saia facilmente. Coloque uma cerca viva em volta; veja que ele não é morto por nada, e aí seu trabalho pára. Você não pode fazer mais nada. O resto é uma manifestação de dentro da sua própria natureza. O mesmo acontece com a educação de uma criança; uma criança se educa. Você vem me ouvir e, quando voltar para casa, compare o que aprendeu e descobrirá que pensou a mesma coisa; Eu apenas dei expressão. Nunca poderei lhe ensinar nada: você terá que aprender sozinho, mas talvez eu possa ajudá-lo a dar expressão a esse pensamento.

Portanto, na religião - mais ainda - devo ensinar religião sozinho. Que direito tem meu pai de colocar todo tipo de bobagem na minha cabeça? Que direito tem meu mestre ou a sociedade de colocar coisas em minha cabeça? Talvez sejam bons, mas podem não ser o meu caminho. Pense no terrível mal que existe hoje no mundo, nos milhões e milhões de crianças inocentes pervertidas por métodos errados de ensino. Quantas coisas belas que teriam se tornado verdades espirituais maravilhosas foram cortadas pela raiz por esta ideia horrível de uma religião familiar, uma religião social, uma religião nacional, e assim por diante. Pense na quantidade de superstições que há agora em sua cabeça sobre a religião de sua infância, ou sobre a religião de seu país, e na quantidade de mal que ela causa ou pode causar. O homem não sabe que poder poderoso está por trás de cada pensamento e ação. É verdade o velho ditado que diz: “Os tolos correm onde os anjos temem pisar”. Isto deve ser mantido em vista desde o início. Como? Por esta crença em Ishta. Existem tantos ideais; Não tenho o direito de dizer qual será o seu ideal, de impor-lhe qualquer ideal. Meu dever deveria ser apresentar-lhe todos os ideais que conheço e capacitá-lo a ver, por sua própria constituição, o que você mais gosta e o que é mais adequado para

você. Escolha aquele que melhor lhe convier e persevere nele. Este é o seu Ishta, o seu ideal especial.

Vemos então que uma religião congregacional nunca pode existir. O verdadeiro trabalho da religião deve ser uma preocupação pessoal. Tenho uma ideia minha, devo mantê-la sagrada e secreta, porque sei que não precisa ser ideia sua. Em segundo lugar, por que razão haveria eu de criar perturbação ao querer contar a toda a gente qual é a minha ideia? Outras pessoas viriam e brigariam comigo. Eles não poderão fazer isso se eu não lhes contar; mas se eu lhes disser quais são as minhas ideias, todos se oporão a mim. Então, qual é a utilidade de falar sobre eles? Este Ishta deve ser mantido em segredo, é entre você e Deus. Todas as porções teóricas da religião podem ser pregadas em público e tornadas congregacionais, mas a religião superior não pode ser tornada pública. Não consigo preparar meus sentimentos religiosos a qualquer momento. Qual é o resultado dessa palhaçada e zombaria? É fazer da religião uma piada, a pior das blasfêmias. O resultado é o que você encontra nas igrejas de hoje. Como os seres humanos podem suportar esse exercício religioso? É como soldados num quartel. Braços nos ombros, ajoelhe-se, pegue um livro, tudo regulado exatamente. Cinco minutos de sentimento, cinco minutos de razão, cinco minutos de oração, tudo combinado de antemão. Essas múmias expulsaram a religião. Deixe as igrejas pregarem doutrinas, teorias, filosofias para o conteúdo de seus corações, mas quando se trata de adoração, a verdadeira parte prática da religião, deveria ser como Jesus diz: "Quando orares, entra no teu quarto, e quando tiveres feche a porta, ore ao seu Pai que está em segredo"

Esta é a teoria de Ishta. É a única maneira de fazer com que a religião atenda praticamente às necessidades de diferentes constituições, de evitar brigas com outras pessoas e de fazer progresso prático real na vida espiritual. Mas devo avisá-lo de que não interprete mal as minhas palavras no sentido da formação de sociedades secretas. Se existisse um demônio, eu o procuraria dentro de uma sociedade secreta – como uma invenção de sociedades secretas. São esquemas diabólicos. O Ishta é sagrado, não secreto. Mas em que sentido? Por que não deveria eu falar do meu Ishta aos outros? Porque é minha coisa mais sagrada. Pode ajudar outras pessoas, mas como posso saber se não irá prejudicá-las? Pode haver um homem cuja

natureza seja tal que ele não possa adorar um Deus Pessoal, mas só possa adorar como um Deus Impessoal o seu próprio Eu mais elevado. Suponha que eu o deixe entre vocês e ele lhe diga que não existe um Deus Pessoal, mas apenas Deus como o Ser em você ou em mim. Você ficará chocado. Sua ideia é sagrada, mas não secreta. Nunca houve uma grande religião ou um grande professor que formasse sociedades secretas para pregar as verdades de Deus. Não existem tais sociedades secretas na Índia. Tais coisas são de ideia puramente ocidental e meramente impostas à Índia. Nunca soubemos nada sobre eles. Por que, de fato, deveria haver sociedades secretas na Índia? Na Europa, as pessoas não tinham permissão para falar uma palavra sobre religião que não concordasse com os pontos de vista da Igreja. Então eles foram forçados a se esconder entre as montanhas e a formar sociedades secretas, para que pudessem seguir seu próprio tipo de adoração. Nunca houve um momento na Índia em que um homem fosse perseguido por defender suas próprias opiniões sobre religião. Nunca existiram sociedades religiosas secretas na Índia, portanto, qualquer ideia desse tipo deve ser abandonada imediatamente. Estas sociedades secretas sempre degeneraram nas coisas mais horríveis. Já vi o suficiente deste mundo para saber que mal eles causam, e quão facilmente eles deslizam para sociedades de amor livre e sociedades fantasmas, como os homens jogam nas mãos de outros homens ou mulheres, e como as suas possibilidades futuras de crescimento em pensamento e ação são destruídos, e assim por diante. Alguns de vocês podem estar descontentes comigo por falar desta forma, mas devo dizer-lhes a verdade. Talvez apenas meia dúzia de homens e mulheres me sigam durante toda a minha vida; mas serão homens e mulheres de verdade, puros e sinceros, e não quero multidão. O que as multidões podem fazer? A história do mundo foi feita por algumas dezenas, que você pode contar nos dedos, e o resto era uma ralé. Todas estas sociedades secretas e fraudes tornam os homens e as mulheres impuros, fracos e mesquinhos; e os fracos não têm vontade e nunca poderão trabalhar. Portanto, não tenha nada a ver com eles. Todo esse falso amor pelo mistério deveria ser levado na cabeça na primeira vez que vier à sua mente. Ninguém que seja o menos impuro jamais se tornará religioso. Não tente cobrir feridas purulentas com montes de rosas. Você acha que pode enganar a Deus? Ninguém pode. Dê-me um homem ou uma mulher simples; mas Senhor, salve-me de fantasmas, anjos voadores e demônios. Sejam pessoas comuns, cotidianas, legais.

Existe em nós algo chamado instinto, que temos em comum com os animais, um movimento mecânico reflexo do corpo. Existe novamente uma forma superior de orientação, que chamamos de razão, quando o intelecto obtém fatos e depois os generaliza. Existe uma forma ainda mais elevada de conhecimento que chamamos de inspiração, que não raciocina, mas conhece as coisas por meio de flashes. Essa é a forma mais elevada de conhecimento. Mas como saberemos isso por instinto? Essa é a grande dificuldade. Todo mundo vem até você hoje em dia e diz que está inspirado e faz afirmações sobre-humanas. Como devemos distinguir entre inspiração e engano? Em primeiro lugar, a inspiração não deve contradizer a razão. O velho não contradiz a criança, ele é o desenvolvimento da criança. O que chamamos de inspiração é o desenvolvimento da razão. O caminho para a intuição é através da razão. Os movimentos instintivos do seu corpo não se opõem à razão. Ao atravessar uma rua, você move seu corpo instintivamente para se salvar dos carros. Sua mente lhe diz que foi uma tolice salvar seu corpo dessa maneira? Isso não. Da mesma forma, nenhuma inspiração genuína contradiz a razão. Onde isso acontece, não há inspiração. Em segundo lugar, a inspiração deve ser para o bem de todos e não para nome, fama ou ganho pessoal. Deveria ser sempre para o bem do mundo e perfeitamente altruísta. Quando esses testes forem concluídos, você estará seguro para tomá-los como inspiração. Você deve se lembrar que não há um em um milhão que seja inspirado, no estado atual do mundo. Espero que o número deles aumente. Agora estamos apenas brincando com a religião. Com inspiração começaremos a ter religião. Assim como diz São Paulo: “Porque agora vemos através de um espelho em trevas, mas depois veremos face a face”. Mas no estado atual do mundo são poucos os que alcançam esse estado; no entanto, talvez em nenhum outro período tenham sido feitas tais falsas alegações de inspiração, como agora. Diz-se que as mulheres têm faculdades intuitivas, enquanto os homens se arrastam lentamente para cima pela razão. Não acredite nisto. Existem tantos homens inspirados como mulheres, embora as mulheres talvez tenham mais pretensões a formas peculiares de histeria e nervosismo. É melhor você morrer como um incrédulo do que ser enganado por trapaceiros e malabaristas. O poder do raciocínio foi dado a você para uso. Mostre então que você o usou corretamente. Fazendo isso, você será capaz de cuidar de coisas superiores.

Devemos sempre lembrar que Deus é Amor. “Um tolo realmente é aquele que, vivendo nas margens do Ganges, procura cavar um pequeno poço para obter água. Um tolo realmente é o homem que, vivendo perto de uma mina de diamantes, passa a vida procurando contas de vidro. ” Deus é aquela mina de diamantes. Somos realmente tolos por desistir de Deus por lendas de fantasmas ou duendes voadores. É uma doença, um desejo mórbido. Degenera a raça, enfraquece os nervos e o cérebro, vivendo em incessante medo mórbido de hobgoblins, ou estimulando a fome de maravilhas; todas essas histórias malucas sobre eles mantêm os nervos em uma tensão anormal – uma degeneração lenta e segura da raça. É degeneração pensar em abrir mão de Deus, da pureza, da santidade e da espiritualidade, para ir atrás de toda essa bobagem! Lendo os pensamentos de outros homens! Se eu tiver que ler os pensamentos de todo mundo por cinco minutos seguidos, ficarei louco. Seja forte e levante-se e busque o Deus do Amor. Esta é a maior força. Que poder é superior ao poder da pureza? Amor e pureza governam o mundo. Este amor de Deus não pode ser alcançado pelos fracos; portanto, não seja fraco, seja física, mental, moral ou espiritualmente. Somente o Senhor é verdadeiro. Todo o resto é falso; tudo o mais deveria ser rejeitado pela salvação do Senhor. Vaidade das vaidades, tudo é vaidade. Sirva ao Senhor e somente a Ele.

4.2 PALESTRAS E DISCURSOS

4.2.1 O RAMAYANA

(Entregue no Shakespeare Club, Pasadena, Califórnia, 31 de janeiro de 1900)

Existem dois grandes épicos na língua sânscrita, que são muito antigos. Claro, existem centenas de outros poemas épicos. A língua e a literatura sânscrita continuaram até os dias de hoje, embora, por mais de dois mil anos, tenham deixado de ser uma língua falada. Agora vou falar-lhes dos dois épicos mais antigos, chamados Râmâyana e Mahabhârata. Eles incorporam os costumes e costumes, o estado da sociedade, da civilização, etc., dos antigos índios. O mais antigo desses épicos chama-se Ramayana,

“A Vida de Râma”. Houve alguma literatura poética antes disso - a maioria dos Vedas, os livros sagrados dos hindus, são escritos numa espécie de métrica - mas este livro é considerado por consenso comum na Índia como o início da poesia.

O nome do poeta ou sábio era Vâlmiki. Mais tarde, muitas histórias poéticas foram atribuídas a esse antigo poeta; e posteriormente, tornou-se uma prática muito comum atribuir à sua autoria muitos versos que não eram dele. Apesar de todas essas interpolações, chega até nós como um arranjo belíssimo, sem igual nas literaturas do mundo.

Havia um jovem que não conseguia de forma alguma sustentar sua família. Ele era forte e vigoroso e, finalmente, tornou-se um ladrão de estradas; atacava pessoas na rua e roubava-as, e com esse dinheiro sustentava pai, mãe, esposa e filhos. Isto continuou continuamente, até que um dia um grande santo chamado Nârada estava passando e o ladrão o atacou. O sábio perguntou ao ladrão: "Por que você vai me roubar? É um grande pecado roubar seres humanos e matá-los. Por que você incorre em todo esse pecado?" O ladrão disse: "Ora, quero sustentar minha família com esse dinheiro". "Agora", disse o sábio, "você acha que eles também participam dos seus pecados?" "Certamente que sim", respondeu o ladrão. "Muito bem", disse o sábio, "deixe-me seguro amarrando-me aqui, enquanto você vai para casa e pergunta ao seu povo se eles compartilharão seus pecados da mesma forma que compartilham o dinheiro que você ganha." O homem, portanto, foi até seu pai e perguntou: "Pai, você sabe como eu o apóio?" Ele respondeu: "Não, eu não." "Eu sou um ladrão, mato pessoas e as roubo." "O quê! você faz isso, meu filho? Vá embora! Seu pária!" Ele então foi até a mãe e perguntou: "Mãe, você sabe como eu te apoio?" "Não", ela respondeu. "Através de roubo e assassinato." "Como é horrível!" gritou a mãe. "Mas você participa do meu pecado?" disse o filho. "Por que deveria? Nunca cometi roubo", respondeu a mãe. Então, ele foi até sua esposa e questionou-a: "Você sabe como eu mantenho todos vocês?" "Não", ela respondeu. "Ora, eu sou um salteador de estrada", ele respondeu, "e há anos tenho roubado pessoas; é assim que eu apoio e mantenho todos vocês. E o que eu agora quero saber é se vocês estão prontos para compartilhar meu pecado." "De jeito nenhum. Você é meu marido e é seu dever me apoiar."

Os olhos do ladrão foram abertos. "Assim funciona o mundo: mesmo os meus parentes mais próximos, para quem venho roubando, não participarão do meu destino." Ele voltou ao lugar onde havia amarrado o sábio, desamarrou suas amarras, caiu a seus pés, contou tudo e disse: "Salve-me! O que posso fazer?" O sábio disse: "Desista do seu atual curso de vida. Você vê que ninguém da sua família realmente o ama, então desista de todas essas ilusões. Eles compartilharão sua prosperidade; mas no momento em que você não tiver nada, eles o abandonarão. Aí sim. Não há ninguém que compartilhe do seu mal, mas todos compartilharão do seu bem. Portanto, adore Aquele que é o único que está ao nosso lado, quer estejamos fazendo o bem ou o mal. Ele nunca nos abandona, pois o amor nunca se arrasta, não conhece troca, não. egoísmo."

Então o sábio lhe ensinou como adorar. E este homem deixou tudo e foi para uma floresta. Lá ele continuou orando e meditando até que se esqueceu tão completamente de si mesmo que as formigas vieram e construíram formigueiros ao seu redor e ele ficou completamente inconsciente disso. Depois de muitos anos terem se passado, uma voz veio dizendo: "Levanta-te, ó sábio!" Assim despertado ele exclamou: "Sábio? Eu sou um ladrão!" "Chega de 'ladrão'", respondeu a voz, "você é um sábio purificado. Seu antigo nome se foi. Mas agora, como sua meditação foi tão profunda e grande que você nem notou os formigueiros que o cercavam, doravante, teu nome será Valmiki – 'aquele que nasceu no formigueiro'." Então, ele se tornou um sábio.

E foi assim que ele se tornou poeta. Um dia, quando este sábio, Valmiki, estava indo se banhar no sagrado rio Ganga, ele viu um par de pombas girando e girando, e se beijando. O sábio olhou para cima e ficou satisfeito com a visão, mas num segundo uma flecha passou por ele e matou o pombo macho. Quando a pomba caiu no chão, a pomba fêmea continuou girando e girando em volta do cadáver de sua companheira, em sofrimento. Num momento o poeta ficou infeliz e, olhando em volta, viu o caçador. "Tu és um desgraçado", gritou ele, "sem a menor piedade! Tua mão assassina não pararia nem por amor!" "O que é isso? O que estou dizendo?" o poeta pensou consigo mesmo: "Nunca falei dessa maneira antes". E então veio uma voz: "Não tenha medo. Isto é poesia que sai da sua boca. Escreva a vida de Rama em linguagem poética para o benefício do mundo." E foi

assim que o poema começou. O primeiro verso surgiu da boca de Valmiki, o primeiro poeta. E foi depois disso que ele escreveu o belo Ramayana, “A Vida de Rama”.

Havia uma antiga cidade indiana chamada Ayodhyâ – e ela existe até nos tempos modernos. A província onde ainda está localizada se chama Oudh, e muitos de vocês devem ter notado isso no mapa da Índia. Esse foi o antigo Ayodhya. Lá, nos tempos antigos, reinou um rei chamado Dasharatha. Ele teve três rainhas, mas o rei não teve filhos com elas. E como bons hindus, o rei e as rainhas, todos fizeram peregrinações jejuando e orando, para que pudessem ter filhos e, no devido tempo, nasceram quatro filhos. O mais velho deles era Rama.

Agora, como deveria ser, esses quatro irmãos foram minuciosamente educados em todos os ramos do conhecimento. Para evitar futuras brigas, havia na Índia antiga o costume de o rei, durante sua própria vida, nomear seu filho mais velho como seu sucessor, o Yuvarâja, jovem rei, como é chamado.

Agora, havia outro rei, chamado Janaka, e este rei tinha uma linda filha chamada Sitâ. Sita foi encontrada num campo; ela era filha da Terra e nasceu sem pais. A palavra "Sita" em sânscrito antigo significa o sulco feito por um arado. Na antiga mitologia da Índia você encontrará pessoas nascidas de apenas um dos pais, ou pessoas nascidas sem pais, nascidas do fogo sacrificial, nascidas no campo, e assim por diante - por assim dizer, caídas das nuvens. Todos esses tipos de nascimento milagroso eram comuns na tradição mitológica da Índia.

Sita, sendo filha da Terra, era pura e imaculada. Ela foi criada pelo Rei Janaka. Quando ela estava em idade de casar, o rei quis encontrar um marido adequado para ela.

Havia um antigo costume indiano chamado Svayamvara, pelo qual as princesas costumavam escolher os maridos. Vários príncipes de diversas partes do país foram convidados, e a princesa, em esplêndida vestimenta, com uma guirlanda na mão, e acompanhada por um arauto que enumerava as reivindicações distintivas de cada um dos pretendentes reais, passava no meio de aqueles reunidos diante dela, e selecione o príncipe que ela gosta

para seu marido, jogando a guirlanda de flores em seu pescoço. Eles então se casariam com muita pompa e grandeza.

Havia vários príncipes que aspiravam pela mão de Sita; o teste exigido nesta ocasião foi quebrar um enorme arco, chamado Haradhanu. Todos os príncipes aplicaram todas as suas forças para realizar esta façanha, mas falharam. Finalmente, Rama pegou o poderoso arco em suas mãos e com graça fácil o quebrou em dois. Assim, Sita escolheu Rama, o filho do rei Dasharatha, para seu marido, e eles se casaram com grande alegria. Então, Rama levou sua noiva para sua casa, e seu velho pai pensou que havia chegado a hora de ele se aposentar e nomear Rama como Yuvaraja. Tudo foi preparado para a cerimônia, e todo o país ficou exultante com o caso, quando a jovem rainha Kaikeyi foi lembrada por uma de suas criadas de duas promessas feitas a ela pelo rei há muito tempo. Certa vez, ela agradou muito ao rei, e ele se ofereceu para conceder-lhe dois benefícios: "Peça duas coisas ao meu alcance e eu as concederei a você", disse ele, mas ela não fez nenhum pedido. Ela havia se esquecido completamente; mas a serva mal-intencionada a seu serviço começou a aliviar seu ciúme em relação à instalação de Rama no trono, e insinuou-lhe como seria bom para ela se seu próprio filho tivesse sucedido ao rei, até que a rainha estivesse quase louco de ciúme. Então o servo sugeriu que ela pedisse ao rei os dois benefícios prometidos: um seria que seu próprio filho Bharata fosse colocado no trono, e o outro, que Rama fosse enviado para a floresta e exilado por quatorze anos.

Agora, Rama era a vida e a alma do velho rei e quando esse pedido perverso foi feito a ele, ele, como rei, sentiu que não poderia voltar atrás em sua palavra. Então ele não sabia o que fazer. Mas Rama veio em seu socorro e ofereceu-se voluntariamente para renunciar ao trono e ir para o exílio, para que seu pai não fosse culpado de falsidade. Assim, Rama foi para o exílio por quatorze anos, acompanhado por sua amorosa esposa Sita e seu devotado irmão Lakshmana, que de forma alguma se separaria dele.

Os arianos não sabiam quem eram os habitantes dessas florestas selvagens. Naquela época, as tribos da floresta eram chamadas de "macacos", e alguns dos chamados "macacos", embora extraordinariamente fortes e poderosos, eram chamados de "demônios".

Então, Rama, Lakshmana e Sita foram para a floresta, habitada por demônios e macacos. Quando Sita se ofereceu para acompanhar Rama, ele exclamou: "Como você, uma princesa, pode enfrentar dificuldades e me acompanhar em uma floresta cheia de perigos desconhecidos!" Mas Sita respondeu: "Onde quer que Rama vá, lá vai Sita. Como você pode falar de 'princesa' e 'nascimento real' para mim? Eu vou antes de você!" Então, Sita foi. E o irmão mais novo também foi com eles. Eles penetraram profundamente na floresta, até chegarem ao rio Godâvari. Nas margens do rio construíram pequenas cabanas, e Rama e Lakshmana costumavam caçar veados e coletar frutas. Depois de terem vivido assim por algum tempo, um dia apareceu uma gigante demoníaca. Ela era irmã do rei gigante de Lanka (Ceilão). Vagando pela floresta à vontade, ela encontrou Rama e, vendo que ele era um homem muito bonito, apaixonou-se por ele imediatamente. Mas Rama era o mais puro dos homens e também era um homem casado; então é claro que ele não poderia retribuir o amor dela. Como vingança, ela foi até seu irmão, o rei gigante, e contou-lhe tudo sobre a bela Sita, a esposa de Rama.

Rama era o mais poderoso dos mortais; não havia gigantes ou demônios ou qualquer outra pessoa forte o suficiente para conquistá-lo. Então, o rei gigante teve que recorrer a subterfúgios. Ele conseguiu outro gigante que era mágico e o transformou em um lindo cervo dourado; e o cervo saiu saltitando pelo lugar onde Rama morava, até que Sita ficou fascinada por sua beleza e pediu a Rama que fosse capturar o cervo para ela. Rama foi para a floresta para pegar o cervo, deixando seu irmão encarregado de Sita. Então Lakshmana colocou um círculo de fogo ao redor da cabana e disse a Sita: "Hoje vejo que algo pode acontecer com você; e, portanto, eu lhe digo para não sair deste círculo mágico. ." Enquanto isso, Rama perfurou o cervo mágico com sua flecha, e imediatamente o cervo, transformado na forma de um homem, morreu.

Imediatamente, na cabana, ouviu-se a voz de Rama gritando: "Oh, Lakshmana, venha em minha ajuda!" e Sita disse, "Lakshmana, vá imediatamente para a floresta para ajudar Rama! ""Essa não é a voz de Rama", protestou Lakshmana. Mas, às súplicas de Sita, Lakshmana teve que ir em busca de Rama. Assim que ele foi embora, o rei gigante, que havia assumido a forma de um monge mendicante, levantou-se no portão e

pediu esmolas. "Espere um pouco", disse Sita, "até que meu marido volte e eu lhe darei muitas esmolas." me qualquer coisa que você tenha." Com isso, Sita, que tinha algumas frutas na cabana, as trouxe. Mas o monge mendicante, depois de muitas persuasões, persuadiu-a a trazer as esmolas para ele, assegurando-lhe que ela não precisava ter medo, pois ele era uma pessoa sagrada. Então Sita saiu do círculo mágico, e imediatamente o aparente monge assumiu seu corpo gigante, e agarrando Sita em seus braços ele chamou sua carruagem mágica, e colocando-a lá, ele fugiu com a chorosa Sita Pobre. Sita! Ela estava totalmente desamparada, ninguém estava lá para ajudá-la. Enquanto o gigante a levava embora, ela tirava alguns enfeites de seus braços e, de vez em quando, os deixava cair no chão.

Ela foi levada por Râvana para seu reino, Lanka, a ilha do Ceilão. Ele apelou para que ela se tornasse sua rainha e a tentou de várias maneiras a atender ao seu pedido. Mas Sita, que era a própria castidade, nem sequer falava com o gigante; e ele, para puni-la, fez com que ela vivesse debaixo de uma árvore, dia e noite, até que ela consentisse em ser sua esposa.

Quando Rama e Lakshmana voltaram para a cabana e descobriram que Sita não estava lá, sua dor não teve limites. Eles não podiam imaginar o que havia acontecido com ela. Os dois irmãos continuaram procurando, procurando por Sita em todos os lugares, mas não conseguiram encontrar nenhum vestígio dela. Após longa busca, encontraram um grupo de “macacos”, e no meio deles estava Hanumân, o “macaco divino”. Hanuman, o melhor dos macacos, tornou-se o servo mais fiel de Rama e ajudou-o a resgatar Sita, como veremos mais adiante. Sua devoção a Rama era tão grande que ele ainda é adorado pelos hindus como o ideal de um verdadeiro servo do Senhor. Veja, por “macacos” e “demônios” entende-se os aborígenes do sul da Índia.

Então, Rama finalmente se juntou a esses macacos. Eles lhe contaram que tinham visto voando pelo céu uma carruagem, na qual estava sentado um demônio que carregava uma linda senhora, e que ela estava chorando amargamente, e quando a carruagem passou por cima de suas cabeças, ela deixou cair um de seus enfeites. para atrair sua atenção. Então eles mostraram o ornamento a Rama. Lakshmana pegou o ornamento e disse:

“Não sei de quem é este ornamento”. Rama pegou-o dele e reconheceu-o imediatamente, dizendo: “Sim, é de Sita”. Lakshmana não pôde reconhecer o ornamento, porque na Índia a esposa do irmão mais velho era tão reverenciada que ele nunca havia olhado para os braços e o pescoço de Sita. Então você vê, como era um colar, ele não sabia de quem era. Há neste episódio um toque do antigo costume indiano. Então, os macacos contaram a Rama quem era esse rei demônio e onde ele morava, e então todos foram procurá-lo.

Agora, o rei-macaco Vâli e seu irmão mais novo, Sugriva, lutavam entre si pelo reino. O irmão mais novo foi ajudado por Rama e recuperou o reino de Vali, que o havia expulsado; e ele, em troca, prometeu ajudar Rama. Eles procuraram por todo o país, mas não conseguiram encontrar Sita. Por fim, Hanuman saltou da costa da Índia para a ilha de Ceilão e foi procurar por Sita por todo Lanka, mas em lugar nenhum conseguiu encontrá-la.

Veja, esse rei gigante conquistou os deuses, os homens, na verdade, o mundo inteiro; e ele reuniu todas as mulheres bonitas e fez delas suas concubinas. Então, Hanuman pensou consigo mesmo: "Sita não pode estar com eles no palácio. Ela prefere morrer a estar em tal lugar." Então Hanuman foi procurá-la em outro lugar. Por fim, encontrou Sita debaixo de uma árvore, pálida e magra, como a lua nova que se encontra baixa no horizonte. Agora Hanuman assumiu a forma de um macaquinho e sentou-se na árvore, e lá ele testemunhou como as gigantes enviadas por Ravana vieram e tentaram assustar Sita até a submissão, mas ela nem sequer ouviu o nome do rei gigante.

Então, Hanuman aproximou-se de Sita e contou-lhe como se tornou o mensageiro de Rama, que o enviara para descobrir onde Sita estava; e Hanuman mostrou a Sita o anel de sinete que Rama havia dado como sinal para estabelecer sua identidade. Ele também informou a ela que assim que Rama soubesse de seu paradeiro, ele viria com um exército e conquistaria o gigante e a recuperaria. Contudo, ele sugeriu a Sita que se ela desejasse, ele a levaria nos ombros e poderia, com um salto, atravessar o oceano e voltar para Rama. Mas Sita não suportava a ideia, pois ela era a própria castidade e não podia tocar o corpo de nenhum homem, exceto o de seu marido.

Então, Sita permaneceu onde estava. Mas ela lhe deu uma joia de seu cabelo para levar a Rama; e com isso Hanuman retornou.

Aprendendo tudo sobre Sita com Hanuman, Rama reuniu um exército e com ele marchou em direção ao ponto mais meridional da Índia. Lá, os macacos de Rama construíram uma enorme ponte, chamada Setu-Bandha, ligando a Índia ao Ceilão. Mesmo com águas muito baixas, ainda hoje é possível cruzar da Índia ao Ceilão através dos bancos de areia de lá.

Agora Rama era Deus encarnado, caso contrário, como ele poderia ter feito todas essas coisas? Ele era uma encarnação de Deus, segundo os hindus. Eles na Índia acreditam que ele seja a sétima Encarnação de Deus.

Os macacos retiraram morros inteiros, colocaram-nos no mar e cobriram-nos com pedras e árvores, formando assim um enorme aterro. Dizem que um pequeno esquilo estava ali rolando na areia e correndo de um lado para o outro até a ponte e se sacudindo. Assim, à sua maneira, ele estava trabalhando para a ponte de Rama, colocando areia. Os macacos riram, pois traziam montanhas inteiras, florestas inteiras, enormes cargas de areia para a ponte - então riram do esquilinho rolando na areia e depois se sacudindo. Mas Rama percebeu isso e comentou: "Abençoado seja o pequeno esquilo; ele está fazendo seu trabalho da melhor maneira possível e, portanto, é tão grande quanto o maior de vocês." Então ele acariciou suavemente as costas do esquilo, e as marcas dos dedos de Rama, percorrendo longitudinalmente, são vistas nas costas do esquilo até hoje.

Agora, quando a ponte foi concluída, todo o exército de macacos, liderado por Rama e seu irmão, entrou no Ceilão. Durante vários meses depois, seguiram-se uma tremenda guerra e derramamento de sangue. Finalmente, este rei demônio, Ravana, foi conquistado e morto; e sua capital, com todos os palácios e tudo mais, que eram inteiramente de ouro maciço, foi tomada. Nas aldeias distantes do interior da Índia, quando lhes conto que estive no Ceilão, as pessoas simples dizem: "Lá, como contam os nossos livros, as casas são construídas em ouro." Assim, todas essas cidades douradas caíram nas mãos de Rama, que as entregou a Vibhishana, o irmão mais novo de Ravana, e o sentou no trono no lugar de seu irmão, como recompensa pelos valiosos serviços prestados por ele a Rama durante a guerra.

Então Rama com Sita e seus seguidores deixaram Lanka. Mas houve um murmúrio entre os seguidores. "O teste! O teste!" eles gritaram, "Sita não passou no teste de que ela era perfeitamente pura na casa de Ravana." "Pura! ela é a própria castidade", exclamou Rama. "Não importa! Queremos o teste", persistiram as pessoas. Posteriormente, um enorme fogo sacrificial foi preparado, no qual Sita teve que mergulhar. Rama estava em agonia, pensando que Sita estava perdida; mas em um momento, o próprio Deus do fogo apareceu com um trono sobre sua cabeça, e no trono estava Sita. Então houve gozijo universal e todos ficaram satisfeitos.

No início do período de exílio, Bharata, o irmão mais novo, veio e informou Rama sobre a morte do velho rei e insistiu veementemente em que ele ocupasse o trono. Durante o exílio de Rama, Bharata não ascendeu ao trono de forma alguma e, por respeito, colocou nele um par de sapatos de madeira de Rama como substituto de seu irmão. Então Rama retornou à sua capital e, pelo consentimento comum de seu povo, tornou-se rei de Ayodhya.

Depois que Rama recuperou seu reino, ele fez os votos necessários que antigamente o rei tinha que fazer para o benefício de seu povo. O rei era escravo do seu povo e tinha de curvar-se à opinião pública, como veremos mais adiante. Rama passou alguns anos feliz com Sita, quando o povo novamente começou a murmurar que Sita havia sido roubada por um demônio e carregada através do oceano. Eles não ficaram satisfeitos com o teste anterior e clamaram por outro teste, caso contrário ela deveria ser banida.

Para satisfazer as demandas do povo, Sita foi banida e deixada para viver na floresta, onde ficava o eremitério do sábio e poeta Valmiki. O sábio encontrou a pobre Sita chorando e desamparada e, ao ouvir sua triste história, abrigou-a em seu Âshrama. Sita esperava ser mãe em breve e deu à luz gêmeos. O poeta nunca disse às crianças quem elas eram. Ele os criou juntos na vida Brahmachârin. Ele então compôs o poema conhecido como Ramayana, musicou-o e dramatizou-o.

O drama, na Índia, era algo muito sagrado. O drama e a música são considerados religião. Qualquer canção – seja ela uma canção de amor ou outra – se toda a alma estiver nessa canção, a pessoa alcançará a salvação,

não terá mais nada a fazer. Dizem que isso leva ao mesmo objetivo da meditação.

Assim, Valmiki dramatizou “A Vida de Rama” e ensinou aos dois filhos de Rama como recitá-la e cantá-la.

Chegou um momento em que Rama iria realizar um grande sacrifício, ou Yajna, como os antigos reis costumavam celebrar. Mas nenhuma cerimônia na Índia pode ser realizada por um homem casado sem a sua esposa: ele deve ter consigo a esposa, a Sahadharmini, a "correligionária" - esta é a expressão para uma esposa. O chefe de família hindu tem que realizar centenas de cerimônias, mas nenhuma delas pode ser devidamente realizada de acordo com os Shâstras, se ele não tiver uma esposa para complementá-las com sua participação nelas.

Agora a esposa de Rama não estava com ele, pois ela havia sido banida. Então, o povo pediu-lhe em casamento novamente. Mas, atendendo a esse pedido, Rama, pela primeira vez em sua vida, se opôs ao povo. Ele disse: “Isso não pode ser. Minha vida é de Sita”. Então, em vez disso, foi feita uma estátua dourada de Sita, para que; cerimônia poderia ser realizada. Eles organizaram até um entretenimento dramático, para realçar o sentimento religioso nesta grande festa. Valmiki, o grande poeta sábio, veio com seus alunos, Lava e Kusha, os filhos desconhecidos de Rama. Um palco foi montado e tudo estava pronto para a apresentação. Rama e seus irmãos compareceram com todos os seus nobres e seu povo – uma vasta audiência. Sob a direção de Valmiki, a vida de Rama foi cantada por Lava e Kusha, que fascinaram toda a assembleia pela sua voz e aparência encantadoras. O pobre Rama ficou quase enlouquecido, e quando no drama surgiu a cena do exílio de Sita, ele não sabia o que fazer. Então o sábio lhe disse: “Não fique triste, pois eu lhe mostrarei Sita”. Então Sita foi trazida ao palco e Rama ficou encantado ao ver sua esposa. De repente, surgiu o velho murmúrio: "A prova! A prova!" A pobre Sita ficou tão terrivelmente dominada pelas repetidas críticas cruéis à sua reputação que isso era mais do que ela conseguia suportar. Ela apelou aos deuses para testemunharem a sua inocência, quando a Terra se abriu e Sita exclamou: "Aqui está o teste", e desapareceu no seio da Terra. As pessoas ficaram surpresas com esse fim trágico. E Rama ficou dominado pela tristeza.

Poucos dias depois do desaparecimento de Sita, um mensageiro dos deuses chegou a Rama, informando-lhe que sua missão na terra havia terminado e que ele retornaria ao céu. Estas notícias trouxeram-lhe o reconhecimento do seu próprio Eu real. Ele mergulhou nas águas do Sarayu, o caudaloso rio que banhava sua capital, e juntou-se a Sita no outro mundo.

Este é o grande e antigo épico da Índia. Rama e Sita são os ideais da nação indiana. Todas as crianças, especialmente as meninas, adoram Sita. O cúmulo da ambição de uma mulher é ser como Sita, a pura, a devotada, a sofredora! Ao estudar esses personagens, você pode descobrir imediatamente quão diferente é o ideal da Índia e o do Ocidente. Para a raça, Sita representa o ideal do sofrimento. O Ocidente diz: "Faça! Mostre seu poder fazendo." A Índia diz: "Mostre seu poder através do sofrimento". O Ocidente resolveu o problema de quanto um homem pode ter: a Índia resolveu o problema de quão pouco um homem pode ter. Os dois extremos, você vê. Sita é típica da Índia – a Índia idealizada. A questão não é se ela já viveu, se a história é história ou não, sabemos que o ideal está aí. Não há outra história Paurânika que tenha permeado tanto toda a nação, que tenha penetrado tanto em sua própria vida e que tenha feito vibrar tanto cada gota de sangue da raça, como este ideal de Sita. Sita é o nome na Índia para tudo o que é bom, puro e sagrado – tudo o que na mulher chamamos de feminino. Se um padre tem que abençoar uma mulher ele diz: "Seja Sita!" Se ele abençoa uma criança, ele diz "Seja Sita!" Eles são todos filhos de Sita e estão lutando para ser Sita, a paciente, a sofredora, a sempre fiel e sempre pura esposa. Apesar de todo esse sofrimento que ela experimenta, não há uma palavra dura contra Rama. Ela assume isso como seu próprio dever e desempenha sua parte nisso. Pense na terrível injustiça de ela ter sido exilada na floresta! Mas Sita não conhece amargura. Esse é, novamente, o ideal indiano. Diz o antigo Buda: "Quando um homem te machuca, e você volta para machucá-lo, isso não curaria o primeiro ferimento; apenas criaria no mundo mais uma maldade". Sita era uma verdadeira indiana por natureza; ela nunca se machucou.

Quem sabe qual é o ideal mais verdadeiro? O poder e a força aparentes, como os mantidos no Ocidente, ou a coragem no sofrimento, no Oriente?

O Ocidente diz: “Minimizamos o mal ao conquistá-lo”. A Índia diz: “Destruímos o mal através do sofrimento, até que o mal não seja nada para nós, tornando-se um prazer positivo”. Bem, ambos são grandes ideais. Quem sabe qual sobreviverá no longo prazo? Quem sabe qual atitude realmente beneficiará mais a humanidade? Quem sabe qual irá desarmar e conquistar a animalidade? Será sofrimento ou ação?

Entretanto, não tentemos destruir os ideais uns dos outros. Ambos estamos empenhados na mesma obra, que é a aniquilação do mal. Você segue seu método; retomemos nosso método. Não destruamos o ideal. Não digo ao Ocidente: “Adote o nosso método”. Certamente não. O objetivo é o mesmo, mas os métodos nunca poderão ser os mesmos. E assim, depois de ouvir sobre os ideais da Índia, espero que você diga ao mesmo tempo à Índia: "Sabemos que a meta, o ideal, é bom para nós dois. Você segue seu próprio ideal. Você segue seu próprio ideal. método à sua maneira e boa sorte para você!" A minha mensagem na vida é pedir ao Oriente e ao Ocidente que não discutam sobre ideais diferentes, mas que lhes mostrem que o objectivo é o mesmo em ambos os casos, por mais oposto que possa parecer. À medida que avançamos por este vale confuso da vida, desejemos boa sorte uns aos outros.

4.2.2 O MAHABHARATA

(Apresentado no Shakespeare Club, Pasadena, Califórnia, 1º de fevereiro de 1900)

O outro épico sobre o qual vou falar esta noite chama-se Mahâbhârata. Contém a história de uma raça descendente do rei Bharata, que era filho de Dushyanta e Shakuntalâ. Mahâ significa grande, e Bhârata significa os descendentes de Bharata, de quem a Índia derivou seu nome, Bhârata. Mahabharata significa Grande Índia, ou a história dos grandes descendentes de Bharata. O cenário deste épico é o antigo reino dos Kurus, e a história é baseada na grande guerra que ocorreu entre os Kurus e os Panchâlas. Então a região da briga não é muito grande. Este épico é o mais popular na Índia; e exerce na Índia a mesma autoridade que os poemas de Homero exerceram sobre os gregos. Com o passar dos anos, mais e mais matéria foi

acrescentada a ele, até que se tornou um enorme livro com cerca de cem mil dísticos. Todos os tipos de contos, lendas e mitos, tratados filosóficos, fragmentos de história e várias discussões foram acrescentados de tempos em tempos, até que se tornasse uma vasta e gigantesca massa de literatura; e através de tudo isso corre a história antiga e original. A história central do Mahabharata é a de uma guerra entre duas famílias de primos, uma família, chamada de Kauravas, a outra de Pândavas - pelo império da Índia.

Os arianos chegaram à Índia em pequenas empresas. Gradualmente, essas tribos começaram a se expandir, até que, finalmente, se tornaram os governantes indiscutíveis da Índia. e então surgiu essa luta pela conquista do domínio, entre dois ramos da mesma família. Aqueles de vocês que estudaram o Gitâ sabem como o livro começa com uma descrição do campo de batalha, com dois exércitos dispostos um contra o outro. Essa é a guerra do Mahabharata.

Havia dois irmãos, filhos do imperador. O mais velho chamava-se Dhritarâshtra, e o outro chamava-se Pându. Dhritarashtra, o mais velho, nasceu cego. De acordo com a lei indiana, nenhuma pessoa cega, manca, mutilada, tuberculosa ou qualquer outra pessoa constitucionalmente doente pode herdar. Ele só pode conseguir uma manutenção. Portanto, Dhritarashtra não poderia ascender ao trono, embora fosse o filho mais velho, e Pandu tornou-se o imperador.

Dhritarashtra teve cem filhos e Pandu teve apenas cinco. Após a morte de Pandu ainda jovem, Dhritarashtra tornou-se rei dos Kurus e criou os filhos de Pandu junto com seus próprios filhos. Quando eles cresceram eles foram colocados sob a tutela do grande sacerdote guerreiro, Drona, e foram bem treinados nas diversas artes materiais e ciências próprias dos príncipes. Terminada a educação dos príncipes, Dhritarashtra colocou Yudhishtira, o mais velho dos filhos de Pandu, no trono de seu pai. As excelentes virtudes de Yudhishtira e o valor e devoção de seus outros irmãos despertaram ciúmes nos corações dos filhos do rei cego e, por instigação de Duryodhana, o mais velho deles, os cinco irmãos Pandavas foram persuadidos a visitar Vâranâvata, a pedido de uma festa religiosa que ali se realizava. Lá eles foram acomodados em um palácio feito sob as instruções de Duryodhana, de cânhamo, resina e laca e outros materiais inflamáveis,

que posteriormente foram incendiados secretamente. Mas o bom Vidura, o meio-irmão de Dhritarashtra, tendo tomado conhecimento das más intenções de Duryodhana e seu grupo, avisou os Pandavas sobre a conspiração, e eles conseguiram escapar sem o conhecimento de ninguém. Quando os Kurus viram que a casa estava reduzida a cinzas, eles suspiraram de alívio e pensaram que todos os obstáculos haviam sido removidos de seu caminho. Então os filhos de Dhritarashtra tomaram posse do reino. Os cinco irmãos Pandava fugiram para a floresta com a mãe, Kunti. Eles viviam lá mendigando e andavam disfarçados, apresentando-se como estudantes brâmanes. Muitas foram as dificuldades e aventuras que encontraram nas florestas selvagens, mas sua coragem, força e valor os fizeram vencer todos os perigos. Assim as coisas continuaram até que souberam do casamento iminente da princesa de um país vizinho.

Eu lhe contei ontem à noite sobre a forma peculiar do antigo casamento indiano. Chamava-se Svayamvara, ou seja, a escolha do marido pela princesa. Reuniu-se uma grande reunião de príncipes e nobres, entre os quais a princesa escolheria o seu marido. Precedida por seus trompetistas e arautos, ela se aproximava, carregando uma guirlanda de flores na mão. No trono de cada candidato à sua mão, os louvores daquele príncipe e todos os seus grandes feitos em batalha seriam declarados pelos arautos. E quando a princesa decidisse qual príncipe ela desejava ter como marido, ela manifestaria o fato jogando a guirlanda de casamento em volta do pescoço dele. Então a cerimônia se transformaria em um casamento. O rei Drupada era um grande rei, rei dos Panchalas, e sua filha, Draupadi, famosa em toda parte por sua beleza e realizações, iria escolher um herói.

Em um Svayamvara sempre havia um grande feito de armas ou algo parecido. Nesta ocasião, uma marca em forma de peixe foi colocada no alto do céu; embaixo daquele peixe havia uma roda com um buraco no centro, girando continuamente, e embaixo havia uma banheira de água. Pediu-se a um homem que olhasse o reflexo do peixe na banheira de água que lançasse uma flecha e acertasse o olho do peixe através do Chakra ou roda, e aquele que conseguisse se casaria com a princesa. Agora, vieram reis e príncipes de diferentes partes da Índia, todos ansiosos para ganhar a mão da princesa, e um após o outro eles testaram suas habilidades, e cada um deles não conseguiu acertar o alvo.

Você sabe, existem quatro castas na Índia: a casta mais elevada é a do sacerdote hereditário, o Brâhmana; em seguida vem a casta dos Kshatriya, composta de reis e guerreiros; em seguida, os Vaishyas, os comerciantes ou empresários, e depois os Shudras, os servos. Agora, esta princesa era, claro, uma Kshatriya, uma da segunda casta.

Quando todos aqueles príncipes falharam em atingir o alvo, então o filho do Rei Drupada levantou-se no meio da corte e disse: “O Kshatriya, a casta do rei falhou; agora a disputa está aberta para as outras castas. , mesmo um Shudra, participe; quem acertar o alvo, casa-se com Draupadi.

Entre os Brahmanas estavam sentados os cinco irmãos Pandava. Arjuna, o terceiro irmão, foi o herói do arco. Ele se levantou e deu um passo à frente. Agora, os Brahmanas, como casta, são pessoas muito quietas e bastante tímidas. De acordo com a lei, eles não devem tocar em armas bélicas, não devem empunhar uma espada, não devem participar de nenhum empreendimento que seja perigoso. Sua vida é de contemplação, estudo e controle da natureza interior. Julgue, portanto, quão quietos e pacíficos eles são. Quando os Brahmanas viram este homem se levantar, eles pensaram que este homem iria trazer a ira dos Kshatriyas sobre eles, e que todos seriam mortos. Então eles tentaram dissuadi-lo, mas Arjuna não os ouviu, porque ele era um soldado. Ele ergueu o arco na mão, amarrou-o sem nenhum esforço e, puxando-o, acertou a flecha na roda e acertou o olho do peixe.

Depois houve grande júbilo. Draupadi, a princesa, aproximou-se de Arjuna e jogou a linda guirlanda de flores sobre sua cabeça. Mas surgiu um grande clamor entre os príncipes, que não podiam suportar a ideia de que esta linda princesa que era uma Kshatriya deveria ser conquistada por um pobre Brâhmana, dentre esta enorme assembléia de reis e príncipes. Então, eles queriam lutar contra Arjuna e arrebatá-la dele à força. Os irmãos travaram uma luta tremenda com os guerreiros, mas resistiram e levaram a noiva em triunfo.

Os cinco irmãos voltaram para casa em Kunti com a princesa. Os Brahmanas têm que viver mendigando. Então eles, que viviam como Brahmanas, costumavam sair, e o que ganhavam mendigando eles traziam para casa e a mãe dividia entre eles. Assim os cinco irmãos, junto com a

princesa, chegaram à cabana onde morava a mãe. Eles gritaram para ela jocosamente: "Mãe, hoje trouxemos para casa uma esmola maravilhosa." A mãe respondeu: "Aproveitem em comum, todos vocês, meus filhos". Então a mãe, vendo a princesa, exclamou: "Oh! O que eu disse! É uma menina!" Mas o que poderia ser feito! A palavra da mãe foi dita de uma vez por todas. Não deve ser desconsiderado. As palavras da mãe devem ser cumpridas. Ela não poderia ser obrigada a dizer uma mentira, pois nunca o fizera. Assim, Draupadi tornou-se a esposa comum de todos os cinco irmãos.

Agora, você sabe, em toda sociedade existem estágios de desenvolvimento. Por trás deste épico há um vislumbre maravilhoso dos tempos históricos antigos. O autor do poema menciona o fato dos cinco irmãos se casarem com a mesma mulher, mas tenta encobrir, encontrar uma desculpa e uma causa para tal ato: foi uma ordem da mãe, a mãe sancionou esse estranho noivado, e assim por diante. Você sabe, em todas as nações houve um certo estágio na sociedade que permitiu a poliandria – todos os irmãos de uma família se casariam com uma esposa em comum. Agora, este foi evidentemente um vislumbre do estágio poliândrico passado.

Nesse ínterim, o irmão da princesa ficou perplexo e pensou: "Quem são essas pessoas? Quem é esse homem com quem minha irmã vai se casar? Eles não têm carruagens, cavalos ou qualquer coisa. Ora, eles vão a pé!" Então ele os seguiu à distância e à noite ouviu a conversa deles e ficou totalmente convencido de que eles eram realmente Kshatriyas. Então o rei Drupada soube quem eles eram e ficou muito satisfeito.

Embora a princípio muitas objeções tenham sido levantadas, foi declarado por Vyasa que tal casamento era permitido para aqueles príncipes, e foi permitido. Então o rei Drupada teve que ceder a esse casamento poliândrico, e a princesa se casou com os cinco filhos de Pandu.

Então os Pandavas viveram em paz e prosperidade e tornaram-se mais poderosos a cada dia. Embora Duryodhana e seu grupo concebesses novas conspirações para destruí-los, o rei Dhritarashtra foi persuadido pelos sábios conselhos dos mais velhos a fazer a paz com os Pandavas; e então ele os convidou para casa em meio à alegria do povo e deu-lhes metade do reino. Então, os cinco irmãos construíram para si uma bela cidade, chamada

Indraprastha, e ampliaram seus domínios, colocando todo o povo sob tributo a eles. Então o mais velho, Yudhishtira, para se declarar imperador de todos os reis da Índia antiga, decidiu realizar um Râjasuya Yajna ou Sacrifício Imperial, no qual os reis conquistados teriam que vir com tributo e jurar lealdade, e ajudar na realização de o sacrifício por serviços pessoais. Shri Krishna, que se tornou amigo e parente deles, veio até eles e aprovou a ideia. Mas, infelizmente, há um obstáculo ao seu desempenho. Um rei, de nome Jarasandha, que pretendia oferecer um sacrifício de cem reis, manteve oitenta e seis deles como cativos com ele. Shri Krishna aconselhou um ataque a Jarasandha. Então ele, Bhima e Arjuna desafiaram o rei, que aceitou o desafio e foi finalmente conquistado por Bhima após quatorze dias de luta contínua. Os reis cativos foram então libertados.

Então os quatro irmãos mais novos partiram com exércitos em uma expedição de conquista, cada um em uma direção diferente, e submeteram todos os reis a Yudhishtira. Ao retornar, eles depositaram toda a vasta riqueza que conseguiram aos pés do irmão mais velho para cobrir as despesas do grande sacrifício.

Então, para este sacrifício Rajasuya todos os reis libertados vieram, junto com aqueles conquistados pelos irmãos, e prestaram homenagem a Yudhishtira. O rei Dhritarashtra e seus filhos também foram convidados a participar da realização do sacrifício. Na conclusão do sacrifício, Yudhishtira foi coroado imperador e declarado senhor supremo. Esta foi a semente da futura rivalidade. Duryodhana voltou do sacrifício cheio de ciúme contra Yudhishtira, pois sua soberania, vasto esplendor e riqueza eram maiores do que ele poderia suportar; e assim ele elaborou planos para efetuar sua queda por meio de astúcia, pois sabia que vencê-los pela força estava além de seu poder. Este rei, Yudhishtira, adorava jogar e foi desafiado em um momento ruim a jogar dados com Shakuni, o jogador astuto e o gênio maligno de Duryodhana. Na Índia antiga, se um homem da casta militar fosse desafiado a lutar, ele deveria, a qualquer preço, aceitar o desafio para defender a sua honra. E se ele fosse desafiado a jogar dados, seria uma questão de honra jogar, e uma desonra recusar o desafio. O rei Yudhishtira, diz a Epopéia, era a encarnação de todas as virtudes. Até ele, o grande rei sábio, teve que aceitar o desafio. Shakuni e seu grupo fizeram dados falsos. Então Yudhishtira perdeu jogo após jogo e, atormentado por

suas derrotas, ele continuou com o jogo fatal, apostando tudo o que tinha e perdendo tudo, até que todas as suas posses, seu reino e tudo mais foram perdidos. A última etapa veio quando, sob novo desafio, ele não teve outros recursos a não ser estacar seus irmãos, e depois a si mesmo, e por último, a bela Draupadi, e perdeu tudo. Agora eles estavam completamente à mercê dos Kauravas, que lançaram todos os tipos de insultos sobre eles e submeteram Draupadi ao tratamento mais desumano. Finalmente, através da intervenção do rei cego, eles obtiveram a liberdade e foram convidados a voltar para casa e governar o seu reino. Mas Duryodhana viu o perigo e forçou seu pai a permitir mais um lance de dados em que o partido que perdesse deveria se retirar para as florestas por doze anos e depois viver sem ser reconhecido em uma cidade por um ano; mas se fossem descobertos, o mesmo período de exílio deveria ser submetido mais uma vez e somente então o reino seria restaurado aos exilados. Neste último jogo também Yudhishtira perdeu, e os cinco irmãos Pandava retiraram-se para as florestas com Draupadi, como exilados sem-teto. Eles viveram nas florestas e montanhas durante doze anos. Lá eles realizavam muitos atos de virtude e valor, e saíam de vez em quando em longas peregrinações, visitando muitos lugares sagrados. Essa parte do poema é muito interessante e instrutiva, e vários são os incidentes, contos e lendas com os quais esta parte do livro está repleta. Nele há belas e sublimes histórias da Índia antiga, religiosas e filosóficas. Grandes sábios vieram ver os irmãos em seu exílio e narraram-lhes muitas histórias da Índia antiga, para fazê-los suportar com leveza o fardo de seu exílio. Apenas um vou relatar a você aqui.

Havia um rei chamado Ashvapati. O rei tinha uma filha, que era tão boa e bonita que se chamava Sâvitri, que é o nome de uma oração sagrada dos hindus. Quando Savitri cresceu o suficiente, seu pai pediu-lhe que escolhesse um marido para si. Essas antigas princesas indianas eram muito independentes e escolhiam seus próprios pretendentes principescos.

Savitri consentiu e viajou por regiões distantes, montada numa carruagem dourada, com os seus guardas e cortesãos idosos a quem o seu pai a confiou, parando em diferentes cortes, e vendo diferentes príncipes, mas nenhum deles conseguiu conquistar o coração de Savitri. Chegaram finalmente a um eremitério sagrado numa daquelas florestas que na Índia

antiga eram reservadas aos animais e onde não era permitido matar animais. Os animais perderam o medo do homem – até os peixes dos lagos vieram e tiraram comida da mão. Durante milhares de anos ninguém matou nada ali. Os sábios e os idosos foram para lá viver entre os cervos e os pássaros. Até os criminosos estavam seguros lá. Quando um homem se cansava da vida, ia para a floresta; e na companhia de sábios, falando sobre religião e meditando sobre ela, ele passou o resto de sua vida.

Aconteceu então que havia um rei, Dyumatsena, que foi derrotado por seus inimigos e foi privado de seu reino quando foi atingido pela idade e perdeu a visão. Este pobre, velho e cego rei, com sua rainha e seu filho, refugiou-se na floresta e passou a vida em rígida penitência. O nome de seu filho era Satyavân.

Aconteceu que depois de ter visitado todas as diferentes cortes reais, Savitri finalmente chegou a este eremitério, ou lugar sagrado. Nem mesmo o maior rei poderia passar pelos eremitérios, ou Âshramas como eram chamados, sem prestar homenagem aos sábios, pois tamanha honra e respeito eram sentidos por esses homens santos. O maior imperador da Índia ficaria muito feliz em traçar sua descendência até algum sábio que vivia numa floresta, subsistindo de raízes e frutas, e vestido com trapos. Somos todos filhos de sábios. Esse é o respeito que se presta à religião. Assim, até os reis, quando passam pelos eremitérios, sentem-se honrados em entrar e prestar homenagem aos sábios. Se se aproximam a cavalo, descem e caminham à medida que avançam em sua direção. Se chegarem em uma carruagem, a carruagem e a armadura deverão ser deixadas do lado de fora quando entrarem. Nenhum guerreiro pode entrar a menos que venha na forma de um homem religioso, quieto e gentil.

Então Savitri veio a este eremitério e viu lá Satyavan, o filho do eremita, e seu coração foi conquistado. Ela havia escapado de todos os príncipes dos palácios e das cortes, mas aqui, no refúgio florestal do Rei Dyumatsena, seu filho, Satyavan, roubou seu coração.

Quando Savitri voltou para a casa de seu pai, ele perguntou a ela: “Savitri, querida filha, fale. Você viu alguém com quem gostaria de se casar?” Então, suavemente e enrubescido, Savitri disse: “Sim, pai”. “Qual é o nome do príncipe?” “Ele não é um príncipe, mas o filho do Rei Dyumatsena que

perdeu seu reino - um príncipe sem patrimônio, que vive uma vida monástica, a vida de um Sannyasin em uma floresta, coletando raízes e ervas, ajudando e alimentando seu velho pai e mãe, que moram em uma cabana."

Ao ouvir isso, o pai consultou o Sábio Nârada, que por acaso estava ali presente, e declarou que foi a escolha mais desfavorável que já foi feita. O rei então pediu-lhe que explicasse por que isso acontecia. E Narada disse: "Dentro de doze meses a partir desta data o jovem morrerá". Então o rei ficou aterrorizado e falou: "Savitri, este jovem vai morrer em doze meses, e você ficará viúva: pense nisso! Desista de sua escolha, meu filho, você nunca se casará com um noivo de vida curta e predestinado." "Não importa, pai; não me peça para casar com outra pessoa e sacrificar a castidade da mente, pois eu amo e aceitei em minha mente aquele bom e corajoso Satyavan apenas como meu marido. Uma donzela escolhe apenas uma vez, e ela nunca se afasta de sua fidelidade." Quando o rei descobriu que Savitri estava decidido na mente e no coração, ele obedeceu. Então Savitri casou-se com o príncipe Satyavan, e ela saiu silenciosamente do palácio de seu pai para a floresta, para viver com o marido escolhido e ajudar os pais de seu marido. Agora, embora Savitri soubesse a data exata em que Satyavan morreria, ela manteve isso escondido dele. Diariamente ele ia às profundezas da floresta, colhia frutas e flores, juntava lenha e depois voltava para a cabana, e ela preparava as refeições e ajudava os idosos. Assim suas vidas continuaram até que o dia fatal se aproximou, restando apenas três curtos dias. Ela fez um voto severo de três noites de penitência e jejuns sagrados, e manteve suas duras vigílias. Savitri passou noites tristes e sem dormir com orações fervorosas e lágrimas invisíveis, até que a temida manhã amanheceu. Naquele dia, Savitri não conseguiu tirá-lo de vista, nem por um momento. Ela implorou permissão aos pais dele para acompanhar o marido, quando ele foi colher as ervas e o combustível de sempre, e obtendo o consentimento deles, ela foi. De repente, com um sotaque vacilante, ele queixou-se à esposa de estar se sentindo tonto: "Minha cabeça está tonta e meus sentidos vacilam, querido Savitri, sinto o sono tomar conta de mim; deixe-me descansar ao seu lado por um tempo." Com medo e tremor, ela respondeu: "Venha, deite sua cabeça em meu colo, meu querido senhor." E ele colocou sua cabeça em suas mãos no colo de sua esposa, e logo suspirou e expirou. Apertando-o contra ela, com lágrimas nos olhos, ela

ficou sentada na floresta solitária, até que os emissários da Morte se aproximaram para levar embora a alma de Satyavan. Mas não conseguiram chegar perto do local onde Savitri estava sentada com o cadáver do marido, a cabeça apoiada no colo dela. Havia uma zona de fogo ao seu redor, e nenhum dos emissários da Morte poderia entrar nela. Todos eles fugiram, retornaram ao Rei Yama, o Deus da Morte, e contaram-lhe por que não conseguiram obter a alma deste homem.

Então veio Yama, o Deus da Morte, o Juiz dos mortos. Ele foi o primeiro homem que morreu – o primeiro homem que morreu na terra – e tornou-se a divindade que preside todos aqueles que morrem. Ele julga se, após a morte de um homem, ele será punido ou recompensado. Então ele veio pessoalmente. Claro, ele poderia entrar naquele círculo encantado, pois era um deus. Quando ele chegou a Savitri, ele disse: "Filha, desista deste cadáver, pois saiba que a morte é o destino dos mortais, e eu sou o primeiro dos mortais que morreu. Desde então, todos tiveram que morrer. A morte é o destino do homem." Assim dito, Savitri foi embora e Yama retirou a alma. Yama tendo se apossado da alma do jovem prosseguiu seu caminho. Antes de se afastar, ouviu passos nas folhas secas. Ele se virou. "Savitri, filha, por que você está me seguindo? Este é o destino de todos os mortais." "Eu não estou te seguindo, Pai", respondeu Savitri, "mas este é, também, o destino da mulher, ela segue onde seu amor a leva, e a Lei Eterna separa o homem que não ama e a esposa fiel." Então disse o Deus da Morte: "Peça qualquer benefício, exceto a vida de seu marido". "Se você deseja conceder uma bênção, ó Senhor da Morte, peço que meu sogro possa ser curado de sua cegueira e feliz." "Que seu desejo piedoso seja atendido, filha obediente." E então o Rei da Morte viajou com a alma de Satyavan. Novamente o mesmo barulho foi ouvido por trás. Ele olhou em volta. "Savitri, minha filha, você ainda está me seguindo?" "Sim, meu Pai; não posso evitar; estou tentando o tempo todo voltar, mas a mente vai atrás do meu marido e o corpo segue. A alma já se foi, pois nessa alma também está minha; e quando você pegue a alma, o corpo segue, não é?" "Estou satisfeito com suas palavras, bela Savitri. Peça-me ainda outro benefício, mas não deve ser a vida de seu marido." "Deixe meu sogro recuperar sua riqueza e reino perdidos, pai, se quiser conceder outra súplica." "Amada filha", respondeu Yama, "este benefício eu agora concedo; mas volte para casa, pois um mortal vivo não pode ir com o Rei Yama." E então Yama seguiu seu caminho. Mas Savitri,

mansa e fiel, ainda seguiu seu falecido marido. Yama voltou novamente. "Nobre Savitri, não siga em aflição desesperadora." "Não posso escolher senão seguir para onde você leva meu amado." "Então suponha, Savitri, que seu marido fosse um pecador e tivesse que ir para o inferno. Nesse caso, Savitri vai com quem ela ama?" "Fico feliz em segui-lo para onde ele vai, seja na vida ou na morte, no céu ou no inferno", disse a amorosa esposa. "Abençoadas sejam suas palavras, meu filho, estou satisfeito com você, peço mais uma bênção, mas os mortos não voltam à vida." "Já que você me permite, então, que a linhagem imperial de meu sogro não seja destruída; que seu reino desça para os filhos de Satyavan." E então o Deus da Morte sorriu. "Minha filha, você terá o seu desejo agora: aqui está a alma do seu marido, ele viverá novamente. Ele viverá para ser pai e seus filhos também reinarão no devido tempo. Volte para casa. O amor venceu a Morte! Mulher nunca amei como você, e você é a prova de que até eu, o Deus da Morte, sou impotente contra o poder do verdadeiro amor que permanece!"

Esta é a história de Savitri, e toda garota na Índia deve aspirar a ser como Savitri, cujo amor não poderia ser conquistado pela morte, e que através deste tremendo amor arrebatou até mesmo de Yama, a alma de seu marido.

O livro está repleto de centenas de belos episódios como este. Comecei contando que o Mahabharata é um dos maiores livros do mundo e consiste em cerca de cem mil versos em dezoito Parvans, ou volumes.

Para voltar à nossa história principal. Deixamos os irmãos Pandava no exílio. Mesmo lá eles não foram autorizados a permanecer ilesos das conspirações malignas de Duryodhana; mas todos eles eram fúteis.

Uma história de sua vida na floresta, vou contar aqui. Um dia os irmãos ficaram com sede na floresta. Yudhishtira ordenou a seu irmão, Nakula, que fosse buscar água. Ele rapidamente seguiu em direção ao local onde havia água e logo chegou a um lago cristalino, e estava prestes a beber dela, quando ouviu uma voz proferir estas palavras: "Pare, ó criança. Primeiro responda minhas perguntas e depois beba disto. água." Mas Nakula, que estava com muita sede, desconsiderou essas palavras, bebeu da água e, tendo bebido dela, caiu morto. Como Nakula não voltou, o rei Yudhishtira disse a Sahadeva para procurar seu irmão e trazer água com ele. Então Sahadeva foi até o lago e viu seu irmão morto. Atormentado pela morte de

seu irmão e sofrendo de muita sede, dirigiu-se à água, quando por ele ouviu as mesmas palavras: “Ó filho, primeiro responda às minhas perguntas e depois beba da água”. Ele também desconsiderou essas palavras e, tendo saciado sua sede, caiu morto. Posteriormente, Arjuna e Bhima foram enviados, um após o outro, numa missão semelhante; mas nenhum dos dois voltou, tendo bebido do lago e caído morto. Então Yudhishtira levantou-se para ir em busca de seus irmãos. Por fim, ele chegou ao belo lago e viu seus irmãos mortos. Seu coração ficou cheio de tristeza com a visão e ele começou a lamentar. De repente, ele ouviu a mesma voz dizendo: "Ó filho, não aja precipitadamente. Eu sou um Yaksha vivendo como uma garça em pequenos peixes. Foi por mim que teus irmãos mais novos foram colocados sob o domínio do Senhor dos espíritos que partiram". .Se tu, ó Príncipe, não responder às perguntas feitas por mim, mesmo que você numerará o quinto cadáver, tendo respondido minhas perguntas primeiro, ó filho de Kunti, beba e leve embora o quanto você precisar. "Responderei às tuas perguntas de acordo com a minha inteligência. Você me pergunta?" O Yaksha então fez várias perguntas a ele, todas as quais Yudhishtira respondeu satisfatoriamente. Uma das perguntas feitas foi: "Qual é o fato mais maravilhoso neste mundo?" "Vemos nossos semelhantes a cada momento caindo em volta de nós; mas aqueles que ficam para trás pensam que nunca morrerão. Este é o fato mais curioso: diante da morte ninguém acredita que vai morrer!" Outra pergunta feita foi: "Qual é o caminho para conhecer o segredo da religião?" E Yudhishtira respondeu: "Por meio de argumentos nada pode ser resolvido; doutrinas são muitas; várias são as escrituras, uma parte contradizendo a outra. Não existem dois sábios que não divirjam em suas opiniões. O segredo da religião está enterrado profundamente, por assim dizer, em cavernas escuras. Portanto, o caminho a ser seguido é aquele que os grandes trilharam." Então o Yaksha disse: "Estou satisfeito. Eu sou Dharma, o Deus da Justiça na forma da garça. Eu vim testar você. Agora, seus irmãos, vejam, nenhum deles está morto. É toda minha magia. Já que a abstenção de injúria é considerada por ti como algo superior ao lucro e ao prazer, portanto, deixe todos os teus irmãos viverem, ó Touro da raça Bharata." E com essas palavras do Yaksha, os Pandavas se levantaram.

Aqui está um vislumbre da natureza do Rei Yudhishtira. Descobrimos pelas suas respostas que ele era mais um filósofo, mais um Yogi, do que um rei.

Agora, quando o décimo terceiro ano do exílio se aproximava, o Yaksha ordenou-lhes que fossem para o reino de Virâta e vivessem lá com os disfarces que achassem melhor.

Assim, depois que o período do exílio de doze anos expirou, eles foram para o reino de Virata em diferentes disfarces para passar o ano restante escondidos, e passaram a prestar serviço servil na casa do rei. Assim Yudhishtira tornou-se um cortesão Brâhmana do rei, como alguém habilidoso em dados; Bhima foi nomeado cozinheiro; Arjuna, vestido de eunuco, foi nomeado professor de dança e música de Uttarâ, a princesa, e permaneceu nos aposentos internos do rei; Nakula tornou-se o guardião dos cavalos do rei; e Sahadeva ficou com o cuidado das vacas; e Draupadi, disfarçada de criada, também foi admitida na casa da rainha. Escondendo assim sua identidade, os irmãos Pandava passaram um ano em segurança, e a busca de Duryodhana para descobri-los foi em vão. Eles só foram descobertos no final do ano.

Então Yudhishtira enviou um embaixador a Dhritarashtra e exigiu que metade do reino, como sua parte, fosse devolvida a eles. Mas Duryodhana odiava seus primos e não consentia com suas exigências legítimas. Eles estavam até dispostos a aceitar uma única província, ou melhor, até cinco aldeias. Mas o obstinado Duryodhana declarou que não cederia sem luta nem mesmo a quantidade de terra que a ponta de uma agulha pudesse suportar. Dhritarashtra implorou repetidas vezes pela paz, mas tudo em vão. Krishna também foi e tentou evitar a guerra iminente e a morte de parentes, assim como os sábios anciãos da corte real; mas todas as negociações para uma divisão pacífica do reino foram inúteis. Assim, finalmente, foram feitos preparativos de ambos os lados para a guerra, e todas as nações guerreiras participaram dela.

Nele foram observados os antigos costumes indianos dos Kshatriyas. Duryodhana ficou de um lado, Yudhishtira do outro. De Yudhishtira mensageiros foram imediatamente enviados a todos os reis vizinhos, suplicando sua aliança, já que homens honrados atenderiam ao pedido que primeiro chegasse a eles. Assim, guerreiros de todas as partes se reuniram para defender a causa dos Pandavas ou dos Kurus de acordo com a precedência de seus pedidos; e assim um irmão juntou-se a este lado, e o

outro a esse lado, o pai de um lado e o filho do outro. O mais curioso era o código de guerra daquela época; assim que a batalha pelo dia cessou e a noite chegou, as partes opostas tornaram-se boas amigas, indo até às tendas umas das outras; entretanto, quando amanheceu, eles novamente começaram a lutar entre si. Essa foi a estranha característica que os hindus levaram até a época da invasão muçulmana. Por outro lado, um homem a cavalo não deve atacar alguém a pé; não deve envenenar a arma; não deve vencer o inimigo em qualquer luta desigual ou por desonestidade; e nunca deve tirar vantagem indevida de outrem, e assim por diante. Se alguém se desviasse dessas regras, seria coberto de desonra e rejeitado. Os Kshatriyas foram treinados dessa forma. E quando a invasão estrangeira veio da Ásia Central, os hindus trataram os invasores da mesma forma. Eles os derrotaram diversas vezes, e em muitas ocasiões os mandaram de volta para suas casas com presentes, etc. O código estabelecido era que eles não deveriam usurpar o país de ninguém; e quando um homem foi espancado, ele deve ser enviado de volta ao seu país, tendo em devida conta a sua posição. Os conquistadores muçulmanos trataram os reis hindus de maneira diferente e, quando os conquistaram, destruíram-nos sem remorso.

Veja bem, naquela época - na época da nossa história, diz o poema - a ciência das armas não consistia de forma alguma no mero uso de arcos e flechas; foi o tiro com arco mágico em que o uso de Mantras, concentração, etc., desempenhou um papel proeminente. Um homem poderia lutar contra milhões de homens e queimá-los à vontade. Ele poderia enviar uma flecha e choveria milhares de flechas e trovões; ele poderia fazer qualquer coisa queimar, e assim por diante – era tudo magia divina. Um fato é muito curioso em ambos os poemas – o Ramayana e o Mahabharata – junto com essas flechas mágicas e todas essas coisas acontecendo, você vê o canhão já em uso. O canhão é uma coisa muito antiga, usada pelos chineses e pelos hindus. Sobre as muralhas das cidades havia centenas de armas curiosas feitas de tubos ocos de ferro, que cheias de pólvora e balas matariam centenas de homens. O povo acreditava que os chineses, por magia, colocavam o diabo dentro de um tubo oco de ferro, e quando aplicavam um pouco de fogo em um buraco, o diabo saía com um barulho terrível e matava muita gente.

Então, antigamente, eles costumavam lutar com flechas mágicas. Um homem seria capaz de lutar contra milhões de outros. Eles tinham seus arranjos e táticas militares: havia os soldados de infantaria, chamados de Pâda; depois a cavalaria, Turaga; e duas outras divisões que os modernos perderam e abandonaram – havia o corpo de elefantes – centenas e centenas de elefantes, com homens nas costas, formados em regimentos e protegidos por enormes cotas de malha de ferro; e esses elefantes atacariam uma massa inimiga - então, havia as carruagens, é claro (todos vocês viram fotos dessas carruagens antigas, elas eram usadas em todos os países). Estas eram as quatro divisões do exército daquela época.

Agora, ambas as partes desejavam assegurar a aliança de Krishna. Mas ele se recusou a tomar parte ativa e lutar nesta guerra, mas se ofereceu como cocheiro para Arjuna, e como amigo e conselheiro dos Pandavas enquanto para Duryodhana ele deu seu exército de soldados poderosos.

Então foi travada na vasta planície de Kurukshetra a grande batalha na qual Bhishma, Drona, Karna, e os irmãos de Duryodhana com os parentes de ambos os lados e milhares de outros heróis caíram. A guerra durou dezoito dias. Na verdade, dos dezoito Akshauhinis de soldados restaram muito poucos homens. A morte de Duryodhana encerrou a guerra em favor dos Pandavas. Seguiu-se o lamento de Gândhari, da rainha e das viúvas, e dos funerais dos guerreiros falecidos.

O maior incidente da guerra foi o poema maravilhoso e imortal do Gitâ, a Canção Celestial. É a escritura popular da Índia e o mais elevado de todos os ensinamentos. Consiste em um diálogo mantido por Arjuna com Krishna, pouco antes do início da luta no campo de batalha de Kurukshetra. Aconselho aqueles de vocês que ainda não leram esse livro a lê-lo. Se você soubesse o quanto isso influenciou até mesmo o seu próprio país! Se você quiser conhecer a fonte de inspiração de Emerson, é este livro, o Gita. Ele foi ver Carlyle, e Carlyle deu-lhe de presente o Gita; e esse livrinho é responsável pelo Movimento Concord. Todos os amplos movimentos na América, de uma forma ou de outra, estão em dívida com o partido Concord.

A figura central do Gita é Krishna. Assim como você adora Jesus de Nazaré como Deus que desceu como homem, os hindus adoram muitas

Encarnações de Deus. Eles acreditam não apenas em um ou dois, mas em muitos, que vieram de tempos em tempos, de acordo com as necessidades do mundo, para a preservação do Dharma e destruição da maldade. Cada seita tem uma, e Krishna é uma delas. Krishna, talvez, tenha um número maior de seguidores na Índia do que qualquer outra Encarnação de Deus. Seus seguidores afirmam que ele foi a mais perfeita dessas Encarnações. Por que? “Porque”, dizem eles, “olhem para Buda e outras Encarnações: eles eram apenas monges e não tinham simpatia pelas pessoas casadas. como pai, e durante toda a sua vida ele praticou os ensinamentos maravilhosos que pregou.” “Aquele que no meio da maior atividade encontra a mais doce paz, e no meio da maior calma é mais ativo, conheceu o segredo da vida.” Krishna mostra como fazer isso – sendo desapegado: faça tudo, mas não se identifique com nada. Você é a alma, o puro, o livre, o tempo todo; você é a testemunha. Nossa miséria não vem do trabalho, mas do apego a alguma coisa. Tomemos, por exemplo, o dinheiro: é uma coisa ótima de se ter dinheiro, ganhe-o, diz Krishna; lute muito para conseguir dinheiro, mas não se apegue a ele. O mesmo acontece com os filhos, com a esposa, o marido, os parentes, a fama, tudo; você não precisa evitá-los, apenas não se apegue. Existe apenas um apego e este pertence ao Senhor, e a nenhum outro. Trabalhe para eles, ame-os, faça-lhes o bem, sacrifique cem vidas, se necessário, por eles, mas nunca se apegue. Sua própria vida foi o exemplo exato disso.

Lembre-se de que o livro que delineia a vida de Krishna tem vários milhares de anos e algumas partes de sua vida são muito semelhantes às de Jesus de Nazaré. Krishna era de origem real; havia um rei tirano, chamado Kamsa, e havia uma profecia de que alguém nasceria de tal e tal família, que seria rei. Então Kamsa ordenou que todas as crianças do sexo masculino fossem massacradas. O pai e a mãe de Krishna foram lançados pelo Rei Kamsa na prisão, onde a criança nasceu. De repente, uma luz brilhou na prisão e a criança falou dizendo: “Eu sou a Luz do mundo, nascida para o bem do mundo”. Você encontra Krishna novamente representado simbolicamente com vacas – “O Grande Vaqueiro”, como ele é chamado. Os sábios afirmaram que o próprio Deus nasceu e foram homenageá-lo. Em outras partes da história, a semelhança entre os dois não continua.

Shri Krishna conquistou este tirano Kamsa, mas ele nunca pensou em aceitar ou ocupar o trono sozinho. Ele não teve nada a ver com isso. Ele cumpriu seu dever e aí terminou.

Após a conclusão da Guerra de Kurukshetra, o grande guerreiro e venerável avô, Bhishma, que lutou dez dias dos dezoito dias de batalha, ainda estava deitado em seu leito de morte e deu instruções a Yudhishtira sobre vários assuntos, como os deveres do rei. , os deveres das quatro castas, as quatro fases da vida, as leis do casamento, a concessão de presentes, etc., baseando-os nos ensinamentos dos antigos sábios. Ele explicou a filosofia Sâmkhya e a filosofia Yoga e narrou numerosos contos e tradições sobre santos, deuses e reis. Esses ensinamentos ocupam quase um quarto de toda a obra e formam um depósito inestimável de leis e códigos morais hindus. Nesse ínterim, Yudhishtira foi coroado rei. Mas o terrível derramamento de sangue e a extinção de superiores e parentes pesaram muito em sua mente; e então, sob o conselho de Vyasa, ele realizou o sacrifício Ashvamedha.

Após a guerra, durante quinze anos Dhritarashtra viveu em paz e honra, obedecido por Yudhishtira e seus irmãos. Então o idoso monarca deixando Yudhishtira no trono, retirou-se para a floresta com sua devotada esposa e Kunti, a mãe dos irmãos Pandava, para passar seus últimos dias no ascetismo.

Trinta e seis anos já se passaram desde que Yudhishtira recuperou seu império. Então chegou até ele a notícia de que Krishna havia deixado seu corpo mortal. Krishna, o sábio, seu amigo, seu profeta, seu conselheiro, havia partido. Arjuna correu para Dwârâka e voltou apenas para confirmar a triste notícia de que Krishna e os Yâdavas estavam todos mortos. Então o rei e os outros irmãos, dominados pela tristeza, declararam que também havia chegado a hora de eles partirem. Então eles se livraram do fardo da realza, colocaram Parikshit, o neto de Arjuna, no trono, e retiraram-se para o Himalaia, na Grande Jornada, o Mahaprasthâna. Esta era uma forma peculiar de Sannyasa. Era costume os antigos reis se tornarem Sannyasins. Na Índia antiga, quando os homens envelheciam, desistiam de tudo. Os reis também. Quando um homem não queria mais viver, ele ia em direção ao Himalaia, sem comer nem beber, e caminhava sem parar até o corpo falhar.

Todo o tempo pensando em Deus, simplesmente continue marchando até que o corpo ceda.

Então vieram os deuses, os sábios, e disseram ao rei Yudhishtira que ele deveria ir e alcançar o céu. Para ir para o céu é preciso cruzar os picos mais altos do Himalaia. Além do Himalaia fica o Monte Meru. No topo do Monte Meru está o paraíso. Ninguém jamais esteve lá neste corpo. Lá residem os deuses. E Yudhishtira foi convocado pelos deuses para ir lá.

Então os cinco irmãos e sua esposa vestiram-se com mantos de casca de árvore e partiram em sua jornada. No caminho, eles foram seguidos por um cachorro. Eles seguiram sem parar e viraram seus pés cansados para o norte, para onde o Himalaia ergue seus picos elevados, e viram o poderoso Monte Meru à sua frente. Silenciosamente eles caminharam pela neve, até que de repente a rainha caiu, para não mais se levantar. Para Yudhishtira que estava liderando o caminho, Bhima, um dos irmãos, disse, "Veja, ó rei, a rainha caiu." O rei derramou lágrimas, mas não olhou para trás. "Vamos encontrar Krishna", diz ele. "Não há tempo para olhar para trás. Marcha em frente." Depois de um tempo, Bhima disse novamente, "Veja, nosso irmão, Sahadeva, caiu". O rei derramou lágrimas; mas não fez uma pausa. "Março em frente", ele gritou.

Um após o outro, no frio e na neve, todos os quatro irmãos caíram, mas inabalável, embora sozinho, o rei avançou. Olhando para trás, ele viu que o cão fiel ainda o seguia. E assim o rei e o cachorro prosseguiram, através da neve e do gelo, por colinas e vales, subindo cada vez mais alto, até chegarem ao Monte Meru; e lá eles começaram a ouvir os sinos do céu, e flores celestiais foram derramadas pelos deuses sobre o rei virtuoso. Então desceu a carruagem dos deuses, e Indra orou a ele: "Suba nesta carruagem, maior dos mortais: só você é dado a entrar no céu sem mudar o corpo mortal." Mas não, Yudhishtira não viveria sem seus devotados irmãos e sua rainha; então Indra explicou-lhe que os irmãos já haviam ido para lá antes dele.

E Yudhishtira olhou em volta e disse ao seu cachorro: "Entre na carruagem, criança". O deus ficou horrorizado. "O quê! o cachorro?" ele

chorou. "Rejeite este cachorro! O cachorro não vai para o céu! Grande Rei, o que você quer dizer? Você está louco? Você, o mais virtuoso da raça humana, só pode ir para o céu em seu corpo." — Mas ele tem sido meu companheiro devotado através da neve e do gelo. Quando todos os meus irmãos morreram, minha rainha morreu, só ele nunca me deixou. Como posso deixá-lo agora? "Não há lugar no céu para homens com cães. Ele tem que ser deixado para trás. Não há nada de injusto nisso." "Eu não vou para o céu", respondeu o rei, "sem o cachorro. Nunca desistirei de alguém que se refugiou comigo, até que minha própria vida chegue ao fim. Nunca me desviarei da justiça, não, nem mesmo pelas alegrias do céu ou pela insistência de um deus." "Então", disse Indra, "com uma condição o cachorro vai para o céu. Você foi o mais virtuoso dos mortais e ele foi um cachorro, matando e comendo animais; ele é pecador, caça e tira outras vidas. Você pode troque o céu com ele. "Concordo", diz o rei "Deixe o cachorro ir para o céu."

Imediatamente, a cena mudou. Ouvindo estas nobres palavras de Yudhishthira, o cachorro revelou-se como Dharma; o cachorro não era outro senão Yama, o Senhor da Morte e da Justiça. E Dharma exclamou: "Veja, ó rei, nenhum homem jamais foi tão altruísta quanto você, disposto a trocar o céu por um cachorrinho, e por causa dele renunciando a todas as suas virtudes e pronto para ir para o inferno até mesmo por ele. Você é bem nascido, ó Rei dos reis. Tu tens compaixão por todas as criaturas, ó Bhârata, das quais este é um exemplo brilhante. Portanto, regiões de felicidade imorredoura são tuas, ó Rei, e o brilho é uma meta celestial e elevada. "

Então Yudhishthira, com Indra, Dharma e outros deuses, segue para o céu em um carro celestial. Ele passa por algumas provas, banha-se no Ganga celestial e assume um corpo celeste. Ele conhece seus irmãos que agora são imortais, e tudo finalmente é uma felicidade.

Assim termina a história do Mahabharata, expondo num poema sublime o triunfo da virtude e a derrota do vício.

Ao falar do Mahabharata para você, é simplesmente impossível para mim apresentar a gama interminável de personagens grandiosos e majestosos dos heróis poderosos retratados pelo gênio e mente mestre de Vyasa. Os

conflitos internos entre retidão e afeição filial na mente do rei Dhritarashtra, temente a Deus, mas fraco, velho e cego; o caráter majestoso do avô Bhishma; a natureza nobre e virtuosa do real Yudhishtira e dos outros quatro irmãos, tão poderosos em valor quanto em devoção e lealdade; o caráter incomparável de Krishna, insuperável em sabedoria humana; e não menos brilhantes, os personagens das mulheres - a imponente rainha Gandhari, a amorosa mãe Kunti, a sempre devotada e sofredora Draupadi - estes e centenas de outros personagens deste Épico e dos do Ramayana foram a herança estimada de todo o mundo hindu durante os últimos milhares de anos e constituem a base dos seus pensamentos e das suas ideias morais e éticas. Na verdade, o Ramayana e o Mahabharata são as duas enciclopédias da antiga vida e sabedoria ariana, retratando uma civilização ideal que a humanidade ainda não aspirou.

4.2.3 REFLEXÕES SOBRE O GITA

Durante sua estada em Calcutá em 1897, Swami Vivekananda costumava ficar a maior parte do tempo em Math, sede da Missão Ramakrishna, então localizada em Alambazar. Durante este tempo, vários jovens, que já estavam se preparando há algum tempo, reuniram-se ao seu redor e fizeram os votos de Brahmacharya e Sannyasa, e Swamiji começou a treiná-los para o trabalho futuro, dando aulas sobre o Gitâ e o Vedanta, e iniciando-os. -los nas práticas de meditação. Numa dessas aulas ele falou eloquentemente em bengali sobre o Gita. A seguir está a tradução do resumo do discurso conforme foi registrado no diário de matemática:

O livro conhecido como Gita faz parte do Mahabhârata. Para compreender o Gita adequadamente, é muito importante saber várias coisas. Primeiro, se fazia parte do Mahabharata, isto é, se a autoria atribuída ao Veda-Vyâsa era verdadeira, ou se foi meramente interpolada dentro do grande épico; segundo, se houve alguma personalidade histórica com o nome de Krishna; em terceiro lugar, se a grande guerra de Kurukshetra mencionada no Gita realmente ocorreu; e quarto, se Arjuna e outros eram pessoas históricas reais.

Agora, em primeiro lugar, vejamos quais são os fundamentos para tal investigação. Sabemos que houve muitos que atendiam pelo nome de Veda-Vyasa; e entre eles quem foi o verdadeiro autor do Gita – o Bâdarâyana Vyasa ou Dvaipâyana Vyasa? “Vyasa” era apenas um título. Qualquer pessoa que compusesse um novo Purâna era conhecida pelo nome de Vyasa, assim como a palavra Vikramâditya, que também era um nome genérico. Outro ponto é que o livro, Gita, não era muito conhecido pela maioria das pessoas antes de Shankarâchârya torná-lo famoso ao escrever seu grande comentário sobre ele. Muito antes disso, já existia, segundo muitos, o comentário de Bodhâyana sobre o assunto. Se isso pudesse ser provado, sem dúvida seria um grande avanço para estabelecer a antiguidade do Gita e a autoria de Vyasa. Mas o Bodhayana Bhâshya sobre os Vedânta Sutas - dos quais Râmânua compilou seu Shri-Bhâshya, que Shankaracharya menciona e até cita em parte aqui e ali em seu próprio comentário, e que foi tão amplamente discutido pelo Swami Dayânanda - nem mesmo é uma cópia do que Bodhayana Bhashya pude encontrar enquanto viajava pela Índia. Diz-se que até mesmo Ramanuja compilou seu Bhashya a partir de um manuscrito comido por vermes que ele encontrou. Quando mesmo este grande Bodhayana Bhashya nos Vedanta-Sutras está tão envolto na escuridão da incerteza, é simplesmente inútil tentar estabelecer a existência do Bodhayana Bhashya no Gita. Alguns inferem que Shankaracharya foi o autor do Gita e que foi ele quem o inseriu no corpo do Mahabharata.

Então, quanto ao segundo ponto em questão, existem muitas dúvidas sobre a personalidade de Krishna. Em um lugar do Chhândogya Upanishad encontramos menção a Krishna, o filho de Devaki, que recebeu instruções espirituais de um certo Ghora, um Iogue. No Mahabharata, Krishna é o rei de Dwâarakâ; e no Vishnu Purâna encontramos uma descrição de Krishna brincando com as Gopis. Novamente, no Bhagavata, o relato de seu Râsalilâ é detalhadamente detalhado. Em tempos muito antigos, em nosso país, estava em voga um Utsava chamado Madanotsava (celebração em homenagem ao Cupido). Essa mesma coisa foi transformada em Dola e colocada sobre os ombros de Krishna. Quem pode ser tão ousado a ponto de afirmar que a Rasalila e outras coisas relacionadas com ele não estavam igualmente ligadas a ele? Nos tempos antigos havia muito pouca tendência no nosso país para descobrir verdades através da investigação histórica. Portanto, qualquer um poderia dizer o que achasse melhor sem fundamentar isso com fatos e evidências adequadas. Outra coisa: naqueles tempos antigos havia muito pouco desejo por nome e fama nos homens. Assim, muitas vezes acontecia que um homem compusesse um livro e o publicasse em nome de seu Guru ou de outra pessoa. Nesses casos, é muito perigoso para o investigador dos factos históricos chegar à verdade. Nos tempos antigos eles não tinham nenhum conhecimento de geografia; a imaginação correu solta. E assim nos deparamos com criações fantásticas do cérebro como oceano doce, oceano de leite, oceano de manteiga clarificada, oceano de coalhada, etc! Nos Puranas encontramos um vivendo dez mil anos, outro cem mil anos! Mas os Vedas dizem: शतायुर्वै पुरुषः — “O homem vive cem anos”. Quem devemos seguir aqui? Portanto, chegar a uma conclusão correta no caso de Krishna é quase impossível.

É da natureza humana construir em torno do caráter real de um grande homem todos os tipos de atributos sobre-humanos imaginários. Com relação a Krishna deve ter acontecido o mesmo, mas parece bastante provável que ele fosse um rei. Muito provavelmente eu digo, porque nos tempos antigos em nosso país eram principalmente os reis que mais se esforçavam na pregação de Brahma-Jnâna. Outro ponto a ser especialmente observado aqui é que quem quer que tenha sido o autor do Gita, achamos que seus ensinamentos são os mesmos de todo o Mahabharata. Disto podemos inferir com segurança que na era do Mahabharata algum grande homem surgiu e pregou o Brahma-Jnâna nesta nova roupagem para a

sociedade então existente. Outro fato vem à tona: nos tempos antigos, à medida que surgiam uma seita após outra, também passou a existir e a ser usada entre elas uma nova escritura ou outra. Aconteceu também que, com o passar do tempo, tanto a seita como as suas escrituras desapareceram, ou a seita deixou de existir, mas as suas escrituras permaneceram. Da mesma forma, era bastante provável que o Gita fosse a escritura de uma seita que incorporasse suas ideias elevadas e nobres neste livro sagrado.

Agora, ao terceiro ponto, relativo ao tema da Guerra de Kurukshetra, nenhuma evidência especial pode ser apresentada em seu apoio. Mas não há dúvida de que houve uma guerra travada entre os Kurus e os Panchalas. Outra coisa: como poderia haver tanta discussão sobre Jnâna, Bhakti e Yoga no campo de batalha, onde o enorme exército estava em formação de batalha, pronto para lutar, apenas esperando pelo último sinal? E havia algum taquígrafo presente lá para anotar cada palavra falada entre Krishna e Arjuna, no barulho e tumulto do campo de batalha? Segundo alguns, esta Guerra Kurukshetra é apenas uma alegoria. Quando resumimos o seu significado esotérico, significa a guerra que ocorre constantemente dentro do homem entre as tendências do bem e do mal. Este significado também pode não ser irracional.

Sobre o quarto ponto, há bastante dúvida no que diz respeito à historicidade de Arjuna e outros, e é o seguinte: Shatapatha Brâhmana é um livro muito antigo. Nele são mencionados em algum lugar todos os nomes daqueles que foram os executores do Ashvamedha Yajna: mas nesses lugares não apenas não há menção, mas também nenhuma sugestão dos nomes de Arjuna e outros, embora fale de Janamejaya, o filho de Parikshit que era neto de Arjuna. No entanto, no Mahabharata e em outros livros é afirmado que Yudhishtira, Arjuna e outros celebraram o sacrifício Ashvamedha.

Uma coisa deve ser especialmente lembrada aqui: não há conexão entre essas pesquisas históricas e nosso objetivo real, que é o conhecimento que leva à aquisição do Dharma. Mesmo que hoje se prove que a historicidade de tudo isto é absolutamente falsa, isso não representará de forma alguma qualquer perda para nós. Então qual é a utilidade de tanta pesquisa histórica, você pode perguntar. Tem a sua utilidade, porque temos que chegar à verdade; não será bom permanecermos presos a ideias erradas

nascidas da ignorância. Neste país as pessoas pensam muito pouco na importância de tais investigações. Muitas das seitas acreditam que, para pregar uma coisa boa que pode ser benéfica para muitos, não há mal nenhum em dizer uma mentira, se isso ajudar tal pregação, ou por outras palavras, o fim justifica os meios. Por isso encontramos muitos dos nossos Tantras começando com “Mahâdeva disse a Pârvati”. Mas o nosso dever deveria ser convencer-nos da verdade, acreditar apenas na verdade. Tal é o poder da superstição, ou fé em antigas tradições sem investigação da sua verdade, que mantém os homens de mãos e pés atados, tanto que até mesmo Jesus, o Cristo, Maomé e outros grandes homens acreditaram em muitas dessas superstições e poderiam não se livrar deles. Você deve manter seus olhos sempre fixos apenas na verdade e evitar completamente todas as superstições.

Agora cabe-nos ver o que há no Gita. Se estudarmos os Upanishads, notamos, ao vagar pelos labirintos de muitos assuntos irrelevantes, a súbita introdução da discussão de uma grande verdade, assim como no meio de um enorme deserto um viajante inesperadamente se depara com aqui e ali uma rosa extraordinariamente bela. , com suas folhas, espinhos, raízes, tudo emaranhado. Comparado com isso, o Gita é como essas verdades lindamente dispostas juntas em seus devidos lugares – como uma bela guirlanda ou um buquê das flores mais escolhidas. Os Upanishads tratam detalhadamente de Shraddhâ em muitos lugares, mas quase não mencionam Bhakti. No Gita, por outro lado, o assunto de Bhakti não apenas é tratado repetidas vezes, mas nele o espírito inato de Bhakti atingiu sua culminação.

Agora vejamos alguns dos principais pontos discutidos no Gita. Onde reside a originalidade do Gita que o distingue de todas as escrituras anteriores? É isto: Embora antes de seu advento, Yoga, Jnana, Bhakti, etc. tivessem cada um seus fortes adeptos, todos eles brigavam entre si, cada um reivindicando superioridade para seu próprio caminho escolhido; ninguém jamais tentou buscar a reconciliação entre esses diferentes caminhos. Foi o autor do Gita quem pela primeira vez tentou harmonizá-los. Ele tirou o melhor do que todas as seitas então existentes tinham a oferecer e inseriu-os no Gita. Mas mesmo onde Krishna falhou em mostrar uma reconciliação completa (Samanvaya) entre estas seitas em guerra, isso foi plenamente realizado por Ramakrishna Paramahansa neste século XIX.

O próximo é Nishkâma Karma, ou trabalho sem desejo ou apego. As pessoas hoje em dia entendem o que isso significa de várias maneiras. Alguns dizem que o que significa estar desapegado é perder o propósito. Se esse fosse o seu verdadeiro significado, então os brutos sem coração e as paredes seriam os melhores expoentes do desempenho do Nishkama Karma. Muitos outros, novamente, dão o exemplo de Janaka e desejam ser igualmente reconhecidos como mestres do passado na prática do Nishkama Karma! Janaka (lit. pai) não adquiriu essa distinção ao gerar filhos, mas todas essas pessoas querem ser Janakas, com a única qualificação de serem pais de uma ninhada de filhos! Não! O verdadeiro Nishkama Karmi (executor de trabalho sem desejo) não deve ser como um bruto, nem ser inerte, nem sem coração. Ele não é Tâmasika, mas de puro Sattva. Seu coração está tão cheio de amor e simpatia que ele pode abraçar o mundo inteiro com seu amor. O mundo em geral não consegue compreender seu amor e simpatia abrangentes.

A reconciliação dos diferentes caminhos do Dharma e o trabalho sem desejo ou apego – estas são as duas características especiais do Gita.

Vamos agora ler um pouco do segundo capítulo.

सञ्जय उवाच ॥

तं तथा कृपयाविष्टमश्रुपूर्णाकुलेक्षणम् ।
विषीदन्तमिदं वाक्यमुवाच मधुसूदनः ॥१॥

श्रीभगवानुवाच ॥

कुतस्त्वा कश्मलमिदं विषमे समुपस्थितम् ।
अनार्यजुष्टमस्वर्ग्यमकीर्तिकरमर्जुन ॥२॥

क्लैब्यं मा स्म गमः पार्थ नैतत्त्वय्युपपद्यते ।
क्षुद्रं ब्रह्मदौर्बल्यं त्यक्त्वोत्तिष्ठ परंतप ॥३॥

"Sanjaya disse:

Para aquele que estava assim dominado pela piedade e tristeza, e cujos olhos estavam turvos pelas lágrimas, Madhusudana disse estas palavras.

O Bendito Senhor disse:

Em tal situação, de onde vem sobre ti, ó Arjuna, esse desânimo, nada ariano, vergonhoso e contrário à obtenção do céu?

Não ceda à falta de masculinidade, ó filho de Prithâ! Isso não te convém. Abandone essa mesquinharia e levante-se, ó opressor de teus inimigos!"

Nos Shlokas começando com तं तथा कृपयाविष्टं , quão poeticamente, quão lindamente, a posição real de Arjuna foi pintada! Então Shri Krishna aconselha Arjuna; e nas palavras कलैर्बभूव सा स्म गमः पार्थ etc., por que ele está incitando Arjuna a lutar? Porque não foi que a relutância de Arjuna em lutar surgiu da esmagadora predominância da pura Sattva Guna; foi tudo Tamas que provocou essa falta de vontade. A natureza de um homem de Sattva Guna é que ele é igualmente calmo em todas as situações da vida - seja na prosperidade ou na adversidade. Mas Arjuna estava com medo, cheio de pena. Que ele tinha o instinto e a inclinação para lutar é provado pelo simples fato de que ele veio ao campo de batalha com nenhum outro propósito além desse. Frequentemente, em nossas vidas, essas coisas também acontecem. Muitas pessoas pensam que são Sâttvika por natureza, mas na verdade nada mais são do que Tâmasika. Muitos que vivem de maneira impura se consideram Paramahamsas! Por que? Porque os Shâstras dizem que os Paramahamsas vivem como alguém inerte, ou louco, ou como um espírito impuro. Os Paramahamsas são comparados às crianças, mas aqui deve ser entendido que a comparação é unilateral. O Paramahamsa e a criança não são um e não são diferentes. Eles apenas parecem semelhantes, sendo os dois pólos extremos, por assim dizer. Um alcançou um estado além de Jnana, e o outro não tem nem um indício de Jnana. As vibrações mais rápidas e suaves da luz estão além do alcance da nossa visão comum; mas em um o calor é intenso e no outro pode-se dizer que quase não há calor. O mesmo acontece com as qualidades opostas de Sattva e Tamas. Eles parecem iguais em alguns aspectos, sem dúvida, mas há uma enorme diferença entre eles. O Tamoguna adora vestir-se com a vestimenta de Sattva. Aqui, em Arjuna, o poderoso guerreiro, isso veio sob o disfarce de Dayâ (piedade).

Para remover esta ilusão que tomou conta de Arjuna, o que o Bhagavân disse? Como eu sempre prego que você não deve criticar um homem chamando-o de pecador, mas que você deve chamar sua atenção para o poder onipotente que está nele, da mesma forma o Bhagavan fala com Arjuna. नैतत्त्वय्युपपद्यते — "Isso não te convém!" "Tu és Atman imperecível, além de todo o mal. Tendo esquecido sua verdadeira natureza, você, ao se

considerar um pecador, como alguém afligido por males corporais e sofrimento mental, você se tornou assim - isso não lhe convém!" - assim diz o Bhagavan: क्लैब्यं मा स्म गमः पार्थ । - Não ceda à falta de masculinidade, ó filho de Pritha. Não há no mundo nem pecado nem miséria, nem doença nem tristeza; se há algo no mundo que pode ser chamado de pecado, é isto – “medo”; saiba que qualquer trabalho que revele o poder latente em você é Punya (virtude); e aquilo que enfraquece seu corpo e sua mente é, em verdade, pecado. Sacuda essa fraqueza, essa covardia! क्लैब्यं मा स्म गमः पार्थ । — Tu és um herói, um Vira; isso é impróprio da sua parte."

Se vocês, meus filhos, puderem proclamar esta mensagem ao mundo — क्लैब्यं मा स्म गमः पार्थ नैतत्त्वय्युपपद्यते — então toda essa doença, tristeza, pecado e tristeza desaparecerão da face da terra em três dias. Todas essas ideias de fraqueza não chegarão a lugar nenhum. Agora está em toda parte – esta corrente de vibração do medo. Inverta a corrente: traga a vibração oposta e contemple a transformação mágica! Tu és onipotente – vá, vá até a boca do canhão, não tema.

Não odeie o pecador mais abjeto, tolo; não para o seu exterior. Volte teu olhar para dentro, onde reside o Paramâtman. Proclame ao mundo inteiro com voz de trombeta: "Não há pecado em ti, não há miséria em ti; tu és o reservatório do poder onipotente. Levanta-te, desperta e manifesta a Divindade interior!"

Se alguém ler este Shloka -

क्लैब्यं मा स्म गमः पार्थ नैतत्त्वय्युपपद्यते ।
शुद्धं हृदयदौर्बल्यं त्यक्त्वोत्तिष्ठ परंतप ॥

– obtém-se todos os méritos de ler todo o Gita; pois neste Shloka está embutida toda a Mensagem do Gita.

4.2.4 A HISTÓRIA DE JADA BHARATA

(Entregue na Califórnia)

Houve um grande monarca chamado Bharata. A terra que os estrangeiros chamam de Índia é conhecida por seus filhos como Bhârata Varsha. Agora,

é ordenado a todo hindu, quando envelhecer, que abandone todas as atividades mundanas - deixe os cuidados do mundo, sua riqueza, felicidade e prazeres para seu filho - e retire-se para a floresta, para lá meditar sobre o Eu, que é a única realidade nele, e assim quebrar os laços que o prendem à vida. Rei ou padre, camponês ou servo, homem ou mulher, ninguém está isento deste dever: para todos os deveres do chefe de família - do filho, do irmão, do marido, do pai, da esposa, da filha, da mãe, do irmão – são apenas preparativos para aquele estágio, quando todos os laços que ligam a alma à matéria serão rompidos para sempre.

O grande rei Bharata em sua velhice entregou seu trono a seu filho e retirou-se para a floresta. Ele que governou milhões e milhões de súditos, que viveu em palácios de mármore, incrustados de ouro e prata, que bebeu em taças de jóias - este rei construiu com suas próprias mãos uma pequena cabana, feita de junco e grama, nas margens de um rio nas florestas do Himalaia. Ali vivia de raízes e ervas silvestres, colhidas pelas próprias mãos, e meditava constantemente Naquele que está sempre presente na alma do homem. Dias, meses e anos se passaram. Um dia, um cervo veio beber água perto de onde o sábio real estava meditando. No mesmo momento, um leão rugiu a pouca distância. A corça ficou tão apavorada que, sem saciar a sede, deu um grande salto para atravessar o rio. A cerva estava grávida, e esse esforço extremo e susto repentino a fizeram dar à luz um pequeno cervo, e logo depois ela caiu morta. O cervo caiu na água e estava sendo levado rapidamente pela corrente espumosa, quando chamou a atenção do rei. O rei levantou-se de sua posição de meditação e resgatou o cervo da água, levou-o para sua cabana, acendeu uma fogueira e, com cuidado e atenção, acariciou a criancinha de volta à vida. Então o gentil sábio colocou o cervo sob sua proteção, criando-o na grama macia e nas frutas. O cervo prosperou sob os cuidados paternos do monarca aposentado e cresceu e se tornou um lindo cervo. Então, aquele cuja mente foi forte o suficiente para romper com o apego vitalício ao poder, à posição e à família, apegou-se ao cervo que salvou do riacho. E à medida que ele se tornava cada vez mais afeiçoado ao cervo, cada vez menos conseguia concentrar sua mente no Senhor. Quando o cervo saísse para pastar na floresta, se demorasse a retornar, a mente do sábio real ficaria ansiosa e preocupada. Ele pensaria: "Talvez meu filho tenha sido atacado por algum tigre - ou

talvez algum outro perigo tenha acontecido com ele; caso contrário, por que é tarde?"

Alguns anos se passaram dessa maneira, mas um dia a morte chegou e o sábio real deitou-se para morrer. Mas a sua mente, em vez de se concentrar no Ser, estava pensando no cervo; e com os olhos fixos nos olhares tristes de seu amado cervo, sua alma deixou o corpo. Como resultado disso, no nascimento seguinte ele nasceu como um cervo. Mas nenhum Karma está perdido, e todas as grandes e boas ações feitas por ele como rei e sábio deram seus frutos. Este cervo nasceu Jâtismara e lembrou-se de seu nascimento passado, embora fosse desprovido de fala e vivesse em um corpo animal. Ele sempre deixava seus companheiros e era instintivamente atraído a pastar perto de eremitérios onde eram oferecidas oblações e pregados os Upanishads.

Depois de passados os anos normais de vida de um cervo, ele morreu e nasceu em seguida como o filho mais novo de um brâmane rico. E também naquela vida ele se lembrou de todo o seu passado, e mesmo na infância estava determinado a não mais se envolver no bem e no mal da vida. A criança, à medida que crescia, era forte e saudável, mas não falava uma palavra e vivia inerte e louca, com medo de se envolver nos assuntos mundanos. Seus pensamentos estavam sempre no Infinito, e ele vivia apenas para esgotar seu Prârabdha Karma passado. Com o passar do tempo, o pai morreu e os filhos dividiram a propriedade entre si; e pensando que o mais novo era um homem burro e imprestável, confiscaram-lhe a parte. A caridade deles, porém, estendeu-se apenas ao ponto de lhe dar comida suficiente para viver. As esposas dos irmãos eram muitas vezes muito duras com ele, obrigando-o a fazer todo o trabalho duro; e se ele fosse incapaz de fazer tudo o que queriam, eles o tratariam de maneira muito cruel. Mas ele não demonstrou irritação nem medo, e nem disse uma palavra. Quando eles o perseguiam muito, ele saía de casa e sentava-se debaixo de uma árvore, a cada hora, até que a ira deles fosse apaziguada, e então ele voltava para casa silenciosamente.

Um dia; quando as esposas dos irmãos o trataram com mais crueldade do que o normal, Bharata saiu de casa, sentou-se sob a sombra de uma árvore e descansou. Ora, aconteceu que o rei do país passava, carregado num

palanquim nos ombros dos carregadores. Um dos carregadores adoeceu inesperadamente e seus assistentes procuravam um homem para substituí-lo. Eles encontraram Bharata sentado debaixo de uma árvore; e vendo que ele era um jovem forte, perguntaram-lhe se ele tomaria o lugar do doente ao carregar o palanquim do rei. Mas Bharata não respondeu. Vendo que ele estava tão bem, os servos do rei o agarraram e colocaram a vara em seus ombros. Sem dizer uma palavra, Bharata continuou. Logo depois disso, o rei observou que o palanquim não estava sendo carregado de maneira uniforme e, olhando para fora do palanquim, dirigiu-se ao novo portador, dizendo: "Tolo, descanse um pouco; se seus ombros doerem, descanse um pouco." Então Bharata largou a haste do palanquim, abriu seus lábios pela primeira vez em sua vida e falou, "A quem você, ó rei, chama de tolo? A quem você pede para largar o palanquim? Quem você diz está cansado? A quem você chama de 'tu'? Se você quer dizer, ó Rei, com a palavra 'você' esta massa de carne, ela é composta da mesma matéria que a sua; não conhece dor. Se for a mente, a mente é a mesma que a tua; mas se a palavra "tu" for aplicada a algo além disso, então é o Eu, a Realidade em mim, que é. o mesmo que em ti, e é o Um no universo. Você quer dizer, ó Rei, que o Eu pode estar sempre cansado, que Ele pode estar sempre cansado, que Ele pode estar sempre ferido, eu não queria, ó? Rei – este corpo não queria – pisotear os pobres vermes que rastejavam na estrada e, portanto, ao tentar evitá-los, o palanquim se movia de forma desigual. Mas o Ser nunca estava cansado; do palanquim: pois é onipotente e onipresente." E assim ele se debruçou eloquentemente sobre a natureza da alma, e sobre o conhecimento mais elevado, etc. O rei, que estava orgulhoso de sua erudição, conhecimento e filosofia, desceu do palanquim e caiu aos pés de Bharata, dizendo: "Peço-te perdão, ó poderoso, eu não sabia que tu eras um sábio, quando te pedi para me carregar." Bharata o abençoou e partiu. Ele então retomou o mesmo teor de sua vida anterior. Quando Bharata deixou o corpo, ele foi libertado para sempre da escravidão do nascimento.

4.2.5 A HISTÓRIA DE PRAHLADA

(Entregue na Califórnia)

Hiranyakashipu era o rei dos Daityas. Os Daityas, embora nascidos da mesma linhagem dos Devas ou deuses, estavam sempre em guerra com estes últimos. Os Daityas não tiveram parte nas oblações e oferendas da humanidade, ou no governo do mundo e sua orientação. Mas às vezes eles se tornaram fortes e expulsaram todos os Devas do céu, e tomaram o trono dos deuses e governaram por um tempo. Então os Devas oraram a Vishnu, o Senhor Onipresente do universo, e Ele os ajudou a sair de suas dificuldades. Os Daityas foram expulsos e mais uma vez os deuses reinaram.

Hiranyakashipu, rei dos Daityas, por sua vez, conseguiu conquistar seus primos, os Devas, e sentou-se no trono dos céus e governou os três mundos – o mundo intermediário, habitado por homens e animais; os céus, habitados por deuses e seres divinos; e o mundo inferior, habitado pelos Daityas. Agora, Hiranyakashipu declarou-se o Deus de todo o universo e proclamou que não havia outro Deus além dele mesmo, e ordenou estritamente que o Onipotente Vishnu não deveria receber nenhuma adoração oferecida a Ele em lugar nenhum; e que toda a adoração doravante deveria ser dada apenas a ele.

Hiranyakashipu teve um filho chamado Prahlada. Agora, aconteceu que este Prahlada desde a sua infância foi devotado a Deus. Ele mostrou indícios disso quando criança; e o rei dos Daityas, temendo que o mal que ele queria afastar do mundo surgisse em sua própria família, entregou seu filho a dois professores chamados Shanda e Amarka, que eram disciplinadores muito severos, com injunções estritas de que Prahlada nunca ouviria sequer o nome de Vishnu ser mencionado. Os professores levaram o príncipe para sua casa e lá ele foi colocado para estudar com as outras crianças de sua idade. Mas o pequeno Prahlada, em vez de aprender com seus livros, dedicou todo o tempo ensinando os outros meninos a adorar Vishnu.

Quando os professores descobriram isso, ficaram assustados, pois o medo do poderoso rei Hiranyakashipu estava sobre eles, e fizeram o possível para dissuadir a criança de tais ensinamentos. Mas Prahlada não conseguia parar de ensinar e adorar Vishnu, assim como não conseguia parar de respirar. Para se esclarecerem, os professores contaram ao rei o terrível fato de que seu filho não estava apenas adorando o próprio Vishnu, mas também mimando todas as outras crianças, ensinando-as a adorar Vishnu.

O monarca ficou muito furioso ao ouvir isso e chamou o menino à sua presença. Ele tentou, por meio de persuasões gentis, dissuadir Prahlada da adoração de Vishnu e ensinou-lhe que ele, o rei, era o único Deus a ser adorado. Mas foi em vão. A criança declarou repetidas vezes que o Onipresente Vishnu, Senhor do universo, era o único Ser a ser adorado - pois mesmo ele, o rei, ocupava seu trono apenas enquanto agradasse a Vishnu. A raiva do rei não tinha limites e ele ordenou que o menino fosse morto imediatamente. Então os Daityas o atacaram com armas pontiagudas; mas a mente de Prahlad estava tão concentrada em Vishnu que ele não sentiu nenhuma dor por parte deles.

Quando seu pai, o rei, viu que era assim, ele ficou assustado, mas, despertado pelas piores paixões de um Daitya, inventou vários meios diabólicos para matar o menino. Ele ordenou que ele fosse pisoteado por um elefante. O elefante enfurecido não conseguiu esmagar o corpo, assim como não conseguiria esmagar um bloco de ferro. Portanto, esta medida também não teve nenhum propósito. Então o rei ordenou que o menino fosse jogado num precipício, e esta ordem também foi devidamente cumprida; mas, como Vishnu residia no coração de Prahlada, ele desceu à terra tão suavemente quanto uma flor cai na grama. Veneno, fogo, fome, lançamento em poço, encantamentos e outras medidas foram então experimentadas na criança, uma após a outra, mas sem nenhum propósito. Nada poderia machucá-lo em cujo coração habitava Vishnu.

Por fim, o rei ordenou que o menino fosse amarrado com poderosas serpentes trazidas dos mundos inferiores, e depois jogado no fundo do oceano, onde enormes montanhas seriam empilhadas sobre ele, de modo que, com o passar do tempo, se não imediatamente, ele pode morrer; e ele ordenou que ele fosse deixado nesta situação. Mesmo sendo tratado dessa maneira, o menino continuou a orar ao seu amado Vishnu: "Saudação a Ti, Senhor do universo. Tu, lindo Vishnu!" Assim, pensando e meditando em Vishnu, ele começou a sentir que Vishnu estava perto dele, ou melhor, que Ele estava em sua própria alma, até que começou a sentir que era Vishnu, e que era tudo e em toda parte.

Assim que ele percebeu isso, todos os laços da cobra se romperam; as montanhas foram pulverizadas, o oceano agitado e ele foi suavemente

erguido acima das ondas e levado com segurança para a costa. Enquanto Prahlada estava ali, ele esqueceu que era um Daitya e tinha um corpo mortal: ele sentiu que era o universo e que todos os poderes do universo emanavam dele; não havia nada na natureza que pudesse feri-lo; ele próprio era o governante da natureza. O tempo passou assim, em um êxtase ininterrupto de felicidade, até que gradualmente Prahlada começou a lembrar que tinha um corpo e que era Prahlada. Assim que voltou a ter consciência do corpo, viu que Deus estava dentro e fora; e tudo lhe apareceu como Vishnu.

Quando o rei Hiranyakashipu descobriu, para seu horror, que todos os meios mortais para se livrar do menino que era perfeitamente devotado ao seu inimigo, o deus Vishnu, eram impotentes, ele não sabia o que fazer. O rei trouxe o menino novamente à sua presença e tentou persuadi-lo mais uma vez a ouvir seu conselho, por meios gentis. Mas Prahlada deu a mesma resposta. Pensando, porém, que esses caprichos infantis do menino seriam retificados com a idade e o treinamento adicional, ele o colocou novamente sob os cuidados dos professores, Shanda e Amarka, pedindo-lhes que lhe ensinassem os deveres do rei. Mas esses ensinamentos não agradaram Prahlada, e ele passou seu tempo instruindo seus colegas de escola no caminho da devoção ao Senhor Vishnu.

Quando seu pai soube disso, ele novamente ficou furioso e, chamando o menino, ameaçou matá-lo e abusou de Vishnu na pior linguagem. Mas Prahlada ainda insistia que Vishnu era o Senhor do universo, o Sem Princípio, o Infinito, o Onipotente e o Onipresente e, como tal, somente ele deveria ser adorado. O rei rugiu de raiva e disse: “Tu, maligno, se teu Vishnu é Deus onipresente, por que ele não reside naquele pilar ali?” Prahlada humildemente submeteu-se a isso. “Se for assim”, gritou o rei, “deixe-o te defender; eu te matarei com esta espada.” Assim dizendo, o rei avançou contra ele com a espada na mão e desferiu um golpe terrível na coluna. Instantaneamente uma voz trovejante foi ouvida, e eis que saiu do pilar Vishnu em Sua terrível forma de Nrisimha – meio leão, meio homem! Em pânico, os Daityas fugiram em todas as direções; mas Hiranyakashipu lutou com ele longa e desesperadamente, até que ele foi finalmente dominado e morto.

Então os deuses desceram do céu e ofereceram hinos a Vishnu, e Prahlada também caiu a Seus pés e irrompeu em requintados hinos de louvor e devoção. E ele ouviu a Voz de Deus dizendo: "Peça, Prahlada, peça qualquer coisa que desejar"; você é meu filho favorito; portanto peça qualquer coisa que desejar." E Prahlada, sufocado pelos sentimentos, respondeu: "Senhor, eu Te vi. O que mais posso querer? Não me tente com bênçãos terrenas ou celestiais." Novamente a Voz disse: "Ainda assim, pergunte algo, meu filho." E então Prahlada respondeu: "Aquele amor intenso, ó Senhor, que os ignorantes têm pelas coisas mundanas, que eu tenha o mesmo amor por Ti; que eu possa ter a mesma intensidade de amor por Ti, mas apenas por amor!"

Então o Senhor disse: "Prahlada, embora Meus devotos intensos nunca desejem nada, aqui ou no futuro, ainda assim, por Minha ordem, desfrute das bênçãos deste mundo até o final do ciclo atual, e realize obras de mérito religioso, com teu coração fixo em Mim. E assim, com o tempo, após a dissolução do teu corpo, tu me alcançarás." Assim abençoando Prahlada, o Senhor Vishnu desapareceu. Então os deuses liderados por Brahma instalaram Prahlada no trono dos Daityas e retornaram às suas respectivas esferas.

4.2.6 OS GRANDES PROFESSORES DO MUNDO

(Apresentado no Shakespeare Club, Pasadena, Califórnia, 3 de fevereiro de 1900)

O universo, segundo a teoria dos hindus, se move em ciclos de formas ondulatórias. Ele sobe, atinge seu zênite, depois desce e permanece na depressão, por assim dizer, por algum tempo, para subir mais uma vez, e assim por diante, onda após onda e queda após queda. O que é verdade para o universo é verdade para cada parte dele. A marcha dos assuntos humanos é assim. A história das nações é assim: elas sobem e caem; depois da ascensão vem uma queda, novamente da queda vem uma ascensão, com maior poder. Esse movimento está sempre acontecendo. No mundo religioso existe o mesmo movimento. Na vida espiritual de cada nação, há tanto uma queda quanto uma ascensão. A nação desmorona e tudo parece

desmoronar. Então, novamente, ganha força, sobe; vem uma onda enorme, às vezes um maremoto - e sempre na crista mais alta da onda está uma alma brilhante, o Mensageiro. Criador e criado por turnos, ele é o ímpeto que faz subir a onda, a nação subir: ao mesmo tempo, ele é criado pelas mesmas forças que fazem a onda, agindo e interagindo por turnos. Ele exerce seu tremendo poder sobre a sociedade; e a sociedade faz dele o que ele é. Estes são os grandes pensadores do mundo. Estes são os Profetas do mundo, os Mensageiros da vida, as Encarnações de Deus.

O homem tem a ideia de que só pode haver uma religião, que só pode haver um Profeta e que só pode haver uma Encarnação; mas essa ideia não é verdadeira. Ao estudar a vida de todos esses grandes Mensageiros, descobrimos que cada um, por assim dizer, estava destinado a desempenhar um papel, e apenas um papel; que a harmonia consiste na soma total e não em uma nota. Como na vida das corridas – nenhuma raça nasce para desfrutar sozinha do mundo. Ninguém ousa dizer não. Cada raça tem um papel a desempenhar nesta harmonia divina das nações. Cada raça tem sua missão a cumprir, seu dever a cumprir. A soma total é a grande harmonia.

Portanto, nenhum destes Profetas nasceu para governar o mundo para sempre. Ninguém ainda conseguiu e ninguém será o governante para sempre. Cada um contribui apenas com uma parte; e, quanto a essa parte, é verdade que, a longo prazo, cada Profeta governará o mundo e os seus destinos.

A maioria de nós nasce crente em uma religião pessoal. Falamos de princípios, pensamos em teorias, e está tudo bem; mas cada pensamento e cada movimento, cada uma das nossas ações, mostra que só podemos compreender o princípio quando ele nos chega através de uma pessoa. Só podemos compreender uma ideia quando ela nos chega através de uma pessoa ideal materializada. Só podemos compreender o preceito através do exemplo. Quisera Deus que todos nós fôssemos tão desenvolvidos que não precisássemos de nenhum exemplo, não precisássemos de nenhuma pessoa. Mas isso não somos; e, naturalmente, a grande maioria da humanidade colocou as suas almas aos pés destas personalidades extraordinárias, os Profetas, as Encarnações de Deus - Encarnações adoradas pelos cristãos, pelos budistas e pelos hindus. Os maometanos desde o início se opuseram a

qualquer adoração desse tipo. Eles não teriam nada a ver com adorar os Profetas ou Mensageiros, ou prestar-lhes qualquer homenagem; mas, praticamente, em vez de um Profeta, milhares e milhares de santos estão sendo adorados. Não podemos ir contra os fatos! Somos obrigados a adorar personalidades, e isso é bom. Lembre-se daquela palavra do seu grande Profeta para a pergunta: “Senhor, mostra-nos o Pai”, “Aquele que me viu, viu o Pai”. Qual de nós pode imaginar alguma coisa, exceto que Ele é um homem? Só podemos vê-Lo na e através da humanidade. A vibração da luz está em toda parte nesta sala: por que não podemos vê-la em toda parte? Você tem que ver isso apenas naquela lâmpada. Deus é um Princípio Onipresente - em todos os lugares: mas estamos atualmente constituídos de tal forma que podemos vê-Lo, senti-Lo, apenas em e através de um Deus humano. E quando estas grandes Luzes chegam, então o homem realiza Deus. E eles vêm de uma forma diferente daquela que viemos. Viemos como mendigos; eles vêm como imperadores. Viemos aqui como órfãos, como pessoas que se perderam e não sabem disso. O que devemos fazer? Não sabemos qual é o significado de nossas vidas. Não podemos perceber isso. Hoje estamos fazendo uma coisa, amanhã outra. Somos como pequenos pedaços de palha balançando de um lado para o outro na água, como penas sopradas num furacão.

Mas, na história da humanidade, vocês descobrirão que esses Mensageiros surgiram e que desde o seu nascimento a sua missão é encontrada e formada. Todo o plano está aí, traçado; e você os vê desviando nem um centímetro disso. Porque vêm com uma missão, vêm com uma mensagem, não querem raciocinar. Você já ouviu ou leu sobre esses grandes Mestres, ou Profetas, raciocinando sobre o que ensinavam? Não, nenhum deles fez isso. Eles falam direto. Por que eles deveriam raciocinar? Eles veem a Verdade. E eles não apenas veem, mas também mostram! Se você me perguntar: “Existe algum Deus?” e eu disser “Sim”, você imediatamente pergunta meus motivos para dizer isso, e o pobre de mim tem que exercer todos os seus poderes para lhe fornecer algum motivo. Se você tivesse vindo a Cristo e dito: “Existe algum Deus?” ele teria dito: “Sim”; e se você perguntasse: “Existe alguma prova?” ele teria respondido: “Eis o Senhor!” E assim, você vê, é uma percepção direta, e de forma alguma o raciocínio da razão. Não existe tatear no escuro, mas existe a força da visão direta. Eu vejo esta mesa; nenhuma razão pode tirar essa fé de mim. É uma percepção

direta. Tal é a sua fé – fé nos seus ideais, fé na sua missão, fé em si mesmos, acima de tudo. Os grandes seres brilhantes acreditam em si mesmos como ninguém mais acredita. As pessoas dizem: "Você acredita em Deus? Você acredita em uma vida futura? Você acredita nesta doutrina ou naquele dogma?" Mas aqui falta a base: essa crença em si mesmo. Sim, o homem que não consegue acreditar em si mesmo, como podem esperar que ele acredite em qualquer outra coisa? Não tenho certeza da minha própria existência. Num momento penso que existo e nada pode me destruir; no momento seguinte estou tremendo de medo da morte. Num minuto penso que sou imortal; no minuto seguinte, aparece um fantasma e então não sei o que sou, nem onde estou. Não sei se estou vivo ou morto. Num momento penso que sou espiritual, que sou moral; e no momento seguinte, um golpe vem e sou jogado de costas. E porque? — Perdi a fé em mim mesmo, minha espinha dorsal moral está quebrada.

Mas nestes grandes Mestres encontrareis sempre este sinal: que têm uma fé intensa em si mesmos. Uma fé tão intensa é única e não podemos compreendê-la. É por isso que tentamos explicar de várias maneiras o que estes Professores falam de si mesmos; e as pessoas inventam vinte mil teorias para explicar o que dizem sobre a sua realização. Não pensamos sobre nós mesmos da mesma maneira e, naturalmente, não podemos compreendê-los.

Então, novamente, quando eles falam, o mundo é obrigado a ouvir. Quando falam, cada palavra é direta; explode como uma bomba. O que há na palavra, a menos que ela tenha o Poder por trás? O que importa qual idioma você fala e como você organiza seu idioma? O que importa se você fala a gramática correta ou com boa retórica? O que importa se a sua língua é ornamental ou não? A questão é se você tem ou não algo para dar. É uma questão de dar e receber, e não ouvir. Você tem alguma coisa para dar? — essa é a primeira pergunta. Se você tiver, então dê. As palavras apenas transmitem o dom: é apenas um dos muitos modos. Às vezes não falamos nada. Há um antigo versículo em sânscrito que diz: “Eu vi o Mestre sentado debaixo de uma árvore. Ele era um jovem de dezesseis anos, e o discípulo era um velho de oitenta. discípulo partiu.”

Às vezes eles não falam nada, mas ainda assim transmitem a Verdade de mente para mente. Eles vêm para dar. Eles comandam, eles são os Mensageiros; você tem que receber o Comando. Você não se lembra em suas próprias escrituras da autoridade com que Jesus fala? "Ide, portanto, e ensinaí todas as nações... ensinando-as a observar todas as coisas que eu vos ordenei." Está presente em todas as suas declarações, aquela tremenda fé em sua própria mensagem. Isso você encontra na vida de todos esses grandes gigantes que o mundo adora como seus Profetas.

Esses grandes Mestres são os Deuses vivos nesta terra. A quem mais devemos adorar? Tento ter uma ideia de Deus em minha mente e descobro que coisinha falsa eu concebo; seria um pecado adorar esse Deus. Abro os olhos e observo a vida real desses grandes seres da terra. Eles são mais elevados do que qualquer concepção de Deus que eu possa formar. Pois, que concepção de misericórdia poderia formar um homem como eu, que iria atrás de um homem se ele roubasse alguma coisa de mim e o mandasse para a prisão? E qual pode ser a minha ideia mais elevada de perdão? Nada além de mim mesmo. Qual de vocês pode saltar de seus próprios corpos? Qual de vocês consegue sair da cabeça? Nenhum de vocês. Que ideia do amor divino você pode formar, exceto aquela que você realmente vive? Aquilo que nunca experimentamos não podemos ter idéia. Assim, todas as minhas melhores tentativas de formar uma ideia de Deus falhariam em todos os casos. E aqui estão fatos claros, e não idealismo – fatos reais de amor, de misericórdia, de pureza, dos quais não posso sequer ter concepção. Não é de admirar que eu caia aos pés desses homens e os adore como Deus? E o que mais alguém pode fazer? Gostaria de ver o homem que pode fazer qualquer outra coisa, por mais que fale. Falar não é realidade. Falar sobre Deus e o Impessoal, e isso e aquilo é muito bom; mas esses deuses-homens são os verdadeiros deuses de todas as nações e de todas as raças. Esses homens divinos foram adorados e serão adorados enquanto o homem for homem. Aí está a nossa fé, aí está a nossa esperança de uma realidade. De que serve um mero princípio místico!

O propósito e a intenção do que tenho a dizer a vocês é que descobri que é possível em minha vida adorar todos eles e estar pronto para tudo o que ainda está por vir. Uma mãe reconhece seu filho em qualquer roupa com que ele apareça diante dela; e se alguém não fizer isso, tenho certeza de que

ela não é a mãe daquele homem. Agora, no que diz respeito àqueles de vocês que pensam que entendem a Verdade, a Divindade e Deus em apenas um Profeta no mundo, e não em qualquer outro, naturalmente, a conclusão que tiro é que vocês não entendem a Divindade em ninguém; você simplesmente engoliu palavras e se identificou com uma seita, assim como faria na política partidária, por uma questão de opinião; mas isso não é religião alguma. Existem alguns tolos neste mundo que usam água salobra, embora haja água doce excelente por perto, porque, dizem, o poço de água salobra foi cavado pelo pai deles. Agora, na minha pouca experiência, reuni este conhecimento - que apesar de toda a maldade que a religião é, pela qual a religião é culpada, a religião não tem culpa alguma: nenhuma religião alguma vez perseguiu homens, nenhuma religião alguma vez queimou bruxas, nenhuma religião alguma vez fez qualquer um deles. essas coisas. O que então incitou as pessoas a fazerem essas coisas? Política, mas nunca religião; e se tal política toma o nome de religião, de quem é a culpa?

Assim, quando cada homem se levanta e diz: “Meu Profeta é o único Profeta verdadeiro”, ele não está correto – ele não conhece o alfa da religião. A religião não é conversa, nem teoria, nem consentimento intelectual. É a realização no fundo dos nossos corações; é tocar em Deus; é sentir, perceber que sou um espírito em relação com o Espírito Universal e todas as Suas grandes manifestações. Se você realmente entrou na casa do Pai, como pode ter visto Seus filhos e não os ter conhecido? E se você não os reconhece, você não entrou na casa do Pai. A mãe reconhece seu filho em qualquer vestido e o reconhece por mais disfarçado que seja. Reconheça todos os grandes homens e mulheres espirituais de todas as épocas e países, e veja se eles não estão realmente em desacordo uns com os outros. Onde quer que tenha havido religião real – este toque do Divino, a alma entrando em contato direto com o Divino – sempre houve uma ampliação da mente que lhe permite ver a luz em todos os lugares. Ora, alguns maometanos são os mais rudes a este respeito e os mais sectários. A sua palavra de ordem é: “Há um Deus e Maomé é o Seu Profeta”. Tudo o que está além disso não apenas é ruim, mas deve ser destruído imediatamente; a qualquer momento, todo homem ou mulher que não acredita exatamente nisso deve ser morto; tudo o que não pertence a este culto deve ser quebrado imediatamente; todo livro que ensina qualquer outra coisa deve ser queimado. Do Pacífico ao Atlântico, durante quinhentos anos o sangue correu por todo o mundo. Isso

é o Maometismo! No entanto, entre estes maometanos, onde quer que haja um homem filosófico, ele certamente protestará contra estas crueldades. Nisso ele mostrou o toque do Divino e percebeu um fragmento da verdade; ele não estava brincando com sua religião; pois não era a religião de seu pai que ele estava falando, mas falou a verdade diretamente como um homem.

Lado a lado com a moderna teoria da evolução, há outra coisa: o atavismo. Há uma tendência em nós de voltar às velhas ideias religiosas. Pensemos em algo novo, mesmo que esteja errado. É melhor fazer isso. Por que você não deveria tentar acertar o alvo? Tornamo-nos mais sábios através dos fracassos. O tempo é infinito. Olhe para a parede. A parede alguma vez contou uma mentira? É sempre a parede. O homem mente – e também se torna um deus. É melhor fazer alguma coisa; não importa, mesmo que seja errado, é melhor do que não fazer nada. A vaca nunca mente, mas ela continua sendo uma vaca o tempo todo. Faça alguma coisa! Pense um pouco; não importa se você está certo ou errado. Mas pense alguma coisa! Porque os meus antepassados não pensavam desta forma, devo sentar-me calmamente e gradualmente perder o meu sentido de sentimento e as minhas próprias faculdades de pensamento? Eu posso muito bem estar morto! E de que vale a vida se não temos ideias vivas, nem convicções próprias sobre religião? Há alguma esperança para os ateus, porque embora sejam diferentes dos outros, pensam por si próprios. As pessoas que nunca pensam nada por si mesmas ainda não nasceram no mundo da religião; eles têm uma mera existência de água-viva. Eles não vão pensar; eles não se importam com religião. Mas o descrente, o ateu, preocupa-se e está a lutar. Então pense alguma coisa! Lute em direção a Deus! Não importa se você falhar, não importa se você conseguir uma teoria estranha. Se você tem medo de ser chamado de gay, mantenha isso em mente - você não precisa pregar isso aos outros. Mas faça alguma coisa! Lute em direção a Deus! A luz deve vir. Se um homem me alimentar todos os dias da minha vida, a longo prazo perderei o uso das minhas mãos. A morte espiritual é o resultado de seguirmos uns aos outros como um rebanho de ovelhas. A morte é o resultado da inação. Ser ativo; e onde quer que haja atividade, deve haver diferença. A diferença é o molho da vida; é a beleza, é a arte de tudo. A diferença torna tudo bonito aqui. É a variedade que é fonte de vida, sinal de vida. Por que deveríamos ter medo disso?

Agora, estamos chegando a uma posição de entender sobre os Profetas. Agora, vemos que a evidência histórica é - independentemente da existência de água-viva na religião - que onde houve qualquer pensamento real, qualquer amor real por Deus, a alma cresceu em direção a Deus e obteve, por assim dizer, um vislumbre agora e então, entrou em percepção direta, mesmo que por um segundo, mesmo uma vez em sua vida. Imediatamente, "Todas as dúvidas desaparecem para sempre, e toda a tortuosidade do coração é endireitada, e todas as amarras desaparecem, e os resultados da ação e do Karma desaparecem quando Ele é visto quem é o mais próximo dos próximos e o mais distante dos distantes". . " Isso é religião, isso é tudo sobre religião; o resto é mera teoria, dogma, tantas maneiras de chegar a esse estado de percepção direta. Agora estamos brigando pela cesta e as frutas caíram na vala.

Se dois homens discutem sobre religião, basta perguntar-lhes: "Você viu Deus? Você viu essas coisas?" Um homem diz que Cristo é o único Profeta: bem, ele viu Cristo? "Seu pai O viu?" "Não senhor." "Seu avô O viu?" "Não senhor." "Você o viu?" "Não senhor." "Então por que você está brigando? As frutas caíram na vala e você está brigando por causa da cesta!" Homens e mulheres sensatos deveriam ter vergonha de continuar brigando dessa maneira!

Estes grandes Mensageiros e Profetas são grandes e verdadeiros. Por que? Porque cada um veio pregar uma grande ideia. Veja os Profetas da Índia, por exemplo. Eles são os mais antigos dos fundadores da religião. Nós pegamos primeiro, Krishna. Você que leu o Gitâ vê em todo o livro que a única ideia é o desapego. Permaneça desapegado. O amor do coração é devido a apenas Um. A quem? Para Aquele que nunca muda. Quem é esse? É Deus. Não cometa o erro de entregar o coração a qualquer coisa que esteja mudando, porque isso é miséria. Você pode dá-lo a um homem; mas se ele morrer, o resultado será a miséria. Você pode dá-lo a um amigo, mas ele pode se tornar seu inimigo amanhã. Se você der para seu marido, um dia ele poderá brigar com você. Você pode dá-lo à sua esposa e ela pode morrer depois de amanhã. Agora, é assim que o mundo está acontecendo. Assim diz Krishna no Gita: O Senhor é o Único que nunca muda. Seu amor nunca falha. Onde quer que estejamos e façamos o que fizermos, Ele é sempre o mesmo coração misericordioso e amoroso. Ele nunca muda, Ele nunca fica

com raiva, não importa o que façamos. Como Deus pode estar zangado conosco? Seu bebê faz muitas coisas travessas: você está com raiva dele? Deus não sabe o que seremos? Ele sabe que todos seremos perfeitos, mais cedo ou mais tarde. Ele tem paciência, paciência infinita. Devemos amá-lo e a todos os que vivem – somente nele e através dele. Esta é a tônica. Você deve amar a esposa, mas não por causa dela. “Nunca, ó Amada, o marido é amado por causa do marido, mas porque o Senhor está no marido”. A filosofia Vedanta diz que mesmo no amor entre marido e mulher, embora a esposa pense que está amando o marido, a verdadeira atração é o Senhor, que está presente ali. Ele é a única atração, não existe outra; mas a esposa na maioria dos casos não sabe que é assim, mas por ignorância ela está fazendo a coisa certa, que é amar ao Senhor. Somente quando alguém faz isso de forma ignorante, isso pode trazer dor. Se alguém fizer isso conscientemente, isso é salvação. Isto é o que dizem as nossas escrituras. Onde quer que haja amor, onde quer que haja uma centelha de alegria, saiba que é uma centelha de Sua presença, porque Ele é alegria, bem-aventurança e o próprio amor. Sem isso não pode haver amor.

Esta é a tendência da instrução de Krishna o tempo todo. Ele implantou isso em sua raça, de modo que quando um hindu faz qualquer coisa, mesmo que beba água, ele diz: “Se há virtude nisso, deixe-a ir para o Senhor”. O budista diz, se ele praticar qualquer boa ação: “Deixe o mérito da boa ação pertencer ao mundo; se houver alguma virtude no que eu faço, deixe-a ir para o mundo, e deixe os males do mundo virem para mim”. meu." O hindu diz que acredita muito em Deus; o Hindu diz que Deus é onipotente e que Ele é a Alma de cada alma em todos os lugares; o hindu diz: Se eu der todas as minhas virtudes a Ele, esse será o maior sacrifício, e elas irão para todo o universo."

Agora, esta é uma fase; e qual é a outra mensagem de Krishna? "Quem vive no meio do mundo, e trabalha, e entrega todo o fruto de sua ação ao Senhor, nunca é tocado pelos males do mundo. Assim como o lótus, nascido debaixo da água, se levanta e floresce acima da água, assim é o homem que está engajado nas atividades do mundo, entregando todos os frutos de suas atividades ao Senhor" (Gita, V. 10).

Krishna atinge outra nota como professor de intensa atividade. Trabalhe, trabalhe, trabalhe dia e noite, diz o Gita. Você pode perguntar: "Então, onde está a paz? Se durante toda a vida eu tiver que trabalhar como um cavalo de carroça e morrer amarrado, para que estou aqui?" Krishna diz: "Sim, você encontrará a paz. Fugir do trabalho nunca é o caminho para encontrar a paz". Deixe de lado seus deveres, se puder, e suba ao topo de uma montanha; mesmo aí a mente está girando, girando, girando. Alguém perguntou a um Sannyasin: "Senhor, você encontrou um lugar agradável? Há quantos anos você viaja pelo Himalaia?" "Durante quarenta anos", respondeu o Sannyasin. "Há muitos lugares lindos para escolher e onde se estabelecer: por que você não fez isso?" "Porque durante esses quarenta anos minha mente não me permitiu fazer isso." Todos dizemos: "Vamos encontrar a paz"; mas a mente não nos permitirá fazer isso.

Você conhece a história do homem que pegou um tártaro. Um soldado estava fora da cidade e gritou quando se aproximou do quartel: "Peguei um tártaro". Uma voz gritou: "Traga-o para dentro". "Ele não vai entrar, senhor." "Então você entra." "Ele não me deixa entrar, senhor." Então, nesta nossa mente, "pegamos um tártaro": nem podemos amenizá-lo, nem ele nos deixará atenuar. Todos nós "pegamos tártaros". Todos nós dizemos: fique quieto e em paz, e assim por diante. Mas todo bebê pode dizer isso e pensa que pode fazer isso. No entanto, isso é muito difícil. Eu tentei. Abandonei todos os meus deveres e fugi para o topo das montanhas; Eu vivia em cavernas e florestas profundas – mas mesmo assim, "peguei um tártaro" porque tinha meu mundo comigo o tempo todo. O "tártaro" é o que tenho em mente, por isso não devemos culpar os pobres de fora. "Estas circunstâncias são boas e estas são más", assim dizemos, enquanto o "Tártaro" está aqui, dentro; se conseguirmos acalmá-lo, ficaremos bem.

Portanto, Krishna nos ensina a não nos esquivarmos de nossos deveres, mas a assumi-los corajosamente e a não pensar no resultado. O servo não tem o direito de questionar. O soldado não tem direito à razão. Vá em frente e não preste muita atenção à natureza do trabalho que você terá que fazer. Pergunte à sua mente se você é altruísta. Se estiver, não importa nada, nada pode resistir a você! Mergulhe! Cumpra o dever em questão. E quando você tiver feito isso, aos poucos você perceberá a Verdade: "Quem quer que no meio de intensa atividade encontre intensa paz, quem quer que em meio à

maior paz encontre a maior atividade, ele é um Yogi, ele é uma grande alma". , ele chegou à perfeição."

Agora você vê que o resultado deste ensino é que todos os deveres do mundo são santificados. Não há dever neste mundo que tenhamos o direito de chamar de servil: e o trabalho de cada homem é tão bom quanto o do imperador em seu trono.

Ouçã a mensagem de Buda – uma mensagem tremenda. Tem um lugar em nosso coração. Diz Buda: "Elimine o egoísmo e tudo o que o torna egoísta. Não tenha esposa, filhos, nem família. Não seja do mundo; torne-se perfeitamente altruísta." Um homem mundano pensa que será altruísta, mas quando olha para o rosto de sua esposa, isso o torna egoísta. A mãe pensa que será totalmente altruísta, mas olha para o bebê e imediatamente surge o egoísmo. O mesmo ocorre com tudo neste mundo. Assim que surgem desejos egoístas, assim que alguma busca egoísta é seguida, imediatamente todo o homem, o verdadeiro homem, desaparece: ele é como um bruto, ele é um escravo – ele esquece seus semelhantes. Ele não diz mais: "Você primeiro e eu depois", mas sim "Eu primeiro e deixo que todos cuidem de si mesmos".

Descobrimos que a mensagem de Krishna também tem um lugar para nós. Sem essa mensagem, não podemos avançar de todo. Não podemos, conscientemente e com paz, alegria e felicidade, assumir qualquer dever de nossas vidas sem ouvir a mensagem de Krishna: "Não tenha medo, mesmo que haja mal em seu trabalho, pois não há trabalho que não tenha mal. " "Deixe isso com o Senhor e não procure os resultados."

Por outro lado, há um cantinho no coração para a outra mensagem: O tempo voa; este mundo é finito e cheio de miséria. Com sua boa comida, boas roupas e sua casa confortável, ó homem e mulher adormecidos, você já pensou nos milhões que estão passando fome e morrendo? Pense no grande fato de que tudo isso é miséria, miséria, miséria! Observe a primeira fala da criança: quando entra no mundo, ela chora. A verdade é essa: a criança chora. Este é um lugar para chorar! Se ouvirmos o Mensageiro, não devemos ser egoístas.

Eis outro Mensageiro, Aquele de Nazaré. Ele ensina: “Estejam prontos, pois o Reino dos Céus está próximo”. Refleti sobre a mensagem de Krishna e tento trabalhar sem apego, mas às vezes esqueço. Então, de repente, chega até mim a mensagem de Buda: “Tome cuidado, pois tudo no mundo é evanescente, e sempre haverá miséria nesta vida”. Eu ouço isso e não tenho certeza do que aceitar. Então vem novamente, como um raio, a mensagem: “Estejam prontos, pois o Reino dos Céus está próximo”. Não demore um momento. Não deixe nada para amanhã. Prepare-se para o evento final, que pode alcançá-lo imediatamente, mesmo agora. Essa mensagem também tem um lugar e nós reconhecemos isso. Saudamos o Mensageiro, saudamos o Senhor.

E então vem Maomé, o Mensageiro da igualdade. Você pergunta: “Que bem pode haver na religião dele?” Se não houvesse bem, como poderia viver? Só o bom vive, só isso sobrevive; porque só o bem é forte, portanto sobrevive. Quanto tempo dura a vida de um homem impuro, mesmo nesta vida? A vida do homem puro não é muito mais longa? Sem dúvida, pois a pureza é força, a bondade é força. Como poderia o islamismo ter sobrevivido se não houvesse nada de bom nos seus ensinamentos? Há muita coisa boa. Maomé foi o Profeta da igualdade, da irmandade dos homens, da irmandade de todos os muçulmanos

Vemos então que cada Profeta, cada Mensageiro, tem uma mensagem particular. Quando você ouve essa mensagem pela primeira vez e depois olha para a vida dele, você vê toda a sua vida explicada, radiante.

Agora, tolos ignorantes iniciam vinte mil teorias e apresentam, de acordo com seu próprio desenvolvimento mental, explicações que se adequam às suas próprias idéias, e as atribuem a esses grandes Mestres. Eles pegam seus ensinamentos e colocam neles sua interpretação errônea. Para todo grande profeta, sua vida é o único comentário. Veja a vida dele: o que ele fez confirmará os textos. Leia o Gita e você descobrirá que ele é exatamente confirmado pela vida do Professor.

Maomé, com a sua vida, mostrou que entre os maometanos deveria haver perfeita igualdade e fraternidade. Não havia questão de raça, casta, credo, cor ou sexo. O sultão da Turquia pode comprar um negro no mercado da África e trazê-lo acorrentado para a Turquia; mas se ele se tornasse

muçulmano e tivesse méritos e habilidades suficientes, poderia até se casar com a filha do sultão. Compare isto com a forma como os negros e os índios americanos são tratados neste país! E o que os hindus fazem? Se um de seus missionários tocasse na comida de uma pessoa ortodoxa, ele a jogaria fora. Apesar da nossa grande filosofia, vocês notam a nossa fraqueza na prática; mas aí você vê a grandeza do Maometano além de outras raças, mostrando-se em igualdade, igualdade perfeita, independentemente de raça ou cor.

Virão outros e maiores profetas? Certamente eles virão a este mundo. Mas não espere por isso. Gostaria muito que cada um de vocês se tornasse um profeta deste verdadeiro Novo Testamento, que é composto de todos os Antigos Testamentos. Pegue todas as mensagens antigas, complemente-as com suas próprias realizações e torne-se um Profeta para os outros. Cada um desses professores tem sido ótimo; cada um deixou algo para nós; eles têm sido nossos deuses. Nós os saudamos, somos seus servos; e, mesmo assim, nos saudamos; pois se eles foram profetas e filhos de Deus, nós também somos os mesmos. Eles alcançaram a perfeição e nós vamos alcançar a nossa agora. Lembre-se das palavras de Jesus: “O Reino dos Céus está próximo!” Neste exato momento, todos nós devemos tomar uma firme resolução: “Eu me tornarei um Profeta, me tornarei um mensageiro da Luz, me tornarei um filho de Deus, ou melhor, me tornarei um Deus!”

4.2.7 SOBRE O SENHOR BUDA

(Entregue em Detroit)

Em cada religião encontramos um tipo de auto-devoção particularmente desenvolvido. O tipo de trabalho sem motivo é mais desenvolvido no Budismo. Não confunda Budismo e Brahminismo. Neste país você está muito apto a fazer isso. O budismo é uma de nossas seitas. Foi fundada por um grande homem chamado Gautama, que ficou enojado com as eternas discussões metafísicas de sua época, e com os rituais complicados, e mais especialmente com o sistema de castas. Algumas pessoas dizem que nascemos para um determinado estado e, portanto, somos superiores a outros que não nasceram assim. Ele também era contra a tremenda arte

sacerdotal. Ele pregava uma religião na qual não havia força motriz e era perfeitamente agnóstico em relação à metafísica ou às teorias sobre Deus. Muitas vezes lhe perguntavam se Deus existia e ele respondia que não sabia. Quando questionado sobre a conduta correta, ele respondia: “Faça o bem e seja bom”. Chegaram cinco brâmanes, que lhe pediram para resolver a discussão. Um deles disse: “Senhor, meu livro diz que Deus é tal e tal, e que este é o caminho para chegar a Deus”. Outro disse: “Isso está errado, pois meu livro diz isso e aquilo, e este é o caminho para chegar a Deus”; e assim os outros. Ele ouviu todos eles com calma e então perguntou-lhes um por um: "Algum de seus livros diz que Deus fica irado, que Ele alguma vez feriu alguém, que Ele é impuro?" "Não, senhor, todos eles ensinam que Deus é puro e bom." "Então, meus amigos, por que vocês não se tornam primeiro puros e bons, para que possam saber o que é Deus?"

É claro que não endosso toda a sua filosofia. Quero muita metafísica para mim. Eu discordo inteiramente em muitos aspectos, mas, por ser diferente, há alguma razão pela qual eu não deveria ver a beleza do homem? Ele foi o único homem desprovido de toda força motriz. Houve outros grandes homens que disseram ser as Encarnações do próprio Deus e que aqueles que acreditassem neles iriam para o céu. Mas o que Buda disse em seu último suspiro? "Ninguém pode ajudá-lo; ajude a si mesmo; desenvolva sua própria salvação." Ele disse sobre si mesmo: "Buda é o nome do conhecimento infinito, infinito como o céu; eu, Gautama, alcancei esse estado; todos vocês alcançarão isso também se lutarem por isso." Desprovido de toda força motriz, ele não queria ir para o céu, não queria dinheiro; ele desistiu de seu trono e de tudo mais e saiu mendigando o pão pelas ruas da Índia, pregando pelo bem dos homens e dos animais com um coração tão amplo quanto o oceano.

Ele foi o único homem que esteve pronto a dar a vida pelos animais para impedir um sacrifício. Certa vez, ele disse a um rei: "Se o sacrifício de um cordeiro ajuda você a ir para o céu, sacrificar um homem o ajudará melhor; então sacrifique-me." O rei ficou surpreso. E ainda assim este homem não tinha qualquer força motriz. Ele representa a perfeição do tipo ativo, e a própria altura que alcançou mostra que através do poder do trabalho também podemos alcançar a espiritualidade mais elevada.

Para muitos o caminho se torna mais fácil se acreditarem em Deus. Mas a vida de Buda mostra que mesmo um homem que não acredita em Deus, não tem metafísica, não pertence a nenhuma seita, e não vai a nenhuma igreja ou templo, e é um materialista confesso, mesmo ele pode atingir o mais elevado . Não temos o direito de julgá-lo. Eu gostaria de ter uma parte infinitesimal do coração de Buda. Buda pode ou não ter acreditado em Deus; isso não importa para mim. Ele alcançou o mesmo estado de perfeição ao qual outros chegam através de Bhakti – amor a Deus – Yoga, ou Jnâna. A perfeição não vem da crença ou da fé. Falar não conta para nada. Papagaios podem fazer isso. A perfeição vem através do desempenho desinteressado da ação.

4.2.8 CRISTO, O MENSAGEIRO

(Entregue em Los Angeles, Califórnia, 1900)

A onda sobe no oceano e há uma depressão. Novamente surge outra onda, talvez maior que a anterior, para cair novamente, da mesma forma, para subir novamente – avançando. Na marcha dos acontecimentos, notamos a ascensão e a queda, e geralmente olhamos para a ascensão, esquecendo a queda. Mas ambos são necessários e ambos são ótimos. Esta é a natureza do universo. Seja no mundo dos nossos pensamentos, no mundo das nossas relações na sociedade, ou nos nossos assuntos espirituais, o mesmo movimento de sucessão, de subidas e descidas, está acontecendo. Conseqüentemente, grandes predominâncias na marcha dos acontecimentos, os ideais liberais, são organizados para afundar, para digerir, por assim dizer, para ruminar sobre o passado - para ajustar, para conservar, para reunir forças mais uma vez para uma ascensão e uma ascensão. ascensão maior.

A história das nações também sempre foi assim. A grande alma, o Mensageiro que estudaremos esta tarde, veio num período da história de sua raça que podemos muito bem designar como uma grande queda. Temos apenas pequenos vislumbres aqui e ali dos registros perdidos que foram mantidos de suas palavras e ações; pois, em verdade, foi bem dito que os feitos e palavras daquela grande alma encheriam o mundo se todos tivessem

sido escritos. E os três anos do seu ministério foram como uma era comprimida e concentrada, que levou mil e novecentos anos para se desenrolar, e quem sabe quanto tempo ainda levará! Homenzinhos como você e eu são simplesmente recipientes de um pouco de energia. Alguns minutos, algumas horas, alguns anos, na melhor das hipóteses, são suficientes para gastar tudo, para esticá-lo, por assim dizer, ao máximo de sua força, e então desapareceremos para sempre. Mas marque esse gigante que veio; séculos e eras se passam, mas a energia que ele deixou sobre o mundo ainda não foi esticada, nem gasta ao máximo. Ele continua adicionando novo vigor à medida que os anos passam.

Agora, o que você vê na vida de Cristo é a vida de todo o passado. A vida de cada homem é, de certa forma, a vida do passado. Chega a ele através da hereditariedade, do ambiente, da educação, da sua própria reencarnação – o passado da raça. De certa forma, o passado da terra, o passado do mundo inteiro está aí, em cada alma. O que somos nós, no presente, senão um resultado, um efeito, nas mãos desse passado infinito? O que somos senão flutuando sem ondas na corrente eterna dos acontecimentos, irresistivelmente movidos para frente e para frente e incapazes de descansar? Mas você e eu somos apenas pequenas coisas, bolhas. Sempre há algumas ondas gigantes no oceano dos negócios, e em você e em mim a vida da raça passada foi incorporada apenas um pouco; mas há gigantes que encarnam, por assim dizer, quase todo o passado e que estendem as mãos para o futuro. Estes são os sinais aqui e ali que apontam para a marcha da humanidade; estes são verdadeiramente gigantescos, suas sombras cobrem a terra - eles permanecem imortais, eternos! Como foi dito pelo mesmo Mensageiro: “Ninguém jamais viu a Deus, senão através do Filho”. E isso é verdade. E onde veremos Deus senão no Filho? É verdade que você e eu, e os mais pobres de nós, até os mais mesquinhos, incorporamos esse Deus, e até refletimos esse Deus. A vibração da luz está em toda parte, onipresente; mas temos que acender a luz da lâmpada antes de podermos ver a luz. O Deus Onipresente do universo não pode ser visto até que Ele seja refletido por essas lâmpadas gigantes da terra – Os Profetas, os Deuses-homens, as Encarnações, as encarnações de Deus.

Todos nós sabemos que Deus existe, mas não O vemos, não O compreendemos. Pegue um desses grandes Mensageiros de luz, compare

seu caráter com o mais elevado ideal de Deus que você já formou, e você descobrirá que seu Deus fica aquém do ideal e que o caráter do Profeta excede suas concepções. Você não pode sequer formar um ideal de Deus mais elevado do que aquele que os realmente encarnados praticamente perceberam e colocaram diante de nós como exemplo. É errado, portanto, adorá-los como Deus? É pecado cair aos pés desses homens-deuses e adorá-los como os únicos seres divinos no mundo? Se eles são realmente superiores a todas as nossas concepções de Deus, que mal há em adorá-los? Não só não há mal nenhum, mas é a única forma possível e positiva de adoração. Por mais que você tente pela luta, pela abstração, por qualquer método que desejar, ainda assim, enquanto você for um homem no mundo dos homens, seu mundo será humano, sua religião será humana e seu Deus será humano. E deve ser assim. Quem não é prático o suficiente para adotar algo realmente existente e abandonar uma ideia que é apenas uma abstração, que ele não consegue compreender e é difícil de abordar, exceto através de um meio concreto? Portanto, estas Encarnações de Deus têm sido adoradas em todas as épocas e em todos os países.

Vamos agora estudar um pouco da vida de Cristo, a Encarnação dos Judeus. Quando Cristo nasceu, os judeus estavam naquele estado que chamo de estado de queda entre duas ondas; um estado de conservadorismo; um estado em que a mente humana está, por assim dizer, cansada por enquanto de seguir em frente e cuida apenas do que já tem; um estado em que a atenção está mais voltada para os particulares, para os detalhes, do que para os grandes, gerais e maiores problemas da vida; um estado de estagnação, em vez de um avanço; um estado de sofrimento mais do que de fazer. Veja bem, eu não culpo esse estado de coisas. Não temos o direito de criticá-lo – porque se não fosse esta queda, a próxima ascensão, que foi corporificada em Jesus de Nazaré, teria sido impossível. Os fariseus e saduceus podem não ter sido sinceros, podem estar fazendo coisas que não deveriam ter feito; eles poderiam até ter sido hipócritas; mas sejam quais forem, esses fatores foram a própria causa, da qual o Mensageiro foi o efeito. Os fariseus e saduceus, em uma extremidade, foram o próprio ímpeto que surgiu na outra extremidade como o gigantesco cérebro de Jesus de Nazaré.

A atenção às formas, às fórmulas, aos detalhes cotidianos da religião e aos rituais pode, às vezes, ser ridicularizada; mas mesmo assim, dentro deles

está a força. Muitas vezes, na corrida, perdemos muita força. Na verdade, o fanático é mais forte que o liberal. Mesmo o fanático, portanto, tem uma grande virtude: ele conserva energia, uma quantidade enorme dela. Tal como acontece com o indivíduo, também acontece com a raça, a energia é reunida para ser conservada. Cercado por inimigos externos, levado a concentrar-se num centro pelos romanos, pelas tendências helênicas no mundo do intelecto, por ondas da Pérsia, da Índia e de Alexandria – cercado física, mental e moralmente – ali estava o raça com uma força inerente, conservadora, tremenda, que seus descendentes não perderam até hoje. E a raça foi forçada a concentrar e concentrar todas as suas energias em Jerusalém e no Judaísmo. Mas todo o poder, uma vez reunido, não pode permanecer reunido; deve despende-se e expandir-se. Não há poder na terra que possa ser mantido confinado por muito tempo dentro de um limite estreito. Não pode ser mantido comprimido por muito tempo para permitir a expansão num período subsequente.

Esta energia concentrada entre a raça judaica encontrou a sua expressão no período seguinte da ascensão do Cristianismo. Os fluxos reunidos se reuniram em um corpo. Aos poucos, todos os pequenos riachos se juntaram e se transformaram em uma onda crescente, em cujo topo encontramos se destacando o personagem de Jesus de Nazaré. Assim, cada Profeta é uma criação do seu próprio tempo, a criação do passado da sua raça; ele próprio é o criador do futuro. A causa de hoje é o efeito do passado e a causa do futuro. Nesta posição está o Mensageiro. Nele está corporificado tudo o que há de melhor e maior em sua própria raça, o significado, a vida, pela qual essa raça tem lutado há séculos; e ele próprio é o ímpeto para o futuro, não apenas para a sua própria raça, mas para inúmeras outras raças do mundo.

Devemos ter outro facto em mente: que a minha visão do grande Profeta de Nazaré seria do ponto de vista do Oriente. Muitas vezes você esquece também que o próprio Nazareno era um Oriental dos Orientais. Apesar de todas as suas tentativas de pintá-lo com olhos azuis e cabelos amarelos, o Nazareno ainda era um Oriental. Todos os símiles, as imagens em que a Bíblia está escrita – as cenas, os locais, as atitudes, os grupos, a poesia e o símbolo – falam-vos do Oriente: do céu brilhante, do calor, do o sol, do deserto, dos homens e animais sedentos; de homens e mulheres que vêm com jarros na cabeça para enchê-los nos poços; dos rebanhos, dos lavradores, do cultivo que se faz ao redor; do moinho e da roda, do lago do moinho, das mós. Tudo isso pode ser visto hoje na Ásia.

A voz da Ásia tem sido a voz da religião. A voz da Europa é a voz da política. Cada um é ótimo em sua própria esfera. A voz da Europa é a voz da Grécia antiga. Para a mente grega, a sua sociedade imediata era tudo: além disso, é Bárbara. Ninguém, exceto o grego, tem o direito de viver. Tudo o que os gregos fazem é certo e correto; tudo o mais que existe no mundo não é certo nem correto, nem deveria ser permitido viver. É intensamente humano em suas simpatias, intensamente natural, intensamente artístico, portanto. O grego vive inteiramente neste mundo. Ele não se importa em sonhar. Até sua poesia é prática. Seus deuses e deusas não são apenas seres humanos, mas intensamente humanos, com todas as paixões e sentimentos humanos quase iguais aos de qualquer um de nós. Ele ama o que é belo, mas, veja bem, é sempre a natureza externa: a

beleza das colinas, das neves, das flores, a beleza das formas e das figuras, a beleza do rosto humano e, mais frequentemente, , na forma humana - era disso que os gregos gostavam. E sendo os gregos os professores de todo o europeísmo subsequente, a voz da Europa é grega.

Existe outro tipo na Ásia. Pense naquele vasto e imenso continente, cujos topos de montanhas vão além das nuvens, quase tocando a abóbada azul do céu; um deserto ondulado de quilômetros e quilômetros onde uma gota de água não pode ser encontrada, nem uma folha de grama crescerá; florestas intermináveis e rios gigantescos que deságuam no mar. Em meio a todo esse entorno, o amor oriental pelo belo e pelo sublime desenvolveu-se em outra direção. Olhou para dentro e não para fora. Existe também a sede de natureza e também a mesma sede de poder; há também a mesma sede de excelência, a mesma ideia dos gregos e dos bárbaros, mas que se estendeu a um círculo mais amplo. Na Ásia, ainda hoje, o nascimento, a cor ou a língua nunca constituem uma raça. O que faz uma raça é a sua religião. Somos todos cristãos; somos todos muçulmanos; somos todos hindus ou todos budistas. Não importa se um budista é um chinês ou um homem da Pérsia, eles pensam que são irmãos, por professarem a mesma religião. A religião é o vínculo, a unidade da humanidade. E, novamente, o Oriental, pela mesma razão, é um visionário, um sonhador nato. As ondulações das cachoeiras, os cantos dos pássaros, as belezas do sol e da lua e das estrelas e de toda a terra são bastante agradáveis; mas não são suficientes para a mente oriental; Ele quer sonhar um sonho além. Ele quer ir além do presente. O presente, por assim dizer, não é nada para ele. O Oriente tem sido o berço da raça humana há séculos, e todas as vicissitudes da fortuna estão lá – reinos que sucedem reinos, impérios que sucedem a impérios, poder humano, glória e riqueza, todos rolando lá: um Gólgota de poder e aprendizagem. Esse é o Oriente: um Gólgota de poder, de reinos, de aprendizagem. Não é de admirar que a mente oriental olhe com desprezo para as coisas deste mundo e naturalmente queira ver algo que não muda, algo que não morre, algo que no meio deste mundo de miséria e morte é eterno, bem-aventurado, imortal. Um Profeta oriental nunca se cansa de insistir nestes ideais; e, quanto aos Profetas, você também deve se lembrar que, sem exceção, todos os Mensageiros eram Orientais.

Vemos, portanto, na vida desta área: Mensageiro da vida, a primeira palavra de ordem: “Não esta vida, mas algo superior”; e, como o verdadeiro filho do Oriente, ele é prático nisso. Vocês, povos do Ocidente, são práticos no seu próprio departamento, nos assuntos militares e na gestão dos círculos políticos e outras coisas. Talvez o Oriental não seja prático nestes aspectos, mas é prático no seu próprio campo; ele é prático na religião. Se alguém prega uma filosofia, amanhã haverá centenas de pessoas que se esforçarão ao máximo para torná-la prática em suas vidas. Se um homem prega que ficar em um só pé levaria à salvação, ele receberá imediatamente quinhentos para ficar em um só pé. Você pode chamar isso de ridículo; mas, observe, por trás disso está a filosofia deles - aquela intensa praticidade. No Ocidente, os planos de salvação significam ginástica intelectual – planos que nunca são elaborados, nunca implementados na vida prática. No Ocidente, o pregador que fala melhor é o maior pregador.

Assim, encontramos Jesus de Nazaré, em primeiro lugar, o verdadeiro filho do Oriente, intensamente prático. Ele não tem fé neste mundo evanescente e em todos os seus pertences. Não há necessidade de torturar textos, como está na moda no Ocidente nos tempos modernos, não há necessidade de esticar os textos até que não se estiquem mais. Os textos não são borracha da Índia, e mesmo isso tem os seus limites. Agora, não há criação de religião para satisfazer a vaidade dos dias atuais! Observe, sejamos todos honestos. Se não podemos seguir o ideal, confessemos a nossa fraqueza, mas não a degrademos; ninguém tente derrubá-lo. Ficamos com o coração doente com os diferentes relatos da vida de Cristo que os ocidentais dão. Não sei o que ele era ou o que não era! Uma delas faria dele um grande político; outro, talvez, faria dele um grande general militar; outro, um grande judeu patriota; e assim por diante. Existe alguma garantia nos livros para todas essas suposições? O melhor comentário sobre a vida de um grande professor é a sua própria vida. “As raposas têm tocas, as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.” Isso é o que Cristo diz como o único caminho para a salvação; ele não se deita de outra maneira. Confessemos em saco e cinzas que não podemos fazer isso. Ainda temos carinho por “eu e o meu”. Queremos propriedade, dinheiro, riqueza. Ai de nós! Confessemos e não envergonhemos esse grande Mestre da Humanidade! Ele não tinha laços familiares. Mas você acha que aquele Homem tinha alguma ideia física nele? Você acha que essa massa de luz,

esse Deus e não-homem, desceu à terra para ser irmão dos animais? E ainda assim, as pessoas o fazem pregar todo tipo de coisa. Ele não tinha ideias sexuais! Ele era uma alma! Nada além de uma alma – apenas trabalhando um corpo para o bem da humanidade; e essa era toda a sua relação com o corpo. Na alma não há sexo. A alma desencarnada não tem relação com o animal, nem relação com o corpo. O ideal pode estar muito além de nós. Mas não importa, mantenha o ideal. Confessemos que é o nosso ideal, mas ainda não podemos nos aproximar dele.

Ele não tinha outra ocupação na vida, nenhum outro pensamento exceto aquele, de que ele era um espírito. Ele era um espírito desencarnado, livre e livre. E não apenas isso, mas ele, com sua visão maravilhosa, descobriu que todo homem e mulher, seja judeu ou gentio, seja rico ou pobre, seja santo ou pecador, era a personificação do mesmo espírito imortal que ele próprio. Portanto, o único trabalho que toda a sua vida mostrou foi convidá-los a compreender sua própria natureza espiritual. Desista, diz ele, desses sonhos supersticiosos de que você é baixo e pobre. Não pense que você é pisoteado e tiranizado como se fosse escravo, pois dentro de você há algo que nunca poderá ser tiranizado, nunca será pisoteado, nunca será perturbado, nunca será morto. Todos vocês são Filhos de Deus, espírito imortal. “Saiba”, declarou ele, “que o Reino dos Céus está dentro de você”. “Eu e meu Pai somos um.” Você ousa se levantar e dizer, não apenas que “eu sou o Filho de Deus”, mas também descobrirei no fundo do meu coração que “eu e meu Pai somos um”? Isso foi o que Jesus de Nazaré disse. Ele nunca fala deste mundo e desta vida. Ele não tem nada a ver com isso, exceto que ele quer apoderar-se do mundo como ele é, dar-lhe um empurrão e impulsioná-lo para frente e para frente, até que o mundo inteiro tenha alcançado a Luz refulgente de Deus, até que todos tenham percebido sua natureza espiritual, até que a morte desapareça e a miséria seja banida.

Lemos as diferentes histórias que foram escritas sobre ele; conhecemos os estudiosos e seus escritos, e a alta crítica; e sabemos tudo o que foi feito por estudo. Não estamos aqui para discutir o quanto do Novo Testamento é verdadeiro, não estamos aqui para discutir o quanto dessa vida é histórica. Não importa se o Novo Testamento foi escrito quinhentos anos após seu nascimento, nem mesmo o quanto dessa vida é verdade. Mas há algo por trás disso, algo que queremos imitar. Para mentir, é preciso imitar uma

verdade, e essa verdade é um fato. Você não pode imitar aquilo que nunca existiu. Você não pode imitar aquilo que nunca percebeu. Mas deve ter havido um núcleo, um poder tremendo que desceu, uma manifestação maravilhosa de poder espiritual – e é disso que estamos falando. Está aí. Portanto, não temos medo de todas as críticas dos estudiosos. Se eu, como oriental, tiver que adorar Jesus de Nazaré, só me resta um caminho, ou seja, adorá-lo como Deus e nada mais. Não temos o direito de adorá-lo dessa maneira, você quer dizer? Se o rebaixarmos ao nosso próprio nível e simplesmente lhe prestarmos um pouco de respeito como um grande homem, por que deveríamos adorá-lo? Nossas escrituras dizem: “Esses grandes filhos da Luz, que manifestam a Luz, que são a Luz, eles, sendo adorados, tornam-se, por assim dizer, um conosco e nós nos tornamos um com eles”.

Pois, você vê, de três maneiras o homem percebe Deus. A princípio, o intelecto subdesenvolvido do homem sem instrução vê Deus como algo distante, em algum lugar no céu, sentado num trono como um grande Juiz. Ele olha para Ele como um fogo, como um terror. Agora, isso é bom, pois não há nada de ruim nisso. Você deve lembrar que a humanidade não viaja do erro para a verdade, mas da verdade para a verdade; pode ser, se você preferir, da verdade inferior para a verdade superior, mas nunca do erro para a verdade. Suponha que você comece daqui e viaje em direção ao sol em linha reta. A partir daqui, o sol parece pequeno em tamanho. Suponha que você avance um milhão de milhas, o sol será muito maior. Em cada estágio o sol ficará cada vez maior. Suponhamos que vinte mil fotografias tivessem sido tiradas do mesmo sol, de diferentes pontos de vista; estas vinte mil fotografias certamente serão diferentes umas das outras. Mas você pode negar que cada um é uma fotografia do mesmo sol? Portanto, todas as formas de religião, elevadas ou inferiores, são apenas estágios diferentes em direção ao estado eterno de Luz, que é o próprio Deus. Alguns incorporam uma visão inferior, outros uma visão superior, e essa é toda a diferença. Portanto, as religiões das massas irrefletidas em todo o mundo devem ser, e sempre foram, de um Deus que está fora do universo, que vive no céu, que governa a partir desse lugar, que é um punidor dos maus e um recompensador do bem, e assim por diante. À medida que o homem avançava espiritualmente, ele começou a sentir que Deus era onipresente, que Ele deveria estar nele, que Ele deveria estar em toda parte, que Ele não

era um Deus distante, mas sim a Alma de todas as almas. Assim como minha alma move meu corpo, Deus é o motor de minha alma. Alma dentro da alma. E alguns indivíduos que se desenvolveram o suficiente e eram suficientemente puros foram ainda mais longe e finalmente encontraram Deus. Como diz o Novo Testamento: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”. E finalmente descobriram que eles e o Pai eram um.

Você descobre que todos esses três estágios são ensinados pelo Grande Mestre no Novo Testamento. Observe a Oração Comum que ele ensinou: “Pai Nosso que estás nos Céus, santificado seja o Teu nome”, e assim por diante – uma oração simples, uma oração de criança. Observe bem, é a “Oração Comum” porque se destina às massas sem instrução. Para um círculo mais elevado, para aqueles que haviam avançado um pouco mais, ele deu um ensinamento mais elevado: “Eu estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós”. Lembras-te daquilo? E então, quando os judeus lhe perguntaram quem ele era, ele declarou que ele e seu Pai eram um, e os judeus pensaram que isso era blasfêmia. O que ele quis dizer com isso? Isto também foi dito pelos seus antigos profetas: “Vocês são deuses e todos vocês são filhos do Altíssimo”. Marque as mesmas três etapas. Você descobrirá que é mais fácil começar com o primeiro e terminar com o último.

O Mensageiro veio mostrar o caminho: que o espírito não está nas formas, que não é através de toda sorte de vexames e problemas complicados da filosofia que se conhece o espírito. Melhor que você não tenha aprendido, melhor que você nunca tenha lido um livro na vida. Estes não são de todo necessários para a salvação – nem riqueza, nem posição, nem poder, nem mesmo aprendizagem; mas o que é necessário é uma coisa: pureza. “Bem-aventurados os puros de coração”, pois o espírito em sua própria natureza é puro. Como pode ser de outra forma? É de Deus, veio de Deus. Na linguagem da Bíblia, “É o sopro de Deus”. Na linguagem do Alcorão, “É a alma de Deus”. Você quer dizer que o Espírito de Deus pode ser impuro? Mas, infelizmente, foi, por assim dizer, coberto com a poeira e sujeira de séculos, através de nossas próprias ações, boas e más. Várias obras que não eram corretas, que não eram verdadeiras, cobriram o mesmo espírito com a poeira e a sujeira da ignorância de séculos. Basta tirar a poeira e a sujeira e

o espírito brilha imediatamente. "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus." "O Reino dos Céus está dentro de você." Onde você vai buscar o Reino de Deus, pergunta Jesus de Nazaré, quando ele está aí, dentro de você? Limpe o espírito e ele estará aí. Já é seu. Como você pode conseguir o que não é seu? É seu por direito. Vocês são os herdeiros da imortalidade, filhos do Pai Eterno.

Esta é a grande lição do Mensageiro, e outra que está na base de todas as religiões, é a renúncia. Como você pode tornar o espírito puro? Pela renúncia. Um jovem rico perguntou a Jesus: "Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" E Jesus lhe disse: "Falta-te uma coisa: vai, vende tudo o que tens, e dá-o aos pobres, e terás tesouros no céu; e vem, toma a tua cruz e segue-me". E ele ficou triste com isso e foi embora triste; pois ele tinha grandes posses. Todos somos mais ou menos assim. A voz ressoa em nossos ouvidos dia e noite. No meio dos nossos prazeres e alegrias, no meio das coisas mundanas, pensamos que nos esquecemos de todo o resto. Então vem um momento de pausa e a voz ressoa em nossos ouvidos: "Desista de tudo o que você tem e siga-Me". "Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por minha causa, achá-la-á." Pois quem abandona esta vida por amor a Ele, encontra a vida imortal. No meio de toda a nossa fraqueza há um momento de pausa e a voz soa: "Desista de tudo o que você tem; dê aos pobres e siga-me". Este é o ideal que ele prega, e este tem sido o ideal pregado por todos os grandes Profetas do mundo: a renúncia. O que se entende por renúncia? Que existe apenas um ideal na moralidade: o altruísmo. Seja altruísta. O ideal é o altruísmo perfeito. Quando um homem é atingido na bochecha direita, ele também vira a esquerda. Quando o casaco de um homem é levado, ele também dá o seu manto.

Devemos trabalhar da melhor forma possível, sem prejudicar o ideal. Aqui está o ideal. Quando um homem não tem mais o eu, nenhuma posse, nada que possa chamar de "eu" ou "meu", ele se entregou inteiramente, destruiu a si mesmo, por assim dizer – nesse homem é o próprio Deus; pois nele a vontade própria desapareceu, foi esmagada, aniquilada. Esse é o homem ideal. Ainda não podemos alcançar esse estado; ainda assim, adoremos o ideal e lutemos lentamente para alcançá-lo, embora, talvez, com passos vacilantes. Pode ser amanhã ou daqui a mil anos; mas esse ideal tem que ser alcançado. Pois não é apenas o fim, mas também o meio. Ser altruísta,

perfeitamente altruísta, é a própria salvação; pois o homem interior morre e só Deus permanece.

Mais um ponto. Todos os professores da humanidade são altruístas. Suponhamos que Jesus de Nazaré estivesse ensinando; e um homem veio e disse-lhe: "O que você ensina é lindo. Acredito que é o caminho para a perfeição e estou pronto para segui-lo; mas não me importo em adorar você como o Filho unigênito de Deus." Qual seria a resposta de Jesus de Nazaré? "Muito bem, irmão, siga o ideal e avance no seu próprio caminho. Não me importa se você me dá o crédito pelo ensino ou não. Não sou lojista. Não negocio religião. Só ensino a verdade, e a verdade não é propriedade de ninguém. Ninguém pode patentear a verdade. Vá em frente. Mas o que os discípulos dizem hoje em dia é: "Não importa se você pratica os ensinamentos ou não, você dá crédito ao Homem? Se você der crédito ao Mestre, você será salvo; caso contrário, não há salvação para você". E assim todo o ensinamento do Mestre é degenerado, e toda a luta e luta é pela personalidade do Homem. Eles não sabem que, ao imporem essa diferença, estão, de certa forma, envergonhando o próprio Homem que querem honrar - o mesmo Homem que teria envergonhado tal ideia. O que lhe importava se havia um homem no mundo que se lembrasse dele ou não? Ele tinha que entregar sua mensagem, e ele a deu. E se ele tivesse vinte mil vidas, ele abriria mão de todas elas pelo homem mais pobre do mundo. Se tivesse que ser torturado milhões de vezes por um milhão de samaritanos desprezados, e se para cada um deles o sacrifício da própria vida fosse a única condição de salvação, ele teria dado a sua vida. E tudo isso sem desejar que seu nome fosse conhecido nem por uma única pessoa. Silencioso, desconhecido, silencioso, seria o mundo, assim como o Senhor trabalha. Agora, o que o discípulo diria? Ele lhe dirá que você pode ser um homem perfeito, perfeitamente altruísta; mas a menos que você dê o crédito ao nosso professor, ao nosso santo, não adianta nada. Por que? Qual é a origem desta superstição, desta ignorância? O discípulo pensa que o Senhor só pode manifestar-se uma vez. Aí está todo o erro. Deus se manifesta a você no homem. Mas em toda a natureza, o que acontece uma vez deve ter acontecido antes e deve acontecer no futuro. Não há nada na natureza que não esteja sujeito à lei; e isso significa que tudo o que acontece uma vez deve continuar e deve ter acontecido.

Na Índia eles têm a mesma ideia das Encarnações de Deus. Uma de suas grandes Encarnações, Krishna, cujo grande sermão, o Bhagavad-Gitâ, alguns de vocês devem ter lido, diz: "Embora eu não tenha nascido, seja de natureza imutável e seja Senhor dos seres, ainda assim subjugando Minha Prakriti, venho à existência por Minha própria Mâyâ. Sempre que a virtude diminui e a imoralidade prevalece, então Eu Me corporo para a proteção dos bons, para a destruição dos maus e para o estabelecimento do Dharma, eu venho à existência, em todas as épocas." Sempre que o mundo desmorona, o Senhor vem para ajudá-lo a avançar; e assim Ele faz de vez em quando e de lugar em lugar. Em outra passagem, Ele fala neste sentido: Onde quer que você encontre uma grande alma de imenso poder e pureza lutando para elevar a humanidade, saiba que ela nasceu do Meu esplendor, que Eu estou ali trabalhando através dela.

Encontremos, portanto, Deus não só em Jesus de Nazaré, mas em todos os grandes que o precederam, em todos os que vieram depois dele e em todos os que ainda estão por vir. Nossa adoração é ilimitada e gratuita. Todos são manifestações do mesmo Deus Infinito. Todos são puros e altruístas; eles lutaram e entregaram suas vidas por nós, pobres seres humanos. Todos e cada um deles sofrem expiação vicária por cada um de nós e também por todos os que virão no futuro.

Num certo sentido, todos vocês são Profetas; cada um de vocês é um Profeta, carregando o fardo do mundo sobre seus próprios ombros. Você já viu um homem, você já viu uma mulher, que não está carregando com calma e paciência o pequeno fardo da vida? Os grandes Profetas eram gigantes – eles carregavam um mundo gigantesco sobre os ombros. Comparados com eles, somos sem dúvida pigmeus, mas realizamos a mesma tarefa; em nossos pequenos círculos, em nossas pequenas casas, carregamos nossas pequenas cruzes. Não há ninguém tão mau, ninguém tão inútil, mas ele tem que carregar a sua própria cruz. Mas com todos os nossos erros, com todos os nossos maus pensamentos e más ações, existe um ponto brilhante em algum lugar, ainda existe em algum lugar o fio dourado através do qual estamos sempre em contato com o divino. Pois saiba com certeza que no momento em que o toque do divino for perdido, haverá aniquilação. E porque ninguém pode ser aniquilado, há sempre em algum lugar no fundo do nosso coração, por mais baixos e degradados que

estejamos, um pequeno círculo de luz que está em constante contato com o divino.

Nossas saudações vão para todos os Profetas anteriores cujos ensinamentos e vidas herdamos, qualquer que tenha sido sua raça, clima ou credo! Nossas saudações vão para todos aqueles homens e mulheres semelhantes a Deus que estão trabalhando para ajudar a humanidade, seja qual for seu nascimento, cor ou raça! Nossas saudações àqueles que virão no futuro – Deuses vivos – para trabalhar desinteressadamente pelos nossos descendentes.

4.2.9 MEU MESTRE

(Duas palestras proferidas em Nova York e na Inglaterra em 1896 foram posteriormente combinadas sob o título atual.)

“Sempre que a virtude diminui e o vício prevalece, desço para ajudar a humanidade”, declara Krishna, no Bhagavad-Gitâ. Sempre que este nosso mundo, por conta do crescimento, por conta de circunstâncias adicionais, exige um novo ajuste, surge uma onda de poder; e à medida que um homem atua em dois planos, o espiritual e o material, ondas de ajuste surgem em ambos os planos. Por um lado, do ajustamento no plano material, a Europa tem sido principalmente a base durante os tempos modernos; e do ajuste no outro, o plano espiritual, a Ásia tem sido a base ao longo da história do mundo. Hoje o homem necessita de mais um ajuste no plano espiritual; hoje, quando as ideias materiais estão no auge da sua glória e poder, hoje, quando o homem provavelmente esquecerá a sua natureza divina, devido à sua crescente dependência da matéria, e provavelmente será reduzido a uma mera máquina de fazer dinheiro, é necessário um ajustamento ; a voz falou e o poder está chegando para afastar as nuvens do materialismo crescente. Foi acionado o poder que, em data não distante, trará à humanidade mais uma vez a memória de sua verdadeira natureza; e novamente o lugar onde esta potência começará será a Ásia.

Este nosso mundo está no plano da divisão do trabalho. É vão dizer que um homem possuirá tudo. No entanto, como somos infantis! O bebê, em sua ignorância, pensa que sua boneca é o único bem cobiçado em todo o

universo. Assim, uma nação que é grande na posse de poder material pensa que isso é tudo o que deve ser cobiçado, que isso é tudo o que significa progresso, que isso é tudo o que significa civilização, e se existem outras nações que não se importam com a posse e não possuem esse poder, não estão aptos para viver, toda a sua existência é inútil! Por outro lado, outra nação pode pensar que a mera civilização material é totalmente inútil. Do Oriente veio a voz que uma vez disse ao mundo que se um homem possui tudo o que há sob o sol e não possui espiritualidade, o que isso aproveita? Este é o tipo oriental; o outro é do tipo ocidental.

Cada um destes tipos tem a sua grandeza, cada um tem a sua glória. O ajustamento actual será a harmonização, a fusão destes dois ideais. Para o Oriental, o mundo do espírito é tão real quanto para o Ocidental é o mundo dos sentidos. No espiritual, o Oriental encontra tudo o que deseja ou espera; nele ele encontra tudo o que torna a vida real para ele. Para o ocidental ele é um sonhador; para o Oriental, o Ocidental é um sonhador brincando com brinquedos efêmeros, e ele ri ao pensar que homens e mulheres adultos deveriam dar tanta importância a um punhado de matéria que terão de abandonar mais cedo ou mais tarde. Cada um chama o outro de sonhador. Mas o ideal oriental é tão necessário para o progresso da raça humana como o é o ocidental, e penso que é mais necessário. As máquinas nunca fizeram a humanidade feliz e nunca farão. Aquele que tenta nos fazer acreditar nisso alegará que a felicidade está na máquina; mas está sempre na mente. Somente aquele homem que é o senhor de sua mente pode tornar-se feliz, e ninguém mais. E o que é, afinal, esse poder das máquinas? Por que um homem que consegue enviar uma corrente elétrica através de um fio deveria ser chamado de um homem muito grande e um homem muito inteligente? A natureza não faz um milhão de vezes mais do que isso a cada momento? Por que então não cair e adorar a natureza? De que adianta se você tem poder sobre o mundo inteiro, se você domina cada átomo do universo? Isso não o fará feliz, a menos que você tenha o poder da felicidade em si mesmo, até que você se conquiste. O homem nasce para conquistar a natureza, é verdade, mas o ocidental entende por “natureza” apenas a natureza física ou externa. É verdade que a natureza externa é majestosa, com suas montanhas, oceanos e rios, e com seus infinitos poderes e variedades. No entanto, existe uma natureza interna mais majestosa do homem, mais elevada do que o sol, a lua e as estrelas, mais elevada do que esta nossa

terra, mais elevada do que o universo físico, transcendendo estas nossas pequenas vidas; e oferece outro campo de estudo. Aí os Orientais se destacam, assim como os Ocidentais se destacam nos outros. Portanto, é apropriado que, sempre que haja um ajustamento espiritual, este venha do Oriente. Também é apropriado que, quando o oriental quiser aprender sobre a fabricação de máquinas, ele se sente aos pés do ocidental e aprenda com ele. Quando o Ocidente quer aprender sobre o espírito, sobre Deus, sobre a alma, sobre o significado e o mistério deste universo, ele deve sentar-se aos pés do Oriente para aprender.

Vou apresentar a vocês a vida de um homem que desencadeou tal onda na Índia. Mas antes de entrar na vida deste homem, tentarei apresentar-lhes o segredo da Índia, o que a Índia significa. Se aqueles cujos olhos foram cegados pelo encanto das coisas materiais, cuja dedicação total da vida é comer, beber e desfrutar, cujo ideal de posse são terras e ouro, cujo ideal de prazer é o dos sentidos, cujo Deus é o dinheiro, e cujo objetivo é uma vida de tranquilidade e conforto neste mundo e a morte depois dele, cujas mentes nunca olham para frente, e que raramente pensam em algo mais elevado do que os objetos dos sentidos no meio dos quais vivem - se tais como estes vão para a Índia, o que eles veem? Pobreza, miséria, superstição, escuridão, hediondez por toda parte. Por que? Porque, em suas mentes, iluminação significa vestimenta, educação, educação social. Enquanto as nações ocidentais envidaram todos os esforços para melhorar a sua posição material, a Índia fez diferente. Aí vivem os únicos homens do mundo que, em toda a história da humanidade, nunca ultrapassaram as suas fronteiras para conquistar ninguém, que nunca cobiçaram o que pertencia a ninguém, cujo único defeito foi que as suas terras eram tão férteis, e acumularam riqueza pelo trabalho duro de suas mãos, e assim tentou outras nações a vir e despojá-las. Eles se contentam em ser espoliados e chamados de bárbaros; e em troca querem enviar a este mundo visões do Supremo, revelar ao mundo os segredos da natureza humana, rasgar o véu que esconde o homem real, porque conhecem o sonho, porque sabem que por trás deste materialismo vive a natureza real e divina do homem, que nenhum pecado pode manchar, nenhum crime pode estragar, nenhuma luxúria pode manchar, que o fogo não pode queimar, nem a água molhar, que o calor não pode secar nem a morte matar. E para eles esta verdadeira natureza do

homem é tão real como qualquer objeto material para os sentidos de um Ocidental.

Assim como vocês são corajosos para pular na boca de um canhão com um viva, assim como vocês são corajosos em nome do patriotismo para se levantar e desistir de suas vidas pelo seu país, eles também são corajosos em nome de Deus. É aí que quando um homem declara que este é um mundo de ideias, que tudo é um sonho, ele se despoja de roupas e propriedades para demonstrar que aquilo que ele acredita e pensa é verdade. Aí está um homem sentado na margem de um rio, quando sabe que a vida é eterna, e quer abrir mão de seu corpo como nada, assim como você pode abrir mão de um pedaço de palha. É aí que reside o seu heroísmo, que estão prontos para enfrentar a morte como um irmão, porque estão convencidos de que não há morte para eles. É aí que reside a força que os tornou invencíveis durante centenas de anos de opressão, invasão estrangeira e tirania. A nação vive hoje, e nessa nação, mesmo nos dias do desastre mais terrível, gigantes espirituais nunca deixaram de surgir. A Ásia produz gigantes na espiritualidade, tal como o Ocidente produz gigantes na política, gigantes na ciência. No início do presente século, quando a influência ocidental começou a penetrar na Índia, quando os conquistadores ocidentais, de espada na mão, vieram demonstrar aos filhos dos sábios que eles eram meros bárbaros, uma raça de sonhadores, que a sua religião era apenas mitologia, e deus e alma e tudo pelo que eles lutaram eram meras palavras sem sentido, que os milhares de anos de luta, os milhares de anos de renúncia sem fim, foram todos em vão, a questão começou a ser agitada entre os jovens nas universidades, se toda a existência nacional até então tinha sido um fracasso, se deveriam recomeçar o plano ocidental, rasgar os seus velhos livros, queimar as suas filosofias, expulsar os seus pregadores e destruir os seus templos. Não disse o conquistador ocidental, o homem que demonstrou a sua religião com espada e arma, que todos os velhos costumes eram mera superstição e idolatria? As crianças criadas e educadas nas novas escolas começaram no plano ocidental, beberam destas ideias, desde a infância; e não é de admirar que tenham surgido dúvidas. Mas em vez de jogar fora a superstição e fazer uma verdadeira busca pela verdade, o teste da verdade passou a ser: "O que diz o Ocidente?" Os sacerdotes devem ir, os Vedas devem ser queimados, porque o Ocidente assim o disse. Do

sentimento de inquietação assim produzido, surgiu uma onda da chamada reforma na Índia.

Se você deseja ser um verdadeiro reformador, três coisas são necessárias. A primeira é sentir. Você realmente sente pena de seus irmãos? Você realmente sente que há tanta miséria no mundo, tanta ignorância e superstição? Você realmente sente que os homens são seus irmãos? Essa ideia invade todo o seu ser? Corre com seu sangue? Faz formigamento em suas veias? Ele percorre todos os nervos e filamentos do seu corpo? Você está cheio dessa ideia de simpatia? Se estiver, esse é apenas o primeiro passo. Você deve pensar a seguir se encontrou algum remédio. As velhas idéias podem ser todas superstições, mas dentro e ao redor dessas massas de superstições há pepitas de ouro e de verdade. Você descobriu meios de manter esse ouro sozinho, sem nenhuma escória? Se você fez isso, esse é apenas o segundo passo; mais uma coisa é necessária. Qual é o seu motivo? Você tem certeza de que não é movido pela ganância do ouro, pela sede de fama ou de poder? Você tem certeza de que pode defender seus ideais e seguir em frente, mesmo que o mundo inteiro queira esmagá-lo? Você tem certeza de que sabe o que quer e que cumprirá seu dever, e somente isso, mesmo que sua vida esteja em jogo? Você tem certeza de que perseverará enquanto a vida durar, enquanto houver uma pulsação no coração? Então você é um verdadeiro reformador, você é um professor, um Mestre, uma bênção para a humanidade. Mas o homem é tão impaciente, tão míope! Ele não tem paciência para esperar, não tem poder para ver. Ele quer governar, quer resultados imediatos. Por que? Ele quer colher os frutos sozinho e não se importa realmente com os outros. O dever pelo dever não é o que ele deseja. “Você tem direito de trabalhar, mas não dos frutos dele”, diz Krishna. Por que se apegar aos resultados? Nossos são os deveres. Deixe as frutas cuidarem de si mesmas. Mas o homem não tem paciência. Ele assume qualquer esquema. O maior número de aspirantes a reformadores em todo o mundo pode ser classificado nesta categoria.

Como já disse, a ideia de reforma surgiu na Índia quando parecia que a onda de materialismo que invadiu as suas costas iria varrer os ensinamentos dos sábios. Mas a nação suportou os choques de milhares de ondas de mudança. Este foi leve em comparação. Onda após onda inundou a terra, quebrando e esmagando tudo durante centenas de anos. A espada brilhou e

"Vitória para Alá" rasgou os céus da Índia; mas estas inundações diminuíram, deixando os ideais nacionais inalterados.

A nação indiana não pode ser morta. Imortal ela permanece, e permanecerá enquanto esse espírito permanecer como pano de fundo, enquanto seu povo não desistir de sua espiritualidade. Eles podem permanecer mendigos, pobres e indigentes, a sujeira e a miséria podem cercá-los talvez o tempo todo, mas que não desistam de seu Deus, que não esqueçam que são filhos dos sábios. Assim como no Ocidente, até o homem comum quer traçar a sua descendência de algum barão-ladrão da Idade Média, também na Índia, até mesmo um imperador no trono quer traçar a sua descendência de algum sábio mendigo na floresta. , de um homem que usava casca de árvore, vivia dos frutos da floresta e comungava com Deus. Esse é o tipo de descida que queremos; e enquanto a santidade for supremamente venerada, a Índia não poderá morrer.

Muitos de vocês talvez tenham lido o artigo do Prof. Max Müller numa edição recente do século XIX, intitulado "Um Verdadeiro Mahâtman". A vida de Shri Ramakrishna é interessante, pois foi uma ilustração viva das ideias que ele pregou. Talvez seja um pouco romântico para você que vive no Ocidente, numa atmosfera totalmente diferente da da Índia. Pois os métodos e maneiras na correria da vida no Ocidente variam inteiramente daqueles da Índia. No entanto, talvez seja ainda mais interessante para isso, porque trará para uma nova luz coisas sobre as quais muitos já ouviram falar.

Foi enquanto reformas de vários tipos eram inauguradas na Índia que uma criança nasceu de pais brâmanes pobres, em 18 de fevereiro de 1836, numa das remotas aldeias de Bengala. O pai e a mãe eram pessoas muito ortodoxas. A vida de um brâmane realmente ortodoxo é de renúncia contínua. Muito poucas coisas ele pode fazer; e além deles o Brâmane ortodoxo não deve ocupar-se com nenhum negócio secular. Ao mesmo tempo, ele não deve receber presentes de todos. Você pode imaginar o quão rigorosa essa vida se torna. Vocês já ouviram falar dos brâmanes e de suas artimanhas sacerdotais muitas vezes, mas muito poucos de vocês pararam para perguntar o que faz deste maravilhoso grupo de homens os governantes de seus semelhantes. São as mais pobres de todas as classes do

país; e o segredo do seu poder reside na sua renúncia. Eles nunca cobiçam riqueza. O sacerdócio deles é o mais pobre do mundo e, portanto, o mais poderoso. Mesmo nesta pobreza, a esposa de um brâmane nunca permitirá que um homem pobre passe pela aldeia sem lhe dar algo para comer. Este é considerado o maior dever da mãe na Índia; e porque ela é a mãe, é seu dever ser servida por último; ela deve cuidar para que todos sejam atendidos antes que chegue sua vez. É por isso que a mãe é considerada Deus na Índia. Essa mulher em particular, a mãe do nosso sujeito, era exatamente o tipo de mãe hindu. Quanto mais elevada for a casta, maiores serão as restrições. As pessoas da casta mais baixa podem comer e beber o que quiserem. Mas à medida que os homens sobem na escala social, surgem cada vez mais restrições; e quando alcançam a casta mais elevada, o brâmane, o sacerdócio hereditário da Índia, suas vidas, como já disse, são muito circunscritas. Comparadas aos costumes ocidentais, suas vidas são de ascetismo contínuo. Os hindus são talvez a nação mais exclusiva do mundo. Eles têm a mesma grande estabilidade que os ingleses, mas muito mais amplificados. Quando eles se apoderam de uma ideia, eles a levam até o fim e a mantêm geração após geração, até que façam algo com ela. Uma vez que lhes dê uma ideia, não será fácil retirá-la; mas é difícil fazê-los compreender uma nova ideia.

Os hindus ortodoxos, portanto, são muito exclusivos, vivendo inteiramente dentro do seu próprio horizonte de pensamento e sentimento. Suas vidas estão descritas em nossos livros antigos em cada pequeno detalhe, e o menor detalhe é apreendido por eles com firmeza quase adamantina. Eles prefeririam morrer de fome a comer uma refeição preparada pelas mãos de um homem que não pertencia ao seu pequeno setor de casta. Mas, além disso, eles têm intensidade e uma seriedade tremenda. Essa força de intensa fé e vida religiosa ocorre frequentemente entre os hindus ortodoxos, porque a sua própria ortodoxia provém de uma tremenda convicção de que está certa. Nem todos podemos pensar que aquilo que eles defendem com tanta perseverança é certo; mas para eles é. Agora, está escrito em nossos livros que um homem deve sempre ser caridoso até ao extremo. Se um homem morre de fome para ajudar outro homem, para salvar a vida desse homem, está tudo bem; afirma-se até que um homem deve fazer isso. E espera-se que um brâmane leve essa ideia ao extremo. Aqueles que estão familiarizados com a literatura da Índia lembrar-se-ão de uma bela e antiga

história sobre esta caridade extrema, como uma família inteira, conforme relatada no Mahabhârata, que morreu de fome e deu a sua última refeição a um mendigo. Isto não é um exagero, pois tais coisas ainda acontecem. O caráter do pai e da mãe do meu Mestre era muito parecido com isso. Eles eram muito pobres, mas muitas vezes a mãe passava fome o dia inteiro para ajudar um homem pobre. Deles nasceu esta criança; e ele foi uma criança peculiar desde a infância. Ele se lembrava de seu passado desde o seu nascimento e estava consciente do propósito com que veio ao mundo, e todo poder foi dedicado ao cumprimento desse propósito.

Quando ele era bem jovem, seu pai morreu; e o menino foi mandado para a escola. O filho de um brâmane deve ir à escola; a casta o restringe apenas a uma profissão erudita. O antigo sistema de educação na Índia, ainda predominante em muitas partes do país, especialmente em relação aos Sannyasins, é muito diferente do sistema moderno. Os estudantes não tiveram que pagar. Pensava-se que o conhecimento era tão sagrado que nenhum homem deveria vendê-lo. O conhecimento deve ser dado gratuitamente e sem qualquer preço. Os professores levavam os alunos gratuitamente e, não só, a maioria dava comida e roupas aos alunos. Para apoiar estes professores, as famílias ricas em certas ocasiões, como nas festas de casamento ou nas cerimônias dos mortos, faziam-lhes presentes. Eles eram considerados os primeiros e principais requerentes de certas dádivas; e eles, por sua vez, tiveram que manter seus alunos. Então sempre que há um casamento, principalmente numa família rica, esses professores são convidados, e eles assistem e discutem assuntos diversos. Esse menino foi a uma dessas reuniões de professores, e os professores estavam discutindo vários assuntos, como lógica ou astronomia, assuntos muito além da sua idade. O menino era peculiar, como eu disse, e tirou disso a seguinte moral: "Este é o resultado de todo o conhecimento deles. Por que eles estão lutando tanto? É simplesmente por dinheiro; o homem que pode demonstrar o mais alto conhecimento aqui conseguirei o melhor par de roupas, e é por isso que essas pessoas estão lutando e não irei mais à escola." E ele não o fez; esse foi o fim de sua ida à escola. Mas esse menino tinha um irmão mais velho, um professor erudito, que o levou para Calcutá, para estudar com ele. Depois de pouco tempo, o menino ficou plenamente convencido de que o objetivo de todo aprendizado secular era o mero avanço material, e nada mais, e resolveu abandonar o estudo e dedicar-se exclusivamente à

busca do conhecimento espiritual. Estando o pai falecido, a família era muito pobre; e esse menino teve que ganhar a vida. Ele foi para um lugar perto de Calcutá e tornou-se sacerdote do templo. Tornar-se sacerdote do templo é considerado muito degradante para um brâmane. Nossos templos não são igrejas no sentido que vocês dão à palavra, não são locais de adoração pública; pois, propriamente falando, não existe adoração pública na Índia. Os templos são erguidos principalmente por pessoas ricas como um ato religioso meritório.

Se um homem possui muitas propriedades, ele quer construir um templo. Nisso ele coloca um símbolo ou imagem de uma Encarnação de Deus e a dedica à adoração em nome de Deus. O culto é semelhante ao que é realizado nas igrejas católicas romanas, muito parecido com a missa, lendo certas frases dos livros sagrados, agitando uma luz diante da imagem e tratando a imagem em todos os aspectos como tratamos um grande homem. Isso é tudo o que é feito no templo. O homem que vai ao templo não é considerado por isso um homem melhor do que aquele que nunca vai. Mais propriamente, este último é considerado o homem mais religioso, pois a religião na Índia é para cada homem um assunto privado. Na casa de cada homem há uma pequena capela, ou um quarto separado, e lá ele vai de manhã e à noite, senta-se num canto e ali faz sua adoração. E esta adoração é inteiramente mental, pois outro homem não ouve nem sabe o que está fazendo. Ele o vê apenas sentado ali, e talvez movendo os dedos de uma maneira peculiar, ou fechando as narinas e respirando de uma maneira peculiar. Além disso, ele não sabe o que seu irmão está fazendo; até mesmo sua esposa, talvez, não saiba. Assim, todo culto é realizado na privacidade de sua própria casa. Aqueles que não têm condições de ter uma capela vão para as margens de um rio, ou de um lago, ou do mar se viverem à beira-mar, mas às vezes as pessoas vão adorar num templo fazendo saudação à imagem. Aí termina seu dever para com o templo. Portanto, veja você, tem sido sustentado desde os tempos mais antigos em nosso país, legislado por Manu, que é uma ocupação degenerativa tornar-se sacerdote do templo. Alguns livros dizem que é tão degradante que torna um brâmane digno de reprovação. Tal como acontece com a educação, mas num sentido muito mais intenso com a religião, existe a outra ideia por trás dela, de que os sacerdotes do templo que cobram honorários pelo seu trabalho estão a fazer mercadorias com coisas sagradas. Portanto, você pode imaginar os

sentimentos daquele menino quando foi forçado, devido à pobreza, a assumir a única ocupação que lhe era oferecida, a de sacerdote do templo.

Houve vários poetas em Bengala cujas canções foram transmitidas ao povo; são cantados nas ruas de Calcutá e em todas as aldeias. A maioria destas são canções religiosas, e a sua ideia central, que talvez seja peculiar às religiões da Índia, é a ideia de realização. Não há um livro na Índia sobre religião que não respire essa ideia. O homem deve perceber Deus, sentir Deus, ver Deus, falar com Deus. Isso é religião. A atmosfera indiana está cheia de histórias de pessoas santas que tiveram visões de Deus. Tais doutrinas constituem a base da sua religião; e todos esses livros e escrituras antigas são escritos de pessoas que tiveram contato direto com fatos espirituais. Esses livros não foram escritos para o intelecto, nem qualquer raciocínio pode compreendê-los, porque foram escritos por homens que viram as coisas sobre as quais escreveram, e só podem ser compreendidos por homens que se elevaram à mesma altura. Dizem que existe a realização mesmo nesta vida, e ela está aberta a todos, e a religião começa com a abertura desta faculdade, se assim posso chamar. Esta é a ideia central em todas as religiões, e é por isso que podemos encontrar um homem com os mais perfeitos poderes oratórios, ou a lógica mais convincente, pregando as doutrinas mais elevadas e ainda assim incapaz de fazer com que as pessoas o ouçam, enquanto podemos encontrar outro, um homem pobre, que mal consegue falar a língua da sua própria pátria, mas metade da nação o adora durante a sua vida como Deus. Quando na Índia se espalha, de uma forma ou de outra, a ideia de que um homem se elevou a esse estado de realização, que a religião não é mais uma questão de conjectura para ele, que ele não está mais tateando no escuro em questões tão importantes como a religião, a imortalidade da alma e de Deus, pessoas vêm de todos os cantos para vê-lo e gradualmente começam a adorá-lo.

No templo havia uma imagem da “Mãe Bem-Aventurada”. Este menino tinha que conduzir o culto de manhã e à noite, e aos poucos esta ideia encheu sua mente: "Existe alguma coisa por trás dessas imagens? É verdade que existe uma Mãe da Bem-aventurança no universo? É verdade que Ela vive e guia o universo, ou é tudo um sonho? Existe alguma realidade na religião?"

Esse ceticismo atinge a criança hindu. É o ceticismo do nosso país: será que isto que estamos a fazer é real? E as teorias não nos satisfarão, embora existam quase todas as teorias que já foram feitas a respeito de Deus e da alma. Nem os livros nem as teorias podem nos satisfazer, a única ideia que se apodera de milhares de pessoas é esta ideia de realização. É verdade que existe um Deus? Se for verdade, posso vê-Lo? Posso perceber a verdade? A mente ocidental pode achar tudo isto muito impraticável, mas para nós é intensamente prático. Para isso suas vidas. Você acabou de ouvir como, desde os tempos mais remotos, houve pessoas que abriram mão de todos os confortos e luxos para viver em cavernas, e centenas de pessoas abriram mão de suas casas para chorar lágrimas amargas de miséria, nas margens de rios sagrados, a fim de realizar esta ideia - não saber no sentido comum da palavra, não compreensão intelectual, não uma mera compreensão racionalista da coisa real, não mero tatear no escuro, mas realização intensa, muito mais real do que este mundo é para os nossos sentidos. Essa é a ideia. Não adianta nenhuma proposição sobre isso agora, mas esse é o único fato que está impressionado com eles. Milhares serão mortos, outros milhares estarão prontos. Assim, com base nesta ideia, toda a nação, durante milhares de anos, tem negado e sacrificado a si mesma. Por esta ideia, milhares de hindus todos os anos abandonam as suas casas, e muitos deles morrem devido às dificuldades que têm de suportar. Para a mente ocidental isto deve parecer muito visionário, e posso ver a razão deste ponto de vista. Mas embora eu tenha residido no Ocidente, ainda considero esta ideia a coisa mais prática da vida.

Cada momento que penso em qualquer outra coisa é uma grande perda para mim – até mesmo as maravilhas das ciências terrenas; tudo é vão se me afastar desse pensamento. A vida é apenas momentânea, quer você tenha o conhecimento de um anjo ou a ignorância de um animal. A vida é apenas momentânea, quer você tenha a pobreza do homem mais pobre em farrapos ou a riqueza da pessoa viva mais rica. A vida é apenas momentânea, quer você seja um homem oprimido vivendo em uma das grandes ruas das grandes cidades do Ocidente ou um imperador coroado governando milhões de pessoas. A vida é apenas momentânea, quer você tenha a melhor ou a pior saúde. A vida é apenas momentânea, quer você tenha o temperamento mais poético ou o mais cruel. Só existe uma solução para a vida, diz o hindu, e essa solução é o que eles chamam de Deus e religião. Se isso for

verdade, a vida se torna explicada, a vida se torna suportável, torna-se agradável. Caso contrário, a vida não passa de um fardo inútil. Essa é a nossa ideia, mas nenhum raciocínio pode demonstrá-la; só pode torná-lo provável, e aí está. A mais elevada demonstração de raciocínio que temos em qualquer ramo do conhecimento só pode tornar um facto provável, e nada mais. Os fatos mais demonstráveis da ciência física são apenas probabilidades, e não fatos ainda. Os fatos estão apenas nos sentidos. Os fatos têm que ser percebidos, e temos que perceber a religião para demonstrá-la a nós mesmos. Temos que sentir Deus para estarmos convencidos de que existe um Deus. Devemos sentir os fatos da religião para saber que são fatos. Nada mais, e nenhuma quantidade de raciocínio, a não ser a nossa própria percepção, pode tornar essas coisas reais para nós, pode tornar a minha crença firme como uma rocha. Essa é a minha ideia, e essa é a ideia indiana.

Essa ideia tomou conta do menino e toda a sua vida se concentrou nisso. Dia após dia ele chorava e dizia: “Mãe, é verdade que Tu existes, ou é tudo poesia? A Mãe Bem-Aventurada é uma imaginação de poetas e pessoas equivocadas, ou existe tal Realidade?” Vimos que de livros, de educação no nosso sentido da palavra, ele não tinha nenhum, e tanto mais natural, tanto mais saudável era sua mente, tanto mais puros eram seus pensamentos, não diluídos pela absorção dos pensamentos de outros. Porque ele não foi para a universidade, então ele pensou por si mesmo. Como passamos metade de nossas vidas na universidade, estamos repletos de uma coleção de pensamentos de outras pessoas. Bem disse o Prof. Max Müller no artigo que acabo de referir que este era um homem limpo e original; e o segredo dessa originalidade era que ele não foi criado nos arredores de uma universidade. No entanto, esse pensamento – se Deus pode ser visto – que estava no topo de sua mente, ganhava força a cada dia, até que ele não conseguia pensar em mais nada. Ele não podia mais conduzir a adoração adequadamente, não podia mais prestar atenção aos vários detalhes em toda a sua minúcia. Muitas vezes ele se esquecia de colocar a oferta de alimento diante da imagem, às vezes se esquecia de agitar a luz; outras vezes, ele balançava-o durante horas e esquecia todo o resto.

E aquela ideia estava em sua mente todos os dias: "É verdade que Tu existes, ó Mãe? Por que não falaste? Estás morto?" Talvez alguns de nós

aqui se lembrem de que há momentos em nossas vidas em que, cansados de todos esses raciocínios de lógica monótona e morta, cansados de ler livros - que, afinal de contas, não nos ensinam nada, tornam-se nada além de uma espécie de comedor de ópio intelectual. - devemos tê-lo em horários determinados ou morreremos - cansados com tudo isso, o coração de nossos corações emite um lamento: "Não há ninguém neste universo que possa me mostrar a luz? Se Tu és, mostra a luz para Por que não falas? Por que te tornas tão escasso, por que envias tantos mensageiros e não vens a mim neste mundo de lutas e facções, em quem devo seguir e acreditar? homem e mulher, por que não vens falar com Teu filho e ver se ele não está pronto?" Bem, todos nós temos esses pensamentos em momentos de grande depressão; mas são tais as tentações que nos rodeiam, que no momento seguinte esquecemos. Por um momento parecia que as portas dos céus iam se abrir, por um momento parecia que íamos mergulhar na luz refulgente; mas o homem-animal novamente se livra de todas essas visões angélicas. Lá vamos nós, homem-animal mais uma vez comendo, bebendo e morrendo, e morrendo e bebendo e comendo de novo e de novo. Mas há mentes excepcionais que não se desviam tão facilmente, que uma vez atraídas nunca mais poderão voltar atrás, qualquer que seja a tentação no caminho, que querem ver a Verdade sabendo que a vida deve acabar. Eles dizem, deixe-o ir em uma conquista nobre, e que conquista é mais nobre do que a conquista do homem inferior, do que esta solução do problema da vida e da morte, do bem e do mal?

Por fim, tornou-se impossível para ele servir no templo. Ele saiu e entrou num pequeno bosque que havia perto e morou ali. Sobre essa parte de sua vida, ele me disse muitas vezes que não sabia dizer quando o sol nascia ou se punha, ou como vivia. Ele perdeu todo o pensamento sobre si mesmo e se esqueceu de comer. Durante esse período ele foi carinhosamente cuidado por um parente que colocou em sua boca comida que ele engoliu mecanicamente.

Dias e noites passaram assim com o menino. Quando um dia inteiro se passava, ao anoitecer, quando o repique dos sinos nos templos e as vozes cantando chegavam ao bosque, o menino ficava muito triste e ele gritava: "Mais um dia se foi em vão, Mãe, e Tu não vieste. Mais um dia desta curta vida se passou e eu não conheci a Verdade." Na agonia de sua alma, às

vezes ele esfregava o rosto no chão e chorava, e esta única oração irrompia: “Manifesta-te em mim, Mãe do universo! Veja que preciso de Ti e de nada mais!” Na verdade, ele queria ser fiel ao seu próprio ideal. Ele tinha ouvido falar que a Mãe nunca vinha até que tudo fosse abandonado por Ela. Ele tinha ouvido falar que a Mãe queria vir para todos, mas eles não a aceitavam, que as pessoas queriam todos os tipos de pequenos ídolos tolos para orar, que queriam seus próprios prazeres, e não a Mãe, e que no momento em que realmente queriam-na com toda a alma, e nada mais, naquele momento que ela viria. Então ele começou a se envolver nessa ideia; ele queria ser exato, mesmo no plano da matéria. Ele jogou fora todos os poucos bens que tinha e jurou que nunca tocaria em dinheiro, e essa ideia, “Não tocarei em dinheiro”, tornou-se parte dele. Pode parecer algo oculto, mas mesmo na vida após a morte, quando ele estava dormindo, se eu o tocasse com uma moeda, sua mão ficaria dobrada e todo o seu corpo ficaria, por assim dizer, paralisado. A outra ideia que lhe veio à mente foi que a luxúria era o outro inimigo. O homem é uma alma, e a alma não tem sexo, nem homem nem mulher. A ideia de sexo e a ideia de dinheiro eram as duas coisas, pensou ele, que o impediam de ver a Mãe. Todo este universo é a manifestação da Mãe, e Ela vive no corpo de cada mulher. “Toda mulher representa a Mãe; como posso pensar na mulher em mera relação sexual?” Essa era a ideia: toda mulher era sua mãe, ele deveria chegar ao estado em que não veria nada além da mãe em cada mulher. E ele realizou isso em sua vida.

Esta é a tremenda sede que toma conta do coração humano. Mais tarde, esse mesmo homem me disse: "Meu filho, suponha que haja um saco de ouro em um quarto e um ladrão no quarto ao lado; você acha que o ladrão pode dormir? Ele não pode. Sua mente estará sempre pensando em como entrar naquela sala e obter posse daquele ouro. Você acha então que um homem, firmemente persuadido de que existe uma Realidade por trás de todas essas aparências, que existe um Deus, que existe Alguém que nunca morre, Alguém que existe? é bem-aventurança infinita, uma bem-aventurança comparada com a qual esses prazeres dos sentidos são simplesmente brinquedos, pode ficar satisfeito sem lutar para alcançá-lo? Ele pode parar seus esforços por um momento? Essa loucura divina tomou conta do menino. Naquela época ele não tinha professor, ninguém que lhe contasse nada, e todos pensavam que ele estava louco. Esta é a condição normal das

coisas. Se um homem deixa de lado as vaidades do mundo, ouvimos que ele é chamado de louco. Mas tais homens são o sal da terra. Dessa loucura surgiram os poderes que moveram este nosso mundo, e somente dessa loucura surgirão os poderes do futuro que irão mover o mundo.

Assim, dias, semanas, meses se passaram na luta contínua da alma para chegar à verdade. O menino começou a ter visões, a ver coisas maravilhosas; os segredos de sua natureza estavam começando a se abrir para ele. Véu após véu estava, por assim dizer, sendo retirado. A própria mãe tornou-se professora e iniciou o menino nas verdades que ele buscava. Nessa época chegou a este lugar uma mulher de bela aparência, erudita sem comparação. Mais tarde, esta santa dizia dela que ela não era erudita, mas era a personificação do saber; ela estava aprendendo sozinha, em forma humana. Aí também você encontra a peculiaridade da nação indiana. No meio da ignorância em que vive a mulher hindu comum, no meio do que é chamado nos países ocidentais de sua falta de liberdade, poderia surgir uma mulher de espiritualidade suprema. Ela era uma Sannyâsini; pois as mulheres também desistem do mundo, jogam fora os seus bens, não se casam e se dedicam à adoração do Senhor. Ela chegou; e quando ela ouviu falar desse menino no bosque, ela se ofereceu para ir vê-lo; e a ajuda dela foi a primeira que ele recebeu. Imediatamente ela reconheceu qual era o problema dele e disse a ele. "Meu filho, abençoado é o homem que atinge tal loucura. Todo este universo está louco - alguns por riqueza, alguns por prazer, alguns por fama, alguns por centenas de outras coisas. Eles são loucos por ouro, ou maridos, ou esposas, por pequenas ninharias, loucas para tyrannizar alguém, loucas para ficarem ricas, loucas por todas as coisas tolas, exceto por Deus. E elas só conseguem entender sua própria loucura. Quando outro homem está louco por ouro, elas têm sentimento de solidariedade e simpatia. ele, e eles dizem que ele é o homem certo, como os lunáticos pensam que só os lunáticos são sãos. Mas se um homem está louco por causa do Amado, por causa do Senhor, como eles podem entender? "Não tenha nada a ver com ele." É por isso que eles chamam você de louco; mas o seu é o tipo certo de loucura. Bem-aventurado o homem que é louco por Deus. Esta mulher permaneceu perto do menino durante anos, ensinou-lhe as formas das religiões da Índia, iniciou-o nas diferentes práticas de Yoga e, por assim dizer, guiou e harmonizou este tremendo rio de espiritualidade.

Mais tarde, chegou ao mesmo bosque um Sannyasin, um dos frades mendicantes da Índia, um homem erudito, um filósofo. Ele era um homem peculiar, um idealista. Ele não acreditava que este mundo existisse na realidade; e para demonstrar isso, ele nunca iria para baixo de um teto, ele sempre viveria ao ar livre, tanto na tempestade quanto no sol. Este homem começou a ensinar ao menino a filosofia dos Vedas; e logo descobriu, para seu espanto, que o aluno era, em alguns aspectos, mais sábio que o mestre. Ele passou vários meses com o menino, após os quais o iniciou na ordem dos Sannyasins e partiu.

Quando, como sacerdote do templo, sua adoração extraordinária fez com que as pessoas pensassem que ele estava perturbado, seus parentes o levaram para casa e o casaram com uma menina, pensando que isso mudaria seus pensamentos e restauraria o equilíbrio de sua mente. Mas ele voltou e, como vimos, mergulhou ainda mais na sua loucura. Às vezes, no nosso país, os rapazes casam-se ainda crianças e não têm voz no assunto; seus pais se casam com eles. É claro que tal casamento é pouco mais que um noivado. Quando são casados, continuam a viver com os pais, e o verdadeiro casamento ocorre quando a esposa cresce. Então é costume que o marido vá e traga a noiva para sua própria casa. Neste caso, porém, o marido esqueceu completamente que tinha uma esposa. Em sua casa distante, a menina ouviu falar que seu marido havia se tornado um entusiasta religioso e que era até considerado louco por muitos. Ela resolveu aprender a verdade por si mesma, então partiu e caminhou até o lugar onde seu marido estava. Quando finalmente ela esteve na presença do marido, ele imediatamente admitiu o direito dela à sua vida, embora na Índia qualquer pessoa, homem ou mulher, que abraça uma vida religiosa, fique assim livre de todas as outras obrigações. O jovem caiu aos pés de sua esposa e disse: “Quanto a mim, a Mãe me mostrou que Ela reside em cada mulher, e assim aprendi a considerar cada mulher como Mãe. tenho sobre você; mas se você deseja me arrastar para o mundo, como fui casado com você, estou ao seu serviço.

A donzela era uma alma pura e nobre e foi capaz de compreender as aspirações do marido e simpatizar com elas. Ela rapidamente lhe disse que não desejava arrastá-lo para uma vida mundana; mas tudo o que ela desejava era permanecer perto dele, servi-lo e aprender com ele. Ela se

tornou uma de suas discípulas mais devotadas, sempre reverenciando-o como um ser divino. Assim, através do consentimento da sua esposa, a última barreira foi removida e ele ficou livre para levar a vida que escolhera.

O próximo desejo que tomou conta da alma deste homem foi saber a verdade sobre as várias religiões. Até então ele não conhecia nenhuma religião além da sua. Ele queria entender como eram as outras religiões. Então ele procurou professores de outras religiões. Por professores vocês devem sempre lembrar o que queremos dizer na Índia, não um leitor ávido, mas um homem de realização, alguém que conhece a verdade; primeira mão e não através de um intermediário. Ele encontrou um santo muçulmano e se colocou sob seu comando; ele se submeteu às disciplinas por ele prescritas e, para seu espanto, descobriu que, quando fielmente executados, esses métodos devocionais o levavam ao mesmo objetivo que já havia alcançado. Ele adquiriu experiência semelhante ao seguir a verdadeira religião de Jesus, o Cristo. Ele foi a todas as seitas que pôde encontrar, e tudo o que empreendeu, ele o fez de todo o coração. Ele fez exatamente o que lhe foi dito e em todos os casos chegou ao mesmo resultado. Assim, a partir da experiência real, ele veio a saber que o objetivo de todas as religiões é o mesmo, que cada uma tenta ensinar a mesma coisa, estando a diferença em grande parte no método e ainda mais na linguagem. No fundo, todas as seitas e todas as religiões têm o mesmo objectivo; e eles estavam apenas brigando por seus próprios propósitos egoístas – eles não estavam preocupados com a verdade, mas com “meu nome” e “seu nome”. Dois deles pregaram a mesma verdade, mas um deles disse: “Isso não pode ser verdade, porque não coloquei sobre isso o selo do meu nome. Portanto, não lhe dê ouvidos”. E o outro homem disse: “Não o ouçam, embora ele esteja pregando praticamente a mesma coisa, ainda assim não é verdade porque ele não prega em meu nome”.

Foi isso que meu Mestre descobriu, e então começou a aprender a humildade, porque descobriu que a única idéia em todas as religiões é: "não eu, mas Tu", e aquele que diz: "não eu", o Senhor preenche seu coração. Quanto menos deste pequeno “eu”, mais de Deus há nele. Que ele descobriu ser a verdade em todas as religiões do mundo e se propôs a conseguir isso. Como já lhe disse, sempre que queria fazer alguma coisa,

nunca se limitava a boas teorias, mas entrava imediatamente na prática; Vemos muitas pessoas falando coisas maravilhosamente boas sobre caridade e sobre igualdade e os direitos de outras pessoas e tudo mais, mas é apenas em teoria. Tive a sorte de encontrar alguém que fosse capaz de levar a teoria à prática. Ele tinha a mais maravilhosa faculdade de pôr em prática tudo o que considerava certo.

Agora, havia uma família de párias morando perto do local. Os párias somam vários milhões em toda a Índia e são uma seita de pessoas tão baixas que alguns de nossos livros dizem que se um brâmane que sai de sua casa vê o rosto de um pária, ele deve jejuar naquele dia e recitar certas orações. antes que ele se torne santo novamente. Em algumas cidades hindus, quando um pária entra, ele tem que colocar uma pena de corvo na cabeça como sinal de que é um pária, e tem que gritar em voz alta: "Salvem-se, o pária está passando pela rua", e você encontrará pessoas voando dele como num passe de mágica, porque se por acaso o tocarem, terão que trocar de roupa, tomar banho e fazer outras coisas. E o pária, durante milhares de anos, acreditou que isso estava perfeitamente certo; que seu toque tornará todos profanos. Agora meu Mestre ia até um pária e pedia permissão para limpar sua casa. A função do Pária é limpar as ruas das cidades e manter as casas limpas. Ele não pode entrar na casa pela porta da frente; pela porta dos fundos ele entra; e assim que ele sai, todo o lugar por onde ele passou é aspergido e santificado com um pouco de água do Gangâ. Por nascimento, o brâmane representa a santidade e o pária exatamente o contrário. E este brâmane pediu permissão para fazer os serviços servis na casa do pária. Os párias, é claro, não poderiam permitir isso, pois todos pensam que se permitirem que um brâmane faça um trabalho tão servil, será um pecado terrível e eles serão extintos. O pária não permitiria isso; então, na calada da noite, quando todos estavam dormindo, Ramakrishna entrava na casa. Ele tinha cabelos compridos e com os cabelos limpava o local, dizendo: "Oh, minha Mãe, faça de mim o servo do Pária, faça-me sentir que sou ainda inferior ao Pária". "Adoram-Me melhor aqueles que adoram Meus adoradores. Estes são todos Meus filhos e seu privilégio é servi-los" – é o ensinamento das escrituras hindus.

Houve vários outros preparativos que levariam muito tempo para serem relatados, e quero dar-lhes apenas um esboço de sua vida. Durante anos ele

se educou assim. Um dos Sâdhanâs era erradicar a ideia do sexo. A alma não tem sexo, não é masculina nem feminina. É apenas no corpo que o sexo existe, e o homem que deseja alcançar o espírito não pode ao mesmo tempo manter distinções sexuais. Tendo nascido num corpo masculino, este homem quis trazer a ideia feminina para tudo. Começou a pensar que era mulher, vestia-se como mulher, falava como mulher, abandonou as ocupações de homem e viveu no lar entre as mulheres de uma boa família, até que, depois de anos dessa disciplina, seu a mente mudou e ele esqueceu completamente a ideia de sexo; assim, toda a visão da vida mudou para ele.

Ouvimos falar no Ocidente sobre a adoração da mulher, mas isso geralmente é por causa de sua juventude e beleza. Este homem queria dizer com adoração à mulher que para ele o rosto de toda mulher era o da Mãe Bem-Aventurada, e nada além disso. Eu mesmo vi este homem diante daquelas mulheres a quem a sociedade não tocava, e caindo aos seus pés banhado em lágrimas, dizendo: "Mãe, de uma forma Tu estás na rua, e de outra forma Tu és o universo. Eu saúdo A Ti, Mãe, eu Te saúdo." Pense na bem-aventurança daquela vida da qual desapareceu toda a carnalidade, que pode olhar para cada mulher com aquele amor e reverência quando o rosto de cada mulher se torna transfigurado, e apenas o rosto da Mãe Divina, a Bem-Aventurada, a Protetora do ser humano raça, brilha sobre ela! Isso é o que nós queremos. Você quer dizer que a divindade de uma mulher pode ser enganada? Nunca foi e nunca será, Sempre se afirma. Detecta infalivelmente a fraude, detecta a hipocrisia, sente infalivelmente o calor da verdade, a luz da espiritualidade, a santidade da pureza. Tal pureza é absolutamente necessária para que a verdadeira espiritualidade seja alcançada.

Esta pureza rigorosa e imaculada entrou na vida daquele homem. Todas as lutas que enfrentamos em nossas vidas já passaram para ele. Suas joias de espiritualidade arduamente conquistadas, pelas quais ele havia doado três quartos de sua vida, estavam agora prontas para serem entregues à humanidade, e então começou sua missão. Seu ensino e pregação eram peculiares. Em nosso país, o professor é uma pessoa muito venerada, é considerado o próprio Deus. Não temos nem o mesmo respeito por nosso pai e nossa mãe. Pai e mãe nos dão nosso corpo, mas o professor nos mostra o caminho para a salvação. Somos seus filhos, nascemos na linha espiritual

do professor. Todos os hindus vêm prestar homenagem a um professor extraordinário, aglomeram-se em torno dele. E aqui estava um tal professor, mas o professor não pensava se era para ser respeitado ou não, não tinha a mínima ideia de que era um grande professor, pensava que era a mãe quem fazia tudo e não ele. Ele sempre dizia: “Se algum bem sai dos meus lábios, é a Mãe quem fala; o que tenho eu a ver com isso?” Essa era a sua única ideia sobre o seu trabalho, e até o dia de sua morte ele nunca desistiu. Este homem não procurou ninguém. Seu princípio era: primeiro forme o caráter, primeiro ganhe a espiritualidade e os resultados virão por si mesmos. Sua ilustração favorita era: "Quando o lótus se abre, as abelhas vêm espontaneamente em busca do mel; portanto, deixe o lótus do seu caráter se desenvolver plenamente e os resultados virão." Esta é uma ótima lição para aprender.

Meu Mestre me ensinou esta lição centenas de vezes, mas muitas vezes eu a esqueço. Poucos entendem o poder do pensamento. Se um homem entra numa caverna, se fecha lá dentro, tem um pensamento realmente grandioso e morre, esse pensamento penetrará nas paredes daquela caverna, vibrará através do espaço e, finalmente, permeará toda a raça humana. Tal é o poder do pensamento; portanto, não tenha pressa em transmitir seus pensamentos aos outros. Primeiro tenha algo para dar. Só ensina quem tem algo para dar, pois ensinar não é falar, ensinar não é transmitir doutrinas, é comunicar. A espiritualidade pode ser comunicada tão verdadeiramente quanto eu posso lhe dar uma flor. Isto é verdade no sentido mais literal. Esta ideia é muito antiga na Índia e encontra ilustração no Ocidente na teoria, na crença, da sucessão apostólica. Portanto, primeiro crie caráter – esse é o dever mais elevado que você pode cumprir. Conheça a Verdade por si mesmo, e haverá muitos a quem você poderá ensiná-la depois; todos eles virão. Essa foi a atitude do não Mestre. Ele não criticou ninguém. Durante anos vivi com aquele homem, mas nunca ouvi aqueles lábios proferirem uma palavra de condenação a qualquer seita. Ele tinha a mesma simpatia por todas as seitas; ele havia encontrado a harmonia entre eles. Um homem pode ser intelectual, ou devoto, ou místico, ou ativo; as várias religiões representam um ou outro desses tipos. No entanto, é possível combinar todos os quatro num só homem, e é isso que a humanidade futura irá fazer. Essa foi a ideia dele. Ele não condenou ninguém, mas viu o bem em todos.

As pessoas vieram aos milhares para ver e ouvir este homem maravilhoso que falava em apatóis, cada palavra era forte e instintiva com luz. Pois não é o que é falado, muito menos a língua em que é falado, mas é a personalidade de quem fala, que reside em tudo o que ele diz, que tem peso. Cada um de nós sente isso às vezes. Ouvimos os mais esplêndidos discursos, os mais maravilhosamente fundamentados discursos, e vamos para casa e esquecemos todos eles. Outras vezes, ouvimos algumas palavras na linguagem mais simples e elas entram em nossas vidas, tornam-se parte integrante de nós mesmos e produzem resultados duradouros. As palavras de um homem que consegue colocar nelas sua personalidade têm efeito, mas ele deve ter uma personalidade tremenda. Todo ensino implica dar e receber, o professor dá e o ensinado recebe, mas um deve ter algo para dar e o outro deve estar aberto para receber.

Este homem veio morar perto de Calcutá, a capital da Índia, a cidade universitária mais importante do nosso país, que enviava centenas de céticos e materialistas todos os anos. No entanto, muitos destes universitários – céticos e agnósticos – costumavam vir ouvi-lo. Ouvi falar desse homem e fui ouvi-lo. Ele parecia um homem comum, sem nada de notável nele. Ele usou a linguagem mais simples, e eu pensei: “Será que este homem pode ser um grande professor?” – aproximei-me dele e fiz-lhe a pergunta que vinha fazendo a outros durante toda a minha vida: “Você acredita em Deus, senhor?” “Sim”, ele respondeu. “Você pode provar isso, senhor?” “Sim.” “Como?” “Porque eu O vejo assim como vejo você aqui, só que num sentido muito mais intenso.” Isso me impressionou imediatamente. Pela primeira vez encontrei um homem que ousou dizer que via Deus, que a religião era uma realidade a ser sentida, a ser sentida de uma forma infinitamente mais intensa do que podemos sentir o mundo. Comecei a ir até aquele homem, dia após dia, e realmente vi que a religião poderia ser dada. Um toque, um olhar, pode mudar uma vida inteira. Eu li sobre Buda, Cristo e Maomé, sobre todos aqueles diferentes luminares dos tempos antigos, como eles se levantavam e diziam: “Sê inteiro”, e o homem se tornava inteiro. Agora descobri que era verdade e, quando vi esse homem, todo o ceticismo foi posto de lado. Isso poderia ser feito; e meu Mestre costumava dizer: “A religião pode ser dada e recebida de forma mais tangível, mais real do que qualquer outra coisa no mundo”. Seja, portanto, espiritual primeiro; ter algo para dar e então ficar diante do mundo e dar

isso. A religião não é conversa, nem doutrinas, nem teorias; nem é sectarismo. A religião não pode viver em seitas e sociedades. É a relação entre a alma e Deus; como pode ser transformado em sociedade? Ela então degeneraria em negócios, e onde quer que existam negócios e princípios empresariais na religião, a espiritualidade morre. A religião não consiste em erigir templos, ou construir igrejas, ou assistir ao culto público. Não pode ser encontrado em livros, ou em palavras, ou em palestras, ou em organizações. A religião consiste na realização. Na verdade, todos sabemos que nada nos satisfará até que conheçamos a verdade por nós mesmos. Por mais que argumentemos, por mais que ouçamos, uma coisa nos satisfará: a nossa própria realização; e tal experiência é possível para cada um de nós se apenas tentarmos. O primeiro ideal desta tentativa de realizar a religião é o da renúncia. Tanto quanto pudermos, devemos desistir. Trevas e luz, prazer no mundo e prazer em Deus nunca andarão juntos. "Você não pode servir a Deus e a Mamom." Deixe as pessoas tentarem, se quiserem, e tenho visto milhões de pessoas em todos os países que tentaram; mas afinal, não dá em nada. Se uma palavra permanece verdadeira no ditado, é: desista de tudo por causa do Senhor. Esta é uma tarefa difícil e longa, mas você pode começar aqui e agora. Pouco a pouco devemos ir nessa direção.

A segunda ideia que aprendi com meu Mestre, e que talvez seja a mais vital, é a maravilhosa verdade de que as religiões do mundo não são contraditórias ou antagônicas. São apenas várias fases de uma religião eterna. Que uma religião eterna seja aplicada a diferentes planos de existência, é aplicada às opiniões de várias mentes e de várias raças. Nunca existiu a minha religião ou a sua, a minha religião nacional ou a sua religião nacional; nunca existiram muitas religiões, só existe uma. Uma religião infinita existiu por toda a eternidade e sempre existirá, e esta religião está se expressando em vários países de diversas maneiras. Portanto, devemos respeitar todas as religiões e tentar aceitá-las tanto quanto pudermos. As religiões manifestam-se não apenas de acordo com a raça e a posição geográfica, mas de acordo com os poderes individuais. Num homem, a religião manifesta-se como intensa atividade, como trabalho. Num outro, manifesta-se como devoção intensa, noutro ainda, como misticismo, noutros como filosofia, e assim por diante. É errado quando dizemos aos outros: "Seus métodos não estão certos". Talvez um homem, cuja natureza é a do amor, pense que aquele que faz o bem aos outros não está no caminho

certo para a religião, porque não é o seu próprio caminho e, portanto, está errado. Se o filósofo pensa: “Oh, pobres ignorantes, o que sabem eles sobre um Deus de Amor e de amá-Lo? Eles não sabem o que querem dizer”, ele está errado, porque eles podem estar certos e ele também.

Aprender este segredo central de que a verdade pode ser uma e, no entanto, muitas ao mesmo tempo, de que podemos ter diferentes visões da mesma verdade a partir de diferentes pontos de vista, é exactamente o que deve ser feito. Então, em vez de antagonismo com alguém, teremos infinita simpatia com todos. Sabendo que enquanto existirem naturezas diferentes nascidas neste mundo, a mesma verdade religiosa exigirá adaptações diferentes, compreenderemos que somos obrigados a ter paciência uns com os outros. Assim como a natureza é unidade na variedade – uma variação infinita no fenomenal – assim como em e através de todas essas variações do fenomenal corre o Infinito, o Imutável, a Unidade Absoluta, assim é com todo homem; o microcosmo é apenas uma repetição em miniatura do macrocosmo; apesar de todas essas variações, em todas elas e através delas existe essa harmonia eterna, e temos que reconhecer isso. Essa ideia, acima de todas as outras ideias, considero a necessidade premente do dia. Vindo de um país que é um viveiro de seitas religiosas - e para o qual, por sorte ou azar, todos os que têm uma ideia religiosa querem enviar uma guarda avançada - conheço desde a infância as diversas seitas do mundo. Até os Mórmons vêm pregar na Índia. Bem-vindos a todos! Esse é o solo sobre o qual pregar a religião. Lá ele cria raízes mais do que em qualquer outro país. Se você vem ensinar política aos hindus, eles não entendem; mas se você vier pregar religião, por mais curiosa que seja, você terá centenas e milhares de seguidores em pouco tempo e terá todas as chances de se tornar um Deus vivo durante sua vida. Estou feliz que seja assim, é a única coisa que queremos na Índia.

As seitas entre os hindus são diversas, em grande número, e algumas delas aparentemente irremediavelmente contraditórias. No entanto, todos eles dizem que são apenas diferentes manifestações de religião. "Assim como diferentes rios, partindo de diferentes montanhas, correndo tortos ou retos, todos vêm e misturam suas águas no oceano, assim as diferentes seitas, com seus diferentes pontos de disputa, finalmente vêm todas a Ti." Isto não é uma teoria, tem de ser reconhecido, mas não daquela forma paternalista que

vemos em algumas pessoas: "Ah, sim, há algumas coisas muito boas nisso. Estas são o que chamamos de religiões étnicas. Estas religiões étnicas tenha algo de bom neles." Alguns até têm a ideia maravilhosamente liberal de que outras religiões são todas pequenas partes de uma evolução pré-histórica, mas "a nossa é a realização das coisas". Um homem diz que, porque a sua religião é a mais antiga, é a melhor; outro faz a mesma afirmação, porque a sua é a mais recente.

Temos que reconhecer que cada um deles tem o mesmo poder salvador que o outro. O que você ouviu sobre a diferença entre eles, seja no templo ou na igreja, é uma grande superstição. O mesmo Deus responde a tudo; e não é você, nem eu, nem qualquer corpo de homens que é responsável pela segurança e salvação do mínimo pedacinho da alma; o mesmo Deus Todo-Poderoso é responsável por todos. Não entendo como as pessoas se declaram crentes em Deus e, ao mesmo tempo, pensam que Deus entregou toda a verdade a um pequeno grupo de homens e que eles são os guardiões do resto da humanidade. Como você pode chamar isso de religião? A religião é realização; mas a mera conversa — a mera tentativa de acreditar, o mero tatear na escuridão, o mero papagaio das palavras dos antepassados e pensar que é religião, o mero transformar as verdades da religião em algo político — não é religião de forma alguma. Em todas as seitas - mesmo entre os muçulmanos, que sempre consideramos os mais exclusivos - mesmo entre eles, descobrimos que onde quer que houvesse um homem tentando realizar a religião, de seus lábios saíram palavras de fogo: "Tu és o Senhor de tudo, Tu estás no coração de todos, Tu és o guia de todos, Tu és o Professor de todos, e Tu acaricias infinitamente mais a terra de Teus filhos do que jamais poderemos fazer." Não tente perturbar a fé de nenhum homem. Se puder, dê a ele algo melhor; se puder, segure um homem onde ele está e empurre-o para cima; faça isso, mas não destrua o que ele tem. O único verdadeiro professor é aquele que pode converter-se, por assim dizer, em mil pessoas a qualquer momento. O único verdadeiro professor é aquele que pode descer imediatamente ao nível do aluno, e transferir a sua alma para a alma do aluno e ver através dos olhos do aluno e ouvir através dos seus ouvidos e compreender através da sua mente. Tal professor pode realmente ensinar e ninguém mais. Todos esses professores negativos, destrutivos e destrutivos que existem no mundo nunca poderão fazer nenhum bem.

Na presença do meu Mestre descobri que o homem pode ser perfeito, mesmo neste corpo. Aqueles lábios nunca xingaram ninguém, nunca criticaram ninguém. Aqueles olhos estavam além da possibilidade de ver o mal, aquela mente havia perdido o poder de pensar o mal. Ele não viu nada além de bom. Essa tremenda pureza, essa tremenda renúncia é o único segredo da espiritualidade. “Nem através da riqueza, nem através da progênie, mas somente através da renúncia, a imortalidade pode ser alcançada”, dizem os Vedas. “Venda tudo o que você tem e dê aos pobres, e siga-me”, diz o Cristo. Assim, todos os grandes santos e profetas expressaram isso e implementaram isso em suas vidas. Como pode surgir uma grande espiritualidade sem essa renúncia? A renúncia é o pano de fundo de todo pensamento religioso, onde quer que ele esteja, e você sempre descobrirá que, à medida que essa ideia de renúncia diminui, mais os sentidos se infiltrarão no campo da religião e a espiritualidade diminuirá na mesma proporção.

Esse homem era a personificação da renúncia. Em nosso país é necessário que um homem que se torna um Sannyasin abra mão de toda riqueza e posição mundana, e isso meu Mestre fez literalmente. Havia muitos que se sentiriam abençoados se ele apenas aceitasse um presente de suas mãos, que lhe dariam de bom grado milhares de rúpias se ele as aceitasse, mas esses eram os únicos homens de quem ele se afastaria. Ele foi um exemplo triunfante, uma realização viva da completa conquista da luxúria e do desejo por dinheiro. Ele estava além de qualquer ideia de qualquer um deles, e tais homens são necessários para este século. Tal renúncia é necessária nestes dias em que os homens começaram a pensar que não podem viver um mês sem o que chamam de “necessidades” e que estão aumentando desproporcionalmente. É necessário, em uma época como esta, que um homem se levante para demonstrar aos céticos do mundo que ainda existe um homem que não se importa nem um pouco com todo o ouro ou com toda a fama que existe no universo. No entanto, existem tais homens.

A outra ideia de sua vida era o amor intenso pelos outros. A primeira parte da vida do meu Mestre foi dedicada à aquisição de espiritualidade, e os anos restantes à sua distribuição. As pessoas em nosso país não têm os mesmos costumes que você tem ao visitar um professor religioso ou um sannyasin. Alguém viria perguntar-lhe algo, alguns talvez percorreriam

centenas de quilômetros, caminhando todo o caminho, apenas para fazer uma pergunta, para ouvir uma palavra dele: “Diga-me uma palavra para minha salvação”. É assim que eles vêm. Eles vêm em grande número, sem cerimônia, ao local onde ele é mais encontrado; eles podem encontrá-lo debaixo de uma árvore e interrogá-lo; e antes que um grupo de pessoas vá embora, outros chegam. Portanto, se um homem é muito reverenciado, às vezes ele não terá descanso nem de dia nem de noite. Ele terá que falar constantemente. Durante horas as pessoas aparecerão e este homem as ensinará.

Assim, os homens vinham em multidões para ouvi-lo, e ele falava vinte horas em vinte e quatro, e isso não por um dia, mas por meses e meses, até que finalmente o corpo desabou sob a pressão dessa tremenda tensão. O seu intenso amor pela humanidade não lhe permitiu recusar-se a ajudar nem mesmo o mais humilde dos milhares que procuravam a sua ajuda. Gradualmente, desenvolveu-se um distúrbio vital na garganta e ainda assim ele não pôde ser persuadido a abster-se desses esforços. Assim que soubesse que alguém pedia para vê-lo, insistia em que fossem internados e respondia a todas as suas perguntas. Quando questionado, ele respondeu: "Eu não me importo. Vou desistir de vinte mil desses corpos para ajudar um homem. É glorioso ajudar pelo menos um homem." Não havia descanso para ele. Certa vez, um homem lhe perguntou: "Senhor, você é um grande iogue. Por que não dedica um pouco a sua mente ao seu corpo e cura sua doença?" disse: "Meu amigo, pensei que você fosse um sábio, mas você fala como outros homens do mundo. Esta mente foi dada ao Senhor. Você quer dizer que eu deveria retirá-la e colocá-la no corpo que é apenas uma mera gaiola da alma?"

Então ele continuou pregando ao povo, e se espalhou a notícia de que seu corpo estava prestes a falecer, e as pessoas começaram a afluir a ele em multidões maiores do que nunca. Você não pode imaginar como eles chegam até esses grandes mestres religiosos na Índia, como eles se aglomeram em torno deles e fazem deles deuses enquanto ainda estão vivos. Milhares esperam simplesmente para tocar a bainha das suas roupas. É através desta apreciação da espiritualidade nos outros que a espiritualidade é produzida. Tudo o que o homem deseja e aprecia, ele conseguirá; e é o mesmo com as nações. Se você for à Índia e fizer uma

palestra política, por mais grandiosa que seja, você dificilmente encontrará pessoas para ouvi-lo, mas simplesmente vá e ensine religião, viva-a, não apenas fale sobre ela, e centenas de pessoas se aglomerarão só para olhar para você. , para tocar seus pés. Quando o povo ouviu que este homem santo provavelmente iria embora em breve, eles começaram a abordá-lo mais do que nunca, e meu Mestre continuou a ensiná-los sem a menor preocupação por sua saúde. Não pudemos evitar isso. Muitas pessoas vinham de longas distâncias e ele não descansaria até responder às suas perguntas. “Enquanto posso falar, devo ensiná-los”, dizia ele, e cumpria sua palavra. Um dia, ele nos disse que naquele dia deitaria o corpo e, repetindo a palavra mais sagrada dos Vedas, entrou em Samâdhi e faleceu.

Seus pensamentos e sua mensagem eram conhecidos por poucos capazes de divulgá-los. Entre outros, deixou alguns jovens que renunciaram ao mundo e estavam prontos para continuar o seu trabalho. Foram feitas tentativas de esmagá-los. Mas eles permaneceram firmes, tendo diante de si a inspiração daquela grande vida. Tendo tido contato com aquela vida abençoada durante anos, eles se mantiveram firmes. Esses jovens, vivendo como Sannyasins, mendigavam pelas ruas da cidade onde nasceram, embora alguns deles viessem de famílias altas. A princípio encontraram grande antagonismo, mas perseveraram e continuaram dia após dia espalhando por toda a Índia a mensagem daquele grande homem, até que todo o país ficou cheio das ideias que ele havia pregado. Este homem, de uma aldeia remota de Bengala, sem educação, pela pura força da sua própria determinação, percebeu a verdade e transmitiu-a a outros, deixando apenas alguns rapazes para mantê-la viva.

Hoje o nome de Shri Ramakrishna Paramahansa é conhecido em toda a Índia por milhões de pessoas. Não, o poder desse homem se espalhou além da Índia; e se alguma vez houve uma palavra de verdade, uma palavra de espiritualidade, que eu tenha falado em qualquer lugar do mundo, devo isso ao meu Mestre; só os erros são meus.

Esta é a mensagem de Shri Ramakrishna para o mundo moderno: “Não se importe com doutrinas, não se importe com dogmas, ou seitas, ou igrejas, ou templos; eles contam pouco em comparação com a essência da existência em cada homem que é a espiritualidade”. ; e quanto mais isso for

desenvolvido em um homem, mais poderoso ele será para o bem. Ganhem isso primeiro, adquiram isso e não critiquem ninguém, pois todas as doutrinas e credos têm algo de bom em si. significa palavras, ou nomes, ou seitas, mas que significa realização espiritual. Somente aqueles que sentiram podem compreender. Somente aqueles que alcançaram a espiritualidade podem comunicá-la aos outros, podem ser grandes professores da humanidade. luz."

Quanto mais homens desse tipo forem produzidos num país, mais esse país será criado; e aquele país onde tais homens absolutamente não existem está simplesmente condenado, nada poderá salvá-lo. Portanto, a mensagem do meu Mestre para a humanidade é: "Seja espiritual e realize a verdade por si mesmo". Ele faria com que você desistisse pelo bem de seus semelhantes. Ele gostaria que você parasse de falar sobre o amor por seu irmão e começasse a trabalhar para provar suas palavras. Chegou a hora da renúncia, da realização, e então vocês verão a harmonia em todas as religiões do mundo. Você saberá que não há necessidade de briga. E só então você estará pronto para ajudar a humanidade. Proclamar e tornar clara a unidade fundamental subjacente a todas as religiões era a missão do meu Mestre. Outros professores ensinaram religiões especiais que levam os seus nomes, mas este grande professor do século XIX não fez nenhuma reivindicação para si mesmo. Ele deixou todas as religiões intactas porque percebeu que, na realidade, todas elas são parte integrante da única religião eterna.

4.2.10 PENSAMENTO RELIGIOSO INDIANO

(Entregue sob os auspícios da Brooklyn Ethical Society, na Art Gallery of the Pouch Mansion, Clinton Avenue, Brooklyn, EUA)

A Índia, embora tenha apenas metade do tamanho dos Estados Unidos, contém uma população de mais de duzentos e noventa milhões, e há três religiões que os dominam – a muçulmana, a budista (incluindo a jainista) e a hindu. Os adeptos do primeiro mencionado somam cerca de sessenta milhões, do segundo cerca de nove milhões, enquanto o último abrange quase duzentos e seis milhões. As características cardeais da religião hindu

baseiam-se na filosofia meditativa e especulativa e nos ensinamentos éticos contidos nos vários livros dos Vedas, que afirmam que o universo é infinito em espaço e eterno em duração. Nunca teve um começo e nunca terá um fim. Inumeráveis foram as manifestações do poder do espírito no reino da matéria, da força do Infinito no domínio do finito; mas o próprio Espírito Infinito é autoexistente, eterno e imutável. A passagem do tempo não deixa nenhuma marca no mostrador da eternidade. Na sua região supra-sensorial, que não pode ser compreendida pelo entendimento humano, não há passado nem futuro. Os Vedas ensinam que a alma do homem é imortal. O corpo está sujeito à lei do crescimento e da decadência; o que cresce deve necessariamente decair. Mas o espírito que habita está relacionado com a vida infinita e eterna; nunca teve um começo e nunca terá um fim. Uma das principais distinções entre as religiões hindu e cristã é que a religião cristã ensina que cada alma humana teve seu início no seu nascimento neste mundo, enquanto a religião hindu afirma que o espírito do homem é uma emanção do Ser Eterno e não teve mais começo do que o próprio Deus. Inúmeras foram e serão suas manifestações na passagem de uma personalidade para outra, sujeita à grande lei da evolução espiritual, até atingir a perfeição, quando não há mais mudança.

Tem-se perguntado muitas vezes: Se é assim, por que não nos lembramos de nada das nossas vidas passadas? Esta é a nossa explicação: Consciência é o nome apenas da superfície do oceano mental, mas em suas profundezas estão armazenadas todas as nossas experiências, tanto agradáveis quanto dolorosas. O desejo da alma humana é descobrir algo que seja estável. A mente e o corpo, na verdade todos os vários fenômenos da natureza, estão numa condição de mudança incessante. Mas a aspiração mais elevada do nosso espírito é descobrir algo que não mude, que tenha atingido um estado de perfeição permanente. E esta é a aspiração da alma humana pelo Infinito! Quanto melhor for o nosso desenvolvimento moral e intelectual, mais forte se tornará esta aspiração pelo Eterno que não muda.

Os budistas modernos ensinam que tudo o que não pode ser conhecido pelos cinco sentidos é inexistente e que é uma ilusão supor que o homem seja uma entidade independente. Os idealistas, pelo contrário, afirmam que cada indivíduo é uma entidade independente e que o mundo externo não existe fora da sua concepção mental. Mas a solução segura para este

problema é que a natureza é uma mistura de independência e dependência, de realidade e idealismo. Nossa mente e nossos corpos dependem do mundo externo, e essa dependência varia de acordo com a natureza de sua relação com ele; mas o espírito residente é livre, como Deus é livre, e é capaz de dirigir em maior ou menor grau, de acordo com o estado de seu desenvolvimento, os movimentos de nossas mentes e corpos.

A morte é apenas uma mudança de condição. Permanecemos no mesmo universo e estamos sujeitos às mesmas leis de antes. Aqueles que passaram além e alcançaram altos planos de desenvolvimento em beleza e sabedoria são apenas a vanguarda de um exército universal que os segue. O espírito do mais elevado está relacionado com o espírito do mais baixo, e o germe da perfeição infinita existe em todos. Devemos cultivar o temperamento otimista e nos esforçar para ver o que há de bom em tudo. Se nos sentarmos e lamentarmos a imperfeição dos nossos corpos e mentes, não aproveitaremos nada; é o esforço heróico para subjugar circunstâncias adversas que eleva nosso espírito. O objetivo da vida é aprender as leis do progresso espiritual. Os cristãos podem aprender com os hindus e os hindus podem aprender com os cristãos. Cada um fez uma contribuição valiosa para a sabedoria do mundo.

Inculque em seus filhos que a verdadeira religião é positiva e não negativa, que não consiste meramente em abster-se do mal, mas no desempenho persistente de nobres decalques. A verdadeira religião não vem do ensino de homens ou da leitura de livros; é o despertar do espírito dentro de nós, resultante de uma ação pura e heróica. Cada criança nascida no mundo traz consigo uma certa experiência acumulada em encarnações anteriores; e a impressão dessa experiência é vista na estrutura de sua mente e de seu corpo. Mas o sentimento de independência que todos nós possuímos mostra que há algo em nós além da mente e do corpo. A alma que reina por dentro é um garanhão independente que cria o desejo de liberdade. Se não somos livres, como podemos esperar tornar o mundo melhor? Afirmamos que o progresso humano é o resultado da ação do espírito humano. O que o mundo é e o que nós somos são frutos da liberdade do espírito.

Acreditamos em um Deus, o Pai de todos nós, que é onipresente e onipotente, e que guia e preserva Seus filhos com amor infinito.

Acreditamos num Deus Pessoal como os cristãos, mas vamos além: abaixo disso somos Ele! Que Sua personalidade se manifesta em nós, que Deus está em nós e que estamos em Deus. Acreditamos que existe um germe de verdade em todas as religiões, e o hindu se curva diante de todas elas; pois neste mundo a verdade não pode ser encontrada na subtração, mas na adição. Ofereceríamos a Deus um buquê das mais lindas flores de todas as diversas religiões. Devemos amar a Deus por amor, não pela esperança de recompensa. Devemos cumprir o nosso dever pelo dever e não pela esperança de recompensa. Devemos adorar o belo pela beleza, não pela esperança de recompensa. Assim, na pureza de nossos corações, veremos Deus. Sacrifícios, genuflexões, murmúrios e murmúrios não são religião. Só são bons se nos estimularem à corajosa realização de feitos belos e heróicos e elevarem o nosso pensamento à apreensão da perfeição divina.

De que adianta reconhecermos em nossas orações que Deus é o Pai de todos nós e em nossa vida diária não tratarmos cada homem como nosso irmão? Os livros são feitos apenas para apontar o caminho para uma vida superior; mas não há bons resultados a menos que o caminho seja trilhado com passos inabaláveis! Toda personalidade humana pode ser comparada a um globo de vidro. Existe a mesma luz branca pura - uma emissão do Ser divino - no centro de cada um, mas sendo o vidro de cores e espessuras diferentes, os raios assumem aspectos diversos na transmissão. A igualdade e a beleza de cada chama central são as mesmas, e a aparente desigualdade está apenas na imperfeição do instrumento temporal de sua expressão. À medida que subimos cada vez mais na escala do ser, o meio torna-se cada vez mais translúcido.

4.2.11 A BASE DA PESQUISA PSÍQUICA OU ESPIRITUAL

Não era frequente que Swami Vivekananda, enquanto estava no Ocidente, participasse de debates. Uma dessas ocasiões em Londres em que ele fez isso foi durante a discussão de uma palestra sobre: "Os fenômenos psíquicos podem ser provados a partir de uma base científica?" Referindo-se primeiro a uma observação que ouviu durante este debate, não pela primeira vez no Ocidente, ele disse:

Um ponto que quero comentar. Foi-nos feita uma afirmação errada de que os muçulmanos não acreditam que as mulheres tenham alma. Lamento dizer que é um erro antigo entre os cristãos, e eles parecem gostar do erro. Essa é uma peculiaridade da natureza humana: as pessoas querem dizer algo muito ruim sobre outras pessoas de quem não gostam. A propósito, você sabe que não sou muçulmano, mas ainda assim tive oportunidade de estudar esta religião, e não há uma palavra no Alcorão que diga que as mulheres não têm alma, mas na verdade diz que elas têm.

Sobre as coisas psíquicas que têm sido objeto de discussão, tenho muito pouco a dizer aqui, pois, em primeiro lugar, a questão é se os sujeitos psíquicos são capazes de demonstração científica. O que você quer dizer com esta demonstração? Em primeiro lugar, haverá o lado subjetivo e o lado objetivo necessários. Tomando a química e a física, com as quais estamos tão familiarizados e sobre as quais lemos tanto, é verdade que todas as pessoas neste mundo são capazes de compreender a demonstração até mesmo dos assuntos mais comuns? Pegue qualquer grosseiro e mostre a ele um de seus experimentos. O que ele entenderá disso? Nada. Requer muito treinamento prévio para chegar ao ponto de compreender um experimento. Antes disso, ele não consegue entender nada. Essa é uma dificuldade de área no caminho. Se a demonstração científica significa trazer certos fatos a um plano que é o universo para todos os seres humanos, onde todos os seres podem compreendê-los, nego que possa haver tal demonstração científica para qualquer assunto no mundo. Se assim fosse, todas as nossas universidades e educação seriam em vão. Por que somos educados se desde o nascimento podemos entender tudo que é científico? Por que tanto estudo? Não adianta nada. Portanto, à primeira vista, é absurdo se este for o significado da demonstração científica, a descida de factos intrincados ao plano em que nos encontramos agora. O próximo significado deveria ser o correto, talvez, de que certos fatos deveriam ser aduzidos como prova de certos fatos mais intrincados. Existem certos fenômenos intrincados mais complicados, que explicamos por outros menos intrincados e, assim, chegamos, talvez, mais perto deles; desta forma, eles são gradualmente trazidos ao plano da nossa atual consciência comum. Mas mesmo isso é muito complicado e muito difícil, e significa também um treinamento, uma enorme quantidade de educação. Portanto, o que devo dizer é que, para termos uma explicação científica dos fenômenos psíquicos, necessitamos

não apenas de provas perfeitas por parte dos próprios fenômenos, mas de uma boa dose de treino por parte daqueles que querem ver. Sendo tudo isso concedido, estaremos em posição de dizer sim ou não, sobre a prova ou refutação de quaisquer fenômenos que nos sejam apresentados. Mas, antes disso, os fenômenos mais notáveis ou os fenômenos mais frequentemente registados que aconteceram na sociedade humana, na minha opinião, seriam realmente muito difíceis de provar, mesmo de uma forma improvisada.

Em seguida, quanto às explicações precipitadas de que as religiões são o resultado de sonhos, aqueles que fizeram um estudo específico delas pensariam nelas apenas como meras suposições. Não temos razão para supor que as religiões fossem o resultado de sonhos, como foi tão facilmente explicado. Então seria realmente muito fácil assumir até mesmo a posição do agnóstico, mas infelizmente o assunto não pode ser explicado tão facilmente. Há muitos outros fenômenos maravilhosos acontecendo, mesmo no presente, e todos eles precisam ser investigados, e não apenas precisam ser, mas têm sido investigados o tempo todo. O cego diz que não há sol. Isso não prova que não há sol. Esses fenômenos foram investigados anos antes. Raças inteiras da humanidade treinaram-se durante séculos para se tornarem instrumentos adequados para a descoberta do delicado funcionamento dos nervos; seus registros foram publicados há muito tempo, faculdades foram criadas para estudar esses assuntos, e ainda existem homens e mulheres que são demonstrações vivas desses fenômenos. É claro que admito que há muita farsa em tudo isso, muita coisa errada e falsa nessas coisas; mas com o que não é esse o caso? Considere qualquer fenômeno científico comum; há dois ou três fatos que os cientistas ou os homens comuns podem considerar como verdades absolutas, e o resto como meras suposições fúteis. Agora deixe o agnóstico aplicar à sua própria ciência o mesmo teste que aplicaria àquilo em que não quer acreditar. Metade dela seria abalada até os alicerces de uma só vez. Somos obrigados a viver de suposições. Não podemos viver satisfeitos onde estamos; esse é o crescimento natural da alma humana. Não podemos tornar-nos agnósticos deste lado e ao mesmo tempo sair à procura de qualquer coisa aqui; temos que escolher. E, por isso, temos que ir além dos nossos limites, lutar para saber o que parece incognoscível; e esta luta deve continuar.

Na minha opinião, portanto, vou realmente um passo além do palestrante, e defendo a opinião de que a maioria dos fenômenos psíquicos - não apenas pequenas coisas como batidas em espíritos ou batidas em mesas que são mera brincadeira de criança, não apenas pequenas coisas como telepatia, que tenho visto até meninos fazerem - a maior parte dos fenômenos psíquicos que o último orador chama de clarividência superior, mas que eu preferiria chamar de experiências do estado superconsciente da mente, são os próprios trampolins para o verdadeiro psicológico. investigação. A primeira coisa a ser; O que se vê é se a mente pode atingir esse estado ou não. A minha explicação seria, claro, um pouco diferente da dele, mas provavelmente deveríamos concordar quando explicamos os termos. Não depende muito da questão de saber se esta consciência presente continua após a morte ou não, visto que este universo, tal como é agora, não está vinculado a este estado de consciência. A consciência não coexiste com a existência. No meu próprio corpo, e em todos os nossos corpos, todos devemos admitir que temos consciência de muito pouco do corpo e que estamos inconscientes da maior parte dele. No entanto, existe. Ninguém jamais tem consciência de seu cérebro, por exemplo. Nunca vi meu cérebro e nunca tive consciência dele. No entanto, eu sei que isso existe. Portanto, podemos dizer que não é a consciência que queremos, mas a existência de algo que não é esta matéria grosseira; e que esse conhecimento pode ser adquirido mesmo nesta vida, e que esse conhecimento foi adquirido e demonstrado, tanto quanto qualquer ciência foi demonstrada, é um fato. Temos de analisar estas questões, e eu insistiria em lembrar aos presentes um outro ponto. É bom lembrar que muitas vezes estamos iludidos quanto a isso. Certas pessoas colocam diante de nós a demonstração de um fato que não é comum à natureza espiritual, e nós rejeitamos esse fato porque dizemos que não podemos considerá-lo verdadeiro. Em muitos casos, o fato pode não estar correto. mas em muitos casos também nos esquecemos de considerar se estamos ou não aptos para receber a demonstração, se permitimos que os nossos corpos e as nossas mentes se tornassem sujeitos aptos para a sua descoberta.

4.2.12 SOBRE ARTE NA ÍNDIA

“Artes e Ciências na Índia” foi o tema sob o qual Swami Vivekananda foi apresentado ao público no Wendte Hall, em São Francisco. O Swami prendeu a atenção de seus ouvintes o tempo todo, como foi demonstrado pelas muitas perguntas que lhe foram feitas após seu discurso.

O Swami disse em parte:

Na história das nações, o governo no início sempre esteve nas mãos dos sacerdotes. Todo o aprendizado também procedeu dos sacerdotes. Então, depois dos sacerdotes, o governo muda de mãos, e o Kshatriya ou o poder real prevalece, e o regime militar é triunfante. Isso sempre foi verdade. E por último vem o domínio do luxo, e as pessoas afundam-se nele para serem dominadas por raças mais fortes e bárbaras.

Entre todas as raças do mundo, desde os primeiros tempos da história, a Índia tem sido chamada de terra da sabedoria. Durante séculos, a própria Índia nunca saiu para conquistar outras nações. Seu povo nunca foi lutador. Ao contrário do vosso povo ocidental, eles não comem carne, pois a carne faz lutadores; o sangue dos animais deixa você inquieto e você deseja fazer alguma coisa.

Compare a Índia e a Inglaterra no período elisabetano. Que época de trevas foi para o seu povo e como éramos iluminados mesmo então. O povo anglo-saxão sempre foi pouco preparado para a arte. Eles têm boa poesia – por exemplo, quão maravilhoso é o verso branco de Shakespeare! Apenas a rima das palavras não é boa. Não é a coisa mais civilizada do mundo.

Na Índia, a música foi desenvolvida em sete notas completas, até mesmo em mínimas e semínimas, há muito tempo. A Índia liderou na música, também no teatro e na escultura. Tudo o que é feito agora é apenas uma tentativa de imitação. Tudo agora na Índia depende da questão de quão pouco um homem necessita para viver.

4.2.13 A ÍNDIA É UM PAÍS OBRIGADO?

O que se segue é o relato de uma palestra em Detroit, Estados Unidos, América, com os comentários editoriais do Boston Evening Transcript, 5 de abril de 1894:

Swami Vivekananda esteve em Detroit recentemente e deixou uma impressão comprovada lá. Todas as classes se reuniram para ouvi-lo, e os profissionais em particular estavam muito interessados em sua lógica e sua solidez de pensamento. Só a ópera era grande o suficiente para seu público. Ele fala inglês extremamente bem e é tão bonito quanto bom. Os jornais de Detroit dedicaram muito espaço às reportagens de suas palestras. Um editorial do Detroit Evening News diz: A maioria das pessoas estará inclinada a pensar que Swami Vivekananda se saiu melhor ontem à noite em sua palestra na ópera do que em qualquer uma de suas palestras anteriores nesta cidade. O mérito das declarações do hindu na noite passada residia na sua clareza. Ele traçou uma linha muito nítida de distinção entre Cristianismo e Cristianismo, e disse claramente ao seu público que ele próprio é cristão em um sentido e não cristão em outro sentido. Ele também traçou uma linha nítida entre o hinduísmo e o hinduísmo, implicando que desejava ser classificado como hindu apenas no melhor sentido. Swami Vivekananda é superior a todas as críticas quando diz: "Queremos missionários de Cristo. aldeia e canto da Índia."

Quando um homem é tão sólido quanto à questão principal, tudo o mais que ele possa dizer deve referir-se aos detalhes subordinados. Há uma humilhação infinita neste espetáculo de um sacerdote pagão lendo lições de conduta e de vida aos homens que assumiram a supervisão espiritual das montanhas geladas da Groenlândia e da costa de coral da Índia; mas o sentimento de humilhação é a condição sine qua non da maioria das reformas neste mundo. Tendo dito o que disse sobre a vida gloriosa do autor da fé cristã, Vivekananda tem o direito de dar sermões da mesma forma que fez com os homens que professam representar essa vida entre as nações do exterior. E, afinal de contas, como isso soa como o Nazareno: "Não providenciem nem ouro, nem prata, nem latão em suas bolsas, nem alforje para a viagem, nem dois casacos, nem sapatos, nem ainda cajados; pois o trabalhador é digno de seu alimento. " Aqueles que se familiarizaram com a literatura religiosa da Índia antes do advento de Vivekananda estão mais bem preparados para compreender a total aversão dos orientais ao nosso

espírito comercial ocidental - ou o que Vivekananda chama de "espírito do lojista" - em tudo isso. fazemos até mesmo em nossa própria religião.

Aqui está um ponto para os missionários que eles não podem ignorar. Aqueles que desejam converter o mundo oriental do paganismo devem viver de acordo com o que pregam, com desprezo pelos reinos deste mundo e por toda a glória deles.

O irmão Vivekananda considera a Índia a nação mais moral do mundo. Embora em cativeiro, a sua espiritualidade ainda perdura. Aqui estão excertos das notícias de alguns dos seus recentes discursos em Detroit: Neste ponto, o conferencista atingiu a grande nota moral do seu discurso, afirmando que com o seu povo havia a crença de que todo o não-eu é bom e todo o eu é mau. Este ponto foi enfatizado durante toda a noite e pode ser denominado texto do discurso. “Construir uma casa é egoísta, argumenta o hindu, então ele a constrói para a adoração a Deus e para o entretenimento dos convidados. Cozinhar comida é egoísta, então ele a cozinha para os pobres; estranho se aplica; e esse sentimento se estende por toda a extensão da terra. Qualquer homem pode pedir comida e abrigo e qualquer casa será aberta para ele.

"O sistema de castas não tem nada a ver com religião. A ocupação de um homem é hereditária - um carpinteiro nasce carpinteiro: um ourives, um ourives; um operário, um operário: e um padre, um padre.

"Dois dons são especialmente apreciados, o dom do aprendizado e o dom da vida. Mas o dom do aprendizado tem precedência. Alguém pode salvar a vida de um homem, e isso é excelente; alguém pode transmitir a outro conhecimento, e isso é melhor. Para instruir por dinheiro é um mal, e fazer isso traria opróbrio sobre a cabeça do homem que troca aprendizado por ouro como se fosse um artigo comercial. O governo faz presentes de tempos em tempos aos instrutores, e o efeito moral. é melhor do que seria se as condições fossem as mesmas que existem em certos países alegadamente civilizados." O orador perguntou em todo o país qual era a definição de “civilização”, e ele fez a pergunta em muitos países. Às vezes a resposta tem sido: “O que somos é a civilização”. Ele implorou para diferir na definição da palavra. Uma nação pode conquistar as ondas, controlar os elementos, desenvolver os problemas utilitários da vida aparentemente até

aos limites extremos, e ainda assim não perceber que no indivíduo, o tipo mais elevado de civilização é encontrado naquele que aprendeu a conquistar a si mesmo. Esta condição é encontrada mais na Índia do que em qualquer outro país da terra, pois lá as condições materiais são subservientes às espirituais, e o indivíduo olha para as manifestações da alma em tudo o que tem vida, estudando a natureza para esse fim. Daí aquela gentil disposição de suportar com paciência indomável as aventuras do que parece uma fortuna cruel, enquanto há plena consciência de uma força espiritual e de um conhecimento maior do que aquele possuído por qualquer outro povo. Daí a existência de um país e de um povo de onde flui uma corrente interminável que atrai a atenção de pensadores distantes e próximos para se aproximarem e tirarem de seus ombros um opressivo fardo terreno.

Esta palestra foi precedida com a afirmação de que muitas perguntas foram feitas ao palestrante. Ele preferiu responder a algumas delas em particular, mas três ele selecionou por razões que, ao que parece, seriam respondidas do púlpito. Eram elas: "O povo da Índia joga seus filhos nas mandíbulas dos crocodilos?" "Eles se matam sob as rodas de Jagannâtha?" "Eles queimam as viúvas com seus maridos?" A primeira questão que o palestrante tratou da mesma forma que um americano no exterior faria ao responder a perguntas sobre índios correndo pelas ruas de Nova York e mitos semelhantes que ainda hoje são acalentados por muitas pessoas no continente. A declaração era ridícula demais para dar uma resposta séria a ela. Quando questionado por certas pessoas bem-intencionadas, mas ignorantes, por que davam apenas crianças do sexo feminino aos crocodilos, ele só pôde responder ironicamente que provavelmente era porque eram mais macios e tenros e podiam ser mais facilmente mastigados pelos habitantes do rio naquela época. país ignorante. Em relação à lenda de Jagannatha, o palestrante explicou a antiga prática do Festival do Carro na cidade sagrada, e observou que possivelmente alguns peregrinos em seu zelo para agarrar a corda e participar do desenho do Carro escorregaram e caíram e foram destruídos. . Alguns desses contratemplos foram exagerados em versões distorcidas, das quais as boas pessoas de outros países se encolheram de horror. Vivekananda negou que as pessoas queimassem viúvas. Era verdade, porém, que as viúvas se queimavam. Nos poucos casos em que isso aconteceu, foram instados a não fazê-lo por homens santos, que sempre se opuseram ao suicídio. Onde as devotas viúvas insistiram,

afirmando que desejavam acompanhar os seus maridos na transformação ocorrida, foram obrigadas a submeter-se às provas de fogo. Isto é, eles lançaram Suas mãos dentro das chamas e, se permitissem que fossem consumidas, nenhuma outra oposição seria colocada no caminho da realização de seus desejos. Mas a Índia não é o único país onde as mulheres, que amaram, seguiram imediatamente o ser amado até aos reinos da imortalidade; suicídios em tais casos ocorreram em todos os países. É um fanatismo incomum em qualquer país – tão incomum na Índia como em qualquer outro lugar. “Não”, repetiu o orador, “as pessoas não queimam mulheres na Índia; nem nunca queimaram bruxas”.

Este último toque é decididamente agudo em termos de reflexão. Nenhuma análise da filosofia do monge hindu precisa ser tentada aqui, exceto para dizer que ela se baseia, em geral, na luta da alma para atingir individualmente o Infinito. Um hindu erudito abriu o Curso do Instituto Lowell este ano. O que o Sr. Mozoomdar começou pode ser dignamente terminado pelo irmão Vivekananda. Este novo visitante tem, de longe, a personalidade mais interessante, embora na filosofia hindu, é claro, a personalidade não deva ser levada em consideração. No Parlamento das Religiões costumavam manter Vivekananda até o final do programa para fazer com que as pessoas ficassem até o final da sessão. Num dia quente, quando um orador prosaico falava por muito tempo e as pessoas começavam a voltar para casa às centenas, o Presidente levantava-se e anunciava que Swami Vivekananda faria um breve discurso pouco antes da bênção. Então ele teria as centenas pacíficas perfeitamente amarradas. As quatro mil pessoas que se abanavam no Salão de Colombo ficavam sentadas sorrindo e na expectativa, esperando uma ou duas horas dos discursos de outros homens, para ouvir Vivekananda por quinze minutos. O Presidente conhecia a velha regra de manter o melhor até o fim.

4.2.14 AS REIVINDICAÇÕES DA RELIGIÃO

(Domingo, 5 de janeiro)

(Partes desta palestra foram publicadas no Vol. III, como Unidade, o Objetivo da Religião. As partes publicadas são reproduzidas aqui em letras

pequenas. O ano da palestra não é conhecido.)

Muitos de vocês se lembram da emoção de alegria com que na infância viram o glorioso sol nascente; todos vocês, às vezes em suas vidas, ficam olhando para o glorioso sol poente e, pelo menos na imaginação, tentam penetrar no além. Isto, na verdade, está na base de todo o universo – esta ascensão e esta configuração para o além, todo este universo surgindo do desconhecido, e voltando novamente para o desconhecido, rastejando como uma criança saindo da escuridão, e rastejando novamente como um velho para a escuridão.

Este nosso universo, o universo dos sentidos, do racional, do intelectual, é limitado em ambos os lados pelo ilimitado, pelo incognoscível, pelo sempre desconhecido. Aqui está a busca, aqui estão as investigações, aqui estão os fatos; daí vem a luz que é conhecida no mundo como religião.

Essencialmente, porém, a religião pertence ao plano suprassensível e não ao plano dos sentidos. Está além de todo raciocínio e não está no plano do intelecto. É uma visão, uma inspiração, um mergulho no desconhecido e no incognoscível, tornando o incognoscível mais do que conhecido, pois nunca poderá ser “conhecido”. Esta busca está na mente humana, acredito desde o início da humanidade. Não pode ter havido raciocínio e intelecto humanos em qualquer período da história do mundo sem esta luta, esta busca além. Em nosso pequeno universo, esta mente humana, vemos surgir um pensamento. De onde surge, não sabemos, e quando desaparece, para onde vai, também não sabemos. O macrocosmo e o microcosmo estão, por assim dizer, no mesmo ritmo, passando pelos mesmos estágios, vibrando na mesma tonalidade.

Tentarei apresentar-lhes a teoria hindu de que as religiões não vêm de fora, mas de dentro. Acredito que o pensamento religioso está na própria constituição do homem, tanto que é impossível para ele abandonar a religião até que possa desistir da sua mente e do seu corpo, até que possa parar o pensamento e a vida. Enquanto o homem pensar, esta luta deverá continuar, e enquanto o homem deverá ter alguma forma de religião. Assim, vemos várias formas de religião no mundo. É um estudo desconcertante; mas não é, como muitos de nós pensamos, uma especulação vã. Em meio a

esse caos há harmonia, em meio a esses sons discordantes há uma nota de concórdia; e quem estiver preparado para ouvi-lo captará o tom.

A grande questão de todas as questões do momento é esta: assumindo como certo que o cognoscível e o conhecido estão limitados em ambos os lados pelo incognoscível e pelo infinitamente desconhecido, porquê lutar por esse desconhecido? Por que não nos contentaremos com o conhecido? Por que não ficaremos satisfeitos comendo, bebendo e fazendo um pouco de bem à sociedade? Essa ideia está no ar. Do professor mais instruído ao bebê tagarela, somos informados: "Faça o bem ao mundo, isso é tudo religião, e não se preocupe com questões do além". Tanto é assim que se tornou um truísmo.

Mas, felizmente, devemos investigar o além. Este presente, isto expresso, é apenas uma parte daquilo que não é expresso. O universo sensorial é, por assim dizer, apenas uma porção, um pedaço daquele universo espiritual infinito projetado no plano da consciência sensorial. Como explicar, entender esse pouquinho de projeção, sem conhecer o que está além? Diz-se de Sócrates que um dia, enquanto lecionava em Atenas, ele conheceu um brâmane que havia viajado para a Grécia, e Sócrates disse ao brâmane que o maior estudo para a humanidade é o homem. E o Brahmana respondeu bruscamente: "Como você pode conhecer o homem até conhecer Deus?" Este Deus, este eternamente Incognoscível, ou Absoluto, ou Infinito, ou sem nome - você pode chamá-lo pelo nome que quiser - é a razão de ser, a única explicação, a razão de ser daquilo que é conhecido e cognoscível, este presente vida. Pegue qualquer coisa diante de você, a coisa mais material - pegue qualquer uma dessas ciências mais materialistas, como a química ou a física, a astronomia ou a biologia - estude-a, impulsione o estudo cada vez mais, e as formas grosseiras começarão a derreter e a se tornarem mais sutis. e ainda melhor, até chegarem a um ponto em que você será obrigado a dar um salto tremendo dessas coisas materiais para as imateriais. O bruto se funde com o fino, a física com a metafísica em todos os departamentos do conhecimento.

O mesmo acontece com tudo o que temos – nossa sociedade, nossas relações uns com os outros, nossa religião e o que vocês chamam de ética. Há tentativas de produzir um sistema de ética a partir de meras razões de

utilidade. Desafio qualquer homem a produzir um sistema de ética tão racional. Faça o bem aos outros. Por que? Porque é a maior utilidade. Suponha que um homem diga: “Não me importo com utilidade; quero cortar a garganta dos outros e ficar rico”. O que você vai responder? É superar Herodes! Mas onde está a utilidade de eu fazer o bem ao mundo? Sou um tolo por resolver minha vida para que outros possam ser felizes? Por que eu mesmo não serei feliz, se não existe outra senciência além da sociedade, nenhum outro poder no universo além dos cinco sentidos? O que me impede de cortar a garganta dos meus irmãos, desde que eu possa me proteger da polícia e ser feliz. O que você vai responder? Você certamente mostrará alguma utilidade. Quando você é empurrado para fora do chão, você responde: “Meu amigo, é bom ser bom”. Qual é o poder na mente humana que diz: “É bom fazer o bem”, que revela diante de nós em visão gloriosa a grandeza da alma, a beleza da bondade, o poder totalmente atraente da bondade, o poder infinito da bondade ? Isso é o que chamamos de Deus. Não é?

Em segundo lugar, quero pisar um terreno um pouco mais delicado. Quero sua atenção e peço que não tire conclusões precipitadas do que digo. Não podemos fazer muito bem a este mundo. Fazer o bem ao mundo é muito bom. Mas podemos fazer muito bem ao mundo? Fizemos muito bem nestas centenas de anos em que temos lutado – aumentamos a soma total da felicidade no mundo? Milhares de meios foram criados todos os dias para conduzir à felicidade do mundo, e isso vem acontecendo há centenas e milhares de anos. Eu lhe pergunto: a soma total da felicidade no mundo hoje é maior do que era há um século atrás? Não pode ser. Cada onda que surge no oceano deve ocorrer às custas de uma depressão em algum lugar. Se uma nação se torna rica e poderosa, isso deve acontecer às custas de outra nação em algum lugar. Cada peça de maquinaria inventada tornará vinte pessoas ricas e vinte mil pessoas pobres. É a lei da concorrência por toda parte. A soma total da energia exibida permanece sempre a mesma. É também uma tarefa imprudente. Não é razoável afirmar que podemos ter felicidade sem miséria. Com o aumento de todos estes meios, vocês estão aumentando as necessidades do mundo, e o aumento das necessidades significa uma sede insaciável que nunca será saciada. O que pode preencher esse desejo, essa sede? E enquanto houver esta sede, a miséria será inevitável. É da própria natureza da vida ser feliz e infeliz alternadamente.

Então, novamente, este mundo foi deixado para você fazer o bem a ele? Não há outro poder trabalhando neste universo? Deus está morto e se foi, deixando Seu universo para você e para mim - o Eterno, o Onipotente, o Todo-misericordioso, o Sempre Desperto, Aquele que nunca dorme quando o universo está dormindo, cujos olhos nunca piscam? Este céu infinito é, por assim dizer, Seu olho sempre aberto. Ele está morto e desaparecido? Ele não está agindo neste universo? Está acontecendo; você não precisa ter pressa; você não precisa se sentir infeliz.

[O Swami aqui contou a história do homem que queria que um fantasma trabalhasse para ele, mas que, quando teve o fantasma, não conseguiu mantê-lo empregado, até que lhe deu um rabo de cachorro encaracolado para endireitar.]

Esse é o nosso caso, fazendo o bem ao universo. Então, meus irmãos, estamos tentando endireitar o rabo do cachorro há centenas e milhares de anos. É como o reumatismo. Você o expulsa dos pés e ele vai para a cabeça; você o tira da cabeça e ele vai para outro lugar.

Para muitos de vocês, isso parecerá uma visão terrível e pessimista do mundo, mas não é. Tanto o pessimismo quanto o otimismo estão errados. Ambos estão assumindo os extremos. Enquanto um homem tiver bastante para comer e beber, e boas roupas para vestir, ele se tornará um grande otimista; mas esse mesmo homem, quando perde tudo, torna-se um grande pessimista. Quando um homem perde todo o seu dinheiro e fica muito pobre, então, e então sozinho, com a maior força chegam até ele as ideias de fraternidade da humanidade. Este é o mundo, e quanto mais vou a diferentes países e vejo este mundo, e quanto mais velho fico, mais tento evitar estes dois extremos de optimismo e pessimismo. Este mundo não é bom nem mau. É o mundo do Senhor. Está além do bem e do mal, perfeito em si mesmo. Seu testamento está acontecendo, mostrando todas essas imagens diferentes; e continuará sem começo e sem fim. É um grande ginásio onde você e eu, e milhões de almas, devemos vir e fazer exercícios, e nos tornar fortes e perfeitos. É para isso que serve. Não que Deus não pudesse criar um universo perfeito; não que Ele não pudesse ajudar a miséria do mundo. Você se lembra da história da jovem e do clérigo, que estavam olhando a lua através do telescópio e encontraram as manchas

lunares. E o clérigo disse: “Tenho certeza de que são as torres de algumas igrejas”. “Bobagem”, disse a jovem, “tenho certeza de que são os jovens amantes que se beijam.” Assim estamos fazendo com este mundo. Quando estamos dentro, pensamos que estamos vendo o interior. De acordo com o plano de existência em que estamos, vemos o universo. O fogo na cozinha não é bom nem ruim. Quando ele prepara uma refeição para você, você abençoa o fogo e diz: “Como é bom!” E quando queima seu dedo, você diz: “Que incômodo é isso!” Seria igualmente correto e lógico dizer: Este universo não é bom nem mau. O mundo é o mundo e sempre será. Se nos abirmos a isso de tal maneira que a ação do mundo nos seja benéfica, chamamos isso de bom. Se nos colocarmos numa posição em que isso é doloroso, chamamos isso de mal. Então você sempre encontrará crianças, que são inocentes e alegres e não querem machucar ninguém, são muito otimistas. Eles estão sonhando sonhos dourados. Os idosos que têm todos os desejos em seus corações e não os meios para realizá-los, e especialmente aqueles que foram bastante agredidos pelo mundo, são muito pessimistas. A religião quer saber a verdade. E a primeira coisa que descobriu é que sem o conhecimento desta verdade não haverá vida que valha a pena ser vivida.

A vida será um deserto, a vida humana será vã, se não pudermos conhecer o além. É muito bom dizer: Contenta-se com as coisas do momento presente. As vacas e os cães existem, assim como todos os animais, e é isso que os torna animais. Portanto, se o homem se contentar com o presente e desistir de toda busca pelo além, toda a humanidade terá de voltar novamente ao plano animal. É a religião, esta investigação do além, que faz a diferença entre o homem e um animal. Bem foi dito que o homem é o único animal que olha naturalmente para cima; todos os outros animais olham naturalmente para baixo. Que olhar para cima e subir e buscar a perfeição é o que se chama salvação, e quanto mais cedo um homem começa a subir, mais cedo ele se eleva em direção a esta ideia de verdade como salvação. Não consiste na quantidade de dinheiro que você tem no bolso, ou no vestido que você veste, ou na casa onde você mora, mas na riqueza do pensamento espiritual em seu cérebro. É isso que contribui para o progresso humano; essa é a fonte de todo o progresso material e intelectual, a força motriz por trás, o entusiasmo que empurra a humanidade para frente.

Qual é novamente o objetivo da humanidade? É felicidade, prazer sensual? Antigamente diziam que no céu tocariam trombetas e viveriam ao redor de um trono; nos tempos modernos, acho que eles acham que esse ideal é muito fraco, e eles o melhoraram e dizem que terão casamentos e todas essas coisas lá. Se houver alguma melhoria nestas duas coisas, a segunda será uma melhoria para pior. Todas essas diversas teorias do céu que estão sendo apresentadas mostram fraqueza na mente. E essa fraqueza está aqui: primeiro, eles pensam que a felicidade sensorial é o objetivo da vida. Em segundo lugar, eles não conseguem conceber nada que esteja além dos cinco sentidos. Eles são tão irracionais quanto os utilitaristas. Ainda assim, eles são muito melhores do que os modernos utilitaristas ateus, de qualquer forma. Por último, esta posição utilitarista é simplesmente infantil. Que direito você tem de dizer: “Aqui está meu padrão, e todo o universo deve ser governado por meu padrão?” Que direito você tem de dizer que toda verdade será julgada por este seu padrão – o padrão que prega apenas pão, dinheiro e roupas como Deus?

A religião não vive no pão, não mora na casa. Repetidamente você ouve esta objeção: "Que bem pode a religião fazer? Pode ela acabar com a pobreza dos pobres e dar-lhes mais roupas?" Supondo que não, isso provaria a inverdade da religião? Suponha que um bebê se levante entre vocês, quando estão tentando demonstrar uma teoria astronômica, e diga: "Isso traz pão de gengibre?" “Não, não importa”, você responde. “Então”, diz o bebê, “é inútil”. Os bebês julgam todo o universo do seu próprio ponto de vista, o de produzir pão de gengibre, e o mesmo acontece com os bebês do mundo.

É triste dizer, no final deste século XIX, que estes estão se passando pela multidão erudita, a mais racional, a mais lógica e a mais inteligente já vista nesta terra.

Não devemos julgar as coisas superiores a partir deste nosso ponto de vista inferior. Tudo deve ser julgado pelo seu próprio padrão, e o infinito deve ser julgado pelo padrão do infinito. A religião permeia toda a vida do homem, não apenas o presente, mas o passado, o presente e o futuro. É, portanto, a relação eterna entre a Alma eterna e o Deus eterno. É lógico medir o seu

valor pela sua ação em cinco minutos de vida humana? Certamente não. Mas estes são todos argumentos negativos.

Agora vem a pergunta: a religião pode realmente fazer alguma coisa? Pode.

A religião pode realmente trazer pão e roupas? Isso acontece. Está sempre fazendo isso e faz infinitamente mais do que isso; traz ao homem a vida eterna. Fez do homem o que ele é e fará deste animal humano um Deus. Isso é o que a religião pode fazer. Retire a religião da sociedade humana, o que restará? Nada além de uma floresta de brutos. Como acabei de tentar mostrar-lhe que é absurdo supor que a felicidade sensorial seja o objetivo da humanidade, concluímos que o conhecimento é o objetivo de toda a vida. Tentei mostrar-lhe que nestes milhares de anos de luta pela busca da verdade e pelo benefício da humanidade, dificilmente fizemos o menor avanço apreciável. Mas a humanidade fez um avanço gigantesco no conhecimento. A maior utilidade deste progresso não reside no conforto que ele traz, mas em fabricar um deus a partir deste homem-animal. Então, com o conhecimento, vem naturalmente a felicidade. Os bebês pensam que a felicidade dos sentidos é a coisa mais elevada que podem ter. A maioria de vocês sabe que existe no homem um prazer mais intenso no intelecto do que nos sentidos. Nenhum de vocês pode sentir o mesmo prazer em comer que um cachorro. Você pode marcar isso. De onde vem o prazer no homem? Não aquele prazer sincero de comer que o porco ou o cachorro têm. Veja como o porco come. Ele fica inconsciente do universo enquanto come; toda a sua alma está ligada à comida. Pode ser morto, mas não se importa quando tem comida. Pense no prazer intenso que o porco tem! Nenhum homem tem isso. Para onde foi? O homem transformou isso em prazer intelectual. O porco não pode gostar de palestras religiosas. Esse é um degrau mais alto e mais intenso ainda do que os prazeres intelectuais, e esse é o plano espiritual, o desfrute espiritual das coisas divinas, elevando-se além da razão e do intelecto. Para conseguir isso, teremos que perder todos esses prazeres sensoriais. Esta é a maior utilidade. Utilidade é o que eu gosto, e o que todo mundo gosta, e corremos atrás disso.

Descobrimos que o homem desfruta muito mais do seu intelecto do que um animal desfruta dos seus sentidos, e vemos que o homem desfruta da sua natureza espiritual ainda mais do que da sua natureza racional. Portanto, a

sabedoria mais elevada deve ser este conhecimento espiritual. Com esse conhecimento virá a felicidade. Todas estas coisas deste mundo são apenas sombras, as manifestações no terceiro ou quarto grau do verdadeiro Conhecimento e Bem-aventurança.

É esta Bem-aventurança que chega até você através do amor à humanidade; a sombra desta bem-aventurança espiritual é este amor humano, mas não o confunda com essa bem-aventurança humana. Existe esse grande erro: estamos sempre confundindo o amor que temos – esse amor carnal, humano, esse apego às partículas, essa atração elétrica pelos seres humanos na sociedade – com essa bem-aventurança espiritual. Podemos confundir isso com aquele estado eterno, o que não é. Na falta de qualquer outro nome em inglês, eu o chamaria de Bem-aventurança, que é o mesmo que conhecimento eterno – e esse é o nosso objetivo. Em todo o mundo, onde quer que tenha havido uma religião, e onde quer que haja uma religião, todas elas surgiram e surgirão de uma única fonte, chamada por vários nomes em vários países; e é isso que nos países ocidentais vocês chamam de “inspiração”. O que é essa inspiração? A inspiração é a única fonte de conhecimento religioso. Vimos que a religião pertence essencialmente ao plano além dos sentidos. É “onde os olhos não podem ir, ou os ouvidos, onde a mente não pode alcançar, ou o que as palavras não podem expressar”. Esse é o campo e o objetivo da religião, e daí vem aquilo que chamamos de inspiração. Segue-se naturalmente, portanto, que deve haver alguma maneira de ir além dos sentidos. É perfeitamente verdade que a nossa razão não pode ir além dos sentidos; todo raciocínio está dentro dos sentidos, e a razão se baseia nos fatos que os sentidos alcançam. Mas pode um homem ir além dos sentidos? Um homem pode conhecer o incognoscível? Com base nisso, toda a questão da religião deve ser e foi decidida. Desde tempos imemoriais existiu aquele muro adamantino, a barreira para os sentidos; desde tempos imemoriais, centenas e milhares de homens e mulheres não se lançaram contra esta parede para penetrar mais além. Milhões falharam e milhões tiveram sucesso. Esta é a história do mundo. Outros milhões não acreditam que alguém tenha conseguido; e estes são os céticos dos dias atuais. O homem consegue ultrapassar este muro se apenas tentar. O homem não tem apenas razão, não tem apenas sentidos, mas há muito nele que está além dos sentidos. Tentaremos

explicar um pouco. Espero que você sinta que isso também está dentro de você.

Eu movo minha mão e sinto e sei que estou movendo minha mão. Eu chamo isso de consciência. Estou consciente de que estou movendo minha mão. Mas meu coração está se movendo. Não estou consciente disso; e ainda assim quem está movendo o coração? Deve ser o mesmo ser. Vemos então que esse ser que mexe as mãos e fala, ou seja, age conscientemente, também age inconscientemente. Descobrimos, portanto, que este ser pode atuar em dois planos – um, o plano da consciência, e o outro, o plano abaixo dele. Os impulsos do plano da inconsciência são o que chamamos de instinto, e quando os mesmos impulsos vêm do plano da consciência, chamamos isso de razão. Mas existe um plano ainda mais elevado, a superconsciência no homem. Aparentemente, isto é o mesmo que inconsciência, porque está além do plano da consciência, mas está acima da consciência e não abaixo dela. Não é instinto, é inspiração. Há provas disso. Pensem em todos estes grandes profetas e sábios que o mundo produziu, e é bem sabido que haverá momentos nas suas vidas, momentos na sua existência, em que estarão aparentemente inconscientes do mundo externo; e todo o conhecimento que posteriormente surge deles, afirmam eles, foi adquirido durante este estado de existência. Diz-se de Sócrates que, enquanto marchava com o exército, houve um lindo nascer do sol, e isso pôs em movimento em sua mente uma linha de pensamentos; ele ficou lá por dois dias ao sol, completamente inconsciente. Foram esses momentos que deram o conhecimento socrático ao mundo. Assim como todos os grandes pregadores e profetas, há momentos em suas vidas em que eles, por assim dizer, emergem da consciência e vão acima dela. E quando voltam ao plano de consciência, ficam radiantes de luz; eles trouxeram notícias do além e são os videntes inspirados do mundo.

Mas existe um grande perigo. Qualquer homem pode dizer que está inspirado; muitas vezes eles dizem isso. Onde está o teste? Durante o sono ficamos inconscientes; um tolo vai dormir; ele dorme profundamente por três horas; e quando ele volta desse estado, ele é o mesmo tolo, se não pior. Jesus de Nazaré entra em sua transfiguração e, quando sai, torna-se Jesus, o Cristo. Essa é toda a diferença. Uma é inspiração e a outra é instinto. Um é uma criança e o outro é um velho experiente. Essa inspiração é possível

para todos nós. É a fonte de todas as religiões e sempre será a fonte de todo conhecimento superior. No entanto, existem grandes perigos no caminho. Às vezes, pessoas fraudulentas tentam impor-se à humanidade. Nos dias de hoje, está se tornando muito prevalente. Um amigo meu tinha uma foto muito boa. Outro cavalheiro com inclinações religiosas e um homem rico estava de olho nesta foto; mas meu amigo não quis vendê-lo. Este outro senhor um dia chega e diz ao meu amigo, tenho uma inspiração e tenho uma mensagem de Deus. "Qual é a sua mensagem?" meu amigo perguntou. "A mensagem é que você deve entregar essa foto para mim." Meu amigo estava à altura; ele imediatamente acrescentou: "Exatamente; que lindo! Eu tive exatamente a mesma inspiração, que deveria entregar a você a foto. Você trouxe seu cheque?" "Cheque? Que cheque?" "Então", disse meu amigo, "não acho que sua inspiração estava certa. Minha inspiração foi que eu deveria entregar a foto ao homem que trouxe um cheque de US\$ 100 mil. Você deve trazer o cheque primeiro." O outro homem descobriu que foi pego e desistiu da teoria da inspiração. Esses são os perigos. Um homem veio até mim em Boston e disse que teve visões nas quais havia conversado com ele no idioma hindu. Eu disse: "Se eu puder ver o que ele diz, acreditarei." Mas ele escreveu muitas bobagens. Tentei o meu melhor para entender, mas não consegui dizer isso a ele. foi, tal linguagem nunca existiu e nunca existirá na Índia. Eles não se tornaram civilizados o suficiente para ter uma linguagem como essa. Ele pensou, é claro, que eu era um trapaceiro e cético, e foi embora e eu não ficaria surpreso em seguida. ouvir que ele estava em um asilo para lunáticos. Esses são os dois perigos que sempre existem neste mundo - o perigo das fraudes e o perigo dos tolos. Mas isso não precisa nos deter, pois todas as grandes coisas neste mundo estão repletas de perigo. Ao mesmo tempo, devemos tomar um pouco de precaução. Às vezes encontro pessoas perfeitamente deficientes na análise lógica de qualquer coisa. Um homem chega e diz: "Tenho uma mensagem de tal e tal deus", e pergunta: "Você pode negar isso? Não é possível que exista tal e tal deus, e que ele dê tal mensagem?" ? E 90 por cento dos tolos irão engoli-lo. Eles acham que isso é razão suficiente. Mas uma coisa você deve saber: é possível que qualquer coisa aconteça – é bem possível que a Terra entre em contato com a estrela do Cão. no próximo ano e desmoronar. Mas se eu apresentar esta proposta, você tem o direito de se levantar e me pedir para provar isso a você. O que os advogados chamam de ônus probandi recai sobre o homem que fez a proposta. é seu dever provar que

obtive minha inspiração de um certo deus, mas minha, porque eu apresentei a proposta a você. Se não puder provar isso, seria melhor evitar esses dois perigos, e você poderá chegar a qualquer lugar que desejar. Muitos de nós recebemos muitas mensagens em nossas vidas, ou pensamos que as recebemos, e enquanto a mensagem for sobre nós mesmos, continuemos fazendo o que quisermos; mas quando se trata de nosso contato e comportamento com os outros, pense cem vezes antes de agir de acordo; e então você estará seguro.

Descobrimos que esta inspiração é a única fonte da religião; no entanto, sempre esteve repleta de muitos perigos; e o último e pior de todos os perigos são as reivindicações excessivas. Certos homens se levantam e dizem que têm uma comunicação de Deus, e são os porta-vozes do Deus Todo-Poderoso, e ninguém mais tem o direito de ter essa comunicação. Isto, à primeira vista, não é razoável. Se existe alguma coisa no universo, deve ser universal; não há aqui um único movimento que não seja universal, porque todo o universo é governado por leis. É sistemático e harmonioso o tempo todo. Portanto, o que está em qualquer lugar deve estar em todo lugar. Cada átomo do universo é construído no mesmo plano do maior sol e das estrelas. Se um homem alguma vez foi inspirado, é possível que todos e cada um de nós sejamos inspirados, e isso é religião. Evite todos esses perigos, ilusões e desilusões, fraudes e reivindicações excessivas, mas fique cara a cara com os fatos religiosos e entre em contato direto com a ciência da religião. A religião não consiste em acreditar em qualquer doutrina ou dogma, em ir a igrejas ou templos, em ler certos livros. Você viu Deus? Você viu a alma? Se não, você está lutando por isso? Está aqui e agora, e você não precisa esperar pelo futuro. O que é o futuro senão o presente ilimitável? Qual é a quantidade total de tempo senão um segundo repetido repetidas vezes? A religião está aqui e agora, nesta vida presente.

Mais uma pergunta: Qual é o objetivo? Hoje em dia afirma-se que o homem está progredindo infinitamente, para frente e para frente, e não há meta de perfeição a ser alcançada. Sempre se aproximando, nunca alcançando, seja lá o que isso possa significar, e por mais maravilhoso que seja, é absurdo à primeira vista. Existe algum movimento em linha reta? Uma linha reta projetada infinitamente torna-se um círculo, retorna ao ponto inicial. Você deve terminar onde começou; e como você começou em Deus, você deve

voltar para Deus. O que resta? Trabalho detalhado. Durante toda a eternidade você terá que fazer o trabalho detalhado.

Ainda outra questão: devemos descobrir novas verdades religiosas à medida que avançamos? Sim e não. Em primeiro lugar, não podemos saber mais nada sobre religião; já é tudo conhecido. Em todas as religiões do mundo você encontrará a afirmação de que existe uma unidade dentro de nós. Sendo um com a Divindade, não pode haver nenhum progresso adicional nesse sentido. Conhecimento significa acabar com esta unidade na variedade. Vejo vocês como homens e mulheres, e isso é variedade. Torna-se conhecimento científico quando eu os agrupo e os chamo de seres hienas. Veja a ciência da química, por exemplo. Os químicos procuram decompor todas as substâncias conhecidas nos seus elementos originais e, se possível, encontrar o único elemento do qual todas elas derivam. Pode chegar o momento em que eles encontrarão o único elemento. Essa é a fonte de todos os outros elementos. Alcançando isso, eles não podem ir mais longe; a ciência da química terá se tornado perfeita. O mesmo acontece com a ciência da religião. Se pudermos descobrir esta unidade perfeita, então não poderá haver mais progresso.

Quando se descobriu que “Eu e meu Pai somos um”, foi dita a última palavra sobre religião. Depois só restou o trabalho detalhado. Na verdadeira religião não há fé ou crença no sentido de fé cega. Nenhum grande pregador jamais pregou isso. Isso só vem com degeneração. Os tolos fingem ser seguidores deste ou daquele gigante espiritual e, embora possam não ter poder, esforçam-se por ensinar a humanidade a acreditar cegamente. Crer no que? Acreditar cegamente é degenerar a alma humana. Seja ateu se quiser, mas não acredite em nada sem questionar. Por que degradar a alma ao nível dos animais? Vocês não apenas se prejudicam com isso, mas também prejudicam a sociedade e colocam em perigo aqueles que vierem depois de vocês. Levante-se e raciocine, sem ter fé cega. A religião é uma questão de ser e de tornar-se, não de acreditar. Isto é religião, e quando você alcança isso você tem religião. Antes disso você não é melhor que os animais. “Não acredite no que você ouviu”, diz o grande Buda, “não acredite em doutrinas porque elas foram transmitidas a você através de gerações; não acredite em nada porque é seguido cegamente por muitos; não acredite porque algum velho sábio faz uma declaração; não acredite em

verdades às quais você se apegou pelo hábito; não acredite apenas na autoridade de seus professores e mais velhos. Tenha deliberação e análise, e quando o resultado concordar com a razão e conduzir ao bom para todos, aceite-o e viva de acordo com ele."

4.2.15 CONCENTRAÇÃO

(Apresentado no Washington Hall, São Francisco, em 16 de março de 1900)

[Esta e as duas palestras seguintes (Meditação e A Prática da Religião) são reproduzidas aqui do Vedanta e do Ocidente com a gentil permissão da Vedanta Society of Southern California, de quem estão reservados os direitos autorais para a América. As palestras foram gravadas por Ida Ansell em circunstâncias que ela mesma relata assim:

"A segunda viagem de Swami Vivekananda ao Ocidente ocorreu em 1899-1900. Durante a primeira metade de 1900, ele trabalhou em São Francisco, Califórnia, e arredores. Ouvi-o palestrar talvez umas vintena vezes, de março a maio de 1900, e gravei dezessete de suas palestras...

"As palestras foram ministradas em São Francisco, Oakland e Alameda, em igrejas, nas Casas da Verdade da Alameda e de São Francisco, e em salas alugadas. ... Ao todo, Swamiji deu, além de entrevistas quase diárias e aulas informais, pelo menos trinta ou quarenta endereços principais em março, abril e maio.

"Há muito hesitei em transcrever e divulgar essas palestras por causa da imperfeição de minhas anotações. Eu era apenas um estenógrafo amador, na época em que as fiz. ... Seria necessária uma velocidade de pelo menos trezentas palavras por minuto para capturar todas as torrentes de eloquência de Swamiji, eu possuía menos da metade da velocidade necessária e, na época, não tinha ideia de que o material teria valor para alguém além de mim. Suas histórias e imitações forçaram absolutamente a parar de escrever, a gostar de observá-lo... Embora minhas notas fossem um tanto fragmentárias, cedi à opinião de que seu conteúdo é precioso e deve ser fornecido para publicação.

O estilo de falar de Swamiji era coloquial, fresco e contundente. Nenhuma alteração foi feita nele; nenhum ajuste ou suavização de seu fluxo espontâneo para fins de publicação foi feito. Onde as omissões foram feitas devido a alguma obscuridade no significado, elas foram indicadas por três pontos. Tudo o que foi inserido para fins de esclarecimento foi colocado entre colchetes. Com estas qualificações, as palavras são exatamente como Swamiji as pronunciou.

Tudo o que Swamiji disse tinha um poder tremendo. Essas palestras permaneceram no meu antigo caderno de estenógrafo por mais de cinquenta anos. Agora, à medida que emergem, sente-se que o poder ainda está lá."]

Todo o conhecimento que temos, seja do mundo externo ou interno, é obtido através de apenas um método – pela concentração da mente. Nenhum conhecimento pode ser obtido de qualquer ciência, a menos que possamos concentrar nossas mentes no assunto. O astrônomo concentra sua mente através do telescópio... e assim por diante. Se você quiser estudar sua própria mente, será o mesmo processo. Você terá que concentrar sua mente e voltar-se sobre si mesma. A diferença neste mundo entre mente e mente é simplesmente o fato da concentração. Um, mais concentrado que o outro, obtém mais conhecimento.

Nas vidas de todos os grandes homens, do passado e do presente, encontramos este tremendo poder de concentração. Esses são homens de gênio, você diz. A ciência do Yoga nos diz que somos todos gênios se nos esforçarmos para ser. Alguns chegarão a esta vida mais bem equipados e talvez o façam mais rapidamente. Todos nós podemos fazer o mesmo. O mesmo poder está em todos. O assunto da presente palestra é como concentrar a mente para estudar a própria mente. Os iogues estabeleceram certas regras e esta noite vou lhes dar um esboço de algumas dessas regras.

A concentração, é claro, vem de várias fontes. Através dos sentidos você pode obter concentração. Alguns entendem quando ouvem uma bela música, outros quando veem belas paisagens. ... Alguns se concentram deitando-se em camas de espinhos, espinhos de ferro afiados, outros sentando-se em pedras pontiagudas. Estes são casos extraordinários

[usando] procedimentos pouco científicos. O procedimento científico está gradualmente treinando a mente.

A pessoa fica concentrada mantendo o braço levantado. A tortura lhe dá a concentração que ele deseja. Mas tudo isso é extraordinário.

Os métodos universais foram organizados de acordo com diferentes filósofos. Alguns dizem que o estado que queremos alcançar é a superconsciência da mente – indo além das limitações que o corpo criou para nós. O valor da ética para o Yogue reside no fato de ela tornar a mente pura. Quanto mais pura a mente, mais fácil será controlá-la. A mente pega cada pensamento que surge e o resolve. Quanto mais grosseira a mente, mais difícil [é] controlá-la. O homem imoral nunca será capaz de concentrar a mente para estudar psicologia. Ele pode adquirir um pouco de controle ao começar, adquirir um pouco de capacidade de audição. ... e mesmo esses poderes irão embora dele. A dificuldade é que se você estudar atentamente, verá como [o] poder extraordinário alcançado não foi alcançado por meio de treinamento científico regular. Os homens que, pelo poder da magia, controlam as serpentes serão mortos pelas serpentes. ... O homem que atinge quaisquer poderes extraordinários acabará por sucumbir a esses poderes. Há milhões [que] recebem energia de todas as maneiras na Índia. A grande maioria deles morre como lunáticos delirantes. Um grande número comete suicídio, ficando a mente desequilibrada.

O estudo deve ser colocado do lado seguro: científico, lento, pacífico. O primeiro requisito é ser moral. Tal homem deseja que os deuses desçam, e eles descerão e se manifestarão a ele. Essa é a nossa psicologia e filosofia em essência, [ser] perfeitamente moral. Pense no que isso significa! Sem ferimentos, pureza perfeita, austeridade perfeita! Estes são absolutamente necessários. Pense só, se um homem puder atingir tudo isso com perfeição! O que mais você quer? Se ele estiver livre de toda inimizade contra qualquer ser, ... todos os animais desistirão de sua inimizade [em sua presença]. Os Yogis estabelecem leis muito rigorosas... de modo que ninguém pode passar por um homem caridoso sem; sendo caridoso. ...

Se você acredita em mim, eu vi um homem [a referência é evidentemente a Pavhari Baba (ver Esboço da Vida de Pavhari Baba neste volume)] que morava em um buraco e havia cobras e sapos morando com ele. ... Às vezes

ele jejuava por [dias e meses] e depois saía. Ele estava sempre em silêncio. Um dia apareceu um ladrão. ...

Meu antigo mestre costumava dizer: “Quando o lótus do coração florescer, as abelhas virão sozinhas”. Homens assim ainda estão lá. Eles não precisam conversar. ... Quando o homem é perfeito de coração, sem pensamento de ódio, todos os animais desistirão de seu ódio [diante dele]. O mesmo acontece com a pureza. Estes são necessários para nossas relações com nossos semelhantes. Devemos amar a todos. ... Não devemos olhar para as falhas dos outros: não adianta. Nem devemos pensar neles. Nosso negócio é com o bem. Não estamos aqui para lidar com falhas. Nosso negócio é ser bom.

Aí vem a senhorita fulana. Ela diz: “Vou ser uma Yogi”. Ela conta as notícias vinte vezes, medita cinquenta dias e depois diz: “Não há nada nesta religião. Eu tentei. Não há nada nela.”

A própria base [da vida espiritual] não existe. O fundamento [deve ser] esta moralidade perfeita. Essa é a grande dificuldade. ...

Em nosso país existem seitas vegetarianas. Eles pegam de manhã cedo quilos de açúcar e colocam no chão para as formigas, e a história é que, quando um deles estava colocando açúcar no chão para as formigas, um homem colocou o pé sobre as formigas. O primeiro disse: “Miserável, você matou os animais!” E ele deu-lhe um golpe tão grande que matou o homem.

A pureza externa é muito fácil e todo o mundo corre em sua direção. Se um certo tipo de vestimenta é o tipo de moralidade [a ser observada], qualquer tolo pode fazer isso. Quando está lutando com a própria mente, é um trabalho árduo.

As pessoas que fazem coisas externas e superficiais são tão hipócritas! Lembro-me que, quando era menino, tinha grande consideração pelo caráter de Jesus Cristo. [Então li sobre a festa de casamento na Bíblia.] Fechei o livro e disse: “Ele comeu carne e bebeu vinho! Ele não pode ser um bom homem.”

Estamos sempre perdendo de vista o real significado das coisas. O pouco comendo e se vestindo! Todo tolo pode ver isso. Quem vê o que está além? É a cultura do coração que queremos. ... Vemos uma massa de pessoas na Índia tomando banho às vezes vinte vezes por dia, tornando-se muito puras. E eles não tocam em ninguém. ... Os fatos grosseiros, as coisas externas! [Se através do banho alguém pudesse ser puro,] os peixes são os seres mais puros.

O banho, o vestuário e a regulamentação da alimentação - tudo isso tem seu valor adequado quando é complementar ao espiritual. Isso primeiro, e tudo isso ajuda. Mas sem ela, comer grama não serve para nada. Eles são uma ajuda se forem devidamente compreendidos. Mas mal compreendidos, são depreciativos. ...

Esta é a razão pela qual estou explicando estas coisas: Primeiro, porque em todas as religiões tudo degenera ao ser praticado pelos [ignorantes]. A cânfora da garrafa evaporou e eles estão brigando pela garrafa.

Outra coisa: ... [A espiritualidade] evapora quando dizem: “Isso está certo e aquilo está errado”. Todas as disputas [com formas e credos] nunca são do espírito. O budista ofereceu durante anos pregações gloriosas; gradualmente, essa espiritualidade evaporou. ... [Da mesma forma com o Cristianismo.] E então começou a disputa se são três deuses em um ou um em três, quando ninguém quer ir até o próprio Deus e saber o que Ele é. Temos que ir ao próprio Deus para saber se Ele é três em um ou um em três.

Agora, com essa explicação, a postura. Para tentar controlar a mente, é necessária uma certa postura. Qualquer postura em que a pessoa possa sentar-se facilmente – essa é a postura dessa pessoa. Como regra geral, você descobrirá que a coluna vertebral deve ser deixada livre. Não se destina a suportar o peso do corpo. ... A única coisa a lembrar na postura sentada: [use] qualquer postura em que a coluna esteja perfeitamente livre do peso do corpo.

Próximo [Prânâyâma]... os exercícios respiratórios. Uma grande quantidade de estresse é colocada na respiração. ... O que estou lhe contando não é algo extraído de alguma seita na Índia. É universalmente verdade. Assim como

neste país você ensina certas orações aos seus filhos, [na Índia] eles pegam as crianças e lhes dão certos fatos, etc.

As crianças não aprendem nenhuma religião na Índia, exceto uma ou duas orações. Então eles começam a procurar alguém com quem possam estabelecer relacionamento. Eles vão a diferentes pessoas e descobrem que “Este homem é o homem para mim” e obtêm iniciação. Se eu for casado, minha esposa poderá arranjar outro professor e meu filho arranjará outro, e esse será sempre o meu segredo entre mim e meu professor. A religião da esposa, o marido não precisa saber e não ousaria perguntar-lhe qual é a religião dela. É bem sabido que eles nunca diriam. Só é conhecido por essa pessoa e pelo professor. ... Às vezes você descobrirá que o que seria ridículo para um será apenas um ensinamento para outro. ... Cada um carrega seu próprio fardo e deve ser ajudado de acordo com sua vontade particular. É assunto de cada indivíduo, entre ele, seu professor e Deus. Mas existem certos métodos gerais que todos esses professores pregam. Respirar [e] meditar são universais. Essa é a adoração na Índia.

Nas margens do Gangâ, veremos homens, mulheres e crianças, todos [praticando] a respiração e depois meditando. Claro, eles têm outras coisas para fazer. Eles não podem dedicar muito tempo a isso. Mas aqueles que encaram isso como o estudo da vida praticam vários métodos. Existem oitenta e quatro Âsanas (posturas) diferentes. Aqueles que assumem o controle de alguma pessoa, sempre sentem a respiração e os movimentos em todas as diferentes partes do corpo. ...

Em seguida vem Dhâranâ [concentração]. ... Dharana é manter a mente em certos pontos.

O menino ou menina hindu... recebe iniciação. Ele recebe uma palavra de seu Guru. Isso é chamado de palavra raiz. Esta palavra é dada ao Guru [por seu Guru], e ele a dá ao seu discípulo. Uma dessas palavras é OM. Todos esses símbolos têm muito significado e mantêm isso em segredo, nunca os escrevem. Eles devem recebê-lo através do ouvido – e não através da escrita – do professor, e então considerá-lo como o próprio Deus. Então eles meditam na palavra. ...

Eu costumava orar assim uma vez, durante toda a estação das chuvas, quatro meses. Eu costumava me levantar e dar um mergulho no rio e, com toda a roupa molhada, repetir [o Mantra] até o pôr do sol. Então comi alguma coisa – um pouco de arroz ou algo assim. Quatro meses na estação das chuvas!

A mente indiana acredita que não há nada no mundo que não possa ser obtido. Se um homem quer dinheiro neste país, ele vai trabalhar e ganha dinheiro. Lá, ele pega uma fórmula e senta debaixo de uma árvore e acredita que o dinheiro deve vir. Tudo deve vir pelo poder do seu [pensamento]. Você ganha dinheiro aqui. É a mesma coisa. Você dedica toda a sua energia para ganhar dinheiro.

Existem algumas seitas chamadas Hatha-Yogis. ... Dizem que o maior bem é evitar que o corpo morra. ... Todo o seu processo está aderido ao corpo. Doze anos de treinamento! E eles começam com crianças pequenas, outros acham que é impossível. ... Uma coisa [é] muito curiosa sobre o Hatha-Yogi: quando ele se torna um discípulo, ele vai para o deserto e vive sozinho exatamente quarenta dias. Tudo o que aprenderam nesses quarenta dias. ...

Um homem em Calcutá afirma ter vivido quinhentos anos. Todas as pessoas me dizem que seus avós o viram. ... Ele percorre trinta quilômetros constitucionais, nunca anda, ele corre. Entra na água, cobre-se da cabeça aos pés com lama. Depois disso, ele mergulha novamente na água e novamente se enfia na lama. ... não vejo nada de bom nisso. (Dizem que as cobras vivem duzentos anos.) Ele deve ser muito velho, porque viajei quatorze anos pela Índia e onde quer que fosse, todos o conheciam. Ele viajou toda a sua vida. ... [O Hatha-Yogi] engolirá um pedaço de borracha de oitenta centímetros de comprimento e o retirará novamente. Quatro vezes ao dia ele tem que lavar todas as partes do corpo, internas e externas. ...

As paredes podem manter seus corpos por milhares de anos. ... E daí? Eu não gostaria de viver tanto. "Basta a cada dia o seu mal." Um pequeno corpo, com todas as suas ilusões e limitações, é suficiente.

Existem outras seitas. ... Eles te dão uma gota do elixir da vida e você permanece jovem. ... Levarei meses para enumerar [todas as seitas]. Toda a sua atividade está deste lado [no mundo material]. Todos os dias uma nova seita. ...

O poder de todas essas seitas está na mente. A ideia deles é manter a mente. Primeiro concentre-o e segure-o em um determinado local. Geralmente dizem, em certas partes do corpo ao longo da coluna vertebral ou nos centros nervosos. Ao manter a mente nos centros nervosos, [o Yogue] obtém poder sobre o corpo. O corpo é a grande causa de perturbação da sua paz, é oposto ao seu ideal mais elevado, por isso ele quer o controle: [manter] o corpo como servo.

Depois vem a meditação. Esse é o estado mais elevado. ...Quando [a mente] está em dúvida, esse não é o seu grande estado. Seu grande estado é a meditação. Ele olha para as coisas e vê as coisas, não se identificando com mais nada. Enquanto sentir dor, me identifiquei com o corpo. Quando sinto alegria ou prazer, identifico-me com o corpo. Mas o estado elevado olhará com o mesmo prazer ou felicidade para o prazer ou para a dor. ... Toda meditação é superconsciência direta. Na concentração perfeita, a alma torna-se realmente livre das amarras do corpo grosseiro e conhece a si mesma como ela é. O que quer que alguém queira, isso vem até ele. O poder e o conhecimento já estão aí. A alma se identifica com aquilo que é matéria impotente e por isso chora. Ele se identifica com formas mortais. ... Mas se essa alma livre quiser exercer algum poder, ela o terá. Se não acontecer, não vem. Aquele que conheceu a Deus tornou-se Deus. Não há nada impossível para uma alma tão livre. Não há mais nascimento e morte para ele. Ele está livre para sempre.

4.2.16 MEDITAÇÃO

(Apresentado no Washington Hall, São Francisco, 3 de abril de 1900)

A meditação tem sido enfatizada por todas as religiões. O estado mental meditativo é declarado pelos Yogis como o estado mais elevado em que a mente existe. Quando a mente estuda o objeto externo, ela se identifica com

ele, se perde. Para usar a comparação do antigo filósofo indiano: a alma do homem é como um pedaço de cristal, mas assume a cor de tudo o que está próximo dela. Tudo o que a alma toca... tem que assumir a sua cor. Essa é a dificuldade. Isso constitui a escravidão. A cor é tão forte que o cristal se esquece e se identifica com a cor. Suponha que uma flor vermelha esteja perto do cristal e o cristal pegue a cor e se esqueça, pense que é vermelho. Assumimos a cor do corpo e esquecemos o que somos. Todas as dificuldades que se seguem vêm daquele cadáver. Todos os nossos medos, todas as preocupações, ansiedades, problemas, erros, fraquezas, maldades, estão diante daquele grande erro - que somos corpos. Esta é a pessoa comum. É a pessoa que tira a cor da flor que está perto dela. Não somos mais corpos do que o cristal é a flor vermelha.

A prática da meditação é perseguida. O cristal sabe o que é, assume a sua própria cor. É a meditação que nos aproxima da verdade do que qualquer outra coisa. ...

Na Índia, duas pessoas se encontram. Em inglês eles dizem: "How do you do?" A saudação indiana é: "Você está sozinho?" No momento em que você pisa em outra coisa, você corre o risco de se sentir infeliz. Isto é o que quero dizer com meditação – a alma tentando manter-se sobre si mesma. Esse estado deve certamente ser o estado mais saudável da alma, quando ela pensa em si mesma, residindo na sua própria glória. Não, todos os outros métodos que temos – através de emoções excitantes, orações e tudo mais – realmente têm esse fim em vista. Em profunda excitação emocional, a alma tenta manter-se sobre si mesma. Embora a emoção possa surgir de qualquer coisa externa, existe concentração da mente.

Existem três estágios na meditação. A primeira é chamada [Dhâranâ], concentrando a mente em um objeto. Tento concentrar minha mente neste copo, excluindo todos os outros objetos de minha mente, exceto este copo. Mas a mente está vacilando. . . Quando se torna forte e não oscila tanto, chama-se [Dhyâna], meditação. E então há um estado ainda mais elevado quando a diferenciação entre o vidro e eu é perdida – [Samadhi ou absorção]. A mente e o copo são idênticos. Eu não vejo nenhuma diferença. Todos os sentidos param e todos os poderes que têm trabalhado através de outros canais de outros sentidos [são focados na mente]. Então este copo

está inteiramente sob o poder da mente. Isto deve ser realizado. É uma peça tremenda interpretada pelos Yogis. ... Tome como certo que o objeto externo existe. Então aquilo que está realmente fora de nós não é o que vemos. O vidro que vejo não é certamente o objeto externo. Esse algo externo que é o vidro eu não conheço e nunca conhecerei.

Algo produz uma impressão em mim. Imediatamente mando a reação nesse sentido, e o copo é o resultado da combinação desses dois. Ação de fora — X. Ação de dentro — Y. O vidro é XY. Quando você olha para X, chame-o de mundo externo – em Y, mundo interno. . . Se você tentar distinguir o que é a sua mente e o que é o mundo, essa distinção não existe. O mundo é a combinação de você e outra coisa. ...

Tomemos outro exemplo. Você está jogando pedras na superfície lisa de um lago. Cada pedra que você deixa cair é seguida por uma reação. A pedra está coberta pelas pequenas ondas do lago. Da mesma forma, as coisas externas são como pedras caindo no lago da mente. Portanto, não vemos realmente o externo. . . ; vemos apenas a onda. . . .

Essas ondas que surgem na mente causaram muitas coisas externas. Não estamos discutindo os [méritos do] idealismo e realismo. Tomamos como certo que as coisas existem fora, mas o que vemos é diferente das coisas que existem fora, pois vemos o que existe fora mais nós mesmos.

Suponha que eu tire minha contribuição do copo. O que resta? Quase nada. O vidro desaparecerá. Se eu retirar minha contribuição da mesa, o que restará dela? Certamente não esta mesa, porque era uma mistura do exterior com a minha contribuição. O pobre lago tem que lançar a onda em direção à pedra sempre que [a pedra] for atirada nele. A mente deve criar a onda em direção a qualquer sensação. Suponha. . . podemos reter a mente. Imediatamente somos mestres. Recusamo-nos a contribuir com a nossa parte para todos estes fenômenos... Se eu não contribuir com a minha parte, isso tem de parar.

Você está criando essa escravidão o tempo todo. Como? Colocando sua parte. Estamos todos fazendo nossas próprias camas, forjando nossas próprias correntes... Quando cessar a identificação entre esse objeto externo e eu, então poderei retirar minha contribuição e essa coisa desaparecerá.

Então direi: “Aqui está o copo”, e então distrairei minha mente e ela desaparecerá... Se você puder tirar sua parte, poderá andar sobre as águas. Por que isso deveria te afogar mais? E o veneno? Não há mais dificuldades. Em cada fenômeno da natureza você contribui com pelo menos metade, e a natureza traz metade. Se a sua metade for retirada, a coisa deve parar.

... Para cada ação há uma reação igual.... Se um homem me bate e me fere, são as ações desse homem e a reação do meu corpo. ... Suponha que eu tenha tanto poder sobre o corpo que possa resistir até mesmo a essa ação automática. Esse poder pode ser alcançado? Os livros dizem que pode. ... Se você tropeçar nisso, é um milagre. Se você aprender cientificamente, é Yoga.

Tenho visto pessoas curadas pelo poder da mente. Existe o milagreiro. Dizemos que ele ora e o homem fica curado. Outro homem diz: "De jeito nenhum. É apenas o poder da mente. O homem é científico. Ele sabe o que faz."

O poder da meditação nos proporciona tudo. Se você deseja obter poder sobre a natureza, [você pode obtê-lo através da meditação]. É através do poder da meditação que todos os fatos científicos são descobertos hoje. Eles estudam o assunto e esquecem tudo, a própria identidade e tudo mais, e então o grande fato vem como um raio. Algumas pessoas pensam que isso é inspiração. Não há mais inspiração do que expiração; e nunca nada foi obtido por nada.

A suposta inspiração mais elevada foi a obra de Jesus. Ele trabalhou duro por muito tempo em nascimentos anteriores. Esse foi o resultado de seu trabalho anterior – trabalho duro. ... É bobagem falar de inspiração. Se fosse, teria caído como chuva. Pessoas inspiradas em qualquer linha de pensamento só vêm entre nações que têm educação geral e [cultura]. Não há inspiração. . . . Tudo o que passa por inspiração é o resultado que vem de causas já existentes na mente. Um dia, o flash vem o resultado! O trabalho anterior deles foi a [causa].

Aí você também vê o poder da meditação – a intensidade do pensamento. Esses homens agitam suas próprias almas. Grandes verdades vêm à tona e se manifestam. Portanto a prática da meditação é o grande método

científico de conhecimento. Não há conhecimento sem o poder da meditação. Da ignorância, superstição, etc. podemos ser curados pela meditação por enquanto e nada mais. [Suponha] que um homem me disse que se você beber tal veneno, você será morto, e outro homem chega à noite e diz: "Vá beber o veneno!" e eu não estou morto, [o que acontece é o seguinte:] minha mente cortou da meditação a identidade entre o veneno e eu mesmo, apenas por enquanto. Em outro caso de [beber] o veneno, serei morto.

Se eu souber a razão e me elevar cientificamente até esse [estado de meditação], posso salvar qualquer pessoa. Isso é o que dizem os livros; mas até que ponto isso está correto você deve avaliar.

Me perguntam: "Por que vocês, indianos, não conquistam essas coisas? Vocês afirmam o tempo todo serem superiores a todas as outras pessoas. Vocês praticam Yoga e o fazem mais rápido do que qualquer outra pessoa. Vocês estão em melhor forma. Façam isso! Se vocês estão um grande povo, você deveria ter um grande sistema. Você terá que dizer adeus a todos os deuses. Deixe-os dormir enquanto você assume os grandes filósofos. Vocês são meros bebês, tão supersticiosos quanto o resto dos filósofos. E todas as suas reivindicações são fracassos. Se você tem as reivindicações, levante-se e seja ousado, e todo o céu que já existiu será seu. de] Então, depois de dias e dias, ele descobre em si mesmo. Todos esses deuses e demônios estão dentro deles. Descubra, pelos poderes da razão, da educação e da cultura, que não há mais deuses e superstições. queremos ser racionais, ser Yogis, realmente espirituais."

[Minha resposta é: Com você também] tudo é material O que é mais material do que Deus sentado em um trono? Você despreza o pobre homem que está adorando a imagem. Você não é melhor. E vocês, adoradores de ouro, o que são? O adorador da imagem adora o seu deus, algo que ele pode ver. Mas você nem faz isso. Você não adora o espírito nem algo que você possa entender. ... Adoradores da palavra! "Deus é espírito!" Deus é espírito e deve ser adorado em espírito e fé. Onde reside o espírito? Em uma árvore? Em uma nuvem? O que você quer dizer com Deus sendo nosso? Você é o espírito. Essa é a primeira crença fundamental da qual você nunca deve

desistir. Eu sou o ser espiritual. Está lá. Toda essa habilidade de Yoga e esse sistema de meditação e tudo mais é apenas para encontrá-Lo ali.

Por que estou dizendo tudo isso agora? Até que você determine a localização, você não poderá falar. Você conserta isso no céu e em todo o mundo, exceto no lugar certo. Eu sou espírito e, portanto, o espírito de todos os espíritos deve estar na minha alma. Aqueles que pensam isso em qualquer outro lugar são ignorantes. Portanto, deve ser buscado aqui neste céu; todo o céu que já existiu [está dentro de mim]. Existem alguns sábios que, sabendo disso, voltam os olhos para dentro e encontram o espírito de todos os espíritos em seu próprio espírito. Esse é o escopo da meditação. Descubra a verdade sobre Deus e sobre a sua própria alma e assim alcance a libertação. ...

Todos vocês estão correndo atrás da vida e achamos que isso é tolice. Existe algo muito mais elevado até do que a vida. Esta vida é inferior, material. Por que eu deveria viver? Eu sou algo superior à vida. Viver é sempre escravidão. Sempre nos confundimos. ... Tudo é uma cadeia contínua de escravidão.

Você consegue algo e nenhum homem pode ensinar outro. É através da experiência [aprendemos]. ... Esse jovem não pode ser convencido de que existem dificuldades na vida. Você não pode convencer o velho de que a vida é tranquila. Ele teve muitas experiências. Essa é a diferença.

Pelo poder da meditação conseguimos controlar, passo a passo, todas essas coisas. Vimos filosoficamente que todas estas diferenciações – espírito, mente, matéria, etc. – [não têm existências reais. ... Tudo o que existe é um. Não pode haver muitos. É isso que se entende por ciência e conhecimento. A ignorância vê múltiplas. O conhecimento realiza um. ... Reduzir muitos em um é ciência. ... Todo o universo foi demonstrado em um só. Essa ciência é chamada de ciência do Vedanta. Todo o universo é um. Aquele percorre toda essa aparente variedade. ...

Temos todas essas variações agora e as vemos – o que chamamos de cinco elementos: sólido, líquido, gasoso, luminoso, etéreo. Depois disso, o estado de existência é mental e, além disso, espiritual. Não que o espírito seja um e a mente seja outro, o éter seja outro, e assim por diante. É a única existência

que aparece em todas essas variações. Para voltar atrás, o sólido deve se tornar líquido. A maneira como [os elementos evoluíram] eles devem retroceder. Os sólidos tornar-se-ão líquidos, eterizados. Esta é a ideia do macrocosmo – e universal. Existe o universo externo e o espírito universal, mente, éter, gás, luminosidade, líquido, sólido.

O mesmo acontece com a mente. Eu sou exatamente o mesmo no microcosmo. Eu sou o espírito; Eu sou a mente; Eu sou o éter, sólido, líquido, gasoso. O que eu quero fazer é voltar ao meu estado espiritual. Cabe ao indivíduo viver a vida do universo em uma curta vida. Assim o homem pode ser livre nesta vida. Ele, em sua curta vida, terá o poder de viver toda a extensão da vida.

Todos nós lutamos. . . . Se não conseguirmos alcançar o Absoluto, chegaremos a algum lugar, e será melhor do que somos agora.

A meditação consiste nesta prática [de dissolver tudo na Realidade última – o espírito]. O sólido se funde em líquido, este em gás, o gás em éter, então a mente, e a mente se dissolverá. Tudo é espírito.

Alguns dos Yogis afirmam que este corpo se tornará líquido, etc. Você será capaz de fazer qualquer coisa com ele – torná-lo pequeno, ou o gás passar através desta parede – eles afirmam. Não sei. Nunca vi ninguém fazer isso. Mas está nos livros. Não temos motivos para descrever dos livros.

Possivelmente, alguns de nós conseguiremos fazer isso nesta vida. Ela surge como um flash, como resultado de nosso trabalho anterior. Quem sabe alguns aqui são velhos iogues com apenas um pouco de trabalho para terminar todo o trabalho. Prática!

A meditação, você sabe, vem através de um processo de imaginação. Você passa por todos esses processos de purificação dos elementos - fazendo um derreter o outro, aquele no próximo superior, aquele na mente, aquele no espírito, e então você é espírito. [14]

O Espírito é sempre livre, onipotente, onisciente. Claro, sob Deus. Não pode haver muitos deuses. Estas almas liberadas são maravilhosamente poderosas, quase onipotentes. [Mas] ninguém pode ser tão poderoso quanto

Deus. Se uma [alma liberada] dissesse: “Eu farei este planeta seguir esse caminho”, e outra dissesse: “Eu farei com que ele siga esse caminho”, [haveria confusão].

Não cometa esse erro! Quando digo em inglês: "Eu sou Deus!" é porque não tenho palavra melhor. Em sânscrito, Deus significa existência absoluta, conhecimento e sabedoria, consciência infinita e autoluminosa. Nenhuma pessoa. É impessoal. ...

Eu nunca sou Râma [nunca sou um com Ishvara, o aspecto pessoal de Deus], mas sou [um com Brahman, a existência impessoal e que tudo permeia]. Aqui está uma enorme massa de argila. Dessa argila eu fiz um [rato] e você fez um [elefante]. Ambos são de barro. Derreta ambos. Eles são essencialmente um. "Eu e meu Pai somos um." [Mas o rato de barro nunca pode ser um com o elefante de barro.]

Paro em algum lugar; Eu tenho um pouco de conhecimento. Você um pouco mais; você para em algum lugar. Existe uma alma que é a maior de todas. Este é Ishvara, Senhor do Yoga [Deus como Criador, com atributos]. Ele é o indivíduo. Ele é onipotente. Ele reside em cada coração. Não há ninguém. Ele não precisa de um corpo. Tudo o que você obtém pela prática da meditação, etc., você pode obter pela meditação em Ishvara, Senhor dos Logues. ...

O mesmo pode ser alcançado meditando sobre uma grande alma; ou sobre a harmonia da vida. Estas são chamadas de meditações objetivas. Então você começa a meditar sobre certas coisas externas, coisas objetivas, tanto externas quanto internas. Se você pegar uma frase longa, isso não é meditação alguma. Isso é simplesmente tentar manter a mente controlada pela repetição. Meditação significa que a mente está voltada para si mesma. A mente para todas as [ondas de pensamento] e o mundo para. Sua consciência se expande. Cada vez que você meditar, você manterá seu crescimento. ... Trabalhe um pouco mais, cada vez mais, e a meditação chegará. Você não sente o corpo ou qualquer outra coisa. Quando você sai depois de uma hora, você teve o descanso mais lindo que já teve em sua vida. Essa é a única maneira de você dar descanso ao seu sistema. Nem mesmo o sono mais profundo lhe dará um descanso assim. A mente continua pulando mesmo no sono mais profundo. Apenas nesses poucos

minutos [de meditação] seu cérebro quase parou. Apenas um pouco de vitalidade é mantida. Você esquece o corpo. Você pode ser cortado em pedaços e nem sentir nada. Você sente muito prazer nisso. Você se torna tão leve. Esse descanso perfeito teremos na meditação.

Depois, meditação sobre diferentes objetos. Existem meditações sobre diferentes centros da coluna vertebral. [De acordo com os Yogis, existem dois nervos na coluna vertebral, chamados Idâ e Pingalâ. Eles são os principais canais através dos quais viajam as correntes aferentes e eferentes.] O oco [canal chamado Sushumnâ] passa pelo meio da coluna vertebral. Os Yogis afirmam que este cordão está fechado, mas pelo poder da meditação ele tem que ser aberto. A energia tem que ser enviada para [a base da coluna] e a Kundalini sobe. O mundo será mudado. ... (Ver Obras Completas, Vol. I, O Prana Psíquico)

Milhares de seres divinos estão ao seu redor. Você não os vê porque nosso mundo é determinado pelos nossos sentidos. Só podemos ver isso lá fora. Chamemos-lhe X. Vemos esse X de acordo com o nosso estado mental. Tomemos a árvore que está lá fora. Veio um ladrão e o que ele viu no toco? Um policial. A criança viu um enorme fantasma. O jovem estava esperando sua namorada e o que ele viu? Sua namorada. Mas o toco da árvore não mudou. Permaneceu o mesmo. Este é o próprio Deus, e com a nossa tolice o vemos como homem, como pó, como mudo, miserável.

Aqueles que são constituídos de forma semelhante se agruparão naturalmente e viverão no mesmo mundo. Dito de outra forma, você mora no mesmo lugar. Todos os céus e todos os infernos estão bem aqui. Por exemplo: [pegue aviões na forma de] grandes círculos que se cortam em determinados pontos. . . . Neste plano de um círculo podemos estar em contato com um determinado ponto de outro [círculo]. Se a mente chegar ao centro, você começará a ficar consciente em todos os planos. Na meditação, às vezes você toca outro plano e vê outros seres, espíritos desencarnados e assim por diante. Você chega lá pelo poder da meditação. Esse poder está mudando nossos sentidos, refinando nossos sentidos. Se você começar a praticar meditação por cinco dias, sentirá a dor dentro desses centros [de consciência] e a audição [se tornará mais apurada]. ... (Ver Obras Completas, Vol. I, Pratyahara e Dharana). É por isso que todos os deuses

indianos têm três olhos. Esse é o olho psíquico que se abre e mostra as coisas espirituais.

À medida que este poder da Kundalini sobe de um centro para outro na coluna, ele muda os sentidos e você começa a ver este mundo em outro. É o paraíso. Você não pode falar. Então a Kundalini desce para os centros inferiores. Você é novamente homem até que a Kundalini alcance o cérebro, todos os centros tenham passado, e toda a visão desapareça e você [perceba]. . . nada além da única existência. Você é Deus. Todos os céus você faz Dele, todos os mundos Dele. Ele é a única existência. Nada mais existe.

4.2.17 A PRÁTICA DA RELIGIÃO

(Entregue na Alameda, Califórnia, em 18 de abril de 1900)

Lemos muitos livros, muitas escrituras. Recebemos várias ideias desde a infância e as mudamos de vez em quando. Compreendemos o que se entende por religião teórica. Aachamos que entendemos o que significa religião prática. Agora vou apresentar a vocês minha ideia de religião prática.

Ouvimos ao nosso redor falar de religião prática e, analisando tudo isso, descobrimos que ela pode ser resumida a uma concepção – caridade para com os nossos semelhantes. Isso é tudo religião? Todos os dias ouvimos neste país sobre o cristianismo prático – que um homem fez algum bem aos seus semelhantes. Isso é tudo?

Qual é o objetivo da vida? Este mundo é o objetivo da vida? Nada mais? Devemos ser apenas o que somos e nada mais? Deve o homem ser uma máquina que funciona suavemente e sem problemas em lugar nenhum? Todos os sofrimentos que ele experimenta hoje são tudo o que ele pode ter, e ele não quer mais nada?

O maior sonho de muitas religiões é o mundo. ... A grande maioria das pessoas sonha com o tempo em que não haverá mais doenças, enfermidades, pobreza ou miséria de qualquer tipo. Eles vão se divertir por toda parte. Religião prática, portanto, significa simplesmente. "Limpe as ruas! Deixe-as bonitas!" Vemos como todos gostam disso.

O prazer é o objetivo da vida? Se assim fosse, seria um tremendo erro tornar-se um homem. Que homem pode desfrutar de uma refeição com mais gosto do que um cão ou um gato? Vá a um zoológico e veja os [animais selvagens] arrancando a carne dos ossos. Volte e torne-se um pássaro! . . . Que erro então se tornar um homem! Vãos foram meus anos – centenas de anos – de luta apenas para me tornar o homem dos prazeres dos sentidos.

Observe, portanto, a teoria comum da religião prática, aonde ela leva. A caridade é ótima, mas no momento em que você diz que é tudo, você corre o risco de cair no materialismo. Não é religião. Não é melhor que o ateísmo – um pouco menos. ... Vocês, cristãos, não encontraram nada na Bíblia além de trabalhar pelos semelhantes, construindo. . . hospitais? . . . Aqui está um lojista e diz como Jesus teria mantido a loja! Jesus não teria mantido um

bar, nem uma loja, nem teria editado um jornal. Esse tipo de religião prática é boa, não má; mas é apenas uma religião de jardim de infância. Isso não leva a lugar nenhum. . . . Se você acredita em Deus, se você é cristão e repete todos os dias: “seja feita a tua vontade”, pense no que isso significa! Você diz a cada momento: “seja feita a tua vontade”, realmente significando: “A minha vontade seja feita por ti, ó Deus”. O Infinito está elaborando Seus próprios planos. Até Ele cometeu erros, e você e eu vamos remediar isso! O Arquiteto do universo será ensinado pelos carpinteiros! Ele deixou o mundo um buraco sujo, e você vai fazer dele um lugar lindo!

Qual é o objetivo de tudo isso? Os sentidos podem algum dia ser o objetivo? O gozo do prazer pode algum dia ser o objetivo? Esta vida pode algum dia ser o objetivo da alma? Se for, é melhor morrer neste momento; não quero esta vida! Se esse for o destino do homem, que ele será apenas uma máquina aperfeiçoada, isso significaria apenas que voltaríamos a ser árvores, pedras e coisas assim. Você já ouviu uma vaca mentir ou viu uma árvore roubando? São máquinas perfeitas. Eles não cometem erros. Eles vivem em um mundo onde tudo está acabado. ...

Qual é o ideal da religião, então, se esta não pode ser uma [religião] prática? E certamente não pode ser. Para que estamos aqui? Estamos aqui pela liberdade, pelo conhecimento. Queremos saber para nos tornarmos livres. Esta é a nossa vida: um grito universal pela liberdade. Qual é o motivo do . . . planta cresce a partir da semente, derrubando o solo e elevando-se aos céus? Qual é a oferta do sol para a terra? Qual é a sua vida? A mesma luta pela liberdade. A natureza está tentando nos suprimir, e a alma quer se expressar. A luta com a natureza continua. Muitas coisas serão esmagadas e quebradas nesta luta pela liberdade. Essa é a sua verdadeira miséria. Grandes massas de poeira e sujeira devem ser levantadas no campo de batalha. A natureza diz: “Eu vencerei”. A alma diz: “Devo ser o conquistador”. A natureza diz: "Espere! Vou lhe dar um pouco de diversão para mantê-lo quieto." A alma desfruta um pouco, fica iludida por um momento, mas no momento seguinte ela [clama por liberdade novamente]. Você notou o choro eterno que continua através dos tempos em cada peito? Somos enganados pela pobreza. Tornamo-nos ricos e somos enganados pela riqueza. Somos ignorantes. Lemos e aprendemos e somos enganados pelo conhecimento. Nenhum homem está satisfeito. Essa é a

causa da miséria, mas também é a causa de todas as bênçãos. Esse é o sinal certo. Como você pode estar satisfeito com este mundo? . . . Se amanhã este mundo se tornar o paraíso, diremos: "Tire isso. Dê-nos outra coisa."

A alma humana infinita nunca pode ser satisfeita senão pelo próprio Infinito... O desejo infinito só pode ser satisfeito pelo conhecimento infinito - nada menos que isso. Os mundos irão e virão. E daí? A alma vive e se expande para sempre. Os mundos devem entrar na alma. Os mundos devem desaparecer na alma como gotas no oceano. E este mundo se tornará a meta da alma! Se tivermos bom senso, não podemos ficar satisfeitos, embora este tenha sido o tema dos poetas de todos os tempos, sempre nos dizendo para ficarmos satisfeitos. E ninguém ficou satisfeito ainda! Milhões de profetas nos disseram: "Fique satisfeito com a sua sorte"; os poetas cantam. Dissemos a nós mesmos para ficarmos quietos e satisfeitos, mas não estamos. É desígnio do Eterno que não haja nada neste mundo para satisfazer minha alma, nada nos céus acima e nada abaixo. Diante do desejo da minha alma, as estrelas e os mundos, superiores e inferiores, todo o universo, é apenas uma doença odiosa, nada além disso. Esse é o significado. Tudo é um mal, a menos que esse seja o significado. Todo desejo é mau, a menos que esse seja o significado, a menos que você compreenda sua verdadeira importância, seu objetivo. Toda a natureza clama através de todos os átomos por uma coisa: a sua perfeita liberdade.

O que é então a religião prática? Para chegar a esse estado – liberdade, a conquista da liberdade. E este mundo, se nos ajudar a alcançar esse objetivo, [está] bem; caso contrário, se começar a unir mais uma camada das milhares que já existem, torna-se um mal. Posses, aprendizado, beleza, tudo mais – desde que nos ajudem a atingir esse objetivo, têm valor prático. Quando deixam de nos ajudar a alcançar esse objectivo de liberdade, constituem um perigo real. O que é então a religião prática? Utilize as coisas deste mundo e do próximo apenas para um objetivo – a conquista da liberdade. Cada prazer, cada grama de prazer deve ser comprado pelo dispêndio do coração e da mente infinitos combinados.

Veja a soma total do bem e do mal neste mundo. Isso mudou? Os tempos passaram e a religião prática funcionou durante muito tempo. O mundo pensava que a cada vez o problema seria resolvido. É sempre o mesmo

problema. Na melhor das hipóteses, muda de forma. ... Comercializa consumo e doenças nervosas por vinte mil lojas. . . . É como o velho reumatismo: tira-o de um lugar, ele vai para outro. Há cem anos, o homem caminhava a pé ou comprava cavalos. Agora ele está feliz porque anda de trem; mas ele está infeliz porque tem que trabalhar mais e ganhar mais. Cada máquina que economiza trabalho coloca mais pressão sobre o trabalho.

Este universo, natureza, ou como quer que você o chame, deve ser limitado; nunca pode ser ilimitado. O Absoluto, para se tornar natureza, deve ser limitado pelo tempo, espaço e causalidade. A energia [à nossa disposição] é limitada. Você pode gastá-lo em um lugar e perdê-lo em outro. A soma total é sempre a mesma. Onde quer que haja uma onda num lugar, há uma depressão em outro. Se uma nação ficar rica, outras ficarão pobres. O bem equilibra o mal. A pessoa que está no topo da onda no momento pensa que está tudo bem; a pessoa que está na base diz que o mundo é [todo mal]. Mas o homem que fica de lado vê o jogo divino acontecendo. Alguns choram e outros riem. Estes últimos chorarão por sua vez e os outros rirão. O que podemos fazer ? Sabemos que não podemos fazer nada. ...

Qual de nós faz alguma coisa porque quer fazer o bem? Quão poucos! Eles podem ser contados nos dedos. O resto de nós também faz o bem, mas porque somos forçados a fazê-lo. ... Não podemos parar. Seguimos em frente, sacudidos de um lugar para outro. O que podemos fazer? O mundo será o mesmo mundo, a terra a mesma. Ele será alterado de azul para marrom e de marrom para azul. Uma língua traduzida para outra, um conjunto de males transformado em outro conjunto de males – é isso que está acontecendo. ... Seis de um, meia dúzia do outro. O índio americano na floresta não pode assistir a uma palestra sobre metafísica como você, mas consegue digerir a sua refeição. Você o corta em pedaços e no momento seguinte ele está bem. Você e eu, se formos arranhados, teremos que ficar seis meses no hospital. ...

Quanto mais baixo o organismo, maior é o seu prazer nos sentidos. Pense nos animais mais inferiores e no poder do toque. Tudo é toque. ... Quando você chegar ao homem, verá que quanto mais baixa for a civilização do homem, maior será o poder dos sentidos. ... Quanto mais elevado o

organismo, menor é o prazer dos sentidos. Um cachorro pode comer uma refeição, mas não consegue compreender o prazer extraordinário de pensar sobre metafísica. Ele está privado do maravilhoso prazer que você obtém através do intelecto. Os prazeres dos sentidos são ótimos. Maior do que esses é o prazer do intelecto. Quando você participa de um belo jantar de cinquenta pratos em Paris, isso é realmente um prazer. Mas no observatório, olhando as estrelas, vendo. . . mundos chegando e se desenvolvendo – pense nisso! Deve ser maior, pois sei que você se esquece de comer. Esse prazer deve ser maior do que o que você obtém das coisas mundanas. Você se esquece de tudo sobre esposas, filhos, maridos e tudo mais; você esquece tudo sobre o plano dos sentidos. Isso é prazer intelectual. É senso comum que deve ser maior que o prazer sensorial. É sempre para uma alegria maior que você desiste da menor. Esta é a religião prática – a conquista da liberdade, da renúncia. Renúncia!

Renuncie ao inferior para poder alcançar o superior. Qual é a base da sociedade? Moralidade, ética, leis. Renúncia. Renuncie a toda tentação de tomar a propriedade do próximo, de impor as mãos sobre o próximo, a todo o prazer de tyrannizar os fracos, a todo o prazer de enganar os outros contando mentiras. A moralidade não é o fundamento da sociedade? O que é o casamento senão a renúncia à falta de castidade? O selvagem não se casa. O homem casa porque renuncia. E assim por diante. Renúncia! Renúncia! Sacrifício! Desistir! Não é para zero. Não por nada. Mas para chegar mais alto. Mas quem pode fazer isso? Você não pode, até que você alcance o mais alto. Você pode falar. Você pode ter dificuldades. Você pode tentar fazer muitas coisas. Mas a renúncia vem por si só quando você atinge o nível mais elevado. Então o menor desaparece por si mesmo.

Esta é a religião prática. O que mais? Limpar ruas e construir hospitais? O seu valor consiste apenas nesta renúncia. E não há fim para a renúncia. A dificuldade é que eles tentam colocar um limite nisso – até agora e não além. Mas não há limite para esta renúncia.

Onde Deus está, não há outro. Onde está o mundo, não há Deus. Esses dois nunca se unirão. [Como] luz e escuridão. Isso é o que entendi do Cristianismo e da vida do Mestre. Isso não é Budismo? Isso não é Hinduísmo? Isso não é Maometismo? Não é esse o ensinamento de todos os

grandes sábios e professores? Qual é o mundo que deve ser abandonado? Está aqui. Estou carregando tudo comigo. Meu próprio corpo. É por causa deste corpo que coloco voluntariamente a mão sobre o meu próximo, apenas para mantê-lo bonito e dar-lhe um pouco de prazer; [tudo por este corpo] que prejudico os outros e cometo erros. ...

Grandes homens morreram. Homens fracos morreram. Deuses morreram. Morte – morte em todos os lugares. Este mundo é um cemitério do passado infinito, mas nos apegamos a este [corpo]: “Eu nunca vou morrer”. Sabendo com certeza [que o corpo deve morrer] e ainda assim apegando-se a ele. Há significado nisso também [porque de certa forma não morremos]. O erro é que nos apegamos ao corpo quando é o espírito que é realmente imortal.

Todos vocês são materialistas porque acreditam que são o corpo. Se um homem me der um soco forte, eu diria que levei um soco. Se ele me bater, eu diria que estou atingido. Se eu não sou o corpo, por que deveria dizer isso? Não faz diferença se eu disser que sou o espírito. Eu sou o corpo agora. Eu me converti em matéria. É por isso que devo renunciar ao corpo, voltar ao que realmente sou. Eu sou o espírito – a alma que nenhum instrumento pode perfurar, nenhuma espada pode cortar em pedaços, nenhum fogo pode queimar, nenhum ar pode secar. Não nascido e não criado, sem começo e sem fim, imortal, sem nascimento e onipresente – isso é o que eu sou; e toda a miséria surge só porque penso que este pequeno pedaço de barro sou eu. Estou me identificando com a matéria e assumindo todas as consequências.

A religião prática é identificar-me com o meu Eu. Pare com essa identificação errada! Até que ponto você está avançado nisso? Você pode ter construído dois mil hospitais, construído cinquenta mil estradas, mas o que dizer disso, se você ainda não percebeu que você é o espírito? Você morre como um cachorro; morte, com os mesmos sentimentos que o cachorro. O cachorro uiva e chora porque sabe que é apenas matéria e que vai se dissolver.

Há morte, você sabe, morte inevitável, na água, no ar, no palácio, na prisão – morte em todo lugar. O que faz você destemido? Quando você tiver percebido o que você é – aquele espírito infinito, imortal, sem nascimento. Nenhum fogo pode queimar, nenhum instrumento pode matar, nenhum

veneno pode ferir. Não é teoria, veja bem. Não lendo livros. . . . [Não papagaio.] Meu antigo Mestre costumava dizer: "É muito bom ensinar o papagaio a dizer: 'Senhor, Senhor, Senhor' o tempo todo; mas deixe o gato vir e segurar seu pescoço, ele esquece tudo sobre isso" [Você pode] orar o tempo todo, ler todas as escrituras do mundo e adorar todos os deuses que existem, [mas] a menos que você perceba a alma, não há liberdade. Não falando, teorizando, argumentando, mas realizando. Isso eu chamo de religião prática.

Esta verdade sobre a alma deve ser ouvida primeiro. Se você já ouviu isso, pense nisso. Depois de fazer isso, medite sobre isso. Chega de discussões vãs! Satisfaça-se uma vez que você é o espírito infinito. Se isso for verdade, deve ser um absurdo dizer que você é o corpo. Você é o Eu, e isso deve ser realizado. O espírito deve ver a si mesmo como espírito. Agora o espírito se vê como corpo. Isso deve parar. No momento em que você começa a perceber isso, você está liberado.

Você vê este vidro e sabe que é simplesmente uma ilusão. Alguns cientistas dizem que é luz e vibração. ... Ver o espírito deve ser infinitamente mais real: do que isso, deve ser o único estado verdadeiro, a única sensação verdadeira, a única visão verdadeira. Todos esses [objetos que você vê] são apenas sonhos. Você sabe disso agora. Não apenas os velhos idealistas, mas os físicos modernos também dizem que a luz existe. Um pouco mais de vibração faz toda a diferença. ...

Você deve ver Deus. O espírito deve ser realizado, e isso é religião prática. Não é o que Cristo pregou que você chama de religião prática: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus". Foi uma piada? Qual é a religião prática em que você está pensando? Senhor nos ajude! "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus." Isso significa limpeza de ruas, construção de hospitais e tudo mais? Boas obras, quando você as realiza com a mente pura. Não dê vinte dólares ao homem e compre todos os jornais de São Francisco para ver o seu nome! Você não lê em seus próprios livros que nenhum homem irá ajudá-lo? Sirva como adoração ao próprio Senhor nos pobres, nos miseráveis, nos fracos. Feito isso, o resultado é secundário. Esse tipo de trabalho, feito sem

qualquer intenção de ganho, beneficia a alma. E mesmo destes é o Reino dos Céus.

O Reino dos Céus está dentro de nós. Ele está lá. Ele é a alma de todas as almas. Veja-O em sua própria alma. Essa é a religião prática. Isso é liberdade. Perguntemo-nos uns aos outros até que ponto estamos avançados nisso: até que ponto somos adoradores do corpo, ou verdadeiros crentes em Deus, o espírito; quanto acreditamos que somos espírito. Isso é altruísta. Isso é liberdade. Essa é a verdadeira adoração. Perceba-se. Isso é tudo que há para fazer. Conheça a si mesmo como você é – espírito infinito. Essa é a religião prática. Todo o resto é impraticável, pois todo o resto desaparecerá. Só isso nunca desaparecerá. É eterno. Os hospitais vão desabar. Todos os doadores de ferrovias morrerão. Esta terra será despedaçada, os sóis serão destruídos. A alma dura para sempre.

O que é mais elevado, correr atrás dessas coisas que perecem ou. . . . adorando aquilo que nunca muda? O que é mais prático, gastar todas as energias da vida para conseguir coisas, e antes que você as consiga, a morte chega e você tem que abandoná-las todas? – como o grande [governante] que conquistou tudo, [que quando] a morte chegou, disse: “Espalhe todos os potes de coisas diante de mim”. Ele disse: "Traga-me aquele grande diamante." E ele colocou-o no peito e chorou. Chorando assim, ele morreu como morre o cachorro.

O homem diz: “Eu vivo”. Ele não sabe que é o medo da morte que o faz agarrar-se servilmente à vida. Ele diz "Eu gosto". Ele nunca sonha que a natureza o escravizou.

A natureza oprime todos nós. Conte quanto prazer você sente. No longo prazo, a natureza fez o seu trabalho através de você e, quando você morrer, seu corpo fará com que outras plantas cresçam. No entanto, pensamos o tempo todo que nós mesmos estamos obtendo prazer. Assim a roda gira.

Portanto, compreender o espírito como espírito é religião prática. Todo o resto é bom na medida em que leva a esta grande ideia. Essa [realização] deve ser alcançada pela renúncia, pela meditação – renúncia a todos os sentidos, cortando os nós, as correntes que nos prendem à matéria. "Eu não quero obter vida material, não quero a vida dos sentidos, mas algo

superior." Isso é renúncia. Então, pelo poder da meditação, desfaça o mal que foi feito.

Estamos à disposição da natureza. Se houver som lá fora, tenho que ouvi-lo. Se algo está acontecendo, eu tenho que ver. Como macacos. Somos dois mil macacos concentrados, cada um de nós. Os macacos são muito curiosos. Portanto, não podemos evitar e chamamos isso de “desfrutar”. Maravilhoso esse idioma! Estamos curtindo o mundo! Não podemos deixar de gostar. A natureza quer que façamos isso. Um lindo som: estou ouvindo. Como se eu pudesse escolher ouvir ou não! A natureza diz: “Desça às profundezas da miséria”. Eu fico infeliz em um momento. ... Falamos sobre prazeres [dos sentidos] e posses. Um homem me acha muito instruído. Outro pensa: “Ele é um tolo”. Essa degradação, essa escravidão, sem saber de nada! No quarto escuro, batemos a cabeça um no outro.

O que é meditação? A meditação é o poder que nos permite resistir a tudo isso. A natureza pode nos chamar: “Olha, que coisa linda!” Eu não vejo. Agora ela diz: “Há um cheiro lindo; sinta-o!” Eu digo ao meu nariz: “Não sinta o cheiro”, e o nariz não sente. “Olhos, não vejam!” A natureza faz uma coisa horrível: mata um dos meus filhos e diz: “Agora, patife, sente-se e chore! Vá para as profundezas!” Eu digo: “Não preciso”. Eu pulo. Eu devo estar livre. Experimente às vezes. ... [Na meditação], por um momento, você pode mudar esta natureza. Agora, se você tivesse esse poder em si mesmo, isso não seria o paraíso, a liberdade? Esse é o poder da meditação.

Como isso pode ser alcançado? De uma dúzia de maneiras diferentes. Cada temperamento tem seu próprio jeito. Mas este é o princípio geral: controle a mente. A mente é como um lago, e cada pedra que cai nele levanta ondas. Essas ondas não nos deixam ver o que somos. A lua cheia se reflete na água do lago, mas a superfície está tão perturbada que não vemos o reflexo com clareza. Deixe ficar calmo. Não deixe a natureza levantar a onda. Fique quieto e depois de um tempo ela desistirá de você. Então sabemos o que somos. Deus já está aí, mas a mente está muito agitada, sempre correndo atrás dos sentidos. Você fecha os sentidos e [ainda] gira e gira. Neste exato momento acho que estou bem e vou meditar em Deus, e então minha mente vai para Londres em um minuto. E se eu tirar isso de lá, vou para Nova

York pensar nas coisas que fiz lá no passado. Estas [ondas] devem ser interrompidas pelo poder da meditação.

Lenta e gradualmente devemos nos treinar. Não é brincadeira – não é uma questão de um dia, ou de anos, ou talvez de nascimentos. Deixa para lá! A atração deve continuar. Conscientemente, voluntariamente, a atração deve continuar. Centímetro por centímetro ganharemos terreno. Começaremos a sentir e a obter bens reais, que ninguém pode tirar de nós – a riqueza que nenhum homem pode tirar, a riqueza que ninguém pode destruir, a alegria que nenhuma miséria pode mais prejudicar. ...

Todos estes anos dependemos dos outros. Se tenho um pouco de prazer e essa pessoa vai embora, meu prazer acaba. ... Veja a loucura do homem: ele depende dos homens para a felicidade! Todas as separações são uma miséria. Naturalmente. Dependendo da riqueza para a felicidade? Há flutuação de riqueza. Depender da saúde ou de qualquer coisa, exceto o espírito imutável, deve trazer miséria hoje ou amanhã.

Exceto o espírito infinito, todo o resto está mudando. Há o turbilhão da mudança. A permanência não está em nenhum lugar, exceto em você mesmo. Existe a alegria infinita, imutável. A meditação é a porta que abre isso para nós. Orações, cerimoniais e todas as outras formas de adoração são simplesmente jardins de infância de meditação. Você ora, você oferece algo. Existia uma certa teoria de que tudo aumentava o poder espiritual. O uso de certas palavras, flores, imagens, templos, cerimoniais, como o agitar de luzes, leva a mente a essa atitude, mas essa atitude está sempre na alma humana, em nenhum outro lugar. [As pessoas] estão todas fazendo isso; mas o que fazem sem saber, fazem-no com conhecimento de causa. Esse é o poder da meditação. Todo o conhecimento que você tem – como surgiu? Do poder da meditação. A alma extraiu o conhecimento de suas próprias profundezas. Que conhecimento existia fora dele? No longo prazo, esse poder de meditação nos separa do corpo, e então a alma conhece a si mesma como ela é – o ser não nascido, o ser imortal e o ser não nascido. Não há mais miséria, não há mais nascimentos nesta terra, não há mais evolução. [A alma sabe que sempre foi perfeita e livre.

4.3 ESCRITOS: PROSA

4.3.1 A ALMA É IMORTAL?

(A contribuição do Swamiji para a discussão desta questão, continuada nas páginas do The New York Morning Advertiser.)

"Ninguém tem poder para destruir o imutável." – Bhagavad-Gita.

No grande épico sânscrito, o Mahabhârata, a história é contada como o herói, Yudhishthira, quando solicitado pelo Dharma a contar o que era a coisa mais maravilhosa do mundo, respondeu que era a crença persistente da espécie humana em sua própria imortalidade. apesar de testemunharem a morte em todos os lugares ao seu redor, quase todos os momentos de suas vidas. E, de fato, esta é a maravilha mais estupenda da vida humana. Apesar de todos os argumentos em contrário, defendidos em diferentes épocas por diferentes escolas, apesar da incapacidade da razão de penetrar o véu de mistério que sempre pairará entre os mundos sensorial e supra-sensível, o homem está completamente persuadido de que não pode morrer.

Podemos estudar toda a nossa vida e, no final, não conseguirmos trazer o problema da vida e da morte para o plano da demonstração racional, afirmativa ou negativa. Podemos falar ou escrever, pregar ou ensinar, a favor ou contra a permanência ou impermanência da existência humana, tanto quanto quisermos; podemos tornar-nos partidários violentos deste ou daquele lado; podemos inventar centenas de nomes, cada um mais complexo que o seu antecessor, e nos acalmarmos num descanso momentâneo sob a ilusão de termos resolvido o problema de uma vez por todas; podemos nos apegar com todas as nossas forças a qualquer uma das curiosas superstições religiosas ou às superstições científicas muito mais questionáveis - mas no final, nos encontramos jogando um jogo externo na pista de boliche da razão e levantando pino após pino intelectual, apenas para ser derrubado repetidas vezes.

Mas por trás de toda esta tensão mental e tortura, não raramente produtiva de resultados mais perigosos do que meros jogos, existe um facto incontestável e incontestável - o facto, a maravilha, que o Mahabharata

aponta como a incapacidade da nossa mente de conceber a nossa própria aniquilação. Mesmo para imaginar a minha própria aniquilação, terei de ficar parado e olhar como testemunha.

Agora, antes de tentar compreender o que significa este curioso fenómeno, queremos notar que sobre este facto o mundo inteiro se baseia. A permanência do mundo externo está inevitavelmente ligada à permanência do interno; e, por mais plausível que possa parecer qualquer teoria do universo que afirme a permanência de uma e negue a da outra, o próprio teórico descobrirá que em seu próprio mecanismo nenhuma ação consciente é possível, sem a permanência tanto da ação interna quanto da outra. os mundos externos são um dos fatores da causa motivadora. Embora seja perfeitamente verdade que quando a mente humana transcende as suas próprias limitações, encontra a dualidade reduzida a uma unidade indivisível, deste lado do incondicionado, todo o mundo objectivo - isto é, o mundo que conhecemos - é e pode ser conhecido por nós como existindo para o sujeito e, portanto, antes que possamos conceber a aniquilação do sujeito, somos obrigados a conceber a aniquilação do objeto.

Até agora está bastante claro. Mas agora vem a dificuldade. Normalmente não consigo pensar em mim como outra coisa senão um corpo. Minha ideia de minha própria permanência inclui minha ideia de mim mesmo como corpo. Mas o corpo é obviamente impermanente, assim como toda a natureza – uma quantidade em constante desaparecimento.

Onde está, então, essa permanência?

Existe mais um fenómeno maravilhoso relacionado à nossa vida, sem o qual “quem poderá viver, quem poderá aproveitar a vida por um momento?” - a ideia de liberdade.

Esta é a ideia que orienta cada passo nosso, torna possíveis os nossos movimentos, determina as nossas relações uns com os outros - ou melhor, é a própria trama da estrutura da vida humana. O conhecimento intelectual tenta expulsá-lo centímetro a centímetro de seu território, poste após poste é arrancado de seus domínios, e cada passo é dado de forma rápida e firme, com as ferrovias de causa e efeito. Mas ele ri de todas as nossas tentativas e, eis que se mantém acima de toda essa enorme pilha de leis e causas com as

quais tentamos sufocá-lo até a morte! Como pode ser de outra forma? O limitado sempre requer uma generalização superior do ilimitado para se explicar. O limite só pode ser explicado pelo livre, o causado pelo incausado. Mas, novamente, a mesma dificuldade também está aqui. O que é grátis? O corpo ou mesmo a mente? É evidente para todos que eles estão tão sujeitos à lei quanto qualquer outra coisa no universo.

Agora o problema se resolve neste dilema: ou todo o universo é uma massa de mudanças incessantes e nada mais, irrevogavelmente limitado pela lei da causalidade, nenhuma partícula tendo unidade em si mesma, mas curiosamente produzindo uma ilusão inerradicável de permanência e liberdade, ou existe em nós e no universo algo que é permanente e livre, mostrando que a crença constitucional básica da mente humana não é uma ilusão. É dever da ciência explicar os fatos levando-os a uma generalização superior. Qualquer explicação, portanto, que queira primeiro destruir uma parte do fato dado a ser explicado, para se ajustar ao restante, não é científica, seja lá o que for.

Portanto, qualquer explicação que queira ignorar o facto desta ideia persistente e tão necessária de liberdade comete o erro acima mencionado de negar uma parte do facto a fim de explicar o resto, e é, portanto, errada. A única outra alternativa possível, então, é reconhecer, em harmonia com a nossa natureza, que existe algo em nós que é livre e permanente.

Mas não é o corpo; nem é a mente. O corpo está morrendo a cada minuto. A mente está em constante mudança. O corpo é uma combinação, assim como a mente, e como tal nunca poderá alcançar um estado além de toda mudança. Mas além deste revestimento momentâneo de matéria grosseira, além até mesmo da cobertura mais fina da mente, está o Âtman, o verdadeiro Eu do homem, o permanente, o sempre livre. É a sua liberdade que se infiltra através das camadas do pensamento e da matéria e, apesar das cores do nome e da forma, está sempre a afirmar a sua existência livre. É a sua imortalidade, a sua felicidade, a sua paz, a sua divindade que brilha e se faz sentir apesar das mais espessas camadas de ignorância. Ele é o homem real, o destemido, o imortal, o livre.

Ora, a liberdade só é possível quando nenhum poder externo pode exercer qualquer influência, produzir qualquer mudança. A liberdade só é possível

para o ser que está além de todas as condições, de todas as leis, de todas as amarras de causa e efeito. Em outras palavras, somente o imutável pode ser livre e, portanto, imortal. Este Ser, este Atman, este verdadeiro Eu do homem, o livre, o imutável, está além de todas as condições e, como tal, não tem nascimento nem morte.

"Sem nascimento ou morte, eterna e sempre existente é esta alma do homem."

4.3.2 REENCARNAÇÃO

(Contribuído para a Metaphysical Magazine, Nova York, março de 1895)

"Tanto você quanto eu passamos por muitos nascimentos; você não os conhece, eu conheço todos eles." - Bhagavad-Gita

Dos muitos enigmas que deixaram perplexo o intelecto do homem em todos os climas e épocas, o mais complexo é ele mesmo. Da miríade de mistérios que despertaram suas energias na luta por uma solução desde o início da história, o mais misterioso é a sua própria natureza. É ao mesmo tempo o enigma mais insolúvel e o problema de todos os problemas. Como ponto de partida e repositório de tudo o que sabemos, sentimos e fazemos, nunca houve, nem haverá, um tempo em que a própria natureza do homem deixará de exigir a sua melhor e mais importante atenção.

Embora através da fome daquela verdade, que de todas as outras tem a ligação mais íntima com a sua própria existência, embora através de um desejo absorvente de um padrão interior pelo qual medir o universo exterior, embora através da necessidade absoluta e inerente de encontrar um padrão fixo ponto em um universo de mudança, o homem às vezes se agarrou a punhados de pó em busca de ouro, e mesmo quando instigado por uma voz superior à razão ou ao intelecto, ele muitas vezes falhou em interpretar corretamente o verdadeiro significado da divindade interior - ainda existe Nunca houve um tempo, desde o início da busca, em que alguma raça, ou alguns indivíduos, não erguesse a lâmpada da verdade.

Tomando uma visão unilateral, superficial e preconceituosa do ambiente e dos detalhes não essenciais, às vezes também enojados com a imprecisão de muitas escolas e seitas, e muitas vezes, infelizmente, levados ao extremo oposto pelas violentas superstições do sacerdócio organizado - os homens têm não tem faltado, especialmente entre os intelectos avançados, tanto nos tempos antigos como nos modernos, que não apenas desistiram da busca em desespero, mas a declararam infrutífera e inútil. Os filósofos podem preocupar-se e zombar, e os sacerdotes exercem o seu ofício mesmo sob a ponta da espada, mas a verdade chega apenas àqueles que adoram no seu santuário apenas por causa dela, sem medo e sem compras.

A luz chega aos indivíduos através dos esforços conscientes do seu intelecto; porém, chega lentamente a toda a raça através de infiltrações inconscientes. Os filósofos mostram as lutas volitivas das grandes mentes; a história revela o processo silencioso de permeação através do qual a verdade é absorvida pelas massas.

De todas as teorias sustentadas pelo homem sobre si mesmo, a de uma entidade anímica, separada do corpo e imortal, tem sido a mais difundida; e entre aqueles que acreditavam em tal alma, a maioria dos pensativos sempre acreditou também na sua pré-existência.

Atualmente, a maior parte da raça humana, tendo uma religião organizada, acredita nela; e muitos dos melhores pensadores nas terras mais favorecidas, embora nutridos em religiões declaradamente hostis a qualquer ideia da preexistência da alma, endossaram-na. O Hinduísmo e o Budismo têm isso como base; as classes instruídas dos antigos egípcios acreditavam nisso; os antigos persas chegaram a isso; os filósofos gregos fizeram dela a pedra angular da sua filosofia; os fariseus entre os hebreus aceitaram; e os sufis entre os maometanos reconheceram quase universalmente a sua verdade.

Deve haver ambientes peculiares que gerem e promovam certas formas de crença entre as nações. Foram necessários séculos para que as raças antigas chegassem a qualquer ideia sobre uma parte, até mesmo do corpo, que sobrevivesse após a morte; demorou muito mais para chegar a qualquer ideia racional sobre esse algo que persiste e vive à parte do corpo. Foi somente quando se chegou à ideia de uma entidade cuja ligação com o

corpo era apenas por um tempo, e apenas entre as nações que chegaram a tal conclusão, que surgiu a questão inevitável: para onde? De onde?

Os antigos hebreus nunca perturbaram a sua equanimidade questionando-se sobre a alma. Com eles a morte acabou com tudo. Karl Heckel diz com razão: "Embora seja verdade que no Antigo Testamento, antes do exílio, os hebreus distinguem um princípio de vida, diferente do corpo, que às vezes é chamado de 'Nephesh', ou 'Ruakh', ou 'Neshama' , mas todas essas palavras correspondem mais à ideia de respiração do que à de espírito ou alma. Também nos escritos dos judeus palestinos, após o exílio, nunca é feita menção a uma alma imortal individual, mas sempre apenas a uma vida. - sopro que emana de Deus, que, após a dissolução do corpo, é reabsorvido no Divino 'Ruakh'."

Os antigos egípcios e os caldeus tinham crenças próprias sobre a alma; mas as suas ideias sobre esta parte viva após a morte não devem ser confundidas com as dos antigos hindus, dos persas, dos gregos ou de qualquer outra raça ariana. Houve, desde os primeiros tempos, uma ampla distinção entre os Âryas e os Mlechchhas que não falam sânscrito na concepção da alma. Externamente, isso era tipificado pela eliminação dos mortos - os Mlechchhas, em sua maioria, tentavam ao máximo preservar os cadáveres, seja por um enterro cuidadoso ou por processos mais elaborados de mumificação, e os Aryas geralmente queimavam seus mortos.

Aqui reside a chave para um grande segredo – o fato de que nenhuma raça Mlechchha, seja egípcia, assíria ou babilônica, jamais alcançou a ideia da alma como uma entidade separada que pode viver independente do corpo, sem a ajuda dos Aryas. , especialmente dos hindus.

Embora Heródoto afirme que os egípcios foram os primeiros a conceber a ideia da imortalidade da alma, e afirme como doutrina dos egípcios “que a alma após a dissolução do corpo entra repetidamente em uma criatura que ganha vida; então, que a alma vagueia por todos os animais da terra e do mar e por todos os pássaros, e finalmente depois de três mil anos retorna a um corpo humano", ainda assim, as pesquisas modernas em egiptologia não encontraram até agora nenhum vestígio de metempsicose no religião popular egípcia. Por outro lado, as pesquisas mais recentes de Maspero, A.

Erman e outros eminentes egiptólogos tendem a confirmar a suposição de que a doutrina da palingenesia não era familiar aos egípcios.

Para os antigos egípcios, a alma era apenas um duplo, sem individualidade própria e nunca capaz de romper a ligação com o corpo. Persiste apenas enquanto o corpo durar; e se por acaso o cadáver for destruído, a alma que partiu deverá sofrer uma segunda morte e aniquilação. A alma após a morte foi autorizada a vagar livremente por todo o mundo, mas sempre retornando à noite para onde estava o cadáver, sempre miserável, sempre com fome e sede, sempre extremamente desejosa de aproveitar a vida mais uma vez, e nunca sendo capaz de realizar o desejo. Se alguma parte do seu antigo corpo fosse ferida, a alma também seria invariavelmente ferida na parte correspondente. E esta ideia explica a solicitude dos antigos egípcios em preservar os seus mortos. A princípio os desertos foram escolhidos como local de sepultamento, porque a secura do ar não permitia que o corpo morresse logo, concedendo assim à alma que partiu um longo período de existência. Com o passar do tempo, um dos deuses descobriu o processo de fazer múmias, através do qual os devotos esperavam preservar os cadáveres de seus ancestrais por um período de tempo quase infinito, garantindo assim a imortalidade ao fantasma que partiu, por mais miserável que fosse.

O arrependimento perpétuo pelo mundo, no qual a alma não pode mais se interessar, nunca deixou de torturar o falecido. "Ó, meu irmão", exclama o falecido, "não se abstenha de beber e comer, de embriaguez, de amor, de todo prazer, de seguir seu desejo noite e dia; não coloque tristeza dentro de seu coração, pois, o que são os anos do homem na terra? O Ocidente é uma terra de sono e de sombras pesadas, um lugar onde os habitantes, uma vez instalados, dormem em suas formas de múmia, nunca mais acordando para ver seus irmãos e nunca mais reconhecerem seus pais; e mães, com o coração esquecido de suas esposas e filhos. A água viva que a terra dá a todos os que nela habitam é para mim estagnada e morta; essa água flui para todos os que estão na terra, enquanto para mim é apenas putrefação líquida; , esta água que é minha. Desde que entrei neste vale funerário não sei onde nem o que estou. Dá-me de beber água corrente, . para que a brisa me acaricie e meu coração seja refrescado de sua tristeza." [15]

Também entre os caldeus, embora não especulassem tanto quanto os egípcios sobre a condição da alma após a morte, a alma ainda é um duplo e está ligada ao seu sepulcro. Eles também não podiam conceber um estado sem este corpo físico e esperavam uma ressurreição do cadáver novamente para a vida; e embora a deusa Ishtar, após grandes perigos e aventuras, tenha conseguido a ressurreição de seu pastor, marido, Dumuzi, filho de Ea e Damkina, "Os devotos mais piedosos imploraram sob chuva de templo em templo, pela ressurreição de seus amigos mortos ."

Assim descobrimos que os antigos egípcios ou caldeus nunca conseguiram dissociar inteiramente a ideia da alma do cadáver do falecido ou do sepulcro. Afinal, o estado da existência terrena era o melhor; e os que partiram estão sempre ansiosos por ter mais uma vez a oportunidade de renová-lo; e os vivos esperam fervorosamente ajudá-los a prolongar a existência do duplo miserável e esforçam-se ao máximo para ajudá-los.

Este não é o solo do qual poderia surgir qualquer conhecimento superior da alma. Em primeiro lugar, é grosseiramente materialista e, mesmo assim, é de terror e agonia. Assustadas pelos quase inumeráveis poderes do mal, e com esforços desesperados e agonizantes para evitá-los, as almas dos vivos, tal como as suas ideias sobre as almas dos que partiram - vagando por todo o mundo, por mais que pudessem - nunca poderiam ir além do sepulcro. e o cadáver em ruínas.

Devemos agora nos voltar para a fonte das ideias mais elevadas da alma, para outra raça, cujo Deus era um Ser todo-misericordioso e onipresente, manifestando-se através de vários Devas brilhantes, benignos e prestativos, o primeiro de toda a raça humana que dirigiu-se a seu Deus como Pai: "Oh, pegue-me pelas mãos assim como um pai pega seu filho querido"; para quem a vida era uma esperança e não um desespero; cuja religião não eram os gemidos intermitentes que escapavam dos lábios de um homem agonizante durante os intervalos de uma vida de louca excitação; mas cujas ideias nos chegam impregnadas do aroma do campo e da floresta; cujos cantos de louvor - espontâneos, livres, alegres, como os cantos que irrompem da garganta dos pássaros quando saudam este belo mundo iluminado pelos primeiros raios do senhor do dia - chegam até nós agora

mesmo através da vista de oitenta séculos como novos apelos do céu; nos voltamos para os antigos Aryas.

“Coloque-me naquele mundo imortal e imorredoura onde está a luz do céu e o brilho eterno brilha”; “Faça-me imortal naquele reino onde mora o filho do Rei Vivasvân, onde está o santuário secreto do céu”; “Faça-me imortal naquele reino onde eles se movem enquanto listam”; “Na terceira esfera do céu mais íntimo, onde os mundos estão cheios de luz, torne-me imortal naquele reino de bem-aventurança” – Estas são as orações dos Aryas em seu registro mais antigo, o Rig-Veda Samhitâ.

Encontramos ao mesmo tempo todo um mundo de diferenças entre os ideais Mlechchha e os arianos. Para aquele, este corpo e este mundo são tudo o que é real e tudo o que é desejável. Um pouco de fluido vital que sai do corpo na morte, para sentir tortura e agonia pela perda dos prazeres dos sentidos, pode, eles esperam com carinho, ser trazido de volta se o corpo for cuidadosamente preservado; e assim um cadáver tornou-se mais objeto de cuidado do que o homem vivo. O outro descobriu que aquele que saiu do corpo era o verdadeiro homem; e quando separado do corpo, desfrutou de um estado de bem-aventurança mais elevado do que jamais desfrutou quando estava no corpo. E eles se apressaram em aniquilar o cadáver corrompido, queimando-o.

Aqui encontramos o germe do qual poderia surgir uma verdadeira ideia da alma. Foi aqui - onde o homem real não era o corpo, mas a alma, onde todas as ideias de uma ligação inseparável entre o homem real e o corpo estavam totalmente ausentes - que uma nobre ideia da liberdade da alma pôde surgir. E foi quando os Aryas penetraram ainda mais além do tecido brilhante do corpo com o qual a alma que partiu estava envolvida, e encontraram sua verdadeira natureza de um princípio unitário, individual e sem forma, que a questão inevitavelmente surgiu: De onde?

Foi na Índia e entre os Aryas que surgiu pela primeira vez a doutrina da pré-existência, da imortalidade e da individualidade da alma. Pesquisas recentes no Egito não conseguiram mostrar qualquer vestígio das doutrinas de uma alma independente e individual existente antes e depois da fase terrena da existência. Alguns dos mistérios estavam, sem dúvida, de posse dessa ideia, mas naqueles ela foi atribuída à Índia.

“Estou convencido”, diz Karl Heckel, “de que quanto mais nos aprofundamos no estudo da religião egípcia, mais claramente se mostra que a doutrina da psicose metem era inteiramente estranha à religião popular egípcia; e que mesmo aquela que isoladamente os mistérios que possuía não eram inerentes aos ensinamentos de Osíris, mas derivados de fontes hindus.”

Mais tarde, encontramos os judeus alexandrinos imbuídos da doutrina da alma individual, e os fariseus do tempo de Jesus, como já foi dito, não só tinham fé numa alma individual, mas acreditavam na sua peregrinação por vários corpos; e assim é fácil descobrir como Cristo foi reconhecido como a encarnação de um profeta mais antigo, e o próprio Jesus afirmou diretamente que João Batista era o profeta Elias que voltou novamente. "Se quereis recebê-lo, este é Elias, que estava por vir." — Matt. XI. 14.

As idéias de uma alma e de sua individualidade entre os hebreus evidentemente vieram através dos ensinamentos místicos superiores dos egípcios, que por sua vez as derivaram da Índia. E o facto de ter passado por Alexandria é significativo, pois os registos budistas mostram claramente a actividade missionária budista em Alexandria e na Ásia Menor.

Diz-se que Pitágoras foi o primeiro grego a ensinar a doutrina da palingenesia entre os helenos. Sendo uma raça ariana, já queimando seus mortos e acreditando na doutrina da alma individual, foi fácil para os gregos aceitarem a doutrina da reencarnação através dos ensinamentos pitagóricos. Segundo Apuleio, Pitágoras veio para a Índia, onde foi instruído pelos brâmanes.

Até agora aprendemos que onde quer que a alma fosse considerada um indivíduo, o homem real, e não apenas uma parte vivificante do corpo, a doutrina da sua pré-existência tinha inevitavelmente surgido, e que externamente aquelas nações que acreditavam na a individualidade independente da alma quase sempre significou isso pela queima dos corpos dos falecidos. Embora uma das antigas raças arianas, a persa, tenha se desenvolvido num período inicial e sem nenhuma; Influência semítica, um método peculiar de descarte dos corpos dos mortos, o próprio nome pelo qual chamam suas “Torres do silêncio”, vem da raiz Dah, queimar.

Em suma, as raças que não prestaram muita atenção à análise da sua própria natureza, nunca foram além do corpo material como o seu tudo em tudo, e mesmo quando levadas pela luz superior a penetrar além, apenas chegaram à conclusão de que de alguma forma ou outro, em algum período distante de tempo, este corpo se tornará incorruptível.

Por outro lado, aquela raça que gastou a maior parte das suas energias na investigação da natureza do homem como ser pensante - o Indo-Ariano - depressa descobriu que para além deste corpo, para além até mesmo do corpo brilhante que os seus antepassados desejavam depois, vem o homem real, o princípio, o indivíduo que se veste com esse corpo e depois o joga fora quando desgastado. Esse princípio foi criado? Se a criação significa algo que surge do nada, a sua resposta é um decisivo "Não". Esta alma não tem nascimento nem morte; não é um composto ou combinação, mas um indivíduo independente e, como tal, não pode ser criado ou destruído. Ele está viajando apenas por vários estados.

Naturalmente, surge a pergunta: onde foi esse tempo todo? Os filósofos hindus dizem: "Estava passando por diferentes corpos no sentido físico, ou, falando real e metafisicamente, passando por diferentes planos mentais."

Existem provas, além dos ensinamentos dos Vedas, sobre as quais a doutrina da reencarnação foi fundada pelos filósofos hindus? Existem, e esperamos mostrar mais tarde, que existem bases tão válidas para ela como para qualquer outra doutrina universalmente aceite. Mas primeiro veremos o que alguns dos maiores pensadores europeus modernos pensaram sobre a reencarnação.

I. H. Fichte, falando sobre a imortalidade da alma, diz:

"É verdade que existe uma analogia na natureza que pode ser apresentada na refutação da continuidade. É o argumento bem conhecido de que tudo o que tem um começo no tempo também deve perecer em algum período de tempo; portanto, que o alegado a existência passada da alma implica necessariamente a sua pré-existência. Esta é uma conclusão justa, mas em vez de ser uma objecção, é antes um argumento adicional para a sua continuação. axioma fisiológico de que na realidade nada pode ser criado

ou aniquilado, para reconhecer que a alma deve ter existido antes de se tornar visível num corpo físico.”

Schopenhauer, em seu livro *O mundo como vontade e representação*, falando sobre palingenesia, diz:

"O que o sono é para o indivíduo, a morte é para a 'vontade'. Ela não suportaria continuar as mesmas ações e sofrimentos por uma eternidade sem ganho verdadeiro, se a memória e a individualidade lhe permanecessem. Ela os atira fora, e isso é Lete, e através deste sono de morte ele reaparece equipado com outro intelecto como um novo ser; um novo dia tenta para novas terras. Esses constantes novos nascimentos constituem, então, a sucessão dos sonhos de vida de uma vontade que em si é indestrutível, até ser instruído e melhorado por tantos e tão diversos conhecimentos sucessivos numa forma constantemente nova, ele se abole e se anula... Não deve ser negligenciado que mesmo os fundamentos empíricos apoiam uma palingenesia deste tipo. , existe uma ligação entre o nascimento dos seres recém-aparecidos e a morte daqueles que estão desgastados. Ela se manifesta na grande fecundidade da raça humana que surge como consequência de doenças devastadoras. A Peste Negra despovoou em grande parte o Velho Mundo, uma fecundidade bastante anormal apareceu entre a raça humana e os nascimentos de gêmeos eram muito frequentes. A circunstância também foi notável: nenhuma das crianças nascidas nessa época obteve o número total de dentes; assim, a natureza, esforçando-se ao máximo, era mesquinha nos detalhes. Isto é relatado por F. Schnurrer em seu *Chronik der Seuchen*, 1825. Casper, também, em seu *Ueber die Wahrscheinliche Lebensdauer des Menschen*, 1835, confirma o princípio de que o número de nascimentos em uma determinada população tem a influência mais decisiva sobre o comprimento da vida e da mortalidade nele, pois isso sempre acompanha o ritmo da mortalidade; de modo que sempre e em toda parte as mortes e os nascimentos aumentam e diminuem na mesma proporção, o que ele coloca fora de dúvida por um acúmulo de evidências coletadas em muitas terras e suas diversas províncias. E, no entanto, é impossível que possa haver uma ligação física e causal entre a minha morte prematura e a fecundidade de um casamento com o qual não tenho nada a ver, ou vice-versa. Assim, aqui o metafísico aparece inegável, e de maneira estupenda, como a base

imediate da explicação do físico. Todo ser recém-nascido chega revigorado e alegre à nova existência e desfruta dela como um presente gratuito; mas não há e não pode haver nada dado gratuitamente. A sua nova existência é paga pela velhice e pela morte de uma existência desgastada que pereceu, mas que continha a semente indestrutível da qual surgiu a nova existência; eles são um só ser."

O grande filósofo inglês Hume, por mais niilista que fosse, diz no ensaio cético sobre a imortalidade: "A metempsicose é, portanto, o único sistema deste tipo que a filosofia pode ouvir." O filósofo Lessing, com um profundo discernimento poético, pergunta: "Será esta hipótese tão ridícula apenas porque é a mais antiga, porque a compreensão humana, antes que os sofismas das escolas a tivessem dissipado e debilitado, caiu sobre ela imediatamente? ... Por que não deveria eu voltar sempre que sou capaz de adquirir novos conhecimentos, novas experiências?"

Os argumentos a favor e contra a doutrina de uma alma preexistente reencarnando através de muitas vidas têm sido muitos, e alguns dos maiores pensadores de todas as épocas aceitaram o desafio para defendê-la; e até onde podemos ver, se existe uma alma individual, parece inevitável que ela existisse antes. Se a alma não é um indivíduo, mas uma combinação de "Skandhas" (noções), como insistem os Mâdhyamikas entre os budistas, ainda assim eles consideram a pré-existência absolutamente necessária para explicar a sua posição.

O argumento que mostra a impossibilidade de uma existência infinita começando no tempo é irrespondível, embora tenham sido feitas tentativas para evitá-lo, apelando à onipotência de Deus para fazer qualquer coisa, por mais contrária à razão que seja. Lamentamos descobrir que este argumento falacioso procede de algumas das pessoas mais ponderadas.

Em primeiro lugar, sendo Deus a causa universal e comum de todos os fenômenos, a questão era encontrar as causas naturais de certos fenômenos na alma humana, e a teoria de Deus ex machina é, portanto, bastante irrelevante. Isso equivale a nada menos que confissão de ignorância. Podemos dar essa resposta a todas as perguntas feitas em todos os ramos do conhecimento humano e interromper completamente toda a investigação e, portanto, todo o conhecimento.

Em segundo lugar, este apelo constante à onipotência de Deus é apenas um quebra-cabeças de palavras. A causa, como causa, é e só pode ser conhecida por nós como suficiente para o efeito, e nada mais. Como tal, não temos mais idéia de um efeito infinito do que de uma causa onipotente. Além disso, todas as nossas ideias sobre Deus são apenas limitadas; até mesmo a ideia de causa limita a nossa ideia de Deus. Em terceiro lugar, mesmo tomando esta posição como certa, não somos obrigados a permitir quaisquer teorias absurdas como “Algo que surge do nada” ou “O infinito começa no tempo”, desde que possamos dar uma explicação melhor.

Um chamado grande argumento é apresentado contra a ideia de pré-existência, afirmando que a maioria da humanidade não tem consciência dela. Para provar a validade deste argumento, quem o apresenta deve provar que toda a alma do homem está ligada à faculdade da memória. Se a memória é o teste da existência, então toda aquela parte de nossas vidas que não está presente nela deve ser inexistente, e toda pessoa que está em estado de coma ou perde a memória também deve ser inexistente.

As premissas a partir das quais se extrai a inferência de uma existência anterior, e também no plano da ação consciente, conforme aduzidas pelos filósofos hindus, são principalmente estas:

Primeiro, de que outra forma explicar este mundo de desigualdades? Aqui está uma criança nascida na província de um Deus justo e misericordioso, com todas as circunstâncias conduzindo a tornar-se um membro bom e útil da raça humana, e talvez no mesmo instante e na mesma cidade outra criança nasça sob circunstâncias todas um dos quais é contra ele se tornar bom. Vemos crianças nascidas para sofrer, talvez durante toda a vida, e isso sem culpa alguma. Por que deveria ser assim? Qual é a causa? Da ignorância de quem é o resultado? Se não a criança, por que ela deveria sofrer pelas ações dos pais?

É muito melhor confessar a ignorância do que tentar fugir da questão através da atração de prazeres futuros proporcionais ao mal aqui, ou colocando “mistérios”. Não só o sofrimento imerecido que nos é imposto por qualquer agente é imoral — para não dizer injusto — mas mesmo a teoria da construção do futuro não tem bases para se sustentar.

Quanto dos nascidos miseravelmente lutam por uma vida superior e quanto mais sucumbem às circunstâncias sob as quais são colocados? Deverão aqueles que se tornam piores e mais perversos por serem forçados a nascer sob circunstâncias más serem recompensados no futuro pela maldade das suas vidas? Nesse caso, quanto mais perverso for o homem aqui, melhores serão seus merecimentos no futuro.

Não há outra maneira de reivindicar a glória e a liberdade da alma humana e reconciliar as desigualdades e os horrores deste mundo do que colocar todo o fardo sobre a causa legítima – as nossas próprias ações independentes ou Karma. Não apenas isso, mas toda teoria da criação da alma a partir do nada leva inevitavelmente ao fatalismo e à pré-ordenação e, em vez de um Pai Misericordioso, coloca diante de nós um Deus hediondo, cruel e sempre irado para adorar. E no que diz respeito ao poder da religião para o bem ou para o mal, esta teoria de uma alma criada, levando aos seus corolários de fatalismo e predestinação, é responsável pela horrível ideia que prevalece entre alguns cristãos e muçulmanos de que os pagãos são as vítimas legítimas. de suas espadas, e todos os horrores que se seguiram e ainda seguem.

Mas um argumento que os filósofos da escola Nyâya sempre apresentaram em favor das reencarnações e que nos parece conclusivo é este: As nossas experiências não podem ser aniquiladas. Nossas ações (Karma), embora aparentemente desapareçam, permanecem ainda despercebidas (Adrishta) e reaparecem novamente em seus efeitos como tendências (Pravrittis). Até os bebês têm certas tendências – medo da morte, por exemplo.

Agora, se uma tendência é o resultado de ações repetidas, as tendências com as quais nascemos também devem ser explicadas com base nisso. Evidentemente não poderíamos tê-los conseguido nesta vida; portanto, devemos procurar a sua gênese no passado. Agora também é evidente que algumas de nossas tendências são efeitos de esforços autoconscientes peculiares ao homem; e se é verdade que nascemos com tais tendências, segue-se rigorosamente que as suas causas foram esforços conscientes no passado - isto é, devemos ter estado no mesmo plano mental que chamamos de plano humano, antes desta vida presente.

No que diz respeito à explicação das tendências da vida presente através de esforços conscientes passados, os reencarnacionistas da Índia e a mais recente escola de evolucionistas o fazem ao mesmo tempo; a única diferença é que os hindus, como espiritualistas, explicam isso pelos esforços conscientes das almas individuais, e a escola materialista dos evolucionistas, por uma transmissão física hereditária. As escolas que defendem a teoria da criação a partir do nada estão inteiramente fora do tribunal.

A questão tem de ser discutida entre os reencarnacionistas que sustentam que todas as experiências são armazenadas como; tendências no sujeito dessas experiências, a alma individual, e são transmitidas pela reencarnação dessa individualidade ininterrupta - e os materialistas que sustentam que o cérebro é o sujeito de todas as ações e a teoria da transmissão através das células.

É assim que a doutrina da reencarnação assume uma importância infinita para a nossa mente, pois a luta entre a reencarnação e a mera transmissão celular é, na realidade, a luta entre o espiritismo e o materialismo. Se a transmissão celular é a explicação totalmente suficiente, o materialismo é inevitável e não há necessidade da teoria da alma. Se não for uma explicação suficiente, a teoria de uma alma individual trazendo para esta vida as experiências do passado é absolutamente verdadeira. Não há como escapar da alternativa, da reencarnação ou do materialismo. Qual devemos aceitar?

4.3.3 NO DR. PAUL DEUSSEN

(Escrito para o Brahnavâdin, 1896.)

Mais de uma década se passou desde que um jovem estudante alemão, um dos oito filhos de um clérigo não muito abastado, ouviu certo dia o professor Lassen dar uma palestra sobre uma língua e literatura novas - muito novas mesmo naquela época - para Estudiosos europeus, nomeadamente, sânscrito. As palestras eram obviamente gratuitas; pois mesmo agora é impossível para qualquer pessoa em qualquer Universidade

Europeia ganhar a vida ensinando Sânscrito, a menos que a Universidade o apoie.

Lassen foi quase o último daquele heróico grupo de estudiosos alemães, os pioneiros dos estudos em sânscrito na Alemanha. Certamente eles foram heróicos - que interesse, exceto seu amor puro e altruísta pelo conhecimento, os estudiosos alemães poderiam ter tido naquela época pela literatura indiana? O professor veterano estava expondo um capítulo de Shakuntalâ; e naquele dia não havia ninguém presente ouvindo com mais entusiasmo e atenção a exposição de Lassen do que nosso jovem estudante. O tema da exposição era certamente interessante e maravilhoso, mas mais maravilhoso era a língua estranha, cujos sons estranhos, embora pronunciados com todas aquelas peculiaridades difíceis a que as consoantes sânscritas estão sujeitas na boca de europeus não habituados, tinham estranhos fascínio por ele. Ele voltou para seu alojamento, mas naquela noite o sono não conseguiu fazê-lo esquecer o que ouvira. Um vislumbre de uma terra até então desconhecida lhe foi dada, uma terra muito mais linda em suas cores do que qualquer outra que ele já tinha visto, e com um poder de fascínio nunca experimentado por sua alma jovem e ardente.

Naturalmente, seus amigos aguardavam ansiosamente o amadurecimento de suas partes brilhantes e esperavam que ele logo ingressaria em uma profissão erudita que lhe traria respeito, fama e, acima de tudo, um bom salário e uma posição elevada. Mas então havia esse sânscrito! A grande maioria dos estudiosos europeus nem sequer tinha ouvido falar disso; quanto a fazer com que valha a pena – já disse que tal coisa é impossível mesmo agora. No entanto, seu desejo de aprender era forte.

Infelizmente, tornou-se difícil para nós, indianos modernos, compreender como poderia ser assim; no entanto, ainda hoje podemos encontrar em Varanasi, Nadia e outros lugares, alguns idosos e também jovens entre os nossos Pandits, e principalmente entre os Sannyasins, que estão loucos com este tipo de sede de conhecimento por si só. Estudantes, não colocados no meio dos ambientes e materiais luxuosos do hinduísmo moderno europeizado, e com mil vezes menos facilidades para estudo, debruçados sobre manuscritos à luz bruxuleante de uma lamparina a óleo, noite após noite, o que por si só teria sido o suficiente para destruir completamente a

visão dos estudantes de qualquer outra nação; viajando a pé centenas de quilômetros, mendigando o tempo todo, em busca de um manuscrito raro ou de um professor notável; e concentrando maravilhosamente toda a energia de seu corpo e mente em seu único objeto de estudo, ano após ano, até que os cabelos fiquem grisalhos e a enfermidade da idade os domine - tais estudantes, pela misericórdia de Deus, ainda não desapareceram completamente. do nosso país. Tudo o que a Índia hoje detém como uma posse orgulhosa foi inegavelmente o resultado de tal trabalho por parte de seus dignos filhos no passado; e a verdade desta observação tornar-se-á imediatamente evidente ao comparar a profundidade e a solidez, bem como o altruísmo e a seriedade do propósito dos antigos estudos da Índia com os resultados alcançados pelas nossas modernas universidades indianas. O zelo altruísta e genuíno pela verdadeira erudição e pelo pensamento honesto e sério deve tornar-se novamente dominante na vida dos nossos compatriotas, se quiserem ascender para ocupar entre as nações uma posição digna do seu próprio passado histórico. Foi este tipo de desejo de conhecimento que fez da Alemanha o que ela é agora – uma das principais, se não a principal, entre as nações do mundo.

Sim, o desejo de aprender sânscrito era forte no coração deste estudante alemão. Foi um trabalho longo e árduo — aprender sânscrito; com ele também foi a mesma história mundial de estudiosos bem-sucedidos e seu trabalho árduo, suas privações e sua energia indomável – e também a mesma conclusão gloriosa de uma conquista realmente heróica. Ele alcançou assim o sucesso; e agora – não só a Europa, mas toda a Índia conhece este homem, Paul Deussen, que é professor de filosofia na Universidade de Kiel. Tenho visto professores de sânscrito na América e na Europa. Alguns deles são muito simpáticos ao pensamento vedântico. Admiro sua perspicácia intelectual e suas vidas de trabalho altruísta. Mas Paul Deussen – ou como prefere ser chamado em sânscrito, Deva-Sena – e o veterano Max Müller impressionaram-me como sendo os mais verdadeiros amigos da Índia e do pensamento indiano. Será sempre um dos episódios mais agradáveis da minha vida – a minha primeira visita a este fervoroso Vedantista em Kiel, a sua gentil esposa que viajou com ele pela Índia, e à sua filha pequena, a querida do seu coração – e a nossa viagem juntos pela Alemanha e Holanda para Londres, e as reuniões agradáveis que tivemos em Londres e nos arredores.

A primeira escola de sânscritos na Europa iniciou o estudo do sânscrito com mais imaginação do que capacidade crítica. Eles sabiam um pouco, esperavam muito desse pouco e muitas vezes tentavam valorizar demais o pouco que sabiam. Então, mesmo naquela época, caprichos como a estimativa de Shakuntala como o marco máximo da filosofia indiana não eram de todo desconhecidos! Estes foram naturalmente seguidos por um grupo reacionário de críticos superficiais, mais do que verdadeiros estudiosos de qualquer tipo, que sabiam pouco ou nada de sânscrito, não esperavam nada dos estudos de sânscrito e ridicularizavam tudo do Oriente. Embora criticassem a imaginação doentia da escola primitiva, para quem tudo na literatura indiana era rosa e almiscarado, estes, por sua vez, lançaram-se em especulações que, para dizer o mínimo, eram igualmente altamente doentias e, na verdade, muito arriscadas. E a sua ousadia foi naturalmente ajudada pelo facto de estes académicos e críticos excessivamente apressados e antipáticos se dirigirem a um público cuja única qualificação para pronunciar qualquer julgamento sobre o assunto era a sua absoluta ignorância do sânscrito. Que mistura de resultados de estudos tão críticos! De repente, numa bela manhã, o pobre hindu acordou e descobriu que tudo o que era dele havia desaparecido; uma raça estranha lhe arrebatou as artes, outra a arquitetura e uma terceira, tudo o que havia de suas ciências antigas; ora, mesmo a religião dele não era a sua! Sim - isso também migrou para a Índia na sequência de uma cruz de pedra Pehlevi! Depois de um período febril de atropelos uns aos outros na pesquisa original, surgiu uma situação melhor. Descobriu-se agora que a mera aventura sem uma certa quantidade de capital de erudição real e madura produz apenas um fracasso ridículo, mesmo no negócio da pesquisa oriental, e que as tradições na Índia não devem ser rejeitadas com desprezo arrogante, como há há realmente mais neles do que a maioria das pessoas jamais sonha.

Felizmente, está agora a surgir na Europa um novo tipo de estudiosos de sânscrito, reverentes, simpáticos e eruditos - reverenciais porque são uma melhor marca de homens, e simpáticos porque são eruditos. E o elo que liga a nova parte da cadeia à antiga é, claro, o nosso Max Müller. Nós, hindus, certamente devemos mais a ele do que a qualquer outro estudioso de sânscrito no Ocidente, e fico simplesmente surpreso quando penso na gigantesca tarefa que ele, em seu entusiasmo, empreendeu quando jovem e

levou a uma conclusão bem-sucedida em sua antiga vida. idade. Pense neste homem sem qualquer ajuda, debruçado sobre manuscritos antigos, dificilmente legíveis para os próprios hindus, e numa língua para adquirir que leva uma vida inteira mesmo na Índia - sem sequer a ajuda de qualquer Pandit necessitado cujos "cérebros pudessem ser escolhidos", como dizem os americanos, por dez xelins por mês, e uma mera menção do seu nome na introdução de algum livro de "pesquisas muito novas" - pense neste homem, gastando dias e às vezes meses elucidando a leitura correta e o significado de um palavra ou frase no comentário de Sâyana (como ele mesmo me disse), e no final conseguindo abrir um caminho fácil através da floresta da literatura védica para todos os outros seguirem; pense nele e no seu trabalho, e depois diga o que ele realmente é para nós! É claro que não precisamos todos concordar com ele em tudo o que ele diz nos seus muitos escritos; certamente tal acordo é impossível. Mas com ou sem acordo, permanece o fato de que este homem fez mil vezes mais pela preservação, difusão e valorização da literatura de nossos antepassados do que qualquer um de nós jamais poderia esperar fazer, e ele fez tudo isso com um coração cheio do doce bálsamo do amor e da veneração.

Se Max Müller é, portanto, o velho pioneiro do novo movimento, Deussen é certamente um dos seus jovens guardas avançados. O interesse filológico havia escondido por muito tempo as joias do pensamento e da espiritualidade encontradas na mina de nossas antigas escrituras. Max Müller trouxe alguns deles e os exibiu ao olhar do público, chamando a atenção para eles por meio de sua autoridade como o principal filólogo. Deussen, livre de qualquer inclinação filológica e possuindo a formação de um filósofo singularmente versado nas especulações da Grécia antiga e da Alemanha moderna, aproveitou a deixa e mergulhou corajosamente nas profundezas metafísicas dos Upanishads, descobrindo-os totalmente seguros e satisfatórios. , e então - declarou esse fato com igual ousadia diante do mundo inteiro. Deussen é certamente o mais livre entre os estudiosos na expressão de sua opinião sobre o Vedanta. Ele nunca para para pensar sobre "o que eles diriam" da grande maioria dos estudiosos. Na verdade, precisamos de homens ousados neste mundo para nos dizerem palavras ousadas sobre a verdade; e em nenhum lugar isso é mais verdadeiro agora do que na Europa, onde, devido ao medo da opinião social e de outras causas, tem havido o suficiente, em toda a consciência, de

branqueamento e atitude de desculpas entre os estudiosos em relação a credos e costumes que, com toda a probabilidade, não muitos deles realmente acreditam. Maior é a glória, portanto, para Max Müller e para Deussen por sua defesa ousada e aberta da verdade! Que eles sejam igualmente ousados em nos mostrar os nossos defeitos, as corrupções posteriores nos nossos sistemas de pensamento na Índia, especialmente na sua aplicação às nossas necessidades sociais! Neste momento precisamos muito da ajuda de amigos genuínos como estes para conter a crescente virulência da doença, muito prevalente na Índia, que chega ao extremo dos panegiristas escravizados que se apegam a todas as superstições da aldeia como a essência mais íntima do Shâstras, ou no outro extremo dos denunciadores demoníacos que não vêem nada de bom em nós e na nossa história, e irão, se puderem, dinamitar imediatamente todas as organizações sociais e espirituais da nossa antiga terra de religião e filosofia.

4.3.4 SOBRE O PROFESSOR MAX MÜLLER

(Escrito para o Brahmâvadin, de Londres, 6 de junho de 1896.)

Embora o ideal de trabalho de nosso Brahmavâdin deva ser sempre "
कर्मण्येवाधिकारस्ते मा फलेषु कदाचन - Ao trabalho tens direito, mas nunca aos frutos dele",
ainda assim nenhum trabalhador sincero sai do campo de atividade sem se dar a conhecer e captar pelo menos alguns raios de luz.

O início do nosso trabalho foi esplêndido e a seriedade constante demonstrada pelos nossos amigos está além de qualquer elogio. A sinceridade de convicção e a pureza de motivação certamente vencerão; e mesmo uma pequena minoria, armada com estes, está certamente destinada a prevalecer contra todas as probabilidades.

Afaste-se de todos os pretendentes insinceros à iluminação sobrenatural; não que tal iluminação seja impossível, mas, meus amigos, neste nosso mundo "luxúria, ou ouro, ou fama" é o motivo oculto por trás de noventa por cento de todas essas reivindicações, e dos dez por cento restantes, nove por cento são casos que exigem mais o terno cuidado dos médicos do que a atenção dos metafísicos.

A primeira grande coisa a realizar é estabelecer um caráter, para obter, como dizemos, a *प्रतिष्ठिता प्रज्ञा* (Sabedoria estabelecida). Isto se aplica igualmente a indivíduos e a grupos organizados de indivíduos. Não se preocupe porque o mundo olha com desconfiança cada nova tentativa, mesmo que seja no caminho da espiritualidade. Pobre mundo, quantas vezes foi enganado! Quanto mais o *संसार*, isto é, o aspecto mundano da vida, olhar para qualquer movimento crescente com olhos de suspeita, ou, melhor ainda, apresentar-lhe uma frente semi-hostil, tanto melhor será para o movimento. Se houver alguma verdade que este movimento deva difundir, qualquer necessidade que ele nasça para suprir, em breve a condenação se transformará em elogio e o desprezo se converterá em amor. As pessoas hoje em dia tendem a adotar a religião como um meio para algum fim social ou político. Cuidado com isso. A religião é o seu próprio fim. Aquela religião que é apenas um meio para o bem-estar mundano não é religião, seja lá o que for; e é pura blasfêmia contra Deus e o homem sustentar que o homem não tem outro fim senão o desfrute livre e pleno de todos os prazeres de seus sentidos.

Verdade, pureza e altruísmo – onde quer que estejam presentes, não há poder abaixo ou acima do sol para esmagar seu possuidor. Equipado com estes, um indivíduo é capaz de enfrentar todo o universo em oposição.

Acima de tudo, cuidado com compromissos. Não quero dizer que você deva entrar em antagonismo com alguém, mas você tem que se apegar aos seus próprios princípios na felicidade ou na desgraça e nunca ajustá-los às “modas” dos outros através da ganância de conseguir apoiadores. Seu *Âtman* é o apoio do universo – de quem você precisa do apoio? Espere com paciência, amor e força; se os ajudantes não estiverem prontos agora, chegarão a tempo. Por que deveríamos estar com pressa? A verdadeira força de trabalho de todo grande trabalho está em seu início quase imperceptível.

Quem poderia imaginar que a vida e os ensinamentos de um menino nascido de pais brâmanes pobres em uma aldeia à beira da estrada de Bengala alcançariam, em poucos anos, terras tão distantes como nossos ancestrais jamais sonharam? Refiro-me a Bhagavan Ramakrishna. Você sabia que o Prof. Max Müller já escreveu um artigo sobre Shri Ramakrishna para o século XIX e ficará muito feliz em escrever um relato maior e mais completo de sua vida e ensinamentos se houver materiais suficientes disponíveis? Que homem extraordinário é o Prof. Max Müller! Fiz uma visita a ele há alguns dias. Eu deveria dizer que fui prestar meus respeitos a ele, para quem ama Shri Ramakrishna, qualquer que seja sua seita, ou credo, ou nacionalidade, minha visita a essa pessoa eu mantenho como uma peregrinação. "मद्वक्तानां च ये भक्तस्ते भक्तलभा मताः — Aqueles que são devotados àqueles que Me amam — são Meus melhores devotos." Isso não é verdade?

O Professor foi primeiro induzido a perguntar sobre o poder por trás, o que levou a mudanças repentinas e importantes na vida do falecido Keshab Chandra Sen, o grande líder Brâhmo; e desde então, ele tem sido um estudante sério e admirador da vida e dos ensinamentos de Shri Ramakrishna. “Ramakrishna é adorado por milhares de pessoas hoje, professor”, eu disse. “A quem mais será concedida adoração, senão a tal”, foi a resposta. O professor foi muito gentil e convidou o Sr. Sturdy e eu para almoçarmos com ele. Ele nos mostrou diversas faculdades em Oxford e a biblioteca Bodleiana. Ele também nos acompanhou até a estação ferroviária; e tudo isso ele fez porque, como ele disse, “Não é todo dia que alguém encontra um discípulo de Ramakrishna Paramahansa”.

A visita foi realmente uma revelação para mim. Aquela linda casinha no cenário de um lindo jardim, o sábio de cabeça prateada, com um rosto calmo e benigno, e uma testa lisa como a de uma criança, apesar de setenta invernos, e cada linha naquele rosto falando de uma profunda mina de espiritualidade em algum lugar atrás; aquela nobre esposa, a companheira de sua vida em sua longa e árdua tarefa de despertar o interesse, superar a oposição e o desprezo e, finalmente, criar um respeito pelos pensamentos dos sábios da Índia antiga - as árvores, as flores, a calma e o céu claro – tudo isso me remeteu em imaginação aos dias gloriosos da Índia Antiga, aos dias de nossos Brahmarshis e Râjarshis, aos dias dos grandes Vânaprasthas, aos dias de Arundhatis e Vasishthas.

Não foi o filólogo nem o erudito que eu vi, mas uma alma que todos os dias percebe sua unidade com o Brahman, um coração que está a cada momento se expandindo para alcançar a unidade com o Universal. Onde outros se perdem no deserto dos detalhes áridos, ele atingiu a fonte da vida. Na verdade, seus batimentos cardíacos captaram o ritmo dos Upanishads " तमेवैकं ज्ञानं ज्ञात्मानमन्या वाचो विमुञ्चथ - Conheça apenas o Atman e deixe de lado todas as outras conversas."

Embora seja um estudioso e filósofo que move o mundo, seu aprendizado e filosofia apenas o levaram cada vez mais alto à realização do Espírito, seu अपरा विद्या (conhecimento inferior) de fato o ajudou a alcançar o परा विद्या (conhecimento superior). Este é um verdadeiro aprendizado. विद्या ब्रह्मसि विनयम् — "Conhecimento dá humildade." De que serve o conhecimento se não nos mostra o caminho para o Altíssimo?

E que amor ele tem pela Índia! Eu gostaria de ter uma centésima parte desse amor pela minha pátria! Dotado de uma mente extraordinária e ao mesmo tempo intensamente ativa, ele viveu e se moveu no mundo do pensamento indiano por cinquenta anos ou mais, e observou com profundo interesse o intenso intercâmbio de luz e sombra na interminável floresta da literatura sânscrita. e amor sincero, até que todos tenham penetrado em sua alma e colorido todo o seu ser.

Max Müller é um Vedantista dos Vedantistas. Ele captou, de fato, a verdadeira alma da melodia do Vedanta, no meio de todos os seus cenários de harmonias e discórdias - a única luz que ilumina as seitas e credos do mundo, o Vedanta, o único princípio do qual todos as religiões são apenas aplicações. E o que foi Ramakrishna Paramahansa? A demonstração prática deste antigo princípio, a personificação da Índia que já passou e um prenúncio da Índia que será, a portadora da luz espiritual para as nações. Somente o joalheiro pode compreender o valor das joias; este é um velho provérbio. É de admirar que este sábio ocidental estude e aprecie cada nova estrela no firmamento do pensamento indiano, antes mesmo que os próprios indianos percebam a sua magnitude?

"Quando você vem para a Índia? Todos os corações acolheriam alguém que fez tanto para colocar os pensamentos de seus ancestrais na verdadeira luz", eu disse. O rosto do velho sábio iluminou-se - havia quase uma lágrima em

seus olhos, um leve aceno de cabeça e lentamente as palavras saíram: "Eu não voltaria então; você teria que me cremar lá." Outras perguntas pareciam uma intrusão injustificável nos domínios onde estão armazenados os segredos sagrados do coração do homem. Quem sabe se foi isso que o poeta disse -

तच्चेत्सा स्मरति नूनमबोधपूर्वम् ।
भावस्थिराणि जननान्तरखीद्वयानि ॥

— "Ele se lembra com a mente das amizades de nascimentos anteriores, firmemente enraizadas em seu coração."

A sua vida tem sido uma bênção para o mundo; e que ainda se passem muitos, muitos anos, antes que ele mude o plano atual de sua existência!

4.3.5 ESBOÇO DA VIDA DE PAVHARI BABA

Ajudar o mundo sofredor foi a gigantesca tarefa à qual o Buda deu destaque, deixando de lado por enquanto quase todas as outras fases da religião; no entanto, ele teve que passar anos examinando a si mesmo para perceber a grande verdade do vazio total do apego a uma individualidade egoísta. Um trabalhador mais altruísta e incansável está além da nossa imaginação mais otimista: mas quem teve lutas mais difíceis para compreender o significado das coisas do que ele? É válido em todos os momentos que quanto maior o trabalho, maior deve ter sido o poder de realização por trás. Elaborar os detalhes de um plano magistral já traçado pode não exigir muita concentração de pensamento para apoiá-lo, mas os grandes impulsos só são transformados em grandes concentrações. A teoria por si só talvez seja suficiente para pequenos esforços, mas o empurrão que cria a ondulação é muito diferente da impulsão que levanta a onda e, no entanto, a ondulação é apenas a personificação de um pouco da força que gera a onda.

Fatos, fatos nus, sombrios e terríveis podem ser; a verdade, a verdade nua e crua, embora suas vibrações possam romper todas as cordas do coração; motivo altruísta e sincero, embora para alcançá-lo, membro após membro tenha que ser decepado - tais devem ser alcançados, encontrados e

conquistados, antes que a mente no plano inferior de atividade possa levantar enormes ondas de trabalho. O sutil acumula em torno de si o grosseiro à medida que avança no tempo e se torna manifesto, o invisível se cristaliza no visível, o possível se torna prático, a causa, o efeito, e o pensamento, trabalho muscular.

A causa, retida por mil circunstâncias, manifestar-se-á, mais cedo ou mais tarde, como efeito; e o pensamento poderoso, por mais impotente que seja no momento, terá seu dia glorioso no plano da atividade material. Nem é correto o padrão que julga tudo pelo seu poder de contribuir para o nosso prazer sensorial.

Quanto mais baixo o animal, maior é o seu prazer nos sentidos, mais ele vive nos sentidos. A civilização, a verdadeira civilização, deveria significar o poder de tirar o homem-animal da sua vida sensorial - dando-lhe visões e sabores de planos muito mais elevados - e não confortos externos.

O homem sabe disso intuitivamente. Ele pode não formular isso para si mesmo em todas as circunstâncias. Ele pode formar opiniões muito divergentes sobre a vida do pensamento. Mas está lá, pressionando-se para a frente apesar de tudo, fazendo-o prestar reverência ao malfeitor, ao curandeiro, ao mágico, ao padre ou ao professor de ciências. O crescimento do homem só pode ser avaliado pela sua capacidade de viver na atmosfera superior, onde os sentidos são deixados para trás, pela quantidade de oxigênio puro do pensamento que seus pulmões podem respirar e pela quantidade de tempo que ele pode passar nessa altura.

Tal como está, é um facto óbvio que, com excepção daquilo que é assumido pelas necessidades da vida, o homem de cultura reluta em gastar o seu tempo nos chamados confortos, e mesmo as acções necessárias são executadas com menor zelo. , à medida que o processo avança.

Até os luxos são organizados de acordo com ideias e ideais, para fazê-los refletir tanto quanto possível a vida pensada – e isso é Arte.

“Assim como o fogo único que entra no universo se manifesta em todas as formas, e ainda assim é mais além” – sim, infinitamente mais além! Um pouco, apenas um pouquinho, de pensamento infinito pode ser feito descer

ao plano da matéria para ministrar ao nosso conforto - o resto não se permitirá ser tratado com grosseria. O superfino sempre escapa à nossa visão e ri de nossas tentativas de derrubá-lo. Neste caso, Maomé deve ir para a montanha, e nada de “não”. O homem deve elevar-se a esse plano superior se quiser desfrutar de suas belezas, banhar-se em sua luz, sentir sua vida pulsando em uníssono com a Causa-Vida do universo.

É o conhecimento que abre a porta para regiões de maravilha, o conhecimento que faz de um animal um deus: e esse conhecimento que nos leva Àquilo, "saber que tudo o mais é conhecido" (o coração de todo conhecimento - cuja pulsação traz vida a todas as ciências – a ciência da religião) é certamente a mais elevada, pois só ela pode fazer o homem viver uma vida de pensamento completa e perfeita. Abençoada seja a terra que a denominou “ciência suprema”!

O princípio raramente é perfeitamente expresso na prática, mas o ideal nunca se perde. Por um lado, é nosso dever nunca perder de vista o ideal, quer possamos aproximar-nos dele com passos sensatos, quer rastejarmos até ele com movimentos imperceptíveis: por outro lado, a verdade é que ele está sempre a afrouxar diante de nós - embora tentemos ao máximo cobrir sua luz com as mãos diante dos olhos.

A vida do prático está no ideal. É o ideal que penetrou em toda a nossa vida, quer filosofemos, quer cumpramos as difíceis tarefas cotidianas da vida. Os raios do ideal, refletidos e refratados em diversas linhas retas ou tortuosas, inundam todas as aberturas e buracos de vento e, consciente ou inconscientemente, cada função deve ser desempenhada à sua luz, cada objeto deve ser visto transformado, elevado, ou deformado por ele. É o ideal que nos tornou o que somos e que nos tornará o que seremos. É o poder do ideal que nos envolveu e é sentido em nossas alegrias ou tristezas, em nossos grandes atos ou ações mesquinhas, em nossas virtudes e vícios.

Se tal é o poder do ideal sobre o prático, o prático não é menos potente na formação do ideal. A verdade do ideal está na prática. A fruição do ideal passou pela percepção do prático. Que o ideal existe é uma prova da existência do prático de alguma forma, em algum lugar. O ideal pode ser mais vasto, mas é a multiplicação de pequenos pedaços de prático. O ideal são principalmente as unidades práticas resumidas e generalizadas.

O poder do ideal está na prática. Seu trabalho sobre nós ocorre na prática e através dela. Através da prática, o ideal é reduzido à nossa percepção sensorial, transformado numa forma adequada à nossa assimilação. Do prático damos os passos para chegar ao ideal. Nisto construímos as nossas esperanças; isso nos dá coragem para trabalhar.

Um homem que manifesta o ideal em sua vida é mais poderoso do que legiões cujas palavras podem pintá-lo com as mais belas cores e desenvolver os melhores princípios.

Os sistemas filosóficos nada significam para a humanidade, ou, na melhor das hipóteses, apenas uma ginástica intelectual, a menos que estejam unidos à religião e consigam que um corpo de homens lute para trazê-los à vida prática com maior ou menor sucesso. Mesmo os sistemas que não tinham uma esperança positiva, quando adotados por grupos e tornados um tanto práticos, sempre tiveram uma multidão; e os mais elaborados sistemas de pensamento positivo definharam sem ele.

A maioria de nós não consegue manter nossas atividades no mesmo nível de nossa vida mental. Alguns abençoados podem. A maioria de nós parece perder o poder do trabalho à medida que pensamos mais profundamente, e o poder do pensamento profundo se trabalharmos mais. É por isso que a maioria dos grandes pensadores tem que deixar para o tempo a realização prática dos seus grandes ideais. Seus pensamentos devem esperar que cérebros mais ativos os resolvam e espalhem. No entanto, enquanto escrevemos, surge diante de nós uma visão dele, o cocheiro de Arjuna, parado em sua carruagem entre as hostes em conflito, sua mão esquerda freando os corcéis de fogo - um guerreiro vestido com cota de malha, cujo olhar de águia varre o vasto exército, e como que por instinto pesa cada detalhe da ordem de batalha de ambas as partes - ao mesmo tempo que ouvimos, por assim dizer, saindo de seus lábios e emocionando o pasmo Arjuna, aquele maravilhoso segredo de trabalho: "Aquele que encontra descanso no meio da atividade, e atividade no descanso, ele é o sábio entre os homens, ele é o Yogi, ele é o executor de todo o trabalho" (Gita, IV. 18).

Este é o completo ideal. Mas poucos conseguem alcançá-lo. Devemos aceitar as coisas como elas são, portanto, e contentar-nos em reunir

diferentes aspectos da perfeição humana, desenvolvidos em diferentes indivíduos.

Na religião temos o homem de pensamento intenso, de grande atividade em levar ajuda aos outros, o homem de ousadia e ousada auto-realização, e o homem de mansidão e humildade.

O tema deste esboço era um homem de maravilhosa humildade e intensa autorrealização.

Nascido de pais brâmanes em um vilarejo próximo a Guzi, Varanasi, Pavhâri Bâbâ, como foi chamado após a vida, veio estudar e morar com seu tio em Ghazipur, ainda menino. Atualmente, os ascetas hindus estão divididos nas divisões principais de Sannyâsins, Yogis, Vairâgis e Panthis. Os Sannyasins são os seguidores do Advaitismo depois de Shankarâchârya; os Yogis, embora sigam o sistema Advaita, são especialistas na prática dos diferentes sistemas de Yoga; os Vairagis são os discípulos dualistas de Râmânujâchârya e outros; os Panthis, que professam qualquer uma das filosofias, são ordens fundadas durante o domínio muçulmano. O tio de Pavhari Baba pertencia à seita Ramanuja ou Shri e era um Naishtika Brahmachârin, ou seja, alguém que faz voto de celibato vitalício. Ele tinha um terreno nas margens do Ganges, cerca de três quilômetros ao norte de Ghazipur, e ali se estabelecera. Tendo vários sobrinhos, ele levou Pavhari Baba para sua casa e o adotou, pretendendo que ele sucedesse em sua propriedade e posição.

Não se sabe muito sobre a vida de Pavhari Baba neste período. Nem parece ter havido qualquer indicação das peculiaridades que o tornaram tão conhecido anos depois. Ele é lembrado apenas como um estudante diligente de Vyâkarana e Nyâya, e da teologia de sua seita, e como um menino ativo e animado cuja alegria às vezes encontrava vazão em piadas duras às custas de seus colegas estudantes.

Assim o futuro santo passou sua juventude, cumprindo as tarefas rotineiras dos estudantes indianos da velha escola; e exceto que ele mostrou uma aplicação mais do que normal aos seus estudos e uma notável aptidão para aprender línguas, não havia quase nada naquela vida estudantil aberta,

alegre e divertida que prenunciasse a tremenda seriedade que culminaria no mais curioso e terrível sacrifício. .

Então aconteceu algo que fez o jovem estudioso sentir, talvez pela primeira vez, a importância séria da vida, e o fez levantar os olhos, há tanto tempo fixados nos livros, para examinar criticamente seu horizonte mental e ansiar por algo na religião que fosse um fato, e não apenas conhecimento de livro. Seu tio faleceu. Um rosto no qual todo o amor daquele jovem coração estava concentrado havia desaparecido, e o menino ardente, atingido profundamente pela dor, determinado a preencher a lacuna com uma visão que nunca poderá mudar.

Na Índia, para tudo, queremos um Guru. Os livros, nós, hindus, estamos convencidos, são apenas esboços. Os segredos vivos devem ser transmitidos de Guru a discípulo, em todas as artes, em todas as ciências, muito mais na religião. Desde tempos imemoriais, as almas sinceras da Índia sempre se retiraram para locais isolados, para continuarem ininterruptamente o estudo dos mistérios da vida interior, e ainda hoje dificilmente existe uma floresta, uma colina ou um local sagrado que os rumores não consagrem como a morada de um grande sábio. O ditado é bem conhecido:

"É pura a água que flui.

O monge é puro, isso vai."

Via de regra, aqueles que adotam a vida religiosa celibatária na Índia passam boa parte da vida viajando por vários países do continente indiano, visitando diferentes santuários - evitando assim a ferrugem, por assim dizer, e ao mesmo tempo trazendo a religião à porta de todos. Uma visita aos quatro grandes lugares sagrados, situados nos quatro cantos da Índia, é considerada quase necessária para todos os que renunciam ao mundo.

Todas essas considerações podem ter tido peso para nosso jovem Brahmacharin, mas temos certeza de que a principal delas era a sede de conhecimento. De suas viagens sabemos pouco, exceto que, a partir de seu conhecimento das línguas dravidianas, nas quais grande parte da literatura de sua seita está escrita, e de seu profundo conhecimento do antigo bengali

dos Vaishnavas da ordem de Shri Chaitanya, inferimos que a sua estada no sul da Índia e em Bengala não poderia ter sido muito curta.

Mas em sua visita a um lugar, os amigos de sua juventude sofreram grande estresse. Dizem que foi no topo do monte Girnâr, em Kathiawar, que ele foi iniciado nos mistérios do Yoga prático.

Era esta montanha que era tão sagrada para os budistas. Ao seu pé está a enorme rocha na qual está inscrito o primeiro decreto decifrado do "mais divino dos monarcas", Asoka. Abaixo dela, através de séculos de esquecimento, ficava o conclave de gigantescas Stupas, cobertas de floresta e há muito confundidas com colinas da cordilheira de Girnar. Não menos sagrado é ainda considerado pela seita da qual o Budismo é agora considerado uma edição revista, e que, estranhamente, não se aventurou no campo dos triunfos arquitectónicos até que o seu descendente conquistador do mundo se tenha fundido no Hinduísmo moderno. Girnar é celebrado entre os hindus como tendo sido santificado pela permanência do grande Avadhuta Guru Dattâtreyâ, e há rumores de que grandes e aperfeiçoados Yogis ainda serão encontrados pelos afortunados em seu topo.

O próximo ponto de viragem na carreira do nosso jovem Brahmacharin remonta às margens do Ganges, perto de Varanasi, como discípulo de um Sannyasin que praticava Yoga e vivia num buraco cavado na margem alta do rio. A este iogue pode ser atribuída a prática posterior de nosso santo, de viver dentro de um túnel profundo, escavado no solo na margem do Ganges, perto de Ghazipur. Os iogues sempre inculcaram a conveniência de viver em cavernas ou outros locais onde a temperatura seja uniforme e onde os sons não perturbem a mente. Também ficamos sabendo que ele estava estudando o sistema Advaita na mesma época com um Sannyasin em Varanasi.

Após anos de viagem, estudo e disciplina, o jovem Brahmacharin voltou ao local onde foi criado. Talvez seu tio, se estivesse vivo, teria encontrado no rosto do menino a mesma luz que outrora um sábio maior viu no de seu discípulo e exclamado: "Filho, seu rosto hoje brilha com a glória de Brahman!" Mas aqueles que o acolheram em sua casa foram apenas os companheiros de sua infância - a maioria deles entrou e reivindicou para sempre o mundo dos pequenos pensamentos e do trabalho eterno.

No entanto, houve uma mudança, uma mudança misteriosa - para eles, uma mudança inspiradora - em todo o caráter e comportamento daquele amigo e companheiro de brincadeiras de escola que eles estavam acostumados a compreender. Mas não despertou neles emulação, nem a mesma pesquisa. Era o mistério de um homem que ultrapassou este mundo de problemas e materialismo, e isso foi suficiente. Eles respeitaram-no instintivamente e não fizeram perguntas.

Enquanto isso, as peculiaridades do santo começaram a se tornar cada vez mais pronunciadas. Ele cavou uma caverna no chão, como seu amigo perto de Varanasi, e começou a entrar nela e permanecer lá por horas. Começou então um processo da mais terrível disciplina alimentar. Durante todo o dia ele trabalhava em seu pequeno Âshrama, conduzia a adoração de seu amado Râmachandra, preparava bons jantares - arte em que se diz que ele era extraordinariamente competente - distribuía toda a comida oferecida entre seus amigos e os pobres, cuidava de seus confortos até a noite chegar, e quando eles estavam em suas camas, o jovem saiu furtivamente, atravessou o Ganges nadando e alcançou a outra margem. Lá ele passava a noite inteira em meio a suas práticas e orações, voltava antes do amanhecer e acordava seus amigos, e então recomeçava a rotina de “adorar os outros”, como dizemos na Índia.

Enquanto isso, sua própria dieta foi sendo atenuada todos os dias, até que se reduziu, dizem, a um punhado de folhas amargas de Nimba, ou a algumas vagens de pimenta vermelha, diariamente. Então ele desistiu de ir todas as noites para a mata do outro lado do rio e foi cada vez mais para sua caverna. Durante dias e meses, dizem-nos, ele ficava no buraco, absorto em meditação, e depois saía. Ninguém sabe com o que ele subsistia durante esses longos intervalos, então as pessoas o chamavam de Pav-âhâri (ou comedor de ar) Bâbâ (ou pai).

Ele nunca durante sua vida deixaria este lugar. Certa vez, porém, ele ficou tanto tempo dentro da caverna que as pessoas o consideraram morto, mas depois de muito tempo, o Baba emergiu e deu um Bhândârâ (banquete) a um grande número de Sadhus.

Quando não estava absorto em suas meditações, ele morava em um quarto acima da entrada de sua caverna e durante esse período recebia visitantes.

Sua fama começou a se espalhar, e a Rai Gagan Chandra Bahadur, do Departamento de Ópio, Ghazipur – um cavalheiro cuja nobreza e espiritualidade inatas o tornaram querido por todos – devemos nossa apresentação ao santo.

Como muitos outros na Índia, não houve atividade externa marcante ou estimulante nesta vida. Foi mais um exemplo daquele ideal indiano de ensinar através da vida e não através de palavras, e que a verdade só dá frutos naquelas vidas que estão prontas para receber. Pessoas deste tipo são totalmente avessas a pregar o que sabem, pois estão sempre convencidas de que é apenas a disciplina interna que leva à verdade, e não as palavras. Para eles, a religião não é motivo para conduta social, mas uma intensa busca e realização da verdade nesta vida. Negam a maior potencialidade de um momento em detrimento de outro, e sendo cada momento na eternidade igual a todos os outros, insistem em ver as verdades da religião cara a cara agora e aqui, sem esperar pela morte.

O presente escritor teve a oportunidade de perguntar ao santo o motivo de ele não sair de sua caverna para ajudar o mundo. A princípio, com sua humildade e humor nativos, ele deu a seguinte resposta forte:

“Um certo perverso foi pego em algum ato criminoso e teve seu nariz cortado como punição. Envergonhado de mostrar ao mundo suas feições sem nariz e enojado consigo mesmo, ele fugiu para uma floresta; no chão, ele fingia meditação profunda sempre que pensava que alguém estava por perto. Essa conduta, em vez de afastar as pessoas, atraía-as em multidões para prestar homenagem a esse santo maravilhoso e ele descobriu que sua vida na floresta o trouxera mais uma vez; uma vida fácil. Assim, os anos se passaram. Finalmente, as pessoas ao redor ficaram muito ansiosas para ouvir alguma instrução dos lábios do santo meditativo silencioso e um jovem estava especialmente ansioso para ser iniciado na ordem. Suponho que qualquer atraso adicional nessa linha prejudicaria a reputação do santo. Então, um dia, ele quebrou o silêncio e pediu ao jovem entusiasmado que trouxesse consigo no dia seguinte uma navalha afiada. grande desejo de sua vida sendo rapidamente realizado, chegou cedo na manhã seguinte com a navalha. O santo sem nariz conduziu-o a um lugar muito afastado da floresta, pegou a navalha, abriu-a e com um golpe cortou-lhe o nariz,

repetindo com voz solene: 'Jovem, esta foi minha iniciação no mundo. ordem. O mesmo eu dou a você. Você transmite isso diligentemente aos outros quando surge a oportunidade!' O jovem não pôde divulgar o segredo desta maravilhosa iniciação, por vergonha, e executou da melhor maneira possível as ordens de seu mestre. Assim, toda uma seita de santos com nariz cortado se espalhou pelo país. Você quer que eu seja o fundador de outro assim?"

Mais tarde, num clima mais sério, outra pergunta trouxe a resposta: "Você acha que a ajuda física é a única ajuda possível? Não é possível que uma mente possa ajudar outras mentes mesmo sem a atividade do corpo?"

Quando questionado em outra ocasião por que ele, um grande Yogi, deveria realizar Karma, como derramar oblações no fogo sacrificial e adorar a imagem de Shri Raghunâthji, que são práticas destinadas apenas a iniciantes, a resposta veio: "Por que você toma é certo que todos criam Karma para o seu próprio bem? Não é possível realizar Karma para os outros?"

Então, novamente, todos já ouviram falar do ladrão que veio roubar de seu Ashrama, e que ao ver o santo se assustou e fugiu, deixando para trás os bens que havia roubado em um embrulho; como o santo pegou o embrulho, correu atrás do ladrão e chegou até ele depois de quilômetros de corrida difícil; como o santo colocou o embrulho aos pés do ladrão, e com as mãos postas e lágrimas nos olhos pediu perdão pela sua própria intrusão, e implorou fortemente que aceitasse os bens, já que pertenciam a ele, e não a ele mesmo .

Também somos informados, por fontes confiáveis, de como certa vez ele foi mordido por uma cobra; e embora ele tenha sido dado por horas como morto, ele reviveu; e quando seus amigos lhe perguntaram sobre isso, ele apenas respondeu que a cobra “era uma mensageira do Amado”.

E podemos acreditar nisso, sabendo como fazemos a extrema gentileza, humildade e amor de sua natureza. Todos os tipos de doenças físicas eram para ele apenas “mensageiros do Amado”, e ele não suportava sequer ouvi-los chamados por qualquer outro nome, mesmo quando ele próprio sofria torturas por parte deles. Este amor e gentileza silenciosos transmitiram-se às

peessoas ao redor, e aqueles que viajaram pelas aldeias vizinhas podem testemunhar a influência tácita deste homem maravilhoso. Ultimamente, ele não se mostrou a ninguém. Quando estava fora de seu retiro subterrâneo, ele falava com pessoas com a porta fechada no meio. Sua presença acima do solo sempre foi indicada pela fumaça crescente das oblações no fogo sacrificial, ou pelo barulho da preparação das coisas para a adoração.

Uma de suas grandes peculiaridades era sua total absorção naquele momento na tarefa em questão, por mais trivial que fosse. O mesmo cuidado e atenção foram dispensados na limpeza de uma panela de cobre e na adoração a Shri Raghunathji, sendo ele próprio o melhor exemplo do segredo que uma vez nos contou sobre o trabalho: "Os meios devem ser amados e cuidados como se fossem eram o próprio fim."

Nem a sua humildade estava relacionada com aquilo que significa dor e angústia ou auto-humilhação. Surgiu naturalmente da compreensão daquilo que ele uma vez nos explicou tão lindamente: "Ó Rei, o Senhor é a riqueza daqueles que não têm nada - sim, daqueles", continuou ele, "que jogaram fora todos os desejos de posse. , até mesmo o da própria alma." Ele nunca ensinaria diretamente, pois isso seria assumir o papel de professor e colocar-se em uma posição superior a outro. Mas uma vez tocada a fonte, a fonte jorrou com sabedoria infinita; no entanto, as respostas sempre foram indiretas.

Na aparência, ele era alto e bastante carnudo, tinha apenas um olho e parecia muito mais jovem do que sua idade real. Sua voz era a mais doce que já ouvimos. Durante os últimos dez anos ou mais de sua vida, ele se retirou inteiramente do olhar da humanidade. Algumas batatas e um pouco de manteiga eram colocadas atrás da porta de seu quarto, e às vezes durante a noite isso era recolhido quando ele não estava em Samâdhi e morava acima do solo. Quando dentro de sua caverna, ele não precisava nem disso. Assim, esta vida silenciosa continuou, testemunhando a ciência do Yoga e um exemplo vivo de pureza, humildade e amor.

A fumaça, que, como já dissemos, indicava sua saída do Samadhi, uma argila cheirava a carne queimada. As pessoas ao redor não conseguiam adivinhar o que estava acontecendo; mas quando o cheiro se tornou insuportável e a fumaça subiu em volumes, eles arrombaram a porta e

descobriram que o grande Iogue havia se oferecido como última oblação ao seu fogo sacrificial, e logo um monte de cinzas foi tudo o que restou de seu corpo.

Lembremo-nos das palavras de Kâlidâsa: “Os tolos culpam as ações dos grandes, porque são extraordinárias e suas razões ultrapassam a descoberta dos mortais comuns”.

No entanto, conhecendo-o como o conhecemos, só podemos arriscar sugerir que o santo viu que seus últimos momentos haviam chegado, e não desejando causar problemas a ninguém, mesmo após a morte, realizou este último sacrifício de um Ârya, em plena posse de corpo e mente.

O presente escritor tem uma profunda dívida de gratidão para com o santo falecido e dedica estas linhas, ainda que indignas, à memória de um dos maiores Mestres que ele amou e serviu.

4.3.6 ARIANOS E TAMILIANOS

Um verdadeiro museu etnológico! Possivelmente, o esqueleto de meio macaco do recém-descoberto link de Sumatra também será encontrado aqui. Os Dolmens não estão querendo. Implementos de sílex podem ser escavados em quase qualquer lugar. Os habitantes dos lagos – pelo menos os habitantes dos rios – devem ter sido abundantes em algum momento. Os homens das cavernas e os portadores de folhas ainda persistem. Os caçadores primitivos que viviam nas florestas estão em evidência em vários pontos do país. Depois, há as variedades mais históricas – o Negrito-Kolarian, o Dravidiano e o Ariano. A estes foram acrescentados, de tempos em tempos, traços de quase todas as raças conhecidas, e de muitas ainda desconhecidas – várias raças de mongolóides, mongóis, tártaros e os chamados arianos dos filólogos. Bem, aqui estão os persas, os gregos, os yunchi, os hunos, os jin, os citas e muitos mais, derretidos e fundidos, os judeus, os parses, os árabes, os mongóis, até os descendentes dos vikings e dos senhores de as florestas alemãs, ainda não digeridas - um oceano de humanidade, composto por essas ondas de corrida fervilhando, fervendo, lutando, mudando constantemente de forma, subindo à superfície e se

espalhando e engolindo os pequenos, novamente diminuindo - esta é a história da Índia .

No meio desta loucura da natureza, uma das facções em conflito descobriu um método e, através da força da sua cultura superior, conseguiu trazer o maior número da humanidade indiana sob o seu domínio.

A raça superior se autodenominava Âryas ou nobres, e seu método era o Varnâshramâchâra – a chamada casta.

É claro que os homens da raça ariana reservaram para si, consciente ou inconscientemente, muitos privilégios; no entanto, a instituição das castas sempre foi muito flexível, por vezes demasiado flexível para garantir uma ascensão saudável das raças muito baixas na escala da cultura.

Colocou, pelo menos teoricamente, toda a Índia sob a orientação – não da riqueza, nem da espada – mas do intelecto – intelecto castigado e controlado pela espiritualidade. A casta líder na Índia é a mais elevada dos arianos – os brâmanes.

Embora aparentemente diferente dos métodos sociais de outras nações, olhando de perto, o método ariano de castas não será tão diferente, exceto em dois pontos:

A primeira é que em todos os outros países a maior honra pertence ao Kshatriya – o homem da espada. O Papa de Roma ficará feliz em saber que a sua descendência remonta a algum barão ladrão das margens do Reno. Na Índia, a maior honra pertence ao homem de paz – o Sharman, o Brâmane, o homem de Deus.

O maior rei indiano ficaria satisfeito em traçar a sua descendência até algum antigo sábio que vivia na floresta, provavelmente um recluso, sem possuir nada, dependente dos aldeões para as suas necessidades diárias, e durante toda a sua vida tentando resolver os problemas desta vida e a vida futura.

O segundo ponto é a diferença da unidade. A lei de castas em todos os outros países considera o homem ou a mulher como unidade suficiente.

Riqueza, poder, intelecto ou beleza são suficientes para o indivíduo deixar a condição de nascimento e subir para qualquer lugar que puder.

Aqui, a unidade são todos os membros de uma comunidade de castas.

Aqui, também, temos todas as chances de ascender de uma casta inferior para uma casta superior ou mais elevada: apenas, nesta terra natal do altruísmo, somos obrigados a levar consigo toda a nossa casta.

Na Índia, você não pode, por causa de sua riqueza, poder ou qualquer outro mérito, deixar seus semelhantes para trás e fazer uma causa comum com seus superiores; você não pode privar aqueles que o ajudaram a adquirir a excelência de qualquer benefício daí resultante e dar-lhes em troca apenas desprezo. Se você quiser ascender a uma casta superior na Índia, primeiro terá que elevar toda a sua casta, e então não haverá nada em seu caminho que o impeça.

Este é o método indiano de fusão e vem acontecendo desde tempos imemoriais. Pois na Índia, há mais em outros lugares. palavras como arianos e dravidianos têm apenas importância filológica, e a chamada diferenciação craniológica não encontra base sólida para trabalhar.

Mesmo assim são os nomes Brahmin, Kshatriya, etc. Eles simplesmente representam o status de uma comunidade em si mesma, continuamente flutuante, mesmo quando atingiu o cume e todos os esforços posteriores são em direção à fixidez do tipo pelo não casamento, por ser forçado a admitir novos grupos, de castas inferiores ou de terras estrangeiras, dentro de seu âmbito.

Qualquer casta que tenha o poder da espada torna-se Kshatriya; qualquer que seja o aprendizado, Brâmane; qualquer riqueza, Vaishya.

Os grupos que já atingiram o objectivo cobiçado, de facto, tentam manter-se afastados dos recém-chegados, fazendo subdivisões na mesma casta, mas a verdade é que a longo prazo eles se unem. Isto está acontecendo diante dos nossos olhos, por toda a Índia.

Naturalmente, um grupo que se levantasse tentaria preservar os privilégios para si. Conseqüentemente, sempre que foi possível obter a ajuda de um rei, as castas superiores, especialmente os brâmanes, tentaram reprimir aspirações semelhantes nas castas inferiores, pela espada, se possível. Mas a questão é: eles tiveram sucesso? Olhe atentamente para os seus Purânas e Upa-puranas, olhe especialmente para os Khandas locais dos grandes Puranas, olhe ao redor e veja o que está acontecendo diante de seus olhos, e você encontrará a resposta.

Somos, apesar das nossas diversas castas e apesar do costume moderno de casamento restrito às subdivisões de uma casta (embora isto não seja universal), uma raça mista em todos os sentidos da palavra.

Qualquer que seja a importância dos termos filológicos "ariano" e "tamiliano", mesmo assumindo como certo que ambas as grandes subdivisões da humanidade indiana vieram de fora da fronteira ocidental, a linha divisória tinha sido, desde os tempos mais antigos, um de linguagem e não de sangue. Nenhum dos epítetos que expressam desprezo pelas feias características físicas do Dasyus dos Vedas se aplicaria à grande raça tamiliana; na verdade, se houver uma disputa pela boa aparência entre os arianos e os tamilianos, nenhum homem sensato ousaria prognosticar o resultado.

A super-arrogada excelência de nascimento de qualquer casta na Índia é apenas puro mito, e em nenhuma parte da Índia, lamentamos dizer, encontrou um solo tão agradável, devido a diferenças linguísticas, como no Sul.

Abstivemo-nos propositadamente de entrar em detalhes desta tirania social no Sul, tal como nos abstivemos de examinar a génese dos vários brâmanes modernos e de outras castas. É suficiente para notarmos a extrema tensão de sentimento que é evidente entre os brâmanes e os não-brâmanes da Presidência de Madras.

Acreditamos na casta indiana como uma das maiores instituições sociais que o Senhor deu ao homem. Acreditamos também que, embora os defeitos inevitáveis, as perseguições estrangeiras e, acima de tudo, a monumental ignorância e orgulho de muitos brâmanes que não merecem esse nome, tenham frustrado, de muitas maneiras, a frutificação legítima desta mais gloriosa instituição indiana, é já fez maravilhas pela terra de Bharata e está destinado a conduzir a humanidade indiana ao seu objetivo.

Pedimos sinceramente aos Brâmanes do Sul que não esqueçam o ideal da Índia - a produção de um universo de Brâmanes, puros como a pureza, bons como o próprio Deus: isto foi no início, diz o Mahabhârata, e assim será no fim.

Então, qualquer um que afirma ser um brâmane deve provar suas pretensões, primeiro manifestando essa espiritualidade e, em seguida, elevando outros ao mesmo status. Diante disso, parece que a maioria deles está apenas alimentando um falso orgulho de nascimento; e qualquer conspirador, nativo ou estrangeiro, que possa ceder a esta vaidade e preguiça inerente através de sofismas exagerados, parece ser o que mais satisfaz.

Cuidado, Brâmanes, este é o sinal da morte! Levante-se e mostre sua masculinidade, sua condição de brâmane, elevando os não-brâmanes ao seu redor - não no espírito de um mestre - não com o cancro podre do egoísmo infestado de superstições e charlatanismo do Oriente e do Ocidente - mas no espírito de um servo. Pois na verdade quem sabe servir sabe governar.

Os não-brâmanes também têm gasto a sua energia para acender o fogo do ódio de casta – vão e inútil para resolver o problema – ao qual todo não-hindu fica muito feliz em lançar uma carga de combustível.

Nenhum passo em frente pode ser dado por estas disputas entre castas, nenhuma dificuldade pode ser removida; apenas a marcha benéfica dos eventos seria atrasada, possivelmente por séculos, se o fogo explodisse em chamas

Seria uma repetição dos erros políticos budistas.

No meio deste clamor e ódio ignorantes, temos o prazer de encontrar Pandit D. Savariroyan a seguir o único caminho legítimo e sensato. Em vez de desperdiçar vitalidade preciosa em brigas tolas e sem sentido, Pandit Savariroyan comprometeu-se, em seus artigos sobre a "mistura do ariano com o tamiliano" no Siddhânta Deepikâ, a dissipar não apenas muita neblina, criada por uma filologia ocidental muito aventureira, mas para preparar o caminho para uma melhor compreensão do problema das castas no Sul.

Ninguém nunca conseguiu nada mendigando. Recebemos apenas o que merecemos. O primeiro passo para merecer é desejar: e desejamos com sucesso aquilo que nos sentimos dignos de conseguir.

Uma limpeza suave mas clara das teias de aranha da chamada teoria ariana e de todos os seus corolários perversos é, portanto, absolutamente necessária, especialmente para o Sul, e um respeito próprio adequado criado pelo conhecimento da grandeza passada de um dos grandes ancestrais da raça ariana – os grandes tamilianos.

Nós nos apegamos, apesar das teorias ocidentais, à definição da palavra "Arya" que encontramos em nossos livros sagrados e que inclui apenas a multidão que hoje chamamos de hindus. Esta raça ariana, ela própria uma mistura de duas grandes raças, a de língua sânscrita e a de língua tâmil, aplica-se igualmente a todos os hindus. O fato de os Shudras terem sido excluídos deste epíteto em alguns Smritis não significa nada, pois os Shudras eram e ainda são apenas os Aryas que aguardam – os Aryas no noviciado.

Embora saibamos que Pandit Savariroyan está caminhando por um terreno bastante inseguro, embora divirjamos de muitas de suas explicações abrangentes sobre nomes e raças védicas, ainda assim estamos felizes por ele ter assumido a tarefa de iniciar uma investigação adequada sobre a cultura da grande mãe de Civilização indiana – se a raça de língua sânscrita fosse o pai.

Estamos também satisfeitos por ele promover corajosamente a identidade racial Accado-Sumeriana dos antigos Tamilianos. E isto faz-nos orgulhosos do sangue da grande civilização que floresceu antes de todas as outras - em comparação com cuja antiguidade os arianos e os semitas são bebês.

Gostaríamos de sugerir, também, que a terra de Punt dos egípcios não era apenas Malabar, mas que os egípcios, como raça, migraram corporalmente de Malabar através do oceano e entraram no delta ao longo do curso do Nilo, de norte a sul, para onde Punt, eles sempre olharam com carinho para trás como o lar dos abençoados.

Este é um movimento na direção certa. Um trabalho detalhado e mais cuidadoso certamente será seguido por um melhor estudo das línguas tamilianas e dos elementos tamilianos encontrados na literatura, filosofia e religião sânscrita. E quem é mais competente para fazer este trabalho do que aqueles que aprendem a língua tamiliana como língua materna?

Quanto a nós, Vedântins e Sannyâsins, estamos orgulhosos de nossos ancestrais dos Vedas, de língua sânscrita; orgulhosos dos nossos antepassados de língua Tamil, cuja civilização é a mais antiga já conhecida; temos orgulho dos nossos antepassados Kolarianos mais velhos do que qualquer um dos anteriores – que viviam e caçavam nas florestas; temos orgulho dos nossos antepassados com instrumentos de pedra – os primeiros da raça humana; e se a evolução for verdadeira, estamos orgulhosos dos nossos antepassados animais, pois eles antecederam o próprio homem. Temos orgulho de sermos descendentes de todo o universo, sencientes ou insensíveis. Orgulhoso por nascermos, trabalharmos e sofrermos - mais orgulhoso ainda por morrermos quando a tarefa estiver concluída e entrarmos para sempre no reino onde não há mais ilusão.

4.3.7 ENDEREÇO DA CONFERÊNCIA SOCIAL

“Deus criou o nativo, Deus criou o europeu, mas outra pessoa criou a raça mista” – ouvimos dizer um inglês terrivelmente blasfemo.

Diante de nós está o discurso inaugural do Sr. Juiz Ranade, expressando o zelo reformatório da Conferência Social Indiana. Nele há uma enorme variedade de exemplos de casamentos entre castas de outrora, uma boa folha sobre o espírito liberal dos antigos Kshatriyas, bons conselhos sóbrios para estudantes, todos expressos com uma sinceridade de boa vontade e gentileza de linguagem que é verdadeiramente admirável. .

A última parte, porém, que oferece conselhos quanto à criação de um corpo de professores para o novo movimento forte no Punjab, que tomamos como certo é o Ârya Samâj, fundado por um Sannyâsin, deixa-nos a pensar e a perguntar-nos: :

Parece que Deus criou o Brâhmin, Deus criou o Kshatriya, mas quem criou o Sannyasin?

Houve e há Sannyasins ou monges em todas as religiões conhecidas. Existem monges hindus, monges budistas, monges cristãos, e até o Islão teve de ceder à sua negação rigorosa e aceitar ordens inteiras de monges mendicantes.

Existem os totalmente raspados, os parcialmente raspados, os cabelos longos, os cabelos curtos, os cabelos emaranhados e vários outros tipos hirsutos.

Existem os vestidos de céu, os vestidos de trapos, os vestidos de ocre, os vestidos de amarelo (monges), os cristãos vestidos de preto e os muçulmanos vestidos de azul. Depois, houve aqueles que torturaram a sua carne de várias maneiras, e outros que acreditaram em manter os seus corpos bem e saudáveis. Houve também, em dias ímpares, em todos os países, o monge militante. O mesmo espírito e manifestações semelhantes correm em linhas paralelas também com as mulheres – as freiras. O Sr. Ranade não é apenas o presidente da Conferência Social Indiana, mas também um cavalheiro cavalheiresco: as freiras dos Shrutis e Smritis

parecem ter sido para sua inteira satisfação. Os antigos celibatários Brahmavâdinis, que viajaram de corte em corte desafiando grandes filósofos, não lhe parecem frustrar o plano central do Criador – a propagação das espécies; nem pareciam ter faltado a variedade e completude da experiência humana, na opinião do Sr. Ranade, como parece ter acontecido com o sexo forte que segue a mesma linha de conduta.

Portanto, descartamos as antigas freiras e seus descendentes espirituais modernos como tendo passado no teste.

O arquiteto-infrator, o homem sozinho, tem de suportar o peso das críticas do Sr. Ranade, e vamos ver se ele sobrevive ou não.

Parece ser consenso de opinião entre os sábios que esta instituição monástica mundial teve o seu primeiro início nesta nossa curiosa terra, que parece necessitar tanto de "reforma social".

O professor casado e o celibatário são tão antigos quanto os Vedas. Se o Rishi casado, bebedor de Soma, com sua experiência "completa" foi o primeiro em ordem de aparição, ou se o Rishi celibatário sem experiência humana era a forma primitiva, é difícil decidir agora. Possivelmente o Sr. Ranade resolverá o problema para nós independentemente do boato dos chamados estudiosos do Sânscrito Ocidental; até então a questão permanece um enigma como o problema do ovo e da galinha de outrora.

Mas qualquer que seja a ordem de gênese, os professores celibatários dos Shrutis e Smritis estão em uma plataforma totalmente diferente da dos casados, que é a castidade perfeita, Brahmacharya.

Se a realização de Yajnas é a pedra angular da porção de trabalho dos Vedas, Brahmacharya também é certamente o fundamento da porção de conhecimento.

Por que os sacrificadores que derramam sangue não poderiam ser os expoentes dos Upanishads – por quê?

De um lado estava o Rishi casado, com seus cerimoniais sem sentido, bizarros, ou melhor, terríveis, seu nebuloso senso de ética, para dizer o

mínimo; por outro lado, os monges celibatários exploravam, apesar da sua falta de experiência humana, fontes de espiritualidade e ética nas quais os Jinas monásticos, os Budas, até Shankara, Ramanuja, Kabir e Chaitanya, beberam profundamente e adquiriram energia para propagar as suas maravilhosas reformas espirituais e sociais, e que, reflectidas em terceira e quarta mão pelo Ocidente, estão a dar aos nossos reformadores sociais o poder até de criticarem os Sannyasins.

Actualmente, que apoio e que remuneração recebem os mendicantes na Índia, em comparação com a remuneração e os privilégios dos nossos reformadores sociais? E que trabalho faz o reformador social, comparado ao trabalho silencioso e altruísta de amor do Sannyasin?

Mas eles não aprenderam o método moderno de autopropaganda!!

O hindu bebeu com o leite de sua mãe que esta vida não é nada – um sonho! Nisso ele está de acordo com os ocidentais; mas o ocidental não vê mais nada e a sua conclusão é a do Chârvâka – “fazer feno enquanto o sol brilha”. "Sendo este mundo um buraco miserável, aproveitemos ao máximo os pedaços de prazer que nos restam." Para o hindu, por outro lado, Deus e a alma são as únicas realidades, infinitamente mais reais que este mundo, e ele está, portanto, sempre pronto para deixar isso passar pelo outro.

Enquanto esta atitude da mente nacional continuar, e rezamos para que continue para sempre, que esperança existe nos nossos compatriotas anglicizados para conter o impulso nos homens e mulheres indianos de renunciar a tudo "para o bem do universo e para o seu próprio bem?" própria liberdade"?

E esse cadáver podre de argumento contra o monge - usado primeiro pelos protestantes na Europa, emprestado pelos reformadores bengalis, e agora abraçado pelos nossos irmãos de Bombaim - o monge, devido ao seu celibato, deve carecer da realização da vida "em todas as suas formas". plenitude e em toda a sua experiência variada!" Esperamos que desta vez o cadáver vá para sempre para o Mar Árabe, especialmente nestes dias de peste, e apesar do amor filial, pode-se supor que o principal clã de brâmanes possa ter ancestrais de grande perfume, se os relatos de Paurânika forem de qualquer valor em rastrear sua ancestralidade.

A propósito, na Europa, entre monges e freiras, eles criaram e educaram a maioria das crianças, cujos pais, embora casados, estavam totalmente relutantes em experimentar as “variadas experiências de vida”.

Então, é claro, todas as faculdades nos foram dadas por Deus para algum uso. Portanto o monge está errado em não propagar a raça – um pecador! Bem, também nos foram dadas as faculdades de raiva, luxúria, crueldade, roubo, roubo, trapaça, etc., sendo cada uma delas absolutamente necessária para a manutenção da vida social, reformada ou não. E estes? Deveriam também ser mantidas a todo vapor, seguindo ou não a teoria da experiência variada? É claro que os reformadores sociais, estando em íntimo conhecimento do Deus Todo-Poderoso e dos Seus propósitos, devem responder à pergunta de forma positiva. Devemos seguir Vishvâmitra, Atri e outros em sua ferocidade e a família Vasishtha em particular em sua “experiência plena e variada” com as mulheres? Pois a maioria dos Rishis casados são tão celebrados pela sua liberalidade em gerar filhos onde e quando pudessem, como pelo seu canto de hinos e pela sua fluência no Soma; ou devemos seguir os Rishis celibatários que defenderam Brahmacharya como a condição sine qua non da espiritualidade?

Depois, há os desviados habituais, que deveriam sofrer muitos abusos – monges que não conseguiram manter o seu ideal – fracos, perversos.

Mas se o ideal é reto e sólido, um monge apóstata está muito acima de qualquer chefe de família no país, com base no princípio: “É melhor ter amado e perdido”.

Comparado ao covarde que nunca tentou, ele é um herói.

Se o holofote do escrutínio estivesse voltado para o funcionamento interno do nosso conclave de reforma social, os anjos teriam de tomar nota da percentagem de apóstatas entre o monge e o chefe de família; e o anjo registrador está em nosso coração.

Mas então, o que dizer dessa experiência maravilhosa de ficar sozinho, descartando toda ajuda, enfrentando as tempestades da vida, de trabalhar sem qualquer senso de recompensa, sem qualquer senso de dever pútrido?

Trabalhar uma vida inteira, alegre, livre – sem ser incitados a trabalhar como escravos por falso amor ou ambição humana?

Isto só o monge pode ter. E quanto à religião? Deve permanecer ou desaparecer? Se permanecer, precisará dos seus especialistas, dos seus soldados. O monge é o especialista religioso, tendo feito da religião a sua única profissão de vida. Ele é o soldado de Deus. Que religião morre enquanto tiver um grupo de monges devotados?

Por que a Inglaterra protestante e a América estão tremendo diante do ataque dos monges católicos?

Vive Ranade e os reformadores sociais! – mas, ó Índia! Índia anglicizada! Não se esqueça, criança, que existem nesta sociedade problemas que nem você nem o seu Guru Ocidental podem ainda compreender o significado - e muito menos resolver!

4.3.8 MENSAGEM DA ÍNDIA PARA O MUNDO

As seguintes notas foram descobertas entre os papéis de Swami Vivekananda. Ele pretendia escrever um livro e anotou quarenta e dois pontos como plano de estudos do trabalho, mas apenas alguns pontos foram tratados por ele como introdução e o trabalho ficou inacabado. Damos o manuscrito como encontrado.

PROGRAMA DE ESTUDOS

1. Ousada tem sido a minha mensagem ao povo do Ocidente. Mais ousado para quem está em casa.
2. Quatro anos de residência no maravilhoso Ocidente tornaram a Índia ainda mais compreendida. As sombras são mais profundas e as luzes mais brilhantes.
3. A pesquisa — não é verdade que os índios degeneraram.

4. O problema aqui tem sido como em qualquer outro lugar – a assimilação de várias raças, mas em nenhum lugar foi tão vasto como aqui.
5. A comunidade de língua, de governo e, acima de tudo, de religião tem sido a força da fusão.
6. Noutros países isto foi tentado pela “força”, isto é, pela imposição da cultura de uma raça apenas sobre as restantes. O resultado foi a produção de uma vida nacional vigorosa e de curta duração; então, dissolução.
7. Na Índia, por outro lado, as tentativas foram tão brandas quanto o vasto problema e, desde os primeiros tempos, os costumes, e especialmente as religiões, dos diferentes elementos tolerados.
8. Onde se tratava de um pequeno problema e a força era suficiente para formar uma unidade, o efeito era realmente o corte pela raiz de vários tipos saudáveis no germe de todos os elementos, exceto o dominante. Foi apenas um conjunto de cérebros que usou a grande maioria para seu próprio bem, perdendo assim a maior parte da quantidade possível de desenvolvimento, e assim, quando o tipo dominante se esgotou, o edifício aparentemente inexpugnável cambaleou até às suas ruínas, por exemplo, a Grécia. , Roma, o normando.
9. Uma linguagem comum seria um grande desiderato; mas a mesma crítica se aplica a ela, a destruição da vitalidade dos vários existentes.
10. A única solução a ser alcançada foi a descoberta de uma grande linguagem sagrada da qual todas as outras seriam consideradas como manifestações, e que fosse encontrada no sânscrito.
11. As línguas dravidianas podem ou não ter sido originalmente sânscritas, mas para fins práticos o são agora, e todos os dias as vemos aproximando-se cada vez mais do ideal, mas mantendo as suas peculiaridades vitais distintas.
12. Foi encontrada uma origem racial – os Âryas.

13. A especulação sobre se existia uma raça distinta e separada, chamada Aryas, vivendo da Ásia Central até o Báltico.
14. Os chamados tipos. As raças sempre foram mistas.
15. A “loira” e a “morena”.
16. Chegar ao bom senso prático a partir da chamada imaginação histórica. Os Aryas, em seus registros mais antigos, estavam nas terras entre o Turquestão e o Punjab e o noroeste do Tibete.
17. Isto leva à tentativa de fusão entre raças e tribos de vários graus de cultura.
18. Assim como o sânscrito tem sido a solução linguística, o Arya também é a solução racial. Portanto, o Brâhmin é a solução para os vários graus de progresso e cultura, bem como para todos os problemas sociais e políticos.
19. O grande ideal da Índia – Brahmanismo.
20. Sem propriedades, altruísta, não sujeito a nenhuma lei, sem rei exceto a moral.
21. Brahmanidade por descendência – várias raças reivindicaram e adquiriram o direito no passado e no presente.
22. Nenhuma reivindicação é feita por quem pratica grandes feitos, apenas por tolos preguiçosos e inúteis.
23. Degradação do Brahmanismo e do Kshatriya. Os Puranas disseram que só haverá não-brâmanes no Kali Yuga, e isso é verdade, tornando-se mais verdadeiro a cada dia. No entanto, restam alguns brâmanes, e apenas na Índia.
24. Kshatriyahood – devemos passar por isso para nos tornarmos um Brahmin. Alguns podem ter passado por aqui no passado, mas o presente deve mostrar isso.
25. Mas a revelação de todo o plano encontra-se na religião.

26. As diferentes tribos da mesma raça adoram deuses semelhantes, sob um nome genérico como os Baals dos Babilônios, os Molochs dos Hebreus.

27. A tentativa na Babilônia de fazer com que todos os Baals se fundissem em Baal-Merodaque – a tentativa dos Israelitas de fundir todos os Molochs no Moloch Yavah ou Yahu.

28. Os babilônios destruídos pelos persas; e os hebreus que pegaram a mitologia babilônica e a adaptaram às suas próprias necessidades, conseguiram produzir uma religião monoteísta estrita.

29. O monoteísmo, tal como a monarquia absoluta, é rápido na execução de ordens e apresenta uma grande centralização da força, mas não cresce mais e a sua pior característica é a sua crueldade e perseguição. Todas as nações que estão sob sua influência perecem logo após um surto de alguns anos.

30. Na Índia, o mesmo problema se apresentou — a solução encontrada —
एकं सद्ब्रिण्ण बहुधा वदन्ति ।

Esta é a tônica de tudo o que foi bem-sucedido e a pedra angular do arco.

31. O resultado é aquela maravilhosa tolerância do Vedantista.

32. O grande problema, portanto, é harmonizar e unificar sem destruir a individualidade destes vários elementos.

33. Nenhuma forma de religião que dependa de pessoas, quer desta terra, quer mesmo do céu, é capaz de fazer isso.

34. Aqui está a glória do sistema Advaita pregando um princípio, não uma pessoa, mas permitindo que as pessoas, tanto humanas como divinas, tenham o seu pleno desempenho.

35. Isto tem acontecido o tempo todo; nesse sentido temos sempre progredido. Os profetas durante o governo muçulmano.

36. Era plenamente consciente e vigoroso antigamente, e menos ainda ultimamente; só neste sentido degeneramos.

37. Isso acontecerá no futuro. Se a manifestação do poder de uma tribo utilizando o trabalho das demais produziu resultados maravilhosos, pelo menos durante um certo período de tempo, aqui ocorrerá a acumulação e a concentração de todas as raças que têm se misturado lenta e inevitavelmente. em sangue e ideias, e em minha mente, vejo o futuro gigante amadurecendo lentamente. O futuro da Índia, a mais jovem e a mais gloriosa das nações da Terra, bem como a mais antiga.

38. A caminho — teremos que trabalhar. Costumes sociais como barreiras, alguns baseados nos Smritis. Mas nenhum dos Shrutis. O Smritis deve mudar com o tempo. Esta é a lei admitida.

39. Os princípios do Vedanta não devem apenas ser pregados em toda a Índia, mas também fora dela. Nosso pensamento deve entrar na constituição das mentes de cada nação, não através de escritos, mas através de pessoas.

40. Presente é o único Karma em Kali Yuga. Ninguém alcança conhecimento até ser purificado pelo Karma.

41. Dom de conhecimento espiritual e secular.

42. Renúncia — Renunciantes — o chamado nacional.

INTRODUÇÃO

Ousada tem sido a minha mensagem para o povo do Ocidente, mais ousada é a minha mensagem para vocês, meus amados compatriotas. Tentei ao máximo transmitir a mensagem da Índia antiga às novas nações ocidentais — mal feito ou bem feito, o futuro certamente mostrará; mas a voz poderosa do mesmo futuro já está enviando murmúrios suaves, mas distintos, ganhando força com o passar dos dias, a mensagem da Índia que será para a Índia como ela é atualmente.

Muitas instituições e costumes maravilhosos, e muitas manifestações maravilhosas de força e poder, tive a sorte de estudar no meio das várias raças que conheci, mas o mais maravilhoso de tudo foi descobrir que, por trás de todas essas aparentes variações de costumes, e costumes, de cultura

e poder, bate o mesmo poderoso coração humano sob o impulso das mesmas alegrias e tristezas, da mesma fraqueza e força

O bem e o mal estão por toda parte e o equilíbrio é maravilhosamente equilibrado; mas, acima de tudo, está a alma gloriosa do homem em todos os lugares, que nunca deixa de compreender quem sabe falar a sua própria língua. Homens e mulheres podem ser encontrados em todas as raças cujas vidas são bênçãos para a humanidade, confirmando as palavras do divino Imperador Asoka: "Em todas as terras habitam Brâmanes e Shramanas."

Sou grato às terras do Ocidente pelos muitos corações calorosos que me receberam com todo o amor que só as almas puras e desinteressadas poderiam dar; mas a lealdade da minha vida é para com esta minha pátria; e se eu tivesse mil vidas, cada momento de toda a série seria consagrado ao seu serviço, meus conterrâneos, meus amigos.

Pois a esta terra devo tudo o que possuo, físico, mental e espiritual; e se tive sucesso em alguma coisa, a glória é sua, não minha. Somente minhas são minhas fraquezas e fracassos, pois eles vêm da minha incapacidade de lucrar com as poderosas lições com que esta terra nos cerca, desde o seu nascimento.

E que terra! Quem quer que esteja nesta terra sagrada, seja estrangeiro ou filho da terra, sente-se cercado - a menos que sua alma seja degradada ao nível dos animais brutos - pelos pensamentos vivos dos melhores e mais puros filhos da terra, que têm trabalhado para criar do animal ao divino através dos séculos, cujo início a história não consegue traçar. O próprio ar está cheio das pulsações da espiritualidade. Esta terra é sagrada para a filosofia, para a ética e para a espiritualidade, para tudo o que tende a dar trégua ao homem na sua luta incessante pela preservação do animal, a todo o treino que faça o homem despir-se das vestes da brutalidade e revelar-se como o espírito imortal, o que não nasce, o que não morre, o sempre abençoado - a terra onde o cálice do prazer estava cheio, e mais cheio tem sido o cálice da miséria, até que aqui, antes de tudo, o homem descobriu que tudo era vaidade; aqui, antes de tudo, no auge da juventude, no colo do luxo, no auge da glória e da plenitude do poder, ele rompeu os grilhões da ilusão. Aqui, neste oceano de humanidade, em meio à interação acentuada de fortes correntes de prazer e dor, de força e fraqueza, de riqueza e

pobreza, de alegria e tristeza, de sorriso e lágrima, de vida e morte, no ritmo de fusão de paz e tranquilidade eternas, surgiu o trono da renúncia! Aqui nesta terra, os grandes problemas da vida e da morte, da sede de vida e das lutas vãs e loucas para preservá-la, resultando apenas no acúmulo de desgraças, foram primeiro enfrentados e resolvidos - resolvidos como nunca foram antes e nunca serão. estarei no futuro; pois aqui e somente aqui foi descoberto que até a própria vida é um mal, apenas a sombra de algo que por si só é real. Esta é a terra onde só a religião era prática e real, e só aqui homens e mulheres mergulharam corajosamente para realizar o objetivo, assim como em outras terras eles mergulharam loucamente para realizar os prazeres da vida roubando seus irmãos mais fracos. Aqui e somente aqui o coração humano se expandiu até incluir não apenas o humano, mas também pássaros, animais e plantas; desde os deuses mais elevados até os grãos de areia, os mais elevados e os mais baixos, todos encontram um lugar no coração do homem, tornado grande, infinito. E só aqui a alma humana estudou o universo como uma unidade ininterrupta, cuja cada pulsação era a sua própria pulsação.

Todos ouvimos muito sobre a degradação da Índia. Houve um tempo em que eu também acreditei nisso. Mas hoje, no terreno privilegiado da experiência, com os olhos livres de predisposições obstrutivas e, acima de tudo, das imagens altamente coloridas de outros países, atenuadas até à sua tonalidade e luz adequadas pelo contacto real, confesso com toda a humildade que fui errado. Tu terra abençoada dos Aryas, tu nunca foste degradada. Os cetros foram quebrados e jogados fora, a bola do poder passou de mão em mão, mas na Índia as cortes e os reis sempre tocavam apenas em alguns; a vasta massa do povo, do mais alto ao mais baixo, foi deixada a seguir o seu próprio curso inevitável, a corrente da vida nacional fluindo por vezes lenta e semiconsciente, por outras, forte e desperta. Fico admirado diante da procissão ininterrupta de dezenas de séculos brilhantes, com aqui e ali um tênue elo da corrente, apenas para brilhar com brilho adicional no próximo, e lá está ela caminhando com seus próprios passos majestosos - minha pátria - para cumprir seu destino glorioso, que nenhum poder na terra ou no céu pode impedir - a regeneração do homem, o bruto, no homem, o Deus.

Sim, um destino glorioso, meus irmãos, pois já nos dias dos Upanishads lançamos o desafio ao mundo: न प्रजया धनेन त्यागेनैके अमृतत्वमानशु - "Não pela progênie, não pela riqueza, mas somente pela renúncia, a imortalidade é alcançada ."

Corrida após corrida aceitou o desafio e tentou ao máximo resolver o enigma mundial no plano dos desejos. Todos eles falharam no passado – os antigos foram extintos sob o peso da maldade e da miséria, que a ânsia de poder e ouro traz consigo, e os novos estão cambaleando para a sua queda. A questão ainda não foi decidida: se a paz sobreviverá ou a guerra; se a paciência sobreviverá ou a não tolerância, se a bondade sobreviverá ou a maldade; se o músculo sobreviverá ou o cérebro; se o mundanismo sobreviverá ou a espiritualidade. Resolvemos o nosso problema há muito tempo e mantivemo-lo através de boa ou má sorte, e pretendemos mantê-lo até ao fim dos tempos. Nossa solução é o não-mundanismo – a renúncia.

Este é o tema do trabalho da vida indiana, o peso das suas canções eternas, a espinha dorsal da sua existência, a base do seu ser, a razão de ser da sua própria existência – a espiritualização da raça humana. Neste percurso de vida ela nunca se desviou, quer o tártaro governasse ou o turco, quer o mongol governasse ou o inglês.

E desafio qualquer pessoa a mostrar um único período da sua vida nacional em que a Índia carecia de gigantes espirituais capazes de mover o mundo. Mas o seu trabalho é espiritual, e isso não pode ser feito com toques de trombetas de guerra ou com a marcha de coortes. Sua influência sempre caiu sobre o mundo como a do orvalho suave, inaudível e quase imperceptível, mas fazendo florescer as mais belas flores da terra. Esta influência, sendo por natureza suave, teria de esperar por uma feliz combinação de circunstâncias, para sair do país para outras terras, embora nunca tenha deixado de funcionar dentro dos limites da sua terra natal. Como tal, toda pessoa instruída sabe que sempre que o tártaro, o persa, o grego ou o árabe, construtor do império, colocava esta terra em contato com o mundo exterior, uma massa de influência espiritual imediatamente inundava o mundo a partir daqui. As mesmas circunstâncias se apresentaram mais uma vez diante de nós. As estradas inglesas sobre terra e mar e o maravilhoso poder manifestado pelos habitantes daquela pequena ilha colocaram mais uma vez a Índia em contacto com o resto do mundo, e o mesmo trabalho já começou. Guarde minhas palavras, este é apenas um

pequeno começo, grandes coisas estão por vir; qual será o resultado do presente trabalho fora da Índia, não posso afirmar com exactidão, mas sei com certeza que milhões, digo deliberadamente, milhões em todas as terras civilizadas estão à espera da mensagem que os salvará do hediondo abismo do materialismo para o que o culto ao dinheiro moderno os está a impelir, e muitos dos líderes dos novos movimentos sociais já descobriram que o Vedanta, na sua forma mais elevada, é o único que pode espiritualizar as suas aspirações sociais. Terei que voltar a isso no final. Abordo, portanto, o outro grande assunto, o trabalho dentro do país.

O problema assume um duplo aspecto, não só de espiritualização, mas de assimilação dos vários elementos que compõem a nação. A assimilação de diferentes raças numa só tem sido a tarefa comum na vida de todas as nações.

4.3.9 OBSERVAÇÕES ERRADAS SOBRE TEOSOFIA

(Encontrado entre os papéis de Swami Vivekananda.)

Os Teosofistas estão tendo um jubileu neste ano, e vários avisos de imprensa estão diante de nós sobre suas ações e ações nos últimos vinte e cinco anos.

Ninguém tem o direito agora de dizer que os hindus não são excessivamente liberais. Descobriu-se que um círculo de jovens hindus acolhe até mesmo este enxerto do Espiritismo Americano, com a sua panóplia de batidas e batidas e golpes de um lado para o outro com bolinhas Mahâtmicas.

Os Teosofistas afirmam possuir o conhecimento divino original do universo. Ficamos felizes em saber disso, e ainda mais felizes por eles pretenderem mantê-lo rigorosamente em segredo. Ai de nós, pobres mortais, e ainda por cima hindus, se tudo isso for revelado de uma vez sobre nós! A Teosofia Moderna é a Sra. Besant. O blavatskismo e o olcottismo parecem ter ficado em segundo plano. A Sra. Besant tem boas intenções, pelo menos - e ninguém pode negar sua perseverança e zelo.

Existem, é claro, críticos críticos. Nós, de nossa parte, não vemos nada além de bom na Teosofia – bom naquilo que é diretamente benéfico, bom naquilo que é pernicioso, como dizem, indiretamente bom, como dizemos – o conhecimento geográfico íntimo de vários céus e outros lugares, e de seus habitantes. ; e o trabalho hábil dos dedos no plano visível acompanhando as comunicações fantasmagóricas para os teosofistas vivos - tudo dito. Pois a Teosofia é o melhor soro que conhecemos, cuja injeção nunca deixa de desenvolver as mariposas estranhas que encontram alojamento em alguns cérebros que tentam passar pelo teste como sólidos.

Não temos nenhum desejo de menosprezar o bom trabalho da Teosófica ou de qualquer outra sociedade. No entanto, o exagero foi no passado a ruína da nossa raça e se os vários artigos sobre o trabalho da Sociedade Teosófica que apareceram no Advocate of Lucknow forem tomados como a medida do temperamento de Lucknow, lamentamos aqueles que ela representa, para dizer pelo menos; a depreciação tola é certamente cruel, mas o elogio exagerado é igualmente repugnante.

Este enxerto indiano do Espiritismo Americano - com apenas algumas palavras em sânscrito tomando o lugar do jargão espiritualista - os mísseis Mahâtmâ tomando o lugar das batidas e batidas fantasmagóricas, e a inspiração Mahatmica o da obsessão por fantasmas.

Não podemos atribuir o conhecimento de tudo isto ao escritor dos artigos do Advocate, mas ele não deve confundir a si mesmo e aos seus teosofistas com a grande nação hindu, a maioria da qual viu claramente através dos fenômenos teosóficos desde o início e, seguindo o grande Swami Dayânanda Sarasvati, que retirou o seu patrocínio ao Blavatskismo no momento em que o descobriu, manteve-se distante.

Novamente, qualquer que seja a predileção do escritor em questão, os hindus têm ensinamentos e professores religiosos suficientes entre si, mesmo nesta Kali Yuga, e não precisam de fantasmas mortos de russos e americanos.

Os artigos em questão são difamações contra os hindus e a sua religião. Nós, hindus - saiba o escritor, como o dos artigos mencionados, de uma vez por todas - não temos necessidade nem desejo de importar a religião do

Ocidente. Bastante tem sido a degradação da importação de quase todo o resto.

A importação no caso da religião deveria recair principalmente do lado do Ocidente, temos certeza, e nosso trabalho tem sido sempre nessa linha. A única ajuda que a religião dos Hindus obteve dos Teosofistas no Ocidente não foi um campo pronto, mas anos de trabalho árduo, exigido pelos métodos de prestidigitação teosóficos. O escritor deveria saber que os teosofistas queriam rastejar até o coração da sociedade ocidental, agarrando-se às saias de estudiosos como Max Müller e poetas como Edwin Arnold, denunciando todos esses mesmos homens e posando como os únicos receptáculos da universalidade. sabedoria. E suspiramos de alívio porque essa sabedoria maravilhosa é mantida em segredo. O pensamento indiano, o charlatanismo e o faquirismo do cultivo de mangas foram todos identificados nas mentes das pessoas instruídas no Ocidente, e esta foi toda a ajuda prestada à religião hindu pelos teosofistas.

O grande efeito imediato e visível da Teosofia em todos os países, até onde podemos ver, é separar, como as injeções do Prof. Koch nos pulmões dos tuberculosos, os saudáveis, espirituais, ativos e patrióticos dos charlatões, dos mórbidos, e os degenerados se passando por seres espirituais.

4.3.10 RESPOSTA AO ENDEREÇO DO MAHARAJA DE KHETRI

ÍNDIA — A TERRA DA RELIGIÃO

Durante a residência do Swamiji na América, o seguinte discurso do Maharaja de Khetri (Rajputana), datado de 4 de março de 1895, foi recebido por ele:

Meu querido Swamiji,

Como chefe deste Durbar (uma assembleia formal e imponente) realizada hoje para este propósito especial, tenho muito prazer em transmitir-lhe, em meu próprio nome e no dos meus súditos, os sinceros agradecimentos deste

Estado pela sua digna representação do Hinduísmo. no Parlamento das Religiões, realizado em Chicago, na América.

Não creio que os princípios gerais do hinduísmo pudessem ser expressos de forma mais precisa e clara em inglês do que o que você fez, com todas as restrições impostas pelas deficiências naturais da própria linguagem.

A influência de sua maneira de falar e de seu comportamento em terras estrangeiras não apenas espalhou a admiração entre homens de diferentes países e de diferentes religiões, mas também serviu para familiarizá-los com eles, para ajudar na promoção de sua causa altruísta. Isto é altamente e inexprimivelmente apreciado por todos nós, e sentiríamos que estamos a falhar no nosso dever, se eu não lhe escrevesse formalmente, pelo menos estas poucas linhas, expressando a nossa sincera gratidão por todo o trabalho que teve em ir para países estrangeiros, e expor no Parlamento Americano de Religiões as verdades de nossa antiga religião que sempre consideramos tão querida. É certamente aplicável ao orgulho da Índia o facto de ter tido a sorte de possuir o privilégio de ter assegurado um representante tão capaz como você.

Devemos agradecimentos também àquelas nobres almas cujos esforços conseguiram organizar o Parlamento das Religiões e que vos concederam uma recepção muito entusiástica. Como você era um estrangeiro naquele continente, o tratamento gentil que dispensaram a você se deve ao amor pelas diversas qualificações que você possui, e isso fala muito de sua natureza nobre.

Anexo aqui vinte exemplares impressos desta carta e devo solicitar que, guardando esta consigo, você gentilmente distribua os demais exemplares entre seus amigos.

Com os melhores cumprimentos,

Eu permaneço,

Atenciosamente,

RAJA AJIT SINGH BAHADUR DE KHETRI.

O Swamiji enviou a seguinte resposta:

“Sempre que a virtude diminui e a maldade surge, Eu Me manifesto para restaurar a glória da religião” - são as palavras, ó nobre Príncipe, do Eterno no sagrado Gitâ, atingindo a nota tônica do fluxo e refluxo pulsante do energia espiritual no universo.

Estas mudanças manifestam-se repetidamente em ritmos que lhes são peculiares e, como qualquer outra mudança tremenda, embora afetem, mais ou menos, todas as partículas dentro da sua esfera de acção, mostram os seus efeitos mais intensamente sobre as partículas que são naturalmente susceptíveis de sofrer alterações. seu poder.

Como num sentido universal, o estado primordial é um estado de uniformidade das forças qualitativas - uma perturbação deste equilíbrio e todas as lutas sucessivas para recuperá-lo, compondo o que chamamos de manifestação da natureza, este universo, cujo estado de coisas permanece como enquanto a mesmice primitiva não for alcançada - então, num sentido restrito na nossa própria terra, a diferenciação e a sua contrapartida inevitável, esta luta pela homogeneidade, deve permanecer enquanto a raça humana permanecer como tal, criando peculiaridades fortemente marcadas entre diferenças étnicas. divisões, sub-raças e até mesmo indivíduos em todas as partes do mundo.

Neste mundo de divisão e equilíbrio imparciais, portanto, cada nação representa, por assim dizer, um dínamo maravilhoso para o armazenamento e distribuição de uma espécie particular de energia, e entre todas as outras posses essa propriedade particular brilha como a característica especial dessa espécie. corrida. E assim como qualquer convulsão em qualquer parte específica da natureza humana, embora afete outras mais ou menos, agita profundamente aquela nação da qual é uma característica especial, e da qual geralmente começa como centro, assim também qualquer comoção no mundo religioso O mundo certamente produzirá mudanças importantes na

Índia, aquela terra que repetidamente teve que fornecer o centro das convulsões religiosas generalizadas; pois, acima de tudo, a Índia é a terra da religião.

Cada homem considera real apenas aquilo que o ajuda a realizar seu ideal. Para os de mentalidade mundana, tudo o que pode ser convertido em dinheiro é real, aquilo que não pode ser convertido é irreal. Para o homem de espírito dominador, qualquer coisa que conduza à sua ambição de governar os seus semelhantes é real – o resto não é nada; e o homem não encontra nada naquilo que não ecoe as batidas do coração do seu amor especial na vida.

Aqueles cujo único objetivo é trocar as energias da vida por ouro, ou nome, ou qualquer outro prazer; aqueles para quem o vagabundo das coortes em apuros é a única manifestação de poder; aqueles para quem os prazeres dos sentidos são a única felicidade que a vida pode proporcionar - para estes, a Índia sempre aparecerá como um imenso deserto cuja cada explosão é mortal para o desenvolvimento da vida, como é conhecida por eles.

Mas para aqueles cuja sede de vida foi saciada para sempre bebendo da corrente da imortalidade que flui de muito além do mundo dos sentidos, cujas almas lançaram fora - como uma serpente seu lamaçal - as tríplices cadeias da luxúria, o ouro, e fama, que, do auge da calma, olham com amor e compaixão para as brigas e ciúmes mesquinhos e brigas por pequenas bolas douradas cheias de poeira, chamadas de "gozo" por aqueles que estão sob a escravidão dos sentidos; para aqueles cuja força acumulada de boas ações passadas fez com que as escamas da ignorância caíssem de seus olhos, fazendo-os ver através da vaidade do nome e da forma - para tais, onde quer que estejam, a Índia, a pátria mãe e a mina eterna da espiritualidade, permanece transfigurado, um farol de esperança para todos que buscam Aquele que é a única Existência real em um universo de sombras evanescentes.

A maioria da humanidade só consegue compreender o poder quando este lhe é apresentado de uma forma concreta, adequada às suas percepções. Para eles, a agitação e a excitação da guerra, com seu poder e encanto, é algo muito tangível, e qualquer manifestação de vida que não venha como um redemoinho, derrubando tudo o que está à sua frente, é para eles como a

morte. E a Índia, durante séculos aos pés de conquistadores estrangeiros, sem qualquer ideia ou esperança de resistência, sem a menor solidariedade entre as suas massas, sem a menor ideia de patriotismo, deve necessariamente parecer-lhe uma terra de ossos podres, uma terra sem vida massa putrescente.

Diz-se que só os mais aptos sobrevivem. Como é, então, que esta raça, a mais incapacitada de todas, de acordo com as ideias comumente aceites, pôde suportar os mais terríveis infortúnios que alguma vez se abateram sobre uma raça, e ainda assim não mostrar os menores sinais de decadência? Como é que, enquanto os poderes de multiplicação das chamadas raças vigorosas e activas diminuem todos os dias, o imoral (?) Hindu mostra um poder de crescimento que ultrapassa todos eles? Grandes louros são devidos, sem dúvida, àqueles que conseguem inundar o mundo com sangue a qualquer momento; grande, na verdade, é a glória daqueles que, para manterem uma população de alguns milhões de pessoas em abundância, têm de fazer passar fome metade da população da Terra, mas nenhum crédito é devido àqueles que conseguem manter centenas de milhões em paz e abundância, sem arrancar o pão da boca de mais alguém? Não há poder demonstrado em educar e guiar os destinos de incontáveis milhões de seres humanos, ao longo de centenas de séculos, sem a menor violência contra os outros?

Os mitólogos de todas as raças antigas nos fornecem fábulas de heróis cuja vida estava concentrada em uma pequena porção de seus corpos, e até que isso fosse tocado eles permaneciam invulneráveis. Parece que cada nação também tem um centro de vida tão peculiar e, enquanto esse centro permanecer intocado, nenhuma miséria e infortúnio poderão destruí-lo.

Na religião reside a vitalidade da Índia, e enquanto a raça hindu não esquecer a grande herança dos seus antepassados, não haverá poder na terra para destruí-los.

Hoje em dia todos culpam aqueles que olham constantemente para o passado. Diz-se que olhar tanto para o passado é a causa de todos os problemas da Índia. Para mim, pelo contrário, parece que o oposto é verdadeiro. Enquanto esqueceram o passado, a nação hindu permaneceu num estado de estupor; e assim que começam a olhar para o seu passado, há

em todos os lados uma nova manifestação de vida. É a partir deste passado que o futuro deve ser moldado; este passado se tornará o futuro.

Quanto mais, portanto, os hindus estudam o passado, mais glorioso será o seu futuro, e quem tenta trazer o passado à porta de todos, é um grande benfeitor para a sua nação. A degeneração da Índia ocorreu não porque as leis e costumes dos antigos fossem ruins, mas porque não lhes foi permitido levar às suas conclusões legítimas.

Todo estudante crítico sabe que as leis sociais da Índia sempre estiveram sujeitas a grandes mudanças periódicas. No seu início, essas leis eram a personificação de um plano gigantesco, que se desenvolveria lentamente ao longo do tempo. Os grandes videntes da Índia antiga viram tão à frente do seu tempo que o mundo ainda terá de esperar séculos para apreciar a sua sabedoria, e é precisamente esta incapacidade por parte dos seus próprios descendentes para apreciarem todo o alcance deste plano maravilhoso que é a única causa da degeneração da Índia.

A Índia Antiga foi durante séculos o campo de batalha para os ambiciosos projetos de duas de suas principais classes – os Brâmanes e os Kshatriyas.

Por um lado, o sacerdócio manteve-se entre a tirania social sem lei dos príncipes sobre as massas que os Kshatriyas declararam ser o seu alimento legal. Por outro lado, o poder Kshatriya foi a única força poderosa que lutou com algum sucesso contra a tirania espiritual do sacerdócio e a cadeia cada vez maior de cerimoniais que eles estavam forjando para amarrar o povo.

O cabo de guerra começou nos primeiros períodos da história da nossa raça e pode ser claramente rastreado ao longo dos Shrutis. Uma calma momentânea ocorreu quando Shri Krishna, liderando a facção do poder Kshatriya e de Jnâna, mostrou o caminho para a reconciliação. O resultado foram os ensinamentos do Gita – a essência da filosofia, da liberalidade, da religião. No entanto, as causas existiam e o efeito devia seguir-se.

A ambição destas duas classes de serem senhores dos pobres e ignorantes estava presente, e o conflito tornou-se mais uma vez feroz. A escassa literatura que chegou até nós daquele período traz até nós apenas tênues ecos daquela poderosa luta passada, mas finalmente eclodiu como uma

vitória para os Kshatriyas, uma vitória para Jnana, para a liberdade - e o cerimonial teve que ser eliminado. para baixo, muito disso para sempre. Essa reviravolta foi o que é conhecido como reforma budista. Do lado religioso, representava a liberdade do cerimonial; no lado político, a derrubada do sacerdócio pelos Kshatriyas.

É um fato significativo que os dois maiores homens que a Índia antiga produziu foram ambos Kshatriyas – Krishna e Buda – e ainda mais significativo é o fato de que esses dois homens-Deus abriram a porta do conhecimento para todos, independentemente de nascimento ou sexo. .

Apesar da sua maravilhosa força moral, o Budismo era extremamente iconoclasta; e sendo grande parte da sua força gasta em tentativas meramente negativas, teve de extinguir-se na sua terra natal, e o que restou dele tornou-se cheio de superstições e cerimoniais, cem vezes mais grosseiros do que aqueles que pretendia suprimir. Embora tenha parcialmente conseguido acabar com os sacrifícios de animais dos Vedas, encheu a terra com templos, imagens, símbolos e ossos de santos.

Acima de tudo, na mistura de arianos, mongóis e aborígenes que criou, inconscientemente abriu caminho para alguns dos hediondos Vâmâchâras. Esta foi especialmente a razão pela qual esta paródia dos ensinamentos do grande Mestre teve que ser expulsa da Índia por Shri Shankara e seu bando de Sannyasins.

Assim, mesmo a corrente da vida, posta em movimento pela maior alma que já assumiu uma forma humana, o próprio Bhagavân Buda, tornou-se um lago miasmático, e a Índia teve que esperar durante séculos até que Shankara surgisse, seguido em rápida sucessão por Râmânuja e Madhva. .

A essa altura, um capítulo inteiramente novo havia se aberto na história da Índia. Os antigos Kshatriyas e os Brâmanes desapareceram. A terra entre os Himalaias e os Vindhya, o lar dos Âryas, a terra que deu à luz Krishna e Buda, o berço dos grandes Râjarshis e Brahmarshis, ficou em silêncio, e desde o extremo mais distante da Península Indiana, de raças estranhas na fala e na forma, de famílias que afirmavam ser descendentes dos antigos brâmanes, surgiu a reação contra o budismo corrompido.

O que aconteceu com os brâmanes e kshatriyas de Âryâvarta? Eles haviam desaparecido completamente, exceto aqui e ali alguns clãs mestiços que afirmavam ser brâmanes e kshatriyas, e apesar de suas afirmações infladas e auto-elogiosas de que o mundo inteiro deveria aprender com एतद्देशप्रसूतस्य सकाशादगजन्मनः, eles tiveram que sentar-se em silêncio. sacos e cinzas, com toda humildade, para aprender aos pés dos sulistas. O resultado foi o retorno dos Vedas à Índia – um renascimento do Vedânta, tal como a Índia nunca tinha visto antes; até mesmo os chefes de família começaram a estudar os Âranyakas.

No movimento budista, os Kshatriyas eram os verdadeiros líderes, e massas inteiras deles tornaram-se budistas. No zelo da reforma e conversão, os dialetos populares foram cultivados quase exclusivamente em detrimento do sânscrito, e a maior parte dos Kshatriyas se desligou da literatura védica e do aprendizado do sânscrito. Assim, esta onda de reformas, que veio do Sul, beneficiou até certo ponto o sacerdócio, e apenas os padres. Para o resto dos milhões de indianos, forjou mais correntes do que alguma vez tinham conhecido.

Os Kshatriyas sempre foram a espinha dorsal da Índia, e também foram os defensores da ciência e da liberdade, e suas vozes soaram repetidas vezes para limpar o país das superstições; e ao longo da história da Índia eles sempre formaram a barreira invulnerável à agressiva tirania sacerdotal.

Quando a maior parte do seu número mergulhou na ignorância, e outra parte misturou o seu sangue com selvagens da Ásia Central e emprestou as suas espadas para estabelecer as regras dos sacerdotes na Índia, o seu copo ficou cheio até à borda, e afundou a terra de Bharata. , para não se levantar novamente, até que o Kshatriya se desperte e, libertando-se, solte as correntes dos pés dos demais. A arte sacerdotal é a ruína da Índia. Pode o homem degradar seu irmão e escapar da degradação?

Saiba, Rajaji, que a maior de todas as verdades, descoberta por seus ancestrais, é que o universo é um. Alguém pode ferir alguém sem se ferir? A tirania das massas brâmanes e kshatriyas recuou sobre suas próprias cabeças com juros compostos; e mil anos de escravidão e degradação é o que a inexorável lei do Karma está impondo sobre eles.

Isto é o que um dos seus antepassados disse: “Mesmo nesta vida, eles conquistaram a relatividade cuja mente está fixada na mesmice” – alguém que se acredita ser Deus encarnado. Todos nós acreditamos nisso. Suas palavras são vãs e sem sentido? Caso contrário, e sabemos que não o são, qualquer tentativa contra esta perfeita igualdade de toda a criação, independentemente de nascimento, sexo ou mesmo qualificação, é um erro terrível, e ninguém pode ser salvo até que tenha alcançado esta ideia de uniformidade. .

Siga, portanto, nobre Príncipe, os ensinamentos do Vedanta, não como explicados por este ou aquele comentarista, mas como o Senhor dentro de você os entende. Acima de tudo, siga esta grande doutrina da igualdade em todas as coisas, através de todos os seres, vendo o mesmo Deus em todos.

Este é o caminho para a liberdade; desigualdade, o caminho para a escravidão. Nenhum homem e nenhuma nação pode tentar obter liberdade física sem igualdade física, nem liberdade mental sem igualdade mental.

A ignorância, a desigualdade e o desejo são as três causas da miséria humana, e cada uma segue a outra numa união inevitável. Por que um homem deveria se considerar superior a qualquer outro homem, ou mesmo a um animal? É o mesmo por toda parte:

त्वं स्त्री त्वं पुमानसि त्वं कुमार उत वा कुमारी ।

- "Tu és o homem, tu és a mulher, tu és o jovem, tu és a jovem."

Muitos dirão: “Tudo bem para os Sannyasins, mas nós somos chefes de família”. Sem dúvida, um chefe de família que tenha muitos outros deveres a cumprir não pode atingir plenamente esta uniformidade; no entanto, este deveria ser também o seu ideal, pois é o ideal de todas as sociedades, de toda a humanidade, de todos os animais e de toda a natureza, atingir esta igualdade. Mas, infelizmente! eles pensam que a desigualdade é o caminho para alcançar a igualdade, como se pudessem acertar fazendo o errado!

Esta é a ruína da natureza humana, a maldição sobre a humanidade, a raiz de toda a miséria – esta desigualdade. Esta é a fonte de toda escravidão física, mental e espiritual.

समं पश्यन् हि सर्वत्र समवास्थितमीश्वरम् ।
न हि नस्त्यात्मनात्मानं ततो याति परां गतिम् ॥

- "Desde que vê o Senhor igualmente existente em todos os lugares, ele não prejudica o Eu por si mesmo, e assim vai para o Objetivo Mais Elevado" (Gita, XIII. 28). Este ditado contém, em poucas palavras, o caminho universal para a salvação.

Vocês, Rajputs, foram as glórias da Índia antiga. Com a sua degradação veio a decadência nacional, e a Índia só poderá ser elevada se os descendentes dos Kshatriyas cooperarem com os descendentes dos Brâmanes, não para partilhar os despojos da riqueza e do poder, mas para ajudar os fracos a esclarecer os ignorantes, e para restaurar a glória perdida da terra santa de seus antepassados.

E quem pode dizer senão que o momento é propício? Mais uma vez a roda está girando, mais uma vez as vibrações foram postas em movimento a partir da Índia, que estão destinadas em um dia não distante a alcançar os limites mais distantes da Terra. Uma voz falou, cujos ecos continuam e ganham força a cada dia, uma voz ainda mais poderosa do que aquelas que a precederam, pois é a soma de todas elas. Mais uma vez a voz que falou aos sábios nas margens do Sarasvati, a voz cujos ecos reverberaram de pico a pico do "Pai das Montanhas", e desceu sobre as planícies através de Krishna Buda e Chaitanya em inundações que tudo carregam, voltou a falar. Mais uma vez as portas se abriram. Entrem nos reinos da luz, os portões foram abertos mais uma vez.

E você, meu amado Príncipe – você, o descendente de uma raça que é os pilares vivos sobre os quais repousa a religião eterna, seus defensores e ajudantes juramentados, os descendentes de Rama e Krishna, você permanecerá do lado de fora? Eu sei, isso não pode ser. Tenho certeza de que a sua será a primeira mão estendida para ajudar a religião mais uma vez. E quando penso em você, Raja Ajit Singh, alguém em quem as conhecidas realizações científicas de sua casa foram unidas a uma pureza de caráter da qual um santo deveria se orgulhar, a um amor ilimitado pela humanidade, não posso evitar acreditando no glorioso renascimento da religião eterna, quando tais mãos estiverem dispostas a reconstruí-la novamente.

Que as bênçãos de Ramakrishna estejam com você e com os seus para todo o sempre, e que você possa viver muito para o bem de muitos, e para a propagação da verdade é a oração constante de -

VIVEKANANDA.

4.3.11 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE MADRAS

(Quando o sucesso do Swami na América se tornou bem conhecido na Índia, várias reuniões foram realizadas e discursos de agradecimento e felicitações foram enviados a ele. A primeira resposta que ele escreveu foi a do Discurso dos Hindus de Madras.)

AMIGOS, PAÍSES E CO-RELIGIONISTAS DE MADRAS,

É muito gratificante para mim descobrir que meu serviço insignificante à causa de nossa religião foi aceitável para você, não porque seja uma apreciação pessoal de mim e de meu trabalho em uma terra estrangeira e distante, mas como um sinal seguro de que , embora turbilhão após turbilhão de invasões estrangeiras tenha passado sobre a devotada cabeça da Índia, embora séculos de negligência de nossa parte e desprezo por parte de nossos conquistadores tenham ofuscado visivelmente as glórias da antiga Âryâvarta, embora muitas colunas imponentes sobre as quais ela repousasse , muitos belos arcos e muitos cantos maravilhosos foram arrastados pelas inundações que inundaram a terra durante séculos - o centro está todo sólido, a pedra angular está intacta. O fundamento espiritual sobre o qual foi erguido o maravilhoso monumento de glória a Deus e de caridade para com todos os seres permanece inabalável, forte como sempre. Sua generosa apreciação por Aquele cuja mensagem para a Índia e para o mundo inteiro, eu, o mais indigno de Seus servos, tive o privilégio de transmitir, mostra seu instinto espiritual inato que viu Nele e em Sua mensagem os primeiros murmúrios daquela onda de espiritualidade que está destinado, num futuro não distante, a irromper sobre a Índia com todos os seus poderes irresistíveis, levando em seu dilúvio onipotente tudo o que é fraco e defeituoso, e elevando a raça hindu à plataforma que está destinada a ocupar na providência de Deus, coroada com mais glória do que alguma vez

teve no passado, a recompensa de séculos de sofrimento silencioso e o cumprimento da sua missão entre as raças do mundo - a evolução da humanidade espiritual.

O povo do Norte da Índia está especialmente grato a vós, do Sul, como a grande fonte à qual podem ser atribuídos a maior parte dos impulsos que actuam na Índia hoje. Os grandes Bhâshyakâras, Âchâryas que marcaram época, Shankara, Râmânuja e Madhva nasceram no sul da Índia. Grande Shankara a quem todo Advaitavâdin do mundo deve lealdade; o grande Ramanuja, cujo toque celestial converteu os párias oprimidos em Âlwârs; grande Madhva, cuja liderança foi reconhecida até mesmo pelos seguidores do único Profeta do Norte, cujo poder foi sentido em toda a extensão da Índia – Shri Krishna Chaitanya. Mesmo nos dias de hoje, é o Sul quem carrega a palma da mão nas glórias de Varanasi – sua renúncia controla os santuários sagrados nos picos mais distantes do Himalaia, e não é de admirar que com o sangue dos Profetas correndo em suas veias, com suas vidas abençoado por tais Acharyas, você é o primeiro e mais importante a apreciar e apegar-se à mensagem de Bhagavân Shri Ramakrishna.

O Sul tem sido o repositório do conhecimento védico, e você me compreenderá quando afirmo que, apesar das reiteradas afirmações de ignorância agressiva, o Shruti ainda é a espinha dorsal de todas as diferentes divisões da religião hindu.

Por maiores que sejam os méritos das porções Samhitâ e Brâhmana dos Vedas para os etnólogos ou filólogos, por mais desejáveis que sejam os resultados que o अग्निमीले [16] ou इषेत्वोर्जेत्वा [17] ou शत्रो देवीरसीष्टये [18] em conjunto com os diferentes Vedis (altares) e sacrifícios e libações produzidos - tudo estava no caminho de Bhoga; e ninguém jamais afirmou que isso poderia produzir Moksha. Como tal, os Jnâna-Kânda, os Âranyakas, os Shrutis por excelência que ensinam o caminho para a espiritualidade, os Moksha-Mârga, sempre governaram e sempre governarão na Índia.

Perdido nos labirintos e divisões da "Religião Eterna", por preposseção e preconceito incapaz de compreender o significado da única religião cuja adaptação universal é a sombra exata do अणोरणीयान् महतो महीयान् (Menor que o menor, maior que o maior (Katha, II. 20)) Deus que ele prega, tateando no escuro com um padrão de verdade espiritual emprestado de segunda mão de nações que nunca conheceram nada além do materialismo, o jovem hindu moderno luta em vão para compreender a religião de seus antepassados. , e desiste completamente da busca, tornando-se um agnóstico desesperado, ou então, incapaz de vegetar devido aos estímulos de sua natureza religiosa inata, bebe descuidadamente algumas daquelas diferentes decocções do materialismo ocidental com um sabor oriental, e assim cumpre a profecia do Shruti:

परियन्ति मूढा अन्धेनैव नीयमाना यथान्धाः ।

- "Os tolos andam cambaleando de um lado para outro, como cegos guiados por cegos." Somente eles escapam, cuja natureza espiritual foi tocada e vivificada pelo toque vivificante do “Sad-Guru”. (O bom professor.)

Bem, foi dito por Bhagavan Bhashyakara:

दुर्लभं त्रयमेवैतत् देवानुग्रहेतुक्म् ।
मनुष्यत्वं मुमुक्षुत्वं महापुरुषसंश्रयः ॥

- "Esses três são difíceis de obter neste mundo e dependem da misericórdia dos deuses - o nascimento humano, o desejo de salvação e a companhia dos de grande alma."

Seja na análise aguçada dos Vaisheshikas, resultando nas maravilhosas teorias sobre o Paramânu, Dvyanus e Trasarenu, (Átomos, Entidades compostas de dois átomos, Entidades compostas de três átomos.) ou na análise ainda mais maravilhosa exibida nas discussões de o Jâti, Dravya, Guna, Samavâya, (Gênero, Substância, Qualidade, Inerência ou Inseparabilidade.) e às diversas categorias dos Naiyâyikas, elevando-se à marcha solene do pensamento dos Sânkhyas, os pais das teorias da evolução, terminando com a fruta madura, o resultado de todas essas pesquisas, os Sutras de Vyāsa – o único pano de fundo para todas essas diferentes análises e sínteses da mente humana ainda são os Shrutis. Mesmo

nos escritos filosóficos dos budistas ou jainistas, a ajuda dos Shrutis nunca é rejeitada, e pelo menos em algumas das escolas budistas e na maioria dos escritos jainistas, a autoridade dos Shrutis é plenamente admitida, exceto o que eles chamam de os Himsaka Shrutis, que eles consideram ser interpolações dos Brâmanes. Recentemente, tal opinião foi defendida pelo falecido grande Swami Dayânanda Saraswati.

Se alguém for solicitado a apontar o sistema de pensamento para o qual, como centro, todos os pensamentos indianos antigos e modernos convergiram, se alguém quiser ver a verdadeira espinha dorsal do Hinduísmo em todas as suas diversas manifestações, os Sutas de Vyasa serão inquestionavelmente apontados. como constituindo tudo isso.

Qualquer um ouve o Advaita-Keshari rugindo em estrondos de trovão - o Asti, Bhâti e Priya - (Existe (Sat), Brilha (Chit), É amado (Ânanda) - os três indicativos de Brahman.) em meio ao coração parando solenidades das florestas do Himalaia, misturando-se com a cadência solene do rio do céu, ou ouvindo o arrulhar do Piyâ, Pitam nos belos caramanchões do bosque de Vrindâ: quer se misture com as meditações serenas dos mosteiros de Varanasi ou as danças extáticas dos seguidores do Profeta de Nâdia; quer alguém se sente aos pés do professor do sistema Vishishtadvaita com seu Vadakale, Tenkale, (As duas divisões da seita Ramanuja) e todas as outras subdivisões, ou ouça com reverência os Acharyas da escola Mâdhva; quer se ouça o marcial "Wâ Guruki Fateh" (Vitória ao Guru) dos Sikhs seculares ou os sermões sobre o Grantha Sâhib dos Udâsis e Nirmalâs; se ele saúda os discípulos Sannyâsin de Kabir com "Sat Sâhib" e ouve com alegria os Sâkhis (Bhajans); quer ele se debruce sobre a maravilhosa tradição daquele reformador de Rajputana, Dâdu, ou nas obras de seu discípulo real, Sundaradâsa, até o grande Nishchaladâsa, o célebre autor de Vichâra sâgara, cujo livro tem mais influência na Índia do que qualquer outro que tenha sido escrito. escrito em qualquer idioma nos últimos três séculos; se alguém pedir ao Bhangi Mehtar do norte da Índia para se sentar e dar um relato dos ensinamentos de seu Lâlguru - descobrirá que todos esses vários professores e escolas têm como base aquele sistema cuja autoridade é o Shruti, Gitâ seu comentário divino, os Shâriraka-Sutras, seu sistema organizado, e todas as diferentes seitas na Índia, desde os Paramahansa

Parivrâjakâchâryas até os pobres e desprezados discípulos Mehtar de Lâlguru, são manifestações diferentes.

Os três Prasthânas, ("Cursos", isto é, o Upanishad (Shruti), o Gita e os Shariraka-Sutras.), então, em suas diferentes explicações como Dvaita, Vishishtadvaita ou Advaita, com algumas pequenas recensões, formam o "autoridades" da religião hindu. Os Purânas, as representações modernas dos antigos Nârâsamsi (porção anedótica dos Vedas), fornecem a mitologia, e os Tantras, as representações modernas dos Brâhmanas (porção ritual e explicativa dos Vedas), fornecem o ritual. Assim, os três Prasthanas, como autoridades, são comuns a todas as seitas; mas quanto aos Puranas e Tantras, cada seita tem os seus.

Os Tantras, como dissemos, representam os rituais védicos numa forma modificada; e antes que alguém tire conclusões mais absurdas sobre eles, eu o aconselharei a ler os Tantras em conjunto com os Brahmanas, especialmente a porção Adhvaryu. E a maioria dos Mantras, usados nos Tantras, serão encontrados literalmente extraídos de seus Brahmanas. Quanto à sua influência, além dos rituais Shrouta e Smârta, todas as formas de rituais em voga desde o Himalaia até o Comorin foram retiradas dos Tantras, e dirigem a adoração do Shâkta, ou Shaiva, ou Vaishnava, e todos os outros iguais.

É claro que não pretendo que todos os hindus estejam completamente familiarizados com estas fontes da sua religião. Muitos, especialmente na Baixa Bengala, nunca ouviram falar dos nomes destas seitas e destes grandes sistemas; mas, consciente ou inconscientemente, é o plano estabelecido nos três Prasthanas que todos eles estão elaborando.

Onde quer que, por outro lado, a língua hindi seja falada, mesmo as classes mais baixas têm mais conhecimento da religião vedântica do que muitas das classes mais altas na Baixa Bengala.

E por que isso?

Transportado do solo de Mithilâ para Navadvipa, nutrido e desenvolvido pelo gênio fomentador de Shiromani, Gadâdhara, Jagadisha e uma série de outros grandes nomes, uma análise das leis do raciocínio, em alguns pontos

superior a qualquer outro sistema no todo mundo, expresso num maravilhoso e preciso mosaico de linguagem, ergue-se o Nyâya de Bengala, respeitado e estudado em todo o Hindustão. Mas, infelizmente, o estudo Védico foi tristemente negligenciado, e até poucos anos atrás, dificilmente alguém poderia ser encontrado em Bengala para ensinar o Mahabhâshya de Patanjali. Antigamente, apenas um gênio poderoso se elevou acima dos intermináveis Avachchhinnas e Avachchhedakas (em Nyaya, 'Determinado' e 'atributo determinante'.) - Bhagavân Shri Krishna Chaitanya. Pela primeira vez, a letargia religiosa de Bengala foi abalada e, por um tempo, entrou em comunhão com a vida religiosa de outras partes da Índia.

É curioso notar que embora Shri Chaitanya tenha obtido seu Sannyasa de um Bharati, e como tal ele próprio fosse um Bharati, foi através de Madhavendra Puri que seu gênio religioso foi despertado pela primeira vez.

Os Puris parecem ter uma missão peculiar de despertar a espiritualidade de Bengala. Bhagavan Shri Ramakrishna recebeu seu Sannyâsâshrama de Totâ Puri.

O comentário que Shri Chaitanya escreveu sobre os Vyâsa-Sutras foi perdido ou ainda não foi encontrado. Seus discípulos juntaram-se aos Madhvas do Sul, e gradualmente os mantos de gigantes como Rupa e Sanâtana e Jiva Goswâmi caíram sobre os ombros dos Bâbâjis, e o grande movimento de Shri Chaitanya foi decaindo rapidamente, até que nos últimos anos há um sinal de renascimento. Espero que recupere o esplendor perdido.

A influência de Shri Chaitanya está por toda a Índia. Onde quer que o Bhakti-Mârga seja conhecido, ali ele é apreciado, estudado e adorado. Tenho todos os motivos para acreditar que toda a recensão Vallabhâchârya é apenas um ramo da seita fundada por Shri Chaitanya. Mas a maioria dos seus chamados discípulos em Bengala não sabe como o seu poder ainda funciona em toda a Índia; e como eles podem? Os discípulos tornaram-se Gadiâns (Chefes de mosteiros), enquanto ele pregava descalço de porta em porta na Índia, implorando aos Âchandâlas (todos até o mais baixo) que amassem a Deus.

O curioso e pouco ortodoxo costume de Gurus hereditários que prevalece em Bengala, e na maior parte apenas em Bengala, é outra causa do seu isolamento da vida religiosa do resto da Índia.

A maior causa de todas é que a vida de Bengala nunca recebeu um influxo da grande irmandade dos Sannyasins, que são os representantes e repositórios da mais elevada cultura espiritual indiana, mesmo nos dias atuais.

Tyâga (renúncia) nunca é apreciada pelas classes mais altas de Bengala. A tendência deles é para Bhoga (prazer). Como eles podem obter uma visão profunda das coisas espirituais? त्यागेनैके अमृतत्वमानशुः — "Somente pela renúncia a imortalidade foi alcançada." Como pode ser de outra forma?

Por outro lado, em todo o mundo de língua hindi, uma sucessão de brilhantes professores Tyâgi, de grande influência, levou as doutrinas do Vedanta a todas as portas. Especialmente o ímpeto dado a Tyaga durante o reinado de Ranjit Singh do Punjab tornou os ensinamentos mais elevados da filosofia Vedanta disponíveis para os mais baixos dos mais baixos. Com verdadeiro orgulho, a camponesa Punjabi diz que até a sua roca repete: "Soham", "Soham". E eu vi Mehtar Tyagis na floresta de Hrishikesh vestindo o traje de Sannyasin, estudando o Vedanta. E muitos homens orgulhosos de alta classe ficariam felizes em sentar-se aos seus pés e aprender. E porque não? अन्त्याहपि परं धर्म — "Conhecimento supremo (pode ser aprendido) até mesmo com o homem de baixo nascimento."

É assim que o Noroeste e o Punjab têm uma educação religiosa que está muito à frente da de Bengala, Bombaim ou Madras. Os sempre viajantes Tyagis das diversas ordens, Dashanâmis ou Vairâgis ou Panthis trazem a religião à porta de todos, e o custo é apenas um pedaço de pão. E como a maioria deles é nobre e desinteressada! Há um Sannyasin pertencente aos Kachu Panthis ou independentes (que não se identificam com nenhuma seita), que tem sido fundamental no estabelecimento de centenas de escolas e asilos de caridade em todo Rajputana. Ele abriu hospitais nas florestas e lançou pontes de ferro sobre os desfiladeiros do Himalaia, e este homem nunca toca uma moeda com as mãos, não possui nenhuma posse terrena exceto um cobertor, o que lhe deu o apelido de "Swami do Cobertor". e mendiga o seu pão de porta em porta. Nunca o vi tirando um jantar inteiro

de uma casa, para que isso não representasse um imposto para o chefe de família. E ele é apenas um entre muitos. Você acha que enquanto esses deuses da terra viverem na Índia e protegerem a "Religião Eterna" com a muralha impenetrável de personagens tão piedosos, a velha religião morrerá?

Neste país (Estados Unidos da América), os clérigos às vezes recebem salários tão altos quanto rúpias trinta mil, quarenta mil, cinquenta mil e até noventa mil por ano, por pregarem duas horas apenas no domingo, e que apenas seis meses por ano . Vejam os milhões e milhões que gastam para sustentar a sua religião, e o Jovem Bengala foi ensinado que estes homens divinos e absolutamente altruístas como Kambli-Swami são vagabundos ociosos. मद्भक्तानां ये भक्तस्ते मे भक्ततमा मताः — "Aqueles que são devotos aos Meus adoradores são considerados os melhores dos devotos."

Tomemos até mesmo um caso extremo, o de um Vairagi extremamente ignorante. Mesmo ele, quando vai a uma aldeia, tenta ao máximo transmitir aos aldeões tudo o que sabe, de Tulasidâsa, ou Chaitanya-Charitâmrita ou dos Âlwârs no sul da Índia. Isso não está fazendo bem? E tudo isso por apenas um pedaço de pão e um trapo. Antes de criticá-los impiedosamente, pense no quanto você faz, meu irmão, por seus pobres compatriotas, às custas de quem você obteve sua educação, e ao esmagar cuja cara você mantém sua posição e paga seus professores por lhe ensinarem que os Babajis são apenas vagabundos.

Alguns dos seus compatriotas em Bengala criticaram o que chamam de um novo desenvolvimento do Hinduísmo. E bem, eles podem. Pois o Hinduísmo só agora está a penetrar em Bengala, onde durante muito tempo toda a ideia de religião foi um conjunto de Deshâchâras (costumes locais) no que diz respeito a comer, beber e casar.

Este breve artigo não tem espaço para a discussão de um assunto tão vasto como se a visão do Hinduísmo, que os discípulos de Ramakrishna têm pregado por toda a Índia, estava de acordo com os "Sad-Shâstras" ou não. Mas darei algumas dicas aos nossos críticos, que poderão ajudá-los a compreender melhor a nossa posição.

Em primeiro lugar, nunca afirmei que uma ideia correcta do Hinduísmo possa ser obtida a partir dos escritos de Kâshidâsa ou Krittivâsa, embora as suas palavras sejam "Amrita Samâna" (como o néctar), e aqueles que as ouvem sejam "Punyavâns" (virtuosos). . Mas devemos recorrer às autoridades Védicas e Dârshanika, e aos grandes Acharyas e seus discípulos por toda a Índia.

Se, irmãos, vocês começarem com os Sutras de Gautama, e lerem suas teorias sobre os Âptas (inspirados) à luz dos comentários de Vâtsyâyana, e subirem até os Mimâmsakas com Shabara e outros comentaristas, e descobrirem o que eles dizem sobre o अलौकिकप्रत्यक्षम् (realização suprasensorial), e quem são Aptas, e se todo ser pode se tornar um Apta ou não, e que a prova dos Vedas está em serem as palavras de tais Aptas, se você tiver tempo para examinar Após a introdução de Mahidhara ao Yajur-Veda, você encontrará uma discussão ainda mais lúcida sobre os Vedas serem leis da vida interior do homem e, como tais, serem eternos.

Quanto à eternidade da criação – esta doutrina é a pedra angular não apenas da religião hindu, mas também dos budistas e jainistas.

Agora, todas as seitas na Índia podem ser agrupadas aproximadamente como seguindo o Jnâna-Mârga ou o Bhakti-Mârga. Se você gentilmente ler a introdução ao Shâriraka-Bhâshya de Shri Shankarâchârya, você descobrirá que lá o Nirapekshatâ (transcendência) de Jnana é completamente discutido, e a conclusão é que a realização de Brahman ou a obtenção de Moksha não dependem de cerimônias cerimoniais. , credo, casta, cor ou doutrina. Chegará a qualquer ser que possua os quatro Sâdhanâs, que são a cultura moral mais perfeita.

Quanto aos Bhaktas, até mesmo os críticos bengalis sabem muito bem que algumas de suas autoridades chegaram a declarar que a casta, a nacionalidade ou o sexo, ou, nesse caso, mesmo o nascimento humano, nunca foi necessário para Moksha. Bhakti é a única coisa necessária.

Tanto Jnana quanto Bhakti são pregados em todos os lugares como incondicionados e, como tal, não há uma autoridade que estabeleça as condições de casta, credo ou nacionalidade para alcançar Moksha. Veja a discussão sobre o Sutra de Vyâsa — अन्तरा चापि तु तद्वदुच्यते: [19] de Shankara, Ramanuja e Madhva.

Percorra todos os Upanishads, e até mesmo os Samhitas, em nenhum lugar você encontrará as idéias limitadas de Moksha que todas as outras religiões têm. Quanto à tolerância, ela está em toda parte, até mesmo no Samhita do Adhvaryu Veda, no terceiro ou quarto verso do quadragésimo capítulo, se minha memória não falhar; começa com न बुद्धिभेदं जनयेदज्ञानां कर्मसंश्रिताम् । . [20] Isso está acontecendo em todos os lugares. Alguém foi perseguido na Índia por escolher seu Ishta Devatâ, ou por se tornar ateu ou mesmo agnóstico, desde que obedecesse às regulamentações sociais? A sociedade pode punir qualquer pessoa pela sua desaprovação por quebrar qualquer um dos seus regulamentos, mas nenhum homem, o mais inferior Patita (caído), é jamais excluído de Moksha. Você não deve misturar os dois. Quanto a isso, em Malabar não é permitido que um Chandâla passe pela mesma rua que um homem de casta alta, mas deixe-o tornar-se muçulmano ou cristão, ele será imediatamente autorizado a ir a qualquer lugar; e esta regra prevaleceu no domínio de um soberano hindu durante séculos. Pode ser estranho, mas mostra a ideia de tolerância para com outras religiões, mesmo nas circunstâncias mais desfavoráveis.

A única ideia em que as religiões hindus diferem de todas as outras no mundo, a única ideia para expressar que os sábios quase esgotam o vocabulário da língua sânscrita, é que o homem deve realizar Deus mesmo nesta vida. E os textos Advaita acrescentam muito logicamente: “Conhecer Deus é tornar-se Deus”.

E aqui surge como consequência necessária a mais ampla e mais gloriosa ideia de inspiração - não apenas como afirmada e declarada pelos Rishis dos Vedas, não apenas por Vidura e Dharmavyâdha e vários outros, mas até mesmo outro dia Nischaladâsa, um Tyagi da seita Dâdu panthi, declarou corajosamente em seu Vichâra-Sâgara: "Aquele que conheceu Brahman tornou-se Brahman. Suas palavras são Vedas e dissiparão a escuridão da ignorância, seja expressa em sânscrito ou em qualquer dialeto popular."

Assim, realizar Deus, o Brahman, como dizem os Dvaitins, ou tornar-se Brahman, como dizem os Advaitins – é o objetivo e o fim de todo o ensinamento dos Vedas; e todos os outros ensinamentos nele contidos representam um estágio no curso de nosso progresso até lá. E a grande glória de Bhagavan Bhashyakara Shankaracharya é que foi seu gênio que deu a mais maravilhosa expressão às ideias de Vyasa.

Como absoluto, somente Brahman é verdadeiro; como verdade relativa, todas as diferentes seitas, que se baseiam em diferentes manifestações do mesmo Brahman, seja na Índia ou em outro lugar, são verdadeiras. Apenas alguns são mais altos que outros. Suponha que um homem vá direto em direção ao sol. A cada passo de sua jornada ele terá visões cada vez mais novas do sol – o tamanho, a vista e a luz serão novos a cada momento, até que ele alcance o sol real. Ele viu o sol inicialmente como uma grande bola, e então começou a aumentar de tamanho. O sol nunca foi pequeno como a bola que ele viu; nem nunca foi como toda a sucessão de sóis que ele viu em sua jornada. Ainda assim, não é verdade que o nosso viajante sempre viu o sol, e nada além do sol? Da mesma forma, todas essas várias seitas são verdadeiras - algumas mais próximas, outras mais distantes do sol real que é o nosso एकमेवाद्वितीयम् - "Um sem segundo".

E como os Vedas são as únicas escrituras que ensinam este Deus real e absoluto, do qual todas as outras ideias de Deus são apenas visões minimizadas e limitadas; como o सर्वलोकहितैषिणी (O simpatizante de todo o mundo.) Shruti pega suavemente o devoto pela mão e o conduz de um estágio a outro, por todos os estágios que são necessários para ele viajar para alcançar o Absoluto; e como todas as outras religiões representam um ou outro desses estágios de uma forma cristalizada e não progressiva, todas as outras religiões do mundo estão incluídas na religião védica eterna, sem nome e ilimitada.

Trabalhe centenas de vidas, procure cada canto da sua mente durante séculos – e ainda assim você não encontrará uma nobre ideia religiosa que já não esteja embutida naquela mina infinita de espiritualidade.

Quanto à chamada idolatria Hindu – primeiro vá e aprenda as formas pelas quais elas estão passando, e onde é que os adoradores estão realmente adorando, seja no templo, na imagem, ou no templo de seus próprios

corpos. Primeiro saiba com certeza o que eles estão fazendo – algo que mais de noventa por cento dos injuriadores ignoram completamente – e então isso se explicará à luz da filosofia Vedanta.

Ainda assim, estes Karmas não são obrigatórios. Por outro lado, abra o seu Manu e veja onde ele ordena que cada homem idoso abrace o quarto Ashrama, e quer ele o aceite ou não, ele deve abandonar todo o Karma. É reiterado em todos os lugares que todos esses Karmas ज्ञाने परिसमाप्यते । — “finalmente terminam em Jnana”.

Quanto a isso, um camponês hindu tem mais educação religiosa do que muitos cavalheiros de outros países. Um amigo criticou o uso de termos europeus de filosofia e religião nos meus discursos. Eu teria ficado muito feliz em usar termos em sânscrito; teria sido muito mais fácil, por ser o único veículo perfeito do pensamento religioso. Mas o amigo esqueceu que eu estava me dirigindo a um público ocidental; e embora um certo missionário indiano tenha declarado que os hindus haviam esquecido o significado de seus livros em sânscrito, e que foram os missionários que desenterraram o significado, não consegui encontrar ninguém naquela grande multidão de missionários que pudesse entender uma linha em sânscrito - e no entanto, alguns deles leram artigos eruditos criticando os Vedas e todas as fontes sagradas da religião hindu!

Não é verdade que sou contra qualquer religião. É igualmente falso que eu seja hostil aos missionários cristãos na Índia. Mas protesto contra alguns dos seus métodos de angariar dinheiro na América. O que significam aquelas imagens nos livros escolares para crianças, onde a mãe hindu é retratada jogando seus filhos aos crocodilos no Ganges? A mãe é negra, mas o bebê é pintado de branco, para despertar mais simpatia e ganhar mais dinheiro. O que significam aqueles quadros que mostram um homem queimando a esposa numa fogueira com as próprias mãos, para que ela se torne um fantasma e atormente o inimigo do marido? O que significam as imagens de carros enormes esmagando seres humanos? Outro dia foi publicado um livro para crianças deste país, onde um destes senhores conta a narrativa da sua visita a Calcutá. Ele diz que viu um carro atropelando fanáticos nas ruas de Calcutá. Ouvi um desses senhores pregar em Memphis que em cada aldeia da Índia existe um lago cheio de ossos de bebês.

O que os hindus fizeram a esses discípulos de Cristo para que toda criança cristã fosse ensinada a chamar os hindus de "vil" e "miseráveis" e os demônios mais horríveis da terra? Parte da educação da Escola Dominical para as crianças aqui consiste em ensiná-las a odiar todos os que não são cristãos, especialmente os hindus, para que, desde a infância, possam destinar seus centavos às missões. Se não fosse por causa da verdade, por causa da moralidade dos seus próprios filhos, os missionários cristãos não deveriam permitir que tais coisas acontecessem. É de admirar que tais crianças cresçam e se tornem homens e mulheres implacáveis e cruéis? Quanto melhor um pregador puder pintar as torturas do inferno eterno – o fogo que ali arde, o enxofre – mais elevada será a sua posição entre os ortodoxos. Uma criada a serviço de um amigo meu teve que ser enviada para um asilo para lunáticos por frequentar o que aqui chamam de pregação revivalista. A dose de fogo do inferno e enxofre foi demais para ela. Veja novamente os livros publicados em Madras contra a religião hindu. Se um hindu escrever uma dessas linhas contra a religião cristã, os missionários gritarão fogo e vingança.

Meus compatriotas, estou neste país há mais de um ano. Tenho visto quase todos os cantos da sociedade e, depois de comparar notas, deixe-me dizer-lhe que nem nós somos demônios, como os missionários dizem ao mundo que somos, nem eles são anjos, como afirmam ser. Quanto menos os missionários falarem de imoralidade, infanticídio e dos males do sistema matrimonial hindu, melhor para eles. Poderão existir imagens reais de alguns países, diante das quais todas as imagens missionárias imaginárias da sociedade hindu desaparecerão na luz. Mas a minha missão na vida não é ser um insultador pago. Serei o último homem a reivindicar a perfeição para a sociedade hindu. Nenhum homem está mais consciente dos defeitos que existem nele, ou dos males que cresceram sob séculos de infortúnios. Se, amigos estrangeiros, vocês vierem com simpatia genuína para ajudar e não para destruir, boa sorte para vocês. Mas se por abusos, incessantemente lançados contra a cabeça de uma raça prostrada a tempo e fora de tempo, você quer dizer apenas a afirmação triunfante da superioridade moral de sua própria nação, deixe-me dizer-lhe claramente, se tal comparação for instituída com qualquer quantidade de justiça, o hindu será encontrado muito acima de todas as outras nações do mundo como uma raça moral.

Na Índia, a religião nunca foi algemada. Nenhum homem jamais foi desafiado na seleção de seu Ishta Devatâ, ou de sua seita, ou de seu preceptor, e a religião cresceu, como não cresceu em nenhum outro lugar. Por outro lado, era necessário um ponto fixo para permitir esta variação infinita à religião, e a sociedade foi escolhida como esse ponto na Índia. Como resultado, a sociedade tornou-se rígida e quase imóvel. Pois a liberdade é a única condição de crescimento.

Por outro lado, no Ocidente, o campo de variação era a sociedade e o ponto constante era a religião. Conformidade era a palavra de ordem, e ainda hoje é a palavra de ordem da religião europeia, e cada nova partida só tinha de obter a menor vantagem atravessando um rio de sangue. O resultado é uma organização social esplêndida, com uma religião que nunca ultrapassou as concepções materialistas mais grosseiras.

Hoje o Ocidente está a despertar para as suas necessidades; e o “verdadeiro eu do homem e do espírito” é a palavra de ordem da escola avançada de teólogos ocidentais. O estudante da filosofia sânscrita sabe de onde sopra o vento, mas não importa de onde vem o poder, desde que traga nova vida.

Na Índia, ao mesmo tempo, novas circunstâncias exigem persistentemente um novo ajustamento das organizações sociais. Durante os últimos três quartos de século, a Índia tem estado fervilhando de sociedades reformistas e de reformadores. Mas, infelizmente, cada um deles provou ser um fracasso. Eles não sabiam o segredo. Eles não aprenderam a grande lição a ser aprendida. Na sua pressa, eles colocaram todos os males da nossa sociedade às portas da religião; e como o homem da história, querendo matar o mosquito que estava na testa de um amigo, eles tentavam desferir golpes tão fortes que teriam matado homem e mosquito juntos. Mas neste caso, felizmente, eles apenas se chocaram contra rochas imóveis e foram esmagados pelo choque do recuo. Glória àquelas almas nobres e altruístas que lutaram e falharam em suas tentativas mal direcionadas. Esses choques galvânicos de zelo reformatório foram necessários para despertar o leviatã adormecido. Mas eles foram inteiramente destrutivos, e não construtivos, e como tais eram mortais e, portanto, morreram.

Vamos abençoá-los e aproveitar sua experiência. Não aprenderam a lição de que tudo é um crescimento de dentro para fora, de que toda evolução é

apenas uma manifestação de uma involução anterior. Eles não sabiam que a semente só pode assimilar os elementos circundantes, mas cresce uma árvore em sua própria natureza. Até que toda a raça hindu seja extinta e uma nova raça tome posse da terra, tal coisa nunca poderá acontecer – tente o Oriente ou o Ocidente, a Índia nunca poderá ser a Europa até morrer.

E ela morrerá – esta velha Mãe de tudo o que é nobre, moral ou espiritual, a terra que os sábios pisaram, a terra em que homens semelhantes a Deus ainda vivem e respiram? Pegarei emprestada a lanterna do sábio ateniense e seguirei você, meu irmão, através das cidades e vilas, planícies e florestas deste vasto mundo - mostre-me tais homens em outras terras, se puder. Verdadeiramente disseram que a árvore é conhecida pelos seus frutos. Vá sob cada mangueira da Índia; pegue alqueires das frutas comidas por vermes, verdes e caídas do chão, e escreva centenas dos volumes mais eruditos em cada uma delas - ainda assim você não descreveu uma única manga. Arranque uma manga deliciosa, adulta e succulenta da árvore e agora você sabe tudo o que é a manga.

Da mesma forma, estes Homens-Deuses mostram o que é a religião Hindu. Eles mostram o caráter, o poder e as possibilidades daquela árvore racial que conta a cultura por séculos, e que suportou os golpes de mil anos de furacões, e ainda permanece com o vigor intacto da eterna juventude.

A Índia morrerá? Então, do mundo, toda a espiritualidade será extinta, toda a perfeição moral será extinta, toda a simpatia de alma doce pela religião será extinta, toda a idealidade será extinta; e em seu lugar reinará a dualidade da luxúria e do luxo como as divindades masculina e feminina, com o dinheiro como seu sacerdote, a fraude, a força e a competição como suas cerimônias, e a alma humana como seu sacrifício. Tal coisa nunca poderá acontecer. O poder do sofrimento é infinitamente maior que o poder do fazer; o poder do amor é infinitamente maior que o poder do ódio. Aqueles que pensam que o actual renascimento do Hinduísmo é apenas uma manifestação de impulso patriótico estão iludidos.

Primeiro, vamos estudar o fenômeno curioso.

Não é curioso que, enquanto sob o terrível início da investigação científica moderna, todos os antigos fortes das religiões dogmáticas ocidentais

estejam a desmoronar-se em pó; enquanto os golpes de marreta da ciência moderna estão a pulverizar a massa de porcelana de sistemas cujo fundamento está na fé ou na crença ou na maioria dos votos dos sínodos da Igreja; enquanto a teologia ocidental está perdendo o juízo para se acomodar à maré sempre crescente do pensamento moderno agressivo; enquanto em todos os outros livros sagrados os textos foram esticados ao máximo sob a pressão cada vez maior do pensamento moderno, e a maioria deles está quebrada e armazenada em depósitos de madeira; enquanto a grande maioria da atenciosa humanidade ocidental rompeu todos os seus laços com a igreja e está à deriva num mar de inquietação, as religiões que beberam a água da vida naquela fonte de luz, os Vedas - Hinduísmo e Budismo - sozinhas estão revivendo?

O inquieto ateu ou agnóstico ocidental encontra no Gitâ ou no Dhammapada o único lugar onde sua alma pode ancorar.

A situação inverteu-se, e o hindu, que viu, entre lágrimas de desespero, a sua antiga casa coberta de fogo incendiário, incendiada por mãos hostis, vê agora, quando o holofote do pensamento moderno dispersou o fumo, que a sua casa é aquela que está de pé com toda a sua força, e todos os demais desapareceram ou estão reconstruindo suas casas segundo o plano hindu. Ele enxugou as lágrimas e descobriu que o machado que tentou cortar até a raiz o ऊर्ध्वमूत्रमधःशाखमश्वत्थं प्राहुरव्ययम् (Gita, XV. 1) provou ser a faca misericordiosa do cirurgião.

Ele descobriu que não precisa torturar textos nem cometer qualquer outra forma de desonestidade intelectual para salvar a sua religião. Não, ele pode chamar tudo o que é fraco em suas escrituras de fraco, porque eles foram concebidos para ser assim pelos antigos sábios, para ajudar os fracos, sob a teoria de अन्त्यादि परं धर्म [21]. Graças aos antigos sábios que descobriram um sistema de religião tão onipresente e em constante expansão, que pode acomodar tudo o que foi descoberto no reino da matéria, e tudo o que há de ser conhecido; ele começou a apreciá-los novamente e a descobrir novamente que aquelas descobertas que se mostraram tão desastrosas para todo pequeno esquema religioso limitado são apenas redescobertas, no plano do intelecto e da consciência sensorial, de verdades que seus ancestrais descobriram há muito tempo atrás. o plano superior da intuição e da superconsciência.

Ele não deve, portanto, desistir de nada, nem sair procurando nada em qualquer lugar, mas será suficiente para ele se puder utilizar apenas um pouco do estoque infinito que herdou e aplicá-lo às suas necessidades. E isso ele começou a fazer e fará cada vez mais. Não é esta a verdadeira causa deste reavivamento?

Jovens de Bengala, apelo especialmente a vocês. Irmãos, sabemos, para nossa vergonha, que a maioria dos males reais pelos quais as raças estrangeiras abusam da nação hindu são devidos apenas a nós. Fomos a causa de muitas calúnias imerecidas sobre a cabeça das outras raças na Índia. Mas, glória a Deus, fomos totalmente despertados para isso e, com Suas bênçãos, não apenas nos purificaremos, mas ajudaremos toda a Índia a alcançar os ideais pregados na religião eterna.

Limpemos primeiro aquela marca que a natureza sempre deixa na testa do escravo: a mancha do ciúme. Não tenha ciúmes de ninguém. Esteja pronto para ajudar todo trabalhador do bem. Envie um bom pensamento para cada ser nos três mundos.

Tomemos posição sobre a única verdade central da nossa religião – a herança comum dos hindus, dos budistas e dos jainistas – o espírito do homem, o Atman do homem, a alma imortal, não nascida, onipresente e eterna do homem. homem cujas glórias os Vedas não podem expressar, diante de cuja majestade o universo com sua galáxia após galáxia de sóis,

estrelas e nebulosas é como uma gota. Todo homem ou mulher, ou melhor, desde os Devas mais elevados até o verme que rasteja sob nossos pés, é um espírito evoluído ou involuído. A diferença não está em espécie, mas em grau.

Este poder infinito do espírito, exercido sobre a matéria, desenvolve o desenvolvimento material, feito para agir de acordo com o pensamento, desenvolve a intelectualidade, e feito para agir sobre si mesmo, faz do homem um Deus.

Primeiro, sejamos Deuses e depois ajudemos os outros a serem Deuses. "Seja e faça." Que este seja o nosso lema. Não diga que o homem é um pecador. Diga a ele que ele é um Deus. Mesmo que existisse um diabo, seria nosso dever lembrar sempre de Deus, e não do diabo.

Se a sala estiver escura, a constante sensação e repetição da escuridão não a eliminará, mas trará a luz. Saibamos que tudo o que é negativo, tudo o que é destrutivo, tudo o que é mera crítica, está fadado a desaparecer; é o positivo, o afirmativo, o construtivo que é imortal, que permanecerá para sempre. Digamos: "Nós somos" e "Deus é" e "Nós somos Deus", "Shivoham, Shivoham", e marchemos em frente. Não importa, mas espírito. Tudo o que tem nome e forma está sujeito a tudo o que não tem nome. Esta é a verdade eterna que os Shrutis pregam. Traga a luz; a escuridão desaparecerá por si mesma. Deixe o leão do Vedanta rugir; as raposas voarão para suas tocas. Divulgue as ideias e deixe o resultado cuidar de si mesmo. Vamos juntar os produtos químicos; a cristalização seguirá seu próprio curso. Traga o poder do espírito e espalhe-o por toda a Índia; e tudo o que for necessário virá por si só.

Manifeste a divindade dentro de você e tudo será harmoniosamente organizado ao seu redor. Lembre-se da ilustração de Indra e Virochana nos Vedas; ambos aprenderam sua divindade. Mas o Asura, Virochana, tomou seu corpo para seu Deus. Indra, sendo um Deva, entendeu que o Atman se referia. Vocês são os filhos da Índia. Vocês são os descendentes dos Devas. A matéria nunca pode ser o seu Deus; corpo nunca pode ser seu Deus.

A Índia será elevada, não com o poder da carne, mas com o poder do espírito; não com a bandeira da destruição, mas com a bandeira da paz e do

amor, a vestimenta dos Sannyâsin; não pelo poder da riqueza, mas pelo poder da tigela de mendicância. Não diga que você é fraco. O espírito é onipotente. Veja aquele punhado de jovens trazidos à existência pelo toque divino dos pés de Ramakrishna. Eles pregaram a mensagem de Assam a Sindh, do Himalaia ao Cabo Comorin. Eles cruzaram o Himalaia a uma altura de seis mil metros, sobre neve e gelo a pé, e penetraram nos mistérios do Tibete. Mendigaram o pão, cobriram-se com trapos; foram perseguidos, seguidos pela polícia, mantidos na prisão e finalmente libertados quando o Governo se convenceu da sua inocência.

Eles agora têm vinte anos. Ganhe dois mil amanhã. Jovens de Bengala, o seu país exige isso. O mundo exige isso. Invoque a divindade dentro de você, que lhe permitirá suportar a fome e a sede, o calor e o frio. Sentar-se em casas luxuosas, rodeado de todos os confortos da vida, e praticar um pouco de religião amadora pode ser bom para outros países, mas a Índia tem um instinto mais verdadeiro. Ele detecta intuitivamente a máscara. Você deve desistir. Seja grande. Nenhuma grande obra pode ser realizada sem sacrifício. O próprio Purusha se sacrificou para criar este mundo. Abandonem seus confortos, seus prazeres, seus nomes, fama ou posição, e até mesmo suas vidas, e façam uma ponte de correntes humanas sobre a qual milhões cruzarão este oceano da vida. Reúna todas as forças do bem. Não se importe sob qual bandeira você marcha. Não importa qual seja a sua cor - verde, azul ou vermelho - mas misture todas as cores e produza aquele brilho intenso do branco, a cor do amor. O nosso é trabalhar. Os resultados cuidarão de si mesmos. Se alguma instituição social estiver no seu caminho para se tornar Deus, ela cederá diante do poder do Espírito. Não vejo o futuro; nem me importo de ver. Mas uma visão que tenho diante de mim é tão preciosa quanto a vida: a de que a antiga Mãe despertou mais uma vez, sentada em Seu trono rejuvenescida, mais gloriosa do que nunca. Anuncie-A a todo o mundo com a voz da paz e da bênção.

Seu sempre apaixonado e trabalhador,

VIVEKANANDA.

4.3.12 UMA MENSAGEM DE SIMPATIA A UM AMIGO

(Escrito de Bombaim, em 23 de maio de 1893, para D. R. Balaji Rao, que acabava de sofrer um grave problema doméstico.)

"Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá; o Senhor deu e o Senhor tirou; bendito seja o nome do Senhor." Assim disse o velho santo judeu ao sofrer as maiores calamidades que poderiam sobrevir ao homem, e ele não errou. Aqui reside todo o segredo da Existência. As ondas podem rolar pela superfície e formar tempestades, mas no fundo existe o estrato de calma infinita, paz infinita e bem-aventurança infinita. "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados." E porque? Porque é nesses momentos de visitação que o coração se aperta por mãos que nunca param para ouvir o choro do pai ou o lamento da mãe, quando sob o peso da tristeza, do desânimo e do desespero, o mundo parece estar isolado sob nossos p s. , e quando todo o horizonte parece não ser nada além de um lençol impenetrável de miséria e desespero total - que os olhos internos se abrem, a luz brilha de repente, o sonho desaparece e intuitivamente ficamos cara a cara com o maior mistério da natureza – Existência. Sim, então é - quando a carga seria suficiente para afundar muitos navios frágeis - que o homem de gênio, de força, o herói, v  aquela Existência infinita, absoluta e sempre feliz per se, aquele ser infinito que   chamados e adorados sob nomes diferentes em climas diferentes. Então acontece que as algemas que prendem a alma a este buraco de miséria se rompem, por assim dizer, por um tempo, e sem restrições ela sobe e sobe até chegar ao trono do Senhor, "Onde os ímpios cessam de perturbar e os cansados estão em repouso". Não deixe, irmão, de enviar petições dia e noite, não deixe de dizer dia e noite – SEJA FEITA A TUA VONTADE.

"Não devemos questionar o porquê,

Nosso apenas fazer e morrer."

Bendito seja o Teu nome,   Senhor! E seja feita a Tua vontade. Senhor, sabemos que devemos nos submeter; Senhor, sabemos que é a mão da Mãe que bate, e "O espírito está pronto, mas a carne   fraca". Há, Pai de Amor, uma agonia no coração que luta contra aquela calma resigna o que Tu ensinas". Dá-nos forças,   Tu que viste toda a Tua família destruída diante dos Teus olhos, com as Tuas mãos cruzadas sobre o Teu peito. Vem, Senhor, Tu Grande Mestre, que nos ensinou que o soldado deve apenas obedecer e

não falar. Venha, Senhor, venha o Cocheiro de Arjuna, e ensine-me como Tu uma vez o ensinaste, que a resignação em Ti mesmo é o objetivo e objetivo mais elevado disto. vida, para que junto com aqueles grandes de antigamente, eu também possa clamar firme e resignadamente, Om Shri Krishnârpanamastu.

Que o Senhor lhe envie paz é a oração dia e noite de -

VIVEKANANDA.

4.3.13 EM QUE ACREDITAMOS

(Escrito para "Kidi" em 3 de março de 1894, de Chicago.)

Concordo com você até agora que a fé é uma visão maravilhosa e que somente ela pode salvar; mas existe o perigo de gerar fanatismo e impedir novos progressos.

Jnâna está bem; mas existe o perigo de se tornar um intelectualismo árido. O amor é grande e nobre; mas pode morrer num sentimentalismo sem sentido.

Uma harmonia de tudo isso é o que é necessário. Ramakrishna era uma grande harmonia. Tais seres são poucos e raros; mas mantendo ele e seus ensinamentos como o ideal, podemos seguir em frente. E se entre nós, cada um não pode atingir individualmente essa perfeição, ainda assim podemos obtê-la coletivamente, contrariando, equiparando, ajustando e preenchendo uns aos outros. Isto seria a harmonia de um número de pessoas e um avanço decidido em todas as outras formas e credos.

Para que uma religião seja eficaz, é necessário entusiasmo. Ao mesmo tempo, devemos tentar evitar o perigo da multiplicação de credos. Evitamos isso sendo uma seita não sectária, tendo todas as vantagens de uma seita e a amplitude de uma religião universal.

Deus, embora esteja em toda parte, pode ser conhecido por nós no caráter humano e por meio dele. Nenhum personagem jamais foi tão perfeito

quanto o de Ramakrishna, e esse deveria ser o centro em torno do qual devemos nos unir, ao mesmo tempo permitindo que todos o considerem à sua própria luz, seja como Deus, salvador, professor, modelo ou grande homem, assim como ele quiser. Não pregamos nem igualdade social nem desigualdade, mas que todos os seres tenham os mesmos direitos e insistimos na liberdade de pensamento e ação em todos os sentidos.

Não rejeitamos ninguém, nem teísta, nem panteísta, monista, politeísta, agnóstico, nem ateu; a única condição para ser discípulo é modelar um caráter ao mesmo tempo mais amplo e mais intenso. Nem insistimos em códigos específicos de moralidade quanto à conduta, ou caráter, ou comer e beber, exceto na medida em que isso prejudique outras pessoas.

Tudo o que retarda o progresso ou ajuda a queda é um vício; tudo o que ajuda a surgir e a harmonizar-se é virtude.

Deixamos todos livres para conhecer, selecionar e seguir o que lhe convém e o ajuda. Assim, por exemplo, comer carne pode ajudar um, e comer fruta, outro. Cada um é bem-vindo à sua peculiaridade, mas não tem o direito de criticar a conduta dos outros, porque isso, se seguido por ele, o prejudicaria, muito menos de insistir para que outros seguissem o seu caminho. A esposa pode ajudar algumas pessoas nesse progresso; para outras, ela pode ser um prejuízo positivo. Mas o homem solteiro não tem o direito de dizer que o discípulo casado está errado, muito menos de impor o seu próprio ideal de moralidade ao irmão.

Acreditamos que todo ser é divino, é Deus. Cada alma é um sol coberto por nuvens de ignorância, a diferença entre alma e alma se deve à diferença de densidade dessas camadas de nuvens. Acreditamos que esta é a base consciente ou inconsciente de todas as religiões, e que esta é a explicação de toda a história do progresso humano, seja no plano material, intelectual ou espiritual - o mesmo Espírito se manifesta através de diferentes planos.

Acreditamos que esta é a própria essência dos Vedas.

Acreditamos que é dever de cada alma tratar, pensar e comportar-se com outras almas como tais, isto é, como Deuses, e não odiá-las ou desprezá-las,

ou difamá-las, ou tentar prejudicá-las de qualquer maneira ou meio. Este é o dever não apenas do Sannyasin, mas de todos os homens e mulheres.

A alma não tem sexo, nem casta, nem imperfeição

Acreditamos que em nenhum lugar dos Vedas, Darshanas, Purânas ou Tantras é dito que a alma tem qualquer sexo, credo ou casta. Portanto, concordamos com aqueles que dizem: “O que a religião tem a ver com as reformas sociais?” Mas eles também devem concordar connosco quando lhes dizemos que a religião não tem por missão formular leis sociais e insistir na diferença entre os seres, porque o seu objectivo e fim é obliterar todas essas ficções e monstruosidades.

Se for alegado que através desta diferença alcançaríamos a igualdade e a unidade finais, responderemos que a mesma religião disse repetidas vezes que a lama não pode ser lavada com lama. Como se um homem pudesse ser moral sendo imoral!

As leis sociais foram criadas pelas condições económicas sob a sanção da religião. O terrível erro da religião foi interferir nos assuntos sociais. Mas com que hipocrisia ela diz e, portanto, se contradiz: “A reforma social não é assunto da religião”! É verdade que o que queremos é que a religião não seja um reformador social, mas insistimos ao mesmo tempo que a sociedade não tem o direito de se tornar um legislador religioso. Tire as mãos! Mantenha-se dentro de seus próprios limites e tudo daria certo.

A educação é a manifestação da perfeição que já existe no homem.

A religião é a manifestação da Divindade já no homem.

Portanto, o único dever do professor em ambos os casos é remover todas as obstruções do caminho. Tire as mãos! como sempre digo, e tudo dará certo. Ou seja, nosso dever é abrir caminho. O Senhor faz o resto.

Especialmente, portanto, você deve ter em mente que a religião tem a ver apenas com a alma e não tem nada a ver com interferir em assuntos sociais; você também deve ter em mente que isso se aplica completamente ao mal que já foi feito. É como se um homem, depois de tomar posse à força da

propriedade de outro, chorasse quando esse homem tenta recuperá-la – e pregasse a doutrina da santidade dos direitos humanos!

Que negócio tinham os padres para interferir (para a miséria de milhões de seres humanos) em todas as questões sociais?

Você fala do Kshatriya carnívoro. Com ou sem carne, são eles os pais de tudo o que é nobre e belo no Hinduísmo. Quem escreveu os Upanishads? Quem foi Rama? Quem foi Krsna? Quem foi Buda? Quem foram os Tirthankaras dos Jainistas? Sempre que os Kshatriyas pregaram a religião, eles a deram a todos; e sempre que os Brâmanes escreviam alguma coisa, eles negavam todos os direitos aos outros. Leia o Gitâ e os Sutras de Vyâsa, ou peça a alguém que os leia para você. No Gita o caminho está aberto a todos os homens e mulheres, a todas as castas e cores, mas Vyasa tenta atribuir significados aos Vedas para enganar os pobres Shudras. Deus é um tolo nervoso como você, pensando que o fluxo de Seu rio de misericórdia seria represado por um pedaço de carne? Se tal for Ele, Seu valor não é uma torta!

Não espero nada de mim, mas estou convencido, como escrevi e falei para você, de que a Índia será salva pelos próprios indianos. Então vocês, jovens da pátria, podem dezenas de vocês se tornarem quase fanáticos por esse novo ideal? Pense, reúna materiais, escreva um esboço da vida de Ramakrishna, evitando cuidadosamente todos os milagres. A vida deveria ser escrita como uma ilustração das doutrinas que ele pregava. Somente o dele – não me envolva nem a qualquer pessoa viva nisso. O objetivo principal deveria ser dar ao mundo o que ele ensinou e a vida que ilustra isso. Eu, por mais indigno que seja, tinha uma missão: trazer o caixão de joias que foi colocado sob minha responsabilidade e entregá-lo a você. Por que para você? Porque os hipócritas, os invejosos, os servís e os covardes, aqueles que acreditam apenas na matéria, nunca podem fazer nada. O ciúme é a ruína do nosso caráter nacional, natural para os escravos. Mesmo o Senhor, com todo o Seu poder, nada pôde fazer por causa desse ciúme. Pense em mim como alguém que cumpriu todo o seu dever e agora está morto e desaparecido. Pense que todo o trabalho está sobre seus ombros. Pensem que vocês, jovens de nossa pátria, estão destinados a fazer isso. Coloque-se na tarefa. Senhor te abençoe. Deixe-me, jogue-me fora de vista.

Pregue o novo ideal, a nova doutrina, a nova vida. Pregue contra ninguém, contra nenhum costume. Não pregue nem a favor nem contra a casta ou qualquer outro mal social. Pregue para “tirar as mãos” e tudo dará certo.

Minhas bênçãos para todos vocês, minhas almas corajosas, firmes e amorosas.

4.3.14 NOSSO DEVER PARA COM AS MASSAS

(Escrito de Chicago para Sua Santidade o Marajá de Mysore em 23 de junho de 1894.)

Shri Nârâyana abençoe você e os seus. Através da gentil ajuda de Vossa Alteza, foi possível que eu viesse para este país. Desde então, tornei-me bastante conhecido aqui, e o povo hospitaleiro deste país supriu todas as minhas necessidades. É um país maravilhoso, e esta é uma nação maravilhosa em muitos aspectos. Nenhuma outra nação aplica tanta maquinaria no seu trabalho quotidiano como o povo deste país. Tudo é máquina. Por outro lado, eles representam apenas um vigésimo de toda a população do mundo. No entanto, eles possuem um sexto de toda a riqueza do mundo. Não há limite para sua riqueza e luxos. No entanto, tudo aqui é tão querido. Os salários do trabalho são os mais altos do mundo; no entanto, a luta entre trabalho e capital é constante.

Em nenhum lugar do mundo as mulheres têm tantos privilégios como na América. Eles estão lentamente tomando tudo em suas mãos; e, é estranho dizer, o número de mulheres cultas é muito maior do que o de homens cultos. É claro que os gênios superiores são, em sua maioria, da categoria masculina. Com todas as críticas dos ocidentais contra a nossa casta, eles têm uma pior: a do dinheiro. O todo-poderoso dólar, como dizem os americanos, pode fazer qualquer coisa aqui.

Nenhum país do mundo tem tantas leis e em nenhum país elas são tão pouco consideradas. No geral, o nosso pobre povo hindu é infinitamente mais moral do que qualquer um dos ocidentais. Na religião praticam-se aqui a hipocrisia ou o fanatismo. Homens sóbrios ficaram enojados com as suas religiões supersticiosas e estão ansiosos pela Índia em busca de uma nova

luz. Vossa Alteza não pode perceber sem ver quão avidamente eles absorvem qualquer pedacinho dos grandes pensamentos dos sagrados Vedas, que resistem e são ilesos pelos terríveis ataques da ciência moderna. As teorias da criação do nada, de uma alma criada e do grande tirano de um Deus sentado num trono num lugar chamado céu, e do fogo eterno do inferno enojaram todos os instruídos; e os nobres pensamentos dos Vedas sobre a eternidade da criação e da alma, e sobre o Deus em nossa própria alma, estão sendo absorvidos rapidamente de uma forma ou de outra. Dentro de cinquenta anos, os educados do mundo passarão a acreditar na eternidade da alma e da criação, e em Deus como a nossa natureza mais elevada e perfeita, conforme ensinado nos nossos sagrados Vedas. Mesmo agora, os seus sacerdotes eruditos estão interpretando a Bíblia dessa maneira. A minha conclusão é que eles exigem mais civilização espiritual, e nós, mais material.

A única coisa que está na raiz de todos os males na Índia é a condição dos pobres. Os pobres do Ocidente são demônios; comparados a eles, os nossos são anjos e, portanto, é muito mais fácil criar os nossos pobres. O único serviço a ser prestado às nossas classes mais baixas é dar-lhes educação, desenvolver a sua individualidade perdida. Essa é a grande tarefa entre o nosso povo e os príncipes. Até agora nada foi feito nesse sentido. O poder sacerdotal e a conquista estrangeira pisaram-nos durante séculos e, finalmente, os pobres da Índia esqueceram que são seres humanos. Devem-lhes ser dadas ideias; seus olhos devem estar abertos para o que está acontecendo no mundo ao seu redor; e então eles realizarão sua própria salvação. Cada nação, cada homem e cada mulher devem trabalhar a sua própria salvação. Dê-lhes ideias - essa é a única ajuda de que necessitam, e então o resto deve seguir-se como efeito. A nossa tarefa é juntar os produtos químicos, a cristalização vem da lei da natureza. Nosso dever é colocar ideias em suas cabeças, eles farão o resto. Isto é o que deve ser feito na Índia. É essa ideia que está na minha cabeça há muito tempo. Não consegui realizar isso na Índia, e essa foi a razão da minha vinda para este país. A grande dificuldade na forma de educar os pobres é esta. Supondo que até mesmo Vossa Alteza abra uma escola gratuita em cada aldeia, ainda assim não seria bom, pois a pobreza na Índia é tal, que os rapazes pobres prefeririam ir ajudar os seus pais nos campos, ou de outra forma tentar ganhar a vida, do que vir para a escola. Agora, se a montanha não chega até

Maomé, Maomé deve ir até a montanha. Se o rapaz pobre não pode frequentar a educação, a educação deve ir até ele. Existem milhares de Sannyasins obstinados e abnegados em nosso próprio país, indo de aldeia em aldeia, ensinando religião. Se alguns deles também puderem ser organizados como professores de coisas seculares, irão de lugar em lugar, de porta em porta, não apenas pregando, mas também ensinando. Suponha que dois desses homens vão a uma aldeia à noite com uma câmera, um globo, alguns mapas, etc. Eles podem ensinar muita astronomia e geografia aos ignorantes. Ao contarem histórias sobre diferentes nações, podem dar aos pobres cem vezes mais informação através do ouvido do que durante a vida inteira através dos livros. Isto requer uma organização, o que novamente significa dinheiro. Existem homens suficientes na Índia para elaborar este plano, mas, infelizmente! eles não têm dinheiro. É muito difícil pôr uma roda em movimento; mas uma vez definido, ele continua com velocidade crescente. Depois de procurar ajuda no meu próprio país e não conseguir obter qualquer simpatia dos ricos, vim para este país através da ajuda de Vossa Alteza. Os americanos não se importam nem um pouco se os pobres da Índia morrerão ou viverão. E por que deveriam, quando nosso próprio povo nunca pensa em nada além de seus próprios fins egoístas?

Meu nobre Príncipe, esta vida é curta, as vaidades do mundo são transitórias, mas só vivem aqueles que vivem para os outros, os demais estão mais mortos do que vivos. Um filho da Índia tão elevado, de mente nobre e real como Vossa Alteza pode fazer muito para levantar a Índia novamente e assim deixar um nome para a posteridade que será adorado.

Para que o Senhor faça com que o seu nobre coração sinta intensamente os milhões de sofredores da Índia, afundados na ignorância, é a oração de -

VIVEKANANDA.

4.3.15 RESPOSTA AO ENDEREÇO DE CALCUTÁ

(Escrito de Nova York em 18 de novembro de 1894, para Raja Pyari Mohan Mukherji, presidente da reunião pública realizada em 5 de setembro de

1894 na Câmara Municipal de Calcutá em agradecimento ao trabalho de Swami Vivekananda no Ocidente.)

Recebi as resoluções que foram aprovadas na recente reunião da Câmara Municipal em Calcutá e as amáveis palavras que os meus concidadãos me enviaram.

Aceite, senhor, minha mais sincera gratidão por sua apreciação por meus insignificantes serviços.

Estou plenamente convencido de que nenhum indivíduo ou nação pode viver mantendo-se à parte da comunidade dos outros, e sempre que tal tentativa foi feita sob falsas ideias de grandeza, política ou santidade - o resultado sempre foi desastroso para o isolado. .

Na minha opinião, a única grande causa da queda e da degeneração da Índia foi a construção de um muro de costumes - cuja base era o ódio aos outros - em torno da nação, e cujo verdadeiro objectivo nos tempos antigos era impedir que os hindus de entrar em contato com as nações budistas vizinhas.

Qualquer que seja o manto que o sofisma antigo ou moderno tente lançar sobre ele, o resultado inevitável - a vindicação da lei moral, de que ninguém pode odiar os outros sem se degenerar - é que a raça que era a principal entre as raças antigas é agora um sinônimo, e um desprezo entre as nações. Somos lições objetivas da violação daquela lei que nossos ancestrais foram os primeiros a descobrir e divulgar.

Dar e receber é a lei; e se a Índia quiser se elevar mais uma vez, é absolutamente necessário que ela traga seus tesouros e os lance entre as nações da terra, e em troca esteja pronta para receber o que os outros têm para lhe dar. Expansão é vida, contração é morte. O amor é vida e o ódio é morte. Começamos a morrer no dia em que começamos a odiar outras raças; e nada pode impedir a nossa morte, a menos que voltemos à expansão, que é a vida.

Devemos nos misturar, portanto, com todas as raças da terra. E todo hindu que sai para viajar para o exterior traz mais benefícios ao seu país do que

centenas de homens que são feixes de superstições e egoísmo, e cujo único objetivo na vida parece ser o do cachorro na manjedoura. As maravilhosas estruturas da vida nacional que as nações ocidentais criaram são apoiadas pelos fortes pilares do carácter, e até que possamos produzir membros de tais, é inútil preocupar-se e irritar-se contra este ou aquele poder.

Alguém merece liberdade que não esteja pronto para dá-la aos outros? Vamos trabalhar com calma e de maneira viril, em vez de dissipar nossa energia em preocupações e irritações desnecessárias. Eu, por exemplo, acredito plenamente que nenhum poder no universo pode negar a alguém tudo o que ele realmente merece. O passado foi ótimo, sem dúvida, mas acredito sinceramente que o futuro será ainda mais glorioso.

Que Shankara nos mantenha firmes na pureza, paciência e perseverança!

4.3.16 PARA MEUS CORAJOS MENINOS

(Escrito para Alasinga Perumal de Nova York em 19 de novembro de 1894.)

Continue com a organização. Nada mais é necessário além destes – amor, sinceridade e paciência. O que é a vida senão crescimento, ou seja, expansão, ou seja, amor? Portanto todo amor é vida, é a única lei da vida; todo egoísmo é morte, e isso é verdade aqui ou no futuro. É vida fazer o bem, é morte não fazer o bem aos outros. Noventa por cento dos brutos humanos que vocês veem estão mortos, são fantasmas – pois ninguém vive, meus rapazes, exceto aquele que ama. Sintam, meus filhos, sintam; tenha pena dos pobres, dos ignorantes, dos oprimidos; sinta até o coração parar e o cérebro vacilar e você pensar que vai enlouquecer - então derrame a alma aos pés do Senhor, e então virá poder, ajuda e energia indomável. Luta, luta, foi o meu lema nos últimos dez anos. Luta, ainda digo. Quando estava tudo escuro, eu dizia, luta; quando a luz está entrando, eu ainda digo, lute. Não tenham medo, meus filhos. Não olhe para cima com essa atitude de medo em direção a essa abóbada estrelada infinita, como se ela fosse esmagá-lo. Espere! Em mais algumas horas, tudo estará sob seus pés. Espere, o dinheiro não compensa, nem o nome; a fama não compensa, nem o

aprendizado. É o amor que compensa; é o caráter que abre caminho através das paredes adamantinas das dificuldades.

Agora a questão diante de nós é esta. Não pode haver crescimento sem liberdade. Nossos ancestrais libertaram o pensamento religioso e temos uma religião maravilhosa. Mas eles colocam uma pesada corrente nos pés da sociedade, e a nossa sociedade é, numa palavra, horrível, diabólica. No Ocidente, a sociedade sempre teve liberdade, e olhe para eles. Por outro lado, observe a religião deles.

A liberdade é a primeira condição do crescimento. Assim como o homem deve ter liberdade para pensar e falar, também ele deve ter liberdade na alimentação, no vestuário, no casamento e em todas as outras coisas, desde que não prejudique os outros.

Falamos tolamente contra a civilização material. As uvas estão azedas. Mesmo considerando toda essa tolice como certa, em toda a Índia existem, digamos, cem mil homens e mulheres realmente espirituais. Agora, para a espiritualização destes, trezentos milhões devem ser afundados na selvageria e na fome? Por que alguém deveria morrer de fome? Como foi possível que os hindus tenham sido conquistados pelos maometanos? Foi devido à ignorância dos hindus sobre a civilização material. Até os muçulmanos os ensinaram a usar roupas feitas sob medida. Será que os hindus teriam aprendido com os maometanos a comer de forma limpa, sem misturar a comida com a poeira das ruas! A civilização material, ou melhor, até mesmo o luxo, é necessária para criar trabalho para os pobres. Pão! Pão! Não acredito em um Deus que não possa me dar pão aqui, me dando felicidade eterna no céu! Poxa! A Índia deve ser elevada, os pobres devem ser alimentados, a educação deve ser difundida e o mal das artimanhas sacerdotais deve ser removido. Sem sacerdócio, sem tirania social! Mais pão, mais oportunidades para todos! Nossos jovens tolos organizam reuniões para obter mais poder dos ingleses. Eles apenas riem. Ninguém merece liberdade se não estiver pronto para dar liberdade. Suponha que os ingleses lhe entreguem todo o poder. Ora, os poderes existentes então irão reprimir o povo e permitir que eles não o tenham. Os escravos querem poder para fazer escravos.

Agora, isto deve ser conseguido lentamente, e apenas insistindo na nossa religião e dando liberdade à sociedade. Arranque o sacerdócio da antiga religião e você terá a melhor religião do mundo. Você me entende? É possível construir uma sociedade europeia com a religião da Índia? Acredito que é possível e deve ser.

O grande plano é iniciar uma colônia na Índia Central, onde você possa seguir suas próprias idéias de forma independente, e então um pouco de fermento levedará tudo. Enquanto isso, forme uma Associação Central e continue se ramificando por toda a Índia. Comece agora apenas por motivos religiosos e não pregue nenhuma reforma social violenta no momento; apenas não aceite superstições tolas. Tente reviver a sociedade com base nos antigos fundamentos da salvação universal e da igualdade, conforme estabelecido pelos antigos Mestres, como Shankarâchârya, Râmânua e Chaitanya.

Tenha fogo e espalhe por toda parte. Trabalho Trabalho. Seja o servo enquanto lidera. Seja altruísta e nunca dê ouvidos a um amigo acusando outro em particular. Tenha paciência infinita e o sucesso será seu.

Agora tome cuidado com isso: não tente “mandar” nos outros, como dizem os Yankees. Como sempre dirijo minhas cartas a você, você não precisa tentar mostrar sua importância em relação aos meus outros amigos. Eu sei que você nunca pode ser tão tolo, mas ainda assim acho que é meu dever avisá-lo. Isto é o que mata todas as organizações. Trabalhar, trabalhar, para, trabalhar apenas para o bem dos outros é vida.

Quero que não haja hipocrisia, nem jesuitismo, nem trapaça. Sempre dependi do Senhor, sempre da Verdade ampla como a luz do dia. Que eu não morra com manchas na consciência por ter praticado o jesuitismo para ganhar nome ou fama, ou mesmo para fazer o bem. Não deve haver um sopro de imoralidade, nem uma mancha política que seja má.

Nada de bobagens, nada de calúnias esotéricas, nada de trapaça secreta, nada deveria ser feito em um canto. Nenhum favoritismo especial do Mestre, nem mesmo um Mestre. Avante, meus valentes rapazes – com ou sem dinheiro – homens ou não! Você ama? Você tem Deus? Avante e avançando para a brecha, você é irresistível.

Que absurdo! As revistas Teosóficas dizem que eles, os Teosofistas, prepararam o caminho para o meu sucesso! De fato! Pura bobagem! Os teosofistas prepararam o caminho!

Tomar cuidado! Cuidado com tudo que é falso; apegue-se à verdade e teremos sucesso, talvez lenta mas seguramente. Trabalhe como se eu nunca tivesse existido. Trabalhem como se de cada um de vocês dependesse todo o trabalho. Cinquenta séculos estão olhando para você, o futuro da Índia depende de você. Trabalho em. Não sei quando poderei vir. Este é um ótimo campo para trabalhar. Na melhor das hipóteses, eles podem elogiar a Índia, mas não darão um centavo por nada; e onde eles conseguirão isso, eles próprios mendigos? Depois, perderam a faculdade de fazer o bem público durante os últimos dois mil anos ou mais. Eles estão apenas aprendendo as ideias de nação, de público, etc. Portanto, não preciso culpá-los.

Bênçãos para todos vocês!

4.3.17 UM PLANO DE TRABALHO PARA A ÍNDIA

(Escrito ao juiz Sir Subrahmanya Iyer de Chicago, 3 de janeiro de 1895.)

É com o coração cheio de amor, gratidão e confiança que pego minha caneta para escrever para você. Deixe-me dizer-lhe primeiro que você é um dos poucos homens que conheci em minha vida que são profundos em suas convicções. Você possui de toda a alma uma combinação maravilhosa de sentimento e conhecimento e, além disso, uma habilidade prática de transformar ideias em formas realizadas. Acima de tudo, você é sincero e, como tal, confio-lhe algumas das minhas ideias.

O trabalho começou bem na Índia e não só deve ser mantido, mas também levado avante com o maior vigor. Agora ou nunca é a hora. Depois de ter uma visão ampla das coisas, minha mente agora está concentrada no seguinte plano. Primeiro, seria bom abrir um Colégio Teológico em Madras, e depois alargar gradualmente o seu âmbito, para dar uma educação completa aos jovens nos Vedas e nos diferentes Bhâshyas e filosofias, incluindo um conhecimento das outras religiões do mundo. Ao mesmo

tempo, um artigo em inglês e vernáculo deveria ser iniciado como órgão do Colégio.

Este é o primeiro passo a ser dado, e grandes coisas surgem de pequenos empreendimentos. Madras agora está seguindo o meio-termo, apreciando as fases antiga e moderna da vida.

Concordo plenamente com as classes instruídas da Índia quanto à necessidade de uma revisão profunda da sociedade. Mas como fazer isso? Os planos destrutivos dos reformadores falharam. Meu plano é este. Não nos saímos mal no passado, certamente não. Nossa sociedade não é ruim, mas boa, só quero que seja melhor ainda. Não do erro para a verdade, nem do mal para o bem, mas da verdade para a verdade superior, do bem para o melhor, o melhor. Digo aos meus compatriotas que até agora eles se saíram bem – agora é a hora de fazer melhor.

Non, tomemos o caso da casta – em sânscrito, Jâti, ou seja, espécie. Agora, esta é a primeira ideia da criação. Variação (Vichitrâtâ), isto é, Jati, significa criação. “Eu sou Um, me torno muitos” (vários Vedas). A unidade é anterior à criação, a diversidade é criação. Agora, se esta diversidade parar, a criação será destruída. Enquanto qualquer espécie for vigorosa e ativa, ela deverá descartar variedades. Quando cessa ou é impedido de criar variedades, ele morre. Ora, a ideia original de Jati era esta liberdade do indivíduo para expressar a sua natureza, a sua Prakriti, a sua Jati, a sua casta; e assim permaneceu por milhares de anos. Nem mesmo nos livros mais recentes é proibido jantar entre amigos; nem em nenhum dos livros mais antigos o casamento misto é proibido. Então qual foi a causa da queda da Índia? – o abandono desta ideia de casta. Como diz o Gitâ, com a extinção das castas o mundo será destruído. Agora parece verdade que com a interrupção destas variações o mundo será destruído? A casta actual não é a verdadeira Jati, mas um obstáculo ao seu progresso. Realmente impediu a ação livre de Jati, ou seja, casta ou variação. Qualquer costume ou privilégio cristalizado ou classe hereditária, sob qualquer forma, realmente impede que a casta (Jati) tenha pleno domínio; e sempre que qualquer nação deixar de produzir esta imensa variedade, ela deverá morrer. Portanto, o que tenho a dizer a vocês, meus compatriotas, é que a Índia caiu porque vocês impediram e aboliram as castas. Toda aristocracia congelada ou classe

privilegiada é um golpe para a casta e não é de casta. Deixe Jati ter seu domínio; derrube todas as barreiras no caminho das castas e nós subiremos. Agora olhe para a Europa. Quando conseguiu dar liberdade às castas e eliminou a maior parte das barreiras que impediam os indivíduos, cada um de desenvolver a sua casta, a Europa cresceu. Na América, há o melhor espaço para o desenvolvimento da casta (o verdadeiro Jati) e, portanto, as pessoas são ótimas. Todo hindu sabe que os astrólogos tentam definir a casta de cada menino ou menina assim que nascem. Essa é a verdadeira casta – a individualidade, e Jyotisha (astrologia) reconhece isso. E só poderemos subir se lhe dermos pleno domínio novamente. Esta variedade não significa desigualdade, nem qualquer privilégio especial.

Este é o meu método: mostrar aos hindus que não têm de renunciar a nada, mas apenas seguir em frente na linha estabelecida pelos sábios e livrar-se da sua inércia, resultado de séculos de servidão. É claro que tivemos de parar de avançar durante a tirania muçulmana, pois então não se tratava de progresso, mas de vida ou morte. Agora que essa pressão desapareceu, temos de avançar, não nas linhas de destruição dirigidas por renegados e missionários, mas ao longo da nossa própria linha, do nosso próprio caminho. Tudo é horrível porque o prédio está inacabado. Tivemos que parar de construir durante séculos de opressão. Agora termine a construção e tudo ficará lindo em seu lugar. Este é todo o meu plano. Estou plenamente convencido disso. Cada nação tem uma corrente principal na vida; na Índia é religião. Torne-o forte e as águas de ambos os lados deverão se mover junto com ele. Esta é uma fase da minha linha de pensamento. Com o tempo, espero retirá-los todos, mas neste momento descubro que também tenho uma missão neste país. Além disso, espero ajuda neste país e somente aqui. Mas até hoje não pude fazer nada a não ser divulgar minhas ideias. Agora quero que uma tentativa semelhante seja feita na Índia.

Não sei quando irei para a Índia. Obedeço à liderança do Senhor. Estou em Suas mãos.

"Neste mundo em busca de riquezas, Tu és, ó Senhor, a maior jóia que encontrei. Eu me sacrifico a Ti."

"Em busca de alguém para amar, Tu és o Amado que encontrei. Eu me sacrifico a Ti." (Yajurveda Samhitâ).

Que o Senhor te abençoe para todo o sempre!

4.3.18 FUNDAMENTOS DA RELIGIÃO

(Este artigo incompleto foi encontrado nos jornais da Srta. S. E. Waldo. O título foi inserido por nós - Editora.)

Minha mente pode compreender melhor as religiões do mundo, antigas ou modernas, mortas ou vivas, através desta divisão quádrupla:

1. Simbologia – O emprego de vários auxílios externos para preservar e desenvolver a faculdade religiosa do homem.
2. História — A filosofia de cada religião ilustrada nas vidas de professores divinos ou humanos reconhecidos por cada religião. Isto inclui mitologia; pois o que é mitologia para uma raça ou período é ou foi história para outras raças ou períodos. Mesmo no caso de professores humanos, grande parte da sua história é considerada mitologia por gerações sucessivas.
3. Filosofia — A lógica de todo o âmbito de cada religião.
4. Misticismo – A afirmação de algo superior ao conhecimento dos sentidos e à razão que determinadas pessoas, ou todas as pessoas sob certas circunstâncias, possuem; passa pelas outras divisões também.

Todas as religiões do mundo, passadas ou presentes, abraçam um ou mais destes princípios, tendo as altamente desenvolvidas todos os quatro.

Destas religiões altamente desenvolvidas, algumas não tinham livro ou livros sagrados e desapareceram; mas aqueles que foram baseados em livros sagrados estão vivos até os dias de hoje. Como tal, todas as grandes religiões do mundo hoje baseiam-se em livros sagrados.

O Védico nos Vedas (erroneamente chamado de Hindu ou Brahminic).

O Avestic no Avesta.

O Mosaico no Antigo Testamento.

O Budista no Tripitaka.

O cristão no Novo Testamento.

O Maometano no Alcorão.

Os taoístas e os confucionistas na China, tendo também livros, estão tão inextricavelmente misturados com a forma budista de religião que são catalogados com o budismo.

Novamente, embora estritamente falando não existam religiões absolutamente raciais, ainda assim pode-se dizer que, deste grupo, as religiões Védica, Mosaica e Avestica estão confinadas às raças às quais originalmente pertenceram; enquanto as religiões budista, cristã e muçulmana têm sido, desde o seu início, religiões difundidas.

A luta será entre os budistas, os cristãos e os maometanos para conquistar o mundo, e as religiões raciais também terão inevitavelmente de se juntar à luta. Cada uma destas religiões, raciais ou difundidas, já foi dividida em vários ramos e sofreu grandes mudanças, consciente ou inconscientemente, para se adaptar a circunstâncias variadas. Este mesmo fato mostra que nenhum deles está apto sozinho para ser a religião de toda a raça humana. Sendo cada religião o efeito de certas peculiaridades da raça da qual surgiu, e sendo por sua vez a causa da intensificação e preservação dessas mesmas peculiaridades, nenhuma delas pode ajustar-se à natureza humana universal. Não só isso, mas há um elemento negativo em cada um. Cada um ajuda o crescimento de uma certa parte da natureza humana, mas reprime tudo o mais que a raça da qual surgiu não tinha. Assim, uma religião que se tornasse universal seria perigosa e degeneradora para o homem.

Ora, a história do mundo mostra que estes dois sonhos – o de um Império político universal e o de um Império religioso universal – existiram muito antes da humanidade, mas que repetidas vezes os planos dos maiores conquistadores foram frustrados pela divisão. de seus territórios antes que pudesse conquistar apenas uma pequena parte da terra; e da mesma forma, todas as religiões foram divididas em seitas antes de saírem do seu berço.

No entanto, parece ser verdade que a solidariedade da raça humana, tanto social como religiosa, com uma margem de variação infinita, é o plano da natureza; e se a linha de menor resistência é a verdadeira linha de acção, parece-me que esta divisão de cada religião em seitas é a preservação da religião ao frustrar a tendência para a mesmice rígida, bem como a clara indicação para nós da linha de procedimento.

O fim parece, portanto, não ser a destruição, mas uma multiplicação de seitas até que cada indivíduo seja uma seita para si mesmo. Mais uma vez, um pano de fundo de unidade surgirá através da fusão de todas as religiões existentes numa grande filosofia. Nas mitologias ou nos cerimoniais nunca haverá unidade, porque diferimos mais no concreto do que no abstrato. Mesmo admitindo o mesmo princípio, os homens diferirão quanto à grandeza de cada um de seus professores ideais.

Assim, através desta fusão será descoberta uma união de filosofia como base da união, deixando a cada um a liberdade de escolher o seu professor ou a sua forma como ilustrações dessa unidade. Essa fusão é o que ocorre naturalmente há milhares de anos; apenas, por antagonismo mútuo, foi lamentavelmente retido.

Em vez de antagonizarmos, portanto, devemos ajudar todo esse intercâmbio de ideias entre diferentes raças, enviando professores uns aos outros, de modo a educar a humanidade em todas as diversas religiões do mundo; mas devemos insistir, como fez o grande imperador budista da Índia, Asoka, no segundo século antes de Cristo, em não abusar dos outros ou em tentar ganhar a vida com as faltas dos outros; mas para ajudar, simpatizar e esclarecer.

Há um grande clamor em todo o mundo contra o conhecimento metafísico em oposição ao que é denominado conhecimento físico. Esta cruzada contra o metafísico e o além desta vida, para estabelecer a vida presente e o mundo presente numa base mais firme, está rapidamente a tornar-se uma moda à qual até mesmo os pregadores da religião, um após o outro, estão rapidamente a sucumbir. É claro que a multidão irrefletida está sempre seguindo coisas que lhes apresentam uma superfície agradável; mas quando aqueles que deveriam saber melhor seguem modas sem sentido, por mais pseudo-filosóficas que professem ser, isso se torna um fato triste.

Ora, ninguém nega que os nossos sentidos, desde que sejam normais, são os guias mais confiáveis que temos, e os factos que eles recolhem para nós constituem a própria base da estrutura do conhecimento humano. Mas se eles querem dizer que todo o conhecimento humano é apenas percepção sensorial e nada além disso, nós negamos isso. Se por ciências físicas entendemos sistemas de conhecimento inteiramente baseados e construídos na percepção sensorial, e nada além disso, afirmamos que tal ciência nunca existiu nem jamais existirá. Nem qualquer sistema de conhecimento, construído apenas com base na percepção sensorial, jamais será uma ciência.

Os sentidos, sem dúvida, seleccionam os materiais do conhecimento e encontram semelhanças e diferenças; mas aí eles têm que parar. Em primeiro lugar, as reuniões físicas dos factos são condicionadas por certas concepções metafísicas, como o espaço e o tempo. Em segundo lugar, agrupar factos, ou generalizar, é impossível sem alguma noção abstracta como pano de fundo. Quanto maior a generalização, mais metafísico é o pano de fundo abstrato sobre o qual os fatos isolados são organizados. Ora, ideias como matéria, força, mente, lei, causalidade, tempo e espaço são resultados de abstrações muito elevadas, e ninguém jamais sentiu nenhuma delas; em outras palavras, eles são inteiramente metafísicos. No entanto, sem estas concepções metafísicas, nenhum facto físico é possível de ser compreendido. Assim, um determinado movimento torna-se compreendido quando se refere a uma força; certas sensações, para importar; certas mudanças externas, na lei; certas mudanças no pensamento, na mente; certa ordem isoladamente, à causalidade – e unida ao tempo, à lei. No entanto, ninguém viu ou sequer imaginou matéria ou força, lei ou causalidade, tempo ou espaço.

Pode-se afirmar que estes conceitos abstratos não existem, e que essas abstrações não são nada separado ou separável dos grupos dos quais são, por assim dizer, apenas qualidades.

Independentemente da questão de saber se as abstrações são possíveis ou não, ou se existe ou não algo além dos grupos generalizados, é claro que estas noções de matéria ou força, tempo ou espaço, causação, lei ou mente são consideradas unidades. abstraídas e independentes (por si mesmos) dos

grupos, e que somente quando são pensados como tais, eles se fornecem como explicações dos fatos na percepção sensorial. Isto é, além da validade dessas noções, vemos dois fatos sobre elas — primeiro, são metafísicas; segundo, que somente como metafísicos eles explicam o físico e não de outra forma.

Se o externo se conforma com o interno, ou o interno com o externo, se a matéria se conforma com a mente, ou a mente com a matéria, se o ambiente molda a mente, ou se a mente molda as circunstâncias, é uma questão muito antiga, e ainda é hoje. tão novo e vigoroso como sempre foi. Além da questão da precedência ou causalidade - sem tentar resolver o problema de saber se a mente é a causa da matéria ou se a matéria é a causa da mente - é evidente que, quer o externo tenha sido formado pelo interno ou não, ele deve estar em conformidade para o interno para que possamos conhecê-lo. Supondo que o mundo externo seja a causa do interno, teremos que admitir que o mundo externo, como causa da nossa mente, é desconhecido e incognoscível, porque a mente só pode saber tanto ou aquela visão do externo ou aquela visão que está em conformidade ou é um reflexo de sua própria natureza. Aquilo que é o seu próprio reflexo não poderia ter sido a sua causa. Agora, aquela visão de toda a massa da existência, que é separada da mente e conhecida, certamente não pode ser a causa da mente, pois a sua própria existência é conhecida na mente e através dela.

Assim, é impossível deduzir uma mente da matéria. Não, é um absurdo. Porque, à primeira vista, aquela porção da existência que é desprovida das qualidades de pensamento e de vida e dotada da qualidade de externalidade é chamada de matéria, e aquela porção que é desprovida de externalidade e dotada das qualidades de pensamento e de vida é chamada de matéria. chamada mente. Ora, provar a matéria da mente, ou a mente da matéria, é deduzir de cada uma delas as mesmas qualidades que retiramos de cada uma; e, portanto, toda a luta sobre a causalidade da mente ou da matéria é apenas um quebra-cabeças e nada mais. Mais uma vez, ao longo de todas estas controvérsias corre, via de regra, a falácia de atribuir significados diferentes às palavras mente e matéria. Se às vezes a palavra mente é usada como algo oposto e externo à matéria, outras vezes como algo que abrange tanto a mente como a matéria, isto é, da qual tanto o externo como o interno são partes do lado materialista; a palavra matéria é às vezes usada no

sentido restrito de algo externo que sentimos e, novamente, significa algo que é a causa de todos os fenômenos externos e internos. O materialista assusta o idealista ao afirmar que sua mente deriva dos elementos do laboratório, enquanto ele luta o tempo todo para expressar algo mais elevado do que todos os elementos e átomos, algo do qual tanto os fenômenos externos quanto os internos são resultados, e que ele chama de matéria. O idealista, por outro lado, quer derivar todos os elementos e átomos do materialista do seu próprio pensamento, mesmo enquanto vislumbra algo que é a causa tanto da mente como da matéria, e que ele muitas vezes chama de Deus. Isto é, uma parte quer explicar o universo inteiro por uma porção dele que é externa, a outra por outra porção que é interna. Ambas as tentativas são impossíveis. Mente e matéria não podem explicar uma à outra. A única explicação deve ser procurada em algo que abranja tanto a matéria como a mente.

Pode-se argumentar que o pensamento não pode existir sem a mente, pois supondo que houve um tempo em que não existia pensamento, a matéria, tal como a conhecemos, certamente não poderia ter existido. Por outro lado, pode-se dizer que o conhecimento é impossível sem experiência, e a experiência pressupõe o mundo externo, a existência da mente, tal como a conhecemos, é impossível sem a existência da matéria.

Nem é possível que qualquer um deles tenha tido um começo. A generalização é a essência do conhecimento. A generalização é impossível sem um armazenamento de semelhanças. Mesmo o fato da comparação é impossível sem experiência anterior. O conhecimento, portanto, é impossível sem conhecimento prévio - e o conhecimento que necessita da existência tanto do pensamento quanto da matéria, ambos não têm começo.

Mais uma vez, a generalização, a essência do conhecimento sensorial, é impossível sem algo sobre o qual os fatos separados da percepção se unam. Todo o mundo das percepções externas requer algo sobre o qual se unir para formar um conceito do mundo, assim como a pintura deve ter a sua tela. Se o pensamento ou a mente são esta tela para o mundo externo, eles, por sua vez, requerem outra. A mente, sendo uma série de sentimentos e vontades diferentes - e não uma unidade, requer algo além de si mesma como pano de fundo de unidade. Aqui toda a análise está fadada a parar, pois foi

encontrada uma verdadeira unidade. A análise de um composto não pode parar até que uma unidade indivisível seja alcançada. O facto que nos apresenta tal unidade tanto para o pensamento como para a matéria deve necessariamente ser a última base indivisível de cada fenómeno, pois não podemos conceber qualquer análise posterior; nem é necessária qualquer análise adicional, pois esta inclui uma análise de todas as nossas percepções externas e internas.

Até agora, vemos que uma totalidade de fenómenos mentais e materiais, e algo além, sobre o qual ambos atuam, são os resultados de nossa investigação.

Agora, esse algo além não está na percepção sensorial; é uma necessidade lógica, e um sentimento de sua presença indefinível percorre todas as nossas percepções sensoriais. Vemos também que somos levados a isso pela pura necessidade de sermos fiéis à nossa razão e à nossa faculdade de generalização.

Pode-se afirmar que não há necessidade alguma de postular tal substância ou de estar além da massa de fenómenos mentais e materiais. A totalidade dos fenómenos é tudo o que conhecemos ou podemos conhecer, e não requer nada além de si mesmo para se explicar. Uma análise além dos sentidos é impossível, e a sensação de uma substância à qual tudo é inerente é simplesmente uma ilusão.

Vemos que desde os tempos mais antigos existiram essas duas escolas entre os pensadores. Uma parte afirma que a necessidade inevitável da mente humana de formar conceitos e abstrações é o guia natural para o conhecimento, e que não pode parar em lugar nenhum até que tenhamos transcendido todos os fenómenos e formado um conceito que é absoluto em todas as direções, transcendendo o tempo e o espaço. e causalidade. Ora, se chegarmos a este conceito último analisando todos os fenómenos do pensamento e da matéria, passo a passo, tomando primeiro o mais grosseiro e transformando-o num mais fino, e ainda mais fino, até chegarmos a algo que seja a solução de todo o resto. , é óbvio que tudo o mais além deste resultado final é uma modificação momentânea de si mesmo e, como tal, só este resultado final é real e tudo o mais é apenas a sua sombra. A realidade, portanto, não está nos sentidos, mas além deles.

Por outro lado, a outra parte sustenta que a única realidade no universo é aquela que os nossos sentidos nos trazem, e embora a sensação de algo além esteja presente em todas as nossas percepções sensoriais, isso é apenas um truque da mente, e portanto irreal.

Ora, algo mutável nunca pode ser compreendido sem a ideia de algo imutável; e se for dito que aquela coisa imutável, à qual a mudança se refere, é também um fenômeno mutável, apenas relativamente imutável, e deve, portanto, ser referida a outra coisa, e assim por diante, dizemos que, por mais infinitamente longa que seja esta série, o próprio fato de nossa incapacidade de compreender o mutável sem o imutável nos obriga a postular um como o pano de fundo de todo o mutável. E ninguém tem o direito de considerar certa uma parte de um todo e rejeitar a outra à vontade. Se alguém pegar o anverso, deverá pegar também o reverso da mesma moeda, por mais que não goste.

Novamente, com cada movimento, o homem afirma a sua liberdade. Do pensador mais elevado ao homem mais ignorante, todos sabem que são livres. Agora, cada homem descobre ao mesmo tempo, com um pouco de reflexão, que cada ação sua tinha motivos e condições, e dados esses motivos e condições, sua ação particular pode ser deduzida com tanto rigor quanto qualquer outro fato na causalidade.

Aqui, novamente, ocorre a mesma dificuldade. A vontade do homem está tão rigorosamente sujeita à lei da causalidade como o crescimento de qualquer plantinha ou a queda de uma pedra e, no entanto, através de toda esta escravidão corre a ideia indestrutível de liberdade. Também aqui o lado da totalidade declarará que a ideia de liberdade é uma ilusão e que o homem é inteiramente uma criatura necessária.

Agora, por um lado, esta negação da liberdade como uma ilusão não tem explicação; por outro lado, por que não dizer que a ideia de necessidade, de servidão ou de causalidade é uma ilusão dos ignorantes? Qualquer teoria que possa ajustar-se aos factos que pretende explicar, cortando primeiro tantos deles quanto impeça a sua adaptação a eles, está à primeira vista errada. Portanto, o único caminho que nos resta é admitir primeiro que o corpo não é livre, nem a vontade, mas que deve haver algo além da mente e do corpo que seja livre e

(incompleto)

4.4.ESCRITOS: POEMAS

4.4.1 KALI A MÃE

As estrelas estão apagadas,
As nuvens estão cobrindo as nuvens,
É uma escuridão vibrante, sonante.

No vento forte e rodopiante
São as almas de um milhão de lunáticos

Acabei de sair da prisão,
Arrancando árvores pela raiz,
Varrendo tudo do caminho.

O mar entrou na briga,
E redemoinha nas ondas da montanha,
Para alcançar o céu escuro.

O flash de luz sinistra
Revela por todos os lados

Mil, mil tons
Da Morte suja e negra —
Espalhando pragas e tristezas,

Dançando loucamente de alegria,
Venha, mãe, venha!
Pois Terror é o Teu nome,
A morte está em Tua respiração,
E cada passo trêmulo
Destrói um mundo para sempre.
Tu, "Tempo", o Destruidor de Tudo!
Vem, ó Mãe, vem!
Quem ousa a miséria, amor,
E abraça a forma da Morte,
Dance na dança da Destruição,
A ele vem a Mãe.

4.4.2 ANJOS DESCONHECIDOS

(Escrito em 1º de setembro de 1898.)

EU

Um curvando-se com carga de vida —
Isso não significava alegria, mas sofrimento duro e duro —
E seguindo seu caminho por caminhos sombrios e sombrios

Sem um flash de luz do cérebro ou do coração
Para dar um momento de alegria, até a fila
Isso distingue a dor do prazer, a morte da vida,
E o bem do que é mau foi quase eliminado da vista,
Vi, em uma noite abençoada, um raio de luz fraco, mas lindo
Desça até ele. Ele não sabia o que ou de onde,
Mas chamou isso de Deus e adorou.
Hope, uma completa estranha, veio até ele e se espalhou
Através de todas as suas partes, e a vida para ele significava mais
Do que ele jamais poderia sonhar e cobriu tudo o que sabia,
Não, espiou além de seu mundo. Os Sábios
Piscou, sorriu e chamou isso de "superstição".
Mas ele sentiu seu poder e paz
E gentilmente respondeu —
"Ó abençoada superstição!"

II

Alguém bêbado com vinho de riqueza e poder
E saúde para aproveitar os dois, ligado
Seu curso enlouquecedor, até a terra, ele pensou,
Foi feito para ele, seu jardim de prazeres e para o homem,
O verme rastejante foi feito para encontrá-lo,

Até as mil luzes da alegria, alimentadas com prazer,
Isso brilhou dia e noite diante de seus olhos,
Com constante mudança de cores, começou a desfocar
Sua visão e enjoativos seus sentidos; até o egoísmo,
Como um tumor córneo, espalhou-se por todo o seu coração;
E o prazer não significava mais para ele do que dor,
Desprovido de sentimento; e vida no sentido,
Tão alegre, precioso outrora, um cadáver apodrecido entre os braços,
O que ele certamente evitaria, mas quanto mais ele tentasse, mais
Agarrou-se a ele; e desejou, com cérebro frenético,
Mil formas de morte, mas cederam ao encanto,
Então veio a tristeza — e a Riqueza e o Poder se foram —
E fez com que ele encontrasse parentesco com toda a raça humana
Em gemidos e lágrimas, e embora seus amigos rissem,
Seus lábios falavam com sotaque agradecido —
"Ó Bendita Miséria!"

III

Alguém que nasceu com uma estrutura saudável, mas sem vontade
Que pode resistir a emoções profundas e fortes,
Nem lançamento de impulso, sobrecarregado com força potente —
E exatamente do tipo que passa por bom e gentil,

Vi que ele estava seguro, enquanto outros ansiavam
E em vão lutou contra as ondas crescentes.
Até que, mórbido, sua mente pudesse ver, como moscas
Que buscam a parte pútrida, mas o que foi ruim.
Então a Fortuna sorriu para ele e seu pé escorregou.
Isso abriu seus olhos para sempre e o fez encontrar
Que pedras e árvores nunca infringem a lei,
Mas permanecem pedras e árvores; aquele homem sozinho
É abençoado com poder para lutar e conquistar o Destino,
Transcendendo limites e leis.
Dele caiu sua natureza passiva e a vida apareceu
À medida que o amplo e o novo, e o mais amplo, o mais novo crescia,
Até que a luz à frente começou a surgir e um vislumbre daquilo
Onde mora a Paz Eterna — mas só se pode alcançar
Ao percorrer o mar de lutas, veio a coragem.
Então, olhando para trás, tudo o que o tornou parente
Para ações e pedras, e para o que o mundo
O evitou por sua queda, ele abençoou a queda,
E com o coração alegre, declarou —
"Bendito Pecado!"

4.4.3 À ÍNDIA DESPERTA

(Escrito para Prabuddha Bharata ou Índia Desperta, em agosto de 1898, quando o diário foi transferido de Madras para Almora Himalaia, para as mãos da Irmandade fundada por Swami Vivekananda.)

Mais uma vez acordado!

Pois foi o sono, e não a morte, que te trouxe vida
De novo, e descanse com os olhos de lótus para ter visões
Ousado ainda. O mundo necessitado espera, ó Verdade!
Nenhuma morte para você!

Retome sua marcha,
Com pés suaves que não quebrariam o
Descanso tranquilo mesmo com a poeira da estrada
Isso é tão baixo. Ainda forte e constante,
Feliz, ousado e livre. Despertador, sempre
Avançar! Fale suas palavras emocionantes.

Sua casa se foi,
Onde corações amorosos te criaram e
Observei com alegria o teu crescimento. Mas o destino é forte —
Esta é a lei: todas as coisas voltam para a fonte
Eles surgiram, suas forças para renovar.

Então comece de novo

Da terra onde você nasceu, onde vasto cinturão de nuvens
As neves abençoam e colocam sua força em você,
Para fazer maravilhas novas. O celestial
River sintonize sua voz com sua própria canção imortal;
As cortinas Deodar proporcionam paz eterna.

E tudo acima,
Filha de Himala, Umâ, gentil, pura,
A Mãe que reside em todos como Poder
E a Vida, que trabalha tudo trabalha e
Faz de Um o mundo, cuja misericórdia
Abre o portão para a Verdade e mostra
O Único em Todos, dê-te incansável
Força, que é Amor Infinito.

Eles abençoam a todos,
Os grandes videntes, cuja idade nem clima
Podem reivindicar os seus, os pais do
Race, que sentia o mesmo no coração da Verdade,
E corajosamente ensinado ao homem mal-voz ou
Bem. Servo deles, você tem
O segredo - é apenas um.

Então fale, ó amor!

Diante de tua voz gentil e serena, veja como

As visões derretem e se dobram nos sonhos

Parte para o vazio, até a Verdade e somente a Verdade

Em toda a sua glória brilha -

E conte ao mundo —

Acorde, levante-se e não sonhe mais!

Esta é a terra dos sonhos, onde o Karma

Tece guirlandas sem fios com nossos pensamentos

De flores doces ou nocivas, e nenhuma

Tem raiz ou caule, nascendo do nada, que

O sopro mais suave da Verdade retorna a

Nada primordial. Seja ousado e enfrente

A verdade! Seja um com isso! Deixe as visões cessarem,

Ou, se não puder, sonhe, mas sonhos mais verdadeiros,

Que são Amor Eterno e Serviço Gratuito.

4.4.4 DESCANSE EM PAZ

(Escrito in memoriam para J. J. Goodwin, agosto de 1898.)

Acelere, ó Alma! em teu caminho estrelado;

Velocidade, feliz! onde o pensamento é sempre livre,
Onde o tempo e o espaço não obscurecem mais a visão,
A paz e as bênçãos eternas estejam contigo!

Seu serviço é verdadeiro, complete seu sacrifício,
Tua casa, o coração do amor, encontra transcendente;
Doce lembrança, que mata todo o espaço e tempo,
Como as rosas do altar preenchem o teu lugar atrás!

Seus laços foram quebrados, sua busca pela felicidade foi encontrada,
E um com Aquilo que vem como Morte e Vida;
Tu, prestativo! altruísta em todo o mundo,
À frente! ainda ajude com amor esse mundo de conflitos!

4.4.5 AGUARDE AINDA UM TEMPO, CORAÇÃO valente

(Escrito para H. H. O Marajá de Khetri, Rajputana.)

Se o sol perto da nuvem estiver um pouco escondido,
Se o céu parecer sombrio,
Ainda espere um pouco, coração valente,
A vitória certamente virá.

Não houve inverno, mas o verão ficou para trás,
Cada cavidade atinge a crista da onda,
Eles se empurram na luz e na sombra;
Seja firme e corajoso.

Os deveres da vida são realmente dolorosos,
E seus prazeres são passageiros, vãos,
O objetivo parece tão sombrio e obscuro,
No entanto, siga em frente através do coração sombrio e corajoso,
Com todas as tuas forças e forças.

Nenhum trabalho será perdido, nenhuma luta será em vão,
Embora as esperanças sejam frustradas, os poderes se foram;
Dos teus lombos virão os herdeiros de todos,
Então espere um pouco, alma corajosa,
Nada de bom é desfeito.

Embora os bons e os sábios na vida sejam poucos,
No entanto, são deles as rédeas para liderar,
As massas sabem, mas atrasam o valor;
Não dê atenção a ninguém e guie gentilmente.

Contigo estão aqueles que vêm longe,

Contigo está o Senhor do poder,
Todas as bênçãos sejam derramadas sobre você, grande alma,
Para ti tudo pode dar certo!

4.4.6 NIRVANASHATKAM, OU SEIS ESTANZAS NO NIRVANA

(Tradução de um poema de Shankarâchârya.)

Não sou a mente, nem o intelecto, nem o ego, nem a substância mental;
Não sou o corpo, nem as mudanças do corpo;
Não sou os sentidos da audição, do paladar, do olfato ou da visão,
Nem sou o éter, a terra, o fogo, o ar;
Eu sou a Existência Absoluta, o Conhecimento Absoluto, a Bem-
Aventura Absoluta –

Eu sou Ele, eu sou Ele. (Shivoham, Shivoham).

Não sou o Prâna, nem os cinco ares vitais;
Não sou os materiais do corpo, nem os cinco invólucros;
Nem sou órgão de ação, nem objeto dos sentidos;
Eu sou a Existência Absoluta, o Conhecimento Absoluto, a Bem-
Aventura Absoluta –

Eu sou Ele, eu sou Ele. (Shivoham, Shivoham).

Não tenho aversão nem apego, nem ganância nem ilusão;

Nem egoísmo nem inveja, nem Dharma nem Moksha;

Não sou desejo nem objeto de desejo;

Eu sou a Existência Absoluta, o Conhecimento Absoluto, a Bem-Aventura Absoluta –

Eu sou Ele, eu sou Ele. (Shivoham, Shivoham).

Não sou pecado nem virtude, nem prazer nem dor;

Nem templo, nem adoração, nem peregrinação, nem escrituras,

Nem o ato de desfrutar, o prazer nem o desfrutar;

Eu sou a Existência Absoluta, o Conhecimento Absoluto, a Bem-Aventura Absoluta –

Eu sou Ele, eu sou Ele. (Shivoham, Shivoham).

Não tenho morte nem medo da morte, nem casta;

Nem nasci, nem tive pais, amigos e parentes;

Não tenho Guru, nem discípulo;

Eu sou a Existência Absoluta, o Conhecimento Absoluto, a Bem-Aventura Absoluta –

Eu sou Ele, eu sou Ele. (Shivoham, Shivoham).

Não sou tocado pelos sentidos, não sou Mukti nem cognoscível;

Estou sem forma, sem limite, além do espaço, além do tempo;

Estou em tudo; Eu sou a base do universo; em todos os lugares estou.

Eu sou a Existência Absoluta, o Conhecimento Absoluto, a Bem-Aventura Absoluta –

Eu sou Ele, eu sou Ele. (Shivoham, Shivoham).

4.4.7 A CANÇÃO DO SANNYÂSIN

(Composto no Thousand Island Park, Nova York, em julho de 1895.)

Acorde a nota! a música que nasceu
Longe, onde a mácula mundana nunca poderia alcançar,
Em cavernas nas montanhas e clareiras de florestas profundas,
Cuja calma não suspira por luxúria, riqueza ou fama
Poderia ousar quebrar; onde rolou o stream
Do conhecimento, da verdade e da felicidade que acompanha ambos.
Cante alto essa nota, Sannyâsin ousado! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

Livre-se dos seus grilhões! Laços que te prendem,
De ouro brilhante ou minério mais escuro e básico;
Amor, ódio — bom, mau — e toda a dupla multidão,
Saiba, escravo é escravo, acariciado ou chicoteado, não é livre;
Pois os grilhões, embora de ouro, não são menos fortes para amarrar;
Então vá embora com eles, Sannyâsin ousado! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

Deixe a escuridão ir; o fogo-fátuo que leva
Com luz piscando para acumular mais escuridão sobre escuridão.
Esta sede de vida, saciará para sempre; arrasta
Do nascimento à morte, e da morte ao nascimento, a alma.
Ele conquista todos aqueles que conquistam a si mesmos. Saiba disso
E nunca ceda, Sannyâsin ousado! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

“Quem semeia deve colher”, dizem eles, “e a causa deve trazer
O efeito certo; bom Bom; ruim, ruim; e nenhum
Fuja da lei. Mas quem usa um formulário
Deve usar a corrente.” É verdade, mas muito além
Tanto o nome quanto a forma são Âtman, sempre gratuitos.
Saiba que você é Isso, Sannyâsin ousado! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

Não conhecem a verdade aqueles que sonham com sonhos tão vagos
Como pai, mãe, filhos, esposa e amigo.
O Eu assexuado! de quem é o pai? filho de quem?
De quem é amigo, de quem é inimigo Aquele que é apenas Um?
O Eu é tudo, nada mais existe;
E tu és Isso, Sannyâsin ousado! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

Só existe Um — O Livre — O Conhecedor — o Eu!

Sem nome, sem forma ou mancha.

Nele está Mâyâ sonhando todo esse sonho.

A testemunha, Ele aparece como natureza, alma.

Saiba que você é Isso, Sannyâsin ousado! Diga —

"Om Tat Sat, Om!"

Onde você procura? Essa liberdade, amigo, este mundo

Nem isso pode dar. Em livros e templos vãos

Tua busca. Tua é apenas a mão que segura

A corda que te arrasta. Então pare de lamentar,

Solte seu domínio, Sannyâsin ousado! Diga —

"Om Tat Sat, Om!"

Diga: "Paz para todos: de mim não há perigo

Para tudo o que vive. Naqueles que moram no alto,

Naqueles que se arrastam humildemente, eu sou o Eu em todos!

Toda a vida aqui e ali, eu renuncio,

Todos os céus, terras e infernos, todas as esperanças e medos."

Assim corte tuas amarras, Sannyâsin ousado! Diga —

"Om Tat Sat, Om!"

Não preste mais atenção em como o corpo vive ou funciona,

Sua tarefa está cumprida. Deixe o Karma flutuar;
Deixe um colocar guirlandas, outro chute
Este quadro; não diga nada. Nenhum elogio ou culpa pode ser
Onde o elogiador é elogiado e o culpado é culpado.
Assim, fique calmo, Sannyâsin ousado! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

A verdade nunca chega onde a luxúria, a fama e a ganância
Do ganho reside. Nenhum homem que pensa em mulher
Como sua esposa pode ser perfeita;
Nem aquele que possui as menores coisas, nem ele
Quem a raiva acorrenta pode passar pelos portões de Maya.
Então, desista disso, Sannyâsin ousado! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

Você não tem casa. Que lar pode te abrigar, amigo?
O céu é o seu telhado, a grama é a sua cama; e comida
O que o acaso pode trazer, bem preparado ou doente, não julgue.
Nenhuma comida ou bebida pode manchar esse nobre Eu
Que conhece a si mesmo. Como rolar livremente no rio
Seja sempre ousado, Sannyâsin! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

Poucos sabem apenas a verdade. O resto vai odiar
E ria de você, grande; mas não dê atenção.
Vá, você, o livre, de um lugar para outro e ajude
Eles saíram da escuridão, o véu de Maya. Sem
O medo da dor ou a busca pelo prazer, vá
Além de ambos, Sannyâsin ousado! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

Assim, dia após dia, até que os poderes do Karma se esgotem
Liberte a alma para sempre. Não há mais nascimento,
Nem eu, nem tu, nem Deus, nem o homem. O "eu"
Tudo se tornou, o Tudo é "Eu" e Felicidade.
Saiba que você é Isso, Sannyâsin ousado! Diga —
"Om Tat Sat, Om!"

4.4.8 PAZ

(Composto em Ridgely Manor, Nova York, 1899.)

Eis que chega em força,
O poder que não é poder,
A luz que está nas trevas,
A sombra em luz ofuscante.

É uma alegria que nunca falou,
E a dor não sentida, profunda,
Vida imortal não vivida,
Morte eterna não lamentada.

Não é alegria nem tristeza,
Mas aquilo que está entre,
Não é noite nem amanhã,
Mas aquilo que os une.

É um doce descanso na música;
E faça uma pausa na arte sacra;
O silêncio entre as conversas;
Entre dois acessos de paixão —
É a calma do coração.

É uma beleza nunca vista,
E o amor que está sozinho,
É uma música que não é cantada,
E conhecimento nunca conhecido.

É a morte entre duas vidas,
E calma entre duas tempestades,

O vazio de onde surgiu a criação,
E é aí que ele retorna.

Para isso vai a lágrima,
Para espalhar a forma sorridente
É o objetivo da vida,
E a Paz – é o seu único lar!

4.5 TRADUÇÃO: PROSA

4.5.1 O PROBLEMA DA ÍNDIA MODERNA E SUA SOLUÇÃO

(O texto acima é uma tradução do primeiro artigo em bengali escrito por Swami Vivekananda como uma introdução ao Udbodhana, quando este foi iniciado em 14 de janeiro de 1899, como o jornal bengali quinzenal (depois mensal) da Ordem Ramakrishna.)

A história antiga da Índia está repleta de descrições das energias gigantescas e do seu funcionamento multifacetado, do espírito ilimitado, da combinação de ação e reação indomáveis das diversas forças e, acima de tudo, da profunda consideração de uma raça piedosa. Se a palavra história for entendida como meramente narrativas de reis e imperadores, e imagens da sociedade - tiranizada de tempos em tempos pelas más paixões, arrogância, avareza, etc., dos governantes da época, retratando os atos resultantes de suas propensões para o bem ou para o mal, e como estas reagiram sobre a sociedade da época - uma história que a Índia talvez não possua. Mas cada linha dessa massa de literatura religiosa da Índia, o seu oceano de poesia, as suas filosofias e vários trabalhos científicos revelam-nos - mil vezes mais claramente do que as narrativas dos incidentes da vida e das genealogias de reis e imperadores específicos podem alguma vez

conseguir. fazer - a posição exata e cada passo dado antecipadamente por aquele vasto corpo de homens que, mesmo antes do alvorecer da civilização, impelidos pela fome e pela sede, pela luxúria e pela ganância, etc., atraídos pelo encanto da beleza, dotados de um grande e poder mental indomável, e movido por vários sentimentos, chegou através de várias maneiras e meios a esse estágio de eminência. Embora os montes daquelas bandeiras triunfais que eles reuniram em suas inúmeras vitórias sobre a natureza, contra as quais vinham travando guerra há séculos, tenham sido, ultimamente, rasgados e esfarrapados pelos ventos violentos de circunstâncias adversas e tenham se desgastado com o tempo, ainda assim eles ainda proclamam a glória da Índia Antiga.

Se esta raça procedeu lentamente da Ásia Central, do Norte da Europa ou das regiões árticas, e gradualmente desceu e santificou a Índia, estabelecendo-se ali finalmente, ou se a terra sagrada da Índia foi o seu local de origem original, não temos meios adequados de saber agora. Ou se uma vasta raça que vivia dentro ou fora da Índia, sendo deslocada da sua residência original, em conformidade com as leis naturais, veio com o passar do tempo para colonizar e estabelecer-se na Europa e noutros lugares - e se essas pessoas eram brancas ou negras, azuis de olhos escuros ou de olhos escuros, de cabelos dourados ou de cabelos pretos – todas essas questões – não há base suficiente para provar agora, com a única exceção do fato do parentesco do sânscrito com algumas línguas européias. Da mesma forma, não é fácil chegar a uma conclusão definitiva quanto aos índios modernos, se todos eles são descendentes puros daquela raça, ou quanto do sangue dessa raça corre em suas veias, ou ainda, quais raças entre eles têm algo disso dentro deles.

Contudo, não perdemos, de facto, muito com esta incerteza.

Mas há um fato a ser lembrado. Daquela antiga raça indiana, sobre a qual os raios da civilização surgiram pela primeira vez, onde a profunda reflexão se revelou pela primeira vez em plena glória, ainda existem centenas de milhares de seus filhos, nascidos de sua mente - os herdeiros de seus pensamentos e sentimentos - prontos para reivindicá-los.

Atravessando montanhas, rios, oceanos áridos, desprezando, por assim dizer, os obstáculos da distância do espaço e do tempo, o sangue do

pensamento indiano correu e ainda corre nas veias de outras nações do globo, sejam elas de uma forma distinta ou de alguma forma sutil e desconhecida. Talvez a nós pertença a maior parte da antiga herança universal.

Num pequeno país situado no canto oriental do Mar Mediterrâneo, belo e adornado pela natureza, e enfeitado por ilhas bem formadas e de bela aparência, vivia uma raça de homens poucos em número, mas de aspecto muito encantador, perfeitamente formados, fortes em músculos e tendões, leves de corpo, mas possuidores de firmeza e perseverança, e que eram incomparáveis na criação de todas as belezas terrenas, bem como dotados de extraordinária praticidade e intelecto. As outras nações antigas costumavam chamá-los de Yavanas, mas eles se autodenominavam gregos. Este punhado de raça vigorosa e maravilhosa é um exemplo único nos anais do homem. Onde quer que e em qualquer nação tenha havido, ou haja, qualquer avanço feito na ciência terrena até aos dias de hoje - tal como social, marcial, político, escultural, etc. - ali caiu a sombra da Grécia antiga. Deixemos de lado a consideração dos tempos antigos, pois mesmo nesta era moderna, nós, os bengalis, nos consideramos orgulhosos e iluminados simplesmente por seguirmos as pegadas desses Gurus Yavana durante estes últimos cinquenta anos, iluminando nossas casas com a luz deles. está chegando até nós através da literatura européia.

Hoje em dia, toda a Europa é, em todos os aspectos, discípula da Grécia antiga e sua herdeira adequada; tanto é verdade que um sábio da Inglaterra disse: "Tudo o que a natureza não criou, isso é criação da mente grega."

Esses dois rios gigantescos (Arianos e Yavanas), que brotam de montanhas distantes e diferentes (Índia e Grécia), ocasionalmente entram em contato um com o outro, e sempre que tal confluência ocorre, uma tremenda maré intelectual ou espiritual, subindo nas sociedades humanas, amplia enormemente o alcance da civilização e confirma o vínculo de fraternidade universal entre os homens.

Já na remota antiguidade, a filosofia indiana, ao entrar em contato com a energia grega, levou à ascensão dos persas, dos romanos e de outras grandes nações. Após a invasão de Alexandre, o Grande, essas duas grandes cachoeiras, colidindo entre si, inundaram quase metade do globo com marés

espirituais, como o Cristianismo. Mais uma vez, uma mistura semelhante, que resultou na melhoria e na prosperidade da Arábia, lançou as bases da moderna civilização europeia. E talvez, nos nossos dias, tenha se apresentado novamente um momento para a conjunção destas duas forças gigantescas. Desta vez, o centro deles é a Índia.

O ar da Índia conduz preeminentemente à tranquilidade, a natureza do Yavana é a expressão constante do poder; a meditação profunda caracteriza um, o espírito indomável de atividade hábil, o outro; o lema de um é a “renúncia”, o “gozo” do outro. Toda a energia de um é direcionada para dentro, a do outro, para fora; toda a aprendizagem de um consiste no conhecimento do Eu ou do Sujeito, a do outro, no conhecimento do não-Eu ou do objeto (criação perecível); um ama Moksha (liberdade espiritual), o outro ama a independência política; um não se preocupa em obter prosperidade neste mundo, o outro dedica todo o seu coração a fazer deste mundo um paraíso; um, aspirando à bem-aventurança eterna, é indiferente a todos os prazeres efêmeros desta vida, e o outro, duvidando da existência da bem-aventurança eterna, ou sabendo que ela está distante, direciona toda a sua energia para a obtenção dos prazeres terrenos, tanto quanto possível.

Nesta era, ambos os tipos de humanidade estão extintos, apenas os seus filhos físicos e mentais, as suas obras e pensamentos existem.

A Europa e a América são os filhos avançados dos Yavanas, uma glória para os seus antepassados; mas os habitantes modernos da terra de Bharata não são a glória dos antigos Aryas. Mas, assim como o fogo permanece intacto sob a cobertura das cinzas, o fogo ancestral ainda permanece latente nesses índios modernos. Através da graça do Poder Todo-Poderoso, certamente se manifestará a tempo.

O que acontecerá quando esse fogo ancestral se manifestar?

Será que o céu da Índia apareceria novamente nublado por massas ondulantes de fumaça que brotavam do fogo sacrificial védico? Ou será que a glória de Rantideva será novamente revivida no sangue dos animais sacrificados? Os velhos costumes de Gomedha, Ashvamedha ou perpetuação da linhagem do irmão do marido e outros usos de natureza semelhante retornarão novamente? Ou será que o dilúvio de propaganda

budista irá novamente transformar toda a Índia num grande mosteiro? As leis de Manu serão reabilitadas como antigamente? Ou será que a discriminação alimentar, prescrita e proibida, variando de acordo com as dimensões geográficas, como acontece hoje, será a única que terá o seu domínio todo-poderoso em toda a extensão do país? O sistema de castas permanecerá e dependerá eternamente do direito de nascença de um homem, ou será determinado pela sua qualificação? E, novamente, nesse sistema de castas, a discriminação dos alimentos, sua palpabilidade ou intocabilidade, dependente da pureza ou da impureza do homem que os toca, deve ser observada como é em Bengala, ou assumirá uma forma mais estrita como acontece em Madras? Ou, como no Punjab, todas essas restrições serão eliminadas? Os casamentos dos diferentes Varnas ocorrerão do Varna superior para o Varna inferior, na ordem sucessiva, como nos dias de Manu, e como ainda está em voga no Nepal? Ou, como em Bengala e outros lugares, devem ser mantidos restritos a um número muito limitado de indivíduos que constituem uma das diversas comunidades de uma determinada classe de Varna? Dar uma resposta conclusiva a todas estas questões é extremamente difícil. Tornam-se a solução mais difícil, considerando a diferença nos costumes prevalecentes nas diferentes partes do país - ou melhor, visto que encontramos, mesmo na mesma parte do país, uma divergência tão grande de costumes entre diferentes castas e famílias.

Então o que será?

O que deveríamos ter é o que não temos, talvez o que os nossos antepassados nem sequer tinham – aquilo que os Yavanas tinham; que, impelido por cuja vibração vital, está emitindo em rápida sucessão do grande dínamo da Europa, o fluxo elétrico desse tremendo poder que vivifica o mundo inteiro. Nós queremos isso. Queremos essa energia, esse amor pela independência, esse espírito de autoconfiança, essa fortaleza inabalável, essa destreza na ação, esse vínculo de unidade de propósito, essa sede de melhoria. Conferindo um pouco o constante olhar para o passado, queremos essa visão expansiva projetada infinitamente para frente; e nós queremos – aquele intenso espírito de atividade (Rajas) que fluirá em todas as nossas veias, da cabeça aos pés.

O que pode ser maior doador de paz do que a renúncia? Um pequeno bem mundano efêmero não é nada em comparação com o bem eterno; não há dúvida disso. O que pode trazer maior força do que Sattva Guna (absoluta pureza da mente)? Na verdade, é verdade que todos os outros tipos de conhecimento são apenas não-conhecimento em comparação com o autoconhecimento. Mas eu pergunto: quantos no mundo são afortunados o suficiente para obter esse Sattva Guna? Quantos nesta terra de Bharata? Quantos têm aquele nobre heroísmo que pode renunciar a tudo, livrando-se da ideia de “eu e meu”? Quantos são abençoados o suficiente para possuir aquela visão de sabedoria que faz os prazeres terrenos parecerem apenas vaidade das vaidades? Onde está aquele homem de coração generoso que tende a esquecer até mesmo seu próprio corpo ao meditar sobre a beleza e a glória do Divino? Aqueles que o são são apenas um punhado em comparação com a população de toda a Índia; e para que estes homens possam alcançar a sua salvação, terão de ser esmagados os milhões e milhões de homens e mulheres da Índia sob a roda da sociedade e da religião actuais?

E que bem pode resultar de tal esmagamento?

Você não vê – ao falar deste apelo de Sattva, o país foi lenta e lentamente afogado no oceano de Tamas ou na ignorância sombria? Onde os mais estúpidos querem esconder a sua estupidez, cobrindo-a com um falso desejo pelo conhecimento mais elevado que está além de todas as atividades, sejam elas físicas ou mentais; onde alguém, nascido e criado na preguiça de toda a vida, quer lançar o véu da renúncia sobre a sua própria incapacidade para o trabalho; onde os mais diabólicos tentam fazer com que a sua crueldade apareça, sob o manto da austeridade, como parte da religião; onde ninguém olha para a sua própria incapacidade, mas todos estão prontos para colocar toda a culpa nos outros; onde o conhecimento consiste apenas em decorar alguns livros, o gênio consiste em ruminar os pensamentos dos outros, e a maior glória consiste em tomar o nome dos ancestrais: precisamos de alguma outra prova para mostrar que aquele país está sendo dia após dia afogado em Tamas absoluto?

Portanto, Sattva ou pureza absoluta está agora longe de nós. Aqueles entre nós que ainda não estão aptos, mas que esperam estar aptos, para alcançar

esse estado absolutamente puro de Paramahansa – para eles a aquisição de Rajas ou atividade intensa é o que é mais benéfico agora. A menos que um homem passe por Rajas, ele poderá algum dia atingir aquele estado Sâttvika perfeito? Como alguém pode esperar Yoga ou união com Deus, a menos que já tenha acabado com sua sede de Bhoga ou prazer? Como pode surgir a renúncia onde não há Vairâgya ou desapego por todos os encantos do prazer?

Por outro lado, a qualidade dos Rajas tende a diminuir assim que surge, como o fogo das folhas de uma palmeira. A presença de Sattva e do Nitya ou Realidade Eterna está quase em um estado de justaposição – Sattva é quase Nitya. Enquanto a nação em que predomina a qualidade de Rajas não tem vida tão longa, uma nação com preponderância de Sattva é, por assim dizer, imortal. A história é testemunha deste facto.

Na Índia, a qualidade dos Rajas é quase ausente: o mesmo acontece com Sattva no Ocidente. É certo, portanto, que a vida real do mundo ocidental depende do influxo, vindo da Índia, da corrente de Sattva ou transcendentalismo; e também é certo que, a menos que superemos e submerjamos nossos Tamas pela maré oposta de Rajas, nunca obteremos qualquer bem ou bem-estar mundano nesta vida; e também é igualmente certo que encontraremos muitos obstáculos formidáveis no caminho da realização dessas nobres aspirações e ideais ligados à nossa vida após a morte.

O único fim e objetivo do Udbodhana é ajudar a união e mistura dessas duas forças, na medida em que estiver ao seu alcance.

É verdade que, ao fazê-lo, existe um grande perigo – de que esta enorme onda de espírito ocidental seja levada embora todas as nossas jóias mais preciosas, conquistadas através de anos de trabalho duro; é verdade, há medo de que, caindo em seu forte redemoinho, até mesmo a terra de Bharata se esqueça de si mesma a ponto de ser transformada em um campo de batalha na luta pelos prazeres terrenos; sim, também existe o medo de que, ao imitarmos os caminhos estrangeiros impossíveis e impraticáveis, erradicando como fazem os nossos costumes e ideais nacionais, percamos tudo o que nos é caro nesta vida e sejamos desfeitos na próxima!

Para evitar estas calamidades, devemos sempre manter a riqueza da nossa própria casa diante dos nossos olhos, para que cada um, até às massas, possa sempre saber e ver qual é a sua propriedade ancestral. Devemos nos esforçar para fazer isso; e lado a lado, devemos ter a coragem de abrir as nossas portas para receber toda a luz disponível do exterior. Deixem entrar raios de luz, em chuvas fortes dos quatro cantos da terra; deixe a intensa inundação de luz fluir do Ocidente – e daí? Tudo o que é fraco e corrupto está sujeito à morte – o que devemos fazer com isso? Se for, deixe para lá, que mal isso nos causa? O que é forte e revigorante é imortal. Quem pode destruir isso?

Quantas fontes jorrando e cataratas estrondosas, quantos riachos gelados e córregos sempre fluindo, saindo dos eternos picos nevados do Himalaia, se combinam e fluem juntos para formar o gigantesco rio dos deuses, o Gangâ, e correm impetuosamente em direção a o oceano! Então, que variedade de pensamentos e ideias, quantas correntes de forças, provenientes de incontáveis corações santos e de cérebros de gênios de vários países, já envolveram a Índia, a terra do Karma, a arena para a manifestação de atividades humanas superiores! Olhar! como sob o domínio dos ingleses, nestes dias de eletricidade, ferrovia e barco a vapor, vários sentimentos, costumes, costumes e moral estão se espalhando por todo o país na velocidade da luz. O néctar está chegando e junto com ele também o veneno; o bem está chegando, assim como o mal. Já houve bastante oposição furiosa e derramamento de sangue; o poder de conter esta maré não está na sociedade hindu. Tudo, desde a água filtrada por maquinaria e extraída de hidrantes, até ao açúcar purificado com cinzas de ossos, está a ser consumido silenciosa e livremente por quase todos, apesar de muitas demonstrações de protesto verbal. Lenta e lentamente, pela forte força da lei, muitos dos nossos costumes mais queridos estão caindo dia após dia – não temos poder para resistir a isso. E por que não há poder? A verdade é realmente impotente? "Só a verdade vence e não a falsidade." – Esta afirmação do Divino Védico é falsa? Ou quem sabe se esses mesmos costumes que estão sendo varridos pelo dilúvio do poder da soberania ocidental ou da educação ocidental não eram Âchâras reais, mas eram, afinal, Anâchâras. Este também é um assunto que deve ser seriamente considerado.

बहुजनहिताय बहुजनसुखाय — "Para o bem de muitos, bem como para a felicidade de muitos" — de maneira altruísta, com um coração cheio de amor e reverência, o Udbodhana convida todos os homens sábios e de grande coração que amam a sua pátria para discutir estes pontos e resolver estes problemas; e, sendo desprovido de sentimento de ódio ou antagonismo, bem como afastando-se da imposição de linguagem abusiva dirigida a qualquer indivíduo, ou sociedade, ou qualquer seita, oferece-se inteiramente ao serviço de todas as classes.

De trabalhar temos o direito, o resultado está nas mãos do Senhor. Nós apenas oramos: "Ó Tu, Espírito Eterno, torna-nos espirituais; Ó Tu, Força Eterna, torna-nos fortes; Ó Tu, Poderoso, torna-nos poderosos."

4.5.2 RAMAKRISHNA: SUA VIDA E DITORES

(Tradução de uma resenha de Ramakrishna: His Life and Sayings do Prof. Max Müller, contribuída para o Udbodhana, 14 de março de 1899.)

Entre os estudiosos de sânscrito do Ocidente, o professor Max Müller assume a liderança. O Rig-Veda Samhitâ, cuja totalidade ninguém conseguia acessar antes, está agora impresso com muito cuidado e tornado acessível ao público, graças à generosa generosidade da Companhia das Índias Orientais e ao prodigioso trabalho do Professor que se estendeu ao longo dos anos. Os caracteres alfabéticos da maioria dos manuscritos, coletados em diferentes partes da Índia, têm vários formatos e muitas palavras neles contidas são imprecisas. Não podemos compreender facilmente quão difícil é para um estrangeiro, por mais erudito que seja, descobrir a exatidão ou imprecisão desses caracteres sânscritos e, mais especialmente, compreender claramente o significado de um comentário extremamente condensado e complicado. Na vida do professor Max Müller, a publicação do Rig-Veda é um grande acontecimento. Além disso, ele viveu, por assim dizer, e passou toda a sua vida em meio à antiga literatura sânscrita; mas, apesar disso, não implica que na imaginação do Professor a Índia ainda esteja ecoando como antigamente com hinos védicos, com seu céu nublado pela fumaça sacrificial, com muitos Vasishtha, Vishvâmitra, Janaka e Yâjñavalkya, com cada casa dela florescendo com um Gârgi ou

um Maitreyi e ela mesma guiada pelas regras védicas ou cânones do Grihya-Sutra.

O Professor, com olhos sempre atentos, mantém-se bem informado sobre os novos acontecimentos que estão ocorrendo mesmo nos cantos mais remotos da Índia moderna, meio morta como está, pisoteada pelos pés do estrangeiro professando uma religião estranha e praticamente desprovida de seus antigos costumes, ritos e costumes. Como os pés do Professor nunca tocaram estas praias, muitos anglo-indianos aqui mostram um total desprezo pelas suas opiniões sobre os costumes, costumes e códigos de moralidade do povo indiano. Mas deveriam saber que, mesmo após a sua estadia ao longo da vida, ou mesmo que tenham nascido e sido criados neste país, excepto qualquer informação específica que possam obter sobre o estrato da sociedade com o qual entram em contacto directo, o povo anglo-indiano as autoridades têm de permanecer bastante ignorantes em relação a outras classes de pessoas; e ainda mais quando, nesta vasta sociedade dividida em tantas castas, é muito difícil, mesmo entre si, para uma casta conhecer adequadamente os costumes e peculiaridades de outra.

Há algum tempo, em um livro chamado Residência na Índia, escrito por um conhecido oficial anglo-indiano, me deparei com um capítulo chamado "Segredos dos Nativos Zenana". Talvez por causa daquele forte desejo que todo coração humano tem pelo conhecimento de segredos, li o capítulo, mas apenas para descobrir que este grande autor anglo-indiano está totalmente empenhado em satisfazer a intensa curiosidade de seus próprios compatriotas em relação ao mistério da vida de um nativo. descrevendo um caso de amor, que supostamente aconteceu entre seu varredor, a esposa do varredor e sua amante! E pela recepção cordial dada ao livro pela comunidade anglo-indiana, parece que o objetivo do escritor foi alcançado, e ele se sente bastante satisfeito com seu trabalho "Boa sorte para vocês, queridos amigos!" – O que mais diremos? Bem, o Senhor disse no Gita:

ध्यायतो विषयान्मुषः सङ्गस्तेषूपजायते ।
सङ्गात्संजायते कामः कामात्क्रोधोऽभिजायते ॥

- "Pensando em objetos, o apego a eles é formado no homem. Do apego cresce o desejo e do anseio a raiva."

Deixe essas coisas irrelevantes em paz. Voltando ao nosso assunto: afinal, ficamos surpresos com o conhecimento que o professor Max Müller tem dos costumes sociais e dos códigos legais, bem como das ocorrências contemporâneas nas diversas províncias da Índia atual; isso é confirmado por nossas próprias experiências pessoais.

Em particular, o Professor observa com um olhar atento as novas ondas de religião que estão a surgir em diferentes partes da Índia, e não poupa esforços para permitir que o mundo ocidental não permaneça no escuro sobre elas. O Brâhmo Samaj guiado por Debendranâth Tagore e Keshab Chandra Sen, o Ârya Samaj estabelecido por Swami Dayânanda Sarasvati, e o movimento Teosófico - todos foram elogiados ou censurados pela sua pena. Fiquei impressionado com os ditos e ensinamentos de Shri Ramakrishna publicados em dois periódicos bem estabelecidos, o Brahnavâdin e o Prabuddha Bhârata, e lendo o que o pregador Brahmo, Sr. Pratâp Chandra Mazumdâr, escreveu sobre Shri Ramakrishna, ("Paramahansa Sreemat Ramakrishna" - Theistic Quarterly Review, outubro de 1879.) ele foi atraído pela vida do sábio. Há algum tempo, um breve esboço da vida de Shri Ramakrishna ("A Modern Hindu Saint" - janeiro de 1896.) também apareceu no conhecido jornal mensal da Inglaterra, The Imperial and Asiatic Quarterly Review, com contribuição do Sr. M.A., o ilustre bibliotecário da India House. Reunindo uma grande quantidade de informações de Madras e Calcutá, o Professor discutiu a vida de Shri Ramakrishna e seus ensinamentos em um pequeno artigo ("A Real Mahâtman.") no principal jornal mensal inglês, The Nineteenth Century. Lá ele se expressou no sentido de que este novo sábio conquistou facilmente seu coração pela originalidade de seus pensamentos, expressos em uma linguagem nova e impregnados com um novo poder espiritual que ele infundiu na Índia quando ela estava apenas ecoando os pensamentos de seus antigos sábios por vários anos. séculos passados, ou, como em tempos recentes, os dos estudiosos ocidentais. Ele, o Professor, tinha lido frequentemente a literatura religiosa da Índia e, portanto, familiarizou-se bem com as histórias de vida de muitos dos seus antigos sábios e santos; mas é possível esperar tais vidas novamente nesta época, nesta Índia dos tempos modernos? A vida de Ramakrishna foi uma resposta afirmativa a tal pergunta. E trouxe nova vida ao aspergir água, por assim dizer, na raiz da trepadeira de esperança em relação à grandeza e ao progresso futuros da

Índia, no coração desta estudiosa de grande alma, cuja vida inteira foi dedicada a ela.

Há certas grandes almas no Ocidente que desejam sinceramente o bem da Índia, mas não sabemos se a Europa pode apontar outro simpatizante da Índia que sinta mais pelo bem-estar da Índia do que o Professor Max Müller. Max Müller não é apenas um simpatizante da Índia, mas também tem uma forte fé na filosofia e na religião indianas. Que o Advaitismo é a descoberta mais elevada no domínio da religião, o Professor admitiu muitas vezes publicamente. Naquela doutrina da reencarnação, que é um pavor para o cristão que identificou a alma com o corpo, ele acredita firmemente por ter encontrado provas conclusivas em sua própria experiência pessoal. E o que é mais importante, talvez, é que seu nascimento anterior foi na Índia; e com medo de que, ao vir para a Índia, a velha estrutura possa desmoronar sob a onda violenta de uma massa repentinamente desperta de lembranças passadas - é o medo em sua mente que agora se destaca no caminho de sua visita a este país. Ainda assim, como homem mundano, seja quem for, ele tem de olhar para todos os lados e comportar-se de acordo. Quando, após uma renúncia completa a todos os interesses mundanos, até mesmo o Sannyasin, ao realizar quaisquer práticas que ele sabe serem as mais puras em si, é visto tremer de medo da opinião pública, simplesmente porque são desaprovadas pelas pessoas entre as quais ele vive; quando a consideração de ganhar nome, fama e posição elevada, e o medo de perdê-los regulam as ações até mesmo do maior asceta, embora ele possa denunciar verbalmente tal consideração como a mais suja e detestável - que maravilha então que o homem do mundo que é universalmente honrado e está sempre ansioso por não incorrer no desagrado da sociedade, terá de ser muito cauteloso ao divulgar as opiniões que pessoalmente acalenta. Não é um fato que o Professor seja um descrente total em assuntos tão sutis como os misteriosos poderes psíquicos dos Iogues.

Não se passaram muitos anos desde que o professor Max Müller "se sentiu chamado a dizer algumas palavras sobre certos movimentos religiosos que ocorrem agora na Índia" - "que tem sido muitas vezes e não injustamente chamado de país de filósofos" - o que lhe pareceu "ter sido muito mal interpretado e incompreendido em casa". A fim de remover tais equívocos e protestar contra "os relatos selvagens e exagerados de santos e sábios que

vivem e ensinam atualmente na Índia, que foram publicados e difundidos em jornais indianos, americanos e ingleses"; e "para mostrar ao mesmo tempo que por trás de nomes estranhos como Teosofia Indiana, e Budismo Esotérico, e todo o resto, havia algo real, algo que vale a pena conhecer" - ou em outras palavras, para apontar para a parte pensativa da Europa que A Índia não era uma terra habitada apenas por "uma raça totalmente nova de seres humanos que haviam passado por uma série dos mais terríveis exercícios ascéticos", para exercer uma profissão lucrativa, adquirindo assim os poderes de operar "milagres muito tolos" como voando pelo ar como a raça emplumada, andando ou vivendo como peixes sob a água, curando todos os tipos de doenças por meio de encantamentos e, com a ajuda das artes ocultas, fabricando ouro, prata ou diamante a partir de materiais mais básicos, ou pela poder dos Siddhis concedendo filhos robustos às famílias ricas - mas que os homens, que realmente haviam realizado em suas vidas grandes verdades transcendentais, que eram verdadeiros conhecedores de Brahman, verdadeiros Yogis, verdadeiros devotos de Deus, nunca foram considerados deficientes na Índia: e, acima de tudo, tudo, para mostrar que toda a população ariana da Índia ainda não havia descido tão baixo a ponto de estar no mesmo plano que a criação bruta, que, rejeitando esta última, os Deuses vivos em forma humana, eles "os elevados e os low" estavam, dia e noite, ocupados lambendo os pés dos primeiros artistas mencionados de malabarismos tolos, - o professor Max Müller apresentou a vida de Shri Ramakrishna ao público culto europeu, em um artigo intitulado "A Real Mahâtman", que apareceu no The Século XIX em seu número de agosto de 1896.

As pessoas instruídas da Europa e da América leram o artigo com grande interesse e muitos foram atraídos pelo seu tema, Shri Ramakrishna Deva, com o resultado de que as ideias erradas do Ocidente civilizado sobre a Índia como um país cheio de pessoas nuas, infanticidas, ignorantes, raça covarde de homens que eram canibais e pouco distantes das feras, que queimavam à força suas viúvas e estavam mergulhados em todo tipo de pecado e escuridão - para cuja formação de idéias, os missionários cristãos e, estou tão envergonhado quanto dolorido em confessar, alguns dos meus compatriotas também foram principalmente instrumentais – começaram a ser corrigidos. O véu da escuridão da ignorância, que foi espalhado sobre os olhos do povo ocidental pelos esforços extenuantes destes dois grupos de

homens, tem sido lenta e lentamente rasgado. "Será que o país que produziu um grande professor mundial como Shri Bhagavân Ramakrishna Deva pode estar realmente cheio de tais abominações nas quais nos pediram que acreditássemos, ou fomos o tempo todo enganados por grupos organizados e interessados de criadores de travessuras, e mantidos em total obscuridade e erro sobre a verdadeira Índia?" - Tal questão surge naturalmente na mente ocidental.

Quando o professor Max Müller, que ocupa no Ocidente o primeiro lugar no campo da religião, filosofia e literatura indiana, publicou com um coração devotado um breve esboço da vida de Shri Ramakrishna no Século XIX para o benefício dos europeus e americanos, foi é desnecessário dizer que um sentimento amargo de rancor ardente apareceu entre as duas classes de pessoas acima mencionadas.

Através da representação imprópria dos deuses e deusas hindus, os missionários cristãos tentavam de todo o coração e alma provar que homens realmente religiosos nunca poderiam ser produzidos entre os seus adoradores; mas como uma palha diante de um maremoto, essa tentativa foi varrida; enquanto aquela classe de nossos compatriotas aludida acima, que se propôs a inventar meios para apagar o grande fogo do poder de Shri Ramakrishna que se espalhava rapidamente, vendo todos os seus esforços inúteis, cedeu ao desespero. O que é a vontade humana em oposição à divina?

É claro que, de ambos os lados, rajadas ininterruptas de ataque feroz foram lançadas contra a cabeça devotada do idoso professor; o velho veterano, porém, não foi o único a virar as costas. Ele triunfou muitas vezes em competições semelhantes. Desta vez também ele passou no teste com igual facilidade. E para acabar com os gritos vazios de seus oponentes inferiores, ele publicou, a título de advertência a eles, o livro Ramakrishna: Sua Vida e Provérbios, no qual ele coletou informações mais completas e deu um relato mais completo de sua vida e declarações, para que o público leitor possa obter um melhor conhecimento deste grande sábio e de suas idéias religiosas - o sábio "que ultimamente obteve considerável celebridade tanto na Índia quanto na América, onde seus discípulos têm estado ativamente engajados na pregação de seu evangelho e na conquista de convertidos para

suas doutrinas mesmo entre o público cristão". O Professor acrescenta: "Isso pode parecer muito estranho, ou melhor, quase incrível para nós... No entanto, todo coração humano tem seus anseios religiosos; ele tem uma fome de religião, que mais cedo ou mais tarde deseja ser satisfeita. Agora, a religião ensinada pelos discípulos de Ramakrishna chega a essas almas famintas sem qualquer autoridade inconveniente" e é, portanto, bem-vindo como o "elixir gratuito da vida". . . "Portanto, embora possa haver algum exagero no número daqueles que se afirma terem se convertido à religião de Ramakrishna, ... não pode haver dúvida de que uma religião que pode alcançar tais sucessos em nosso tempo, embora exija em si, com verdade perfeita, a religião e filosofia mais antiga do mundo, a saber, o Vedanta, o fim ou objeto mais elevado dos Vedas, merece nossa cuidadosa atenção."

Depois de discutir, na primeira parte do livro, o que se entende por Mahatman, os Quatro Estágios da Vida, Exercícios Ascéticos ou Yoga, e depois de fazer algumas menções sobre Dayananda Sarasvati, Pavhâri Bâbâ, Debendranath Tagore e Rai Shâligrâm Sâheb Bahadur, o líder da seita Râdhâswami, o Professor entra na vida de Shri Ramakrishna.

O Professor teme muito que o Processo Dialógico - a transformação produzida na descrição dos fatos como realmente aconteceram por demasiada favorabilidade ou desfavorabilidade do narrador em relação a eles - que invariavelmente opera em toda a história como uma questão de curso inevitável, também influencia este presente esboço de vida. Daí seu cuidado incomum com a coleta de fatos. O presente escritor é um servo insignificante de Shri Ramakrishna. Embora os materiais por ele reunidos para a vida de Ramakrishna tenham sido bem batidos na argamassa da lógica e do julgamento imparcial do Professor, ainda assim ele (Max Müller) não deixou de acrescentar que pode haver possíveis "vestígios do que chamo de Processo Dialógico". e as tendências miraculosas irreprimíveis de discípulos devotados" mesmo em "sua descrição nua e crua de seu Mestre". E, sem dúvida, aquelas poucas palavras duras e doces que o Professor disse no decorrer de sua resposta ao que algumas pessoas, com o pregador do Brâhmo-Dharma, o Rev. Pratap Chandra Mazumdar, à frente, escreveram para ele em seu a ansiedade de identificar um "lado não edificante" do caráter de Ramakrishna - exige consideração cuidadosa

daqueles entre nós de Bengala que, estando cheios de ciúmes, podem com dificuldade suportar a visão do bem-estar dos outros.

A vida de Shri Ramakrishna é apresentada no livro em uma linguagem muito breve e simples. Nesta vida, cada palavra do historiador cauteloso é, por assim dizer, pesada antes de ser colocada no papel; aquelas faíscas de fogo, que são vistas aqui e ali brotando no artigo, "Um Verdadeiro Mahatman", são desta vez contidas com o maior cuidado. O barco do Professor está aqui navegando entre a Cila dos missionários cristãos, por um lado, e os Caríbdis do tumultuado Brahmos, por outro. O artigo "Um Verdadeiro Mahatman" trouxe de ambas as partes muitas palavras duras e muitos comentários críticos sobre o Professor. É um prazer observar que não há nenhuma tentativa aqui feita de retrucá-los, nem há qualquer demonstração de maldade - já que os escritores refinados da Inglaterra não têm o hábito de se entregar a esse tipo de coisa - mas com um sóbrio, digno, não menos maligno, mas com voz firme e trovejante, digno do idoso erudito, ele removeu as acusações que foram levantadas contra algumas das idéias incomuns do sábio azedo - crescendo de um coração profundo demais para o comum entender.

E as acusações são, de facto, surpreendentes para nós. Ouvimos o grande Ministro do Brahma Samaj, o falecido Âchârya Shri Keshab Chandra Sen, falando com seu jeito encantador que a linguagem simples, doce e coloquial de Shri Ramakrishna respirava uma pureza sobre-humana; embora em seu discurso pudessem ser notadas algumas palavras que chamamos de obscenas, o uso dessas palavras, por causa de sua incomum inocência infantil e por serem perfeitamente desprovidas do menor sopro de sensualismo, em vez de ser algo reprovável, serviu antes para propósito de embelezamento – ainda assim, esta é uma das acusações poderosas!

Outra acusação apresentada contra ele é que o tratamento dispensado à sua esposa foi bárbaro por ter feito o voto de levar uma vida de Sannyasin! A isto o Professor respondeu que ele fez o voto de Sannyasa com o consentimento de sua esposa, e que durante os anos de sua vida nesta terra, sua esposa, tendo um caráter digno de seu marido, o recebeu calorosamente como seu Guru (guia espiritual).) e, de acordo com suas instruções, passou seus dias em infinita bem-aventurança e paz, dedicando-se ao serviço de

Deus como uma Brahmachârini vitalícia. Além disso, ele pergunta: “Será que o amor entre marido e mulher é realmente impossível sem a procriação de filhos?” “Devemos aprender a acreditar na honestidade hindu” - na questão de que, sem ter qualquer relacionamento físico, um marido Brahmachari pode viver uma vida de pureza cristalina, tornando assim a sua esposa Brahmacharini uma parceira na bem-aventurança imortal da mais elevada realização espiritual, Brahmânanda - "por mais incrédulos que possamos ser sobre tais assuntos em nosso próprio país". Que bênçãos caíam sobre o Professor por tão dignas observações! Mesmo ele, nascido de uma nacionalidade estrangeira e vivendo numa terra estrangeira, pode compreender o significado do nosso Brahmacharya como o único caminho para a obtenção da espiritualidade, e desmente que nem mesmo hoje em dia é raro na Índia, enquanto os heróis hipócritas da nossa própria casa não conseguem ver outra coisa senão a relação carnal na união matrimonial! "Assim como um homem pensa em sua mente, ele vê fora."

Mais uma vez, outra acusação apresentada é que "ele não demonstrou aversão moral suficiente às prostitutas". A isto a réplica do Professor é realmente muito doce: ele diz que nesta acusação Ramakrishna “não está sozinho entre os fundadores da religião!” Ah! Quão doces são estas palavras - elas lembram a prostituta Ambâpâli, o objeto da graça divina do Senhor Buda, e a mulher samaritana que conquistou a graça do Senhor Jesus Cristo.

Mais uma vez, outra acusação é que ele não odiava aqueles que eram destemperados em seus hábitos. O céu salve a marca! Não se deve pisar nem mesmo na sombra de um homem, porque ele tomou um ou dois goles de bebida – não é esse o significado? Uma acusação formidável, de fato! Por que o Mahapurusha não expulsou e expulsou com desgosto os bêbados, as prostitutas, os ladrões e todos os pecadores do mundo! E por que ele, de olhos fechados, não falou num tom arrastado, seguindo o tom invariável do flautista indiano, ou falou em linguagem convencional, escondendo seus pensamentos! E, acima de tudo, a acusação principal é por que ele não “viveu o casamento” durante toda a sua vida!

A menos que a vida possa ser enquadrada de acordo com o ideal de pureza e boas maneiras tão estranhas como as apresentadas pelos acusadores, a

Índia está condenada à ruína. Deixe-a, se tiver que se levantar com a ajuda de tais regras éticas!

A maior parte do livro foi dedicada à coleção de ditos, e não à vida em si. Que esses ditos atraíram a atenção de muitos leitores de língua inglesa em todo o mundo pode ser facilmente inferido a partir da rápida venda do livro. As palavras que saem diretamente de seus lábios sagrados estão impregnadas da mais forte força e poder espiritual e, portanto, certamente exercerão sua influência divina em todas as partes do mundo. “Para o bem de muitos, para a felicidade de muitos”, nascem homens de grande alma; suas vidas e obras estão além do alcance humano comum, e o método de sua pregação é igualmente maravilhoso.

E o que estamos fazendo? O filho de um pobre brâmane, que nos santificou através do seu nascimento, nos criou através do seu trabalho e direcionou a simpatia da raça conquistadora para nós através dos seus ditos imortais – o que estamos fazendo por ele? A verdade nem sempre é palatável, mas há momentos em que ela precisa ser dita: alguns de nós entendemos que sua vida e seus ensinamentos são para nosso benefício, mas aí o assunto termina. Está além do nosso poder até mesmo tentar colocar esses preceitos em prática em nossas próprias vidas, muito menos entregar todo o nosso corpo e alma às enormes ondas de harmonia de Jnâna e Bhakti que Shri Ramakrishna elevou. Esta peça do Senhor, aqueles que compreenderam ou estão tentando compreender, dizemos a eles: "O que o mero entendimento fará? A prova do entendimento está no trabalho. Os outros acreditarão em você se terminar apenas em expressões verbais de segurança ou é apresentado como uma questão de fé pessoal? O trabalho discute o que alguém sente; Todas as ideias e sentimentos que surgem da plenitude do coração são conhecidos pelos seus frutos – trabalhos práticos.

Aqueles que, sabendo-se muito instruídos, pensam levianamente sobre este sacerdote do templo, analfabeto, pobre e comum, a eles nossa submissão é: "O país do qual um sacerdote do templo analfabeto, em virtude de sua própria força, tem em tão pouco tempo um o tempo fez com que a vitória do antigo Sanâtana Dharma de seus antepassados ressoasse mesmo em terras muito além dos mares - desse país, vocês são os heróis dos heróis, os honrados de todos, poderosos, bem-educados, os eruditos dos eruditos -

quanto, portanto, você deve ser capaz de realizar atos heróicos e muito mais incomuns para o bem-estar de sua própria terra e nação, se você apenas surgir, portanto, se apresentar, exibir o jogo de seu poder superior interior, manifestá-lo, e estamos com ofertas da mais profunda veneração em mãos, prontos para adorá-lo. Somos mendigos ignorantes, pobres, desconhecidos e insignificantes, tendo apenas a roupa de mendigo como meio de subsistência, enquanto você é supremo em riquezas e influência, de grande poder, nascidos de ascendência nobre, centros de todo conhecimento e aprendizagem! Por que não despertar? Por que não assumir a liderança? Mostre-nos o caminho, mostre-nos esse exemplo de renúncia perfeita para o bem do mundo, e nós o seguiremos como escravos!”

Por outro lado, aqueles que estão mostrando sinais injustificados de hostilidades rancorosas e sem causa, movidos por absoluta malícia e inveja - naturais para uma raça servil - pelo sucesso e pela celebridade de Shri Ramakrishna e seu nome - para eles dizemos: "Queridos amigos, vãos são esses seus esforços, se esta onda infinita, ilimitada e religiosa que engoliu em suas profundezas os próprios confins do espaço - em cuja crista branca como a neve brilha esta forma divina no brilho augusto de uma presença celestial - se isso for verdade! o efeito provocado por nossos ávidos esforços em busca de nome pessoal, fama ou riqueza, então, sem o seu esforço ou o de qualquer outro, esta onda, em obediência à lei insuperável do universo, logo morrerá no ventre infinito do tempo, para nunca mais se levantar! Mas se, novamente, esta maré, de acordo com a vontade e sob a inspiração divina da Única Mãe Universal, começou a inundar o mundo com a inundação do amor altruísta do cora o de um grande homem, então é o homem fraco, que poder custou-te possuir para impedir o progresso da vontade da Mãe Todo-Poderosa? "

4.5.3 CONGRESSO DE PARIS SOBRE A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

(Traduzido do bengali de uma carta de Paris escrita ao Udbodhana.)

Na Exposição de Paris, o Congresso de História das Religiões reuniu-se recentemente durante vários dias. No Congresso não houve espaço para

discussões sobre as doutrinas e visões espirituais de qualquer religião; o seu objectivo era apenas investigar a evolução histórica das diferentes formas de fé estabelecidas e, juntamente com ela, outros factos que a acompanham e que lhe são incidentais. Assim, a representação das várias seitas missionárias de diferentes religiões e das suas crenças foi totalmente deixada de lado neste Congresso. O Parlamento das Religiões de Chicago foi um evento grandioso, e nele estiveram presentes representantes de muitas seitas religiosas de todas as partes do mundo. Este Congresso, por outro lado, contou com a presença apenas de estudiosos que se dedicam ao estudo da origem e da história das diferentes religiões. No Parlamento de Chicago a influência dos católicos romanos foi grande, e eles organizaram-no com grandes esperanças para a sua seita. Os católicos romanos esperavam estabelecer a sua superioridade sobre os protestantes sem muita oposição; proclamando a sua glória e força e expondo o lado positivo da sua fé diante dos cristãos, hindus, budistas, muçulmanos e outros representantes das religiões mundiais reunidos e expondo publicamente a sua fraqueza, eles esperavam tornar firme a sua própria posição. Mas o resultado provando o contrário, o mundo cristão tem estado deploravelmente sem esperança de reconciliação dos diferentes sistemas religiosos; portanto, os católicos romanos opõem-se agora particularmente à repetição de qualquer reunião desse tipo. A França é um país católico romano; portanto, apesar do desejo sincero das autoridades, nenhum congresso religioso foi convocado devido à veemente oposição por parte do mundo católico romano.

O Congresso de História das Religiões em Paris foi como o Congresso dos Orientalistas, que é convocado de tempos em tempos e no qual se reúnem estudiosos europeus, versados em sânscrito, pali, árabe e outras línguas orientais; apenas o antiquarismo do Cristianismo foi acrescentado a este Congresso de Paris.

Da Ásia, apenas três Pandits japoneses estiveram presentes no Congresso. Da Índia veio o Swami Vivekananda.

A convicção de muitos estudiosos de sânscrito do Ocidente é que a religião védica é o resultado da adoração do fogo, do sol e de outros objetos impressionantes dos fenômenos naturais.

Swami Vivekananda foi convidado pelo Congresso de Paris para contrariar esta convicção e prometeu ler um artigo sobre o assunto. Mas ele não pôde cumprir sua promessa por causa de problemas de saúde, e com dificuldade só conseguiu estar pessoalmente presente no Congresso, onde foi muito calorosamente recebido por todos os estudiosos de sânscrito ocidental, cuja admiração pelo Swami era tanto maior quanto eles já haviam assistido a muitas de suas palestras sobre o Vedanta.

No Congresso, o Sr. Gustav Oppert, um Pandit alemão, leu um artigo sobre a origem do Shâlagrâma-Shilâ. Ele traçou a origem da adoração de Shalagrama até o emblema do princípio gerador feminino. Segundo ele, o Shiva-Linga é o emblema fálico do masculino e o Shalagrama do princípio gerador feminino. E assim ele queria estabelecer que a adoração do Shiva-Linga e a do Shalagrama – ambas são apenas partes componentes da adoração de Linga e Yoni! O Swami repudiou as duas opiniões acima e disse que embora tivesse ouvido falar de explicações tão ridículas sobre o Shiva-Linga, a outra teoria do Shalagrama-Shila era bastante nova e estranha, e parecia-lhe infundada.

O Swami disse que a adoração do Shiva-Linga originou-se do famoso hino do Atharva-Veda Samhitâ cantado em louvor ao Yupa-Stambha, o posto sacrificial. Nesse hino é encontrada uma descrição do Stambha ou Skambha sem começo e sem fim, e é mostrado que o referido Skambha é colocado no lugar do eterno Brahman. Assim como depois o fogo Yajna (sacrificial), sua fumaça, cinzas e chamas, a planta Soma e o boi que carregava nas costas a madeira para o sacrifício védico deram lugar às concepções do brilho do corpo de Shiva, seu cabelos castanhos emaranhados, sua garganta azul e a montaria no touro de Shiva, e assim por diante - exatamente assim, o Yupa-Skambha deu lugar no tempo ao Shiva-Linga, e foi deificado ao elevado estado de Deva de Shri Shankara . No Atharva-Veda Samhita, os bolos sacrificiais também são exaltados junto com os atributos do Brahman.

No Linga Purâna, o mesmo hino é ampliado em forma de histórias, destinadas a estabelecer a glória do grande Stambha e a superioridade de Mahadeva.

Novamente, há outro fato a ser considerado. Os budistas costumavam erguer topos memoriais consagrados à memória de Buda; e os muito pobres,

que não conseguiam construir grandes monumentos, costumavam expressar-lhe a sua devoção dedicando-lhes substitutos em miniatura. Casos semelhantes ainda são vistos no caso dos templos hindus em Varanasi e outros lugares sagrados da Índia, onde aqueles que não têm recursos para construir templos dedicam, em vez disso, construções muito pequenas semelhantes a templos. Portanto, pode ser bastante provável que durante o período de ascendência budista, os hindus ricos, imitando os budistas, costumavam erigir algo como um memorial semelhante ao seu Skambha, e os pobres, de maneira semelhante, os copiassem em escala reduzida, e depois, os memoriais em miniatura dos pobres hindus tornaram-se uma nova adição ao Skambha.

Um dos nomes das Stupas (topos memoriais) budistas é Dhātu-garbha, ou seja, "útero de metal". Dentro do Dhatu-garbha, em pequenos caixotes feitos de pedra, em forma do atual Shalagrama, costumavam ser preservados as cinzas, ossos e outros restos mortais dos ilustres monges budistas, junto com ouro, prata e outros metais. Os Shalagrama-Shilas são pedras naturais que se assemelham na forma a essas caixas de pedra cortadas artificialmente do Dhatu-garbha budista e, portanto, sendo adoradas pela primeira vez pelos budistas, gradualmente entraram no Vaishnavismo, como muitas outras formas de adoração budista que encontraram seu caminho em Hinduísmo. Nas margens do Narmadâ e no Nepal, a influência budista durou mais tempo do que em outras partes da Índia; e a notável coincidência de que o Narmadeshvara Shiva-Linga, encontrado nas margens do Narmadâ e portanto assim chamado, e os Shalagrama-Shilas do Nepal são preferidos pelos hindus aos encontrados em outras partes da Índia é um fato que deveria ser considerado em relação a este ponto de discórdia.

A explicação do Shalagrama-Shila como emblema fálico foi uma invenção imaginária e, desde o início, fora da marca. A explicação do Shiva-Linga como um emblema fálico foi apresentada pelos mais imprudentes e surgiu na Índia nos seus tempos mais degradados, aqueles da queda do Budismo. A mais suja literatura Tântrica do Budismo daquela época ainda é amplamente encontrada e praticada no Nepal e no Tibete.

O Swami deu outra palestra na qual se deteve na evolução histórica das ideias religiosas na Índia e disse que os Vedas são a fonte comum do Hinduísmo em todos os seus variados estágios, como também do Budismo e de todas as outras crenças religiosas na Índia. As sementes do crescimento diversificado do pensamento indiano sobre religião estão enterradas nos Vedas. O Budismo e o resto do pensamento religioso da Índia são o resultado do desenvolvimento e expansão dessas sementes, e o Hinduísmo moderno também é apenas a sua forma desenvolvida e amadurecida. Com a expansão ou a contracção da sociedade, essas sementes ficam mais ou menos expandidas num lugar ou mais ou menos contraídas noutro.

Ele disse algumas palavras sobre a prioridade de Shri Krishna em relação a Buda. Ele também disse aos estudiosos ocidentais que, assim como as histórias das dinastias reais descritas no Vishnu Purâna foram aos poucos sendo admitidas como provas que lançavam luz sobre os métodos de pesquisa do antiquário, então, disse ele, as tradições da Índia eram todas verdadeiras, e desejava que os estudiosos do sânscrito ocidental, em vez de escreverem artigos fantasiosos, tentassem descobrir suas verdades ocultas.

O professor Max Müller diz num dos seus livros que, quaisquer que sejam as semelhanças que possam existir, a menos que seja demonstrado que algum grego conhecesse o sânscrito, não se pode concluir que a Índia antiga tenha ajudado a Grécia antiga de alguma forma. Mas é curioso observar que alguns sábios ocidentais, encontrando vários termos da astronomia indiana semelhantes aos da astronomia grega, e sabendo que os gregos fundaram um pequeno reino nas fronteiras da Índia, podem ler claramente a ajuda da Grécia em tudo. Indiano, na literatura indiana, astronomia indiana, aritmética indiana. Não só isso; alguém foi suficientemente ousado para chegar ao ponto de declarar que todas as ciências indianas, em regra, são apenas ecos da grega!

Em um único Shloka sânscrito — म्लेच्छ वै यवनाः तेषु एषा विद्या प्रतिष्ठिता । ऋषिबन्धु तेषु पूज्यन्ते . . . - "Os Yavanas são Mlechchhas, neles esta ciência é estabelecida, (portanto) até eles merecem adoração como os Rishis, . . ." – quanto os ocidentais se entregaram à sua imaginação desenfreada! Mas resta mostrar como o Shloka acima prova que os Aryas foram ensinados pelos Mlechchhas. O significado pode ser que o aprendizado dos discípulos Mlechchha dos professores arianos seja elogiado aqui, apenas para encorajar os Mlechchhas em sua busca pela ciência ariana.

Em segundo lugar, quando o germe de toda ciência ariana é encontrado nos Vedas e cada passo de qualquer uma dessas ciências pode ser traçado com exatidão desde o Védico até os dias atuais, qual é a necessidade de forçar a sugestão absurda da influência grega? neles? “De que adianta ir ao morro em busca de mel se ele está disponível em casa?” como diz um provérbio sânscrito.

Novamente, todas as palavras gregas da astronomia ariana podem ser facilmente derivadas de raízes sânscritas. O Swami não conseguia entender que direito os estudiosos ocidentais tinham de atribuir essas palavras a uma fonte grega, ignorando assim a sua etimologia direta.

Da mesma forma, se ao encontrar a menção da palavra Yavanikâ (cortina) nos dramas de Kâlidâsa e de outros poetas indianos, for constatada a influência Yâvanika (jônica ou grega) em toda a literatura dramática da época, então deve-se primeira parada para comparar se os dramas arianos são parecidos com os gregos. Aqueles que estudaram o modo de ação e o estilo dos dramas de ambas as línguas devem admitir que tal semelhança, se encontrada, é apenas uma fantasia do sonhador obstinado, e nunca teve qualquer existência real, de fato. Onde está aquele coro grego? A grega Yavanika está de um lado do palco, a ariana diametralmente do outro. A maneira característica de expressão do drama grego é uma coisa, a do ariano é outra bem diferente. Não há a menor semelhança entre os dramas ariano e grego: antes, os dramas de Shakespeare assemelham-se, em grande medida, aos dramas da Índia. Portanto, também se pode concluir que Shakespeare está em dívida com Kalidasa e outros antigos dramaturgos indianos por todos os seus escritos, e que toda a literatura ocidental é apenas uma imitação da indiana.

Por último, virando contra ele as próprias premissas do professor Max Müller, pode-se dizer também que, até que seja demonstrado que algum hindu conheceu grego em algum momento, não se deve falar nem mesmo de influência grega.

Da mesma forma, ver a influência grega na escultura indiana também é totalmente infundado.

O Swami também disse que a adoração de Shri Krishna é muito mais antiga que a de Buda, e se o Gita não for da mesma data que o Mahabhârata, certamente é muito anterior e de forma alguma posterior. O estilo de linguagem do Gita é o mesmo do Mahabharata. A maioria dos adjetivos usados no Gita para explicar assuntos espirituais são usados no Vana e outros Parvans do Mahabharata, respeitando assuntos temporais. Tal coincidência é impossível sem o uso mais geral e livre dessas palavras ao mesmo tempo. Novamente, a linha de pensamento no Gita é a mesma do Mahabharata; e quando o Gita observa as doutrinas de todas as seitas religiosas da época, por que nunca menciona o nome do Budismo?

Apesar dos esforços mais cautelosos dos escritores posteriores ao Buda, a referência ao Budismo não é ocultada e aparece em algum lugar ou outro, de uma forma ou de outra, em histórias, contos, ensaios e em todos os livros da literatura pós-budista. De maneira encoberta ou aberta, certamente será encontrada alguma alusão em referência a Buda e ao Budismo. Alguém pode mostrar tal referência no Gita? Novamente, o Gita é uma tentativa de reconciliação de todos os credos religiosos, nenhum dos quais é menosprezado nele. Por que, resta responder, é apenas ao Budismo negado o toque terno do escritor do Gita?

O Gita deliberadamente não despreza ninguém. Temer? – Disso há uma ausência notável. O próprio Senhor, sendo o intérprete e o criador dos Vedas, nunca hesita em censurar a presunção precipitada dos Védicos, se necessário. Por que então Ele deveria temer o Budismo?

Assim como os estudiosos ocidentais dedicam toda a sua vida a uma obra grega, que eles também dediquem toda a sua vida a uma obra sânscrita, e muita luz fluirá para o mundo através disso. O Mahabharata é

especialmente a obra mais valiosa da história indiana; e não é exagero dizer que este livro ainda não foi lido adequadamente pelos ocidentais.

Após a palestra, muitos presentes expressaram suas opiniões a favor ou contra o assunto, e declararam que concordavam com a maior parte do que o Swami havia dito, e asseguraram ao Swami que os velhos tempos do Antiquarianismo Sânscrito haviam passado e desaparecido. As opiniões dos estudiosos modernos do sânscrito eram em grande parte as mesmas dos Swami, disseram eles. Eles acreditavam também que havia muita história verdadeira nos Puranas e nas tradições da Índia.

Por último, o erudito Presidente, admitindo todos os outros pontos da palestra do Swami, discordou apenas num ponto, nomeadamente, na contemporaneidade do Gita com o Mahabharata. Mas a única razão que ele apresentou foi que a maioria dos estudiosos ocidentais era da opinião de que o Gita não fazia parte do Mahabharata.

O conteúdo da palestra será impresso em francês no Relatório Geral do Congresso.

4.5.4 CONHECIMENTO: SUA FONTE E AQUISIÇÃO

(Traduzido de uma contribuição bengali de Swami Vivekananda ao Udbodhana, 12 de fevereiro de 1899.)

Várias foram as teorias propostas a respeito da fonte primitiva de conhecimento. Lemos nos Upanishads que Brahmâ, que foi o primeiro e o principal entre os Devas, possuía a chave de todo o conhecimento, que ele revelou aos seus discípulos e que, sendo transmitido sucessivamente, foi legado como legado aos subseqüentes. idade. Segundo os jainistas, durante um período indefinido do ciclo do Tempo, que compreende entre mil e dois bilhões de "oceanos" de anos, nascem alguns seres extraordinários, grandes e perfeitos, a quem chamam de Jinas, e através deles a porta para o conhecimento está agora e está aberto à sociedade humana. Da mesma forma, o Budismo acredita e espera em intervalos regulares o aparecimento dos Budas, isto é, pessoas possuidoras de infinita sabedoria universal. A mesma é a razão também da introdução das Encarnações de Deus pelos

Hindus Paurânika, que lhes atribuem, juntamente com outras missões, a função especial de restaurar o conhecimento espiritual perdido pelo seu adequado ajuste às necessidades da época. Fora da Índia, encontramos Zoroastro de grande alma trazendo a luz do conhecimento do alto para o mundo mortal. O mesmo fizeram Moisés, Jesus e Maomé, que, possuidores de autoridade celestial, proclamaram à humanidade caída as novas da sabedoria divina à sua maneira única.

Brahma é o nome de uma posição elevada entre os Devas, à qual todo homem pode aspirar em virtude de ações meritórias. Apenas alguns selecionados podem se tornar Jinas, enquanto outros nunca poderão atingir o estado de Jina; mas eles só podem ir tão longe a ponto de conquistar o estado de Mukti. O estado de ser um Buda está aberto a todos sem distinção. Zoroastro, Moisés, Jesus e Maomé são grandes personalidades que encarnaram para o cumprimento de alguma missão especial; o mesmo aconteceu com as Encarnações de Deus mencionadas pelos sábios Pauranika. Que outros olhem para o assento desses personagens divinos com olhos ansiosos é uma loucura.

Adão obteve seu conhecimento provando o fruto proibido. Noé aprendeu ciências sociais pela graça de Jeová. Na Índia, a teoria é que toda ciência tem a sua divindade presidente; seus fundadores são Devas ou seres aperfeiçoados; desde as artes mais servis como a do sapateiro até o mais digno ofício do guia espiritual, tudo depende da gentil intervenção dos deuses ou seres supremos. "Nenhum conhecimento é possível sem um professor." Não há caminho para a obtenção do conhecimento a menos que ele seja transmitido através de uma sucessão apostólica de discípulo para discípulo, a menos que venha através da misericórdia do Guru e direto de sua boca.

Por outro lado, o Vedanta e outros filósofos das escolas indianas sustentam que o conhecimento não deve ser adquirido de fora. É a natureza inata da alma humana e o direito inato essencial de todo homem. A alma humana é o repositório da sabedoria infinita; que agência externa pode iluminá-lo? Segundo algumas escolas, esta sabedoria infinita permanece sempre a mesma e nunca se perde; e o homem não é normalmente; consciente disso, porque um véu, por assim dizer, caiu sobre ele por causa de suas más ações,

mas assim que o véu é removido ele se revela. Outros dizem que esta sabedoria infinita, embora potencialmente presente na alma humana, foi contraída através de más ações e expandida novamente pela misericórdia de Deus obtida através de boas ações. Também lemos em nossas escrituras vários outros métodos de desenvolver esse poder e conhecimento infinitos e inatos, como a devoção a Deus, a realização de trabalho sem apego, a prática dos ócuplos acessórios do sistema de Yoga, ou a permanência constante nesse conhecimento, e assim por diante. A conclusão final, entretanto, é esta: através da prática de um ou mais ou de todos esses métodos juntos, o homem gradualmente se torna consciente de sua natureza real inata, e o infinito poder e sabedoria interior, latente ou velado, torna-se finalmente plenamente manifesto. .

Por outro lado, os filósofos modernos analisaram a mente humana como a fonte de manifestações infinitamente possíveis e chegaram à conclusão de que quando a mente individual, por um lado, e o tempo, o lugar e a causalidade favoráveis, por outro, podem agir e reagem uns sobre os outros, então certamente ocorrerá uma consciência de conhecimento altamente desenvolvida. Não, mesmo as condições desfavoráveis de tempo e lugar podem ser superadas com sucesso pelo vigor e firmeza do indivíduo. O indivíduo forte, mesmo que seja jogado nas piores condições de lugar ou tempo, supera-as e afirma sua própria força. Não apenas isso, todos os pesados fardos que pesam sobre o indivíduo, o agente atuante, estão se tornando cada vez mais leves com o passar do tempo, de modo que qualquer indivíduo, por mais fraco que seja no início, certamente alcançará a meta em que se encontra. o fim se ele se esforçar assiduamente para obtê-lo. Veja os bárbaros incivilizados e ignorantes de outro dia! Como através de uma aplicação atenta e estudiosa eles estão fazendo grandes avanços nos domínios da civilização, como até mesmo aqueles das camadas mais baixas estão abrindo caminho e ocupando com uma força irresistível as posições mais exaltadas nela! Os filhos de pais canibais estão se tornando cidadãos elegantes e educados; os descendentes dos incivilizados Santals, graças ao governo inglês, têm hoje em dia encontrado em competição bem sucedida os nossos estudantes bengalis nas universidades indianas. Como tal, a parcialidade dos investigadores científicos dos dias de hoje em relação à doutrina da transmissão hereditária de qualidades está a diminuir gradualmente.

Há uma certa classe de homens cuja convicção é que desde os tempos eternos existe um tesouro de conhecimento que contém a sabedoria de tudo o que foi passado, presente e futuro. Esses homens afirmam que foram seus próprios antepassados que tiveram o privilégio exclusivo de ter a custódia deste tesouro. Os antigos sábios, os primeiros possuidores dele, legaram sucessivamente este tesouro e sua verdadeira importância apenas aos seus descendentes. São, portanto, os únicos herdeiros dela; como tal, deixe o resto do mundo adorá-los.

Poderíamos perguntar a esses homens qual eles acham que deveria ser a condição dos outros povos que não tiveram tais antepassados? “A condição deles está condenada”, é a resposta geral. Os mais bondosos entre eles talvez tenham prazer em responder: “Bem, deixe-os vir e nos servir. Como recompensa por tal serviço, eles nascerão em nossa casta no próximo nascimento. Essa é a única esperança que podemos ter. para eles.” “Bem, os modernos estão fazendo muitas descobertas novas e originais no campo da ciência e das artes, com as quais vocês nem sonharam, nem há qualquer prova de que seus antepassados alguma vez tiveram conhecimento. O que você diz sobre isso?” “Ora, certamente nossos antepassados sabiam todas essas coisas, cujo conhecimento agora infelizmente está perdido para nós. Você quer uma prova? Posso lhe mostrar uma. Veja! Aqui está o verso em sânscrito...” Desnecessário acrescentar que o partido moderno, que acredita apenas em provas directas, nunca atribui qualquer seriedade a tais respostas e provas.

Geralmente, todo conhecimento é dividido em duas classes, o Aparâ, secular, e o Parâ, espiritual. Um refere-se a coisas perecíveis e o outro à esfera do espírito. Há, sem dúvida, uma grande diferença entre estas duas classes de conhecimento, e o caminho para a obtenção de uma pode ser inteiramente diferente do caminho para a obtenção da outra. Nem se pode negar que nenhum método pode ser apontado como o único e universal que servirá como chave para toda e qualquer porta no domínio do conhecimento. Mas, na realidade, toda esta diferença é apenas de grau e não de espécie. Não é que o conhecimento secular e o espiritual sejam duas coisas opostas e contraditórias; mas são a mesma coisa – o mesmo conhecimento infinito que está plenamente presente em toda parte, desde o átomo mais inferior até o Brahman mais elevado – são o mesmo

conhecimento em seus diferentes estágios de desenvolvimento gradual. Chamamos esse conhecimento infinito de secular quando está em seu processo inferior de manifestação, e espiritual quando atinge a fase superior correspondente.

“Todo conhecimento é possuído exclusivamente por alguns grandes homens extraordinários, e esses personagens especiais nascem por ordem de Deus, ou em conformidade com uma lei superior da natureza, ou em alguma ordem pré-ordenada de Karma; exceto através da agência desses grandes seres. , não há outra maneira de obter conhecimento.” Se tal visão for correta e certa, não parece haver necessidade de qualquer indivíduo se esforçar arduamente para encontrar qualquer verdade nova e original – toda originalidade é perdida para a sociedade por falta de exercício e encorajamento; e o pior de tudo é que a sociedade tenta opor-se e impedir qualquer tentativa na direção original, e assim a faculdade da iniciativa desaparece. Se for finalmente decidido que o caminho do bem-estar humano será para sempre traçado por esses homens oniscientes, a sociedade naturalmente temerá a sua própria destruição se o menor desvio for feito da linha limite do caminho, e assim tentará obrigar todos os homens a seguirem adiante. leis rígidas e ameaças de punição para seguir esse caminho com obediência incondicional. Se a sociedade conseguir impor tal obediência a si mesma, confinando todos os homens no estreito sulco destes caminhos, então o destino da humanidade não será melhor do que o de uma máquina. Se cada ato na vida de um homem foi previamente determinado, então que necessidade existe para a cultura da faculdade do pensamento – onde está o campo para o livre jogo do pensamento e da ação independentes? Com o passar do tempo, por falta de uso adequado, toda atividade é abandonada, toda originalidade é perdida, uma espécie de falta de vida sonhadora Tâmasika paira sobre toda a nação, e desce precipitadamente. A morte de tal nação não é algo difícil de se procurar.

Por outro lado, se o outro extremo fosse verdade, de que a sociedade que mais prospera não é guiada pelas injunções de tais almas divinamente inspiradas, então a civilização, a sabedoria e a prosperidade - abandonando os chineses, hindus, egípcios, babilônios, iranianos , Gregos, Romanos e outras grandes nações dos tempos antigos e modernos, que sempre seguiram o caminho traçado pelos seus sábios - teriam abraçado os Zulus,

os Kafirs, os Hotentotes e as tribos aborígenes dos Andamans e das ilhas australianas que levaram uma vida de independência sem orientação.

Considerando todos estes pontos, deve-se admitir que embora a presença do conhecimento em toda parte em cada indivíduo seja um truísmo eterno, ainda assim o caminho apontado pelos grandes da terra tem a glória que lhe é peculiar, e que há um interesse peculiar ligada à transmissão do conhecimento através da sucessão de professores e seus discípulos. Cada um deles tem o seu lugar no desenvolvimento da soma total do conhecimento; e devemos aprender a estimá-los de acordo com seus respectivos méritos. Mas, talvez, sendo levados pela sua devoção excessivamente zelosa e cega aos seus Mestres, os sucessores e seguidores destes grandes seres sacrificam a verdade diante do altar da devoção e adoração a eles, e deturpam o verdadeiro significado do propósito daqueles grandes vivendo insistindo na adoração pessoal, ou seja, matam o princípio da pessoa.

É também um facto da experiência comum que quando o próprio homem perde todas as suas forças, ele naturalmente gosta de passar os seus dias na lembrança ociosa da grandeza dos seus antepassados. O coração devotado torna-se gradualmente o mais fraco na sua constante tentativa de se resignar em todos os aspectos aos pés dos seus antepassados, e finalmente chega um momento em que esta fraqueza ensina o coração deficiente, mas orgulhoso, a tornar a vanglória da grandeza dos seus antepassados como o único suporte de sua vida. Mesmo que seja verdade que os vossos antepassados possuíam todo o conhecimento que vos foi perdido com o passar do tempo, segue-se que vós, os descendentes deles, devem ter sido instrumentos neste desaparecimento do conhecimento, e agora é tudo a mesma coisa para você, quer você tenha ou não. Falar em ter ou perder este conhecimento já perdido não serve para nada neste momento. Você terá que fazer novos esforços, passar por problemas novamente, se quiser recuperá-lo.

É verdade que essa iluminação espiritual brilha por si mesma num coração puro e, como tal, não é algo adquirido de fora; mas alcançar esta pureza de coração significa longa luta e prática constante. Descobriu-se também, após investigação cuidadosa na esfera do conhecimento material, que aquelas verdades mais elevadas que foram descobertas de vez em quando por

grandes homens científicos brilharam como súbitas inundações de luz em sua atmosfera mental, que eles só tiveram que captar e captar. formular. Mas tais verdades nunca aparecem na mente de um selvagem inculto e selvagem. Tudo isso prova que a dura Tapasyâ, ou prática de austeridades na forma de contemplação devota e estudo constante de um assunto, está na raiz de toda iluminação em suas respectivas esferas.

O que chamamos de inspiração extraordinária e superconsciente é apenas o resultado de um desenvolvimento superior da consciência comum, obtido por meio de um esforço longo e contínuo. A diferença entre o ordinário e o extraordinário é apenas uma questão de grau de manifestação. Os esforços conscientes abrem o caminho para a iluminação superconsciente.

A perfeição infinita está em cada homem, embora não manifestada. Todo homem tem em si a potencialidade de atingir a santidade perfeita, a Rishiidade, ou a posição mais exaltada de um Avatâra, ou a grandeza de um herói nas descobertas materiais. É apenas uma questão de tempo e de investigação adequada e bem orientada, etc., para que esta perfeição se manifeste. Numa sociedade onde outrora nasceram grandes homens, a possibilidade do seu reaparecimento é maior. Não pode haver dúvida de que uma sociedade com a ajuda de tais guias sábios avança mais rapidamente do que aquela sem eles. Mas é igualmente certo que tais guias surgirão nas sociedades que agora não os possuem e os conduzirão a um progresso igualmente rápido no futuro.

4.5.5 ÍNDIA MODERNA

(Traduzido de uma contribuição bengali para o Udbodhana, março de 1899)

Os sacerdotes védicos baseiam sua força superior no conhecimento dos Mantras sacrificiais. (Hinos védicos proferidos pelos sacerdotes para invocar os Devas na hora do sacrifício.) Pelo poder desses Mantras, os Devas são obrigados a descer de suas moradas celestiais, aceitar as oferendas de bebida e comida e conceder as orações do Yajamanas. (Os homens que realizam sacrifícios.) Os reis, bem como os seus súditos, estão, portanto, olhando para esses sacerdotes para o seu bem-estar durante a sua vida terrena. Raja Soma (o nome da planta Soma comumente encontrada nos Vedas. Os sacerdotes ofereciam aos Devas o suco desta planta na hora do sacrifício.) é adorado pelo sacerdote e prospera pelo poder de seus Mantras. . Como tal, os Devas, cuja comida favorita é o suco da planta Soma oferecido em oblação pelo sacerdote, são sempre gentis com ele e concedem os benefícios desejados. Assim fortalecido pela graça divina, ele

desafia toda oposição humana; pois o que o poder dos mortais pode fazer contra o dos deuses? Até o rei, o centro de todo o poder terreno, é um suplicante à sua porta. Um olhar gentil dele é a maior ajuda; sua mera bênção é uma homenagem ao Estado, preeminente acima de tudo.

Ora ordenando ao rei que se envolva em assuntos repletos de morte e ruína, ora permanecendo ao lado dele como seu amigo mais rápido com conselhos gentis e sábios, ora espalhando a rede de estadista sutil e diplomática na qual o rei é facilmente apanhado - o sacerdote é visto, muitas vezes, para tornar o poder real totalmente subserviente a ele. Acima de tudo, o pior medo está em saber que o nome e a fama dos antepassados reais, dele e da sua família estão à mercê da pena do sacerdote. Ele é o historiador. O rei pode ter um poder supremo; alcançando uma grande glória em seu reinado, ele poderia provar ser pai e mãe para seus súditos; mas se o sacerdote não for apaziguado, o seu sol de glória se põe com o seu último suspiro para sempre; todo o seu valor e utilidade merecedores de aprovação universal se perdem no grande ventre do tempo, como a queda de um suave orvalho no oceano. Outros que inauguraram os enormes sacrifícios que duraram muitos anos, os executores do Ashvamedha e assim por diante - aqueles que derramaram, como chuva incessante na estação das chuvas, incontáveis riquezas sobre os sacerdotes - seus nomes, graças à graça dos sacerdotes, estão estampados nas páginas da história. O nome de Priyadarshi Dharmâshoka, (o nome dado ao grande rei, Asoka, depois que ele abraçou o budismo), o amado dos deuses, nada mais é do que um nome no mundo sacerdotal, enquanto Janamejaya, (o executor do grande sacrifício de cobra de Mahâbhârata.) filho de Parikshit, é uma palavra familiar em todas as famílias hindus.

Para proteger o Estado, para cobrir as despesas do conforto e luxo pessoal dele e do seu longo séquito e, acima de tudo, para encher até transbordar os cofres do sacerdócio todo-poderoso para a sua propiciação, o rei está continuamente a drenar os recursos de seus súditos, assim como o sol suga a umidade da terra. Sua presa especial – suas vacas leiteiras – são os Vaishyas.

Nem sob os reis hindus, nem sob o domínio budista, encontramos os súditos comuns participando na expressão da sua voz nos assuntos do Estado. É

verdade que Yudhishtira visita as casas dos Vaishyas e até mesmo dos Shudras quando está em Vâranâvata; é verdade que os súditos estão orando pela posse de Râmachandra na regência de Ayodhyâ; não, eles estão até criticando a conduta de Sitâ e secretamente fazendo planos para provocar o seu exílio: mas como governo reconhecido do Estado, eles não têm voz direta no governo supremo. O poder da população está a lutar para se expressar de forma indirecta e desordenada, sem qualquer método. O povo ainda não tem o conhecimento consciente da existência deste poder. Não há tentativa da sua parte de organizá-la numa acção unida, nem têm vontade para o fazer; há também uma completa ausência daquela capacidade, daquela habilidade, por meio da qual pequenos e incoerentes centros de força se unem, criando como resultante uma força insuperável.

Isso se deve à falta de leis adequadas? - não, não é isso. Existem leis, existem métodos, atribuídos separada e distintamente para a orientação dos diferentes departamentos do governo, existem leis estabelecidas nos mínimos detalhes para tudo, como a arrecadação de receitas, a gestão do exército, a administração da justiça, punições e recompensas. Mas na raiz de tudo está a injunção do Rishi – a palavra da autoridade divina, a revelação de Deus vindo através do Rishi inspirado. Quase se pode dizer que as leis não têm elasticidade. Nestas circunstâncias, nunca é possível ao povo adquirir qualquer tipo de educação pela qual possa aprender a combinar-se entre si e a unir-se para a realização de qualquer objectivo para o bem comum do povo, ou pela qual possa ter o intelecto concertado para conceber a ideia de direito popular nos tesouros recolhidos pelo rei aos seus súbditos, ou mesmo uma educação pela qual possam ser incendiados com a aspiração de obter o direito de representação no controlo das receitas e despesas do Estado. Por que eles deveriam fazer tais coisas? Não é a inspiração do Rishi responsável pela sua prosperidade e progresso?

Novamente, todas essas leis estão em livros. Entre as leis codificadas nos livros e o seu funcionamento na vida prática, existe um mundo de diferença. Um Ramachandra nasce depois que milhares de Agnivarnas [22] morrem! Muitos reis nos mostram a vida de Chandâshoka [23]; Dharmashokas são raros! O número de reis como Akbar, em quem os súditos encontram a sua vida, é muito menor do que o de reis como Aurangzeb que vivem do sangue do seu povo!

Mesmo que os reis sejam de natureza tão divina quanto a de Yudhishtira, Ramachandra, Dharmashoka ou Akbar, sob cujo governo benigno o povo gozava de segurança e prosperidade, e era cuidado com cuidado paternal por seus governantes, a mão daquele que é sempre alimentado por outro perde gradativamente a capacidade de levar o alimento à boca. Seu poder de autopreservação nunca pode se tornar plenamente manifesto para quem é sempre protegido em todos os aspectos por outra pessoa. Mesmo o jovem mais forte permanece apenas uma criança se for sempre cuidado como criança pelos pais. Sendo sempre governados por reis de natureza divina, a quem cabe todo o dever de proteger e prover o povo, eles nunca terão qualquer ocasião para compreender os princípios do autogoverno. Tal nação, sendo inteiramente dependente do rei para tudo e nunca se preocupando em esforçar-se pelo bem comum ou pela autodefesa, torna-se gradualmente destituída de energia e força inerentes. Se este estado de dependência e protecção continuar por muito tempo, tornar-se-á a causa da destruição da nação, e a sua ruína não estará longe de ser procurada.

Claro, pode-se razoavelmente concluir que, quando o governo de um país é guiado por códigos de leis prescritos pelos Shâstras, que são o resultado do conhecimento inspirado pelo gênio divino de grandes sábios, tal governo deve levar ao bem-estar ininterrupto de os ricos e os pobres, os sábios e os ignorantes, o rei e os súditos. Mas já vimos até que ponto a operação dessas leis era, ou pode ser, possível na vida prática. A voz dos governados no governo da sua terra - que é a palavra de ordem do mundo ocidental moderno, e cuja última expressão foi ecoada com voz trovejante na Declaração do Governo Americano, nas palavras: "Que o o governo do povo deste país deve ser feito pelo povo e para o bem do povo" - não se pode, no entanto, dizer que tenha sido totalmente ignorado na Índia antiga. Os viajantes gregos e outros viram muitos pequenos Estados independentes espalhados por todo o país, e também são encontradas referências a este efeito em muitos lugares da literatura budista. E não pode haver a menor dúvida de que o germe do autogoverno estava pelo menos presente na forma da aldeia Panchâyat, (Literalmente, "governo por cinco", em que os aldeões sentam-se juntos e decidem entre si, todas as disputas.) que ainda existe em muitos lugares da Índia. Mas o germe permaneceu para sempre o germe; a semente, embora colocada no solo, nunca cresceu e se tornou uma

árvore. Esta ideia de autogoverno nunca passou do estado embrionário do sistema Panchayat da aldeia e nunca se espalhou pela sociedade em geral.

Nas comunidades religiosas, entre os Sannyasins nos mosteiros budistas, temos amplas evidências que mostram que o autogoverno estava plenamente desenvolvido. Mesmo agora, é de se perguntar como o poder do sistema Panchayat dos princípios de autogoverno está funcionando entre os Nâgâ Sannyasins - que profundo respeito o "Governo pelos Cinco" exige deles, que direitos individuais efetivos cada Naga pode exercício dentro de sua própria seita, que excelente funcionamento do poder de organização e ação concertada que eles têm entre si!

Com o dilúvio que varreu a terra com o advento do Budismo, o poder sacerdotal entrou em decadência e o poder real estava em ascensão. Os sacerdotes budistas são renunciantes do mundo, vivendo em mosteiros como ascetas sem-abrigo, despreocupados com assuntos seculares. Eles não têm vontade nem esforço para trazer e manter o poder real sob seu controle através da ameaça de maldições ou flechas mágicas. Mesmo que houvesse qualquer vestígio de tal testamento, o seu cumprimento tornou-se agora uma impossibilidade. Pois o Budismo abalou os tronos de todos os deuses comedores de oblações e os derrubou de suas posições celestiais. O estado de ser um Buda é superior às posições celestiais de muitos Brahmâ ou Indra, que competem entre si oferecendo sua adoração aos pés do Buda, o Deus-homem! E todo homem tem o privilégio de atingir esse estado de Buda; está aberto a todos, mesmo nesta vida. Da descida dos deuses, como consequência natural, desaparece a superioridade dos sacerdotes que eram apoiados por eles.

Conseqüentemente, as rédeas daquele poderoso cavalo sacrificial – o poder real – não estão mais nas mãos firmes do sacerdote védico; e sendo agora livre, pode vagar por qualquer lugar por sua vontade desenfreada. O centro do poder neste período não está nos sacerdotes cantando os hinos Sâma e realizando os Yajnas de acordo com o Yajur-Veda; nem o poder investido nas mãos dos reis Kshatriya está separado uns dos outros e governando pequenos Estados independentes. Mas o centro do poder nesta época está nos imperadores cujo domínio desobstruído se estende por vastas áreas delimitadas pelo oceano, cobrindo toda a Índia de uma ponta à outra. Os

líderes desta era não são mais Vishvâmitra ou Vasishtha, mas imperadores como Chandragupta, Dharmashoka e outros. Nunca houve imperadores que ascenderam ao trono da Índia e a levaram ao auge de sua glória, como aqueles senhores da terra que governaram sobre ela com influência suprema durante o período budista. O final deste período é caracterizado pelo aparecimento do poder Râjput em cena e pela ascensão do hinduísmo moderno. Com a ascensão do poder Rajput, no declínio do Budismo, o cetro do império indiano, desalojado do seu poder supremo, foi novamente quebrado em mil pedaços e empunhado por pequenas mãos impotentes. Nesta época, o poder brâmane (sacerdotal) conseguiu novamente erguer a cabeça, não como adversário como antes, mas desta vez como auxiliar da supremacia real.

Durante esta revolução, aquela luta perpétua pela supremacia entre as classes sacerdotal e real, que começou desde os tempos védicos e continuou através dos tempos até atingir o seu clímax na época das revoluções jainista e budista, cessou para sempre. Agora, esses dois poderes poderosos são amigáveis um com o outro; mas não existe mais aquele glorioso veludo Kshatra (guerreiro) dos reis, nem aquele brilho espiritual que caracterizou os Brâmanes; cada um perdeu sua antiga força intrínseca. Como seria de esperar, esta nova união das duas forças rapidamente se envolveu na satisfação de interesses mútuos e dissipou-se ao gastar a sua vitalidade na extirpação dos seus oponentes comuns, especialmente os budistas da época, e em outros feitos semelhantes. Estando imersos em todos os vícios resultantes de tal união, por exemplo, sugar o sangue das massas, vingar-se do inimigo, espoliar a propriedade alheia, etc., eles em vão tentaram imitar o Rajasuya e outros sacrifícios védicos dos antigos reis, e apenas fez deles uma farsa ridícula. O resultado foi que eles foram amarrados de pés e mãos por um trem formidável de atendimento bajulador e suas lisonjas obsequiosas, e sendo enredados em uma rede interminável de ritos e cerimônias com floreios de Mantras e similares, eles logo se tornaram uma presa barata e pronta para os invasores maometanos do Ocidente.

Aquele poder sacerdotal que começou sua luta pela superioridade com o poder real desde os tempos védicos e continuou através dos tempos, aquela hostilidade contra o poder Kshatra, Bhagavân Shri Krishna conseguiu, por seu gênio sobre-humano, pôr fim, pelo menos por o ser cansado, durante a

sua existência terrena. Esse poder Brâhmanya foi quase apagado do seu campo de trabalho na Índia durante as revoluções Jainista e Budista, ou, talvez, estava a manter a sua posição débil ao ser subserviente às fortes religiões antagónicas. Aquele poder Brahmanya, desde o surgimento do poder Rajput, que dominou a Índia sob a dinastia Mihira e outras, fez seu último esforço para recuperar sua grandeza perdida; e no seu esforço para estabelecer essa supremacia, vendeu-se aos pés das hordas ferozes de bárbaros recém-chegados da Ásia Central e, para conquistar o seu prazer, introduziu na terra os seus modos e costumes odiosos. Além disso, ele, o Brahmanya; o poder, dedicando-se exclusivamente aos meios fáceis de enganar bárbaros ignorantes, colocou em voga ritos e cerimônias misteriosas apoiadas por seus novos Mantras e similares; e ao fazê-lo, perdeu a sua antiga sabedoria, o seu antigo vigor e vitalidade, e os seus próprios hábitos castos de longa aquisição. Assim, transformou todo o Âryâvarta num profundo e vasto redemoinho dos costumes mais cruéis, mais horríveis, mais abomináveis e bárbaros; e como consequência inevitável do apoio a esses costumes e superstições detestáveis, logo perdeu toda a sua força e resistência internas e tornou-se o mais fraco dos fracos. Não é de admirar que seja quebrado em mil pedaços e caia ao simples toque da tempestade de invasões muçulmanas do Ocidente! Aquele grande poder Brahmanya caiu – quem sabe se algum dia se levantará novamente?

A ressurreição do poder sacerdotal sob o domínio muçulmano era, por outro lado, uma impossibilidade total. O próprio Profeta Maomé foi totalmente contra a classe sacerdotal de qualquer forma e tentou o seu melhor para a destruição total deste poder, formulando regras e injunções para esse efeito. Sob o domínio muçulmano, o próprio rei era o sacerdote supremo; ele era o principal guia em assuntos religiosos; e quando se tornou imperador, acalentou a esperança de ser o líder supremo em todos os assuntos de todo o mundo muçulmano. Para o muçulmano, os judeus ou os cristãos não são objetos de extremo ódio; eles são, na pior das hipóteses, homens de pouca fé. Mas não é assim com o hindu. Segundo ele, o hindu é idólatra, o odioso Kafir; portanto, nesta vida ele merece ser massacrado; e no próximo, o inferno eterno está reservado para ele. O máximo que os reis muçulmanos podiam fazer como favor à classe sacerdotal – os guias espirituais destes Kafirs – era permitir-lhes de alguma forma passar a vida em silêncio e esperar pelo último momento. Isso às vezes também era considerado muita

gentileza! Se o ardor religioso de qualquer rei fosse um pouco mais incomum, seguir-se-iam imediatamente os preparativos para um grande Yajna por meio do massacre de Kafir!

Por um lado, o poder real está agora centrado em reis que professam uma religião diferente e têm costumes diferentes. Por outro lado, o poder sacerdotal foi totalmente deslocado da sua posição influente como controlador e legislador da sociedade. O Alcorão e o seu código de leis tomaram o lugar dos Dharma Shâstras de Manu e outros. A língua sânscrita abriu espaço para o persa e o árabe. A língua sânscrita tem de permanecer confinada apenas aos escritos puramente religiosos e aos assuntos religiosos dos hindus conquistados e detestados e, como tal, tem desde então vivido uma vida precária às mãos do sacerdote negligenciado. O próprio sacerdote, a relíquia do poder Brahmanya, recorreu ao último recurso de conduzir apenas as cerimônias familiares comparativamente sem importância, como o matrimonial, etc., e isso também apenas enquanto e tanto quanto a misericórdia dos governantes muçulmanos. permitido.

No período védico e nos períodos adjacentes, o poder real não podia manifestar-se devido à pressão opressiva do poder sacerdotal. Vimos como, durante a revolução budista, que resultou na queda da supremacia bramânica, o poder real na Índia atingiu o seu ponto culminante. No intervalo entre a queda do budismo e o estabelecimento do império maometano, vimos como o poder real estava a tentar levantar a cabeça através dos Rajputs na Índia, e como falhou na sua tentativa. Na raiz deste fracasso também podem ser encontrados os mesmos velhos esforços da classe sacerdotal védica para trazer de volta e reviver com uma nova vida os seus dias originais (ritualísticos).

Esmagando a supremacia bramânica sob seus pés, o rei muçulmano foi capaz de restaurar, em grande medida, as glórias perdidas de dinastias de imperadores como os Maurya, os Gupta, os Andhra e os Kshâtrapa. (Os governadores persas de Âryâvarta e Gujarat.)

Assim, o poder sacerdotal - que sábios como Kumârila, Shankara e Râmânuja tentaram restabelecer, que durante algum tempo foi apoiado pela espada do poder Rajput, e que tentou reconstruir a sua estrutura com a queda dos seus adversários jainistas e budistas - estava sob o domínio

muçulmano, adormecido para sempre, sem conhecer nenhum despertar. Neste período, o antagonismo ou a guerra não é entre reis e sacerdotes, mas entre reis e reis. No final deste período, quando o poder hindu levantou novamente a cabeça e, até certo ponto, teve sucesso na regeneração do hinduísmo através dos Mahrattas e dos Sikhs, não encontramos muito papel do poder sacerdotal nestas regenerações. Pelo contrário, quando os Sikhs admitiam qualquer Brâmane na sua seita, eles, a princípio, obrigavam-no publicamente a abandonar os seus sinais Brahminais anteriores e a adoptar os sinais reconhecidos da sua própria religião.

Desta forma, após um longo jogo de acção e reacção entre estas duas forças, a vitória final do poder real ecoou no solo da Índia durante vários séculos, em nome de monarcas estrangeiros que professavam uma religião completamente diferente da fé da terra. Mas no final deste período muçulmano, outra potência inteiramente nova apareceu na arena e lentamente começou a afirmar a sua capacidade nos assuntos do mundo indiano.

Este poder é tão novo, a sua natureza e funcionamento são tão estranhos à mente indiana, a sua ascensão é tão inconcebível e o seu vigor é tão insuperável que, embora exerça o poder suserano até agora, apenas um punhado de indianos compreende o que é esse poder.

Estamos a falar da ocupação da Índia pela Inglaterra.

Desde tempos muito antigos, a fama da vasta riqueza da Índia e dos seus ricos celeiros despertou em muitas nações estrangeiras poderosas o desejo de conquistá-la. Ela foi, de facto, repetidamente conquistada por nações estrangeiras. Então por que deveríamos dizer que a ocupação da Índia pela Inglaterra era algo novo e estranho à mente indiana?

Desde tempos imemoriais, os indianos têm visto o mais poderoso poder real tremer diante da carranca do sacerdote asceta, desprovido de desejos mundanos, armado com força espiritual - o poder dos Mantras (fórmulas sagradas) e da tradição religiosa - e a arma das maldições. Eles também viram o povo subjugado obedecer silenciosamente às ordens de seus heróicos e todo-poderosos suseranos, apoiados por suas armas e exércitos, como um rebanho de ovelhas diante de um leão. Mas que um punhado de

Vaishyas (comerciantes) que, apesar de sua grande riqueza, sempre se curvaram e temeram não apenas diante do rei, mas também diante de qualquer membro da família real, se unissem, cruzassem rios e mares para fins comerciais, iriam, unicamente em virtude da sua inteligência e riqueza, gradualmente tornam fantoches das dinastias hindus e muçulmanas há muito estabelecidas; não apenas isso, mas que também comprariam os serviços dos poderes governantes de seu próprio país e usariam seu valor e conhecimento como instrumentos poderosos para o influxo de suas próprias riquezas - este é um espetáculo inteiramente novo para os índios, como também o espetáculo que os descendentes da poderosa nobreza de um país, do qual um senhor orgulhoso, esboçado pela pena extraordinária de seu grande poeta, diz a um homem comum: "Fora, monturo! ousa enfrentar um nobre?" consideraria, num futuro não distante, o auge da ambição humana ser enviado para a Índia como servos obedientes de um corpo de mercadores, chamado Companhia das Índias Orientais - tal visão era, de fato, uma novidade nunca antes vista pela Índia!

De acordo com a prevalência, em maior ou menor grau, das três qualidades de Sattva, Rajas e Tamas no homem, as quatro castas, o Brâmane, o Kashatriya, o Vaishya e o Shudra, estão presentes em todos os lugares, em todos os momentos, em todas as sociedades civilizadas. . Pela mão poderosa do tempo, o seu número e poder também variam em momentos diferentes em relação aos diferentes países. Em alguns países, a força numérica ou a influência de uma destas castas pode preponderar sobre outra; em algum período, uma das classes pode ser mais poderosa que as demais. Mas a partir de um estudo cuidadoso da história do mundo, parece que, em conformidade com a lei da natureza, as quatro castas, o Brâmane, o Kshatriya, o Vaishya e o Shudra, em cada sociedade, uma após a outra em sucessão, governam o mundo. .

Entre os Chineses, os Sumérios, os Babilônios, os Egípcios, os Caldeus, os Áreas, os Iranianos, os Judeus, os Árabes – entre todas estas nações antigas, o poder supremo de guiar a sociedade é, no primeiro período da sua história, nas mãos do brâmane ou do sacerdote. No segundo período, o poder dominante é o Kshatriya, isto é, uma monarquia absoluta ou um governo oligárquico por um corpo escolhido de homens. Entre as nações ocidentais modernas, com a Inglaterra à frente, este poder de controlar a

sociedade esteve, pela primeira vez, nas mãos dos Vaishyas ou comunidades mercantis, enriquecidas através da realização do comércio.

Embora Tróia e Cartago dos tempos antigos e Veneza e outros pequenos Estados comerciais semelhantes dos tempos comparativamente modernos tenham se tornado altamente poderosos, ainda assim, entre eles, não houve o verdadeiro surgimento do poder Vaishya no sentido adequado do termo.

Corretamente falando, os descendentes da família real detinham o monopólio exclusivo do comércio daqueles velhos tempos, empregando as pessoas comuns e seus servos sob seu comando para realizar o comércio; e eles se apropriaram dos lucros resultantes disso. Com exceção desses poucos homens, ninguém estava autorizado a participar ou expressar uma opinião, mesmo no governo do país e em assuntos afins. Nos países mais antigos, como o Egito, o poder sacerdotal desfrutou de supremacia sem ser molestado apenas durante um curto período, após o qual tornou-se subjugado ao poder real e viveu como um auxiliar deste. Na China, o poder real, centralizado pelo gênio de Confúcio, tem controlado e guiado o poder sacerdotal, de acordo com a sua vontade absoluta, durante mais de vinte e cinco séculos; e durante os últimos dois séculos, os absorventes Lamas do Tibete, embora sejam os guias espirituais da família real, foram obrigados a passar os seus dias, sujeitos em todos os sentidos ao Imperador Chinês.

Na Índia, o poder real conseguiu conquistar o poder sacerdotal e declarar a sua autoridade irrestrita muito depois de outras antigas nações civilizadas o terem feito; e, portanto, a inauguração do Império Indiano ocorreu muito depois da ascensão dos impérios chinês, egípcio, babilônico e outros. Foi apenas com o povo judeu que o poder real, embora tenha tentado arduamente estabelecer a sua supremacia sobre o sacerdotal, teve de enfrentar uma derrota completa na tentativa. Nem mesmo os Vaishyas alcançaram o poder governante com os judeus. Por outro lado, os súbditos comuns, tentando libertar-se das algemas do sacerdócio, foram esmagados até à morte sob a comoção interna de movimentos religiosos adversos como o Cristianismo e a pressão externa do poderoso Império Romano.

Assim como nos tempos antigos o poder sacerdotal, apesar de sua longa luta, foi subjugado pelo poder real mais poderoso, assim também, nos tempos modernos, antes do violento golpe do recém-surgido poder Vaishya,

muitas coroas reais foram para beijar o chão, muitos cetros são para sempre quebrados em pedaços. Apenas aqueles poucos tronos aos quais ainda é permitido exercer algum poder em alguns dos países civilizados e exibir a sua pompa e grandeza reais são todos mantidos unicamente pelas vastas hordas de riqueza destas comunidades Vaishya – os negociantes de sal, petróleo, açúcar e vinho - e mantido como uma fachada magnífica e imponente. e como um meio de glorificação ao verdadeiro corpo governante por trás, os Vaishyas.

Aquele poderoso poder Vaishya recém-surgido - sob cujo comando a eletricidade transporta mensagens num instante de um pólo a outro, cuja estrada é o vasto oceano, com suas ondas da altura das montanhas, em cuja instância as mercadorias estão sendo transportadas com a maior facilidade de uma parte do globo a outra, e sob cujo mandato até os maiores monarcas tremem - na crista branca e espumosa daquela enorme onda, o poder Vaishya todo-conquistador está instalado o majestoso trono da Inglaterra em toda a sua grandeza.

Portanto, a conquista da Índia pela Inglaterra não é uma conquista de Jesus ou da Bíblia, como muitas vezes somos solicitados a acreditar. Nem é como a conquista da Índia pelos Moguls e pelos Pathans. Mas por trás do nome do Senhor Jesus, da Bíblia, dos magníficos palácios, do pesado caminhar dos exércitos compostos por elefantes, carros, cavalaria e infantaria, sacudindo a terra, os sons de trombetas de guerra, clarins e tambores, e da esplêndida exibição do trono real, por trás de tudo isso, há sempre a presença virtual da Inglaterra - aquela Inglaterra cuja bandeira de guerra é a chaminé da fábrica, cujas tropas são os navios mercantes, cujos campos de batalha são os mercados do mundo, e cuja Imperatriz é a própria brilhante Deusa da Fortuna! É por esse motivo que eu disse antes que é de fato uma novidade invisível esta conquista da Índia pela Inglaterra. Que nova revolução será efectuada na Índia através do seu confronto com o novo poder gigante, e como resultado dessa revolução, que nova transformação está reservada para a futura Índia, não podem ser inferidos a partir da sua história passada.

Afirmiei anteriormente que as quatro castas, Brâmane, Kshatriya, Vaishya e Shudra, governam o mundo sucessivamente. Durante o período de

autoridade suprema exercida por cada uma dessas castas, são praticados alguns atos que conduzem ao bem-estar do povo, enquanto outros são prejudiciais a ele.

O fundamento do poder sacerdotal repousa na força intelectual e não na força física dos braços. Portanto, com a supremacia do poder sacerdotal, há um grande predomínio da cultura intelectual e literária. Todo coração humano está sempre ansioso pela comunicação e pela ajuda do mundo espiritual supra-sensorial. A entrada nesse mundo não é possível para a generalidade da humanidade; apenas algumas grandes almas que podem adquirir um controle perfeito sobre seus órgãos dos sentidos e que são possuídas por uma natureza preponderante com a essência de Sattva Guna são capazes de perfurar a formidável parede da matéria e ficar cara a cara, por assim dizer, com os supra-sensoriais – são apenas eles que conhecem o funcionamento do reino que trazem as mensagens dele e mostram o caminho para os outros. Essas grandes almas são os sacerdotes, os guias primitivos, líderes e impulsionadores das sociedades humanas.

O sacerdote conhece os deuses e comunica-se com eles; ele é, portanto, adorado como um deus. Deixando para trás os pensamentos do mundo, ele não precisa mais se dedicar a ganhar o pão com o suor do seu rosto. As melhores e mais importantes partes de todos os alimentos e bebidas são devidas como oferendas aos deuses; e desses deuses, os representantes visíveis na terra são os sacerdotes. É pela boca que eles participam das oferendas. Consciente ou inconscientemente, a sociedade dá ao sacerdote lazer abundante e ele pode, portanto, ter a oportunidade de meditar e de ter pensamentos mais elevados. Conseqüentemente, o desenvolvimento da sabedoria e do aprendizado se origina primeiro com a supremacia do poder sacerdotal. Lá está o sacerdote entre o terrível leão – o rei – de um lado, e o aterrorizado rebanho de ovelhas – o povo súdito – do outro. O salto destrutivo do leão é controlado pela vara controladora do poder espiritual nas mãos do sacerdote. A chama da vontade despótica do rei, enlouquecida pelo orgulho de suas riquezas e de seus homens, é capaz de reduzir a cinzas tudo o que aparece em seu caminho; mas é apenas uma palavra do sacerdote, que não tem riqueza nem homens por trás dele, mas cuja única força é o seu poder espiritual, que pode extinguir a vontade real despótica, como regar o fogo.

Com a ascendência da supremacia sacerdotal vê-se o primeiro advento da civilização, a primeira vitória da natureza divina sobre o animal, o primeiro domínio do espírito sobre a matéria e a primeira manifestação do poder divino que está potencialmente presente neste mesmo escravo da natureza, este pedaço de carne, a saber, o corpo humano. O sacerdote é o primeiro discriminador entre o espírito e a matéria, o primeiro a ajudar a colocar este mundo em comunhão com o próximo, o primeiro mensageiro dos deuses para o homem e a ponte intermediária que liga o rei aos seus súditos. O primeiro desdobramento do bem-estar e do bem universal é nutrido por seu poder espiritual, por sua devoção ao aprendizado e à sabedoria, por sua renúncia, a palavra de ordem de sua vida e regado até mesmo pelo fluxo de seu próprio sangue vital. É portanto que em todas as terras foi a ele quem a primeira e mais importante adoração foi oferecida. É por isso que até a sua memória é sagrada para nós!

Existem males também. Com o crescimento da vida é semeada simultaneamente a semente da morte. Escuridão e luz sempre andam juntas. Com efeito, existem grandes males que, se não forem controlados a tempo, levam à ruína da sociedade. O jogo de poder através da matéria grosseira é universalmente experimentado; todos veem, todos entendem, a poderosa manifestação da força material grosseira, conforme exibida no jogo dos machados de batalha e das espadas, ou nas propriedades ardentes do fogo e do relâmpago. Ninguém duvida destas coisas, nem pode haver qualquer dúvida sobre a sua autenticidade. Mas onde o repositório do poder e o centro do seu jogo são inteiramente mentais, onde o poder está confinado a certas palavras especiais, a certos modos especiais de pronunciá-las, à repetição mental de certas sílabas misteriosas, ou a outros processos e aplicações semelhantes da mente, ali a luz se mistura com a sombra, ali o fluxo e refluxo perturbam naturalmente a fé que de outra forma seria inabalável, e mesmo quando as coisas são realmente vistas ou percebidas diretamente, ainda às vezes surgem dúvidas quanto à sua ocorrência real. Onde angústia, medo, raiva, malícia, espírito de retaliação e paixões semelhantes do homem, deixando a força palpável das armas, deixando os métodos materiais grosseiros para alcançar o fim em vista que todos podem compreender, substituem em seu lugar o misterioso processos mentais como Stambhana, Uchchâtana, Vashikarana e Mârana [24] para sua frutificação - ali uma nuvem de indistinção esfumada, por assim dizer, envolve

naturalmente a atmosfera mental desses homens que muitas vezes vivem e se movem em mundos tão nebulosos de misticismo obscuro. Nenhuma linha reta de ação se apresenta diante de tal mente; mesmo que isso aconteça, a mente distorce-o e torna-o distorcido. O resultado final de tudo isso é a falta de sinceridade – aquela estreiteza muito limitada do coração – e, acima de tudo, o mais fatal é a extrema intolerância nascida da inveja maliciosa da excelência superior do outro.

O sacerdote naturalmente diz para si mesmo: “Por que eu deveria abrir mão do poder que tornou os Devas subservientes a mim, me deu domínio sobre doenças físicas e mentais e me conquistou o serviço de fantasmas, demônios e outros espíritos invisíveis? ? Comprei caro esse poder pelo preço da renúncia extrema. Por que deveria dar aos outros aquilo que, para conseguir, tive que abrir mão de minha riqueza, nome, fama, em suma, todos os meus confortos e felicidade terrenos? Novamente, esse poder é inteiramente mental. E quantas oportunidades existem para manter isso em segredo perfeito! Enredada nesta roda de circunstâncias, a natureza humana torna-se o que inevitavelmente se tornaria: acostumada a praticar a auto-ocultação constante, torna-se vítima de extremo egoísmo e hipocrisia e, finalmente, sucumbe às consequências venenosas que eles trazem consigo. Com o tempo, a reação desse mesmo desejo de ocultação repercute em si mesmo. Todo conhecimento, toda sabedoria está quase perdida por falta de exercício e difusão adequados, e acredita-se que o pouco que resta foi obtido de alguma fonte sobrenatural; e, portanto, longe de fazer novos esforços para buscar a originalidade e adquirir conhecimento de novas ciências, é considerado inútil e fútil tentar até mesmo melhorar os remanescentes das antigas, limpando-as de suas corrupções. Assim perdido na sabedoria anterior, no antigo espírito indomável de autoconfiança, o sacerdote, agora glorificando-se apenas em nome de seus antepassados, luta em vão para preservar imaculada para si a mesma glória, o mesmo privilégio, a mesma veneração e a mesma veneração. mesma supremacia desfrutada por seus grandes antepassados. Consequentemente, sua violenta colisão com as outras castas.

De acordo com a lei da natureza, onde quer que haja o despertar de uma vida nova e mais forte, ali ela tenta conquistar e tomar o lugar do velho e do decadente. A natureza favorece a extinção dos inaptos e a sobrevivência dos

mais aptos. O resultado final de tal conflito entre o sacerdócio e as outras classes já foi mencionado.

Aquela renúncia, autocontrole e ascetismo do sacerdote que durante o período de sua ascendência foi devotado à busca de pesquisas sérias da verdade são, às vésperas de seu declínio, empregados novamente e gastos exclusivamente na acumulação de objetos de autogratificação. e na extensão da superioridade privilegiada sobre os outros. Esse poder, cuja centralização em si mesmo lhe deu toda honra e adoração, foi agora arrastado de sua elevada posição celestial para o abismo mais profundo do inferno. Tendo perdido de vista o objetivo, vagando sem rumo, o poder sacerdotal fica enredado, como a aranha, na teia tecida por si mesmo. A corrente que foi forjada de geração em geração com o maior cuidado para ser colocada nos pés dos outros está agora apertada em mil voltas e está a impedir o seu próprio movimento de centenas de maneiras. Apanhado no fio interminável da rede de infinitos ritos, cerimônias e costumes, que espalhou por todos os lados como meios externos de purificação do corpo e da mente, com o objetivo de manter a sociedade nas mãos férreas desses inúmeros laços - o o poder sacerdotal, assim irremediavelmente enredado da cabeça aos pés, está agora adormecido em desespero! Não há como escapar disso agora. Rasgue a rede e o sacerdócio do sacerdote será abalado até os seus alicerces! Está implantado em cada homem, naturalmente, um forte desejo de progresso; e aqueles que, descobrindo que a realização deste desejo é uma impossibilidade enquanto alguém estiver preso nas algemas do sacerdócio, rasgam esta rede e se dedicam à profissão de outras castas, a fim de ganhar dinheiro com isso - eles, a sociedade imediatamente os despoja. dos seus direitos sacerdotais. A sociedade não tem fé na condição de brâmane dos chamados brâmanes que, em vez de manter o Shikhâ, (o tufo sagrado ou mecha de cabelo deixado no topo da cabeça durante a tonsura.) separam seus cabelos, que, desistindo de seus antigos hábitos e costumes ancestrais, vestem-se com trajes semi-europeus e adotam os usos recentemente introduzidos pelo Ocidente de uma forma híbrida. Mais uma vez, naquelas partes da Índia, onde quer que este recém-chegado, o Governo Inglês, esteja a introduzir novos modos de educação e a abrir novos canais para a entrada de riqueza, há multidões de jovens brâmanes que abandonam a sua profissão sacerdotal hereditária e tentam para ganharem a sua subsistência e enriquecerem adotando as vocações de

outras castas, com o resultado de que os hábitos e costumes da classe sacerdotal, transmitidos pelos seus antepassados distantes, são espalhados ao vento e desaparecem rapidamente da terra.

Em Gujarat, cada seita secundária dos brâmanes é dividida em duas subdivisões, sendo uma delas aqueles que ainda seguem a profissão sacerdotal, enquanto a outra vive de outras profissões. Lá apenas as primeiras subdivisões, exercendo a profissão sacerdotal, são chamadas de "Brâhmanas", e embora as outras subdivisões sejam por linhagem descendentes de pais brâmanes, as primeiras não se ligam em relação matrimonial com os últimos. Por exemplo, pelo nome de "Nâgara Brâhmana" entende-se apenas aqueles brâmanes que são sacerdotes que vivem de esmolas; e pelo nome "Nâgara" entende-se apenas aqueles Brâmanes que aceitaram serviço sob o Governo, ou aqueles que exercem a profissão de Vaishya. Mas parece que tais distinções não continuarão por muito tempo em Gujarat. Mesmo os filhos dos "Nagara Brahmanas" estão hoje em dia recebendo educação inglesa, e entrando no serviço governamental, ou adotando algum negócio mercantil. Mesmo os pandits ortodoxos da velha escola, passando por dificuldades pecuniárias, estão enviando seus filhos para as faculdades das universidades inglesas ou fazendo-os escolher as vocações de Vaidyas, Kayasthas e outras castas não-brâmanes. Se a situação continuar neste rumo, então será uma questão de reflexão muito séria, sem dúvida, por quanto tempo mais a classe sacerdotal continuará em solo indiano. Aqueles que atribuem a culpa de tentar derrubar a supremacia da classe sacerdotal à porta de qualquer pessoa específica ou grupo de pessoas que não sejam eles próprios devem saber que, em obediência à lei inevitável da natureza, a casta brâmane está erigindo com suas próprias mãos, seu próprio sepulcro; e isso é o que deveria ser. É bom e apropriado que toda casta de nascimento nobre e nobreza privilegiada tenha como principal dever erguer sua própria pira funerária com as próprias mãos. A acumulação de poder é tão necessária quanto a sua difusão, ou melhor, mais. O acúmulo de sangue no coração é condição indispensável à vida; sua não circulação por todo o corpo significa morte. Para o bem-estar da sociedade, é absolutamente necessário, em certos momentos, ter todo o conhecimento e poder concentrados em certas famílias ou castas, com exclusão de outras, mas esse poder concentrado é concentrado por enquanto, apenas para ser espalhado e difundido por todo o

mundo. da sociedade no futuro. Se esta difusão for retida, a destruição dessa sociedade está, sem dúvida, próxima.

Por outro lado, o rei é como o leão; nele estão presentes tanto as boas como as más propensões do senhor dos animais. Nem por um momento suas unhas ferozes são impedidas de despedaçar o coração de animais inocentes, que vivem de ervas e grama, para aliviar sua sede de sangue quando surge a ocasião; mais uma vez, diz o poeta, embora ele próprio esteja velho e morra de fome, o leão nunca mata a raposa mais fraca que se joga em seus braços em busca de proteção. Se as classes disciplinadas, por um momento, representarem impedimentos no caminho da gratificação dos sentidos do leão real, seu toque de morte será inevitavelmente anunciado; se eles se curvarem humildemente às suas ordens, estarão perfeitamente seguros. Não só isso. Para não falar dos tempos antigos, mesmo nos tempos modernos, nenhuma sociedade pode ser encontrada em qualquer país onde a eficácia do auto-sacrifício individual para o bem de muitos e da unidade de propósito e esforço acionando cada membro da sociedade para o o bem comum do todo foi plenamente realizado. Daí a necessidade dos reis que são criações da própria sociedade. Eles são os centros onde todas as forças da sociedade, de outra forma vagamente dispersas, são levadas a convergir, e a partir dos quais elas começam e percorrem o corpo político e animam a sociedade.

Assim como durante a supremacia brâmane, no primeiro estágio ocorre o despertar do primeiro impulso para a busca pelo conhecimento, e mais tarde a promoção contínua e cuidadosa do crescimento desse impulso ainda em sua infância - assim, durante a supremacia Kshatriya, um forte desejo pois a busca do prazer apareceu no primeiro estágio e mais tarde surgiram invenções e desenvolvimentos nas artes e nas ciências como meio de sua gratificação. Pode o rei, no auge de sua glória, esconder sua cabeça orgulhosa nas humildes cabanas dos pobres? Ou poderá o bem comum de seus súditos satisfazer seu apetite real com satisfação?

Aquele cuja dignidade não tem comparação com qualquer outra pessoa na terra, aquele que é a divindade que reside no templo do corpo humano - para o homem comum, lançar um simples olhar para os seus objetos de prazer, os do rei, é um grande pecado; pensar em possuí-los está

completamente fora de questão. O corpo do rei não é como o corpo das outras pessoas, é sagrado demais para ser poluído por qualquer contaminação; em certos países, acredita-se até que nunca cai sob o domínio da morte. Uma auréola de igual sacralidade brilha ao redor da rainha, por isso ela é escrupulosamente protegida do olhar do povo comum, nem mesmo o sol pode lançar um olhar sobre sua beleza! Daí o surgimento de palácios magníficos para substituir as casas de palha. A doce melodia harmoniosa da música artística, fluindo como que do céu, silenciou o jargão desordenado da turba. Jardins encantadores, bosques agradáveis, belas galerias, pinturas encantadoras, esculturas requintadas, roupas finas e caras começaram a substituir, a passos graduais, as belezas naturais das madeiras acidentadas e a vestimenta áspera e grosseira do simples rústico. Milhares de homens inteligentes abandonaram a árdua tarefa do lavrador e voltaram a sua atenção para o novo campo das belas-artes, onde poderiam exhibir o jogo mais refinado do seu intelecto de maneiras menos laboriosas e mais fáceis. As aldeias perderam a sua importância; cidades surgiram em seu lugar.

Foi na Índia, novamente, que os reis, depois de terem desfrutado por algum tempo dos prazeres terrenos para sua plena satisfação, foram atingidos, na última parte de suas vidas, por um pesado cansaço do mundo, como certamente ocorrerá com a extrema gratificação dos sentidos; e assim saciados com os prazeres mundanos, retiraram-se na velhice para florestas isoladas e ali começaram a contemplar os problemas profundos da vida. Os resultados de tal renúncia e meditação profunda foram marcados por uma forte aversão a ritos e cerimoniais complicados e por uma devoção extrema às verdades espirituais mais elevadas que encontramos incorporadas nos Upanishads, no Gita, nas escrituras jainistas e budistas. Aqui também houve um grande conflito entre os poderes sacerdotais e reais. O desaparecimento dos ritos e cerimoniais elaborados significou um golpe mortal na profissão do sacerdote. Portanto, naturalmente, em todos os momentos e em todos os países, os sacerdotes cingem os seus lombos e tentam o seu melhor para preservar os antigos costumes e usos, enquanto do outro lado ficam na oposição reis como Janaka, apoiados pela destreza Kshatriya, bem como pela espiritualidade. poder. Já abordámos longamente este amargo antagonismo entre as duas partes.

Assim como o sacerdote está ocupado em centralizar todo o conhecimento e aprendizagem em um centro comum, ou seja, ele mesmo, o rei está sempre empenhado em reunir todos os poderes terrenos e concentrá-los em um ponto central, ou seja, seu próprio eu. Claro, ambos são benéficos para a sociedade. Ao mesmo tempo, ambos são necessários para o bem comum da sociedade, mas isso é apenas na sua fase inicial. Mas se forem feitas tentativas, quando a sociedade tiver ultrapassado a sua fase infantil e atingido a sua vigorosa condição juvenil, para vesti-la à força com o traje que lhe convinha na sua infância e mantê-la presa dentro de limites estreitos, então ou ela rompe os laços pela virtude, com suas próprias forças e tenta avançar, ou quando não consegue fazê-lo, refaz seus passos e, lentamente, retorna à sua condição primitiva e incivilizada.

Os reis são como pais para seus súditos, e os súditos são os filhos dos reis. Os súditos deveriam, em todos os aspectos, olhar para o rei e aderir ao seu rei com obediência sem reservas, e o rei deveria governá-los com justiça imparcial e zelar pelo seu bem-estar e ter por eles o mesmo afeto que teria por seus próprios filhos. . Mas a regra que se aplica a lares individuais aplica-se também a toda a sociedade, pois a sociedade é apenas o agregado de lares individuais. “Quando o filho atinge a idade de dezesesseis anos, o pai deve tratá-lo como seu amigo e igual” [25] – se essa for a regra, a sociedade infantil nunca atinge a idade de dezesesseis anos? É a prova da história que, num determinado momento, cada sociedade atinge a sua masculinidade, quando se inicia um forte conflito entre o poder dominante e as pessoas comuns. A vida da sociedade, a sua expansão e civilização dependem da sua vitória ou derrota neste conflito.

Tais mudanças, revolucionando a sociedade, têm acontecido repetidamente na Índia, apenas neste país foram efectuadas em nome da religião, pois a religião é a vida da Índia, a religião é a língua deste país, o símbolo de todos os seus movimentos. O Chârvâka, o Jain, o Budista, Shankara, Ramanuja, Kabir, Nânak, Chaitanya, o Brâhmo Samâj, o Arya Samaj - de todas essas e de outras seitas semelhantes, a onda da religião, espumando, trovejando, surgindo, irrompe na frente , enquanto na retaguarda segue o preenchimento das necessidades sociais. Se todos os desejos podem ser realizados pela mera expressão de algumas sílabas sem sentido, então quem se esforçará e passará por dificuldades para concretizar a realização dos

seus desejos? Se esta doença penetra em todo o corpo de qualquer sistema social, então essa sociedade torna-se preguiçosa e indisposta a qualquer esforço, e rapidamente se apressa para a ruína. Daí o sarcasmo contundente dos Charvakas, que acreditavam apenas na realidade das percepções sensoriais e em nada além. O que poderia ter salvado a sociedade indiana do fardo pesado do cerimonialismo ritualístico onipresente, com seus sacrifícios de animais e outros, que praticamente destruíram sua própria vida, exceto a revolução jainista que tomou sua posição forte exclusivamente na moral casta e na verdade filosófica? Ou sem a revolução budista, o que teria libertado os milhões sofredores das classes mais baixas das violentas tiranias das influentes castas superiores? Quando, com o passar do tempo, o Budismo declinou e o seu carácter extremamente puro e moral deu lugar a práticas igualmente más, impuras e imorais, quando a sociedade indiana tremeu sob a dança infernal das várias raças de bárbaros que foram admitidos no rebanho budista pelos virtude do seu espírito universal e abrangente de igualdade - então Shankara, e mais tarde Ramanuja, apareceram em cena e fizeram o seu melhor para trazer a sociedade de volta aos seus antigos dias de glória e restabelecer o seu estatuto perdido. Mais uma vez, é um facto indubitável que se não tivesse havido o advento de Kabir, Nanak e Chaitanya no período muçulmano, e o estabelecimento do Brahmo Samaj e do Arya Samaj nos nossos dias, então, por esta altura, os maometanos e os cristãos teriam superado em muito o número dos hindus de hoje na Índia.

Que melhor material existe do que o alimento nutritivo para construir o corpo composto de vários elementos e a mente que emite ondas infinitas de pensamento? Mas se o alimento que sustenta o corpo e fortalece a mente não for adequadamente assimilado, e as funções naturais do corpo não funcionarem adequadamente, então essa mesma coisa se tornará a raiz de todo o mal.

A vida do indivíduo está na vida do todo, a felicidade do indivíduo está na felicidade do todo; à parte do todo, a existência do indivíduo é inconcebível – esta é uma verdade eterna e é a base sobre a qual o universo é construído. Mover-se lentamente em direção ao todo infinito, mantendo um sentimento constante de intensa simpatia e mesmice com ele, sendo feliz com sua felicidade e angustiado em sua aflição, é o único dever do indivíduo. Não só

é seu dever, mas na sua transgressão está a sua morte, enquanto o cumprimento desta grande verdade leva à vida imortal. Esta é a lei da natureza, e quem pode jogar poeira nos seus olhos sempre vigilantes? Ninguém pode enganar a sociedade e enganá-la por muito tempo. Por mais que possam ter-se acumulado montes de lixo e lama na superfície da sociedade, ainda assim, no fundo desses montes, o sopro vital da sociedade pode ser sempre encontrado pulsando com as vibrações do amor universal e da compaixão abnegada por todos. . A sociedade é como a terra que suporta pacientemente os abusos incessantes; mas ela acorda um dia, por mais que demore, e a força dos tremores desse despertar lança para longe a sujeira acumulada de mesquinhez egoísta acumulada durante milhões de anos pacientes e silenciosos!

Ignoramos esta verdade sublime; e embora soframos mil vezes por nossa loucura, ainda assim, em nossa absurda tolice, impelidos pelo bruto que há em nós, não acreditamos nela. Tentamos enganar, mas mil vezes descobrimos que também fomos enganados e, mesmo assim, não desistimos! Loucos como somos, imaginamos que podemos impor à natureza. Com a nossa visão míope, pensamos que ministrar a nós mesmos a qualquer custo é o princípio e o fim de tudo da vida.

Sabedoria, conhecimento, riqueza, homens, força, coragem e tudo o mais que a natureza reúne e nos fornece, são todos apenas para difusão, quando o momento de necessidade está próximo. Muitas vezes esquecemos este facto, colocamos o selo de “só meu” nos depósitos que nos foram confiados e, *pari passu*, semeamos a semente da nossa própria ruína!

O rei, centro das forças do agregado dos seus súditos, logo se esquece que essas forças só são armazenadas com ele para que ele possa aumentá-las e devolvê-las mil vezes mais em sua potência, para que possam se espalhar por toda a comunidade por é bom. Atribuindo a si mesmo toda a Divindade, em seu orgulho, como o rei Vena [26], ele considera as outras pessoas como espécimes miseráveis de humanidade que deveriam rastejar diante dele; qualquer oposição à sua vontade, seja boa ou má, é um grande pecado por parte de seus súditos. Conseqüentemente, a opressão ocupa o lugar de proteção – sugando seu sangue no lugar de preservação. Se a sociedade estiver fraca e debilitada, ela sofre silenciosamente todos os maus tratos nas

mãos do rei, e como consequência natural, tanto o rei como o seu povo descem cada vez mais e caem no estado mais degradado, tornando-se assim um presa fácil para qualquer nação mais forte que eles. Onde a sociedade é saudável e forte, logo se segue uma disputa feroz entre o rei e seus súditos e, por sua reação e convulsão, são atirados fora o cetro e a coroa; e o trono e a parafernália real tornam-se como curiosidades do passado preservadas nas galerias do museu.

Como resultado desta disputa – como sua reação – é o aparecimento do grande poder dos Vaishya, diante de cujo olhar irado as cabeças coroadas, os senhores dos heróis, tremem como uma folha de álamo tremedor em seus tronos – a quem os pobres, bem como o príncipe segue humildemente em vã expectativa o jarro de ouro que tem nas mãos, que como o fruto de Tântalo sempre se afasta das mãos.

O brâmane disse: "Aprendizagem é o poder de todos os poderes; essa aprendizagem depende de mim, eu possuo essa aprendizagem, então a sociedade deve seguir minhas ordens." Durante alguns dias foi assim. O Kshatriya disse, "Se não fosse pelo poder da minha espada, onde você estaria, ó brâmane, com todo o seu poder de conhecimento? Você em pouco tempo seria varrido da face da terra. Somente eu sou o superior. ." A espada flamejante voou da bainha tilintando - a sociedade reconheceu-a humildemente com a cabeça baixa. Até mesmo o adorador do aprendizado foi o primeiro a se transformar no adorador do rei. O Vaishya está dizendo: "Vocês, loucos, eu, o que vocês chamam de divindade refulgente e onipresente, estou aqui, em minhas mãos, o ouro sempre brilhante, o soberano todo-poderoso. Ó Brahmin! mesmo agora, eu comprarei através de sua graça toda sua sabedoria, aprendizado, orações e meditação E, ó grande rei, sua espada, armas, valor e destreza serão em breve empregadas, através da graça disto, meu! ouro, ao realizar meus objetivos desejados. Você vê aqueles moinhos elevados e extensos. Essas são minhas colméias. Você sabe para quem? Para mim, este eu, que no devido tempo espremerá cada gota para meu próprio uso e lucro."

Assim como durante a supremacia do Brâmane e do Kshatriya, há uma centralização do aprendizado e do avanço da civilização, o resultado da supremacia do Vaishya é o acúmulo de riqueza. O poder do Vaishya reside

na posse daquela moeda, cujo encanto cujo som tilintante exerce um fascínio irresistível nas mentes das quatro castas. O Vaishya está sempre com medo de que o Brâmane o despoje dessa sua única posse, e de que o Kshatriya a usurpe em virtude de sua força superior de armas. Para a autopreservação, os Vaishyas como corpo são, portanto, de uma só mente. O Vaishya comanda o dinheiro; o interesse exorbitante que ele pode exigir para seu uso por outros, como se fosse um chicote na mão, é sua arma poderosa que infunde terror no coração de todos. Pelo poder de seu dinheiro, ele está sempre ocupado restringindo o poder real. Para que o poder real não possa de forma alguma impedir o influxo de suas riquezas, o comerciante está sempre vigilante. Mas, apesar de tudo isso, ele nunca desejou que o poder passasse da classe real para a classe Shudra.

Para que país o comerciante não vai? Embora ignorante, ele exerce seu ofício e transplanta o aprendizado, a sabedoria, a arte e a ciência de um país para outro. A sabedoria, a civilização e as artes que se acumularam no coração do corpo social durante as supremacias Brahmin e Kshatriya estão sendo difundidas em todas as direções pelas artérias do comércio para os diferentes mercados dos Vaishya. Se não fosse o surgimento deste poder Vaishya, quem teria levado hoje a cultura, o aprendizado, as aquisições e os artigos de alimentação e luxo de um extremo do mundo ao outro?

E onde estão aqueles através de cujo trabalho físico somente é possível a influência do Brâmane, a destreza do Kshatriya, e a fortuna do Vaishya? Qual é a sua história, que, sendo o verdadeiro corpo da sociedade, é sempre designado em todos os países como “baseborn”? - para quem a bondosa Índia prescreveu punições brandas, "Cortar-lhe a língua, cortar-lhe a carne", e outros de natureza semelhante, por uma ofensa tão grave como qualquer tentativa da sua parte de obter uma parte do conhecimento e da sabedoria monopolizados por suas classes mais altas – aqueles “cadáveres em movimento” da Índia e as “bestas de carga” de outros países – os Shudras, qual é a sua sorte na vida? O que direi da Índia? Muito menos a sua classe Shudra, os seus brâmanes, a quem pertencia a aquisição do conhecimento das escrituras, são agora os professores estrangeiros, os seus Kshatriyas, os governantes ingleses, e os Vaishyas, também, os ingleses em cujos ossos e medula está o instinto do comércio, de modo que, apenas a condição de Shudra - a besta de carga - agora é deixada com os próprios índios.

Uma nuvem de escuridão impenetrável envolveu-nos presentemente a todos igualmente. Agora não há firmeza de propósito, nem ousadia de empreendimento, nem coragem de coração, nem força de espírito, nem aversão aos maus-tratos por parte dos outros, nem aversão à escravidão, nem amor no coração, nem esperança, nem masculinidade; mas o que temos na Índia é apenas uma inveja profundamente enraizada e uma forte antipatia uns pelos outros, um desejo mórbido de arruinar, por bem ou por mal, os fracos e de lambar como um cão os pés dos fortes. Agora, a maior satisfação consiste na exibição de riqueza e poder, a devoção na autogratificação, a sabedoria na acumulação de objetos transitórios, o Yoga em práticas diabólicas hediondas, o trabalho na escravidão de outros, a civilização na imitação vil de nações estrangeiras, a eloquência em o uso de linguagem abusiva, o mérito da literatura em lisonjas extravagantes aos ricos ou na difusão de obscenidades horróveis! O que dizer separadamente da classe Shudra distinta de tal terra, onde toda a população praticamente desceu ao nível dos Shudras? Os Shudras de outros países além da Índia tornaram-se, ao que parece, um pouco despertados; mas eles carecem de educação adequada e têm apenas o ódio mútuo dos homens de sua própria classe - uma característica comum aos Shudras. De que adianta se eles superaram em muito o número das outras classes? Essa unidade, pela qual dez homens reúnem a força de um milhão, ainda está longe do Shudra; portanto, de acordo com a lei da natureza, os Shudras invariavelmente formam a raça subjugada.

Mas há esperança. Com o passar do tempo, os brâmanes e as outras castas superiores também estão sendo rebaixados ao status inferior dos Shudras, e os Shudras estão sendo elevados a posições mais elevadas. A Europa, que já foi a terra dos Shudras escravizados por Roma, está agora repleta de valor Kshatriya. Mesmo diante dos nossos olhos, a poderosa China, com passos rápidos, está a descer para o estado de Shudra, enquanto o insignificante Japão, subindo com o lançamento súbito de um foguete, está a abandonar a sua natureza Shudra e a invadir gradualmente os direitos das castas superiores. . A chegada da Grécia e da Itália modernas à condição de Kshatriya e o declínio da Turquia, da Espanha e de outros países também merecem consideração aqui.

No entanto, chegará um tempo em que haverá o surgimento da classe Shudra, com sua condição de Shudra; isto é, não como atualmente, quando os Shudras estão se tornando grandes ao adquirir as qualidades características do Vaishya ou do Kshatriya, mas chegará um tempo em que os Shudras de cada país, com sua natureza e hábitos inatos de Shudra - não tornando-se em essência Vaishya ou Kshatriya, mas permanecendo como Shudras – ganhará supremacia absoluta em todas as sociedades. O primeiro brilho da aurora deste novo poder já começou a irromper lentamente sobre o mundo ocidental, e os pensadores estão perdendo o juízo para refletir sobre a questão final deste novo fenómeno. Socialismo, Anarquismo, Niilismo, [27] e outras seitas semelhantes são a vanguarda da revolução social que se seguirá. Como resultado da pressão opressora e da tirania, desde tempos imemoriais, os Shudras, via de regra, ou são mesquinamente senis, lambendo como os cães os pés da classe mais alta, ou então são tão desumanos quanto bestas brutas. Mais uma vez, as suas esperanças e aspirações são sempre frustradas; portanto, eles não têm firmeza de propósito e perseverança na ação.

Apesar da difusão da educação no Ocidente, existe um grande obstáculo ao surgimento da classe Shudra, que é o reconhecimento da casta como determinada pela inerência de qualidades mais ou menos boas ou más. Por esse sistema de castas muito qualitativo que prevaleceu na Índia nos tempos antigos, a classe Shudra foi mantida sob controle, com mãos e pés amarrados. Em primeiro lugar, quase nenhuma oportunidade foi dada ao Shudra para acumular riqueza ou obter conhecimento e educação adequados; para aumentar essa desvantagem, se alguma vez um homem de características e gênio extraordinários nascesse na classe Shudra, os setores mais elevados e influentes da sociedade imediatamente derramariam honras titulares sobre ele e o elevariam ao seu próprio círculo. Sua riqueza e o poder de sua sabedoria foram empregados em benefício de uma casta estranha – e seu próprio povo de casta não colheu nenhum benefício de suas realizações; e não apenas isso, as pessoas imprestáveis, a escória e o lixo das castas superiores, foram rejeitados e jogados na classe Shudra para aumentar seu número. Vasishta, Nârada, Satyakâma Jâbâla, Vyâsa, Kripa, Drona, Karna e outros de ascendência questionável [28] foram elevados à posição de brâmane ou kshatriya, em virtude de seu conhecimento ou valor superior; mas resta saber como a classe das prostitutas, das criadas, dos

pescadores ou dos cocheiros [29] foi beneficiada por essas elevações. Novamente, por outro lado, os caídos da classe Brahmin, Kshatriya ou Vaishya sempre foram derrubados para preencher as fileiras dos Shudras.

Na Índia moderna, ninguém nascido de pais Shudra, seja ele um milionário ou um grande Pandit, tem alguma vez o direito de deixar a sua própria sociedade, com o resultado de que o poder da sua riqueza, intelecto ou sabedoria, permanecendo confinado dentro da sua própria sociedade. limites de casta, está sendo empregado para a melhoria de sua própria comunidade. Este sistema hereditário de castas da Índia, sendo portanto incapaz de ultrapassar os seus próprios limites, está lenta mas seguramente a conduzir ao avanço das pessoas que se movem dentro do mesmo círculo. A melhoria das classes mais baixas da Índia continuará, desta forma, enquanto a Índia estiver sob um governo que lida com os seus súbditos, independentemente da sua casta e posição.

Quer a liderança da sociedade esteja nas mãos daqueles que monopolizam a aprendizagem ou exercem o poder das riquezas ou das armas, a fonte do seu poder são sempre as massas subjugadas. Na medida em que a classe no poder se separa desta fonte, na mesma medida é certo que se tornará fraca. Mas tal é a estranha ironia do destino, tal é o estranho trabalho de Mâyâ, que aqueles de quem este poder é extraído direta ou indiretamente, por meios justos ou ilícitos - por engano, estratégia, força ou por doação voluntária - logo cessam a ser levado em conta pela classe dirigente. Quando, com o passar do tempo, o poder sacerdotal se alienou totalmente das massas subjugadas, o verdadeiro dínamo do seu poder, foi derrubado pelo então poder real, que se posicionou na força do povo subjugado; mais uma vez, o poder real, julgando-se perfeitamente independente, criou um abismo entre ele e o povo subjugado, apenas para ser destruído ou se tornar um mero fantoche nas mãos dos Vaishyas, que agora conseguiram assegurar uma comunidade relativamente maior. -operação da massa popular. Os Vaishyas agora alcançaram o seu fim; então eles não se dignam mais a contar com a ajuda dos sujeitos e estão fazendo o possível para dissociar-se deles; conseqüentemente, aqui está também a ser semeada a semente da destruição deste poder.

Embora sejam elas próprias o reservatório de todos os poderes, as massas subjugadas, criando uma distância eterna entre si, foram privadas de todos os seus direitos legítimos; e assim permanecerão enquanto este tipo de relação continuar.

Um perigo comum, ou por vezes uma causa comum de ódio ou amor, é o vínculo que une as pessoas. Pela mesma lei que reúne animais de rapina, os homens também se unem em um corpo e formam uma casta ou nação própria. Amor zeloso pelo próprio povo e pelo próprio país, manifestando-se num ódio amargo contra o outro - como da Grécia contra a Pérsia, ou de Roma contra Cartago, dos árabes contra os Kafir, da Espanha contra os mouros, da França contra a Espanha, da Inglaterra e da Alemanha contra a França, e da América contra a Inglaterra - é sem dúvida uma das principais causas que levam ao avanço de uma nação sobre outra, através da união em hostilidades contra outra.

O amor próprio é o primeiro professor de auto-renúncia. Para a preservação do interesse individual, apenas se olha primeiro para o bem-estar do todo. O interesse da própria nação é o interesse próprio; no bem-estar da própria nação está o próprio bem-estar. Sem a cooperação de muitos, a maioria das palavras não pode de forma alguma continuar – até mesmo a autodefesa torna-se uma impossibilidade. A união de mãos amigas em ajuda mútua para a protecção deste interesse próprio é vista em todas as nações e em todos os países. É claro que a circunferência desse interesse próprio varia de pessoa para pessoa. Multiplicar-se e ter a oportunidade de de alguma forma arrastar uma existência precária e, acima de tudo, a condição de que as atividades religiosas das castas superiores não sofram de forma alguma, é do maior ganho e interesse para os indianos! Para a Índia moderna, não há melhor esperança concebível; este é o último degrau da escada da vida da Índia!

O atual governo da Índia tem certos males que o acompanham, e também há algumas partes muito boas e importantes. O maior bem é que desde a queda do Império Pâtaliputra até agora, a Índia nunca esteve sob a orientação de uma máquina de governo tão poderosa como a britânica, empunhando o cetro em toda a extensão do país. E sob esta supremacia Vaishya, graças ao árduo empreendimento natural dos Vaishya, à medida

que os objetos de comércio são trazidos de um extremo a outro do mundo, ao mesmo tempo, conforme sua sequência natural, as idéias e pensamentos de diferentes países estão a forçar a sua entrada nos ossos e na medula da Índia. Destas ideias e pensamentos, alguns são realmente mais benéficos para ela, alguns são prejudiciais, enquanto outros revelam a ignorância e a incapacidade dos estrangeiros em determinar o que é verdadeiramente bom para os habitantes deste país.

Mas, atravessando a massa de qualquer bem ou mal que possa existir, vê-se erguer-se o emblema seguro da prosperidade futura da Índia - que, como resultado da acção e reacção entre os seus antigos ideais nacionais, por um lado, e os estranhos e recentemente introduzidos por outro, ela está despertando lenta e suavemente de seu longo sono profundo. Erros que ela cometerá, deixe-a: não há mal nenhum nisso; em todas as nossas ações, erros e enganos são nossos únicos professores. Quem comete erros, o caminho da verdade só é alcançável por ele. As árvores nunca erram, nem as pedras erram; Dificilmente se vê os animais transgredindo as leis fixas da natureza; mas o homem é propenso a errar, e é o homem quem se torna Deus na terra. Se todos os nossos movimentos, desde o berçário até o leito de morte, se todos os nossos pensamentos, desde o nascer do dia até a aposentadoria à meia-noite, forem prescritos e estabelecidos para nós nos mínimos detalhes por outros - e se a ameaça da espada do rei for trazidos à requisição para nos manter dentro do domínio férreo dessas regras prescritas - então, o que nos resta para pensarmos independentemente por nós mesmos? O que faz de um homem um gênio, um sábio? Não é porque ele pensa, raciocina, quer? Sem exercício, o poder do pensamento profundo se perde. Tamas prevalece, a mente fica embotada e inerte, o espírito é reduzido ao nível da matéria. No entanto, mesmo agora, cada pregador religioso, cada líder social está ansioso por elaborar novas leis e regulamentos para a orientação da sociedade! O país carece de regras? Não é suficiente? Sob a opressão das regras, toda a nação está à beira da ruína – quem pára para compreender isto?

No caso de uma monarquia absoluta e arbitrária, a raça conquistada não é tratada com tanto desprezo pelo poder dominante. Sob um governo tão absoluto, os direitos de todos os súditos são iguais, por outras palavras, ninguém tem o direito de questionar ou controlar a autoridade governante.

Portanto, resta muito pouco espaço para privilégios especiais de casta e similares. Mas onde a monarquia é controlada pela voz da raça dominante, ou onde uma forma republicana de governo governa a raça conquistada, cria-se uma grande distância entre os governantes e os governados; e a maior parte desse poder, que, se empregado exclusivamente para o bem-estar das classes dominadas, poderia ter-lhes feito um imenso bem em pouco tempo, é desperdiçado pelo governo nas suas tentativas e aplicações para manter a raça subjugada. sob seu total controle. Sob o Imperador Romano, os súbditos estrangeiros eram, por esta mesma razão, mais felizes do que sob a República de Roma. Por esta mesma razão, São Paulo, o apóstolo cristão, embora nascido da raça judaica conquistada, obteve permissão para apelar ao imperador romano, César, para julgar as acusações feitas contra ele (Atos, xxv. 11.). Como algum inglês individual pode nos chamar de “nativos” ou “riggers” e nos odiar como selvagens incivilizados, não ganhamos nem perdemos com isso. Nós, devido às distinções de castas, temos entre nós sentimentos muito mais fortes de ódio e desprezo uns pelos outros; e quem pode dizer que os brâmanes, se conseguirem algum rei Kshatriya tolo e não iluminado ao seu lado, não tentarão graciosamente novamente "cortar as línguas dos Shudras e cortar seus membros"? Que recentemente, em Aryavarta Oriental, as diferentes castas parecem desenvolver um sentimento de simpatia unida entre si, com vista a melhorar a sua actual condição social - que no país Mahratta, os Brâmanes começaram a cantar hinos em louvor ao "Marâthâ "raça - estas, as castas inferiores ainda não podem acreditar que sejam o resultado de puro desinteresse.

Mas gradualmente está a formar-se nas mentes do público inglês a ideia de que o desaparecimento do Império Indiano do seu domínio terminará num perigo iminente para a nação inglesa e será a sua ruína. Assim, por qualquer meio, a supremacia da Inglaterra deve ser mantida na Índia. A maneira de conseguir isso, pensam eles, é manter em primeiro lugar no coração de cada indiano o poderoso prestígio e glória da nação britânica. Dá origem a risos e lágrimas simultaneamente observar como este sentimento ridículo e lamentável está a ganhar terreno entre os ingleses, e como eles estão a alargar constantemente o seu *modus operandi* para a concretização deste sentimento. Parece que os ingleses residentes na Índia estão a esquecer-se disso, enquanto a coragem, a perseverança e a intensa unidade nacional de

objectivos, através das quais os ingleses conquistaram este Império Indiano - e aquele génio comercial sempre desperto, auxiliado pela ciência. que transformou até a Índia, a mãe de todas as riquezas, no principal mercado da Inglaterra - enquanto estas características não forem eliminadas da sua vida nacional, o seu trono na Índia será inabalável. Enquanto estas qualidades forem inerentes ao carácter britânico, mesmo que milhares desses impérios indianos sejam perdidos, milhares serão reconquistados. Mas se o fluxo desses qualificadores for retardado, um Império será governado pelo mero emblema do prestígio e da glória britânicos? Portanto, quando tais traços notáveis de carácter ainda predominam na nação inglesa, é totalmente inútil gastar tanta energia e poder na mera preservação de um “prestígio” sem sentido. Se esse poder fosse empregado para o bem-estar do povo subjugado, isso certamente teria sido um grande ganho tanto para as raças dominantes como para as raças governadas.

Já foi dito antes que a Índia está lentamente a despertar através da sua fricção com as nações externas; e como resultado deste pequeno despertar está o aparecimento, até certo ponto, de um pensamento livre e independente na Índia moderna. De um lado está a ciência ocidental moderna, deslumbrando os olhos com o brilho de uma miríade de sóis e conduzindo na carruagem de fatos concretos e rápidos coletados pela aplicação de poderes tangíveis diretos em sua incisão; do outro, estão as tradições esperançosas e fortalecedoras de sua ciência. antigos antepassados, nos dias em que ela estava no auge de sua glória - tradições que foram trazidas das páginas de sua história pelos grandes sábios de sua própria terra e de fora dela, que correm por incontáveis anos e séculos em todas as suas veias com a aceleração da vida extraída do amor universal - tradições que revelam valor insuperável, gênio sobre-humano e espiritualidade suprema, que são a inveja dos deuses - estes inspiram-na com esperanças futuras. Por um lado, o materialismo grosseiro, a plenitude da fortuna, a acumulação de poder gigantesco e as intensas buscas dos sentidos causaram, através da literatura estrangeira, um tremendo rebuliço; por outro lado, em meio ao barulho confuso de todos esses sons discordantes, ela ouve, em sotaque baixo, mas inconfundível, os gritos dilacerantes de seus antigos deuses, cortando-a profundamente. Estão diante dela vários luxos estranhos introduzidos pelo Ocidente - bebidas celestiais, comida cara e bem servida, roupas esplêndidas, palácios magníficos, novos modos de transporte, novos costumes, novas modas vestidas com as quais circula a garota bem-educada em liberdade desavergonhada. – tudo isso está despertando desejos não sentidos. Novamente a cena muda, e em seu lugar aparecem, com presença severa, Sitâ, Sâvitri, votos religiosos austeros, jejuns, o retiro na floresta, as madeixas emaranhadas e a vestimenta laranja do Sannyasin seminu, Samâdhi e a busca pelo Ser. . De um lado está a independência das sociedades ocidentais baseada no interesse próprio; por outro lado, está o extremo auto-sacrifício da sociedade ariana. Neste conflito violento, é estranho que a sociedade indiana seja atirada para cima e para baixo? Do Ocidente, o objetivo é a independência individual, a língua, a educação para ganhar dinheiro, os meios políticos; da Índia, o objetivo é Mukti, a linguagem do Veda, o meio de renúncia. Por um tempo, a Índia moderna pensa, por assim dizer, que estou arruinando esta minha vida mundana na vã expectativa de um bem-estar espiritual incerto no futuro, que espalhou seu fascínio sobre alguém; e novamente, eis! fascinada

ela escuta — इति संसारे स्फुटतरयोषः कथमिह मानव तव सन्तोषः — "Aqui, neste mundo de morte e mudança, ó homem, onde está a tua felicidade?"

Por um lado, a nova Índia está dizendo: "Deveríamos ter plena liberdade na escolha de marido e mulher; porque no casamento, no qual estão envolvidas a felicidade e a miséria de toda a nossa vida futura, devemos ter o direito de determinar de acordo com por nossa livre vontade." Por outro lado, a velha Índia está ditando: "O casamento não é para o gozo dos sentidos, mas para perpetuar a raça. Esta é a concepção indiana de casamento. Ao produzir filhos, você está contribuindo e é responsável pelo futuro. o bem ou o mal da sociedade. Portanto, a sociedade tem o direito de ditar com quem você deve se casar e com quem não deve. A forma de casamento que mais conduz ao seu bem-estar prevalece na sociedade; para o bem de muitos."

Por um lado, a nova Índia diz: "Se apenas adoptarmos as ideias ocidentais, a língua ocidental, a comida ocidental, o vestuário ocidental e os costumes ocidentais, seremos tão fortes e poderosos como as nações ocidentais"; por outro, a velha Índia está dizendo: "Tolos! Por imitação, as idéias dos outros nunca se tornam suas; nada, a menos que seja ganho, é seu. Será que o asno na pele do leão se torna o leão?"

Por um lado, a nova Índia está a salvar: "O que as nações ocidentais fazem é certamente bom, caso contrário, como é que se tornaram tão grandes?" Do outro lado, a velha Índia está dizendo: "O relâmpago é intensamente brilhante, mas apenas por um momento; cuidado, rapazes, está ofuscando seus olhos. Cuidado!"

Não teremos então que aprender alguma coisa com o Ocidente? Não devemos tentar e esforçar-nos por coisas melhores? Somos perfeitos? Nossa sociedade é totalmente imaculada, sem qualquer falha. Há muitas coisas para aprender, ele deve lutar por coisas novas e superiores até morrermos – a luta é o fim da vida humana. Shri Ramakrishna costumava dizer: "Enquanto eu viver, aprenderei". Aquele homem ou aquela sociedade que não tem nada a aprender já está nas garras da morte. Sim, devemos aprender muitas coisas com o Ocidente: mas também há receios.

Um certo jovem de pouca compreensão sempre culpava os Shâstras hindus diante de Shri Rama Krishna. Um dia ele elogiou o Bhagavad-Gita, no qual

Shri Ramakrishna disse: “Acho que algum pandit europeu elogiou o Gita, e então ele também fez o mesmo”.

Ó Índia, este é o seu terrível perigo. O encanto da imitação do Ocidente está se apoderando de tal forma de vocês que o que é bom ou o que é ruim não é mais decidido pela razão, pelo julgamento, pela discriminação ou pela referência aos Shastras. Quaisquer que sejam as ideias, quaisquer que sejam os modos que os homens brancos elogiem ou gostem, são bons; quaisquer coisas que eles não gostem ou censurem são ruins. Infelizmente! o que pode ser uma prova mais tangível de tolice do que esta?

As senhoras ocidentais circulam livremente por toda parte, portanto isso é bom; elas escolhem para si seus maridos, portanto esse é o degrau mais elevado de progresso; os ocidentais desaprovam o nosso vestuário, as nossas decorações, a nossa comida e o nosso modo de vida, portanto devem ser muito maus; os ocidentais condenam a adoração de imagens como pecaminosa, então certamente a adoração de imagens é o maior pecado, não há dúvida disso!

Os ocidentais dizem que adorar uma única Deidade é frutífero para o bem espiritual mais elevado, portanto, joguemos nossos deuses e deusas no rio Ganga! Os ocidentais consideram as distinções de castas desagradáveis, portanto, deixem todas as diferentes castas serem misturadas numa só! Os ocidentais dizem que o casamento infantil é a raiz de todos os males, portanto isso também é muito mau, com certeza é!

Não estamos discutindo aqui se esses costumes merecem continuidade ou rejeição; mas se a mera desaprovação dos ocidentais é a medida da abominabilidade dos nossos costumes e costumes, então é nosso dever levantar o nosso protesto enfático contra ela.

O presente escritor tem, até certo ponto, experiência pessoal da sociedade ocidental. A sua convicção resultante de tal experiência tem sido a de que existe uma divergência tão grande entre a sociedade ocidental e a indiana no que diz respeito ao curso e objectivo primário de cada uma, que qualquer seita na Índia, enquadrada segundo o modelo ocidental, perderá o objectivo. Não temos a menor simpatia por aqueles que, nunca deixando de viver na sociedade ocidental e, portanto, ignoram totalmente as regras e proibições

relativas à associação de homens e mulheres que aí existem, e que funcionam como salvaguardas para preservar a pureza da sociedade ocidental. mulheres, permitam liberdade à mistura irrestrita de homens e mulheres na nossa sociedade.

Tenho observado também no Ocidente que os filhos das nações mais fracas, se nascidos em Inglaterra, apresentam-se como ingleses, em vez de gregos, portugueses, espanhóis, etc., conforme o caso. Todos se dirigem para os fortes. Que a luz da glória que brilha no glorioso possa de qualquer maneira cair e refletir sobre o próprio corpo, isto é, brilhar na luz emprestada dos grandes, é o único desejo dos fracos. Quando vejo indianos vestidos com trajes e trajes europeus, o pensamento me vem à mente: talvez eles sintam vergonha de reconhecer sua nacionalidade e parentesco com o povo ignorante, pobre, analfabeto e oprimido da Índia! Alimentado pelo sangue hindu durante os últimos quatorze séculos, o parsi não é mais um “nativo”! Diante da arrogância dos sem casta, que fingem ser e se glorificam por serem brâmanes, a verdadeira nobreza do velho, heróico e de alta classe brâmane se desfaz no nada! Mais uma vez, os ocidentais ensinaram-nos agora que aqueles milhões estúpidos, ignorantes e de casta inferior da Índia, vestidos apenas com tangas, não são arianos. Portanto, eles não são mais nossos amigos e parentes!

Ó Índia! Com este mero eco dos outros, com esta imitação vil dos outros, com esta dependência dos outros, esta fraqueza servil, esta crueldade vil e detestável - você, apenas com estas disposições, escalaria o mais alto pináculo da civilização e da grandeza? Você alcançaria, por meio de sua vergonhosa covardia, aquela liberdade merecida apenas pelos bravos e heróicos? Ó Índia! Não esqueça que o ideal da sua feminilidade é Sita, Savitri, Dama yanti; não esqueça que o Deus que você adora é o grande Asceta dos ascetas, o Shankara que renuncia a tudo, o Senhor de Umâ; não se esqueça de que seu casamento, sua riqueza, sua vida não são para o prazer dos sentidos, não são para a sua felicidade pessoal individual; não esqueça que você nasceu como um sacrifício ao altar da Mãe; não esqueça que a tua ordem social é apenas o reflexo da Maternidade Universal Infinita; não esqueças que as classes mais baixas, os ignorantes, os pobres, os analfabetos, o sapateiro, o varredor, são tua carne e sangue, teus irmãos. Você, corajoso, seja ousado, tenha coragem, tenha orgulho de ser um índio e

proclame com orgulho: “Eu sou um índio, todo índio é meu irmão”. Diga: “O índio ignorante, o índio pobre e indigente, o índio brâmane, o índio pária, é meu irmão”. Tu também, vestido apenas com um trapo em volta dos lombos, proclama orgulhosamente a plenos pulmões: "O índio é meu irmão, o índio é minha vida, os deuses e deusas da Índia são meu Deus. A sociedade da Índia é o berço da minha infância. , o jardim de prazeres da minha juventude, o paraíso sagrado, a Varanasi da minha velhice." Diga, irmão: “O solo da Índia é meu céu mais elevado, o bem da Índia é meu bem”, e repita e ore dia e noite: “Ó Tu Senhor de Gauri, ó Tu Mãe do Universo, conceda-me masculinidade! Ó Tu, Mãe da Força, tira minha fraqueza, tira minha falta de masculinidade e faz de mim um Homem!"

4.5.6 A EDUCAÇÃO QUE A ÍNDIA PRECISA

(Escrito para Shrimati Saralâ Ghosal, BA, Editor, Bhârati, de Darjeeling, 24 de abril de 1897. (Traduzido do bengali.)

Em resposta às suas perguntas sobre os métodos de trabalho, a coisa mais importante que tenho a dizer é que o trabalho deve ser iniciado numa escala que seja proporcional aos resultados desejados. Ouvi muito sobre sua mente liberal, patriotismo e perseverança constante da minha amiga Srta. Müller; e a prova da sua erudição é evidente. Considero uma grande sorte que você esteja desejoso de saber o pouco que esta vida insignificante foi capaz de tentar; Vou declarar isso para você aqui, na medida do possível. Mas primeiro colocarei diante de vocês minhas convicções maduras para sua deliberação.

Fomos escravos desde sempre, ou seja, nunca foi dado às massas da Índia expressar a luz interior que é a sua herança. O Ocidente tem avançado rapidamente em direção à liberdade nos últimos séculos. Na Índia, era o rei quem prescrevia tudo, desde o Kulinismo até o que se deveria comer e o que não se deveria comer. Nos países ocidentais, as pessoas fazem tudo sozinhas.

O rei agora não tem nada a dizer sobre qualquer assunto social; por outro lado, o povo indiano ainda não tem a menor fé em si mesmo, o que dizer da

autossuficiência. A fé no próprio Ser, que é a base do Vedânta, ainda não foi nem um pouco levada à prática. É por esta razão que o método ocidental - isto é, em primeiro lugar, a discussão sobre o fim desejado, depois a sua realização pela combinação de todas as forças - é inútil mesmo agora neste país: é para isso razão pela qual parecemos tão conservadores sob domínio estrangeiro. Se isto for verdade, então é uma tentativa vã de realizar qualquer grande trabalho por meio de discussão pública. “Não há chance de dor de cabeça onde não há cabeça” – onde está o público? Além disso, estamos tão desprovidos de forças que toda a nossa energia se esgota se nos comprometemos a discutir qualquer coisa, não sobra nada para trabalhar. É por esta razão, suponho, que observamos quase sempre em Bengala: “Muito choro, mas pouca lã”. Em segundo lugar, como já escrevi antes, não espero nada dos ricos da Índia. É melhor trabalhar entre os jovens em quem reside a nossa esperança – com paciência, firmeza e sem barulho.

Agora sobre o trabalho. Desde o dia em que a educação, a cultura etc. começaram a se espalhar gradualmente dos patrícios para os plebeus, cresceu a distinção entre a civilização moderna, como a dos países ocidentais, e a civilização antiga, como a da Índia, Egito, Roma, etc. , uma nação avança na proporção em que a educação e a inteligência se espalham entre as massas. A principal causa da ruína da Índia foi a monopolização de toda a educação e inteligência do país, à força do orgulho e da autoridade real, entre um punhado de homens. Se quisermos nos erguer novamente, teremos que fazê-lo da mesma maneira, ou seja, difundindo a educação entre as massas. Há meio século que se tem feito grande alarido sobre a reforma social. Viajando por vários lugares da Índia nestes últimos dez anos, observei o país repleto de associações de reforma social. Mas não encontrei uma associação para eles, sugando cujo sangue as pessoas conhecidas como “cavalheiros” se tornaram e continuam a ser cavalheiros! Quantos cipaios foram trazidos pelos muçulmanos? Quantos ingleses existem? Onde, exceto na Índia, podem existir milhões de homens que cortarão a garganta de seus próprios pais e irmãos por seis rúpias? Sessenta milhões de muçulmanos em setecentos anos de domínio muçulmano, e dois milhões de cristãos em cem anos de domínio cristão – o que torna isto assim? Por que a originalidade abandonou totalmente o país? Porque é que os nossos artesãos hábeis se extinguem diariamente, incapazes de competir

com os europeus? Com que poder novamente o trabalhador alemão conseguiu abalar a base sólida de muitos séculos do trabalhador inglês?

Educação, educação, educação só! Viajando por muitas cidades da Europa e observando nelas o conforto e a educação até mesmo das pessoas pobres, me veio à mente a situação de nosso próprio povo pobre, e eu costumava derramar lágrimas. O que fez a diferença? Educação foi a resposta que recebi. Através da educação vem a fé no próprio Ser, e através da fé no próprio Ser o Brahman inerente está despertando neles, enquanto o Brahman em nós está gradualmente se tornando adormecido. Em Nova York, eu costumava observar os colonos irlandeses chegando - oprimidos, com aparência abatida, desprovidos de todos os bens em casa, sem um tostão e com cabeça dura - com seus únicos pertences, uma vara e um monte de trapos pendurados na ponta. , medo em seus passos, alarme em seus olhos. Um espetáculo diferente em seis meses – o homem anda ereto, sua roupa é trocada! Em seus olhos e passos não há mais sinal de susto. Qual é a causa? Nosso Vedanta diz que aquele irlandês foi mantido cercado de desprezo em seu próprio país – toda a natureza lhe dizia em uma só voz: “Pat, você não tem mais esperança, você nasceu escravo e assim permanecerá”. Tendo sido assim informado desde o seu nascimento, Pat acreditou nisso e hipnotizou-se de que estava muito deprimido, e o Brahman nele se encolheu. Assim que ele desembarcou na América, ouviu o grito vindo de todos os lados: "Pat, você é um homem como nós. É o homem que fez tudo, um homem como você e eu podemos fazer tudo: tenha coragem !" Pat levantou a cabeça e viu que era assim, o Brahman interior acordou. A própria natureza falou, por assim dizer: "Levante-se, desperte e não pare até que a meta seja alcançada" (Katha Upanishad, I. ii. 4.)

Da mesma forma a educação que os nossos meninos recebem é muito negativa. O estudante não aprende nada, mas tem tudo destruído – a falta de Shraddhâ é o resultado. O Shraddha que é a tônica do Veda e do Vedanta – o Shraddha que encorajou Nachiketâ a enfrentar Yama e questioná-lo, através do qual Shraddha este mundo move a aniquilação daquele Shraddha! अज्ञश्चाश्वदुधानश्च संशयात्मा विनश्यति — "O ignorante, o homem desprovido de Shraddha, o eu que duvida corre para a ruína." Portanto, estamos tão perto da destruição. O remédio agora é a difusão da educação. Em primeiro lugar,

Autoconhecimento. Não quero dizer com isso cabelos emaranhados, cajado, Kamandalu e cavernas nas montanhas que a palavra sugere. O que quero dizer então? Não pode o conhecimento, pelo qual é alcançada até mesmo a liberdade da escravidão da existência mundana, trazer prosperidade material comum? Certamente pode. Liberdade, desapego, renúncia, todos esses são os ideais mais elevados, mas स्वल्पमप्यस्य धर्मस्य त्रायते महतो भयात् - "Mesmo um pouco deste Dharma salva alguém do grande medo (de nascimento e morte)." Os dualistas, os monistas qualificados, os monistas, os Shaiva, os Vaishnavas, os Shâkta, até os budistas, os jainistas e outros – sejam quais forem as seitas que tenham surgido na Índia – estão todos de acordo neste aspecto: o poder infinito está latente neste Jivatman (alma individualizada); da formiga ao homem perfeito existe o mesmo Âtman em todos, sendo a diferença apenas na manifestação. “Como um agricultor quebra os obstáculos (ao curso da água)” (Yoga-Sutra de Patanjali, Kaivalsapâda, 3). Esse poder se manifesta assim que surge a oportunidade, o lugar e a hora certos. Do deus mais elevado à grama mais cruel, o mesmo poder está presente em todos – manifestado ou não. Teremos que invocar esse poder indo de porta em porta.

Em segundo lugar, junto com isso, a educação deve ser transmitida. É fácil dizer isso, mas como colocá-lo em prática? Existem milhares de homens altruístas e de bom coração em nosso país que renunciaram a tudo. Da mesma forma que viajam e dão instruções religiosas sem qualquer remuneração, pelo menos metade deles pode ser formada como professores ou portadores da educação que mais necessitamos. Para isso, queremos antes de mais um centro na capital de cada Presidência, de onde se espalhe lentamente por toda a Índia. Dois centros foram recentemente inaugurados em Madras e Calcutá; há esperança de mais em breve. Então, a maior parte da educação aos pobres deveria ser dada oralmente, pois ainda não chegou o tempo para as escolas. Gradualmente, nestes centros principais serão ensinados agricultura, indústria, etc., e oficinas serão estabelecidas para o avanço das artes. Para vender os fabricantes dessas oficinas na Europa e na América, serão criadas associações como as já existentes. Será necessário criar centros para mulheres, exactamente como os para homens. Mas você está ciente de como isso é difícil neste país. Novamente, “A cobra que morde deve tirar seu próprio veneno” – e isso vai acontecer é minha firme convicção; o dinheiro necessário para estas obras teria que vir do Ocidente.

E por essa razão, a nossa religião deveria ser pregada na Europa e na América. A ciência moderna minou a base de religiões como o Cristianismo. Além disso, o luxo está prestes a matar o próprio instinto religioso. A Europa e a América olham agora para a Índia com esperanças: este é o momento da filantropia, este é o momento de ocupar as fortalezas hostis.

No Ocidente, as mulheres governam; toda influência e poder são deles. Se mulheres ousadas e talentosas como você, versadas em Vedanta, forem à Inglaterra para pregar, tenho certeza de que todos os anos centenas de homens e mulheres serão abençoados ao adotarem a religião da terra de Bharata. A única mulher que veio do nosso país foi Ramâbâi; seu conhecimento do inglês, da ciência e da arte ocidentais era limitado; ainda assim ela surpreendeu a todos. Se alguém como você for, a Inglaterra ficará agitada, o que falar da América! Se uma mulher indiana vestida de indiano pregar ali a religião que saiu dos lábios dos Rishis da Índia – tenho uma visão profética – surgirá uma grande onda que inundará todo o mundo ocidental. Não haverá mulheres na terra de Maitreyi, Khanâ, Lilâvati, Sâvitri e Ubhayabhârati que se aventurem a fazer isso? O Senhor sabe. A Inglaterra conquistaremos, a Inglaterra possuiremos, através do poder da espiritualidade. नान्यः पन्था विद्यतेऽयनाय — "Não há outra forma de salvação." Poderá a salvação vir através da realização de reuniões e sociedades? Nossos conquistadores devem se tornar Devas pelo poder de nossa espiritualidade. Sou um humilde mendicante, um monge itinerante; Estou indefeso e sozinho. O que posso fazer? Você tem o poder da riqueza, do intelecto e da educação; você vai abrir mão desta oportunidade? Conquista da Inglaterra, Europa e América - este deveria ser o nosso Mantra supremo no momento, nele reside o bem-estar do país. A expansão é sinal de vida e devemos espalhar pelo mundo os nossos ideais espirituais. Infelizmente! esta estrutura é pobre, além disso, do físico de um bengali; mesmo sob este trabalho uma doença fatal o atacou, mas há esperança:

उत्पत्स्यतेऽस्ति मम कोपि समानधर्मा ।
कालो ह्ययं निखधिविपुला च पृथ्वी ॥

— “Uma alma gêmea nasce ou nascerá do tempo ilimitado e da terra populosa para realizar o trabalho” (Bhavabhuti).

Sobre a dieta vegetariana devo dizer isto: primeiro, meu Mestre era vegetariano; mas se lhe fosse oferecida carne oferecida à Deusa, ele costumava segurá-la contra a cabeça. Tirar a vida é sem dúvida pecaminoso; mas enquanto os alimentos vegetais não se tornarem adequados ao sistema humano através do progresso na química, não haverá outra alternativa senão o consumo de carne. Enquanto o homem tiver que viver uma vida Râjasika (ativa) sob circunstâncias como as atuais, não há outro caminho exceto através do consumo de carne. É verdade que o Imperador Asoka salvou a vida de milhões de animais pela ameaça da espada; mas não é a escravidão de mil anos mais terrível do que isso? Tirar a vida de algumas cabras em oposição à incapacidade de proteger a honra da própria esposa e filha, e de poupar os pedaços para os filhos do roubo - qual destes é mais pecaminoso? Em vez disso, que aqueles que pertencem aos dez primeiros, que não ganham a vida através do trabalho manual, não comam carne; mas impor o vegetarianismo àqueles que têm de ganhar o pão trabalhando dia e noite é uma das causas da perda da nossa liberdade nacional. O Japão é um exemplo do que uma comida boa e nutritiva pode fazer.

Que o Todo-Poderoso Vishveshvari inspire seu coração!

4.5.7 NOSSOS PROBLEMAS SOCIAIS ATUAIS

(Traduzido de uma carta bengali escrita para Shrimati Mrinalini Bose de Deoghar (Vaidyanâth), em 23 de dezembro de 1898.)

स ईशोऽनिर्वचनीयग्रेमस्वरूपः — "O Senhor cuja natureza é um amor indescritível." Que esta característica de Deus mencionada por Nârada seja manifesta e admitida por todos os lados é a firme convicção da minha vida. O agregado de muitos indivíduos é chamado Samashti (o todo), e cada indivíduo é chamado Vyashti (uma parte). Você e eu – cada um é Vyashti, a sociedade é Samashti. Você, eu, um animal, um pássaro, um verme, um inseto, uma árvore, uma trepadeira, a terra, um planeta, uma estrela - cada um é Vyashti, enquanto este universo é Samashti, que é chamado Virât, Hiranyagarbha ou Ishvara no Vedânta, e Brahmâ, Vishnu, Devi, etc., nos Purânas. Se Vyashti tem ou não liberdade individual, e se tiver, qual deveria ser a sua medida, se Vyashti deveria ou não sacrificar completamente a sua própria vontade, a sua própria felicidade por Samashti – são os problemas perenes que enfrentam cada sociedade. A sociedade em todo o mundo está ocupada em encontrar a solução para estes problemas. Estas, tal como as grandes ondas, estão a agitar a sociedade ocidental moderna. A doutrina que exige o sacrifício da liberdade individual à supremacia social é chamada de socialismo, enquanto aquela que defende a causa do indivíduo é chamada de individualismo.

A nossa pátria é um exemplo brilhante dos resultados e consequências da eterna sujeição do indivíduo à sociedade e do auto-sacrifício forçado por força da instituição e da disciplina. Neste país os homens nascem de acordo com as injunções Shâstricas, comem e bebem de acordo com regras prescritas ao longo da vida, passam pelo casamento e por funções afins da mesma maneira; em suma, eles até morrem de acordo com as injunções Shastricas. A dura disciplina, com exceção de um grande ponto positivo, está repleta de males. O ponto positivo é que os homens podem fazer bem uma ou duas coisas com muito pouco esforço, tendo-as praticado todos os dias através de gerações. O delicioso arroz e curry que um cozinheiro deste país prepara com a ajuda de três torrões de terra e alguns gravetos não pode ser encontrado em nenhum outro lugar. Com o simples mecanismo de um tear antediluviano, que vale uma rúpia, e os pés colocados numa cova, é possível fazer kincobs que valem vinte rúpias por metro, só neste país. Uma esteira rasgada, uma lamparina de barro e aquela alimentada com óleo de rícino – com a ajuda de materiais como estes, sábios maravilhosos são produzidos somente neste país. Um apego tolerante a uma esposa feia e

deformada e uma devoção vitalícia a um marido inútil e vilão são possíveis somente neste país. Até agora o lado positivo.

Mas todas estas coisas são feitas por pessoas guiadas como máquinas sem vida. Não há atividade mental, nem desenvolvimento do coração, nem vibração de vida, nem fluxo de esperança; não há forte estimulação da vontade, nem experiência de prazer intenso, nem contato de tristeza intensa; não há nenhuma agitação de gênio inventivo, nenhum desejo de novidade, nenhuma apreciação de coisas novas. As nuvens nunca passam desta mente, a imagem radiante do sol da manhã nunca encanta este coração. Nunca ocorre a esta mente se existe algum estado melhor do que este; onde o faz, não consegue convencer; em caso de condenação, falta esforço; e mesmo onde há esforço, a falta de entusiasmo o mata.

Se viver apenas de acordo com as regras garante a excelência, se é virtude seguir estritamente as regras e os costumes transmitidos através das gerações, digamos então, quem é mais virtuoso que uma árvore, quem é mais devoto, um santo mais santo, que um trem? Quem já viu um pedaço de pedra transgredir uma lei natural? Quem já conheceu o gado cometendo pecado?

O enorme navio a vapor, a poderosa locomotiva ferroviária – eles não são inteligentes; eles se movem, viram e correm, mas não têm inteligência. E aquele minúsculo verme que se afastou da linha férrea para salvar a sua vida, por que é inteligente? Não há manifestação de vontade na máquina, a máquina nunca deseja transgredir a lei; o verme quer opor-se à lei – levanta-se contra a lei, quer tenha sucesso ou não; portanto, é inteligente. Maior é a felicidade, maior é o Jiva, na proporção em que esta vontade é manifestada com mais sucesso. A vontade de Deus é perfeitamente fecunda; portanto, Ele é o mais elevado.

O que é educação? É aprendizado de livro? Não. É conhecimento diverso? Nem mesmo isso. O treinamento pelo qual a corrente e a expressão da vontade são controladas e se tornam frutíferas é chamada de educação. Agora consideremos se a educação, como resultado da qual a vontade, sendo continuamente sufocada pela força através de gerações, é quase exterminada; é aquela educação sob cuja influência até as ideias antigas, e muito menos as novas, estão desaparecendo uma a uma; é aquela educação

que lentamente está transformando o homem em uma máquina? É mais abençoado, na minha opinião, errar, impelido pelo livre arbítrio e pela inteligência, do que ser bom como um autômato. Novamente, pode ser chamada de sociedade aquela que é formada por um agregado de homens que são como pedaços de barro, como máquinas sem vida, como seixos amontoados? Como essa sociedade pode se sair bem? Se o bem fosse possível, então, em vez de sermos escravos durante centenas de anos, teríamos sido a maior nação da terra, e este solo da Índia, em vez de ser uma mina de estupidez, teria sido a eterna fonte de aprendizagem.

O auto-sacrifício não é, então, uma virtude? Não é o ato mais virtuoso sacrificar a felicidade de um, o bem-estar de um, pelo bem de muitos? Exatamente, mas como diz o ditado bengali: "A beleza pode ser fabricada esfregando e esfregando? O amor pode ser gerado pelo esforço e pela compulsão?" Que glória há na renúncia de um eterno mendigo? Que virtude existe no controle dos sentidos de alguém desprovido de poder dos sentidos? O que é novamente o auto-sacrifício de alguém desprovido de ideia, desprovido de coração, desprovido de grande ambição e desprovido da concepção do que constitui a sociedade? Que expressão de devoção ao marido existe ao forçar uma viúva a cometer Sati? Por que obrigar as pessoas a praticar atos virtuosos ensinando superstições? Eu digo, liberte, desfaça as algemas das pessoas tanto quanto você puder. A sujeira pode ser lavada pela sujeira? A escravidão pode ser removida pela escravidão? Onde está a instância? Quando você fosse capaz de sacrificar todo desejo de felicidade pelo bem da sociedade, então você seria o Buda, então você seria livre: isso está muito longe. Novamente, você acha que a maneira de fazer isso passa pela opressão? "Oh, que exemplos de abnegação são nossas viúvas! Oh, quão doce é o casamento infantil! É possível outro costume desse tipo! Pode haver algo além de amor entre marido e mulher em tal casamento!" tal é o lamento que circula hoje em dia. Mas quanto aos homens, os donos da situação, não há necessidade de abnegação para eles! Existe uma virtude maior do que servir aos outros? Mas o mesmo não se aplica aos Brâmanes – vocês, outros, fazem isso! A verdade é que neste país os pais e familiares podem sacrificar implacavelmente os melhores interesses dos seus filhos e de outros para os seus próprios fins egoístas, para se salvarem através de compromissos com a sociedade; e o ensino de gerações que tornou a mente insensível tornou isso perfeitamente fácil.

Somente ele, o corajoso, pode negar a si mesmo. O covarde, com medo da chicotada, com uma das mãos enxuga os olhos e dá com a outra. De que servem tais presentes? É muito diferente amar universalmente. A planta jovem deve ser protegida e cuidada. Pode-se esperar alcançar gradualmente o amor universal se aprender a amar um objeto desinteressadamente. Se a devoção a um Ishta-Deva específico for alcançada, a devoção ao Virat universal será gradualmente possível.

Portanto, quando alguém foi capaz de negar a si mesmo por um indivíduo, deveria falar de auto-sacrifício pelo bem da sociedade, não antes. É a ação com desejo que leva à ação sem desejo. A renúncia ao desejo é possível se o desejo não existisse no início? E o que isso poderia significar? A luz pode ter algum significado se não houver escuridão?

Adoração com desejo, com apego, vem em primeiro lugar. Comece com a adoração do pequeno, então o maior surgirá por si mesmo.

Mãe, não fique ansiosa. É contra a grande árvore que sopra o grande vento. “Acender o fogo faz com que queime melhor”; “Uma cobra atingida na cabeça levanta o capuz” – e assim por diante. Quando surge a aflição no coração, quando a tempestade de tristeza sopra por toda parte, e parece que a luz não será mais vista, quando a esperança e a coragem estão quase acabando, é então, no meio desta grande tempestade espiritual, que o a luz de Brahman brilha dentro dele. Criado no colo do luxo, deitado em um mar de rosas e nunca derramando uma lágrima, quem já se tornou grande, quem já desdobrou o Brahman interior? Por que você tem medo de chorar? Lamentar! O choro acalenta os olhos e traz à tona a intuição. Então a visão da diversidade – homem, animal, árvore – desaparecendo lentamente, abre espaço para a realização infinita de Brahman em todos os lugares e em tudo. Então -

समं पश्यन् हि सर्वत्र समवस्थितमीश्वरम् ।
न हिनस्त्यात्मनात्मानं ततो याति परं गतिम् ॥

– “Em verdade, vendo o mesmo Deus igualmente existente em todos os lugares, ele não prejudica o Ser por si mesmo, e assim vai para a Meta Suprema” (Gitâ, XIII. 28).

4.6 TRADUÇÃO: POEMAS

4.6.1 PARA UM AMIGO

(Renderizado a partir de um poema bengali composto por Swami Vivekananda)

Onde a escuridão é interpretada como luz,
Onde a miséria passa pela felicidade,
Onde a doença é fingida ser saúde,
Onde o choro do recém-nascido mostra que está vivo;
Você, ó sábio, espera felicidade aqui?

Onde a guerra e a competição ocorrem incessantemente,
Até o pai se volta contra o filho,
Onde "self", "self" — esta é sempre a única nota,
Você, ó sábio, busca a paz suprema aqui?

Uma mistura gritante de céu e inferno,
Quem pode voar deste Samsâr (Samsâra, o mundo) de Mâyâ?
Preso no pescoço com os grilhões do Karma,
Diga, para onde o escravo pode escapar em segurança?

Os caminhos do Yoga e do prazer sensorial,
A vida do chefe de família e dos Sannyâs,
Devoção, adoração e ganho de riquezas,
Votos, Tyâga e austeridades severas,
Eu vi através de todos eles. O que eu sei?

— Sabia que não existe um pingo de felicidade,
A vida é apenas uma xícara de Tântalo;
Quanto mais nobre é o seu coração, tenha certeza,
Quanto maior deve ser a sua parcela de miséria.

Tu, amante de grande coração e altruísta, sabe,
Não há espaço para você neste mundo sórdido;
Uma figura de mármore pode suportar o golpe?
Que uma massa de ferro pode suportar?

Você poderia ser inerte e abjeto,
Boca de mel, mas com veneno no coração,
Destituído da verdade e da adoração a si mesmo,
Então você teria um lugar neste Samsar.

Comprometendo a vida para adquirir conhecimento,
Dediquei metade dos meus dias na terra;

Por uma questão de amor, mesmo sendo um louco,
Muitas vezes agarrei-me a sombras sem vida;

Para religião, procurei muitos credos,
Viveu em cavernas nas montanhas, em locais de cremação,
Junto ao Ganga e outras correntes sagradas,
E quantos dias passei esmola!

Sem amigos, vestido em trapos, sem posses,
Alimentando-se de porta em porta sobre o que a chance traria.
O quadro quebrado sob o peso de Tapasyâ (das austeridades);
Que riquezas, pergunte você, ganhei na vida?

Ouça, amigo, falarei com você de coração;
Eu encontrei em minha vida esta verdade suprema —
Golpeado pelas ondas, neste turbilhão da vida,
Há uma balsa que atravessa o mar (O mar de Samsara)

Fórmulas de adoração, controle da respiração,
Ciência, filosofia, sistemas variados,
Renúncia, posse e similares,
Tudo isso são apenas ilusões da mente —
Amor, Amor – essa é a única coisa, o único tesouro.

Em Jiva e Brahman, no homem e em Deus,
Em fantasmas, aparições, espíritos e assim por diante,
Em Devas, feras, pássaros, insetos e vermes,
Este Prema (amor) reside no coração de todos eles.

Diga, quem mais é o maior deus dos deuses?
Diga, quem mais move todo o universo?
A mãe morre por seu jovem, ladrão rouba —
Ambos são apenas o impulso do mesmo Amor!

Além do alcance da fala e da mente humanas,
Ele habita na felicidade e na angústia; é isso que vem
Como o todo-poderoso e destruidor
Kâli, e como a mãe mais gentil.

Doença, luto, pitada de pobreza,
Dharma, (Virtude) e seu oposto Adharma, (Vício)
São apenas SUA adoração em vários modos;
Diga, o que um Jiva faz sozinho?

Iludido é aquele que busca a felicidade,
Lunático aquele que deseja a miséria,
Insano também aquele que anseia pela morte,

Imortalidade – aspiração vã!

Pois, não importa quão longe você viaje,
Montado no brilhante carro mental,
'Este é o mesmo oceano do Samsar,
Felicidade e miséria girando.

Ouçã, ó Vihangam, (pássaro, aqui dirigido à alma aprisionada) desprovido
de asas,

'Esta não é a maneira de escapar;
Repetidamente você leva golpes e desmaia,
Por que então tentar o que é impossível?

Deixe de lado sua vã confiança no conhecimento,
Deixe de lado suas orações, ofertas e força,
For Love altruísta é o único recurso;—
Eis que os insetos ensinam, abraçando a chama!

O inseto básico é cego, encantado pela beleza,
Tua alma está embriagada com o vinho do Amor;
Ó tu, amante verdadeiro, lançado no fogo
Toda a sua escória, o seu egoísmo mesquinho.

Diga - a felicidade chega a um mendigo?

De que adianta ser objeto de caridade?
Doe, nunca peça em troca,
Deve haver a riqueza guardada em seu coração.

Sim, você é herdeiro nascido do Infinito,
Dentro do coração está o oceano do Amor,
"Dar", "Dar" — quem pede devolve,
Seu oceano se reduz a uma mera gota.

Do Brahman mais elevado ao verme mais distante,
E até o menor átomo,
Em todos os lugares está o mesmo Deus, o Todo-Amor;
Amigo, ofereça mente, alma, corpo aos seus pés.

Estas são Suas múltiplas formas diante de ti,
Rejeitando-os, onde você busca a Deus?
Que ama todos os seres sem distinção,
Ele realmente está adorando melhor o seu Deus.

4.6.2 O HINO DA CRIAÇÃO

(Renderizado do bengali)

Uma Missa, desprovida de forma, nome e cor,
Atemporal, desprovido de tempo passado e futuro,
Sem espaço, sem voz, sem limites, desprovido de tudo —
Onde repousa silencia até o discurso da negação. [30]

Dali desce o rio causal,
Vestindo a forma do desejo radiante,
Suas águas agitadas rugem furiosamente
O rugido constante, “eu sou”, “eu sou”.

Nesse oceano de desejo sem limites,
Aparecem ondas brilhantes, incontáveis, infinitas,
Oh, que poder múltiplo eles têm,
De que formas miríades, de que repouso,
De quais movimentos variaram, quem pode contar?

Milhões de luas, milhões de sóis,
Nascendo naquele mesmo oceano,
Correndo de cabeça com barulho tumultuado,
Espalhe por todo o firmamento, afogando
Os pontos do céu em luz refulgente.

Nele surgem e residem quais seres,

Rápido com vida, monótono e sem vida — sem número,
E prazer e dor, doença, nascimento e morte!
Na verdade, o Sol é Ele, Seu raio,
Não, o Sol é Ele, e Ele é o raio.

4.6.3 O HINO DO SAMADHI

(Renderizado do bengali)

Veja! O sol não existe, nem a linda lua,
Toda luz extinta; no grande vazio do espaço
Flutua como uma sombra no universo-imagem.

No vazio da mente involuta, há flutuadores
O universo fugaz sobe e flutua,
Afunda novamente, incessantemente, no “eu” atual.

Lentamente, lentamente, a multidão de sombras
Entrou no útero primordial e fluiu incessantemente,
A única corrente, o “eu sou”, “eu sou”.

Veja! 'Está parado, mesmo que a corrente não flua mais,
O vazio se fundiu com o vazio — além da fala e da mente!

Cujo coração entende, ele realmente entende.

4.6.4 UM HINO À MÃE DIVINA

अम्बास्तोत्रम्

का त्वं शुभे शिवकरे सुखदुःखहस्ते
आघूर्णितं भवजलं प्रबलोर्मिमङ्गैः
शान्तिं विधातुमिह किं बहुधा विभक्त्याम्
मातः प्रयत्नपरमासि सदैव विश्वे ॥

Ó Tu mais lindo! Cujas mãos sagradas
Segure o prazer e segure a dor! Fazedor do bem!
Quem és tu? A água da existência
Por Ti é girado e lançado em ondas poderosas.
É, ó Mãe, restaurar novamente
A harmonia quebrada deste universo
Que Tu, sem cessar, estás trabalhando?

संपादयत्यविरतं त्वविरामवृत्ता
या वै स्थिता कृतफलं त्वकृतस्य नेत्री ।
सा मे भवत्वमुद्दिनं वरदा भवानी
जानाम्यहं ध्रुवमिदं धृतकर्मपाशा ॥

Oh! Que a Mãe do universo —
Em cuja atividade não há descanso,
Distribuindo as frutas incessantemente

Da ação realizada, orientando incessantemente
Todas as ações ainda estão por vir — conceda Seu benefício
De bênção para mim, filho dela, para sempre.
Eu percebo, eu sei, que é você
Quem segura em Tuas mãos teme a corda do Karma.

को वा धर्मः किमकृतं कः कपाललेखः
किंवाद्भुष्ट फलमिहास्ति हि यां विना भोः
इच्छापाशैर्नियमिता नियमाः स्वतन्त्रैः
यस्या नेत्री भवतु सा शरणं समाद्या ॥

É natureza inerente? Algo incriado?
Ou Destino? Algum resultado imprevisto? —
Quem não tem nada é responsável,
Cuja corrente de vontade, sem limites, compreende as leis,
Que Ela, a Guia Primordial, seja meu abrigo!

सन्तानयन्ति जलधिं जनिमृत्युजालं
सम्भावयन्त्यविकृतं विकृतं विभागम् ।
यस्या विभूतय इहामितशक्तिपालाः
नाथित्य तां वद कुतः शरणं वज्रामः ॥

Manifestações de Sua Glória mostram
No poder de um poder imensurável,
Em todo o universo, poderes que aumentam
O mar de nascimentos e mortes, forças que mudam
E quebrar o Inalterado e alterado novamente.
Veja! Onde buscaremos refúgio, senão Nela?

मित्रे शत्रौ त्वविषमं तव पदनेत्रम्
स्वस्थे दुःस्थे त्वक्लिप्तं हस्तपातः ।
मृत्युच्छ्रया तव दया त्वमृतश्च मातः
मा मां मुञ्चन्तु परमे शुभदृष्टयस्ते ॥

Para amigos e inimigos Teus olhos de lótus são iguais;
Sempre Teu toque animador traz frutos
Para afortunados e infelizes;
A sombra da morte e da imortalidade —
Ambos, ó mãe, são Tua graça Suprema!
Mãe Suprema! Oh, que Tua face graciosa
Nunca se afaste de mim, Teu filho!

क्वाम्बा सर्वा क्व गूणानं मम हीनबुद्धेः
धर्तुं दोष्यामिव मतिर्जगदेकधात्रीम् ॥
श्रीसञ्चित्यं सुचरणं अभयप्रतिष्ठं
सेवासारैरभिनुतं शरणं प्रपद्ये ॥

O que és Tu, a Mãe! o Tudo. Que elogios?
Minha compreensão vale tão pouco.
'Era como desejo de agarrar com minhas mãos
O único apoiador do universo!
Então, aos Teus pés abençoados — contemplado
Pela própria Deusa da Fortuna — a morada
De destemor, adorado pelo serviço verdadeiro —
Ali, nesses pés abençoados, me refugio!

या मामाजन्म विनयत्यतिदुःखमार्गेः
आसंसिद्धेः स्वकलितैल्लितैर्विलासैः ।
या मे बुद्धिं सुविदधे सततं धरण्याम्
साम्बा सर्वा मम गतिः सफलेऽफले वा ॥

Ela que, desde o nascimento, sempre me conduziu
Através de caminhos difíceis até o objetivo da perfeição,
Sábua mãe, em seu jeito doce e brincalhão,
Ela, que sempre inspirou ao longo da minha vida
Meu entendimento, ela, minha mãe, ela,
O All, é meu resort, seja meu trabalho
O'erdow com plena fruição ou sem nenhuma.

4.6.5 UM HINO A SHIVA

शिवस्तोत्रम् ।

ॐ नमः शिवाय ।
निखिलभुवनजन्मस्थेमभङ्गप्ररोहाः
अकलितमहिमानः कल्पिता यत्र तस्मिन् ।
सुविमलगगनामे ईशसंस्थोऽप्यनोशे
मम भवतु भवेऽस्मिन् भासुरो भावबन्धः ॥

Saudação a Shiva! cuja glória
É imensurável, que lembra o céu
Com clareza, a quem são atribuídos
Os fenômenos de toda a criação,
A preservação e dissolução

Do universo! Que a devoção,
A devoção ardente desta minha vida
Apegue-se a Ele, a Shiva, que,
Ao ser Senhor de tudo, transcende a si mesmo.

निहतनिखिलमोहेऽधीशता यत्र रुढा
प्रकटितपरप्रेम्णा यो महादेवसंज्ञः
अशिथिलपरिरंभः प्रेमरूपस्य यस्य
प्रणयति हृदि विश्वं व्याजमानं विभुत्वम् ॥

Em quem o senhorio está estabelecido,
Quem causa a aniquilação da ilusão,
Cujo amor mais extraordinário, manifestado,
O coroou com um nome acima de todos os nomes,
O nome de "Mahâdeva", o Grande Deus!
Cujo abraço caloroso, de Amor personificado,
Mostra, no coração do homem, todo poder
É apenas uma aparência e um espetáculo passageiro,

बहति विपुलवातः पूर्वसंस्काररूपः
प्रमथति बलवृन्दं घूर्णितैवोर्मिमाला ।
प्रचलति खलु युगं युष्मदस्मत्प्रीतिं
अतिविकलितरूपं नौमि चिचं शिवस्थाम् ॥

Em que sopra a tempestade de todo o passado,
Passados Samskâras, (Os efeitos acumulados de desejos e ações passadas)
agitando as energias
Com violência, como água lançada às ondas;
Em que a dupla consciência de "eu" e "tu"

Continue jogando: saúdo essa mente instável,
Centrado em Shiva, a morada da calma!

जनकजनितभावो वृत्तयः संस्कृताश्च
अगणनबहुरूपो यत्र एको यथार्थः ।
शमितविकृतिवाते यत्र नान्तर्बहिश्च
तमहह हरमीडे चित्तवृत्तेर्निरोधम् ॥

Onde as ideias dos pais e produzidas,
Pensamentos purificados e infinitas formas variadas,
Fundir-se no Real; onde termina a existência
De concepções como "dentro", "sem" —
O vento da modificação está sendo acalmado —
Aquele Hara que eu adoro, a supressão
Dos movimentos da mente. Shiva, eu salve!

गलिततिमिरमालः शुभतेजःप्रकाशः
धवलकमलशोभः ज्ञानपुष्पाट्टहासः ।
यमिजनहृद्दिगम्यः निष्कलं ध्यायमानः
प्रणतमवतु मां स मानसो राजहंसः ॥

De quem todas as trevas e trevas se dispersaram
Aquele Luz radiante, branca, linda
Como a flor do lótus branco é linda;
Cuja risada alta irradia conhecimento luminoso;
Quem, por meditação indivisa,
Realiza-se no coração autocontrolado:
Que aquele Lorde Cisne do lago límpido
Da minha mente, guarde-me, prostre-se diante Dele!

दुस्तिदलनदक्षं दक्षजातदोषं
कलितकलङ्गं कमकद्वारकान्तं
परहितकरणाय प्राणविच्छेदसूक्तं
नतनयननियुक्तं नीलकण्ठं नमामः ॥

Ele, o Mestre removedor do mal,
Quem limpa a mancha escura desta Idade do Ferro;
A quem a filha de Daksha deu sua cobiçada mão;
Que, como o charmoso nenúfar branco,
É bonito; quem está pronto sempre
Desfazer-se da vida para o bem dos outros, cujo olhar
Está no humilde fixo; cujo pescoço é azul (Nilkantha, um nome de Shiva)
Com o veneno (o mal todo destrutivo) engolido:
Ele, nós o saudamos!

4.6.6 UM HINO À DIVINDADE DE SHRI RAMAKRISHNA

(Renderizado do bengali)

Nós Te saudamos!
Senhor! Adorado pelo mundo,
Quebrador da escravidão do Samsâra, Tu imaculado,
Personificação de qualidades abençoadas,
Você transcende todos os Gunas: forma humana
Assim, o mais baixinho.

A Ti saudamos e adoramos!

Refúgio da mente e da fala, Tu estás além
O alcance de qualquer um deles. Radiância és Tu
Com todo o brilho que existe. A caverna do coração
É por Tua visita resplandecente feito.
Em verdade, Tu és aquele que dissipa
A escuridão mais densa de Tamas no homem.

Veja! Em variedade de melodia
Inovadora em harmonia, muito doce,
Hinos de Teus devotos, acompanhados
Por Mridanga (uma espécie de tambor) tocando com a graça da música,
Encha o ar, em adoração noturna a Ti.

Uma visão rápida de Teus olhos divinos
Limpado pelo colírio de Jnâna
Desafia a ilusão. Ó seu mata-borrão
De todas as impurezas do pecado, Inteligência
Pura e sem mistura é Tua forma. Do mundo
Tu és um embelezador. Autoluminoso
És tu. Ó oceano de sentimentos sublimes,
E do Amor Divino, ó Enlouquecido por Deus,

Devotos ganham Teus pés abençoados e cruzam
Com segurança o crescente mar do Samsara.

Ó Senhor do mundo, através do Teu poder do Yoga
Tu brilhas como a Encarnação clara
Deste nosso tempo. Ó tu de restrição estrita,
Somente através da Tua graça ilimitada vemos
A mente em Samâdhi fundiu-se completamente;
Misericórdia Encarnada! austeras são as tuas ações.

Tu lidas com o mal da miséria
Destruição. Cordões de ligação de Kali (da Idade do Ferro)
São cortados por Ti em pedaços. Sua própria vida
Tu deste gratuitamente, ó doce sacrifício,
Ó melhor dos homens! Ó Salvador do mundo!

Desprovido da ideia de sexo,
O pensamento de posse não te encantou. Para você
Detestável era todo prazer. Dê para nós,
Ó maior entre Tyâgis, (Renunciantes) amor intenso
Aos Teus pés sagrados; dê, nós imploramos!

Destemido és Tu, e além de toda escuridão da dúvida;

Tua mente está envolvida em sua própria resolução firme;
Teus amantes, cuja devoção sobe acima
O reino da razão, que renuncia ao orgulho
De casta e ascendência, de nome e fama —
Seu refúgio seguro és somente Tu, ó Senhor!

Meu único e verdadeiro tesouro são Teus pés abençoados,
Alcançando o próprio universo inteiro
Parece uma poça formada no buraco
Pelo casco de uma vaca que passa.
Ó oferta
Amar! Ó Vidente da igualdade
Em tudo! Ó, em verdade, em Ti a dor
E o mal deste mundo mortal escapa,
E desaparece, ó querido.

4.6.7 "E DEIXE SHYAMA DANÇAR LÁ"

(Renderizado do bengali)

Lindas flores repletas de perfume,
Enxames de abelhas enlouquecidas zumbindo por toda parte;
A lua prateada — uma chuva de sorrisos doces,

Que todos os moradores do céu acima
Derrama abundantemente sobre as casas da terra;
A suave brisa da Malásia [31], cujo toque mágico
Abre para visualizar as dobras da memória distante;
Rios e riachos murmurantes, lagos ondulantes
Com o inquieto Bhramaras [32] se aproximando
Agitando suavemente lótus sem número;
Cascatas de fluxo espumante — um streaming de música —
Para o qual ecoam cavernas nas montanhas em troca;
Toutinegras, cheias de melodias suaves,
Escondido nas folhas, abra os corações - discurso de amor;
O orbe ascendente do dia, o pintor divino,
Com seu pincel dourado, mas com toques leves
A tela terra e uma riqueza de cores
Inundações imediatamente sobre o seio da natureza,
— Verdadeiramente um museu de tons lindos —
Acordando todo um mar de sentimentos.

O estrondo do trovão, o cair das nuvens,
Guerra de elementos espalhando terra e céu;
Escuridão vomitando escuridão cegante,
O vento Pralaya [33] rugindo furiosamente;
Em rápidas explosões de flashes de esplendor deslumbrante

Relâmpago terrível vermelho-sangue, causando morte;
Ondas monstruosas rugindo como um trovão, espumando,
Corra impetuosamente para saltar os picos das montanhas;
A terra explode furiosamente, cambaleia e cambaleia,
Afunda em sua ruína, arremessado de seu lugar;
Perfurando o solo, lançam chamas tremendas.
Alcances poderosos explodem em átomos.

Uma linda vila em um lago azul —
Enfeitado com espanadores de nenúfares;
O sangue do coração das uvas maduras cobertas por espuma branca
Sussurrar suavemente conta uma história de paixão;
A melodia da harpa inunda os ouvidos,
E por sua riqueza de ar, tempo e harmonia,
Aumenta o desejo no peito do homem;
Que agitação de emoções! Quantos
Suspiros quentes de Amor! E lágrimas quentes escorrendo!
Os lábios vermelhos Bimba [34] da feira jovem,
Os dois olhos azuis — dois oceanos de sentimentos;
As duas mãos ansiosas para avançar — gaiola do amor —
No qual o coração, como um pássaro, permanece cativo.
A música marcial explode, as trombetas tocam,
O chão treme sob os passos dos guerreiros;

O rugido dos canhões, o barulho das armas,
Volumes de fumaça, o campo de batalha horrível,
A trovejante artilharia vomita fogo
Em mil direções; projéteis explodem e atacam
Partes vitais do corpo; elefantes
E cavalos montados são explodidos no espaço;
A terra treme sob esta dança infernal;
Um milhão de heróis montados em corcéis
Carregue e capture o material bélico do inimigo,
Perfurando a fumaça e a chuva de granadas
E chuva de balas; para frente vai a bandeira,
O emblema da vitória, do heroísmo
Com o sangue, ainda quente, escorrendo pelo cajado,
Seguido pelos rifles, bêbado com espírito de guerra;
Veja! a bandeira cai, mas a bandeira avança
Avante no ombro de outro;
Sob seus pés crescem montes de guerreiros
Pereceu em batalha; mas ele não vacila.
A carne anseia por contatos de prazer,
Os sentidos para melodias encantadoras,
A mente anseia por gargalhadas, doce,
O coração anseia por alcançar reinos além da tristeza;
Diga, quem se importa, troque o suave luar

Para os raios ardentes do sol do meio-dia?
O miserável cujo coração é como o sol escaldante,
— Até ele adora a lua amena;
Na verdade, todos têm sede de alegria. Respira aí o desgraçado
Quem abraça a dor e a tristeza em seu peito?
Miséria em sua xícara de felicidade,
Veneno mortal em sua bebida de néctar,
Veneno em sua garganta, mas ele se apegava à esperança!
Veja! como todos estão assustados com o Fantástico,
Ninguém procura Elokeshi [35] cuja forma é a Morte.
A espada mortal e assustadora, cheirando a sangue,
Eles tiram da mão dela e colocam um alaúde!
Você temia Kâli, o Destruidor de Tudo,
Só você é verdadeiro; A sombra da tua sombra
É de fato o agradável Vanamâli. [36]
Ó Mãe Terrível, corte rápido o núcleo,
Dissipar a ilusão — o sonho da felicidade,
Destrua o gosto pela carne.

É verdade que eles te enfeitam com caveiras, mas recuam
Com medo e te chamo, "Ó Todo-misericordioso!"
No Teu trovão de risadas horríveis,
Na Tua nudez - pois o espaço é a tua vestimenta -

Seus corações afundam de terror, mas eles dizem:

"São os demônios que a Mãe mata!"

Eles apenas fingem que desejam ver você,

Mas quando chega a hora, à Tua vista eles fogem.

Tu és a Morte! Para todos e cada um no mundo

Tu distribuis a praga e a doença

— Vasos de veneno preenchidos por Tuas próprias mãos.

Ó você louco! Você apenas trapaceia a si mesmo,

Você não deve virar a cabeça para não ver.

Sim, a forma terrível da Mãe.

Você corteja as dificuldades esperando a felicidade,

Tu vestes o manto de Bhakti e adoração,

Com a mente ocupada em alcançar fins egoístas.

O sangue da cabeça decepada de uma criança

Enche você de medo — seu coração palpita com a visão —

Verdadeiramente um covarde! Compassivo? [37]

Abençoe minha alma! Um estado de coisas realmente estranho!

A quem direi a verdade? — Quem verá?

Liberte-se da poderosa atração —

O vinho enlouquecedor do amor, o encanto do sexo.

Quebre a harpa! Avante, com o grito do oceano!

Beba lágrimas, jure até a vida — deixe o corpo cair.

Desperte, ó herói! Sacuda seus sonhos vãos,

A morte está à sua frente - o medo se torna você?
Um monte de miséria, por mais que seja verdade —
Este Devir [38] - saiba que este é o seu Deus!
Seu templo — o Shmashân [39] entre cadáveres
E piras funerárias; batalha sem fim —
Essa é verdadeiramente Sua adoração sagrada;
Derrota constante - não deixe que isso te enerve;
Despedaçado seja o pouco eu, esperança, nome e fama;
Monte uma pira com eles e faça seu coração
Um terreno em chamas.
E deixe Shyâmâ [40] dançar lá.

4.6.8 UMA CANÇÃO QUE CANTO PARA TI

(Renderizado do bengali)

Uma música que eu canto. Uma canção que canto para Ti!
Também não me importo com comentários de homens, bons ou ruins.
Censura ou elogio não tenho importância.
Servo sou eu, verdadeiro servo de Ti Ambos (Purusha e Prakriti juntos.),
Aos Teus pés, com Shakti, eu saúdo!

Você permanece firme, sempre nas minhas costas,
Portanto, quando me viro, vejo Tua face,
Teu rosto sorridente. Portanto eu canto de novo
E mais uma vez. Portanto, não temo medo;
Pois o nascimento e a morte jazem prostrados aos meus pés.

Teu servo sou eu nascimento após nascimento,
Mar de misericórdia, inescrutáveis Teus caminhos;
Então meu destino é inescrutável;
É desconhecido; nem eu gostaria de saber.
Bhakti, Mukti, Japa, Tapas, tudo isso,
Prazer, adoração e devoção também —
Essas coisas e todas as coisas semelhantes a essas,
Eu expulsei sob Teu comando supremo.
Mas só resta um desejo em mim —
Uma intimidade Contigo, mútua!
Leve-me, ó Senhor, até Ti;
Não deixe que nenhuma linha divisória do desejo o impeça.

O olho olha para o universo,
Nem procura olhar para si mesmo;
Por que deveria? Ele se vê nos outros.
Tu és meus olhos! Você e somente você;

Para cada templo vivo consagra Tua face.

Gosto da brincadeira de uma criança

É toda atitude minha para contigo.

Até mesmo, às vezes, ousa ficar zangado contigo;

Até mesmo, às vezes, eu vagava para longe: —

No entanto, lá, na escuridão mais cinzenta da noite mais escura,

Ainda assim, com a boca muda e os olhos lacrimejantes,

Você está na minha frente e Tua doce Face

Se abaixa com um olhar amoroso no meu rosto.

Então, instantaneamente, volto-me para Ti,

E aos Teus pés caio de joelhos.

Não desejo perdão de Tuas mãos gentis,

Pois você nunca fica zangado com seu filho.

Quem mais, com todas as minhas aberrações tolas, suportaria?

Tu és meu Mestre! Tu és o verdadeiro companheiro da minha alma.

Muitas vezes eu te vejo - eu sou você!

Sim, eu sou Ti, e Tu, meu Senhor, és eu!

Você está dentro do meu discurso. Dentro da minha garganta

És Tu, como Vinâpâni, (Deusa do aprendizado) erudito, sábio.

No fluxo de Tua corrente e sua força

A humanidade é transportada como Tu queres.

O trovão da Tua Voz nasce da explosão
De ondas quebrando, de mares agitados;
O sol e a lua expressam Tua Voz;
Tua conversa, na brisa suave
Faz-se ouvir de verdade, de verdade,
Verdadeiro! Verdadeiro! E ainda assim, esses preceitos grosseiros
Não transmita a mensagem da Verdade Superior
Conhecido por quem conhece!
Veja! O sol, a lua,
Os planetas em movimento e as estrelas brilhantes,
Esferas de residência por miríades nos céus,
O cometa veloz, o relâmpago cintilante,
O firmamento, expandido, infinito —
Todos estes olhos observadores observam,

Raiva, desejo, ganância, Moha, (ilusão) e o resto (como orgulho e malícia, o mal sêxtuplo),

De onde vem a agitação da peça
Desta existência; a casa onde mora
Conhecimento e não conhecimento — cujo centro é
O sentimento do eu pequeno, o “Aham!” "Aham!"
Cheio da dupla sensação de prazer e dor,
Repleto de nascimento e vida, decadência e morte,
Cujos braços são "O Externo" e "O Interno",

Todas as coisas que existem, até as profundezas do oceano,
Até o sol, a lua e as estrelas no espaço ilimitado —
A Mente, o Buddhi, Chitta, Ahamkâr,
O Deva, Yaksha, homem e demônio, todos,
O quadrúpede, o pássaro, o verme, todos os insetos,
O átomo e seu composto, tudo o que é,
Animado e inanimado, todos, todos —
O Interno e o Externo — habitar
Naquele plano comum de existência!
Esta apresentação externa é de ordem bruta,
Como cabelo na testa humana, Ay! muito nojento.

Nas pontas do enorme Monte Meru [41]
As eternas cordilheiras nevadas jazem,
Estendendo milhas e milhas além de mais milhas.
Perfurando as nuvens em direção ao céu
Seus picos se elevam às centenas, gloriosos,
Brilhantemente brilhante, incontável, branco como a neve:
Flash após flash de uma frota de relâmpagos vívidos,
O sol, alto em seu solstício do norte,
Com a força de mil raios concentrados,
Derrama sobre as montanhas inundações de calor,
Furioso como um bilhão de raios,

De pico a pico.

Contemprar! O sol radiante

Desmaios, por assim dizer, em cada um. Então derrete

A enorme montanha com seus picos pontiagudos!

Para baixo, para baixo, ele cai, com um estrondo horrível!

Água com água está misturada agora,

E tudo passou como um sonho passageiro.

Quando todos os muitos movimentos da mente

São, por Tua graça, feitos um e unificados,

A luz desse desdobramento é tão grande

Que, em seu esplendor, ultrapassa em muito

O brilho de dez mil sóis nascentes.

Então, com certeza, o sol de Chit (Conhecimento) se revela.

E derreter o sol, a lua e as estrelas,

Altos céus, os mundos inferiores e tudo!

Este universo parece apenas uma pequena piscina

Preso em um buraco causado por um casco de vaca.

Este é o alcance da região que

Além do plano das mentiras Externas.

Acalmados estão os clamores da carne urgente,

O tumulto da mente orgulhosa é silenciado,

Os cordões do coração são afrouxados e liberados,

Desatadas estão as amarras que prendem,
O apego e a ilusão não existem mais!
Sim! Soa sonoro o Som
Vazio de vibração. Na verdade! Tua voz!
Ouvindo essa Voz, Teu servo, reverentemente,
Está sempre pronto para cumprir Tua obra.

"Eu existo. Quando, na hora do Pralaya
Este universo maravilhoso foi engolido;
Conhecimento, o conhecedor e o conhecido, dissolvidos;
O mundo não é mais distinguível agora,
Não é mais concebível; quando sol e lua
E todas as estrelas gastas não restam mais —
Então é o estado de Mahâ-Nirvâna,
Quando ação, ato e ator não existirem mais,
Quando a instrumentalidade não existir mais;
Uma grande escuridão cobre o seio da escuridão —
Aí estou presente.

"Estou presente! Na hora do Pralaya,
Quando este vasto universo for engolido,
Conhecimento, conhecedor e conhecido
Mesclados em um só.

O universo não existe mais
Pode ser distinguido ou concebido
Pelo intelecto. O sol, a lua e as estrelas não.
Sobre o seio da escuridão, a escuridão se move
Intenso desprovido de todas as ligações triplas,
Continua sendo o universo. Gunas são acalmados
De todas as distinções. Tudo inundado
Em uma massa homogênea, sutil,
Puro, em forma de átomo, indivisível —
Aí estou presente.

"Mais uma vez, eu me desdobro - esse 'eu';
Da minha 'Shakti' a primeira grande mudança é Om;
A Voz Primal ressoa através do vazio;
O Infinite Space ouve aquele som vibrante e excelente.
O grupo das Causas Primordiais sacode o sono,
Nova vida revive átomos intermináveis;
A existência cósmica se eleva, gira e balança,
Dança e gira, move-se em direção ao núcleo,
De distâncias incomensuravelmente distantes.
O vento animado desperta anéis de ondas
Sobre o Oceano de Grandes Elementos;
Agitando, caindo, surgindo, aquela vasta gama de ondas

Corre com fúria relâmpago. Fragmentos lançados
Pela força da resistência real através do caminho
Do espaço, apressado, infinito, em forma de esferas
Celestial, incontável. Planetas e estrelas
Velocidade rápida; e morada do homem, a terra gira.

"No início, eu, o Onisciente,
Eu sou! O que se move e o que não se move,
Toda essa Criação surge
Pelo desdobramento do Meu poder supremo.
Eu brinco com My própria Maya, My Power Divine.
O Um, eu me torno muitos, para contemplar
Meu próprio formulário.

"No início, eu, o Onisciente,
Eu sou! O que se move e o que não se move,
Toda essa Criação surge
Pelo desdobramento do Meu poder supremo.
Por força do meu comando, a tempestade selvagem sopra
Na face da terra; nuvens se chocam e rugem;
O relâmpago se assusta e ricocheteia;
Suave e suavemente a brisa da Malásia
Flui para dentro e para fora como uma respiração calma e serena;

Os raios da lua derramam sua corrente de resfriamento;
O corpo nu da terra em trajes justos está vestido,
De árvores e trepadeiras numerosas;
E a flor desabrochando levanta seu rosto feliz,
Lavado com gotas de orvalho, em direção ao sol."

VOLUME 5

PREFÁCIO À DÉCIMA EDIÇÃO

Nesta edição foi omitida a carta XXXVIII da edição anterior, pois já ocorre no volume VIII das Obras Completas como carta XXXIX. Nas cartas XXI, XLIII, LVIII e LXI foram acrescentados alguns trechos omitidos nas edições anteriores. O índice foi revisado em conformidade.

EDITOR

Outubro de 1973

PREFÁCIO À OITAVA EDIÇÃO

A letra LXXXIV da edição anterior, até então datada incorretamente, aparece como letra XC na data correta. O Índice é revisado em conformidade.

EDITOR

Abril de 1964

PREFÁCIO À SÉTIMA EDIÇÃO

Nesta edição, o livro passou por uma revisão completa e, como em outros volumes, um Índice foi adicionado para facilitar a referência.

Muitas das Epístolas foram impressas na íntegra, em vez dos trechos das edições anteriores. As Epístolas I e XCIII, apareceram originalmente no sexto volume; LVII, XCIV-CII, CIV-CXIV e CXVI-CXXIII são do oitavo volume; e XLII, XLV-XLVII, IL, LII, LXVI, LXXX-LXXXII e LXXXV-XCII são inéditos. As cartas XII, XVI, XX, XXVIII, XXXIV, XXXVI e XXXVIII, bem como a Entrevista 'Milagres', e os Escritos 'Razão, Fé e Amor' e 'Seis Lemas Sâncritos' são reproduzidos de Swami Vivekananda em América: Novas Descobertas. E as Epístolas II e XXVI da sexta edição são omitidas nesta impressão para aparecerem em outros volumes.

A seção Perguntas e Respostas foi ampliada com assuntos correspondentes do sétimo e oitavo volumes, e a seção Provérbios e Enunciados foi similarmente complementada a partir do sexto volume.

'Objetivo do Raja-Yoga' nas Notas é material não publicado.

EDITOR

Março de 1959

5.1 PRIMEIRA SÉRIE DE EPÍSTOLAS

5.1.0 NOTA

Antes de partir para os EUA, Swamiji costumava mudar de nome com frequência. Nos primeiros anos, ele assinou como Narendra ou Naren; depois, por algum tempo, como Vividishananda ou Sachchidananda. Mas,

para conveniência dos leitores, esses volumes usam o nome mais familiar de Vivekananda.

EDITOR

5.1.1 FAQUIR

(Traduzido do bengali)

ALAHABAD

5 de janeiro de 1890.

MEU QUERIDO FAQUIR, (Shri Yajneswar Bhattacharya)

. . . Uma palavra para você. Lembre-se sempre, posso não ver você novamente. Seja moral. Seja corajoso. Seja um homem de coração inteiro. Estritamente moral, corajoso até o desespero. Não incomode sua cabeça com teorias religiosas. Os covardes só pecam, os homens valentes nunca, não, nem mesmo na mente. Tente amar a todos e a todos. Seja um homem e tente fazer com que aqueles que estão imediatamente sob seus cuidados, nomeadamente Ram, Krishnamayi e Indu, sejam corajosos, morais e solidários. Nenhuma religião para vocês, meus filhos, mas moralidade e bravura. Sem covardia, sem pecado, sem crime, sem fraqueza – o resto virá por si mesmo. . . . E não leve Ram com você nunca, nem permita que ele visite um teatro ou qualquer entretenimento enervante.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

MEU QUERIDO RAM, KRISHNAMAYI E INDU,

Tenham em mente, meus filhos, que só os covardes e os fracos cometem pecados e mentem. Os corajosos são sempre morais. Tente ser moral, tente ser corajoso, tente ser solidário.

Seu,

VIVEKANANDA.

5.1.2 PANDITJI MAHARAJ

BOMBAIM,

20 de setembro de 1892.

CARO PANDITJI MAHARAJ, (Pandit Shankarlal de Khetri.)

Sua carta chegou até mim corretamente. Não sei por que deveria ser elogiado imerecidamente. “Ninguém é bom, exceto Um, isto é, Deus”, como disse o Senhor Jesus. O resto são apenas ferramentas em Suas mãos. "Gloria in Excelsis", "Glória a Deus nas alturas", e aos homens que merecem, mas não a alguém tão indigno como eu. Aqui “o servo não é digno do salário”; e um Faquir, especialmente, não tem direito a qualquer elogio, pois você elogiaria seu servo por simplesmente cumprir seu dever?

. . . Minha ilimitada gratidão ao Pandit Sundarlalji e ao meu professor (com quem ele leu o Maha-Bhâshya sobre Pânini) por esta gentil lembrança de mim.

Agora eu diria outra coisa. A mente hindu foi sempre dedutiva e nunca sintética ou indutiva. Em todas as nossas filosofias, sempre encontramos argumentos minuciosos, tomando como certa alguma proposição geral, mas a proposição em si pode ser tão infantil quanto possível. Ninguém jamais perguntou ou investigou a verdade dessas proposições gerais. Portanto, não temos quase nenhum pensamento independente do qual falar, e daí a escassez daquelas ciências que são resultados da observação e da generalização. E por que foi assim? — Por duas causas: o tremendo calor do clima obrigando-nos a amar o descanso e a contemplação mais do que a atividade, e os Brâmanes, como sacerdotes, nunca empreendem viagens ou viagens a terras distantes. Houve viajantes e pessoas que viajaram para longe; mas quase sempre eram comerciantes, ou seja, pessoas de quem as artimanhas sacerdotais e o seu amor exclusivo pelo ganho tinham tirado

toda a capacidade de desenvolvimento intelectual. Assim, as suas observações, em vez de aumentarem o conhecimento humano, degeneraram-no; pois as suas observações eram más e os seus relatos exagerados e torturados em formas fantásticas, até passarem a ser reconhecidos.

Então você vê, devemos viajar, devemos ir para lugares estrangeiros. Devemos ver como funciona o motor da sociedade noutros países e manter uma comunicação livre e aberta com o que se passa nas mentes de outras nações, se quisermos realmente voltar a ser uma nação. E acima de tudo, devemos parar de tiranizar. A que estado ridículo fomos levados! Se um Bhângi chegasse a alguém como um Bhangi, ele seria evitado como uma praga; mas assim que ele recebe um copo de água derramado sobre sua cabeça com alguns murmúrios de orações de um Pâdri, e coloca um casaco nas costas, por mais surrado que seja, e entra na sala do hindu mais ortodoxo - eu não vejo o homem que ousa recusar-lhe uma cadeira e um caloroso aperto de mão! A ironia não pode ir mais longe. E venha ver o que eles, os Pâdri, estão fazendo aqui em Dakshin (sul). Eles estão convertendo as classes mais baixas em milhares de dólares; e em Travancore, o país mais dominado por sacerdotes da Índia – onde cada pedaço de terra é propriedade dos brâmanes. . . quase um quarto tornou-se cristão! E não posso culpá-los; que papel eles têm em Davi e qual em Jessé? Quando, quando, ó Senhores, o homem será irmão do homem?

Seu,

VIVEKANANDA.

5.1.3 ALASINGA

HOTEL ORIENTAL

YOKOHAMA.

10 de julho de 1893.

CARO ALASINGA, BALAJI, G. G., BANKING CORPORATION, E
TODOS OS MEUS AMIGOS MADRAS,

Desculpe não mantê-lo constantemente informado sobre meus movimentos. Estamos muito ocupados todos os dias, especialmente eu, que sou muito novo na vida de possuir coisas e cuidar delas. Isso consome muito da minha energia. É realmente um incômodo terrível.

De Bombaim chegamos a Colombo. Nosso vapor permaneceu no porto quase o dia todo e aproveitamos para dar uma olhada na cidade. Dirigimos pelas ruas, e a única coisa que me lembro foi de um templo no qual havia uma Murti (imagem) muito gigantesca do Senhor Buda em postura reclinada, entrando no Nirvâna....

A próxima estação foi Penang, que é apenas uma faixa de terra ao longo do mar no corpo da Península Malaia. Os malaaios são todos muçulmanos e antigamente eram piratas notáveis e um pavor para os navios mercantes. Mas agora os canhões leviatãs dos modernos navios de guerra com torres forçaram os malaaios a procurar atividades mais pacíficas. No caminho de Penang para Singapura, tivemos vislumbres de Sumatra com as suas altas montanhas, e o Capitão apontou-me vários locais como os redutos preferidos dos piratas no passado. Cingapura é a capital dos assentamentos do Estreito. Possui um belo jardim botânico com a mais esplêndida coleção de palmeiras. A bela palmeira em forma de leque, chamada palmeira do viajante, cresce aqui em abundância, e a árvore do fruto-pão por toda parte. O célebre mangostão é tão abundante aqui quanto a manga em Madras, mas a manga é incomparável. As pessoas aqui não são tão escuras quanto as de Madras, embora estejam tão próximas da linha. Cingapura também possui um belo museu.

Hong Kong é o próximo. Você sente que chegou à China, o elemento chinês predomina tanto. Todo o trabalho, todo o comércio parece estar nas suas mãos. E Hong Kong é a verdadeira China. Assim que o navio lança âncora, você é cercado por centenas de barcos chineses para levá-lo até a terra. Estes barcos com dois lemes são bastante peculiares. O barqueiro mora no barco com a família. Quase sempre, a esposa está no comando, controlando um com as mãos e outro com um dos pés. E em noventa por cento dos casos, você encontra um bebê amarrado às costas, com as mãos e os pés do

pequeno Chin deixados livres. É uma visão singular ver o pequeno John Chinaman pendurado muito silenciosamente nas costas de sua mãe, enquanto ela agora está sentada com força e força, agora empurrando cargas pesadas ou pulando com maravilhosa agilidade de barco em barco. E há uma grande correria de barcos e lanchas a vapor entrando e saindo. O bebê John corre o risco de ter a cabecinha pulverizada, com rabo de cavalo e tudo; mas ele não se importa nem um pouco. Esta vida agitada parece não ter nenhum encanto para ele, e ele fica bastante satisfeito em aprender a anatomia de um pedaço de bolo de arroz que lhe é dado de vez em quando pela mãe loucamente ocupada. A criança chinesa é um grande filósofo e vai trabalhar com calma numa idade em que o seu menino indiano mal consegue engatinhar de quatro. Ele aprendeu muito bem a filosofia da necessidade. A sua extrema pobreza é uma das causas pelas quais os chineses e os indianos permaneceram num estado de civilização mumificada. Para um hindu ou chinês comum, a necessidade cotidiana é horrível demais para lhe permitir pensar em qualquer outra coisa.

Hong Kong é uma cidade muito bonita. Ela é construída nas encostas dos morros e também nos topos, que são bem mais frescos que a cidade. Há um bonde quase perpendicular que vai até o topo do morro, arrastado por cabo de aço e energia a vapor.

Permanecemos três dias em Hong Kong e fomos visitar Cantão, que fica a cento e trinta quilômetros rio acima. O rio é largo o suficiente para permitir a passagem dos maiores navios a vapor. Vários navios a vapor chineses operam entre Hong Kong e Cantão. Pegamos passagem em um deles à noite e chegamos a Cantão de manhã cedo. Que cenário de agitação e vida! Que quantidade imensa de barcos quase cobrindo as águas! E não só aquelas que exercem o comércio, mas centenas de outras que servem de casa para morar. E muitas delas tão lindas e grandes! Na verdade, são casas grandes de dois ou três andares, com varandas em volta e ruas entre elas, e todas flutuantes!

Aterrámos numa faixa de terreno cedida pelo governo chinês a estrangeiros para viverem. À nossa volta, em ambos os lados do rio, por quilômetros e quilômetros, está a grande cidade – um deserto de seres humanos, empurrando, lutando, avançando, rugindo. Mas com toda a sua população,

com toda a sua actividade, é a cidade mais suja que já vi, não no sentido em que uma cidade é chamada de suja na Índia, pois quanto a isso nem um grão de imundície pode ser desperdiçado pelos chineses; mas por causa do chinês, que, ao que parece, jurou nunca mais tomar banho! Cada casa é uma loja, as pessoas moram apenas no último andar. As ruas são muito estreitas, de modo que você quase toca nas lojas dos dois lados ao passar. A cada dez passos você encontra barracas de carne e há lojas que vendem carne de gato e de cachorro. É claro que apenas as classes mais pobres de chineses comem cachorro ou gato.

As senhoras chinesas nunca podem ser vistas. Eles possuem uma zenana tão rigorosa quanto os hindus do norte da Índia; apenas as mulheres das classes trabalhadoras podem ser vistas. Mesmo entre estes, vê-se de vez em quando uma mulher com pés menores que os do seu filho mais novo, e é claro que não se pode dizer que andam, mas mancam.

Fui ver vários templos chineses. O maior de Cantão é dedicado à memória do primeiro imperador budista e dos quinhentos primeiros discípulos do budismo. A figura central é, claro, Buda, e logo abaixo dele está sentado o Imperador, e em ambos os lados estão as estátuas dos discípulos, todas lindamente esculpidas em madeira.

De Cantão voltei para Hong Kong e de lá para o Japão. O primeiro porto que tocamos foi Nagasaki. Desembarcamos por algumas horas e dirigimos pela cidade. Que contraste! Os japoneses são um dos povos mais limpos do planeta. Tudo está limpo e arrumado. Suas ruas são quase todas largas, retas e regularmente pavimentadas. Suas casinhas parecem gaiolas e suas pequenas colinas sempre verdes cobertas de pinheiros formam o pano de fundo de quase todas as cidades e vilarejos. Os japoneses de baixa estatura, pele clara e roupas estranhas, seus movimentos, atitudes, gestos, tudo é pitoresco. O Japão é a terra do pitoresco! Quase todas as casas têm um jardim nas traseiras, muito bem desenhado à moda japonesa, com pequenos arbustos, relvados, pequenas águas artificiais e pequenas pontes de pedra.

De Nagasaki a Kobe. Aqui desisti do vapor e tomei a rota terrestre para Yokohama, com vista a conhecer o interior do Japão.

Vi três grandes cidades no interior – Osaka, uma grande cidade industrial, Quioto, a antiga capital, e Tóquio, a actual capital. Tóquio tem quase o dobro do tamanho de Calcutá, com quase o dobro da população.

Nenhum estrangeiro está autorizado a viajar no interior sem passaporte.

Os japoneses parecem agora ter despertado completamente para a necessidade dos tempos atuais. Eles têm agora um exército totalmente organizado, equipado com armas que um dos seus próprios oficiais inventou e que se diz ser incomparável. Então, eles estão aumentando continuamente sua marinha. Vi um túnel de quase um quilômetro e meio de comprimento, perfurado por um engenheiro japonês.

As fábricas de fósforos são simplesmente um espetáculo para se ver e estão empenhadas em fabricar tudo o que desejam em seu próprio país. Existe uma linha japonesa de navios a vapor operando entre a China e o Japão, que em breve pretende operar entre Bombaim e Yokohama.

Eu vi muitos templos. Em cada templo existem alguns mantras sânscritos escritos em caracteres do antigo bengali. Apenas alguns sacerdotes conhecem o sânscrito. Mas eles são uma seita inteligente. A ânsia moderna pelo progresso penetrou até mesmo no sacerdócio. Não posso escrever o que tenho em mente sobre os japoneses em uma curta carta. Só quero que muitos dos nossos jovens visitem o Japão e a China todos os anos. Especialmente para os japoneses, a Índia ainda é a terra dos sonhos de tudo que é elevado e bom. E você, o que é você? . . . falando bobagem a vida toda, faladores vaidosos, o que são vocês? Venham ver essas pessoas e depois escondam seus rostos de vergonha. Uma raça de caducos, você perde sua casta se sair! Sentados durante estas centenas de anos com uma carga cada vez maior de superstição cristalizada em suas cabeças, por centenas de anos gastando toda a sua energia discutindo a palpabilidade ou intocabilidade deste ou daquele alimento, com toda a humanidade esmagada para fora de vocês pela contínua tirania de séculos - o que é você? E o que você está fazendo agora? . . . passear pelas praias com livros nas mãos — repetindo trechos não digeridos do trabalho cerebral europeu, e com toda a alma empenhada em conseguir um escritório de trinta rúpias ou, na melhor das hipóteses, tornar-se advogado — o cúmulo da ambição da jovem Índia — e todos os estudantes com toda uma ninhada de crianças

famintas cacarejando em seus calcanhares e pedindo pão! Não há água suficiente no mar para afogar vocês, livros, vestidos, diplomas universitários e tudo mais?

Venham, sejam homens! Expulsem os sacerdotes que estão sempre contra o progresso, porque eles nunca se recuperariam, os seus corações nunca se tornariam grandes. Eles são frutos de séculos de superstição e tirania. Primeiro, elimine a arte sacerdotal. Venham, sejam homens! Saia dos seus buracos estreitos e dê uma olhada no exterior. Veja como as nações estão em marcha! Você ama homem? Você ama seu país? Então venha, lutemos por coisas mais elevadas e melhores; não olhe para trás, não, nem mesmo se você ver o choro mais querido e mais próximo. Não olhe para trás, mas para frente!

A Índia quer o sacrifício de pelo menos mil jovens – homens, mente, e não brutos. O governo inglês foi o instrumento, trazido aqui pelo Senhor, para quebrar a sua civilização cristalizada, e Madras forneceu os primeiros homens que ajudaram a dar uma posição aos ingleses. Quantos homens, homens altruístas e meticolosos, Madras está agora pronto para fornecer, para lutar até a vida e a morte para trazer um novo estado de coisas, simpatia para os pobres, e pão para suas bocas famintas, iluminação para o povo em geral – e lutar até a morte para transformar em homens aqueles que foram levados ao nível de bestas pela tirania de seus antepassados?

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. Trabalho calmo, silencioso e constante, sem farsas de jornal, sem nomes, você deve sempre lembrar.

5.1.4 ALASINGA

PRADOS AREIOSOS,

METCALF, MASS.,

20 de agosto de 1893.

CARO ALASINGA,

Recebi sua carta ontem. Talvez a essa altura você já tenha recebido minha carta do Japão. Do Japão cheguei a Vancouver. O caminho era pelo Pacífico Norte. Estava muito frio e sofri muito por falta de roupas quentes. No entanto, cheguei a Vancouver de qualquer maneira e de lá passei pelo Canadá até Chicago. Fiquei cerca de doze dias em Chicago. E quase todos os dias eu ia à Feira. É um assunto tremendo. É preciso levar pelo menos dez dias para passar por isso. A senhora a quem Varada Rao me apresentou e seu marido pertencem à mais alta sociedade de Chicago e foram muito gentis comigo. Saí de Chicago e vim para Boston. O Sr. Lâlubhâi esteve comigo em Boston. Ele foi muito gentil comigo. . . .

A despesa que terei de incorrer aqui é terrível. Você se lembra, você me deu £170 em notas e £9 em dinheiro. Caiu para £ 130 no total!! Em média, custa-me £1 por dia; um charuto custa oito anás do nosso dinheiro. Os americanos são tão ricos que gastam dinheiro como água e, através de legislação forçada, mantêm o preço de tudo tão alto que nenhuma outra nação do mundo consegue aproximar-se dele. Cada coolie comum ganha nove ou dez rúpias por dia e gasta a mesma quantia. Todas aquelas ideias otimistas que tínhamos antes de começar se dissolveram e agora tenho que lutar contra as impossibilidades. Cem vezes tive a intenção de sair do país e voltar para a Índia. Mas estou determinado e tenho um chamado do Alto; Não vejo jeito, mas Seus olhos veem. E devo manter-me firme, de vida ou de morte. . . .

Agora mesmo estou morando como hóspede de uma senhora idosa em um vilarejo perto de Boston. Eu acidentalmente a conheci no trem e ela me convidou para ir morar com ela. Tenho a vantagem de morar com ela, de economizar por algum tempo minhas despesas de £ 1 por dia, e ela tem a vantagem de convidar os amigos para virem aqui e mostrar-lhes uma curiosidade da Índia! E tudo isso deve ser suportado. Fome, frio, vaias nas ruas por causa do meu vestido peculiar, é contra isso que tenho que lutar. Mas, meu querido rapaz, nenhuma grande coisa foi feita sem muito trabalho.

. . . Saiba, então, que esta é a terra dos cristãos, e qualquer outra influência além dessa é quase zero. Nem me importo nem um pouco com a inimizade

de quaisquer istas no mundo. Estou aqui entre os filhos do Filho de Maria e o Senhor Jesus me ajudará. Eles gostam muito das visões amplas do Hinduísmo e do meu amor pelo Profeta de Nazaré. Digo-lhes que não prego nada contra o Grande da Galiléia. Só peço aos cristãos que aceitem os Grandes do Indo junto com o Senhor Jesus, e eles apreciam isso.

O inverno está se aproximando e terei que conseguir todo tipo de roupas quentes, e nós precisamos de mais roupas quentes do que os nativos. . . Tenha cuidado, meu garoto, tenha coragem. Estamos destinados pelo Senhor a fazer grandes coisas na Índia. Tenha fé. Nós faremos. Nós, os pobres e os desprezados, que realmente sentimos, e não esses. . . .

Outro dia, em Chicago, aconteceu uma coisa engraçada. O Raja de Kapurthala estava aqui e estava sendo idolatrado por alguma parte da sociedade de Chicago. Certa vez conheci o Raja no recinto da Feira, mas ele era grande demais para falar com um pobre faquir. Havia um excêntrico Mahratta Brâhmin vendendo pinturas feitas com unhas na Feira, vestido com um dhoti. Este sujeito disse aos repórteres todo tipo de coisas contra o Raja - que ele era um homem de casta inferior, que aqueles Rajas não passavam de escravos e que geralmente levavam vidas imorais, etc., etc. os editores, pelos quais a América é famosa, queriam dar algum peso às histórias do menino; e assim, no dia seguinte, eles escreveram enormes colunas em seus jornais sobre a descrição de um homem sábio da Índia, ou seja, eu - exaltando-me aos céus e colocando todo tipo de palavras em minha boca, com as quais eu nunca sonhei, e atribuindo a mim todas aquelas observações feitas pelo Mahratta Brahmin sobre o Raja de Kapurthala. E foi uma escovação tão boa que a sociedade de Chicago desistiu do Raja às pressas. . . . Esses editores de jornais tiraram proveito de mim para dar uma escovada no meu compatriota. Isto mostra, contudo, que neste país o intelecto tem mais peso do que toda a pompa do dinheiro e dos títulos.

Ontem a Sra. Johnson, a superintendente da prisão feminina, esteve aqui. Eles não chamam isso de prisão, mas de reformatório aqui. É a coisa mais grandiosa que já vi na América. Como os presos são tratados com benevolência, como são reformados e enviados de volta como membros úteis da sociedade; que grandioso, que lindo, é preciso ver para crer! E, ah,

como meu coração doeu ao pensar no que pensamos dos pobres, dos humildes, na Índia. Eles não têm chance, não têm escapatória, não têm como subir. Os pobres, os humildes, os pecadores na Índia não têm amigos, não têm ajuda – eles não podem ascender, por mais que tentem. Eles afundam cada vez mais a cada dia, sentem os golpes desferidos sobre eles por uma sociedade cruel e não sabem de onde vem o golpe. Esqueceram-se de que também são homens. E o resultado é a escravidão. Pessoas atenciosas nos últimos anos viram isso, mas infelizmente atribuíram isso à religião hindu e, para eles, a única maneira de melhorar é esmagando esta maior religião do mundo. Ouça-me, meu amigo, descobri o segredo pela graça do Senhor. A religião não tem culpa. Por outro lado, sua religião lhe ensina que cada ser é apenas você mesmo multiplicado. Mas era a falta de aplicação prática, a falta de simpatia – a falta de coração. O Senhor mais uma vez veio até você como Buda e lhe ensinou como sentir, como simpatizar com os pobres, os miseráveis, os pecadores, mas você não O ouviu. Seus sacerdotes inventaram a história horrível de que o Senhor estava aqui para enganar os demônios com falsas doutrinas! É verdade, mas nós somos os demônios, não aqueles que acreditaram. E assim como os judeus negaram o Senhor Jesus e desde então estão vagando pelo mundo como mendigos sem teto, tiranizados por todos, vocês são escravos de qualquer nação que pense que vale a pena governá-los. Ah, tiranos! você não sabe que o anverso é a tirania e o reverso é a escravidão. O escravo e o tirano são sinônimos.

Balaji e G. G. talvez se lembrem de uma noite em Pondicherry – estávamos discutindo a questão da viagem marítima com um Pandit, e sempre me lembrarei de seus gestos brutais e de seu Kadâpi Na (nunca)! Eles não sabem que a Índia é uma parte muito pequena do mundo, e o mundo inteiro olha com desprezo para os trezentos milhões de minhocas que rastejam sobre o belo solo da Índia e tentam oprimir-se mutuamente. Este estado de coisas deve ser removido, não pela destruição da religião, mas seguindo os grandes ensinamentos da fé hindu, e juntando a ele a maravilhosa simpatia daquele desenvolvimento lógico do hinduísmo – o budismo.

Cem mil homens e mulheres, inflamados pelo zelo da santidade, fortalecidos pela fé eterna no Senhor e fortalecidos pela coragem de um leão pela sua simpatia pelos pobres, pelos caídos e oprimidos, percorrerão

toda a extensão da terra. , pregando o evangelho da salvação, o evangelho da ajuda, o evangelho da elevação social - o evangelho da igualdade.

Nenhuma religião na terra prega a dignidade da humanidade de uma forma tão elevada como o Hinduísmo, e nenhuma religião na terra pisa o pescoço dos pobres e dos humildes de tal forma como o Hinduísmo. O Senhor me mostrou que a religião não tem culpa, mas são os fariseus e saduceus no hinduísmo, hipócritas, que inventam todos os tipos de mecanismos de tirania na forma de doutrinas de Pâramârthika e Vyâvahârîka.

Não se desespere; lembre-se de que o Senhor diz no Gita: “Você tem o direito de trabalhar, mas não o resultado”. Cinge seus lombos, meu rapaz. Fui chamado pelo Senhor para isso. Fui arrastado por uma vida inteira cheia de cruces e torturas, vi os mais próximos e queridos morrerem, quase de fome; Fui ridicularizado, desconfiado e sofri por minha simpatia pelos mesmos homens que zombam e desprezam. Pois bem, meu rapaz, esta é a escola da miséria, que é também a escola das grandes almas e dos profetas para o cultivo da simpatia, da paciência e, sobretudo, de uma vontade de ferro indomável que não estremece mesmo que o universo seja pulverizado aos nossos pés. Tenho pena deles. Não é culpa deles. Eles são crianças, sim, verdadeiros filhos, embora sejam grandes e importantes na sociedade. Seus olhos não veem nada além de seu pequeno horizonte de alguns metros - o trabalho rotineiro, comer, beber, ganhar e gerar, seguindo-se uns aos outros com precisão matemática. Eles não sabem nada além – pequenas almas felizes! O seu sono nunca é perturbado, os seus belos e castanhos estudos de vidas nunca são rudemente chocados pelo lamento de angústia, de miséria, de degradação e de pobreza que encheu a atmosfera indiana - o resultado de séculos de opressão. Eles nem sonham com os tempos de tirania, mental, moral e física, que reduziram a imagem de Deus a um mero animal de carga; o emblema da Mãe Divina, a uma escrava para ter filhos; e a própria vida, uma maldição. Mas há outros que vêem, sentem e derramam lágrimas de sangue nos seus corações, que pensam que existe um remédio para isso, e que estão prontos a aplicar este remédio a qualquer custo, até mesmo ao abandono da vida. E “dos tais é o reino dos céus”. Não é então natural, meus amigos, que eles não tenham tempo de olhar do alto para os caprichos desses pequenos insetos desprezíveis, prontos a cada momento para cuspir seus pequenos venenos?

Não confie nos chamados ricos, eles estão mais mortos do que vivos. A esperança está em você – nos mansos, nos humildes, mas nos fiéis. Tenha fé no Senhor; nenhuma política, não é nada. Sinta os miseráveis e procure ajuda - ela virá. Viajei doze anos com essa carga no coração e essa ideia na cabeça. Fui de porta em porta dos chamados ricos e grandes. Com o coração sangrando, atravessei meio mundo até esta terra estranha, em busca de ajuda. O Senhor é grande. Eu sei que Ele vai me ajudar. Posso morrer de frio ou de fome nesta terra, mas lego a vocês, jovens, esta simpatia, esta luta pelos pobres, pelos ignorantes, pelos oprimidos. Vá agora neste minuto ao templo de Pârthasârathi, (Shri Krishna como Sârathi, cocheiro, de Pârtha ou Arjuna.) e diante dAquele que era amigo dos pobres e humildes vaqueiros de Gokula, que nunca se encolheu em abraçar o pária Guhaka, que aceitou o convite de uma prostituta de preferência ao dos nobres e a salvou em Sua encarnação como Buda - sim, prostrem-se diante Dele e façam um grande sacrifício, o sacrifício de uma vida inteira por eles, por quem Ele vem de vez em quando, a quem Ele ama acima de tudo, os pobres, os humildes, os oprimidos. Prometam, então, dedicar toda a sua vida à causa da redenção desses trezentos milhões, que diminuem cada vez mais todos os dias.

Não é o trabalho de um dia, e o caminho está cheio dos espinhos mais mortais. Mas Parthasarathi está pronto para ser nosso Sârathi – nós sabemos disso. E em Seu nome e com fé eterna Nele, ateie fogo à montanha de miséria que se amontoou sobre a Índia há séculos - e ela será incendiada. Venham então, olhem de frente, irmãos, é uma grande tarefa, e estamos tão desanimados. Mas nós somos filhos da Luz e filhos de Deus. Glória ao Senhor, teremos sucesso. Centenas cairão na luta, centenas estarão prontos para enfrentá-la. Posso morrer aqui sem sucesso, outro assumirá a tarefa. Você conhece a doença, conhece o remédio, basta ter fé. Não olhe para os chamados ricos e grandes; não me importo com os escritores intelectuais sem coração e com os seus artigos de jornal de sangue frio. Fé, simpatia – fé ardente e simpatia ardente! A vida não é nada, a morte não é nada, a fome nada, o frio nada. Glória ao Senhor – marche, o Senhor é nosso General. Não olhe para trás para ver quem cai — para frente — para frente! Assim e assim prosseguiremos, irmãos. Um cai e outro retoma o trabalho.

Desta aldeia irei para Boston amanhã. Vou falar num grande Clube de Senhoras aqui, que está ajudando Ramâbâi. Devo primeiro comprar algumas roupas em Boston. Se quiser viver mais tempo aqui, meu vestido singular não servirá. As pessoas se reúnem às centenas nas ruas para me ver. Então, o que eu quero é vestir um longo casaco preto e manter uma túnica vermelha e um turbante para usar quando fizer palestras. Isto é o que as senhoras me aconselham a fazer, e elas são as governantes aqui, e devo contar com a sua simpatia. Antes de você receber esta carta, meu dinheiro cairia para algo em torno de £70 de £60. Portanto, faça o possível para enviar algum dinheiro. É necessário permanecer aqui por algum tempo para ter alguma influência aqui. Não consegui ver o fonógrafo do Sr. Bhattacharya quando recebi sua carta aqui. Se eu for para Chicago novamente, irei procurá-los. Não sei se voltarei para Chicago ou não. Meus amigos de lá me escrevem para representar a Índia. E o senhor, a quem Varada Rao me apresentou, é um dos diretores da Feira; mas então recusei, pois teria que gastar todo o pequeno estoque de dinheiro para permanecer mais de um mês em Chicago.

Na América, não há aulas ferroviárias, exceto no Canadá. Então tenho que viajar em primeira classe, pois é a única classe; mas não me aventuro nos Pullmans. São muito confortáveis – você dorme, come, bebe e até toma banho neles, como se estivesse em um hotel – mas são muito caros.

É muito difícil entrar na sociedade e se fazer ouvir. Agora ninguém está nas cidades, todos estão em lugares de verão. Todos eles voltarão no inverno. Portanto devo esperar. Depois de tanta luta, não vou desistir facilmente. Apenas tente o seu melhor para me ajudar tanto quanto puder; e mesmo que você não consiga, devo tentar até o fim. E mesmo que eu morra de frio, doença ou fome aqui, você assume a tarefa. Santidade sinceridade e fé. Deixei instruções com Cooks para encaminhar qualquer carta ou dinheiro para mim, onde quer que eu esteja. Roma não foi construída em um dia. Se você conseguir me manter aqui por pelo menos seis meses, espero que tudo dê certo. Enquanto isso, estou tentando o meu melhor para encontrar qualquer prancha em que possa flutuar. E se eu descobrir algum meio de me sustentar, telegrafarei para você imediatamente.

Primeiro tentarei na América; e se eu falhar, tente na Inglaterra; se eu falhar, voltarei para a Índia e esperarei por mais comandos do Alto. O pai de Ramdas foi para a Inglaterra. Ele está com pressa de voltar para casa. Ele é um homem muito bom de coração, apenas a aspereza Baniya na superfície. Levaria mais de vinte dias para a carta chegar. Mesmo agora está tão frio na Nova Inglaterra que todos os dias temos incêndios, noite e manhã. O Canadá ainda está mais frio. Nunca vi neve em colinas tão baixas como ali.

Aos poucos posso seguir meu caminho; mas isso significa uma residência mais longa neste país terrivelmente caro. Neste momento, o aumento da rupia na Índia criou pânico neste país e muitas fábricas foram paralisadas. Portanto, não posso esperar nada agora, mas devo esperar.

Agora mesmo fui ao alfaiate e encomendei algumas roupas de inverno, e isso custaria pelo menos Rs. 300 e mais. E ainda assim não seriam roupas boas, apenas decentes. As mulheres aqui são muito exigentes com as roupas dos homens e são o poder neste país. Eles. . . nunca decepcione os missionários. Eles estão ajudando nosso Ramabai todos os anos. Se você não conseguir me manter aqui, envie algum dinheiro para me tirar do país. Enquanto isso, se algo acontecer a meu favor, escreverei ou telegrafarei. Uma palavra custa Rs. 4 no cabo!!

Seu,

VIVEKANANDA.

5.1.5 ALASINGA

CHICAGO,

2 de novembro de 1893.

CARO ALASINGA,

Lamento muito que um momento de fraqueza de minha parte lhe cause tantos problemas; Eu estava sem dinheiro naquela época. Desde então o

Senhor me enviou amigos. Numa aldeia perto de Boston conheci o Dr. Wright, professor de grego na Universidade de Harvard. Ele simpatizou muito comigo e insistiu comigo sobre a necessidade de ir ao Parlamento das Religiões, que ele pensou que me daria uma introdução à nação. Como eu não conhecia ninguém, o Professor encarregou-se de providenciar tudo para mim e, por fim, voltei para Chicago. Aqui eu, juntamente com os delegados orientais e ocidentais ao Parlamento das Religiões, estávamos todos alojados na casa de um cavalheiro.

Na manhã da abertura do Parlamento, reunimo-nos todos num edifício denominado Palácio das Artes, onde foram erguidos um enorme e outros salões temporários mais pequenos para as sessões do Parlamento. Homens de todas as nações estavam lá. Da Índia vieram Mazoomdar do Brâhmo Samâj, e Nagarkar de Bombaim, o Sr. Gandhi representando os Jainistas, e o Sr. Chakravarti representando a Teosofia com a Sra. Annie Besant. Destes, Mazoomdar e eu éramos, é claro, velhos amigos, e Chakravarti me conhecia pelo nome. Houve uma grande procissão e todos fomos conduzidos à plataforma. Imagine um salão abaixo e uma enorme galeria acima, lotada com seis ou sete mil homens e mulheres representando a melhor cultura do país, e na plataforma homens eruditos de todas as nações da terra. E eu, que nunca falei em público na minha vida, para me dirigir a esta augusta assembleia!! Foi inaugurado em grande estilo com música, cerimônia e discursos; então os delegados foram apresentados um por um e se aproximaram e falaram. É claro que meu coração estava acelerado e minha língua quase secou; Eu estava tão nervoso que não me atrevi a falar pela manhã. Mazoomdar fez um belo discurso, Chakravarti ainda melhor, e eles foram muito aplaudidos. Estavam todos preparados e vieram com discursos prontos. Eu era um tolo e não tinha nenhum, mas me curvei diante de Devi Sarasvati e me aproximei, e o Dr. Barrows me apresentou. Fiz um breve discurso. Dirigi-me à assembleia como “Irmãs e Irmãos da América”, seguido de aplausos ensurdecadores de dois minutos, e então continuei; e quando terminei, sentei-me, quase exausto de emoção. No dia seguinte, todos os jornais anunciaram que meu discurso era o sucesso do dia e tornei-me conhecido em toda a América. Verdadeiramente foi dito pelo grande comentarista Shridhara - "मूकं करोति वाचालं" - Quem faz do mudo um orador fluente." Seu nome seja louvado! A partir daquele dia, tornei-me uma celebridade e, no dia em que li o meu artigo sobre o hinduísmo, a sala estava lotada como nunca antes. Cito para vocês um dos jornais: "Senhoras, senhoras, senhoras empacotando todos os lugares - preenchendo todos os cantos, esperaram pacientemente e esperaram enquanto os papéis que os separavam de Vivekananda eram lidos", etc. Passo para você os recortes de jornal, mas você já sabe que odeio celebridades. Basta dizer que sempre que eu subia à plataforma, um aplauso ensurdecador era levantado para mim. Quase todos os jornais me prestaram grandes homenagens, e mesmo os mais preconceituosos tiveram de admitir que “Este homem com o seu rosto bonito, presença magnética e oratória maravilhosa é a figura mais

proeminente do Parlamento”, etc., etc. saber que nunca antes um oriental causou tal impressão na sociedade americana.

E como falar da gentileza deles? Não tenho mais necessidades agora, estou bem de vida e todo o dinheiro que preciso para visitar a Europa, receberei daqui. . . . Um menino chamado Narasimhâchârya surgiu entre nós. Ele tem vagado pela cidade nos últimos três anos. Vadia ou não, eu gosto dele; mas, por favor, escreva-me tudo sobre ele se souber de alguma coisa. Ele conhece você. Ele veio para a Europa no ano da Exposição de Paris. . . .

Agora estou sem necessidade. Muitas das casas mais bonitas desta cidade estão abertas para mim. O tempo todo estou vivendo como convidado de alguém. Há uma curiosidade nesta nação que você não encontra em nenhum outro lugar. Eles querem saber tudo, e as suas mulheres – elas são as mais avançadas do mundo. A mulher americana média é muito mais culta do que o homem americano médio. Os homens trabalham como escravos durante toda a vida por dinheiro e as mulheres aproveitam todas as oportunidades para melhorarem. E eles são pessoas francas e de muito bom coração. Todo mundo que tem uma moda de pregar vem aqui, e lamento dizer que a maioria delas não é sólida. Os americanos também têm os seus defeitos, e que nação não os tem? Mas este é o meu resumo: a Ásia lançou os germes da civilização, a Europa desenvolveu o homem e a América está a desenvolver a mulher e as massas. É o paraíso da mulher e do trabalhador. Agora compare as massas e as mulheres americanas com as nossas, e você entenderá imediatamente. Os americanos estão rapidamente a tornar-se liberais. Não os julgue pelos exemplares de cristãos de casca dura (é a frase deles) que você vê na Índia. Há estes aqui também, mas o seu número está diminuindo rapidamente, e esta grande nação está progredindo rapidamente em direção àquela espiritualidade que é o orgulho padrão do Hindu.

O Hindu não deve abandonar a sua religião, mas deve mantê-la dentro dos seus limites adequados para dar liberdade à sociedade para crescer. Todos os reformadores na Índia cometeram o grave erro de responsabilizar a religião por todos os horrores do sacerdócio e da degeneração e avançaram para derrubar a estrutura indestrutível, e qual foi o resultado? Falha! Desde Buda até Ram Mohan Roy, todos cometeram o erro de considerar a casta uma instituição religiosa e tentaram derrubar a religião e a casta todas

juntas, e falharam. Mas, apesar de todos os delírios dos padres, a casta é simplesmente uma instituição social cristalizada, que depois de prestar o seu serviço está agora a encher a atmosfera da Índia com o seu mau cheiro, e só pode ser removida devolvendo ao povo a sua perda social. individualidade. Todo homem nascido aqui sabe que é um homem. Todo homem nascido na Índia sabe que é um escravo da sociedade. Agora, a liberdade é a única condição de crescimento; tire isso, o resultado é degeneração. Com a introdução da competição moderna, veja como as castas estão desaparecendo rapidamente! Nenhuma religião é agora necessária para matá-lo. O lojista, o sapateiro e o destilador de vinho Brahmana são comuns no norte da Índia. E porque? Por causa da concorrência. Nenhum homem está proibido de fazer o que quiser para a sua subsistência sob o actual Governo, e o resultado é uma competição pescoço a pescoço, e assim milhares de pessoas procuram e encontram o nível mais elevado para o qual nasceram, em vez de vegetarem na base.

Devo permanecer neste país pelo menos durante o inverno e depois ir para a Europa. O Senhor proverá tudo para mim. Você não precisa se preocupar com isso. Não posso expressar minha gratidão por seu amor.

Dia após dia sinto que o Senhor está comigo e procuro seguir Sua orientação. A vontade dele será feita. . . . Faremos grandes coisas para o mundo, e isso para fazer o bem e não por nome e fama.

"Não nos cabe raciocinar o porquê, mas sim fazer e morrer." Tenha bom ânimo e acredite que fomos escolhidos pelo Senhor para fazer grandes coisas, e as faremos. Mantenha-se pronto, ou seja, seja puro e santo, e ame por amor. Ame os pobres, os miseráveis, os oprimidos, e o Senhor os abençoará.

Veja o Raja de Ramnad e outros de vez em quando e incentive-os a simpatizar com as massas da Índia. Diga-lhes como eles estão no pescoço dos pobres e que não estão aptos a serem chamados de homens se não tentarem erguê-los. Não tenha medo, o Senhor está com você, e Ele ainda ressuscitará os milhões de famintos e ignorantes da Índia. Um carregador ferroviário aqui é mais instruído do que muitos de seus jovens e a maioria de seus príncipes. Toda mulher americana tem uma educação muito melhor

do que a maioria das mulheres hindus pode imaginar. Por que não podemos ter a mesma educação? Devemos.

Não pense que você é pobre; dinheiro não é poder, mas bondade, santidade. Venha ver como é assim em todo o mundo.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. A propósito, o artigo do seu tio foi o fenômeno mais curioso que já vi. Era como um catálogo de um comerciante e não foi considerado adequado para ser lido no Parlamento. Então Narasimhacharya leu alguns trechos dele em uma sala lateral e ninguém entendeu uma palavra. Não conte isso a ele. É uma grande arte concentrar a maior quantidade de pensamento no menor número de palavras. Até mesmo o artigo de Manilal Dvivedi teve que ser abreviado. Mais de mil artigos foram lidos e não houve tempo para tais perorações selvagens. Foi-me concedido um bom tempo além da meia hora normal. . . porque os oradores mais populares eram sempre colocados em último lugar, para prender a audiência. E que o Senhor os abençoe, que simpatia eles têm e que paciência! Eles ficavam sentados das dez da manhã às dez da noite - apenas um intervalo de meia hora para uma refeição, e liam jornal após jornal, a maioria deles muito triviais, mas esperavam e esperavam para ouvir. seus favoritos.

Dharmapala do Ceilão era um dos favoritos. Mas infelizmente não era um bom orador. Ele tinha apenas citações de Max Müller e Rhys Davids para fornecer. Ele é um homem muito gentil e nos tornamos muito íntimos durante o Parlamento.

Uma senhora cristã de Poona, Srta. Sorabji, e o representante jainista, Sr. Gandhi, permanecerão mais tempo no país e farão palestras. Espero que eles tenham sucesso. Dar palestras é uma ocupação muito lucrativa neste país e às vezes paga bem.

O Sr. Ingersoll ganha de quinhentos a seiscentos dólares por palestra. Ele é o palestrante mais célebre deste país. Não publique esta carta. Após a

leitura, envie-o ao Maharaja (de Khetri). Enviei-lhe minha fotografia na América.

V

5.1.6 HARIPADA

(Traduzido do bengali)

C/O GEORGE W. HALE ESQ.,

AVENIDA DEARBORN 541, CHICAGO,

28 de dezembro de 1893.

CARO HARIPADA, (Haripada Mitra)

É muito estranho que notícias das minhas palestras em Chicago tenham aparecido nos jornais indianos; em tudo o que faço, tento ao máximo evitar publicidade. Muitas coisas me impressionam aqui. Pode-se dizer com justiça que não há pobreza neste país. Nunca vi mulheres em outros lugares tão cultas e educadas como aqui. Existem homens bem-educados em nosso país, mas dificilmente você encontrará em algum lugar mulheres como essas aqui. É realmente verdade que “a própria Deusa vive nas casas de homens virtuosos como Lakshmi”. Tenho visto milhares de mulheres aqui cujos corações são puros e imaculados como a neve. Oh, como eles são livres! São eles que controlam os deveres sociais e cívicos. As escolas e os colégios estão cheios de mulheres, e no nosso país não se pode permitir que as mulheres andem nas ruas com segurança! A bondade deles para comigo é imensurável. Desde que cheguei aqui, fui recebido por eles em suas casas. Eles estão me fornecendo comida, organizando minhas palestras, me levando ao mercado e fazendo tudo para meu conforto e comodidade. Jamais serei capaz de pagar a profunda dívida de gratidão que tenho para com eles.

Você sabe quem é o verdadeiro “adorador de Shakti”? É ele quem sabe que Deus é a força onipresente no universo e vê nas mulheres a manifestação dessa Força. Muitos homens aqui olham para suas mulheres sob esta luz.

Manu, mais uma vez, disse que os deuses abençoam as famílias onde as mulheres são felizes e bem tratadas. Aqui os homens tratam suas mulheres tão bem quanto podem desejar e, portanto, são tão prósperos, tão instruídos, tão livres e tão enérgicos. Mas por que somos escravos, miseráveis e mortos? A resposta é óbvia.

E quão puros e castos eles são aqui! Poucas mulheres se casam antes dos vinte ou vinte e cinco anos e são tão livres quanto os pássaros no ar. Eles vão ao mercado, à escola e à faculdade, ganham dinheiro e fazem todo tipo de trabalho. Aqueles que estão bem de vida dedicam-se a fazer o bem aos pobres. E o que estamos fazendo? Somos muito regulares em casar nossas meninas aos onze anos de idade, para que não se tornem corruptas e imorais. O que nosso Manu recomenda? “As filhas devem ser apoiadas e educadas com tanto cuidado e atenção quanto os filhos”. Assim como os filhos devem se casar após observar Brahmacharya até o trigésimo ano, as filhas também devem observar Brahmacharya e ser educadas por seus pais. Mas o que estamos realmente fazendo? Você pode melhorar a condição de suas mulheres? Então haverá esperança para o seu bem-estar. Caso contrário, você permanecerá tão atrasado quanto está agora.

Se alguém nasce numa casta inferior no nosso país, desaparece para sempre, não há esperança para ele. Por que? Que tirania é essa! Existem possibilidades, oportunidades e esperança para cada indivíduo neste país. Hoje ele é pobre, amanhã poderá tornar-se rico, instruído e respeitado. Aqui todos estão ansiosos por ajudar os pobres. Na Índia grita-se que somos muito pobres, mas quantas associações de caridade existem para o bem-estar dos pobres? Quantas pessoas realmente choram pelas tristezas e sofrimentos de milhões de pobres na Índia? Nós somos homens? O que estamos fazendo para a sua subsistência, para a sua melhoria? Não lhes tocamos, evitamos a sua companhia! Nós somos homens? Esses milhares de Brahmanas – o que estão fazendo pelas massas baixas e oprimidas da Índia? “Não toque”, “Não toque”, é a única frase que toca em seus lábios! Quão mesquinha e degradada nossa religião eterna se tornou em suas mãos! Onde está nossa religião agora? Somente em "Não toque" e em nenhum outro lugar!

Vim para este país não para satisfazer a minha curiosidade, nem por nome ou fama, mas para ver se conseguia encontrar algum meio de sustentar os pobres na Índia. Se Deus me ajudar, você saberá gradualmente quais são esses meios.

No que diz respeito à espiritualidade, os americanos são muito inferiores a nós, mas a sua sociedade é muito superior à nossa. Ensinaremos a eles nossa espiritualidade e assimilaremos o que há de melhor em sua sociedade.

Com amor e muitas felicidades,

Seu,

VIVEKANANDA.

5.1.7 AMIGOS

C/O GEORGE W. HALE ESQ.,

AVENIDA DEARBORN 541, CHICAGO,

24 de janeiro de 1894.

QUERIDOS AMIGOS, (Seus discípulos em Madras)

Suas cartas chegaram até mim. Estou surpreso que tanto sobre mim tenha chegado até você. As críticas que menciona ao Interior não devem ser interpretadas como a atitude do povo americano. Esse jornal é quase desconhecido por aqui, e pertence ao que chamam de “jornal presbiteriano de nariz azul”, muito preconceituoso. Mesmo assim, todos os "nariz azul" não são nada cavalheirescos. O povo americano e muitos membros do clero são muito hospitaleiros comigo. Esse jornal queria um pouco de notoriedade ao atacar um homem que estava sendo idolatrado pela sociedade. Esse truque é bem conhecido aqui, e eles não pensam nada a respeito. É claro que os nossos missionários indianos podem tentar tirar proveito disso. Se o fizerem, diga-lhes: "Marcos, judeu, um julgamento caiu sobre você!" O seu antigo edifício está a ruir até aos alicerces e terá de ser derrubado, apesar dos seus gritos histéricos. Tenho pena deles - se os seus

meios de viver bem na Índia forem reduzidos pelo influxo de religiões orientais aqui. Mas nenhum dos seus principais clérigos está alguma vez contra mim. Bem, quando estou no lago, devo tomar um banho completo.

Envio-lhe um recorte de jornal com um breve esboço de nossa religião que li diante deles. A maioria dos meus discursos são improvisados. Espero publicá-los em livro antes de deixar o país. Não preciso de nenhuma ajuda da Índia, tenho bastante aqui. Empregue o dinheiro que você tem na impressão e publicação deste breve discurso; e traduzindo-o para o vernáculo, transmita-o; isso nos manterá diante da mente nacional. Enquanto isso, não se esqueça do nosso plano de um colégio central e de partir dele para todas as direções da Índia. Trabalhar duro. . . .

Quanto às mulheres da América, não posso expressar a minha gratidão pela sua bondade. Senhor os abençoe. Neste país, as mulheres são a vida de todos os movimentos e representam toda a cultura da nação, pois os homens estão demasiado ocupados para se educarem.

Recebi as cartas de Kidi. Com a questão de saber se a casta irá ou não, não tenho nada a fazer. A minha ideia é trazer até à porta dos mais mesquinhos, dos mais pobres, das ideias nobres que a raça humana desenvolveu tanto dentro como fora da Índia, e deixá-los pensar por si próprios. Se deveria haver casta ou não, se as mulheres deveriam ser perfeitamente livres ou não, isso não me preocupa. “A liberdade de pensamento e de ação é a única condição de vida, de crescimento e de bem-estar.” Onde não existe, o homem, a raça, a nação devem sucumbir.

Casta ou sem casta, credo ou sem credo, qualquer homem, ou classe, ou casta, ou nação, ou instituição que barra o poder de livre pensamento e ação de um indivíduo - mesmo enquanto esse poder não prejudique outros - é diabólico e deve descer.

Toda a minha ambição na vida é pôr em funcionamento uma máquina que traga ideias nobres até à porta de todos, e depois deixar que homens e mulheres decidam o seu próprio destino. Deixe-os saber o que nossos antepassados, bem como outras nações, pensaram sobre as questões mais importantes da vida. Deixe-os ver especialmente o que os outros estão fazendo agora e então decida. Devemos juntar os produtos químicos, a

cristalização será feita pela natureza de acordo com as suas leis. Trabalhe duro, seja firme e tenha fé no Senhor. Comece a trabalhar, irei mais cedo ou mais tarde. Mantenha o lema diante de você – “Elevação das massas sem ferir a sua religião”.

Lembre-se de que a nação vive na cabana. Mas, infelizmente! ninguém nunca fez nada por eles. Nossos reformadores modernos estão muito ocupados com o novo casamento das viúvas. É claro que sou um simpatizante de todas as reformas, mas o destino de uma nação não depende do número de maridos que as suas viúvas tenham, mas da condição das massas. Você pode criá-los? Você pode devolver-lhes a individualidade perdida sem fazê-los perder sua natureza espiritual inata? Você pode se tornar um ocidental dos ocidentais em seu espírito de igualdade, liberdade, trabalho e energia, e ao mesmo tempo um hindu até a espinha dorsal da cultura religiosa e dos instintos? Isto deve ser feito e nós o faremos. Todos vocês nasceram para fazer isso. Tenham fé em si mesmos, grandes convicções são as mães de grandes feitos. Avante para sempre! Simpatia pelos pobres, pelos oprimidos, até à morte – este é o nosso lema.

Avante, bravos rapazes!

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Não publique esta carta; mas não há mal nenhum em pregar a ideia de elevar as massas por meio de um colégio central, e de levar a educação, bem como a religião, à porta dos pobres por meio de missionários treinados neste colégio. Tente interessar a todos.

Envio-lhe alguns recortes de jornais – apenas dos melhores e mais importantes. Aquele do Dr. Thomas é muito valioso, pois foi escrito por um dos, se não o principal clero da América. O Interior, com todo o seu fanatismo e sede de notoriedade, era obrigado a dizer que eu era o favorito do público. Cortei algumas linhas daquela revista também.

V.

5.1.8 ALASINGA

NOVA IORQUE,

9 de abril de 1894.

CARO ALASINGA,

Recebi sua última carta há alguns dias. Você vê que estou tão ocupado aqui e tenho que escrever tantas cartas todos os dias que você não pode esperar comunicações frequentes de minha parte. Mas tento o meu melhor para mantê-lo em contato com tudo o que está acontecendo aqui. Escreverei a Chicago para que um dos livros sobre o Parlamento das Religiões seja enviado a você. Mas a esta altura você tem dois dos meus breves discursos.

O secretário Saheb me escreveu dizendo que devo voltar para a Índia, porque essa é a minha área. Não há dúvida disso. Mas, meu irmão, devemos acender uma tocha que lançará brilho sobre toda a Índia. Portanto, não tenhamos pressa; tudo virá pela graça do Senhor. Já dei palestras em muitas das grandes cidades da América e consegui o suficiente para pagar minha passagem depois de pagar as terríveis despesas aqui. Fiz muitos amigos aqui, alguns deles muito influentes. É claro que os clérigos ortodoxos estão contra mim; e vendo que não é fácil lutar comigo, eles tentam me impedir, abusar e difamar de todas as maneiras; e Mazoomdar veio em seu auxílio. Ele deve ter enlouquecido de ciúme. Ele disse a eles que eu era uma grande fraude e um trapaceiro! E novamente em Calcutá ele está dizendo a eles que estou levando uma vida muito pecaminosa na América, especialmente impura! Senhor o abençoe! Meu irmão, nada de bom pode ser feito sem obstrução. Somente aqueles que perseveraram até o fim conseguem. . . . Acredito que a Satya Yuga (Idade de Ouro) chegará quando houver uma casta, um Veda, e paz e harmonia. Esta ideia de Satya Yuga é o que revivificaria a Índia. Acredite. Uma coisa deve ser feita se você puder. Você pode convocar uma grande reunião em Madras, convocando Ramnad ou qualquer sujeito importante como o presidente, e aprovar uma resolução que o satisfaça totalmente pela minha representação do hinduísmo aqui, e enviá-la ao Chicago Herald, à Inter-Ocean e ao New York Sun e o Anunciante Comercial de Detroit (Michigan). Chicago fica em Illinois. O New York Sun não exige detalhes. Detroit fica no estado de Michigan.

Envie cópias ao Dr. Barrows, Presidente do Parlamento das Religiões, Chicago. Esqueci o número dele, mas a rua é Avenida Indiana. Uma cópia para a Sra. J. J. Bagley de Detroit, Washington Ave.

Tente tornar esta reunião o maior possível. Controle todos os grandes insetos que devem se juntar a ele por sua religião e país. Tente obter uma carta do Maharaja de Mysore e do Dewan aprovando a reunião e seu propósito – ou seja, de Khetri – na verdade, uma multidão tão grande e barulhenta quanto possível.

A resolução seria de tal natureza que a comunidade hindu de Madras, que me enviou, expressando toda a sua satisfação pelo meu trabalho aqui, etc.

Agora tente se for possível. Isso não dá muito trabalho. Obtenha também cartas de condolências de todas as partes que puder, imprima-as e envie cópias aos jornais americanos – o mais rápido que puder. Isso irá percorrer um longo caminho, meus irmãos. Os caras B—S— aqui estão tentando falar todo tipo de bobagem. Devemos calar a boca deles o mais rápido que pudermos.

Levantem-se, rapazes, e coloquem-se à frente! Se você puder fazer isso, tenho certeza de que poderemos fazer muito no futuro. Velho Hinduísmo para sempre! Abaixo todos os mentirosos e bandidos! Para cima, para cima, meus meninos, temos certeza de que venceremos!

Quanto à publicação de minhas cartas, as partes que devem ser publicadas poderão ser publicadas para nossos amigos até que eu chegue. Quando começarmos a trabalhar, teremos um “boom” tremendo, mas não quero falar sem trabalhar. Eu não sei, mas G. C. Ghosh e o Sr. Mitra de Calcutá podem reunir todos os simpatizantes do meu falecido Gurudeva para fazerem o mesmo em Calcutá. Se puderem, tanto melhor. Peça-lhes, se puderem, que aprovem as mesmas resoluções em Calcutá. Existem milhares em Calcutá que simpatizam com o nosso movimento. No entanto, tenho mais fé em você do que neles.

Nada mais para escrever.

Transmita as minhas saudações a todos os nossos amigos — pelos quais rezo sempre.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.9 SHARAT

EUA,

20 de maio de 1894.

MEU QUERIDO SHARAT (SARADANANDA),

Recebi sua carta e fico feliz em saber que Shashi (Ramakrishnananda) está bem. Agora vou te contar um fato curioso. Sempre que alguém de vocês estiver doente, deixe que ele mesmo ou qualquer um de vocês o visualize em sua mente e diga mentalmente e imagine fortemente que ele está bem. Isso irá curá-lo rapidamente. Você pode fazer isso mesmo sem o conhecimento dele e mesmo com milhares de quilômetros entre vocês. Lembre-se disso e não fique mais doente. Você recebeu o dinheiro neste momento. Se todos quiserem, vocês podem dar a Gopal Rs. 300/- do valor que enviei para o Math. Não tenho mais nada para enviar agora. Tenho que cuidar de Madras agora.

Não consigo entender por que Sanyal está tão infeliz por causa do casamento de suas filhas. Afinal, ele vai arrastar suas filhas pelo sujo Samsâra (mundo) do qual ele mesmo deseja escapar! Só posso ter uma opinião sobre isso: condenação! Odeio o próprio nome de casamento, em relação a um menino ou a uma menina. Você quer dizer que eu tenho que ajudar a colocar alguém em cativeiro, seu tolo! Se meu irmão Mohin se casar, vou expulsá-lo. Estou muito decidido sobre isso. . . .

Seu apaixonado,

VIVEKANANDA.

5.1.10 ALASINGA

CHICAGO,

28 de maio de 1894.

CARO ALASINGA,

Não pude responder ao seu bilhete antes, porque estava circulando de um lado para outro de Nova York a Boston e também aguardava a carta de Narasimha. Não sei quando voltarei para a Índia. É melhor deixar tudo nas mãos d'Aquele que está atrás de mim me direcionando. Tente trabalhar sem mim, como se eu nunca tivesse existido. Não espere por ninguém nem por nada. Faça o que puder. Não construa sua esperança em ninguém. Antes de escrever sobre mim, falarei sobre Narasimha. Ele provou ser um completo fracasso. . . . No entanto, ele me escreveu pedindo ajuda na última etapa, e tentarei ajudá-lo tanto quanto estiver ao meu alcance. Enquanto isso, você diz ao pessoal dele para enviar dinheiro o mais rápido possível para ele ir até lá. . . . Ele está em perigo. Claro que cuidarei para que ele não morra de fome.

Dei muitas palestras aqui... As despesas aqui são terríveis; o dinheiro tem que voar, embora quase sempre eu tenha sido cuidado em todos os lugares pelas famílias mais simpáticas e nobres.

Não sei se irei embora neste verão ou não. Provavelmente não. Enquanto isso, tente organizar e levar adiante nossos planos. Acredite que você pode fazer tudo. Saibam que o Senhor está conosco e assim por diante, almas corajosas!

Já tive apreciação suficiente em meu próprio país. Apreciação ou não, não durma, não relaxe. Você deve se lembrar que nem um pouquinho dos nossos planos foi executado ainda.

Aja sobre os jovens instruídos, reúna-os e organize-os. Grandes coisas só podem ser feitas com grandes sacrifícios. Sem egoísmo, sem nome, sem fama, sua ou minha, nem mesmo do meu Mestre! Trabalhe, trabalhe a ideia, o plano, meus meninos, minhas almas corajosas, nobres e boas - ao volante,

ao volante coloquem seus ombros! Pare para não olhar para trás em busca de nome, fama ou qualquer bobagem desse tipo. Jogue-se ao mar e trabalhe. Lembre-se: “A grama, quando transformada em corda ao ser unida, pode até acorrentar um elefante louco”. As bênçãos do Senhor sobre todos vocês! Seu poder esteja em todos vocês – como acredito que já esteja. “Acorde, não pare até que a meta seja alcançada”, dizem os Vedas. Para cima, para cima, a longa noite vai passando, o dia se aproxima, a onda subiu, nada poderá resistir à sua fúria de maré. O espírito, meus meninos, o espírito; o amor, meus filhos, o amor; a fé, a crença; e não tema! O maior pecado é o medo.

Minhas bênçãos para todos. Diga a todas as almas nobres de Madras que ajudaram a nossa causa que lhes envio meu eterno amor e gratidão, mas imploro-lhes que não relaxem. Jogue a ideia na transmissão. Não fique orgulhoso; não insista em nada dogmático; não vá contra nada — o nosso é juntar os produtos químicos, Deus sabe como e quando o cristal se formará. Acima de tudo, não se inflacione com o meu sucesso ou com o seu. Grandes obras devem ser feitas; o que é esse pequeno sucesso em comparação com o que está por vir? Acredite, acredite, o decreto foi emitido, o decreto do Senhor foi emitido – a Índia deve se erguer, as massas e os pobres devem ser felizes. Alegrem-se por serem os instrumentos escolhidos em Suas mãos. A inundação da espiritualidade aumentou. Vejo que está rolando pela terra sem resistência, sem limites, absorvendo tudo. Todo homem na frente, todo bem será acrescentado às suas forças, toda mão suavizará seu caminho e glória seja ao Senhor! . . .

Eu não preciso de nenhuma ajuda. Tente conseguir um fundo, compre algumas lanternas mágicas, mapas, globos, etc., e alguns produtos químicos. Reúna todas as noites uma multidão de pobres e humildes, até mesmo os párias, e primeiro dê-lhes palestras sobre religião, e depois ensine-os através da lanterna mágica e outras coisas, astronomia, geografia, etc., no dialeto do povo. Treine um bando de jovens fogosos. Coloque seu fogo neles e aumente gradativamente a organização, deixando-a ampliar cada vez mais seu círculo. Faça o melhor que puder, não espere para atravessar o rio quando a água já tiver acabado. Imprimir revistas, jornais, etc., é bom, sem dúvida, mas o trabalho real, meus meninos, mesmo que infinitesimal, é melhor do que eternamente rabiscar e conversar. Convoque

uma reunião na casa de Bhattacharya. Arranje um pouco de dinheiro e compre essas coisas que acabei de dizer, alugue uma cabana e vá trabalhar. As revistas são secundárias, mas isso é primário. Você deve ter controle sobre as massas. Não tenha medo de um começo pequeno, grandes coisas vêm depois. Seja corajoso. Não tente liderar seus irmãos, mas sirva-os. A brutal mania de liderar afundou muitos grandes navios nas águas da vida. Cuide especialmente disso, ou seja, seja altruísta até a morte e trabalhe. Não poderia escrever tudo o que ia dizer, mas o Senhor lhes dará toda a compreensão, meus valentes rapazes. Vamos lá, meus meninos! Glória ao Senhor! . . .

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

5.1.11 ALASINGA

EUA,
11 de julho de 1894.

CARO ALASINGA,

Você nunca deve escrever para mim em nenhum outro lugar que não seja 541 Dearborn Ave., Chicago. Sua última carta viajou por todo o país para chegar até mim, e isso só aconteceu porque sou muito conhecido. Algumas das resoluções devem ser enviadas ao Dr. Barrows com uma carta agradecendo-lhe por sua gentileza para comigo e pedindo-lhe que publique a carta em alguns jornais americanos - pois essa seria a melhor refutação das falsas acusações dos missionários que eu não represente ninguém. Aprenda negócios, meu garoto. Faremos grandes coisas ainda! No ano passado só semeei as sementes; este ano pretendo colher. Enquanto isso, mantenha o máximo de entusiasmo possível na Índia. Deixe Kidi seguir seu próprio caminho. Ele sairá bem na hora certa. Eu assumi a responsabilidade dele. Ele tem todo o direito à sua própria opinião. Faça-o escrever para o jornal; isso o manterá de bom humor! Minhas bênçãos sobre ele.

Comece a revista e enviarei artigos de vez em quando. Você deve enviar um artigo e uma carta ao professor J. H. Wright, da Universidade de Harvard, Boston, agradecendo-lhe por ter sido o primeiro homem que se apresentou como meu amigo e pedindo-lhe que publicasse isso nos jornais, desmentindo assim os missionários.

Na palestra de Detroit ganhei US\$ 900, ou seja, Rs. 2.700. Em outras palestras, ganhei em uma delas US\$ 2.500, ou seja, Rs. 7.500 em uma hora, mas consegui apenas 200 dólares! Fui enganado por um Lecture Bureau malandro. Eu desisti deles. Passei muito aqui; restam apenas cerca de US\$ 3.000.

Terei que imprimir muita matéria no próximo ano. Vou trabalhar regularmente. . . . O puro poder da vontade fará tudo. . . . Você deve organizar uma sociedade que se reúna regularmente e me escreva sobre isso sempre que puder. Na verdade, levante o máximo de entusiasmo que puder. Apenas, cuidado com a falsidade. Vá trabalhar, meus meninos, o fogo chegará até vocês! A faculdade de organização está totalmente ausente em nossa natureza, mas precisa ser infundida. O grande segredo é – ausência de ciúme. Esteja sempre pronto para ceder às opiniões de seus irmãos e tente sempre conciliar. Esse é todo o segredo. Lute bravamente! A vida é curta! Entregue-se a uma grande causa. Por que você não escreve nada sobre Narasimha? Ele está quase morrendo de fome. Eu dei algo a ele. Aí ele foi para algum lugar, não sei onde, e não escreve. Akshaya é um bom menino. Eu gosto muito dele. Não adianta discutir com os teosofistas. Não vá contar a eles tudo o que escrevo para você. . . . Os teósofos são nossos pioneiros, sabia? Agora, o juiz é hindu e o coronel budista, e o juiz é o homem mais capaz aqui. Agora diga aos Teosofistas Hindus para apoiarem o Juiz. Mesmo que você possa escrever uma carta a Judge, agradecendo-lhe como correligionário e por seu trabalho em apresentar o hinduísmo aos americanos; isso fará muito bem ao seu coração. Não devemos aderir a nenhuma seita, mas devemos simpatizar e trabalhar com cada uma delas. . . . Trabalhe, trabalhe — conquiste tudo pelo seu amor! . . .

Tente expandir. Lembre-se que o único sinal de vida é movimento e crescimento. Você deve enviar a resolução aprovada ao Dr. J. H. Barrows. . . , Dr. . . , Senador Palmer. . . , Sra. . . , deve vir oficialmente. . . . Escrevo isso

porque não acho que você conheça os costumes das nações estrangeiras. . . . Continue firme. Até agora fizemos coisas maravilhosas. Avante, almas corajosas, venceremos! Organizar e fundar sociedades e ir trabalhar, esse é o único caminho.

Nesta época do ano não há muitas palestras para fazer aqui; então vou me dedicar à minha caneta e escrever. Estarei trabalhando arduamente o tempo todo e, então, quando o tempo frio chegar e as pessoas voltarem para suas casas, começarei a dar palestras novamente e, ao mesmo tempo, organizarei sociedades.

Meu amor e bênçãos para todos vocês. Nunca esqueço ninguém, embora não escreva com frequência. Então, novamente, estou viajando continuamente e as cartas têm que ser redirecionadas de um lugar para outro.

Trabalhar duro. Seja santo e puro e o fogo virá.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

5.1.12 IRMÃ

ANUALMENTE,
20 de agosto de 1894.

QUERIDA IRMÃ, (Isabelle McKindley)

Sua amável carta chegou até mim em Annisquam. Estou com os Bagleys mais uma vez. Eles são gentis como sempre. O professor Wright não estava aqui. Mas ele veio anteontem e nos divertimos muito juntos. O Sr. Bradley de Evanston, que você conheceu em Evanston, esteve aqui. Sua cunhada me fez sentar para um quadro por vários dias e me pintou. Fiz uma navegação muito boa e uma noite o barco virou e me encharquei bastante - com roupas e tudo.

Eu me diverti muito em Greenacre. Eles eram todas pessoas tão sérias e gentis. Fanny Hartley e a Sra. Mills já voltaram para casa, suponho.

Daqui acho que voltarei para Nova York. Ou posso ir para Boston para ver a Sra. Ole Bull. Talvez você já tenha ouvido falar do Sr. Ole Bull, o grande violinista deste país. Ela é sua viúva. Ela é uma senhora muito espiritual. Ela mora em Cambridge e tem um grande salão feito de madeira trazida da Índia. Ela quer que eu vá até ela a qualquer momento e use sua sala para dar palestras. Boston, é claro, é o grande campo para tudo, mas o povo de Boston apodera-se de qualquer coisa com a mesma rapidez com que desiste dela; enquanto os nova-iorquinos são lentos, mas quando conseguem alguma coisa, fazem-no com força mortal.

Mantive uma saúde muito boa o tempo todo e espero fazê-lo no futuro. Ainda não tive oportunidade de utilizar minha reserva, mas estou avançando bastante. E desisti de todos os esquemas para ganhar dinheiro e ficarei bastante satisfeito com uma mordida, um barracão e trabalho.

Acredito que você esteja aproveitando seu retiro de verão. Por favor, transmita meus melhores cumprimentos e amor à Srta. Howe e ao Sr. Frank Howe.

Talvez eu não tenha lhe contado na última vez como dormi, vivi e preguei sob as árvores e, pelo menos por alguns dias, me encontrei mais uma vez na atmosfera do céu.

Muito provavelmente farei de Nova York meu centro no próximo inverno; e assim que eu resolver isso, escreverei para você. Ainda não estou decidido a continuar neste país. Não posso resolver nada desse tipo. Devo esperar a minha hora. Que o Senhor abençoe a todos para todo o sempre, é a oração constante do seu sempre afetuoso irmão,

VIVEKANANDA.

5.1.13 ALASINGA

EUA,

31 de agosto de 1894.

CARO ALASINGA,

Acabei de ver um editorial sobre a circular de Madras no Boston Transcript. Nada chegou até mim ainda. Eles chegarão até mim em breve se você já os tiver enviado. Até agora você se saiu maravilhosamente bem, meu garoto. Não se importe com o que escrevo em alguns momentos de nervosismo. Às vezes, ficamos nervosos sozinhos num país a 24.000 quilômetros de casa, tendo que lutar contra cada centímetro de terreno com cristãos ortodoxos inimigos. Você deve levar isso em consideração, meu corajoso rapaz, e seguir em frente.

Talvez você tenha ouvido de Bhattacharya que recebi uma linda carta de G. G. Seu endereço estava rabiscado de tal maneira que se tornou perfeitamente ilegível para mim. Portanto, não pude responder diretamente a ele. Mas eu fiz tudo o que ele desejou. Enviei minha fotografia e escrevi para o Raja de Mysore. Agora enviei um fonógrafo para Khetri Raja. . . .

Agora envie sempre jornais indianos sobre mim para mim aqui. Quero lê-los nos próprios jornais – você sabe? Agora, por último, você deve me escrever sobre o Sr. Charu Chandra, que tem sido tão gentil comigo. Dê-lhe meus sinceros agradecimentos; mas (entre você e eu) infelizmente não me lembro dele. Você poderia me dar detalhes?

Os Teosofistas aqui agora gostam de mim, mas são 650 no total!! Existem os Cientistas Cristãos. Todos eles gostam de mim. Eles são cerca de um milhão. Eu trabalho com ambos, mas não me associo a nenhum, e com a graça do Senhor farei com que ambos sigam o verdadeiro estilo; pois, afinal de contas, eles estão murmurando uma verdade semi-realizada. Narasimha, talvez, quando isso chegar até você, receberá o dinheiro, etc.

Recebi uma carta de Cat, mas é necessário um livro para responder a todas as suas dúvidas. Por isso, envio-lhe as minhas bênçãos através de você e peço-lhe que o lembre de que concordamos em divergir - e veja a harmonia dos pontos contrários. Portanto, não importa em que ele acredita; ele deve agir. Dê meu amor a Balaji, G. G., Kidi, Doutor, e a todos os nossos amigos

e todas as grandes e patrióticas almas, que foram corajosas e nobres o suficiente para afundar suas diferenças pela causa de seu país.

Com uma revista, jornal ou órgão – você se torna seu secretário. Você calcula o custo para iniciar a revista e o trabalho, quanto é necessário para iniciá-la, e depois me escreve dando o nome e o endereço da Sociedade, e eu mesmo lhe enviarei o dinheiro, e não só isso, irei fazer com que outros na América assinem liberalmente anualmente. Então peça aos de Calcutá que façam o mesmo. Dê-me o endereço de Dharmapala. Ele é um grande e bom homem. Ele trabalhará maravilhosamente conosco. Agora organize um pouco de sociedade. Você terá que assumir o comando de todo o movimento, não como líder, mas como servo. Você sabia que a menor demonstração de liderança destrói tudo, despertando o ciúme?

Aceda a tudo. Apenas tente manter todos os meus amigos juntos. Você vê? E trabalhe lentamente. Deixe que G. G. e outros, que não têm necessidade imediata de ganhar alguma coisa, façam o que estão fazendo, ou seja, transmitam a ideia. G. G. está indo bem em Mysore. Esse é o caminho. Mysore será com o tempo uma grande fortaleza.

Agora vou escrever meus memes em um livro e no próximo inverno irei falar sobre este país organizando sociedades aqui. Este é um grande campo de trabalho e tudo o que é feito aqui prepara a Inglaterra. Até agora você se saiu muito bem, meu valente garoto – toda a força será dada a você.

Eu tenho agora Rs. 9.000 comigo, parte dos quais enviarei a você para a organização; e farei com que muitas pessoas enviem dinheiro para você em Madras anualmente, semestralmente ou mensalmente. Você agora inicia uma Sociedade e um jornal e o aparato necessário. Isto deve ser um segredo apenas para alguns - mas ao mesmo tempo tente arrecadar fundos de Mysore e de outros lugares para construir um templo em Madras que deveria ter uma biblioteca e algumas salas para o escritório e os pregadores que deveriam ser Sannyâsins, e para Vairâgis (homens de renúncia) que por acaso virão. Assim progrediremos centímetro por centímetro. Este é um excelente campo para o meu trabalho, e tudo o que é feito aqui prepara o caminho para o meu próximo trabalho na Inglaterra. . . .

Você sabe que a maior dificuldade para mim é manter ou mesmo tocar em dinheiro. É nojento e degradante. Então você deve organizar uma Sociedade para se encarregar da parte prática e pecuniária dela. Tenho amigos aqui que cuidam de todas as minhas preocupações monetárias. Você vê? Será um alívio maravilhoso para mim livrar-me de horríveis assuntos financeiros. Portanto, quanto mais cedo vocês se organizarem e estiverem prontos como secretário e tesoureiro para entrar em comunicação direta com meus amigos e simpatizantes aqui, melhor para você e para mim. Faça isso rapidamente e escreva para mim. Dê à sociedade um nome não sectário. . . Você escreve para meus irmãos do Math para organizarem de maneira semelhante. . . . Grandes coisas estão reservadas para você, Alasinga. Ou, se você achar adequado, você consegue que algumas pessoas importantes sejam nomeadas como titulares de cargos na Sociedade, enquanto você trabalha no sentido real. O nome deles será uma grande coisa. Se seus deveres são muito severos e não permitem que você tenha tempo, deixe G. G. cuidar da parte comercial, e aos poucos espero torná-lo independente de seu trabalho na faculdade para que você possa, sem passar fome e a sua família, dedicar todo o seu trabalho. alma para o trabalho. Então trabalhem, meus meninos, trabalhem! A parte áspera da obra foi alisada e arredondada; agora vai rolar cada vez melhor a cada ano. E se você puder simplesmente manter tudo funcionando bem até eu chegar à Índia, o trabalho progredirá aos trancos e barrancos. Alegre-se por ter feito tanto. Quando você se sentir triste, pense no que foi feito no último ano. Como, surgindo do nada, temos os olhos do mundo fixos em nós agora. Não só a Índia, mas o mundo exterior espera grandes coisas de nós. Missionários ou M – ou funcionários tolos – ninguém será capaz de resistir à verdade, ao amor e à sinceridade. Você é sincero? altruísta até a morte? e amando? Então não tema, nem mesmo a morte. Avante, meus rapazes! O mundo inteiro requer Luz. É expectante! Somente a Índia tem essa Luz, não na magia, na palhaçada e no charlatanismo, mas no ensino das glórias do espírito da religião real – da mais elevada verdade espiritual. É por isso que o Senhor preservou a raça através de todas as suas vicissitudes até os dias atuais. Agora chegou a hora. Tenham fé que todos vocês, meus valentes rapazes, nasceram para fazer grandes coisas! Não deixe que os latidos dos cachorrinhos o assustem – não, nem mesmo os raios do céu – mas levante-se e trabalhe!

Sempre seu carinhosamente,

VIVEKANANDA.

5.1.14 ALASINGA

EUA,

21 de setembro de 1894.

CARO ALASINGA,

. . . Tenho viajado continuamente de um lugar para outro e trabalhado incessantemente, dando palestras, dando aulas, etc.

Ainda não consegui escrever para o livro que proponho. Talvez eu possa cuidar disso mais tarde. Fiz aqui alguns bons amigos entre os liberais e alguns entre os ortodoxos. Espero voltar em breve para a Índia - estou farto deste país e especialmente porque muito trabalho está me deixando nervoso. A realização de muitas palestras públicas e a pressa constante provocaram esse nervosismo. Não me importo com esta vida ocupada, sem sentido e lucrativa. Então você vê, em breve retornarei. Claro, há uma seção crescente com quem sou muito popular e que gostaria de me ter aqui o tempo todo. Mas acho que já estou farto de ostentações de jornais e de farsas na vida pública. Eu não me importo nem um pouco com isso. . . .

Não há esperança de dinheiro para o nosso projeto aqui. É inútil ter esperança. Nenhum grande número de homens em qualquer país faz o bem por mera simpatia. Os poucos que realmente dão dinheiro nas terras cristãs muitas vezes o fazem através de artimanhas sacerdotais e do medo do inferno. Assim é como em nosso provérbio bengali: “Mate uma vaca e faça um par de sapatos de couro e dê-os em caridade a um Brahmana”. Assim está aqui e em todo lugar; e então, os ocidentais são mesquinhos em comparação com a nossa raça. Acredito sinceramente que os asiáticos são a raça mais caridosa do mundo, só que são muito pobres.

Vou morar alguns meses em Nova York. Essa cidade é a cabeça, a mão e a bolsa do país. É claro que Boston é chamada de cidade bramânica, e aqui na América há centenas de milhares de pessoas que simpatizam comigo. . . . O

povo de Nova York é muito aberto. Verei o que pode ser feito lá, pois tenho alguns amigos muito influentes. Afinal, estou ficando enojado com esse negócio de palestras. Levará muito tempo para os ocidentais compreenderem a espiritualidade superior. Tudo é £. S. d. para eles. Se uma religião lhes traz dinheiro, saúde, beleza ou vida longa, todos irão aderir a ela, caso contrário não. . . .

Dê a Balaji, G. G. e a todos os nossos amigos meu melhor amor.

Seu com amor eterno,

VIVEKANANDA.

5.1.15 FINANÇAS

EUA,

21 de setembro de 1894.

CARO KIDI,

Lamento muito ouvir sua determinação de desistir do mundo tão cedo. O fruto cai da árvore quando amadurece. Então espere a hora chegar. Não se apresse. Além disso, ninguém tem o direito de tornar os outros infelizes com seus atos tolos. Espere, tenha paciência, tudo chegará na hora certa.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.16 IRMÃ

BOSTON,

26 de setembro de 1894.

QUERIDA IRMÃ, (Isabelle McKindley)

Sua carta com o correio da Índia em mãos. Uma quantidade de recortes de jornais me foi enviada da Índia. Eu os envio de volta para sua leitura e guarda em segurança.

Estou ocupado escrevendo cartas para a Índia nos últimos dias. Ficarei mais alguns dias em Boston.

Com meu amor e bênçãos,

Seu sempre fly.,

VIVEKANANDA.

5.1.17 ALASINGA

EUA

27 de setembro de 1894.

CARO ALASINGA,

. . . Uma coisa encontro nos livros de meus discursos e ditos publicados em Calcutá. Alguns deles são impressos de forma a evocar opiniões políticas; ao passo que não sou político ou agitador político. Eu me importo apenas com o Espírito - quando isso estiver certo, tudo será corrigido por si mesmo... Portanto, você deve alertar o povo de Calcutá que nenhum significado político será jamais atribuído falsamente a qualquer um dos meus escritos ou ditos. Que bobagem eu. . . Ouvi dizer que o Rev. Kali Charan Banerji, em uma palestra para missionários cristãos, disse que eu era um delegado político. Se isso foi dito publicamente, então peça publicamente ao Babu que eu escreva para qualquer um dos jornais de Calcutá e prove isso, ou então retire sua afirmação tola. Este é o truque deles! Eu disse algumas palavras duras em crítica honesta aos governos cristãos em geral, mas isso não significa que eu me importe ou tenha qualquer ligação com a política ou esse tipo de coisa. Aqueles que acham muito grandioso imprimir trechos dessas palestras e querem provar que sou um pregador político, para eles eu digo: “Salve-me dos meus amigos”. . . .

. . . Diga aos meus amigos que um silêncio uniforme é toda a minha resposta aos meus detratores. Se eu lhes desse olho por olho, isso nos levaria ao mesmo nível deles. Diga-lhes que a verdade cuidará de si mesma e que não devem lutar contra ninguém por mim. Eles ainda têm muito que aprender e são filhos únicos. Eles ainda estão cheios de tolos sonhos dourados – meros garotos!

. . .Esse absurdo da vida pública e do brasão dos jornais me enojou profundamente. Anseio por voltar ao silêncio do Himalaia.

Sempre seu carinhosamente,

VIVEKANANDA.

5.1.18 ALASINGA

EUA,

29 de setembro de 1894.

CARO ALASINGA,

Todos vocês se saíram bem, meus bravos e altruístas filhos. Estou tão orgulhoso de ti. . . . Espere e não se desespere. Depois de tal começo, se você se desesperar, será um tolo. . . .

Nosso campo é a Índia, e o valor da valorização estrangeira está em despertar a Índia. Isso é tudo. . . . Devemos ter uma base forte para nos espalharmos. . . . Não se acovarde nem por um momento. Tudo dará certo. É a vontade que move o mundo.

Você não precisa se arrepender, meu filho, porque os jovens se tornaram cristãos. O que mais podem ser sob as escravidões sociais existentes, especialmente em Madras? A liberdade é a primeira condição do crescimento. Seus ancestrais deram toda liberdade à alma e a religião cresceu. Eles colocaram o corpo sob todas as amarras e a sociedade não cresceu. O oposto é o caso no Ocidente – toda liberdade para a sociedade,

nenhuma para a religião. Agora estamos caindo dos grilhões da sociedade oriental e da religião ocidental.

Cada um novamente terá seu tipo; o religioso ou introspectivo na Índia, o científico ou visionário no Ocidente. O Ocidente quer toda a espiritualidade através da melhoria social. O Oriente quer todo o poder social através da espiritualidade. Foi assim que os reformadores modernos não viram outra forma de reformar, a não ser primeiro esmagando a religião da Índia. Eles tentaram e falharam. Por que? Porque poucos deles estudaram a sua própria religião, e nenhum deles alguma vez passou pela formação necessária para compreender a Mãe de todas as religiões. Afirmando que não é necessária nenhuma destruição da religião para melhorar a sociedade hindu, e que este estado da sociedade não existe por causa da religião, mas porque a religião não foi aplicada à sociedade como deveria ter sido. Estou pronto para provar isso com base em nossos livros antigos, em cada palavra deles. Isto é o que eu ensino, e é isso que devemos lutar durante toda a nossa vida para realizar. Mas vai levar tempo, muito tempo para estudar. Tenha paciência e trabalhe. उद्धरेदात्मनात्मानम् — Salve-se sozinho.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. A atual sociedade hindu é organizada apenas para homens espirituais e esmaga irremediavelmente todos os demais. Por que? Para onde irão aqueles que querem desfrutar um pouco do mundo com suas frivolidades? Assim como a nossa religião abrange tudo, o mesmo deve acontecer com a nossa sociedade. Isto deve ser resolvido primeiro compreendendo os verdadeiros princípios da nossa religião e depois aplicando-os à sociedade. Este é o trabalho lento mas seguro a ser feito.

V.

5.1.19 VEEMIA

WASHINGTON,

23 de outubro de 1894.

CARO VEHEMIA CHAND LIMBDI,

Estou indo muito bem neste país. A essa altura, me tornei um de seus próprios professores. Todos gostam de mim e dos meus ensinamentos... Viajo por todo o país, de um lugar para outro, como era meu hábito na Índia, pregando e ensinando. Milhares e milhares de pessoas me ouviram e aceitaram minhas ideias com um espírito muito gentil. É o país mais caro, mas o Senhor me sustenta onde quer que eu vá.

Com meu amor para você e todos os meus amigos (Limbdí, Rajputana).

Seu,

VIVEKANANDA.

5.1.20 IRMÃ

WASHINGTON,

C/O SRA. T.TOTTEN.

1708 W I STREET,

26 (?) de outubro de 1894.

QUERIDA IRMÃ, (Isabelle McKindley)

Desculpe meu longo silêncio; mas tenho escrito regularmente à Mãe Igreja. Tenho certeza de que todos vocês estão aproveitando esse clima agradável e fresco. Estou gostando muito de Baltimore e Washington. Irei daí para Filadélfia. Achei que Miss Mary estava na Filadélfia e queria o endereço dela. Mas como ela está em algum outro lugar perto de Filadélfia, não quero dar-lhe o trabalho de vir me ver, como diz a Mãe Igreja.

A senhora com quem estou hospedado é a Sra. Totten, sobrinha da Srta. Howe. Serei seu convidado por mais de uma semana ainda; então você pode

me escrever aos cuidados dela.

Pretendo ir para a Inglaterra neste inverno, em janeiro ou fevereiro. Uma senhora de Londres com quem um de meus amigos está hospedado enviou-me um convite para ir como seu convidado; e da Índia eles me incentivam todos os dias a voltar.

O que você achou do Pitoo no desenho animado? Não mostre isso a ninguém. É uma pena do nosso povo caricaturar Pitoo dessa maneira.

Anseio muito por notícias suas, mas tome um pouco mais de cuidado para tornar sua carta um pouco mais distinta. Não fique zangado com a sugestão.

Seu sempre amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

5.1.21 ALASINGA

WASHINGTON,

27 de outubro de 1894.

ABENÇOADO E AMADO, (Alasinga Perumal)

A essa altura você já deve ter recebido minhas outras cartas. Você deve me desculpar por certa aspereza de tom às vezes, e você sabe muito bem o quanto eu te amo. Você me pediu muitas vezes para lhe enviar tudo sobre meus movimentos neste país e todos os meus relatórios de palestras. Estou fazendo exatamente aqui o que costumava fazer na Índia. Dependendo sempre do Senhor e sem fazer planos futuros.... Além disso, você deve lembrar que tenho que trabalhar incessantemente neste país, e que não tenho tempo para organizar meus pensamentos em forma de livro, tanto que, que essa pressa constante tem desgastado meus nervos, e estou sentindo isso. Não posso expressar minha obrigação para com você, G. G., e todos os meus amigos em Madras, pelo trabalho mais altruísta e heróico que você fez por mim. Mas não foi feito para me ostentar, mas para torná-lo

consciente de sua própria força. Não sou um organizador, minha natureza tende para a erudição e a meditação. Acho que já trabalhei o suficiente, agora quero descansar e ensinar um pouco para aqueles que vieram até mim do meu Gurudeva (venerável Guru). Vocês agora sabem o que podem fazer, pois foram realmente vocês, jovens de Madras, que fizeram tudo; Eu sou apenas a figura de proa. Sou um monge Tyâgi (desapegado). Eu só quero uma coisa. Não acredito num Deus ou numa religião que não possa enxugar as lágrimas da viúva ou levar um pedaço de pão à boca do órfão. Por mais sublimes que sejam as teorias, por mais bem elaborada que seja a filosofia – não a chamo de religião enquanto estiver confinada a livros e dogmas. O olho está na testa e não atrás. Siga em frente e leve em prática aquilo que você tem muito orgulho de chamar de religião, e que Deus o abençoe!

Não olhem para mim, olhem para si mesmos. Estou feliz por ter sido a ocasião de despertar entusiasmo. Aproveite, flutue junto e tudo dará certo. O amor nunca falha, meu filho; hoje, amanhã ou muito tempo depois, a verdade vencerá. O amor conquistará a vitória. Você ama seus semelhantes? Onde você deveria ir em busca de Deus – todos os pobres, os miseráveis, os fracos não são deuses? Por que não adorá-los primeiro? Por que cavar um poço às margens do Gangâ? Acredite no poder onipotente do amor. Quem se importa com esses enfeites de nome? Nunca fico atento ao que os jornais dizem. Você ama? — Você é onipotente. Você é perfeitamente altruísta? Se sim, você é irresistível. É o caráter que compensa em todos os lugares. É o Senhor quem protege Seus filhos nas profundezas do mar. Seu país exige heróis; sejam heróis! Deus o abençoe!

Todo mundo quer que eu vá para a Índia. Eles acham que seremos capazes de fazer mais se eu vier. Eles estão enganados, meu amigo. O entusiasmo actual é apenas um pouco de patriotismo, não significa nada. Se for verdadeiro e genuíno, você encontrará em pouco tempo centenas de heróis se apresentando e continuando o trabalho. Portanto, saiba que você realmente fez tudo e siga em frente. Não procure por mim. Akshoy Kumar Ghosh está em Londres. Ele enviou um lindo convite de Londres para ir à casa da senhorita Müller. E espero ir em janeiro ou fevereiro próximo. Bhattacharya me escreve para vir. Aqui está um grande campo. O que tenho eu a ver com este “ismo” ou com aquele “ismo”? Eu sou o servo do Senhor, e onde na terra existe um campo melhor do que este para propagar todas as

ideias elevadas? Aqui, onde se um homem está contra mim, cem mãos estão prontas para me ajudar; aqui, onde o homem sente pelo homem, chora pelos seus semelhantes - os homens e as mulheres são deusas! Até os idiotas podem se levantar para serem elogiados, e os covardes assumem a atitude dos corajosos quando tudo certamente vai dar certo, mas o verdadeiro herói trabalha em silêncio. Quantos Budas morrem antes que alguém encontre expressão! Meu filho, eu acredito em Deus e acredito no homem. Eu acredito em ajudar os miseráveis. Acredito em ir até ao inferno para salvar os outros. Falar dos ocidentais? Eles me deram comida, abrigo, amizade, proteção – até mesmo os cristãos mais ortodoxos! O que faz o nosso povo quando algum dos seus sacerdotes vai para a Índia? Você nem toca neles, eles são MLECHCHHAS! Nenhum homem, nenhuma nação, meu filho, pode odiar os outros e viver; A desgraça da Índia foi selada no mesmo dia em que inventaram a palavra MLECHCHHA e deixaram de ter comunhão com os outros. Tome cuidado como você promove essa ideia. É bom falar levianamente sobre o Vedanta, mas quão difícil é cumprir até mesmo os seus menores preceitos!

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. Cuide dessas duas coisas – amor ao poder e ciúme. Cultive sempre a “fé em si mesmo”.

5.2.22 ALASINGA

EUA,

30 de novembro de 1894.

CARO ALASINGA,

Fico feliz em saber que o fonógrafo e a carta chegaram até você em segurança. Você não precisa enviar mais recortes de jornal. Fui inundado com eles. Chega disso. Agora vá trabalhar para a organização. Já comecei

um em Nova Iorque e o vice-presidente irá escrever-lhe em breve. Mantenha correspondência com eles. Em breve espero levantar alguns em outros lugares. Devemos organizar as nossas forças para não criar uma seita – não em questões religiosas, mas na parte comercial secular dela. Uma propaganda estimulante deve ser lançada. Juntem suas cabeças e organizem-se.

Que bobagem sobre o milagre de Ramakrishna! . . .Milagres eu não conheço nem entendo. Ramakrishna não tinha nada para fazer no mundo a não ser transformar o vinho no remédio do Gupta? Senhor, salve-me desse povo de Calcutá! Com quais materiais trabalhar! Se eles puderem escrever uma vida real de Shri Ramakrishna com a idéia de mostrar o que ele veio fazer e ensinar, deixe-os fazê-lo, caso contrário, não deixe que distorçam sua vida e seus ditos. Essas pessoas querem conhecer a Deus que não vêm em Shri Ramakrishna nada além de malabarismo! . . . Agora deixe Kidi traduzir seu amor, seu conhecimento, seus ensinamentos, seu ecletismo, etc. Este é o tema. A vida de Shri Ramakrishna foi um holofote extraordinário, sob cuja iluminação é possível compreender realmente todo o âmbito da religião hindu. Ele foi a lição objetiva de todo o conhecimento teórico dado nos Shâstras (escrituras). Ele mostrou com sua vida o que os Rishis e Avatâras realmente queriam ensinar. Os livros eram teorias, ele era a realização. Este homem viveu em cinquenta e um anos os cinco mil anos de vida espiritual nacional e assim se elevou para ser uma lição prática para as gerações futuras. Os Vedas só podem ser explicados e os Shastras reconciliados pela sua teoria do Avasthâ ou estágios – que não devemos apenas tolerar os outros, mas abraçá-los positivamente, e que a verdade é a base de todas as religiões. Agora, nestas linhas, uma vida muito impressionante e bela pode ser escrita. Bem, tudo a seu tempo. Evite todas as expressões irregulares e indecentes sobre sexo, etc. ., porque outras nações consideram o cúmulo da indecência mencionar tais coisas, e sua vida em inglês será lida por todo o mundo. Li uma vida bengali enviada. Está cheio dessas palavras. . . .Então tome cuidado. Evite cuidadosamente tais palavras e expressões. Os amigos de Calcutá não têm um centavo de habilidade; mas eles têm suas afirmações de individualidade. Eles estão muito chapados para ouvir conselhos. Não sei o que fazer com esses senhores maravilhosos. Não tenho muita esperança nesse trimestre. A vontade dele será feita. Estou simplesmente envergonhado do livro bengali.

O escritor talvez pensasse que era um registrador franco da verdade e que mantinha a própria linguagem de Paramahansa. Mas ele não se lembra de que Ramakrishna nunca usaria essa linguagem diante de mulheres. E este homem espera que a sua obra seja lida por homens e mulheres! Senhor, salve-me dos tolos! Eles, novamente, têm suas próprias aberrações; todos eles o conheciam! Bosh e apodrecer. . . . Mendigos assumindo ares de reis! Tolos pensando que são todos sábios! Escravos insignificantes pensando que são senhores! Essa é a condição deles. Eu não sei o que fazer. Senhor, salve-me. Tenho toda a esperança em Madras. Continue com seu trabalho; não seja governado pelo povo de Calcutá. Mantenha-os de bom humor na esperança de que algum deles se torne bom. Mas prossiga com seu trabalho de forma independente. "Muitos vêm sentar-se para jantar quando está cozido." Cuide-se e trabalhe.

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.23 FINANÇAS

EUA

30 de novembro de 1894.

CARO KIDI,

. . . Quanto às histórias maravilhosas publicadas sobre Shri Ramakrishna, aconselho você a manter-se afastado delas e dos tolos que as escrevem. São verdade, mas os tolos vão bagunçar tudo, tenho certeza. Ele tinha todo um mundo de conhecimento para ensinar, por que insistir em coisas desnecessárias como os milagres realmente são! Eles não provam nada. A matéria não prova o Espírito. Que conexão existe entre a existência de Deus, da Alma ou da imortalidade e a operação de milagres? . . . Pregue Shri Ramakrishna. Passe a Taça que saciou sua sede. . . . Pregue Bhakti. Não perturbe sua cabeça com tolices metafísicas e não perturbe os outros com sua intolerância. . . .

Sempre seu com bênçãos,

5.1.24 ALASINGA

EUA,

26 de dezembro de 1894.

ABENÇOADO E AMADO, (Alasinga Perumal)

. . . Em referência a mim, de vez em quando são feitos ataques em documentos missionários (pelo que ouvi), mas nunca me importo em vê-los. Se você enviar algum daqueles fabricados na Índia, eu deveria jogá-lo na cesta de lixo. Um pouco de agitação foi necessária para o nosso trabalho. Já estamos fartos. Não preste mais atenção ao que as pessoas dizem sobre mim, seja bom ou ruim. Você continua com seu trabalho e lembra que “Nunca alguém encontra o mal quando tenta fazer o bem” (Gita, VI. 40).

Todos os dias as pessoas aqui estão me valorizando. E entre você e eu, sou mais influente aqui do que você sonha. Tudo deve prosseguir lentamente. . . Já lhe escrevi antes, e escrevo novamente, que não darei atenção a nenhuma crítica ou elogio nos jornais. Eles são entregues ao fogo. Você faz o mesmo. Não preste atenção alguma às bobagens ou críticas dos jornais. Seja sincero e cumpra seu dever. Tudo dará certo. A verdade deve triunfar. . .

As deturpações missionárias deveriam ser ignoradas. ... O silêncio perfeito é a melhor refutação para elas e desejo que você mantenha o mesmo. . . . Faça do Sr. Subrahmanya Iyer o presidente de sua sociedade. Ele é um dos homens mais sinceros e nobres que conheço; e nele o intelecto e a emoção estão lindamente misturados. Prossiga no seu trabalho, sem contar muito comigo; trabalhe por conta própria. . . . Quanto a mim, não sei quando voltarei; Estou trabalhando aqui e na Índia também. . . .

Com meu amor para todos vocês,

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.25 ALASINGA

AVENIDA DEARBORN 541,

Chicago, 1894.

CARO ALASINGA,

Sua carta apenas à mão. . . . Enganei-me ao pedir-lhe que publicasse os recados que lhe envie. Foi um dos meus erros terríveis. Isso mostra uma fraqueza momentânea. O dinheiro pode ser arrecadado neste país dando palestras por dois ou três anos. Mas tentei um pouco e, embora haja muita apreciação pública do meu trabalho, ele é totalmente desagradável e desmoralizante para mim. . . .

Li o que você diz sobre os jornais indianos e suas críticas, que são naturais. O ciúme é o vício central de toda raça escravizada. E é o ciúme e a falta de combinação que causam e perpetuam a escravidão. Você não pode sentir a verdade desta observação até sair da Índia. O segredo do sucesso dos ocidentais é este poder de combinação, cuja base é a confiança e a apreciação mútuas. Quanto mais fraca e mais covarde for uma nação, tanto mais visível será esse pecado. . . . Mas, meu filho, você não deveria esperar nada de uma raça servil. O caso é quase desesperador, sem dúvida, mas deixe-me apresentar o caso a todos vocês. Você pode dar vida a esta massa morta – morta para quase todas as aspirações morais, morta para todas as possibilidades futuras – e sempre pronta para atacar aqueles que tentarem fazer-lhes o bem? Você pode assumir a posição de um médico que tenta derramar remédio na garganta de uma criança que dá chutes e é refratária? . . . Um americano ou um europeu apoia sempre os seus compatriotas num país estrangeiro. . . . Deixe-me lembrá-lo novamente: “Tu tens direito ao trabalho, mas não aos frutos dele”. Fique firme como uma rocha. A verdade sempre triunfa. Deixe os filhos de Shri Ramakrishna serem fiéis a si mesmos e tudo ficará bem. Podemos não viver para ver o resultado, mas por mais certo que vivamos, ele chegará mais cedo ou mais tarde. O que a Índia deseja é um novo fogo eléctrico que desperte um novo vigor nas veias

nacionais. Este sempre foi e sempre será um trabalho lento. Contente-se em trabalhar e, acima de tudo, seja fiel a si mesmo. Seja puro, leal e sincero até a espinha dorsal e tudo ficará bem. Se você marcou alguma coisa nos discípulos de Shri Ramakrishna, é isto: eles são sinceros até a espinha dorsal. Minha tarefa estará cumprida e ficarei bastante satisfeito em morrer, se conseguir trazer e lançar cem desses homens sobre a Índia. Ele, o Senhor, sabe o que é melhor. Deixe os homens ignorantes falarem bobagens. Não procuramos ajuda nem a evitamos – somos servos do Altíssimo. As tentativas mesquinhas de homens pequenos deveriam estar abaixo de nossa atenção. Avante! Após séculos de luta, um personagem é construído. Não desanime. Uma palavra de verdade nunca pode ser perdida; por muito tempo pode ficar escondido sob o lixo, mas mais cedo ou mais tarde aparecerá. A verdade é indestrutível, a virtude é indestrutível, a pureza é indestrutível. Dê-me um homem genuíno; Não quero massas de convertidos. Meu filho, segure firme! Não se importe com ninguém para ajudá-lo. Não é o Senhor infinitamente maior que toda ajuda humana? Seja santo - confie no Senhor, dependa sempre dele e você estará no caminho certo; nada pode prevalecer contra você. . . .

Oremos: “Conduza, Luz Gentil” – um raio atravessará a escuridão e uma mão será estendida para nos guiar. Rezo sempre por você: você deve rezar por mim. Que cada um de nós reze dia e noite pelos milhões de pessoas oprimidas na Índia que são presas pela pobreza, pelas artimanhas sacerdotais e pela tirania – reze dia e noite por eles. Preocupo-me mais em pregar religião para eles do que para os ricos e importantes. Não sou metafísico, nem filósofo, não, não sou santo. Mas eu sou pobre, amo os pobres. Vejo como chamam os pobres deste país e quantos há que sentem por eles! Que imensa diferença na Índia! Quem sente a presença dos duzentos milhões de homens e mulheres afundados para sempre na pobreza e na ignorância? Onde está a saída? Quem sente por eles? Eles não conseguem encontrar luz ou educação. Quem lhes trará a luz – quem viajará de porta em porta levando-lhes educação? Deixe que essas pessoas sejam o seu Deus – pense nelas, trabalhe por elas, ore por elas incessantemente – o Senhor lhe mostrará o caminho. Aquele que eu chamo de Mahatman (grande alma) cujo coração sangra pelos pobres, caso contrário ele é um Durâtman (alma má). Unamos as nossas vontades em oração contínua pelo seu bem. Podemos morrer desconhecidos, sem piedade, sem lamentações,

sem realizar nada – mas nenhum pensamento será perdido. Isso entrará em vigor, mais cedo ou mais tarde. Meu coração está cheio demais para expressar meus sentimentos; você sabe disso, você pode imaginar. Enquanto milhões de pessoas viverem na fome e na ignorância, considero um traidor todo homem que, tendo sido educado às custas deles, não presta a menor atenção a eles! Chamo de desgraçados aqueles homens que se pavoneiam em suas melhores roupas, tendo obtido todo o seu dinheiro oprimindo os pobres, desde que não façam nada por aqueles duzentos milhões que agora não são melhores do que selvagens famintos! Somos pobres, meus irmãos, não somos ninguém, mas estes sempre foram os instrumentos do Altíssimo. O Senhor abençoe a todos.

Com todo amor,
VIVEKANANDA.

5.1.26 DHARMAPALA

EUA,
1894 .

CARO DHARMAPALA,

Esqueci seu endereço em Calcutá; então eu direciono isso para o Math. Ouvi falar de seus discursos em Calcutá e quão maravilhoso foi o efeito produzido por eles. Um certo missionário aposentado aqui me escreveu uma carta dirigindo-se a mim como irmão e então apressadamente foi publicar minha breve resposta e fazer um show. Mas você sabe o que as pessoas aqui pensam desses cavalheiros. Além disso, o mesmo missionário procurou em particular alguns de meus amigos para pedir-lhes que não fizessem amizade comigo. É claro que ele encontrou desprezo universal. Estou bastante surpreso com o comportamento deste homem – um pregador de religião que se comprometeu com tais negócios dissimulados! Infelizmente, há muito disso em todos os países e em todas as religiões. No inverno passado viajei bastante por este país, embora o tempo estivesse muito severo. Achei que seria horrível, mas afinal não achei. Você se lembra do coronel Neggenson,

presidente da Sociedade Religiosa Livre. Ele faz perguntas muito gentis sobre você. Conheci o Dr. Carpenter de Oxford (Inglaterra) outro dia. Ele fez um discurso sobre a ética do Budismo em Plymouth. Foi muito simpático e erudito. Ele fez perguntas sobre você e seu jornal. Espero que seu nobre trabalho tenha sucesso. Você é um servo digno Daquele que veio Bahujana Hitâya Bahujana Sukhâya (para o bem de muitos, para a felicidade de muitos).

. . . O Cristianismo que se prega na Índia é bem diferente do que se vê aqui; você ficará surpreso ao saber, Dharmapala, que tenho amigos neste país entre o clero das igrejas episcopais e até mesmo presbiterianas, que são tão amplos, liberais e tão sinceros quanto você em sua própria religião. O verdadeiro homem espiritual é amplo em todos os lugares. Seu amor o força a ser assim. Aqueles para quem a religião é um comércio são forçados a se tornar mesquinhos e travessos pela introdução na religião dos métodos competitivos, combativos e egoístas do mundo.

Sempre com amor fraternal,

VIVEKANANDA.

5.1.27 ALASINGA

EUA,

1894 .

CARO ALASINGA,

Ouçã uma história antiga. Um vagabundo preguiçoso que passeava pela estrada viu um velho sentado à porta de sua casa e parou para perguntar-lhe o paradeiro de determinado lugar. “A que distância fica tal e tal aldeia?” ele perguntou. O velho permaneceu em silêncio. O homem repetiu sua pergunta várias vezes. Ainda não houve resposta. Desgostoso com isso, o viajante virou-se para ir embora. O velho então se levantou e disse: “A vila de... fica a apenas um quilômetro e meio daqui”. “O que!” disse o vagabundo: “Por que você não falou quando eu perguntei antes?” “Porque então”, disse o

velho, "você parecia tão hesitante e descuidado ao prosseguir, mas agora está começando a sério e tem direito a uma resposta."

Você vai se lembrar dessa história, meu filho? Vá trabalhar, o resto virá: "Quem não confia em mais nada além de Mim, descansa em Mim, Eu lhe forneço tudo o que precisa" (Gitâ, IX. 22). Isto não é um sonho.

. . . A obra deveria estar na linha de pregação e serviço, no tempo presente. Escolha um local de reunião onde você possa se reunir toda semana realizando um culto e lendo os Upanishads com os comentários, e assim lentamente continue aprendendo e trabalhando. Tudo virá até você se você colocar os ombros no volante. . .

Agora, vá trabalhar! A natureza de G. G. é do tipo emocional, você tem a cabeça fria; então trabalhem juntos; mergulhe; este é apenas o começo. Cada nação deve salvar-se; não devemos depender de fundos da América para o renascimento do Hinduísmo, pois isso é uma ilusão. Ter um centro é uma coisa ótima; tente garantir tal lugar em uma cidade grande como Madras, e continue irradiando uma força viva em todas as direções. Comece devagar. Comece com alguns missionários leigos; gradualmente virão outros que dedicarão toda a vida ao trabalho. Não tente ser um governante. Ele é o melhor governante que pode servir bem. Seja fiel até a morte. O trabalho que queremos – não buscamos riqueza, nome ou fama. . . . Seja corajoso. . . . Esforce-se para interessar o povo de Madras na arrecadação de fundos para esse propósito e então comece. . . . Seja totalmente altruísta e você certamente terá sucesso. . . . Sem perder a independência no trabalho, demonstre todo respeito aos seus superiores. Trabalhe em harmonia. . . . Meus filhos devem estar prontos para pular no fogo, se necessário, para realizar o seu trabalho. Agora trabalhe, trabalhe, trabalhe! Pararemos e compararemos as notas mais tarde. Tenha paciência, perseverança e pureza.

Não estou escrevendo nenhum livro sobre o hinduísmo agora. Estou simplesmente anotando meus pensamentos. Não sei se irei publicá-los. O que há nos livros? O mundo já está cheio de coisas tolas. Se você pudesse começar uma revista nos moldes do Vedanta, isso promoveria nosso objetivo. Seja positivo; não critique os outros. Dê sua mensagem, ensine o que você tem a ensinar e pare aí. O Senhor sabe o resto. . . .

Não me mandem mais jornais, pois não percebo as críticas missionárias sobre mim; e aqui a estima pública sobre mim é melhor por esse motivo.

. . . Se vocês são realmente meus filhos, não temerão nada, não pararão diante de nada. Você será como leões. Devemos despertar a Índia e o mundo inteiro. Sem covardia. Não aceitarei não. Você entende? Seja fiel até a morte! . . . O segredo disto é Guru-Bhakti – fé no Guru até a morte! Você tem isso? Acredito de todo o coração que você tem, e você sabe que tenho confiança em você - então vá trabalhar. Você deve ter sucesso. Minhas orações e bênçãos acompanham cada passo que você dá. Trabalhe em harmonia. Seja paciente com todos. Cada um tem meu amor. Estou te observando. Avante! Avante! Isto é apenas o começo. Meu pequeno trabalho aqui faz um grande eco na Índia, sabia? Portanto, não voltarei lá com pressa. Minha intenção é fazer algo permanente aqui, e com esse objetivo estou trabalhando dia após dia. Estou a cada dia ganhando a confiança do povo americano. . . . Expandam seus corações e esperanças, tão vastos quanto o mundo. Estude Sânscrito, especialmente os três Bhâshyas (comentários) do Vedanta. Esteja pronto, pois tenho muitos planos para o futuro. Tente ser um alto-falante magnético. Eletrificar as pessoas. Tudo virá até você se você tiver fé. Então diga ao Kidi, na verdade, conte a todos os meus filhos lá. Com o tempo, eles farão grandes coisas que deixarão o mundo maravilhado. Tenha coragem e trabalhe. Mostre-me algo que você fez. Mostre-me um templo, uma imprensa, um jornal, um lar para mim. Para onde irei se você não puder construir um lar para mim em Madras? Eletrizar as pessoas. Arrecade fundos e pregue. Seja fiel à sua missão. Até agora você prometeu bem, então vá em frente e faça cada vez melhor.

. . . Não brigue com as pessoas; não antagonize ninguém. Por que deveríamos nos importar se Jack e John se tornassem cristãos? Deixe-os seguir qualquer religião que lhes convenha. Por que você deveria misturar controvérsias? Tenha paciência com as diversas opiniões de todos. Paciência, pureza e perseverança prevalecerão.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

5.1.28 Sra. TOURO

AVENIDA DEARBORN 541,

CHICAGO,

3 de janeiro de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Dei uma palestra no Brooklyn no domingo passado, a Sra. Higgins deu uma pequena recepção na noite em que cheguei, e alguns dos membros proeminentes da Sociedade Ética, incluindo o Dr. Alguns deles achavam que tais assuntos religiosos orientais não interessariam ao público de Brooklyn.

Mas a palestra, através das bênçãos do Senhor, revelou-se um tremendo sucesso. Cerca de 800 membros da elite do Brooklyn estiveram presentes, e os mesmos cavalheiros que pensaram que não seria um sucesso estão tentando organizar uma série no Brooklyn. O curso de Nova York para mim está quase pronto, mas não desejo fixar as datas até que a Srta. Thursby chegue a Nova York. Como tal, a Srta. Phillips, que é amiga da Srta. Thursby e está organizando o curso em Nova York para mim, atuará com a Srta. Thursby caso ela queira fazer alguma coisa em Nova York.

Devo muito à família Hale e pensei em fazer-lhes uma pequena surpresa aparecendo no dia de Ano Novo. Estou tentando conseguir um vestido novo aqui. O vestido velho está aqui, mas está tão encolhido pelas lavagens constantes que é impróprio para ser usado em público. Estou quase confiante de que encontrarei exatamente a coisa em Chicago.

Espero que seu pai esteja bem a esta altura.

Com meu amor à Srta. Farmer, ao Sr. e à Sra. Gibbons e ao resto da sagrada família, serei sempre seu,

Carinhosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Eu vi a senhorita Couring no Brooklyn. Ela estava tão gentil como sempre. Dê a ela meu amor se você escrever para ela em breve.

5.1.29 G.G.

CHICAGO,

11 de janeiro de 1895.

CARO G. G, (G. G. Narasimhachariar)

Sua carta apenas à mão. . . . O Parlamento das Religiões foi organizado com a intenção de provar a superioridade da religião cristã sobre outras formas de fé, mas apesar disso a religião filosófica do hinduísmo foi capaz de manter a sua posição. O Dr. Barrows e os homens desse tipo são muito ortodoxos, e não recorro a eles em busca de ajuda. . . . O Senhor me enviou muitos amigos neste país, e eles estão sempre aumentando. O Senhor abençoe aqueles que tentaram me ferir. . . . Tenho corrido o tempo todo entre Boston e Nova York, dois grandes centros deste país, dos quais Boston pode ser chamada de cérebro e Nova York de bolsa. Em ambos, meu sucesso é mais que comum. Sou indiferente às reportagens dos jornais e você não deve esperar que eu lhe envie nenhuma delas. Foi necessário um pequeno boom para começar o trabalho. Já tivemos mais do que suficiente disso.

Escrevi para Mani Iyer e já lhe dei minhas instruções. Agora me mostre o que você pode fazer. Nenhuma conversa tola agora, mas trabalho real; os hindus devem apoiar o seu discurso com trabalho real; se não puderem, não merecem nada; isso é tudo. A América não vai lhe dar dinheiro pelas suas modas. E por que deveriam? Quanto a mim, quero ensinar a verdade; Eu não me importo se aqui ou em outro lugar.

No futuro, não preste atenção ao que as pessoas dizem a favor ou contra você ou eu. Continuem trabalhando, sejam leões; e o Senhor te abençoará. Trabalharei incessantemente até morrer e mesmo depois da morte

trabalharei para o bem do mundo. A verdade é infinitamente mais importante que a mentira; assim é a bondade. Se você os possuir, eles abrirão caminho por pura gravidade.

Não tenho nenhuma ligação com os Teosofistas. E o Juiz vai me ajudar — pooh! . . . Milhares dos melhores homens cuidam de mim; você sabe disso e tem fé no Senhor. Estou lentamente exercendo uma influência nesta terra maior do que qualquer brasão de jornal sobre mim pode fazer. Os ortodoxos sentem isso, mas não conseguem evitar. É a força do caráter, da pureza e da verdade – da personalidade. Enquanto eu tiver essas coisas, você poderá se sentir tranquilo; ninguém poderá machucar um fio de cabelo da minha cabeça. Se tentarem, falharão, diz o Senhor. . . . Chega de livros e teorias. É a vida que é a mais elevada e a única forma de comover o coração das pessoas; carrega o magnetismo pessoal. . . . O Senhor está me dando uma visão cada vez mais profunda a cada dia. Trabalho Trabalho trabalho. . . . Trégua para conversa tola; falar do Senhor. A vida é muito curta para ser gasta falando sobre fraudes e excentricidades

Você deve sempre lembrar que cada nação deve salvar a si mesma; o mesmo deve acontecer com todo homem; não procure ajuda de outros. Através de muito trabalho aqui, poderei de vez em quando enviar-lhe um pouco de dinheiro pelo seu trabalho; mas isso é tudo. Se você precisa esperar por isso, é melhor parar de trabalhar. Saiba também que este é um grande campo para as minhas ideias, e que não me importa se são hindus, muçulmanos ou cristãos, mas aqueles que amam o Senhor sempre comandarão o meu serviço.

. . . Gosto de trabalhar com calma e silêncio, e o Senhor está sempre comigo. Siga-me, se quiser, sendo intensamente sincero, perfeitamente altruísta e, acima de tudo, sendo perfeitamente puro. Minhas bênçãos vão com você. Nesta curta vida não há tempo para troca de elogios. Podemos comparar notas e elogiar uns aos outros o quanto quisermos após o término da batalha. Agora, não fale; trabalho Trabalho! trabalhar! Não vejo nada de permanente que você tenha feito na Índia – não vejo nenhum centro que você tenha feito – não vejo nenhum templo ou salão que você tenha erguido – não vejo ninguém dando as mãos a você. Fala-se demais, fala, fala! Estamos ótimos, estamos ótimos! Absurdo! Somos imbecis; isso é o que

somos! Esse anseio por nome e fama e todas as outras farsas – o que são para mim? O que eu me importo com eles? Eu gostaria de ver centenas vindo ao Senhor! Onde eles estão? Eu os quero, quero vê-los. Você deve procurá-los. Você só me dá nome e fama. Acabe com o nome e a fama; para trabalhar, meus valentes, para trabalhar! Você ainda não pegou meu fogo – você não me entende! Você segue os velhos caminhos da preguiça e da diversão. Abaixo toda a preguiça, abaixo todos os prazeres aqui ou no futuro. Mergulhe no fogo e leve o povo ao Senhor.

Que você possa pegar meu fogo, que você possa ser intensamente sincero, que você possa morrer a morte dos heróis no campo de batalha - é a oração constante de

VIVEKANANDA.

PS. Diga a Alasinga, Kidi, Dr. Balaji e todos os outros para não depositarem sua fé no que Tom, Dick e Harry dizem a favor ou contra nós, mas para concentrarem toda a sua energia no trabalho.

5.1.30 ALASINGA

EUA,

12 de janeiro de 1895.

CARO ALASINGA,

Lamento que você ainda continue me enviando panfletos e jornais, algo que já lhe escrevi diversas vezes para não fazer. Não tenho tempo para examiná-los e notá-los. Por favor, não os envie mais. Não me importo nem um pouco com o que os missionários ou os teosofistas dizem sobre mim. Deixe-os fazer o que quiserem. O próprio ato de notá-los será para dar-lhes importância. Além disso, você sabe, os missionários apenas abusam e nunca discutem.

Agora saiba de uma vez por todas que não me importo com nome ou fama, ou qualquer farsa desse tipo. Quero pregar minhas idéias para o bem do

mundo. Você fez um ótimo trabalho; mas até onde vai, só me deu nome e fama. Minha vida é mais preciosa do que gastá-la para obter a admiração do mundo. Não tenho tempo para tais tolices. Que trabalho você fez para promover as ideias e se organizar na Índia? Nenhum, nenhum, nenhum!

Uma organização que ensine aos hindus ajuda mútua e apreciação é absolutamente necessária. Cinco mil pessoas participaram daquela reunião que foi realizada em Calcutá, e centenas fizeram o mesmo em outros lugares, para expressar o seu apreço pelo meu trabalho aqui – muito bem! Mas se você pedisse a cada um deles que desse um aná, eles fariam isso? Todo o caráter nacional é de dependência infantil. Eles estão todos prontos para saborear a comida se ela for levada à boca, e até alguns querem que ela seja empurrada para baixo. . . . Você não merece viver se não puder ajudar a si mesmo.

Abandonei neste momento o meu plano para a educação das massas. Isso virá gradualmente. O que eu quero agora é um grupo de missionários ardentes. Devemos ter um Colégio em Madras para ensinar religiões comparadas, Sânscrito, as diferentes escolas de Vedanta e algumas línguas europeias; devemos ter uma imprensa e jornais impressos em inglês e em vernáculo. Quando isso for feito, saberei que você realizou algo. Deixe a nação mostrar que está pronta para fazer isso. Se você não pode fazer nada parecido na Índia, deixe-me em paz. Tenho uma mensagem para dar, deixe-me transmiti-la às pessoas que apreciam e que vão resolver isso. Que cuidado eu tenho com quem toma isso? “Aquele que faz a vontade de meu Pai” é meu. . . .

Meu nome não deveria ser destacado; são as minhas ideias que quero ver concretizadas. Os discípulos de todos os profetas sempre misturaram inextricavelmente as idéias do Mestre com as da pessoa e, por fim, mataram as idéias da pessoa. Os discípulos de Shri Ramakrishna devem evitar fazer a mesma coisa. Trabalhe pela ideia, não pela pessoa. O Senhor te abençoe.

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.31 Sra. TORRO VELHO

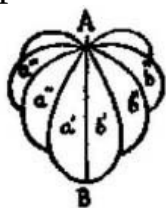
BROOKLYN,

20 de janeiro de 1895.

(Escrito para a Sra. Ole Bull, a quem Swamiji chamou de "Dhirâ Mâtâ", a "Mãe Firme" por ocasião da perda de seu pai.)

. . . Tive a premonição de que seu pai abandonaria o velho corpo e não é meu costume escrever para ninguém quando uma onda de Mâyâ supostamente desarmônica o atinge. Mas estes são os grandes momentos decisivos da vida, e sei que você não se comove. A superfície do mar sobe e desce alternadamente, mas para a alma observadora – a filha da luz – cada afundamento revela cada vez mais a profundidade e os leitos de pérolas e corais no fundo. Ir e vir é pura ilusão. A alma nunca vem nem vai. Onde é o lugar para onde irá quando todo o espaço estiver na alma? Quando será o momento de entrar e partir, quando todo o tempo estiver na alma?

A terra se move, causando a ilusão do movimento do sol; mas o sol não se move. Assim, Prakriti, ou Maya, ou Natureza, está se movendo, mudando, desdobrando véu após véu, virando folha após folha deste grande livro - enquanto a alma que testemunha bebe conhecimento, imóvel, inalterada. Todas as almas que já existiram, existem ou existirão, estão todas no presente e – para usar uma comparação material – estão todas posicionadas em um ponto geométrico. Porque a ideia de espaço ocorre na alma, portanto, tudo o que foi nosso, é nosso e será nosso, está sempre conosco, sempre esteve conosco e sempre estará conosco. Estamos neles. Eles estão



em nós. Pegue essas células. Embora cada um esteja separado, eles estão todos inseparavelmente unidos em A B. Aí eles são um. Cada um é um indivíduo, mas todos são um no eixo A B. Ninguém pode escapar desse eixo, e por mais quebrada ou rasgada que seja a circunferência, ainda assim, permanecendo no eixo, podemos entrar em qualquer uma das câmaras. Este eixo é o Senhor. Ali somos um com Ele, tudo em todos e todos em Deus.

A nuvem se move pela face da lua, criando a ilusão de que a lua está se movendo. Assim, a natureza, o corpo e a matéria seguem em frente, criando a ilusão de que a alma está se movendo. Assim, descobrimos finalmente que aquele instinto (ou inspiração?) que os homens de todas as raças, sejam elas superiores ou inferiores, tiveram de sentir, a saber, a presença dos que partiram ao seu redor, é verdadeiro também intelectualmente.

Cada alma é uma estrela, e todas as estrelas estão colocadas naquele azul infinito, naquele céu eterno, o Senhor. Existe a raiz, a realidade, a individualidade real de cada um e de todos. A religião começou com a busca de algumas dessas estrelas que haviam passado além do nosso horizonte e terminou encontrando todas elas em Deus e nós mesmos no mesmo lugar. O segredo é, então, que seu pai abandonou a roupa velha que usava e permanece onde estava por toda a eternidade. Ele manifestará outra vestimenta semelhante neste ou em qualquer outro mundo? Rezo sinceramente para que isso não aconteça, até que o faça com plena consciência. Rezo para que ninguém seja arrastado a lugar algum pelo

poder invisível de suas próprias ações passadas. Rezo para que todos possam ser livres, isto é, saibam que são livres. E se quiserem voltar a sonhar, rezemos para que os seus sonhos sejam de paz e felicidade. . . .

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

5.1.32 IRMÃ

54 W. 33RD STREET, NY,

1º de fevereiro de 1895.

QUERIDA IRMÃ (Senhorita Mary Hale)

Acabei de receber seu lindo bilhete... Bem, às vezes é uma boa disciplina ser forçado a trabalhar por causa do trabalho, mesmo ao ponto de não poder desfrutar dos frutos do seu trabalho... Estou muito feliz das suas críticas e não lamento nada. Outro dia, na casa da Srta. Thursby, tive uma discussão acalorada com um cavalheiro presbiteriano que, como sempre, ficou muito irritado, irritado e abusivo. No entanto, fui posteriormente severamente repreendido pela Sra. Bull por isso, pois tais coisas atrapalham o meu trabalho. Então, ao que parece, é a sua opinião.

Estou feliz que você tenha escrito sobre isso agora há pouco, porque tenho pensado muito sobre isso. Em primeiro lugar, não sinto nada por essas coisas — talvez isso possa enojá-lo — pode sim. Eu sei muito bem como é bom que as perspectivas mundanas de alguém sejam doces. Faço tudo para ser doce, mas quando se trata de um compromisso horrível com a verdade interior, então paro. Eu não acredito em humildade. Acredito em Samadarshitva – o mesmo estado de espírito em relação a todos. O dever do homem comum é obedecer aos comandos do seu “Deus”, a sociedade; mas os filhos da luz nunca o fazem. Esta é uma lei eterna. A pessoa se acomoda ao ambiente e à opinião social e obtém todas as coisas boas da sociedade, a doadora de todas as coisas boas para eles. O outro fica sozinho e atrai a sociedade para ele. O homem acomodado encontra um caminho de rosas; o

não acomodado, um dos espinhos. Mas os adoradores da “Vox populi” vão para a aniquilação num momento; os filhos da verdade vivem para sempre.

Compararei a verdade a uma substância corrosiva de poder infinito. Ele abre caminho onde quer que caia - em substância macia ao mesmo tempo, granito duro lentamente, mas é necessário. O que está escrito é escrito. Sinto muito, irmã, por não poder me tornar doce e complacente com toda falsidade negra. Mas eu não posso. Sofri por isso toda a minha vida. Mas eu não posso. Eu ensaiei e ensaiei. Mas eu não posso. Finalmente desisti. O Senhor é grande. Ele não permitirá que eu me torne um hipócrita. Agora deixe o que está dentro sair. Não encontrei uma maneira que agrade a todos e não posso deixar de ser o que sou, fiel a mim mesmo. "A juventude e a beleza desaparecem, a vida e a riqueza desaparecem, o nome e a fama desaparecem, até as montanhas se transformam em pó. A amizade e o amor desaparecem. Só a verdade permanece." Deus da Verdade, seja somente meu guia! Estou velho demais para mudar agora para leite e mel. Permita-me permanecer como sou. "Sem medo - sem fazer compras, sem se importar nem com amigos nem com inimigos, apegue-se à Verdade, Sannyâsin, e a partir deste momento desista deste mundo e do próximo e de tudo o que está por vir - seus prazeres e suas vaidades. Verdade, seja você é o único meu guia." Não desejo riqueza, nome, fama ou prazeres, irmã – eles são pó para mim. Eu queria ajudar meus irmãos. Não tenho tato para ganhar dinheiro, bendito seja o Senhor. Que razão existe para eu me conformar com os caprichos do mundo ao meu redor e não obedecer à voz da Verdade interior? A mente ainda está fraca, irmã, às vezes ela se agarra mecanicamente à ajuda terrena. Mas não tenho medo. O medo é o maior pecado que minha religião ensina.

A última briga com o padre presbiteriano e a longa briga que se seguiu com a Sra. Bull me mostraram claramente o que Manu diz ao Sannyasin: “Viva sozinho, ande sozinho”. Toda amizade, todo amor, é apenas limitação. Nunca houve uma amizade, especialmente entre mulheres, que não fosse exigente. Ó grandes sábios! Você estava certo. Não se pode servir ao Deus da Verdade quem se apoia em alguém. Fique quieta, minha alma! Estar sozinho! e o Senhor está com você. A vida não é nada! A morte é uma ilusão! Tudo isso não é, só Deus é! Não temas, minha alma! Estar sozinho. Irmã, o caminho é longo, o tempo é curto, a noite se aproxima. Tenho que ir

para casa logo. Não tenho tempo para dar um fim às minhas boas maneiras. Não consigo encontrar tempo para entregar minha mensagem. Você é bom, você é tão gentil, farei qualquer coisa por você; e não fique com raiva, vejo que todos vocês são meras crianças.

Não sonhe mais! Oh, não sonhe mais, minha alma! Em uma palavra, tenho uma mensagem a dar, não tenho tempo para ser doce com o mundo e toda tentativa de doçura me torna um hipócrita. Morrerei mil mortes em vez de levar uma existência de água-viva e ceder a todas as exigências deste mundo tolo, não importa se é o meu próprio país ou um país estrangeiro. Você está enganado, completamente enganado, se pensa que tenho um trabalho, como pensa a Sra. Bull; Não tenho trabalho sob ou além do sol. Tenho uma mensagem e a transmitirei à minha maneira. Não irei hinduizar a minha mensagem, nem cristianizá-la, nem torná-la qualquer “ise” no mundo. Eu apenas irei fazer isso e isso é tudo. Liberdade, Mukti, é toda a minha religião, e tudo que tenta contê-la, evitarei lutando ou fugindo. Poxa! Tento pacificar os padres!! Irmã, não leve isso a mal. Mas vocês são bebês e os bebês devem se submeter a serem ensinados. Você ainda não bebeu daquela fonte que faz “da razão irracional, mortal imortal, deste mundo um zero, e do homem um Deus”. Saia se puder desta rede de tolices que eles chamam de mundo. Então eu te chamarei de realmente corajoso e livre. Se não puder, anime aqueles que ousam derrubar esse falso Deus, a sociedade, e pisotear sua hipocrisia absoluta; se você não consegue animá-los, ore, fique em silêncio, mas não tente arrastá-los novamente para a lama com falsas tolices como transigir e tornar-se gentil e doce.

Odeio este mundo, este sonho, este pesadelo horrível com as suas igrejas e chicanas, os seus livros e canalhas, os seus rostos belos e os seus corações falsos, a sua justiça uivante na superfície e o vazio absoluto por baixo, e, acima de tudo, a sua santificada gestão comercial. O que! medir qualquer alma de acordo com o que dizem os escravos do mundo? — Poxa! Irmã, você não conhece o Sannyasin. "Ele está na cabeça dos Vedas!" dizem os Vedas, porque ele está livre de igrejas e seitas e religiões e profetas e livros e todo esse tipo! Missionário ou não, deixe-os uivar e me atacar com tudo o que puderem, eu os considero como Bhartrihari diz: "Vá em frente, Sannyasin! Alguns dirão: 'Quem é esse homem louco?' Outros, 'Quem é esse Chandâla?' Outros saberão que você é um sábio. Fique feliz com a

tagarelice dos mundanos." Mas quando eles atacarem, saiba que: "O elefante que passa pelo mercado é sempre assediado por malditos, mas ele não se importa. Ele segue direto em seu próprio caminho. Assim é sempre, quando uma grande alma aparece, haverá muitos latindo atrás dela."
(Tulasidasa)

Estou morando com Landsberg em 54 W. 33rd Street. Ele é uma alma corajosa e nobre, que Deus o abençoe. Às vezes vou dormir na casa dos Guernsey.

Senhor abençoe a todos vocês sempre e sempre - e que Ele os conduza rapidamente para fora desta grande farsa, o mundo! Que você nunca se encante com essa bruxa velha, o mundo! Que Shankara o ajude! Que Umã abra a porta da verdade para você e tire todas as suas ilusões!

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.33 ALASINGA

19 W., 38 ST.,

NOVA IORQUE, 1895.

CARO ALASINGA,

. . . Não se metam na chamada reforma social, pois não pode haver qualquer reforma sem primeiro a reforma espiritual. Quem te disse que eu quero reforma social? Eu não. Pregue o Senhor – não diga nem bem nem mal sobre as superstições e dietas. Não desanime, não perca a fé em seu Guru, não perca a fé em Deus. Enquanto você possuir esses três, nada poderá prejudicá-lo, meu filho. Estou ficando mais forte a cada dia. Continuem trabalhando, meus valentes rapazes.

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.34 IRMÃ

54 OESTE, 33 NOVA IORQUE,

25 de fevereiro de 1895.

QUERIDA IRMÃ, [42]

Lamento que você tenha tido um ataque de doença. Darei a você um tratamento ausente, embora sua confissão tire metade das forças da minha mente.

Que você tenha feito isso, está tudo bem. Tudo fica bem quando termina bem.

Os livros chegaram em boas condições e muito obrigado por eles.

Seu sempre carinhoso irmão.,

VIVEKANANDA.

5.1.35 ALASINGA

EUA,

6 de março de 1895.

CARO ALASINGA,

. . . Não pense nem por um momento que os “Yankees” são práticos na religião. No sentido de que só o hindu é prático, o ianque é prático para ganhar dinheiro, de modo que, assim que eu partir, tudo desaparecerá. Portanto, quero ter uma base sólida sob meus pés antes de partir. Todo trabalho deve ser minucioso. . . . Você não precisa insistir em pregar Shri Ramakrishna. Propague primeiro as ideias dele, embora eu saiba que o mundo sempre quer primeiro o Homem, depois a ideia. . . . Não elabore grandes planos no início, mas comece devagar, sinta o seu terreno e prossiga cada vez mais.

. . . Continuem trabalhando, meus valentes rapazes. Veremos a luz algum dia.

Harmonia e paz! . . . Deixe as coisas crescerem lentamente. Roma não foi construída em um dia. O Maharaja de Mysore está morto – uma das nossas maiores esperanças. Bem! o Senhor é grande. Ele enviará outros para ajudar a causa.

Envie alguns Kushâsanas (pequenos tapetes), se puder.

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.36 IRMÃ

54 W., 33 NOVA IORQUE,

27 de março de 1895.

QUERIDA IRMÃ (Isabelle McKindley)

Sua amável nota me deu um prazer inexprimível. Também consegui lê-lo com muita facilidade. Finalmente encontrei o laranja e comprei um casaco, mas ainda não consegui nenhum em material de verão. Se você conseguir algum, por favor me informe. Vou mandar fazer aqui em Nova York. Seu maravilhoso alfaiate desajustado da Avenida Dearborn é demais até para um monge.

A irmã Locke me escreve uma longa carta e talvez se pergunte pela minha demora em responder. Ela tende a se deixar levar pelo entusiasmo; então estou esperando e novamente não sei o que responder. Por favor, diga a ela por mim que é impossível para mim consertar qualquer lugar agora. A Sra. Peake, embora nobre, grandiosa e muito espiritual, é tão inteligente nos assuntos mundanos quanto eu, mas estou ficando mais inteligente a cada dia. Alguém que ela conhece apenas vagamente em Washington ofereceu à Sra. Peake um lugar para passar o verão.

Quem sabe ela não será enganada? Este é um país maravilhoso para trapacear, e 99,9% têm algum motivo oculto para tirar vantagem dos outros. Se alguém fechar os olhos por um momento, ele se foi!! Irmã Josephine é impetuosa. A Sra. Peake é uma boa mulher simples. Fui tão bem tratado pelas pessoas daqui que olho em volta durante horas antes de dar um passo. Tudo dará certo. Peça à Irmã Josephine que tenha um pouco de paciência.

Todos os dias você acha o jardim de infância melhor do que administrar um lar de idosos, tenho certeza. Você viu a Sra. Bull e tenho certeza de que ficou bastante surpreso ao encontrá-la tão mansa e gentil. Você vê a Sra. Adams de vez em quando? A Sra. Bull foi muito beneficiada por suas aulas. Também levei alguns, mas não adiantou; a carga cada vez maior na frente não me permite inclinar-me para a frente como a Sra. Adams deseja. Se tento inclinar-me para a frente ao caminhar, o centro de gravidade chega à superfície do estômago, e então dou cambalhotas frontais.

Nenhum milionário vem? Nem mesmo algumas centenas de milhares? Desculpe, sinto muito!!! Estou tentando o meu melhor; o que eu posso fazer? Minhas aulas estão cheias de mulheres. É claro que você não pode se casar com uma mulher. Bem, tenha paciência. Mantereí meus olhos abertos e nunca deixarei passar uma oportunidade. Se você não conseguir, não será por preguiça, pelo menos da minha parte.

A vida segue a mesma velha rotina. Às vezes fico enojado com as eternas palestras e palestras, tenho vontade de ficar em silêncio por dias e dias.

Espero que você tenha os melhores sonhos (pois só assim é possível ser feliz).

Eu continuo sempre sendo seu amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

5.1.37 ALASINGA

EUA,

4 de abril de 1895.

CARO ALASINGA,

Sua carta apenas à mão. Você não precisa ter medo de que alguém tente me machucar. Enquanto o Senhor me proteger, serei inexpugnável. Suas idéias sobre a América são muito nebulosas. . . . Este é um país enorme, a maioria não se importa muito com religião. . . . O Cristianismo se mantém como um mero patriotismo e nada mais.

. . . Agora meu filho, não perca a coragem. . . . Envie-me os Vedanta-Sutras e os Bhâshyas (comentários) de todas as seitas... Estou em Suas mãos. Qual é a utilidade de voltar para a Índia? A Índia não pode promover as minhas ideias. Este país aceita bem as minhas ideias. Voltarei quando receber o Comando. Enquanto isso, todos vocês trabalham com cuidado e paciência. Se alguém me atacar, simplesmente ignore a sua existência. . . . Minha ideia é que você comece uma Sociedade onde as pessoas possam aprender os Vedas e o Vedanta, com os comentários. Trabalhe nesta linha atualmente. . . . Saiba que toda vez que você se sente fraco, você não apenas prejudica a si mesmo, mas também a Causa. Fé e força infinitas são as únicas condições de sucesso.

Seja alegre. . . . Apegue-se ao seu próprio ideal. . . . Acima de tudo, nunca tente guiar ou governar os outros, ou, como dizem os Yankees, “mandar” nos outros. Seja o servo de todos.

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.38 S--

EUA,

2 de maio de 1895.

CAROS- ,

Então você decidiu renunciar ao mundo. Tenho simpatia pelo seu desejo. Não há nada tão elevado quanto a renúncia de si mesmo. Mas você não deve esquecer que renunciar ao seu desejo favorito pelo bem-estar daqueles que dependem de você não é um sacrifício pequeno. Siga a vida imaculada e os ensinamentos de Shri Ramakrishna e cuide do conforto de sua família. Você cumpre seu próprio dever e deixa o resto com Ele.

O amor não faz distinção entre homem e homem, entre um ariano e um Mlechchha, entre um brâmane e um pária, nem mesmo entre um homem e uma mulher. O amor faz do universo inteiro a sua própria casa. O verdadeiro progresso é lento, mas seguro. Trabalhe entre os jovens que podem dedicar-se de coração e alma a este único dever – o dever de elevar as massas da Índia. Desperte-os, una-os e inspire-os com este espírito de renúncia; depende inteiramente dos jovens da Índia.

Cultive a virtude da obediência, mas não deve sacrificar a sua própria fé. Nenhuma centralização é possível a menos que haja obediência aos superiores. Nenhum grande trabalho pode ser realizado sem esta centralização das forças individuais. O Calcutá Math é o centro principal; os membros de todos os outros ramos devem agir em unidade e conformidade com as regras desse centro.

Abandone o ciúme e a presunção. Aprenda a trabalhar unido pelos outros. Esta é a grande necessidade do nosso país.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.39 ALASINGA

EUA,

6 de maio de 1895.

CARO ALASINGA,

Esta manhã recebi sua última carta e aquele primeiro volume do Bhâshya de Râmânujâcharya. Há alguns dias recebi outra carta sua. Também recebi uma carta do Sr. Mani Iyer. Estou indo bem e seguindo no mesmo ritmo de sempre. Você menciona as palestras do Sr. Lund. Não sei quem ele é ou onde está. Ele pode ser alguém dando palestras em igrejas; pois se ele tivesse grandes plataformas, teríamos ouvido falar dele. Talvez ele consiga noticiá-los em alguns jornais e os envie para a Índia; e os missionários podem estar negociando com isso. Bem, até agora eu acho que pelo tom de suas cartas. Não é assunto público aqui invocar qualquer defesa nossa; pois nesse caso terei que lutar contra centenas deles aqui todos os dias. Pois a Índia está agora no ar, e os ortodoxos, incluindo o Dr. Barrows e todos os outros, estão a lutar arduamente para apagar o fogo. Em segundo lugar, cada um destes sermões ortodoxos contra a Índia deve ter provocado muitos abusos contra mim. Se você ouvir algumas das histórias sujas que homens e mulheres ortodoxos inventam contra mim, ficará surpreso. Agora, você quer dizer que um Sannyâsin deveria defender-se contra os ataques brutais e covardes desses homens e mulheres egoístas? Tenho aqui alguns amigos muito influentes que, de vez em quando, lhes dão silêncio. Mais uma vez, por que deveria eu desperdiçar minhas energias defendendo o hinduísmo se todos os hindus vão dormir? O que vocês, trezentos milhões de pessoas, estão fazendo aí, especialmente aquelas que têm tanto orgulho de seu aprendizado, etc.? Por que você não começa a lutar e me deixa ensinar e pregar? Aqui estou eu lutando dia e noite no meio de estranhos... Que ajuda a Índia envia? O mundo alguma vez viu uma nação com menos patriotismo do que a indiana? Se pudéssemos enviar e manter durante alguns anos uma dúzia de homens fortes e bem educados para pregar na Europa e na América, prestaríamos um imenso serviço à Índia, tanto moral como politicamente. Todo homem que simpatiza moralmente com a Índia torna-se um amigo político. Muitos dos povos ocidentais pensam em vocês como uma nação de selvagens seminus e, portanto, apenas adequados para serem chicoteados na civilização. Se vocês, trezentos milhões, forem intimidados pelos missionários – seus covardes – e não ousarem dizer uma palavra, o que um homem pode fazer em uma terra muito distante? Mesmo o que eu fiz, você não merece.

Por que você não envia suas defesas às revistas americanas? O que te impede? Sua raça de covardes – físicos, morais e espirituais! Vocês,

animais, merecem ser tratados como são, com duas idéias diante de vocês – luxúria e dinheiro – vocês querem incitar um Sannyasin a uma vida de luta constante e têm medo das “toras do Saheb”, até mesmo dos missionários! E você fará grandes coisas, pish! Por que alguns de vocês não escrevem uma bela defesa e a enviam para a Arena Publishing Company de Boston? A Arena é uma revista que terá prazer em publicá-la e talvez lhe pague muito dinheiro. Até agora acabou. Pense nisso quando você se sentir tentado a ser um tolo. Pense que até hoje todos os canalhas de um hindu que até então tinham vindo para terras ocidentais criticaram com demasiada frequência a sua própria fé e o seu país, a fim de obter elogios ou dinheiro. Você sabe que não vim em busca de nome e fama; isso foi imposto a mim. Por que devo voltar para a Índia? Quem vai me ajudar? . . . Vocês são crianças, tagarelam e não sabem o quê. Onde estão os homens em Madras que desistirão do mundo para pregar a religião? O mundanismo e a realização de Deus não podem andar juntos. Fui o único homem que ousou defender o seu país e dei-lhes ideias que nunca esperariam de um hindu. Há muitos que estão contra mim, mas nunca serei um covarde como você. Há também milhares de pessoas no país que são meus amigos e centenas que me seguiriam até a morte; a cada ano eles aumentarão, e se eu viver e trabalhar com eles, meus ideais de vida e religião serão realizados. Você vê?

Não ouço muito agora sobre o Templo Universal que seria construído na América; no entanto, tenho uma base sólida em Nova Iorque, o centro da vida americana, e assim o meu trabalho continuará. Estou levando vários dos meus discípulos para um retiro de verão para terminarem a sua formação em Yoga, Bhakti e Jnâna, e então eles poderão ajudar a continuar o trabalho. Agora meus meninos, vão trabalhar.

Dentro de um mês estarei em condições de enviar algum dinheiro para o jornal. Não saia por aí mendigando aos mendigos hindus. Farei tudo sozinho, com meu próprio cérebro e mão direita forte. Não quero a ajuda de nenhum homem aqui ou na Índia. . . . Não pressione demais o Ramakrishna Avatâra.

Agora vou lhe contar minha descoberta. Toda a religião está contida no Vedanta, isto é, nos três estágios da filosofia Vedanta, o Dvaita, Vishishtâdvaita e Advaita; um vem depois do outro. Estes são os três

estágios do crescimento espiritual do homem. Cada um é necessário. Isto é o essencial da religião: o Vedanta, aplicado aos vários costumes e credos étnicos da Índia, é o Hinduísmo. A primeira etapa, ou seja, Dvaita, aplicada às ideias dos grupos étnicos da Europa, é o Cristianismo; aplicado aos grupos semitas, o maometismo. O Advaita, conforme aplicado em sua forma de percepção do Yoga, é o Budismo, etc. Agora, por religião entende-se o Vedanta; as aplicações devem variar de acordo com as diferentes necessidades, ambientes e outras circunstâncias das diferentes nações. Você descobrirá que embora a filosofia seja a mesma, os Shâktas, Shaivas, etc. aplicam-na cada um a seu próprio culto e formas especiais. Agora, em seu diário, escreva artigo após artigo sobre esses três sistemas, mostrando sua harmonia como um seguindo o outro, e ao mesmo tempo evitando completamente as formas cerimoniais. Ou seja, pregar a filosofia, a parte espiritual, e deixar que as pessoas adequem às suas formas. Desejo escrever um livro sobre este assunto, por isso queria os três Bhashyas; mas apenas um volume do Ramanuja (Bhashya) chegou até mim até agora.

Os Teosofistas Americanos separaram-se dos outros e agora odeiam a Índia. Pobres coisas! E Sturdy, da Inglaterra, que esteve recentemente na Índia e conheceu meu irmão Shivananda, escreveu-me uma carta querendo saber quando eu iria para a Inglaterra. Escrevi-lhe uma bela carta. E quanto a Babu Akshay Kumar Ghosh? Não ouço mais nada dele. Dê aos missionários e outras pessoas o que lhes é devido. Reúna alguns de nossos homens muito fortes e escreva um artigo bonito, forte, mas de bom tom, sobre o atual reavivamento religioso na Índia e envie-o para alguma revista americana. Conheço apenas um ou dois deles. Você sabe que não sou muito escritor. Não tenho o hábito de ir de porta em porta mendigando. Fico quieto e deixo as coisas virem até mim. . . . Agora, meus filhos, eu poderia ter tido um grande sucesso na forma de organização aqui, se eu fosse um hipócrita mundano. Infelizmente! Isso é tudo sobre religião aqui; dinheiro e nome = sacerdote, dinheiro e luxúria = leigo. Devo criar aqui uma nova ordem de humanidade que acredita sinceramente em Deus e não se importa com o mundo. Isso deve ser lento, muito lento. Enquanto isso, continue com seu trabalho e eu conduzirei meu barco sempre em frente. O diário não deve ser irreverente, mas firme, calmo e estridente. . . . Procure um grupo de escritores excelentes e constantes. . . . Seja perfeitamente altruísta, seja firme e trabalhe. Faremos grandes coisas; não tema. . . . Mais uma coisa.

Seja o servo de todos e não tente governar os outros. Isso vai excitar o ciúme e destruir tudo. . . . Prossiga. Você trabalhou maravilhosamente bem. Não esperamos ajuda, vamos resolver isso, meu rapaz, seja autossuficiente, fiel e paciente. Não antagonize meus outros amigos, viva em harmonia com todos. Meu eterno amor a todos.

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. Ninguém virá ajudá-lo se você se apresentar como líder. . . . Mate-se primeiro se quiser ter sucesso.

5.1.40 ALASINGA

NOVA IORQUE,

14 de maio de 1895.

CARO ALASINGA,

. . . Agora tenho controle sobre Nova York e espero conseguir um corpo permanente de trabalhadores que continuem o trabalho quando eu deixar o país. Você vê, meu rapaz, todo esse brasão de jornal não é nada? Devo ser capaz de deixar um efeito permanente atrás de mim quando partir; e com as bênçãos do Senhor isso acontecerá muito em breve. . . . Os homens são mais valiosos do que toda a riqueza do mundo.

Você não precisa se preocupar comigo. O Senhor está sempre me protegendo. A minha vinda a este país e todo o meu trabalho não devem ser em vão.

O Senhor é misericordioso e, embora haja muitos que tentem me ferir de todas as maneiras que podem, há também muitos que serão meus amigos até o fim. Paciência infinita, pureza infinita e perseverança infinita são o segredo do sucesso em uma boa causa.

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.41 AMIGO

A/C SENHORITA DUTCHER,
PARQUE DE MIL ILHAS, NY,

18 de junho de 1895.

CARO AMIGO, (Sr. F. Leggett)

Recebi uma carta da Sra. Sturges um dia antes de sua partida, incluindo um cheque de 50 dólares. Foi impossível fazer com que o reconhecimento chegasse até ela no dia seguinte; por isso aproveito para lhe pedir o favor de enviar a ela meu agradecimento e reconhecimento em sua presença ao lado dela.

Estamos a divertir-nos aqui, excepto que, como diz um antigo provérbio hindu, que “um pilão deve bater mesmo que vá para o céu”. Eu tenho que trabalhar duro do mesmo jeito. Estou indo para Chicago no início de agosto. Quando você vai começar?

Todos os nossos amigos aqui enviam seus respeitos a você. Esperando a todos felicidade, alegria e saúde, e sempre orando pelo mesmo.

Eu permaneço, seu carinhosamente,

VIVEKANANDA.

5.1.42 FINANÇAS

19 W. 38TH ST., NOVA IORQUE

22 de junho de 1895

CARO KIDI,

Vou escrever uma carta inteira para você em vez de uma linha. Estou feliz que você esteja progredindo. Você está enganado ao pensar que não voltarei à Índia; Eu irei em breve. Não estou me entregando ao fracasso, e aqui plantei uma semente, e ela vai se tornar uma árvore, e isso deve acontecer. Só temo que isso prejudique seu crescimento se eu desistir cedo demais. . . .

Continue trabalhando, meu garoto. Roma não foi construída em um dia. Sou guiado pelo Senhor, então tudo dará certo no final.

Com meu amor sempre e sempre por você,

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

5.1.43 ALASINGA

EUA,

1º de julho de 1895.

CARO ALASINGA,

Recebi seu livro missionário e as fotos de Ramnad. Escrevi tanto para o Raja quanto para o Dewan em Mysore. O panfleto missionário deve ter chegado aqui há muito tempo, como a controvérsia do círculo Ramabai com o Dr. Janes o saboreou, ao que parece. Agora você não precisa ter medo de nada. Há uma distorção nesse panfleto. Nunca fui a um grande hotel neste país e muito poucas vezes a qualquer outro. Em Baltimore, os pequenos hotéis, sendo ignorantes, não aceitavam um homem negro, pensando que ele era um negro. Então meu anfitrião, Dr. Vrooman, teve que me levar para um maior, porque sabia a diferença entre um negro e um estrangeiro. Deixe-me dizer, Alasinga, que você tem que se defender. Por que você se comporta como bebês? Se alguém ataca a sua religião, por que não pode defendê-la? Quanto a mim, não precisa ter medo, tenho mais amigos do que inimigos aqui, e neste país um terço são cristãos, e apenas um pequeno número dos instruídos se preocupa com os missionários. Novamente, o

próprio fato dos missionários serem contra qualquer coisa faz com que os educados gostem. Eles têm menos poder aqui agora e estão se tornando menos a cada dia. Se os ataques deles machucam você, por que você se comporta como uma criança petulante e se refere a mim? . . . Covardia não é virtude.

Aqui já tenho seguidores respeitáveis. No próximo ano vou organizá-lo numa base de trabalho e depois o trabalho será continuado. E quando eu for para a Índia, tenho amigos que me apoiarão aqui e me ajudarão na Índia também; então você não precisa temer. Enquanto você gritar com as tentativas missionárias e pular sem poder fazer nada, eu rio de você; vocês são bonequinhas, é isso que vocês são. . . . O que Swami pode fazer pelos bebês mais velhos!!

Eu sei, meu filho, terei que vir e fabricar homens a partir de você. Eu sei que a Índia só é habitada por mulheres e eunucos. Então não se preocupe. Terei que conseguir meios para trabalhar lá. Não me coloco nas mãos de imbecis. Você não precisa se preocupar, faça o pouco que puder. Tenho que trabalhar sozinho de cima a baixo. . . . "Este Âtman (Eu) não deve ser alcançado por covardes." Você não precisa ter medo por mim. O Senhor está comigo, defendam-se apenas e mostrem-me que podem fazer isso; e ficarei satisfeito. Não me incomode mais com o que dizem sobre mim. Não estou esperando ouvir nenhum julgamento tolo sobre mim. Vocês, bebês, grandes resultados só são alcançados com muita paciência, muita coragem e grandes tentativas. . . . A mente de Kidi está dando cambalhotas periódicas, infelizmente. . . .

Somente os corajosos fazem grandes coisas, não os covardes. Saibam de uma vez por todas, infiéis, que estou nas mãos do Senhor. Enquanto eu for puro e Seu servo, nem um fio de cabelo da minha cabeça será tocado. . . . Faça algo pela nação, então eles irão ajudá-lo, então a nação estará com você. Seja corajoso, seja corajoso! O homem morre apenas uma vez. Meus discípulos não devem ser covardes.

Sempre seu com amor,

VIVEKANANDA.

5.1.44 SRA. William Sturges

PARQUE DE MIL ILHAS,

29 (julho?), de 1895.

Um momento glorioso para você, querida mãe (Sra. William Sturges.) E tenho certeza de que esta carta a encontrará com toda a saúde. Muito obrigado pelos US\$ 50 que você enviou; foi um longo caminho.

Nós nos divertimos muito aqui. Duas senhoras vieram de Detroit para estar conosco aqui. Eles são tão puros e bons. Estou indo de Thousand Island para Detroit e daí para Chicago.

Nossas aulas em Nova York estão acontecendo e eles continuaram com coragem, embora eu não estivesse lá.

A propósito, as duas senhoras que vieram de Detroit estavam na classe e, infelizmente, estavam muito assustadas com diabinhos e outras pessoas desse tipo. Eles foram ensinados a colocar um pouco de sal, só um pouquinho, no álcool queimado, e se houver um precipitado preto, devem ser as impurezas que mostram a presença dos diabinhos. No entanto, essas duas senhoras tinham muito medo dos diabinhos. Diz-se que esses diabinhos estão por toda parte preenchendo todo o universo. O padre Leggett deve estar muito abatido com a sua ausência, pois não tive notícias dele até o momento. Bem, é melhor deixar a dor seguir seu caminho. Então eu não o incomodo mais.

Tia Joe Joe deve ter passado por momentos terríveis no mar. Tudo está bem quando acaba bem.

Os bebês (Hollister e Alberta – então na escola na Alemanha) devem estar a gostar muito da sua estadia na Alemanha. Minha carga de amor para eles.

Todos nós aqui lhe enviamos amor e desejo-lhe uma vida que seja como uma tocha para as gerações vindouras.

Seu filho,

VIVEKANANDA.

5.1.45 MÃE

A/C SENHORITA DUTCHER,

PARQUE DE MIL ILHAS,

Julho de 1895.

QUERIDA MÃE, (Sra. Betty Sturges.)

Tenho certeza de que você está em Nova York a essa altura e que não está muito quente lá agora.

Estamos vivendo ótimos momentos aqui. Marie Louise chegou ontem. Então somos exatamente sete agora, incluindo todos os que já vieram.

Todo o sono do mundo veio sobre mim. Durmo pelo menos duas horas durante o dia e durmo a noite toda como um pedaço de tronco. Esta é uma reação, penso eu, à insônia de Nova York. Também estou escrevendo e lendo um pouco, e tenho aula todas as manhãs depois do café da manhã. As refeições são conduzidas de acordo com os mais rígidos princípios vegetarianos e estou jejuando bastante.

Estou determinado a perder vários quilos da minha gordura antes de partir. Este é um lugar metodista, e eles terão sua reunião campal em agosto. É um local muito bonito, mas temo que fique muito lotado durante a temporada.

A picada de mosca da senhorita Joe Joe já foi completamente curada a esta altura, tenho certeza de onde está. . . Mãe? Por favor, dê a ela meus melhores cumprimentos na próxima vez que escrever para ela.

Sempre lembrarei dos momentos maravilhosos que passei em Percy e sempre agradecerei ao Sr. Leggett por esse prazer e poderei ir para a Europa com ele. Da próxima vez que você o encontrar, por favor, dê-lhe meu eterno amor e gratidão. O mundo é sempre melhorado pelo amor de pessoas como ele.

Você está com sua amiga, Dona Dora (nome alemão longo). Ela é uma alma nobre, uma verdadeira Mahatma (grande alma). Por favor, dê a ela meu amor e cumprimentos.

Estou numa espécie de estado de sono, preguiça e felicidade agora e não pareço desgostar disso. Marie Louise trouxe de Nova York uma pequena tartaruga, seu animal de estimação. Agora, chegando aqui, o animal se viu cercado de seu elemento natural. Assim, à força de cair e rastejar persistentemente, ele deixou o amor e as carícias de Marie Louise para muito, muito para trás. Ela ficou um pouco triste no início, mas pregávamos a liberdade com tanto vigor que ela teve que se recuperar rapidamente.

Que o Senhor abençoe você e a sua para todo o sempre é a oração constante de

VIVEKANANDA

PS. Joe Joe não enviou o livro de casca de bétula. A Sra. Bull ficou muito feliz por receber o que eu lhe enviei.

Recebi um grande número de cartas muito bonitas da Índia. Está tudo bem aí. Envie meu amor aos bebês do outro lado – os verdadeiros “inocentes no exterior”.

V.

5.1.46 AMIGO

A/C SENHORITA DUTCHER,
PARQUE DE MIL ILHAS, NY

7 de julho de 1895.

CARO AMIGO, (Sr. F. Leggett)

Vejo que você está gostando muito de Nova York, então desculpe-me por interromper seu devaneio com uma carta.

Recebi duas lindas cartas da Srta. MacLeod e da Sra. Sturges. Também enviaram dois lindos livros de casca de bétula. Eu os preenchi com textos e traduções em sânscrito, e eles vão até o correio de hoje.

Ouvi dizer que a Sra. Dora [43] está apresentando algumas performances surpreendentes na linha do Mahatma.

Desde que deixei Percy [44], recebi convites de lugares inesperados para vir a Londres, e aguardo com grande expectativa.

Não quero perder esta oportunidade de trabalhar em Londres. E assim o seu convite, juntamente com o de Londres, é, eu sei, um apelo divino para mais trabalho.

Estarei aqui durante todo este mês e só terei que passar alguns dias em Chicago em algum momento de agosto.

Não se preocupe, padre Leggett, este é o melhor momento para esperar - quando está apaixonado.

O Senhor o abençoe para todo o sempre, e que toda a felicidade seja sua para sempre, como você a merece.

Sempre seu em amor e carinho,

VIVEKANANDA.

5.1.47 MAHARAJA DE KHETRI

EUA,

9 de julho de 1895.

. . . Sobre a minha vinda para a Índia, a questão é assim: sou, como Vossa Alteza (O Maharaja de Khetri) bem sabe, um homem de perseverança

obstinada. Plantei uma semente neste país; já é uma planta e espero que muito em breve seja uma árvore. Tenho algumas centenas de seguidores. Farei vários Sannyâsins e depois irei para a Índia deixando o trabalho para eles. Quanto mais os padres cristãos se opõem a mim, mais estou determinado a deixar uma marca permanente no seu país. . . . Já tenho alguns amigos em Londres. Vou para lá no final de agosto. . . . De qualquer forma, este inverno terá de ser passado parte em Londres e parte em Nova York, e então estarei livre para ir para a Índia. Haverá homens suficientes para continuar o trabalho aqui depois deste inverno, se o Senhor for gentil. Cada trabalho tem que passar por esses estágios – ridículo, oposição e depois aceitação. Todo homem que pensa à frente de seu tempo certamente será mal compreendido. Portanto, a oposição e a perseguição são bem-vindas, só que tenho que ser firme e puro e ter imensa fé em Deus, e tudo isso desaparecerá. . . .

VIVEKANANDA.

5.1.48 AMIGO

A/C SENHORITA DUTCHER,
PARQUE DE MIL ILHAS, NY

31 de julho de 1895.

CARO AMIGO, (Francis Leggett)

Escrevi-lhe uma carta antes desta, mas temo que não tenha sido postada com cuidado, escrevo outra.

Chegarei a tempo antes do dia 14. De qualquer maneira, terei que vir para Nova York antes do dia 11. Portanto, haverá tempo suficiente para se preparar.

Irei com você a Paris, pois meu principal objetivo ao ir com você é vê-lo casado. Quando você sai de viagem, eu vou para Londres. Isso é tudo.

É desnecessário repetir meu eterno amor e bênçãos para você e os seus.

Sempre seu filho,
VIVEKANANDA.

5.1.49 ALASINGA

EUA,
Agosto de 1895.

Quando isto chegar até você, querido Alasinga, estarei em Paris. . . .
Trabalhei muito este ano e espero fazer muito mais no próximo. Não se preocupe com os missionários. É bastante natural que chorem. Quem não o faz quando seu pão está acabando? Os fundos missionários tiveram uma grande lacuna nos últimos dois anos e estão a aumentar. Contudo, desejo todo o sucesso aos missionários. Contanto que você tenha amor por Deus e pelo Guru e fé na verdade, nada poderá machucá-lo, meu filho. Mas a perda de qualquer um deles é perigosa. Você comentou bem; minhas ideias funcionarão melhor no Ocidente do que na Índia. . . . Fiz mais pela Índia do que a Índia alguma vez fez por mim. . . . Acredito na verdade, o Senhor me envia trabalhadores aos montes onde quer que eu vá - e eles não são como os. . . discípulos também - eles estão prontos para desistir de suas vidas por seu Guru. A verdade é meu Deus, o universo meu país. Não acredito no dever. O dever é a maldição do Samsâri (chefe de família), não do Sannyâsin. O dever é uma farsa. Estou livre, minhas amarras foram cortadas; que me importa para onde esse corpo vai ou não. Você me ajudou muito. O Senhor irá recompensá-lo. Não procurei elogios nem da Índia nem da América, nem procuro tais bolhas. Tenho uma verdade a ensinar, eu, o filho de Deus. E Aquele que me deu a verdade me enviará colegas de trabalho dos melhores e mais valentes da terra. Vocês, hindus, verão em poucos anos o que o Senhor faz no Ocidente. Vocês são como os judeus de antigamente – cães na manjedoura, que não comem nem permitem que outros comam. Você não tem religião, seu Deus é a cozinha, sua Bíblia, as panelas. . . . Vocês são alguns rapazes corajosos. . . . Esperem, rapazes, não há covardes entre meus filhos. . . . As grandes coisas são feitas sem problemas? Tempo, paciência e vontade indomável devem aparecer. Eu poderia ter lhe contado muitas coisas que fariam seu coração disparar, mas

não o farei. Quero vontades de ferro e corações que não saibam tremer.
Aguentar. O Senhor te abençoe.

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.50 Sra. TOURO

PARQUE DE MIL ILHAS,

Agosto de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

. . . Agora, aqui está outra carta do Sr. Sturdy, envio para você. Veja como as coisas estão sendo preparadas à frente. Você não acha que isso, juntamente com o convite do Sr. Leggett, é um chamado divino? Acho que sim e estou acompanhando. No final de agosto irei com o Sr. Leggett para Paris e depois irei para Londres.

O pouco que puder ser feito por meus irmãos e por meu trabalho é toda a ajuda que desejo de vocês agora. Cumpri bastante bem o meu dever para com o meu povo. Agora, para o mundo que me deu este corpo - o país que me deu as ideias, a humanidade que me permite ser um deles!

Quanto mais envelheço, mais vejo por trás da ideia dos hindus de que o homem é o maior de todos os seres. O mesmo dizem os maometanos também. Os anjos foram convidados por Allah a se curvarem diante de Adão. Iblis não o fez e, portanto, ele se tornou Satanás. Esta terra é mais elevada que todos os céus; esta é a maior escola do universo; e as pessoas de Marte ou Júpiter não podem ser superiores a nós, porque não podem comunicar connosco. Os únicos chamados seres superiores são os que partiram, e estes nada mais são do que homens que assumiram outro corpo. Isto é melhor, é verdade, mas ainda é um corpo humano, com mãos e pés, e assim por diante. E vivem nesta terra em outro Âkâsha, sem serem absolutamente invisíveis. Eles também pensam e têm consciência e tudo

mais como nós. Então eles também são homens, assim como os Devas, os anjos. Mas só o homem se torna Deus; e todos eles têm que se tornar homens novamente para se tornarem Deus. . . .

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

5.1.51 RESISTENTE

HOTEL CONTINENTAL,

3 RUE CASTIGLIONE, PARIS,

26 de agosto de 1895.

Aum tat sat

CARO AMIGO, (Sr. E. T. Sturdy)

Cheguei aqui anteontem. Vim para este país como convidado de um amigo americano que vai se casar aqui na próxima semana.

Terei que ficar aqui com ele até lá; e depois disso estarei livre para ir a Londres.

Aguardando ansiosamente a alegria de conhecê-lo,

Sempre seu no sábado,

VIVEKANANDA.

5.1.52 ALASINGA

PARIS,

9 de setembro de 1895.

CARO ALASINGA,

. . . Estou surpreso que você leve tão a sério as bobagens dos missionários. . . Se o povo da Índia quiser que eu siga estritamente minha dieta hindu, por favor, diga-lhes para me enviarem um cozinheiro e dinheiro suficiente para mantê-lo. Esse bossismo bobo sem um pingo de ajuda real me faz rir. Por outro lado, se os missionários lhe disserem que alguma vez quebrei os dois grandes votos dos Sannyâsin – castidade e pobreza – diga-lhes que eles são grandes mentirosos. Por favor, escreva ao missionário Hume pedindo-lhe categoricamente que lhe escreva que delito ele viu em mim, ou lhe dê os nomes de seus informantes, e se a informação foi de primeira mão ou não; isso resolverá a questão e exporá tudo. . . .

Quanto a mim, veja bem, não sou ditado por ninguém. Conheço minha missão na vida e não há chauvinismo sobre mim; Pertencço tanto à Índia como ao mundo, não há nenhuma farsa nisso. Eu ajudei você tudo que pude. Agora você deve ajudar-se. Que país tem alguma reivindicação especial sobre mim? Sou escravo de alguma nação? Não falem mais bobagens, seus ateus infiéis.

Trabalhei duro e enviei todo o dinheiro que consegui para Calcutá e Madras, e depois de fazer tudo isso, aguentei seus ditados idiotas! Você não tem vergonha? O que devo a eles? Eu me importo com seus elogios ou temo sua culpa? Sou um homem singular, meu filho, nem você ainda consegue me entender. Você trabalha; se não puder, pare; mas não tente me "mandar" com suas bobagens. Vejo um Poder maior do que o homem, ou Deus, ou o diabo nas minhas costas. Não preciso da ajuda de ninguém. Passei toda a minha vida ajudando os outros. . . . Eles não podem levantar algumas rúpias para ajudar o trabalho do maior homem que seu país já produziu – Ramakrishna Paramahansa; e falam besteiras e querem dar ordens ao homem por quem nada fizeram, descobrir quem fez tudo o que pôde por eles! Tal é o mundo ingrato!

Você quer dizer que nasci para viver e morrer como um daqueles covardes dominados por castas, supersticiosos, impiedosos, hipócritas e ateus que você encontra apenas entre os hindus instruídos? Odeio covardia; Não terei nada a ver com covardes ou bobagens políticas. Não acredito em nenhuma

política. Deus e a verdade são a única política do mundo, todo o resto é lixo.

Vou para Londres amanhã. . . .

Seu com bênçãos

VIVEKANANDA.

5.1.53 ALASINGA

LONDRES,

24 de outubro de 1895.

CARO ALASINGA,

. . . Já entreguei meu primeiro endereço, e vocês poderão ver como ele foi bem recebido pelo aviso da Norma. O Standard é um dos jornais conservadores mais influentes. Estarei em Londres por um mês, depois irei para a América e voltarei no próximo verão. Até agora você vê que a semente está bem plantada na Inglaterra. . . .

Tenha coragem e trabalhe. Paciência e trabalho constante – este é o único caminho. Prossiga; lembre-se – paciência, pureza, coragem e trabalho constante. . . . Enquanto você for puro e fiel aos seus princípios, você nunca falhará – a Mãe nunca o abandonará e todas as bênçãos serão suas.

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

5.1.54 ALASINGA

LONDRES,

18 de novembro de 1895.

CARO ALASINGA,

. . . Na Inglaterra meu trabalho é realmente esplêndido, estou surpreso com isso. Os ingleses não: falam muito nos jornais, mas trabalham em silêncio. Tenho certeza de que há mais trabalho na Inglaterra do que na América. Vêm bandas e mais bandas, e não tenho espaço para tantas; então eles se agacham no chão, com senhoras e tudo. Digo-lhes que imaginem que estão sob o céu da Índia, sob uma figueira-de-bengala que se espalha, e eles gostam da ideia. Terei que viajar na próxima semana e eles lamentam muito. Alguns acham que meu trabalho aqui será um pouco prejudicado se eu for embora tão cedo. Eu não penso assim. Não dependo de homens ou coisas. Somente do Senhor eu dependo – e Ele trabalha através de mim.

. . . Agrade a todos sem se tornar hipócrita e sem ser covarde. Apegue-se às suas próprias idéias com força e pureza, e quaisquer que sejam as obstruções que possam estar em seu caminho, o mundo certamente irá ouvi-lo no longo prazo. . . .

Não tenho tempo nem para morrer, como dizem os bengalis. Eu trabalho, trabalho, trabalho e ganho meu próprio pão e ajudo meu país, e tudo isso sozinho, e depois só recebo críticas de amigos e inimigos por tudo isso! Bem, vocês são apenas crianças, terei que suportar tudo. Mandeí chamar um Sannyâsin de Calcutá e vou deixá-lo trabalhar em Londres. Quero mais um para a América - quero meu próprio homem. Guru-Bhakti é a base de todo desenvolvimento espiritual.

. . . Estou muito cansado do trabalho incessante. Qualquer outro hindu teria morrido se tivesse que trabalhar tanto quanto eu. . . . Quero ir para a Índia para um longo descanso. . . .

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.55 ALASINGA

228 W. 39TH ST., NOVA IORQUE,

20 de dezembro de 1895.

CARO ALASINGA,

. . . Tenha paciência e seja fiel até a morte. Não briguem entre si. Seja perfeitamente puro nas negociações financeiras. . . . Faremos grandes coisas ainda. . . . Contanto que você tenha fé, honestidade e devoção, tudo prosperará.

. . . Ao traduzir os Suktas, preste atenção especial aos Bhâshyakâras (comentaristas), e não preste atenção alguma aos orientalistas. Eles não entendem nada sobre nossos Shâstras (escrituras). Não é dado aos filólogos secos entender filosofia ou religião. . . . Por exemplo, a palavra Ânid-avâtam no Rig-Veda foi traduzida como “Ele viveu sem respirar”. Agora, aqui a referência é realmente ao Prâna principal, e Avâtam tem o significado raiz de imóvel, isto é, sem vibração. Descreve o estado em que a energia cósmica universal, ou Prana, permanece antes do início do Kalpa (ciclo de criação): vide - os Bhashyakaras. Explique de acordo com os nossos sábios e não de acordo com os chamados estudiosos europeus. O que eles sabem?

. . . Seja ousado e destemido, e o caminho ficará claro. . . . Veja bem, você não tem absolutamente nada a ver com os teosofistas. Se todos vocês me apoiarem e não perderem a paciência, garanto que ainda faremos um ótimo trabalho. A grande obra será na Inglaterra, meu rapaz, aos poucos. Sinto que às vezes você fica desanimado e temo que você seja tentado a fazer o jogo dos teosofistas. Veja bem, o Guru-Bhakta conquistará o mundo – esta é a única evidência da história. . . . É a fé que faz do homem um leão. Você deve sempre se lembrar de quanto trabalho tenho que fazer. Às vezes tenho que dar duas ou três palestras por dia – e assim sigo meu caminho contra todas as probabilidades – trabalho duro; qualquer homem mais fraco morreria.

. . . Aguarde com fé e força; sejam verdadeiros, sejam honestos, sejam puros e não briguem entre si. O ciúme é a ruína da nossa raça.

Com amor para você e todos os nossos amigos lá,

Seu,
VIVEKANANDA.

5.1.56 IRMÃ

228 W. RUA 39,
NOVA IORQUE,
10 de fevereiro de 1896.

QUERIDA IRMÃ, (Senhorita Mary Hale)

Fiquei surpreso ao saber que você ainda não recebeu minha carta. Escrevi imediatamente após receber o seu e também lhe enviei alguns livretos de três palestras que proferi em Nova York. Essas palestras públicas dominicais agora são taquigrafadas e impressas. Três deles fizeram dois pequenos panfletos, vários exemplares dos quais lhe enviei. Estarei em Nova York por mais duas semanas e depois irei para Detroit, para voltar a Boston por uma semana ou duas.

Minha saúde está muito prejudicada este ano pelo trabalho constante. Eu estou muito nervoso. Não dormi profundamente uma única noite neste inverno. Tenho certeza de que estou trabalhando demais, mas um grande trabalho me espera na Inglaterra.

Terei que passar por isso e depois espero chegar à Índia e descansar pelo resto da minha vida. Procurei pelo menos fazer o meu melhor pelo mundo, deixando o resultado para o Senhor. Agora estou com saudades de descansar. Espero conseguir alguns e que o povo indiano me desista. Como eu gostaria de ficar mudo por alguns anos e não falar nada! Eu não fui feito para essas lutas e lutas do mundo. Sou naturalmente sonhador e tranquilo. Sou um idealista nato, só posso viver num mundo de sonhos; o próprio toque do fato perturba minhas visões e me deixa infeliz. Eles serão feitos!

Serei eternamente grato a vocês, quatro irmãs; a você devo tudo o que tenho neste país. Que você seja sempre abençoado e feliz. Onde quer que eu

esteja, você sempre será lembrado com a mais profunda gratidão e o mais sincero amor. A vida inteira é uma sucessão de sonhos. Minha ambição é ser um sonhador consciente, só isso. Meu amor a todos – à Irmã Josephine.

Sempre seu irmão afetuoso,

VIVEKANANDA.

5.1.57 ABENÇOADO E AMADO

228 W. 39TH STREET, NOVA IORQUE,

13 de fevereiro de 1896.

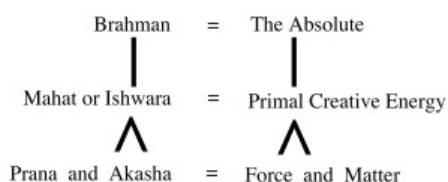
ABENÇOADO E AMADO, (E. T. Sturdy)

Sobre o Sannyâsin vindo da Índia, tenho certeza que ele irá ajudá-los no trabalho de tradução, também em outros trabalhos. Mais tarde, quando eu chegar, posso mandá-lo para a América. Hoje outro Sannyasin foi adicionado à lista. Desta vez é um homem que é um americano genuíno e um professor religioso de alguma posição no país. Ele era o Dr. Street. Ele agora é Yogananda, pois sua inclinação é toda para o Yoga.

Tenho enviado relatórios regulares daqui para o Brahmavâdin. Eles serão publicados em breve. Demora muito para as coisas chegarem à Índia! As coisas estão crescendo nobremente na Índia. Como não houve truques desde o início, o Vedanta está chamando a atenção das classes mais altas da sociedade americana. Sarah Bernhardt, a atriz francesa, interpreta “Iziel” aqui. É uma espécie de vida afrancesada de Buda, onde uma cortesã “Iziel” quer seduzir o Buda, sob a figueira - e o Buda lhe prega a vaidade do mundo, enquanto ela fica o tempo todo sentada no colo de Buda. No entanto, tudo está bem quando acaba bem – a cortesã falha. Madame Bernhardt atua como cortesã. Fui ver o negócio do Buda - e Madame, que me espiava na plateia, queria ter uma entrevista comigo. Uma ótima família minha conhecida organizou o caso. Estavam além de Madame M. Morrel, a célebre cantora, também o grande eletricista Tesla. Madame é uma senhora muito erudita e estudou bastante metafísica. M. Morrel estava interessado,

mas o Sr. Tesla ficou encantado ao ouvir sobre o Vedântico Prâna e Âkâsha e os Kalpas, que segundo ele são as únicas teorias que a ciência moderna pode sustentar. Agora, tanto Akasha como Prana são novamente produzidos a partir do Mahat cósmico, da Mente Universal, do Brahmâ ou Ishvara. Tesla pensa que pode demonstrar matematicamente que a força e a matéria são redutíveis à energia potencial. Devo ir vê-lo na próxima semana, para obter esta nova demonstração matemática.

Nesse caso, a cosmologia vedântica será colocada sobre os fundamentos mais seguros. Estou trabalhando bastante agora na cosmologia e escatologia (isto é, a doutrina das últimas coisas – morte, julgamento, etc.) do Vedanta. Vejo claramente o seu perfeito uníssono com a ciência moderna, e a elucidação de uma será seguida pela da outra. Pretendo escrever um livro mais tarde em forma de perguntas e respostas. (Isso nunca foi feito. Mas a partir de suas palestras em Londres em 1896, é fácil ver que sua mente ainda estava trabalhando nessas idéias. (Ver também Vol. VIII Sayings and Utterances & Letter to Mr. Sturdy.)). O primeiro capítulo será sobre cosmologia, mostrando a harmonia entre as teorias vedânticas e a



ciência moderna.

A escatologia será explicada apenas do ponto de vista Advaitico. Isto é, o dualista afirma que a alma após a morte passa para a esfera Solar, daí para a esfera Lunar, daí para a esfera Elétrica. Daí ele é acompanhado por um Purusha até Brahmaloaka. (Daí, diz o Advaitista, ele vai para o Nirvâna.)

Agora, do lado Advaitico, afirma-se que a alma não vem nem vai, e que todas essas esferas ou camadas do universo são apenas alguns produtos variados de Akasha e Prana. Ou seja, a mais baixa ou mais condensada é a esfera Solar, constituída pelo universo visível, no qual o Prana aparece como força física e o Akasha como matéria sensível. A próxima é chamada de esfera Lunar, que circunda a esfera Solar. Esta não é a lua, mas a habitação dos deuses, ou seja, o Prana aparece nela como forças psíquicas, e o Akasha como Tanmâtras ou partículas finas. Além disso está a esfera

Elétrica, isto é, uma condição na qual o Prana é quase inseparável do Akasha, e dificilmente se pode dizer se a Eletricidade é força ou matéria. O próximo é o Brahmaloka. onde não há Prana nem Akasha, mas ambos estão fundidos na substância mental, a energia primordial. E aqui - ali não há grande nem Prana nem Akasha - o Jiva contempla todo o universo como Samashti ou a soma total de Mahat ou mente. Isto aparece como um Purusha, uma alma universal abstrata, mas não o Absoluto, pois ainda existe multiplicidade. A partir disso o Jiva finalmente encontra aquela Unidade que é o fim. O Advaitismo diz que estas são as visões que surgem em sucessão diante do Jiva, que não vai nem vem, e que da mesma forma esta presente visão foi projetada. A projeção (Srishti) e a dissolução devem ocorrer na mesma ordem, apenas uma significa retroceder e a outra sair.

Agora, como cada indivíduo só pode ver o seu próprio universo, esse universo é criado com a sua escravidão e desaparece com a sua libertação, embora permaneça para outros que estão na escravidão. Agora, nome e forma constituem o universo. Uma onda no oceano é uma onda apenas na medida em que é limitada por nome e forma. Se a onda diminuir, é o oceano, mas esse nome e forma desapareceram imediatamente para sempre. Assim, embora o nome e a forma da onda nunca pudessem existir sem a água que foi moldada por eles na onda, ainda assim o nome e a forma em si não eram a onda. Eles morrem assim que retornam à água. Mas outros nomes e formas vivem em relação a outras ondas. Este nome e forma é chamado Mâyâ, e a água é Brahman. A onda não passava de água o tempo todo, mas, como onda, tinha nome e forma. Novamente, este nome e forma não podem permanecer nem por um momento separados da onda, embora a onda, como água, possa permanecer eternamente separada do nome e da forma. Mas como o nome e a forma nunca podem ser separados, nunca se pode dizer que eles existem. No entanto, eles não são zero. Isso é chamado de Maya.

Eu quero trabalhar; tudo isso com cuidado, mas você verá rapidamente que estou no caminho certo. Serão necessários mais estudos em fisiologia, sobre as relações entre os centros superiores e inferiores, para preencher a psicologia da mente Chitta (matéria mental), e Buddhi (intelecto), e assim por diante. Mas agora tenho uma luz clara, livre de todos os truques. Quero dar-lhes razão seca, dura, amolecida na calda mais doce do amor e

apimentada com trabalho intenso, e cozida na cozinha do Yoga, para que até um bebê possa digeri-la facilmente.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

5.1.58 ALASINGA

EUA,

17 de fevereiro de 1896.

CARO ALASINGA,

. . . Usei algumas palavras muito duras em minhas cartas, que você deveria desculpar, pois como você sabe, às vezes fico nervoso. O trabalho é terrivelmente difícil; e quanto mais cresce, mais difícil se torna. Preciso muito de um longo descanso. No entanto, uma grande obra está diante de mim na Inglaterra.

Tenha paciência, meu filho – ela crescerá além de todas as suas expectativas. . . . Todo trabalho tem que passar por centenas de dificuldades antes de ter sucesso. Aqueles que perseverarem verão a luz, mais cedo ou mais tarde.

Consegui agora despertar o coração da civilização americana, Nova Iorque, mas tem sido uma luta terrível. . . . Gastei quase tudo o que tinha neste trabalho em Nova York e na Inglaterra. Agora as coisas estão em tal estado que continuarão. No momento em que escrevo para você, cada um dos meus ossos está doendo depois da longa palestra pública de domingo à tarde. Então você vê, colocar as idéias hindus em inglês e então fazer da filosofia seca, da mitologia intrincada e da psicologia estranha e surpreendente, uma religião que será fácil, simples, popular e, ao mesmo tempo, atenderá aos requisitos das mentes mais elevadas - é uma tarefa que só aqueles que a tentaram podem entender. O Advaita seco e abstrato deve tornar-se vivo – poético – na vida cotidiana; da mitologia

irremediavelmente intrincada devem surgir formas morais concretas; e do desconcertante iogue deve surgir a psicologia mais científica e prática - e tudo isso deve ser colocado em uma forma que uma criança possa compreender. Esse é o trabalho da minha vida. Só o Senhor sabe até onde terei sucesso. “Temos direito ao trabalho, não aos seus frutos.” É um trabalho árduo, meu rapaz, um trabalho árduo! Manter-se firme em meio a esse turbilhão de Kâma-Kâanchana (luxúria e ouro) e apegar-se aos próprios ideais, até que os discípulos sejam moldados para conceber as idéias de realização e renúncia perfeita, é realmente um trabalho difícil, meu rapaz. . Graças a Deus, já existe um grande sucesso. Não posso culpar os missionários e outros por não me compreenderem – eles raramente viam um homem que não se importasse minimamente com mulheres e dinheiro. A princípio eles não conseguiram acreditar que isso fosse possível; como eles poderiam? Você não deve pensar que as nações ocidentais têm as mesmas ideias de castidade e pureza que os indianos. Seus equivalentes são virtude e coragem. . . . As pessoas agora estão migrando para mim. Centenas de pessoas estão agora convencidas de que existem homens que podem realmente controlar os seus desejos corporais; e a reverência e o respeito por estes princípios estão a crescer. Todas as coisas vêm para aquele que espera. Que você seja abençoado para todo o sempre!

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

5.1.59 ALASINGA

BOSTON,

23 de março de 1896.

CARO ALASINGA,

. . . Um dos meus novos Sannyâsins é de fato uma mulher. . . . Os outros são homens. Vou fazer mais alguns na Inglaterra e levá-los comigo para a Índia. Estes rostos “brancos” terão mais influência na Índia do que os hindus; além disso, são vigorosos, os hindus estão mortos. A única esperança da

Índia vem das massas. As classes altas estão física e moralmente mortas. . .
.

Meu sucesso se deve ao meu estilo popular – a grandeza de um professor consiste na simplicidade de sua linguagem.

. . . Estou indo para a Inglaterra no próximo mês. Receio ter trabalhado demais; meus nervos estão quase em frangalhos com esse trabalho prolongado. Não quero que você simpatize, mas apenas escrevo isto para que você não espere muito de mim agora. Trabalhe da melhor maneira que puder. Tenho muito pouca esperança de poder fazer grandes coisas agora. Fico feliz, entretanto, que uma boa quantidade de literatura tenha sido criada através da anotação de notas estenográficas de minhas palestras. Quatro livros estão prontos. . . . Bem, estou satisfeito por ter tentado o meu melhor para fazer o bem e terei a consciência tranquila quando me aposentar do trabalho e me sentar em uma caverna.

Com amor e bênçãos para todos,

VIVEKANANDA.

5.1.60 ALASINGA

EUA,

Março de 1896.

CARO ALASINGA,

. . . Continue com o trabalho. Farei tudo o que puder. . . . Se agradar ao Senhor, Sannyasins vestidos de amarelo serão comuns aqui e na Inglaterra. Continuem trabalhando, meus filhos.

Lembre-se, enquanto você tiver fé em seu Guru, nada será capaz de obstruir seu caminho. Essa tradução dos três Bhâshyas (comentários) será algo grandioso aos olhos dos ocidentais.

. . . Espere, meu filho, espere e continue trabalhando. Paciência, paciência. .
. . Voltarei ao público em boa hora. . . .

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

5.1.61 NANJUNDA RAO

NOVA IORQUE,

14 de abril de 1896.

CARO DR. NANJUNDA RAO,

Recebi seu bilhete esta manhã. Como estou navegando para a Inglaterra amanhã, só posso escrever algumas linhas calorosas. Tenho toda a simpatia pela revista proposta para meninos e farei o possível para ajudá-la. Você deveria torná-lo independente, seguindo as mesmas linhas do Brahmavâdin, apenas tornando o estilo e a matéria muito mais populares. Por exemplo, há uma grande chance, muito maior do que você jamais sonhou, de que essas histórias maravilhosas espalhadas por toda a literatura sânscrita sejam reescritas e se tornem populares. Essa deve ser a grande característica do seu diário. Escreverei histórias, tantas quanto puder, quando o tempo permitir. Evite todas as tentativas de tornar a revista acadêmica – o Brahmavadin defende isso – e ela lentamente se espalhará por todo o mundo, tenho certeza. Use a linguagem mais simples possível e você terá sucesso. A principal característica deveria ser o ensino de princípios através de histórias. Não torne isso metafísico de forma alguma. Quanto à parte comercial, mantenha-a totalmente em suas mãos. "Muitos cozinheiros estragam a sopa." Na Índia, a única coisa que nos falta é o poder de combinação, de organização, cujo primeiro segredo é a obediência.

Também prometi ajudar a iniciar uma revista em bengali em Calcutá. Só no primeiro ano eu cobrava pelas minhas palestras. Nos últimos dois anos, meu trabalho foi totalmente gratuito. Como tal, quase não tenho dinheiro para enviar a você ou ao povo de Calcutá. Mas vou conseguir pessoas para

ajudá-lo com fundos muito em breve. Vá em frente com coragem. Não espere sucesso em um dia ou um ano. Sempre segure o mais alto. Seja firme. Evite o ciúme e o egoísmo. Seja obediente e eternamente fiel à causa da verdade, da humanidade e do seu país, e você moverá o mundo. Lembre-se de que é a pessoa, a vida, que é o segredo do poder – nada mais. Guarde esta carta e leia as últimas linhas sempre que sentir preocupação ou ciúme. O ciúme é a ruína de todos os escravos. É a ruína da nossa nação. Evite isso sempre. Todas as bênçãos acompanham você e todo sucesso.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

5.1.62 NANJUNDA RAO

INGLATERRA,

14 de julho de 1896.

CARO DR. NANJUNDA RAO,

Os números de Prabuddha Bharata foram recebidos e distribuídos também para a turma. É muito satisfatório. Terá uma grande venda, sem dúvida, na Índia. Na América, posso conseguir também vários assinantes. Já organizei a publicidade na América e a Goodyear já fez isso. Mas aqui em Inglaterra o progresso será realmente mais lento. A grande desvantagem aqui é que todos querem começar seus próprios artigos; e é certo que assim seja, visto que, afinal de contas, nenhum estrangeiro jamais escreverá a língua inglesa tão bem quanto o inglês nativo, e as ideias, quando colocadas em bom inglês, se espalharão mais longe do que no inglês hindu. Por outro lado, é muito mais difícil escrever uma história numa língua estrangeira do que um ensaio. Estou tentando o meu melhor para conseguir assinantes aqui. Mas você não deve depender de nenhuma ajuda estrangeira. As nações, tal como os indivíduos, devem ajudar-se a si próprias. Este é o verdadeiro patriotismo. Se uma nação não pode fazer isso, ainda não chegou a sua hora. Deve esperar. É a partir de Madras que a nova luz deve espalhar-se por toda a Índia. Com este fim você deve cegonha. No entanto, vou

comentar um ponto. A capa é simplesmente bárbara. É horrível e hediondo. Se for possível, mude. Torne-o simbólico e simples, sem nenhuma figura humana. A figueira não significa despertar, nem o morro, nem o santo, nem o casal europeu. O lótus é um símbolo de regeneração.

Estamos terrivelmente atrasados na arte, especialmente na pintura. Por exemplo, faça uma pequena cena do despertar da primavera em uma floresta, mostrando como as folhas e os botões estão voltando. Vá em frente devagar, há centenas de ideias a serem apresentadas. Você vê o símbolo que fiz para o Raja-Yoga, impresso por Longman Green and Co. Você pode obtê-lo em Bombaim. Consiste em minhas palestras sobre Raja-Yoga em Nova York.

Vou para a Suíça no próximo domingo e retornarei a Londres no outono para retomar o trabalho. . . . Eu quero muito descansar, você sabe.

Atenciosamente, com todas as bênçãos, etc.,

VIVEKANANDA.

5.1.63 ALASINGA

SUÍÇA,

6 de agosto de 1896.

CARO ALASINGA,

Fiquei sabendo pela sua carta a má situação financeira em que se encontra o Brahmavâdin. Tentarei ajudá-lo quando voltar para Londres. Você não deve diminuir o tom. Continue com o papel. Muito em breve poderei ajudá-lo de maneira a libertá-lo desse negócio absurdo de professor. Não tenha medo. Grandes coisas serão feitas, meu filho. Tenha coragem. O Brahmavadin é uma joia – não deve perecer. É claro que esse documento deve ser sempre mantido por ajuda privada, e nós o faremos. Espere mais alguns meses.

O artigo de Max Müller sobre Shri Ramakrishna foi publicado no século XIX. Enviarei uma cópia para você assim que a receber. Ele me escreve cartas muito bonitas e quer material para um grande trabalho sobre a vida de Ramakrishna. Escreva para Calcutá para enviar todo o material que puderem a Max Müller.

Já recebi a comunicação ao jornal americano antes. Você não deve publicá-lo na Índia. Chega desse brasão de jornal, estou cansado disso de qualquer maneira. Sigamos nosso próprio caminho e deixemos os tolos falarem. Nada pode resistir à verdade.

Como vocês podem ver, estou agora na Suíça e estou sempre em movimento. Não posso e não devo fazer nada no sentido de escrever, nem de ler muito. Há um grande trabalho em Londres me esperando no próximo mês. No inverno voltarei para a Índia e tentarei colocar as coisas de pé lá.

Meu amor a todos. Continuem trabalhando, corações corajosos, não falhem - não há como dizer não; trabalhe – o Senhor está por trás do trabalho. Mahashakti está com você.

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. Não tenha medo, o dinheiro e tudo mais chegarão em breve.

V.

5.1.64 ALASINGA

SUÍÇA,

8 de agosto de 1896.

CARO ALASINGA,

Desde que escrevi para você há alguns dias, encontrei uma maneira de informar que estou em condições de fazer isso pelo Brahmavadin. Eu vou te

dar Rs. 100 por mês durante um ano ou dois, ou seja, £ 60 ou £ 70 por ano, ou seja, tanto quanto cobriria Rs. 100 por mês. Isso o deixará livre para trabalhar para o Brahmavadin e terá maior sucesso. O Sr. Mani Iyer e alguns amigos podem ajudar na arrecadação de fundos que cobririam a impressão, etc. Qual é a receita da assinatura? Podem estes ser empregados para pagar os contribuintes e obter uma bela série de artigos? Não é necessário que todos entendam tudo o que está escrito no Brahmavadin, mas que eles devem aderir ao patriotismo e ao bom Karma - quero dizer, os Hindus.

Várias coisas são necessárias. Primeiro, deve haver integridade estrita. Não que eu sequer sugira que algum de vocês se desviaria disso, mas os hindus têm um desleixo peculiar em assuntos de negócios, não sendo suficientemente metódicos e rigorosos na manutenção de contas, etc.

Em segundo lugar, total devoção à causa, sabendo que a sua SALVAÇÃO depende de tornar o Brahmavadin um sucesso. Deixe este papel ser o seu Ishtadevata e então você verá como o sucesso vem. Já mandei chamar Abhedânanda da Índia. Espero que não haja nenhum atraso com ele como aconteceu com o outro Swami. Ao receber esta carta você me envia um relato claro de todas as receitas e despesas do Brahmavadin para que eu possa julgar o que melhor pode ser feito. Lembre-se de que a pureza perfeita, o desinteresse e a obediência ao Guru são o segredo de todo sucesso. . . .

Uma grande circulação estrangeira de um jornal religioso é impossível. Deve ser apoiado pelos hindus se ainda lhes resta algum sentido de virtude ou gratidão.

A propósito, a Sra. Annie Besant me convidou para falar em sua Loja, sobre Bhakti. Eu dei uma palestra lá uma noite. O coronel Olcott também estava lá. Fiz isso para mostrar minha simpatia por todas as seitas. . . . Os nossos compatriotas devem lembrar-se de que nas coisas do Espírito somos os professores, e não os estrangeiros - mas nas coisas do mundo devemos aprender com eles.

Li o artigo de Max Müller, que é bom, considerando que quando o escreveu, há seis meses, não tinha nenhum material, exceto o folheto de

Mazoomdar. Agora ele me escreve uma longa e simpática carta oferecendo-se para escrever um livro sobre Shri Ramakrishna. Já lhe forneci muito material, mas é preciso muito mais da Índia.

Trabalho em! Aguentar! Seja corajoso! Ouse tudo e qualquer coisa!

. . . É tudo miséria, este Samsara, você não vê!

Atenciosamente, com bênçãos e amor,

VIVEKANANDA.

5.1.65 ABENÇOADO E AMADO

LUCERNA,

23 de agosto de 1896.

ABENÇOADO E AMADO, (E. T. Sturdy)

Hoje recebi uma carta da Índia escrita por Abhedânanda que com toda a probabilidade ele havia começado no dia 11 de agosto pelo B.I.S.N., “S.S.Mombassa”. Ele não conseguiu um navio a vapor mais cedo; caso contrário, ele teria começado mais cedo. Com toda a probabilidade ele conseguiria uma passagem no Mombassa. O Mombassa chegará a Londres por volta do dia 15 de setembro. Como já sabe, a senhorita Müller mudou a data da minha visita a Deussen para 19 de setembro. Não estarei em Londres para receber Abhedananda. Ele também vem sem agasalhos; mas temo que a essa altura o tempo começará a esfriar na Inglaterra e ele precisará de pelo menos algumas roupas íntimas e um sobretudo. Você sabe tudo sobre essas coisas muito melhor do que eu. Então, por favor, fique atento a Mombassa. Espero também outra carta dele.

Estou realmente sofrendo de um resfriado muito forte. Espero que a essa altura o dinheiro que Mohin recebeu do Raja tenha chegado aos seus cuidados. Se for assim, não quero o dinheiro que devolvi a ele. Você pode dar a ele tudo.

Recebi algumas cartas de Goodwin e Sâradânanda. Eles estão indo bem. Também uma da Sra. Bull lamentando que você e eu não pudéssemos ser membros correspondentes de alguma sociedade que ela está fundando em Cambridge. Lembro-me de ter escrito para ela sobre sua e minha não aquiescência com esta associação. Ainda não consegui escrever nem uma linha. Eu não tinha tempo nem para ler, subindo colinas e descendo vales o tempo todo. Teremos que recomeçar a marcha dentro de alguns dias. Por favor, dê lembranças a Mohin e Fox na próxima vez que os vir.

Com amor a todos os nossos amigos,

Sempre seu,

VIVEKANANDA.

5.1.66 NANJUNDA RAO

SUÍÇA,

26 de agosto de 1896.

CARO NANJUNDA RAO,

Acabei de receber sua carta. Estou em movimento. Tenho feito muitas escaladas e travessias de geleiras nos Alpes. Agora estou indo para a Alemanha. Recebi um convite do Prof. Deussen para visitá-lo em Kiel. De lá volto para a Inglaterra. Possivelmente retornarei à Índia neste inverno.

O que me opus no design do Prabuddha Bhârata não foi apenas a sua aparência espalhafatosa, mas a aglomeração de uma série de figuras sem qualquer propósito. Um design deve ser simples, simbólico e condensado. Tentarei fazer um projeto para Prabuddha Bharata em Londres e enviá-lo para você. . . .

O trabalho está indo lindamente, fico muito feliz em dizer. . . . Vou lhe dar um conselho, no entanto. Todos os esforços combinados na Índia afundam-se sob o peso de uma iniquidade: ainda não desenvolvemos princípios

empresariais rigorosos. Negócios são negócios, no sentido mais elevado, e nenhuma amizade - ou como diz o provérbio hindu, "vergonha" - deveria existir. Deve-se manter a contabilidade mais clara de tudo o que está a seu cargo - e nunca, nunca aplicar os fundos destinados a uma coisa a qualquer outro uso - mesmo que morra de fome no momento seguinte. Isso é integridade empresarial. Em seguida, energia infalível. Faça o que fizer, deixe que isso seja sua adoração por enquanto. Deixe este papel ser o seu Deus naquele momento e você terá sucesso.

Quando você tiver sucesso neste trabalho, comece os vernáculos nas mesmas linhas em Tamil, Telugu, Canarese, etc. Devemos alcançar as massas. Os Madrasis são bons, enérgicos e tudo mais, mas a terra de Shankarâchârya perdeu o espírito de renúncia, ao que parece.

Os Meus filhos devem mergulhar na brecha, devem renunciar ao mundo – então o alicerce firme será lançado.

Vá em frente com coragem - não se preocupe com designs e outros detalhes no momento - "Com o cavalo virão as rédeas". Trabalhe até a morte – estou com você e, quando eu partir, meu espírito trabalhará com você. Esta vida vai e vem – riqueza, fama, diversão duram apenas alguns dias. É melhor, muito melhor morrer no campo do dever, pregando a verdade, do que morrer como um verme mundano. Avançar!

Atenciosamente, com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.67 ALASINGA

C/O SENHORITA H. MÜLLER,
AIRLIE LODGE, JARDINS DE RIDGEWAY,
WIMBLEDON, INGLATERRA,

22 de setembro de 1896.

CARO ALASINGA,

Tenho certeza de que você recebeu o artigo sobre Ramakrishna que lhe enviei, de Max Müller. Não se desculpe, ele não me menciona lá, pois foi escrito seis meses antes de ele me conhecer. E então quem se importa com quem ele menciona, se ele estiver certo no ponto principal. Eu me diverti muito com o Prof. Deussen na Alemanha. Mais tarde, ele e eu viemos juntos para Londres e já nos tornamos grandes amigos.

Em breve enviarei um artigo sobre ele. Apenas reze para não colocar aquele antiquado “Prezado Senhor” antes dos meus artigos. Você já viu o livro Râja-Yoga? Tentarei enviar-lhe um design para o próximo ano. Envio-lhe um artigo do Daily News sobre um livro de viagens escrito pelo Czar da Rússia. O parágrafo em que ele fala da Índia como a terra da espiritualidade e da sabedoria, você deveria citar em seu jornal e enviar o artigo para o Indian Mirror.

Você é muito bem-vindo para publicar as palestras de Jnâna-Yoga, bem como as do Dr. (Nanjunda Rao) em seu livro Awakened India – apenas as mais simples. Eles têm que ser examinados com muito cuidado e todas as repetições e contradições eliminadas. Tenho certeza de que agora terei mais tempo para escrever. Trabalhe com energia.

Com amor a todos.

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Marquei a passagem a ser citada, o resto é claro que é inútil para um artigo.

Não creio que seria bom agora tornar o jornal mensal, a menos que você tenha certeza de dar um bom volume. Do jeito que está agora, a maior parte e a matéria são muito pobres. Existe ainda um vasto campo inexplorado, nomeadamente – a escrita das vidas e obras de Tulasidâsa, Kabir, Nânak e dos santos do Sul da Índia. Devem ser escritos em estilo erudito e completo, e não de maneira desleixada e desleixada. Na verdade, o ideal do jornal,

além da pregação do Vedanta, deveria ser torná-lo uma revista de pesquisa e estudos indianos, claro, relacionada à religião. Você deve abordar os melhores escritores e obter artigos cuidadosamente escritos por eles. Trabalhe com toda energia.

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

5.1.68 ALASINGA

14 JARDINS DE CASACO CINZENTO,

WESTMINSTER, LONDRES.

1896

CARO ALASINGA,

Voltei da Suíça há cerca de três semanas, mas não consegui escrever mais antes. Enviei-lhe por último correio um artigo sobre Paul Deussen de Kiel. O plano de Sturdy sobre a revista ainda está pendente. Como você vê, deixei a casa de St. George's Road. Temos uma sala de aula na 39 Victoria Street. C/o E. T. Sturdy sempre me alcançará nos próximos anos. Os quartos do Gray Coat Gardens são apenas alojamentos para si mesmo e os outros Swami são ocupados apenas por três bocas. O trabalho em Londres está crescendo rapidamente, as aulas estão aumentando à medida que avançam. Não tenho dúvidas de que isto continuará a aumentar a este ritmo e que o povo inglês é firme e leal. É claro que, assim que eu sair, a maior parte desse tecido vai desmoronar. Algo vai acontecer. Algum homem forte surgirá para assumir isso. O Senhor sabe o que é bom. Na América há espaço para vinte pregadores do Vedanta e do Yoga. Onde conseguir esses pregadores e onde também o dinheiro para trazê-los? Metade dos Estados Unidos pode ser conquistada em dez anos, se houver um número de homens fortes e genuínos. Onde eles estão? Somos todos peitos ali! Covardes egoístas, com nosso absurdo de patriotismo labial, ortodoxia e sentimento religioso alardeado! Os Madrasis têm mais força e firmeza, mas todo tolo é

casado. Casado! Casado! Casado! . . . Depois, a forma como nossos meninos estão casados hoje em dia! . . . É muito bom aspirar a ser um chefe de família desapegado; mas o que queremos em Madras não é isso agora – mas o não casamento. . . .

Minha filha, o que eu quero são músculos de ferro e nervos de aço, dentro dos quais habite uma mente do mesmo material daquele de que é feito o raio. Força, masculinidade, Kshatra-Virya + Brahma-Teja. Nossos lindos meninos esperançosos - eles têm tudo, apenas se não forem massacrados aos milhões no altar dessa brutalidade que chamam de casamento. Ó Senhor, ouça meus lamentos! Madras então acordará quando pelo menos cem pessoas do sangue de seu coração, na forma de seus jovens educados, se afastarem do mundo, cingirem seus lombos e estiverem prontos para travar a batalha da verdade, marchando de país em país. país. Um golpe desferido fora da Índia equivale a cem mil desferidos dentro dela. Bem, tudo virá se o Senhor quiser.

A senhorita Müller foi quem ofereceu o dinheiro que prometi. Eu contei a ela sobre sua nova proposta. Ela está pensando sobre isso. Enquanto isso, acho melhor dar-lhe algum trabalho. Ela consentiu em ser a agente do Brahmavadin e da Índia Desperta. Você vai escrever para ela sobre isso? O endereço dela é Airlie Lodge, Ridgeway Gardens, Wimbledon, Inglaterra. Eu estava morando com ela lá nas últimas semanas. Mas o trabalho em Londres não pode continuar sem que eu more em Londres. Como tal, mudei de quarto. Lamento que isso tenha decepcionado um pouco a senhorita Müller. Não posso ajudar. Seu nome completo é senhorita Henrietta Müller. Max Müller está ficando muito amigável. Em breve irei proferir duas palestras em Oxford.

Estou ocupado escrevendo algo importante sobre a filosofia Vedanta. Estou ocupado coletando passagens dos vários Vedas que tratam do Vedanta em seu aspecto triplo. Você pode me ajudar conseguindo alguém para coletar passagens relacionadas, primeiro à idéia Advaitica, depois à Vishishtadvaitica, e à Dvaitica dos Samhitâs, dos Brâhmanas, dos Upanishads e dos Purânas. Devem ser classificados e escritos de forma bem legível com o nome e capítulo do livro, em cada caso. Seria uma pena deixar o Ocidente sem deixar algo da filosofia em forma de livro.

Houve um livro publicado em Mysore em caracteres Tamil, contendo todos os cento e oito Upanishads; Eu vi isso na biblioteca do professor Deussen. Existe uma reimpressão do mesmo em Devanâgari? Se sim, envie-me uma cópia. Caso contrário, envie-me a edição em Tamil, e também escreva em uma folha as letras e compostos do Tamil, e tudo justaposto com seus equivalentes em Nagari, para que eu possa aprender as letras do Tamil.

O Sr. Satyanathan, que conheci em Londres outro dia, disse que houve uma crítica amigável do meu livro de Raja-Yoga no Madras Mail, o principal jornal anglo-indiano de Madras. Ouvi dizer que o principal fisiologista da América ficou encantado com minhas especulações. Ao mesmo tempo, houve alguns na Inglaterra que ridicularizaram minhas idéias. Bom! É claro que minhas especulações são terrivelmente ousadas; muitas delas permanecerão sem sentido; mas há nele indícios que os fisiologistas teriam melhor assimilado anteriormente. Mesmo assim, estou bastante satisfeito com o resultado. “Deixe que falem mal de mim se quiserem, mas deixe que falem”, é o meu lema.

Na Inglaterra, é claro, eles são cavalheiros e nunca falam sobre a podridão que tive na América. Então, novamente, os missionários ingleses que você vê ali são quase todos dissidentes. Eles não pertencem à classe dos cavalheiros da Inglaterra. Os senhores aqui, que são religiosos; todos pertencem à Igreja Inglesa. Os dissidentes têm muito pouca voz na Inglaterra e nenhuma educação. Nunca ouvi falar daquelas pessoas aqui contra as quais você de vez em quando me alerta. Eles são desconhecidos aqui e não ousam falar bobagens. Espero que Ram K. Naidu já esteja em Madras e que você esteja gozando de boa saúde.

Perseverem, meus valentes rapazes. Nós apenas começamos. Nunca desanime! Nunca diga o suficiente! . . . Assim que um homem vem para o Ocidente e vê diferentes nações, seus olhos se abrem. Desta forma consigo trabalhadores fortes – não falando, mas mostrando na prática o que temos e o que não temos na Índia. Gostaria que pelo menos um milhão de hindus tivessem viajado por todo o mundo!

Seu sempre com amor,

VIVEKANANDA.

5.1.69 ALASINGA

C/O ET STURDY, ESQ.,

39 VICTORIA STREET, LONDRES,

28 de outubro de 1896.

CARO ALASINGA,

. . . Ainda não tenho certeza em que mês chegarei à Índia. Escreverei mais tarde sobre isso. O novo Swami (Swami Abhedananda) fez ontem o seu discurso inaugural numa reunião da sociedade amigável. Foi bom e gostei; ele tem a capacidade de ser um bom orador, tenho certeza.

. . . Você ainda não trouxe à tona o -. . Mais uma vez, os livros devem ser baratos para que a Índia tenha uma grande venda; os tipos devem ser maiores para satisfazer o público. . . . Você pode muito bem conseguir uma edição barata - se quiser. Eu não reservei nenhum direito autoral sobre ele propositalmente. Você perdeu uma boa oportunidade por não ter publicado o livro mais cedo, mas nós, hindus, somos tão lentos que, quando realizamos um trabalho, a oportunidade já passou e, portanto, somos os perdedores. Seu... livro foi lançado depois de um ano de palestras! Você achou que o povo ocidental esperaria até o Dia do Juízo Final? Você perdeu três quartos da venda com esse atraso. . . . Esse Haramohan é um tolo, mais lento que você, e sua impressão é diabólica. Não adianta publicar livros dessa maneira; isso está enganando o público e não deveria ser feito. Muito provavelmente retornarei à Índia acompanhado pelo Sr. e pela Sra. Sevier, pela Srta. Müller e pelo Sr. Goodwin. O Sr. e a Sra. Sevier provavelmente irão se estabelecer em Almora pelo menos por algum tempo, e Goodwin irá se tornar um Sannyâsin. É claro que ele viajará comigo. É a ele que devemos todos os nossos livros. Ele fez anotações taquigráficas de minhas palestras, o que permitiu a publicação dos livros. . . . Todas essas palestras foram proferidas no calor do momento, sem o mínimo preparo e, como tal, deveriam ser cuidadosamente revisadas e editadas. . . . Goodwin terá que morar comigo. . . . Ele é um vegetariano estrito.

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

PS. Enviei hoje uma pequena nota ao Indian Mirror sobre o Dr. Barrows e como ele deve ser recebido. Você também escreve algumas boas palavras de boas-vindas para ele no Brahmavadin. Todos aqui mandam amor.

5.1.70 ESPELHO INDIANO

LONDRES,

28 de outubro de 1896.

(Na véspera da turnê de palestras do Dr. Barrows na Índia no final de 1896, Swami Vivekananda, em uma carta ao Indian Mirror, Calcutá, apresentou o ilustre visitante a seus compatriotas e aconselhou-os a lhe dar uma recepção adequada. Ele escreveu, entre outras coisas, o seguinte:)

Barrows foi o tenente mais hábil que o Sr. C. Boney poderia ter selecionado para executar com sucesso seu grande plano de Congressos na Feira Mundial, e agora é uma questão de história como um desses Congressos obteve uma distinção única sob a liderança do Dr.

Foi a grande coragem, a diligência incansável, a paciência serena e a cortesia infalível do Dr. Barrows que fizeram do Parlamento um grande sucesso.

A Índia, o seu povo e os seus pensamentos foram apresentados ao mundo de forma mais proeminente do que nunca por aquela maravilhosa reunião em Chicago, e esse benefício nacional certamente devemos ao Dr. Barrows mais do que a qualquer outro homem naquela reunião.

Além disso, ele chega até nós em nome sagrado da religião, em nome de um dos grandes professores da humanidade, e tenho certeza de que sua exposição do sistema do Profeta de Nazaré seria extremamente liberal e edificante. O poder de Cristo que este homem pretende trazer para a Índia não é o do superior intolerante e dominante, com o coração cheio de

desprezo por tudo o mais, exceto por si mesmo, mas o de um irmão que anseia pelo lugar de um irmão como colega de trabalho. das várias potências que já trabalham na Índia. Acima de tudo, devemos lembrar que a gratidão e a hospitalidade são características peculiares da humanidade indiana; e, como tal, peço aos meus compatriotas que se comportem de tal maneira que este estranho do outro lado do globo possa descobrir que no meio de toda a nossa miséria, pobreza e degradação, o coração bate tão quente como antigamente. , quando a "riqueza da Índia" era o provérbio das nações e a Índia era a terra dos "Aryas".

5.1.71 ALASINGA

14 JARDINS DE CASACO CINZENTO,
WESTMINSTER, SW,
11 de novembro de 1896.

CARO ALASINGA,

Provavelmente começarei no dia 16 de dezembro, ou talvez um ou dois dias depois. Vou daqui para a Itália e, depois de conhecer alguns lugares por lá, entro no navio a vapor em Nápoles. A senhorita Müller, o senhor e a senhora Sevier e um jovem chamado Goodwin estão me acompanhando. Os Seviers vão se estabelecer em Almora. A senhorita Müller também. Sevier foi oficial do exército indiano por 5 anos. Então ele conhece bastante a Índia. A senhorita Müller era uma teosofista que adotou Akshay. Goodwin é um inglês, por meio de cujas taquigrafias foi possível publicar os panfletos.

Chego primeiro a Madras vindo de Colombo. As outras pessoas seguem para Almora. Dali vou direto para Calcutá. Escreverei as informações exatas quando começar.

Atenciosamente.,

VIVEKANANDA.

PS. A primeira edição do Râja-Yoga está esgotada e uma segunda está no prelo. Índia e América são os maiores compradores.

V.

5.1.72 ALASINGA

RUA VICTORIA, 39,

LONDRES, SW,

20 de novembro de 1896.

CARO ALASINGA,

Partirei da Inglaterra no dia 16 de dezembro para a Itália e pegarei o norte-alemão Lloyd S. S. Prinz Regent Luitpold em Nápoles. O navio deverá chegar a Colombo no próximo dia 14 de janeiro.

Pretendo conhecer um pouco do Ceilão e depois irei para Madras. Estou acompanhado por três amigos ingleses – Capitão e Sra. Sevier e Sr. Goodwin. O Sr. Sever e sua esposa vão abrir um lugar perto de Almora, no Himalaia, que pretendo transformar em meu Centro Himalaia, bem como um lugar para os discípulos ocidentais viverem como Brahmachârens e Sannyâsins. Goodwin é um jovem solteiro que vai viajar e morar comigo, ele é como um Sannyasin.

Estou muito desejoso de chegar a Calcutá antes do festival do aniversário de Shri Ramakrishna. . . . O meu actual plano de trabalho é iniciar dois centros, um em Calcutá e outro em Madras, para formar jovens pregadores. Tenho fundos suficientes para iniciar aquele em Calcutá, que sendo o cenário do trabalho da vida de Shri Ramakrishna, exige minha primeira atenção. Quanto ao de Madras, espero conseguir fundos na Índia.

Começaremos a trabalhar com estes três centros; e mais tarde chegaremos a Bombaim e Allahabad. E a partir destes pontos, se o Senhor quiser, invadiremos não apenas a Índia, mas enviaremos grupos de pregadores para todos os países do mundo. Esse deveria ser o nosso primeiro dever.

Trabalhe com o coração. 39 Victoria será a sede em Londres por algum tempo, pois lá será realizado o trabalho. Sturdy tinha uma grande caixa de Brahmavâdin que eu não conhecia antes. Ele agora está recrutando assinantes para isso.

Agora temos uma revista indiana em inglês consertada. Podemos começar alguns no vernáculo também. Senhorita M. Noble de Wimbledon é uma grande trabalhadora. Ela também fará campanha para ambos os jornais de Madras. Ela vai escrever para você. Essas coisas crescerão lenta mas seguramente. Artigos deste tipo são apoiados por um pequeno círculo de seguidores. Agora não se pode esperar que façam demasiadas coisas ao mesmo tempo – têm de comprar os livros, arranjar dinheiro para o trabalho em Inglaterra, assinantes do jornal aqui e depois assinar jornais indianos. É muito. É mais como negociar do que ensinar. Portanto você deve esperar, mas tenho certeza de que haverá alguns assinantes aqui. Mais uma vez, deve haver trabalho para as pessoas daqui fazerem quando eu partir, caso contrário, tudo desmoronará. Portanto, deve haver um jornal aqui, e também na América, aos poucos. Os jornais indianos serão apoiados pelos índios. Tornar um jornal igualmente aceitável para todas as nacionalidades significa uma equipe de escritores de todas as nações; e isso significa pelo menos cem mil rúpias por ano.

Você não deve esquecer que meus interesses são internacionais e não apenas indianos. Estou com boa saúde; Abhedananda também.

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.73 SENHORA

LONDRES,

13 de dezembro de 1896.

CARA MADAME, (Uma senhora americana.)

Basta compreendermos a ideia de gradação da moralidade e tudo se tornará claro.

Renúncia – não resistência – não destrutividade – são os ideais a serem alcançados através de cada vez menos mundanismo, cada vez menos resistência, cada vez menos destrutividade. Mantenha o ideal em vista e trabalhe para alcançá-lo. Ninguém pode viver no mundo sem resistência, sem destruição, sem desejo. O mundo ainda não chegou a esse estado em que o ideal possa ser realizado na sociedade.

O progresso do mundo através de todos os seus males tornando-o adequado aos ideais, lenta mas seguramente. A maioria terá de continuar com este crescimento lento – os excepcionais terão de sair para concretizar a ideia no estado actual das coisas.

Cumprir o dever do tempo é o melhor caminho, e se for feito apenas como dever, não nos torna apegados.

A música é a arte mais elevada e, para aqueles que a entendem, é a adoração mais elevada.

Devemos tentar o nosso melhor para destruir a ignorância e o mal. Só temos que aprender que o mal é destruído pelo crescimento do bem.

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

5.1.74 HONRADA SENHORA

(Traduzido do bengali)

ॐ तत् सत्

BANCO ROSA,

O MAHARAJA DA CASA DE BURDWAN,

DARJEELING,

6 de abril de 1897.

HONRADA SENHORA, (Shrimati Sarala Ghoshal - Editor, Bharati)

Sinto-me muito grato pelo Bhârati enviado por você e considero-me afortunado porque a causa, à qual minha humilde vida foi dedicada, foi capaz de conquistar a aprovação de senhoras altamente talentosas como você.

Nesta batalha da vida, são raros os homens que encorajam o iniciador a lançar novos pensamentos, para não falar das mulheres que lhe ofereceriam encorajamento, especialmente na nossa infeliz terra. É portanto que a aprovação de uma senhora bengali educada é mais valiosa do que o forte aplauso de todos os homens da Índia.

Que o Senhor conceda que muitas mulheres como você nasçam neste país e dediquem suas vidas à melhoria de sua pátria!

Tenho algo a dizer em relação ao artigo que você escreveu sobre mim no Bharati. É isto. Foi para o bem da Índia que a pregação religiosa no Ocidente foi e será feita. Sempre tive a convicção de que não seremos capazes de nos levantar a menos que o povo ocidental venha em nosso auxílio. Neste país ainda não se encontra qualquer apreciação do mérito, nenhuma solidez financeira e, o que é mais lamentável de tudo, não há um mínimo de praticidade.

Há muitas coisas a serem feitas, mas faltam meios neste país. Temos cérebro, mas não temos mãos. Temos a doutrina do Vedanta, mas não temos o poder de colocá-la em prática. Em nossos livros existe a doutrina da igualdade universal, mas no trabalho fazemos grandes distinções. Foi na Índia que se pregou o trabalho altruísta e desinteressado do tipo mais exaltado

mas na prática somos terrivelmente cruéis, terrivelmente sem coração – incapazes de pensar em qualquer coisa além da nossa própria massa de carne.

No entanto, é apenas através do estado actual das coisas que é possível prosseguir com o trabalho. Não há outro caminho. Cada um tem o poder de julgar o bem e o mal, mas ele é o herói que, destemido pelas ondas do Samsâra - que está cheio de erros, ilusões e misérias - com uma mão enxuga as lágrimas, e com a outra, inabalável, mostra o caminho da libertação. Por um lado está a sociedade conservadora, como uma massa de matéria inerte; de outro, o reformador inquieto, impaciente e impetuoso; o caminho para o bem está entre os dois. Ouvi no Japão que as meninas daquele país acreditavam que suas bonecas seriam animadas se fossem amadas de todo o coração. A japonesa nunca quebra a boneca. Ó você de grande fortuna! Eu também acredito que a Índia despertará novamente se alguém puder amar de todo o coração o povo do país – desprovido da graça da riqueza, da maldita fortuna, com a sua discricção totalmente perdida, oprimido, sempre faminto, briguento e invejoso. Só então a Índia despertará, quando centenas de homens e mulheres de grande coração, desistindo de todos os desejos de desfrutar os luxos da vida, desejarem e esforçarem-se ao máximo pelo bem-estar dos milhões dos seus compatriotas que estão gradualmente a afundar-se. cada vez mais baixo no vórtice da miséria e da ignorância. Mesmo em minha vida insignificante, experimentei que bons motivos, sinceridade e amor infinito podem conquistar o mundo. Uma única alma possuidora dessas virtudes pode destruir os desígnios sombrios de milhões de hipócritas e brutos.

Minha ida novamente para o Ocidente ainda é incerta; se eu for, saiba que isso também será para a Índia. Onde está a força dos homens neste país? Onde está a força do dinheiro? Muitos homens e mulheres do Ocidente estão prontos a fazer o bem à Índia, servindo até mesmo os mais baixos Chandâlas, à maneira indiana e através da religião indiana. Quantos deles existem neste país? E solidez financeira! Para custear as despesas da minha recepção, o povo de Calcutá me fez dar uma palestra e vendeu ingressos! . . . Não culpo nem censuro ninguém por isto, só quero mostrar que o nosso bem-estar é impossível sem homens e dinheiro vindos do Ocidente.

Sempre grato e sempre orando ao Senhor pelo seu bem-estar,

VIVEKANANDA.

5.1.75 DOUTOR SHASHI

ALMORA,

29 de maio de 1897.

MEU QUERIDO DOUTOR SHASHI (BHUSHAN GHOSH),

Sua carta e os dois frascos contendo os medicamentos foram devidamente recebidos. Comecei ontem à noite um teste com seus medicamentos. Espero que a combinação tenha um efeito melhor do que aquela sozinha.

Comecei a fazer muito exercício a cavalo, tanto de manhã como à noite. Desde então estou muito melhor. Eu estava tão melhor na primeira semana de ginástica que quase não me sentia tão bem desde que era menino e costumava fazer exercícios de kusti (luta livre). Comecei realmente a sentir que era um prazer ter um corpo. Cada movimento me tornava consciente da força – cada movimento dos músculos era prazeroso. Essa sensação estimulante diminuiu um pouco, mas me sinto muito forte. Em uma prova de força, consegui fazer com que G. G. e Niranjan caíssem diante de mim em um minuto. Em Darjeeling sempre senti que não era o mesmo homem. Aqui sinto que não tenho nenhuma doença, mas há uma mudança marcante. Nunca na minha vida consegui dormir assim que fui para a cama. Devo jogar por pelo menos duas horas. Só de Madras a Darjeeling (durante o primeiro mês) eu dormia assim que minha cabeça tocava o travesseiro. Essa disposição para dormir desapareceu completamente, e meu antigo hábito de me mexer e de sentir calor após o jantar voltou. Não sinto calor após a refeição do dia. Como aqui tem um pomar, comecei a colher mais frutas do que de costume assim que cheguei. Mas a única fruta que se encontra aqui agora é o damasco. Estou tentando obter mais variedades de Naini Tâl. Não houve sede, embora os dias estejam terrivelmente quentes. . . . No geral, meu sentimento é de recuperação de grande força e alegria, e uma sensação de saúde exuberante, só que tenho medo de estar engordando com uma dieta com muito leite. Não ouça o que Yogen escreve. Ele próprio é hipocondríaco e quer que todo mundo seja assim. Comi um décimo sexto de um barphi (doce) em Lucknow, e isso, segundo Yogen, foi o que me deixou mal em Almora! Yogen é esperado aqui em alguns dias. Eu vou levá-lo na mão. A propósito, sou muito suscetível a influências maláricas. A

indisposição da primeira semana em Almora pode ter sido causada, em certa medida, pela minha passagem pelo Terai. De qualquer forma, me sinto muito, muito forte agora. Você deveria me ver, Doutor, quando estou sentado meditando diante dos lindos picos nevados e repito dos Upanishads:

"न तस्य रोगो न जरा न मृत्युः प्राप्तस्य योगाशिमयं शरीरम्

– Ele não tem doença, nem decadência, nem morte; pois, em verdade, ele obteve um corpo cheio do fogo do Yoga."

Estou muito feliz em saber do sucesso das reuniões da Missão Ramakrishna em Calcutá. Todas as bênçãos vão para aqueles que ajudam na grande obra.

...

Com todo amor,

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

5.1.76 SR.____

ALMORA,

1º de junho de 1897.

QUERIDO SENHOR.-,

As objeções que você mostra sobre os Vedas seriam válidas se a palavra Vedas significasse Samhitâs. A palavra Vedas inclui as três partes, os Samhitas, os Brâhmanas e os Upanishads, de acordo com a opinião universalmente aceita na Índia. Destas, as duas primeiras porções, por serem as partes cerimoniais, foram quase ocultadas; só os Upanishads foram adotados por todos os nossos filósofos e fundadores de seitas.

A ideia de que os Samhitas são os únicos Vedas é muito recente e foi iniciada pelo falecido Swami Dayânanda. Esta opinião não teve qualquer

influência sobre a população ortodoxa.

A razão desta opinião foi que Swami Dayananda pensou que poderia encontrar uma teoria consistente do todo, baseada em uma nova interpretação dos Samhitas, mas as dificuldades permaneceram as mesmas, apenas recorreram aos Brahmanas. E, apesar das teorias de interpretação e interpolação, ainda resta muita coisa.

Agora, se for possível construir uma religião consistente sobre os Samhitas, é mil vezes mais certo que uma fé muito consistente e harmoniosa possa ser baseada nos Upanishads e, além disso, aqui não se deve ir contra a opinião nacional já recebida. . Aqui todos os Âchâryas (Professores) do passado ficariam do seu lado, e vocês têm um vasto espaço para novos progressos.

O Gita sem dúvida já se tornou a Bíblia do Hinduísmo, e merece sê-lo plenamente; mas a personalidade de Krishna ficou tão coberta de neblina que hoje é impossível extrair qualquer inspiração vivificante dessa vida. Além disso, a era atual exige novos modos de pensar e uma nova vida.

Esperando que isso o ajude a pensar nesse sentido.

Eu sou seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.77 SARAT CHANDRA

अलमोछा ।

ॐ नमो भगवते रामकृष्णाय ।

यस्य वीर्येण कृतिनो वयं च भुक्तानि च ।
रामकृष्णं सदा वन्दे शर्वं स्वतन्त्रमीश्वरम् ॥

“प्रभवति भगवान् विधि” रित्याजमिनः अप्रयोगनिपुणः प्रयोगनिपुणश्च
पौरुषं बहुमन्यमानाः । तयोः पौरुषेयापौरुषेयप्रतिकारबलयोः विवेका गहनिबन्धनः
कलह इति मत्वा यत्तस्वायुष्मन् शरच्चन्द्र आक्रमितुम् ज्ञानगिरिगुरोर्गिरिष्ठं
शिखरम् ।

यदुक्तं “तत्त्वनिकषणाया विपरिति” उच्येत तदपि शतशः “तत्त्वमसि”
तत्त्वाधिकारे । इदमेव तन्निदानं वैराग्यरुजः । धन्यं कस्यापि जीवं तत्त्वलक्षणाक्रान्तस्य ।
अरोचिष्णु अपि निर्दिशामि पदं प्राचीनं — “कलः कश्चित् प्रतीक्ष्यताम्”
इति । समारूढक्षेपणीक्षेपणश्रमः विश्राम्यतां तन्निर्भरः । पूर्वाहितो वेगः पारनेष्यति
नावम् । तदेवोक्तं — “तत् स्वयं योगसंसिद्धः कालेनात्मनि विन्दति,” “न कर्मणा
न प्रजया धनेन त्यागेनैके अमृतत्वमानशुः” इत्यत्र त्यागेन वैराग्यमेव लक्ष्यते ।
तद्वैराग्यं वस्तुशून्यं वस्तुभूतं वा । प्रथमं यदि, न तत्र यत्नेन कोऽपि कीटभक्षितमस्तिष्केन
विना, यद्यपरं, तदैवम् आपत्ति — त्वाणः मनसः संकोचनम् अन्यस्मात्
वस्तुनः, पिण्डीकरणं च ईश्वरे वा आत्मनि । सर्वेश्वरस्तु व्यक्तिविशेषो भवितुं
नार्हति, समष्टिरित्येव गृहणीयम् । आत्मेति वैराग्यवतो जीवात्मा इति नापद्यते,
परन्तु सर्वगः सर्वान्तर्यामी सर्वस्यात्मरूपेणावस्थितः सर्वेश्वर एव लक्ष्यीकृतः । स
तु समष्टिरूपेण सर्वेषां प्रत्यक्षः । एवं सति जीवेश्वरयोः स्वरूपतः अभेदभावात्
तयोः सेवाप्रेमरूपकर्मणोरभेदः । अयमेव विशेषः — जीवे जीवबुद्धेया वा सेवा
समर्पिता स दया, न प्रेम, यदात्मबुद्ध्या जीवः सेव्यते, तत् प्रेम । आत्मने हि
प्रेमास्पदत्वं श्रुतिस्मृतिप्रत्यक्षप्रसिद्धत्वात् । तत् युक्तमेव यदवादीत् भगवान्
चैतन्यः — प्रेम ईश्वरे, दया जीवे इति । द्वैतवादित्वात् तत्र भगवतः सिद्धान्तः
जीवेश्वरयोर्भेदविज्ञापकः समीचीनः । अस्माकं अद्वैतपराणां जीवबुद्धिर्बन्धनाय
इति । तदस्माकं प्रेम एव शरणं, न दया । जीवे प्रयुक्तः दयाशब्दोऽपि
साहसिकजल्पित इति मन्यामहे । वयं न दयामहे, अपि तु सेवामहे,
नानुकम्पानुभूतिरस्माकम्, अपि तु प्रेमानुभवः स्वानुभवः सर्वस्मिन् ।

सैव सर्ववैषम्यसाम्यकरी भवव्याधिनीरुजकरी प्रपञ्चवश्यम्भाव्यत्रितापहरणकरी
सर्ववस्तुस्वरूपप्रकाशकरी मायाध्वान्तविध्वंसकरी आबद्धास्तम्भपर्यन्त
स्वात्मरूपप्रकटनकरी प्रेमानुभूतिर्वैराग्यरूपा भवतु ते शर्मणे शर्मन् ।

इत्यनुदिवसं प्रार्थयति त्वयि धृतचिरप्रेमबन्धः

विवेकानन्दः ।

TRADUÇÃO

ALMORA,

3 de julho de 1897.

Saudações constantes a Shri Ramakrishna, o Livre, o Ishvara, a forma de Shiva, por cujo poder nós e o mundo inteiro somos abençoados.

Que você viva muito, ó Sharat Chandra! (Sharat Chandra Chakravarty, um discípulo de Swamiji.)

Os escritores do Shâstra que não têm tendência para o trabalho dizem que o destino todo-poderoso prevalece; mas outros que são trabalhadores consideram a vontade do homem superior. Sabendo que a disputa entre

aqueles que acreditam na vontade humana como removedora da miséria e outros que confiam no destino se deve à indiscriminação - tente ascender ao pico mais alto do conhecimento.

Já foi dito que a adversidade é a pedra de toque do verdadeiro conhecimento, e isso pode ser dito centenas de vezes em relação à verdade: “Tu és Isso”. Isto verdadeiramente diagnostica a doença Vairâgya (desapego). Abençoada é a vida de quem desenvolveu este sintoma. Apesar da sua antipatia, repito o velho ditado: “Espere um pouco”. Você está cansado de remar; descanse em seus remos. O impulso levará o barco para o outro lado. Isto foi dito no Gita (IV. 38): "Com o tempo, tendo alcançado a perfeição no Yoga, a pessoa percebe Isso em seu próprio coração;" e no Upanishad, "Nem por rituais, nem por progênie, nem por riquezas, mas apenas pela renúncia, algumas (raras) pessoas alcançaram a imortalidade" (Kaivalya, 2). Aqui, pela palavra renúncia, Vairagya é referida. Pode ser de dois tipos, com ou sem propósito. Neste último caso, ninguém além de cérebros comidos por vermes tentará fazê-lo. Mas se o outro for mencionado, então a renúncia significaria o afastamento da mente de outras coisas e a concentração em Deus ou Atman. O Senhor de tudo não pode ser nenhum indivíduo em particular. Ele deve ser a soma total. Aquele que possui Vairagya não entende por Atman o ego individual, mas o Senhor Todo-penetrante, que reside como o Ser e Governante Interno em todos. Ele é percebido por todos como a soma total. Sendo assim, como Jiva e Ishvara são em essência a mesma coisa, servir aos Jivas e amar a Deus deve significar a mesma coisa. Aqui está uma peculiaridade: quando você serve um Jiva com a ideia de que ele é um Jiva, isso é Dayâ (compaixão) e não Prema (amor); mas quando você o serve com a ideia de que ele é o Ser, isso é Prema. Que o Atman é o único objetivo do amor é conhecido por Shruti, Smriti e pela percepção direta. Bhagavân Chaitanya estava certo, portanto, quando disse: “Amor a Deus e compaixão aos Jivas”. Esta conclusão do Bhagavan, sugerindo a diferenciação entre Jiva e Ishvara, estava certa, pois Ele era um dualista. Mas para nós, Advaitistas, esta noção de Jiva como distinto de Deus é a causa da escravidão. Nosso princípio, portanto, deveria ser o amor, e não a compaixão. A aplicação da palavra compaixão até mesmo a Jiva me parece precipitada e vã. Para nós, não é ter pena, mas servir. O nosso não é o sentimento de compaixão, mas de amor, e o sentimento do Eu em tudo.

Para o teu bem, ó Sharman, que o teu seja Vairagya, cujo sentimento é o amor, que unifica todas as desigualdades, cura a doença do Samsâra, remove a tripla miséria, inevitável neste mundo fenomenal, revela a verdadeira natureza de todas as coisas, destrói a escuridão de Mâyâ, e que traz à tona a individualidade de tudo, desde Brahma até a folha de grama!

Esta é a oração constante de

VIVEKANANDA.

Sempre ligado a ti em amor.

5.1.78 IRMÃ

ALMORA,

9 de julho de 1897.

QUERIDA IRMÃ, (Senhorita Mary Hale.)

Lamento muito ler nas entrelinhas o tom desanimador de sua carta e entendo a causa; obrigado pelo seu aviso, entendo perfeitamente o seu motivo. Eu tinha combinado ir com Ajit Singh para a Inglaterra; mas os médicos não permitiram, não deu certo. Ficarei muito feliz em saber que Harriet o conheceu. Ele ficará muito feliz em conhecer qualquer um de vocês.

Também recebi muitos recortes de diferentes jornais americanos criticando temerosamente minhas declarações sobre as mulheres americanas e me fornecendo a estranha notícia de que eu havia sido marginalizada! Como se eu tivesse alguma casta a perder, sendo um Sannyâsin!

Não só nenhuma casta foi perdida, mas isso destruiu consideravelmente a oposição à viagem marítima – a minha ida para o Ocidente. Se eu tivesse que ser excluído, seria com metade dos príncipes governantes da Índia e quase toda a Índia instruída. Por outro lado, um líder rajá da casta à qual eu pertencia antes de entrar na ordem organizou um banquete em minha homenagem, no qual estavam a maioria dos grandes insetos daquela casta. Os Sannyasins, por outro lado, não podem jantar com ninguém na Índia, pois estaria abaixo da dignidade dos deuses jantar com meros mortais. Eles são considerados Nârâyanas, enquanto os outros são meros homens. E querida Maria, estes pés foram lavados e enxugados e adorados pelos descendentes de reis, e houve um progresso através do país que ninguém jamais comandou na Índia.

Basta dizer que a polícia era necessária para manter a ordem se eu me aventurasse na rua! Isso é realmente uma pária! Claro, isso tirou a fé dos missionários, e quem são eles aqui? – Ninguém. Estamos em uma feliz ignorância de sua existência o tempo todo. Numa palestra, eu disse algo sobre os missionários e a origem daquela espécie, exceto os cavalheiros da Igreja inglesa, e, nesse contexto, tive que me referir às próprias mulheres religiosas da América e ao seu poder de inventar escândalos. Isto os missionários estão a apresentar-se como um ataque em massa às mulheres americanas para desfazer o meu trabalho lá, pois eles sabem muito bem que qualquer coisa dita contra eles irá agradar ao povo dos EUA. Minha querida

Mary, supondo que eu tivesse dito todo tipo de coisas terríveis contra os “ianques” – isso estaria compensando uma milionésima parte do que eles dizem sobre nossas mães e irmãs? As “águas de Netuno” seriam perfeitamente inúteis para lavar o ódio que os “ianques” cristãos de ambos os sexos têm por nós, “pagãos da Índia” – e que mal lhes causamos? Deixe os “ianques” aprenderem a ser pacientes sob críticas e depois criticarem os outros. É um fato psicológico bem conhecido que aqueles que estão sempre dispostos a abusar dos outros não conseguem suportar o menor toque de crítica dos outros. Então, novamente, o que devo a eles? Exceto sua família, a Sra. Bull, os Leggetts e algumas outras pessoas gentis, quem mais foi gentil comigo? Quem se apresentou para me ajudar a desenvolver minhas ideias? Tive que trabalhar até estar às portas da morte e tive que gastar quase toda essa energia na América, para que os americanos pudessem aprender a ser mais amplos e mais espirituais. Na Inglaterra trabalhei apenas seis meses. Não houve um só sopro de escândalo, e esse foi o trabalho de uma mulher americana, o que aliviou enormemente os meus amigos ingleses - não só nenhum ataque, mas muitos dos melhores clérigos da Igreja inglesa tornaram-se meus amigos firmes, e sem perguntar consegui muito. ajuda para o meu trabalho e tenho certeza de que conseguirei muito mais. Há uma sociedade que observa o meu trabalho e obtém ajuda para ele, e quatro pessoas respeitáveis seguiram-me até à Índia para ajudar no meu trabalho, e dezenas estavam prontas, e da próxima vez que eu for, centenas estarão.

Querida, querida Mary, não tenha medo por mim. . . O mundo é grande, muito grande, e deve haver algum lugar para mim, mesmo que os “Yankees” se enfurecem. De qualquer forma, estou bastante satisfeito com meu trabalho. Nunca planejei nada. Eu aceitei as coisas como elas vieram. Apenas uma ideia ardia no meu cérebro – ligar a máquina para elevar as massas indianas – e isso consegui fazer até certo ponto. Seu coração ficaria feliz em ver como meus meninos estão trabalhando em meio à fome, às doenças e à miséria - cuidando da cama do pária atingido pelo cólera e alimentando o faminto Chandâla - e o Senhor envia ajuda para mim e para mim. para o centro comercial. "O que são os homens?" Ele está comigo, o Amado. Ele estava quando eu estava na América, na Inglaterra, quando eu vagava por lugares desconhecidos na Índia. O que me importa o que eles falam - os bebês, eles não sabem de nada. O que! Eu, que percebi o Espírito

e a vaidade de todas as bobagens terrenas, fui desviado do meu caminho pela tagarelice dos bebês! Eu pareço assim?

Tive que falar muito sobre mim porque isso era propriedade de você. Sinto que minha tarefa está cumprida – restam no máximo mais três ou quatro anos de vida. Perdi todo o desejo de minha salvação. Eu nunca quis prazeres terrenos. Devo ver a minha máquina em bom estado de funcionamento e, então, tendo a certeza de que coloquei uma alavanca para o bem da humanidade, pelo menos na Índia, que nenhum poder pode fazer recuar, dormirei, sem me importar com o que acontecerá a seguir; e que eu possa nascer de novo e de novo, e sofrer milhares de misérias para que eu possa adorar o único Deus que existe, o único Deus em que acredito, a soma total de todas as almas - e acima de tudo, meu Deus, o ímpio, meu Deus os miseráveis, meu Deus, os pobres de todas as raças, de todas as espécies, é o objeto especial da minha adoração.

“Aquele que está em vocês e fora de vocês, que trabalha com todas as mãos, que anda com todos os pés, cujo corpo você é, a ele adore e quebre todos os outros ídolos.

“Aquele que é o alto e o baixo, o santo e o pecador, o deus e o verme, Ele adora, o visível, o cognoscível, o real, o onipresente, quebra todos os outros ídolos.

“Em quem não há vida passada nem nascimento futuro, nem morte nem ida ou vinda, em quem sempre fomos e sempre seremos um, adore-O, quebre todos os outros ídolos.

"Sim, tolos, negligenciando os Deuses vivos e Seu reflexo infinito com o qual o mundo está cheio, e correndo atrás de sombras imaginárias! Adorem-no, o único visível, e quebrem todos os outros ídolos."

Meu tempo é curto. Tenho que desabafar tudo o que tenho a dizer, sem me importar se isso magoa alguns ou irrita outros. Portanto, minha querida Maria, não se assuste com o que quer que saia dos meus lábios, pois o poder por trás de mim não é Vivekananda, mas Ele, o Senhor, e Ele sabe o que é melhor. Se eu tiver que agradar o mundo, isso estará prejudicando o mundo; a voz da maioria está errada, visto que eles governam e fazem o triste

estado do mundo. Cada novo pensamento deve criar oposição – no civilizado, um escárnio polido, nos uivos selvagens vulgares e nos escândalos imundos.

Até essas minhocas devem ficar eretas, até as crianças devem ver a luz. Os americanos estão bêbados com vinho novo. Cem ondas de prosperidade vieram e passaram pelo meu país. Aprendemos a lição que nenhuma criança ainda consegue compreender. É vaidade. Este mundo horrível é Maya. Renuncie e seja feliz. Desista da ideia de sexo e posses. Não há outro vínculo. Casamento, sexo e dinheiro são os únicos demônios vivos. Todo amor terreno procede do corpo. Sem sexo, sem posses; à medida que caem, os olhos se abrem para a visão espiritual. A alma recupera seu próprio poder infinito. Como eu gostaria de estar na Inglaterra para ver Harriet. Só me resta um desejo: ver vocês, quatro irmãs, antes de morrer, e isso deve acontecer.

Seu sempre fly.,

VIVEKANANDA.

5.1.79 MÃE

ALMORA,

28 de julho de 1897.

MINHA QUERIDA MÃE, (Sra. Leggett.)

Muito obrigado pela sua linda e gentil carta. Gostaria de estar em Londres para poder aceitar o convite do Raja de Khetri. Tive muitos jantares para participar em Londres na temporada passada. Mas estava fadado a não acontecer, e minha saúde não me permitiu ir com o Raja.

Então Alberta está mais uma vez em casa na América. Tenho-lhe uma dívida de gratidão por tudo o que fez por mim em Roma. Como está Holly? Para ambos, meu amor, e beijem o novo bebê para mim, minha irmã mais nova.

Estou descansando no Himalaia há nove meses. Agora vou para as planícies para ser aproveitado mais uma vez para o trabalho.

Para Frankincense e Joe Joe e Mabel meu amor, e assim para você eternamente.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

5.1.80 JOE

A MATEMÁTICA, BELUR,

11 de agosto de 1897.

CARO JOE, (Senhorita MacLeod.)

. . . Pois bem, o trabalho da Mãe não sofrerá; porque foi construído e atualizado com base na verdade, sinceridade e pureza. Sinceridade absoluta tem sido sua palavra de ordem.

Seu com todo amor,

VIVEKANANDA.

5.1.81 JAGMOHANLAL

MURREE,

11 de outubro de 1897.

MEU QUERIDO JAGAMOHANLAL,

. . . Quando você partir para Bombaim, deixe um recado para alguém cuidar dos três Sannyasins que estou enviando para Jaipur. Dê-lhes comida e boa hospedagem. Eles estarão lá até eu chegar. Eles são companheiros –

inocentes, não instruídos. Eles pertencem a mim, e um deles é meu Gurubhâi (irmão-discípulo). Se quiserem, leve-os para Khetri, onde irei em breve. Estou viajando agora tranquilamente. Eu nem vou dar muitas palestras este ano. Não tenho mais fé em todo esse barulho e farsa que não traz nenhum benefício prático. Devo fazer uma tentativa silenciosa de iniciar a minha instituição em Calcutá; para isso vou visitar tranquilamente diversos centros para arrecadar fundos.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.82 M.

DEHRA DUN,

24 de novembro de 1897.

MEU QUERIDO M., [45]

Muito obrigado pelo seu segundo folheto (folhas do Evangelho). É realmente maravilhoso. O movimento é bastante original, e nunca a vida de um grande Mestre foi apresentada ao público sem ser manchada pela mente do escritor, como você está apresentando este. A linguagem também está além de qualquer elogio, tão nova, tão contundente e, ao mesmo tempo, tão simples e fácil.

Não consigo expressar em termos adequados o quanto gostei dos folhetos. Estou realmente emocionado quando os leio. Estranho, não é? Nosso Mestre e Senhor foi tão original, e cada um de nós terá que ser original ou nada. Agora entendo por que nenhum de nós tentou a vida dele antes. Foi reservado para você este grande trabalho. Ele está com você evidentemente.

Com todo amor e Namaskâra,

VIVEKANANDA.

PS. Os diálogos socráticos são inteiramente Platão; você está totalmente escondido. Além disso, a parte dramática é infinitamente bela. Todo mundo gosta aqui e no Ocidente.

5.1.83 SUA ALTEZA

ALMORA,

9 de junho de 1898.

SUA ALTEZA, (Maharaja de Khetri.)

Lamentamos saber que você não está com saúde perfeita. Claro que você estará em alguns dias.

Partirei para a Caxemira no próximo sábado. Tenho sua carta de apresentação ao Residente, mas é melhor ainda se você gentilmente deixar uma mensagem para o Residente dizendo que você já me apresentou.

Você poderia gentilmente pedir a Jagamohan que escreva ao Dewan de Kishangarh lembrando-o de sua promessa de me fornecer cópias de Nimbârka Bhâshya sobre os Vyâsa-Sutras e outros Bhashyas (comentários) através de seus Pandits.

Com todo amor e bênçãos,

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. O pobre Goodwin está morto. Jagamohan o conhece bem. Quero que algumas peles de tigre, se puder, sejam enviadas para o Math como presente a dois amigos europeus. Estes parecem ser presentes muito gratificantes para os ocidentais.

5.1.84 SUA ALTEZA

C/O RISIBAR MOOKERJEE,

JUIZ CHEFE,

CAXEMIRA,

17 de setembro de 1898.

SUA ALTEZA, (Maharaja de Khetri.)

Estou muito doente aqui há duas semanas. Agora melhorando. Estou precisando de fundos. Embora o americano; amigos estão fazendo tudo que podem para me ajudar, sinto vergonha de implorar a eles o tempo todo, principalmente porque a doença faz com que a pessoa incorra em despesas contingentes. Não tenho vergonha; implorar a uma pessoa no mundo e essa pessoa é você mesmo. Quer você dê ou recuse, é o mesmo para mim. Se possível, envie algum dinheiro por gentileza. Como vai você? Vou descer em meados de outubro.

Estou muito feliz em saber de Jagamohan a recuperação completa do Kumar (Príncipe) Saheb. As coisas estão indo bem comigo; esperando que seja o mesmo com você.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

5.1.85 SUA ALTEZA

LAHORE,

16 de outubro de 1898.

SUA ALTEZA, (Maharaja de Khetri.)

A carta que se seguiu ao meu telegrama fornecia a informação desejada; portanto, não respondi sobre minha saúde em resposta à sua.

Este ano sofri muito na Caxemira e agora estou recuperado e hoje vou direto para Calcutá. Nos últimos dez anos, mais ou menos, não vi o Puja de Shri Durgâ em Bengala, que é o grande acontecimento lá. Espero que este ano esteja presente.

Os amigos ocidentais virão ver Jaipur dentro de uma ou duas semanas. Se Jagamohan estiver lá, por favor, instrua-o a prestar atenção neles e mostrar-lhes a cidade e as artes antigas.

Deixo instruções com meu irmão Saradananda para escrever para Munshiji antes de partirem para Jaipur.

Como você e o Príncipe estão? Sempre, como sempre, orando pelo seu bem-estar,

Continuo seu carinhosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Meu futuro endereço é Math, Belur, Howrah Dist. Bengala.

5.1.86 SUA ALTEZA

MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH, BENGALA,

26 de outubro de 1898.

SUA ALTEZA, (Maharaja de Khetri.)

Estou muito preocupado com sua saúde. Tive muita vontade de dar uma olhada ao descer, mas minha saúde piorou completamente e tive que descer correndo com toda pressa. Há alguma perturbação em meu coração, receio.

No entanto, estou muito ansioso para saber sobre sua saúde. Se você quiser, irei até Khetri para ver você. Estou orando dia e noite pelo seu bem-estar.

Não desanime se algo acontecer, a “Mãe” é a sua proteção. Escreva-me tudo sobre você. . . . Como está o Kumar Saheb?

Com todo amor e bênçãos eternas,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

5.1.87 SUA ALTEZA

A MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH,

Novembro (?), 1898.

SUA ALTEZA, (Maharaja de Khetri.)

Estou muito feliz em saber que você e o Kumar estão gozando de boa saúde. Quanto a mim, meu coração ficou muito fraco. A mudança, não creio, me fará bem, pois nos últimos 14 anos não me lembro de ter parado em um lugar por 3 meses seguidos. Por outro lado, se por acaso eu conseguir viver meses num lugar, espero que isso me faça bem. Eu não me importo com isso. No entanto, sinto que meu trabalho nesta vida está concluído. Através do bem e do mal, da dor e do prazer, meu bote salva-vidas foi arrastado. A única grande lição que aprendi é que a vida é uma miséria, nada além de miséria. A mãe sabe o que é melhor. Cada um de nós está nas mãos do Karma; funciona sozinho - e não, não. Só existe um elemento na vida que vale a pena ter a qualquer custo: o amor. Amor imenso e infinito, amplo como o céu e profundo como o oceano – este é o grande ganho da vida. Bem-aventurado aquele que consegue.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

5.1.88 SUA ALTEZA

MATEMÁTICA, BELUR,

15 de dezembro de 1898.

SUA ALTEZA, (Maharaja de Khetri.)

Sua amável carta foi recebida com o pedido de 500 para o Sr. Dulichand. Estou um pouco melhor agora. Não sei se essa melhoria continuará ou não.

Você estará em Calcutá neste inverno, pelo que ouvi? Muitos Rajas estão vindo prestar suas homenagens ao novo vice-rei. O Marajá de Sikar está aqui, já fiquei sabendo pelos jornais.

Sempre orando por você e pelos seus,

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

5.1.89 MÃE

(Traduzido do bengali)

DEOGHAR, VAIDYANATH.

3 de janeiro de 1899.

QUERIDA MÃE, (Shrimati Mrinalini Bose)

Algumas questões muito importantes foram levantadas em sua carta. Não é possível respondê-las completamente em uma breve nota, mas respondo-lhes o mais brevemente possível.

(1) Rishi, Muni ou Deus – ninguém tem poder para impor uma instituição à sociedade. Quando as necessidades da época a pressionam fortemente, a sociedade adota certos costumes para a autopreservação. Os Rishis apenas

registraram esses costumes. Assim como um homem muitas vezes recorre até mesmo a meios que são bons para a autoproteção imediata, mas que são muito prejudiciais no futuro, da mesma forma, a sociedade também não raramente se salva por enquanto, mas esses meios imediatos que contribuíram para a sua preservação revelam-se terríveis a longo prazo.

Por exemplo, vejamos a proibição do casamento de viúvas no nosso país. Não pense que Rishis ou homens perversos introduziram a lei referente a isso. Não obstante o desejo dos homens de manter as mulheres completamente sob o seu controlo, eles nunca conseguiram introduzir essas leis sem se empenharem em ajudar uma necessidade social da época. Deste costume dois pontos devem ser especialmente observados:

(a) O casamento de viúvas ocorre entre as classes mais baixas.

(b) Entre as classes mais altas o número de mulheres é maior que o de homens.

Agora, se for regra casar com todas as moças, já é bastante difícil conseguir um marido para cada uma; então como conseguir, em sucessão, dois ou três para cada um? Portanto, a sociedade colocou uma das partes em desvantagem, ou seja, não a deixou ter um segundo marido, que já teve um; se assim fosse, uma empregada teria que ficar sem marido. Por outro lado, o casamento de viúvas ocorre em comunidades com maior número de homens do que de mulheres, visto que no seu caso a objecção acima referida não existe. Também no Ocidente está a tornar-se cada vez mais difícil para as raparigas solteiras arranjar maridos.

Semelhante é o caso do sistema de castas e de outros costumes sociais.

Assim, se for necessário mudar qualquer costume social, a necessidade subjacente a ele deve ser descoberta em primeiro lugar e, ao alterá-lo, o costume morrerá por si mesmo. Caso contrário, nenhum bem será feito através da condenação ou do elogio.

(2) Agora a questão é: é para o bem do público em geral que as regras sociais são formuladas ou a sociedade é formada? Muitos respondem afirmativamente; alguns, novamente, podem sustentar que não é assim.

Alguns homens, sendo comparativamente poderosos, lentamente colocam todos os outros sob seu controle e, por estratagemas, força ou habilidade, conquistam seus próprios objetivos. Se isto for verdade, qual pode ser o significado da afirmação de que há perigo em dar liberdade aos ignorantes? Qual é, novamente, o significado da liberdade?

Liberdade certamente não significa a ausência de obstáculos no caminho da apropriação indébita de riqueza, etc. por você e por mim, mas é nosso direito natural poder usar nosso próprio corpo, inteligência ou riqueza de acordo com nossa vontade, sem fazer qualquer prejudicar outras pessoas; e todos os membros de uma sociedade deveriam ter a mesma oportunidade de obter riqueza, educação ou conhecimento. A segunda questão é: aqueles que dizem que se aos ignorantes e aos pobres for dada liberdade, isto é, pleno direito ao seu corpo, riqueza, etc., e se os seus filhos tiverem a mesma oportunidade de melhorar a sua condição e adquirir conhecimento como os dos ricos e altamente situados, tornar-se-iam perversos – dizem isto para o bem da sociedade ou cegos pelo seu egoísmo? Também na Inglaterra ouvi: "Quem nos servirá se as classes mais baixas obtiverem educação?"

Para o luxo de um punhado de ricos, que milhões de homens e mulheres permaneçam submersos no inferno da miséria e na profundidade abismal da ignorância, pois se obtiverem riqueza e educação, a sociedade ficará perturbada!

Quem constitui a sociedade? Os milhões – ou você, eu e alguns outros das classes altas?

Novamente, mesmo que esta última seja verdadeira, que motivo existe para a nossa vaidade liderarmos os outros? Somos oniscientes? "उद्धरेदात्मनात्मानं - Deve-se elevar a si mesmo." Deixe cada um trabalhar a sua própria salvação. A liberdade em todos os assuntos, ou seja, o avanço em direção a Mukti é o ganho mais digno do homem. Avançar em direção à liberdade – física, mental e espiritual – e ajudar os outros a fazê-lo é o prêmio supremo do homem. As regras sociais que impedem o desenvolvimento desta liberdade são prejudiciais e devem ser tomadas medidas para destruí-las rapidamente. Devem ser encorajadas as instituições pelas quais os homens avançam no caminho da liberdade.

O facto de nesta vida sentirmos um amor profundo à primeira vista por uma determinada pessoa que pode não ser dotada de qualidades extraordinárias, é explicado pelos pensadores do nosso país como devido às associações de uma encarnação passada.

A sua pergunta em relação ao testamento é muito interessante: é o assunto a saber. A essência de todas as religiões é a aniquilação do desejo, junto com a qual vem, com certeza, também a aniquilação da vontade, pois o desejo é apenas o nome de um modo particular da vontade. Por que, novamente, este mundo é? Ou por que essas manifestações são da vontade? Algumas religiões sustentam que a má vontade deve ser destruída e não a boa. A negação do desejo aqui seria compensada por prazeres no futuro. É claro que esta resposta não satisfaz os sábios. Os budistas, por outro lado, dizem que o desejo é a causa da miséria, e a sua aniquilação é bastante desejável. Mas tal como matar um homem no esforço para matar o mosquito na sua bochecha, eles chegaram ao ponto de aniquilar a si próprios nos seus esforços para destruir a miséria de acordo com a doutrina budista.

O fato é que o que chamamos de vontade é uma modificação inferior de algo superior. A ausência de desejo significa o desaparecimento da modificação inferior na forma de vontade e o aparecimento desse estado superior. Esse estado está além do alcance da mente e do intelecto. Mas embora a aparência do mohur dourado seja bastante diferente daquela da rupia e do pice, como sabemos com certeza que o mohur dourado é maior do que ambos, então, aquele estado mais elevado - Mukti, ou Nirvâna, chame-o como quiser. semelhante – embora fora do alcance da mente e do intelecto, é maior que a vontade e todos os outros poderes. Não é nenhum poder, mas o poder é a sua modificação, portanto é superior. Agora você verá que o resultado do exercício adequado da vontade, primeiro com motivo para um objeto e depois sem motivo, é que a força de vontade atingirá um estado muito mais elevado.

No estado preliminar, a forma do Guru deve ser meditada pelo discípulo. Gradualmente, será fundido no Ishta. Por Ishta entende-se o objeto de amor e devoção. . . . É muito difícil impor a divindade ao homem, mas é certo que se terá sucesso através de esforços repetidos. Deus está em cada

homem, quer o homem saiba disso ou não; sua devoção amorosa certamente evocará a divindade que há nele.

Sempre seu simpatizante,

VIVEKANANDA.

5.1.90 JOE

A MATEMÁTICA, BELUR,

HOWRAH, BENGALA,

2 de fevereiro de 1899.

MEU QUERIDO JOE, (Senhorita Josephine MacLeod.)

Você deve ter chegado a Nova York a essa altura e estar no meio de sua própria vida após uma longa ausência. A fortuna o favoreceu em cada passo desta jornada – até o mar estava calmo e calmo, e o navio quase vazio de companhias indesejáveis. Bem, comigo é diferente. Estou quase desesperado por não poder acompanhá-lo. A mudança em Vaidyanath também não me fez bem. Quase morri lá, fiquei sufocado por oito dias e oito noites!! Fui trazido de volta a Calcutá mais morto do que vivo, e aqui estou, lutando para voltar à vida.

Dr. Sarkar está me tratando agora.

Não estou tão desanimado agora como estava. Estou reconciliado com meu destino. Este ano parece ser muito difícil para nós. Yogananda, que morava na casa da Mãe, está sofrendo há um mês e todos os dias está às portas da morte. Mamãe sabe mais. Estou animado para trabalhar novamente, embora não pessoalmente, mas estou enviando os meninos por toda a Índia para causar agitação mais uma vez. Acima de tudo, como sabem, a principal dificuldade é a dos fundos. Agora que você está na América, Joe, tente arrecadar fundos para o nosso trabalho aqui.

Espero voltar a reunir-me em Março e em Abril partirei para a Europa. Mais uma vez, a mãe sabe o que é melhor.

Sofri mental e fisicamente durante toda a minha vida, mas a bondade da Mãe tem sido imensa. A alegria e as bênçãos que tive infinitamente mais do que mereço. E estou lutando para não falhar com a Mãe, mas para que ela sempre me encontre lutando, e meu último suspiro será no campo de batalha.

Meu melhor amor e bênçãos para você para todo o sempre.

Sempre seu na Verdade,

VIVEKANANDA.

5.1.91 AMIGO

A MATEMÁTICA,

ALAMBAZAR (?),

14 de junho de 1899.

MEU QUERIDO AMIGO, (Raja de Khetri.)

Quero Vossa Alteza assim como estou aqui, você precisa de muita amizade e amor agora.

Escrevi uma carta para você há algumas semanas, mas não consegui receber notícias suas. Espero que você esteja com excelente saúde agora. Partirei para a Inglaterra novamente no dia 20 deste mês.

Espero também me beneficiar de alguma forma com esta viagem marítima.

Que você esteja protegido de todos os perigos e que todas as bênçãos o acompanhem!

Eu sou seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS. Para Jagamohan meu amor e adeus.

5.1.92 __

RIDGELY,

2 de setembro de 1899.

QUERIDO -,

. . . A vida é uma série de lutas e decepções. . . . O segredo da vida não é o prazer, mas a educação através da experiência. Mas, infelizmente, somos cancelados no momento em que começamos realmente a aprender. Esse parece ser um argumento poderoso para uma existência futura. . . . Em todos os lugares é melhor que um turbilhão venha sobre o trabalho. Isso limpa a atmosfera e nos dá uma visão verdadeira da natureza das coisas. É recomeçado, mas sobre bases adamantinas. . . .

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

93 SHASHI

(Traduzido do bengali)

MATEMÁTICA, BELUR,

26 de dezembro de 1900.

CARO SHASHI, (Swami Ramakrishnananda)

Recebi todas as novidades da sua carta. Se sua saúde estiver ruim, então certamente você não deveria vir aqui; e também vou para Mayavati amanhã. É absolutamente necessário que eu vá lá uma vez.

Se Alasinga vier aqui, terá que esperar meu retorno. Não sei o que aqueles aqui estão decidindo sobre Kanai. Voltarei em breve de Almora e então poderei visitar Madras. De Vaniyambadi recebi uma carta. Escreva para as pessoas de lá transmitindo meu amor e bênçãos, e diga-lhes que no meu caminho para Madras certamente os visitarei. Dê meu amor a todos. Não trabalhe muito. Está tudo bem aqui.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

5.1.94 MÃE

ESCRITÓRIO PRABUDDHA BHARATA,
ADVAITA ASHRAMA,
MAYAVATI (VIA ALMORA),
KUMAON, HIMALAIA,
6 de janeiro de 1901.

MINHA QUERIDA MÃE, (Sra. Ole Bull.)

Envio-lhe imediatamente uma tradução do Hino Nâsadiya enviada pelo Dr. Bose através de você. Tentei torná-lo o mais literal possível.

Espero que o Dr. Bose tenha recuperado perfeitamente a saúde a esta altura.

A Sra. Sevier é uma mulher forte e suportou sua perda com calma e coragem. Ela virá para a Inglaterra em abril e eu irei com ela.

Devo vir para a Inglaterra o mais cedo possível neste verão; e como ela deve ir cuidar dos assuntos do marido, eu a acompanho.

Este lugar é muito, muito bonito, e eles o tornaram simplesmente requintado. É um lugar enorme com vários hectares de área e está muito

bem conservado. Espero que a Sra. Sevier esteja em condições de continuar assim no futuro. Ela deseja muito isso, é claro.

Minha última carta de Joe me informou que ela estava subindo. . . com a Sra. Calvé.

Estou muito feliz em saber que Margot está deixando sua história para uso futuro. Seu livro foi muito apreciado por aqui, mas os editores não parecem fazer nenhum esforço para vendê-lo.

O toque em Calcutá no primeiro dia trouxe a asma de volta; e todas as noites eu tive um ataque durante as duas semanas que estive lá. Estou, porém, muito bem no Himalaia.

Está nevando muito aqui e fui pego por uma nevasca no caminho; mas não está muito frio, e toda essa exposição à neve durante dois dias no meu caminho até aqui parece ter me feito muito bem.

Hoje caminhei morro acima pela neve cerca de um quilômetro e meio, vendo as terras da Sra. Sevier; ela fez lindas estradas por toda parte. Muitos jardins, campos, pomares e grandes florestas, tudo em suas terras. As casas são tão simples, tão limpas, tão bonitas e, acima de tudo, tão adequadas ao fim a que se destinam.

Você irá para a América em breve? Caso contrário, espero vê-lo em Londres dentro de três meses.

Por favor, transmita meus melhores votos à Srta. Olcock e transmita meu eterno amor à Srta. Müller na próxima vez que a vir; então para Sturdy. Vi minha mãe, meu primo e todo o meu povo em Calcutá.

Por favor, envie-me a remessa que você enviou para minha prima - em meu nome, para que eu desconte o cheque e entregue o dinheiro a ela. Saradananda e Brahmananda e o resto estavam bem em matemática quando os deixei pela última vez.

Todos aqui mandam amor.

Sempre seu filho amoroso,

VIVEKANANDA.

PS. Kali fez dois sacrifícios; a causa já conta com dois mártires europeus. Agora, vai crescer esplendidamente.

V.

Meus cumprimentos a Alberta e à Sra. Vaughan.

A neve está com quinze centímetros de profundidade, o sol está brilhante e glorioso e agora, no meio do dia, estamos sentados do lado de fora, lendo. E a neve ao nosso redor! O inverno aqui é muito ameno, apesar da neve. O ar está seco e ameno, e a água está além de qualquer elogio.

V.

5.1.95 RESISTENTE

MAYAVATI,

HIMALAIA,

15 de janeiro de 1901.

MEU QUERIDO STURDY,

Soube por Saradananda que você enviou Rs. 1.529-5-5 para o Math, sendo o dinheiro que estava em mãos para trabalhar na Inglaterra. Tenho certeza de que será usado corretamente.

O capitão Sevier faleceu há cerca de três meses. Eles construíram um ótimo lugar aqui nas montanhas e a Sra. Sevier pretende mantê-lo. Estou visitando-a e possivelmente irei para a Inglaterra com ela.

Escrevi-te uma carta de Paris. Receio que você não tenha entendido.

Lamento saber do falecimento da Sra. Sturdy. Ela tem sido uma ótima esposa e uma boa mãe, e não é comum encontrarmos algo assim nesta vida.

Esta vida é cheia de choques, mas os efeitos passam de qualquer maneira, essa é a esperança.

Não foi por causa da sua livre expressão de opinião na última carta que me enviou que parei de escrever. Só deixei a onda passar, como é meu costume. As cartas teriam apenas formado uma pequena bolha.

Por favor, apresente meus cumprimentos e amor à Sra. Johnson e outros amigos se você os conhecer.

E eu sou sempre seu na Verdade,

VIVEKANANDA.

5.1.96 MÃE

A MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH,

BENGALA,

26 de janeiro de 1901.

MINHA QUERIDA MÃE, (Sra. Ole Bull)

Muito obrigado pelas suas palavras muito encorajadoras. Eu precisava muito deles agora. A escuridão não desapareceu com o advento do novo século, está visivelmente mais intensa. Fui ver a Sra. Sevier em Mayavati. No caminho, soube da morte repentina do Raja de Khetri. Parece que ele estava restaurando algum antigo monumento arquitetônico em Agra, às suas próprias custas, e subiu em alguma torre para inspeção. Parte da torre caiu e ele morreu instantaneamente.

Os três cheques chegaram. Eles alcançarão minha prima na próxima vez que eu a vir.

Joe está aqui, mas ainda não a vi.

No momento em que toco em Bengala, principalmente em Matemática, os ataques de asma voltam! No momento em que saio, eu me recupero!

Vou levar minha mãe em peregrinação na próxima semana. Pode levar meses para fazer a ronda completa de peregrinações. Este é o grande desejo de uma viúva hindu. Eu trouxe apenas miséria ao meu povo durante toda a minha vida. Estou tentando pelo menos realizar esse desejo dela.

Estou muito feliz em saber tudo isso sobre Margot; todos aqui estão ansiosos para recebê-la de volta.

Espero que o Dr. Bose esteja completamente recuperado a esta altura.

Recebi também uma linda carta da Sra. Hammond. Ela é uma grande alma.

No entanto, desta vez estou muito calmo e controlado e acho tudo melhor do que esperava.

Com todo amor,

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

5.1.97 SHASHI

MATEMÁTICA, BELUR

MEU QUERIDO SHASHI, (Swami Ramakrishnananda)

Vou com minha mãe para Rameswaram, só isso. Não sei se irei para Madras. Se eu for, será estritamente privado. Meu corpo e minha mente estão completamente trabalhados; Não suporto uma única pessoa. Eu não

quero ninguém. Não tenho força, nem dinheiro, nem vontade de levar alguém comigo. Bhaktas (devotos) de Guru Maharaj ou não, não importa. Foi muita tolice da sua parte fazer tal pergunta. Deixe-me dizer novamente: estou mais morto do que vivo e me recuso terminantemente a ver alguém. Se você não consegue fazer isso, eu não vou para Madras. Eu tenho que me tornar um pouco egoísta para salvar meu corpo.

Deixe Yogin-Ma e outros seguirem seu próprio caminho. Não aceitarei nenhuma companhia no meu atual estado de saúde.

Seu apaixonado,

VIVEKANANDA.

5.1.98 MÃE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

2 de fevereiro de 1901.

MINHA QUERIDA MÃE, (Sra. Ole Bull)

Vários dias atrás recebi sua carta e um cheque de Rs. 150 incluídos. Vou rasgar este, como os três cheques anteriores que entreguei ao meu primo.

Joe está aqui e eu a vi duas vezes; ela está ocupada visitando. A Sra. Sevier é esperada aqui em breve, a caminho da Inglaterra. Eu esperava ir para a Inglaterra com ela, mas agora descobri que preciso fazer uma longa peregrinação com minha mãe.

Minha saúde sofre no momento em que toco Bengala; de qualquer forma, não me importo muito com isso agora; Estou indo bem e as coisas também acontecem comigo.

Fico feliz em saber do sucesso de Margot, mas, diz Joe, não compensa financeiramente; aí está o problema. A mera continuação tem pouco valor e

está muito longe de Londres a Calcutá. Bem, a mãe sabe. Todo mundo está elogiando Kali, a Mãe, de Margot; mas, infelizmente! eles não conseguem comprar um livro; os livreiros são demasiado indiferentes para promover a venda do livro.

Que este novo século possa encontrar você e os seus com esplêndida saúde e equipamentos para um futuro ainda maior é e sempre foi a oração de seu filho.

VIVEKANANDA.

5.1.99 JOE

BELUR MATEMÁTICA,

DIST. HOWRAH,

14 de fevereiro de 1901.

MEU QUERIDO JOE (Senhorita Josephine MacLeod.)

Estou muito feliz em saber que Bois está vindo para Calcutá. Mande-o imediatamente para o Math. Eu estarei aqui. Se possível, vou mantê-lo aqui por alguns dias e depois deixá-lo ir novamente para o Nepal.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

5.1.100 JOE

A MATEMÁTICA, BELUR,

HOWRAH, BENGALA,

17 de fevereiro de 1901.

QUERIDO JOE, (Senhorita Josephine MacLeod.)

Acabei de receber sua bela e longa carta. Estou tão feliz que você conheceu e aprovou a Srta. Cornelia Sorabji. Conheci o pai dela em Poona, também uma irmã mais nova que estava na América. Talvez a mãe dela se lembre de mim como o Sannyasin que morava com o Thakore Sahib de Limbdi em Poona.

Espero que você vá a Baroda e veja o Maharani.

Estou muito melhor e espero continuar assim por algum tempo. Acabei de receber uma linda carta da Sra. Sevier na qual ela escreve muitas coisas lindas sobre você.

Estou tão feliz que você viu o Sr. Tata e o achou tão forte e bom.

É claro que aceitarei o convite se tiver forças suficientes para ir a Bombaim.

Telegrafe o nome do navio que você sai para Colombo. Com todo amor,

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

5.1.101 MÃE

DACCA,
29 de março de 1901.

MINHA QUERIDA MÃE, (Sra. Ole Bull.)

A essa altura você já deve ter recebido meu outro bilhete de Dacca. Saradananda tem sofrido muito com febre em Calcutá, que este ano se tornou simplesmente um inferno de demônios. Ele se recuperou e agora está no Math que, graças a Deus, é um dos lugares mais saudáveis da nossa Bengala.

Não sei que conversa houve entre você e minha mãe; Eu não estava presente. Suponho que foi apenas um desejo ardente da parte dela de ver

Margot, nada mais.

Meu conselho para Margot seria amadurecer seus planos na Inglaterra e resolvê-los bastante antes de voltar. Um bom trabalho sólido deve esperar.

Saradananda espera ir a Darjeeling para ver a Sra. Banerji, que está em Calcutá há alguns dias, assim que estiver forte o suficiente.

Ainda não tenho notícias de Joe do Japão. A Sra. Sevier espera partir em breve. Minha mãe, minha tia e minha prima vieram para Dacca há cinco dias, pois havia um grande banho sagrado no rio Brahmaputra. Sempre que ocorre uma determinada conjunção de planetas, o que é muito raro, uma enorme multidão de pessoas se reúne no rio, em um determinado local. Este ano foram mais de cem mil pessoas; por quilômetros o rio ficou coberto de barcos.

O rio, embora tivesse quase um quilômetro e meio de largura naquele local, era uma massa de lama! Mas estava firme o suficiente, então tomamos nosso banho e Pujâ (adoração) e tudo mais.

Estou gostando bastante de Dacca. Vou levar minha mãe e as outras senhoras para Chandranath, um lugar sagrado no extremo leste de Bengala.

Estou bastante bem e espero que você, sua filha e Margot também estejam gozando de excelente saúde.

Com amor eterno,

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

PS. Minha prima e minha mãe mandam lembranças para você e Margot.

PS. Eu não sei a data.

5.1.102 SWARUP

A MATEMÁTICA,
15 de maio de 1901.

MEU QUERIDO SWARUP (ÂNANDA),

Sua carta de Naini Tal é bastante emocionante. Acabei de voltar de minha viagem por Bengala Oriental e Assam. Como sempre, estou bastante cansado e arrasado.

Se alguma coisa realmente boa resultar de uma visita a S. H. de Baroda, estou pronto para vir, caso contrário não quero arcar com as despesas e o esforço da longa viagem. Pense bem e faça perguntas, e escreva-me se ainda acha que seria melhor para a Causa que eu fosse ver H. H. . .

Atenciosamente, com amor e bênçãos,
VIVEKANANDA.

5.1.103 MARIA

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH,
BENGAL, ÍNDIA,
18 de maio de 1901.

MINHA QUERIDA MARY, (Senhorita Mary Hale.)

Às vezes é difícil estar vinculado a um grande nome. E foi exatamente isso que aconteceu com minha carta. Você escreveu em 22 de janeiro de 1901. Você me amarrou com um grande nome, Srta. MacLeod. Conseqüentemente, a carta a tem acompanhado por todo o mundo. Chegou-me ontem do Japão, onde a Srta. MacLeod está atualmente. Bem, esta é,

portanto, a solução do enigma da esfinge. "Não juntarás um grande nome a um pequeno."

Então, Mary, você tem aproveitado Florença e a Itália, e não sei onde você está neste momento. Então, velha e gorda "laidy", deixo esta carta à mercê da Monroe & Co., 7 rue Scribe.

Agora, velha "laidy" – então você tem sonhado em Florença e nos lagos italianos. Bom; seu poeta se opõe ao fato de ele estar vazio.

Bem, irmã devotada, e eu? Eu vim para a Índia no outono passado, sofri durante todo o inverno, e neste verão fiz uma turnê por Bengala Oriental e Assam – através de uma terra de rios e colinas gigantes e malária – e depois de dois meses de trabalho árduo tive um colapso, e agora estou de volta ao Calcutá se recuperando lentamente dos efeitos disso.

O Raja de Khetri morreu devido a uma queda há alguns meses. Então você vê que as coisas estão sombrias comigo agora, e minha própria saúde está péssima. No entanto, tenho certeza de que irei subir em breve e estou aguardando a próxima curva.

Eu gostaria de estar na Europa, apenas para ter uma longa conversa com você e depois voltar o mais rápido possível para a Índia; pois, afinal de contas, sinto-me uma espécie de quietude hoje em dia, e já superei três quartos da minha inquietação.

Meu amor a Harriet Woolley, a Isabel, a Harriet McKindley; e à mãe meu eterno amor e gratidão. Diga à mãe que a gratidão sutil do hindu atravessa gerações.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS. Escreva uma linha quando quiser.

V.

5.1.104 SHASHI

(Traduzido do bengali)

MATEMÁTICA, BELUR,
DIST., HOWRAH,
3 de junho de 1901.

MEU QUERIDO SHASHI, (Swami Ramakrishnanada)

Ao ler sua carta, tive vontade de rir e também de sentir muito. A causa do riso é que você teve um sonho por causa de uma indigestão e ficou infeliz, achando que era real. A causa da minha tristeza é que fica claro que sua saúde não está boa e que seus nervos precisam muito de descanso.

Nunca lancei uma maldição sobre você, e por que deveria fazê-lo agora? Durante toda a sua vida você conheceu meu amor por você e hoje está duvidando disso? É verdade que meu temperamento sempre foi ruim e hoje em dia, devido à doença, ocasionalmente se torna terrível - mas saiba com certeza que meu amor nunca poderá cessar.

Minha saúde hoje em dia está melhorando um pouco. As chuvas começaram em Madras? Quando as chuvas começarem um pouco no Sul, poderei ir para Madras via Bombaim e Poona. Com o início das chuvas o terrível calor do Sul talvez diminua.

Meu grande amor para você e todos os outros. Ontem Sharat voltou de Darjeeling para Math – sua saúde está muito melhor do que antes. Vim aqui depois de uma visita a Bengala Oriental e Assam. Todo trabalho tem seus altos e baixos, seus períodos de intensidade e de relaxamento. Novamente ele se levantará. Que medo?

Seja o que for, eu digo que você pare seu trabalho por algum tempo e volte direto para a matemática. Depois de descansar um mês aqui, você e eu faremos juntos uma grande viagem via Gujarat, Bombaim, Poona, Hyderabad, Mysore até Madras. Isso não seria grandioso? Se você não puder fazer isso, interrompa suas palestras em Madras por um mês. Coma

um pouco de comida boa e durma bem. Dentro de dois ou três meses irei para lá. Em qualquer caso, responda imediatamente sobre o que você decide fazer.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

5.1.105 JOE

A MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH,

14 de junho de 1901.

QUERIDO JOE, (Senhorita Josephine MacLeod.)

Estou tão feliz que você esteja gostando do Japão – especialmente da arte japonesa. Você está perfeitamente correto ao dizer que teremos que aprender muitas coisas com o Japão. A ajuda que o Japão nos dará será com grande simpatia e respeito, enquanto a do Ocidente será antipática e destrutiva. Certamente é muito desejável estabelecer uma ligação entre a Índia e o Japão.

Quanto a mim, fui jogado fora de combate em Assam. O clima da Matemática está me reanimando um pouco. Em Shillong – o sanatório nas colinas de Assam – tive febre, asma, aumento de albumina e meu corpo inchou quase duas vezes em relação ao tamanho normal. Esses sintomas diminuíram, entretanto, assim que cheguei à matemática. Está terrivelmente quente este ano; mas começou um pouco de chuva e espero que em breve tenhamos monções com força total. Não tenho planos neste momento, exceto que a Presidência de Bombaim me quer tanto que penso em ir para lá em breve. Estamos pensando em começar uma turnê por Bombaim dentro de uma semana ou mais.

Os 300 dólares de que você fala enviados por Lady Betty ainda não chegaram até mim, nem tenho qualquer indicação de sua chegada por parte

do General Patterson.

Ele, pobre homem, ficou bastante infeliz depois que sua esposa e filhos partiram para a Europa e me pediram para ir vê-lo, mas infelizmente eu estava tão doente e com tanto medo de ir para a cidade que tive que esperar até que as chuvas passassem. instalado.

Agora, querido Joe, se vou ao Japão, desta vez é necessário que eu leve Saradananda comigo para continuar o trabalho. Também preciso da carta prometida do Sr. Maxim para Li Huang Chang; mas mamãe sabe o resto. Ainda estou indeciso.

Então você foi a Alanquinan para ver o adivinho? Ele te convenceu de seus poderes? O que ele disse? Escreva s'il vous plait específico.

Jules Bois chegou a Lahore, sendo impedido de entrar no Nepal. Fiquei sabendo pelos jornais que ele não aguentou o calor e adoeceu; então ele embarcou e boa viagem. Ele não me escreveu uma única linha desde que nos conhecemos na aula de matemática. Você também está determinado a arrastar a Sra. Bull da Noruega para o Japão - bien, Mademoiselle, vous êtes use puissante magicienne, sans doute. (Bem, senhorita, você é sem dúvida um mágico poderoso.). Bem, Joe, mantenha a saúde e o ânimo; as palavras do homem alanquinano revelam-se verdadeiras na maioria delas; e glorie et honneur esperam por você – e Mukti. A ambição natural da mulher é, através do casamento, subir, apoiando-se num homem; Mas esses dias acabaram. Você será grande sem a ajuda de ninguém, assim como você é, querido Joe - nosso Joe, o eterno Joe. . . .

Já vimos o suficiente desta vida para cuidar de qualquer uma de suas bolhas, não é, Joe? Durante meses venho praticando afastar todos os sentimentos; portanto, paro por aqui e adeus agora mesmo. É ordenado pela Mãe que trabalhemos juntos; já foi para o bem de muitos; será para o bem de muitos mais; que assim seja. É um planejamento inútil, vãos altos inúteis; A mãe encontrará o seu próprio caminho; . . . tenha certeza.

Sempre seu com amor e bênçãos do coração,

VIVEKANANDA.

PS. Agora mesmo chegou um cheque de Rs. 300 do Sr. Okakura e o convite. É muito tentador, mas mamãe sabe mesmo assim.

V.

5.1.106 JOE

A MATEMÁTICA, BELUR,

18 de junho de 1901.

QUERIDO JOE, (Senhorita Josephine MacLeod.)

Anexo ao seu um reconhecimento do dinheiro do Sr. Okakura - é claro que estou a par de todos os seus truques.

No entanto, estou realmente tentando vir, mas você sabe - falta um mês - ainda falta um - e alguns dias de estadia! Não importa, estou tentando o meu melhor. Somente minha saúde terrivelmente debilitada, alguns assuntos jurídicos, etc., etc., podem atrasar um pouco.

Com amor eterno,

VIVEKANANDA.

5.1.107 JOE

A MATEMÁTICA, BELUR,

HOWRAH,

BENGAL, ÍNDIA,

1901

QUERIDO JOE, (Senhorita Josephine MacLeod.)

Não consigo nem imaginar pagar a imensa dívida de gratidão que tenho com você. Onde quer que você esteja, você nunca se esquece do meu bem-estar; e, aí, você é o único que suporta todos os meus fardos, todas as minhas explosões brutais.

Seu amigo japonês tem sido muito gentil, mas minha saúde está tão debilitada que temo não ter muito tempo livre para o Japão. Vou me arrastar pela Presidência de Bombaim, mesmo que seja apenas para dizer: "Como vai você?" a todos os bons amigos.

Então serão consumidos dois meses em idas e vindas, e apenas um mês para ficar; isso não é uma grande chance de trabalho, não é?

Então, por favor, pague o dinheiro que seu amigo japonês enviou pela minha passagem. Devo devolvê-lo quando você vier à Índia em novembro.

Tive um colapso terrível em Assam, do qual estou me recuperando lentamente. O povo de Bombaim esperou e esperou até adoecer – dessa vez preciso vê-los.

Se, apesar de tudo isso, você deseja que eu vá, começarei no minuto em que você escrever.

Recebi uma carta da Sra. Leggett de Londres perguntando se as 300 libras chegaram até mim em segurança. Sim, e eu havia escrito para ela, cerca de uma semana antes, o agradecimento, C/o Monroe & Co., Paris, conforme suas instruções anteriores.

Sua última carta chegou até mim com o envelope rasgado da maneira mais descarada! Os correios da Índia nem tentam abrir minha correspondência de maneira decente.

Sempre seu com amor,

VIVEKANANDA.

A MATEMÁTICA,

5 de julho de 1901.

MINHA QUERIDA MARY, (Senhorita Mary Hale.)

Estou muito grato por sua longa e simpática carta, especialmente porque eu precisava de uma carta assim para me animar um pouco. Minha saúde foi e está muito ruim. Me recupero apenas por alguns dias; então vem o colapso inevitável. Bem, de qualquer maneira, esta é a natureza da doença.

Ultimamente tenho estado em turnê por Bengala Oriental e Assam. Assam é, ao lado de Caxemira, o país mais bonito da Índia, mas muito insalubre. É claro que vale a pena ver o enorme Brahmaputra que entra e sai de montanhas e colinas, repleto de ilhas.

O meu país é, como sabem, a terra das águas. Mas nunca percebi antes o que isso significava. Os rios de Bengala Oriental são oceanos de água doce ondulante, não rios, e são tão longos que os navios a vapor trabalham neles durante semanas. Senhorita MacLeod está no Japão. É claro que ela ficou encantada com o país e me pediu para vir, mas minha saúde não permitiu uma viagem tão longa, desisti. Já vi o Japão antes.

Então você está aproveitando Veneza. O velho deve ser delicioso; só Veneza era o lar do velho Shylock, não era?

Sam está com você este ano - estou muito feliz! Ele deve estar aproveitando as coisas boas da Europa depois da experiência sombria no Norte. Não fiz nenhum amigo interessante ultimamente, e os antigos que você conhecia quase todos faleceram, até mesmo o Raja de Khetri. Ele morreu ao cair de uma torre alta em Secundra, o túmulo do imperador Akbar. Ele estava reparando esta antiga grande peça de arquitetura às suas próprias custas em Agra, e um dia, durante a inspeção, ele perdeu o equilíbrio e foi uma queda abrupta de várias centenas de metros. Assim, às vezes ficamos tristes por causa do nosso zelo pela antiguidade. Tome cuidado, Mary, não seja muito zelosa pelo seu pedaço de antiguidade indiana.

No Selo da Missão, a cobra representa o misticismo; o conhecimento do sol; a atividade das águas trabalhadas; o amor de lótus; o cisne, a alma no meio de tudo.

Com amor para Sam e para a mãe,

Sempre com amor,

VIVEKANANDA.

PS. Minha carta tinha que ser curta; Estou sempre indisposto; é o corpo!

5.1.109 CRISTINA

A MATEMÁTICA, BELUR,

6 de julho de 1901.

QUERIDA CRISTINA,

As coisas chegam até mim aos trancos e barrancos - hoje estou com crise de escrever. A primeira coisa a fazer é, portanto, escrever algumas linhas para você. Sou conhecido por estar nervoso, me preocupo muito; mas parece, querida Christine, que você não está muito atrás nesse truque. Um de nossos poetas diz: “Até as montanhas voarão, o fogo esfriará, mas o coração dos grandes nunca mudará”. Sou pequeno, muito, mas sei que você é grande, e minha fé está sempre em seu verdadeiro coração. Eu me preocupo com tudo, menos com você. Eu dediquei você à Mãe. Ela é seu escudo, seu guia. Nenhum mal pode atingir você – nada o deprime nem por um minuto. Eu sei isso.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

5.1.110 MARIA

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

27 de agosto de 1901.

MINHA QUERIDA MARY, (Senhorita Mary Hale.)

Gostaria que minha saúde fosse o que você esperava – pelo menos para lhe escrever uma longa carta. Está piorando, aliás, a cada dia, e tantas complicações e incômodos sem isso. Deixei de notar isso.

Desejo-lhe toda a alegria em seu adorável chalé suíço – esplêndida saúde, bom apetite e um leve estudo das antiguidades suíças ou de outras antiguidades, apenas para animar um pouco as coisas. Estou tão feliz que você esteja respirando o ar livre das montanhas, mas lamento que Sam não esteja com a melhor saúde. Bem, não há ansiedade quanto a isso, ele tem naturalmente um físico excelente. . . .

"O humor das mulheres e a sorte do homem - os próprios deuses não sabem, o que dizer do homem?" Meus instintos podem ser muito femininos, mas o que estou exercitando neste momento é que você adquire um pouco de masculinidade. Oh! Maria, seu cérebro, saúde, beleza, tudo vai se perder só por falta daquele essencial - afirmação da individualidade. Sua arrogância, espírito, etc. são todos absurdos, apenas zombaria; você é, na melhor das hipóteses, uma garota de internato, sem espinha dorsal! sem espinha dorsal!

Infelizmente! este negócio de liderança vitalício! Isto é muito duro, muito brutal; mas não posso evitar. Eu te amo, Mary, sinceramente, genuinamente; Não posso enganar você com balas de açúcar. Nem eles nunca vêm até mim.

Então, novamente, sou um homem moribundo; Não tenho tempo para brincadeiras. Acorde, garota. Espero agora de vocês cartas na ordem cortante correta; dê tudo certo; Preciso de muita excitação.

Não ouvi nada dos MacVeaghs quando eles estiveram aqui. Não recebi nenhuma mensagem direta da Sra. Bull ou de Nivedita, mas recebo

regularmente notícias da Sra. Sevier, e todos eles estão na Noruega como convidados da Sra. Bull.

Não sei quando Nivedita virá para a Índia ou se algum dia voltará.

De certa forma, sou um homem aposentado; Não presto muita atenção ao que se passa no Movimento; então o Movimento está a crescer e é impossível para um homem saber tudo sobre ele minuciosamente.

Agora não faço nada, exceto tentar comer, dormir e cuidar do meu corpo o resto do tempo. Adeus, querida Maria; espero que nos encontremos novamente em algum lugar desta vida, mas, com ou sem encontro, continuo,

Sempre seu amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

5.1.111 ABENÇOADO E AMADO

A MATEMÁTICA, BELUR,

HOWRAH,

29 de agosto de 1901.

ABENÇOADO E AMADO (Shri M. N. Banerji.)

Estou melhorando, embora ainda esteja muito fraco. . . . A presente perturbação é simplesmente nervosa. De qualquer forma estou melhorando a cada dia.

Estou muito grato à mãe (Santa Mãe - Shri Sarada Devi) por sua gentil proposta, só que todos no Math me disseram que a casa de Nilambar Babu e toda a vila de Belur se tornam muito maláricas este mês e o próximo. Então o aluguel é tão extravagante. Portanto, eu aconselharia minha mãe a alugar uma casinha em Calcutá, se ela decidir vir. Provavelmente posso ir morar lá, pois não é bom para mim pegar malária além da prostração atual. Ainda

não perguntei a opinião de Saradananda ou Brahmananda. Ambos estão em Calcutá. Calcutá está mais saudável nestes dois meses e muito mais barato.

Afinal, deixe-a fazer o que for guiada pelo Senhor. Podemos apenas sugerir e podemos estar totalmente errados.

Se ela escolher a casa de Nilambar para residência, primeiro organize o aluguel, etc. "Mamãe sabe mais. Isso é tudo que eu sei também.

Com todo amor e bênçãos,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

5.1.112 ABENÇOADO E AMADO

A MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH,

7 de setembro de 1901.

ABENÇOADO E AMADO, (Shri M. N. Banerji.)

Tive que consultar Brahmananda e outros, e eles eram todos em Calcutá, daí a demora em responder à sua última pergunta.

A ideia de alugar uma casa por um ano inteiro deve ser pensada com deliberação. Como por um lado existe algum risco de contrair malária em Belur este mês, em Calcutá, por outro lado, existe o perigo de peste. Então, novamente, é certo que evitaremos a febre se tomarmos cuidado para não entrarmos no interior desta aldeia, já que a margem imediata do rio está totalmente livre de febre. A peste ainda não chegou ao rio e todos os lugares disponíveis nesta aldeia estão cheios de Marwaris durante a época da peste.

Então, novamente, você deve mencionar o aluguel máximo que pode pagar e nós buscamos a casa de acordo. O bairro da cidade é outra sugestão.

Quanto a mim, quase me tornei um estrangeiro em Calcutá. Mas outros logo encontrarão uma casa segundo sua mente. Quanto mais cedo você decidir estes dois pontos: (1) Se a mãe fica em Belur ou em Calcutá, (2) Se for em Calcutá, qual o aluguel e o quarto, melhor, pois isso pode ser feito rapidamente após receber sua resposta.

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. Estamos bem aqui. Moti voltou após uma semana de estadia em Calcutá. Está chovendo aqui dia e noite há três dias. Duas de nossas vacas pariram.

V.

5.1.113 JOE

A MATEMÁTICA, BELUR,

HOWRAH,

8 de novembro de 1901.

MEU QUERIDO JOE, (Senhorita Josephine MacLeod.)

A essa altura você já deve ter recebido a carta explicando a palavra redução. Não escrevi a carta nem enviei o telegrama. Eu estava muito doente na época para fazer qualquer uma das duas coisas. Desde a minha viagem a Bengala Oriental, estou quase acamado. Agora estou pior do que nunca, com a desvantagem adicional de ter problemas de visão. Eu não escreveria essas coisas, mas parece que algumas pessoas precisam de detalhes.

Bem, estou tão feliz que você veio com seus amigos japoneses - eles terão toda a atenção ao meu alcance. Provavelmente estarei em Madras. Tenho pensado em deixar Calcutá na próxima semana e seguir gradualmente em direção ao Sul.

Não sei se será possível ver os templos de Orissan na companhia dos seus amigos japoneses. Não sei se terei permissão para entrar em mim mesmo – por ter comido comida “Mlechchha”. Lord Curzon não foi autorizado a entrar.

No entanto, seus amigos são bem-vindos ao que posso fazer sempre. A senhorita Müller está em Calcutá. Claro que ela não nos visitou.

Seu com todo amor,

VIVEKANANDA.

5.1.114 SWARUP

VILLA GOPAL LAL,

ANCANTAMENTO DE BENARES (VARANASI),

9 de fevereiro de 1902.

MEU QUERIDO SWARUP(ÂNANDA),

. . . Em resposta à carta de Châru, diga-lhe para estudar ele mesmo os Brahma-Sutras. O que ele quer dizer com os Brahma-Sutras contendo referências ao Budismo? Ele se refere aos Bhâshyas, é claro, ou melhor, deveria significar, e Shankara foi apenas o último Bhâshyakâra (comentarista). Há referências, embora na literatura budista, ao Vedanta, e a escola Mahayâna do Budismo é até Advaitista. Por que Amara Singha, uma budista, cita como um dos nomes de Buda – Advayavâdi? Charu escreve, a palavra Brahman não ocorre nos Upanishads! Quelle bêtise!

Considero o Mahayana a mais antiga das duas escolas do Budismo.

A teoria de Mâyâ é tão antiga quanto o Rik-Samhitâ. O Shvetâshvatara Upanishad contém a palavra "Maya", que é desenvolvida a partir de Prakriti. Eu considero que o Upanishad é pelo menos mais antigo que o Budismo.

Ultimamente tenho recebido muita luz sobre o Budismo e estou pronto para provar:

(1) Que a adoração de Shiva, em várias formas, antecedeu os budistas, que os budistas tentaram se apoderar dos lugares sagrados dos Shaivas, mas, falhando nisso, criaram novos lugares nos arredores, assim como você encontra agora em Bodh- Gayâ e Sârnâth (Varanasi).

(2) A história no Agni Purâna sobre Gayâsura não se refere de forma alguma a Buda – como o Dr. Rajendralal afirma – mas simplesmente a uma história pré-existente.

(3) O fato de Buda ter ido morar na montanha Gayâshirsha prova a pré-existência do lugar.

(4) Gaya já era um local de adoração aos ancestrais, e a adoração das pegadas que os budistas copiaram dos hindus.

(5) Sobre Varanasi, até mesmo os registros mais antigos comprovam que é o grande local de adoração de Shiva; etc etc.

Muitos são os fatos novos que reuni em Bodh-Gaya e na literatura budista. Diga a Charu para ler por si mesmo e não se deixar influenciar por opiniões tolas.

Estou bastante bem aqui, em Varanasi, e se continuar melhorando dessa forma, será um grande ganho.

Uma revolução total ocorreu em minha mente sobre a relação entre o Budismo e o Neo-Hinduísmo. Posso não viver para resolver os vislumbres, mas deixarei as linhas de trabalho indicadas, e você e seus irmãos terão que resolver isso.

Atenciosamente, com todas as bênçãos e amor,

VIVEKANANDA.

5.1.115 MÃE

VILLA GOPAL LAL,
ANCANTAMENTO DE BENARES (VARANASI),

10 de fevereiro de 1902.

Bem-vindas à Índia mais uma vez, querida mãe (Sra. Ole Bull) e filha. Uma cópia de um diário de Madras que recebi através da gentileza de Joe me encantou extremamente, pois a recepção que Nivedita teve em Madras foi para o bem tanto de Nivedita quanto de Madras. Seu discurso foi realmente lindo.

Espero que você esteja descansando bem depois de sua longa jornada, e Nivedita também. Desejo tanto que você vá por algumas horas a algumas aldeias a oeste de Calcutá para ver as antigas estruturas bengalis feitas de madeira, bambu, cana, mica e grama.

Estes são os bangalôs, mais artísticos. Infelizmente! o nome é travestido hoje em dia por todos os chiqueiros que se apropriam do nome.

Antigamente, um homem que construía um palácio ainda construía um bangalô para receber convidados. A arte está morrendo. Eu gostaria de poder construir toda a Escola de Nivedita nesse estilo. No entanto, é bom ver os poucos que ainda restaram, pelo menos um.

Brahmananda providenciará isso e você só terá que fazer uma viagem de algumas horas.

Sr. Okakura iniciou sua curta turnê. Ele pretende visitar Agra, Gwalior, Ajanta, Ellora, Chittore, Udaipur, Jaipur e Delhi.

Um jovem rico, muito instruído, de Varanasi, com cujo pai tínhamos uma amizade de longa data, voltou ontem a esta cidade. Ele está especialmente interessado em arte e gasta propositalmente muito dinheiro em suas tentativas de reviver as artes indianas moribundas. Ele veio me ver apenas algumas horas depois da partida do Sr. Okakura. Ele é o homem certo para

lhe mostrar a Índia artística (ou seja, o pouco que resta), e tenho certeza de que ele será muito beneficiado pelas sugestões de Okakura. Okakura acabou de encontrar aqui um recipiente comum de terracota usado pelos servos. A forma e o relevo simplesmente o encantaram, mas como é uma faiança comum e não suportaria a viagem, deixou-me um pedido para que fosse reproduzida em latão. Eu estava perdendo o juízo sobre o que fazer. Meu jovem amigo chega algumas horas depois e não apenas se compromete a fazê-lo, mas também se oferece para mostrar algumas centenas de desenhos em relevo em terracota infinitamente superiores aos que Okakura imaginava.

Ele também se oferece para nos mostrar pinturas antigas naquele maravilhoso estilo antigo. Resta apenas uma família em Varanasi que ainda consegue pintar no estilo antigo. Um deles pintou toda uma cena de caça em uma ervilha, perfeita em detalhes e ação!

Espero que Okakura venha a esta cidade em seu retorno e seja o convidado deste senhor e veja um pouco do que resta.

Niranjan foi com o Sr. Okakura e, como ele é japonês, eles não se opõem à sua entrada em nenhum templo. Parece que os tibetanos e outros budistas do Norte têm vindo aqui para adorar Shiva o tempo todo.

Eles permitiram que ele tocasse o sinal de Shiva e adorasse. A senhora Annie Besant tentou uma vez, mas, pobre mulher, embora tenha descoberto os pés, colocado um sári e se humilhado até o pó diante dos sacerdotes, não foi admitida nem mesmo no complexo do templo. Os budistas não são considerados não-hindus em nenhum dos nossos grandes templos. Meus planos não estão resolvidos; Posso mudar deste lugar muito em breve.

Shivananda e os meninos enviam a vocês todas as boas-vindas, cumprimentos e amor.

Sou, como sempre, seu filho mais carinhoso.

VIVEKANANDA.

5.1.116 IRMÃ NIVEDITA

BENARES (VARANASI),

12 de fevereiro de 1902.

Que todos os poderes cheguem até você! (Irmã Nivedita) Que a própria Mãe seja suas mãos e mente! É um poder imenso – irresistível – que rezo por você e, se possível, junto com ele uma paz infinita. . . .

Se houvesse alguma verdade em Shri Ramakrishna, que Ele possa levá-lo em Sua liderança, assim como Ele fez comigo, não, mil vezes mais!

VIVEKANANDA.

5.1.117 Rakhal

(Traduzido do bengali)

VILLA GOPAL LAL,

ANCANTAMENTO DE BENARES (VARANASI),

12 de fevereiro de 1902.

MEU QUERIDO RAKHAL, (Swami Brahmananda.)

Fiquei feliz em receber todas as notícias detalhadas de sua carta. Em relação à Escola de Nivedita, escrevi-lhe o que tenho a dizer. Minha opinião é que ela deve fazer o que considera melhor.

Também não pergunte minha opinião sobre qualquer outro assunto. Isso me faz perder a paciência. Apenas faça esse trabalho para mim – isso é tudo. Envie dinheiro, pois no momento restam apenas algumas rúpias.

Kanai (Nirbhayananda) vive de Mâdhukari (comida cozida obtida mendigando em várias casas), faz seu Japa no ghat de banho e vem dormir

aqui à noite; Nyedâ faz um trabalho de pobre e vem dormir aqui à noite. "Tio" [46] e Niranjan foram para Agra. Posso receber a carta deles hoje.

Continue fazendo seu trabalho conforme o Senhor orienta. Por que se preocupar com a opinião deste homem e daquele? Meu amor a todos.

Atenciosamente.

VIVEKANANDA.

5.1.118 Rakhal

(Traduzido do bengali)

VILLA GOPAL LAL,

ANCANTAMENTO DE BENARES (VARANASI),

18 de fevereiro de 1902.

MEU QUERIDO RAKHAL, (Swami Brahmananda.)

A essa altura você já deve ter recebido minha carta de ontem contendo um reconhecimento do dinheiro. O objetivo principal desta carta é escrever sobre ——. Você deveria ir encontrá-lo assim que receber esta carta. . . . Procure um médico competente e faça o diagnóstico adequado da doença. Agora, onde está Vishnu Mohini, a filha mais velha de Ram Babu (Ram Chandra Datta, um discípulo de Shri Ramakrishna)? Ela ficou viúva recentemente. . . .

A ansiedade é pior que a doença. Dê um pouco de dinheiro – o que for necessário. Se neste mundo infernal alguém pode trazer um pouco de alegria e paz, mesmo que por um dia, ao coração de uma única pessoa, só isso é verdade; isso eu aprendi depois de sofrer toda a minha vida; tudo o mais é mero luar. . . .

Responda muito em breve. "Tio" (o Sr. Okakura era carinhosamente chamado. "Kura" aproximando-se de "Khurhâ" em bengali, que significa

tio; Swamiji, por diversão, o chama de tio.) e Niranjan escreveram uma carta de Gwalior. . . Aqui agora está esquentando gradualmente. Este lugar era mais legal que Bodh-Gaya. . . . Fiquei muito satisfeito ao saber que o Saraswati-Puja foi celebrado por Nivedita com grande sucesso. Se ela quiser abrir a escola logo, deixe-a fazê-lo. Leituras dos livros sagrados, adoração, estudo – vejam se tudo isso está sendo mantido. Meu amor a todos.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

5.1.119 Rakhal

(Traduzido do bengali)

VILLA GOPAL LAL,
ANCANTAMENTO DE BENARES (VARANASI),
21 de fevereiro de 1902.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Recebi uma carta sua agora há pouco. Se a mãe e a avó desejarem vir, mande-as vir. É melhor sair de Calcutá agora, quando a estação da peste está chegando. Há uma praga generalizada em Allahabad; Não sei se desta vez se espalhará para Varanasi. . . . Diga à Sra. Bull por mim que uma viagem a Ellora e outros lugares envolve uma jornada difícil, e agora está muito quente. Seu corpo está tão cansado que não é apropriado fazer um passeio no momento. Já se passaram vários dias desde que recebi uma carta do "Tio" (o Sr. Okakura era carinhosamente chamado. "Kura" aproximando-se de "Khurhâ" em bengali, que significa tio; Swamiji, por diversão, o chama de tio). A última notícia foi que ele tinha ido para Ajanta. Mahant também não respondeu, talvez o faça com a resposta à carta de Raja Pyari Mohan. . . .

Escreva-me detalhadamente sobre o assunto do Ministro do Nepal. Dê meu amor e bênçãos especiais à Sra. Bull, à Srta. MacLeod e a todos os outros. Meu amor e saudações a você, Baburam (Swami Premananda) e a todos os outros. Gopal Dada (Swami Advaitananda) recebeu a carta? Por favor, cuide um pouco da cabra.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

PS. Todos os meninos aqui lhe enviam saudações respeitosas.

5.1.120 Rakhal

(Traduzido do bengali)

VILLA GOPAL LAL,
ANCANTAMENTO DE BENARES (VARANASI),
24 de fevereiro de 1902.

Esta manhã recebi um pequeno pacote americano enviado por você. (Swami Brahmananda) Não recebi nenhuma carta, nem a registrada a que você se refere, nem qualquer outra. Se o cavalheiro nepalês veio e o que aconteceu – não consegui saber absolutamente nada sobre isso. Escrever uma simples carta dá tanto trabalho e tanta demora! . . . Agora ficarei aliviado se conseguir as contas. Isso também eu entendo quem sabe depois de quantos meses! . . .

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

5.1.121 JOE

A MATEMÁTICA,

21 de abril de 1902.

QUERIDO JOE, (Senhorita Josephine MacLeod.)

Parece que o plano de ir para o Japão parece ter dado em nada. A Sra. Bull se foi, você vai. Não estou suficientemente familiarizado com os japoneses.

Sadananda acompanhou os japoneses ao Nepal junto com Kanai. Christine não poderia começar mais cedo, pois Margot não poderia ir até o final deste mês.

Estou me recuperando esplendidamente, dizem, mas ainda assim estou muito fraco e sem água para beber. De qualquer forma a análise química mostra uma grande melhoria. O inchaço nos pés e as queixas desapareceram.

Dê meu infinito amor a Lady Betty e ao Sr. Leggett, a Alberta e Holly - o bebê tem minhas bênçãos desde antes do nascimento e terá para sempre.

Você gostou de Mayavati? Escreva-me uma linha sobre isso.

Com amor eterno,

VIVEKANANDA.

5.1.122 JOE

A MATEMÁTICA,

BELUR, HOWRAH,

15 de maio de 1902.

QUERIDO JOE, (Senhorita Josephine MacLeod.)

Envio-lhe a carta para Madame Calvé.

...

Estou um pouco melhor, mas claro que longe do que esperava. Uma grande ideia de silêncio me ocorreu. Vou me aposentar para sempre – não há mais trabalho para mim. Se possível, voltarei aos meus velhos tempos de mendicância.

Todas as bênçãos estão com você, Joe; você tem sido um bom anjo para mim.

Com amor eterno,

VIVEKANANDA.

5.1.123 OLHOS

A MATEMÁTICA,

14 de junho de 1902.

CARO DHIR MÂTÂ, (Sra. Ole Bull.)

. . . Na minha opinião, uma raça deve primeiro cultivar um grande respeito pela maternidade, através da santificação e inviolabilidade do casamento, antes de poder atingir o ideal de castidade perfeita. Os católicos romanos e os hindus, que consideram o casamento sagrado e inviolável, produziram grandes homens e mulheres castos, de imenso poder. Para o árabe, o casamento é um contrato ou uma posse forçada, a ser dissolvido à vontade, e não encontramos aí o desenvolvimento da ideia da virgem ou do Brahmachârin. O Budismo moderno – tendo caído entre raças que ainda não tinham atingido a evolução do casamento – fez uma paródia do monaquismo. Portanto, até que seja desenvolvido no Japão um grande e sagrado ideal sobre o casamento (além da atração e do amor mútuos), não vejo como pode haver grandes monges e freiras. Assim como você percebeu que a glória da vida é a castidade, meus olhos também se abriram para a necessidade desta grande santificação para a grande maioria, a fim de que alguns poderes castos para toda a vida possam ser produzidos. . . .

Queria escrever muitas coisas, mas a carne é fraca. . . "Todo aquele que me adora, por qualquer desejo, eu o encontro com isso." . . .

VIVEKANANDA

5.2 ENTREVISTAS

5.2.1 MILAGRES

(O comercial de Memphis, 15 de janeiro de 1894)

Questionado pelo repórter sobre suas impressões sobre a América, ele disse:

“Tenho uma boa impressão deste país, especialmente das mulheres americanas. Comentei especialmente sobre a ausência de pobreza na América.”

A conversa depois voltou-se para o tema das religiões. Swami Vive Kananda expressou a opinião de que o Parlamento Mundial das Religiões foi benéfico, pois fez muito para ampliar as ideias.

“Qual”, perguntou o repórter, “é a visão geralmente aceita por aqueles de sua fé quanto ao destino após a morte de alguém que professa a religião cristã?”

"Acreditamos que se ele for um homem bom, será salvo. Mesmo um ateu, se for um homem bom, acreditamos que deve ser salvo. Essa é a nossa religião. Acreditamos que todas as religiões são boas, apenas aqueles que as defendem devem não brigar."

Swami Vive Kananda foi questionado sobre a veracidade das maravilhosas histórias de realização de feitos maravilhosos de conjuração, levitação, animação suspensa e similares na Índia. Vive Kananda disse:

“Não acreditamos em milagres, mas sim que coisas aparentemente estranhas podem ser realizadas sob a operação de leis naturais. Há uma vasta literatura na Índia sobre esses assuntos, e as pessoas de lá fizeram um estudo sobre essas coisas.

“A leitura de pensamentos e a previsão de eventos são praticadas com sucesso pelos Hathayogis.

"Quanto à levitação, nunca vi ninguém superar a gravitação e subir no ar pela vontade, mas vi muitos que tentavam fazê-lo. Eles lêem livros publicados sobre o assunto e passam anos tentando realizar a façanha. Alguns muitos deles, em seus esforços, quase morrem de fome e ficam tão magros que, se alguém pressionar o dedo sobre o estômago, poderá realmente sentir a coluna vertebral.

"Alguns desses Hathayogis vivem até uma idade avançada."

O assunto da animação suspensa foi abordado e o monge hindu disse ao repórter Comercial que ele próprio conhecera um homem que entrou numa caverna selada, que foi então fechada com um alçapão, e lá permaneceu muitos anos sem comida. Houve um grande interesse entre aqueles que ouviram esta afirmação. Vive Kananda não teve a menor dúvida da genuinidade deste caso. Ele diz que no caso da animação suspensa o crescimento fica temporariamente parado. Ele diz que o caso do homem na Índia que foi enterrado com uma colheita de cevada levantada sobre o seu túmulo e que foi finalmente retirado ainda vivo é perfeitamente autenticado. Ele acha que os estudos que permitiram às pessoas realizar essa façanha foram sugeridos pelos animais em hibernação.

Vive Kananda disse que nunca tinha visto a façanha que alguns escritores afirmam ter sido realizada na Índia, de lançar uma corda para o alto e o lançador subir na corda e desaparecer de vista nas alturas distantes.

Uma senhora presente quando o repórter entrevistava o monge disse que alguém lhe perguntou se ele, Vive Kananda, conseguia realizar truques maravilhosos e se tinha sido enterrado vivo como parte da sua instalação na Irmandade. A resposta a ambas as perguntas foi positiva e negativa. "O que essas coisas têm a ver com religião?" ele perguntou. "Eles tornam o homem

mais puro? O Satanás da sua Bíblia é poderoso, mas difere de Deus por não ser puro."

Falando da seita de Hathayoga, Vive Kananda disse que havia uma coisa, coincidente ou não, ligada à iniciação de seus discípulos, que sugeria a única passagem na vida de Cristo. Eles fazem seus discípulos viverem sozinhos por apenas quarenta dias.

5.2.2 UM IOGUE INDIANO EM LONDRES

(The Westminster Gazette, 23 de outubro de 1895)

A filosofia indiana tem exercido nos últimos anos um fascínio profundo e crescente para muitas mentes, embora até ao momento os seus expoentes neste país tenham sido inteiramente ocidentais no seu pensamento e formação, com o resultado de que muito pouco se sabe realmente sobre os mistérios mais profundos da sabedoria Vedanta, e isso apenas por um grupo seletivo. Poucos têm a coragem ou a intuição de procurar em traduções pesadas, feitas em grande medida no interesse dos filólogos, aquele conhecimento sublime que realmente revelam a um hábil expoente educado em todas as tradições do Oriente.

Foi, portanto, com interesse e não sem alguma curiosidade, escreve um correspondente, que comecei a entrevistar um expoente inteiramente novo para o povo ocidental, na pessoa do Swami Vivekananda, um verdadeiro iogue indiano, que corajosamente se comprometeu a visitar o mundo ocidental para expor o ensinamento tradicional que foi transmitido por ascetas e Yogis através de muitas eras e que, em busca deste objetivo, proferiu uma palestra ontem à noite no Salão dos Príncipes.

O Swami Vivekananda é uma figura marcante com seu turbante (ou boné de pano preto em forma de mitra) e suas feições calmas, mas gentis.

Quando perguntei sobre o significado, se houvesse algum, de seu nome, o Swami disse: "Do nome pelo qual sou agora conhecido (Swami Vivekananda), a primeira palavra descreve um Sannyâsin, ou alguém que renuncia formalmente ao mundo. , e o segundo é o título que assumi - como

é habitual com todos os Sannyasins - na minha renúncia ao mundo, significa, literalmente, 'a bem-aventurança da discriminação'."

"E o que o induziu a abandonar o curso normal do mundo, Swami?"
Perguntei.

"Desde a minha infância tive um profundo interesse pela religião e pela filosofia", respondeu ele, "e os nossos livros ensinam a renúncia como o ideal mais elevado a que o homem pode aspirar. me a determinação final de seguir o caminho que ele mesmo trilhou, pois nele encontrei meu ideal mais elevado realizado."

"Então ele fundou uma seita que você representa agora?"

"Não", respondeu o Swami rapidamente. "Não, toda a sua vida foi gasta quebrando as barreiras do sectarismo e do dogma. Ele não formou nenhuma seita. Muito pelo contrário. Ele defendeu e se esforçou para estabelecer a liberdade absoluta de pensamento. Ele foi um grande Iogue."

"Então você não está ligado a nenhuma sociedade ou seita neste país? Nem Teosófica, nem Cientista Cristão, nem qualquer outra?"

"Nada!" disse o Swami em tom claro e impressionante. (Seu rosto se ilumina como o de uma criança, é tão simples, direto e honesto.) "Meu ensino é minha própria interpretação de nossos livros antigos, na luz que meu Mestre derramou sobre eles. Não reivindico nenhuma autoridade sobrenatural. Seja qual for em meus ensinamentos possa apelar para a inteligência mais elevada e ser aceito pelos homens pensantes, a adoção disso será minha recompensa." "Todas as religiões", continuou ele, "têm por objeto o ensino da devoção, do conhecimento ou do Yoga, de forma concreta. Ora, a filosofia do Vedanta é a ciência abstrata que abrange todos esses métodos, e é isso que Ensino, deixando que cada um o aplique à sua forma concreta. Remeto cada indivíduo às suas próprias experiências, e quando se faz referência aos livros, estes são acessíveis e podem ser estudados por cada um por si mesmo. Não ensino nenhuma autoridade procedente de seres ocultos que falem através de agentes visíveis, assim como não afirmo aprender com livros ou manuscritos ocultos. Não sou o

expoente de nenhuma sociedade oculta, nem acredito que o bem possa advir de tais corpos. própria autoridade, e a verdade pode trazer a luz do dia."

"Então você não propõe formar nenhuma sociedade, Swami?" Eu sugeri.

"Nenhum; nenhuma sociedade. Eu ensino apenas o Eu escondido no coração de cada indivíduo e comum a todos. Um punhado de homens fortes conhecendo esse Eu e vivendo em Sua luz revolucionaria o mundo, ainda hoje, como tem sido o caso por homens fortes e solteiros antes de cada um em seu dia."

"Você acabou de chegar da Índia?" Eu perguntei – pois o Swami sugere sóis orientais.

"Não", respondeu ele, "eu representei a religião hindu no Parlamento das Religiões, realizado em Chicago em 1893. Desde então tenho viajado e dado palestras nos Estados Unidos. O povo americano provou ser um público muito interessado e amigos solidários, e meu trabalho lá se enraizou tanto que devo retornar em breve àquele país."

"E qual é a sua atitude em relação às religiões ocidentais, Swami?"

"Proponho uma filosofia que possa servir de base para todos os sistemas religiosos possíveis no mundo, e a minha atitude para com todos eles é de extrema simpatia - o meu ensinamento não é antagônico a nenhum. Dirijo a minha atenção para o indivíduo, para fazer com que fortalecê-lo, para ensiná-lo que ele próprio é divino, e apelo aos homens para que se tornem conscientes desta divindade interior. Esse é realmente o ideal - consciente ou inconsciente - de toda religião.

"E que formato assumirão suas atividades neste país?"

"Minha esperança é imbuir os indivíduos com os ensinamentos aos quais me referi e encorajá-los a expressá-los aos outros à sua própria maneira; deixá-los modificá-los como quiserem; eu não os ensino como dogmas; a verdade deve ser longamente inevitavelmente prevalecerá.

“A verdadeira maquinaria através da qual trabalho está nas mãos de um ou dois amigos. No dia 22 de outubro, eles combinaram que eu fizesse um discurso para um público britânico no Princes' Hall, Piccadilly, das 20h30. sendo anunciado. O assunto estará na chave da minha filosofia - 'Autoconhecimento' Depois estou preparado para seguir qualquer curso que abrir - para participar de reuniões em salas de estar ou em outros lugares, para responder cartas, ou discutir pessoalmente. Numa era mercenária, posso aventurar-me a observar que nenhuma das minhas atividades é empreendida por uma recompensa pecuniária.”

Despedi-me então de um dos homens mais originais que tive a honra de conhecer.

5.2.3 MISSÃO DA ÍNDIA

(Sunday Times, Londres, 1896)

Os ingleses estão bem familiarizados com o facto de enviarem missionários às “filas de coral” da Índia. Na verdade, eles obedecem tão completamente à ordem: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho”, que nenhuma das principais seitas britânicas está atrasada na obediência ao chamado para difundir os ensinamentos de Cristo. As pessoas não sabem muito bem que a Índia também envia missionários para a Inglaterra.

Por acidente, se o termo permitir, encontrei o Swami Vivekananda em sua residência temporária em 63 St. George's Road, S. W., e como ele não se opôs a discutir a natureza de seu trabalho e visita à Inglaterra, procurei-o lá e começamos nossa conversa com uma expressão de surpresa por ele concordar com meu pedido.

“Acostumei-me bastante com o entrevistador na América. Como não é moda no meu país, não há razão para que eu não deva utilizar meios existentes em qualquer país que visito, para divulgar o que desejo que seja conhecido! representante da religião hindu no Parlamento Mundial das Religiões em Chicago em 1893. O Raja de Mysore e alguns outros amigos me enviaram para lá. Acho que posso afirmar ter tido algum sucesso na América. Recebi muitos convites para outros grandes americanos. cidades

além de Chicago; minha visita foi muito longa, pois, com exceção de uma visita à Inglaterra no verão passado, repetida como você pode ver este ano, permaneci cerca de três anos na América, na minha opinião. Acho que a mente americana é peculiarmente suscetível a novas ideias; nada é rejeitado porque é novo. Ela é examinada por seus próprios méritos, e permanece ou cai apenas por eles.

"Enquanto na Inglaterra... você quer insinuar alguma coisa?"

"Sim, na Inglaterra, a civilização é mais antiga, acumulou muitos acréscimos à medida que os séculos passaram. Em particular, você tem muitos preconceitos que precisam ser quebrados, e quem quer que lide com você em ideias deve colocar isso em sua conta. "

"É o que dizem. Presumo que você não fundou nada parecido com uma igreja ou uma nova religião na América."

"Isso é verdade. É contrário aos nossos princípios multiplicar organizações, uma vez que, em plena consciência, há um número suficiente delas. E quando as organizações são criadas, elas precisam de indivíduos para cuidar delas. Agora, aqueles que fizeram Sannyasa - isto é , renúncia a toda posição, propriedade e nome mundano - cujo objetivo é buscar conhecimento espiritual, não pode empreender este trabalho, que está, além disso, em outras mãos."

“O seu ensino é um sistema de religião comparada?”

"Poderia transmitir uma ideia mais definida chamá-la de núcleo de todas as formas de religião, retirando-lhes o que não é essencial e enfatizando aquilo que é a base real. Sou um discípulo de Ramakrishna Paramahansa, um Sannyasin perfeito cujo influência e ideias sob as quais cá. Este grande Sannyasin nunca assumiu uma atitude negativa ou crítica em relação a outras religiões, mas mostrou o seu lado positivo - como elas poderiam ser levadas para a vida e praticadas. Lutar, assumir a atitude antagônica, é exactamente o contrário. de seus ensinamentos, que se concentra na verdade de que o mundo é movido pelo amor. Você sabe que a religião hindu nunca persegue. É a terra onde todas as seitas podem viver em paz e amizade. mas até a sua chegada a paz prevaleceu. Assim, os jainistas, que não acreditam

em um Deus e que consideram tal crença uma ilusão, foram tolerados e ainda estão lá hoje. A Índia dá o exemplo de verdadeira força, isto é, mansidão. Corra, arranque, lute, todas essas coisas são fraquezas."

"Parece muito com a doutrina de Tolstoi; pode servir para os indivíduos, embora pessoalmente eu duvide. Mas como isso responderá às nações?"

"Admirável para eles também. Era o Karma da Índia, o seu destino, ser conquistado e, por sua vez, conquistar o seu conquistador. Ela já o fez com os seus vencedores muçulmanos: os muçulmanos instruídos são sufis, dificilmente distinguidos dos hindus. O pensamento hindu permeou a sua civilização; eles assumiram a posição de aprendizes. O grande Akbar, o imperador mongol, era praticamente um hindu. E a Inglaterra será conquistada por sua vez. Hoje ela tem a espada. mundo das ideias. Você sabe o que Schopenhauer disse sobre o pensamento indiano. Ele predisse que sua influência seria tão importante na Europa, quando se tornasse conhecida, quanto o renascimento da cultura grega e latina após a Idade das Trevas.

"Desculpe-me dizer que não parecem muitos sinais; disso agora."

"Talvez não", disse o Swami gravemente. "Ouso dizer que muitas pessoas não viram sinais do antigo Renascimento e não sabiam que ele existia, mesmo depois de ter surgido. Mas há um grande movimento, que pode ser discernido por aqueles que conhecem os sinais dos tempos. A pesquisa oriental tem feito grandes progressos nos últimos anos. Atualmente está nas mãos de estudiosos, e parece seca e pesada no trabalho que realizaram.

"E a Índia será a grande conquistadora do futuro? No entanto, ela não envia muitos missionários para pregar as suas ideias. Presumo que ela esperará até que o mundo se ponha de pé?"

"A Índia já foi uma grande potência missionária. Centenas de anos antes de a Inglaterra ser convertida ao cristianismo, Buda enviou missionários para converter o mundo da Ásia à sua doutrina. O mundo do pensamento está sendo convertido. Ainda estamos apenas no começo. O número daqueles que se recusam a adoptar qualquer forma especial de religião está a aumentar enormemente, e este movimento ocorre entre as classes instruídas.

Num recente censo americano, um grande número de pessoas recusou-se a classificar-se como pertencentes a qualquer forma de religião. Todas as religiões são expressões diferentes da mesma verdade; todas marcham ou morrem. São os raios da mesma verdade, a expressão que a variedade de mentes exige.

"Agora estamos chegando perto disso. Qual é a verdade central?"

"O Divino interior; cada ser, por mais degradado que seja, é a expressão do Divino. A Divindade fica coberta, escondida da vista. Lembro-me de um incidente do Motim Indiano. Um Swami, que durante anos cumpriu um voto de eternidade silêncio, foi esfaqueado por um muçulmano. Eles arrastaram o assassino até sua vítima e gritaram: 'Fale a palavra, Swami, e ele morrerá.' Depois de muitos anos de silêncio, ele o quebrou para dizer com seu último suspiro: 'Meus filhos, todos vocês estão enganados. Esse homem é o próprio Deus.' A grande lição é que a unidade está por trás de tudo. Chame-a de Deus, Amor, Espírito, Alá, Jeová – é a mesma unidade que anima toda a vida, desde o animal mais inferior até o homem mais nobre. perfurado por muitos buracos diferentes, cada um deles é uma alma, um homem, emancipado de acordo com seu grau de inteligência, tentando romper o gelo."

"Acho que vejo uma diferença entre a sabedoria do Oriente e a do Ocidente. Você visa produzir indivíduos muito perfeitos por meio de Sannyasa, concentração e assim por diante. Agora, o ideal do Ocidente parece ser o aperfeiçoamento do estado social ; e assim trabalhamos nas questões políticas e sociais, pois pensamos que a permanência da nossa civilização depende do bem-estar do povo."

“Mas a base de todos os sistemas, sociais ou políticos”, disse o Swami com grande seriedade, “repousa na bondade dos homens. Nenhuma nação é grande ou boa porque o Parlamento promulga isto ou aquilo, mas porque os seus homens são grandes e bons. Visitei a China, que tinha a organização mais admirável de todas as nações. No entanto, hoje a China é como uma multidão desorganizada, porque os seus homens não são iguais ao sistema inventado nos tempos antigos. certo, está tudo bem."

"Parece um pouco vago e distante da vida prática, que o Divino está dentro de tudo, mas não está coberto. Não se pode estar procurando por isso o tempo todo."

"As pessoas muitas vezes trabalham para os mesmos fins, mas não conseguem reconhecer o fato. É preciso admitir que a lei, o governo e a política são fases que não são finais de forma alguma. Há um objetivo além deles, onde a lei não é necessária. E, a propósito, o A própria palavra Sannyasin significa o fora da lei divino, pode-se dizer, o niilista divino, mas esse mal-entendido persegue aqueles que usam tal palavra. Todos os grandes Mestres ensinam a mesma coisa. Cristo viu que a base não é a lei, que a moralidade e a pureza são as únicas. Quanto à sua afirmação de que o Oriente visa o autodesenvolvimento superior e o Ocidente o aperfeiçoamento do estado social, você não esquece, é claro, que existe um Eu aparente e um Eu real.

"A inferência, claro, é que trabalhamos pelo aparente e você pelo real?"

"A mente passa por vários estágios para atingir seu desenvolvimento mais completo. Primeiro, ela se apodera do concreto e só gradualmente lida com abstrações. Veja também como a ideia de fraternidade universal é alcançada. Primeiro, ela é compreendida como fraternidade dentro de um seita - difícil, estreita e exclusiva. Passo a passo alcançamos amplas generalizações e o mundo das ideias abstratas."

"Então você acha que essas seitas, das quais nós, ingleses, gostamos tanto, irão desaparecer. Você sabe o que o francês disse, 'Inglaterra, a terra de mil seitas e apenas um molho'."

"Tenho certeza de que eles estão fadados a desaparecer. Sua existência é baseada em coisas não essenciais; a parte essencial deles permanecerá e será construída em outro edifício. Você conhece o velho ditado que diz que é bom nascer em uma igreja, mas não para morrer nele."

"Talvez você possa dizer como está progredindo seu trabalho na Inglaterra?"

"Lentamente, pelas razões que já mencionei. Quando se trata de raízes e alicerces, todo progresso real deve ser lento. É claro que não preciso dizer que essas ideias estão fadadas a se espalhar por um meio ou outro, e para muitos dos parece ter chegado o momento certo para a sua disseminação."

Depois ouvi uma explicação sobre como o trabalho é realizado. Como muitas doutrinas antigas, esta nova é oferecida sem dinheiro e sem preço, dependendo inteiramente dos esforços voluntários daqueles que a abraçam.

O Swami é uma figura pitoresca em sua vestimenta oriental. Sua maneira simples e cordial, saboreando tudo menos a ideia popular de ascetismo, um domínio incomum do inglês e grande poder de conversação acrescentam muito a uma personalidade interessante. . . . Seu voto de Sannyasa implica renúncia à posição, propriedade e nome, bem como a busca persistente por conhecimento espiritual.

5.2.4 ÍNDIA E INGLATERRA

(Índia, Londres, 1896)

Durante a temporada de Londres, Swami Vivekananda tem ensinado e palestrado para um número considerável de pessoas que foram atraídas por sua doutrina e filosofia. A maioria dos ingleses imagina que a Inglaterra detém o monopólio prático do empreendimento missionário, quase ininterrupto, exceto por um pequeno esforço por parte da França. Portanto, procurei o Swami em seu lar temporário em South Belgravia para perguntar que mensagem a Índia poderia enviar à Inglaterra, além dos protestos que ela muitas vezes teve de fazer sobre o assunto de encargos internos, funções judiciais e executivas combinadas em uma pessoa, a liquidação de despesas relacionadas com expedições sudanesas e outras.

“Não é novidade”, disse o Swami serenamente, “que a Índia enviasse missionários. Ela costumava fazê-lo sob o imperador Asoka, nos dias em que a fé budista era jovem, quando ela tinha algo a ensinar à nação vizinha.
.”

"Bem, alguém poderia perguntar por que ela parou de fazer isso e por que agora começou de novo?"

"Ela cessou porque se tornou egoísta, esqueceu o princípio de que nações e indivíduos subsistem e prosperam por meio de um sistema de dar e receber. Sua missão para o mundo sempre foi a mesma. É espiritual, o reino do pensamento introspectivo tem sido dela através de todos os tempos; a ciência abstrata, a metafísica, a lógica são o seu domínio especial. Na realidade, a minha missão na Inglaterra é um resultado da missão da Inglaterra na Índia. a vantagem dela e a nossa. Ao tentar resumir a contribuição da Índia para o mundo, lembro-me de uma expressão sânscrita e inglesa. Quando você diz que um homem morre, sua frase é: 'Ele desistiu do fantasma', enquanto dizemos: 'Ele desistiu do corpo'. Da mesma forma, você mais do que insinua que o corpo é a parte principal do homem ao dizer que possui uma alma, enquanto dizemos que um homem é uma alma e possui um corpo. Estas são apenas pequenas ondulações no corpo. superfície, mas mostram a corrente do seu pensamento nacional. Gostaria de lembrar-lhe como Schopenhauer previu que a influência da filosofia indiana sobre a Europa seria tão importante quando se tornasse conhecida como o foi o renascimento da aprendizagem do grego e do latim no final. da Idade das Trevas. A investigação oriental está a fazer grandes progressos; um novo mundo de ideias está se abrindo para quem busca a verdade."

"E a Índia finalmente conquistará seus conquistadores?"

"Sim, no mundo das ideias. A Inglaterra tem a espada, o mundo material, tal como os nossos conquistadores muçulmanos tinham antes dela. No entanto, Akbar, o Grande, tornou-se praticamente um hindu; os maometanos instruídos, os sufis, dificilmente se distinguem dos hindus; eles não comem carne bovina e, de outras maneiras, se adaptam aos nossos costumes. O pensamento deles foi permeado pelo nosso."

"Então, esse é o destino que você prevê para o nobre sahib? Neste exato momento ele parece estar muito longe dele."

"Não, não é tão remoto como você insinua. No mundo das ideias religiosas, o hindu e o inglês têm muito em comum, e há provas da mesma coisa entre outras comunidades religiosas. Onde o governante ou funcionário público

inglês tem Se alguém tivesse algum conhecimento da literatura indiana, especialmente da sua filosofia, existe a base de uma simpatia comum, um território em constante expansão. Não é exagero dizer que apenas a ignorância é a causa daquela atitude exclusiva - por vezes até desdenhosa - assumida por alguns. ."

"Sim, é a medida da loucura. Você poderia dizer por que foi para a América em vez de para a Inglaterra em sua missão?"

"Isso foi um mero acidente - resultado do Parlamento Mundial das Religiões ter sido realizado em Chicago na época da Feira Mundial, em vez de em Londres, como deveria ter sido. O Raja de Mysore e alguns outros amigos me enviaram para América, como representante hindu, fiquei lá três anos, com exceção do verão passado e deste verão, quando vim dar uma palestra em Londres. Os americanos são um grande povo, com um futuro pela frente. encontraram muitos amigos gentis entre eles. Eles são menos preconceituosos que os ingleses, mais dispostos a avaliar e examinar uma idéia nova, a valorizá-la apesar de sua novidade. Eles também são muito mais hospitaleiros; por assim dizer. Você viaja pela América, como eu fiz, de cidade em cidade, sempre dando palestras entre amigos. Vi Boston, Nova York, Filadélfia, Baltimore, Washington, Des Moines, Memphis e vários outros lugares.

"E deixando discípulos em cada um deles?"

"Sim, discípulos, mas não organizações. Isso não faz parte do meu trabalho. lutar."

"A essência desta sua missão poderia ser resumida em poucas palavras? É religião comparada que você deseja pregar?"

"É realmente a filosofia da religião, o cerne de todas as suas formas exteriores. Todas as formas de religião têm uma parte essencial e uma não essencial. Se retirarmos delas a última, permanece a base real de toda religião, que todas as formas de religião possuem em comum A unidade está por trás de todas elas. Podemos chamá-lo de Deus, Alá, Jeová, o Espírito, o Amor; é a mesma unidade que anima toda a vida, desde sua forma mais inferior até sua manifestação mais nobre no homem. é nesta unidade que

precisamos de insistir, enquanto no Ocidente, e na verdade em todo o lado, é no que não é essencial que os homens são capazes de insistir. Eles lutarão e matar-se-ão uns aos outros por estas formas, para tornarem os seus semelhantes. conformar-se. Vendo que o essencial é o amor a Deus e o amor ao homem, isso é no mínimo curioso”.

"Suponho que um hindu nunca poderia perseguir."

"Ele nunca fez isso; ele é o mais tolerante de todas as raças humanas. Considerando o quão profundamente religioso ele é, alguém poderia pensar que ele perseguiria aqueles que não acreditam em nenhum Deus. Os jainistas consideram tal crença como pura ilusão. , mas nenhum jainista jamais foi perseguido. Na Índia, os maometanos foram os primeiros a pegar a espada.

"Que progresso a doutrina da unidade essencial faz na Inglaterra? Aqui temos mil seitas."

"Eles devem desaparecer gradualmente à medida que a liberdade e o conhecimento aumentam. Eles são baseados no não essencial, que pela natureza das coisas não pode sobreviver. As seitas serviram ao seu propósito, que era o de uma irmandade exclusiva em linhas compreendidas por aqueles que estavam dentro dela. Gradualmente alcançamos a ideia de fraternidade universal derrubando as paredes divisórias que separam tais agregações de indivíduos. Na Inglaterra, o trabalho avança lentamente, possivelmente porque o momento ainda não está maduro para isso, mas, mesmo assim, faz progressos. chame a sua atenção para o trabalho semelhante que a Inglaterra está realizando na Índia. A distinção moderna de castas é uma barreira ao progresso da Índia. Ela estreita, restringe, separa.

"No entanto, alguns ingleses, e não são os menos simpáticos à Índia nem os mais ignorantes de sua história, consideram a casta o principal beneficiário. Alguém pode facilmente ser europeizado demais. Você mesmo condena muitos de nossos ideais como materialistas."

"É verdade. Nenhuma pessoa razoável pretende assimilar a Índia à Inglaterra; o corpo é feito pelo pensamento que está por trás dele. O corpo

político é, portanto, a expressão do pensamento nacional e, na Índia, de milhares de anos de pensamento. Para europeizar a Índia é, portanto, uma tarefa impossível e tola: os elementos do progresso sempre estiveram ativamente presentes na Índia, desde que houve um governo pacífico, estes sempre se manifestaram desde a época dos Upanishads até aos dias de hoje. Os professores quiseram romper as barreiras da casta, ou seja, da casta em seu estado degenerado, e não do sistema original. O pouco de bom que você vê na casta atual se apega a ela desde a casta original, que foi a mais gloriosa instituição social que Buda experimentou. para restabelecer a casta na sua forma original Em todos os períodos do despertar da Índia, sempre foram feitos grandes esforços para quebrar a casta. Mas devemos sempre ser nós que construímos uma nova Índia como efeito e continuação do seu passado. assimilar ideias estrangeiras úteis onde quer que sejam encontradas. Nunca podem ser eles; o crescimento deve proceder de dentro. Tudo o que a Inglaterra pode fazer é ajudar a Índia a desenvolver a sua própria salvação. Todo progresso ditado por outro, cuja mão está na garganta da Índia, não tem valor, na minha opinião. O trabalho mais elevado só pode degenerar quando o trabalho escravo o produz."

"Você prestou alguma atenção ao movimento do Congresso Nacional Indiano?"

"Não posso afirmar ter dado muito; meu trabalho está em outra parte do campo. Mas considero o movimento significativo e desejo-lhe sinceramente sucesso. Uma nação está sendo feita a partir das diferentes raças da Índia. Às vezes penso que eles não são menos variados do que os diferentes povos da Europa. No passado, a Europa lutou pelo comércio indiano, um comércio que desempenhou um papel enorme na civilização do mundo e que pode quase ser considerado um ponto de viragem na história da humanidade; Vemos os holandeses, portugueses, franceses e ingleses lutando por isso sucessivamente. A descoberta da América pode ser atribuída à indenização que os venezianos buscaram no distante Ocidente pela perda que sofreram no Oriente.

"Onde isso vai acabar?"

"Isso certamente terminará na elaboração da homogeneidade da Índia, na aquisição do que podemos chamar de ideias democráticas. A inteligência

não deve permanecer o monopólio dos poucos cultos; ela será disseminada das classes mais altas para as mais baixas. A educação está chegando e é obrigatória. a educação se seguirá. O imenso poder do nosso povo para o trabalho deve ser utilizado. As potencialidades da Índia são grandes e serão aproveitadas.

“Alguma nação já foi grande sem ser uma grande potência militar?”

"Sim", disse o Swami sem um momento de hesitação, "a China o fez. Entre outros países, viajei pela China e pelo Japão. Hoje, a China é como uma multidão desorganizada; mas no auge de sua grandeza ela possuía a mais admirável organização qualquer nação já conheceu muitos dos dispositivos e métodos que chamamos de modernos foram praticados pelos chineses por centenas e até milhares de anos. Tomemos o exame competitivo como ilustração.

"Por que ela ficou desorganizada?"

"Porque ela não conseguiu produzir homens iguais ao sistema. Vocês dizem que os homens não podem se tornar virtuosos por uma lei do Parlamento; os chineses experimentaram isso antes de vocês. E é por isso que a religião é de maior importância do que a política, uma vez que vai até a raiz e trata do essencial da conduta”.

“A Índia está consciente do despertar a que você alude?”

"Perfeitamente consciente. O mundo talvez veja isso principalmente no movimento do Congresso e no campo da reforma social; mas o despertar é igualmente real na religião, embora funcione de forma mais silenciosa."

"O Ocidente e o Oriente têm ideais de vida tão diferentes. O nosso parece ser o aperfeiçoamento do estado social. Enquanto estamos ocupados cuidando destes assuntos, os orientais meditam em abstrações. Aqui o Parlamento tem discutido o pagamento do exército indiano em o Sudão. Toda a secção respeitável da imprensa conservadora fez um forte clamor contra a decisão injusta do Governo, enquanto você provavelmente pensa que todo o assunto não merece atenção."

“Mas você está completamente errado”, disse o Swami, pegando o papel e examinando trechos dos Diários Conservadores. “Minhas simpatias neste assunto vão naturalmente para o meu país. No entanto, isso lembra o antigo provérbio sânscrito: 'Você vendeu o elefante, por que brigar por causa do aguilhão?' A Índia sempre paga. As brigas dos políticos são muito curiosas. Levará séculos para trazer a religião para a política.”

"Devemos fazer um esforço muito em breve, mesmo assim."

"Sim, vale a pena plantar uma ideia no coração desta grande Londres, certamente a maior máquina de governo que já foi posta em movimento. Muitas vezes vejo como funciona, o poder e a perfeição com que a mais ínfima veia é alcançada, seu maravilhoso sistema de circulação e distribuição Ajuda a perceber quão grande é o Império e quão grande é sua tarefa. E com todo o resto, vale a pena colocar algumas idéias no coração de um homem. esta grande máquina, para que possam circular até os lugares mais remotos."

O Swami é um homem de aparência distinta. Alto, largo, com traços finos realçados pela pitoresca vestimenta oriental, sua personalidade é muito marcante. Por nascimento, ele é bengali e, por formação, formado pela Universidade de Calcutá. Seus dons como orador são elevados. Ele pode falar por uma hora e meia sem uma nota ou a menor pausa para pronunciar uma palavra.

C.S.B.

5.2.5 MISSÃO DO MISSIONÁRIO INDIANO NA INGLATERRA

(O Eco, Londres, 1896)

. . . Presumo que em seu próprio país o Swami viveria debaixo de uma árvore, ou no máximo nos arredores de um templo, com a cabeça raspada, vestido com os trajes de seu país. Mas essas coisas não são feitas em Londres, de modo que encontrei o Swami localizado como as outras pessoas e, exceto pelo fato de que ele usa um longo casaco de tom laranja escuro, vestido como outros mortais da mesma forma. Ele contou, rindo,

que seu vestido, especialmente quando usa turbante, não agrada ao árabe de rua de Londres, cujas observações dificilmente merecem ser repetidas. Comecei pedindo ao iogue indiano que soletrasse seu nome bem devagar. . .

"Você acha que hoje em dia as pessoas estão dando muita ênfase ao que não é essencial?"

"Acho que sim entre as nações atrasadas e entre a porção menos culta do povo civilizado do Ocidente. Sua pergunta implica que entre os cultos e os ricos as coisas estão em uma situação diferente. E estão; os ricos ou estão imersos no gozo da saúde ou na busca por mais. Eles, e uma grande parte das pessoas ocupadas, dizem que a religião é podridão, bobagem, e eles honestamente pensam que sim. A única religião que está na moda é o patriotismo e a Sra. Grundy. . As pessoas simplesmente vão à igreja quando estão se casando ou enterrando alguém."

"Sua mensagem os levará mais vezes à igreja?"

"Não creio que isso aconteça. Já que não tenho nada a ver com ritual ou dogma; minha missão é mostrar que a religião é tudo e está em tudo... E o que podemos dizer do sistema aqui na Inglaterra? Tudo vai para mostrar que o socialismo ou alguma forma de governo do povo, chame-o como quiser, está chegando. O povo certamente desejará a satisfação de suas necessidades materiais, menos trabalho, sem opressão, sem guerra, mais comida. Temos que esta ou qualquer civilização durará, a menos que seja baseada na religião, na bondade do homem. Confie nisso, a religião vai à raiz da questão."

"Deve ser difícil introduzir a parte essencial e metafísica da religião nas mentes das pessoas. Ela está distante de seus pensamentos e modo de vida."

"Em todas as religiões viajamos de uma verdade menor para uma verdade superior, nunca do erro para a verdade. Existe uma Unidade por trás de toda a criação, mas as mentes são muito variadas. O que quero dizer é que se avança de uma verdade menor para uma verdade maior. As piores religiões são apenas leituras ruins da espuma. A gente vai entendendo pouco a pouco até mesmo a adoração do diabo é apenas uma leitura pervertida do sempre

verdadeiro e imutável. Brahman. Outras fases contêm mais ou menos verdade. Nenhuma forma de religião a possui inteiramente."

"Podemos perguntar se você originou esta religião que veio pregar na Inglaterra?"

"Certamente que não. Sou aluno de um grande sábio indiano, Ramakrishna Paramahansa. Ele não era o que se poderia chamar de um homem muito erudito, como são alguns de nossos sábios, mas um homem muito santo, profundamente imbuído do espírito do Vedanta filosofia. Quando digo filosofia, dificilmente sei se não deveria dizer religião, pois na verdade são as duas coisas. Você deve ler o relato do Professor Max Müller sobre meu Mestre em um número recente do século XIX. em 1836 e morreu em 1886. Ele produziu um efeito profundo na vida de Keshab Chandra Sen e outros. Pela disciplina do corpo e subjugação da mente, ele obteve uma visão maravilhosa do mundo espiritual. , profunda humildade e notável doçura de expressão. Ninguém poderia olhar para isso indiferente.

"Então o seu ensinamento deriva dos Vedas?"

"Sim, Vedanta significa o fim dos Vedas, a terceira seção ou Upanishads, contendo as idéias amadurecidas que encontramos mais como germes na porção anterior. A porção mais antiga dos Vedas é o Samhitâ, que está em sânscrito muito arcaico, apenas para ser entendido com a ajuda de um dicionário muito antigo, o Nirukta de Yâska."

"Temo que nós, ingleses, tenhamos a ideia de que a Índia tem muito a aprender conosco; o homem comum é bastante ignorante quanto ao que pode ser aprendido com a Índia."

"É verdade, mas o mundo dos estudiosos sabe bem o quanto há para ser aprendido e quão importante é a lição. Você não encontraria Max Müller, Monier Williams, Sir William Hunter ou estudiosos orientais alemães fazendo pouco caso da ciência abstrata indiana."

. . . O Swami dá sua palestra no número 39 da Victoria Street. Todos são bem-vindos e, como nos antigos tempos apostólicos, o novo ensinamento não tem dinheiro nem preço. O missionário indiano é um homem de físico

excepcionalmente excelente; seu domínio do inglês só pode ser descrito como perfeito.

C.S.B.

5.2.6 COM O SWAMI VIVEKANANDA EM MADURA

(O Hindu, Madras, fevereiro de 1897)

Q. — A teoria de que o universo é falso parece ser entendida nos seguintes sentidos: (a) o sentido em que a duração das formas e nomes que perecem é infinitamente pequena com referência à eternidade; (b) o sentido em que o período entre quaisquer dois Pralayas (involução do universo) é infinitesimalmente pequeno com referência à eternidade; (c) o sentido em que o universo é, em última análise, falso, embora tenha uma realidade aparente no presente, dependendo de um tipo de consciência, da mesma forma que a ideia de prata sobreposta a uma concha ou a de uma serpente em uma corda, é verdade por enquanto e, na verdade, depende de uma condição mental particular; (d) o sentido em que o universo é um fantasma, tal como o filho de uma mulher estéril ou como os chifres de uma lebre.

Em qual desses sentidos a teoria é compreendida na filosofia Advaita?

A. — Existem muitas classes de Advaitistas e cada uma entendeu a teoria em um ou outro sentido. Shankara ensinou a teoria no sentido (c), e é seu ensinamento que o universo, tal como aparece, é real para todos os propósitos para todos em sua consciência atual, mas desaparece quando a consciência assume uma forma superior. Você vê o tronco de uma árvore diante de você e o confunde com um fantasma. A ideia de um fantasma é, por enquanto, real, pois funciona em sua mente e produz nela o mesmo resultado como se fosse um fantasma. Assim que você descobre que se trata de um toco, a ideia do fantasma desaparece. A ideia de um toco e a de um fantasma não podem coexistir e, quando uma está presente, a outra está ausente.

Q. — O sentido (d) não é também adotado em alguns dos escritos de Shankara?

A . — Não. Alguns outros homens que, por engano, levaram a noção de Shankara ao extremo, adotaram o sentido (d) em seus escritos. Os sentidos (a) e (b) são peculiares aos escritos de algumas outras classes de filósofos Advaita, mas nunca receberam a sanção de Shankara.

Q. — Qual é a causa da realidade aparente?

A . — Qual é a causa de você confundir um toco com um fantasma? O universo é o mesmo, na verdade, mas é a sua mente que cria várias condições para isso.

Q. — Qual é o verdadeiro significado da afirmação de que os Vedas não têm começo e são eternos? Refere-se às declarações védicas ou às declarações contidas nos Vedas? Se se refere à verdade envolvida em tais afirmações, não são as ciências, como a Lógica, a Geometria, a Química, etc., igualmente sem começo e eternas, pois contêm uma verdade eterna?

A . — Houve um tempo em que os próprios Vedas eram considerados eternos no sentido em que as verdades divinas neles contidas eram imutáveis e permanentes e só eram reveladas ao homem. Posteriormente, parece que a pronúncia dos hinos védicos com o conhecimento do seu significado era importante, e sustentou-se que os próprios hinos deviam ter tido uma origem divina. Num período ainda posterior, o significado dos hinos mostrou que muitos deles não poderiam ser de origem divina, porque inculcavam na humanidade a realização de vários atos profanos, como torturar animais, e também podemos encontrar muitas histórias ridículas nos Vedas. O significado correto da afirmação “Os Vedas não têm princípio e são eternos” é que a lei ou verdade revelada por eles ao homem é permanente e imutável. Lógica, Geometria, Química, etc., revelam também uma lei ou verdade que é permanente e imutável e, nesse sentido, também não têm começo e são eternas. Mas nenhuma verdade ou lei está ausente dos Vedas, e peço a qualquer um de vocês que me indique qualquer verdade que não seja tratada neles.

Q. — Qual é a noção de Mukti, segundo a filosofia Advaita, ou em outras palavras, é um estado consciente? Existe alguma diferença entre o Mukti do Advaitismo e o Nirvâna Budista?

A . — Existe uma consciência em Mukti, que chamamos de superconsciência. Difere da sua consciência atual. É ilógico dizer que não há consciência em Mukti. A consciência é de três tipos – a monótona, a medíocre e a intensa – como é o caso da luz. Quando a vibração é intensa, o brilho é tão poderoso que ofusca a própria visão e, na verdade, é tão ineficaz quanto a mais fraca das luzes. O Nirvana Budista deve ter o mesmo grau de consciência, independentemente do que os budistas possam dizer. Nossa definição de Mukti é afirmativa em sua natureza, enquanto o Nirvana Budista tem uma definição negativa.

Q. – Por que o Brahman incondicionado deveria escolher assumir uma condição com o propósito de manifestação da criação do mundo?

A . — A questão em si é muito ilógica. Brahman é Avângmanasogocharam, significando aquilo que é incapaz de ser apreendido pela palavra e pela mente. Tudo o que está além da região do espaço, do tempo e da causalidade não pode ser concebido pela mente humana, e a função da lógica e da investigação reside apenas na região do espaço, do tempo e da causalidade. Embora seja assim, é uma tentativa vã de questionar o que está além das possibilidades da concepção humana.

Q. – Aqui e ali são feitas tentativas de importar para os Purânas ideias ocultas que se diz terem sido representadas alegoricamente. Às vezes é dito que os Puranas não precisam conter nenhuma verdade histórica, mas são meras representações dos mais elevados ideais ilustrados com personagens fictícios. Tomemos por exemplo Vishnupurâna, Râmâyana ou Bhârata. Contêm veracidade histórica ou são meras representações alegóricas de verdades metafísicas, ou são representações dos mais elevados ideais para a conduta da humanidade, ou são meros poemas épicos como os de Homero?

A . — Alguma verdade histórica é o núcleo de cada Purana. O objetivo dos Puranas é ensinar à humanidade a verdade sublime em várias formas; e mesmo que não contenham nenhuma verdade histórica, constituem para nós uma grande autoridade no que diz respeito à verdade mais elevada que inculcam. Tomemos o Râmâyana como ilustração, e por considerá-lo uma autoridade na construção do caráter, nem sequer é necessário que alguém como Rama alguma vez tenha vivido. A sublimidade da lei proposta pelo Ramayana ou Bharata não depende da verdade de qualquer personalidade

como Rama ou Krishna, e pode-se até sustentar que tais personagens nunca viveram e, ao mesmo tempo, considerar esses escritos como altas autoridades em relação ao grandes idéias que eles colocam diante da humanidade. Nossa filosofia não depende de nenhuma personalidade para ser verdadeira. Assim, Krishna não ensinou nada de novo ou original ao mundo, nem o Ramayana professa nada que não esteja contido nas Escrituras. Deve-se notar que o Cristianismo não pode subsistir sem Cristo, o Maometismo sem Maomé e o Budismo sem Buda, mas o Hinduísmo permanece independente de qualquer homem, e com o propósito de estimar a verdade filosófica contida em qualquer Purana, não precisamos considerar a questão se as personagens ali tratadas eram homens realmente materiais ou eram personagens fictícios. O objetivo dos Puranas era a educação da humanidade, e os sábios que os construíram conseguiram encontrar alguns personagens históricos e sobrepor-lhes todas as melhores ou piores qualidades, tal como queriam, e estabeleceram as regras de moral para a conduta da humanidade. É necessário que um demônio com dez cabeças (Dashamukha) realmente tenha vivido como afirma o Ramayana? É a representação de alguma verdade que merece ser estudada, além da questão de saber se Dashamukha era um personagem real ou fictício. Você agora pode representar Krishna de uma maneira ainda mais atraente, e a descrição depende da sublimidade do seu ideal, mas aí está a grande filosofia contida nos Puranas.

Q. – É possível para um homem, se fosse um adepto, lembrar-se dos eventos relacionados com suas encarnações passadas? O cérebro fisiológico que ele possuía em sua encarnação anterior e no qual foram armazenadas as impressões de sua experiência não está mais presente. Neste nascimento ele é dotado de um novo cérebro fisiológico e, enquanto isso acontece, como é possível que o cérebro atual chegue às impressões recebidas por outro aparelho que não existe no momento?

Swami – O que você quer dizer com adepto?

Correspondente – Aquele que desenvolveu os poderes ocultos de sua natureza.

Swami – Não consigo entender como os poderes ocultos podem ser desenvolvidos. Sei o que você quer dizer, mas devo sempre desejar que as

expressões usadas sejam precisas e exatas. Você pode dizer que os poderes ocultos foram descobertos. É possível para aqueles que descobriram os poderes ocultos de sua natureza lembrarem-se dos incidentes relacionados com suas encarnações passadas, pois seu cérebro atual teve sua Bija (semente) no homem Sukshma após a morte.

Q. — O espírito do hinduísmo permite o proselitismo de estranhos? E pode um Brâmane ouvir a exposição de filosofia feita por um Chandâla?

A . — O proselitismo é tolerado pelo hinduísmo. Qualquer homem, seja ele um Shudra ou Chandala, pode expor filosofia até mesmo para um brâmane. A verdade pode ser aprendida com o indivíduo mais inferior, não importa a que casta ou credo ele pertença.

Aqui o Swami citou versos sânscritos de alta autoridade em apoio à sua posição.

O discurso terminou, pois já havia chegado a hora marcada no programa para sua visita ao Templo. Ele, portanto, despediu-se dos cavalheiros presentes e foi visitar o Templo.

5.2.7 O EXTERIOR E OS PROBLEMAS EM CASA

(O Hindu, Madras, fevereiro de 1897)

Nosso representante encontrou o Swami Vivekananda no trem na estação Chingleput e viajou com ele para Madras. Segue o relato da entrevista:

"O que fez você ir para a América, Swamiji?"

"Uma pergunta bastante séria para responder brevemente. Só posso respondê-la parcialmente agora. Como viajei por toda a Índia, queria ir para outros países. Fui para a América pelo Extremo Oriente."

"O que você viu no Japão e há alguma chance de a Índia seguir os passos progressistas do Japão?"

"Nenhum, até que todos os trezentos milhões da Índia se unam como uma nação inteira. O mundo nunca viu uma raça tão patriótica e artística como a dos japoneses, e uma característica especial deles é que, enquanto na Europa e em outros lugares, a arte em geral combina com sujeira, arte japonesa é arte mais limpeza absoluta. Eu gostaria que cada um de nossos jovens pudesse visitar o Japão pelo menos uma vez na vida. Os japoneses pensam que tudo que é hindu é ótimo e acreditam. que a Índia é uma terra sagrada. O budismo japonês é totalmente diferente do que você vê no Ceilão. É o mesmo que o Vedanta. É o budismo positivo e teísta, não o budismo ateísta negativo do Ceilão.

“Qual é a chave para a súbita grandeza do Japão?”

“A fé dos japoneses em si mesmos e seu amor por seu país. Quando você tiver homens que estão prontos para sacrificar tudo por seu país, sinceros até a espinha dorsal - quando tais homens surgirem, a Índia se tornará grande em todos os aspectos. são os homens que fazem o país! O que há no país? Se você entender a moralidade social e a moralidade política dos japoneses, você será tão grande quanto eles. eles se tornaram um grande povo, mas vocês não são; vocês não podem ser, vocês sacrificam tudo apenas por suas próprias famílias e bens”.

“É seu desejo que a Índia se torne como o Japão?”

"Decidamente não. A Índia deveria continuar a ser o que é. Como poderia a Índia tornar-se como o Japão, ou qualquer nação? Em cada nação, como na música, há uma nota principal, um tema central, sobre o qual todas as outras se voltam. Cada nação tem um tema: todo o resto é secundário. O tema da Índia é a reforma social e todo o resto é secundário. o pensamento vem. O coração da Índia deve se partir e o fluxo da espiritualidade surgirá. A Índia é a Índia. Não somos como os japoneses, somos hindus. A própria atmosfera da Índia é calmante. Tenho trabalhado incessantemente aqui. estou descansando. É somente através do trabalho espiritual que podemos descansar na Índia. Se o seu trabalho for material aqui, você morre de – diabetes!”

“Já chega do Japão. Qual foi sua primeira experiência na América, Swamiji?”

"Do início ao fim foi muito bom. Com exceção dos missionários e das 'mulheres da Igreja', os americanos são muito hospitaleiros, de bom coração, generosos e bem-humorados."

"Quem são essas 'mulheres da Igreja' de que você fala, Swamiji?"

"Quando uma mulher tenta o seu melhor para encontrar um marido, ela vai a todos os resorts à beira-mar da moda e tenta todos os tipos de truques para pegar um homem. Quando ela falha em suas tentativas, ela se torna, o que eles chamam na América, uma 'velha'. empregada doméstica', e se junta à Igreja. Algumas delas se tornam muito 'Igrejas'. Essas 'mulheres da Igreja' são fanáticas terríveis. Elas estão sob o domínio dos padres. confusão de religião. Com exceção destes, os americanos são um povo muito bom. Eles me amavam, e eu os amo muito.

“Qual é a sua ideia sobre os resultados do Parlamento das Religiões?”

"O Parlamento das Religiões, como me parece, foi concebido para ser um 'espetáculo pagão' perante o mundo: mas descobriu-se que os pagãos tinham a vantagem e fizeram dele um espectáculo cristão para todos. Assim, o Parlamento das Religiões foi um fracasso do ponto de vista cristão, visto que os católicos romanos, que foram os organizadores desse Parlamento, estão agora, quando se fala de outro Parlamento em Paris, opondo-se firmemente a ele. Mas o Parlamento de Chicago foi um tremendo sucesso para a Índia e para a Índia. O pensamento indiano. Ajudou na maré do Vedanta, que está inundando o mundo. O povo americano - é claro, sem os padres fanáticos e as mulheres da Igreja - está muito satisfeito com os resultados do Parlamento.

“Que perspectivas você tem, Swamiji, para a expansão de sua missão na Inglaterra?”

"Existem todas as perspectivas. Antes de passarem muitos anos, a grande maioria do povo inglês será vedantista. Há uma perspectiva maior disso na Inglaterra do que na América. Veja, os americanos fazem uma fanfarronada de tudo, o que não é o caso com os ingleses. Mesmo os cristãos não podem compreender o seu Novo Testamento, sem compreender o Vedanta. O Vedanta é a razão de todas as religiões.

"Qual é o traço especial que você notou no caráter inglês?"

"O inglês vai para o trabalho prático assim que acredita em alguma coisa. Ele tem uma energia tremenda para o trabalho prático. Não existe no mundo inteiro nenhum ser humano superior ao cavalheiro ou dama inglês. Essa é realmente a razão da minha fé neles ... John Bull é um cavalheiro cabeça-dura para lidar. Você deve empurrar e empurrar uma ideia até que ela chegue ao seu cérebro, mas uma vez lá, ela não sai. Na Inglaterra, não houve um único missionário ou alguém que dissesse alguma coisa contra mim; ninguém que tentou fazer um escândalo sobre mim. Para minha surpresa, muitos dos meus amigos pertencem à Igreja da Inglaterra, e soube que esses missionários não vêm das classes mais altas da Inglaterra. Está aqui, e os clérigos ingleses pertencem à classe dos cavalheiros. Eles podem diferir de você em opinião, mas isso não impede que sejam seus amigos, portanto, eu daria um conselho aos meus compatriotas, que é; , para não prestar atenção aos missionários injuriosos, agora que sei que o são. Nós os “dimensionamos”, como dizem os americanos. O não reconhecimento é a única atitude a assumir em relação a eles.”

"Você poderia gentilmente me esclarecer, Swamiji, sobre os movimentos de Reforma Social na América e na Inglaterra?"

"Sim. Todos os levantes sociais, pelo menos seus líderes, estão tentando descobrir que todas as suas teorias comunistas ou equalizadoras devem ter uma base espiritual, e essa base espiritual está apenas no Vedanta. Vários líderes me disseram, que costumavam assistir às minhas palestras, que eles exigiam o Vedanta como base da nova ordem das coisas."

“Quais são os seus pontos de vista em relação às massas indianas?”

"Oh, somos terrivelmente pobres e nossas massas são muito ignorantes sobre as coisas seculares. Nossas massas são muito boas porque a pobreza aqui não é um crime. Nossas massas não são violentas. Muitas vezes estive perto de ser assediado na América e na Inglaterra, apenas por causa das minhas roupas. Mas nunca ouvi falar de algo como um homem sendo assediado por causa de roupas peculiares. Em todos os outros aspectos, nossas massas são muito mais civilizadas do que as massas europeias.

"O que você proporá para a melhoria de nossas massas?"

"Temos que dar-lhes educação secular. Temos que seguir o plano traçado pelos nossos antepassados, ou seja, trazer todos os ideais lentamente para baixo entre as massas. Elevá-los lentamente, elevá-los à igualdade. Transmitir até mesmo conhecimento secular através religião."

"Mas você acha, Swamiji, que é uma tarefa que pode ser facilmente realizada?"

"É claro que isso terá que ser resolvido gradualmente. Mas se houver um número suficiente de jovens abnegados que, espero, trabalhem comigo, isso poderá ser feito amanhã. Tudo depende do zelo e da autoconfiança. - sacrifício trazido para a tarefa."

"Mas se a presente condição degradada é devida ao seu Karma passado, Swamiji, como você acha que eles poderiam sair disso facilmente, e como você propõe ajudá-los?"

O Swamiji respondeu prontamente: "Karma é a eterna afirmação da liberdade humana. Se podemos nos derrubar por meio de nosso Karma, certamente está em nosso poder nos elevarmos por meio dele. As massas, além disso, não se derrubaram completamente por conta própria. Karma. Portanto, deveríamos dar-lhes melhores ambientes para trabalhar. Não proponho que qualquer nivelamento de castas seja uma coisa muito boa. Casta é o plano que queremos seguir. Não há país no mundo sem casta. Na Índia, da casta chegamos ao ponto em que não há casta. A casta é totalmente baseada nesse princípio. O plano na Índia é tornar todos brâmanes, sendo o brâmane o ideal da humanidade.

Na Índia, você descobrirá que sempre foram feitas tentativas para elevar as classes mais baixas. Muitas são as classes que foram levantadas. Muitos mais seguirão até que o todo se torne Brahmin. Esse é o plano. Temos apenas que criá-los sem derrubar ninguém. E isso tem que ser feito principalmente pelos próprios brâmanes, porque é dever de toda aristocracia cavar a sua própria sepultura; e quanto mais cedo isso acontecer, melhor para todos. Nenhum tempo deve ser perdido. A casta indiana é melhor do que a casta que prevalece na Europa ou na América. Não digo que seja

absolutamente bom. Onde você estaria se não existisse casta? Onde estaria seu aprendizado e outras coisas, se não houvesse casta? Não sobraria nada para os europeus estudarem se as castas nunca tivessem existido! Os maometanos teriam feito tudo em pedaços. Onde você encontra a sociedade indiana parada? Está sempre em movimento. Por vezes, como nos tempos das invasões estrangeiras, o movimento tem sido lento, outras vezes mais rápido. Isto é o que digo aos meus compatriotas. Eu não os condeno. Eu olho para o passado deles. Acho que, dadas as circunstâncias, nenhuma nação poderia fazer um trabalho mais glorioso. Eu digo a eles que eles se saíram bem. Só peço que façam melhor."

"Qual é a sua opinião, Swamiji, em relação à relação da casta com os rituais?"

"A casta está mudando continuamente, os rituais estão mudando continuamente, assim como as formas. É a substância, o princípio, que não muda. É nos Vedas que devemos estudar nossa religião. Com exceção dos Vedas, todo livro deve mudar. A autoridade dos Vedas é para sempre; a autoridade de cada um dos nossos outros livros é para o momento. Por exemplo, um Smriti é poderoso para uma era, outro para outra era. e apontando o caminho para o trabalho, alguns profetas trabalharam para as classes mais baixas, outros como Madhva deram às mulheres o direito de estudar os Vedas, mas só deveriam ser reajustados ocasionalmente. para a construção de duzentos mil novos é um absurdo desejar a abolição das castas. O novo método é a evolução do antigo.

"Os hindus não precisam de reforma social?"

"Precisamos de uma reforma social. Às vezes, grandes homens desenvolviam novas ideias de progresso, e os reis davam-lhes a sanção da lei. Assim, melhorias sociais foram feitas no passado na Índia, e nos tempos modernos para efetuar tal reformas progressistas, teremos primeiro de construir esse poder de autoridade. Tendo os reis partido, o poder é do povo. Temos, portanto, de esperar até que as pessoas sejam educadas, até que compreendam as suas necessidades e estejam prontas e capazes de resolver os seus problemas. A tirania da minoria é a pior tirania do mundo. Portanto, em vez de desperdiçarmos as nossas energias em reformas ideais, que nunca se tornarão práticas, é melhor irmos à raiz do mal e criarmos um órgão

legislativo. isto é, educar o nosso povo, para que ele possa resolver os seus próprios problemas. Até que isso seja feito, todas estas reformas ideais permanecerão apenas ideais. A nova ordem das coisas é a salvação do povo pelo povo. leva tempo para torná-lo viável, especialmente na Índia, que no passado sempre foi governada por reis."

"Você acha que a sociedade hindu pode adotar com sucesso as leis sociais europeias?"

"Não, não totalmente. Eu diria que a combinação da mente grega representada pela energia externa europeia somada à espiritualidade hindu seria uma sociedade ideal para a Índia. Por exemplo, é absolutamente necessário para você, em vez de desperdiçar sua energia e muitas vezes falando de bobagens inúteis, para aprender com o inglês a ideia de pronta obediência aos líderes, a ausência de ciúme, a perseverança indomável e a fé imorredoura em si mesmo. Assim que seleciona um líder para um trabalho, o inglês adere. para ele em todos os momentos e o obedece. Aqui na Índia, todo mundo quer se tornar um líder, e não há ninguém a quem obedecer. Todos deveriam aprender a obedecer antes de poder comandar. o Hindu, mais ciumento ele será. Até que esta ausência de ciúme e obediência aos líderes seja aprendida pelo Hindu, não haverá poder de organização. Teremos de continuar a ser a multidão desesperadamente confusa que somos agora, esperando e não fazendo nada. . A Índia tem de aprender com a Europa a conquista da natureza externa, e a Europa tem de aprender com a Índia a conquista da natureza interna. Então não haverá nem hindus nem europeus – haverá a humanidade ideal que conquistou ambas as naturezas, a externa e a interna. Desenvolvemos uma fase da humanidade e eles outra. É a união dos dois que se deseja. A palavra liberdade, que é a palavra de ordem da nossa religião, significa realmente liberdade física, mental e espiritual."

"Que relação, Swamiji, o ritual tem com a religião?"

"Os rituais são o jardim de infância da religião. Eles são absolutamente necessários para o mundo como ele é agora; só teremos que dar às pessoas rituais cada vez mais frescos. Um grupo de pensadores deve se comprometer a fazer isso. Os antigos rituais devem ser rejeitados e os novos devem ser rejeitados. substituído."

"Então você defende a abolição dos rituais, não é?"

"Não, minha palavra de ordem é construção, não destruição. Dos rituais existentes, novos terão que ser desenvolvidos. Há um poder infinito de desenvolvimento em tudo; essa é minha crença. Um átomo tem o poder de todo o universo em seu O tempo todo, na história da raça hindu, nunca houve qualquer tentativa de destruição, apenas uma seita queria destruir, e eles foram expulsos da Índia: eles eram os budistas. - Shankara, Râmânuja, Madhva e Chaitanya Estes foram grandes reformadores, que sempre foram construtivos e construídos de acordo com as circunstâncias do seu tempo. Este é o nosso método peculiar de trabalho. Todos os reformadores modernos adotam a reforma destrutiva europeia. fazer o bem a ninguém e nunca o fez. Apenas uma vez um reformador moderno foi principalmente construtivo, e esse foi Raja Ram Mohan Ray. O progresso da raça hindu foi em direção à realização dos ideais vedânticos. para a realização do ideal do Vedanta através da boa ou má sorte. Sempre que houve qualquer seita ou religião reformadora que rejeitasse o ideal vedântico, ela foi reduzida a nada."

"Qual é o seu programa de trabalho aqui?"

"Quero fundar duas instituições, uma em Madras e outra em Calcutá, para levar a cabo o meu plano; e esse plano, resumidamente, é trazer os ideais vedânticos para a vida prática quotidiana do santo ou do pecador, do sábio ou do ignorante. , do brâmane ou do pária."

Nosso representante aqui colocou-lhe algumas questões relativas à política indiana; mas antes que o Swami pudesse tentar qualquer resposta, o trem subiu para a plataforma de Egmore, e a única observação apressada que veio do Swami foi que ele estava morto contra todas as complicações políticas dos problemas indianos e europeus. A entrevista então terminou.

5.2.8 O TRABALHO MISSIONÁRIO DO PRIMEIRO SANNYASIN HINDU

PARA O OESTE E SEU PLANO

DA REGENERAÇÃO DA ÍNDIA

(Madras Times, fevereiro de 1897)

Nas últimas semanas, o público hindu de Madras tem esperado ansiosamente a chegada de Swami Vivekananda, o grande monge hindu de fama mundial. Neste momento o seu nome está na boca de todos. Na escola, na faculdade, no Tribunal Superior, na marina e nas ruas e bazares de Madras, centenas de espíritos curiosos podem ser vistos perguntando quando o Swami virá. Um grande número de estudantes do mofussil, que vieram para os exames universitários, ficam aqui, aguardando o Swami, e aumentando as suas contas de hotelaria, apesar do apelo urgente dos seus pais para regressarem imediatamente a casa. Dentro de poucos dias o Swami estará entre nós. Da natureza das recepções recebidas noutras partes desta Presidência, dos preparativos aqui feitos, dos arcos triunfais erguidos no Castelo Kernan, onde o "Profeta" será alojado à custa do público hindu, e do interesse demonstrado no movimento dos principais cavalheiros hindus desta cidade, como o Honorável Sr. Juiz Subramaniya Iyer, não há dúvida de que o Swami terá uma grande recepção. Foi Madras quem primeiro reconheceu os méritos superiores do Swami e o preparou para Chicago. Madras terá agora novamente a honra de receber o indubitavelmente grande homem que tanto fez para elevar o prestígio da sua pátria. Há quatro anos, quando o Swami chegou aqui, ele era praticamente um indivíduo obscuro. Em um bangalô desconhecido em St. Thome, ele passou quase dois meses, mantendo conversas sobre temas religiosos e ensinando e instruindo todos os que quisessem ouvi-lo. Mesmo então, alguns jovens instruídos com "um olhar mais aguçado" previram que havia algo naquele homem, "um poder", que o elevaria acima de todos os outros, que o capacitaria preeminentemente para ser o líder dos homens. Estes jovens, então desprezados como "entusiastas equivocados", "revivalistas sonhadores", têm agora a satisfação suprema de ver o seu Swami, como gostam de chamá-lo, regressar a eles com uma grande fama europeia e americana. A missão do Swami é essencialmente espiritual. Ele acredita firmemente que a Índia, a pátria da espiritualidade, tem um grande futuro pela frente. Ele está confiante de que o Ocidente apreciará cada vez mais o que ele considera como as verdades sublimes do Vedanta. Seu grande lema é "Ajudar e não Lutar", "Assimilação, e não Destruição", "Harmonia e Paz, e não

Dissensão”. Qualquer que seja a diferença de opinião que os seguidores de outros credos possam ter com ele, poucos se aventurarão a negar que o Swami prestou um serviço de pequeno porte ao seu país ao abrir os olhos do mundo ocidental para “o bem no Hindu”. Ele será sempre lembrado como o primeiro Sannyâsin hindu que ousou cruzar o mar para levar ao Ocidente a mensagem daquilo que ele acredita ser uma paz religiosa.

Um representante do nosso jornal entrevistou o Swami Vivekananda, com o objectivo de obter dele um relato do sucesso da sua missão no Ocidente. O Swami recebeu nosso representante com muita cortesia e indicou-lhe uma cadeira ao seu lado. O Swami estava vestido com mantos amarelos, era calmo, sereno e digno, e parecia disposto a responder a quaisquer perguntas que lhe fossem feitas. Demos as palavras do Swami taquigrafadas pelo nosso representante.

"Posso saber alguns detalhes sobre sua infância?" perguntou nosso representante.

O Swami disse: "Mesmo quando eu era estudante em Calcutá, eu tinha um temperamento religioso. Eu era crítico mesmo naquela época da minha vida, meras palavras não me satisfaziam. Posteriormente conheci Ramakrishna Paramahansa, com quem vivi por por muito tempo e com quem estudei. Após a morte de meu pai, entreguei-me a viajar pela Índia e fundei um pequeno mosteiro em Calcutá. Durante minhas viagens, vim para Madras, onde recebi ajuda do Marajá de Mysore e. o Raja de Ramnad."

"O que fez Vossa Santidade levar a missão do Hinduísmo aos países ocidentais?"

"Eu queria ganhar experiência. Minha ideia quanto à tônica de nossa queda nacional é que não nos misturamos com outras nações - essa é a única causa. Nunca tivemos oportunidade de comparar notas. Éramos Kupa-Mandukas (sapos em um poço)."

"Você viajou bastante pelo Ocidente?"

“Visitei grande parte da Europa, incluindo a Alemanha e a França, mas a Inglaterra e a América foram os principais centros do meu trabalho. No

início encontrei-me numa posição crítica, devido à atitude hostil assumida contra o povo deste país por aqueles que foram da Índia para lá. Acredito que a nação indiana é de longe a nação mais moral e religiosa do mundo, e seria uma blasfêmia comparar os hindus com qualquer outra nação. fabricei enormes mentiras contra mim, dizendo que eu era uma fraude, que tinha um harém de esposas e meio regimento de filhos. Mas minha experiência com esses missionários abriu meus olhos para o que eles são capazes de fazer em nome da religião. Não havia missionários em nenhum lugar da Inglaterra. Nenhum deles veio brigar comigo. O Sr. Lund foi para a América para abusar de mim pelas minhas costas, mas as pessoas não quiseram ouvi-lo. Quando voltei para a Inglaterra, pensei. este missionário estaria comigo, mas a Verdade o silenciou. Na Inglaterra, o status social é mais rígido do que a casta na Índia. Todos os membros da Igreja Inglesa nascem cavalheiros, o que muitos dos missionários não nascem. Eles simpatizaram muito comigo. Creio que cerca de trinta clérigos da Igreja inglesa concordam inteiramente comigo em todos os pontos da discussão religiosa. Fiquei agradavelmente surpreso ao descobrir que os clérigos ingleses, embora divergissem de mim, não abusaram de mim pelas costas e me esfaquearam no escuro. Há o benefício da casta e da cultura hereditária."

"Qual tem sido a medida do seu sucesso no Ocidente?"

"Um grande número de pessoas simpatizou comigo na América - muito mais do que na Inglaterra. A injúria dos missionários de casta inferior fez com que minha causa tivesse mais sucesso. Eu não tinha dinheiro, o povo da Índia me deu o dinheiro da minha passagem, que foi gasto em muito pouco tempo, tive que viver assim como aqui, da caridade dos indivíduos. Os americanos são um povo muito hospitaleiro. Na América, um terço da população é cristã, mas o resto não tem religião, ou seja, eles. não pertencem a nenhuma das seitas, mas entre elas podem ser encontradas as pessoas mais espirituais. Acho que o trabalho na Inglaterra será sólido. Se eu morrer amanhã e não puder enviar mais nenhum Sannyasins, o trabalho inglês continuará. O inglês é um homem muito bom. Ele foi ensinado desde a infância a suprimir todos os seus sentimentos. Ele é cabeça-dura e não é tão rápido quanto o francês ou o americano. O povo americano é muito jovem para compreender a renúncia. A Inglaterra desfruta de riqueza e luxo há muito tempo. Muitas pessoas estão prontas para a renúncia. Quando dei

minha primeira palestra na Inglaterra, eu tinha uma pequena turma de vinte ou trinta pessoas, que continuou quando saí, e quando voltei da América consegui uma audiência de mil pessoas. Na América eu poderia conseguir um bem maior, pois passei três anos na América e apenas um ano na Inglaterra. Tenho dois Sannyasins – um na Inglaterra e outro na América, e pretendo enviar Sannyasins para outros países.

"Os ingleses são excelentes trabalhadores. Dê-lhes uma ideia e você pode ter certeza de que essa ideia não se perderá, desde que a compreendam. As pessoas aqui desistiram dos Vedas e toda a sua filosofia está na cozinha. O A religião da Índia actualmente é o "Não-tocismo" – essa é uma religião que o povo inglês nunca aceitará. Os pensamentos dos nossos antepassados e os maravilhosos princípios vivificantes que eles descobriram, todas as nações usarão as maiores armas. da Igreja Inglesa me disse que eu estava colocando o Vedantismo na Bíblia. O atual Hinduísmo é uma degradação. Não há nenhum livro sobre filosofia, escrito hoje, em que algo do nosso Vedantismo não seja abordado - até mesmo as obras de Herbert Spencer contêm. isso. A filosofia da época é o Advaitismo, todo mundo fala disso apenas na Europa, eles tentam ser originais. Eles falam dos hindus com desprezo, mas ao mesmo tempo engolem as verdades divulgadas pelos hindus. um Vedantista perfeito e fez um trabalho esplêndido no Vedantismo. Ele acredita na reencarnação."

"O que você pretende fazer pela regeneração da Índia?"

"Considero que o grande pecado nacional é a negligência das massas, e essa é uma das causas da nossa queda. Nenhuma política teria qualquer utilidade até que as massas na Índia estivessem mais uma vez bem educadas, bem alimentadas e bem cuidados. Eles pagam pela nossa educação, constroem os nossos templos, mas em troca recebem recompensas. Eles são praticamente nossos escravos. Se quisermos regenerar a Índia, devemos primeiro trabalhar para eles. – um em Madras e outro em Calcutá – para treinar jovens como pregadores. Tenho fundos para iniciar o de Calcutá. Os ingleses encontrarão fundos para o meu propósito.

"A minha fé está na geração mais jovem, na geração moderna, dela sairão os meus trabalhadores. Eles resolverão todo o problema, como leões. Formulei a ideia e dediquei a minha vida a ela. Se não conseguir sucesso,

alguém melhor virá atrás de mim para resolver isso, e eu ficarei contente em lutar. O único problema que você tem é dar às massas os seus direitos. Você tem a maior religião que o mundo já viu, e você alimenta as massas com coisas e bobagens. Você tem a fonte perene fluindo e dá a eles água de esgoto. Seu graduado em Madras não tocaria em um homem de casta inferior, mas está pronto para tirar dele o dinheiro para sua educação. começar primeiro estas duas instituições para educar missionários para serem instrutores espirituais e seculares para as nossas massas. Elas se espalharão de centro a centro, até que tenhamos coberto toda a Índia. O melhor é ter fé em si mesmo, mesmo antes. fé em Deus; mas a dificuldade parece ser que estamos perdendo a fé em nós mesmos dia após dia. Essa é a minha objeção contra os reformadores. Os ortodoxos têm mais fé e mais força em si mesmos, apesar da sua grosseria; mas os reformadores simplesmente fazem o jogo dos europeus e satisfazem a sua vaidade. Nossas massas são deuses em comparação com as de outros países. Este é o único país onde a pobreza não é crime. Eles são mental e fisicamente bonitos; mas nós os odiamos e odiamos até que eles perderam a fé em si mesmos. Eles pensam que nascem escravos. Dê-lhes os seus direitos e deixe-os defender os seus direitos. Esta é a glória da civilização americana. Compare o irlandês de joelhos dobrados, meio faminto, com uma bengala e uma trouxa de roupas, recém-chegado do navio, com o que ele é, depois de alguns meses de estadia na América. Ele caminha com ousadia e bravura. Ele veio de um país onde era escravo para um país onde é irmão.

“Acredite que a alma é imortal, infinita e todo-poderosa. Minha ideia de educação é o contato pessoal com o professor - Gurugriha-Vâsa. durante os cinquenta anos de suas existências, eles não produziram um homem original. Eles são apenas um corpo examinador. A ideia do sacrifício pelo bem comum ainda não está desenvolvida em nossa nação.

"O que você acha da Sra. Besant e da Teosofia?"

"A Sra. Besant é uma mulher muito boa. Dei palestras em sua Loja em Londres. Pessoalmente, não sei muito sobre ela. Seu conhecimento de nossa religião é muito limitado; ela junta restos aqui e ali; ela nunca teve tempo para estudar isso completamente. Que ela é uma das mulheres mais sinceras, seu maior inimigo admitirá. Ela é considerada a melhor oradora da

Inglaterra. Ela é uma Sannyâsini. com a Sociedade Teosófica, manter-se em pé e pregar o que ela acha certo."

Falando de reformas sociais, o Swami expressou-se assim sobre o casamento de viúvas: "Ainda não vi uma nação cujo destino seja determinado pelo número de maridos que as suas viúvas conseguem."

Sabendo que várias pessoas esperavam lá embaixo para ter uma entrevista com o Swami, nosso representante retirou-se, agradecendo ao Swami pela gentileza com que consentiu na tortura jornalística.

O Swami, pode-se observar, está acompanhado pelo Sr. e pela Sra. J. H. Sevier, pelo Sr. Parece que o Sr. e a Sra. Sevier acompanham o Swami com o objetivo de se estabelecer no Himalaia, onde pretendem construir uma residência para os discípulos ocidentais do Swami, que podem ter inclinação para residir na Índia. Durante vinte anos, o Sr. e a Sra. Sevier não seguiram nenhuma religião em particular, não encontrando satisfação em nenhuma das que eram pregadas; mas ao ouvirem uma série de palestras do Swami, eles professaram ter encontrado uma religião que satisfizesse seu coração e intelecto. Desde então eles têm acompanhado o Swami através da Suíça, Alemanha e Itália, e agora para a Índia. O Sr. Goodwin, jornalista na Inglaterra, tornou-se discípulo do Swami há quatorze meses, quando o conheceu em Nova York. Ele desistiu do jornalismo e se dedicou a frequentar o Swami e a taquigrafar suas palestras. Ele é em todos os sentidos um verdadeiro "discípulo", dizendo que espera estar com o Swami até sua morte.

5.2.9 DESPERTAR DO HINDUÍSMO EM BASE NACIONAL

(Prabuddha Bharata, setembro de 1898)

Numa entrevista que um representante de Prabuddha Bharata teve recentemente com o Swami Vivekananda, perguntou-se àquele grande Mestre: "Qual você considera a característica distintiva do seu movimento, Swamiji?"

“Agressão”, disse o Swami prontamente, “agressão apenas no sentido religioso. Outras seitas e partidos levaram a espiritualidade por toda a Índia, mas desde os dias de Buda temos sido os primeiros a quebrar limites e tentar inundar o mundo com espíritos missionários. zelo.”

"E qual você considera ser a função do seu movimento em relação à Índia?"

"Para encontrar as bases comuns do Hinduísmo e despertar a consciência nacional para elas. Atualmente, existem três partidos na Índia incluídos sob o termo 'Hindu' - os ortodoxos, as seitas reformadoras do período maometano e as seitas reformadoras do presente vez. Os hindus de Norte a Sul só concordam num ponto, viz.

"Não tem um amor comum pelos Vedas?"

"Certamente que não. É exatamente isso que queremos despertar. A Índia ainda não assimilou a obra de Buda. Ela está hipnotizada por sua voz, e não vivificada por ela."

“De que forma você vê esta importância do Budismo na Índia hoje?”

"É óbvio e esmagador. Veja, a Índia nunca perde nada; apenas ela leva tempo para transformar tudo em ossos e músculos. Buda desferiu um golpe no sacrifício de animais do qual a Índia nunca se recuperou; e Buda disse: 'Não mate vacas', e matar vacas é uma impossibilidade para nós."

“Com qual dos três partidos você se identifica, Swamiji?”

"Com todos eles. Somos hindus ortodoxos", disse o Swami, "mas", acrescentou subitamente com grande seriedade e ênfase, "recusamo-nos inteiramente a identificar-nos com o 'Não-toquesmo'. Isso não é Hinduísmo: não está em nenhum de nossos livros; é uma superstição pouco ortodoxa que tem interferido na eficiência nacional ao longo de todo o processo."

"Então o que você realmente deseja é a eficiência nacional?"

"Certamente. Você pode apresentar alguma razão pela qual a Índia deveria estar na maré vazante das nações arianas? Ela é inferior em intelecto? Ela é

inferior em destreza? Você pode olhar para sua arte, sua matemática, sua filosofia, e responder 'sim'? Tudo o que é necessário é que ela se deshipnotize e acorde de seu sono de longa data para assumir sua verdadeira posição na hierarquia das nações."

"Mas a Índia sempre teve sua vida interior profunda. Você não tem medo, Swamiji, de que, ao tentar torná-la ativa, você possa tirar dela, seu único grande tesouro?"

"De forma alguma. A história do passado desenvolveu a vida interior da Índia e a atividade (ou seja, a vida exterior) do Ocidente. Até agora, estas têm sido divergentes. Chegou a hora de se unirem. Ramakrishna Paramahansa estava vivo nas profundezas do ser, mas no plano exterior quem era mais ativo. Este é o segredo. Deixe sua vida ser tão profunda quanto o oceano, mas também tão ampla quanto o céu.

"É curioso", continuou o Swami, "que a vida interior seja muitas vezes mais profundamente desenvolvida onde as condições exteriores são mais restritivas e limitantes. Mas esta é uma associação acidental – não essencial – e se nos corrigirmos aqui na Índia, o mundo será 'apertado', pois não somos todos um?"

"Suas últimas observações, Swamiji, levantam outra questão. Em que sentido Shri Ramakrishna é parte deste Hinduísmo desperto?"

"Isso não cabe a mim determinar", disse o Swami. "Nunca preguei personalidades. Minha própria vida é guiada pelo entusiasmo desta grande alma; mas outros decidirão por si mesmos até que ponto compartilham dessa atitude. A inspiração não é filtrada para o mundo através de um canal, por maior que seja. Cada um geração deveria ser inspirada novamente. Não somos todos Deus?"

"Obrigado. Só tenho mais uma pergunta a lhe fazer. Você definiu a atitude e a função do seu movimento em relação ao seu próprio povo. Poderia da mesma maneira caracterizar seus métodos de ação como um todo?"

"Nosso método", disse o Swami, "é muito facilmente descrito. Consiste simplesmente em reafirmar a vida nacional. Buda pregou a renúncia. A

Índia ouviu, e ainda assim em seis séculos alcançou seu maior apogeu. O segredo está aí. Os ideais nacionais da Índia são a RENÚNCIA e o SERVIÇO. Intensifique-a nesses canais, e o resto cuidará de si mesmo. A bandeira do espiritual não pode ser elevada muito alto neste país.

5.2.10 SOBRE AS MULHERES INDIANAS — SEU PASSADO, PRESENTE E FUTURO

(Prabuddha Bharata, dezembro de 1898)

Foi numa manhã de domingo, escreve o nosso representante, num belo vale do Himalaia, que finalmente pude cumprir a ordem do Editor e visitar o Swami Vivekananda para averiguar algumas das suas opiniões sobre a posição e as perspectivas. das mulheres indianas.

“Vamos dar um passeio”, disse o Swami, quando anunciei minha missão, e partimos imediatamente entre algumas das paisagens mais lindas do mundo.

Seguimos por caminhos ensolarados e sombrios, por aldeias tranquilas, entre crianças brincando e pelos milhares dourados. Aqui as árvores altas pareciam perfurar o azul acima, e ali um grupo de camponesas se curvava, com a foice na mão, para cortar e carregar os talos de palha de milho com pontas emplumadas para os estoques de inverno. Agora a estrada levava a um pomar de macieiras, onde grandes pilhas de frutas vermelhas jaziam sob as árvores para serem selecionadas, e novamente estávamos ao ar livre, encarando as neves que se erguiam com beleza augusta acima das nuvens brancas contra o céu.

Finalmente meu companheiro quebrou o silêncio. “Os ideais arianos e semitas da mulher”, disse ele, “sempre foram diametralmente opostos. Entre os semitas, a presença da mulher é considerada perigosa para a devoção, e ela não pode desempenhar qualquer função religiosa, mesmo como matar um pássaro. por comida: segundo o ariano, um homem não pode realizar uma ação religiosa sem uma esposa.”

“Mas Swamiji!” disse eu - surpreso com uma afirmação tão abrangente e tão inesperada - “o hinduísmo não é uma fé ariana?”

“O Hinduísmo moderno”, disse o Swami calmamente, “é em grande parte Paurânika, isto é, de origem pós-budista. Dayânanda Saraswati destacou que embora a esposa seja absolutamente necessária no Sacrifício do fogo doméstico, que é um rito védico, ela não pode tocar no Shâlagrâma Shilâ, ou no ídolo doméstico, porque isso data do período posterior dos Purânas.”

"E então você considera a desigualdade das mulheres entre nós inteiramente devida à influência do Budismo?"

“Onde existe, certamente”, disse o Swami, “mas não devemos permitir que o súbito influxo de críticas europeias e o nosso consequente sentido de contraste nos façam concordar demasiado prontamente com esta noção da desigualdade das nossas mulheres. nós, durante muitos séculos, a necessidade de proteção da mulher. Esta, e não a sua inferioridade, é a verdadeira leitura dos nossos costumes.

“Você está então inteiramente satisfeito com a posição das mulheres entre nós, Swamiji?”

"De forma alguma", disse o Swami, "mas o nosso direito de interferência limita-se inteiramente a dar educação. As mulheres devem ser colocadas em posição de resolver os seus próprios problemas à sua maneira. Ninguém pode ou deve fazer isto por elas. . E nossas mulheres indianas são tão capazes de fazer isso quanto qualquer outra no mundo."

"Como você explica a influência maligna que você atribui ao Budismo?"

“Isso só veio com a decadência da fé”, disse o Swami. "Todo movimento triunfa por meio de alguma característica incomum e, quando cai, esse ponto de orgulho se torna seu principal elemento de fraqueza. O Senhor Buda - o maior dos homens - foi um organizador maravilhoso e conduziu o mundo por esse meio. Mas sua religião era a religião de uma ordem monástica. Teve, portanto, o efeito nefasto de tornar honrada a própria túnica do monge. Ele também introduziu pela primeira vez a vida comunitária das casas religiosas e, assim, necessariamente tornou as mulheres inferiores aos homens. grandes abadessas não poderiam dar nenhum passo importante sem o conselho de certos abades. Isso garantiu

seu objetivo imediato, a solidariedade da fé, você vê, apenas seus efeitos de longo alcance devem ser deplorados.

“Mas Sannyāsa é reconhecido nos Vedas!”

"Claro que é, mas sem fazer qualquer distinção entre homens e mulheres. Você se lembra de como Yâjnavalkya foi questionado na Corte do Rei Janaka? Seu principal examinador foi Vâchaknavi, o orador solteiro - Brahmavâdini, como dizia a palavra do dia. 'Como duas flechas brilhantes na mão de um arqueiro habilidoso', ela diz, 'são minhas perguntas.' O sexo dela nem sequer é comentado. Novamente, poderia haver algo mais completo do que a igualdade entre meninos e meninas em nossas antigas universidades florestais. Leia nossos dramas em sânscrito – leia a história de Shakuntala e veja se a “Princesa” de Tennyson tem algo a ensinar? nós! "

“Você tem uma maneira maravilhosa de revelar as glórias do nosso passado, Swamiji!”

“Talvez porque vi os dois lados do mundo”, disse o Swami gentilmente, “e sei que a raça que produziu Sitâ – mesmo que apenas tenha sonhado com ela – tem uma reverência pela mulher que é incomparável na terra. Há muitos fardos vinculados ao rigor jurídico sobre os ombros das mulheres ocidentais que são totalmente desconhecidos para nós. Temos certamente os nossos erros e as nossas exceções, mas elas também têm. expressam amor, ternura e retidão, e que os costumes nacionais são apenas os veículos mais próximos desta expressão. No que diz respeito às virtudes domésticas, não hesito em dizer que os nossos métodos indianos têm, em muitos aspectos, vantagem sobre todos os outros.

“Então nossas mulheres têm algum problema, Swamiji?”

"É claro que eles têm muitos e graves problemas, mas nenhum que não possa ser resolvido pela palavra mágica 'educação'. A verdadeira educação, porém, ainda não foi concebida entre nós."

"E como você definiria isso?"

“Eu nunca defino nada”, disse o Swami sorrindo. "Ainda assim, pode ser descrito como um desenvolvimento do corpo docente, não um acúmulo de palavras, ou como um treinamento de indivíduos para desejarem de maneira correta e eficiente. Portanto, devemos trazer para a necessidade da Índia grandes mulheres destemidas - mulheres dignas de continuar as tradições de Sanghamittâ, Lilâ, Ahalyâ Bâi e Mira Bâi - mulheres adequadas para serem mães de heróis, porque são puras e altruístas, fortes com a força que vem ao tocar os pés de Deus.

“Então você considera que deveria haver um elemento religioso na educação, Swamiji?”

“Vejo a religião como o núcleo mais íntimo da educação”, disse o Swami solenemente. "Veja bem, não me refiro à minha própria opinião ou à opinião de qualquer outra pessoa sobre religião. Acho que o professor deve tomar o ponto de partida do aluno neste, como em outros aspectos, e capacitá-lo a desenvolver-se ao longo de sua própria linha de menor resistência. "

"Mas certamente a exaltação religiosa de Brahmacharya, ao tirar o lugar mais alto da mãe e da esposa e dá-lo àqueles que evitam essas relações, é um golpe direto desferido na mulher?"

“Você deveria se lembrar”, disse o Swami, “que se a religião exalta Brahmacharya para a mulher, ela faz exatamente o mesmo para o homem. Além disso, sua pergunta mostra uma certa confusão em sua própria mente. alma. É procurar realizar o permanente em meio ao evanescente. Ninguém ousa apontar qualquer maneira pela qual isso possa ser feito, o bem ou o mal, o aprendizado ou a ignorância, qualquer um deles é justificado. se leva ao objetivo. Nesse aspecto reside o grande contraste entre ele e o Budismo, pois a direção marcante deste último é perceber a impermanência do externo, o que, em termos gerais, só pode ser feito de uma maneira. história do jovem Yogi no Mahabhârata que se orgulhava de seus poderes psíquicos queimando os corpos de um corvo e de uma garça por sua vontade intensa, produzida pela raiva. Você se lembra que o jovem santo foi à cidade e encontrou primeiro uma esposa amamentando? seu marido doente e depois o açougueiro Dharma-Vyâdha, ambos os quais obtiveram a iluminação no caminho da fidelidade e do dever comuns?"

“E então o que você diria, Swamiji, para as mulheres deste país?

"Ora, para as mulheres deste país." disse o Swami: "Eu diria exatamente o que digo aos homens. Acredite na Índia e em nossa fé indiana. Seja forte, esperançoso e sem vergonha, e lembre-se de que, com algo para receber, os hindus têm imensamente mais para dar do que qualquer outro povo no mundo."

5.2.11 NOS LIMITES DO HINDUÍSMO

(Prabuddha Bharata, abril de 1899)

Tendo sido orientado pelo Editor, escreve nosso representante, para entrevistar Swami Vivekananda sobre a questão dos convertidos ao hinduísmo, encontrei uma oportunidade uma noite no telhado de uma casa-barco no Ganga. Já passava da noite e tínhamos parado na margem do Ramakrishna Math, e lá o Swami desceu para falar comigo.

A hora e o lugar eram igualmente encantadores. Acima das estrelas, e ao redor – o Ganges ondulante; e de um lado ficava o prédio mal iluminado, com seu fundo de palmeiras e altas árvores frondosas.

"Quero falar com você, Swami", comecei, "sobre esta questão de receber de volta ao Hinduísmo aqueles que foram pervertidos por ele. É sua opinião que eles deveriam ser recebidos?"

“Certamente”, disse o Swami, “eles podem e devem ser levados”.

Ele ficou sentado gravemente por um momento, pensando, e então retomou. "Além disso", disse ele, "caso contrário, diminuiríamos em número. Quando os maometanos chegaram, dizem que éramos seiscentos milhões de hindus - creio que com base na autoridade de Ferishta, o mais antigo historiador maometano. cerca de duzentos milhões. E então cada homem que sai do território hindu não é apenas um homem a menos, mas um inimigo a mais.

"Mais uma vez, a grande maioria dos pervertidos hindus do Islã e do Cristianismo são pervertidos pela espada, ou descendentes destes. Seria

obviamente injusto sujeitá-los a deficiências de qualquer tipo. Quanto ao caso de estrangeiros nascidos, você disse ? Ora, os alienígenas nascidos foram convertidos no passado por multidões, e o processo ainda está em andamento.

"Na minha opinião, esta afirmação não se aplica apenas às tribos aborígenes, às nações periféricas e a quase todos os nossos conquistadores antes da conquista muçulmana, mas também aos Purânas. Sustento que eles foram estrangeiros assim adotados.

"Cerimônias de expiação são sem dúvida adequadas no caso de convertidos voluntários, retornando à sua Igreja-Mãe, por assim dizer; mas para aqueles que foram alienados pela conquista - como na Caxemira e no Nepal - ou para estrangeiros que desejam se juntar a nós, não a penitência deve ser imposta."

"Mas de que casta seriam essas pessoas, Swamiji?" aventurei-me a perguntar. "Eles devem ter algum, ou nunca poderão ser assimilados pelo grande corpo dos hindus. Onde devemos procurar o seu lugar de direito?"

"Os convertidos que retornarem", disse o Swami calmamente, "ganharão suas próprias castas, é claro. E novas pessoas farão as suas. Vocês se lembrarão", acrescentou ele, "que isso já foi feito no caso do Vaishnavismo. diferentes castas e estrangeiros foram capazes de se combinar sob essa bandeira e formar uma casta por si mesmos – e uma casta muito respeitável também. De Râmânúja até Chaitanya de Bengala, todos os grandes professores Vaishnavas fizeram o mesmo.

"E onde essas novas pessoas deveriam esperar se casar?" Perguntei.

"Entre eles, como fazem agora", disse o Swami calmamente.

"Então, quanto aos nomes", perguntei, "suponho que alienígenas e pervertidos que adotaram nomes não-hindus deveriam receber novos nomes. Você daria a eles nomes de castas, ou o quê?"

"Certamente", disse o Swami, pensativo, "há muita coisa num nome!" e sobre esta questão ele não diria mais nada.

Mas minha próxima investigação arrancou sangue. "Você deixaria esses recém-chegados, Swamiji, escolherem sua própria forma de crença religiosa

a partir do hinduísmo multifacetado, ou você traçaria uma religião para eles?"

"Você pode perguntar isso?" ele disse. "Eles escolherão por si próprios. Pois a menos que um homem escolha por si mesmo, o próprio espírito do Hinduísmo será destruído. A essência da nossa Fé consiste simplesmente nesta liberdade do Ishta."

Achei a declaração de peso, pois o homem diante de mim passou mais anos do que qualquer outra pessoa viva, imagino, estudando as bases comuns do hinduísmo com um espírito científico e solidário - e a liberdade do Ishta é obviamente um grande princípio. suficiente para acomodar o mundo.

Mas a conversa passou para outros assuntos, e então com um cordial boa-noite este grande professor de religião levantou sua lanterna e voltou para o mosteiro, enquanto eu pelos caminhos inexplorados do Ganga, entrando e saindo entre seus artesanatos de vários tamanhos, fiz o melhor possível para voltar para minha casa em Calcutá.

5.3 NOTAS DE PALESTRAS E DISCURSO

5.3.1 SOBRE KARMA-YOGA

O isolamento da alma de todos os objetos, mentais e físicos, é o objetivo; quando isso for alcançado, a alma descobrirá que esteve sozinha o tempo todo e não precisou de ninguém para fazê-la feliz. Enquanto exigirmos que alguém nos faça felizes, seremos escravos. Quando o Purusha descobre que é livre e não requer nada para se completar, que esta natureza é totalmente desnecessária, então a liberdade (Kaivalya) é alcançada.

Os homens correm atrás de alguns dólares e não pensam em enganar um ser humano para conseguir esses dólares; mas se se contivessem, em poucos anos desenvolveriam um caráter que lhes traria milhões de dólares - se os

quisessem. Então a vontade deles governaria o universo. Mas somos todos tão tolos!

Qual é a utilidade de falar dos próprios erros para o mundo? Eles não podem ser desfeitos. Pelo que se fez, deve-se sofrer; é preciso tentar fazer melhor. O mundo simpatiza apenas com os fortes e poderosos.

Somente o trabalho realizado como uma oferta voluntária à humanidade e à natureza é que não traz consigo nenhum apego vinculativo.

O dever de qualquer espécie não deve ser menosprezado. Um homem que realiza o trabalho inferior não é, apenas por essa razão, um homem inferior àquele que realiza o trabalho superior; um homem não deve ser julgado pela natureza de seus deveres, mas pela maneira como os cumpre. Sua maneira de fazê-los e seu poder para fazê-los são de fato o teste de um homem. Um sapateiro que consegue fabricar um par de sapatos forte e bonito no menor tempo possível é um homem melhor, de acordo com sua profissão e seu trabalho, do que um professor que fala bobagens todos os dias de sua vida.

Todo dever é santo, e a devoção ao dever é a forma mais elevada de adoração a Deus; é certamente uma fonte de grande ajuda para iluminar e emancipar as almas iludidas e sobrecarregadas de ignorância dos Baddhas – os presos.

Cumprindo bem o dever que está mais próximo de nós, o dever que está em nossas mãos agora, nos tornamos mais fortes e aumentando nossa força dessa maneira, passo a passo, podemos até chegar a um estado em que será nosso privilégio fazê-lo. os deveres mais cobiçados e honrados na vida e na sociedade.

A justiça da natureza é uniformemente severa e implacável.

O homem mais prático não chamaria a vida de boa nem de má.

Todo homem de sucesso deve ter atrás de si uma tremenda integridade, uma tremenda sinceridade, e essa é a causa de seu notável sucesso na vida. Ele pode não ter sido totalmente altruísta; no entanto, ele estava tendendo para isso. Se ele tivesse sido perfeitamente altruísta, seu sucesso teria sido tão

grande quanto o do Buda ou do Cristo. O grau de altruísmo marca o grau de sucesso em todos os lugares.

Os grandes líderes da humanidade pertencem a campos mais elevados do que o campo do trabalho em plataformas.

Por mais que tentemos, não pode haver nenhuma ação que seja perfeitamente pura ou que seja perfeitamente impura, tomando pureza ou impureza no sentido de dano ou não dano. Não podemos respirar ou viver sem ferir os outros, e cada pedaço de comida que comemos é tirado da boca de outra pessoa; nossas próprias vidas estão expulsando algumas outras vidas. Podem ser de homens, ou de animais, ou de pequenos fungos, mas temos que expulsar alguém em algum lugar. Sendo esse o caso, segue-se naturalmente que a perfeição nunca pode ser alcançada pelo trabalho. Podemos trabalhar por toda a eternidade, mas não haverá saída deste intrincado labirinto: podemos trabalhar indefinidamente, mas não haverá fim.

O homem que trabalha através da liberdade e do amor não se importa com os resultados. Mas o escravo quer ser chicoteado; o servo quer seu pagamento. O mesmo acontece com toda a vida; tomemos por exemplo a vida pública. O orador público quer um pouco de aplauso ou um pouco de assobio e vaias. Se você o mantiver num canto sem isso, você o mata, pois ele exige isso. Isso é trabalhar através da escravidão. Esperar algo em troca, sob tais condições, torna-se uma segunda natureza. Em seguida vem o trabalho do servo, que exige algum pagamento; Eu dou isso e você me dá aquilo. Nada é mais fácil do que dizer: “Eu trabalho pelo trabalho”, mas nada é tão difícil de conseguir. Eu caminharia trinta quilômetros de joelhos para olhar o rosto do homem que pode trabalhar pelo trabalho. Há um motivo em algum lugar. Se não é dinheiro, é poder. Se não é poder, é ganho. De alguma forma, em algum lugar, existe uma força motriz. Você é meu amigo e quero trabalhar para você e com você. Está tudo muito bem e a todo momento posso protestar minha sinceridade. Mas tome cuidado, você deve ter certeza de que concorda comigo! Se não o fizer, não cuidarei mais de você nem viverei para você! Esse tipo de trabalho por um motivo traz miséria. Somente esse trabalho traz desapego e felicidade, onde trabalhamos como mestres de nossas próprias mentes.

A grande lição a aprender é que não sou o padrão pelo qual todo o universo deve ser julgado; cada homem deve ser julgado por sua própria idéia, cada raça por seu próprio padrão e ideal, cada costume de cada país por seu próprio raciocínio e condições. Os costumes americanos são o resultado do ambiente em que os americanos vivem e os costumes indianos são o resultado do ambiente em que os índios se encontram; e o mesmo acontece com a China, o Japão, a Inglaterra e todos os outros países.

Todos nos encontramos na posição que nos cabe, cada bola encontra o seu buraco; e se um tiver alguma capacidade superior a outro, o mundo também descobrirá isso, neste ajuste universal que está em curso. Então não adianta reclamar. Pode haver um homem rico que seja mau, mas deve haver nesse homem certas qualidades que o tornaram rico; e se qualquer outro homem tiver as mesmas qualidades, ele também ficará rico. Qual é a utilidade de brigar e reclamar? Isso não nos ajudará a melhorar as coisas. Aquele que resmunga por causa das pequenas coisas que lhe cabem fazer, resmungará por tudo. Sempre resmungando, ele levará uma vida miserável e tudo será um fracasso. Mas aquele homem que cumpre seu dever enquanto caminha, colocando o ombro no volante, verá a luz, e deveres cada vez mais elevados recairão sobre sua parte.

5.3.2 SOBRE O FANATICISMO

Existem fanáticos de vários tipos. Algumas pessoas são fanáticas por vinho e por charutos. Alguns pensam que se os homens deixassem de fumar charutos, o mundo chegaria ao milénio. As mulheres geralmente estão entre esses fanáticos. Houve uma jovem aqui um dia, nesta classe. Ela foi uma das várias senhoras de Chicago que construíram uma casa onde acolhem os trabalhadores e lhes dão música e ginástica. Um dia esta jovem estava falando sobre os males do mundo e disse que conhecia o remédio. Eu perguntei: "Como você sabe?" e ela respondeu: "Você viu Hull House?" Na sua opinião, esta Hull House é a única panacéia para todos os males dos quais a carne é herdeira. Isso crescerá sobre ela. Sinto muito por ela. Há alguns fanáticos na Índia que pensam que se uma mulher pudesse casar-se novamente quando o marido morresse, isso curaria todo o mal. Isso é fanatismo.

Quando eu era menino, achava que o fanatismo era um grande elemento no trabalho, mas agora, à medida que envelheço, descubro que não é.

Pode haver uma mulher que roubaria e não faria objeção a pegar a bolsa de outra pessoa e ir embora com ela. Mas talvez essa mulher não fume. Ela se torna fanática por fumar e, assim que encontra um homem fumando, ela o desaprova veementemente, porque ele fuma charuto. Pode haver um homem que engana as pessoas; não há como confiar nele; nenhuma mulher está segura com ele. Mas talvez este canalha não beba vinho. Se for assim, ele não vê nada de bom em quem bebe vinho. Todas essas coisas perversas que ele mesmo faz não têm consideração. Isto é apenas egoísmo e unilateralidade humanos naturais.

Você também deve lembrar que o mundo tem Deus para governá-lo, e Ele não o deixou à nossa caridade. O Senhor Deus é o seu Governador e Mantenedor, e apesar desses fanáticos por vinho e por charuto, e por todos os tipos de fanáticos por casamento, isso continuaria. Se todas essas pessoas morressem, não seria pior.

Você não se lembra em sua própria história de como o povo “Mayflower” veio para cá e começou a se autodenominar puritanos? Eles eram muito puros e bons até o ponto em que começaram a perseguir outras pessoas; e ao longo da história da humanidade tem sido o mesmo. Mesmo aqueles que fogem da perseguição se entregam a perseguir outros assim que surge uma oportunidade favorável para fazê-lo.

Em noventa casos entre cem, os fanáticos devem ter problemas de fígado, ou são dispépticos, ou estão de alguma forma doentes. Aos poucos, até os médicos descobrirão que o fanatismo é uma espécie de doença. Eu já vi muito disso. O Senhor me salve disso!

A minha experiência chega ao seguinte: é bastante sensato evitar todo o tipo de reformas fanáticas. Este mundo está acontecendo lentamente; deixe ir devagar. Por que você está com pressa? Durma bem e mantenha os nervos em ordem; coma a comida certa e tenha simpatia pelo mundo. Fanáticos só fazem ódio. Você quer dizer que o fanático da temperança ama esses pobres que se tornam bêbados? Um fanático é um fanático simplesmente porque espera receber algo em troca. Assim que a batalha termina, ele parte para o

despojo. Quando você sair da companhia de fanáticos, poderá aprender como realmente amar e ter compaixão. E quanto mais você alcançar amor e simpatia, menor será o seu poder de condenar essas pobres criaturas; em vez disso, você simpatizará com as falhas deles. Será possível simpatizar com o bêbado e saber que ele também é um homem como você. Você então tentará compreender as muitas circunstâncias que o estão arrastando para baixo e sentirá que, se estivesse no lugar dele, talvez tivesse cometido suicídio. Lembro-me de uma mulher cujo marido era um grande bêbado, e ela reclamou comigo que ele estava ficando assim. Eu respondi: “Senhora, se houvesse vinte milhões de esposas como você, todos os maridos se tornariam bêbados”. Estou convencido de que um grande número de bêbados é fabricado pelas suas esposas. Meu negócio é dizer a verdade e não bajular ninguém. Estas mulheres indisciplinadas, de cujas mentes as palavras tolerar e tolerar, desapareceram para sempre, e cujas falsas ideias de independência as levam a pensar que os homens deveriam estar a seus pés, e que começam a uivar assim que os homens ousam dizer-lhes qualquer coisa que eles não gostam – essas mulheres estão se tornando a ruína do mundo, e é surpreendente que elas não levem metade dos homens a cometer suicídio. Desta forma as coisas não deveriam continuar. A vida não é tão fácil como eles acreditam; é um negócio mais sério!

Um homem não deve apenas ter fé, mas também fé intelectual. Fazer um homem assumir tudo e acreditar seria torná-lo um lunático. Certa vez, recebi um livro que dizia que devo acreditar em tudo o que nele é dito. Dizia que não havia alma, mas que havia deuses e deusas no céu, e um fio de luz saindo de cada uma de nossas cabeças para o céu! Como o escritor sabia de todas essas coisas? Ela ficou inspirada e queria que eu acreditasse também; e como recusei, ela disse: "Você deve ser um homem muito mau; não há esperança para você!" Isso é fanatismo.

5.3.3 TRABALHO É ADORAÇÃO

O homem mais elevado não pode trabalhar, pois não há nenhum elemento vinculativo, nenhum apego, nenhuma ignorância nele. Diz-se que um navio passou sobre uma montanha de minério magnético e todos os parafusos e barras foram retirados e ele se despedaçou. É na ignorância que a luta

permanece, porque todos somos realmente ateus. Os verdadeiros teístas não podem funcionar. Somos mais ou menos ateus. Não vemos Deus nem acreditamos Nele. Ele é DEUS para nós e nada mais. Há momentos em que pensamos que Ele está próximo, mas depois caímos novamente. Quando você O vê, quem luta por quem? Ajude o Senhor! Existe um provérbio em nossa língua: “Devemos ensinar o Arquiteto do universo a construir?” Portanto, aqueles que não trabalham são os mais elevados da humanidade. A próxima vez que você vir essas frases bobas sobre o mundo e como todos devemos ajudar a Deus e fazer isso ou aquilo por Ele, lembre-se disso. Não tenha tais pensamentos; eles são muito egoístas. Todo o trabalho que você faz é subjetivo, é feito para seu próprio benefício. Deus não caiu em uma vala para que você e eu O ajudássemos construindo um hospital ou algo desse tipo. Ele permite que você trabalhe. Ele permite que você exercite seus músculos neste grande ginásio, não para ajudá-Lo, mas para que você possa ajudar a si mesmo. Você acha que até uma formiga morrerá por falta de sua ajuda? A mais flagrante blasfêmia! O mundo não precisa de você de jeito nenhum. O mundo continua, você é como uma gota no oceano. Uma folha não se move, o vento não sopra sem Ele. Bem-aventurados somos por termos o privilégio de trabalhar para Ele, e não de ajudá-Lo. Elimine esta palavra “ajuda” da sua mente. Você não pode ajudar; é uma blasfêmia. Você está aqui para Sua vontade. Você quer dizer que você O ajuda? Você adora. Quando você dá um pedaço de comida ao cachorro, você o adora como se fosse Deus. Deus está naquele cachorro. Ele é o cachorro. Ele é tudo e está em todos. Temos permissão para adorá-Lo. Permaneça nessa atitude reverente para com todo o universo, e então virá o desapego perfeito. Este deveria ser seu dever. Esta é a atitude adequada de trabalho. Este é o segredo ensinado pelo Karma-Yoga.

5.3.4 TRABALHO SEM MOTIVO

Na quadragésima segunda reunião da Missão Ramakrishna realizada nas instalações nº 57 da Rua Râmkânta Bose, Baghbazar, Calcutá, em 20 de março de 1898, Swami Vivekananda fez um discurso sobre "Trabalho sem Motivo", e falou no seguinte sentido :

Quando o Gita foi pregado pela primeira vez, houve uma grande controvérsia entre duas seitas. Um partido considerou os Yajnas Védicos e os sacrifícios de animais e coisas como Karmas como constituindo o todo da religião. O outro pregava que a matança de inúmeros cavalos e gado não pode ser chamada de religião. As pessoas pertencentes a este último partido eram em sua maioria Sannyâsins e seguidores de Jnâna. Eles acreditavam que o abandono de todo trabalho e a obtenção do conhecimento do Ser era o único caminho para Moksha. Pela pregação de Sua grande doutrina do trabalho sem motivo, o Autor do Gita pôs fim às disputas entre esses dois antagônicos. seitas.

Muitos são da opinião de que o Gita não foi escrito na época do Mahabhârata, mas foi posteriormente adicionado a ele. Isso não está correto. Os ensinamentos especiais do Gita podem ser encontrados em todas as partes do Mahabharata, e se o Gita for eliminado, por não fazer parte dele, todas as outras partes dele que incorporem os mesmos ensinamentos devem ser tratadas de forma semelhante.

Agora, qual é o significado de trabalhar sem motivo? Hoje em dia muitos entendem isso no sentido de que se deve trabalhar de tal maneira que nem o prazer nem a dor toquem sua mente. Se este for o seu verdadeiro significado, então pode-se dizer que os animais trabalham sem motivo. Alguns animais devoram seus próprios filhotes e não sentem nenhuma dor ao fazê-lo. Os ladrões arruinam outras pessoas roubando-lhes os seus bens; mas se se sentirem bastante insensíveis ao prazer ou à dor, então também estarão trabalhando sem motivo. Se o significado disso for tal, então alguém que tem um coração de pedra, o pior dos criminosos, pode ser considerado como alguém que trabalha sem motivo. As paredes não têm sentimentos de prazer ou dor, nem pedra, e não se pode dizer que funcionem sem motivo. No sentido acima, a doutrina é um instrumento poderoso nas mãos dos ímpios. Eles continuariam cometendo atos perversos e se declarariam trabalhando sem motivo. Se esse é o significado de trabalhar sem motivo, então uma doutrina terrível foi apresentada pela pregação do Gita. Certamente este não é o significado. Além disso, se olharmos para as vidas daqueles que estavam ligados à pregação do Gita, deveríamos encontrá-los vivendo uma vida bem diferente. Arjuna matou Bhishma e Drona em

batalha, mas, além disso, ele sacrificou todos os seus interesses e desejos próprios e seu eu inferior milhões de vezes.

Gita ensina Karma-Yoga. Deveríamos trabalhar através do Yoga (concentração). Nessa concentração na ação (Karma-Yoga), não há consciência do ego inferior presente. A consciência de que estou fazendo isso e aquilo nunca está presente quando se trabalha através do Yoga. O povo ocidental não entende isso. Dizem que se não houver consciência do ego, se esse ego desaparecer, como então o homem poderá trabalhar? Mas quando se trabalha com concentração, perdendo toda a consciência de si mesmo, o trabalho realizado será infinitamente melhor, e isso cada um pode ter experimentado em sua própria vida. Realizamos muitos trabalhos subconscientemente, como a digestão de alimentos, etc., muitos outros conscientemente, e outros ainda, ficando imersos em Samâdhi, por assim dizer, quando não há consciência do ego menor. Se o pintor, perdendo a consciência do seu ego, ficar completamente imerso na sua pintura, será capaz de produzir obras-primas. O bom cozinheiro concentra-se inteiramente nos alimentos que manuseia; ele perde todas as outras consciências por enquanto. Mas desta forma só conseguem fazer com perfeição um único trabalho ao qual estão habituados. O Gita ensina que todos os trabalhos devem ser feitos assim. Aquele que é um com o Senhor através do Yoga realiza todos os seus trabalhos mergulhando na concentração e não busca nenhum benefício pessoal. Tal desempenho de trabalho traz apenas o bem ao mundo, nenhum mal pode resultar disso. Quem trabalha assim nunca faz nada por si mesmo.

O resultado de todo trabalho está misturado com o bem e o mal. Não há boa obra que não contenha um toque de mal. Como a fumaça ao redor do fogo, algum mal sempre se apega ao trabalho. Devemos nos engajar em obras que tragam a maior quantidade de bem e a menor medida de mal. Arjuna matou Bhishma e Drona; se isso não tivesse sido feito, Duryodhana não poderia ter sido conquistado, a força do mal teria triunfado sobre a força do bem e, assim, uma grande calamidade teria caído sobre o país. O governo do país teria sido usurpado por um corpo de reis orgulhosos e injustos, para grande infortúnio do povo. Da mesma forma, Shri Krishna matou Kamsa, Jarasandha e outros que eram tiranos, mas nem um único de seus atos foi feito por si mesmo. Cada um deles era para o bem dos outros. Estamos

lendo o Gita à luz de velas, mas muitos insetos estão sendo queimados até a morte. Assim se vê que algum mal se apegou ao trabalho. Aqueles que trabalham sem qualquer consciência do seu ego inferior não são afetados pelo mal, pois trabalham para o bem do mundo. Trabalhar sem motivo, trabalhar desapegado, traz a maior bem-aventurança e liberdade. Este segredo do Karma-Yoga é ensinado pelo Senhor Shri Krishna no Gita.

5.3.5 SADHANAS OU PREPARAÇÕES PARA UMA VIDA SUPERIOR

Se o atavismo ganha, você cai; se a evolução ganha, você continua. Portanto, não devemos permitir que o atavismo aconteça. Aqui, no meu próprio corpo, está o primeiro trabalho do estudo. Estamos demasiado ocupados a tentar consertar os costumes dos nossos vizinhos, essa é a dificuldade. Devemos começar com nossos próprios corpos. O coração, o fígado, etc., são todos atávicos; traga-os de volta à consciência, controle-os, para que obedeçam aos seus comandos e atuem de acordo com os seus desejos. Houve um tempo em que tínhamos controle do fígado; poderíamos sacudir toda a pele, assim como a vaca. Tenho visto muitas pessoas recuperarem o controle por meio de pura prática. Depois que uma impressão é feita, ela está lá. Traga de volta todas as atividades submersas – o vasto oceano de ação. Esta é a primeira parte do grande estudo e é absolutamente necessária para o nosso bem-estar social. Por outro lado, apenas a consciência não precisa ser estudada o tempo todo.

Depois há a outra parte do estudo, não tão necessária na nossa vida social, que tende à libertação. Sua ação direta é libertar a alma, levar a tocha para a escuridão, limpar o que ficou para trás, sacudi-la ou mesmo desafiá-la, e fazer-nos marchar adiante perfurando a escuridão. Esse é o objetivo – o superconsciente. Então, quando esse estado é alcançado, esse mesmo homem se torna divino, torna-se livre. E para a mente assim treinada para transcender tudo, gradualmente este universo começará a revelar os seus segredos; o livro da natureza será lido capítulo após capítulo, até que o objetivo seja alcançado, e passemos deste vale da vida e da morte para Aquele, onde a morte e a vida não existem, e conhecemos o Real e nos tornamos o Real.

A primeira coisa necessária é uma vida tranquila e pacífica. Se eu tiver que andar pelo mundo o dia inteiro para ganhar a vida, será difícil para mim alcançar algo muito elevado nesta vida. Talvez numa outra vida eu nasça em circunstâncias mais propícias. Mas se eu for suficientemente sincero, estas mesmas circunstâncias mudarão mesmo neste nascimento. Houve alguma coisa que você não conseguiu e que realmente queria? Não poderia ser. Pois é o desejo que cria o corpo. É a luz que abriu os buracos, por assim dizer, em sua cabeça, chamados olhos. Se a luz não existisse, você não teria olhos. É o som que fez os ouvidos. O objeto da percepção existiu primeiro, antes de vocês construírem o órgão. Dentro de algumas centenas de milhares de anos ou antes, poderemos ter outros órgãos para perceber eletricidade e outras coisas. Não há desejo de uma mente pacífica. O desejo não virá a menos que haja algo externo para satisfazê-lo. A coisa externa apenas abre um buraco no corpo, por assim dizer, e tenta entrar na mente. Então, quando surgir o desejo de ter uma vida pacífica e tranquila, chegará onde tudo será propício para o desenvolvimento da mente - você pode considerar isso como minha experiência. Pode acontecer depois de milhares de vidas, mas deve acontecer. Segure-se nisso, no desejo. Você não pode ter o desejo forte se o objeto dele já não estiver fora para você. Claro que você deve entender que existe uma diferença entre desejo e desejo. O mestre disse: "Meu filho, se você deseja a Deus, Deus virá até você". O discípulo não compreendeu totalmente o seu mestre. Um dia ambos foram tomar banho num rio, e o mestre disse: "Mergulhe", e o menino assim o fez. Num momento o mestre estava sobre ele, segurando-o. Ele não deixou o menino subir. Quando o menino lutou e ficou exausto, ele o soltou. "Sim, meu filho, como você se sentiu aí;" "Oh, o desejo de respirar!" "Você tem esse tipo de desejo por Deus?" "Não senhor." "Tenha esse tipo de desejo por Deus e você terá Deus."

Aquilo, sem o qual não podemos viver, deve vir até nós. Se não chegasse até nós, a vida não poderia continuar.

Se você quer ser um Yogi, você deve ser livre e colocar-se em circunstâncias onde esteja sozinho e livre de toda ansiedade. Aquele que deseja uma vida confortável e agradável e ao mesmo tempo quer realizar o Eu é como o tolo que, querendo atravessar o rio, agarrou um crocodilo confundindo-o com um tronco de madeira. "Buscai primeiro o Reino de

Deus e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” A ele tudo que não se importa com nada. A fortuna é como um flerte; ela não se importa com quem a quer, mas está aos pés daquele que não se importa com ela. O dinheiro chega e cai sobre quem não se importa com ele; o mesmo acontece com a fama em abundância até que se torne um problema e um fardo. Eles sempre vêm ao Mestre. O escravo nunca recebe nada. O Mestre é aquele que pode viver apesar deles, cuja vida não depende das pequenas e tolas coisas do mundo. Viva por um ideal, e apenas esse ideal. Que seja tão grande, tão forte, que não reste mais nada na mente; não há lugar para mais nada, não há tempo para mais nada.

Como algumas pessoas dão todas as suas energias, tempo, cérebro, corpo e tudo mais para ficarem ricas! Eles não têm tempo para o café da manhã! De manhã cedo eles estão fora e trabalhando! Eles morrem na tentativa – noventa por cento deles – e o restante, quando ganha dinheiro, não consegue aproveitá-lo. Isso é ótimo! Não digo que seja ruim tentar ser rico. É maravilhoso, maravilhoso. Por que, o que isso mostra? Mostra que se pode ter a mesma quantidade de energia e lutar pela liberdade que se tem por dinheiro. Sabemos que temos que abrir mão do dinheiro e de todas as outras coisas quando morremos e, ainda assim, vemos a quantidade de energia que podemos dedicar a eles. Mas nós, os mesmos seres humanos, não deveríamos empregar mil vezes mais força e energia para adquirir aquilo que nunca desaparece, mas que permanece para nós para sempre? Pois este é o grande amigo, nossas boas ações, nossa excelência espiritual, que nos segue além do túmulo. Todo o resto fica aqui com o corpo.

Esse é o grande primeiro passo – o desejo real pelo ideal. Tudo fica fácil depois disso. Isso a mente indiana descobriu; lá, na Índia, os homens fazem de tudo para encontrar a verdade. Mas aqui, no Ocidente, a dificuldade é que tudo é muito fácil. Não é a verdade, mas o desenvolvimento, esse é o grande objectivo. A luta é a grande lição. Veja bem, o grande benefício nesta vida é a luta. É por onde passamos. Se existe algum caminho para o Céu, é através do Inferno. Através do Inferno para o Céu é sempre o caminho. Quando a alma lutou com as circunstâncias e encontrou a morte, mil vezes a morte no caminho, mas nada intimidado lutou para seguir em frente repetidas vezes e mais uma vez - então a alma sai como um gigante e ri do ideal que ele tem lutado pois, porque ele descobre o quanto ele é maior

do que o ideal. Eu sou o fim, meu próprio Eu, e nada mais, pois o que há que se compare ao meu próprio Eu? Pode um saco de ouro ser o ideal da minha alma? Certamente não! Minha Alma é o ideal mais elevado que posso ter. Perceber minha própria natureza real é o único objetivo da minha vida.

Não há nada que seja absolutamente mau. O diabo tem um lugar aqui assim como Deus, caso contrário ele não estaria aqui. Tal como te disse, é através do Inferno que passamos para o Céu. Nossos erros têm lugar aqui. Prossiga! Não olhe para trás se achar que fez algo que não está certo. Agora, você acredita que poderia ser o que é hoje, se não tivesse cometido esses erros antes? Abençoe seus erros, então. Eles foram anjos desprevenidos. Bendita seja a tortura! Bendita seja a felicidade! Não importa qual seja o seu destino. Agarre-se ao ideal. Seguir em frente! Não olhe para trás, para pequenos erros e coisas assim. Neste nosso campo de batalha, a poeira dos erros deve ser levantada. Aqueles que são tão insensíveis que não conseguem suportar a poeira, deixem-nos sair das fileiras.

Assim, então, esta tremenda determinação de lutar cem vezes mais determinação do que aquela que você emprega para ganhar qualquer coisa que pertença a esta vida, é a primeira grande preparação.

E junto com isso, deve haver meditação. Meditação é a única coisa. Meditar! A melhor coisa é a meditação. É a abordagem mais próxima da vida espiritual – a mente meditando. É o único momento da nossa vida diária em que não somos nada materiais - a Alma pensando em si mesma, livre de toda matéria - este maravilhoso toque da Alma!

O corpo é nosso inimigo e, ainda assim, nosso amigo. Qual de vocês pode suportar a visão da miséria? E qual de vocês não consegue fazer isso quando o vê apenas como uma pintura? Por ser irreal, não nos identificamos com ele, nem sabemos que é apenas uma pintura; não pode nos abençoar, não pode nos ferir. Podemos até desfrutar da mais terrível miséria pintada num pedaço de tela; elogiamos a técnica do artista, nos maravilhamos com sua genialidade maravilhosa, embora a cena que ele pinta seja horrível. Esse é o segredo; esse desapego. Seja a testemunha.

Nenhuma respiração, nenhum treinamento físico de Yoga, nada tem qualquer utilidade até que você chegue à ideia: “Eu sou a Testemunha”. Diga, quando a mão do tirano estiver em seu pescoço: "Eu sou a Testemunha! Eu sou a Testemunha!" Diga: “Eu sou o Espírito! Nada externo pode me tocar”. Quando surgirem maus pensamentos, repita isso, dê aquele golpe de marreta em suas cabeças: “Eu sou o Espírito! Eu sou a Testemunha, o Sempre Abençoado! tudo, eu sou a Testemunha, estou na minha galeria de quadros - este universo é o meu museu, estou olhando para essas pinturas sucessivas. Elas são todas lindas. Sejam boas ou más, vejo a habilidade maravilhosa. Chamas infinitas do Grande Pintor!" Na verdade, não há nada – nem vontade, nem desejo. Ele é tudo. Ele - Ela - a Mãe, está brincando, e nós somos como bonecos, Seus ajudantes nesta brincadeira. Aqui, Ela coloca alguém agora na roupa de um mendigo, outro momento na roupa de um rei, no momento seguinte na roupa de um santo, e novamente na roupa de um demônio. Estamos vestindo trajes diferentes para ajudar o Espírito Materno em Seu jogo.

Quando o bebê está brincando, ele não vem mesmo que seja chamado pela mãe. Mas quando ela terminar a peça, ela correrá para a mãe e não terá mais brincadeira. Então chegam momentos na nossa vida em que sentimos que a nossa peça terminou e queremos correr para a Mãe. Então todo o nosso trabalho aqui não terá valor; homens, mulheres e crianças — riqueza, nome e fama, alegrias e glórias da vida — castigos e sucessos — não existirão mais, e toda a vida parecerá um espetáculo. Veremos apenas o ritmo infinito acontecendo, sem fim e sem propósito, indo não sabemos para onde. Somente isto diremos; nossa peça acabou.

5.3.6 O COSMOS E O EU

Tudo na natureza surge de algumas formas sutis de sementes, torna-se cada vez mais grosseiro, existe por um certo tempo e novamente retorna à forma sutil original. A nossa Terra, por exemplo, saiu de uma forma nebulosa que, tornando-se cada vez mais fria, transformou-se neste planeta cristalizado em que vivemos, e no futuro voltará a desmoronar-se e retornará à sua forma nebulosa rudimentar. Isso está acontecendo no universo e tem

acontecido desde tempos imemoriais. Esta é toda a história do homem, toda a história da natureza, toda a história da vida.

Toda evolução é precedida por uma involução. Toda a árvore está presente na semente, sua causa. Todo o ser humano está presente nesse protoplasma. Todo este universo está presente no universo cósmico sutil. Tudo está presente na sua causa, na sua forma sutil. Esta evolução, ou desdobramento gradual de formas cada vez mais grosseiras, é verdadeira, mas cada caso foi precedido por uma involução. Todo este universo deve ter sido involuto antes de surgir, e se desdobrou em todas essas diversas formas para ser envolvido novamente mais uma vez. Tomemos, por exemplo, a vida de uma plantinha. Encontramos duas coisas que fazem da planta uma unidade por si só: o seu crescimento e desenvolvimento, a sua decadência e morte. Estes fazem uma unidade da vida vegetal. Assim, tomando a vida vegetal como apenas um elo na cadeia da vida, podemos considerar toda a série como uma só vida, começando no protoplasma e terminando no homem mais perfeito. O homem é um elo, e os vários animais, os animais inferiores e as plantas são outros elos. Agora volte à fonte, às partículas mais finas de onde elas começaram, e tome toda a série como apenas uma vida, e você descobrirá que toda evolução aqui é a evolução de algo que existia anteriormente.

Onde começa, aí termina. Qual é o fim deste universo? Inteligência, não é? O último a surgir na ordem da criação, segundo os evolucionistas, foi a inteligência. Sendo assim, deve ser a causa, o início da criação também. No início, essa inteligência permanece envolvida e, no final, evolui. A soma total da inteligência exibida no universo deve, portanto, ser a inteligência universal envolvida que se desenvolve, e esta inteligência universal é o que chamamos de Deus, de quem viemos e para quem voltamos, como dizem as escrituras. Chame-o por qualquer outro nome, você não pode negar que no início existe aquela inteligência cósmica infinita.

O que constitui um composto? Um composto é aquele em que as causas se combinaram e se tornaram o efeito. Portanto, essas coisas compostas só podem estar dentro do círculo da lei da causalidade; no que diz respeito às regras de causa e efeito, até agora podemos ter compostos e combinações. Além disso, é impossível falar de combinações, porque nenhuma lei é

válida para isso. A lei só é válida naquele universo que vemos, sentimos, ouvimos, imaginamos, sonhamos, e além disso não podemos colocar qualquer ideia de lei. Esse é o nosso universo que sentimos ou imaginamos, e sentimos o que está dentro da nossa percepção direta, e imaginamos o que está na nossa mente. O que está além do corpo está além dos sentidos, e o que está além da mente está além da imaginação e, portanto, está além do nosso universo e, portanto, além da lei da causalidade. O Eu do homem, estando além da lei de causalidade, não é um composto, não é o efeito de nenhuma causa e, portanto, é sempre livre e rege tudo o que está dentro da lei. Não sendo um composto, nunca morrerá, porque morte significa voltar às partes componentes, destruição significa voltar à causa. Porque não pode morrer, não pode viver; pois tanto a vida como a morte são modos de manifestação da mesma coisa. Portanto, a Alma está além da vida e da morte. Você nunca nasceu e nunca morrerá. Nascimento e morte pertencem apenas ao corpo.

A doutrina do monismo sustenta que este universo é tudo o que existe; bruto ou fino, está tudo aqui; o efeito e a causa estão ambos aqui; a explicação está aqui. O que é conhecido como particular é simplesmente a repetição numa forma diminuta do universal. Obtemos a nossa ideia do universo a partir do estudo de nossas próprias Almas, e o que é verdade lá também é válido no universo exterior. As ideias do céu e de todos esses vários lugares, mesmo que sejam verdadeiras, estão no universo. Eles juntos fazem esta Unidade. A primeira ideia, portanto, é a de um Todo, uma Unidade, composta de várias partículas minúsculas, e cada um de nós é uma parte, por assim dizer, desta Unidade. Como seres manifestados, parecemos separados, mas como realidade somos um. Quanto mais nos consideramos separados deste Todo, mais miseráveis nos tornamos. Portanto, Advaita é a base da ética.

5.3.7 QUEM É UM VERDADEIRO GURU?

Um verdadeiro Guru é aquele que nasce de tempos em tempos como um repositório de força espiritual que transmite às gerações futuras através de ligações sucessivas de Guru e Shishya (discípulo). A corrente desta força espiritual muda seu curso de tempos em tempos, assim como uma poderosa

corrente de água abre um novo canal e deixa o antigo para sempre. Assim, vemos que antigas seitas religiosas perdem a vida com o passar do tempo, e novas seitas surgem com o fogo da vida nelas. Homens que são verdadeiramente sábios comprometem-se à misericórdia daquela seita particular através da qual flui a corrente da vida. As antigas formas de religião são como esqueletos de animais outrora poderosos, preservados em museus. Eles devem ser considerados com a devida honra. Eles não podem satisfazer os verdadeiros anseios da alma pelo Altíssimo, assim como uma mangueira morta não pode satisfazer os anseios de um homem por mangas deliciosas.

A única coisa necessária é nos despojarmos de nossas vaidades – a sensação de que possuímos qualquer sabedoria espiritual – e nos rendermos completamente à orientação de nosso Guru. O Guru só sabe o que nos levará à perfeição. Estamos bastante cegos para isso. Não sabemos de nada. Este tipo de humildade abrirá a porta do nosso coração para as verdades espirituais. A verdade nunca virá às nossas mentes enquanto permanecer a mais tênue sombra de Ahamkara (egoísmo). Todos vocês deveriam tentar erradicar esse demônio de seus corações. A auto-entrega completa é o único caminho para a iluminação espiritual.

5.3.8 NA ARTE

O segredo da arte grega é a imitação da natureza até nos mínimos detalhes; enquanto o segredo da arte indiana é representar o ideal. A energia do pintor grego é gasta talvez pintando um pedaço de carne, e ele tem tanto sucesso que um cachorro se ilude e pensa que é um pedaço de carne de verdade e então vai mordê-lo. Agora, que glória há em meramente imitar a natureza? Por que não colocar um pedaço de carne na frente do cachorro?

A tendência indiana, por outro lado, de representar o ideal, o supersensual, degradou-se na pintura de imagens grotescas. Agora, a verdadeira Arte pode ser comparada a um lírio que brota do solo, se alimenta do solo, está em contato com o solo e, ainda assim, está bem acima dele. Portanto, a Arte deve estar em contacto com a natureza – e onde quer que esse toque se vá, a Arte degenera – mas deve estar acima da natureza.

A arte é – representar o belo. Deve haver Arte em tudo.

A diferença entre arquitetura e construção é que a primeira expressa uma ideia, enquanto a segunda é apenas uma estrutura construída sobre princípios económicos. O valor da matéria depende unicamente da sua capacidade de expressar ideias.

A faculdade artística foi altamente desenvolvida em nosso Senhor Shri Ramakrishna, e ele costumava dizer que sem esta faculdade ninguém pode ser verdadeiramente espiritual.

5.3.9 SOBRE A LÍNGUA

A simplicidade é o segredo. Meu ideal de linguagem é a linguagem do meu Mestre, mais coloquial e ainda assim mais expressiva. Deve expressar o pensamento que se pretende transmitir.

A tentativa de tornar a língua bengali perfeita em tão pouco tempo a tornará nítida e seca. Falando propriamente, não possui verbos. Michael Madhusudan Dutt tentou remediar isso na poesia. O maior poeta de Bengala foi Kavikankana. A melhor prosa em sânscrito é Mahâbhâshya de Patanjali. Lá a linguagem é vigorosa. A linguagem do Hitopadesha não é ruim, mas a linguagem do Kâdambari é um exemplo de degradação.

A língua bengali não deve ser modelada segundo o sânscrito, mas sim segundo o páli, que tem uma forte semelhança com ele. Ao cunhar ou traduzir termos técnicos em bengali, deve-se, contudo, usar todas as palavras sânscritas para eles, e deve-se tentar cunhar novas palavras. Para tanto, se for feita uma coleção de um dicionário sânscrito de todos esses termos técnicos, então ajudará muito na constituição da língua bengali.

5.3.10 OS SANNYASINS

Na explicação do termo Sannyâsin, o Swami, no decorrer de uma de suas palestras em Boston, disse:

Quando um homem tiver cumprido os deveres e obrigações daquela fase da vida em que nasceu, e as suas aspirações o levarem a procurar uma vida espiritual e a abandonar completamente as buscas mundanas de posse, fama ou poder, quando, pelo crescimento de compreensão da natureza do mundo, ele vê sua impermanência, sua luta, sua miséria e a natureza mesquinha de seus prêmios, e se afasta de tudo isso - então ele busca o Verdadeiro, o Amor Eterno, o Refúgio. Ele faz a renúncia completa (Sannyâsa) de toda posição, propriedade e nome mundano, e vagueia pelo mundo para viver uma vida de auto-sacrifício e para buscar persistentemente o conhecimento espiritual, esforçando-se para se destacar no amor e na compaixão e para adquirir uma visão duradoura. . Obtendo essas pérolas de sabedoria por meio de anos de meditação, disciplina e investigação, ele, por sua vez, torna-se um professor e transmite aos discípulos, leigos ou professores, que podem buscá-los dele, tudo o que puder de sabedoria e beneficência.

Um Sannyasin não pode pertencer a nenhuma religião, pois a sua vida é de pensamento independente, que se baseia em todas as religiões; esta é uma vida de realização, não apenas de teoria ou crença, muito menos de dogma.

5.3.11 O SANNYASIN E O DOMÉSTICO

Os homens do mundo não deveriam ter voz nos assuntos dos Sannyâsins. O Sannyasin não deve ter nada a ver com os ricos, o seu dever é com os pobres. Ele deveria tratar os pobres com carinho e servi-los com alegria e com todas as suas forças. Prestar homenagem aos ricos e depender deles para obter apoio tem sido a ruína de todas as comunidades Sannyasin do nosso país. Um verdadeiro sannyasin deveria evitar isso escrupulosamente. Tal conduta torna-se uma mulher pública, em vez de uma que professa ter renunciado ao mundo. Como poderia um homem imerso em Kâma-Kâanchana (luxúria e ganância) tornar-se devoto daquele cujo ideal central é a renúncia ao Kama-Kanchana? Shri Ramakrishna chorou e orou à Mãe Divina para que lhe enviasse alguém com quem conversar que não tivesse nele o menor tom de Kama-Kanchana; pois ele diria: “Meus lábios queimam quando converso com pessoas de mentalidade mundana”. Ele também costumava dizer que não conseguia nem suportar o toque dos mundanos e dos impuros. Esse Rei dos Sannyasins (Shri Ramakrishna)

nunca poderá ser pregado pelos homens do mundo. Este último nunca pode ser perfeitamente sincero; pois ele não pode deixar de ter alguns motivos egoístas para servir. Se Bhagavân (Deus) encarnar como chefe de família, nunca poderei acreditar que Ele seja sincero. Quando um chefe de família assume a posição de líder de uma seita religiosa, ele começa a servir os seus próprios interesses em nome dos princípios, escondendo o primeiro na roupagem do último, e o resultado é que a seita se torna apodrecida até ao âmago. Todos os movimentos religiosos liderados por chefes de família partilharam o mesmo destino. Sem renúncia, a religião nunca poderá subsistir.

Aqui foi perguntado a Swamiji: O que nós, Sannyasins, devemos entender por renúncia a Kanchana (riqueza)? Ele respondeu da seguinte forma:

Com vista a certos fins, temos de adoptar certos meios. Estes meios variam de acordo com as condições de tempo, lugar, indivíduo, etc.; mas o fim sempre permanece inalterado. No caso do Sannyasin, o fim é a libertação do Eu e fazer o bem à humanidade — "आत्मनो मोक्षार्थं जगद्धिताय च"; e dos caminhos para alcançá-lo, a renúncia ao Kama-Kanchana é o mais importante. Lembre-se, a renúncia consiste na ausência total de todos os motivos egoístas e não na mera abstinência de contato externo, como evitar tocar no dinheiro guardado com outro e ao mesmo tempo desfrutar de todos os seus benefícios. Isso seria renúncia? Para alcançar os dois fins acima mencionados, a excursão de mendicância seria de grande ajuda para um Sannyasin numa época em que os chefes de família obedeciam estritamente às injunções de Manu e de outros legisladores, reservando todos os dias uma porção de sua refeição para os ascetas. convidados. Hoje em dia as coisas mudaram consideravelmente, especialmente em Bengala, onde não prevalece nenhum sistema Mâdhukari [47]. Aqui seria um mero desperdício de energia tentar viver em Madhukari, e você não lucraria nada com isso. A injunção de Bhikshâ (mendigar) é um meio para servir os dois fins acima, que não serão atendidos dessa forma agora. Portanto, não vai contra o princípio da renúncia sob tais circunstâncias se um Sannyasin fornece meras necessidades da vida e dedica toda a sua energia para a realização dos fins pelos quais ele escolheu Sannyasa. Atribuir demasiada importância, de forma ignorante, aos meios traz confusão. O fim nunca deve ser perdido de vista.

5.3.12 OS MALES DO ADHIKARIVADA

Em uma de suas aulas de perguntas, a conversa desviou-se para o Adhikârivâda, ou a doutrina dos direitos e privilégios especiais, e Swamiji, ao apontar veementemente os males que resultaram dele, falou no seguinte sentido:

Com todos os meus respeitos pelos Rishis de outrora, não posso deixar de denunciar o método deles em instruir as pessoas. Eles sempre os exortavam a fazer certas coisas, mas tomavam o cuidado de nunca lhes explicar a razão disso. Esse método era pernicioso em sua essência; e em vez de permitir que os homens alcançassem o fim, colocou sobre os seus ombros uma massa de disparates sem sentido. A desculpa deles para manter o fim escondido da vista era que as pessoas não poderiam ter entendido o seu verdadeiro significado, mesmo que o tivessem apresentado a elas, não sendo destinatários dignos. O Adhikarivada é o resultado do puro egoísmo. Eles sabiam que por esse esclarecimento sobre seu assunto especial perderiam sua posição superior de instrutores em relação ao povo. Daí o seu esforço para apoiar esta teoria. Se você considera um homem fraco demais para receber essas lições, você deveria tentar ensiná-lo e educá-lo ainda mais; você deve dar-lhe a vantagem de mais ensino, em vez de menos, para treinar seu intelecto, de modo a capacitá-lo a compreender os problemas mais sutis. Esses defensores do Adhikarivada ignoraram o tremendo fato das infinitas possibilidades da alma humana. Todo homem é capaz de receber conhecimento se este for transmitido em sua própria língua. Um professor que não consegue convencer os outros deveria chorar por causa da sua própria incapacidade de ensinar as pessoas na sua própria língua, em vez de amaldiçoá-las e condená-las a viver na ignorância e na superstição, alegando que o conhecimento superior não é para elas. Fale a verdade com ousadia, sem medo de que isso confunda os fracos. Os homens são egoístas; eles não querem que outros cheguem ao mesmo nível de conhecimento, por medo de perderem seu próprio privilégio e prestígio sobre os outros. A alegação deles é que o conhecimento das verdades espirituais mais elevadas trará confusão na compreensão dos homens de mente fraca, e assim diz o Shloka:

“न बुद्धिभेदं जनयेदज्ञानां कर्मसङ्गिनाम् ।
योजयेत्सर्वकर्मणि विद्वान् युक्तः समाचरन् ॥”

– “Não se deve perturbar a compreensão do ignorante, apegado à ação (ensinando-lhes Jnâna): o homem sábio, agindo ele mesmo com firmeza, deve envolver o ignorante em todo o trabalho” (Gita, III. 26).

Não posso acreditar na afirmação autocontraditória de que a luz traz maior escuridão. É como perder a vida no oceano de Sachchidânanda, no oceano da Existência Absoluta e da Imortalidade. Que absurdo! Conhecimento significa liberdade dos erros aos quais a ignorância leva. Conhecimento abrindo caminho para o erro! Iluminação levando à confusão! É possível? Os homens não são suficientemente ousados para falar verdades amplas, por medo de perderem o respeito do povo. Eles tentam fazer um compromisso entre as verdades reais e eternas e os preconceitos absurdos do povo, e assim estabelecem a doutrina de que os Lokâchâras (costumes do povo) e os Deshâchâras (costumes do país) devem ser respeitados. Sem compromisso! Sem branqueamento! Nenhuma cobertura de cadáveres sob flores! Jogue fora textos como "तथापि लोकाचारः — Mesmo assim, os costumes do povo devem ser seguidos." Absurdo! O resultado deste tipo de compromisso é que as grandes verdades são rapidamente enterradas sob montes de lixo, e estes últimos são avidamente considerados verdades reais. Mesmo as grandes verdades do Gita, tão corajosamente pregadas por Shri Krishna, receberam o brilho do compromisso nas mãos das futuras gerações de discípulos, e o resultado é que a mais grandiosa escritura do mundo é agora feita para produzir muitas coisas que levam os homens extraviado.

Esta tentativa de compromisso provém de uma flagrante covardia. Seja ousado! Meus filhos deveriam ser corajosos, acima de tudo. Não é o menor compromisso em qualquer aspecto. Pregue as verdades mais elevadas transmitidas. Não tema perder seu respeito ou causar atritos infelizes. Tenha certeza de que se você servir a verdade apesar das tentações de abandoná-la, você alcançará uma força celestial diante da qual os homens hesitarão em falar diante de você coisas que você não acredita serem verdadeiras. As pessoas ficarão convencidas do que você lhes dirá se puder servir estritamente a verdade durante catorze anos continuamente, sem se desviar dela. Assim você conferirá a maior bênção às massas, libertará suas amarras e elevará toda a nação.

5.3.13 SOBRE BHAKTI-YOGA

O dualista pensa que você não pode ser moral a menos que tenha um Deus com uma vara na mão, pronto para puni-lo. Como é isso? Suponhamos que um cavalo tivesse que nos dar uma palestra sobre moralidade, um daqueles miseráveis cavalos de carroça que se movem apenas com o chicote, aos quais ele se acostumou. Ele começa a falar sobre os seres humanos e diz que eles devem ser muito imorais. Por que? "Porque eu sei que eles não são chicoteados regularmente." O medo do chicote só torna a pessoa ainda mais imoral.

Todos vocês dizem que existe um Deus e que Ele é um Ser onipresente. Feche os olhos e pense no que Ele é. O que você encontrou? Ou você está pensando, ao trazer a ideia de onipresença em sua mente, no mar, ou no céu azul, ou em uma extensão de prado, ou em coisas que você viu em sua vida. Se for assim, você não quer dizer nada com Deus onipresente; não tem nenhum significado para você. O mesmo acontece com todos os outros atributos de Deus. Que ideia temos de onipotência ou onisciência? Não temos nenhum. A religião é realização, e eu o chamarei de adorador de Deus quando você se tornar capaz de realizar a Idéia. Antes disso é a grafia das palavras e nada mais. É esse poder de realização que faz a religião; nenhuma quantidade de doutrinas ou filosofias, ou livros éticos, que você possa ter enfiado em seu cérebro, terá muita importância – apenas o que você é e o que você realizou.

O Deus Pessoal é o mesmo Absoluto visto através da névoa de Mâyâ. Quando nos aproximamos Dele com os cinco sentidos, podemos vê-Lo apenas como o Deus Pessoal. A ideia é que o Eu não pode ser objetivado. Como pode o Conhecedor conhecer a si mesmo? Mas pode lançar uma sombra, por assim dizer, se isso puder ser chamado de objetificação. Portanto, a forma mais elevada dessa sombra, dessa tentativa de objetivar-se, é o Deus Pessoal. O Eu é o sujeito eterno, e estamos lutando o tempo todo para objetivar esse Eu. E dessa luta surgiu este universo fenomenal e o que chamamos de matéria, e assim por diante. Mas estas são tentativas muito fracas, e a mais elevada objetivação do Ser possível para nós é o Deus Pessoal. Esta objetivação é uma tentativa de revelar a nossa própria natureza. Segundo o Sâmkhya, a natureza está mostrando todas essas

experiências à alma, e quando ela tiver experiência real conhecerá a sua própria natureza. De acordo com o Advaita Vedantist, a alma está lutando para se revelar. Após longa luta, descobre que o sujeito deve sempre permanecer sujeito; e então começa o desapego e se torna livre.

Quando um homem atinge esse estado perfeito, ele é da mesma natureza do Deus Pessoal. "Eu e meu Pai somos um." Ele sabe que é um com Brahman, o Absoluto, e se projeta como o Deus Pessoal o faz. Ele brinca – como até o mais poderoso dos reis às vezes brinca com bonecas.

Algumas imaginações ajudam a quebrar a escravidão do resto. Todo o universo é imaginação, mas um conjunto de imaginações curará outro conjunto. Aqueles que nos dizem que existe pecado, tristeza e morte no mundo são terríveis. Mas o outro conjunto – tu és santo, Deus existe, não há dor – estes são bons e ajudam a quebrar a escravidão dos outros. A imaginação mais elevada que pode quebrar todos os elos da corrente é a do Deus Pessoal.

Ir e dizer: “Senhor, cuide disso e me dê aquilo; Senhor, eu te dou minha pequena oração e você me dá essa coisa de necessidade diária; Senhor, cure minha dor de cabeça”, e tudo isso - isso não é Bhakti. Eles são os estados mais baixos da religião. Eles são a forma mais baixa de Karma. Se um homem usa toda a sua energia mental na busca de satisfazer seu corpo e suas necessidades, mostre-me a diferença entre ele e um animal. Bhakti é algo mais elevado do que desejar o céu. A ideia do céu é a de um lugar de prazer intensificado. Como isso pode ser Deus?

Somente os tolos correm atrás dos prazeres dos sentidos. É fácil viver nos sentidos. É mais fácil seguir o velho ritmo, comendo e bebendo; mas o que esses filósofos modernos querem lhe dizer é que peguem essas ideias confortáveis e coloquem nelas a marca da religião. Tal doutrina é perigosa. A morte está nos sentidos. A vida no plano do Espírito é a única vida, a vida em qualquer outro plano é mera morte; toda esta vida só pode ser descrita como um ginásio. Devemos ir além para aproveitar a vida real.

Enquanto o não-toque-me for o seu credo e a panela for a sua divindade, você não poderá ascender espiritualmente. Todas as pequenas diferenças entre religião e religião são meras lutas de palavras, bobagens. Todo mundo

pensa: “Esta é minha ideia original” e quer fazer as coisas do seu jeito. É assim que surgem as lutas.

Ao criticar outra pessoa, tolamente sempre tomamos um ponto especialmente brilhante como sendo o todo da nossa vida e o comparamos com os pontos sombrios da vida de outra pessoa. Assim, cometemos erros ao julgar indivíduos.

Através do fanatismo e da intolerância, uma religião pode ser propagada muito rapidamente, sem dúvida, mas a pregação dessa religião é firmemente baseada em terreno sólido, o que dá a todos liberdade para as suas opiniões e, assim, eleva-os a um caminho mais elevado, embora este processo seja lento.

Primeiro inunde a terra (Índia) com ideias espirituais, depois outras ideias se seguirão. O dom da espiritualidade e do conhecimento espiritual é o mais elevado, pois salva muitos e muitos nascimentos; o próximo dom é o conhecimento secular, pois abre os olhos dos seres humanos para esse conhecimento espiritual; o próximo é salvar vidas; e a quarta é a dádiva de comida.

Mesmo que o corpo pratique Sâdhanâs (austeridades para a realização), deixe-o ir; e daí? A realização virá na plenitude do tempo, vivendo constantemente na companhia de Sâdhus (homens santos). Chega um momento em que se entende que servir um homem, mesmo preparando um Chhilam (cachimbo de barro) de tabaco, é muito maior do que milhões de meditações. Aquele que consegue preparar adequadamente um Chhilam de tabaco também pode meditar adequadamente.

Os deuses nada mais são do que homens mortos altamente desenvolvidos. Podemos obter ajuda deles.

Qualquer pessoa não pode ser um Âchârya (professor da humanidade); mas muitos podem tornar-se Mukta (liberados). O mundo inteiro parece um sonho para os libertados, mas o Acharya tem que assumir a sua posição entre os dois estados. Ele deve ter o conhecimento de que o mundo é verdadeiro, caso contrário, por que deveria ensinar? Novamente, se ele não realizou o mundo como um sonho, então ele não é melhor do que um

homem comum, e o que ele poderia ensinar? O Guru tem que carregar o fardo do pecado do discípulo; e esta é a razão pela qual doenças e outras enfermidades aparecem até mesmo nos corpos de poderosos Acharyas. Mas se ele for imperfeito, eles também atacarão sua mente e ele cairá. Portanto, é difícil ser um Acharya.

É mais fácil tornar-se um Jivanmukta (livre nesta mesma vida) do que ser um Acharya. Pois o primeiro conhece o mundo como um sonho e não se preocupa com ele; mas um Acharya conhece isso como um sonho e ainda assim tem que permanecer nele e trabalhar. Não é possível que todos sejam Acharya. Ele é um Acharya através de quem atua o poder divino. O corpo no qual alguém se torna um Acharya é muito diferente daquele de qualquer outro homem. Existe uma ciência para manter esse corpo em perfeito estado. O seu organismo é o mais delicado, muito suscetível, capaz de sentir intensa alegria e intenso sofrimento. Ele é anormal.

Em todas as esferas da vida descobrimos que é a pessoa que triunfa, e que a personalidade é o segredo de todo o sucesso.

Em nenhum lugar se vê um desenvolvimento tão sublime de sentimentos como em Bhagavân Shri Krishna Chaitanya, o Profeta de Nadia.

Shri Ramakrishna é uma força. Você não deve pensar que a doutrina dele é isto ou aquilo. Mas ele é um poder, que vive até agora nos seus discípulos e trabalha no mundo. Eu o vi crescendo em suas ideias. Ele ainda está crescendo. Shri Ramakrishna era um Jivanmukta e um Acharya.

5.3.14 ISHVARA E BRAHMAN

Em resposta a uma pergunta sobre a posição exata de Ishvara na Filosofia Vedanta, o Swami Vivekananda, enquanto estava na Europa, deu a seguinte definição:

"Ishvara é a soma total dos indivíduos, mas Ele é um Indivíduo, assim como o corpo humano é uma unidade, da qual cada célula é um indivíduo. Samashti ou coletado é igual a Deus; Vyashti ou analisado é igual ao Jiva. A

existência de Ishvara, portanto , depende de Jiva, como o corpo na célula, e vice-versa. Assim, Jiva e Ishvara são seres coexistentes quando um existe, o outro também deve. sendo a quantidade de bem muito superior à quantidade de mal, a soma total (Ishvara) pode ser considerada totalmente boa.

Onipotência e onisciência são qualidades óbvias e não precisam de argumentos para provar o próprio fato da totalidade. além de ambos e não é um estado condicionado; é a única Unidade que não é composta de muitas unidades, o princípio que atravessa tudo, desde uma célula até Deus, sem o qual nada pode existir e tudo o que é real é esse princípio, ou Brahman.

Quando penso que sou Brahman, só eu existo com os outros; portanto, cada um é o todo desse princípio”.

5.3.15 SOBRE JNANA-YOGA

Todas as almas estão brincando, algumas conscientemente, outras inconscientemente. A religião é aprender a brincar conscientemente.

A mesma lei que é válida na nossa vida mundana também é válida na nossa vida religiosa e na vida do cosmos. É um, é universal. Não é que a religião seja guiada por uma lei e o mundo por outra. A carne e o diabo são apenas graus de diferença do próprio Deus.

Teólogos, filósofos e cientistas no Ocidente estão saqueando tudo para obter uma prova de que viverão depois! Que tempestade em uma xícara de chá! Há coisas muito mais elevadas em que pensar. Que superstição boba é essa, de que você morre! Não são necessários sacerdotes, espíritos ou fantasmas para nos dizer que não morreremos. É a mais evidente de todas as verdades. Nenhum homem pode imaginar a sua própria aniquilação. A ideia de imortalidade é inerente ao homem.

Onde quer que haja vida, com ela há morte. A vida é a sombra da morte, e a morte, a sombra da vida. A linha de demarcação é demasiado fina para ser determinada, demasiado difícil de compreender e muito difícil de manter.

Não acredito no progresso eterno, que estamos crescendo sempre e sempre em linha reta. É muito absurdo acreditar. Não há movimento em linha reta.

Uma linha reta projetada infinitamente torna-se um círculo. A força enviada completará o círculo e retornará ao ponto inicial.

Não há progresso em linha reta. Cada alma se move num círculo, por assim dizer, e terá que completá-lo; e nenhuma alma pode descer tão baixo sem que chegue um momento em que terá que subir. Pode começar direto para baixo, mas precisa fazer uma curva ascendente para completar o circuito. Todos somos projetados a partir de um centro comum, que é Deus, e voltaremos depois de completar o circuito ao centro de onde partimos.

Cada alma é um círculo. O centro é onde está o corpo e a atividade se manifesta ali. Você é onipresente, embora tenha a consciência de estar concentrado em apenas um ponto. Esse ponto pegou partículas de matéria e transformou-as numa máquina para se expressar. Aquilo através do qual ele se expressa é chamado de corpo. Você está em todos os lugares. Quando um corpo ou máquina falha, o centro segue em frente e pega outras partículas de matéria, mais finas ou mais grosseiras, e trabalha através delas. Aqui está o homem. E o que é Deus? Deus é um círculo com circunferência em parte alguma e centro em toda parte. Cada ponto desse círculo é vivo, consciente, ativo e funciona igualmente. Com as nossas almas limitadas, apenas um ponto é consciente, e esse ponto se move para frente e para trás.

A alma é um círculo cuja circunferência não está em lugar nenhum (ilimitada), mas cujo centro está em algum corpo. A morte é apenas uma mudança de centro. Deus é um círculo cuja circunferência não está em lugar nenhum e cujo centro está em toda parte. Quando pudermos sair do centro limitado do corpo, realizaremos Deus, nosso verdadeiro Eu.

Um tremendo riacho flui em direção ao oceano, carregando pequenos pedaços de papel e palha de um lado para outro. Eles podem ter dificuldade para voltar, mas no longo prazo eles; deve fluir para o oceano. Então você, eu e toda a natureza somos como esses pequenos canudos carregados por correntes loucas em direção ao oceano da Vida, da Perfeição e de Deus. Podemos lutar para voltar atrás, ou flutuar contra a corrente e pregar todo tipo de peças, mas no longo prazo devemos ir e nos juntar a este grande oceano de Vida e Bem-aventurança.

Jnâna (conhecimento) é “ausência de credo”; mas isso não significa que despreze os credos. Significa apenas que um estágio acima e além dos credos foi alcançado. O Jnâni (verdadeiro filósofo) se esforça para destruir nada, mas para ajudar a todos. Todos os rios lançam suas águas no mar e se tornam um só. Portanto, todos os credos devem levar a Jnana e tornarem-se um. Jnana ensina que o mundo deve ser renunciado, mas não abandonado por isso. Viver no mundo e não fazer parte dele é a verdadeira prova da renúncia.

Não consigo ver como poderia ser de outra forma senão que todo o conhecimento está armazenado em nós desde o início. Se você e eu somos pequenas ondas no oceano, então esse oceano é o pano de fundo.

Realmente não há diferença entre matéria, mente e Espírito. São apenas fases diferentes de experimentar o Um. Este mesmo mundo é visto pelos cinco sentidos como matéria, pelos muito ímpios como o inferno, pelos bons como o céu e pelos perfeitos como Deus.

Não podemos demonstrar através dos sentidos que Brahman é a única coisa real; mas podemos salientar que esta é a única conclusão a que se pode chegar. Por exemplo, deve haver esta unidade em tudo, mesmo nas coisas comuns. Existe a generalização humana, por exemplo. Dizemos que toda a variedade é criada pelo nome e pela forma; contudo, quando queremos agarrá-lo e separá-lo, ele não está em lugar nenhum. Nunca podemos ver o nome, a forma ou as causas isoladas. Portanto, este fenômeno é Mâyâ – algo que depende do númeno e fora dele não tem existência. Pegue uma onda no oceano. Essa onda existe enquanto aquela quantidade de água permanecer em forma de onda; mas assim que desce e se torna oceano, a onda deixa de existir. Mas toda a massa de água não depende tanto da sua forma. O oceano permanece, enquanto a forma de onda se torna zero absoluto.

O real é um. É a mente que faz parecer que são muitos. Quando percebemos a diversidade, a unidade desaparece; e assim que percebemos a unidade, a diversidade desaparece. Assim como na vida cotidiana, quando você percebe a unidade, você não percebe a diversidade. No início você começa com unidade. É curioso que um chinês não saiba a diferença de aparência

entre um americano e outro; e você não saberá a diferença entre os diferentes chineses.

Pode-se mostrar que é a mente que torna as coisas cognoscíveis. Somente as coisas que possuem certas peculiaridades se colocam dentro do alcance do conhecido e do cognoscível. Aquilo que não tem qualidades é incognoscível. Por exemplo, existe algum mundo externo, X, desconhecido e incognoscível. Quando olho para ele, é X mais a mente. Quando quero conhecer o mundo, minha mente contribui com três quartos dele. O mundo interno é Y mais a mente, e o mundo externo X mais a mente. Toda diferenciação no mundo externo ou interno é criada pela mente, e aquilo que existe é desconhecido e incognoscível. Está além do alcance do conhecimento, e aquilo que está além do alcance do conhecimento não pode ter diferenciação. Portanto, este X lá fora é igual ao Y dentro e, portanto, o real é um.

Deus não raciocina. Por que você deveria raciocinar se você sabe? É um sinal de fraqueza termos de continuar a rastejar como vermes para obter alguns factos, e depois tudo desmorona novamente. O Espírito se reflete na mente e em tudo. É a luz do Espírito que torna a mente senciente. Tudo é expressão do Espírito; as mentes são tantos espelhos. O que você chama de amor, medo, ódio, virtude e vício são todos reflexos do Espírito. Quando o refletor está na base, a reflexão é ruim.

A Existência real não tem manifestação. Não podemos concebê-lo, porque deveríamos conceber através da mente, que é em si uma manifestação. Sua glória é que é inconcebível. Devemos lembrar que na vida não vemos as vibrações mais baixas e mais altas da luz, mas são os pólos opostos da existência. Há certas coisas que não sabemos agora, mas que podemos saber. É devido à nossa ignorância que não os conhecemos. Há certas coisas que nunca poderemos saber, porque são muito mais elevadas do que as vibrações mais elevadas do conhecimento. Mas somos o Eterno o tempo todo, embora não possamos saber disso. O conhecimento será impossível lá. O próprio fato das limitações da concepção é a base de sua existência. Por exemplo, não há nada tão certo em mim como o meu Eu; e, no entanto, só posso concebê-lo como um corpo e uma mente, tão felizes ou infelizes, como um homem ou uma mulher. Ao mesmo tempo, tento concebê-lo como

realmente é e descubro que não há outra maneira de fazê-lo senão arrastando-o para baixo; no entanto, tenho certeza dessa realidade.

"Ninguém, ó amado, ama o marido por causa do marido, mas porque o Ser está presente. É no e através do Ser que ela ama o marido. Ninguém, ó amado, ama a esposa por causa da esposa, mas dentro e através do Eu". E essa Realidade é a única coisa que conhecemos, porque nela e através dela conhecemos todo o resto; e ainda assim não podemos concebê-lo. Como podemos conhecer o Conhecedor? Se O conhecêssemos, não seria o conhecedor, mas o conhecido; Seria objetivado.

O homem de realização mais elevada exclama: "Eu sou o Rei dos reis; não há rei superior a mim, eu sou o Deus dos deuses; não existe Deus superior a II. Só eu existo, Um sem segundo." Esta ideia monista do Vedanta parece, é claro, muito terrível para muitos, mas isso se deve à superstição.

Nós somos o Eu, eternamente em repouso e em paz. Não devemos chorar; não há choro pela Alma. Nós, em nossa imaginação, pensamos que Deus está chorando em Seu trono por simpatia. Não valeria a pena alcançar tal Deus. Por que Deus deveria chorar? Chorar é sinal de fraqueza, de escravidão.

Busque o Mais Alto, sempre o Mais Alto, pois no Mais Alto está a bem-aventurança eterna. Se vou caçar, caçarei o leão. Se eu roubar, roubarei o tesouro do rei. Busque o Mais Alto.

Oh, Aquele que não pode ser confinado ou descrito! Aquele que pode ser percebido no fundo do nosso coração! Um além de qualquer comparação, além do limite, imutável como o céu azul! Oh, aprenda o Tudo, santo que não procuro por mais nada!

Onde as mudanças da natureza não podem chegar, o pensamento está além de todo pensamento, Imutável, Imóvel; a quem todos os livros declaram, todos os sábios adoram; Oh, santo, não procure mais nada!

Sem comparação, Unidade Infinita! Nenhuma comparação é possível. Água acima, água abaixo, água à direita, água à esquerda; nenhuma onda naquela água, nenhuma ondulação, tudo silêncio; toda felicidade eterna. Isso chegará ao seu coração. Não procure mais nada!

Por que você chora, irmão? Não há morte nem doença para ti. Por que você chora, irmão? Não há miséria nem infortúnio para ti. Por que você chora, irmão? Nem a mudança nem a morte foram atribuídas a ti. Tu és a Existência Absoluta.

Eu sei o que Deus é – não posso falar sobre Ele para você. Não sei o que é Deus – como posso falar dele para você? Mas você não vê, meu irmão, que você é Ele, você é; Ele? Por que ir buscar a Deus aqui e ali? Não procure, e isso é Deus. Seja você mesmo.

Tu és Nosso Pai, nossa Mãe, nosso querido Amigo. Tu carregas o fardo do mundo. Ajude-nos a carregar o fardo de nossas vidas. Tu és nosso amigo, nosso amante, nosso marido, tu és nós mesmos!

5.3.16 A CAUSA DA ILUSÃO

A questão – qual é a causa de Mâyâ (ilusão)? – tem sido perguntado nos últimos três mil anos; e a única resposta é: quando o mundo for capaz de formular uma questão lógica, nós a responderemos. A questão é contraditória. Nossa posição é que o Absoluto se tornou relativo apenas aparentemente, que o Incondicionado se tornou condicionado apenas em Maya. Pela própria admissão do Incondicionado, admitimos que o Absoluto não pode ser influenciado por mais nada. Não tem causa, o que significa que nada fora de Si mesmo pode agir sobre Ele. Em primeiro lugar, se for incondicionado, não pode ter sido influenciado por mais nada. No Incondicionado não pode haver tempo, espaço ou causalidade. Concedido, sua pergunta será: "O que fez com que aquilo que não pode ser causado por nada fosse transformado nisso?" Sua pergunta só é possível no condicionado. Mas você tira isso do condicionado e quer perguntar no Incondicionado. Somente quando o Incondicionado se torna condicionado e o espaço, o tempo e a causalidade entram em cena, a pergunta pode ser feita. Só podemos dizer que a ignorância cria a ilusão. A questão é impossível. Nada pode ter funcionado no Absoluto. Não houve causa. Não que não saibamos ou que sejamos ignorantes; mas está acima do conhecimento e não pode ser reduzido ao plano do conhecimento. Podemos usar as palavras "não sei" em dois sentidos. Por um lado, significam que

estamos abaixo do conhecimento e, por outro lado, que a coisa está acima do conhecimento. Os raios X tornaram-se conhecidos agora. As próprias causas disso são contestadas, mas temos certeza de que as conheceremos. Aqui podemos dizer que não sabemos sobre os raios X. Mas sobre o Absoluto não podemos saber. No caso dos raios X não sabemos, embora estejam dentro do alcance do conhecimento; só que ainda não os conhecemos. Mas, no outro caso, está tão além do conhecimento que deixa de ser uma questão de conhecimento. “Por que meios o Conhecedor pode ser conhecido?” Você é sempre você mesmo e não pode se objetivar. Este foi um dos argumentos utilizados pelos nossos filósofos para provar a imortalidade. Se tento pensar que estou morto, o que devo imaginar? Que estou de pé olhando para mim mesmo, para algum cadáver. Para que eu não possa me objetivar.

5.3.17 EVOLUÇÃO

(Alguns dos tópicos que precedem e seguem foram retirados das respostas dadas pelo Swami às perguntas nas palestras da tarde com estudantes de Harvard em 22 e 24 de março de 1896. Também foram adicionadas notas e seleções de palestras e discursos não publicados.)

Na questão da projeção do Akâsha e do Prâna na forma manifestada e do retorno ao estado sutil, há muita semelhança entre o pensamento indiano e a ciência moderna. Os modernos têm a sua evolução, e os Yogis também. Mas penso que a explicação dos Yogis sobre a evolução é a melhor. “A mudança de uma espécie em outra é alcançada pelo preenchimento da natureza.” A ideia básica é que estamos mudando de uma espécie para outra e que o homem é a espécie mais elevada. Patanjali explica esse “preenchimento da natureza” pela comparação entre camponeses irrigando campos. A nossa educação e progresso significam simplesmente eliminar os obstáculos e, pela sua própria natureza, a divindade manifestar-se-á. Isso acaba com toda a luta pela existência. As experiências miseráveis da vida simplesmente atrapalham e podem ser totalmente eliminadas. Eles não são necessários para a evolução. Mesmo que não existissem, deveríamos progredir. É da própria natureza das coisas se manifestarem. O impulso não vem de fora, mas de dentro. Cada alma é a soma total das experiências

universais já aí enroladas; e de todas essas experiências, só sairão aquelas que encontrarem circunstâncias adequadas.

Então as coisas externas só podem nos dar os ambientes. Estas competições, lutas e males que vemos não são o efeito da involução ou da causa, mas estão no caminho. Se eles não existissem, o homem continuaria e evoluiria como Deus, porque é da própria natureza desse Deus surgir e se manifestar. Na minha opinião, isto parece muito promissor, em vez daquela horrível ideia de competição. Quanto mais estudo história, mais acho que essa ideia está errada. Alguns dizem que se o homem não lutasse com o homem, ele não progrediria. Eu também pensava assim; mas descubro agora que todas as guerras atrasaram o progresso humano em cinquenta anos, em vez de acelerá-lo. Chegará o dia em que os homens estudarão a história sob uma luz diferente e descobrirão que a competição não é nem a causa nem o efeito, simplesmente uma coisa a caminho, absolutamente desnecessária à evolução.

A teoria de Patanjali é a única teoria que creio que um homem racional pode aceitar. Quanto mal o sistema moderno causa! Todo homem ímpio tem licença para ser ímpio. Tenho visto neste país (América) físicos que dizem que todos os criminosos deveriam ser exterminados e que essa é a única maneira pela qual a criminalidade pode ser eliminada da sociedade. Esses ambientes podem atrapalhar, mas não são necessários para progredir. O que há de mais horrível na competição é que se pode conquistar os ambientes, mas onde se pode conquistar, milhares ficam de fora. Portanto, é mau, na melhor das hipóteses. Não pode ser bom aquilo que ajuda apenas um e prejudica a maioria. Patanjali diz que estas lutas permanecem apenas através da nossa ignorância, e não são necessárias, e não fazem parte da evolução do homem. É apenas a nossa impaciência que os cria. Não temos paciência para sair e encontrar uma saída. Por exemplo, há um incêndio num teatro e apenas alguns escapam. O resto, ao tentar sair correndo, esmaga um ao outro. Esse esmagamento não foi necessário para a salvação do edifício nem dos dois ou três que escaparam. Se tudo tivesse acontecido lentamente, ninguém teria se machucado. Esse é o caso na vida. As portas estão abertas para nós e todos podemos sair sem competição e luta; e ainda assim lutamos. A luta que criamos através da nossa própria ignorância,

através da impaciência; estamos com muita pressa. A maior manifestação de força é nos mantermos calmos e em pé.

5.3.18 BUDISMO E VEDANTA

A filosofia Vedanta é a base do Budismo e de tudo o mais na Índia; mas o que chamamos de filosofia Advaita da escola moderna tem muitas conclusões dos budistas. É claro que os hindus não admitirão isso – isso são os hindus ortodoxos, porque para eles os budistas são hereges. Mas há uma tentativa consciente de estender toda a doutrina para incluir também os hereges.

O Vedanta não tem qualquer conflito com o Budismo. A ideia do Vedanta é harmonizar tudo. Com os budistas do Norte não temos qualquer desavença. Mas os birmaneses e siameses e todos os budistas do sul dizem que existe um mundo fenomênico e perguntam que direito temos de criar um mundo numenal por trás dele. A resposta do Vedanta é que esta é uma afirmação falsa. O Vedanta nunca afirmou que havia um mundo numênico e um mundo fenomênico. Há um. Visto através dos sentidos, é fenomenal, mas na verdade é o numenal o tempo todo. O homem que vê a corda não vê a cobra. Ou é a corda ou a cobra, mas nunca as duas. Portanto, a afirmação budista da nossa posição, de que acreditamos que existem dois mundos, é totalmente falsa. Eles têm o direito de dizer que é o fenomenal, se quiserem, mas não têm o direito de afirmar que outros homens não têm o direito de dizer que é o numenal.

O Budismo não quer nada além de fenômenos. Somente nos fenômenos está o desejo. É o desejo que está criando tudo isso. Os Vedantistas modernos não defendem isso de forma alguma. Dizemos que há algo que se tornou a vontade. A vontade é algo fabricado, um composto, não um “simples”. Não pode haver vontade sem um objeto externo. Vemos que a própria posição que criará este universo é impossível. Como poderia? Você já conheceu vontade sem estímulo externo? O desejo não pode surgir sem estímulo, ou na linguagem filosófica moderna, de estímulo nervoso. A vontade é uma espécie de reação do cérebro, o que os filósofos Sâkhya chamam de Buddhi. Esta reação deve ser precedida de ação, e a ação

pressupõe um universo externo. Quando não existe universo externo, naturalmente não haverá vontade; e ainda assim, de acordo com a sua teoria, foi a vontade que criou o universo. Quem cria o testamento? A vontade é coexistente com o universo. A vontade é um fenômeno causado pelo mesmo impulso que criou o universo. Mas a filosofia não deve parar aí. A vontade é inteiramente pessoal; portanto, não podemos de forma alguma concordar com Schopenhauer. A vontade é um composto – uma mistura do interno e do externo. Suponhamos que um homem nascesse sem quaisquer sentidos, ele não teria vontade alguma. A vontade requer algo de fora, e o cérebro obterá alguma energia de dentro; portanto, a vontade é um composto, tão composto quanto a parede ou qualquer outra coisa. Não concordamos de forma alguma com a teoria da vontade destes filósofos alemães. A própria vontade é fenomenal e não pode ser o Absoluto. É uma das muitas projeções. Há algo que não é vontade, mas que se manifesta como vontade. Isso eu posso entender. Mas essa vontade está se manifestando como todo o resto, não entendo, visto que não podemos ter qualquer concepção de vontade, como separada do universo. Quando aquilo que é liberdade se torna vontade, isso é causado pelo tempo, pelo espaço e pela causalidade. Tomemos a análise de Kant. A vontade está dentro do tempo, do espaço e da causalidade. Então como pode ser o Absoluto? Não se pode querer sem querer a tempo.

Se pudermos parar todos os pensamentos, então saberemos que estamos além do pensamento. Chegamos a isso por negação. Quando todo fenômeno tiver sido negado, o que quer que reste, é isso. Isto não pode ser expresso, não pode ser manifestado, porque a manifestação será, novamente, vontade.

5.3.19 SOBRE A FILOSOFIA VEDANTA

O Vedantista diz que o homem não nasce, nem morre, nem vai para o céu, e que a reencarnação é na verdade um mito no que diz respeito à alma. É dado o exemplo de um livro sendo virado. É o livro que evolui, não o homem. Cada alma é onipresente, então para onde ela pode ir ou vir? Estes nascimentos e mortes são mudanças na natureza que confundimos com mudanças em nós.

A reencarnação é a evolução da natureza e a manifestação do Deus interior.

O Vedanta diz que cada vida é construída sobre o passado e que quando podemos olhar para todo o passado, somos livres. O desejo de ser livre assumirá a forma de uma disposição religiosa desde a infância. Alguns anos, por assim dizer, tornarão toda a verdade clara para alguém. Depois de deixar esta vida, e enquanto espera pela próxima, o homem ainda está no fenomenal.

Descreveríamos a alma com estas palavras: Esta alma a espada não pode cortar, nem a lança perfurar; o fogo não pode queimar nem a água pode derretê-lo; indestrutível, onipresente é esta alma. Portanto, não chore por isso.

Se foi muito ruim, acreditamos que no futuro será bom. O princípio fundamental é que existe liberdade eterna para todos. Cada um deve chegar a isso. Temos que lutar, impelidos pelo nosso desejo de sermos livres. Qualquer outro desejo, exceto o de ser livre, é ilusório. Toda boa ação, diz o Vedantista, é uma manifestação dessa liberdade.

Não acredito que chegará um momento em que todo o mal do mundo desaparecerá. Como poderia ser? Este fluxo continua. Massas de água saem por um lado, mas massas entram pelo outro lado.

O Vedanta diz que você é puro e perfeito, e que existe um estado além do bem e do mal, e essa é a sua própria natureza. É ainda mais alto do que bom. O bem é apenas uma diferenciação menor que o mal.

Não temos teoria do mal. Chamamos isso de ignorância.

Até onde isso acontece, todo relacionamento com outras pessoas, toda ética, está no mundo fenomênico. Como declaração mais completa da verdade, não pensaríamos em aplicar coisas como ignorância a Deus. Dele dizemos que Ele é Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta. Todo esforço de pensamento e fala tornará o Absoluto fenomenal e quebrará Seu caráter.

Há uma coisa a ser lembrada: que a afirmação – eu sou Deus – não pode ser feita com relação ao mundo dos sentidos. Se você disser no mundo dos sentidos que é Deus, o que impedirá que você faça o que é errado? Portanto, a afirmação da sua divindade aplica-se apenas ao numenal. Se eu sou Deus, estou além das tendências dos sentidos e não praticarei o mal. É claro que a moralidade não é o objetivo do homem, mas o meio através do qual essa liberdade é alcançada. O Vedanta diz que o Yoga é uma forma de fazer com que os homens percebam essa divindade. O Vedanta diz que isso é feito pela realização da liberdade interior e que tudo dará lugar a isso. A moralidade e a ética se posicionarão em seus devidos lugares.

Todas as críticas contra a filosofia Advaita podem ser resumidas nisto: ela não conduz aos prazeres dos sentidos; e estamos felizes em admitir isso.

O sistema Vedanta começa com um tremendo pessimismo e termina com um verdadeiro otimismo. Negamos o otimismo sensorial, mas afirmamos o otimismo real do suprassensível. Que a verdadeira felicidade não está nos sentidos, mas acima dos sentidos; e está em todo homem. O tipo de otimismo que vemos no mundo é o que levará à ruína através dos sentidos.

A abnegação tem a maior importância em nossa filosofia. A negação implica afirmação do Eu Real. O Vedanta é pessimista na medida em que nega o mundo dos sentidos, mas é otimista na sua afirmação do mundo real.

O Vedanta reconhece bastante o poder de raciocínio do homem, embora diga que existe algo superior ao intelecto; mas o caminho passa pelo intelecto.

Precisamos de razão para expulsar todas as velhas superstições; e o que resta é o Vedantismo. Há um belo poema em sânscrito no qual o sábio diz a si mesmo: "Por que você chora, meu amigo? Não há medo nem morte para você. Por que você chora? Não há miséria para você, pois você é como o infinito céu azul, imutável em tua natureza. Nuvens de todas as cores vêm diante dele, brincam por um momento e passam, é o mesmo céu.

Temos que abrir os portões e limpar o caminho. A água entrará e preencherá por sua própria natureza, porque já está lá.

O homem é bastante consciente, parcialmente inconsciente, e existe a possibilidade de ir além da consciência. Somente quando nos tornarmos homens é que poderemos ir além de toda razão. As palavras superior ou inferior só podem ser usadas no mundo fenomênico. Dizê-las do mundo numenal é simplesmente contraditório, porque não há diferenciação ali. A manifestação do homem é a mais elevada no mundo fenomênico. O Vedantista diz que é superior aos Devas. Todos os deuses terão que morrer e se tornarão homens novamente, e somente no corpo humano eles se tornarão perfeitos.

É verdade que criamos um sistema, mas temos de admitir que não é perfeito, porque a realidade deve estar para além de todos os sistemas. Estamos prontos para compará-lo com outros sistemas e para mostrar que este é o único sistema racional que pode existir; mas não é perfeito, porque a razão não é perfeita. É, no entanto, o único sistema racional possível que a mente humana pode conceber.

É verdade, até certo ponto, que um sistema deve disseminar-se para ser forte. Nenhum sistema se disseminou tanto quanto o Vedanta. É o contato pessoal que ensina até agora. Muita leitura não faz os homens; aqueles que eram homens de verdade o fizeram por contato pessoal. É verdade que existem muito poucos destes homens verdadeiros, mas irão aumentar. No entanto, você não pode acreditar que chegará o dia em que todos seremos filósofos. Não acreditamos que chegará um momento em que haverá toda a felicidade e nenhuma infelicidade.

De vez em quando conhecemos um momento de felicidade suprema, quando não pedimos nada, não damos nada, não conhecemos nada além de felicidade. Então passa e vemos novamente o panorama do universo movendo-se diante de nós; e sabemos que é apenas uma obra de mosaico colocada sobre Deus, que é o pano de fundo de todas as coisas.

O Vedanta ensina que o Nirvâna pode ser alcançado aqui e agora, que não precisamos esperar a morte para alcançá-lo. Nirvana é a realização do Ser; e depois de ter sabido disso uma vez, mesmo que apenas por um instante, nunca mais alguém poderá ser iludido pela miragem da personalidade. Tendo olhos, devemos ver o aparente, mas o tempo todo sabemos o que é; descobrimos sua verdadeira natureza. É a tela que esconde o Ser, que é

imutável. A tela se abre e encontramos o Ser por trás dela. Todas as alterações estão na tela. No santo a tela é fina e a realidade quase pode transparecer. No pecador, a tela é espessa e corremos o risco de perder de vista a verdade de que o Atman está ali, bem como por trás da tela do santo. Quando a tela é totalmente removida, descobrimos que ela realmente nunca existiu – que éramos o Atman e nada mais, até a tela foi esquecida.

As duas fases desta distinção na vida são: primeiro, que o homem que conhece o verdadeiro Eu não será afetado por nada; em segundo lugar, que só esse homem pode fazer o bem ao mundo. Só esse homem terá visto o verdadeiro motivo de fazer o bem aos outros, porque só existe um, não pode ser chamado de egoísta, porque isso seria diferenciação. É o único altruísmo. É a percepção do universal, não do individual. Cada caso de amor e simpatia é uma afirmação deste universal. "Não eu, mas você." Ajude o outro porque você está nele e ele está em você, é a maneira filosófica de colocar as coisas. Somente o verdadeiro vedantista desistirá de sua vida por um próximo, sem qualquer escrúpulo, porque sabe que não morrerá. Enquanto houver um inseto no mundo, ele estará vivo; enquanto uma boca come, ele come. Então ele continua fazendo o bem aos outros; e nunca é prejudicado pelas ideias modernas de cuidado do corpo. Quando um homem chega a este ponto de abnegação, ele vai além da luta moral, além de tudo. Ele vê no padre mais culto, na vaca, no cachorro, nos lugares mais miseráveis, nem o homem culto, nem a vaca, nem o cachorro, nem o lugar miserável, mas a mesma divindade manifestando-se em todos eles. Só ele é o homem feliz; e o homem que adquiriu essa mesmice conquistou, mesmo nesta vida, toda a existência. Deus é puro; portanto, diz-se que tal homem vive em Deus. Jesus diz: "Antes que Abraão existisse, eu sou". Isso significa que Jesus e outros como ele são espíritos livres; e Jesus de Nazaré assumiu a forma humana, não pela compulsão de suas ações passadas, mas apenas para fazer o bem à humanidade. Não é que quando um homem se torna livre, ele irá parar e se tornar um pedaço morto; mas ele será mais ativo do que qualquer outro ser, porque todo outro ser age apenas sob compulsão, ele somente através da liberdade.

Se somos inseparáveis de Deus, não temos individualidade? Ah, sim: isso é Deus. Nossa individualidade é Deus. Esta não é a individualidade que você tem agora; você está vindo nessa direção. Individualidade significa aquilo

que não pode ser dividido. Como você pode chamar isso de individualidade? Uma hora você está pensando de uma maneira, e na hora seguinte de outra, e duas horas depois, de outra maneira. Individualidade é aquilo que não muda – está além de todas as coisas, é imutável. Seria tremendamente perigoso que este estado permanecesse na eternidade, porque então o ladrão permaneceria sempre um ladrão e o canalha um canalha. Se um bebê morresse, ele teria que continuar sendo um bebê. A verdadeira individualidade é aquela que nunca muda e nunca mudará; e esse é o Deus dentro de nós.

O Vedantismo é um vasto oceano em cuja superfície um navio de guerra poderia estar perto de um catamarã. Assim, no oceano Vedântico, um verdadeiro Yogue pode estar ao lado de um idólatra ou até mesmo de um ateu. Além disso, no oceano Vedântico, os hindus, os maometanos, os cristãos e os parsis são todos um, todos filhos do Deus Todo-Poderoso.

5.3.20 LEI E LIBERDADE

A luta nunca teve sentido para o homem que é livre. Mas para nós tem um significado, porque é o nome e a forma que cria o mundo.

Temos lugar para a luta no Vedanta, mas não para o medo. Todos os medos desaparecerão quando você começar a afirmar sua própria natureza. Se você pensa que está vinculado, você permanecerá vinculado. Se você pensa que é livre, livre você será.

Esse tipo de liberdade que podemos sentir quando ainda estamos no fenomenal é um vislumbre do real, mas ainda não do real.

Discordo da ideia de que liberdade é obediência às leis da natureza. Eu não entendo o que isso significa. De acordo com a história do progresso humano, foi a desobediência à natureza que constituiu esse progresso. Pode-se dizer que a conquista das leis inferiores se deu através das superiores. Mas mesmo aí, a mente conquistadora estava apenas tentando ser livre; e assim que descobriu que a luta também era através da lei, quis conquistá-la também. Portanto, o ideal era a liberdade em todos os casos. As árvores nunca desobedecem à lei. Nunca vi uma vaca roubar. Uma ostra

nunca contou uma mentira. No entanto, eles não são maiores que o homem. Esta vida é uma tremenda afirmação de liberdade; e esta obediência à lei, levada suficientemente longe, tornar-nos-ia simplesmente importantes – quer na sociedade, quer na política, quer na religião. Muitas leis são um sinal seguro de morte. Onde quer que haja demasiadas leis em qualquer sociedade, é um sinal claro de que essa sociedade morrerá em breve. Se você estudar as características da Índia, descobrirá que nenhuma nação possui tantas leis quanto os hindus, e o resultado é a morte nacional. Mas os hindus tinham uma ideia peculiar – eles nunca criaram quaisquer doutrinas ou dogmas na religião; e este último teve o maior crescimento. A lei eterna não pode ser liberdade, porque dizer que o eterno está dentro da lei é limitá-la.

Não há propósito em vista de Deus, porque se houvesse algum propósito, Ele não seria nada melhor do que um homem. Por que Ele deveria precisar de algum propósito? Se Ele tivesse algum, Ele estaria vinculado a ele. Haveria algo além Dele que seria maior. Por exemplo, o tecelão de tapetes faz um pedaço de tapete. A ideia estava fora dele, algo maior. Agora, onde está a ideia à qual Deus se ajustaria? Assim como os maiores imperadores às vezes brincam com bonecas, Ele também brinca com essa natureza; e o que chamamos de lei é isso. Chamamos isso de lei, porque só podemos ver pequenas partes que funcionam suavemente. Todas as nossas idéias sobre direito estão em um pouquinho. Não faz sentido dizer que a lei é infinita, que ao longo de todos os tempos as pedras cairão. Se toda a razão se baseasse na experiência, quem estaria lá para ver se as pedras caíram há cinco milhões de anos? Portanto, a lei não é constitucional no homem. É uma afirmação científica quanto ao homem que onde começamos, aí terminamos. Na verdade, gradualmente saímos da lei, até sairmos completamente, mas com a experiência adicional de uma vida inteira. Em Deus e na liberdade começamos, e a liberdade e Deus serão o fim. Essas leis estão no estado intermediário pelo qual temos que passar. Nosso Vedanta é sempre a afirmação da liberdade. A própria ideia de lei assustará o Vedantista; e a lei eterna é uma coisa muito terrível para ele, porque não haveria escapatória. Se deve haver uma lei eterna que o obrigue o tempo todo, onde está a diferença entre ele e uma folha de grama? Não acreditamos nessa ideia abstrata de direito.

Dizemos que é a liberdade que devemos procurar e que essa liberdade é Deus. É a mesma felicidade que em tudo o mais; mas quando o homem procura isso em algo que é finito, ele obtém apenas uma centelha disso. O ladrão quando rouba obtém a mesma felicidade que o homem que a encontra em Deus; mas o ladrão consegue apenas uma pequena faísca com uma massa de miséria. A verdadeira felicidade é Deus. O amor é Deus, a liberdade é Deus; e tudo que é escravidão não é Deus.

O homem já tem liberdade, mas terá que descobri-la. Ele tem, mas a cada momento esquece. Essa descoberta, consciente ou inconscientemente, é toda a vida de cada um. Mas a diferença entre o sábio e o ignorante é que um faz isso conscientemente e o outro inconscientemente. Todos estão lutando pela liberdade – desde o átomo até a estrela. O homem ignorante fica satisfeito se conseguir obter a liberdade dentro de um certo limite – se conseguir livrar-se da escravidão da fome ou da sede. Mas esse sábio sente que existe uma escravidão mais forte que precisa ser eliminada. Ele não consideraria a liberdade dos Índios Vermelhos como liberdade de forma alguma.

Segundo nossos filósofos, a liberdade é o objetivo. O conhecimento não pode ser o objetivo, porque o conhecimento é um composto. É um composto de poder e liberdade, e só a liberdade é que é desejável. É por isso que os homens lutam. Simplesmente a posse do poder não seria conhecimento. Por exemplo, um cientista pode enviar um choque elétrico a uma distância de alguns quilômetros; mas a natureza pode enviá-lo a uma distância ilimitada. Por que então não construímos estátuas para a natureza? Não é a lei que queremos, mas a capacidade de infringir a lei. Queremos ser bandidos. Se você estiver sujeito às leis, será um pedaço de barro. Se você está além da lei ou não, não é a questão; mas o pensamento de que estamos além da lei — nisso se baseia toda a história da humanidade. Por exemplo, um homem vive numa floresta e nunca teve qualquer educação ou conhecimento. Ele vê uma pedra caindo – um fenômeno natural acontecendo – e pensa que é liberdade. Ele acha que tem alma, e a ideia central nisso é a liberdade. Mas assim que ele sabe que deve cair, ele chama isso de natureza – ação morta, mecânica. Posso ou não sair para a rua. Nisso está minha glória como homem. Se tenho certeza de que devo ir para lá,

entrego-me e me torno uma máquina. A natureza com seu poder infinito é apenas uma máquina; a liberdade por si só constitui a vida senciente.

O Vedanta diz que a ideia do homem na floresta é a correta; seu vislumbre está certo, mas a explicação está errada. Ele considera esta natureza como liberdade e não como governada pela lei. Só depois de toda esta experiência humana voltaremos a pensar o mesmo, mas num sentido mais filosófico. Por exemplo, quero sair para a rua. Recebo o impulso da minha vontade e então paro; e no tempo que intervém entre a vontade e a saída para a rua, estou trabalhando de maneira uniforme. Uniformidade de ação é o que chamamos de lei. Acho que esta uniformidade das minhas ações se divide em períodos muito curtos e, por isso, não classifico as minhas ações como legais. Eu trabalho através da liberdade. Caminho cinco minutos; mas antes desses cinco minutos de caminhada, que são uniformes, houve a ação da vontade, que deu o impulso para caminhar. Portanto o homem diz que é livre, porque todas as suas ações podem ser divididas em pequenos períodos; e embora haja uniformidade nos pequenos períodos, além do período não existe a mesma uniformidade. Nessa percepção de não uniformidade está a ideia de liberdade. Na natureza vemos apenas períodos muito grandes de uniformidade; mas o começo e o fim devem ser impulsos livres. O impulso de liberdade foi dado logo no início e continuou; mas isto, comparado com os nossos períodos, é muito mais longo. Descobrimos, através da análise filosófica, que não somos livres. Mas permanecerá este factor, esta consciência de que sou livre. O que temos que explicar é como isso acontece. Descobriremos que temos esses dois impulsos em nós. A nossa razão diz-nos que todas as nossas ações são causadas e, ao mesmo tempo, com cada impulso afirmamos a nossa liberdade. A solução do Vedanta é que existe liberdade interior – que a alma é realmente livre – mas que as ações dessa alma estão se infiltrando através do corpo e da mente, que não são livres.

Assim que reagimos, nos tornamos escravos. Um homem me culpa e eu reajo imediatamente na forma de raiva. Uma pequena vibração que ele criou me tornou um escravo. Portanto, temos que demonstrar nossa liberdade. Somente eles são os sábios que vêm no homem mais elevado e mais instruído, ou no animal mais inferior, ou no pior e mais perverso da humanidade, nem um homem, nem um sábio, nem um animal, mas o

mesmo Deus em todos eles. Mesmo nesta vida eles conquistaram a relatividade e assumiram uma posição firme nesta igualdade. Deus é puro, igual para todos. Portanto tal sábio seria um Deus vivo. Este é o objetivo para o qual caminhamos; e toda forma de adoração, toda ação da humanidade, é um método para alcançá-la. O homem que quer dinheiro está lutando pela liberdade – para se livrar da escravidão da pobreza. Toda ação do homem é adoração, porque a ideia é alcançar a liberdade, e toda ação, direta ou indiretamente, tende a isso. Apenas, aquelas ações que dissuadem devem ser evitadas. Todo o universo está adorando, consciente ou inconscientemente; só que não sabe que mesmo enquanto amaldiçoa, está de outra forma adorando o mesmo Deus que amaldiçoa, porque quem amaldiçoa também está lutando pela liberdade. Eles nunca pensam que ao reagir a uma coisa estão se tornando escravos dela. É difícil chutar contra as picadas.

Se pudéssemos nos livrar da crença em nossas limitações, seria possível fazermos tudo agora mesmo. É apenas uma questão de tempo. Se for assim, adicione energia e diminua o tempo. Lembre-se do caso do professor que aprendeu o segredo do desenvolvimento do mármore e que fez o mármore em doze anos, enquanto a natureza demorava séculos.

5.3.21 OBJETIVO E MÉTODOS DE REALIZAÇÃO

O maior infortúnio que aconteceria ao mundo seria se toda a humanidade reconhecesse e aceitasse apenas uma religião, uma forma universal de adoração, um padrão de moralidade. Este seria o golpe mortal para todo o progresso religioso e espiritual. Em vez de tentar apressar este acontecimento desastroso induzindo as pessoas, através de métodos bons ou maus, a conformarem-se com o nosso mais elevado ideal de verdade, deveríamos antes esforçar-nos por remover todos os obstáculos que impedem os homens de se desenvolverem de acordo com os seus próprios ideais mais elevados, e assim tornam vã a sua tentativa de estabelecer uma religião universal.

O objectivo último de toda a humanidade, o objectivo e fim de todas as religiões, é apenas um – a reunião com Deus, ou, o que dá no mesmo, com

a divindade que é a verdadeira natureza de cada homem. Mas embora o objetivo seja único, o método para alcançá-lo pode variar de acordo com os diferentes temperamentos dos homens.

Tanto o objetivo quanto os métodos empregados para alcançá-lo são chamados de Yoga, palavra derivada da mesma raiz sânscrita do inglês "yoke", que significa "unir-se", unir-nos à nossa realidade, Deus. Existem vários desses Yogas, ou métodos de união – mas os principais são – Karma-Yoga, Bhakti-Yoga, Râja-Yoga e Jnâna-Yoga.

Cada homem deve desenvolver-se de acordo com a sua própria natureza. Assim como toda ciência tem seus métodos, toda religião também tem. Os métodos para atingir o fim da religião são chamados por nós de Yoga, e as diferentes formas de Yoga que ensinamos são adaptadas às diferentes naturezas e temperamentos dos homens. Nós os classificamos da seguinte forma, em quatro categorias:

(1) Karma-Yoga – A maneira pela qual um homem realiza sua própria divindade através de obras e deveres.

(2) Bhakti-Yoga – A realização da divindade através da devoção e do amor a um Deus Pessoal.

(3) Raja-Yoga – A realização da divindade através do controle da mente.

(4) Jnana-Yoga – A realização da própria divindade de um homem através do conhecimento.

Todas essas são estradas diferentes que levam ao mesmo centro – Deus. Na verdade, as variedades de crenças religiosas são uma vantagem, uma vez que todas as crenças são boas, na medida em que encorajam o homem a levar uma vida religiosa. Quanto mais seitas existirem, mais oportunidades haverá para fazer apelos bem-sucedidos ao instinto divino em todos os homens.

5.3.22 UNIDADE MUNDIAL

Falando da unidade mundial, antes da Unidade Cristã de Oak Beach, Swami Vivekananda disse:

Todas as religiões são, no fundo, iguais. Isto é assim, embora a Igreja Cristã, como o fariseu da parábola, agradeça a Deus por ser a única certa e pense que todas as outras religiões estão erradas e precisam da luz cristã. O Cristianismo deve tornar-se tolerante antes que o mundo esteja disposto a unir-se à Igreja Cristã numa caridade comum. Deus não se deixou sem testemunho em nenhum coração, e os homens, especialmente os que seguem Jesus Cristo, deveriam estar dispostos a admitir isso. Na verdade, Jesus Cristo estava disposto a admitir todo homem bom na família de Deus. Não é o homem que acredita em algo, mas o homem que faz a vontade do Pai que está nos céus, que está certo. Nesta base – estar certo e fazer o certo – o mundo inteiro pode unir-se.

5.3.23 O OBJETIVO DO RAJA-YOGA

O Yoga tem essencialmente a ver com o lado meditativo da religião, e não com o lado ético, embora, necessariamente, um pouco deste último deva ser considerado. Homens e mulheres estão cada vez mais desejando mais do que a mera revelação, assim chamada. Eles querem fatos em sua própria consciência. Somente através da experiência pode haver alguma realidade na religião. Os fatos espirituais devem ser obtidos principalmente a partir do estado mental superconsciente. Coloquemo-nos na mesma condição daqueles que afirmam ter tido experiências especiais; então, se tivermos experiências semelhantes, elas se tornarão fatos para nós. Podemos ver tudo o que outro viu; algo que aconteceu uma vez pode acontecer novamente, ou melhor, deve, nas mesmas circunstâncias. Raja-Yoga nos ensina como alcançar o estado superconsciente. Todas as grandes religiões reconhecem este estado de alguma forma; mas na Índia é dada especial atenção a este lado da religião. No início, alguns meios mecânicos podem ajudar-nos a adquirir este estado; mas os meios mecânicos por si só nunca podem realizar muito. Certas posições, certos modos de respiração ajudam a harmonizar e concentrar a mente, mas com estes devem ir a pureza e o forte desejo por Deus, ou realização. A tentativa de sentar e fixar a mente em uma idéia e mantê-la ali provará à maioria das pessoas que há alguma

necessidade de ajuda para capacitá-las a fazer isso com sucesso. A mente deve ser gradual e sistematicamente controlada. A vontade deve ser fortalecida por meio de exercícios lentos, contínuos e perseverantes. Isto não é brincadeira de criança, não é uma moda passageira a ser experimentada num dia e descartada no dia seguinte. É o trabalho de uma vida; e o fim a ser alcançado vale bem tudo o que pode nos custar para alcançá-lo; sendo nada menos que a realização de nossa unidade absoluta com o Divino. Certamente, tendo este objectivo em vista, e sabendo que poderemos certamente ter sucesso, nenhum preço pode ser demasiado elevado a pagar.

5.4 PERGUNTAS E RESPOSTAS

5.4.1 DISCUSSÕES NA SOCIEDADE FILOSÓFICA DE GRADUAÇÃO

(Esta discussão seguiu-se à palestra sobre a Filosofia Vedanta proferida pelo Swami na Graduate Philosophical Society da Universidade de Harvard, EUA, em 25 de março de 1896. (Vol. I.))

Q. – Gostaria de saber algo sobre a atual atividade do pensamento filosófico na Índia. Até que ponto essas questões são discutidas?

A. — Como já disse, a maioria do povo indiano é praticamente dualista e a minoria é monista. O principal assunto de discussão é Mâyâ e Jiva. Quando vim para este país, descobri que os trabalhadores estavam informados sobre a situação atual da política; mas quando lhes perguntei: "O que é religião e quais são as doutrinas desta ou daquela seita em particular?" eles disseram: "Não sabemos; vamos à igreja". Na Índia, se eu for a um camponês e lhe perguntar: "Quem o governa?" ele diz: "Não sei; eu pago meus impostos". Mas se eu lhe perguntar qual é a sua religião, ele dirá: "Eu sou um dualista", e estará pronto para lhe dar detalhes sobre Maya e Jiva. Ele não sabe ler nem escrever, mas aprendeu tudo isso com os monges e gosta muito de discutir o assunto. Após o dia de trabalho, os camponeses sentam-se debaixo de uma árvore e discutem estas questões.

Q. — O que significa ortodoxia para os hindus?

A . — Nos tempos modernos, significa simplesmente obedecer a certas leis de castas quanto a comer, beber e casar. Depois disso, o hindu pode acreditar em qualquer sistema que desejar. Nunca houve uma igreja organizada na Índia; portanto, nunca houve um corpo de homens para formular doutrinas de ortodoxia. De modo geral, dizemos que aqueles que acreditam nos Vedas são ortodoxos; mas na realidade descobrimos que muitas das seitas dualistas acreditam mais nos Purânas do que apenas nos Vedas.

Q. — Que influência teve a sua filosofia hindu na filosofia estóica dos gregos?

A . — É muito provável que tenha tido alguma influência através dos Alexandrinos. Há alguma suspeita de que Pitágoras tenha sido influenciado pelo pensamento Sâkhya. De qualquer forma, pensamos que a filosofia Sankhya é a primeira tentativa de harmonizar a filosofia dos Vedas através da razão. Encontramos Kapila mencionado até mesmo nos Vedas: "
ऋषिं प्रसूतं कपिलं यस्तमग्रे - Aquele que (apoia através do conhecimento) o sábio primogênito Kapila."

Q. — Qual é o antagonismo deste pensamento com a ciência ocidental?

A . — Nenhum antagonismo. Estamos em harmonia com isso. Nossa teoria da evolução e de Âkâsha e Prâna é exatamente o que têm suas filosofias modernas. Sua crença na evolução está entre nossos Yogis e na filosofia Sankhya. Por exemplo, Patanjali fala de uma espécie sendo transformada em outra pelo preenchimento da natureza - "जात्यन्तरपरिणामः प्रकृत्यापृणत्"; só ele difere de você na explicação. Sua explicação desta evolução é espiritual. Ele diz que assim como quando um fazendeiro quer regar seu campo pelos canais que passam próximos, ele só precisa levantar o portão - "

निमित्तमप्रयोजकं प्रकृतीनां वरणमेव ह्यस्तु ततः क्षेत्रिकवत् " - então cada homem já é o Infinito, apenas essas barras e parafusos e circunstâncias diferentes o encerraram; mas assim que são removidos, ele sai correndo e se expressa. No animal, o homem foi mantido em suspenso; mas assim que surgiram boas circunstâncias, ele se manifestou como homem. E novamente, assim que surgiram as circunstâncias adequadas, o Deus no homem se manifestou. Portanto, temos

muito pouco com o que discutir nas novas teorias. Por exemplo, a teoria do Sankhya quanto à percepção difere muito pouco da fisiologia moderna.

Q. — Mas o seu método é diferente?

A . - Sim. Afirmamos que concentrar os poderes da mente é o único caminho para o conhecimento. Na ciência externa, concentração da mente é: colocá-la em algo externo; e na ciência interna, é – atrair para si mesmo. Chamamos essa concentração da mente de Yoga.

Q. — No estado de concentração a verdade destes princípios se torna evidente?

A . — Os Yogis reivindicam muito. Eles afirmam que pela concentração da mente toda verdade no universo se torna evidente para a mente, tanto a verdade externa quanto a interna.

Q. — O que o Advaitista pensa da cosmologia?

A . – O Advaitista diria que toda esta cosmologia e tudo mais estão apenas em Maya, no mundo fenomênico. Na verdade eles não existem. Mas enquanto estivermos vinculados, teremos que ter essas visões. Dentro dessas visões as coisas acontecem em uma certa ordem regular. Além deles não há lei e ordem, mas liberdade.

Q. — O Advaita é antagônico ao dualismo?

A . — Não sendo os Upanishads uma forma sistematizada, era fácil para os filósofos adotarem textos quando queriam formar um sistema. Os Upanishads sempre tinham que ser seguidos, caso contrário não haveria base. No entanto, encontramos todas as diferentes escolas de pensamento nos Upanishads. Nossa solução é que o Advaita não é antagônico ao Dvaita (dualismo). Dizemos que o último é apenas um dos três passos. A religião sempre dá três passos. O primeiro é o dualismo. Então o homem chega a um estado superior, o não-dualismo parcial. E finalmente ele descobre que é um com o universo. Portanto, os três não contradizem, mas cumprem.

Q. — Por que existe Maya ou ignorância?

A . — “Por que” não pode ser perguntado além do limite da causalidade. Só pode ser solicitado no Maya. Dizemos que responderemos à pergunta quando ela for formulada logicamente. Antes disso não temos o direito de responder.

Q. — O Deus Pessoal pertence a Maya?

A . - Sim; mas o Deus Pessoal é o mesmo Absoluto visto através de Maya. Esse Absoluto sob o controle da natureza é o que se chama alma humana; e aquele que controla a natureza é Ishvara, ou o Deus Pessoal. Se um homem partir daqui para ver o sol, verá primeiro um pequeno sol; mas à medida que avança, ele o verá cada vez maior, até chegar ao verdadeiro. Em cada estágio de seu progresso ele via aparentemente um sol diferente; no entanto, temos certeza de que era o mesmo sol que ele estava vendo. Portanto, todas essas coisas são apenas visões do Absoluto e, como tais, são verdadeiras. Nenhuma delas é uma visão falsa, mas só podemos dizer que eram estágios inferiores.

Q. — Qual é o processo especial pelo qual alguém conhecerá o Absoluto?

A . — Dizemos que há dois processos. Um é o positivo e o outro, o negativo. O positivo é aquilo por onde passa todo o universo – o do amor. Se este círculo de amor for aumentado indefinidamente, alcançaremos o amor universal. O outro é o “Neti”, “Neti” – “isso não”, “isso não” – parando cada onda na mente que tenta prolongá-lo; e finalmente a mente morre, por assim dizer, e o Real se revela. Chamamos isso de Samâdhi, ou superconsciência.

Q. — Isso seria, então, fundir o sujeito no objeto!

A . — Fundir o objeto no sujeito, não fundir o sujeito no objeto. Realmente este mundo morre e eu permaneço. Eu sou o único que resta.

Q. — Alguns dos nossos filósofos na Alemanha pensaram que toda a doutrina de Bhakti (Amor pelo Divino) na Índia era muito provavelmente o resultado da influência ocidental.

A . — Não faço nenhuma avaliação disso — a suposição era efêmera. O Bhakti da Índia não é como o Bhakti Ocidental. A nossa ideia central é que não existe pensamento de medo. É sempre, amor a Deus. Não há adoração através do medo, mas sempre através do amor, do começo ao fim. Em segundo lugar, a suposição é totalmente desnecessária. Bhakti é mencionado no mais antigo dos Upanishads, que é muito mais antigo que a Bíblia cristã. Os germes de Bhakti estão até mesmo no Samhitâ (os hinos védicos). A palavra Bhakti não é uma palavra ocidental. Foi sugerido pela palavra Shraddhâ.

Q. — Qual é a ideia indiana da fé cristã?

A . — Isso é muito bom. O Vedanta abrangerá cada um deles. Temos uma ideia peculiar na Índia. Suponha que eu tivesse um filho. Eu não deveria lhe ensinar nenhuma religião; Eu deveria ensinar-lhe a respiração – a prática de concentrar a mente, e apenas uma linha de oração – não oração no seu sentido, mas simplesmente algo como isto: “Eu medito Nele que é o Criador deste universo: que Ele ilumine minha mente”. I "Dessa forma ele seria educado, e então passaria a ouvir diferentes filósofos e professores. Ele selecionaria aquele que, em sua opinião, seria mais adequado para ele; e este homem se tornaria seu Guru ou professor, e ele se tornaria um Shishya ou discípulo. Ele diria àquele homem: “Esta forma de filosofia que você prega é a melhor; então ensine-me”. Nossa ideia fundamental é que a sua doutrina não pode ser minha, nem a minha, sua. Cada um deve seguir seu caminho. Minha filha pode ter um método, meu filho outro, e eu novamente outro. Então cada um tem um Ishta ou caminho escolhido, e guardamos isso para nós. É entre mim e meu professor, porque não queremos brigar. Não adiantará a ninguém contá-lo aos outros, porque cada um terá que encontrar o seu próprio caminho. Portanto, apenas a filosofia geral e os métodos gerais podem ser ensinados universalmente. Por exemplo, dando um exemplo ridículo, pode me ajudar ficar em uma perna só. Seria ridículo para você se eu dissesse que todos devem fazer isso, mas pode me agradar. É bem possível que eu seja dualista e que minha esposa seja monista, e assim por diante. Um dos meus filhos pode adorar Cristo, Buda ou Maomé, desde que obedeça às leis de castas. Esse é o seu próprio Ishta.

Q. — Todos os hindus acreditam em castas?

A . — Eles são forçados a isso. Eles podem não acreditar, mas têm que obedecer.

Q. — Esses exercícios de respiração e concentração são praticados universalmente?

A . - Sim; apenas alguns praticam apenas um pouco, apenas para satisfazer os requisitos de sua religião. Os templos na Índia não são como as igrejas daqui. Todos eles podem desaparecer amanhã e não farão falta. Um templo é construído por um homem que deseja ir para o céu, ou ter um filho, ou algo assim. Então ele constrói um grande templo e emprega alguns sacerdotes para realizarem os cultos ali. Não preciso ir até lá, porque toda a minha adoração é em casa. Em cada casa há um cômodo especial separado, chamado capela. O primeiro dever da criança, após sua iniciação, é tomar banho e depois adorar; e sua adoração consiste nesta respiração, meditação e repetição de um determinado nome. E outra coisa é manter o corpo reto. Acreditamos que a mente tem todo o poder sobre o corpo para mantê-lo saudável. Depois de um ter feito isso, outro vem e se senta, e cada um o faz em silêncio. Às vezes há três ou quatro na mesma sala, mas cada um pode ter um método diferente. Esta adoração é repetida pelo menos duas vezes por dia.

Q. — Este estado de unidade de que você fala é um ideal ou algo realmente alcançado?

A . – Dizemos que está dentro da realidade; dizemos que percebemos esse estado. Se fosse apenas conversa, não seria nada. Os Vedas ensinam três coisas: este Eu deve primeiro ser ouvido, depois raciocinado e depois meditado. Quando um homem ouve isso pela primeira vez, ele deve raciocinar sobre isso, de modo que não acredite ignorantemente, mas com conhecimento de causa; e depois de raciocinar sobre o que é, ele deve meditar sobre isso e então percebê-lo. E isso é religião. A crença não faz parte da religião. Dizemos que a religião é um estado superconsciente.

Q. - Se você atingir esse estado de superconsciência, você poderá contar sobre isso?

A . - Não; mas conhecemos isso pelos seus frutos. Um idiota, quando vai dormir, acorda idiota ou pior ainda. Mas outro homem entra no estado de meditação e quando sai é um filósofo, um sábio, um grande homem. Isso mostra a diferença entre esses dois estados.

Q. - Gostaria de perguntar, na continuação da pergunta do Professor -, se o senhor conhece alguma pessoa que tenha feito algum estudo dos princípios do auto-hipnotismo, que sem dúvida praticaram em grande medida na Índia antiga, e o que foi recentemente declarado e praticado nessa coisa. É claro que isso não acontece tanto na Índia moderna.

A . — O que você chama de hipnotismo no Ocidente é apenas uma parte da coisa real. Os hindus chamam isso de auto-hipnotização. Dizem que você já está hipnotizado e que deveria sair dessa e se deshipnotizar. "Lá o sol não pode iluminar, nem a lua, nem as estrelas; o relâmpago não pode iluminar isso; o que falar deste fogo mortal! Aquele que brilha, tudo o mais brilha" (Katha Upanishad, II ii. 15). Isso não é hipnotização, mas deshipnotização. Dizemos que todas as outras religiões que pregam estas coisas como reais estão praticando uma forma de hipnotismo. Somente o Advaitista não se importa em ser hipnotizado. O seu sistema é o único que mais ou menos entende que o hipnotismo vem com todas as formas de dualismo. Mas o Advaitista diz, jogue fora até mesmo os Vedas, jogue fora até mesmo o Deus Pessoal, jogue fora até mesmo o universo, jogue fora até mesmo seu próprio corpo e mente, e não deixe nada restar, para se livrar perfeitamente do hipnotismo. "De onde a mente volta com a fala, sendo incapaz de alcançar, conhecendo a Bem-aventurança de Brahman, não há mais medo." Isso é deshipnotização. "Não tenho vício nem virtude, nem miséria nem felicidade; não me importo com os Vedas, nem com sacrifícios, nem com cerimônias; não sou nem comida, nem como, nem comedor, pois sou a Existência Absoluta, o Conhecimento Absoluto, a Bem-aventurança Absoluta; eu sou Ele, eu sou Ele." Sabemos tudo sobre hipnotismo. Temos uma psicologia que o Ocidente está apenas começando a conhecer, mas ainda não de forma adequada, lamento dizer.

Q. — Como você chama o corpo astral?

A . — O corpo astral é o que chamamos de Linga Sharira. Quando este corpo morre, como pode ele assumir outro corpo? A força não pode

permanecer sem matéria. Assim resta uma pequena parte da matéria sutil, através da qual os órgãos internos formam outro corpo - pois cada um está formando o seu próprio corpo; é a mente que faz o corpo. Se eu me tornar um sábio, meu cérebro se transformará no cérebro de um sábio; e os Iogues dizem que mesmo nesta vida um Iogue pode transformar seu corpo em um corpo divino.

Os Yogis mostram muitas coisas maravilhosas. Um grama de prática vale mil libras de teoria. Portanto, não tenho o direito de dizer que, porque não vi isto ou aquilo ser feito, é falso. Seus livros dizem que com a prática você pode obter todos os tipos de resultados maravilhosos. Pequenos resultados podem ser obtidos em pouco tempo pela prática regular, de modo que se possa saber que não há nenhuma farsa, nenhum charlatanismo. E esses Yogis explicam as coisas maravilhosas mencionadas em todas as escrituras de uma forma científica. A questão é: como esses registros de milagres entraram em todas as nações? O homem que diz que todas elas são falsas e não precisam de explicação, não é racional. Você não tem o direito de negá-los até que possa provar que são falsos. Você deve provar que eles não têm qualquer fundamento, e só então terá o direito de se levantar e negá-los. Mas você não fez isso. Por outro lado, os Yogis dizem que não são milagres e afirmam que podem realizá-los ainda hoje. Muitas coisas maravilhosas são feitas na Índia hoje. Mas nenhum deles é feito por milagres. Existem muitos livros sobre o assunto. Novamente, se nada mais foi feito nesse sentido, exceto uma abordagem científica em relação à psicologia, esse crédito deve ser dado aos Iogues.

Q. — Você pode dizer concretamente quais são as manifestações que o Yogue pode mostrar?

A . — O Iogue não deseja fé ou crença em sua ciência, mas aquela que é dada a qualquer outra ciência, apenas fé cavalheiresca suficiente para vir e fazer o experimento. O ideal do Yogi é tremendo. Tenho visto as coisas inferiores que podem ser feitas pelo poder da mente e, portanto, não tenho o direito de descrever que as coisas mais elevadas possam ser feitas. O ideal do Yogue é a paz e o amor eternos através da onisciência e da onipotência. Conheço um iogue que foi mordido por uma cobra e caiu no chão. À noite, ele reviveu novamente e, quando questionado sobre o que aconteceu, disse:

“Um mensageiro veio do meu Amado”. Todo o ódio, raiva e ciúme foram eliminados deste homem. Nada pode fazê-lo reagir; ele é amor infinito o tempo todo e é onipotente em seu poder de amor. Esse é o verdadeiro Yogue. E isso manifestar coisas diferentes é acidental no caminho. Não é isso que ele deseja alcançar. O Iogue diz que todo homem é escravo, exceto o Iogue. Ele é escravo da comida, do ar, da esposa, dos filhos, do dólar, escravo de uma nação, escravo do nome e da fama, e de mil coisas neste mundo. O homem que não é controlado por nenhuma dessas amarras é, por si só, um verdadeiro homem, um verdadeiro Yogue. "Conquistaram a existência relativa nesta vida aqueles que estão firmemente fixados na mesmice. Deus é puro e o mesmo para todos. Portanto, diz-se que tais pessoas vivem em Deus" (Gita, V. 19).

Q. — Os Yogis atribuem alguma importância à casta?

A . - Não; a casta é apenas a escola de treinamento para mentes subdesenvolvidas.

Q. — Não há ligação entre esta ideia de superconsciência e o calor da Índia?

A . - Eu não penso assim; porque toda esta filosofia foi pensada quinze mil pés acima do nível do mar, entre os Himalaias, numa temperatura quase ártica.

Q. — É possível obter sucesso num clima frio?

A . — É praticável e a única coisa praticável neste mundo. Dizemos que vocês são vedantistas natos, cada um de vocês. Você está declarando sua unidade com tudo a cada momento que vive. Cada vez que seu coração se dirige ao mundo, você é um verdadeiro vedantista, só que não sabe disso. Você é moral sem saber por quê; e o Vedanta é a filosofia que analisou e ensinou o homem a ser moralmente consciente. É a essência de todas as religiões.

Q. — Você deveria dizer que existe um princípio anti-social em nosso povo ocidental, que nos torna tão pluralistas, e que os orientais são mais simpáticos do que nós?

A . — Acho que os ocidentais são mais cruéis e os orientais têm mais piedade para com todos os seres. Mas isso é simplesmente porque a sua civilização é muito mais recente. Leva tempo para fazer algo ficar sob a influência da misericórdia. Você tem muito poder, e o poder de controle da mente tem sido muito pouco praticado. Levará algum tempo para torná-lo gentil e bom. Este sentimento lateja em cada gota de sangue na Índia. Se eu for às aldeias para ensinar política às pessoas, elas não compreenderão; mas se eu for ensinar-lhes Vedanta, eles dirão: “Agora, Swami, você está bem”. Esse Vairâgya, o desapego, está em toda parte na Índia, até hoje. Estamos muito degenerados agora; mas os reis abrirão mão de seus tronos e percorrerão o país sem nada.

Em alguns lugares, a garota comum da aldeia com sua roca diz: "Não me fale de dualismo; minha roca diz 'Soham, Soham' - 'Eu sou Ele, eu sou Ele'". essas pessoas, e pergunte-lhes por que falam assim e ainda assim se ajoelham diante daquela pedra. Eles dirão que para vocês a religião significa dogma, mas para eles realização. “Serei um vedantista”, dirá um deles, “somente quando tudo isso tiver desaparecido e eu tiver visto a realidade. aos templos, e assim por diante, para chegar à realização, eu ouvi, mas quero ver e perceber.” “Diferentes métodos de discurso, diferentes maneiras de explicar o significado das escrituras – estes são apenas para o prazer dos eruditos, não para a liberdade” (Shankara). É a realização que nos leva a essa liberdade.

Q. — Esta liberdade espiritual entre as pessoas é consistente com a atenção à casta?

A . - Certamente não. Dizem que não deveria haver casta. Mesmo aqueles que pertencem à casta dizem que não é uma instituição muito perfeita. Mas dizem que quando você encontrar outro e melhor, desistiremos. Eles dizem, o que você nos dará em vez disso? Onde não há casta? Na sua nação vocês estão lutando o tempo todo para formar uma casta. Assim que um homem recebe um saco de dólares, ele diz: “Sou um dos Quatrocentos”. Só nós conseguimos formar uma casta permanente. Outras nações estão lutando e não conseguem. Já temos superstições e males suficientes. Tirar as superstições e os males do seu país resolveria a situação? É devido à casta que trezentos milhões de pessoas ainda conseguem encontrar um pedaço de

pão para comer. É uma instituição imperfeita, sem dúvida. Mas se não fosse pela casta, vocês não teriam livros em sânscrito para estudar. Esta casta fez muros, em torno dos quais todos os tipos de invasões rolaram e surgiram, mas achou impossível romper. Essa necessidade ainda não desapareceu; então a casta permanece. A casta que temos agora não é a de há setecentos anos. Cada golpe o fascinou. Você percebe que a Índia é o único país que nunca saiu de si para conquistar? O grande imperador Asoka insistiu que nenhum de seus descendentes deveria conquistar. Se as pessoas quiserem nos enviar professores, deixe-os ajudar, mas não prejudicar. Por que todas essas pessoas deveriam vir para conquistar os hindus? Eles causaram algum dano a alguma nação? O pouco de bem que puderam fazer, fizeram pelo mundo. Eles ensinaram ciência, filosofia, religião e civilizaram as hordas selvagens da terra. E este é o retorno – apenas assassinato e tirania, e chamando-os de patifes pagãos. Veja os livros escritos sobre a Índia pelos ocidentais e as histórias de muitos viajantes que vão para lá; em retaliação por que ferimentos estes são lançados contra eles?

Q. — Qual é a ideia vedântica de civilização?

A . — Vocês são filósofos e não acham que um saco de ouro faça a diferença entre um homem e outro. Qual é o valor de todas essas máquinas e ciências? Eles têm apenas um resultado: difundem conhecimento. Você não resolveu o problema da necessidade, mas apenas o tornou mais aguçado. As máquinas não resolvem a questão da pobreza; eles simplesmente fazem os homens lutarem ainda mais. A competição fica mais acirrada. Que valor tem a natureza em si? Por que você constrói um monumento para um homem que envia eletricidade através de um fio? A natureza não faz isso milhões de vezes? Não é tudo que já existe na natureza? Qual é o valor de você obtê-lo? Já está lá. O único valor é que ele faz esse desenvolvimento. Este universo é simplesmente um ginásio onde a alma se exercita; e depois destes exercícios nos tornamos deuses. Portanto, o valor de tudo será decidido pelo quanto é uma manifestação de Deus. A civilização é a manifestação dessa divindade no homem.

Q. — Os budistas têm alguma lei de castas?

A . — Os budistas nunca tiveram muitas castas e há muito poucos budistas na Índia. Buda foi um reformador social. No entanto, nos países budistas,

descobri que houve fortes tentativas de fabricar castas, mas elas falharam. A casta dos budistas não é praticamente nada, mas eles se orgulham dela em suas próprias mentes.

Buda foi um dos Sannyasins do Vedanta. Ele iniciou uma nova seita, assim como outras são iniciadas até hoje. As ideias que hoje são chamadas de Budismo não eram dele. Eles eram muito mais antigos. Ele foi um grande homem que deu poder às ideias. O elemento único no Budismo era o seu elemento social. Brâmanes e Kshatriyas sempre foram nossos professores, e a maioria dos Upanishads foram escritos por Kshatriyas, enquanto as porções ritualísticas dos Vedas vieram dos Brâmanes. A maioria dos nossos grandes professores em toda a Índia foram Kshatriyas e sempre foram universais em seus ensinamentos; enquanto os profetas Brahmanas, com duas exceções, eram muito exclusivos. Râma, Krishna e Buda – adorados como Encarnações de Deus – eram Kshatriyas.

Q. – As seitas, cerimônias e escrituras ajudam à realização?

A. — Quando um homem percebe, ele desiste de tudo. As várias seitas, cerimônias e livros, na medida em que são o meio de chegar a esse ponto, estão bem. Mas quando eles falham nisso, devemos mudá-los. “Aquele que conhece não deve desprezar a condição daqueles que são ignorantes, nem deve aquele que conhece destruir a fé; dos ignorantes em seu próprio método particular, mas pela ação adequada conduzi-los e mostrar-lhes o caminho para chegar onde ele está. ” (Gita, III. 26).

Q. — Como o Vedanta explica a individualidade e a ética?

A. – O indivíduo real é o Absoluto; essa personalização é através do Maya. É apenas aparente; na realidade, é sempre o Absoluto. Na realidade existe um, mas em Maya aparecem tantos. Em Maya existe esta variação. No entanto, mesmo neste Maya há sempre a tendência de voltar ao Um, conforme expresso em toda a ética e toda a moralidade de cada nação, porque é a necessidade constitucional da alma. É encontrar a sua unidade; e esta luta para encontrar esta unidade é o que chamamos de ética e moralidade. Portanto devemos sempre praticá-los.

Q. — A maior parte da ética não se ocupa da relação entre os indivíduos?

A . - Isso é tudo. O Absoluto não vem dentro de Maya.

Q. — Você diz que o indivíduo é o Absoluto, e eu ia perguntar se o indivíduo tem conhecimento.

A . — O estado de manifestação é a individualidade, e a luz nesse estado é o que chamamos de conhecimento. Usar, portanto, este termo conhecimento para a luz do Absoluto não é preciso, pois o estado absoluto transcende o conhecimento relativo.

Q. — Inclui?

A . — Sim, neste sentido. Assim como uma peça de ouro pode ser transformada em todos os tipos de moedas, o mesmo acontece com isso. O estado pode ser dividido em todos os tipos de conhecimento. É o estado de superconsciência e inclui consciência e inconsciência. O homem que atinge esse estado possui tudo o que chamamos de conhecimento. Quando ele quer realizar essa consciência do conhecimento, ele tem que descer um degrau. O conhecimento é um estado inferior; é somente em Maya que podemos ter conhecimento.

5.4.2 NO CLUBE DO SÉCULO XX DE BOSTON, EUA

Q. — O Vedanta exerceu alguma influência sobre o islamismo?

A . — Este espírito vedântico de liberalidade religiosa afetou muito o islamismo. O islamismo na Índia é algo bem diferente de qualquer outro país. Só quando os muçulmanos vêm de outros países e pregam aos seus correligionários na Índia sobre viverem com homens que não são da sua fé é que uma multidão muçulmana é despertada e luta.

Q. — O Vedanta reconhece castas?

A . — O sistema de castas se opõe à religião do Vedanta. A casta é um costume social, e todos os nossos grandes pregadores tentaram quebrá-la. Do Budismo para baixo, todas as seitas pregaram contra as castas, e todas as vezes apenas prenderam as correntes. A casta é simplesmente o resultado das instituições políticas da Índia; é uma guilda comercial hereditária. A

competição comercial com a Europa quebrou as castas mais do que qualquer ensinamento.

Q. — Qual é a peculiaridade dos Vedas?

A . — Uma peculiaridade dos Vedas é que eles são as únicas escrituras que declaram repetidas vezes que você deve ir além deles. Os Vedas dizem que foram escritos apenas para a mente infantil; e quando você crescer, você deve ir além deles.

Q. — Você considera a alma individual eternamente real?

A . — A alma individual consiste nos pensamentos de um homem, e eles mudam a cada momento. Portanto, não pode ser eternamente real. É real apenas no fenomenal. O indivíduo consiste em memória e pensamento, como isso pode ser real?

Q. — Por que o budismo como religião declinou na Índia?

A . — O budismo não declinou realmente na Índia; foi apenas um movimento social gigantesco. Antes de Buda, um grande número de animais era morto para sacrifícios e outras razões, e as pessoas bebiam vinho e comiam carne em grandes quantidades. Desde os ensinamentos de Buda, a embriaguez quase desapareceu e a matança de animais quase desapareceu.

5.4.3 NA BROOKLYN ETHICAL SOCIETY, BROOKLYN, EUA

Q. — Como você pode conciliar suas visões otimistas com a existência do mal, com a prevalência universal da tristeza e da dor?

A . — Só posso responder à pergunta se a existência do mal for primeiro provada; mas isto a religião Vedanta não admite. A dor eterna sem mistura de prazer seria um mal positivo; mas a dor e a tristeza temporais, se contribuíram com um elemento de ternura e nobreza tendendo à bem-aventurança eterna, não são males: pelo contrário, podem ser um bem supremo. Não podemos afirmar que algo é mau até que tenhamos traçado sua sequência até o reino da eternidade.

A adoração do diabo não faz parte da religião hindu. A raça humana está em processo de desenvolvimento; nem todos atingiram a mesma altitude. Portanto, alguns são mais nobres e puros em suas vidas terrenas do que outros. Cada um tem a oportunidade, dentro dos limites da esfera do seu desenvolvimento atual, de se tornar melhor. Não podemos nos desfazer; não podemos destruir ou prejudicar a força vital dentro de nós, mas temos a liberdade de dar-lhe direções diferentes.

Q. — A realidade da matéria cósmica não é simplesmente a imaginação das nossas próprias mentes?

A . — Na minha opinião, o mundo externo é certamente uma entidade e tem uma existência fora das nossas concepções mentais. Toda a criação avança e ascende, obediente à grande lei da evolução do espírito, que é diferente da evolução da matéria. Este último simboliza, mas não explica, o processo do primeiro. Não somos indivíduos agora, no nosso atual ambiente terrestre. Não teremos alcançado a individualidade até que tenhamos ascendido ao estado superior, quando o espírito divino dentro de nós terá um meio perfeito para a expressão de seus atributos.

Q. — Qual é a sua explicação do problema apresentado a Cristo, sobre se foi a própria criança ou seus pais que pecaram, que nasceu cega?

A . — Embora a questão do pecado não entre no problema, estou convencido de que a cegueira se deveu a algum ato do espírito da criança numa encarnação anterior. Na minha opinião, tais problemas só são explicáveis na hipótese de uma existência terrena anterior.

Q. — Nossos espíritos passam, na morte, para um estado de felicidade?

A . — A morte é apenas uma mudança de condição: o tempo e o espaço estão em você, você não está no tempo e no espaço. Basta saber que à medida que tornamos a nossa vida mais pura e nobre, seja no mundo visível ou no invisível, mais nos aproximamos de Deus, que é o centro de toda beleza espiritual e alegria eterna.

Q. — Qual é a teoria hindu da transmigração das almas?

A . — Está na mesma base que a teoria da conservação está para o cientista. Esta teoria foi produzida pela primeira vez por um filósofo do meu país. Os antigos sábios não acreditavam na criação. Uma criação implica produzir algo do nada. Isso é impossível. Não houve início da criação, assim como não houve início do tempo. Deus e a criação são como duas linhas sem fim, sem começo e paralelas. Nossa teoria da criação é “É, foi e será”. Toda punição é apenas reação. O povo do Ocidente deveria aprender uma coisa com a Índia: tolerância. Todas as religiões são boas, pois o essencial é o mesmo.

Q. — Por que as mulheres da Índia não são muito elevadas?

A . — É em grande parte devido aos invasores bárbaros ao longo de diferentes épocas; isso se deve em parte ao próprio povo da Índia.

Quando foi apontado a Swamiji na América que o Hinduísmo não é uma religião de proselitismo, ele respondeu:

“Tenho uma mensagem para o Ocidente assim como Buda tinha uma mensagem para o Oriente.”

Q. — Você pretende introduzir as práticas e rituais da religião hindu neste país (América)?

A . — Estou pregando simplesmente filosofia.

Q. — Você não acha que se o medo do futuro fogo do inferno fosse tirado do homem, não haveria como controlá-lo?

A . — Não! Pelo contrário, penso que ele se torna muito melhor através do amor e da esperança do que através do medo.

5.4.4 SELEÇÕES DO DIÁRIO DE MATEMÁTICA

(Traduzido do bengali)

Q. — Quem podemos chamar de Guru?

A . — Aquele que pode contar o seu passado e futuro é o seu Guru.

Q. — Como alguém pode ter Bhakti?

A . — Há Bhakti dentro de você, apenas um véu de luxúria e riqueza o cobre, e assim que isso for removido, Bhakti se manifestará por si mesmo.

Q. — Qual é o verdadeiro significado da afirmação de que devemos depender de nós mesmos?

A . — Aqui eu significa o Eu eterno. Mas mesmo a dependência do eu não eterno pode levar gradualmente ao objetivo correto, pois o eu individual é realmente o Eu eterno sob a ilusão.

Q. — Se a unidade é a única realidade, como poderia ter surgido a dualidade que é percebida por todos a cada momento?

A . — A percepção nunca é dual; é apenas a representação da percepção que envolve dualidade. Se a percepção fosse dual, o conhecido poderia ter existido independentemente do conhecedor e vice-versa.

Q. — Como pode ser melhor efetuado o desenvolvimento harmonioso do caráter?

A . — Pela associação com pessoas cujo caráter foi tão desenvolvido.

Q. — Qual deve ser a nossa atitude em relação aos Vedas?

A . — Os Vedas, isto é, apenas aquelas partes deles que concordam com a razão, devem ser aceitas como autoridade. Outros Shâstras, como os Purânas, etc., só devem ser aceitos na medida em que não contrariem os Vedas. Todos os pensamentos religiosos que surgiram depois dos Vedas, no mundo, em qualquer parte dele, foram derivados dos Vedas.

Q. — A divisão do tempo em quatro Yugas é um cálculo astronômico ou arbitrário?

A . — Não há menção de tais divisões nos Vedas. São suposições arbitrárias dos tempos Paurânika.

Q. — A relação entre conceitos e palavras é necessária e imutável, ou acidental e convencional?

A . — O ponto é extremamente discutível. Parece que existe uma relação necessária, mas não absolutamente, como resulta da diversidade da linguagem. Pode haver alguma relação sutil que ainda não somos capazes de detectar.

Q. — Qual deve ser o princípio a ser seguido no trabalho na Índia?

A . — Em primeiro lugar, os homens devem ser ensinados a serem práticos e fisicamente fortes. Uma dúzia desses leões conquistará o mundo, e nem milhões de ovelhas conseguirão fazê-lo. Em segundo lugar, os homens não deveriam ser ensinados a imitar um ideal pessoal, por maior que seja.

Então Swamiji passou a falar das corrupções de alguns símbolos hindus. Ele distinguiu entre o caminho do conhecimento e o caminho da devoção. Os primeiros pertenciam propriamente aos Aryas e, portanto, eram tão rigorosos na seleção dos Adhikâris (aspirantes qualificados), e os últimos vindos do Sul, ou de fontes não-arianas, não faziam tal distinção.

Q. — Que papel a Missão Ramakrishna desempenhará no trabalho regenerador da Índia?

A . — Desta Matemática sairão homens de caráter que inundarão o mundo com espiritualidade. Isto será seguido por reavivamentos em outras linhas. Assim serão produzidos Brâmanes, Kshatriyas e Vaishyas. A casta Shudra não existirá mais – seu trabalho será feito por máquinas. A necessidade atual da Índia é a força Kshatriya.

Q. — É possível a reencarnação retrógrada a partir do estágio humano?

A . - Sim. A reencarnação depende do Karma. Se um homem acumula Karma semelhante à natureza bestial, ele será atraído para isso.

Em uma das aulas de perguntas (1898), Swamiji rastreou a adoração de imagens até fontes budistas. Primeiro, houve o Chaitya; segundo, a Estupa;

e então veio o templo de Buda. Junto com ele surgiram os templos das divindades hindus.

Q. — A Kundalini realmente existe no corpo físico?

A . - Shri Ramakrishna costumava dizer que os chamados lótus do Yogue não existem realmente no corpo humano, mas que são criados dentro da pessoa pelos poderes do Yoga.

Q. – Um homem pode atingir Mukti através da adoração de imagens?

A . — A adoração de imagens não pode dar Mukti diretamente; pode ser uma causa indireta, uma ajuda no caminho. A adoração de imagens não deve ser condenada, pois, para muitos, ela prepara a mente para a realização do Advaita, o único que torna o homem perfeito.

Q. – Qual deve ser o nosso mais elevado ideal de caráter?

A . – Renúncia.

Q. — Como o Budismo deixou o legado da corrupção na Índia?

A . — Os Bauddhas tentaram transformar todos na Índia em monges ou freiras. Não podemos esperar isso de todos. Isto levou a um relaxamento gradual entre monges e freiras. Também foi causado pela imitação de costumes tibetanos e outros costumes bárbaros em nome da religião. Eles foram pregar nesses lugares e assimilaram suas corrupções, e então os introduziram na Índia.

Q. — Mâyâ não tem começo nem fim?

A . – Maya é eterna em ambos os sentidos, tomada universalmente, como gênero; mas não é eterno individualmente.

Q. — Brahman e Maya não podem ser reconhecidos simultaneamente. Como poderia ser provada a realidade absoluta de qualquer um deles como decorrente de um ou de outro?

A . – Isso só poderia ser provado pela realização. Quando alguém realiza Brahman, para ele Maya não existe mais, assim como uma vez descoberta a identidade da corda, a ilusão da serpente não surge mais.

Q. — O que é Maya?

A . – Existe apenas uma coisa, chame-a por qualquer nome – matéria ou espírito. É difícil, ou melhor, impossível pensar um independentemente do outro. Isto é Maya, ou ignorância.

Q. — O que é Mukti (libertação)?

A . — Mukti significa liberdade total — liberdade das amarras do bem e do mal. Uma corrente de ouro é tão corrente quanto uma corrente de ferro. Shri Ramakrishna costumava dizer que, para retirar um espinho que ficou preso no pé, outro espinho é requisitado, e quando o espinho é retirado, ambos são jogados fora. Assim, as más tendências devem ser neutralizadas pelas boas, mas depois disso, as boas tendências também têm de ser conquistadas.

Q. — A salvação (Mukti) pode ser obtida sem a graça de Deus?

A . — A salvação não tem nada a ver com Deus. A liberdade já existe.

Q. – Qual é a prova de que o eu em nós não é produto do corpo, etc.?

A . — O “ego”, como seu correlativo “não-ego”, é o produto do corpo, da mente, etc. A única prova da existência do Eu real é a realização.

Q. – Quem é um verdadeiro Jnâni e quem é um verdadeiro Bhakta?

A . — O verdadeiro Jnani é aquele que tem o amor mais profundo em seu coração e ao mesmo tempo é um vidente prático do Advaita em suas relações externas. E o verdadeiro Bhakta (amante) é aquele que, percebendo que sua própria alma está identificada com a Alma universal e, portanto, possuidor do verdadeiro Jnana interior, sente e ama a todos. De Jnana e Bhakti, aquele que defende um e denuncia o outro não pode ser um Jnani ou um Bhakta, mas ele é um ladrão e um trapaceiro.

Q. – Por que um homem deveria servir Ishvara?

A . – Se você admitir uma vez que existe Ishvara (Deus), você terá inúmeras ocasiões para servi-Lo. Serviço ao Senhor significa, de acordo com todas as autoridades bíblicas, lembrança (Smarana). Se você acredita na existência de Deus, você será lembrado Dele em cada etapa da sua vida.

Q. – Mâyâvâda é diferente de Advaitâvada?

A . — Não. Eles são idênticos. Não há absolutamente nenhuma outra explicação para Advaitavada exceto Mayavada.

Q. — Como é possível que Deus que é infinito seja limitado na forma de um homem (como um Avatâra)?

A . – É verdade que Deus é infinito, mas não no sentido em que você o compreende. Você confundiu sua ideia de infinito com a ideia materialista de vastidão. Quando você diz que Deus não pode assumir a forma de um homem, você entende que uma substância ou forma muito, muito grande (como se fosse de natureza material), não pode ser comprimida em um compasso muito, muito pequeno. A infinitude de Deus refere-se à ilimitação de uma entidade puramente espiritual e, como tal, não sofre nem um pouco ao se expressar em forma humana.

Q. — Alguns dizem: “Primeiro de tudo, torne-se um Siddha (aquele que realizou a Verdade), e então você terá direito ao Karma, ou trabalhar para os outros”, enquanto outros dizem que se deve trabalhar para os outros desde o início. Como essas duas visões podem ser reconciliadas?

A . — Você está confundindo uma coisa com a outra. Karma significa serviço à humanidade ou pregação. À verdadeira pregação, sem dúvida, ninguém tem direito, exceto o Siddha Purusha, ou seja, aquele que realizou a Verdade. Mas todos têm o direito de servir, e não apenas isso, mas todos têm a obrigação de servir aos outros, desde que aceitem o serviço dos outros.

5.4.5 IOGA, VAIRAGYA, TAPASYA, AMOR

Q. — O Yoga serve para manter o corpo em plena saúde e vitalidade?

A . — É verdade. Isso evita doenças. Como a objetificação do próprio corpo é difícil, é muito eficaz em relação aos outros. Frutas e leite são os melhores alimentos para os Yogis.

Q. — A obtenção da bem-aventurança é sincronizada com a de Vairagya?

A . — O primeiro passo em Vairagya é muito doloroso. Quando aperfeiçoado, produz felicidade suprema.

Q. — O que é Tapasyâ?

A . — Tapasya é tripla – do corpo, da fala e da mente. O primeiro é o serviço aos outros; a segunda veracidade; e terceiro, controle e concentração.

Q. — Por que não vemos que a mesma consciência permeia tanto a formiga quanto o sábio aperfeiçoado?

A . — Perceber a unidade desta manifestação é apenas uma questão de tempo.

Q. — É possível pregar sem atingir a perfeição?

A . — Não. Que o Senhor conceda que todos os discípulos Sannyasin do meu Mestre e de mim mesmo sejam aperfeiçoados, para que estejam aptos para o trabalho missionário!

Q. — A majestade divina expressada na Forma Universal de Shri Krishna no Gita é superior à expressão do amor desassistida de outros atributos, corporificados na forma de Shri Krishna, por exemplo, em Sua relação com as Gopis?

A . — O sentimento de amor, desacompanhado da ideia de divindade, no respeito à pessoa amada, é seguramente inferior à expressão da majestade divina. Se não fosse assim, todos os amantes da carne teriam obtido a liberdade.

5.4.6 EM RESPOSTA A NIVEDITA

(Em resposta a algumas perguntas feitas pela Irmã Nivedita, Swamiji anotou as respostas em 24 de maio de 1900 em São Francisco.)

Q. – Não consigo lembrar quais papéis Prithvi Rai e Chand se disfarçaram para desempenhar, quando decidiram comparecer ao Svayamvara em Kanauj.

A . — Ambos foram como menestréis.

Q. – Prithvi Rai também decidiu se casar com Samyuktâ, em parte porque ela era filha de seu rival e em parte pela fama de sua grande beleza? Ele então enviou uma criada para obter o posto de empregada dela? E será que essa velha enfermeira se propôs a fazer a princesa se apaixonar por Prithvi Rai?

A . — Eles se apaixonaram, ouvindo feitos e beleza e vendo retratos. Apaixonar-se através de retratos é um antigo jogo indiano.

Q. – Como Krishna foi criado entre os pastores?

A . — Seu pai teve que fugir com o bebê para salvá-lo do tirano Kamsa, que ordenou que todos os bebês (homens) daquele ano fossem mortos, pois (através da profecia) ele temia que um deles fosse Krishna e o destronasse. Ele manteve o pai e a mãe de Krishna na prisão (que eram seus primos) por medo daquela profecia.

Q. — Como terminou esta parte da sua vida?

A . — Ele veio com seu irmão Baladeva e Nanda, seu pai adotivo, convidado pelo tirano para um festival. (O tirano planejou sua destruição.) Ele matou o tirano e, em vez de assumir o trono, colocou nele o herdeiro mais próximo. Ele mesmo nunca colheu nenhum fruto de ação.

Q. — Você pode me contar algum incidente dramático desse período?

A . — Este período está cheio de milagres. Ele, quando bebê, já foi travesso e a mãe vaqueira tentou amarrá-lo com seu barbante e descobriu que não

conseguia amarrá-lo com todos os barbantes que tinha. Então seus olhos se abriram e ela viu que iria amarrar aquele que tinha todo o universo em seu corpo. Ela começou a orar e a tremer. Imediatamente o Senhor a tocou com sua Maya e ela viu apenas a criança.

Brahmâ, o chefe dos deuses, não acreditando que o Senhor havia se tornado um pastor de vacas, um dia roubou todas as vacas e vaqueirinhos e os colocou para dormir em uma caverna. Quando voltou, encontrou os mesmos meninos e vacas ao redor de Krishna. Novamente ele roubou o lote novo e os escondeu. Ele voltou e viu lá o mesmo novamente. Então seus olhos se abriram e começaram a ver numerosos mundos e céus e brâmanes aos milhares, um maior que o anterior, no corpo do Senhor.

Ele dançou sobre a serpente Kâliya que estava envenenando a água do Yamunâ, e ergueu o monte Govardhana desafiando Indra cuja adoração ele havia proibido e que em vingança queria matar todo o povo de Vraja com um dilúvio de chuva. Todos foram protegidos por Krishna sob a colina Govardhana que ele sustentou com um dedo em suas cabeças.

Ele desde a infância foi contra a adoração de cobras e de Indra. A adoração de Indra é um ritual védico. Ao longo do Gita ele não é favorável ao ritual Védico.

Este é o período de seu amor pelas Gopis. Ele tinha onze anos de idade.

5.4.7 GURU, AVATARA, IOGA, JAPA, SEVA

Q. – Como o Vedanta pode ser realizado?

A . — Por “audição, reflexão e meditação”. A audição deve ser feita por um Sad-guru. Mesmo que alguém não seja um discípulo regular, mas seja um aspirante apto e ouça as palavras do Sad-guru, ele está liberado.

Q. — Quem é um Sad-guru?

A . — Um Sad-guru é aquele sobre quem o poder espiritual desceu através do Guru-paramparâ, ou uma cadeia ininterrupta de discipulado.

Desempenhar o papel de professor espiritual é algo muito difícil. É preciso assumir sobre si os pecados dos outros. Há todas as chances de queda nos homens menos avançados. Se ocorrer apenas dor física, então ele deve considerar-se afortunado.

Q. — O professor espiritual não pode tornar o aspirante apto?

A . — Um Avatara pode. Não é um Guru comum.

Q. — Não existe um caminho fácil para a libertação?

A . — “Não existe um caminho real para a Geometria” — exceto para aqueles que tiveram a sorte de entrar em contato com um Avatara. Paramahansa Deva costumava dizer: “Aquele que está tendo seu último nascimento deverá, de uma forma ou de outra, me ver”.

Q. — O Yoga não é um caminho fácil para isso?

A . — (Brincando) Você disse bem, entendo! — Yoga um caminho fácil! Se sua mente não for pura e você tentar seguir o Yoga, talvez você alcance algum poder sobrenatural, mas isso será um obstáculo. Portanto, a pureza da mente é a primeira coisa necessária.

Q. — Como isso pode ser alcançado?

A . — Pelo bom trabalho. O bom trabalho é de dois tipos: positivo e negativo. “Não roube” – esse é um mandato negativo, e “Faça o bem aos outros” – é um mandato positivo.

Q. — Não deveria fazer o bem aos outros ser realizado num estágio superior, pois se for realizado num estágio inferior, pode ligar a pessoa ao mundo?

A . — Deve ser realizado na primeira etapa. Aquele que inicialmente tem algum desejo fica iludido e fica preso, mas os outros não. Aos poucos isso se tornará muito natural.

Q. — Senhor, ontem à noite você disse: "Em você está tudo." Agora, se eu quiser ser como Vishnu, terei que meditar também na forma ou apenas na ideia?

A . — De acordo com a capacidade pode-se seguir de qualquer maneira.

Q. — Qual é o meio de realização?

A . — O Guru é o meio de realização. “Não há conhecimento sem professor.”

Q. — Alguns dizem que não há necessidade de praticar meditação em uma sala de culto. Até que ponto isso é verdade?

A . — Aqueles que já perceberam a presença do Senhor podem não exigir, mas para outros é necessário. Contudo, deve-se ir além da forma e meditar no aspecto impessoal de Deus, pois nenhuma forma pode conceder a libertação. Você pode obter prosperidade mundana com a visão da forma. Aquele que ministra à sua mãe tem sucesso neste mundo; quem adora seu pai vai para o céu; mas o adorador de um Sâdhu (homem santo) obtém conhecimento e devoção.

Q. — Qual é o significado de "क्षणमिह सज्जनसंगतिरेका " etc. — Mesmo um momento de associação com os santos serve para levar alguém além desta existência relativa"?

A . — Uma pessoa adequada que entra em contato com um verdadeiro Sadhu alcança a libertação. Os verdadeiros Sadhus são muito raros, mas sua influência é tal que um grande escritor disse: “A hipocrisia é o tributo que o vício presta à virtude”. Mas os Avatares são Kapâlamochanas, ou seja, podem alterar o destino das pessoas. Eles podem agitar o mundo inteiro. A melhor e menos perigosa forma de adoração é adorar o homem. Aquele que teve a ideia de Brahman num homem, realizou-a em todo o universo. O monaquismo e a vida do chefe de família são bons, dependendo das diferentes circunstâncias. O conhecimento é a única coisa necessária.

Q. — Onde se deve meditar — dentro do corpo ou fora dele? A mente deve ser recolhida para dentro ou mantida para fora?

A . — Deveríamos tentar meditar interiormente. Quanto à mente estar aqui ou ali, levará muito tempo até chegarmos ao plano mental. Agora nossa luta é com o corpo. Quando alguém adquire uma postura perfeita e estável, então, e somente então, começa a lutar com a mente. Âsana (postura) sendo conquistada, os membros permanecem imóveis e a pessoa pode sentar-se o quanto quiser.

Q. — Às vezes cansa-se de Japa (repetição do Mantra). Deveríamos continuar ou ler algum bom livro?

A . — A gente se cansa do Japa por dois motivos. Às vezes o cérebro está cansado, às vezes é resultado da ociosidade. No primeiro caso, então deve-se abandonar o Japa por enquanto, pois a persistência nele naquele momento resulta em ver alucinações, ou em loucura, etc. Mas neste último caso, a mente deve ser forçada a continuar o Japa.

Q. - Às vezes, sentado em Japa, a pessoa sente alegria no início, mas depois parece não estar disposta a continuar o Japa devido a essa alegria. Deveria ser continuado então?

A . - Sim, essa alegria é um obstáculo à prática espiritual, sendo seu nome Rasâsvâdana (degustação da doçura). É preciso superar isso.

Q. — É bom praticar Japa por muito tempo, embora a mente esteja divagando?

A . - Sim. Como algumas pessoas domam um cavalo selvagem mantendo sempre o assento nas costas.

Q. – Você escreveu em seu Bhakti-Yoga que se um homem de corpo fraco tenta praticar Yoga, surge uma reação tremenda. Então o que fazer?

A . — Que medo se você morrer na tentativa de realizar o Eu! O homem não tem medo de morrer por causa do aprendizado e de muitas outras coisas, e por que você deveria temer morrer pela religião?

Q. – Somente Jiva-sevâ (serviço aos seres) pode dar Mukti?

A . — Jiva-seva pode dar Mukti não diretamente, mas indiretamente, através da purificação da mente. Mas se você deseja fazer algo corretamente, você deve, por enquanto, pensar que isso é suficiente. O perigo em qualquer seita é a falta de zelo. Deve haver constância (Nishthâ), ou não haverá crescimento. Atualmente, tornou-se necessário enfatizar o Karma.

Q. — Qual deve ser o nosso motivo no trabalho — compaixão ou qualquer outro motivo?

A . — Fazer o bem aos outros por compaixão é bom, mas o Seva (serviço) de todos os seres no espírito do Senhor é melhor.

Q. — Qual é a eficácia da oração?

A . — Pela oração, os poderes sutis da pessoa são facilmente despertados e, se feitos conscientemente, todos os desejos podem ser satisfeitos por ela; mas feito inconscientemente, talvez um em cada dez seja cumprido. Tal oração, porém, é egoísta e deve, portanto, ser descartada.

Q. — Como reconhecer Deus quando Ele assumiu a forma humana?

A . — Aquele que pode alterar a destruição das pessoas é o Senhor. Nenhum Sadhu, por mais avançado que seja, pode reivindicar esta posição única. Não vejo ninguém que reconheça Ramakrishna como Deus. Às vezes sentimos isso de forma nebulosa, só isso. Realizá-Lo como Deus e ainda assim estar apegado ao mundo é inconsistente.

5.5 CONVERSAS E DIÁLOGOS

5.5.1

EU

SHRI SURENDRA NATH DAS GUPTA

(Traduzido do bengali)

**PENSE SEMPRE NA MORTE E UMA NOVA VIDA VIRÁ -
TRABALHE PARA OS OUTROS - DEUS O ÚLTIMO REFÚGIO**

Um dia, com alguns dos meus jovens amigos pertencentes a diferentes faculdades, fui ao Belur Math para ver Swamiji. Sentamo-nos em volta dele; conversações sobre vários assuntos estavam acontecendo. Assim que lhe foi feita qualquer pergunta, ele lhe deu a resposta mais conclusiva. De repente, ele exclamou, apontando para nós: "Vocês estão todos estudando

diferentes escolas de filosofia e metafísica europeias e aprendendo novos fatos sobre nacionalidades e países; podem me dizer qual é a maior de todas as verdades da vida?"

Começamos a pensar, mas não conseguimos entender o que ele queria que disséssemos. Como ninguém respondeu, ele exclamou em sua linguagem inspiradora:

"Olhe aqui - todos nós morreremos! Tenha isso sempre em mente, e então o espírito interior despertará. Somente então a maldade desaparecerá de você, a praticidade no trabalho virá, você obterá um novo vigor na mente e no corpo, e aqueles que entrarem em contato com você também sentirão que realmente receberam algo edificante de você."

Então ocorreu a seguinte conversa entre ele e eu:

Eu mesmo: Mas, Swamiji, o espírito não se desintegrará ao pensar na morte e o coração não será dominado pelo desânimo?

Swamiji: Exatamente. A princípio, o coração se despedaçará e o desânimo e os pensamentos sombrios ocuparão sua mente. Mas persista; deixe os dias passarem assim - e depois? Então você verá que uma nova força entrou em seu coração, que o pensamento constante na morte está lhe dando uma nova vida e o tornando cada vez mais pensativo, trazendo a cada momento diante dos olhos de sua mente a verdade do ditado: "Vaidade de vaidades, tudo é vaidade! Deixe passar dias, meses e anos e você sentirá que o espírito interior está despertando com a força de um leão, que o pequeno poder interior se transformou em um poder poderoso! Pense sempre na morte e você perceberá a verdade de cada palavra que eu digo. O que mais direi em palavras!

Um dos meus amigos elogiou Swamiji em voz baixa.

Swamiji: Não me elogie. Louvor e censura não têm valor neste nosso mundo. Eles apenas balançam um homem como se estivessem em um balanço. Elogios já estou farto; chuvas de censura que também tive de suportar; mas o que adianta pensar neles! Que cada um continue cumprindo seu dever despreocupadamente. Quando chegar o último momento, o elogio

e a culpa serão os mesmos para você, para mim e para os outros. Estamos aqui para trabalhar e teremos que deixar tudo quando chegar a ligação

Eu mesmo: Quão pequenos somos, Swamiji!

Swamiji: Verdade! Você disse bem! Pense neste universo infinito com seus milhões e milhões de sistemas solares, e pense com que poder infinito e incompreensível eles são impelidos, correndo como se quisessem tocar os Pés do Uno Desconhecido – e quão pequenos nós somos! Onde então há espaço aqui para nos permitirmos entregar-nos à vileza e à mesquinhez? O que deveríamos ganhar aqui ao promover a inimizade mútua e o espírito partidário? Aceitem o meu conselho: coloquem-se inteiramente ao serviço dos outros, quando saírem das faculdades. Acredite em mim, então você teria uma felicidade muito maior do que se tivesse todo um tesouro cheio de dinheiro e outros objetos de valor sob seu comando. À medida que você segue seu caminho, servindo aos outros, você avançará de acordo no caminho do conhecimento.

Eu mesmo: Mas somos tão pobres, Swamiji!

Swamiji: Deixe de lado seus pensamentos sobre pobreza! Em que aspecto você é pobre? Você se arrepende por não ter um treinador e uma dupla ou uma comitiva de servos à sua disposição? E daí? Você mal sabe como nada seria impossível para você na vida se você trabalhasse dia e noite pelos outros com o sangue do seu coração! E eis que! o outro lado do sagrado rio da vida está revelado diante de seus olhos - a tela da Morte desapareceu e vocês são os herdeiros do maravilhoso reino da imortalidade!

Eu mesmo: Oh, como gostamos de sentar diante de você, Swamiji, e ouvir suas palavras vivificantes!

Swamiji: Veja, em minhas viagens pela Índia durante todos esses anos, encontrei muitas grandes almas, muitos corações transbordando de bondade amorosa, sentado a cujos pés eu costumava sentir uma poderosa corrente de força fluindo em meu coração, e as poucas palavras que falo com você são apenas através da força daquela corrente adquirida ao entrar em contato com eles! Não pense que eu sou algo grande!

Eu mesmo: Mas nós olhamos para você, Swamiji, como alguém que realizou Deus!

Assim que eu disse essas palavras, aqueles seus olhos fascinantes se encheram de lágrimas (Oh, quão vividamente eu vejo aquela cena diante dos meus olhos até agora), e ele, com o coração transbordando de amor, falou suave e gentilmente: "Em aqueles Pés Abençoados é a perfeição do Conhecimento, buscada pelos Jnanis! Naqueles Pés Abençoados também está a realização do Amor buscado pelos Amantes!

Depois de um tempo, ele disse novamente: "Ah, que loucura os homens neste mundo passarem seus dias brigando e brigando uns com os outros como fazem! Mas por quanto tempo eles podem continuar assim? No entardecer da vida (no final de todo o curso da existência transmigratória.) todos eles devem voltar para casa, para os braços da Mãe."

5.5.2

II

SHRI SURENDRA NATH SEN

(Traduzido do bengali - do diário privado)

A PERDA DE SHRADDHA NA ÍNDIA E A NECESSIDADE DE SEU REAVIVAMENTO - HOMENS QUE QUEREMOS - REFORMA SOCIAL REAL

SÁBADO, 22 DE JANEIRO DE 1898.

De manhã cedo cheguei a Swamiji, que estava hospedado na casa de Balaram Babu, na rua Ramkanta Bose, 57, Calcutá. A sala estava lotada de ouvintes. Swamiji estava dizendo: "Queremos Shraddhâ, queremos fé em nós mesmos. Força é vida, fraqueza é morte. ' - tal fé é necessária. Tal fé faz de nós homens, faz de nós deuses. É ao perder esta ideia de Shraddha que o país foi à ruína.

Pergunta: Como perdemos este Shraddha?

Swamiji: Tivemos uma educação negativa desde a nossa infância. Aprendemos apenas que não somos ninguém. Raramente somos informados de que grandes homens nasceram em nosso país. Nada de positivo nos foi ensinado. Nem sabemos usar as mãos e os pés! Dominamos todos os factos e números relativos aos antepassados dos ingleses, mas infelizmente não nos preocupamos com os nossos. Aprendemos apenas fraqueza. Sendo uma raça conquistada, passamos a acreditar que somos fracos e não temos independência em nada. Então, como pode ser que o Shraddha esteja perdido? A ideia do verdadeiro Shraddha deve ser trazida de volta para nós mais uma vez, a fé em nós mesmos deve ser despertada e, só então, todos os problemas que o nosso país enfrenta serão gradualmente resolvidos por nós mesmos.

Q. Como isso pode ser? Como irá Shraddha sozinho remediar os inúmeros males com os quais a nossa sociedade está assolada? Além disso, há tantos males gritantes no país, para os eliminar o Congresso Nacional Indiano e outras associações patrióticas estão a levar a cabo uma vigorosa agitação e a apresentar petições ao governo britânico. Quão melhor seus desejos podem ser divulgados? O que Shraddha tem a ver com o assunto?

Swamiji: Diga-me, de quem são esses desejos – os seus ou os do governante? Se for seu, o governante irá fornecê-los para você ou você terá que fazer isso por si mesmo?

Q. Mas é dever do governante atender às necessidades do povo subjugado. A quem devemos respeitar em tudo, senão ao rei?

Swamiji: Nunca são satisfeitas as necessidades de um mendigo. Suponha que o governo lhe dê tudo o que você precisa. Onde estão os homens capazes de manter as coisas exigidas? Então faça os homens primeiro. Queremos homens, e como podem ser feitos homens a menos que Shraddha esteja presente?

Q. Mas esta não é a opinião da maioria, senhor.

Swamiji: O que você chama de maioria é composto principalmente de tolos e homens de intelecto comum. Homens que têm cérebro para pensar por si próprios são poucos, em todos os lugares. Esses poucos homens com cérebro são os verdadeiros líderes em tudo e em todos os departamentos de trabalho; a maioria é guiada por eles como por um fio, e isso é bom, pois tudo corre bem quando seguem os passos destes líderes. São apenas tolos aqueles que se consideram elevados demais para inclinar a cabeça para alguém, e causam sua própria ruína ao agir de acordo com seu próprio julgamento. Você fala de reforma social? Mas o que você faz? Tudo o que você quer dizer com sua reforma social é o novo casamento da viúva, ou a emancipação feminina, ou algo desse tipo. Você não? E estes, novamente, são dirigidos apenas dentro dos limites de algumas castas. Tal esquema de reforma pode, sem dúvida, fazer bem a alguns, mas de que adianta isso para toda a nação? Isso é uma reforma ou apenas uma forma de egoísmo – de alguma forma limpar o seu próprio quarto e mantê-lo arrumado e deixar os outros irem de mal a pior!

Q. Então você quer dizer que não há necessidade alguma de reforma social?

Swamiji: Quem diz isso? É claro que há necessidade disso. A maior parte do que você chama de reforma social não atinge as massas pobres; eles já têm aquelas coisas – o novo casamento da viúva, a emancipação feminina, etc. – pelas quais você chora. Por esta razão, não pensarão de forma alguma nessas coisas como reformas. O que quero dizer é que a falta de Shraddha trouxe todos os males entre nós e está trazendo cada vez mais. Meu método de tratamento consiste em eliminar pela raiz as próprias causas da doença e não mantê-las meramente suprimidas. Deveríamos ter reformas de várias maneiras; quem será tão tolo a ponto de negar isso? Há, por exemplo, uma boa razão para casamentos mistos na Índia, sem a qual a raça está se tornando fisicamente mais fraca a cada dia.

Como era um dia de eclipse solar, o cavalheiro que fazia essas perguntas saudou Swamiji e saiu dizendo: "Devo ir agora tomar banho no Ganges. Entretanto, irei outro dia."

III

RECONCILIAÇÃO DE JNANA-YOGA E BHAKTI-YOGA — DEUS NO BEM E NO MAL TAMBÉM — O USO FAZ UMA COISA BOA OU MAL — KARMA — CRIAÇÃO — DEUS — MAYA

[Shri Surendra Nath Sen - do diário particular]

DOMINGO, 23 DE JANEIRO DE 1898.

Era noite e ocasião da reunião semanal da Missão Ramakrishna, na casa de Balaram Babu de Baghbazar. Swami Turiyananda, Swami Yogananda, Swami Premananda e outros vieram da matemática. Swamiji estava sentado na varanda ao leste, que agora estava cheia de gente, assim como as seções norte e sul da varanda. Mas isso acontecia todos os dias quando Swamiji permanecia em Calcutá.

Muitas das pessoas que compareceram à reunião ouviram que Swamiji cantava bem e por isso desejavam ouvi-lo. Sabendo disso, o Mestre Mahashaya (M.) sussurrou para alguns cavalheiros próximos a ele para pedirem a Swamiji que cantasse; mas ele percebeu a intenção deles e perguntou brincando: "Mestre Mahashaya, sobre o que você está falando entre si em sussurros? Fale abertamente." A pedido do Mestre Mahashaya, Swamiji começou então com sua voz encantadora a canção – “Mantenha com amor e cuidado a querida Mãe Shyâmâ em teu coração...” Parecia que um Vinâ estava tocando. No final, ele disse ao Mestre Mahashaya: "Bem, agora você está satisfeito? Mas chega de cantar! Caso contrário, estando no balanço dele, serei levado por sua intoxicação. Além disso, minha voz agora está estragada, seja frequente. palestrando no Ocidente.

Swamiji então pediu a um de seus discípulos Brahmacharin que falasse sobre a verdadeira natureza de Mukti. Então, o Brahmacharin levantou-se e falou longamente. Alguns outros o seguiram. Swamiji então convidou a discussão sobre o assunto do discurso e convocou um de seus discípulos chefes de família para liderá-lo; mas como este último tentou defender o Advaita e o Jnâna e atribuir um lugar inferior ao dualismo e ao Bhakti, ele encontrou um protesto de um dos presentes. À medida que cada um dos dois oponentes tentava estabelecer o seu próprio ponto de vista, seguiu-se uma animada luta de palavras. Swamiji observou-os por um tempo mas,

vendo que estavam ficando entusiasmados, silenciou-os com as seguintes palavras:

Por que você fica entusiasmado com uma discussão e estraga tudo? Ouvir! Shri Ramakrishna costumava dizer que o conhecimento puro e o Bhakti puro são a mesma coisa. De acordo com a doutrina de Bhakti, Deus é considerado "Todo Amor". Não se pode sequer dizer: “Eu O amo”, porque Ele é Todo-Amor. Não há amor fora dele; o amor que está no coração com o qual você O ama é Ele mesmo. De maneira semelhante, quaisquer atrações ou inclinações pelas quais alguém se sinta atraído são todas Ele mesmo. O ladrão rouba, a prostituta vende o seu corpo para a prostituição, a mãe ama o seu filho – em cada um deles também Ele está! Um sistema mundial atrai outro – Ele também existe. Em todo lugar Ele está. De acordo com a doutrina de Jnana também, Ele é realizado por alguém em todos os lugares. Aqui reside a reconciliação de Jnana e Bhakti. Quando alguém está imerso no mais elevado êxtase da visão divina (Bhâva), ou está no estado de Samâdhi, somente então a ideia de dualidade cessa e a distinção entre o devoto e seu Deus desaparece. Nas escrituras sobre Bhakti, são mencionados cinco caminhos diferentes de relacionamento, por meio de qualquer um dos quais se pode chegar a Deus; mas outro pode muito bem ser adicionado a eles, viz. o caminho da meditação sobre a não-separatividade, ou unidade com Deus. Assim, o Bhakta também pode chamar os Advaitins de Bhaktas, mas do tipo não diferenciador. Enquanto alguém estiver na região de Mâyâ, a ideia de dualidade permanecerá sem dúvida. Causação espaço-tempo, ou nome e forma, é o que chamamos de Maya. Quando alguém vai além deste Maya, então apenas a Unidade é realizada, e então o homem não é nem dualista nem advaitista – para ele tudo é Um. Toda essa diferença que você percebe entre um Bhakta e um Jnani está no estágio preparatório – um vê Deus fora e o outro O vê dentro. Mas há outro ponto: Shri Ramakrishna costumava dizer que existe outro estágio de Bhakti que é chamado de Devoção Suprema (Parâbhakti), ou seja, amá-Lo depois de se estabelecer na consciência de Advaita e depois de ter alcançado Mukti. Pode parecer paradoxal, e a questão pode ser levantada aqui: por que alguém que já atingiu Mukti deveria desejar reter o espírito de Bhakti? A resposta é: O Mukta ou o Livre está além de toda lei; nenhuma lei se aplica ao seu caso e, portanto, nenhuma pergunta pode ser feita a

respeito dele. Mesmo tornando-se Mukta, alguns, por sua própria vontade, retêm Bhakti para saborear sua doçura.

Q. Deus pode estar no amor da mãe pelo seu filho; mas, senhor, esta ideia é realmente desconcertante de que Deus esteja até mesmo nos ladrões e nas prostitutas na forma de suas inclinações naturais para o pecado! Segue-se então que Deus é tão responsável pelo pecado quanto por todas as virtudes neste mundo.

Swamiji: Essa consciência chega num estágio de realização mais elevada, quando se vê que tudo o que é da natureza do amor ou da atração é Deus. Mas é preciso atingir esse estado para ver e concretizar essa ideia por si mesmo na vida real.

Q. Mas ainda assim é preciso admitir que Deus também está no pecado!

Swamiji: Veja, na realidade não existem coisas tão diferentes como o bem e o mal. São meros termos convencionais. Chamamos a mesma coisa de ruim, e outra vez chamamos de boa, de acordo com a maneira como dela fazemos uso. Tomemos por exemplo esta lâmpada; por causa de sua queima, podemos ver e fazer diversas obras de utilidade; este é um modo de usar a luz. Novamente, se você colocar os dedos nele, eles queimarão; esse é outro modo de usar a mesma luz. Portanto, devemos saber que uma coisa se torna boa ou má de acordo com a forma como a usamos. Da mesma forma com a virtude e o vício. Em termos gerais, o uso adequado de qualquer uma das faculdades da nossa mente e do nosso corpo é denominado virtude, e a sua aplicação inadequada ou desperdício é denominado vício.

Assim, perguntas após perguntas foram colocadas e respondidas. Alguém comentou: “A teoria de que Deus está mesmo ali, onde um corpo celeste atrai outro, pode ou não ser um fato verdadeiro, mas não há como negar a poesia requintada que a ideia transmite”.

Swamiji: Não, meu caro senhor, isso não é poesia. Pode-se ver por si mesmo a sua verdade quando se alcança o conhecimento.

Pelo que Swamiji disse ainda sobre este ponto, entendi que ele queria dizer que a matéria e o espírito, embora aparentemente pareçam ser duas coisas distintas, são na verdade duas formas diferentes de uma substância; e da mesma forma, todas as diferentes forças que conhecemos, seja no mundo material ou no mundo interno, são apenas formas variadas de manifestação de uma Força. Chamamos uma coisa de matéria, onde essa força espiritual se manifesta menos; e viver, onde se mostra mais; mas não há nada que seja absolutamente matéria em todos os momentos e em todas as condições. A mesma Força que se apresenta no mundo material como atração ou gravitação é sentida em seu estado mais sutil e sutil como amor e similares nos estágios espirituais mais elevados de realização.

Q. Por que deveria haver essa diferença em relação ao uso individual? Por que deveria haver no homem essa tendência de fazer uso mau ou impróprio de qualquer uma de suas faculdades?

Swamiji: Essa tendência surge como resultado das próprias ações passadas (Karma); tudo o que alguém tem é feito por ele mesmo. Daí resulta que cabe exclusivamente a cada indivíduo controlar suas tendências e orientá-las adequadamente.

Q. Mesmo que tudo seja resultado do nosso Karma, ainda assim deve ter tido um começo, e por que as nossas tendências deveriam ter sido boas ou más no início?

Swamiji: Como você sabe que existe um começo? A Srishti (criação) não tem começo – esta é a doutrina dos Vedas. Enquanto houver Deus, também haverá criação.

Q. Bem, senhor, por que esta Maya está aqui e de onde ela veio?

Swamiji: É um erro perguntar “porquê” em relação a Deus; só podemos fazer isso em relação a quem tem desejos ou imperfeições. Como pode haver um “porquê” em relação Àquele que não tem necessidades e que é o Único Todo? Nenhuma pergunta como “De onde veio Maya?” pode ser perguntado. A causa tempo-espaco é o que chamamos de Maya. Você, eu e todos os outros estamos dentro deste Maya; e você está perguntando sobre o

que está além de Maya! Como você pode fazer isso enquanto vive em Maya?

Novamente, muitas perguntas se seguiram. A conversa girou em torno das filosofias de Mill, Hamilton, Herbert Spencer, etc., e Swamiji insistiu nelas para satisfação de todos. Todos se admiravam da vastidão do seu conhecimento filosófico ocidental e da rapidez das suas respostas.

A reunião foi dispersada após uma breve conversa sobre assuntos diversos.

4

CASAMENTOS ENTRE SUBDIVISÕES DE UMA VARNA — CONTRA O CASAMENTO PRECOCE — A EDUCAÇÃO QUE OS ÍNDIOS PRECISAM — BRAHMACHARYA

[Shri Surendra Nath Sen - do diário particular]

SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JANEIRO DE 1898.

O mesmo cavalheiro que estava fazendo perguntas a Swamiji no último sábado voltou. Ele levantou novamente o tema dos casamentos mistos e perguntou: "Como os casamentos mistos deveriam ser introduzidos entre diferentes nacionalidades?"

Swamiji: Eu não aconselho o nosso casamento misto com nações que professam uma religião estranha. Pelo menos por enquanto, isso irá, com certeza, afrouxar os laços da sociedade e ser uma causa de múltiplos danos. É o casamento entre pessoas da mesma religião que defendo.

Q. Mesmo assim, envolverá muita perplexidade. Suponha que eu tenha uma filha nascida e criada em Bengala e a case com um Marathi ou Madrasi. Nem a menina compreenderá a língua do marido nem o marido a da menina. Novamente, a diferença em seus hábitos e costumes individuais é muito grande. Esses são alguns dos problemas no caso do casal. Então, no que diz respeito à sociedade, tornará a confusão ainda mais confusa.

Swamiji: Ainda vai demorar muito para que casamentos desse tipo sejam amplamente possíveis. Além disso, não é sensato agora fazer isso de repente. Um dos segredos do trabalho é seguir a linha de menor resistência. Então, em primeiro lugar, que haja casamentos dentro da esfera da própria casta de cada um. Tomemos por exemplo os Kayasthas de Bengala. Eles têm várias subdivisões entre eles, como Uttar-rârhi, Dakshin-rârhi, Bangaja, etc., e não se casam entre si. Agora, que haja casamentos mistos entre os Uttar-rarhis e os Dakshin-rarhis, e se isso não for possível no momento, que seja entre os Bangajas e os Dakshin-rarhis. Assim, devemos construir aquilo que já existe e que está nas nossas mãos para colocar em prática – a reforma não significa uma ruptura total.

Q. Muito bem, seja como você diz: mas que bem correspondente pode advir disso?

Swamiji: Você não vê como em nossa sociedade, o casamento, sendo restrito por várias centenas de anos dentro das mesmas subdivisões de cada casta, chegou a tal ponto hoje em dia que praticamente significa aliança conjugal entre primos e parentes próximos; e como, por esta mesma razão, a raça está se deteriorando fisicamente e, conseqüentemente, todos os tipos de doenças e outros males estão encontrando entrada imediata nela? O sangue, que teve de circular dentro do estreito círculo de um número limitado de indivíduos, tornou-se viciado; assim, os filhos recém-nascidos herdaram desde o nascimento as doenças constitucionais dos seus pais. Assim, nascidos com sangue pobre, seus corpos têm muito pouco poder para resistir aos micróbios de qualquer doença, que estão sempre prontos para atacá-los. É apenas ampliando o círculo do casamento que poderemos infundir um novo e diferente tipo de sangue na nossa descendência, para que possam ser salvos das garras de muitas das nossas doenças actuais e de outros males consequentes.

Q. Posso perguntar-lhe, senhor, qual a sua opinião sobre o casamento precoce?

Swamiji: Entre as classes educadas em Bengala, o costume de casar os filhos demasiado cedo está a desaparecer gradualmente. As meninas também são dadas em casamento um ou dois anos mais velhas do que antes, mas isso tem sido sob compulsão – por falta pecuniária. Seja qual for a

razão para isso, a idade para casar com as meninas deveria ser aumentada ainda mais. Mas o que o pobre pai fará? Assim que a menina crescer um pouco, todos do sexo feminino, desde a mãe até os parentes e até vizinhos, começarão a gritar que precisam encontrar um noivo para ela e não o deixarão em paz. até que ele faça isso! E, quanto aos seus hipócritas religiosos, quanto menos se falar, melhor. Hoje em dia ninguém os ouve, mas ainda assim eles próprios assumirão o papel de líderes. Os governantes aprovaram a Lei da Idade do Consentimento que proíbe um homem sob ameaça de pena de viver com uma menina de doze anos, e imediatamente todos esses chamados líderes da sua religião levantaram um tremendo clamor contra ela, soando o alarme, "Infelizmente, nossa religião está perdida! Como se a religião consistisse em fazer de uma menina uma mãe aos doze ou treze anos de idade! Então os governantes também pensam naturalmente: "Meu Deus! Que religião é a deles! E essas pessoas lideram agitações políticas e exigem direitos políticos!"

Q. Então, na sua opinião, tanto homens quanto mulheres deveriam se casar em idade avançada?

Swamiji: Certamente. Mas a educação deve ser transmitida juntamente com ela, caso contrário ocorrerão irregularidades e corrupção. Por educação não me refiro ao sistema atual, mas a algo na linha do ensino positivo. O mero aprendizado de livros não serve. Queremos aquela educação pela qual o caráter seja formado, a força mental seja aumentada, o intelecto seja expandido e pela qual alguém possa se sustentar por conta própria.

Q. Temos que reformar nossas mulheres de muitas maneiras.

Swamiji: Com tal educação as mulheres resolverão os seus próprios problemas. Eles foram treinados o tempo todo no desamparo, na dependência servil dos outros e, portanto, só servem para chorar à menor aproximação de um acidente ou perigo. Juntamente com outras coisas, deveriam adquirir o espírito de valor e heroísmo. Nos dias de hoje tornou-se necessário que eles também aprendessem autodefesa. Veja quão grandiosa era a Rainha de Jhansi!

Q. O que você aconselha é um ponto de partida bastante novo e, receio, ainda levará muito tempo para treinarmos nossas mulheres nesse sentido.

Swamiji: De qualquer forma, temos que dar o nosso melhor. Não temos apenas que ensiná-los, mas também ensinar a nós mesmos. A mera geração de filhos não faz um pai; muitas responsabilidades também devem ser assumidas sobre os ombros. Para começar a educação das mulheres: as nossas mulheres hindus compreendem facilmente o que significa castidade, porque é a sua herança. Agora, antes de mais nada, intensifiquem dentro deles esse ideal acima de tudo, para que possam desenvolver um caráter forte pela força com a qual, em todas as fases de sua vida, sejam casados, ou solteiros, se assim preferirem, eles irão não tenham o menor medo de desistir de suas vidas, em vez de recuar um centímetro de sua castidade. Será pouco heroísmo poder sacrificar a própria vida em prol de um ideal, qualquer que seja esse ideal? Estudando as necessidades atuais da época, parece imperativo educar algumas mulheres no ideal da renúncia, para que possam fazer o voto de virgindade vitalícia, inflamadas com a força daquela virtude da castidade que é inata em suas vidas. sangue da antiguidade. Junto com isso, deveriam aprender ciências e outras coisas que seriam benéficas, não apenas para eles, mas também para os outros, e sabendo disso, aprenderiam facilmente essas coisas e sentiriam prazer em fazê-lo. Nossa pátria exige, para seu bem-estar, que alguns de seus filhos se tornem Brahmachârinis e Brahmachârinis de alma pura.

Q. De que forma isso conduzirá ao seu bem-estar?

Swamiji: Pelo seu exemplo e através dos seus esforços para manter o ideal nacional diante dos olhos do povo, ocorrerá uma revolução nos pensamentos e nas aspirações. Como estão as coisas agora? De alguma forma, os pais devem se desfazer de uma menina em casamento, se ela tiver nove ou dez anos de idade! E que alegria para toda a família se lhe nasce um filho aos treze anos! Se a tendência de tais ideias for invertida, só então haverá alguma esperança de que o antigo Shraddhâ retorne. E o que dizer daqueles que praticarão Brahmacharya conforme definido acima – pensem quanta fé em si mesmos terão! E que poder para o bem eles serão!

O questionador saudou Swamiji e estava pronto para partir. Swamiji pediu-lhe que viesse de vez em quando. "Certamente, senhor", respondeu o cavalheiro, "sinto-me muito beneficiado. Ouvi de você muitas coisas novas,

que não me foram contadas em lugar nenhum antes." Também fui para casa porque já era hora do jantar.

V

MADHURA-BHAVA — PREMA — NAMAKIRTANA — SEU PERIGO — BHAKTI TEMPERADO COM JNANA — UM SONHO CURIOSO

[Shri Surendra Nath Sen - do diário particular]

SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JANEIRO DE 1898.

À tarde voltei novamente para Swamiji e vi uma grande multidão ao seu redor. O tema era o Madhura-Bhâva ou a forma de adorar a Deus como marido, como está em voga entre alguns seguidores de Shri Chaitanya. Seus ocasionais bons mots provocavam risadas, quando alguém comentou: "O que há para zombar tanto das ações do Senhor? Você acha que ele não foi um grande santo e que não fez tudo para o bem da humanidade?" ?"

Swamiji: Quem é esse! Devo zombar de você então, meu caro senhor! Você só vê a diversão disso, não é? E você, senhor, não vê a luta ao longo da vida pela qual passei para moldar esta vida segundo seu ideal ardente de renúncia à riqueza e à luxúria, e meus esforços para infundir esse ideal nas pessoas em geral! Shri Chaitanya era um homem de tremenda renúncia e não tinha nada a ver com mulheres e apetites carnis. Mas, mais tarde, seus discípulos admitiram mulheres em sua ordem, misturaram-se indiscriminadamente com elas em seu nome e fizeram uma bagunça terrível em tudo. E o ideal de amor que o Senhor exemplificou em sua vida era perfeitamente altruísta e desprovido de qualquer vestígio de luxúria; que o amor assexuado nunca pode ser propriedade das massas. Mas os Gurus Vaishnavas subsequentes, em vez de enfatizarem primeiro o aspecto da renúncia na vida do Mestre, dedicaram todo o seu zelo à pregação e à infusão do seu ideal de amor entre as massas, e a consequência foi que as pessoas comuns não conseguiam compreender e assimilou aquele elevado ideal do amor divino e naturalmente fez dele a pior forma de amor entre homem e mulher.

Q. Mas, senhor, ele pregou o nome do Senhor Hari para todos, até mesmo para os Chandâlas; então por que as massas comuns não deveriam ter direito a isso?

Swamiji: Não estou falando de sua pregação, mas de seu grande ideal de amor - o Râdhâ-prema (O amor divino que Radha tinha por Shri Krishna), com o qual ele costumava permanecer intoxicado dia e noite, perdendo sua individualidade em Radha.

Q. Por que isso não pode se tornar propriedade comum de todos?

Swamiji: Olhe para esta nação e veja qual foi o resultado de tal tentativa. Através da pregação desse amor transmitido, toda a nação tornou-se efeminada – uma raça de mulheres! Toda Orissa foi transformada numa terra de covardes; e Bengala, correndo atrás do Radha-prema, nestes últimos quatrocentos anos, quase perdeu todo o senso de masculinidade! As pessoas só são muito boas em chorar e chorar; isso se tornou sua característica nacional. Veja a sua literatura, o índice seguro dos pensamentos e ideias de uma nação. Ora, o refrão da literatura bengali durante estes quatrocentos anos está vinculado à mesma melodia de gemidos e choros. Não conseguiu dar origem a qualquer poesia que respirasse um verdadeiro espírito heróico!

Q. Quem está então verdadeiramente autorizado a possuir esse Prema (amor)?

Swamiji: Não pode haver amor enquanto houver luxúria – mesmo que seja uma partícula dele, por assim dizer, no coração. Ninguém, exceto homens de grande renúncia, ninguém, exceto gigantes poderosos entre os homens, tem direito a esse Amor Divino. Se esse ideal mais elevado de amor for apresentado às massas, tenderá indiretamente a estimular o seu protótipo mundano que domina o coração do homem - pois, meditando no amor a Deus pensando em si mesmo como Sua esposa ou amada, muito provavelmente seria passar a maior parte do tempo pensando na própria esposa — o resultado é óbvio demais para ser apontado.

Q. Então é impossível para os chefes de família realizarem Deus através desse caminho de amor, adorando a Deus como marido ou amante e

considerando-se como Seu cônjuge?

Swamiji: Com algumas exceções; para os chefes de família comuns é impossível, sem dúvida. E por que colocar tanta ênfase neste caminho delicado, acima de todos os outros? Não existem outros relacionamentos pelos quais adorar a Deus, exceto esta ideia Madhura de amor? Por que não seguir os outros quatro caminhos e tomar o nome do Senhor de todo o coração? Deixe o coração ser aberto primeiro, e todo o resto se seguirá por si mesmo. Mas saiba com certeza que Prema não pode vir enquanto houver luxúria. Por que não tentar primeiro livrar-se dos desejos carnis? Você dirá: “Como isso é possível? Sou chefe de família”. Absurdo! O fato de alguém ser chefe de família significa que deve ser a personificação da incontinência ou que deve viver em relações conjugais durante toda a vida? E, afinal de contas, quão impróprio para um homem fazer de si mesmo uma mulher, para poder praticar este amor Madhura!

Q. É verdade, senhor. Cantar o nome de Deus numa festa (Nâmakirtana) é uma excelente ajuda e dá uma sensação de alegria. Assim dizem nossas escrituras, e Shri Chaitanya Deva também pregou para as massas. Quando o Khole (tambor) é tocado, o coração salta com tal entusiasmo que a pessoa se sente inclinada a dançar.

Swamiji: Tudo bem, mas não pense que Kirtana significa apenas dançar. Significa cantar as glórias de Deus, da maneira que mais lhe convier. Aquela veemente agitação de sentimentos e aquela dança dos Vaishnavas são boas e muito cativantes, sem dúvida; mas há também um perigo em praticá-las, do qual você deve se salvar. O perigo reside aqui – na reação. Por um lado, os sentimentos são imediatamente despertados ao mais alto nível, as lágrimas escorrem dos olhos, a cabeça cambaleia como se estivesse sob intoxicação - por outro lado, assim que o Sankirtan para, essa massa de sentimentos afunda como precipitadamente à medida que subia. Quanto mais alto a onda sobe no oceano, mais baixo ela cai, com igual força. É muito difícil, nesta fase, conter-se contra o choque da reação; a menos que tenhamos a devida discriminação, é provável que sucumbimos às propensões mais baixas de luxúria, etc. Também notei a mesma coisa na América. Muitos iam à igreja, oravam com muita devoção, cantavam com muito sentimento e até caíam no choro ao ouvir os sermões; mas depois de

saírem da igreja, eles teriam uma grande reação e sucumbiriam às tendências carnavais.

Q. Então, senhor, instrua-nos quais das idéias pregadas por Shri Chaitanya devemos adotar que sejam mais adequadas para nós, para que não possamos cair em erros.

Swamiji: Adore a Deus com Bhakti temperado com Jnâna. Mantenha o espírito de discriminação junto com Bhakti. Além disso, reúna de Shri Chaitanya seu coração, sua bondade amorosa para com todos os seres, sua paixão ardente por Deus, e faça de sua renúncia o ideal de sua vida.

O questionador agora se dirigiu ao Swamiji com as mãos postas: "Peço perdão, senhor. Agora vejo que você está certo. Vendo você criticar de maneira brincalhona o amor Madhura dos Vaishnavas, a princípio não consegui entender a tendência de suas observações; portanto, fiz objeções a elas."

Swamiji: Bem, olhe aqui, se quisermos criticar, é melhor criticar a Deus ou aos homens-Deus. Se você abusar de mim, muito provavelmente ficarei zangado com você, e se eu abusar de você, você tentará retaliar. Não é verdade? Mas Deus ou os homens-Deus nunca retribuirão o mal com o mal.

O cavalheiro partiu então, depois de se curvar aos pés de Swamiji. Eu já disse que tal reunião acontecia todos os dias quando Swamiji costumava ficar em Calcutá. Desde o início da manhã até às oito ou nove da noite, os homens afluíam a ele a qualquer hora do dia. Isto naturalmente causava muita irregularidade no horário das refeições; portanto, muitos desejando acabar com esse estado de coisas, aconselharam fortemente Swamiji a não receber visitantes exceto em horários determinados. Mas o coração amoroso de Swamiji, sempre pronto a fazer qualquer coisa para ajudar os outros, ficou tão derretido de compaixão ao ver tal sede de religião nas pessoas, que apesar da saúde debilitada, ele não atendeu a nenhum pedido. Do tipo. Sua única resposta foi: "Eles se dão muito ao trabalho de vir caminhando desde suas casas, e será que posso, pela consideração de arriscar um pouco minha saúde, sentar aqui e não falar algumas palavras com eles?"

Por volta das 16h. a conversa geral chegou ao fim e a reunião se dispersou, exceto por alguns cavaleiros com quem Swamiji continuou sua conversa sobre diferentes assuntos, como Inglaterra e América, e assim por diante. No decorrer da conversa ele disse:

"Tive um sonho curioso em minha viagem de volta da Inglaterra. Enquanto nosso navio passava pelo Mar Mediterrâneo, enquanto eu dormia, uma pessoa muito velha e de aparência venerável, com aparência de Rishi, parou diante de mim e disse: 'Você venha e realize nossa restauração. Eu sou um daquela antiga ordem de Therâputtas (Theraputae) que teve sua origem nos ensinamentos dos Rishis indianos. As verdades e ideais pregados por nós foram divulgados pelos cristãos conforme ensinados por Jesus; a questão é que nunca existiu tal personalidade com o nome de Jesus. Várias evidências que atestam esse fato serão trazidas à luz escavando aqui.' 'Ao escavar em que lugar podem ser encontradas essas provas e relíquias de que você fala?' Eu perguntei. O grisalho, apontando para uma localidade nas proximidades da Turquia, disse: 'Veja aqui.' Imediatamente depois, acordei e imediatamente corri para o convés superior e perguntei ao capitão: 'Em que bairro está o navio agora?' 'Olhe lá', respondeu o Capitão, 'lá está a Turquia e a Ilha de Creta.'"

Foi apenas um sonho ou há algo na visão acima? Quem sabe!

5.5.3

VI

SHRI PRIYA NATH SINHA

(Traduzido do bengali VI e VII)

REMINISCÊNCIAS - O PROBLEMA DA FOME NA ÍNDIA E DOS TRABALHADORES AUTO-SACRIFICADOS - ORIENTAL E OESTE - É SATTVA OU TAMAS - UMA NAÇÃO DE MENDICANTES - A POLÍTICA DE "DAR E RECEBER" - DIGA A

**UM HOMEM SEUS DEFEITOS DIRETAMENTE, MAS ELOGIE
SUAS VIRTUDES ANTES DOS OUTROS - VIVEKANANDA TODOS
PODEM SE TORNAR - BRAHMACHARYA INCONTÉRIDO É O
SEGREDO DO PODER - SAMADHI E TRABALHO**

Nossa casa ficava muito perto da de Swamiji e, como éramos meninos da mesma região da cidade, eu costumava brincar com ele com frequência. Desde a infância senti uma atração especial por ele e acreditava sinceramente que ele se tornaria um grande homem. Quando ele se tornou um Sannyasin, pensamos que a promessa de uma carreira brilhante para tal homem era totalmente vã.

Depois, quando ele foi para a América, li nos jornais reportagens sobre suas palestras no Parlamento de Religiões de Chicago e outras proferidas em vários lugares da América, e pensei que o fogo nunca pode ficar escondido sob um pano; o fogo que estava dentro de Swamiji agora explodiu em chamas; o botão depois de tantos anos floresceu.

Depois de algum tempo, soube que ele havia retornado à Índia e vinha proferindo palestras inflamadas em Madras. Eu os li e me perguntei se tais verdades sublimes existiam na religião hindu e se podiam ser explicadas com tanta lucidez. Que poder extraordinário ele tinha! Ele era um homem ou um deus?

Um grande entusiasmo prevaleceu quando Swamiji veio a Calcutá, e nós o seguimos até a casa do jardim de Sil, no Ganga, em Cossipore. Poucos dias depois, na residência do Raja Radhakanta Dev, o “menino de Calcutá” proferiu uma palestra inspiradora para uma enorme multidão de pessoas em resposta a um discurso de boas-vindas, e Calcutá ouviu-o pela primeira vez e ficou perdida em admiração. Mas estes são fatos conhecidos por todos.

Depois de sua vinda para Calcutá, fiquei muito ansioso para vê-lo uma vez a sós e poder conversar livremente com ele, como em nossa infância. Mas sempre havia uma reunião de curiosos interessados sobre ele, e as conversas prosseguiram sem interrupção; então não tive oportunidade por algum tempo, até que um dia saímos para passear no jardim do lado do Ganges. Ele imediatamente começou a falar, como antigamente, comigo, o companheiro de brincadeiras de sua infância. Assim que trocamos algumas

palavras entre nós, surgiram repetidos telefonemas, informando-o de que muitos cavalheiros tinham vindo vê-lo. Por fim, ele ficou um pouco impaciente e disse ao mensageiro: “Dê-me um pouco de descanso, meu filho; deixe-me falar algumas palavras com este companheiro de minha infância; deixe-me ficar um pouco ao ar livre. dê as boas-vindas aos que vieram, peça-lhes que se sentem, ofereça-lhes tabaco e peça-lhes que esperem um pouco.”

Quando ficamos sozinhos novamente, perguntei-lhe: "Bem, Swamiji, você é um Sâdhu (homem santo). O dinheiro foi arrecadado por meio de assinaturas para sua recepção aqui, e pensei, em vista da fome neste país, que você iria telegrama, antes de chegar a Calcutá, dizendo: 'Não gaste um único centavo na minha recepção, em vez disso, contribua com toda a quantia para o fundo de ajuda à fome'; mas descobri que você não fez nada disso?

Swamiji: Ora, eu preferia que um grande entusiasmo fosse despertado. Você não vê, sem tal coisa, como as pessoas seriam atraídas para Shri Ramakrishna e demitidas em seu nome? Essa ovação foi feita pessoalmente por mim ou seu nome não foi glorificado por isso? Veja quanta sede se criou na mente dos homens para saber dele! Agora eles o conhecerão gradualmente, e isso não contribuirá para o bem do país? Se o povo não conhece aquele que veio pelo bem-estar do país, como o bem pode acontecer-lhes? Quando souberem o que ele realmente era, então os homens – homens reais – serão feitos; e quando serão esses homens, quanto tempo levará para afastar a fome, etc., da terra? Então eu digo que eu desejava que houvesse alguma agitação em Calcutá, para que o público pudesse estar inclinado a acreditar na missão de Shri Ramakrishna; caso contrário, qual seria a utilidade de fazer tanto barulho por minha causa? O que eu me importo com isso? Eu me tornei melhor agora do que quando costumava brincar com você em sua casa? Eu sou o mesmo agora que era antes. Diga-me, você encontra alguma mudança em mim?

Embora eu tenha dito: “Não, não encontro muitas mudanças para falar”, ainda assim, em minha mente, pensei: “Você agora, de fato, se tornou um deus”.

Swamiji continuou: “A fome tornou-se uma quantidade constante em nosso país, e agora é, por assim dizer, uma espécie de praga sobre nós. Você encontra em algum outro país devastações tão frequentes da fome? os homens em outros países, enquanto no nosso, os homens tornaram-se semelhantes à matéria morta, bastante inertes. Deixe as pessoas primeiro aprenderem a renunciar à sua natureza egoísta, estudando Shri Ramakrishna, conhecendo-o como ele realmente era, e então procederão a partir deles de forma real. esforços para tentar acabar com as fomes frequentemente recorrentes, aos poucos farei esforços nessa direção também, você verá.

Eu: Isso vai ser bom. Então você vai dar muitas palestras aqui, presumo; caso contrário, como será pregado o seu nome?

Swamiji: Que bobagem! Nada desse genero!

Ficou alguma coisa por fazer para que seu nome possa ser conhecido? Já foi feito bastante nessa linha. Palestras não farão nenhum bem neste país. Nossos compatriotas instruídos os ouviam e, na melhor das hipóteses, aplaudiam e batiam palmas, dizendo: "Muito bem"; isso é tudo. Depois iam para casa e digeriam, como dizemos, tudo o que tinham ouvido, com a refeição! De que adianta martelar um pedaço de ferro velho e enferrujado? Só vai desmoronar em pedaços. Primeiro, ele deve ficar em brasa e depois pode ser moldado em qualquer formato com um martelo. Nada terá valor em nosso país sem dar um exemplo vivo e brilhante diante do povo. O que queremos são alguns jovens que renunciem a tudo e sacrifiquem as suas vidas pelo bem do seu país. Devemos primeiro formar suas vidas e então algum trabalho real pode ser esperado.

Eu mesmo: Bem, Swamiji, sempre me intrigou que, enquanto os homens do nosso país, incapazes de compreender a sua própria religião, abraçavam religiões estranhas, como o cristianismo, o islamismo, etc., você, em vez de fazer qualquer coisa por eles, foi para a Inglaterra e a América para pregar o hinduísmo.

Swamiji: Você não vê que as circunstâncias mudaram agora? Será que os homens do nosso país têm o poder que lhes resta para adotar e praticar a verdadeira religião? O que eles têm é apenas orgulho de si mesmos por

serem muito Sâttvika. Houve um tempo em que eles eram Sattvika, sem dúvida, mas agora eles caíram muito. A queda de Sattva traz a pessoa de cabeça para baixo em Tamas! Foi isso que aconteceu com eles. Você acha que um homem que não se esforça, que apenas usa o nome de Hari, se fecha em um quarto, que permanece quieto e indiferente mesmo quando vê uma enorme quantidade de injustiças e violência cometidas contra os outros antes de sua própria morte? olhos, possui a qualidade de Sattva? Nada disso, ele está apenas envolto em Tamas escuros. Como podem as pessoas de um país praticar a religião se não conseguem sequer alimentos suficientes para aplacar a sua fome? Como pode a renúncia chegar às pessoas de um país em cujas mentes os desejos de Bhoga (prazer) não foram minimamente satisfeitos? Por esta razão, descubra, em primeiro lugar, as maneiras e os meios pelos quais os homens podem obter o suficiente para comer e ter luxos suficientes que lhes permitam aproveitar um pouco a vida; e então, gradualmente, o verdadeiro Vairâgya (desapego) virá, e eles estarão aptos e prontos para realizar a religião na vida. Os povos da Inglaterra e da América, como estão cheios de Rajas! Eles ficaram saciados com todos os tipos de prazeres mundanos. Além disso, o Cristianismo, sendo uma religião de fé e superstição, ocupa a mesma posição que a nossa religião dos Purânas. Com a difusão da educação e da cultura, o povo do Ocidente já não consegue encontrar paz nisso. A condição atual deles é tal que dar-lhes uma carona os fará alcançar Sattva. Então, novamente, nestes dias, você aceitaria as palavras de um Sannyasin vestido em trapos, na mesma medida que aceitaria as palavras de um rosto branco (ocidental) que poderia vir e falar com você sobre sua própria religião?

Eu: Exatamente, Swamiji! N. N. Ghosh (um célebre advogado, jornalista e educador de Calcutá) também fala exatamente no mesmo sentido.

Swamiji: Sim, quando meus discípulos ocidentais, depois de adquirirem treinamento e iluminação adequados, vierem aqui em grande número e perguntarem: "O que vocês estão fazendo? Por que vocês têm tão pouca fé? Como estão seus ritos e religião, maneiras, costumes e moral de alguma forma inferior? Nós até consideramos a sua religião a mais elevada!" - então você verá que muitas pessoas importantes e influentes irão ouvi-los. Assim poderão fazer um bem imenso a este país. Não pense nem por um

momento que eles virão para assumir a posição de professores de religião para você. Eles serão, sem dúvida, o seu Guru em relação às ciências práticas, etc., para a melhoria das condições materiais, e o povo do nosso país será o seu Guru em tudo o que diz respeito à religião. Esta relação de Guru e discípulo no domínio da religião existirá para sempre entre a Índia e o resto do mundo.

Eu mesmo: Como pode ser isso, Swamiji? Considerando o sentimento de ódio com que nos olham, não parece provável que algum dia nos façam o bem, por um motivo puramente altruísta.

Swamiji: Eles encontram muitas razões para nos odiar e, portanto, podem justificar-se ao fazê-lo. Em primeiro lugar, somos uma raça conquistada e, além disso, não existe em nenhum lugar do mundo uma nação de mendicantes como nós! As massas que compõem as castas mais baixas, através de épocas de constante tirania das castas superiores e sendo tratadas por elas com golpes e pontapés a cada passo que davam, perderam totalmente a sua masculinidade e tornaram-se como mendigos profissionais; e aqueles que são removidos um estágio acima desses, depois de lerem algumas páginas em inglês, ficam pendurados nas soleiras dos cargos públicos com petições nas mãos. No caso de um cargo de vinte ou trinta rúpias ficar vago, quinhentos bacharéis e mestres se candidatarão! E, meu caro! quão curiosamente são essas petições! "Não tenho nada para comer em casa, senhor, minha esposa e meus filhos estão morrendo de fome; imploro-lhe humildemente, senhor, que me dê alguns meios para sustentar a mim e minha família, ou morreremos de fome!" ao entrarem no serviço, eles lançam todo o respeito próprio ao vento, e a servidão em sua pior forma é o que eles praticam. Tal é então a condição das massas. Os homens altamente educados e proeminentes entre vocês formam sociedades e clamam a plenos pulmões: "Infelizmente, a Índia vai se arruinar, dia após dia! Ó governantes ingleses, admitam nossos compatriotas nos cargos mais altos do Estado." , livra-nos da fome" e assim por diante, rasgando assim o ar, dia e noite, com o grito eterno de "Dá" e "Dá"! O peso de todo o seu discurso é: "Dê-nos, dê-nos mais, ó ingleses!" o que mais eles vão dar a você? Eles deram ferrovias, telégrafos, uma administração bem ordenada ao país - suprimiram quase inteiramente os ladrões, deram educação em ciência - o que mais darão? O que alguém dá aos outros com perfeito

altruísmo? Bem, eles lhe deram muito; deixe-me perguntar: o que você deu a eles em troca?

Eu mesmo: O que temos para dar, Swamiji? Pagamos impostos.

Swamiji: Você, realmente? Você paga impostos a eles por sua própria vontade ou eles os cobram por compulsão porque mantêm a paz no país? Diga-me claramente: o que você dá a eles em troca de tudo o que eles fizeram por você? Você também tem algo para dar a eles que eles não têm. Você vai para a Inglaterra, mas isso também é feito de mendigo – orando pela educação. Alguns vão, e o que fazem lá no máximo é, por acaso, aplaudir a religião do ocidental em alguns discursos e depois voltar. Que conquista, de fato! Por que, você não tem nada para dar a eles? Você tem um tesouro inestimável, que pode dar – dê-lhes a sua religião, dê-lhes a sua filosofia! Estude a história do mundo inteiro e você verá que todo ideal elevado que você encontrar em qualquer lugar teve sua origem na Índia. Desde tempos imemoriais, a Índia tem sido uma mina de ideias preciosas para a sociedade humana; dando à luz ela mesma ideias elevadas, ela as distribuiu gratuitamente e transmitidas por todo o mundo. Os ingleses estão hoje na Índia, para reunir esses ideais mais elevados, para adquirir conhecimento do Vedanta, para penetrar nos mistérios profundos daquela religião eterna que é a sua. Dê-lhes joias valiosas em troca do que você recebe deles. O Senhor me levou ao país deles para tirar esse opróbrio do mendigo que nos é atribuído por eles. Não é certo ir à Inglaterra apenas com o propósito de mendigar. Por que eles deveriam sempre nos dar esmolas? Alguém faz isso para sempre? Não é lei da natureza estar sempre recebendo presentes com as mãos estendidas como mendigos. Dar e receber é a lei da natureza. Qualquer indivíduo, classe ou nação que não obedeça a esta lei nunca prosperará na vida. Também devemos seguir essa lei. Foi por isso que fui para a América. Tão grande é agora a sede de religião entre as pessoas de lá que há espaço suficiente mesmo que milhares de homens como eu vão. Há muito tempo que eles lhe dão toda a riqueza que possuem, e agora é a hora de você compartilhar seu tesouro inestimável com eles. E você verá como os sentimentos de ódio deles serão rapidamente substituídos por aqueles de fé, devoção e reverência para com você, e como eles farão o bem ao seu país, mesmo sem serem solicitados. Eles são uma nação de heróis – nunca se esquecem de qualquer bem que lhes foi feito.

Eu mesmo: Bem, Swamiji, em suas palestras no Ocidente você frequentemente e eloqüentemente se debruçou sobre nossos talentos e virtudes característicos, e apresentou muitas provas convincentes para mostrar nosso amor sincero pela religião; mas agora você diz que ficamos cheios de Tamas; e ao mesmo tempo você está nos credenciando como professores da religião eterna dos Rishis para o mundo! Como é isso?

Swamiji: Você quer dizer que eu deveria ir de país em país, percorrendo sobre suas falhas perante o público? Não deveria eu antes apresentar-lhes as virtudes características que marcam vocês como nação? É sempre bom contar a um homem seus defeitos de maneira direta e com espírito amigável, para convencê-lo deles, para que ele possa se corrigir - mas você deve alardear suas virtudes diante dos outros. Shri Ramakrishna costumava dizer que se você disser repetidamente a um homem mau que ele é bom, com o tempo ele se tornará bom; da mesma forma, um homem bom torna-se mau se for incessantemente chamado assim. Lá, no Ocidente, já disse o suficiente ao povo sobre as suas deficiências. Veja bem, até o meu tempo, todos os que partiram de nosso país para o Ocidente cantaram hinos para eles em louvor às suas virtudes e alardearam apenas nossas manchas aos seus ouvidos. Conseqüentemente, não é de admirar que tenham aprendido a nos odiar. Por esta razão expus-lhes as tuas virtudes e aponte-lhes os seus vícios, tal como agora te falo das tuas fraquezas e dos seus pontos positivos. Por mais cheio de Tamas que você possa ter se tornado, algo da natureza dos antigos Rishis, por menor que seja, sem dúvida ainda está em você – pelo menos em sua estrutura. Mas isso não mostra que se deva ter pressa em assumir imediatamente o papel de professor de religião e ir ao Ocidente para pregá-la. Em primeiro lugar, é preciso moldar completamente a vida religiosa na solidão, ser perfeito na renúncia e preservar o Brahmacharya sem interrupção. O Tamas entrou em você – e daí? Os Tamas não podem ser destruídos? Isso pode ser feito em menos de nenhum tempo! Foi para a destruição deste Tamas que Bhagavân Shri Ramakrishna veio até nós.

Eu mesmo: Mas quem pode aspirar a ser como você, Swamiji?

Swamiji: Você acha que não haverá mais Vivekanandas depois que eu morrer! Aquele grupo de jovens que veio e tocou música antes de mim há pouco tempo, a quem todos vocês desprezam por serem viciados em drogas

intoxicantes e considerados como companheiros inúteis, se o Senhor desejar, cada um deles pode se tornar um Vivekananda! Não faltarão Vivekanandas, se o mundo precisar deles — surgirão milhares e milhões de Vivekanandas — de onde, quem sabe! Saiba com certeza que o trabalho feito por mim não é o trabalho de Vivekananda, é o trabalho Dele — o trabalho do próprio Senhor! Se um governador-geral se aposentar, outro certamente será enviado em seu lugar pelo Imperador. Envolvido em Tamas, por mais que você esteja, saiba que tudo isso desaparecerá se você se refugiar Nele sendo sincero do fundo do seu coração. O momento é oportuno agora, pois chegou o médico da doença mundial. Tomando o Seu nome, se você se colocar a trabalhar, Ele realizará tudo através de você. O próprio Tamas será transformado no Sattva mais elevado!

Eu: O que quer que você diga, não consigo acreditar nessas palavras. Quem pode possuir esse poder oratório de expor a filosofia que você possui?

Swamiji: Você não sabe! Esse poder pode chegar a todos. Esse poder vem para aquele que observa Brahmacharya ininterrupto por um período de doze anos, com o único objetivo de realizar Deus. Eu mesmo pratiquei esse tipo de Brahmacharya e, portanto, uma tela foi removida, por assim dizer, do meu cérebro. Por essa razão, não preciso mais pensar ou preparar-me para quaisquer palestras sobre um assunto tão sutil como a filosofia. Suponha que eu tenha uma palestra amanhã; tudo o que vou falar passará esta noite diante dos meus olhos como muitas imagens; e no dia seguinte coloquei em palavras durante minha palestra todas as coisas que vi. Então você entenderá agora que não se trata de nenhum poder que seja exclusivamente meu. Quem quer que pratique Brahmacharya ininterrupto por doze anos certamente o terá. Se você fizer isso, você também conseguirá. Nossos Shâstras não dizem que somente tal e tal pessoa conseguirá isso e não outros!

Eu mesmo: Você se lembra, Swamiji, um dia, antes de você tomar Sannyâsa, estávamos sentados na casa de -, e você estava tentando nos explicar o mistério do Samâdhi. E quando questionei a veracidade de suas palavras, dizendo que o Samadhi não era possível neste Kali Yuga, você exigiu enfaticamente: "Você quer ver o Samadhi ou tê-lo você mesmo? Eu mesmo consigo o Samadhi e posso fazer com que você tenha! " Assim que

você terminou de dizer isso, um estranho apareceu e não levamos mais adiante esse assunto.

Swamiji: Sim, lembro-me da ocasião.

Mais tarde, ao pressioná-lo para que eu conseguisse o Samadhi, ele disse: "Veja, tendo continuamente ensinado e trabalhado arduamente durante vários anos, a qualidade dos Rajas tornou-se muito predominante em mim. Portanto, esse poder está oculto, por assim dizer. , em mim agora, se eu deixar todo o trabalho e for para o Himalaia e meditar em solidão por algum tempo, então esse poder surgirá novamente em mim."

VII

(Traduzido do bengali VI e VII)

REMINISCÊNCIAS — PRANAYAMA — LEITURA DE PENSAMENTOS — CONHECIMENTO DE NASCIMENTOS ANTERIORES

[Shri Priya Nath Sinha]

Um ou dois dias depois, quando eu estava saindo de casa com a intenção de visitar Swamiji, encontrei dois de meus amigos que expressaram o desejo de me acompanhar, pois queriam perguntar a Swamiji algo sobre Prânâyâma. Eu tinha ouvido falar que não se deveria visitar um templo ou um Sannyâsin sem levar algo como oferenda; então levamos algumas frutas e doces conosco e os colocamos diante dele. Swamiji pegou-os nas mãos, ergueu-os até a cabeça e curvou-se diante de nós antes mesmo de prestarmos homenagem a ele. Um dos dois amigos que estava comigo era colega dele. Swamiji o reconheceu imediatamente e perguntou sobre sua saúde e bem-estar. Então ele nos fez sentar ao lado dele. Havia muitos outros que vieram vê-lo e ouvi-lo. Depois de responder a algumas perguntas feitas por alguns cavalheiros, Swamiji, no decorrer de sua conversa, começou a falar sobre Pranayama. Primeiro de tudo, ele explicou através da ciência moderna a origem da matéria na mente e depois mostrou o que é Pranayama. Nós três já tínhamos lido atentamente seu livro chamado Râja-

Yoga. Mas pelo que ouvimos dele naquele dia sobre Pranayama, pareceu-me que muito pouco do conhecimento que havia nele havia sido registrado naquele livro. Entendo também que o que ele disse não foi mero aprendizado de livro, pois quem poderia explicar de forma tão lúcida e elaborada todos os intrincados problemas da religião, mesmo com a ajuda da ciência, sem compreender a Verdade?

Sua conversa sobre Pranayama durou das três e meia até as sete e meia da noite. Quando a reunião terminou e partimos, meus companheiros me perguntaram como Swamiji poderia saber as perguntas que estavam em seus corações, e se eu havia comunicado a ele o desejo de fazer essas perguntas.

Poucos dias depois desta ocasião, vi Swamiji na casa do falecido Priya Nath Mukherjee em Baghbazar. Estavam presentes Swami Brahmananda, Swami Yogananda, Sr. G. C. Ghosh, Atul Babu e um ou dois outros amigos. Eu disse: "Bem, Swamiji, os dois cavalheiros que foram vê-lo outro dia queriam fazer-lhe algumas perguntas sobre Pranayama, que surgiram em suas mentes ao lerem seu livro sobre Raja-Yoga algum tempo antes de você retornar a este assunto. país, e eles então me contaram sobre eles. Mas naquele dia, antes que lhe perguntassem qualquer coisa, você mesmo levantou aquelas dúvidas que lhes ocorreram e as resolveram. Eles ficaram muito surpresos e me perguntaram se eu o havia avisado! suas dúvidas de antemão." Swamiji respondeu: "Ocorrências semelhantes aconteceram muitas vezes no Ocidente, as pessoas costumavam me perguntar: 'Como você poderia saber as questões que agitavam nossas mentes?' Esse conhecimento não acontece comigo com tanta frequência, mas com Shri Ramakrishna quase sempre esteve presente."

Neste contexto, Atul Babu perguntou-lhe: "Você disse no Raja-Yoga que alguém pode vir a saber tudo sobre seus nascimentos anteriores. Você mesmo os conhece?"

Swamiji: Sim, eu quero.

Atul Babu: O que você sabe? Você tem alguma objeção a contar?

Swamiji: Posso conhecê-los – eu os conheço – mas prefiro não dizer nada em detalhes.

VIII

(Traduzido do bengali)

A ARTE E A CIÊNCIA DA MÚSICA, ORIENTAL E OCIDENTAL

[Shri Priya Nath Sinha]

Foi numa noite de julho de 1898, no Math, na casa do jardim de Nilambar Mukerjee, em Belur. Swamiji e todos os seus discípulos estavam meditando e, no final da meditação, saíram e sentaram-se em uma das salas. Como chovia forte e soprava um vento frio, ele fechou a porta e começou a cantar acompanhado de Tânpurâ. Terminada a cantoria, seguiu-se uma longa conversa sobre música. Swami Shivananda perguntou-lhe: “Como é a música ocidental?”

Swamiji: Ah, é muito bom; há nele uma perfeição de harmonia que não alcançamos. Só que, para os nossos ouvidos destreinados, não soa bem, por isso não gostamos e pensamos que os cantores uivam como chacais. Também tive o mesmo tipo de impressão, mas quando comecei a ouvir a música com atenção e a estudá-la minuciosamente, passei a entendê-la cada vez mais e fiquei perdido em admiração. É assim com toda arte. Ao olharmos para uma pintura altamente acabada, não conseguimos compreender onde reside a sua beleza. Além disso, a menos que o olho seja, até certo ponto, treinado, não se pode apreciar os toques sutis e as misturas, a genialidade interior de uma obra de arte. A verdadeira música que temos está em Kirtana e Dhrupada; o resto foi estragado ao ser modulado de acordo com os métodos islâmicos. Você acha que cantar as árias curtas e leves das músicas do Tappâ com uma voz anasalada e passar como um raio de uma nota para outra aos trancos e barrancos são as melhores coisas do mundo da música? Não tão. A menos que cada nota seja tocada plenamente em todas as escalas, toda a ciência da música será prejudicada. Na pintura, mantendo contato com a natureza, você pode torná-la tão artística quanto desejar; não há mal nenhum em fazer isso, e o resultado será apenas bom. Da mesma forma, na música, você pode demonstrar qualquer habilidade

mantendo-se fiel à ciência, e isso será agradável aos ouvidos. Os maometanos assumiram os diferentes Râgas e Râginis depois de chegarem à Índia. Mas eles colocaram uma marca tão própria na arte das canções de Tappa que toda a ciência da música foi destruída.

Q. Por que, Maharâj (senhor)? Quem não gosta de música no Tappa?

Swamiji: O chilrear dos grilos parece muito bom para alguns. Os Santâls consideram a sua música também a melhor de todas. Você parece não entender que quando uma nota se sobrepõe a outra em uma sucessão tão rápida, isso não apenas rouba toda a graça da música, mas, por outro lado, cria discordância. A permutação e combinação das sete notas principais não formam uma ou outra das diferentes melodias musicais, conhecidas como Ragas e Raginis? Agora, em Tappa, se alguém arrasta uma melodia inteira (Raga) e cria uma nova melodia, e além disso, se a voz é elevada ao tom mais alto por modulação trêmula, digamos, como pode o Raga ser mantido intacto? Novamente, a poesia da música é completamente destruída se houver nela um uso tão profuso de acordes leves e curtos apenas para efeito. Cantar mantendo a ideia, destinado a ser transmitido por uma canção, desapareceu totalmente do nosso país quando os Tappas entraram em voga. Hoje em dia, ao que parece, a verdadeira arte está renascendo um pouco com a melhoria dos teatros; mas, vamos lá. por outro lado, todo o respeito por Ragas e Raginis está a ser cada vez mais atirado ao vento.

Conseqüentemente, para aqueles que já são mestres na arte de cantar Dhrupada, é doloroso ouvir Tappas. Mas na nossa música a cadência, ou uma subida e descida devidamente regulada da voz ou do som, é muito boa. Os franceses detectaram e apreciaram primeiro esta característica e tentaram adaptá-la e introduzi-la na sua música. Depois de o terem feito, toda a Europa já o dominou completamente.

Q. Maharaj, a música deles parece ser preeminentemente marcial, enquanto esse elemento parece estar totalmente ausente na nossa.

Swamiji: Ah, não, nós também temos. Na música marcial, a harmonia é muito necessária. Infelizmente nos falta harmonia, por isso ela não se mostra tanto. Nossa música vinha melhorando constantemente. Mas quando os maometanos chegaram, tomaram posse dela de tal forma que a árvore da

música não pôde mais crescer. A música dos ocidentais é muito avançada. Eles têm o sentimento de pathos e também de heroísmo em sua música, que é como deveria ser. Mas o nosso antigo instrumento musical feito de cabaça não foi melhorado ainda mais.

Q. Quais dos Ragas e Raginis têm sintonia marcial?

Swamiji: Cada Raga pode se tornar marcial se estiver em harmonia e os instrumentos forem afinados de acordo. Alguns dos Raginis também podem se tornar marciais.

A conversa foi então encerrada, pois era hora do jantar. Depois do jantar, Swamiji perguntou sobre os arranjos de dormir para os convidados que tinham vindo de Calcutá para passar a noite no Math, e então retirou-se para seu quarto.

IX

(Traduzido do bengali)

A VELHA INSTITUIÇÃO DE VIVER COM O GURU — O ATUAL SISTEMA UNIVERSITÁRIO — FALTA DE SHRADDHA — TEMOS UMA HISTÓRIA NACIONAL — A CIÊNCIA OCIDENTAL ACOPLADA COM O VEDANTA — A CHAMADA EDUCAÇÃO SUPERIOR — A NECESSIDADE DE EDUCAÇÃO TÉCNICA E EDUCAÇÃO EM LINHAS NACIONAIS — A HISTÓRIA DE SATYAKAMA - mero APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO SOB TYAGIS - SHRI RAMAKRISHNA E OS PANDITS - ESTABELECIMENTO DE MATEMÁTICA COM SADHUS RESPONSÁVEL DAS FACULDADES - LIVROS DE TEXTO PARA MENINOS A SEREM COMPILADOS - PARE O CASAMENTO ANTECIPADO! — PLANO DE ENVIO DE GRADUADOS NÃO CASADOS PARA O JAPÃO — O SEGREDO DA GRANDEZA DO JAPÃO — ARTE, ASIÁTICO E EUROPEU — ARTE E UTILIDADE — ESTILOS DE VESTUÁRIO — A QUESTÃO ALIMENTAR E A POBREZA.

[Shri Priya Nath Sinha]

Foi cerca de dois anos depois de a nova Math ter sido construída e enquanto todos os Swamis viviam lá, que uma manhã vim visitar meu Guru. Ao me ver, Swamiji sorriu e depois de perguntar sobre meu bem-estar, etc., disse: “Você vai ficar hoje, não vai?”

“Certamente”, eu disse, e depois de várias perguntas perguntei: “Bem, Mahârâj, qual é a sua idéia de educar nossos meninos?”

Swamiji: Guru-griha-vâsa – viver com o Guru.

Q. Como?

Swamiji: Da mesma forma que antigamente. Mas com esta educação tem de ser combinada a ciência ocidental moderna. Ambos são necessários.

Q. Por que, qual é o defeito do atual sistema universitário?

Swamiji: É quase inteiramente um defeito. Ora, não passa de uma máquina perfeita para formar funcionários. Eu até agradeceria às minhas estrelas se isso fosse tudo. Mas não! Veja como os homens estão se tornando desprovidos de Shraddhâ e de fé. Eles afirmam que o Gita é apenas uma interpolação e que os Vedas são apenas canções rústicas! Eles gostam de dominar todos os detalhes relativos a coisas e nações fora da Índia, mas se você perguntar a eles, eles não sabem nem mesmo os nomes de seus próprios antepassados até a sétima geração, para não falar da décima quarta!

Q. Mas qual a importância disso? E se eles não souberem os nomes dos seus antepassados?

Swamiji: Acho que não. Uma nação que não tem história própria não tem nada neste mundo. Você acredita que alguém que tem tanta fé e orgulho que sente: “Eu venho de descendência nobre”, pode um dia se tornar mau? Como poderia ser? Essa fé em si mesmo refrearia suas ações e sentimentos, tanto que ele preferiria morrer a cometer erros. Assim, uma história nacional mantém uma nação bem contida e não permite que ela desça tanto.

Ah, eu sei que você dirá: “Mas não temos essa história!” Não, não existe, segundo quem pensa como você. Nem existe, de acordo com os vossos grandes estudiosos universitários; e assim pensam também aqueles que, tendo viajado pelo Ocidente numa grande pressa, regressam vestidos à moda europeia e afirmam: “Não temos nada, somos bárbaros”. É claro que não temos uma história exatamente igual à de outros países. Suponhamos que comemos arroz e os ingleses não. Você imaginaria por isso que todos eles morreriam de fome e seriam exterminados? Eles vivem muito bem com o que podem facilmente adquirir ou produzir no seu próprio país e com o que lhes é adequado. Da mesma forma, temos a nossa própria história exatamente como deveria ter sido para nós. Será que essa história será extinta fechando os olhos e gritando: “Infelizmente! Não temos história!” Quem tem olhos para ver encontra ali uma história luminosa e, com base nisso, sabe que a nação ainda está viva. Mas essa história precisa ser reescrita. Deveria ser reformulado e adequado à compreensão e aos modos de pensar que os nossos homens adquiriram na época actual através da educação ocidental.

Q. Como isso deve ser feito?

Swamiji: Esse é um assunto muito extenso para ser discutido agora. No entanto, para que isso aconteça, são necessárias a velha instituição de “viver com o Guru” e sistemas semelhantes de transmissão de educação. O que queremos é a ciência ocidental aliada ao Vedanta, Brahmacharya como lema orientador, e também Shraddhâ e fé em si mesmo. Outra coisa que pretendemos é a abolição desse sistema que visa educar os nossos rapazes da mesma forma que o homem que espancou o rabo, sendo avisado que assim poderia ser transformado num cavalo.

Q. O que você quer dizer com isso?

Swamiji: Veja, ninguém pode ensinar ninguém. O professor estraga tudo pensando que está ensinando. Assim, o Vedanta diz que dentro do homem está todo o conhecimento – mesmo num menino é assim – e isso requer apenas um despertar, e isso é trabalho de um professor. Temos que fazer muito pelos meninos para que eles aprendam a aplicar seu próprio intelecto no uso adequado de suas mãos, pernas, ouvidos, olhos, etc., e finalmente tudo se tornará fácil. Mas a raiz é a religião. A religião é como o arroz, e

tudo o mais, como o caril. Comer apenas curry causa indigestão, assim como comer apenas arroz. Nossos pedagogos estão transformando nossos meninos em papagaios e arruinando seus cérebros ao enfiar neles muitos assuntos. Olhando de um ponto de vista, deveríamos estar gratos ao Vice-Rei [48] pela sua proposta de reforma do sistema universitário, o que significa praticamente abolir o ensino superior; o país sentirá, pelo menos, algum alívio por ter tempo para respirar. Graças a Deus! que alvoroço e fúria sobre a formatura, e depois de alguns dias tudo esfria! E depois de tudo isso, o que é que eles aprendem senão que todas as religiões e costumes que temos são ruins, e o que os ocidentais têm é tudo bom! Finalmente, eles não conseguem manter o lobo longe da porta! O que importa se esse ensino superior permanecer ou desaparecer? Seria melhor se as pessoas recebessem um pouco de educação técnica, para que pudessem encontrar trabalho e ganhar o seu pão, em vez de ficarem vagando e clamando por serviço.

Q. Sim, os Marwaris são mais sábios, pois não aceitam serviço e a maioria deles se dedica a algum comércio.

Swamiji: Bobagem! Eles estão a caminho de trazer a ruína ao país. Eles têm pouca compreensão de seus próprios interesses. Você está muito melhor porque está mais atento às manufaturas. Se o dinheiro que investem nos seus negócios e com o qual obtêm apenas uma pequena percentagem do lucro fosse utilizado na condução de algumas fábricas e oficinas, em vez de encher os bolsos dos europeus, deixando-os colher os benefícios da maioria das transacções, então, não só contribuiria para o bem-estar do país, mas também lhe traria uma quantidade muito maior de lucro. São apenas os cabulianos que não se importam com o serviço – o espírito de independência está nos seus ossos e na sua medula. Proponha a qualquer um deles aceitar o serviço e você verá o que se segue!

Q. Bem, Maharaj, caso o ensino superior seja abolido, os homens não se tornarão tão estúpidos quanto vacas, como eram antes?

Swamiji: Que bobagem! Um leão pode se tornar um chagal? O que você quer dizer? Será possível que os filhos da terra que alimentou o mundo inteiro com conhecimento desde tempos imemoriais se tornem estúpidos como vacas, por causa da abolição do ensino superior por Lord Curzon?

Q. Mas pense no que era o nosso povo antes do advento dos ingleses e no que é agora.

Swamiji: O ensino superior significa o mero estudo das ciências dos materiais e a produção de coisas de uso diário por meio de máquinas? A utilidade do ensino superior é descobrir como resolver os problemas da vida, e é isso que está a envolver o pensamento profundo do mundo civilizado moderno, mas foi resolvido no nosso país há milhares de anos.

Q. Mas o seu Vedanta também estava prestes a desaparecer?

Swamiji: Pode ser que sim. No fluxo do tempo, a luz do Vedanta de vez em quando parece prestes a se extinguir e, quando isso acontece, o Senhor tem que encarnar-se no corpo humano; Ele então infunde tanta vida e força na religião que ela continua por algum tempo com vigor irresistível. Essa vida e força entraram novamente.

Q. Que prova existe, Maharaj, de que a Índia contribuiu gratuitamente com o seu conhecimento para o resto do mundo?

Swamiji: A própria história dá testemunho desse fato. Todas as ideias que elevam a alma e os diferentes ramos do conhecimento que existem no mundo são encontrados, após investigação adequada, como tendo suas raízes na Índia.

Cheio de entusiasmo, Swamiji deteve-se longamente neste tópico. Sua saúde estava muito ruim na época e, além disso, devido ao calor intenso do verão, ele sentia sede e bebia água com muita frequência. Por fim ele disse: "Querido Singhi, pegue um copo de água gelada para mim, por favor, vou explicar tudo claramente para você." Depois de beber a água gelada, ele começou de novo.

Swamiji: O que precisamos, você sabe, é estudar, independentemente do controle estrangeiro, diferentes ramos do conhecimento que é nosso, e com ele a língua inglesa e a ciência ocidental; precisamos de educação técnica e de tudo o mais que possa desenvolver as indústrias para que os homens, em vez de procurarem serviços, possam ganhar o suficiente para se sustentarem e pouparem alguma coisa para um dia chuvoso.

Q. O que você diria outro dia sobre o sistema tol (internato em sânscrito)?

Swamiji: Você não leu as histórias dos Upanishads? Eu vou te contar uma. Satyakâma foi viver a vida de um Brahmachârin com seu Guru. O Guru entregou-lhe algumas vacas e mandou-o embora para a floresta com elas. Muitos meses se passaram e quando Satyakama viu que o número de vacas havia duplicado ele pensou em retornar ao seu Guru. No caminho de volta, um dos touros, o fogo e alguns outros animais lhe deram instruções sobre o Brahman Supremo. Quando o discípulo voltou, o Guru imediatamente viu, com um simples olhar em seu rosto, que o discípulo havia aprendido o conhecimento do Brahman Supremo (Chhândogya, IV. ix. 2.). Agora, a moral que esta história pretende ensinar é que a verdadeira educação é obtida através da vida constante em comunhão com a natureza.

O conhecimento deve ser adquirido dessa maneira, caso contrário, educando-se na linguagem de um Pandit você será apenas um macaco humano por toda a vida. Deve-se viver desde a infância com alguém cujo caráter é como um fogo ardente e deve ter diante de si um exemplo vivo do ensino mais elevado. A mera leitura de que é pecado mentir não terá utilidade alguma. Todo menino deveria ser treinado para praticar Brahmacharya absoluto, e então, e somente então, a fé – Shraddha – virá. Caso contrário, por que alguém que não tem Shraddha não falará uma mentira? Em nosso país, a transmissão do conhecimento sempre se deu através de homens de renúncia. Mais tarde, os Pandits, ao monopolizarem todo o conhecimento e restringi-lo aos tols, apenas levaram o país à beira da ruína. A Índia tinha boas perspectivas enquanto os Tyâgis (homens de renúncia) transmitissem conhecimento.

Q. O que você quer dizer, Maharaj? Não há Sannyasins em outros países, mas veja como, graças ao seu conhecimento, a Índia é prostrada a seus pés!

Swamiji: Não fale bobagens, meu querido, ouça o que eu digo. A Índia terá de carregar para sempre os sapatos dos outros na cabeça se a responsabilidade de transmitir conhecimento aos seus filhos não cair novamente sobre os ombros de Tyagis. Você não sabe como um menino analfabeto, possuidor de renúncia, virou a cabeça de seus grandes e velhos Pandits? Uma vez no Templo de Dakshineswar, o Brâhmana encarregado da adoração de Vishnu quebrou uma perna da imagem. Os Pandits foram

reunidos em uma reunião para dar suas opiniões, e eles, após consultarem livros e manuscritos antigos, declararam que a adoração desta imagem quebrada não poderia ser sancionada de acordo com os Shâstras e uma nova imagem teria que ser consagrada. Houve, conseqüentemente, uma grande agitação. Shri Ramakrishna finalmente foi chamado. Ele ouviu e perguntou: “A esposa abandona o marido, caso ele fique coxo?” O que se seguiu? Os Pandits ficaram mudos, todos os seus comentários e erudição Shâstric não conseguiram resistir à força desta simples declaração. Se o que você diz fosse verdade, por que Shri Ramakrishna deveria vir a esta terra, e por que ele deveria desencorajar tanto o mero aprendizado de livros? Essa nova força vital que ele trouxe consigo tem de ser incutida na aprendizagem e na educação, e então o verdadeiro trabalho estará feito.

Q. Mas é mais fácil falar do que fazer.

Swamiji: Se tivesse sido fácil, não teria sido necessário que ele tivesse vindo. O que vocês precisam fazer agora é estabelecer uma matemática em cada cidade e em cada vila. Você pode fazer aquilo? Faça alguma coisa pelo menos. Comece uma grande matemática no coração de Calcutá. Um Sâdhu bem-educado deveria estar à frente desse centro e sob ele deveria haver departamentos para o ensino de ciências práticas e artes, com um Sannyasin especialista encarregado de cada um destes departamentos.

Q. Onde você conseguirá esses Sadhus?

Swamiji: Teremos que fabricá-los. Por isso, sempre digo que são necessários alguns jovens com patriotismo ardente e renúncia. Ninguém consegue dominar algo perfeitamente em tão pouco tempo como os Tyagis.

Após um breve silêncio, Swamiji disse: "Singhi, ainda há tantas coisas a serem feitas pelo nosso país que são necessárias milhares de pessoas como você e eu. O que a mera conversa fará? Veja a que condição miserável o país está reduzido; agora faça alguma coisa! Não temos nem um único livro adequado para os meninos.

Q. Ora, existem tantos livros de Ishwar Chandra Vidyâsâgar para os meninos!

Assim que eu disse isso, ele riu e disse: Sim, aí você leu “Ishvar Nirakar Chaitanya Svarup” – (Deus não tem forma e é da essência do conhecimento puro); "Subal ati subodh bâlak" — (Subal é um menino muito bom), e assim por diante. Isso não serve. Devemos compor alguns livros em bengali e também em inglês com contos do Râmâyana, do Mahabhârata, dos Upanishads, etc., em linguagem muito fácil e simples, e estes devem ser dados aos nossos meninos para lerem.

Já eram cerca de onze horas. O céu ficou subitamente nublado e uma brisa fresca começou a soprar. Swamiji ficou muito satisfeito com a perspectiva de chuva. Ele se levantou e disse: “Vamos, Singhi, dar um passeio ao lado do Ganges”. Nós o fizemos, e ele recitou muitas estrofes da Meghaduta de Kâlidâsa, mas a única corrente de pensamento que passava o tempo todo em sua mente era o bem da Índia. Ele exclamou: "Olhe aqui, Singhi, você pode fazer uma coisa? Você pode acabar com o casamento de nossos meninos por algum tempo?"

Eu disse: "Bem, Maharaj, como podemos pensar nisso quando os Babus estão tentando, por outro lado, todos os tipos de meios para tornar o casamento mais barato?"

Swamiji: Não se preocupe com isso; quem pode conter a maré do tempo! Todas essas agitações terminarão em palavras vazias, só isso. Quanto mais caros forem os casamentos, melhor para o país. Que correria para passar nos exames e casar imediatamente! Parece que ninguém ficaria solteiro, mas é a mesma coisa de novo no ano que vem!

Depois de um breve silêncio, Swamiji disse novamente: "se eu conseguir alguns graduados solteiros, posso tentar mandá-los para o Japão e providenciar sua educação técnica lá, para que, quando voltarem, possam direcionar seus conhecimentos para o Japão". melhor conta para a Índia Que coisa boa isso seria!"

Q. Por que, Maharaj, é melhor irmos para o Japão do que para a Inglaterra?

Swamiji: Certamente! Na minha opinião, se todos os nossos homens ricos e educados forem visitar o Japão, os seus olhos serão abertos.

Q. Como?

Swamiji: Lá, no Japão, você encontra uma excelente assimilação de conhecimento, e não a sua indigestão, como temos aqui. Eles tiraram tudo aos europeus, mas continuam a ser japoneses e não se tornaram europeus; enquanto no nosso país, a terrível mania de nos tornarmos ocidentalizados tomou conta de nós como uma praga.

Eu disse: "Maharaj, vi algumas pinturas japonesas; não podemos deixar de nos maravilhar com sua arte. Sua inspiração parece ser algo que é próprio e está além da imitação."

Swamiji: Exatamente. Eles são grandes como nação por causa de sua arte. Você não vê que eles são asiáticos, como nós? E embora tenhamos perdido quase tudo, o que ainda temos é maravilhoso. A própria alma do asiático está entrelaçada com a arte. O asiático nunca usa nada a menos que haja arte nisso. Você não sabe que a arte é, entre nós, uma parte da religião? Quão admirada é uma senhora, entre nós, que consegue pintar lindamente o chão e as paredes, em ocasiões auspiciosas, com a pasta de pó de arroz? Quão grande artista era o próprio Shri Ramakrishna!

Q. A arte inglesa também é boa, não é?

Swamiji: Que tolo estúpido você é! Mas de que adianta culpar você quando essa parece ser a forma de pensar predominante! Infelizmente, nosso país está reduzido a tal estado! O povo considerará o seu próprio ouro como bronze, enquanto o bronze do estrangeiro será ouro para eles! Esta é, de facto, a magia realizada pela educação moderna! Saiba que desde o momento em que os europeus entraram em contacto com a Ásia, estão a tentar infundir a arte na sua própria vida.

Eu mesmo: Se outros ouvirem você falar assim, Maharaj, eles pensarão que você tem uma visão pessimista das coisas.

Swamiji: Naturalmente! O que mais podem pensar aqueles que se movem na rotina! Como eu gostaria de poder mostrar tudo através dos meus olhos! Olhe para os seus edifícios – como eles são comuns e sem sentido! Veja aqueles grandes edifícios governamentais; você pode, apenas vendo o

exterior, perceber algum significado que cada um deles representa? Não, porque são todos tão pouco simbólicos. Vejamos novamente a vestimenta dos ocidentais: seus casacos rígidos e calças retas, quase justas ao corpo, são, em nossa opinião, pouco decentes. Não é assim? E, oh, que beleza realmente nisso! Agora, percorra toda a nossa pátria e veja se você não consegue ler corretamente, pela sua própria aparência, o significado que representam os nossos edifícios, e quanta arte há neles! O copo é o recipiente para beber deles, e o nosso é o Ghati de metal (em forma de jarro); qual dos dois é artístico? Você já viu as casas dos agricultores em nossas aldeias?

Eu: Sim, claro.

Swamiji: O que você viu deles?

Eu não sabia o que dizer. No entanto, eu respondi: "Maharaj, eles estão impecavelmente arrumados e limpos, os pátios e pisos são diariamente bem rebocados".

Swamiji: Você viu os celeiros deles para guardar arroz? Que arte há neles! Que variedade de pinturas mesmo nas paredes de barro! E então, se você for ver como vivem as classes mais baixas no Ocidente, você notará imediatamente a diferença. O ideal deles é a utilidade, o nosso é a arte. O ocidental procura utilidade em tudo, enquanto connosco a arte está em todo o lado. Com a educação ocidental, aqueles nossos lindos Ghatís foram descartados e os vidros esmaltados usurparam seu lugar em nossas casas! Assim, o ideal de utilidade foi absorvido por nós a tal ponto que o fez parecer quase ridículo. Agora o que precisamos é da combinação de arte e utilidade. O Japão fez isso muito rapidamente e, por isso, avançou a passos gigantescos. Agora, por sua vez, os japoneses vão ensinar os ocidentais.

Q. Maharaj, qual nação do mundo se veste melhor?

Swamiji: Os arianos sim; até os europeus admitem isso. Quão pitorescos são seus vestidos pendurados em dobras! Os trajes reais da maioria das nações são, até certo ponto, uma espécie de imitação dos arianos - a mesma tentativa é feita lá para mantê-los dobrados, e esses trajes apresentam uma diferença marcante em relação ao seu estilo nacional.

A propósito, Singhi, deixe de lado esse péssimo hábito de usar aquelas camisas europeias.

Q. Por que, Maharaja?

Swamiji: Porque eles são usados pelos ocidentais apenas como roupa íntima. Eles nunca gostam de vê-los usados ao ar livre. Quão enganados foram os bengalis ao fazer isso! Como se devessemos usar tudo e qualquer coisa, como se não houvesse nenhuma lei não escrita sobre o vestuário, como se não houvesse um estilo ancestral a seguir! Nosso povo é marginalizado por aceitar a comida tocada pelas classes mais baixas. Teria sido muito bom se a mesma lei se aplicasse ao uso de qualquer estilo irregular de vestimenta. Por que você não consegue adaptar seu vestido de alguma forma ao nosso estilo? Que sentido há em você adotar camisas e casacos europeus?

Começou a chover e o sino do jantar também tocou. Então entramos para participar da Prasâda (comida consagrada) com outras pessoas. Durante a refeição, Swamiji disse, dirigindo-se a mim: “Deve-se ingerir alimentos concentrados. Encher o estômago com uma grande quantidade de arroz é a raiz da preguiça”. Pouco depois, ele disse novamente: “Olhe para os japoneses, eles comem arroz com sopa de ervilhas partidas, duas ou três vezes por dia. Mas mesmo os mais fortes comem um pouco de cada vez, embora o número de refeições possa ser mais. Aqueles que são ricos entre eles comem carne diariamente, enquanto nós nos empanturramos duas vezes por dia até a garganta, por assim dizer, e toda a nossa energia se esgota na digestão de tal quantidade de arroz!

Q. É viável para nós, bengalis, pobres como somos, consumir carne?

Swamiji: Por que não? Você pode se dar ao luxo de tê-lo em pequenas quantidades. Meio quilo por dia é suficiente. O verdadeiro mal é a ociosidade, que é a principal causa da nossa pobreza. Suponhamos que o chefe de uma empresa fique descontente com alguém e diminua seu salário; ou de três ou quatro filhos que ganham o pão numa família, um morre repentinamente; o que eles fazem? Ora, eles imediatamente reduzem a quantidade de leite para as crianças, ou vivem com uma refeição por dia, comendo um pouco de arroz ou algo assim à noite!

Q. Mas o que mais eles podem fazer nessas circunstâncias?

Swamiji: Por que eles não conseguem se esforçar e ganhar mais para manter seu padrão alimentar? Mas não! Eles devem ir aos Âddâs (encontros) locais e ficar ociosos fora de casa! Ah, se eles soubessem como desperdiçaram seu tempo!

X

(Traduzido do bengali)

A DISCRIMINAÇÃO DAS QUATRO CASTAS SEGUNDO JATI E GUNA — BRAHMANAS E KSHATR1YAS NO OESTE — O SISTEMA KULA-GURU EM BENGAL

[Shri Priya Nath Sinha]

Uma vez fui ver Swamiji enquanto ele estava em Calcutá, na casa do falecido Balaram Basu. Depois de uma longa conversa sobre o Japão e a América, perguntei-lhe: “Bem, Swamiji, quantos discípulos você tem no Ocidente?”

Swamiji: Muitos.

Q. Dois ou três mil?

Swamiji: Talvez mais do que isso.

P. Todos eles foram iniciados por você com Mantras?

Swamiji: Sim.

Q. Você lhes deu permissão para pronunciar Pranava (Om)?

Swamiji: Sim.

Q. Como você foi, Maharaj? Dizem que os Shudras não têm direito ao Pranava, e ninguém tem, exceto os Brâmanes. Além disso, os ocidentais são

Mlechchhas, nem mesmo Shudras.

Swamiji: Como você sabe que aqueles que eu iniciei não são brâmanes?

Eu mesmo: Onde você poderia conseguir brâmanes fora da Índia, nas terras dos Yavanas e Mlechchhas?

Swamiji: Meus discípulos são todos Brâmanes! Admito plenamente a verdade das palavras de que ninguém, exceto os Brâmanes, tem direito ao Pranava. Mas o filho de um brâmane nem sempre é necessariamente um brâmane; embora haja toda possibilidade de ele ser um, ele pode não se tornar assim. Você não ouviu que o sobrinho de Aghore Chakravarti de Baghbazar se tornou um varredor e na verdade costumava fazer todos os serviços braçais de sua casta adotiva? Ele não era filho de um brâmane?

A casta Brahmin e as qualidades Brahmanya são duas coisas distintas. Na Índia, alguém é considerado brâmane pela sua casta, mas no Ocidente, alguém deve ser conhecido como tal pelas qualidades de Brahmanya. Assim como existem três Gunas – Sattva, Rajas e Tamas – também existem Gunas que mostram que um homem é um Brâmane, Kshatriya, Vaishya ou Shudra. As qualidades de ser um brâmane ou um kshatriya estão desaparecendo no país; mas no Ocidente eles agora alcançaram o estado de Kshatriya, do qual o próximo passo é o estado de Brahmin; e há muitos que se qualificaram para isso.

Q. Então você chama aqueles Brâmanes que são Sattvika por natureza.

Swamiji: Exatamente. Assim como existem Sattva, Rajas e Tamas – um ou outro desses Gunas mais ou menos – em cada homem, as qualidades que fazem um Brahmin, Kshatriya, Vaishya ou Shudra são inerentes a cada homem, mais ou menos. Mas às vezes uma ou outra dessas qualidades predomina nele em vários graus, e se manifesta de acordo. Tomemos um homem em suas diferentes atividades, por exemplo: quando ele está empenhado em servir outro por remuneração, ele está na condição de Shudra; quando ele está ocupado realizando algum negócio com fins lucrativos, por conta própria, ele é um Vaishya; quando ele luta para corrigir os erros, então as qualidades de um Kshatriya emergem nele; e quando ele medita em Deus ou passa seu tempo conversando sobre Ele, então ele é um

brâmane. Naturalmente, é bem possível que alguém mude de uma casta para outra. Caso contrário, como Vishvâmitra se tornou um Brâmane e Parashurâma um Kshatriya?

Q. O que você diz parece estar certo, mas por que então nossos Pandits e Gurus familiares não nos ensinam a mesma coisa?

Swamiji: Esse é um dos grandes males do nosso país. Mas deixe o assunto descansar agora.

Swamiji aqui elogiou o espírito prático dos ocidentais e como, quando eles também adotam a religião, esse espírito se manifesta.

Eu mesmo: É verdade, Maharaj, ouvi dizer que seus poderes espirituais e psíquicos se desenvolvem muito rapidamente quando praticam a religião. Outro dia Swami Saradananda me mostrou uma carta escrita por um de seus discípulos ocidentais, descrevendo os poderes espirituais altamente desenvolvidos no escritor através dos Sâdhanâs praticados durante apenas quatro meses.

Swamiji: Então você vê! Agora você entende se existem brâmanes no Ocidente ou não. Vocês também têm brâmanes aqui, mas eles estão levando o país à beira da ruína por sua terrível tirania e, conseqüentemente, o que eles têm naturalmente está desaparecendo gradualmente. O Guru inicia seu discípulo com um Mantra, mas isso se tornou uma troca com ele. E então, quão maravilhosa é hoje em dia a relação entre um Guru e seu discípulo! Talvez o Guru não tenha nada para comer em casa, e sua esposa traz o assunto ao seu conhecimento e diz: "Por favor, vá mais uma vez até seus discípulos, querido. Será que você jogando dados o dia todo nos salvará da fome?" O brâmane, em resposta, diz: "Muito bem, lembre-me disso amanhã de manhã. Ouvi dizer que meu discípulo fulano de tal está tendo sorte e, além disso, não o visito há muito tempo." tempo." Foi a isto que chegou o seu sistema Kula-Guru em Bengala! A arte sacerdotal no Ocidente ainda não está tão degenerada; no geral é melhor do que a sua espécie!

XI

SARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

A ÍNDIA NÃO QUER LER, MAS TRABALHAR - O PROBLEMA DO CHORO NA ÍNDIA É A POBREZA - JOVENS SANNYASINS SERÃO TREINADOS COMO PROFESSORES SECULARES E ESPIRITUAIS E TRABALHADORES PARA AS MASSAS - EXORTAÇÕES AOS JOVENS PARA TRABALHAREM PARA OUTROS

(Do Diário de um discípulo)

(O discípulo nesta e nas conversas seguintes é Sharat Chandra Chakravarty.)

Discípulo: Como é, Swamiji, que você não dá palestras neste país? Você agitou a Europa e a América com suas palestras, mas ao voltar para cá manteve silêncio.

Swamiji: Neste país, o terreno deve ser preparado primeiro; então, se a semente for plantada, a planta sairá melhor. O solo no Ocidente, na Europa e na América é muito fértil e adequado para semear. Lá eles alcançaram o clímax de Bhoga (prazer). Estando saciados ao máximo com Bhoga, suas mentes não estão obtendo paz agora, mesmo nesses prazeres, e eles sentem como se quisessem outra coisa. Neste país você não tem nem Bhoga nem Yoga (renúncia). Quando alguém está saciado com Bhoga, então ouvirá e compreenderá os ensinamentos do Yoga. Que bem farão as palestras num país como a Índia, que se tornou o berço da doença, da tristeza e da aflição, e onde os homens estão emaciados pela fome e com a mente fraca?

Discípulo: Como é isso? Você não diz que a nossa é a terra da religião e que aqui as pessoas entendem a religião como em nenhum outro lugar? Por que então este país não será animado pela sua eloquência inspiradora e colherá plenamente os frutos dela?

Swamiji: Agora entenda o que significa religião. A primeira coisa necessária é a adoração da Encarnação Kurma (tartaruga), e o deus do ventre é este Kurma, por assim dizer. Até que você pacifique isso, ninguém acolherá bem suas palavras sobre religião. A Índia está inquieta pensando em como enfrentar este espectro da fome. A drenagem dos melhores recursos do país pelos estrangeiros, as exportações irrestritas de mercadorias e, acima de tudo, o ciúme abominável natural dos escravos estão corroendo as entranhas da Índia. Em primeiro lugar, você deve remover esse mal da fome e da inanição, essa ansiedade constante pela existência nua, daqueles a quem você deseja pregar a religião; caso contrário, palestras e coisas assim não trarão nenhum benefício.

Discípulo: O que devemos fazer então para remover esse mal?

Swamiji: Primeiro, são necessários alguns jovens cheios de espírito de renúncia – aqueles que estejam prontos a sacrificar as suas vidas pelos outros, em vez de se dedicarem à sua própria felicidade. Com este objetivo em vista estaborecerei uma Matemática para treinar jovens Sannyâsins, que irão de porta em porta e farão o povo perceber sua condição lamentável por meio de fatos e raciocínios, e os instruirá nos caminhos e meios para seu bem-estar, e ao mesmo tempo, explicar-lhes-ei tão claramente quanto possível, numa linguagem muito simples e fácil, as verdades superiores da religião. As massas do nosso país são como o Leviatã adormecido. A educação proporcionada pelo actual sistema universitário atinge apenas um ou dois por cento das massas. E mesmo aqueles que conseguem isso não conseguem fazer qualquer bem ao seu país. Mas a culpa não é deles, coitados! Assim que saem da faculdade, eles se tornam pais de vários filhos! De uma forma ou de outra conseguem assegurar o cargo de escriturário ou, no máximo, de vice-magistrado. Este é o final da educação! Com o fardo de uma família nas costas, eles não encontram tempo para fazer algo grandioso ou pensar algo elevado. Não encontram meios suficientes para satisfazer as suas necessidades e interesses pessoais; então, o que se pode esperar deles no que diz respeito a fazer algo pelos outros?

Discípulo: Então não há saída para nós?

Swamiji: Certamente existe. Esta é a terra da Religião Eterna. O país caiu, sem dúvida, mas certamente irá subir novamente, e essa convulsão irá

surpreender o mundo. Quanto mais baixas forem as cavidades que as ondas fizerem, mais altas e com maior força elas subirão novamente.

Discípulo: Como a Índia se levantará novamente?

Swamiji: Você não vê? O amanhecer já apareceu no céu oriental e há pouco atraso no nascer do sol. Todos vocês colocaram seus ombros no volante! O que há em fazer o mundo como um todo e pensar em “Meu Samsâra (família e propriedade), meu Samsâra”? O seu dever neste momento é ir de uma parte do país para outra, de aldeia em aldeia, e fazer com que as pessoas entendam que simplesmente ficar sentado de braços cruzados não serve mais. Faça-os compreender sua real condição e diga: "Ó irmãos, levantem-se! Despertem! Quanto tempo mais vocês permaneceriam dormindo!" Vá e aconselhe-os sobre como melhorar sua própria condição e faça-os compreender as sublimes verdades dos Shâstras (escrituras), apresentando-as de forma lúcida e popular. Durante muito tempo os brâmanes monopolizaram a religião; mas como eles não conseguem se manter firmes contra a forte maré do tempo, vão e tomem medidas para que todos na terra possam adquirir essa religião. Impressionem em suas mentes que eles têm o mesmo direito à religião que os brâmanes. Inicie todos, até mesmo os Chandâlas (pessoas das castas mais baixas), nestes Mantras ardentes. Instrua-os também, em palavras simples, sobre as necessidades da vida, e no comércio, no comércio, na agricultura, etc. Se você não pode fazer isso, então confie em sua educação e cultura, e sinta-se em seu estudo dos Vedas e do Vedanta!

Discípulo: Mas onde está essa força em nós? Eu deveria ter me sentido abençoado se tivesse uma centésima parte de seus poderes, Swamiji.

Swamiji: Que tolice! O poder e coisas assim virão por si mesmos. Coloque-se para trabalhar e você finalmente sentirá um poder tão tremendo que será difícil de suportar. Mesmo o menor trabalho feito para os outros desperta o poder interior; até mesmo pensar no menos bom dos outros gradualmente infunde no coração a força de um leão. Eu amo muito todos vocês, mas desejo que todos morram trabalhando para os outros - eu ficaria feliz em ver vocês fazendo isso!

Discípulo: O que será então daqueles que dependem de mim?

Swamiji: Se você estiver pronto para sacrificar sua vida pelos outros, Deus certamente providenciará alguns meios para eles. Você não leu no Gita (VI. 40) as palavras de Shri Krishna, "न हि कल्याणकृत्कश्चित् दुर्गतिं तात गच्छति - Nunca um praticante do bem, ó meu amado, fica triste"?

Discípulo: Entendo, senhor.

Swamiji: O essencial é a renúncia. Sem renúncia ninguém pode derramar todo o seu coração trabalhando para os outros. O homem da renúncia vê a todos com igualdade e se dedica ao serviço de todos. Nosso Vedanta também não nos ensina a ver todos com olhos iguais? Por que então você acalenta a ideia de que a esposa e os filhos são seus, mais do que os outros? Bem no seu limiar, o próprio Nârâyana, na forma de um pobre mendigo, está morrendo de fome! Em vez de lhe dar alguma coisa, você apenas satisfaria o apetite de sua esposa e de seus filhos com iguarias? Ora, isso é bestial!

Discípulo: Trabalhar para os outros às vezes exige muito dinheiro, e onde posso conseguir isso?

Swamiji: Por que não fazer tanto quanto estiver ao seu alcance? Mesmo que você não possa dar aos outros por falta de dinheiro, certamente você pode pelo menos soprar em seus ouvidos algumas boas palavras ou transmitir algumas boas instruções, não é? Ou isso também exige dinheiro?

Discípulo: Sim, senhor, isso posso fazer.

Swamiji: Mas dizer: “Eu posso”, não adianta. Mostre-me através da ação o que você pode fazer, e só então saberei que sua vinda até mim foi benéfica. Levante-se e coloque os ombros no volante - quanto tempo dura esta vida? Ao vir a este mundo, deixe alguma marca para trás. Caso contrário, onde está a diferença entre você e as árvores e pedras? Eles também passam a existir, decaem e morrem. Se você gosta de nascer e morrer como eles, você tem liberdade para fazê-lo. Mostre-me por meio de suas ações que sua leitura do Vedanta foi frutífera para o bem maior. Vá e diga a todos: “Em cada um de vocês reside esse Poder Eterno”, e tente despertá-lo. O que você fará com a salvação individual? Isso é puro egoísmo. Deixe de lado a sua

meditação, jogue fora a sua salvação e coisas assim! Coloque todo o seu coração e alma na obra à qual me consagrei.

Com a respiração suspensa, o discípulo ouviu essas palavras inspiradoras, e Swamiji continuou com seu fogo e eloquência habituais.

Swamiji: Em primeiro lugar, prepare o solo e, com o tempo, milhares de Vivekanandas nascerão neste mundo para ministrar palestras sobre religião. Você não precisa se preocupar com isso! Você não entende por que estou iniciando orfanatos, obras de combate à fome, etc.? Você não vê como a Irmã Nivedita, uma senhora britânica, aprendeu a servir tão bem os indianos, fazendo até mesmo trabalhos braçais para eles? E vocês, sendo indianos, não podem servir da mesma forma seus próprios compatriotas? Vá, todos vocês, onde quer que haja um surto de peste ou fome, ou onde quer que as pessoas estejam em perigo, e mitiguem seus sofrimentos. No máximo você pode morrer tentando – e daí? Quantos como você nascem e morrem como vermes todos os dias? Que diferença isso faz para o mundo em geral? Você deve morrer, mas tenha um grande ideal pelo qual morrer, e é melhor morrer com um grande ideal de vida. Preguem este ideal de porta em porta e vocês mesmos serão beneficiados por ele, ao mesmo tempo que fazem o bem ao seu país. Em você residem as esperanças futuras do nosso país. Sinto uma dor extrema ao ver você levando uma vida de inação. Preparem-se para trabalhar – para trabalhar! Não demore – a hora da morte se aproxima dia após dia! Não fique parado pensando que tudo será feito a tempo, mais tarde! Lembre-se: nada será feito dessa maneira!

XII

(Traduzido do bengali)

**RECONCILIAÇÃO DE JNANA E BHAKTI — SAT-CHIT-ANANDA
— COMO O SECTARISMO SE ORIGINA — TRAZER SHRADDHA
E A ADORAÇÃO DE SHAKTI E AVATARAS — O IDEAL DO
HERÓI QUE QUEREMOS AGORA, NÃO O MADHURA-BHAVA —
SHRI RAMAKRISHNA — AVATARAS**

Discípulo: Por favor, Swamiji, como Jnâna e Bhakti podem ser reconciliados? Vemos os seguidores do caminho da devoção (Bhaktas) fecharem os ouvidos ao nome de Shankara, e novamente, os seguidores do caminho do conhecimento (Jnanis) chamam os Bhaktas de fanáticos, vendo-os chorar em torrentes, ou cantar e dançar em êxtase, em nome do Senhor.

Swamiji: A questão é que todo esse conflito está nos estágios preliminares (preparatórios) de Jnana e Bhakti. Você não ouviu a história de Shri Rarnakrishna sobre os demônios de Shiva e os macacos de Rama? [49]

Discípulo: Sim, senhor, eu tenho.

Swamiji: Mas não há diferença entre o Bhakti supremo e o Jnana supremo. O Bhakti supremo é perceber Deus como a forma do próprio Prema (amor). Se você vir a forma amorosa de Deus manifestada em todos os lugares e em tudo, como poderá odiar ou ferir os outros? Essa realização do amor nunca poderá ocorrer enquanto houver o mínimo desejo no coração, ou como Shri Ramakrishna costumava dizer, apego por Kâma-Kâanchana (prazer sensorial e riqueza). Na perfeita realização do amor, nem mesmo a consciência do próprio corpo existe. Além disso, o Jnana supremo é perceber a unidade em todos os lugares, ver o próprio eu como o Ser em tudo. Isso também não pode acontecer enquanto houver a menor consciência do ego (Aham).

Discípulo: Então o que você chama de amor é o mesmo que conhecimento supremo?

Swamiji: Exatamente. A realização do amor não acontece a menos que alguém se torne um Jnani perfeito. O Vedanta não diz que Brahman é Sat-Chit-Ânanda – a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança absoluta?

Discípulo: Sim, senhor.

Swamiji: A frase Sat-Chit-Ananda significa – Sat, ou seja, existência, Chit, ou seja, consciência ou conhecimento, e Ananda, ou seja, felicidade que é o mesmo que amor. Não há controvérsia entre o Bhakta e o Jnani em relação ao aspecto Sat de Brahman. Somente os Jnanis dão maior ênfase ao Seu aspecto de Chit ou conhecimento, enquanto os Bhaktas mantêm o aspecto

de Ananda ou amor mais em vista. Mas assim que a essência de Chit é realizada, a essência de Ananda também é realizada. Porque o que é Chit é na verdade o mesmo que Ananda.

Discípulo: Por que então prevalece tanto sectarismo na Índia? E por que há tanta controvérsia entre as escrituras sobre Bhakti e Jnana?

Swamiji: A questão é que toda essa guerra e controvérsia diz respeito aos ideais preliminares, ou seja, aqueles ideais que os homens adotam para alcançar o verdadeiro Jnana ou o verdadeiro Bhakti. Mas o que você acha que é o mais elevado – o fim ou os meios? Certamente, os meios nunca podem ser superiores ao fim, porque os meios para realizar o mesmo fim devem ser numerosos, pois variam de acordo com o temperamento ou capacidades mentais de seguidores individuais. A contagem de contas, a meditação, a adoração, a oferta de oblações no fogo sagrado – todas essas e outras coisas são membros da religião; eles são apenas meios; e alcançar a devoção suprema (Parâ-Bhakti) ou a realização mais elevada de Brahman é o fim preeminente. Se você olhar um pouco mais fundo, entenderá por que eles estão brigando. Alguém diz: “Se você orar a Deus voltado para o Oriente, então você O alcançará”. “Não”, diz outro, “você terá que sentar-se de frente para o Ocidente e só então você O verá”. Talvez alguém tenha percebido Deus em meditação, há muito tempo, sentando-se com o rosto voltado para o Oriente, e os seus discípulos começaram imediatamente a pregar esta atitude, afirmando que ninguém poderá ver Deus a menos que assuma esta posição. Outra parte se aproxima e pergunta: “Como é isso? Tal ou qual pessoa realizou Deus enquanto enfrentava o Ocidente, e nós mesmos vimos isso”. Foi assim que todas essas seitas se originaram. Alguém poderia ter alcançado a devoção suprema repetindo o nome do Senhor como Hari, e imediatamente isso entrou na composição do Shâstra como:

हरेर्नाम हरेर्नाम हरेर्नामैव केवलम् ।
कलौ नास्त्येव नास्त्येव गतिरन्यथा ॥

- "O nome do Senhor Hari, o nome do Senhor Hari, somente o nome do Senhor Hari. Na verdade, não há outro, nenhum outro, nenhum outro caminho além deste na era de Kali."

Alguém, novamente, suponhamos, poderia ter alcançado a perfeição com o nome de Allah, e imediatamente outro credo originado por ele começou a se espalhar, e assim por diante. Mas temos de ver qual é o fim a que todas estas formas de culto e outras práticas religiosas pretendem conduzir. O fim é Shraddha. Não temos nenhum sinônimo em nossa língua bengali para expressar a palavra sânscrita Shraddha. O (Katha) Upanishad diz que Shraddha entrou no coração de Nachiketâ. Mesmo com a palavra Ekâgratâ (unidirecionalidade) não podemos expressar todo o significado da palavra Shraddha. A palavra Ekâgranishthâ (devoção unidirecionada) transmite, até certo ponto, o significado da palavra Shraddha. Se você meditar em qualquer verdade com devoção e concentração inabaláveis, verá que a mente está cada vez mais tendendo para a Unidade, ou seja, levando-o para a realização da Existência-Conhecimento-Bem-aventurança absoluta. As escrituras sobre Bhakti ou Jnana dão conselhos especiais aos homens para assumirem na vida um ou outro de tais Nishthas (persistência escrupulosa) e torná-los seus. Com o passar dos tempos, estas grandes verdades tornam-se distorcidas e gradualmente transformam-se em Deshâchâras ou nos costumes prevaletentes de um país. Aconteceu não só na Índia, mas em todas as nações e em todas as sociedades do mundo. E as pessoas comuns, sem discriminação, fazem destes o pomo da discórdia e lutam entre si. Eles perderam de vista o fim e, portanto, o sectarismo, as disputas e as lutas continuam.

Discípulo: Qual é então o meio de salvação, Swamiji?

Swamiji: Esse verdadeiro Shraddha, como antigamente, tem que ser trazido de volta novamente. As ervas daninhas devem ser arrancadas pela raiz. Em cada fé e em cada caminho há, sem dúvida, verdades que transcendem o tempo e o espaço, mas muito lixo se acumulou sobre elas. Isto tem de ser eliminado e os verdadeiros princípios eternos têm de ser apresentados ao povo; e só então a nossa religião e o nosso país serão realmente beneficiados.

Discípulo: Como isso será efetuado?

Swamiji: Ora, antes de tudo, temos que introduzir a adoração dos grandes santos. Aqueles de grande alma que compreenderam as verdades eternas devem ser apresentados ao povo como as ideias a serem seguidas; como no

caso da Índia — Shri Râmachandra, Shri Krishna, Mahavira e Shri Ramakrishna, entre outros. Você pode trazer a adoração de Shri Ramachandra e Mahavira neste país? Deixe de lado por enquanto o aspecto Vrindâvan de Shri Krishna, e espalhe por toda parte a adoração de Shri Krishna rugindo o Gita, com a voz de um Leão. E coloque em uso diário a adoração de Shakti – a Mãe divina, a fonte de todo poder.

Discípulo: O jogo divino de Shri Krishna com as Gopis de Vrindavan não é bom, então?

Swamiji: Nas atuais circunstâncias, essa adoração não é boa para você. Tocar flauta e assim por diante não irá regenerar o país. Agora precisamos principalmente do ideal de um herói com o tremendo espírito de Rajas vibrando em suas veias da cabeça aos pés – o herói que ousará e morrerá para conhecer a Verdade – o herói cuja armadura é a renúncia, cuja espada é a sabedoria. Queremos agora o espírito do bravo guerreiro no campo de batalha da vida, e não do amante cortejador que vê a vida como um jardim de prazeres!

Discípulo: Então o caminho do amor, conforme descrito no ideal das Gopis, é falso?

Swamiji: Quem diz isso? Eu não! Essa é uma forma de adoração muito superior (Sâdhanâ). Nesta era de tremendo apego ao prazer sensorial e à riqueza, muito poucos são capazes de compreender esses ideais mais elevados.

Discípulo: Então aqueles que adoram a Deus como marido ou amante (Madhura) não estão seguindo o caminho correto?

Swamiji: Atrevo-me a dizer que não. Pode haver algumas exceções honrosas entre eles, mas saibam que a maior parte deles possui a natureza sombria Tâmasika. A maioria deles está cheia de morbidade e afetada por uma fraqueza excepcional. O país deve ser elevado. A adoração de Mahavira deve ser introduzida; o Shakti-pujâ deve fazer parte da nossa prática diária; Shri Ramachandra deve ser adorado em todos os lares. É aí que reside o seu bem-estar, é aí que reside o bem do país – não há outro caminho.

Discípulo: Mas ouvi dizer que Bhagavan Shri Ramakrishna costumava cantar muito o nome de Deus?

Swamiji: É verdade, mas o caso dele foi diferente. Que comparação pode haver entre ele e os homens comuns? Ele praticou em sua vida todos os diferentes ideais de religião para mostrar que cada um deles leva apenas à Verdade Única. Seremos você ou eu algum dia capazes de fazer tudo o que ele fez? Nenhum de nós o compreendeu completamente. Portanto, não me arrisco a falar dele em lugar nenhum e em qualquer lugar. Ele só sabe o que ele realmente era; sua estrutura era apenas humana, mas todo o resto nele era totalmente diferente dos outros.

Discípulo: Posso perguntar, você acredita que ele seja um Avatara (Encarnação de Deus)?

Swamiji: Diga-me primeiro – o que você quer dizer com Avatara?

Discípulo: Ora, quero dizer alguém como Shri Ramachandra, Shri Krishna, Shri Gauranga, Buda, Jesus e outros.

Swamiji: Eu sei que Bhagavan Shri Ramakrishna é ainda maior do que aqueles que você acabou de citar. O que dizer de acreditar, que é uma coisa mesquinha – eu sei! Deixemos, porém, de lado o assunto agora; mais disso em outra hora.

Após uma pausa, Swamiji continuou: Para restabelecer o Dharma, vieram os Mahapurushas (grandes professores da humanidade), adequados às necessidades dos tempos e da sociedade. Chame-os como quiser – Mahapurushas ou Avataras – pouco importa. Revelam, cada um na sua vida, o ideal. Depois, gradativamente, as formas são moldadas em suas matrizes – os HOMENS são feitos! Gradualmente, as seitas surgem e se espalham. Com o passar do tempo, estas seitas degeneram e reformadores semelhantes voltam. Esta tem sido a lei que flui em sucessão ininterrupta, como uma corrente, ao longo dos tempos.

Discípulo: Por que você não prega Shri Ramakrishna como um Avatara? Você tem, de fato, poder, eloquência e tudo o mais necessário para fazer isso.

Swamiji: Na verdade, eu lhe digo, eu o entendi muito pouco. Ele me parece ter sido tão grande que, sempre que tenho que falar alguma coisa sobre ele, tenho medo de ignorar ou explicar a verdade, de que meu pequeno poder não seja suficiente, de que, ao tentar exaltá-lo, eu apresente sua imagem pintando-o de acordo com minhas luzes e menosprezando-o assim!

Discípulo: Mas muitos agora o estão pregando como um Avatara.

Swamiji: Deixe-os fazer isso se quiserem. Eles estão fazendo isso à luz em que o compreenderam. Você também pode fazer o mesmo, se o tiver compreendido.

Discípulo: Não consigo nem entender você, o que dizer de Shri Ramakrishna! Eu deveria me considerar abençoado nesta vida se receber um pouco da Tua graça.

XIII

(Traduzido do bengali)

**BRAHMAN E DIFERENCIAÇÃO — REALIZAÇÃO PESSOAL DA
UNIDADE — A SUPREMA FELICIDADE É O OBJETIVO DE
TODOS — PENSE SEMPRE, EU SOU BRAHMAN —
DISCRIMINAÇÃO E RENÚNCIA SÃO OS MEIOS — SEJA
DESTEMIDO**

Discípulo: Ore, Swamiji, se o único Brahman é a única Realidade, por que então existe toda essa diferenciação no mundo?

Swamiji: Você não está considerando esta questão do ponto de vista da existência fenomênica? Olhando do lado fenomênico da existência, pode-se, através do raciocínio e da discriminação, chegar gradualmente à própria raiz da Unidade. Mas se você estivesse firmemente estabelecido nessa Unidade, como desse ponto de vista, diga-me, você poderia ver essa diferenciação?

Discípulo: É verdade, se eu existisse na Unidade, como poderia levantar esta questão de “porquê”? Ao colocar esta questão, já é dado como certo que o faço ao ver esta diversidade.

Swamiji: Muito bem. Indagar sobre a raiz da Unidade através da diversidade da existência fenomênica é denominado pelos Shâstras como raciocínio Vyatireki, ou o processo de argumentar pelo método indireto, isto é, Adhyâropa e Apavâda, primeiro tomando como certo algo que é inexistente ou irreal como existente ou real, e então mostrar através do raciocínio que isso não é uma substância existente ou real. Você está falando do processo de chegar à verdade através da assunção daquilo que não é verdadeiro como verdadeiro – não é?

Discípulo: Na minha opinião, o estado do existente ou do visto parece ser evidente e, portanto, verdadeiro, e aquilo que é oposto a ele parece, por outro lado, ser irreal.

Swamiji: Mas os Vedas dizem: “Um só sem segundo”. E se na realidade existe apenas o Um que existe – o Brahman – então, sua diferenciação é falsa. Você acredita nos Vedas, suponho?

Discípulo: Oh, sim, para mim considero os Vedas a autoridade máxima; mas se, em argumentação, não se aceita que sejam assim, deve-se, nesse caso, ser refutado por outros meios.

Swamiji: Isso também pode ser feito. Olhe aqui, chega um momento em que o que você chama de diferenciação desaparece e não conseguimos perceber isso de forma alguma. Eu experimentei esse estado em minha própria vida.

Discípulo: Quando você fez isso?

Swamiji: Um dia, no jardim do templo em Dakshineswar, Shri Ramakrishna tocou-me no coração, e antes de tudo comecei a ver que as casas - quartos, portas, janelas, varandas - as árvores, o sol, a lua - todas eram voou, despedaçando-se por assim dizer - reduzido a átomos e moléculas - e finalmente fundiu-se no Âkâsha. Gradualmente, novamente, o Akasha também desapareceu e, depois disso, minha consciência do ego com ele; o

que aconteceu a seguir não me lembro. Fiquei inicialmente assustado. Voltando daquele estado, novamente comecei a ver as casas, portas, janelas, varandas e outras coisas. Em outra ocasião, tive exatamente a mesma percepção à beira de um lago na América.

Discípulo: Este estado não poderia também ser provocado por uma perturbação do cérebro? E não entendo que felicidade pode haver em realizar tal estado.

Swamiji: Uma perturbação do cérebro! Como você pode chamá-lo assim, quando não surge nem como resultado de delírio de qualquer doença, nem de intoxicação por bebida, nem como uma ilusão produzida por vários tipos de exercícios respiratórios estranhos - mas quando se trata de um homem normal em plena posse? de sua saúde e inteligência? Então, novamente, esta experiência está em perfeita harmonia com os Vedas. Também coincide com as palavras de realização dos inspirados Rishis e Âchâryas de antigamente. Você me considera, finalmente, um homem desmiolado? (sorridente).

Discípulo: Ah, não, eu não quis dizer isso, é claro. Quando forem encontradas centenas de ilustrações sobre tal realização da Unidade nos Shastras, e quando você disser que isso pode ser realizado tão diretamente quanto uma fruta na palma da mão de alguém, e quando tiver sido sua própria experiência pessoal na vida, coincidindo perfeitamente com as palavras dos Vedas e outros Shastras - como ousar dizer que é falso? Shri Shankaracharya também percebendo esse estado disse: “Onde desapareceu o universo?” e assim por diante.

Swamiji: Saiba – este conhecimento da Unidade é o que os Shastras chamam de realização do Brahman, sabendo qual, a pessoa se livra do medo, e os grilhões do nascimento e da morte se rompem para sempre. Tendo uma vez percebido essa Bem-aventurança Suprema, a pessoa não fica mais sobrecarregada pelo prazer e pela dor deste mundo. Os homens que estão acorrentados pela luxúria e pela riqueza não podem desfrutar daquela bem-aventurança de Brahman.

Discípulo: Se for assim, e se realmente pertencermos à essência do Brahman Supremo, então por que não nos esforçamos para obter essa Bem-

aventurança? Por que corremos repetidamente para as garras da morte, sendo enganados por esta armadilha inútil de luxúria e riqueza?

Swamiji: Você fala como se o homem não desejasse ter essa Bem-aventurança! Reflita sobre isso e você verá que tudo o que alguém está fazendo, ele está fazendo na esperança de obter a Bem-aventurança Suprema. Só que nem todos estão conscientes disso e, portanto, não conseguem compreendê-lo. Essa Bem-aventurança Suprema existe plenamente em tudo, desde Brahmâ até a folha de grama. Você também é aquele Brahman indiviso. Neste exato momento você pode perceber se pensa que é verdadeira e absolutamente assim. É tudo mera falta de percepção direta. O fato de você ter prestado serviço e trabalhado tão arduamente pelo bem de sua esposa também mostra que o objetivo final é alcançar a Suprema Bem-aventurança de Brahman. Estando repetidamente enredado no intrincado labirinto da ilusão e duramente atingido por tristezas e aflições, o olho se voltará para a própria natureza real, o Eu Interior. É devido à presença deste desejo de bem-aventurança no coração que o homem, recebendo duros choques um após o outro, volta seu olhar para dentro – para o seu próprio Ser. Certamente chegará um tempo para todos, sem exceção, em que o fará para um, pode ser nesta vida, em outra, depois de milhares de encarnações.

Discípulo: Tudo depende das bênçãos do Guru e da graça do Senhor!

Swamiji: O vento da graça do Senhor está soprando, para todo o sempre. Você espalha sua vela. Sempre que você fizer alguma coisa, faça-o com todo o seu coração concentrado nisso. Pense dia e noite: "Eu sou a essência dessa Suprema Existência-Conhecimento-Bem-aventurança - que medo e ansiedade tenho eu? Este corpo, mente e intelecto são todos transitórios, e Aquilo que está além deles sou eu mesmo."

Discípulo: Pensamentos como esses surgem apenas por um tempo de vez em quando, mas desaparecem rapidamente, e penso em todo tipo de lixo e bobagem.

Swamiji: Acontece assim no estágio inicial, mas gradualmente é superado. Mas desde o início é necessária intensidade de desejo na mente. Pense sempre: "Sou sempre puro, sempre consciente e sempre livre; como posso

fazer algo de mal? Posso ser enganado, como os homens comuns, com os encantos insignificantes da luxúria e da riqueza?" Fortaleça a mente com tais pensamentos. Isto certamente trará muito bem.

Discípulo: De vez em quando surge a força da mente. Mas, novamente, penso que se eu aparecesse no Exame para Vice-Magistrado, riqueza, nome e fama viriam e eu viveria bem e feliz.

Swamiji: Sempre que tais pensamentos vierem à mente, discrimine dentro de você entre o real e o irreal. Você não leu o Vedanta? Mesmo quando você dorme, mantenha a espada da discriminação na cabeceira da sua cama, para que a cobiça não possa se aproximar de você nem mesmo em sonhos. Praticando tal força, a renúncia virá gradualmente, e então você verá que os portais do céu estão abertos para você.

Discípulo: Se for assim, Swamiji, como é que os textos sobre Bhakti dizem que o excesso de renúncia mata os sentimentos que geram a ternura?

Swamiji: Jogue fora, eu digo, textos que ensinam coisas assim! Sem renúncia, sem desapego ardente pelos objetos dos sentidos, sem se afastar da riqueza e da luxúria como da abominação imunda - "न सिध्यति ब्रह्मज्ञानान्तरेऽपि - nunca alguém poderá alcançar a salvação, mesmo em centenas de ciclos de Brahma". Repetir os nomes do Senhor, meditar, adorar, oferecer libações no fogo sagrado, penitência – tudo isso serve para provocar a renúncia. Aquele que não obteve a renúncia conhece seus esforços para ser semelhante aos do homem que puxa os remos durante todo o tempo em que o barco está fundeado. "न प्रजया धनेन त्यागेनैके अमृतत्वमानशुः - Nem por descendência nem por riqueza, mas apenas pela renúncia, alguns (raros) alcançaram a imortalidade" (Kaivalya Upanishad, 3).

Discípulo: A mera renúncia à riqueza e à luxúria conseguirá tudo?

Swamiji: Existem outros obstáculos no caminho mesmo depois de renunciar a esses dois; depois, por exemplo, vem o nome e a fama. Muito poucos homens, a menos que tenham uma força excepcional, conseguem manter o equilíbrio sob isso. As pessoas derramam honras sobre eles, e vários prazeres surgem gradativamente. É por isso que três quartos dos Tyâgis

estão excluídos de novos progressos! Por estabelecer essa matemática e outras coisas, quem sabe, mas terei que voltar novamente!

Discípulo: Se você diz coisas assim, estamos perdidos!

Swamiji: Que medo? "अमीरमीरमी: — Seja destemido, seja destemido, seja destemido!" Você viu Nâg Mahashaya como mesmo vivendo a vida de um chefe de família, ele é mais do que um Sannyâsin! Isto é muito incomum; Raramente vi alguém como ele. Se alguém quiser ser chefe de família, seja como Nag Mahashaya. Ele brilha como uma luminária brilhante no firmamento espiritual de Bengala Oriental. Peça às pessoas daquela parte do país que o visitem com frequência; isso lhes fará muito bem.

Discípulo: Nag Mahashaya, ao que parece, é a personificação viva da humildade na peça do drama divino de Shri Ramakrishna na terra.

Swamiji: Decididamente, sem sombra de dúvida! Tenho vontade de ir vê-lo uma vez. Você irá comigo? Adoro ver os campos inundados pelas chuvas. Você vai escrever para ele?

Discípulo: Certamente irei. Ele fica sempre louco de alegria quando ouve falar de você e diz que Bengala Oriental será santificada como um local de peregrinação pelo pó de seus pés.

Swamiji: Você sabia que Shri Ramakrishna costumava falar de Nag Mahashaya como um “fogo flamejante”?

Discípulo: Sim, foi o que ouvi.

A pedido de Swamiji, o discípulo comeu Prasâda (comida consagrada) e partiu para Calcutá tarde da noite; ele estava pensando profundamente sobre a mensagem de destemor que ouvira dos lábios do inspirado professor - "Estou livre!" "Eu estou livre!"

XIV

(Traduzido do bengali)

RENÚNCIA DE KAMA-KANCHANA — A MISERICÓRDIA DE DEUS CAI SOBRE AQUELES QUE LUTA PELA REALIZAÇÃO — MISERICÓRDIA INCONDICIONAL E BRAHMAN SÃO UM

Discípulo: Shri Ramakrishna costumava dizer, Swamiji, que um homem não pode progredir muito em direção à realização religiosa a menos que primeiro abandone Kâma-Kâanchana (luxúria e ganância). Se sim, o que será dos chefes de família? Pois todas as suas mentes estão voltadas para essas duas coisas.

Swamiji: É verdade que a mente nunca pode voltar-se para Deus até que o desejo de luxúria e riqueza tenha desaparecido dela, seja o homem um chefe de família ou um Sannyâsin. Saiba disso com certeza: enquanto a mente estiver presa a isso, a verdadeira devoção, firmeza e Shraddhâ (fé) nunca poderão surgir.

Discípulo: Onde estarão então os chefes de família? Que caminho eles devem seguir?

Swamiji: Satisfazer nossos desejos menores e acabar com eles para sempre, e abandonar os maiores através da discriminação – esse é o caminho. Sem renúncia, Deus nunca pode ser realizado — यदि ब्रह्मा स्वयं वदेत् — mesmo que o próprio Brahma tenha ordenado o contrário!

Discípulo: Mas a renúncia a tudo ocorre assim que alguém se torna monge?

Swamiji: Os sannyasins estão pelo menos lutando para se prepararem para a renúncia, enquanto os chefes de família são, neste assunto, como barqueiros que trabalham nos remos enquanto o barco está ancorado. O desejo de prazer é sempre apaziguado "भूय एवामिवर्धते - Ele aumenta sempre e sempre" (Bhâgavata, IX. xix. 14).

Discípulo: Por quê? Não poderá surgir o cansaço do mundo, depois de desfrutar repetidamente dos objetos dos sentidos, por um longo tempo?

Swamiji: Para quantos isso chega? A mente fica manchada pelo contato constante com os objetos dos sentidos e recebe deles uma moldagem e uma

impressão permanentes. A Renúncia, e somente a renúncia, é o verdadeiro segredo, o Mulamantra, de toda Realização.

Discípulo: Mas existem injunções dos videntes nas escrituras como estas: "गृहेषु पञ्चेन्द्रियनि गृहस्तपः — Restringir os cinco sentidos enquanto se vive com a esposa e os filhos é Tapas." "निवृत्तरागस्य गृहं तपोवनम् — Para aquele cujos desejos estão sob controle, viver no meio de sua família é o mesmo que se retirar para uma floresta para comer Tapasya."

Swamiji. Abençoados realmente são aqueles que conseguem renunciar ao Kama-Kanchana, vivendo em suas casas com suas famílias! Mas quantos podem fazer isso?

Discípulo: Mas então, e os Sannyasins? Todos eles são capazes de renunciar totalmente à luxúria e ao amor pelas riquezas?

Swamiji: Como eu disse há pouco, os Sannyasins estão no caminho da renúncia, eles entraram em campo, pelo menos, para lutar pela meta; mas os chefes de família, por outro lado, não tendo ainda conhecimento do perigo que advém da luxúria e da ganância, nem sequer tentam realizar o Ser; que eles devem lutar para se livrar deles é uma ideia que ainda não passou por suas mentes.

Discípulo: Mas muitos deles estão lutando por isso.

Swamiji: Ah, sim, e aqueles que estão fazendo isso certamente renunciarão gradativamente; o seu apego excessivo ao Kama-Kanchana diminuirá gradualmente. Mas para aqueles que procrastinam, dizendo: "Oh, não tão cedo! Farei isso quando chegar a hora", a Auto-realização está muito distante. "Deixe-me perceber a Verdade neste momento! Nesta mesma vida!" - estas são as palavras de um herói. Esses heróis estão sempre prontos para renunciar no momento seguinte, e para eles a escritura (Jâbâla Upanishad, 3.) diz: "यदहरेव विरजेत् तदहरेव प्रव्रजेत् - No momento em que você sentir nojo pelas vaidades do mundo, deixe tudo e aceite para a vida de um monge."

Discípulo: Mas Shri Ramakrishna não costumava dizer: "Todos esses apegos desaparecem pela graça de Deus quando alguém ora a Ele?"

Swamiji: Sim, é assim, sem dúvida, através da Sua misericórdia, mas é preciso primeiro ser puro antes de poder receber esta misericórdia – puro em pensamento, palavra e ação; então é que Sua graça desce sobre alguém.

Discípulo: Mas de que necessidade é a graça para aquele que pode controlar-se em pensamentos, palavras e ações? Pois então ele seria capaz de desenvolver-se no caminho da espiritualidade por meio de seus próprios esforços!

Swamiji: O Senhor é muito misericordioso com aquele a quem Ele vê lutando de coração e alma pela Realização. Mas permaneça ocioso, sem qualquer luta, e você verá que Sua graça nunca chegará.

Discípulo: Todos desejam ser bons, mas a mente, por algumas razões inescrutáveis, volta-se para o mal! Todos não desejam ser bons – ser perfeitos – para realizar Deus?

Swamiji: Saiba que aqueles que desejam isso já estão lutando. Deus concede Sua misericórdia quando essa luta é mantida.

Discípulo: Na história das Encarnações, encontramos muitas pessoas que, deveríamos dizer, levaram vidas muito dissipadas e ainda assim foram capazes de realizar Deus sem muitos problemas e sem realizar qualquer Sâdhanâ ou devoção. Como isso é contabilizado?

Swamiji: Sim, mas uma grande inquietação já deve ter tomado conta deles; o prazer prolongado dos objetos dos sentidos já deve ter criado neles um profundo desgosto. A falta de paz devia estar consumindo seus corações. Tão profundamente eles já haviam sentido esse vazio em seus corações que a vida, mesmo que por um momento, lhes parecesse insuportável, a menos que pudessem obter aquela paz que segue o caminho da misericórdia do Senhor. Então Deus foi gentil com eles. Este desenvolvimento ocorreu neles diretamente de Tamas para Sattva.

Discípulo: Então, qualquer que tenha sido o caminho, pode-se dizer que eles realizaram Deus verdadeiramente dessa forma?

.

Swamiji: Sim, por que não? Mas não é melhor entrar numa mansão pela entrada principal do que pela porta da desonra?

Discípulo: Sem dúvida isso é verdade. No entanto, está estabelecido que somente através da misericórdia alguém pode realizar Deus.

Swamiji: Oh, sim, isso pode ser feito, mas na verdade são poucos os que o fazem!

Discípulo: Parece-me que aqueles que procuram realizar Deus restringindo seus sentidos e renunciando à luxúria e à riqueza se apegam à teoria (do livre arbítrio) do esforço próprio e da autoajuda; e que aqueles que tomam o nome do Senhor e dependem Dele são libertados pelo próprio Senhor de todos os apegos mundanos e conduzidos por Ele ao estágio supremo de realização.

Swamiji: É verdade, esses são os dois pontos de vista diferentes, o primeiro sustentado pelos Jnânis, e o último pelos Bhaktas. Mas o ideal da renúncia é a tônica de ambos.

Discípulo: Não há dúvida disso! Mas Shri Girish Chandra Ghosh (o grande ator-dramatista bengali, um devoto convicto de Shri Ramakrishna) uma vez me disse que não poderia haver condição na misericórdia de Deus; não poderia haver lei para isso! Se houvesse, então não poderia mais ser chamado de misericórdia. O reino da graça ou misericórdia deve transcender toda lei.

Swamiji: Mas deve haver alguma lei superior em ação na esfera aludida por G. C. e da qual ignoramos. Estas são palavras, na verdade, para o último estágio de desenvolvimento, o único que está além do tempo, do espaço e da causalidade. Mas, quando chegarmos lá, quem será misericordioso e para quem, onde não há lei de causalidade? Ali, o adorador e o adorador, o meditador e o objeto de meditação, o conhecedor e o conhecido, todos se tornam um – chame isso de Graça ou Brahman, se preferir. É tudo uma entidade uniforme e homogênea!

Discípulo: Ouvindo essas palavras de você, Swamiji, cheguei a compreender a essência de toda filosofia e religião (Vedas e Vedanta); parece que até então eu tinha vivido no meio de palavras altissonantes e sem qualquer sentido.

XV

(Traduzido do bengali)

DOUTRINA DE AHIMSA E COMER CARNE - SATTVA, RAJAS, TAMAS NO HOMEM - ALIMENTAÇÃO E ESPIRITUALIDADE - 'ÂHÂRA' - TRÊS DEFEITOS NA ALIMENTAÇÃO - NÃO TOQUE E PRECONCEITOS DE CASTA - RESTAURANDO O VELHO CHATURVARNYA E AS LEIS DOS RISHIS

Discípulo: Por favor, Swamiji, diga-me se existe alguma relação entre a discriminação dos alimentos ingeridos e o desenvolvimento da espiritualidade no homem.

Swamiji: Sim, existe, mais ou menos.

Discípulo: É correto ou necessário comer peixe e carne?

Swamiji: Sim, leve-os, meu rapaz! E se houver algum mal em fazer isso, eu cuidarei disso. Vejam as massas do nosso país! Que olhar de tristeza em seus rostos e falta de coragem e entusiasmo em seus corações, com estômagos grandes e sem força nas mãos e nos pés - um bando de covardes assustados com cada ninharia!

Discípulo: Comer peixe e carne dá força? Por que o Budismo e o Vaishnavismo pregam “अहिंसा परमो धर्मः – Não matar é a virtude mais elevada”?

Swamiji: Budismo e Vaishnavismo não são duas coisas diferentes. Durante o declínio do Budismo na Índia, o Hinduísmo tirou dela alguns princípios fundamentais de conduta e os tornou seus, e estes agora são conhecidos como Vaishnavismo. O princípio budista, “Não matar é a virtude suprema”, é muito bom, mas ao tentar aplicá-lo a todos através de legislação, sem prestar qualquer atenção às capacidades do povo em geral, o Budismo trouxe a ruína à Índia. Já encontrei muitas "garças religiosas"! [50] na Índia, que alimentou formigas com açúcar e ao mesmo tempo não hesitaria em arruinar seu próprio irmão por causa do "lucro imundo"!

Discípulo: Mas nos Vedas, assim como nas leis de Manu, há injunções para comer peixe e carne.

Swamiji: Sim, e injunções para se abster de matar também. Pois os Vedas ordenam: "मा हिंस्यात् सर्वभूतानि - Não cause dano a nenhum ser"; Manu também diz: "निवृत्तिस्तु महाफला — A cessação do desejo traz ótimos resultados." Matar e não matar foram ambos proibidos, de acordo com a capacidade individual, ou aptidão e adaptabilidade daqueles que irão observar uma prática ou outra.

Discípulo: Hoje em dia está na moda desistir de peixe e carne assim que se adota a religião, e para muitos é mais pecaminoso não fazê-lo do que cometer pecados tão grandes como o adultério. Como você acha que tais noções surgiram?

Swamiji: Qual é a utilidade de você saber como elas surgiram, quando você vê claramente, não é, que tais noções estão causando a ruína ao nosso país e à nossa sociedade? Veja só: o povo de Bengala Oriental come muito peixe, carne e tartarugas e é muito mais saudável do que os desta parte de Bengala. Mesmo os homens ricos de Bengala Oriental ainda não frequentaram Loochis ou Châpâtis à noite e não sofrem de acidez e dispepsia como nós. Ouvi dizer que nas aldeias de Bengala Oriental as pessoas não têm a menor ideia do que significa dispepsia!

Discípulo: É verdade, Swamiji. Nunca reclamamos de dispepsia na nossa parte do país. Ouvi falar dele pela primeira vez depois de vir para cá. Comemos peixe com arroz, de manhã e à noite.

Swamiji: Sim, aceite o máximo que puder, sem temer críticas. O país foi inundado por Bâbâjis dispépticos que vivem apenas de vegetais. Isso não é sinal de Sattva, mas de Tamas profundo – a sombra da morte. Brilho no rosto, entusiasmo destemido no coração e tremenda atividade – tudo isso resulta de Sattva; enquanto a ociosidade, a letargia, o apego desordenado e o sono são sinais de Tamas.

Discípulo: Mas o peixe e a carne não aumentam Rajas no homem?

Swamiji: Isso é o que eu quero que você tenha. Rajas é extremamente necessário agora! Mais de noventa por cento daqueles que vocês agora

consideram serem homens com a qualidade Sattva, estão apenas imersos nos Tamas mais profundos. Chega, se você descobrir que um décimo sexto deles é realmente Sâttvika! O que queremos agora é um imenso despertar da energia Râjasika, pois todo o país está envolto na mortalha de Tamas. As pessoas desta terra devem ser alimentadas e vestidas – devem ser despertadas – devem tornar-se mais activas. Caso contrário, tornar-se-ão inertes, tão inertes como árvores e pedras. Então eu digo, coma bastante peixe e carne, meu rapaz!

Discípulo: O gosto por peixe e carne permanece quando alguém desenvolveu completamente a qualidade Sattva?

Swamiji: Não, não importa. Todo gosto por peixe e carne desaparece quando o Sattva puro é altamente desenvolvido, e estes são os sinais de sua manifestação na alma: sacrifício de tudo pelos outros, perfeito desapego à luxúria e à riqueza, falta de orgulho e egoísmo. O desejo por comida animal desaparece quando essas coisas são vistas no homem. E onde tais indicações estão ausentes, e ainda assim você encontra homens do lado do partido que não mata, saiba com certeza que aqui há hipocrisia ou uma demonstração de religião. Quando você chegar ao estágio de Sattva puro, desista do peixe e da carne, por favor.

Discípulo: No Chhândogya Upanishad (VII. xxvi. 2) há esta passagem, "आहारशुद्धौ सत्त्वशुद्धिः — Através da comida pura a qualidade Sattva em um homem se torna pura."

Swamiji: Sim, eu sei. Shankarâchârya disse que a palavra Âhâra significa "objetos dos sentidos", enquanto Shri Râmânua considerou o significado de Ahara como "comida". Na minha opinião, deveríamos adotar o significado da palavra que concilia ambos os pontos de vista. Devemos passar a vida discutindo o tempo todo apenas sobre a pureza e a impureza dos alimentos, ou devemos praticar a restrição dos nossos sentidos? Certamente, a restrição dos sentidos é o objetivo principal; e a discriminação entre alimentos bons e maus, puros e impuros, apenas ajuda, até certo ponto, a alcançar esse fim. Existem, de acordo com nossas escrituras, três coisas que tornam os alimentos impuros: (1) Jâti-dosha ou defeitos naturais de uma determinada classe de alimentos, como cebola, alho, etc.; (2) Nimitta-dosha ou defeitos decorrentes da presença de impurezas externas nele, como insetos mortos,

poeira, etc., que se fixam em doces comprados em lojas; (3) Âshraya-dosha ou defeitos que surgem devido ao alimento proveniente de fontes malignas, como quando foi tocado e manuseado por pessoas más. Deve-se tomar cuidado especial para evitar a primeira e a segunda classes de defeitos. Mas neste país os homens não prestam atenção apenas a estes dois e continuam lutando apenas pelo terceiro, aquele que ninguém, exceto um Yogi, poderia realmente discriminar! O país de ponta a ponta está sendo entediado até a extinção pelo grito “Não toque”, “Não toque”, do partido do não-tocismo. Nesse círculo exclusivo deles, também, não há discriminação entre homens bons e maus, pois sua comida pode ser tirada das mãos de qualquer um que use um fio em volta do pescoço e se autodenomina brâmane! Shri Ramakrishna era totalmente incapaz de tirar comida desta forma indiscriminada das mãos de todo e qualquer um. Aconteceu muitas vezes que ele não aceitava alimentos tocados por determinada pessoa ou pessoas, e após investigação rigorosa descobriu-se que estes tinham alguma mancha específica a esconder. Sua religião parece hoje em dia estar confinada apenas à panela. Você deixa de lado as sublimes verdades da religião e luta, como dizem, pela casca da fruta e não pela fruta em si!

Discípulo: Você quer dizer, então, que devemos comer os alimentos manuseados por qualquer pessoa?

Swamiji: Por que isso? Olhe aqui. Você sendo brâmane de uma certa classe, digamos, da classe Bhattâcharya, por que você não deveria comer arroz cozido por brâmanes de todas as classes? Por que você, que pertence à seção Rârhi, deveria se opor a aceitar arroz cozido por um brâmane da seção Barendra, ou por que um Barendra deveria se opor a aceitar o seu arroz? Novamente, por que não deveriam as outras subcastas no oeste e no sul da Índia, por ex. os Marathi, Telangi, Kanouji, fazem o mesmo? Você não vê que centenas de brâmanes e kayasthas em Bengala agora vão secretamente comer iguarias em restaurantes públicos e, quando saem desses lugares, fingem ser líderes da sociedade e estabelecem regras para apoiar o não-tocismo. Será que a nossa sociedade deve realmente ser guiada por leis ditadas por tais hipócritas? Não, eu digo. Pelo contrário, devemos expulsá-los. As leis estabelecidas pelos grandes Rishis de antigamente devem ser trazidas de volta e governadas supremamente mais uma vez. Somente então o bem-estar nacional poderá ser nosso.

Discípulo: Então, as leis estabelecidas pelos Rishis não governam e orientam a nossa sociedade atual?

Swamiji: Vã ilusão! Onde, de fato, é esse o caso hoje em dia? Em nenhum lugar encontrei as leis dos Rishis vigentes na Índia, mesmo quando durante minhas viagens procurei cuidadosa e minuciosamente. Os costumes cegos e muitas vezes sem sentido sancionados pelo povo, os preconceitos e ideias locais, e os usos e cerimoniais prevalecentes entre as mulheres, são o que realmente governam a sociedade em todo o mundo! Quantos se preocupam em ler os Shâstras ou em liderar a sociedade de acordo com suas ordenanças, após estudo cuidadoso?

Discípulo: O que devemos fazer então?

Swamiji: Devemos reviver as antigas leis dos Rishis. Devemos iniciar todo o povo nos códigos do nosso antigo Manu e Yâjnavaalkya, com algumas modificações aqui e ali para ajustá-los às novas circunstâncias da época. Você não vê que em nenhum lugar da Índia agora se encontram as quatro castas originais (Châturvarnya)? Temos que redividir toda a população hindu, agrupando-a nas quatro castas principais, de Brâmanes, Kshatriyas, Vaishyas e Shudras, como antigamente. As inúmeras subdivisões modernas dos brâmanes que os dividiram em tantas castas, por assim dizer, devem ser abolidas e uma única casta brâmane deve ser criada unindo todos eles. Cada uma das três castas restantes também terá que ser reunida de forma semelhante em grupos únicos, como foi o caso nos tempos védicos. Sem isso a Pátria será realmente beneficiada pelo simples fato de vocês chorarem como fazem hoje em dia: “Não tocaremos em você!; Não o aceitaremos de volta à nossa casta!”? Nunca, meu menino!

5.6 PROVÉRBIOS E ENUNCIACÕES

1. O homem nasceu para conquistar a natureza e não para segui-la.
2. Quando você pensa que é um corpo, está separado do universo; quando você pensa; você é uma alma, você é uma centelha do grande Fogo Eterno; quando você pensa que é o Âtman (Eu), você é Tudo.

3. A vontade não é livre – é um fenômeno limitado por causa e efeito – mas há algo por trás da vontade que é livre.

4. A força está na bondade, na pureza.

5. O universo é – Deus objetivado.

6. Você não pode acreditar em Deus até acreditar em si mesmo.

7. A raiz do mal está na ilusão de que somos corpos. Este, se houver, é o pecado original.

8. Uma parte diz que o pensamento é causado pela matéria e a outra diz que a matéria é causada pelo pensamento. Ambas as afirmações estão erradas; matéria e pensamento são coexistentes. Há um terceiro algo do qual tanto a matéria como o pensamento são produtos.

9. Assim como as partículas de matéria se combinam no espaço, as ondas mentais se combinam no tempo.

10. Definir Deus é moer o que já está fundamentado; pois Ele é o único ser que conhecemos.

11. A religião é a ideia que eleva o animal ao homem e o homem a Deus.

12. A natureza externa é apenas a natureza interna em grande escala.

13. O motivo é a medida do seu trabalho. Que motivo pode ser mais elevado do que o fato de você ser Deus e o homem inferior também ser Deus?

14. O observador no mundo psíquico precisa ser muito forte e treinado cientificamente.

15. Acreditar que a mente é tudo, que o pensamento é tudo, é apenas um materialismo superior.

16. Este mundo é o grande ginásio onde viemos para nos fortalecer.

17. Você não pode ensinar uma criança mais do que pode cultivar uma planta. Tudo o que você pode fazer é olhar para o lado negativo – você só pode ajudar. É uma manifestação interior; ele desenvolve sua própria natureza – você só pode remover obstruções.

18. Assim que você cria uma seita, você protesta contra a fraternidade universal. Aqueles que realmente sentem a fraternidade universal não falam muito, mas as suas próprias ações falam alto.

19. A verdade pode ser declarada de mil maneiras diferentes, mas cada uma delas pode ser verdadeira.

20. Você tem que crescer de dentro para fora. Ninguém pode ensiná-lo, ninguém pode torná-lo espiritual. Não há outro professor além de sua própria alma.

21. Se numa cadeia infinita alguns elos podem ser explicados, pelo mesmo método todos podem ser explicados.

22. Atingiu a imortalidade aquele homem que não é perturbado por nada material.

23. Tudo pode ser sacrificado pela verdade, mas a verdade não pode ser sacrificada por nada.

24. A busca pela verdade é a expressão da força – não o tatear de um homem fraco e cego.

25. Deus tornou-se homem; o homem se tornará Deus novamente.

26. É conversa de criança que um homem morre e vai para o céu. Nós nunca vamos nem vamos. Estamos onde estamos. Todas as almas que existiram, existem e existirão estão em um ponto geométrico.

27. Aquele cujo livro do coração foi aberto não precisa de outros livros. Seu único valor é criar desejo em nós. Eles são apenas as experiências dos outros.

28. Tenha caridade para com todos os seres. Tenha pena daqueles que estão em perigo. Ame todas as criaturas. Não tenha ciúmes de ninguém. Não olhe para as falhas dos outros.

29. O homem nunca morre, nem nasce; os corpos morrem, mas ele nunca morre.

30. Ninguém nasce numa religião, mas cada um nasce para uma religião.

31. Existe realmente apenas um Eu no universo, todo o resto nada mais é do que Suas manifestações.

32. Todos os fiéis estão divididos entre as massas comuns e os poucos valentes.

33. Se é impossível atingir a perfeição aqui e agora, não há provas de que possamos atingir a perfeição em qualquer outra vida.

34. Se conheço perfeitamente um pedaço de barro, conheço todo o barro que existe. Este é o conhecimento dos princípios, mas as suas adaptações são diversas. Quando você se conhece, você conhece tudo.

35. Pessoalmente, aceito o máximo dos Vedas que esteja de acordo com a razão. Partes dos Vedas são aparentemente contraditórias. Eles não são considerados inspirados no sentido ocidental da palavra, mas como a soma do conhecimento de Deus, a onisciência. Esse conhecimento surge no início de um ciclo e se manifesta; e quando o ciclo termina, ele assume a forma diminuta. Quando o ciclo é projetado novamente, esse conhecimento é projetado novamente com ele. Até agora a teoria está correta. Mas que apenas esses livros chamados Vedas são Seu conhecimento é mero sofisma. Manu diz de uma só vez que aquela parte dos Vedas que concorda com a razão são os Vedas e nada mais. Muitos de nossos filósofos adotaram essa visão.

36. De todas as escrituras do mundo, são apenas os Vedas que declaram que mesmo o estudo dos Vedas é secundário. O verdadeiro estudo é “aquele pelo qual realizamos o Imutável”. E isso não é leitura, para acreditar, nem raciocínio, mas percepção superconsciente, ou Samâdhi.

37. Já fomos animais inferiores. Achamos que eles são algo diferente de nós. Ouvi dizer que os ocidentais dizem: “O mundo foi criado para nós”. Se os tigres pudessem escrever livros, eles diriam que o homem foi criado para eles e que o homem é um animal muito pecaminoso, porque não permite que ele (o tigre) o pegue facilmente. O verme que rasteja sob seus pés hoje é um futuro Deus.

38. “Eu gostaria muito que nossas mulheres tivessem a sua intelectualidade, mas não se isso fosse à custa da pureza”, disse Swami Vivekananda em Nova York. “Admiro você por tudo o que você sabe, mas não gosto da maneira como você cobre o que é ruim com rosas e o chama de bom. A intelectualidade não é o bem maior. Moralidade e espiritualidade são as coisas pelas quais nos esforçamos. Nossas mulheres não são tão aprendidos, mas eles são mais puros.

"Para todas as mulheres, todo homem, exceto o marido, deve ser como seu filho. Para todos os homens, toda mulher, exceto sua própria esposa, deve ser como sua mãe. Quando olho ao meu redor e vejo o que você chama de galanteria, minha alma se enche de desgosto. Não até que você aprenda a ignorar a questão do sexo e a se encontrar em uma base de humanidade comum, suas mulheres realmente se desenvolverão. Até então, elas serão brinquedos, nada mais. Seus homens se curvarão e oferecerão uma cadeira. mas em outro momento eles oferecem elogios. Eles dizem: 'Oh, senhora, como são lindos seus olhos!' Que direito eles têm de fazer isso? Como um homem ousa se aventurar tão longe, e como vocês, mulheres, podem permitir que tais coisas desenvolvam o lado menos nobre da humanidade?

"Não deveríamos pensar que somos homens e mulheres, mas apenas que somos seres humanos, nascidos para cuidar e ajudar uns aos outros. Assim que um jovem e uma jovem são deixados sozinhos, ele a elogia e talvez antes de se casar, ele já cortejou duzentas mulheres. Bah! Se eu pertencesse ao grupo de casados, poderia encontrar uma mulher para amar sem tudo isso!

"Quando estive na Índia e vi estas coisas de fora, disseram-me que estava tudo bem, era apenas uma brincadeira e eu acreditei. Mas tenho viajado desde então e sei que não está certo. Está errado, somente vocês do Ocidente fecham os olhos e consideram isso bom. O problema com as

nações do Ocidente é que elas são jovens, tolas, inconstantes e ricas. quatro, são combinados, cuidado!"

Mas por mais severo que fosse o Swami com todos, Boston recebeu o golpe mais duro:

"De todas, Boston é a pior. Lá as mulheres são todas modistas, todas inconstantes, apenas decididas a seguir algo novo e estranho."

39. "Onde está a espiritualidade que se esperaria num país", disse ele na América, "que se orgulha tanto da sua civilização?"

40. "Aqui" e "depois" são palavras para assustar as crianças. Está tudo "aqui". Para viver e mover-se em Deus mesmo aqui, mesmo neste corpo, todo o eu deveria sair, ali; a superstição deve ser banida. Essas pessoas vivem na Índia. Onde estão esses neste país (América)? Seus pregadores falam contra os sonhadores. O povo deste país estaria melhor se houvesse mais sonhadores. Há uma grande diferença entre sonhar e gabar-se do século XIX. O mundo inteiro está cheio de Deus e não de pecado. Ajudemo-nos uns aos outros, amemos uns aos outros.

41. Deixe-me morrer como um verdadeiro Sannyâsin como meu Mestre morreu, indiferente ao dinheiro, às mulheres e à fama! E destes o mais insidioso é o amor à fama!

42. Nunca falei em vingança, sempre falei em força. Sonhamos em nos vingar desta gota de água do mar? Mas é uma grande coisa para um mosquito!

43. "Esta é uma grande terra", disse Swamiji em uma ocasião na América, "mas eu não gostaria de viver aqui. Os americanos dão muita importância ao dinheiro. Quando sua nação for tão antiga quanto a nossa, você será mais sábio."

44. Pode ser que eu ache bom sair do meu corpo – jogá-lo fora como uma roupa fora de uso. Mas não deixarei de trabalhar! Inspirarei os homens em todos os lugares, até que o mundo saiba que é um com Deus.

45. Tudo o que sou, tudo o que o próprio mundo algum dia será, é devido ao meu Mestre, Shri Ramakrishna, que encarnou, experimentou e ensinou esta unidade maravilhosa que está na base de tudo, tendo-a descoberto tanto no Hinduísmo, no Islã, e no Cristianismo.

46. Dê rédea solta ao órgão do paladar, e os outros órgãos também funcionarão desenfreadamente.

47. Jnâna, Bhakti, Yoga e Karma – estes são os quatro caminhos que conduzem à salvação. É preciso seguir o caminho para o qual é mais adequado; mas nesta era deve-se dar ênfase especial ao Karma-Yoga.

48. A religião não é algo de imaginação, mas de percepção direta. Aquele que viu até mesmo um único espírito é maior do que muitos Pandit instruídos nos livros.

49. Certa vez, Swamiji estava elogiando muito alguém; com isso, alguém sentado perto dele disse: "Mas ele não acredita em você". Ao ouvir isso, Swamiji respondeu imediatamente: "Existe alguma declaração legal de que ele deveria fazer isso? Ele está fazendo um bom trabalho e, portanto, é digno de elogio."

50. No domínio da religião verdadeira, o aprendiz livresco não tem o direito de entrar.

51. A queda de uma seita religiosa começa no dia em que nela entra o culto aos ricos.

52. Se você quiser fazer algo de mal, faça-o diante dos olhos de seus superiores.

53. Pela graça do Guru, um discípulo se torna um Pandit (estudioso) mesmo sem ler livros.

54. Não existe pecado nem virtude: existe apenas ignorância. Pela compreensão da não-dualidade, esta ignorância é dissipada.

55. Os movimentos religiosos vêm em grupos. Cada um deles tenta se elevar acima dos demais. Mas via de regra apenas um deles realmente cresce em força, e isso, no longo prazo, engole todos os movimentos contemporâneos.

56. Quando Swamiji estava em Ramnad, ele disse no decorrer de uma conversa que Shri Râma era o Paramâtman e que Sitâ era o Jivâtman, e o corpo de cada homem ou mulher era o Lanka (Ceilão). O Jivatman que foi encerrado no corpo, ou capturado na ilha de Lankâ, sempre desejou estar em afinidade com o Paramatman, ou Shri Rama. Mas os Râkshasas não permitiram isso, e os Rakshasas representavam certos traços de caráter. Por exemplo, Vibhishana representou Sattva Guna; Ravana, Rajas; e Kumbhakarna, Tamas. Sattva Guna significa bondade; Rajas significa luxúria e paixões, e Tamas escuridão, estupor, avareza, malícia e seus concomitantes. Estas Gunas impedem que Sita, ou Jivatman, que está no corpo, ou Lanka, se junte a Paramatman, ou Rama. Sita, assim aprisionada e tentando unir-se ao seu Senhor, recebe a visita de Hanumân, o Guru ou professor divino, que lhe mostra o anel do Senhor, que é Brahma-Jnâna, a sabedoria suprema que destrói todas as ilusões; e assim Sita encontra o caminho para se unir a Shri Rama, ou, em outras palavras, o Jivatman se encontra um com o Paramatman.

57. Um verdadeiro cristão é um verdadeiro hindu, e um verdadeiro hindu é um verdadeiro cristão.

58. Todas as mudanças sociais saudáveis são manifestações das forças espirituais que trabalham internamente e, se estas forem fortes e bem ajustadas, a sociedade organizar-se-á em conformidade. Cada indivíduo tem que desenvolver a sua própria salvação; não há outro caminho, e o mesmo acontece com as nações. Mais uma vez, as grandes instituições de cada nação são as condições da sua própria existência e não podem ser transformadas pelo molde de qualquer outra raça. Até que as instituições superiores tenham evoluído, qualquer tentativa de quebrar as antigas será desastrosa. O crescimento é sempre gradual.

É muito fácil apontar os defeitos das instituições, sendo todas mais ou menos imperfeitas, mas ele é o verdadeiro benfeitor da humanidade que ajuda o indivíduo a superar as suas imperfeições sob quaisquer instituições

em que viva. Com os indivíduos sendo criados, a nação e as suas instituições estão fadadas a crescer. Os maus costumes e as leis são ignorados pelos virtuosos, e leis não escritas, mas mais poderosas, de amor, simpatia e integridade tomam o seu lugar. Feliz é a nação que consegue atender à necessidade de poucos livros jurídicos e não precisa mais se preocupar com esta ou aquela instituição. Os bons homens superam todas as leis e ajudarão os seus semelhantes a ascenderem quaisquer que sejam as condições em que vivam.

A salvação da Índia, portanto, depende da força do indivíduo e da compreensão, por parte de cada homem, da divindade interior.

59. A espiritualidade nunca poderá ser alcançada até que a materialidade desapareça.

60. O primeiro discurso do Gita pode ser interpretado alegoricamente.

61. “Swami, você não tem ideia do tempo”, comentou um devoto americano impaciente, com medo de perder um navio a vapor. “Não”, respondeu Swamiji calmamente, “você vive no tempo; nós vivemos na eternidade!”

62. Sempre deixamos o sentimento usurpar o lugar do dever e nos gabarmos de que estamos agindo em resposta ao amor verdadeiro.

63. Devemos ir além do emocionalismo se quisermos ter o poder de renunciar. A emoção pertence aos animais. Eles são criaturas inteiramente emocionais.

64. Não é um sacrifício de alto nível morrer pelos jovens. Os animais fazem isso, e tão prontamente quanto qualquer mãe humana já fez. Não é sinal de amor verdadeiro fazer isso; é apenas emoção cega.

65. Estamos sempre tentando fazer com que nossa fraqueza pareça força, nosso sentimento como amor, nossa covardia como coragem e assim por diante.

66. Diga à sua alma em relação às vaidades, fraquezas, etc.: “Isto não lhe convém. Isto não lhe convém”.

67. Nunca amei o marido, a esposa, por causa da esposa, ou a esposa, o marido, por causa do marido. É Deus na esposa que o marido ama, e Deus no marido que a esposa ama. É Deus em cada um que nos atrai a quem amamos, Deus em tudo e em todos que nos faz amar. Deus é o único amor.

68. Ah, se vocês se conhecessem! Vocês são almas; vocês são deuses. Se alguma vez tiver vontade de blasfemar, é; é quando eu te ligo, cara.

69. Em todos está Deus, o Atman; tudo o mais é apenas sonho, uma ilusão.

70. Se não encontro bem-aventurança na vida do Espírito, procurarei satisfação na vida dos sentidos? Se não consigo obter néctar; devo cair na água da vala? O pássaro chamado Châtaka bebe apenas das nuvens, sempre gritando enquanto voa: "Água pura! Água pura!" E nenhuma tempestade ou tempestade o faz vacilar ou descer para beber da terra.

71. Qualquer seita que possa ajudá-lo a compreender Deus é bem-vinda. A religião é a realização de Deus.

72. Um ateu pode ser caridoso, mas não religioso. Mas o homem religioso deve ser caridoso.

73. Todos naufragam na rocha do pretense Guruismo, exceto aquelas almas que nasceram para serem Gurus.

74. O homem é um composto de animalidade, humanidade e divindade.

75. O termo “progresso social” tem tanto significado como “gelo quente” ou “luz negra”. Em última análise, não existe “progresso social”!

76. As coisas não melhoram, mas nós melhoramos, fazendo mudanças nelas.

77. Deixe-me ajudar meus semelhantes; isso é tudo que procuro.

78. "Não", disse o Swami, muito suavemente, em resposta a uma pergunta em Nova York, "eu não acredito no oculto. Se uma coisa é irreal, não é. O que é irreal não existe. Coisas estranhas são fenômenos naturais. Eu sei que eles são assuntos de ciência, então eles não são ocultos para mim. Eu não acredito em sociedades ocultas.

79. Existem quatro tipos gerais de homens – o racional, o emocional, o místico e o trabalhador. Para cada um deles devemos fornecer formas adequadas de adoração. Aí vem o homem racional, que diz: "Não me importo com esta forma de adoração. Dê-me o filosófico, o racional - que eu possa apreciar." Assim, para o homem racional é o culto filosófico racional.

Aí vem o trabalhador. Ele diz: "Não me importo com a adoração do filósofo. Dê-me trabalho para fazer pelos meus semelhantes." Assim, para ele é fornecido o trabalho como caminho de adoração. Quanto ao místico e ao emocional, temos os seus respectivos modos de devoção. Todos estes homens têm, na religião, os elementos da sua fé.

80. Eu defendo a verdade. A verdade nunca se aliará à falsidade. Mesmo que todo o mundo esteja contra mim, a Verdade deve prevalecer no final.

81. Onde quer que você veja as ideias mais humanitárias caírem nas mãos da multidão, o primeiro resultado que você nota é a degradação. É o aprendizado e o intelecto que ajudam a manter as coisas seguras. São os cultos de uma comunidade que são os verdadeiros guardiões da religião e da filosofia na sua forma mais pura. É essa forma que serve de índice da condição intelectual e social de uma comunidade.

82. "Eu não venho", disse Swamiji em uma ocasião na América, "para convertê-lo a uma nova crença. Quero que você mantenha sua própria crença; quero fazer do Metodista um Metodista melhor; do Presbiteriano, um Presbiteriano melhor". ; o Unitarista, um Unitariano melhor. Quero ensiná-lo a viver a verdade, a revelar a luz dentro de sua própria alma.

83. A felicidade se apresenta diante do homem, usando na cabeça a coroa da tristeza. Quem a acolhe também deve acolher a tristeza.

84. É livre, é grande, quem dá as costas ao mundo, que renunciou a tudo, que controlou a sua paixão e que tem sede de paz. Pode-se obter independência política e social, mas se for escravo das suas paixões e desejos, não poderá sentir a pura alegria da verdadeira liberdade.

85. Fazer o bem aos outros é virtude (Dharma); ferir os outros é pecado. Força e masculinidade são virtudes; fraqueza e covardia são pecado. Independência é virtude; dependência é pecado. Amar os outros é virtude; odiar os outros é pecado. A fé em Deus e em si mesmo é virtude; dúvida é pecado. O conhecimento da unidade é virtude; ver a diversidade é pecado. As diferentes escrituras mostram apenas os meios de alcançar a virtude.

86. Quando, pelo raciocínio, a Verdade é compreendida pelo intelecto, então ela é realizada no coração, a fonte do sentimento. Assim a cabeça e o coração iluminam-se ao mesmo tempo; e somente então, como diz o Upanishad, “O nó do coração se rompe e todas as dúvidas cessam” (Mundaka Upanishad, II.ii.8).

Quando nos tempos antigos este conhecimento (Jnâna) e este sentimento (Bhâva) floresceram simultaneamente no coração do Rishi, então a Mais Alta Verdade tornou-se poética, e então os Vedas e outras escrituras foram compostas. É por esta razão que descobrimos, ao estudá-los, que as duas linhas paralelas de Bhava e Jnana finalmente se encontraram, por assim dizer, no plano dos Vedas e tornaram-se combinadas e inseparáveis.

87. As escrituras de diferentes religiões apontam diferentes meios para alcançar os ideais de amor universal, liberdade, masculinidade e benevolência altruísta. Cada seita religiosa está geralmente em desacordo quanto à sua ideia do que é virtude e do que é vício, e luta com outras sobre os meios de alcançar a virtude e evitar o vício, em vez de visar a realização do fim. Todos os meios são mais ou menos úteis, e o Gita (XVIII.48) diz: “Todo empreendimento é acompanhado de defeitos como fogo com fumaça”; portanto, os meios sem dúvida parecerão mais ou menos defeituosos. Mas como devemos alcançar a virtude mais elevada através dos meios estabelecidos em nossas respectivas escrituras, devemos tentar o nosso melhor para segui-los. Além disso, devem ser temperados com razão e discriminação. Assim, à medida que progredimos, o enigma da virtude e do vício será resolvido por si só.

88. Quantos em nosso país realmente entendem os Shastras hoje em dia? Eles aprenderam apenas palavras como Brahman, Maya, Prakriti e assim por diante, e confundem suas cabeças com elas. Deixando de lado o verdadeiro significado e propósito dos Shastras, eles lutam apenas pelas palavras. Se os Shastras não podem ajudar todos os homens em todas as condições e em todos os momentos, então para que servem tais Shastras? Se os Shastras mostram o caminho apenas para os Sannyasins e não para os chefes de família, então que necessidade tem um chefe de família de tais Shastras unilaterais? Se os Shastras só puderem ajudar os homens quando eles abandonarem todo o trabalho e se retirarem para as florestas, e não puderem mostrar o caminho para acender a lâmpada da esperança nos corações dos homens do mundo do trabalho diário - em meio ao seu trabalho diário, doença, miséria e pobreza, no desânimo do penitente, na autocensura dos oprimidos, no terror do campo de batalha, na luxúria, raiva e prazer, na alegria da vitória, na escuridão da derrota e, finalmente, na temida noite da morte – então a humanidade fraca não terá necessidade de tais Shastras, e tais Shastras não serão Shastras de forma alguma!

89. Através do Bhoga (prazer) o Yoga chegará com o tempo. Mas, infelizmente, tal é a sorte dos meus compatriotas que, para não falar em possuir yoga, eles não conseguem nem ter um pouco de Bhoga! Sofrendo todos os tipos de indignidades, eles só conseguem, com a maior dificuldade, satisfazer as necessidades mais básicas do corpo - e mesmo isso nem todos podem fazer! É estranho que tal estado de coisas não perturbe o nosso sono e não nos desperte para os nossos deveres imediatos.

90. Agite sempre por seus direitos e privilégios, mas lembre-se de que, enquanto não nos elevarmos verdadeiramente despertando intensamente o sentimento de respeito próprio na nação, nossa esperança de obter direitos e privilégios será como o dia -sonho de Alnascar.

91. Quando nasce um gênio de um homem com algum grande poder especial, todas as melhores e mais criativas faculdades de toda a sua hereditariedade são atraídas para a construção de sua personalidade e, por assim dizer, espremidas. É por esta razão que descobrimos que todos aqueles que nascem posteriormente em tal família são idiotas ou homens de

calibre muito comum, e que com o tempo tal família, em muitos casos, se extingue.

92. Se você não pode alcançar a salvação nesta vida, que prova há de que você poderá alcançá-la na vida ou nas vidas futuras?

93. Ao visitar o Taj em Agra, ele comentou: "Se você espremer um pouco desta bola de gude, gotejará gotas de amor real e sua tristeza." Além disso, ele observou: "Leva realmente seis meses para estudar um centímetro quadrado de suas belas obras interiores."

94. Quando a verdadeira história da Índia for desenterrada, ficará provado que, tal como em questões de religião, também nas belas artes, a Índia é o Guru primordial de todo o mundo.

95. Falando de arquitetura, ele disse: "As pessoas dizem que Calcutá é uma cidade de palácios, mas as casas se parecem com caixas colocadas umas sobre as outras! Elas não transmitem nenhuma ideia. Em Rajputana você ainda pode encontrar muita arquitetura hindu pura. Se você olhar para um Dharmashala, sentirá como se ele o chamasse de braços abertos para se abrigar e participar de sua hospitalidade inqualificável. Se você olhar para um templo, certamente encontrará uma Presença Divina nele e ao redor dele. você olha para uma casa rural, você será imediatamente capaz de compreender os significados especiais de suas diferentes porções, e que toda a estrutura evidencia a natureza predominante e o ideal de seu proprietário. Esse tipo de arquitetura expressiva não vi em nenhum lugar. senão na Itália."

5.7 ESCRITOS: PROSA E POEMAS

(Original e traduzido)

5.7.1 RAZÃO, FÉ E AMOR

[Swamiji fez da casa da família Hale sua sede durante quase todo o ano de 1894, antes que o pivô de suas atividades se movesse para o leste, para a costa atlântica. Foi no papel de carta de George W. Hale e, portanto, presumivelmente, durante uma de suas estadas na casa deste último, que Swamiji escreveu a lápis uma série de notas sobre os temas da razão, fé e amor, que recentemente chegaram ao conhecimento. luz. Infelizmente, a data do manuscrito não pode ser determinada com precisão.]

Razão — tem seus limites — sua base —
sua degeneração. As paredes ao redor —
Agnosticismo. Ateísmo. Mas não devemos parar
O além está agindo nos influenciando a cada
momento - o céu, as estrelas agindo sobre nós - mesmo
aqueles que não foram vistos. Portanto é preciso ir além — razão
sozinho não pode ir - o finito não pode chegar ao infinito

A fé é sua degeneração quando está sozinho - intolerância
fanatismo – sectarismo. Estreitamento
finito, portanto, não pode chegar ao infinito
Às vezes ganha em intensidade, mas perde em
extensão - e em fanáticos e fanáticos tornam-se
adoração de seu próprio orgulho e vaidade

Não há outra maneira - existe amor
nunca degenera — suavização pacífica
cada vez maior — o universo é muito pequeno

pela sua expansividade.

Não podemos defini-lo, só podemos rastrear
através de seu desenvolvimento e descrever seu entorno

É a princípio — qual é a gravitação
é para o mundo externo — uma tendência à unificação
formas e convencionalidades são sua morte.

Adoração por meio de formulários — métodos — serviços
formas - até então nenhum amor.

Quando o amor chega, o método morre.

Linguagem humana e formas humanas Deus como pai, Deus como mãe,
Deus como

o amante - Surata-varadhanam etc. Canção de Salomão de

Músicas — Dependência e independência

Amor Amor -

Amo a casta esposa — Anasuya Sita —
não tão duro e seco, mas sempre agradável
amor – adoração a Sita –

A loucura do Amor — Deus embriagou o homem

A alegoria de Radha — mal compreendida

A restrição aumenta ainda mais —
A luxúria é a morte do amor
O eu é a morte do amor
individual para geral
Concreto para abstrato – para absoluto
O muçulmano orante e a menina
A Simpatia — Kabir —
A freira cristã de cujas mãos veio o sangue
O Santo Maometano
Cada partícula buscando seu próprio complemento
Quando descobre que está em repouso
Todo homem que busca — felicidade — e estabilidade
A pesquisa é real, mas os objetos são eles próprios
mas a felicidade está chegando para eles pelo menos momentaneamente
através da busca desses objetos.

O único objeto imutável e o único complemento de caráter e aspirações da
Alma humana é Deus.

O amor é a luta da alma humana para encontrar seu complemento, seu
equilíbrio estável, seu descanso infinito.

5.7.2 SEIS DIVISAS SÂSCRITAS

(Reproduzido de Swami Vivekananda na América: Novas Descobertas.
Estas, juntamente com as traduções para o inglês, foram transcritas por
Swamiji em seis de suas fotografias.)

1. Ajarâmaravat prâjnah vidyâm artham cha chintayet

Grihita iva kesheshu mrityunâ dharmam âcharet

Quando estiver em busca de conhecimento ou prosperidade pense que
nunca teria morte ou doença, e quando adorar a Deus pense que a mão da
morte está em seus cabelos.

2. Um dia ele aprendeu a seguir o Suhrid Dharma.

A virtude é o único amigo que nos acompanha até além do túmulo. Todo o
resto termina com a morte.

VIVEKANANDA.

3. Um infinito, puro e santo - além do pensamento, além das qualidades, eu
me curvo diante de ti.

Swami Vivekananda.

4. Samatâ sarva-bhuteshu etanmuktasya lakshanam.

Igualdade em todos os seres este é o sinal da liberdade

Vivekananda.

5. Você é o único tesouro neste mundo

Vivekananda.

6. Tu és o pai, o senhor, a mãe, o marido e o amor

Swami Vivekananda.

5.7.3 A MENSAGEM DA SABEDORIA DIVINA

[Os três capítulos seguintes foram descobertos entre os papéis de Swami Vivekananda. Evidentemente, ele pretendia escrever um livro e anotou alguns pontos para o trabalho.]

EU

ESCRAVIDÃO

1. O desejo é infinito, sua realização limitada. O desejo é ilimitado em todos; o poder de realização varia. Assim, alguns têm mais sucesso do que outros na vida.
2. Esta limitação é a escravidão contra a qual lutamos durante toda a nossa vida.
3. Desejamos apenas o prazeroso, não o doloroso.
4. Os objetos de desejo são todos complexos – uma mistura que causa prazer e causa dor.
5. Não vemos ou não podemos ver as partes dolorosas dos objetos, nos encantamos apenas com a parte prazerosa; e, agarrando-nos assim ao prazeroso, involuntariamente atraímos o doloroso.
6. Às vezes esperamos em vão que no nosso caso só venha o prazeroso, deixando de lado o doloroso, o que nunca acontece.
7. Nossos desejos também estão em constante mudança – o que valorizaríamos hoje, rejeitaríamos amanhã. O prazer do presente será a dor do futuro, o amado será odiado, e assim por diante.
8. Esperamos em vão que na vida futura seremos capazes de reunir apenas o prazeroso, com exclusão do doloroso.
9. O futuro é apenas a extensão do presente. Tal coisa não pode ser!

10. Quem busca prazer nos objetos o conseguirá, mas deve levar consigo a dor.
11. Todo prazer objetivo a longo prazo deve trazer dor, devido ao fato da mudança ou da morte.
12. A morte é o objetivo de todos os objetos, a mudança é a natureza de todas as coisas objetivas.
13. À medida que aumenta o desejo, aumenta também o poder do prazer e também o poder da dor.
14. Quanto melhor o organismo, mais elevada é a cultura - maior é o poder de desfrutar o prazer e mais agudas são as dores.
15. Os prazeres mentais são muito superiores às alegrias físicas. As dores mentais são mais pungentes do que as torturas físicas.
16. O poder do pensamento, de olhar para o futuro distante, e o poder da memória, de recordar o passado ao presente, fazem-nos viver no céu; eles também nos fazem viver no inferno.
17. O homem que consegue reunir a maior quantidade de objetos prazerosos ao seu redor é, via de regra, muito sem imaginação para apreciá-los. O homem de grande imaginação é frustrado pela intensidade do seu sentimento de perda, ou pelo medo da perda, ou pela percepção dos defeitos.
18. Estamos lutando muito para vencer a dor, tendo sucesso na tentativa e, ainda assim, criando novas dores ao mesmo tempo.
19. Alcançamos o sucesso e somos derrubados pelo fracasso; buscamos o prazer e somos perseguidos pela dor.
20. Dizemos que fazemos, somos feitos para fazer. Dizemos que trabalhamos, somos feitos para trabalhar. Dizemos que vivemos, somos feitos para morrer a cada momento. Estamos no meio da multidão, não podemos parar, devemos continuar – isso não merece aplausos. Se não fosse

assim, nenhuma alegria nos faria suportar toda essa dor e miséria por um grão de prazer – que, infelizmente, na maioria dos casos é apenas uma esperança!

21. Nosso pessimismo é uma realidade terrível, nosso otimismo é uma leve alegria, tirando o melhor proveito de um trabalho ruim.

II

A LEI

1. A lei nunca está separada dos fenômenos, o princípio da pessoa.
2. A lei é o método de ação ou equilíbrio de cada fenômeno dentro do seu âmbito.
3. Obtemos nosso conhecimento do direito a partir da concentração e fusão das mudanças que ocorrem. Nunca vemos a lei além dessas mudanças. A ideia do direito como algo separado dos fenômenos é uma abstração mental, um uso conveniente de palavras e nada mais. A lei faz parte de toda mudança dentro de seu alcance, uma maneira que reside nas coisas governadas pela lei. O poder reside nas coisas, faz parte da nossa ideia daquela coisa – a sua ação sobre outra coisa ocorre de uma certa maneira – esta é a nossa lei.
4. A lei está no estado real das coisas – está na forma como elas agem umas com as outras, e não na forma como deveriam. Poderia ter sido melhor se o fogo não queimasse ou a água não molhasse; mas se o fizerem – esta é a lei; e se for uma lei verdadeira, o fogo que não queima ou a água que não molha não é fogo nem água.
5. As leis espirituais, as leis éticas, as leis sociais, as leis nacionais — são leis se fizerem parte de unidades espirituais e humanas existentes e da experiência infalível da acção de cada unidade que se diz estar sujeita a tais leis.

6. Nós, por sua vez, somos feitos pela lei e a fazemos. Uma generalização do que o homem faz invariavelmente em certas circunstâncias é uma lei relativa ao homem nesse aspecto particular. É a ação humana invariável e universal que é lei para o homem – e da qual nenhum indivíduo pode escapar – e ainda assim a soma da ação de cada indivíduo é a Lei universal. A soma total, ou o universal, ou o infinito está moldando o indivíduo, enquanto o indivíduo mantém viva a Lei por sua ação. A lei, neste sentido, é outro nome para o universal. O universal depende do indivíduo, o individual depende do universal. É um infinito feito de partes finitas, um infinito de números, embora envolva a dificuldade de assumir um infinito somado de finitos - ainda assim, para todos os efeitos práticos, é um fato diante de nós. E como a lei, ou o todo, ou o infinito não podem ser destruídos – e a destruição de uma parte de um infinito é uma impossibilidade, como não podemos adicionar ou subtrair nada do infinito – cada parte persiste para sempre.

7. Foram descobertas leis relativas aos materiais dos quais o corpo do homem é composto, e também foi demonstrada a persistência desses materiais ao longo do tempo. Foi comprovado que os elementos que compunham o corpo de um homem há cem mil anos ainda existem em algum lugar ou outro. Os pensamentos que foram projetados também vivem em outras mentes.

8. Mas a dificuldade é encontrar uma lei sobre o homem além do corpo.

9. As leis espirituais e éticas não são o método de ação de todo ser humano. Os sistemas de ética da moralidade, mesmo das leis nacionais, são mais honrados na violação do que na observância. Se fossem leis, como poderiam ser quebradas?

10. Nenhum homem é capaz de ir contra as leis da natureza. Como é que sempre nos queixamos de ele ter violado as leis morais, as leis nacionais?

11. As leis nacionais, na melhor das hipóteses, são a vontade incorporada da maioria da nação - sempre um estado de coisas desejado, mas não existente de facto.

12. A lei ideal pode ser que nenhum homem cobice os pertences dos outros, mas a lei real é que um grande número o faça.

13. Assim, a palavra lei usada em relação às leis da natureza tem uma interpretação muito diferente quando aplicada à ética e às ações humanas em geral.

14. Analisando as leis éticas do mundo e comparando-as com o estado real das coisas, duas leis se destacam supremas. A primeira, a de afastar tudo de nós – separar-nos de todos – o que leva ao auto-engrandecimento mesmo à custa da felicidade de todos os outros. A outra, a do auto-sacrifício – de não pensar em nós mesmos – apenas nos outros. Ambos surgem da busca pela felicidade – um, de encontrar felicidade ao ferir os outros e a capacidade de sentir essa felicidade apenas em nossos próprios sentidos. A outra, de encontrar a felicidade fazendo o bem aos outros – a capacidade de se sentir feliz, por assim dizer, através dos sentidos dos outros. Os grandes e bons do mundo são aqueles que têm o último poder predominando. No entanto, ambos estão trabalhando lado a lado; em quase todas as pessoas são encontradas misturadas, predominando uma ou outra. O ladrão rouba, talvez, para alguém que ama.

III

O ABSOLUTO E A ALCANCE DA LIBERDADE

1. Om Tat Sat – aquele Ser – Saber – Bem-aventurança.

(a) A única Existência real, a única que é – todo o resto existe na medida em que reflete essa Existência real.

(b) É o único Conhecedor – o único Autoluminoso – a Luz da consciência. Todo o resto brilha pela luz emprestada Dele. Todo o resto conhece na medida em que reflete o Seu conhecimento.

(c) É a única bem-aventurança - pois nela não há necessidade. Compreende tudo – é a essência de tudo.

É Sat-Chit-Ânanda.

(d) Não tem partes, nem atributos, nem prazer nem dor, nem é matéria nem mente. É o Eu Supremo, Infinito e Impessoal em tudo, o Ego Infinito do Universo.

(e) É a Realidade em mim, em ti e em tudo - portanto,

“Isso tu és” – Tattvamasi.

2. O mesmo Impessoal é concebido pela mente como o Criador, o Governante e o Dissolvedor deste universo, sua causa material e também eficiente, o Governante Supremo - o Vivo, o Amoroso, o Belo, no sentido mais elevado. .

(a) O Ser Absoluto se manifesta em seu aspecto mais elevado em Isvara, ou o Governante Supremo, como a Vida ou Energia mais elevada e onipotente.

(b) O Conhecimento Absoluto está se manifestando em seu aspecto mais elevado como Amor Infinito, no Senhor Supremo.

(c) A Bem-aventurança Absoluta é manifestada como o Belo Infinito, no Senhor Supremo. Ele é a maior atração da alma.

Satyam-Shivam-Sundaram.

O Absoluto ou Brahman, o Sat-Chit-Ananda, é Impessoal e o verdadeiro Infinito

Cada existência, da mais elevada à mais baixa, todas se manifestam de acordo com seu grau como – energia (na vida superior), atração (no amor superior) e luta pelo equilíbrio (na felicidade superior). Esta mais elevada Energia-Amor-Beleza é uma pessoa, um indivíduo, a Mãe Infinita deste universo - o Deus dos deuses - o Senhor dos senhores, onipresente, mas separado do universo - a Alma das almas, mas separada de cada alma - o Mãe deste universo, porque Ela o produziu – o seu Governante, porque Ela o guia com o maior amor e no longo prazo traz tudo de volta para Si.

Através do Seu comando o sol e a lua brilham, as nuvens chovem e a morte espregueita sobre a terra.

Ela é o poder de toda causalidade. Ela energiza cada causa de forma inequívoca para produzir o efeito. A Sua vontade é a única lei, e como Ela não pode cometer erros, as leis da natureza – a Sua vontade – nunca podem ser alteradas. Ela é a vida da Lei do Karma ou causalidade. Ela é a frutificadora de toda ação. Sob Sua orientação, fabricamos nossas vidas por meio de ações ou Karma.

A liberdade é o motivo do universo, a liberdade é o seu objetivo. As leis da natureza são os métodos através dos quais lutamos para alcançar essa liberdade, sob a orientação da Mãe. Esta luta universal pela liberdade atinge a sua expressão mais elevada no homem, no desejo consciente de ser livre.

Esta liberdade é alcançada pelos três meios de – trabalho, adoração e conhecimento.

(a) Trabalho – esforço constante e incessante para ajudar os outros e amar os outros.

(b) Adoração – consiste em oração, louvor e meditação.

(c) Conhecimento – que segue a meditação.

5.7.4 A MATEMÁTICA BELUR: UM APELO

O sucesso que acompanhou o trabalho dos discípulos de Shri Ramakrishna Paramahansa na difusão dos princípios da religião hindu e na obtenção de algum respeito pela nossa tão abusada fé no Ocidente, deu origem à esperança de treinar um número de jovens Sannyasins para continuarem a propaganda, dentro e fora da Índia. E está sendo feita uma tentativa de educar vários jovens de acordo com o princípio védico de estudantes que vivem em contato com o Guru.

Uma matemática já foi iniciada no Ganga, perto de Calcutá, através da gentileza de alguns amigos europeus e americanos.

O trabalho, para produzir resultados visíveis em pouco tempo, necessita de fundos e daí este apelo a quem simpatiza com os nossos esforços.

Pretende-se alargar as operações da matemática, educando na matemática tantos jovens quantos os fundos possam permitir, tanto na ciência ocidental como na espiritualidade indiana, para que, além das vantagens de uma educação universitária, eles adquiram uma disciplina viril vivendo em contato com seus professores.

A sede central de Math, perto de Calcutá, abrirá gradualmente filiais em outras partes do país, à medida que os homens se prepararem e os meios forem disponibilizados.

É um trabalho que levará tempo para produzir qualquer resultado permanente e requer muito sacrifício por parte dos nossos jovens e daqueles que têm os meios para ajudar neste trabalho.

Acreditamos que os homens estão prontos e, portanto, o nosso apelo é para aqueles que realmente amam a sua religião e o seu país e têm os meios para mostrar a sua simpatia na prática, ajudando a causa.

VIVEKANANDA.

5.7.5 ADVAITA ASHRAMA, HIMALAIA

(Essas linhas foram enviadas em uma carta (Vol.9, Carta 134), de março de 1899, por Swamiji, para serem incorporadas no prospecto do Advaita Ashrama, Mayavati, Almora, Himalaia.)

Em Quem está o Universo, Quem está no Universo, Quem é o Universo; em Quem está a Alma, Quem está na Alma, Quem é a Alma do Homem; conhecê-lo - e, portanto, ao Universo - como o nosso Eu, por si só extingue todo o medo, põe fim à miséria e leva à Liberdade Infinita. Onde quer que tenha havido expansão no amor ou progresso no bem-estar, de indivíduos ou números, foi através da percepção, realização e prática da Verdade Eterna – A UNIDADE DE TODOS OS SERES. "Dependência é miséria. Independência é felicidade." O Advaita é o único sistema que dá ao homem

a posse completa de si mesmo, elimina toda dependência e suas superstições associadas, tornando-nos corajosos para sofrer, corajosos para fazer e, no longo prazo, alcançar a Liberdade Absoluta.

Até agora não foi possível pregar esta Nobre Verdade inteiramente livre dos ambientes de fraqueza dualista; estamos convencidos de que só isso explica por que não tem sido mais operacional e útil para a humanidade em geral.

Para dar a esta VERDADE ÚNICA um alcance mais livre e completo na elevação da vida dos indivíduos e no fermento da massa da humanidade, iniciamos este Advaita Ashrama nas alturas do Himalaia, a terra da sua primeira expiração.

Aqui espera-se manter Advaita livre de todas as superstições e contaminações enfraquecedoras. Aqui nada será ensinado e praticado senão a Doutrina da Unidade, pura e simples; e embora em total simpatia com todos os outros sistemas, este Ashrama é dedicado apenas ao Advaita e ao Advaita.

5.7.6 A CASA DE SERVIÇO RAMAKRISHNA VARANASI: UM APELO

(Carta escrita por Swamiji, para acompanhar o Primeiro Relatório da Casa de Serviço Ramakrishna, Varanasi, fevereiro de 1902.)

QUERIDO -

Pedimos a sua aceitação do Relatório do ano passado da Casa de Serviço Ramakrishna, Varanasi, que incorpora uma breve declaração dos nossos humildes esforços para a melhoria, ainda que pequena, do estado miserável em que muitos dos nossos semelhantes, geralmente idosos homens e mulheres, são lançados nesta cidade.

Nestes dias de despertar intelectual e de afirmação constante da opinião pública, os locais sagrados dos hindus, a sua condição e método de trabalho não escaparam ao olhar atento da crítica; e esta cidade, sendo o santo dos

santos para todos os hindus, não deixou de atrair toda a sua quota de censura.

Em outros lugares sagrados as pessoas vão para se purificar do pecado, e sua conexão com esses lugares é casual e dura alguns dias. Neste, o mais belo centro antigo e vivo da atividade religiosa ariana, vêm homens e mulheres, e geralmente velhos e decrépitos, esperando para passar para a Liberdade Eterna, através da maior de todas as santificações, a morte sob a sombra do templo do Senhor do universo.

E há também aqueles que renunciaram a tudo pelo bem do mundo e perderam para sempre as mãos amigas da sua própria carne e sangue e das associações da infância.

Eles também são dominados pelo destino comum da humanidade, o mal físico na forma de doença.

Pode ser verdade que alguma culpa seja atribuída à gestão do local. Pode ser verdade que os padres mereçam boa parte das críticas generalizadas que geralmente lhes são dirigidas; no entanto, não devemos esquecer a grande verdade – como pessoas, como sacerdotes. Se as pessoas ficarem de mãos postas e observarem a rápida corrente de miséria passando por suas portas, arrastando homens, mulheres e crianças, os Sannyâsin e o chefe de família para um redemoinho comum de sofrimento indefeso, e não fizerem o menor esforço para salvar alguém de a corrente, apenas se tornando eloqüente diante dos erros dos sacerdotes dos lugares santos, nenhuma partícula de sofrimento jamais poderá ser diminuída, ninguém jamais poderá ser ajudado.

Queremos manter a fé dos nossos antepassados na eficácia da Cidade Eterna de Shiva para a salvação?

Se o fizermos, deveríamos ficar felizes em ver o número daqueles que vêm aqui para morrer aumentar de ano para ano.

E bendito seja o nome do Senhor porque os pobres têm este desejo ardente de salvação, o mesmo de sempre.

Os pobres que vêm aqui para morrer isentaram-se voluntariamente de qualquer ajuda que poderiam ter recebido nos locais onde nasceram, e quando a doença os atinge, deixamos a sua condição à sua imaginação e à sua consciência como hindu para sentir e para retificar.

Irmão, isso não faz você parar e pensar na atração maravilhosa deste maravilhoso lugar de preparação para o descanso final? Não lhe causa uma misteriosa sensação de admiração – este fluxo antigo e interminável de peregrinos marchando para a salvação através da morte?

Se isso acontecer, venha e nos dê uma mão amiga.

Não importa se sua contribuição for apenas um pouquinho, sua ajuda apenas um pouco; folhas de grama unidas em uma corda manterão confinados o mais louco dos elefantes — diz o velho provérbio.

Sempre seu no Senhor do universo,

VIVEKANANDA.

5.7.7 QUEM SABE COMO A MÃE BRINCA!

Talvez você seja um profeta -

Quem sabe? Quem se atreve a tocar

As profundezas onde a Mãe se esconde

Seus raios silenciosos e infalíveis!

Talvez a criança tenha visto

De sombras, nos bastidores,

Com olhos ansiosos e tensos,

Formulários trêmulos — prontos

Para pular na frente e ser
Eventos, irresistíveis, fortes.
Quem sabe senão mãe, como,
E onde e quando eles vêm?

Talvez o sábio brilhante
Vi mais do que ele poderia dizer;
Quem sabe, que alma e quando,
A Mãe faz Seu trono?

Que lei a liberdade vincularia?
Que mérito guia a vontade dela,
Cuja aberração é a maior ordem,
De quem será a lei irresistível?

Para a criança, glórias, ope
Qual pai nunca sonhou;
Pode ser mil vezes mais filha
Seus poderes são armazenados pela mãe.

5.7.8 AO QUARTO DE JULHO

[É bem sabido que a morte (ou ressurreição, como alguns de nós prefeririam chamá-la!) de Swami Vivekananda ocorreu em 4 de julho de

1902. Em 4 de julho de 1898, ele estava viajando com alguns discípulos americanos em Caxemira, e como parte de uma conspiração doméstica para a celebração do dia – o aniversário da Declaração da Independência Americana – ele preparou o seguinte poema, para ser lido em voz alta no café da manhã. O poema em si ficou sob a guarda de Dhirâ Mâtâ.]

Eis que as nuvens escuras se dissipam,
Isso se acumulou à noite e pendurou
Assim como uma mortalha sombria acima da terra!
Antes do teu toque mágico, o mundo
Acorda. Os pássaros cantam em coro.
As flores erguem suas coroas em forma de estrela —
Põe-te no orvalho e dá-te as boas-vindas.
Os lagos estão se abrindo no amor
Seus cem mil olhos de lótus
Para te dar as boas-vindas, com toda a sua profundidade.
Todos saudam você, Senhor da Luz!
Boas-vindas para você hoje,
Ó Sol! Hoje você perde a Liberdade!

Pense em como o mundo esperou,
E procure por você, através do tempo e do clima.
Alguns desistiram do lar e do amor aos amigos,
E fui em busca de você, auto-banido,
Através de oceanos sombrios, através de florestas primitivas,

Cada passo é uma luta pela vida ou pela morte;
Então chegou o dia em que o trabalho deu frutos,
E adoração, amor e sacrifício,
Cumprido, aceito e concluído.
Então tu, propício, levantaste-te para derramar
A luz da liberdade para a humanidade.

Siga em frente, ó Senhor, em teu caminho irresistível!
Até que o meio-dia se espalhe pelo mundo.
Até que cada terra reflita tua luz,
Até que homens e mulheres, de cabeça erguida,
Veja suas algemas quebradas e
Saibam, em alegria nascente, sua vida renovada!

5.7.9 O ORIENTE E O OESTE

(Traduzido do bengali)

I. INTRODUÇÃO

Rios vastos e profundos - caudalosos e impetuosos - encantadores jardins de prazer às margens dos rios, envergonhando o celeste Nandana-Kânana; em meio a esses jardins de prazer erguem-se, elevando-se até o céu, belos palácios de mármore, decorados com o mais requintado trabalho de arte; nas laterais, na frente e atrás, aglomerados de cabanas, com paredes de barro em ruínas e telhados dilapidados, cujos bambus, formando seus esqueletos, ficam expostos à vista; movendo-se aqui e ali, figuras emaciadas de jovens e velhos em farrapos esfarrapados, cujos rostos apresentam linhas profundas de desespero e pobreza de centenas de anos;

vacas, bois, búfalos por toda parte — sim, o mesmo olhar melancólico em seus olhos, o mesmo físico fraco; à beira da estrada, lixo e sujeira: Esta é a nossa Índia atual!

Cabanas desgastadas ao lado dos palácios, pilhas de lixo nas proximidades dos templos, os Sannyâsin vestidos apenas com uma pequena tanga, passando pelos magnificamente vestidos, o olhar lamentável dos olhos sem brilho dos famintos em os bem alimentados e os bem providos: Esta é a nossa terra natal!

Devastação por peste violenta e cólera; a malária afetando os órgãos vitais da nação; fome e semi-fome como uma segunda natureza; a fome semelhante à morte muitas vezes dança sua dança trágica; o Kurukshetra (campo de batalha) da doença e da miséria, o enorme campo de cremação, repleto de ossos mortos de esperança, atividade, alegria e coragem perdidas; e no meio disso, sentado em augusto silêncio, o Yogue, absorto em profunda comunhão com o Espírito, sem outro objetivo na vida além de Moksha: Isto é o que encontra o olhar do viajante europeu na Índia.

Um conglomerado de trezentos milhões de almas, semelhantes aos homens apenas na aparência, eliminadas da vida ao serem oprimidas pelo seu próprio povo e por nações estrangeiras, por pessoas que professam a sua própria religião e por outras de fé estrangeira; paciente no trabalho e no sofrimento e desprovido de iniciativa como o escravo; sem esperança, sem passado, sem futuro; desejoso apenas de manter a vida presente de qualquer maneira, por mais precária que seja; de natureza maliciosa própria de um escravo, para quem a prosperidade de seus semelhantes é insuportável; desprovido de Shraddhâ, como alguém com quem toda esperança está morta, infiel; cuja arma de defesa é a malandragem, a traição e a astúcia como a de uma raposa; a personificação do egoísmo; lambe a poeira dos pés dos fortes, ao mesmo tempo que desfere um golpe mortal naqueles que são comparativamente fracos; cheio de superstições feias e diabólicas que surgem naturalmente para aqueles que são fracos e sem esperança quanto ao futuro; sem qualquer padrão de moralidade como espinha dorsal; Trezentos milhões de almas como essas estão fervilhando no corpo da Índia como tantos vermes em uma carcaça podre e fedorenta: Esta é a imagem que nos diz respeito, que naturalmente se apresenta ao oficial inglês!

Enlouquecido com o vinho dos poderes recém-adquiridos; desprovido de discriminação entre o certo e o errado; feroz como feras selvagens, dominador, lascivo; encharcado de bebida alcoólica, não tendo ideia de castidade ou pureza, nem de modos e hábitos limpos; acreditar apenas na matéria, com uma civilização baseada na matéria e nas suas diversas aplicações; viciado no engrandecimento de si mesmo, explorando os países e a riqueza dos outros, pela força, truques e traição; não tendo fé na vida futura, cujo Âtman (Eu) é o corpo, cuja vida inteira está apenas nos sentidos e nos confortos das criaturas: Assim, para o indiano, o ocidental é o verdadeiro demônio (Asura).

Estas são as opiniões dos observadores de ambos os lados – opiniões nascidas da indiscriminação mútua e do conhecimento ou ignorância superficial. Os estrangeiros, os europeus, vêm para a Índia, vivem em edifícios palacianos nos bairros perfeitamente limpos e saudáveis das nossas cidades e comparam os nossos bairros “nativos” com as suas cidades de origem, limpas e lindamente planejadas; os índios com quem entram em contato pertencem apenas a uma classe – aqueles que têm algum tipo de emprego sob sua responsabilidade. E, de facto, a angústia e a pobreza não são encontradas em nenhum outro lugar como na Índia; além disso, não há como negar que a sujeira e a sujeira estão por toda parte. Para a mente europeia, é inconcebível que algo de bom possa existir no meio de tal sujidade, de tal escravidão e de tal degradação.

Nós, por outro lado, vemos que os Europeus comem sem discriminação tudo o que conseguem, não têm noção de limpeza como nós, não observam distinções de castas, misturam-se livremente com mulheres, bebem vinho e dançam descaradamente num baile, homens e mulheres mulheres abraçadas: e perguntamo-nos com espanto: que bem pode haver numa nação assim?

Ambas as visões são derivadas de fora e não olham para dentro e abaixo da superfície. Não permitimos que estrangeiros se misturem na nossa sociedade e chamamos-lhes Mlechchhas; eles também nos odeiam como escravos e nos chamam de “negros”. Em ambas as opiniões deve haver alguma verdade, embora nenhuma das partes tenha visto a realidade por trás da outra.

Com cada homem existe uma ideia; o homem externo é apenas a manifestação externa, a mera linguagem dessa ideia interna. Da mesma forma, cada nação tem uma ideia nacional correspondente. Esta ideia funciona para o mundo e é necessária para a sua preservação. No dia em que acabar a necessidade de uma ideia como elemento para a preservação do mundo, nesse mesmo dia o receptáculo dessa ideia, seja ele um indivíduo ou uma nação, encontrará a destruição. A razão pela qual nós, indianos, ainda vivemos, apesar de tanta miséria, angústia, pobreza e opressão interna e externa, é que temos uma ideia nacional, que ainda é necessária para a preservação do mundo. Os europeus também têm uma ideia nacional própria, sem a qual o mundo não existirá; portanto, eles são tão fortes. Um homem vive um momento, se perde todas as suas forças? Uma nação é a soma total de tantos homens individuais; uma nação sobreviverá se tiver perdido completamente toda a sua força e atividade? Por que esta raça hindu não morreu, diante de tantos problemas e tumultos de mil anos? Se nossos costumes e costumes são tão ruins, como é que ainda não fomos apagados da face da terra? Os vários conquistadores estrangeiros pouparam esforços para nos esmagar? Por que, então, os hindus não foram eliminados da existência, como aconteceu com os homens de outros países que são incivilizados? Por que a Índia não foi despovoada e transformada num deserto? Ora, então os estrangeiros não teriam perdido tempo para vir e se estabelecer na Índia, e cultivar suas terras férteis da mesma forma que fizeram e ainda estão fazendo na América, na Austrália e na África! Pois bem, meu estrangeiro, você não é tão forte quanto pensa; é uma imaginação vã. Primeiro, compreendam que a Índia também tem força e ainda tem uma realidade substancial própria. Além disso, compreendam que a Índia ainda está viva, porque ainda tem a sua própria quota para dar ao armazém geral da civilização mundial. E vocês também compreendem isto muito bem, refiro-me aos nossos compatriotas que se tornaram completamente europeizados, tanto em hábitos externos como em formas de pensamento e ideias, e que estão continuamente a chorar e a rezar para que os Europeus os salvem - "Nós estamos degradados, descemos ao nível dos brutos; ó povo europeu, vocês são nossos salvadores, tenham piedade de nós e levantem-nos deste estado decaído!" E vocês também entendem isso, que estão cantando Te Deums e levantando um clamor que Jesus veio para a Índia, e estão vendo o cumprimento do decreto divino na plenitude dos tempos. Oh céus! Não! nem Jesus veio nem Jeová; nem eles virão; eles

agora estão ocupados em salvar seus próprios lares e lares e não têm tempo de vir ao nosso país. Aqui está o mesmo Velho Shiva sentado como antes, a maldita Mãe Kali adorada com a mesma parafernália, o Pastor pastoral do Amor, Shri Krishna, tocando Sua flauta. Certa vez, este Velho Shiva, montado em Seu touro e trabalhando em Seu Damaru, viajou da Índia, por um lado, para Sumatra, Bornéu, Celebes, Austrália, até as costas da América, e do outro lado, este Velho Shiva foi armado Seu touro está no Tibete, na China, no Japão e até na Sibéria, e continua fazendo o mesmo. A Mãe Kali ainda exige a Sua adoração mesmo na China e no Japão: é Ela quem os cristãos metamorfosearam na Virgem Maria e adoram como a mãe de Jesus, o Cristo. Eis o Himalaia! Lá, ao norte, fica Kailâs, a morada principal do Velho Shiva. Aquele trono que o poderoso Ravana, de dez cabeças e vinte braços, não conseguia abalar - agora cabe aos missionários tentarem a tarefa? - Abençoe minha alma! Aqui na Índia estará sempre o Velho Shiva trabalhando em seu Damaru, a Mãe Kali adorada com sacrifício de animais, e o adorável Shri Krishna tocando Sua flauta. Firmes como são os Himalaias; e nenhuma tentativa de ninguém, cristão ou outros missionários, será capaz de removê-los. Se você não consegue suportá-los – avante! Para um punhado de vocês, uma nação inteira ficará cansada, sem paciência e entediada até a morte? Por que você não vai para outro lugar onde possa encontrar campos onde pastar livremente – o vasto mundo está aberto para você! Mas não, isso eles não farão. Onde está essa força para fazer isso? Eles comeriam o sal daquele Velho Shiva e o enganariam, o caluniariam e cantariam a glória de um Salvador estrangeiro – querido! A esses dos nossos compatriotas que se queixam diante dos estrangeiros - "Somos muito baixos, somos maus, somos degradados, tudo o que temos é diabólico" - a eles dizemos: "Sim, isso pode ser verdade, com certeza, porque você professam ser verdadeiros e não temos motivos para não acreditar em vocês; mas por que vocês incluem toda a nação nisso? Por favor, senhores, que tipo de boa maneira é essa?

Primeiro, temos de compreender que não existem boas qualidades que sejam monopólio privilegiado de apenas uma nação. É claro que, tal como acontece com os indivíduos, também com as nações, pode haver uma prevalência de certas boas qualidades, mais ou menos numa nação do que noutra.

Conosco, a ideia proeminente é Mukti; com os ocidentais, é o Dharma. O que desejamos é Mukti; o que eles querem é o Dharma. Aqui a palavra “Dharma” é usada no sentido dos Mimâmsakas. O que é Dharma? Dharma é aquilo que faz o homem buscar a felicidade neste mundo ou no próximo. O Dharma se estabelece no trabalho, o Dharma está impelindo o homem dia e noite a correr atrás e trabalhar pela felicidade.

O que é Mukti: Aquilo que ensina que até a felicidade desta vida é escravidão, e a mesma é a felicidade da vida futura, porque nem este mundo nem o próximo estão além das leis da natureza; apenas que a escravidão deste mundo está para a do próximo como uma corrente de ferro está para uma corrente de ouro. Novamente, a felicidade, onde quer que esteja, estando dentro das leis da natureza, está sujeita à morte e não durará ad infinitum. Portanto o homem deve aspirar a tornar-se Mukta, deve ir além da escravidão do corpo; a escravidão não servirá. Este Mokshapath está apenas na Índia e em nenhum outro lugar. Portanto, é verdade o ditado frequentemente repetido de que as almas Mukta estão apenas na Índia e em nenhum outro país. Mas é igualmente verdade que no futuro estarão também noutros países; isso é muito bom e é um grande prazer para nós. Houve um tempo na Índia em que o Dharma era compatível com o Mukti. Havia adoradores do Dharma, como Yudhishtira, Arjuna, Duryodhana, Bhishma e Karna, lado a lado com os aspirantes de Mukti, como Vyâsa, Shuka e Janaka. Com o advento do Budismo, o Dharma foi totalmente negligenciado e apenas o caminho de Moksha tornou-se predominante. Portanto, lemos no Agni Purâna, na linguagem dos símiles, que o demônio Gayâsura - isto é, Buda (Swamiji posteriormente mudou esta visão com referência a Buda, como é evidente na carta datada de Varanasi, 9 de fevereiro de 1902, neste volume.) — tentou destruir o mundo mostrando o caminho de Moksha a todos; e portanto os Devas realizaram um conselho e por estratagemas o colocaram em repouso para sempre. Contudo, o facto central é que a queda do nosso país, do qual tanto ouvimos falar, se deve à total falta deste Dharma. Se toda a nação praticar e seguir o caminho de Moksha, isso é muito bom; mas isso é possível? Sem prazer, a renúncia nunca poderá ocorrer; primeiro aproveite e depois você poderá renunciar. Caso contrário, se a nação inteira, de repente, adotar Sannyasa, ela não ganhará o que deseja, mas perderá o que tinha na barganha – o pássaro na mão foge, nem o que está no mato é capturado. Quando, no apogeu da

supremacia budista, milhares de Sannyasins viviam em cada mosteiro, o país estava à beira da ruína! Os Bauddhas, os cristãos, os muçulmanos e os jainistas prescrevem, na sua loucura, a mesma lei e a mesma regra para todos. Isso é um grande erro; a educação, os hábitos, os costumes, as leis e as regras deveriam ser diferentes para diferentes homens e nações, em conformidade com a sua diferença de temperamento. De que adiantará se tentarmos uniformizá-los todos por compulsão? Os Bauddhas declararam: "Nada é mais desejável na vida do que Moksha; seja você quem for, venham todos tomá-lo." Eu pergunto: "Isso é possível?" "Você é um chefe de família, não deve se preocupar muito com coisas desse tipo: você cumpre seu Svadharma (dever natural)" – assim dizem as escrituras hindus. Exatamente assim! Aquele que não consegue saltar um pé, irá saltar através do oceano até Lankâ de um só salto! É razão? Você não pode alimentar sua própria família ou distribuir comida para dois de seus semelhantes, você não pode fazer nem mesmo um trabalho comum para o bem comum, em harmonia com os outros – e você está correndo atrás de Mukti! As escrituras hindus dizem: "Sem dúvida, Moksha é muito superior ao Dharma; mas o Dharma deve ser concluído antes de tudo". Os Bauddhas ficaram confusos ali mesmo e causaram todo tipo de maldade. A não lesão é certa; "Não resistir ao mal" é uma grande coisa – estes são realmente grandes princípios; mas as escrituras dizem: "Tu és pai de família; se alguém te bater na face e não lhe devolveres olho por olho, dente por dente, serás verdadeiramente um pecador." Manu diz: "Quando alguém vem matá-lo, não há pecado em matá-lo, mesmo que ele seja um brâmane" (Manu, VIII. 350). Isto é verdade e é algo que não deve ser esquecido. Os heróis apenas aproveitam o mundo. Mostre seu heroísmo; aplique, de acordo com as circunstâncias, as quatro máximas políticas de conciliação, suborno, semear dissensões e guerra aberta, para vencer seu adversário e desfrutar o mundo - então você será Dharmika (justo). Caso contrário, você viverá uma vida vergonhosa se embolsar seus insultos quando for chutado e pisoteado por qualquer um que tenha pensado em fazer isso; sua vida é um verdadeiro inferno aqui, e a vida no futuro também. Isto é o que dizem os Shastras. Faça o seu Svadharma – esta é a verdade, a verdade das verdades. Este é o meu conselho para vocês, meus amados correligionários. Claro, não faça nada de errado, não machuque ou tirenize ninguém, mas tente fazer o bem aos outros tanto quanto puder. Mas submeter-se passivamente ao mal cometido por outros é um pecado – do chefe de família. Ele deve tentar

pagá-los com suas próprias moedas naquele momento. O chefe de família deve ganhar dinheiro com grande esforço e entusiasmo, e com isso deve apoiar e trazer conforto à sua própria família e aos outros, e realizar boas obras na medida do possível. Se você não pode fazer isso, como você professa ser homem? Você nem é chefe de família - o que falar de Moksha para você!!

Já dissemos que o Dharma é baseado no trabalho. A natureza do Dharmika é o desempenho constante da ação com eficiência. Ora, mesmo a opinião de alguns Mimamsakas é que aquelas partes dos Vedas que não ordenam o trabalho não são, propriamente falando, Vedas. Um dos aforismos de Jaimini é "आत्मायस्य क्रियार्थत्वाद्यनर्थक्यमतदर्शनाम् - O propósito dos Vedas é o trabalho, aquelas partes dos Vedas que não tratam do trabalho erram o alvo."

“Pela repetição constante da sílaba Om e pela meditação sobre o seu significado, tudo pode ser obtido”; “Todos os pecados são lavados ao pronunciar o nome do Senhor”; “Ele consegue tudo, aquele que se resigna à Vontade de Deus” – sim, estas palavras dos Shastras e dos sábios são, sem dúvida, verdadeiras. Mas, você vê, milhares de nós estamos, durante toda a nossa vida, meditando em Om, ficando extasiados em devoção em nome do Senhor, e clamando: “Seja feita a Tua vontade, estou totalmente resignado a Ti!” – e o que eles realmente estão recebendo em troca? Absolutamente nada! Como você explica isso? A razão está aqui e deve ser totalmente compreendida. De quem é a meditação real e eficaz? Quem pode realmente resignar-se à Vontade de Deus? Quem pode pronunciar com poder irresistível, como o de um raio, o nome do Senhor? Foi aquele que conquistou Chitta-shuddhi, isto é, cuja mente foi purificada pelo trabalho, ou em outras palavras, aquele que é o Dharmika.

Cada indivíduo é um centro de manifestação de uma determinada força. Essa força foi armazenada como resultante de nossos trabalhos anteriores, e cada um de nós nasce com essa força nas costas. Enquanto esta força não se resolver, quem poderá permanecer quieto e desistir do trabalho? Até então, ele terá que desfrutar ou sofrer de acordo com a fruição do seu bom ou mau trabalho e será irresistivelmente impelido a trabalhar. Visto que o prazer e o trabalho não podem ser abandonados até então, não é melhor fazer boas obras do que más obras – desfrutar a felicidade em vez de sofrer a miséria?

Shri Râmprasâd (um santo bengali, devoto de Kâli e um poeta inspirado que compôs canções em louvor à Deidade, expressando as mais elevadas verdades da religião nas palavras mais simples.) costumava dizer: "Eles falam de duas obras, 'boas' e 'maus'; deles, é melhor fazer o bem."

Agora, qual é esse bem que deve ser buscado? O bem para quem deseja Moksha é um, e o bem para quem deseja o Dharma é outro. Esta é a grande verdade que o Senhor Shri Krishna, o revelador do Gita, tentou explicar, e sobre esta grande verdade é estabelecido o sistema Varnâshrama (Quatro castas e quatro estágios de vida) e a doutrina de Svadharma, etc. da religião hindu.

अद्वेषा सर्वभूतानां मैत्रः करुणा एव च ।
निर्ममो निरहंकारः समदुःखसुखः क्षमी ॥

- "Aquele que não tem inimigo, e é amigável e compassivo com todos, que é livre dos sentimentos de 'eu e meu', imparcial na dor e no prazer, e tolerante" - estes e outros epítetos de natureza semelhante são para aquele cujo único objetivo na vida é Moksha. (Gita, XII. 13.)

क्लेश्व्यं मा स्म गमः पार्थ नैतत्त्वय्युपपद्यते ।
क्षुद्रं हृदयदीर्घतमं त्यक्तोत्तिष्ठ परंतप ॥

- "Não ceda à falta de masculinidade, ó filho de Prithâ! Eu vestirei isso para ti. Livre-se desta covardia e levante-se. Ó opressor de teus inimigos." (Gita, II.3.)

तस्मात्त्वमुत्तिष्ठ यशो लभस्व जित्वा शत्रुमुंखं राज्यं समृद्धम् ।
मयैवैते निहताः पूर्वमिव निमित्तमात्रं भव सव्यसाचिन् ॥

- "Portanto tu levanta-te e adquiere fama. Depois de conquistar teus inimigos, desfruta de domínio incomparável; em verdade, por Mim mesmo eles já foram mortos; seja tu apenas o instrumento, ó Savyasâchin (Arjuna)." (Gita, XI. 33.)

Nestas e em passagens semelhantes do Gita, o Senhor está mostrando o caminho para o Dharma. É claro que o trabalho está sempre misturado com o bem e o mal, e para trabalhar é preciso incorrer em pecado, mais ou menos. Mas e daí? Que assim seja. Não é algo melhor que nada? Não é melhor ter comida insuficiente do que ficar sem comida? Não é melhor

trabalhar, embora misturado com o bem e o mal, do que não fazer nada e levar uma vida ociosa e inativa, e ser como pedras? A vaca nunca mente, e a pedra nunca rouba, mas, mesmo assim, a vaca continua sendo uma vaca e a pedra, uma pedra. O homem rouba e conta mentiras, e novamente é o homem que se torna um deus. Com a prevalência da essência Sâttvika, o homem torna-se inativo e repousa sempre num estado de profunda Dhyâna ou contemplação; com a prevalência dos Rajas, ele faz boas e más obras; e com a prevalência do Tamas novamente, ele se torna inativo e inerte. Agora, diga-me, olhando de fora, como devemos entender se você está em um estado em que prevalece o Sattva ou o Tamas? Quer estejamos no estado de calma Sattvika, além de todo prazer e dor, e além de todo trabalho e atividade, ou quer estejamos no estado mais baixo de Tâmasika, sem vida, passivos, entorpecidos como matéria morta, e sem fazer nenhum trabalho, porque existe não temos poder para fazer isso e estamos, assim, silenciosamente e gradualmente, apodrecendo e corrompendo-nos por dentro - eu lhe faço esta pergunta seriamente e exijo uma resposta. Pergunte à sua própria mente e você saberá qual é a realidade. Mas, o que é preciso esperar pela resposta? A árvore é conhecida pelos seus frutos. Prevalecendo o Sattva, o homem está inativo, ele está calmo, com certeza; mas essa inatividade é o resultado da centralização das grandes potências, essa calma é a mãe de uma tremenda energia. Aquele homem altamente Sattvika, aquela grande alma, não precisa mais trabalhar como nós fazemos com as mãos e os pés – apenas por sua mera vontade, todos os seus trabalhos são imediatamente realizados com perfeição. Aquele homem de Sattva predominante é o Brâmane, o adorado por todos. Terá ele de andar de porta em porta, implorando aos outros que o adorem? A Mãe Todo-Poderosa do universo escreve com Sua própria mão, em letras douradas em sua testa: “Adorai a todos, este grande, este Meu filho”, e o mundo lê e ouve e humildemente inclina a cabeça diante dele em obediência. Esse homem é realmente -

अद्वेष्य सर्वभूतानां मैत्रः करुण एव च ।
निर्ममो निरहंकारः समदुःखसुखः भ्रमी ॥

- "Aquele que não tem inimigo, e é amigável e compassivo com todos, que é livre dos sentimentos de 'eu e meu', imparcial na dor e no prazer, e tolerante." (Gita, XII. 13.) E observe, aquelas coisas que você vê em pessoas pusilânimes e afeminadas que falam em tom nasalado mastigando

cada sílaba, cuja voz é tão fina quanto a de alguém que está morrendo de fome há uma semana, que são como um trapo molhado e esfarrapado, que nunca protestam ou são movidos, mesmo que sejam chutados por alguém – esses são os sinais dos Tamas mais baixos, esses são os sinais da morte, não de Sattva – toda corrupção e fedor. É porque Arjuna iria cair nas fileiras desses homens que o Senhor está explicando o assunto para ele de forma tão elaborada no Gita. Não é esse o fato? Ouça as primeiras palavras que saíram da boca do Senhor: "क्लेशं मा स्म गमः पार्थ नैतत्त्वय्युपपद्यते - Não ceda à falta de masculinidade, ó Pârtha! Mal, isso te convém!" e mais tarde, "तस्मात्त्वमुत्तिष्ठ यशो लभस्व - Portanto, levante-se e adquira fama." Sob a influência dos Jainistas, Budas e outros, aderimos à linhagem do povo Tamasika. Durante estes últimos mil anos, todo o país está enchendo o ar com o nome do Senhor e enviando suas orações a Ele; e o Senhor nunca lhes empresta Seus ouvidos. E por que Ele deveria? Quando nem mesmo o homem ouve os gritos do tolo, você acha que Deus o ouvirá? Agora a única saída é ouvir as palavras do Senhor no Gita, "क्लेशं मा स्म गमः पार्थ नैतत्त्वय्युपपद्यते — Não ceda à falta de masculinidade, ó Partha!" "तस्मात्त्वमुत्तिष्ठ यशो लभस्व - Portanto, levante-se e adquira fama."

Agora continuemos com o nosso assunto – o Oriente e o Ocidente. Primeiro veja a ironia disso. Jesus Cristo, o Deus dos Europeus, ensinou: Não tenhas inimigos, abençoa os que te amaldiçoam; qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; pare todo o seu trabalho e esteja pronto para o próximo mundo; o fim do mundo está próximo. E nosso Senhor no Gita está dizendo: Trabalhe sempre com grande entusiasmo, destrua seus inimigos e aproveite o mundo. Mas, afinal de contas, acabou sendo exatamente o inverso do que Cristo ou Krishna insinuaram. Os europeus nunca levaram a sério as palavras de Jesus Cristo. Sempre de hábitos ativos, sendo possuidores de uma tremenda natureza Rajasika, eles estão reunindo com grande iniciativa e ardor juvenil os confortos e luxos dos diferentes países do mundo e desfrutando-os o quanto quiserem. E estamos sentados num canto, com nossa mala e bagagem, pensando dia e noite sobre a morte, e cantando,

"नलिनीदलगतजलमस्तिरलं तद्गुञ्जीवनमतिशयचपलम्"

– Muito trêmula e instável é a água na folha de lótus; assim é a vida do homem frágil e transitória" - com o resultado de que isso está fazendo nosso

sangue gelar e nossa carne arrepiar com o medo de Yama, o deus da morte; e Yama também, infelizmente, acreditou em nossa palavra, por assim dizer – pestes e todos os tipos de doenças entraram em nosso país! Quem está seguindo os ensinamentos do Gita – e quem está agindo de acordo com a vontade de Jesus Cristo? devem ser bem compreendidos. Os Vedas foram os primeiros a encontrar e proclamar o caminho para Moksha, e daquela única fonte, os Vedas, foi tirado tudo o que qualquer grande Mestre, digamos, Buda ou Cristo, depois ensinou. e, portanto, eles “não tinham inimigos e eram amigáveis e compassivos com todos”. Isso era muito bom para eles. Mas por que esta tentativa de obrigar o mundo inteiro a seguir o mesmo caminho para Moksha? ? O amor de alguém pode ser conquistado por ameaças ou pela força?" O que Buda ou Cristo prescrevem para o homem que não deseja Moksha nem está apto para recebê-lo? - Nada! Ou você deve ter Moksha ou está condenado à destruição - estes são os únicos dois caminhos apresentados por eles, e não há meio-termo. Você está de mãos e pés amarrados na questão de tentar qualquer coisa que não seja Moksha. todas as aberturas para isso estão hermeticamente seladas para você, mas, além disso, existem obstruções colocadas em cada passo. É apenas a religião védica que considera caminhos e meios e estabelece regras para a realização quádrupla do homem, compreendendo Dharma, Artha, Kama e Moksha, Buda, arruinaram-nos, e Cristo também arruinou a Grécia e Roma. Então, no devido tempo, felizmente, os europeus tornaram-se protestantes, abandonaram os ensinamentos de Cristo representados pela autoridade papal e suspiraram de alegria. Na Índia, Kumârila novamente tornou corrente o Karma-Mârga, o caminho apenas do Karma, e Shankara e Râmânuja restabeleceram firmemente a Eterna religião Védica, harmonizando e equilibrando nas devidas proporções Dharma, Artha, Kama e Moksha. Assim a nação foi levada ao caminho da recuperação da vida perdida; mas a Índia tem trezentos milhões de almas para acordar, e daí o atraso. Reanimar trezentos milhões — isso pode ser feito em um dia?

Os objetivos das religiões budista e védica são os mesmos, mas os meios adotados pela budista não são corretos. Se os meios budistas estivessem corretos, então por que estávamos tão irremediavelmente perdidos e arruinados? Não adianta dizer que o fluxo do tempo causou isso naturalmente. O tempo pode funcionar, transgredindo as leis de causa e efeito?

Portanto, embora os objetivos sejam os mesmos, os Bauddhas, por falta de meios corretos, degradaram a Índia. Talvez meus irmãos Bauddha fiquem ofendidos com esta observação, e se irritem e se irritem; mas não há ajuda para isso; a verdade deve ser dita e não me importo com o resultado. O meio certo e correto é o dos Vedas - o Jâti Dharma, isto é, o Dharma prescrito de acordo com as diferentes castas - o Svadharma, isto é, o próprio Dharma, ou conjunto de deveres prescritos para o homem de acordo com sua capacidade e posição – que é a própria base da religião Védica e da sociedade Védica. Mais uma vez, talvez, eu esteja ofendendo muitos dos meus amigos, que dizem, suponho, que estou lisonjeando os meus próprios compatriotas. Deixe-me perguntar-lhes de uma vez por todas: O que ganho com tal lisonja? Eles me apoiam com algum dinheiro ou meios? Pelo contrário, eles fazem o possível para obter a posse do dinheiro que eu garanto mendigando de fora da Índia para alimentar os famintos e os desamparados; e se não entendem, abusam e caluniam! Tal então, ó meus compatriotas educados, é o povo do meu país. Conheço-os demasiado bem para esperar qualquer coisa deles por meio de lisonja. Eu sei que eles devem ser tratados como loucos; e quem administra remédio a um louco deve estar preparado para ser recompensado com chutes e mordidas; mas ele é o verdadeiro amigo que força o remédio goela abaixo e os suporta com paciência.

Agora, este Jati Dharma, este Svadharma, é o caminho do bem-estar de todas as sociedades em todos os países, a escada para a liberdade final. Com a decadência deste Jati Dharma, deste Svadharma, veio a queda da nossa terra. Mas o Jati Dharma ou Svadharma, tal como é comumente compreendido atualmente pelas castas superiores, é antes um novo mal, contra o qual deve ser precavido. Eles pensam que sabem tudo sobre Jati Dharma, mas na verdade não sabem nada sobre isso. Considerando os seus próprios costumes de aldeia como os costumes eternos estabelecidos pelos Vedas, e apropriando-se de todos os privilégios, eles estão indo para a sua perdição! Não estou falando de casta determinada por distinção qualitativa, mas do sistema hereditário de castas. Admito que o sistema qualitativo de castas é o principal; mas a pena é que as qualidades nascem em duas ou três gerações. Assim foi tocado o ponto vital da nossa vida nacional; caso contrário, por que deveríamos afundar neste estado degradado? Leia no Gita,

"संकरस्य च कर्ता स्यामुपहन्यामिमाः प्रजाः

- Eu seria então a causa da mistura de raças e, assim, arruinaria esses seres." Como surgiu esta terrível Varna-Sâmkarya - esta mistura confusa de todas as castas - e o desaparecimento de todas as distinções qualitativas? Por que a tez branca de nossos antepassados agora se tornaram negros? Por que o Sattvaguna deu lugar aos Tamas predominantes com uma pitada, por assim dizer, de Rajas nele? Essa é uma longa história para contar, e reservo minha resposta para alguma ocasião futura. , tente entender isso, que se o Jati Dharma for preservado correta e verdadeiramente, a nação nunca cairá. Se isso for verdade, então o que causou nossa queda? Jati Dharma foi adulterado. Portanto, o que vocês chamam de Jati Dharma é totalmente contrário ao que temos de fato. Primeiro, leia seus próprios Shastras completamente e você verá facilmente que o que os Shastras definem como Casta-Dharma, desapareceu em quase todos os lugares da terra. Agora tente trazer de volta o verdadeiro Jati Dharma, e então isso será um benefício real e seguro para o país. O que aprendi e compreendi, estou lhe dizendo claramente. Não fui importado de alguma terra estrangeira para vir salvá-los, para apoiar todos os seus costumes tolos e dar explicações científicas para eles; não custa nada aos nossos amigos estrangeiros, eles podem muito bem fazê-lo. Você os anima e os aplaude, e esse é o ápice de sua ambição. Mas se a sujeira e a poeira forem jogadas em seus rostos, cairão sobre os meus também! Você não vê isso?

Já disse noutro lugar que cada nação tem um propósito nacional próprio. Quer em obediência à Lei da natureza, quer em virtude do gênio superior dos grandes, os costumes e costumes sociais de cada nação estão a ser moldados, de modo a concretizar esse propósito. Na vida de cada nação, além desse propósito e das maneiras e costumes que são essencialmente necessários para atingir esse propósito, todos os outros são supérfluos. Não importa muito se esses costumes e costumes supérfluos crescem ou desaparecem; mas uma nação certamente morrerá quando o propósito principal de sua vida for prejudicado.

Quando éramos crianças, ouvimos a história de uma certa ogra que tinha a alma vivendo em um pequeno pássaro e, a menos que o pássaro fosse morto, a ogra nunca morreria. A vida de uma nação também é assim.

Novamente, outra coisa você observará: uma nação nunca ficará muito ressentida se for privada desses direitos que não têm muito a ver com seu propósito nacional, ou melhor, mesmo que todos eles sejam arrancados dela; mas quando o menor golpe é dado naquele propósito em que repousa a sua vida nacional, nesse momento ele reage com tremendo poder.

Tomemos por exemplo o caso das três nações vivas, de cuja história você conhece mais ou menos, viz. os franceses, os ingleses e os hindus. A independência política é a espinha dorsal do caráter francês. Os súditos franceses suportam com calma todas as opressões. Sobrecarregue-os com pesados impostos, e não levantarão a menor voz contra eles; obrigar toda a nação a se juntar ao exército, eles nunca reclamam; mas no instante em que alguém se intrometer nessa independência política, toda a nação se levantará como um só homem e reagirá loucamente. Nenhum homem poderá usurpar autoridade sobre nós; sejam instruídos ou ignorantes, ricos ou pobres, de origem nobre ou das classes mais baixas, temos participação igual no governo do nosso país e no controle independente da nossa sociedade - este é o princípio fundamental do caráter francês. Deve sofrer quem tentar interferir nessa liberdade.

No caráter inglês, a política de “dar e receber”, o princípio comercial do comerciante, é principalmente inerente. Para os ingleses, a distribuição justa e equitativa da riqueza é de interesse essencial. O inglês submete-se humildemente ao rei e aos privilégios da nobreza; somente se tiver que pagar um centavo do bolso, deverá exigir uma prestação de contas. Aí está o rei; está tudo bem; ele está pronto para obedecê-lo e honrá-lo; mas se o rei quer dinheiro, o inglês diz: Tudo bem, mas primeiro deixe-me entender por que ele é necessário, que bem ele trará; em seguida, devo dar a minha opinião sobre como o dinheiro será gasto e então me separarei dele. O rei, certa vez tentando extrair dinheiro do povo inglês pela força, provocou uma grande revolução. Eles mataram o rei.

O hindu diz que a independência política e social é muito boa, mas a verdadeira questão é a independência espiritual – Mukti. Este é o nosso propósito nacional; quer você tome o Vaidika, o Jaina, ou o Baudha, o Advaita, o Vishishtadvaita, ou o Dvaita – aí, todos eles têm a mesma opinião. Deixe esse ponto intocado e faça o que quiser, o hindu fica bastante

despreocupado e mantém silêncio; mas se você entrar em conflito com ele lá, cuidado, você cortará sua ruína. Roube tudo o que ele tem, chute-o, chame-o de “preto” ou qualquer outro nome, ele não liga muito; apenas mantenha aquele portão da religião livre e sem ser molestado. Veja aqui como, no período moderno, as dinastias Pathan iam e vinham, mas não conseguiam controlar firmemente o seu Império Indiano, porque estavam o tempo todo atacando a religião hindu. E veja quão firmemente baseado, quão tremendamente forte era o Império Mogul. Por que? Porque os Moguls deixaram esse ponto intocado. Na verdade, os hindus foram o verdadeiro suporte do Império Mogul; você não sabe que Jahangir, Shahjahan e Dara Shikoh nasceram de mães hindus? Agora observe - assim que o malfadado Aurangzeb tocou novamente aquele ponto, o vasto Império Mogul desapareceu em um instante como um sonho. Por que é que o trono inglês está tão firmemente estabelecido na Índia? Porque nunca toca a religião da terra de forma alguma. Os sábios missionários cristãos tentaram alterar um pouco este ponto, e o resultado foi o Motim de 1857. Enquanto os ingleses compreenderem isto completamente e agirem em conformidade, o seu trono na Índia permanecerá imaculado e inabalável. Os sábios e previdentes entre os ingleses também compreendem isso e o admitem - leia Quarenta e um anos na Índia, de Lord Roberts. (Vide capítulos 30 e 31.)

Agora você entende claramente onde está a alma desta ogra – está na religião. Como ninguém foi capaz de destruir isso, a nação hindu ainda está viva, tendo sobrevivido a tantos problemas e tribulações. Bem, um estudioso indiano pergunta: "qual é a utilidade de manter a alma da nação na religião? Por que não mantê-la na independência social ou política, como é o caso de outras nações?" É muito fácil falar assim. Se for concedido, para fins de argumentação, que a religião e a independência espiritual, e a alma, Deus e Mukti são todos falsos, mesmo assim vejamos como está a questão. Assim como o mesmo fogo se manifesta em diferentes formas, também a mesma grande Força se manifesta como independência política com os franceses, como gênio mercantil e expansão da esfera de equidade com os ingleses, e como o desejo de Mukti ou independência espiritual. com o hindu. Note-se que, pelo impulso desta grande Força, foi moldado o caráter francês e inglês, através de vários séculos de vicissitudes da fortuna; e também pela inspiração daquela grande Força, ao longo de milhares de

séculos, tem sido a evolução atual do caráter nacional hindu. Pergunto com toda a seriedade: o que é mais fácil, desistir do nosso caráter nacional evoluído ao longo de milhares de séculos, ou do seu caráter estrangeiro enxertado de algumas centenas de anos? Por que os ingleses não esquecem os seus hábitos guerreiros e desistem da luta e do derramamento de sangue, e sentam-se calmos e quietos, concentrando toda a sua energia em fazer da religião o único objectivo da sua vida?

O fato é que o rio desceu mil milhas desde sua nascente nas montanhas; isso acontece ou pode voltar à sua fonte? Se alguma vez tentar rastrear seu curso, simplesmente secará ao ser dissipado em todas as direções. De qualquer forma, o rio certamente cairá no oceano, mais cedo ou mais tarde, seja passando por planícies abertas e belas, seja lutando por solo sujo. Se a nossa vida nacional destes dez mil anos foi um erro, então não há remédio para isso; e se tentarmos agora formar um novo caráter, o resultado inevitável será a morte.

Mas, desculpe-me se digo que é pura ignorância e falta de compreensão adequada pensar assim, ou seja, que o nosso ideal nacional foi um erro. Primeiro, vá a outros países e estude cuidadosamente suas maneiras e condições com seus próprios olhos — não com os dos outros — e reflita sobre eles com um cérebro pensativo, se você tiver: depois leia suas próprias escrituras, sua viagem de literatura antiga por toda a Índia, e observe as pessoas de suas diferentes partes e seus costumes e hábitos com o olhar bem acordado de um observador inteligente e perspicaz - não com o olho de um tolo - e você verá tão claro quanto o meio-dia que a nação ainda está vivendo intacta e sua vida é certamente pulsante. Você descobrirá lá também que, escondido sob as cinzas da morte aparente, o fogo da nossa vida nacional ainda está latente e que a vida desta nação é a religião, a sua linguagem, a religião, e a sua ideia, a religião; e sua política, sociedade, município, trabalho de prevenção da peste e trabalho de combate à fome - todas essas coisas serão feitas como têm sido feitas aqui o tempo todo, ou seja. somente através da religião; caso contrário, todos os seus gritos e lamentos frenéticos não terminarão em nada, meu amigo!

Além disso, em todos os países, os meios são afinal os mesmos, isto é, tudo o que apenas um punhado de homens poderosos ditam torna-se facto

consumado; o resto dos homens apenas segue como um rebanho de ovelhas, só isso. Vi o seu Parlamento, o seu Senado, o seu voto, a maioria, o escrutínio; é a mesma coisa em todos os lugares, meu amigo. Os homens poderosos de todos os países estão a mover a sociedade da maneira que querem, e os restantes são apenas como um rebanho de ovelhas. Agora a questão é esta: quem são estes homens de poder na Índia? – aqueles que são gigantes na religião. São eles que lideram a nossa sociedade; e são eles novamente que mudam nossas leis e costumes sociais quando a necessidade exige: e nós os ouvimos silenciosamente e não fazemos o que eles ordenam. A única diferença com a nossa é que não temos aquela agitação e agitação supérfluas da maioria, o voto, a votação e os cabos de guerra concomitantes semelhantes como em outros países. Isso é tudo.

É claro que não recebemos a educação que as pessoas comuns do Ocidente recebem, através do sistema de votação, etc., mas, por outro lado, não temos também entre nós aquela classe de pessoas que, em nome de política, roubam os outros e engordam sugando o próprio sangue vital das massas em todos os países europeus. Se você alguma vez visse, meu amigo, aquela visão chocante nos bastidores da atuação desses políticos – aquela folia do suborno, aquele roubo em plena luz do dia, aquela dança do Diabo no homem, que são praticadas em tais ocasiões – você ficaria sem esperança. homem! "O leite mendiga de porta em porta, enquanto a loja de grogue está lotada; a mulher casta raramente consegue esconder sua modéstia, enquanto a mulher da cidade se agita com todas as suas joias!" Aqueles que têm dinheiro mantiveram o governo do país sob seu controle, estão roubando o povo e enviando-os como soldados para lutar e serem mortos em terras estrangeiras, para que, em caso de vitória; seus cofres podem estar cheios de ouro comprado pelo sangue dos súditos no campo de batalha. E os sujeitos-pessoas? Bem, o objetivo deles é apenas derramar seu sangue. Isso é política! Não se assuste, meu amigo; não se perca em seus labirintos.

Em primeiro lugar, tente compreender isto: o homem faz as leis ou as leis fazem o homem? O homem ganha dinheiro ou o dinheiro faz o homem? O homem faz o nome e a fama, ou o nome e a fama fazem o homem?

Seja primeiro um homem, meu amigo, e você verá como todas essas coisas e o resto seguirão por si mesmas depois de você. Abandonem essa malícia

odiosa, essas brigas e latidos caninos uns para os outros, e tomem sua posição no propósito, nos meios corretos, na coragem correta e sejam corajosos. Quando você nasce homem, deixe alguma marca indelével atrás de você. "Quando você veio a este mundo pela primeira vez, ó Tulsi (um poeta e um devoto - o autor do Ramcharitmanasa. Aqui o poeta está se dirigindo a si mesmo.), o mundo se alegrou e você chorou; agora viva sua vida praticando tais atos que quando você vai deixar este mundo, o mundo vai chorar por você e você vai sair dele rindo." Se você consegue fazer isso, então você é um homem; caso contrário, para que você serve?

Em seguida, você deve entender, meu amigo, que temos muitas coisas a aprender com outras nações. O homem que diz que não tem mais nada a aprender já está no seu limite. A nação que diz saber tudo está à beira da destruição! "Enquanto eu viver, aprenderei." Mas um ponto a ser observado aqui é que quando tiramos algo dos outros, devemos moldá-lo à nossa maneira. Acrescentaremos ao nosso estoque o que os outros têm a ensinar, mas devemos sempre ter o cuidado de manter intacto o que é essencialmente nosso. Por exemplo, suponha que eu queira que meu jantar seja preparado no estilo europeu. Na hora de comer, os europeus sentam-se em cadeiras e estamos acostumados a agachar-nos no chão. Imitando os Europeus, se eu pedir que o meu jantar seja servido numa mesa e tiver de ficar sentado numa cadeira durante mais de uma hora, os meus pés estarão em condições de ir até à porta de Yama, como dizem, e irei contorcer-se em tortura; o que você diz sobre isso? Então devo me agachar no chão no meu próprio estilo, enquanto lavo a louça. Da mesma forma, sempre que aprendemos alguma coisa com os outros, devemos moldá-la à nossa maneira, preservando sempre na íntegra a nossa nacionalidade característica. Deixe-me perguntar: "O homem usa roupas ou as roupas fazem o homem?" O homem de gênio em qualquer vestimenta impõe respeito; mas ninguém se importa com idiotas como eu, embora carregue, como a bunda do lavadeiro, um monte de roupas nas costas.

II. ALFÂNDEGAS: ORIENTE E OCIDENTAL

O que precede, a título de introdução, tornou-se bastante longo; mas depois de toda esta conversa será mais fácil compararmos as duas nações. Eles são bons e nós também somos bons. "Você não pode elogiar um nem culpar o

outro; ambas as escalas são iguais." Claro, existem gradações e variedades de bens, isso é tudo.

Segundo nós, existem três coisas na constituição do homem. Existe o corpo, existe a mente e existe a alma. Primeiro consideremos o corpo, que é a coisa mais externa do homem.

Primeiro, vejamos quão diversas são as diferenças em relação ao corpo. Quantas variedades de nariz, rosto, cabelo, altura, tez, largura, etc. existem!

Os etnólogos modernos sustentam que a variedade de tez se deve à mistura de sangue. Embora o clima quente ou frio do local afete até certo ponto a tez, sem dúvida, a principal causa de sua mudança é a hereditariedade. Mesmo nas partes mais frias do mundo, vêem-se pessoas com pele escura e, novamente, nos países mais quentes, vêem-se homens brancos a viver. A tez das tribos aborígenes do Canadá, na América, e dos esquimós das regiões polares setentrionais, não é branca. Enquanto ilhas como Bornéu, Celebes, etc., situadas nas regiões equatoriais, são povoadas por aborígenes brancos.

De acordo com os Shastras Hindus, as três castas Hindus, Brahmana, Kshatriya e Vaishya, e as várias nações fora da Índia, a saber, Cheen, Hun, Darad, Pahlava, Yavana e Khâsh são todas Aryas. Este Cheen dos nossos Shastras não é o chinês moderno. Além disso, naquela época, os chineses nem sequer se autodenominavam Cheen. Havia uma nação distinta e poderosa, chamada Cheen, que vivia nas partes nordeste da Caxemira, e os Darads viviam onde agora são vistas as tribos das montanhas entre a Índia e o Afeganistão. Alguns vestígios do antigo Cheen ainda não foram encontrados em números muito pequenos, e o Daradistão ainda existe. No Râjatarangini, a história da Caxemira, são frequentemente feitas referências à supremacia do poderoso Darad-Raj. Uma antiga tribo de hunos reinou por um longo período no noroeste da Índia. Os tibetanos agora se autodenominam Hunos, mas este Huno talvez seja "Hune". O facto é que os hunos mencionados no Manu não são os tibetanos modernos, mas é bastante provável que os tibetanos modernos sejam o produto de uma mistura dos antigos hunos arianos e de algumas outras tribos mongóis que vieram da Ásia Central para o Tibete. Segundo Prjevalski e o Duque de Orleans, viajantes russos e franceses, ainda são encontradas em algumas partes do Tibete tribos com rostos e olhos do tipo ariano. "Yavana" foi o nome dado aos gregos. Tem havido muita controvérsia sobre a origem deste

nome. Alguns dizem que o nome Yavana foi usado pela primeira vez para designar uma tribo de gregos que habitava o lugar chamado "Ionia" e, portanto, nos escritos Páli do Imperador Asoka, os gregos são chamados de "Yonas", e posteriormente de "Yona" a palavra sânscrita Yavana foi derivada. Novamente, de acordo com alguns dos nossos antiquários indianos, a palavra Yavana não representa os gregos. Mas todas essas opiniões estão erradas. A palavra original é o próprio Yavana; pois não apenas os hindus, mas também os antigos egípcios e os babilônios chamavam os gregos por esse nome. Pela palavra Pahlava entende-se os antigos persas, falando a língua Pahlavi. Mesmo agora, Khash denota as tribos arianas semicivilizadas que vivem em regiões montanhosas e no Himalaia, e a palavra ainda é usada neste sentido. Nesse sentido, os actuais europeus são descendentes dos Khash; em outras palavras, aquelas tribos arianas que eram incivilizadas nos tempos antigos são todas Khash.

Na opinião dos sábios modernos, os arianos tinham tez branco-avermelhada, cabelos pretos ou ruivos, nariz reto, olhos bem desenhados, etc.; e a formação do crânio variava um pouco de acordo com a cor dos cabelos. Onde a tez é escura, aí a mudança ocorreu devido à mistura do puro sangue ariano com as raças negras. Eles sustentam que ainda existem algumas tribos a oeste das fronteiras do Himalaia que são de puro sangue ariano, e que o resto é todo de sangue misto; caso contrário, como eles poderiam estar escuros? Mas os especialistas europeus já deveriam saber que, nas partes do sul da Índia, muitas crianças nascem com cabelos ruivos, que depois de dois ou três anos se transformam em pretos, e que nos Himalaias muitas têm cabelos ruivos e cabelos azuis ou grisalhos. olhos.

Deixe os especialistas lutarem entre si; são os hindus que sempre se autodenominaram Aryas. Quer sejam de sangue puro ou mestiço, os hindus são aryas; aí ele descansa. Se os europeus não gostam de nós, Aryas, porque somos morenos, deixe-os tomar outro nome – o que isso significa para nós?

Seja preto ou branco, não importa; mas de todas as nações do mundo, os hindus são os mais bonitos e os de melhor aspecto. Não estou me gabando nem dizendo nada de exagero porque pertencem à minha nacionalidade, mas esse fato é conhecido em todo o mundo. Onde mais se pode encontrar uma percentagem mais elevada de homens e mulheres de traços finos do

que na Índia? Além disso, é preciso levar em consideração o quanto é necessário mais no nosso país para ficarmos bonitos do que em outros países, porque nossos corpos estão muito mais expostos. Em outros países, a tentativa é sempre fazer com que as pessoas feias pareçam bonitas sob a cobertura de vestidos e roupas elaborados.

É claro que, no que diz respeito à saúde, os ocidentais são muito superiores a nós. No Ocidente, os homens de quarenta anos e as mulheres de cinquenta ainda são jovens. Isto acontece, sem dúvida, porque comem bem, vestem-se bem e vivem num bom clima e, acima de tudo, o segredo é que não se casam cedo. Pergunte a essas poucas tribos fortes entre nós e veja qual é a idade de casar. Pergunte às tribos das montanhas, como os Goorkhas, os Punjabis, os Jats e os Afridis, qual é a sua idade de casar. Então leia seus próprios Shastras – trinta é a idade fixada para o Brahmana, vinte e cinco para o Kshatriya e vinte para o Vaishya. No que diz respeito à longevidade e à força física e mental, há uma grande diferença entre nós e os ocidentais. Assim que chegamos aos quarenta anos, nossa esperança e força física e mental estão em declínio. Embora, nessa idade, cheios de vigor e esperança juvenis, eles apenas tenham começado.

Somos vegetarianos – a maioria das nossas doenças são do estômago; nossos idosos geralmente morrem de problemas estomacais. Os ocidentais comem carne – a maioria das suas doenças são do coração; seus idosos e idosas geralmente morrem de doenças cardíacas ou pulmonares. Um erudito médico do Ocidente observa que as pessoas que têm problemas estomacais crônicos geralmente tendem a uma natureza melancólica e renunciante, e as pessoas que sofrem de problemas no coração e nas partes superiores do corpo sempre têm esperança e fé até o fim; o paciente de cólera tem desde o início medo da morte, enquanto o paciente tuberculoso espera até o último momento se recuperar. “Será por isso”, meu amigo médico pode perguntar com bom raciocínio, “que os índios sempre falam e pensam em morte e renúncia?” Até agora não consegui encontrar uma resposta satisfatória para isto; mas a questão parece ter um ar de verdade e exige uma consideração séria.

Em nosso país, as pessoas sofrem pouco com doenças dos dentes e dos cabelos; no Ocidente, poucas pessoas têm dentes naturais e saudáveis, e a

calvície é comum em todos os lugares. Nossas mulheres tinham nariz e orelhas para usar ornamentos; no Ocidente, entre as classes mais altas, as mulheres não fazem muito essas coisas hoje em dia; mas ao apertar a cintura, torcer a coluna e, assim, deslocar o fígado e o baço e desfigurar a forma, eles sofrem o tormento da morte para terem uma aparência bem torneada e acrescentado a isso está o fardo do vestuário, sobre o qual eles têm que mostre suas características da melhor maneira possível. Sua vestimenta ocidental é, entretanto, mais adequada para o trabalho. Com exceção da vestimenta usada na sociedade pelas senhoras das classes abastadas, a vestimenta das mulheres em geral é feia. O Sâri de nossas mulheres, e o Chogâ, Châpkan e turbante de nossos homens desafiam qualquer comparação no que diz respeito à beleza no vestuário. Os vestidos justos não conseguem se aproximar em beleza dos soltos que caem em dobras naturais. Mas todos os nossos vestidos, sendo esvoaçantes e com dobras, não são adequados para o trabalho; ao trabalhar, eles são mimados e perdidos. Existe algo chamado moda no Ocidente. A moda deles está no vestuário, a nossa nos ornamentos, embora hoje em dia esteja entrando um pouco também nas roupas. Paris é o centro da moda para vestidos femininos e Londres para homens. As atrizes de Paris costumam ditar a moda. Que nova moda de vestir uma distinta atriz da época usaria, o mundo da moda imitaria avidamente. As grandes empresas de costureiras ditam a moda hoje em dia. Não temos ideia dos milhões de libras que são gastas todos os anos na confecção de roupas no Ocidente. O negócio de confecção de vestidos tornou-se uma ciência regular. Que cor de vestido combina com a tez da menina e com a cor de seu cabelo, que característica especial de seu corpo deve ser disfarçada e o que é exibido da melhor forma - esses e muitos outros pontos importantes, as costureiras devem seriamente considerar. considerar. Mais uma vez, o vestido que as senhoras de posição muito elevada usam, outras têm que usar também, caso contrário perdem a sua casta! Isso é MODA.

Então, novamente, esta moda está mudando todos os dias, por assim dizer; com certeza mudará quatro vezes com as quatro estações do ano e, além disso, muitas outras vezes também. As pessoas ricas têm seus vestidos confeccionados segundo a última moda por empresas especializadas; aqueles que pertencem à classe média fazem com que muitas vezes sejam feitos em casa por mulheres alfaiates, ou eles próprios os fazem. Se a nova

moda se aproxima muito da última, então eles apenas trocam ou ajustam as roupas de acordo; caso contrário, eles compram novos. As classes ricas doam seus vestidos que saíram de moda aos seus dependentes e servos. As criadas e os criados as vendem e são exportadas para as diversas colônias estabelecidas pelos europeus na África, na Ásia e na Austrália, e lá são reutilizadas. Os vestidos daqueles que são imensamente ricos são todos encomendados em Paris; os menos ricos fazem com que sejam copiadas no seu próprio país pelas suas próprias costureiras. Mas os chapéus das mulheres devem ser de fabricação francesa. Na verdade, a vestimenta das mulheres inglesas e alemãs não é boa; geralmente não seguem a moda parisiense – exceto, é claro, alguns dos ricos e das classes mais altas. Assim, as mulheres de outros países fazem piadas às suas custas. Mas a maioria dos homens na Inglaterra se veste muito bem. Os homens e mulheres americanos, sem distinção, usam roupas muito elegantes. Embora o governo americano imponha impostos pesados sobre todos os vestidos importados de Londres ou Paris, para impedir a entrada de mercadorias estrangeiras no país - ainda assim, as mulheres encomendam os seus vestidos a Paris, e os homens, a Londres. Milhares de homens e mulheres estão empenhados em introduzir diariamente no mercado tecidos de lã e seda de vários tipos e cores, e milhares, novamente, estão fabricando todos os tipos de vestidos com eles. A menos que o vestido esteja exatamente na moda, senhoras e senhores não podem andar na rua sem serem notados pelos fashionistas. Embora não tenhamos todo esse incômodo com a moda no vestuário em nosso país, temos, em vez disso, uma moda nos ornamentos, até certo ponto. Os comerciantes que negociam seda, lã e outros materiais no Ocidente têm os olhos atentos sempre fixos na forma como a moda muda e no tipo de coisas que as pessoas começaram a gostar; ou eles descobrem uma nova moda, vinda de seu próprio cérebro, e tentam chamar a atenção das pessoas para isso. Quando um comerciante consegue chamar a atenção do povo para a moda por ele trazida ao mercado, ele é um homem feito para a vida. Na época do Imperador Napoleão III de França, a sua esposa, a Imperatriz Eugénia, era o avatar universalmente reconhecido da moda do Ocidente. O xale da Caxemira era o seu favorito especial e, portanto, xales no valor de milhões de rúpias costumavam ser exportados todos os anos, na sua época, da Caxemira para a Europa. Com a queda de Napoleão III, a moda mudou e os xales da Caxemira não são mais vendidos. E quanto aos mercadores do nosso país, eles sempre seguem a velha rotina.

Eles não conseguiram encontrar oportunamente nenhum estilo novo que atraísse a atenção do Ocidente sob as novas circunstâncias, e assim o mercado foi perdido para eles. A Caxemira recebeu um choque severo e seus grandes e ricos comerciantes faliram repentinamente.

Este mundo, se você tiver olhos para ver, é seu – se não, é meu; você acha que alguém espera por outro? Os ocidentais estão a conceber novos meios e métodos para atrair o luxo e o conforto de diferentes partes do mundo. Eles observam a situação com dez olhos e trabalham com duzentas mãos, por assim dizer; embora nunca faremos o que os autores dos Shastras não escreveram nos livros, e assim estamos nos movendo no mesmo velho ritmo, e não há nenhuma tentativa de buscar algo original e novo; e a capacidade de fazer isso está perdida para nós agora. A nação inteira está rasgando os céus com gritos por comida e morrendo de fome. De quem é a culpa? Nosso! Que meios estamos a utilizar para encontrar uma saída para esta situação lamentável? Zero! Apenas fazendo muito barulho com nossa conversa fiada e vazia! Isso é tudo o que estamos fazendo. Por que não sair do seu canto estreito e ver, com os olhos abertos, como o mundo está avançando? Então a mente se abrirá e o poder do pensamento e da ação oportuna surgirá por si mesmo. Você certamente conhece a história dos Devas e dos Asuras. Os Devas têm fé em sua alma, em Deus e na vida após a morte, enquanto os Asuras dão importância a esta vida e se dedicam a desfrutar deste mundo e a tentar ter conforto corporal de todas as maneiras possíveis. Não pretendemos discutir aqui se os Devas são melhores que os Asuras, ou os Asuras que os Devas, mas, lendo suas descrições nos Purânas, os Asuras parecem ser, para dizer a verdade, mais parecidos com HOMENS, e muito mais viris. do que os Devas; os Devas são inferiores, sem dúvida, aos Asuras, em muitos aspectos. Agora, para compreender o Oriente e o Ocidente, não podemos fazer melhor do que interpretar os hindus como filhos dos Devas e os ocidentais como filhos dos Asuras.

Primeiro, vejamos suas respectivas idéias de limpeza do corpo. Pureza significa limpeza da mente e do corpo; o último é efetuado pelo uso da água, etc. Nenhuma nação no mundo tem um corpo tão limpo quanto o hindu, que usa a água com muita liberdade. Tomar banho de mergulho é quase escasso em outras nações, com algumas exceções. Os ingleses introduziram-no no seu país depois de entrarem em contacto com a Índia.

Mesmo agora, pergunte aos nossos estudantes que residiram na Inglaterra sobre educação, e eles lhe dirão quão insuficientes são os preparativos para o banho lá. Quando os ocidentais tomam banho – e isso acontece uma vez por semana – eles trocam de roupa interior. Claro que hoje em dia, entre os que têm meios, muitos tomam banho diariamente e entre os americanos o número é maior; os alemães uma vez por semana, os franceses e outros muito raramente! Espanha e Itália são países quentes, mas lá é ainda menos! Imagine-os comendo alho em abundância, transpirando abundantemente dia e noite, e ainda assim sem tomar banho! Os fantasmas certamente devem fugir deles, o que dizer dos homens! O que significa banho no Ocidente? Ora, a lavagem do rosto, da cabeça e das mãos, ou seja, apenas as partes que estão expostas. Certa vez, um amigo milionário me convidou para ir a Paris: Paris, que é a capital da civilização moderna – Paris, o paraíso do luxo, da moda e da diversão na terra – o centro das artes e das ciências. Meu amigo me acomodou em um enorme hotel palaciano, onde os preparativos para as refeições eram no estilo real, mas para o banho - bem, não há nome. Durante dois dias sofri silenciosamente - até que finalmente não aguentei mais, e tive que me dirigir ao meu amigo assim: "Querido irmão, deixe este luxo real estar com você e os seus! Estou ansioso para sair desta situação. Que calor. mau tempo e sem possibilidade de tomar banho; se continuar assim, estarei em perigo iminente de enlouquecer como um cão raivoso." Ao ouvir isso, meu amigo ficou com muita pena de mim e irritado com as autoridades do hotel, e disse: "Não vou deixar você ficar mais aqui, vamos procurar um lugar melhor". Doze dos principais hotéis foram vistos, mas não havia lugar para banho em nenhum deles. Existem balneários independentes, onde se pode ir tomar banho por quatro ou cinco rúpias. Deus do céu! Naquela mesma tarde li num jornal que uma senhora idosa entrou na banheira e morreu ali mesmo! Independentemente do que digam os médicos, estou inclinado a pensar que talvez tenha sido essa a primeira ocasião na sua vida em que entrou em contacto com tanta água, e a estrutura desabou com o choque repentino! Isto não é exagero. Então, os russos e alguns outros são terrivelmente impuros nesse sentido. Começando pelo Tibete, é praticamente o mesmo em todas essas regiões. Em todas as pensões da América, é claro, há um banheiro e um sistema de abastecimento de água encanada.

Veja, no entanto, a diferença aqui. Por que nós, hindus, tomamos banho? Por causa do medo de incorrer em pecado. Os ocidentais lavam as mãos e o rosto por uma questão de limpeza. Tomar banho connosco significa derramar água sobre o corpo, embora o óleo e a sujidade possam aderir e aparecer. Mais uma vez, os nossos irmãos do Sul da Índia decoram-se com marcas de castas tão longas e largas que é necessário, talvez, o uso de uma pedra-pomes para as remover. Nosso banho, por outro lado, é fácil – dar um mergulho, em qualquer lugar; mas não é assim, no Ocidente. Lá eles têm que tirar um monte de roupa, e quantos botões, colchetes e olhos tem! Não sentimos nenhuma delicadeza em mostrar nosso corpo; para eles é terrível, mas entre os homens, digamos, entre pai e filho, não há impropriedade; só que diante das mulheres você tem que se cobrir completamente.

Este costume de limpeza externa, como todos os outros costumes, às vezes acaba por ser, a longo prazo, antes uma tirania ou o próprio inverso de Âchâra (limpeza). O Europeu diz que todos os assuntos corporais devem ser tratados em privado. Bem e bom. "É vulgar cuspir na frente dos outros. Enxaguar a boca na frente dos outros é uma vergonha." Assim, por medo da censura, não lavam a boca após as refeições, e o resultado é que os dentes vão deteriorando gradativamente. Aqui está a não observância da limpeza por medo da sociedade ou da civilização. Conosco, é o outro extremo - enxaguar e lavar a boca diante de todos os homens, ou sentar-se na rua, fazendo barulho como se estivesse doente - isso é bastante tirania. Essas coisas deveriam, sem dúvida, ser feitas de forma privada e silenciosa, mas não fazê-las por medo da sociedade também é igualmente errado.

Mais uma vez, a sociedade suporta pacientemente e adapta-se aos costumes que são inevitáveis em determinados climas. Num país quente como o nosso, bebemos copo após copo de água; agora, como podemos ajudar a eructar; mas no Ocidente esse hábito é muito pouco cavalheiresco. Mas aí, se você assoar o nariz e usar o lenço do bolso na hora de comer – isso não é questionável, mas conosco é nojento. Num país frio como o deles, não se pode evitar fazer isso de vez em quando.

Nós, hindus, consideramos a sujeira uma abominação, mas, mesmo assim, na verdade, frequentemente nos sujamos. A sujeira nos é tão repugnante que, se tocá-la, tomamos banho; e assim, para nos mantermos longe dele,

deixamos um monte dele apodrecendo perto de casa - a única coisa a ter cuidado é não tocá-lo; mas, por outro lado, alguma vez pensamos que estamos vivendo virtualmente no inferno? Para evitar uma impureza, cortejamos outra e uma impureza ainda maior; para escapar de um mal, seguimos atrás de outro e de um mal maior. Quem guarda sujeira amontoada em sua casa é pecador, não há dúvida disso. E para sua retribuição ele não precisa esperar pela próxima vida; às vezes ele recua sobre sua cabeça - nesta mesma vida.

A graça de Lakshmi (deusa da fortuna) e Sarasvati (deusa da aprendizagem) agora brilha sobre os povos dos países ocidentais. Eles não param na mera aquisição dos objetos de prazer, mas em todas as suas ações buscam uma espécie de beleza e graça. No comer e no beber, nas suas casas e nos arredores, em tudo, querem ver uma elegância total. Também já tivemos essa característica – quando havia riqueza e prosperidade na terra. Temos agora demasiada pobreza, mas, para piorar a situação, estamos a cortejar a nossa ruína de duas maneiras - nomeadamente, estamos a deitar fora o que temos como nosso e a trabalhar em vão para tornar nossos os ideais e hábitos dos outros. Aquelas virtudes nacionais que tínhamos estão desaparecendo gradativamente e também não estamos adquirindo nenhuma das ocidentais? Em sentar, andar, conversar, etc., havia antigamente uma característica tradicional e específica nossa; isso já se foi e, além disso, não temos a capacidade de assimilar os modos ocidentais de etiqueta. Aqueles antigos ritos religiosos, práticas, estudos, etc., que nos foram deixados, vocês estão entregando às águas da maré para serem varridos - e ainda assim algo novo e adequado às exigências do tempo, para compensá-los, não está a criar raízes e a tornar-se estável connosco. Ao oscilar entre essas duas linhas reside toda a nossa angústia atual. A Bengala que está por vir ainda não conseguiu uma base estável. Foram as nossas artes que tiveram o pior desempenho. Antigamente, nossas velhas pintavam o chão, as portas e as paredes de suas casas com pasta de arroz em pó, desenhando diversas belas figuras; cortavam folhas de bananeira de maneira artística para servir a comida; eles costumavam esbanjar sua arte em organizar bem os diferentes comestíveis nos pratos. Essas artes, nos dias de hoje, desapareceram gradualmente ou estão desaparecendo.

É claro que coisas novas têm de ser aprendidas, introduzidas e elaboradas; mas será que isso pode ser feito eliminando tudo o que é velho, só porque é velho? Que coisas novas você aprendeu? Nenhuma – exceto uma confusão de palavras! Que ciência ou arte realmente útil você adquiriu? Vá e veja, ainda hoje nas aldeias distantes, as antigas marcenarias e alvenarias. Os carpinteiros de suas cidades não conseguem nem fabricar um par de portas decente. Se eles são feitos para uma cabana ou uma mansão, é difícil saber! Eles só sabem comprar ferramentas estrangeiras, como se isso fosse tudo carpintaria! Infelizmente! Esse estado de coisas atingiu todos os assuntos do nosso país. O que tínhamos como nosso está desaparecendo e, no entanto, tudo o que aprendemos com os estrangeiros é a arte de falar. Apenas lendo e conversando! Os bengalis e os irlandeses na Europa são raças moldadas no mesmo molde – apenas falando e falando e trocando palavras. Estas duas nações são adeptas de fazer discursos grandiloquentes. Eles não estão em lugar nenhum, quando é necessário um pouco de trabalho prático real - além disso, eles estão latindo uns para os outros e brigando entre si todos os dias de suas vidas!

No Ocidente, eles têm o hábito de manter tudo arrumado e limpo, e até os mais pobres estão atentos a isso. E esta preocupação com a limpeza deve ser observada; pois, a menos que o povo tenha roupas limpas, ninguém as empregará em seu serviço. Seus criados, empregadas domésticas, cozinheiras, etc., estão todos vestidos com roupas imaculadamente limpas. Suas casas são mantidas arrumadas e limpas diariamente, sendo escovadas, lavadas e espanadas. Uma parte da boa educação consiste em não jogar coisas fora, mas mantê-las em seus devidos lugares. Suas cozinhas parecem limpas e iluminadas - as cascas de vegetais e outros detritos são colocados, por enquanto, em um recipiente separado, e levados, mais tarde, por um catador à distância e jogados em local próprio e reservado para esse fim. Eles não jogam essas coisas nos quintais ou nas estradas.

As casas e outros edifícios dos ricos são realmente um espetáculo que vale a pena ver – são, noite e dia, uma maravilha de ordem e limpeza! Além disso, têm o hábito de colecionar tesouros artísticos de vários países e enfeitar seus quartos com eles. No que diz respeito a nós mesmos, não precisamos, é claro, pelo menos no momento, de colecionar obras de arte como eles fazem; mas deveríamos, ou não, pelo menos preservar aqueles que

possuímos da ruína? Ainda levará muito tempo para se tornarem tão bons e eficientes quanto nas artes da pintura e da escultura. Nunca fomos muito hábeis nesses dois departamentos de arte. Imitando os europeus, no máximo só poderemos produzir um ou dois Ravi Varma entre nós! Mas muito melhores do que esses artistas são os nossos Patuas (pintores) que fazem os Châlchitras (molduras modeladoras de arcos sobre imagens de divindades, com quadros Paurânika.) das nossas deusas, em Bengala. Eles exibem em seus trabalhos pelo menos uma ousadia no brilho de suas cores. As pinturas de Ravi Varma e outros fazem esconder o rosto de vergonha! Muito melhores são aquelas imagens douradas de Jaipur e a Chalchitra da deusa Durgâ que temos desde os tempos antigos. Reservarei as minhas reflexões sobre as artes europeias da escultura e da pintura para alguma ocasião futura. Esse é um assunto muito vasto para ser abordado aqui.

III. COMIDA E COZINHA

Agora ouça algo sobre a arte ocidental de cozinhar. Observa-se maior pureza em nossa culinária do que em qualquer outro país; por outro lado, não temos aquela regularidade, método e limpeza perfeitos da mesa inglesa. Todos os dias nosso cozinheiro primeiro toma banho e troca de roupa antes de entrar na cozinha; ele limpa cuidadosamente todos os utensílios e a lareira com água e terra, e se por acaso tocar o rosto, o nariz ou qualquer parte do corpo, lava as mãos antes de tocar novamente em qualquer alimento. O cozinheiro ocidental quase não toma banho; além disso, ele prova com uma colher o cozimento que está fazendo e não pensa muito em mergulhar novamente a colher na panela. Tirando o lenço, assoa vigorosamente o nariz e, novamente, com a mesma mão, por acaso amassa a massa. Ele nunca pensa em lavar as mãos quando vem de fora e começa a cozinhar imediatamente. Mas mesmo assim ele tem roupas e boné brancos como a neve. Talvez ele esteja dançando sobre a massa - ora, porque ele pode amassá-la bem com toda a pressão de seu corpo, não importa se o suor de seu rosto se mistura a ela! (Felizmente hoje em dia as máquinas são muito utilizadas para a tarefa.) Depois de todo esse sacrilégio, quando o pão está pronto, ele é colocado num prato de porcelana coberto com um guardanapo branco como a neve e carregado pelo criado vestido com um terno impecável de roupas com luvas brancas; em seguida, é colocado sobre

a mesa, coberto com uma toalha limpa. Anote aqui as luvas – para que o homem não toque em nada com os dedos nus!

Observe o nosso, por outro lado. Nosso cozinheiro brâmane primeiro se purificou com um banho e depois preparou o jantar em utensílios completamente limpos, mas ele o serve em um prato no chão coberto com terra e esterco de vaca; e sua roupa, embora lavada diariamente, está tão suja que parece que nunca foi lavada. E se a folha da bananeira, que às vezes serve de prato, se rasgar, há grandes chances de a sopa se misturar com o chão úmido e a pasta de esterco de vaca e ficar com um sabor maravilhoso!

Depois de tomar um bom banho colocamos um pano de aspecto sujo, quase pegajoso de óleo; e no Ocidente, vestem um terno perfeitamente limpo sobre o corpo sujo, sem ter tomado banho adequado. Agora, isto deve ser entendido completamente – pois aqui está o ponto de diferença essencial entre o Oriente e o Ocidente. Essa visão interior do Hindu e a visão exterior do Ocidente manifestam-se em todos os seus respectivos modos e costumes. O hindu sempre olha para dentro e o ocidental para fora. O hindu guarda os diamantes embrulhados num trapo, por assim dizer; o ocidental preserva um pedaço de terra num caixão de ouro! O hindu toma banho para manter seu corpo limpo, ele não se importa com o quão suja sua roupa possa estar; o ocidental tem o cuidado de usar roupas limpas – o que importa se permanecer sujeira em seu corpo! O hindu mantém arrumados e limpos os quartos, portas, pisos e tudo dentro de sua casa; o que importa se um monte de sujeira e lixo estiver do lado de fora da sua porta de entrada! O ocidental procura cobrir o chão com tapetes bonitos e brilhantes; a sujeira e a poeira sob eles ficam bem se ocultadas da vista! O hindu deixa seus ralos correrem pela estrada, o mau cheiro não conta muito! Os esgotos no Ocidente são subterrâneos – o foco da febre tifóide! O hindu limpa o interior, o ocidental limpa o exterior.

O que se quer é um corpo limpo com roupas limpas. Enxaguar a boca, limpar os dentes e tudo o que precisa ser feito – mas em particular. As moradias devem ser mantidas limpas, assim como as ruas e vias e todos os lugares periféricos. O cozinheiro deve manter suas roupas limpas assim como seu corpo. Além disso, as refeições devem ser servidas em copos e

pratos imaculados, em local limpo e arrumado. Achara ou observância das regras de conduta estabelecidas na vida é o primeiro passo para a religião e, novamente, a limpeza do corpo e da mente, a limpeza em tudo, é o fator mais importante. Alguém desprovido de Achara algum dia alcançará a religião? Você não vê diante de seus olhos as misérias daqueles que são desprovidos de Achara? Não deveríamos, pagando caro por isso, aprender a lição? A cólera, a malária e a peste estabeleceram-se permanentemente na Índia e estão a levar milhões de vítimas. De quem é a culpa? Nosso, com certeza. Infelizmente estamos desprovidos de Achara!

Todas as nossas diferentes seitas do Hinduísmo admitem a verdade do célebre ditado do Shruti, (Chhândogya Upanishad, VII. xxvi. 2.) "

आहारशुद्धौ सत्त्वशुद्धिः सत्त्वशुद्धौ ध्रुवा स्मृतिः - Quando a comida é pura, então o sentido interior é purificado; em a purificação do sentido interno, a memória (da perfeição da alma) torna-se estável." Somente, de acordo com Shankarâchârya, a palavra Ahâra significa as percepções sensoriais, e Râmânua entende a palavra como significando comida. mas qual é a solução? Todas as seitas concordam que ambos são necessários e ambos devem ser levados em conta. Sem alimento puro, como os Indriyas (órgãos) podem desempenhar adequadamente suas respectivas funções? Todos sabem por experiência que a comida impura enfraquece o poder de receptividade dos Indriyas ou os faz agir em oposição à vontade. É um fato bem conhecido que a indigestão distorce a visão das coisas e torna uma coisa atraente como outra, e que a falta de comida torna a visão e outras faculdades dos sentidos turvas e fracas. Da mesma forma, muitas vezes se vê que algum tipo específico de alimento provoca algum estado particular do corpo e da mente. Este princípio está na raiz de muitas regras que são tão estritamente impostas na sociedade hindu - que devemos comer este tipo e evitar aquele tipo de alimento - embora em muitos casos, esquecendo a sua substância essencial, o núcleo, estejamos agora ocupados apenas discutindo sobre a concha e vigiando-a.

Râmânujâchârya pede que evitemos três tipos de defeitos que, segundo ele, tornam os alimentos impuros. O primeiro defeito é o do Jâti, ou seja, da própria natureza ou da espécie a que pertence o alimento, como cebola, alho, etc. Estas têm uma tendência excitante e, quando tomadas, produzem inquietação na mente ou, em outras palavras, perturbam o intelecto. A

próxima é a de Âshraya, ou seja, a natureza da pessoa de quem vem o alimento. A comida vinda de uma pessoa má tornará a pessoa impura e terá pensamentos maus, enquanto a comida vinda de um homem bom elevará os pensamentos da pessoa. Depois, o outro é Nimitta-dosha, isto é, impureza nos alimentos devido a agentes presentes neles como sujeira e poeira, vermes ou cabelos; ingerir tal alimento também torna a mente impura. Destes três defeitos, qualquer um pode evitar o Jati e o Nimitta, mas não é fácil para todos evitar o Ashraya. É apenas para evitar este Ashraya-dosha que temos tanto “Não-toque” entre nós hoje em dia. "Não me toque!" "Não me toque!"

Mas na maioria dos casos, a carroça é colocada na frente dos bois; e o verdadeiro significado do princípio sendo mal compreendido, torna-se com o tempo uma superstição estranha e hedionda. Nestes casos, os Acharas dos grandes Âchâryas, os professores da humanidade, deveriam ser seguidos em vez dos Lokâchâras. ou seja, os costumes seguidos pelo povo em geral. Deveríamos ler as vidas de grandes Mestres como Shri Chaitanya Deva e outros grandes mestres religiosos semelhantes e ver como eles se comportaram com seus semelhantes a esse respeito. No que diz respeito ao Jati-dosha na alimentação, nenhum outro país do mundo oferece um campo melhor para a sua observação do que a Índia. Os indianos, entre todas as nações, consomem os alimentos mais puros e, em todo o mundo, não há outro país onde a pureza do Jati seja tão bem observada como na Índia. É melhor prestarmos mais atenção ao Nimitta-dosha agora na Índia, pois ele está se tornando uma fonte de sérios males para nós. Tornou-se muito comum entre nós comprar comida na loja de doces do bazar, e vocês podem julgar por si mesmos quão impuras são essas confeitarias do ponto de vista do Nimitta-dosha; pois, sendo mantidos expostos, a sujeira e a poeira das estradas, bem como os insetos mortos, aderem a elas, e como às vezes devem ser obsoletos e poluídos. Toda esta dispepsia que se nota em cada casa e a prevalência da diabetes de que tanto sofrem os habitantes da cidade hoje em dia se devem à retirada de alimentos impuros dos bazares; e o facto de as pessoas da aldeia não estarem, em regra, tão sujeitas a estas queixas deve-se principalmente ao facto de não terem perto de si estes bazares, onde possam comprar à sua vontade alimentos venenosos como Loochi, Kachoori, etc. detenha-se nisso em detalhes mais adiante.

Esta é, em suma, a velha regra geral sobre alimentação. Mas havia, e ainda há, muitas diferenças de opinião sobre o assunto. Mais uma vez, tal como antigamente, também nos dias de hoje, há uma grande controvérsia sobre se é bom ou mau consumir alimentos de origem animal ou viver apenas com uma dieta vegetal, se somos beneficiados ou não pela ingestão de carne. Além disso, a questão de saber se é certo ou errado matar animais sempre foi motivo de grande controvérsia. Uma parte diz que tirar a vida é pecado, e de forma alguma deveria ser feito. A outra parte responde: "Um figo para a sua opinião! É simplesmente impossível viver sem matar." Os Shastras também diferem, e um tanto confundem, neste ponto. Em um lugar o Shashtra dita: "Mate animais em Yajnas", e novamente, em outro lugar diz: "Nunca tire a vida". Os hindus afirmam que é pecado matar animais, exceto em sacrifícios, mas pode-se desfrutar impunemente do prazer de comer carne depois que o animal é sacrificado em um Yajna. Na verdade, existem certas regras prescritas para o chefe de família nas quais ele é obrigado a matar animais em ocasiões, como Shraddha e assim por diante; e se ele deixa de matar animais nessas ocasiões, é condenado como pecador. Manu diz que se aqueles que são convidados para Shraddha e algumas outras cerimônias não participarem da comida animal ali oferecida, eles nascerão em um corpo animal na próxima.

Por outro lado, os jainistas, os budistas e os Vaishnavas protestam, dizendo: "Não acreditamos nos ditames de tais Shastras hindus; em hipótese alguma deveria ser tolerada a privação de vidas." Asoka, o imperador budista, lemos, punia aqueles que realizavam Yajnas ou ofereciam carne aos convidados em qualquer cerimônia. A posição em que os Vaishnavas modernos se encontram é bastante difícil. Exemplos são encontrados no Râmâyana [51] e no Mahabhârata [52] de beber vinho e comer carne por Rama e Krishna, a quem eles adoram como Deus. Sita Devi promete carne, arroz e mil jarras de vinho à deusa do rio, Gangâ! [53]

No Ocidente, a controvérsia é se a alimentação animal é prejudicial à saúde ou não, se é mais fortalecedora do que a dieta vegetal ou não, e assim por diante. Uma parte diz que aqueles que comem alimentos de origem animal sofrem de todo tipo de problemas físicos. O outro contradiz isso e diz: "Isso é tudo ficção. Se isso fosse verdade, então os hindus teriam sido a raça mais saudável, e as nações poderosas, como os ingleses, os americanos e outros,

cujo principal alimento é a carne, teria sucumbido a todos os tipos de doenças e deixado de existir a essa altura." Diz-se que a carne do bode torna o intelecto como o do bode, a carne do porco como a do porco, e o peixe como o do peixe. O outro declara que também se pode argumentar que a batata produz um cérebro semelhante ao da batata, que os vegetais produzem um cérebro semelhante ao vegetal — semelhante a matéria opaca e morta. Não é melhor ter a inteligência de um animal vivo do que ter o cérebro embotado e inerte como matéria morta? Uma parte afirma que os elementos que estão na composição química dos alimentos para animais também estão igualmente presentes nos vegetais. O outro ridiculariza e exclama. "Ora, eles também estão no ar. Vá então e viva apenas no ar". Argumenta-se que os vegetarianos são muito meticulosos e podem passar por um trabalho árduo e prolongado. O outro diz: "Se isso fosse verdade, então as nações vegetarianas ocupariam o primeiro lugar, o que não é o caso, sendo as nações mais fortes e mais importantes sempre aquelas que consomem alimentos de origem animal". Aqueles que defendem a alimentação animal argumentam: "Vejam os hindus e os chineses, como são pobres. Eles não comem carne, mas vivem de alguma forma com uma dieta escassa de arroz e todos os tipos de vegetais. Os japoneses também estavam na mesma situação, mas desde que começaram a comer carne, viraram uma nova página. Nos regimentos indianos, há cerca de um lac e meio de sipaios nativos. eles, como os Sikhs e os Goorkhas, nunca são vegetarianos". Uma parte diz: "A indigestão é devida à alimentação animal". O outro diz: "Isso é tudo bobagem. São principalmente os vegetarianos que sofrem de problemas estomacais." Novamente: "Pode ser que o alimento vegetal atue como um purgante eficaz para o organismo. Mas isso é alguma razão para você induzir o mundo inteiro a tomá-lo?"

Independentemente do que um ou outro diga, o facto real, porém, é que as nações que consomem alimentos de origem animal são sempre, em regra, notavelmente corajosas, heróicas e ponderadas. As nações que consomem alimentos de origem animal também afirmam que naqueles dias em que a fumaça dos Yajnas subia no céu indiano e os hindus costumavam consumir a carne dos animais sacrificados, então apenas grandes gênios religiosos e gigantes intelectuais nasceram entre eles; mas desde a deriva dos hindus para o vegetarianismo dos Bâbâji, nenhum grande homem original surgiu entre eles. Tendo em conta esta visão, os carnívoros do nosso país têm

medo de abandonar a sua alimentação habitual. Os Ârya Samâjistas estão divididos entre si neste ponto, e uma controvérsia está a assolar dentro do seu seio - um partido sustenta que a alimentação animal é absolutamente necessária, e a outra parte denuncia-a como extremamente errada e injusta.

Dessa forma, prosseguem discussões de caráter conflitante, dando origem a abusos, brigas e brigas mútuas. Depois de examinar cuidadosamente todos os lados da questão e deixar de lado todo o fanatismo que prevalece nesta delicada questão da alimentação, devo dizer que a minha convicção tende a confirmar esta visão – que os hindus estão, afinal de contas, certos; Quero dizer aquela injunção dos Shastras Hindus que estabelece a regra de que a comida, como muitas outras coisas, deve ser diferente de acordo com a diferença de nascimento e profissão; esta é a conclusão sólida. Mas os hindus de hoje em dia não seguirão os seus Shastras nem ouvirão o que os seus grandes Acharyas ensinaram.

Comer carne é certamente bárbaro e alimentos vegetais são certamente mais puros – quem pode negar isso? Para ele certamente existe uma dieta vegetariana estrita cujo único objetivo é levar apenas uma vida espiritual. Mas aquele que tem que dirigir o barco da sua vida com trabalho árduo através das constantes lutas de vida ou morte e da competição deste mundo deve necessariamente comer carne. Enquanto existir na sociedade humana algo como o triunfo dos fortes sobre os fracos, será necessária alimentação animal; caso contrário, os fracos serão naturalmente esmagados pelos pés dos fortes. Não adianta citar exemplos solitários do bom efeito dos alimentos vegetais sobre uma pessoa ou pessoas em particular: comparar uma nação com outra e depois tirar conclusões.

Os vegetarianos, novamente, também estão divididos entre si. Alguns dizem que arroz, batata, trigo, cevada, milho e outros alimentos ricos em amido são inúteis; estes foram produzidos pelo homem e são a fonte de todas as doenças. Alimentos ricos em amido que geram açúcar no organismo são os mais prejudiciais à saúde. Até cavalos e vacas ficam doentes e doentes se forem mantidos dentro de casa e alimentados com trigo e arroz; mas eles ficam bons novamente se puderem pastar livremente nas ervas tenras e crescentes dos prados. Há muito pouca substância amilácea na grama, nas nozes e em outras ervas verdes comestíveis. O

orangotango come grama e nozes e geralmente não come batata e trigo, mas se o fizer, come-os antes de estarem maduros, ou seja, quando não contêm muito amido. Outros dizem que comer carne assada e muita fruta e leite é o mais adequado para alcançar a longevidade. Mais especialmente, aqueles que comem muitas frutas regularmente não perdem tão cedo a juventude, pois o ácido da fruta dissolve a crosta suja formada nos ossos, que é principalmente a causa da velhice.

Todas estas contendas não têm fim; eles estão acontecendo incessantemente. Agora, a opinião judiciosa admitida por todos em relação a esta questão controversa é a de ingerir alimentos que sejam substanciais e nutritivos e, ao mesmo tempo, de fácil digestão. A comida deve ser tal que contenha o maior nutriente no menor espaço possível e, ao mesmo tempo, seja rapidamente assimilável; caso contrário, tem necessariamente que ser ingerido em grande quantidade e, conseqüentemente, é necessário o dia inteiro apenas para digeri-lo. Se toda a energia for gasta apenas na digestão dos alimentos, o que sobrar para fazer outros trabalhos?

Todas as coisas fritas são realmente venenosas. A loja do doce é a porta da Morte. Nos países quentes, quanto menos óleo e manteiga clarificada (ghee) forem ingeridos, melhor. A manteiga é digerida mais facilmente do que o ghee. Há muito pouca substância na farinha branca como a neve; farinha de trigo integral é boa como alimento. Para Bengala, o estilo e a preparação dos alimentos que ainda estão em voga nas nossas aldeias distantes são louváveis. Que antigo poeta bengali você encontra cantando louvores a Loochi e Kachoori? Estes Loochis e Kachooris foram introduzidos em Bengala a partir das províncias do Noroeste; mas mesmo assim as pessoas os tomam apenas ocasionalmente. Nunca vi ninguém que vivesse principalmente de coisas fritas no ghee, dia após dia. Os lutadores Chaube de Mathura, sem dúvida, gostam de Loochis e doces; mas em poucos anos o poder de digestão de Chaubeji fica arruinado e ele tem que se drogar com preparações apetitosas chamadas Churans.

Os pobres morrem de fome porque não conseguem nada para comer, e os ricos morrem de fome porque o que comem não é comida. Toda e qualquer coisa comida não é comida; isso é comida de verdade que, quando consumida, é bem assimilada. É melhor jejuar do que se encher de tudo e

qualquer coisa. Nas iguarias das confeitarias quase não há nada nutritivo; por outro lado, existe – veneno! Antigamente, as pessoas costumavam consumir essas coisas prejudiciais apenas ocasionalmente; mas agora, os habitantes da cidade, especialmente aqueles que vêm das aldeias para viver nas cidades, são os maiores pecadores a este respeito, pois os levam todos os dias. Não é de admirar que morram prematuramente de dispepsia! Se você estiver com fome, jogue fora todos os doces e coisas fritas em ghee na vala e compre um pice de Moorhi (arroz estourado) - isso será um alimento mais barato e mais nutritivo. É alimento suficiente ter arroz, Dâl (lentilhas), Châpâtis (pão não fermentado) de trigo integral, peixe, vegetais e leite. Mas Dal tem de ser tomado como os índios do Sul o tomam, isto é, apenas a sopa; o resto do preparo dá ao gado. Ele pode comer carne de quem pode pagar, mas sem torná-la muito rica com temperos quentes, como fazem os povos do Noroeste. As especiarias não são comida alguma; tomá-los em abundância é apenas devido a um mau hábito. Dal é um alimento muito substancial, mas difícil de digerir. A sopa de ervilha preparada com ervilhas tenras é de fácil digestão e agradável ao paladar. Em Paris esta sopa de ervilhas é um prato favorito. Primeiro ferva bem as ervilhas, depois faça uma pasta com elas e misture com água. Agora passe a sopa por uma peneira de arame, como aquela em que o leite é coado e toda a casca externa será separada. Em seguida, adicione alguns temperos, como açafrão, pimenta-do-reino, etc., conforme o gosto, e grelhe com um pouco de ghee na frigideira - e você obterá um Dal agradável e saudável. Os carnívoros podem torná-lo delicioso cozinhando-o com cabeça de cabra ou peixe.

O facto de termos tantos casos de diabetes na Índia deve-se principalmente à indigestão; é claro que há casos isolados em que a causa é trabalho cerebral excessivo, mas na maioria é indigestão. Barriga é o principal sinal de indigestão. Comer significa encher-se? Tudo o que podemos assimilar é alimento adequado para alguém. Ficar magro ou gordo é igualmente devido à indigestão. Não se dê por perdido porque alguns sintomas do diabetes são perceptíveis em você; isso não é nada em nosso país e não deve ser levado seriamente em consideração. Apenas preste mais atenção à sua dieta para evitar indigestão. Esteja ao ar livre tanto quanto possível, faça longas caminhadas e trabalhe duro. Os músculos da perna devem ser duros como ferro. Se você estiver em serviço, tire férias quando possível e faça uma

peregrinação ao Badarikashrama no Himalaia. Se a viagem for realizada a pé, através de subidas e descidas de duzentos quilômetros de morros, você verá que esse fantasma do diabetes se afastará de você. Não deixe os médicos chegarem perto de você; a maioria deles irá prejudicá-lo mais do que trazer algum bem; e, tanto quanto possível, nunca tome medicamentos, que na maioria dos casos matam o paciente mais cedo do que a própria doença. Se puder, caminhe da cidade até sua aldeia natal todos os anos durante as férias de Puja. Ser rico em nosso país passou a ser sinônimo de ser a personificação da preguiça e da dependência. Aquele que tem que caminhar apoiado por outro, ou aquele que tem que ser alimentado por outro, está condenado a ser miserável – é um verdadeiro inválido. Aquele que come com cautela apenas a camada mais fina do Loochi, por medo de que tudo não lhe convém, já está morto em vida. Ele é um homem ou um verme que não consegue andar trinta quilômetros seguidos. Quem pode salvar alguém que convida à doença e à morte prematura por sua própria vontade?

E quanto ao pão fermentado, também é veneno; não toque em nada! Farinha misturada com fermento torna-se prejudicial. Nunca coma nada fermentado; a este respeito, a proibição em nossos Shastras de comer qualquer alimento desse tipo é um fato de grande importância. Qualquer coisa doce que tenha azedado é chamada nos Shastras de “Shukta”, e é proibido ingeri-la, exceto a coalhada, que é boa e benéfica. Se tiver que levar pão, teste-o bem no fogo.

Água impura e comida impura são a causa de todas as doenças. Na América, hoje em dia, tornou-se uma mania purificar a água potável. O filtro teve o seu tempo e agora está desacreditado, porque apenas coa a água, enquanto todos os germes mais sutis de doenças como a cólera, a peste, permanecem intactos nele; além disso, o próprio filtro torna-se gradualmente o foco desses germes. Quando o filtro foi introduzido pela primeira vez em Calcutá, durante cinco anos, diz-se que não houve surto de cólera; desde então, tornou-se tão mau como sempre, porque o próprio enorme filtro passou a ser o veículo dos germes da cólera. De todos os tipos, o método simples que temos de colocar três potes de barro, um sobre o outro, numa estrutura de bambu de três pés, é o melhor; mas a cada segundo ou terceiro dia a areia e o carvão devem ser trocados ou

reutilizados após aquecê-los. O método de coar a água através de um pano contendo um pedaço de alume, que encontramos em voga nas aldeias ao longo das margens do Ganges, nas proximidades de Calcutá, é o melhor de todos. As partículas de alume, levando consigo toda a terra, impurezas e germes de doenças, depositam-se gradualmente no fundo do frasco fundo como sedimentos; este sistema simples traz descrédito à água encanada e supera todos os seus filtros estrangeiros. Além disso, se a água for fervida torna-se perfeitamente segura. Ferva a água quando as impurezas estiverem assentadas no alume, depois beba e jogue fora os filtros e outras coisas na vala. Agora, na América, a água potável é primeiramente transformada em vapor por meio de enormes máquinas; então o vapor é resfriado novamente em água e, por meio de outra máquina, o ar puro é pressionado para substituir o ar que sai durante o processo de vaporização. Esta água é muito pura e é utilizada em todas as casas.

No nosso país, quem tem meios alimenta os filhos com todo tipo de doces e frituras com ghee, porque, talvez, seja uma pena - imagine só o que o povo vai dizer! – deixá-los comer apenas arroz e chapatis! O que você pode esperar que crianças alimentadas dessa forma sejam senão idiotas desproporcionais, preguiçosos e inúteis, sem espinha dorsal própria? O povo inglês, que é uma raça tão forte, que trabalha tanto dia e noite, e cuja terra natal é um país frio - até eles temem o próprio nome de doces e alimentos fritos na manteiga! E nós, que vivemos na zona de fogo, por assim dizer, que não gostamos de nos deslocar de um lugar para outro — o que comemos? — Loochis, Kachooris, doces e outras coisas, tudo frito em ghee ou óleo! Antigamente, os zemindars da nossa aldeia em Bengala não se importavam em caminhar vinte ou trinta milhas e comiam duas ou vinte peixes Koi, com ossos e tudo - e viviam até cem anos. Agora seus filhos e netos vêm a Calcutá e se exibem, usam óculos, comem os doces dos bazares, alugam uma carruagem para ir de uma rua a outra e depois reclamam de diabetes – e sua vida é interrompida; este é o resultado de serem pessoas "civilizadas, calcutá-izadas". E os médicos e Vaidyas também aceleram sua ruína. Eles são oniscientes, acham que podem curar qualquer coisa com remédios. Se houver um pouco de flatulência, imediatamente é prescrito algum medicamento. Infelizmente, nunca passou pela cabeça desses Vaidyas aconselhá-los a se manterem longe dos

remédios e fazerem uma boa caminhada de seis ou oito quilômetros, ou mais.

Estou vendo muitos países e muitas formas e preparações de alimentos; mas nenhum deles se aproxima da admirável culinária de nossos vários pratos de Bengala, e não é exagero dizer que alguém gostaria de renascer para desfrutar novamente de sua excelência. É uma pena que não se aprecie o valor dos dentes quando os temos! Por que deveríamos imitar o Ocidente no que diz respeito à alimentação – e quantos podem dar-se ao luxo de fazê-lo? A comida adequada na nossa parte do país é a pura comida bengali, barata, saudável e nutritiva, como a do povo de Bengala Oriental. Imite a comida deles tanto quanto puder; quanto mais você se inclina para o oeste para copiar os modos de alimentação, pior você fica e mais incivilizado você se torna. Vocês são calcutás, civilizados, na verdade! Levado pelo encanto daquela rede destrutiva que é de sua própria criação, os doces do bazar, Bankura consignou seu arroz estourado ao rio Damodar, seu Kalâi Dâl foi lançado na vala, e Dacca e Vikrampur foram jogados no perseguem os seus pratos antigos - ou, por outras palavras, tornaram-se "civilizados"! Vocês foram para a destruição e a ruína e estão liderando outros no mesmo caminho, prejudicam os habitantes da cidade, e se orgulham de serem "civilizados"! E essas pessoas provincianas são tão tolas que comerão todo o lixo de Calcutá e sofrerão de dispepsia e disenteria, mas não admitirão que isso não lhes convém, e se defenderão dizendo que o ar de Calcutá é úmido e "salgado". "Eles devem, sem dúvida, ser cidadãos em todos os aspectos!

Até agora, resumidamente, sobre os méritos da alimentação e de outros costumes. Agora direi algo sobre o que os ocidentais geralmente comem e como isso mudou gradualmente.

O alimento dos pobres em todos os países é alguma espécie de milho; ervas, vegetais, peixes e carne se enquadram na categoria de luxos e são usados na forma de chutney. A colheita que cresce em abundância e é o principal produto de um país é o alimento básico das suas classes mais pobres; como em Bengala, Orissa, Madras e nas costas do Malabar, o alimento principal é arroz, leguminosas e vegetais e, às vezes, peixe e carne são usados apenas para chutney. A comida da classe abastada em outras partes da Índia é

Chapatís (pão não fermentado) de trigo, e arroz, do povo em geral, principalmente Chapatis de Bazrâ, Marhuâ, Janâr, Jhingorâ, e outros grãos.

Em toda a Índia, ervas, vegetais, leguminosas, peixe e carne são usados apenas para tornar saboroso o Roti (pão não fermentado), ou o arroz, conforme o caso, e por isso são chamados em sânscrito de "Vyanjana", ou seja, aquilo que tempera a comida. No Punjab, Rajputana e Deccan, embora os ricos e os príncipes comam muitos tipos de carne todos os dias, ainda assim, mesmo entre eles, o alimento principal é Roti ou arroz. Quem come diariamente meio quilo de carne, certamente leva consigo dois quilos de chapatis.

Da mesma forma, no Ocidente, os principais alimentos das pessoas nos países pobres, e especialmente da classe pobre nas regiões ricas, são o pão e as batatas; a carne raramente é consumida e, se consumida, é considerada um chutney. Em Espanha, Portugal, Itália e noutros países comparativamente quentes, as uvas crescem abundantemente e o vinho feito a partir das uvas é muito barato. Estes vinhos não são intoxicantes (ou seja, a menos que se beba uma grande quantidade, não se intoxicará) e são muito nutritivos. Os pobres desses países, portanto, usam suco de uva como alimento, em vez de peixe e carne. Mas nas regiões setentrionais da Europa, como a Rússia, a Suécia e a Noruega, o pão feito de centeio, as batatas e um pouco de peixe seco constituem o alimento das classes pobres.

A alimentação das classes ricas da Europa e de todas as classes da América é bastante diferente, ou seja, a sua principal alimentação é o peixe e a carne, e o pão, o arroz e outras coisas são considerados chutney. Na América, come-se muito pouco pão. Quando o peixe é servido sozinho, ou quando a carne é servida, é servido sozinho e muitas vezes é consumido sem pão ou arroz. Portanto a placa tem que ser trocada frequentemente; se houver dez tipos de comida, o prato deverá ser trocado tantas vezes. Se comêssemos nossa comida dessa maneira, teríamos que servir assim - suponha que o Shukta (curry amargo) seja trazido primeiro e, trocando esse prato, Dal seja servido em outro; da mesma forma chega a sopa; e novamente um pouco de arroz sozinho, ou alguns Loochis, e assim por diante. Um benefício dessa maneira de servir é que se come apenas um pouco de muitas variedades, o que evita que se coma demais de qualquer coisa. Os franceses tomam café e

uma ou duas fatias de pão com manteiga pela manhã, peixe e carne, etc., de forma moderada por volta do meio-dia, e a refeição principal vem à noite. Com os italianos e espanhóis, o costume é o mesmo dos franceses. Os alemães comem bastante, cinco ou seis vezes por dia, sempre com mais ou menos carne; os ingleses, três vezes, sendo o café da manhã bastante pequeno, mas com chá ou café no meio; e os americanos também três vezes, mas a refeição sempre é bastante farta, com bastante carne. Em todos estes países, a refeição principal é, porém, o jantar; os ricos têm cozinheiros franceses e cozinham a comida à moda francesa. Para começar, um pouco de peixe ou ovas salgadas, ou algum tipo de chutney ou vegetal - isto é para estimular o apetite; segue-se a sopa; depois, de acordo com a moda atual, frutas; em seguida vem o peixe; depois um curry de carne; depois disso, um pedaço de carne assada e com ele alguns vegetais; depois aves de caça, ou carne de veado, etc., depois doces e, por fim, deliciosos sorvetes. Na mesa dos ricos, o vinho é trocado toda vez que o prato muda – e jarrete, clarete e champanhe gelado são servidos nos diferentes pratos. A colher, a faca e o garfo também são trocados a cada vez que acompanha o prato. Depois do jantar, traz-se café sem leite e licores em copos minúsculos, e o fumo vem por último. Quanto maior a variedade de vinhos servidos com os diversos pratos, maior será o anfitrião considerado um homem rico e abastado da moda. Lá se gasta tanto dinheiro para oferecer um jantar que arruinaria um homem moderadamente rico do nosso país.

Sentado de pernas cruzadas em um assento de madeira no chão, com outro semelhante para apoiar as costas, o Arya levava sua comida em um único prato de metal, colocado sobre um banquinho de madeira ligeiramente elevado. O mesmo costume ainda está em vigor no Punjab, Rajputana, Maharâshtra e Gujarat. As pessoas de Bengala, Orissa, Telinga e Malabar, etc., não usam bancos de madeira para colocar os pratos, mas levam a comida num prato ou numa folha de bananeira colocada no chão. Até o Marajá de Mysore faz o mesmo. Os muçulmanos sentam-se num grande lençol branco quando comem. Os birmaneses e os japoneses colocam os pratos no chão e sentam-se apoiando-se apenas nos joelhos e nos pés, e não apoiados nas patas traseiras como os indianos. Os chineses sentam-se em cadeiras, com os pratos colocados sobre a mesa, e usam colheres e pauzinhos de madeira para comer. Antigamente, os romanos e os gregos tinham uma mesa à sua frente e, reclinados num sofá, comiam com os

dedos. Também os europeus, sentados em cadeiras, tiravam da mesa a comida com os dedos; agora eles têm colheres e garfos. O modo chinês de comer é realmente um exercício que requer habilidade. Assim como nossos vendedores de Pân (bêtele) fazem, com destreza manual, duas peças separadas de finas folhas de ferro que funcionam como tesouras no corte das folhas de Pan, também os chineses manipulam dois palitos entre dois dedos e a palma da mão direita, de modo a fazê-los agir como pinças para levar os legumes à boca. Novamente, juntando os dois, e segurando uma tigela de arroz perto da boca, eles empurram o arroz para dentro com a ajuda daqueles palitos em forma de pá.

Diz-se que os ancestrais primitivos de todas as nações costumavam comer tudo o que conseguiam. Quando matavam um animal grande, faziam-no durar um mês e não o rejeitavam mesmo depois de apodrecer. Então, gradualmente, eles se tornaram civilizados e aprenderam o cultivo. Antigamente, eles não conseguiam se alimentar todos os dias caçando e, como os animais selvagens, empanturravam-se um dia e depois passavam fome quatro ou cinco dias por semana. Mais tarde, eles escaparam disso, pois podiam obter seu alimento todos os dias através do cultivo; mas continuou sendo um costume levar com a comida algo como carne podre ou outras coisas dos velhos tempos. Principalmente, a carne podre era um artigo alimentar indispensável; agora isso ou alguma outra coisa em seu lugar tornou-se, como o molho, um condimento favorito. Os esquimós vivem nas regiões nevadas, onde nenhum tipo de milho pode ser produzido; sua alimentação diária é peixe e carne. De vez em quando, quando perdem o apetite, pegam apenas um pedaço de carne podre para recuperar o apetite perdido. Mesmo agora, os europeus não cozinham imediatamente aves selvagens, caça e carne de veado, enquanto frescas, mas mantêm-nas penduradas até começarem a cheirar um pouco. Em Calcutá, a carne podre de veado esgota-se assim que é levada ao mercado, e as pessoas preferem alguns peixes ligeiramente podres. Em algumas partes da Europa, o queijo que cheira um pouco é considerado muito saboroso. Até os vegetarianos gostam de comer um pouco de cebola e alho; o brâmane do sul da Índia deve tê-los em sua cozinha. Mas os Shastras hindus também proibiram isso, tornando pecado levar cebola, alho, aves domésticas e carne de porco a uma casta (o brâmane); aqueles que os aceitassem perderiam sua casta. Assim, os hindus ortodoxos abandonaram a cebola e o alho e substituíram-nos pela

assa-fétida, uma coisa que tem um cheiro mais ofensivo do que qualquer um dos outros dois! Os brâmanes ortodoxos do Himalaia também adotaram uma espécie de grama seca com cheiro de alho! E que mal há nisso? As escrituras não dizem nada contra pegar essas coisas!

Cada religião contém algumas regras relativas à ingestão de certos alimentos e à evitação de outros; apenas o Cristianismo é uma exceção. Os Jainistas e os Baudddhas de forma alguma comerão peixe ou carne. Os jainistas, novamente, nem mesmo comem batatas, rabanetes ou outras raízes vegetais que crescem no subsolo, para que, ao desenterrá-los, os vermes morram. Eles não comem à noite, para que algum inseto não entre em suas bocas no escuro. Os judeus não comem peixes sem escamas, não comem carne de porco, nem animais que não têm cascos fendidos e não ruminam. Novamente, se leite ou qualquer preparação de leite for levada para a cozinha onde o peixe ou a carne estão sendo cozidos, os judeus jogarão fora tudo o que for cozido lá. Por esta razão, os judeus ortodoxos não comem os alimentos cozinhados por outras nações. Tal como os hindus, também eles não tomam carne que é simplesmente abatida e não oferecida a Deus. Em Bengala e no Punjab, outro nome de carne oferecido à Deusa é Mahaprasâda, lit., a “grande oferenda”. Os judeus não comem carne, a menos que seja Mahaprasada, ou seja, a menos que seja oferecida adequadamente a Deus. Conseqüentemente, eles, como os hindus, não têm permissão para comprar carne em toda e qualquer loja. Os muçulmanos obedecem a muitas regras semelhantes às dos judeus, mas não vão, como eles, a extremos; não comem leite e peixe ou carne na mesma refeição, mas não consideram tão prejudicial estarem na mesma cozinha ou se um tocar no outro. Há muita semelhança em relação à alimentação entre os hindus e os judeus. Os judeus, porém, não caçam javalis, como fazem os hindus. No Punjab, devido à animosidade mortal entre os hindus e os muçulmanos, os primeiros fazem o que os últimos não fazem, e o javali tornou-se um dos artigos alimentares essenciais para os hindus de lá. Com os Rajputs, caçar javalis e comer sua carne é antes um ato de Dharma. A extração da carne até mesmo de presas de porcos domesticados é uma doença em grande parte no Deccan, entre todas as castas, exceto os brâmanes. Os hindus comem aves selvagens (galo ou galinha), mas não aves domesticadas.

O povo da Índia, de Bengala ao Nepal e no Himalaia até as fronteiras da Caxemira, segue os mesmos costumes em relação à alimentação. Por aqui, os costumes de Manu vigoram em grande parte até hoje. Mas eles ocorrem mais especialmente nas partes de Kumaon a Caxemira do que em Bengala, Bihar, Allahabad ou Nepal. Por exemplo, os bengalis não comem aves ou ovos de galinha, mas comem ovos de pato; o mesmo acontece com os nepaleses; mas de Kumaon para cima, mesmo isso não é permitido. Os caxemires comem com prazer ovos de pato selvagem, mas não de ave domesticada. Do povo da Índia, começando por Allahabad, exceto no Himalaia, aqueles que comem carne de cabra também comem aves.

Todas estas regras e proibições relativas à alimentação são, na sua maior parte, concebidas, sem dúvida, no interesse da boa saúde; é claro que, em cada caso, é difícil determinar com precisão quais alimentos específicos são benéficos para a saúde e quais não são. Novamente, porcos e aves comem tudo e qualquer coisa e são muito impuros; então eles são proibidos. Ninguém vê o que os animais selvagens comem na floresta; então eles não são proibidos. Além disso, os animais selvagens são mais saudáveis e menos doentes que os domesticados. O leite é muito difícil de digerir, especialmente quando se sofre de acidez, e já houve casos em que, mesmo engolindo um copo de leite às pressas, a vida ficou comprometida. O leite deve ser ingerido como uma criança tira do seio da mãe; se for sugado ou sorvido aos poucos, é facilmente digerível, caso contrário não. Sendo ela própria difícil de digerir, torna-se ainda mais difícil quando ingerida com carne; portanto, os judeus estão proibidos de consumir carne e leite na mesma refeição.

A mãe tola e ignorante que obriga seu bebê a engolir muito leite bate no peito em desespero em poucos meses, ao ver que há pouca esperança na vida de seu querido! As autoridades médicas modernas prescrevem apenas meio litro de leite, mesmo para um adulto, e isso deve ser tomado o mais lentamente possível; e para os bebês uma “mamadeira” é o melhor meio. Nossas mães estão muito ocupadas com os afazeres domésticos, por isso a criada coloca o bebê que chora no colo e, não raro, segura-o com o joelho e, com uma colher, faz com que ele beba todo o leite que puder. E o resultado é que geralmente sofre de problemas hepáticos e raramente cresce – esse leite prova ser a sua perdição; somente aqueles que têm vitalidade suficiente

para sobreviver a esse tipo de alimentação perigosa alcançam uma masculinidade forte e saudável. E pense em nossas antiquadas salas de confinamento, nas fomentações quentes dadas ao bebê e em tratamentos de natureza semelhante. Foi realmente uma maravilha e deve ter sido uma questão de graça divina especial que a mãe e o bebê tenham sobrevivido a essas provações severas e pudessem se tornar fortes e saudáveis!

4. CIVILIZAÇÃO EM VESTIDO

Em cada país, a respeitabilidade de uma pessoa é determinada, até certo ponto, pela natureza da vestimenta que ela usa. Como dizem os nossos aldeões em Bengala em seu patoá: “Como pode um cavalheiro ser distinguido de alguém de origem humilde, a menos que sua renda seja conhecida?” E não apenas a renda: “A menos que se veja como alguém se veste, como saber se alguém é um cavalheiro?” Isto é o mesmo em todo o mundo, mais ou menos. Em Bengala, nenhum cavalheiro pode andar pelas ruas apenas com uma tanga; enquanto em outras partes da Índia ninguém sai de casa a não ser com um turbante na cabeça. No Ocidente, os franceses sempre assumiram a liderança em tudo – a sua comida e o seu vestuário são imitados por outros. Mesmo agora, embora diferentes partes da Europa tenham diferentes modos de vestir e de vestir, quando alguém ganha muito dinheiro e se torna um "cavalheiro", rejeita imediatamente o seu antigo traje nativo e substitui o modo francês no seu estilo. lugar. O fazendeiro holandês, cuja vestimenta nativa lembra um pouco os paijâmãs dos Kabulis, o grego vestido com saias rodadas, o russo vestido um pouco à moda tibetana - assim que se tornam "refinados", usam casacos e pantalonas francesas. Escusado será falar das mulheres: assim que ficam ricas, têm de mandar fazer os seus vestidos em Paris. A América, a Inglaterra, a França e a Alemanha são agora os países ricos do Ocidente, e as roupas das pessoas destes países, uma e de todas, são feitas à moda francesa, que está lenta e seguramente a chegar a todas as partes do país. Europa. Toda a Europa parece ser uma imitação da França. No entanto, hoje em dia as roupas masculinas são melhor feitas em Londres do que em Paris, por isso os homens as têm "feitas em Londres" e as mulheres no estilo parisiense. Quem é muito rico tem seus vestidos enviados desses dois lugares. A América impõe um imposto exorbitante sobre a importação de vestidos estrangeiros; apesar disso, as mulheres americanas devem tê-los em Paris e

Londres. Isto só os americanos podem dar-se ao luxo de fazer, pois a América é agora o principal lar de Kubera, o deus da riqueza.

Os antigos arianos costumavam vestir o Dhoti e o Châdar (Dhoti é um pedaço de pano com cerca de quatro ou cinco metros de comprimento, usado pelos índios em volta dos lombos em vez de calças, e Chadar é um pedaço de pano com três metros de comprimento, usado como um peça de roupa superior solta.). Os Kshatriyas costumavam usar calças e casacos longos durante a luta. Outras vezes usavam apenas o Dhoti e o Chadar; e eles usaram o turbante. O mesmo costume ainda está em voga, exceto em Bengala, entre as pessoas de todas as partes da Índia; não são tão exigentes quanto ao vestido para o resto do corpo, mas devem ter turbante para a cabeça. Antigamente, o mesmo também era costume tanto para o homem quanto para a mulher. Nas figuras esculpidas do período budista, os homens e as mulheres são vistos usando apenas um pedaço de Kaupin. Até o pai do Senhor Buda, embora seja rei, é visto em algumas esculturas, sentado num trono, vestido da mesma maneira; assim também a mãe, só tem, além disso, enfeites nos pés e nos braços; mas todos eles têm turbantes! O imperador budista, Dharmâshoka, é visto sentado em um assento em forma de tambor com apenas um Dhoti e um Chadar pendurado no pescoço, e olhando para donzelas dançando diante dele; as dançarinas estão muito pouco vestidas, tendo apenas pequenos pedaços de tecido solto pendurados na cintura; mas a glória é que o turbante está lá, e ele é a principal característica de suas roupas. Os altos funcionários do Estado que frequentavam a corte real, vestem, no entanto, excelentes calças e Chogas, ou casacos longos. Quando o Rei Nala estava disfarçado de cocheiro para servir ao Rei Rituparna, ele dirigiu a carruagem a uma velocidade tão tremenda que o Chadar do rei Rituparna foi levado a uma distância tão grande que não pôde ser recuperado; e como ele pretendia se casar ou se juntar a um Svayamvara, ele teve que fazê-lo, talvez, sem um Chadar. O Dhoti e o Chadar são as vestimentas consagradas dos arianos. Conseqüentemente, no momento da realização de qualquer cerimônia religiosa, a regra entre os hindus até agora é vestir apenas o Dhoti e o Chadar.

A vestimenta dos antigos gregos e romanos era Dhoti e Chadar - um pedaço largo de tecido e outro menor feito em forma de toga, da qual deriva a palavra Choga. Às vezes usavam também camisa, e na hora das lutas, calças

e casacos. O vestido das mulheres era longo e bastante largo, de formato quadrado, semelhante ao formado pela costura de dois lençóis no sentido do comprimento, que passavam pela cabeça e amarravam em volta, uma vez sob o peito e outra vez na cintura. Em seguida, prenderam as partes superiores, que estavam abertas, sobre ambos os braços, por meio de grandes alfinetes, da mesma forma que as tribos das colinas do norte do Himalaia ainda usam seus cobertores. Havia um Chadar sobre esta longa vestimenta. Este vestido era muito simples e elegante.

Desde os tempos antigos, apenas os iranianos usavam vestidos modelados. Talvez tenham aprendido isso com os chineses. Os chineses foram os primeiros professores da civilização no vestuário e em outras coisas relativas a vários confortos e luxos. Desde tempos imemoriais, os chineses faziam as refeições à mesa, sentados em cadeiras, com muitos auxiliares elaborados, e usavam vestidos modelados de muitas variedades - casaco, boné, calças e assim por diante.

Ao conquistar o Irã, Alexandre abandonou os antigos Dhoti e Chadar gregos e começou a usar calças. Com isso, seus soldados gregos ficaram tão descontentes com ele que estiveram à beira de um motim. Mas Alexandre não era homem de ceder e, pela pura força de sua autoridade, introduziu calças e casacos como moda no vestuário.

Num clima quente, a necessidade de roupas não é tão sentida. Um mero Kaupin é suficiente para fins de decência; outras roupas servem mais como enfeites. Nos países frios, por uma questão de necessidade inevitável, as pessoas, quando incivilizadas, vestem-se com peles de animais, e quando gradualmente se tornam civilizadas, aprendem a usar cobertores e, gradualmente, vestidos modelados, como pantalonas, casacos e assim por diante. É claro que é impossível, nos países frios, exibir a beleza dos ornamentos, que devem ser usados sobre o corpo nu, pois, se o fizessem, sofreriam gravemente de frio. Assim, o gosto pelos ornamentos é transferido e satisfeito pelas sutilezas do vestuário. Assim como na Índia a moda dos ornamentos muda com muita frequência, no Ocidente a moda dos vestidos muda a cada momento.

Nos países frios, portanto, é regra que não se deve aparecer diante dos outros sem se cobrir da cabeça aos pés. Em Londres, um cavalheiro ou uma

dama não pode sair sem se conformar exatamente com o que a sociedade exige. No Ocidente, é imodesto uma mulher mostrar os pés na sociedade, mas num baile não é impróprio expor o rosto, os ombros e a parte superior do corpo à vista. No nosso país, por outro lado, é uma grande vergonha para uma mulher mostrar o rosto (daí aquele desenho rigoroso do véu), mas não os pés. Novamente, em Rajputana e no Himalaia eles cobrem todo o corpo, exceto a cintura!

No Ocidente, as atrizes e dançarinas têm coberturas muito escassas, para atrair os homens. Dançar muitas vezes significa expor seus membros em movimentos harmoniosos acompanhados de música. Em nosso país, as mulheres de nascimento gentil não são tão exigentes em cobrir-se completamente, mas as dançarinas estão totalmente cobertas. No Ocidente, as mulheres estão sempre completamente vestidas durante o dia; então a atração é maior quando eles estão pouco cobertos. Nossas mulheres ficam em casa a maior parte do tempo, e vestir-se sozinhas é incomum; assim conosco, a atração é maior quando eles se cobrem totalmente. Em Malabar, homens e mulheres têm apenas um pedaço de pano enrolado na cintura. Com os bengalis é quase a mesma coisa e, diante dos homens, as mulheres puxam escrupulosamente os véus e cobrem o corpo.

Em todos os países, excepto na China, noto muitas ideias estranhas e misteriosas de decoro – em alguns assuntos são levadas demasiado longe, noutros ainda, o que parece ser muito incorrecto não é sentido de todo.

Os chineses de ambos os sexos estão sempre totalmente cobertos da cabeça aos pés. Os chineses são discípulos de Confúcio, são discípulos de Buda, e a sua moralidade é bastante rigorosa e refinada. Linguagem obscena, livros ou imagens obscenas, qualquer conduta menos obscena – e o infrator é punido naquele momento. Os missionários cristãos traduziram a Bíblia para a língua chinesa. Ora, na Bíblia há algumas passagens tão obscenas que envergonham alguns dos Purânas dos Hindus. Lendo essas passagens indecorosas, os chineses ficaram tão exasperados com o cristianismo que fizeram questão de nunca permitir que a Bíblia circulasse em seu país. Além disso, as missionárias, vestidas de noite e convivendo livremente com os homens, convidavam os chineses para suas festas. Os simplórios chineses ficaram enojados e gritaram, dizendo: Oh, que horror! Esta

religião veio até nós para arruinar nossos jovens, dando-lhes esta Bíblia para ler, e fazendo-os cair como presas fáceis dos encantos dessas mulheres astutas e seminuas! É por isso que os chineses estão tão indignados com os cristãos. Fora isso, os chineses são muito tolerantes com outras religiões. Ouvi dizer que os missionários já imprimiram uma edição, omitindo as partes questionáveis; mas esta medida tornou os chineses mais desconfiados do que antes.

V. ETIQUETA E MODOS

Mais uma vez, no Ocidente, as ideias de decência e etiqueta variam de acordo com os diferentes países. Com os ingleses e os americanos eles são de um tipo, com os franceses de outro, com os alemães novamente diferentes. Os russos e os tibetanos têm muito em comum; e os turcos têm costumes próprios e bastante distintos, e assim por diante.

Na Europa e na América, as pessoas são extremamente exigentes na observância da privacidade, muito mais do que nós. Somos vegetarianos e por isso comemos uma grande quantidade de vegetais, etc., e vivendo num país quente bebemos frequentemente um ou dois copos de água de cada vez. O camponês das Províncias Superiores come um quilo de cevada em pó e depois começa a tirar e beber água da casca de vez em quando, pois sente muita sede. No verão mantemos espaços abertos em nossa casa para distribuição de água aos sedentos, através de um caule oco de bambu. Essas formas fazem com que as pessoas não sejam tão exigentes quanto à privacidade; eles não podem evitar. Compare estábulos e estábulos de cavalos com jaulas de leões e tigres. Compare o cachorro com a cabra. A alimentação dos ocidentais é principalmente carne, e nos países frios quase não bebem água. Os senhores tomam um pouco de vinho em taças pequenas. Os franceses detestam água; só os americanos bebem em grandes quantidades, pois o seu país é muito quente no verão. Nova York é ainda mais quente que Calcutá. Os alemães bebem muita cerveja, mas não durante as refeições.

Nos países frios, os homens são sempre susceptíveis de apanhar constipações, por isso não conseguem evitar espirrar; nos países quentes as pessoas têm de beber muita água às refeições, por isso não podemos evitar a eructação. Agora observe a etiqueta: se você fizer isso numa sociedade

ocidental, seu pecado será imperdoável; mas se você tirar o lenço do bolso e assoar o nariz vigorosamente, ele não verá nada de questionável nisso. Conosco, o anfitrião não se sentirá satisfeito, por assim dizer, a menos que o veja fazendo o primeiro, pois isso é considerado um sinal de uma refeição completa; mas o que você pensaria de fazer este último ao fazer uma refeição na companhia de outras pessoas?

Na Inglaterra e na América, nenhuma menção à indigestão ou a quaisquer problemas estomacais dos quais você possa estar sofrendo deve ser feita diante das mulheres; é uma questão diferente, claro, se a sua amiga for uma mulher idosa, ou se ela for bastante conhecida por você. Eles não são tão sensíveis a estas coisas na França. Os alemães são ainda menos exigentes.

Os homens ingleses e americanos são muito cautelosos nas suas conversas diante das mulheres; você não pode nem falar em “perna”. Os franceses, como nós, conversam muito livremente; os alemães e os russos usarão termos vulgares na presença de qualquer pessoa.

Mas as conversas sobre estar apaixonado são realizadas livremente entre mãe e filho, entre irmãos e irmãs, e entre eles e seus pais. O pai faz muitas perguntas à filha sobre seu amante (o futuro noivo) e faz todo tipo de piada sobre seu noivado. Nessas ocasiões, a donzela francesa ri modestamente, a donzela inglesa fica tímida e a donzela americana dá-lhe respostas duras na cara dele. Beijar e até mesmo abraçar não são tão questionáveis; essas coisas podem ser faladas na sociedade. Mas em nosso país nenhuma conversa, nem mesmo qualquer insinuação indireta de casos amorosos, é permitida diante de relações superiores.

Os ocidentais são agora pessoas ricas. A menos que a roupa seja muito limpa e esteja em conformidade com a etiqueta rígida, a pessoa não será considerada um cavalheiro e não poderá se misturar na sociedade. Um cavalheiro deve trocar o colarinho e a camisa duas ou três vezes por dia; as pessoas pobres, é claro, não podem fazer isso. Na roupa exterior não deve haver manchas ou mesmo vincos. Por mais que você sofra com o calor, você deve sair com luvas com medo de sujar as mãos na rua, e apertar a mão de uma senhora com as mãos não limpas é muito pouco cavalheiresco. Na sociedade educada, se o ato de cuspir, enxaguar a boca ou palitar os

dentes for praticado, o ofensor será marcado como um Chandâla, um homem de casta inferior, e evitado!

O Dharma dos ocidentais é a adoração de Shakti – o Poder Criativo considerado como o Princípio Feminino. É para eles algo parecido com a adoração da mulher feita pelo Vâmâchâri. Como diz o Tântrika. "No lado esquerdo as mulheres... no direito, a taça cheia de vinho; em suma, carne quente com ingredientes... a religião Tântrica é muito misteriosa, inescrutável até mesmo para os Iogues." É esta adoração de Shakti que é praticada aberta e universalmente. A ideia de maternidade, ou seja, a relação do filho com a mãe, também é notada em grande medida. O protestantismo como força não é muito significativo na Europa, onde a religião é, de facto, católica romana. Na religião, Jeová, Jesus e a Trindade são secundários; ali o culto é à Mãe — Ela, a Mãe, com o Menino Jesus nos braços. O imperador grita “Mãe”, o marechal de campo grita “Mãe”, o soldado com a bandeira na mão grita “Mãe”, o marinheiro no leme grita “Mãe”, o pescador em seus farrapos grita “Mãe”, o mendigo na rua grita “Mãe”! Um milhão de vozes de um milhão de maneiras, de um milhão de lugares — do palácio, da casa de campo, da igreja, gritam "Mãe", "Mãe", "Mãe"! Em todo lugar há o grito "Ave Maria"; dia e noite. noite, "Ave Maria", "Ave Maria"!

A seguir vem a adoração da mulher. Esta adoração de Shakti não é luxúria, mas é aquela Shakti-Pujâ, aquela adoração da Kumâri (virgem) e da Sadhavâ (a mulher casada cujo marido está vivo), que é feita em Varanasi, Kalighat e outros lugares sagrados. É a adoração da Shakti, não em mero pensamento, não em imaginação, mas em forma real e visível. Nossa adoração Shakti ocorre apenas nos lugares sagrados, e somente em determinados momentos ela é realizada; mas o deles está em todo lugar e sempre, por dias, semanas, meses e anos. Em primeiro lugar está o estado da mulher, em primeiro lugar está o seu vestido, o seu assento, a sua comida, as suas necessidades e o seu conforto; as primeiras honras em todos os aspectos são concedidas a ela. Sem falar nas nobres, sem falar nas jovens e nas belas, é a adoração de toda e qualquer mulher, seja ela conhecida ou estranha. Esta adoração Shakti dos mouros, a raça árabe mista, muçulmana na religião, introduzida pela primeira vez na Europa quando conquistaram a Espanha e a governaram durante oito séculos. Foram os mouros os

primeiros a semear na Europa as sementes da civilização ocidental e do culto aos Shakti. Com o passar do tempo, os Mouros esqueceram este Culto Shakti e caíram da sua posição de força, cultura e glória, para viverem dispersos e não reconhecidos num canto despercebido de África, e o seu poder e civilização passaram para a Europa. A Mãe, deixando os Mouros, sorriu Suas amorosas bênçãos aos cristãos e iluminou as suas casas.

VI. FRANÇA – PARIS

O que é esta Europa? Por que os habitantes negros, os bronzeados, os amarelos e os vermelhos da Ásia, da África e da América estão curvados aos pés dos europeus? Por que eles são os únicos governantes nesta Kali-Yuga? Para compreender esta Europa é preciso compreendê-la através da França, fonte de tudo o que há de mais elevado no Ocidente. O poder supremo que governa o mundo é a Europa, e desta Europa o grande centro é Paris. Paris é o centro da civilização ocidental. Aqui, em Paris, amadurece e amadurece toda ideia da ética, dos costumes e dos costumes ocidentais, da luz ou das trevas, do bem ou do mal. Esta Paris é como um vasto oceano, no qual existem muitas pedras preciosas, corais e pérolas, e no qual, novamente, também existem tubarões e outros animais marinhos vorazes. Da Europa, o campo central de trabalho, o Karmakshetra, é a França. Um país pitoresco, nem muito frio nem muito quente, muito fértil, clima nem excessivamente úmido nem extremamente seco, céu claro, sol doce, olmos e carvalhos em abundância, pastagens encantadoras, colinas e rios pequenos, nascentes deliciosas. Com exceção de algumas partes da China, nenhum outro país no mundo que vi seja tão bonito como a França. Aquele jogo de beleza na água e de fascínio na terra, aquela loucura no ar, aquele êxtase no céu! A natureza é tão adorável – os homens gostam tanto da beleza! Os ricos e os pobres, os jovens e os velhos, mantêm as suas casas, os seus quartos, as ruas, os campos, os jardins, os passeios, tão artisticamente arrumados e limpos - o país inteiro parece um quadro. Não vi tal amor pela natureza e pela arte em nenhum outro lugar, exceto no Japão. As estruturas palacianas, os jardins que lembram o paraíso de Indra, os bosques, até mesmo os campos dos agricultores - em todos os lugares e em tudo há uma tentativa de beleza, uma tentativa de arte, notável e realizada com sucesso também.

Desde os tempos antigos, a França tem sido palco de conflitos entre os gauleses, os romanos, os francos e outras nações. Após a destruição do Império Romano, os francos obtiveram o domínio absoluto sobre a Europa. O seu rei, Carlos Magno, forçou o cristianismo a entrar na Europa, pelo poder da espada. A Europa tornou-se conhecida na Ásia por estes francos. Por isso ainda chamamos os europeus de Franki, Feringi, Planki ou Filinga, e assim por diante.

A Grécia Antiga, a fonte da civilização ocidental, caiu no esquecimento desde o auge da sua glória, o vasto império de Roma foi despedaçado pelas vagas impetuosas dos invasores bárbaros – a luz da Europa apagou-se; foi nessa época que outra raça bárbara emergiu da obscuridade na Ásia – os árabes. Com extraordinária rapidez, essa maré árabe começou a espalhar-se pelas diferentes partes do mundo. A poderosa Pérsia teve de beijar o chão diante dos árabes e adotar a religião muçulmana, com o resultado de que a religião muçulmana assumiu uma forma bastante nova; a religião dos árabes e a civilização da Pérsia misturaram-se.

Com a espada dos árabes, a civilização persa começou a se disseminar em todas as direções. Essa civilização persa foi emprestada da Grécia e da Índia antigas. Do Oriente e do Ocidente, as ondas de invasores muçulmanos lançaram-se violentamente sobre a Europa e, também junto com elas, a luz da sabedoria e da civilização começou a dispersar as trevas da Europa cega e bárbara. A sabedoria, o saber e as artes da Grécia antiga entraram na Itália, dominaram os bárbaros e, com o seu impulso acelerado, a vida começou a pulsar no cadáver da capital mundial de Roma. A pulsação desta nova vida tomou forma forte e formidável na cidade de Florença – a velha Itália começou a dar sinais de nova vida. Isto é chamado de Renascimento, o novo nascimento. Mas este novo nascimento foi para a Itália apenas um renascimento; enquanto para o resto da Europa foi o primeiro nascimento. A Europa nasceu no século XVI d.C., ou seja, na época em que Akbar, Jehangir, Shahjahan e outros imperadores mongóis estabeleceram firmemente seu poderoso império na Índia.

A Itália era uma nação antiga. Ao chamado da Renascença, ela acordou e deu sua resposta, mas apenas para virar-se de lado na cama, por assim dizer, e adormecer novamente. Por vários motivos, a Índia também se agitou um

pouco nessa época. Durante três gerações governantes de Akbar, o aprendizado, a sabedoria e as artes passaram a ser muito estimados na Índia. Mas a Índia também era uma nação muito antiga; e por uma razão ou outra, ela também fez o mesmo que a Itália e voltou a dormir.

Na Europa, a onda de renascimento na Itália atingiu a poderosa, jovem e nova nação, os francos. A torrente da civilização, fluindo de todos os quadrantes para Florença e ali unindo-se, assumiu uma nova forma; mas a Itália não tinha dentro de si o poder de manter aquela estupenda massa de energia renovada. O renascimento teria, como na Índia, terminado ali, se não fosse pela boa sorte da Europa que a nova nação dos Francos alegremente absorveu essa energia, e eles, no vigor do seu sangue jovem, corajosamente fizeram flutuar o seu navio nacional no maré; e a corrente desse progresso gradualmente ganhou volume e força – de um, expandiu-se para mil cursos. As outras nações da Europa levaram avidamente a água dessa maré para os seus próprios países, abrindo novos canais, e aumentaram o seu volume e velocidade, derramando nela a sua própria força vital. Esse maremoto estourou, com o passar do tempo, nas costas da Índia. Chegou até a costa do Japão e ela foi revitalizada ao banhar-se em suas águas. O Japão é a nova nação da Ásia.

Paris é a fonte da civilização europeia, assim como Gomukhi o é do Ganges. Esta enorme metrópole é uma visão do paraíso na terra, a cidade de constante alegria. Tal luxo, tal prazer, tal alegria não existem em Londres, nem em Berlim, nem em qualquer outro lugar. É verdade que há riqueza em Londres e em Nova Iorque, em Berlim há aprendizagem e sabedoria; mas em nenhum lugar existe esse solo francês e, acima de tudo, em nenhum lugar existe esse gênio do homem francês. Que haja riqueza em abundância, que haja aprendizagem e sabedoria, que haja beleza da natureza também, em outros lugares - mas onde está o HOMEM? Este notável personagem francês é a encarnação do grego antigo, por assim dizer, que morreu para nascer de novo - sempre alegre, sempre cheio de entusiasmo, muito leve e bobo, mas novamente extremamente grave, pronto e decidido a fazer todo trabalho. , e novamente desanimado com a menor resistência. Mas esse desânimo persiste apenas por um momento no francês, e seu rosto logo depois voltou a brilhar com nova esperança e confiança.

A Universidade de Paris é o modelo das universidades europeias. Todas as Academias de Ciências que existem no mundo são imitações da Academia Francesa. Paris é a primeira professora da fundação de impérios coloniais. Os termos usados na arte militar em todas as línguas ainda são principalmente franceses. O estilo e a dicção dos escritos franceses são copiados em todas as línguas europeias. Da ciência, da filosofia e da arte, esta Paris é a minha. Em toda parte, em todos os aspectos, há imitação dos franceses. Como se os franceses fossem os habitantes da cidade e as outras nações apenas aldeões comparados a eles! O que os iniciados franceses, os alemães, os ingleses e outras nações imitam, pode ocorrer cinquenta ou vinte e cinco anos depois, seja no aprendizado, na arte ou em questões sociais. Esta civilização francesa alcançou a Escócia e, quando o rei escocês se tornou rei da Inglaterra, despertou e despertou a Inglaterra; foi durante o reinado da Dinastia Stuart da Escócia que a Royal Society e outras instituições foram estabelecidas na Inglaterra.

Mais uma vez, a França é o lar da liberdade. A partir daqui, a cidade de Paris, percorreu com tremenda energia o poder do Povo, e abalou os próprios alicerces da Europa. A partir dessa altura, a face da Europa mudou completamente e surgiu uma nova Europa. “Liberté, Égalité, Fraternité” não se ouve mais na França; ela está agora a perseguir outras ideias e outros objectivos, enquanto o espírito da Revolução Francesa ainda funciona entre as outras nações da Europa.

Um ilustre cientista da Inglaterra disse-me outro dia que Paris era o centro do mundo, e que quanto mais uma nação conseguisse estabelecer a sua ligação com a cidade de Paris, mais seria alcançado o progresso dessa nação na vida nacional. Embora tal afirmação seja um exagero parcial dos factos, é certamente verdade que, se alguém tiver de dar ao mundo qualquer ideia nova, esta Paris é o lugar para a sua disseminação. Se conseguirmos obter a aprovação dos cidadãos de Paris, essa voz ecoará certamente por toda a Europa. O escultor, o pintor, o músico, o dançarino, ou qualquer artista, se conseguir celebrar primeiro em Paris, adquire muito facilmente a estima e o elogio de outros países.

Ouvimos apenas falar do lado mais sombrio desta Paris no nosso país – que é um lugar horrível, um inferno na terra. Alguns ingleses defendem esta

opinião; e as pessoas ricas de outros países, a cujos olhos nenhum outro prazer é possível na vida, exceto a gratificação dos sentidos, vêem naturalmente Paris como o lar da imoralidade e dos prazeres.

Mas é o mesmo em todas as grandes cidades do Ocidente, como Londres, Berlim, Viena, Nova Iorque. A única diferença é que noutros países os meios de diversão são comuns e vulgares, mas a própria sujidade da Paris civilizada está coberta de folhas de ouro. Comparar os prazeres refinados de Paris com a barbárie, neste aspecto, de outras cidades é comparar o chafurdar do javali na lama com a dança do pavão espalhando suas penas como um leque.

Que nação no mundo não deseja desfrutar e viver uma vida de prazer? Caso contrário, por que aqueles que ficam ricos deveriam correr para Paris, entre todos os lugares? Por que reis e imperadores, assumindo outros nomes, vêm a Paris e vivem incógnitos e sentem-se felizes banhando-se neste redemoinho de prazer sensorial? O anseio está em todos os países e nenhum esforço é poupado para satisfazê-lo; a única diferença é: os franceses aperfeiçoaram-na como ciência, sabem desfrutar, subiram ao degrau mais alto da escada do prazer.

Mesmo assim, a maioria das danças e diversões vulgares são para o estrangeiro; o povo francês é muito cauteloso, nunca desperdiça dinheiro à toa. Todos esses luxos, esses hotéis e cafés caros, em que o custo de um jantar é suficiente para arruiná-lo, são para o estrangeiro rico e tolo. Os franceses são altamente refinados, ricos em etiqueta, polidos e suaves em seus modos, hábeis em tirar dinheiro do bolso; e quando o fazem, riem na manga.

Além disso, há outra coisa a ser observada. A sociedade, tal como acontece entre os americanos, os alemães e os ingleses, está aberta a todas as nações; para que o estrangeiro possa ver rapidamente os detalhes. Depois de alguns dias de convivência, o americano convidará alguém para morar em sua casa por um tempo; os alemães também fazem o mesmo; e os ingleses fazem isso depois de um relacionamento mais longo. Mas é muito diferente com os franceses; um francês nunca convidará alguém para morar com sua família, a menos que o conheça intimamente. Mas quando um estrangeiro tem todas essas oportunidades e tem ocasião e tempo suficientes para ver e

conhecer a família, ele forma uma opinião bem diferente daquela que geralmente ouve. Não é igualmente tolo que os estrangeiros se arrisquem a opinar sobre o nosso carácter nacional, como fazem, vendo apenas os bairros baixos de Calcutá? O mesmo acontece com Paris. As mulheres solteiras em França são tão bem protegidas como no nosso país, não conseguem sequer integrar-se na sociedade; só depois do casamento podem fazê-lo na companhia dos maridos. Tal como nós, as negociações para o casamento são conduzidas pelos pais. Sendo um povo alegre, nenhuma de suas grandes funções sociais estará completa sem dançarinos profissionais, como entre nós são realizadas apresentações de dançarinas em ocasiões de casamento e Puja. Vivendo num país escuro e nebuloso, os ingleses são sombrios, fazem caretas e comentam que essas danças em casa são muito impróprias, mas no teatro são boas. Deve-se notar aqui que suas danças podem parecer impróprias aos nossos olhos, mas não é assim com eles, pois estão acostumados com elas. A menina pode, num baile, aparecer com um vestido mostrando o pescoço e os ombros, e isso não é considerado impróprio; e os ingleses e americanos não se oporiam a assistir a tais bailes, mas, seguindo em frente, talvez não se abstivessem de condenar os costumes franceses!

Novamente, a ideia é a mesma em todos os lugares no que diz respeito à castidade; das mulheres, cujo desvio é muito perigoso, mas no caso dos homens isso não importa tanto. O francês é, sem dúvida, um pouco mais livre neste aspecto e, tal como os homens ricos de outros países, não se importa com críticas. De modo geral, na Europa, a maioria dos homens não considera uma conduta um pouco negligente como tão ruim, e no Ocidente o mesmo acontece com os solteiros. Os pais dos jovens estudantes consideram um grande inconveniente que estes tenham vergonha das mulheres, para não se tornarem afeminados. A única excelência que um homem deve ter, no Ocidente, é a coragem. A palavra deles “virtude” e a nossa palavra “Viratva” (heroísmo) são a mesma coisa. Observe a derivação da palavra “virtude” e veja o que eles chamam de bondade no homem. Para as mulheres, sem dúvida consideram a castidade a virtude mais importante. Um homem que se casa com mais de uma mulher não é tão prejudicial à sociedade como uma mulher que tem mais de um marido ao mesmo tempo, pois este último leva à decadência gradual da raça. Portanto, em todos os países se toma muito cuidado para preservar a castidade das mulheres. Por

trás desta tentativa de cada sociedade de preservar a castidade das mulheres vê-se a mão da natureza. A tendência da natureza é multiplicar a população, e a castidade das mulheres ajuda nessa tendência. Portanto, ao estar mais preocupada com a pureza das mulheres do que dos homens, toda sociedade está apenas ajudando a natureza no cumprimento do seu propósito.

O objetivo de falar sobre essas coisas é impressionar vocês com o fato de que a vida de cada nação tem um propósito moral próprio, e os costumes e costumes de uma nação devem ser julgados do ponto de vista desse propósito. Os ocidentais deveriam ser vistos através dos seus olhos; vê-los através dos nossos olhos e que eles nos vejam com os deles - ambos são erros. O propósito da nossa vida é exatamente o oposto do deles. O nome sânscrito para um estudante, Brahmachârin, é sinônimo da palavra sânscrita Kâmajit. (Aquele que tem total controle sobre suas paixões.) Nosso objetivo de vida é Moksha; como isso pode ser alcançado sem Brahmacharya ou continência absoluta? Por isso, é imposto aos nossos meninos e jovens como condição indispensável durante a sua escolaridade. O propósito da vida no Ocidente é Bhoga, diversão; portanto, muita atenção ao Brahmacharya estrito não é tão indispensável para eles como é para nós.

Agora, voltemos a Paris. Não há cidade no mundo que se compare à Paris moderna. Antigamente era bem diferente do que é agora - era um pouco como os bairros bengalis de Varanasi, com vielas e ruas em zigue-zague, duas casas unidas por um arco sobre a viela aqui e ali, poços ao lado das paredes, e assim por diante. sobre. Na última Exposição mostraram uma maquete da antiga Paris, mas que Paris desapareceu completamente por mudanças graduais; as guerras e revoluções pelas quais a cidade passou causaram, a cada vez, destruições em uma parte ou outra, arrasando tudo, e novamente, uma nova Paris surgiu em seu lugar, mais limpa e mais extensa.

A Paris moderna é, em grande medida, criação de Napoleão III. Ele completou aquela transformação material da cidade que já havia começado com a queda da antiga monarquia. O estudante da história da França não precisa ser lembrado de como o seu povo foi oprimido pelos monarcas absolutos da França antes da Revolução Francesa. Napoleão III fez com que fosse proclamado imperador pela pura força das armas, atravessando o sangue. Desde a primeira Revolução Francesa, o povo francês sempre foi

inconstante e, portanto, uma fonte de alarme para o Império.

Conseqüentemente, o Imperador, a fim de manter seus súditos satisfeitos e agradar às sempre instáveis massas de Paris, dando-lhes trabalho, continuou construindo novas e magníficas estradas e diques públicos e construindo portões, teatros e muitas outras estruturas arquitetônicas, deixando os monumentos da velha Paris como antes. Não só a cidade foi atravessada em todas as direções por novas vias, retas e largas, com suntuosas casas erguidas ou restauradas, mas também foi construída uma linha de fortificação que duplicava a área da cidade. Assim surgiram os bulevares e os belos bairros de d'Antin e outros bairros; e a avenida Champs Elysées, única no mundo, foi reconstruída. Esta avenida é tão larga que no meio e em ambos os lados correm jardins ao longo de toda a sua extensão, e num local assumiu uma forma circular que compreende a fachada da cidade, a oeste, chamada Place de la Concorde. Ao redor desta Place de la Concorde há estátuas em forma de mulheres representando as oito principais cidades da França. Uma dessas estátuas representa o distrito de Estrasburgo. Este distrito foi arrancado das mãos dos franceses pelos alemães após a batalha de 1870. A dor desta perda os franceses ainda não conseguiram superar, e aquela estátua ainda está coberta de flores e guirlandas oferecidas em memória da sua espírito morto, por assim dizer. Assim como os homens colocam guirlandas sobre os túmulos de seus parentes falecidos, guirlandas são colocadas naquela estátua, em um momento ou outro.

Parece-me que o Chandni Chauk de Delhi pode ter sido em algum momento parecido com esta Place de la Concorde. Aqui e ali colunas da vitória, arcos triunfais e arte escultórica na forma de enormes estátuas de homens e mulheres, leões, etc., adornam a praça.

Uma grande coluna triunfal imitando a Coluna de Trajano, feita de metal (obtido pela fusão de 1.200 armas), é erguida na Place Vendome em memória do grande herói, Napoleão I; nas laterais estão gravadas as vitórias de seu reinado, e no topo está a figura de Napoleão Bonaparte. Na Place de la Bastille ergue-se a Coluna de Julho (em memória da Revolução de Julho de 1789) ao lado da antiga fortaleza, "A Bastilha", posteriormente utilizada como prisão estatal. Aqui foram presos aqueles que causaram o desagrado do rei. Antigamente, sem qualquer julgamento ou algo parecido, o rei emitia um mandado com o selo real, denominado "Lettre de Cachet". Então, sem qualquer investigação sobre que bons actos a vítima tinha feito pelo seu país, ou se ela era realmente culpada ou não, sem sequer qualquer questão sobre o que realmente fez para incorrer na ira do rei, ele seria imediatamente lançado na a Bastilha. Se os belos favoritos dos reis estivessem descontentes com alguém, poderiam obter, mediante solicitação, uma "Lettre de Cachet" do rei contra esse homem, e o pobre homem seria imediatamente enviado para a Bastilha. Dos infelizes que estavam presos lá, muito poucos saíram. Quando, mais tarde, todo o país se levantou como um só homem em revolta contra tal opressão e tirania e levantou o grito de "Liberdade individual, Todos são iguais, Ninguém é alto ou baixo", o povo de Paris, na sua louca excitação, atacou o rei. e rainha. A primeira coisa que a multidão fez foi derrubar a Bastilha, o símbolo da extrema tirania do homem sobre o homem, e passou a noite dançando, cantando e festejando no local. O rei tentou escapar, mas o povo conseguiu pegá-lo, e ao ouvir que o sogro do rei, o imperador da Áustria, estava enviando soldados para ajudar seu genro, ficou cego de raiva e matou o rei e a rainha. Toda a nação francesa enlouqueceu em nome da liberdade e da igualdade - a França tornou-se uma república - eles mataram toda a nobreza que conseguiram, e muitos membros da nobreza desistiram de seus títulos e posição e fizeram causa comum com o povo súdito . Não só isso, eles convocaram todas as nações do mundo a se levantarem - "Acordem, matem os reis que são todos tiranos, que todos sejam livres e tenham direitos iguais." Então todos os reis da Europa começaram a tremer de medo de que este fogo se espalhasse pelos seus países, de que queimasse os seus tronos; e portanto, determinados a reprimi-lo, atacaram a França de todas as direções. Do outro lado, os líderes da República Francesa proclamaram: "Nossa terra natal está em perigo, venham todos", e a proclamação logo se espalhou como as chamas de uma conflagração por toda a extensão da França. Os jovens, os

velhos, os homens, as mulheres, os ricos, os pobres, os altos e baixos, cantando a sua canção marcial, La Marseillaise, a inspiradora canção nacional da França, saíram - multidões de pobres franceses, em andrajosos, descalços, naquele frio intenso e meio famintos - saíram com armas nos ombros - परित्रणाय ... विनाशाय च दुष्कृताम् para a destruição dos ímpios e a salvação de suas casas - e corajosamente enfrentaram a vasta força unida da Europa. Toda a Europa não suportou o ataque daquele exército francês. À frente e à frente do exército francês estava um herói, ao movimento de cujo dedo o mundo inteiro tremia. Ele era Napoleão. Com o fio da espada e na ponta da baioneta, ele enfiou “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” nos próprios ossos e medulas da Europa – e assim a vitória do tricolor Cocarde foi alcançada. Mais tarde, Napoleão tornou-se imperador da França e conseguiu com sucesso a consolidação do Império Francês.

Posteriormente, não sendo favorecido com um herdeiro ao trono, ele se divorciou da companheira de sua vida na felicidade e na desgraça, o anjo guia de sua boa sorte, a Imperatriz Josefina, e se casou com a filha do Imperador da Áustria. Mas a roda da sua sorte girou com a deserção de Josephine, seu exército morreu na neve e no gelo durante sua expedição contra a Rússia. A Europa, aproveitando esta oportunidade, forçou-o a abdicar do trono, enviou-o como exilado para uma ilha e colocou no trono um membro da antiga dinastia real. O leão ferido escapou da ilha e apresentou-se novamente na França; toda a França o acolheu e se reuniu sob sua bandeira, e o rei reinante fugiu. Mas essa sorte foi quebrada de uma vez por todas e nunca mais voltou. Novamente toda a Europa se uniu contra ele e o derrotou na batalha de Waterloo. Napoleão embarcou num navio de guerra inglês e rendeu-se; os ingleses o exilaram e o mantiveram prisioneiro vitalício na distante ilha de Santa Helena. Mais uma vez, um membro da antiga família real da França foi reintegrado como rei. Mais tarde, o povo francês tornou-se inquieto sob a antiga monarquia, levantou-se em rebelião, expulsou o rei e a sua família e restabeleceu a República. Com o passar do tempo, um sobrinho do grande Napoleão tornou-se um favorito do povo, e por meio de intrigas ele se autoproclamou imperador. Ele era Napoleão III. Durante algum tempo o seu reinado foi muito poderoso; mas sendo derrotado no conflito com os alemães, ele perdeu o trono e a França tornou-se mais uma vez uma república; e desde então até hoje ela continua a ser republicana.

VII. PROGRESSO DA CIVILIZAÇÃO

A teoria da evolução, que é a base de quase todas as escolas de pensamento indianas, fez agora o seu caminho para a ciência física da Europa. As religiões de todos os outros países, exceto a Índia, sustentam que o universo em sua totalidade é composto de partes distintamente separadas umas das outras. Deus, a natureza, o homem — cada um permanece isolado um do outro; da mesma forma, os animais, os pássaros, os insetos, as árvores, a terra, as pedras, os metais, etc., são todos distintos uns dos outros; Deus os criou separados desde o início.

O conhecimento é encontrar a unidade no meio da diversidade — estabelecer a unidade entre as coisas que nos parecem diferentes umas das outras. Essa relação particular pela qual o homem encontra essa igualdade é chamada de Lei. Isto é o que é conhecido como Direito Natural.

Já disse antes que a nossa educação, inteligência e pensamento são todos espirituais, todos encontram expressão na religião. No Ocidente, a sua manifestação é externa — nos planos físico e social. Os pensadores da Índia antiga gradualmente compreenderam que essa ideia de separação era errônea, que havia uma conexão entre todos aqueles objetos distintos — havia uma unidade que permeava todo o universo — árvores, arbustos, animais, homens, Devas, até mesmo o próprio Deus. ; o Advaitin atingindo o clímax nesta linha de pensamento declarou que tudo era apenas manifestação do Um. Na realidade, o universo metafísico e o universo físico são um, e o nome deste Uno é Brahman; e a percepção da separação é um erro — eles a chamaram de Mâyâ, Avidyâ ou ignorância. Este é o fim do conhecimento.

Se este assunto não é compreendido atualmente por ninguém fora da Índia — no caso da Índia deixamos de lado — como alguém pode ser considerado um Pandit? No entanto, a maioria dos homens eruditos do Ocidente está a compreender isto, à sua maneira — através da ciência física. Mas como esse Um se tornou os muitos — nem nós entendemos, nem eles. Também nós oferecemos a solução para esta questão, dizendo que ela está além da nossa compreensão, que é limitada. Eles também fizeram o mesmo. Mas as variações pelas quais o Um passou, os diferentes tipos de espécie e

individualidade que Ele assume - isso pode ser compreendido, e a investigação sobre isso é chamada de Ciência.

Assim, quase todos são agora evolucionistas no Ocidente. Assim como os pequenos animais, através de passos graduais, transformam-se em animais maiores, e os animais grandes às vezes se deterioram e se tornam menores e mais fracos, e com o passar do tempo morrem - assim também o homem não nasce num estado civilizado de repente; hoje em dia, uma afirmação em contrário não é mais acreditada por ninguém entre os pensadores do Ocidente, especialmente porque a evidência de que seus ancestrais estavam em um estado selvagem apenas alguns séculos atrás, e desse estado uma transformação tão grande ocorreu lugar em tão pouco tempo. Assim, dizem que todos os homens devem ter evoluído gradualmente e estão evoluindo gradualmente a partir do estado incivilizado.

Os homens primitivos administravam seu trabalho com instrumentos de madeira e pedra; eles usavam peles e folhas, e viviam em cavernas nas montanhas ou em cabanas cobertas de folhas feitas um pouco à moda de ninhos de pássaros, e assim de alguma forma passavam seus dias. Evidências disso estão sendo obtidas em todos os países através de escavações na terra, e também em alguns poucos lugares ainda vivem homens naquele mesmo estágio primitivo. Gradualmente, os homens aprenderam a usar o metal – metais macios como o estanho e o cobre – e descobriram como fazer ferramentas e armas fundindo-as. Os antigos gregos, os babilônios e os egípcios não conheciam o uso do ferro há muito tempo - mesmo quando se tornaram comparativamente civilizados e escreveram livros e usaram ouro e prata. Naquela época, os mexicanos, os peruanos, os maias e outras raças entre os aborígenes do Novo Mundo eram comparativamente civilizados e usados para construir grandes templos; o uso de ouro e prata era bastante comum entre eles (na verdade, a ganância pelo seu ouro e prata levou os espanhóis a destruí-los). Mas eles conseguiram fazer todas essas coisas, trabalhando arduamente com instrumentos de pedra – eles não conheciam o ferro nem mesmo pelo nome.

Na fase primitiva, o homem matava animais selvagens e peixes com arcos e flechas, ou com rede, e sobrevivia deles. Gradualmente, ele aprendeu a cultivar a terra e a cuidar do gado. Domando animais selvagens, ele os fazia

trabalhar para ele ou os criava para sua própria alimentação quando necessário; a vaca, o cavalo, o porco, o elefante, o camelo, a cabra, a ovelha, as aves, os pássaros e outros animais foram domesticados; de todos estes, o cachorro é o primeiro amigo do homem.

Assim, com o passar do tempo, surgiu o cultivo do solo. As frutas, raízes, ervas, vegetais e os vários cereais consumidos pelo homem são agora bastante diferentes do que eram quando cresceram em estado selvagem. Através do esforço humano e do cultivo, os frutos silvestres ganharam tamanho e adquiriram sabor, e a grama selvagem foi transformada em arroz delicioso. Mudanças constantes estão acontecendo, sem dúvida, na natureza, por meio de seus próprios processos. Poucas espécies de árvores e plantas, pássaros e animais são sempre criadas na natureza através de mudanças provocadas pelo tempo, ambiente e outras causas. Assim, antes da criação do homem, a natureza estava mudando as árvores, as plantas e outros animais em graus lentos e suaves, mas quando o homem entrou em cena, ele começou a efetuar mudanças com passos rápidos. Ele transportou continuamente a fauna e a flora nativas de um país para outro e, ao cruzá-las, várias novas espécies de plantas e animais foram trazidas à existência.

Na fase primitiva não existia casamento, mas gradualmente surgiram relações matrimoniais. No início, a relação matrimonial dependia, em todas as comunidades, da mãe. Não havia muita fixidez em relação ao pai, os filhos recebiam o nome da mãe: toda a riqueza estava nas mãos das mulheres, pois elas deveriam criar os filhos. Com o passar do tempo, a riqueza, inclusive as mulheres, passou para as mãos dos membros masculinos. O homem disse: "Toda esta riqueza e grãos são meus; eu os plantei nos campos ou os obtive por pilhagem e outros meios; e se alguém contestar minhas reivindicações e quiser ter uma parte deles, eu lutarei contra ele." Da mesma forma, ele disse: "Todas essas mulheres são exclusivamente minhas; se alguém usurpar meu direito sobre elas, eu lutarei contra ele". Assim se originou o moderno sistema de casamento. As mulheres tornaram-se propriedade do homem tanto quanto seus escravos e bens móveis. O antigo costume de casamento era que os homens de uma tribo se casassem com as mulheres de outra; e mesmo assim as mulheres foram raptadas à força. Com o passar do tempo, esse negócio de tirar a noiva pela violência foi abandonado e o casamento foi contratado com o

consentimento mútuo de ambas as partes. Mas todo costume deixa um leve traço de si mesmo, e mesmo agora encontramos em todos os países um ataque simulado sendo feito em tais ocasiões ao noivo. Em Bengala e na Europa, punhados de arroz são jogados no noivo, e no norte da Índia as amigas da noiva abusam do grupo do noivo, xingando-as, e assim por diante.

A sociedade começou a se formar e variou de acordo com os diferentes países. Aqueles que viviam à beira-mar ganhavam a vida principalmente com a pesca no mar, e os que viviam nas planícies, com a agricultura. Os montanhistas criavam grandes rebanhos de ovelhas, e os habitantes do deserto cuidavam de cabras e camelos. Outros viviam nas florestas e se sustentavam através da caça. Os moradores da planície aprenderam a agricultura; a sua luta pela existência tornou-se menos acirrada; eles tiveram tempo para pensamento e cultura e, assim, tornaram-se cada vez mais civilizados. Mas com o avanço da civilização os seus corpos ficaram cada vez mais fracos. A diferença física entre aqueles que sempre viveram ao ar livre e cujo principal artigo de alimentação era a dieta animal, e outros que viviam em casas e viviam principalmente de grãos e vegetais, tornou-se cada vez maior. O caçador, o pastor, o pescador transformavam-se em ladrões ou piratas sempre que a comida escasseava e saqueavam os moradores das planícies. Estes, por sua vez, uniram-se em bandos numerosos pelo interesse comum da autopreservação; e assim pequenos reinos começaram a ser formados.

Os Devas viviam de grãos e vegetais, eram civilizados, viviam em aldeias, cidades e jardins e usavam roupas tecidas. Os Asuras (Os termos "Devas" e "Asuras" são usados aqui no sentido em que ocorrem no Gitâ (XVI), ou seja, raças nas quais os traços Daivi (divinos) ou Âsuri (não divinos) preponderam.) viviam nas colinas e montanhas, nos desertos ou nas costas do mar, viviam de animais selvagens, e das raízes e frutos das florestas, e dos cereais que podiam obter dos Devas em troca destes ou de suas vacas e ovelhas, e usava peles de animais selvagens. Os Devas eram fisicamente fracos e não podiam suportar as adversidades; os Asuras, por outro lado, eram resistentes ao jejum frequente e eram perfeitamente capazes de sofrer todo tipo de adversidade.

Sempre que a comida era escassa entre os Asuras, eles partiam de suas colinas e praias para saquear cidades e vilarejos. Às vezes eles atacavam os Devas em busca de riquezas e grãos e sempre que os Devas não conseguiam se unir em grande número contra eles, eles certamente morreriam nas mãos dos Asuras. Mas os Devas sendo mais fortes em inteligência, começaram a inventar todos os tipos de máquinas para a guerra. O Brahmâstra, Garudâstra Vaishnavâstra, Shaivâstra – todas essas armas de poder milagroso pertenciam aos Devas. Os Asuras lutaram com armas comuns, mas eram extremamente fortes. Eles derrotaram os Devas repetidamente, mas nunca se preocuparam em tornar-se civilizados, ou aprender agricultura, ou cultivar o seu intelecto. Se os Asuras vitoriosos tentassem reinar sobre os Devas vencidos em Svarga, eles certamente seriam enganados pelo intelecto e habilidade superiores dos Devas e, em pouco tempo, se transformariam em seus escravos. Outras vezes, os Asuras retornavam aos seus locais após a pilhagem. Os Devas, sempre que estavam unidos, forçavam-nos a se retirar, observem vocês, seja para as colinas ou florestas, ou para a costa marítima. Gradualmente, cada partido ganhou número e tornou-se cada vez mais forte; milhões de Devas estavam unidos, assim como milhões de Asuras. Continuaram conflitos e combates violentos e, com eles, a mistura destas duas forças.

A partir da fusão desses diferentes tipos e raças, nossas sociedades, costumes e costumes modernos começaram a evoluir. Novas ideias surgiram e novas ciências começaram a ser cultivadas. Uma classe de homens continuou a fabricar artigos de utilidade e conforto, seja por trabalho manual ou intelectual. Uma segunda classe assumiu a responsabilidade de protegê-los e todos passaram a trocar essas coisas. E aconteceu que um grupo de sujeitos muito espertos se comprometeu a levar essas coisas de um lugar para outro e, sob o pretexto de remuneração por isso, apropriaram-se da maior parte de seus lucros como devido. Um cultivava a terra, um segundo evitava que a produção fosse roubada, um terceiro levava-a para outro lugar e um quarto comprava-a. O cultivador não obteve quase nada; aquele que guardava a produção tirou à força o máximo que pôde; o comerciante que o trouxe ao mercado ficou com a maior parte; e o comprador teve que pagar desproporcionalmente pelas coisas e sofreu com o fardo! O protetor passou a ser conhecido como rei; quem levava as mercadorias de um lugar para outro era o comerciante.

Esses dois não produziram nada - mas ainda assim arrebataram a melhor parte das coisas e engordaram ao colherem virtualmente a maior parte dos frutos do trabalho e do trabalho do cultivador. Os pobres sujeitos que produziam todas essas coisas muitas vezes tinham que ficar sem comer e clamar a Deus por ajuda!

Agora, com a marcha dos acontecimentos, todas estas questões tornaram-se cada vez mais complicadas, nós multiplicaram-se e desta rede emaranhada evoluiu a nossa moderna e complexa sociedade. Mas as marcas de um passado: o caráter persiste e não desaparece completamente. Aqueles que em seus nascimentos anteriores cuidavam de ovelhas ou viviam da pesca ou algo semelhante também adotam hábitos de pirataria, roubo e ocupações semelhantes em sua encarnação civilizada. Sem florestas onde caçar, sem colinas ou montanhas nas proximidades onde possa cuidar dos rebanhos - pelo acidente de nascimento numa sociedade civilizada, ele não consegue ter oportunidades suficientes para caçar, pescar ou pastar gado - ele é obrigado portanto, roubar ou roubar, impelido por sua própria natureza; O que mais ele pode fazer? E as dignas filhas daquelas senhoras famosas (Ahalyâ, Târâ, Mandodari, Kunti e Draupadi.) da era Paurânika, cujos nomes devemos repetir todas as manhãs - elas não podem mais se casar com mais de um marido ao mesmo tempo, mesmo que queiram, e assim se tornam impuros. Dessas e de outras maneiras, homens de diferentes tipos e disposições, civilizados e selvagens, nascidos com a natureza dos Devas e dos Asuras, fundiram-se e formaram a sociedade moderna. E é por isso que vemos, em todas as sociedades, Deus se revezando nessas diversas formas – o Sâdhu Nârâyana, o ladrão Narayana, e assim por diante. Mais uma vez, o caráter de qualquer sociedade em particular passou a ser determinado como qualidade Daivi (divina) ou Âsuri (não divina), na proporção em que um ou outro desses dois tipos diferentes de pessoas preponderasse nela.

Toda a civilização asiática desenvolveu-se inicialmente nas planícies próximas de grandes rios e em solos férteis — nas margens do Ganges, do Yangtse-Kiang e do Eufrates. A base original de todas essas civilizações é a agricultura, e em todas elas predomina a natureza Daivi. A maior parte da civilização europeia, por outro lado, originou-se ou em países montanhosos ou nas costas marítimas – a pirataria e o roubo constituem a base desta civilização; ali a natureza Asuri é preponderante.

Tanto quanto se pode inferir nos tempos modernos, a Ásia Central e os desertos da Arábia parecem ter sido o lar dos Asuras. Saindo de suas fortalezas, esses pastores e caçadores, os descendentes dos Asuras, unidos em hordas após hordas, perseguiram os Devas civilizados e os espalharam por todo o mundo.

É claro que houve uma raça primitiva de aborígenes no continente europeu. Eles viviam em cavernas nas montanhas, e os mais inteligentes entre eles erguiam plataformas plantando gravetos nas partes relativamente rasas da água e construíam casas sobre elas. Eles usavam flechas, pontas de lança, facas e machados, todos feitos de pederneira, e faziam todo tipo de trabalho com eles.

Gradualmente, a corrente das raças asiáticas começou a irromper na Europa e, como consequência dos seus efeitos, algumas partes tornaram-se comparativamente civilizadas; a língua de um certo povo na Rússia se assemelha às línguas do sul da Índia.

Mas na maior parte destes bárbaros permaneceram tão bárbaros como sempre, até que uma raça civilizada da Ásia Menor conquistou as partes adjacentes da Europa e fundou uma ordem elevada de nova civilização: para nós eles são conhecidos como Yavanas, para os Europeus como Gregos.

Posteriormente, na Itália, uma tribo bárbara conhecida como romanos conquistou os civilizados etruscos, assimilou sua cultura e conhecimento e estabeleceu uma civilização própria sobre as ruínas da raça conquistada. Gradualmente, os romanos levaram as suas armas vitoriosas em todas as direções; todas as tribos bárbaras do sudoeste da Europa ficaram sob a suserania de Roma; apenas os bárbaros das florestas que viviam nas regiões do norte mantiveram a independência. Com o passar do tempo, entretanto, os romanos ficaram enervados por serem escravos da riqueza e do luxo, e naquela época a Ásia novamente soltou seus exércitos de Asuras na Europa. Expulsos de suas casas pelo ataque desses Asuras, os bárbaros do Norte da Europa caíram sobre o Império Romano e Roma foi destruída. Enfrentada pela força desta invasão asiática, uma nova raça surgiu através da fusão dos bárbaros europeus com os remanescentes dos romanos e gregos. Naquela época, os judeus sendo conquistados e expulsos de suas casas pelos

romanos, espalharam-se por toda a Europa, e com eles a sua nova religião, o cristianismo, também se espalhou por toda a Europa. Todas essas diferentes raças e seus credos e ideias, todas essas diferentes hordas de Asuras, aquecidas pelo fogo da luta e da guerra constantes, começaram a derreter e a fundir-se no cadinho de Mahâmâyâ; e dessa fusão surgiu a raça europeia moderna.

Assim surgiu uma raça europeia bárbara, muito bárbara, com todos os tons de pele, desde a cor morena dos hindus até a cor branca leitosa do Norte, com cabelos pretos, castanhos, ruivos ou brancos, pretos, grisalhos ou olhos azuis, lembrando os traços finos do rosto, o nariz e os olhos dos hindus, ou os rostos achatados dos chineses. Por algum tempo eles continuaram a se unir; aqueles do norte, levando uma vida de piratas, assediaram e mataram as raças comparativamente civilizadas. Entretanto, porém, os dois chefes das Igrejas Cristãs, o Papa (em francês e italiano, Pape (pronuncia-se como Pâp)) da Itália e o Patriarca de Constantinopla, insinuando-se, começaram a exercer a sua autoridade sobre estas hordas bárbaras brutais. , sobre seus reis, rainhas e povos.

Por outro lado, novamente o islamismo surgiu nos desertos da Arábia. Os árabes selvagens, inspirados pelos ensinamentos de um grande sábio, atacaram a terra com toda força e vigor irresistíveis. Essa torrente, carregando tudo o que estava à sua frente, entrou na Europa tanto pelo Oriente como pelo Ocidente, e junto com esta maré o conhecimento e a cultura da Índia e da Grécia antiga foram levados para a Europa.

Uma tribo de Asuras da Ásia Central, conhecida como Tártaros Seljúcidas, aceitou o islamismo e conquistou a Ásia Menor e outros países da Ásia. As várias tentativas dos árabes para conquistar a Índia não tiveram sucesso. A onda de conquista muçulmana, que engoliu toda a terra, teve de recuar diante da Índia. Eles atacaram Sindh uma vez, mas não puderam contar: e não fizeram nenhuma outra tentativa depois disso.

Mas alguns séculos depois, quando os turcos e outras raças tártaras foram convertidos do budismo ao islamismo, nessa altura conquistaram os hindus, os persas e os árabes, e submeteram-nos todos igualmente à sua submissão. De todos os conquistadores muçulmanos da Índia, nenhum era árabe ou persa; eram todos turcos e tártaros. Em Rajputana, todos os invasores

muçulmanos foram chamados de turcos, e isso é um facto verdadeiro e histórico. Os Charans de Rajputana cantaram “turuganko bodhi jor – Os turcos são muito poderosos” – e isso era verdade. De Kutubuddin aos Imperadores Mogul – todos eles são Tártaros. São a mesma raça à qual pertencem os tibetanos; apenas eles se tornaram muçulmanos e mudaram seus rostos achatados e redondos ao se casarem com hindus e persas. São as mesmas raças antigas de Asuras. Ainda hoje reinam nos tronos de Cabul, Pérsia, Arábia e Constantinopla, e os Gândhâris (nativos de Kandahar) e os Persas ainda são escravos dos Turcos. O vasto Império da China também está aos pés dos tártaros da Manchúria; só que estes Manchus não abandonaram a sua religião, não se tornaram muçulmanos, são discípulos do Grande Lama. Esses Asuras nunca se preocupam com o aprendizado e o cultivo do intelecto; a única coisa que eles entendem é lutar. Muito pouco do espírito guerreiro é possível sem uma mistura desse sangue; e é esse sangue tártaro que se vê no vigoroso espírito marcial do Norte da Europa, especialmente nos russos, que têm três quartos do sangue tártaro nas veias. A luta entre os Devas e os Asuras continuará por muito tempo. Os Devas se casam com as garotas Asura e os Asuras arrebatam as noivas Deva – é isso que leva à formação de poderosas raças vira-latas.

Os tártaros tomaram e ocuparam o trono do califa árabe, tomaram posse de Jerusalém, o grande local de peregrinação cristã, e de outras placas, não permitiram que os peregrinos visitassem o santo sepulcro e mataram muitos cristãos. Os chefes das Igrejas Cristãs enlouqueceram de raiva e despertaram os seus discípulos bárbaros por toda a Europa, que por sua vez inflamaram tanto os reis como os seus súbditos. Hordas de bárbaros europeus avançaram em direção à Ásia Menor para libertar Jerusalém das mãos dos infiéis. Uma boa parte deles cortou a garganta uns dos outros, outros morreram de doenças, enquanto o restante foi morto pelos maometanos. No entanto, o sangue dos bárbaros selvagens aumentou e, assim que os maometanos os mataram, eles chegaram em novos números - com aquela obstinação obstruída de um selvagem selvagem. Eles não pensaram em saquear seus próprios homens e em preparar refeições para os maometanos quando não encontraram nada melhor. É bem sabido que o rei inglês Ricardo gostava da carne muçulmana.

Aqui o resultado foi o mesmo, como normalmente acontece numa guerra entre bárbaros e homens civilizados. Jerusalém e outros lugares não poderiam ser conquistados. Mas a Europa começou a ser civilizada. As nações inglesas, francesas, alemãs e outras nações selvagens que se vestiam com peles e comiam carne crua entraram em contacto com a civilização asiática. Uma ordem de soldados cristãos da Itália e de outros países, correspondentes aos nossos Nâgês, começou a aprender filosofia; e uma de suas seitas, os Cavaleiros Templários, tornaram-se Advaita Vedantistas confirmados e acabaram levando o Cristianismo ao ridículo. Além disso, como tinham acumulado enormes riquezas, os reis da Europa, por ordem do Papa e sob o pretexto de salvar a religião, roubaram-nos e exterminaram-nos.

Do outro lado, uma tribo de maometanos, chamados de mouros, estabeleceu um reino civilizado na Espanha, cultivou vários ramos do conhecimento e fundou a primeira universidade da Europa. Os estudantes vieram de todas as partes, da Itália, da França e até da distante Inglaterra. Os filhos das famílias reais aprenderam boas maneiras, etiqueta, civilização e a arte da guerra. Casas, templos, edifícios e outros edifícios arquitetônicos começaram a ser construídos segundo um novo estilo.

Mas toda a Europa foi gradualmente transformada num vasto campo militar – e este é o caso até agora. Quando os maometanos conquistavam qualquer reino, o seu rei ficava com uma grande parte para si e o resto distribuía entre os seus generais. Esses homens não pagavam nenhum aluguel, mas tinham que fornecer ao rei um certo número de soldados em momentos de necessidade. Assim, evitou-se o problema de manter um exército permanente sempre pronto, e criou-se um exército poderoso que serviu apenas em tempos de guerra. Esta mesma ideia ainda existe até certo ponto em Rajputana e foi trazida para o Ocidente pelos maometanos. Os europeus tiraram este sistema dos maometanos. Mas enquanto com os maometanos havia o rei e os seus grupos de chefes feudais e os seus exércitos, e o resto - o corpo do povo - eram súditos comuns que não eram molestados em tempos de guerra - na Europa, por outro lado, o o rei e seus grupos de chefes feudais estavam de um lado e transformaram todos os súditos em seus escravos. Todos tinham que viver sob o abrigo de um chefe militar

feudal, como seu homem, e só então lhe era permitido viver; ele tinha que estar sempre pronto para lutar a qualquer momento, ao comando.

Qual é o significado do “Progresso da Civilização” de que tanto se vangloriam os Europeus? O significado disso é a realização bem-sucedida do objeto desejado pela justificação de meios errados, ou seja, fazendo com que o fim justifique os meios. Faz com que atos de roubo, falsidade e enforcamento pareçam apropriados em certas circunstâncias; justifica a chicotada de Stanley nos famintos guardas maometanos que o acompanhavam, por roubar alguns bocados de pão; orienta e justifica a conhecida ética europeia que diz: "Saia deste lugar, quero entrar e possuí-lo", cuja verdade é corroborada pela evidência da história, de que onde quer que os europeus tenham desaparecido, seguiu-se a extinção das raças aborígenes. Em Londres, este “progresso da civilização” considera a infidelidade na vida conjugal e, em Paris, a fuga de um homem, deixando a mulher e os filhos indefesos e cometendo suicídio, como um erro e não como um crime.

Comparemos agora os primeiros três séculos da rápida difusão da civilização do Islão com o período correspondente do Cristianismo. O Cristianismo, durante os seus primeiros três séculos, nem sequer teve sucesso em tornar-se conhecido pelo mundo; e desde o dia em que a espada de Constantino lhe deu lugar no seu reino, que apoio o Cristianismo alguma vez prestou à expansão da civilização, seja espiritual ou secular? Que recompensa ofereceu a religião cristã àquele pandit europeu que procurou provar pela primeira vez que a Terra é um planeta giratório? Que cientista já foi aclamado com aprovação e entusiasmo pela Igreja Cristã? Pode a literatura do rebanho cristão atender consistentemente aos requisitos da jurisprudência legal, civil ou criminal, ou das políticas artísticas e comerciais? Mesmo agora a “Igreja” não sanciona a difusão de literatura profana. Ainda é possível que um homem que penetrou profundamente no conhecimento e na ciência modernos seja um cristão absolutamente sincero? No Novo Testamento não há elogios ocultos ou abertos a quaisquer artes e ciências. Mas dificilmente existe qualquer ciência ou ramo de arte que não seja sancionado e encorajado, direta ou indiretamente, no Alcorão, ou nas muitas passagens do Hadis, os ditos tradicionais de Maomé. Os maiores pensadores da Europa – Voltaire, Darwin, Büchner, Flammarton,

Victor Hugo, e uma série de outros como eles – são hoje denunciados pelo Cristianismo e são vítimas das línguas injuriosas da sua comunidade ortodoxa. Por outro lado, o Islão considera que essas pessoas acreditam na existência de Deus, mas apenas carecem de fé no Profeta. Que haja uma investigação minuciosa sobre os respectivos méritos das duas religiões no que diz respeito à sua utilidade, ou ao lançamento de obstáculos no caminho do progresso, e veremos que onde quer que o Islão tenha ido, lá ele preservou os habitantes aborígenes - lá essas raças ainda existem, a sua língua e a sua nacionalidade permanecem até aos dias de hoje.

Onde pode o Cristianismo mostrar tal conquista? Onde estão hoje os árabes da Espanha e as raças aborígenes da América? Qual é o tratamento dado aos cristãos segundo os judeus europeus? Com a única exceção das organizações de caridade, nenhum outro ramo de trabalho na Europa está em harmonia com os ensinamentos do Evangelho. Quaisquer que sejam os níveis de progresso que a Europa tenha alcançado, cada um deles foi alcançado pela sua revolta contra o Cristianismo – pelo seu levante contra o Evangelho. Se o Cristianismo tivesse hoje a sua antiga influência suprema na Europa, teria acendido o fogo da Inquisição contra cientistas modernos como Pasteur e Koch, e queimado Darwin e outros da sua escola na fogueira. Na Europa moderna, o cristianismo e a civilização são duas coisas diferentes. A civilização preparou agora os seus lombos para destruir o seu velho inimigo, o Cristianismo, para derrubar o clero e para arrancar das suas mãos as instituições educativas e de caridade. Se não fosse para as massas rústicas dominadas pela ignorância, o Cristianismo nunca teria sido capaz, nem por um momento, de sustentar a sua presente existência desprezada, e teria sido arrancado pelas suas raízes; pois os pobres urbanos são, mesmo agora, inimigos da Igreja Cristã! Agora compare isso com o Islã. Nos países muçulmanos, todas as ordenanças estão firmemente estabelecidas na religião islâmica, e os seus próprios pregadores são grandemente venerados por todos os funcionários do Estado, e os professores de outras religiões também são respeitados.

A civilização europeia pode ser comparada a um pedaço de tecido, cujos materiais são estes: o seu tear é uma vasta região montanhosa e temperada à beira-mar; seu algodão, uma raça mestiça forte e guerreira formada pela mistura de várias raças; sua distorção é a guerra em defesa de si mesmo e de

sua religião. Quem empunha a espada é grande, e quem não consegue, abre mão de sua independência e de suas linhas sob a proteção da espada de algum guerreiro. Sua trama é o comércio. O meio para esta civilização é a espada; seu auxiliar — coragem e força; seu objetivo é desfrutar aqui e depois.

E como é conosco? Os arianos são amantes da paz, cultivadores do solo, e ficam muito felizes e contentes se conseguirem criar suas famílias sem serem perturbados. Numa vida assim, eles têm amplo lazer e, portanto, maior oportunidade de serem atenciosos e civilizados. Nosso Rei Janaka cultivou o solo com suas próprias mãos, e ele também foi o maior dos conhecedores da Verdade de seu tempo. Conosco, Rishis, Munis e Yogis nasceram desde o início; eles sabem desde o início que o mundo é uma quimera. Saqueie e lute por mais que você possa, o prazer que você busca é apenas na paz; e paz, na renúncia aos prazeres físicos. O prazer não reside no desenvolvimento físico, mas na cultura da mente e do intelecto.

Foram os conhecedores que recuperaram as selvas para cultivo. Então, sobre aquele terreno limpo foi construído o altar Védico; naquele céu puro de Bhârata, subia a fumaça sagrada dos Yajnas; naquela paz que respirava o ar, os Mantras Védicos ecoavam e reecoavam - e o gado e outros animais pastavam sem qualquer medo do perigo. O lugar da espada foi atribuído aos pés do aprendizado e do Dharma. Seu único trabalho era proteger o Dharma e salvar as vidas de homens e gado. O herói era o protetor dos fracos em perigo – o Kshatriya. Governando o arado e a espada estava Dharma, o protetor de todos. Ele é o Rei dos reis; ele está sempre acordado, mesmo enquanto o mundo dorme. Todos eram livres sob a proteção do Dharma.

E o que os seus especialistas europeus dizem sobre a descida dos arianos de alguma terra estrangeira, arrebatando as terras dos aborígenes e estabelecendo-se na Índia, exterminando-os, é pura bobagem, conversa tola! É estranho que nossos estudiosos indianos também digam amém a eles; e todas essas mentiras monstruosas estão sendo ensinadas aos nossos meninos! Isso é realmente muito ruim.

Eu também sou um ignorante; Não pretendo ter nenhuma bolsa de estudos; mas com o pouco que entendo, protestei veementemente contra estas ideias no Congresso de Paris. Tenho conversado com sábios indianos e europeus

sobre o assunto e espero levantar muitas objeções a esta teoria em detalhes, quando o tempo permitir. E isto eu digo a vocês – aos nossos especialistas – também: “Vocês são homens instruídos, procurem seus livros e escrituras antigos, por favor, e tirem suas próprias conclusões”.

Sempre que os europeus encontram uma oportunidade, exterminam os aborígenes e instalam-se com tranquilidade e conforto nas suas terras; e portanto pensam que os arianos devem ter feito o mesmo! Os ocidentais seriam considerados vagabundos miseráveis se vivessem nos seus lares nativos dependendo inteiramente dos seus próprios recursos internos, e por isso têm de correr descontroladamente pelo mundo à procura de como podem alimentar-se da gordura das terras dos outros através da espoliação e do massacre; e portanto concluem que os arianos devem ter feito o mesmo! Mas onde está sua prova? Advinhação? Então guardem suas suposições fantasiosas para vocês!

Em que Veda, em que Sukta, você descobre que os arianos vieram de um país estrangeiro para a Índia? De onde você tirou a ideia de que eles massacraram os aborígenes selvagens? O que você ganha falando essas bobagens? Vão tem sido seu estudo do Ramayana; por que fabricar uma grande e bela história com isso?

Bem, o que é o Ramayana? A conquista dos selvagens aborígenes do sul da Índia pelos arianos! De fato! Râmachandra é um rei ariano civilizado, e com quem ele está lutando? Com o Rei Râvana de Lankâ. Basta ler o Ramayana e você descobrirá que Ravana era bem mais e não menos civilizado que Ramachandra. A civilização de Lanka era bastante superior, e certamente não inferior, à de Ayodhyâ. E então, quando foram conquistados esses Vânaras (macacos) e outros índios do Sul? Por outro lado, todos eram amigos e aliados de Ramachandra. Diga quais reinos de Vâli e Guhaka foram anexados por Ramachandra?

Era bem possível, porém, que em alguns lugares houvesse lutas ocasionais entre os arianos e os aborígenes; bem possível, que um ou dois Munis astutos fingissem meditar com os olhos fechados diante de seus fogos sacrificiais nas selvas dos Râkshasas, esperando, entretanto, o tempo todo para ver quando os Rakshasas atirariam pedras e pedaços de ossos neles. Assim que isso fosse feito, eles iriam reclamar para os reis. Os reis vestidos

de cota de malha, armados com espadas e armas de aço, viriam em corcéis de fogo. Mas por quanto tempo os aborígenes poderiam lutar com paus e pedras? Então eles foram mortos ou expulsos, e os reis voltaram para sua capital. Bem, tudo isso pode ter acontecido, mas como isso prova que suas terras foram tomadas pelos arianos? Onde no Ramayana você encontra isso?

A estrutura da civilização ariana é um país vasto, quente e plano, intercalado com rios largos e navegáveis. O algodão deste tecido é composto por tribos altamente civilizadas, semicivilizadas e bárbaras, principalmente arianas. Sua urdidura é Varnâshramâchâra, (a antiga instituição ariana das quatro castas e estágios de vida. Os primeiros compreendem o Brâhmin, Kshatriya, Vaishya e Shudra, e o último, Brahmacharya (vida de estudante), Gârhashthya (vida de chefe de família), Vânaprastha (vida de eremita) e Sannyâsa (vida de renúncia).) e sua trama, a conquista do conflito e da competição na natureza.

E posso perguntar-vos, Europeus, que país alguma vez elevaram a melhores condições? Onde quer que você tenha encontrado raças mais fracas, você as exterminou pela raiz, por assim dizer. Você se estabeleceu em suas terras e eles se foram para sempre. Qual é a história da sua América, da sua Austrália e da Nova Zelândia, das suas ilhas do Pacífico e da África do Sul? Onde estão essas raças aborígenes hoje? Eles estão todos exterminados, você os matou de uma vez, como se fossem feras. É somente onde você não tem o poder para fazê-lo, e somente aí, que outras nações ainda estão vivas.

Mas a Índia nunca fez isso. Os arianos eram gentis e generosos; e em seus corações, que eram grandes e ilimitados como o oceano, e em seus cérebros, dotados de um gênio sobre-humano, todos esses processos efêmeros e aparentemente agradáveis, mas virtualmente bestiais, nunca encontraram lugar. E eu pergunto a vocês, tolos do meu próprio país, teria havido esta instituição de Varnashrama se os arianos tivessem exterminado os aborígenes para se estabelecerem em suas terras?

O objectivo dos povos da Europa é exterminar todos para poderem viver. O objetivo dos arianos é elevar todos ao seu próprio nível, ou melhor, até mesmo a um nível mais elevado do que eles próprios. O meio da civilização europeia é a espada; dos arianos, a divisão em diferentes Varnas. Este

sistema de divisão em diferentes Varnas é o trampolim para a civilização, fazendo com que alguém suba cada vez mais em proporção ao seu aprendizado e cultura. Na Europa, é em toda parte a vitória para os fortes e a morte para os fracos. Na terra de Bhârata, todas as regras sociais visam a proteção dos fracos.

VOLUME 6

PREFÁCIO À SÉTIMA EDIÇÃO

Nesta edição, as Epístolas Nos. XLV, LIX e CXXX da edição anterior são reorganizadas como Nos. XLVI, XCIII e CXXXII de acordo com suas datas corretas. A carta nº XXXVIII é transferida para seu devido lugar neste volume a partir do quinto, substituindo a carta nº XXXIX da última impressão que está impressa no volume V. O Demônio de Shiva e o poema No Seio do Mar são novas adições de seus originais bengalis.

EDITOR

Outubro de 1963

PREFÁCIO À SEXTA EDIÇÃO

Nesta edição o volume passou por uma revisão completa.

As três palestras, Adorador e Adorado, Adoração Formal e Amor Divino são reproduzidas do Vedanta e do Ocidente com a gentil permissão da Sociedade Vedanta do Sul da Califórnia, cujos direitos autorais estão reservados para a América.

As epístolas LXI, LXXI, LXXXII, LXXXVIII, CXVII, CXIX, CXX, CLXIII, CLXIV, CLXVIII foram adicionadas recentemente; LXXXI, CIII, CXXI, CLVI, CLXVI e Provérbios e Enunciados, da Quinta Edição são omitidos neste, mas aparecerão em outros volumes. A Epístola CXII inclui

CXI e CXII da impressão antiga. Todas as cartas foram comparadas com os originais e corrigidas quando necessário.

Esperamos que os leitores apreciem o Índice que o acompanha, que é uma nova melhoria.

EDITOR

Mayawati

1º de julho de 1956

6.1 PALESTRAS E DISCURSOS

6.1.1 OS MÉTODOS E OBJETIVOS DA RELIGIÃO

Ao estudar as religiões do mundo geralmente encontramos dois métodos de procedimento. O primeiro é de Deus para o homem. Isto é, temos o grupo de religiões semíticas em que a ideia de Deus vem quase desde o início e, estranhamente, sem qualquer ideia de alma. Foi muito notável entre os antigos hebreus que, até períodos muito recentes de sua história, eles nunca desenvolveram qualquer ideia de uma alma humana. O homem era composto de certas partículas mentais e materiais, e isso era tudo. Com a morte tudo acabou. Mas, por outro lado, havia uma ideia maravilhosa de Deus desenvolvida pela mesma raça. Este é um dos métodos de procedimento. A outra é através do homem para Deus. A segunda é peculiarmente ariana, e a primeira é peculiarmente semítica.

O Ariano começou primeiro com a alma. Suas ideias sobre Deus eram nebulosas, indistinguíveis, pouco claras; mas, à medida que a sua ideia da alma humana começou a ficar mais clara, a sua ideia de Deus começou a ficar mais clara na mesma proporção. Assim, a investigação nos Vedas sempre foi feita através da alma. Todo o conhecimento que os arianos obtiveram de Deus veio através da alma humana; e, como tal, a marca peculiar que foi deixada em todo o seu ciclo de filosofia é aquela busca introspectiva pela divindade. O homem ariano estava sempre buscando a

divindade dentro de si mesmo. Tornou-se, com o passar do tempo, natural, característico. É notável em sua arte e em suas relações mais comuns. Mesmo hoje em dia, se tirarmos uma fotografia europeia de um homem com atitude religiosa, o pintor faz sempre o seu modelo apontar os olhos para cima, olhando para fora da natureza em busca de Deus, olhando para o céu. Já na Índia, a atitude religiosa é sempre apresentada fazendo o sujeito fechar os olhos. Ele está, por assim dizer, olhando para dentro.

Estes são os dois temas de estudo do homem, a natureza externa e a interna; e embora à primeira vista pareçam contraditórios, a natureza externa deve, para o homem comum, ser inteiramente composta pela natureza interna, o mundo do pensamento. A maioria das filosofias em todos os países, especialmente no Ocidente, começaram com a suposição de que estas duas, matéria e mente, são existências contraditórias; mas no longo prazo descobriremos que eles convergem um para o outro e no final se unem e formam um todo infinito. Portanto, não é que com esta análise eu queira dizer um ponto de vista superior ou inferior em relação ao assunto. Não quero dizer que aqueles que desejam buscar a verdade através da natureza externa estejam errados, nem que aqueles que desejam buscar a verdade através da natureza interna sejam superiores. Estes são os dois modos de procedimento. Ambos devem viver; ambos devem ser estudados; e no final descobriremos que eles se encontram. Veremos que nem o corpo é antagônico à mente, nem a mente ao corpo, embora encontremos muitas pessoas que pensam que este corpo não é nada. Antigamente, todos os países estavam cheios de pessoas que pensavam que este corpo era apenas uma doença, um pecado ou algo desse tipo. Mais tarde, porém, veremos como, como foi ensinado nos Vedas, esse corpo se funde na mente, e a mente no corpo.

Você deve se lembrar do único tema que permeia todos os Vedas: "Assim como pelo conhecimento de um pedaço de barro conhecemos todo o barro que existe no universo, então o que é isso, sabendo qual conhecemos todo o resto?" Este, expresso de forma mais ou menos clara, é o tema de todo o conhecimento humano. É a descoberta de uma unidade para a qual todos caminhamos. Cada ação de nossas vidas – a mais material, a mais grosseira, bem como a mais refinada, a mais elevada, a mais espiritual – tende igualmente para este ideal, a descoberta da unidade. Um homem é solteiro.

Ele se casa. Aparentemente pode ser um ato egoísta, mas ao mesmo tempo, o impulso, a força motriz, é encontrar essa unidade. Tem filhos, tem amigos, ama o seu país, ama o mundo e acaba por amar o universo inteiro. Somos irresistivelmente impelidos para aquela perfeição que consiste em encontrar a unidade, matando este pequeno eu e tornando-nos cada vez mais amplos. Este é o objetivo, o fim para o qual o universo está correndo. Cada átomo está tentando se juntar ao próximo átomo. Átomos após átomos se combinam, formando enormes bolas, as terras, os sóis, as luas, as estrelas, os planetas. Eles, por sua vez, estão tentando avançar um em direção ao outro e, finalmente, sabemos que todo o universo, mental e material, será fundido em um.

O processo que está acontecendo no cosmos em grande escala é o mesmo que está acontecendo no microcosmo em menor escala. Assim como este universo existe na separação, na distinção, e ao mesmo tempo corre em direção à unidade, à não-separação, também em nossos pequenos mundos cada alma nasce, por assim dizer, isolada do resto do mundo. Quanto mais ignorante, mais pouco iluminada é a alma, mais ela pensa que está separada do resto do universo. Quanto mais ignorante a pessoa, mais ela pensa, ela morrerá ou nascerá, e assim por diante – ideias que são uma expressão desta separação. Mas descobrimos que, à medida que o conhecimento surge, o homem cresce, a moralidade evolui e a ideia de não-separatividade começa. Quer os homens entendam ou não, eles são impelidos por esse poder por trás a se tornarem altruístas. Esse é o fundamento de toda moralidade. É a quintessência de toda ética, pregada em qualquer língua, ou em qualquer religião, ou por qualquer profeta do mundo. “Seja altruísta”, “Não 'eu', mas 'tu'” – esse é o pano de fundo de todos os códigos éticos. E o que isso significa é o reconhecimento da não individualidade – que você é parte de mim e eu de você; o reconhecimento de que ao machucar você eu me machuquei e ao ajudá-lo eu ajudo a mim mesmo; o reconhecimento de que não pode haver morte para mim enquanto você viver. Quando um verme vive neste universo, como posso morrer? Pois minha vida está na vida daquele verme. Ao mesmo tempo, ensinar-nos-á que não podemos deixar um dos nossos semelhantes sem ajudá-lo, que no seu bem consiste o meu bem.

Este é o tema que permeia todo o Vedanta e que permeia todas as outras religiões. Pois, você deve lembrar, as religiões geralmente se dividem em três partes. Existe a primeira parte, que consiste na filosofia, na essência, nos princípios de cada religião. Esses princípios encontram expressão na mitologia – vidas de santos ou heróis, semideuses, ou deuses, ou seres divinos; e toda a ideia desta mitologia é a do poder. E na classe inferior das mitologias — a primitiva — a expressão desse poder está nos músculos; seus heróis são fortes, gigantescos. Um herói conquista o mundo inteiro. À medida que o homem avança, ele deve encontrar expressão para sua energia mais elevada do que nos músculos; então seus heróis também encontram expressão em algo superior. As mitologias superiores têm heróis que são gigantescos homens morais. Sua força se manifesta em tornar-se moral e puro. Eles podem ficar sozinhos, podem combater a onda crescente de egoísmo e imoralidade. A terceira parte de todas as religiões é o simbolismo, que vocês chamam de cerimoniais e formas. Mesmo a expressão através da mitologia, da vida dos heróis, não é suficiente para todos. Existem mentes ainda mais baixas. Tal como as crianças, devem ter o seu jardim de infância de religião, e estas simbologias evoluíram – exemplos concretos que podem manusear, apreender e compreender, que podem ver e sentir como coisas materiais.

Portanto, em cada religião que você encontra existem três estágios: filosofia, mitologia e cerimonial. Há uma vantagem que pode ser alegada para o Vedanta: na Índia, felizmente, esses três estágios foram claramente definidos. Em outras religiões os princípios estão tão entrelaçados com a mitologia que é muito difícil distinguir um do outro. A mitologia permanece suprema, engolindo os princípios; e no decorrer dos séculos os princípios se perdem de vista. A explicação, a ilustração do princípio, engole o princípio, e as pessoas vêem apenas a explicação, o profeta, o pregador, enquanto os princípios quase desapareceram - tanto que ainda hoje, se um homem ousar pregar os princípios do Cristianismo à parte de Cristo, eles tentarão atacá-lo e pensarão que ele está errado e dando golpes no Cristianismo. Da mesma forma, se um homem quiser pregar os princípios do islamismo, os maometanos pensarão o mesmo; porque as ideias concretas, as vidas de grandes homens e profetas, ofuscaram inteiramente os princípios.

No Vedanta, a principal vantagem é que não foi obra de um único homem; e portanto, naturalmente, ao contrário do Budismo, ou do Cristianismo, ou do Maometismo, o profeta ou professor não engoliu ou ofuscou inteiramente os princípios. Os princípios vivem, e os profetas, por assim dizer, formam um grupo secundário, desconhecido pelo Vedanta. Os Upanishads não falam de nenhum profeta em particular, mas falam de vários profetas e profetisas. Os antigos hebreus tinham algo dessa ideia; ainda assim, encontramos Moisés ocupando a maior parte do espaço da literatura hebraica. É claro que não quero dizer que seja ruim que esses profetas assumam o controle religioso de uma nação; mas certamente é muito prejudicial se todo o campo dos princípios for perdido de vista. Podemos concordar muito quanto aos princípios, mas não muito quanto às pessoas. As pessoas apelam às nossas emoções; e os princípios, para algo mais elevado, para o nosso julgamento calmo. Os princípios devem vencer no longo prazo, pois essa é a masculinidade do homem. As emoções muitas vezes nos arrastam ao nível dos animais. As emoções têm mais ligação com os sentidos do que com a faculdade da razão; e, portanto, quando os princípios são totalmente perdidos de vista e as emoções prevalecem, as religiões degeneram em fanatismo e sectarismo. Eles não são melhores do que a política partidária e coisas assim. As noções mais terrivelmente ignorantes serão adotadas, e por essas idéias milhares estarão prontos para cortar a garganta de seus irmãos. Esta é a razão pela qual, embora estas grandes personalidades e profetas sejam tremendas forças motrizes para o bem, ao mesmo tempo as suas vidas são totalmente perigosas quando levam ao desrespeito pelos princípios que representam. Isso sempre levou ao fanatismo e inundou o mundo com sangue. O Vedanta pode evitar esta dificuldade porque não tem um profeta especial. Tem muitos Videntes, chamados Rishis ou sábios. Videntes – essa é a tradução literal – aqueles que veem essas verdades, os Mantras.

A palavra Mantra significa “pensado”, cogitado pela mente; e o Rishi é o vidente desses pensamentos. Não são propriedade de pessoas específicas, nem propriedade exclusiva de qualquer homem ou mulher, por maior que seja; nem mesmo propriedade exclusiva dos maiores espíritos – os Budas ou Cristos – que o mundo produziu. Eles são tanto propriedade do mais inferior dos inferiores, quanto são propriedade de um Buda, e tanto propriedade do menor verme que rasteja quanto do Cristo, porque são

princípios universais. Eles nunca foram criados. Estes princípios existiram ao longo dos tempos; e eles existirão. Eles são não-criados – não criados por quaisquer leis que a ciência nos ensina hoje. Eles permanecem cobertos e são descobertos, mas existem por toda a eternidade na natureza. Se Newton não tivesse nascido, a lei da gravitação teria permanecido a mesma e teria funcionado da mesma forma. Foi o gênio de Newton quem o formulou, descobriu, trouxe-o à consciência, tornou-o algo consciente para a raça humana. O mesmo ocorre com essas leis religiosas, as grandes verdades da espiritualidade. Eles estão trabalhando o tempo todo. Se todos os Vedas, as Bíblias e os Alcorões não existissem, se os videntes e os profetas nunca tivessem nascido, ainda assim essas leis existiriam. Eles são apenas mantidos em suspenso e, lenta mas seguramente, trabalhariam para elevar a raça humana, para elevar a natureza humana. Mas são eles os profetas que os veem, os descobrem, e tais profetas são descobridores no campo da espiritualidade. Assim como Newton e Galileu foram profetas da ciência física, também o são profetas da espiritualidade. Eles não podem reivindicar nenhum direito exclusivo sobre qualquer uma dessas leis; eles são propriedade comum de toda a natureza.

Os Vedas, como dizem os hindus, são eternos. Compreendemos agora o que eles querem dizer com serem eternos, ou seja, que as leis não têm começo nem fim, assim como a natureza não tem começo nem fim. Terra após terra, sistema após sistema, evoluirão, funcionarão por um certo tempo e depois se dissolverão novamente no caos; mas o universo permanece o mesmo. Milhões e milhões de sistemas estão nascendo, enquanto milhões estão sendo destruídos. O universo permanece o mesmo. O início e o fim dos tempos podem ser contados em relação a um determinado planeta; mas no que diz respeito ao universo, o tempo não tem significado algum. O mesmo acontece com as leis da natureza, as leis físicas, as leis mentais, as leis espirituais. Sem começo e sem fim são eles; e foi dentro de alguns anos, comparativamente falando, alguns milhares de anos, na melhor das hipóteses, que o homem tentou revelá-los. A massa infinita permanece diante de nós. Portanto, a grande lição que aprendemos dos Vedas, no início, é que a religião apenas começou. O oceano infinito de verdade espiritual está diante de nós para ser trabalhado, para ser descoberto, para ser introduzido em nossas vidas. O mundo viu milhares de profetas e ainda não viu milhões.

Houve tempos em que os profetas eram muitos em todas as sociedades. Chegará o tempo em que os profetas caminharão por todas as ruas de todas as cidades do mundo. Antigamente, pessoas particulares e peculiares eram, por assim dizer, selecionadas pelas operações das leis da sociedade para se tornarem profetas. Está chegando o momento em que compreenderemos que tornar-se religioso significa tornar-se profeta, que ninguém pode tornar-se religioso até que se torne profeta. Chegaremos a compreender que o segredo da religião é não ser capaz de pensar e dizer todos estes pensamentos; mas, como ensinam os Vedas, para realizá-los, para perceber algo mais novo e mais elevado do que jamais foi realizado, para descobri-los, trazê-los para a sociedade; e o estudo da religião deveria ser o treinamento para fazer profetas. As escolas e faculdades deveriam ser campos de treinamento para profetas. Todo o universo deve tornar-se profeta; e até que um homem se torne profeta, a religião será uma zombaria e um sinônimo para ele. Devemos ver a religião, senti-la, realizá-la num sentido mil vezes mais intenso do que aquele em que vemos o muro.

Mas há um princípio subjacente a todas estas diversas manifestações da religião e que já foi traçado para nós. Toda ciência deve terminar onde encontra unidade, porque não podemos ir mais longe. Quando uma unidade perfeita é alcançada, essa ciência não tem mais nada de princípios para nos dizer. Todo o trabalho que as religiões têm de fazer é resolver os detalhes. Tomemos qualquer ciência, química, por exemplo. Suponha que possamos encontrar um elemento com o qual possamos fabricar todos os outros elementos. Então a química, como ciência, terá se tornado perfeita. O que nos resta é descobrir todos os dias novas combinações desse material e a aplicação dessas combinações para todos os propósitos da vida. O mesmo ocorre com a religião. Os princípios gigantescos, o alcance, o plano da religião já foram descobertos há muito tempo, quando o homem encontrou as últimas palavras, como são chamadas, dos Vedas - "Eu sou Ele" - de que existe Aquele em quem todo este universo de matéria e a mente encontra sua unidade, a quem eles chamam de Deus, ou Brahman, ou Alá, ou Jeová, ou qualquer outro nome. Não podemos ir além disso. O grande princípio já foi traçado para nós. Nosso trabalho consiste em preenchê-lo, resolvê-lo e aplicá-lo a todas as partes de nossas vidas. Temos que trabalhar agora para que todos se tornem profetas. Há um grande trabalho diante de nós.

Antigamente, muitos não entendiam o que significava um profeta. Eles pensavam que era algo por acaso, que apenas por um decreto de vontade ou alguma inteligência superior, um homem adquiria conhecimento superior. Nos tempos modernos, estamos preparados para demonstrar que este conhecimento é um direito inato de todo ser vivo, seja ele quem for e onde quer que esteja, e que não há acaso neste universo. Todo homem que, pensamos, consegue algo por acaso, tem trabalhado para isso lenta e seguramente ao longo dos tempos. E toda a questão recai sobre nós: “Queremos ser profetas?” Se quisermos, seremos.

Este, o treinamento de profetas, é a grande obra que temos diante de nós; e, consciente ou inconscientemente, todos os grandes sistemas religiosos estão trabalhando em direção a esse grande objetivo, apenas com a diferença de que em muitas religiões você descobrirá que elas declaram que essa percepção direta da espiritualidade não deve ser obtida nesta vida, que o homem deve morrer, e depois de sua morte chegará um momento em outro mundo, quando ele terá visões de espiritualidade, quando perceberá coisas nas quais agora deve acreditar. Mas o Vedanta perguntará a todas as pessoas que fazem tais afirmações: “Então como você sabe que a espiritualidade existe?” E terão de responder que sempre deve ter havido certas pessoas específicas que, mesmo nesta vida, tiveram um vislumbre de coisas que são desconhecidas e incognoscíveis.

Até isso cria uma dificuldade. Se fossem pessoas peculiares, que exercem esse poder simplesmente por acaso, não temos o direito de acreditar neles. Seria um pecado acreditar em algo que acontece por acaso, porque não podemos saber disso. O que se entende por conhecimento? Destruição da peculiaridade. Suponha que um menino entre na rua ou em um zoológico e veja um animal de formato peculiar. Ele não sabe o que é. Aí ele vai para um país onde existem centenas assim e fica satisfeito, sabe qual é a espécie. Nosso conhecimento é conhecer o princípio. Nosso não conhecimento é encontrar o particular sem referência a princípios. Quando encontramos um caso ou alguns casos separados do princípio, sem qualquer referência ao princípio, ficamos na escuridão e não sabemos. Ora, se estes profetas, como dizem, eram pessoas peculiares que só tinham o direito de vislumbrar o que está além e ninguém mais tem o direito, não deveríamos acreditar nestes profetas, porque são casos peculiares sem qualquer referência a um

princípio. Só podemos acreditar neles se nós mesmos nos tornarmos profetas.

Vocês, todos vocês, ouvem falar das várias piadas que aparecem nos jornais sobre a serpente marinha; e por que deveria ser assim? Porque algumas pessoas, em longos intervalos, vinham contar suas histórias sobre a serpente marinha, e outras nunca a viam. Eles não têm nenhum princípio específico ao qual se referir e, portanto, o mundo não acredita. Se um homem vier até mim e disser que um profeta desapareceu no ar e passou por ele, tenho o direito de ver isso. Eu pergunto a ele: "Seu pai ou avô viu?" "Oh, não", ele responde, "mas há cinco mil anos uma coisa dessas aconteceu." E se eu não acreditar, terei que ser assado por toda a eternidade!

Que massa de superstição é essa! E seu efeito é degradar o homem de sua natureza divina para a de brutos. Por que a razão nos foi dada se temos que acreditar? Não é tremendamente blasfemo acreditar contra a razão? Que direito temos nós de não usar o maior presente que Deus nos deu? Tenho certeza de que Deus perdoará um homem que usa a razão e não consegue acreditar, em vez de um homem que acredita cegamente em vez de usar as faculdades que Ele lhe deu. Ele simplesmente degrada sua natureza e desce ao nível das feras – degrada seus sentidos e morre. Devemos raciocinar; e quando a razão nos provar a verdade desses profetas e grandes homens sobre os quais os livros antigos falam em todos os países, acreditaremos neles. Acreditaremos neles quando virmos tais profetas entre nós. Descobriremos então que eles não eram homens peculiares, mas apenas ilustrações de certos princípios. Eles funcionaram, e esse princípio expressou-se naturalmente, e teremos que trabalhar para expressar esse princípio em nós. Eles eram profetas, acreditaremos, quando nos tornarmos profetas. Eles eram videntes de coisas divinas. Eles poderiam ir além dos limites dos sentidos e vislumbrar aquilo que está além. Acreditaremos nisso quando formos capazes de fazê-lo nós mesmos e não antes.

Esse é o único princípio do Vedanta. O Vedanta declara que a religião existe aqui e agora, porque a questão desta vida e daquela vida, da vida e da morte, deste mundo e daquele mundo, é apenas uma questão de superstição e preconceito. Não há interrupção no tempo além do que fazemos. Que diferença existe entre dez e meio-dia, exceto o que fazemos com certas

mudanças na natureza? O tempo flui da mesma forma. Então, o que significa esta ou aquela vida? É apenas uma questão de tempo, e o que se perde no tempo pode ser compensado pela rapidez no trabalho. Assim, diz o Vedanta, a religião deve ser realizada agora. E para você se tornar religioso significa que você começará sem nenhuma religião, progredirá e perceberá as coisas, verá as coisas por si mesmo; e quando você tiver feito isso, então, e somente então, você terá religião. Antes disso, você não é melhor que os ateus, ou pior, porque o ateu é sincero – ele se levanta e diz: “Eu não sei sobre essas coisas – enquanto aqueles outros não sabem, mas andam pelo mundo, dizendo: “Nós somos gente muito religiosa.” Que religião eles têm ninguém sabe, porque engoliram alguma história de avó, e os padres pediram que acreditassem nessas coisas; se não acreditam, que se cuidem. É assim que vai.

A realização da religião é o único caminho. Cada um de nós terá que descobrir. De que servem então estes livros, estas Bíblias do mundo? Eles são de grande utilidade, assim como os mapas de um país. Vi mapas da Inglaterra durante toda a minha vida antes de vir para cá, e eles foram de grande ajuda para mim, informando algum tipo de concepção da Inglaterra. No entanto, quando cheguei a este país, que diferença entre os mapas e o próprio país! Assim é a diferença entre a realização e as escrituras. Esses livros são apenas os mapas, as experiências de homens do passado, como força motriz para ousarmos fazer as mesmas experiências e descobrir da mesma maneira, se não melhor.

Este é o primeiro princípio do Vedanta, que a realização é religião, e quem realiza é o homem religioso; e quem não sabe não é melhor do que quem diz “não sei”, senão pior, porque o outro diz “não sei” e é sincero. Nesta compreensão, mais uma vez, seremos muito ajudados por estes livros, não apenas como guias, mas como dando instruções e exercícios; pois cada ciência tem seu próprio método particular de investigação. Você encontrará muitas pessoas neste mundo que dirão. “Eu queria me tornar religioso, queria realizar essas coisas, mas não consegui, então não acredito em nada”. Mesmo entre os instruídos você encontrará isso. Um grande número de pessoas lhe dirá: “Tentei ser religioso durante toda a minha vida, mas não há nada nisso”. Ao mesmo tempo você encontrará este fenômeno: suponha que um homem seja um químico, um grande cientista. Ele vem e te diz isso.

Se você lhe disser: “Não acredito em nada sobre química, porque toda a minha vida tentei ser químico e não encontrei nada nisso”, ele perguntará: “Quando você tentou?” “Quando fui para a cama, repeti: 'Ó química, venha até mim', e isso nunca aconteceu.” Isso é exatamente a mesma coisa. O químico ri de você e diz: “Oh, esse não é o caminho. Por que você não foi ao laboratório e pegou todos os ácidos e álcalis e queimou as mãos de vez em quando? Só isso já teria lhe ensinado.” Você tem o mesmo problema com a religião? Cada ciência tem seu próprio método de aprendizagem, e a religião deve ser aprendida da mesma maneira. Tem os seus próprios métodos, e aqui está algo que podemos aprender, e devemos aprender, de todos os antigos profetas do mundo, de cada um que encontrou algo, que realizou a religião. Eles nos darão os métodos, os métodos específicos, através dos quais seremos capazes de compreender as verdades da religião. Eles lutaram durante toda a vida, descobriram métodos particulares de cultura mental, levando a mente a um certo estado, à percepção mais refinada, e através disso perceberam as verdades da religião. Para nos tornarmos religiosos, para percebermos a religião, senti-la, para nos tornarmos profetas, temos de adotar estes métodos e praticá-los; e então, se não encontrarmos nada, teremos o direito de dizer: “Não há nada na religião, pois tentei e falhei”.

Este é o lado prático de todas as religiões. Você o encontrará em todas as Bíblias do mundo. Eles não apenas ensinam princípios e doutrinas, mas na vida dos santos você encontra práticas; e quando não é expressamente estabelecido como regra de conduta, você sempre encontrará na vida desses profetas que até eles regulamentavam às vezes o comer e o beber. Toda a sua vivência, a sua prática, o seu método, tudo era diferente das massas que os rodeavam; e essas foram as causas que lhes deram a luz superior, a visão do Divino. E nós, se quisermos ter esta visão, devemos estar prontos para adotar estes métodos. É a prática, o trabalho, que nos levará a isso. O plano do Vedanta, portanto, é: primeiro, estabelecer os princípios, traçar para nós a meta e depois ensinar-nos o método pelo qual chegar à meta, compreender e realizar a religião.

Novamente, esses métodos devem ser diversos. Visto que somos tão diversos em nossas naturezas, o mesmo método dificilmente pode ser aplicado a dois de nós da mesma maneira. Temos idiossincrasias em nossas

mentes, cada um de nós; então o método deve ser variado. Alguns, você descobrirá, são de natureza muito emocional; alguns muito filosóficos, racionais; outros se apegam a todos os tipos de formas ritualísticas – querem coisas que sejam concretas. Você descobrirá que um homem não se importa com nenhuma cerimônia ou forma ou qualquer coisa do tipo; eles são como a morte para ele. E outro homem carrega uma carga de amuletos por todo o corpo; ele gosta tanto desses símbolos! Outro homem de natureza emotiva deseja mostrar atos de caridade a todos; ele chora, ele ri e assim por diante. E tudo isso certamente não pode ter o mesmo método. Se houvesse apenas um método para chegar à verdade, seria a morte para todos os outros que não fossem constituídos de forma semelhante. Portanto, os métodos devem ser diversos. A Vedanta entende isso e quer apresentar ao mundo diferentes métodos através dos quais podemos trabalhar. Pegue o que quiser; e se um não combina com você, outro pode. Deste ponto de vista, vemos quão glorioso é que existam tantas religiões no mundo, quão bom é que existam tantos professores e profetas, em vez de haver apenas um, como muitas pessoas gostariam de ter. Os muçulmanos querem que o mundo inteiro seja muçulmano; os cristãos, cristãos; e os budistas, budistas; mas o Vedanta diz: "Deixe cada pessoa no mundo ser separada, se você quiser; o único princípio, as unidades ficarão por trás. Quanto mais profetas houver, mais livros, mais videntes, mais métodos, tanto melhor." para o mundo." Tal como na vida social, quanto maior for o número de ocupações em cada sociedade, melhor para essa sociedade, maiores serão as oportunidades para todos nessa sociedade ganharem a vida; o mesmo ocorre no mundo do pensamento e da religião. Quão melhor é hoje, quando temos tantas divisões da ciência – quanto mais é possível que todos tenham uma grande cultura mental, com esta grande variedade diante de nós! Quão melhor é, mesmo no plano físico, ter a oportunidade de tantas coisas diversas se espalharem diante de nós, para que possamos escolher a que quisermos, a que melhor nos convier! O mesmo acontece com o mundo das religiões. É uma dispensação muito gloriosa do Senhor que existam tantas religiões no mundo; e desejaria a Deus que estes aumentassem a cada dia, até que cada homem tivesse uma religião própria!

O Vedanta entende isso e, portanto, prega o princípio único e admite vários métodos. Não tem nada a dizer contra ninguém - seja você cristão, ou budista, ou judeu, ou hindu, seja qual for a mitologia em que você acredita,

se você deve lealdade ao profeta de Nazaré, ou de Meca, ou da Índia, ou de qualquer outro lugar, quer você seja um profeta - não há nada a dizer. Prega apenas o princípio que é a base de toda religião e do qual todos os profetas, santos e videntes são apenas ilustrações e manifestações. Multiplique seus profetas, se quiser; não tem objeção. Ele apenas prega o princípio e o método que deixa para você. Siga o caminho que quiser; siga qualquer profeta que você quiser; mas tenha apenas o método que se adapta à sua própria natureza, para que você tenha certeza de progredir.

6.1.2 A NATUREZA DA ALMA E SEU OBJETIVO

A ideia mais antiga é que um homem, quando morre, não é aniquilado. Algo vive e continua vivendo mesmo depois que o homem morre. Talvez fosse melhor comparar as três nações mais antigas – os egípcios, os babilônios e os antigos hindus – e tirar esta ideia de todas elas. Com os egípcios e os babilônios, encontramos uma espécie de ideia de alma – a de um duplo. Dentro deste corpo, segundo eles, existe outro corpo que aqui se move e trabalha; e quando o corpo exterior morre, o duplo sai e continua a viver por um certo período de tempo; mas a vida do duplo é limitada pela preservação do corpo exterior. Se o corpo que sobrou do duplo estiver ferido em qualquer parte, o duplo certamente ficará ferido nessa parte. É por isso que encontramos entre os antigos egípcios tanta solicitude em preservar o cadáver de uma pessoa através do embalsamamento, da construção de pirâmides, etc. Descobrimos tanto com os babilônios como com os antigos egípcios que este duplo não pode viver pela eternidade; ele pode, na melhor das hipóteses, viver apenas por um certo tempo, isto é, enquanto o corpo que lhe resta possa ser preservado.

A próxima peculiaridade é que existe um elemento de medo ligado a esse duplo. É sempre infeliz e miserável; seu estado de existência é de extrema dor. Está sempre voltando para aqueles que estão vivos, pedindo comida, bebida e prazeres que não pode mais ter. É querer beber das águas do Nilo, das águas doces que já não pode beber. Quer recuperar os alimentos que costumava desfrutar nesta vida; e quando descobre que não pode obtê-los, o duplo torna-se feroz, às vezes ameaçando os vivos com a morte e o desastre se não lhe for fornecido tal alimento.

Chegando ao pensamento ariano, encontramos imediatamente um desvio muito amplo. Ainda existe aí a ideia dupla, mas ela se tornou uma espécie de corpo espiritual; e uma grande diferença é que a vida deste corpo espiritual, a alma, ou como quer que você a chame, não é limitada pelo corpo que lhe resta. Pelo contrário, obteve liberdade deste corpo e daí o peculiar costume ariano de queimar os mortos. Eles querem se livrar do corpo que a pessoa deixou, enquanto os egípcios querem preservá-lo enterrando, embalsamando e construindo pirâmides. Além do sistema mais primitivo de eliminação dos mortos, entre as nações até certo ponto avançadas, o método de eliminação dos corpos dos mortos é uma grande indicação da sua ideia de alma. Onde quer que encontremos a ideia de uma alma que partiu intimamente ligada à ideia do corpo morto, sempre encontramos a tendência de preservar o corpo, e também encontramos o sepultamento de uma forma ou de outra. Por outro lado, para aqueles nos quais se desenvolveu a ideia de que a alma é uma entidade separada do corpo e não será ferida mesmo que o cadáver seja destruído, a queima é sempre o processo a que se recorre. Assim, encontramos entre todas as antigas raças arianas a queima dos mortos, embora os persas tenham mudado isso para expor o corpo em uma torre. Mas o próprio nome da torre (Dakhma) significa local de queima, mostrando que nos tempos antigos eles também queimavam seus corpos. A outra peculiaridade é que entre os arianos não havia nenhum elemento de medo com esses duplos. Eles não vêm pedir comida ou ajuda; e quando lhes é negada essa ajuda, eles não se tornam ferozes nem tentam destruir aqueles que estão vivos. Eles estão bastante alegres, felizes por se libertarem. O fogo da pira funerária é o símbolo da desintegração. O símbolo é solicitado a levar suavemente a alma que partiu e levá-la ao lugar onde vivem os pais, onde não há tristeza, onde há alegria para sempre, e assim por diante.

Destas duas ideias vemos imediatamente que são de natureza semelhante, sendo uma otimista e a outra pessimista – sendo a elementar. Um é a evolução do outro. É bem possível que os próprios arianos tivessem, ou possam ter tido, em tempos muito antigos, exatamente a mesma ideia que os egípcios. Ao estudar seus registros mais antigos, encontramos a possibilidade dessa mesma ideia. Mas é uma coisa bastante brilhante, algo brilhante. Quando um homem morre, essa alma vai morar com os pais e ali vive desfrutando de sua felicidade. Esses pais recebem isso com grande

bondade; esta é a ideia mais antiga de alma na Índia. Mais tarde, essa ideia torna-se cada vez mais elevada. Então descobriu-se que o que antes chamavam de alma não era realmente a alma. Esse corpo brilhante, belo corpo, por mais belo que fosse, era afinal um corpo; e todos os corpos devem ser feitos de materiais, brutos ou finos. O que quer que tivesse forma ou formato deveria ser limitado e não poderia ser eterno. A mudança é inerente a todas as formas. Como poderia aquilo que é mutável ser eterno? Então, por trás desse corpo brilhante, por assim dizer, eles encontraram algo que era a alma do homem. Foi chamado de Âtman, o Ser. Essa ideia do Eu começou então. Também teve que passar por diversas mudanças. Alguns pensavam que este Eu era eterno; que era muito minúsculo, quase tão minúsculo quanto um átomo; que vivia em uma determinada parte do corpo, e quando um homem morria, seu Eu ia embora, levando consigo o corpo brilhante. Houve outras pessoas que negaram a natureza atômica da alma pelo mesmo motivo em que negaram que esse corpo brilhante fosse a alma.

De todas estas diversas opiniões surgiu a filosofia Sâmkhya, onde ao mesmo tempo encontramos imensas diferenças. A ideia é que o homem tem primeiro este corpo grosseiro; atrás do corpo grosseiro está o corpo sutil, que é o veículo da mente, por assim dizer; e por trás mesmo disso está o Ser, o Percebedor, como os Sâmkhyas o chamam, da mente; e isso é onipresente. Ou seja, a sua alma, a minha alma, a alma de todos está em todos os lugares ao mesmo tempo. Se não tem forma, como se pode dizer que ocupa espaço? Tudo o que ocupa espaço tem forma. O informe só pode ser infinito. Assim, cada alma está em toda parte. A segunda teoria apresentada é ainda mais surpreendente. Todos eles viram nos tempos antigos que os seres humanos são progressistas, pelo menos muitos deles. Eles cresceram em pureza, poder e conhecimento; e foi feita a pergunta: De onde veio esse conhecimento, essa pureza, essa força que os homens manifestaram? Aqui está um bebê sem nenhum conhecimento. Este bebê cresce e se torna um homem forte, poderoso e sábio. De onde aquele bebê obteve sua riqueza de conhecimento e poder? A resposta foi que estava na alma; a alma do bebê teve esse conhecimento e poder desde o início. Este poder, esta pureza, esta força estavam naquela alma, mas não se manifestaram; eles se manifestaram. O que se entende por esta manifestação ou não manifestação? Que cada alma é pura e perfeita,

onipotente e onisciente, como diz o Sankhya; mas só pode manifestar-se externamente de acordo com a mente que possui. A mente é, por assim dizer, o espelho refletor da alma. Minha mente reflete até certo ponto os poderes da minha alma; então sua alma, e então a de todos. Aquele espelho que é mais claro reflete melhor a alma. Assim a manifestação varia de acordo com a mente que se possui; mas as almas em si são puras e perfeitas.

Havia outra escola que pensava que isso não poderia acontecer. Embora as almas sejam puras e perfeitas por natureza, esta pureza e perfeição tornam-se, como dizem, contraídas às vezes e expandidas outras vezes. Existem certas ações e certos pensamentos que, por assim dizer, contraem a natureza da alma; e então também outros pensamentos e atos, que revelam sua natureza, manifestam-na. Isso novamente é explicado. Todos os pensamentos e ações que fazem com que o poder e a pureza da alma se contraíam são ações más, pensamentos maus; e todos aqueles pensamentos e ações que fazem a alma se manifestar – fazem surgir os poderes, por assim dizer – são ações boas e morais. A diferença entre as duas teorias é muito pequena; é mais ou menos um jogo de palavras expansão e contração. Aquela que sustenta que a variação depende apenas da mente que a alma possui é a melhor explicação, sem dúvida, mas a teoria da contração e da expansão quer refugiar-se atrás das duas palavras; e eles deveriam ser questionados sobre o que significa contração ou expansão da alma. A alma é um espírito. Você pode questionar o que significa contração ou expansão em relação ao material, seja grosseiro, que chamamos de matéria, ou fino, a mente; mas, além disso, se não for matéria, aquilo que não está limitado pelo espaço ou pelo tempo, como explicar as palavras contração e expansão com relação a isso? Assim, parece que esta teoria que sustenta que a alma é pura e perfeita o tempo todo, apenas que a sua natureza é mais refletida em algumas mentes do que em outras, é a melhor. À medida que a mente muda, seu caráter torna-se, por assim dizer, cada vez mais claro e dá um melhor reflexo da alma. Assim continua, até que a mente se torne tão purificada que reflita plenamente a qualidade da alma; então a alma se liberta.

Esta é a natureza da alma. Qual é o objetivo? O objetivo da alma entre todas as diferentes seitas na Índia parece ser o mesmo. Existe uma ideia para todos, e essa ideia é a libertação. O homem é infinito; e esta limitação em que ele existe agora não é a sua natureza. Mas através destas limitações ele

está lutando para cima e para frente até alcançar o infinito, o ilimitado, o seu direito inato, a sua natureza. Todas essas combinações, recombinações e manifestações que vemos ao nosso redor não são o objetivo ou a meta, mas apenas de passagem e de passagem. Essas combinações como terras e sóis, e luas e estrelas, certo e errado, bom e mau, nosso riso e nossas lágrimas, nossas alegrias e tristezas, devem nos permitir ganhar experiência através da qual a alma manifesta sua natureza perfeita e se livra das limitações. . Não mais, então, está sujeito a leis de natureza interna ou externa. Foi além de toda lei, além de toda limitação, além de toda natureza. A natureza ficou sob o controle da alma, e não a alma sob o controle da natureza, como ela pensa que está agora. Esse é o único objetivo que a alma tem; e todos os passos sucessivos através dos quais ela se manifesta, todas as experiências sucessivas pelas quais ela passa para atingir esse objectivo – a liberdade – são representados como os seus nascimentos. A alma está, por assim dizer, assumindo um corpo inferior e tentando expressar-se através dele. Acha que isso é insuficiente, joga-o de lado e assume um superior. Através disso, ele luta para se expressar. Isso também é considerado insuficiente, é rejeitado e surge um nível mais elevado; assim por diante, até que seja encontrado um corpo através do qual a alma manifesta suas aspirações mais elevadas. Então a alma fica livre.

Agora a questão é: se a alma é infinita e existe em toda parte, como deve existir, se é um espírito, o que significa ela assumir corpos e passar por corpo após corpo? A ideia é que a alma não vem nem vai, não nasce nem morre. Como pode nascer o onipresente? É um disparate sem sentido dizer que a alma vive num corpo. Como pode o ilimitado viver num espaço limitado? Mas assim como um homem que tem um livro nas mãos lê uma página e a vira, vai para a próxima página, lê aquela, vira-a, e assim por diante, ainda assim é o livro que está sendo virado, as páginas que estão sendo viradas. girando, e não ele — ele está onde está sempre — mesmo assim no que diz respeito à alma. Toda a natureza é aquele livro que a alma lê. Cada vida, por assim dizer, é uma página desse livro; e essa leitura é virada, e assim por diante, até que todo o livro esteja terminado, e essa alma se torne perfeita, tendo obtido todas as experiências da natureza. No entanto, ao mesmo tempo, nunca se moveu, nem veio, nem foi; foi apenas acumulando experiências. Mas parece-nos que estamos nos movendo. A Terra está se movendo, mas pensamos que o Sol está se movendo em vez da

Terra, o que sabemos ser um erro, uma ilusão dos sentidos. Assim também é esta, a ilusão de que nascemos e morremos, de que viemos ou de que vamos. Não viemos nem vamos, nem nascemos. Pois para onde vai a alma? Não há lugar para isso ir. Onde já não está?

Assim surge a teoria da evolução da natureza e da manifestação da alma. Os processos de evolução, combinações cada vez mais elevadas, não estão na alma; já é o que é. Eles estão na natureza. Mas à medida que a natureza evolui para combinações cada vez mais elevadas, cada vez mais a majestade da alma se manifesta. Suponha que aqui haja uma tela e atrás dela haja um cenário maravilhoso. Há um pequeno buraco na tela através do qual podemos captar apenas um pouquinho daquele cenário que está atrás. Suponha que o buraco aumente de tamanho. À medida que o buraco aumenta de tamanho, cada vez mais o cenário atrás fica dentro do campo de visão; e quando toda a tela desaparece, não há nada entre o cenário e você; você vê tudo isso. Esta tela é a mente do homem. Atrás dela está a majestade, a pureza, o poder infinito da alma, e à medida que a mente se torna cada vez mais clara, mais pura e mais pura, mais da majestade da alma se manifesta. Não que a alma esteja mudando, mas a mudança está na tela. A alma é o imutável, o imortal, o puro, o sempre abençoado.

Então, finalmente, a teoria chega a isso. Do homem mais elevado ao mais baixo e mais perverso, no maior dos; seres humanos e o mais inferior dos vermes rastejantes sob nossos pés, é a alma, pura e perfeita, infinita e sempre abençoada. No verme essa alma manifesta apenas uma parte infinitesimal de seu poder e pureza, e no maior homem ela manifesta a maior parte disso. A diferença está no grau de manifestação, mas não na essência. Através de todos os seres existe a mesma alma pura e perfeita.

Existem também ideias de céus e outros lugares, mas estas são consideradas de segunda categoria. A ideia de céu é considerada uma ideia baixa. Surge do desejo de um lugar de diversão. Queremos tolamente limitar todo o universo com a nossa experiência presente. As crianças pensam que todo o universo está cheio de crianças. Os loucos pensam que todo o universo é um asilo para lunáticos, e assim por diante. Assim, aqueles para quem este mundo é apenas prazer dos sentidos, cuja vida inteira consiste em comer e festejar, com muito pouca diferença entre eles e os animais brutos - tais

peessoas naturalmente concebem lugares onde terão mais prazeres, porque esta vida é curto. Seu desejo de diversão é infinito, então eles são obrigados a pensar em lugares onde poderão desfrutar desobstruídamente dos sentidos; e vemos, à medida que avançamos, que aqueles que quiserem ir a tais lugares terão que ir; eles sonharão, e quando esse sonho terminar, eles estarão em outro sonho onde há bastante prazer sensorial; e quando esse sonho acabar, eles terão que pensar em outra coisa. Assim, eles estarão viajando de sonho em sonho.

Depois vem a última teoria, mais uma ideia sobre a alma. Se a alma é pura e perfeita em sua essência e natureza, e se toda alma é infinita e onipresente, como é que pode haver muitas almas? Não pode haver muitos infinitos. Não pode haver dois nem mesmo, para não falar de muitos. Se houvesse dois infinitos, um limitaria o outro, e ambos se tornariam finitos. O infinito só pode ser um, e corajosamente chega-se à última conclusão – que é apenas um e não dois.

Dois pássaros estão pousados na mesma árvore, um em cima e outro embaixo, ambos de linda plumagem. Um come os frutos, enquanto o outro permanece, calmo e majestoso, concentrado na sua própria glória. O pássaro inferior está comendo frutas, boas e más, indo atrás dos prazeres dos sentidos; e quando come ocasionalmente uma fruta amarga, ele se eleva e olha para cima e vê o outro pássaro sentado ali calmo e majestoso, sem se importar com os frutos bons nem com os ruins, suficiente para si mesmo, sem buscar nenhum prazer além de si mesmo. Isso em si é diversão; o que procurar além de si mesmo? O pássaro de baixo olha para o pássaro de cima e quer se aproximar. Vai um pouco mais alto; mas suas antigas impressões estão sobre ele, e ele continua comendo a mesma fruta. Novamente surge um fruto excepcionalmente amargo; leva um choque e olha para cima. Lá o mesmo calmo e majestoso! Ele se aproxima, mas novamente é arrastado pelas ações passadas e continua a comer os frutos doces e amargos. Novamente surge o fruto excepcionalmente amargo, o pássaro olha para cima, aproxima-se; e à medida que começa a aproximar-se cada vez mais, a luz da plumagem do outro pássaro é refletida sobre ele. Sua própria plumagem está desaparecendo e, quando chega suficientemente perto, toda a visão muda. O pássaro inferior nunca existiu, sempre foi o pássaro

superior, e o que foi necessário para o pássaro inferior foi apenas um pequeno reflexo.

Tal é a natureza da alma. Esta alma humana vai atrás dos prazeres dos sentidos, das vaidades do mundo; como os animais, vive apenas nos sentidos, vive apenas nas excitações momentâneas dos nervos. Quando ocorre um golpe, por um momento a cabeça cambaleia e tudo começa a desaparecer, e ela descobre que o mundo não era o que pensava que era, que a vida não era tão tranquila. Ele olha para cima e vê o Senhor infinito por um momento, tem um vislumbre do Majestoso, chega um pouco mais perto, mas é arrastado por suas ações passadas. Outro golpe vem e o manda de volta. Ele tem outro vislumbre da Presença infinita, aproxima-se e, à medida que se aproxima cada vez mais, começa a descobrir que a sua individualidade – a sua individualidade baixa, vulgar e intensamente egoísta – está a derreter-se; o desejo de sacrificar o mundo inteiro para fazer feliz aquela coisinha está desaparecendo; e à medida que se aproxima cada vez mais, a natureza começa a derreter. Quando se aproxima o suficiente, toda a visão muda e ele descobre que era o outro pássaro, que esse infinito que ele via à distância era o seu próprio Eu, esse maravilhoso vislumbre que obteve da glória e majestade era o seu próprio Eu, e de fato era essa realidade. A alma então encontra Aquilo que é verdadeiro em tudo. Aquilo que está em cada átomo, presente em todos os lugares, a essência de todas as coisas, o Deus deste universo - saiba que você é Ele, saiba que você é livre.

6.1.3 A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA

A ideia de psicologia no Ocidente está muito degradada. A psicologia é a ciência das ciências; mas no Ocidente ela é colocada no mesmo plano que todas as outras ciências; isto é, é julgado pelo mesmo critério – utilidade.

Quanto benefício prático isso trará à humanidade? Quanto isso acrescentará à nossa felicidade crescente? Quanto isso diminuirá nossa dor cada vez maior? Este é o critério pelo qual tudo é julgado no Ocidente.

As pessoas parecem esquecer que cerca de noventa por cento de todo o nosso conhecimento não pode, pela própria natureza das coisas, ser

aplicado de forma prática para aumentar a nossa felicidade material ou para diminuir a nossa miséria. Apenas uma pequena fracção do nosso conhecimento científico pode ter qualquer aplicação prática na nossa vida quotidiana. Isto ocorre porque apenas uma porcentagem infinitamente pequena de nossa mente consciente está no plano sensorial. Temos apenas um pouco de consciência sensorial e imaginamos que isso seja toda a nossa mente e vida; mas, na verdade, é apenas uma gota no poderoso oceano da mente subconsciente. Se tudo o que existe de nós fosse um conjunto de percepções sensoriais, todo o conhecimento que pudéssemos adquirir poderia ser utilizado na gratificação de nossos prazeres sensoriais. Mas felizmente não é esse o caso. À medida que nos afastamos cada vez mais do estado animal, os nossos prazeres sensoriais tornam-se cada vez menores; e o nosso prazer, numa consciência cada vez maior do conhecimento científico e psicológico, torna-se cada vez mais intenso; e "conhecimento pelo conhecimento", independentemente da quantidade de prazeres sensoriais a que possa conduzir, torna-se o prazer supremo da mente.

Mas mesmo tomando a ideia ocidental de utilidade como um critério pelo qual julgar, a psicologia, mesmo por esse padrão, é a ciência das ciências. Por que? Somos todos escravos dos nossos sentidos, escravos das nossas próprias mentes, conscientes e subconscientes. A razão pela qual um criminoso é um criminoso não é porque ele deseja sê-lo, mas porque ele não tem a sua mente sob controle e é, portanto, um escravo da sua própria mente consciente e subconsciente, e da mente de todos os outros. Ele deve seguir a tendência dominante da sua própria mente; ele não pode evitar; ele é forçado a seguir em frente apesar de si mesmo, apesar de seus melhores impulsos, de sua própria natureza melhor; ele é forçado a obedecer ao mandato dominante de sua própria mente. Pobre homem, ele não consegue se conter. Vemos isso em nossas próprias vidas constantemente. Estamos constantemente fazendo coisas contra o lado melhor da nossa natureza, e depois nos repreendemos por fazê-lo e nos perguntamos no que poderíamos estar pensando, como pudemos fazer tal coisa! No entanto, repetidamente fazemos isso, e repetidamente sofremos por isso e nos repreendemos. Naquele momento, talvez, pensemos que desejamos fazê-lo, mas só o desejamos porque somos forçados a desejá-lo. Somos forçados a seguir em frente, estamos indefesos! Somos todos escravos da nossa mente e da mente de todos os outros; se somos bons ou maus, isso não faz diferença. Somos

levados aqui e ali porque não podemos ajudar a nós mesmos. Dizemos que pensamos, fazemos, etc. Não é assim. Pensamos porque temos que pensar. Agimos porque precisamos. Somos escravos de nós mesmos e dos outros. No fundo da nossa mente subconsciente estão armazenados todos os pensamentos e atos do passado, não apenas desta vida, mas de todas as outras vidas que vivemos. Este grande oceano ilimitado de mente subjetiva está repleto de todos os pensamentos e ações do passado. Cada um deles está se esforçando para ser reconhecido, empurrando para fora em busca de expressão, surgindo, onda após onda, sobre a mente objetiva, a mente consciente. Esses pensamentos, a energia armazenada, tomamos por desejos naturais, talentos, etc. É porque não percebemos sua verdadeira origem. Nós os obedecemos cegamente, sem questionar; e a escravidão, o tipo mais indefeso de escravidão, é o resultado; e nos chamamos de livres. Livre! Nós, que não podemos nem por um momento governar nossas próprias mentes, ou melhor, não podemos manter nossas mentes em um assunto, focalizá-las em um ponto, excluindo todo o resto por um momento! No entanto, nós nos consideramos livres. Pense nisso! Não podemos fazer o que sabemos que deveríamos fazer, mesmo por um espaço de tempo muito curto. Algum desejo sensorial surgirá e imediatamente nós o obedeceremos. Nossa consciência nos castiga por tal fraqueza, mas sempre fazemos isso, estamos sempre fazendo isso. Não podemos viver de acordo com um alto padrão de vida, por mais que tentemos. Os fantasmas de pensamentos passados, de vidas passadas nos prendem. Toda a miséria do mundo é causada por esta escravidão aos sentidos. A nossa incapacidade de nos elevarmos acima da vida sensorial – a luta pelos prazeres físicos – é a causa de todos os horrores e misérias do mundo.

É a ciência da psicologia que nos ensina a controlar as oscilações selvagens da mente, colocá-la sob o controle da vontade e, assim, libertar-nos de seus mandatos tirânicos. A psicologia é, portanto, a ciência das ciências, sem a qual todas as ciências e todos os outros conhecimentos são inúteis.

A mente descontrolada e não guiada nos arrastará para baixo, para baixo, para sempre – nos dilacerará, nos matará; e a mente controlada e guiada nos salvará, nos libertará. Portanto, deve ser controlado, e a psicologia nos ensina como fazê-lo.

Para estudar e analisar qualquer ciência dos materiais, são obtidos dados suficientes. Esses fatos são estudados e analisados e o resultado é um conhecimento da ciência. Mas no estudo e na análise da mente não existem dados, nem fatos adquiridos de fora, que estejam igualmente sob o comando de todos. A mente é analisada por si mesma. A maior ciência, portanto, é a ciência da mente, a ciência da psicologia.

No Ocidente, os poderes da mente, especialmente os poderes incomuns, são vistos como beirando a bruxaria e o misticismo. O estudo da psicologia superior foi retardado por ser identificada com meros supostos fenômenos psíquicos, como é feito por alguma ordem de faquires hindus que comercializa mistérios.

Os físicos obtêm praticamente os mesmos resultados em todo o mundo. Eles não diferem nos seus factos gerais, nem nos resultados que naturalmente decorrem de tais factos. Isto ocorre porque os dados da ciência física podem ser obtidos por todos e são universalmente reconhecidos, e os resultados são conclusões lógicas baseadas nestes factos universalmente reconhecidos. No reino da mente, é diferente. Aqui não há dados, nem fatos observáveis pelos sentidos físicos, nem, portanto, nenhum material universalmente reconhecido, a partir dos quais se possa construir um sistema de psicologia depois de terem sido igualmente experimentados por todos os que estudam a mente.

Bem no fundo está a alma, o homem essencial, o Âtman. Volte a mente para dentro e una-se a isso; e desse ponto de vista de estabilidade, as oscilações da mente podem ser observadas e os fatos observados, que podem ser encontrados em todas as pessoas. Tais fatos, tais dados, devem ser descobertos por aqueles que se aprofundam o suficiente, e somente por eles. Entre aquela grande classe de místicos que se autodenominam em todo o mundo, há uma grande diferença de opinião quanto à mente, sua natureza, poderes, etc. Isto ocorre porque tais pessoas não se aprofundam o suficiente. Eles notaram alguma pequena atividade de suas próprias mentes e das mentes dos outros e, sem saber nada sobre o caráter real de tais manifestações superficiais, publicaram-nas como fatos universais em sua aplicação; e todo excêntrico religioso e místico tem fatos, dados, etc., que,

segundo ele, são critérios confiáveis para investigação, mas que na verdade são nada mais nada menos do que sua própria imaginação.

Se você pretende estudar a mente, você deve ter um treinamento sistemático; você deve praticar para colocar a mente sob seu controle, para atingir aquela consciência a partir da qual será capaz de estudar a mente e permanecer indiferente a qualquer uma de suas oscilações selvagens. Caso contrário, os factos observados não serão fiáveis; não se aplicarão a todas as pessoas e, portanto, não serão verdadeiramente factos ou dados.

Entre aquela classe que se aprofundou no estudo da mente, os fatos observados têm sido os mesmos, não importa em que parte do mundo essas pessoas possam estar ou que crença religiosa possam ter. Os resultados obtidos por todos que se aprofundam o suficiente na mente são os mesmos.

A mente opera por percepção e impulsão. Por exemplo, os raios de luz entram pelos olhos, são transportados pelos nervos até o cérebro e ainda assim não vejo a luz. O cérebro então transmite o impulso à mente, mas ainda assim não vejo a luz; a mente então reage e a luz brilha através da mente. A reação da mente é a impulsão e, como resultado, o olho percebe o objeto.

Para controlar a mente você deve ir fundo na mente subconsciente, classificar e organizar em ordem todas as diferentes impressões, pensamentos, etc., armazenados lá em cima, e controlá-los. Este é o primeiro passo. Pelo controle da mente subconsciente você obtém controle sobre o consciente.

6.1.4 NATUREZA E HOMEM

A ideia moderna de natureza inclui apenas aquela parte do universo que se manifesta no plano físico. Aquilo que geralmente é entendido como mente não é considerado natureza.

Os filósofos que se esforçaram para provar a liberdade da vontade excluíram a mente da natureza; pois como a natureza é vinculada e governada pela lei, uma lei estrita e inflexível, a mente, se considerada como estando na natureza, também estaria vinculada pela lei. Tal afirmação

destruiria a doutrina do livre arbítrio; pois como pode ser livre aquilo que está sujeito à lei?

Os filósofos da Índia adotaram a posição inversa. Eles consideram que toda a vida física, manifesta e não manifestada, está sujeita à lei. A mente, assim como a natureza externa, afirmam eles, estão sujeitas à lei, e por uma única e mesma lei. Se a mente não está sujeita a leis, se os pensamentos que pensamos não são os resultados necessários de pensamentos anteriores, se um estado mental não é seguido por outro que produz, então a mente é irracional; e quem pode reivindicar o livre arbítrio e ao mesmo tempo negar a operação da razão? E, por outro lado, quem pode admitir que a mente é governada pela lei da causalidade e afirmar que a vontade é livre?

A própria lei é a operação de causa e efeito. Certas coisas acontecem de acordo com outras coisas que aconteceram antes. Todo precedente tem seu consequente. Assim é na natureza. Se esta operação da lei ocorrer na mente, a mente estará vinculada e, portanto, não será livre. Não, a vontade não é livre. Como pode ser? Mas todos sabemos, todos sentimos, que somos livres. A vida não teria sentido, não valeria a pena viver, se não fôssemos livres.

Os filósofos orientais aceitaram esta doutrina, ou melhor, propuseram-na, de que a mente e a vontade estão dentro do tempo, do espaço e da causalidade, o mesmo que a chamada matéria; e que eles estão, portanto, sujeitos à lei da causalidade. Pensamos no tempo; nossos pensamentos estão limitados pelo tempo; tudo o que existe, existe no tempo e no espaço. Tudo está sujeito à lei da causalidade.

Agora, aquilo que chamamos de matéria e mente são uma e a mesma substância. A única diferença está no grau de vibração. A mente com uma taxa de vibração muito baixa é o que é conhecido como matéria. A matéria com uma alta taxa de vibração é o que é conhecido como mente. Ambos são a mesma substância; e, portanto, como a matéria está vinculada ao tempo, ao espaço e à causalidade, a mente, que é matéria com uma elevada taxa de vibração, está vinculada pela mesma lei.

A natureza é homogênea. A diferenciação está em manifestação. A palavra sânscrita para natureza é Prakriti e significa literalmente diferenciação.

Tudo é uma substância, mas se manifesta de diversas maneiras.

A mente torna-se matéria, e a matéria, por sua vez, torna-se mente; é simplesmente uma questão de vibração.

Pegue uma barra de aço e carregue-a com uma força suficiente para fazê-la vibrar, e o que aconteceria? Se isso fosse feito em um quarto escuro, a primeira coisa que você perceberia seria um som, um zumbido. Aumente a força e a barra de aço ficará luminosa; aumentá-lo ainda mais e o aço desaparecerá completamente. Isso se tornaria mente.

Vejam outro exemplo: se eu não comer durante dez dias, não consigo pensar. Apenas alguns pensamentos perdidos estão em minha mente. Estou muito fraco e talvez não saiba meu próprio nome. Então como um pouco de pão e daqui a pouco começo a pensar; meu poder mental retornou. O pão se tornou mente. Da mesma forma, a mente diminui o seu ritmo de vibração e se manifesta no corpo, tornando-se matéria.

Quanto ao que vem primeiro – matéria ou mente, deixe-me ilustrar: uma galinha põe um ovo; o ovo traz outra galinha; aquela galinha põe outro ovo; aquele ovo traz outra galinha, e assim por diante, numa cadeia interminável. Agora, o que vem primeiro: o ovo ou a galinha? Você não pode pensar em um ovo que não tenha sido posto por uma galinha, ou em uma galinha que não tenha nascido de um ovo. Não faz diferença qual é o primeiro. Quase todas as nossas ideias estão voltadas para o negócio da galinha e do ovo.

As maiores verdades foram esquecidas devido à sua própria simplicidade. As grandes verdades são simples porque têm aplicação universal. A verdade em si é sempre simples. A complexidade se deve à ignorância do homem.

A livre agência do homem não vem da mente, pois ela está vinculada. Não há liberdade aí. O homem não é mente, ele é alma. A alma é sempre livre, ilimitada e eterna. Nisto está a liberdade do homem, na alma. A alma está sempre livre, mas a mente, identificando-se com suas próprias ondas efêmeras, perde de vista a alma e se perde no labirinto de tempo, espaço e causalidade – Maya.

Esta é a causa da nossa escravidão. Estamos sempre nos identificando com a mente e com as mudanças fenomênicas da mente.

A livre agência do homem está estabelecida na alma, e a alma, percebendo-se livre, está sempre afirmando o fato, apesar da escravidão da mente: "Eu sou livre! Eu sou o que sou! Eu sou o que sou!" Esta é a nossa liberdade. A alma – sempre livre, ilimitada, eterna – através de éons e éons está se manifestando cada vez mais através de seu instrumento, a mente.

Que relação então o homem mantém com a natureza? Desde a forma mais inferior de vida até o homem, a alma se manifesta através da natureza. A manifestação mais elevada da alma está envolvida na forma mais inferior de vida manifesta e está trabalhando para fora através do processo chamado evolução.

Todo o processo de evolução é a luta da alma para se manifestar. É uma luta constante contra a natureza. É uma luta contra a natureza, e não a conformidade com a natureza, que faz do homem o que ele é. Ouvimos muito sobre viver em harmonia com a natureza, sobre estar em sintonia com a natureza. Isto é um erro. Esta mesa, este jarro, os minerais, uma árvore, estão todos em harmonia com a natureza. Harmonia perfeita ali, sem discórdia. Estar em harmonia com a natureza significa estagnação, morte. Como o homem construiu esta casa? Estando em harmonia com a natureza? Não. Lutando contra a natureza. É a luta constante contra a natureza que constitui o progresso humano, e não a conformidade com ela.

6.1.5 CONCENTRAÇÃO E RESPIRAÇÃO

A principal diferença entre os homens e os animais é a diferença no seu poder de concentração. Todo sucesso em qualquer ramo de trabalho é resultado disso. Todo mundo sabe alguma coisa sobre concentração. Vemos seus resultados todos os dias. Grandes conquistas na arte, música, etc., são resultados da concentração. Um animal tem muito pouco poder de concentração. Aqueles que treinaram animais encontram muita dificuldade no fato de que o animal está constantemente esquecendo o que lhe é dito. Ele não consegue concentrar sua mente por muito tempo em nada de cada

vez. Aqui está a diferença entre o homem e os animais – o homem tem o maior poder de concentração. A diferença em seu poder de concentração também constitui a diferença entre homem e homem. Compare o homem mais baixo com o homem mais elevado. A diferença está no grau de concentração. Esta é a única diferença.

A mente de todos fica concentrada às vezes. Todos nós nos concentramos nas coisas que amamos e amamos as coisas nas quais concentramos nossas mentes. Que mãe existe que não ama a cara do seu filho mais feio? Esse rosto é para ela o mais lindo do mundo. Ela adora porque concentra sua mente nisso; e se todos pudessem concentrar a mente naquele mesmo rosto, todos adorariam. Seria para todos o rosto mais lindo. Todos nós concentramos nossas mentes nas coisas que amamos. Quando ouvimos uma bela música, nossas mentes ficam presas a ela e não podemos removê-la. Aqueles que concentram suas mentes no que vocês chamam de música clássica não gostam de música comum e vice-versa. A música em que as notas se sucedem em rápida sucessão mantém a mente prontamente. Uma criança adora música animada, porque a rapidez das notas não dá à mente a oportunidade de divagar. Quem gosta de música comum não gosta de música clássica porque é mais complicada e requer um maior grau de concentração para acompanhá-la.

O grande problema com tais concentrações é que não controlamos a mente; ele nos controla. Algo fora de nós, por assim dizer, atrai a mente e a mantém pelo tempo que ela quiser. Ouvimos tons melódiosos ou vemos uma bela pintura, e a mente se mantém firme! Não podemos tirá-lo.

Se eu falar bem com você sobre um assunto que você gosta, sua mente ficará concentrada no que estou dizendo. Afasto sua mente de você mesmo e a mantenho no assunto, apesar de você mesmo. Assim nossa atenção é mantida, nossas mentes ficam concentradas em várias coisas, apesar de nós mesmos. Não podemos evitar.

Agora a questão é: será que esta concentração pode ser desenvolvida e podemos tornar-nos mestres dela? Os Yogis dizem que sim. Os Yogis dizem que podemos obter o controle perfeito da mente. Do lado ético, há perigo no desenvolvimento do poder de concentração – o perigo de concentrar a mente num objecto e depois ser incapaz de separá-lo à vontade. Este estado

causa grande sofrimento. Quase todo o nosso sofrimento é causado por não termos o poder do desapego. Assim, juntamente com o desenvolvimento da concentração, devemos desenvolver o poder do desapego. Devemos aprender não apenas a vincular a mente exclusivamente a uma coisa, mas também a desligá-la a qualquer momento e colocá-la em outra coisa. Esses dois devem ser desenvolvidos juntos para torná-lo seguro.

Este é o desenvolvimento sistemático da mente. Para mim, a própria essência da educação é a concentração da mente, e não a recolha de factos. Se eu tivesse que refazer minha educação e tivesse alguma voz no assunto, eu não estudaria os fatos de forma alguma. Eu desenvolveria o poder de concentração e desapego e então, com um instrumento perfeito, poderia coletar fatos à vontade. Lado a lado, na criança, deve ser desenvolvido o poder de concentração e desapego.

Meu desenvolvimento sempre foi unilateral. Desenvolvi a concentração sem o poder de desligar minha mente à vontade; e o sofrimento mais intenso da minha vida se deveu a isso. Agora tenho o poder do desapego, mas tive que aprender isso mais tarde na vida.

Deveríamos concentrar-nos nas coisas; eles não deveriam atrair nossas mentes para eles. Geralmente somos forçados a nos concentrar. Nossas mentes são forçadas a fixar-se em coisas diferentes por uma atração nelas à qual não podemos resistir. Controlar a mente, colocá-la exatamente onde queremos, requer treinamento especial. Isso não pode ser feito de outra maneira. No estudo da religião o controle da mente é absolutamente necessário. Temos que voltar a mente para si mesma neste estudo.

Ao treinar a mente, o primeiro passo é começar pela respiração. A respiração regular coloca o corpo em condições harmoniosas; e então é mais fácil alcançar a mente. Ao praticar a respiração, a primeira coisa a considerar é o Âsana ou postura. Qualquer postura em que uma pessoa possa sentar-se facilmente é a sua posição adequada. A coluna deve ser mantida livre e o peso do corpo deve ser sustentado pelas costelas. Não tente controlar a mente por meio de artifícios; a simples respiração é tudo o que é necessário nessa linha. Todas as austeridades para obter concentração da mente são um erro. Não os pratique.

A mente atua sobre o corpo e o corpo, por sua vez, atua sobre a mente. Eles agem e reagem uns sobre os outros. Cada estado mental cria um estado correspondente no corpo, e cada ação no corpo tem o seu efeito correspondente na mente. Não faz diferença se você pensa que o corpo e a mente são duas entidades diferentes, ou se você pensa que ambos são apenas um só corpo – sendo o corpo físico a parte grosseira e a mente a parte sutil. Eles agem e reagem uns sobre os outros. A mente está constantemente se tornando o corpo. No treino da mente é mais fácil alcançá-la através do corpo. O corpo é mais fácil de lidar do que a mente.

Quanto mais fino for o instrumento, maior será o poder. A mente é muito mais sutil e poderosa que o corpo. Por esta razão é mais fácil começar pelo corpo.

A ciência da respiração é trabalhar através do corpo para alcançar a mente. Desta forma, obtemos o controle do corpo e então começamos a sentir o funcionamento mais sutil do corpo, o mais sutil e mais interior, e assim por diante, até chegarmos à mente. À medida que sentimos o funcionamento mais sutil do corpo, ele fica sob nosso controle. Depois de um tempo você poderá sentir a operação da mente no corpo. Você também sentirá o trabalho de uma metade da mente sobre a outra metade, e também sentirá a mente recrutando os centros nervosos; pois a mente controla e governa o sistema nervoso. Você sentirá a mente operando ao longo das diferentes correntes nervosas.

Assim, a mente é colocada sob controle – pela respiração regular e sistemática, governando primeiro o corpo grosseiro e depois o corpo sutil.

O primeiro exercício respiratório é perfeitamente seguro e muito saudável. Isso lhe dará boa saúde e, pelo menos, melhorará sua condição geral. As outras práticas devem ser adotadas lenta e cuidadosamente.

6.1.6 INTRODUÇÃO AO JNANA-YOGA

Este é o lado racional e filosófico do Yoga e é muito difícil, mas irei conduzi-lo lentamente.

Yoga significa o método de unir o homem e Deus. Quando você compreender isso, poderá prosseguir com suas próprias definições de homem e de Deus, e descobrirá que o termo Yoga se ajusta a todas as definições. Lembre-se sempre de que existem diferentes Yogas para mentes diferentes e que, se um não combina com você, outro pode servir. Todas as religiões são divididas em teoria e prática. A mente ocidental entregou-se à teoria e só vê a parte prática da religião como boas obras. Yoga é a parte prática da religião e mostra que a religião é um poder prático independente das boas obras.

No início do século XIX, o homem tentou encontrar Deus através da razão, e o resultado foi o deísmo. O pouco que restou de Deus por esse processo foi destruído pelo darwinismo e pelo milismo. Os homens foram então lançados de volta à religião histórica e comparativa. Eles pensavam que a religião derivava da adoração dos elementos (ver Max Müller sobre os mitos do sol, etc.); outros pensavam que a religião derivava do culto aos ancestrais (ver Herbert Spencer). Mas, no seu conjunto, estes métodos revelaram-se um fracasso. O homem não pode chegar à Verdade por métodos externos.

"Se eu conheço um pedaço de barro, conheço toda a massa de barro." O universo é todo construído no mesmo plano. O indivíduo é apenas uma parte, como um pedaço de barro. Se conhecermos a alma humana – que é um átomo – o seu início e a sua história geral, conheceremos a totalidade da natureza. Nascimento, crescimento, desenvolvimento, decadência, morte – esta é a sequência em toda a natureza e é a mesma na planta e no homem. A diferença é apenas no tempo. Todo o ciclo pode ser completado num caso num dia, no outro em três anos e dez anos; os métodos são os mesmos. A única maneira de alcançar uma análise segura do universo é através da análise de nossas próprias mentes. Uma psicologia adequada é essencial para a compreensão da religião. Alcançar a Verdade apenas pela razão é impossível, porque a razão imperfeita não pode estudar a sua própria base fundamental. Portanto, a única maneira de estudar a mente é chegar aos fatos, e então o intelecto os organizará e deduzirá os princípios. O intelecto tem de construir a casa; mas não pode fazê-lo sem tijolos e não pode fabricar tijolos. Jnana-Yoga é a maneira mais segura de chegar aos fatos.

Primeiro temos a fisiologia da mente. Temos órgãos dos sentidos, que se dividem em órgãos de ação e órgãos de percepção. Por órgãos não me refiro aos instrumentos sensoriais externos. O centro oftálmico no cérebro é o órgão da visão, não apenas o olho. Assim, com cada órgão, a função é interna. Somente quando a mente reage o objeto é verdadeiramente percebido. Os nervos sensoriais e motores são necessários à percepção.

Depois, há a própria mente. É como um lago liso que, quando atingido, por exemplo, por uma pedra, vibra. As vibrações se reúnem e reagem na pedra, e por todo o lago elas se espalharão e serão sentidas. A mente é como o lago; está constantemente em vibração, o que deixa uma impressão na mente; e a ideia do Ego, ou eu pessoal, o “eu”, é o resultado dessas impressões. Este “eu”, portanto, é apenas a transmissão muito rápida de força e não é em si nenhuma realidade.

A substância mental é um instrumento material muito fino usado para absorver o Prâna. Quando um homem morre, o corpo morre; mas um pouco da mente, a semente, resta quando todo o resto é destruído; e esta é a semente do novo corpo chamado por São Paulo de “corpo espiritual”. Esta teoria da materialidade da mente está de acordo com todas as teorias modernas. O idiota carece de inteligência porque sua substância mental está ferida. A inteligência não pode estar na matéria nem pode ser produzida por quaisquer combinações de matéria. Onde está então a inteligência? Está atrás da matéria; é o Jiva, o verdadeiro Eu, trabalhando através do instrumento da matéria. A transmissão de força não é possível sem matéria, e como o Jiva não pode viajar sozinho, alguma parte da mente é deixada como meio de transmissão quando todo o resto é destruído pela morte.

Como são feitas as percepções? A parede oposta envia-me uma impressão, mas não vejo a parede até que a minha mente reaja, ou seja, a mente não pode conhecer a parede pela mera visão. A reação que permite à mente ter uma percepção da parede é um processo intelectual. Desta forma, todo o universo é visto através dos nossos olhos mais a mente (ou faculdade perceptiva); é necessariamente influenciado pelas nossas próprias tendências individuais. A parede real, ou o universo real, está fora da mente e é desconhecido e incognoscível. Chame este universo de X, e nossa afirmação é que o universo visto é X mais a mente.

O que é verdade para o mundo externo também deve se aplicar ao mundo interno. A mente também quer conhecer a si mesma, mas esse Eu só pode ser conhecido por meio da mente e é, como a parede, desconhecido.

Podemos chamar esse eu de Y. e a afirmação seria então: Y mais a mente é o eu interior. Kant foi o primeiro a chegar a esta análise da mente, mas ela foi declarada há muito tempo nos Vedas. Temos assim, por assim dizer, a mente posicionada entre X e Y e reagindo a ambos.

Se X for desconhecido, então quaisquer qualidades que atribuímos a ele derivam apenas de nossa própria mente. Tempo, espaço e causalidade são as três condições através das quais a mente percebe. O tempo é a condição para a transmissão do pensamento e o espaço para a vibração da matéria mais densa. Causalidade é a sequência na qual as vibrações vêm. A mente só pode conhecer através deles. Qualquer coisa, portanto, além da mente deve estar além do tempo, do espaço e da causalidade.

Para o cego, o mundo é percebido pelo tato e pelo som. Para nós com cinco sentidos é outro mundo. Se algum de nós desenvolvesse um sentido elétrico e a faculdade de ver ondas elétricas, o mundo pareceria diferente. No entanto, o mundo, como o X de tudo isso, ainda é o mesmo. À medida que cada um traz sua própria mente, ele vê seu próprio mundo. Existe X mais um sentido; X mais dois sentidos, até cinco, como conhecemos a humanidade. O resultado varia constantemente, mas X permanece sempre inalterado. Y também está além de nossas mentes e além do tempo, do espaço e da causalidade.

Mas você pode perguntar: "Como sabemos que existem duas coisas (X e Y) além do tempo, do espaço e da causalidade?" É verdade que o tempo faz diferenciação, de modo que, como ambos estão realmente além do tempo, devem ser realmente um. Quando a mente vê este, ela o chama de várias maneiras – X, quando é o mundo exterior, e Y, quando é o mundo interior. Esta unidade existe e é vista através das lentes das mentes.

O Ser de natureza perfeita, que nos aparece universalmente, é Deus, é Absoluto. O indiferenciado é a condição perfeita; todos os outros devem ser inferiores e não permanentes.

O que faz o indiferenciado parecer diferenciado à mente? Este é o mesmo tipo de pergunta: qual é a origem do mal e do livre arbítrio? A questão em si é contraditória e impossível, porque pressupõe causa e efeito. Não há causa e efeito no indiferenciado; a questão pressupõe que o indiferenciado está na mesma condição que o diferenciado. "Por que" e "por que" estão apenas na mente. O Eu está além da causalidade e somente Ele é livre. É a sua luz que permeia todas as formas de mente. Com cada ação afirmo que sou livre e, ainda assim, cada ação prova que estou vinculado. O verdadeiro Eu é livre, mas quando misturado com mente e corpo, não é livre. A vontade é a primeira manifestação do verdadeiro Eu; a primeira limitação, portanto, deste Eu real é a vontade. A vontade é um composto do Eu e da mente. Agora, nenhum composto pode ser permanente, de modo que quando quisermos viver, devemos morrer. A vida imortal é uma contradição em termos, pois a vida, sendo composta, não pode ser imortal. O Verdadeiro Ser é indiferenciado e eterno. Como é que este Ser Perfeito se mistura com a vontade, a mente, o pensamento – todas coisas defeituosas? Nunca se misturou. Você é o verdadeiro você (o Y da nossa declaração anterior); você nunca foi vontade; você nunca mudou; você como pessoa nunca existiu; É ilusão. Então, você dirá, em que repousam os fenômenos da ilusão? Esta é uma pergunta ruim. A ilusão nunca se baseia na Verdade, mas apenas na ilusão. Tudo luta para voltar ao que era antes dessas ilusões, para ser livre de fato. Qual é então o valor da vida? É para nos dar experiência. Essa visão acaba com a evolução? Pelo contrário, explica. É realmente o processo de refinamento da matéria permitindo que o verdadeiro Eu se manifeste. É como se uma tela ou um véu estivesse entre nós e algum outro objeto. O objeto fica claro à medida que a tela é gradualmente retirada. A questão é simplesmente a manifestação do Eu superior.

6.1.7 A FILOSOFIA VEDANTA E O CRISTIANISMO

(Notas de uma palestra proferida na Igreja Unitarista, em Oakland, Califórnia, em 28 de fevereiro de 1900)

Entre todas as grandes religiões do mundo existem muitos pontos de semelhança; e essa semelhança às vezes é tão surpreendente que sugere a

idéia de que, em muitos detalhes, as diferentes religiões copiaram umas das outras.

Este ato de imitação foi atribuído a diferentes religiões; mas que se trata de uma acusação superficial fica evidente pelos seguintes fatos:

A religião é fundamental na própria alma da humanidade; e como toda a vida é a evolução daquilo que está dentro, ela, necessariamente, se expressa através de vários povos e nações.

A linguagem da alma é uma só, as línguas das nações são muitas; seus costumes e métodos de vida são muito diferentes. A religião é da alma e encontra expressão através de várias nações, línguas e costumes. Daí resulta que a diferença entre as religiões do mundo é de expressão e não de substância; e seus pontos de semelhança e unidade são da alma, são intrínsecos, pois a linguagem da alma é uma, em quaisquer povos e sob quaisquer circunstâncias em que ela se manifeste. A mesma doce harmonia também é vibrante ali, assim como em muitos e diversos instrumentos.

A primeira coisa em comum em todas as grandes religiões do mundo é a posse de um livro autêntico. Quando os sistemas religiosos não conseguiram ter tal livro, eles foram extintos. Tal era o caso das religiões do Egito. O livro autêntico é a pedra angular, por assim dizer, de cada grande sistema religioso, em torno do qual se reúnem os seus adeptos e de onde irradia a energia e a vida do sistema.

Cada religião, mais uma vez, afirma que o seu livro específico é a única palavra autêntica de Deus; que todos os outros livros sagrados são falsos e são imposições à pobre credulidade humana; e que seguir outra religião é ser ignorante e espiritualmente cego.

Tal intolerância é característica do elemento ortodoxo de todas as religiões. Por exemplo, os seguidores ortodoxos dos Vedas afirmam que os Vedas são a única palavra autêntica de Deus no mundo; que Deus falou ao mundo apenas através dos Vedas; não apenas isso, mas que o próprio mundo existe em virtude dos Vedas. Antes de o mundo existir, os Vedas existiam. Tudo no mundo existe porque está nos Vedas. Uma vaca existe porque o nome vaca está nos Vedas; isto é, porque o animal que conhecemos como vaca é

mentionado nos Vedas. A linguagem dos Vedas é a língua original de Deus, todas as outras línguas são meros dialetos e não de Deus. Cada palavra e sílaba dos Vedas deve ser pronunciada corretamente, cada som deve receber sua verdadeira vibração, e cada desvio dessa exatidão rígida é um pecado terrível e imperdoável.

Assim, este tipo de intolerância é predominante no elemento ortodoxo de todas as religiões. Mas esta luta pela letra só é travada pelos ignorantes, pelos espiritualmente cegos. Todos os que realmente alcançaram qualquer natureza religiosa real nunca discutem sobre a forma como as diferentes religiões são expressas. Eles sabem que a vida de todas as religiões é a mesma e, conseqüentemente, não brigam com ninguém porque ele não fala a mesma língua.

Os Vedas são, na verdade, os livros sagrados mais antigos do mundo. Ninguém sabe nada sobre a época em que foram escritos ou por quem. Eles estão contidos em muitos volumes, e duvido que alguém tenha lido todos eles.

A religião dos Vedas é a religião dos hindus e o fundamento de todas as religiões orientais; isto é, todas as outras religiões orientais são ramificações dos Vedas; todos os sistemas religiosos orientais têm os Vedas como autoridade.

É uma afirmação irracional acreditar nos ensinamentos de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, sustentar que a maior parte dos seus ensinamentos não tem aplicação no presente. Se você disser que a razão pela qual os poderes não seguem aqueles que crêem (como Cristo disse que fariam) é porque você não tem fé suficiente e não é puro o suficiente – tudo bem. Mas dizer que não têm aplicação neste momento é ridículo.

Nunca vi um homem que não fosse pelo menos igual a mim. Viajei por todo o mundo; Estive entre os piores tipos de pessoas – entre os canibais – e nunca vi um homem que não fosse pelo menos igual a mim. Fiz o que eles fizeram – quando era um tolo. Então eu não sabia de nada; agora eu faço. Agora eles não sabem de nada; depois de um tempo eles irão. Cada um age de acordo com sua própria natureza. Estamos todos em processo de crescimento. Deste ponto de vista, um homem não é melhor que outro.

6.1.8 ADORADOR E ADORADO

(Esta palestra foi reproduzida do Vedanta e do Ocidente. Ver Vol. IV. Concentração)

(Entregue na área de São Francisco, 9 de abril de 1900)

Temos abordado o lado mais analítico da natureza humana. Neste curso estudaremos o lado emocional. . . . O primeiro trata do homem como ser ilimitado, [como] princípio, o último trata do homem como ser limitado. . . . Aquele não tem tempo para parar por algumas lágrimas ou dores; o outro não pode prosseguir sem enxugar a lágrima, sem curar essa miséria. Um é grande, tão grande e grandioso que às vezes ficamos pasmos com a magnitude; o outro [é] comum e, ainda assim, muito bonito e querido para nós. Um nos agarra, nos leva às alturas onde nossos pulmões quase estouram. Não podemos respirar essa atmosfera. O outro nos deixa onde estamos e tenta ver os objetos da vida, [assume a visão limitada]. Não se aceitará nada até que tenha o selo brilhante da razão; o outro tem fé e acredita no que não pode ver. Ambos são necessários. Um pássaro não pode voar com apenas uma asa. . . .

O que queremos é ver o homem que se desenvolve harmoniosamente. . . grande de coração, grande de mente, [grande de ações]. . . . Queremos o homem cujo coração sinta intensamente as misérias e tristezas do mundo. . . . E [queremos] o homem que não apenas pode sentir, mas também pode encontrar o significado das coisas, que mergulha profundamente no coração da natureza e da compreensão. [Queremos] o homem que não vai parar por aí, [mas] que quer desenvolver [o sentimento e o significado por meio de ações reais]. Essa combinação de cabeça, coração e mãos é o que desejamos. Existem muitos professores neste mundo, mas você descobrirá que [que a maioria deles] é unilateral. [Alguém] vê o glorioso sol do meio-dia do intelecto [e] não vê mais nada. Outro ouve a bela música do amor e não consegue ouvir mais nada. Outro está [imerso] em atividade e não tem tempo para sentir nem para pensar. Por que não [ter] o gigante que é igualmente ativo, igualmente conhecedor e igualmente amoroso? É impossível? Certamente não. Este é o homem do futuro, do qual existem [apenas] alguns no momento. [O número deles aumentará] até que o mundo inteiro seja humanizado.

Tenho falado com você há muito tempo sobre intelecto [e] razão. Ouvimos todo o Vedanta. O véu de Maya se rompe: as nuvens de inverno desaparecem e a luz do sol brilha sobre nós. Tenho tentado escalar as alturas do Himalaia, onde os picos desaparecem além das nuvens. Proponho estudar com vocês o outro lado: os mais belos vales, os mais maravilhosos requintes da natureza. [Estudaremos o] amor que nos mantém aqui apesar de todas as misérias do mundo, [o] amor que nos fez forjar a cadeia da miséria, este martírio eterno que o homem está sofrendo voluntariamente, por sua própria vontade. Queremos estudar aquilo pelo qual o homem forjou a corrente com as próprias mãos, aquilo pelo que sofre, esse amor eterno. Não pretendemos esquecer o outro. A geleira do Himalaia deve dar as mãos aos arrozais da Caxemira. O raio deve misturar sua nota base com o gorjeio dos pássaros.

Este curso terá a ver com tudo requintado e bonito. A adoração está em toda parte, em cada alma. Todos adoram a Deus. Seja qual for o nome, todos eles estão adorando a Deus. Os primórdios da adoração – como o lindo lótus, como a própria vida – estão na sujeira da terra. . . . Existe o elemento do medo. Existe a fome pelo ganho deste mundo. Existe a adoração do mendigo. Estes são os primórdios da adoração mundial, [culminando em] amar a Deus e adorar a Deus através do homem.

Existe algum Deus? Existe alguém para ser amado, alguém capaz de ser amado? Amar a pedra não seria muito bom. Só amamos aquilo que compreende o amor, aquilo que atrai o nosso amor. O mesmo acontece com a adoração. Nunca diga [que] há um homem neste nosso mundo que adorou um pedaço de pedra [como pedra]. Ele sempre adorou [o ser onipresente na pedra].

Descobrimos que o ser onipresente está em nós. [Mas] como podemos adorar, a menos que esse ser esteja separado de nós? Só posso adorar a Ti, e não a mim. Só posso orar a Ti, e não a mim. Existe algum “Tu”?

O Um se torna muitos. Quando vemos o Um, quaisquer limitações refletidas através de Maya desaparecem; mas é bem verdade que a variedade não é desprovida de valor. É através de muitos que chegamos ao um. . . .

Existe algum Deus Pessoal – um Deus que pensa, que entende, um Deus que nos guia? Há. O Deus Impessoal não pode ter nenhum desses atributos. Cada um de vocês é um indivíduo: você pensa, você ama, [você] odeia, [você] está com raiva, sente muito, etc.; ainda assim você é impessoal, ilimitado. [Você é] pessoal e impessoal ao mesmo tempo. Você tem os aspectos pessoais e impessoais. Essa [realidade impessoal] não pode estar com raiva, [nem] arrependida, [nem] miserável – não pode sequer pensar na miséria. Não pode pensar, não pode saber. É o próprio conhecimento. Mas o [aspecto] pessoal sabe, pensa e morre, etc. Naturalmente, o Absoluto universal deve ter dois aspectos; aquele que representa a realidade infinita de todas as coisas; o outro, um aspecto pessoal, a Alma das nossas almas, Senhor de todos os senhores. [É] Ele quem cria este universo. Sob [Sua] orientação, este universo existe. . . .

Ele, o Infinito, o Sempre Puro, o Sempre [Livre]. . . Ele não é juiz, Deus não pode ser juiz. Ele não se senta num trono e julga entre os bons e os ímpios. . . . Ele não é magistrado, [não] general, [nem] mestre. Infinitamente misericordioso, infinitamente amoroso é o [Deus] Pessoal.

Leve isso de outro lado. Cada célula do seu corpo tem uma alma consciente da célula. É uma entidade separada. Tem um pouco de vontade própria, uma pequena esfera de ação própria. Todas as [células] combinadas constituem um indivíduo. [Da mesma forma,] o Deus Pessoal do universo é composto de todos esses [muitos indivíduos].

Leve isso de outro lado. Você, como eu o vejo, é tão de sua natureza absoluta quanto foi limitado e percebido por alguém. Eu limitei você para poder vê-lo através do poder dos meus olhos, dos meus sentidos. Tanto de você quanto meus olhos podem ver, eu vejo. Tanto quanto minha mente pode compreender de você é o que sei ser você, e nada mais. Da mesma forma, estou lendo o Absoluto, o Impessoal [e O vejo como Pessoal]. Enquanto tivermos corpo e mente, sempre veremos esse ser trino: Deus, natureza e alma. Deve haver sempre os três em um, inseparáveis. . . . Existe natureza. Existem almas humanas. Há novamente Aquilo em que a natureza e as almas humanas [estão contidas]

A alma universal tornou-se corporificada. Minha própria alma é uma parte de Deus. Ele é o olho dos nossos olhos, a vida da nossa vida, a mente da

nossa mente, a alma da nossa alma. Este é o ideal mais elevado do Deus Pessoal que podemos ter.

Se você não é dualista, [mas é] monista, você ainda pode ter o Deus Pessoal. . . . Existe Aquele sem segundo. Aquele queria amar a si mesmo. Portanto, daquele Um, Ele fez [muitos]. . . . É o grande Eu, o verdadeiro Eu, que aquele pequeno eu está adorando. Assim, em todos os sistemas você pode ter o [Deus] Pessoal.

Algumas pessoas nascem em circunstâncias que as tornam mais felizes do que outras: por que isso deveria acontecer no reinado de um ser justo? Existe mortalidade neste mundo. Estas são as dificuldades na forma como [estes problemas] nunca foram respondidos. Elas não podem ser respondidas a partir de nenhum plano dualista. Temos que voltar à filosofia para tratar as coisas como elas são. Estamos sofrendo com nosso próprio Karma. Não é culpa de Deus. O que fazemos é culpa nossa e nada mais. Por que Deus deveria ser culpado? . .

Por que existe o mal? A única maneira de resolver [o problema] é [dizer que Deus é] a causa do bem e do mal. A grande dificuldade na teoria do Deus Pessoal é que se você disser que Ele é apenas bom e não mau, você será pego na armadilha do seu próprio argumento. Como você sabe que existe [um] Deus? Você diz [que Ele é] o Pai deste universo e diz que Ele é bom; e porque há [também] mal no mundo, Deus deve ser mau. . . . A mesma dificuldade!

Não existe bem e não existe mal. Deus é tudo que existe. . . . Como você sabe o que é bom? Você sente isso]. [Como você sabe o que é mal? Se o mal vier, você o sentirá. . . . Conhecemos o bem e o mal pelos nossos sentimentos. Não existe um homem que sinta apenas sentimentos bons e felizes. Não há ninguém que sinta apenas sentimentos infelizes. . . .

A carência e a ansiedade também são as causas de toda infelicidade e felicidade. O desejo está aumentando ou diminuindo? A vida está se tornando simples ou complexa? Certamente complexo. Os desejos estão sendo multiplicados. Seus bisavôs não queriam o mesmo vestido ou a mesma quantia de dinheiro [que você]. Eles não tinham carros elétricos, [nem] ferrovias, etc. É por isso que tiveram que trabalhar menos. Assim que

essas coisas acontecem, surge a necessidade e você tem que trabalhar mais. Cada vez mais ansiedade e cada vez mais competição.

É muito difícil conseguir dinheiro. É um trabalho mais difícil mantê-lo. Você luta com o mundo inteiro para conseguir um pouco de dinheiro [e] luta a vida toda para protegê-lo. [Portanto] há mais ansiedade para os ricos do que para os pobres. . . . É assim que as coisas são. . . .

Existem o bem e o mal em todos os lugares deste mundo. Às vezes o mal se torna bom, verdadeiro; mas outras vezes o bem também se torna mau. Todos os nossos sentidos produzem o mal em algum momento. Deixe um homem beber vinho. Não é ruim [no início], mas deixe-o continuar bebendo, [e] isso produzirá o mal. . . . Um homem nasce de pais ricos; bom o bastante. Ele se torna um tolo, nunca exercita o corpo ou o cérebro. Isso é o bem produzindo o mal. Pense neste amor pela vida: vamos embora, pulamos e vivemos alguns momentos; nós trabalhamos duro. Nascemos bebês, totalmente incapazes. Levamos anos para entender as coisas novamente. Aos sessenta ou setenta anos abrimos os olhos e então vem a palavra: “Saia!” E aí está você.

Vimos que o bem e o mal são termos relativos. O que é bom para mim é ruim para você. Se você comer o jantar que eu como, você começará a chorar e eu rirei. . . . Nós dois dançamos, mas eu com alegria e você com dor. . . . A mesma coisa é boa em uma parte da nossa vida e ruim em outra. Como você pode dizer [que] o bem e o mal são todos definidos e secos - [que] tudo isso é bom e tudo isso é mau?

Agora, quem é responsável por todo esse bem e mal, se Deus é sempre o bom? Os cristãos e os muçulmanos dizem que existe um cavalheiro chamado Satanás. Como você pode dizer que há dois senhores trabalhando? Deve haver um. . . . O fogo que queima a criança também cozinha a refeição. Como você pode chamar o fogo de bom ou mau, e como pode dizer que ele foi criado por duas pessoas diferentes? Quem cria todo o [chamado] mal? Deus. Não há outra saída. Ele envia morte e vida, pestes e epidemias e tudo mais. Se tal é Deus, Ele é o bom; Ele é o mal; Ele é o lindo; Ele é o terrível; Ele é vida; e Ele é a morte.

Como pode tal Deus ser adorado? Chegaremos a [compreender] como a alma pode realmente aprender a adorar o terrível; então essa alma terá paz. . . Você tem paz? Você se livra das ansiedades? Vire-se, antes de mais nada, e enfrente o terrível. Rasgue a máscara e encontre o mesmo [Deus]. Ele é o pessoal – tudo o que é [aparentemente] bom e tudo o que é [aparentemente] ruim. Não há mais ninguém. Se houvesse dois Deuses, a natureza não aguentaria um só momento. Não existe outro na natureza. É tudo harmonia. Se Deus jogasse de um lado e o diabo do outro, toda a natureza estaria [no caos]. Quem pode infringir a lei? Se eu quebrar esse vidro, ele cairá. Se alguém conseguir tirar um átomo do lugar, todos os outros átomos ficarão desequilibrados. . . . A lei nunca pode ser quebrada. Cada átomo é mantido em seu lugar. Cada um é pesado e medido e cumpre seu [propósito] e lugar. Através do Seu comando os ventos sopram, o sol brilha. Através do Seu governo, os mundos são mantidos no seu lugar. Através de Suas ordens, a morte está se espalhando pela terra. Pense em dois ou três deuses lutando neste mundo! Não pode ser.

Agora percebemos que podemos ter o Deus Pessoal, o criador deste universo, que é misericordioso e também cruel. . . . Ele é o bem, Ele é o mal. Ele sorri e franze a testa. E ninguém pode ir além de Sua lei. Ele é o criador deste universo.

O que significa criação, algo que surge do nada? Seis mil anos atrás, Deus acordou de Seu sonho e criou o mundo [e] antes disso não havia nada? O que Deus estava fazendo então, tirando uma boa soneca? Deus é a causa do universo e podemos conhecer a causa através do efeito. Se o efeito não estiver presente, a causa não é [a] causa. A causa é sempre conhecida no e através do efeito. . . . A criação é infinita. . . . Você não pode pensar no início no tempo ou no espaço.

Por que Ele o cria? Porque Ele gosta; porque Ele é livre. . . . Você e eu estamos sujeitos à lei, porque podemos trabalhar [apenas] de certas maneiras e não de outras. "Sem mãos, Ele pode agarrar tudo. Sem pés, [Ele se move rápido]." Sem corpo, Ele é onipotente. "A quem nenhum olho pode ver, mas que é a causa da visão em todos os olhos, saiba que Ele é o Senhor." Você não pode adorar mais nada. Deus é o apoiador onipotente

deste universo. O que é chamado de “lei” é a manifestação de Sua vontade. Ele governa o universo por Suas leis.

Até agora [discutimos] Deus e a natureza, Deus eterno e natureza eterna. E as almas? Eles também são eternos. Nenhuma alma foi criada; nem pode [a] alma morrer. Ninguém pode sequer imaginar a sua própria morte. A alma é infinita, eterna. Como isso pode morrer? Isso muda os corpos. Assim como um homem tira suas roupas velhas e gastas e veste roupas novas e novas, assim mesmo o corpo desgastado é jogado fora e [um] corpo novo é levado.

Qual é a natureza da alma? A alma também é [onipotente] e onipresente. O espírito não tem comprimento, nem largura, nem espessura. . . . Como se pode dizer que está aqui e ali? Este corpo cai; [a alma] trabalha [através de] outro corpo. A alma é um círculo cuja circunferência não está em lugar nenhum, mas o centro está no corpo. Deus é um círculo cuja circunferência não está em lugar nenhum, mas cujo centro está em toda parte. A alma, por sua própria natureza, é abençoada, pura e perfeita; nunca poderia ser puro se sua natureza fosse impura. . . . A natureza da alma é pureza; é por isso que as almas [podem] tornar-se puras. É abençoado [por natureza]; é por isso que [pode] tornar-se abençoado. É paz; [é por isso que pode se tornar pacífico]. . . .

Todos nós que nos encontramos neste plano, atraídos pelo corpo, trabalhamos duro para viver, com ciúmes, brigas e dificuldades, e depois a morte. Isso mostra que não somos o que deveríamos ser. Não somos livres, somos perfeitamente puros e assim por diante. A alma, por assim dizer, degradou-se. Então o que a alma necessita é expansão. . . .

Como você pode fazer isso? Você pode resolver isso sozinho? Não. Se o rosto de um homem estiver empoeirado, você pode lavá-lo com pó? Se eu coloco uma semente na terra, a semente produz uma árvore, a árvore produz uma semente, a semente outra árvore, etc. Galinha e ovo, ovo e galinha. Se você fizer algo de bom, terá que colher o resultado disso, nascer de novo e se arrepender. Uma vez iniciado nesta cadeia infinita, você não pode parar. Você continua, . . . para cima e para baixo, [para] céus e terras, e todos estes [corpos]. . . . Não há escapatória.

Então como você pode sair de tudo isso e por que você está aqui? Uma ideia é livrar-se da miséria. Todos nós lutamos dia e noite para nos livrarmos da miséria. . . . Não podemos fazer isso com trabalho. O trabalho produzirá mais trabalho. Só é possível se houver alguém que seja livre e nos dê uma mão. “Ouvi, filhos da imortalidade, todos aqueles que residem neste plano e todos aqueles que residem nos céus acima, eu encontrei o segredo”, diz o grande sábio. “Eu encontrei Aquele que está além de todas as trevas. Somente através de Sua misericórdia cruzamos este oceano de vida.”

Na Índia, a ideia do objetivo é esta: existem céus, existem infernos, existem terras, mas eles não são permanentes. Se eu for enviado para o inferno, isso não será permanente. A mesma luta continua onde quer que eu esteja. Como superar toda essa luta é o problema. Se eu for para o céu, talvez haja um pouco de descanso. Se eu for punido pelos meus erros, isso também não poderá durar [para sempre]. . . . O ideal indiano não é ir para o céu. Saia desta terra, saia do inferno e saia do céu! Qual é o objetivo? É liberdade. Todos vocês devem ser livres. A glória da alma está encoberta. Tem que ser descoberto novamente. A alma existe. Está em todo lugar. Para onde irá? . . . Para onde isso pode ir? Só pode ir onde não está. Se você entender [que] está sempre presente,. . . [haverá] felicidade perfeita para sempre. Não há mais nascimentos e mortes. . . . Não há mais doenças, não há corpo. [O] próprio corpo é a maior doença. . . .

A alma permanecerá [como] alma. O espírito viverá como espírito. Como isso tem que ser feito? Adorando [o Senhor] na alma, que, por sua [própria] natureza, está sempre presente, puro e perfeito. Não pode haver dois seres todo-poderosos neste mundo. [Imagine ter] dois ou três deuses; um criará o mundo, outro diz: “Eu destruirei o mundo”. Isso [pode] nunca acontecer. Deve haver um Deus. A alma atinge a perfeição; [torna-se] quase onipotente [e] onisciente. Este é o adorador. Quem é o adorado? Ele, o próprio Senhor Deus, o Onipresente, o Onisciente, e assim por diante. E acima de tudo, Ele é Amor. Como [a alma] alcançará essa perfeição? Pela adoração.

(Vedanta e o Ocidente, julho-agosto de 1955).

6.1.9 ADORAÇÃO FORMAL

(Esta palestra foi reproduzida do Vedanta e do Ocidente. Ver Vol. IV. Concentração)

(Entregue na área de São Francisco, 10 de abril de 1900)

Todos vocês que são estudantes da Bíblia. . . .compreender que toda a história judaica e o pensamento judaico foram produzidos por dois [tipos de] professores - sacerdotes e profetas, os sacerdotes representando o poder do conservadorismo, os profetas o poder do progresso. A questão toda é que um ritualismo conservador se insinua; a formalidade toma conta de tudo. Isto é verdade para todos os países e todas as religiões. Depois vêm alguns novos videntes com novas visões; pregam novos ideais e ideias e dão um novo impulso à sociedade. Em poucas gerações, os seguidores tornam-se tão fiéis às ideias dos seus mestres que não conseguem ver mais nada. Os pregadores liberais mais avançados desta época dentro de alguns anos serão os padres mais conservadores. Os pensadores avançados, por sua vez, começarão a dificultar o homem que for um pouco mais longe. Eles não permitirão que ninguém vá além do que eles próprios alcançaram. Eles se contentam em deixar as coisas como estão.

O poder que atua através dos princípios formativos de todas as religiões, em todos os países, manifesta-se nas formas da religião. . . . Princípios e livros, certas regras e movimentos – levantar-se, sentar-se – todos pertencem à mesma categoria de adoração. A adoração espiritual torna-se materializada para que a maioria da humanidade possa apoderar-se dela. A grande maioria da humanidade em todos os países nunca adora o espírito como espírito. Ainda não é possível. Não sei se algum dia chegará o momento em que eles poderão. Quantos milhares nesta cidade estão prontos para adorar a Deus como espírito? Muito pouco. Eles não podem; eles vivem nos sentidos. Você tem que dar-lhes ideias simples e diretas. Diga-lhes para fazerem algo físico: levantem-se vinte vezes; sente-se vinte vezes. Eles vão entender isso. Diga-lhes para inspirarem por uma narina e expirarem pela outra. Eles vão entender isso. Todo esse idealismo sobre o espírito eles não conseguem aceitar de forma alguma. Não é culpa deles. . . . Se você tem o poder de adorar a Deus como espírito, ótimo! Mas houve um tempo em que você não conseguia. . . . Se as pessoas são grosseiras, as concepções religiosas são

grosseiras e as formas são grosseiras e grosseiras. Se as pessoas são refinadas e cultas, as formas são mais bonitas. Deve haver formulários, só que os formulários mudam de acordo com os tempos.

É um fenômeno curioso que nunca tenha havido uma religião iniciada neste mundo com mais antagonismo. . . [à adoração das formas] do que o islamismo. . . . Os maometanos não podem ter pintura, nem escultura, nem música. . . . Isso levaria ao formalismo. O padre nunca enfrenta seu público. Se o fizesse, isso faria uma distinção. Desta forma não há nenhum. E, no entanto, não se passaram dois séculos após a morte do Profeta para que a adoração aos santos [se desenvolvesse]. Aqui está o dedo do pé do santo! Aí está a pele do santo! Assim vai. A adoração formal é uma das etapas pelas quais temos que passar.

Portanto, em vez de lutar contra isso, aproveitemos o que há de melhor na adoração e estudemos os seus princípios subjacentes.

É claro que a forma mais inferior de adoração é conhecida como [adoração de árvores e pedras]. Todo homem rude e inculto pegará qualquer coisa e acrescentará alguma ideia [de sua autoria]; e isso irá ajudá-lo. Ele pode adorar um pedaço de osso ou pedra – qualquer coisa. Em todos esses estados grosseiros de adoração, o homem nunca adorou uma pedra como uma pedra, uma árvore como uma árvore. Você sabe disso pelo bom senso. Os estudiosos às vezes dizem que os homens adoravam pedras e árvores. Isso é tudo bobagem. A adoração das árvores é uma das etapas pelas quais passou a raça humana. Na verdade, nunca houve adoração de nada além do espírito por parte do homem. Ele é espírito [e] não pode sentir nada além de espírito. A mente divina nunca poderia cometer um erro tão grosseiro como [adorar o espírito como matéria]. Neste caso, o homem concebeu a pedra como espírito ou a árvore como espírito. Ele [imaginou] que alguma parte daquele Ser reside na [pedra] ou na árvore, que [a pedra ou] a árvore tem uma alma.

A adoração da árvore e a adoração da serpente sempre andam juntas. Existe a árvore do conhecimento. Sempre deve existir a árvore, e a árvore está de alguma forma ligada à serpente. Estas são as [formas de adoração] mais antigas. Mesmo aí você descobre que alguma árvore em particular ou

alguma pedra em particular é adorada, e não todas as [árvores ou] pedras do mundo.

Um estado mais elevado na [adoração formal é o das] imagens [dos ancestrais e de Deus]. As pessoas fazem imagens de homens que morreram e imagens imaginárias de Deus. Então eles adoram essas imagens.

Ainda mais elevada é a adoração dos santos, dos bons homens e mulheres que já faleceram. Os homens adoram suas relíquias. [Eles sentem que] a presença dos santos está de alguma forma nas relíquias e que eles os ajudarão. [Eles acreditam que] se tocarem no osso do santo, serão curados - não que o osso em si cure, mas que o santo que reside lá o faça. . . .

Todos esses são estados baixos de adoração e, ainda assim, de adoração. Todos nós temos que passar por eles. É apenas do ponto de vista intelectual que não são suficientemente bons. Em nossos corações não podemos nos livrar deles. [Se] você tirar de um homem todos os santos e imagens e não permitir que ele entre em um templo, [ele ainda] imaginará todos os deuses. Ele tem que. Um homem de oitenta anos me disse que não poderia conceber Deus a não ser como um velho de longa barba sentado numa nuvem. O que isso mostra? Sua educação não está completa. Não houve qualquer educação espiritual e ele é incapaz de conceber qualquer coisa exceto em termos humanos.

Ainda existe uma ordem superior de adoração formal – o mundo do simbolismo. As formas ainda estão lá, mas não são árvores, nem [pedras], nem imagens, nem relíquias de santos. Eles são símbolos. Existem todos os tipos [de símbolos] em todo o mundo. O círculo é um grande símbolo da eternidade. . . . Ali está a praça; o conhecido símbolo da cruz; e duas figuras como S e Z se cruzando.

Algumas pessoas pensam em não ver nada nos símbolos. . . . [Outros querem] todo tipo de abracadabra. Se você lhes contar verdades claras e simples, eles não as aceitarão. . . . Sendo a natureza humana [o que é], quanto menos eles entenderem, melhor – maior será o homem [eles pensam] que você é. Em todas as épocas, em todos os países, tais adoradores são iludidos por certos diagramas e formas. A geometria era a maior ciência de todas. A grande maioria das pessoas não sabia nada [sobre

isso. Eles acreditavam que se] o geometrista apenas desenhasse um quadrado e dissesse abracadabra nos quatro cantos, o mundo inteiro começaria a girar, os céus se abririam e Deus desceria e pularia e seria um escravo. Há hoje toda uma massa de lunáticos debruçados sobre essas coisas dia e noite. Tudo isso é uma espécie de doença. Não é de forma alguma para o metafísico; é para o médico.

Estou tirando sarro, mas sinto muito. Vejo este problema tão [grave] na Índia. São sinais da decadência da raça, da degradação e da coação. O sinal de vigor, o sinal de vida, o sinal de esperança, o sinal de saúde, o sinal de tudo o que é bom, é a força. Enquanto o corpo viver, deverá haver força no corpo, força na mente [e força] nas mãos. Ao querer obter poder espiritual através de [todo esse abracadabra] há medo, medo da vida. Não me refiro a esse tipo de simbolismo.

Mas há alguma verdade no simbolismo. Não pode haver qualquer falsidade sem alguma verdade por trás dela. Não pode haver imitação sem algo real.

Existe a forma simbólica de culto nas diferentes religiões. Existem símbolos novos, vigorosos, poéticos e saudáveis. Pense no poder maravilhoso que o símbolo da cruz teve sobre milhões de pessoas! Pense no símbolo do crescente! Pense no magnetismo deste símbolo! Em todos os lugares existem símbolos bons e grandes no mundo. Eles interpretam o espírito e provocam certas condições na mente; via de regra, descobrimos que [eles criam] um tremendo poder de fé e amor.

Compare a Igreja Protestante com a [Igreja] Católica. Quem produziu mais santos, mais mártires nos últimos quatrocentos anos [durante os quais] ambos existiram? O tremendo apelo do cerimonialismo católico – todas aquelas luzes, incenso, velas e as vestes dos sacerdotes – tem um grande efeito por si só. O protestantismo é bastante austero e pouco poético. Os protestantes ganharam muitas coisas, concederam muito mais liberdade em certos aspectos do que os católicos e, portanto, têm uma concepção clara e mais individualizada. Tudo bem, mas eles perderam muito. . . . Leve as pinturas nas igrejas. Isso é uma tentativa de poesia. Se temos fome de poesia, por que não tê-la? Por que não dar à alma o que ela deseja? Temos que ter música. Os presbiterianos eram até contra a música. Eles são os “maometanos” dos cristãos. Abaixo toda poesia! Abaixo todos os

cerimoniais! Então eles produzem música. Apela aos sentidos. Tenho visto como eles lutam coletivamente pelo raio de luz acima do púlpito.

Deixe a alma se faltar de poesia e religião representadas no plano externo. Por que não . . . ? Você não pode lutar contra [adoração formal]. Ele conquistará de novo e de novo. . . . Se você não gosta do que os católicos fazem, faça melhor. Mas não faremos nada melhor nem teremos a poesia que já existe. Esse é um estado terrível de coisas! A poesia é absolutamente necessária. Você pode ser o maior filósofo do mundo. Mas a filosofia é a poesia mais elevada. Não são ossos secos. É a essência das coisas. A própria Realidade é mais poética do que qualquer dualismo. . . .

A aprendizagem não tem lugar na religião; para a maioria, a aprendizagem é um obstáculo no caminho. . . . Um homem pode ter lido todas as bibliotecas do mundo e muitos nem sequer são religiosos, e outro, que talvez não consiga escrever o seu próprio nome, sente a religião e percebe-a. Toda a religião é a nossa própria percepção interior. Quando uso as palavras “religião criadora do homem”, não me refiro a livros, nem a dogmas, nem a teorias. Refiro-me ao homem que percebeu, percebeu plenamente, algo dessa presença infinita em seu próprio coração.

O homem a cujos pés me sentei durante toda a minha vida - e são apenas algumas ideias suas que tentam ensinar - [mal] conseguia escrever o seu nome. Durante toda a minha vida não vi outro homem assim e viajei por todo o mundo. Quando penso naquele homem, me sinto uma idiota, porque quero ler livros e ele nunca quis. Ele nunca quis lambar os pratos depois que outras pessoas comeram. É por isso que ele era seu próprio livro. Durante toda a minha vida repito o que Jack e John disseram, e nunca digo nada. Que glória é saber o que John disse há vinte e cinco anos e o que Jack disse há cinco anos? Diga-me o que você tem a dizer.

Veja bem, não há valor em aprender. Todos vocês estão enganados ao aprender. O único valor do conhecimento está no fortalecimento e na disciplina da mente. Apesar de todo esse eterno engolir, é de admirar que não sejamos todos dispépticos. Paremos e queimemos todos os livros, e nos controlemos e pensemos. Todos vocês falam [sobre] e se distraem por perderem sua “individualidade”. Vocês estão perdendo isso a cada momento de suas vidas por causa dessa eterna deglutição. Se algum de vocês acredita

no que eu ensino, vou me arrepender. Ficarei muito feliz se puder despertar em vocês o poder de pensar por si mesmos. . . . A minha ambição é falar com homens e mulheres, não com ovelhas. Por homens e mulheres, quero dizer indivíduos. Vocês não são bebês para arrastar todos os trapos imundos da rua e amarrá-los em uma boneca!

"Este é um lugar para aprender! Esse homem está na universidade! Ele sabe tudo o que o Sr. Blank disse!" Mas o Sr. Blank não disse nada! Se eu pudesse escolher, eu o faria. . . diga ao professor: "Saia! Você não é ninguém!" Lembre-se desse individualismo a qualquer custo! Pense errado se quiser, não importa se você obtém a verdade ou não. O objetivo principal é disciplinar a mente. Essa verdade que você engole dos outros não será sua. Você não pode ensinar a verdade da minha boca; nem você pode aprender a verdade da minha boca. Ninguém pode ensinar outro. Você tem que compreender a verdade e resolvê-la por si mesmo, de acordo com sua própria natureza. . . . Todos devem lutar para serem indivíduos – fortes, de pé, pensando seus próprios pensamentos, realizando seu próprio Eu. Não adianta engolir doutrinas que outros transmitem – ficar de pé juntos como soldados na prisão, sentar-se juntos, todos comendo a mesma comida, todos balançando a cabeça ao mesmo tempo. A variação é o sinal da vida. A mesmice é o sinal da morte.

Certa vez, eu estava em uma cidade indiana e um velho veio até mim. Ele disse: "Swami, ensine-me o caminho". Vi que aquele homem estava tão morto quanto esta mesa diante de mim. Mental e espiritualmente ele estava realmente morto. Eu disse: "você fará o que eu peço? Você pode roubar? Você pode beber vinho? Você pode comer carne?"

O homem [exclamou], "O que você está ensinando!"

Eu disse a ele: "Essa parede alguma vez roubou? A parede alguma vez bebeu vinho?"

"Não senhor."

O homem rouba, bebe vinho e se torna Deus. "Eu sei que você não é a parede, meu amigo. Faça alguma coisa! Faça alguma coisa!" Vi que se aquele homem roubasse, sua alma estaria a caminho da salvação.

Como posso saber se vocês são indivíduos – todos dizendo a mesma coisa, todos de pé e sentados juntos? Esse é o caminho para a morte! Faça algo por suas almas! Faça o errado se quiser, mas faça alguma coisa! Você me entenderá aos poucos, se não o fizer agora. A velhice chegou à alma, por assim dizer. Ficou enferrujado. A ferrugem deve ser [eliminada] e então continuamos. Agora você entende por que existe o mal no mundo. Vá para casa e pense nisso, só para tirar aquela ferrugem!

Oramos por coisas materiais. Para atingir algum fim, adoramos a Deus com adoração de loja. Vá em frente e ore por comida e roupas! Adorar é bom. Algo é sempre melhor que nada. "Um tio cego é melhor do que nenhum tio." Um jovem muito rico adoece e, para se livrar da doença, começa a dar aos pobres. Isso é bom, mas ainda não é religião, não é religião espiritual. Está tudo no plano material. O que é material e o que não é? Quando o mundo é o fim e Deus o meio para atingir esse fim, isso é material. Quando Deus é o fim e o mundo é apenas o meio para atingir esse fim, a espiritualidade começou.

Assim, para o homem que deseja suficientemente esta vida [material], todos os seus céus são uma continuação desta vida. Ele quer ver todas as pessoas que estão mortas e se divertir mais uma vez.

Havia uma daquelas senhoras que traz até nós os espíritos que partiram – uma médium. Ela era muito grande, mas era chamada de média. Muito bom! Esta senhora gostou muito de mim e me convidou para vir. Os espíritos foram todos muito educados comigo. Tive uma experiência muito peculiar. Você entende, foi uma [sessão], meia-noite. A médium disse: "...Vejo um fantasma parado aqui. O fantasma me disse que há um cavalheiro hindu naquele banco." Levantei-me e disse: "Não foi necessário nenhum fantasma para lhe dizer isso."

Estava presente um jovem casado, inteligente e bem educado. Ele estava lá para ver sua mãe. A médium disse: "A mãe de fulano está aqui". Este jovem estava me contando sobre sua mãe. Ela estava muito magra quando morreu, mas a mãe que saiu da tela! Você deveria tê-la visto! Eu queria ver o que esse jovem faria. Para minha surpresa, ele deu um pulo e abraçou esse espírito e disse. "Oh mãe, como você cresceu linda na terra dos espíritos!"

Eu disse: "Sou abençoado por estar aqui. Isso me dá uma visão da natureza humana!"

Voltando ao nosso culto formal. . . . é um estado inferior de adoração quando você adora a Deus como um meio para o fim, que é esta vida e este mundo. . . . A grande maioria [das pessoas] nunca teve qualquer concepção de algo superior a este pedaço de carne e às alegrias dos sentidos. Mesmo nesta vida, todos os prazeres que essas pobres almas têm são iguais aos dos animais. . . . Eles comem animais. Eles amam seus filhos. Isso é toda a glória do homem? E adoramos ao Deus Todo-Poderoso! Pelo que? Só para nos dar essas coisas materiais e defendê-las o tempo todo. . . . Significa que não fomos além dos [animais e] pássaros. Não somos melhores. Não sabemos nada melhor. E aí de nós, deveríamos saber melhor! A única diferença é que eles não têm um Deus como o nosso. . . . Temos os mesmos cinco sentidos [dos animais], só que os deles são melhores. Não podemos comer um pedaço de comida com o prazer que um cachorro mastiga um osso. Eles têm mais prazer na vida do que nós; então somos um pouco menos que animais.

Por que você deveria querer ser algo que qualquer poder da natureza possa operar melhor? Esta é a questão mais importante para você pensar. O que você quer – esta vida, esses sentidos, este corpo, ou algo infinitamente mais elevado e melhor, algo do qual não haja mais queda, nem mudança?

Então o que isso significa . . . ? Você diz: "Senhor, dê-me meu pão, meu dinheiro! Cure minhas doenças! Faça isto e aquilo!" Cada vez que dizem isso, vocês estão se hipnotizando com a ideia: "Eu sou matéria, e esta matéria é o objetivo". Cada vez que você tenta realizar um desejo material, você diz a si mesmo que é o corpo, que não é espírito. . . .

Graças a Deus, isso é um sonho! Graças a Deus, pois isso desaparecerá! Graças a Deus existe a morte, a morte gloriosa, porque acaba com toda essa ilusão, com esse sonho, com essa carnalidade, com essa angústia. Nenhum sonho pode ser eterno; deve acabar mais cedo ou mais tarde. Não há ninguém que possa manter o seu sonho para sempre. Agradeço a Deus por ser assim! No entanto, esta forma de adoração está correta. Prossiga! Orar por algo é melhor do que nada. Estas são as etapas pelas quais passamos.

Estas são as primeiras lições. Gradualmente, a mente começa a pensar em algo superior aos sentidos, ao corpo, aos prazeres deste mundo.

Como [o homem] faz isso? Primeiro ele se torna um pensador. Quando você pensa sobre um problema, não há deleite sensorial, mas [o] delicioso deleite do pensamento. . . . É isso que faz o homem. . . . Pegue uma ótima ideia! Isso se aprofunda. A concentração vem. Você não sente mais seu corpo. Seus sentidos pararam. Você está acima de todos os sentidos físicos. Tudo o que se manifestava através dos sentidos está concentrado nessa ideia. Naquele momento você está mais alto que o animal. Você obtém a revelação que ninguém pode tirar de você – uma percepção direta de algo superior ao corpo. . . . Aí está o ouro da mente, não no plano dos sentidos.

Assim, trabalhando através do plano dos sentidos, você consegue entrar cada vez mais nas outras regiões, e então este mundo desaparece de você. Você tem um vislumbre desse espírito, e então seus sentidos e seus prazeres sensoriais, seu apego à carne, desaparecerão de você. Vislumbre após vislumbre virá do reino do espírito. Você terá terminado o Yoga e o espírito se revelará como espírito. Então você começará a adorar a Deus como espírito. Então você começará a entender que adorar não é para ganhar alguma coisa. No fundo, nossa adoração era aquele elemento infinito e finito, o amor, que [é] um sacrifício eterno feito pela alma aos pés do Senhor. "Tu e não eu. Estou morto. Tu estás, e eu não. Não quero riqueza nem beleza, não, nem mesmo aprendizado. Não quero salvação. Se for Tua vontade, deixe-me entrar em vinte milhões infernos. Eu só quero uma coisa: seja meu amor!

(Vedanta e o Ocidente, novembro-dezembro de 1955)

6.1.10 AMOR DIVINO

(Esta palestra foi reproduzida do Vedanta e do Ocidente. Ver Vol. IV.
Concentração)

(Entregue na área de São Francisco, 12 de abril de 1900)

[O amor pode ser simbolizado por um triângulo. O primeiro ângulo é:] o amor não questiona. Não é um mendigo. . . . O amor do mendigo não é amor algum. O primeiro sinal do amor é quando o amor não pede nada, [quando] dá tudo. Esta é a verdadeira adoração espiritual, a adoração através do amor. Se Deus é misericordioso não é mais questionado. Ele é Deus; Ele é o meu amor. Se Deus é onipotente e todo-poderoso, limitado ou ilimitado, não é mais questionado. Se Ele distribui o bem, tudo bem; se Ele traz o mal, o que isso importa? Todos os outros atributos desaparecem, exceto aquele – o amor infinito.

Havia um velho imperador indiano que, durante uma expedição de caça, encontrou um grande sábio na floresta. Ficou tão satisfeito com este sábio que insistiu que este viesse à capital para receber alguns presentes. [No início] o sábio recusou. [Mas] o imperador insistiu e finalmente o sábio consentiu. Quando ele chegou [ao palácio], foi anunciado ao imperador que disse: “Espere um minuto até eu terminar minha oração”. O imperador orou: "Senhor, dê-me mais riqueza, mais [terra, mais saúde], mais filhos." O sábio levantou-se e começou a sair da sala. O imperador disse: “Você não recebeu meus presentes”. O sábio respondeu: "Eu não peço aos mendigos. Durante todo esse tempo você tem orado por mais terras, [por] mais dinheiro, por isso e aquilo. O que você pode me dar? Primeiro, satisfaça seus próprios desejos!"

O amor nunca pergunta; sempre dá. . . . Quando um jovem vai ver sua namorada, . . . não há relação comercial entre eles; o relacionamento deles é de amor, e o amor não é um mendigo. [Da mesma forma], entendemos que o início da verdadeira adoração espiritual significa não mendigar. Terminamos de implorar: “Senhor, dá-me isto e aquilo”. Então a religião começará.

O segundo [ângulo do triângulo do amor] é que o amor não conhece o medo. Você pode me cortar em pedaços e eu ainda amarei você. Suponha que uma de vocês, mãe, uma mulher fraca, veja um tigre na rua sequestrando seu filho. Eu sei onde você estará: você enfrentará o tigre. Outra vez aparece um cachorro na rua e você vai voar. Mas você pula na boca do tigre e rouba seu filho. O amor não conhece o medo. Ele vence

todo o mal. O temor de Deus é o começo da religião, mas o amor de Deus é o fim da religião. Todo o medo desapareceu.

O terceiro [ângulo do triângulo amoroso é que] o amor é o seu próprio fim. Nunca pode ser o meio. O homem que diz: “Eu te amo por tal e tal coisa”, não ama. O amor nunca pode ser o meio; deve ser o final perfeito. Qual é o fim e o objetivo do amor? Amar a Deus, isso é tudo. Por que alguém deveria amar a Deus? [Não há] porquê, porque não é o meio. Quando alguém pode amar, isso é salvação, isso é perfeição, isso é o céu. O que mais? O que mais pode ser o fim? O que você pode ter mais alto que o amor?

Não estou falando sobre o que cada um de nós entende por amor. O amorzinho bobo é adorável. O homem se apaixona pela mulher e a mulher morre pelo homem. As chances são de que em cinco minutos John chute Jane e Jane chute John. Isto é um materialismo e nenhum amor. Se John pudesse realmente amar Jane, ele seria perfeito naquele momento. [Sua verdadeira] natureza é o amor; ele é perfeito em si mesmo. John obterá todos os poderes do Yoga simplesmente por amar Jane, [embora] ele possa não saber uma palavra sobre religião, psicologia ou teologia. Acredito que se um homem e uma mulher puderem realmente amar, [eles poderão adquirir] todos os poderes que os iogues afirmam ter, pois o próprio amor é Deus. Que Deus é onipresente e [portanto] você tem esse amor, quer você saiba disso ou não.

Eu vi um menino esperando por uma menina outra noite. . . . Achei uma boa experiência estudar esse menino. Ele desenvolveu a clarividência e a clariaudiência através da intensidade do seu amor. Ele nunca cometeu um erro sessenta ou setenta vezes, e a garota estava a trezentos quilômetros de distância. [Ele dizia], "Ela está vestida assim." [Ou], "Lá vai ela." Eu vi isso com meus próprios olhos.

Esta é a questão: seu marido não é Deus, seu filho é Deus? Se você pode amar sua esposa, você tem toda a religião do mundo. Você tem todo o segredo da religião e do Yoga em você. Mas você pode amar? Essa é a questão. Você diz: “Eu amo... Oh, Mary, eu morro por você!” [Mas se você] vir Mary beijando outro homem, você vai querer cortar a garganta dele. Se Mary vir John conversando com outra garota, ela não conseguirá dormir à

noite e tornará a vida de John um inferno. Isto não é amor. Isto é troca e venda de sexo. É uma blasfêmia falar disso como amor. O mundo fala dia e noite de Deus e de religião – portanto, de amor. Fazendo de tudo uma farsa, é isso que você está fazendo! Todo mundo fala de amor, [mas nas] colunas dos jornais [lemos] sobre divórcios todos os dias. Quando você ama John, você ama John por causa dele ou por você? [Se você o ama por você], você espera algo de John. [Se você o ama por causa dele], você não quer nada de John. Ele pode fazer o que quiser, [e] você [vai] amá-lo da mesma forma.

Estes são os três pontos, os três ângulos que constituem o triângulo [do amor]. A menos que haja amor, a filosofia torna-se ossos secos, a psicologia torna-se uma espécie de [teoria] e o trabalho torna-se mero trabalho. [Se houver amor], a filosofia vira poesia, a psicologia vira [misticismo], e o trabalho é a coisa mais deliciosa da criação. [Apenas] lendo livros, [alguém] se torna estéril. Quem se torna instruído? Aquele que consegue sentir pelo menos uma gota de amor. Deus é amor e o amor é Deus. E Deus está em todo lugar. Depois de ver que Deus é amor e que Deus está em toda parte, a pessoa não sabe se está de cabeça para baixo ou de pé - como um homem que pega uma garrafa de vinho e não sabe onde está. . . . Se chorarmos dez minutos por Deus, não saberemos onde estamos nos próximos dois meses. . . Não nos lembraremos dos horários das refeições. Não saberemos o que estamos comendo. [Como] você pode amar a Deus e ser sempre tão gentil e profissional? . . . O . . . poder do amor todo-conquistador e onipotente – como ele pode acontecer? . . .

Não julgue as pessoas. Eles estão todos loucos. As crianças estão [loucas] atrás de suas brincadeiras, os jovens atrás dos jovens, os velhos [estão] ruminando seus últimos anos; alguns estão loucos por ouro. Por que não alguns depois de Deus? Enlouqueça pelo amor de Deus assim como enlouquece por Johns e Janes. Quem são eles? [as pessoas] dizem: "Devo desistir disso? Devo desistir daquilo?" Um deles perguntou: "Devo desistir do casamento?" Não desista de nada! As coisas vão desistir de você. Espere e você os esquecerá.

[Para ser completamente] transformado em amor a Deus – aí está a verdadeira adoração! Você tem um vislumbre disso de vez em quando na Igreja Católica Romana – alguns daqueles monges e freiras maravilhosos

enlouquecendo com um amor maravilhoso. Esse amor você deveria ter! Tal deveria ser o amor de Deus – sem pedir nada, sem procurar nada. . . .

A pergunta foi feita: Como adorar? Adore-O como algo mais querido do que todos os seus bens, mais querido do que todos os seus parentes, [mais querido do que] seus filhos. [Adore-O como] aquele que você ama como o próprio Amor. Existe alguém cujo nome é Amor infinito. Essa é a única definição de Deus. Não me importo se isso. . . universo é destruído. O que nos importa, desde que Ele seja amor infinito? [Você vê o que adoração significa? Todos os outros pensamentos devem desaparecer. Tudo deve desaparecer, exceto Deus. O amor que o pai ou a mãe tem pelo filho, [o amor] que a esposa [tem] pelo marido, o marido, pela esposa, o amigo pelo amigo — todos esses amores concentrados em um devem ser entregues a Deus. Agora, se a mulher ama o homem, ela não pode amar outro homem. Se o homem ama a mulher, ele não pode amar outra [mulher]. Essa é a natureza do amor.

Meu antigo Mestre costumava dizer: "Suponha que haja um saco de ouro nesta sala e no quarto ao lado haja um ladrão. O ladrão sabe muito bem que há um saco de ouro. Será que o ladrão conseguiria dormir? Certamente não. O tempo todo ele ficaria louco pensando em como alcançar o ouro." . . . [Da mesma forma], se um homem ama a Deus, como pode amar qualquer outra coisa? Como pode alguma outra coisa resistir ao poderoso amor de Deus? Todo o resto desaparece [antes disso]. Como pode a mente parar sem enlouquecer para encontrar [esse amor], para perceber, para sentir, para viver nisso?

É assim que devemos amar a Deus: “Não quero riquezas, nem [amigos, nem beleza], nem posses, nem aprendizado, nem mesmo salvação. - para que eu possa amar a Ti e por amor ao amor que as pessoas materialistas têm por suas posses mundanas, que esse amor forte entre em meu coração, mas apenas pelo Belo. Deus nada mais é do que isso. Ele não se importa com as coisas maravilhosas que muitos Yogis podem fazer. Pequenos mágicos fazem pequenos truques. Deus é o grande mágico; Ele faz todos os truques. Quem se importa com quantos mundos [existem]? . . .

Existe outro [caminho. É] conquistar tudo, [subjugar] tudo – conquistar o corpo [e] a mente. . . . “De que adianta conquistar tudo? Meu negócio é com

Deus!” [diz o devoto.]

Houve um Yogi, um grande amante. Ele estava morrendo de câncer na garganta. Ele [foi] visitado por outro Yogi, que era um filósofo. [Este último] disse: “Olhe aqui, meu amigo, por que você não concentra sua mente naquela sua ferida e a cura?” Na terceira vez que esta pergunta foi feita, [esse grande Yogi] disse: “Você acha possível que a [mente] que entreguei inteiramente ao Senhor [possa ser fixada nesta jaula de carne e sangue]?” Cristo recusou-se a trazer legiões de anjos em seu auxílio. Será este corpinho tão grande que eu deveria trazer vinte mil anjos para guardá-lo por mais dois ou três dias?

[Do ponto de vista mundano], meu tudo é este corpo. Meu mundo é este corpo. Meu Deus é este corpo. Eu sou o corpo. Se você me beliscar, eu sou beliscado. Esqueço-me de Deus no momento em que tenho dor de cabeça. Eu sou o corpo! Deus e tudo mais devem se resumir a esse objetivo mais elevado – o corpo. Deste ponto de vista, quando Cristo morreu na cruz e não trouxe anjos [em seu auxílio], ele era um tolo. Ele deveria ter derrubado anjos e saído da cruz! Mas do ponto de vista do amante, para quem este corpo não é nada, quem se importa com este absurdo? Por que se preocupar em pensar nesse corpo que vai e vem? Não há nada mais do que o pedaço de tecido sobre o qual os soldados romanos lançaram sortes.

Há toda uma gama de diferenças entre [o ponto de vista mundano] e o ponto de vista do amante. Continue amando. Se um homem está com raiva, não há razão para você ficar com raiva; se ele se degrada, não há razão para você se degradar. . . . "Por que eu deveria ficar com raiva só porque outro homem fez papel de bobo? Não resista ao mal!" Isso é o que dizem os amantes de Deus. O que quer que o mundo faça, onde quer que vá, não tem influência [sobre eles].

Um Yogi alcançou poderes sobrenaturais. Ele disse: "Veja meu poder! Veja o céu; eu o cobrirei de nuvens." Começou a chover. [Alguém] disse: “Meu senhor, você é maravilhoso. Mas ensine-me isso, sabendo disso, não pedirei mais nada”. ... Para se livrar até do poder, para não ter nada, para não querer o poder! [O que isto significa] não pode ser entendido simplesmente pelo intelecto. . . . Você não pode entender lendo milhares de livros. ... Quando começamos a compreender, o mundo inteiro se abre diante de nós. ... A

menina fica brincando com suas bonecas, arranjando novos maridos o tempo todo; mas quando o seu verdadeiro marido chegar, todas as bonecas serão guardadas [para sempre]. ... Então [com] todos esses acontecimentos aqui. [Quando] o sol do amor nasce, todos esses sóis de poder e todos esses [desejos] desaparecem. O que faremos com o poder? Agradeça a Deus se você puder se livrar do poder que você tem. Comece a amar. O poder deve acabar. Nada deve ficar entre mim e Deus, exceto o amor. Deus é apenas amor e nada mais – amor primeiro, amor no meio e amor no final.

[Há a] história de uma rainha pregando [o amor de Deus] nas ruas. Seu marido enfurecido a perseguiu e ela foi caçada por todo o país. Ela costumava cantar músicas descrevendo seu [amor]. Suas canções foram cantadas em todos os lugares. "Com lágrimas nos olhos eu [alimentei a trepadeira eterna] do amor. ..." Este é o último, o grande [objetivo]. O que mais está lá? [As pessoas] querem isso e aquilo. Todos querem ter e possuir. É por isso que tão poucos entendem [o amor], tão poucos chegam a ele. Acorde-os e conte-lhes! Eles receberão mais algumas dicas.

O próprio amor é o sacrifício eterno e sem fim. Você terá que desistir de tudo. Você não pode tomar posse de nada. Encontrando o amor, você nunca [querer] mais nada. ... "Só seja Tu meu amor para sempre!" É isso que o amor quer. "Meu amor, um beijo daqueles lábios! [Para aquele] que foi beijado por Ti, todas as tristezas desaparecem. Uma vez beijado por Ti, o homem fica feliz e esquece o amor de tudo o mais. Ele só Te louva e só Te vê. " Até mesmo na natureza do amor humano [escondem elementos divinos. No] primeiro momento de amor intenso, o mundo inteiro parece estar em sintonia com o seu próprio coração. Cada pássaro do universo canta o seu amor; as flores desabrocham para você. É do próprio amor infinito e eterno que vem o amor [humano].

Por que o amante de Deus deveria temer alguma coisa – temer ladrões, temer a angústia, temer até por sua vida? ... O amante [pode] ir para o inferno extremo, mas seria um inferno? Todos nós temos que abandonar essas ideias de céu [e inferno] e obter um [amor] maior. ... Centenas de pessoas buscam essa loucura de amor diante da qual tudo [exceto Deus desaparece].

Finalmente, amor, amante e amado tornam-se um. Esse é o objetivo. ... Por que existe alguma separação entre a alma e o homem, entre a alma e Deus? . . . Só para ter esse prazer do amor. Ele queria amar a si mesmo, então se dividiu em muitos. . . “Esta é toda a razão da criação”, diz o amante. “Somos todos um. 'Eu e meu Pai somos um.' Agora mesmo estou separado para amar a Deus... O que é melhor - tornar-me açúcar ou comer açúcar, que graça é essa: comer açúcar - isso é o prazer infinito do amor?

Todos os ideais de amor - [Deus] como [nosso] pai, mãe, amigo, filho - [são concebidos para fortalecer a devoção em nós e nos fazer sentir mais próximos e queridos de Deus]. O amor mais intenso é aquele entre os sexos. Deus deve ser amado com esse tipo de amor. A mulher ama o pai; ela ama suas mães, ela ama seu filho; ela ama sua amiga. Mas ela não pode se expressar totalmente ao pai, nem à mãe, nem ao filho, nem ao amigo. Só existe uma pessoa de quem ela não esconde nada. O mesmo acontece com o homem. ... O relacionamento [marido-] mulher é um relacionamento completo. A relação dos sexos [tem] todos os outros amores concentrados num só. No marido a mulher tem o pai, o amigo, o filho. Na esposa, o marido tem mãe, filha e mais alguma coisa. Esse tremendo amor completo pelos sexos deve vir [por Deus] – aquele mesmo amor com o qual uma mulher se abre a um homem sem qualquer vínculo de sangue – perfeitamente, sem medo e sem vergonha. Sem escuridão! Ela não esconderia nada de seu amante, assim como não esconderia de si mesma. Esse mesmo amor deve vir [para Deus]. Essas coisas são difíceis e difíceis de entender. Você começará a entender aos poucos, e toda ideia de sexo desaparecerá. “Como a gota d’água na areia da margem do rio num dia de verão, assim é esta vida e todas as suas relações.”

Todas essas ideias [como] “Ele é o criador” são ideias próprias para crianças. Ele é meu amor, minha própria vida – esse deve ser o grito do meu coração! ...

"Eu tenho uma esperança. Eles te chamam de Senhor do mundo, e - bom ou mau, grande ou pequeno - eu faço parte do mundo, e Tu também és meu amor. Meu corpo, minha mente e minha alma são todos em Teu altar, Amor, não recuse esses presentes!"

(Vedanta e o Ocidente, setembro-outubro de 1955)

6.2 NOTAS DE AULAS E PALESTRAS

6.2.1 RELIGIÃO E CIÊNCIA

A experiência é a única fonte de conhecimento. No mundo, a religião é a única ciência onde não há certeza, porque não é ensinada como uma ciência da experiência. Isso não deveria ser. Há sempre, porém, um pequeno grupo de homens que ensinam religião por experiência própria. Eles são chamados de místicos, e esses místicos de todas as religiões falam a mesma língua e ensinam a mesma verdade. Esta é a verdadeira ciência da religião. Assim como a matemática não difere em todas as partes do mundo, os místicos também não diferem. Todos eles são constituídos e situados de forma semelhante. A experiência deles é a mesma; e isso se torna lei.

Na igreja, os religiosos primeiro aprendem uma religião e depois começam a praticá-la; eles não tomam a experiência como base de sua crença. Mas o místico começa em busca da verdade, experimenta-a primeiro e depois formula o seu credo. A igreja aproveita a experiência de outros; o místico tem sua própria experiência. A igreja vai de fora para dentro; o místico vai de dentro para fora.

A religião lida com as verdades do mundo metafísico tal como a química e as outras ciências naturais lidam com as verdades do mundo físico. O livro que devemos ler para aprender química é o livro da natureza. O livro com o qual aprender religião é sua própria mente e coração. O sábio muitas vezes ignora a ciência física, porque lê o livro errado – o livro interior; e o cientista muitas vezes ignora religião, porque também lê o livro errado – o livro sem.

Toda ciência tem métodos particulares; o mesmo aconteceu com a ciência da religião. Tem mais métodos também, porque tem mais material para trabalhar. A mente humana não é homogênea como o mundo externo. De acordo com a natureza diferente, deve haver métodos diferentes. Assim como algum sentido especial predomina numa pessoa – uma pessoa verá mais, outra ouvirá mais – então há um sentido mental predominante; e através deste portão cada um deve alcançar sua própria mente. No entanto, em todas as mentes existe uma unidade e existe uma ciência que pode ser

aplicada a todos. Esta ciência da religião baseia-se na análise da alma humana. Não tem credo.

Nenhuma forma de religião servirá para todos. Cada um é uma pérola em um colar. Devemos ser particulares acima de tudo para encontrar a individualidade em cada um. Nenhum homem nasce em qualquer religião; ele tem uma religião em sua própria alma. Qualquer sistema que procure destruir a individualidade é, a longo prazo, desastroso. Cada vida tem uma corrente que a atravessa, e essa corrente acabará por levá-la a Deus. O fim e objetivo de todas as religiões é realizar Deus. O maior de todos os treinamentos é adorar somente a Deus. Se cada homem escolhesse o seu próprio ideal e se apegasse a ele, toda a controvérsia religiosa desapareceria.

6.2.2 RELIGIÃO É REALIZAÇÃO

O maior nome que o homem já deu a Deus é Verdade. A verdade é fruto da realização; portanto, procure-o dentro da alma. Afaste-se de todos os livros e formulários e deixe sua alma ver o seu Eu. “Estamos iludidos e enlouquecidos pelos livros”, declara Shri Krishna. Esteja além das dualidades da natureza. No momento em que você pensa no credo, na forma e na cerimônia do “ser-tudo” e do “fim de tudo”, então você está em cativeiro. Participe deles para ajudar os outros, mas tome cuidado para que não se tornem uma escravidão. A religião é uma só, mas a sua aplicação deve ser variada. Cada um, portanto, dê a sua mensagem; mas não encontre os defeitos em outras religiões. Você deve sair de todas as formas se quiser ver a Luz. Beba profundamente o néctar do conhecimento de Deus. O homem que percebe. “Eu sou Ele”, embora vestido em trapos, está feliz. Vá para o Eterno e volte com energia eterna. O escravo sai em busca da verdade; ele volta livre.

6.2.3 RELIGIÃO É AUTO-ABNEGAÇÃO

Não se pode dividir os direitos do universo. Falar de “certo” implica limitação. Não é “certo”, mas “responsabilidade”. Cada um é responsável

pelo mal em qualquer lugar do mundo. Ninguém pode se separar de seu irmão. Tudo o que se une ao universal é virtude; tudo o que separa é o pecado. Você faz parte do Infinito. Esta é a sua natureza. Portanto, você é o guardião do seu irmão.

O primeiro fim da vida é o conhecimento; o segundo fim da vida é a felicidade. Conhecimento e felicidade levam à liberdade. Mas ninguém pode alcançar a liberdade até que todo ser (formiga ou cachorro) tenha liberdade. Ninguém pode ser feliz até que todos estejam felizes. Quando você machuca alguém, você machuca a si mesmo, pois você e seu irmão são um só. Ele é de fato um Yogi que se vê em todo o universo e todo o universo em si mesmo. O auto-sacrifício, e não a auto-afirmação, é a lei do universo mais elevado. O mundo é tão mau porque o ensinamento de Jesus, “Não resistas ao mal”, nunca foi testado. O altruísmo por si só resolverá o problema. A religião vem com intenso auto-sacrifício. Não deseje nada para si mesmo. Faça tudo pelos outros. Isto é viver, mover-se e estar em Deus.

6.2.4 TRABALHO ALTUÍSTICO É A VERDADEIRA RENÚNCIA

Este mundo não é para covardes. Não tente voar. Não procure sucesso ou fracasso. Junte-se à vontade perfeitamente altruísta e trabalhe. Saiba que a mente que nasce para ter sucesso se une a uma vontade determinada e persevera. Você tem direito ao trabalho, mas não se degenere a ponto de buscar resultados. Trabalhe incessantemente, mas veja algo por trás do trabalho. Até as boas ações podem deixar um homem em grande cativeiro. Portanto, não se limite a boas ações ou ao desejo de nome e fama. Aqueles que conhecem este segredo passam além deste ciclo de nascimento e morte e tornam-se imortais.

O Sannyâsin comum desiste do mundo, sai e pensa em Deus. O verdadeiro Sannyâsin vive no mundo, mas não faz parte dele. Aqueles que negam a si mesmos, vivem na floresta e ruminam desejos insatisfeitos não são verdadeiros renunciantes. Viva no meio da batalha da vida. Qualquer um pode manter a calma em uma caverna ou dormindo. Entre no turbilhão e na loucura da ação e chegue ao Centro. Se você encontrou o Centro, você não pode ser movido.

6.2.5 LIBERDADE DE SI

Assim como não podemos saber, exceto através de efeitos, que temos olhos, também não podemos ver o Ser, exceto por Seus efeitos. Não pode ser reduzido ao plano inferior da percepção sensorial. É a condição de tudo no universo, embora seja incondicionado. Quando sabemos que somos o Eu, então somos livres. O Eu nunca pode mudar. Não pode ser influenciado por uma causa, porque Ele próprio é a causa. É auto-causado. Se pudermos encontrar em nós mesmos algo que não seja influenciado por nenhuma causa, então conhecemos o Ser.

A liberdade está inseparavelmente ligada à imortalidade. Para ser livre é preciso estar acima das leis da natureza. A lei existe enquanto formos ignorantes. Quando o conhecimento chega, então descobrimos que essa lei nada mais é do que liberdade em nós mesmos. A vontade nunca pode ser livre, porque é escrava da causa e do efeito. Mas o “eu” por trás da vontade é livre; e este é o Eu. “Eu sou livre” – esta é a base sobre a qual construir e viver. E liberdade significa imortalidade.

6.2.6 NOTAS SOBRE O VEDANTA

As características cardeais da religião hindu baseiam-se na filosofia meditativa e especulativa e nos ensinamentos éticos contidos nos vários livros dos Vedas, que afirmam que o universo é infinito em espaço e eterno em duração. Nunca teve começo e nunca terá fim. Inumeráveis foram as manifestações do poder do Espírito no reino da matéria, da força ou do Infinito no domínio do finito, mas o próprio Infinito é autoexistente, eterno e imutável. A passagem do tempo não deixa nenhuma marca no mostrador da eternidade. Em sua região supersensual, que não pode ser compreendida pelo entendimento humano, não há passado nem futuro.

Os Vedas ensinam que a alma do homem é imortal. O corpo está sujeito à lei do crescimento e da decadência. O que cresce deve necessariamente decair. Mas o espírito residente está relacionado com a vida infinita e eterna; nunca teve um começo e nunca terá um fim. Uma das principais distinções entre a religião védica e a cristã é que a religião cristã ensina que

cada alma humana teve o seu início no seu nascimento neste mundo; enquanto a religião védica afirma que o espírito do homem é uma emanção do Ser Eterno e não teve mais começo do que o próprio Deus. Inúmeras foram e serão suas manifestações na passagem de uma personalidade para outra, sujeita à grande lei da evolução espiritual, até atingir a perfeição, quando não há mais mudança.

6.2.7 HINDU E GREGO

Três montanhas são típicas do progresso – o Himalaia da civilização indo-ariana, o Sinai da civilização hebraica e o Olimpo da civilização grega. Quando os arianos chegaram à Índia, encontraram o clima tão quente que não trabalhavam incessantemente, então começaram a pensar; assim, eles se tornaram introspectivos e desenvolveram a religião. Descobriram que não havia limite para o poder da mente; eles, portanto, procuraram dominar isso; e através dele aprenderam que havia algo infinito enrolado na estrutura que chamamos de homem, que procurava tornar-se cinético. Evoluir isso se tornou seu objetivo principal. Outro ramo dos arianos dirigiu-se para o país menor e mais pitoresco da Grécia, onde o clima e as condições naturais eram mais favoráveis; assim, sua atividade se voltou para fora e eles desenvolveram as artes externas e a liberdade externa. Os gregos buscaram a liberdade política. O hindu sempre buscou a liberdade espiritual. Ambos são unilaterais. O índio não se preocupa o suficiente com a proteção nacional ou com o patriotismo, ele defenderá apenas a sua religião; enquanto com os gregos e na Europa (onde a civilização grega encontra a sua continuação) o país vem em primeiro lugar. Preocupar-se apenas com a liberdade espiritual e não com a liberdade social é um defeito, mas o oposto é um defeito ainda maior. A liberdade da alma e do corpo deve ser buscada.

6.2.8 PENSAMENTOS SOBRE OS VEDAS E OS UPANISHADS

O altar sacrificial védico foi a origem da Geometria.

A invocação dos Devas, ou dos brilhantes, era a base da adoração. A ideia é que aquele que é invocado seja ajudado e ajude.

Os hinos não são apenas palavras de louvor, mas palavras de poder, sendo pronunciados com a atitude mental correta.

Os céus são apenas outros estados de existência com sentidos adicionais e poderes intensificados.

Todos os corpos superiores também estão sujeitos à desintegração, assim como o físico. A morte chega a todas as formas de corpos nesta e em outras vidas. Devas também são mortais e só podem proporcionar prazer.

Atrás de todos os Devas existe o Ser Unificado – Deus, assim como por trás deste corpo existe algo superior que sente e vê.

Os poderes de criação, preservação e destruição do Universo, e os atributos, como onipresença, onisciência e onipotência, fazem de Deus os deuses.

"Ouçam, filhos da Imortalidade! Ouçam, Devas que vivem em esferas superiores!" (Shvetâshvatara, II. 5). "Descobri um raio além de toda escuridão, além de toda dúvida. Encontrei o Ancião" (ibid. III. 8). O caminho para isso está contido nos Upanishads.

Na terra morremos. No céu morremos. No mais alto céu morremos. Somente quando alcançamos Deus é que alcançamos a vida e nos tornamos imortais.

Os Upanishads tratam apenas disso. O caminho dos Upanishads é o caminho puro. Muitos costumes, costumes e alusões locais não podem ser compreendidos hoje. Através deles, porém, a verdade se torna clara. Os Céus e a Terra são todos jogados fora para chegar à Luz.

Os Upanishads declaram:

"Ele, o Senhor, interpenetrou o universo. É tudo dele."

“Ele, o Onipresente, Aquele sem segundo, Aquele sem corpo, puro, o grande poeta do universo, cujo medidor são os sóis e as estrelas, está dando a cada um o que ele merece” (Isha Upanishad, 8, adaptado) .

"Eles estão tateando na escuridão total aqueles que tentam alcançar a Luz por meio de cerimoniais. E aqueles que pensam que esta natureza é tudo estão na escuridão. Aqueles que desejam sair da natureza através deste pensamento estão tateando em trevas ainda mais profundas" (Isha, 9).

Então os cerimoniais são ruins? Não, eles beneficiarão aqueles que estão chegando.

Em um dos Upanishads (isto é, Katha), esta pergunta é feita por Nachiketâ, um jovem: “Alguns dizem que um homem morto se foi; outros, ele ainda está vivo. responda-me." Yama responde: "Mesmo os Devas, muitos deles, não sabem - muito menos os homens. Rapaz, não me pergunte esta resposta." Mas Nachiketa persiste. Yama responde novamente: "Os prazeres dos deuses, mesmo estes eu ofereço a você. Não insista em sua pergunta." Mas Nachiketa estava firme como uma rocha. Então o deus da morte disse: "Meu rapaz, você recusou, pela terceira vez, riqueza, poder, vida longa, fama, família. Você é corajoso o suficiente para perguntar a verdade mais elevada. Eu vou te ensinar. Existem duas maneiras , um de verdade; um de prazer. Você escolheu o primeiro.

Agora observe aqui as condições para transmitir a verdade. Primeiro, a pureza – um menino, uma alma pura e sem nuvens, perguntando o segredo do universo. Segundo, que ele deve aceitar a verdade apenas pela verdade.

Até que a verdade chegue através de alguém que tenha tido a realização, de alguém que a tenha percebido, ela não poderá se tornar frutífera. Os livros não podem fornecê-lo, os argumentos não podem estabelecê-lo. A verdade chega àquele que conhece o seu segredo.

Depois de recebê-lo, fique quieto. Não se deixe abalar por argumentos vãos. Chegue à sua própria realização. Só você pode fazer isso.

Nem felicidade nem miséria, vício nem virtude, conhecimento nem não-conhecimento é isso. Você deve perceber isso. Como posso descrever isso para você?

Aquele que clama de todo o coração: “Ó Senhor, só quero a Ti” – a ele o Senhor se revela. Seja puro, fique calmo; a mente, quando agitada, não consegue refletir o Senhor.

"Aquele a quem os Vedas declaram, Aquele a quem servimos com oração e sacrifício, Om é o nome sagrado daquele Indescritível. Esta palavra é a mais sagrada de todas as palavras. Aquele que conhece o segredo desta palavra recebe aquilo que ele deseja." Refugie-se nesta palavra. Quem se refugia nesta palavra, para ele o caminho se abre.

6.2.9 É RAJA IOGA

O primeiro estágio do Yoga é Yama.

Para dominar Yama são necessárias cinco coisas:

- (1) Não ferir qualquer ser por pensamento, palavra e ação.
- (2) Falar a verdade em pensamento, palavra e ação
- (3) Não cobiça em pensamentos, palavras e ações.
- (4) Castidade perfeita em pensamento, palavra e ação.
- (5) Impecabilidade perfeita em pensamentos, palavras e ações.

A santidade é o maior poder. Todo o resto estremece diante disso.

Depois vem o Âsana, ou postura, de um devoto. O assento deve ser firme, a cabeça, as costelas e o corpo em linha reta, eretos. Diga a si mesmo que você está firmemente sentado e que nada pode movê-lo. Depois mencione a perfeição do corpo, aos poucos, da cabeça aos pés. Pense nele como sendo

precioso como o cristal e como um navio perfeito para navegar pelo mar da vida.

Ore a Deus e a todos os profetas e salvadores do mundo e aos espíritos santos do universo para ajudá-lo.

Então, por meia hora, pratique Prânâyama ou suspensão, restrição e controle da respiração, repetindo mentalmente a palavra Om enquanto inspira e expira. Palavras carregadas de espírito têm um poder maravilhoso.

Os outros estágios do Yoga são: (1) Pratyâhâra ou a restrição dos órgãos dos sentidos de todas as coisas exteriores, e direcionando-os inteiramente para as impressões mentais; (2) Dhâranâ ou concentração constante; (3) Dhyâna ou meditação; (4) Samâdhi ou meditação abstrata. É o estágio mais elevado e último do Yoga. Samadhi é a absorção perfeita do pensamento no Espírito Supremo, quando alguém percebe. "Eu e meu Pai somos um."

Faça uma coisa de cada vez e, ao fazê-lo, coloque toda a sua alma nisso, excluindo todo o resto.

6.2.10 SOBRE BHAKTI-YOGA

Bhakti-Yoga é o caminho da devoção sistematizada para alcançar a união com o Absoluto. É o caminho mais fácil e seguro para a religião ou realização.

O amor a Deus é o essencial para sermos perfeitos neste caminho.

Existem cinco estágios do amor.

Primeiro, o homem quer ajuda e tem um pouco de medo.

Segundo, quando Deus é visto como Pai.

Terceiro, quando Deus é visto como Mãe. Então todas as mulheres são vistas como reflexos do Deus-Mãe. Com a ideia de Deus-Mãe começa o verdadeiro amor.

Quarto, amor por amor. O amor pelo amor transcende todas as qualidades.

Quinto, amor na união Divina. Isso leva à unidade ou superconsciência.

Deus é Pessoal e Impessoal, assim como nós somos pessoais e impessoais.

A oração e o louvor são os primeiros meios de crescimento. Repetir os nomes de Deus tem um poder maravilhoso.

Mantra é uma palavra especial, ou texto sagrado, ou nome de Deus escolhido pelo Guru para repetição e reflexão do discípulo. O discípulo deve concentrar-se numa personalidade para oração e louvor, e essa é a sua Ishta.

Estas palavras (Mantras) não são sons de palavras, mas o próprio Deus, e nós as temos dentro de nós. Pense Nele, fale Dele. Nenhum desejo pelo mundo! O Sermão da Montanha de Buda foi: "Como você pensa, assim é você."

Depois de atingir a superconsciência, o Bhakta desce novamente ao amor e à adoração.

O amor puro não tem motivo. Não tem nada a ganhar.

Depois da oração e do louvor vem a meditação. Depois vem a reflexão sobre o nome e sobre o Ishta do indivíduo.

Ore para que aquela manifestação que é nosso Pai, nossa Mãe, possa cortar nossos laços.

Ore: "Tome-nos pela mão como um pai leva seus filhos e não nos deixe".

Ore: "Eu não quero riqueza ou beleza, neste mundo ou em outro, mas a Ti, ó Deus! Senhor! Estou cansado. Oh, tome-me pela mão, Senhor, eu me abrigo em Ti. Faça de mim Teu servo. Seja Tu é meu refúgio."

Ore: "Tu, nosso Pai, nossa Mãe, nosso querido amigo! Tu que suportas este universo, ajuda-nos a carregar o pequeno fardo desta nossa vida. Não nos deixe. Nunca nos separemos de Ti. Vamos sempre habitar em Ti." ."

Quando o amor a Deus é revelado e é tudo, este mundo aparece como uma gota.

Passe da inexistência para a existência, das trevas para a luz.

6.2.11 SOBRE JNANA-YOGA

Primeiro, a meditação deve ser de natureza negativa. Pense em tudo. Analise tudo o que vem à mente pela pura ação da vontade.

Em seguida, afirme o que realmente somos – existência, conhecimento e felicidade – sendo, sabendo e amando.

A meditação é o meio de unificação do sujeito e do objeto. Meditar:

Acima, está cheio de mim; abaixo, está cheio de mim; no meio, está cheio de mim. Estou em todos os seres e todos os seres estão em mim. Om Tat Sat, eu sou isso. Eu sou a existência acima da mente. Eu sou o único Espírito do universo. Não sou prazer nem dor.

O corpo bebe, come e assim por diante. Eu não sou o corpo. Eu não me importo. Eu sou ele.

Eu sou a testemunha. Eu olho. Quando a saúde chega, eu sou a testemunha. Quando a doença chega, eu sou a testemunha.

Eu sou Existência, Conhecimento, Bem-aventurança.

Eu sou a essência e o néctar do conhecimento. Através da eternidade eu não mudo. Sou calmo, resplandecente e imutável.

6.2.12 A REALIDADE E A SOMBRA

O que diferencia uma coisa de outra é o tempo, o espaço e a causalidade.

A diferenciação está na forma e não na substância.

Você pode destruir a forma e ela desaparecerá para sempre; mas a substância permanece a mesma. Você nunca pode destruir a substância.

A evolução está na natureza, não na alma – evolução da natureza, manifestação da alma.

Maya não é uma ilusão como é popularmente interpretada. Maya é real, mas não é real. É real porque o Real está por trás dele e lhe dá a aparência de realidade. Aquilo que é real em Maya é a Realidade em e através de Maya. Contudo, a Realidade nunca é vista; e, portanto, aquilo que é visto é irreal e não tem existência real independente de si mesmo, mas depende do Real para sua existência.

Maya é então um paradoxo – real, mas não real, uma ilusão, mas não uma ilusão.

Aquele que conhece o Real não vê em Maya uma ilusão, mas uma realidade. Aquele que não conhece o Real vê em Maya a ilusão e pensa que é real.

6.2.13 COMO SE TORNAR LIVRE

Todas as coisas na natureza funcionam de acordo com a lei. Nada é exceção. A mente, assim como tudo na natureza externa, é governado e controlado pela lei.

A natureza interna e externa, a mente e a matéria, estão no tempo e no espaço e estão sujeitas à lei da causalidade.

A liberdade da mente é uma ilusão. Como pode a mente ser livre quando é controlada e sujeita à lei?

A lei do Karma é a lei da causalidade.

Devemos nos tornar livres. Nós somos livres; o trabalho é saber disso. Devemos abandonar toda escravidão, qualquer tipo de servidão. Não

devemos apenas abandonar a nossa escravidão à terra e a tudo e a todos na terra, mas também a todas as ideias de céu e felicidade.

Estamos ligados à terra pelo desejo e também a Deus, ao céu e aos anjos. Um escravo é um escravo, seja do homem, de Deus ou dos anjos.

A ideia do céu deve desaparecer. A ideia do paraíso após a morte, onde os bons vivem uma vida de felicidade eterna, é um sonho vazio, sem uma partícula de significado ou sentido. Onde quer que haja felicidade, algum dia deverá seguir-se a infelicidade. Onde quer que haja prazer, deve haver dor. Isso é absolutamente certo, toda ação tem sua reação de alguma forma.

A ideia de liberdade é a única ideia verdadeira de salvação – liberdade de tudo, dos sentidos, seja do prazer ou da dor, do bem como do mal.

Mais do que isso, devemos estar livres da morte e, para estarmos livres da morte, devemos estar livres da vida. A vida é apenas um sonho de morte. Onde há vida, haverá morte; então afaste-se da vida se quiser se livrar da morte.

Seremos sempre livres se apenas acreditarmos nisso, se apenas tivermos fé suficiente. Você é a alma, livre e eterna, sempre livre, sempre abençoada. Tenha fé suficiente e você estará livre em um minuto.

Tudo no tempo, espaço e causalidade está vinculado. A alma está além de todo tempo, de todo espaço, de toda causalidade. O que está vinculado é a natureza, não a alma.

Portanto, proclame a sua liberdade e seja o que você é – sempre livre, sempre abençoado.

Chamamos tempo, espaço e causalidade de Maya.

6.2.14 ALMA E DEUS

Tudo o que está no espaço tem forma. O próprio espaço tem forma. Ou você está no espaço ou o espaço está em você. A alma está além de todo o

espaço. O espaço está na alma, não a alma no espaço.

A forma está confinada ao tempo e ao espaço e está sujeita à lei da causalidade. Todo o tempo está em nós, não estamos no tempo. Como a alma não está no tempo e no espaço, todo o tempo e espaço estão dentro da alma. A alma é, portanto, onipresente.

Nossa ideia de Deus é o reflexo de nós mesmos.

O persa antigo e o sânscrito têm afinidades.

A ideia primitiva de Deus era identificar Deus com diferentes formas de natureza – adoração da natureza. O próximo estágio foi o Deus tribal. A próxima etapa, a adoração dos reis.

A ideia de Deus no céu é predominante em todas as nações, exceto na Índia. A ideia é muito grosseira.

A ideia da continuidade da vida é tola. Nunca poderemos nos livrar da morte até que nos livremos da vida.

6.2.15 O OBJETIVO

O dualismo reconhece que Deus e a natureza estão eternamente separados: o universo e a natureza são eternamente dependentes de Deus.

Os monistas extremistas não fazem tal distinção. Em última análise, afirmam eles, tudo é Deus: o universo perde-se em Deus; Deus é a vida eterna do universo.

Para eles, infinito e finito são meros termos. O universo, a natureza, etc. existem em virtude da diferenciação. A própria natureza é diferenciação.

Perguntas como: "Por que Deus criou o universo?" "Por que o Todo-Perfeito criou o imperfeito?" etc., nunca podem ser respondidas, porque tais questões são absurdos lógicos. A razão existe na natureza; além da natureza, não existe. Deus é onipotente, portanto perguntar por que Ele fez

isso ou aquilo é limitá-Lo; pois implica que há um propósito em Ele criar o universo. Se Ele tem um propósito, deve ser um meio para atingir um fim, e isso significaria que Ele não poderia ter o fim sem os meios. As perguntas, por que e por que, só podem ser feitas a respeito de algo que depende de outra coisa.

6.2.16 SOBRE A PROVA DE RELIGIÃO

A grande questão sobre a religião é: o que a torna tão anticientífica? Se a religião é uma ciência, por que não é tão certa quanto outras ciências? Todas as crenças em Deus, no céu, etc., são meras conjecturas, meras crenças. Parece não haver nada certo sobre isso. Nossas idéias sobre religião estão mudando o tempo todo. A mente está em constante estado de fluxo.

O homem é uma alma, uma substância imutável, ou é uma quantidade em constante mudança? Todas as religiões, exceto o budismo primitivo, acreditam que o homem é uma alma, uma identidade, uma unidade que nunca morre, mas é imortal.

Os budistas primitivos acreditam que o homem é uma quantidade em constante mudança, e que a sua consciência consiste numa sucessão quase infinita de mudanças incalculavelmente rápidas, cada mudança, por assim dizer, sendo desligada das outras, permanecendo sozinha, impedindo assim a teoria da lei. de sequência ou causalidade.

Se existe uma unidade, existe uma substância. Uma unidade é sempre simples. Um simples não é composto de nada. Não depende de mais nada. Ele está sozinho e é imortal.

Os budistas primitivos afirmam que tudo está desconectado; nada é uma unidade; e que a teoria de que o homem é uma unidade é uma mera crença e não pode ser provada.

Agora a grande questão é: o homem é uma unidade ou é uma massa em constante mudança?

Só há uma maneira de provar isso, de responder a essa pergunta. Pare os giros da mente e a teoria de que um homem é uma unidade, um simples, será demonstrada. Todas as mudanças estão em mim, na Chitta, a substância mental. Eu não sou as mudanças. Se estivesse, não poderia detê-los.

Todo mundo está tentando fazer com que ele mesmo e todos os outros acreditem que este mundo é muito bom, que ele é perfeitamente feliz. Mas quando o homem parar para questionar seus motivos na vida, ele verá que a razão pela qual ele está lutando depois disso é porque ele não consegue evitar. Ele deve seguir em frente. Ele não consegue parar, então tenta acreditar que realmente quer isso e aquilo. Aquele que realmente consegue fazer-se acreditar que está se divertindo é o homem de esplêndida saúde física. Este homem responde aos seus desejos instantaneamente, sem questionar. Ele age em resposta a esse poder dentro dele, incentivando-o sem pensar, como se agisse porque queria. Mas quando ele foi bastante espancado pela natureza, quando recebeu muitos ferimentos e hematomas, ele começa a questionar o significado de tudo isso; e à medida que se magoa mais e pensa mais, percebe que é impelido por um poder que está além do seu controle e que age simplesmente porque deve. Então ele começa a se rebelar e a batalha começa.

Agora, se existe uma saída para todo esse problema, ela está dentro de nós mesmos. Estamos sempre tentando perceber a Realidade. Instintivamente estamos sempre tentando fazer isso. É a criação na alma humana que encobre Deus; é por isso que há tanta diferença nos ideais de Deus. Somente quando a criação parar poderemos encontrar o Absoluto. O Absoluto está na alma, não na criação. Assim, ao pararmos a criação, passamos a conhecer o Absoluto. Quando pensamos em nós mesmos, pensamos no corpo; e quando pensamos em Deus, pensamos Nele como corpo. Parar os giros da mente, para que a alma possa se manifestar, é o trabalho. O treinamento começa com o corpo. A respiração treina o corpo, coloca-o em estado harmonioso. O objetivo dos exercícios respiratórios é atingir a meditação e a concentração. Se você conseguir ficar absolutamente imóvel por apenas um momento, você alcançou a meta. A mente pode continuar trabalhando depois disso; mas nunca mais será a mesma mente. Você se conhecerá como você é – seu verdadeiro Eu. Acalme a mente, apenas por um momento, e a verdade de sua verdadeira natureza brilhará

sobre você, e a liberdade estará próxima: não haverá mais escravidão depois disso. Isto decorre da teoria de que se você pode conhecer um instante do tempo, você conhece todo o tempo, pois o todo é a rápida sucessão de um. Domine aquele que você conhece completamente em um instante – e a liberdade será alcançada.

Todas as religiões acreditam em Deus e na alma, exceto o budista primitivo. Os budistas modernos acreditam em Deus e na alma. Entre os budistas primitivos estão os birmaneses, os siameses, os chineses, etc.

O livro de Arnold, *The Light of Asia*, representa mais o Vedantismo do que o Budismo.

6.2.17 A TEORIA DO DESIGN

A ideia de que a natureza, em todos os seus arranjos ordenados, mostra um desígnio por parte do Criador do universo é boa como um ensino de jardim de infância para mostrar a beleza, o poder e a glória de Deus, a fim de conduzir as crianças na religião até uma concepção filosófica de Deus; mas, fora isso, não é bom e é perfeitamente ilógico. Como ideia filosófica, é totalmente sem fundamento, se Deus for considerado onipotente.

Se a natureza mostra o poder de Deus ao criar o universo, (então) ter um desígnio ao fazê-lo também mostra Sua fraqueza. Se Deus é onipotente, Ele não precisa de nenhum desígnio, nenhum esquema, para fazer qualquer coisa. Ele tem apenas que desejar, e está feito. Nenhuma questão, nenhum esquema, nenhum plano de Deus na natureza.

O universo material é o resultado da consciência limitada do homem. Quando o homem se tornar consciente da sua divindade, toda a matéria, toda a natureza, tal como a conhecemos, deixará de existir.

O mundo material, como tal, não tem lugar na consciência da Presença Total como uma necessidade de qualquer fim. Se assim fosse, Deus estaria limitado pelo universo. Dizer que a natureza existe por Sua permissão não é dizer que ela existe como uma necessidade para Ele tornar o homem perfeito, ou por qualquer outra razão.

É uma criação para a necessidade do homem, não para a necessidade de Deus. Não existe nenhum esquema de Deus no plano do universo. Como poderia haver algum se Ele é onipotente? Por que Ele deveria precisar de um plano, ou de um esquema, ou de uma razão para fazer alguma coisa? Dizer que Ele tem é limitá-Lo e roubá-Lo de Seu caráter de onipotência.

Por exemplo, se você chegasse a um rio muito largo, tão largo que não conseguiria atravessá-lo a não ser construindo uma ponte, o próprio fato de que você teria que construir a ponte para atravessar o rio mostraria sua limitação, mostraria sua fraqueza, mesmo que a capacidade de construir a ponte tenha mostrado sua força. Se você não estivesse limitado, mas pudesse simplesmente voar ou pular, você não teria a necessidade de construir a ponte; e construir a ponte apenas para exibir seu poder mostraria novamente sua fraqueza ao mostrar sua vaidade, mais do que qualquer outra coisa.

Monismo e dualismo são essencialmente a mesma coisa. A diferença consiste na expressão. Assim como os dualistas consideram que o Pai e o Filho são dois, os monistas consideram que eles são realmente um. O dualismo está na natureza, na manifestação, e o monismo é pura espiritualidade em essência.

A ideia de renúncia e sacrifício está em todas as religiões como um meio para chegar a Deus.

6.2.18 ESPÍRITO E NATUREZA

A religião é a realização do Espírito como Espírito; não o Espírito como matéria.

A religião é um crescimento. Cada um deve experimentar por si mesmo. Os cristãos acreditam que Jesus Cristo morreu para salvar o homem. Para você é a crença em uma doutrina, e essa crença constitui a sua salvação. Conosco, a doutrina não tem nada a ver com a salvação. Cada um pode acreditar na doutrina que quiser; ou em nenhuma doutrina. Que diferença faz para você se Jesus Cristo viveu em uma determinada época ou não? O que tem a ver com você o fato de Moisés ter visto Deus na sarça ardente? O

fato de Moisés ter visto Deus na sarça ardente não significa que você O viu, não é? Se isso acontecer, então o fato de Moisés ter comido é suficiente para você; você deveria parar de comer. Um é tão sensato quanto o outro. Os registros de grandes homens espirituais do passado não nos fazem nenhum bem, exceto que nos incentivam a fazer o mesmo, a experimentar a religião nós mesmos. O que quer que Cristo ou Moisés ou qualquer outra pessoa tenha feito não nos ajuda em nada, exceto para nos encorajar.

Cada um tem uma natureza especial que lhe é peculiar, que deve seguir e através da qual encontrará o caminho para a liberdade. Seu professor deve ser capaz de lhe dizer qual é o seu caminho particular na natureza e colocá-lo nele. Ele deve saber pela sua cara onde você pertence e deve ser capaz de indicá-lo para você. Você nunca deve tentar seguir o caminho de outra pessoa, pois esse é o caminho dele, não o seu. Quando esse caminho for encontrado, você não terá nada a fazer senão cruzar os braços e a maré o levará à liberdade. Portanto, quando você encontrá-lo, nunca se desvie dele. O seu caminho é o melhor para você, mas isso não é sinal de que seja o melhor para os outros.

Os verdadeiramente espirituais veem o Espírito como Espírito, não como matéria. É o Espírito que faz a natureza se mover; É a realidade da natureza. Portanto, a ação está na natureza; não no Espírito. O Espírito é sempre o mesmo, imutável, eterno. Espírito e matéria são na realidade a mesma coisa; mas o Espírito, como tal, nunca se torna matéria; e a matéria, como tal, nunca se torna Espírito.

O Espírito nunca age. Por que deveria? Simplesmente é, e isso é suficiente. É pura existência absoluta e não tem necessidade de ação.

Você não está sujeito à lei. Isso está na sua natureza. A mente está na natureza e está sujeita à lei. Toda a natureza está sujeita à lei, à lei da sua própria acção; e esta lei nunca pode ser quebrada. Se você pudesse quebrar uma lei da natureza, toda a natureza acabaria num instante. Não haveria mais natureza. Aquele que alcança a liberdade quebra a lei da natureza, e para ele a natureza desaparece e não tem mais poder sobre ele. Cada um infringirá a lei, mas de uma vez por todas; e isso acabará com seu problema com a natureza.

Governos, sociedades, etc. são males comparativos. Todas as sociedades são baseadas em más generalizações. No momento em que vocês formam uma organização, vocês começam a odiar todos fora dessa organização. Quando você ingressa em uma organização, você impõe limites a si mesmo, limita sua própria liberdade. A maior bondade é a maior liberdade. O nosso objectivo deve ser permitir que o indivíduo avance em direcção a esta liberdade. Mais bondade, menos leis artificiais. Tais leis não são leis de forma alguma. Se fosse uma lei, não poderia ser violada. O facto de estas chamadas leis serem violadas mostra claramente que não são leis. Uma lei é aquilo que não pode ser quebrado.

Sempre que você suprime um pensamento, ele é simplesmente pressionado para fora da vista, enrolado como uma mola, apenas para saltar novamente a qualquer momento, com toda a força reprimida resultante da supressão, e em poucos momentos o que teria feito num período muito mais longo.

Cada grama de prazer traz seu quilo de dor. É a mesma energia que ora se manifesta como prazer, ora como dor. Assim que um conjunto de sensações cessa, outro começa. Mas em alguns casos, em pessoas mais avançadas, pode-se ter dois, sim, até cem pensamentos diferentes entrando em operação ativa ao mesmo tempo.

A mente é ação de sua própria natureza. Atividade mental significa criação. O pensamento é seguido pela palavra, e a palavra pela forma. Toda essa criação terá que parar, tanto mental quanto física, antes que a mente possa refletir a alma.

6.2.19 A PRÁTICA DA RELIGIÃO

(Na Alameda, Califórnia, 18 de março de 1900)

Lemos muitos livros, mas isso não nos traz conhecimento. Podemos ler todas as Bíblias do mundo, mas isso não nos dará religião. A religião teórica é bastante fácil de conseguir, qualquer um pode conseguir isso. O que queremos é religião prática.

A ideia cristã de uma religião prática consiste em fazer boas obras – utilidade mundana.

Para que serve a utilidade? Julgada de um ponto de vista utilitário, a religião é um fracasso. Cada hospital é uma oração para que mais pessoas cheguem lá. O que se entende por caridade? A caridade não é fundamental. Está realmente ajudando a miséria do mundo, não erradicando-a. Procura-se nome e fama e cobre seus esforços para obtê-los com o esmalte da caridade e das boas obras. Ele está trabalhando para si mesmo sob o pretexto de trabalhar para os outros. Toda suposta caridade é um incentivo ao próprio mal contra o qual afirma operar.

Homens e mulheres vão a bailes e dançam a noite toda em homenagem a algum hospital ou outra instituição de caridade e depois voltam para casa, comportam-se como animais e trazem demônios ao mundo para encher prisões, manicômios e hospitais. Assim continua, e é chamado de boas obras – construir hospitais, etc. O ideal das boas obras é diminuir, ou erradicar, a miséria do mundo. O Yogi diz que todo sofrimento vem de não sermos capazes de controlar a mente. O ideal do Yogi é a liberdade da natureza. A conquista da natureza é o seu padrão de trabalho. O Iogue diz que todo o poder está na alma e, pelo controle da mente e do corpo, conquista-se a natureza pelo poder da alma.

Cada grama de músculo que excede o que está além das necessidades do trabalho físico é muito menos cérebro. Não se exercite muito; é prejudicial. Quem não trabalha duro viverá mais. Coma menos e trabalhe menos. Armazene comida para o cérebro.

O trabalho doméstico é suficiente para as mulheres.

Não faça a lâmpada queimar rapidamente; deixe queimar lentamente.

Dieta adequada significa dieta simples, não muito apimentada.

6.2.20 NOTAS FRAGMENTÁRIAS SOBRE O RAMAYANA

Adore Aquele que é o único que está ao nosso lado, quer estejamos fazendo o bem ou o mal; que nunca nos abandona mesmo; como o amor nunca derruba, como o amor não conhece troca, nem egoísmo.

Rama era a alma do velho rei; mas ele era um rei e não podia voltar atrás em sua palavra.

“Onde quer que Rama vá, lá vou eu”, diz Lakshmana, o irmão mais novo

A esposa do irmão mais velho para nós, hindus, é como uma mãe.

Finalmente encontrou Sitâ, pálida e magra, como um pedacinho de lua que jaz baixo ao pé do horizonte.

Sita era a própria castidade; ela nunca tocaria o corpo de outro homem, exceto o de seu marido.

“Pura? Ela é a própria castidade”, diz Rama.

Drama e música são por si só religião; qualquer canção, canção de amor ou qualquer canção, não importa; se toda a alma de alguém estiver nessa canção, ele alcança a salvação, apenas por isso; nada mais ele precisa fazer; se toda a alma de um homem está nisso, sua alma obtém a salvação. Dizem que isso leva ao mesmo objetivo.

Esposa - a correligionária. Centenas de cerimônias o hindu tem de realizar, e nenhuma delas pode ser realizada se ele não tiver esposa. Você vê os sacerdotes amarrando-os juntos, e eles andam pelos templos e fazem grandes peregrinações amarrados.

Rama abandonou seu corpo e juntou-se a Sita no outro mundo.

Sita – a pura, a pura, a sofredora!

Sita é o nome na Índia para tudo o que é puro e sagrado; tudo o que nas mulheres chamamos de mulher.

Sita – a esposa paciente, sofredora, sempre fiel e sempre pura! Apesar de todo o sofrimento que ela passou, não houve uma palavra dura contra

Rama.

Sita nunca se machucou.

"Seja Sita!"

6.2.21 NOTAS TOMADAS EM MADRAS, 1892-93

Os três fundamentos do Hinduísmo são a crença em Deus, nos Vedas como revelação, na doutrina do Karma e na transmigração.

Se estudarmos os Vedas nas entrelinhas, veremos uma religião de harmonia.

Um ponto de diferença entre o Hinduísmo e outras religiões é que no Hinduísmo passamos de verdade em verdade – de uma verdade inferior para uma verdade superior – e nunca do erro para a verdade.

Os Vedas devem ser estudados através dos olhos da evolução. Eles contêm toda a história do progresso da consciência religiosa, até que a religião tenha alcançado a perfeição na unidade.

Os Vedas são Anâdi, eternos. O significado da afirmação não é, como alguns erroneamente supõem, que as palavras dos Vedas sejam Anadi, mas que as leis espirituais inculcadas pelos Vedas são tais. Estas leis que são imutáveis e eternas foram descobertas em vários momentos por grandes homens ou Rishis, embora algumas delas estejam esquecidas agora, enquanto outras são preservadas.

Quando várias pessoas de vários ângulos e distâncias olham para o mar, cada homem vê uma porção dele de acordo com o seu horizonte. Embora cada homem possa dizer que o que vê é o mar real, todos eles falam a verdade, pois todos veem porções da mesma vasta extensão. Assim, as escrituras religiosas, embora pareçam conter declarações variadas e conflitantes, falam a verdade, pois são todas descrições daquela Realidade infinita.

Quando alguém vê uma miragem pela primeira vez, confunde-a com a realidade e, depois de tentar em vão saciar sua sede nela, descobre que se trata de uma miragem. Mas sempre que ele vir tal fenômeno no futuro, apesar da aparente realidade, a ideia de que ele vê uma miragem sempre se apresentará a ele. Assim é o mundo de Mâyâ para um Jivanmukta (o liberado na vida).

Alguns dos segredos védicos eram conhecidos apenas por certas famílias, pois certos poderes existem naturalmente em algumas famílias. Com a extinção destas famílias, esses segredos desapareceram.

A anatomia védica não era menos perfeita que a ayurvédica.

Havia muitos nomes para muitas partes dos órgãos, porque era necessário cortar animais para sacrifício. O mar é descrito como cheio de navios. A viagem marítima foi proibida mais tarde, em parte porque surgiu o medo de que as pessoas pudessem se tornar budistas.

O budismo foi a rebelião dos Kshatriyas recém-formados contra o sacerdócio védico.

O Hinduísmo jogou fora o Budismo depois de tirar sua seiva. A tentativa de todos os Âchâryas do Sul foi efetuar uma reconciliação entre os dois. Os ensinamentos de Shankarâchârya mostram a influência do Budismo. Seus discípulos perverteram seus ensinamentos e os levaram a tal ponto extremo que alguns dos reformadores posteriores estavam certos ao chamar os seguidores do Acharya de "cripto-budistas".

* * *

Qual é o incognoscível de Spencer? É a nossa Maya. Os filósofos ocidentais têm medo do incognoscível, mas os nossos filósofos deram um grande salto para o desconhecido e venceram.

Os filósofos ocidentais são como abutres voando alto no céu, mas o tempo todo com os olhos fixos na carniça abaixo. Eles não podem atravessar o desconhecido e, portanto, voltam atrás e adoram o todo-poderoso dólar.

Houve duas linhas de progresso neste mundo – política e religiosa. No primeiro caso, os gregos são tudo, sendo as instituições políticas modernas apenas o desenvolvimento dos gregos; neste último, os hindus são tudo.

Minha religião é uma das quais o Cristianismo é uma ramificação e o Budismo um filho rebelde.

A química deixa de melhorar quando é encontrado um elemento do qual todos os outros são dedutíveis. A física deixa de progredir quando é encontrada uma força da qual todas as outras são manifestações. Assim, a religião deixa de progredir quando a unidade é alcançada, o que é o caso do Hinduísmo.

Não há nenhuma nova idéia religiosa pregada em qualquer lugar que não seja encontrada nos Vedas.

Em tudo, existem dois tipos de desenvolvimento – analítico e sintético. No primeiro caso, os hindus superam outras nações. Neste último eles são nulos. (Aqui pelo termo "síntese" entende-se uma generalização científica e pelo termo "análise" uma redução ontológica de fatos e objetos aos seus princípios imanentes. - Ed.)

Os hindus cultivaram o poder de análise e abstração. Nenhuma nação produziu ainda uma gramática como a de Pânini.

O importante trabalho de Râmânuja é a conversão de jainistas e budistas ao hinduísmo. Ele é um grande defensor da adoração de imagens. Ele introduziu o amor e a fé como meios potentes de salvação.

Mesmo no Bhagavata, são mencionados vinte e quatro Avatâras correspondentes aos vinte e quatro Tirthankaras dos jainistas, sendo o nome de Rishibhadeva comum a ambos.

A prática do Yoga confere o poder da abstração. A superioridade de um Siddha sobre os outros consiste em ser capaz de separar atributos de objetos e pensar neles de forma independente, dando-lhes realidade objetiva.

* * *

Os extremos opostos sempre se encontram e se assemelham. O maior devoto esquecido de si mesmo, cuja mente está absorta na contemplação do infinito Brahman, e o mais degradado e bêbado maníaco apresentam as mesmas exterioridades. Às vezes ficamos surpresos com a transição analógica de um para outro.

Homens extremamente nervosos têm sucesso como homens religiosos. Eles ficam fervorosos com tudo o que colocam na cabeça.

"Todos estão loucos neste mundo; alguns estão loucos por ouro, outros por mulheres, e alguns estão por Deus; se o afogamento é o destino do homem, é melhor ser afogado em um oceano de leite do que em uma piscina de esterco", respondeu um devoto acusado de loucura.

O Deus do Amor Infinito e o objeto do Amor sublime e infinito são pintados de azul. Krishna é pintado de azul, assim como o Deus do Amor de Salomão (Ver Antigo Testamento, Cântico de Salomão, I. 5, 7, 14). É uma lei natural que qualquer coisa sublime e infinita esteja associada à cor azul. Pegue um punhado de água, é absolutamente incolor. Mas olhe para o oceano profundo; é tão azul quanto qualquer coisa. Examine o espaço perto de você; é incolor. Mas olhe para a extensão infinita do céu; isso é azul.

Que os hindus, absortos no ideal, careciam de observação realista fica evidente a partir disso. Veja pintura e escultura. O que você vê nas pinturas hindus? Todos os tipos de figuras grotescas e não naturais. O que você vê em um templo hindu? Um Chaturbhanga (lit. dobrado em quatro lugares ou articulações do corpo). Nârâyana ou algo parecido. Mas leve em consideração qualquer quadro italiano ou estátua grega – que estudo da natureza você encontra neles! Um senhor durante vinte anos sentou-se acendendo uma vela na mão, para pintar uma senhora carregando uma vela na mão.

Os hindus progrediram nas ciências subjetivas.

Existem tantas condutas diferentes ensinadas nos Vedas quantas diferenças na natureza humana. O que é ensinado a um adulto não pode ser ensinado a uma criança.

Um Guru deveria ser um médico de homens. Ele deve compreender a natureza do seu discípulo e ensinar-lhe o método que melhor lhe convém.

Existem infinitas maneiras de praticar Yoga. Certos métodos produziram resultados bem-sucedidos com certos homens. Mas dois são de importância geral para todos: (1) Alcançar a realidade negando todas as experiências conhecidas, (2) Pensar que você é tudo, o universo inteiro. O segundo método, embora leve ao objetivo mais cedo que o primeiro, não é o mais seguro. Geralmente é acompanhado de grandes perigos que podem desviar um homem e impedi-lo de alcançar seu objetivo.

Existe esta diferença entre o amor ensinado pelo Cristianismo e aquele ensinado pelo Hinduísmo: o Cristianismo nos ensina a amar o nosso próximo como deveríamos desejar que eles nos amem; O hinduísmo nos pede para amá-los como a nós mesmos, na verdade, para nos vermos neles.

Um mangusto geralmente é mantido em uma caixa de vidro com uma longa corrente presa a ele, para que possa andar livremente. Quando ele sente o cheiro do perigo enquanto vagueia, com um salto ele entra na vitrine. Assim é um Yogi neste mundo.

* * *

Todo o universo é uma cadeia de existência, da qual a matéria forma um pólo e Deus o outro; a doutrina do Vishishtadvaitismo pode ser explicada por algumas dessas idéias.

Os Vedas estão repletos de passagens que provam a existência de um Deus Pessoal. Os Rishis, que através de longa devoção viram Deus, deram uma espiada no desconhecido e lançaram seu desafio ao mundo. São apenas homens presunçosos, que não trilharam o caminho descrito pelos Rishis e que não seguiram os seus ensinamentos, que os criticam e se opõem a eles. Ainda não se apresentou nenhum homem que ousasse dizer que seguiu corretamente as suas instruções e não viu nada e que estes homens são mentirosos. Há homens que passaram por provações diversas vezes e sentiram que não foram abandonados por Deus. O mundo é tal que se a fé em Deus não nos oferece nenhuma consolação, é melhor suicidar-nos.

Um piedoso missionário saiu a negócios. De repente, seus três filhos morreram de cólera. Sua esposa cobriu os três cadáveres de seus amados filhos com um lençol e esperava o marido no portão. Quando ele voltou, ela o deteve no portão e lhe perguntou: "Meu querido marido, alguém lhe confiou algo e, na sua ausência, de repente o devolveu. Você vai sentir pena?" Ele respondeu: "Certamente que não". Então ela o acolheu, tirou o lençol e mostrou os três cadáveres. Ele suportou isso com calma e enterrou os corpos. Tal é a força mental daqueles que mantêm uma fé firme na existência de um Deus todo-misericordioso que dispõe de tudo no universo.

O Absoluto nunca pode ser pensado. Não podemos ter ideia de uma coisa a menos que seja finita. Deus, o infinito, só pode ser concebido e adorado como o finito.

João Batista era um essênio – uma seita de budistas. A cruz cristã nada mais é do que o Shivalinga convertido em duas partes. Restos do culto budista ainda podem ser encontrados entre as relíquias da Roma antiga.

No sul da Índia, algumas das Râgas (melodias) são cantadas e lembradas como Ragas independentes, embora sejam derivações das seis principais. Em sua música há muito pouco de Murchhanâ, ou toques oscilantes de som. Até mesmo o uso do instrumento musical perfeito é raro. A Vinâ do Sul não é a verdadeira Vina. Não temos música marcial, nem poesia marcial. Bhavabhuti é um pouco marcial.

* * *

Cristo era um Sannyasin, e sua religião é essencialmente adequada apenas para os Sannyasins. Seus ensinamentos podem ser resumidos como: "Desistir"; nada mais – estar apto para os poucos favorecidos.

"Vire a outra face também!" - impossível, impraticável! Os ocidentais sabem disso. Destina-se àqueles que têm fome e sede de justiça, que almejam a perfeição.

"Defenda seus direitos" é a regra para os homens comuns. Um conjunto de regras morais não pode ser pregado a todos – Sadhus e chefes de família.

Todas as religiões sectárias presumem que todos os homens são iguais. Isto não é garantido pela ciência. Há mais diferença entre mentes do que entre corpos. Uma doutrina fundamental do Hinduísmo é que todos os homens são diferentes, existindo unidade na variedade. Mesmo para um bêbado, existem alguns Mantras – até mesmo para um homem que vai a uma prostituta!

Moralidade é um termo relativo. Existe algo como moralidade absoluta neste mundo? A ideia é uma superstição. Não temos o direito de julgar todos os homens, em todas as épocas, pelo mesmo padrão.

Cada homem, em cada época, em cada país, está sob circunstâncias peculiares. Se as circunstâncias mudarem, as ideias também deverão mudar. Comer carne já foi moral. O clima era frio e os cereais eram pouco conhecidos. A carne era o principal alimento disponível. Portanto, naquela época e naquele clima, a carne bovina era de certa forma indispensável. Mas hoje em dia o consumo de carne bovina é considerado imoral.

A única coisa imutável é Deus. A sociedade está se movendo. Jagat (mundo) significa aquilo que está em movimento. Deus é Achala (imóvel).

O que digo não é “Reforma”, mas “Seguir em frente”. Nada é tão ruim para reformar. A adaptabilidade é todo o mistério da vida – o princípio subjacente que serve para desdobrá-la. Ajuste ou adaptação é o resultado do Eu confrontado com forças externas que tendem a suprimi-Lo. Quem se ajusta melhor vive mais. Mesmo que eu não pregue isto, a sociedade está a mudar, tem de mudar. Não é o cristianismo nem a ciência, é a necessidade que está por baixo, a necessidade que as pessoas devem ter de viver ou morrer de fome.

* * *

As melhores paisagens do mundo podem ser vistas nas alturas sublimes do Himalaia. Se alguém mora lá por um tempo, certamente terá calma mental, por mais inquieto que possa ter sido antes.

Deus é a forma mais elevada de lei generalizada. Uma vez conhecida esta lei, todas as outras podem ser explicadas como subordinadas a ela. Deus é

para a religião o que a lei da gravidade de Newton é para os corpos em queda.

Toda adoração consiste em oração na forma mais elevada. Para um homem que não consegue fazer Dhyâna ou adoração mental, é necessário Pujâ ou adoração cerimonial. Ele deve ter a coisa concreta.

Somente os corajosos podem se dar ao luxo de ser sinceros. Compare o leão e a raposa.

Amar apenas o que há de bom em Deus e na natureza – até uma criança faz isso. Você também deveria amar o terrível e o doloroso. Um pai ama o filho, mesmo quando lhe causa problemas.

Shri Krishna era Deus, encarnado para salvar a humanidade. Gopi-Lilâ (seu divertimento com as criadas vaqueiras) é o ápice da religião do amor, na qual a individualidade desaparece e há comunhão. É nesta Lila que Shri Krishna mostra o que prega no Gitâ: “Desista de todos os outros laços por mim”. Vá e refugie-se sob Vrindavana-Lila para compreender Bhakti. Sobre este assunto existe um grande número de livros. É a religião da Índia. O maior número de hindus segue Shri Krishna.

Shri Krishna é o Deus dos pobres, do mendigo, do pecador, do filho, do pai, da esposa e de todos. Ele entra intimamente em todas as nossas relações humanas e santifica tudo e, no final, conduz-nos à salvação. Ele é o Deus que se esconde do filósofo e do erudito e se revela aos ignorantes e às crianças. Ele é o Deus da fé e do amor e não do aprendizado. Para as Gopis, amor e Deus eram a mesma coisa – elas sabiam que Ele era o amor encarnado.

Em Dwârakâ, Shri Krishna ensina o dever; em Vrindavana, amor. Ele permitiu que seus filhos se matassem uns aos outros, sendo eles maus.

Deus, segundo a ideia judaica e muçulmana, é um grande Juiz de Sessões. Nosso Deus é rigoroso na superfície, mas amoroso e misericordioso no coração.

Há alguns que não entendem o Advaitismo e fazem uma paródia dos seus ensinamentos. Eles dizem: "O que é Shuddha e Ashuddha (puro e impuro) - qual é a diferença entre virtude e vício? É tudo superstição humana", e não observam nenhuma restrição moral em suas ações. É pura malandragem; e qualquer dano é causado pela pregação de tais coisas.

Este corpo é composto de dois tipos de Karma que consiste em virtude e vício – vício prejudicial e virtude não prejudicial. Um espinho está picando meu corpo, e eu pego outro espinho para tirá-lo e depois jogo os dois fora. Um homem que deseja ser perfeito pega um espinho da virtude e com ele tira o espinho do vício. Ele ainda vive, e restando apenas a virtude, o impulso de ação que lhe resta deve ser de virtude. Um pouco de santidade é deixado para o Jivanmukta, e ele vive, mas tudo o que ele faz deve ser sagrado.

A virtude é aquilo que tende ao nosso aperfeiçoamento e o vício à nossa degeneração. O homem é composto de três qualidades – brutal, humano e piedoso. Aquilo que tende a aumentar a divindade em você é a virtude, e o que tende a aumentar a brutalidade em você é o vício. Você deve matar a natureza brutal e tornar-se humano, isto é, amoroso e caridoso. Você deve transcender isso também e se tornar pura felicidade. Sachchidânanda, fogo sem arder, maravilhosamente amoroso, mas sem a fraqueza do amor humano, sem o sentimento de miséria.

Bhakti é dividido em Vaidhi e Ragânugâ Bhakti.

Vaidhi Bhakti é a crença implícita na obediência aos ensinamentos dos Vedas.

Raganuga Bhakti é de cinco tipos:

(1) Shânta conforme ilustrado pela religião de Cristo; (2) Dâsya conforme ilustrado por Hanumân para Râma; (3) Sakhya conforme ilustrado por Arjuna a Shri Krishna; (4) Vâtsalya conforme ilustrado por Vasudeva para Shri Krishna; (5) Madhura (a do marido e da esposa) nas vidas de Shri Krishna e Gopikâs.

Keshab Chandra Sen comparou a sociedade a uma elipse. Deus é o sol central. A sociedade às vezes está no afélio e às vezes no periélio. Um Avatâra vem e o leva para o periélio. Depois volta novamente. Por que deveria ser assim? Eu não posso dizer. Qual a necessidade de um Avatara? Que necessidade havia de criar? Por que Ele não nos criou todos perfeitos? É Lilâ (esporte), não sabemos.

Os homens podem tornar-se Brahman, mas não Deus. Se alguém se tornar Deus, mostre-me sua criação. A criação de Vishvâmitra é sua própria imaginação. Deveria ter obedecido à lei de Vishvamitra. Se alguém se tornasse um Criador, haveria o fim do mundo, devido ao conflito de leis. O equilíbrio é tão bom que se você perturbar o equilíbrio de um átomo, o mundo inteiro chegará ao fim.

Houve grandes homens - tão grandes que nenhum número nem aritmética humana poderiam estabelecer a diferença entre eles e nós. Mas comparados com Deus, eram pontos geométricos. Em comparação com o Infinito, tudo é nada. Comparado com Deus, o que é Vishvamitra senão uma mariposa humana?

Patanjali é o pai da teoria da evolução, espiritual e física.

Geralmente o organismo é mais fraco que o meio ambiente. Ele está lutando para se ajustar. Às vezes, ele se ajusta demais. Então todo o corpo se transforma em outra espécie. Nandi era um homem cuja santidade era tão grande que o corpo humano não conseguia contê-la. Então essas moléculas se transformaram em um corpo divino.

O tremendo motor da competição destruirá tudo. Se quiser viver, você deve se ajustar aos tempos. Se quisermos viver, devemos ser uma nação científica. O poder intelectual é a força. Você deve aprender o poder de organização dos europeus. Você deve se tornar educado e educar suas mulheres. Você deve abolir o casamento infantil.

Todas essas ideias estão flutuando na sociedade. Todos vocês sabem disso, mas não ousem agir. Quem vai chamar o gato? Com o passar do tempo, um homem maravilhoso virá. Então todos os ratos ficarão ousados.

Sempre que um grande homem chega, as circunstâncias estão sob seus pés. Ele é a última gota para quebrar as costas do camelo. Ele é a centelha do canhão. Há algo nessa conversa – estamos nos preparando para isso.

Krishna foi astuto? Não, ele não era astuto. Ele tentou o seu melhor para evitar a guerra. Foi Duryodhana quem forçou a guerra. Mas, uma vez dentro da situação, você não deve recuar – esse é o homem do dever. Não fuja, é covardia. Quando estiver na coisa, você deve fazê-lo. Você não deve se mover um centímetro – é claro que não por causa de algo errado; esta guerra foi uma guerra justa.

O diabo vem sob muitas formas – raiva na forma de justiça – paixão na forma de dever. Quando chega, o homem sabe e depois esquece. Assim como a consciência dos seus defensores; a princípio eles sabem que tudo é Badmâshi (malandragem), depois é um dever para com seus clientes; finalmente eles ficam endurecidos.

Os iogues vivem às margens do Narmada – o melhor lugar para eles, porque o clima é muito uniforme. Os Bhaktas vivem em Vrindavana.

Os Sipâhis (sipaio) morrem logo — a natureza está cheia de defeitos — os atletas morrem logo. A classe dos cavaleiros é a mais forte, enquanto os pobres são os mais resistentes. A dieta de frutas pode combinar com um homem caro. O homem civilizado precisa de descanso para o trabalho intelectual. Para alimentação ele tem que levar temperos e condimentos. O selvagem caminha quarenta ou cinquenta milhas por dia. Ele aprecia os alimentos mais insossos.

Nossas frutas são todas artificiais e a manga natural é uma coisa pobre. O trigo também é artificial.

Guarde o estoque espiritual do seu corpo observando a continência.

A regra para um chefe de família sobre o gasto de sua renda é: um quarto da renda para sua família, um quarto para caridade, um quarto para ser salvo, um quarto para si mesmo.

A unidade na variedade é o plano da criação, a individualidade na universalidade.

Por que negar apenas a causa? Negue o efeito também. A causa deve conter tudo o que está no efeito.

A vida pública de Cristo durou apenas dezoito meses, e para isso ele se preparou silenciosamente durante trinta e dois anos.

Mohammed tinha quarenta anos antes de se assumir.

* * *

É verdade que o sistema de castas se torna essencial no curso normal da natureza. Aqueles que têm aptidões para um determinado trabalho formam uma classe. Mas quem estabelecerá a classe de um determinado indivíduo? Se um Brâmane pensa que tem uma aptidão especial para a cultura espiritual, por que deveria ter medo de encontrar um Shudra em campo aberto? Um cavalo terá medo de correr com um jade?

Refira-se à vida do autor de Krishna-karnâmrita, Vilvamangala — um devoto que arrancou os olhos porque não conseguia ver Deus. Sua vida ilustra o princípio de que mesmo o amor mal direcionado leva, no final, ao amor adequado.

O avanço religioso muito precoce dos hindus e aquela superdelicadeza em tudo que os fez apegar-se a alternativas mais elevadas, reduziram-nos ao que são. Os hindus têm que aprender um pouco do materialismo do Ocidente e ensinar-lhes um pouco de espiritualidade.

Eduque primeiro suas mulheres e deixe-as sozinhas; então eles lhe dirão quais reformas são necessárias para eles. Em assuntos que lhes dizem respeito, quem é você?

Quem reduziu os Bhângis e os Párias à sua actual condição degradada? A crueldade no nosso comportamento e, ao mesmo tempo, a pregação do maravilhoso Advaitismo — não é isto acrescentar insulto à injúria?

Forma e informe estão interligados neste mundo. O informe só pode ser expresso na forma e a forma só pode ser pensada com o informe. O mundo é uma forma de nossos pensamentos. O ídolo é a expressão da religião.

Em Deus todas as naturezas são possíveis. Mas só podemos vê-Lo através da natureza humana. Podemos amá-Lo como amamos um homem – como pai, filho. O amor mais forte do mundo é aquele entre homem e mulher, e também quando é clandestino. Isto é tipificado no amor entre Krishna e Râdhâ.

Em nenhum lugar é dito nos Vedas que o homem nasce pecador. Dizer isso é uma grande calúnia contra a natureza humana.

Não é uma tarefa fácil alcançar o estado de ver a Realidade face a face. Outro dia não se conseguia encontrar o gato escondido no quadro inteiro, embora ele ocupasse a maior parte do quadro.

* * *

Você não pode machucar ninguém e ficar sentado quieto. É um mecanismo maravilhoso – você não pode escapar da vingança de Deus.

Kama (luxúria) é cega e leva ao inferno. Prema é amor, leva ao céu.

Não há ideia de luxúria ou simpatia no amor de Krishna e Radha. Radha diz a Krishna. "Se você colocar pés azedos em meu coração, toda a luxúria desaparecerá."

Quando a abstração é alcançada, a luxúria morre e só existe amor.

Um poeta amava uma lavadeira. Hot Dâl caiu aos pés da mulher e os pés do poeta foram escaldados.

Shiva é o aspecto sublime de Deus, Krishna o belo aspecto de Deus. O amor se cristaliza em azul. A cor azul expressa um amor intenso. Salomão viu "Krishna". Aqui Krishna veio para ser visto por todos.

Mesmo agora, quando você consegue amor, você vê Radha. Torne-se Radha e seja salvo. Não tem outro jeito, os cristãos não entendem o cântico de

Salomão. Eles chamam isso de profecia, simbolizando o amor de Cristo pela Igreja. Eles acham que isso é um absurdo e contam alguma história sobre isso.

Os hindus acreditam que Buda é um Avatara.

Os hindus acreditam em Deus positivamente. O Budismo não tenta saber se Ele existe ou não.

Buda veio para nos levar à prática. Seja bom, destrua as paixões. Então você saberá por si mesmo se a filosofia Dvaita ou Advaita é verdadeira – se existe uma ou mais de uma.

Buda foi um reformador do Hinduísmo.

No mesmo homem, a mãe vê um filho, enquanto a esposa, ao mesmo tempo, vê de forma diferente, com resultados diferentes. Os ímpios vêem em Deus a maldade. Os virtuosos veem Nele a virtude. Ele admite todas as formas. Ele pode ser moldado de acordo com a imaginação de cada pessoa. A água assume diversas formas em vários recipientes. Mas a água está em todos eles. Portanto, todas as religiões são verdadeiras.

Deus é cruel e não cruel. Ele está sendo e não sendo ao mesmo tempo. Portanto, Ele é todo contradições. A natureza também nada mais é do que uma massa de contradições.

* * *

Liberdade de vontade – é quando você sente que é livre para agir. Mas esta liberdade é uma espécie de necessidade. Existe uma ligação infinita antes, depois e entre o pensamento e a ação, mas esta última leva o nome de liberdade – como um pássaro voando por uma sala iluminada. Sentimos a liberdade e sentimos que ela não tem outra causa. Não podemos ir além da consciência, por isso sentimos que somos livres. Não podemos rastreá-lo além da consciência. Só Deus sente a verdadeira liberdade. Os Mahapurushas (santos) sentem-se identificados com Deus; portanto, eles também sentem a verdadeira liberdade.

Você pode impedir que a água flua da fonte fechando aquela parte do riacho e juntando tudo na fonte; você não tem liberdade além disso. Mas a fonte permanece inalterada. Tudo é predestinação – e uma parte dessa predestinação é que você terá esse sentimento – o sentimento de liberdade. Estou moldando minha própria ação. Responsabilidade é o sentimento de reação. Não existe poder absoluto. Poder aqui é o sentimento consciente de exercer qualquer faculdade criada por necessidade. O homem tem o sentimento de “eu ajo”; o que ele quer dizer com poder de liberdade é o sentimento. O poder é acompanhado de responsabilidade. O que quer que seja feito através de nós pela predestinação, sentimos a reação. Uma bola lançada por alguém sente a reação.

Mas esta necessidade inata que nos chega como a nossa liberdade não afecta também as relações conscientes que formamos com o que nos rodeia. A relatividade não é alterada. Ou todos são livres ou todos são necessitados. Isso não importaria. As relações seriam as mesmas. Vício e virtude seriam a mesma coisa. Se um ladrão alegar que estava na necessidade de roubar, o magistrado diria que ele estava na necessidade de punir. Estamos sentados numa sala e toda a sala está em movimento – a relação entre nós permanece inalterada. Sair desta cadeia infinita de causalidade é Mukti (liberdade). Muktas (almas livres) não são acionadas por necessidade, elas são como deus. Eles iniciam a cadeia de causa e efeito. Deus é o único ser livre – a primeira fonte da sua vontade – e é sempre experimentado por eles como tal.

O sentimento de necessidade é a verdadeira oração, não as palavras. Mas você deve ter paciência para esperar e ver se suas orações serão respondidas.

Você deve cultivar uma natureza nobre cumprindo seu dever. Ao cumprirmos o nosso dever, nos livramos da ideia de dever; e então e somente então sentimos que tudo foi feito por Deus. Somos apenas máquinas em Suas mãos. Este corpo é opaco, Deus é a lâmpada. Tudo o que sai do corpo é de Deus. Você não sente isso. Você sente "eu". Isso é ilusão. Você deve aprender a submissão calma à vontade de Deus. O dever é a melhor escola para isso. Este dever é a moralidade. Treine-se para ser totalmente submisso. Livre-se do "eu". Sem farsa. Então você poderá se

livrar da ideia de dever; pois tudo é Dele. Então você segue naturalmente, perdendo, esquecendo, etc.

Nossa religião sempre apresenta diferentes gradações de dever e religião para pessoas diferentes.

A luz é visível em toda parte apenas nos homens de santidade. Um Mahapurusha é como um vidro de cristal – raios completos de Deus passando e repassando. Por que não adorar um Jivanmukta?

O contato com homens santos é bom. Se você chegar perto de homens santos, você encontrará a santidade transbordando inconscientemente em tudo que existe ali.

Não resista ao mal feito a si mesmo, mas você pode resistir ao mal feito a outros.

Se você deseja se tornar um santo, você deve renunciar a todos os tipos de prazeres. Normalmente, você pode desfrutar de tudo, mas ore a Deus pedindo orientação, e Ele o guiará.

O universo preenche apenas uma pequena porção do coração que anseia por algo além e acima do mundo.

O egoísmo é o diabo encarnado em cada homem. Cada pedaço de si mesmo, pouco a pouco, é o diabo. Tira-se de si por um lado e Deus entra pelo outro. Quando o eu é eliminado, somente Deus permanece. A luz e as trevas não podem permanecer juntas.

Esquecer o pequeno “eu” é sinal de uma mente sã e pura. Uma criança saudável esquece o seu corpo.

Sitâ – dizer que ela era pura é uma blasfêmia. Ela era a própria pureza encarnada – a personagem mais bela que já existiu na terra.

Um Bhakta deveria ser como Sita antes de Rama. Ele pode ser lançado em todos os tipos de dificuldades. Sita não se importou com seus sofrimentos; ela se concentrou em Rama.

* * *

O Budismo não prova nada sobre a Entidade Absoluta. Num riacho a água está mudando; não temos o direito de chamar o stream de one . Os budistas negam um e dizem que são muitos. Dizemos que é um e negamos os muitos. O que eles chamam de Karma é o que chamamos de alma. Segundo o budismo, o homem é uma série de ondas. Toda onda morre, mas de alguma forma a primeira onda causa a segunda. Que a segunda onda seja idêntica à primeira é uma ilusão. Para se livrar da ilusão é necessário um bom Karma. Os budistas não postulam nada além do mundo. Dizemos que além do relativo existe o Absoluto. O Budismo aceita que existe miséria, e é suficiente que possamos nos livrar desta Dukkha (miséria); se teremos Sukha (felicidade) ou não, não sabemos. Buda não pregou a alma pregada por outros. Segundo os hindus, a alma é uma entidade ou substância e Deus é absoluto. Ambos concordam nisso: destroem o parente. Mas a dupla budista não dá qual é o efeito dessa destruição do relativo.

O hinduísmo e o budismo atuais foram frutos do mesmo ramo. O Budismo degenerou e Shankara cortou-o!

Diz-se que Buda negou os Vedas porque há muito Himsâ (matança) e outras coisas. Cada página do Budismo é uma luta com os Vedas (o aspecto ritualístico). Mas ele não tinha autoridade para fazê-lo.

Buda é expressamente agnóstico em relação a Deus; mas Deus é pregado em toda parte em nossa religião. Os Vedas ensinam Deus – tanto pessoal quanto impessoal. Deus é pregado em todo lugar no Gitâ. O hinduísmo não é nada sem Deus. Os Vedas não são nada sem Ele. Esse é o único caminho para a salvação. Os Sannyâsins têm que repetir várias vezes o seguinte: Eu, desejando Mukti, tomo refúgio em Deus, que criou o mundo, que expirou os Vedas.

Buda, podemos dizer agora, deveria ter compreendido a harmonia das religiões. Ele introduziu o sectarismo.

O hinduísmo moderno, o jainismo moderno e o budismo ramificaram-se ao mesmo tempo. Durante algum tempo, cada um parecia querer superar os outros em termos de grotesco e farsa.

* * *

Não podemos imaginar nada que não seja Deus. Ele é tudo o que podemos imaginar com nossos cinco sentidos e muito mais. Ele é como um camaleão; cada homem, cada nação, vê Dele uma face e em momentos diferentes, em formas diferentes. Que cada homem veja e receba de Deus o que lhe convém. Compare cada animal absorvendo da natureza qualquer alimento que lhe seja adequado.

O problema de todas as religiões como o Cristianismo é que elas têm um conjunto de regras para todas. Mas a religião hindu é adequada a todos os graus de aspiração e progresso religioso. Contém todos os ideais em sua forma perfeita. Por exemplo, o ideal de Shânta ou bem-aventurança pode ser encontrado em Vasishtha; o do amor em Krishna; o do dever em Rama e Sita; e o do intelecto em Shukadeva. Estude o caráter destes e de outros homens ideais. Adote aquele que melhor lhe convier.

Siga a verdade onde quer que ela o leve; levar as ideias às suas conclusões lógicas mais extremas. Não seja covarde e hipócrita. Você deve ter uma grande devoção ao seu ideal, uma devoção não momentânea, mas uma devoção calma, perseverante e constante, como a de um Châtaka (uma espécie de pássaro) que olha para o céu no meio de trovões e relâmpagos e deseja não beba água senão das nuvens. Pereça na luta para ser santo; mil vezes acolhe a morte. Não desanime. Quando o néctar bom é inatingível, não há razão para ingerirmos veneno. Não há escapatória. Este mundo é tão desconhecido quanto o outro.

A caridade nunca falha; a devoção a um ideal nunca falha na simpatia, nunca se cansa de simpatizar com os outros. O amor aos inimigos não é possível para os homens comuns: eles expulsam os outros para viverem eles próprios. Apenas muito poucos homens viviam no mundo que praticavam ambos. O rei Janaka foi um deles. Tal homem é superior até mesmo aos Sannyasins. Shukadeva, que era a encarnação da pureza e da renúncia, fez de Janaka seu Guru; e Janaka disse a ele: "Você nasceu Siddha; tudo o que você sabe e seu pai lhe ensinou é verdade. Garanto-lhe isso."

* * *

A individualidade na universalidade é o plano da criação. Cada célula tem sua parte na criação da consciência. O homem é individual e ao mesmo tempo universal. É ao percebermos a nossa natureza individual que percebemos até mesmo a nossa natureza nacional e universal. Cada um é um círculo infinito cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar nenhum. Pela prática pode-se sentir o Eu universal que é a essência do Hinduísmo. Aquele que vê em cada ser o seu próprio Ser é um Pandita (sábio).

Rishis são descobridores de leis espirituais.

No Advaitismo não existe Jivâtmâ; é apenas uma ilusão. No Dvaitismo, existe Jiva infinitamente distinto de Deus. Ambos são verdadeiros. Um foi para a fonte, outro para o tanque. Aparentemente somos todos Dvaitistas no que diz respeito à nossa consciência. Mas além? Além disso, somos Advaitistas. Na realidade, esta é a única verdade. De acordo com o Advaitismo, ame cada homem como a si mesmo e não como seu irmão como no Cristianismo. A fraternidade deveria ser substituída pela individualidade universal. Não a fraternidade universal, mas a individualidade universal é o nosso lema. O Advaitismo pode incluir também a teoria da “maior felicidade”.

So'ham – eu sou Ele. Repita a ideia constantemente, a princípio voluntariamente; então, na prática, torna-se automático. Isso chega aos nervos. Portanto, essa ideia, por memorização, por repetição, deveria ser levada até aos nervos.

Ou comece primeiro com o Dvaitismo que está em sua consciência; segundo estágio, Vishishtadvaitismo - "Eu em você, você em mim, e tudo é Deus." Este é o ensinamento de Cristo.

O Advaitismo mais elevado não pode ser reduzido à vida prática. O Advaitismo fez trabalhos práticos a partir do plano do Vishishtadvaitismo. Dvaitismo – pequeno círculo diferente do grande círculo, conectado apenas por Bhakti; Vishishtadvaitismo – pequeno círculo dentro do grande círculo, movimento regulado pelo grande círculo; Advaitismo – o pequeno círculo se expande e coincide com o grande círculo. No Advaitismo, o “eu” se perde em Deus. Deus está aqui, Deus está lá, Deus é “eu”.

* * *

Uma maneira de alcançar Bhakti é repetir o nome de Deus várias vezes. Os mantras têm efeito – a mera repetição de palavras. Os poderes de Jalangiman Chetti se devem à repetição do Mantra – repetição de certas palavras com certas cerimônias. Os poderes dos Astras ou Bânas (mísseis, flechas, etc.) da guerra antiga eram devidos ao Mantra. Isto é dado como certo em todos os nossos Shâstras. Que devêssemos considerar todos esses Shastras como imaginação é superstição.

Para obter Bhakti, procure a companhia de homens santos que tenham Bhakti e leia livros como o Gita e a Imitação de Cristo; sempre pense nos atributos de Deus.

Os Vedas contêm não apenas os meios para obter Bhakti, mas também os meios para obter qualquer bem ou mal terreno. Pegue o que quiser.

Bengala é uma terra de Bhakti ou Bhaktas. A pedra sobre a qual Chaitanya costumava ficar no templo de Jagannatha para ver a imagem estava desgastada por suas lágrimas de amor e devoção. Quando ele tomou Sannyasa, ele mostrou ao seu Guru sua aptidão para isso, mantendo o açúcar em sua língua por algum tempo sem que ele se dissolvesse. Ele descobriu Vrindavana pelo poder do insight que adquiriu através da devoção.

Vou lhe contar uma coisa para sua orientação na vida. Tudo o que vem da Índia é considerado verdadeiro, até encontrar razões convincentes para descrer. Tudo que vem da Europa, considere-o falso, até encontrar razões convincentes para acreditar nele. Não se deixem levar pelas tolices europeias. Pense por si mesmo. Só falta uma coisa: vocês são escravos; você segue tudo o que os europeus fazem. Isso é simplesmente um estado de espírito impotente. A sociedade pode adquirir materiais de qualquer parte, mas deve crescer à sua maneira.

Ficar chocado com um novo costume é o pai de toda superstição, o primeiro caminho para o inferno. Isso leva à intolerância e ao fanatismo. A verdade é o paraíso. A intolerância é um inferno.

6.2.22 CONCENTRAÇÃO

A concentração é a essência de todo conhecimento, nada pode ser feito sem ela. Noventa por cento da força do pensamento é desperdiçada pelo ser humano comum e, portanto, ele comete erros constantemente; o homem ou mente treinado nunca comete erros. Quando a mente está concentrada e voltada para trás, tudo dentro de nós será nosso servo, não nosso senhor. Os gregos aplicaram sua concentração ao mundo externo, e o resultado foi a perfeição na arte, na literatura, etc. Os hindus concentraram-se no mundo interno, nos reinos invisíveis do Ser, e desenvolveram a ciência do Yoga. Yoga é controlar os sentidos, a vontade e a mente. O benefício de seu estudo é que aprendemos a controlar em vez de sermos controlados. A mente parece estar camada sobre camada. Nosso verdadeiro objetivo é atravessar todas essas camadas intervenientes do nosso ser e encontrar Deus. O fim e objetivo do Yoga é realizar Deus. Para fazer isso, devemos ir além do conhecimento relativo, ir além do mundo dos sentidos. O mundo está desperto para os sentidos, os filhos do Senhor estão dormindo nesse plano. O mundo está adormecido para o Eterno, os filhos do Senhor estão acordados nesse reino. Estes são os filhos de Deus. Só existe uma maneira de controlar os sentidos: ver Aquele que é a Realidade no universo. Então, e só então, poderemos realmente conquistar nossos sentidos.

A concentração é restringir a mente em limites cada vez menores. Existem oito processos para restringir assim a mente. O primeiro é Yama, controlando a mente evitando coisas externas. Toda moralidade está incluída nisso. Não gere nenhum mal. Não machuque nenhuma criatura viva. Se você não ferir nada durante doze anos, até mesmo leões e tigres cairão diante de você. Pratique a veracidade. Doze anos de absoluta veracidade em pensamentos, palavras e ações dão ao homem o que ele deseja. Seja casto em pensamento, palavra e ação. A castidade é a base de todas as religiões. A pureza pessoal é imperativa. O próximo é Niyama, não permitindo que a mente vagueie em qualquer direção. Depois Âsana, postura. São oitenta e quatro posturas: mas a melhor é aquela que é mais natural para cada uma; isto é, que pode ser mantido por mais tempo com a maior facilidade. Depois disso vem Prânâyâma, restrição da respiração. Então Pratyâhâra, extraíndo os órgãos de seus objetos. Depois Dhâranâ, concentração. Depois Dhyâna, contemplação ou meditação. (Este é o cerne

do sistema Yoga.) E por último, Samâdhi, superconsciência. Quanto mais puros o corpo e a mente, mais rápido será obtido o resultado desejado. Você deve ser perfeitamente puro. Não pense em coisas más, tais pensamentos certamente irão arrastá-lo para baixo. Se você for perfeitamente puro e praticar fielmente, sua mente poderá finalmente se tornar um holofote de poder infinito. Não há limite para o seu alcance. Mas deve haver prática constante e desapego ao mundo. Quando um homem atinge o estado superconsciente, todas as sensações corporais desaparecem. Somente então ele se tornará livre e imortal. Para todas as aparências externas, a inconsciência e a superconsciência são a mesma coisa; mas eles diferem como um pedaço de barro de um pedaço de ouro. Aquele cuja alma inteira está entregue a Deus alcançou o plano superconsciente.

6.2.23 O PODER DA MENTE

A causa se torna o efeito. A causa não é uma coisa e o efeito é outra coisa que existe como resultado. O efeito é sempre a causa resolvida. Sempre, a causa se torna o efeito. A ideia popular é que o efeito é o resultado da operação de uma causa que é algo independente e distante do efeito. tudo isso não é assim. O efeito é sempre a causa transformada em outra condição.

O universo é realmente homogêneo. A heterogeneidade está apenas na aparência. Parece haver diferentes substâncias, diferentes poderes, etc. em toda a natureza. Mas pegue duas substâncias diferentes, digamos um pedaço de vidro e um pedaço de madeira, triture-as bem o suficiente, reduza-as até que não haja mais nada para reduzir, e a substância restante pareça homogênea. Todas as substâncias em última análise são uma só. A homogeneidade é a substância, a realidade; heterogeneidade é a aparência de muitas coisas como se fossem substâncias do homem. O Um é homogeneidade; a aparência do Um como muitos é a heterogeneidade.

Ouvir, ver ou saborear, etc. é a mente em diferentes estados de ação.

A atmosfera de uma sala pode ser hipnotizada de modo que todos que nela entrarem vejam todo tipo de coisas – homens e objetos voando pelo ar.

Todo mundo já está hipnotizado. O trabalho de alcançar a liberdade, de compreender a própria natureza, consiste na deshipnotização.

Uma coisa a ser lembrada é que não estamos ganhando nenhum poder. Já os temos. Todo o processo de crescimento é deshipnotização.

Quanto mais pura a mente, mais fácil é controlá-la. Deve-se insistir na pureza da mente se você quiser controlá-la. Não pense cobiçosamente sobre meros poderes mentais. Deixa eles irem. Aquele que busca os poderes da mente sucumbe a eles. Quase todos os que desejam poderes ficam enredados por eles.

A moralidade perfeita é o controle completo sobre a mente. O homem perfeitamente moral não tem mais nada a fazer; ele está livre. O homem que é perfeitamente moral não pode ferir nada nem ninguém. A não lesão deve ser alcançada por aquele que deseja ser livre. Ninguém é mais poderoso do que aquele que alcançou a perfeita não-ferimento. Ninguém poderia brigar, ninguém poderia discutir em sua presença. Sim, a sua presença, e nada mais, significa paz, significa amor onde quer que ele esteja. Ninguém poderia ficar com raiva ou brigar em sua presença. Até os animais, animais ferozes, ficariam em paz diante dele.

Certa vez conheci um iogue, um homem muito velho, que vivia sozinho num buraco no chão. (Pavhâri Bâbâ de Ghazipur. (Ver Vol. IV. Esboço da Vida de Pavhari Baba)) Tudo o que ele tinha era uma panela ou duas para preparar suas refeições. tempo meditando.

Com ele todas as pessoas eram iguais. Ele alcançou a não lesão. O que ele viu em tudo, em cada pessoa, em cada animal, foi a Alma, o Senhor do Universo. Com ele, cada pessoa e cada animal era “meu Senhor”. Ele nunca se dirigiu a nenhuma pessoa ou animal de qualquer outra forma. Bem, um dia um ladrão apareceu e roubou uma de suas panelas. Ele o viu e correu atrás dele. A perseguição foi longa. Por fim, o ladrão, exausto, teve que parar, e o Yogue, correndo até ele, caiu de joelhos diante dele e disse: "Meu Senhor, você me dá uma grande honra por vir em meu caminho. Dê-me a honra de aceitar a outra panela. Também é sua." Este velho está morto agora. Ele estava cheio de amor por tudo no mundo. Ele teria morrido por uma formiga. Os animais selvagens sabiam instintivamente que aquele

velho era seu amigo. Cobras e animais ferozes entravam em sua toca e dormiam com ele. Todos eles o amavam e nunca lutaram em sua presença.

Nunca fale sobre as falhas dos outros, por piores que sejam. Nada é ganho com isso. Você nunca ajuda alguém falando sobre sua culpa; você machuca ele e se machuca também.

Todas as regulamentações na alimentação, na prática, etc., são aceitáveis, desde que sejam complementares a uma aspiração espiritual, mas não sejam um fim em si mesmas; eles são apenas ajuda.

Nunca discuta sobre religião. Todas as brigas e disputas relativas à religião mostram simplesmente que a espiritualidade não está presente. As brigas religiosas são sempre superficiais. Quando a pureza, quando a espiritualidade vai embora, deixando a alma seca, começam as brigas, e não antes.

6.2.24 LIÇÕES DE RAJA-YOGA

(Estas lições e aquelas sobre Bhakti-Yoga que se seguem são feitas a partir de notas de aula preservadas na Inglaterra – Ed.)

PRANA

A teoria da criação é que a matéria está sujeita a cinco condições: éter, éter luminoso, gasoso, líquido e sólido. Todos eles são evocados a partir de um elemento primordial, que é o éter mais refinado.

O nome da energia do universo é Prâna, que é a força que reside nesses elementos. A mente é o grande instrumento para usar o Prana. A mente é material. Atrás da mente está Âtman, que se apodera do Prana. Prana é a força motriz do mundo e pode ser visto em todas as manifestações da vida. O corpo é mortal e a mente é mortal; ambos, sendo compostos, devem morrer. Por trás de tudo está o Atman que nunca morre. O Atman é pura inteligência controlando e direcionando o Prana. Mas a inteligência que vemos ao nosso redor é sempre imperfeita. Quando a inteligência é perfeita, obtemos a Encarnação – o Cristo. A inteligência está sempre tentando se

manifestar e, para isso, cria mentes e corpos com diferentes graus de desenvolvimento. Na realidade, e por trás de todas as coisas, todo ser é igual.

A mente é uma matéria muito delicada; é o instrumento para manifestar o Prana. A força requer matéria para manifestação.

O próximo ponto é como usar esse Prana. Todos nós o usamos, mas infelizmente o desperdiçamos! A primeira doutrina na fase preparatória é que todo conhecimento é o resultado da experiência. Tudo o que está além dos cinco sentidos também deve ser experimentado para se tornar verdadeiro para nós.

Nossa mente atua em três planos: o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Dos homens, só o Yogi é superconsciente. Toda a teoria do Yoga é ir além da mente. Esses três planos podem ser compreendidos considerando as vibrações da luz ou do som. Existem certas vibrações de luz lentas demais para se tornarem visíveis; então, à medida que ficam mais rápidos, nós os vemos como luz; e então eles ficam rápidos demais para que possamos vê-los. O mesmo acontece com o som.

Como transcender os sentidos sem perturbar a saúde é o que queremos aprender. A mente ocidental tropeçou ao adquirir alguns dos dons psíquicos que nela são anormais e são frequentemente sinal de doença. O Hindu estudou e aperfeiçoou este assunto da ciência, que todos podem agora estudar sem medo ou perigo.

A cura mental é uma excelente prova do estado superconsciente; pois o pensamento que cura é uma espécie de vibração no Prana, e não funciona como um pensamento, mas como algo superior para o qual não temos nome.

Cada pensamento tem três estados. Primeiro, o surgimento ou início, do qual não temos consciência; segundo, quando o pensamento vem à tona; e terceiro, quando sai de nós. O pensamento é como uma bolha subindo à superfície. Quando o pensamento está unido à vontade, chamamos isso de poder. Aquilo que atinge o doente que você está tentando ajudar não é o

pensamento, mas o poder. O homem-eu que atravessa tudo isso é chamado em sânscrito Sutrâtmâ, o "eu-fio".

A última e mais elevada manifestação do Prana é o amor. No momento em que você conseguir fabricar o amor a partir do Prana, você estará livre. É a coisa mais difícil e melhor de se ganhar. Você não deve criticar os outros; você deve criticar a si mesmo. Se você vir um bêbado, não o critique; lembre-se que ele é você em outra forma. Aquele que não tem escuridão não vê escuridão nos outros. O que você tem dentro de você é o que você vê nos outros. Este é o caminho mais seguro para a reforma. Se os pretensos reformadores que criticam e vêem o mal parassem de criar o mal, o mundo seria melhor. Bata essa ideia em você mesmo.

A PRÁTICA DO IOGA

O corpo deve ser bem cuidado. As pessoas que torturam a sua carne são demoníacas. Sempre mantenha sua mente alegre; se surgirem pensamentos melancólicos, expulse-os. Um Yogue não deve comer demais, mas também não deve jejuar; ele não deve dormir muito, mas não deve ficar sem dormir. Em todas as coisas, somente o homem que mantém o meio-termo áureo pode tornar-se um Yogue.

Qual o melhor horário para praticar Yoga? A hora da junção do amanhecer e do crepúsculo, quando toda a natureza se acalma. Peça ajuda à natureza. Tome a postura mais fácil ao sentar. Mantenha as três partes retas – as costelas, os ombros e a cabeça – deixando a coluna livre e reta, sem inclinar-se para trás ou para frente. Em seguida, mantenha mentalmente o corpo perfeito, parte por parte. Então envie uma corrente de amor para todo o mundo; então ore pela iluminação. E por último, junte sua mente à respiração e aos poucos alcance o poder de concentrar sua atenção em seus movimentos. A razão para isso será aparente aos poucos.

OS OJAS

O “Ojas” é aquilo que faz a diferença entre homem e homem. O homem que tem muito Ojas é o líder dos homens. Dá um tremendo poder de atração. Ojas é fabricado a partir de correntes nervosas. Tem esta

peculiaridade: é mais facilmente produzido a partir daquela força que se manifesta nas potências sexuais. Se os poderes dos centros sexuais não forem desperdiçados e suas energias desperdiçadas (a ação só é pensada em um estado mais grosseiro), eles poderão ser transformados em Ojas. As duas grandes correntes nervosas do corpo partem do cérebro, descem em cada lado da medula espinhal, mas se cruzam na forma do número 8 na parte de trás da cabeça. Assim, o lado esquerdo do corpo é governado pelo lado direito da cabeça. No ponto mais baixo do circuito está o centro sexual, o Plexo Sacral. A energia transportada por essas duas correntes nervosas desce e uma grande quantidade é continuamente armazenada no Plexo Sacral. O último osso da coluna vertebral fica sobre o plexo sacral e é descrito em linguagem simbólica como um triângulo; e como a energia é armazenada ao lado dela, essa energia é simbolizada por uma serpente. A consciência e o subconsciente trabalham através dessas duas correntes nervosas. Mas a superconsciência interrompe a corrente nervosa quando ela atinge a extremidade inferior do circuito e, em vez de permitir que suba e complete o circuito, interrompe-a e força-a a subir pela medula espinhal como Ojas do Plexo Sacral. A medula espinhal é naturalmente fechada, mas pode ser aberta para formar uma passagem para este Ojas. À medida que a corrente viaja de um centro da medula espinhal para outro, você pode viajar de um plano de existência para outro. É por isso que o ser humano é maior que os outros, porque todos os planos, todas as experiências, são possíveis ao espírito no corpo humano. Não precisamos de outro; pois o homem pode, se quiser, terminar em seu corpo sua provação e depois disso tornar-se espírito puro. Quando o Ojas passa de centro a centro e alcança a Glândula Pineal (uma parte do cérebro à qual a ciência não pode atribuir nenhuma função), o homem então não se torna nem mente nem corpo, ele fica livre de toda escravidão.

O grande perigo dos poderes psíquicos é que o homem tropeça neles, por assim dizer, e não sabe como usá-los corretamente. Ele está sem treinamento e sem conhecimento do que aconteceu com ele. O perigo é que, ao usar esses poderes psíquicos, as sensações sexuais sejam despertadas de forma anormal, pois esses poderes são, na verdade, fabricados a partir do centro sexual. A melhor e mais segura maneira é evitar as manifestações psíquicas, pois eles pregam as mais horríveis peças em seus donos ignorantes e destreinados.

Voltando aos símbolos. Como esse movimento dos Ojas subindo pela medula espinhal parece uma espiral, ele é chamado de "cobra". A cobra, portanto, ou a serpente, repousa sobre o osso ou triângulo. Quando é despertado, sobe pela medula espinhal; e à medida que vai de centro a centro, um novo mundo natural se abre dentro de nós – a Kundalini é despertada.

PRANAYAMA

A prática de Pranayama é o treinamento da mente superconsciente. A prática física é dividida em três partes e trata inteiramente da respiração. Consiste em inspirar, prender e expirar. A respiração deve ser inspirada por uma narina enquanto você conta até quatro, depois retida enquanto você conta dezesseis e expelida pela outra narina enquanto você conta até oito. Em seguida, inverta o processo fechando a outra narina enquanto inspira. Você terá que começar segurando uma narina com o polegar; mas com o tempo a sua respiração obedecerá à sua mente. Faça quatro desses Pranayamas de manhã e à noite.

METAGNÓSTICO

"Arrependam-se, pois o Reino dos Céus está próximo." A palavra "arrepender-se" está em grego "metanoete" ("meta" significa atrás, depois, além) e significa literalmente "ir além do conhecimento - o conhecimento dos (cinco) sentidos - "e olhar para dentro, onde você encontrará o reino de paraíso".

Sir William Hamilton diz no final de uma obra filosófica: “Aqui termina a filosofia, aqui começa a religião”. A religião não está, e nunca poderá estar, no campo do intelecto. O raciocínio intelectual é baseado em fatos evidentes aos sentidos. Ora, a religião não tem nada a ver com os sentidos. Os agnósticos dizem que não podem conhecer a Deus, e com razão, porque esgotaram os limites dos seus sentidos e ainda assim não avançam no conhecimento de Deus. Portanto, para provar a religião – isto é, a existência de Deus, a imortalidade, etc. – temos que ir além do conhecimento dos sentidos. Todos os grandes profetas e videntes afirmam ter “visto Deus”, isto é, tiveram experiência direta. Não há conhecimento sem experiência, e o homem tem que ver Deus em sua própria alma. Quando o homem ficar

cara a cara com o único grande fato do universo, somente então as dúvidas desaparecerão e as coisas tortas se tornarão corretas. Isto é “ver Deus”. Nosso negócio é verificar, não engolir. A religião, como outras ciências, exige que você reúna fatos, veja por si mesmo, e isso é possível quando você vai além do conhecimento que reside na região dos cinco sentidos. As verdades religiosas precisam de verificação por todos. Ver Deus é o único objetivo. O poder não é o objetivo. Pura Existência-Conhecimento e Amor é o objetivo; e o Amor é Deus.

PENSAMENTO, IMAGINAÇÃO E MEDITAÇÃO

A mesma faculdade que empregamos nos sonhos e pensamentos, nomeadamente a imaginação, será também o meio pelo qual chegaremos à Verdade. Quando a imaginação é muito poderosa, o objeto é visualizado. Portanto, através dela podemos levar nossos corpos a qualquer estado de saúde ou doença. Quando vemos algo, as partículas do cérebro caem em uma determinada posição, como os mosaicos de um caleidoscópio. A memória consiste em recuperar essa combinação e a mesma configuração das partículas do cérebro. Quanto mais forte for a vontade, maior será o sucesso na reinicialização dessas partículas do cérebro. Existe apenas um poder para curar o corpo, e esse poder está em cada homem. A medicina apenas desperta esse poder. A doença é apenas a luta manifesta desse poder para eliminar o veneno que entrou no corpo. Embora o poder de derrubar o veneno possa ser despertado pela medicina, ele pode ser um ronco permanentemente despertado pela força do pensamento. A imaginação deve apegar-se ao pensamento de saúde e força para que, em caso de doença, a memória do ideal de saúde possa ser despertada e as partículas reorganizadas na posição em que caíram quando saudáveis. A tendência do corpo é então seguir o cérebro.

O próximo passo é quando esse processo pode ser alcançado pela mente de outra pessoa trabalhando em nós. Exemplos disso podem ser vistos todos os dias. As palavras são apenas um modo da mente agindo sobre a mente. Os pensamentos bons e maus são, cada um, um poder potente e preenchem o universo. À medida que a vibração continua, o pensamento permanece na forma de pensamento até ser traduzido em ação. Por exemplo, a força fica latente no braço do homem até que ele dê um golpe, quando ele a traduz em

atividade. Somos os herdeiros do pensamento bom e do mal. Se nos tornarmos puros e instrumentos de bons pensamentos, estes entrarão em nós. A boa alma não será receptiva a maus pensamentos. Os maus pensamentos encontram o melhor campo nas pessoas más; são como micróbios que germinam e aumentam apenas quando encontram um solo adequado. Meros pensamentos são como pequenas ondas; novos impulsos de vibração chegam até eles simultaneamente, até que finalmente uma grande onda parece se levantar e engolir o resto. Estas ondas de pensamento universais parecem ocorrer a cada quinhentos anos, quando invariavelmente a grande onda tipifica e engole as outras. É isso que constitui um profeta. Ele concentra em sua própria mente o pensamento da época em que vive e o devolve à humanidade de forma concreta. Krishna, Buda, Cristo, Maomé e Lutero podem ser citados como as grandes ondas que se ergueram acima de suas companheiras (com um provável intervalo de quinhentos anos entre elas). Sempre a onda que é apoiada pela maior pureza e pelo caráter mais nobre é a que irrompe no mundo como um movimento de reforma social. Mais uma vez, nos nossos dias, há uma vibração das ondas do pensamento e a ideia central é a do Deus Imanente, e isto está surgindo em toda parte, em todas as formas e em todas as seitas. Nessas ondas, a construção se alterna com a destruição; no entanto, a construção sempre põe fim à obra de destruição. Agora, à medida que o homem mergulha mais fundo para alcançar a sua natureza espiritual, ele não se sente mais preso à superstição. A maioria das seitas será transitória e durará apenas como bolhas porque os líderes geralmente não são homens de caráter. Amor perfeito, o coração nunca reagindo, é isso que constrói o caráter. Não há lealdade possível onde não há caráter no líder, e a pureza perfeita garante a lealdade e a confiança mais duradouras.

Tenha uma ideia, dedique-se a ela, lute com paciência e o sol nascerá para você.

* * *

Voltando à imaginação:

Temos que visualizar a Kundalini. O símbolo é a serpente enrolada no osso triangular.

Em seguida, pratique a respiração conforme descrito antes e, enquanto prende a respiração, imagine essa respiração como a corrente que flui pelo número 8; quando atingir o ponto mais baixo, imagine que ele atinge a serpente no triângulo e faz com que a serpente suba pelo canal dentro da medula espinhal. Direcione a respiração em pensamento para este triângulo.

Terminamos agora o processo físico e a partir deste ponto ele se torna mental.

O primeiro exercício é chamado de “reunião”. A mente tem que ser reunida ou retirada da divagação.

Após o processo físico, deixe a mente seguir em frente e não a restrinja; mas vigie sua mente como uma testemunha que observa sua ação. Esta mente é assim dividida em duas – o jogador e a testemunha. Agora fortaleça a parte do testemunho e não perca tempo restringindo suas andanças. A mente deve pensar; mas lenta e gradualmente, à medida que a testemunha faz a sua parte, o jogador ficará cada vez mais sob controle, até que finalmente você pare de jogar ou de vagar.

2º Exercício: Meditação – que pode ser dividida em duas. Somos concretos em constituição e a mente deve pensar em formas. A religião admite esta necessidade e oferece a ajuda de formas e cerimônias externas. Você não pode meditar em Deus sem alguma forma. Um virá até você, pois o pensamento e o símbolo são inseparáveis. Tente fixar sua mente nessa forma.

3º Exercício: Isto é conseguido através da prática da meditação e é realmente “unidirecionalidade”. A mente geralmente funciona em círculo; faça com que permaneça em um ponto.

O último é o resultado. Quando a mente alcança isso, tudo é ganho – cura, clarividência e todos os dons psíquicos. Num momento você pode direcionar esta corrente de pensamento para qualquer pessoa, como Jesus fez, com resultado instantâneo.

As pessoas encontraram esses dons sem treinamento prévio, mas aconselho você a esperar e praticar todos esses passos lentamente; então você terá

tudo sob seu controle. Você pode praticar um pouco a cura se o amor for o motivo, pois isso não pode machucar. O homem é muito míope e impaciente. Todos querem poder, mas poucos esperarão para conquistá-lo para si próprios. Ele distribui, mas não armazena. Leva muito tempo para ganhar e pouco tempo para distribuir. Portanto, armazene seus poderes à medida que os adquira e não os dissipe.

Cada onda de paixão contida é um equilíbrio a seu favor. Portanto, é uma boa política não retribuir raiva com raiva, como acontece com toda a verdadeira moralidade. Cristo disse: “Não resistais ao mal”, e não o compreendemos até descobrirmos que não é apenas moral, mas na verdade a melhor política, pois a raiva é perda de energia para o homem que a demonstra. Vocês não devem permitir que suas mentes entrem nessas combinações cerebrais de raiva e ódio.

Quando o elemento primordial for descoberto na ciência química, o trabalho do químico estará concluído. Quando a unidade é descoberta, a perfeição na ciência da religião é alcançada, e isto foi alcançado há milhares de anos. A unidade perfeita é alcançada quando o homem diz: “Eu e meu Pai somos um”.

6.2.25 LIÇÕES DE BHAKTI-YOGA

O IOGA ATRAVÉS DA DEVOÇÃO

Temos considerado o Raja-Yoga e os exercícios físicos. Agora consideraremos o Yoga através da devoção. Mas você deve lembrar que nenhum sistema é necessário (para todos). Quero apresentar-lhes muitos sistemas, muitos ideais, para que possam encontrar aquele que mais lhe convém; se um não o fizer, talvez outro o faça.

Queremos nos tornar seres harmoniosos, com os lados psíquico, espiritual, intelectual e funcional (ativo) de nossa natureza igualmente desenvolvidos. As nações e os indivíduos tipificam um destes lados ou tipos e não podem compreender mais do que esse. Eles ficam tão presos a um ideal que não conseguem ver nenhum outro. O ideal é realmente que nos tornemos multifacetados. Na verdade, a causa da miséria do mundo é que somos tão

unilaterais que não conseguimos simpatizar uns com os outros. Considere um homem olhando para o sol debaixo da terra, no poço de uma mina; ele vê um aspecto do sol. Então outro homem vê o sol do nível da terra, outro através da neblina e do nevoeiro, outro do topo da montanha. Para cada um, o sol tem uma aparência diferente. Portanto, há muitas aparências, mas na realidade só existe um sol. Existe diversidade de visão, mas um objeto; e esse é o sol.

Cada homem, segundo a sua natureza, tem uma tendência peculiar e segue certos ideais e um certo caminho para alcançá-los. Mas o objetivo é sempre o mesmo para todos. O católico romano é profundo e espiritual, mas perdeu amplitude. O unitarista é amplo, mas perdeu a espiritualidade e considera a religião de importância dividida. O que queremos é a profundidade do católico romano e a amplitude do unitarista. Devemos ser tão vastos como os céus, tão profundos como o oceano; devemos ter o zelo do fanático, a profundidade do místico e a largura do agnóstico. A palavra “tolerância” adquiriu uma associação desagradável com o homem vaidoso que, pensando estar em uma posição elevada, despreza seus semelhantes com pena. Este é um estado de espírito horrível. Estamos todos viajando no mesmo caminho, rumo ao mesmo objetivo, mas por caminhos diferentes feitos pelas necessidades do caso para atender mentes diversas. Devemos nos tornar multifacetados, na verdade, devemos nos tornar multifacetados em caráter, para não apenas tolerar, mas para fazer o que é muito mais difícil: simpatizar, entrar no caminho do outro e sentir com ele em suas aspirações e buscas; depois de Deus. Existem dois elementos em cada religião – um positivo e um negativo. Em. O Cristianismo, por exemplo, quando você fala da Encarnação, da Trindade, da salvação através de Jesus Cristo, eu estou com você. Eu digo: “Muito bem, isso também é verdade”. Mas quando você diz: “Não existe outra religião verdadeira, não existe outra revelação de Deus”, então eu digo: “Pare, não posso ir com você quando você se exclui, quando você nega”. Cada religião tem uma mensagem a transmitir, algo a ensinar ao homem; mas quando começa a protestar, quando tenta perturbar os outros, então assume uma posição negativa e, portanto, perigosa, e não sabe por onde começar ou onde terminar.

Cada força completa um circuito. A força que chamamos de homem parte do Deus Infinito e deve retornar a Ele. Este retorno a Deus deve ser realizado de duas maneiras - ou vagando lentamente para trás, seguindo a natureza, ou pelo nosso próprio poder interior, que nos faz parar em nosso curso, o que, se deixado sozinho, nos levaria em um caminho. volte para Deus e vire-se violentamente e encontre Deus, por assim dizer, por um atalho. Isto é o que o Yogue faz.

Eu disse que cada homem deve escolher o seu próprio ideal que esteja de acordo com a sua natureza. Este ideal é chamado de Ishta do homem. Você deve mantê-lo sagrado (e, portanto, secreto) e quando adorar a Deus, adore de acordo com o seu Ishta. Como devemos descobrir o método específico? É muito difícil, mas se você perseverar em sua adoração, isso acontecerá por si mesmo. Três coisas são os dons especiais de Deus ao homem – o corpo humano, o desejo de ser livre e a bênção da ajuda de alguém que já é livre. Agora, não podemos ter devoção sem um Deus Pessoal. Deve haver o amante e o amado. Deus é um ser humano infinitizado. É inevitável que assim seja, pois enquanto formos humanos, devemos ter um Deus humanizado, somos forçados a ver um Deus Pessoal e somente Ele. Considere como tudo o que vemos neste mundo não é o objeto puro e simples, mas o objeto mais a nossa própria mente. A cadeira mais a reação da cadeira em sua mente é a cadeira real. Você deve colorir tudo com sua mente, e então sozinho você poderá ver. (Exemplo: A caixa branca, quadrada, brilhante e dura, vista pelo homem com três sentidos, depois pelo homem com quatro sentidos, depois por ele com cinco sentidos. Somente o último a vê com todas as qualidades enumeradas, e cada um antes de ter visto uma qualidade adicional ao homem anterior. Agora, suponhamos que um homem com seis sentidos veja a mesma caixa, ele veria ainda outra qualidade acrescentada.)

Porque vejo amor e conhecimento, sei que a causa universal está manifestando esse amor e conhecimento. Como pode ser sem amor aquilo que causa amor em mim? Não podemos pensar na causa universal sem qualidades humanas. Ver Deus como separado de nós no universo é necessário como primeiro passo. Existem três visões de Deus: a visão mais baixa, quando Deus parece ter um corpo como o nosso (ver arte bizantina); uma visão mais elevada quando investimos em Deus com qualidades

humanas; e assim por diante, até chegarmos à visão mais elevada, quando vemos Deus.

Mas lembre-se de que em todos esses passos estamos vendo Deus e somente Deus; não há ilusão nisso, não há engano. Assim como quando víamos o sol de diferentes pontos, ainda era o sol e não a lua ou qualquer outra coisa.

Não podemos deixar de ver Deus como somos – infinitizados, mas ainda assim como somos. Suponhamos que tentássemos conceber Deus como o Absoluto, teríamos que voltar novamente ao estado relativo para desfrutar e amar.

A devoção a Deus, conforme vista em todas as religiões, é dividida em duas partes: a devoção que atua por meio de formas e cerimônias e por meio de palavras, e aquela que atua por meio do amor. Neste mundo estamos sujeitos a leis e estamos sempre nos esforçando para quebrar essas leis, estamos sempre tentando desobedecer, pisotear a natureza. Por exemplo, a natureza não nos dá casas, nós as construímos. A natureza nos deixou nus, nós nos vestimos. O objetivo do homem é ser livre, e só na medida em que formos incompetentes para quebrar as leis da natureza, sofreremos. Nós apenas obedecemos à lei da natureza para sermos proibidos – além da lei. Toda a luta da vida é não obedecer. (É por isso que simpatizo com os Cientistas Cristãos, pois eles ensinam a liberdade do homem e a divindade da alma.) A alma é superior a todos os ambientes. “O universo é o reino de meu pai; eu sou o herdeiro aparente” – essa é a atitude que o homem deve tomar. “Minha própria alma pode subjugar tudo.”

Devemos trabalhar através da lei antes de chegarmos à liberdade. Ajudas e métodos externos, formas, cerimônias, credos, doutrinas, todos têm seu devido lugar e têm como objetivo nos apoiar e fortalecer até que nos tornemos fortes. Então eles não são mais necessários. São as nossas enfermeiras e, como tal, indispensáveis na juventude. Até os livros são enfermeiros, os medicamentos são enfermeiros. Mas devemos trabalhar para que chegue o momento em que o homem reconheça o seu domínio sobre o seu próprio corpo. As ervas e os medicamentos têm poder sobre nós, desde que os permitamos; quando nos tornamos fortes, estes métodos externos não são mais necessários.

ADORAÇÃO ATRAVÉS DE PALAVRAS E AMOR

O corpo é apenas a mente numa forma mais grosseira, sendo a mente composta de camadas mais finas e o corpo sendo as camadas mais densas; e quando o homem tiver controle perfeito sobre sua mente, ele também terá controle sobre seu corpo. Assim como cada mente tem seu corpo peculiar, a cada palavra pertence um pensamento particular. Falamos em consoantes duplas quando estamos com raiva - "estúpido", "tolo", "idiota", etc., em vogais suaves quando estamos tristes - "Ah eu!" Esses são sentimentos momentâneos, é claro; mas existem sentimentos eternos, como amor, paz, calma, alegria, santidade; e esses sentimentos têm sua expressão verbal em todas as religiões, sendo a palavra apenas a personificação destes, os sentimentos mais elevados do homem. Agora o pensamento produziu a palavra e, por sua vez, essas palavras podem produzir os pensamentos ou sentimentos. É aqui que entra a ajuda das palavras. Cada uma dessas palavras abrange um ideal. Todos nós reconhecemos e conhecemos essas palavras sagradas e misteriosas, mas se apenas as lermos nos livros, elas não terão efeito sobre nós. Para serem eficazes, devem ser carregados de espírito, tocados e usados por alguém que foi tocado pelo Espírito de Deus e que agora vive. Só ele pode colocar a corrente em movimento. A "imposição de mãos" é a continuação daquela corrente que foi posta em movimento por Cristo. Aquele que tem o poder de transmitir esta corrente é chamado de Guru. Com grandes professores o uso de palavras não é necessário – como aconteceu com Jesus. Mas os "pequenos" transmitem essa corrente através das palavras.

Não olhe para as falhas dos outros. Você não pode julgar um homem por seus defeitos. (Exemplo: Suponha que julgássemos uma macieira pelas maçãs podres, verdes e informes que encontramos no chão. Mesmo assim, as falhas de um homem não mostram qual é o caráter do homem.) Lembre-se, os ímpios são sempre os ímpios, iguais em todo o mundo. O ladrão e o assassino são iguais na Ásia, na Europa e na América. Eles formam uma nação por si próprios. É somente no bom, no puro e no forte que você encontra variedade. Não reconheça a maldade nos outros. Maldade é ignorância, fraqueza Qual é a vantagem de dizer às pessoas que elas são fracas? A crítica e a destruição são inúteis. Devemos dar-lhes algo mais elevado: falar-lhes da sua própria natureza gloriosa, do seu direito inato. Por

que mais pessoas não vêm a Deus? A razão é que tão poucas pessoas desfrutam de qualquer prazer fora dos cinco sentidos. A maioria não consegue ver com os olhos nem ouvir com os ouvidos no mundo interior.

Agora chegamos à Adoração através do Amor.

Já foi dito: “É bom nascer numa igreja, mas não morrer nela”. A árvore recebe apoio e abrigo da sebe que a rodeia quando jovem; mas a menos que a sebe seja removida, o crescimento e a força daquela árvore serão prejudicados. A adoração formal, como vimos, é um estágio necessário, mas gradualmente, através de um crescimento lento, nós a superamos e chegamos a uma plataforma mais elevada. Quando o amor a Deus se torna perfeito, não pensamos mais nas qualidades de Deus – que Ele é onipotente, onipresente e todos esses grandes adjetivos. Não queremos nada de Deus, por isso não nos importamos em perceber essas qualidades. Tudo o que queremos é o amor de Deus. Mas o antropomorfismo ainda nos segue. Não podemos fugir da nossa humanidade, não podemos saltar para fora dos nossos corpos; portanto, devemos amar a Deus como amamos uns aos outros.

Existem cinco etapas no amor humano.

1. O amor mais baixo, mais comum e "pacífico", quando olhamos para o nosso Pai em busca de tudo o que queremos - proteção, comida, etc.
2. O amor que nos faz querer servir. O homem quer servir a Deus como seu mestre, e o desejo de servir domina todos os outros sentimentos; e somos indiferentes se o mestre é bom ou mau, gentil ou cruel.
3. O amor de um amigo, o amor dos iguais – companheiros, companheiros de brincadeira. O homem sente que Deus é seu companheiro.
4. Amor maternal. Deus é visto como uma criança. Na Índia, este é considerado um amor mais elevado do que o anterior, porque não contém absolutamente nenhum elemento de medo.
5. O amor de marido e mulher; amor pelo amor – Deus, o perfeito e amado.

Foi lindamente expresso: "Quatro olhos se encontram, uma mudança começa a ocorrer em duas almas; o amor surge no meio entre essas duas almas e as torna uma."

Quando um homem tem esta última e mais perfeita forma de amor, então todos os desejos desaparecem, as formas, as doutrinas e as igrejas desaparecem, até mesmo o desejo de liberdade (o fim e objetivo de todas as religiões é a liberdade do nascimento, da morte e de outras coisas) é eliminado. desistir. O amor mais elevado é o amor sem sexo, pois é a unidade perfeita que se expressa no amor mais elevado, e o sexo diferencia os corpos. Portanto, é apenas no espírito que a união é possível. Quanto menos tivermos da ideia física, mais perfeito será o nosso amor; finalmente todo pensamento físico será esquecido e as duas almas se tornarão uma. Nós amamos, amamos sempre. O amor vem e penetra através das formas e vê além. Já foi dito: "O amante vê a beleza de Helena na testa de um etíope". O Etíope é a sugestão e sobre essa sugestão o homem lança o seu amor. Assim como a ostra lança sobre os irritantes, ela encontra em sua concha a substância que transforma os irritantes em lindas pérolas, assim o homem lança fora o amor, e é sempre o ideal mais elevado do homem que ele ama, e o ideal mais elevado é sempre altruísta; então o homem ama o amor. Deus é amor, e nós amamos a Deus – ou amamos o amor. Vemos apenas o amor, o amor não pode ser expresso. "Um homem burro comendo manteiga" não pode dizer como é a manteiga. Manteiga é manteiga e suas qualidades não podem ser expressas por quem ainda não a provou. O amor pelo amor não pode ser expresso àqueles que não o sentiram.

O amor pode ser simbolizado por um triângulo. O primeiro ângulo é que o amor nunca implora, nunca pede nada; a segunda, o amor não conhece o medo; o terceiro e o ápice, amor pelo amor. Através do poder do amor, os sentidos tornam-se mais sutis e elevados. O amor perfeito é muito raro nas relações humanas, pois o amor humano é quase sempre interdependente e mútuo. Mas o amor de Deus é um fluxo constante, nada pode machucá-lo ou perturbá-lo. Quando o homem ama a Deus como seu ideal mais elevado, como nenhum mendigo, sem querer nada, então o amor é levado ao extremo da evolução e se torna um grande poder no universo. Leva muito tempo para chegar a essas coisas, e temos que começar por aquilo que está mais próximo da nossa natureza; algumas nascem para servir, outras para

serem mães apaixonadas. De qualquer forma, o resultado está com Deus. Devemos aproveitar a natureza.

SOBRE FAZER O BEM AO MUNDO

Somos questionados: Qual é o benefício da sua religião para a sociedade? A sociedade é transformada em um teste da verdade. Agora, isso é muito ilógico. A sociedade é apenas uma etapa de crescimento pela qual estamos passando. Poderíamos muito bem julgar o bem ou a utilidade de uma descoberta científica pela sua utilização para o bebê. É simplesmente monstruoso. Se o estado social fosse permanente, seria o mesmo que se o bebê continuasse a ser um bebê. Não pode haver um homem-bebê perfeito; as palavras são uma contradição em termos, portanto não pode haver uma sociedade perfeita. O homem deve e irá superar esses estágios iniciais. A sociedade é boa até certo ponto, mas não pode ser o nosso ideal; é um fluxo constante. A actual civilização mercantil deve morrer, com todas as suas pretensões e farsas – tudo numa espécie de “Show do Lord Mayor”. O que o mundo quer é o poder do pensamento através dos indivíduos. Meu Mestre costumava dizer: "Por que você não ajuda sua própria flor de lótus a florescer? As abelhas então surgirão por si mesmas." O mundo precisa de pessoas loucas pelo amor de Deus. Você deve acreditar em si mesmo e então acreditará em Deus. A história do mundo é a de seis homens de fé, seis homens de caráter profundamente puro. Precisamos ter três coisas; o coração para sentir, o cérebro para conceber, a mão para trabalhar. Primeiro devemos sair do mundo e tornar-nos instrumentos adequados. Torne-se um dínamo. Sinta-se primeiro pelo mundo. Numa época em que todos os homens estão prontos para trabalhar, onde está o homem de sentimento? Onde está o sentimento que produziu um Inácio de Loyola? Teste seu amor e humildade. Não é humilde nem amoroso aquele homem que é ciumento. O ciúme é um pecado terrível e horrível; entra em um homem tão misteriosamente. Pergunte a si mesmo: sua mente reage com ódio ou ciúme? As boas obras estão continuamente a ser desfeitas pelas toneladas de ódio e raiva que estão a ser derramadas sobre o mundo. Se você é puro, se você é forte, você, um homem, é igual ao mundo inteiro.

Afinal, o cérebro para conceber a próxima condição de fazer boas obras é apenas um Saara seco; não pode fazer nada sozinho, a menos que tenha o

sentimento por trás disso. Tome o amor, que nunca falhou; e então o cérebro conceberá e a mão trabalhará com justiça. Os sábios sonharam e tiveram a visão de Deus. "Os puros de coração verão a Deus." Todos os grandes afirmam ter visto Deus. Há milhares de anos a visão foi vista e a unidade que está além foi reconhecida; e agora a única coisa que podemos fazer é preencher esses contornos gloriosos.

6.2.26 ADORAÇÃO À MÃE

(Baseado em notas fragmentárias de uma palestra de Swami Vivekananda em Nova York.)

Os dois fatos conjuntos da percepção dos quais nunca podemos nos livrar são a felicidade e a infelicidade – coisas que nos trazem dor também trazem prazer. Nosso mundo é feito desses dois. Não podemos nos livrar deles; a cada pulsação da vida eles estão presentes. O mundo está ocupado tentando reconciliar esses opostos, os sábios tentando encontrar uma solução para essa mistura de opostos. O calor ardente da dor é interrompido por lampejos de descanso, o brilho da luz quebrando a escuridão em lampejos intermitentes apenas para tornar a escuridão mais profunda.

As crianças nascem otimistas, mas o resto da vida é uma desilusão contínua; nenhum ideal pode ser plenamente alcançado, nenhuma sede pode ser saciada. Então eles tentam resolver o enigma, e a religião assume a tarefa.

Nas religiões do dualismo, entre os persas, havia um Deus e um Satanás. Isto através dos judeus se espalhou por toda a Europa e América. Foi uma hipótese de trabalho há milhares de anos; mas agora sabemos que isso não é sustentável. Não há nada absolutamente bom ou mau; é bom para um e mau para outro, mau hoje, bom amanhã e vice-versa. . . .

Deus foi primeiro, é claro, um deus de clã, depois Ele se tornou Deus dos deuses. Com os antigos egípcios e babilônios, esta ideia (de um Deus e Satanás duplos) foi implementada de forma muito prática. Seu Moloch tornou-se o Deus dos deuses e os deuses capturados foram forçados a prestar homenagem em Seu templo.

No entanto, o enigma permanece: quem preside este Mal? Muitos esperam, contra a esperança, que tudo esteja bem e que não entendemos. Estamos agarrados a uma palha, enterrando a cabeça na areia. No entanto, todos nós seguimos a moralidade e a essência da moralidade é o sacrifício – não eu, mas você. No entanto, como isso entra em conflito com o grande e bom Deus do universo! Ele é tão egoísta, a pessoa mais vingativa que conhecemos, com pragas, fome, guerra!

Todos nós temos que obter experiências nesta vida. Podemos tentar passar por experiências amargas, mas mais cedo ou mais tarde elas nos pegam. E tenho pena do homem que não enfrenta o todo.

Manu Deva dos Vedas, foi transformado na Pérsia como Ahriman. Assim, a explicação mitológica da questão estava morta; mas a questão permaneceu e não houve resposta, nem solução.

Mas havia outra idéia no antigo hino védico à Deusa: "Eu sou a luz. Sou a luz do sol e da lua; sou o ar que anima todos os seres." Este é o germe que depois se desenvolve na adoração da Mãe. Por adoração à mãe não se entende a diferença entre pai e mãe. A primeira ideia conotada por isso é a de energia – eu sou o poder que está em todos os seres.

O bebê é um homem nervoso. Ele continua e continua até se tornar um homem de poder. A ideia do bem e do mal não foi inicialmente diferenciada e desenvolvida. Uma consciência avançada mostrou o poder como a ideia primordial. Resistência e luta a cada passo é a lei. Somos a resultante dos dois – energia e resistência, poder interno e externo. Cada átomo está trabalhando e resistindo a cada pensamento da mente. Tudo o que vemos e sabemos é apenas a resultante destas duas forças.

Esta ideia de Deus é algo novo. Nos hinos védicos, Varuna e Indra derramam os melhores dons e bênçãos sobre os devotos, uma ideia muito humana, mais humana do que o próprio homem.

Este é o novo princípio. Existe um poder por trás de todos os fenômenos. Poder é poder em todos os lugares, seja na forma do mal ou como Salvador do mundo. Então esta é a nova ideia; a velha ideia era homem-Deus. Aqui está a primeira abertura da ideia de um poder universal.

“Eu estendo os arcos de Rudra quando Ele deseja destruir o mal” (Rig-Veda, X. 125, Devi-Sukta).

Muito em breve no Gitâ (IX. 19, também X. 4-5) encontramos: "Ó Arjuna, eu sou o Sat e sou o Asat, sou o bom e sou o mau, sou o poder dos santos , eu sou o poder dos ímpios. Mas logo o orador conserta a verdade e a ideia adormece. Eu sou poder no bem, desde que faça boas obras.

Na religião da Pérsia havia a ideia de Satanás, mas na Índia não havia nenhuma concepção de Satanás. Livros posteriores começaram a concretizar essa nova ideia. O mal existe e não há como fugir desse fato. O universo é um fato; e se for um fato, é uma enorme combinação de bem e mal. Quem governa deve governar o bem e o mal. Se esse poder nos faz viver, o mesmo nos faz morrer. Risos e lágrimas são parentes, e há mais lágrimas do que risos neste mundo. Quem fez as flores, quem fez o Himalaia? - um Deus muito bom. Quem cometeu meus pecados e fraquezas? - Karma, Satanás, eu. O resultado é um universo coxo e de uma perna só, e naturalmente o Deus do universo, um Deus de uma perna só.

A visão da separação absoluta entre o bem e o mal, duas existências cortadas, secas e separadas, torna-nos brutos de corações antipáticos. A boa mulher salta para o lado da prostituta. Por que? Ela pode ser infinitamente melhor que você em alguns aspectos. Esta visão traz ciúme e ódio eternos ao mundo, uma barreira eterna entre homem e homem, entre o homem bom e o homem comparativamente menos bom ou mau. Essa visão brutal é pura maldade, mais maldade do que o próprio mal. O bem e o mal não são existências separadas, mas há uma evolução do bem, e o que é menos bom chamamos de mal.

Alguns são santos e alguns pecadores. O sol brilha tanto para o bem quanto para o mal. Ele faz alguma distinção?

A velha ideia da paternidade de Deus está ligada à doce noção de Deus presidindo a felicidade. Queremos negar os fatos. O mal não existe, é zero. O “eu” é mau. E o “eu” existe demais. Eu sou zero? Todos os dias tento me achar assim e falho.

Todas essas ideias são tentativas de afastar o mal. Mas temos que enfrentar isso. Enfrente o todo! Estou sob contrato com alguém para oferecer amor parcial a Deus apenas na felicidade e no bem, não na miséria e no mal?

A lâmpada à luz da qual um forja um nome e outro assina um cheque de mil dólares para a fome, brilha sobre ambos, não conhece diferença. A luz não conhece o mal; você e eu tornamos isso bom ou mau.

Essa ideia deve ter um novo nome. Chama-se Mãe porque, no sentido literal, começou há muito tempo com uma escritora feminina elevada à categoria de deusa. Depois veio o Sâkhya, e com ele toda a energia é feminina. O ímã está parado, a limalha de ferro está ativa.

O mais elevado de todos os tipos femininos na Índia é a mãe, superior à esposa. A esposa e os filhos podem abandonar um homem, mas a sua mãe nunca. A mãe é igual ou ama o filho talvez um pouco mais. A mãe representa o amor incolor que não conhece troca, o amor que nunca morre. Quem pode ter tanto amor? — apenas mãe, não filho, nem filha, nem esposa.

“Eu sou o Poder que se manifesta em todos os lugares”, diz a Mãe — Ela que está trazendo à tona este universo, e Ela que está trazendo à tona a seguinte destruição. Não é necessário dizer que a destruição é apenas o começo da criação. O topo de uma colina é apenas o começo de um vale.

Seja ousado, encare os fatos como fatos. Não seja perseguido pelo universo pelo mal. Os males são males. E daí?

Afinal, é apenas uma brincadeira de mãe. Afinal, nada sério. O que poderia mover o Todo-Poderoso? O que fez a Mãe criar o universo? Ela não poderia ter nenhum objetivo. Por que? Porque o objetivo é algo que ainda não foi alcançado. Para que serve esta criação? Apenas diversão. Esquecemos isso e começamos a brigar e a suportar a miséria. Somos os companheiros de brincadeira da Mãe.

Veja a tortura que a mãe sofre ao criar o bebê. Ela gosta disso? Certamente. Jejuando, orando e vigiando. Ela adora isso melhor do que qualquer outra coisa. Por que? Porque não existe egoísmo.

O prazer virá – bom: quem proíbe? A dor virá: seja bem-vindo também. Um mosquito estava pousado no chifre de um touro; então sua consciência o perturbou e ele disse: "Sr. Bull, estou sentado aqui há muito tempo. Talvez eu o esteja incomodando. Sinto muito, vou embora." Mas o touro respondeu: "Ah, não, de jeito nenhum! Traga toda a sua família e viva no meu chifre; o que você pode fazer comigo?"

Por que não podemos dizer isso para a miséria? Ser corajoso é ter fé na Mãe!

"Eu sou a Vida, eu sou a Morte." Ela é cuja sombra é a vida e a morte. Ela é o prazer em todo prazer. Ela é a miséria em toda miséria. Se a vida chega, é a Mãe; se a morte chega, é a Mãe. Se o céu vier, Ela estará. Se o inferno vier, aí está a Mãe; mergulhe. Não temos fé, não temos paciência para ver isso. Confiamos no homem da rua; mas há um ser no universo em quem nunca confiamos e esse ser é Deus. Confiamos Nele quando Ele trabalha do nosso jeito. Mas chegará o tempo em que, recebendo golpe após golpe, a mente autossuficiente morrerá. Em tudo o que fazemos, o ego da serpente está surgindo. Estamos felizes por haver tantos espinhos no caminho. Eles atingem o capuz da cobra.

Por último, virá a auto-rendição. Então seremos capazes de nos entregar à Mãe. Se a miséria vier, seja bem-vindo; se a felicidade vier, seja bem vindo. Então, quando chegarmos a esse amor, todas as coisas tortas ficarão retas. Haverá a mesma visão para o brâmane, o pária e o cachorro. Até que amemos o universo com a mesma visão, com amor imparcial e eterno, estaremos errando continuamente. Mas então tudo terá desaparecido e veremos em todos a mesma Mãe infinita e eterna.

6.2.27 NARADA-BHAKTI-SUTRAS

(Uma tradução livre ditada por Swamiji na América)

CAPÍTULO I

1. Bhakti é amor intenso por Deus.

2. É o néctar do amor;
3. Conseguir que o homem se torne perfeito, imortal e satisfeito para sempre;
4. Conseguir o que o homem não deseja mais, não tem ciúme de nada, não sente prazer com vaidades;
5. Saber qual homem se enche de espiritualidade, fica calmo e encontra prazer somente em Deus.
6. Não pode ser usado para satisfazer nenhum desejo, sendo ele próprio o controle de todos os desejos.
7. Sannyasa está desistindo tanto da forma popular quanto da forma bíblica de adoração.
8. O Bhakti-Sannyasin é aquele cuja alma inteira vai para Deus, e tudo o que milita contra o amor a Deus, ele rejeita.
9. Abandonando todos os outros refúgios, ele se refugia em Deus.
10. As Escrituras devem ser seguidas enquanto a vida da pessoa não se firmar;
11. Ou então existe o perigo de fazer o mal em nome da liberdade.
12. Quando o amor se estabelece, até as formas sociais são abandonadas, exceto aquelas que são necessárias para a preservação da vida.
13. Houve muitas definições de amor, mas Nârada as apresenta como sinais de amor: Quando todos os pensamentos, todas as palavras e todas as ações são entregues ao Senhor, e o menor esquecimento de Deus torna a pessoa intensamente miserável, então o amor começou .
14. Como as Gopis disseram –
15. Porque, embora adorassem a Deus como seu amante, nunca esqueceram a sua natureza divina;

16. Caso contrário, teriam cometido o pecado da falta de castidade.

17. Esta é a forma mais elevada de amor, porque não existe desejo de reciprocidade, desejo que está em todo amor humano.

CAPÍTULO II

1. Bhakti é maior que Karma, maior que Jnâna, maior que Yoga (Râja-Yoga), porque Bhakti em si é o seu resultado, porque Bhakti é tanto o meio quanto o fim (fruto).

2. Assim como um homem não pode satisfazer sua fome pelo simples conhecimento ou pela visão de comida, também um homem não pode ser satisfeito pelo conhecimento ou mesmo pela percepção de Deus até que o amor venha; portanto, o amor é o mais elevado.

CAPÍTULO III

1. Isto, entretanto, foi o que os Mestres disseram sobre Bhakti:

2. Aquele que deseja este Bhakti deve abandonar os prazeres dos sentidos e até mesmo a companhia de pessoas.

3. Dia e noite ele deve pensar em Bhakti e em nada mais.

4. (Ele deve) ir aonde cantam ou falam de Deus.

5. A principal causa de Bhakti é a misericórdia de uma grande (ou livre) alma.

6. Encontrar uma grande alma é difícil de conseguir e nunca falha em salvar a alma.

7. Pela misericórdia de Deus conseguimos tais Gurus.

8. Não há diferença entre Ele e os Seus (próprios).

9. Procure, portanto, por isso.

10. As más companhias devem sempre ser evitadas;
11. Porque leva à luxúria e à raiva, à ilusão, ao esquecimento do objetivo, à destruição da vontade (falta de perseverança) e à destruição de tudo.
12. Essas perturbações podem inicialmente parecer ondulações, mas a má companhia finalmente as torna como o mar.
13. Ele supera Maya, que abandona todo apego, serve aos grandes, vive sozinho, corta as amarras deste mundo, vai além das qualidades da natureza e depende do Senhor até mesmo para viver.
14. Aquele que desiste dos frutos do trabalho, aquele que desiste de todo trabalho e do dualismo de alegria e miséria, que desiste até das escrituras, obtém aquele amor ininterrupto por Deus;
15. Ele atravessa este rio e ajuda outros a atravessá-lo.

CAPÍTULO IV

1. A natureza do amor é inexprimível.
2. Assim como o homem mudo não consegue expressar o que gosta, mas suas ações traem seus sentimentos, assim o homem não pode expressar esse amor em palavras, mas suas ações o traem.
3. Em algumas pessoas raras é expresso.
4. Além de todas as qualidades, de todos os desejos, sempre crescentes e ininterruptos, a percepção mais refinada é o amor.
5. Quando um homem recebe esse amor, ele vê amor em todos os lugares, ouve amor em todos os lugares, fala de amor em todos os lugares, pensa em amor em todos os lugares.
6. De acordo com as qualidades ou condições, este amor se manifesta de forma diferente.

7. As qualidades são: Tamas (embotamento, peso), Rajas (inquietação, atividade), Sattva (serenidade, pureza); e as condições são: Ârta (aflito), Arthârthi (querendo algo), Jijnâsu (buscando a verdade), Jnâni, (conhecedor).
8. Destes, os últimos são superiores aos anteriores.
9. Bhakti é a forma mais fácil de adoração.
10. É uma prova própria e não necessita de outra.
11. Sua natureza é paz e felicidade perfeita.
12. Bhakti nunca procura prejudicar ninguém ou nada, nem mesmo os modos populares de adoração.
13. Conversas sobre luxúria, ou dúvidas sobre Deus ou sobre os inimigos não devem ser ouvidas.
14. O egoísmo, o orgulho, etc. devem ser abandonados.
15. Se essas paixões não podem ser controladas, coloque-as em Deus e coloque todas as suas ações nele.
16. Fundindo a trindade de Amor, Amante e Amado, adore a Deus como Seu servo eterno, Sua noiva eterna – assim o amor deve ser feito para Deus.

CAPÍTULO V

1. Esse amor é mais elevado quando está concentrado em Deus.
2. Quando falam de Deus, suas vozes ficam presas na garganta, eles choram e choram; e são eles que dão aos lugares santos a sua santidade; eles tornam as boas obras e os bons livros melhores, porque estão impregnados de Deus.
3. Quando um homem ama tanto a Deus, seus antepassados se alegram, os deuses dançam e a terra ganha um Mestre!

4. Para tais amantes não há diferença de casta, sexo, conhecimento, forma, nascimento ou riqueza;
5. Porque são todos de Deus.
6. Devem ser evitadas discussões;
7. Porque não há fim para eles e não levam a nenhum resultado satisfatório.
8. Leia livros que tratem desse amor e pratique ações que o aumentem.
9. Abandone todos os desejos de prazer e dor, ganho e perda, adore a Deus dia e noite. Nenhum momento deve ser gasto em vão.
10. Ahimsâ (não matar), veracidade, pureza, misericórdia e piedade devem ser sempre mantidas.
11. Abandonando todos os outros pensamentos, toda a mente deve adorar a Deus dia e noite. Assim, sendo adorado dia e noite, Ele se revela e faz com que Seus adoradores O sintam.
12. No passado, presente e futuro, o Amor é maior!

Seguindo assim os antigos sábios, ousamos pregar a doutrina do Amor, sem temer as zombarias do mundo.

6.3 ESCRITOS: PROSA E POEMAS

6.3.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ÍNDIA

SE TAT SAT

Om Namo Bhagavate Ramakrishnaya

नास्तः सत् जायते — A existência não pode ser produzida pela inexistência.

A inexistência nunca pode ser a causa do que existe. Algo não pode surgir do nada. Que a lei da causalidade é onipotente e não conhece tempo ou lugar quando não existia é uma doutrina tão antiga quanto a raça ariana, cantada por seus antigos poetas-videntes, formulada por seus filósofos e constituída a pedra angular sobre a qual o O homem hindu ainda hoje constrói todo o seu esquema de vida.

Para começar, houve uma curiosidade na corrida, que logo se transformou em uma análise ousada, e embora, na primeira tentativa, o trabalho tenha se mostrado semelhante às tentativas com mãos trêmulas do futuro mestre-escultor, logo deu caminho para a ciência rigorosa, tentativas ousadas e resultados surpreendentes.

Sua ousadia fez com que esses homens vasculhassem cada tijolo de seus altares de sacrifício; digitalizar, cimentar e pulverizar cada palavra de suas escrituras; organizar, reorganizar, duvidar, negar ou explicar as cerimônias. Virou seus deuses do avesso e atribuiu apenas um lugar secundário ao seu onipotente, onisciente e onipresente Criador do universo, seu ancestral Pai Celestial; ou jogou-o completamente ao mar como inútil, e começou uma religião mundial sem Ele, com até agora o maior número de seguidores de qualquer religião. Desenvolveu a ciência da geometria a partir da disposição dos tijolos para construir vários altares e surpreendeu o mundo com o conhecimento astronômico que surgiu das tentativas de cronometrar com precisão sua adoração e oblações. Fez com que a sua contribuição para a ciência da matemática fosse a maior de qualquer raça, antiga ou moderna, e para o seu conhecimento da química, dos compostos metálicos na medicina, da sua escala de notas musicais, da sua invenção dos instrumentos de arco - (todos) de grande serviço na construção da civilização europeia moderna. Levou-os a inventar a ciência de construir a mente infantil através de fábulas brilhantes, que todas as crianças de todos os países civilizados aprendem numa creche ou numa escola e que deixam uma marca ao longo da vida.

Atrás e antes dessa agudeza analítica, cobrindo-a como se fosse um invólucro de veludo, estava a outra grande peculiaridade mental da raça – a percepção poética. A sua religião, a sua filosofia, a sua história, a sua ética, a sua política estavam todas incrustadas num canteiro de imagens poéticas -

o milagre da linguagem que foi chamado sânscrito ou "aperfeiçoado", prestando-se a expressá-los e manipulá-los melhor do que qualquer outro. língua. A ajuda de números melodiosos foi invocada até mesmo para expressar os fatos concretos da matemática.

Este poder analítico e a ousadia das visões poéticas que o impulsionaram são as duas grandes causas internas na constituição da raça hindu. Juntos formaram, por assim dizer, a tônica do caráter nacional. Esta combinação é o que sempre faz a raça avançar para além dos sentidos – o segredo daquelas especulações que são como as lâminas de aço que os artesãos costumavam fabricar – cortando barras de ferro, mas suficientemente flexíveis para serem facilmente dobradas num círculo.

Eles escreveram poesia em prata e ouro; a sinfonia das jóias, o labirinto de maravilhas do mármore, a música das cores, os tecidos finos que pertencem mais ao país das fadas dos sonhos do que ao real - têm atrás de si milhares de anos de trabalho desta característica nacional.

As artes e as ciências, mesmo as realidades da vida doméstica, estão cobertas por uma massa de concepções poéticas, que são levadas adiante até que o sensual toque o supra-senso e o real adquira o tom rosado do irreal.

Os primeiros vislumbres que temos desta raça mostram-na já possuidora desta característica, como um instrumento de alguma utilidade nas suas mãos. Muitas formas de religião e sociedade devem ter sido deixadas para trás na marcha em frente, antes de encontrarmos a raça retratada nas escrituras, os Vedas.

Um panteão organizado, cerimoniais elaborados, divisões da sociedade em classes hereditárias exigidas por uma variedade de ocupações, muitos bens de primeira necessidade e muitos luxos de vida já estão lá.

A maioria dos estudiosos modernos concorda que o ambiente quanto ao clima e às condições, puramente indianos, ainda não estava funcionando na corrida.

Avançando ao longo de vários séculos, chegamos a uma multidão cercada pelas neves do Himalaia no norte e pelo calor do sul – vastas planícies,

florestas intermináveis, através das quais rios caudalosos rolam suas marés. Temos um vislumbre de diferentes raças – dravidianos, tártaros e aborígenes derramando sua cota de sangue, de fala, de costumes e de religiões. E finalmente surge à nossa vista uma grande nação - ainda mantendo o tipo do Ariano - mais forte, mais ampla e mais organizada pela assimilação. Encontramos o núcleo central assimilativo dando seu tipo e caráter a toda a massa, agarrando-se com grande orgulho ao seu nome de "ariano" e, embora disposto a dar a outras raças os benefícios de sua civilização, não estava de forma alguma disposto a admiti-los dentro do âmbito "ariano".

O clima indiano novamente deu uma direção mais elevada ao gênio da raça. Numa terra onde a natureza era propícia e produzia vitórias fáceis, a mente nacional começou a lutar e a vencer os problemas mais elevados da vida no campo do pensamento. Naturalmente, o pensador, o sacerdote, tornou-se a classe mais elevada da sociedade indiana, e não o homem da espada. Os sacerdotes novamente, mesmo naquele início da história, colocaram a maior parte de sua energia na elaboração de rituais; e quando a nação começou a achar demasiado pesada a carga de cerimônias e rituais sem vida - surgiram as primeiras especulações filosóficas, e a raça real foi a primeira a romper o labirinto de rituais de matança.

Por um lado, a maioria dos padres, impelidos por considerações económicas, eram obrigados a defender aquela forma de religião que fazia da sua existência uma necessidade da sociedade e lhes atribuía o lugar mais elevado na escala de castas; por outro lado, a casta real, cuja forte mão direita guardava e guiava a nação e que agora também se encontrava liderando os pensamentos mais elevados, relutava em ceder o primeiro lugar a homens que só sabiam como conduzir um cerimonial. . Houve então outros, recrutados tanto entre os sacerdotes como entre as castas reais, que ridicularizaram igualmente os ritualistas e os filósofos, declararam o espiritismo como fraude e artimanhas sacerdotais, e defenderam a obtenção de confortos materiais como o objectivo mais elevado da vida. O povo, cansado de cerimoniais e maravilhado com os filósofos, juntou-se em massa aos materialistas. Este foi o início daquela questão de castas e daquela luta triangular na Índia entre cerimoniais, filosofia e materialismo que permaneceu sem solução até aos nossos dias.

A primeira solução tentada para a dificuldade foi aplicar o ecletismo que desde os primeiros dias ensinou o povo a ver nas diferenças a mesma verdade em vários trajes. O grande líder desta escola, Krishna - ele próprio de raça real - e seu sermão, o Gitâ, após várias vicissitudes, provocadas pelas revoltas dos jainistas, dos budistas e de outras seitas, estabeleceram-se razoavelmente como o "Profeta" da Índia e a mais verdadeira filosofia de vida. Embora a tensão tenha sido atenuada para a época, não satisfaz as necessidades sociais que estavam entre as causas – a reivindicação da raça real de ocupar o primeiro lugar na escala de castas e a intolerância popular ao privilégio sacerdotal. Krishna abriu os portões do conhecimento espiritual e da realização para todos, independentemente de sexo ou casta, mas deixou intacto o mesmo problema no lado social. Isto novamente chegou aos nossos dias, apesar da gigantesca luta dos Budistas, Vaishnavas, etc. para alcançar a igualdade social para todos.

A Índia moderna admite a igualdade espiritual de todas as almas – mas mantém estritamente a diferença social.

Assim, encontramos a luta renovada ao longo de todo o século VII antes da era cristã e, finalmente, no século VI, esmagando a antiga ordem das coisas sob Shakyamuni, o Buda. Em sua reação contra o sacerdócio privilegiado, os budistas eliminaram quase todos os detalhes do antigo ritual dos Vedas, subordinaram os deuses dos Vedas à posição de servos de seus próprios santos humanos e declararam o "Criador e Governante Supremo" como uma invenção do sacerdócio e da superstição.

Mas o objectivo do Budismo era a reforma da religião védica, posicionando-se contra os cerimoniais que exigiam oferendas de animais, contra a casta hereditária e o sacerdócio exclusivo, e contra a crença em almas permanentes. Nunca tentou destruir essa religião ou derrubar a ordem social. Introduziu um método vigoroso ao organizar uma classe de Sannyâsins numa forte irmandade monástica, e os Brahmavâdinis num corpo de freiras - introduzindo imagens de santos no lugar dos fogos dos altares.

É provável que os reformadores tenham tido consigo durante séculos a maioria do povo indiano. As forças mais antigas nunca foram totalmente

pacificadas, mas sofreram muitas modificações durante os séculos de supremacia budista.

Na Índia antiga, os centros da vida nacional sempre foram intelectuais e espirituais e não políticos. Antigamente, como agora, o poder político e social sempre esteve subordinado ao espiritual e ao intelectual. A explosão da vida nacional ocorreu em torno de colégios de sábios e professores espirituais. Encontramos assim os Samitis dos Panchâlas, dos Kâshyas (de Varanasi), os Maithilas destacando-se como grandes centros de cultura espiritual e filosofia, mesmo nos Upanishads. Mais uma vez, estes centros, por sua vez, tornaram-se o foco da ambição política das várias divisões dos arianos.

O grande épico Mahâbhârata nos fala da guerra dos Kurus e Panchalas pela supremacia sobre a nação, na qual eles se destruíram. A supremacia espiritual mudou e centrou-se no Oriente entre os Magadhas e Maithilas, e depois da guerra Kuru-Panchala uma espécie de supremacia foi obtida pelos reis de Magadha.

A reforma budista e o seu principal campo de atividade também ocorreram na mesma região oriental; e quando os reis Maurya, possivelmente forçados pela barra sinistra em seu escudo, patrocinaram e lideraram o novo movimento, o novo poder sacerdotal deu as mãos ao poder político do império de Pataliputra. A popularidade do Budismo e o seu novo vigor fizeram dos reis Maurya os maiores imperadores que a Índia já teve. O poder dos soberanos Maurya fez do Budismo aquela religião mundial que vemos até hoje.

A exclusividade da antiga forma de religiões védicas impediu-a de receber ajuda externa. Ao mesmo tempo, manteve-o puro e livre de muitos elementos degradantes que o Budismo, no seu zelo propagandista, foi forçado a assimilar.

Esta extrema adaptabilidade, a longo prazo, fez com que o Budismo Indiano perdesse quase toda a sua individualidade, e o desejo extremo de ser do povo tornou-o incapaz de lidar com as forças intelectuais da religião mãe em poucos séculos. Enquanto isso, o partido védico livrou-se de boa parte de suas características mais questionáveis, como o sacrifício de animais, e

aprendeu com a filha rival o uso criterioso de imagens, procissões no templo e outras performances impressionantes, e ficou pronto para aceitar dentro de si. dela se junta todo o império do budismo indiano, já cambaleando para a sua queda.

E o colapso veio com as invasões citas e a destruição total do império de Pataliputra.

Os invasores, já indignados com a invasão do seu lar na Ásia Central pelos pregadores do Budismo, encontraram na adoração do sol dos Brâmanes uma grande simpatia com a sua própria religião solar - e quando o partido Brahminista estava pronto para adaptar e espiritualizar muitos dos Seguindo os costumes dos recém-chegados, os invasores se lançaram de corpo e alma na causa brâmane.

Depois há um véu de escuridão e sombras inconstantes; há tumultos de guerra, rumores de massacres; e a próxima cena surge em uma nova fase das coisas.

O império de Magadha desapareceu. A maior parte do norte da Índia estava sob o domínio de pequenos chefes, sempre em guerra entre si. O Budismo estava quase extinto, exceto em algumas províncias orientais e do Himalaia e no extremo sul e a nação, após séculos de luta contra o poder de um sacerdócio hereditário, acordou para se encontrar nas garras de um duplo sacerdócio de brâmanes hereditários e monges exclusivos do novo regime, com todos os poderes da organização budista e sem a sua simpatia pelo povo.

Uma Índia renascente, comprada pelo veludo e sangue dos heróicos Rajputs, definida pelo intelecto impiedoso de um brâmane do mesmo centro histórico de pensamento de Mithila, liderada por um novo impulso filosófico organizado por Shankara e seus bandos de Sannyasins, e embelezada pelas artes e literatura das cortes de Mâlavâ – surgiu nas ruínas do antigo.

A tarefa que tinha diante de si era profunda, com problemas mais vastos do que qualquer outro que os seus antepassados alguma vez tivessem enfrentado. Uma raça comparativamente pequena e compacta, do mesmo

sangue e discurso e da mesma aspiração social e religiosa, tentando salvar a sua unidade através de muros inescaláveis à sua volta, cresceu enormemente pela multiplicação e adição durante a supremacia budista; e (ela) foi dividida por raça, cor, fala, instinto espiritual e ambições sociais em facções irremediavelmente dissonantes. E isso teve que ser unificado e unido em uma nação gigantesca. Esta tarefa o Budismo também veio resolver, e assumiu-a quando as proporções não eram tão vastas.

Durante tanto tempo foi uma questão de arianizar os outros tipos que pressionavam pela admissão e assim, a partir de diferentes elementos, formar um enorme corpo ariano. Apesar das concessões e compromissos, o Budismo foi eminentemente bem sucedido e continuou a ser a religião nacional da Índia. Mas chegou o momento em que as seduições das formas sensuais de adoração, indiscriminadamente acolhidas junto com várias raças inferiores, eram perigosas demais para o núcleo central ariano, e um contato mais longo certamente teria destruído a civilização dos arianos. Então surgiu uma reação natural de autopreservação, e o budismo e a seita separada deixaram de viver na maior parte de sua terra natal.

O movimento de reacção, liderado em estreita sucessão por Kumârila no norte, e Shankara e Râmânua no sul, tornou-se a última personificação daquela vasta acumulação de seitas, doutrinas e rituais chamados Hinduísmo. Durante os últimos mil anos ou mais, a sua grande tarefa tem sido a assimilação, com, de vez em quando, uma explosão de reforma. Esta reação quis primeiro reviver os rituais dos Vedas – caso contrário, fez dos Upanishads ou das porções filosóficas dos Vedas a sua base. Trouxe o sistema de filosofia Mimâmsâ de Vyasa e o sermão de Krishna, o Gita, para o primeiro plano; e todos os movimentos sucessivos seguiram o mesmo. O movimento de Shankara abriu caminho através da sua elevada intelectualidade; mas poderia ser de pouca utilidade para as massas, devido à sua adesão a rígidas leis de castas, ao espaço muito pequeno para emoções comuns e ao fato de fazer do sânscrito o único veículo de comunicação. Ramanuja, por outro lado, com uma filosofia muito prática, um grande apelo às emoções, uma negação total dos direitos de nascença antes das realizações espirituais e apelos através da língua popular, teve sucesso completo em trazer as massas de volta à religião védica.

A reação nortenha do ritualismo foi seguida pela glória intermitente do império Malava. Com a sua destruição num curto espaço de tempo, o norte da Índia adormeceu, por assim dizer, durante um longo período, para ser rudemente acordado pelo ataque estrondoso da cavalaria muçulmana através das passagens do Afeganistão. No sul, porém, à convulsão espiritual de Shankara e Ramanuja foi seguida pela habitual sequência indiana de raças unidas e impérios poderosos. Foi o lar de refúgio da religião e da civilização indianas, quando o norte da Índia, de mar a mar, estava preso aos pés dos conquistadores da Ásia Central. Os muçulmanos tentaram durante séculos subjugar o sul, mas dificilmente se pode dizer que tenham conseguido uma posição forte; e quando o império forte e unido dos mongóis estava muito perto de completar a sua conquista, as colinas e planaltos do sul despejaram os seus bandos de cavaleiros camponeses guerreiros, determinados a morrer pela religião que Râmândas pregava e Tukâ cantava; e em pouco tempo o gigantesco império dos mongóis era apenas um nome.

Os movimentos no norte da Índia durante o período muçulmano são caracterizados pela sua tentativa uniforme de impedir as massas de aderirem à religião dos conquistadores – o que trouxe consigo a igualdade social e espiritual para todos.

Os frades das ordens fundadas por Râmânanda, Kabir, Dâdu, Chaitanya ou Nânak estavam todos de acordo em pregar a igualdade do homem, embora diferindo entre si na filosofia. A maior parte da sua energia foi gasta em travar a rápida conquista do Islão entre as massas, e restava-lhes muito pouco para dar origem a novos pensamentos e aspirações. Embora evidentemente bem-sucedidos no seu propósito de manter as massas dentro do seio da antiga religião e de moderar o fanatismo dos maometanos, eles eram meros apologistas, lutando para obter permissão para viver.

Um grande profeta, porém, surgiu no norte, Govind Singh, o último Guru dos Sikhs, com gênio criativo; e o resultado do seu trabalho espiritual foi seguido pela conhecida organização política dos Sikhs. Vimos ao longo da história da Índia que uma convulsão espiritual é quase sempre seguida por uma unidade política que se estende por mais ou menos áreas do continente, o que por sua vez ajuda a fortalecer a aspiração espiritual que a traz à

existência. Mas a aspiração espiritual que precedeu a ascensão do império Mahratta ou Sikh foi inteiramente reacionária. Procuramos em vão encontrar na corte de Poona ou Lahore pelo menos um raio de reflexo daquela glória intelectual que rodeava as cortes dos Muguls, muito menos o brilho de Malava ou Vidyânagara. Foi intelectualmente o período mais sombrio da história indiana; e ambos os impérios meteóricos, representando a revolta do fanatismo em massa e odiando a cultura de todo o coração, perderam toda a sua força motriz assim que conseguiram destruir o domínio dos odiados maometanos.

Então veio novamente um período de confusão. Amigos e inimigos, o império mogol e os seus destruidores, e os até então pacíficos comerciantes estrangeiros, franceses e ingleses, juntaram-se numa luta corpo a corpo. Durante mais de meio século não houve nada além de guerra, pilhagem e destruição. E quando a fumaça e a poeira se dissiparam, a Inglaterra estava vitoriosa sobre o resto. Houve meio século de paz, lei e ordem sob o domínio da Grã-Bretanha. Só o tempo provará se é a ordem do progresso ou não.

Houve alguns movimentos religiosos entre o povo indiano durante o domínio britânico, seguindo a mesma linha que foi seguida pelas seitas do norte da Índia durante o domínio do império de Deli. São as vozes dos mortos ou dos moribundos – os tons débeis de um povo aterrorizado, implorando por permissão para viver. Eles estão sempre ansiosos por ajustar o seu ambiente espiritual ou social de acordo com os gostos dos conquistadores - se apenas lhes for deixado o direito de viver, especialmente as seitas sob o domínio inglês, nas quais as diferenças sociais com a raça conquistadora são mais evidentes do que as diferenças sociais. espiritual. As seitas hindus do século parecem ter apresentado um ideal de verdade – a aprovação dos seus mestres ingleses. Não admira que estas seitas tenham vidas de cogumelos para viver. A grande maioria do povo indiano mantém-se religiosamente distante deles, e o único reconhecimento popular que obtém é o júbilo do povo quando morre.

Mas possivelmente, ainda por algum tempo, não poderá ser de outra forma.

6.3.2 A HISTÓRIA DO MENINO GOPALA

"Ó mãe! Tenho tanto medo de ir para a escola sozinho na floresta; outros meninos têm empregados ou alguém para levá-los para a escola ou para casa - por que não posso ter alguém para me levar para casa?" - assim disse Gopâla, um garotinho brâmane, para sua mãe numa tarde de inverno, quando se preparava para a escola. O horário escolar era de manhã e à tarde. Já estava escuro quando a escola fechou à tarde, e o caminho passava pela floresta.

A mãe de Gopala era viúva. Seu pai, que viveu como um brâmane deveria - nunca se preocupando com os bens do mundo, estudando e ensinando, adorando e ajudando outros a adorar - morreu quando Gopala era um bebê. E a pobre viúva retirou-se inteiramente das preocupações do mundo - até mesmo daquele pouco que ela já teve - sua alma entregue inteiramente a Deus, e esperando pacientemente com orações, jejum e disciplina, pela morte do grande libertador, para se encontrar em outra vida. , aquele que foi o companheiro eterno de suas alegrias e tristezas, seu parceiro no bem e no mal da cadeia sem início de vidas. Ela morava em sua pequena cabana. Um pequeno arrozal que seu marido recebeu como presente sagrado para o aprendizado trouxe-lhe arroz suficiente; e o pedaço de terra que circundava sua cabana, com seus arbustos de bambu, alguns coqueiros, algumas mangas e lichis, com a ajuda dos gentis aldeões, produzia vegetais suficientes durante todo o ano. De resto, ela trabalhava arduamente todos os dias durante horas na roca.

Ela já estava acordada muito antes de a alvorada rosada tocar as pontas das palmeiras, muito antes de os pássaros começarem a cantar em seus ninhos, e sentada em sua cama - uma esteira no chão coberta com um cobertor - repetia os nomes sagrados do mulheres sagradas do passado, saudaram os antigos sábios, recitaram os nomes sagrados de Nârâyana, o Refúgio da humanidade, de Shiva, o misericordioso, de Târâ, a Mãe Salvadora; e acima de tudo, (ela) orou Àquele a quem seu coração mais amava, Krishna, que havia assumido a forma de Gopala, um vaqueiro, para ensinar e salvar a humanidade, e se alegrou porque um dia ela estava mais perto daquele que havia seguido em frente. , e com ele mais perto dele por um dia, o Cowherd.

Antes da luz do dia, ela tomou banho no riacho vizinho, orando para que sua mente pudesse ser purificada pela misericórdia de Krishna, assim como seu corpo pela água. Então ela vestiu sua roupa de algodão mais branco, recém-lavada, colheu algumas flores, esfregou um pedaço de sândalo em uma pedra circular com um pouco de água para fazer uma pasta perfumada, juntou algumas folhas de Tulasi com aroma adocicado e retirou-se para um quartinho. na cabana, separados para adoração. Neste quarto ela mantinha seu Bebê Cowherd; num pequeno trono de madeira sob um pequeno dossel de seda; sobre uma pequena almofada de veludo, quase coberta de flores, foi colocada uma imagem de bronze de Krishna quando bebê. O coração de sua mãe só poderia ficar satisfeito ao conceber Deus como seu bebê. Muitas e muitas vezes seu erudito marido havia falado com ela sobre Aquele que é pregado nos Vedas, o informe, o infinito, o impessoal. Ela ouvia com toda atenção e a conclusão era sempre a mesma: o que está escrito nos Vedas deve ser verdade; mas, ah! era tão imenso, tão distante, e ela, apenas uma mulher fraca e ignorante; e então, também estava escrito: “Em qualquer forma que alguém Me procure, eu o alcanço nessa forma, pois toda a humanidade está apenas seguindo os caminhos que eu estabeleci para eles” – e isso foi suficiente. Ela não queria saber mais nada. E lá estava ela - toda a devoção, a fé, o amor de que seu coração era capaz, estava lá em Krishna, o Bebê Vaqueiro, e todo aquele coração entrelaçado ao redor do Vaqueiro visível, esta pequena imagem de bronze. Então, novamente ela ouviu: "Sirva-Me como faria com um ser de carne e osso, com amor e pureza, e eu aceito tudo isso." Então ela serviu como serviria a um mestre, a uma professora querida, acima de tudo, como serviria à menina dos seus olhos, ao seu único filho, ao seu filho.

Então ela banhou e vestiu a imagem, queimou incenso diante dela, e para oferenda? – ah, ela era tão pobre! — mas com lágrimas nos olhos lembrou-se do marido lendo os livros: “Aceito com alegria até folhas e flores, frutos e água, tudo o que é oferecido com amor”, e ela ofereceu: “Tu para quem o mundo das flores desabrocha , aceita minhas poucas flores comuns, Tu que alimentas o universo, aceita minhas pobres oferendas de frutas. Sou fraco, sou ignorante, não sei como me aproximar de Ti, como adorar-Te, meu Deus, meu Vaqueiro, meu filho. ; que minha adoração seja pura, meu amor por Ti altruísta; e se houver alguma virtude na adoração, que seja Tua, conceda-me apenas amor, amor que nunca pede nada - 'nunca busca nada

além de amor'." Talvez o mendigo em sua visita matinal estivesse cantando no pequeno quintal:

Teu conhecimento, cara! Eu não valorizo,

É o teu amor que temo;

É o teu amor que abala Meu trono,

Traz Deus às lágrimas humanas.

Por amor, eis o Senhor de todos,

O sem forma, sempre livre,

Foi feito para assumir a forma humana

Para brincar e viver contigo.

Que aprendizado, eles dos bosques de Vrindâ,

Os pastores, você já entendeu?

Que ciência, meninas que ordenhavam vacas?

Eles amaram e me compraram.

Então, no Divino, a mãe-coração encontrou seu filho terreno Gopala (lit. vaqueiro), em homenagem ao Divino Vaqueiro. E a alma que se movia quase mecanicamente entre os seus arredores terrestres - que, por assim dizer, estava constantemente flutuando num éter celestial, pronta para se afastar do contato com as coisas materiais, encontrou suas amarras terrenas em seu filho. Foi a única coisa que lhe restou para acumular todas as suas alegrias terrenas e amor. Não foram os seus movimentos, os seus pensamentos, os seus prazeres, a sua própria vida para aquele pequenino que a prendeu à vida?

Durante anos ela acompanhou o desenrolar do dia a dia da vida daquele bebê com todo o cuidado de mãe; e agora que ele tinha idade suficiente para ir à escola, como ela trabalhou arduamente durante meses para conseguir o necessário para o jovem estudante!

As necessidades, porém, eram poucas. Numa terra onde os homens passam a vida contentes debruçados sobre livros à luz de uma lamparina de barro, com 30 gramas de óleo no qual há um fino pavio de algodão - sendo uma esteira de junco o único móvel ao seu redor - as necessidades de um estudante são não muitos. No entanto, houve alguns, e mesmo esses custaram muitos dias de trabalho duro para a pobre mãe.

Como ela trabalhou durante dias em sua roda para comprar para Gopala um novo Dhoti de algodão e um pedaço de algodão Châdar, as coberturas inferior e superior, a pequena esteira onde Gopala colocaria seu maço de folhas de palmeira para escrever e suas canetas de junco, e que ele deveria carregar enrolado debaixo do braço para ser usado como assento na escola - e o tinteiro. E que alegria foi para ela quando, num dia de bom presságio, Gopal tentou escrever suas primeiras cartas, só o coração de uma mãe, de uma pobre mãe, pode saber!

Mas hoje há uma sombra escura em sua mente. Gopala tem medo de passar sozinho pela floresta. Nunca antes ela sentiu a sua viuvez, a sua solidão, a sua pobreza tão amargas. Por um momento tudo ficou escuro, mas ela lembrou o que ouvira sobre a promessa eterna: “Aqueles que dependem de Mim abrindo mão de todos os outros pensamentos, a eles Eu mesmo carrego o que for necessário”. E ela era uma das almas que podiam acreditar.

Então a mãe enxugou as lágrimas e disse ao filho que ele não precisava ter medo. Pois naquelas florestas vivia outro filho dela cuidando do gado, também chamado Gopala; e se alguma vez tivesse medo de passar por eles, bastava visitar o irmão Gopala!

A criança era filho daquela mãe, e ele acreditou.

Naquele dia, voltando da escola pela floresta, Gopala ficou assustado e chamou seu irmão Gopala, o pastor de vacas: “Irmão pastor de vacas, você está aqui? .” E uma voz veio de trás das árvores: “Não tenha medo, irmãozinho, estou aqui; vá para casa sem medo”.

Assim, todos os dias o menino ligava e a voz respondia. A mãe ouviu falar disso com admiração e amor; e ela instruiu seu filho a pedir ao irmão da

floresta que aparecesse na próxima vez.

No dia seguinte o menino, ao passar pela mata, visitou o irmão. A voz veio como sempre, mas o menino pediu ao irmão que estava na floresta que se mostrasse a ele. A voz respondeu: “Estou ocupado hoje, irmão, e não posso ir”. Mas o menino insistiu, e da sombra das árvores surgiu o Vaqueiro da floresta, um menino vestido com trajes de vaqueiro, com uma pequena coroa na cabeça com penas de pavão e a flauta do vaqueiro nas mãos.

E eles estavam tão felizes: brincavam juntos durante horas na floresta, subindo em árvores, colhendo frutas e flores – a Gopala da viúva e a Gopala da floresta, até ser quase tarde para a escola. Então o Gopala da viúva foi para a escola com o coração relutante e quase esqueceu toda a lição, com a mente ansiosa para voltar para a floresta e brincar com seu irmão.

Meses se passaram dessa maneira. A pobre mãe ouvia falar disso dia após dia e, na alegria desta misericórdia divina, esquecia a sua viuvez, a sua pobreza, e abençoava mil vezes as suas misérias.

Depois vieram algumas cerimônias religiosas que o professor teve que realizar em homenagem aos seus antepassados. Esses professores da aldeia, administrando sozinhos vários meninos e não recebendo deles honorários fixos, dependem muito de presentes quando a ocasião os exige.

Cada aluno trouxe sua parte, em bens ou dinheiro. E Gopala, o órfão, filho da viúva! — os outros meninos sorriram com desprezo para ele quando falaram dos presentes que traziam.

Naquela noite, o coração de Gopala estava pesado e ele pediu à mãe algum presente para a professora, e a pobre mãe não tinha nada.

Mas ela decidiu fazer o que vinha fazendo durante toda a sua vida, depender do Vaqueiro, e disse ao filho para pedir ao seu irmão Gopala, nas florestas, algum presente para o professor.

No dia seguinte, depois de Gopala ter encontrado o vaqueiro na floresta, como de costume, e depois de terem brincado juntos, Gopala contou ao

irmão da floresta a tristeza que estava em sua mente e implorou-lhe que lhe desse algo para presentear seu professor. .

“Irmão Gopala”, disse o vaqueiro, “sou apenas um vaqueiro, e não tenho dinheiro, mas pegue este pote de creme como se fosse de um vaqueiro pobre e apresente-o ao seu professor”.

Gopala, muito feliz por agora ter algo para dar ao seu professor, ainda mais porque era um presente de seu irmão na floresta, correu para a casa do professor e ficou com o coração ansioso atrás de uma multidão de meninos entregando seus presentes. para o professor. Muitos e variados foram os presentes que trouxeram, e ninguém pensou em olhar nem mesmo para o presente do órfão.

A negligência foi bastante desanimadora; lágrimas brotaram dos olhos de Gopala quando, por um súbito golpe de sorte, o professor reparou nele. Ele pegou o pequeno pote de creme da mão de Gopala e despejou o creme em um recipiente grande, quando, para sua surpresa, o pote encheu novamente! Novamente ele esvaziou o conteúdo num recipiente maior, novamente ele estava cheio; e assim continuou, o pequeno pote enchendo mais rápido do que ele conseguia esvaziá-lo.

Então o espanto tomou conta de todos; e a professora pegou o pobre órfão nos braços e perguntou sobre o pote de creme.

Gopala contou ao professor tudo sobre seu irmão Cowherd na floresta, como ele atendeu seu chamado, como brincou com ele e como finalmente lhe deu o pote de creme.

O professor pediu a Gopala que o levasse para a floresta e lhe mostrasse seu irmão da floresta, e Gopala ficou muito feliz em levar seu professor até lá.

O menino chamou seu irmão para aparecer, mas não houve voz nem naquele dia. Ele ligou de novo e de novo. Nenhuma resposta. E então o menino implorou ao irmão na floresta que falasse, caso contrário o professor pensaria que ele não estava falando a verdade. Então veio a voz de uma grande distância:

"Gopala, o amor e a fé de sua mãe Me trouxeram até você; mas diga ao seu professor, ele ainda terá que esperar muito tempo."

6.3.3 MEU JOGO ESTÁ FEITO

(Escrito na primavera de 1895 em Nova York)

Sempre subindo, sempre caindo com as ondas do tempo,

ainda estou rolando, vou

De cena fugaz a cena efêmera,

com o fluxo e refluxo das correntes da vida.

Oh! Estou farto desta força sem fim;

esses programas não agradam mais.

Isso está sempre em execução, nunca alcançando,

nem mesmo um vislumbre distante da costa!

De vida em vida estou esperando nos portões,

infelizmente, eles não abrem.

Meus olhos estão turvos com tentativas vãs

para capturar um raio há muito procurado.

Na ponte alta e estreita da pequena vida

Eu levanto e vejo abaixo

A multidão lutando, chorando e rindo.

Para que? Ninguém pode saber.

Na frente dos portões estão carrancudos e sombrios,

e diga: "Não há mais caminho,
Este é o limite; não tente o destino,
aguarde o melhor que puder;
Vá, misture com eles e beba este copo
e fique tão bravo quanto eles.
Quem ousa saber, mas fica triste;
pare então e fique com eles."
Infelizmente para mim. Não consigo descansar.
Esta bolha flutuante, terra —
Sua forma oca, seu nome oco,
sua morte e nascimento ocos —
Para mim não é nada. Quanto desejo
ir além da crosta
De nome e forma! Ah! abra os portões;
para mim eles abrem obrigatoriamente.
Abra os portões da luz, ó Mãe, para mim Teu filho cansado.
Anseio, ah, anseio por voltar para casa!
Mãe, minha peça acabou.
Você me mandou brincar no escuro,
e usava uma máscara assustadora;
Então a esperança foi embora, o terror veio,
e brincar se tornou uma tarefa.
Jogado de um lado para outro, de onda em onda

neste mar agitado e revolto
De paixões fortes e tristezas profundas,
a tristeza é e a alegria é ,
Onde a vida é a morte viva, infelizmente! e morte —
quem sabe, mas é
Outro começo, outra rodada desta velha roda
de tristeza e felicidade?
Onde as crianças sonham sonhos brilhantes e dourados,
muito cedo para encontrar poeira,
E sim, olhe para trás para ter uma esperança há muito perdida
e a vida uma massa de ferrugem!
Tarde demais, a era do conhecimento avança;
escasso da roda, partimos
Quando renovadas, as vidas jovens colocam sua força
para a roda, que assim continua
Dia após dia e ano após ano.
'É apenas um brinquedo da ilusão,
Falsa esperança, seu motor; desejo, nave;
seus raios são tristeza e alegria.
Fico à deriva e não sei para onde.
Salve-me deste fogo!
Salva-me, Mãe misericordiosa, de flutuar de desejo!
Não vire para mim seu rosto horrível,

é mais do que posso suportar.
Seja misericordioso e gentil comigo,
para repreender minhas falhas, deixe de lado.
Leve-me, ó Mãe, para aquelas praias
onde os conflitos cessam para sempre;
Além de todas as tristezas, além das lágrimas,
além de qualquer felicidade terrena;
Cuja glória nem sol, nem lua,
nem estrelas que brilham,
Nem o relâmpago pode expressar.
Eles apenas refletem sua luz.
Nunca mais sonhos ilusórios
encobre Tua face de mim.
Minha peça acabou, ó mãe,
quebre minhas correntes e me liberte!

6.3.4 A COPA

Esta é a sua xícara — a xícara atribuída
para você desde o início.
Não, meu filho, eu sei quanto
dessa bebida escura é sua própria bebida

Por culpa e paixão, há muito tempo,
Nos profundos anos de ontem, eu sei.

Este é o seu caminho: um caminho doloroso e triste.
Eu fiz as pedras que nunca te dão descanso.
Eu defini seu amigo de maneira agradável e clara,
E ele virá como você, ao meu peito.
Mas você, meu filho, deve viajar para cá.

Esta é sua tarefa. Não tem alegria nem graça,
Mas não se destina a outra mão,
E em Meu universo mediu o lugar,
Pegue. Não quero que você entenda.
Peço-lhe que feche os olhos para ver Meu rosto.

6.3.5 UMA BÊNÇÃO

(Escrito para Irmã Nivedita)

O coração da mãe, a vontade do herói,
A doçura da brisa do sul,
O encanto sagrado e a força que habita
Nos altares arianos, flamejantes, livres;

Tudo isso será seu e muito mais
Nenhuma alma antiga poderia sonhar antes —
Seja você o futuro filho da Índia
A amante, serva, amiga em uma só.

6.3.6 O HINO DA CRIAÇÃO

(Uma tradução do Nâsadiya-Sukta, Rig-Veda, X. 129.)

A existência não era então, nem a inexistência,
O mundo não existia, o céu além também não.
O que cobriu a névoa? De quem foi?
O que havia nas profundezas da escuridão?

A morte não era então, nem a imortalidade,
A noite não estava separada do dia,
Mas imóvel Isso vibrou
Sozinho, com sua própria glória —
Além disso, nada existia.

A princípio, na escuridão, a escuridão oculta estava,
Indistinguível como uma massa de água,
Então Aquilo que estava no vazio assim coberto

Uma glória apresentada por Tapah!

O primeiro desejo surgiu, a semente primordial da mente,
(Os sábios viram tudo isso em seus corações
Separando a existência da inexistência.)
Seus raios se espalham acima, abaixo e lateralmente.

A criatividade então se tornou a glória,
Com o princípio autossustentável abaixo.
E Energia Criativa acima.

Quem sabia o caminho? Quem declarou
De onde isso surgiu? Projeção de onde?
Pois depois dessa projeção vieram os deuses.
Quem, portanto, sabia de fato, saiu daqui de onde?

Esta projeção de onde surgiu,
Seja retido ou não,
Ele é o governante do céu supremo, deste
Ele, ó Sharman! sabe ou não sabe
Ele por acaso!

6.3.7 NO SEIO DO MAR

(Swami Vivekananda compôs este poema em bengali durante seu retorno de sua segunda viagem ao Ocidente. No momento em que o escreveu, ele provavelmente estava cruzando o Mediterrâneo oriental.)

No céu azul flutua uma infinidade de nuvens —
Branco, preto, de tons e espessuras serpenteantes;
Um sol laranja, prestes a se despedir,
Toca as formas de nuvens concentradas com listras vermelhas.

O vento sopra como manda, um furacão
Agora esculpindo formas, agora separando-as:
Fantasias, cores, formas, criações inertes —
Uma miríade de cenas, embora reais, mas fantásticas.

Lá nuvens leves se espalham, acumulando algodão fiado;
Veja a seguir uma cobra enorme e depois um leão forte;
Mais uma vez, eis um casal apaixonado.
Todos desaparecem, finalmente, no céu vaporoso.

Abaixo, o mar canta uma música variada,
Mas não é grandioso, ó Índia, nem enobrecedor:
Tuas águas, amplamente elogiadas, murmuram serenas
Em cadência suave, sem rugido áspero.

6.3.8 HINDUÍSMO E SHRI RAMAKRISHNA

(Traduzido do bengali)

Pela palavra "Shastras" entende-se os Vedas sem começo nem fim. Em questões de dever religioso, os Vedas são a única autoridade capaz.

Os Puranas e outras escrituras religiosas são todas denotadas pela palavra "Smriti". E a autoridade deles vai tão longe quanto eles seguem os Vedas e não os contradizem.

A verdade é de dois tipos: (1) aquela que é cognoscível pelos cinco sentidos comuns do homem e por raciocínios baseados neles; (2) aquilo que é cognoscível pelo poder sutil e suprassensível do Yoga.

O conhecimento adquirido pelos primeiros meios é denominado ciência; e o conhecimento adquirido pelo segundo é chamado de Vedas.

Todo o conjunto de verdades supra-sensoriais, sem começo nem fim, e chamado pelo nome de Vedas, é sempre existente. O próprio Criador está criando, preservando e destruindo o universo com a ajuda destas verdades.

A pessoa em quem este poder supra-sensorial se manifesta é chamada de Rishi, e as verdades supra-sensoriais que ela realiza por meio deste poder são chamadas de Vedas.

Este Rishihood, este poder de percepção supra-sensorial dos Vedas, é a verdadeira religião. E enquanto isso não se desenvolver na vida de um iniciado, a religião será para ele uma mera palavra vazia, e deve ser entendido que ele ainda não deu o primeiro passo na religião.

A autoridade dos Vedas estende-se a todas as idades, climas e pessoas; isto é, a sua aplicação não se limita a nenhum lugar, tempo ou pessoa em particular.

Os Vedas são o único expoente da religião universal.

Embora a visão supra-sensorial das verdades possa ser encontrada até certo ponto em nossos Puranas e Itihasas e nas escrituras religiosas de outras

raças, ainda assim a escritura quádrupla conhecida entre a raça ariana como os Vedas é a primeira, a mais completa e a mais completa. coleção mais não distorcida de verdades espirituais, merece ocupar o lugar mais alto entre todas as escrituras, merecer o respeito de todas as nações da terra e fornecer a lógica de todas as suas respectivas escrituras.

No que diz respeito a toda a coleção védica de verdades descobertas pela raça ariana, também deve ser entendido que apenas aquelas porções que não se referem a assuntos puramente seculares e que não apenas registram a tradição ou a história, ou apenas fornecem incentivos ao dever, formam os Vedas no sentido real.

Os Vedas são divididos em duas porções, o Jnâna-kânda (porção de conhecimento) e o Karma-kânda (porção ritual). As cerimônias e os frutos do Karma-kanda estão confinados dentro dos limites do mundo de Mâyâ e, portanto, passaram e passarão por transformações de acordo com a lei da mudança que opera através do tempo, do espaço e da personalidade.

Da mesma forma, as leis e costumes sociais, baseados neste Karma-kanda, têm mudado e continuarão a mudar no futuro. Os usos sociais menores também serão reconhecidos e aceitos quando forem compatíveis com o espírito das verdadeiras escrituras e com a conduta e exemplo dos santos sábios. Mas a lealdade cega apenas aos usos repugnantes ao espírito dos Shastras e à conduta dos sábios sagrados tem sido uma das principais causas da queda da raça Ariana.

Foi o Jnana-kanda ou apenas o Vedanta que, em todos os tempos, conquistou o reconhecimento por liderar os homens através de Maya e conceder-lhes a salvação através da prática de Yoga, Bhakti, Jnana ou trabalho altruísta; e como a sua validade e autoridade permanecem inalteradas por quaisquer limitações de tempo, lugar ou pessoas, é o único expoente da religião universal e eterna para toda a humanidade.

Os Samhitas de Manu e outros sábios, seguindo as linhas estabelecidas no Karma-kanda, ordenaram principalmente regras de conduta que conduzem ao bem-estar social, de acordo com as exigências do tempo, lugar e pessoas. Os Puranas etc. adotaram as verdades embutidas no Vedanta e as explicaram em detalhes ao descrever a vida e os feitos exaltados dos

Avataras e outros. Além disso, cada um deles enfatizou alguns dos infinitos aspectos do Divino Senhor para ensinar aos homens sobre eles.

Mas quando, com o passar do tempo, decaídos dos verdadeiros ideais e regras de conduta e desprovidos do espírito de renúncia, viciados apenas em usos cegos e degradados no intelecto, os descendentes dos arianos falharam em apreciar até mesmo o espírito desses Puranas. etc., que ensinaram aos homens de inteligência comum as verdades abstrusas do Vedanta em forma concreta e linguagem difusa e pareciam antagônicos uns aos outros na superfície, porque cada um inculcava com ênfase especial apenas aspectos particulares do ideal espiritual -

E quando, como consequência, reduziram a Índia, a bela terra da religião, a um cenário de confusão quase infernal, ao desmembrarem aos poucos a única Religião Eterna dos Vedas (Sanâtana Dharma), a grande síntese de todos os aspectos do espiritual ideal, em seitas conflitantes e procurando sacrificar uns aos outros nas chamas do ódio sectário e da intolerância -

Foi então que Shri Bhagavan Ramakrishna encarnou na Índia, para demonstrar qual é a verdadeira religião da raça ariana; mostrar onde, entre todas as suas muitas divisões e ramificações, espalhadas por todo o país ao longo de sua história imemorial, reside a verdadeira unidade da religião hindu, que por seu número esmagador de seitas discordantes à visão superficial, brigando constantemente entre si e abundante em costumes divergentes em todos os sentidos, constituiu-se num enigma enganador para os nossos compatriotas e alvo de desprezo para os estrangeiros; e acima de tudo, apresentar diante dos homens, para seu bem-estar duradouro, como uma encarnação viva do Sanatana Dharma, sua própria vida maravilhosa na qual ele infundiu o espírito universal e o caráter deste Dharma, há tanto tempo lançado no esquecimento pelo processo de tempo.

A fim de mostrar como as verdades Védicas - eternamente existentes como o instrumento do Criador em Seu trabalho de criação, preservação e dissolução - revelam-se espontaneamente nas mentes dos Rishis purificados de todas as impressões de apego mundano, e porque tal verificação e a confirmação das verdades bíblicas ajudará no reavivamento, restabelecimento e difusão da religião — o Senhor, embora seja a própria

personificação dos Vedas, nesta Sua nova encarnação descartou completamente todas as formas externas de aprendizagem.

Que o Senhor encarna repetidamente em forma humana para a proteção dos Vedas ou da verdadeira religião, e do Brahmanismo ou do ministério dessa religião – é uma doutrina bem estabelecida nos Puranas, etc.

As águas de um rio que cai em uma catarata adquirem maior velocidade, a onda que sobe após uma depressão aumenta mais; assim, após cada período de declínio, a sociedade ariana, recuperando-se de todos os males pela misericordiosa dispensação da Providência, tornou-se mais gloriosa e poderosa - tal é o testemunho da história.

Depois de se levantar de cada queda, nossa sociedade revivida está expressando cada vez mais sua perfeição inata e eterna, e assim também o Senhor onipresente em cada encarnação sucessiva está se manifestando cada vez mais.

Repetidas vezes nosso país caiu em desmaio, por assim dizer, e repetidas vezes o Senhor da Índia, pela manifestação de Si mesmo, o revivificou.

Mas, maior do que a atual noite profunda e sombria, agora quase acabada, nenhum manto de escuridão jamais havia envolvido esta nossa terra sagrada. E comparadas com a profundidade desta queda, todas as quedas anteriores parecem pequenas marcas de cascos.

Portanto, antes do esplendor deste novo despertar, a glória de todos os avivamentos passados na sua história empalidecerá como estrelas diante do sol nascente; e comparadas com esta poderosa manifestação de força renovada, todas as muitas épocas passadas dessa restauração serão como uma brincadeira de criança.

Os vários ideais constituintes da Religião Eterna, durante o seu atual estado de declínio, têm estado espalhados aqui e ali por falta de homens competentes para realizá-los - alguns sendo preservados parcialmente entre pequenas seitas e alguns completamente perdidos.

Mas fortes na força deste novo renascimento espiritual, os homens, depois de reorganizarem estes ideais espirituais dispersos e desconexos, serão capazes de compreendê-los e praticá-los em suas próprias vidas e também de recuperar do esquecimento aqueles que estão perdidos. E como penhor seguro deste futuro glorioso, o Senhor todo misericordioso manifestou na era presente, como afirmado acima, uma encarnação que, no ponto de completude na revelação, sua harmonização sintética de todos os ideais e sua promoção de todas as esferas de cultura espiritual, supera as manifestações de todas as épocas passadas.

Assim, no alvorecer desta época importante, está a ser proclamada a reconciliação de todos os aspectos e ideais do pensamento e culto religioso; esta ideia ilimitada e abrangente era inerente, mas por tanto tempo oculta, na Religião Eterna e nas suas escrituras, e agora redescoberta, está sendo declarada à humanidade em uma voz de trombeta.

Esta nova dispensação histórica é o prenúncio de um grande bem para todo o mundo, especialmente para a Índia; e o inspirador desta dispensação, Shri Bhagavan Ramakrishna, é a manifestação reformada e remodelada de todos os grandes criadores de época do passado na religião. Ó homem, tenha fé nisso e leve a sério.

Os mortos nunca retornam; a noite passada não reaparece; um maremoto esgotado não surge novamente; nem o homem habita novamente o mesmo corpo. Assim, a partir da adoração do passado morto, ó homem, nós convidamos você para a adoração do presente vivo; da reflexão arrependida sobre o passado, convidamos você para as atividades do presente; do desperdício de energia em refazer caminhos perdidos e demolidos, chamamos vocês de volta às amplas rodovias recém-construídas que ficam muito próximas. Quem é sábio, deixe-o entender.

Desse poder, que ao primeiro impulso despertou ecos distantes de todos os quatro cantos do globo, conceba em sua mente a manifestação em sua plenitude; e descartando todas as dúvidas vãs, fraquezas e ciúmes característicos dos povos escravizados, venha e ajude a girar esta poderosa roda da nova dispensação!

Com a convicção firmemente enraizada em seu coração de que vocês são servos do Senhor, Seus filhos, ajudantes no cumprimento de Seu propósito, entrem na arena do trabalho.

6.3.9 A LÍNGUA BENGALI

(Traduzido do bengali)

(Escrito para o "Udbodhan")

Em nosso país, devido a todo o aprendizado ser em sânscrito desde os tempos antigos, surgiu um abismo incomensurável entre os eruditos e as pessoas comuns. Todos os grandes personagens, desde Buda até Chaitanya e Ramakrishna, que vieram para o bem-estar do mundo, ensinaram às pessoas comuns na língua das próprias pessoas. É claro que a bolsa de estudos é uma coisa excelente; mas não pode a erudição ser apresentada através de qualquer outro meio que não seja uma linguagem rígida e ininteligível, que não seja natural e meramente artificial? Não há espaço para a arte na língua falada? Qual é a utilidade de criar uma linguagem não natural em detrimento da linguagem natural? Você não pensa em suas pesquisas escolares na língua que está acostumado a falar em casa? Por que então você introduz algo tão estranho e pesado quando passa a colocá-los em preto e branco? A linguagem na qual você pensa filosofia e ciência em sua mente e discute com outros em público – não é essa a linguagem para escrever filosofia e ciência? Se não for, como então vocês raciocinam essas verdades dentro de vocês mesmos e na companhia de outras pessoas nessa mesma língua? A linguagem na qual nos expressamos naturalmente, na qual comunicamos nossa raiva, tristeza ou amor, etc. — não pode haver linguagem mais adequada do que essa. Devemos nos ater a essa ideia, a essa forma de expressão, a essa dicção e tudo mais. Nenhuma linguagem artificial pode jamais ter essa força, essa brevidade e expressividade, ou admitir que lhe seja dada a forma que desejar, como a linguagem falada. A linguagem deve ser feita como aço puro - gire-a e torça-a como quiser, é novamente a mesma - ela parte uma rocha em dois de uma só vez, sem que sua borda seja virada. Nossa língua está se tornando artificial ao imitar o

movimento lento e pomposo – e apenas isso – do sânscrito. E a língua é o principal meio e índice do progresso de uma nação.

Se você disser: “Está tudo bem, mas existem vários tipos de dialetos em diferentes partes de Bengala – qual deles aceitar?” — a resposta é: devemos aceitar aquilo que ganha força e se espalha através das leis naturais, isto é, a linguagem de Calcutá. Do leste ou do oeste, de onde quer que as pessoas venham, uma vez que respiram o ar de Calcutá, elas falam a língua em voga ali; então a própria natureza indica em qual idioma escrever. Quanto mais ferrovias e facilidades de comunicação houver, mais desaparecerá a diferença entre o leste e o oeste, e de Chittagong a Baidyanath haverá aquela única língua, a saber, a de Calcutá. A questão não é qual distrito possui uma língua que mais se aproxima do sânscrito – você deve ver qual língua está triunfando. Quando é evidente que a língua de Calcutá em breve se tornará a língua de toda Bengala, então, se for necessário tornar a língua escrita e falada a mesma, se formos suficientemente inteligentes, certamente tornaremos a língua de Calcutá a nossa língua. Fundação. Aqui os ciúmes locais também deveriam ser jogados ao mar. No que diz respeito ao bem-estar de toda a província, você deve ignorar as reivindicações de superioridade do seu próprio distrito ou aldeia.

A linguagem é o veículo das ideias. São as ideias que são de primordial importância, a linguagem vem depois. Parece bom colocar um macaco num cavalo que tem adornos de diamantes e pérolas? Basta olhar para o sânscrito. Veja o sânscrito dos Brâhmanas, o comentário de Shabara Swâmi sobre a filosofia Mimâmsâ, o Mahabhâshya de Patanjali e, finalmente, o grande Comentário de Achârya Shankara: e observe também o sânscrito de tempos comparativamente recentes. Você compreenderá imediatamente que, enquanto um homem está vivo, ele fala uma língua viva, mas quando está morto, fala uma língua morta. Quanto mais a morte se aproxima, mais diminui o poder do pensamento original e maior é a tentativa de enterrar uma ou duas ideias podres sob um monte de flores e perfumes. Bom Deus! Que desfile eles fazem! Depois de dez páginas de grandes adjetivos, de repente você tem – “Lá vivia o Rei!” Oh, que variedade de adjetivos, compostos gigantes e trocadilhos habilidosos! São sintomas de morte. Quando o país começou a decair, todos estes sinais tornaram-se manifestos. Não foi apenas na linguagem – todas as artes começaram a manifestá-las.

Um edifício agora não expressava nenhuma ideia nem seguia nenhum estilo; as colunas foram giradas e giradas até que toda a sua força fosse retirada delas. Os ornamentos perfuravam o nariz e o pescoço e transformavam quem o usava numa verdadeira ogra; mas, ah, a profusão de folhas e folhagens esculpidas fantasticamente neles! Novamente, na música, ninguém, nem mesmo o sábio Bharata, o criador das representações dramáticas, conseguia entender se era canto, ou choro, ou disputa, e que significado ou propósito ela procurava transmitir! E que abundância de complexidades nessa música! Que labirintos de floreios — suficientes para desgastar todos os nervos! Além disso, aquela música nasceu no tom nasalado proferido através dos dentes cerrados, à imitação dos especialistas musicais muçulmanos! Hoje há indicação de correção; agora as pessoas compreenderão gradualmente que uma linguagem, ou arte, ou música que não expressa nenhum significado e é sem vida não é boa. Agora compreenderão que quanto mais força for infundida na vida nacional, mais a arte da linguagem, a música, etc., se tornarão espontaneamente instintivas de ideias e de vida. O volume de significado que algumas palavras de uso diário transmitirão, você pode procurar em vão em dois mil epítetos definidos. Então cada imagem da Deidade inspirará devoção, cada menina enfeitada com ornamentos parecerá uma deusa e cada casa, cômodo e mobília será animada com a vibração da vida.

6.3.10 ASSUNTO PARA PENSAMENTO SÉRIO

(Traduzido do bengali)

Um homem apresentou-se para ser abençoado pela visão da Deidade. Ele teve um acesso de alegria e devoção ao ver; e talvez para retribuir o bem que recebeu, ele começou a cantar. Num canto do salão, recostado num pilar, estava Chobeji cochilando. Ele era o sacerdote do templo, um atleta, tocador de violão, tinha habilidade para engolir duas jarras de Bhâng (uma bebida intoxicante) e tinha várias outras qualificações além disso. De repente, um barulho terrível assaltou seu tímpano, o universo fantástico conjurado sob a influência da bebida inebriante desapareceu por um momento do enorme peito de cinco e quarenta centímetros de Chobeji! E lançando seus olhos lânguidos e tingidos de vermelho em busca da causa da

perturbação em sua mente tranquila, Chobeji descobriu que diante do Deus estava um homem cantando, dominado por seus próprios sentimentos, em uma melodia tão comovente quanto a lavagem de caldeirões em uma casa festiva e, ao fazê-lo, ele estava submetendo as sombras de toda a multidão de mestres musicais como Nârada, Bharata, Hanumân, Nâyaka e o resto a uma angústia inefável. O mortificado Chobeji, em tom agudo de repreensão, dirigiu-se ao homem que havia sido o obstáculo direto ao seu prazer daquela felicidade peculiar de embriaguez: "Olá, meu amigo, por que você está gritando assim, sem se importar com o tempo ou a melodia?" Rapidamente veio a resposta: "Qual é a necessidade de me preocupar com o tempo ou com o tempo? Estou tentando conquistar o coração do Senhor." "Humph!" retrucou Chobeji, "você acha que o Senhor é tão tolo? Você deve estar louco! Você não conseguiu nem mesmo conquistar meu coração - e o Senhor tem menos cérebro do que eu?"

* * *

O Senhor declarou a Arjuna: "Refugia-te em Mim, não tens mais nada para fazer. E eu te livrarei." Bholâchand fica muito feliz em ouvir isso de algumas pessoas; ele de vez em quando grita com uma nota incisiva: "Tomei refúgio no Senhor. Não terei que fazer mais nada." Bholachand tem a impressão de que é o cúmulo da devoção gritar essas palavras repetidamente no tom mais áspero possível. Além disso, ele não deixa de deixar claro de vez em quando, no tom acima mencionado, que ele está sempre pronto a dar até mesmo sua vida, por causa do Senhor, e que se o Senhor não se entregar voluntariamente a esse vínculo de devoção, tudo seria vazio e falso. E alguns satélites tolos dele também compartilham a mesma opinião. Mas Bholachand não está preparado para desistir de uma única parcela de maldade por causa do Senhor. Bem, o Senhor é realmente tão tolo? Ora, isso não é suficiente para nos enganar!

* * *

Bholâ Puri é um verdadeiro Vedantin - em tudo ele tem o cuidado de alardear sua condição de Brahmin. Se todas as pessoas estão prestes a morrer de fome em torno de Bhola Puri, isso não o afeta nem um pouco; ele expõe a insubstancialidade do prazer e da dor. Se através de doenças, aflições ou fome as pessoas morrem aos milhares, o que importa mesmo

para ele? Ele reflete imediatamente sobre a imortalidade da alma! Se os fortes dominam os fracos e até os matam diante de seus olhos, Bhola Puri se perde nas profundezas do significado do ditado espiritual: "A alma não mata nem é morta". Ele é extremamente avesso a qualquer tipo de ação. Se for pressionado, ele responde que concluiu todas as ações em seus nascimentos anteriores. Mas a compreensão da unidade do Ser de Bhola Puri sofre um terrível teste quando ele é ferido em um ponto. Quando há alguma anomalia na integridade de seu Bhikshâ, ou quando o chefe de família não está disposto a oferecer-lhe adoração de acordo com suas expectativas, então, na opinião de Puriji, não existem criaturas mais desprezíveis na terra do que os chefes de família, e ele está pelo menos foi uma perda entender por que a aldeia que não conseguiu oferecer-lhe um culto adequado deveria, mesmo que por um momento, aumentar o fardo do mundo.

Ele também evidentemente considerou o Senhor mais tolo do que nós.

* * *

"Eu digo, Râm Charan, você não tem educação nem meios para estabelecer um comércio, nem está apto para o trabalho físico. Além disso, você não pode desistir de se entregar às intoxicações, nem acabar com suas maldades. Diga-me, como fazer você consegue ganhar a vida?"

RAM CHARAN – “Esse é um trabalho fácil, senhor; eu prego para todos.”

Por que Ram Charan considerou o Senhor?

* * *

A cidade de Lucknow está agitada com as festividades do Mohurram. As lindas decorações e iluminação da mesquita principal, a Imambara, não têm limites. Inúmeras pessoas se reuniram. Hindus, muçulmanos, cristãos, judeus – todo o tipo de pessoas – homens, mulheres e crianças de todas as raças e credos aglomeraram-se hoje para testemunhar o Mohurram. Lucknow é a capital dos xiitas, e lamentos em nome dos ilustres Hassan e Hossain rasgam os céus hoje. Quem estava lá cujo coração não foi tocado

pela lamentação e pelas batidas de peito que ocorreram nesta triste ocasião? A história do Kârbâlâ, agora com mil anos, foi renovada hoje.

Entre esta multidão de espectadores estavam dois cavalheiros Rajput, que vieram de uma aldeia distante para ver o festival. Os Thakur Sahibs eram - como geralmente é o caso dos zemindârs (proprietários de terras) das aldeias - inocentes de saber. Aquela cultura muçulmana, a chuva de fraseologia eufística com sua pronúncia agradável e correta, as variedades de roupas da moda – as capas largas, as calças justas e os turbantes, de uma centena de cores diferentes, para agradar ao gosto dos habitantes da cidade – tudo isso tinha ainda não encontrado o caminho para uma aldeia tão remota para converter os Thakur Sahibs. Os Thakurs eram, portanto, simples e diretos, sempre apaixonados pela caça, robustos e resistentes, e de corações extremamente duros.

Os Thakurs tinham atravessado o portão e estavam prestes a entrar na mesquita quando o guarda os interrompeu. Ao perguntar os motivos, ele respondeu: “Olha aqui, essa figura gigante que você vê parada na porta, você deve dar cinco chutes primeiro e depois pode entrar”. “De quem é a estátua, por favor?” “É a estátua do nefasto Yejid que matou os ilustres Hassan e Hossain há mil anos. Portanto, este choro e este luto.” O guarda pensou que depois dessa explicação elaborada a estátua de Yejid certamente mereceria dez chutes em vez de cinco. Mas misterioso é o funcionamento do Karma, e tudo foi tristemente mal compreendido. Os Thakurs colocaram reverentemente seus lenços em volta do pescoço e prostraram-se e rolaram aos pés da estátua de Yeiid, rezando com sotaque hesitante: “Qual é a utilidade de entrar mais? Que outros deuses precisam ser vistos? Bravo Yejid! Tu sozinho és o verdadeiro Deus. Tu espancaste tão bem os patifes que eles estão chorando até agora!

* * *

Aí está o imponente templo da Eterna Religião Hindu, e quantas maneiras de abordá-lo! E o que você não encontra lá? Do Brahman Absoluto do Vedantin até Brahma, Vishnu, Shiva, Shakti, Tio Sol (o Sol recebe popularmente esta denominação familiar), Ganesha, que monta ratos, e as divindades menores, como Shashthi e Mâkâl, e assim por diante. – o que está faltando aí? E nos Vedas, no Vedanta e nas Filosofias, nos Puranas e

nos Tantras, há muitos materiais, dos quais uma única frase é suficiente para quebrar para sempre a cadeia de transmigração de alguém. E ah, a multidão! Milhões e milhões de pessoas estão correndo em direção ao templo. Eu também tive curiosidade de ver e participar da correria. Mas o que foi isso que meus olhos encontraram quando cheguei ao local! Ninguém estava entrando no templo! Ao lado da porta havia uma figura em pé, com cinquenta cabeças, cem braços, duzentas barrigas e quinhentas pernas, e todos rolavam aos pés dela. Perguntei a um deles o motivo e obtive a resposta: “Essas divindades que você vê no interior, é adoração suficiente para elas fazerem uma breve prostração, ou jogarem algumas flores à distância. para aquele que está no portão e aqueles Vedas, o Vedanta, e as Filosofias, os Puranas e outras escrituras que você vê – não há mal nenhum se você os ouvir lidos de vez em quando, mas você deve obedecer ao mandato deste; .” Então perguntei novamente: “Bem, qual é o nome desse Deus dos deuses?” “Ele se chama Costume Popular” – foi a resposta. Lembrei-me dos Thakur Sahibs e exclamei: "Bravo, Costume Popular! Você os espancou tão bem", etc.

* * *

Gurguré Krishnavyâl Bhattâchârya é um homem muito erudito, que tem o conhecimento do mundo inteiro nas pontas dos dedos. Sua estrutura é um esqueleto; seus amigos dizem que isso se deve aos rigores de suas austeridades, mas seus inimigos atribuem isso à falta de comida. Os perversos, mais uma vez, são de opinião que tal físico é natural para quem tem uma dúzia de problemas todos os anos. Seja como for, não há nada na terra que Krishnavyal não saiba; especialmente, ele é onisciente sobre o fluxo de correntes elétricas magnéticas por todo o corpo humano, desde o tufo de cabelo até o canto mais distante. E sendo possuidor deste conhecimento esotérico, ele é incomparavelmente a melhor autoridade para dar uma explicação científica de todas as coisas - desde uma certa terra usada na adoração da deusa Durga até a idade razoável da puberdade de uma menina de dez anos, e diversas coisas inexplicáveis. e ritos misteriosos relativos a assuntos aliados. E quanto a apresentar precedentes, bem, ele deixou a coisa tão clara que até os meninos poderiam entendê-la. Na verdade, não há outra terra para a religião além da Índia, e dentro da própria Índia ninguém, exceto os brâmanes, tem a qualificação para compreender a

religião e entre os brâmanes, também, todos os outros, exceto a família Krishnavyal, são como nada e, destes últimos novamente, Gurguré tem o reivindicação preeminente! Portanto, tudo o que Gurguré Krishnavyal diz é uma verdade evidente.

O aprendizado está sendo cultivado de forma considerável, e as pessoas estão se tornando um pouco conscientes e ativas, a ponto de quererem entender tudo sobre o gosto anal; então Krishnavyal está garantindo a todos: "Descartem todo o medo! Quaisquer que sejam as dúvidas que estejam surgindo em suas mentes, estou dando explicações científicas para elas. Vocês permanecem exatamente como estavam. Durmam o quanto quiserem e não se importem com mais nada. Apenas, não esqueça meus honorários." As pessoas exclamaram: "Oh, que alívio! Que grande perigo realmente nos confrontava! Deveríamos ter que sentar, andar e nos mover - que peste!" Então eles disseram: "Viva Krishnavyal", e viraram-se de lado na cama mais uma vez. O hábito de mil anos não iria desaparecer tão cedo. O próprio corpo ficaria ressentido com isso. A inveterada obtusidade da mente de mil anos não iria desaparecer a qualquer momento. E não é por isso que a classe Krishnavyal é tida em reputação? "Bravo, Hábito! Você os espancou tão bem", etc.

6.3.11 DEMÔNIO DE SHIVA

(Esta história incompleta foi encontrada entre os papéis de Swamiji depois que ele faleceu. Ela foi impressa como o último artigo do livro bengali Bhâbbâr Kathâ.)

O Barão K— morava em um distrito da Alemanha. Nascido em uma família aristocrática, ele herdou posição elevada, honra e riqueza ainda na juventude; além disso, ele era altamente culto e dotado de muitas realizações. Muitas mulheres charmosas, ricas e jovens de posição social ansiavam por seu amor. E qual pai ou mãe não deseja um genro com tais qualidades, cultura, beleza, posição social, linhagem e idade juvenil? Uma beleza aristocrática também atraía o Barão K..., mas o casamento ainda estava longe. Apesar de toda a posição e riqueza, o Barão K... não tinha nada que pudesse chamar de seu, exceto uma irmã que era

extraordinariamente bela e educada. O Barão jurou que só se casaria depois que sua irmã escolhesse seu noivo e o casamento fosse celebrado com o devido éclat e ricos dotes de sua parte. Ela tinha sido a menina dos olhos de seus pais. O Barão K— não queria desfrutar da vida de casado antes do casamento. Além disso, o costume neste país ocidental é que o filho não viva na família do pai ou de qualquer parente após o casamento; o casal mora separado. Pode ser possível que o marido viva com a esposa na casa do sogro, mas a esposa nunca viverá na casa do sogro. Então K... adiou o casamento para o da irmã.

* * *

Durante alguns meses K... não teve notícias da irmã. Abandonando a vida de facilidade, conforto e felicidade em um palácio servido por uma grande comitiva, e arrancando-se do afeto de seu único irmão, ela fugiu. Toda a busca foi em vão. Isso trouxe K – tristeza indescritível. Ele não sentia mais nenhum gosto pelos prazeres da vida; ele estava sempre infeliz e abatido. Seus parentes perderam então todas as esperanças do retorno da irmã e tentaram alegrar o Barão. Eles estavam muito preocupados com ele, e sua noiva estava sempre cheia de apreensão.

* * *

Foi a época da Exposição de Paris. A elite de todos os países ali reunida. Os tesouros artísticos e os produtos artísticos foram trazidos para Paris de todos os quadrantes. Os parentes do Barão K... aconselharam-no a ir a Paris, onde o seu coração desanimado recuperaria a saúde e a vitalidade normais, uma vez em contacto com aquela corrente de alegria activa e revigorante. O Barão cedeu aos seus desejos e partiu para Paris com os amigos.

6.4 EPÍSTOLAS – SEGUNDA SÉRIE

6.4.1 PRAMADADAS MITRA [\[54\]](#)

(Traduzido do bengali)

VRINDABAN,

12 de agosto de 1888.

CARO SENHOR,

Saindo de Ayodhya, cheguei ao sagrado Vrindaban e estou me hospedando no Kunja de Kâlâ Bâbu. Na cidade a mente se sente contraída. Ouvi dizer que lugares como Râdhâ-kunda são encantadores; mas eles estão a alguma distância da cidade. Tenho a intenção de prosseguir muito em breve para Hardwar. Caso você tenha algum conhecido lá, você estaria me fazendo um grande favor se gentilmente escrevesse uma apresentação para ele. E quanto à sua visita a este lugar? Por favor, responda com antecedência e agradeça.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.2 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

VRINDABAN,

20 de agosto de 1888.

PREZADO SENHOR, 54

Um velho irmão-discípulo meu que acabou de voltar para Vrindaban depois de visitar Kedarnath e Badrinath conheceu Gangadhar. Duas vezes Gangadhar ascendeu ao Tibete e ao Butão. Ele está muito feliz e se sentiu emocionado e chorou na reunião. Ele passou o inverno em Kankhal. O Karoâ (pote d'água) que você deu para ele, ele ainda guarda com ele. Ele está voltando e é esperado em Vrindaban neste mesmo mês. Assim, na esperança de conhecê-lo, adiei por alguns dias minha ida a Hardwar. Por favor, transmita meus mais profundos respeitos ao devoto brâmane de Shiva que está com você e aceite o mesmo.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.3 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

A MATEMÁTICA DE BARANAGORE,

19 de novembro de 1888.

RESPEITADO SENHOR, 54

Recebi os dois livros que você enviou e estou muito feliz ao ler sua carta maravilhosamente afetuosa, que testemunha seu coração amplo e generoso. Sem dúvida, é devido ao bom mérito dos meus nascimentos anteriores que o senhor demonstra, senhor, tanta bondade para com um mendicante como eu, que vive da mendicância. Ao enviar sua dádiva do “Vedanta”, você colocou sob obrigação vitalícia não apenas a mim, mas a todo o grupo de Sannyasins de Shri Ramakrishna. Todos eles se curvam diante de você com respeito. Não foi só por minha causa que lhe pedi a cópia da gramática de Pânini; de fato, muito estudo é dado às escrituras sânscritas nesta matemática. Pode-se muito bem dizer que os Vedas saíram de moda em Bengala. Muitos aqui nesta matemática estão familiarizados com o sânscrito e têm a intenção de dominar as porções Samhitâ dos Vedas. Eles são de opinião que o que deve ser feito deve ser feito até o fim. Assim, acreditando que uma medida completa de proficiência na língua védica é impossível sem primeiro dominar a gramática de Panini, que é a melhor disponível para esse propósito, uma cópia desta última foi considerada uma necessidade. A obra gramatical Mugdhabodha, que estudamos em nossa infância, é superior em muitos aspectos ao Laghukaumudi. Você mesmo é, porém, um homem profundamente instruído e, portanto, o melhor juiz que podemos ter neste assunto. Portanto, se você considera o Ashtâdhyâyi (Panini) o mais adequado para o nosso caso, você nos deixará com uma dívida de gratidão vitalícia enviando-o (desde que você se sinta conveniente

e se sintam inclinados). Esta matemática não falta em homens de perseverança, talento e intelecto penetrante. Posso esperar que, pela graça de nosso Mestre, eles adquiram em pouco tempo o sistema de Panini e então consigam restaurar os Vedas em Bengala. Peço-lhe que lhe envie duas fotografias de meu reverenciado Mestre e duas partes de alguns de seus ensinamentos, conforme dados em seu estilo caseiro, compilados e publicados por um certo cavalheiro - esperando que você nos dê o prazer de sua aceitação. Minha saúde melhorou muito e espero as bênçãos de conhecê-lo dentro de dois ou três meses. . . .

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.4 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Vitória para Deus!

BARANAGORE,

4 de fevereiro de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Por alguma razão, eu estava me sentindo hoje agitado e com a mente com câibras, quando sua carta-convite para a cidade celestial de Varanasi chegou até mim. Aceito isso como o chamado de Vishveshvara. (O Senhor do Universo, ou Shiva, conforme instalado no principal templo de Varanasi ou Kashi.) Vou agora em peregrinação ao local de nascimento do meu Mestre e, após uma estada de alguns dias lá, apresentarei eu mesmo para você. Ele deve ser feito de pedra cuja mente não derrete ao suspiro de Kashi e seu Senhor! Sinto-me agora muito melhor na saúde. Meus cumprimentos a Jnanananda. Eu irei assim que puder. Tudo depende, em última análise, da vontade de Vishveshvara. . . . Mais quando nos encontrarmos.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.5 M—

TIAPR,*

7 de fevereiro de 1889.

CARO M—,

Obrigado cem mil vezes, Mestre! Você acertou Ramakrishna no ponto certo.

Poucos, infelizmente, poucos o entendem!

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Meu coração salta de alegria – e é uma maravilha que eu não enlouqueça quando encontro alguém completamente envolvido na doutrina que deve derramar paz na terra no futuro.

*Uma vila no distrito de Hooghly, local de nascimento de Swami Premananda. A carta foi escrita ao Mestre Mahashaya.

6.4.6 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Shri Durgâ seja meu refúgio!

BARANAGORE,

26 de junho de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Por diversas razões, não pude escrever-lhe por muito tempo, por isso peço licença. Agora obtive notícias de Gangadhar. Ele conheceu um dos meus irmãos discípulos, e ambos estão agora em Uttarakhand (o Himalaia sagrado). Quatro de nós daqui estamos no Himalaia agora, e com Gangadhar somos cinco. Um irmão-discípulo chamado Shivananda encontrou Gangadhar em Srinagara a caminho do sagrado Kedarnath, e Gangadhar enviou duas cartas para cá. Durante seu primeiro ano no Himalaia, ele não conseguiu obter permissão para entrar no Tibete, mas conseguiu-a no ano seguinte. Os Lamas o amam muito e ele aprendeu a língua tibetana. Ele diz que os Lamas constituem noventa por cento da população, mas praticam principalmente formas de culto Tântrika. O país está intensamente frio – quase não há comida – apenas carne seca; e Gangadhar teve que viajar e viver dessa comida. Minha saúde é razoável, mas o estado de espírito é péssimo!

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.7 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Vitória para Deus!

BAGHBAZAR, CALCUTÁ,

4 de julho de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Gostei muito de saber todas as novidades da sua carta de ontem. Você me pediu para pedir a Gangadhar que lhe escrevesse, mas não vejo nenhuma chance de fazê-lo, pois embora eles estejam nos enviando cartas, eles não param em lugar nenhum por mais de dois ou três dias e, portanto, não recebem nenhuma das nossas.

Alguns parentes da minha vida anterior (a vida a que ele renunciou) compraram um bangalô em Simultala (perto de Baidyanath). Sendo o local creditado com um clima saudável, fiquei lá por algum tempo. Mas com o calor do verão ficando excessivo, tive um ataque de diarreia aguda e acabei de fugir do local.

As palavras não conseguem descrever quão forte é o desejo em minha mente de ir para Varanasi e ter minha alma abençoada por conhecê-lo e permanecer com você em uma boa conversa, mas tudo depende de Sua vontade! Eu me pergunto que ligação de coração existiu entre nós, senhor, desde alguma encarnação anterior que, recebendo como eu o amor e o carinho de não poucos homens ricos e de posição nesta cidade de Calcutá, posso me sentir tão entediado por sua sociedade, embora apenas após um dia de entrevista meu coração se sentisse encantado o suficiente para aceitá-lo como um parente próximo e amigo na vida espiritual! Um dos motivos é que você é um servo favorito de Deus. Outro talvez seja:

तच्चेतसा स्मरति नूनमबोधपूर्वं भावस्थिरानि जननान्तस्सौहृदानि ।

(Shakuntalam de Kalidasa, Ato V: "Devem ser as memórias, involuntariamente recordadas, de afinidades firmemente estabelecidas em

encarnações anteriores através das profundezas do coração.")

Estou em dívida com você pelos conselhos que vem de você como resultado de sua experiência e prática espiritual. É bem verdade, e também tenho constatado isso com muita frequência, que às vezes é preciso sofrer por manter no cérebro novos pontos de vista de todos os tipos.

Mas comigo é uma doença diferente desta vez. Não perdi a fé numa Providência benigna – nem jamais a perderei – minha fé nas Escrituras é inabalável. Mas, pela vontade de Deus, os últimos seis ou sete anos da minha vida foram repletos de lutas constantes com obstáculos e obstáculos de todos os tipos. Foi-me concedido o Shâstra ideal; Eu vi o homem ideal; e ainda assim não consigo prosseguir com nada até o fim – esta é minha profunda miséria.

E particularmente, não vejo nenhuma chance de sucesso enquanto permanecer perto de Calcutá. Em Calcutá moram minha mãe e dois irmãos. Eu sou o mais velho; o segundo está se preparando para o Primeiro Exame de Artes e o terceiro é jovem.

Eles estavam muito bem antes, mas desde a morte do meu pai, as coisas estão ficando muito difíceis para eles – às vezes eles até têm que jejuar! Para coroar a todos, alguns familiares, aproveitando-se do seu desamparo, afastaram-nos da residência ancestral. Embora uma parte seja recuperada através de processos no Tribunal Superior, a miséria recai agora sobre eles – uma questão natural em litígios.

Morando perto de Calcutá, tenho que testemunhar a adversidade deles, e a qualidade dos Rajas prevalecendo. Meu egoísmo às vezes se desenvolve na forma de um desejo que surge para me mergulhar na ação; nesses momentos, uma luta feroz ocorre em minha mente, e então escrevi que meu estado mental era terrível. Agora o processo deles chegou ao fim. Então, abençoe-me para que, depois de ficar aqui em Calcutá por mais alguns dias para resolver as questões, eu possa me despedir deste lugar para sempre.

आपूर्यमाणमचलप्रतिष्ठं
समुद्रमापः प्रविशन्ति यद्वत् ।
तद्वत् कामा यं प्रविशन्ति सर्वे
स शान्तिमाप्नोति न कामकामी ॥

(O Gitâ, II.70: "Não aquele que cobiça objetos de desejo, mas somente aquele que obtém paz em quem os desejos se perdem como a água do rio fluindo para o oceano, mas deixando-o inalterado e inalterado, apesar da adesão constante.")

Abençoe-me para que meu coração possa se fortalecer com a suprema força Divina, e que todas as formas de Mâyâ possam desaparecer de mim para sempre: "Nós tomamos a Cruz, Tu a colocaste sobre nós e nos concede força para que a suportemos até morte. Amém!" — Imitação de Cristo.

Agora estou hospedado em Calcutá. Meu endereço é: c/o Balaram Babu, 57 Ramkanta Bose's Street, Baghbazar, Calcutá.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.8 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Toda Glória a Deus!

BARANAGORE, CALCUTÁ,

7 de agosto de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Já faz mais de uma semana que recebi sua carta, mas tendo tido outro ataque de febre, não pude enviar uma resposta durante todo esse tempo, pelo que peço licença. Durante um intervalo de um mês e meio mantive-me bem, mas voltei a sofrer nos últimos dez dias; agora estou bem.

Tenho algumas perguntas a fazer, e o senhor, senhor, tem um amplo conhecimento de sânscrito; então, por favor, favoreça-me com respostas para o seguinte:

1. Ocorre alguma narrativa sobre Satyakâma, filho de Jabâlâ, e sobre Jânashruti, em algum outro lugar dos Vedas, exceto nos Upanishads? [55]
2. Na maioria dos casos onde Shankaracharya cita Smriti em seu comentário sobre os Vedânta-Sutras, ele cita a autoridade do Mahabhârata. Mas visto que encontramos provas claras de que a casta é baseada na qualificação tanto no Bhishmaparva do Mahabharata como nas histórias do Ajagara e de Umâ e Maheshvara, ele fez alguma menção a este facto nos seus escritos?
3. A doutrina da casta no Purusha-Sukta dos Vedas não a torna hereditária – então quais são os casos nos Vedas em que a casta se tornou uma questão de transmissão hereditária?
4. O Achârya não pôde apresentar nenhuma prova dos Vedas no sentido de que o Shudra não deveria estudar os Vedas. Ele apenas cita "यज्ञेऽनवक्लृप्तः " ("O Shudra não é concebido como um executor de Yajna ou sacrifícios védicos.") (Tai. Samhita, VII. i. 1. 6) para sustentar isso quando ele não tem direito para realizar Yajnas, ele não tem o direito de estudar os Upanishads e coisas do gênero. Mas o mesmo Acharya argumenta com referência a "अथातो ब्रह्मजिज्ञासा " ("Agora então começa a investigação sobre Brahman.") (Vedânta-Sutras, I. i. 1) que a palavra अथ (Ath) aqui não significa "após o estudo dos Vedas", porque é contrário à prova de que o estudo do Upanishad não é permitido sem o estudo prévio dos Mantras Védicos e Brâhmanas e porque não há sequência intrínseca entre os Védicos Karma-kânda e Janâna-kânda védico. É evidente, portanto, que alguém pode alcançar o conhecimento de Brahman sem ter estudado as partes cerimoniais dos Vedas. Então, se não há sequência entre as práticas de sacrifício e Jnana, por que o Acharya contradiz sua própria afirmação quando se trata dos Shudras, ao inserir a cláusula “por força da mesma lógica”? Por que o Shudra não deveria estudar o Upanishad?

Estou enviando a você, senhor, um livro chamado Imitação de Cristo, escrito por um sannyasin cristão. É um livro maravilhoso. Ficamos surpresos ao descobrir que tal renúncia, Vairâgya e Dâsya-Bhakti existiram mesmo entre os cristãos. Provavelmente você já deve ter lido este livro antes; caso contrário, terei o maior prazer se você gentilmente o ler.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.9 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

BARANAGORE,

17 de agosto de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Você expressou constrangimento em seu último favor por ter sido tratado com reverência. Mas a culpa não é minha, mas sim de suas excelentes qualidades. Escrevi em uma carta antes que, pela forma como me sinto atraído por suas elevadas virtudes, parece que tivemos alguma afinidade de nascimentos anteriores. Eu não faço distinção entre chefe de família ou Sannyasin nisso, que por todo o tempo minha cabeça se curvará em reverência onde quer que eu veja grandeza, amplitude de coração e santidade – Shântih! Shântih! Shântih! Minha oração é que entre as muitas pessoas que abraçam Sannyasa hoje em dia, ávidas por honra, posando de renúncia para ganhar a vida e que se afastaram do ideal em ambos os lados, que pelo menos uma em cada lakh se torne de grande alma como você! A vocês, meus companheiros discípulos brâmanes, que ouviram falar de suas nobres virtudes, apresentam suas melhores prostrações.

Sobre uma das minhas diversas perguntas às quais você enviou suas respostas, minha ideia errada está corrigida. Por isso ficarei em dívida com você para sempre. Outra dessas questões foi: se Acharya Shankara dá alguma conclusão sobre a casta baseada nos Gunas, conforme mencionado nos Puranas como o Mahabharata. Se ele o fizer, onde ele poderá ser encontrado? Não tenho dúvidas de que, de acordo com a visão antiga deste país, a casta era hereditária, e também não se pode duvidar que às vezes os Shudras costumavam ser mais oprimidos do que os hilotas entre os espartanos e os negros entre os americanos! Quanto a mim, não tenho

parcialidade por nenhum partido nesta questão de castas, porque sei que é uma lei social e se baseia na diversidade de Guna e Karma. Também significa grave dano se alguém decidido a ir além de Guna e Karma tiver em mente quaisquer distinções de castas. Nestes assuntos, tenho algumas idéias estabelecidas através da graça de meu Guru, mas, se eu souber de seus pontos de vista, poderei apenas confirmar alguns pontos ou retificar outros neles. Não há mel pingando, a menos que se mexa na colmeia — por isso farei mais algumas perguntas; e olhando para mim como ignorante e como um menino, por favor, dê respostas adequadas sem se ofender.

1. O Mukti, de que fala o Vedanta-Sutras, é o mesmo que o Nirvana do Avadhuta-Gitâ e outros textos?
2. O que realmente significa Nirvana se, de acordo com o aforismo, “Sem a função de criar etc.” [56] (ibid., IV. iv. 7), ninguém pode alcançar a mais plena Divindade?
3. Diz-se que Chaitanya-deva disse a Sârvabhauma em Puri: "Eu entendo os Sutras (aforismos) de Vyasa, eles são dualistas; mas o comentarista os torna monísticos, o que eu não entendo." Isso é verdade? A tradição diz que Chaitanya-deva teve uma disputa com Prakashananda Sarasvati sobre esse assunto e Chaitanya-deva venceu. Há rumores de que um comentário de Chaitanya-deva existia no Math de Prakashananda.
4. No Tantra, Acharya Shankara foi chamado de cripto-budista; as opiniões expressas no Prajnâparamitâ, o livro budista Mâhâyana, correspondem perfeitamente às visões vedânticas propostas pelo Acharya. O autor de Panchadashi também diz: “O que chamamos de Brahman é a mesma verdade que o Shunya do Budista”. O que tudo isso significa?
5. Por que nenhum fundamento para a autoridade dos Vedas foi apresentado nos Vedanta-Sutras? Primeiro, foi dito que os Vedas são a autoridade para a existência de Deus, e depois foi argumentado que a autoridade para os Vedas é o texto: “É o sopro de Deus”. Ora, esta afirmação não está viciada pelo que na lógica ocidental é chamado de argumento em círculo?
6. O Vedanta exige de nós fé, pois a conclusão não pode ser alcançada por mera argumentação. Então por que a menor falha, detectada na posição das

escolas de Sâmkhya e Nyâya, foi esmagada por uma fuzilaria de dialética? Além disso, em quem devemos depositar a nossa fé? Todo mundo parece estar louco por estabelecer seu próprio ponto de vista; se, de acordo com Vyasa, mesmo o grande Muni Kapila, “o maior entre as almas perfeitas”, [57] está profundamente envolvido em erros, então quem diria que Vyasa pode não estar tão envolvido em uma medida maior? Kapila não conseguiu entender os Vedas?

7. De acordo com o Nyaya, “Shabda ou Veda (o critério da verdade), é a palavra daqueles que realizaram o mais elevado”; então os Rishis como tais são oniscientes. Então como é provado que eles, de acordo com o Surya-siddhânta, ignoram verdades astronômicas tão simples? Como podemos aceitar a sua inteligência como o refúgio para nos transportar através do oceano da existência transmigratória, visto que eles falam da terra como triangular, da serpente Vâsuki como o suporte da terra e assim por diante?

8. Se em Seus atos de criação Deus depende de Karmas bons e maus, então de que nos adianta adorá-Lo? Há uma bela canção de Nareshchandra, onde ocorre o seguinte: “Se o que está no destino de alguém deve acontecer de qualquer maneira, ó Mãe, então de que adianta tudo isso invocar pelo santo nome de Durgâ?”

9. É verdade que é impróprio considerar que muitos textos sobre o mesmo assunto sejam contraditos por um ou dois. Mas por que então os costumes de longa data de Madhuparka [58] e similares são revogados por um ou dois textos como, “O sacrifício de cavalo, o sacrifício de vaca, Sannyasa, oferendas de carne em Shrâddha”, etc.? Se os Vedas são eternos, então qual é o significado e a justificativa de especificações como “esta regra do Dharma é para a era de Dvâpara”, “isto é para a era de Kali”, e assim por diante?

10. O mesmo Deus que divulga os Vedas torna-se Buda novamente para anulá-los; qual dessas dispensações deve ser obedecida? Qual destes permanece oficial, o anterior ou o posterior?

11. O Tantra diz que no Kali-Yuga os Veda-Mantras são fúteis. Então, qual ordem de Deus, o Shiva, deve ser seguida?

12. Vyasa afirma nos Vedanta-Sutras que é errado adorar a tétrade da manifestação divina, Vâsudeva, Sankarshana, etc., e novamente esse mesmo Vyasa discorre sobre os grandes méritos dessa adoração no Bhagavata! Este Vyasa é um louco?

Tenho muitas dúvidas além dessas e, esperando que elas sejam dissipadas de minha mente através de sua gentileza, irei apresentá-las a você no futuro. Tais questões não podem ser todas expostas, exceto numa entrevista pessoal; nem é possível obter tanta satisfação quanto se espera. Portanto, pretendo expor todos esses fatos a vocês quando me apresentar a vocês, o que espero que aconteça muito em breve, pela graça do Guru.

Ouvi dizer que sem progresso interior na prática da religião, nenhuma conclusão verdadeira pode ser alcançada sobre estes assuntos, simplesmente por meio do raciocínio; mas a satisfação, pelo menos até certo ponto, parece ser necessária desde o início.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.10 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

BAGHBAZAR, CALCUTÁ,

2 de setembro de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Há alguns dias recebi suas duas amáveis cartas. Estou muito satisfeito em encontrar em você uma harmonia maravilhosa de Jnana e Bhakti. Seu conselho para eu desistir de discussões e disputas é realmente muito verdadeiro, e esse é realmente o objetivo da vida do indivíduo - "Despedaçados estão os nós do coração, arrancados estão todas as suas dúvidas, e as sementes de seu Karma desgastam-se". desligado, quando a

visão do Transcendente for obtida." (Mundakonapanishad, II. ii. 8.) Mas então, como meu Mestre costumava dizer, quando um jarro está sendo enchido (por imersão), ele gorgoleja, mas quando cheio, é silencioso; sei que minha condição é a mesma. Dentro de duas ou três semanas, talvez, poderei encontrá-lo – que Deus cumpra esse desejo!

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.11 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

BAGHBAZAR,

3 de dezembro de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Faz muito tempo que não tenho notícias suas, espero que você esteja bem de corpo e mente. Dois dos meus irmãos discípulos partirão em breve para Varanasi. Um é Rakhal pelo nome, o outro é Subodh. O primeiro nomeado era querido do meu Mestre e costumava ficar muito com ele. Por favor, recomende-os a algum Satra (casa de esmola) durante sua estadia na cidade, se achar conveniente. Você ouvirá deles todas as minhas novidades.

Com os meus melhores cumprimentos e saudações.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. Gangadhar agora está seguindo para Kailas. Os tibetanos queriam matá-lo no caminho, considerando-o um espião dos estrangeiros. Eventualmente, alguns Lamas gentilmente o libertaram. Recebemos esta notícia de um comerciante que vai ao Tibete. O sangue de Gangadhar não esfriará antes de ver Lhasa. O ganho é que sua resistência física cresceu imensamente – uma

noite ele passou descoberto em um leito de neve, e isso sem muitas dificuldades.

VIVEKANANDA.

6.4.12 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

BARANAGORE, CALCUTÁ,

13 de dezembro de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Tenho todos os detalhes de sua carta; e do Rakhal que se seguiu, fiquei sabendo de seu encontro. Recebi o panfleto escrito por você. Uma espécie de Advaitismo científico tem-se espalhado na Europa desde que a teoria da conservação da energia foi descoberta, mas tudo isso é Parinâmavâda, evolução por modificação real. É bom que você tenha mostrado a diferença entre esta e a Vivartavada (manifestação progressiva por sobreposição irreal) de Shankara. Não posso apreciar a sua citação da paródia de Spencer sobre os transcendentalistas alemães; ele próprio é muito alimentado com suas doações. É duvidoso que o seu oponente Gough compreenda suficientemente o seu Hegel. De qualquer forma, sua réplica é muito contundente e contundente.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.13 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

BAIDYANATH,

26 de dezembro de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Depois de uma longa tentativa, creio, estou agora em condições de me apresentar diante de vocês. Em um ou dois dias eu me levantarei no sagrado Kashi.

Estou aqui há alguns dias com um cavalheiro de Calcutá, mas minha mente anseia por Varanasi. Minha idéia é permanecer lá por algum tempo e observar como Vishvanâtha e Annapurnâ (Shiva e Sua Divina Esposa instalados em Varanasi) distribuem isso para mim. E minha decisão é algo como "entregar minha vida ou realizar meu ideal" "शरीरं वा पातयामि मन्त्रं वा साधयामि ।"- então me ajude, o Senhor de Kashi.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.14 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

ALLAHABAD,

30 de dezembro de 1889.

PREZADO SENHOR, 54

Escrevi em uma carta para você que iria para Varanasi em um ou dois dias, mas quem pode anular o decreto da Providência? Chegou-me a notícia de que um irmão-discípulo, de nome Yogen, havia sido atacado de varíola depois de chegar aqui de uma peregrinação a Chitrakuta, Omkarnath, etc., e então vim a este lugar para cuidar dele. Ele agora está completamente recuperado. Alguns cavalheiros bengalis aqui são de uma disposição muito piedosa e amorosa. Eles estão cuidando de mim com muito amor, e seu desejo importuno é que eu fique aqui durante o mês de Magha (janeiro-fevereiro) mantendo o voto Kalpa. (Abluções especiais e adoração

realizadas regularmente naquela confluência sagrada – uma prática muito solene e sagrada.) Mas minha mente está insistindo muito no nome de Varanasi e está bastante ansiosa para vê-lo. Sim, vou tentar o meu melhor para escapar e evitar suas importunações em um ou dois dias e me dirigir ao reino sagrado do Senhor de Varanasi. Se um de meus irmãos-discípulos monásticos, de nome Achyutananda Sarasvati, perguntar a você para me perguntar, por favor diga-lhe que irei em breve para Varanasi. Ele é realmente um homem muito bom e culto. Fui obrigado a deixá-lo em Bankipore. Rakhal e Subodh ainda estão em Varanasi? Por favor, pergunte e me informe se a feira Kumbha deste ano será realizada em Hardwar ou não.

Muitos homens de sabedoria, de piedade, muitos Sâdhu (homem santo) e Pundit eu conheci em tantos

lugares, e fui muito favorecido por eles, mas "भिन्नरुचिर्हि लोकाः - Os homens têm gostos variados" - Raghuvamsham). Não sei que tipo de afinidade de alma existe entre nós, pois em nenhum outro lugar ela parece tão agradável e agradável como no seu caso. Deixe-me ver como o Senhor de Kashi se dispõe.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

Meu endereço é:

C/o Govinda Chandra Basu, Chauk, Allahabad.

6.4.15 BALÂRAM BOSE

(Traduzido do bengali)

Saudação a Shri Ramakrishna!

ALLAHABAD,

5 de janeiro de 1890.

MEU CARO SENHOR, (Sj. Balaram Bose)

Lamento muito saber de sua doença por meio de sua gentil nota. A essência da carta que escrevi para você sobre sua mudança para Baidyanath era que seria impossível para um homem de físico fraco e extremamente delicado como você viver naquele lugar, a menos que gastasse muito dinheiro. Se a mudança for realmente aconselhável para você, e se você a adiou por tanto tempo simplesmente para escolher um lugar mais barato e esse tipo de coisa, certamente é uma questão de arrependimento. . . . Baidyanath é excelente no que diz respeito ao ar, mas a água não é boa, perturba o estômago. Eu costumava sofrer de acidez todos os dias. Já lhe escrevi uma carta; você conseguiu, ou encontrou uma carta de rolamento, você a deixou entregue ao seu destino? Na minha opinião, se você tiver que ir embora para variar, quanto mais cedo melhor. Mas, perdoe-me, você tem a tendência de esperar que tudo se encaixe exatamente nas suas necessidades, mas, infelizmente, tal estado de coisas é muito raro neste mundo. "

आत्मानं सततं रक्षेत् — É preciso salvar-se em qualquer circunstância." "Senhor, tem piedade", está tudo bem, mas Ele ajuda quem se ajuda. Se você simplesmente tentar economizar seu dinheiro, o Senhor providenciará o troco para você recorrendo ao Seu capital ancestral? Se você acha que confia tanto no Senhor, não chame o médico, por favor. . . . Se isso não lhe convier, você deve ir para Varanasi. Eu já teria saído deste lugar, mas os senhores locais não me deram permissão para partir! . . . Mas deixem-me repetir mais uma vez: se a mudança for realmente decidida, por favor não hesitem por avareza. Isso seria suicídio. E nem mesmo Deus pode salvar um suicida. Por favor, transmita meus cumprimentos a Tulasi Babu e aos demais.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.16 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

C/O BABU SATISH CHANDRA MUKHERJI,

GORABAZAR, GHAZIPUR,

21 de janeiro de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Cheguei a Ghazipur há três dias. Aqui estou eu na casa de Babu Satish Chandra Mukherji, um amigo de minha infância. O local é muito agradável. Perto dali corre o Ganges, mas tomar banho lá é problemático, pois não existe um caminho regular e é um trabalho árduo vadear pelas areias. Babu Ishan Chandra Mukherji, o pai do meu amigo, aquele homem de coração nobre de quem falei com você, está aqui. Hoje ele parte para Varanasi, de onde seguirá para Calcutá. Mais uma vez tive muita vontade de ir até Kashi, mas o objetivo da minha vinda aqui, a saber, uma entrevista com o Bâbâji (Pavhâri Bâbâ, o grande santo), ainda não foi realizado, e, portanto, o atraso de alguns dias torna-se necessário. Tudo aqui parece bom. As pessoas são todas cavalheiros, mas muito ocidentalizadas; e é uma pena que eu seja tão completamente contra qualquer afetação da ideia ocidental. Somente meu amigo afeta muito pouco esses ideais. Que civilização extravagante é realmente a que os estrangeiros trouxeram para cá! Que ilusão materialista eles criaram! Que Vishvanâtha salve estes de coração fraco! Depois de ver Babaji, enviarei a você um relato detalhado.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. Ai da ironia do nosso destino, que nesta terra onde nasceu Bhagavân Shuka, a renúncia seja encarada como loucura e pecado!

6.4.17 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,

31 de janeiro de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

É muito difícil conhecer o Babaji. Ele não sai de casa; e, quando quer falar, ele simplesmente se aproxima da porta para falar de dentro. Acabei tendo apenas uma vista de sua casa de jardim com chaminés afiladas acima e cercada por muros altos - sem possibilidade de entrada lá dentro! As pessoas dizem que há quartos semelhantes a cavernas onde ele mora; e ele só sabe o que faz lá, pois ninguém deu uma espiada. Eu tive que voltar um dia, extremamente cansado de esperar e esperar, mas vou aproveitar a chance novamente. No domingo, parto para a sagrada Varanasi – só os Babus daqui não me deixam sair; caso contrário, toda a minha vontade de ver o Babaji se desvaneceu. Estou preparado para sair hoje, mas de qualquer forma, parto no domingo. E quanto ao seu plano de ir para Hrishikesh?

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. A característica redentora é que o lugar parece saudável.

6.4.18 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,

4 de fevereiro de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Recebi sua gentil nota e, por extrema sorte, consegui uma entrevista com Babaji. Realmente um grande sábio! – É tudo muito maravilhoso e, nesta era ateísta, uma representação imponente do poder maravilhoso nascido de Bhakti e Yoga! Busquei refúgio em sua graça; e ele me deu esperança – algo que poucos terão a sorte de obter. É desejo de Babaji que eu fique aqui alguns dias, e ele me faria algum bem. Assim, seguindo a ordem deste

santo, permanecerei aqui por algum tempo. Sem dúvida, isso também lhe dará muito prazer. Não os menciono numa carta, mas os factos são realmente muito estranhos – serão divulgados quando nos encontrarmos. A menos que alguém esteja face a face com a vida de tais homens, a fé nas Escrituras não cresce em toda a sua verdadeira integridade.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.19 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,

7 de fevereiro de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Estou muito feliz em ouvir de você agora. Aparentemente, em suas feições, o Babaji é um Vaishnava, a personificação, por assim dizer, do Yoga, Bhakti e da humildade. Sua morada tem paredes em todos os lados com algumas portas. Dentro destas paredes, há uma longa toca subterrânea onde ele se deita em Samâdhi. Ele fala com os outros apenas quando sai do buraco. Ninguém sabe o que ele come, por isso o chamam de Pavhâri (Aquele que vive no ar). Bâbâ. Uma vez ele não saiu do buraco por cinco anos e as pessoas pensaram que ele havia desistido do corpo. Mas agora novamente ele está fora. Mas desta vez ele não se mostra para as pessoas e fala atrás da porta. Nunca encontrei tanta doçura na fala! Ele não dá uma resposta direta às perguntas, mas diz: “O que este servo sabe?” Mas então o fogo surge enquanto a conversa continua. Ao pressioná-lo fortemente, ele disse: "Favoreça-me muito ficando aqui alguns dias." Mas ele nunca fala dessa maneira; então a partir disso entendi que ele queria me tranquilizar e sempre que sou importuno ele me pede para ficar. Então espero com esperança. Ele é um homem instruído, sem dúvida, mas nada na linhagem se revela. Ele realiza cerimoniais bíblicos, pois desde o dia de lua cheia até

o último dia do mês, ocorrem oblações sacrificiais. Então é certo que ele não vai se retirar para o buraco nesse período. Como posso pedir sua permissão, (Evidentemente para uma proposta de visita ao santo pelo correspondente, Pramadadas Mitra de Varanasi.). pois ele nunca dá uma resposta direta; ele continua multiplicando expressões como “este servo”, “minha fortuna” e assim por diante. Se você mesmo tiver uma ideia, seja esperto ao receber esta nota. Ou depois de seu falecimento, o maior arrependimento permanecerá em sua mente. Dentro de dois dias você poderá retornar após uma entrevista - quero dizer, uma conversa com ele ab intra. Meu amigo Satish Babu irá recebê-lo calorosamente. Então, suba diretamente ao receber isso; Enquanto isso, contarei a Babaji sobre você.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. Mesmo que não se possa ter a sua companhia, nenhum problema em prol de uma alma tão grande pode ficar sem recompensa.

6.4.20 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,

13 de fevereiro de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Estou ansioso ao saber de sua doença. Também estou sentindo uma espécie de dor na região lombar que, agravada ultimamente, causa muitos problemas. Durante dois dias não pude sair para encontrar Babaji, e então um homem veio dele para perguntar sobre mim. Por isso vou hoje. Transmitirei seus inúmeros elogios. “O fogo sai”, isto é, uma devoção maravilhosa ao Guru e a resignação são reveladas; e uma resistência e humildade tão incríveis que nunca vi. Quaisquer que sejam as coisas boas que eu possa encontrar, claro, você tem sua parte nelas.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.21 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,

14 de fevereiro de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Na minha nota de ontem talvez tenha esquecido de lhe pedir que devolva a carta do irmão Sharat. Por favor, envie. Eu ouvi do irmão Gangadhar. Ele está agora em Rambag Samadhi, Srinagar, Caxemira. Estou sofrendo muito com lombalgia.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. Rakhal e Subodh vieram para Vrindaban depois de visitar Omkar, Girnar, Abu, Bombaim e Dwarka.

6.4.22 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Vitória ao Senhor!

GHAZIPUR,

19 de fevereiro de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Escrevi uma carta ao irmão Gangadhar pedindo-lhe que parasse de vagar e se estabelecesse em algum lugar e que me enviasse um relato dos vários Sadhus que ele encontrou no Tibete e seus modos e costumes. Anexo a resposta que veio dele. O irmão Kali está tendo repetidos ataques de febre em Hrishikesh. Mande-lhe um telegrama deste lugar. Portanto, se pela resposta eu descobrir que sou procurado por ele, serei obrigado a partir daqui direto para Hrishikesh, caso contrário irei até você em um ou dois dias. Bem, você pode sorrir, senhor, ao me ver tecendo toda essa teia de Mâyâ – e esse é sem dúvida o fato. Mas depois existe a corrente de ferro e existe a corrente de ouro. Muitas coisas boas vêm deste último; e desaparece por si só quando todo o bem é colhido. Os filhos do meu Mestre são de fato os grandes objetos do meu serviço, e somente aqui sinto que ainda tenho algum dever para mim. Talvez eu deva enviar o irmão Kali para Allahabad ou outro lugar, conforme for conveniente. Aos seus pés estão depositadas cento e uma falhas minhas - "Eu sou como teu filho, então guia-me que me refugiei em ti." (Uma adaptação do Gitâ, II. 7.)

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.23 INDIVÍDUOS

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

GHAZIPUR,

Fevereiro de 1890.

AMADO AKHANDANADA,

Muito feliz em receber sua carta. O que você escreveu sobre o Tibete é muito promissor e tentarei ir até lá uma vez. Em sânscrito, o Tibete é chamado de Uttarakuruvarsha e não é uma terra de Mlechchhas. Por ser o planalto mais alto do mundo, é extremamente frio, mas aos poucos a gente

pode se acostumar. Sobre os costumes e costumes dos tibetanos você não escreveu nada. Se eles são tão hospitaleiros, por que não permitiram que você continuasse? Por favor, escreva tudo detalhadamente, em uma carta longa. Lamento saber que você não poderá vir, pois estava com muita vontade de vê-lo. Parece que te amo mais do que todos os outros. Contudo, tentarei me livrar desse Maya também.

Os ritos Tântrika entre os tibetanos de que você falou surgiram na própria Índia, durante o declínio do Budismo. Acredito que os Tantras, em voga entre nós, foram criação dos próprios budistas. Esses ritos tântricos são ainda mais terríveis que a nossa doutrina do Vâmâchâra; pois neles o adultério ganhou rédea solta, e foi somente quando os budistas ficaram desmoralizados pela imoralidade que foram expulsos por Kumânila Bhatta. Assim como alguns Sannyasins falam de Shankara, ou dos Bâuls de Shri Chaitanya, que ele era em segredo um epicurista, um bêbado e viciado em todos os tipos de práticas abomináveis - assim os modernos budistas tântricos falam do Senhor Buda como um terrível Vamâchâri e dê uma interpretação obscena aos muitos belos preceitos do Prajnâpâramitâ, como o Tattvagâthâ e similares. O resultado de tudo isso foi que os budistas estão hoje divididos em duas seitas; os birmaneses e os cingaleses geralmente desprezaram os Tantras, baniram igualmente os deuses e deusas hindus e, ao mesmo tempo, atiraram ao mar o Buda Amitâbha, considerado respeitado pela Escola de Budistas do Norte. Resumindo, o Buda Amitabha e os outros deuses adorados pela Escola do Norte não são mencionados em livros como o Prajnâparamita, mas muitos deuses e deusas são recomendados para adoração. E o povo do Sul transgrediu deliberadamente os Shâstras e evitou os deuses e deusas. A fase do Budismo que declara “Tudo para os outros”, e que se encontra espalhada por todo o Tibete, impressionou profundamente a Europa moderna. Quanto a essa fase, porém, tenho muito a dizer – o que é impossível fazer nesta carta. O que Buda fez foi abrir completamente os portões daquela mesma religião que estava confinada nos Upanishads a uma casta específica. Que grandeza especial lhe confere sua teoria do Nirvana? Sua grandeza reside em sua simpatia incomparável. As altas ordens de Samadhi etc., que dão gravidade à sua religião estão, quase todas, nos Vedas; o que está ausente ali é seu intelecto e coração, que desde então nunca tiveram paralelo ao longo da história do mundo.

A doutrina védica do Karma é a mesma do Judaísmo e de todas as outras religiões, ou seja, a purificação da mente através de sacrifícios e outros meios externos - e Buda foi o primeiro homem que se opôs a ela. Mas a essência interna das ideias permaneceu como antigamente – veja aquela doutrina de exercícios mentais que ele pregou, e aquele seu mandato de acreditar nos Suttas em vez dos Vedas. A casta também permaneceu como antigamente (a casta não era totalmente obsoleta na época de Buda), mas agora era determinada por qualificações pessoais; e aqueles que não eram crentes em sua religião foram declarados hereges, tudo à moda antiga. “Herético” era uma palavra muito antiga entre os budistas, mas eles nunca recorreram à espada (boas almas!) e tinham grande tolerância. A discussão explodiu os Vedas. Mas qual é a prova da sua religião? Bem, coloque fé nisso! – o mesmo procedimento que em todas as religiões. No entanto, era uma necessidade imperativa da época; e essa foi a razão de ele ter encarnado. Sua doutrina é como a de Kapila. Mas o de Shankara é muito mais grandioso e racional! Buda e Kapila estão sempre dizendo que o mundo está cheio de tristeza e nada além disso - fuja disso - sim, pela sua vida, faça! A felicidade está totalmente ausente aqui? É uma afirmação da natureza daquilo que dizem os Brahmos – o mundo está cheio de felicidade! Há tristeza, é verdade, mas o que pode ser feito? Talvez alguns sugiram que a própria dor aparecerá como felicidade quando você se acostumar com ela através do sofrimento constante. Shankara não segue esta linha de argumentação. Ele diz: Este mundo é e não é – múltiplo, mas um; Desvendarei seu mistério – saberei se há tristeza ou qualquer outra coisa; Não fujo disso como de um bicho-papão. Saberei tudo sobre isso quanto à dor infinita que acompanha sua busca, bem, estou abraçando-o em sua medida máxima. Sou uma fera para que você me assuste com felicidade e miséria, decadência e morte, que são apenas o resultado dos sentidos? Eu saberei disso - desistirei da minha vida por isso. Não há nada para saber neste mundo - portanto, se houver algo além desta existência relativa - o que o Senhor Buda designou como Prajnâpâra - o transcendental - se tal existir, só eu quero isso. Se a felicidade ou a tristeza acompanham isso, eu não me importo. Que ideia grandiosa! Que grandioso! A religião de Buda se elevou nos Upanishads, e sobre eles também a filosofia de Shankara. Só que Shankara não tinha nem um pouquinho do coração maravilhoso de Buda, apenas um intelecto árido! Por medo dos Tantras, por medo da multidão, na sua tentativa de curar um furúnculo, ele amputou o próprio

braço! [59] É preciso escrever um grande volume se quisermos escrever sobre eles - mas não tenho nem aprendizado nem lazer para isso.

O Senhor Buda é meu Ishta – meu Deus. Ele não pregou nenhuma teoria sobre a Divindade – ele próprio era Deus, acredito plenamente nisso. Mas ninguém tem o poder de colocar um limite à infinita glória de Deus. Não, nem mesmo o próprio Deus tem o poder de se tornar limitado. A tradução do Gandâra-Sutta que você fez do Suttanipâta é excelente. Nesse livro há outro Sutta – o Dhaniya-Sutta – que tem uma ideia semelhante. Também existem muitas passagens no Dhammapada com ideias semelhantes. Mas isso ocorre no último estágio, quando alguém fica perfeitamente satisfeito com o conhecimento e a realização, é o mesmo em todas as circunstâncias e ganha domínio sobre seus sentidos - "ज्ञानविज्ञानतृप्तात्मा कूटस्थो विजितेन्द्रियः" (Gita, VI. 8.). Aquele que não tem a menor consideração por seu corpo como algo a ser cuidado é aquele que pode vagar por aí com prazer como o elefante louco que não se importa com nada. Considerando que uma criatura insignificante como eu deveria praticar a devoção, sentada em um lugar, até atingir a realização; e só então ele deveria se comportar assim; mas é uma questão distante – muito distante, na verdade.

चिन्ताशून्यमदैत्यभैक्ष्यमशनं पानं सरिद्धारिषु
स्वातन्त्र्येण निरङ्कुश स्थितिरभीर्निदा श्मशाने वने ।
वस्वं श्वालनशोषणादिरहितं दिग्वाप्सु शय्या मही
सञ्चारो निगमान्तवीथिषु विदां कीडा परे ब्रह्मणि ॥
विमानमालम्ब्य शरीरमेतत्
भुनक्त्यशेषान् विषयानुपस्थितान् ।
परेच्छया बालवदात्मवेत्ता
योऽव्यक्तलिङ्गोऽननुषक्तबाह्यः ॥
दिगम्बरो वापि च साम्बरो वा
त्वगम्बरो वापि चिदम्बरस्थः ।
उन्मत्तवद्वापि च बालवद्वा
पिशाचवद्वापि चरत्यवन्याम् ॥

(Vivekachudmani, 538-40)

– Para um conhecedor de Brahman a comida vem por si mesma, sem esforço – ele bebe onde quer que a consiga. Ele vagueia com prazer por toda parte – ele é destemido, às vezes dorme na floresta, às vezes em um crematório e trilha o Caminho que os Vedas seguiram, mas cujo fim eles não viram. Seu corpo é como o céu; e ele é guiado, como uma criança, pelos desejos dos outros; ele às vezes está nu, às vezes com roupas lindas, e

às vezes tem apenas Jnana como roupa; ele se comporta às vezes como uma criança, às vezes como um louco e outras vezes como um carniçal, indiferente à limpeza.

Rezo aos pés sagrados do nosso Guru para que você possa ter esse estado e possa vagar como o rinoceronte.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.24 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Vitória ao Senhor!

GHAZIPUR,

25 de fevereiro de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

A lombalgia está causando muitos problemas, caso contrário eu já teria procurado ir até você. A mente não encontra mais descanso aqui. Já se passaram três dias desde que saí da casa de Babaji, mas ele me pergunta gentilmente quase todos os dias. Assim que a lombalgia melhora um pouco, me despeço de Babaji. Inúmeras saudações para você.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.25 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Vitória ao Senhor!

GHAZIPUR,

3 de março de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Sua amável carta chegou agora há pouco. Você não sabe, senhor, sou um homem de natureza muito branda, apesar das severas opiniões vedânticas que defendo. E isso prova ser minha ruína. Ao menor toque eu me denuncio; pois, por mais que eu tente pensar apenas no meu próprio bem, escorraço, apesar de mim mesmo, para pensar nos interesses de outras pessoas. Desta vez foi com uma determinação muito firme que decidi perseguir o meu próprio bem, mas tive de fugir ao receber a notícia da doença de um irmão em Allahabad! E agora chega esta notícia de Hrishikesh, e minha mente fugiu comigo lá. Telegrafei para Sharat, mas ainda não obtive resposta — um ótimo lugar para atrasar tanto até mesmo telegramas! A lombalgia se recusa obstinadamente a me deixar e a dor é muito forte. Nos últimos dias não tenho conseguido ir ver Pavhariji, mas por sua gentileza ele manda todos os dias buscar meu relatório. Mas agora vejo que toda a questão está invertida! Enquanto eu próprio cheguei, um mendigo, à sua porta, ele se vira e quer saber de mim! Este santo talvez ainda não esteja aperfeiçoado — muitos ritos, votos, observâncias e muito auto-ocultamento. O oceano em sua plenitude não pode ser contido em suas costas, tenho certeza. Então não é bom, decidi não perturbar este Sâdhu (homem santo) por nada, e muito em breve pedirei permissão a ele para ir. Nenhuma ajuda, você vê; A Providência me deu a morte para me tornar tão terno! Babaji não me deixa escapar, e Gagan Babu (que você provavelmente conhece — um homem honesto, piedoso e de bom coração) não me deixa escapar. Se o telegrama de resposta exigir que eu saia deste lugar, eu vou; caso contrário, irei até você em Varanasi em alguns dias. Não vou deixá-lo escapar — devo levá-lo para Hrishikesh — nenhuma desculpa ou objeção servirá. O que você está dizendo sobre as dificuldades de se manter limpo? Falta de água nos morros ou falta de espaço!! Tirthas (loais de peregrinação) e Sannyasins do Kali-Yuga — vocês sabem o que são. Gaste dinheiro e os donos dos templos jogarão fora o deus instalado para abrir espaço para você; portanto, não se preocupe com um local de descanso!

Não há problemas para enfrentar lá, eu digo; Acredito que o calor do verão já se instalou lá, embora não tanto quanto você encontra em Varanasi - tanto melhor. As noites são sempre bastante frescas por lá, sendo quase uma certeza um bom sono.

Por que você fica com tanto medo? Garanto que você voltará para casa em segurança e que não terá problemas em lugar nenhum. Pela minha experiência, neste reino britânico nenhum faquir ou chefe de família se mete em problemas.

Será uma mera fantasia minha que entre nós exista alguma ligação de nascimento anterior? Basta ver como uma carta sua varre toda a minha resolução e, dirijo meus passos em direção a Varanasi deixando todos os assuntos para trás! . . .

Escrevi novamente ao irmão Gangadhar e pedi-lhe desta vez que voltasse à matemática. Se ele vier, ele irá ao seu encontro. Como está o clima em Varanasi agora? Com a minha estadia aqui, fui curado de todos os outros sintomas da malária, apenas a dor na região lombar me deixa frenético; dia e noite dói e me irrita muito. Não sei como subirei as colinas. Encontro uma resistência maravilhosa em Babaji, e é por isso que estou implorando algo a ele; mas não tenho a mínima ideia de vontade de dar, apenas receber e receber! Então eu também voo.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. Para nenhuma pessoa importante eu irei mais -

"Permaneça, ó mente, dentro de si mesmo, não vá para a porta de ninguém; tudo o que você procura, você obterá sentado à vontade, apenas procure na privacidade do seu coração. Aí está o Tesouro supremo, a pedra filosofal e Ele pode dar tudo o que você pedir; pois inúmeras pedras preciosas, ó mente, estão espalhadas pelos portais de Sua morada. Ele é a pedra do desejo que confere bênçãos pelo simples pensamento. Assim diz o poeta Kamalâkânta.

Então agora a grande conclusão é que Ramakrishna não tem igual; em nenhum outro lugar deste mundo existe essa perfeição sem precedentes, essa bondade maravilhosa para com todos que não para de se justificar, essa simpatia intensa pelo homem em cativeiro. Ou ele deve ser o Avatâra, como ele mesmo dizia, ou então o homem divino sempre aperfeiçoado, de quem o Vedanta fala como o livre que assume um corpo para o bem da humanidade. Esta é minha convicção certa e certa; e a adoração de tal homem divino foi mencionada por Patanjali no aforismo: "Ou a meta pode ser alcançada meditando em um santo." (O aforismo de Patanjali tem "Ishvara" no lugar de "santo". Nârada tem um aforismo que diz assim: Bhakti (Amor Supremo) é alcançável principalmente através da graça de um santo, ou por um pouco da Graça Divina.)

Nunca durante sua vida ele recusou uma única oração minha; milhões de ofensas ele me perdoou; um amor tão grande que nem meus pais tiveram por mim. Não há poesia nem exagero em tudo isso. É a verdade nua e crua e cada discípulo seu sabe disso. Em tempos de grande perigo, de grande tentação, chorei em extrema agonia com a oração: "Ó Deus, salva-me", mas nenhuma resposta veio de ninguém; mas este maravilhoso santo, ou Avatara, ou qualquer outra coisa que ele possa ser, veio a saber de toda a minha aflição através dos seus poderes de compreensão dos corações humanos e levantou-se - apesar do meu desejo em contrário - depois de me levar ao seu presença. Se a alma for imortal, e assim, se ela ainda viver, eu oro para aparar repetidas vezes: "Ó Bhagavan Ramakrishna, tu oceano infinito de misericórdia e meu único refúgio, cumpra graciosamente os desejos de meu estimado amigo, que é todo polegada um grande homem." Que ele conceda a você todo o bem, aquele que encontrei neste mundo como um oceano de misericórdia incondicionada! Shântih, Shântih, Shântih.

Por favor, envie uma resposta imediata.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.26 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Vitória para Deus!

GHAZIPUR,

8 de março de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Sua nota foi devidamente recebida e então eu também irei para Prayag. Por favor, escreva para informar onde você pretende ficar enquanto estiver lá.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. Caso Abhedananda chegue a sua casa em um ou dois dias, ficarei muito grato se você o levar a caminho de Calcutá.

VIVEKANANDA.

6.4.27 INDIVÍDUOS

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

GHAZIPUR,

Março de 1890.

AMADO AKHANDANADA,

Muito feliz em receber sua carta ontem. No momento estou hospedado com o maravilhoso Yogi e devoto deste lugar, chamado Pavhariji. Ele nunca sai do quarto e conversa com as pessoas atrás da porta. Dentro da sala há um buraco onde ele mora. Há rumores de que ele permanece em estado de Samadhi por meses consecutivos. Sua fortaleza é maravilhosa. Nossa Bengala é a terra de Bhakti e de Jnana, onde quase não se fala de Yoga. O pouco que existe são apenas os estranhos exercícios respiratórios do Hatha-Yoga – que nada mais são do que uma espécie de ginástica. Portanto, estou hospedado com este maravilhoso Raja-Yogue – e ele também me deu algumas esperanças. Há um lindo bangalô em um pequeno jardim pertencente a um cavaleiro aqui; Pretendo ficar lá. O jardim fica bem perto da casa de Babaji. Um irmão do Babaji fica lá para cuidar do conforto dos Sadhus, e eu terei meu Bhikshâ em sua casa. Assim, com o objetivo de chegar ao fim desta diversão, desisto por enquanto do meu plano de ir para as montanhas. Há dois meses tenho tido uma crise de lombalgia na cintura, o que agora também impossibilita subir os morros. Portanto, deixe-me esperar e ver o que Babaji me dará.

Meu lema é aprender todas as coisas boas que posso encontrar em qualquer lugar. Isto leva muitos amigos a pensar que isso prejudicará minha devoção ao Guru. Considero essas ideias como sendo de lunáticos e fanáticos. Pois todos os Gurus são um e são fragmentos e radiações de Deus, o Guru Universal.

Se você vier a Ghazipur, basta perguntar no Satish Babu's ou no Gagan Babu's em Gorabazar, e você saberá meu paradeiro. Ou Pavhari Baba é uma pessoa tão conhecida aqui que todos irão informá-lo sobre seu Ashrama com a simples menção de seu nome, e você só precisa ir até lá e perguntar sobre o Paramahansa, e eles lhe falarão sobre mim. Perto de Moghul Sarai há uma estação chamada Dildarnagar, onde você deve mudar para um pequeno ramal ferroviário e descer em Tarighat, em frente a Ghazipur; então você tem que cruzar o Ganges para chegar a Ghazipur.

No momento, fico em Ghazipur por alguns dias e espero para ver o que Babaji faz. Se você vier, ficaremos juntos no referido bangalô por algum tempo e depois partiremos para as montanhas ou para qualquer outro lugar

que decidirmos. Por favor, não escreva para ninguém em Baranagore dizendo que estou hospedado em Ghazipur.

Com bênçãos e melhores votos,

Sempre seu,

VIVEKANANDA.

6.4.28 KANDHANANDA

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

GHAZIPUR,

Março de 1890.

AMADO AKHANDANADA,

Recebi agora há pouco outra carta sua e com muita dificuldade decifrei os rabiscos. Escrevi tudo detalhadamente em minha última carta. Você começa imediatamente após receber isso. Conheço a rota para o Tibete através do Nepal de que você falou. Como não permitem que ninguém entre facilmente no Tibete, também não permitem que ninguém vá a qualquer lugar do Nepal, exceto Katmandu, sua capital, e um ou dois locais de peregrinação. Mas um amigo meu é agora tutor de Sua Alteza o Maharaja do Nepal e professor na sua escola, de quem soube que quando o governo do Nepal envia o seu subsídio para a China, envia-o através de Lhasa. Um Sadhu planejou dessa forma ir para Lhasa, China, Manchúria, e até mesmo para a sede sagrada de Târâ Devi, no norte da China. Nós também podemos visitar com dignidade e respeito o Tibete, Lhasa, a China e tudo mais, se aquele meu amigo tentar organizar isso. Portanto, você parte imediatamente para Ghazipur. Depois de alguns dias de estadia aqui com os Babaji, me corresponderei com meu amigo e, tudo combinado, certamente irei ao Tibete via Nepal.

Você tem que descer em Dildarnagar para vir para Ghazipur. Fica a três ou quatro estações de Moghul Sarai. Eu teria lhe enviado a passagem se pudesse coletá-la aqui; então você se recompõe e vem. Gagan Babu, com quem estou aturando, é um homem extremamente cortês, nobre e de mente generosa. Assim que ele soube da doença de Kali, enviou-lhe a passagem para Hrishikesh; além disso, ele gastou muito por minha conta. Nestas circunstâncias, seria uma violação do dever de um Sannyasin tributá-lo pela passagem para Caxemira, e eu desisto disso. Você coleta a tarifa e começa assim que receber esta carta. Que a mania de visitar Amarnath seja deixada de lado por enquanto.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

6.4.29 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,
31 de março de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Não estive aqui nos últimos dias e estou viajando novamente hoje. Pedi ao irmão Gangadhar que viesse aqui; e se ele vier, iremos juntos até você. Por algumas razões especiais, continuarei a permanecer em segredo numa aldeia a alguma distância deste lugar, e não há possibilidade de escrever qualquer carta daquele lugar, por isso não pude responder à sua carta por tanto tempo. É muito provável que o irmão Gangadhar venha, caso contrário a resposta à minha nota teria chegado até mim. O irmão Abhedananda está aturando o doutor Priya em Varanasi. Outro irmão meu estava comigo, mas partiu para a casa de Abhedananda. A notícia de sua chegada ainda não foi recebida e, como sua saúde está ruim, estou bastante ansioso por sua causa. Comportei-me de maneira muito cruel com ele – isto é, o assediei muito para fazê-lo sair da minha companhia. Não há ajuda,

você vê; Estou com o coração tão fraco, tão dominado pelas distrações do amor! Abençoe-me para que eu possa endurecer. O que devo dizer a você sobre a condição da minha mente! Oh, é como se o fogo do inferno ardesse ali dia e noite! Nada, nada que eu pudesse fazer ainda! E esta vida parece confusa em vão; Sinto-me bastante impotente quanto ao que fazer! O Babaji lança palavras melosas e me impede de sair. Ah, o que devo dizer? Estou cometendo centenas de ofensas contra você – por favor, perdoe-as como erros cometidos por um homem enlouquecido por agonias mentais. Abhedananda está sofrendo de disenteria. Ficarei muito grato se você gentilmente perguntar sobre o estado dele e mandá-lo para nossa escola de matemática, caso ele queira ir para lá com nosso irmão que veio daqui. Meus Gurubhais devem estar me achando muito cruel e egoísta. Ah, o que posso fazer? Quem verá no fundo da minha mente? Quem saberá o quanto estou sofrendo dia e noite? Abençoe-me para que eu possa ter a mais inabalável paciência e perseverança.

Com inúmeras saudações,

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

PS. Abhedananda está hospedado na casa do Doutor Priya em Sonarpura. Minha lombalgia está como antes.

VIVEKANANDA.

6.4.30 ABHEDANANDA

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

GHAZIPUR,

2 de abril de 1890.

MEU QUERIDO KALI (ABHEDANANDA),

Fico feliz em receber sua carta, bem como a de Pramada Babu e Baburam (Premananda). Estou indo muito bem aqui. Você expressou o desejo de me ver. Eu também tenho uma saudade semelhante e é isso que me dá medo de ir. Além disso, o Babaji me proíbe de fazer isso. Tentarei tirar uma licença dele por alguns dias. Mas há esse medo de que, ao fazer isso, eu seja atraído para as colinas pela atração que sinto por Hrishikesh, e será muito difícil me livrar disso, especialmente para alguém de mente fraca, como você vê, como eu. O ataque de lombalgia também não me deixará de forma alguma – um incômodo! Mas depois estou me acostumando. Por favor, transmita minhas inúmeras saudações a Pramada Babu; Esta é uma amizade que beneficia muito minha mente e meu corpo. E estou particularmente grato a ele. As coisas vão acontecer de alguma forma, de qualquer maneira.

Com os melhores votos,

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

6.4.31 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,
2 de abril de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Onde conseguirei essa renúncia de que você fala em seu conselho para mim? É por causa disso mesmo que estou vagando pela terra. Se alguma vez eu conseguir esta verdadeira renúncia, eu o informarei; e se você receber algo desse tipo, lembre-se de mim como parceiro.

Seu,

VIVEKANANDA.

6.4.32 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

Vitória para Ramakrishna!

BARANAGORE,

10 de maio de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Não pude escrever para você por causa de várias distrações e de uma recaída de febre. Fico feliz em saber pela carta de Abhedananda que você está bem. Gangadhar (Akhandananda) provavelmente já chegou a Varanasi nesta época. Acontece que o Rei Morte aqui está jogando em suas mandíbulas hoje em dia muitos de nossos amigos e de nosso próprio povo, por isso estou muito entusiasmado. Talvez nenhuma carta para mim tenha chegado do Nepal. Não sei como e quando Vishvanātha (o Senhor de Kashi) escolheria conceder-me algum descanso. Diretamente o clima quente relaxa um pouco, estou fora deste lugar, mas ainda não sei para onde ir. Por favor, ore por mim a Vishvanatha para que Ele possa me conceder forças. Você é um devoto, e eu lhe imploro com as palavras do Senhor vindo à minha mente: “Aqueles que são devotos dos Meus devotos são de fato considerados os melhores dos Meus devotos.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.33 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

57, RUA DE RAMAKANTA BOSE,
BAGHBAZAR, CALCUTÁ,

26 de maio de 1890.

PREZADO SENHOR, 54

Escrevo isso para você enquanto estou preso em um vórtice de muitas circunstâncias desagradáveis e de grande agitação mental; com uma oração a Vishvanatha, por favor pense na propriedade e possibilidade, ou não, de tudo o que apresento abaixo e então me agradeça grandemente com uma resposta.

1. Eu já lhe disse desde o início que sou escravo de Ramakrishna, tendo colocado meu corpo a seus pés "com folhas de Til e Tulasi", não posso desconsiderar sua ordem. Se foi em fracasso que aquele grande sábio entregou sua vida depois de ter alcançado alturas sobre-humanas de Jnana, Bhakti, Amor e poderes, e depois de ter praticado por quarenta anos a renúncia severa, o desapego, a santidade e grandes austeridades, então onde há algo com que possamos contar? Portanto, sou obrigado a confiar nas suas palavras como palavras de alguém identificado com a verdade.

2. Agora, sua ordem para mim foi que eu me dedicasse ao serviço da ordem de devotos que renunciam a tudo fundada por ele, e nisso eu tenho que perseverar, aconteça o que acontecer, estando pronto para tomar o céu, o inferno, a salvação, ou qualquer coisa que possa acontecer comigo.

3. Sua ordem foi que seus devotos que renunciam a tudo se agrupassem, e fui encarregado de cuidar disso. Claro, não importa se algum de nós sai em visitas a este ou aquele lugar, mas estas serão apenas visitas, enquanto sua própria opinião era que a peregrinação absoluta sem teto convinha apenas àquele que foi aperfeiçoado ao mais alto ponto. Antes desse estado, é apropriado estabelecer-se em algum lugar para mergulhar na prática. Quando todas as ideias de corpo e similares são dissolvidas por si mesmas, uma pessoa pode então buscar qualquer estado que lhe surja. Caso contrário, é prejudicial para um aspirante praticante estar sempre vagando.

4. Então, em cumprimento a este seu mandamento, seu grupo de Sannyasins está agora reunido em uma casa dilapidada em Baranagore, e dois de seus discípulos leigos, Babu Suresh Chandra Mitra e Babu Balaram Bose, por tanto tempo forneceram comida e aluguel de casa. .

5. Por diversas razões, o corpo de Bhagavan Ramakrishna teve que ser entregue ao fogo. Não há dúvida de que este ato foi muito culpável. Os restos de suas cinzas estão agora preservados, e se agora forem devidamente guardados em algum lugar nas margens do Ganges, presumo que seremos capazes, em alguma medida, de expiar o pecado que está sobre nossas cabeças. Esses restos sagrados, seu assento e sua imagem são adorados todos os dias em nossa matemática na forma adequada; e é do seu conhecimento que um irmão-discípulo meu, de ascendência brâmane, está ocupado dia e noite com a tarefa. As despesas do culto também eram custeadas pelas duas grandes almas mencionadas acima.

6. Que maior arrependimento pode haver do que nenhum memorial ainda ter sido erguido nesta terra de Bengala, na mesma vizinhança do lugar onde ele viveu sua vida de Sâdhanâ - aquele por cujo nascimento a raça dos Bengales foi santificada, o a terra de Bengala tornou-se sagrada, aquele que veio à terra para salvar os indianos do feitiço do glamour mundano da cultura ocidental e que, portanto, escolheu a maioria dos seus discípulos renunciantes entre os universitários?

7. Os dois cavalheiros mencionados acima tinham um forte desejo de comprar algumas terras nas margens do Ganges e ver os restos sagrados nela consagrados, com os discípulos morando lá juntos; e Suresh Babu ofereceu uma quantia de Rs. 1.000 para esse propósito, prometendo dar mais, mas por algum propósito inescrutável de Deus ele deixou este mundo ontem à noite! E a notícia da morte de Balaram Babu já é do seu conhecimento.

8. Agora não há como saber onde os seus discípulos ficarão com os seus restos sagrados e o seu assento (e vocês sabem bem, as pessoas aqui em Bengala são profusas nas suas profissões, mas não avançam nem um centímetro na prática). Os discípulos são Sannyasins e estão prontos para partir imediatamente para qualquer lugar em seu caminho. Mas eu, seu servo, estou em agonia de sofrimento, e meu coração está partido ao pensar

que não seria possível ter um pequeno pedaço de terra onde instalar os restos mortais de Bhagavan Ramakrishna.

9. É impossível com uma soma de Rs. 1.000 para garantir terras e construir um templo perto de Calcutá. Algumas dessas terras custariam pelo menos cerca de cinco a sete mil.

10. Você continua sendo agora o único amigo e patrono dos discípulos de Shri Ramakrishna. Na Província Noroeste é realmente grande a sua fama, a sua posição e o seu círculo de amizades. Peço-lhe que considere, se desejar, se é apropriado levar o assunto adiante, arrecadando subscrições de homens piedosos e abastados que você conhece em sua província. Se você considerar apropriado ter algum abrigo erguido nas margens do Ganges, em Bengala, para os restos sagrados de Bhagavan Ramakrishna e para seus discípulos, com sua licença me reportarei a você, e não tenho o menor escrúpulo em implorar de porta em porta para esta nobre causa, pelo bem de meu Senhor e de seus filhos. Por favor, dê a esta proposta seus melhores pensamentos com orações a Vishvanatha. Na minha opinião, se todos esses Sannyasins jovens, sinceros, educados e de bom nascimento falham em mergulhar nos ideais de Shri Ramakrishna devido à falta de uma morada e ajuda, então, ai de nosso país!

11. Se você perguntar: “Você é um Sannyasin, então por que se preocupa com esses desejos?” - Eu então responderia, sou servo de Ramakrishna, e estou disposto até a roubar e roubar, se ao fazê-lo eu puder perpetuar seu nome na terra de seu nascimento e Sâdhanâ (luta espiritual) e ajudar pelo menos um pouco seus discípulos para praticar seus grandes ideais. Eu sei que você é meu parente mais próximo e exponho minha mente para você. Voltei para Calcutá por esse motivo. Eu já tinha te contado isso antes de partir e agora deixo para você fazer o que achar melhor.

12. Se você argumenta que é melhor que o plano seja executado em algum lugar como Kashi, o que quero dizer é que, como já lhe disse, seria uma pena se o santuário memorial não pudesse ser erguido na terra de seu nascimento e Sadhana! A condição de Bengala é lamentável. As pessoas aqui não podem nem sonhar o que a renúncia realmente significa – o luxo e a sensualidade têm consumido tanto os pontos vitais da raça! Que Deus envie a renúncia e o não-mundanismo a esta terra! Eles não têm aqui nada

do que falar, enquanto o povo da Província do Noroeste, especialmente os ricos de lá, como acredito, têm grande zelo por causas nobres como esta. Por favor, envie-me a resposta que achar melhor. Gangadhar ainda não chegou hoje e poderá chegar amanhã. Estou tão ansioso para vê-lo novamente.

Por favor escreva para o endereço indicado acima.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.34 SARADANANDA

BAGHBAZAR, CALCUTÁ,

6 de julho de 1890.

CAROS SHARAT (SARADANANDA) e KRIPANANDA,

Suas cartas chegaram até nós. Dizem que Almora é mais saudável nesta época do ano, mas você fica doente! Espero que não seja nada malárico. . . .

Considero Gangadhar a mesma criança dócil, com sua turbulência moderada por suas andanças e com um amor maior por nós e por nosso Senhor. Ele é ousado, corajoso, sincero e firme. A única coisa necessária é uma mente orientadora à qual ele se submeteria instintivamente com reverência, e o resultado seria um bom homem.

Desta vez, eu não tinha vontade de deixar Ghazipur e certamente não queria ir para Calcutá, mas a doença de Kali me fez ir para Varanasi, e a morte súbita de Balaram me trouxe para Calcutá. Então Suresh Babu e Balaram Babu se foram! G. C. Ghosh está apoiando o Math. . . . Pretendo em breve, assim que conseguir minha passagem, ir até Almora e de lá para algum lugar em Gharwal, no Ganges, onde possa me acomodar para uma longa meditação. Gangadhar está me acompanhando. Na verdade, foi com este desejo e intenção que o trouxe de Caxemira.

Não creio que você deva ter pressa em vir para Calcutá. Você acabou com a itinerância; isso é bom, mas você ainda não tentou a única coisa que deveria fazer, isto é, estar decidido a sentar e meditar. Não creio que Jnana seja como despertar uma donzela repentinamente do sono dizendo: "Levante-se, querida menina, sua cerimônia de casamento está esperando por você!" Como nós dizemos. Sou fortemente de opinião que muito poucas pessoas em qualquer Yuga (idade) alcançam Jnana e, portanto, devemos continuar lutando e lutando até a morte. Esse é o meu jeito antiquado, você sabe. Sobre a farsa do Jnana dos Sannyasins modernos eu conheço muito bem. Paz esteja com você e força! Daksha, que está hospedado em Vrindaban com Rakhal (Brahmananda), aprendeu a fazer ouro e se tornou um pucca Jnani, assim escreve Rakhal. Deus o abençoe, e você pode dizer, amém!

Agora estou com boa saúde e o bem que obtive com a minha estadia em Ghazipur durará, tenho certeza, por algum tempo. Estou ansioso por um vôo para o Himalaia. Desta vez não irei até Pavhari Baba ou qualquer outro santo – eles desviam a pessoa do seu propósito mais elevado. Direto!

Como você vê o clima em Almora? Nem S... nem você precisam descer. Qual é a utilidade de tantos viverem juntos em um só lugar e não fazerem nenhum bem à alma? Não sejam tolos sempre vagando de um lugar para outro; isso é tudo muito bom, mas sejam heróis.

निर्मानमोहा जितसङ्गदोषा
अध्यात्मनित्या विनिवृत्तकामाः ।
दृढैर्विमुक्ताः सुखदुःखसंज्ञैः
गच्छन्त्यमृताः पदमव्ययं तत् ॥

- "Livre do orgulho e da ilusão, com o mal do apego conquistado, sempre habitando no Ser, com os desejos completamente recuados, liberados dos pares de opostos conhecidos como prazer e dor, os não iludidos alcançam aquela Meta Eterna" (Gita, XV. 5).

Quem te aconselha a pular no fogo? Se você não encontrar no Himalaia um lugar para Sadhana, vá para outro lugar. Tantas perguntas entusiasmadas simplesmente revelam uma mente fraca. Levante-se, poderoso, e seja forte! Trabalhe sem parar, lute sem parar! Nada mais para escrever.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.35 GOVINDA SAHAY

AJMER,

14 de abril de 1891.

CARO GOVINDA SAHAY,

. . . Tente ser puro e altruísta – isso é toda a religião. . . .

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

6.4.36 GOVINDA SAHAY

MONTE ABU,

30 de abril de 1891.

CARO GOVINDA SAHAY,

Você fez o Upanayana daquele menino brâmane? Você está estudando sânscrito? Até onde você avançou? Acho que você deve ter terminado a primeira parte. ... Você é diligente em seu Shiva Pujâ? Se não, tente ser assim. "Buscai primeiro o reino de Deus e todas as coisas boas vos serão acrescentadas." Siga a Deus e você terá tudo o que deseja. ... Aos dois Comandantes Sahebs os meus melhores cumprimentos; sendo homens de alta posição, foram muito gentis com um faquir pobre como eu. Meus filhos, o segredo da religião não está nas teorias, mas na prática. Ser bom e fazer o bem – isso é toda a religião. “Não aquele que clama 'Senhor', 'Senhor', mas aquele que faz a vontade do Pai”. Vocês são um belo grupo de jovens, vocês, Alwaris, e espero que em um futuro não distante muitos de vocês sejam ornamentos da sociedade e bênçãos para o país em que nasceram.

Atenciosamente, com bênçãos,

V.

PS. Não fique irritado se de vez em quando você receber uma escova do mundo; tudo acabará em pouco tempo e tudo ficará bem.

6.4.37 GOVINDA SAHAY

MONTE ABU,

1891 .

CARO GOVINDA SAHAY,

Você deve continuar com seu Japa, qualquer que seja a direção que sua mente tome. Diga a Harbux que ele deve começar com o Prânâyâma da seguinte maneira.

Esforce-se com seus estudos de sânscrito.

Seu com amor,

V.

6.4.38 NANJUNDA RAO

KHETRI,

27 de abril de 1893.

CARO MÉDICO, (Dra. Nanjunda Rao, M.D.)

Sua carta acaba de chegar até mim. Estou muito satisfeito com seu amor por mim indigno. Lamentamos saber que o pobre Bâlâji perdeu seu filho. "O Senhor deu e o Senhor tirou; bendito seja o nome do Senhor." Sabemos apenas que nada está perdido ou pode ser perdido. Para nós é só submissão,

calma e perfeição. O soldado não tem o direito de reclamar, nem de murmurar, se o general ordena que ele entre na boca do canhão. Que Ele console Balaji em sua dor, e que isso o aproxime cada vez mais do seio da Mãe Todo-misericordiosa!

Quanto a embarcar em Madras, não creio que seja viável, pois já fiz preparativos em Bombaim. Diga a Bhattacharya que o Raja (O Maharaja de Khetri, Rajputana.) ou meus Gurubhâis seriam os últimos homens a colocar quaisquer obstáculos em meu caminho. Quanto ao Rajaji, seu amor por mim é simplesmente ilimitado.

Que o Doador de todo o bem abençoe a todos aqui e no futuro, será a oração constante de

SACHCHIDANANDA.

(Swamiji costumava se chamar assim naquela época.)

6.4.39 MÃE

(Traduzido do bengali)

BOMBAIM,

24 de maio de 1893.

QUERIDA MÃE, (Shrimati Indumati Mitra)

Muito feliz em receber sua carta e a do querido Haripada. Por favor, não se arrependa de não poder escrever para você com muita frequência. Estou sempre orando ao Senhor pelo seu bem-estar. Não posso ir para Belgaum agora, pois os preparativos estão prontos para minha partida para a América no próximo dia 31. Se o Senhor quiser, verei você no retorno de minhas viagens pela América e pela Europa. Sempre resignem-se ao Senhor Shri Krishna. Lembre-se sempre de que somos apenas marionetes nas mãos do Senhor. Permaneça puro sempre. Por favor, tome cuidado para não se tornar impuro nem mesmo em pensamento, como também em palavras e ações; sempre tente fazer o bem aos outros, tanto quanto estiver em você. E

lembre-se de que o dever primordial da mulher é servir o marido por meio de pensamentos, palavras e ações. Por favor, leia o Gita todos os dias da melhor maneira possível. Por que você se inscreveu como. . . Dâsi (serva)? O Vaishya e o Shudra deveriam assinar como Dâsa e Dâsi, mas o Brâmane e o Kshatriya deveriam escrever Deva e Devi (deusa). Além disso, essas distinções de castas e similares foram invenção de nossos modernos brâmanes sapientes. Quem é servo e para quem? Todos são servos do Senhor Hari. Portanto a mulher deve usar seu patronímico, ou seja, o sobrenome do marido. Este é o antigo costume védico, como por exemplo, tal e tal Mitra, ou algo semelhante. Não é preciso escrever muito, querida mãe; saiba sempre que estou orando constantemente pelo seu bem-estar. Da América escreverei de vez em quando cartas com descrições das coisas maravilhosas de lá. Estou agora em Bombaim e ficarei aqui até o dia 31. O secretário particular do Maharaja de Khetri veio aqui para se despedir de mim.

Com bênçãos,

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

6.4.40 MAHARAJA DE KHETRI

(De uma carta escrita para H. H. o Maharaja de Khetri)

AMÉRICA,

1894 .

. . . “Não é a construção que faz o lar, mas é a esposa que o faz”, (“न गृहं गृहमित्याहुर्गृहिणी गृहमुच्यते ।”) diz um poeta sânscrito, e como isso é verdade! O telhado que lhe oferece abrigo do calor, do frio e da chuva não deve ser julgado pelos pilares que o sustentam - embora sejam as melhores colunas coríntias - mas pelo verdadeiro pilar espiritual que é o centro, o verdadeiro suporte da casa. - a mulher. A julgar por esse padrão, o lar americano não sofrerá em comparação com qualquer lar no mundo.

Tenho ouvido muitas histórias sobre o lar americano: de liberdade se tornando licenciada, de mulheres pouco femininas esmagando sob seus pés toda a paz e felicidade da vida doméstica em sua louca dança da liberdade, e muitas bobagens desse tipo. E agora, depois de um ano de experiência com lares americanos, com mulheres americanas, quão completamente falso e errôneo esse tipo de julgamento parece! Mulheres americanas! Cem vidas não seriam suficientes para pagar minha profunda dívida de gratidão para com você! Não tenho palavras suficientes para expressar minha gratidão a você. "A hipérbole oriental" por si só expressa a profundidade da gratidão oriental - "Se o Oceano Índico fosse um tinteiro, a montanha mais alta do Himalaia a caneta, a terra o pergaminho e o próprio tempo o escritor" (Adaptado do Shiva-Mahimnah-Stotram .) ainda assim não expressará minha gratidão a você!

No ano passado, vim para este país no verão, como pregador errante de um país muito distante, sem nome, fama, riqueza ou conhecimento para me recomendar - sem amigos, desamparado, quase em estado de indigência e mulheres americanas fizeram amizade comigo, deram-me abrigo e comida, me levaram para suas casas e me trataram como seu próprio filho, seu próprio irmão. Eles eram meus amigos mesmo quando seus próprios padres tentavam persuadi-los a desistir dos "perigosos pagãos" - mesmo quando, dia após dia, seus melhores amigos lhes diziam para não apoiarem esse "estrangeiro desconhecido, talvez de caráter perigoso". . Mas eles são melhores juízes do caráter e da alma – pois é o espelho puro que capta o reflexo.

E quantas casas lindas eu vi, quantas mães cuja pureza de caráter, cujo amor altruísta pelos filhos são inexprimíveis, quantas filhas e donzelas puras, "puras como o pingente de gelo no templo de Diana", e ainda assim com muita cultura, educação e espiritualidade no sentido mais elevado! Será que a América está então cheia apenas de anjos sem asas em forma de mulheres? Há bons e maus em todos os lugares, é verdade - mas uma nação não deve ser julgada por seus fracos chamados de ímpios, pois são apenas as ervas daninhas que ficam para trás, mas pelos bons, pelos nobres e pelos puros que indicam a vida nacional. -corrente fluindo clara e vigorosa.

Você avalia uma macieira e o sabor de seus frutos pelos frutos verdes, subdesenvolvidos e comidos por vermes que se espalham pelo solo, grandes, embora às vezes sejam numerosos? Se houver um fruto maduro e desenvolvido, esse indicaria os poderes, a possibilidade e a finalidade da macieira e não centenas que não poderiam crescer.

E depois as mulheres americanas modernas – admiro as suas mentes amplas e liberais. Também tenho visto muitos homens liberais e de mente aberta neste país, alguns até nas igrejas mais estreitas, mas aqui está a diferença - há o perigo de os homens se tornarem amplos à custa da religião, à custa da espiritualidade - as mulheres ampliam-se na simpatia por tudo o que há de bom em todos os lugares, sem dosar um pouco da própria religião. Eles sabem intuitivamente que se trata de uma questão de positividade e não de negatividade, uma questão de adição e não de subtração. Eles estão todos os dias se conscientizando do fato de que é o lado afirmativo e positivo de tudo que deve ser armazenado, e que esse mesmo ato de acumular as forças afirmativas e positivas da natureza e, portanto, construtoras da alma, é o que destrói o elementos negativos e destrutivos no mundo.

Que realização maravilhosa foi aquela Feira Mundial de Chicago! E aquele maravilhoso Parlamento das Religiões onde vozes de todos os cantos da terra expressaram as suas ideias religiosas! Também tive permissão para apresentar minhas próprias idéias através da gentileza do Dr. Barrows e do Sr. Bonney. Sr. Bonney é um homem maravilhoso! Pense naquela mente que planejou e executou com grande sucesso aquele empreendimento gigantesco, e ele, não um clérigo, um advogado, presidindo os dignitários de todas as igrejas - o doce, erudito e paciente Sr. Bonney com toda a sua alma falando através de seu olhos brilhantes. ...

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.41 RAMAKRISHNANANDA

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

C/O GEORGE W. HALE, ESQ.,
AVENIDA DEARBORN 541, CHICAGO,

19 de março de 1894.

MEU QUERIDO SHASHI (RAMAKRISHNANANDA),

Não escrevi para você desde que cheguei a este país. Mas a carta de Haridas Bhai [60] me dá todas as novidades. É excelente que G. C. Ghosh [61] e todos vocês o tenham tratado com a devida consideração.

Não tenho necessidades neste país, mas a mendicância não está em voga aqui, e tenho que trabalhar, isto é, dar palestras em alguns lugares. Está tão frio aqui quanto quente. O verão não é menos quente que em Calcutá. E como descrever o frio do inverno! O país inteiro está coberto de neve, com um ou dois metros de profundidade, ou melhor, com dois ou dois metros em alguns lugares! Na parte sul não há neve. A neve, no entanto, é algo de pouca consideração aqui. Pois neva quando o mercúrio está a 32°F. Em Calcutá, dificilmente chega a 60°F e raramente se aproxima de zero na Inglaterra. Mas aqui, o seu mercúrio desce para menos 4° ou 5°. No Canadá, no norte, o mercúrio fica condensado, quando é preciso usar o termômetro de álcool. Quando está muito frio, isto é, quando o mercúrio está abaixo de 20°F, não neva. Eu costumava pensar que devia ser um dia extremamente frio e nevava. Mas não é assim, neva em dias relativamente quentes. O frio extremo produz uma espécie de intoxicação. Nenhuma carruagem circularia; só o trenó, que não tem rodas, desliza no chão! Tudo está congelado – até um elefante pode andar em rios, canais e lagos. As enormes quedas do Niágara, de tremenda velocidade, estão congeladas em mármore!! Mas estou indo bem. Fiquei com um pouco de medo no início, mas um dia a necessidade me fez viajar de trem até a fronteira do Canadá, e no dia seguinte me encontrou dando palestras no sul dos EUA! As carruagens são mantidas bastante aquecidas, como o seu próprio quarto, por meio de canos de vapor, e ao redor há massas de neve, impecavelmente brancas. Ah, que beleza!

Tive um medo mortal de que meu nariz e orelhas caíssem, mas até hoje estão bem. Tenho que sair, porém, vestido com uma pilha de roupas quentes encimadas por um casaco de pele, com botas envoltas em uma jaqueta de lã, e assim por diante. Assim que você expira, a respiração congela entre a barba e o bigode! Apesar de tudo isso, o engraçado é que eles não bebem água dentro de casa sem colocar um pedaço de gelo dentro dela. Isso ocorre porque está quente dentro de casa. Todos os quartos e as escadas são mantidos aquecidos por tubos de vapor. Eles estão principalmente na arte e nos eletrodomésticos, principalmente no prazer e no luxo, principalmente em ganhar dinheiro e principalmente em gastá-lo. O salário diário de um cule é de seis rúpias, assim como o de um servo; você não pode alugar um táxi por menos de três rúpias, nem conseguir um charuto por menos de quatro anás. Um par de sapatos decente custa vinte e quatro rúpias, e um terno, quinhentas rúpias. À medida que ganham, eles gastam. Uma palestra custa de duzentas a três mil rúpias. Cheguei a quinhentos. [62] É claro que agora estou no auge da fortuna. Eles gostam de mim e milhares de pessoas vêm me ouvir falar.

Como agradou ao Senhor, encontrei aqui o Sr. Mazoomdar. Ele foi muito cordial no início, mas quando toda a população de Chicago começou a se juntar a mim em números esmagadores, o cancro cresceu em sua mente! . . . Os padres fizeram o possível para me esnobar. Mas o Guru (Professor) está comigo, o que alguém poderia fazer? E toda a nação americana me ama e me respeita, paga minhas despesas e me reverencia como um Guru. ... Não estava no poder dos seus sacerdotes fazer nada contra mim. Além disso, eles são uma nação de estudiosos. Aqui não seria mais correto dizer: “Casamos com nossas viúvas”, “Não adoramos ídolos” e coisas desse tipo. O que eles querem é filosofia, aprendizagem; e conversa fiada não servirá mais.

Dharmapala é um ótimo garoto. Ele não tem muito aprendizado, mas é muito gentil. Ele tinha muita popularidade neste país.

Irmão, fui trazido à razão. . . . ये निघ्नन्ति निरर्थकं परहितं ते के न जानीमहे — Não sabemos que tipo de pessoas são essas que por nada atrapalham o bem-estar dos outros" (Bhartrihari). Irmão, podemos nos livrar de tudo, mas não desse maldito ciúme. . . . Isso é um pecado nacional conosco, falar mal dos outros e arder no coração com a grandeza dos outros só minha é a grandeza, ninguém mais deveria alcançá-la!

Em nenhum lugar do mundo existem mulheres como as deste país. Quão puro, independente, autoconfiante e bondoso! São as mulheres que são a vida e a alma deste país. Toda aprendizagem e cultura estão centradas neles. O ditado, "या श्रीः स्वयं सुकृतिनां भवनेषु - Quem é a própria Deusa da Fortuna nas famílias dos meritórios" (Chandi) - é válido neste país, enquanto aquele outro, "अलक्ष्मीः पापात्मनां - A Deusa da má sorte nas casas dos pecadores" (ibid.) – aplica-se à nossa. Apenas pense nisso. Bom Deus! Fico mudo de admiração ao ver as mulheres da América. "त्वं श्रीस्त्वमीश्वरी त्वं हीः — Tu és a Deusa da Fortuna, Tu és a Deusa suprema, Tu és a Modéstia" (ibid.), "या देवी सर्वभूतेषु शक्तिरूपेण संस्थिता — A Deusa que reside em todos os seres como Poder" (ibid.) – tudo isso vale aqui. Existem milhares de mulheres aqui cujas mentes são tão puras e brancas quanto a neve deste país. E olhem para as nossas meninas, se tornando mães antes da adolescência!! Bom Deus! Agora vejo tudo. Irmão, "यत्र नार्यस्तु पूज्यन्ते रमन्ते तत्र देवताः — Os deuses ficam satisfeitos onde as mulheres são tidas em estima" — diz o velho Manu. Somos pecadores horríveis, e nossa degradação se deve ao fato de chamarmos as mulheres de “vermes desprezíveis”, “portas para o inferno” e assim por diante. Graças a Deus! Existe toda a diferença entre o céu e o inferno!! "याथास्त्यतोऽर्थान् व्यदधात् — Ele julga os presentes de acordo com o mérito do caso" (Isha, 8). Será que o Senhor será enganado por conversa fiada? O Senhor disse: "त्वं स्त्री त्वं पुमानसि त्वं कुमार उत वा कुमारी - Tu és a mulher, Tu és o homem, Tu és o menino e a menina também." (Shvetâshvatara Upa.) E nós, de nossa parte, estamos clamando: "दूरमपसर रे चण्डाल - Vá embora, seu pária!" "केनैषा निर्मिता नारी मोहिनी etc. - Quem fez a mulher encantadora?" Meu irmão, quantas experiências tive no Sul, das classes altas torturando as baixas! Que orgias bacanais dentro dos templos! É uma religião que não consegue eliminar a miséria dos pobres e transformar os homens em deuses! Você acha que nossa religião vale esse nome? A nossa é apenas Não me toque, apenas "Não me toque", "Não me toque". Deus do céu! Um país cujos grandes líderes só discutem há dois mil anos se devem levar comida com a mão direita ou com a esquerda, se devem tirar água da

direita ou da esquerda, ... se tal um país não vai à ruína, que outro irá? "

कालः सुप्तेषु जागर्ति कालो हि दुरतिक्रमः — O tempo permanece bem acordado quando todo o resto dorme. O tempo é realmente invencível!" Ele sabe isso; quem está aí para jogar poeira nos olhos dele, meu amigo?

Um país onde milhões de pessoas vivem das flores da planta Mohuâ, e um ou dois milhões de Sadhus e cerca de cem milhões de Brâmanes sugam o sangue destas pobres pessoas, sem sequer o menor esforço para a sua melhoria - é que um país ou inferno? Isso é uma religião ou a dança do diabo? Meu irmão, aqui está uma coisa que você deve entender completamente: viajei por toda a Índia e vi este país também: pode haver um efeito sem causa? Pode haver punição sem pecado?

सर्वशास्त्रपुराणेषु व्यासस्य वचनं ध्रुवम् ।
परोपकारः पुण्याय पापाय परपीडनम् ॥

— “Em meio a todas as escrituras e Purânas, saiba que esta afirmação de Vyâsa é verdadeira, que fazer o bem aos outros conduz ao mérito, e fazer mal a eles leva ao pecado.”

Não é verdade?

Meu irmão, diante de tudo isso, principalmente da pobreza e da ignorância, não dormi. No Cabo Comorin, sentado no templo de Mãe Kumari, sentado no último pedaço de rocha indiana - eu estabeleci um plano: somos tantos Sannyasins vagando e ensinando metafísica ao povo - é tudo uma loucura. Nosso Gurudeva não costumava dizer: “Um estômago vazio não é bom para a religião”? O fato de essas pobres pessoas levarem uma vida de brutos é simplesmente devido à ignorância. Há muito tempo que sugamos o sangue deles e os pisoteamos.

. . . Suponhamos que alguns Sannyasins desinteressados, empenhados em fazer o bem aos outros, vão de aldeia em aldeia, divulgando a educação e procurando de várias maneiras melhorar a condição de todos até Chandâla, através do ensino oral e por meio de mapas, câmeras, globos, e outros acessórios — isso não pode trazer o bem com o tempo? Todos esses planos não posso descrever nesta curta carta. Resumindo: se a montanha não chega até Maomé, Maomé deve ir até a montanha. Os pobres são pobres demais

para frequentar escolas e Pâthashâlâs, e não ganharão nada lendo poesia e todo esse tipo de coisa. Nós, como nação, perdemos a nossa individualidade, e essa é a causa de todos os males na Índia. Temos que devolver à nação a sua individualidade perdida e elevar as massas. Os hindus, os muçulmanos, os cristãos, todos os pisotearam. Mais uma vez, a força para elevá-los deve vir de dentro, isto é, dos hindus ortodoxos. Em todos os países os males existem não com, mas contra, a religião. A culpa, portanto, não é da religião, mas sim dos homens.

Para conseguir isso, a primeira coisa que precisamos são de homens e a próxima é de fundos. Através da graça do nosso Guru eu tinha a certeza de conseguir de dez a quinze homens em cada cidade. Em seguida, viajei em busca de fundos, mas você acha que o povo da Índia iria gastar dinheiro! . . . Egoísmo personificado – eles vão gastar alguma coisa? Portanto, vim para a América para ganhar dinheiro e depois voltei para o meu país e dediquei o resto dos meus dias à realização deste único objetivo da minha vida.

Assim como o nosso país é pobre em virtudes sociais, este país carece de espiritualidade. Eu lhes dou espiritualidade e eles me dão dinheiro. Não sei quanto tempo levarei para perceber meu fim. ...Essas pessoas não são hipócritas e o ciúme está totalmente ausente nelas. Não dependo de ninguém no Hindustão. Tentarei ganhar os recursos da melhor maneira possível e executar meus planos, ou morrerei na tentativa. "

सन्निमिचे वरं त्यागो विनाशो नियते सति — Quando a morte é certa, é melhor se sacrificar por uma boa causa."

Você talvez possa pensar que absurdo utópico é tudo isso! Você pouco sabe o que há em mim. Se algum de vocês me ajudar em meus planos, tudo bem, ou Gurudeva me mostrará a saída. ... Não podemos desistir do ciúme e nos unirmos. Esse é o nosso pecado nacional!! Isso não é encontrado neste país, e é isso que os tornou tão grandes.

Em nenhum lugar do mundo encontrei tais “sapos no poço” como nós. Deixe que qualquer coisa nova venha de algum país estrangeiro e a América será a primeira a aceitá-la. Mas nós? — ah, não há ninguém como nós no mundo, nós, homens de sangue ariano!! Onde essa hereditariedade realmente se expressa, não vejo. ...Mas eles são descendentes dos arianos?

Sempre seu,
VIVEKANANDA.

6.4.42 RAO BAHADUR NARASIMHACHARIAR

CHICAGO,
23 de junho de 1894.

CARO SENHOR, (Rao Bahadur Narasimhachariar.)

Sua gentileza comigo me faz arriscar tirar um pouco de vantagem disso. Sra. Potter Palmer é a chefe dama dos Estados Unidos. Ela era a senhora presidente da Feira Mundial. Ela está muito interessada em criar as mulheres do mundo e está à frente de uma grande organização para mulheres. Ela é uma amiga particular de Lady Dufferin e tem sido apoiada pelos Royalties da Europa por causa de sua riqueza e posição. Ela tem sido muito gentil comigo neste país. Agora ela fará uma turnê pela China, Japão, Sião e Índia. É claro que ela será recebida pelos governadores e outras pessoas importantes da Índia. Mas ela está particularmente ansiosa por ver a nossa sociedade separada da ajuda oficial inglesa. Em muitas ocasiões contei-lhe sobre seus nobres esforços na criação das mulheres indianas, de sua maravilhosa faculdade em Mysore. Penso que é nosso dever mostrar um pouco de hospitalidade a tais personagens da América em troca da sua bondade para com os nossos compatriotas que vieram para cá. Espero que ela encontre uma recepção calorosa em suas mãos e seja ajudada a ver um pouco de nossas mulheres como elas são. E garanto-lhe que ela não é missionária, nem mesmo cristã nesse aspecto. Ela quer trabalhar independente de todas as religiões para melhorar as condições das mulheres em todo o mundo. Isso também me ajudaria muito neste país. Que o Senhor te abençoe!

Seu para todo o sempre,
Carinhosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.43 IRMÃS

C/O GEORGE W. HALE, ESQ.,

AVENIDA DEARBORN 541, CHICAGO,

26 de junho de 1894.

QUERIDAS IRMÃS, (Senhoritas Mary e H. Hale.)

O grande poeta hindi, Tulasidâsa, em sua bênção à sua tradução do Râmâyana, diz: "Eu me curvo tanto aos ímpios quanto aos santos; mas, infelizmente! para mim, ambos são igualmente torturadores - os ímpios começam a me torturar assim que quando eles entram em contato comigo - o bom, infelizmente, tira minha vida quando eles me deixam." Eu digo amém a isso. Para mim, para quem o único prazer e amor que resta no mundo é amar os santos de Deus, é uma tortura mortal separar-me deles.

Mas essas coisas devem acontecer. Tu, Música da flauta do meu Amado, conduza, eu estou seguindo. É impossível expressar minha dor, minha angústia por estar separado de vocês, nobres e doces e generosos e santos. Oh! como eu gostaria de ter conseguido me tornar um estóico! Espero que você esteja gostando da bela paisagem da vila. "Onde o mundo está desperto, aí o homem que tem autocontrole está dormindo. Onde o mundo dorme, aí ele está acordando." Que nem a poeira do mundo nunca te toque, pois, segundo dizem os poetas, é apenas um pedaço de carniça coberto de guirlandas. Não toque nele - se puder. Subam, jovens do pássaro do Paraíso, antes que seus pés toquem a fossa da corrupção, este mundo, e voem para cima.

"Ó, aqueles que estão acordados não vão dormir novamente."

"Deixe o mundo amar seus muitos, nós temos apenas um Amado - o Senhor. Não nos importamos com o que eles dizem; só temos medo quando eles querem pintar nosso Amado e dar-Lhe todos os tipos de qualidades

monstruosas. Deixe-os fazer o que quiserem - para nós Ele é apenas o amado - meu amor, meu amor, meu amor e nada mais."

"Quem se importa em saber quanto poder, quanta qualidade Ele tem – até mesmo a de fazer o bem! Diremos de uma vez por todas: Não amamos por muito dinheiro, nunca vendemos nosso amor, não queremos, nós damos."

"Você, filósofo, vem nos contar de Suas essências, Seus poderes, Seus atributos - tolo! Estamos aqui morrendo de vontade de um beijo de Seus lábios."

"Leve suas bobagens de volta para sua casa e me mande um beijo do meu amor - você pode?"

"Tolo! diante de quem você está dobrando seus joelhos vacilantes, com admiração e medo? Peguei meu colar e coloquei-o em volta de Seu pescoço; e, amarrando um barbante nele como um colar, estou arrastando-O comigo, por medo de que Ele pode voar, mesmo que por um momento, aquele colar era o colar do amor; aquele cordão do êxtase do amor, você não conhece o segredo - o Infinito vem em meu punho sob a escravidão do amor. "Você não sabe que o Senhor do Universo é o escravo do amor?" "Você não sabe que o Motor do Universo costumava dançar ao som do toque dos braceletes das pastoras de Vrindaban?"

Desculpe meus rabiscos loucos, desculpe minha tolice em tentar expressar o inexprimível. É para ser sentido apenas.

Sempre com bênçãos, seu irmão,

VIVEKANANDA.

6.4.44 IRMÃS

POUSADA GREENACRE,

ELLIOT, MAINE,

31 de julho de 1894.

QUERIDAS IRMÃS,

Não escrevo há muito tempo e não tenho muito o que escrever. Esta é uma grande pousada e casa de fazenda onde os Cientistas Cristãos estão realizando uma sessão. Na primavera passada, em Nova York, fui convidada pela senhora projetora da reunião para vir aqui e, afinal de contas, estou aqui. É um lugar lindo e legal, sem dúvida, e muitos dos meus velhos amigos de Chicago estão aqui. A Sra. Mills, a Srta. Stockham e várias outras senhoras e senhores vivem em tendas que armaram em campo aberto à beira do rio. Eles se divertem e às vezes todos usam o que vocês chamam de traje científico o dia todo. Eles têm palestras quase todos os dias. Um certo Sr. Colville de Boston está aqui; ele fala todos os dias, dizem, sob o controle do espírito. A Editora (?) da Verdade Universal instalou-se aqui. Ela está conduzindo serviços religiosos e dando aulas para curar todos os tipos de doenças, e muito em breve espero que eles estejam dando olhos aos cegos e coisas assim! Afinal, é uma reunião estranha. Eles não se importam muito com as leis sociais e são bastante livres e felizes. A Sra. Mills é bastante brilhante, assim como muitas outras senhoras. ... Outra senhora de Detroit - muito culta e com lindos olhos negros e cabelos compridos vai me levar a uma ilha a quinze milhas no mar. Espero que nos divirtamos. ... Posso ir daqui para Annisquam, suponho. Este é um lugar lindo e agradável e o banho é esplêndido. Cora Stockham fez um traje de banho para mim, e estou me divertindo tanto na água quanto um pato. Isso é delicioso até para os habitantes da lama Ville. Não encontro mais nada para escrever. Só que estou tão ocupado que não consigo encontrar tempo suficiente para escrever separadamente à Mãe Igreja. Meu amor e respeito à Srta. Howe.

Há aqui o Sr. Wood de Boston, que é uma das grandes luzes de sua seita. Mas ele se opõe a pertencer à seita da Sra. Whirlpool. Então ele se autodenomina um curador mental de metafísico-químico-físico-religioso, o que não! Ontem houve um tremendo ciclone que deu um bom “tratamento” às tendas. A grande tenda sob a qual aconteciam as palestras havia desenvolvido tanta espiritualidade, sob o “tratamento”, que desapareceu completamente do olhar mortal, e cerca de duzentas cadeiras dançavam pelos jardins sob êxtase espiritual! A empresa Sra. Figs of Mills dá aula todas as manhãs; e a Sra. Mills está pulando por todo lado; eles estão todos

de bom humor. Estou especialmente feliz por Cora, pois eles sofreram muito no inverno passado e um pouco de hilaridade lhe faria bem. Você ficará surpreso com a liberdade que eles desfrutam nos campos, mas lá eles são pessoas muito boas e puras – um pouco erráticas e isso é tudo. Estarei aqui até sábado próximo. ...

... Outra noite, o pessoal do acampamento foi dormir debaixo de um pinheiro, sob o qual eu me sento todas as manhãs à la Hindu e converso com eles. Claro que fui com eles, e tivemos uma noite agradável sob as estrelas, dormindo no colo da mãe terra, e eu aproveitei cada pedacinho disso. Não consigo descrever para vocês as glórias daquela noite – depois de um ano de vida brutal que levei, dormindo no chão, meditando debaixo de uma árvore na floresta! O pessoal da pousada é mais ou menos abastado e o pessoal do acampamento são homens e mulheres saudáveis, jovens, sinceros e santos. Eu lhes ensino Shivo'ham, Shivo'ham, e todos eles repetem isso, inocentes e puros como são e corajosos além de todos os limites. E então estou feliz e glorificado. Graças a Deus por me tornar pobre, graças a Deus por tornar pobres essas crianças nas tendas. Os Dudes e Dudines estão no Hotel, mas nervos de ferro, almas de aço triplo e espíritos de fogo estão no acampamento. Se você os tivesse visto ontem, quando a chuva caía torrencialmente e o ciclone derrubava tudo, pendurados pelas cordas de suas tendas para evitar que fossem derrubados, e apoiados na majestade de suas almas - esses corajosos -, você teria feito bem aos seus corações. Irei cem milhas para ver pessoas como eles. Senhor os abençoe! Espero que você esteja aproveitando sua bela vida na aldeia. Nunca fique ansioso por um momento. Serei cuidado e, se não, saberei que minha hora chegou e passarei.

"Doce! Muitas pessoas oferecem muitas coisas a Você, eu sou pobre - mas tenho corpo, mente e alma. Eu os entrego a Você. Digne-se a aceitar, Senhor do Universo, e não os recuse." — Então entreguei minha vida e alma de uma vez por todas. Uma coisa – eles são um tipo de gente seca aqui – e quanto a isso, há muito poucos no mundo inteiro que não o sejam. Eles não entendem “Mâdhava”, o Doce. Eles são intelectuais ou buscam cura pela fé, virar mesas, bruxaria, etc., etc. Em nenhum lugar ouvi tanto sobre “amor, vida e liberdade” como neste país, mas em nenhum lugar isso é menos compreendido. Aqui Deus é um terror ou um poder de cura, vibração e

assim por diante. Senhor abençoe suas almas! E esses papagaios falam dia e noite de amor e amor e amor!

Agora, bons sonhos, bons pensamentos para você. Você é bom e nobre. Em vez de materializar o espírito, isto é, arrastar o espiritual para o plano material como essas pessoas fazem, converta a matéria em espírito, tenha um vislumbre pelo menos, todos os dias, daquele mundo de infinita beleza, paz e pureza - o espiritual, e tente viver nele dia e noite. Não procure, não toque nem mesmo com os dedos dos pés, qualquer coisa que seja estranha. Deixem suas almas ascenderem dia e noite como uma “corda ininterrupta” até os pés do Amado cujo trono está em seus próprios corações e deixem o resto cuidar de si mesmo, isto é, o corpo e tudo mais. A vida é evanescente, um sonho passageiro; a juventude e a beleza desaparecem. Diga dia e noite: "Tu és meu pai, minha mãe, meu marido, meu amor, meu senhor, meu Deus - não quero nada além de Ti, nada além de Ti, nada além de Ti. Tu em mim, eu em Ti, eu sou Você é eu." A riqueza desaparece, a beleza desaparece, a vida voa, os poderes voam – mas o Senhor permanece para sempre, o amor permanece para sempre. Se aqui há glória em manter a máquina em bom estado, é mais glorioso evitar que a alma sofra com o corpo – essa é a única demonstração de que você “não é matéria”, deixando a matéria em paz.

Fique com Deus! Quem se importa com o que vem ao corpo ou a qualquer outra coisa! Através dos terrores do mal, diga – meu Deus, meu amor! Através das dores da morte, diga – meu Deus, meu amor! Através de todos os males sob o sol, diga – meu Deus, meu amor! Tu estás aqui, eu te vejo. Tu estás comigo, eu te sinto. Eu sou Teu, leve-me. Eu não sou do mundo, mas Teu, então não me deixe. Não opte por contas de vidro saindo da mina de diamantes! Esta vida é uma grande chance. O que, você busca os prazeres do mundo? — Ele é a fonte de toda bem-aventurança. Busque o mais elevado, mire no mais elevado e você alcançará o mais elevado.

Atenciosamente, com todas as bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.45 IRMÃOS

(Traduzido do bengali)

Saudações a Bhagavan Shri Ramakrishna!

1894 .

QUERIDOS IRMÃOS, (Irmãos-discípulos de Swamiji.)

Antes disso, escrevi-lhe uma carta que, por falta de tempo, estava muito incompleta. Rakhal (Brahmananda) e Hari (Turiyananda) escreveram em uma carta de Lucknow que os jornais hindus estavam me elogiando e que estavam muito felizes por vinte mil pessoas terem comido comida no aniversário de Shri Ramakrishna. Eu poderia trabalhar muito mais se não fosse pelos Brahmos e pelos missionários que se opuseram incessantemente a mim, e os hindus da Índia também não fizeram nada por mim. Quero dizer, se os hindus de Calcutá ou Madras tivessem realizado uma reunião e aprovado uma resolução reconhecendo-me como seu representante e agradecendo ao povo americano por me receber com bondade, as coisas teriam progredido apreciavelmente. Mas já se passou mais de um ano e nada foi feito. É claro que nunca confiei nos bengalis, mas os madrasis também não puderam fazer nada. ...

Não há esperança para a nossa nação. Nenhuma ideia original passa pela cabeça de ninguém, todos brigando pelo mesmo tapete velho e puído – que Ramakrishna Paramahansa era tal e tal – e histórias de galo e touro – histórias sem cabeça nem cauda. Meu Deus! Você não fará algo para mostrar que está de alguma forma afastado da vida comum dos homens! — Apenas entregando-se à loucura! ... Hoje você tem o seu sino, amanhã você coloca uma buzina e segue o exemplo com um chowry no dia seguinte; ou você introduz uma cama hoje, e amanhã você terá suas pernas prateadas, e as pessoas se servirão de um mingau de arroz, e você contará duas mil histórias de galo e touro - em suma, nada além de cerimoniais externos. Isso é chamado em inglês de imbecilidade. Aqueles em cujas cabeças só entra esse tipo de tolice são chamados de imbecis. Aqueles cujas cabeças têm tendência a ficar preocupadas dia e noite com questões como se o sino deveria tocar à direita ou à esquerda, se a marca de pasta de sândalo deveria ser colocada na cabeça ou em qualquer outro lugar, se a luz deveria ser acesa. acenados duas ou quatro vezes - simplesmente merecem o nome de

desgraçados, e é devido a esse tipo de noção que somos os excluídos da Fortuna, chutados e desprezados, enquanto os povos do Ocidente são os senhores do mundo inteiro. ... Existe um oceano de diferença entre a ociosidade e a renúncia.

Se você deseja que algo de bom aconteça, simplesmente jogue fora seus cerimoniais e adore o Deus Vivo, o Homem-Deus – todo ser que usa uma forma humana – Deus em Seu aspecto universal e também individual. O aspecto universal de Deus significa este mundo, e adorá-lo significa servi-lo – isto de fato é trabalho, não ceder a cerimoniais. Nem é trabalho cogitar se o prato de arroz deve ser colocado diante de Deus por dez minutos ou por meia hora – isso é chamado de loucura. Milhões de rúpias foram gastas apenas para que as portas do templo em Varanasi ou Vrindaban pudessem abrir e fechar o dia todo! Agora o Senhor está tomando seu banheiro, agora Ele está fazendo Suas refeições, agora Ele está ocupado com outra coisa que não sabemos o quê. ... E tudo isso, enquanto o Deus Vivo morre por falta de comida, por falta de educação! Os banias de Bombaim estão construindo hospitais para insetos – enquanto nada fariam pelos homens, mesmo que morressem! Você não tem cérebro para entender esta coisa simples - que isso é uma praga para o nosso país e que os asilos para lunáticos estão abundantes por toda parte. ... Deixem que alguns de vocês se espalhem como fogo e preguem esta adoração do aspecto universal da Divindade - algo que nunca foi realizado antes em nosso país. Não há brigas com as pessoas, devemos ser amigos de todos. ...

Espalhe ideias – vá de aldeia em aldeia, de porta em porta – só então haverá trabalho real. Caso contrário, deitar-se complacentemente na cama e tocar a campainha de vez em quando é uma espécie de doença pura e simples. ... Seja independente, aprenda a formar julgamentos independentes. – Que tal e tal capítulo de tal e tal Tantra prescreveu um comprimento padrão para o cabo de um sino, – o que isso importa para mim? Pela vontade do Senhor, de seus lábios sairão milhões de Vedas, Tantras e Purânas. ... Se agora você puder mostrar isso na prática, se você puder fazer trezentos ou quatrocentos mil discípulos na Índia dentro de um ano, então só eu poderei ter alguma esperança. ...

A propósito, você conhece o garoto que teve a cabeça raspada e foi com o irmão Tarak de Bombaim para Rameswaram? Ele se autodenomina discípulo de Ramakrishna Paramahansa! Deixe o irmão Tarak iniciá-lo. ... Ele nunca conheceu Shri Ramakrishna em sua vida, e ainda assim um discípulo! — Que atrevimento! Sem uma cadeia ininterrupta de discipulado – Guruparampara – nada pode ser feito. É uma brincadeira de criança? Não ter nenhuma conexão e se chamar de discípulo! O idiota! Se aquele garoto se recusar a seguir o caminho certo, expulse-o. Nada, afirmo, pode ser feito sem a cadeia do discipulado, isto é, o poder que é transmitido do Guru ao discípulo, e dele ao seu discípulo, e assim por diante. Aí vem ele e se proclama discípulo de Ramakrishna – isso é tolice? Jagamohan me contou sobre alguém que se autodenomina irmão-discípulo meu. Agora suspeito que seja aquele menino. Para posar como um irmão-discípulo! Ele se sente humilhado por se chamar de discípulo, ousou dizer, e de bom grado se tornaria um Guru imediatamente! Expulsá-lo se ele não seguir o procedimento estabelecido.

Falar da inquietação de Tulasi (Nirmalananda) e Subodh (Subodhananda) significa que eles não têm trabalho para fazer. ... Vá de aldeia em aldeia, faça o bem à humanidade e ao mundo em geral. Vá você mesmo para o inferno para comprar a salvação para os outros. Não há nenhum Mukti na terra que possa ser chamado de meu. Sempre que você pensa em si mesmo, certamente se sentirá inquieto. O que você tem a ver com a paz, meu rapaz? Você renunciou a tudo. Vir! Agora é a vez de você banir o desejo de paz, e isso também para Mukti! Não se preocupe nem um pouco; céu ou inferno, ou Bhakti ou Mukti – não se importe com nada, mas vá, meu rapaz, e espalhe o nome do Senhor de porta em porta! É somente fazendo o bem aos outros que a pessoa alcança o seu próprio bem, e é conduzindo os outros a Bhakti e Mukti que ela mesma os alcança. Aceite isso, esqueça de si mesmo, fique louco com a ideia. Como Shri Ramakrishna costumava te amar, como eu te amo, venha, ame o mundo assim. Reúna todos. Onde fica Gunanidhi? Você deve tê-lo com você. Meu amor infinito por ele. Onde fica Gupta (Sadananda)? Deixe-o participar se quiser. Chame-o em meu nome. Lembre-se destes poucos pontos:

1. Somos Sannyasins, que desistimos de tudo – Bhakti, e Mukti, e prazer, e tudo mais.

2. Fazer o bem maior ao mundo, a todos até ao mais baixo - este é o nosso voto. Bem-vindo, Mukti ou inferno, o que vier.

3. Ramakrishna Paramahansa veio para o bem do mundo. Chame-o de homem, ou Deus, ou Encarnação, como quiser. Aceite-o cada um à sua própria luz.

4. Aquele que se curvar diante dele será convertido no mais puro ouro naquele exato momento. Vá com esta mensagem de porta em porta, se puder, meu rapaz, e toda a sua inquietação terá um fim. Nunca tema – onde está o espaço para o medo? — Cuidar de absolutamente nada faz parte da sua vida. Há muito tempo você espalha o nome dele e seu caráter por toda parte, muito bem. Agora espalhe-os de forma organizada. O Senhor está com você. Tenha coragem!

Quer eu viva ou morra, quer eu volte para a Índia ou não, você continua espalhando amor, amor que não tem limites. Coloque Gupta também nessa tarefa. Mas lembre-se que precisamos de armas para superar os outros. "

सन्निमित्ते वरं त्यागो विनाशो नियते सति — Quando a morte é tão certa, é melhor morrer por uma boa causa."

Atenciosamente.,

VIVEKANANDA.

PS. Lembre-se da minha carta anterior – queremos homens e mulheres. Não há distinção de sexo na alma. Não basta apenas chamar Shri Ramakrishna de Encarnação; você deve manifestar poder. Onde estão Gour-Mâ, Yogin-Mâ e Golap-Mâ? Diga-lhes para espalharem essas ideias. Queremos milhares de homens e milhares de mulheres que se espalharão como fogo selvagem desde os Himalaias até ao Cabo Comorin, do Pólo Norte ao Pólo Sul – por todo o mundo. Não adianta se entregar a brincadeiras de criança – nem há tempo para isso. Deixe aqueles que vieram para brincar de criança irem embora agora, enquanto há tempo, ou certamente sofrerão. Queremos uma organização. Fora com a preguiça. Espalhar! Espalhar! Corra como fogo para todos os lugares. Não dependa de mim. Quer eu viva ou morra, continuem se espalhando.

6.4.46 MÃE SARA

HOTEL BELLE VUE,
RUA BEACON, BOSTON

19 de setembro de '94.

QUERIDA MÃE SARA, (Sra. Ole Bull)

Eu não esqueci de você de jeito nenhum. Você não acha que algum dia serei tão ingrato assim! Você não me deu seu endereço, mas ainda tenho recebido notícias sobre você de Landsberg através da Srta. Phillips. Talvez você tenha visto o memorial e o endereço que me foram enviados de Madras. Enviei alguns para serem enviados para você na casa de Landsberg.

Um filho hindu nunca empresta à mãe, mas a mãe tem todo o direito sobre o filho e, portanto, o filho na mãe. Estou muito ofendido com sua oferta de me retribuir aqueles poucos dólares desagradáveis. Nunca poderei pagar minhas dívidas com você.

Atualmente estou dando palestras em vários lugares de Boston. O que eu quero é conseguir um lugar onde possa sentar e escrever meus pensamentos. Já estou farto de falar; agora quero escrever. Acho que terei que ir a Nova York para isso. A Sra. Guernsey foi muito gentil comigo e está sempre disposta a me ajudar. Acho que irei até ela, sentarei e escreverei meu livro.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Por favor, escreva-me se os Guernseys retornaram à cidade ou ainda estão em Fishkill. -V.

6.4.47 IRMÃOS DISCÍPULOS

(Traduzido do bengali)

NOVA IORQUE

25 de setembro de 1894.

MEU QUERIDO -, (Destinado a seus irmãos-discípulos.)

Fico feliz em receber algumas cartas suas. É para mim um grande prazer saber que Shashi e outros estão causando agitação. Devemos criar um rebuliço, nada menos que isso servirá. Você estará jogando o mundo inteiro em convulsão. Vitória para o Guru! Você sabe, "श्रेयांसि बहुविघ्नानि — Grandes empreendimentos estão sempre repletos de muitos obstáculos." São esses obstáculos que derrubam e moldam grandes personagens. ... Está no poder dos missionários e de pessoas desse tipo resistir a este choque? ... Deveria um tolo ter sucesso onde os estudiosos falharam? Não adianta, meu rapaz, fique tranquilo quanto a isso. Em cada tentativa, haverá um grupo de homens que aplaudirá e outro que escolherá buracos. Continue fazendo seu próprio trabalho, que necessidade você tem de responder a alguma parte? "सत्यमेव जयते नानृतं सत्येन पन्था विततो देवयानः — Somente a verdade triunfa, não a falsidade. Através da Verdade reside Devayâna, o caminho dos deuses" (Mundaka, III. i. 6). Tudo acontecerá gradualmente.

Aqui no verão eles vão para a beira-mar: eu também fiz o mesmo. Eles têm quase uma mania por passeios de barco e iates. O iate é uma espécie de embarcação leve que todos, jovens e velhos, que têm meios, possuem. Eles navegam neles todos os dias para o mar e voltam para casa para comer, beber e dançar - enquanto a música continua dia e noite. Os pianos tornam um incômodo ficar em casa!

Direi agora algo sobre os Hales para cujo endereço você envia minhas cartas. Ele e sua esposa são um casal de idosos, com duas filhas, duas sobrinhas e um filho. O filho mora no exterior, onde ganha a vida. As filhas moram em casa. Neste país o relacionamento é através das meninas. O filho se casa e não pertence mais à família, mas o marido da filha visita frequentemente a casa do sogro. Eles dizem,

"Filho é filho até conseguir uma esposa;

A filha é filha a vida toda."

Todos os quatro são jovens e ainda não são casados. O casamento é um negócio muito problemático aqui. Em primeiro lugar, é preciso ter um marido segundo o coração. Em segundo lugar, ele deve ser um homem rico. ... Provavelmente viverão solteiros; além disso, eles agora estão cheios de renúncia através do meu contato e ocupados com pensamentos sobre Brahman!

As duas filhas são loiras, ou seja, têm cabelos dourados, enquanto as duas sobrinhas são morenas, ou seja, de cabelos escuros. Eles conhecem todos os tipos de ocupações. As sobrinhas não são tão ricas, elas dirigem uma escola de jardim de infância; mas as filhas não ganham. Muitas meninas deste país ganham a vida. Ninguém depende dos outros. Até os filhos dos milionários ganham a vida; mas eles se casam e têm seus próprios estabelecimentos separados. As filhas me chamam de irmão; e eu me dirijo à mãe deles como mãe. Todas as minhas coisas estão em seus devidos lugares; e eles cuidam deles, onde quer que eu vá. Aqui os meninos vão em busca de um sustento ainda jovens; e as meninas são educadas nas universidades. Então você descobrirá que numa reunião haverá noventa e nove por cento de meninas. Os meninos não estão em lugar nenhum em comparação com eles.

Há muitos espíritas neste país. O médium é aquele que induz o espírito. Ele fica atrás de uma tela; e daí surgem fantasmas de todos os tamanhos e de todas as cores. Já testemunhei alguns casos; mas eles pareciam ser uma farsa. Vou testar mais um pouco antes de chegar a uma conclusão final. Muitos dos espíritas me respeitam.

Em seguida vem a Ciência Cristã. Eles formam o partido mais influente da atualidade, presente em todos os lugares. Eles estão se espalhando aos trancos e barrancos e causando azia aos ortodoxos. Eles são Vedantinos; Quero dizer, eles pegaram algumas doutrinas do Advaita e as enxertaram na Bíblia. E curam doenças proclamando “So'ham So'ham” – “Eu sou Ele! Eu sou Ele!” - através da força da mente. Todos eles me admiram muito.

Hoje em dia a secção ortodoxa deste país clama por ajuda. A “adoração do diabo” [64] é apenas uma coisa do passado. Eles têm um medo mortal de mim e exclamam: "Que peste? Milhares de homens e mulheres o seguem! Ele vai erradicar a ortodoxia!" Bem, a tocha foi acesa e a conflagração que

se instalou através da graça do Guru não será apagada. Com o passar do tempo, os intolerantes perderão o fôlego. ...

Os Teosofistas não têm muito poder. Mas eles também estão totalmente contra a secção ortodoxa.

A Ciência Cristã é exatamente como a nossa seita Kartâbhajâ [65]: diga: "Não tenho nenhuma doença", e você estará são; e diga: "Eu sou Ele" - "So'ham" - e você estará livre - fique à vontade. Este é um país totalmente materialista. O povo desta terra cristã reconhecerá a religião se puder curar doenças, fazer milagres e abrir caminhos para o dinheiro; e eles entendem pouco de qualquer outra coisa. Mas há exceções honrosas. ...

As pessoas aqui encontraram um novo tipo de homem em mim. Até os ortodoxos estão perdendo o juízo. E as pessoas agora olham para mim com reverência. Existe uma força maior do que a de Brahmacharya – pureza, meu rapaz?

Agora estou ocupado escrevendo uma resposta ao Discurso de Madras, que foi publicado em todos os jornais daqui e causou sensação. Se for barato, enviarei impresso, mas se for caro, enviarei uma cópia datilografada. Para você também enviarei uma cópia; publicá-lo no Indian Mirror. As meninas solteiras deste país são muito boas e têm muito respeito próprio. . . . Estas (as pessoas) vêm da raça de Virochana [66]. Para eles, ministrar ao corpo é uma grande coisa: eles aparariam e poliriam e dariam toda a sua atenção a isso. Mil instrumentos para aparar unhas, dez mil para cortar cabelos, e quem pode contar as variedades de vestidos, de toalete e de perfumaria? . . . Eles são bem-humorados, gentis e verdadeiros. Está tudo bem com eles, mas esse prazer é o seu Deus. É um país onde o dinheiro flui como um rio, tendo a beleza como ondulação e aprendendo as ondas, e que rola no luxo.

कांक्षन्तः कर्मणां सिद्धिं यजन्त इह देवताः ।
क्षिप्रं हि मानुषे लोके सिद्धिर्भवति कर्मजा ॥

- "Ansiando pelo sucesso na ação, neste mundo, (os homens) adoram as divindades. Pois o sucesso é rapidamente alcançado através da ação neste mundo do Homem." (Gita, IV.12).

Aqui você tem uma manifestação maravilhosa de coragem e poder – que força, que praticidade e que masculinidade! Cavalos enormes como elefantes puxam carruagens do tamanho de casas. Você pode tomar isso como um exemplo das proporções gigantescas de outras coisas também. Aqui está uma manifestação de tremenda energia. ... Eles olham com veneração para as mulheres, que desempenham um papel muito importante em suas vidas. Aqui esta forma de adoração atingiu a sua perfeição – isso é tudo. Mas vamos direto ao ponto. Bem, estou quase perdendo o juízo para ver as mulheres deste país! Eles me levam às lojas e a todos os lugares, É se eu fosse criança. Eles fazem todo tipo de trabalho – não consigo fazer nem uma décima sexta parte do que eles fazem. Eles são como Lakshmi (a Deusa da Fortuna) em beleza, e como Sarasvati (a Deusa do Aprendizado) em virtudes - eles são a Mãe Divina encarnada e adorando-os, verdadeiramente alcançamos a perfeição em tudo. Bom Deus! Devemos ser contados entre os homens? Se eu puder criar mil dessas Madonas, Encarnações da Mãe Divina, em nosso país antes de morrer, morrerei em paz. Só então os seus compatriotas se tornarão dignos do seu nome. . . .

Estou realmente maravilhado ao ver as mulheres aqui. Quão graciosa é a Mãe Divina para com eles! Mulheres maravilhosas, essas! Eles estão prestes a encurralar os homens, que quase foram derrotados na competição. Tudo é por Tua graça, ó Mãe! ... Não descansarei até erradicar esta distinção de sexo. Existe alguma distinção sexual no Atman (Eu)? Fora com a diferenciação entre homem e mulher – tudo é Atman! Desista da identificação com o corpo e levante-se! Diga, "Asti, Asti" - "Tudo é!" - valorize pensamentos positivos. Ao insistir demais em "Nâsti, Nâsti" - "Não é! Não é!" (negativismo), o país inteiro vai ruir! "So'ham, So'ham, Shivo'ham" - "Eu sou Ele! Eu sou Ele! Eu sou Shiva!" Que incômodo! Em cada alma existe uma força infinita; e vocês deveriam se transformar em cães e gatos ao abrigar pensamentos negativos? Quem se atreve a pregar o negativismo? Quem você chama de fraco e impotente? "Shivo'ham, Shivo'ham" - "Eu sou Shiva! Eu sou Shiva!" Sinto como se um raio me atingisse a cabeça quando ouço as pessoas remoendo pensamentos negativos. Esse tipo de atitude autodepreciativa é outro nome para doença – você chama isso de humildade? É vaidade disfarçada! "

न लिङ्गम् धर्मकारणं, समता सर्वभूतेषु एतन्मुक्तस्य लक्षणम् — O distintivo externo não confere espiritualidade. É a mesma visão para todos os seres que é o teste de uma

alma liberada." "अस्ति अस्ति " (É, É), "सोऽहं सोऽहं," "चिदानन्दरूपः शिवोऽहं शिवोऽहं" — "Eu sou Ele!", "Eu sou Shiva, da essência do Conhecimento e da Bem-aventurança!" " निर्गच्छति जगज्जालात् पिञ्जरादिव केयरी — Ele se liberta das malhas deste mundo como um leão de sua jaula!" "नायमात्मा बलहीनेन लभ्यः — Este Atman não é acessível aos fracos". . . . Lancem-se no mundo como uma avalanche - deixem o mundo se partir em dois sob o seu peso! Hará! Hará! Mahadeva! उद्धरेदात्मनात्मानम् — É preciso salvar a si mesmo por si mesmo" — por destreza pessoal.

. . . Chegará o dia em que esta vida desaparecerá em prol do bem dos outros? O mundo não é uma brincadeira de criança – e grandes homens são aqueles que constroem estradas para os outros com o sangue do coração. Isto tem acontecido por toda a eternidade, que alguém constrói uma ponte ao depor seu próprio corpo e milhares de outros atravessam o rio com sua ajuda. "एवमस्तु, एवमस्तु, शिवोऽहं शिवोऽहं — Assim seja! Seja assim! Eu sou Shiva! Eu sou Shiva!"

É uma boa notícia que Madras esteja em agitação.

Você não ia começar um jornal ou algo parecido, e daí? Devemos nos misturar com todos e não alienar ninguém. Todos os poderes do bem contra todos os poderes do mal – é isso que queremos. Não insista para que todos acreditem em nosso Guru. . . . Você terá que editar uma revista, metade bengali e metade hindi – e se possível, outra em inglês. . . . Não adianta ficar vagando sem rumo. Onde quer que você vá, você deve iniciar um centro de pregação permanente. Só então as pessoas começarão a mudar. Estou escrevendo um livro. Assim que terminar, corro para casa! . . . Lembre-se sempre de que Shri Ramakrishna veio para o bem do mundo – não por nome ou fama. Divulgue apenas o que ele veio ensinar. Não importa a sua chama – ela se espalhará por si mesma. Se você insistir diretamente em que todos aceitem o seu Guru, você estará criando uma seita, e tudo cairá por terra – então tome cuidado! Tenha uma palavra gentil para todos - mostrar temperamento estraga o trabalho. Deixe as pessoas dizerem o que quiserem, mantenha suas próprias convicções e tenha certeza de que o mundo estará a seus pés. Eles dizem: “Tenha fé neste ou naquele sujeito”, mas eu digo: “Tenha fé em você mesmo primeiro”, esse é o caminho. Tenha fé em si mesmo - todo o poder está em você - seja consciente e mostre-o. Diga: "Eu posso fazer tudo". "Mesmo o veneno de

uma cobra é impotente se você puder negá-lo com firmeza." Cuidado! Nada de dizer “não”, nada de pensamentos negativos! Diga: "Sim, sim", "So'ham, So'ham" - "Eu sou Ele! Eu sou Ele!"

किन्नाम रोदिषि सखे त्वयि सर्वशक्तिरामन्त्रयस्व भगवन् भगदं स्वरूपम् ।
त्रैलोक्यमेतदखिलं तव पादमूले आत्मैव हि प्रभवते न जडः कदाचित् ॥

- "O que faz você chorar, meu amigo? Em você está todo o poder. Invoque sua natureza todo-poderosa, ó poderoso, e todo este universo estará a seus pés. É somente o Eu que predomina, e não a matéria. "

Para trabalhar, com energia destemida! Que medo! Quem é poderoso o suficiente para frustrar você!

कुर्मस्तारकचर्वणं त्रिभुवनमुत्पादयामो बलत्रत्, किं भो न विजानस्यस्मान्, रामकृष्णदासा वयम्

"- Devemos esmagar as estrelas em átomos e desequilibrar o universo. Você não sabe quem somos? Somos os servos de Shri Ramakrishna." Temer?

A quem temer, na verdade?

क्षीणाः स्म दीनाः सकरुणा जल्पन्ति मूढा जना
नास्तिक्यन्विदन्तु अहह देहात्मवादतुराः ।
प्राप्ताः स्म वीरा गतमया अभयं प्रतिष्ठां यदा
आस्तिक्यन्विदन्तु चिन्मः रामकृष्णदासा वयम् ॥
पीत्वा पीत्वा परमममृतं वीतसंसाररागाः
हित्वा हित्वा सकलकलहप्रापिणीं स्वार्थसिद्धिम् ।
ध्यात्वा ध्यात्वा गुरुवरपदं सर्वकल्याणरूपम्
नत्वा नत्वा सकलभुवनं पातुमामन्त्रयामः
प्राप्तं यद्वै त्वनादिनिधनं वेदोदधिं मथित्वा
दत्तं यस्य प्रकरणे हरिहरब्रह्मास्तिदेवैर्बलम् ।
पूर्णं यत्तु प्राणसारैर्मौननारायणानां
रामकृष्णस्तनुं धत्ते तत्पूर्णपात्रमिदं मोः ॥

- “São aquelas pessoas tolas que se identificam com seus corpos, que clamam lamentavelmente: 'Somos fracos, somos baixos.' Tudo isso é ateísmo. Agora que alcançamos o estado além do medo, não teremos mais medo e nos tornaremos heróis. Este é realmente o teísmo que nós, os servos de Shri Ramakrishna, escolheremos.

"Abandonando o apego ao mundo e bebendo constantemente o néctar supremo da imortalidade, descartando sempre aquele espírito egoísta que é a mãe de toda dissensão, e meditando sempre nos pés abençoados de nosso

Guru, que são a personificação de tudo bem. -sendo, com repetidas saudações convidamos o mundo inteiro a participar na ingestão do néctar.

"Aquele néctar que foi obtido agitando o oceano infinito dos Vedas, no qual Brahmâ, Vishnu, Shiva e os outros deuses derramaram sua força, que é carregado com a essência vital dos Avataras - Deuses Encarnados na Terra - Shri Ramakrishna mantém esse néctar em sua pessoa, em sua medida máxima!"

Devemos trabalhar entre os jovens educados na Inglaterra. "त्यागेनैके अमृतत्वमानशुः — Somente através da renúncia, alguns (raros) alcançaram a imortalidade." Renúncia! — Renúncia! – você deve pregar isso acima de tudo. Não haverá força espiritual a menos que se renuncie ao mundo....

Por que Baburam e Yogen estão sofrendo tanto? É devido ao seu espírito negativo e auto-humilhante. Diga-lhes para afastarem a doença com força mental e em uma hora ela desaparecerá! Eu, o Atman, atingido pela doença! Fora com isso! Diga-lhes para meditem por uma hora seguida: "Eu sou o Atman, como posso ser afetado por doenças!" – e tudo desaparecerá. Pensem todos vocês que vocês são o Atman infinitamente poderoso e vejam que força surge. . . . Autodepreciação! Para que serve? Sou filho do Infinito, a Mãe Divina todo-poderosa. O que significa doença, ou medo, ou desejo para mim? Elimine o espírito negativo como se fosse uma peste, e isso contribuirá para o seu bem-estar em todos os sentidos. Nenhum negativo, tudo positivo, afirmativo. Eu sou, Deus é, tudo está em mim. Manifestarei saúde, pureza, conhecimento, o que eu quiser. Bem, esses estrangeiros poderiam compreender meus ensinamentos, e você está sofrendo de uma doença devido ao seu espírito negativo! Quem disse que você está doente – o que é doença para você? Deixe isso de lado!

वीर्यमसि वीर्यं मयि धेहि, बलमसि बलंमयि धेहि, ओजोऽसि ओजो मयि धेहि, सहोऽसि सही मयि धेहि

– Tu és Energia, transmite-me energia. Tu és Força, dá-me força. Tu és Espiritualidade, concede-me espiritualidade. Tu és Fortaleza, concede-me fortaleza!" A cerimônia de firmar o assento (Âsana-pratishthâ) que você realiza todos os dias quando se senta para adorar o Senhor - "आत्मानमच्छिद्रं भावयेत् - É preciso pensar em si mesmo como forte e invulnerável", e assim por diante - o que tudo isso significa? Diga: "Tudo está em mim, e posso manifestá-lo à vontade." Repita para si mesmo que tais e tais são Atman, que são infinitos, e como podem ter alguma doença? Repita isso por cerca de uma hora, em alguns dias sucessivos, e todas as doenças e problemas desaparecerão.

Sempre seu,

VIVEKANANDA.

6.4.48 SRA. TOURO

BOSTON,

26 de setembro de 1894.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Recebi ambas as suas amáveis notas. Terei que voltar para Melrose no sábado e ficar lá até segunda-feira. Na terça-feira irei até sua casa. Mas esqueci a localização exata. Se você gentilmente me escrever isso, não posso expressar minha gratidão por sua gentileza. Pois era exatamente isso que eu queria, um lugar tranquilo para escrever. É claro que me bastará muito menos espaço do que o que você gentilmente propôs colocar à minha disposição, posso me aconchegar em qualquer lugar e me sentir bastante confortável.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.49 RAMAKRISHNANANDA

(Traduzido do bengali)

BALTIMORE, EUA,

22 de outubro de 1894.

QUERIDO—, (Swami Ramakrishnananda.)

Fico feliz em receber sua carta e ler o conteúdo. Recebi hoje uma carta de Akshay Kumar Ghosh de Londres, que também me dá algumas informações. . . .

Agora você conheceu seus próprios poderes. Bata no ferro enquanto estiver quente. A ociosidade não serve. Jogue fora toda ideia de ciúme e egoísmo, de uma vez por todas. Venha para o campo prático com tremenda energia; para trabalhar, na plenitude das forças! Quanto ao resto, o Senhor indicará o caminho. O mundo inteiro será inundado por um maremoto. Trabalhe, trabalhe, trabalhe - deixe este ser o seu lema. Não consigo ver mais nada. O trabalho não tem fim aqui – estou trabalhando em todo o país. Onde quer que a semente do seu poder encontre o seu caminho, lá ela frutificará — अद्य वा अब्धशतान्ते वा — seja hoje, ou daqui a cem anos." Você deve trabalhar em simpatia com todos, só então isso levará a resultados rápidos. .

Nosso objetivo é fazer o bem ao mundo, e não alardear nossos próprios nomes. Por que Niranjan (Niranjanananda) não aprende Pali no Ceilão e não estuda livros budistas? Não consigo entender que benefício resultará de divagações sem rumo. Aqueles que estão sob sua proteção têm virtude, riqueza, desejos e liberdade a seus pés. माझे: माझे: — Coragem! Tudo acontecerá gradualmente. De todos vocês eu quero isto que vocês devem descartar para sempre o auto-engrandecimento, a facção e o ciúme. Você deve ser tolerante, como a Mãe Terra. Se você conseguir isso, o mundo estará aos seus pés. . . .

Tente dar menos comida material nas comemorações de aniversário e, em vez disso, dê um pouco de comida para o cérebro. . . .

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

6.4.50 Sra. TOURO

C/O SRA. E. TOTTEN.

1708, 1ST STREET, WASHINGTON, DC

27 de outubro de 1894.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Muito obrigado pela gentileza em me enviar a apresentação do Sr. Frederic Douglas. Você não precisa se arrepender pelos maus-tratos que recebi das mãos de um hoteleiro de classe baixa em Baltimore. Foi culpa dos irmãos Vrooman. Por que eles deveriam me levar para um hotel baixo?

E então as mulheres americanas, como em todos os lugares, vieram em meu socorro e eu me diverti muito.

Em Washington sou hóspede da Sra. E. Totten, que é uma senhora influente aqui e metafísica. Além disso, ela é sobrinha de um dos meus amigos de Chicago. Então está tudo indo bem. Também vi a Sra. Colville e a Srta. Young aqui.

Com meu eterno amor e gratidão por você,

Eu permaneço, Seu etc.,
VIVEKANANDA.

6.4.51 NANJUNDA RAO

EUA,

30 de novembro de 1894.

QUERIDO E AMADO, (Dra. Nanjunda Rao.)

Sua linda carta acabou de chegar. Estou tão feliz que você conheceu Shri Ramakrishna. Estou muito feliz com a força do seu Vairâgya. É a única necessidade primária para alcançar Deus. Sempre tive grandes esperanças em Madras e ainda tenho a firme convicção de que de Madras virá a onda espiritual que inundará a Índia. Só posso dizer boa sorte às suas boas intenções; mas aqui estão, meu filho, as dificuldades. Em primeiro lugar, nenhum homem deveria dar um passo precipitado. Em segundo lugar, você deve ter algum respeito pelos sentimentos de sua mãe e de sua esposa. É verdade que você pode dizer que nós, os discípulos de Ramakrishna, nem sempre demonstramos grande deferência pelas opiniões de nossos pais. Eu sei, e tenho certeza, que grandes coisas só são alcançadas por meio de grandes sacrifícios. Tenho certeza de que a Índia exige o sacrifício do que há de melhor e mais elevado, e espero sinceramente que seja uma boa sorte para você ser um deles.

Ao longo da história do mundo, você encontrará grandes homens fazendo grandes sacrifícios e a massa da humanidade desfrutando dos benefícios. Se você quiser desistir de tudo para sua própria salvação, isso não é nada. Você quer renunciar até mesmo à sua própria salvação pelo bem do mundo? Você é Deus, pense nisso. Meu conselho para você é viver a vida de um Brahmacharin, ou seja, desistir de todos os prazeres sexuais por um certo tempo e viver na casa de seu pai; este é o estágio "Kutichaka". Tente fazer com que sua esposa concorde com seu grande sacrifício pelo bem do mundo. E se você tiver uma fé ardente, um amor que tudo conquista e uma pureza onipotente, não duvido que em breve você terá sucesso. Entregue-se de corpo e alma ao trabalho de divulgação dos ensinamentos de Shri Ramakrishna, pois o trabalho (Karma) é o primeiro estágio. Estude sânscrito diligentemente e pratique a devoção. Pois você será um grande professor da humanidade, e meu Guru Maharaja costumava dizer: "Um canivete é suficiente para cometer suicídio, mas para matar outras pessoas são necessárias armas e espadas". E na plenitude do tempo ser-lhe-á dado quando sair do mundo e pregar Seu nome sagrado. Sua determinação é santa e boa. Boa sorte para você, mas não dê nenhum passo precipitado.

Primeiro, purifique-se pelo trabalho e pela devoção. A Índia sofreu muito, a Religião Eterna sofreu muito. Mas o Senhor é misericordioso. Mais uma vez Ele veio para ajudar Seus filhos, mais uma vez foi dada a oportunidade de ascender à Índia caída. A Índia só pode ascender sentando-se aos pés de Shri Ramakrishna. Sua vida e seus ensinamentos devem ser difundidos por toda parte, devem penetrar em todos os poros da sociedade hindu. Quem fará isso? Quem deve erguer a bandeira de Ramakrishna e marchar pela salvação do mundo? Quem irá conter a onda de degeneração sacrificando o nome e a fama, a riqueza e o prazer - ou melhor, todas as esperanças deste ou de outros mundos? Alguns jovens saltaram na brecha, sacrificaram-se. Eles são alguns; queremos alguns milhares de pessoas como eles, e eles virão. Estou feliz que nosso Senhor tenha colocado em sua mente ser um deles. Glória àquele sobre quem recai a escolha do Senhor. A vossa determinação é boa, as vossas esperanças são elevadas, o vosso objectivo é o mais nobre do mundo – trazer milhões de pessoas mergulhadas nas trevas para a luz do Senhor.

Mas, meu filho, aqui estão as desvantagens. Nada será feito às pressas. Pureza, paciência e perseverança são os três elementos essenciais para o sucesso e, acima de tudo, para o amor. Todo o tempo é seu, não há pressa indecente. Tudo dará certo se você for puro e sincero. Queremos centenas de pessoas como você irrompendo na sociedade e trazendo nova vida e vigor do Espírito onde quer que vão. Boa sorte para você.

Atenciosamente, com todas as bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.52 GOVINDA SAHAY

C/O GW HALE, ESQ.,
CHICAGO, EUA

CARO GOVINDA SAHAY,

Você mantém alguma correspondência com meus Gurubhâis de Calcutá? Você está progredindo moralmente, espiritualmente e em seus assuntos mundanos? . . . Talvez você tenha ouvido falar que há mais de um ano venho pregando a religião hindu na América. Estou indo muito bem aqui. Escreva-me assim que puder e quantas vezes quiser.

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

6.4.53 GOVINDA SAHAY

EUA,

1894 .

CARO GOVINDA SAHAY,

. . . A honestidade é a melhor política, e um homem virtuoso deve ganhar no final. . . . Você deve sempre ter em mente, meu filho, que por mais ocupado ou distante, ou por viver com homens, por mais alta posição que eu esteja, estou sempre orando, abençoando e lembrando de todos os meus amigos, até mesmo dos mais humildes.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.54 RAMAKRISHNANANDA [\[67\]](#)

(Traduzido do bengali)

C/O GEORGE W. HALE, ESQ.,

AVENIDA DEARBORN 541, CHICAGO,

(Início de?) 1894 .

Meu querido—, (Swami Ramakrishnananda.)

Muito feliz em receber sua carta. Lamento muito saber das ações de Mazoomdar. Sempre nos comportamos assim ao tentarmos nos colocar acima de todos os outros. Eu não tenho muita culpa. M... veio aqui há dez anos e ganhou muita reputação e honra; agora estou com louvor. Tal é a vontade do Guru, o que devo fazer? É infantilidade da parte de M... ficar irritado com isso. Deixa para lá,

उपेक्षितव्यं तद्वचनं भवत्सदृशानां महात्मनाम् । अपि कीदृशमभीरुका वयं
रामकृष्ण - तनयास्तद्वद्वयधिरपोषिताः । “अत्रैकसामान्यमचिन्त्यहेतुकं
निन्दन्ति मन्दाश्चरितं महात्मनाम्” इत्यादीनि संस्मृत्य श्रुन्तव्योऽयं
जात्यः ।

— Grandes homens como você não deveriam prestar atenção ao que ele diz. Deveríamos nós, filhos de Shri Ramakrishna, nutridos com o sangue de seu coração, ter medo de picadas de vermes? “Os ímpios criticam a conduta dos magnânimos, que é extraordinária e cujos motivos são difíceis de compreender” (Kumârasambhavam de Kalidasa.) - lembre-se de tudo isso e perdoe esse tolo. É a vontade do Senhor que as pessoas desta terra tenham seu poder de introspecção despertado, e cabe a alguém verificar Seu progresso? Não quero nome - quero ser uma voz sem forma. Não exijo que ninguém me defenda —

कोऽहं तस्यादप्रसरं प्रतिरोद्धुं समर्थयितुं वा, के वान्ये? तथापि मम
हृदयकृतज्ञता तान्प्रति

— quem sou eu para controlar ou ajudar no curso de Sua marcha? E quem são os outros também? Ainda assim, minha sincera gratidão a eles.

“यस्मिंश्चितो न दुःखेन गुरुणापि विचार्यते” — नैष प्राप्तवान् तत्पद्वीमिति
मत्वा करुणादृष्ट्या दृष्टव्योऽयमिति

— “Estabelecido em qual estado um homem não é movido nem mesmo por um grande infortúnio” (Gita) — esse estado ele não alcançou; pense nisso e olhe para ele com pena. Pela vontade do Senhor, o desejo por nome e fama ainda não penetrou em meu coração, e ousou dizer que nunca o fará. Eu sou um instrumento e Ele é o operador. Através deste instrumento Ele está despertando o instinto religioso em milhares de corações neste país distante. Milhares de homens e mulheres aqui me amam e me reverenciam. . . . ”
मूकं करोति वाचालं पट्टं लङ्घयते गिरिम् — Ele torna o mudo eloquente e faz o coxo atravessar montanhas." Estou maravilhado com Sua graça. Qualquer que seja a cidade que eu visite, ela está em alvoroço. Eles me chamaram de “o hindu ciclônico”. Lembre-se, é a Sua vontade — eu sou uma voz sem forma.

O Senhor sabe se irei para a Inglaterra ou para qualquer outro lugar abençoado. Ele organizará tudo. Aqui um charuto custa uma rúpia. Depois de entrar em um táxi, você tem que pagar três rúpias, um casaco custa cem rúpias; a tarifa do hotel é de nove rúpias por dia. O Senhor provê tudo. . . . Louvado seja o Senhor, não sei de nada. "सत्यमेव जयते नानृतम् सत्येन पन्था विततो देवयानः — Somente a verdade triunfa, não a falsidade. Somente através da Verdade está o caminho de Devayâna." Você deve ser destemido. É o covarde quem teme e se defende. Que ninguém entre nós se apresente para me defender. Recebo todas as notícias de Madras e Rajputana de vez em quando. . . . Existem olhos que podem ver a uma distância de quatorze mil milhas. É bem verdade. Fique quieto agora, tudo verá a luz no tempo, na medida em que Ele quiser. Nenhuma palavra Dele se mostra falsa. Meu irmão, os homens sofrem com a briga de cães e gatos? Portanto, o ciúme, a inveja e as cotoveladas dos homens comuns não devem causar nenhuma impressão em sua mente. Nos últimos seis meses tenho dito que a cortina está subindo, o sol está nascendo. Sim, a cortina está subindo gradativamente, lenta mas seguramente; você saberá disso com o tempo. Ele sabe. Não se pode falar o que se pensa. Estas são coisas que não devem ser escritas. . . . Nunca solte o leme, segure-o com firmeza. Estamos rumando bem, não há dúvida, mas pousar na outra margem é apenas uma questão de tempo. Isso é tudo. Um líder pode ser feito meu irmão? Nasce um líder. Você entende? E é uma tarefa muito difícil assumir o papel de líder. — É preciso ser दासस्य दासः — um servo de servos e deve acomodar mil mentes. Não deve haver sombra de ciúme ou egoísmo, então você é um líder. Primeiro, por nascimento e, em segundo lugar, altruísta — esse é um líder. Tudo está indo bem, tudo vai dar

certo. Ele lança a rede corretamente e a enrola da mesma forma
वयमनुसरामः वयमनुसरामः, ग्रीतिः परमसाधनम् - a nossa está apenas a seguir; o amor é o melhor instrumento. O amor vence no longo prazo. Não adianta ficar impaciente - espere, espere - a paciência certamente trará sucesso. . . .

Eu lhe digo, irmão, deixe tudo continuar como está, apenas tome cuidado para que nenhuma forma se torne necessária – unidade na variedade – veja que a universalidade não seja prejudicada em nada. Tudo deve ser sacrificado, se necessário, por esse sentimento único, a universalidade. Quer eu viva ou morra, quer eu volte para a Índia ou não, lembre-se especialmente disto, que a universalidade – aceitação perfeita, não apenas tolerância – nós pregamos e praticamos. Tome cuidado ao pisotear os mínimos direitos dos outros. Muitos navios enormes naufragaram naquele redemoinho. Lembre-se, a devoção perfeita menos a intolerância – é isso que temos que mostrar. Através da Sua graça tudo correrá bem. . . . Todo mundo quer ser um líder, mas é a incapacidade de compreender que ele nasceu que causa todo esse mal. ...

Nossas matronas são todas saudáveis e vigorosas, espero? Onde se encontra Gour-Mâ? Queremos mil mães com esse espírito nobre e estimulante. ... Queremos tudo. Não é de todo necessário que todos tenham a mesma fé em nosso Senhor que nós temos, mas queremos unir todos os poderes do bem contra todos os poderes do mal. ... Um pecado que assola os Sannyasins é o orgulho de sua ordem monástica. Isso pode ter sua utilidade durante os primeiros estágios, mas quando atingem a maturidade, não precisam mais disso. Não se deve fazer distinção entre chefes de família e Sannyasins – então apenas um é um verdadeiro Sannyasin. . . .

Um movimento que meia dúzia de rapazes sem dinheiro pôs em marcha e que agora pretende progredir num movimento tão acelerado — é uma farsa ou a vontade do Senhor? Se for assim, então que todos desistam do espírito partidário e da inveja e se unam em ação. Uma religião universal não pode ser estabelecida através de facções partidárias. . . .

Se todos compreenderem, por um dia, por um minuto, que não se pode tornar-se grande pelo mero desejo, que só se eleva quem Ele eleva, e cai quem Ele derruba, então todos os problemas chegarão ao fim. Mas existe aquele egoísmo - vazio em si mesmo e sem a capacidade de mover um

dedo: que ridículo dizer: "Não deixarei ninguém subir!" Esse ciúme, essa ausência de ação conjunta é a própria natureza das nações escravizadas. Mas devemos tentar nos livrar disso. O terrível ciúme é característico de nós. . . . Você ficará convencido disso se visitar outros países. Nossos companheiros nesse aspecto são os negros emancipados deste país – se apenas um deles ascendesse à grandeza, todos os outros imediatamente se colocariam contra ele e tentariam nivelá-lo, fazendo uma causa comum com os brancos. . . .

A qualquer custo, qualquer preço, qualquer sacrifício, nunca devemos permitir que isso se insinue entre nós. Se temos dez ou dois anos, não importa, mas esses poucos devem ser personagens perfeitos. . . . "Não é bom perguntar ao pai se o Senhor cumpre Sua promessa (de cuidar de Seus devotos)." E o Senhor fará isso, acalme sua mente nesse aspecto. . . . Devemos espalhar seu nome em Rajputana, Punjab, U.P., Madras e outras províncias - sim, em Raiputana, onde ainda há pessoas que podem dizer: "Tal sempre foi o costume na linhagem de Raghu de que eles mantêm sua palavra mesmo em o custo da vida."

Um pássaro, no decorrer de seu vôo, chega a um ponto de onde olha para o chão com suprema calma. Você chegou a esse ponto? Quem não chegou lá não tem o direito de ensinar os outros. Relaxe seus membros e flutue com a corrente, e você certamente chegará ao seu destino.

O frio está diminuindo gradativamente, e já estou quase no inverno. Aqui, no inverno, todo o corpo fica carregado de eletricidade. Ao apertar as mãos sente-se um choque, acompanhado de um som. Você pode acender o gás com o dedo. E sobre o frio já escrevi para você. Estou percorrendo todo o país, mas Chicago é meu "Math" (mosteiro), para onde sempre retorno após minhas andanças. Agora estou indo para o leste. Ele sabe onde a casca chegará à costa. . . .

Dashu tem o mesmo tipo de amor por você. Ele vê você com frequência? Como está Bhavanath e o que ele está fazendo. Você o visita e olha para ele com consideração? Sim, irmão, a distinção entre Sannyasin e leigo é uma ficção. "मूर्खं करोति वाचालं" etc. - "Ele torna o burro fluente", etc. Meu amigo, é difícil julgar o que há em um indivíduo em particular. Shri Ramakrishna falou muito bem dele; e ele merece nosso respeito. Que vergonha para você se você não tem fé mesmo depois de tanta experiência. Ele ama você? Por favor, transmita a ele meu sincero amor e estima. Meu amor por Kalikrishna Babu, ele é uma alma muito nobre. Ele tem um pouco de fé e devoção? Meu amor e saudações a ele, Sanyal está indo bem com o moinho, suponho?

O amor do meu coração para todos.

Sempre seu apaixonado,

VIVEKANANDA.

6.4.55 KHANDANANDA

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

(Março ou abril?) 1894 .

MEU QUERIDO AKHANDANANDA,

Estou muito feliz em receber sua carta. É um grande prazer para mim saber que você recuperou em grande parte a saúde com sua estadia em Khetri.

O irmão Tarak (Shivananda) fez um bom trabalho em Madras. Notícias muito agradáveis, de fato! Ouvi muitos elogios a ele por parte do povo de Madras. . . .

Tente desenvolver a espiritualidade e a filantropia entre os Thakurs nos diferentes lugares de Rajputana. Temos de trabalhar, e isso não pode ser

feito simplesmente parados. Faça uma viagem de vez em quando para Malsisar, Alsisar e todos os outros "sars" que estão lá. E aprenda cuidadosamente sânscrito e inglês. Gunanidhi está no Punjab, presumo. Transmita meu amor especial a ele e traga-o para Khetri. Aprenda sânscrito com a ajuda dele e ensine-lhe inglês. Deixe-me ter o endereço dele, por favor. ...

Vá de porta em porta entre as classes pobres e baixas da cidade de Khetri e ensine-lhes religião. Além disso, deixe-os ter aulas orais de geografia e outros assuntos. Nada de bom resultará de ficar ocioso e comer pratos principescos e dizer "Ramakrishna, ó Senhor!" – a menos que você possa fazer algum bem aos pobres. Vá a outras aldeias de vez em quando e ensine às pessoas as artes da vida e também a religião. Trabalho, adoração e Jnana (conhecimento) – primeiro trabalhe e sua mente será purificada; caso contrário, tudo será infrutífero, como derramar oblações num monte de cinzas em vez de no fogo sagrado. Quando Gunanidhi chegar, vá de porta em porta aos pobres e desamparados em cada aldeia de Rajputana. Se as pessoas se opuserem ao tipo de comida que você ingere, desista imediatamente. É preferível viver da grama para fazer o bem aos outros. O manto Geruâ não é para diversão. É a bandeira do trabalho heróico. Você deve entregar seu corpo, mente e fala ao “bem-estar do mundo”. Você leu— "मातृदेवो भव, पितृदेवो भव — Olhe para sua mãe como Deus, olhe para seu pai como Deus" — mas eu digo "दरिद्रदेवो भव, मूर्खदेवो भव — Os pobres, os analfabetos, os ignorantes, os aflitos — deixe estes seja o seu Deus." Saiba que servir apenas a estes é a religião mais elevada.

Sempre seu, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.56 IRMÃOS DISCÍPULOS

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

(Verão?) 1894 .

QUERIDO E AMADO, (Os irmãos-discípulos do mosteiro de Alambazar.)⁶⁷

Sua carta me dá todas as novidades de lá. Lamento saber do luto que a esposa de Balaram Babu sofreu. Tal é a vontade do Senhor. Este é um lugar para ação, não para diversão, e todos irão para casa quando sua tarefa estiver concluída – alguns mais cedo, outros mais tarde, só isso. O faquir se foi – bem, essa é a vontade do Senhor!

É uma boa notícia que o festival de Shri Ramakrishna tenha ocorrido com grande entusiasmo; quanto mais o nome dele for divulgado, melhor será. Mas há uma coisa a saber: os grandes sábios vêm com mensagens especiais para o mundo, e não para o nome; mas os seus seguidores lançam os seus ensinamentos ao mar e lutam pelos seus nomes – esta é verdadeiramente a história do mundo. Não levo em consideração se as pessoas aceitam ou não o seu nome, mas estou pronto a dar a minha vida para ajudar os seus ensinamentos, a sua vida e a sua mensagem a espalharem-se por todo o mundo. O que mais tenho medo é da sala de adoração. Não é ruim em si, mas há uma tendência em alguns de fazer tudo isso e repetir aquela bobagem antiquada – é isso que me deixa nervoso. Eu sei por que eles se ocupam com aqueles cerimoniais antigos e estéreis. Seu espírito anseia por trabalhar, mas não tendo saída, eles desperdiçam sua energia tocando sinos e tudo mais.

Estou lhe dando uma nova ideia. Se você conseguir resolver isso, então saberei que vocês são homens e serei útil. . . . Faça um plano organizado. São necessárias algumas câmeras, alguns mapas, globos e alguns produtos químicos, etc. A próxima coisa que você quer é uma grande cabana. Então você deve reunir um grupo de pessoas pobres e indigentes. Tendo feito tudo isso, mostre-lhes imagens para ensiná-los astronomia, geografia, etc., e pregue Shri Ramakrishna para eles. Tentem ter os olhos abertos para o que aconteceu ou está acontecendo em diferentes países, como é este mundo e assim por diante. Você tem muita gente pobre e ignorante lá. Vá até suas casas, de porta em porta, à noite, ao meio-dia, a qualquer hora e abra os olhos. Livros, etc., não servem – dê-lhes ensino oral. Em seguida, estenda lentamente seus centros. Você pode fazer tudo isso? Ou apenas o toque da campanha?

Ouvi tudo sobre o irmão Tarak de Madras. Eles estão muito satisfeitos com ele. Querido irmão Tarak, se você for para Madras e morar lá por algum tempo, muito trabalho será feito. Mas antes de ir, comece esse trabalho primeiro. As devotas não podem converter algumas viúvas; em discípulos? E você não pode colocar um pouco de aprendizado em suas cabeças? E você não pode então enviá-los para pregar Sri Ramakrishna de porta em porta e transmitir educação junto com isso? . . .

Vir! Apliquem-se de coração e alma a isso. O dia de fofocas e cerimoniais acabou, meu garoto, você deve trabalhar agora. Agora, deixe-me ver até onde irá a religião de um bengali. Niranjan escreve que Latu (Adbhutananda) quer roupas quentes. As pessoas daqui importam roupas de inverno da Europa e da Índia. Você receberá um xale de lã em Calcutá por um quarto do preço que eu poderia comprá-lo aqui. . . . Não sei quando irei para a Europa, tudo é incerto para mim - estou me dando bem neste país, só isso.

Este é um país muito engraçado. Agora é verão; esta manhã estava tão quente quanto abril em Bengala, mas agora está tão frio quanto fevereiro em Allahabad! Tanta flutuação em quatro horas! Os hotéis deste país carecem de descrição. Por exemplo, há um hotel em Nova York onde um quarto pode ser alugado por até Rs. 5.000 por dia, excluindo despesas de embarque. Nem na Europa existe um país como este no quesito luxo. Na verdade, é o país mais rico do mundo, onde o dinheiro é escoado como água. Raramente moro em hotéis, mas sou principalmente hóspede de gente importante aqui. Para eles, sou um homem amplamente conhecido. O país inteiro me conhece agora; então, onde quer que eu vá, eles me recebem de braços abertos em suas casas. A casa do Sr. Hale é meu centro em Chicago. Eu chamo a esposa dele de mãe e suas filhas me chamam de irmão. Dificilmente encontro uma família tão pura e gentil. Ou por que Deus deveria derramar Suas bênçãos sobre eles com tanta abundância, meu irmão? Oh, como eles são maravilhosamente gentis! Se por acaso souberem que um homem pobre está em apuros em tal ou tal lugar, lá irão, senhoras e senhores, para lhe dar comida e roupas e encontrar-lhe algum emprego! E o que vamos fazer!

No verão, eles saem de casa para ir para terras estrangeiras ou para o litoral. Eu também irei a algum lugar, mas ainda não marquei um lugar. Em outros pontos, eles são exatamente como você vê os ingleses. Eles têm livros e coisas desse tipo, mas muito queridos. Você pode ter cinco vezes essas coisas em Calcutá pelo mesmo preço. Em outras palavras, essas pessoas não permitirão que bens estrangeiros sejam importados para o país. Eles impõem-lhes um imposto pesado e, como resultado, o mercado sobe enormemente. Além disso, eles não se dedicam muito à fabricação de roupas, etc. Eles constroem ferramentas e máquinas, e cultivam trigo, arroz, algodão, etc., que são bastante baratos.

Aliás, hoje em dia temos aqui bastante peixe Hilsâ. Coma até se fartar, mas tudo é digerido. Existem muitos tipos de frutas; banana, limão, goiaba, maçã, amêndoa, passa e uva são abundantes; além de muitas outras frutas vêm da Califórnia. Há muitos abacaxis, mas não há mangas, nem lichis, nem coisas desse tipo.

Há uma espécie de espinafre que, quando cozido, tem o mesmo sabor do nosso Noté de Bengala, e outra classe, que chamam de aspargos, tem o mesmo sabor da tenra erva Dengo, mas aqui não se pode mandar fazer o nosso Charchari. Não há Kalâi ou qualquer outro pulso; eles nem sequer sabem deles. Há arroz e pão, e inúmeras variedades de peixe e carne, de todos os tipos. O cardápio deles é como o dos franceses. Aí está o seu leite, raramente coalhada, mas bastante soro. O creme é um artigo de uso diário. No chá e no café e em tudo mais há aquele creme - não a crosta endurecida do leite fervido, veja bem - e há também a manteiga e a água gelada - não importa se é verão ou inverno, dia ou noite, se você está com um forte resfriado ou febre - você tem água gelada em abundância. Estas são pessoas científicas e riem quando lhes dizem que a água gelada agrava o frio. Quanto mais você tomar, melhor. E há muitos sorvetes, de todos os formatos. Já vi as Cataratas do Niágara sete ou oito vezes, louvado seja o Senhor! Muito grandiosos, sem dúvida, mas não exatamente como você ouviu falar deles. Um dia, no inverno, tivemos a aurora boreal.

. . . Apenas tagarelice infantil! Não tenho muito tempo para ouvir esse tipo de coisa nesta vida; será tempo suficiente para ver se consigo fazer isso no próximo. Yogen já se recuperou completamente a essa altura, espero. O

espírito vagabundo de Sarada (Trigunâtita) ainda não acabou, pelo que vejo. O que se quer é um poder de organização – você me entende? Algum de vocês tem tanto cérebro na cabeça? Se você fizer isso, deixe sua mente trabalhar. O irmão Tarak, Sharat e Hari poderão fazer isso. - tem muito pouca originalidade, mas é um trabalhador muito bom e perseverante - o que é uma necessidade essencial, e Shashi (Ramakrishnananda) é executivo até certo ponto. ... Queremos alguns discípulos - jovens impetuosos - você vê? - inteligentes e corajosos, que ousam ir às garras da Morte e estão prontos para atravessar o oceano a nado. Você me segue? Queremos centenas assim, tanto homens como mulheres. Faça o seu melhor apenas para esse fim. Faça conversões à direita e à esquerda e coloque-as em nossa máquina de perfuração de pureza.

. . . O que fez você comunicar ao Indian Mirror que Paramahansa Deva costumava chamar Narendra de tal e tal, e todo tipo de bobagem? — Como se ele não tivesse mais nada para fazer além disso! Apenas leitura de pensamentos e divulgação de mistérios sem sentido! . . . É excelente que Sanyal o visite com frequência. Você escreve cartas para Gupta? Transmita a ele meu amor e cuide dele com carinho. Tudo vai dar certo aos poucos. Não encontro muito tempo para escrever muitas cartas. Quanto às palestras e assim por diante, eu não as preparo de antemão. Apenas um que escrevi, que você imprimiu. O resto eu entrego de imediato, seja o que for que venha aos meus lábios – Gurudeva me apoia. Não tenho nada a ver com caneta e papel. Uma vez em Detroit, aguentei três horas seguidas. Às vezes eu próprio me pergunto o que consegui – pensar que havia tal coisa neste patê! Eles me pedem aqui para escrever um livro. Bem, acho que devo fazer algo assim, desta vez. Mas esse é o problema; quem vai se dar ao trabalho de colocar as coisas em preto e branco e tudo mais! . . . Devemos eletrificar a sociedade, eletrificar o mundo. Fofocas inúteis e cerimoniais estéreis não servem. Os cerimoniais são destinados aos chefes de família, seu trabalho é a distribuição e propagação de correntes de pensamento. Se você puder fazer isso, então está tudo bem. . . .

Deixe o caráter ser formado e então estarei no meio de vocês. Você vê? Queremos dois mil Sannyasins, ou melhor, dez, ou mesmo vinte mil – homens e mulheres, ambos. O que nossas matronas estão fazendo? Queremos convertidos a qualquer risco. Vá e conte a eles e experimente de

coração e alma. Não são discípulos chefes de família, veja bem, nós queremos Sannyasins. Que cada um de vocês tenha cem cabeças tonsuradas – jovens educados, não tolos. Então vocês são heróis. Devemos causar sensação. Abandone sua atitude passiva, cinja os lombos e levante-se. Deixe-me ver você fazer alguns circuitos elétricos entre Calcutá e Madras. Comece centros em lugares, continue sempre fazendo conversões. Converta à ordem monástica todos aqueles que o procurarem, independentemente do sexo, e então estarei no meio de vocês. Uma enorme onda espiritual está chegando - aquele que é humilde se tornará nobre, e aquele que é ignorante se tornará o professor de grandes eruditos - através de SUA graça. "

उचिष्ठत जाग्रत प्राप्य वरान्निबोधत - Levante-se! Desperte! e não pare até que a meta seja alcançada." A vida está sempre em expansão, a contração é a morte. O homem egoísta que cuida de seu conforto pessoal e leva uma vida preguiçosa – não há espaço para ele nem mesmo no inferno. Somente ele é filho de Shri Ramakrishna que sente pena de todas as criaturas e se esforça por elas mesmo correndo o risco de incorrer em condenação pessoal, इतरे कृपणाः - outros são pessoas vulgares. Quem, nesta grande conjuntura espiritual, se levantar com um coração corajoso e continuar espalhando de porta em porta, de aldeia em aldeia, a sua mensagem, é sozinho, meu irmão, e um filho dele. Este é o teste: aquele que é filho de Ramakrishna não busca o seu bem pessoal. "प्राणात्ययेऽपि परकल्याणचिकीर्षवः — Eles desejam fazer o bem aos outros, mesmo quando estão à beira da morte." Aqueles que se preocupam com o seu conforto pessoal e procuram uma vida preguiçosa, que estão dispostos a sacrificar tudo diante dos seus caprichos pessoais, não são nenhum de nós; deixe-os fazer as malas, enquanto ainda há tempo. Propague seu caráter, seu ensinamento, sua religião. Esta é a única prática espiritual, a única adoração, este é verdadeiramente o meio e este é o objetivo. Surgir! Surgir! Um maremoto está chegando! Avante! Homens e mulheres, até o Chandála (pária) – todos são puros aos seus olhos. Avante! Avante! Não há tempo para se preocupar com nome, ou fama, ou Mukti, ou Bhakti! Veremos isso em outra ocasião. Agora, nesta vida, difundamos infinitamente seu caráter elevado, sua vida sublime, sua alma infinita. Este é o único trabalho – não há mais nada a fazer. Onde quer que seu nome chegue, o verdadeiro verme alcançará a divindade, ou melhor, está realmente alcançando-a; você tem olhos e não vê? É uma brincadeira de criança? É uma conversa boba? É uma tolice? "उचिष्ठत जाग्रत — Levante-se! Acorde!" Grande Senhor! Ele está nas nossas costas. Não posso mais escrever. – Avante! Só te digo isto, que quem

ler esta carta irá absorver o meu espírito! Tenha fé! Avante! Grande Senhor! . . . Sinto como se alguém estivesse movendo minha mão para escrever dessa maneira. Avante! Grande Senhor! Todos serão varridos! Tome cuidado, ele está vindo! Quem estiver pronto para servi-lo - não, não ele, mas seus filhos - os pobres e os oprimidos, os pecadores e os aflitos, até o próprio verme - quem estiver pronto para servi-los, neles ele se manifestará. Através da língua deles, a própria Deusa do Aprendizado falará, e a Mãe Divina – a Personificação de todo o Poder – se entronizará em seus corações. Aqueles que são ateus, incrédulos, inúteis e arrogantes, por que se autodenominam pertencentes ao seu rebanho? . . .

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. . . . O termo organização significa divisão do trabalho. Cada um faz a sua parte e todas as partes juntas expressam um ideal de harmonia. . . .

6.4.57 SRA. TOURO

BROOKLYN,

28 de dezembro de 1894.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Cheguei em segurança a Nova York, onde Landsberg me encontrou na estação. Segui imediatamente para o Brooklyn, onde cheguei a tempo.

Tivemos uma noite agradável. Vários senhores pertencentes à Sociedade de Cultura Ética vieram me ver.

No próximo domingo teremos palestra. O Dr. Janes foi, como sempre, muito gentil e bom, e o Sr. Higgins está tão prático como sempre. Só aqui em Nova York encontro mais homens interessados em religião do que em qualquer outra cidade, e não sei por que aqui o interesse é maior entre os homens do que entre as mulheres. . . .

Com isto envio uma cópia do panfleto que o Sr. Higgins publicou sobre mim. Espero enviar mais no futuro.

Com meu amor à senhorita Farmer e a toda a sagrada família,

Eu permaneço seu obedientemente,

VIVEKANANDA.

6.4.58 SARADA

(Traduzido do bengali)

228 W.39, NOVA IORQUE,

17 de janeiro de 1895.

CARA SARADA,

Suas duas cartas estão à mão, assim como as duas de Ramdayal Babu. Eu tenho o conhecimento de embarque; mas demorará muito até que a mercadoria chegue. A menos que se providencie o envio imediato das mercadorias, elas demoram cerca de seis meses para chegar. Já se passaram quatro meses desde que Haramohan escreveu que as contas de Rudrâksha e as esteiras Kusha foram despachadas, mas ainda não há notícias de seu paradeiro. Acontece que quando a mercadoria chega à Inglaterra, o agente da empresa daqui me avisa; e cerca de um mês depois, a mercadoria chega. Recebi seu conhecimento de embarque há cerca de três semanas, mas nenhum sinal de aviso! Apenas as mercadorias enviadas pelo Raja de Khetri chegam rapidamente. Muito provavelmente ele gasta muito dinheiro com eles. No entanto, é motivo de felicitação que as mercadorias cheguem sem falta a esta região de Pâtâla, no outro extremo do globo. Avisarei você assim que a mercadoria chegar. Agora fique quieto por pelo menos três meses.

Agora é a hora de você se dedicar para começar a revista. Diga a Ramdayal Babu que embora o cavalheiro de quem ele fala seja uma pessoa

competente, não estou em condições de receber ninguém na América no momento. . . . E o seu artigo sobre o Tibete? Quando for publicado no *Mirror*, envie-me uma cópia. . . . Venha, aqui está uma tarefa para você, conduzir aquela revista. Confie nas pessoas e faça com que elas assinem, e não tenha medo. Que trabalho você espera de homens de coração pequeno? — Nada no mundo! Você deve ter uma vontade de ferro se quiser cruzar o oceano. Você deve ser forte o suficiente para perfurar montanhas. Estou chegando no próximo inverno. Nós incendiaremos o mundo - deixe aqueles que vierem, se juntarem a nós e serem abençoados, e aqueles que não vierem, ficarão para trás para todo o sempre; deixe-os fazer isso. Você cinge seus lombos e mantém-se pronto. . . . Não importa nada! Em seus lábios e mãos a Deusa do Aprendizado fará Seu assento; o Senhor do poder infinito estará sentado em seu peito; você fará obras que surpreenderão o mundo. A propósito, você não pode abreviar um pouco o seu nome, meu garoto? Que nome muito, muito longo – um único nome suficiente para preencher um volume! Bem, você ouve as pessoas dizerem que o nome do Senhor afasta a morte! Não é o simples nome Hari, veja bem. São aqueles nomes profundos e sonoros, como अघमग्नरकविनाशन (Destruidor de Agha, Bhaga e Naraka) त्रिपुरमदमञ्जन (Subjugador do orgulho de Tripura, demônio das "três cidades"), e अशेषनिःशेषकल्याणकर (Doador de bênçãos infinitas e intermináveis), e assim por diante - que derrotou o Rei Morte e todo o seu partido. Não ficará bem se você simplificar um pouco o seu? Mas receio que seja tarde demais, pois já estive no estrangeiro. Mas, acredite, é um nome que fascina o mundo e desafia a morte que você tem! (O nome completo que Swami Trigunatita, a quem esta carta foi endereçada, usava inicialmente era “Swami Trigunatitananda” – daí a gentileza de Swamiji sobre isso.)

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Jogue toda Bengala e, por falar nisso, toda a Índia em convulsão! Inicie centros em locais diferentes.

O Bhagavata chegou até mim – uma edição realmente muito boa; mas as pessoas deste país não têm a menor inclinação para estudar Sânscrito; portanto, há muito pouca esperança de sua venda. Pode haver um pouco na Inglaterra, pois lá muitos estão interessados no estudo do Sânscrito. Dê meu

agradecimento especial ao editor. Espero que sua nobre tentativa tenha sucesso total. Vou tentar o meu melhor para divulgar seu livro aqui. Enviei seu prospecto para diversos lugares. Diga a Ramdayal Babu que um comércio próspero pode ser iniciado com a Inglaterra e a América em Mung Dâl, Arhar Dâl, etc. A sopa Dâl terá uma chance se for devidamente introduzida. Haverá uma boa demanda por essas coisas se forem enviadas de casa em casa, em pequenos pacotes, com instruções para cozinhar e com um depósito aberto para armazenar uma quantidade delas. Da mesma forma, Badis (pelotas feitas de Dal, trituradas e batidas) também terá um bom mercado. Queremos um espírito empreendedor. Nada é feito levando uma vida ociosa. Se alguém formar uma empresa e exportar produtos indianos para cá e para a Inglaterra, será um bom comércio. Mas eles são preguiçosos, apaixonados pelo casamento infantil e nada mais.

6.4.59 SANYAL

(Traduzido do bengali)

54 W. 33rd St., NOVA IORQUE,

9 de fevereiro de 1895.

CARO SANYAL, 67

. . Paramahansa Deva foi meu Guru, e seja o que for que eu pense dele em termos de grandeza, por que o mundo deveria pensar como eu? E se você pressionar com força, vai estragar tudo. A ideia de adorar o Guru como Deus não é encontrada em nenhum lugar fora de Bengala, pois outras pessoas ainda não estão prontas para assumir esse ideal. . . . Muitos associariam de bom grado meu nome a si mesmos - "Eu pertenço a eles!" Mas quando se trata de fazer algo que quero, eles não estão em lugar nenhum. Tão egoísta é o mundo inteiro!

Eu me considerarei isento de uma dívida quando conseguir comprar um terreno para mamãe. Não ligo para nada depois disso.

Neste inverno rigoroso, viajei por montanhas e neves na calada da noite e juntei um pequeno fundo; e ficarei tranquilo quando um terreno for garantido para mamãe.

Doravante endereço minhas cartas conforme acima, que será meu assento permanente a partir de agora. Tente me enviar uma tradução em inglês do Yogavâsishtha Râmâyana. . . . Não se esqueça dos livros que pedi antes, nomeadamente o Sânscrito Nârada e o Shândilya Sutras.

"आशा हि परमं दुःखं नैराशं परमं सुखम् — A esperança é a maior das misérias, a maior felicidade está em desistir da esperança."

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

6.4.60 Sra. TOURO

54 W. 33rd St., NOVA IORQUE,
14 de fevereiro de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Aceite minha sincera gratidão por seu conselho maternal. Espero poder realizá-los na vida.

Como posso expressar minha gratidão a você pelo que já fez por mim e por meu trabalho, e minha eterna gratidão a você por se oferecer para fazer algo mais este ano. Mas acredito sinceramente que você deveria dedicar toda a sua ajuda ao trabalho da Srta. Farmer em Greenacre este ano. A Índia pode esperar como espera séculos e um trabalho imediato deve sempre ter preferência.

Novamente, de acordo com Manu, coletar fundos, mesmo para um bom trabalho, não é bom para um Sannyasin, e comecei a sentir que os velhos sábios estavam certos. "A esperança é a maior miséria, o desespero é a

maior felicidade." Parece uma alucinação. Estou saindo deles. Eu estava com essas ideias infantis de fazer isso e aquilo.

"Desista de todo desejo e fique em paz. Não tenha amigos nem inimigos, e viva sozinho. Assim viajaremos sem amigos nem inimigos, sem prazer nem dor, sem desejo nem ciúme, sem ferir criaturas, sendo a causa de dano a nenhuma criatura – de montanha em montanha, de aldeia em aldeia, pregando o nome do Senhor”.

"Não procure ajuda de cima ou de baixo, de cima ou de baixo. Não deseje nada - e olhe para este panorama desaparecido como uma testemunha e deixe-o passar."

Talvez esses desejos loucos fossem necessários para me trazer para este país. E agradeço ao Senhor pela experiência.

Eu estou muito feliz agora. Landsberg e eu, cozinhamos um pouco de arroz e lentilhas ou cevada e comemos calmamente, e escrevemos algo ou lemos ou recebemos visitas de pessoas pobres que querem aprender alguma coisa, e assim sinto que sou mais um Sannyasin agora do que nunca. estava na América.

“Na riqueza está o medo da pobreza, no conhecimento o medo da ignorância, na beleza o medo da idade, na fama o medo dos caluniadores, no sucesso o medo do ciúme, até no corpo está o medo da morte. está cheio de medo. Somente ele é destemido, aquele que desistiu de tudo" (Vairâgya-Shatakam, 31).

Outro dia fui ver a senhorita Corbin, e a senhorita Farmer e a senhorita Thursby também estavam lá. Tivemos uma boa meia hora e ela quer que eu dê algumas aulas em sua casa a partir do próximo domingo.

Não estou mais buscando essas coisas. Se eles vierem, bendito seja o Senhor; se não, bendito mais seja Ele.

Aceite novamente minha eterna gratidão.

Seu filho devotado,

VIVEKANANDA.

6.4.61 SRA. TOURO

54 W. 33rd St., NOVA IORQUE,

21 de março de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Estou surpreso ao ouvir os escândalos que os círculos de Ramabai estão fazendo a meu respeito. Não vê, Sra. Bull, que qualquer que seja a conduta de um homem, sempre haverá pessoas que inventam as mentiras mais sombrias sobre ele? Em Chicago eu tinha coisas assim contra mim todos os dias. E estas mulheres são invariavelmente as próprias cristãs dos cristãos! . . . Vou realizar uma série de palestras pagas em meus quartos (no andar de baixo), que terão capacidade para cerca de cem pessoas, e que cobrirão as despesas. Não tenho muita pressa com o dinheiro a ser enviado para a Índia. Eu vou esperar. A senhorita Farmer está com você? A Sra. Peake está em Chicago? Você viu Josephine Locke? Miss Hamlin tem sido muito gentil comigo e faz tudo o que pode para me ajudar.

Meu mestre costumava dizer que esses nomes, como hindus, cristãos, etc., constituem grandes barreiras para todos os sentimentos fraternos entre homem e homem. Devemos tentar quebrá-los primeiro. Eles perderam todos os seus bons poderes e agora permanecem apenas como influências nefastas, sob cuja magia negra até os melhores de nós se comportam como demônios. Bem, teremos que trabalhar duro e ter sucesso.

É por isso que desejo tanto ter um centro. A organização tem os seus defeitos, sem dúvida, mas sem isso nada se pode fazer. E aqui, receio, terei de diferir de você – que ninguém jamais conseguiu manter a sociedade de bom humor e ao mesmo tempo fez grandes obras. É preciso trabalhar conforme o ditame vem de dentro, e então, se for leve e bom, a sociedade será obrigada a mudar de direção, talvez séculos depois de alguém estar morto e desaparecido. Devemos mergulhar de coração, alma e corpo no

trabalho. E até que estejamos prontos para sacrificar todo o resto por uma Ideia e apenas por uma, nunca, nunca veremos a luz.

Aqueles que querem ajudar a humanidade devem pegar seu próprio prazer e dor, nome e fama, e todos os tipos de interesses, e fazer um monte deles e jogá-los no mar, e então vir para o Senhor. Isto é o que todos os Mestres disseram e fizeram.

Fui à casa da Srta. Corbin no último sábado e disse a ela que não poderia mais ir dar aulas. Alguma vez na história do mundo alguma grande obra foi realizada pelos ricos? É o coração e o cérebro que fazem isso sempre e sempre e não a bolsa.

Minha ideia e toda a minha vida com ela — e a Deus pela ajuda; para mais ninguém! Este é o único segredo do sucesso. Tenho certeza de que você é um comigo aqui. Meus cumprimentos à Sra. Thursby e à Sra. Adams.

Sempre seu com afeição grata,

VIVEKANANDA.

6.4.62 SRA. TOURO

54 W. 33rd St., NOVA IORQUE,

11 de abril de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

. . . Amanhã irei ao campo para ver o Sr. Leggett por alguns dias. Um pouco de ar fresco me fará bem, espero.

Desisti agora mesmo do projeto de mudança desta casa, pois será muito caro, e além disso não é aconselhável mudar agora. Estou trabalhando nisso lentamente.

. . . Envio-lhe aqui a carta de Sua Santidade o Marajá de Khetri; inclua também o documento sobre o óleo de Gurjan para a lepra. Miss Hamlin tem

me ajudado bastante. Estou muito grato a ela. Ela é muito gentil e, espero, sincera. Ela quer que eu seja apresentado ao “tipo certo de pessoa”. Esta é a segunda edição do negócio "Mantenha-se firme", infelizmente. O único “tipo certo de pessoas” são aquelas que o Senhor envia – é isso que entendo na minha experiência de vida. Somente eles podem e irão me ajudar. Quanto ao resto, Senhor ajude-os em massa e salve-me deles.

Todos os meus amigos pensaram que isso não daria em nada, que eu me hospedasse sozinho e que nenhuma dama jamais viria aqui. Miss Hamlin pensava especialmente que “ela” ou “o tipo certo de gente” estava longe de ir ouvir um homem que mora sozinho em um alojamento pobre. Mas o “tipo certo” veio para tudo isso, dia e noite, e ela também. Senhor! quão difícil é para o homem acreditar em Ti e em Tuas misericórdias! Shiva! Shiva! Onde está o tipo certo e onde está o ruim, mãe? É tudo Ele! No tigre e no cordeiro, no santo e pecador tudo Ele! Nele tomei meu refúgio, corpo, alma e Atman. Ele me deixará agora, depois de me carregar em Seus braços por toda a vida? Nem uma gota estará no oceano, nem um galho na floresta mais profunda, nem uma migalha na casa do deus da riqueza, se o Senhor não for misericordioso. Os riachos estarão no deserto e o mendigo terá fartura, se assim o desejar. Ele vê a queda do pardal. São apenas palavras, mãe, ou vida literal e real?

Trégua para este “tipo certo de apresentação”. Tu és meu certo, Tu és meu errado, meu Shiva. Senhor, desde criança me refugio em Ti. Estarás comigo nos trópicos ou nos pólos, no topo das montanhas ou nas profundezas dos oceanos. Minha estadia – meu guia na vida – meu refúgio – meu amigo – meu professor – meu Deus – meu verdadeiro Eu, Tu nunca me deixarás, nunca. Eu sei disso com certeza. Às vezes fico fraco, ficando sozinho e lutando contra as adversidades, meu Deus; e penso na ajuda humana. Salva-me para sempre dessas fraquezas, e que eu nunca, nunca procure ajuda de qualquer ser além de Ti. Se um homem confia em outro homem bom, ele nunca será traído, nunca será abandonado. Você me abandonará, Pai de todo o bem, Tu que sabes que durante toda a minha vida sou Teu servo e somente Teu? Você me entregará para ser manipulado por outros ou arrastado pelo mal? Ele nunca vai me abandonar, tenho certeza, mãe.

Seu filho sempre obediente,

VIVEKANANDA.

6.4.63 SHASHI

(Traduzido do bengali)

EUA,

11 de abril de 1895.

MEU QUERIDO SHASHI,

. . . Você escreve que se recuperou da doença; mas daqui em diante você deve ter muito cuidado. Jantares tardios ou alimentos pouco saudáveis, ou viver num local malcheiroso podem provocar uma recaída e dificultar a fuga às garras da malária. Primeiro de tudo, você deve alugar uma pequena casa de jardim – você pode conseguir uma por trinta ou quarenta rúpias. Em segundo lugar, certifique-se de que a água para cozinhar e beber seja filtrada - um filtro de bambu de tamanho grande servirá. A água é a causa de todos os tipos de doenças. Não é a clareza ou a sujeira da água, mas o fato de ela estar cheia de germes causadores de doenças, que causa doenças. Deixe a água ferver e filtrar. Todos vocês devem prestar atenção primeiro à sua saúde. Um cozinheiro, um criado, camas limpas e refeições oportunas – são absolutamente necessários. Por favor, certifique-se de que todas essas sugestões sejam executadas integralmente. . . . O sucesso dos seus empreendimentos depende inteiramente do seu amor mútuo. Não há nada de bom reservado enquanto a malícia, o ciúme e o egoísmo prevalecerem. ... O panfleto de Kali está muito bem escrito e não contém exageros. Saiba que falar mal dos outros em particular é pecado. Você deve evitá-lo totalmente. Muitas coisas podem ocorrer à mente, mas ela gradualmente transforma uma montanha em um montículo se você tentar expressá-las. Tudo acaba se você perdoar e esquecer. É uma boa notícia que o festival de Shri Ramakrishna tenha sido celebrado com grande éclat. Você deve tentar fazer com que haja uma reunião de cem mil pessoas no próximo ano. Junte suas energias para começar uma revista. A timidez não serve mais.... Aquele que tem paciência infinita e energia infinita às suas costas, sozinho terá sucesso. Você deve prestar atenção especial ao estudo. Você entende?

Você não deve reunir muitos tolos. Ficarei feliz se você reunir alguns homens de verdade. Ora, não ouço nem um único abrindo os lábios. Você distribuiu doces na festa e houve cantoria de alguns grupos, em sua maioria desocupados. É verdade, mas não ouço que alimento espiritual você deu. Enquanto essa atitude de nul admirari não desaparecer, vocês não serão capazes de fazer nada e nenhum de vocês terá coragem. Os valentões são sempre covardes.

Aceite a todos com simpatia, quer eles acreditem em Shri Ramakrishna ou não. Se alguém vier até vocês por causa de uma disputa vã, retirem-se educadamente. ... Você deve expressar sua simpatia às pessoas de todas as seitas. Quando essas virtudes cardeais se manifestarem em você, somente você será capaz de trabalhar com grande energia. Caso contrário, simplesmente tomar o nome do Guru não será suficiente. No entanto, não há dúvida de que o festival deste ano foi um grande sucesso e você merece um agradecimento especial por isso; mas você deve seguir em frente, entende? O que Sharat está fazendo? Você nunca será capaz de saber alguma coisa se persistir em alegar ignorância. ... Queremos algo de tom mais elevado - que apele ao intelecto dos eruditos. Não basta apenas organizar festas musicais e tudo mais. Esta festa não será apenas a sua memória, mas também a união central de uma intensa propaganda das suas doutrinas. ... Tudo chegará na hora certa. Mas às vezes fico preocupado e pisoteio como um cão de caça na coleira. Avante e adiante, minha velha palavra de ordem. Estou indo bem. Não adianta voltar para a Índia com pressa. Convoquem todas as suas energias e preparem-se para trabalhar de coração e alma; isso será realmente heróico.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.64 SRA. TOURO

54 W. 33rd STREET, NOVA IORQUE,

25 de abril de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Anteontem recebi um bilhete gentil da Srta. Farmer, incluindo um cheque de cem dólares para as palestras na Barbar House. Ela virá para Nova York no próximo sábado. É claro que lhe direi que coloque o meu nome nas suas circulares; e mais, não posso ir para Greenacre agora; Combinei de ir às Mil Ilhas, onde quer que seja. Há um chalé que pertence à Srta. Dutcher, uma de minhas alunas, e alguns de nós estaremos lá em paz, descanso e isolamento. Quero fabricar alguns "iogues" com os materiais das aulas, e uma fazenda movimentada como Greenacre é o último lugar para isso, enquanto o outro está bem fora do caminho, e nenhum dos curiosos ousará ir. lá.

Estou muito feliz que a Srta. Hamlin tenha anotado os nomes das 130 pessoas que frequentam as aulas de Jnana-Yoga. Há mais 50 que vêm para a aula de Yoga de quarta-feira e cerca de 50 para a aula de segunda-feira. O Sr. Landsberg tinha todos os nomes; e eles virão de qualquer maneira, com ou sem nomes... Se não vierem, outros virão, e assim continuará - louvado seja o Senhor.

Anotar nomes e avisar é uma grande tarefa, sem dúvida, e sou muito grato a ambos por fazerem isso por mim. Mas estou plenamente convencido de que é preguiça da minha parte e, portanto, imoral, depender dos outros, e sempre o mal surge da preguiça. Então, de agora em diante, farei tudo sozinho. ...

No entanto, ficarei muito feliz em receber qualquer uma das “pessoas certas” da Srta. Hamlin, mas, infelizmente para mim, nenhuma delas apareceu ainda. É dever do professor sempre separar o “tipo certo” do “tipo injusto” de pessoas. Afinal, embora eu esteja muito, muito grato à jovem, Srta. Hamlin, pela grande esperança e incentivo que ela me deu de me apresentar ao "tipo certo de nova-iorquinos" e pela ajuda prática que ela me deu, eu acho que é melhor eu fazer meu pequeno trabalho com minhas próprias mãos. . . .

Estou muito feliz que você tenha uma opinião tão boa sobre a senhorita Hamlin. Eu, pelo menos, fico feliz em saber que você a ajudará, pois ela exige isso. Mas, mãe, pela misericórdia de Ramakrishna, meu instinto “avalia” quase infalivelmente um rosto humano assim que o vejo, e o

resultado é este: você pode fazer o que quiser em relação aos meus assuntos, nem vou murmurar; — Ficarei muito feliz em seguir o conselho da Srta. Farmer, apesar dos fantasmas e dos fantasmas. Por trás dos fantasmas vejo um coração de imenso amor, apenas coberto por uma fina película de ambição louvável – mesmo essa que está fadada a desaparecer em alguns anos. Até eu permitirei que Landsberg “maqueie” meus assuntos de vez em quando; mas aqui coloquei um ponto final. A ajuda de qualquer outra pessoa além destas me assusta. Isso é tudo que posso dizer. Não apenas pela ajuda que você me deu, mas por meu instinto (ou, como eu chamo, inspiração de meu Mestre), considero você minha mãe e sempre seguirei qualquer conselho que você possa ter para mim - mas apenas pessoalmente. . Quando você seleciona um meio, peço licença para exercer minha escolha. Isso é tudo.

Com isto envio a carta do cavalheiro inglês. Fiz algumas anotações na margem para explicar as palavras hindustani.

Seu filho obediente,

VIVEKANANDA.

6.4.65 SRA. TOURO

54 W. 33, NOVA IORQUE,

7 de maio de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

...Eu tinha um jornal da Índia com uma publicação da breve resposta do Dr. Barrows aos agradecimentos enviados da Índia. Miss Thursby irá enviá-lo para você. Ontem recebi outra carta da Índia do presidente de Madras reunido para agradecer aos americanos e para me enviar um discurso... Este senhor é o principal cidadão de Madras e juiz do Supremo Tribunal, uma posição muito elevada na Índia.

Terei mais duas palestras públicas em Nova York, no salão superior do Mott's Memorial Building. A primeira será na próxima segunda-feira, sobre a Ciência da Religião. O próximo, sobre a Fundamentação do Yoga... A Srta. Hamlin lhe enviou o livro sobre a situação financeira da Índia? Desejo que seu irmão leia e descubra por si mesmo o que significa o domínio inglês na Índia.

Sempre agradecido ao seu filho,

VIVEKANANDA.

6.4.66 SRA. TOURO

54 WEST 33rd STREET, NOVA IORQUE,

Maio de 1895, quinta-feira.

PREZADA SENHORA. TOURO,

As aulas estão acontecendo; mas lamento dizer que, embora o comparecimento seja grande, nem sequer paga o suficiente para cobrir o aluguel. Vou tentar esta semana e depois desisto.

Estou indo neste verão para as Mil Ilhas, para a casa da Srta. Dutcher, uma de minhas alunas. Os diferentes livros sobre Vedanta estão sendo enviados para mim da Índia. Espero escrever um livro em inglês sobre a Filosofia Vedanta em suas três etapas quando estiver em Mil Ilhas, e posso ir para Greenacre mais tarde. Miss Farmer quer que eu dê uma palestra lá neste verão.

Estou bastante ocupado agora escrevendo um artigo prometido para a Press Association sobre a Imortalidade.

Seu,

VIVEKANANDA.

6.4.67 SRA. TOURO

PERCY, NOVO HAMPSHIRE,

7 de junho de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Finalmente estou aqui com o Sr. Leggett. Este é um dos locais mais bonitos que já vi. Imagine um lago, rodeado de colinas cobertas por uma enorme floresta, sem ninguém além de nós mesmos. Tão adorável, tão quieto, tão repousante! E você pode imaginar como estou feliz por estar aqui depois da agitação das cidades.

Estar aqui me dá uma nova vida. Vou sozinho para a floresta e leio meu Gita e fico muito feliz. Deixarei este lugar em cerca de dez dias e irei para o Parque das Mil Ilhas. Meditarei por hora lá e ficarei sozinho comigo mesmo. A própria ideia é enobrecedora.

VIVEKANANDA.

6.4.68 SRA. TOURO

54 WEST 33rd STREET, NOVA IORQUE,

Junho de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Acabei de chegar em casa. A viagem me fez bem e gostei do campo e das colinas, especialmente da casa de campo do Sr. Leggett no estado de Nova York. O pobre Landsberg desapareceu desta casa. Ele também não deixou seu endereço. Que o Senhor abençoe Landsberg onde quer que ele vá! Ele é uma das poucas almas sinceras que tive o privilégio de encontrar nesta vida.

Tudo é para sempre. Todas as conjunções são para disjunção subsequente. Espero ser perfeitamente capaz de trabalhar sozinho. Quanto menos ajuda dos homens, mais do Senhor! Há pouco recebi uma carta de um inglês de

Londres que morou na Índia, no Himalaia, com dois de meus irmãos. Ele me pede para ir a Londres.

Seu,

VIVEKANANDA.

6.4.69 SHASHI

(Traduzido do bengali)

1895 .

CARO SHASHI,

. . . Estou bastante de acordo com o que Sarada está fazendo, mas não é necessário pregar que Ramakrishna Paramahansa foi uma Encarnação e coisas desse tipo. Ele veio para fazer o bem ao mundo; não alardear seu próprio nome – você deve sempre se lembrar disso. Os discípulos prestam toda a atenção à preservação do nome de seu mestre e jogam fora seus ensinamentos; e sectarismo, etc., são o resultado. Alasinga escreve sobre Charu; mas não me lembro dele. Escreva tudo sobre ele e transmita-lhe meus agradecimentos. Escreva detalhadamente sobre tudo; Não tenho tempo a perder para fofocas inúteis... Tente desistir de cerimoniais. Eles não foram feitos para Sannyasins; e só se deve trabalhar enquanto não se alcança a iluminação... Não tenho nada a ver com sectarismo. Ou formando partidos e bancando o sapo no poço, o que quer que eu faça... É impossível pregar as idéias católicas de Ramakrishna Paramahansa e formar seitas ao mesmo tempo... Apenas um tipo de trabalho eu entendo, e isso é fazer o bem aos outros; tudo o mais é fazer o mal. Portanto, prostro-me diante do Senhor Buda... Sou um Vedantista; Sachchidananda – Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta – é meu Deus. Dificilmente encontro outro Deus além da forma majestosa do meu próprio Eu. Pela palavra “Encarnação” entende-se aqueles que alcançaram a condição de Brahman, em outras palavras, os Jivanmuktas – aqueles que realizaram esta liberdade nesta mesma vida. Não encontro nenhuma especialidade em Encarnações: todos os seres, desde Brahmâ até um pedaço de grama, alcançarão a liberação em vida com o passar do tempo, e nosso dever consiste em ajudar todos a alcançar esse estado. Esta ajuda chama-se religião; o resto é irreligião. Essa ajuda é trabalho; o resto é maldade – não vejo mais nada. Outros tipos de trabalho, por exemplo, o Vaidika ou o Tântrika, podem produzir resultados; mas recorrer a eles é simplesmente um desperdício de vida, pois a pureza que é o objetivo do trabalho só é realizável fazendo o bem aos outros. Através de trabalhos como sacrifícios, etc., pode-se obter prazeres, mas é impossível ter a pureza da alma... Tudo já existe no Ser de todos os seres. Aquele que afirma que é livre, será livre. Aquele que diz que está obrigado, obrigado permanecerá. Para mim, pensar que alguém é baixo e humilde é pecado e ignorância. "नायमात्मा ब्रह्महीनेन लभ्यः — Este Atman não deve ser alcançado por quem é fraco."

"अस्ति ब्रह्म वदसि चेदस्ति, नास्ति ब्रह्म वदसि चेन्नास्त्येव भविष्यति

– Se você disser que Brahman é, a existência será o resultado; se você disser que Brahman não é, inexistente Ele realmente se tornará." Aquele que sempre se considera um fraco e selvagem nunca se tornará forte, mas aquele que sabe que é um leão,

"निर्गच्छति जगज्जालात् पिंजरादिव केशरी

- sai correndo das malhas do mundo, como um leão de sua jaula." Outro ponto, não era nenhuma verdade nova que Ramakrishna Paramahansa veio pregar, embora seu advento tenha trazido à luz as velhas verdades. Em outras palavras, ele era a personificação de todos os pensamentos religiosos passados da Índia. Somente sua vida me fez entender o que os Shastras realmente significavam, e todo o plano e escopo dos antigos Shastras.

Os missionários e outros não podiam fazer muito contra mim neste país. Pela graça do Senhor, as pessoas aqui gostam muito de mim e não devem ser enganadas pelas opiniões de nenhuma classe em particular. Eles apreciam as minhas ideias de uma forma que os meus compatriotas não conseguem fazer e não são egoístas. Quero dizer, quando se trata de trabalho prático eles desistirão do ciúme e de todas aquelas ideias de auto-suficiência. Então todos concordam e agem sob a direção de um homem capaz. É isso que os torna tão bons. Mas então eles são uma nação de adoradores de Mamon. O dinheiro vem antes de tudo. As pessoas do nosso país são muito liberais em questões pecuniárias, mas não tanto estas pessoas. Cada casa tem um avaro. É quase uma religião aqui. Mas eles caem nas garras dos sacerdotes quando fazem algo ruim e depois compram com dinheiro sua passagem para o céu. Estas coisas são iguais em todos os países – artimanhas sacerdotais. Não posso dizer nada sobre se voltarei para a Índia e quando. Lá também terei que levar uma vida errante, como faço aqui; mas aqui milhares de pessoas ouvem e entendem minhas palestras, e esses milhares são beneficiados. Mas você pode dizer a mesma coisa sobre a Índia? . . . Estou perfeitamente de acordo com o que Sarada está fazendo. Mil agradecimentos a ele... Em Madras e Bombaim tenho muitos homens que estão atrás do meu coração. Eles são aprendidos e entendem tudo. Além disso, eles têm bom coração e, portanto, podem apreciar o espírito filantrópico... Não imprimir livros nem nada do gênero. Simplesmente faço turnês de palestras... Quando faço uma retrospectiva de minha vida passada,

não sinto remorso. De país em país tenho viajado ensinando algo, ainda que pouco, às pessoas, e em troca disso comi suas fatias de pão. Se eu descobrisse que não tinha feito nenhum trabalho, mas simplesmente me sustentava impondo-me às pessoas, hoje teria cometido suicídio. Por que aqueles que se consideram incapazes de ensinar seus semelhantes vestem a roupa de professor e ganham o pão enganando-os? Não é isso um pecado mortal? ...

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.70 ALBERTA

19 W. 38, NOVA IORQUE,

8 de julho de 1895.

QUERIDA ALBERTA, (Senhorita Alberta Sturges.)

Tenho certeza de que você está absorto em seus estudos musicais agora. Espero que você já tenha descoberto tudo sobre a balança. Ficarei muito feliz em aprender com você uma lição sobre escalas na próxima vez que nos encontrarmos.

Nós nos divertimos muito lá em Percy com o Sr. Leggett – ele não é um santo?

Hollister também está gostando muito da Alemanha, tenho certeza, e espero que nenhum de vocês tenha prejudicado a língua ao tentar pronunciar palavras em alemão - especialmente aquelas que começam com sch, tz, tsz e outras coisas doces.

Li sua carta para sua mãe a bordo. Provavelmente irei para a Europa em setembro próximo. Nunca estive na Europa ainda. Afinal, não será muito diferente dos Estados Unidos. E já estou bem familiarizado com os costumes e costumes deste país.

Remamos bastante em Percy e aprendi um ou dois pontos no remo. Tia Joe Joe teve que pagar por sua doçura, pois as moscas e os mosquitos não a abandonavam nem por um momento. Eles preferiram me manter afastados, acho que porque eram moscas sabatistas muito ortodoxas e não tocariam em um pagão. Mais uma vez, penso, eu costumava cantar bastante em Percy, e isso deve tê-los assustado. Tínhamos bétulas lindas. Tive a ideia de fazer livros com a casca, como se fazia antigamente em nosso país, e escrevi versos em sânscrito para sua mãe e sua tia.

Tenho certeza, Alberta, que em breve você será uma senhora tremendamente erudita.

Com amor e bênçãos para vocês dois,

Sempre seu carinhoso,

SWAMI VIVEKANANDA.

6.4.71 Rakhal

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

1895 .

CARO RAKHAL,

Agora tenho muitos jornais, etc., e você não precisa enviar mais nenhum. Deixemos o movimento agora limitar-se à Índia....

Não adianta muito despertar uma sensação todos os dias. Mas aproveitem esta agitação que prevalece em todo o país e espalhem-se por todos os lados. Em outras palavras, tente iniciar filiais em locais diferentes. Que não seja apenas um som vazio. Você deve ingressar nos Madras e iniciar associações, etc., em diferentes lugares. E a revista que ouvi dizer que iria começar? Por que você está nervoso em conduzi-lo? ... Vir? Faça algo

heróico! Irmão, e se você não atingir Mukti, e se você sofrer a condenação algumas vezes? O ditado é falso? -

“मनसि वचसि काये पुण्यपीयूषपूर्णाः
त्रिभुवनमुपकारस्थेभिः प्रीणयन्तः ।
परगुणपरमाणुं पर्वतीकृत्य नित्यं
निजहृदि विकसन्तः सन्ति सन्तः कियन्तः ॥

– Existem alguns santos que, cheios de santidade em pensamento, palavra e sangue, agradam o mundo inteiro com seus numerosos atos benéficos, e que desenvolvem seus próprios corações magnificando um átomo de virtude em outros como se fosse tão grande quanto uma montanha. " (Bhartrihari, Nitishataka).

E se você não conseguir Mukti? Que tagarelice infantil! Senhor! Dizem que até o veneno de uma cobra perde seu poder ao negá-lo com firmeza. Não é verdade? Que estranha humildade é esta em dizer: "Não sei de nada!" "Eu não sou nada !" Isso é pseudo-renúncia e falsa modéstia, eu lhe digo. Fora com esse espírito autodepreciativo! "Se eu não sei, quem sabe!" O que você tem feito há tanto tempo se agora alega ignorância? Estas são as palavras de um ateu – a humildade de um vagabundo miserável. Podemos fazer tudo e faremos tudo! Aquele que tiver a sorte se juntará heroicamente a nós, deixando os inúteis miarem como gatos em seu canto. Um santo escreve: "Bem, você está farto de brasões. Agora volte para casa." Eu o teria chamado de homem se ele pudesse construir uma casa e me ligar. Dez anos de experiência nessas coisas me tornaram mais sábio. Não devo mais ser enganado por palavras. Deixe aquele que tem coragem em sua mente e amor em seu coração venha comigo. Não quero mais nada. Pela graça da Mãe, sozinho, valho cem mil agora e valerei dois milhões... Não há certeza quanto ao meu retorno à Índia. Terei que levar uma vida errante lá também, como estou fazendo aqui. Mas aqui se vive na companhia de estudiosos, e ali se deve viver entre tolos – existe esta diferença como nos pólos. As pessoas deste país se organizam e trabalham, enquanto todos os nossos empreendimentos se transformam em pó, enfrentando a preguiça - erroneamente chamada de "renúncia" - e o ciúme, etc. - me escreve cartas grandes de vez em quando, metade das quais não consigo decifrar, o que é uma bênção para mim. Pois grande parte das notícias é a seguinte: que em tal e tal lugar tal ou tal homem estava falando mal de mim, e que ele, sendo incapaz de suportar o mesmo, teve uma briga com ele, e assim adiante. Muito obrigado por sua gentil defesa de mim. Mas o que me impede seriamente de ouvir o que certas pessoas podem dizer sobre mim é - "स्वल्पश्च कालो बहवश्च विघ्नाः - O tempo é curto, mas os obstáculos são muitos." . . .

Uma sociedade organizada é desejada. Deixe Shashi cuidar da administração da casa, Sanyal se encarregar dos assuntos financeiros e de marketing, e Sharat atuar como secretário, isto é, manter a correspondência etc. Faça um centro permanente - não adianta fazer esforços aleatórios como você está fazendo agora. Você entende meu ponto? Tenho um monte de jornais, agora quero que você faça algo. Se vocês conseguem construir uma matemática, direi que vocês são heróis; caso contrário você não é nada. Consulte o pessoal de Madras quando você trabalha. Possuem grande

capacidade de trabalho. Comemore o festival Shri Ramakrishna deste ano com tanto entusiasmo que o tornará um recorde. Quanto menos propaganda alimentar, melhor. É suficiente distribuir Prasada em copos de barro aos devotos que estão em fila.

Vou escrever um breve esboço da vida de Shri Ramakrishna em inglês, que enviarei a você. Imprima-o e traduza-o para o bengali e venda-o no festival – as pessoas não leem livros distribuídos gratuitamente. Fixe algum preço nominal. Faça o festival com muita pompa. . . .

Você deve ter um intelecto versátil para realizar um trabalho eficiente. Em qualquer cidade ou vilarejo que você visitar, comece uma associação onde quer que encontre um número de pessoas reverenciando Shri Ramakrishna. Você já viajou por tantas aldeias por nada? Devemos absorver lentamente os Hari Sabhâs e outras associações. Bem, não posso contar tudo a vocês - se eu pudesse conseguir outro demônio como eu! O Senhor me suprirá tudo no devido tempo. ... Se alguém tem poder, deve manifestá-lo em ação. ... Fora com suas idéias de Mukti e Bhakti! Só existe um caminho no mundo,

“परोपकाराय हि सतां जीवितं,” “परार्थे प्राज्ञ उत्सृजेत्”

— “Os bons vivem apenas para os outros”, “O homem sábio deve sacrificar-se pelos outros”. Só posso garantir meu próprio bem fazendo o bem a você. Não há outro caminho, absolutamente nenhum... Você é Deus, eu sou Deus, e o homem é Deus. É este Deus manifestado através da humanidade que está fazendo tudo neste mundo. Existe um Deus diferente sentado em algum lugar no alto? Para trabalhar, portanto!

Bimala me enviou um livro escrito por Shashi (Sanyal). ... A partir da leitura desse trabalho, Bimala veio a saber que todas as pessoas deste mundo são impuras e que são, por sua própria natureza, impedidas de ter um pinga de religião; que apenas um punhado de brâmanes que estão na Índia têm o direito exclusivo a isso, e entre estes novamente, Shashi (Sanyal) e Bimala são o sol e a lua, por assim dizer. Bravo! Que religião poderosa, de fato! Especialmente em Bengala, esse tipo de religião é muito fácil de praticar. Não há maneira mais fácil do que essa. Toda a verdade sobre austeridades e exercícios espirituais é, em poucas palavras, que sou puro e todo o resto é impuro! Uma religião bestial, demoníaca e infernal! Se

o povo americano não está apto para a religião, se é impróprio pregar a religião aqui, por que então pedir a sua ajuda? . . . O que pode remediar tal doença? Bem, diga a Shashi (Sanyal) para ir para Malabar. O Raja de lá tomou as terras de seus súditos e as ofereceu aos pés dos brâmanes. Existem grandes mosteiros em cada aldeia onde são oferecidos jantares suntuosos, complementados por presentes em dinheiro. ... Não há mal nenhum em tocar nas classes não-brâmanes quando isso serve ao propósito da pessoa; e quando terminar, você se banha, pois os não-brâmanes são como uma classe profana e nunca devem ser tocados em outras ocasiões! Monges, Sannyasins e Brâmanes de um certo tipo lançaram o país em ruínas. Com a intenção constante de roubo e maldade, eles se apresentam como pregadores de religião! Eles receberão presentes das pessoas e ao mesmo tempo gritarão: “Não me toque!” E que grandes coisas eles têm feito! - "Se acontecer de uma batata tocar uma berinjela, quanto tempo durará o universo antes de ser inundado?" “Se eles não aplicarem terra uma dúzia de vezes para limpar as mãos, catorze gerações de ancestrais irão para o inferno, ou vinte e quatro?” — Para problemas complexos como estes têm sido encontradas explicações científicas nos últimos dois mil anos — enquanto um quarto da população passa fome. Uma menina de oito anos é casada com um homem de trinta, e os pais estão exultantes com isso... E se alguém protestar contra isso, o apelo é apresentado: “Nossa religião está sendo derrubada”. Que tipo de religião têm aqueles que querem ver as suas meninas tornarem-se mães antes mesmo de atingirem a puberdade e oferecem explicações científicas para isso? Muitos, mais uma vez, colocam a culpa nos muçulmanos. Eles são os culpados, de fato! Basta ler os Grihya-Sutras e ver o que é considerado a idade de casar de uma menina. ... Aí está expressamente afirmado que uma menina deve se casar antes de atingir a puberdade. Todos os Grihya-Sutras recomendam isso. E no sacrifício Védico Ashvamedha coisas piores seriam feitas... Todos os Brâhmanas as mencionam, e todos os comentaristas admitem que são verdadeiras. Como você pode negá-los?

Ao mencionar tudo isso, o que quero dizer é que havia muitas coisas boas nos tempos antigos, mas também havia coisas ruins. As coisas boas devem ser retidas, mas a Índia que será, a Índia do futuro. deve ser muito maior que a Índia antiga. Desde o dia em que Shri Ramakrishna nasceu, data o

crescimento da Índia moderna e da Idade de Ouro. E vocês são os agentes para trazer esta Idade de Ouro. Trabalhar, com esta convicção no coração!

Portanto, quando você chama Shri Ramakrishna de Encarnação e ao mesmo tempo alega sua ignorância sem hesitação, eu digo: “Você é falso até a espinha dorsal!” Se Ramakrishna Paramahansa for verdadeiro, você também é verdadeiro. Mas você deve mostrar isso. ... Em todos vocês existe um poder tremendo. O ateu não tem nada além de lixo dentro dele. Aqueles que são crentes são heróis. Eles manifestarão um poder tremendo. O mundo será varrido diante deles. “Simpatia e ajuda aos pobres”; “O homem é Deus, ele é Nârâyana”; “Em Atman não há distinção de homem ou mulher, de Brahmin ou Kshatriya, e assim por diante”; “Tudo é Narayana, desde o Criador até um pedaço de grama.” O verme está menos manifestado, o Criador mais manifestado. Toda ação que ajuda um ser a manifestar cada vez mais sua natureza divina é boa, toda ação que a retarda é má.

A única maneira de manifestar a nossa natureza divina é ajudar outros a fazerem o mesmo.

Se existe desigualdade na natureza, ainda assim deve haver oportunidades iguais para todos - ou se for maior para alguns e menos para alguns - os mais fracos devem ter mais oportunidades do que os fortes.

Por outras palavras, um Brâmane não necessita tanto de educação como um Chandâla. Se o filho de um brâmane precisa de um professor, o de um Chandala precisa de dez. Pois maior ajuda deve ser dada àquele a quem a natureza não dotou de um intelecto aguçado desde o nascimento. É um louco que carrega carvão para Newcastle. Os pobres, os oprimidos, os ignorantes, deixem que estes sejam o seu Deus.

Um pântano terrível está à sua frente – tome cuidado; muitos caem nele e morrem. O problema é que a religião atual dos hindus não está nos Vedas, nem nos Puranas, nem em Bhakti, nem em Mukti – a religião entrou na panela. A atual religião dos Hindus não é nem o caminho do conhecimento nem o da razão – é o “Não-tocismo”. “Não me toque!” “Não me toque!” – isso esgota sua descrição. Vejam para não perderem suas vidas nesta terrível irreligião do “Não-toque”. O ensinamento, "आत्मवत् सर्वभूतेषु - Olhar para todos os seres como se fosse você mesmo" - deve ser confinado apenas aos livros?

Como concederão a salvação a quem não consegue alimentar uma boca faminta com uma migalha de pão? Como aqueles que se tornam impuros com o simples sopro dos outros purificarão os outros? Não-toque é uma forma de doença mental. Cuidado! Toda expansão é vida, toda contração é morte. Todo amor é expansão, todo egoísmo é contração. O amor é, portanto, a única lei da vida. Quem ama vive, quem é egoísta morre. Portanto, ame por amor, porque é a única lei da vida, assim como você respira para viver. Este é o segredo do amor altruísta, da ação altruísta e do resto. ... Tente ajudar Shashi (Sanyal) se puder, de qualquer maneira. Ele é um homem muito bom e piedoso, mas de coração estreito. Não cabe a todos sentir a miséria dos outros. Bom Deus! De todas as Encarnações, o Senhor Chaitanya foi o maior, mas ele era comparativamente carente de conhecimento; na Encarnação Ramakrishna há conhecimento, devoção e amor – conhecimento infinito, amor infinito, trabalho infinito, compaixão infinita por todos os seres. Você ainda não foi capaz de entendê-lo. "

श्रुत्वाप्येनं वेद कश्चित् — Mesmo depois de ouvir sobre Ele, a maioria das pessoas não O entende." O que toda a raça hindu pensou durante séculos, ele viveu em uma única vida. Sua vida é o comentário vivo aos Vedas de todas as nações. As pessoas passarão a conhecê-lo aos poucos. Minha velha palavra de ordem: lute, lute até a luz! Avante!

Seu serviço,

VIVEKANANDA.

6.4.72 AKHANANDANDA

(Traduzido do bengali)

C/O ET STURDY, ESQ.,
VISTA ALTA, CAVERSHAM,
1895 .

AMADO AKHANDANADA,

Fico feliz em ler o conteúdo de sua carta. Sua ideia é grandiosa, mas nossa nação carece totalmente da faculdade de organização. É esta desvantagem que produz todo tipo de mal. Somos totalmente avessos a criar uma causa comum para qualquer coisa. O primeiro requisito para organização é a obediência. Eu trabalho um pouco quando me sinto disposto e depois deixo isso para os cães - esse tipo de trabalho não adianta. Devemos ter trabalho árduo e perseverança. Mantenha uma correspondência regular, quer dizer, faça questão de me escrever todos os meses, ou duas vezes por mês, sobre o trabalho que você está fazendo e qual foi o seu resultado. Queremos aqui (na Inglaterra) um Sannyasin bem versado em inglês e sânscrito. Em breve irei novamente para a América, e ele trabalhará aqui na minha ausência. Exceto Sharat e Shashi – não encontro mais ninguém para esta tarefa. Enviei dinheiro para Sharat e escrevi para ele começar imediatamente. Solicitei a Rajaji que seu agente em Bombaim pudesse ajudar Sharat no embarque. Esqueci de escrever — mas se você puder se dar ao trabalho de fazê-lo, por favor envie através de Sharat um saco de Mung, Gram e Arhar Dâl, também um pouco da especiaria chamada Methi. Por favor, transmita meu amor ao Pundit Narayan Das, ao Sr. Shankar Lal, Ojhaji, Doutor e todos. Você acha que pode conseguir o remédio para os olhos de Gopi aqui? — Em todo lugar você encontra medicamentos patenteados, que são todos uma farsa. Por favor, dê minhas bênçãos a ele e aos outros meninos. Yajneswar fundou uma certa sociedade em Meerut e quer trabalhar em conjunto conosco. A propósito, ele também tem um certo papel; mande Kali para lá e deixe-o abrir um centro Meerut, se puder, e tente fazer um trabalho em hindi. Vou ajudar um pouco de vez em quando. Enviarei algum dinheiro quando Kali for para Meerut e me informar exatamente como estão as coisas. Tente abrir um centro em Ajmer. ... O Pundit Agnihotri iniciou uma

sociedade em Saharanpur. Eles escreveram uma carta para mim. Por favor, mantenha correspondência com eles. Viva em termos amigáveis com todos. Trabalhar! Trabalhar! Continue abrindo centros desta forma. Já os temos em Calcutá e Madras, e será excelente se você puder começar novos em Meerut e Ajmer. Vá lentamente iniciando centros em lugares diferentes como esse. Aqui, todas as minhas cartas, etc., devem ser endereçadas aos cuidados de E. T. Sturdy, Esq., High View, Caversham, Reading, Inglaterra, e aquelas para a América, C/o Miss Phillips, 19 W. 38 Street, Nova York. Aos poucos, devemos nos espalhar pelo mundo. A primeira coisa necessária é a obediência. Você deve estar pronto para mergulhar no fogo – então o trabalho estará feito. ... Forme sociedades que diquem isso em diferentes aldeias de Rajputana. Aí você tem uma dica.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

6.4.73 IRMÃOS DISCÍPULOS

(Traduzido do bengali)

EUA,
(Verão de?) 1895 .

MEU QUERIDO—, (Irmãos-discípulos na Matemática.)⁶⁷

Os livros que Sanyal enviou chegaram. Esqueci de mencionar isso. Por favor, informe-o sobre isso.

Deixe-me escrever algo para todos vocês:

1. Saiba que a parcialidade é a principal causa de todos os males. Isto é, se você demonstrar mais amor por alguém do que por outra pessoa, tenha certeza de que estará plantando as sementes de problemas futuros.
2. Se alguém vier até você para falar mal de algum de seus irmãos, recuse-se a ouvi-lo in toto. É um grande pecado até ouvir. Nisto reside o germe dos

problemas futuros.

3. Além disso, tenha paciência com as deficiências de todos. Perdoe ofensas aos milhões. E se você amar a todos desinteressadamente, todos gradualmente passarão a amar uns aos outros. Assim que compreenderem plenamente que os interesses de um dependem dos dos outros, todos desistirão do ciúme. Fazer algo em conjunto não faz parte do nosso caráter nacional. Portanto você deve tentar inaugurar esse espírito com o máximo cuidado e esperar pacientemente. Para falar a verdade, não encontro entre vocês nenhuma distinção de grande ou pequeno: todos têm a capacidade de manifestar, em momentos de necessidade, a energia mais elevada. Eu vejo isso. Veja, por exemplo, como Shashi permanecerá sempre constante em seu lugar; sua firmeza é uma grande pedra fundamental. O sucesso de Kali e Jogen na reunião da Câmara Municipal; foi realmente uma tarefa importante! Niranjan trabalhou muito no Ceilão e em outros lugares. Quão extensivamente Sarada viajou e semeou sementes de gigantescos trabalhos futuros! Sempre que penso na maravilhosa renúncia de Hari, na sua firmeza de intelecto e tolerância, recebo um novo acesso de força! Em Tulasi, Gupta, Baburam, Sharat, para mencionar alguns, em cada um de vocês existe uma energia tremenda. Se você ainda tem alguma dúvida quanto ao fato de Shri Ramakrishna ser um especialista em joias, qual é então a diferença entre você e um louco! Eis que centenas de homens e mulheres deste país estão começando a adorar nosso Senhor como o maior de todos os Avataras! Estável! Todo grande trabalho é feito lentamente. ...

Ele está no comando, que medo! Todos vocês têm uma força infinita - quanto tempo leva para evitar o ciúme mesquinho ou as ideias egoístas! No momento em que tal propensão chegar, resignem-se ao Senhor! Apenas entregue seu corpo e sua mente ao trabalho Dele, e todos os problemas terão fim para sempre.

Vejo que não haverá espaço suficiente na casa onde você mora atualmente. É necessário um edifício espaçoso. Ou seja, vocês não precisam se amontoar em uma sala. Se possível, não mais do que duas pessoas devem morar no mesmo quarto. Deveria haver um grande salão, onde os livros pudessem ser guardados.

Todas as manhãs deve haver uma pequena leitura das escrituras, que Kali e outros podem supervisionar alternadamente. À noite deverá haver outra aula, com um pouco de prática de meditação e Sankirtanas etc. Você pode dividir o trabalho e reservar um dia para Yoga, um dia para Bhakti, outro para Jnâna, e assim por diante: Será excelente se você fixar uma rotina assim, para que pessoas de fora também possam participar das aulas noturnas. E todos os domingos, das dez da manhã até a noite, deve haver uma sucessão contínua de aulas e Sankirtanas, etc. Isso é para o público. Se você se der ao trabalho de continuar esse tipo de trabalho rotineiro por algum tempo, ele gradualmente se tornará mais fácil e suave. Não deverá ser permitido fumar naquele salão, para o qual deverá ser reservado outro local. Se vocês se derem ao trabalho de provocar esse estado de coisas gradativamente, creio que será feito um grande avanço.

E uma certa revista que Haramohan estava tentando publicar? Se você conseguir iniciar um, será realmente bom.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.74 Rakhal

(Traduzido do bengali)

EUA

(Fim de?) 1895.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Agora mesmo recebi sua carta e fiquei feliz em lê-la. Não importa se existe algum trabalho realizado na Índia ou não, o verdadeiro trabalho está aqui. Não quero que ninguém venha agora. No meu regresso à Índia treinarei alguns homens e depois disso não haverá perigo para eles no Ocidente. Sim, foi sobre Gunanidhi que escrevi. Dê meu amor e bênçãos especiais a Hari Singh e outros. Nunca participe de brigas e disputas. Quem diabos possui o

poder de derrubar o Raja de Khetri? — A Mãe Divina está ao seu lado! Recebi a carta de Kali também. Será realmente muito bom se você puder iniciar um centro na Caxemira. Onde quer que você possa, abra um centro... Agora eu estabeleci as bases firmes aqui e na Inglaterra, e ninguém tem o poder de abalá-las. Nova York está em comoção este ano. No próximo ano chegará a vez de Londres. Até os grandes gigantes cederão, quem conta os seus pigmeus! Cinjam os lombos e comecem a trabalhar! Devemos lançar o mundo em convulsões com os nossos gritos triunfais. Isto é apenas o começo, meu rapaz. Você acha que há homens em nosso país, é um Gólgota! Há alguma chance se você puder transmitir educação às massas. Existe força maior que a do Conhecimento? Você pode dar-lhes educação? Diga-me o país onde os homens ricos ajudaram alguém! Em todos os países são as classes médias que realizam todas as grandes obras. Quanto tempo levará para arrecadar o dinheiro? Onde estão os homens? Existe algum em nosso país? Nossos compatriotas são meninos, e devem até tratá-los como tal... Restam alguns livros religiosos e filosóficos - os restos da mansão que foi incendiada; leve-os com você, rápido e venha para este país. ...

Nunca tema! A Mãe Divina está me ajudando! Este ano será realizado um trabalho tão grande que você ficará mudo ao ouvir falar dele!

Que medo! A quem temer! Fortaleçam seus corações e comecem a trabalhar!

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Sarada está falando em lançar uma revista bengali. Ajude-o com todas as suas forças. Não é uma má ideia. Você não deve jogar água fria no projeto de ninguém. Desista completamente das críticas. Ajude a todos, desde que você descubra que eles estão indo bem e, nos casos em que pareçam estar errados, mostre-lhes gentilmente seus erros. É criticar uns aos outros que está na raiz de todas as travessuras. Esse é o principal fator na desintegração das organizações. ...

6.4.75 SHASHI

(Traduzido do bengali)

EUA,

(Início de?) 1895 .

MEU QUERIDO SHASHI, 67

Ontem recebi uma carta sua com algumas novidades, mas nada em detalhes. Estou muito melhor agora. Pela graça do Senhor estou à prova do frio intenso deste ano. Ah, que frio terrível! Mas essas pessoas mantêm tudo sob controle através do conhecimento científico. Cada casa tem seu porão subterrâneo, onde há uma grande caldeira de onde o vapor é feito para circular dia e noite por todos os cômodos. Isto mantém todos os quartos aquecidos, mas tem um defeito: enquanto é verão dentro de casa, faz 30 a 40 graus abaixo de zero lá fora! A maior parte da população rica deste país parte para a Europa durante o inverno, que é comparativamente quente.

Agora, deixe-me dar algumas instruções. Esta carta é destinada a você. Siga estas instruções uma vez por dia e siga-as. Recebi a carta de Sarada – ele está fazendo um bom trabalho – mas agora queremos organização. A ele, ao irmão Tarak e a outros, por favor, dê meu amor e bênçãos especiais. A razão pela qual lhe dou estas poucas instruções é que existe um poder organizador em você – o Senhor me revelou isso – mas ainda não está totalmente desenvolvido. Através de Suas bênçãos isso acontecerá em breve. O fato de você nunca perder seu centro de gravidade é uma prova disso, mas deve ser intenso e extenso.

1. Todos os Shâstras sustentam que a miséria tripla que existe neste mundo não é natural e, portanto, é removível.

2. Na Encarnação do Buda o Senhor diz que a raiz da miséria Âdhibhautika ou miséria que surge de outros seres terrestres, é a formação de classes (Jâti); por outras palavras, todas as formas de distinção de classe, quer baseadas no nascimento, quer nas aquisições, quer na riqueza, estão na base desta miséria. No Atman não há distinção de sexo, ou Varna [68] ou

Ashrama, [69] ou qualquer coisa do tipo, e como a lama não pode ser lavada pela lama, é igualmente impossível trazer a unidade por meio de ideias separativas. .

3. Na Encarnação de Krishna Ele diz que a raiz de todos os tipos de miséria é Avidyâ (Nesciência) e que o trabalho altruísta purifica a mente. Mas " किं कर्म किमकर्मेति कवयोऽप्यत्र मोहिताः - Até os sábios ficam confusos ao decidir o que é trabalho e o que não é trabalho" (Gita).

4. Só é trabalho aquele tipo de trabalho que desenvolve a nossa espiritualidade. Tudo o que promove a materialidade não é trabalho.

5. Portanto, o trabalho e o não trabalho devem ser regulados pela aptidão de uma pessoa, pelo seu país e pela sua idade.

6. Obras como os sacrifícios eram adequadas aos tempos antigos, mas não são para os tempos modernos.

7. A partir da data em que nasceu a Encarnação Ramakrishna, surgiu a Satya-Yuga (Idade de Ouro). . . .

8. Nesta Encarnação, as ideias ateístas... serão destruídas pela espada de Jnana (conhecimento), e o mundo inteiro será unificado por meio de Bhakti (devoção) e Prema (Amor Divino). Além disso, nesta Encarnação, Rajas, ou o desejo por nome e fama, etc., estão totalmente ausentes. Em outras palavras, bem-aventurado aquele que segue Seus ensinamentos; se ele O aceita ou não, não importa.

9. Os fundadores de diferentes seitas, nos tempos antigos ou modernos, não estiveram errados. Eles se saíram bem, mas devem fazer melhor. Bem - melhor - melhor.

10. Portanto, devemos levar todos onde eles estão, isto é, devemos conduzi-los a ideais cada vez mais elevados, sem perturbar a atitude que escolheram. Quanto às condições sociais, as que prevalecem agora são boas, mas serão melhores – melhores.

11. Não há possibilidade de bem-estar no mundo a menos que a condição das mulheres melhore. Não é possível que um pássaro voe com apenas uma asa.

12. Daí, na Encarnação Ramakrishna, a aceitação de uma mulher como o Guru, daí Sua prática no traje e estado de espírito da mulher, [70] daí também Sua pregação da maternidade das mulheres como representações da Mãe Divina.

13. É por isso que meu primeiro esforço é iniciar uma matemática para mulheres. Esta Math será a origem de Gârgis e Maitreyis, e de mulheres de realizações ainda mais elevadas do que estas. . . .

14. Nenhum grande trabalho pode ser alcançado por meio de farsa. É através do amor, da paixão pela verdade e de uma tremenda energia que todos os empreendimentos são realizados. तत् कुरु पौरुषम् — Portanto, manifeste sua masculinidade.

15. Não há necessidade de brigas ou disputas com ninguém. Dê sua mensagem e deixe os outros com seus próprios pensamentos. "सत्यमेव जयते नानृतम् — Somente a verdade triunfa, não a falsidade." तस्य किं विवादेन — Por que então lutar?

. . . Combine seriedade com ingenuidade infantil. Viva em harmonia com todos. Abandone toda ideia de egoísmo e não alimente opiniões sectárias. Disputas inúteis são um grande pecado.

. . . Pela carta de Sarada, descobri que N—Ghosh me comparou com Jesus Cristo e coisas do gênero. Esse tipo de coisa pode ser aprovada em nosso país, mas se você enviar esses comentários aqui impressos, há uma chance de eu me sentir insultado! Quer dizer, não gosto de prejudicar a liberdade de pensamento de ninguém – sou um missionário? Se Kali não enviou esses documentos para este país, diga-lhe para não fazê-lo. Só o Endereço serve, não quero o processo. Agora, muitas senhoras e senhores respeitáveis deste país têm-me reverência. Os missionários e outros desse tipo tentaram ao máximo me rebaixar, mas, achando isso inútil, agora ficaram quietos. Todo empreendimento deve passar por muitos obstáculos. A verdade triunfa se apenas se seguir um caminho pacífico. Não preciso responder ao que o Sr.

Hudson falou contra mim. Em primeiro lugar, é desnecessário e, em segundo lugar, vou descer ao nível de pessoas do tipo do Sr. Hudson. Você está louco? Devo lutar daqui com um certo Sr. Hudson? Pela graça do Senhor, pessoas que estão muito acima do Sr. Hudson em posição me ouvem com veneração. Por favor, não envie mais documentos. Deixe tudo o que acontecer na Índia, não fará mal. Para a obra do Senhor, houve uma época em que havia necessidade desse tipo de brasão nos jornais. Feito isso, não há mais necessidade disso. . . . Um dos males inerentes ao nome e à fama é que você não pode ter nada privado. . . . Antes de iniciar qualquer empreendimento, ore a Shri Ramakrishna e ele lhe mostrará o caminho certo. Queremos um terreno grande para começar, depois construir e tudo virá. Lentamente nossa matemática vai se elevar, não se preocupe. . . .

Kali e todos os outros fizeram um bom trabalho. Dê meu amor e felicidades a todos. Trabalhem em uníssono com o povo de Madras e deixem que alguém entre vocês vá lá em intervalos. Desista para sempre do desejo de nome, fama e poder. Enquanto estou na Terra, Shri Ramakrishna está trabalhando através de mim. Enquanto você acreditar nisso, não haverá perigo de nenhum mal para você.

O Ramakrishna Punthi (Vida de Shri Ramakrishna em verso bengali) que Akshaya enviou é muito bom, mas não há glorificação da Shakti na abertura, o que é um grande defeito. Diga a ele para remediar isso na segunda edição. Tenha sempre em mente que estamos agora diante do olhar do mundo e que as pessoas estão observando cada uma de nossas ações e declarações. Lembre-se disso e trabalhe.

. . . Fique atento a um site para nossa matemática. . . . Se for a alguma distância de Calcutá, não há problema. Onde quer que construamos nossa matemática, haverá um rebuliço. Muito feliz em aprender sobre Mahim Chakravarty. Os Andes se transformaram na sagrada Gaya, entendo! Onde ele está? Por favor, dê a ele, Sj. Bijoy Goswami, e aos nossos outros amigos, minhas cordiais saudações. . . . Para vencer um oponente é preciso espada e broquel, então aprenda inglês e sânscrito com cuidado. O inglês de Kali está cada dia melhor, enquanto o de Sarada está piorando. Diga a Sarada para desistir do estilo florido. É extremamente difícil escrever um estilo florido numa língua estrangeira. Por favor, transmita a ele cem mil bravos meus! Há um herói de fato. ... Bem feito todos vocês! Bravo, rapazes! O começo é excelente. Continue assim. Se a víbora dos inimigos do ciúme não entrar, não há medo! माझे: — Anime-se!

महभक्तानाञ्च ये भक्तस्ते मे भक्ततमा मताः

- Aqueles que servem Meus devotos são Meus melhores devotos." Tenham todos vocês um pouco de seriedade. Não estou escrevendo nenhum livro sobre o Hinduísmo no momento. Mas estou anotando meus pensamentos. Cada religião é uma expressão, uma linguagem para expressar a mesma verdade, e devemos falar com cada um em sua própria língua. Que Sarada tenha compreendido isso, será tempo suficiente para olharmos para o hinduísmo mais tarde. falar de Hinduísmo – O próprio nome de estreiteza nas ideias irá assustá-los! A verdadeira coisa é – a Religião ensinada por Shri Ramakrishna, deixe os Hindus chamá-la de Hinduísmo – e outros a chamam à sua maneira! . "शनैः पथ्याः — É preciso fazer viagens lentamente." Dê minhas bênçãos a Dinanath, o novo recruta. Tenho muito pouco tempo para escrever - sempre sermão, sermão, sermão. Você deve pedir àquelas numerosas pessoas que agora estão prestando atenção aos ensinamentos de Shri Ramakrishna que os ajudem pecuniariamente até certo ponto. Como a matemática pode ser mantida a menos que eles o ajudem? Você não deve ter vergonha de deixar isso claro para todos. ...

Não há nenhum ganho em apressar meu retorno deste país. Em primeiro lugar, um pequeno som feito aqui ressoará muito ali. Então, o povo deste país é imensamente rico e ousado o suficiente para pagar. Enquanto o povo do nosso país não tem dinheiro nem a menor ousadia.

Você saberá tudo gradualmente. Shri Ramakrishna foi apenas o Salvador da Índia? Foi esta ideia estreita que provocou a ruína da Índia, e o seu bem-estar é uma impossibilidade enquanto isso não for erradicado. Se eu tivesse dinheiro, enviaria cada um de vocês para viajar por todo o mundo. Nenhuma grande ideia pode ter um lugar no coração a menos que alguém saia do seu cantinho. Isso será verificado a tempo. Toda grande conquista é feita lentamente. Tal é a vontade do Senhor. ...

Por que nenhum de vocês escreveu sobre Daksha e Harish? Ficarei feliz em saber se você observar o paradeiro deles. O fato de Sanyal estar se sentindo infeliz é porque sua mente ainda não é pura como a água do Ganges. Ainda não é altruísta, mas será com o tempo. Ele não sofrerá nenhum sofrimento se puder abandonar a pequena desonestidade e ser franco. Minhas saudações especiais e amorosas a Rakhal e Hari. Cuide muito bem deles. ... Nunca esqueça que Rakhal era o objeto especial do amor de Shri Ramakrishna. Não deixe nada te assustar. Quem na terra tem o poder de nos esnobar enquanto o Senhor nos favorece? Mesmo que você esteja no seu último suspiro, não tenha medo. Trabalhe com a intrepidez de um leão mas, ao mesmo tempo, com a ternura de uma flor. Que o festival Shri Ramakrishna deste ano seja celebrado com grande pompa. Que a alimentação seja bastante comum – Prasada sendo distribuída em pratos de barro entre os devotos em fila. Deveria haver leituras da Vida de Shri Ramakrishna. Coloque livros como os Vedas e o Vedanta juntos e execute Ârati diante deles. . . . Evite emitir cartões de convite do estilo antigo.

"आमन्त्रये भवन्तं साक्षीर्वाहं भगवतो रामकृष्णस्य बहुमानपुरःसरञ्च

- Com as bênçãos de Bhagavan Shri Ramakrishna e nossa grande estima, temos o prazer de convidá-lo." Escreva alguma linha desse tipo e depois escreva isso para custear as despesas do Festival de Aniversário de Shri Ramakrishna e as da manutenção do Math, você deseja sua ajuda . Que se ele quiser, ele pode gentilmente enviar o dinheiro para tal e tal, em tal e tal endereço, e assim por diante. Também adicione uma página em inglês. O termo "Senhor Ramakrishna" não tem significado. Escreva "Bhagavan" em caracteres ingleses e adicione uma ou duas linhas em inglês:

O ANIVERSÁRIO DE BHAGAVAN SHRI RAMAKRISHNA

Senhor, temos grande prazer em convidá-lo para se juntar a nós na celebração do —° aniversário de Bhagavan Ramakrishna Paramahansa. Para a celebração desta grande ocasião e para a manutenção do Alambazar Math os fundos são absolutamente necessários. Se você acha que a causa merece sua simpatia, ficaremos muito gratos em receber sua contribuição para o grande trabalho.

Atenciosamente,

(Nome)

Se você conseguir dinheiro mais do que suficiente, gaste apenas um pouco e guarde o excedente como fundo de reserva para custear suas despesas. Com o pedido de oferecer a comida ao Senhor, não faça com que todos esperem até ficar doente para ter um jantar estragado e desagradável. Faça dois filtros e use essa água filtrada para cozinhar e beber. Ferva a água antes de filtrar. Se fizer isto, nunca mais ouvirá falar de malária. Fique de olho na saúde de todos. Se você conseguir desistir de ficar deitado no chão – em outras palavras, se conseguir dinheiro para isso, será realmente excelente. Roupas sujas são a principal causa de doenças. ... Sobre a oferta de comida, deixe-me dizer-lhe que só um pouco de Payasâna (arroz com leite e açúcar) serve. Ele costumava amar isso sozinho. É verdade que a sala de adoração é uma ajuda para muitos, mas não adianta se entregar à comida Râjasika e Tâmasika. Deixe que os cerimoniais dêem lugar, até certo ponto, a um pequeno estudo do Gita ou dos Upanishads ou de outros livros sagrados. O que quero dizer é isto: que haja o mínimo de materialismo possível, com o máximo de espiritualidade. . . . Shri Ramakrishna veio para este ou aquele indivíduo em particular, ou para o mundo em geral? Neste último caso, então você deve apresentá-lo sob uma luz tal que o mundo inteiro possa entendê-lo. . . . Vocês não devem se identificar com nenhuma vida dele escrita por ninguém nem dar sua sanção a ninguém. Não há perigo enquanto tais livros não forem associados ao nosso nome. . . . "Diga sim, sim, para todos e fique com o seu."

. . . Muito obrigado a Mahendra Babu por nos ajudar gentilmente. Ele é um homem de coração muito liberal. ... Quanto a Sanyal, ele alcançará o bem maior fazendo seu trabalho com atenção, isto é, simplesmente servindo aos filhos de Shri Ramakrishna. . . . O irmão Tarak está fazendo um trabalho

muito bom. Bravo! Bom trabalho! Isso é o que nós queremos. Deixe-me ver todos vocês disparando como muitos meteoros! O que Gangadhar está fazendo? Alguns Zemindars em Rajputana o respeitam. Diga-lhe para conseguir algum dinheiro deles como Bhikshâ; então ele é um homem. ...

Agora mesmo li o livro de Akshaya. Dê-lhe cem mil abraços calorosos de minha parte. Através de sua caneta, Shri Ramakrishna está se manifestando. Abençoado seja Akshaya! Deixe-o recitar aquele Punthi antes de todos. Ele deve recitá-lo antes de todos no Festival. Se o trabalho for muito grande, deixe-o ler trechos dele. Bem, não encontro nele uma única palavra irrelevante. Não consigo expressar em palavras a alegria que experimentei ao ler seu livro. Tentem todos vocês para dar ao livro uma venda extensa. Então peça a Akshaya que vá de aldeia em aldeia para pregar. Muito bem Akshaya! Ele está fazendo seu trabalho. Vá de aldeia em aldeia e proclame a todos os ensinamentos de Shri Ramakrishna, pode haver algo mais abençoado do que este? Eu lhe digo, o livro de Akshaya e o próprio Akshaya devem eletrificar as massas. Querido, querido, Akshaya, eu te abençoo de todo o coração, meu querido irmão. Que o Senhor se sente em sua língua! Vá e espalhe seus ensinamentos de porta em porta. Não há nenhuma necessidade de você se tornar um Sannyasin. . . . Akshaya é o futuro apóstolo das massas de Bengala. Cuide muito bem de Akshaya; sua fé e devoção deram frutos.

Peça a Akshaya para escrever estes poucos pontos na terceira seção de seu livro, “A Propagação da Fé”.

1. O que quer que os Vedas, o Vedanta e todas as outras Encarnações tenham feito no passado, Shri Ramakrishna viveu para praticar no decorrer de uma única vida.
2. Não se pode compreender os Vedas, o Vedanta, as Encarnações, e assim por diante, sem compreender a sua vida. Pois ele era a explicação.
3. Desde a data em que nasceu, surgiu a Satya-Yuga (Idade de Ouro). Doravante, haverá um fim para todos os tipos de distinções, e todos, até o Chandâla, serão participantes do Amor Divino. A distinção entre homem e mulher, entre ricos e pobres, alfabetizados e analfabetos, brâmanes e chandalas – ele viveu para erradicar tudo. E ele foi o arauto da Paz – a

separação entre hindus e maometanos, entre hindus e cristãos, tudo isso agora é coisa do passado. Aquela briga por distinções que houve, pertencia a outra época. Nesta Satya-Yuga, a onda do Amor de Shri Ramakrishna unificou tudo.

Diga-lhe para expandir essas ideias e escrevê-las em seu próprio estilo.

Quem quer que seja – homem ou mulher – adorar Shri Ramakrishna, seja ele ou ela tão inferior, será então convertido no mais elevado. Outra coisa, a Maternidade de Deus tem destaque nesta Encarnação. Ele costumava vestir-se de mulher – ele era, por assim dizer, nossa Mãe – e devemos igualmente considerar todas as mulheres como reflexos da Mãe. Na Índia existem dois grandes males. Pisar nas mulheres e oprimir os pobres através de restrições de castas. Ele foi o Salvador das mulheres, Salvador das massas, Salvador de todos, altos e baixos. E deixe Akshaya introduzir sua adoração em todos os lares – brâmane ou Chandala, homem ou mulher – todos têm o direito de adorá-lo. Quem o adorar apenas com devoção será abençoado para sempre.

Diga-lhe para escrever neste estilo. Não importa nada – o Senhor estará ao seu lado.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. ... Peça a Sanyal para me enviar uma cópia de cada um dos Sutras Nârada e Shândilya, e um do Yogavâsishtha, que foi traduzido em Calcutá. Quero a tradução em inglês da última, não uma edição em bengali....

6.4.76 Rakhal

(Traduzido do bengali)

C/O ET STURDY, ESQ.,

LEITURA, CAVERSHAM, INGLATERRA,

1895 .

CARO RAKHAL,

Fico feliz em receber suas cartas. Há dois defeitos nas cartas que todos vocês escrevem, especialmente nas suas. A primeira é que muito poucos dos pontos importantes que pergunto são respondidos. Em segundo lugar, há um atraso incomum na resposta. . . . Tenho que trabalhar dia e noite, e além disso estou sempre girando de um lugar para outro... Estes são países onde as pessoas são mais luxuosas e elegantes, e ninguém tocaria em um homem que tivesse apenas uma partícula de sujeira no corpo. . . . Eu esperava que alguém viesse enquanto eu ainda estava aqui, mas até agora nada foi resolvido, pelo que vejo. ... Negócio é negócio, ou seja, você deve fazer tudo com prontidão; atrasar e embaralhar não adianta. No final da próxima semana irei para a América, portanto não há chance de encontrar aquele que está vindo. . . . Estes são países de estudiosos gigantescos. É uma piada fazer discípulos de tais pessoas? Vocês são apenas crianças e falam como crianças. Só é necessário que haja alguém para ensinar um pouco de sânscrito, ou traduzir um pouco na minha ausência, só isso. Por que não deixar Girish Babu visitar essas terras? É uma boa ideia. Custar-lhe-á apenas 3.000 rúpias para visitar a Inglaterra e a América e regressar. Quanto mais pessoas vierem para esses países, melhor. Mas então fico nervoso ao olhar para aqueles que usam chapéus e se passam por sahibs!

Negros como limpadores de chaminés e que se autodenominam europeus! Por que não usar trajes campestres, como convém aos cavalheiros? – Em vez disso, para aumentar aquela aparência assustadora! Deus do céu! . . . Aqui, como em nosso país, é preciso gastar do próprio bolso para dar palestras, mas é possível compensar as despesas se vivermos o suficiente e construirmos reputação. Outra coisa, minhas incessantes palestras estão deixando minha constituição muito nervosa, causando insônia e outros problemas. Além disso, tenho que trabalhar sozinho. Não adianta depender dos meus compatriotas. Ninguém (em Bengala) até agora me ajudou com um centavo, nem uma única alma se apresentou em meu auxílio. Todos neste mundo procuram ajuda, e quanto mais você o ajuda, mais ele deseja. E se você não puder fazer mais nada, ele o chamará de trapaceiro... Eu o amo - e confio nele... Ele estará livre de doenças através da graça do Senhor. Assumo toda a responsabilidade dele. . . .

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

6.4.77 SHASHI

(Traduzido do bengali)

C/O ET STURDY, ESQ.,
HIGH VIEW, CAVERSHAM, INGLATERRA,
1895 .

CARO SHASHI,

. . . Recebi hoje a carta de Rakhal. Lamento ouvir isso - sofreu com cascalho. Muito provavelmente foi devido à indigestão. As dívidas de Gopal foram saldadas; agora peça-lhe que se junte à ordem monástica. O instinto de sabedoria mundana é muito difícil de erradicar. . . . Deixe-o vir trabalhar na matemática. A pessoa tende a absorver muitas idéias maliciosas por se preocupar por muito tempo com assuntos mundanos. Se ele se recusar a fazer o voto monástico, por favor, diga-lhe para ir embora. Não quero homens anfíbios que sejam metade monges e metade chefes de família. . . . Haramohan cunhou um Senhor Ramakrishna Paramahansa, pelo que vejo. O que ele quer dizer? Senhor inglês ou duque? Diga a Rakhal, deixe as pessoas dizerem o que quiserem - "Os homens (que criticam erroneamente) devem ser tratados como vermes!" como Shri Ramakrishna costumava dizer. Que não haja disparidade entre o que você professa e o que você faz, evite também o próprio nome de Jesuitismo. Alguma vez fui um hindu ortodoxo, paurânika, um adepto dos usos sociais? Eu não poso como tal. Você não terá que dizer coisas que sejam agradáveis para qualquer grupo de pessoas. Você não deve sequer notar o que os bengalis dizem a favor ou contra nós. . . . Eles não poderiam prestar um serviço que valesse um centavo àquele cujo nascimento santificou o seu país, onde as leis primárias de saúde e saneamento são pisoteadas, e ainda assim eles falariam alto! O que importa, meu irmão, é o que esses homens

têm a dizer! . . . Cabe a você continuar fazendo seu próprio trabalho. Por que olhar para os homens em busca de aprovação, olhar para Deus! Espero que Sharat seja capaz de ensinar-lhes o Gita e os Upanishads e seus comentários de alguma forma, com a ajuda do dicionário. — Ou é um Vairâgya vazio que você tem? Os dias de tal Vairagya acabaram! Não cabe a todos, meu rapaz, tornar-se Ramakrishna Paramahansa! Espero que Sharat já tenha começado a esta altura. Por favor, envie uma cópia do Panchadashi, uma cópia do Gita (com tantos comentários quanto possível), uma cópia de cada um dos Sutras Nârada e Shândilya (publicados em Varanasi), uma tradução (boa, não inútil) do Panchadashi - se está disponível - e a tradução de Kâlivara Vedântavâgisha do Comentário de Shankara. E se houver alguma tradução, bengali ou inglesa (por Shrish Babu de Allahabad), dos Sutras de Pânini, ou do Kâshikâ-Vritti, ou do Phani-Bhâshya, por favor envie uma cópia de cada um. ... Agora, diga aos seus bengalis para me enviarem uma cópia do Dicionário Vâchaspatya, e isso será um bom teste para aquelas pessoas que falam alto. Na Inglaterra, os movimentos religiosos progridem muito lentamente. Essas pessoas aqui são intolerantes ou ateus. E os primeiros, novamente, têm apenas um pouco de religião formal. Eles dizem: “O patriotismo é a nossa religião”. Isso é tudo.

Envie os livros para a América, a/c Miss Mary Phillips, 19 West 38th Street, Nova York, EUA. Esse é meu endereço americano. No final de novembro irei para a América. Então mande meus livros etc., para lá. Se Sharat começou imediatamente após o recebimento da minha carta, só eu poderei encontrá-lo, caso contrário, não. Negócios são negócios, não é brincadeira de criança. O Sr. Sturdy cuidará dele e o acomodará. Desta vez vim à Inglaterra apenas para sondar um pouco. No próximo verão tentarei fazer alguma agitação. No inverno seguinte, irei para a Índia. . . . Corresponder regularmente com aqueles que estão interessados em nós, de modo a manter o seu interesse. Tente abrir centros em lugares por toda Bengala... Isso é tudo por enquanto. Na próxima darei mais detalhes. O Sr. Sturdy é um cavalheiro muito simpático, um vedantista convicto e entende um pouco de sânscrito. É com muito trabalho que se pode trabalhar um pouco nestes países; uma tarefa árdua, com frio e chuva ainda por cima. Além disso, aqui você deve se sustentar e fazer seu trabalho de amor. Os ingleses não gastarão um centavo em palestras ou coisas desse tipo. Se eles vierem ouvi-

lo, agradeça às suas estrelas - como é o caso em nosso país. Além disso, as pessoas comuns daqui nem me conhecem agora. Além de tudo isso, eles lhe darão um amplo espaço se você pregar Deus e coisas assim para eles. Eles acham que este deve ser outro clérigo! Bem, você apenas faz uma coisa pacientemente - comece a coletar tudo o que os livros, começando com o Rig-Veda até o mais insignificante dos Puranas e Tantras, têm a dizer sobre a criação e aniquilação do universo, sobre raça, céu e inferno, a alma, consciência e intelecto, etc., os órgãos dos sentidos, Mukti, transmigração e coisas semelhantes. Nenhuma brincadeira de criança serviria, quero um trabalho acadêmico de verdade. O mais importante é coletar os materiais. Meu amor a todos vocês.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

6.4.78 Rakhal

(Traduzido do bengali)

1895 .

CARO RAKHAL,

. . . A sua sugestão para que eu volte para a Índia é sem dúvida correcta, mas uma semente foi lançada neste país e existe a possibilidade de ela ser cortada pela raiz se eu partir de repente. Por isso tenho que esperar algum tempo. Além disso, será possível administrar tudo muito bem a partir daqui. Todos me pedem para voltar à Índia. Está tudo bem, mas você não vê que não é sábio depender dos outros. Um homem sábio deve permanecer firme nas próprias pernas e agir. Tudo acontecerá lentamente. Por enquanto não se esqueça de estar atento a um site. Queremos um lote grande – de cerca de dez a vinte mil rúpias – que deve estar bem no Ganges. Embora meu capital seja pequeno, sou extremamente ousado. Fique de olho em proteger o terreno. Actualmente teremos de trabalhar em três centros, um em Nova Iorque, outro em Calcutá e um terceiro em Madras. Então, gradualmente,

conforme o Senhor providenciar. ... Você deve ficar atento à sua saúde; deixe todo o resto estar subordinado a isso. ...

O irmão Tarak está ansioso para viajar. Bem, é bom, mas estes são países muito caros; um pregador precisa aqui de pelo menos mil rúpias por mês. Mas o irmão Tarak tem ousadia e é Deus quem provê tudo. É verdade, mas ele deve melhorar um pouco o inglês. A questão é que é preciso arrancar o pão das mandíbulas dos estudiosos missionários. Isto é, é preciso prevalecer sobre essas pessoas por meio do aprendizado, ou seremos surpreendidos de uma só vez. Eles não entendem nem os Sadhus nem os seus Sannyasins, nem o espírito de renúncia. O que eles compreendem é a vastidão do aprendizado, a demonstração de eloquência e tremenda atividade. Além disso, todo o país estará à procura de falhas, o clero tentará dia e noite esnobá-lo, através da força ou dolo. Você deve se livrar dessas obstruções para pregar suas doutrinas. Pela misericórdia da Mãe Divina tudo é possível. Mas, na minha opinião, se o irmão Tarak continuar a fundar algumas sociedades no Punjab e em Madras, e vocês se organizarem, será a melhor coisa. É realmente uma grande coisa descobrir um novo caminho, mas é uma tarefa igualmente difícil limpar esse caminho e torná-lo espaçoso e agradável. Se você viver por algum tempo em lugares onde semeei as sementes dos ideais do nosso Mestre e conseguir transformar as sementes em plantas, estará fazendo um trabalho muito maior do que o meu. O que farão aqueles que não conseguem administrar algo já pronto em relação às coisas que ainda estão por vir? Se você não consegue colocar um pouco de sal em um prato quase pronto, como vou acreditar que você vai coletar todos os ingredientes? Deixe o irmão Tarak, como alternativa, iniciar uma aula de matemática do Himalaia em Almora e ter uma biblioteca lá, para que possamos passar parte do nosso tempo livre em um lugar fresco e praticar exercícios espirituais. Contudo, não tenho nada a dizer contra qualquer curso específico que alguém possa ser levado a adotar; pelo contrário, velocidade de Deus - "

शिवा वः सन्तु पश्यातः — Que sua jornada seja próspera "Diga a ele para esperar um pouco. Qual a vantagem de estar com pressa? Todos vocês viajarão pelo mundo inteiro. Coragem! O irmão Tarak tem uma grande capacidade de trabalho dentro dele. Daí Eu espero muito dele... Você se lembra, eu suponho, de como, depois da morte de Shri Ramakrishna, todos nos

abandonaram como garotos maltrapilhos e inúteis. hora de necessidade. E nunca seremos capazes de pagar nossas dívidas para com eles... Diga a Chuni Babu em particular que ele não tem nada a temer, que aqueles que são protegidos pelo Senhor devem estar acima do medo. , mas as glórias do Senhor são infinitas. माझैः माझैः - Descarte o medo. Não deixe sua fé ser abalada... O perigo tem algum poder sobre alguém que o Senhor levou para Seu rebanho?

Sempre seu,

VIVEKANANDA.

6.4.79 SRA. TOURO

C/O ET STURDY, ESQ.,

HIGH VIEW, CAVERSHAM, READING, INGLATERRA,

17 de setembro de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

O Sr. Sturdy e eu queremos conseguir alguns dos melhores, digamos, homens fortes e inteligentes da Inglaterra para formar uma sociedade e, portanto, devemos avançar lentamente. Devemos tomar cuidado para não sermos atropelados por “modismos” desde o início. Vocês saberão que essa também tem sido minha política na América. O Sr. Sturdy está na Índia vivendo com nossos Sannyasins há algum tempo. Ele é um homem extremamente enérgico, educado e bem versado em sânscrito. ... Até agora tudo bem. ... Pureza, perseverança e energia - esses três eu quero, e se conseguir apenas meia dúzia aqui, meu trabalho continuará. Tenho grandes chances de conseguir alguns.

VIVEKANANDA.

6.4.80 SRA. TOURO

LEITURA, INGLATERRA,

24 de setembro de '95.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Ainda não fiz nenhum trabalho visível, exceto ajudar o Sr. Sturdy a estudar sânscrito. ... O Sr. Sturdy quer que eu traga um monge da Índia dentre meus irmãos para ajudá-lo quando eu estiver na América. Escrevi para a Índia por um motivo. . . . Até agora está tudo bem. Estou esperando a próxima onda. “Não evite e não busque – espere o que o Senhor manda”, é o meu lema. . . . Sou um escritor lento, mas o coração está cheio de gratidão.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.81 MÃE

C/O ET STURDY, ESQ.,

VISTA ALTA, CAVERSHAM, LEITURA,

INGLATERRA,

Outubro de 1895.

QUERIDA MÃE, (Sra. F. H. Leggett)

Você não esqueceu seu filho? Onde você está agora? E Tante e os bebês? E quanto ao nosso santo adorador em seu santuário? Joe Joe não está entrando no “Nirvana” tão cedo, mas seu profundo silêncio quase parece um grande “Samadhi”.

Você está em movimento? Estou gostando muito da Inglaterra. Estou vivendo filosofia com meu amigo, deixando uma pequena margem para comer e fumar. Não estamos obtendo nada além de Dualismo e Monismo e todo o resto deles.

Hollister tornou-se muito viril, suponho, com suas calças compridas; e Alberta está estudando alemão.

Os ingleses aqui são muito amigáveis. Exceto alguns anglo-indianos, eles não odeiam de forma alguma os homens negros. Nem mesmo eles vão me gritar nas ruas. Às vezes me pergunto se meu rosto ficou branco, mas o espelho diz a verdade. No entanto, eles são todos muito amigáveis aqui.

Mais uma vez, os homens e mulheres ingleses que amam a Índia são mais hindus do que os próprios hindus. Estou cozinhando muitos vegetais, você ficará surpreso em saber, perfeitamente à la Indienne. Quando um inglês aborda uma coisa, ele vai até o fundo. Ontem conheci um Prof. Fraser, um alto funcionário aqui. Ele passou metade de sua vida na Índia; e ele viveu tanto no pensamento e na sabedoria antigos que não se importa com nada da Índia!! Você ficará surpreso ao ouvir que muitos dos pensativos homens e mulheres ingleses pensam que a casta hindu é a única solução para o problema social. Com essa ideia na cabeça você pode imaginar como eles odeiam os socialistas e outros social-democratas!! Mais uma vez, aqui os homens – e os mais instruídos – têm o maior interesse no pensamento indiano, e muito poucas mulheres. A esfera da mulher é mais estreita aqui do que na América. Até agora está tudo indo muito bem comigo. Avisarei você sobre quaisquer desenvolvimentos futuros.

Com meu amor ao paterfamilias, à Rainha Mãe, a Joe Joe (sem título) e aos bebês,

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.82 QUERIDO-

LEITURA, INGLATERRA,

4 de outubro de 1895.

QUERIDO- ,

. . . Pureza, paciência e perseverança superam todos os obstáculos. Todas as grandes coisas devem necessariamente ser lentas. . . .

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

6.4.83 Rakhal

(Traduzido do bengali)

C/O ET STURDY,

VISTA ALTA, CAVERSHAM, LEITURA,

4 de outubro de 1895.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Você sabe que agora estou na Inglaterra. Ficarei aqui cerca de um mês e voltarei para a América. No próximo verão irei novamente à Inglaterra. Atualmente não há muitas perspectivas na Inglaterra, mas o Senhor é onipotente. Vamos esperar e ver. . . .

É impossível que... venha agora. A questão é que o dinheiro pertence ao Sr. Sturdy e precisamos do tipo de homem de que ele gosta. O Sr. Sturdy recebeu minha iniciação e é um homem muito empreendedor e bom.

Em primeiro lugar, queremos um homem que tenha um domínio completo do inglês e do sânscrito. É verdade que ele poderá aprender inglês em breve, caso venha para cá, mas ainda não posso trazer homens para aprender aqui. Queremos aqueles, primeiro, que vão saber ensinar. Em segundo lugar, confio naqueles que não me abandonarão tanto na prosperidade como na adversidade. . . . São necessários os homens mais confiáveis. Então, depois que o alicerce for lançado, quem quiser, venha e faça barulho, não há medo. — não deu nenhuma prova de sensatez ao deixar-se levar pela confusão e juntar-se ao partido daqueles charlatões. Senhor, admito que Ramakrishna Paramahansa foi uma farsa, admito que

foi um erro muito grave, de fato, refugiar-se nele, mas qual é a saída agora? E se uma vida for gasta em vão, mas o homem engolir as suas próprias palavras? Pode existir uma dúzia de maridos? Qualquer um de vocês pode se juntar a qualquer partido que quiser, não tenho nenhuma objeção, não, nem um pouco, mas viajando por todo o mundo descubro que, salvo e exceto apenas em seu círculo, em todos os outros lugares o pensamento e a ação estão em desacordo. Para aqueles que pertencem a ele, tenho o maior amor, a maior confiança. Não tenho alternativa no assunto. Chame-me de unilateral, se quiser, mas aí está minha confissão genuína. Se apenas um espinho pica o pé de alguém que se rendeu a Shri Ramakrishna, isso faz meus ossos doerem. Todos os outros eu amo; você encontrará muito poucos homens tão pouco sectários quanto eu; mas você deve me desculpar, eu tenho um pouco de intolerância. Se eu não apelar para o nome dele, de quem mais recorrerei? Será tempo suficiente para procurarmos um grande Guru em nosso próximo nascimento; mas nisso foi aquele brâmane inculto que comprou este meu corpo para sempre.

Eu lhe dou um pouco do que penso; não fique com raiva, ore. Eu sou seu escravo enquanto você for dele - dê um passo para fora disso e você e eu estaremos no mesmo nível. Todas as seitas e sociedades que você vê, toda a multidão delas, dentro ou fora do país, ele já engoliu todas elas, meu irmão.

"मयैवैते निहताः पूर्वमेव निमित्तमात्रं भव सव्यसाचिन्

— Estes foram verdadeiramente mortos por Mim mesmo há muito tempo, seja apenas o instrumento, ó Arjuna." Hoje ou amanhã eles serão fundidos em seu próprio corpo. Ó homem de pouca fé! Através de sua graça, "ब्रह्माण्डं गोष्पदायते — O todo o universo se torna a marca do casco da vaca." Não sejam traidores, isso é um pecado além da expiação. Nome, fama, boas ações, "यज्जुहोषि यत्तपस्यसि यदश्रासि - Quaisquer que sejam os sacrifícios que você realiza, quaisquer que sejam as penitências que você sofre, o que quer que você coma " - entregue tudo a seus pés. O que diabos nós queremos? Ele nos deu refúgio, o que mais queremos? Bhakti é na verdade sua própria recompensa - o que mais é necessário? Meu irmão, aquele que nos fez homens alimentando-nos e vestir e transmitir sabedoria e conhecimento, que abriu os olhos de nós mesmos, a quem dia e noite encontramos o Deus vivo - devemos ser traidores dele !!! Krishna e Jesus são assuntos de

história antiga, e há dúvidas sobre sua historicidade, e você, apesar de ver a grandeza da vida de Shri Ramakrishna em carne e osso, às vezes perde a cabeça! Que vergonha! Não tenho nada a dizer. Sua semelhança está sendo adorada dentro e fora do seu país, por homens ímpios e sem coração, e você às vezes fica preso na descrença!! Num piscar de olhos, ele criará para si mesmo centenas de milhares de pessoas como você. Abençoado é o seu nascimento, abençoado a sua linhagem e abençoado o seu país por lhe ter sido permitido tirar o pó dos pés dele. Bem, eu não posso ajudar. Ele está nos protegendo, na verdade - vejo isso diante dos meus olhos. Louco que você é, é por minha própria força que belezas como as das fadas, e centenas de milhares de rúpias, perdem sua atração e parecem nada para mim? Ou é ele quem está me protegendo? Aquele que não tem fé nele e não tem reverência pela Santa Mãe será um perdedor absoluto, digo-lhe claramente.

. . . Haramohan escreveu sobre a sua situação difícil e diz que será desalojado da sua casa em breve. Ele pediu algumas palestras; mas não tenho nenhum no momento, mas ainda tenho algum dinheiro na minha bolsa, que enviarei a ele. Então ele não precisa ter medo. Eu poderia enviá-lo imediatamente, mas suspeito que o último dinheiro que enviei foi extraviado, por isso adiei o envio. Em segundo lugar, além disso, não conheço nenhum endereço para onde enviá-lo. Vejo que o povo de Madras não conseguiu iniciar o jornal. Vejo que a sabedoria prática está totalmente em falta na raça hindu. Sempre que você prometer fazer algum trabalho, você deve fazê-lo exatamente na hora marcada, ou as pessoas perderão a fé em você. Questões financeiras exigem uma resposta rápida. . . . Se o Mestre Mahashaya estiver disposto, diga-lhe para ser meu agente em Calcutá, pois tenho uma fé implícita nele e ele entende muitas dessas coisas; não cabe a uma turba infantil e barulhenta fazer isso. Diga-lhe que escolha um centro, um endereço que não mude a cada hora e para o qual encaminharei toda a minha correspondência em Calcutá. . . . Negócio é negócio. . . .

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.84 SRA. TOURO

LENDO,

6 de outubro de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

. . . Estou traduzindo um pequeno livro sobre Bhakti com o Sr. Sturdy, com comentários abundantes, que será publicado em breve. Este mês darei duas palestras em Londres e uma em Maidenhead. Isso abrirá caminho para algumas aulas e palestras presenciais. Não queremos fazer barulho, mas ir em silêncio. . .

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.85 AKHANANDANDA

(Traduzido do bengali)

LONDRES,

13 de novembro de 1895.

MEU QUERIDO AKHANDANANDA,

Estou muito feliz em receber sua carta. É um excelente trabalho que você está fazendo. R— é muito liberal e generoso, mas nenhuma vantagem deve ser obtida sobre ele por esse motivo. Sobre a captação de recursos por parte de Shrimân —, bom, é um empreendimento justo; mas, meu rapaz, este é um mundo muito estranho, onde até mesmo os Deuses do Mundo Brahmâ e Vishnu acham difícil escapar das garras da luxúria e do ouro. Onde quer que haja a menor preocupação com dinheiro, existe a possibilidade de mal-entendidos. Que, portanto, ninguém empreenda um trabalho como arrecadar dinheiro em nome da Matemática. ... Sempre que você ouvir falar de algum chefe de família coletando fundos em meu ou em nosso nome com o argumento de erguer um Math, ou algo parecido, a primeira coisa que você deve fazer é desconfiar dele e nunca se dedicar a isso. Ainda mais, à medida

que os chefes de família com recursos pobres recorrem a vários truques para satisfazer as suas necessidades. Portanto, se algum dia um devoto confiável ou um chefe de família com um coração, estando em circunstâncias ricas, empreender trabalhos como a fundação de um Math, ou se os fundos arrecadados forem mantidos sob a custódia de um chefe de família confiável e rico - muito bem, caso contrário, nunca tenha uma mão nisso. Pelo contrário, você deve dissuadir os outros de tal coisa. Você é apenas um menino e ignora a armadilha do ouro. As oportunidades transformarão até mesmo um moralista convicto num trapaceiro. Este é o caminho do mundo.

Não é da nossa natureza fazer um trabalho em conjunto. É a isso que se deve a nossa condição miserável. Quem sabe obedecer sabe comandar. Aprenda a obediência primeiro. Entre estas nações ocidentais, com um espírito de independência tão elevado, o espírito de obediência é igualmente forte. Todos nós somos presunçosos - o que nunca produz nenhum trabalho. Grande empreendimento, coragem sem limites, tremenda energia e, acima de tudo, obediência perfeita – estas são as únicas características que levam à regeneração individual e nacional. Essas características estão totalmente ausentes em nós.

Continue com o trabalho enquanto o está fazendo, mas então você deve prestar atenção especial ao estudo. J— Babu enviou uma revista em hindi, na qual o Pundit R— de Alwar publicou uma tradução do meu discurso em Chicago. Por favor, transmita minha dívida especial e agradecimento a ambos.

Deixe-me agora dirigir-me a você – tome cuidado especial ao iniciar um centro em Rajputana. Deve estar em algum lugar central como Jaipur ou Ajmer. Depois, devem ser estabelecidas filiais em cidades como Alwar e Khetri. Você deve se misturar com todos, não queremos brigar com ninguém. Dê meu abraço amoroso ao Pundit N—; o homem é muito enérgico e com o tempo será um homem muito prático. Apresente meus cumprimentos amorosos ao Sr. M— e —ji também. Uma Associação Religiosa ou algo do tipo está em andamento em Ajmer – o que é? Deixe-me saber tudo sobre isso. M— Babu escreve que ele e outros me escreveram cartas; mas não recebi nenhum até agora. . . . Sobre matemática,

ou centros, ou qualquer coisa do gênero, não adianta começar em Calcutá; Varanasi é o lugar para eles. Tenho muitos planos assim, mas tudo depende de fundos. Você os conhecerá gradualmente. Você deve ter notado pelos jornais que nosso movimento está ganhando terreno cada vez mais na Inglaterra. Cada empresa neste país leva algum tempo para começar. Mas uma vez que John Bull põe a mão em algo, ele nunca o abandona. Os americanos são rápidos, mas são como palha em chamas, pronta para ser extinta. Não pregue ao público que Ramakrishna Paramahansa foi uma Encarnação e coisas desse tipo. Tenho alguns seguidores em - cuide deles. . . . O poder infinito virá até você – não tema. Seja puro, tenha fé, seja obediente.

Ensine contra o casamento de meninos. Nenhuma escritura jamais sanciona isso. Mas, por enquanto, não diga nada contra o casamento de meninas. Diretamente se você parar o casamento dos meninos, o das meninas irá parar por si mesmo. As meninas certamente não vão se casar entre si! Escreva para a secretária, Arya Samaj, de Lahore, perguntando sobre o paradeiro de um Sannyasin chamado Achyutananda que morava com eles. Faça uma investigação especial ao homem. . . . Nunca tema.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.86 SRA. TOURO

LONDRES,

21 de novembro de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Navego pelo Britannic na quarta-feira, dia 27. Meu trabalho até agora tem sido muito satisfatório aqui e tenho certeza de que farei um trabalho esplêndido aqui no próximo verão. . . .

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

6.4.87 ALBERTA

RMS "Britânico",

Manhã de quinta-feira, 5 de dezembro de 1895.

QUERIDA ALBERTA,

Recebi sua bela carta ontem à noite. Muito gentil da sua parte lembrar de mim. Em breve irei ver o "Par Celestial". O Sr. Leggett é um santo, como já lhe disse, e sua mãe é uma imperatriz nata, cada centímetro dela, com um coração de santo por dentro.

Estou tão feliz que você esteja gostando tanto dos Alpes. Eles devem ser maravilhosos. É sempre nesses lugares que a alma humana aspira à liberdade. Mesmo que a nação seja espiritualmente pobre, ela aspira à liberdade física. Conheci um jovem suíço em Londres. Ele costumava vir às minhas aulas. Tive muito sucesso em Londres e, embora não gostasse da cidade barulhenta, fiquei muito satisfeito com as pessoas. Em seu país, Alberta, o pensamento vedântico foi introduzido no início por “excêntricos” ignorantes, e é preciso superar as dificuldades criadas por tais introduções. Você deve ter notado que apenas alguns homens ou mulheres das classes mais altas ingressaram nas minhas aulas na América. Mais uma vez, na América, sendo as classes altas as ricas, todo o seu tempo é gasto a desfrutar da sua riqueza e a imitar (imitando?) os europeus. Por outro lado, na Inglaterra, as idéias vedânticas foram introduzidas pelos homens mais eruditos do país, e há um grande número entre as classes superiores da Inglaterra que são muito atenciosos. Portanto, você ficará surpreso ao saber que encontrei meus terrenos todos preparados e estou convencido de que meu trabalho terá mais influência na Inglaterra do que na América. Acrescente a isso a tremenda tenacidade do caráter inglês e julgue por si mesmo. Com isso você descobrirá que mudei bastante minha opinião sobre a Inglaterra, e fico feliz em confessá-lo. Tenho plena certeza de que faremos ainda melhor na Alemanha. Voltarei para a Inglaterra no próximo verão. Enquanto isso, meu trabalho está em mãos muito competentes. Joe Joe tem

sido para mim o mesmo amigo gentil e puro aqui que na América, e minha dívida para com sua família é simplesmente imensa. Meu amor e bênçãos para Hollister e você. O navio está fundeado por causa do nevoeiro. O comissário gentilmente me cedeu uma cabine inteira para mim. Todo hindu é um Raja, eles pensam, e é muito educado – e o encanto vai quebrar, é claro, quando eles descobrirem que o Raja está sem um tostão!!

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.88 Sra. TOURO

228 WEST 39TH STREET, NOVA IORQUE,

8 de dezembro de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Muito obrigado pela sua gentil nota de boas-vindas. Cheguei na sexta-feira passada, depois de dez dias de uma viagem muito tediosa. Foi muito difícil e, pela primeira vez na minha vida, fiquei muito enjoado. . . . Deixei alguns amigos fortes na Inglaterra que trabalharão na minha ausência, esperando minha chegada no próximo verão. Meus planos ainda não estão definidos sobre o trabalho aqui. Só que eu tenho a ideia de correr para Detroit e Chicago enquanto isso e depois voltar para Nova York. Pretendo abandonar totalmente o plano de palestras públicas, pois acho que a melhor coisa a fazer é abandonar totalmente a questão do dinheiro - seja em palestras públicas ou em aulas particulares. A longo prazo, prejudica e dá um mau exemplo.

Na Inglaterra trabalhei com base neste princípio e recusei até mesmo as coletas voluntárias que eles faziam. O Sr. Sturdy, sendo um homem rico, arcava com a maior parte das despesas de palestras em grandes salas – o resto eu arcava. Funcionou bem. Mais uma vez, para usar uma ilustração um tanto vulgar, mesmo na religião não adianta sobrecarregar o mercado. A oferta deve acompanhar a procura, e apenas a procura. Se as pessoas me

quiserem, farão palestras. Não preciso me preocupar com essas coisas. Se você acha, após consultar a Sra. Adams e a Srta. Locke, que seria viável para mim ir a Chicago para um curso de palestras, escreva-me. É claro que a questão do dinheiro deveria ser deixada totalmente de lado.

Minha ideia é criar grupos autônomos e independentes em lugares diferentes. Deixe-os trabalhar por conta própria e fazer o melhor que puderem. Quanto a mim, não quero me envolver em nenhuma organização. Esperando que você esteja gozando de boa saúde física e mental,

Eu sou seu, no Senhor,

VIVEKANANDA.

6.4.89 Sra. TOURO

228 W. 39TH STREET, NOVA IORQUE,

10 de dezembro de 1895.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Recebi a carta do secretário e terei prazer em dar uma palestra perante o Clube Filosófico de Harvard, conforme solicitado. A dificuldade no caminho é: comecei a escrever a sério, pois quero terminar alguns livros didáticos que servirão de base para o trabalho quando eu partir. Tenho que ler rapidamente quatro livrinhos antes de ir.

Este mês, foram divulgados os editais para as quatro palestras dominicais. As palestras da primeira semana de fevereiro no Brooklyn estão sendo organizadas pelo Dr. Janes e outros.

Atenciosamente, com os melhores votos,

VIVEKANANDA.

6.4.90 IRMÃ

NOVA IORQUE,

29 de dezembro de 1895.

QUERIDA IRMÃ, (Senhorita S. Farmer)

Neste universo onde nada está perdido, onde vivemos no meio da morte na vida, vive todo pensamento que é pensado, em público ou em privado, em vias movimentadas ou nos recantos profundos das florestas primitivas. Eles estão continuamente tentando se tornar auto-corporificados, e até que tenham se incorporado, eles lutarão pela expressão, e qualquer quantidade de repressão não poderá matá-los. Nada pode ser destruído – aqueles pensamentos que causaram o mal no passado também procuram corporificação, para serem filtrados através de expressões repetidas e, finalmente, transfigurados em bem perfeito.

Como tal, há uma massa de pensamento que atualmente está lutando para obter expressão. Este novo pensamento está a dizer-nos para abandonarmos os nossos sonhos de dualismo, do bem e do mal em essência, e do sonho ainda mais selvagem de supressão. Ensina-nos que a lei é uma direção superior e não a destruição. Ensina-nos que não é um mundo de bons e maus, mas de bons e melhores – e ainda melhores. Não chega a nada além de aceitação. Ensina que nenhuma situação é desesperadora e, como tal, aceita toda forma de pensamento mental, moral ou espiritual onde já existe e, sem uma palavra de condenação, diz-lhe que até agora fez bem, agora é a hora de fazer melhor. . O que antigamente era considerado a eliminação do mal, ensina como a transfiguração do mal e a realização do melhor. Acima de tudo, ensina que o reino dos céus já existe se o quisermos, que a perfeição já existe no homem se ele a quiser ver.

As reuniões de Greenacre no verão passado foram tão maravilhosas, simplesmente porque você se abriu totalmente para aquele pensamento que encontrou em você um meio de expressão tão competente, e porque você se posicionou no ensino mais elevado desse pensamento de que o reino dos céus já existe. .

Você foi consagrado e escolhido pelo Senhor como canal para converter esse pensamento em vida, e cada um que o ajuda neste trabalho maravilhoso está servindo ao Senhor.

Nossas escrituras ensinam que aquele que serve aos servos do Senhor é Seu maior adorador. Você é um servo do Senhor e, como discípulo de Krishna, sempre considerarei um privilégio e uma adoração prestar-lhe qualquer serviço no cumprimento de sua missão inspirada, onde quer que eu esteja.

Sempre seu irmão afetuoso,

VIVEKANANDA.

6.4.91 SARADA

(Traduzido do bengali)

Janeiro de 1896.

CARA SARADA,

. . . Sua ideia do artigo é realmente muito boa. Aplique-se a isso de coração e alma. . . . Não importa os fundos. . . . Há muitos que pregam o Cristianismo e o Maometismo – basta pregar a religião do seu próprio país. Mas então, se você conseguir encontrar um muçulmano versado em árabe e mandar traduzir livros antigos em árabe, será um bom plano. Há muito da história indiana na língua persa. Se você puder traduzir os livros aos poucos, será um bom item regular. Queremos um grande número de escritores, então há a difícil tarefa de conseguir assinantes. A saída é esta: você leva uma vida errante; onde quer que você encontre a língua bengali falada, entregue o papel a quem você puder colocar as mãos. Aliste-os com veemência! - eles sempre virariam o rabo no momento em que precisassem gastar alguma coisa. Não importa nada! Empurre! Comecem a contribuir com artigos, todos vocês que puderem. Não basta ficar ocioso. Você cometeu um ato heróico! Bravo! Aqueles que vacilam e vacilam ficarão para trás e você saltará direto para cima de todos! Aqueles que trabalham pela sua própria salvação não terão a sua nem a dos outros. Deixe que a

comoção que você causa ressoe até o fim do mundo. Tem gente que está disposta a encontrar buracos em tudo, mas quando se trata de trabalho não se sente o cheiro deles! Trabalhar! - tanto quanto você mente! Então irei para a Índia e mudarei o país inteiro. Que medo! "Mesmo uma cobra perde seu veneno se insistirem que não tem nenhum." Essas pessoas seguirão o caminho negativo, até que sejam realmente reduzidas a nada! . . .

Gangadhar fez um trabalho heróico correto! Bom trabalho! Kali se juntou a ele no trabalho – três vezes bem feito!! Deixem um ir para Madras e outro para Bombaim, deixem o mundo tremer nas suas dobradiças! Ah, que tristeza! Se eu conseguisse dois ou três como eu, poderia ter deixado o mundo em convulsão. Do jeito que está, tenho que proceder com cuidado. Mova o mundo até os seus alicerces! Envie um para a China, outro para o Japão! O que farão os pobres chefes de família com os seus pedacinhos de vida? Cabe aos Sannyasins, os demônios de Shiva, rasgar os céus com seus gritos de "Hara! Hara! Shambho!"

Atenciosamente

VIVEKANANDA.

6.4.92 IOGEN

(Traduzido do bengali)

228 W. 39, NOVA IORQUE.

24 de janeiro de 1896.

CARO YOGEN,

. . . Lamento muito saber que sua saúde ainda não está bem. Você pode ir para um clima muito frio onde há muita neve no inverno, Darjeeling, por exemplo? A gravidade do resfriado deixará seu estômago em ordem, como aconteceu no meu caso. E você pode abandonar completamente o hábito de usar ghee e temperos? A manteiga é digerida mais rapidamente do que o ghee. ...

Mais três meses e irei para a Inglaterra, para tentar mais uma vez causar algum rebuliço; no inverno seguinte para a Índia — e depois disso, depende do Senhor.

Mostre toda a coragem para a revista que Sarada quer publicar. Peça a Shashi para cuidar disso. Uma coisa é que nem Kali nem ninguém tem necessidade de vir para a Inglaterra no momento. Eu os treinarei primeiro quando for para a Índia, e então eles poderão ir para onde quiserem.

Nós próprios não faríamos nada e zombaríamos dos outros que tentassem fazer alguma coisa – esta é a maldição que provocou a nossa queda como nação. A falta de simpatia e a falta de energia estão na raiz de toda a miséria e, portanto, você deve desistir dessas duas coisas. Quem, senão o Senhor, sabe quais potencialidades existem em indivíduos específicos – deixe que todos tenham oportunidades e deixe o resto para o Senhor. Na verdade, é muito difícil ter um amor igual por todos, mas sem isso não há Mukti.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.93 Sra. TOURO

NOVA IORQUE,

25 de janeiro de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Sua carta para Sturdy foi enviada para mim. Foi muito gentil da sua parte escrever esse bilhete. Este ano, infelizmente, estou ficando sobrecarregado, pois sinto a tensão. Eu quero muito descansar. Portanto, é muito bom, como você diz, que o trabalho de Boston seja iniciado no final de março. No final de abril partirei para a Inglaterra.

Podem ser adquiridos terrenos em grandes lotes em Catskills por muito pouco dinheiro. Há um terreno de 101 acres por US\$ 200. O dinheiro que

tenho pronto, só que não posso comprar o terreno em meu nome. Você é o único amigo neste país em quem tenho total confiança. Se você consentir, comprarei o terreno em seu nome. Os alunos irão para lá no verão e construirão chalés ou acampamentos como quiserem e praticarão meditação. Mais tarde, se conseguirem arrecadar fundos, poderão construir algo. Sinto muito, você não pode vir agora. Amanhã será a última palestra de domingo deste mês. No primeiro domingo do próximo mês haverá uma palestra no Brooklyn; o restante, três em Nova York, com os quais encerrarei as palestras deste ano em Nova York.

Eu trabalhei o meu melhor. Se houver alguma semente de verdade nisso, ela ganhará vida. Então não tenho ansiedade com nada. Também estou ficando cansado de dar palestras e ter aulas. Depois de alguns meses de trabalho na Inglaterra irei para a Índia e me esconderei completamente por alguns anos ou para sempre. Estou satisfeito em minha consciência por não ter permanecido um Swami ocioso. Tenho um caderno que viajou comigo por todo o mundo. Encontro estas palavras escritas há sete anos: "Agora vou procurar um canto e me deitar lá para morrer!" No entanto, todo esse Karma permaneceu. Espero ter resolvido isso. Espero que o Senhor me liberte desta pregação e acrescente boas amarras.

“Se você conhece o Âtman como a existência única e que nada mais existe, por quem, por qual desejo, você se preocupa?” Através de Maya, tudo isso de fazer o bem, etc., entrou em meu cérebro – agora eles estão me deixando. Fico cada vez mais convencido de que não há outro objetivo no trabalho exceto a purificação da alma – para torná-la apta ao conhecimento. Este mundo, com o seu bem e o seu mal, continuará sob várias formas. Somente o mal e o bem assumirão novos nomes e novos assentos. Minha alma anseia por paz e descanso eterno sem perturbações.

"Viva sozinho, viva sozinho. Quem está sozinho nunca entra em conflito com os outros - nunca perturba os outros, nunca é perturbado pelos outros." Eu anseio, ah! Anseio pelos meus trapos, pela cabeça raspada, pelo sono sob as árvores e pela comida da mendicância! A Índia é o único lugar onde, com todos os seus defeitos, a alma encontra a sua liberdade, o seu Deus. Toda esta pompa ocidental é apenas vaidade, apenas escravidão da alma. Nunca mais na minha vida percebi com tanta força a vaidade do mundo.

Que o Senhor quebre a escravidão de todos – que todos possam sair de Maya – é a oração constante de

VIVEKANANDA.

6.4.94 SARADA

(Traduzido do bengali)

BOSTON,

2 de março de 1896.

CARA SARADA,

Sua carta me informou de tudo; mas observo que você nem sequer se refere ao telegrama que enviei sobre a celebração. O dicionário que Shashi enviou há alguns meses ainda não chegou. ... Estou indo para a Inglaterra em breve. Sharat não precisa vir agora; pois eu mesmo estou indo para a Inglaterra. Não quero que pessoas que demoram tanto para se decidirem. Não o convidei para uma digressão europeia e também não tenho dinheiro. Então peça para ele não vir, e ninguém mais precisa.

Ao ler a sua carta sobre o Tibete, perdi todo o respeito pelo seu bom senso. Em primeiro lugar, é absurdo dizer que o livro de Notovitch é genuíno. Você viu alguma cópia original ou a trouxe para a Índia? Em segundo lugar, você diz que viu no Kailas Math o retrato de Jesus e da Mulher Samaritana. Como você sabe que era o retrato de Jesus e não o de um homem na rua? Mesmo dando como certo, como você sabe que não foi colocado na dita Matemática por alguém que era cristão? E as suas opiniões sobre os tibetanos também são doentias; você certamente não viu o coração do Tibete, mas apenas uma orla da rota comercial. Em lugares como esses, apenas a escória de uma nação pode ser enfrentada. Se ao ver os bairros de Chinabazar e Barabazar em Calcutá, alguém chamasse todo bengali de mentiroso, isso seria correto?

Consulte Shashi adequadamente ao escrever qualquer artigo. ... O que você precisa é apenas de obediência. ...

Atenciosamente

VIVEKANANDA.

6.4.95 SRA. TOURO

INDIANA AVE., CHICAGO, IL.,

6 de abril de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Sua amável nota foi devidamente recebida. Tive visitas lindas com meus amigos e já realizei diversas aulas. Tomarei mais alguns e começarei na quinta-feira.

Tudo foi bem organizado aqui, graças à gentileza da Srta. Adams. Ela é tão, tão boa e gentil.

Estou com uma leve febre nos últimos dois dias; então não posso escrever uma carta longa.

Meu amor a todos em Boston.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.96 SRA. TOURO

124 E. 44TH STREET, NOVA IORQUE,

14 de abril de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

... Aqui está uma pessoa curiosa que veio até mim com uma carta de Bombaim. Ele é um mecânico prático e sua única ideia é ver talheres e outras fábricas de ferro neste país... Não sei nada sobre ele, mas mesmo que seja um malandro, gosto muito de fomentar esse tipo de aventureiro. espírito entre meus compatriotas. Ele tem dinheiro suficiente para pagar suas despesas.

Agora, se com toda a cautela, testando sua genuinidade de espírito, você se sentir satisfeito, tudo o que ele deseja é ter algumas oportunidades de conhecer essas fábricas. Espero que ele seja verdade e que você consiga ajudá-lo nisso.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.97 SARADA

(Traduzido do bengali)

NOVA IORQUE,

14 de abril de 1896.

CARA SARADA,

Fico feliz em ouvir tudo em sua carta. Recebi notícias de que Sharat chegou em segurança. Recebi sua carta e a cópia do Indian Mirror. Sua contribuição é boa, continue escrevendo regularmente. ... É muito fácil procurar defeitos, mas a característica de um santo está em procurar méritos - nunca se esqueça disso. ... Você precisa de um pouco de faculdade de administração. ... Agora o que você quer é organização - isso requer obediência estrita e divisão de trabalho. Escreverei tudo, em todos os detalhes, da Inglaterra, para onde começo amanhã. Estou determinado a torná-los trabalhadores decentes e totalmente organizados. ...

O termo “Amigo” pode ser usado com todos. Na língua inglesa você não tem aquele tipo de polidez mesquinha comum em bengali, e esses termos bengalis traduzidos para o inglês tornam-se ridículos. Que Ramakrishna Paramahansa era Deus – e todo esse tipo de coisa – não acontece em países como este. M... tem tendência a colocar essas coisas goela abaixo de todo mundo, mas isso fará do nosso movimento uma pequena seita. Você se mantém distante de tais tentativas; ao mesmo tempo, se as pessoas o adorarem como Deus, não há mal nenhum. Não encoraje nem desencoraje. As massas sempre terão a pessoa, os superiores terão sempre o princípio; queremos ambos. Mas os princípios são universais, não as pessoas. Portanto, atenha-se aos princípios que ele ensinou, deixe as pessoas pensarem o que quiserem de sua pessoa. ... Trégua para todas as brigas, ciúmes e intolerância! Isso vai estragar tudo. "Mas muitos dos primeiros serão os últimos; e os últimos serão os primeiros." "मदुक्तानाञ्च ये भक्तस्ते मे भक्ततमा मताः — Aqueles que são os devotos dos Meus devotos são Meus melhores devotos."

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.98 Sra. TOURO

63 ST. ESTRADA DE GEORGE, LONDRES,

30 de maio de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

. . . Anteontem tive uma ótima visita com o Prof. Max Müller. Ele é um homem santo e parece um jovem apesar dos setenta anos, e seu rosto não tem rugas. Eu gostaria de ter metade do seu amor pela Índia e pelo Vedanta. Ao mesmo tempo ele também é amigo do Yoga e acredita nele. Só que ele não tem paciência com farsas.

Acima de tudo, a sua reverência por Ramakrishna Paramahansa é extrema, e ele escreveu um artigo sobre ele para o século XIX. Ele me perguntou: "O

que você está fazendo para torná-lo conhecido no mundo?" Ramakrishna o encantou durante anos. Não são boas notícias? . . .

As coisas estão acontecendo aqui lentamente, mas de forma constante. Devo começar a partir do próximo domingo minhas palestras públicas.

Atenciosamente, com afeição agradecida,

VIVEKANANDA.

6.4.99 Sra. TOURO

63 ST. ESTRADA DE GEORGE, LONDRES SW,

5 de junho de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

O livro Raja-Yoga está acontecendo esplendidamente. Saradananda vai para os Estados Unidos em breve.

Não gosto que ninguém que eu goste se torne advogado, embora meu pai fosse um. Meu Mestre foi contra, e acredito que aquela família certamente sofrerá com vários advogados. Nosso país está cheio deles; as universidades os produzem às centenas. O que a minha nação quer é coragem e gênio científico. Então, quero que Mohin seja eletricitista. Mesmo que ele falhe na vida, ainda assim terei a satisfação de que ele se esforçou para se tornar grande e realmente útil ao seu país. ... Só na América existe algo no ar que traz à tona o que há de melhor em cada um. ... Quero que ele seja ousado, ousado e lute para abrir um novo caminho para si e para sua nação. Um engenheiro elétrico pode ganhar a vida na Índia.

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

PS. Goodwin está escrevendo para você este e-mail com referência a uma revista nos Estados Unidos. Acho que algo desse tipo é necessário para manter o trabalho unido e, é claro, farei tudo o que puder para ajudá-lo na linha que ele sugere. . . . Acho muito provável que ele venha com Saradananda.

6.4.100 SHASHI

(Traduzido do bengali)

63 ST. ESTRADA DE GEORGE, LONDRES SW,

24 de junho de 1896.

CARO SHASHI,

Max Müller quer que todos os ditos de Shri Ramakrishna sejam classificados, isto é, tudo sobre Karma em um lugar, sobre Vairagya em outro lugar, assim como sobre Bhakti, Jnana, etc., etc. Você deve se comprometer a fazer isso imediatamente. ... Devemos ter o cuidado de apresentar apenas o aspecto universal de seus ensinamentos. . . .

Sharat parte para a América amanhã. O trabalho aqui está chegando ao auge. Já temos fundos para iniciar um Centro em Londres. No mês que vem irei à Suíça passar um ou dois meses lá, depois voltarei para Londres. Qual será a vantagem de eu voltar para casa? — Esta Londres é o centro do mundo. O coração da Índia está aqui. Como posso partir sem estabelecer aqui uma base segura? Absurdo! Por enquanto, Kali estará aqui, diga-lhe para estar pronto. ...

Queremos um grande espírito, uma energia tremenda e um entusiasmo sem limites; nenhuma feminilidade servirá. Tente continuar exatamente como escrevi para você no último. Queremos organização. Organização é poder, e o segredo disso é obediência.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.101 SHASHI

(Traduzido do bengali)

VISTA ALTA, CAVERSHAM, LEITURA,

3 de julho de 1896.

CARO SHASHI,

Envie Kali para a Inglaterra assim que receber esta carta. . . . Ele terá que trazer alguns livros para mim. Eu só tenho o Rig-Veda Samhitâ. Peça-lhe para trazer o Yajur-Veda, o Sâma-Veda, o Atharva-Samhita, tantos Brâhmanas quanto ele puder, começando com o Shatapatha, alguns dos Sutras e o Nirukta de Yâska. . . .

Que não haja demora como no caso de Sharat, mas que Kali venha imediatamente. Sharat foi para a América porque não tinha trabalho para fazer aqui. Ou seja, ele atrasou seis meses e quando ele chegou eu estava aqui. . . .

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.102 FRANQUICENSO

63 ST. ESTRADA DE GEORGE, LONDRES SW,

6 de julho de 1896.

CARO FRANKINCENSE, (Sr. Francis H. Leggett a quem Swamiji se dirigiu desta forma.)

. . . As coisas estão indo muito bem comigo deste lado do Atlântico.

As palestras de domingo foram bastante bem-sucedidas; as aulas também. A temporada terminou e eu também estou completamente exausto. Vou fazer um tour pela Suíça com a senhorita Müller. Os Galsworthys foram muito gentis. Joe (Senhorita Josephine MacLeod, também conhecida como Joe Joe) os trouxe esplendidamente. Eu simplesmente admiro Joe por seu jeito tato e tranquilo. Ela é uma estadista ou mulher feminina. Ela pode exercer um reino. Raramente vi um bom senso tão forte, mas bom, em um ser humano. Voltarei no próximo outono e retomarei o trabalho na América.

Anteontem à noite eu estava em uma festa na casa da Sra. Martin, sobre quem você já deve saber bastante por meio de Joe.

Bem, o trabalho está crescendo silenciosamente, mas de forma segura, na Inglaterra. Quase todos os outros homens ou mulheres vieram até mim e falaram sobre o trabalho. Este Império Britânico, com todas as suas desvantagens, é a maior máquina que já existiu para a disseminação de ideias. Pretendo colocar minhas ideias no centro desta máquina, e elas se espalharão por todo o mundo. É claro que todo grande trabalho é lento e as dificuldades são muitas, especialmente porque nós, hindus, somos a raça conquistada. No entanto, essa é a razão pela qual está fadado a funcionar, pois os ideais espirituais sempre vieram dos oprimidos. Os judeus dominaram o Império Romano com seus ideais espirituais. Você ficará satisfeito em saber que também aprendo diariamente minhas lições de paciência e, acima de tudo, de simpatia. Acho que estou começando a ver o Divino, mesmo dentro dos altos e poderosos anglo-indianos. Acho que estou lentamente me aproximando daquele estado em que deveria ser capaz de amar o próprio “Diabo”, se é que existia algum.

Aos vinte anos eu era o fanático mais antipático e intransigente; Eu não andaria na calçada do lado do teatro nas ruas de Calcutá. Aos trinta e três anos, posso morar na mesma casa com prostitutas e nunca pensaria em dizer-lhes uma palavra de censura. É degenerado? Ou será que estou me expandindo para o Amor Universal que é o próprio Senhor? Mais uma vez ouvi dizer que se alguém não vê o mal ao seu redor, não pode fazer um bom trabalho – cai numa espécie de fatalismo. Eu não vejo isso. Por outro lado, meu poder de trabalho está aumentando imensamente e se tornando imensamente eficaz. Alguns dias entro numa espécie de êxtase. Sinto que

devo abençoar a todos, tudo, amar e abraçar tudo, e vejo que o mal é uma ilusão. Estou com um desses estados de espírito agora, querido Francis, e estou realmente derramando lágrimas de alegria ao pensar no amor e na bondade de você e da Sra. Leggett para comigo. Abençoo o dia em que nasci. Eu tive tanta bondade e amor aqui, e aquele Amor Infinito que me trouxe à existência guardou cada uma das minhas ações, boas ou más, (não tenha medo), pois o que sou eu, o que fui, mas uma ferramenta em Suas mãos, por cujo serviço abri mão de tudo, meus amados, minhas alegrias, minha vida? Ele é meu querido brincalhão, eu sou seu companheiro de brincadeiras. Não há rima nem razão no universo! Essa razão o prende? Ele, o brincalhão, está reproduzindo essas lágrimas e risadas em todas as partes da peça! Muito divertido, muito divertido, como diz Joe.

É um mundo engraçado, e o sujeito mais engraçado que você já viu é Ele – o Amado Infinito! Divertido, não é? Irmandade ou camaradagem — uma escola de crianças brincalhonas soltas para brincar neste playground do mundo! Não é? A quem elogiar, a quem culpar, tudo é brincadeira dele. Eles querem explicações, mas como você pode explicá-lo? Ele não tem cérebro, nem tem qualquer razão. Ele está nos enganando com pouca inteligência e razão, mas desta vez não me encontrará cochilando.

Aprendi uma ou duas coisas: Além, além da razão e do aprendizado e da conversa está o sentimento, o “Amor”, o “Amado”. Sim, saquê, encha o copo e ficaremos furiosos.

Seu sempre louco,

VIVEKANANDA.

6.4.103 SRA. TOURO

63 ST. ESTRADA DE GEORGE, LONDRES SW,

8 de julho de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

O povo inglês é muito generoso. Em três minutos, outra noite, minha turma arrecadou £150 para os novos alojamentos para o trabalho do próximo outono. Eles teriam dado £ 500 na hora, se quisessem, mas queremos ir devagar e não nos precipitarmos nas despesas. Haverá muitas mãos aqui para continuar o trabalho, e eles entendem um pouco de renúncia, aqui – o profundo caráter inglês.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

6.4.104 SRA. TOURO

SAAS-GRUND, SUÍÇA,
25 de julho de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Quero esquecer completamente o mundo pelo menos pelos próximos dois meses e praticar bastante. Esse é o meu descanso. ... As montanhas e a neve têm uma influência maravilhosamente calmante sobre mim, e estou dormindo melhor aqui do que há muito tempo.

Meu amor a todos os amigos.

Seu etc.,
VIVEKANANDA.

6.4.105 LALA BADRI SHAH

C/O. ET STURDY, ESQ.,
Vista alta, Caversham, Reading,
5 de agosto de 1896.

CARO SAHJI, (Lala Badri Sah. A carta foi escrita na Suíça.)

Muito obrigado pelas suas amáveis saudações. Tenho uma pergunta a fazer; se você gentilmente me encaminhar as informações que procuro, ficarei muito grato.

Quero começar um curso de matemática em Almora ou perto de Almora. Ouvi dizer que havia um certo Sr. Ramsay que morava em um bangalô perto de Almora e que tinha um jardim ao redor de seu bangalô. Não pode ser comprado? Qual é o preço? Se não for para ser comprado, pode ser alugado?

Você conhece algum lugar adequado perto de Almora onde eu possa construir meu mosteiro com jardim, etc.? Eu preferiria ter uma colina só para mim.

Na esperança de obter uma resposta rápida, continuo, com bênçãos e amor, para você e todos os meus amigos em Almora,

VIVEKANANDA.

6.4.106 SHASHI

(Traduzido do bengali)

LAGO DE LUCERNA, SUÍÇA,

23 de agosto de 1896.

MEU QUERIDO SHASHI,

Hoje recebi uma carta de Ramdayal Babu, na qual ele escreve que muitas mulheres públicas comparecem ao festival de aniversário de Ramakrishna em Dakshineswar, o que torna muitas menos inclinadas a ir para lá. Além disso, na sua opinião, deveria ser marcado um dia para os homens e outro para as mulheres. Minha decisão sobre o assunto é esta:

1. Se as mulheres públicas não estão autorizadas a ir a um local de peregrinação tão importante como Dakshineswar, para onde mais elas irão?

É para os pecadores que o Senhor se manifesta especialmente, e não tanto para os virtuosos.

2. Que as distinções de sexo, casta, riqueza, aprendizagem e toda a sua série, que são tantas portas para o inferno, sejam confinadas apenas ao mundo. Se tais distinções persistem em locais sagrados de peregrinação, onde reside então a diferença entre eles e o próprio inferno?

3. A nossa é uma gigantesca cidade de Jagannâtha, onde aqueles que pecaram e aqueles que não o fizeram, os santos e os cruéis, homens, mulheres e crianças, independentemente da idade, todos têm direitos iguais. Que por um dia, pelo menos no ano, milhares de homens e mulheres se livrem do sentimento de pecado e das ideias de distinção e cantem e ouçam o nome do Senhor, é em si um bem supremo.

4. Se mesmo em um local de peregrinação a tendência das pessoas para o mal não for controlada por um dia, a culpa é sua, não delas. Crie uma onda tão grande de espiritualidade que qualquer pessoa que se aproxime será varrida.

5. Aqueles que, mesmo numa capela, pensariam que esta é uma mulher pública, que o homem é de uma casta inferior, um terço é pobre e ainda outro pertence às massas - menor será o número dessas pessoas (isto é, a quem vocês chamam de senhores), melhor. Aqueles que olham para a casta, sexo ou profissão dos Bhaktas apreciarão nosso Senhor? Rogo ao Senhor que centenas de mulheres públicas possam vir e inclinar a cabeça aos Seus pés; não importa se nenhum cavaleiro vem. Venham mulheres públicas, venham bêbados, venham ladrões e tudo mais - Seu Portão está aberto a todos. “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus.” Nunca deixe que ideias tão cruéis e demoníacas tenham lugar em sua mente.

6. Mas então é necessária alguma vigilância social. Como devemos fazer isso? Alguns homens (velhos, de preferência) devem assumir o cargo de guardas durante o dia. Eles darão voltas ao redor do cenário da festa e, caso encontrem algum homem ou mulher demonstrando linguagem ou conduta inadequada, expulsá-lo-ão imediatamente do jardim. Mas enquanto se comportarem como bons homens e mulheres, eles são Bhaktas e devem ser

respeitados – sejam eles homens ou mulheres, cidadãos honestos ou incastos.

Atualmente estou viajando pela Suíça e em breve irei à Alemanha para ver o Professor Deussen. Voltarei de lá para a Inglaterra por volta de 23 ou 24 de setembro, e no próximo inverno me encontrarei de volta ao meu país.

Meu amor para você e todos.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.107 SRA. TOURO

LUCERNA, SUÍÇA,

23 de agosto de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Recebi seu último hoje. A essa altura você deve ter recebido meu recibo de £ 5 que você enviou. Não sei a que associação você se refere. Não tenho nenhuma objeção a que meu nome seja incluído na lista de membros de qualquer sociedade. Quanto a Sturdy, não sei quais são as suas opiniões. Agora estou viajando pela Suíça; daí vou para a Alemanha, depois para a Inglaterra e no próximo inverno para a Índia. Estou muito feliz em saber que Saradananda e Goodwin estão fazendo um bom trabalho nos EUA. Quanto a mim, não reivindico essas £500 por qualquer trabalho. Acho que já trabalhei o suficiente. Agora vou me aposentar. Mandei chamar outro homem da Índia que se juntará a mim no próximo mês. Eu comecei o trabalho, deixe que outros resolvam. Então você vê, para dar início ao trabalho eu tive que mexer em dinheiro e propriedades, por um tempo. Agora tenho certeza de que minha parte no trabalho está concluída e não tenho mais interesse no Vedanta ou em qualquer filosofia do mundo ou no trabalho em si. Estou me preparando para partir para não voltar mais a este inferno, a este mundo. Até mesmo a sua utilidade religiosa está começando

a me incomodar. Que a Mãe me reúna logo para Si mesma para nunca mais voltar! Essas obras, fazer o bem, etc., são apenas um pequeno exercício para limpar a mente. Eu estava farto disso. Este mundo será um mundo para todo o sempre. O que somos, então vemos. Que trabalha? Trabalho de quem? Não existe mundo. É o próprio Deus. Na ilusão, chamamos isso de mundo. Nem eu, nem tu, nem você - é tudo Ele, o Senhor, todo Um. Portanto, não quero mais nada sobre questões financeiras a partir de agora. É o seu dinheiro. Você gasta o que chega a você da maneira que deseja e as bênçãos o seguem.

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS. Tenho total simpatia pelo trabalho do Dr. Janes e escrevi isso para ele. Se Goodwin e Saradananda puderem acelerar o trabalho nos EUA, boa sorte para eles. Eles não estão de forma alguma vinculados a mim, a Sturdy ou a qualquer outra pessoa. Foi um erro terrível no programa de Greenacre ter sido impresso que Saradananda estava lá com a gentil permissão (licença da Inglaterra) de Sturdy. Quem é Robusto ou qualquer outra pessoa para permitir um Sannyasin? O próprio Sturdy riu e também lamentou. Foi uma loucura. Nada menos que isso. Foi um insulto para Sturdy e teria sido grave para o meu trabalho se tivesse chegado à Índia. Felizmente, rasguei todos aqueles avisos e joguei-os na sarjeta, e me perguntei se seriam os célebres modos "ianques" de que o povo inglês gosta de falar. Mesmo assim, não sou mestre de nenhum Sannyasin neste mundo. Eles fazem o que lhes convém e, se eu puder ajudá-los, essa é toda a minha ligação com eles. Abandonei a escravidão de ferro, o laço familiar – não devo assumir a corrente de ouro da fraternidade religiosa. Eu sou livre, devo ser sempre livre. Desejo que todos sejam livres – livres como o ar. Se Nova York precisar de Vedanta, ou Boston, ou qualquer outro lugar nos EUA, deverá recebê-los, mantê-los e sustentá-los. Quanto a mim, estou praticamente aposentado. Eu desempenhei meu papel no mundo.

AIRLIE LODGE, JARDINS DE RIDGEWAY,
WIMBLEDON, INGLATERRA,

17 de setembro de 1896.

QUERIDA IRMÃ, (Senhorita Harriet Hale.)

Sua tão bem-vinda notícia chegou até mim agora mesmo, quando voltei da Suíça. Estou muito, muito feliz em saber que finalmente você achou melhor mudar de idéia sobre a felicidade do "Casa das Solteiras". Você está perfeitamente certo agora - o casamento é o objetivo mais verdadeiro para noventa e nove por cento da raça humana, e eles viverão a vida mais feliz assim que aprenderem e estiverem prontos para seguir a lição eterna - que estamos obrigados a suportar e tolerar e que a vida para cada um deve ser um compromisso.

Acredite, querida Harriet, a vida perfeita é uma contradição em termos. Portanto, devemos sempre esperar encontrar coisas que não estejam à altura do nosso ideal mais elevado. Sabendo disso, devemos tirar o melhor proveito de tudo. Pelo que sei de você, você tem o poder calmo que suporta e tolera em grande medida e, portanto, posso profetizar com segurança que sua vida de casado será muito feliz.

Todas as bênçãos irão para você e seu noivo e que o Senhor o faça sempre se lembrar da sorte que teve ao conseguir uma esposa como você - boa, inteligente, amorosa e bonita. Receio que seja impossível atravessar o Atlântico tão cedo. Eu gostaria de poder ver seu casamento.

O melhor que posso fazer nessas circunstâncias é citar um de nossos livros: "Que você sempre desfrute do amor indiviso de seu marido, ajudando-o a alcançar tudo o que é desejável nesta vida, e quando você tiver visto os filhos de seus filhos, e o drama da vida está chegando ao fim, que vocês possam ajudar uns aos outros para alcançar esse oceano infinito de Existência, Conhecimento e Bem-aventurança, ao toque de cujas águas todas as distinções se dissolvem e somos todos um! (Uma reminiscência do Shakuntalam de Kalidasa, onde Kanva dá suas bênçãos a Shakuntalâ na véspera de sua partida para a casa de seu marido.)

"Que você seja como Umã, casto e puro durante toda a vida - que seu marido seja como Shiva, cuja vida estava em Uma!"

Seu amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

6.4.109 JOE JOE

C/O SENHORITA MULLER,

AIRLIE LODGE, JARDINS DE RIDGEWAY,

WIMBLEDON, INGLATERRA,

7 de outubro de 1896.

Mais uma vez em Londres, querido Joe Joe, e as aulas já começaram. Instintivamente procurei um rosto familiar que nunca tivesse uma linha de desânimo, nunca mudasse, mas sempre fosse prestativo, alegre e fortalecedor - e minha mente evocou aquele rosto diante de mim, apesar de alguns milhares de quilômetros de espaço. Pois o que é o espaço no reino do espírito? Bem, você foi para sua casa de descanso e paz. Para mim, um trabalho cada vez mais louco; ainda assim, tenho suas bênçãos sempre comigo, não tenho? Minha tendência natural é entrar em uma caverna e ficar quieto, mas um destino atrás me empurra para frente e eu vou. Quem poderia resistir ao destino?

Por que Cristo não disse no Sermão da Montanha: “Bem-aventurados aqueles que estão sempre alegres e sempre esperançosos porque já têm o reino dos céus”? Tenho certeza de que Ele deve ter dito isso, Ele com as tristezas de um mundo inteiro em Seu coração, Aquele que comparou a alma santa à criança - mas isso não foi anotado; de mil coisas eles anotaram apenas uma, quer dizer, lembraram.

A maioria dos nossos amigos veio – um dos Galsworthy também – ou seja, a filha casada. A Sra. Galsworthy não pôde vir hoje; foi muito em cima da hora. Temos um salão agora, bem grande, com capacidade para cerca de

200 pessoas ou mais. Há um grande recanto que será transformado em Biblioteca. Agora tenho outro homem da Índia para me ajudar.

Gostei imensamente da Suíça e também da Alemanha. O Prof. Deussen foi muito gentil – viemos juntos para Londres e nos divertimos muito aqui. O Prof. Max Müller também é muito, muito amigável. Ao todo, o trabalho inglês está se tornando sólido – e respeitável também, visto que grandes estudiosos estão simpatizando. Provavelmente irei para a Índia neste inverno com alguns amigos ingleses. Até agora, sobre meu doce eu.

Agora, e a sagrada família? Tudo está indo bem, tenho certeza. Você já deve ter ouvido falar da Fox. Receio tê-lo deixado desanimado no dia anterior à partida, dizendo-lhe que não poderia se casar com Mabel, até que começasse a ganhar muito dinheiro! Mabel está com você agora? Dê a ela meu amor. Também me dê seu endereço atual.

Como está a mãe? Incenso, o mesmo ouro maciço de sempre, tenho certeza. Alberta, trabalhando em música e línguas, rindo muito e comendo muitas maçãs como sempre? A propósito, agora vivo principalmente de frutas e nozes. Eles parecem concordar bem comigo. Se algum dia o velho médico, com “pousada” em algum lugar, vier ver você, você pode confiar-lhe esse segredo. Perdi boa parte da minha gordura. Mas nos dias em que dou palestras, tenho que comer alimentos sólidos. Como está Hollis? Nunca vi um menino mais doce - que todas as bênçãos o acompanhem ao longo da vida.

Ouvi dizer que seu amigo Cola está dando uma palestra sobre filosofia zoroastrista – certamente as estrelas não estão sorrindo para ele. E a sua senhorita Andreas e o nosso Yogananda? Quais novidades sobre a irmandade dos ZZZ's e da nossa Sra. (esquecida!)? Ouvi dizer que metade de um carregamento de hindus e budistas e maometanos e irmandades e o que não entrou nos EUA, e outro carregamento de buscadores de Mahatma, evangelistas, etc., entrou na Índia! Bom. A Índia e os EUA parecem ser dois países para empreendimentos religiosos. Tenha cuidado, Joe; a corrupção pagã é terrível. Conheci Madame Sterling na rua hoje. Ela não vem mais nas minhas palestras, que bom para ela. Muita filosofia não é boa. Você se lembra daquela senhora que costumava chegar tarde demais a todas as reuniões para ouvir uma palavra, mas imediatamente depois me prendeu e

me manteve falando, até que uma batalha de Waterloo assolasse minha economia interna devido à fome? Ela chegou. Eles estão todos vindo e muito mais. Isso é animador.

Está ficando tarde da noite. Então, boa noite, Joe. (A etiqueta rígida também deve ser seguida em Nova York?) E que Deus o abençoe para todo o sempre.

"O sábio criador do homem, desejando criar uma forma impecável, cuja simetria incomparável deveria transcender em muito as obras mais seletas da criação, reuniu, por sua poderosa vontade, e reuniu em sua mente eterna, um conjunto brilhante de todas as coisas adoráveis, e então, como em uma imagem, moldou-os em uma forma perfeita e ideal, tal como o divino, o protótipo maravilhoso de onde sua bela forma foi moldada. (Shakuntalam de Kalidasa, traduzido por Monier Williams).

Esse é você, Joe Joe; só eu acrescentaria, o mesmo que o criador fez com toda pureza e nobreza e outras qualidades e então Joe foi feito.

Sempre seu, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. Sra. e Sr. Sevier, para cuja casa (apartamento) estou escrevendo agora, enviem seus mais cordiais cumprimentos.

6.4.110 SENHORITA S. E. WALDO

AIRLIE LODGE, JARDINS DE RIDGEWAY,

WIMBLEDON,

8 de outubro de 1896.

QUERIDA (SENHORA S. E. WALDO),

. . . Tive um ótimo descanso na Suíça e fiz grande amizade com o Prof. Paul Deussen. Na verdade, o meu trabalho europeu está a tornar-se mais

satisfatório para mim do que qualquer outro trabalho, e tem um enorme impacto na Índia. As aulas de Londres foram retomadas e hoje é a palestra de abertura. Agora tenho um salão só para mim com capacidade para duzentos ou mais. ...

Você conhece, é claro, a firmeza dos ingleses; entre todas as nações, são os menos ciumentos uns dos outros e é por isso que dominam o mundo. Eles resolveram o segredo da obediência sem servilismo – grande liberdade com grande cumprimento da lei.

Conheço muito pouco sobre o jovem R—. Ele é bengali e sabe ensinar um pouco de sânscrito. Você conhece minha doutrina estabelecida. Não confio em ninguém que não tenha conquistado “luxúria e ouro”. Você pode experimentá-lo em matérias teóricas, mas evite que ele ensine Raja-Yoga – esse é um jogo perigoso, exceto para aqueles regularmente treinados para jogar. De Saradananda, a bênção do maior Iogue da Índia moderna está sobre ele – e não há perigo. Por que você não começa a ensinar? . . . Você tem mil vezes mais filosofia do que esse garoto R—. Envie avisos para a turma e realize palestras e palestras regulares.

Ficarei mil vezes mais satisfeito em ver um de vocês começar do que qualquer número de hindus garantindo o sucesso na América – até mesmo um de meus irmãos. “O homem quer a vitória de todos os lugares, mas a derrota dos próprios filhos”. . . . Faça uma chama! Faça uma chama!

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.111 SRA. TOURO

WIMBLEDON,

8 de outubro de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

. . . Conheci na Alemanha o Prof. Deussen. Fui seu convidado em Kiel e viajamos juntos para Londres e tivemos algumas reuniões muito agradáveis aqui. . . . Embora tenha total simpatia pelos vários ramos do trabalho religioso e social, considero que a especificação do trabalho é absolutamente necessária. Nosso ramo especial é pregar o Vedanta. Ajudar em outro trabalho deve ser subserviente a esse ideal. Espero que você inculque isso fortemente na mente de Saradananda.

Você leu o artigo de Max Müller sobre Ramakrishna? . . . As coisas estão funcionando muito favoravelmente aqui na Inglaterra. O trabalho não é apenas popular, mas também apreciado.

Atenciosamente.,

VIVEKANANDA.

6.4.112 SENHORITA MARIA HALE

14 JARDINS GREYCOAT, WESTMINSTER,

LONDRES, INGLATERRA,

1º de novembro de 1896.

MINHA QUERIDA MARY, (Senhorita Mary Hale.)

“Prata e ouro”, minha querida Maria, “não tenho nenhum; mas o que tenho, eu te dou” gratuitamente, e esse é o conhecimento de que o ouro do ouro, o prateado da prata, a masculinidade do homem, a feminilidade da mulher, a realidade de tudo é o Senhor - e esse Senhor estamos tentando realizar desde o tempo sem começar no objetivo, e na tentativa de lançar criaturas "estranhas" de nossa fantasia como homem, mulher, criança, corpo, mente, a terra, o sol, a lua, as estrelas, o mundo, o amor, o ódio, a propriedade, a riqueza, etc.; também fantasmas, demônios, anjos e deuses, Deus etc.

O fato é que o Senhor está em nós, nós somos Ele, o sujeito eterno, o ego real, que nunca será objetificado, e que todo esse processo de objetificação é mero desperdício de tempo e talento. Quando a alma toma consciência

disso, ela desiste de objetivar e recorre cada vez mais ao subjetivo. Esta é a evolução, cada vez menos no corpo e cada vez mais na mente – o homem é a forma mais elevada, ou seja, em sânscrito, manas, pensamento – o animal que pensa e não o animal que apenas “sente”. Isto é o que em teologia se chama “renúncia”. A formação da sociedade, a instituição do casamento, o amor pelos filhos, as nossas boas obras, a moralidade e a ética são todas diferentes formas de renúncia. Todas as nossas vidas, em todas as sociedades, estão sujeitas à vontade, à sede, ao desejo. Esta rendição da vontade ou do eu fictício – ou o desejo de saltar para fora de nós mesmos, por assim dizer – a luta ainda para objetivar o sujeito – é o único fenômeno neste mundo do qual todas as sociedades e formas sociais são vários modos e estágios. . O amor é o caminho mais fácil e suave para a auto-entrega ou sujeição da vontade e do ódio, o oposto.

As pessoas têm sido persuadidas através de várias histórias ou superstições sobre céus e infernos e Governantes acima do céu, em direção a este fim da auto-rendição. O filósofo faz o mesmo conscientemente, sem superstições, renunciando aos desejos.

Um céu ou milênio objetivo, portanto, só existe na imaginação – mas um céu subjetivo já existe. O cervo almiscarado, depois de uma busca vã pela causa do cheiro do almíscar, finalmente terá que encontrá-la em si mesmo.

A sociedade objectiva será sempre uma mistura do bem e do mal – a vida objectiva será sempre seguida pela sua morte sombria, e quanto mais longa for a vida, mais longa será também a sombra. Somente quando o sol está sobre nossa cabeça é que não há sombra. Quando Deus, o bem e tudo mais estão em nós, não há mal. Na vida objectiva, porém, toda bala tem seu alvo – o mal acompanha todo bem como sua sombra. Cada melhoria está associada a uma degradação igual. A razão é que o bem e o mal não são duas coisas, mas uma só, sendo a diferença apenas na manifestação – uma de grau, não de espécie.

Nossas próprias vidas dependem da morte de outras pessoas – plantas, animais ou bacilos! O outro grande erro que cometemos frequentemente é que o bem é considerado um item sempre crescente, enquanto o mal é uma quantidade fixa. A partir disso, argumenta-se que o mal diminuindo a cada dia, chegará um momento em que somente o bem permanecerá. A falácia

reside na suposição de uma premissa falsa. Se o bem está aumentando, o mal também está. Meus desejos têm sido muito mais do que os desejos das massas da minha raça. Minhas alegrias foram muito maiores que as deles – mas minhas misérias um milhão de vezes mais intensas. A mesma constituição que faz você sentir o mínimo de bem também faz com que você sinta o mínimo de mal. Os mesmos nervos que transmitem as sensações de prazer também transmitem as sensações de dor – e a mesma mente sente ambas. O progresso do mundo significa mais prazer e também mais miséria. Esta mistura de vida e morte, bem e mal, conhecimento e ignorância é o que chamamos de Maya – ou o fenômeno universal. Você pode continuar por toda a eternidade dentro desta rede, buscando a felicidade – você encontrará muito, e muito mal também. Ter o bem e não ter o mal é um absurdo infantil. Dois caminhos ficam abertos – um deles é desistir de toda esperança para aceitar o mundo como ele é e suportar as angústias e sofrimentos na esperança de uma migalha de felicidade de vez em quando. A outra, desistir da busca pelo prazer, sabendo que é dor em outra forma, e buscar a verdade - e aqueles que ousam tentar a verdade conseguem encontrar essa verdade sempre presente - presente em si mesmos. Então descobrimos também como a mesma verdade se manifesta tanto no nosso erro relativo quanto no nosso conhecimento - descobrimos também que a mesma verdade é a bem-aventurança que novamente se manifesta como bem e como mal, e com ela também encontramos a existência real que se manifesta como morte e vida.

Assim, percebemos que todos esses fenômenos são apenas reflexos, bifurcados ou múltiplos, da existência única, verdade-felicidade-unidade - meu verdadeiro Eu e a realidade de todo o resto. Então, e somente então, será possível fazer o bem sem o mal, pois tal alma conheceu e obteve o controle do material do qual tanto o bem quanto o mal são fabricados, e somente ela pode manifestar um ou outro como quiser, e nós saiba que ele manifesta apenas o bem. Este é o Jivan-mukta – a vida livre – o objetivo do Vedanta como de todas as outras filosofias.

A sociedade humana é, por sua vez, governada pelas quatro castas – os sacerdotes, os soldados, os comerciantes e os trabalhadores. Cada estado tem suas glórias e também seus defeitos. Quando o sacerdote (brâmane) governa, há uma tremenda exclusividade por motivos hereditários; as

pessoas dos sacerdotes e seus descendentes estão cercadas por todos os tipos de salvaguardas - ninguém, exceto eles têm qualquer conhecimento - ninguém, exceto eles, têm o direito de transmitir esse conhecimento. Sua glória reside no fato de que neste período foram lançadas as bases das ciências. Os sacerdotes cultivam a mente, pois através da mente eles governam.

O governo militar (Kshatriya) é tirânico e cruel, mas não é exclusivo; e durante esse período as artes e a cultura social atingem o seu apogeu.

A regra comercial (Vaishya) vem a seguir. É terrível em seu poder silencioso de esmagar e sugar sangue. A sua vantagem é que, como o próprio comerciante vai a todo o lado, é um bom divulgador das ideias recolhidas durante os dois estados anteriores. Eles ainda são menos exclusivos que os militares, mas a cultura começa a decair.

Por último virá o governo do trabalhador (Shudra). As suas vantagens serão a distribuição de confortos físicos – as suas desvantagens, (talvez) o rebaixamento da cultura. Haverá uma grande distribuição da educação comum, mas haverá cada vez menos gênios extraordinários.

Se for possível formar um Estado em que o conhecimento do período sacerdotal, a cultura dos militares, o espírito distributivo do comercial e o ideal de igualdade deste último possam ser mantidos intactos, menos os seus males, será ser um estado de negócio. Mas é possível?

No entanto, os três primeiros tiveram o seu dia. Agora é a hora do último - eles devem ter - ninguém pode resistir. Não conheço todas as dificuldades relativas aos padrões ouro ou prata (ninguém parece saber muito sobre isso), mas vejo que o padrão ouro tem tornado os pobres mais pobres e os ricos mais ricos. Bryan estava certo quando disse: “Recusamos ser crucificados numa cruz de ouro”. O padrão prata dará aos pobres uma melhor oportunidade nesta luta desigual. Sou socialista não porque pense que seja um sistema perfeito, mas meio pão é melhor do que pão nenhum.

Os outros sistemas foram testados e considerados deficientes. Que este seja tentado - pelo menos pela novidade da coisa. Uma redistribuição de dor e prazer é melhor do que sempre as mesmas pessoas tendo dores e prazeres.

A soma total do bem e do mal no mundo permanece sempre a mesma. O jugo será levantado ombro a ombro por meio de novos sistemas, só isso.

Que cada cão tenha o seu dia neste mundo miserável, para que depois desta experiência da chamada felicidade todos possam vir ao Senhor e desistir desta vaidade de um mundo e de governos e de todos os outros aborrecimentos.

Com amor para todos vocês,

Sempre seu irmão fiel,

VIVEKANANDA.

6.4.113 SRA. TOURO

JARDINS GREYCOAT,

WESTMINSTER, LONDRES, SW,

13 de novembro de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

... Partirei muito em breve para a Índia, provavelmente no dia 16 de dezembro. Como estou muito desejoso de ver a Índia uma vez antes de voltar para a América, e como combinei levar vários amigos da Inglaterra comigo para a Índia, é impossível para mim ir para a América no meu caminho, por mais que eu tenha gostado. isto.

A Dra. Janes está realmente fazendo um trabalho esplêndido. Mal posso expressar minha gratidão pelas muitas gentilezas e pela ajuda que ele me deu e ao meu trabalho. ... O trabalho está progredindo lindamente aqui.

Você ficará interessado em saber que a primeira edição do Raja-Yoga está esgotada e há um pedido permanente para várias centenas de outras.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.114 LALA BADRI SHAH

RUA VICTORIA, 39,

LONDRES SW,

21 de novembro de 1896.

QUERIDO LALAJI, (Lala Badri Sah)

Chego a Madras por volta do dia 7 de janeiro; depois de alguns dias na planície pretendo subir a Almora.

Tenho três amigos ingleses comigo. Dois deles, o senhor e a senhora Sevier, vão se estabelecer em Almora. Eles são meus discípulos, você sabe, e vão construir o Golias para mim no Himalaia. Foi por esse motivo que pedi que você procurasse algum site adequado. Queremos uma colina inteira, com vista para a cordilheira de neve, só para nós. É claro que levaria tempo para consertar o local e concluir a construção. Enquanto isso, você poderia reservar um pequeno bangalô para meus amigos? O bangalô deve acomodar três pessoas. Eu não preciso de um grande. Um pequeno serviria por enquanto. Meus amigos vão morar neste bangalô em Almora e depois vão procurar um terreno e um prédio.

Você não precisa responder a esta carta, pois antes que sua resposta chegue até mim, estarei a caminho da Índia. Escreverei para você de Madras assim que chegar lá.

Com amor e bênçãos para todos vocês,

Seu,

VIVEKANANDA.

6.4.115 CARO __

(Traduzido do bengali)

C/O E.T STURDY, ESQ.,

VISTA ALTA, CAVERSHAM, LEITURA

1896 .

QUERIDO-

... Alguma coisa pode ser feita a menos que todos se esforcem ao máximo?

"उद्योगिनं पुरुषसिंहमुपैति लक्ष्मीः "etc.— "É ao homem de ação, o coração de leão, que a Deusa da Riqueza recorre." Não há necessidade de olhar para trás.

AVANÇAR! Queremos energia infinita, zelo infinito, coragem infinita e paciência infinita, só então grandes coisas serão alcançadas. . . .

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.116 IRMÃS

39 VICTORIA ST., LONDRES SW,

28 de novembro de 1896.

QUERIDAS IRMÃS, (Senhoritas Mary e Harriet Hale.)

. . . Sinto-me impelido a escrever-lhe algumas linhas antes de minha partida para a Índia. O trabalho em Londres tem sido um sucesso estrondoso. Os ingleses não são tão inteligentes quanto os americanos, mas uma vez que você toca o coração deles, ele é seu para sempre. Lentamente fui ganhando terreno, e é estranho que em seis meses de trabalho ao todo eu tivesse uma turma constante de 120 pessoas, fora as palestras públicas. Aqui todos significam trabalho – o inglês prático. O capitão, a Sra. Sevier e o Sr. Goodwin estão indo para a Índia comigo para trabalhar e gastar seu próprio dinheiro nisso! Há dezenas aqui dispostos a fazer o mesmo: homens e mulheres de posição, prontos a desistir de tudo pela ideia, uma vez que se

sintam convencidos! E por último, mas não menos importante, a ajuda em forma de dinheiro para começar o meu “trabalho” na Índia chegou e mais se seguirá. Minhas idéias sobre os ingleses foram revolucionadas. Agora entendo porque o Senhor os abençoou acima de todas as outras raças. Eles são firmes, sinceros até a espinha dorsal, com sentimentos profundos – apenas com uma crosta de estoicismo na superfície; se isso estiver quebrado, você tem seu homem.

Agora vou abrir um centro em Calcutá e outro no Himalaia. A do Himalaia será uma colina inteira com cerca de 2.200 metros de altura – fresca no verão e fria no inverno. O Capitão e a Sra. Sevier viverão lá, e será o centro dos trabalhadores europeus, pois não quero matá-los, forçando-lhes o modo de vida indiano e as planícies ardentes. O meu plano é enviar vários rapazes hindus a todos os países civilizados para pregar – conseguir que homens e mulheres de países estrangeiros trabalhem na Índia. Esta seria uma boa troca. Depois de estabelecer os centros, vou para cima e para baixo como o cavalheiro do livro de Jó.

Aqui devo terminar para pegar a correspondência. As coisas estão se abrindo para mim. Estou feliz e sei que você também está. Agora todas as bênçãos sejam suas e toda felicidade.

Com amor eterno,

VIVEKANANDA,

PS. E Dharmapala? O que ele está fazendo? Dê a ele meu amor se você o conhecer.

6.4.117 ALBERTA

14 JARDINS GREYCOAT,
WESTMINSTER, LONDRES SW,

3 de dezembro de 1896.

QUERIDA ALBERTA,

Junto anexo uma carta de Mabel para Joe Joe para você. Gostei muito das novidades e tenho certeza que você também gostará.

Devo partir daqui para a Índia no dia 16 e tomar o vapor em Nápoles. Estarei, portanto, alguns dias na Itália e três ou quatro dias em Roma. Ficarei muito feliz em aparecer para me despedir de você.

O Capitão e a Sra. Sevier, da Inglaterra, irão comigo para a Índia e, é claro, estarão comigo na Itália. Você os viu no verão passado.

Pretendo retornar aos EUA e à Europa daqui a cerca de um ano.

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.118 SRA. TOURO

39 VICTORIA STREET, LONDRES,

9 de dezembro de 1896.

PREZADA SENHORA. TOURO,

É desnecessário expressar minha gratidão pela sua oferta mais generosa. Não quero sobrecarregar-me com uma grande quantia de dinheiro no início, mas à medida que as coisas avançam ficarei muito feliz em encontrar emprego por essa quantia. Minha ideia é começar em uma escala muito pequena. Eu não sei de nada ainda. Conhecerei minha orientação quando estiver na Índia. Da Índia escreverei para você mais detalhes sobre meus planos e a maneira prática de realizá-los. Parto no dia 16 e depois de alguns dias na Itália tomo o vapor em Nápoles.

Por favor, transmita meu amor à Sra. Vaughan e Saradananda e ao resto dos meus amigos lá. Quanto a você, sempre o considere o melhor amigo que tenho e será assim por toda a minha vida.

Seu,

VIVEKANANDA.

6.4.119 FRANQUICENSO

13 de dezembro de 1896.

CARO FRANKINCENSE,

Então Gopâla [71] assumiu a forma feminina! É justo que assim seja - considerando a hora e o local. Que todas as bênçãos a acompanhem ao longo da vida. Ela foi profundamente desejada, recebeu oração e é uma bênção para você e sua esposa para o resto da vida. Não tenho a menor dúvida.

Eu gostaria de ter vindo para a América agora, pelo menos para cumprir a forma de “os sábios do Oriente trazendo presentes para o bebê ocidental”. Mas o coração está presente com todas as orações e bênçãos, e a mente é mais poderosa que o corpo.

Parto no dia 16 deste mês e pego o vapor em Nápoles. Certamente veremos Alberta em Roma. Com todo amor à sagrada família,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

6.4.120 ALBERTA

HOTEL MINERVA, FLORENÇA,

20 de dezembro de 1896.

QUERIDA ALBERTA,

Amanhã chegaremos a Roma. Provavelmente irei vê-lo depois de amanhã, pois será tarde da noite quando chegarmos a Roma. Paramos no Hotel

Continental.

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.121 MARIA

RAMNAD,

30 de janeiro de 1897.

MINHA QUERIDA MARIA,

As coisas estão ficando mais curiosas para mim. De Colombo, no Ceilão, onde desembarquei, até Ramnad, o ponto mais meridional do continente indiano, onde estou agora como convidado do Raja de Ramnad, minha jornada tem sido uma enorme procissão - multidões de pessoas, iluminações, discursos, etc., etc. Um monumento de doze metros de altura está sendo construído no local onde aterrissei. O Raja de Ramnad apresentou seu discurso a "Sua Santidade" em um enorme caixão de ouro maciço lindamente trabalhado. Madras e Calcutá estão na ponta dos pés, na expectativa, como se toda a nação estivesse se levantando para me homenagear. Então você vê, Mary, estou no auge do meu destino, mas a mente se volta para a tranquilidade e a paz, para os dias que tivemos em Chicago, de descanso, de paz e de amor; e é por isso que escrevo agora há pouco, e que isso encontre todos vocês com saúde e paz! Escrevi uma carta de Londres para meu pessoal para receber gentilmente o Dr. Barrows. Eles lhe deram uma grande recepção, mas não foi minha culpa que ele não pudesse causar nenhuma impressão ali. O povo de Calcutá é muito teimoso! Agora Barrows pensa demais em mim, pelo que ouvi! Assim é o mundo.

Com todo amor à mãe, ao pai e a todos vocês,

Eu permaneço, seu,

VIVEKANANDA.

6.4.122 SRA. TOURO

ALAMBAZAR MATEMÁTICA, CALCUTÁ,

25 de fevereiro de 1897.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Saradananda envia £ 20 para serem destinadas ao combate à fome na Índia. Mas como há fome na sua própria casa, achei melhor aliviar isso primeiro, como diz o velho provérbio. Portanto, foi empregado de acordo.

Não tenho um momento para morrer enquanto eles ficam, com procissões e tomtomings e vários outros métodos de recepção por todo o país; Estou quase morto. Assim que o aniversário acabar, voarei para as colinas. Recebi um discurso da Conferência de Cambridge, bem como um da Associação Ética do Brooklyn. Um da Associação Vedanta de Nova York, conforme mencionado na carta do Dr. Janes, ainda não chegou.

Também há uma carta do Dr. Janes sugerindo trabalho nos moldes de sua conferência, aqui na Índia. É quase impossível para mim prestar atenção a essas coisas. Estou tão, tão cansado. Não sei se viveria mais seis meses ou não, a menos que descansasse um pouco.

Agora tenho de abrir dois centros, um em Madras e outro em Calcutá. O povo de Madras é mais profundo e sincero e, tenho certeza, será capaz de arrecadar fundos do próprio Madras. O povo de Calcutá é na sua maioria entusiasta (refiro-me à aristocracia) através do patriotismo, e a sua simpatia nunca se materializaria. Por outro lado, o país está cheio de pessoas, invejosas e impiedosas, que não deixariam pedra sobre pedra para despedaçar o meu trabalho.

Mas como você bem sabe, quanto maior a oposição, mais o demônio em mim é despertado. Meu dever não estaria completo se eu morresse sem iniciar os dois lugares, um para os Sannyasins e outro para as mulheres.

Já tenho cerca de 500 libras da Inglaterra, 500 libras do Sr. Sturdy, e se o seu dinheiro for adicionado a isso, tenho certeza de que poderei começar os

dois. Acho, portanto, que você deveria enviar o dinheiro o mais rápido possível. A maneira mais segura é depositar o dinheiro em um banco nos Estados Unidos, em seu e no meu nome, em conjunto, para que qualquer um de nós possa sacá-lo. Caso eu morra antes de o dinheiro ser empregado, você poderá sacar tudo e dar-lhe o uso que eu quiser. Para que, no caso da minha morte, nenhum do meu povo pudesse se intrometer nisso. O dinheiro inglês foi colocado no banco na mesma posição, em nome conjunto do Sr. Sturdy e meu.

Com amor a Saradananda e amor eterno e gratidão a si mesmo,

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.123 MARIA

DARJEELING,

28 de abril de 1897.

QUERIDA MARY,

Há alguns dias recebi sua linda carta. Ontem chegou o cartão anunciando o casamento de Harriet. Senhor abençoe o casal feliz!

Todo o país aqui levantou-se como um só homem para me receber. Centenas de milhares de pessoas, gritando e aplaudindo em todos os lugares, Rajas puxando minha carruagem, arcos por todas as ruas das capitais com lemas em chamas etc.,!!! A coisa toda logo sairá em forma de livro, e você terá um exemplar em breve. Mas infelizmente eu já estava exausto pelo trabalho duro na Inglaterra; e esse tremendo esforço no calor do sul da Índia me prostrou completamente. É claro que tive de desistir de visitar outras partes da Índia e voar até a estação montanhosa mais próxima, Darjeeling. Agora me sinto muito melhor, e mais um mês em Almora completaria a cura. A propósito, acabei de perder a oportunidade de vir para a Europa. Raja Ajit Singh e vários outros Rajas partem no próximo sábado

para a Inglaterra. Claro, eles queriam muito que eu fosse com eles. Mas, infelizmente, os médicos não quiseram ouvir falar de minha realização de nenhum trabalho físico ou mental neste momento. Então, com o maior desgosto, tive que desistir, reservando-o para um futuro próximo.

O Dr. Barrows já chegou à América a esta altura, espero. Pobre homem! Ele veio aqui para pregar o cristianismo mais preconceituoso, com o resultado habitual de que ninguém o ouviu. É claro que eles o receberam muito gentilmente; mas foi minha carta que fez isso. Eu não poderia colocar cérebro nele! Além disso, ele parece ser um tipo estranho de homem. Ouvi dizer que ele ficou furioso com a alegria nacional pela minha volta para casa. De qualquer forma, você deveria ter enviado um homem mais inteligente, pois o Dr. Barrows transformou o Parlamento das Religiões em uma farsa na mente hindu. Em linhas metafísicas, nenhuma nação na terra pode se comparar aos hindus; e, curiosamente, todos os sujeitos que vêm de terras cristãs para cá têm aquela tolice antiquada de argumentar que, porque os cristãos são poderosos e ricos e os hindus não, então o cristianismo deve ser melhor que o hinduísmo. Ao que os hindus respondem muito bem, essa é a razão pela qual o hinduísmo é uma religião e o cristianismo não; porque, neste mundo bestial, é a canalha e só o que prospera, a virtude sempre sofre. Parece que, por mais avançadas que sejam as nações ocidentais na cultura científica, elas são apenas bebês na educação metafísica e espiritual. A ciência material só pode proporcionar prosperidade mundana, enquanto a ciência espiritual é para a vida eterna. Se não houver vida eterna, ainda assim o desfrute dos pensamentos espirituais como ideais é mais intenso e torna o homem mais feliz, enquanto a tolice do materialismo leva à competição e à ambição indevida e à morte final, individual e nacional.

Este Darjeeling é um belo local com vista para o glorioso Kanchenjanga (28.146 pés) de vez em quando, quando as nuvens permitem, e próximo ao topo de uma colina pode-se vislumbrar Gauri Shankar (29.000 pés?) de vez em quando. Então, as pessoas aqui também são tão pitorescas, os tibetanos e nepaleses e, acima de tudo, as belas mulheres Lepcha. Você conhece um Colston Turnbull de Chicago? Ele esteve aqui algumas semanas antes de eu chegar à Índia. Ele parece ter gostado muito de mim, e como resultado todos os hindus gostavam muito dele. E quanto a Joe, a Sra. Adams, a irmã Josephine e todos os outros amigos? Onde estão nossos amados Mills?

Moendo devagar, mas com certeza? Queria enviar alguns presentes de casamento para Harriet, mas com seus “terríveis” deveres devo reservá-los para um futuro próximo. Talvez eu os encontre na Europa muito em breve. Eu ficaria muito feliz, é claro, se você pudesse anunciar seu noivado, e cumpriria minha promessa preenchendo meia dúzia de papéis em uma carta...

Meu cabelo está ficando grisalho em feixes e meu rosto está todo enrugado; essa perda de carne me deu mais vinte anos de idade. E agora estou perdendo carne rapidamente, porque fui obrigado a viver de carne e apenas de carne – sem pão, sem arroz, sem batatas, nem mesmo um torrão de açúcar no meu café!! Estou morando com uma família brâmane que usa calcinhas, exceto as mulheres, é claro! Eu também estou de calcinha. Eu teria lhe dado uma surpresa se você me tivesse visto saltando de rocha em rocha como uma camurça, ou galopando com força e subindo e descendo estradas de montanha.

Estou muito bem aqui, pois a vida nas planícies tornou-se uma tortura. Não posso colocar a ponta do nariz na rua, mas tem uma galera curiosa!! A fama não é só leite e mel!! Vou treinar uma barba grande; agora está ficando cinza. Dá uma aparência venerável e salva dos escândalos americanos! Ó tu, cabelo branco, quanto podes esconder, toda glória a ti, Aleluia!

O tempo do correio está quase acabando, então termino. Bons sonhos, boa saúde, todas as bênçãos o acompanham.

Com amor ao pai e à mãe e a todos vocês,

Seu,

VIVEKANANDA.

6.4.124 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)⁵⁴

ALMORA,

30 de maio de 1897.

CARO SENHOR, [72]

Ouvi dizer que alguma dor doméstica inevitável se abateu sobre você. Para você, homem de sabedoria, o que essa miséria pode fazer? No entanto, as comodidades das relações amistosas, incidentais à existência relativa neste mundo, exigem que eu as mencione. Esses momentos de tristeza, no entanto, muitas vezes trazem à tona uma melhor realização espiritual. Como se por um momento as nuvens se afastassem e o sol da verdade brilhasse. No caso de alguns, metade da escravidão é afrouxada. De todas as amarras, a maior é a da posição — o medo da reputação é mais forte do que o medo da morte; mas mesmo essa escravidão parece relaxar um pouco. Como se a mente visse por um momento que é muito melhor ouvir o Senhor que habita em nós do que as opiniões dos homens. Mas novamente as nuvens se aproximam e esta realmente é Mâyâ.

Embora por muito tempo eu não tenha mantido correspondência direta com você, muitas vezes tenho recebido de outras pessoas quase todas as notícias sobre você. Há algum tempo você gentilmente me enviou para a Inglaterra uma cópia de uma tradução do Gita. A capa trazia apenas uma linha com sua caligrafia. Disseram-me que as poucas palavras em reconhecimento a esse presente levantaram dúvidas em sua mente sobre minha antiga afeição por você.

Por favor, saiba que essas dúvidas são infundadas. A razão desse reconhecimento lacônico é que me foi dado ver, durante quatro ou cinco anos, apenas aquela linha de sua caligrafia na capa de um Gita inglês, fato pelo qual pensei, se você não tivesse tempo para escrever mais, você teria tempo suficiente para ler muito? Em segundo lugar, descobri que você era particularmente amigo dos missionários de pele branca da religião hindu e os nativos negros malandros eram repelentes! Houve apreensão a esse respeito. Terceiro, sou um Mlechchha, Shudra e assim por diante; Eu como tudo e qualquer coisa, e com todo mundo - e isso em público, tanto no exterior quanto aqui. Além disso, em minha opinião, muita perversão ocorreu - um Brahman absoluto e sem atributos, eu vejo, compreendo perfeitamente, e vejo em alguns indivíduos particulares as manifestações especiais desse Brahman; se esses indivíduos são chamados pelo nome de

Deus, posso muito bem segui-lo — caso contrário, a mente não se sente inclinada a teorizações intelectuais como o Postulado Criador e similares.

Vi esse Deus em minha vida e vivo para seguir seus mandamentos. Os Smritis e os Puranas são produções de homens de inteligência limitada e estão cheios de falácias, erros, sentimentos de classe e malícia. Apenas partes deles que respiram amplitude de espírito e amor são aceitáveis, o resto deve ser rejeitado. Os Upanishads e o Gita são as verdadeiras escrituras; Rama, Krishna, Buda, Chaitanya, Nanak, Kabir e assim por diante são os verdadeiros Avatâras, pois eles tinham seus corações amplos como o céu — e acima de tudo, Ramakrishna. Ramanuja, Shankara etc., parecem ter sido meros eruditos com muita estreiteza de coração. Onde está esse amor, esse coração que chora pela tristeza dos outros? — O pedantismo árido do erudito — e a sensação de que só a si mesmo está chegando à salvação, depressa! Mas isso será possível, senhor? Alguma vez foi provável ou será? De qualquer forma, alguma coisa pode ser alcançada com qualquer resquício de “eu”?

Outra grande discrepância: diariamente ganha em minha mente a convicção de que a ideia de casta é o maior fator de divisão e a raiz de Maya; toda casta, seja com base no princípio de nascimento ou de mérito, é escravidão: Alguns amigos aconselham: "É verdade, leve tudo isso em consideração, mas fora, no mundo da experiência relativa, distinções como casta devem ser mantidas." ... A ideia de unidade no coração (com uma impotência covarde de esforço, isto é), e fora, a dança infernal dos demônios - opressão e perseguição - sim, o traficante de morte para os pobres, mas se o O pária seja rico o suficiente: "Oh, ele é o protetor da religião!"

Além disso, percebo em meus estudos que as disciplinas da religião não são para o Shudra; se ele exerce qualquer discriminação em relação à alimentação ou à saída para terras estrangeiras, tudo é inútil no caso dele, apenas uma certa quantidade de trabalho perdido. Eu sou um Shudra, um Mlechchha, então não tenho nada a ver com todo esse incômodo. Para mim, o que importaria a comida de Mlechchha ou a de Pária? É nos livros escritos pelos sacerdotes que se encontram loucuras como as de casta, e não nos livros revelados por Deus. Que os sacerdotes desfrutem dos frutos das

conquistas dos seus antepassados, enquanto eu sigo a palavra de Deus, pois aí está o meu bem.

Outra verdade que percebi é que apenas o serviço altruísta é religião, o resto, como as observâncias cerimoniais, é uma loucura – até mesmo é errado desejar a própria salvação. A libertação é apenas para quem desiste de tudo pelos outros, enquanto outros que sobrecarregam o cérebro dia e noite insistindo na "minha salvação", na "minha salvação", vagam com o seu verdadeiro bem-estar arruinado, tanto presente como futuro; e isso eu já vi muitas vezes com meus próprios olhos. Refletindo sobre todos esses assuntos diversos, não tive coragem de escrever uma carta para você. Se, apesar de todas essas discrepâncias, você descobrir que seu apego por mim está intacto, sentirei que isso é realmente uma questão muito feliz.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.125 SHUDHANANDA

अल्मोड़ा ।

कल्याणवरेणु —

अवजसं कुशलम् तत्रत्यानां वार्ताञ्च सविशेषां तव पत्रिकयाम् ।
ममापि विशेषास्ति शरीरस्य, येषां ज्ञातव्यो निष्कम्पनस्य शब्दगुणस्य
सकाशात् । ब्रह्मानन्देन संस्कृतज्ञ एव शीत्या चतुस्त्वयुता शिक्षा, यदि
पश्चात्परिधर्तनमर्हत्तुपि कारयेत् । सर्वेषां सम्मते गृहीत्वा तु करणीयमिति
न विस्मर्तव्यम् ।

अहमधुना अल्मोडनगरस्य किञ्चिदुत्तरं कस्यचिद्दण्डिज उपवनोपदेशे
निवसामि । सम्मुखे हिमशिखराणि हिमालयाश्च प्रतिफलितत्वाकरकरैः
पिण्डीकृतज्वालानि इव गान्ति प्रीणयन्ति च । अव्याहृतवायुर्गवनेन, गिरीन
भोजनेन, समधिकन्यायामसेवया च सुदृढं सुस्थञ्च सञ्जातं मे शरीरम् ।
योगानन्दः खलु सम्पत्तिकमप्यस्य इति शृणोमि, अमन्ययामि उमागतनुमते ।
विभेत्स्यसौ पुनः पार्वत्याञ्जललुप्योश्च । “उपित्वा कतिपयदिवसान्यत्रोपवने
यदि न तत्त्वद्विशेषो जायेर्गच्छ त्वं कलिकालम्” इत्यलमद्य तमल्लभम् ।
कामिस्त्विति कथिष्यति ।

अच्छदानन्दः प्रतिदिनं सयाह्ने अल्मोडनगरां बीतादिशास्त्रपठं
जननहृत् करेति । बहूनां नगरत्वसिनां स्कन्धावस्थान्यानां च समागमोऽस्ति
तत्र प्रत्यहम् सर्वस्यै ग्रीष्माणि चेति शृणोमि । “सवान्त”
इत्यादि श्लोकस्य वो वज्रार्धस्त्वया लिखितो नास्तीत्यनेन स्मीयते ।
“एति जलप्राप्तिं उद्यमाने नास्ति अर्थः प्रयोजनम्” इत्यस्यार्थः
विषयोऽयमुपन्यासः, किं संलुप्तोदके सति जीवानां नृणां विलुप्ता भवति ।

यद्यपि भवेत्साङ्गान्तिको नियमः, उल्लघ्विते भूतले सति जलपानं
निश्चयं केनचित्पि वायुमण्डलवायवेन केनापि गृहोपायेन जीवानां
नृणां निवारणं स्यात्, तद्व्यावहारिकार्थः सार्थकं भवितुमर्हन्नदथा ।

शंकर प्लानलम्बनीयः ।
इयमपि भवितुमर्हति —

सर्वतः संलुप्तोदकेऽपि भूतले वायानुत्पाने अथः नृणानुत्पाने
(इत्यस्य जलमालं भवेद्विचारः) — “आस्तां तत्रजलराशिः, मम
प्रयोजनम् स्वल्पेऽपि जले सिद्ध्यति” — एवं विजन्तो बाह्यस्य सर्वेषु
वेदेषु अर्थः प्रयोजनम् । यथा संलुप्तोदके पाननावप्रयोजनम् तथा सर्वेषु
वेदेषु ज्ञानावप्रयोजनम् ।

इयमपि व्याख्या अधिकतरं सन्निधिमपन्ना जयकारामिप्रायस्य —

उपप्लावितेऽपि भूतले, पानाय उपादेयं पानाय हितं जलमेव
अविध्यन्ति लोकान् नन्यत् । नानाविधानि जलानि सन्ति भिन्नगुणधर्माणि,
उपप्लावितेऽपि भूमिस्तरज्ज्वात् । एवं विज्ञानं बाह्योऽपि
विविधज्ञानोपप्लाविते वेदार्थे शब्दसमुदे संसात्तुणानिवारणार्थं तदेव
गृहीयात् यद्वलं भवति निश्चयस्य । बाधज्ञानं हि तत् ।

इति शं ताशीर्वाद वेदिकानन्दस्य ।

(Traduzido do sânscrito)

ALMORA,

1º de junho de 1897.

CARO SHUDDHANANDA,

Fico feliz em saber pela sua carta que todos estão bem por lá e em saber as novidades em detalhes. Eu também estou com melhor saúde; o resto você

saberá do Dr. Shashi Bhushan. Deixe o ensinamento continuar por enquanto no método revisado por Brahmananda, e se alguma mudança for necessária no futuro, faça-a. Mas nunca se deve perder de vista que isto deve ser feito com o consentimento de todos.

Agora moro num jardim pertencente a um comerciante situado um pouco ao norte de Almora. Diante de mim estão os picos nevados do Himalaia parecendo, no reflexo do sol, uma massa prateada, uma delícia para o coração. Tomando ar livre, fazendo dieta regular e fazendo bastante exercício, tornei-me forte e saudável no corpo. Mas ouvi dizer que Yogananda está muito doente. Estou convidando-o para vir aqui. Mas ele teme o ar e a água da montanha. Escrevi para ele hoje, dizendo: "Fique neste jardim por algum dia" e se você descobrir que sua doença não melhora, você pode ir para Calcutá. Ele fará o que quiser.

Em Almora, todas as noites Achyutananda reúne as pessoas e lê para elas o Gita e outros Shâstras. Muitos moradores da cidade, assim como soldados do acantonamento, chegam lá diariamente. Aprendo também que ele é apreciado por todos.

A interpretação bengali que você deu do Shloka यावानर्थः [73] etc., não me parece correta. A interpretação em questão é esta: “Quando (o terreno) é inundado com água, para que serve a água potável?” Se a lei da natureza for tal que quando uma terra é inundada com água, é inútil bebê-la, que através de certas passagens aéreas ou de qualquer outro meio recôndito a sede das pessoas possa ser aliviada, só então esta nova interpretação pode ser relevante, caso contrário não. É Shankara quem você deve seguir. Ou você pode explicar desta forma: Como, mesmo quando áreas inteiras são inundadas com água, pequenas piscinas também são de grande utilidade para o sedento (isto é, apenas um pouco de água lhe basta, e ele diz, por assim dizer, "Seja o vasto lençol de água, mesmo um pouco de água satisfará meu objetivo."), de utilidade idêntica são todos os Vedas para um Brâmane erudito. Assim como mesmo quando a terra está inundada, a preocupação é beber a água e nada mais, assim em todos os Vedas a única preocupação é a iluminação.

Aqui está outra interpretação que atinge melhor o significado que o autor deseja transmitir: Mesmo quando a terra está inundada, é apenas aquela

água que é potável e salutar que as pessoas procuram, e nenhum outro tipo. Existem vários tipos de água, que diferem em qualidade e propriedades – mesmo que a terra seja inundada – de acordo com as diferenças de propriedade do seu substrato, o solo. Da mesma forma, um Brâmane habilidoso também, para saciar a sede mundana, escolherá daquele mar de palavras conhecido como os Vedas, que é inundado com diversos cursos de conhecimento, aquele que por si só terá potência para levar à libertação. E é o conhecimento do Brahman que fará isso.

Com bênçãos e bons votos.

Seu,

VIVEKANANDA.

6.4.126 SENHORITA NOBRE

ALMORA,

3 de junho de 1897.

CARA SENHORITA NOBRE,

. . . Quanto a mim, estou bastante contente. Despertei muitos de nosso povo e isso era tudo que eu queria. Deixe as coisas seguirem seu curso e o Karma dominar. Não tenho vínculos aqui abaixo. Eu vi a vida, e é tudo eu - a vida é para mim, o amor para mim, a honra para mim, tudo para mim. Olho para trás e dificilmente encontro qualquer ação que tenha feito por mim mesmo – mesmo minhas ações perversas não foram por mim mesmo. Então estou contente; não que eu sinta ter feito algo especialmente bom ou grande, mas o mundo é tão pequeno, a vida é uma coisa tão mesquinha, a existência é tão, tão servil - que me pergunto e sorrio que os seres humanos, almas racionais, deveriam estar correndo atrás desse eu – um prêmio tão mesquinho e detestável.

Essa é a verdade. Estamos presos numa armadilha e quanto mais cedo alguém sair, melhor para ele. Eu vi a verdade – deixe o corpo flutuar para

cima ou para baixo, quem se importa?

É um lindo parque de montanha onde moro agora. No norte, estendendo-se por quase todo o horizonte, estão pico após pico do Himalaia coberto de neve – florestas abundantes. Aqui não está frio, nem muito quente; as noites e as manhãs são simplesmente deliciosas. Gostaria de estar aqui neste verão e, quando as chuvas começarem, irei para as planícies trabalhar.

Nasci para a vida de um estudioso - aposentado, quieto, debruçado sobre meus livros. Mas a Mãe dispensa o contrário – ainda assim a tendência existe.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.127 Rakhal

(Traduzido do bengali)

ALMORA,

14 de junho de 1897.

CARO RAKHAL,

Estou totalmente de acordo com o assunto da carta de Charu que você me enviou.

No proposto Discurso à Rainha-Imperatriz devem ser observados os seguintes pontos:

1. Que deve estar livre de exageros, em outras palavras, declarações no sentido de que ela é a regente de Deus e assim por diante, que são tão comuns para nós, nativos.
2. Que todas as religiões foram protegidas durante o seu reinado, temos sido capazes de pregar destemidamente as nossas doutrinas Vedânticas tanto na

Índia como na Inglaterra.

3. A sua bondade para com os pobres indianos - como, por exemplo, o facto de inspirar os ingleses a actos únicos de caridade, contribuindo ela própria para a causa do alívio da fome.

4. Oração pela sua longa vida e pelo crescimento contínuo da felicidade e da prosperidade entre as pessoas dos seus domínios.

Faça com que isto seja escrito em inglês correto e envie-o para mim em Almora, e eu o assinarei e enviarei para Simla. Deixe-me saber a quem deve ser endereçado em Simla.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Deixe Shuddhananda preservar uma cópia das cartas semanais que ele me escreve do Math.

V.

6.4.128 KANDHANANDA

(Traduzido do bengali)

ALMORA,

15 de junho de 1897.

MEU QUERIDO AKHANDANANDA,

Estou recebendo relatos detalhados de vocês e ficando cada vez mais encantado. É esse tipo de trabalho que pode conquistar o mundo. O que importam as diferenças de seita e opinião? Bravo! Aceite com mil abraços e bênçãos minhas. Trabalhe, trabalhe, trabalhe - não me importo com mais nada. Trabalhe, trabalhe, trabalhe, até a morte! Aqueles que são fracos devem tornar-se grandes trabalhadores, grandes heróis – não importa o

dinheiro, ele cairá dos céus. Deixe que aqueles cujos presentes você aceitar, dêem em seu próprio nome, se quiserem, sem nenhum dano. De quem é o nome e quanto vale? Quem se importa com o nome? Fora com isso! Se na tentativa de levar pedaços de comida para bocas famintas, nome e posse e até mesmo todos estiverem condenados - अहो भाग्यमहो भाग्यम् - três vezes abençoado és tu! É o coração, o coração que conquista, não o cérebro. Livros e aprendizado, Ioga, meditação e iluminação – tudo não passa de pó comparado ao amor. É o amor que lhe dá os poderes sobrenaturais, o amor que lhe dá Bhakti, o amor que dá iluminação e o amor, novamente, que remete à emancipação. Na verdade, isso é adoração, adoração ao Senhor no tabernáculo humano, "नेदं यदिदमुपासते - não é isso que as pessoas adoram". (Isso são outras coisas além de Deus.) Este é apenas o começo, e a menos que nos espalhemos por toda a Índia, ou melhor, por toda a terra, dessa forma, onde reside a grandeza de nosso Senhor!

Deixe as pessoas verem se o toque dos pés de nosso Senhor confere ou não divindade ao homem! É isso que se chama libertação na vida – quando o último vestígio de egoísmo e egoísmo desaparece. Bom trabalho! Glória ao Senhor! Aos poucos tente espalhar. Se puder, vá para Calcutá e angarie um fundo com a ajuda de outro grupo de meninos; coloque um ou dois deles para trabalhar em algum lugar e comece em outro lugar. Espalhe dessa forma e continue inspecionando-os. Vereis que o trabalho se tornará gradualmente permanente e a difusão da religião e da educação seguir-se-á naturalmente. Dei-lhes instruções específicas em Calcutá. Faça esse tipo de trabalho e eu o carregarei nos ombros – bravo! Vereis que, gradualmente, cada distrito se tornará um centro – e permanente. Em breve irei para as planícies. Sou um lutador e morrerei no campo de batalha. Comporta-me sentar aqui como uma senhora zenana?

Seu com todo amor,

VIVEKANANDA.

6.4.129 Rakhal

(Traduzido do bengali)

ALMORA,

20 de junho de 1897.

CARO RAKHAL,

Fico feliz em saber que você está com melhor saúde do que antes. Bem, é raro que o irmão Yogen relate as verdades nuas, então não fique ansioso para ouvi-las. Estou bem agora, com bastante força muscular e sem sede. ... O fígado também funciona bem. Não tenho certeza sobre quais efeitos o remédio de Shashi (Babu) teve. Então parei de usá-lo. Estou comendo muitas mangas. Estou ficando excepcionalmente hábil na equitação e não sinto a menor dor ou exaustão, mesmo depois de uma corrida de trinta ou trinta quilômetros seguidos. Leite, parei completamente por medo da corpulência.

Ontem vim para Almora e não irei mais ao jardim. Doravante farei três refeições por dia à maneira inglesa, como convidado da Srta. Müller. . . .

Shuddhananda escreve para dizer que eles estão prosseguindo com a Prática de Medicina de Ruddock ou algo parecido. Que absurdo você quer dizer com ter essas coisas ensinadas na aula? Um conjunto de aparelhos comuns para física e outro para química, um telescópio comum e um microscópio - tudo isso pode ser adquirido por 150 a 200 rúpias. Shashi Babu pode dar uma palestra sobre química prática uma vez por semana, e Hariprasanna sobre física, etc. compre todos os bons livros científicos que puder ter em bengali e peça-lhes que leiam.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.130 Rakhal

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

ALMORA,

10 de julho de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Hoje devolvo as provas dos objetos da nossa Associação que você me enviou, corrigidas. A parte das regras e regulamentos (que os membros da nossa Associação leram) está cheia de erros. Corrija-o com muito cuidado e reimprima-o, ou as pessoas vão rir.

. . . O tipo de trabalho que está sendo realizado em Berhampore é extremamente bom. São essas obras que triunfarão — podem as doutrinas e os dogmas tocar o coração? Trabalhe, trabalhe - viva a vida; o que contam as doutrinas e opiniões? Filosofia, Yoga e penitência – a sala de adoração – seu arroz ao sol ou oferendas de vegetais – tudo isso constitui a religião de um homem ou de um país; fazer o bem aos outros é a única grande religião universal. Homens e mulheres, jovens e velhos, até o pária, ou melhor, o próprio animal - todos podem compreender esta religião. Pode uma religião meramente negativa ter alguma utilidade? A pedra nunca é impura, a vaca nunca mente, nem as árvores cometem furtos ou roubos, mas o que isso importa? Admitindo que você não roube, nem conte mentiras, nem leve uma vida impura, mas medite quatro horas por dia e toque religiosamente a campainha durante o dobro de horas - mas, o que importa, afinal? Esse trabalho, por menor que seja, que você fez, colocou Berhampore de pé para sempre - agora as pessoas farão tudo o que você desejar. Agora você não terá mais que argumentar com o povo que “Ramakrishna é Deus”. Sem isso, o que farão meras palestras? — Palavras bonitas untam alguma pastinaca? Se você pudesse fazer isso em dez distritos, todos os dez seriam seus para tê-los e mantê-los. Portanto, como garoto inteligente que você é, coloque sua maior ênfase, no momento, nesse departamento de trabalho, e tente de coração e alma aumentar a utilidade apenas dele. Organize um número de meninos para ir de porta em porta, deixe-os buscar, à maneira dos Alakhiã Sâdhus, tudo o que puderem conseguir – dinheiro, ou roupas usadas, ou arroz e alimentos, ou qualquer coisa. Depois distribua-os. Isso é trabalho, trabalho mesmo. Depois disso, as pessoas terão fé e farão o que lhes for mandado.

O que sobrar depois de custear as despesas da reunião de Calcutá, remeter para o alívio da fome ou ajudar com isso os inúmeros pobres que vivem nas favelas de Calcutá; deixe os Memorial Halls e coisas desse tipo irem para os cães. O Senhor fará o que achar melhor. Atualmente estou com excelente saúde. . . .

Por que você não está coletando materiais? — Vou descer e começar o jornal sozinho. A bondade e o amor podem comprar o mundo inteiro para você; palestras, livros e filosofia são inferiores a estes.

Por favor, escreva para Shashi para abrir um departamento de trabalho como este para servir aos pobres.

. . . Reduza as despesas do culto a uma ou duas rúpias por mês. Os filhos do Senhor estão morrendo de fome. . . . Adore com água e folhas de Tulasi em paz, e deixe que a mesada para Seu Bhoga (ofertas de comida) seja gasta na oferta de comida ao Deus Vivo que habita nas pessoas dos pobres - então Sua graça descera sobre tudo. Yogen não se sentiu bem aqui; então hoje ele partiu para Calcutá. Irei novamente para Dewaldhar amanhã. Por favor, aceite meu amor e ofereça-o a todos.

Affly. seu,

VIVEKANANDA.

6.4.131 INDIVÍDUOS

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

ALMORA,

24 de julho de 1897.

MEU QUERIDO AKHANDANANDA,

Estou muito feliz em receber sua carta e ler seu conteúdo. Seus desejos sobre o orfanato são muito bons e Shri Maharaj (Shri Ramakrishna) não deixará de cumpri-los o mais rápido possível. Faça o seu melhor para fundar um centro permanente. ... Nunca se preocupe com dinheiro. Amanhã deixarei Almora rumo às planícies; e onde quer que haja alguma agitação, abrirei uma lista de assinaturas para a fome - acalme-se nesse aspecto. Quando em cada distrito houver um Math no modelo do nosso Math em Calcutá, então o desejo do meu coração será realizado. Não deixemos também que a obra de pregação fique paralisada, e maior ainda do que a pregação é a obra de transmitir educação. Por meio de palestras e coisas do gênero, as pessoas da aldeia devem aprender religião, história e outros assuntos – especialmente história. Para ajudar o nosso trabalho educacional existe uma Sociedade na Inglaterra, que, como constatei nos relatórios, está fazendo um excelente trabalho. Com o tempo, receberemos ajuda desse tipo de todos os lugares, não se assuste. Só trabalham quem pensa que a ajuda virá, diretamente que estão no campo de trabalho.

Toda a força está em você, tenha fé nisso. Não ficará sem manifestação. Aceite meu mais sincero amor e bênçãos e transmita-os ao Brahmachârin. Escreva de vez em quando letras ardentes para a Matemática, para que todos possam ter coragem e trabalhar. Vitória para o Guru!

Atenciosamente.,

VIVEKANANDA.

6.4.132 INDIVÍDUOS

(Traduzido do bengali)

ALMORA,

30 de julho de 1897.

MEU QUERIDO AKHANDANANDA,

De acordo com suas instruções, escrevo uma carta ao Sr. Levinge, o Dist. Magistrado. Além disso, você escreverá uma grande carta ao Indian Mirror, descrevendo detalhadamente seu método de trabalho (tendo a mesma revisada pelo Dr. Shashi), e enviará uma cópia dela ao cavalheiro mencionado acima. Nossos tolos só procuram as deficiências das pessoas. Deixe-os ver algumas virtudes também.

Vou deixar este lugar na próxima segunda-feira. ...

O que você fala da dificuldade em conseguir órfãos? Melhor pedir quatro ou cinco homens do Math, se quiser; você pode encontrar alguns órfãos em dois dias, se procurar de aldeia em aldeia.

É claro que devemos ter um centro permanente. E alguma coisa pode ser feita neste país, a menos que — ajude? Não se envolva em política etc., nem tenha qualquer ligação com eles. Ao mesmo tempo, você não precisa brigar com ninguém. Você deve colocar seu corpo, mente e tudo o que você tem para trabalhar. Aqui dei uma palestra para um público europeu em inglês e outra para os residentes indianos em hindi. Este foi meu discurso inaugural em hindi, mas todos gostaram mesmo assim. É claro que os ocidentais, como é de costume, ficaram extasiados com isso, como vindo de um “negro”! "Ah, que maravilha!" e esse tipo de coisa. No próximo sábado haverá mais uma palestra para os europeus. Uma grande Associação foi criada aqui – vamos esperar e ver até que ponto ela funcionará no futuro. O objetivo da Associação é transmitir educação e religião.

Na próxima segunda-feira, viagem para Bareilly e depois para Saharanpur, próximo a Ambala, daí, muito provavelmente, para Mussoorie com o capitão Sevier, e assim que esfriar um pouco, retorne às planícies e viaje para Rajputana etc. velocidade. Nunca tema! Eu também estou determinado a trabalhar. O corpo deve desaparecer, não há erro quanto a isso. Por que então deixá-lo ir na ociosidade? É melhor desgastar do que enferrujar. Não fique ansioso mesmo quando eu morrer, meus próprios ossos farão milagres. Devemos nos espalhar por toda a Índia em dez anos, sem isso não adianta. Para trabalhar como um atleta! Vitória para o Guru! O dinheiro e tudo virão por si, queremos homens, não dinheiro. É o homem quem faz tudo, o que o dinheiro pode fazer? — Homens que queremos, quanto mais

você conseguir, melhor. ... Aqui, por exemplo, estava M— que juntou muito dinheiro, mas não havia homem, e que bem ele conseguiu?

Atenciosamente.,

VIVEKANANDA.

6.4.133 SRA. TOURO

A MATEMÁTICA,

(Na verdade, a carta foi escrita por Ambala.)

19 de agosto de 1897.

PREZADA SENHORA. TOURO,

. . . Minha saúde é indiferente e, embora descanse um pouco, não creio que serei capaz de recuperar meu vigor habitual até o próximo inverno. Recebi uma carta de Joe dizendo que vocês dois viriam para a Índia. É claro que ficarei muito feliz em vê-lo na Índia, mas você deve saber desde o início que a Índia é o buraco mais sujo e insalubre do mundo, com quase nenhum conforto europeu, exceto nas grandes capitais.

Soube pela Inglaterra que o Sr. Sturdy está enviando Abhedananda para Nova York. Parece que o trabalho em inglês é impossível sem mim. Apenas uma revista será iniciada e trabalhada pelo Sr. Sturdy. Eu tinha combinado vir para a Inglaterra nesta temporada, mas fui tolamente impedido pelos médicos. Na Índia, o trabalho está em andamento.

Não creio que nenhum europeu ou americano possa prestar qualquer serviço aqui neste momento, e será difícil para qualquer ocidental suportar o clima. Annie Besant, com seus poderes excepcionais, trabalha apenas entre os teósofos e, portanto, submete-se a todas as indignidades do isolamento que um Mlechchha é obrigado a sofrer aqui. Até Goodwin fica esperto de vez em quando e precisa ser chamado à ordem. Goodwin está fazendo um bom trabalho, pois é homem e pode se misturar com o povo. As mulheres não têm lugar na sociedade masculina aqui, e ela só pode fazer o

bem entre o seu próprio sexo na Índia. Os amigos ingleses que vieram para a Índia ainda não ajudaram em nada e não sabem se o ajudarão no futuro. Com tudo isso, se alguém quiser tentar, será bem-vinda.

Se Saradananda quiser vir, ele poderá, e tenho certeza de que ele me prestará um grande serviço agora mesmo na organização do trabalho, agora que minha saúde está debilitada. Há uma jovem inglesa, Srta. Margaret Noble, muito ansiosa para vir à Índia para saber como estão as coisas, para que possa fazer algum trabalho quando voltar para casa. Escrevi-lhe para acompanhá-lo caso você venha por Londres. A grande dificuldade é que nunca se consegue entender a situação aqui à distância. Os dois tipos são tão diferentes em todas as coisas que não é possível formar qualquer ideia a partir da América ou da Inglaterra.

Vocês deveriam pensar que estão partindo para o interior da África, e se encontrarem algo melhor, isso será inesperado.

Sempre seu, etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.134 MÃE

(Traduzido do bengali)

1897 .

QUERIDA MÃE, (Shrimati Indumati Mitra)

Por favor, não fique ansioso porque não pude escrever para você e não pude ir para Belgaon. Eu estava sofrendo muito com uma doença e então foi impossível para mim ir. Agora, graças às minhas viagens no Himalaia, recuperei bastante minha saúde. Em breve retomarei o trabalho. Dentro de duas semanas irei para Punjab e, logo após proferir uma ou duas palestras em Lahore e Amritsar, partirei via Karachi para Gujarat, Cutch, etc. Certamente o verei em Karachi.

Esta Caxemira é um verdadeiro paraíso na terra. Em nenhum outro lugar do mundo existe um país como este. Montanhas e rios, árvores e plantas, homens e mulheres, animais e pássaros – todos competem entre si pela excelência. Sinto uma pontada no coração por não tê-lo visitado por tanto tempo. Por favor, escreva-me detalhadamente como você está, mental e fisicamente, e aceite minhas bênçãos especiais. Estou constantemente pensando no seu bem-estar, tenha certeza disso.

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

6.4.135 SARADA

(Traduzido do bengali)

MURREE,

10 de outubro de 1897.

CARA SARADA,

Lamento saber pela sua carta que você não está bem. Se você consegue tornar popular um homem impopular, então eu o chamo de sujeito inteligente. Não há perspectiva de trabalho lá no futuro; teria sido melhor se você tivesse ido para Dacca ou para algum outro lugar. Porém, é bom que as obras sejam encerradas em novembro. Se você ficar muito mal de saúde, é melhor ir embora. Há muito campo de trabalho nas Províncias Centrais; e mesmo sem fome, não faltam pessoas pobres no nosso país. Seja onde for, se você escolher um site pensando na prospecção, com certeza fará um bom trabalho. No entanto, não se arrependa. O que se faz não traz destruição – não, nunca. Quem sabe, nesse mesmo lugar o futuro poderá colher frutos dourados.

Muito em breve começarei meu trabalho nas planícies. Agora não preciso mais viajar pelas montanhas.

Fique de olho na sua saúde.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

6.4.136 INDIVÍDUOS

(Traduzido do bengali)

MURREE,
10 de outubro de 1897.

MEU QUERIDO AKHANDANANDA,

Estou muito feliz em receber sua carta. Você não precisa fazer um grande plano para o presente, mas fazer apenas o que for possível nas circunstâncias existentes. Aos poucos o caminho se abrirá para você. Certamente devemos ter o orfanato, não hesitemos nisso. Também não devemos deixar as raparigas em apuros. Mas então precisamos de uma superintendente para um orfanato de meninas. Acredito que mamãe será uma mão muito boa para isso. Ou contrate para esta tarefa alguma viúva idosa da aldeia que não tenha filhos. E deve haver lugares separados para meninos e meninas. O Capitão Sevier está pronto para lhe enviar dinheiro para ajudar nisso. Nedou's Hotel, Lahore – esse é o endereço dele. Se você escrever para ele, escreva as palavras “Para esperar a chegada” na carta. Em breve irei para Rawalpindi, amanhã ou depois; depois visito Lahore e outros lugares via Jammu, e volto para Rajputana via Karachi etc.

Estou indo bem.

Seu,
VIVEKANANDA.

PS. Você também deve admitir meninos muçulmanos, mas nunca mexa na religião deles. A única coisa que você terá que fazer é organizar

separadamente a alimentação deles, etc., e ensiná-los para que possam ser morais, viris e dedicados a fazer o bem aos outros. Isso de fato é religião.

Arquive suas intrincadas especulações filosóficas por enquanto. Em nosso país, atualmente precisamos de masculinidade e bondade. "स ईशः अनिर्वचनीयप्रेमस्वरूपः — O Senhor é a Essência do amor indescritível." Mas em vez de dizer "प्रकाशयते क्वापि पात्रे — Ele se manifesta em objetos especiais", deveríamos dizer: "स प्रत्यक्ष एव सर्वेषां प्रेमरूप — Ele está sempre manifestado como Amor em todos os seres." Que outro Deus – a criação da sua mente – você irá adorar! Que os Vedas, o Alcorão, os Puranas e toda a madeira bíblica descansem agora por algum tempo - que haja adoração do Deus visível do Amor e da Compaixão no país. Toda ideia de separação é escravidão, a de não-diferenciação é Mukti. Não deixe que as palavras de pessoas embriagadas com o mundanismo o aterrorizem. "अभीरमी: — Não tenha medo" "Ignore os críticos comuns como vermes!" Admita meninos de todas as religiões – hindus, muçulmanos, cristãos ou qualquer outra religião; mas comece com bastante cuidado – quero dizer, certifique-se de que eles comam e bebam um pouco separadamente, e ensine-lhes apenas o lado universal da religião.

Fique furioso com isso e ataque os outros com essa loucura! Esta vida não tem outro fim. Pregue Seu nome, deixe Seus ensinamentos penetrarem no mundo até os ossos. Nunca se esqueça. Repita este Mantra incessantemente no fundo do seu coração, enquanto você realiza suas tarefas diárias.

Seu,

V.

6.4.137 Rakhal

(Traduzido do bengali)

MURREE,

10 de outubro de 1897.

CARO RAKHAL,

Cheguei a Murree vindo da Caxemira na noite de anteontem. Todos se divertiram muito, apenas Krishnalal (Dhirananda) e Gupta (Sadananda) sofriam de vez em quando de febre, que, no entanto, era leve. Este endereço deve ser enviado ao Raja de Khetri. Faça com que seja impresso em dourado, etc. O Raja é esperado em Bombaim por volta de 21 ou 22 de outubro. Nenhum de nós está hospedado em Bombaim no momento - se houver algum, envie-lhe uma cópia para que ele possa apresentá-la ao Raja, mesmo a bordo do navio, ou em algum lugar da cidade de Bombaim. Envie a cópia superior para Khetri. Faça com que isso seja aprovado em uma reunião e, se alguma mudança for necessária, não haverá problema. Então assinem, todos vocês, deixando apenas um espaço em branco para meu nome, e eu assinarei quando for para Khetri. Que nenhuma dor seja poupada nisso.

. . . O capitão Sevier diz que está muito ansioso por um local. Ele deseja ter um lugar perto de Mussoorie ou em algum outro local central, o mais rápido possível. ... Acontece que a gente não quer um lugar muito frio, ao mesmo tempo que não deve ser muito quente. Dehra Dun é insuportável no verão, mas agradável no inverno; O próprio Mussoorie, ousado dizer, não é o lugar certo para muitos no inverno. Acima ou abaixo dele, isto é, em território britânico ou Garhwal, certamente será encontrada alguma terra. Ao mesmo tempo, deve haver abastecimento de água no local durante todo o ano, para consumo e uso diário. Meu plano é este: apenas com Achyutananda e Gupta vou de Murree a Rawalpindi, de lá para Jammu, de lá para Lahore, e de Lahore direto para Karachi. ... Dê meu sincero amor e bênçãos a Shashi Babu. Vejo que o Mestre Mahashaya começou a trabalhar depois de tanto tempo. Dê-lhe meu amor e saudações especiais. Ao vê-lo, com seu retraimento feminino, estimulado a trabalhar, minha coragem aumentou aos trancos e barrancos. Estou escrevendo para ele amanhã mesmo. Vitória ao Senhor! - Trabalhar! Trabalhar!

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

C/O. LALA HANSRAJ,

RAWALPINDI,

12 de outubro de 1897.

CARO M - [74]

C'est bon, mon ami - agora você está fazendo exatamente a coisa, saia, cara!
Nada de dormir a vida toda; o tempo está voando. Bravo! Esse é o caminho.

Muito obrigado pela sua publicação. Só que temo que não seja pago em
forma de panfleto. . . . Não importa, pague ou não - deixe-o ver o brilho da
luz do dia. Você terá muitas bênçãos e muito mais maldições - mas esse é
sempre o jeito do mundo!

Esta é a hora.

Seu no Senhor

VIVEKANANDA.

6.4.139 MÃE

(Traduzido do bengali)

LAHORE,

15 de novembro de 1897.

QUERIDA MÃE, (Shrimati Indumati Mitra)

É uma questão de profundo pesar que, apesar dos meus sinceros desejos,
não ache viável ir a Karachi desta vez para vê-lo. Primeiro, porque o
Capitão e a Sra. Sevier, que vieram da Inglaterra e estão viajando comigo há
quase nove meses, estão muito ansiosos para comprar um terreno em Dehra
Dun e começar um orfanato lá. É seu pedido especial que eu vá e abra a
obra. Isso torna inevitável ir para Dehra Dun.

Em segundo lugar, devido aos meus problemas renais, não posso contar com uma vida longa. Mesmo agora é um dos meus desejos iniciar um curso de matemática em Calcutá, para o qual ainda nada pude fazer. Além disso, o povo do meu país tem negado a pouca ajuda que ultimamente costumava dar à nossa matemática. Eles têm a impressão de que trouxe muito dinheiro da Inglaterra! Além disso, é impossível celebrar o festival de Shri Ramakrishna este ano, pois os proprietários do jardim de Rasmani não me deixaram ir lá, pois voltei do Ocidente! Portanto, meu primeiro dever é ver os poucos amigos que temos em Rajputana e tentar o meu melhor para ter um centro em Calcutá. Por estas razões, lamento muito adiar a minha visita a Sindh neste momento. Tentarei o meu melhor para ir para lá via Rajputana e Kathiawar. Por favor, não se desculpe. Nunca por um dia eu esqueço todos vocês. Mas o dever deve ser cumprido primeiro. Isso me aliviará da minha ansiedade quando uma matemática for estabelecida em Calcutá. Então poderei esperar que o trabalho pelo qual lutei durante toda a minha vida, através de todos os tipos de privações e sofrimentos, não desapareça depois que eu deixar de viver neste corpo. Parto para Dehra Dun hoje mesmo. Depois de uma semana de estadia lá, para Rajputana, daí para Kathiawar e assim por diante.

Com bênçãos,

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

6.4.140 MÃE

(Traduzido do bengali)

DEHRA DUN,

24 de novembro de 1897.

QUERIDA MÃE, (Shrimati Indumati Mitra)

Recebi devidamente sua carta e a do querido Haripada. É claro que você tem muitos motivos para sentir pena, mas veja, eu não pude evitar. E o que me trouxe até aqui também se tornou um fiasco; nem eu poderia ir para Sindh. É a vontade do Senhor. Agora, tenho a ideia de seguir para Calcutá através de Rajputana, Kathiawar e Sindh. Mas algumas dificuldades podem surgir no caminho. Se tudo correr bem, certamente irei para Sindh. Você deve ter passado por muitas dificuldades ao vir para Hyderabad, conseguindo licença, etc. Qualquer mínimo problema sofrido certamente produzirá excelentes resultados. Na próxima sexta-feira deixarei este lugar e pretendo ir via Saharanpur diretamente para Rajputana. Estou bem agora e espero que você também esteja com saúde e paz de espírito. . . .

Com muito amor e bênçãos para você e Haripada,

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

6.4.141 MARGOT

ALMORA,

20 de maio de 1898.

QUERIDA MARGOT (Margaret E. Noble ou Irmã Nivedita.)

. . . O dever não tem fim e o mundo é extremamente egoísta.

Tenha bom ânimo. "Nunca um trabalhador do bem sofreu." . . .

Sempre seu, etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.142 SARFARAZ HUSAIN

(Escrito por Mohammed Sarfaraz Hussain de Naini Tal)

ALMORA,

10 de junho de 1898.

MEU CARO AMIGO,

Agradeço muito sua carta e fico extremamente feliz em saber que o Senhor está silenciosamente preparando coisas maravilhosas para nossa pátria.

Quer o chamemos de Vedantismo ou de qualquer ismo, a verdade é que o Advaitismo é a última palavra da religião e do pensamento e a única posição a partir da qual se pode olhar para todas as religiões e seitas com amor. Acredito que seja a religião da futura humanidade iluminada. Os hindus podem receber o crédito por terem chegado a esse ponto antes das outras raças, sendo eles uma raça mais antiga que os hebreus ou os árabes; no entanto, o Advaitismo prático, que considera e se comporta com toda a humanidade como a própria alma de cada um, nunca foi desenvolvido universalmente entre os hindus.

Por outro lado, a minha experiência é que, se alguma vez alguma religião se aproximou desta igualdade de uma forma apreciável, foi o Islão e apenas o Islão.

Portanto, estou firmemente convencido de que sem a ajuda do Islã prático, as teorias do Vedantismo, por mais belas e maravilhosas que sejam, são totalmente inúteis para a vasta massa da humanidade. Queremos levar a humanidade a um lugar onde não existam os Vedas, nem a Bíblia, nem o Alcorão; no entanto, isto tem de ser feito através da harmonização dos Vedas, da Bíblia e do Alcorão. A humanidade deveria ser ensinada que as religiões são apenas as expressões variadas da RELIGIÃO, que é a Unidade, para que cada um possa escolher o caminho que melhor lhe convém.

Para a nossa própria pátria, uma junção de dois grandes sistemas, o Hinduísmo e o Islão – o cérebro Vedanta e o corpo do Islão – é a única esperança.

Vejo em minha mente o futuro da Índia perfeita surgindo deste caos e conflito, glorioso e invencível, com cérebro Vedanta e corpo Islâmico.

Rezando sempre para que o Senhor faça de ti um grande instrumento de ajuda à humanidade, e especialmente à nossa pobre, pobre pátria.

Seu com amor,

VIVEKANANDA.

6.4.143 MARGOT

CAXEMIRA,

25 de agosto de 1898.

QUERIDA MARGOT, (Margaret E. Noble ou Irmã Nivedita)

É uma vida preguiçosa que tenho levado nos últimos dois meses, flutuando tranquilamente num barco, que também é minha casa, subindo e descendo a bela Jhelum, através das paisagens mais lindas que o mundo de Deus pode oferecer, no próprio parque natural, onde o terra, ar, terra, grama, plantas, árvores, montanhas, neves e a forma humana, todos expressam, pelo menos externamente, a beleza do Senhor - quase sem posses, quase sem uma caneta ou mesmo um tinteiro, arrebatando prepare uma refeição quando ou onde for conveniente, o ideal de um Rip Van Winkle! . . .

Não se esforce. Não adianta; lembre-se sempre: “O dever é o sol do meio-dia cujos raios ferozes queimam os próprios órgãos vitais da humanidade”. É necessário um tempo como disciplina; além disso, é um sonho mórbido. As coisas vão bem, quer lhes ajudemos ou não. Nós, na ilusão, apenas nos quebramos. Existe um sentimento falso que chega ao extremo do altruísmo, apenas para prejudicar os outros por sua submissão a todo mal. Não temos o direito de tornar os outros egoístas por causa do nosso altruísmo; nós temos? . . .

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.144 CARO__

A MATEMÁTICA, BELUR

15 de dezembro de 1898.

QUERIDO-,

. . . A Mãe é nossa guia e tudo o que acontece ou acontecerá está sob Sua ordenação. . . .

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.145 SRA. TOURO

BAIDYANATH, DEOGHAR,

29 de dezembro de 1898.

MINHA QUERIDA DHIRA MATA, (Sra. Ole Bull)

Você já sabe da minha incapacidade de acompanhá-lo. Não consigo reunir forças suficientes para acompanhá-lo. O frio nos pulmões continua e é exatamente isso que me torna impróprio para viajar. No geral, espero melhorar aqui.

Acho que minha prima passou todos esses anos cultivando sua mente com vontade, e ela sabe tudo o que a literatura bengali pode lhe dar, e isso é muito, especialmente de metafísica. Ela já aprendeu a assinar seu nome em inglês e no alfabeto romano. Agora é um verdadeiro trabalho cerebral ensiná-la e, portanto, desisti. Estou tentando simplesmente perder meu tempo e me forçar a descansar.

Antes disso, eu só tinha amor por você, mas os acontecimentos recentes provam que você foi designado pela Mãe para zelar pela minha vida; portanto, a fé foi acrescentada ao amor! No que diz respeito a mim e ao meu trabalho, sustento doravante que você está inspirado e terei prazer em me livrar de todas as responsabilidades e cumprir o que a Mãe ordena através de você.

Esperando em breve juntar-me a vocês na Europa ou na América, continuo,

Sempre seu filho amoroso,

VIVEKANANDA.

6.4.146 CARO__

A MATEMÁTICA,

11 de abril de 1899.

QUERIDO-,

. . . Dois anos de sofrimento físico tiraram vinte anos da minha vida. Bem, mas a alma não muda, não é? Está lá, o mesmo Atman maluco, louco por uma ideia, decidido e intenso.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.147 SRA. TOURO

RIDGELY,

4 de setembro de 1899.

PREZADA SENHORA. TOURO,

. . .Mãe sabe o que é melhor, isso é tudo sobre mim. . . .

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.148 MARGOT

RIDGELY.

1º de novembro de 1899.

QUERIDA MARGOT, (Margaret E. Noble ou Irmã Nivedita)

. . . Parece que há uma escuridão em sua mente. Não importa, nada deve durar para sempre. De qualquer forma, a vida não é eterna. Estou muito, muito grato por isso. O sofrimento é o destino dos melhores e mais corajosos do mundo - ainda, por eras ainda - até que as coisas sejam corrigidas; se possível, aqui — pelo menos é uma disciplina que quebra o sonho. Em meus momentos sãos, me alegro por meus sofrimentos. Alguém deve sofrer aqui; — Ainda bem que sou eu, entre outros sacrifícios da natureza.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.149 MARGOT

NOVA IORQUE,

15 de novembro de 1899.

QUERIDA MARGOT, (Margaret E. Noble ou Irmã Nivedita)

. . . No geral, não acho que haja motivo para ansiedade em relação ao meu corpo. Esse tipo de corpo nervoso é apenas o instrumento para tocar boa música às vezes e às vezes para gemer na escuridão.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.150 SRA. TOURO

12 de dezembro de 1899.

MINHA QUERIDA SRA. TOURO,

Você está perfeitamente certo; Eu sou brutal, na verdade. Mas quanto à ternura etc., a culpa é minha. Eu gostaria de ter menos, muito menos disso – essa é a minha fraqueza – e, infelizmente! todos os meus sofrimentos vieram disso. Bem, o município está tentando nos cobrar impostos – ótimo; a culpa é minha, pois não tornei a matemática propriedade pública por meio de um título de fideicomisso. Lamento muito ter usado linguagem dura com meus meninos, mas eles também sabem que os amo mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Posso ter tido ajuda divina – é verdade; mas, oh, que quilo de sangue cada pedaço de ajuda Divina tem sido para mim!! Eu ficaria mais feliz e seria um homem melhor sem isso. O presente parece realmente muito sombrio; mas sou um lutador e devo morrer lutando, não

ceder – é por isso que fico louco com os meninos. Não peço que lutem, mas que não atrapalhem a minha luta.

Não me importo com meu destino. Mas ah! agora quero um homem, um dos meus meninos, que fique ao meu lado e lute contra todas as probabilidades! Não se irrite; se alguma coisa deve ser feita na Índia, minha presença é necessária; e estou muito melhor de saúde; possivelmente o mar me fará melhorar. De qualquer forma, desta vez não fiz nada na América, exceto incomodar meus amigos. Possivelmente Joe me ajudará com a passagem e eu tenho algum dinheiro com o Sr. Leggett. Ainda tenho esperanças de arrecadar algum dinheiro na Índia. Não vi nenhum dos meus amigos em diferentes partes da Índia. Tenho esperança de arrecadar os quinze mil que perfazem os cinquenta mil, e um ato fiduciário reduzirá os impostos municipais. Se não consigo coletar isso, é melhor lutar e morrer por isso do que vegetar aqui na América. Meus erros foram grandes; mas todos eles eram de muito amor. Como eu odeio o amor! Será que eu nunca teria nenhum Bhakti! Na verdade, eu gostaria de ser um Advaitista, calmo e sem coração. Bem, esta vida acabou. Vou tentar na próxima. Lamento, especialmente agora, ter causado mais danos aos meus amigos do que bênçãos para eles. A paz, a tranquilidade que procuro, nunca encontrei.

Há anos fui ao Himalaia, para nunca mais voltar; e minha irmã suicidou-se, a notícia chegou até lá, e aquele coração fraco me afastou daquela perspectiva de paz! Foi o coração fraco que me expulsou da Índia em busca de ajuda para aqueles que amo, e aqui estou! Procurei a paz, mas o coração, aquela sede de Bhakti, não me permitiu encontrá-la. Luta e tortura, tortura e luta. Bem, seja assim então. já que é o meu destino, e quanto mais rápido acabar, melhor. Dizem que sou impulsivo, mas vejam as circunstâncias!!! Lamento ter sido a causa de dor para você, para você acima de tudo, que me ama tanto, que tem sido tão, tão gentil. Mas está feito – era um fato. Agora vou cortar o nó ou morrer tentando.

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

PS. Como a mãe quer, que assim seja. Vou implorar a Joe uma passagem via São Francisco para a Índia. Se ela der, começo imediatamente via Japão.

Levaria um mês. Na Índia, creio eu, posso arrecadar algum dinheiro para manter as coisas em ordem ou em melhores condições – pelo menos para deixar as coisas onde eu as confundo. O final está ficando muito sombrio e confuso; bem, eu esperava que sim. Não pense que vou desistir num momento. Senhor te abençoe; se o Senhor me fez Seu servo para trabalhar e morrer nas ruas, deixe que Ele fique com isso. Estou mais alegre agora, depois de sua carta, do que estive durante anos - Wah Guru ki Fateh! Vitória para o Guru!! Sim, venha o mundo, venham os infernos, venham os deuses, venha a Mãe, eu luto e não desisto. Râvana obteve sua libertação em três nascimentos lutando contra o próprio Senhor! É glorioso lutar contra a mãe.

Todas as bênçãos para você e os seus. Você fez por mim mais, muito mais, do que eu jamais merecia.

Amo Christine e Turiyananda.

VIVEKANANDA.

6.4.151 MARGOT

921, RUA 21, LOS ANGELES,

23 de dezembro de 1899.

MINHA QUERIDA MARGOT, (Margaret E. Noble ou Irmã Nivedita)

Sim, estou realmente melhorando com as manipulações da cura magnética! De qualquer forma, estou bem. Nunca houve nada sério com meus órgãos - foram nervosismo e dispepsia.

Agora caminho quilômetros todos os dias, a qualquer hora – antes ou depois das refeições. Estou perfeitamente bem – e assim continuarei, tenho certeza.

A roda está girando, a mãe está trabalhando nela. Ela não pode me deixar ir antes que Seu trabalho esteja concluído – e esse é o segredo.

Veja como a Inglaterra está indo. Após esse derramamento de sangue, (Swamiji se refere à guerra dos Bôeres), as pessoas terão então tempo para

pensar em coisas melhores e mais elevadas do que “guerra”, “guerra”, “guerra”. Essa é a nossa oportunidade. Corremos rápido, pegamos eles às dezenas e então colocamos o trabalho indiano em pleno andamento.

Rezo para que a Inglaterra perca a Colônia do Cabo, para que possa concentrar a sua energia na Índia. Esses cabos e promontórios nunca têm qualquer utilidade para a Inglaterra, exceto para inflar um falso orgulho e custar às suas hordas dinheiro e sangue.

Coisas estão melhorando. Então prepare-se. Com todo amor às quatro irmãs e a você,

VIVEKANANDA.

6.4.152 MARGOT

LOS ANGELES, CALIFÓRNIA,

24 de janeiro de 1900.

QUERIDA MARGOT, (Margaret E. Noble ou Irmã Nivedita)

Receio que o descanso e a paz que procuro nunca cheguem. Mas a Mãe faz o bem aos outros através de mim, pelo menos alguns à minha terra natal, e é mais fácil reconciliar-se com o próprio destino como um sacrifício. Somos todos sacrifícios – cada um à sua maneira. A grande obra está em andamento – ninguém consegue entender o seu significado, exceto que é um grande sacrifício. Aqueles que estão dispostos a escapar de muita dor. Aqueles que resistem são subjugados e sofrem mais. Agora estou determinado a ser alguém disposto.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.153 NIVEDITA

C/O SENHORITA MEAD,
EDIFÍCIO DOUGLAS 447,
LOS ANGELES, CALIFÓRNIA,
15 de fevereiro de 1900.

MINHA QUERIDA NIVEDITA,

O seu... me encontrou hoje em Pasadena. Vejo que Joe sentiu sua falta em Chicago — embora ainda não tenha tido notícias deles de Nova York.

Havia um maço de jornais ingleses da Inglaterra com uma linha no envelope expressando bons votos para mim e assinada: F.H.M. Nada de importante estava neles, entretanto. Eu teria escrito uma carta à senhorita Müller, mas não sei o endereço; então tive medo de assustá-la.

Enquanto isso, a Sra. Leggett iniciou um plano de uma assinatura de US\$ 100 por ano durante dez anos para me ajudar, e encabeçou a lista com seus US\$ 100 para 1900, e conseguiu outros dois aqui para fazer o mesmo. Depois ela continuou escrevendo cartas para todos os meus amigos, pedindo que cada um participasse. Quando ela continuou a escrever para a Sra. Miller, fiquei bastante tímido – mas ela o fez antes que eu percebesse. Uma carta muito educada, mas fria, chegou até ela em resposta da Sra. Hale, escrita por Mary, expressando sua incapacidade e assegurando-lhe seu amor por mim. Receio que a Sra. Hale e Mary estejam descontentes. Mas não foi minha culpa!!

Recebo notícias da Sra. Sevier de que Niranjan está gravemente doente em Calcutá. Não sei se ele faleceu. Bem... mas estou forte agora, Margo, mais forte do que nunca fui mentalmente. Eu estava mentalmente passando uma espécie de ferro no meu coração. Estou me aproximando da vida de um Sannyasin agora. Não recebo notícias de Saradananda há duas semanas. Estou feliz que você tenha recebido as histórias; reescreva-os se achar que sim - publique-os se encontrar alguém para fazê-lo e receba os lucros, se houver, pelo seu trabalho. Não quero nada, tenho algumas centenas de dólares aqui. Irei para São Francisco na próxima semana e espero fazer melhor lá. Diga a Mary, na próxima vez que a vir, que não tive

absolutamente nada a ver com a proposta de assinatura de cem dólares por ano para a Sra. Hale. Estou muito grato a eles.

Bem, o dinheiro virá para a sua escola, não tenha medo - ele tem que vir; se não vier, quem se importa? Uma estrada é tão boa quanto a outra. Mamãe sabe mais. Não sei se irei em breve para o Oriente ou não. Se eu tiver oportunidade, é claro que irei para Indiana.

O esquema internacional é bom e, com certeza, junte-se a ele, e seja o meio para fazer com que alguns clubes de mulheres indianas se juntem a ele através de você, o que é melhor. . . .

As coisas devem melhorar para nós, não importa. Assim que a guerra terminar iremos para a Inglaterra e tentaremos fazer um grande trabalho lá. O que você acha? Devo escrever para a Madre Superiora? Se sim, envie o paradeiro dela. Ela escreveu para você? Sturdies e "Shakies" virão - espere.

Você está aprendendo suas lições – isso é tudo que eu quero. Eu também sou; no momento em que estivermos em forma, o dinheiro e os homens deverão fluir em nossa direção. Entre meus nervos e sua emoção, podemos bagunçar tudo agora. Então mamãe está curando meus nervos e ensinando você a ter equilíbrio - e então vamos embora. Desta vez, o bem está chegando em pedaços, tenho certeza. Desta vez, faremos tremer os alicerces da velha terra.

. . . Estou ficando legal como um pepino - deixe qualquer coisa acontecer, estou pronto. O próximo passo – qualquer golpe dirá – nem um erro – tal é o próximo capítulo.

Com todo amor,

VIVEKANANDA.

6.4.154 INDIVÍDUOS

(Traduzido do bengali)

CALIFÓRNIA,

21 de fevereiro de 1900.

MEU QUERIDO AKHANDANANDA,

Fico muito feliz em receber sua carta e repassar os detalhes das novidades. O aprendizado e a sabedoria são supérfluos, a superfície apenas brilha, mas é o coração que é a sede de todo o poder. Não é no cérebro, mas no coração que o Atman, possuidor de conhecimento, poder e atividade, tem sua sede. " शतं चैका च हृदयस्य नाड्यः - Os nervos do coração são cento e um" etc. O principal centro nervoso próximo ao coração, chamado de gânglios simpáticos, é onde o Atman tem sua cidadela. Quanto mais coração você conseguir manifestar, maior será a vitória que você alcançará. São apenas alguns que entendem a linguagem do cérebro, mas todos, desde o Criador até um pedaço de grama, entendem a linguagem que vem do coração. Mas então, no nosso país, é um caso de despertar homens que estão, por assim dizer, mortos. Levará tempo, mas se você tiver paciência e perseverança infinitas, o sucesso certamente virá. Não há erro nisso.

Como são os responsáveis ingleses os culpados? A família, sobre cuja crueldade antinatural você escreveu, é isolada na Índia? Ou existem muitos deles? É a mesma história em todo o país. Mas então, não é como resultado de pura maldade que surgiu o egoísmo comumente encontrado em nosso país. Este egoísmo bestial é o resultado de séculos de fracasso e repressão. Não é egoísmo real, mas desespero profundamente enraizado. Será eliminado ao primeiro sinal de sucesso. É apenas isto que os responsáveis ingleses estão a notar por todos os lados, então como podem eles ter fé desde o início? Mas diga-me, eles não simpatizam com nenhum trabalho real que encontram? . . .

Nestes dias de fome terrível, inundações, doenças e pestilências, diga-me onde estão os seus congressistas. Será suficiente apenas dizer: "Entreguem-nos o governo do país"? E quem está lá para ouvi-los? Se um homem trabalha, ele tem que abrir a boca para pedir alguma coisa? Se há duas mil pessoas como você trabalhando em vários distritos, não será a vez dos próprios ingleses consultá-lo em questões de importância política? "

स्वकार्यमुद्धरेत्याज्ञः — O homem sábio deve alcançar seu objetivo." . . . A — não foi

autorizado a abrir um centro, mas e daí! Kishengarh não permitiu isso? — Deixe-o trabalhar sem nunca abrir os lábios; não adianta contar nada a ninguém, nem discutir com ninguém. Quem auxiliar nesta obra da Divina Mãe do universo, terá a Sua graça, e quem se opor a ela não estará apenas " अकारणाविष्कृतवैरदारुणः — levantando um inimigo mortal por nada", mas também colocando o machado em seu próprias perspectivas. शनैः पन्थाः — tudo na hora certa. Muito pouco faz barulho. Quando uma grande obra está sendo realizada, quando os alicerces são lançados ou uma estrada é construída, quando uma energia sobre-humana é necessária – são um ou dois homens extraordinários que trabalham silenciosa e silenciosamente em um mundo de obstáculos e dificuldades. Quando milhares de pessoas são beneficiadas, há uma grande agitação e todo o país grita em louvor. Mas então a máquina já foi colocada em funcionamento e até um menino pode operá-la, ou um tolo acrescentar-lhe algum impulso. Compreendam isto, aquele benefício feito a uma aldeia ou duas, aquele orfanato com os seus vinte órfãos, aqueles dez ou vinte trabalhadores – tudo isto é suficiente; eles formam o núcleo, que nunca será destruído. Destes, centenas de milhares de pessoas serão beneficiadas com o tempo. Agora que queremos meia dúzia de leões, então um excelente trabalho será realizado até mesmo por centenas de chacais. . .

Se acontecer de meninas órfãs chegarem às suas mãos em busca de abrigo, você deve acolhê-las acima de tudo. Caso contrário, os missionários cristãos irão levá-los, coitados, embora! O que importa se você não tem planos específicos para eles? Pela vontade da Mãe Divina, eles serão sustentados. Quando você compra um cavalo, nunca se preocupe com o chicote. ... Reúna quem você puder colocar as mãos, sem escolher agora - tudo será acertado com o tempo. Em cada tentativa há muitos obstáculos a serem enfrentados, mas gradualmente o caminho se torna mais suave.

Transmita ao oficial europeu muitos agradecimentos da minha parte. Trabalhe sem medo – existe um herói! Bravo! Três vezes bem feito! A criação de um centro em Bhagalpur sobre o qual você escreveu é sem dúvida uma boa idéia – esclarecendo os estudantes e coisas desse tipo. Mas a nossa missão é para os necessitados, os pobres e os camponeses analfabetos e as classes trabalhadoras, e se, depois de tudo ter sido feito primeiro por eles, houver tempo livre, então apenas para a pequena nobreza.

Esses camponeses e trabalhadores serão conquistados pelo amor. Depois serão eles que recolherão pequenas somas e iniciarão missões nas suas próprias aldeias e, gradualmente, entre esses mesmos homens, surgirão professores.

Ensine a alguns meninos e meninas das classes camponesas os rudimentos do aprendizado e infunda uma série de ideias em seus cérebros. Depois os camponeses de cada aldeia irão recolher fundos e ter um destes na sua aldeia. "उद्धरेदात्मनात्मानम् — É preciso elevar-se por meio de seus próprios esforços" — isso vale em todas as esferas. Nós os ajudamos a se ajudarem. O fato de eles estarem lhe fornecendo o pão de cada dia é um verdadeiro trabalho realizado. No momento em que compreenderem a sua própria condição e sentirem a necessidade de ajuda e melhoria, saibam que o seu trabalho está surtindo efeito e está na direção certa, enquanto o pouco bem que as classes endinheiradas, por piedade, fazem aos pobres, não dura e, em última análise, só prejudica ambas as partes. Os camponeses e as classes trabalhadoras estão numa condição moribunda, então o que é necessário é que as pessoas endinheiradas apenas os ajudem a recuperar a sua vitalidade e nada mais. Depois deixe que os camponeses e trabalhadores se ocupem do seu próprio problema, que o enfrentem e resolvam. Mas então você deve tomar cuidado para não criar conflitos de classes entre os camponeses pobres, os trabalhadores e as classes ricas. Faça questão de não abusar das classes endinheiradas. "स्वकार्यमुदरेत्याजः — O homem sábio deve alcançar seu próprio objetivo."

Vitória para o Guru! Vitória para a Mãe do Universo! Que medo! A oportunidade, a solução e sua aplicação se apresentarão. Eu não me importo com o resultado, bom ou ruim. Ficarei feliz se você fizer tanto trabalho. Guerras prolixas, textos e escrituras, doutrinas e dogmas - estou começando a odiar tudo isso como veneno nesta minha idade avançada. Saiba com certeza que quem trabalhar será a coroa na minha cabeça. Usar palavras inúteis e fazer barulho está tirando nosso tempo, está consumindo nossa energia vital, sem levar a causa do humanitarismo um passo adiante. मायै: — Fora o medo! Bravo! Realmente existe um herói! Que o bendito Guru seja entronizado em seu coração, e a Mãe Divina guie suas mãos.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

6.4.155 NIVEDITA

SÃO FRANCISCO,

4 de março de 1900.

CARA NIVEDITA,

Eu não quero trabalhar. Quero ficar quieto e descansar. Eu sei a hora e o lugar; mas acho que o destino ou Karma me impulsiona – trabalho, trabalho. Somos como gado levado ao matadouro – mordiscando apressadamente um pedaço de grama na beira da estrada enquanto é conduzido sob o chicote. E tudo isso é o nosso trabalho, o nosso medo – o medo, o início da miséria, da doença, etc. Ao ficarmos nervosos e com medo, prejudicamos os outros, ao termos tanto medo de machucar, machucamos mais. Ao tentarmos tanto evitar o mal, caímos em suas mandíbulas.

Que quantidade de bobagens estúpidas criamos ao nosso redor!! Não nos faz bem, leva-nos exatamente àquilo que tentamos evitar – a miséria. ...

Ah, tornar-se destemido, ser ousado, ser descuidado com tudo! . . .

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.156 NIVEDITA

SÃO FRANCISCO,

25 de março de 1900.

CARA NIVEDITA,

Estou muito melhor e crescendo muito forte. Às vezes sinto que a liberdade está próxima e as torturas dos últimos dois anos foram grandes lições em muitos aspectos. A doença e o infortúnio vêm nos fazer bem a longo prazo, embora no momento sintamos que estamos submersos para sempre.

Eu sou o céu azul infinito; as nuvens podem se reunir sobre mim, mas eu sou o mesmo azul infinito.

Estou tentando sentir o gostinho daquela paz que sei que é a minha natureza e a natureza de todos. Esses potes de lata com corpos e sonhos tolos de felicidade e miséria — o que são?

Meus sonhos estão quebrando. Om Tat Sat!

Seu,

VIVEKANANDA.

6.4.157 MARGOT

RUA TURK 1719,

SÃO FRANCISCO,

28 de março de 1900.

MINHA QUERIDA MARGOT, (Margaret E. Noble ou Irmã Nivedita)

Estou tão feliz com sua boa sorte. As coisas precisam mudar se estivermos firmes. Tenho certeza de que você receberá todo o dinheiro que precisa aqui ou na Inglaterra.

Eu estou trabalhando duro; e quanto mais trabalho, melhor me sinto. Essa doença me fez um grande bem, com certeza. Estou realmente entendendo o que significa desapego. E espero que muito em breve esteja perfeitamente desapegado.

Colocamos todas as nossas energias para nos concentrarmos e nos apegarmos a uma coisa; mas a outra parte, embora igualmente difícil, raramente prestamos atenção — a faculdade de nos desligarmos de qualquer coisa a qualquer momento.

Tanto o apego quanto o desapego perfeitamente desenvolvidos tornam o homem grande e feliz.

Estou muito feliz com o presente de mil dólares da Sra. Leggett. Ela está trabalhando, espere. Ela tem um grande papel a desempenhar no trabalho de Ramakrishna, quer ela saiba disso ou não.

Gostei de seus relatos sobre o Prof. Geddes, e Joe tem um relato engraçado sobre um clarividente. As coisas só agora estão começando a mudar. . . .

Esta carta, eu acho, chegará até você em Chicago. . . .

Recebi uma bela carta de Max Gysic, o jovem suíço que é grande amigo da senhorita Souter. A senhorita Souter também manda lembranças e eles perguntam a que horas eu irei para a Inglaterra. Muitas pessoas estão perguntando, dizem eles.

As coisas têm que mudar — a semente deve morrer no subsolo para crescer como a árvore. Os últimos dois anos foram de apodrecimento subterrâneo. Nunca tive uma luta nas garras da morte, mas isso significou uma tremenda reviravolta em toda a minha vida. Um deles me trouxe para Ramakrishna, outro me enviou para os EUA, este foi o maior de todos. Já se foi - estou tão calmo que às vezes me surpreende!! Trabalho todos os dias de manhã e à noite, como qualquer coisa a qualquer hora - e vou para a cama às 12h. à noite - mas que bom sono!! Nunca tive tanto poder de dormir antes!

Atenciosamente, com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

ALAMEDA, CALIFÓRNIA,

18 de abril de 1900.

MEU QUERIDO JOE,

Acabei de receber a sua carta de boas-vindas e a da Sra. Bull. Eu direciono isso para Londres. Estou tão feliz que a Sra. Leggett esteja no caminho certo para a recuperação.

Lamento muito que o Sr. Leggett tenha renunciado à presidência.

Bem, fico quieto com medo de causar mais problemas.

Você sabe que meus métodos são extremamente severos e, uma vez despertado, posso abalar A... demais para sua paz de espírito.

Escrevi-lhe apenas para lhe dizer que as suas ideias sobre a Sra. Bull estão totalmente erradas.

O trabalho é sempre difícil; reze por mim, Joe, para que meus trabalhos parem para sempre e toda a minha alma seja absorvida pela Mãe. Suas obras, ela sabe.

Vocês devem estar felizes por estar em Londres mais uma vez. Velhos amigos, dêem-lhes todo o meu amor e gratidão.

Estou bem, muito bem mentalmente. Sinto mais o descanso da alma do que o do corpo. As batalhas estão perdidas e vencidas, empacotei minhas coisas e estou esperando o grande libertador.

"Shiva, ó Shiva, leve meu barco para a outra margem."

Afinal, Joe, sou apenas o garoto que costumava ouvir com admiração extasiada as maravilhosas palavras de Ramakrishna sob a Banyan em Dakshineswar. Essa é a minha verdadeira natureza; obras e atividades, fazer o bem e assim por diante são todas sobreposições. Agora ouço novamente sua voz; a mesma velha voz emocionando minha alma. Os laços estão se rompendo – o amor morre, o trabalho fica sem gosto – o glamour está fora

da vida. Apenas a voz do Mestre chamando. - "Eu venho Senhor, eu venho." "Deixe os mortos enterrarem os mortos, siga-me." – “Eu venho, meu amado Senhor, eu venho.”

Sim, eu venho. O Nirvana está diante de mim. Às vezes sinto isso - o mesmo oceano infinito de paz, sem ondulação, sem sopro.

Estou feliz por ter nascido, feliz por ter sofrido tanto, feliz por ter cometido grandes erros, feliz por entrar na paz. Não deixo nenhum vínculo, não aceito obrigações. Quer este corpo caia e me liberte, quer eu entre na liberdade do corpo, o velho se foi, se foi para sempre, para nunca mais voltar! O guia, o Guru, o líder, o professor faleceu; o menino, o estudante, o servo fica para trás.

Você entende por que não quero me intrometer com A—. Quem sou eu para me intrometer com alguém, Joe? Há muito que desisti do meu lugar como líder – não tenho o direito de levantar a minha voz. Desde o início deste ano não ditei nada na Índia. Você sabe disso. Muito obrigado pelo que você e a Sra. Bull foram para mim no passado. Todas as bênçãos seguem você sempre! Os momentos mais doces da minha vida foram quando eu estava à deriva: estou à deriva novamente — com o sol brilhante e quente à frente e massas de vegetação ao redor — e no calor tudo fica tão quieto, tão calmo — e estou à deriva languidamente — no coração quente do rio! Não me atrevo a fazer barulho com as mãos ou os pés - por medo de quebrar a quietude maravilhosa, quietude que faz você ter certeza de que é uma ilusão!

Por trás do meu trabalho estava a ambição, por trás do meu amor estava a personalidade, por trás da minha pureza estava o medo, por trás da minha orientação estava a sede de poder! Agora eles estão desaparecendo e eu fico à deriva. Eu venho! Mãe, eu venho! Em Teu seio quente, flutuando onde quer que Tu me leve, no mudo, no estranho, no país das maravilhas, eu venho - um espectador, não mais um ator.

Ah, é tão calmo! Meus pensamentos parecem vir de uma distância muito grande, do interior do meu próprio coração. Parecem sussurros fracos e distantes, e a paz está em todas as coisas, uma doce, doce paz - como aquela que se sente por alguns momentos antes de adormecer, quando as coisas são

vistas e sentidas como sombras - sem medo, sem amor, sem emoção. Paz que se sente sozinho, rodeado de estátuas e quadros — eu venho! Senhor, eu venho!

O mundo é, mas não bonito nem feio, mas como sensações sem excitar nenhuma emoção. Oh, Joe, que bênção isso! Tudo é bom e lindo; pois todas as coisas estão perdendo suas proporções relativas para mim – meu corpo está entre os primeiros. Ó Essa Existência!

Espero que grandes coisas cheguem a todos vocês em Londres e Paris. Alegria renovada – novos benefícios para a mente e o corpo.

Com amor como sempre para você e a Sra. Bull,

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

6.4.159 NIVEDITA

NOVA IORQUE

20 de junho de 1900.

CARA NIVEDITA,

. . . Bem, a mãe parece ser gentil novamente e a roda está subindo lentamente. . . .

Seu etc.

VIVEKANANDA.

6.4.160 NIVEDITA

NOVA IORQUE,

2 de julho de 1900.

CARA NIVEDITA,

. . . Mamãe sabe, como sempre digo. Ore à mãe. É um trabalho árduo ser um líder – é preciso esmagar-se totalmente sob os pés da comunidade. . . .

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.161 NIVEDITA

6 PLACE DES ETATS UNIS, PARIS,

25 de agosto de 1900.

CARA NIVEDITA,

Sua carta chegou até mim agora há pouco. Muito obrigado pelas gentis expressões.

Dei uma chance à Sra. Bull de sacar seu dinheiro do Math; e como ela não disse nada sobre isso, e os títulos fiduciários estavam aqui esperando para serem executados, consegui que fossem devidamente executados no Consulado Britânico; e eles estão a caminho da Índia agora.

Agora estou livre, pois não guardei nenhum poder, autoridade ou posição para mim no trabalho. Também renunciei à presidência da Missão Ramakrishna.

O Math etc. pertence agora aos discípulos imediatos de Ramakrishna, exceto eu. A presidência agora é de Brahmananda – a seguir recairá sobre Premananda etc., etc., por sua vez.

Estou tão feliz que toda a carga saiu de mim, agora estou feliz. Tenho servido Ramakrishna através de erros e sucessos há 20 anos. Eu me aposento para sempre e dedico o resto da minha vida a mim mesmo.

Não represento mais ninguém, nem sou responsável por ninguém. Quanto aos meus amigos, eu tinha um mórbido senso de obrigação. Pensei bem e descobri que não devo nada a ninguém; na verdade, dediquei minhas melhores energias, quase até a morte, e recebi apenas intimidação, travessuras e aborrecimentos. Eu terminei com todos aqui e na Índia.

Sua carta indica que estou com ciúmes de seus novos amigos. Você deve saber de uma vez por todas que nasci sem ciúme, sem avareza, sem desejo de governar – sejam quais forem os outros vícios com os quais nasci.

Eu nunca orientei você antes; agora, depois de não ser ninguém no trabalho, não tenho direção alguma. Só sei uma coisa: enquanto você servir a “Mãe” de todo o coração, Ela será sua guia.

Nunca tive ciúme dos amigos que você fez. Nunca critiquei meus irmãos por se envolverem em nada. Só eu acredito que o povo ocidental tem a peculiaridade de tentar impor aos outros tudo o que lhes parece bom, esquecendo que o que é bom para você pode não ser bom para os outros. Como tal, temo que você possa tentar impor aos outros qualquer mudança que sua mente tome no contato com novos amigos. Essa foi a única razão pela qual às vezes tentei impedir qualquer influência específica, e nada mais.

Você é livre, tem sua própria escolha, seu próprio trabalho. ...

Amigos ou inimigos, todos eles são instrumentos em Suas mãos para nos ajudar a resolver nosso próprio Karma, através do prazer ou da dor. Como tal, “Mãe” abençoe a todos.

Com todo amor e bênçãos,

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

PARIS,

28 de agosto de 1900.

CARA NIVEDITA,

Assim é a vida – mói, mói; e ainda assim o que mais devemos fazer? Moer, moer! Algo virá – algum caminho será aberto. Se isso não acontecer, como provavelmente nunca acontecerá – então, então – e então? Todos os nossos esforços são apenas para evitar, por um tempo, o grande clímax – a morte! Oh, o que o mundo faria sem você, Morte! Tu, grande curador!

O mundo, tal como é, não é real, não é eterno, graças ao Senhor!! Como o futuro pode ser melhor? Esse deve ser um efeito deste – pelo menos assim, se não pior!

Sonhos, ah sonhos! Continue sonhando! O sonho, a magia do sonho, é a causa desta vida, é também o remédio. Sonho dos sonhos; único sonho! Mate sonho por sonho!

Estou tentando aprender francês, conversando com — aqui. Alguns já estão muito agradecidos. Falar com todo o mundo - sobre o eterno enigma, o eterno carretel do destino, cujo fio ninguém encontra e todos parecem encontrar, pelo menos para sua própria satisfação, pelo menos por um tempo - para se enganar por um momento, não é não é?

Bem, agora grandes coisas estão para ser feitas! Quem se importa com grandes coisas? Por que não fazer pequenas coisas também? Um é tão bom quanto o outro. A grandeza das pequenas coisas, é isso que o Gita ensina – abençoado seja o livro antigo!! . . .

Não tive muito tempo para pensar no corpo. Então deve estar bem. Nada está bem aqui. Às vezes nos esquecemos deles, e isso é estar bem e ir bem. . .

Nós desempenhamos nosso papel aqui – bom ou ruim. Quando o sonho terminar e tivermos saído do palco, riremos muito de tudo isso – só disso tenho certeza.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.163 MÃE

6 PLACE DES ETATS UNIS, PARIS,

3 de setembro de 1900.

QUERIDA MÃE, (Sra. Francis Leggett.)

Tivemos um congresso de excêntricos aqui nesta casa.

Os representantes vieram de vários países, desde a Índia, no sul, até a Escócia, no norte, com a Inglaterra e a América apoiando os lados.

Estávamos tendo grande dificuldade em eleger o presidente, pois embora o Dr. James (Professor William James) estivesse lá, ele estava mais preocupado com as bolhas levantadas nele pela Sra. Melton (provavelmente uma curandeira magnética) do que com a solução dos problemas mundiais.

Propus Joe (Josephine MacLeod), mas ela recusou alegando que seu vestido novo não chegaria - e foi para um canto para assistir a cena, de uma forma vantajosa.

A Sra. (Ole) Bull estava pronta, mas Margot (Irmã Nivedita) objetou que esta reunião fosse reduzida a uma aula de filosofia comparada.

Quando estávamos assim em apuros - surgiu do canto uma figura baixa, quadrada, quase redonda, e sem qualquer cerimônia declarou que todas as dificuldades serão resolvidas, não apenas de eleger um presidente, mas da própria vida, se todos tomarmos a iniciativa. adorando o Deus Sol e o Deus Lua. Ele fez seu discurso em cinco minutos; mas seu discípulo, que estava presente, levou três quartos de hora para traduzir. Entretanto, o mestre começou a amontoar os tapetes da sua sala, com a intenção, como ele disse, de nos dar uma demonstração ocular do poder do "Deus do Fogo", ali mesmo.

Nesse momento, Joe interveio e insistiu que ela não queria um sacrifício de fogo em sua sala; então o santo indiano olhou ferozmente para Joe, totalmente enojado com o comportamento de alguém que ele acreditava ser um perfeito convertido à adoração do fogo.

Então o Dr. James tirou um minuto do tratamento de suas bolhas e declarou que teria algo muito interessante para falar sobre o Deus do Fogo e seus irmãos, se não estivesse inteiramente ocupado com a evolução das bolhas Meltonianas. Além disso, seu grande Mestre, Herbert Spencer, não tendo investigado o assunto diante dele, ele se apegaria ao silêncio dourado.

“Chutney é a coisa certa”, disse uma voz perto da porta. Todos olhamos para trás e vimos Margot. “É o Chutney”, disse ela, “Chutney e Kali, que removerão todas as dificuldades da Vida e tornarão mais fácil para nós engolirmos todos os males e saborearmos o que é bom.” Mas ela parou de repente e afirmou veementemente que não iria falar mais nada, pois foi obstruída em seu discurso por um certo animal macho na plateia. Ela tinha certeza de que um homem na plateia estava com a cabeça voltada para a janela e não prestava a atenção adequada a uma dama, e embora ela acreditasse na igualdade dos sexos, ainda assim queria saber o motivo daquela nojenta, a falta do homem do devido respeito pelas mulheres. Então todos declararam que estavam lhe prestando toda a atenção, e todos acima do direito igual, que lhe era devido, mas sem propósito. Margot não quis ter nada a ver com aquela multidão horrível e sentou-se.

Então a Sra. Bull de Boston tomou a palavra e começou a explicar como todas as dificuldades do mundo decorriam da não compreensão da verdadeira relação entre os sexos. Ela disse: “A única panacéia era uma compreensão correta das pessoas adequadas, e então encontrar a liberdade no amor e a liberdade na liberdade e na maternidade, na fraternidade, na paternidade, na divindade, no amor na liberdade e na liberdade no amor, na sustentação correta de o verdadeiro ideal em sexo.”

A isto o delegado escocês opôs-se veementemente e disse que assim como o caçador perseguia o pastor de cabras, o pastor o pastor, o pastor o camponês, e o camponês conduzia o pescador para o mar, agora queríamos pescar nas profundezas do pescador e deixar ele caia sobre o camponês, o camponês sobre o pastor, e assim por diante; e a teia da vida se completará

e seremos todos felizes. Ele não foi autorizado a continuar seu negócio de motorista por muito tempo. Num segundo, todos estavam de pé, e só podíamos ouvir uma confusão de vozes - "Deus Sol e Deus Lua", "Chutney e Kali", "A liberdade sustenta a compreensão correta, o sexo, a maternidade", "Nunca, o pescador". deve voltar para a costa ", etc. Ao que Joe declarou que ela desejava ser a caçadora da época e expulsar todos de casa se eles não parassem com suas bobagens.

Então a paz e a calma foram restauradas, e apresso-me em escrever-lhe sobre isso.

Atenciosamente.,

VIVEKANANDA.

6.4.164 ALBERTA

6 LUGAR DOS ESTADOS UNIDOS,

PARIS, FRANÇA,

10 de setembro de 1900.

QUERIDA ALBERTA,

Certamente irei esta noite e, claro, ficarei muito feliz em conhecer a princesa (provavelmente a princesa Demidoff) e seu irmão. Mas se for tarde demais para encontrar o caminho até aqui, você terá que me encontrar um lugar para dormir na casa.

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

6.4.165 JOE

A MATEMÁTICA, BELUR,

11 de dezembro de 1900.

CARO JOE,

Cheguei anteontem à noite. Infelizmente! minha pressa não adiantou nada.

O pobre capitão Sevier faleceu há poucos dias - assim, dois grandes ingleses deram suas vidas por nós - nós, os hindus. Assim é o martírio, se é que existe alguma coisa. Sra. Sevier, para quem escrevi agora há pouco, para saber sua decisão.

Estou bem, as coisas estão bem aqui – em todos os sentidos. Desculpe essa pressa. Escreverei mais em breve.

Sempre seu na verdade,

VIVEKANANDA.

6.4.166 NIVEDITA

A MATEMÁTICA, BELUR, HOWRAH,

19 de dezembro de 1900.

CARA NIVEDITA,

Apenas uma voz em todos os continentes para dizer: como vai você? Você não está surpreso? Na verdade sou um pássaro de passagem. A alegre e movimentada Paris, a sombria e velha Constantinopla, a cintilante pequena Atenas e o Cairo piramidal ficam para trás, e aqui estou eu escrevendo em meu quarto no Ganga, no Math. Está tão quieto e quieto! O rio largo dança sob o sol forte, só que de vez em quando um cargueiro ocasional quebra o silêncio com o barulho dos remos. É a estação fria aqui, mas o meio do dia é quente e claro todos os dias. Mas é o inverno do sul da Califórnia. Tudo é verde e dourado, e a grama é como veludo; no entanto, o ar é frio, fresco e delicioso.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.4.167 JOE

A MATEMÁTICA, BELUR, HOWRAH,

26 de dezembro de 1900.

CARO JOE,

Este correio trouxe sua carta, incluindo a de mamãe e Alberta. O que o erudito amigo de Alberta diz sobre a Rússia é quase o mesmo, penso eu. Só há uma dificuldade de pensamento: será possível que a raça hindu seja russificada?

O querido Sr. Sevier faleceu antes que eu pudesse chegar. Foi cremado às margens do rio que passa pelo seu Ashrama, à la Hindu, coberto de guirlandas, os brâmanes carregando o corpo e os meninos cantando os Vedas.

A causa já conta com dois mártires. Isso me faz amar a querida e velha Inglaterra e sua raça heróica. A Mãe está regando a planta da futura Índia com o melhor sangue da Inglaterra. Glória a Ela!

A querida Sra. Sevier está calma. Uma carta que ela me escreveu para Paris chega neste correio. Amanhã vou visitá-la. Senhor a abençoe, querida alma corajosa!

Estou calmo e forte. A ocasião nunca me deixou deprimido, mas a mãe não vai me deixar deprimido agora.

Aqui é muito agradável, agora que o inverno chegou. O Himalaia ficará ainda mais bonito com as neves descobertas.

O jovem que começou em Nova York, Sr. Johnston, fez o voto de Brahmachârin e está em Mayavati.

Mande o dinheiro para Saradananda no Math, pois estarei nas colinas.

Eles trabalharam bem até onde puderam; Estou feliz e me sinto um idiota por causa do meu desgosto nervoso.

Eles estão tão bons e fiéis como sempre e gozam de boa saúde. Escreva tudo isso para a Sra. Bull e diga-lhe que ela sempre teve razão e eu estava errado, e peço-lhe cem mil perdões.

Oceanos de amor por ela e por M—

Eu olho para trás e depois

E descubra que está tudo certo.

Nas minhas mais profundas tristezas

Existe uma alma de luz.

Todo o meu amor a M—, Sra. C—, ao querido J.B.— e a você, querido Joe, Pranâms.

VIVEKANANDA.

6.4.168 NIVEDITA

A MATEMÁTICA, BELUR,

7 de setembro de 1901.

CARA NIVEDITA,

Todos trabalhamos aos poucos, ou seja, nesta causa. Tento manter a mola abaixada, mas uma coisa ou outra acontece, e a mola faz um zumbido, e aí está você — pensando, lembrando, rabiscando, rabiscando e tudo mais!

Bem, quanto às chuvas - elas caíram agora com toda a força, e é um dilúvio, torrencial, torrencial, torrencial noite e dia. O rio está subindo, inundando as margens; as lagoas e tanques transbordaram. Acabo de voltar de uma ajuda no corte de um ralo profundo para tirar a água do terreno de Math. A água da chuva atinge locais com alguns metros de altura. Minha enorme cegonha

está cheia de alegria, assim como os patos e os gansos. Meu antílope domesticado fugiu do Math e nos deu alguns dias de ansiedade ao descobri-lo. Infelizmente, um dos meus patos morreu ontem. Ela estava com falta de ar há mais de uma semana. Um dos meus velhos monges brincalhões disse: "Senhor, não adianta viver nesta Kali-Yuga quando os patos pegam resfriado por causa da umidade e da chuva e os sapos espirram!"

Um dos gansos teve suas plumas caindo. Não conhecendo outro método, deixei-a alguns minutos numa banheira com água misturada com carbólico suave, para que pudesse matar ou curar; e ela está bem agora.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

6.5 CONVERSAS E DIÁLOGOS

6.5.1 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: Calcutá, casa do falecido Babu Priyanath Mukhopadhyaya, Baghbazar. Ano: 1897.]

Já se passaram três ou quatro dias desde que Swamiji colocou os pés em Calcutá (em 20 de fevereiro de 1897), após seu primeiro retorno do Ocidente. A alegria dos devotos de Shri Ramakrishna não tem limites em

desfrutar de sua presença sagrada depois de muito tempo. E os abastados entre eles estão se considerando abençoados por convidar cordialmente Swamiji para suas próprias casas. Esta tarde Swamiji recebeu um convite para ir à casa de Srijut Priyanath Mukhopadhyaya, um devoto de Shri Ramakrishna, em Rajballabhpara em Baghbazar. Ao receber esta notícia, muitos devotos reuniram-se hoje em sua casa.

O discípulo também, informado disso através de fontes indiretas, chegou à casa do Sr. Mukherjee por volta das 14h30. Ele ainda não havia conhecido Swamiji. Portanto, este seria o seu primeiro encontro com o Swami.

Quando o discípulo chegou lá, Swami Turiyananda o levou até Swamiji e o apresentou. Após seu retorno ao Math, o Swami já tinha ouvido falar dele, tendo lido um Hino sobre Shri Ramakrishna composto pelo discípulo.

Swamiji também soube que o discípulo costumava visitar Nâg Mahashaya, um dos principais devotos de Shri Ramakrishna. [75]

Quando o discípulo se prostrou diante dele e sentou-se, Swamiji dirigiu-se a ele em sânscrito e perguntou-lhe sobre Nag Mahashaya e sua saúde, e enquanto se referia à sua renúncia sobre-humana, ao seu amor ilimitado por Deus e à sua humildade, ele disse:

“वयं तत्त्वान्वेषात् हता मधुकर त्वं खलुकृती ।

(Palavras dirigidas pelo Rei Dushyanta à abelha que estava provocando Shakuntalâ disparando em seus lábios - o Shâkuntalam de Kalidasa.)

- "Estamos destruídos por nossa vã busca pela realidade; enquanto, ó abelha, você é realmente abençoada com sucesso!" Ele então pediu ao discípulo que enviasse estas palavras a Nag Mahashaya. Depois, achando bastante inconveniente falar com o discípulo no meio da multidão, ele chamou ele e Swami Turiyananda para uma pequena sala a oeste e, dirigindo-se ao discípulo, começou a recitar estas palavras do Vivekachudâmani (43):

“मा भैष्ट विद्वंस्तव नास्त्यपायः
संसारसिन्धोस्तरणेऽस्तुपायः ।
येनैव याता यतयोऽस्य पारं
तमेव मार्गं तव निर्दिशामि ॥

- "Ó sábio, não tema; você não precisa perecer. Existem meios para cruzar o oceano deste ciclo de nascimento e morte. Eu lhe mostrarei o mesmo caminho pelo qual homens santos de renúncia cruzaram este oceano." Ele então pediu-lhe que lesse a obra de Âchârya Shankara chamada Vivekachudâmani.

Ao ouvir essas palavras, o discípulo continuou meditando consigo mesmo. Estaria o Swami insinuando desta forma a conveniência de sua própria iniciação formal? O discípulo era naquela época um homem ortodoxo convicto em seus caminhos e um vedantino. Ele ainda não havia se decidido quanto à adoção de um Guru e era um defensor dedicado do Varnâshrama ou ordenanças de castas.

Enquanto vários assuntos aconteciam, um homem entrou e anunciou que o Sr. Narendranath Sen, o editor do Mirror, tinha vindo para uma entrevista com Swamiji. Swamiji pediu ao portador desta notícia que o levasse até aquela pequena sala. Narendra Babu veio e sentou-se e apresentou vários tópicos sobre a Inglaterra e a América. Em resposta às suas perguntas, Swamiji disse: “Em nenhum lugar do mundo se encontrará outra nação como os americanos, tão generosos, de mente aberta, hospitaleiros e tão sinceramente ansiosos por aceitar novas ideias”. "Onde quer que o trabalho", continuou ele, "foi feito na América, não foi feito através do meu poder. O povo da América aceitou as ideias do Vedanta, porque tem muito bom coração." Referindo-se à Inglaterra, ele disse: "Não há nação no mundo tão conservadora quanto a inglesa. Eles não gostam de aceitar tão facilmente qualquer ideia nova, mas se através da perseverança puderem ser levados a compreender qualquer ideia, eles nunca darão de qualquer maneira. Essa determinação firme você não encontrará em nenhuma outra nação. É por isso que eles ocupam a posição de liderança no mundo em poder e civilização."

Então, declarando que se houvesse pregadores qualificados, haveria maior probabilidade de o trabalho Vedanta ser permanentemente estabelecido na Inglaterra do que na América, ele continuou: "Eu apenas estabeleci o

fundamento do trabalho. Se os futuros pregadores seguirem meu caminho, um bom muito trabalho pode ser feito a tempo."

Narendra Babu perguntou: "Que perspectivas futuras temos para pregar a religião desta forma?"

Swamiji disse: "Em nosso país só existe esta religião do Vedanta. Comparado com a civilização ocidental, pode-se dizer, dificilmente temos outra coisa. Mas pela pregação desta religião universal do Vedanta, uma religião que dá direitos iguais para adquirir espiritualidade para homens de todos os credos e todos os caminhos de prática religiosa, o Ocidente civilizado conheceria o grau maravilhoso de espiritualidade que uma vez se desenvolveu na Índia e como isso ainda existe. Através do estudo desta religião, as nações ocidentais irão. têm crescente consideração e simpatia por nós. Estes já cresceram até certo ponto. Desta forma, se tivéssemos a sua verdadeira simpatia e consideração, aprenderíamos com eles as ciências relacionadas com a nossa vida material, qualificando-nos assim melhor para a luta pela conquista. Por outro lado, ao aprenderem este Vedanta conosco, eles serão capazes de garantir seu próprio bem-estar espiritual."

Narendra Babu perguntou: "Há alguma esperança de nosso progresso político neste tipo de intercâmbio?"

Swamiji disse: "Eles (os ocidentais) são filhos do grande herói Virochana! [76] Seu poder faz com que os cinco elementos brinquem como marionetes em suas mãos. Se vocês acreditam que, em caso de conflito com eles, ganharemos a liberdade, Ao aplicar essas forças materiais, você está profundamente enganado. Assim como um pequeno pedaço de pedra diante do Himalaia, também diferimos deles no que diz respeito à habilidade no uso dessas forças. segredos da religião Vedanta no mundo ocidental, atrairemos a simpatia e consideração dessas nações poderosas, mantendo para sempre a posição de seus professores em assuntos espirituais, e eles continuarão sendo nossos professores em todas as preocupações materiais. o espiritual em suas mãos, nossos compatriotas se sentariam aos pés do Ocidente para aprender religião, naquele dia, de fato, a nacionalidade desta nação caída estará morta e desaparecerá para sempre. Nada virá de chorar dia e noite diante deles: 'Dê. me dê isso ou me dê aquilo. Quando crescer um elo de simpatia e consideração entre ambas as nações através desta

relação de dar e receber, não haverá então necessidade destes gritos barulhentos. Eles farão tudo por sua própria vontade. e a difusão mais ampla do Vedanta, tanto este país como o Ocidente ganharão enormemente. Para mim, a prática da política é um meio secundário em comparação com isto. Darei a minha vida para levar a cabo esta crença na prática. outra maneira de realizar o bem da Índia, bem, você pode continuar trabalhando do seu próprio jeito."

Narendra Babu saiu logo, expressando sua concordância irrestrita com as idéias de Swamiji. O discípulo, ouvindo as palavras acima de Swamiji, surpreendentemente contemplou suas feições luminosas com olhar firme.

Quando Narendra Babu partiu, um pregador entusiasmado pertencente à sociedade para a proteção das vacas veio para uma entrevista com Swamiji. Ele estava vestido quase como um Sannyasin, se não totalmente - com um turbante Geruâ na cabeça; ele era evidentemente um índio do interior. Ao anúncio deste pregador da proteção às vacas, Swamiji saiu para a sala de estar. O pregador saudou Swamiji e presenteou-o com uma foto da mãe-vaca. Swamiji pegou-o nas mãos e, aproximando-se de alguém que estava por perto, iniciou a seguinte conversa com o pregador:

Swamiji: Qual é o objetivo da sua sociedade?

Pregador: Protegemos as vacas-mãe do nosso país das mãos do açougueiro. Enfermarias de vacas foram fundadas em alguns lugares onde são atendidas as vacas-mãe doentes, decrépitas ou compradas nos açougues.

Swamiji: Isso é realmente muito bom. Qual é a fonte de sua renda?

Pregador: O trabalho da sociedade é realizado apenas por meio de presentes gentilmente feitos por grandes homens como você.

Swamiji: Que quantia de dinheiro você tem guardado agora?

Pregador: A comunidade de comerciantes de Marwari é a apoiadora especial deste trabalho. Eles doaram uma grande quantia por esta boa causa.

Swamiji: Uma terrível fome irrompeu agora na Índia Central. O governo indiano publicou uma lista de mortes de nove lakhs de pessoas famintas. A sua sociedade fez alguma coisa para prestar ajuda neste tempo de fome?

Pregador: Não ajudamos durante a fome ou outras dificuldades. Esta sociedade foi estabelecida apenas para a proteção das mães vacas.

Swamiji: Durante uma fome, quando milhares de pessoas, seus próprios irmãos e irmãs, caíram nas garras da morte, você não pensou que era seu dever, embora tivesse os meios, ajudá-los naquela terrível calamidade com comida!

Pregador: Não. Esta fome irrompeu como resultado do Karma dos homens, dos seus pecados. É um caso de “como Karma, como fruta”.

Ao ouvir as palavras do pregador, faíscas de fogo brilharam nos grandes olhos de Swamiji; seu rosto ficou vermelho. Mas reprimiu o seu sentimento e disse: “Aqueles associações que não sentem simpatia pelos homens e, mesmo vendo os seus próprios irmãos morrerem de fome, não lhes dão um punhado de arroz para salvar as suas vidas, ao mesmo tempo que doam pilhas de comida para salvar pássaros e animais pelos quais não tenho a menor simpatia e não acredito que a sociedade obtenha qualquer bem deles. Se você fizer um apelo ao Karma dizendo que os homens morrem através do seu Karma, então torna-se um fato estabelecido que isso é verdade. é inútil tentar ou lutar por qualquer coisa neste mundo; e o seu trabalho para a proteção dos animais não é exceção. Também no que diz respeito à sua causa, pode-se dizer – as vacas-mãe, através do seu próprio Karma, caem nas mãos dos açougueiros. e morrer, e não precisamos fazer nada sobre o assunto.”

O pregador ficou um pouco envergonhado e disse: “Sim, o que você diz é verdade, mas os Shâstras dizem que a vaca é nossa mãe”.

Swamiji disse sorrindo: “Sim, que a vaca é nossa mãe, eu entendo: quem mais poderia dar à luz crianças tão talentosas?”

O pregador do interior não falou mais sobre o assunto; talvez ele não conseguisse entender o motivo do ridículo comovente de Swamiji. Ele disse

a Swamiji que estava implorando algo dele para os objetivos da sociedade.

Swamiji: Eu sou um Sannyasin, um faquir. Onde encontrarei dinheiro suficiente para ajudá-lo? Mas se algum dia eu tiver dinheiro em minha posse, primeiro o gastarei a serviço do homem. O homem é o primeiro a ser salvo; ele deve receber comida, educação e espiritualidade. Se sobrar algum dinheiro depois de fazer tudo isso, então apenas algo será dado à sua sociedade.

Com estas palavras, o pregador foi embora depois de saudar Swamiji. Então Swamiji começou a falar conosco: "Que palavras, essas, na verdade! Diz ele que os homens estão morrendo por causa de seu Karma, então de que adianta fazer qualquer gentileza para com eles! Esta é a prova decisiva de que o país foi à tortura e à ruína." Você vê o quanto a teoria do Karma do seu Hinduísmo tem sido abusada? Aqueles que são homens e ainda assim não têm sentimentos pelo homem, bem, devem ser considerados como homens? Ao falar estas palavras, todo o corpo de Swamiji pareceu tremer de angústia e tristeza.

Então, enquanto fumava, Swamiji disse ao discípulo: "Bem, veja-me novamente".

Discípulo: Onde você vai ficar, senhor? Talvez você possa se hospedar na casa de algum homem rico. Ele vai me permitir lá?

Swamiji: No momento, estarei morando no Alambazar Math ou na casa do jardim de Gopal Lal Seal em Cossipore. Você pode vir para qualquer lugar.

Discípulo: Senhor, desejo muito falar com você em solidão.

Swamiji: Tudo bem. Venha uma noite. Falaremos bastante do Vedanta.

Discípulo: Senhor, ouvi dizer que alguns europeus e americanos vieram com você. Eles não ficarão ofendidos com meu vestido ou meu discurso?

Swamiji: Ora, eles também são homens e, além disso, são devotados à religião Vedanta. Eles ficarão felizes em conversar com você.

Discípulo: Senhor, o Vedanta fala de algumas qualificações distintas para seus aspirantes; como isso poderia aparecer em seus discípulos ocidentais? Os Shastras dizem: aquele que estudou os Vedas e o Vedanta, que expiou formalmente seus pecados, que realizou todos os deveres diários e ocasionais prescritos pelas escrituras, que é autocontido em sua alimentação e conduta geral, e especialmente ele aquele que é realizado nos quatro Sâdhanâs especiais (disciplinas preliminares), somente ele tem direito à prática do Vedanta. Seus discípulos ocidentais são, em primeiro lugar, não-brâmanes, e então são negligentes em relação à alimentação e ao vestuário adequados; como eles poderiam entender o sistema do Vedanta?

Swamiji: Quando você falar com eles, você saberá imediatamente se eles entenderam o Vedanta ou não.

Swamiji, talvez, pudesse agora ver que o discípulo estava rigidamente devotado às observâncias externas do Hinduísmo ortodoxo. Swamiji então, cercado por alguns devotos de Shri Ramakrishna, foi até a casa de Srijut Balaram Basu de Baghbazar. O discípulo comprou o livro Vivekachudamani em Bat-tala e dirigiu-se para sua casa em Darjipara.

6.5.2 CHAKRAVARTY SHARACHANDRA

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: No caminho de Calcutá para Cossipore e no jardim do falecido Gopal Lal Seal. Ano: 1897.]

Hoje Swamiji estava descansando ao meio-dia na casa de Srijut Girish Chandra Ghosh. [77] O discípulo que chegou lá o saudou e descobriu que Swamiji estava pronto para ir para a casa do jardim de Gopal Lal Seal. Uma carruagem estava esperando lá fora. Ele disse ao discípulo: “Bem, venha comigo”. O discípulo concordando, Swamiji subiu com ele na carruagem e tudo começou. Quando ele subiu a estrada de Chitpur, ao ver o Gangâ, Swamiji começou a cantar, egocêntrico: “गङ्गातरङ्ग-रमणीय-जटा-कलाप” etc. [78] O discípulo ouviu com admiração silenciosa aquela onda de música, quando depois de um breve enquanto, vendo uma locomotiva indo em direção à ponte hidráulica de Chitpur, Swamiji disse ao discípulo: "Veja como ela anda majestosamente como um leão!" O discípulo respondeu: "Mas isso é matéria inerte. Atrás dela está a inteligência do homem trabalhando , e portanto ele se move assim, que crédito há para isso?"

Swamiji: Bem, diga então, qual é o sinal da consciência?

Discípulo: Ora, senhor, é realmente consciente aquilo que age através da inteligência.

Swamiji: Tudo o que se rebela contra a natureza é consciente: ali a consciência se manifesta. Apenas tente matar uma formiguinha, mesmo que ela resista para salvar sua vida. Onde há luta, onde há rebelião, aí está o sinal de vida, aí a consciência se manifesta.

Discípulo: Senhor, esse teste pode ser aplicado também no caso dos homens e das nações?

Swamiji: Basta ler a história do mundo e ver se ela se aplica ou não. Você descobrirá que, com exceção da sua, ela é válida no caso de todas as outras nações. São apenas vocês que estão neste mundo prostrados hoje como matéria inerte. Você foi hipnotizado. Desde tempos muito antigos, outros têm lhe dito que você é fraco, que não tem poder, e você também, aceitando isso, tem pensado por cerca de mil anos: “Somos miseráveis, não servimos para nada”. (Apontando para o seu próprio corpo:) Este corpo também nasce do solo do seu país; mas nunca pensei assim. E, portanto, você vê como, através de Sua vontade, mesmo aqueles que sempre nos consideram baixos e fracos, fizeram e ainda estão me prestando honra divina. Se você puder pensar que o poder infinito, o conhecimento infinito e a energia

indomável residem dentro de você, e se você puder trazer à tona esse poder, você também poderá se tornar como eu.

Discípulo: Onde está em nós a capacidade de pensar dessa maneira, senhor? Onde está o professor ou preceptor que desde a infância falará assim diante de nós e nos fará compreender? O que ouvimos e aprendemos de todos é que o objectivo de ter uma educação hoje em dia é garantir um bom emprego.

Swamiji: É por essa razão que apresentamos outro preceito e exemplo. Aprendam essa verdade conosco, compreendam-na e realizem-na e depois espalhem essa ideia nas cidades, nas vilas e nas aldeias. Vá e pregue a todos: "Levante-se, desperte, não durma mais; dentro de cada um de vocês existe o poder de remover todas as necessidades e todas as misérias. Acredite nisso, e esse poder será manifestado." Ensine isso a todos e, com isso, divulgue entre as massas, em linguagem simples, as verdades centrais da ciência, da filosofia, da história e da geografia. Tenho um plano para abrir um centro com os jovens solteiros; antes de tudo, eu os ensinarei e depois continuarei o trabalho através deles.

Discípulo: Mas isso requer muito dinheiro. Onde você conseguirá esse dinheiro?

Swamiji: O que você fala! Não é o homem que ganha dinheiro? Onde você já ouviu falar de homem que ganha dinheiro? Se você puder unir perfeitamente seus pensamentos e palavras, se você puder, eu digo, tornar-se um em palavras e ações, o dinheiro cairá sozinho aos seus pés, como água.

Discípulo: Bem, senhor, tenho como certo que o dinheiro virá e você começará esse bom trabalho. Mas o que isso importará? Antes disso, também, muitos grandes homens realizaram muitas boas ações. Mas onde eles estão agora? Certamente, o mesmo destino aguarda o trabalho que vocês vão iniciar. Então qual é a vantagem de tal esforço?

Swamiji: Aquele que sempre especula sobre o que o espera no futuro, não realiza absolutamente nada. O que você entendeu como verdadeiro e bom, faça isso imediatamente. Qual é a vantagem de calcular o que pode ou não

acontecer no futuro? A duração da vida é tão, tão curta – e qualquer coisa pode ser realizada nela se você continuar prevendo e computando resultados. Deus é o único dispensador de resultados; deixe que Ele faça tudo isso. O que você tem a ver com o trabalho.

Enquanto ele prosseguia, o táxi chegou à casa do jardim. Muitas pessoas de Calcutá foram ao jardim naquele dia para ver Swamiji. Swamiji desceu da carruagem, sentou-se na sala e começou a conversar com todos eles. O Sr. Goodwin, um discípulo ocidental de Swamiji, estava por perto, como se fosse a personificação do serviço. O discípulo já o havia conhecido; então ele procurou o Sr. Goodwin e ambos conversaram sobre Swamiji.

À noite, Swamiji chamou o discípulo e perguntou-lhe: “Você sabe o Katha Upanishad de cor?”

Discípulo: Não, senhor, só li com o comentário de Shankara.

Swamiji: Entre os Upanishads não se encontra outro livro tão bonito como este. Eu gostaria que todos vocês entendessem isso de cor. O que fará apenas para lê-lo? Em vez disso, tente trazer para a sua vida a fé, a coragem, a discriminação e a renúncia de Nachiketâ.

Discípulo: Dê suas bênçãos, por favor, para que eu possa realizar isso.

Swamiji: Você já ouviu falar das palavras de Shri Ramakrishna, não ouviu? Ele costumava dizer: “A brisa da misericórdia já está soprando, basta içar a vela”. Alguém pode, meu rapaz, impor a realização a outro? O destino de alguém está em suas próprias mãos – o Guru apenas faz com que isso seja compreendido. Através do poder da própria semente a árvore cresce, o ar e a água são apenas ajudas.

Discípulo: Existe, senhor, a necessidade também de ajuda externa.

Swamiji: Sim, existe. Mas você deve saber que, se não houver substância interna, nenhuma ajuda externa terá valor algum. No entanto, chega um momento para todos realizarem o Ser. Pois todo mundo é Brahman. A distinção entre superior e inferior está apenas no grau de manifestação desse Brahman. Com o tempo, todos terão uma manifestação perfeita. Daí os Shâstras dizerem: "कालेनात्मनि विन्दति - Com o tempo, Isso é realizado em si mesmo."

Discípulos Quando, infelizmente, isso acontecerá, senhor? Dos Shastras ouvimos quantos nascimentos tivemos que passar na ignorância!

Swamiji: Qual é o medo? Quando você vier aqui desta vez, a meta será alcançada nesta vida. Libertação ou Samâdhi – tudo isto consiste simplesmente em eliminar os obstáculos à manifestação de Brahman. Caso contrário, o Ser estará sempre brilhando como o sol. A nuvem da ignorância apenas o ocultou. Remova a nuvem e o sol se manifestará. Então você entra no estado de "भिद्यते हृदयगन्धिः" ("o nó do coração está quebrado") etc. Os vários caminhos que você encontra, todos aconselham você a remover os obstáculos no caminho. A maneira pela qual alguém realiza o Ser é a maneira pela qual ele pregou a todos. Mas o objetivo de tudo é o conhecimento do Eu, a realização deste Eu. A ela todos os homens, todos os seres têm direitos iguais. Esta é a visão aceitável para todos.

Discípulo: Senhor, quando leio ou ouço estas palavras dos Shastras, o pensamento de que o Ser ainda não foi realizado deixa o coração muito desconsolado.

Swamiji: Isto é o que chamamos de saudade. Quanto mais crescer, mais a nuvem de obstáculos será dissipada e mais forte será a fé estabelecida. Gradualmente, o Ser será realizado como uma fruta na palma da mão. Somente esta compreensão é a alma da religião. Todos podem continuar cumprindo algumas observâncias e formalidades. Todos podem cumprir certas injunções e proibições, mas quão poucos têm esse desejo de realização! Este anseio intenso – enlouquecer depois de realizar Deus ou obter o conhecimento do Ser – é a verdadeira espiritualidade. A loucura irresistível que as Gopis tinham pelo Senhor, Shri Krishna, sim, é um anseio intenso como aquele que é necessário para a realização do Ser! Mesmo na

mente das Gopis havia uma ligeira distinção entre homem e mulher. Mas no verdadeiro Autoconhecimento não há a menor distinção de sexo.

Enquanto falava assim, Swamiji introduziu o assunto do Gita-Govindam (de Jayadeva) e continuou dizendo:

Jayadeva foi o último poeta da literatura sânscrita, embora muitas vezes se importasse mais com o tilintar das palavras do que com a profundidade do sentimento. Mas veja como o poeta mostrou a culminação do amor e do desejo no Shloka “पतति पतत्रे” etc. [79] Tal amor é realmente necessário para a Auto-realização. Deve haver preocupação e angústia no coração. Agora, de Sua vida lúdica em Vrindaban, venha até Krishna de Kurukshetra e veja como isso também é fascinante – como, em meio a todo aquele barulho horrível e tumulto de luta, Krishna permanece calmo, equilibrado e pacífico. Sim, no próprio campo de batalha, Ele está falando o Gita para Arjuna e fazendo-o lutar, que é o Dharma de um Kshatriya! Ele próprio um agente para provocar esta guerra terrível, Shri Krishna permanece desapegado de ação – Ele não pegou em armas! Para qualquer fase que você olhar, você encontrará o caráter de Shri Krishna perfeito. Como se Ele fosse a personificação do conhecimento, do trabalho, da devoção, do poder de concentração e de tudo mais! Na era atual, este aspecto de Shri Krishna deve ser especialmente estudado. Somente contemplar o Krishna de Vrindaban com Sua flauta não será suficiente hoje em dia – isso não trará salvação à humanidade. Agora é necessária a adoração de Shri Krishna proferindo o rugido de leão do Gita, de Râma com Seu arco e flechas, de Mahavira, de Mãe Kâli. Só então o povo se fortalecerá, trabalhando com grande energia e vontade. Considerarei o assunto com muito cuidado e cheguei à conclusão de que, daqueles que professam e falam de religião hoje em dia neste país, a maioria está cheia de morbidez – estúpidos ou fanáticos. Sem o desenvolvimento de uma abundância de Rajas, vocês não terão esperanças nem neste mundo nem no próximo. Todo o país está envolto em intensos Tamas; e naturalmente o resultado é: servidão nesta vida e inferno na próxima.

Discípulo: Você espera, tendo em vista os Rajas dos ocidentais, que eles gradualmente se tornarão Sâttvika?

Swamiji: Certamente. Possuidores de uma plenitude de Rajas, eles alcançaram agora a culminação de Bhoga, ou prazer. Você acha que não são eles, mas você, que vai alcançar o Yoga – você que fica por aí por causa de sua barriga? Ao ver seu prazer altamente refinado, o delineamento em Meghaduta — “विद्युद्भस्त्रं ललितवसनाः” etc. [80] — vem à minha mente. E o seu Bhoga consiste em ficar deitado numa cama esfarrapada num quarto abafado, multiplicando a prole todos os anos como um porco! — Gerando um bando de mendigos e escravos famintos! Por isso eu digo, deixe as pessoas se tornarem enérgicas e ativas por natureza pela estimulação dos Rajas. Trabalho Trabalho trabalho; “नान्यः पन्था विद्यतेऽयनाय — Não existe outro caminho de libertação além deste.”

Discípulo: Senhor, nossos antepassados possuíam esse tipo de Rajas?

Swamiji: Por que não o fizeram? Não nos diz a história que estabeleceram colônias em muitos países e enviaram pregadores religiosos ao Tibete, à China, a Sumatra e até ao longínquo Japão? Você acha que existe algum outro meio de alcançar o progresso, exceto através de Rajas?

À medida que a conversa prosseguia, a noite se aproximava; e enquanto isso a senhorita Müller chegou lá. Ela era uma senhora inglesa que tinha grande reverência por Swamiji. Swamiji apresentou-lhe o discípulo e, após uma breve conversa, a Srta. Müller subiu as escadas.

Swamiji: Veja, a que nação heróica eles pertencem! Quão longe é a sua casa, e ela é filha de um homem rico - mas quão longe ela percorreu, apenas com a esperança de realizar o ideal espiritual!

Discípulo: Sim, senhor, mas suas obras são ainda mais estranhas! Quantos senhores e senhoras ocidentais estão sempre ansiosos para atendê-lo! Para esta idade, é realmente muito estranho!

Swamiji: Se este corpo durar, você verá muito mais coisas. Se eu conseguir alguns jovens de coração e energia, revolucionarei o país inteiro. Existem alguns em Madras. Mas tenho mais esperança em Bengala. Cérebros tão claros dificilmente são encontrados em qualquer outro país. Mas eles não têm força nos músculos. O cérebro e os músculos devem desenvolver-se

simultaneamente. Nervos de ferro com um cérebro inteligente – e o mundo inteiro estará aos seus pés.

Foi trazida a notícia de que o jantar estava pronto para Swamiji. Ele disse ao discípulo: “Venha e dê uma olhada na minha comida”. Enquanto continuava o jantar, ele disse: "Não é bom ingerir muita substância gordurosa ou oleosa. Roti é melhor que Luchi. Luchi é o alimento dos doentes. Coma peixe, carne e vegetais frescos, mas doces com moderação". Enquanto falava, ele perguntou: “Bem, quantos Rotis eu tomei? Devo tomar mais? muito enquanto ele estava falando!

Ele terminou depois de tomar um pouco mais. O discípulo também se despediu e voltou para Calcutá. Não conseguindo alugar um táxi, ele teve que caminhar; e enquanto caminhava, ele pensou em quando poderia voltar no dia seguinte para ver Swamiji.

6.5.3 CHAKRAVARTY SHARACHANDRA

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: Cossipore, no jardim do falecido Gopal Lal Seal. Ano: 1897.]

Após seu primeiro retorno do Ocidente, Swamiji residiu por alguns dias no jardim do falecido Gopal Lal Seal em Cossipore. Alguns eruditos bem conhecidos que viviam em Barabazar, Calcutá, um dia foram ao jardim com o objetivo de travar uma disputa com ele. O discípulo estava presente ali na ocasião.

Todos os especialistas que compareceram lá sabiam falar sânscrito fluentemente. Eles vieram e cumprimentaram Swamiji, que estava sentado rodeado por um círculo de visitantes, e começaram a conversa em sânscrito. Swamiji também respondeu a eles em sânscrito melodioso. O discípulo não consegue se lembrar agora do assunto sobre o qual os eruditos discutiram com ele naquele dia. Mas isso ele lembra que os eruditos, quase todos em uma só voz estridente, estavam batendo para Swamiji em sânscrito questões sutis de filosofia, e ele, com um humor digno e sério, estava lhes transmitindo calmamente suas próprias conclusões bem argumentadas sobre essas questões. questões.

Na discussão com os especialistas, Swamiji representou o lado do Siddhânta ou conclusões a serem estabelecidas, enquanto os especialistas representaram o lado do Purvapaksha ou objeções a serem levantadas. O discípulo lembra que, enquanto discutia, Swamiji usou erroneamente em um lugar a palavra Asti em vez de Svasti, o que fez os eruditos rirem. Com isso, Swamiji submeteu imediatamente: " पण्डितानां दासोऽहं क्षन्तव्यमेतत् स्खलनम् - sou apenas um servo dos eruditos, por favor, desculpe este erro." Os eruditos também ficaram encantados com a humildade de Swamiji. Depois de uma longa disputa, os eruditos finalmente admitiram que as conclusões do lado de Siddhanta eram adequadas e, preparando-se para partir, cumprimentaram Swamiji.

Depois que os eruditos partiram, o discípulo aprendeu com Swamiji que esses eruditos que tomaram o lado do Purvapaksha eram bem versados nos Purva-Mimâmsâ Shâstras, Swamiji defendeu a filosofia do Uttara-Mimâmsâ ou Vedanta e provou-lhes a superioridade do caminho do conhecimento, e eles foram obrigados a aceitar suas conclusões.

Sobre a maneira como os eruditos riram de Swamiji, detectando um erro gramatical, ele disse que esse erro dele se devia ao fato de ele não ter falado em sânscrito por muitos anos juntos. Ele não culpou nem um pouco os especialistas por tudo isso. Mas ele salientou a este respeito que no Ocidente implicaria uma grande incivilidade por parte de um oponente apontar qualquer deslize de linguagem, desviando-se da verdadeira questão da disputa. Uma sociedade civilizada, em tais casos, aceitaria a ideia, sem prestar atenção à linguagem. "Mas no seu país, toda a luta acontece pela

casca, ninguém procura o caroço que está dentro dela." Dizendo isso, Swamiji começou a conversar com o discípulo em sânscrito. O discípulo também deu respostas em sânscrito quebrado. Mesmo assim, Swamiji o elogiou por uma questão de encorajamento. A partir daquele dia, a pedido de Swamiji, o discípulo costumava falar com ele em sânscrito de vez em quando.

Em resposta à pergunta, o que é civilização, Swamiji disse naquele dia: "Quanto mais avançada uma sociedade ou nação é em espiritualidade, mais civilizada é essa sociedade ou nação. Não se pode dizer que nenhuma nação se tornou civilizada apenas porque teve sucesso no aumento dos confortos da vida material, colocando em uso muitas máquinas e coisas desse tipo. A civilização atual do Ocidente está multiplicando dia a dia apenas as necessidades e angústias dos homens. ao mostrar às pessoas o caminho para o avanço espiritual, sem dúvida conseguiu, se não eliminar de uma vez por todas, pelo menos diminuir, em grande medida, as necessidades materiais dos homens. Na era atual, é unir ambas as civilizações. que Bhagavan Shri Ramakrishna nasceu nesta era, assim como por um lado as pessoas têm que ser intensamente práticas, por outro lado elas têm que adquirir profundo conhecimento espiritual." Swamiji nos fez compreender claramente naquele dia que a partir dessa interação da civilização indiana com a do Ocidente surgiria no mundo uma nova era. Ao discorrer sobre isso, ele comentou em um lugar: "Bem, outra coisa. As pessoas lá no Ocidente pensam que quanto mais um homem é religioso, mais recatado ele deve ser em sua aparência exterior - nenhuma palavra sobre isso. qualquer outra coisa que saísse de seus lábios! Assim como os padres do Ocidente, por um lado, ficariam maravilhados com meus discursos religiosos liberais, eles ficariam igualmente intrigados, por outro lado, quando me encontrassem, depois de tais discursos, falando frivolidades com meus colegas! amigos. Às vezes eles falavam na minha cara: 'Swami, você é um sacerdote, você não deveria brincar e rir dessa maneira como os homens comuns. Essa leviandade não fica bem em você.' Ao que eu responderia: 'Somos filhos da felicidade, por que deveríamos parecer taciturnos e sombrios?' Mas duvido que eles consigam captar corretamente o sentido das minhas palavras."

Naquele dia, Swamiji falou muitas coisas sobre Bhava Samâdhi e Nirvikalpa Samadhi também. Estes são produzidos abaixo, na medida do

possível:

Suponha que um homem esteja cultivando aquele tipo de devoção a Deus que Hanumân representa. Quanto mais intensa a atitude se torna, mais a postura e o comportamento desse aspirante, ou mesmo a sua configuração física, serão moldados nessa situação. É desta forma que ocorre a transmutação das espécies. Assumindo qualquer atitude emocional, o adorador gradualmente molda-se à própria forma do seu ideal. O estágio final de qualquer sentimento desse tipo é chamado Bhava Samadhi. Enquanto o aspirante no caminho de Jnana, seguindo o processo de Neti, Neti, "não isto, não isto", tal como "Eu não sou o corpo, nem a mente, nem o intelecto", e assim por diante, atinge o Nirvikalpa Samadhi quando ele está estabelecido em consciência absoluta. É necessário esforçar-se através de muitos nascimentos para alcançar a perfeição ou o estágio final em relação a uma única dessas atitudes devocionais. Mas Shri Ramakrishna, o rei do reino do sentimento espiritual, aperfeiçoou-se em nada menos que dezoito formas diferentes de devoção! Ele também costumava dizer que seu corpo não teria resistido se ele não tivesse se apegado a esse jogo de sentimento espiritual.

O discípulo perguntou naquele dia: “Senhor, que tipo de comida você comia no Ocidente?”

Swamiji: O mesmo que eles levam para lá. Somos Sannyasins e nada pode tirar a nossa casta!

Sobre como ele trabalharia no futuro neste país, Swamiji disse naquele dia que iniciando dois centros, um em Madras e outro em Calcutá, ele criaria um novo tipo de Sannyasins para o bem de todos os homens em todas as suas fases. . Disse ainda que por um método destrutivo nenhum progresso, nem para a sociedade nem para o país, poderia ser alcançado. Em todas as épocas e épocas, o progresso foi efetuado pelo processo construtivo, isto é, dando um novo molde a velhos métodos e costumes. Todos os pregadores religiosos na Índia, durante as eras passadas, trabalharam nessa linha. Somente a religião do Buda Bhagavan foi destrutiva. Conseqüentemente, essa religião foi extirpada da Índia.

O discípulo lembra que enquanto falava assim, ele observou: “Se o Brahman se manifesta em um homem, milhares de homens avançam, encontrando seu caminho naquela luz. Somente os conhecedores de Brahman são os professores espirituais da humanidade. por todas as escrituras e pela razão também. Foram apenas os Brâmanes egoístas que introduziram neste país o sistema de Gurus hereditários, que é contra os Vedas e contra os Shastras. Portanto, mesmo através de sua prática espiritual, os homens não conseguem agora. no aperfeiçoamento ou na realização de Brahman. Para remover toda essa corrupção na religião, o Senhor encarnou na terra na era atual na pessoa de Shri Ramakrishna. Os ensinamentos universais que ele ofereceu, se espalhados por todo o mundo, servirão. bom para a humanidade e para o mundo Não há muitos séculos que a Índia produziu um professor de síntese religiosa tão grande e maravilhoso.”

Um irmão-discípulo de Swamiji naquela época perguntou-lhe: “Por que você não pregou publicamente Shri Ramakrishna como um Avatâra no Ocidente?”

Swamiji: Eles fazem muito sucesso e alvoroço por causa de sua ciência e filosofia. Portanto, a menos que você primeiro destrua sua presunção intelectual por meio do raciocínio, do argumento científico e da filosofia, você não poderá construir nada ali. Aqueles que se descobrissem fora de suas amarras através de seu raciocínio intelectual extremo se aproximariam de mim com um verdadeiro espírito de busca da verdade, somente para eles, eu falaria de Shri Ramakrishna. Se, de outra forma, eu tivesse falado imediatamente da doutrina da encarnação, eles poderiam ter dito: "Oh, você não diz nada de novo - ora, temos nosso Senhor Jesus para tudo isso!"

Depois de passar assim cerca de três ou quatro horas agradáveis, o discípulo voltou a Calcutá naquele dia junto com os outros visitantes.

6.5.4 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: O templo Kali em Dakshineswar e o Alambazar Math. Ano: 1897, março.]

Quando Swamiji retornou da Inglaterra pela primeira vez, o Ramakrishna Math estava localizado em Alambazar. O aniversário de Bhagavan Shri Ramakrishna estava sendo celebrado este ano no templo Kali de Rani Râsmani em Dakshineswar. Swamiji e alguns de seus irmãos discípulos chegaram lá vindos do Alambazar Math por volta das 9 ou 10 horas da manhã. Ele estava descalço e com um turbante amarelo na cabeça. Multidões de pessoas estavam esperando para vê-lo e ouvi-lo. No templo da Mãe Kali, Swamiji prostrou-se diante da Mãe do Universo, e milhares de cabeças, seguindo-o, curvaram-se. Então, depois de se prostrar diante de Râdhâkântaji, ele entrou no quarto que Sri Ramakrishna costumava ocupar. Não havia o menor espaço para respirar na sala.

Duas senhoras europeias que acompanharam Swamiji à Índia participaram do festival. Swamiji os levou consigo para mostrar-lhes o sagrado Panchavati e a árvore Vilva. [81] Embora o discípulo ainda não estivesse muito familiarizado com Swamiji, ele o seguiu e presenteou-o com a cópia de uma Ode em sânscrito sobre o Utsava (celebração) composta por ele mesmo. Swamiji leu enquanto caminhava em direção ao Panchavati. E no caminho ele uma vez olhou para o discípulo e disse: "Sim, foi bem feito. Tente outros semelhantes."

Os devotos chefes de família de Shri Ramakrishna estavam reunidos em um lado do Panchavati, entre os quais estava Babu Girish Chandra Ghosh. Swamiji, acompanhado por uma multidão, veio até Girish Babu e o saudou, dizendo: "Olá! aqui está o Sr. Ghosh." Girish Babu retribuiu sua saudação com as mãos postas. Lembrando Girish Babu dos velhos tempos, Swamiji disse: "Pense nisso, Sr. Ghosh - daqueles dias para estes, que transição!"

Girish Babu endossou o sentimento de Swamiji e disse: "Sim, isso é verdade; mas ainda assim a mente anseia por ver mais disso." Após uma breve conversa, Swamiji prosseguiu em direção à árvore Vilva situada a nordeste do Panchavati.

Agora, uma enorme multidão estava em grande expectativa para ouvir uma palestra de Swamiji. Mas embora ele tentasse ao máximo, Swamiji não conseguia falar mais alto do que o barulho e o clamor do povo. Por isso ele teve que desistir de tentar uma palestra e saiu com as duas senhoras europeias para mostrar-lhes locais relacionados com as práticas espirituais de Shri Ramakrishna e apresentá-los a determinados devotos e seguidores do Mestre.

Depois das 15h Swamiji disse ao discípulo: "Traga-me um táxi, por favor; devo ir ao Math agora." O discípulo trouxe um de acordo. O próprio Swamiji sentou-se de um lado e pediu a Swami Niranjanananda e ao discípulo que se sentassem do outro e eles dirigiram em direção ao Alambazar Math. No caminho, Swamiji disse ao discípulo: "Não é bom viver apenas de idéias abstratas. Esses festivais e coisas semelhantes também são necessários; pois somente então essas idéias se espalharão gradualmente entre as massas. Veja, os hindus têm seus festivais durante todo o ano, e o segredo disso é infundir gradualmente os grandes ideais da religião nas mentes das pessoas. Porém, isso também tem sua desvantagem, pois as pessoas em geral perdem seu significado interno e ficam muito absortas. nas coisas externas, assim que essas festividades terminam, elas voltam a ser o que eram antes. Portanto, é verdade que tudo isso forma a cobertura externa da religião, que de certa forma esconde a verdadeira espiritualidade e autoconhecimento.

“Mas há aqueles que não conseguem entender de forma abstrata o que é a 'religião' ou o que é o 'Eu', e tentam realizar a espiritualidade gradualmente através desses festivais e cerimônias. pensarão pelo menos uma vez em Shri Ramakrishna O pensamento ocorrerá à sua mente sobre quem ele era, em cujo nome uma multidão tão grande se reuniu e por que tantas pessoas vieram em seu nome. até mesmo, virão uma vez por ano para ver todas as danças e cantos devocionais, ou pelo menos para participar das oferendas

de alimentos sagrados, e também darão uma olhada nos devotos de Shri Ramakrishna. Isso irá beneficiá-los mais do que qualquer outro. ferir."

Discípulo: Mas, senhor, suponha que alguém pense que esses festivais e cerimônias são a única coisa essencial, será que ele pode avançar mais? Eles gradualmente descerão ao nível de observâncias comuns, como a adoração em nosso país das (deusas) Shashthi, Mangala-chandi e similares. Descobriu-se que as pessoas observam esses ritos até a morte; mas onde encontramos pelo menos um deles elevando-se através de tais observâncias ao conhecimento de Brahman?

Swamiji: Por quê? Na Índia nasceram tantos heróis espirituais, e não fizeram deles o meio de escalar as alturas da grandeza? Quando, ao perseverarem na prática através desses apoios, obtiveram uma visão do Ser, deixaram de se interessar por eles. No entanto, para a preservação do equilíbrio social, mesmo os grandes homens do tipo das Encarnações seguem estas observâncias.

Discípulo: Sim, eles podem observá-los apenas pela aparência. Mas quando para um conhecedor do Ser até mesmo este mundo se torna irreal como mágica, será possível para ele reconhecer essas observâncias externas como verdadeiras?

Swamiji: Por que não? Não é a nossa ideia de verdade também relativa, variando em relação ao tempo, lugar e pessoa? Conseqüentemente, todas as observâncias têm sua utilidade, relativamente às diversas qualificações dos homens. É exatamente como Shri Ramakrishna costumava dizer, que a mãe cozinha Polão e Kália (pratos ricos) para um filho e sagu para outro.

Agora o discípulo finalmente entendeu e ficou quieto. Entretanto a carruagem chegou ao Alambazar Math. O discípulo seguiu Swamiji até o Math onde Swamiji, estando com sede, bebeu um pouco de água. Depois, tirando o casaco, recostou-se no cobertor estendido no chão. Swami Niranjanananda, sentado ao seu lado, disse: "Nunca tivemos uma multidão tão grande em Utsava de qualquer ano antes! Como se toda Calcutá tivesse se reunido lá!"

Swamiji: Foi bastante natural; coisas mais estranhas acontecerão daqui em diante.

Discípulo: Senhor, em cada seita religiosa existem festivais externos de um tipo ou de outro. Mas não há amizade entre uma seita e outra neste assunto. Mesmo no caso de uma religião tão liberal como a de Maomé, descobri em Dacca que os xiitas e os sunitas entram em conflito entre si.

Swamiji: Isso é mais ou menos incidental onde quer que haja seitas. Mas você sabe qual é o sentimento dominante entre nós? - não sectarismo. Nosso Senhor nasceu para apontar isso. Ele aceitaria todas as formas, mas diria ainda que, vistas do ponto de vista do conhecimento de Brahman, elas eram apenas como Mâyâ ilusória.

Discípulo: Senhor, não consigo entender o que você quer dizer. Às vezes me parece que, ao celebrar assim esses festivais, você também está inaugurando outra seita em torno do nome de Shri Ramakrishna. Eu ouvi dos lábios de Nâg Mahashaya que Shri Ramakrishna não pertencia a nenhuma seita. Ele costumava prestar grande respeito a todos os credos, como os Shaktas, os Vaishnavas, os Brahmos, os Maometanos e os Cristãos.

Swamiji: Como você sabe que também não temos em grande estima todos os credos religiosos?

Dizendo isso, Swamiji gritou com evidente diversão para Swami Niranjanananda: “Pense no que este Bângâl [82] está dizendo!”

Discípulo: Por favor, faça-me entender, senhor, o que você quer dizer.

Swamiji: Bem, com certeza você leu minhas palestras. Mas onde construí o nome de Shri Ramakrishna? É apenas a religião pura dos Upanishads que tenho pregado no mundo.

Discípulo: Isso é verdade, de fato. Mas o que descobri ao estar familiarizado com você é que você se rendeu, de corpo e alma, a Ramakrishna. Se você entendeu que Shri Ramakrishna é o próprio Senhor, por que não divulgá-lo ao povo em geral?

Swamiji: Bem, eu prego o que entendi. E se você descobriu que os princípios Advaiticos do Vedanta são a religião mais verdadeira, então por que não sai e prega isso a todos os homens?

Discípulo: Mas devo compreender antes de poder pregar isso a outros. Só estudei o Advaitismo em livros.

Swamiji: Bom; perceba primeiro e depois pregue. Agora, portanto, você não tem o direito de dizer nada sobre as crenças pelas quais cada homem tenta viver. Pois vocês também prosseguem agora simplesmente depositando a sua fé em algumas dessas crenças.

Discípulo: É verdade que agora também vivo acreditando em alguma coisa; mas eu tenho os Shâstras como minha autoridade. Não aceito nenhuma fé que se oponha aos Shastras.

Swamiji: O que você quer dizer com Shastras? Se os Upanishads são autoridade, por que a Bíblia ou o Zend-Avesta não o são igualmente?

Discípulo: Embora essas escrituras também sejam de boa autoridade, elas não são, entretanto, tão antigas quanto os Vedas. E em nenhum lugar, além disso, a teoria do Âtman está melhor estabelecida do que nos Vedas.

Swamiji: Supondo que eu admita essa sua afirmação, que direito você tem de sustentar que a verdade não pode ser encontrada em lugar nenhum, exceto nos Vedas?

Discípulo: Sim, a verdade também pode existir em todas as escrituras, exceto nos Vedas, e não digo nada em contrário. Mas quanto a mim, escolho seguir os ensinamentos dos Upanishads, pois tenho muita fé neles.

Swamiji: É muito bem-vindo fazer isso, mas se alguém tem uma fé “muito grande” em qualquer outro conjunto de doutrinas, certamente você deveria permitir que ele cumpra isso. Você descobrirá que, no longo prazo, tanto ele quanto você chegarão ao mesmo objetivo. Pois você não leu no Mahimnah-stotram, "त्वमसि पयसामर्णव इव - Tu és como o oceano para os rios que nele caem"?

6.5.5 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: Alambazar Matemática. Ano: 1897, maio.]

Foi o 19º Vaishâkha (abril-maio) do ano 1303 B.S. Swamiji concordou em iniciar o discípulo hoje. Então, de manhã cedo, ele chegou ao Alambazar Math. Ao ver o discípulo, Swamiji disse jocosamente: "Bem, você será 'sacrificado' hoje, não é?"

Após esta observação ao discípulo, Swamiji com um sorriso retomou sua conversa com outros sobre assuntos americanos. E, com a devida relevância, surgiram também tópicos como: quão concentrado na devoção alguém deve ser para construir uma vida espiritual, como a fé firme e a forte devoção ao Guru devem ser mantidas, quão profunda a confiança deve ser colocado nas palavras do Guru, e como até mesmo a vida de alguém deve ser dada por causa dele. Então, fazendo algumas perguntas ao discípulo, Swamiji começou a testar seu coração: "Bem, você está pronto para cumprir minhas ordens ao máximo, seja qual for e quando vier? Se eu lhe pedir para mergulhar no Ganges ou pular do telhado de uma casa, pensando tudo para o seu bem, você poderia fazer isso sem qualquer hesitação? Apenas pense nisso agora mesmo; caso contrário, não se apresse no calor do momento para me aceitar como seu Guru." E o discípulo acenou com a cabeça concordando com todas as questões desse tipo.

Swamiji então continuou: "O verdadeiro Guru é aquele que o conduz além desta Mâyâ de nascimento e morte sem fim – que graciosamente destrói todas as tristezas e doenças da alma. mão; e o Guru, depois de verificar sua competência, ensinar-lhe-ia os Vedas após a iniciação, prendendo em sua

cintura o triplo filamento de Munja, uma espécie de grama, como emblema de seu voto de manter seu corpo, mente e fala em ordem. controle. Com a ajuda deste cinto, os discípulos costumavam amarrar seus Kaupinas. Mais tarde, o costume de usar o cordão sagrado substituiu este cinto de grama Munja.

Discípulo: Você diria, então, senhor, que o uso do fio sagrado que adotamos não é realmente um costume védico?

Swamiji: Em nenhum lugar há menção de fios sendo tão usados nos Vedas. O autor moderno do Smritis, Raghunandana Bhattacharya, também coloca isso da seguinte forma: "Nesta fase, [83] o cinto sacrificial deve ser colocado." Nem nos Grihya-Sutras de Gobhila encontramos qualquer menção ao cinto feito de linha. Nos Shâstras, este primeiro Samskâra Védico (cerimônia de purificação) diante do Guru é chamado de Upanayana; mas veja, a que triste situação nosso país foi levado! Afastando-se do verdadeiro caminho dos Shastras, o país foi sobrecarregado com usos e observâncias originados em localidades específicas, ou na opinião popular, ou nas mulheres! É por isso que peço que prossigam no caminho dos Shastras como nos tempos antigos. Tenham fé dentro de vocês mesmos e, assim, tragam isso de volta ao país. Plante em seu coração a fé de Nachiketâ. Até mesmo vá para o mundo de Yama como ele. Sim, se para conhecer os segredos do Atman, para libertar a sua alma, para alcançar a verdadeira solução do mistério do nascimento e da morte, você tem que ir até as próprias garras da morte e perceber a verdade assim, bem, vá lá com um coração destemido. É só o medo que é a morte. Você tem que ir além de todo medo. Portanto, a partir de hoje, não tenha medo. Parta imediatamente, para dar a sua vida pela sua própria libertação e pelo bem dos outros. De que adianta carregar um fardo de ossos e carne! Iniciado no Mantra do extremo auto-sacrifício pelo bem de Deus, vá, dê aos outros este corpo de carne e ossos como o Muni Dadhichi! Somente aqueles, dizem os Shastras, são os verdadeiros Gurus, que estudaram os Vedas e o Vedanta, que são conhecedores do Brahman, que são capazes de levar outros além do destemor; quando isso estiver disponível, inicie-se, "sem especulação nesse caso". Você sabe o que aconteceu com esse princípio agora? — “como um cego guiando outro cego”!

* * *

A cerimônia de iniciação foi devidamente realizada na capela. Depois disso, Swamiji falou: “Dê-me o Guru-dakshinâ”. [84] O discípulo respondeu: “Oh, o que devo dar?” Sobre isso, Swamiji sugeriu: “Bem, pegue qualquer fruta no depósito”. Então o discípulo correu para o depósito e voltou para a capela com dez ou doze lichis. Esses Swamiji pegaram de sua mão e os comeram um por um, dizendo: “Agora, seu Guru-dakshina está feito”.

Um membro do Math, Brahmachâri (agora Swami) Shuddhananda, também teve sua iniciação de Swamiji nesta ocasião.

Swamiji então jantou e foi descansar um pouco.

Depois da sesta, ele veio e sentou-se no hall do andar superior. O discípulo que encontrou esta oportunidade perguntou: “Senhor, como e de onde vieram as ideias de virtude e vício?”

Swamiji: É a partir da ideia do múltiplo que estes evoluíram. Quanto mais um homem avança em direção à unidade, mais as ideias de “eu” e “você” desaparecem, ideias das quais se originaram todos esses pares de opostos, como virtude e vício. Quando a ideia de que fulano de tal é diferente de mim vem à mente, todas as outras ideias de distinção começam a se manifestar, enquanto com a realização completa da unidade, não resta mais tristeza ou ilusão para o homem, "तत्र को मोहः कः शोकः एकत्वमनुपश्यतः — Para aquele que vê a unidade, onde há qualquer tristeza ou ilusão?” Pode-se dizer que o pecado é o sentimento de todo tipo de fraqueza. Desta fraqueza brotam o ciúme, a malícia e assim por diante. Portanto, fraqueza é pecado. O Eu interior está sempre brilhando resplandecente. Afastando-se disso, as pessoas dizem “eu”, “eu”, “eu”, com a atenção voltada para esse corpo material, essa estranha gaiola de carne e ossos. Esta é a raiz de toda fraqueza. Somente a partir desse hábito, a perspectiva relativa da vida emergiu neste mundo. A Verdade absoluta está além dessa dualidade.

Discípulo: Bem, então toda essa experiência relativa não é verdadeira?

Swamiji: Enquanto a ideia do “eu” permanecer, ela será verdadeira. E no instante em que ocorre a realização do “eu” como o Atman, este mundo de

existência relativa torna-se falso. Aquilo que as pessoas chamam de pecado é o resultado da fraqueza – é apenas outra forma da ideia egoísta: “Eu sou o corpo”. Quando a mente se firma na verdade, “Eu sou o Eu”, então você vai além do mérito e do demérito, da virtude e do vício. Shri Ramakrishna costumava dizer: “Quando o ‘eu’ morre, todos os problemas chegam ao fim”.

Discípulo: Senhor, este “eu” tem uma vida muito tenaz. É muito difícil matá-lo.

Swamiji: Sim, num certo sentido, é muito difícil, mas noutro sentido, é bastante fácil. Você pode me dizer onde existe esse “eu”? Como você pode falar de algo sendo morto, que nunca existiu? O homem só permanece hipnotizado pela falsa ideia de um ego. Quando esse fantasma se afasta de nós, todos os sonhos desaparecem, e então descobrimos que o Ser Único só existe desde o Ser mais elevado até uma folha de grama. Isto terá que ser conhecido, para ser realizado. Toda prática ou adoração é apenas para tirar este véu. Quando isso acabar, você descobrirá que o Sol do Conhecimento Absoluto está brilhando em Seu próprio brilho. Pois somente o Atman é autoluminoso e deve ser realizado por si mesmo. Como pode aquilo que só pode ser experimentado por si mesmo ser conhecido com a ajuda de qualquer outra coisa? Conseqüentemente, o Shruti diz: "विज्ञातारम्भे केन विज्ञानीयात् - Bem, por que meios deve ser conhecido o que é o Conhecedor?" Tudo o que você sabe, você sabe através da sua mente. Mas a mente é algo material. Ele está ativo apenas porque existe o Eu puro por trás dele. Então, como você pode conhecer esse Eu através da sua mente? Mas isto só se sabe, afinal, que a mente não pode alcançar o Eu puro, não, nem mesmo o intelecto. Nosso conhecimento relativo termina aí. Então, quando a mente está livre de atividade ou funcionamento, ela desaparece e o Ser é revelado. Este estado foi descrito pelo comentarista Shankara como अपरोक्षानुभूतिः ou percepção suprasensual.

Discípulo: Mas, senhor, a própria mente é o “eu”. Se essa mente se for, então o “eu” também não poderá permanecer.

Swamiji: Sim, o estado que surge então é a verdadeira natureza do ego. O “eu” que permanece então é onipresente, onipresente, o Eu de todos. Assim como o Ghatâkâsha, quando o jarro é quebrado, torna-se o Mahakâsha, [85] pois com a destruição do jarro o espaço fechado não é destruído. O insignificante “eu” que você considerava confinado no corpo, espalha-se e é assim realizado na forma do “eu” onipenetrante ou o Ser. Portanto, o que importa para o verdadeiro “eu” ou o Ser, se a mente permanece ou é destruída? O que eu digo você perceberá com o passar do tempo. " कालेनात्मनि विन्दति — É realizado dentro de si mesmo no devido tempo." À medida que você prossegue com Shravana e Manana (audição adequada e pensamento adequado), você compreenderá isso completamente no devido tempo e então irá além da mente. Então não haverá espaço para tal pergunta.

Ouvindo tudo isso, o discípulo permaneceu quieto em seu assento, e Swamiji, enquanto fumava suavemente, continuou: “Quantos Shastras foram escritos para explicar esta coisa simples, e ainda assim os homens não conseguem entendê-la! vida nos prazeres fugazes de algumas moedas de prata e na frágil beleza das mulheres! Maravilhosa é a influência de Mahâmâyâ (Ilusão Divina)!

6.5.6 SARATCHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: Baghbazar, Calcutá. Ano: 1897.]

Swamiji está hospedado há alguns dias na casa do falecido Balaram Babu. A seu desejo, um grande número de devotos de Shri Ramakrishna se reuniram em sua casa às 15h. (em 1º de maio de 1897). Swami Yogananda está entre os presentes aqui. O objetivo de Swamiji é formar uma Associação. Quando todos os presentes tomaram seus lugares, Swamiji começou a falar da seguinte forma:

"A convicção cresceu na minha mente, depois de todas as minhas viagens por vários países, de que nenhuma grande causa pode ter sucesso sem uma organização. Num país como o nosso, no entanto, não me parece muito praticável iniciar uma organização de uma só vez com um espírito democrático base ou trabalho por votação geral. As pessoas no Ocidente são mais educadas a este respeito e menos ciumentas umas das outras do que nós mesmos. Eles aprenderam a respeitar o mérito. veja como eles me receberam e entretiveram cordialmente. Quando, com a difusão da educação, as massas em nosso país se tornarem mais simpáticas e liberais, quando aprenderem a ter seus pensamentos expandidos para além dos limites da seita ou do partido, então será possível trabalhar; na base democrática da organização. Por esta razão, é necessário ter um ditador para esta Sociedade. Todos devem obedecê-lo, e então, com o tempo, poderemos trabalhar no princípio da votação geral.

"Que esta Associação receba o nome daquele, em cujo nome, de fato, abraçamos a vida monástica, com quem, como seu Ideal de vida, todos vocês trabalham no campo de trabalho de sua posição na vida familiar,

dentro de vinte anos após seu falecimento. uma difusão maravilhosa de seu santo nome e de sua vida extraordinária ocorreu tanto no Oriente quanto no Ocidente. Somos servos do Senhor. Sejam todos vocês ajudantes nesta causa.

Quando Srijut Girish Chandra Ghosh e todos os outros discípulos chefes de família presentes aprovaram a proposta acima, o futuro programa da Sociedade de Shri Ramakrishna foi colocado em discussão. A Sociedade foi chamada de Missão Ramakrishna.

O próprio Swamiji tornou-se o presidente geral da Missão e outros titulares de cargos também foram eleitos. Foi estabelecida a regra de que a Associação deveria realizar reuniões na casa de Balaram Babu todos os domingos às 16h. Desnecessário dizer que Swamiji costumava comparecer a essas reuniões sempre que lhe era conveniente.

Quando a reunião terminou e os membros partiram, dirigindo-se a Swami Yogananda, Swamiji disse: “Então o trabalho agora começou desta forma; vamos ver até que ponto ele terá sucesso pela vontade de Shri Ramakrishna”.

Swami Yogananda: Você está fazendo essas coisas com métodos ocidentais. Você deveria dizer que Shri Ramakrishna nos deixou tais instruções?

Swamiji: Bem, como você sabe que tudo isso não está nas linhas de Shri Ramakrishna? Ele tinha uma amplitude infinita de sentimentos, e você ousa calá-lo dentro de suas próprias visões limitadas da vida. Quebrarei esses limites e espalharei por toda a terra sua inspiração ilimitada. Ele nunca me instruiu a introduzir quaisquer ritos de sua própria adoração. Temos que compreender os ensinamentos que ele nos deixou sobre a prática religiosa e a devoção, a concentração e a meditação, e essas ideias e verdades mais elevadas, e depois pregá-los a todos os homens. O número infinito de crenças são apenas alguns caminhos. Não nasci para fundar mais uma seita num mundo já repleto de seitas. Fomos abençoados por obter refúgio aos pés do Mestre e nascemos para levar sua mensagem aos habitantes dos três mundos.

Swami Yogananda não pronunciou nenhuma palavra de dissidência, e assim Swamiji continuou: Repetidas vezes recebi nesta vida marcas de sua graça. Ele fica atrás e faz todo esse trabalho por mim. Quando estava deitado indefeso debaixo de uma árvore, em agonia de fome, quando não tinha nem um pedaço de roupa para Kaupina, quando estava decidido a viajar pelo mundo sem um tostão, mesmo assim a ajuda veio de todas as maneiras pela graça de Shri Ramakrishna. E novamente, quando multidões se acotovelavam nas ruas de Chicago para ver esse Vivekananda, então também, só porque tive sua graça, pude digerir sem dificuldade toda aquela honra - uma centésima parte da qual teria sido suficiente para enlouquecer qualquer homem comum; e por sua vontade, a vitória seguiu por toda parte. Agora devo concluir fazendo algo neste país. Então, tirando todas as dúvidas, por favor ajude meu trabalho; e você encontrará tudo cumprido por sua vontade.

Swami Yogananda: Sim, tudo o que você quiser será cumprido; e não somos todos obedientes a você? De vez em quando vejo claramente como Shri Ramakrishna está realizando todas essas coisas através de você. E, no entanto, para falar claramente, alguma apreensão surge em intervalos, pois, como vimos, a sua maneira de fazer as coisas era diferente. Então eu me questiono: “Temos certeza de que não estamos nos desviando dos ensinamentos de Shri Ramakrishna?” E por isso tomo a atitude contrária e aviso.

Swamiji: Veja, o fato é que Shri Ramakrishna não é exatamente o que os seguidores comuns imaginam que ele seja. Ele tinha humores e fases infinitas. Mesmo que você pudesse formar uma ideia dos limites de Brahmajana, o conhecimento do Absoluto, você não poderia ter nenhuma ideia das profundezas insondáveis de sua mente! Milhares de Vivekanandas podem surgir através de um olhar gracioso de seus olhos! Mas em vez de fazer isso, ele escolheu fazer as coisas desta vez através de mim como seu único instrumento, e o que posso fazer neste assunto, você vê?

Dizendo isso, Swamiji saiu para cuidar de outra coisa que o esperava, e Swami Yogananda continuou elogiando os dons versáteis de Swamiji.

Enquanto isso, Swamiji voltou e perguntou ao discípulo: “As pessoas da sua parte do país conhecem muito sobre Shri Ramakrishna?”

Discípulo: Apenas um homem, Nâg Mahashaya, veio de nossa parte de Bengala até Shri Ramakrishna; [86] foi dele que muitos vieram ouvi-lo e tiveram a curiosidade de saber mais. Mas que Shri Ramakrishna era a Encarnação de Deus, as pessoas de lá ainda não sabiam e alguns não acreditariam, mesmo que fossem informados.

Swamiji: Você acha que é fácil acreditar nisso? Nós, que tivemos relações reais com ele em todos os aspectos, nós que ouvimos esse fato repetidas vezes de seus próprios lábios, nós que vivemos e ficamos com ele vinte e quatro horas por dia - até nós, de vez em quando, temos dúvidas sobre isso acontecer. sobre nós! Então, o que falar dos outros!

Discípulo: Shri Ramakrishna, com seus próprios lábios, alguma vez disse que ele era Deus, o Brahman todo-perfeito?

Swamiji: Sim, ele fez isso muitas vezes. E ele disse isso para todos nós. Um dia, enquanto estava no jardim de Cossipore, com seu corpo em perigo iminente de cair para sempre, ao lado de sua cama eu estava dizendo mentalmente: "Bem, agora, se você pode declarar que é Deus, só então o fará. Eu acredito que você é realmente o próprio Deus." Passaram-se apenas dois dias antes de ele falecer. Imediatamente, ele olhou para mim de repente e disse: "Aquele que era Rama, Aquele que era Krishna, na verdade Ele é agora Ramakrishna neste corpo. E isso não apenas do ponto de vista do seu Vedanta!" [87] Com isso fiquei mudo. Mesmo nós ainda não tivemos a fé perfeita, depois de ouvi-la repetidas vezes dos lábios santos do próprio nosso Senhor - nossas mentes ainda ficam perturbadas de vez em quando com dúvida e desespero - e então, o que diremos de outros serem lentos? acreditar? Na verdade, é uma questão muito difícil ser capaz de declarar e acreditar que um homem com um corpo como o nosso é o próprio Deus. Podemos simplesmente chegar ao ponto de declará-lo um "aperfeiçoado" ou um "conhecedor de Brahman". Bem, não importa nada, como quer que você o chame ou pense dele, um santo, ou um conhecedor de Brahman, ou qualquer coisa. Mas acredite em mim, nunca veio a esta terra um homem tão perfeito como Shri Ramakrishna! Na escuridão total do mundo, este grande homem é como o brilhante pilar de iluminação desta era! E somente pela sua luz o homem cruzará agora o oceano do Samsâra!

Discípulo: Parece-me, senhor, que a verdadeira fé só vem depois de realmente ver ou ouvir algo. Mathur [88] Babu, eu ouvi, realmente viu muitas coisas sobre Shri Ramakrishna e, portanto, ele teve aquela fé maravilhosa nele.

Swamiji: Aquele que não acredita, não acredita mesmo depois de ver, e pensa que tudo é alucinação, ou sonho e assim por diante. A grande transfiguração de Krishna – a Vishvarupa (forma universal) – foi vista igualmente por Duryodhana e por Arjuna. Mas apenas Arjuna acreditou, enquanto Duryodhana considerou isso mágico! A menos que Ele nos faça compreender, nada pode ser afirmado ou compreendido. Alguém chega à fé plena mesmo sem ver ou ouvir, enquanto alguém permanece mergulhado em dúvidas mesmo depois de testemunhar com seus próprios olhos vários poderes extraordinários durante doze anos! O segredo de tudo é Sua graça! Mas então é preciso perseverar, para que a graça seja recebida.

Discípulo: Existe, senhor, alguma lei da graça?

Swamiji: Sim e não.

Discípulo: Como é isso?

Swamiji: Aqueles que são sempre puros no corpo, na mente e na fala, que têm forte devoção, que discriminam entre o real e o irreal, que perseveram na meditação e na contemplação – somente sobre eles desce a graça do Senhor. O Senhor, no entanto, está além de todas as leis naturais – não está sujeito a quaisquer regras e regulamentos, ou apenas como Shri Ramakrishna costumava dizer, Ele tem a natureza da criança – e é por isso que encontramos alguns que não conseguem obter qualquer resposta mesmo depois de invocá-Lo. por milhões de nascimentos, enquanto alguém que consideramos um homem pecador, penitente ou incrédulo, receberia a Iluminação num piscar de olhos! – Sobre este último, o Senhor talvez esbanje Sua graça sem ser solicitada! Você pode argumentar que este homem tinha bons méritos acumulados em vidas anteriores, mas o mistério é realmente difícil de entender. Shri Ramakrishna costumava dizer às vezes: “Confie Nele; seja como a folha seca à mercê do vento”; e novamente ele dizia: “O vento de Sua graça está sempre soprando, o que você precisa fazer é desenrolar sua vela”.

Discípulo: Mas, senhor, esta é uma declaração tremenda. Nenhum raciocínio, pelo que vejo, pode ficar aqui.

Swamiji: Ah, todo raciocínio e discussão estão dentro dos limites do reino de Maya; está dentro das categorias de espaço, tempo e causalidade. Mas Ele está além dessas categorias. Falamos de Sua lei, mas Ele está além de toda lei. Ele cria, ou se torna, tudo o que chamamos de leis da natureza, e ainda assim Ele está fora de todas elas. Aquele sobre quem desce Sua graça, num momento vai além de toda lei. Por esta razão não há condição na graça. É como Sua brincadeira ou esporte. E esta criação do universo é como Sua peça - "लोकवत् लीलाकैवल्यम्" - É o puro deleite do esporte, como no caso dos homens" (Vedanta-Sutras, II. i. 33). Não é possível para Aquele que cria e destrói o universo, como se estivesse em jogo, conceder a salvação pela graça ao maior pecador? Mas então é apenas Seu prazer, Sua brincadeira, levar alguém através da prática da disciplina espiritual e outra pessoa sem ela.

Discípulo: Senhor, não consigo entender isso.

Swamiji: E você não precisa. Apenas faça com que sua mente se apegue a Ele o máximo que puder. Pois então somente a grande magia deste mundo se romperá por si mesma. Mas então, você deve perseverar. Você deve afastar sua mente da luxúria e do lucro, deve sempre discriminar entre o real e o irreal - deve se estabelecer no clima de incorpóreo com o pensamento taciturno de que você não é este corpo, e deve sempre ter a compreensão de que você é o corpo. Atman todo-penetrante. Esta prática perseverante é chamada Purushakâra (esforço próprio – distinto da graça). Por meio desse esforço próprio, a verdadeira confiança Nele se tornará realidade, e esse é o objetivo da realização humana.

Depois de uma pausa, Swamiji continuou: Se você não estivesse recebendo Sua graça, por que outro motivo viria aqui? Shri Ramakrishna costumava dizer: “Aqueles que tiveram a graça de Deus não podem deixar de vir aqui. Onde quer que estejam, o que quer que estejam fazendo, certamente serão afetados pelas palavras ou sentimentos proferidos daqui”. [89] Considere o seu próprio caso - você acha que é possível, sem a graça de Deus, ter a abençoada companhia de Nag Mahashaya, um homem que ascendeu à perfeição espiritual através da força da graça divina e veio a conhecer

plenamente o que é essa graça? realmente significa? "अनेकजन्मसंसिद्धस्ततो याति परां गतिम् — Atinge-se o estágio mais elevado após ser aperfeiçoado pela prática de nascimentos repetidos" (Gita, VI. 45). É somente em virtude de um grande mérito religioso adquirido através de muitos nascimentos que alguém encontra uma grande alma como ele. Todas as características do tipo mais elevado de Bhakti, mencionadas nas escrituras, manifestaram-se em Nag Mahashaya. É somente nele que realmente vemos cumprido o texto amplamente citado, "नृणादपि सुनीचेन". ("Mais baixo que o humilde talo de grama.") Abençoada realmente é a sua Bengala Oriental por ter sido santificada pelo toque dos pés de Nag Mahashaya!

Enquanto falava assim, Swamiji levantou-se para visitar o grande poeta, Babu Girish Chandra Ghosh. Swami Yogananda e o discípulo o seguiram. Chegando à casa de Girish Babu, Swamiji sentou-se e disse: "Veja, G. C., o impulso está constantemente vindo à minha mente hoje em dia para fazer isto e fazer aquilo, para espalhar na terra a mensagem de Shri Ramakrishna e assim por diante. parar novamente para refletir, para que tudo isso não dê origem a outra seita na Índia. Então, tenho que trabalhar com muita cautela. Às vezes penso: e se uma seita crescer? Shri Ramakrishna nunca perturbou a perspectiva espiritual de ninguém; ele sempre olhou para a mesmice interior.' Muitas vezes eu me contenho com esse pensamento. Agora, o que você me diz?

Girish Babu: O que posso dizer sobre isso? Você é o instrumento em suas mãos. Você tem que fazer exatamente o que ele quer que você faça. Não me preocupo com os detalhes. Mas vejo que o poder do Senhor está realizando as coisas por você, vejo isso claro como a luz do dia.

Swamiji: Mas acho que fazemos as coisas de acordo com a nossa vontade. No entanto, que nas desgraças e nas adversidades, nos momentos de necessidade e de pobreza, Ele se revela a nós e nos guia pelo verdadeiro caminho – isto eu pude perceber. Mas, infelizmente, ainda não consigo compreender de forma alguma a grandeza do seu poder.

Girish Babu: Sim, ele disse: "Se você compreender isso completamente, tudo desaparecerá imediatamente. Quem trabalhará então ou quem será obrigado a trabalhar?"

Depois disso, a conversa passou para a América. E Swamiji ficou entusiasmado com o assunto e continuou descrevendo a maravilhosa riqueza do país, as virtudes e defeitos dos homens e mulheres de lá, seu luxo e assim por diante.

6.5.7 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: Calcutá. Ano: 1897.]

Há alguns dias, Swamiji está hospedado na casa de Balaram Bose, Baghbazar. Haverá um eclipse total do sol hoje. O discípulo deve cozinhar para Swamiji esta manhã, e ao se apresentar, Swamiji disse: “Bem, a comida deve ser no estilo de Bengala Oriental; e devemos terminar nosso jantar antes que o eclipse comece”.

Os apartamentos internos da casa estavam todos desocupados agora. Então o discípulo entrou na cozinha e começou a cozinhar. Swamiji também olhava de vez em quando com uma palavra de encorajamento e às vezes com uma piada, como: “Tome cuidado, a sopa (a expressão bengali tem uma pronúncia peculiar em Bengala Oriental que dá o sentido da piada.) deve ser depois a moda de Bengala Oriental.”

A comida estava quase terminada quando Swamiji entrou depois do banho e sentou-se para jantar, colocando seu próprio assento e prato. "Traga qualquer coisa pronta, rápido", disse ele, "mal posso esperar, estou queimando de fome!" Enquanto comia, Swamiji ficou satisfeito com o curry amargo e comentou: "Nunca gostei de uma coisa tão boa! Mas

nenhuma das coisas é tão quente quanto a sua sopa." “É exatamente ao estilo do distrito de Burdwan”, disse Swamiji saboreando a preparação azeda. Ele então encerrou o jantar e depois de se lavar sentou-se na cama dentro do quarto. Enquanto fumava depois do jantar, Swamiji comentou ao discípulo: "Quem não sabe cozinhar bem não pode se tornar um bom Sâdhu; a menos que a mente seja pura, cozinhar com bom gosto não é possível."

Logo depois disso, o som de sinos e búzios, etc., surgiu de todos os lados, quando Swamiji disse: "Agora que o eclipse começou, deixe-me dormir e, por favor, massageie meus pés!" Gradualmente, o eclipse cobriu todo o disco solar e ao redor caiu a escuridão do crepúsculo.

Embora faltassem quinze ou vinte minutos para o eclipse passar, Swamiji levantou-se de sua sesta e, depois de se lavar, disse jocosamente enquanto fumava: "Bem, as pessoas dizem que, seja o que for que alguém faça durante um eclipse, obterá esse milhão de vezes mais. futuro, então pensei que a Mãe, Mahâmaya, não ordenou que este corpo pudesse dormir bem, e se eu conseguisse dormir um pouco durante o eclipse, poderia ter bastante sono no futuro. Mas tudo falhou, porque eu dormi. apenas por quinze minutos no máximo."

Depois disso, a pedido de Swamiji, foram feitos alguns discursos curtos. Ainda faltava uma hora para o anoitecer. Quando todos estavam reunidos na sala, Swamiji disse-lhes para lhe fazerem qualquer pergunta que quisessem.

Swami Shuddhananda perguntou: “Qual é a verdadeira natureza da meditação, senhor?”

Swamiji: Meditação é focar a mente em algum objeto. Se a mente adquirir concentração em um objeto, ela poderá concentrar-se em qualquer objeto.

Discípulo: Nas escrituras é feita menção a dois tipos de meditação – uma com algum objeto e a outra sem objeto. O que significa tudo isso e qual dos dois é o mais elevado?

Swamiji: Primeiro, a prática da meditação tem que prosseguir com algum objeto diante da mente. Antigamente eu costumava concentrar minha mente

em algum ponto negro. Em última análise, durante aqueles dias, eu não conseguia mais ver o ponto, nem perceber que o ponto estava diante de mim - a mente não existia mais - nenhuma onda de funcionamento surgiria, como se tudo fosse um oceano sem qualquer sopro de ar. Nesse estado eu costumava experimentar vislumbres de verdades supra-sensoriais. Então eu acho que a prática da meditação, mesmo com algum objeto externo insignificante, leva à concentração mental. Mas é verdade que a mente alcança facilmente a calma quando se pratica meditação com qualquer coisa em que a mente esteja mais apta a se acalmar. Esta é a razão pela qual temos neste país tanta adoração às imagens de deuses e deusas. E que arte maravilhosa se desenvolveu a partir de tal adoração! Mas não mais disso agora. O facto, porém, é que os objectos de meditação nunca podem ser os mesmos no caso de todos os homens. As pessoas proclamaram e pregaram aos outros apenas os objetos externos aos quais se agarraram para se aperfeiçoarem na meditação. Ignorando o fato, mais tarde, de que esses objetos são auxiliares para a obtenção da calma mental perfeita, os homens os exaltaram acima de tudo. Eles se preocuparam totalmente com os meios, tornando-se comparativamente desatentos ao fim. O verdadeiro objetivo é tornar a mente inoperante, mas isso não pode ser alcançado a menos que a pessoa fique absorta em algum objeto.

Discípulo: Mas se a mente fica completamente absorta e identificada com algum objeto, como ela pode nos dar a consciência de Brahman?

Swamiji: Sim, embora a mente inicialmente assuma a forma do objeto, mais tarde a consciência desse objeto desaparece. Então resta apenas a experiência do puro “ser”.

Discípulo: Bem, senhor, como é que os desejos surgem mesmo depois de adquirida a concentração mental?

Swamiji: Esses são o resultado de Samskâras anteriores (impressões ou tendências profundamente enraizadas). Quando Buda estava prestes a fundir-se em Samadhi (superconsciência), Mara apareceu. Na verdade, não havia Mara estranha à mente; foi apenas o reflexo externo dos Samskaras anteriores da mente.

Discípulo: Mas ouvimos falar de várias experiências terríveis antes da obtenção da perfeição. São todas projeções mentais?

Swamiji: O que mais além disso? A alma aspirante, é claro, não percebe naquele momento que tudo isso são manifestações externas de sua própria mente. Mas, mesmo assim, não há nada fora disso. Mesmo o que você vê como este mundo não existe lá fora. É tudo uma projeção mental. Quando a mente fica sem função, ela reflete a consciência de Brahman. Então a visão de todas as esferas da existência pode sobrevir, "यं यं लोकं मनसा संविभाति - Qualquer esfera que se possa evocar" (Mundaka, III. i. 10). Tudo o que é resolvido torna-se realizado imediatamente. Aquele que, mesmo ao atingir este estado de autodeterminação não falsificada, preserva sua vigilância e está livre da escravidão do desejo, verdadeiramente alcança o conhecimento de Brahman. Mas aquele que perde o equilíbrio depois de atingir este estado obtém os múltiplos poderes, mas cai do objetivo Supremo.

Dizendo isso, Swamiji começou a repetir “Shiva, Shiva”, e então continuou: Não há caminho, absolutamente nenhum, para a solução do profundo mistério desta vida, exceto através da renúncia. Renúncia, renúncia e renúncia — deixem que este seja o único lema de suas vidas. “

सर्वं वस्तु भयाञ्जितं भुवि नृणां वैराग्यमेवाभयम् — Para os homens, todas as coisas na terra estão infectadas pelo medo, Vairâgya (renúncia) por si só constitui destemor” (Vairâgya-Shatakam).

6.5.8 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: Calcutá. Ano: 1897, março ou abril.]

Hoje o discípulo veio encontrar Swamiji em Baghbazar, mas o encontrou pronto para uma visita. “Bem, venha comigo”, foram as palavras com que Swamiji o abordou enquanto ele descia, e o discípulo o seguiu. Eles então embarcaram em um táxi alugado que seguiu para o sul.

Discípulo: Senhor, onde você vai visitar, por favor?

Swamiji: Bem, venha comigo e você verá.

Escondendo assim o destino do discípulo, Swamiji iniciou a seguinte conversa quando a carruagem chegou à rua Beadon: Não se encontra nenhum esforço real em seu país para educar as mulheres. Vocês, os homens, estão se educando para desenvolver sua masculinidade, mas o que estão fazendo para educar e promover aqueles que compartilham toda a sua felicidade e miséria, que dão suas vidas para servi-los em seus lares?

Discípulo: Ora, senhor, veja quantas escolas e faculdades surgiram hoje em dia para nossas mulheres, e quantas delas estão obtendo diplomas de bacharelado. e M.A.

Swamiji: Mas tudo isso está no estilo ocidental. Quantas escolas foram iniciadas em suas próprias linhas nacionais, no espírito de suas próprias ordenanças religiosas? Mas, infelizmente, tal sistema não existe nem mesmo entre os homens do seu país, para não falar das mulheres! As estatísticas oficiais mostram que apenas três ou quatro por cento das pessoas na Índia são educadas, e nem mesmo um por cento das mulheres.

Caso contrário, como poderia o país chegar a uma condição tão decaída? Como pode haver progresso do país sem a difusão da educação, o surgimento do conhecimento? Mesmo nenhum esforço ou esforço real na causa é visível entre os poucos no seu país que são a promessa do futuro, vocês que receberam as bênçãos da educação. Mas saibam com certeza que absolutamente nada pode ser feito para melhorar a situação, a menos que haja uma difusão da educação primeiro entre as mulheres e as massas. E então tenho em mente treinar alguns Brahmachârin e Brahmachârinis, os primeiros dos quais eventualmente farão o voto de Sannyasa e tentarão levar a luz da educação entre as massas, de aldeia em aldeia, por todo o país, enquanto o este último fará o mesmo entre as mulheres. Mas todo o

trabalho deve ser feito no estilo do nosso país. Tal como têm de ser criados centros para homens, também devem ser criados centros para ensinar mulheres. Brahmacharinis de educação e caráter deveriam assumir a tarefa de ensinar nesses diferentes centros. A história e os Purânas, as tarefas domésticas e as artes, os deveres da vida doméstica e os princípios que contribuem para o desenvolvimento de um caráter ideal devem ser ensinados com a ajuda da ciência moderna, e as estudantes devem ser treinadas em ética e espiritual. vida. Devemos cuidar para que elas cresçam como donas de casa ideais com o tempo. Os filhos dessas mães progredirão ainda mais nas virtudes que distinguem as mães. É somente nos lares de mães educadas e piedosas que nascem grandes homens. E você reduziu suas mulheres a algo parecido com máquinas de manufatura; infelizmente, pelo amor de Deus, esse é o resultado da sua educação? A elevação das mulheres, o despertar das massas devem vir em primeiro lugar, e só então algum bem real poderá acontecer para o país, para a Índia.

Perto de Chorebagan, Swamiji revelou ao discípulo que a fundadora do Mahakali Pâthashâlâ, a Tapasvini Mâtâji (mãe asceta), o havia convidado para visitar sua instituição. Quando nossa carruagem parou no destino, três ou quatro cavalheiros cumprimentaram Swamiji e o levaram até a primeira porta. Ali a mãe Tapasvini o recebeu de pé. Logo ela o acompanhou até uma das aulas, onde todas as donzelas se levantaram para cumprimentá-lo. A uma palavra de Mataji, todos eles começaram a recitar a meditação sânscrita do Senhor Shiva com a entonação adequada. Depois demonstraram, a pedido da Mãe, como lhes eram ensinadas as cerimônias de adoração em sua escola. Depois de assistir tudo isso com muito prazer e interesse, Swamiji passou a visitar as outras aulas. Depois disso, Mataji mandou chamar uma garota em particular e pediu-lhe que explicasse a Swamiji o primeiro verso do terceiro canto do Raghavamsham de Kalidasa, o que ela fez em sânscrito. Swamiji expressou seu grande apreço pela medida do sucesso que Mataji alcançou por sua perseverança e aplicação na causa da difusão da educação entre as mulheres. Em resposta, ela disse com muita humildade: “Em meu serviço aos meus alunos, considero-os como a Mãe Divina; bem, ao iniciar a escola não tenho nem fama nem qualquer outro objetivo em vista”.

Questionado por Mataji, Swamiji registrou sua opinião sobre a instituição no Livro de Visitantes, cuja última linha era: “O movimento está na direção certa”.

Depois de saudar Mataji, Swamiji voltou para sua carruagem, que então seguiu em direção a Baghbazar, enquanto a seguinte conversa acontecia entre Swamiji e o discípulo.

Swamiji: Quão longe fica o local de nascimento desta venerável senhora! Ela renunciou a tudo da sua vida mundana e, no entanto, quão diligente no serviço à humanidade! Se ela não fosse mulher, ela poderia algum dia ter ensinado mulheres da maneira que está fazendo? O que vi aqui foi muito bom, mas o facto de alguns chefes de família do sexo masculino serem considerados professores é algo que não posso aprovar. O dever de ensinar na escola deve recair em todos os aspectos sobre viúvas instruídas e Brahmacharinis. É bom evitar neste país qualquer associação de homens com escolas femininas.

Discípulo: Mas, senhor, como você conseguiria agora, em um país pobre, mulheres eruditas e virtuosas como Gârgi, Khanâ ou Lilâvati?

Swamiji: Você acha que não existem mulheres desse tipo agora no país? Ainda neste solo sagrado da Índia, nesta terra de Sitâ e Sâvitri, entre as mulheres pode-se encontrar tal caráter, tal espírito de serviço, tal afeto, compaixão, contentamento e reverência, como não consegui encontrar em nenhum outro lugar do mundo! No Ocidente, as mulheres nem sempre me pareciam mulheres, pareciam ser réplicas de homens! Dirigir veículos, trabalhar duro em escritórios, frequentar escolas, cumprir tarefas profissionais! Só na Índia a visão da modéstia e da reserva feminina acalma os olhos! Com tais materiais tão promissores, você não poderia, infelizmente, realizar sua elevação! Você não tentou infundir neles a luz do conhecimento. Se receberem o tipo certo de educação, poderão muito bem tornar-se as mulheres ideais do mundo.

Discípulo: Você acha, senhor, que a mesma consumação seria alcançada através da maneira como Mataji educa seus alunos? Essas estudantes logo cresceriam e se casariam e logo se tornariam semelhantes a todas as outras mulheres comuns. Então eu acho que se essas meninas pudessem adotar o

Brahmacharya, somente então elas poderiam dedicar suas vidas à causa do progresso do país e alcançar os elevados ideais pregados em nossos livros sagrados.

Swamiji: Sim, tudo acontecerá com o tempo. Ainda não nasceram neste país homens tão instruídos, que possam manter as suas filhas solteiras sem medo de punição social. Basta ver como, antes de as meninas ultrapassarem a idade de doze ou treze anos, as pessoas se apressam em entregá-las em casamento por medo de seus iguais sociais. Ainda outro dia, quando a Lei da Idade do Consentimento estava a ser aprovada, os líderes da sociedade reuniram milhões de homens para gritarem "Não queremos a Lei". Se isto tivesse acontecido em qualquer outro país, longe de organizar reuniões para lançar um grito como esse, as pessoas teriam escondido a cabeça sob o teto, envergonhadas, porque tal calúnia ainda poderia manchar a sua sociedade.

Discípulo: Mas, senhor, não creio que os antigos legisladores apoiassem esse costume de casamento precoce sem qualquer razão ou razão. Deve ter havido algum significado secreto nessa atitude deles.

Swamiji: Bem, qual poderia ter sido esse significado secreto, por favor?

Discípulo: Tomemos, por exemplo, em primeiro lugar, que se as meninas se casarem cedo, elas podem ir à casa dos seus maridos para aprender os costumes e usos particulares da família desde os primeiros anos de suas vidas. Eles podem adquirir habilidades adequadas nos deveres domésticos sob a orientação dos sogros. Nas casas dos próprios pais, por outro lado, existe a probabilidade de as filhas adultas se desviarem. Mas casadas cedo, elas não têm chance de errar e, além disso, virtudes femininas como modéstia, reserva, coragem e diligência tendem a desenvolver-se nelas.

Swamiji: A favor do outro lado da questão, mais uma vez, pode-se argumentar que o casamento precoce leva à gravidez prematura, o que é responsável pela morte precoce da maioria das nossas mulheres; a sua descendência também, sendo de baixa vitalidade, vai engrossar as fileiras dos mendigos do nosso país! Pois se o físico dos pais não for forte e saudável, como poderão nascer crianças fortes e saudáveis? Casadas um pouco mais tarde e criadas na cultura, nossas mães darão à luz filhos que poderão realizar o verdadeiro bem do país. A razão pela qual vocês têm

tantas viúvas em todos os lares está aqui, neste costume de casamento precoce. Se o número de casamentos precoces diminuir, o das viúvas deverá seguir o exemplo.

Discípulo: Mas, senhor, parece-me que, se as nossas mulheres se casam tarde na vida, elas tendem a se preocupar menos com os deveres domésticos. Ouvi dizer que as sogras em Calcutá muitas vezes cozinham tudo, enquanto as noras instruídas ficam ociosas com tinta vermelha nos pés! Mas na nossa Bengala Oriental tal coisa nunca é permitida.

Swamiji: Mas em todos os lugares sob o sol você encontra a mesma mistura do bom e do mau. Na minha opinião, a sociedade de cada país molda-se por iniciativa própria. Portanto, não precisamos de nos preocupar prematuramente com reformas como a abolição do casamento precoce, o novo casamento das viúvas, e assim por diante. A nossa parte do dever consiste em transmitir a verdadeira educação a todos os homens e mulheres da sociedade. Como resultado dessa educação, eles próprios serão capazes de saber o que é bom para eles e o que é mau, e evitarão espontaneamente este último. Não será então necessário derrubar ou estabelecer nada na sociedade através da coerção.

Discípulo: Que tipo de educação você acha que é adequada para nossas mulheres?

Swamiji: Religião, artes, ciência, tarefas domésticas, culinária, costura, higiene – os pontos essenciais simples nestas matérias devem ser ensinados às nossas mulheres. Não é bom deixá-los tocar em romances e ficção. O Mahakali Pathashala está se movendo em grande parte na direção certa. Mas apenas ensinar ritos de adoração não serve; sua educação deve abrir os olhos em todos os assuntos. Personagens ideais devem sempre ser apresentados diante das meninas para imbuí-las de uma devoção aos elevados princípios de altruísmo. Os nobres exemplos de Sita, Savitri, Damavanti, Lilavati, Khana e Mirâ devem ser trazidos às suas mentes e eles devem ser inspirados a moldar as suas próprias vidas à luz destes.

Nosso táxi chegou então à casa do falecido Babu Balaram Bose, em Baghbazar. Swamiji desceu e subiu as escadas. Lá ele contou toda a sua

experiência no Mahakali Pathashala para aqueles que se reuniram lá para vê-lo.

Então, enquanto discutia o que os membros da recém-formada Missão Ramakrishna deveriam fazer, Swamiji passou a estabelecer por meio de vários argumentos a importância suprema do “dom do aprendizado” e do “dom do conhecimento”. (A alusão aqui é à classificação de vários dons, mencionada por Manu.) Voltando-se para o discípulo ele disse: "Eduque, eduque, 'नान्यः पन्था विद्यतेऽयनाय - Do que este não há outro caminho'." E referindo-se, em tom de brincadeira, ao partido que não é a favor da propaganda educativa, disse: "Bem, não entre no partido de Prahâdas!" Questionado sobre o significado da expressão, ele respondeu: "Oh, você não ouviu? Lágrimas correram dos olhos de Pahlada ao ver a primeira letra 'Ka' do alfabeto, pois isso o lembrava de Krishna; então como poderiam prosseguir quaisquer estudos? Mas então as lágrimas nos olhos de Pahlada eram lágrimas de amor, enquanto seus tolos parecem lágrimas de medo! Todos os presentes caíram na gargalhada ao ouvir isso, e Swami Yogananda disse a Swamiji: “Bem, uma vez que você tenha o desejo interior de fazer qualquer coisa, você não terá paz até ver o máximo feito a respeito. o que você pretende fazer será feito, sem dúvida.”

6.5.9 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: Calcutá. ano: 1897.]

Nos últimos dez dias, o discípulo vinha estudando o comentário de Sâyana sobre o Rig-Veda com Swamiji, que estava então hospedado na casa do

falecido Babu Balaram Bose em Baghbazar. Os volumes de Max Müller sobre o Rig-Veda foram trazidos da biblioteca particular de um amigo rico. Swamiji corrigia o discípulo de vez em quando e dava-lhe a verdadeira pronúncia ou construção conforme necessário. Às vezes, enquanto explicava os argumentos de Sayana para estabelecer a eternidade dos Vedas, Swamiji elogiava muito a maravilhosa engenhosidade do comentarista; às vezes, novamente, enquanto argumentava o significado mais profundo da doutrina, ele apresentava uma diferença de ponto de vista e cedeu a um aborto inocente em Sayana.

Embora nosso estudo tenha prosseguido assim por algum tempo, Swamiji levantou o tópico sobre Max Müller e continuou assim: Bem, você sabe, minha impressão é que Sayana nasceu de novo como Max Müller para reviver seu próprio comentário sobre os Vedas? Eu tenho essa noção há muito tempo. Parece que isso se confirmou em minha mente depois que vi Max Müller. Mesmo aqui neste país, você não encontra um estudioso tão perseverante e tão firmemente fundamentado nos Vedas e no Vedanta. Além disso, que respeito profundo e insondável por Shri Ramakrishna! Você sabe, ele acredita em sua Divina Encarnação! E que grande hospitalidade para comigo quando fui seu convidado! Vendo o velho e sua senhora, pareceu-me que eles estavam vivendo sua vida doméstica como outro Vasishta e Arundhati! Na hora de se separar de mim, lágrimas surgiram nos olhos do velho.

Discípulo: Mas, senhor, se o próprio Sayana se tornou Max Müller, então por que ele nasceu como Mlechcha em vez de nascer na terra sagrada da Índia?

Swamiji: O sentimento e a distinção de que sou um ariano e o outro é um Mlechcha vêm da ignorância. Mas o que são Varnâshrama e divisões de castas para quem é o comentarista dos Vedas, a brilhante personificação do conhecimento? Para ele, eles são totalmente sem sentido, e ele pode assumir o nascimento humano onde quiser, para fazer o bem à humanidade. Especialmente, se ele não escolhesse nascer numa terra que primava tanto pelo conhecimento como pela riqueza, onde conseguiria as grandes despesas para a publicação de volumes tão estupendos? Você não ouviu que a Companhia das Índias Orientais pagou nove lakhs de rúpias em dinheiro

para publicar o Rig-Veda? Mesmo esse dinheiro não foi suficiente. Centenas de eruditos védicos tiveram que ser empregados neste país com salários mensais. Alguém viu nesta época, aqui neste país, um anseio tão profundo por conhecimento, um investimento tão prodigioso de dinheiro em prol da luz e do aprendizado? O próprio Max Müller escreveu em seu prefácio que durante vinte e cinco anos ele preparou apenas os manuscritos. Depois a impressão demorou mais vinte anos! Não é possível para um homem comum trabalhar quarenta e cinco anos de sua vida com uma única publicação. Basta pensar nisso! É uma fantasia minha dizer que ele é o próprio Sayana?

Após esta conversa sobre Max Müller a condução dos Vedas foi retomada. Agora Swamiji começou a apoiar de várias maneiras a visão de Sayana de que a criação procedeu dos Vedas. Ele disse: Veda significa a soma total das verdades eternas; os Rishis Védicos experimentaram essas verdades; eles só podem ser experimentados por videntes do suprassensível e não por homens comuns como nós. É por isso que nos Vedas o termo Rishi significa “o vidente da verdade dos Mantras”, e não qualquer brâmane com o fio sagrado pendurado no pescoço. A divisão da sociedade em castas ocorreu mais tarde. Veda é da natureza do Shabda ou da ideia. É apenas a soma total de ideias. Shabda, de acordo com o antigo significado védico do termo, é a ideia sutil, que se revela assumindo mais tarde a forma grosseira. Assim, devido à dissolução da criação, as sementes sutis da futura criação ficam envolvidas no Veda. Conseqüentemente, nos Puranas você descobre que durante a primeira Encarnação Divina, o Minâvatâra, o Veda é manifestado pela primeira vez. Tendo os Vedas sido revelados pela primeira vez nesta Encarnação, seguiram-se as outras manifestações criativas. Ou, em outras palavras, todos os objetos criados começaram a tomar forma concreta a partir dos Shabdas ou das ideias dos Vedas. Pois no Shabda ou ideia, todos os objetos grosseiros têm suas formas sutis. A criação procedeu da mesma maneira em todos os ciclos ou Kalpas anteriores. Isto você encontra no Sandhyâ Mantra dos Vedas:

"सूर्याचन्द्रमसौ धाता यथापूर्वमकल्पयत् पृथिवीं दिवं चान्तरीक्षमथो स्वः

— O Criador projetou o sol, a lua, a terra, a atmosfera, o céu e as esferas superiores da mesma maneira e processo dos ciclos anteriores." Você

entende?

Discípulo: Mas, senhor, como, na ausência de um objeto concreto real, o Shabda ou ideia pode ser aplicado e para quê? E como podem os nomes também ser dados?

Swamiji: Sim. é isso que, à primeira vista, parece ser a dificuldade. Mas pense nisso. Suponhamos que este jarro se quebre em pedaços; a ideia de um jarro torna-se nula e sem efeito? Não. Porque o jarro é o efeito grosseiro, enquanto a ideia, “jarro”, é o estado sutil ou o estado Shabda do jarro. Da mesma forma, o estado Shabda de cada objeto é o seu estado sutil, e as coisas que vemos, ouvimos, tocamos ou percebemos de qualquer maneira são as manifestações grosseiras de entidades no estado sutil ou Shabda. Assim como podemos falar do efeito e da sua causa. Mesmo quando toda a criação é aniquilada, o Shabda, como a consciência do universo ou a realidade sutil de todas as coisas concretas, existe em Brahman como a causa. No ponto de manifestação criativa, esta soma total de entidades causais vibra em atividade, por assim dizer, e como sendo a substância sonora e material de tudo isso, o som eterno e primordial de "Om" continua a sair de si mesmo. E então da totalidade causal surge primeiro a imagem sutil ou forma Shabda de cada coisa particular e depois sua manifestação grosseira. Agora, esse Shabda causal, ou consciência da palavra, é Brahman, e é o Veda. Este é o significado de Sayana. Você entende agora?

Discípulo: Não, senhor, não consigo compreender isso claramente.

Swamiji: Bem, você entende, eu suponho, que mesmo que todos os jarros do universo fossem destruídos, a ideia ou Shabda, “jarro”, ainda existiria. Então, se o universo for destruído – quero dizer, se todas as coisas que compõem o universo forem reduzidas a átomos – por que as ideias ou Shabdas que representam todas elas na consciência ainda não existiriam? E por que não se pode supor que uma segunda criação surja deles a tempo?

Discípulo: Mas, senhor, se alguém gritar “jarro”, “jarro”, isso não faz com que nenhum jarro seja produzido!

Swamiji: Não, nada será produzido se você ou eu gritarmos assim; mas um jarro deve ser revelado se a ideia dele surgir em Brahman, que é perfeito em Suas determinações criativas. Quando vemos até mesmo aqueles estabelecidos na prática da religião (Sâdhakas) realizarem, através da força da vontade, coisas que de outra forma seriam impossíveis de acontecer, o que dizer de Brahman com perfeita criatividade de vontade? No ponto da criação, Brahman se manifesta como Shabda (Ideia), e então assume a forma de "Nâda" ou "Om". No estágio seguinte, os Shabdas ou ideias particulares, que existiram de várias maneiras em ciclos anteriores, como Bhuh, Bhuvah, Svah, vaca, homem, etc., começam a sair do "Om". Assim que essas ideias aparecem em Brahman dotado de vontade perfeita, as coisas concretas correspondentes também aparecem e gradualmente o universo diversificado se torna manifesto. Você agora entende como Shabda é a fonte da criação?

Discípulo: Sim, apenas tenho uma ideia disso, mas não há uma compreensão clara na mente.

Swamiji: Bem, a compreensão clara, a realização interior, não é pouca coisa, meu filho. Quando a mente prossegue em direção à auto-absorção em Brahman, ela passa por todos esses estágios, um por um, para finalmente alcançar o estado absoluto (Nirvikalpa). No processo de entrada no Samadhi, primeiro o universo aparece como uma massa de ideias; então tudo se perde num profundo "Om". Então até isso se desfaz, até isso parece estar entre o ser e o não-ser. Essa é a experiência do Nada eterno. E então a mente se perde na Realidade de Brahman, e então está feito! Tudo é paz!

O discípulo ficou mudo, pensando que ninguém poderia expressar e explicar isso da maneira que Swamiji estava fazendo, a menos que tudo fosse uma questão de experiência própria!

Swamiji então retomou o assunto: Grandes homens como Avatâras, ao retornar do Samadhi para o reino do "eu" e do "meu", primeiro experimentam o Nada imanifesto, que aos poucos se torna distinto e aparece como Om, e depois de Omkâra, o forma sutil do universo à medida que uma massa de ideias se torna experienciada e, por último, o universo material entra em percepção. Mas os Sadhakas comuns de alguma forma alcançam além de Nada através de imensa prática, e quando alcançam a realização direta de Brahman, eles não podem voltar novamente ao plano inferior da percepção material. Eles derretem em Brahman, "क्षीरे नीबूत् - Como água no leite".

Enquanto toda essa conversa sobre a teoria da criação estava acontecendo, o grande dramaturgo, Babu Girish Chandra Ghosh, apareceu em cena. Swamiji deu-lhe saudações corteses e continuou suas lições ao discípulo.

Os Shabdas são novamente divididos em duas classes, os Shabdas Védicos e aqueles de uso humano comum. Encontrei esta posição no livro Nyâya chamado Shabdashaktiprakâshikâ. Aí os argumentos sem dúvida indicam grande poder de pensamento; mas, ah, a terminologia confunde o cérebro!

Agora, voltando-se para Girish, Babu Swamiji disse: O que você me diz, G. C.? Bom, você não se importa em estudar tudo isso, você passa seus dias adorando esse e aquele deus, né?

Girish Babu: O que devo estudar, irmão? Não tenho tempo nem compreensão suficiente para me aprofundar em tudo isso. Mas desta vez, com a graça de Shri Ramakrishna, passarei com saudações aos seus Vedas e ao Vedanta e darei um salto para o muito além! Ele ajuda você em todos esses estudos, porque deseja que você faça muitas coisas. Mas não precisamos deles. Dizendo isso, Girish Babu tocou repetidamente os grandes volumes do Rig-Veda com a cabeça, pronunciando: "Toda vitória para Ramakrishna na forma de Veda!"

Swamiji estava agora numa espécie de devaneio profundo, quando Girish Babu de repente o chamou e disse: Bem, ouça-me, por favor. Você estudou bastante os Vedas e o Vedanta, mas diga, você encontrou em algum lugar neles alguma maneira de escaparmos de todas essas profundas misérias no

país, de todos esses lamentos de tristeza, de toda essa fome, de todos esses crimes? do adultério e dos muitos pecados horríveis?

Dizendo isso, ele pintou repetidas vezes os horríveis quadros da sociedade. Swamiji permaneceu perfeitamente quieto e sem palavras, enquanto ao pensar nas tristezas e misérias de seus semelhantes, lágrimas começaram a escorrer de seus olhos e, aparentemente para esconder de nós seus sentimentos, ele se levantou e saiu da sala.

Entretanto, dirigindo-se ao discípulo, Girish Babu disse: Você viu, Bângâl? Que grande coração amoroso! Não honro o seu Swamiji simplesmente por ser um erudito versado nos Vedas; mas eu o honro por aquele seu grande coração que o fez retirar-se chorando pelas tristezas de seus semelhantes.

O discípulo e Girish Babu continuaram conversando, este último provando que conhecimento e amor eram, em última análise, a mesma coisa.

Nesse ínterim, Swamiji voltou e perguntou ao discípulo: “Bem, o que foi toda essa conversa acontecendo entre vocês?” O discípulo disse: “Senhor, estamos falando sobre os Vedas, e o que é surpreendente é que nosso Girish Babu não estudou esses livros, mas compreendeu as verdades últimas com precisão pura!”

Swamiji: Todas as verdades se revelam àquele que tem verdadeira devoção ao Guru; ele quase não precisa de estudos. Mas tal devoção e fé são muito raras neste mundo. Aquele que os possui na medida do nosso amigo aqui não precisa estudar os Shastras. Mas aquele que se apressa a imitá-lo só trará a sua própria ruína. Sempre siga seus conselhos, mas nunca tente imitar seus caminhos.

Discípulo: Sim, senhor,

Swamiji: Não diga apenas o mesmo! Compreenda claramente as palavras que eu digo. Não acene com a cabeça como um tolo a tudo o que é dito. Não coloque fé implícita, mesmo que eu declare algo. Primeiro compreenda claramente e depois aceite. Shri Ramakrishna sempre insistia que eu aceitasse cada palavra dele somente depois de compreendê-la claramente. Siga seu caminho apenas com princípios sólidos, raciocínio claro e

escrituras que todos declarem como verdadeiros. Assim, através da reflexão constante, o intelecto se tornará claro, e somente então Brahman poderá ser refletido nele. Você entende?

Discípulo: Sim, senhor, eu quero. Mas o cérebro fica confuso com as diferentes visões de diferentes homens. Neste exato momento Girish Babu me disse: "O que você fará com todo esse estudo?" E então você vem e diz: "Refleta sobre o que você ouve e lê". Então, o que exatamente devo fazer?

Swamiji: Tanto o que ele quanto eu aconselhamos é verdade. A única diferença é que os conselhos de ambos foram dados de pontos de vista diferentes. Existe um estágio da vida espiritual em que todos os raciocínios são silenciados; "मूकस्वादनवत् - Como um sabor delicioso apreciado pelos burros". E há outro modo de vida espiritual em que é preciso compreender a Verdade através da busca pelo aprendizado das Escrituras, através do estudo e do ensino. Você tem que prosseguir através de estudos e reflexão, esse é o seu caminho para a realização. Você vê?

Recebendo tal ordem de Swamiji, o discípulo, em sua loucura, entendeu que isso implicava o desconforto de Girish Babu, e então, voltando-se para ele, disse: "Você ouviu, senhor? O conselho de Swamiji para mim é claramente apenas estudar e refletir sobre os Vedas e o Vedanta ."

Girish Babu: Bem, continue fazendo isso; com as bênçãos de Swamiji, vocês, de fato, terão sucesso nesse sentido.

Swami Sadananda chegou lá naquele momento e, ao vê-lo, Swamiji disse imediatamente: "Sabe, meu coração está profundamente perturbado pela imagem das misérias de nosso país que G. C. estava retratando agora há pouco; bem, você pode fazer alguma coisa por nosso país? "

Sadananda: Mahârâj, deixe o mandato ser emitido uma vez; seu escravo está pronto.

Swamiji: Primeiro, em uma escala bem pequena, crie um centro de assistência, onde os pobres e os necessitados possam obter alívio e os doentes possam ser tratados. Pessoas indefesas que não têm ninguém para

cuidar delas serão aliviadas e servidas ali, independentemente de credo ou cor, entende?

Sadananda: Exatamente como você comandou, senhor.

Swamiji: Não há Dharma maior do que este serviço aos seres vivos. Se este Dharma pode ser praticado com espírito real, então "मुक्तिः करफलायते — A libertação vem como uma fruta na palma da mão".

Dirigindo-se a Girish Babu agora, Swamiji disse: “Você sabe, Girish Babu, me ocorre que mesmo que mil nascimentos tenham que ser realizados para aliviar as tristezas do mundo, certamente eu os aceitarei. que, mesmo uma única alma possa ter um pouco de sua dor aliviada, ora, eu farei isso. Bem, o que adianta ter apenas a própria libertação? Todos os homens devem ser levados consigo nesse caminho. diga por que um sentimento como esse surge em primeiro lugar em minha mente?

Girish Babu: Ah, caso contrário, por que Shri Ramakrishna deveria declarar que você é maior do que todos os outros em competência espiritual?

Dizendo isso, Girish Babu despediu-se de todos nós para ir a outro lugar tratar de negócios.

6.5.10 SARATCHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: A Matemática Alambazar. Ano: 1897.]

Após o primeiro retorno de Swamiji do Ocidente para Calcutá, ele sempre apresentava aos jovens zelosos que o visitavam os elevados ideais de renúncia, e qualquer um que expressasse seu desejo de aceitar Sannyasa receberia dele grande encorajamento e bondade. Assim, inspirados por seu entusiasmo, alguns jovens de grande sorte desistiram de sua vida mundana naqueles dias e foram iniciados por ele em Sannyasa. O discípulo esteve presente no Alambazar Math no dia em que os primeiros quatro deste lote receberam Sannyasa de Swamiji.

Muitas vezes o discípulo ouviu dos Sannyasins do Math que Swamiji foi repetidamente solicitado por seus irmãos monges a não admitir um candidato em particular em Sannyasa, ao que Swamiji respondeu: "Ah, se até mesmo nós nos esquivarmos de trabalhar na salvação dos pecadores, , os oprimidos, os humilhados e os aflitos de alma, quem mais pode cuidar deles neste mundo? Não, por favor, não se oponha a mim neste assunto. Assim, a forte opinião de Swamiji triunfou, e sempre o refúgio dos desamparados, ele resolveu, por seu grande amor, dar-lhe Sannyasa.

O discípulo estava hospedado no Math nos últimos dois dias, quando Swamiji o chamou e disse: "Bem, você pertence à classe sacerdotal; amanhã você fará com que eles realizem seu Shrâddha, e no dia seguinte eu lhes darei Sannyasa. Então prepare-se consultando os livros de cerimoniais de hoje." O discípulo cedeu a este mandato de Swamiji e a cerimônia foi devidamente realizada.

Mas o discípulo ficou muito deprimido ao pensar na grande severidade de Sannyasa. Swamiji detectando sua agitação mental perguntou-lhe: "Bem, entendo, você sente algum pavor em sua mente com toda essa experiência, não é?" E quando o discípulo confessou que era assim, Swamiji disse: "A partir de hoje estes quatro estão mortos para o mundo, e novos corpos, novos pensamentos, novas vestimentas serão deles a partir de amanhã - e brilhando na glória de Brahman eles viverão como fogo flamejante! "

न कर्मणा न प्रजया धनेन त्यागेनैके अमृतत्वमानशुः - Não pelo trabalho, nem pela progênie, nem pela riqueza, mas apenas pela renúncia, alguns (raros) alcançaram a Imortalidade' (Kaivalya Upanishad)."

Após a cerimônia, os quatro Brahmacharins curvaram-se aos pés de Swamiji. Ele os abençoou e disse: "Vocês têm entusiasmo para abraçar o voto mais elevado da vida humana; realmente abençoado é o seu nascimento, abençoada a sua família, abençoada as mães que os mantiveram em seu ventre! 'कुलं पवित्रं जननी कृतार्था - Toda a família -line torna-se sagrada, a mãe atinge o seu ponto mais alto!'"

Naquele dia, depois do jantar, Swamiji falou apenas sobre o ideal de Sannyasa. Aos zelosos candidatos a Sannyasa, ele disse: O verdadeiro objetivo de Sannyasa é "आत्मनो मोक्षार्थं जगद्धिनाय च - Para a liberdade mais elevada e para o bem do mundo". Sem ter Sannyasa ninguém pode realmente ser um conhecedor de Brahman – isto é o que os Vedas e o Vedanta proclamam. Não dê ouvidos às palavras daqueles que dizem: “Nós dois viveremos a vida mundana e seremos conhecedores de Brahman”. Esse é o autoconsolamento lisonjeiro dos que buscam o criptoprazer. Aquele que tem o menor desejo pelos prazeres mundanos, mesmo que seja um pingo de tal desejo, ficará assustado ao pensar no caminho que você irá trilhar; então, para se consolar, ele prega aquele credo impossível de harmonizar Bhoga e Tyâga. Isso é tudo o delírio dos lunáticos, a espuma dos dementes – teorias vãs, contrárias às escrituras, contrárias aos Vedas. Não há liberdade sem renúncia. O amor mais elevado por Deus nunca pode ser alcançado sem renúncia. Renúncia é a palavra — "नान्यः पन्था विद्यते अयनाय — Não há outro caminho senão este." Até o Gita diz: "काम्यानां कर्मणां न्यासं संन्यासं कवयो विदुः - Os sábios sabem que Sannyasa é o abandono de todo trabalho que deseja seu fim."

Ninguém alcança a liberdade sem se livrar das preocupações mundanas. O próprio fato de alguém viver a vida mundana prova que ele está preso a ela como escravo de um desejo ou outro. Caso contrário, por que ele se apegará a essa vida? Ele é escravo da luxúria ou do ouro, da posição ou da fama, do saber ou da erudição. Só depois de se libertar de toda esta escravidão é que se pode prosseguir no caminho da liberdade. Deixe as pessoas argumentarem o mais alto que quiserem, tenho a convicção de que, a menos que todos esses laços sejam abandonados, a menos que a vida monástica seja adotada, ninguém será salvo, nenhuma obtenção de Brahmajnana será possível.

Discípulo: Você quer dizer, senhor, que simplesmente adotar Sannyasa levará alguém à meta?

Swamiji: Se a meta foi alcançada ou não, não é o ponto que temos diante de nós agora. Mas até que você saia desta roda do Samsâra, até que a escravidão do desejo seja eliminada, você não poderá alcançar nem Bhakti nem Mukti. Para o conhecedor de Brahman, os poderes sobrenaturais ou a prosperidade são meras trivialidades.

Discípulo: Senhor, existe algum momento especial para Sannyasa e existem diferentes tipos de momento?

Swamiji: Não existe um tempo especial prescrito para uma vida de Sannyasa. O Shruti diz: "यदहरेव विरजेत् तदहरेव प्रव्रजेत् — Assim que o espírito de renúncia vier, você deve adotar Sannyasa." O Yogavâsishtha também diz:

युवैव धर्मशीलः स्यात् अनित्यं खलु जीवितम् ।
को हि जानाति कस्याद्य मृत्युकाले भविष्यति ॥

- "Devido à própria vida ser frágil e incerta, a pessoa deve ser devotada à religião mesmo na juventude. Pois quem sabe quando o corpo de alguém pode cair?"

Os Shâstras falam de quatro tipos de Sannyasa: (1) Vidvat, (2) Vividishâ, (3) Markata, (4) Âtura. O despertar da renúncia real de uma só vez e a consequente renúncia ao mundo através de Sannyasa é algo que nunca acontece a menos que haja fortes Samskâras ou tendências, desenvolvidas a partir de nascimentos anteriores. E isso é chamado de Vidvat Sannyasa. Vividisha Sannyasa é o caso de alguém que, movido por um forte anseio pelo conhecimento do Ser através da busca pelo estudo e prática das escrituras, vai até o homem da realização e dele abraça Sannyasa para se entregar a essas buscas. Markata Sannyasa é o caso de um homem que é expulso do mundo por alguns de seus castigos, como a morte de um parente ou algo semelhante, e então segue para Sannyasa, embora nesse caso o espírito renunciante não dure muito. Shri Ramakrishna costumava dizer sobre isso: "Com esse tipo de renúncia, a pessoa corre para o interior e então consegue um bom emprego; e então, eventualmente, talvez consiga que sua esposa seja trazida para ele ou talvez leve para um novo!" E por

último, há outro tipo de Sannyasa que os Shastras prescrevem para um homem que está deitado em seu leito de morte, cuja esperança de vida foi abandonada. Pois então, se ele morrer, ele morrerá com o mais sagrado dos votos sobre ele, e em seu próximo nascimento o mérito disso será acumulado para ele. E caso ele se recupere, ele não retornará à sua antiga vida novamente, mas viverá o resto de seus dias no nobre esforço após Brahmajñana. Swami Shivananda deu esse tipo de Sannyasa ao seu tio. O pobre morreu; mas através dessa iniciação ele chegará a um novo nascimento de excelência superior. Afinal não há outro caminho para o conhecimento do Ser senão através de Sannyasa.

Discípulo: Qual será então, senhor, o destino dos chefes de família?

Swamiji: Ora, através do mérito do bom Karma, eles terão esta renúncia em algum nascimento futuro deles. E assim que essa renúncia ocorre, todos os problemas terminam – sem mais demora ele atravessa esse mistério de vida e morte. Mas então todas as regras têm suas exceções. Alguns homens, um ou dois, podem ser vistos alcançando a liberdade mais elevada através do verdadeiro cumprimento do Dharma do chefe de família, como temos entre nós Nâg Mahashaya, por exemplo.

Discípulo: Senhor, mesmo os Upanishads, etc., não ensinam claramente sobre renúncia e Sannyasa.

Swamiji: Você está falando como um louco! A renúncia é a própria alma dos Upanishads. A iluminação nascida da reflexão discriminativa é o objetivo final do conhecimento Upanishad. A minha convicção, contudo, é que foi desde a época de Buda que o voto monástico foi pregado mais exaustivamente por toda a Índia, e a renúncia, a renúncia ao prazer dos sentidos, foi reconhecida como o objectivo mais elevado da vida religiosa. E o Hinduísmo absorveu em si esse espírito budista de renúncia. Nunca nasceu neste mundo um grande homem com tanta renúncia como Buda.

Discípulo: Você quer dizer então, senhor, que antes do advento de Buda havia muito pouco espírito de renúncia no país e quase não havia sannyasins?

Swamiji: Quem disse isso? A instituição monástica existia, mas a maioria das pessoas não a reconhecia como objetivo da vida; não houve tal espírito firme para isso, não houve tal firmeza na discriminação espiritual. Assim, mesmo quando Buda se dirigiu a tantos Yogis e Sadhus, em nenhum lugar ele adquiriu a paz que desejava. E então, para realizar o Mais Alto, ele recorreu aos seus próprios esforços e sentou-se em um lugar com as famosas palavras: "इहासने शुष्यतु मे शरीरं - Deixe meu corpo murchar neste assento" etc., levantou-se dele somente depois de se tornar o Buda, o Iluminado. Os muitos mosteiros que você vê agora na Índia, ocupados por monges, já foram propriedade do Budismo. Os hindus apenas os tornaram seus agora, modificando-os à sua própria maneira. Na verdade, a instituição de Sannyasa originou-se com Buda; foi ele quem deu vida aos ossos mortos desta instituição.

Swami Ramakrishnananda, um irmão-discípulo de Swamiji, interveio: "Mas os antigos livros de leis e Puranas são uma boa autoridade de que todos os quatro Ashramas existiam na Índia antes do nascimento de Buda." Swamiji respondeu: "A maioria dos Puranas, os códigos de Manu e outros, bem como grande parte da forma Mahâbhârata, mas literatura recente. Bhagavân Buda foi muito anterior a tudo isso." "Nessa suposição", respondeu Swami Ramakrishnananda, "discussões sobre o Budismo seriam encontradas nos Vedas, Upanishads, nos livros jurídicos, nos Puranas e assim por diante. Mas como tais discussões não são encontradas nesses livros antigos, como você pode dizer que Buda antecedeu todos eles? Em alguns antigos Puranas, é claro, relatos da doutrina budista são parcialmente fornecidos, mas a partir deles, não se pode concluir que as escrituras dos hindus, como os livros de leis e os Puranas, sejam de origem; data recente."

Swamiji: Por favor, leia a história (Evidentemente, durante a argumentação, Swamiji estava se posicionando sobre as conclusões dos estudos históricos modernos, dando assim seu encorajamento e apoio a tais novos esforços e métodos. Mas sabemos por uma de suas cartas a Swami Swarupananda (C.W. Vol. V,) que Swamiji rompeu mais tarde com a posição desses estudiosos modernos e elaborou a origem pré-budista de grande parte do hinduísmo moderno.) e você descobrirá que o hinduísmo se tornou tão grande apenas ao absorver todos os ideias de Buda.

Swami Ramakrishnananda: Parece-me que Buda apenas revivificou as grandes idéias hindus, praticando exaustivamente em sua vida princípios como renúncia, desapego e assim por diante.

Swamiji: Mas esta posição não pode ser provada. Pois não temos nenhuma história antes do nascimento de Buda. Se aceitarmos a história apenas como autoridade, teremos de admitir que no meio da profunda escuridão dos tempos antigos, Buda apenas brilha como uma figura radiante com a luz do conhecimento.

Agora o tópico de Sannyasa foi retomado e Swamiji disse: Onde quer que esteja a origem de Sannyasa, o objetivo da vida humana é tornar-se um conhecedor de Brahman, abraçando este voto de renúncia. O fim supremo é entrar na vida de Sannyasa. Somente aqueles que se separaram da vida mundana através de um espírito de renúncia são realmente abençoados.

Discípulo: Mas muitas pessoas hoje em dia são de opinião, senhor, que com o aumento de monges errantes no país, muito dano foi causado ao seu progresso material. Afirmam-no com base no facto de estes monges vaguearem preguiçosamente, dependendo dos chefes de família para a sua subsistência, e que estes não ajudam em nada a causa do progresso social e nacional.

Swamiji: Mas você poderia me explicar primeiro o que significa o termo avanço material ou secular?

Discípulo: Sim, é fazer como as pessoas no Ocidente estão fazendo, garantindo as necessidades da vida através da educação e promovendo através da ciência objetos da vida como o comércio, a indústria, as comunicações e assim por diante.

Swamiji: Mas será que tudo isso poderá acontecer se o verdadeiro Rajas não for despertado no homem? Vagando por toda a Índia, em nenhum lugar encontrei esse Rajas se manifestando. É tudo Tamas e Tamas! As massas estão engolfadas em Tamas, e somente entre os monges eu poderia encontrar estes Rajas e Sattva. Essas pessoas são como a espinha dorsal do país. O verdadeiro Sannyasin é um professor de chefes de família. Foi com a luz e os ensinamentos deles obtidos que os antigos chefes de família

triunfaram muitas vezes nas batalhas da vida. Os chefes de família dão comida e roupas aos Sadhus, apenas em troca de seus ensinamentos inestimáveis. Se não tivesse havido tal intercâmbio mútuo na Índia, o seu povo já teria sido extinto como os índios americanos. É porque os chefes de família ainda dão alguns pedaços de comida aos Sadhus que eles ainda são capazes de manter a sua posição no caminho do progresso. Os Sannyasins não estão ociosos. Eles são realmente a fonte de todas as atividades. Os chefes de família veem ideais elevados postos em prática nas vidas dos Sadhus e aceitam deles tais idéias nobres; e foi isso que até agora lhes permitiu travar a batalha da vida a partir da esfera do Karma. O exemplo dos santos Sadhus os faz desenvolver ideias sagradas na vida e absorver energia real para o trabalho. Os Sannyasins inspiram os chefes de família em todas as causas nobres, incorporando em suas vidas o princípio mais elevado de desistir de tudo pelo bem de Deus e do bem do mundo e, em troca, os chefes de família lhes dão algumas doações de comida. E a própria disposição e capacidade de cultivar esse alimento se desenvolve nas pessoas por causa das bênçãos e bons votos dos monges que renunciam a tudo. É por causa da sua incapacidade de compreender as questões mais profundas que as pessoas culpam a instituição monástica. Qualquer que seja o caso em outros países, nesta terra a vida dos chefes de família não afunda apenas porque os Sannyasins estão no seu comando.

Discípulo: Mas, senhor, quantos monges existem que são verdadeiramente dedicados ao bem dos homens?

Swamiji: Ah, basta se um grande Sannyasin como Shri Ramakrishna vier daqui a mil anos! Durante mil anos após o seu advento, as pessoas podem muito bem guiar-se pelas ideias e ideais que ele deixa para trás. É só porque esta instituição monástica existe no país que aqui nascem homens da sua grandeza. Existem defeitos, mais ou menos, em todas as instituições da vida. Mas qual é a razão pela qual, apesar das suas falhas, esta nobre instituição ainda permanece suprema sobre todas as outras instituições da vida? É porque os verdadeiros Sannyasins renunciam até mesmo à sua própria libertação e vivem simplesmente para fazer o bem ao mundo. Se você não se sente grato a uma instituição tão nobre, que vergonha!

Enquanto pronunciava estas palavras, o semblante de Swamiji ficou radiante. E diante dos olhos do discípulo ele brilhou como a própria personificação de Sannyasa.

Então, como se percebesse no fundo de sua alma a grandeza desta instituição, absorto em si mesmo, ele irrompeu na mais doce sinfonia:

“वेदान्तवाक्येषु सदा रमन्तो
मिश्रात्रमात्रेण च तुष्टिमन्तः ।
अशोकमन्तःकरणे चरन्तः
कौपीनवनः खलु भाग्यवन्तः ॥

- "Meditando com a mente feliz os textos do Vedanta, bastante satisfeitos com a comida obtida como esmola e vagando com um coração intocado por qualquer sentimento de tristeza, três vezes abençoados são os Sannyasins, com apenas sua tanga como vestimenta."

Retomando a palestra, ele continuou: Para o bem de muitos, para a felicidade de muitos, nasce o Sannyasin. Sua vida é totalmente vã, de fato, para quem, abraçando Sannyasa, esquece esse ideal. O Sannyasin, em verdade, nasce neste mundo para dar a sua vida pelos outros, para parar os gritos amargos dos homens, para enxugar as lágrimas da viúva, para trazer paz à alma da mãe enlutada, para equipar as massas ignorantes para a luta pela existência, para alcançar o bem-estar secular e espiritual de todos através da difusão dos ensinamentos espirituais e para despertar o leão adormecido de Brahman em todos, lançando a luz do conhecimento. Dirigindo-se então aos seus irmãos da Ordem, disse: A nossa vida é " आत्मनो मोक्षार्थं जगद्धिताय च - para o bem da nossa auto-libertação, bem como para o bem do mundo". Então, por que você está parado? Levante-se, acorde; acordem vocês mesmos e despertem os outros. Alcance a consumação da vida humana antes de morrer - "Levante-se, desperte e não pare até que a meta seja alcançada."

6.5.11 SARATCHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: A casa do falecido Babu Navagopal Ghosh, Ramakrishnapur, Howrah, 6 de fevereiro de 1898.]

Hoje o festival de instalação da imagem de Shri Ramakrishna aconteceria na residência de Babu Navagopal Ghosh de Ramakrishnapur, Howrah. Os Sannyasins do Math e os devotos chefes de família de Shri Ramakrishna foram todos convidados para lá.

Swamiji e seu grupo chegaram ao ghat de banho em Ramakrishnapur. Ele estava vestido com o mais simples traje ocre, com turbante na cabeça e estava descalço. Em ambos os lados da estrada havia multidões de pessoas para vê-lo. Swamiji começou a cantar o famoso Hino da Natividade em Shri Ramakrishna - "Quem és Tu colocado no colo de uma pobre mãe brâmane", etc., e liderou uma procissão, tocando ele mesmo no Khol. (Uma espécie de tambor indiano alongado e estreito em ambas as extremidades.) Todos os devotos ali reunidos o seguiram, juntando-se ao; Refrão.

Pouco depois da procissão chegar ao seu destino, Swamiji subiu as escadas para ver a capela. A capela foi pavimentada com mármore. No centro estava o trono e sobre ele estava a imagem de porcelana de Shri Ramakrishna. A disposição dos materiais era perfeita e Swamiji ficou muito satisfeito ao ver isso.

A esposa de Navagopal Babu prostrou-se diante de Swamiji com as outras mulheres da casa e depois começou a abaná-lo. Ouvindo Swamiji falar bem de todos os arranjos, ela se dirigiu a ele e disse: "O que temos que nos dá o direito ao privilégio de adorar Thakur (o Mestre, Senhor)? - Um lar pobre e meios pobres! Abençoe-nos, por favor, instalando-o aqui por sua própria gentileza!

Em resposta a isso, Swamiji disse jocosamente: "Seu Thakur nunca teve em suas quatorze gerações uma casa com piso de mármore para morar! aqui tão

bem servido, onde mais ele deveria morar?" As palavras de Swamiji fizeram todo mundo rir.

Agora, com seu corpo esfregado com cinzas e enfeitando o assento do sacerdote, o próprio Swamiji conduzia a adoração, com Swami Prakashananda para ajudá-lo. Depois que a adoração terminou, Swamiji, enquanto ainda estava na sala de adoração, compôs improvisadamente este Mantra para prostração diante de Bhagavan Shri Ramakrishna:

“स्थापकाय च धर्मस्य सर्वधर्मस्वरूपिणे
अवतारवरिष्ठाय रामकृष्णाय ते नमः ॥

- "Eu me curvo a Ramakrishna, que estabeleceu a religião, incorporando em si mesmo a realidade de todas as religiões e sendo, portanto, a principal das Encarnações divinas."

Todos prostrados diante de Shri Ramakrishna com este Mantra. À noite, Swamiji voltou para Baghbazar.

6.5.12 SHARACHANDRA CHAKRAVARTY

(Traduzido do bengali)

(Do Diário de um Discípulo)

(O discípulo é Sharatchandra Chakravarty, que publicou seus registros em um livro bengali, Swami-Shishya-Samvâda, em duas partes. A presente série de "Conversas e Diálogos" é uma tradução revisada deste livro. Cinco diálogos desta série já foram publicados. apareceu nas Obras Completas, Vol.

[Local: residência de Balaram Babu, Calcutá. Ano: 1898.]

Swamiji esteve hospedado durante os últimos dois dias na residência de Balaram Babu em Baghbazar. Ele estava dando um pequeno passeio no telhado da casa, e o discípulo com mais quatro ou cinco pessoas estava presente. Enquanto caminhava de um lado para outro, Swamiji contou a história do Guru Govind Singh e com sua grande eloquência tocou nos

vários pontos de sua vida - como o renascimento da seita Sikh foi provocado por sua grande renúncia, austeridades, coragem e vida. - trabalhos de consagração - como através da sua iniciação ele re-hinduizou convertidos maometanos e os levou de volta à comunidade Sikh - e como nas margens do Narmada ele encerrou a sua vida maravilhosa. Falando do grande poder que costumava ser infundido naqueles dias nos iniciados do Guru Govind, Swamiji recitou um Dohâ (dístico) popular dos Sikhs:

“सवा लाख पर एक चढाऊँ ।
जब गुरुगोविन्द नाम सुनाऊँ ॥

O significado é: "Quando o Guru Govind dá o Nome, ou seja, a iniciação, um único homem se torna forte o suficiente para triunfar sobre lakh e um quarto de seus inimigos." Cada discípulo, extraído de sua inspiração uma verdadeira devoção espiritual, teve sua alma repleta de tão maravilhoso heroísmo! Enquanto discursava assim sobre as glórias da religião, os olhos de Swamiji, dilatados de entusiasmo, pareciam emitir fogo, e seus ouvintes, estupefatos e olhando para seu rosto, continuavam observando a visão maravilhosa.

Depois de um tempo, o discípulo disse: "Senhor, foi notável que o Guru Govind pudesse unir tanto os hindus quanto os muçulmanos dentro do rebanho de sua religião e conduzi-los ao mesmo fim. Na história da Índia, nenhum outro exemplo disso pode ser encontrado. ."

Swamiji: Os homens nunca poderão estar unidos a menos que haja um vínculo de interesse comum. Você nunca poderá unir as pessoas simplesmente organizando reuniões, sociedades e palestras se seus interesses não forem os mesmos. O Guru Govind deixou claro em todos os lugares que os homens da sua época, fossem eles hindus ou muçulmanos, viviam sob um regime de profunda injustiça e opressão. Ele não criou nenhum interesse comum, apenas o apontou às massas. E assim tanto os hindus como os muçulmanos o seguiram. Ele era um grande adorador de Shakti. No entanto, na história da Índia, tal exemplo é de facto muito raro.

Descobrimos então que já era tarde da noite, Swamiji desceu com outros para a sala no primeiro andar, onde ocorreu a seguinte conversa sobre o assunto de milagres.

Swamiji disse: “É possível adquirir poderes milagrosos com algum pequeno grau de concentração mental”, e voltando-se para o discípulo perguntou: “Bem, você gostaria de aprender a ler pensamentos? dias.”

Discípulo: De que me servirá isso, senhor?

Swamiji: Ora, você será capaz de conhecer a mente dos outros.

Discípulo: Isso ajudará na minha obtenção do conhecimento de Brahman?

Swamiji: Nem um pouco.

Discípulo: Então não preciso aprender essa ciência. Mas, senhor, eu gostaria muito de ouvir o que o senhor mesmo viu sobre a manifestação de tais poderes psíquicos.

Swamiji: Certa vez, quando viajava pelo Himalaia, tive que passar a noite em uma vila de pessoas das montanhas. Ouvindo o rufar de tambores na aldeia algum tempo depois do anoitecer, descobri, ao perguntar ao meu anfitrião, que um dos aldeões estava possuído por um Devatâ ou bom espírito. Para satisfazer seus desejos importunos e satisfazer minha própria curiosidade, saímos para ver o que realmente estava acontecendo. Chegando ao local, encontrei um grande aglomerado de pessoas. Um homem alto, com cabelos longos e espessos foi apontado para mim, e me disseram que essa pessoa tinha o Devata nele. Notei um machado sendo aquecido no fogo perto do homem; e depois de um tempo, encontrei a coisa em brasa sendo apreendida e aplicada em partes do corpo dele e também no cabelo! Mas, maravilha das maravilhas, nenhuma parte de seu corpo ou cabelo assim marcado com o machado em brasa foi encontrada queimada, e não havia expressão de qualquer dor em seu rosto! Fiquei mudo de surpresa. Enquanto isso, o chefe da aldeia veio até mim e disse: "Mahârâj, por favor, exorcize este homem por sua misericórdia." Eu me senti em uma boa situação, mas me movi para fazer alguma coisa, tive que me aproximar do homem possuído. Uma vez lá, senti um forte impulso de examinar o machado bem de perto, mas no instante em que o toquei, queime os dedos, embora a coisa tivesse esfriado até a escuridão. A dor me deixou inquieto e todas as minhas teorias sobre o fenômeno do machado foram apagadas da minha mente! Porém, doendo com a queimadura, coloquei minha mão na

cabeça do homem e repeti por um breve momento o Japa. Foi uma surpresa descobrir que o homem voltou em dez ou doze minutos. Então, ah, a reverência que os aldeões demonstraram por mim! Fui considerado um homem maravilhoso! Mas, mesmo assim, eu não conseguia entender nada de todo o negócio. Então, sem dizer uma palavra, voltei com meu anfitrião para sua cabana. Era quase meia-noite e fui para a cama. Mas com a queimadura na mão e o enigma impenetrável de todo o caso, não consegui dormir naquela noite. Pensando no machado em chamas falhando em ferir a carne humana viva, ocorreu-me repetidas vezes: "Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha em sua filosofia."

Discípulo: Mas, mais tarde, você poderia explicar o mistério, senhor?

Swamiji: Não. O evento me ocorreu agora há pouco, e então eu o contei a você.

Ele então resumiu: Mas Shri Ramakrishna costumava menosprezar esses poderes sobrenaturais; seu ensinamento era que não se pode alcançar a verdade suprema se a mente estiver desviada para a manifestação desses poderes. A mente leiga, entretanto, é tão fraca que, para não falar dos chefes de família, até noventa por cento dos Sadhus são devotos desses poderes. No Ocidente, os homens ficam maravilhados se se depararem com tais milagres. É somente porque Shri Ramakrishna misericordiosamente nos fez compreender o mal desses poderes como sendo obstáculos à verdadeira espiritualidade que somos capazes de considerá-los pelo seu devido valor. Você não percebeu como, por essa razão, os filhos de Shri Ramakrishna não prestam atenção a eles?

Swami Yogananda disse a Swamiji neste momento: "Bem, por que você não narra ao nosso Bângâl (Lit. Um homem de Bengala Oriental, ou seja, o discípulo) aquele seu incidente em Madras quando você conheceu o famoso domador de fantasmas? "

A pedido sincero do discípulo, Swamiji foi persuadido a dar o seguinte relato de sua experiência:

Certa vez, enquanto eu estava hospedado na casa de Manmatha Babu (Babu Manmatha Nath Bhattacharya, M.A., falecido Contador Geral, Madras.),

sonhei uma noite que minha mãe havia morrido. Minha mente ficou muito distraída. Sem falar em me corresponder com ninguém em casa, naquela época eu não mandava cartas nem para o nosso Math. Tendo o sonho sido revelado a Manmatha, ele enviou um telegrama a Calcutá para apurar os fatos sobre o assunto. Pois o sonho, por um lado, deixou-me inquieto e, por outro, os nossos amigos de Madras, com todos os preparativos prontos, insistiam em que eu partisse imediatamente para a América, e eu não me sentia disposto a partir antes de receber qualquer notícia da minha mãe. . Então Manmatha, que discerniu esse estado de minha mente, sugeriu que nos dirigíssemos a um homem que vivia longe da cidade e que, tendo adquirido poderes místicos sobre os espíritos, poderia prever a sorte e ler o passado e o futuro da vida de um homem. Então, a pedido de Manmatha e para me livrar do meu suspense mental, concordei em ir até esse homem. Cobrindo a distância parcialmente de trem e parcialmente a pé, nós quatro - Manmatha, Alasinga, eu e outro - conseguimos chegar ao local, e o que nossos olhos encontraram foi um homem com uma aparência macabra, abatida e negra como fuligem. , sentado perto de um local de cremação. Seus assistentes usaram algum jargão do dialeto do sul da Índia para nos explicar que aquele era o homem com perfeito poder sobre os fantasmas. A princípio o homem não prestou atenção em nós; e então, quando estávamos prestes a nos retirar do local, ele fez um pedido para que esperássemos. Nosso Alasinga atuou como intérprete e nos explicou os pedidos. Em seguida, o homem começou a desenhar algumas figuras com um lápis, e logo o encontrei ficando perfeitamente imóvel em concentração mental. Então ele começou a revelar meu nome, minha genealogia, a história de minha longa linhagem de antepassados e disse que Shri Ramakrishna se manteve perto de mim durante todas as minhas andanças, insinuando-me também boas notícias sobre minha mãe. Ele também predisse que eu teria de ir muito em breve a terras distantes para pregar religião. Recebendo assim boas notícias sobre minha mãe, todos nós viajamos de volta para a cidade e, após a chegada, recebemos por telegrama de Calcutá a garantia de que minha mãe estava bem.

Voltando-se para Swami Yogananda, Swamiji comentou: “Tudo o que o homem havia predito se cumpriu ao pé da letra, chame isso de coincidência fortuita ou o que quiser”.

Swami Yogananda disse em resposta: “Foi porque você não acreditou em tudo isso antes que esta experiência foi necessária para você”.

Swamiji: Bem, não sou tolo por acreditar em tudo e qualquer coisa sem provas diretas. E entrando neste reino de Mahâmaya, oh, quantos mistérios mágicos eu encontrei junto com esta conjuração mágica maior de um universo! Maya, é tudo Maya! Bondade! Que bobagem estamos falando há tanto tempo neste dia! Ao pensar constantemente em fantasmas, os próprios homens se tornam fantasmas, enquanto quem repete dia e noite, consciente ou inconscientemente, "Eu sou o Atman eterno, puro, livre e autoiluminado", na verdade se torna o conhecedor de Brahman.

Dizendo isso, Swamiji virou-se afetuosamente para o discípulo e disse: "Não permita que toda essa bobagem inútil ocupe sua mente. Sempre discrimine entre o real e o irreal, e dedique-se de coração e alma à tentativa de realizar o Atman. Aí sim, não há nada mais elevado do que este conhecimento do Atman; todo o resto é Maya, mero malabarismo. O Atman é a única Verdade imutável. Isso eu entendi, e é por isso que tento trazê-lo para todos vocês. id_0000}} - "Um Brahman existe sem um segundo", "Não há nada múltiplo na existência" (Brihadâraryaka, IV. iv. 19)

Toda essa conversa continuou até as onze horas da noite. Depois disso, terminada a refeição, Swamiji retirou-se para descansar. O discípulo curvou-se a seus pés para despedir-se dele. Swamiji perguntou: “Você não vem amanhã?”

Discípulo: Sim, senhor, estou indo, com certeza. A mente anseia muito por encontrá-lo pelo menos uma vez antes do fim do dia.

Swamiji: Então, boa noite agora, está ficando muito tarde.

VOLUME 7

PREFÁCIO À OITAVA EDIÇÃO

Nesta edição, além da peça intitulada “Sri Ramakrishna: O Significado de Sua Vida e Ensinos” (reproduzido de Prabuddha Bharata, 1929); as letras XXVIII e XXXVII foram adicionadas recentemente. O índice foi revisado em conformidade.

EDITOR

Setembro de 1972

PREFÁCIO À SEXTA EDIÇÃO

Nesta edição as letras XXIII e XXXIV são novas adições. Além disso, algumas das cartas foram reorganizadas por razões cronológicas.

Abril de 1964

PREFÁCIO À QUINTA EDIÇÃO

Muito assunto novo é adicionado a esta edição. As quatro conversas sobre “Vingança da História”, “Religião, Civilização e Milagres”, “Harmonia Religiosa” e “Mulheres Caídas”, são reproduzidas de nossa publicação recente, Swami Vivekananda na América: Novas Descobertas.

O mesmo ocorre com as notas de palestras sobre "Mercenários na Religião", "O Destino do Homem", "Reencarnação", "Teologia Comparada" e "Budismo, a Religião da Luz da Ásia". "The Science of Yoga" foi reimpresso do Vedanta e do Ocidente.

As Epístolas VIII-XIX, XXI-XXIII, XL-XLII e XLIV-XLVIII foram adicionadas recentemente e as demais foram revisadas.

A seção Perguntas e Respostas é transferida para o quinto volume.

O Índice é uma nova melhoria.

EDITOR

Abril de 1958

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

O sétimo e último volume [90] das Obras Completas de Swami Vivekananda está sendo distribuído ao público. Este, juntamente com os seis volumes anteriores, compreende praticamente todos os materiais disponíveis dos escritos e declarações de Swamiji. É uma grande satisfação para nós que a série tenha se tornado popular na Índia e no exterior, como é evidenciado pelas frequentes edições dos volumes anteriores. Espera-se que o presente volume também seja igualmente apreciado.

Estamos profundamente gratos às autoridades de Ramakrishna Math, Mylapore, Madras, pela gentil permissão de incorporar permanentemente as “Conversas Inspiradas” nas Obras Completas.

O Índice das Obras Completas está no prelo e em breve será publicado como um livreto separado. [91] Não é anexado a este livro, com o objetivo de beneficiar os detentores dos demais volumes, bem como facilitar suas freqüentes reimpressões, exigidas pelas diferentes paginações inevitáveis em cada edição subsequente dos diversos volumes. O glossário proposto foi deixado de lado por ser desnecessário, uma vez que quase todas as palavras indianas receberam seu equivalente em seu devido lugar.

O EDITOR

Mayavati

Agosto de 1922

7.1 CONVERSAS INSPIRADAS

7.1.1 QUARTA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUARTA-FEIRA, 19 de junho de 1895 .

(Este dia marca o início do ensino regular dado diariamente por Swami Vivekananda aos seus discípulos no Thousand Island Park. Ainda não estávamos todos reunidos lá, mas o coração do Mestre estava sempre em seu trabalho, então ele começou imediatamente a ensinar os três ou quatro que estavam com ele. Ele veio nesta primeira manhã com a Bíblia na mão e abriu o Livro de João, dizendo que, como éramos todos cristãos, era apropriado que ele começasse com as escrituras cristãs.)

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. Os hindus chamam isso de Mâyâ, a manifestação de Deus, porque é o poder de Deus. O Absoluto refletido através do universo é o que chamamos de natureza. A Palavra tem duas manifestações – a geral da natureza e a especial das grandes Encarnações de Deus – Krishna, Buda, Jesus e Ramakrishna. Cristo, a manifestação especial do Absoluto, é conhecido e cognoscível. O absoluto não pode ser conhecido: não podemos conhecer o Pai, apenas o Filho. Só podemos ver o Absoluto através da “matiz da humanidade”, através de Cristo.

Nos primeiros cinco versículos de João está toda a essência do Cristianismo: cada versículo está repleto da filosofia mais profunda.

O Perfeito nunca se torna imperfeito. Está na escuridão, mas não é afetado pela escuridão. A misericórdia de Deus vai para todos, mas não é afetada pela sua maldade. O sol não é afetado por nenhuma doença dos nossos olhos que possa nos fazer vê-lo distorcido. No versículo vinte e nove, “tira o pecado do mundo” significa que Cristo nos mostraria o caminho para nos tornarmos perfeitos. Deus tornou-se Cristo para mostrar ao homem a sua verdadeira natureza, que nós também somos Deus. Somos coberturas humanas sobre o Divino; mas como o Homem divino, Cristo e nós somos um.

O Cristo Trinitário é elevado acima de nós; o Cristo Unitarista é apenas um homem moral; nenhum deles pode nos ajudar. O Cristo que é a Encarnação de Deus, que não se esqueceu da Sua divindade, que Cristo pode nos ajudar, Nele não há imperfeição. Estas Encarnações estão sempre conscientes da sua própria divindade; eles sabem disso desde o nascimento. São como os atores cuja peça acabou, mas que, depois de terminado o trabalho, voltam para agradar aos outros. Esses grandes Seres não são tocados por nada da terra; eles assumem nossa forma e nossas limitações por um tempo para nos ensinar; mas na realidade nunca são limitados, são sempre livres. . . .

O Bem está próximo da Verdade, mas ainda não é a Verdade. Depois de aprender a não ser perturbado pelo mal, temos que aprender a não ser felizes pelo bem. Devemos descobrir que estamos além do mal e do bem; devemos estudar seu ajuste e ver se ambos são necessários.

A ideia de dualismo vem dos antigos persas. [92] Realmente o bem e o mal são um (porque ambos são correntes e produtos de Maya) e estão em nossa própria mente. Quando a mente está equilibrada, nem o bem nem o mal a afetam. Seja perfeitamente livre; então nenhum dos dois poderá afetá-lo, e desfrutaremos de liberdade e felicidade. O mal é a corrente de ferro, o bem é a de ouro; ambos são correntes. Seja livre e saiba de uma vez por todas que não existe corrente para você. Segure a corrente de ouro para afrouxar a corrente de ferro e jogue ambas fora. O espinho do mal está na nossa carne; pegue outro espinho do mesmo arbusto e extraia o primeiro espinho; então jogue fora ambos e seja livre. . . .

No mundo assuma sempre a posição de doador. Dê tudo e não procure retorno. Dê amor, ajude, preste serviço, dê qualquer coisinha que puder, mas evite a troca. Não estabeleça condições e nenhuma será imposta. Vamos dar de nossa própria generosidade, assim como Deus nos dá.

O Senhor é o único Doador, todos os homens do mundo são apenas lojistas. Receba Seu cheque e ele deverá ser honrado em todos os lugares.

“Deus é a essência inexplicável e inexprimível do amor”, a ser conhecido, mas nunca definido.

* * *

Nas nossas misérias e lutas, o mundo parece-nos um lugar muito terrível. Mas assim como quando observamos dois cachorrinhos brincando e mordendo, não nos preocupamos nem um pouco, percebendo que é apenas divertido e que mesmo uma mordida forte de vez em quando não causará nenhum dano real, todas as nossas lutas são apenas uma brincadeira aos olhos de Deus. . Este mundo é só para brincar e só diverte a Deus; nada nele pode deixar Deus irado.

* * *

"Mãe! No mar da vida minha barca está afundando.

O turbilhão da ilusão, a tempestade do apego cresce a cada momento.

Meus cinco remadores (sentidos) são tolos e o timoneiro (mente) é fraco.

Estou perdido, meu barco está afundando.

Ó mãe! Me salve!"

“Mãe, Tua luz não pára para o santo ou para o pecador; ela anima o amante e o assassino.” A Mãe está sempre se manifestando através de todos. A luz não é poluída por aquilo que brilha, nem beneficiada por isso. A luz é sempre pura, sempre imutável. Atrás de cada criatura está a “Mãe”, pura, amável, que nunca muda. “Mãe, manifestada como luz em todos os seres, nós nos curvamos a Ti!” Ela está igualmente no sofrimento, na fome, no prazer, na sublimidade. "Quando a abelha suga o mel, o Senhor está comendo." Sabendo que o Senhor está em toda parte, os sábios desistem de elogiar e culpar. Saiba que nada pode te machucar. Como? Você não está livre? Você não é Âtman? Ele é a Vida das nossas vidas, a audição dos nossos ouvidos, a visão dos nossos olhos.

Atravessamos o mundo como um homem perseguido por um policial e temos vislumbres de sua beleza. Todo esse medo que nos persegue vem da crença na matéria. A matéria obtém toda a sua existência da presença da mente por trás dela. O que vemos é Deus infiltrando-se na natureza. (Aqui “natureza” significa matéria e mente.)

7.1.2 DOMINGO, 23 DE JUNHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

DOMINGO, 23 de junho de 1895 .

Seja corajoso e sincero; então siga qualquer caminho com devoção e você deverá alcançar o Todo. Uma vez que você segure um elo da corrente, toda a corrente deverá avançar gradativamente. Regue as raízes da árvore (isto é, alcance o Senhor), e toda a árvore será regada; recebendo o Senhor, nós temos tudo.

A unilateralidade é a ruína do mundo. Quanto mais lados você puder desenvolver, mais almas você terá, e você poderá ver o universo através de todas as almas – através do Bhakta (devoto) e do Jnâni (filósofo).

Determine sua própria natureza e cumpra-a. Nishthâ (devoção a um ideal) é o único método para o iniciante; mas com devoção e sinceridade conduzirá a todos. Igrejas, doutrinas, formas são as cercas vivas que protegem a tenra planta, mas depois devem ser derrubadas para que a planta se transforme em árvore. Assim, as diversas religiões, Bíblias, Vedas, dogmas – todos são apenas recipientes para a plantinha; mas deve sair da banheira. Nishthâ está, de certa forma, colocando a planta na banheira, protegendo a alma que luta em seu caminho. . . .

Olhe para o “oceano” e não para a “onda”; não vejo diferença entre formiga e anjo. Todo verme é irmão do Nazareno. Como dizer que um é maior e outro a menos? Cada um é ótimo em seu próprio lugar. Estamos no sol e nas estrelas tanto quanto aqui. O espírito está além do espaço e do tempo e está em toda parte. Toda boca que louva ao Senhor é a minha boca, todo olho que vê é o meu olho. Não estamos confinados a lugar nenhum; não somos corpo, o universo é nosso corpo. Somos mágicos agitando varinhas mágicas e criando cenas diante de nós à vontade. Somos a aranha em sua enorme teia, que pode percorrer os mais variados fios onde desejar. A aranha agora só tem consciência do local onde está, mas com o tempo se tornará consciente de toda a teia. Agora estamos conscientes apenas onde está o corpo, só podemos usar um cérebro; mas quando alcançamos a ultraconsciência, sabemos tudo, podemos usar todos os cérebros. Ainda

hoje podemos “dar o empurrão” na consciência, e ela vai além e atua no superconsciente.

Estamos nos esforçando para "ser" e nada mais, nenhum "eu" jamais - apenas puro cristal, refletindo tudo, mas sempre o mesmo. Quando esse estado é alcançado, não há mais como fazer; o corpo torna-se um mero mecanismo, puro sem cuidado; não pode se tornar impuro.

Saiba que você é o Infinito, então o medo deve morrer. Diga sempre: “Eu e meu Pai somos um”.

* * *

No futuro, os Cristos serão numerosos como cachos de uvas numa videira; então a peça terminará e desmaiará — como a água numa chaleira que começa a ferver mostra primeiro uma bolha, depois outra e mais e mais, até que tudo esteja em ebulição e desmaie como vapor. Buda e Cristo são as duas maiores “bolhas” que o mundo já produziu. Moisés era uma bolha minúscula, bolhas cada vez maiores surgiam. Às vezes, porém, tudo será bolhas e escapará; mas a criação, sempre nova, trará água nova para passar por todo o processo novamente.

7.1.3 SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEGUNDA-FEIRA, 24 de junho de 1895 . (A leitura de hoje foi dos Bhakti-Sutras de Nârada.)

"O amor extremo a Deus é Bhakti, e esse amor é a verdadeira imortalidade, conseguindo a qual o homem fica perfeitamente satisfeito, fica triste por nenhuma perda e nunca fica com ciúmes; sabendo qual homem fica louco."

Meu Mestre costumava dizer: "Este mundo é um enorme asilo para lunáticos, onde todos os homens são loucos, alguns atrás de dinheiro, alguns atrás de mulheres, alguns atrás de nome ou fama, e alguns atrás de Deus. Prefiro ser louco por Deus. Deus é a pedra filosofal que nos

transforma em ouro num instante; a forma permanece, mas a natureza muda – a forma humana permanece, mas não podemos mais ferir ou pecar.”

“Pensando em Deus, alguns choram, alguns cantam, alguns riem, alguns dançam, alguns dizem coisas maravilhosas, mas todos falam de nada além de Deus”.

Os profetas pregam, mas as Encarnações como Jesus, Buda, Ramakrishna podem dar religião; um olhar, um toque é suficiente. Esse é o poder do Espírito Santo, a “imposição de mãos”; o poder foi realmente transmitido aos discípulos pelo Mestre - a "cadeia do poder do Guru". Esse, o verdadeiro batismo, foi transmitido por séculos incalculáveis.

"Bhakti não pode ser usado para satisfazer nenhum desejo, sendo ele próprio um freio para todos os desejos." Narada os apresenta como sinais de amor: "Quando todos os pensamentos, todas as palavras e todas as ações são entregues ao Senhor, e o menor esquecimento de Deus torna a pessoa intensamente miserável, então o amor começou."

“Esta é a forma mais elevada de amor porque não há desejo de reciprocidade, desejo esse que existe em todo amor humano.”

“Um homem que foi além dos usos sociais e bíblicos, ele é um Sannyâsin. Quando toda a alma vai para Deus, quando nos refugiamos somente em Deus, então sabemos que estamos prestes a receber esse amor.”

Obedeça às escrituras até ser forte o suficiente para viver sem elas; então vá além delas. Os livros não são o fim de tudo. A verificação é a única prova da verdade religiosa. Cada um deve verificar por si mesmo; e não se pode confiar em nenhum professor que diga: “Eu vi, mas você não pode”, apenas aquele que diz: “Você também pode ver”. Todas as escrituras, todas as verdades são Vedas em todos os tempos, em todos os países; porque essas verdades devem ser vistas e qualquer um pode descobri-las.

“Quando o sol do Amor começa a surgir no horizonte, queremos entregar todas as nossas ações a Deus; e quando O esquecemos por um momento, isso nos entristece muito.”

Não deixe que nada se interponha entre Deus e o seu amor por Ele. Ame-O, ame-O, ame-O; e deixe o mundo dizer o que quiser. O amor é de três tipos: um exige, mas não dá nada; a segunda é a troca; e o terceiro é o amor sem pensamento de retorno – amor como o da mariposa pela luz.

"O amor é superior ao trabalho, ao Yoga, ao conhecimento."

O trabalho é apenas uma educação para quem o faz; não pode fazer bem aos outros. Devemos resolver o nosso próprio problema; os profetas apenas nos mostram como trabalhar. "O que você pensa, você se torna", então se você jogar seu fardo sobre Jesus, você terá que pensar Nele e assim se tornar como Ele – você O ama.

"Amor extremo e conhecimento mais elevado são um só."

Mas teorizar sobre Deus não adianta; devemos amar e trabalhar. Desista do mundo e de todas as coisas mundanas, especialmente enquanto a "planta" estiver tenra. Dia e noite pense em Deus e não pense em mais nada, tanto quanto possível. Os pensamentos diários necessários podem todos ser pensados por Deus. Coma para Ele, beba para Ele, durma para Ele, veja-O em tudo. Fale de Deus para os outros; isso é muito benéfico.

Obtenha a misericórdia de Deus e de Seus maiores filhos: estes são os dois principais caminhos para Deus. A companhia desses filhos da luz é muito difícil de conseguir; cinco minutos na companhia deles mudarão uma vida inteira; e se você realmente quiser o suficiente, um virá até você. A presença daqueles que amam a Deus santifica um lugar, "tal é a glória dos filhos do Senhor". Eles são Ele; e quando falam, suas palavras são escrituras. O lugar onde eles estiveram fica preenchido com suas vibrações, e aqueles que vão para lá as sentem e têm uma tendência a se tornarem santos também.

"Para tais amantes não há distinção de casta, aprendizagem, beleza, nascimento, riqueza ou ocupação; porque todos são Seus."

Desista de todas as más companhias, especialmente no início. Evite companhias mundanas, pois isso distrairá sua mente. Desista de todo "eu e meu". Para aquele que não tem nada no universo o Senhor vem. Corte a

escravidão de todas as afeições mundanas; vá além da preguiça e de todo cuidado com o que acontece com você. Nunca volte para ver o resultado do que você fez. Entregue tudo ao Senhor e siga em frente e não pense nisso. Toda a alma flui em uma corrente contínua para Deus; não há tempo para buscar dinheiro, nome ou fama, não há tempo para pensar em nada além de Deus; então entrará em nossos corações aquela felicidade infinita e maravilhosa do Amor. Todos os desejos são apenas contas de vidro. O amor de Deus aumenta a cada momento e é sempre novo, para ser conhecido apenas pelo sentimento. O amor é o mais fácil de todos, não espera lógica, é natural. Não precisamos de demonstração, nem de provas. Raciocinar é limitar algo por nossas próprias mentes. Lançamos uma rede e pegamos alguma coisa, e depois dizemos que demonstramos isso; mas nunca, nunca poderemos apanhar Deus numa rede.

O amor não deve estar relacionado. Mesmo quando amamos erroneamente, é do amor verdadeiro, da verdadeira felicidade; o poder é o mesmo, use-o como pudermos. Sua própria natureza é paz e felicidade. O assassino quando beija seu bebê esquece por um instante tudo menos o amor. Desista de todo o eu, de todo o egoísmo, saia da raiva, da luxúria, entregue tudo a Deus. "Eu não sou, mas Tu és; o velho se foi, só resta Tu." "Eu sou você." Não culpe ninguém; se o mal vier, saiba que o Senhor está brincando com você e fique extremamente feliz.

O amor está além do tempo e do espaço, é absoluto.

7.1.4 TERÇA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

TERÇA-FEIRA, 25 de junho de 1895 .

Depois de toda felicidade vem a miséria; eles podem estar distantes ou próximos. Quanto mais avançada a alma, mais rapidamente uma segue a outra. O que queremos não é felicidade nem miséria. Ambos nos fazem esquecer a nossa verdadeira natureza; ambas são correntes – uma de ferro, uma de ouro; por trás de ambos está o Atman, que não conhece felicidade nem miséria. Estes são estados e os estados devem mudar sempre; mas a

natureza da Alma é felicidade, paz, imutável. Não temos que conseguir, nós temos; apenas lave a escória e veja.

Apoie-se no Ser, só então poderemos amar verdadeiramente o mundo. Assuma uma posição muito, muito elevada; conhecendo a nossa natureza universal, devemos olhar com perfeita calma todo o panorama do mundo. É apenas uma brincadeira de bebê, e sabemos disso, portanto não podemos ser perturbados por isso. Se a mente fica satisfeita com elogios, ficará descontente com a culpa. Todos os prazeres dos sentidos ou mesmo da mente são evanescentes, mas dentro de nós está o único prazer verdadeiro e independente, que não depende de nada. É perfeitamente gratuito, é uma felicidade. Quanto mais nossa felicidade estiver dentro de nós, mais espirituais seremos. O prazer do Ser é o que o mundo chama de religião.

O universo interno, o real, é infinitamente maior que o externo, que é apenas uma projeção sombria do verdadeiro. Este mundo não é verdadeiro nem falso, é a sombra da verdade. “A imaginação é a sombra dourada da verdade”, diz o poeta.

Entramos na criação e então para nós ela se torna viva. As coisas estão mortas em si mesmas; apenas nós lhes damos vida e então, como tolos, nos viramos e temos medo deles, ou gostamos deles. Mas não seja como certas pescadoras que, apanhadas por uma tempestade no regresso do mercado, refugiaram-se na casa de uma florista. Eles foram alojados durante a noite em um quarto ao lado do jardim, onde o ar estava cheio da fragrância das flores. Em vão tentaram descansar, até que um deles sugeriu que molhassem os cestos de peixe e os colocassem perto da cabeça. Então todos caíram num sono profundo.

O mundo é o nosso cesto de peixes, não devemos depender dele para nos divertirmos. Aqueles que o fazem são os Tâmasas ou os vinculados. Depois há os Râjasas ou os egoístas, que falam sempre sobre “eu”, “eu”. Às vezes, eles fazem um bom trabalho e podem se tornar espirituais. Mas os mais elevados são os Sâttvikas, os introspectivos, aqueles que vivem apenas no Ser. Essas três qualidades, Tamas, Rajas e Sattva (ociosidade, atividade e iluminação), estão em todos, e outras diferentes predominam em momentos diferentes.

A criação não é um “fazer” de algo, é a luta para recuperar o equilíbrio, como quando átomos de cortiça são atirados para o fundo de um balde de água e correm para subir ao topo, isoladamente ou em cachos. A vida é e deve ser acompanhada pelo mal. Um pouco de mal é a fonte da vida; a pequena maldade que há no mundo é muito boa; pois quando o equilíbrio for recuperado, o mundo acabará, porque a mesmice e a destruição são uma coisa só. Quando este mundo acabar, o bem e o mal irão com ele; mas quando podemos transcender este mundo, nos livramos do bem e do mal e temos felicidade.

Não há possibilidade de ter prazer sem dor, bem sem mal; pois a própria vida é apenas o equilíbrio perdido. O que queremos é liberdade, não vida, nem prazer, nem bem. A criação é infinita, sem começo e sem fim – a ondulação sempre em movimento num lago infinito. Existem ainda profundezas não alcançadas e outras onde o equilíbrio foi recuperado; mas a onda está sempre a progredir, a luta para recuperar o equilíbrio é eterna. Vida e morte são apenas nomes diferentes para o mesmo fato, os dois lados da mesma moeda. Ambos são Maya, o estado inexplicável de lutar ao mesmo tempo para viver e, um momento depois, para morrer. Além disso está a verdadeira natureza, o Atman. Embora reconheçamos um Deus, é realmente apenas o Ser do qual nos separamos e adoramos como fora de nós; mas é o nosso verdadeiro Eu o tempo todo – o único Deus.

Para recuperar o equilíbrio devemos neutralizar Tamas por Rajas; então conquiste Rajas por Sattva, o belo estado calmo que crescerá cada vez mais até que todo o resto desapareça. Desista da escravidão; torne-se filho, seja livre, e então poderá “ver o Pai”, como fez Jesus. A força infinita é a religião e Deus. Evite a fraqueza e a escravidão. Você é apenas uma alma se for livre; existe imortalidade para você, se você for livre; existe Deus, se Ele for livre. . . .

O mundo para mim, não eu para o mundo. O bem e o mal são nossos escravos, não nós deles. É da natureza do bruto permanecer onde está (não progredir); é da natureza do homem buscar o bem e evitar o mal; é da natureza de Deus não buscar nenhuma das duas coisas, mas apenas ser eternamente bem-aventurado. Sejamos Deus! Faça o coração como um oceano, vá além de todas as ninharias do mundo, enlouqueça de alegria até

com o mal; veja o mundo como uma imagem e depois aprecie sua beleza, sabendo que nada o afeta. Crianças encontrando contas de vidro em uma poça de lama, isso é o bem do mundo. Olhe para isso com calma complacência; veja o bem e o mal como a mesma coisa – ambos são apenas “peça de Deus”; aproveite tudo.

* * *

Meu Mestre costumava dizer: "Tudo é Deus; mas o Deus-tigre deve ser evitado. Toda água é água; mas evitamos água suja para beber."

Todo o céu é o incensário de Deus, e o sol e a lua são as lâmpadas. Que templo é necessário? Todos os olhos são Teus, mas Tu não tens olho; todas as mãos são Tuas; ainda assim, você não tem mão.

Não busque nem evite, aceite o que vier. É liberdade não ser afetado por nada; não apenas persevere, seja desapegado. Lembre-se da história do touro. Um mosquito pousou muito tempo no chifre de um certo touro. Então sua consciência o perturbou e ele disse: "Sr. Bull, estou sentado aqui há muito tempo, talvez o esteja incomodando. Sinto muito, vou embora." Mas o touro respondeu: "Ah, não, de jeito nenhum! Traga toda a sua família e viva no meu chifre; o que você pode fazer comigo?"

7.1.5 QUARTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUARTA-FEIRA, 26 de junho de 1895 .

Nosso melhor trabalho é realizado, nossa maior influência é exercida quando não pensamos em nós mesmos. Todos os grandes gênios sabem disso. Abramo-nos ao único Ator Divino e deixemos que Ele aja, e não façamos nada nós mesmos. “Ó Arjuna! Não tenho nenhum dever no mundo inteiro”, diz Krishna. Esteja perfeitamente resignado, perfeitamente despreocupado; então sozinho você poderá fazer qualquer trabalho verdadeiro. Nenhum olho pode ver as forças reais, só podemos ver os resultados. Apague-se, perca-se, esqueça-o; apenas deixe Deus trabalhar, é

problema Dele. Não temos nada a fazer senão ficar de lado e deixar Deus trabalhar. Quanto mais nos afastamos, mais Deus entra. Livre-se do pequeno “eu” e deixe apenas o grande “eu” viver.

Somos o que nossos pensamentos nos fizeram; então tome cuidado com o que você pensa. As palavras são secundárias. Os pensamentos vivem, eles viajam para longe. Cada pensamento que temos é tingido com nosso próprio caráter, de modo que, para o homem puro e santo, até mesmo suas piadas ou abusos terão o toque de seu próprio amor e pureza e farão o bem.

Não deseje nada; pense em Deus e não procure retorno. São os sem desejo que trazem resultados. Os monges mendicantes levam a religião à porta de cada homem; mas pensam que não fazem nada, não reivindicam nada, o seu trabalho é feito inconscientemente. Se comessem da árvore do conhecimento, tornar-se-iam egoístas e todo o bem que fazem desapareceria. Assim que dizemos “eu”, somos enganados o tempo todo; e chamamos isso de "cognoscível", mas ele apenas gira e gira como um boi amarrado a uma árvore. O Senhor se escondeu melhor e Sua obra é melhor; então quem se esconde melhor, realiza mais. Conquiste a si mesmo e todo o universo será seu.

No estado de Sattva vemos a própria natureza das coisas, vamos além dos sentidos e da razão. O muro adamantino que nos encerra é o egoísmo; referimos tudo a nós mesmos, pensando. "Eu faço isso, aquilo e aquilo outro." Livre-se desse insignificante "eu"; mate esse diabolismo em nós; “Não eu, mas você” – diga, sinta, viva. Até desistirmos do mundo fabricado pelo ego, nunca poderemos entrar no reino dos céus. Ninguém nunca fez, ninguém nunca fará. Desistir do mundo é esquecer o ego, não conhecê-lo de forma alguma — viver no corpo, mas não dele. Este ego malandro deve ser destruído. Abençoe os homens quando eles te insultarem. Pense em quanto bem eles estão lhe fazendo; eles só podem se machucar. Vá aonde as pessoas te odeiam, deixe que elas destruam seu ego e você se aproximará do Senhor. Como a mãe macaca, abraçamos o nosso “bebê”, o mundo, enquanto podemos, mas finalmente quando somos levados a colocá-lo sob nossos pés e pisar nele [93], então estamos prontos para ir a Deus . Bem-aventurado é ser perseguido por causa da justiça. Bem-aventurados somos se não sabemos ler, temos menos para nos afastar de Deus.

O prazer é a serpente de um milhão de cabeças que devemos pisar. Renunciamos e seguimos em frente, depois não encontramos nada e nos desesperamos; mas espere, espere. O mundo é um demônio. É um reino do qual o ego insignificante é rei. Guarde-o e fique firme. Abandone a luxúria, o ouro e a fama e apegue-se ao Senhor, e finalmente alcançaremos um estado de perfeita indiferença. A ideia de que a gratificação dos sentidos constitui prazer é puramente materialista. Não há ali uma centelha de prazer real; toda a alegria que existe é um mero reflexo da verdadeira bem-aventurança.

Aqueles que se entregam ao Senhor fazem mais pelo mundo do que todos os chamados trabalhadores. Um homem que se purificou completamente realiza mais do que um regimento de pregadores. Da pureza e do silêncio surge a palavra de poder.

"Seja como um lírio - fique no mesmo lugar e expanda suas pétalas; e as abelhas surgirão por si mesmas." Houve um grande contraste entre Keshab Chandra Sen e Shri Ramakrishna. O segundo nunca reconheceu nenhum pecado ou miséria no mundo, nenhum mal contra o qual lutar. O primeiro foi um grande reformador ético, líder e fundador do Brahmo-Samaj. Depois de doze anos, o tranquilo profeta de Dakshineswar realizou uma revolução não só na Índia, mas no mundo. O poder está com os silenciosos, que apenas vivem e amam e depois retiram sua personalidade. Eles nunca dizem "eu" e "meu"; eles só são abençoados por serem instrumentos. Tais homens são os criadores de Cristos e Budas, vivendo sempre plenamente identificados com Deus, existências ideais, sem pedir nada e sem fazer nada conscientemente. Eles são os verdadeiros impulsionadores, os Jivanmuktas, (Literalmente, livres mesmo enquanto vivem.) absolutamente altruístas, a pequena personalidade totalmente destruída, a ambição inexistente. Eles são todos princípios, sem personalidade.

7.1.6 QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUINTA-FEIRA, 27 de junho de 1895 . (O Swami trouxe o Novo Testamento esta manhã e falou novamente sobre o livro de João.)

Maomé afirmou ser o “Consolador” que Cristo prometeu enviar. Ele considerou desnecessário reivindicar um nascimento sobrenatural para Jesus. Tais afirmações têm sido comuns em todas as épocas e em todos os países. Todos os grandes homens reivindicaram deuses para seus pais.

Saber é apenas relativo; podemos ser Deus, mas nunca O conhecemos. O conhecimento é um estado inferior; A queda de Adão foi quando ele passou a “conhecer”. Antes ele era Deus, ele era a verdade, ele era a pureza. Somos nossos próprios rostos, mas só podemos ver um reflexo, nunca a coisa real. Somos amor, mas quando pensamos nisso temos que usar um fantasma, o que prova que a matéria é apenas pensamento exteriorizado. [94]

Nivritti está se afastando do mundo. A mitologia hindu diz que os quatro primeiros criados (Os quatro primeiros criados foram Sanaka, Sanandana, Sanâtana e Sanatkumâra.) foram avisados por um Cisne (o próprio Deus) de que a manifestação era apenas secundária; então eles permaneceram sem criar. O significado disto é que a expressão é degeneração, porque o Espírito só pode ser expresso pela letra e então a “letra mata” (Bíblia, 2 Cor. III. 6.); contudo, o princípio está fadado a ser revestido de matéria, embora saibamos que mais tarde perderemos de vista o real na cobertura. Todo grande professor entende isso, e é por isso que uma sucessão contínua de profetas tem que vir para nos mostrar o princípio e dar-lhe uma nova cobertura adequada aos tempos. Meu Mestre ensinou que a religião é uma só; todos os profetas ensinam o mesmo; mas eles só podem apresentar o princípio numa forma; então eles o retiram da forma antiga e o colocam diante de nós em uma nova forma. Quando nos libertamos do nome e da forma, especialmente de um corpo – quando não precisamos de nenhum corpo, bom ou mau – só então escaparemos da escravidão. A progressão eterna é uma escravidão eterna; a aniquilação da forma é preferida. Devemos nos libertar de qualquer corpo, mesmo de um “corpo divino”. Deus é a única existência real, não pode haver dois. Existe apenas uma alma, e eu sou essa.

As boas obras só têm valor como meio de fuga; eles fazem o bem ao fazedor, nunca a qualquer outro.

O conhecimento é mera classificação. Quando encontramos muitas coisas da mesma espécie, chamamos a soma delas por um determinado nome e ficamos satisfeitos; descobrimos “fatos”, nunca “por quê”. Fazemos um circuito num campo mais amplo de escuridão e pensamos que sabemos alguma coisa! Nenhum “porquê” pode ser respondido neste mundo; para isso devemos ir a Deus. O Conhecedor nunca pode ser expresso; é como quando um grão de sal cai no oceano e imediatamente se funde no oceano.

A diferenciação cria; homogeneidade ou mesmice é Deus. Vá além da diferenciação; então você conquista a vida e a morte e alcança a mesmice eterna e está em Deus, é Deus. Obtenha liberdade, mesmo ao custo da vida. Todas as vidas nos pertencem como folhas de um livro; mas permanecemos inalterados, a Testemunha, a Alma, em quem a impressão é feita, como quando a impressão de um círculo é feita nos olhos quando um tição é rapidamente girado e girado. A Alma é a unidade de todas as personalidades, e porque está em repouso, eterna, imutável. É Deus, Atman. Não é vida, mas está cunhado na vida. Não é prazer, mas é transformado em prazer. . . .

Hoje Deus está sendo abandonado pelo mundo porque parece não estar fazendo o suficiente pelo mundo. Então eles dizem: “Para que serve Ele?” Devemos considerar Deus como uma mera autoridade municipal?

Tudo o que podemos fazer é abandonar todos os desejos, ódios, diferenças; rebaixar o eu inferior, cometer suicídio mental, por assim dizer; manter o corpo e a mente puros e saudáveis, mas apenas como instrumentos para nos ajudar a Deus; esse é seu único uso verdadeiro. Busque a verdade apenas pela verdade, não procure a felicidade. Pode acontecer, mas não deixe que isso seja o seu incentivo. Não tenha nenhum motivo exceto Deus. Ouse chegar à Verdade mesmo através do inferno.

7.1.7 SEXTA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEXTA-FEIRA, 28 de junho de 1895 . (Todo o grupo fez um piquenique durante o dia e, embora o Swami ensinasse constantemente, como fazia

onde quer que estivesse, nenhuma anotação foi feita e, portanto, nenhum registro do que ele disse permaneceu. Quando ele começou seu café da manhã antes de sair , no entanto, ele comentou:)

Seja grato por toda comida, é Brahman. Sua energia universal é transmutada em nossa energia individual e nos ajuda em tudo o que fazemos.

7.1.8 SÁBADO, 29 DE JUNHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SÁBADO, 29 de junho de 1895 . (O Swami veio esta manhã com um Gita na mão.)

Krishna, o “Senhor das almas”, fala com Arjuna ou Gudâkesha, “senhor do sono” (aquele que conquistou o sono). O “campo da virtude” (o campo de batalha) é este mundo; os cinco irmãos (representando a justiça) lutam contra os outros cem irmãos (todos aqueles que amamos e contra os quais temos que lutar); o irmão mais heróico, Arjuna (a alma desperta), é o general. Temos que lutar contra todos os prazeres dos sentidos, as coisas às quais estamos mais apegados, para matá-los. Temos que ficar sozinhos; somos Brahman, todas as outras ideias devem ser fundidas nesta.

Krishna fez tudo, mas sem qualquer apego; ele estava no mundo, mas não era dele. "Faça todo o trabalho, mas sem apego; trabalhe pelo trabalho, nunca por si mesmo."

A liberdade nunca pode ser verdadeira em termos de nome e forma; é o barro do qual nós (os potes) somos feitos; então é limitado e não livre, de modo que a liberdade nunca pode ser verdadeira para o que está relacionado. Um pote nunca pode dizer “eu sou livre” como um pote; somente quando perde todas as ideias de forma é que se torna livre. Todo o universo é apenas o Eu com variações, a única melodia que se torna suportável pela variação; às vezes há discórdias, mas elas apenas tornam a harmonia subsequente mais perfeita. Na melodia universal três ideias se destacam – liberdade, força e mesmice.

Se a sua liberdade fere os outros, você não é livre. Você não deve machucar os outros.

“Ser fraco é ser miserável”, diz Milton. Fazer e sofrer estão inseparavelmente unidos. (Muitas vezes, também, o homem que mais ri é aquele que mais sofre.) "Você tem direito ao trabalho, não aos frutos dele."

* * *

Os maus pensamentos, vistos materialmente, são os bacilos da doença.

Cada pensamento é um pequeno golpe de martelo no pedaço de ferro que é o nosso corpo, fabricando a partir dele o que queremos que seja.

Somos herdeiros de todos os bons pensamentos do universo, se nos abirmos a eles.

O livro está todo em nós. Tolo, não está ouvindo? Em teu próprio coração dia e noite está cantando aquela Música Eterna – Sachchidânanda, soham, soham – Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, eu sou Ele, eu sou Ele.

A fonte de todo o conhecimento está em cada um de nós, tanto na formiga como no anjo mais elevado. A verdadeira religião é uma só, mas discutimos com as formas, os símbolos, as ilustrações. O milénio já existe para quem o encontra; nós nos perdemos e depois pensamos que o mundo está perdido.

A força perfeita não terá atividade neste mundo; apenas é, não age.

Embora a perfeição real seja apenas uma, as perfeições relativas devem ser muitas.

7.1.9 DOMINGO, 30 DE JUNHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

DOMINGO, 30 de junho de 1895 .

Tentar pensar sem fantasma é tentar tornar possível o impossível. Não podemos pensar “mamíferos” sem um exemplo concreto. O mesmo acontece com a ideia de Deus.

A grande abstração de ideias no mundo é o que chamamos de Deus.

Cada pensamento tem duas partes — o pensamento e a palavra; e devemos ter ambos. Nem os idealistas nem os materialistas estão certos; devemos considerar tanto a ideia quanto a expressão.

Todo conhecimento é refletido, pois só podemos ver nosso rosto no espelho. Ninguém jamais conhecerá a si mesmo ou a Deus; mas nós somos esse próprio Eu, somos Deus.

No Nirvana você está quando não está. Buda disse: “Você é o melhor, você é real, quando não é” – quando o pequeno eu se vai.

A Luz Divina interior está obscurecida na maioria das pessoas. É como uma lâmpada em um barril de ferro; nenhum raio de luz pode brilhar. Gradualmente, através da pureza e do altruísmo, podemos tornar o meio obscurecedor cada vez menos denso, até que finalmente se torne tão transparente quanto o vidro. Shri Ramakrishna era como um barril de ferro transformado em um barril de vidro através do qual pode ser vista a luz interior como ela é. Estamos todos a caminho de nos tornarmos o barril de vidro e de reflexões cada vez mais elevadas. Enquanto houver um “barril”, devemos pensar nos meios materiais. Nenhum impaciente jamais conseguirá ter sucesso.

* * *

Grandes santos são as lições objetivas do Princípio. Mas os discípulos fazem do santo o Princípio, e então esquecem o Princípio na pessoa.

O resultado das constantes investidas de Buda contra um Deus pessoal foi a introdução de ídolos na Índia. Nos Vedas eles não os conheciam, porque viam Deus em todos os lugares, mas a reação contra a perda de Deus como Criador e Amigo foi fazer ídolos, e Buda tornou-se um ídolo - o mesmo

aconteceu com Jesus. A gama de ídolos vai desde madeira e pedra até Jesus e Buda, mas devemos ter ídolos.

* * *

As tentativas violentas de reforma acabam sempre por atrasar a reforma. Não diga: “Você é mau”; diga apenas: “Você é bom, mas seja melhor.”

Os padres são um mal em todos os países, porque denunciam e criticam, puxando um fio para consertá-lo, até que outros dois ou três fiquem fora do lugar. O amor nunca denuncia, só a ambição faz isso. Não existe raiva “justa” ou assassinato justificável.

Se você não permitir que alguém se torne um leão, ele se tornará uma raposa. A mulher é um poder, só que agora é mais para o mal porque o homem oprime a mulher; ela é a raposa, mas quando não estiver mais oprimida, ela se tornará o leão.

Falando normalmente, a aspiração espiritual deve ser equilibrada através do intelecto; caso contrário, poderá degenerar em mero sentimentalismo. . . .

Todos os teístas concordam que por trás do mutável existe um Imutável, embora variem na sua concepção do Último. Buda negou isso totalmente. “Não existe Brahman, nem Atman, nem alma”, disse ele.

Como personagem, Buda foi o maior que o mundo já viu; ao lado dele Cristo. Mas os ensinamentos de Krishna ensinados pelo Gita são os mais grandiosos que o mundo já conheceu. Aquele que escreveu aquele poema maravilhoso foi uma daquelas raras almas cujas vidas enviaram uma onda de regeneração pelo mundo. A raça humana nunca mais verá um cérebro como aquele que escreveu o Gita.

* * *

Existe apenas um Poder, quer se manifeste como mal ou bem. Deus e o diabo são o mesmo rio com a água fluindo em direções opostas.

7.1.10 SEGUNDA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEGUNDA-FEIRA, 1º de julho de 1895. (Sri Ramakrishna Deva)

Shri Ramakrishna era filho de um brâmane muito ortodoxo, que recusaria até mesmo um presente de qualquer pessoa que não fosse uma casta especial de brâmanes; nem poderia trabalhar, nem mesmo ser sacerdote num templo, nem vender livros, nem servir a ninguém. Ele só poderia receber “o que caísse do céu” (esmola), e mesmo assim não deveria vir através de um Brâmane “caído”. Os templos não têm influência na religião hindu; se todos fossem destruídos, a religião não seria afetada nem um grão. Um homem só deve construir uma casa para “Deus e convidados”, construir para si mesmo seria egoísmo; portanto, ele ergue templos como moradas de Deus.

Devido à extrema pobreza de sua família, Shri Ramakrishna foi obrigado a se tornar sacerdote em sua infância em um templo dedicado à Mãe Divina, também chamado de Prakriti, ou Kâli, representado por uma figura feminina em pé com os pés sobre uma figura masculina, indicando que até que Maya se levante, não poderemos saber nada. Brahman é neutro, desconhecido e incognoscível, mas para ser objetivado Ele se cobre com um véu de Maya, torna-se a Mãe do Universo e, assim, dá origem à criação. A figura prostrada (Shiva ou Deus) tornou-se Shava (morto ou sem vida) ao ser coberta por Maya. O Jnâni diz: “Vou descobrir Deus pela força” (Advaitismo); mas o dualista diz: “Vou descobrir Deus orando à Mãe, implorando-lhe que abra a porta da qual só Ela tem a chave”.

O serviço diário da Mãe Kali gradualmente despertou uma devoção tão intensa no coração do jovem sacerdote que ele não conseguiu mais continuar o culto regular no templo. Assim, ele abandonou seus deveres e retirou-se para um pequeno bosque no complexo do templo, onde se entregou inteiramente à meditação. Esses bosques ficavam às margens do rio Ganga; e um dia a corrente rápida trouxe até seus pés apenas os materiais necessários para construir-lhe um pequeno recinto. Neste recinto ele permaneceu, chorou e orou, sem se preocupar com o cuidado de seu corpo ou com nada, exceto com sua Divina Mãe. Um parente o alimentava

uma vez por dia e cuidava dele. Mais tarde veio uma Sannyasini ou senhora asceta, para ajudá-lo a encontrar sua “Mãe”. Todos os professores de que ele precisava vieram até ele sem serem procurados; de cada seita algum santo santo vinha e se oferecia para ensiná-lo e a cada um ele ouvia com atenção. Mas ele adorava apenas a Mãe; tudo para ele era mãe.

Shri Ramakrishna nunca falou uma palavra dura contra ninguém. Ele era tão tolerante que todas as seitas pensavam que ele pertencia a elas. Ele amava a todos. Para ele todas as religiões eram verdadeiras. Ele encontrou um lugar para cada um. Ele era livre, mas livre no amor, não no “trovão”. O tipo suave cria, o tipo trovejante se espalha. Paul era o tipo trovejante que espalhava a luz. (E muitos dizem que o próprio Swami Vivekananda era uma espécie de São Paulo para Shri Ramakrishna.)

A era de São Paulo, entretanto, acabou; devemos ser as novas luzes para este dia. Uma organização auto-ajustável é a grande necessidade do nosso tempo. Quando conseguirmos uma, essa será a última religião do mundo. A roda deve girar e devemos ajudá-la, e não atrapalhar. As ondas do pensamento religioso sobem e descem, e no topo está o “profeta da época”. Ramakrishna veio para ensinar a religião de hoje, construtiva, não destrutiva. Ele teve que recorrer novamente à Natureza para pedir fatos, e obteve a religião científica que nunca diz “acredite”, mas “veja”; “Eu vejo, e você também pode ver.” Use os mesmos meios e você alcançará a mesma visão. Deus virá para todos, a harmonia está ao alcance de todos. Os ensinamentos de Shri Ramakrishna são “a essência do Hinduísmo”; eles não eram peculiares a ele. Ele também não afirmou que sim; ele não se importava com nome ou fama.

Ele começou a pregar quando tinha cerca de quarenta anos; mas ele nunca saiu para fazer isso. Ele esperou que aqueles que queriam que seus ensinamentos chegassem até ele. De acordo com o costume hindu, ele foi casado pelos pais ainda jovem com uma menina de cinco anos, que permaneceu em casa com a família, numa aldeia distante, inconsciente da grande luta pela qual seu jovem marido estava passando. Quando ela atingiu a maturidade, ele já estava profundamente absorvido pela devoção religiosa. Ela viajou a pé de sua casa até o templo em Dakshineswar, onde ele morava na época; e assim que ela o viu, ela reconheceu o que ele era,

pois ela mesma era uma grande alma, pura e santa, que desejava apenas ajudar em seu trabalho, nunca arrastá-lo para o nível de Grihastha (chefe de família).

Shri Ramakrishna é adorado na Índia como uma das grandes Encarnações, e seu aniversário é celebrado lá como um festival religioso. . . .

Uma curiosa pedra redonda é o emblema de Vishnu, o onipresente. Todas as manhãs um sacerdote chega, oferece sacrifício ao ídolo, agita incenso diante dele, depois o coloca na cama e pede desculpas a Deus por adorá-lo dessa forma, porque ele só pode concebê-lo através de uma imagem ou por meio de algum material. objeto. Ele banha o ídolo, veste-o e coloca seu eu divino no ídolo “para torná-lo vivo”.

* * *

Há uma seita que diz: “É fraqueza adorar apenas o bom e o belo; devemos também amar e adorar o hediondo e o mau”. Esta seita prevalece em todo o Tibete e eles não se casam. Na Índia propriamente dita, eles não podem existir abertamente, mas organizam sociedades secretas. Nenhum homem decente lhes pertencerá, exceto sub rosa. O comunismo foi tentado três vezes no Tibete e falhou três vezes. Eles usam Tapas e com imenso sucesso no que diz respeito ao poder.

Tapas significa literalmente “queimar”. É uma espécie de penitência para “aquecer” a natureza superior. Às vezes é na forma de um voto do nascer ao pôr do sol, como repetir o Om o dia todo incessantemente. Essas ações produzirão um certo poder que você pode converter em qualquer forma que desejar, espiritual ou material. Esta ideia de Tapas penetra toda a religião hindu. Os hindus dizem até que Deus fez Tapas para criar o mundo. É um instrumento mental para fazer tudo. “Tudo nos três mundos pode ser pescado com Tapas.” . . .

As pessoas que informam sobre seitas com as quais não simpatizam são mentirosas conscientes e inconscientes. Um crente em uma seita raramente consegue ver a verdade em outras.

* * *

Um grande Bhakta (Hanuman) disse certa vez quando questionado sobre qual dia do mês era: “Deus é minha data eterna, nenhuma outra data que me importe”.

7.1,11 TERÇA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

TERÇA-FEIRA, 2 de julho de 1895 . (A Mãe Divina.)

Os Shâktas adoram a Energia Universal como Mãe, o nome mais doce que conhecem; pois a mãe é o ideal mais elevado de feminilidade na Índia. Quando Deus é adorado como “Mãe”, como Amor, os hindus chamam isso de caminho “destro”, e isso leva à espiritualidade, mas nunca à prosperidade material. Quando Deus é adorado do seu lado terrível, isto é, do modo “canhoto”, isso geralmente leva a uma grande prosperidade material, mas raramente à espiritualidade; e eventualmente leva à degeneração e à obliteração da raça que a pratica.

A mãe é a primeira manifestação de poder e é considerada uma ideia superior à do pai. Com o nome de Mãe vem a ideia de Shakti, Energia Divina e Onipotência, assim como o bebê acredita que sua mãe é toda poderosa, capaz de fazer qualquer coisa. A Mãe Divina é a Kundalini (poder “enrolado”) que dorme em nós; sem adorá-la nunca poderemos nos conhecer. Todo-misericordioso, todo-poderoso, onipresente são atributos da Mãe Divina. Ela é a soma total da energia do universo. Toda manifestação de poder no universo é “Mãe”. Ela é vida, Ela é inteligência, Ela é Amor. Ela está no universo, mas separada dele. Ela é uma pessoa e pode ser vista e conhecida (como Shri Ramakrishna A viu e conheceu). Estabelecidos na ideia de Mãe, podemos fazer qualquer coisa. Ela rapidamente responde à oração.

Ela pode mostrar; Ela mesma para nós em qualquer forma, a qualquer momento. A Mãe Divina pode ter forma (Rupa) e nome (Nâma) ou nome sem forma; e à medida que a adoramos nestes vários aspectos, podemos ascender ao Ser puro, sem forma nem nome.

A soma total de todas as células de um organismo é uma pessoa; então cada alma é como uma célula e a soma delas é Deus, e além disso está o Absoluto. A calma do mar é o Absoluto; o mesmo mar em ondas é a Mãe Divina. Ela é tempo, espaço e causalidade. Deus é Mãe e tem duas naturezas, a condicionada e a incondicionada. Como a primeira, Ela é Deus, natureza e alma (homem). Como esta última, Ela é desconhecida e incognoscível. Do Incondicionado surgiu a trindade – Deus, natureza e alma, o triângulo da existência. Esta é a ideia Vishishtâdvaitista.

Um pedaço de Mãe, uma gota, era Krishna, outro era Buda, outro era Cristo. A adoração de até mesmo uma centelha da Mãe em nossa mãe terrena leva à grandeza. Adore-A se quiser amor e sabedoria.

7.1.12 QUARTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUARTA-FEIRA, 3 de julho de 1895 .

De um modo geral, a religião humana começa com o medo. "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria." Mas depois vem a ideia mais elevada. "O amor perfeito expulsa o medo." Traços de medo permanecerão conosco até que obtenhamos conhecimento, saibamos o que é Deus. Cristo, sendo homem, teve que ver a impureza e denunciá-la; mas Deus, infinitamente superior, não vê a iniquidade e não pode ficar irado. A denúncia nunca é a mais alta. As mãos de David estavam manchadas de sangue; ele não conseguiu construir o templo. (Bíblia, Samuel, Cap. XVII – final.)

Quanto mais crescemos em amor, virtude e santidade, mais vemos amor, virtude e santidade lá fora. Toda condenação dos outros realmente condena a nós mesmos. Ajuste o microcosmo (o que está ao seu alcance) e o macrocosmo se ajustará para você. É como o paradoxo hidrostático, uma gota d'água pode equilibrar o universo. Não podemos ver fora o que não somos por dentro. O universo é para nós o que o enorme motor é para o motor em miniatura; e a indicação de qualquer erro no minúsculo motor nos leva a imaginar problemas no enorme.

Cada passo realmente conquistado no mundo foi conquistado pelo amor; criticar nunca pode adiantar nada, tem sido tentado há milhares de anos. A condenação não leva a nada.

Um verdadeiro Vedantista deve simpatizar com todos. Monismo, ou unidade absoluta, é a própria alma do Vedanta. Os dualistas tendem naturalmente a tornar-se intolerantes, a pensar que o seu é o único caminho. Os Vaishnavas na Índia, que são dualistas, são uma seita extremamente intolerante. Entre os Shaivas, outra seita dualista, conta-se a história de um devoto chamado Ghantâkarna ou Orelhudo, que era um adorador tão devoto de Shiva que não desejava nem mesmo ouvir o nome de qualquer outra divindade; então ele usava dois sinos amarrados nas orelhas para abafar o som de qualquer voz que pronunciasse outros nomes Divinos. Por causa de sua intensa devoção a Shiva, este quis ensiná-lo que não havia diferença entre Shiva e Vishnu, então Ele apareceu diante dele como metade Vishnu e metade Shiva. Naquele momento o devoto estava agitando incenso diante dele, mas a intolerância de Ghantakarna era tão grande que quando ele viu a fragrância do incenso entrando na narina de Vishnu, ele enfiou o dedo nele para evitar que o deus desfrutasse do cheiro doce. . . .

O animal carnívoro, como o leão, dá um golpe e desaparece, mas o boi paciente continua o dia todo, comendo e dormindo enquanto caminha. O "ianque vivo" não pode competir com o cule chinês comedor de arroz. Embora o poder militar domine, o consumo de carne ainda prevalece; mas com o avanço da ciência, as lutas diminuirão e então entrarão os vegetarianos.

* * *

Nós nos dividimos em dois para amar a Deus, amando a mim mesmo. Deus me criou e eu criei Deus. Criamos Deus à nossa imagem; somos nós que O criamos para ser nosso mestre, não é Deus quem nos torna Seus servos. Quando sabemos que somos um com Deus, que nós e Ele somos amigos, então vem a igualdade e a liberdade. Enquanto você se mantiver separado por um fio de cabelo deste Eterno, o medo não poderá desaparecer.

Nunca faça essa pergunta tola: que bem isso fará ao mundo? Deixe o mundo ir. Ame e não peça nada; ame e não procure mais nada. Ame e

esqueça todos os “ismos”. Beba o copo do amor e fique louco. Diga "Teu, ó teu para sempre, ó Senhor!" e mergulhe, esquecendo todo o resto. A própria ideia de Deus é amor. Ver uma gata amando seus gatinhos ficar de pé e orar. Deus se manifestou ali; literalmente acredite nisso. Repita “Eu sou Teu, eu sou Teu”, pois podemos ver Deus em todos os lugares. Não O procure, apenas O veja.

“Que o Senhor sempre te mantenha vivo, Luz do mundo, Alma do universo!” . . .

O Absoluto não pode ser adorado, por isso devemos adorar uma manifestação, tal como a nossa natureza. Jesus tinha a nossa natureza; ele se tornou o Cristo; nós também podemos e devemos também. Cristo e Buda eram os nomes de um estado a ser alcançado; Jesus e Gautama foram as pessoas que manifestaram isso. “Mãe” é a primeira e mais elevada manifestação, depois dos Cristos e dos Budas. Criamos nosso próprio ambiente e eliminamos os grilhões. O Atman é o destemido. Quando oramos a um Deus lá fora, é bom, só que não sabemos o que fazemos. Quando conhecemos o Eu, entendemos. A expressão mais elevada do amor é a unificação.

"Houve um tempo em que eu era mulher e ele era homem.

Mesmo assim, o amor cresceu até que não houvesse nem ele nem eu;

Só que me lembro vagamente de que houve um tempo em que havia dois.

Mas o amor se interpôs e os tornou um."

- Poema Sufi Persa

O conhecimento existe eternamente e é coexistente com Deus. O homem que descobre uma lei espiritual é inspirado, e o que traz é revelação; mas a revelação também é eterna, não deve ser cristalizada como final e depois seguida cegamente. Os hindus têm sido criticados há tantos anos pelos seus conquistadores que eles (os hindus) ousam criticar eles próprios a sua religião, e isso os torna livres. Os seus governantes estrangeiros libertaram-se dos seus grilhões sem o saberem. As pessoas mais religiosas do mundo, os hindus, na verdade, não têm nenhum senso de blasfêmia; falar de coisas sagradas de qualquer maneira é para eles uma santificação. Nem têm qualquer respeito artificial pelos profetas ou livros, ou pela piedade hipócrita.

A Igreja tenta encaixar Cristo nisso, não a Igreja em Cristo; portanto, apenas foram preservados os escritos que se adequavam ao propósito em questão. Assim, não podemos confiar nos livros e a adoração do livro é o pior tipo de idolatria para amarrar nossos pés. Tudo tem que estar em conformidade com o livro – ciência, religião, filosofia; é a tirania mais horrível, esta tirania da Bíblia protestante. Cada homem nos países cristãos tem uma enorme catedral na cabeça e ainda por cima um livro, e ainda assim o homem vive e cresce! Isso não prova que o homem é Deus?

O homem é o ser mais elevado que existe e este é o maior mundo. Não podemos ter uma concepção de Deus superior ao homem, então nosso Deus é o homem, e o homem é Deus. Quando nos elevamos e vamos além e encontramos algo mais elevado, temos que saltar para fora da mente, do corpo e da imaginação e deixar este mundo; quando nos elevamos para ser o Absoluto, não estamos mais neste mundo. O homem é o ápice do único

mundo que podemos conhecer. Tudo o que sabemos sobre os animais é apenas por analogia: nós os julgamos pelo que fazemos e sentimos.

A soma total do conhecimento é sempre a mesma, só que às vezes é mais manifestado e às vezes menos. A única fonte dela está dentro, e somente lá ela é encontrada.

* * *

Toda poesia, pintura e música são sentimentos expressos através de palavras, através da cor, através do som. . . .

Bem-aventurados aqueles sobre os quais seus pecados são rapidamente visitados, sua conta é mais rapidamente equilibrada! Ai daqueles cujo castigo é adiado, é maior!

Diz-se que aqueles que alcançaram a mesmice vivem em Deus. Todo ódio está matando o “Eu por si mesmo”, portanto o amor é a lei da vida. Chegar a isso é ser perfeito; mas quanto mais perfeitos somos, menos trabalho (assim chamado) podemos fazer. Os Sâttvika veem e sabem que tudo é mera brincadeira de criança e não se preocupam com nada.

É fácil desferir um golpe, mas tremendamente difícil deter a mão, ficar parado e dizer: “Em Ti, ó Senhor, me refugio”, e então esperar que Ele aja.

7.1.13 SEXTA-FEIRA, 5 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEXTA-FEIRA, 5 de julho de 1895 .

Até que você esteja pronto para mudar a qualquer minuto, você nunca poderá ver a verdade; mas você deve permanecer firme e firme na busca pela verdade. . . .

Os Chârvâkas, uma seita muito antiga na Índia, eram materialistas. Eles morreram agora e a maioria de seus livros está perdida. Afirmavam que a

alma, sendo produto do corpo e de suas forças, morria com ele; que não havia prova de sua existência futura. Negaram o conhecimento inferencial aceitando apenas a percepção pelos sentidos.

* * *

Samâdhi é quando o Divino e o humano estão em um, ou está "trazendo a mesmice". . . .

O materialismo diz que a voz da liberdade é uma ilusão. O idealismo diz que a voz que fala da escravidão é a ilusão. O Vedanta diz que você é livre e não é livre ao mesmo tempo – nunca é livre no plano terreno, mas sempre é livre no plano espiritual.

Esteja além da liberdade e da escravidão.

Somos Shiva, somos conhecimento imortal além dos sentidos.

O poder infinito está de volta para todos; ore à Mãe, e isso chegará até você.

"Ó Mãe, doadora de Vâk (eloquência), Tu autoexistente, venha como o Vak em meus lábios" (invocação hindu).

"Aquela Mãe cuja voz está no trovão, venha em mim! Kali, Tu, tempo eterno, Tu força irresistível, Shakti, Poder!"

7.1.14 SÁBADO, 6 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SÁBADO, 6 de julho de 1895 . (Hoje tivemos o comentário de Shankaracharya sobre os Vedânta Sutas de Vyâsa.)

Om tat sat! De acordo com Shankara, existem duas fases no universo, uma sou eu e a outra tu; e eles são tão contrários quanto a luz e as trevas, então nem é preciso dizer que nenhum deles pode ser derivado do outro. Sobre o sujeito, o objeto foi sobreposto; o sujeito é a única realidade, o outro uma

mera aparência. A visão oposta é insustentável. A matéria e o mundo externo são apenas a alma num certo estado; na realidade, existe apenas um.

Todo o nosso mundo vem da verdade e da mentira unidas. Samsâra (vida) é o resultado das forças contraditórias que atuam sobre nós, como o movimento diagonal de uma bola num paralelogramo de forças. O mundo é Deus e é real, mas esse não é o mundo que vemos; assim como vemos prata na madrepérola onde ela não existe. Isto é conhecido como Adhyâsa ou sobreposição, isto é, uma existência relativa dependente de uma existência real, como quando recordamos uma cena que vimos; por enquanto existe para nós, mas essa existência não é real. Ou dizem alguns, é como quando imaginamos calor na água, que não lhe pertence; então, na verdade, é algo que foi colocado onde não pertence, "tomando a coisa pelo que não é". Vemos a realidade, mas distorcida pelo meio através do qual a vemos.

Você nunca poderá conhecer a si mesmo, exceto como objetivado. Quando confundimos uma coisa com outra, sempre tomamos aquilo que temos diante de nós como real, nunca como invisível; assim confundimos o objeto com o sujeito. O Atman nunca se torna o objeto. A mente é o sentido interno, os sentidos externos são seus instrumentos. No sujeito há um pouco do poder objetificador que lhe permite saber "eu sou"; mas o sujeito é o objeto de seu próprio Ser, nunca da mente ou dos sentidos. Você pode, no entanto, sobrepor uma ideia a outra, como quando dizemos: "O céu é azul", sendo o próprio céu apenas uma ideia. Ciência e ignorância existem, mas o Eu nunca é afetado por nenhuma ignorância. O conhecimento relativo é bom porque leva ao conhecimento absoluto; mas nem o conhecimento dos sentidos, nem da mente, nem mesmo dos Vedas é verdadeiro, uma vez que todos estão dentro do reino do conhecimento relativo. Primeiro, livre-se da ilusão de que "eu sou o corpo", só então poderemos desejar o conhecimento real. O conhecimento do homem é apenas um grau mais elevado de conhecimento bruto.

* * *

Uma parte dos Vedas trata do Karma – forma e cerimônias. A outra parte trata do conhecimento de Brahman e discute a religião. Os Vedas nesta parte ensinam sobre o Ser; e porque o fazem, o seu conhecimento aproxima-se do conhecimento real. O conhecimento do Absoluto não

depende de nenhum livro, nem de nada; é absoluto em si mesmo. Nenhuma quantidade de estudo proporcionará esse conhecimento; não é teoria, é realização. Limpe a poeira do espelho, purifique sua própria mente e, num piscar de olhos, você saberá que é Brahman.

Deus existe, não é nascimento nem morte, nem dor nem miséria, nem assassinato, nem mudança, nem bem nem mal; tudo é Brahman. Pegamos a “corda da serpente”, o erro é nosso. . . . Só podemos fazer o bem quando amamos a Deus e Ele reflete o nosso amor. O assassino é Deus, e a “roupa de assassino” apenas se sobrepõe a ele. Pegue-o pela mão e conte-lhe a verdade.

A alma não tem casta, e pensar que sim é uma ilusão; assim como a vida e a morte, ou qualquer movimento ou qualidade. O Atman nunca muda, nunca vai nem chega. É a eterna Testemunha de todas as Suas próprias manifestações, mas nós O tomamos como manifestação; uma ilusão eterna, sem começo nem fim, sempre acontecendo. Os Vedas, entretanto, têm que descer ao nosso nível, pois se eles nos contassem a verdade mais elevada da maneira mais elevada, não poderíamos entendê-la.

O céu é uma mera superstição que surge do desejo, e o desejo é sempre um jugo, uma degeneração. Nunca se aproxime de nada, exceto como Deus; pois se o fizermos, veremos o mal, porque lançamos um véu de ilusão sobre aquilo que olhamos, e então vemos o mal. Liberte-se dessas ilusões; seja abençoado. Liberdade é perder todas as ilusões.

Em certo sentido, Brahman é conhecido por todo ser humano; ele sabe: “eu sou”; mas o homem não se conhece como é. Todos nós sabemos que somos, mas não como somos. Todas as explicações inferiores são verdades parciais; mas a flor, a essência dos Vedas, é que o Ser em cada um de nós é Brahman. Todo fenômeno está incluído no nascimento, no crescimento e na morte – aparecimento, continuação e desaparecimento. Nossa própria realização está além dos Vedas, porque até eles dependem disso. O Vedanta mais elevado é a filosofia do Além.

Dizer que a criação teve algum começo é colocar o machado na raiz de toda filosofia.

Maya é a energia do universo, potencial e cinética. Até que a Mãe nos liberte, não poderemos nos libertar.

O universo é nosso para desfrutar. Mas não quero nada. Querer é fraqueza. A necessidade nos torna mendigos, e somos filhos do rei, não mendigos.

7.1.15 DOMINGO, 7 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

MANHÃ DE DOMINGO, 7 de julho de 1895.

A manifestação infinita dividindo-se em porções ainda permanece infinita, e cada porção é infinita. [95]

Brahman é o mesmo em duas formas – mutável e imutável, expresso e não expresso. Saiba que o Conhecedor e o conhecido são um. A Trindade – o Conhecedor, o conhecido e o conhecedor – está se manifestando como este universo. O Deus que o Iogue vê na meditação, ele vê através do poder do seu próprio Ser.

O que chamamos de natureza, destino, é simplesmente a vontade de Deus.

Enquanto se busca o prazer, a escravidão permanece. Somente a imperfeição pode desfrutar, porque o prazer é a realização do desejo. A alma humana gosta da natureza. A realidade subjacente da natureza, da alma e de Deus é Brahman; mas Ele (Brahman) é invisível, até que O revelemos. Pode ser produzido por Pramantha ou fricção, assim como podemos produzir fogo por fricção. O corpo é a peça inferior da madeira, Om é a peça pontiaguda e Dhyâna (meditação) é a fricção. Quando isto é usado, aquela luz que é o conhecimento de Brahman irromperá na alma. Procure através do Tapas. Mantendo o corpo em pé, sacrifique os órgãos dos sentidos na mente. Os centros dos sentidos estão dentro e seus órgãos fora; conduza-os para a mente e através de Dhârâna (concentração) fixe a mente em Dhyana. Brahman é onipresente no universo assim como a manteiga no leite, mas a fricção faz com que Ele se manifeste em um só

lugar. Assim como a batida traz à tona a manteiga do leite, Dhyana traz a realização de Brahman na alma.

Toda a filosofia hindu declara que existe um sexto sentido, o superconsciente, e através dele vem a inspiração.

* * *

O universo é movimento, e a fricção acabará por acabar com tudo; então vem um descanso; e depois disso tudo começa de novo. . . .

Enquanto a “pele do céu” envolver o homem, isto é, enquanto ele se identificar com seu corpo, ele não poderá ver Deus.

TARDE DE DOMINGO

Existem seis escolas de filosofia na Índia que são consideradas ortodoxas porque acreditam nos Vedas.

A filosofia de Vyasa é por excelência a dos Upanishads. Ele escreveu na forma Sutra, isto é, em símbolos algébricos breves, sem nominativo ou verbo. Isso causou tanta ambigüidade que dos Sutras surgiu o dualismo, o monodualismo e o monismo ou "Vedanta estrondoso"; e todos os grandes comentadores destas diferentes escolas eram por vezes "mentirosos conscientes" para fazer com que os textos se adequassem à sua filosofia.

Os Upanishads contêm muito pouca história dos feitos de qualquer homem, mas quase todas as outras escrituras são, em grande parte, histórias pessoais. Os Vedas tratam quase inteiramente de filosofia. A religião sem filosofia cai na superstição; filosofia sem religião torna-se ateísmo árido.

Vishishtadvaita é Advaita qualificado (monismo). Seu expositor foi Râmânüja. Ele diz: “Do oceano de leite dos Vedas, Vyasa preparou a manteiga da filosofia, para melhor ajudar a humanidade”. Ele diz novamente: "Todas as virtudes e todas as qualidades pertencem a Brahman, Senhor do universo. Ele é o maior Purusha. Madhva é um dualista ou Dvaitista completo. Ele afirma que até as mulheres podem estudar os Vedas.

Ele cita principalmente do Purânas Ele diz que Brahman significa Vishnu, e não Shiva, porque não há salvação exceto através de Vishnu.

7.1.16 SEGUNDA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEGUNDA-FEIRA, 8 de julho de 1895 .

Não há lugar para raciocínio na explicação de Madhva, tudo foi tirado da revelação dos Vedas.

Ramanuja diz que os Vedas são o estudo mais sagrado. Deixe que os filhos das três castas superiores obtenham o Sutra (O fio sagrado) e aos oito, dez ou onze anos de idade comecem o estudo, o que significa ir a um Guru e aprender os Vedas palavra por palavra, com entonação perfeita e pronúncia.

Japa está repetindo o Santo Nome; através disso o devoto ascende ao Infinito. Este barco de sacrifícios e cerimônias é muito frágil, precisamos mais do que isso para conhecer Brahman, que por si só é liberdade. A liberdade nada mais é do que a destruição da ignorância, e isso só poderá desaparecer quando conhecermos Brahman. Não é necessário passar por todos esses cerimoniais para alcançar o significado do Vedanta. Repetir Om é suficiente.

Ver a diferença é a causa de toda miséria, e a ignorância é a causa de ver a diferença. É por isso que os cerimoniais não são necessários, porque aumentam a ideia de desigualdade; você os pratica para se livrar de algo ou para obter algo.

Brahman não tem ação, Atman é Brahman e nós somos Atman; um conhecimento como esse elimina todos os erros. Deve ser ouvido, apreendido intelectualmente e, finalmente, realizado. Cogitar é aplicar a razão e estabelecer esse conhecimento em nós mesmos pela razão. Perceber é torná-lo parte de nossas vidas pensando constantemente nisso. Este pensamento constante ou Dhyana é como o óleo que flui em uma linha ininterrupta de recipiente para recipiente; Dhyana gira a mente neste

pensamento dia e noite e assim nos ajuda a alcançar a liberação. Pense sempre “Soham, Soham”; isso é quase tão bom quanto a libertação. Diga isso dia e noite; a realização virá como resultado dessa cogitação contínua. Esta lembrança absoluta e contínua do Senhor é o que significa Bhakti.

Este Bhakti é ajudado indiretamente por todas as boas obras. Bons pensamentos e boas obras criam menos diferenciação do que os maus; então indiretamente eles levam à liberdade. Trabalhe, mas entregue os resultados ao Senhor. Somente o conhecimento pode nos tornar perfeitos. Aquele que segue o Deus da Verdade com devoção, a ele o Deus da Verdade se revela. . . . Somos lâmpadas, e a nossa queima é o que chamamos de “vida”. Quando o suprimento de oxigênio acabar, a lâmpada deverá apagar. Tudo o que podemos fazer é manter a lâmpada limpa. A vida é um produto, um composto e, como tal, deve resolver-se nos seus elementos.

7.1.17 TERÇA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

TERÇA-FEIRA, 9 de julho de 1895 .

O homem como Atman é realmente livre; como homem, ele está vinculado, alterado por todas as condições físicas. Como homem, ele é uma máquina com uma ideia de liberdade; mas este corpo humano é o melhor e a mente humana é a mente mais elevada que existe. Quando um homem atinge o estado de Atman, ele pode assumir um corpo, adaptando-o a si mesmo; ele está acima da lei. Esta é uma afirmação e deve ser provada. Cada um deve provar isso por si mesmo; podemos nos satisfazer, mas não podemos satisfazer o outro. Raja-Yoga é a única ciência da religião que pode ser demonstrada; e só ensino o que eu mesmo provei pela experiência. A plena maturidade da razão é a intuição, mas a intuição não pode antagonizar a razão.

O trabalho purifica o coração e assim leva à Vidyâ (sabedoria). Os budistas diziam que fazer o bem aos homens e aos animais eram as únicas obras; os brâmanes diziam que a adoração e todos os cerimoniais eram igualmente "trabalho" e purificavam a mente. Shankara declara que “todas as obras,

boas e más, são contra o conhecimento”. As ações que tendem à ignorância são pecados, não diretamente, mas como causas, porque tendem a aumentar Tamas e Rajas. Somente com Sattva vem a sabedoria. Ações virtuosas removem o véu do conhecimento, e somente o conhecimento pode nos fazer ver Deus.

O conhecimento nunca pode ser criado, só pode ser descoberto; e todo homem que faz uma grande descoberta fica inspirado. Somente quando ele traz uma verdade espiritual, nós o chamamos de profeta; e quando está no plano físico, chamamos-lhe um homem científico, e atribuímos mais importância ao primeiro, embora a fonte de toda a verdade seja uma só.

Shankara diz que Brahman é a essência, a realidade de todo conhecimento, e que todas as manifestações como conhecedor, conhecido e conhecido são meras imaginações em Brahman. Ramanuja atribui consciência a Deus; os verdadeiros monistas não atribuem nada, nem mesmo existência em qualquer significado que possamos atribuir a ela. Ramanuja declara que Deus é a essência do conhecimento consciente. A consciência indiferenciada, quando diferenciada, torna-se o mundo. . . .

O Budismo, uma das religiões mais filosóficas do mundo, espalhou-se por toda a população, o povo comum da Índia. Que cultura maravilhosa deve ter havido entre os arianos, há dois mil e quinhentos anos, para serem capazes de compreender ideias!

Buda foi o único grande filósofo indiano que não reconheceu a casta, e nenhum de seus seguidores permanece na Índia. Todos os outros filósofos cederam mais ou menos aos preconceitos sociais; por mais alto que subissem, ainda restava um pouco do abutre neles. Como meu Mestre costumava dizer: “O abutre voa alto, fora de vista, no céu, mas seus olhos estão sempre fixos em um pedaço de carniça na terra”.

* * *

Os antigos hindus eram estudiosos maravilhosos, verdadeiras enciclopédias vivas. Eles disseram: “Conhecimento nos livros e dinheiro nas mãos de outras pessoas é como nenhum conhecimento e nenhum dinheiro”.

Shankara foi considerado por muitos como uma encarnação de Shiva.

7.1.18 QUARTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUARTA-FEIRA, 10 de julho de 1895 .

Há sessenta e cinco milhões de muçulmanos na Índia, alguns deles sufis. [96] Os sufis identificam o homem com Deus, e através deles esta ideia chegou à Europa. Eles dizem: “Eu sou essa Verdade”; mas eles têm uma doutrina esotérica e também exotérica, embora o próprio Maomé não a defendesse.

"Hashshashin" [97] tornou-se a nossa palavra "assassino", porque uma antiga seita do islamismo matou incrédulos como parte do seu credo.

Um jarro de água deve estar presente no culto muçulmano como um símbolo de Deus preenchendo o universo.

Os hindus acreditam que haverá dez Encarnações Divinas. Nove já foram e o décimo ainda está por vir.

* * *

Shankara às vezes recorre a sofismas para provar que as ideias dos livros servem para defender sua filosofia. Buda foi mais corajoso e sincero do que qualquer professor. Ele disse: "Não acredite em nenhum livro; os Vedas são todos uma farsa. Se eles concordam comigo, tanto melhor para os livros. Eu sou o maior livro; sacrifício e oração são inúteis." Buda foi o primeiro ser humano a dar ao mundo um sistema completo de moralidade. Ele era bom pelo bem, ele amava pelo amor.

Shankara diz: Deus deve ser fundamentado, porque os Vedas assim o dizem. A razão ajuda a inspiração; livros e razão realizada – ou percepção individualizada – são provas de Deus. Os Vedas são, segundo ele, uma espécie de encarnação do conhecimento universal. A prova de Deus é que

Ele produziu os Vedas, e a prova dos Vedas é que tais livros maravilhosos só poderiam ter sido distribuídos por Brahman. Eles são a mina de todo o conhecimento e saíram Dele como um homem expira; portanto sabemos que Ele é infinito em poder e conhecimento. Ele pode ou não ter criado o mundo, isso é uma bagatela; ter produzido os Vedas é mais importante! O mundo conheceu Deus através dos Vedas; não há outra maneira.

E tão universal é esta crença, defendida por Shankara, na abrangência dos Vedas que existe até um provérbio hindu que diz que se um homem perde a sua vaca, ele vai procurá-la nos Vedas!

Shankara afirma ainda que a obediência ao cerimonial não é conhecimento. O conhecimento de Deus é independente de deveres morais, ou de sacrifício ou cerimonial, ou do que pensamos ou não pensamos, assim como o toco não é afetado quando um homem o toma por um fantasma e outro o vê como ele é.

O Vedanta é necessário porque nem o raciocínio nem os livros podem nos mostrar Deus. Ele só pode ser realizado pela percepção superconsciente, e o Vedanta ensina como conseguir isso. Você deve ir além do Deus pessoal (Ishvara) e alcançar o Brahman Absoluto. Deus é a percepção de cada ser: Ele é tudo o que há para ser percebido. Aquilo que diz “eu” é Brahman, mas embora nós, dia e noite, O percebamos; não sabemos que o estamos percebendo. Assim que nos tornamos conscientes desta verdade, toda a miséria desaparece; portanto, devemos obter conhecimento da verdade. Alcance a unidade; não haverá mais dualidade. Mas o conhecimento não vem pelo sacrifício, mas pela busca, adoração e conhecimento do Atman.

Brahmavidyâ é o conhecimento mais elevado, conhecer o Brahman; conhecimento inferior é ciência. Este é o ensinamento do Mundakopanishad ou do Upanishad para os Sannyasins. Existem dois tipos de conhecimento – principal e secundário. O não essencial é aquela parte dos Vedas que trata da adoração e do cerimonial, e também de todo o conhecimento secular. O essencial é aquele pelo qual alcançamos o Absoluto. Ele (o Absoluto) cria tudo a partir da Sua própria natureza; não há nada para causar, nada fora. É tudo energia, é tudo que existe. Aquele que faz todos os sacrifícios para si mesmo, o Atman, só ele conhece Brahman. Os tolos pensam que fora o culto é o mais elevado; os tolos pensam que as obras podem nos dar Deus.

Somente aqueles que passam pelo Sushumnâ (o “caminho” dos Yogis) alcançam o Atman. Eles devem ir a um Guru para aprender. Cada parte tem a mesma natureza do todo; tudo brota do Atman. A meditação é a flecha, toda a alma indo para Deus é o arco, que acelera a flecha em direção ao seu alvo, o Atman. Como finitos, nunca poderemos expressar o Infinito, mas somos o Infinito. Sabendo disso, não discutimos com ninguém.

A sabedoria divina deve ser obtida por meio da devoção, meditação e castidade. “Somente a verdade triunfa, e não a mentira. Somente através da verdade o caminho se abre para Brahman” – onde somente o amor e a verdade estão.

7.1.19 QUINTA-FEIRA, 11 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUINTA-FEIRA, 11 de julho de 1895 .

Sem amor materno nenhuma criação poderia continuar. Nada é inteiramente físico, nem inteiramente metafísico; um pressupõe o outro e explica o outro. Todos os teístas concordam que existe um pano de fundo para este universo visível, mas diferem quanto à natureza ou caráter desse pano de fundo. Os materialistas dizem que não há antecedentes.

Em todas as religiões o estado superconsciente é idêntico. Hindus, cristãos, maometanos, budistas e até mesmo aqueles que não têm credo, todos têm a mesma experiência quando transcendem o corpo. . . .

Os cristãos mais puros do mundo foram estabelecidos na Índia pelo apóstolo Tomé cerca de vinte e cinco anos após a morte de Jesus. Isso ocorreu enquanto os anglo-saxões ainda eram selvagens, pintando seus corpos e vivendo em cavernas. Os cristãos na Índia já somavam cerca de três milhões, mas agora são cerca de um milhão.

O Cristianismo é sempre propagado pela espada. Que maravilha que os discípulos de uma alma tão gentil matassem tanto! As três religiões missionárias são a budista, a muçulmana e a cristã. Os três mais antigos, o

Hinduísmo, o Judaísmo e o Zoroastrismo, nunca procuraram fazer conversões. Os budistas nunca mataram, mas converteram três quartos do mundo de uma só vez por pura gentileza.

Os budistas eram os agnósticos mais lógicos. Você realmente não pode parar em nenhum lugar entre o niilismo e o absolutismo. Os budistas eram intelectualmente destruidores de tudo, levando a sua teoria à sua questão lógica final. Os Advaitistas também elaboraram a sua teoria até à sua conclusão lógica e alcançaram o Absoluto – uma Substância Unitária identificada a partir da qual todos os fenómenos estão a ser manifestados. Tanto os budistas quanto os advaitistas têm um sentimento de identidade e de não-identidade ao mesmo tempo; um desses sentimentos deve ser falso e o outro verdadeiro. O niilista coloca a realidade na não-identidade, o realista coloca a realidade na identidade; e esta é a luta que ocupa o mundo inteiro. Este é o “cabo de guerra”.

O realista pergunta: “Como é que o niilista consegue alguma ideia de identidade?” Como a luz giratória parece um círculo? Somente um ponto de repouso explica o movimento. O niilista nunca poderá explicar a gênese da ilusão de que existe um pano de fundo; nem o idealista pode explicar como o Um se torna muitos. A única explicação deve vir de além do plano dos sentidos; devemos ascender ao superconsciente, a um estado inteiramente além da percepção sensorial. Esse poder metafísico é o instrumento adicional que só o idealista pode usar. Ele pode experimentar o Absoluto; o homem Vivekananda pode resolver-se no Absoluto e então voltar para o homem novamente. Para ele então o problema está resolvido e secundariamente para os outros, pois ele pode mostrar o caminho aos outros. Assim, a religião começa onde a filosofia termina. O “bem do mundo” será que o que agora é superconsciente para nós será, nos tempos vindouros, consciente para todos. A religião é, portanto, a obra mais elevada que o mundo possui; e porque o homem sentiu isso inconscientemente, ele se apegou, através de todos os tempos, à ideia de religião.

A religião, a grande vaca leiteira, já deu muitos chutes, mas não importa, ela dá muito leite. O leiteiro não se importa com o coice da vaca que dá muito leite. A religião é o maior filho que já nasceu, a grande “lua da

realização”; vamos alimentá-lo e ajudá-lo a crescer, e ele se tornará um gigante. O Rei Desejo e o Rei Conhecimento lutaram, e quando este último estava prestes a ser derrotado, ele se reconciliou com a Rainha Upanishad e um filho nasceu para ele, Realização, que lhe salvou a vitória. (Do Prabodha-chandrodaya, uma máscara védica em sânscrito.)

O amor concentra toda a força da vontade sem esforço, como quando um homem se apaixona por uma mulher.

O caminho da devoção é natural e agradável. A filosofia está recuperando a força do riacho da montanha. É um método mais rápido, mas muito difícil. A filosofia diz: “Verifique tudo”. A devoção diz: “Dê a corrente, tenha uma entrega eterna”. É um caminho mais longo, mas mais fácil e feliz.

"Teu sou eu para sempre; doravante, tudo o que eu fizer, serás tu quem o fará. Não existe mais eu ou meu."

"Não tendo dinheiro para dar, nem cérebro para aprender, nem tempo para praticar Yoga, a Ti, ó doce, eu me entrego, a Ti meu corpo e mente."

Nenhuma ignorância ou ideias erradas podem colocar uma barreira entre a alma e Deus. Mesmo que não exista Deus, ainda assim apegue-se ao amor. É melhor morrer buscando um Deus do que um cachorro buscando apenas carniça. Escolha o ideal mais elevado e entregue sua vida a isso. "Sendo a morte tão certa, é a coisa mais importante desistir da vida por um grande propósito."

O amor chegará sem dor à filosofia; então, depois do conhecimento, vem Parābhakti (devoção suprema).

O conhecimento é crítico e faz grande alarido sobre tudo; mas o Amor diz: "Deus me mostrará Sua verdadeira natureza" e aceita tudo.

RAIVA

Rabbia, doente na cama,

Por dois santos foi visitado —

Santo Malik, Hassan sábio —

Homens de destaque aos olhos muçulmanos.

Hassan disse: "Cuja oração é pura

Os castigos de Deus durarão."

Malik, de um sentido mais profundo

Contou sua experiência:

"Aquele que ama a escolha do seu mestre

Se alegrará no castigo.

Rabbia viu alguma vontade egoísta

Em suas máximas ainda persistentes,

E respondeu: "Ó homens de graça,

Aquele que vê o rosto de seu Mestre,

Não se lembrará em suas orações

Que ele é castigado!"

- Poema Persa

7.1.20 SEXTA-FEIRA, 12 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEXTA-FEIRA, 12 de julho de 1895 . (Comentário de Shankara.)

Quarto Vyasa Sutra. "Âtman (é) o objetivo de todos."

Ishvara deve ser conhecido pelo Vedanta; todos os Vedas apontam para Ele (Quem é a Causa; o Criador, Preservador e Destruidor). Ishvara é a unificação da Trindade, conhecida como Brahmâ, Vishnu e Shiva, que está

à frente do Panteão Hindu. “Tu és nosso Pai que nos leva para a outra margem do oceano escuro” (palavras do Discípulo ao Mestre).

Os Vedas não podem lhe mostrar Brahman, você já é Isso; eles só podem ajudar a tirar o véu que esconde a verdade dos nossos olhos. O primeiro véu a desaparecer é a ignorância; e quando isso acaba, o pecado vai embora; em seguida, o desejo cessa, o egoísmo termina e toda a miséria desaparece. Esta cessação da ignorância só pode ocorrer quando eu sei que Deus e eu somos um; em outras palavras, identifique-se com Atman, não com as limitações humanas. Desidentifique-se com o corpo e toda dor cessará. Este é o segredo da cura. O universo é um caso de hipnotização; deshipnotize-se e deixe de sofrer.

Para sermos livres temos que passar do vício à virtude e então nos livrar de ambos. Tamas será conquistado por Rajas, ambos serão submersos em Sattva; então vá além das três qualidades. Alcance um estado em que sua própria respiração seja uma oração.

Sempre que você aprender (ganhar alguma coisa) com as palavras de outro homem, saiba que você teve a experiência em uma existência anterior, porque a experiência é o único professor.

Com todos os poderes vem ainda mais miséria, então mate o desejo. Conseguir qualquer desejo é como enfiar um pedaço de pau num ninho de vespas. Vairâgya está descobrindo que os desejos são apenas bolas douradas de veneno.

“A mente não é Deus” (Shankara). "Tat tvam asi" "Aham Brahmâsmi" ("Aquele que és", "Eu sou Brahman"). Quando um homem percebe isso, todos os nós do seu coração são cortados, todas as suas dúvidas desaparecem”. O destemor não é possível enquanto tivermos até mesmo Deus sobre nós; devemos ser Deus. se você está separado de Deus, então você nunca poderá ser um com Ele, e vice-versa. Se pela virtude você estiver unido a Deus, quando isso cessar, a disjunção virá. A junção é eterna, e a virtude apenas ajuda a remover o véu. . Somos âzâd (livres), devemos perceber isso. “Quem o Eu escolhe” significa que somos o Eu e escolhemos a nós mesmos.

Ver depende de nossos próprios esforços ou depende de algo externo? Depende de nós mesmos; nossos esforços tiram a poeira, o espelho não muda. Não há conhecedor, conhecedor, nem conhecido. “Quem sabe que não sabe, sabe disso.” Quem tem uma teoria não sabe nada.

A ideia de que estamos vinculados é apenas uma ilusão.

A religião não é deste mundo; é "limpador do coração" e seu efeito neste mundo é secundário. A liberdade é inseparável da natureza do Atman. Isto é sempre puro, sempre perfeito, sempre imutável. Este Atman você nunca poderá conhecer. Não podemos dizer nada sobre o Atman, mas “isto não, isto não”.

"Brahman é aquilo que nunca podemos expulsar por qualquer poder da mente ou da imaginação." (Shankara).

* * *

O universo é pensamento, e os Vedas são as palavras desse pensamento. Podemos criar e descrever todo este universo. Repetindo as palavras, o pensamento invisível é despertado e, como resultado, é produzido um efeito visível. Esta é a afirmação de uma certa seita de Karmis. Eles pensam que cada um de nós é um criador. Pronuncie as palavras, surgirá o pensamento correspondente e o resultado se tornará visível. “O pensamento é o poder da palavra, a palavra é a expressão do pensamento”, diz Mimâmsakas, uma seita filosófica hindu.

7.1.21 SÁBADO, 13 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SÁBADO, 13 de julho de 1895 .

Tudo o que sabemos é um composto, e todo conhecimento sensorial vem através da análise. Pensar que a mente é simples, única ou independente é dualismo. A filosofia não se consegue estudando livros; quanto mais você lê livros, mais confusa fica a mente. A ideia dos filósofos irracionais era

que a mente era simples, e isso os levou a acreditar no livre arbítrio. A psicologia, a análise da mente, mostra que a mente é um composto, e cada composto deve ser mantido unido por alguma força externa; portanto, a vontade está vinculada à combinação de forças externas. O homem não pode nem querer comer a menos que esteja com fome. A vontade está sujeita ao desejo. Mas somos livres; todo mundo sente isso.

O agnóstico diz que esta ideia é uma ilusão. Então, como você prova o mundo? A sua única prova é que todos nós o vemos e sentimos; da mesma forma, todos nós sentimos liberdade. Se o consenso universal afirma este mundo, então deve ser aceite como uma afirmação da liberdade; mas a liberdade não depende da vontade como ela é. A crença constitucional do homem na liberdade é a base de todo raciocínio. A liberdade é da vontade como era antes de ser vinculada. A própria ideia de livre arbítrio mostra a cada momento a luta do homem contra a escravidão. O livre só pode ser um, o Incondicionado, o Infinito, o Ilimitado. A liberdade no homem é agora uma memória, uma tentativa de liberdade.

Tudo no universo está lutando para completar um círculo, para retornar à sua fonte, para retornar à sua única Fonte real, Atman. A busca pela felicidade é uma luta para encontrar o equilíbrio, para restaurar o equilíbrio. A moralidade é a luta da vontade vinculada para se libertar e é a prova de que viemos da perfeição. . . .

A ideia do dever é o sol do meio-dia da miséria que queima a própria alma. "Ó rei, beba esta gota de néctar e seja feliz." ("Eu não sou o fazedor", este é o néctar.)

Que haja ação sem reação; a ação é agradável, toda miséria é reação. A criança põe a mão na chama, isso é prazer; mas quando seu sistema reage, surge a dor da queimação. Quando pudermos parar essa reação, não teremos nada a temer. Controle o cérebro e não deixe que ele leia o disco; seja testemunha e não reaja, só assim você poderá ser feliz. Os momentos mais felizes que conhecemos são quando nos esquecemos completamente. Trabalhe por sua própria vontade, não por dever. Não temos nenhum dever. Este mundo é apenas um ginásio onde jogamos; nossa vida é um feriado eterno.

Todo o segredo da existência é não ter medo. Nunca tema o que será de você, não dependa de ninguém. Somente no momento em que você rejeita toda ajuda você é livre. A esponja cheia não consegue absorver mais.

* * *

Mesmo lutar em legítima defesa é errado, embora seja mais elevado do que lutar em agressão. Não existe indignação “justa”, porque a indignação vem de não reconhecer a mesmice em todas as coisas.

7.1.22 DOMINGO, 14 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

DOMINGO, 14 de julho de 1895 .

Filosofia na Índia significa aquilo através do qual vemos Deus, a lógica da religião; portanto, nenhum hindu jamais poderia pedir uma ligação entre religião e filosofia.

Concreto, generalizado e abstrato são as três etapas do processo da filosofia. A abstração mais elevada na qual todas as coisas concordam é o Um. Na religião temos primeiro símbolos e formas; a seguir, mitologias; e por último, filosofia. Os dois primeiros são por enquanto; a filosofia é a base subjacente de tudo, e as outras são apenas trampolins na luta para alcançar o Último.

Na religião ocidental, a ideia é que sem o Novo Testamento e sem Cristo não poderia haver religião. Uma crença semelhante existe no Judaísmo em relação a Moisés e aos Profetas, porque estas religiões dependem apenas da mitologia. A religião real, a mais elevada, eleva-se acima da mitologia; nunca pode descansar sobre isso. A ciência moderna realmente fortaleceu os fundamentos da religião. Que todo o universo é um é cientificamente demonstrável. O que os metafísicos chamam de “ser”, o físico chama de “matéria”, mas não há luta real entre os dois, pois ambos são um. Embora um átomo seja invisível, impensável, nele estão todo o poder e potência do

universo. Isso é exatamente o que o Vedantista diz sobre Atman. Todas as seitas estão realmente dizendo a mesma coisa com palavras diferentes.

O Vedanta e a ciência moderna postulam uma Causa autoevolutiva. Em si estão todas as causas. Tomemos por exemplo o oleiro moldando um vaso. O oleiro é a causa primordial, o barro a causa material e a roda a causa instrumental; mas o Atman é todos os três. Atman também é causa e manifestação. O Vedantista diz que o universo não é real, é apenas aparente. A natureza é Deus visto através da ignorância. Os panteístas dizem: Deus tornou-se a natureza ou este mundo; os Advaitistas afirmam que Deus está aparecendo como este mundo, mas Ele não é este mundo.

Só podemos conhecer a experiência como um processo mental, um fato na mente e também uma marca no cérebro. Não podemos empurrar o cérebro para trás ou para frente, mas podemos fazer a mente; pode estender-se por todos os tempos – passado, presente e futuro; e assim os fatos na mente são eternamente preservados. Todos os fatos já estão generalizados na mente, o que é onipresente. [98]

A grande conquista de Kant foi a descoberta de que “tempo, espaço e causalidade são modos de pensamento”, mas o Vedanta ensinou isso há muito tempo e chamou isso de “Maya”. Schopenhauer baseia-se apenas na razão e racionaliza os Vedas. . . . Shankara manteve a ortodoxia dos Vedas.

* * *

“Árvore” ou a ideia de “árvore”, encontrada entre as árvores é conhecimento, e o conhecimento mais elevado é Um. . . .

Deus pessoal é a última generalização do universo, apenas nebulosa, não clara e filosófica. . . .

A unidade é autoevolutiva, da qual tudo vem.

A ciência física é descobrir os fatos, a metafísica é o fio para amarrar as flores em um buquê. Toda abstração é metafísica; até colocar esterco na raiz de uma árvore envolve um processo de abstração. . . .

A religião inclui o concreto, o mais generalizado e a unidade última. Não se limite a particularizações. Vá ao princípio, ao Um. . . .

Os demônios são máquinas das trevas, os anjos são máquinas de luz; mas ambos são máquinas. Somente o homem está vivo. Quebre a máquina, encontre o equilíbrio [99] e então o homem poderá se tornar livre. Este é o único mundo onde o homem pode realizar a sua salvação.

“Quem o Eu escolhe” é verdade. A eleição é verdadeira, mas coloque-a dentro. Como doutrina externa e fatalista, é horrível.

7.1.23 SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEGUNDA-FEIRA, 15 de julho de 1895 .

Onde existe poliandria, como no Tibete, as mulheres são fisicamente mais fortes que os homens. Quando os ingleses vão para lá, essas mulheres carregam homens grandes montanha acima.

Em Malabar, embora lá não haja poliandria, as mulheres lideram em tudo. A limpeza excepcional é aparente em todos os lugares e há um maior impulso para o aprendizado. Quando estive naquele país, conheci muitas mulheres que falavam bem o sânscrito, enquanto no resto da Índia nem uma mulher em um milhão consegue falar esse idioma. O domínio eleva e a servidão rebaixa. Malabar nunca foi conquistado nem pelos portugueses nem pelos muçulmanos.

Os Dravidianos eram uma raça não-ariana da Ásia Central que precedeu os arianos, e os do sul da Índia eram os mais civilizados. As mulheres com eles eram mais altas que os homens. Posteriormente, eles se dividiram, alguns indo para o Egito, outros para a Babilônia e o restante permanecendo na Índia.

7.1.24 TERÇA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

TERÇA-FEIRA, 16 de julho de 1895 . (Shankara)

A “causa invisível” (ou massa de impressões sutis) nos leva ao sacrifício e à adoração, que por sua vez produzem resultados visíveis; mas para alcançar a libertação devemos primeiro ouvir, depois pensar ou raciocinar e depois meditar em Brahman.

O resultado das obras e o resultado do conhecimento são duas coisas diferentes. “Faça” e “Não faça” são o pano de fundo de toda moralidade, mas na verdade pertencem apenas ao corpo e à mente. Toda felicidade e miséria estão inextricavelmente ligadas aos sentidos, e o corpo é necessário para experimentá-las. Quanto mais elevado o corpo, mais elevado o padrão de virtude, até Brahma; mas todos têm corpos. Enquanto existir um corpo, deverá haver prazer e dor; somente quando alguém se livra do corpo é que pode escapar deles. O Atman não tem corpo, diz Shankara.

Nenhuma lei pode libertá-lo, você é livre. Nada pode lhe dar liberdade, se você ainda não a tiver. O Atman é autoiluminado. Causa e efeito não chegam lá, e essa desencarnação é liberdade. Além do que foi, ou é, ou será, está Brahman. Como efeito, a liberdade não teria valor; seria um composto e, como tal, conteria as sementes da escravidão. É o único fator real. Não deve ser alcançado, mas a verdadeira natureza da alma.

Trabalho e adoração, entretanto, são necessários para remover o véu, para levantar a escravidão e a ilusão. Eles não nos dão liberdade; mas mesmo assim, sem esforço de nossa parte não abrimos os olhos e vemos o que somos. Shankara diz ainda que Advaita-Vedanta é a maior glória dos Vedas; mas os Vedas inferiores também são necessários, porque ensinam trabalho e adoração, e através deles muitos chegam ao Senhor. Outros podem vir sem qualquer ajuda além de Advaita. Trabalho e adoração levam ao mesmo resultado que Advaita.

Os livros não podem ensinar Deus, mas podem destruir a ignorância; sua ação é negativa. Manter-se fiel aos livros e ao mesmo tempo abrir o caminho para a liberdade é a grande conquista de Shankara. Mas, afinal, é uma espécie de divisão de cabelo. Dê ao homem primeiro o concreto,

depois eleve-o ao mais alto, lentamente. Este é o esforço das várias religiões e explica a sua existência e porque cada uma é adequada a algum estágio de desenvolvimento. Os próprios livros fazem parte da ignorância que ajudam a dissipar. Seu dever é expulsar a ignorância que se abateu sobre o conhecimento. "A verdade expulsará a mentira." Você é livre e ele não pode fazer isso. Enquanto você tiver um credo, você não terá Deus. "Quem sabe que sabe, não sabe nada." Quem pode conhecer o Conhecedor? Existem dois fatos eternos, Deus e o universo, o primeiro imutável, o último mutável. O mundo existe eternamente. Onde sua mente não consegue compreender a quantidade de mudança, você a chama de eterna. . . . Você vê a pedra ou o baixo-relevo nela, mas não os dois ao mesmo tempo; no entanto, ambos são um.

* * *

Você consegue descansar mesmo que por um segundo? Todos os Yogis dizem que você pode. . .

O maior pecado é pensar que é fraco. Ninguém é maior: perceba que você é Brahman. Nada tem poder exceto o que você dá. Estamos além do sol, das estrelas, do universo. Ensine a divindade do homem. Negue o mal, não crie nenhum. Levante-se e diga: eu sou o mestre, o mestre de tudo. Forjamos a corrente e só nós podemos quebrá-la.

Nenhuma ação pode lhe dar liberdade; somente o conhecimento pode libertá-lo. O conhecimento é irresistível; a mente não pode aceitá-lo ou rejeitá-lo. Quando isso acontece, a mente tem que aceitá-lo; portanto, não é um trabalho da mente; apenas, sua expressão surge na mente.

Trabalho ou adoração é para trazê-lo de volta à sua própria natureza. É toda uma ilusão que o Ser seja o corpo; então, mesmo vivendo aqui no corpo, podemos ser livres. O corpo não tem nada em comum com o Eu. Ilusão é tomar o real pelo irreal – e não “absolutamente nada”.

7.1.25 QUARTA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUARTA-FEIRA, 17 de julho de 1895 .

Râmânúja divide o universo em Chit, Achit e Ishvara — homem, natureza e Deus; consciente, subconsciente e superconsciente. Shankara, ao contrário, diz que Chit, a alma, é igual a Deus. Deus é verdade, é conhecimento, é infinito; estas não são qualidades. Qualquer pensamento de Deus é uma qualificação, e tudo o que pode ser dito Dele é “Om tat sat”.

Shankara pergunta ainda: você consegue ver a existência separada de todo o resto? Onde está a diferenciação entre dois objetos? Não na percepção sensorial, caso contrário, tudo seria um nele. Temos que perceber em sequência. Ao obter conhecimento do que uma coisa é, obtemos também algo que ela não é. As diferenças ficam na memória e são obtidas por comparação com o que está armazenado ali. A diferença não está na natureza das coisas, está no cérebro. O homogêneo está fora, as diferenças estão dentro (na mente); então a ideia de “muitos” é a criação da mente.

As diferenças tornam-se qualidades quando estão separadas, mas unidas em um único objeto. Não podemos dizer positivamente o que é diferenciação. Tudo o que vemos e sentimos sobre as coisas é existência pura e simples, “existência”. Todo o resto está em nós. Ser é a única prova positiva que temos de qualquer coisa. Toda diferenciação é realmente “realidade secundária”, como a cobra na corda, porque a serpente também tinha uma certa realidade, na qual algo era visto, embora mal compreendido. Quando o conhecimento da corda se torna negativo, o conhecimento da cobra torna-se positivo e vice-versa; mas o fato de você ver apenas um não prova que o outro seja inexistente. A ideia de mundo é uma obstrução que cobre a ideia de Deus e deve ser removida, mas tem existência.

Shankara diz novamente: a percepção é a última prova de existência. É auto-refulgente e autoconsciente, porque para ir além dos sentidos ainda precisaríamos da percepção. A percepção é independente dos sentidos, de todos os instrumentos, incondicionada. Não pode haver percepção sem consciência; a percepção tem autoluminosidade, que em menor grau é chamada de consciência. Nenhum ato de percepção pode ser inconsciente; na verdade, a consciência é a natureza da percepção. Existência e percepção são uma coisa, não duas coisas unidas. Aquilo que não precisa de causa é infinito; então, como a percepção é a última prova de si mesma, ela é

eterna. É sempre subjetivo; a própria percepção é seu próprio percebedor. A percepção não está na mente, mas a percepção traz a mente. É absoluto, o único conhecedor, portanto a percepção é realmente o Atman. A própria percepção percebe, mas o Atman não pode ser um conhecedor, porque um “conhecedor” se torna tal pela ação do conhecimento; mas Shankara diz: “Este Atman não sou eu”, porque a consciência “eu sou” (Aham) não está no Atman. Somos apenas os reflexos desse Atman; e Atman e Brahman são um.

Quando você fala e pensa no Absoluto, você tem que fazê-lo no relativo; então todos esses argumentos lógicos se aplicam. No Yoga, percepção e realização são uma só. Vishishtâdvaita, do qual Ramanuja é o expoente, está vendo uma unidade parcial e é um passo em direção ao Advaita. Vishishtâ significa diferenciação. Prakriti é a natureza do mundo e a mudança ocorre com ela. Pensamentos transformadores expressos em palavras transformadoras nunca poderão provar o Absoluto. Você alcança apenas algo que não possui certas qualidades, e não o próprio Brahman; apenas uma unificação verbal, a abstração mais elevada, mas não a inexistência do relativo.

7.1.26 QUINTA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUINTA-FEIRA, 18 de julho de 1895 .

(A lição de hoje foi principalmente o argumento de Shankara contra a conclusão da filosofia Sâkhya.)

Os Sankhyas dizem que a consciência é um composto e, além disso, a última análise nos dá o Purusha, a Testemunha, mas que existem muitos Purushas – cada um de nós é um. Advaita, ao contrário, afirma que os Purushas podem ser apenas Um, que os Purusha não podem ser conscientes, inconscientes ou ter qualquer qualificação, pois ou essas qualidades se vinculariam ou eventualmente cessariam; portanto, o Um deve ser desprovido de quaisquer qualidades, até mesmo conhecimento, e não pode

ser a causa do universo ou de qualquer coisa. “No começo, apenas existência, Um sem segundo”, dizem os Vedas.

* * *

A presença de Sattva com conhecimento não prova que Sattva seja a causa do conhecimento; pelo contrário, Sattva evoca o que já existia no homem, assim como o fogo aquece uma bola de ferro colocada perto dele, despertando o calor latente nela, e não entrando na bola.

Shankara diz que o conhecimento não é uma escravidão, porque é a natureza de Deus. O mundo sempre existe, seja manifestado ou não; então existe um objeto eterno.

Jnâna-bala-kriyâ (conhecimento, poder, atividade) é Deus. Ele também não precisa da forma, porque o finito só precisa da forma para se interpor como uma obstrução para captar e reter o conhecimento infinito; mas Deus realmente não precisa de tal ajuda. Não existe “alma em movimento”, existe apenas um Atman. Jiva (alma individual) é o governante consciente deste corpo, em quem os cinco princípios da vida se unem, e ainda assim esse próprio Jiva é o Atman, porque tudo é Atman. O que você pensa sobre isso é ilusão sua e não no Jiva. Você é Deus, e tudo o mais que você possa pensar está errado. Você deve adorar o Ser em Krishna, não Krishna como Krishna. Somente adorando o Ser a liberdade pode ser conquistada. Mesmo o Deus pessoal é apenas o Eu objetivado. “A busca intensa pela minha própria realidade é Bhakti”, diz Shankara.

Todos os meios que utilizamos para chegar a Deus são verdadeiros; é como tentar encontrar a estrela polar localizando-a através das estrelas que a rodeiam.

* * *

O Bhagavad-Gita é a maior autoridade em Vedanta.

27 SEXTA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEXTA-FEIRA, 19 de julho de 1895 .

Enquanto eu disser “você”, tenho o direito de falar de Deus nos protegendo. Quando vejo outro, devo assumir todas as consequências e colocar o terceiro, o ideal, que está entre nós; esse é o vértice do triângulo. O vapor torna-se neve, depois água e depois Ganga; mas quando é vapor, não há Ganga, e quando é água, pensamos que não há vapor nele. A ideia de criação ou mudança está inseparavelmente ligada à vontade. Enquanto percebermos este mundo em movimento, teremos de conceber a vontade por trás dele. A física prova a completa ilusão dos sentidos; nada realmente é como sempre ver, ouvir, sentir, cheirar, provar. Certas vibrações que produzem certos resultados afetam os nossos sentidos; conhecemos apenas a verdade relativa.

A palavra sânscrita para verdade é “isidade” (Sat). Do nosso ponto de vista atual, este mundo nos aparece como vontade e consciência. O Deus pessoal é uma entidade para si mesmo tanto quanto nós somos para nós mesmos, e nada mais. Deus também pode ser visto como uma forma, assim como nós somos vistos. Como homens, devemos ter um Deus; como Deus, não precisamos de ninguém. É por isso que Shri Ramakrishna via constantemente a Mãe Divina sempre presente com ele, mais real do que qualquer outra coisa ao seu redor; mas em Samâdhi tudo foi, exceto o Ser. O Deus Pessoal se aproxima cada vez mais até que Ele se desfaça, e não há mais Deus Pessoal e nem mais “eu”, tudo está fundido no Ser.

A consciência é uma escravidão. O argumento do design afirma que a inteligência precede a forma; mas se a inteligência é a causa de alguma coisa, ela mesma é, por sua vez, um efeito. É Maia. Deus nos cria, e nós criamos Deus, e este é Maya. O círculo está ininterrupto; a mente cria o corpo e o corpo cria a mente; o ovo traz a galinha, a galinha o ovo; a árvore é a semente, a semente é a árvore. O mundo não é totalmente diferenciado nem totalmente homogêneo. O homem é livre e deve elevar-se acima de ambos os lados. Ambos estão certos em seus devidos lugares; mas para alcançar a verdade, o “ser”, devemos transcender tudo o que sabemos agora sobre a existência, a vontade, a consciência, o fazer, o ir, o saber. Não existe individualidade real do Jiva (alma separada); eventualmente, como um

composto, se desintegrará. Somente aquilo que está além de uma análise mais aprofundada é “simples”, e somente isso é verdade, liberdade, imortalidade, bem-aventurança. Todas as lutas pela preservação desta individualidade ilusória são na verdade vícios. Todas as lutas para perder esta individualidade são virtudes. Tudo no universo está tentando quebrar essa individualidade, seja consciente ou inconscientemente. Toda moralidade é baseada na destruição da separatividade ou da falsa individualidade, porque essa é a causa de todo pecado. A moralidade existe primeiro; mais tarde, a religião o codifica. Os costumes vêm primeiro e depois a mitologia vem para explicá-los. Enquanto as coisas acontecem, elas obedecem a uma lei superior à do raciocínio; que surge mais tarde na tentativa de compreendê-los. O raciocínio não é a força motriz, é "ruminar" depois. A razão é a historiadora das ações dos seres humanos.

* * *

Buda foi um grande vedantista (pois o budismo era apenas uma ramificação do Vedanta), e Shankara é frequentemente chamado de “budista oculto”. Buda fez a análise, Shankara fez a síntese disso. Buda nunca se curvou a nada – nem aos Vedas, nem às castas, nem aos sacerdotes, nem aos costumes. Ele raciocinou destemidamente até onde a razão poderia levá-lo. Uma busca destemida pela verdade e um amor por todos os seres vivos que o mundo nunca viu. Buda era o Washington do mundo religioso; ele conquistou um trono apenas para dá-lo ao mundo, como Washington fez ao povo americano. Ele não buscou nada para si mesmo.

7.1.28 SÁBADO, 20 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SÁBADO, 20 de julho de 1895 .

A percepção é nosso único conhecimento ou religião real. Falar sobre isso por muito tempo nunca nos fará conhecer a nossa alma. Não há diferença entre teorias e ateísmo. Na verdade, o ateu é o homem mais verdadeiro. Cada passo que dou na luz é meu para sempre. Quando você vai a um país e o vê, então ele é seu. Cada um de nós tem que ver por si mesmo; os

professores só podem “trazer a comida”, temos que comê-la para nos alimentarmos. O argumento nunca pode provar Deus, exceto como uma conclusão lógica.

É impossível encontrar Deus fora de nós mesmos. Nossas próprias almas contribuem com toda a divindade que está fora de nós. Somos o maior templo. A objetificação é apenas uma tênue imitação do que vemos dentro de nós.

A concentração dos poderes da mente é o nosso único instrumento para nos ajudar a ver Deus. Se você conhece uma alma (a sua), você conhece todas as almas, passadas, presentes e futuras. A vontade concentra a mente, certas coisas excitam e controlam esta vontade, como a razão, o amor, a devoção, a respiração. A mente concentrada é uma lâmpada que nos mostra cada recanto da alma.

Nenhum método pode servir a todos. Esses diferentes métodos não são etapas necessárias a serem executadas uma após a outra. Os cerimoniais são a forma mais baixa; em seguida Deus externo, e depois Deus interno. Em alguns casos, a gradação pode ser necessária, mas em muitos casos, apenas uma forma é necessária. Seria o cúmulo da tolice dizer a todos: “Vocês devem passar por Karma e Bhakti antes de alcançar Jnana”.

Atenha-se à sua razão até alcançar algo mais elevado; e você saberá que é mais elevado, porque não irá contrariar a razão. O estágio além da consciência é a inspiração (Samadhi); mas nunca confunda transes histéricos com transes reais. É terrível reivindicar falsamente esta inspiração, confundir instinto com inspiração. Não existe teste externo para inspiração, nós mesmos sabemos disso; nosso guardião contra o erro é negativo – a voz da razão. Toda religião vai além da razão, mas a razão é o único guia para chegar lá. O instinto é como o gelo, a razão é a água e a inspiração é a forma ou vapor mais sutil; um segue o outro. Em toda parte existe esta sequência eterna – inconsciência, consciência, inteligência – matéria, corpo, mente – e para nós parece que a cadeia começou com o elo específico ao qual nos apegamos pela primeira vez. Os argumentos de ambos os lados têm peso igual e ambos são verdadeiros. Devemos ir além de ambos, até onde não existe nem um nem outro. Estas sucessões são todas maias.

A religião está acima da razão, sobrenatural. Fé não é crença, é a compreensão do Último, uma iluminação. Primeiro ouça, depois raciocine e descubra tudo o que a razão pode dar sobre o Atman; deixe a inundação da razão fluir sobre Ele, então pegue o que resta. Se não sobrar nada, graças a Deus você escapou de uma superstição. Quando você tiver determinado que nada pode tirar o Atman, que Ele resiste a todos os testes, apegue-se a isso e ensine-o a todos. A verdade não pode ser parcial; é para o bem de todos. Finalmente, em perfeito descanso e paz, medite Nele, concentre sua mente Nele, torne-se um com Ele. Então não há necessidade de discurso; o silêncio carregará a verdade. Não gaste sua energia falando, mas medite em silêncio; e não deixe que a agitação do mundo exterior o perturbe. Quando sua mente está no estado mais elevado, você não tem consciência disso. Acumule poder em silêncio e torne-se um dínamo de espiritualidade. O que um mendigo pode dar? Só um rei pode dar, e ele só quando não quer nada.

Mantenha seu dinheiro apenas como guardião do que é de Deus. Não tenha apego por isso. Deixe o nome, a fama e o dinheiro irem; eles são uma escravidão terrível. Sinta a maravilhosa atmosfera de liberdade. Você é livre, livre, livre! Oh, abençoado sou eu! Liberdade sou eu! Eu sou o Infinito! Em minha alma não consigo encontrar começo nem fim. Tudo é meu Eu. Diga isso incessantemente.

7.1.29 DOMINGO, 21 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

DOMINGO, 21 de julho de 1895 . (Aforismos de Yoga de Patanjali)

Yoga é a ciência que impede Chitta (mente) de invadir Vrittis (modificações). A mente é uma mistura de sensações e sentimentos, ou ação e reação; portanto não pode ser permanente. A mente tem um corpo sutil e através dele atua no corpo grosseiro. O Vedanta diz que por trás da mente está o verdadeiro Eu. Aceita os outros dois, mas postula um terceiro, o Eterno, o Último, em última análise, a unidade, onde não há mais composto. O nascimento é recomposição, a morte é decomposição, e a análise final é

onde se encontra Atman; não havendo mais divisão possível, o perdurável é alcançado.

Todo o oceano está presente atrás de cada onda, e todas as manifestações são ondas, algumas muito grandes, outras pequenas; no entanto, todos são o oceano na sua essência, o oceano inteiro; mas como ondas cada uma é uma parte. Quando as ondas se acalmam, então tudo é um; “um espectador sem espetáculo”, diz Patanjali. Quando a mente está ativa, o Atman se confunde com ela. A repetição de formas antigas em rápida sucessão é memória.

Seja desapegado. Conhecimento é poder, e conseguindo um você consegue o outro. Pelo conhecimento você pode até banir o mundo material. Quando você consegue se livrar mentalmente de uma qualidade após a outra de qualquer objeto até que todas desapareçam, você pode, à vontade, fazer com que o próprio objeto desapareça de sua consciência.

Aqueles que estão prontos avançam muito rapidamente e podem se tornar Yogis em seis meses. Os menos desenvolvidos podem levar vários anos; e qualquer pessoa, por meio de trabalho fiel, abandonando todo o resto e dedicando-se exclusivamente à prática, pode alcançar a meta em doze anos. Bhakti o levará até lá sem nenhuma dessas ginásticas mentais, mas é um caminho mais lento.

Ishvara é o Atman visto ou compreendido pela mente. Seu nome mais elevado é Om; portanto, repita-o, medite nele e pense em toda a sua natureza e atributos maravilhosos. Repetir o Om continuamente é a única adoração verdadeira. Não é uma palavra, é o próprio Deus.

A religião não lhe traz nada de novo; apenas remove obstáculos e permite que você veja a si mesmo. A doença é o primeiro grande obstáculo; um corpo saudável é o melhor instrumento. A melancolia é uma barreira quase intransponível. Se você já conheceu Brahman, nunca mais poderá ficar melancólico. Dúvida, falta de perseverança, ideias equivocadas são outros obstáculos.

* * *

Prânas são energias sutis, fontes de movimento. São dez ao todo, cinco internos e cinco externos. Uma grande corrente flui para cima e a outra para baixo. Prânâyâma é controlar os Pranas através da respiração. A respiração é o combustível, o Prana é o vapor e o corpo é o motor. Pranayama tem três partes: Puraka (inspirar), Kumbhaka (prender a respiração), Rechaka (expirar). . . .

O Guru é o meio de transporte pelo qual a influência espiritual é trazida até você. Qualquer um pode ensinar, mas o espírito deve ser transmitido pelo Guru ao Shishya (discípulo), e este frutificará. A relação entre os Shishyas é de fraternidade, e isso é realmente aceito por lei na Índia. O Guru transmite o poder do pensamento, o Mantra, que recebeu daqueles que o precederam; e nada pode ser feito sem um Guru. Na verdade, surge um grande perigo. Geralmente sem um Guru, estas práticas de Yoga levam à luxúria; mas com um, isso raramente acontece. Cada Ishta possui um Mantra. O Ishta é o ideal peculiar ao adorador em particular; o Mantra é a palavra externa para expressá-lo. A repetição constante da palavra ajuda a fixar firmemente o ideal na mente. Este método de adoração prevalece entre os devotos religiosos em toda a Índia.

7.1.30 TERÇA-FEIRA, 23 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

TERÇA-FEIRA, 23 de julho de 1895 . (Bhagavad-Gita, Karma-Yoga)

Para alcançar a libertação através do trabalho, junte-se ao trabalho, mas sem desejo, sem buscar nenhum resultado. Esse trabalho leva ao conhecimento, que por sua vez traz emancipação. Desistir do trabalho antes que você perceba leva à miséria. O trabalho feito para o Ser não cria nenhuma escravidão. Não deseje o prazer nem tema a dor do trabalho. São a mente e o corpo que funcionam, não eu. Diga isso a si mesmo incessantemente e perceba isso. Tente não saber que você trabalha.

Faça tudo como sacrifício ou oferta ao Senhor. Esteja no mundo, mas não seja dele, como a folha de lótus cujas raízes estão na lama, mas que permanece sempre pura. Deixe o seu amor ir para todos, não importa o que

façam com você. Um homem cego não pode ver as cores, então como podemos ver o mal se ele não estiver em nós? Comparamos o que vemos fora com o que encontramos em nós mesmos e julgamos de acordo. Se formos puros, não podemos ver a impureza. Pode existir, mas não para nós. Veja apenas Deus em cada homem, mulher e criança; vemos isso através do antarjyotis, “luz interior”, e vendo isso, não podemos ver mais nada. Não queira este mundo, porque o que você deseja você consegue. Busque ao Senhor e somente ao Senhor. Quanto mais poder houver, mais escravidão, mais medo. Quão mais amedrontados e miseráveis estamos nós do que a formiga! Saia de tudo e venha para o Senhor. Busque a ciência do criador e não a do feito.

"Eu sou o executor e a ação." "Aquele que consegue conter a onda de luxúria e raiva é um grande Yogi."

"Somente pela prática e pelo desapego podemos conquistar a mente." . . .

Nossos ancestrais hindus sentaram-se e pensaram em Deus e na moralidade, e também temos cérebros para usar para os mesmos fins; mas na pressa de tentar obter ganhos, é provável que os percamos novamente.

* * *

O corpo tem em si um certo poder de cura e muitas coisas podem despertar esse poder curativo em ação, como condições mentais, ou remédios, ou exercícios, etc. ajuda de agências físicas. Só depois de nos livrarmos da escravidão aos nervos é que poderemos desconsiderá-los.

Existe a mente inconsciente, mas está abaixo da consciência, que é apenas uma parte do organismo humano. A filosofia é um trabalho de adivinhação sobre a mente. A religião baseia-se no contato sensorial, na visão, a única base do conhecimento. O que entra em contato com a mente superconsciente é um fato. Âptas são aqueles que “sentiram” a religião. A prova é que se você seguir o método deles, você também verá. Cada ciência requer métodos e instrumentos específicos. Um astrônomo não pode mostrar os anéis de Saturno com a ajuda de todas as panelas e potes da cozinha. Ele precisa de um telescópio. Assim, para ver os grandes fatos da religião, devem ser seguidos os métodos daqueles que já viram. Quanto

maior a ciência, mais variados são os meios de estudá-la. Antes de irmos ao mundo, Deus providenciou os meios para sairmos; então tudo o que precisamos fazer é encontrar os meios. Mas não brigue por métodos. Procure apenas a realização e escolha o melhor método que encontrar para você. Coma as mangas e deixe o resto brigar pela cesta. Veja Cristo, então você será um cristão. Todo o resto é conversa; quanto menos falar, melhor.

A mensagem faz o mensageiro. O Senhor faz o templo; não o contrário.

Aprenda até que “a glória do Senhor brilhe em seu rosto”, como brilhou no rosto de Shvetaketu.

Adivinhar contra adivinhar faz lutar; mas fale sobre o que você foi, e nenhum coração humano poderá resistir. Paulo foi convertido contra a sua vontade pela realização.

TERÇA FEIRA À TARDE. (Depois do jantar houve uma breve conversa durante a qual o Swami disse:)

A ilusão cria a ilusão. A ilusão cria a si mesma e se destrói, assim é Maya. Todo o conhecimento (assim chamado), sendo baseado em Maya, é um círculo vicioso e, com o tempo, esse mesmo conhecimento se destrói. “Solte a corda”, a ilusão não pode tocar o Atman. Quando seguramos a corda – nos identificamos com Maya – ela tem poder sobre nós. Deixe de lado, seja apenas a Testemunha, então você poderá admirar a imagem do universo imperturbável.

7.1.31 QUARTA-FEIRA, 24 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUARTA-FEIRA, 24 de julho de 1895 .

Os poderes adquiridos pela prática do Yoga não são obstáculos para o Yogi que é perfeito, mas estão aptos a sê-lo para o iniciante, através da admiração e do prazer provocados pelo seu exercício. Siddhis são os poderes que marcam o sucesso na prática; e podem ser produzidos por diversos meios,

como a repetição de um Mantra, pela prática de Yoga, pela meditação, pelo jejum ou mesmo pelo uso de ervas e medicamentos. O Iogue, que conquistou todo o interesse pelos poderes adquiridos e que renuncia a todas as virtudes decorrentes de suas ações, entra na “nuvem da virtude” (nome de um dos estados de Samadhi) e irradia santidade como uma nuvem chove água.

A meditação está em uma série de objetos, a concentração está em um objeto.

A mente é conhecida pelo Atman, mas não é autoiluminada. O Atman não pode ser a causa de nada. Como pode ser? Como pode o Purusha unir-se à Prakriti (natureza)? Isso não; pensa-se apenas ilusoriamente que o faça. . . .

Aprenda a ajudar sem sentir pena ou sentir que existe alguma miséria. Aprenda a ser igual com o inimigo e com o amigo; então, quando você puder fazer isso e não tiver mais nenhum desejo, o objetivo será alcançado.

Corte a figueira do desejo com o machado do desapego e ela desaparecerá completamente. É tudo ilusão. "Aquele de quem caíram a praga e a ilusão, aquele que conquistou os males da associação, só ele é âzâd (livre)."

Amar alguém pessoalmente é escravidão. Ame a todos da mesma forma, então todos os desejos desaparecem.

O tempo, o “comedor de tudo”, chega e tudo tem que ir embora. Por que tentar melhorar a terra, pintar a borboleta? Tudo tem que acabar finalmente. Não sejam meros ratos brancos numa esteira, trabalhando sempre e nunca realizando nada. Todo desejo está repleto de maldade, seja o desejo em si bom ou mau. É como um cachorro pulando em busca de um pedaço de carne que está sempre se afastando de seu alcance e, finalmente, morrendo como um cachorro. Não seja assim. Corte todo desejo.

* * *

Paramâtman como governante de Maya é Ishvara; Paramâtman, como sob Maya, é Jivâtman. Maya é a soma total da manifestação e desaparecerá completamente.

A natureza da árvore é Maya, é realmente a natureza de Deus que vemos sob o véu de Maya. O “porquê” de qualquer coisa está em Maya. Perguntar por que Maya veio é uma pergunta inútil, porque a resposta nunca poderá ser dada em Maya, e além de Maya, quem a perguntará? O mal cria o “porquê”, não o “porquê” do mal, e é o mal que pergunta o “porquê”. A ilusão destrói a ilusão. A própria razão, sendo baseada na contradição, é um círculo e deve matar-se. A percepção sensorial é uma inferência e, ainda assim, toda inferência vem da percepção.

Vê-se a ignorância refletindo a luz de Deus; mas por si só é zero. A nuvem não apareceria exceto quando a luz do sol incidisse sobre ela.

Havia quatro viajantes que chegaram a um muro alto. O primeiro subiu com dificuldade até o topo e, sem olhar para trás, saltou. O segundo subiu a parede, olhou e desapareceu com um grito de alegria. O terceiro, por sua vez, subiu ao topo, olhou para onde os companheiros haviam ido, riu de alegria e os seguiu. Mas o quarto voltou para contar o que havia acontecido aos seus companheiros de viagem. O sinal para nós de que existe algo além é a risada que ressoa daqueles grandes seres que saltaram do muro de Maya.

* * *

Separarmo-nos do Absoluto e atribuímos certas qualidades a Ele nos dá Ishvara. É a Realidade do universo vista através de nossa mente. O diabo pessoal é a miséria do mundo vista através das mentes dos supersticiosos.

7.1.32 QUINTA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUINTA-FEIRA, 25 de julho de 1895 . (Aforismos de Yoga de Patanjali)

“As coisas podem ser feitas, feitas ou aprovadas”, e o efeito sobre nós é quase igual.

A continência completa proporciona grande poder intelectual e espiritual. O Brahmachârin deve ser sexualmente puro em pensamento, palavra e ação.

Perder o respeito pelo corpo; livre-se da consciência disso tanto quanto possível.

Âsana (postura) deve ser firme e agradável; e a prática constante, identificando a mente com o Infinito, fará com que isso aconteça.

A atenção contínua a um objeto é contemplação.

Quando uma pedra é atirada em água parada, formam-se muitos círculos, cada um distinto, mas todos interagindo; o mesmo ocorre com nossas mentes; somente em nós a ação é inconsciente, enquanto no Yogue ela é consciente. Somos aranhas em uma teia, e a prática de Yoga nos permitirá, como a aranha, passar qualquer fio da teia que desejarmos. Os não-iogues estão vinculados ao local específico onde estão.

* * *

Ferir outra pessoa cria escravidão e esconde a verdade. As virtudes negativas não são suficientes; temos que conquistar Maya, e então ela nos seguirá. Só merecemos as coisas quando elas deixam de nos vincular. Quando a escravidão cessa, real e verdadeiramente, todas as coisas vêm até nós. Somente aqueles que não querem nada são senhores da natureza.

Refugie-se em alguma alma que já quebrou sua escravidão e, com o tempo, ela o libertará por meio de sua misericórdia. Mais elevado ainda é refugiar-se no Senhor (Ishvara), mas é o mais difícil; apenas uma vez em cada século é possível encontrar alguém que realmente tenha feito isso. Não sinta nada, não saiba nada, não faça nada, não tenha nada, entregue tudo a Deus e diga totalmente: “seja feita a tua vontade”. Nós apenas sonhamos com essa escravidão. Acorde e deixe passar. Refugie-se em Deus, só assim poderemos atravessar o deserto de Maya. "Solte seu domínio, Sannyasin ousado, diga, Om tat sat, Om!"

É nosso privilégio poder ser caridoso, pois só assim poderemos crescer. O pobre sofre para que possamos ser ajudados; deixe o doador se ajoelhar e agradecer, deixe o receptor se levantar e permitir. Veja o Senhor por trás de cada ser e dê a Ele. Quando deixamos de ver o mal, o mundo deve acabar para nós, pois livrar-nos desse erro é o seu único objetivo. Pensar que existe

alguma imperfeição a cria. Somente pensamentos de força e perfeição podem curá-lo. Faça o bem que puder, algum mal será inerente a ele; mas faça tudo sem levar em conta o resultado pessoal, entregue todos os resultados ao Senhor, então nem o bem nem o mal o afetarão.

Trabalhar não é religião, mas o trabalho bem feito leva à liberdade. Na realidade, toda piedade é escuridão, porque de quem ter pena? Você pode ter pena de Deus? E há mais alguma coisa? Agradeça a Deus por lhe dar este mundo como um ginásio moral para ajudar no seu desenvolvimento, mas nunca imagine que você pode ajudar o mundo. Seja grato àquele que o amaldiçoa, pois ele lhe dá um espelho para mostrar o que é a maldição, também uma chance de praticar o autodomínio; então abençoe-o e fique feliz. Sem exercício, o poder não pode surgir; sem o espelho, não podemos nos ver.

A imaginação impura é tão ruim quanto a ação impura. O desejo controlado leva ao resultado mais elevado. Transforme a energia sexual em energia espiritual, mas não castre, porque isso é jogar fora o poder. Quanto mais forte for essa força, mais poderá ser feito com ela. Somente uma poderosa corrente de água pode realizar a mineração hidráulica.

O que precisamos hoje é saber que existe um Deus e que podemos vê-lo e senti-lo aqui e agora. Um professor de Chicago diz: “Cuide deste mundo, Deus cuidará do próximo”. Que absurdo! Se podemos cuidar deste mundo, que necessidade de um Senhor gratuito para cuidar do outro!

7.1.33 SEXTA-FEIRA, 26 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEXTA-FEIRA, 26 de julho de 1895. (Brihadânyakopanishad.)

Ame todas as coisas somente através e para si mesmo. Yâjnavalkya disse a Maitreyi, sua esposa: “Através do Atman conhecemos todas as coisas”. O Atman nunca pode ser objeto de conhecimento, nem o Conhecedor pode ser conhecido. Aquele que sabe que é o Atman, é lei para si mesmo. Ele sabe que é o universo e seu criador. . . .

Perpetuar velhos mitos na forma de alegorias e dar-lhes importância indevida alimenta a superstição e é realmente uma fraqueza. A verdade não deve ter compromisso. Ensine a verdade e não peça desculpas por nenhuma superstição; nem arraste a verdade ao nível do ouvinte.

7.1.34 SÁBADO, 27 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SÁBADO, 27 de julho de 1895 . (Kathopanishad)

Não aprenda a verdade do Ser, exceto com alguém que a realizou; em todos os outros é mera conversa. A realização está além da virtude e do vício, além do futuro e do passado; além de todos os pares de opostos. "O imaculado vê o Eu, e uma calma eterna surge na Alma." Falar, discutir e ler livros, os voos mais elevados do intelecto, os próprios Vedas, tudo isso não pode dar conhecimento do Ser.

Em nós há dois – a alma de Deus e a alma do homem. Os sábios sabem que este último é apenas a sombra, que o primeiro é o único Sol real.

A menos que juntemos a mente aos sentidos, não receberemos nenhum relatório dos olhos, nariz, ouvidos, etc. Os órgãos externos são usados pelo poder da mente. Não deixe os sentidos saírem, e então você poderá se livrar do corpo e do mundo externo.

Este mesmo “x” que vemos aqui como um mundo externo, os que partiram vêem como o céu ou o inferno de acordo com seus próprios estados mentais. Aqui e no futuro há dois sonhos, o último modelado no primeiro; livre-se de ambos, tudo é onipresente, tudo é agora. A natureza, o corpo e a mente morrem, não nós; nunca vamos nem voltamos. O homem Swami Vivekananda está na natureza, nasce e morre; mas o eu que vemos como Swami Vivekananda nunca nasce e nunca morre. É a Realidade eterna e imutável.

O poder da mente é o mesmo, quer a dividamos em cinco sentidos, quer vejamos apenas um. Um cego diz: “Tudo tem um eco distinto, então eu bato

palmas e recebo esse eco, e então posso contar tudo o que está ao meu redor”. Assim, num nevoeiro, o cego pode conduzir com segurança o homem que vê. Nevoeiro ou escuridão não fazem diferença para ele.

Controle a mente, elimine os sentidos, então você será um Yogi; depois disso, todo o resto virá. Recuse-se a ouvir, ver, cheirar, provar; tirar o poder mental dos órgãos externos. Você faz isso continuamente inconscientemente, como quando sua mente está absorvida; para que você possa aprender a fazer isso conscientemente. A mente pode colocar os sentidos onde quiser. Livre-se da superstição fundamental de que somos obrigados a agir através do corpo. Nós não somos. Vá para o seu próprio quarto e tire os Upanishads do seu próprio Eu. Você é o maior livro que já existiu ou existirá, o depositário infinito de tudo o que existe. Até que o professor interior se abra, todo ensinamento externo será em vão. Deve levar à abertura do livro do coração para ter algum valor.

A vontade é a “voz mansa e delicada”, o verdadeiro Governante que diz “faça” e “não faça”. Fez tudo o que nos une. A vontade ignorante leva à escravidão, a vontade consciente pode nos libertar. A vontade pode ser fortalecida de milhares de maneiras; todos os sentidos são uma espécie de Yoga, mas o Yoga sistematizado realiza o trabalho mais rapidamente. Bhakti, Karma, Raja e Jnana-Yoga superam o terreno com mais eficiência. Coloque todos os poderes, filosofia, trabalho, oração, meditação - empurre todas as velas, coloque toda a força - alcance a meta. Quanto antes melhor. . .

O batismo é a purificação externa que simboliza o interno. É de origem budista.

A Eucaristia é uma sobrevivência de um costume muito antigo de tribos selvagens. Às vezes matavam seus grandes chefes e comiam sua carne para obter em si mesmos as qualidades que tornavam seus líderes grandes. Eles acreditavam que dessa forma as características que tornavam o chefe corajoso e sábio passariam a ser suas e tornariam toda a tribo corajosa e sábia, em vez de apenas um homem. O sacrifício humano também era uma ideia judaica e que se apegou a eles apesar de muitos castigos de Jeová. Jesus era gentil e amoroso, mas para encaixá-lo nas crenças judaicas, a ideia do sacrifício humano, na forma de expiação ou como bode expiatório

humano, teve que surgir. Essa ideia cruel fez com que o cristianismo se afastasse dos ensinamentos do próprio Jesus e se desenvolvesse. um espírito de perseguição e derramamento de sangue. . . .

Diga: “é minha natureza”, nunca diga: “É meu dever” – fazer qualquer coisa.

"Só a verdade triunfa, não a mentira." Permaneça na Verdade e você terá Deus.

* * *

Desde os primeiros tempos na Índia, a casta brâmane manteve-se acima de qualquer lei; eles afirmam ser deuses. Eles são pobres, mas a sua fraqueza é que procuram o poder. Aqui estão cerca de sessenta milhões de pessoas que são boas e morais e não possuem propriedades, e são o que são porque desde o seu nascimento foram ensinadas que estão acima da lei, acima da punição. Sentem-se “nascidos duas vezes”, filhos de Deus.

7.1.35 DOMINGO, 28 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

DOMINGO, 28 de julho de 1895 . (Avadhuta Gita ou "Canção do Purificado" de Dattâtreyâ (Dattatreya, filho de Atri e Anasuyâ, era uma encarnação de Brahmâ, Vishnu e Shiva.))

"Todo conhecimento depende da calma da mente."

"Aquele que preencheu o universo, Aquele que é o Eu em si mesmo, como devo saudá-lo!"

Conhecer o Atman como minha natureza é tanto conhecimento quanto realização. "Eu sou Ele, não há a menor dúvida disso."

"Nenhum pensamento, nenhuma palavra, nenhuma ação cria uma escravidão para mim. Estou além dos sentidos, sou conhecimento e

felicidade."

Não existe existência nem inexistência, tudo é Atman. Livre-se de todas as ideias de relatividade; livre-se de todas as superstições; deixe a casta e o nascimento e os Devas e tudo mais desaparecerem. Por que falar de ser e de se tornar? Pare de falar de dualismo e Advaitismo! Quando vocês eram dois, que falavam de dois ou de um? O universo é este Santo e somente Ele. Não fale de Yoga para torná-lo puro; você é puro por sua própria natureza. Ninguém pode te ensinar.

Homens como ele, que escreveu essa música, são o que mantém a religião viva. Eles realmente perceberam; eles não se importam com nada, não sentem nada sendo feito ao corpo, não se importam com o calor e o frio ou com o perigo ou qualquer coisa assim. Eles ficam quietos e desfrutam da bem-aventurança de Atman, enquanto carvões em brasa queimam seus corpos, e eles não os sentem.

"Quando a tríplice escravidão do conhecedor, do conhecimento e do conhecido cessa, surge o Atman."

"Onde cessa a ilusão da escravidão e da liberdade, aí está o Atman."

"E se você controlou a mente, e se não o fez? E se você tiver dinheiro, e se não tiver? Você é o Atman sempre puro. Diga: 'Eu sou o Atman. Nenhuma escravidão jamais chegou perto de mim. Eu sou o céu imutável; as nuvens da crença podem passar sobre mim, mas não me tocam.'"

"Queime a virtude, queime o vício. Liberdade é conversa de bebê. Eu sou esse Conhecimento imortal. Eu sou essa pureza."

"Ninguém jamais foi preso, ninguém jamais foi livre. Não existe ninguém além de mim. Eu sou o Infinito, o Sempre Livre. Não fale comigo! O que pode me mudar, a essência do conhecimento! Quem pode ensinar, quem pode ser ensinado?"

Jogue o argumento, jogue a filosofia na vala.

"Só um escravo vê escravos, a ilusão iludida, a impureza impura."

A causalidade do lugar e do tempo são todas ilusões. É a sua doença que você pensa que está preso e será livre. Você é o Imutável. Não fale. Sente-se e deixe todas as coisas derreterem, elas são apenas sonhos. Não há diferenciação, nem distinção, é tudo superstição; portanto, fique em silêncio e saiba o que você é.

"Eu sou a essência da felicidade." Não siga nenhum ideal, você é tudo que existe. Não tema nada, você é a essência da existência. Fique em paz. Não se perturbe. Você nunca esteve em cativeiro, você nunca foi virtuoso ou pecador. Livre-se de todas essas ilusões e fique em paz. A quem adorar? Quem adora? Tudo é o Atman. Falar, pensar é superstição. Repita continuamente: "Eu sou Atman", "Eu sou Atman". Deixe todo o resto ir.

7.1.36 SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEGUNDA-FEIRA, 29 de julho de 1895 .

Às vezes indicamos uma coisa descrevendo seu entorno. Quando dizemos "Sachchidananda" (Existência-Conhecimento-Bem-aventurança), estamos apenas indicando as margens de um Além indescritível. Nem mesmo podemos dizer "é" sobre isso, pois isso também é relativo. Qualquer imaginação, qualquer conceito é em vão. Neti, neti ("Isso não, isso não") é tudo o que pode ser dito, pois até pensar é limitar e, portanto, perder.

Os sentidos enganam você dia e noite. A Vedanta descobriu isso há muito tempo; a ciência moderna está apenas descobrindo o mesmo fato. Um quadro só tem comprimento e largura, e o pintor copia a natureza em sua trapaça, dando artificialmente a aparência de profundidade. Não há duas pessoas que vejam o mesmo mundo. O conhecimento mais elevado lhe mostrará que não há movimento, nem mudança em nada; que a própria ideia disso é tudo Maya. Estude a natureza como um todo, isto é, estude o movimento. Mente e corpo não são o nosso verdadeiro eu; ambos pertencem à natureza, mas eventualmente podemos conhecer o ding an sich. Então, sendo a mente e o corpo transcendidos, tudo o que eles concebem desaparece. Quando você deixa completamente de conhecer e ver o mundo,

então você realiza o Atman. A superação do conhecimento relativo é o que queremos. Não existe mente infinita ou conhecimento infinito, porque tanto a mente quanto o conhecimento são limitados. Agora estamos vendo através de um véu; então chegamos ao “x”, que é a Realidade de todo o nosso conhecimento.

Se olharmos para uma imagem através de um furo num cartão, teremos uma ideia totalmente errada; no entanto, o que vemos é realmente a imagem. À medida que ampliamos o buraco, temos uma ideia cada vez mais clara. A partir da realidade fabricamos os diferentes pontos de vista em conformidade com as nossas percepções equivocadas de nome e forma. Quando jogamos fora o papelão, vemos a mesma imagem, mas vemos como ela é. Colocamos todos os atributos, todos os erros; a imagem em si permanece inalterada. Isso ocorre porque Atman é a realidade de tudo; tudo o que vemos é Atman, mas não como o vemos, como nome e forma; eles estão todos em nosso véu, em Maya.

São como manchas no vidro de um telescópio, mas é a luz do Sol que nos mostra as manchas; não poderíamos nem mesmo ver a ilusão, exceto pelo pano de fundo da realidade que é Brahman. Swami Vivekananda é apenas a partícula no vidro-objeto; Eu sou Atman, real, imutável, e somente essa realidade me permite ver Swami Vivekananda. Atman é a essência de toda alucinação; mas o sol nunca se identifica com as manchas do vidro, apenas as mostra para nós. Nossas ações, por serem más ou boas, aumentam ou diminuem as “manchas”; mas eles nunca afetam o Deus dentro de nós. Limpe perfeitamente a mente das manchas e instantaneamente veremos: “Eu e meu pai somos um”.

Primeiro percebemos e depois raciocinamos. Devemos ter esta percepção como um fato, e ela se chama religião, realização. Não importa se alguém nunca ouviu falar de credo, profeta ou livro. Deixe-o perceber isso e ele não precisará de mais nada. Limpe a mente, tudo isso é religião; e até que nós mesmos limpemos a situação, não poderemos ver a Realidade como ela é. O bebê não vê sol; ele ainda não tem a medida disso em si mesmo. Livre-se dos defeitos dentro de você e você não será capaz de ver nenhum deles. Um bebê vê um roubo sendo cometido e isso não significa nada para ele. Depois de encontrar o objeto oculto em uma imagem de quebra-cabeça, você o verá

cada vez mais; então, quando você estiver livre e imaculado, verá apenas liberdade e pureza no mundo ao seu redor. Naquele momento, todos os nós do coração são cortados, todos os lugares tortuosos são endireitados e este mundo desaparece como um sonho. E quando acordamos, nos perguntamos como pudemos sonhar com tanto lixo!

“Conseguir quem, a montanha da miséria não tem poder de mover a alma.”

Com o machado do conhecimento, separem as rodas e o Atman permanecerá livre, embora o velho impulso mantenha a roda da mente e do corpo. A roda agora só pode andar em linha reta, só pode fazer o bem. Se esse corpo fizer algo ruim, saiba que o homem não é Jivanmukta; ele mente se fizer essa afirmação. Mas somente quando as rodas tiverem um bom movimento retilíneo (através da limpeza da mente) é que o machado poderá ser aplicado. Toda ação purificadora desfere golpes conscientes ou inconscientes na ilusão. Chamar alguém de pecador é a pior coisa que você pode fazer. A boa ação feita de forma ignorante produz o mesmo resultado e ajuda a quebrar a escravidão.

Identificar o sol com as manchas no vidro-objeto é o erro fundamental. Conheça o sol, o “eu”, para nunca ser afetado por nada, e dedique-se à limpeza das manchas. O homem é o maior ser que já existiu. A adoração mais elevada que existe é adorar o homem como Krishna, Buda, Cristo. O que você quer, você cria. Livre-se do desejo. . . .

Os anjos e os que partiram estão todos aqui, vendo este mundo como o paraíso. O mesmo “x” é visto por todos de acordo com a sua atitude mental. A melhor visão que se pode ter do “x” está aqui nesta terra. Nunca querer ir para o céu, essa é a pior ilusão. Mesmo aqui, demasiada riqueza e pobreza opressiva são escravidões e afastam-nos da religião. Temos três grandes presentes: primeiro, um corpo humano. (A mente humana é o reflexo mais próximo de Deus, somos “Sua própria imagem”.) Em segundo lugar, o desejo de ser livre. Terceiro, a ajuda de uma alma nobre, que atravessou o oceano da ilusão, como professora. Quando você tiver esses três, bendiga ao Senhor; você tem certeza de estar livre.

Aquilo que você só compreende intelectualmente pode ser derrubado por um novo argumento; mas o que você percebe é seu para sempre. Falar, falar

sobre religião não adianta muito. Coloque Deus por trás de tudo – homem, animal, comida, trabalho; faça disso um hábito.

Ingersoll uma vez me disse: "Acredito em tirar o máximo proveito deste mundo, em espremer a laranja até secar, porque este mundo é tudo de que temos certeza." Eu respondi: "Conheço uma maneira melhor de espremer a laranja deste mundo do que você, e aproveito mais. Sei que não posso morrer, por isso não tenho pressa; sei que não há medo, então Gosto de apertar, não tenho nenhum dever, nenhuma escravidão de esposa, filhos e propriedades; posso amar todos os homens e mulheres. Todos são Deus para mim. dez mil vezes mais com isso.

Aquilo que parece ser a vontade é o Atman por trás, é realmente livre.

SEGUNDA-FEIRA À TARDE.

Jesus era imperfeito porque não correspondeu plenamente ao seu ideal e, sobretudo, porque não deu à mulher um lugar igual ao do homem. As mulheres faziam tudo por ele, mas ele estava tão preso ao costume judaico que ninguém foi feito apóstolo. Ainda assim, ele foi o maior personagem depois de Buda, que por sua vez não era totalmente perfeito. Buda, no entanto, reconheceu o direito da mulher a um lugar de igualdade na religião, e a sua primeira e uma das suas maiores discípulas foi a sua própria esposa, que se tornou a chefe de todo o movimento budista entre as mulheres da Índia. Mas não deveríamos criticar estes grandes, deveríamos apenas considerá-los muito acima de nós mesmos. No entanto, não devemos atribuir a nossa fé a nenhum homem, por maior que seja; nós também devemos nos tornar Budas e Cristos.

Nenhum homem deve ser julgado pelos seus defeitos. As grandes virtudes que um homem possui são especialmente suas, seus erros são as fraquezas comuns da humanidade e nunca devem ser levados em conta na avaliação de seu caráter.

* * *

Vira, a palavra sânscrita para “heróico”, é a origem da nossa palavra “virtude”, porque nos tempos antigos o melhor lutador era considerado o

homem mais virtuoso.

7.1.37 TERÇA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

TERÇA-FEIRA, 30 de julho de 1895 .

Cristos e Budas são simplesmente ocasiões para objetivar nossos próprios poderes interiores. Nós realmente respondemos às nossas próprias orações.

É uma blasfêmia pensar que se Jesus nunca tivesse nascido, a humanidade não teria sido salva. É horrível esquecer assim a divindade na natureza humana, uma divindade que deve surgir. Nunca se esqueça da glória da natureza humana. Somos o maior Deus que já existiu ou que existirá. Cristos e Budas são apenas ondas no oceano sem limites que eu sou. Curve-se diante de nada além do seu próprio Eu superior. Até que você saiba que é o próprio Deus dos deuses, nunca haverá liberdade para você.

Todas as nossas ações passadas são realmente boas, porque nos levam ao que finalmente nos tornamos. De quem implorar? Eu sou a existência real, e tudo o mais é um sonho, exceto eu. Eu sou o oceano inteiro; não chame de “eu” a pequena onda que você fez; sei disso por nada além de uma onda. Satya Kama (amante da verdade) ouviu a voz interior dizendo-lhe: "Você é o infinito, o universal está em você. Controle-se e ouça a voz do seu verdadeiro Eu."

Os grandes profetas que lutam têm de ser menos perfeitos do que aqueles que vivem vidas silenciosas de santidade, tendo grandes pensamentos e ajudando assim o mundo. Esses homens, desmaiando um após o outro, produzem como resultado final o homem de poder que prega.

* * *

O conhecimento existe, o homem apenas o descobre. Os Vedas são o conhecimento eterno através do qual Deus criou o mundo. Eles falam de filosofia elevada – a mais elevada – e fazem esta afirmação tremenda. . . .

Diga a verdade com ousadia, dói ou não. Nunca ceda à fraqueza. Se a verdade é demais para as pessoas inteligentes e as varre, deixe-as ir; quanto antes melhor. As ideias infantis são para bebês e selvagens; e estes não estão todos nos viveiros e nas florestas, alguns deles caíram nos púlpitos.

É ruim permanecer na igreja depois de crescer espiritualmente. Saia e morra ao ar livre da liberdade.

Toda progressão está no mundo relativo. A forma humana é o ser mais elevado e o homem o maior ser, porque aqui e agora podemos nos livrar completamente do mundo relativo, podemos realmente alcançar a liberdade, e este é o objetivo. Não só nós podemos, mas alguns alcançaram a perfeição; portanto, não importa quais corpos mais sutis venham, eles só poderiam estar no plano relativo e não poderiam fazer mais do que nós, pois alcançar a liberdade é tudo o que pode ser feito.

Os anjos nunca cometem atos perversos, por isso nunca são punidos e nunca são salvos. Os golpes são o que nos despertam e ajudam a desfazer o sonho. Eles nos mostram a insuficiência deste mundo e nos fazem desejar escapar, ter liberdade. . . .

Chamamos uma coisa vagamente percebida por um nome; a mesma coisa quando totalmente percebida chamamos por outra. Quanto mais elevada for a natureza moral, mais elevada será a percepção e mais forte será a vontade.

TERÇA FEIRA À TARDE.

A razão da harmonia entre pensamento e matéria é que eles são duas faces de uma coisa, chamamos de “x”, que se divide em interno e externo.

A palavra inglesa "paraíso" vem do sânscrito para-desá, que foi transferido para a língua persa e significa literalmente "a terra além", ou o outro mundo. Os antigos arianos sempre acreditaram na alma, nunca que o homem fosse o corpo. Os seus céus e infernos eram todos temporários, porque nenhum efeito pode durar mais que a sua causa e nenhuma causa é eterna; portanto, todos os efeitos devem chegar ao fim.

Toda a Filosofia Vedanta está nesta história: Dois pássaros de plumagem dourada pousaram na mesma árvore. O de cima, sereno, majestoso, imerso na sua própria glória; o de baixo inquieto e comendo os frutos da árvore, ora doces, ora amargos. Certa vez, comeu uma fruta excepcionalmente amarga, fez uma pausa e olhou para o majestoso pássaro acima; mas logo se esqueceu do outro pássaro e continuou comendo os frutos da árvore como antes. Mais uma vez ele comeu uma fruta amarga e desta vez pulou alguns galhos mais perto do pássaro que estava no topo. Isso aconteceu muitas vezes até que finalmente o pássaro de baixo chegou ao lugar do pássaro de cima e se perdeu. Ele descobriu de repente que nunca existiram dois pássaros, mas que ele era o tempo todo aquele pássaro superior, sereno, majestoso e imerso em sua própria glória.

38 QUARTA-FEIRA, 31 DE JULHO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUARTA-FEIRA, 31 de julho de 1895 .

Lutero cravou um prego na religião quando eliminou a renúncia e, em vez disso, nos deu a moralidade. Ateus e materialistas podem ter ética, mas somente os crentes no Senhor podem ter religião.

Os ímpios pagam o preço da santidade da grande alma. Pense nisso quando vir um homem perverso. Assim como o trabalho do homem pobre paga o luxo do homem rico, o mesmo acontece no mundo espiritual. A terrível degradação das massas na Índia é o preço que a natureza paga pela produção de grandes almas como Mirâ-bâi, Buda, etc.

* * *

“Eu sou a santidade do sagrado” (Gita). Eu sou a raiz, cada um usa à sua maneira, mas tudo sou eu. "Eu faço tudo, você é apenas a ocasião."

Não fale muito, mas sinta o espírito dentro de você; então você é um Jnani. Isso é conhecimento, todo o resto é ignorância. Tudo o que deve ser conhecido é Brahman. É tudo. . . .

Sattva vincula através da busca pela felicidade e conhecimento, Rajas vincula através do desejo, Tamas vincula através da percepção errada e da preguiça. Conquiste os dois inferiores por Sattva e então entregue tudo ao Senhor e seja livre.

O Bhakti-Yogi logo realiza Brahman e vai além das três qualidades. (Gita, Capítulo XII.)

A vontade, a consciência, os sentidos, o desejo, as paixões, tudo isso combinado forma o que chamamos de “alma”.

Existe primeiro o eu aparente (corpo); segundo, o eu mental que confunde o corpo com ele mesmo (o Absoluto limitado por Maya); terceiro, o Atman, o sempre puro, o sempre livre. Visto parcialmente, é a natureza; vista inteiramente, toda a natureza desaparece, até mesmo a memória dela se perde. Existe o mutável (mortal), o eternamente mutável (natureza) e o imutável (Atman).

Estar perfeitamente desesperado, esse é o estado mais elevado. O que há para esperar? Quebre os laços da esperança, mantenha-se firme em si mesmo, fique em repouso, não importa o que você faça, entregue tudo a Deus, mas não tenha hipocrisia sobre isso.

Svastha, a palavra sânscrita para "permanecer em si mesmo", é usada coloquialmente na Índia para perguntar: "Você está bem, está feliz?" E quando os hindus expressam: “Eu vi uma coisa”, eles dizem: “Eu vi o significado de uma palavra (Padârtha)”. Até mesmo este universo é um “significado de palavra”.

* * *

O corpo de um homem perfeito funciona mecanicamente corretamente; só pode fazer o bem porque está totalmente purificado. O impulso passado que carrega a roda do corpo é muito bom. Todas as tendências malignas são extintas.

* * *

“Aquele dia é realmente um dia ruim quando não falamos do Senhor, não é um dia de tempestade.”

Somente o amor pelo Senhor Supremo é o verdadeiro Bhakti. O amor por qualquer outro ser, por maior que seja, não é Bhakti. O “Senhor Supremo” aqui significa Ishvara, cujo conceito transcende o que vocês no Ocidente entendem por Deus pessoal. "Aquele de quem este universo procede, em quem ele repousa e para quem ele retorna, Ele é Ishvara, o Eterno, o Puro, o Todo-Misericordioso, o Todo-Poderoso, o Sempre Livre, o Onisciente, o Professor de todos os professores, o Senhor que por Sua própria natureza é Amor inexprimível."

O homem não fabrica Deus a partir do seu próprio cérebro; mas ele só pode ver Deus à luz de sua própria capacidade e atribui a Ele o melhor de tudo que conhece. Cada atributo é o todo de Deus, e isso significando o todo por uma qualidade é a explicação metafísica do Deus pessoal. Ishvara não tem forma, mas tem todas as formas, não tem qualidades, mas tem todas as qualidades. Como seres humanos, temos de ver a trindade da existência – Deus, homem, natureza; e não podemos fazer de outra forma.

Mas para o Bhakta todas estas distinções filosóficas são mera conversa fiada. Ele não se importa com argumentos, ele não raciocina, ele “sente”, ele percebe. Ele quer amar a si mesmo com puro amor a Deus, e há Bhaktas que sustentam que isso é mais desejável do que a liberação, que dizem: "Eu não quero ser açúcar. Quero provar açúcar; quero amar". e aproveite o Amado."

No Bhakti-Yoga o primeiro elemento essencial é querer Deus de forma honesta e intensa. Queremos tudo menos Deus, porque os nossos desejos comuns são satisfeitos pelo mundo externo. Enquanto as nossas necessidades estiverem confinadas aos limites do universo físico, não sentiremos qualquer necessidade de Deus; só quando sofremos duros golpes em nossas vidas e estamos decepcionados com tudo aqui é que sentimos a necessidade de algo superior; então buscamos a Deus.

Bhakti não é destrutivo; ensina que todas as nossas faculdades podem tornar-se meios para alcançar a salvação. Devemos voltar todos eles para

Deus e dar-Lhe aquele amor que geralmente é desperdiçado nos objetos fugazes dos sentidos.

Bhakti difere da sua ideia ocidental de religião porque Bhakti não admite elementos de medo, nenhum Ser a ser apaziguado ou propiciado. Existem até Bhaktas que adoram a Deus como se fossem seus próprios filhos, de modo que não resta nenhum sentimento nem mesmo de admiração ou reverência. Não pode haver medo no amor verdadeiro, e enquanto houver o mínimo de medo, Bhakti não poderá sequer começar. Em Bhakti também não há lugar para implorar ou negociar com Deus. A ideia de pedir qualquer coisa a Deus é um sacrilégio para um Bhakta. Ele não orará por saúde ou riqueza ou mesmo para ir para o céu.

Aquele que deseja amar a Deus, ser um Bhakta, deve juntar todos esses desejos e deixá-los do lado de fora da porta e então entrar. Aquele que deseja entrar nos reinos da luz deve fazer um pacote com todas as religiões “lojistas” e jogá-las fora antes que possa passar pelos portões. Não é que você não receba aquilo pelo que ora; você consegue tudo, mas é uma religião baixa, vulgar, de mendigo. "Tolo é realmente aquele que, vivendo nas margens do Ganges, cava um pequeno poço em busca de água. Tolo realmente é o homem que, chegando a uma mina de diamantes, começa a procurar contas de vidro." Estas orações por saúde, riqueza e prosperidade material não são Bhakti. Eles são a forma mais baixa de Karma. Bhakti é algo mais elevado. Estamos nos esforçando para chegar à presença do Rei dos reis. Não podemos chegar lá com roupas de mendigo. Se quiséssemos entrar na presença de um imperador, seríamos admitidos em trapos de mendigo? Certamente não. O lacai nos expulsaria dos portões. Este é o Imperador dos imperadores e nunca poderemos chegar diante dele em trajes de mendigo. Os lojistas nunca têm acesso lá, comprar e vender não serve de jeito nenhum. Você leu na Bíblia que Jesus expulsou os compradores e vendedores do templo.

Portanto, nem é preciso dizer que a primeira tarefa para se tornar um Bhakta é desistir de todos os desejos do céu e assim por diante. Tal céu seria como este lugar, esta terra, só que um pouco melhor. A ideia cristã do céu é um lugar de prazer intensificado. Como isso pode ser Deus? Todo esse desejo de ir para o céu é um desejo de prazer. Isso tem que ser abandonado.

O amor do Bhakta deve ser absolutamente puro e altruísta, não buscando nada para si mesmo, nem aqui nem no futuro.

"Abandone o desejo de prazer e dor, ganho ou perda, adore a Deus dia e noite; nenhum momento deve ser perdido em vão."

"Abandonando todos os outros pensamentos, toda a mente adora a Deus dia e noite. Assim, sendo adorado dia e noite, Ele se revela e faz com que Seus adoradores O sintam."

7.1.39 QUINTA-FEIRA, 1º DE AGOSTO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

QUINTA-FEIRA, 1º de agosto de 1895 .

O verdadeiro Guru é aquele através de quem temos nossa descida espiritual. Ele é o canal através do qual flui até nós a corrente espiritual, o elo que nos une a todo o mundo espiritual. Muita fé na personalidade tende a produzir fraqueza e idolatria, mas o amor intenso pelo Guru torna possível o crescimento rápido, ele nos conecta com o Guru interno. Adore seu Guru se houver verdade real nele; esse Guru-bhakti (devoção ao professor) rapidamente o levará ao mais elevado.

A pureza de Sri Ramakrishna era a de um bebê. Ele nunca tocou em dinheiro em sua vida, e a luxúria foi absolutamente aniquilada nele. Não procurem grandes professores religiosos para aprender ciências físicas, toda a sua energia foi para o espiritual. Em Sri Ramakrishna Paramahansa o homem estava todo morto e só Deus permaneceu; ele realmente não podia ver o pecado, ele era literalmente “de olhos mais puros do que para contemplar a iniquidade”. A pureza desses poucos Paramahansa (monges da mais alta ordem) é tudo o que mantém o mundo unido. Se todos eles morressem e abandonassem o mundo, o mundo ficaria em pedaços. Eles fazem o bem simplesmente sendo, e não sabem disso; eles simplesmente são. . . .

Os livros sugerem a luz interior e o método para trazê-la à tona, mas só podemos entendê-los quando nós mesmos adquirimos o conhecimento. Quando a luz interior brilhar para você, deixe os livros irem e olhe apenas para dentro. Você tem em você tudo e mil vezes mais do que está em todos os livros. Nunca perca a fé em si mesmo, você pode fazer qualquer coisa neste universo. Nunca enfraqueça, todo o poder é seu.

Se a religião e a vida dependem dos livros ou da existência de qualquer profeta, então pereçam todas as religiões e livros! A religião está em nós. Nenhum livro ou professor pode fazer mais do que nos ajudar a encontrá-lo, e mesmo sem eles podemos obter toda a verdade interior. Você tem gratidão pelos livros e professores sem estar vinculado a eles; e adore seu Guru como Deus, mas não o obedeça cegamente; ame-o o quanto quiser, mas pense por si mesmo. Nenhuma crença cega pode salvá-lo, desenvolver sua própria salvação. Tenha apenas uma ideia de Deus – que Ele é uma ajuda eterna.

A liberdade e o amor mais elevado devem andar juntos, então nenhum deles poderá se tornar uma escravidão. Não podemos dar nada a Deus; Ele dá tudo para nós. Ele é o Guru dos Gurus. Então descobrimos que Ele é a “Alma de nossas almas”, nosso próprio Ser. Não admira que O amemos, Ele é a Alma das nossas almas; quem ou o que mais podemos amar? Queremos ser a “chama constante, ardendo sem calor e sem fumaça”. A quem você pode fazer o bem, quando vê apenas Deus? Você não pode fazer o bem a Deus! Toda dúvida desaparece, tudo é “mesmice”. Se você faz o bem, você faz isso para si mesmo; sinta que o receptor é o mais elevado. Você serve o outro porque é inferior a ele, não porque ele é inferior e você é superior. Dê como a rosa dá perfume, porque é sua própria natureza, totalmente inconsciente de dar.

O grande reformador hindu, Raja Ram Mohan Roy, foi um exemplo maravilhoso deste trabalho altruísta. Ele dedicou toda a sua vida a ajudar a Índia. Foi ele quem impediu a queima de viúvas. Geralmente acredita-se que esta reforma se deveu inteiramente aos ingleses; mas foi Raja Ram Mohan Roy quem iniciou a agitação contra o costume e conseguiu obter o apoio do governo para suprimi-lo. Até ele iniciar o movimento, os ingleses nada fizeram. Ele também fundou a importante sociedade religiosa

chamada Brahmo-Samaj e doou cem mil dólares para fundar uma universidade. Ele então saiu e disse-lhes para seguirem em frente sem ele. Ele não se importava com a fama ou com os resultados para si mesmo.

QUINTA À TARDE.

São infindáveis séries de manifestações, como o “carrossel”, em que cavalgam as almas, por assim dizer. As séries são eternas; as almas individuais saem, mas os eventos se repetem eternamente; e é assim que se pode ler o passado e o futuro, porque tudo está realmente presente. Quando a alma está numa determinada cadeia, ela tem que passar pelas experiências dessa cadeia. De uma série as almas vão para outras séries; de algumas séries eles escapam para sempre ao perceber que são Brahman. Ao tomar posse de um evento proeminente em uma cadeia e mantê-lo, toda a cadeia pode ser arrastada e lida. Este poder é facilmente adquirido, mas não tem valor real; e para praticá-lo é preciso muito de nossas forças espirituais. Não vá atrás dessas coisas, adore a Deus.

7.1.40 2 DE AGOSTO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEXTA-FEIRA, 2 de agosto de 1895 .

Nishthâ (devoção a um ideal) é o início da realização. "Tire o mel de todas as flores; sente-se e seja amigável com todos, preste reverência a todos, diga a todos: 'Sim, irmão, sim, irmão', mas mantenha-se firme em seu próprio caminho." Um estágio superior é, na verdade, assumir a posição do outro. Se sou tudo, por que não posso simpatizar real e ativamente com meu irmão e ver com seus olhos? Enquanto estou fraco, devo seguir um caminho (Nishthâ), mas quando estou forte, posso sentir um com o outro e simpatizar perfeitamente com suas idéias.

A velha ideia era: “Desenvolver uma ideia à custa de todas as outras”. A forma moderna é o “desenvolvimento harmonioso”. Uma terceira maneira é “desenvolver a mente e controlá-la”, e depois colocá-la onde quiser; o resultado virá rapidamente. Isso é desenvolver-se da maneira mais

verdadeira. Aprenda a concentração e use-a em qualquer direção. Assim você não perde nada. Quem recebe o todo deve ter as partes também. O dualismo está incluído no Advaitismo (monismo).

"Eu o vi pela primeira vez e ele me viu. Houve um olhar de mim para ele e dele para mim."

Isto continuou até que as duas almas se tornaram tão intimamente unidas que realmente se tornaram uma. . . .

Existem dois tipos de Samadhi – eu me concentro em mim mesmo, depois me concentro e há uma unidade entre sujeito e objeto.

Você deve ser capaz de simpatizar plenamente com cada particular e, em seguida, voltar imediatamente ao monismo mais elevado. Depois de se aperfeiçoar, você se limita voluntariamente. Coloque todo o poder em cada ação. Ser capaz de se tornar um dualista por enquanto e esquecer o Advaita, mas ser capaz de retomá-lo à vontade.

* * *

Causa e efeito são todos Maya, e iremos compreender que tudo o que vemos é tão desconectado quanto os contos de fadas infantis nos parecem agora. Na verdade, não existe causa e efeito e chegaremos a saber disso. Então, se puder, baixe o seu intelecto para deixar qualquer alegoria passar pela sua mente sem questionar a conexão. Desenvolva o amor pelas imagens e pela bela poesia e então desfrute de todas as mitologias como poesia. Não venha para a mitologia com ideias de história e raciocínio. Deixe-a fluir como uma corrente através de sua mente, deixe-a girar como uma vela diante de seus olhos, sem perguntar quem segura a vela, e você obterá o círculo; o resíduo da verdade permanecerá em sua mente.

Os escritores de todas as mitologias escreveram em símbolos o que viram e ouviram, pintaram imagens fluidas. Não tente escolher os temas e assim destruir as imagens; aceite-os como são e deixe-os agir sobre você. Julgue-os apenas pelo efeito e tire o melhor proveito deles.

* * *

Sua própria vontade é tudo o que responde à oração, só que aparece sob o disfarce de diferentes concepções religiosas para cada mente. Podemos chamá-lo de Buda, Jesus, Krishna, Jeová, Alá, Agni, mas é apenas o Ser, o "Eu". . . .

Os conceitos crescem, mas não há valor histórico nas alegorias que os apresentam. É mais provável que as visões de Moisés estejam erradas do que as nossas, porque temos mais conhecimento e é menos provável que sejamos enganados por ilusões.

Os livros são inúteis para nós até que nosso próprio livro seja aberto; então todos os outros livros são bons na medida em que confirmam o nosso livro. É o forte que entende a força, é o elefante que entende o leão, não o rato. Como podemos entender Jesus até que sejamos iguais a ele? Está tudo no sonho de alimentar cinco mil com dois pães, ou de alimentar dois com cinco pães; nenhum deles é real e nenhum afeta o outro. Só a grandeza aprecia a grandeza, só Deus realiza Deus. O sonho é só do sonhador, não tem outra base. Não é uma coisa e o sonhador outra. A nota tônica da música é - "Eu sou Ele, eu sou Ele", todas as outras notas são apenas

variações e não afetam o tema real. Nós somos os livros vivos e os livros são apenas as palavras que pronunciamos. Tudo é o Deus vivo, o Cristo vivo; veja-o como tal. Leia cara, ele é o poema vivo. Somos a luz que ilumina todas as Bíblias, Cristos e Budas que já existiram. Sem isso, estes estariam mortos para nós, não vivos.

Fique por conta própria.

O cadáver não se ressentir de nada; deixemos nossos corpos mortos e deixemos de nos identificar com eles.

7.1.41 SÁBADO, 3 DE AGOSTO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SÁBADO, 3 de agosto de 1895 .

Os indivíduos que desejam obter liberdade nesta vida terão que viver milhares de anos em uma vida. Eles têm que estar à frente do seu tempo, mas as massas só conseguem rastejar. Assim temos Cristos e Budas. . . .

Era uma vez uma rainha hindu que desejava tanto que todos os seus filhos alcançassem a liberdade nesta vida que ela mesma tomou conta deles; e enquanto os embalava para dormir, ela cantava sempre uma única canção para eles - "Tat tvam asi, Tat tvam asi" ("Isso tu és, Isso tu és").

Três deles tornaram-se Sannyasins, mas o quarto foi levado para ser criado em outro lugar para se tornar rei. Ao sair de casa, a mãe deu-lhe um pedaço de papel que ele deveria ler quando chegasse à idade adulta. Naquele pedaço de papel estava escrito: "Só Deus é verdadeiro. Todo o resto é falso. A alma nunca mata ou é morta. Viva sozinha ou na companhia de seres santos". Quando o jovem príncipe leu isto, ele também renunciou imediatamente ao mundo e tornou-se um Sannyasin.

Desista, renuncie ao mundo. Agora somos como cães perdidos em uma cozinha e comendo um pedaço de carne, olhando em volta com medo de que a qualquer momento alguém venha e os expulse. Em vez disso, seja um

rei e saiba que você é o dono do mundo. Isso nunca acontece até que você desista e pare de se vincular. Desista mentalmente, se não o fizer fisicamente. Desistam do fundo de seus corações. Tenha Vairâgya (renúncia). Este é o verdadeiro sacrifício e sem ele é impossível alcançar a espiritualidade. Não deseje, pois o que você deseja você consegue, e com isso vem uma terrível escravidão. Nada mais é do que trazer “nariz sobre nós”, [101] como no caso do homem que tinha três bênçãos para pedir. Nunca obteremos liberdade até que sejamos autossuficientes. "Eu é o Salvador de mim mesmo, ninguém mais."

Aprenda a se sentir em outros corpos, a saber que somos todos um. Jogue todas as outras bobagens ao vento. Cuspa suas ações, boas ou más, e nunca mais pense nelas. O que está feito está feito. Livre-se da superstição. Não tenha fraquezas mesmo diante da morte. Não se arrependa, não pense em ações passadas e não se lembre de suas boas ações; seja âzâd (livre). Os fracos, os medrosos, os ignorantes nunca alcançarão Atman. Você não pode desfazer, o efeito deve vir, encare-o, mas tome cuidado para nunca mais fazer a mesma coisa. Entregue o fardo de todas as ações ao Senhor; dê tudo, tanto o bom quanto o ruim. Não guarde o que é bom e dê apenas o que é ruim. Deus ajuda aqueles que não se ajudam.

"Bebendo o cálice do desejo, o mundo enlouquece." Dia e noite nunca se unem, então o desejo e o Senhor nunca podem se unir. Desista do desejo.

* * *

Há uma grande diferença entre dizer “comida, comida” e comê-la, entre dizer “água, água” e beber. Assim, simplesmente repetindo as palavras “Deus, Deus” não podemos esperar alcançar a realização. Devemos nos esforçar e praticar.

Somente quando a onda volta ao mar ela pode se tornar ilimitada, nunca como uma onda pode ser assim. Então, depois de se tornar o mar, poderá tornar-se novamente a onda, tão grande quanto desejar. Quebre a sua identificação com a corrente e saiba que você é livre.

A verdadeira filosofia é a sistematização de certas percepções. O intelecto termina onde a religião começa. A inspiração é muito superior à razão, mas

não deve contradizê-la. A razão é a ferramenta básica para realizar o trabalho árduo; a inspiração é a luz brilhante que nos mostra toda a verdade. A vontade de fazer algo não é necessariamente inspiração. . . .

A progressão em Maya é um círculo que o leva de volta ao ponto inicial; mas você começa ignorante e chega ao fim com todo o conhecimento. Adoração a Deus, adoração aos santos, concentração e meditação, e trabalho altruísta, estas são as formas de romper com a rede de Maya; mas devemos primeiro ter o forte desejo de nos libertarmos. O flash de luz que iluminará as trevas para nós está em nós; é o conhecimento que é a nossa natureza — não existe “direito de nascença”, nunca nascemos. Tudo o que precisamos fazer é afastar as nuvens que o cobrem.

Desista de todo desejo de prazer na terra ou no céu. Controle os órgãos dos sentidos e controle a mente. Suporte toda miséria sem nem mesmo saber que você é miserável. Não pense em nada além de libertação. Tenha fé no Guru, em seus ensinamentos e na certeza de que você pode se libertar. Diga "Soham, Soham" aconteça o que acontecer. Diga isso a si mesmo até mesmo ao comer, ao caminhar, ao sofrer; diga isso à mente incessantemente — que o que vemos nunca existiu, que só existe “eu”. Flash — o sonho vai acabar! Pense dia e noite, esse universo é zero, só Deus é. Tenha um desejo intenso de se libertar.

Todos os parentes e amigos são apenas “velhos poços secos”; caímos neles e temos sonhos de dever e escravidão, e não há fim. Não crie ilusão ajudando ninguém. É como uma figueira-da-índia, que se espalha continuamente. Se você é dualista, você é um tolo por tentar ajudar a Deus. Se você é monista, você sabe que é Deus; onde encontrar o dever? Você não tem nenhum dever para com marido, filho, amigo. Aceite as coisas como elas aparecem, fique quieto e, quando seu corpo flutuar, vá; subir com a maré alta, cair com a maré baixa. Deixe o corpo morrer; esta ideia de corpo é apenas uma fábula desgastada. "Fique quieto e saiba que você é Deus."

O presente apenas existe. Não há passado nem futuro nem mesmo no pensamento, porque para pensá-lo é preciso torná-lo presente. Desista de tudo e deixe-o flutuar onde quiser. Este mundo é tudo uma ilusão, não se deixe enganar novamente. Você sabe o que não é, agora saiba o que é. Se o corpo for arrastado para algum lugar, solte-o; não me importo onde o corpo

está. Esta ideia tirânica de dever é um veneno terrível e está destruindo o mundo.

Não espere para ter uma harpa e descansar aos poucos; por que não pegar uma harpa e começar aqui? Por que esperar pelo céu? Faça aqui. No céu não há casamento nem dar-se em casamento; por que não começar imediatamente e não ter nada aqui? O manto amarelo do Sannyasin é o sinal da liberdade. Desista da roupa de mendigo do mundo; use a bandeira da liberdade, o manto ocre.

7.1.42 DOMINGO, 4 DE AGOSTO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

DOMINGO, 4 de agosto de 1895 .

"A quem os ignorantes adoram, a Ele eu te prego."

Este único Deus é o “mais conhecido” do conhecido. Ele é a única coisa que vemos em todos os lugares. Todos conhecem o seu próprio Ser, todos sabem “eu sou”, até mesmo os animais. Tudo o que conhecemos é a projeção do Eu. Ensine isso às crianças, elas podem compreender. Todas as religiões adoraram o Ser, mesmo que inconscientemente, porque não há mais nada.

Este apego indecente à vida como a conhecemos aqui é a fonte de todo o mal. Isso causa toda essa trapaça e roubo. Faz do dinheiro um deus e todos os vícios e medos resultam. Não valorize nada material e não se apegue a isso. Se você não se apega a nada, nem mesmo à vida, então não há medo. "Ele vai de morte em morte quem vê muitos neste mundo." Não pode haver morte física nem morte mental para nós, quando vemos que tudo é um. Todos os corpos são meus; então até o corpo é eterno, porque a árvore, o animal, o sol, a lua, o próprio universo é meu corpo; então como pode morrer? Cada mente, cada pensamento é meu, então como pode vir a morte? O Eu nunca nasce e nunca morre. Quando percebemos isso, todas as dúvidas desaparecem. “Eu sou, eu sei, eu amo” – isso nunca pode ser duvidado. Não há fome, pois tudo o que é comido é comido por mim. Se

um fio de cabelo cair, não pensamos que morremos; então, se um corpo morre, é apenas um fio de cabelo caindo. . . .

O superconsciente é Deus, está além da fala, além do pensamento, além da consciência. . . . Existem três estados: brutalidade (Tamas), humanidade (Rajas) e divindade (Sattva). Aqueles que alcançam o estado mais elevado simplesmente são. O dever morre aí; eles apenas amam e, como um ímã, atraem outras pessoas para eles. Isto é liberdade. Você não pratica mais atos morais, mas tudo o que você faz é moral. O Brahnavit (conhecedor de Deus) é superior a todos os deuses. Os anjos vieram adorar Jesus quando ele venceu a ilusão e disse: "Para trás de mim, Satanás." Ninguém pode ajudar um Brahnavit, o próprio universo se curva diante dele. Todos os seus desejos são satisfeitos, seu espírito purifica os outros; portanto, adore o Brahnavit se você deseja alcançar o mais elevado. Quando temos os três grandes "dons de Deus" – um corpo humano, um desejo intenso de ser livre e a ajuda de uma grande alma para nos mostrar o caminho – então a libertação é certa para nós. Mukti é nosso.

* * *

A morte do corpo para sempre é o Nirvana. É o lado negativo e diz: "Eu não sou isto, nem isto, nem isto". Vedanta dá um passo adiante e afirma o lado positivo – Mukti ou liberdade. "Eu sou a Existência absoluta, o Conhecimento absoluto, a Bem-aventurança absoluta, eu sou Ele", este é o Vedanta, a pedra angular do arco perfeito.

A grande maioria dos adeptos do Budismo do Norte acredita em Mukti e são realmente Vedantistas. Apenas os Ceilões aceitam o Nirvana como aniquilação.

Nenhuma crença ou descrença pode matar o "eu". Aquilo que vem com a crença e vai com a descrença é apenas ilusão. Nada ensina o Atman. "Eu saúdo meu próprio Eu." "Autoiluminado, eu me saúdo, sou Brahman." O corpo é um quarto escuro; quando entramos nele, ele se ilumina, fica vivo. Nada jamais poderá afetar a iluminação; não pode ser destruído. Pode ser coberto, mas nunca destruído.

* * *

Atualmente Deus deve ser adorado como “Mãe”, a Energia Infinita. Isto levará à pureza e uma tremenda energia virá aqui na América. Aqui nenhum templo nos pesa, ninguém sofre como acontece nos países mais pobres. A mulher sofreu por eras, e isso lhe deu infinita paciência e infinita perseverança. Ela se apegava a uma ideia. É isto que faz dela o apoio até das religiões supersticiosas e dos sacerdotes em todas as terras, e é isto que a libertará. Temos que nos tornar Vedantistas e viver este grande pensamento; as massas devem consegui-lo, e só na América livre isso pode ser feito. Na Índia, estas ideias foram apresentadas por indivíduos como Buda, Shankara e outros, mas as massas não as conservaram. O novo ciclo deverá ver as massas vivendo o Vedanta, e isso terá que passar pelas mulheres.

"Mantenha a amada e linda Mãe no coração de seus corações com todo cuidado."

“Jogue fora tudo menos a língua, guarde isso para dizer: “Mãe, Mãe!”

"Não deixe nenhum mau conselheiro entrar; deixe você e eu, meu coração, sozinhos vermos a Mãe."

"Tu estás além de tudo o que vive!"

"Minha Lua da vida, minha Alma da alma!"

TARDE DE DOMINGO.

A mente é um instrumento nas mãos de Atman, assim como o corpo é um instrumento nas mãos da mente. A matéria é movimento externo, a mente é movimento interno. Toda mudança começa e termina no tempo. Se o Atman é imutável, deve ser perfeito; se perfeito, deve ser infinito; e se for infinito, deve ser apenas Um; não pode haver dois infinitos. Portanto, o Atman, o Ser, só pode ser Um. Embora pareça ser variado, na verdade é apenas Um. Se um homem fosse em direção ao sol, a cada passo veria um sol diferente e, no entanto, seria o mesmo sol, afinal.

Asti, "existência", é a base de toda unidade; e assim que a base é encontrada, a perfeição surge. Se todas as cores pudessem ser resolvidas em uma só cor, a pintura cessaria. A unidade perfeita é o descanso; referimos

todas as manifestações a um Ser. Taoístas, confucionistas, budistas, hindus, judeus, maometanos, cristãos e zoroastrianos, todos pregaram a regra de ouro e quase com as mesmas palavras; mas apenas os hindus deram a razão, porque viram a razão: o homem deve amar os outros porque esses outros são ele mesmo. Existe apenas Um.

De todos os grandes professores religiosos que o mundo conheceu, apenas Lao-tsé, Buda e Jesus transcenderam a regra de ouro e disseram: “Faça o bem aos seus inimigos”, “Ame aqueles que te odeiam”.

Existem princípios; nós não os criamos, apenas os descobrimos. . . . A religião consiste unicamente na realização. Doutrinas são métodos, não religião. Todas as diferentes religiões são apenas aplicações de uma religião adaptada para atender às necessidades de diferentes nações. As teorias só levam à luta; assim, o nome de Deus que deveria trazer a paz foi a causa de metade do derramamento de sangue no mundo. Vá para a fonte direta. Pergunte a Deus o que Ele é. A menos que Ele responda, Ele não existe; mas toda religião ensina que Ele responde.

Tenha algo a dizer em sua defesa; caso contrário, como poderá ter ideia do que os outros disseram? Não se apegue a velhas superstições; esteja sempre pronto para novas verdades. "Tolos são aqueles que beberiam água salobra de um poço que seus antepassados cavaram e não beberiam água pura de um poço que outros cavaram." Até que percebamos Deus por nós mesmos, não poderemos saber nada sobre Ele. Cada homem é perfeito por natureza; os profetas manifestaram esta perfeição, mas ela é potencial em nós. Como podemos entender que Moisés viu Deus, a menos que nós também O vejamos? Se Deus alguma vez veio a alguém, Ele virá até mim. Irei diretamente a Deus; deixe-o falar comigo. Não posso tomar a crença como base; isso é ateísmo e blasfêmia. Se Deus falou com um homem nos desertos da Arábia há dois mil anos, Ele também pode falar comigo hoje, caso contrário, como posso saber que Ele não morreu? Venha a Deus da maneira que puder; só venha. Mas ao vir não empurre ninguém para baixo.

Os sábios devem ter pena dos ignorantes. Quem sabe está disposto a abrir mão do seu corpo até por uma formiga, porque sabe que o corpo não é nada.

7.1.43 SEGUNDA-FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

SEGUNDA-FEIRA, 5 de agosto de 1895 .

A questão é: é necessário passar por todos os estágios inferiores para alcançar o mais elevado, ou é possível mergulhar de uma vez? O menino americano moderno leva vinte e cinco anos para alcançar aquilo que seus antepassados levaram centenas de anos para fazer. O hindu atual chega em vinte anos ao auge alcançado em oito mil anos por seus ancestrais. Do lado físico, o embrião passa da ameba para o homem no útero. Estes são os ensinamentos da ciência moderna. O Vedanta vai além e nos diz que não só temos que viver a vida de toda a humanidade passada, mas também a vida futura de toda a humanidade. O homem que faz o primeiro é o homem educado, o segundo é o Jivanmukta, para sempre livre (mesmo enquanto vivo).

O tempo é apenas a medida dos nossos pensamentos, e sendo o pensamento inconcebivelmente rápido, não há limite para a velocidade com que podemos viver a vida que temos pela frente. Portanto, não se pode afirmar quanto tempo levaria para viver toda a vida futura. Pode acontecer em um segundo ou pode levar cinquenta vidas. Depende da intensidade do desejo. O ensino deve, portanto, ser modificado de acordo com as necessidades do ensinado. O fogo consumidor está pronto para todos, até água e pedaços de gelo consomem rapidamente. Dispare uma grande quantidade de tiros de pássaros e pelo menos um deles atacará; dê a um homem um museu inteiro de verdades, ele imediatamente tomará o que lhe convém. Vidas passadas moldaram as nossas tendências; dê ao ensinado de acordo com sua tendência. Intelectual, místico, devocional, prático – faça de um a base, mas com ele ensine os outros. O intelecto deve ser equilibrado com o amor, a natureza mística com a razão, enquanto a prática deve fazer parte de cada método. Pegue cada um onde ele está e empurre-o para frente. O ensino religioso deve ser sempre construtivo e não destrutivo.

Cada tendência mostra o trabalho de uma vida passada, a linha ou raio ao longo do qual esse homem deve se mover. Todos os raios levam ao centro. Nunca tente perturbar as tendências de ninguém; fazer isso coloca de volta

tanto o professor quanto o ensinado. Quando você ensina Jnana, você deve se tornar um Jnani e permanecer mentalmente exatamente onde o ensinado está. Da mesma forma em todos os outros Yoga. Desenvolver cada faculdade como se fosse a única que possuísse, este é o verdadeiro segredo do chamado desenvolvimento harmonioso. Ou seja, obtenha extensão com intensidade, mas não às suas custas. Nós somos infinitos. Não há limitação em nós, podemos ser tão intensos quanto o mais devotado muçulmano e tão amplos quanto o ateu mais fervoroso.

A maneira de fazer isso não é concentrar a mente em um assunto específico, mas desenvolver e controlar a própria mente; então você pode virá-lo para qualquer lado que escolher. Assim você mantém a intensidade e a extensão. Sinta Jnana como se fosse tudo o que existe, então faça o mesmo com Bhakti, com Raja (-Yoga), com Karma. Desista das ondas e vá para o oceano, então você poderá ter as ondas como quiser. Controle o “lago” da sua própria mente, caso contrário você não poderá compreender o lago da mente de outra pessoa.

O verdadeiro professor é aquele que pode lançar toda a sua força na tendência do ensinado. Sem verdadeira simpatia nunca poderemos ensinar bem. Abandone a noção de que o homem é um ser responsável, só o homem perfeito é responsável. Os ignorantes beberam profundamente do cálice da ilusão e não são sãos. Você, que sabe, deve ter paciência infinita com isso. Não tenha nada além de amor por eles e descubra a doença que os fez ver o mundo sob uma luz errada, e então ajude-os a curá-la e a ver corretamente. Lembre-se sempre de que somente os livres têm livre arbítrio; todos os demais estão em cativeiro e não são responsáveis pelo que fazem. A vontade como a vontade está vinculada. A água ao derreter no topo do Himalaia é livre, mas tornando-se rio, fica presa às margens; no entanto, o impulso original leva-o ao mar e ele recupera a sua liberdade. A primeira é a “queda do homem”, a segunda é a “ressurreição”. Nenhum átomo pode descansar até encontrar a sua liberdade.

Algumas imaginações ajudam a quebrar a escravidão do resto. Todo o universo é imaginação, mas um conjunto de imaginações curará outro conjunto. Aqueles que nos dizem que há pecado, tristeza e morte no mundo são terríveis; mas o outro conjunto que diz sempre: “Eu sou santo, Deus

existe, não há dor”, estes são bons e ajudam a quebrar a escravidão dos outros. A imaginação mais elevada que pode quebrar todos os elos da corrente é a do Deus Pessoal.

“Om tat sat” é a única coisa além de Maya, mas Deus existe eternamente. Enquanto existirem as Cataratas do Niágara, o arco-íris existirá; mas a água flui continuamente. As quedas são o universo e o arco-íris é o Deus pessoal; e ambos são eternos. Enquanto o universo existir, Deus deve existir. Deus cria o universo, e o universo cria Deus; e ambos são eternos. Maya não é existência nem inexistência. Tanto as Cataratas do Niágara quanto o arco-íris são eternamente mutáveis. . . . Brahman visto através de Maya. Persas e cristãos dividiram Maya em dois e chamaram a metade boa de “Deus” e a metade má de “diabo”. O Vedanta considera Maya como um todo e reconhece uma unidade além dela – Brahman. . . .

Maomé descobriu que o Cristianismo estava se afastando do rebanho semítico e seus ensinamentos deveriam mostrar o que o Cristianismo deveria ser como uma religião semítica, que deveria se apegar a um Deus único. A ideia ariana de que “eu e meu Pai somos um” o enojava e aterrorizava. Na realidade, a concepção da Trindade representou um grande avanço em relação à ideia dualista de Jeová, que estava para sempre separado do homem. A teoria da encarnação é o primeiro elo na cadeia de ideias que leva ao reconhecimento da unidade de Deus e do homem. Deus aparecendo primeiro em uma forma humana, depois reaparecendo em momentos diferentes em outras formas humanas, é finalmente reconhecido como estando em todas as formas humanas, ou em todos os homens. Monístico é o estágio mais elevado, monoteísta é um estágio inferior. A imaginação o levará ao mais alto ainda mais rápida e facilmente do que o raciocínio.

Deixe alguns se destacarem e viverem somente para Deus e salvarem a religião para o mundo. Não finja ser como Janaka quando você é apenas o “progenitor” das ilusões. (O nome Janaka significa “progenitor” e pertencia a um rei que, embora ainda mantivesse seu reino pelo bem de seu povo, havia desistido de tudo mentalmente.) Seja honesto e diga: “Vejo o ideal, mas ainda não posso me aproximar dele. isto”; mas não finja desistir quando não o fizer. Se você desistir, fique firme. Se cem caírem na luta,

pegue a bandeira e carregue-a. Deus é verdadeiro em tudo isso, não importa quem falhe. Deixe aquele que toca a bandeira para outro continuar; nunca pode cair.

Quando estou lavado e limpo, por que se acumularão impurezas em mim? Busque primeiro o reino dos céus e deixe todo o resto ir. Não queira nada “adicionado a você”; fique feliz em se livrar dele. Desista e saiba que o sucesso virá, mesmo que você nunca o veja. Jesus deixou doze pescadores, e ainda assim esses poucos explodiram o Império Romano.

Sacrifique no altar de Deus o que há de mais puro e melhor na terra. Quem luta é melhor do que quem nunca tenta. Até olhar para alguém que desistiu tem um efeito purificador. Levante-se por Deus; deixe o mundo ir. Não faça concessões. Desista do mundo e então sozinho você se libertará do corpo. Quando ele morre, você está âzâd, livre. Seja livre. A morte por si só nunca poderá nos libertar. A liberdade deve ser alcançada pelos nossos próprios esforços durante a vida; então, quando o corpo cair, não haverá renascimento gratuito.

A verdade deve ser julgada pela verdade e por nada mais. Fazer o bem não é o teste da verdade; o Sol não precisa de tocha para vê-lo. Mesmo que a verdade destrua todo o universo, ainda assim ela é verdade; fique firme.

Praticar as formas concretas da religião é fácil e atrai as massas; mas realmente não há nada no exterior.

"Assim como a aranha lança sua teia para fora de si mesma e a atrai, assim também este universo é lançado fora e atraído por Deus."

7.1.44 TERÇA-FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 1895

(GRAVADO PELA SENHORITA S. E. WALDO, UMA DISCÍPULA)

TERÇA-FEIRA, 6 de agosto de 1895 .

Sem o “eu” não pode haver “você” lá fora. Disto alguns filósofos chegaram à conclusão de que o mundo externo não existia exceto no sujeito; que o

“você” existia apenas no “eu”. Outros argumentaram que o “eu” só pode ser conhecido através do “você” e com igual lógica. Essas duas visões são verdades parciais, cada uma errada em parte e cada uma certa em parte. O pensamento é tão material e tão natural quanto o corpo. Tanto a matéria como a mente existem numa terceira, uma unidade que se divide nas duas. Esta unidade é o Atman, o verdadeiro Eu.

Existe o ser, “x”, que se manifesta tanto como mente quanto como matéria. Seus movimentos no que é visto seguem certas linhas fixas chamadas lei. Como unidade, é livre; como muitos, está sujeito à lei. Ainda assim, com toda esta escravidão, uma ideia de liberdade está sempre presente, e isto é Nivritti, ou o “arrastamento do apego”. As forças materializadoras que através do desejo nos levam a tomar parte ativa nos assuntos mundanos são chamadas Pravritti.

Essa ação é moral que nos liberta da escravidão da matéria e vice-versa. Este mundo parece infinito, porque tudo está em círculo; ele retorna para onde veio. O círculo se reúne, então não há descanso ou paz aqui em lugar nenhum. Devemos sair. Mukti é o único fim a ser alcançado. . . .

O mal muda de forma, mas permanece o mesmo em qualidade. Nos tempos antigos a força governava, hoje é astuta. A miséria na Índia não é tão má como na América, porque o homem pobre aqui vê o maior contraste com a sua própria má condição.

O bem e o mal estão inextricavelmente combinados e um não pode existir sem o outro. A soma total de energia neste universo é como um lago, cada onda leva inevitavelmente a uma depressão correspondente. A soma total é absolutamente a mesma; portanto, fazer um homem feliz é fazer outro infeliz. A felicidade externa é material e a oferta é fixa; para que nenhum grão possa ser obtido por uma pessoa sem ser tirado de outra. Somente a felicidade além do mundo material pode ser obtida sem perda para ninguém. A felicidade material é apenas uma transformação da tristeza material.

Quem nasce na onda e fica nela não vê a depressão e o que está aí. Nunca pense, você pode tornar o mundo melhor e mais feliz. O boi no lagar nunca chega ao feno amarrado à sua frente, apenas mói o azeite. Assim,

persequimos o fogo-fátuo da felicidade que sempre nos escapa, e apenas moemos o moinho da natureza e depois morremos, apenas para começar de novo. Se pudéssemos nos livrar do mal, nunca teríamos um vislumbre de algo superior; ficaríamos satisfeitos e nunca lutaríamos para nos libertar. Quando o homem descobre que toda busca pela felicidade na matéria é absurda, então começa a religião. Todo conhecimento humano é apenas uma parte da religião.

No corpo humano o equilíbrio entre o bem e o mal é tão grande que existe uma chance de o homem desejar libertar-se de ambos.

O livre nunca ficou vinculado; perguntar como ele se saiu é uma pergunta ilógica. Onde não há escravidão, não há causa e efeito. "Eu me tornei uma raposa em um sonho e um cachorro me perseguiu." Agora, como posso perguntar por que o cachorro me perseguiu? A raposa fazia parte do sonho, e o cachorro o seguia naturalmente; mas ambos pertencem ao sonho e não têm existência externa. A ciência e a religião são tentativas de nos ajudar a sair da escravidão; apenas a religião é a mais antiga, e temos a superstição de que ela é a mais sagrada. De certa forma é, porque faz da moralidade um ponto vital, e a ciência não.

"Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus." Esta sentença por si só salvaria a humanidade se todos os livros e profetas fossem perdidos. Essa pureza de coração trará a visão de Deus. É o tema de toda a música deste universo. Na pureza não há escravidão. Remova os véus da ignorância pela pureza, então nos manifestaremos como realmente somos e saberemos que nunca estivemos em cativeiro. A visão de muitos é o grande pecado de todo o mundo. Veja tudo como o Eu e ame a todos; deixe toda ideia de separação ir embora. . . .

O homem diabólico faz parte do meu corpo como uma ferida ou uma queimadura. Temos que cuidar e melhorar; portanto, cuide e ajude continuamente o homem diabólico, até que ele "se cure" e seja feliz e saudável.

Embora pensemos no plano relativo, temos o direito de acreditar que, como corpos, podemos ser prejudicados por coisas relativas e igualmente que

podemos ser ajudados por elas. Essa ideia de ajuda, abstrata, é o que chamamos de Deus. A soma total de todas as ideias de ajuda é Deus.

Deus é o composto abstrato de tudo o que é misericordioso, bom e prestativo; essa deveria ser a única ideia. Como Atman, não temos corpo; então dizer: “Eu sou Deus e o veneno não me faz mal” é um absurdo. Embora exista um corpo e o vejamos, não realizamos Deus. O pequeno redemoinho poderá permanecer depois que o rio desaparecer? Clame por ajuda e você a conseguirá; e finalmente você descobrirá que aquele que clama por ajuda desapareceu, assim como o Ajudante, e a peça acabou; apenas o Eu permanece.

Uma vez feito isso, volte e jogue como quiser. Este corpo não poderá então fazer o mal, porque só quando todas as forças do mal forem extintas é que a libertação virá. Toda a escória foi queimada e resta “chama sem calor e sem fumaça”.

O impulso passado continua no corpo, mas só pode fazer o bem, porque todo o mal desapareceu antes que a liberdade chegasse. O ladrão moribundo na cruz colheu os efeitos de suas ações passadas. Ele tinha sido um Yogue e escorregou; então ele teve que nascer de novo; novamente ele escorregou e se tornou um ladrão; mas o bem passado que ele fez deu frutos, e ele conheceu Jesus no momento em que a libertação poderia chegar, e uma palavra o libertou.

Buda libertou seu maior inimigo, porque ele, por odiá-lo tanto (Buda), continuou pensando nele constantemente; esse pensamento purificou sua mente e ele ficou pronto para a liberdade. Portanto pense em Deus o tempo todo e isso o purificará. . . .

(Assim terminaram as lindas lições do nosso querido Guru. Na segunda-feira seguinte ele deixou o Thousand Island Park e voltou para Nova York.)

7.2 CONVERSAS E DIÁLOGOS

7.2.1 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur, as instalações alugadas da Math. Ano: 1898.]

Swamiji estava hospedado na época na casa alugada do jardim de Nilâmbar Bâbu, onde o Math havia sido removido de Alambazar. Arranjos foram feitos para o Tithipujâ (Natividade) de Shri Ramakrishna em grande escala. Na manhã do dia auspicioso, Swamiji inspecionou pessoalmente as preliminares da adoração. Terminada a inspeção, Swamiji perguntou ao discípulo: “Bem, você trouxe os fios sagrados, espero?”

Discípulo: Sim, senhor, eu tenho. Está tudo pronto, como você desejou. Mas, senhor, não consigo entender por que tantos fios sagrados estão sendo requisitados.

Swamiji: Todo Dwijâti (Brâhmins, Kshatriyas e Vaishyas são os Dwijatis) (nascidos duas vezes) tem o direito de investidura com o fio sagrado. Os próprios Vedas são autoridade neste assunto. Quem quer que venha aqui neste aniversário sagrado de Shri Ramakrishna, eu o investirei com o fio sagrado. Estas pessoas caíram do seu verdadeiro estatuto, e as escrituras dizem que após a expiação adequada, aqueles que caíram no caminho ganham o direito à investidura com o fio sagrado. Este é o grande dia do nascimento de Shri Ramakrishna, e os homens serão purificados ao tomarem seu nome. Assim, os devotos reunidos serão investidos com o fio sagrado hoje; você agora entende?

Discípulo: Eu coletei, senhor, um bom número de fios sagrados de acordo com suas instruções, e após a adoração, com sua permissão, investirei os Bhaktas com eles.

Swamiji: Para os Bhaktas que não são Brâmanes, dê este Mantra de Gâyatri (aqui Swamiji comunicou ao discípulo o Gayatris especial para eles). Aos poucos, todas as pessoas da terra devem ser elevadas à posição de Brâmanes, para não falar dos Bhaktas de Shri Ramakrishna. Cada hindu, digo, é irmão de todos os outros, e fomos nós que os degradamos com nosso clamor: "Não toque, não toque!" E assim todo o país mergulhou nas

profundezas da mesquinhez, da covardia e da ignorância. Estes homens têm de ser elevados; palavras de esperança e de fé devem ser-lhes proclamadas. Temos que dizer-lhes: “Vocês são homens como nós e têm todos os direitos que nós temos”. Você entende?

Discípulo: Sim, senhor, deveria ser assim.

Swamiji: Agora peça àqueles que vão levar o fio sagrado que terminem o banho no Gangâ. Depois da prostração diante de Shri Ramakrishna, eles terão sua investidura.

Cerca de quarenta a cinquenta Bhaktas receberam devidamente o Gayatri do discípulo e foram investidos com o fio sagrado. Ao recebê-los, o rosto de Swamiji brilhou com profundo deleite. Um pouco depois disso, Shri Girish Chandra Ghosh chegou ao Math vindo de Calcutá.

Agora os arranjos para a música foram feitos a pedido de Swamiji, e os Sannyasins da Matemática decoraram Swamiji como um Iogue.

Swamiji agora cantava com a entonação mais doce com o acompanhamento do Tânpurâ, o hino sânscrito que começa com - कुजन्तं रामरामेति ("repetindo em tom baixo o nome de Rama" etc.), e quando o canto chegou ao fim, ele continuou repetindo com encanto requintado as palavras sagradas “Râma, Râma, Shri Râma, Râma”. Seus olhos estavam semicerrados e a sublimidade natural de seu semblante parecia ter se aprofundado cem vezes. Todos permaneceram soletrados por mais de meia hora.

Após cantar o nome de Shri Rama, Swamiji continuou a cantar uma canção de Tulsidas em Shri Ramachandra com a mesma tensão mental embriagada. Depois outras músicas se seguiram.

Depois disso, Swamiji de repente começou a colocar todas as decorações que tinha em seu corpo e começou a vestir Girish Babu com elas. Então ele declarou: "Paramhansa-deva costumava dizer que nosso irmão é a encarnação de Bhairava (companheiro divino de Shiva). Não há distinção entre ele e nós." Girish Babu ficou sem palavras o tempo todo. Um pedaço de pano geruâ também foi trazido e foi enrolado nele e não proferiu nenhuma palavra de protesto. Pois ele se fundiu totalmente hoje nos desejos

de seus irmãos discípulos. Swamiji então disse: “Bem, G. C., você deve falar conosco hoje sobre Thâkur (Senhor). E todos vocês (virando-se) sentem-se quietos e atentos”. Mesmo assim, Girish Babu ficou sentado imóvel, sem voz como mármore, absolutamente perdido de alegria. E quando finalmente ele abriu os lábios, ele o fez para dizer: “Ah, o que esse eu humilde pode falar de nosso Senhor de misericórdia ilimitada! estendeu o privilégio de sentar e misturar-se em pé de igualdade com vocês, Sannyasins, puros desde a infância, que renunciaram a toda luxúria e lucro.” Enquanto falava assim, as palavras engasgaram em sua garganta e ele não conseguiu falar mais nada.

Depois disso, algumas peças de música hindu foram interpretadas por Swamiji. Os devotos foram agora chamados para tomar um lanche. Após o lanche, Swamiji veio e sentou-se na sala de estar no andar térreo, e todos os visitantes sentaram-se ao seu redor. Abordando um amigo chefe de família que recebeu sua investidura com o cordão sagrado naquele dia, Swamiji disse: "Na verdade, todos vocês pertencem às castas duplamente nascidas, só que já faz muito tempo que vocês perderam seu status. A partir deste dia novamente vocês se tornam duas vezes mais castas". -nascido. Repita o Gayatri pelo menos cem vezes ao dia, não é?" O morador expressou seu consentimento.

Enquanto isso, Srijut Mahendranath Gupta (Mestre Mahashaya [Venerável], ou "M") apareceu em cena. Swamiji o recebeu cordialmente e o fez sentar-se. "Mestre Mahashaya", disse Swamiji, "este é o aniversário do aniversário de Shri Ramakrishna. Portanto, você terá que nos contar algo sobre ele." Mestre Mahashaya abaixou a cabeça sorrindo em resposta.

Só então foi anunciado que Swami Akhandananda tinha vindo de Murshidabad com dois Pântuês [102] que pesavam um maund e meio! Todos nós corremos para ver esses prodigiosos Pantuas. Quando foram mostrados a Swamiji, ele disse: “Leve-os à capela para oferendas”.

Fazendo de Swami Akhandananda o tema de seus comentários, Swamiji disse ao discípulo: "Observe, que grande herói ele é no trabalho! Do medo, da morte e de coisas semelhantes ele não tem conhecimento - continua obstinadamente fazendo seu próprio trabalho - 'trabalho'". para o bem-estar de muitos, para a felicidade de muitos'."

Discípulo: Senhor, esse poder deve ter chegado a ele como resultado de muitas austeridades.

Swamiji: É verdade, o poder vem das austeridades; mas, novamente, trabalhar para o bem dos outros constitui Tapasyâ (prática de austeridade). Os karma-yogins consideram o próprio trabalho como parte de Tapasya. Assim como por um lado a prática de Tapasya intensifica os sentimentos altruístas no devoto e o leva ao trabalho altruísta, também a busca pelo trabalho pelo bem dos outros leva o trabalhador à última fruição de Tapasya, ou seja, a purificação do coração, e o conduz assim à realização do supremo Âtman (Eu).

Discípulo: Mas, senhor, quão poucos de nós conseguem trabalhar de todo o coração pelo bem dos outros desde o início! Quão difícil é que surja tal abertura de espírito que faça com que os homens sacrifiquem o desejo de sua própria felicidade e dediquem suas vidas aos outros!

Swamiji: E quantos estão pensando em Tapasya? Com a atração pela luxúria e pelo lucro agindo em sentido contrário, quantos anseiam pela realização de Deus? Na verdade, o trabalho desinteressado é tão difícil quanto o Tapasya. Portanto, você não tem o direito de dizer nada contra aqueles que trabalham pela causa dos outros. Se você acha que Tapasya é do seu agrado, vá em frente. Outro pode achar o trabalho agradável para si mesmo, e você não tem o direito de fazer uma proibição no caso dele. Você parece ter a ideia estabelecida em sua mente de que o trabalho não é Tapasya de forma alguma!

Discípulo: Sim, senhor, antes disso eu costumava dizer uma coisa bem diferente com Tapasya.

Swamiji: Assim como ao continuarmos com as nossas práticas religiosas desenvolvemos gradualmente uma certa tendência determinada para isso, também ao realizarmos trabalho desinteressado repetidas vezes, mesmo sem querer, gradualmente descobrimos que a vontade se funde nele. A inclinação para trabalhar para os outros se desenvolve dessa forma, entende? Apenas faça algum trabalho desse tipo, mesmo que de má vontade, e então veja se o verdadeiro fruto de Tapasya é realizado interiormente ou não. Como resultado do trabalho em prol dos outros, as

angularidades da mente são suavizadas e os homens são gradualmente preparados para o auto-sacrifício sincero pelo bem dos outros.

Discípulo: Mas, senhor, qual é a necessidade de fazer o bem aos outros?

Swamiji: Bem, é necessário para o próprio bem. Esquecemo-nos do ego quando pensamos no corpo como dedicado ao serviço dos outros – o corpo com o qual identificamos o ego de forma mais complacente. E no longo prazo surge a consciência da desencarnação. Quanto mais atentamente você pensa no bem-estar dos outros, mais alheio a si mesmo você se torna. Dessa forma, à medida que gradualmente o seu coração for purificado pelo trabalho, você sentirá a verdade de que o seu próprio Eu está permeando todos os seres e todas as coisas. Assim é que fazer o bem aos outros constitui uma forma, um meio de revelar o próprio Eu ou Âtman. Saiba que esta também é uma das práticas espirituais, uma disciplina para a realização de Deus. Seu objetivo também é a Auto-realização. Exatamente como esse objetivo é alcançado por Jnâna (conhecimento), Bhakti (devoção) e assim por diante, também pelo trabalho em prol dos outros.

Discípulo: Mas, senhor, se devo continuar pensando nos outros dia e noite, quando devo contemplar o Atman? Se fico totalmente ocupado com algo particular e relativo, como posso realizar o Atman que é Absoluto?

Swamiji: O objetivo mais elevado de todas as disciplinas, de todos os caminhos espirituais, é a obtenção do conhecimento do Atman. Se você, ao se dedicar ao serviço aos outros e ao purificar seu coração por meio desse trabalho, alcançar a visão de todos os seres como o Ser, o que mais resta a ser alcançado no caminho da Auto-realização? Você diria que a Autorrealização é o estado de existência como matéria inerte, como esta parede ou como este pedaço de madeira, por exemplo?

Discípulo: Embora esse não seja o significado, o que as escrituras chamam de retirada do Ser para sua natureza real consiste na interrupção de todas as funções da mente e de todo trabalho.

Swamiji: Sim, este Samâdhi do qual falam as escrituras é um estado nada fácil de alcançar. Quando muito raramente aparece em alguém, não dura muito; então com o que ele se manterá ocupado? Assim é que depois de

perceber esse estado descrito nas escrituras, o santo vê o Ser em todos os seres e nessa consciência se dedica ao serviço, para que qualquer Karma que ainda tenha sido trabalhado através do corpo possa se esgotar. É este estado que foi descrito pelos autores dos Shâstras (escrituras) como Jivanmukti, “Liberdade enquanto se vive”.

Discípulo: Então, afinal de contas, senhor, a menos que este estado de Jivanmukti seja alcançado, o trabalho para o bem dos outros nunca poderá ser realizado no sentido mais verdadeiro do termo.

Swamiji: Sim, é isso que dizem os Shastras, mas também dizem que o trabalho ou serviço para o bem dos outros leva a este estado de Jivanmukti. Caso contrário, não haveria necessidade por parte dos Shastras de ensinar um caminho separado de prática religiosa, chamado Karma-Yoga.

O discípulo agora entendeu o ponto e ficou em silêncio, e Swamiji desistindo do ponto começou a interpretar com uma voz de doçura sobre-humana a canção composta por Babu Girish Chandra Ghosh para comemorar a Natividade de Shri Ramakrishna, e começando:

"Quem és tu deitado no colo da pobre matrona brâmane."

7.2.2 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: As instalações alugadas da Math em Belur. Ano: 1898.]

Hoje Swamiji realizará um sacrifício e instalará Shri Ramakrishna no local do novo Math. O discípulo está hospedado no Math desde a noite anterior, com o objetivo de presenciar a cerimônia de instalação.

Pela manhã, Swamiji tomou banho no Ganga e entrou na sala de adoração. Então ele fez oferendas aos sagrados Pâdukâs (chinelos) de Shri Ramakrishna e começou a meditar.

Terminada a meditação e a adoração, foram feitos os preparativos para a ida às novas instalações do Math. O próprio Swamiji levou no ombro direito as cinzas do corpo de Shri Ramakrishna preservadas em um caixão de cobre e liderou a van. O discípulo em companhia de outros Sannyasins ficou na retaguarda. Havia a música de sinos e conchas. No caminho, Swamiji disse ao discípulo: “Shri Ramakrishna me disse: 'Onde quer que você me leve em seus ombros, lá irei e ficarei, seja debaixo de uma árvore ou em uma cabana.' É por isso que eu mesmo o carrego em meus ombros para o novo terreno da Matemática. Tenha certeza de que Shri Ramakrishna manterá seu assento fixado lá, para o bem-estar de muitos, por muito tempo.”

Discípulo: Quando foi que ele lhe disse isso?

Swamiji: (Apontando para os Sâdhus da Matemática) Você não teve notícias deles? Foi no jardim de Cossipur.

Discípulo: Entendo. Foi nessa ocasião, suponho, que ocorreu a divisão entre os Sannyasins de Shri Ramakrishna e os discípulos chefes de família em relação ao privilégio de servi-lo.

Swamiji: Sim, mas não exatamente uma “divisão” – foi apenas um mal-entendido, só isso. Tenha certeza de que entre aqueles que são devotos de Shri Ramakrishna e que realmente obtiveram sua graça, não há seita ou cisma, não pode haver – sejam eles chefes de família ou Sannyasins. Quanto a esse tipo de pequeno mal-entendido, você sabe a que se deveu? Bem, cada devoto colore Shri Ramakrishna à luz de seu próprio entendimento e cada um forma sua própria ideia dele a partir de seu ponto de vista peculiar. Ele era, por assim dizer, um grande Sol e cada um de nós está olhando para ele, por assim dizer, através de um tipo diferente de vidro colorido e passando a olhar para aquele Sol como multicolorido. Naturalmente, é bem verdade que isto leva ao cisma com o passar do tempo. Mas então, tais cismas raramente ocorrem durante a vida daqueles que têm a sorte de ter entrado em contato direto com um Avatâra. A refulgência daquela Personalidade, que tem prazer apenas no Ser, deslumbra seus olhos e varre de suas mentes o orgulho, o egoísmo e a estreiteza mental. Consequentemente, não encontram oportunidade para criar seitas e facções partidárias. Eles se contentam em oferecer-lhe a adoração de seu coração, cada um à sua maneira.

Discípulo: Senhor, os devotos de Avatara o veem de maneira diferente, apesar de saberem que ele é Deus, e isso leva as gerações seguintes de seus seguidores a se limitarem a limites estreitos e a formarem várias pequenas seitas?

Swamiji: Exatamente. Conseqüentemente, as seitas estão fadadas a se formar com o passar do tempo. Veja, por exemplo, como os seguidores de Chaitanya Deva foram divididos em duzentas ou trezentas seitas; e os de Jesus possuem milhares de credos. Mas todas essas seitas, sem exceção, seguem Chaitanya Deva ou Jesus, e nenhuma outra.

Discípulo: Então, talvez, os seguidores de Shri Ramakrishna também serão divididos com o passar do tempo em várias seitas?

Swamiji: Bem, é claro. Mas então esta Matemática que estamos construindo harmonizará todos os credos, todos os pontos de vista. Assim como Shri Ramakrishna tinha opiniões altamente liberais, esta matemática também será um centro para a propagação de ideias semelhantes. A luz resplandecente da harmonia universal que emanará daqui inundará o mundo inteiro.

Enquanto tudo isso acontecia, a festa chegou às instalações do Math. Swamiji tirou o caixão do ombro, colocou-o sobre o tapete estendido no chão e curvou-se diante dele tocar o chão com a testa. Outros também seguiram o exemplo.

Então Swamiji sentou-se novamente para adoração. Depois de passar por Pujâ (adoração), ele acendeu o fogo sacrificial, fez oblações a ele, e ele mesmo cozinhando Pâyasa (arroz com leite com açúcar) com a ajuda de seus irmãos-discípulos, ofereceu-o a Shri Ramakrishna. Provavelmente também ele iniciou certos chefes de família naquele dia. Tendo sido realizada toda essa cerimônia, Swamiji dirigiu-se cordialmente aos cavalheiros reunidos e disse: "Orem hoje a todos vocês, de coração e alma, aos pés sagrados de Shri Ramakrishna, para que o grande Avatara deste ciclo que ele é, ele possa:" o bem-estar de muitos, e para a felicidade de muitos - बहुजनहिताय बहुजनसुखाय ", residir neste local sagrado a partir de hoje por um grande período de tempo, e continuar sempre a torná-lo o centro único de harmonia entre todas as religiões ." Todos oraram assim com as palmas das mãos postas. Em seguida, Swamiji chamou o discípulo e disse: "Nenhum de nós (Sanyasins) tem mais o direito de pegar de volta este caixão de Shri Ramakrishna, pois nós o instalamos aqui hoje. Cabe a você, portanto, levá-lo de volta em sua cabeça. (para o jardim de Nilambar Babu)". Vendo que o discípulo hesitava em tocar o caixão, Swamiji disse: "Não tenha medo, toque nele, você tem minha ordem". O discípulo obedeceu de bom grado à ordem, ergueu o caixão sobre a cabeça e seguiu em frente. Ele foi primeiro, em seguida veio Swamiji e o resto o seguiu. Swamiji disse ao discípulo no caminho: "Shri Ramakrishna sentou-se hoje em sua cabeça e está abençoando você. Tome cuidado, nunca deixe sua mente pensar em nada transitório, deste dia em diante." Antes de atravessar uma pequena ponte, Swamiji disse-lhe novamente: "Cuidado, agora, você deve se mover com muita cautela."

Assim, todos chegaram com segurança ao Math e se alegraram. Swamiji então iniciou uma conversa com o discípulo, no decorrer da qual ele disse: "Através da vontade de Shri Ramakrishna, seu Dharmakshetra – local santificado – foi estabelecido hoje. no que estou pensando neste momento – Esta matemática será um centro de aprendizagem e disciplina espiritual. Chefes de família virtuosos como vocês construirão casas nas terras vizinhas e viverão lá, e os sannyasins, homens de renúncia, viverão nelas. no centro, enquanto naquele terreno ao sul do Math serão erguidos prédios para os discípulos ingleses e americanos morarem. Você gostou dessa ideia?

Discípulo: Senhor, é realmente uma fantasia maravilhosa sua.

Swamiji: Você chama isso de fantasia? De forma alguma, tudo acontecerá com o tempo. Estou apenas lançando as bases. Haverá muitos desenvolvimentos futuros no futuro. Uma parte disso viverei para resolver. E vou infundir em vocês várias idéias, que vocês trabalharão no futuro. Não basta apenas ouvir grandes princípios. Você deve aplicá-los no campo prático, transformá-los em prática constante. Qual será a vantagem de abarrotar os ditados altissonantes das escrituras? Você deve primeiro compreender os ensinamentos dos Shastras e depois praticá-los na vida prática. Você entende? Isso é chamado de religião prática.

Assim a conversa continuou e gradualmente derivou para o tema de Shankarâchârya. O discípulo era um grande adepto de Shankara, quase ao ponto do fanatismo. Ele costumava considerar a filosofia Advaita de Shankara como o ápice de todas as filosofias e não suportava qualquer crítica a ele. Swamiji estava ciente disso e, como era seu costume, queria quebrar essa unilateralidade do discípulo.

Swamiji: O intelecto de Shankara era afiado como uma navalha. Ele era um bom argumentador e um estudioso, sem dúvida, mas não tinha grande liberalidade; seu coração também parece ter sido assim. Além disso, ele costumava ter grande orgulho de seu bramanismo – muito parecido com um brâmane do sul da classe sacerdotal, pode-se dizer. Como ele defendeu em seu comentário sobre os Vedanta-Sutras que as castas não-brâmanes não alcançarão um conhecimento supremo de Brahman! E que argumentos capciosos! Referindo-se a Vidura [103], ele disse que se tornou um conhecedor de Brahman por causa de seu corpo Brahmin na encarnação anterior. Bem, se hoje em dia qualquer Shudra alcança o conhecimento de Brahman, teremos que ficar do lado de seu Shankara e sustentar que porque ele foi um Brahmin em seu nascimento anterior, portanto ele alcançou esse conhecimento? Bondade! Qual é a utilidade de arrastar o Brahminismo com tanto barulho? Os Vedas autorizaram qualquer pessoa pertencente às três castas superiores a estudar os Vedas e a realização de Brahman, não é mesmo? Portanto, Shankara não teve necessidade alguma de exibir esse curioso pedantismo sobre esse assunto, contrário aos Vedas. E tal era o seu coração que ele queimou até a morte muitos monges budistas – derrotando-os em discussões! E os budistas também foram tolos o suficiente para morrerem queimados, simplesmente porque foram derrotados na discussão! Como você pode chamar tal ação por parte de Shankara, exceto fanatismo? Mas olhe para o coração de Buda! — Sempre pronto a dar a própria vida para salvar a vida até de uma criança — o que falar de "बहुजनहिताय बहुजनसुखाय" — Para o bem-estar de muitos, para a felicidade de muitos"! Veja, que generosidade – que compaixão!

Discípulo: Não podemos chamar essa atitude do Buda também de outro tipo de fanatismo, senhor? Ele chegou ao ponto de sacrificar seu próprio corpo por causa de uma fera!

Swamiji: Mas considere quanto bem para o mundo e para os seus seres resultou desse “fanatismo” dele – quantos mosteiros, escolas e faculdades, quantos hospitais públicos e refúgios veterinários foram estabelecidos, como a arquitectura se desenvolveu – pense nisso. O que havia neste país antes do advento de Buda? Apenas uma série de princípios religiosos registrados em feixes de folhas de palmeira – e esses também são conhecidos apenas por alguns. Foi o Senhor Buda quem os trouxe ao campo

prático e mostrou como aplicá-los na vida cotidiana das pessoas. De certo modo, ele era a personificação viva do verdadeiro Vedanta.

Discípulo: Mas, senhor, foi ele quem, ao quebrar o Varnâshrama Dharma (dever de acordo com a casta e a ordem de vida), provocou uma revolução dentro do rebanho do Hinduísmo na Índia, e parece haver alguma verdade também na observação de que a religião que ele pregava foi, por esse motivo, banida do solo da Índia com o passar do tempo.

Swamiji: Não foi através dos seus ensinamentos que o Budismo chegou a tal degradação, foi culpa dos seus seguidores. Ao se tornarem demasiado filosóficos, perderam grande parte da amplitude do seu coração. Depois, gradualmente, a corrupção conhecida como Vâmâchâra (mistura desenfreada com mulheres em nome da religião) insinuou-se e arruinou o Budismo. Tais ritos diabólicos não são encontrados em nenhum Tantra moderno! Um dos principais centros do Budismo foi Jagannâtha ou Puri, e basta ir até lá e observar as figuras abomináveis esculpidas nas paredes do templo para se convencer disso. Puri está sob o domínio dos Vaishnavas desde a época de Râmânuja e Shri Chaitanya. Através da influência de grandes personagens como estes, o lugar agora assume um aspecto totalmente diferente.

Discípulo: Senhor, os Shastras nos falam de várias influências especiais associadas aos locais de peregrinação. Até que ponto esta afirmação é verdadeira?

Swamiji: Quando o mundo inteiro é a Forma Universal do Eterno Atman, o Ishvara (Deus), o que há para se admirar nas influências especiais ligadas a lugares específicos? Há lugares onde Ele se manifesta de maneira especial, seja espontaneamente ou através do anseio sincero das almas puras, e o homem comum, se visitar esses lugares com entusiasmo, atinge seu fim com bastante facilidade. Portanto, pode levar ao desenvolvimento do Ser com o tempo de recorrer a lugares sagrados. Mas saiba com certeza que não existe Tirtha (local sagrado) maior do que o corpo do homem. Em nenhum outro lugar o Atman é tão manifesto como aqui. Aquele carro de Jagannatha que você vê é apenas um símbolo concreto deste carro corpóreo. Você tem que contemplar o Atman neste carro do corpo. Você não leu "आत्मानं रथिनं विद्धि — Saiba que o Atman está sentado na carruagem" etc., "मध्ये वामनमासीनं विश्वे देवा उपासते

— Todos os deuses adoram o Vâmana (o Ser Supremo em forma diminuta) sentado no interior do corpo"? A visão do Atman é a visão real de Jagannatha. E a afirmação "रथे च वामनं दृष्ट्वा पुनर्जन्म न विद्ययते — Vendo o Vâmana no carro, não se está mais sujeito a renascer", significa que se você consegue visualizar o Atman que está dentro de você, e desconsiderando isso você está sempre se identificando com esta curiosa massa de matéria, este seu corpo – se você puder ver isso, então não haverá mais renascimento para você. Se a visão da imagem do Senhor numa estrutura de madeira confere libertação às pessoas, então milhões delas seriam libertadas todos os anos - especialmente com a facilidade de comunicação ferroviária hoje em dia! Mas não quero dizer que a noção que os devotos em geral nutrem em relação a Shri Jagannatha seja nula ou errônea. Existe uma classe de pessoas que gradualmente ascende a verdades cada vez mais elevadas com a ajuda dessa imagem. Portanto, é um fato indubitável que nessa imagem e através dela há uma manifestação especial do Senhor.

Discípulo: Senhor, existem religiões diferentes para os ignorantes e os sábios?

Swamiji: Exatamente. Caso contrário, por que suas escrituras vão tão longe na especificação das qualificações de um aspirante? Tudo é verdade, sem dúvida, mas verdade relativa, em graus diferentes. Tudo o que o homem sabe ser verdade é de natureza semelhante: algumas são verdades menores, outras, verdades superiores em comparação com elas, enquanto a Verdade Absoluta é somente Deus. Este Atman está totalmente adormecido na matéria; no homem, designado como ser vivo, é parcialmente consciente; enquanto em personagens como Shri Krishna, Buda e Shankara o mesmo Atman atingiu o estágio superconsciente. Existe um estado ainda além disso, que não pode ser expresso em termos de pensamento ou linguagem — आवाह्यमनसो गोचरम् ।

Discípulo: Senhor, existem certas seitas Bhakti que afirmam que devemos praticar a devoção colocando-nos numa determinada atitude ou relação com Deus. Eles não entendem nada sobre a glória do Atman e assim por diante, e recomendam exclusivamente esta atitude devocional constante.

Swamiji: O que eles dizem é verdade para o seu próprio caso. Pela prática contínua ao longo desta linha, eles também sentirão um despertar de Brahman dentro deles. E o que nós (Sanyasins) estamos fazendo é outro tipo de prática. Renunciamos ao mundo. Então, como nos será conveniente praticar colocando-nos em alguma relação mundana – como a de mãe, ou pai, ou esposa ou filho, e assim por diante – com Deus? Para nós, todos esses ideais parecem estreitos. É claro que é muito difícil qualificar-se para a adoração de Deus em Seu aspecto absoluto e incondicionado. Mas devemos recorrer ao veneno porque não obtemos néctar? Sempre fale, ouça e raciocine sobre este Atman. Continuando a praticar desta forma, você descobrirá com o tempo que o Leão (Brahman) também despertará em você. Vá além de todas essas atitudes relativas – meros esportes mentais. Ouça o que Yama diz no Katha Upanisad: **उत्तिष्ठत जाग्रत प्राप्य वरान्निबोधत ।** (Levante-se, desperte e aprenda aproximando-se da elite.) Levante-se! Acordado! e não pare até que o objetivo seja alcançado!

Aqui o assunto foi encerrado. O sino para tomar Prasada (comida consagrada) tocou e Swamiji foi comê-la, seguido pelo discípulo.

7.2.3 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: As instalações alugadas da Math em Belur. Hora: fevereiro de 1898.]

Swamiji removeu o Math de Alambazar para o jardim de Nilambar Babu em Belur. Ele está muito feliz por ter vindo para estas novas instalações. Ele disse ao discípulo quando este chegou: "Veja como o Ganga flui e que belo edifício! Gosto deste lugar. Este é o tipo de lugar ideal para uma aula de matemática." Já era tarde.

À noite, o discípulo encontrou Swamiji sozinho no andar superior, e a conversa continuou, sobre vários assuntos, durante os quais ele quis saber sobre a infância de Swamiji. Swamiji começou a dizer: "Desde a minha

infância eu era um sujeito ousado. Caso contrário, você acha que eu poderia fazer uma viagem ao redor do mundo sem uma única moeda de cobre no bolso?"

Na infância, Swamiji tinha uma grande predileção por ouvir o canto do Râmâyana por cantores profissionais. Onde quer que tais cânticos aconteciam na vizinhança, ele comparecia, deixando o esporte e tudo. Swamiji relatou como, enquanto ouvia o Ramayana, em alguns dias, ele ficava tão profundamente absorto nele que se esquecia de tudo sobre casa, e não tinha ideia de que já era tarde da noite e que ele deveria voltar para casa, e então adiante. Um dia, durante o canto, ele ouviu que o deus-macaco Hanumân vivia em bananeiras. Imediatamente ele ficou tão convencido que quando o canto terminou, ele não foi direto para casa naquela noite, mas ficou vagando em um pomar de bananas perto de sua casa, na esperança de avistar Hanuman, até que fosse bem tarde da noite. .

Em sua vida de estudante, ele passava o dia apenas brincando e brincando com os amigos, e à noite estudava trancando as portas. E ninguém poderia saber quando ele preparava suas aulas.

O discípulo perguntou: “Você teve alguma visão, senhor, durante seus dias de escola?”

Swamiji: Enquanto estava na escola, uma noite eu estava meditando a portas fechadas e tive uma concentração mental bastante profunda. Quanto tempo meditei dessa maneira, não sei dizer. Acabou e eu ainda permaneci sentado quando, da parede sul daquela sala, uma figura luminosa saiu e ficou na minha frente. Havia um brilho maravilhoso em seu rosto, mas parecia não haver nenhum jogo de emoção nele. Era a figura de um Sannyasin absolutamente calmo, com a cabeça raspada e o cajado e Kamandalu (a tigela de água de madeira do Sannyasin) na mão. Ele olhou para mim por algum tempo e parecia que iria se dirigir a mim. Eu também olhei para ele com uma admiração muda. Então uma espécie de susto tomou conta de mim, abri a porta e saí correndo da sala. Então me ocorreu que era uma tolice da minha parte fugir daquele jeito, que talvez ele pudesse me dizer alguma coisa. Mas nunca encontrei esse número desde então. Muitas e muitas vezes pensei que se o visse novamente, não teria mais medo, mas falaria com ele. Mas não o encontrei mais.

Discípulo: Você já pensou no assunto depois?

Swamiji: Sim, mas não consegui encontrar nenhuma pista para a sua solução. Agora penso que foi o Senhor Buda quem vi.

Após uma breve pausa, Swamiji disse: “Quando a mente está purificada, quando alguém está livre do apego à luxúria e ao ouro, ele tem muitas visões, as mais maravilhosas! além disso, se ele fixa sua mente constantemente neles. Você não ouviu que Shri Ramakrishna costumava dizer: 'Inúmeras joias estão abandonadas nas cortes externas do santuário do meu amado Senhor'. é útil fixar a mente em caprichos como esses?”

Depois de dizer essas palavras, Swamiji ficou em silêncio por um tempo, perdido em pensamentos sobre algo. Ele então retomou:

"Bem, enquanto eu estava na América, certos poderes maravilhosos foram desenvolvidos em mim. Ao olhar nos olhos das pessoas, eu poderia compreender num piscar de olhos o conteúdo de suas mentes. O funcionamento da mente de todos seria potente para mim, como uma fruta no palma da mão. Para alguns eu costumava distribuir essas coisas, e daqueles a quem eu as comunicava, muitos se tornariam meus discípulos, enquanto aqueles que vieram se misturar comigo com algum motivo oculto não o fariam, ao se depararem com esse poder; meu, até mesmo se aventurar mais na minha presença.

"Quando comecei a dar palestras em Chicago e em outras cidades, às vezes eu tinha que dar doze, quinze ou até mais palestras todas as semanas. Essa tensão excessiva no corpo e na mente me exauriria até certo ponto. Parecia que eu estava com falta de matérias. para as palestras e estava ansioso para encontrar novos tópicos para a palestra do dia seguinte. Novos pensamentos pareciam totalmente escassos. Um dia, depois da palestra, fiquei pensando nos meios a seguir. O pensamento induziu uma espécie de sono, e nesse estado. Ouvi como se alguém ao meu lado estivesse dando uma palestra – muitas idéias novas e novas linhas de pensamento, nas quais eu mal tinha ouvido ou pensado em minha vida. Ao acordar, lembrei-me delas e as reproduzi em minha palestra. Não consigo enumerar quantas vezes isso aconteceu. Aconteceu esse fenômeno. Por muitos e muitos dias eu ouvi essas palestras enquanto estava deitado na cama. Às vezes, a palestra era

proferida em voz tão alta que os internos dos quartos adjacentes ouviam o som e me perguntavam no dia seguinte: "Com quem, Swamiji, você estava falando tão alto ontem à noite?" Eu costumava evitar a pergunta de alguma forma. Ah, foi um fenômeno maravilhoso."

O discípulo ficou impressionado com as palavras de Swamiji e depois de pensar profundamente sobre o assunto disse: "Senhor, então você mesmo deve ter ensinado assim em seu corpo sutil, e às vezes isso seria ecoado pelo corpo grosseiro também".

Swamiji ouviu e respondeu: "Bem, pode ser".

O tema de suas experiências americanas surgiu. Swamiji disse: "Naquele país as mulheres são mais eruditas que os homens. Elas são todas bem versadas em ciência e filosofia, e é por isso que me apreciariam e me honrariam tanto. Os homens estão trabalhando o dia todo e têm muito trabalho. pouco lazer, enquanto as mulheres, ao estudarem e ensinarem em escolas e faculdades, tornaram-se altamente eruditas. Qualquer que seja o lado para o qual você olhe na América, você vê o poder e a influência das mulheres.

Discípulo: Bem, senhor, os cristãos intolerantes não se opuseram a você?

Swamiji: Sim, eles fizeram. Quando as pessoas começaram a me homenagear, os Padris estavam atrás de mim. Eles espalharam muitas calúnias sobre mim, publicando-as nos jornais. Muitos me pediram para contradizer essas calúnias. Mas nunca prestei a menor atenção neles. É minha firme convicção que nenhuma grande obra é realizada neste mundo por meio de pouca astúcia; então, sem prestar atenção a essas calúnias vis, eu costumava trabalhar firmemente em minha missão. O resultado que descobri foi que muitas vezes os meus caluniadores, sentindo-se depois arrependidos, entregavam-se a mim e ofereciam desculpas, contradizendo por si próprios as calúnias nos jornais. Às vezes acontecia que, ao saber que tinha sido convidado para uma determinada casa, alguém comunicava essas calúnias ao meu anfitrião, que, ao ouvi-las, saía de casa, trancando a porta. Quando fui lá atender o convite, descobri que estava deserto e não havia ninguém. Novamente, alguns dias depois, eles próprios, aprendendo a verdade, sentiram pena de sua conduta anterior e viriam se oferecer como

discípulos. O fato é, meu filho, que todo este mundo está cheio de formas mesquinhas de mundanismo. Mas homens de verdadeira coragem moral e discriminação nunca são enganados por estes. Deixe o mundo dizer o que quiser, trilharei o caminho do dever - saiba que esta é a linha de ação de um herói. Caso contrário, se alguém tiver que prestar atenção dia e noite ao que este homem diz ou aquele homem escreve, nenhuma grande obra será realizada neste mundo. Você conhece este Shloka sânscrito: "Que aqueles que são versados nos códigos éticos elogiem ou culpem, deixem Lakshmi, a deusa da Fortuna, ir ou vir onde quiser, deixe a morte alcançá-lo hoje ou depois de um século, o homem sábio nunca desvia do caminho da retidão." (Nitishataka de Bhartrihari) Deixe as pessoas elogiá-lo ou culpá-lo, deixe a fortuna sorrir ou desaprovar você, deixe seu corpo cair hoje ou depois de um Yuga, certifique-se de não se desviar do caminho da Verdade. Quanta tempestade e ondas alguém tem que enfrentar antes de chegar ao refúgio da Paz! Quanto maior um homem se tornou, mais cruel foi a provação pela qual ele teve que passar. Suas vidas foram testadas pela pedra de toque da vida prática, e só então foram reconhecidas como grandes pelo mundo. Aqueles que são tímidos e covardes afundam suas barcas perto da costa, assustados com a fúria das ondas do mar. Aquele que é um herói nunca olha para isso. Aconteça o que acontecer, devo primeiro atingir meu ideal – isto é Purushakâra, esforço viril; sem esse esforço viril, nenhuma ajuda divina terá qualquer utilidade para banir sua inércia.

Discípulo: Então, confiar na ajuda Divina é um sinal de fraqueza?

Swamiji: Nos Shastras a verdadeira auto-entrega e a confiança em Deus foram indicadas como o ápice da realização humana. Mas hoje em dia no seu país a forma como as pessoas falam de Daiva ou da confiança na dispensação Divina é um sinal de morte, o resultado de uma grande covardia; evocando alguma ideia monstruosa de Deus e tentando sobrecarregar isso com todas as suas falhas e deficiências. Você não ouviu a história de Shri Ramakrishna sobre “o pecado de matar uma vaca”? [104] No final, o dono do jardim teve que sofrer pelo pecado de matar a vaca. Hoje em dia todos dizem: “Estou agindo conforme estou sendo orientado pelo Senhor”, e assim lançam sobre o Senhor o fardo de seus pecados e virtudes. Como se ele próprio fosse a folha de lótus na água (intocada por ela)! Se todos puderem realmente viver sempre neste estado de espírito,

então ele é uma Alma Livre. Mas o que realmente acontece é que pelo “bom” eu tenho o crédito, mas pelo “mau” Tu, Deus, és o responsável! Louvado seja essa confiança em Deus! Sem a obtenção da plenitude do Conhecimento ou do Amor Divino, tal estado de confiança absoluta no Senhor não ocorre. Aquele que confia verdadeira e sinceramente no Senhor vai além de toda ideia da dualidade do bem e do mal. O exemplo mais brilhante da obtenção deste estado entre nós atualmente é Nâg Mahashaya. (Durgâ Charan Nag, um discípulo de Shri Ramakrishna.)

Então a conversa mudou para o assunto Nâg Mahashaya. Swamiji disse: “Ninguém encontra um segundo Bhakta devotado como ele – Oh, quando o verei novamente!”

Discípulo: Ele logo virá a Calcutá para conhecê-lo, então minha mãe (esposa de Nag Mahashaya) me escreveu.

Swamiji: Shri Ramakrishna costumava compará-lo ao rei Janaka. Um homem com tanto controle sobre todos os sentidos que ninguém ouve falar, muito menos se depara. Você deve se associar a ele tanto quanto puder. Ele é um dos discípulos mais próximos de Shri Ramakrishna.

Discípulo: Muitos em nossa parte do país o chamam de maluco. Mas eu sei que ele é uma grande alma desde o primeiro dia em que o conheci. Ele me ama muito e tenho suas fervorosas bênçãos.

Swamiji: Já que você alcançou a companhia de tal Mahapurusha (alma sagrada), o que mais você tem a temer? Como resultado de muitas vidas de Tapasyâ, somos abençoados com a companhia de uma alma tão grande. Como ele mora em casa?

Discípulo: Senhor, ele não tem nenhum negócio nem nada parecido. Ele está sempre ocupado em atender os convidados que vêm à sua casa. Além da pequena quantia que os Pal Babus lhe dão, ele não tem outros meios de subsistência; suas despesas, porém, são como as de uma família rica. Mas ele não gasta um centavo para seu próprio prazer, todas essas despesas são para o serviço dos outros. Serviço — serviço aos outros — esta parece ser a grande missão da sua vida. Às vezes me ocorre que, percebendo o Atman em todas as criaturas, ele está absorto em servir o mundo inteiro como parte

integrante de si mesmo. Ao serviço dos outros ele trabalha incessantemente e não tem consciência nem do seu corpo. Suponho que ele sempre viva no plano que o senhor chama de estado superconsciente da mente.

Swamiji: Por que não deveria ser assim? Quão grandemente ele era amado por Shri Ramakrishna! Em sua Bengala Oriental, um dos companheiros divinos de Shri Ramakrishna nasceu na pessoa de Nag Mahashaya. Por seu esplendor, Bengala Oriental tornou-se refulgente.

7.2.4 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: As instalações de matemática alugadas em Belur. Ano: 1898, novembro.]

Já se passaram dois ou três dias desde que Swamiji voltou da Caxemira. Sua saúde é indiferente. Quando o discípulo chegou ao Math, Swami Brahmananda disse: “Desde que voltou da Caxemira, Swamiji não fala com ninguém, ele fica sentado em um lugar absorto em pensamentos; objetos.”

O discípulo que chegou ao quarto de Swamiji no andar superior o encontrou sentado como se estivesse imerso em profunda meditação. Não havia sorriso em seu rosto, seus olhos brilhantes não olhavam para fora, como se pretendessem ver algo dentro. Ao ver o discípulo, ele apenas disse: “Você veio, meu filho? Por favor, sente-se”, e ficou em silêncio. O discípulo vendo o interior do olho esquerdo avermelhado perguntou: “Como é que o seu olho está vermelho?” “Isso não é nada”, disse Swamiji e ficou novamente em silêncio. Mesmo depois de muito tempo, Swamiji não falou, o discípulo ficou com o coração um pouco perturbado e, tocando seus pés, disse: “Você não vai me contar as coisas que viu em Amarnath?” Ao tocar os pés do discípulo, a tensão de seu humor foi quebrada um pouco, como se sua atenção fosse desviada um pouco para fora. Ele disse: “Desde que visitei Amarnath, sinto como se Shiva estivesse sentado na minha cabeça

por vinte e quatro horas e não quisesse descer”. O discípulo ouviu isso com uma admiração muda.

Swamiji: Passei por grandes austeridades religiosas em Amarnath e depois no templo de Kshir Bhavâni. Vá e prepare-me um pouco de tabaco, contarei tudo a você.

O discípulo obedeceu alegremente à ordem. Swamiji fumando lentamente começou a dizer: “No caminho para Amarnath, fiz uma subida muito íngreme na montanha. Os peregrinos geralmente não viajam por esse caminho. fiz. O trabalho da extenuante subida afetou meu corpo. O frio lá é tão cortante que você sente como se fosse uma picada de alfinete.

Discípulo: Ouvi dizer que é costume visitar nua a imagem de Amarnath; é assim?

Swamiji: Sim, entrei na caverna apenas com meu Kaupina e meu corpo untado com cinza sagrada; Não senti nenhum frio ou calor. Mas quando saí do templo, fiquei entorpecido pelo frio.

Discípulo: Você viu os pombos sagrados? Ouvi dizer que naquele frio não há criaturas vivas vivas, mas uma revoada de pombos de algum lugar desconhecido frequenta o local ocasionalmente.

Swamiji: Sim, vi três ou quatro pombos brancos; se vivem na caverna ou nas colinas vizinhas, não consegui saber.

Discípulo: Senhor, tenho ouvido pessoas dizerem que a visão de pombos ao sair do templo indica que alguém foi realmente abençoado com a visão de Shiva.

Swamiji: Ouvi dizer que a visão dos pombos realiza quaisquer desejos que alguém possa ter.

Então Swamiji disse que no caminho de volta retornou a Srinagar pela rota comum pela qual os peregrinos retornam. Poucos dias depois de retornar a Srinagar, ele foi visitar Kshir Bhavani Devi e lá permaneceu por sete dias, adorou a Devi e fez Homa para ela com oferendas de Kshira (leite

condensado). Todos os dias ele costumava adorar a Devi com um monte de Kshira como oferenda. Um dia, enquanto adorava, o pensamento surgiu na mente de Swamiji: “Mãe Bhavani tem manifestado Sua Presença aqui por incontáveis anos. estávamos vivendo, eu nunca teria suportado isso silenciosamente.” Quando, pensando dessa forma, sua mente ficou muito oprimida pela tristeza e angústia, ele ouviu distintamente a voz da Mãe dizendo: "Foi de acordo com Meu desejo que os maometanos destruíram este templo. É Meu desejo que eu viva. em um templo dilapidado, caso contrário, não posso erguer imediatamente um templo de ouro de sete andares aqui, se eu quiser? O que você pode fazer? Swamiji disse: “Desde que ouvi aquela voz divina, não acalento mais planos. A ideia de desenvolver a matemática, etc., desisti; como a Mãe quiser, assim será”. O discípulo, mudo de admiração, começou a pensar: "Ele não me disse um dia que tudo o que eu via e ouvia era apenas o eco do Atman dentro de mim, que não havia nada fora?" - e destemidamente também falou - "Senhor, você costumava dizer que as Vozes Divinas são o eco de nossos pensamentos e sentimentos interiores." Swamiji disse gravemente: "Seja interno ou externo, se você realmente ouvir com seus ouvidos uma voz tão desencarnada, como eu fiz, você pode negá-la e chamá-la de falsa? Vozes Divinas são realmente ouvidas, assim como você e eu somos conversando."

O discípulo, sem contestar, aceitou as palavras de Swamiji, pois suas palavras sempre carregavam convicção.

Ele então tocou no assunto dos espíritos que partiram e disse: “Senhor, esses fantasmas e espíritos que partiram de que ouvimos falar – os quais os Shastras também corroboram amplamente – são todos verdadeiros ou não?

Swamiji: Certamente são verdadeiras. Tudo o que você não vê, eles são todos falsos por isso? Além da sua visão, milhões de universos giram a grandes distâncias. Porque você não os vê, eles são inexistentes para isso? Mas então, não se concentre nesses assuntos de fantasmas e espíritos. Sua atitude mental em relação a eles deve ser de indiferença. Seu dever é realizar o Atman dentro deste corpo. Quando você realizar o Atman, fantasmas e espíritos serão seus escravos.

Discípulo: Mas, senhor, acho que, se alguém os vir, isso fortalecerá sua crença no além e dissipará todas as dúvidas sobre isso.

Swamiji: Vocês são heróis; você quer dizer que até você terá que fortalecer sua crença no além vendo fantasmas e espíritos! Você leu tantas ciências e escrituras – dominou tantos segredos deste universo infinito – mesmo com tal conhecimento, você tem que adquirir o conhecimento do Atman vendo fantasmas e espíritos! Que pena!

Discípulo: Bem, senhor, você já viu fantasmas e espíritos?

Swamiji narrou que um certo parente falecido costumava vir até ele como um espírito desencarnado. Às vezes, costumava trazer-lhe informações sobre acontecimentos distantes. Mas na verificação, algumas de suas informações não foram consideradas corretas. Depois, em um determinado local de peregrinação, Swamiji rezou mentalmente por ele, desejando que ele pudesse ser liberado – desde então ele não o viu novamente.

O discípulo então questionou Swamiji se Shrâddha ou outras cerimônias fúnebres apaziguavam os espíritos falecidos de alguma forma. Swamiji respondeu: “Isso não é impossível”. Quando o discípulo perguntou sobre os fundamentos dessa crença, Swamiji disse: "Um dia explicarei o assunto detalhadamente para você. Existem argumentos irrefutáveis para provar que a cerimônia de Shrâddha apazigua os seres que partiram. Hoje não me sinto bem. Eu vou explicar isso para você outro dia." Mas o discípulo não teve outra oportunidade de fazer essa pergunta a Swamiji.

7.2.5 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: As instalações alugadas da Math em Belur. Ano: 1898, novembro.]

O Math ainda está situado na casa do jardim de Nilambar Babu em Belur. É o mês de novembro. Swamiji está agora muito engajado no estudo e discussão das escrituras sânscritas. O dístico começando com "Âchandâlâ-pratihatarayah", ele compôs nessa época. Hoje Swamiji compôs o hino “Om Hring Ritam” etc., e entregando-o ao discípulo disse: “Veja se há algum

defeito métrico nestas estrofes”. O discípulo fez uma cópia do poema para esse fim.

Neste dia parecia que a deusa do aprendizado havia se manifestado em sua língua. Com o discípulo ele conversou fluentemente cerca de duas horas seguidas em sânscrito extremamente melodioso. Depois que o discípulo copiou o hino, Swamiji disse: "Veja, enquanto escrevo imerso em pensamentos, às vezes ocorrem erros gramaticais; portanto, peço a todos que os examinem."

Discípulo: Senhor, estes não são deslizes, mas a licença do gênio.

Swamiji: Você pode dizer isso; mas por que outras pessoas concordarão com isso? Outro dia escrevi um ensaio sobre “O que é o Hinduísmo”, e alguns de vocês até reclamam que foi escrito em um bengali muito rígido. Penso que a linguagem e o pensamento também, como todas as outras coisas, tornam-se sem vida e monótonos com o passar do tempo. Tal estado parece ter acontecido agora neste país. Com o advento de Shri Ramakrishna, entretanto, uma nova corrente se instalou, no pensamento e na linguagem. Tudo tem agora de ser reformulado em novos moldes. Tudo tem que ser propagado com a marca do novo gênio. Veja, por exemplo, como os antigos modos dos Sannyasins estão se rompendo, dando lugar a um novo molde aos poucos. A sociedade está protestando muito contra isso – mas será que tem alguma utilidade? Nem nos assustamos com isso. Os Sannyasins dos dias atuais têm que ir a países distantes para pregar, e se eles forem em um corpo meio nu e manchado de cinzas como os Sadhus (homens santos) de antigamente, em primeiro lugar eles não serão aceitos. embarcar nos navios e, mesmo que cheguem a países estrangeiros com esse traje, terão de permanecer na prisão. Tudo precisa ser mudado um pouco de acordo com o lugar, o tempo e a civilização. Doravante estou pensando em escrever ensaios em bengali. Os literatos talvez irão criticá-los. Não importa – tentarei moldar a língua bengali em um novo molde. Hoje em dia, os escritores bengalis usam muitos verbos em seus escritos; isso tira a força da linguagem. Se for possível expressar as ideias dos verbos com adjetivos, isso aumenta a força da linguagem; doravante tente escrever nesse estilo. Tente escrever artigos nesse estilo no Udbodhan. Você conhece o significado do uso dos verbos na linguagem? Dá uma pausa ao pensamento;

portanto, o uso de muitos verbos na linguagem é sinal de fraqueza, como respiração rápida, e indica que não há muita vitalidade na linguagem; é por isso que não se pode dar boas aulas na língua bengali. Quem tem controle sobre sua linguagem não faz pausas frequentes em seus pensamentos. Como seu físico ficou lânguido por viver com uma dieta de arroz cozido e dâl, o mesmo acontece com sua língua. Na comida, nos modos de vida, no pensamento e na linguagem, a energia tem de ser infundida. Com a infusão de vitalidade por toda parte e a circulação de sangue em todas as artérias e veias, deveríamos sentir o pulsar de uma nova vida em tudo - só então o povo desta terra será capaz de sobreviver à atual terrível luta pela existência; caso contrário, o país e a raça desaparecerão nas sombras envolventes da morte em data não distante.

Discípulo: Senhor, a constituição do povo deste país foi moldada de uma forma peculiar ao longo dos tempos. É possível mudar isso em pouco tempo?

Swamiji: Se você sabe que os velhos métodos estão errados, então por que você não aprende, como eu digo, a viver de um modo melhor? Pelo seu exemplo, dez outras pessoas seguirão o exemplo e, pelo exemplo delas, outras cinquenta pessoas aprenderão. Através deste processo, com o passar do tempo, a nova ideia despertará nos corações de toda a raça. Mas mesmo que depois de compreender você não aja de acordo, saberei que você é sábio apenas em palavras - mas na prática você é um tolo.

Discípulo: Suas palavras, senhor, infundem grande coragem, entusiasmo, energia e força no coração.

Swamiji: Aos poucos o coração tem que ser fortalecido. Se um homem for feito, isso equivale ao resultado de cem mil palestras. Unindo a mente e os lábios, as ideias devem ser praticadas na vida. Isto é o que Shri Ramakrishna quis dizer com “não permitir roubo na câmara do pensamento”. Você tem que ser prático em todas as esferas de trabalho. O país inteiro foi arruinado por muitas teorias. Aquele que é o verdadeiro filho de Shri Ramakrishna manifestará o lado prático das idéias religiosas e começará a trabalhar com devoção unidirecional, sem prestar atenção à tagarelice dos homens ou da sociedade. Você não ouviu falar do dístico de Tulsidas: "O elefante caminha pelo mercado e mil malditos latem para ele; portanto, os Sadhus não terão nenhum ressentimento se as pessoas do mundo os caluniarem." Você tem que andar dessa maneira. Nenhuma contagem deve ser feita nas palavras das pessoas. Se alguém tiver que prestar atenção aos seus elogios ou culpas, nenhum grande trabalho poderá ser realizado nesta vida. "नायमात्मा बलहीनेन लभ्यः — O Atman não deve ser conquistado pelos fracos." Se não houver força no corpo e na mente, o Atman não poderá ser realizado. Primeiro você tem que construir o corpo com alimentos bons e nutritivos – só então a mente será forte. A mente é apenas a parte sutil do corpo. Você deve manter grande força em sua mente e em suas palavras. “Eu sou baixo, eu sou baixo” – repetindo essas ideias na mente, o homem menospreza e se degrada. Portanto, o Shastra (Ashtâvakra Samhita, I. 11) diz:

मुक्ताभिमानी मुक्तो हि बद्धो बद्धाभिमान्यपि ।
किं वदन्तीह सत्येयं या मतिः सा गतिमिवित् ॥

— Quem se considera livre, torna-se livre; aquele que se considera preso, obrigado ele permanece - este ditado popular é verdadeiro: 'Como se pensa, assim se torna'." Somente aquele que está sempre desperto para a ideia de liberdade, torna-se livre; aquele que pensa que está preso, suporta vida após vida em estado de escravidão É um fato. Esta verdade é válida tanto em questões espirituais quanto temporais. Aqueles que estão sempre desanimados e desanimados nesta vida não podem fazer nenhum trabalho de vida em vida. lamentando e gemendo. “A terra é apreciada por heróis” – esta é a verdade infalível. Seja sempre um herói, “Eu não tenho medo”. pecado, o medo é o inferno, o medo é a injustiça, o medo é a vida errada. Todos os pensamentos e ideias negativas que existem neste mundo procedem deste espírito maligno de medo. e funções, não permitindo que

ninguém escape de seus limites. Portanto, o Shruti diz (Katha Upanishad, II. iii, 3) diz:

भयादस्याग्निस्तपति भयात्तपति सूर्यः ।
भयादिन्द्रश्च वायुश्च मृत्युर्धावति पञ्चमः ॥

— Por medo disso, o fogo queima, o sol aquece; através do medo, Indra e Vâyu estão exercendo suas funções, e a Morte espreita sobre esta terra." Quando os deuses Indra, Chandra, Vayu, Varuna alcançarem o destemor, então eles serão um com Brahman, e todo esse fantasma do mundo desaparecerá. desapareça. Portanto eu digo: "Não tenha medo, não tenha medo."

Swamiji, ao dizer estas palavras, apareceu aos olhos do discípulo como a própria personificação do “ destemor”, e ele pensou: “Como em sua presença até mesmo o medo da morte nos abandona e desaparece no nada!”

Swamiji continuou: Nesta existência encarnada, você será lançado repetidas vezes nas ondas da felicidade e da miséria, da prosperidade e da adversidade – mas saiba que todas elas têm duração momentânea. Nunca se importe com eles. “Eu não nasci, o Atman imortal, cuja natureza é a Inteligência” – implantando esta ideia firmemente em seu coração, você deve passar os dias de sua vida. “Não tenho nascimento nem morte, sou o Atman intocado por nada” - perca-se completamente nesta ideia. Se você puder se tornar um com essa ideia, então, na hora da tristeza e da tribulação, ela surgirá por si mesma em sua mente, e você não terá que se esforçar com dificuldade para trazê-la à tona. Outro dia, fui convidado de Babu Priyanath Mukherjee em Baidyanath. Lá tive uma crise tão grande de asma que tive vontade de morrer. Mas de dentro, a cada respiração, surgia o som profundo: “Eu sou Ele, eu sou Ele”. Descansado no travesseiro, esperava que o fôlego vital partisse e observava o tempo todo que de dentro se ouvia o som de "Eu sou Ele, eu sou Ele!" Eu podia ouvir o tempo todo " एकमेवाद्वयं ब्रह्म नेह नानास्ति किञ्चन - O Brahman, o Um sem segundo, existe sozinho, nada de múltiplo existe no mundo."

O discípulo, impressionado com o espanto, disse: “Senhor, conversando com você e ouvindo suas realizações, não sinto necessidade de estudar as escrituras”.

Swamiji: Não! As Escrituras também devem ser estudadas. Para alcançar Jnana, o estudo das escrituras é essencial. Em breve abrirei aulas de Matemática para eles. Os Vedas, Upanishads, o Gita e o Bhagavata devem ser estudados nas aulas, e eu ensinarei o Ashtâdhyâyai do Pânini.

Discípulo: Você estudou o Ashtadhyayi de Panini?

Swamiji: Quando estive em Jaipur, conheci um grande gramático e senti o desejo de estudar gramática sânscrita com ele. Embora fosse um grande estudioso nesse ramo, não tinha muita aptidão para o ensino. Ele me explicou o comentário sobre o primeiro aforismo durante três dias consecutivos, mas eu não consegui entender nada. No quarto dia o professor ficou irritado e disse: “Swamiji, eu não consegui fazer você entender o significado do primeiro aforismo nem em três dias; temo que você não se beneficiará muito com meus ensinamentos”. Ao ouvir essas palavras, uma grande autocensura tomou conta de mim. Deixando de lado a comida e o sono, comecei a estudar de forma independente o comentário do primeiro aforismo. Dentro de três horas, o sentido do comentário foi explicado diante de mim tão claramente quanto qualquer outra coisa; então, indo até meu professor, dei-lhe o sentido de todo o comentário. Meu professor, ao me ouvir, disse: "Como você pôde captar tão perfeitamente em três horas o sentido que não consegui explicar em três dias?" Depois disso, todos os dias comecei a ler capítulo após capítulo, com a maior facilidade. Através da concentração da mente tudo pode ser conseguido – até mesmo montanhas podem ser reduzidas a átomos.

Discípulo: Senhor, tudo é maravilhoso em você.

Swamiji: Não há nada maravilhoso neste universo. A ignorância constitui a única escuridão, que confere todas as coisas e as faz parecer misteriosas. Quando tudo é iluminado pelo Conhecimento, o sentido do mistério desaparece da face das coisas. Mesmo uma coisa tão inescrutável como Maya, que faz acontecer as coisas mais impossíveis, desaparece. Conheça-O, pense Nele, conhecendo a quem todo o resto é conhecido. E quando esse Atman for realizado, o significado de todas as escrituras será percebido tão claramente quanto uma fruta na palma da mão. Os Rishis de antigamente alcançaram a realização, e devemos falhar? Nós também somos homens. O que aconteceu uma vez na vida de um indivíduo deve, através de esforços

adequados, ser realizado na vida de outros. A história se repete. Este Atman é o mesmo em todos, há apenas uma diferença de manifestação em diferentes indivíduos. Tente manifestar este Atman e verá seu intelecto penetrando em todos os assuntos. O intelecto de quem não realizou o Atman é unilateral, enquanto o gênio do conhecedor do Atman é abrangente. Com a manifestação do Atman você descobrirá que a ciência, a filosofia e tudo mais serão facilmente dominados. Proclame a glória do Atman com o rugido de um leão e transmita destemor a todos os seres, dizendo: "Levante-se, desperte e não pare até que a meta seja alcançada."

7.2.6 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: As instalações alugadas da Math em Belur. Ano: 1898.]

O discípulo está hospedado com Swamiji na casa do jardim de Nilambar Babu em Belur nos últimos dois dias.

Hoje, Swamiji deu permissão ao discípulo para ficar em seu quarto à noite. Quando o discípulo estava servindo Swamiji e massageando seus pés, ele lhe falou: "Que loucura! Deixando um lugar como este, você quer voltar para Calcutá! Veja que atmosfera de santidade existe aqui - o ar puro do Ganges." – que assembléia de Sadhus – você encontrará em algum lugar um lugar como este!"

Discípulo: Senhor, fruto de grandes austeridades em vidas passadas, fui abençoado com sua companhia. Agora abençoe-me para que eu não seja mais dominado pela ignorância e pela ilusão. Agora, às vezes, minha mente é tomada por um grande desejo de alguma realização espiritual direta.

Swamiji: Eu também me senti assim muitas vezes. Um dia, no jardim de Cossipore, expressei minha oração a Shri Ramakrishna com grande seriedade. Então, à noite, na hora da meditação, perdi a consciência do corpo e senti que ele era absolutamente inexistente. Senti que o sol, a lua, o

espaço, o tempo, o éter e tudo mais haviam sido reduzidos a uma massa homogênea e depois fundidos no desconhecido; a consciência corporal quase desapareceu e eu quase me fundi no Supremo. Mas eu tinha apenas um vestígio do sentimento do Ego, então pude retornar novamente ao mundo da relatividade a partir do Samâdhi. Neste estado de Samadhi toda a diferença entre o “eu” e o “Brahman” desaparece, tudo é reduzido à unidade, como as águas do Oceano Infinito – água em toda parte, nada mais existe – linguagem e pensamento, todos falham ali. Somente então o estado “além da mente e da fala” é realizado em sua realidade. Caso contrário, enquanto o aspirante religioso pensar ou disser: “Eu sou o Brahman” – “eu” e “o Brahman”, estas duas entidades persistem – haverá a aparência envolvida de dualidade. Depois dessa experiência, mesmo depois de tentar repetidamente, não consegui trazer de volta o estado de Samadhi. Ao informar Shri Ramakrishna sobre isso, ele disse: “Se você permanecer dia e noite nesse estado, o trabalho da Mãe Divina não será realizado; portanto, você não será capaz de induzir esse estado novamente; quando seu trabalho estiver concluído, ele virá novamente.”

Discípulo: Ao atingir o Nirvikalpa Samadhi absoluto e transcendente, ninguém poderá retornar ao mundo da dualidade através da consciência do Egoísmo?

Swamiji: Shri Ramakrishna costumava dizer que somente os Avatares podem descer desse estado de Samadhi ao plano comum, para o bem do mundo. Os Jivas comuns não; imersos nesse estado, permanecem vivos por um período de vinte e um dias; depois disso, seu corpo cai como uma folha seca da árvore do Samsâra (mundo).

Discípulo: Quando no Samadhi a mente está fundida e não permanecem ondas na superfície da consciência, onde está então a possibilidade de atividade mental e retorno ao mundo através da consciência do Ego? Quando não há mente, quem descerá do Samadhi para o plano relativo, e por que meios?

Swamiji: A conclusão do Vedanta é que quando há samadhi absoluto e cessação de todas as modificações, não há retorno desse estado; como diz o Aforismo do Vedanta: "अनावृत्तिः शब्दात् - Não há retorno, a partir de textos bíblicos." Mas os Avatares nutrem alguns desejos pelo bem do mundo. Ao agarrar esse fio, eles descem do estado superconsciente para o estado consciente.

Discípulo: Mas, senhor, se um ou dois desejos permanecem, como pode esse estado ser chamado de Samadhi absoluto e transcendente? Pois as escrituras dizem que nesse estado todas as modificações da mente e todos os desejos são eliminados.

Swamiji: Como então pode haver projeção do universo após Mahâpralaya (dissolução final)? No Maha pralaya tudo se funde no Brahman. Mas mesmo depois disso, ouve-se e lê-se sobre a criação nas escrituras, que a projeção e a contração (do universo) continuam em formas de ondas. Assim como a nova criação e dissolução do universo após Mahapralaya, os estados superconscientes e conscientes dos Avatares também são racionais.

Discípulo: Se eu argumentar que no momento da dissolução as sementes da criação posterior permanecem quase fundidas em Brahman, e que não é dissolução absoluta ou Nirvikalpa Samadhi?

Swamiji: Então pedirei que você responda como é possível a projeção do universo a partir de Brahman, no qual não há sombra de qualquer qualificação – que é inalterado e inqualificável.

Discípulo: Ora, isso é apenas uma projeção aparente. A resposta à pergunta é dada nas escrituras desta forma, que a manifestação da criação de Brahman é apenas uma aparência como a miragem no deserto, mas na verdade não houve criação nem nada parecido. Esta ilusão é produzida por Maya, que é a negação do Brahman eternamente existente e, portanto, irreal.

Swamiji: Se a criação for falsa, então você também pode considerar o Nirvikalpa Samadhi de Jiva e seu retorno como aparências aparentes. Jiva é Brahman por natureza. Como ele pode ter alguma experiência de escravidão? Seu desejo de perceber a verdade de que você é Brahman também é uma alucinação nesse caso – pois a escritura diz: “Você já é isso”. Portanto, "अयमेव हि ते बन्ध समाधिनमनुतिष्ठसि - Esta é verdadeiramente a sua escravidão: você está praticando a obtenção do Samadhi."

Discípulo: Este é um grande dilema. Se sou Brahman, por que nem sempre percebo isso?

Swamiji: Para alcançar essa realização no plano consciente, é necessária alguma instrumentalidade. A mente é esse instrumento em nós. Mas é uma substância não inteligente. Só parece ser inteligente através da luz do Atman por trás. Portanto o autor do Panchadashi (III. 40) diz: "चिच्छायावेशतः शक्तिश्चेतनेव विभाति सा — A Shakti parece ser inteligente pelo reflexo da inteligência do Atman." Conseqüentemente, a mente também nos aparece como uma substância inteligente. Portanto é certo que você não poderá conhecer o Atman, a Essência da Inteligência, através da mente. Você tem que ir além da mente – pois ali só existe o Atman – aí o objeto do conhecimento se torna o mesmo que o instrumento do conhecimento. O conhecedor, o conhecimento e o instrumento do conhecimento tornam-se um e o mesmo. É portanto que o Shruti diz: "विज्ञातारमरे केन विज्ञानीयात् - Através do que você conhecerá o Sujeito Eterno?" O fato real é que existe um estado além do plano consciente, onde não há dualidade entre o conhecedor, o conhecimento e o instrumento do conhecimento, etc. Quando a mente está fundida, esse estado é percebido. Digo que é “percebido”, porque não existe outra palavra para expressar esse estado. A linguagem não pode expressar esse estado. Shankaracharya denominou-o de "Percepção Transcendente" (Aparokshânubhuti). Mesmo depois dessa percepção transcendente, os Avatares descem ao plano relativo e dão vislumbres disso – portanto, diz-se que os Vedas e outras escrituras se originaram da percepção dos Videntes. O caso dos Jivas comuns é como o do boneco de sal que, tentando sondar as profundezas do oceano, derreteu nele. Você vê? A soma e a substância disso é: você só precisa saber que você é o Eterno Brahman.

Você já é isso, apenas a intervenção de uma mente não inteligente (que é chamada de Maya nas escrituras) está escondendo esse conhecimento. Quando a mente composta de matéria sutil é dominada, o Atman refulge com seu próprio brilho. Uma prova do fato de que Maya ou mente é uma ilusão é que a mente por si só não é inteligente e tem a natureza das trevas; e é a luz do Atman por trás que o faz parecer inteligente. Quando você compreender isso, a mente se fundirá no oceano ininterrupto da Inteligência; então você perceberá: अयमात्मा ब्रह्म — Este Atman é Brahman."

Então Swamiji, dirigindo-se ao discípulo, disse: "Você sente sono, então vá dormir".

* * *

À noite o discípulo teve um sonho maravilhoso, e como resultado ele implorou sinceramente a permissão de Swamiji para adorá-lo. Swamiji teve que concordar, e após o término da cerimônia ele disse ao discípulo: "Bem, sua adoração terminou, mas Premananda ficará furioso com seu ato sacrílego de adorar meus pés na bandeja de flores destinada à adoração de Shri Ramakrishna. ." Antes que suas palavras terminassem, Swami Premananda foi até lá e Swamiji disse a ele: "Veja que sacrilégio ele cometeu! Com os requisitos da adoração de Shri Ramakrishna, ele me adorou!" Swami Premananda, sorrindo, disse: "Muito bem! Você e Shri Ramakrishna são diferentes?" – ouvindo o que o discípulo se sentiu à vontade.

O discípulo é um hindu ortodoxo. Sem falar em comida proibida, ele nem aceita comida tocada por outra pessoa. Portanto, Swamiji às vezes costumava referir-se a ele como "sacerdote". Swamiji, enquanto comia biscoitos no café da manhã, disse a Swami Sadananda: "Traga o padre aqui". Quando o discípulo veio até Swamiji, ele deu-lhe uma porção de sua comida para comer. Vendo que o discípulo aceitou sem qualquer hesitação, Swamiji disse: "Você sabe o que comeu agora? Estes são feitos de ovos". Em resposta, o discípulo disse: "O que quer que esteja nele, não preciso saber; tomando de você este alimento sacramental, tornei-me imortal."

Então Swamiji disse: "Eu te abençoo para que a partir de hoje todo o seu egoísmo de casta, cor, nascimento elevado, mérito e demérito religioso, e

tudo mais, possa desaparecer para sempre!”. . .

7.2.7 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: As instalações alugadas da Math em Belur. Ano: 1898.]

O discípulo veio ao Math esta manhã. Assim que ele se levantou depois de tocar os pés de Swamiji, Swamiji disse: "Qual é a utilidade de você continuar no serviço? Por que não trabalhar em algum negócio?" O discípulo foi então contratado como professor particular em alguma família. Questionado sobre a profissão de professor, Swamiji disse: "Se alguém faz o trabalho de ensinar meninos por muito tempo, seu intelecto fica embotado; sua inteligência não se manifesta. fica obtuso. Então desista do trabalho de ensinar meninos."

Discípulo: O que devo fazer então?

Swamiji: Ora, se você quer viver a vida de um homem mundano e deseja ganhar dinheiro, então vá para a América. Vou lhe dar instruções para negócios. Você descobrirá que em cinco anos juntará muito dinheiro.

Discípulo: Em que negócio devo me dedicar? E de onde vou tirar o dinheiro?

Swamiji: Que bobagem você está falando? Dentro de você reside um poder indomável. Apenas pensando: "Não sou nada, não sou nada", você se tornou impotente. Ora, você sozinho! Toda a raça se tornou assim. Dê uma volta ao mundo uma vez e descobrirá quão vigorosamente flui a corrente vital de outras nações. E o que você está fazendo? Mesmo depois de aprender tanto, você sai pela porta dos outros, gritando: "Dê-me emprego". Pisoteados pelos pés dos outros, fazendo escravidão para os outros, vocês ainda são homens? Você não vale a cabeça de um alfinete! Neste país fértil e com abundância de água, onde a natureza produz riquezas e colhe mil

vezes mais que em outros, você não tem comida para o estômago, nem roupa para cobrir o corpo! Neste país de abundância, cuja produção tem sido a causa da propagação da civilização em outros países, vocês estão reduzidos a tais dificuldades! Sua condição é ainda pior que a de um cachorro. E você se gloria em seus Vedas e Vedanta! Uma nação que não consegue prover alimentos e roupas simples, que sempre depende de outros para sua subsistência – do que há para se vangloriar? Jogue fora suas observâncias religiosas por enquanto e esteja primeiro preparado para a luta pela existência. Pessoas de países estrangeiros estão obtendo excelentes resultados com as matérias-primas produzidas em seu país, e vocês, como burros de carga, estão apenas carregando a carga deles. Os povos de países estrangeiros importam produtos brutos indianos, fabricam diversas mercadorias, aplicando a sua inteligência sobre eles, e tornam-se grandes; enquanto você trancou sua inteligência, jogou fora sua riqueza herdada para outros e vaga por aí chorando lamentavelmente por comida.

Discípulo: De que maneira, senhor, podem ser obtidos os meios de subsistência?

Swamiji: Ora, os meios estão em suas mãos. Você venda os olhos e diz: “Sou cego e não consigo ver nada”. Arranque as dobras dos olhos e você verá o mundo inteiro iluminado pelos raios do sol do meio-dia. Se você não conseguir dinheiro, vá para o exterior, trabalhando sua passagem como Lascar. Pegue tecidos, toalhas, trabalhos de bambu e outros produtos indígenas indianos e venda-os nas ruas da Europa e da América; você descobrirá como os produtos indianos são muito apreciados nos mercados estrangeiros até hoje. Descobri que na América alguns muçulmanos do distrito de Hooghly enriqueceram vendendo mercadorias indianas desta forma. Você tem ainda menos inteligência do que eles? Tomemos, por exemplo, tecidos excelentes como os Sâris da Índia feitos em Varanasi, que não são produzidos em nenhum outro lugar do mundo. Vá para a América com este pano. Faça vestidos com esse tecido e venda-os, e você verá quanto ganha.

Discípulo: Senhor, por que eles usarão vestidos feitos dos Saris de Varanasi? Ouvi dizer que roupas com designs diversos não agradam às mulheres desses países.

Swamiji: Quer eles recebam ou não, eu cuidarei disso. É para você se esforçar e ir até lá. Tenho muitos amigos naquele país, aos quais irei apresentá-los. A princípio pedirei que levem este pano entre si. Então você descobrirá que muitos seguirão o exemplo e, finalmente, você não será capaz de manter a oferta à altura da enorme demanda.

Discípulo: Onde conseguirei o capital para o negócio?

Swamiji: De alguma forma eu lhe darei um começo; quanto ao resto, você deve depender de seus próprios esforços. “Se você morrer, você vai para o céu; e se você vencer, você desfrutará da terra” (Gita). Mesmo que você morra nesta tentativa, muito bem, muitos assumirão o trabalho, seguindo o seu exemplo. E se você tiver sucesso, viverá uma vida de grande opulência.

Discípulo: Sim, senhor, é mesmo. Mas não consigo reunir coragem suficiente.

Swamiji: Isso é o que eu digo, meu filho, você não tem Shraddhâ – nenhuma fé em si mesmo. O que você alcançará? Você não terá avanço material nem espiritual. Aplique sua energia da maneira que sugeri e tenha sucesso na vida, ou desista de tudo e siga o caminho que escolhemos. Sirva as pessoas de todos os países através da instrução espiritual - só então você receberá a sua porção de comida como nós. Se não houver troca mútua, você acha que alguém se importa com outra pessoa? Você observa em nosso caso que, porque damos aos moradores algumas instruções espirituais, eles em troca nos dão alguns pedaços de comida. Se você não fizer nada, por que eles vão te dar comida? Você observa tanta miséria no mero serviço e escravidão dos outros, mas ainda não está acordando; e assim sua miséria também nunca acaba. Este é certamente o poder ilusório de Maya! No Ocidente, descobri que aqueles que trabalham para terceiros têm os seus assentos fixados nas últimas filas do Parlamento, enquanto os assentos da frente são reservados para aqueles que se tornaram famosos pelo esforço próprio, pela educação ou pela inteligência. . Nos países ocidentais não há preocupação com castas. Aqueles para quem a Fortuna sorri pela sua diligência e esforço são os únicos considerados líderes do país e controladores do seu destino. Enquanto no seu país você está simplesmente alardeando sua superioridade de casta, até que finalmente não consegue nem um pedaço de comida! Você não tem capacidade para fabricar uma

agulha e ousa criticar os ingleses! Tolos! Sente-se a seus pés e aprenda com eles as artes, as indústrias e a praticidade necessária para a luta pela existência. Você será estimado mais uma vez quando estiver em forma. Então eles também prestarão atenção às suas palavras. Sem a preparação necessária, de que servirá a mera gritaria no Congresso?

Discípulo: Mas, senhor, todos os homens instruídos do país aderiram.

Swamiji: Bem, você considera um homem educado se ele puder passar em alguns exames e dar boas palestras. A educação que não ajuda a massa comum a se equipar para a luta pela vida, que não traz à tona a força de caráter, o espírito de filantropia e a coragem de um leão - vale esse nome? A verdadeira educação é aquela que permite que alguém fique de pé sobre as próprias pernas. A educação que vocês estão recebendo agora nas escolas e faculdades só está fazendo de vocês uma raça de dispépticos. Vocês estão trabalhando apenas como máquinas e vivendo uma existência de água-viva.

O camponês, o sapateiro, o varredor e outras classes mais baixas da Índia têm uma capacidade de trabalho e autossuficiência muito maior do que você. Eles trabalham silenciosamente há muito tempo e produzem toda a riqueza da terra, sem uma palavra de reclamação. Muito em breve eles ficarão acima de você em posição. Gradualmente, o capital está a chegar às suas mãos, e eles não estão tão preocupados com as necessidades como você. A educação moderna mudou a sua moda, mas novas avenidas de riqueza ainda não foram descobertas por falta do gênio inventivo. Vocês oprimem há muito tempo essas massas tolerantes; agora é a hora de sua retribuição. E você se extinguirá em sua vã busca por emprego, tornando-o o princípio e o fim de sua vida.

Discípulo: Senhor, embora o nosso poder de originalidade seja menor do que o de outros países, ainda assim as classes mais baixas da Índia estão sendo guiadas pela nossa inteligência. Então, onde conseguirão o poder e a cultura para superar as classes mais altas na luta pela existência?

Swamiji: Não importa se eles não leram alguns livros como você – se eles não adquiriram a sua civilização feita sob medida. O que isso importa? Mas eles são a espinha dorsal da nação em todos os países. Se essas classes mais baixas pararem de trabalhar, de onde vocês conseguirão comida e roupas?

Se os varredores de Calcutá pararem de trabalhar por um dia, isso criará pânico; e se atacarem durante três dias, toda a cidade ficará despovoada pela eclosão de epidemias. Se os trabalhadores pararem de trabalhar, o seu fornecimento de alimentos e roupas também será interrompido. E você os considera pessoas de classe baixa e alardeia sua própria cultura!

Absorvidos na luta pela existência, não tiveram oportunidade de despertar o conhecimento. Eles trabalharam durante tanto tempo de maneira uniforme, como máquinas guiadas pela inteligência humana, e a parte inteligente e instruída colheu a parte substancial dos frutos do seu trabalho. Em todos os países tem sido assim. Mas os tempos mudaram. As classes mais baixas estão gradualmente a despertar para este facto e a formar uma frente unida contra isso, determinadas a cobrar os seus legítimos direitos. As massas da Europa e da América foram as primeiras a despertar e já começaram a luta. Sinais deste despertar também se manifestaram na Índia, como é evidente pelo número de greves entre as classes mais baixas hoje em dia. As classes superiores não serão mais capazes de reprimir as inferiores, por mais que tentem. O bem-estar das classes mais altas reside agora em ajudar as classes mais baixas a obterem os seus direitos legítimos.

Por isso eu digo: dediquem-se à tarefa de difundir a educação entre as massas. Diga-lhes e faça-os compreender: "Vocês são nossos irmãos - uma parte integrante de nossos corpos, e nós os amamos e nunca os odiamos." Se eles receberem essa simpatia de você, seu entusiasmo pelo trabalho aumentará cem vezes. Acenda seu conhecimento com a ajuda da ciência moderna. Ensine-lhes história, geografia, ciência, literatura e, junto com estas, as verdades profundas da religião. Em troca desse ensino, a pobreza dos professores também desaparecerá. Pela troca mútua, ambas as partes se tornarão amigáveis.

Discípulo: Mas, senhor, com a difusão do conhecimento entre eles, eles também, com o passar do tempo, terão cérebros férteis, mas se tornarão ociosos e inativos como nós e viverão dos frutos do trabalho das próximas classes inferiores.

Swamiji: Por que será assim? Mesmo com o despertar do conhecimento, o oleiro continuará sendo um oleiro, o pescador um pescador, o camponês um camponês. Por que eles deveriam abandonar sua vocação hereditária? "

सहजं कर्म कौन्तेय सदोषमपि न त्यजेत् — Não desista do trabalho para o qual você nasceu, mesmo que esteja acompanhado de defeitos." Se eles são ensinados dessa maneira, por que deveriam abandonar seus respectivos chamados? Em vez disso, aplicarão os seus conhecimentos para o melhor desempenho do trabalho para o qual nasceram. Vários gênios certamente surgirão entre eles com o passar do tempo. Vocês (as classes mais altas) levarão isso para o seu próprio rebanho. Os Brâmanes reconheceram o valente rei Vishvâmitra como um Brâmane, e pensem quão grata toda a raça Kshatriya ficou aos Brâmanes por este ato! Através de tal simpatia e cooperação, até mesmo os pássaros e os animais tornam-se seus - para não falar dos homens!

Discípulo: Senhor, o que você diz é verdade, mas ainda parece haver um grande abismo entre as classes mais altas e as mais baixas. Fazer com que as classes mais altas simpatizem com as mais baixas parece ser uma tarefa difícil na Índia.

Swamiji: Mas sem isso não há bem-estar para as classes superiores. Você será destruído por brigas e brigas internas – que você vem travando há tanto tempo. Quando as massas acordarem, elas compreenderão a sua opressão sobre elas, e com um sopro de sua boca você ficará totalmente impressionado! Foram eles que introduziram a civilização entre vocês; e serão eles que irão derrubá-lo. Pense em como, nas mãos dos gauleses, a poderosa civilização romana antiga se desfez em pó! Por isso eu digo, tente despertar essas classes mais baixas do sono, transmitindo-lhes aprendizado e cultura. Quando eles despertarem - e um dia eles devem despertar - eles também não esquecerão os bons serviços prestados a eles e permanecerão gratos a você.

Depois dessa conversa, Swamiji, dirigindo-se ao discípulo, disse: Deixe esses assuntos de lado agora – venha, diga-me o que você decidiu. Faça alguma coisa, seja lá o que for. Ou entre em algum negócio ou, como nós, siga o caminho do verdadeiro Sannyasa, "आत्मनो मोक्षार्थं जगद्धिताय च - Para a própria libertação e para o bem do mundo." O último caminho é, obviamente, o melhor que existe. De que adianta ser um chefe de família sem valor? Você

entendeu que tudo na vida é transitório: "नलिनीदलगतजलमत्तिरलम् तद्वज्जीवनमतिशयचपलम् — A vida é tão instável quanto a água na folha de lótus." Portanto, se você tem entusiasmo para adquirir este conhecimento do Atman, não espere mais, mas avance imediatamente. "यदहरेव विरजेत् तदहरेव प्रव्रजेत् - No mesmo dia em que você sentir desapego pelo mundo, nesse mesmo dia renuncie e aceite Sannyasa" (Jâbâlopanishad, 4). Sacrifique sua vida pelo bem dos outros e vá até a porta das pessoas que levam esta mensagem de destemor "उचिष्ठत जाग्रत प्राप्य वरान् निबोधत - Levante-se, desperte e não pare até que o objetivo seja alcançado."

7.2.8 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Calcutá. Ano: 1898.]

Swamiji acompanhado pela Irmã Nivedita, Swami Yogananda e outros veio visitar o Jardim Zoológico de Alipur à tarde. Rai Rambrahma Sanyal Bahadur, Superintendente dos Jardins, recebeu-os cordialmente e conduziu-os pelos Jardins. Swamiji, ao ver as diversas espécies de animais, referiu-se casualmente à teoria darwiniana da evolução gradual dos animais. O discípulo lembra como, entrando na sala das cobras, apontou para uma enorme píton com anéis circulares no corpo, com a observação: "A partir disso a tartaruga evoluiu com o passar do tempo. Essa mesma cobra, permanecendo parada em um ponto por muito tempo, gradualmente se tornou difícil." Ele ainda disse divertidamente ao discípulo: "Você come tartarugas, não é? Darwin afirma que é essa cobra que evoluiu para a tartaruga no decorrer do tempo - então você come cobras também!" O discípulo protestou: "Senhor, quando uma coisa é metamorfoseada em outra coisa através da evolução, ela não tem mais sua forma e hábitos anteriores; então como você pode dizer que comer tartaruga significa comer cobras também?"

Essa resposta gerou risos na festa. Depois de ver algumas outras coisas, Swamiji foi aos aposentos de Rambrahma Babu nos Jardins, onde tomou

chá, e outros também fizeram o mesmo. Descobrindo que os discípulos hesitavam em sentar-se à mesma mesa e tomar os doces e o chá que a Irmã Nivedita havia tocado, Swamiji insistiu repetidamente para que os tomasse, o que foi induzido a fazer, e bebendo ele mesmo água, deu o resto para o discípulo beber. Depois disso houve uma breve conversa sobre a teoria da evolução de Darwin.

Rambrahma Babu: Qual é a sua opinião sobre a teoria da evolução de Darwin e as causas que ele apresentou para ela?

Swamiji: Tomando como certo que Darwin está certo, ainda não posso admitir que esta seja a conclusão final sobre as causas da evolução.

Rambrahma Babu: Os antigos estudiosos do nosso país discutiram este assunto?

Swamiji: O assunto foi muito bem discutido na Filosofia Samkhya. Sou de opinião que a conclusão dos antigos filósofos indianos é a última palavra sobre as causas da evolução.

Rambrahma Babu: Ficarei feliz em saber disso, se puder ser explicado em poucas palavras.

Swamiji: Você certamente está ciente das leis da luta pela existência, da sobrevivência do mais apto, da seleção natural, e assim por diante, que foram consideradas pelos estudiosos ocidentais como as causas da elevação de uma espécie inferior a uma superior. Mas nada disso foi defendido como a causa disso no sistema de Patanjali. Patanjali sustenta que a transformação de uma espécie em outra é efetuada pelo "preenchimento da natureza" (प्रकृत्यापूरणम्). Não que isso seja feito pela luta constante contra os obstáculos. Na minha opinião, a luta e a competição às vezes impedem que um ser alcance a sua perfeição. Se a evolução de um animal é efectuada pela destruição de milhares de outros, então devemos confessar que esta evolução está a fazer muito pouco bem ao mundo. Tomando como certo que conduz ao bem-estar físico, não podemos deixar de admitir que constitui um sério obstáculo ao desenvolvimento espiritual. Segundo os filósofos do nosso país, cada ser é uma Alma perfeita, e a diversidade de evolução e manifestação da natureza se deve simplesmente à diferença no grau de manifestação desta Alma. No momento em que os obstáculos à evolução e manifestação da natureza são completamente removidos, a Alma se manifesta perfeitamente. Aconteça o que acontecer nos estratos inferiores da evolução da natureza, pelo menos nos estratos superiores, não é verdade que é apenas lutando constantemente contra os obstáculos que se tem de ultrapassá-los. Pelo contrário, observa-se que ali os obstáculos cedem e uma maior manifestação da Alma ocorre através da educação e da cultura, através da concentração e da meditação e, sobretudo, através do sacrifício. Portanto, designar os obstáculos não como os efeitos, mas como as causas da manifestação da Alma, e descrevê-los como uma ajuda a esta maravilhosa diversidade da natureza, não está em consonância com a razão. A tentativa de remover o mal do mundo matando mil malfeitores só aumenta o mal no mundo. Mas se for possível fazer com que as pessoas desistam de fazer o mal por meio da instrução espiritual, não haverá mais mal no mundo. Agora vejam quão horrível se torna a teoria da luta ocidental!

Rambrahma Babu ficou surpreso ao ouvir as palavras de Swamiji e disse longamente: "A Índia precisa desesperadamente no momento atual de homens bem versados nas filosofias oriental e ocidental como você. Somente esses homens são capazes de apontar os erros das pessoas

educadas que veem apenas um lado do escudo, estou extremamente satisfeito em ouvir sua explicação original da teoria da evolução."

Pouco depois, Swamiji com o grupo partiu para Baghbazar e chegou à casa de Balaram Bose por volta das 20h. Depois de um breve descanso, chegou à sala de estar, onde havia uma pequena reunião, todos ansiosos por ouvir em detalhes a conversa no Jardim Zoológico. Quando Swamiji entrou na sala, o discípulo, como porta-voz da reunião, levantou esse mesmo assunto.

Discípulo: Senhor, não consegui acompanhar todos os seus comentários sobre a teoria da evolução no Zoológico. Você poderia gentilmente recapitulá-los em palavras simples?

Swamiji: Por que, quais pontos você não conseguiu compreender?

Discípulo: Muitas vezes você nos disse que é a capacidade de lutar contra as forças externas que constitui o sinal de vida e o primeiro passo para a melhoria. Hoje você parece ter falado exatamente o oposto.

Swamiji: Por que eu deveria falar de forma diferente? Foi você quem não conseguiu me seguir. No reino animal vemos realmente leis como a luta pela existência, a sobrevivência do mais apto, etc., evidentemente em ação. Portanto, a teoria de Darwin parece verdadeira até certo ponto. Mas no reino humano, onde existe a manifestação da racionalidade, encontramos exatamente o inverso dessas leis. Por exemplo, naqueles que consideramos homens realmente grandes ou personagens ideais, dificilmente observamos qualquer luta externa. No reino animal prevalece o instinto; mas quanto mais um homem avança, mais ele manifesta racionalidade. Por esta razão, o progresso no reino humano racional não pode ser alcançado, como no reino animal, pela destruição de outros! A evolução mais elevada do homem é efetuada apenas através do sacrifício. Um homem é grande entre os seus semelhantes na medida em que pode sacrificar-se pelo bem dos outros, enquanto nas camadas inferiores do reino animal, aquele animal é o mais forte que pode matar o maior número de animais. Portanto, a teoria da luta não é igualmente aplicável a ambos os reinos. A luta do homem está na esfera mental. Um homem é maior na proporção em que consegue controlar sua mente. Quando as atividades da mente estão perfeitamente em repouso, o Atman se manifesta. A luta que observamos no reino animal pela

preservação do corpo grosseiro prevalece no plano de existência humana para obter o domínio sobre a mente ou para atingir o estado de equilíbrio. Tal como uma árvore viva e o seu reflexo na água de um tanque, encontramos tipos opostos de luta nos reinos animal e humano.

Discípulo: Por que então você defende tanto a melhoria do nosso físico?

Swamiji: Bem, vocês se consideram homens? Você tem apenas um pouco de racionalidade – isso é tudo. Como você lutará com a mente a menos que o físico seja forte? Você merece mais ser chamado de homem – a evolução mais elevada do mundo? O que você tem além de comer, dormir e satisfazer o conforto das criaturas? Agradeça às suas estrelas por você ainda não ter se desenvolvido em quadrúpedes! Shri Ramakrishna costumava dizer: “Ele é o homem que está consciente de sua dignidade”. Vocês são apenas testemunhas da classe mais baixa de existência semelhante a um inseto de que falam as escrituras, que eles simplesmente passam por uma série de nascimentos e mortes sem serem autorizados a ir para qualquer uma das esferas superiores! Vocês estão simplesmente vivendo uma vida de ciúmes entre si e são objetos de ódio aos olhos do estrangeiro. Vocês são animais, portanto recomendo que lutem. Deixe de lado as teorias e tudo mais. Apenas reflita com calma sobre seus próprios atos cotidianos e como lida com os outros e descubra se você não é uma espécie de ser intermediário entre os planos de existência animal e humano! Primeiro construa seu próprio físico. Só então você poderá controlar a mente. नायमात्मा बलहीनेन लभ्यः — Este Eu não deve ser alcançado pelos fracos" (Katha Upanishad, I.ii.23).

Discípulo: Mas, senhor, o comentarista (Shankara) interpretou a palavra “fraco” como significando “desprovido de Brahmacharya ou continência”.

Swamiji: Deixe-o. Eu digo: “Os fisicamente fracos são inadequados para a realização do Ser”.

Discípulo: Mas muitas pessoas estúpidas também têm corpos fortes.

Swamiji: Se você se esforçar para lhes dar boas ideias uma vez, eles serão capazes de resolvê-las mais cedo do que as pessoas fisicamente incapazes. Você não acha que num físico fraco é difícil controlar o apetite sexual ou a

raiva? Pessoas magras ficam rapidamente indignadas e rapidamente dominadas pelo instinto sexual.

Discípulo: Mas também encontramos exceções à regra.

Swamiji: Quem nega isso? Depois que uma pessoa obtém controle sobre a mente, pouco importa se o corpo permanece forte ou fica emaciado. A essência da questão é que, a menos que alguém tenha um bom físico, nunca poderá aspirar à Auto-realização. Shri Ramakrishna costumava dizer: "Alguém não consegue atingir a realização se houver apenas um leve defeito no corpo".

Descobrimos que Swamiji havia ficado entusiasmado, o discípulo não se atreveu a levar o assunto adiante, mas permaneceu quieto, aceitando a opinião de Swamiji. Pouco depois, Swamiji, dirigindo-se aos presentes, disse: "A propósito, vocês ouviram que este 'sacerdote' hoje comeu comida que foi tocada por Nivedita? Que ele tenha levado os doces tocados por ela não importava tanto, mas - aqui ele se dirigiu ao discípulo - "como você bebeu a água que ela tocou?"

Discípulo: Mas foi você, senhor, quem me ordenou que fizesse isso. Sob as ordens do Guru posso fazer qualquer coisa. Eu não estava disposto a beber a água. Mas você bebeu e eu tive que tomar como Prasada.

Swamiji: Bem, sua casta se foi para sempre. Agora ninguém irá respeitá-lo como um brâmane da classe sacerdotal.

Discípulo: Não me importo se eles não o fizerem. Posso levar o arroz da casa de um pária se você me mandar.

Estas palavras fizeram com que Swamiji e todos os presentes caíssem na gargalhada.

A conversa durou até passar da meia-noite, quando o discípulo voltou ao seu alojamento, apenas para encontrá-lo trancado. Então ele teve que passar a noite fora de casa.

A roda do Tempo continuou em seu curso implacável e Swamiji, Swami Yogananda e a Irmã Nivedita não estão mais na Terra. Resta apenas a memória sagrada de suas vidas — e o discípulo se considera abençoado por poder registrar, de forma tão escassa, essas reminiscências.

7.2.9 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: As instalações alugadas da Math em Belur. Ano: 1898.]

O discípulo veio hoje ao Math (mosteiro). Agora foi removido para a casa do jardim de Nilambar Babu, e o local do atual Math foi adquirido recentemente. Swamiji está visitando o novo campo de matemática por volta das quatro horas, levando o discípulo com ele. O local era então principalmente uma selva, mas no lado norte havia uma casa de tijolos de um andar. Swamiji começou a caminhar pelo local e a discutir durante a conversa o plano de trabalho da futura Matemática e suas regras e regulamentos.

Alcançando gradualmente a varanda no lado leste da casa térrea, Swamiji disse: "Aqui seria o lugar para os Sadhus viverem. É meu desejo converter esta Math em um centro principal de práticas espirituais e de cultura de o conhecimento. O poder que surgirá daqui inundará o mundo inteiro e transformará o curso da vida dos homens em diferentes canais; deste lugar surgirão ideais que serão a harmonia do Conhecimento, da Devoção, do Yoga e do Trabalho; um aceno dos homens deste Math, com o tempo, um impulso vivificante será dado aos cantos mais remotos do globo; enquanto todos os verdadeiros buscadores da espiritualidade, com o tempo, se reunirão aqui. .

"Aquele terreno no lado sul de Math será o centro do aprendizado, onde serão ensinadas gramática, filosofia, ciência, literatura, retórica, os Shrutis, as escrituras Bhakti e o inglês. Este Templo do Aprendizado será formado depois os Tols de antigamente. Os meninos que são Brahmacharins desde a

infância viverão lá e estudarão as escrituras. Sua comida e roupas serão fornecidas pela Matemática. Após um curso de cinco anos de treinamento, esses Brahmacharins poderão, se quiserem, voltarem para suas casas e levarem a vida de chefes de família; ou eles poderão abraçar a vida monástica com a sanção dos veneráveis Superiores do Math. As autoridades do Math terão o poder de expulsar imediatamente qualquer um desses Brahmacharins que o sejam. Os ensinamentos considerados refratários ou de mau caráter serão transmitidos aqui, independentemente da casta ou credo, e aqueles que tiverem objeções a isso não serão admitidos. Mas aqueles que desejarem observar seus ritos de casta específicos deverão fazer arranjos separados para isso, sua alimentação, etc. Eles só assistirão às aulas junto com os demais. As autoridades matemáticas também manterão uma vigilância vigilante sobre o caráter destes. Ninguém, exceto aqueles que são treinados aqui, serão elegíveis para Sannyasa. Não será bom quando gradualmente esta matemática começar a funcionar assim?"

Discípulo: Então você quer reintroduzir no país a antiga instituição de viver a vida de um Brahmacharin na casa do Guru?

Swamiji: Exatamente. O sistema moderno de educação não oferece facilidades para o desenvolvimento do conhecimento de Brahman. Devemos fundar Lares Brahmacharya como nos tempos antigos. Mas agora temos de lançar os seus alicerces numa base ampla, ou seja, temos de introduzir nele muitas mudanças para se adequar às exigências dos tempos. Disto falarei com você mais tarde.

"Aquele pedaço de terra ao sul de Math", prosseguiu Swamiji, "também devemos comprar a tempo. Lá iniciaremos um Annasatra - uma casa de alimentação. Lá serão feitos arranjos para servir pessoas realmente indigentes no espírito de Deus. A Casa de Alimentação terá o nome de Shri Ramakrishna. Seu escopo será inicialmente determinado pela quantidade de fundos. Por isso, podemos iniciá-la com dois ou três internos. Eles terão que arrecadar os fundos para sua manutenção – sim, mesmo implorando. O Math não terá permissão para dar qualquer ajuda pecuniária neste assunto. Os próprios Brahmacharins terão que arrecadar fundos para isso. treinando nesta Casa de Serviço, eles serão autorizados a ingressar no ramo do Templo do Aprendizado. Após um treinamento de dez anos – cinco na Casa

de Alimentação e cinco no Templo do Aprendizado – eles serão autorizados a entrar na vida de Sannyasa. tendo iniciação das autoridades matemáticas - desde, é claro, que eles tenham a intenção de se tornarem Sannyasins e as autoridades matemáticas os considerem aptos para Sannyasa e estejam dispostos a admiti-los nele. Mas o Chefe do Math estará livre para conferir Sannyasa a qualquer Brahmacharin excepcionalmente meritório, a qualquer momento, desafiando esta regra. Os Brahmacharins comuns, entretanto, terão que se qualificar para Sannyasa gradativamente, como acabei de dizer. Tenho todas essas ideias em meu cérebro."

Discípulo: Senhor, qual será o objetivo de iniciar três dessas seções na Matemática?

Swamiji: Você não me entendeu? Em primeiro lugar, vem a dádiva do alimento; a seguir está o dom do aprendizado, e o mais elevado de todos é o dom do conhecimento. Devemos harmonizar esses três ideais na Matemática. Praticando continuamente a dádiva do alimento, os Brahmacharins terão a ideia do trabalho prático para o bem dos outros e de servir a todos os seres no espírito do Senhor firmemente impressa em suas mentes. Isto purificará gradualmente as suas mentes e levará à manifestação de ideias Sâttvika (puras e altruístas). E tendo isso os Brahmacharins adquirirão com o tempo a aptidão para atingir o conhecimento de Brahman e se tornarão elegíveis para Sannyasa.

Discípulo: Senhor, se, como você diz, o dom do conhecimento (espiritual) é o mais elevado, por que então começar seções para o dom da comida e o dom do aprendizado?

Swamiji: Você não consegue entender este ponto mesmo agora? Ouvir. Se nestes dias de escassez de alimentos puderdes, para o serviço desinteressado dos outros, juntar alguns pedaços de comida, através da mendicância ou de qualquer outro meio, e dá-los aos pobres e sofredores, isso não estará apenas fazendo bem a vós mesmos e o mundo, mas ao mesmo tempo obterás a simpatia de todos por este nobre trabalho. As pessoas de mentalidade mundana, presas à luxúria e à riqueza, terão fé em você para este trabalho de amor e se apresentarão para ajudá-lo. Você atrairá mil vezes mais homens com esta dádiva não solicitada de comida, do que com a dádiva do aprendizado ou do conhecimento (espiritual). Em nenhum outro

trabalho você obterá tanta simpatia pública como neste. Numa obra verdadeiramente nobre, para não falar dos homens, até o próprio Deus se torna amigo de quem a executa. Quando as pessoas forem assim atraídas, você será capaz de estimular nelas o desejo de aprendizado e de espiritualidade. Portanto, a dádiva do alimento vem em primeiro lugar.

Discípulo; Senhor, para começarmos a Feeding Homes, queremos primeiro um local, depois edifícios e depois os fundos para operá-los. De onde virá tanto dinheiro?

Swamiji: A parte sul das instalações do Math estou deixando à sua disposição imediatamente, e estou construindo uma casa de palha sob aquela árvore Bael. Basta descobrir uma ou duas pessoas cegas ou enfermas e dedicar-se ao seu serviço. Vá e mendigue você mesmo comida para eles; cozinhe com suas próprias mãos e alimente-os. Se você continuar assim por alguns dias, descobrirá que muitas pessoas se apresentarão para ajudá-lo com muito dinheiro. "न हि कल्याणकृत् कश्चिद् दुर्गतिं तात गच्छति — Nunca, meu filho, um benfeitor fica triste." (Gita, VI. 40).

Discípulo: Sim, é verdade. Mas não poderá esse tipo de trabalho contínuo tornar-se uma fonte de escravidão no longo prazo?

Swamiji: Se você não está de olho nos frutos do trabalho, e se você tem um desejo apaixonado de ir além de todos os desejos egoístas, então essas boas obras ajudarão a quebrar seus laços, eu lhe digo. Quão imprudente da sua parte é dizer que tal trabalho levará à escravidão! Tal trabalho desinteressado é o único meio de erradicar a escravidão devida ao trabalho egoísta. "नान्यः पन्था विद्यतेऽयनाय — Não há outra saída" (Shvetâsvatara Upanishad, III. 8).

Discípulo: Suas palavras me encorajam a ouvir em detalhes suas idéias sobre a Casa de Alimentação e a Casa de Serviço.

Swamiji: Devemos construir pequenos quartos bem ventilados para os pobres. Apenas dois ou três deles viverão em cada quarto. Eles devem receber boas roupas de cama, roupas limpas e assim por diante. Haverá um médico para atendê-los, que os examinará uma ou duas vezes por semana conforme sua conveniência. O Sevâshrama (Casa de Serviço) será uma

enfermaria anexa ao Annasatra, onde os enfermos serão atendidos. Então, gradualmente, à medida que os fundos forem se acumulando, construiremos uma grande cozinha. O Annasatra deve estar agitado com constantes gritos de comida exigida e fornecida. O mingau de arroz deve correr para o Ganga e branquear a sua água! Quando vejo uma Casa de Alimentação assim iniciada, isso trará consolo ao meu coração.

Discípulo: Quando você tem esse tipo de desejo, muito provavelmente ele se materializará em ação com o passar do tempo.

Ao ouvir as palavras do discípulo, Swamiji permaneceu imóvel por um tempo, olhando para o Ganges. Então, com um semblante radiante, ele se dirigiu ao discípulo, dizendo: "Quem sabe qual de vocês terá o leão despertado nele, e quando? Se em um único entre vocês a Mãe acender o fogo, haverá centenas de Casas de Alimentação como isso. Conhecimento, Poder e Devoção – tudo existe em sua plenitude em todos os seres. Nós apenas notamos os vários graus de sua manifestação e chamamos um de grande e outro de pequeno. manifestação perfeita de vista. No momento em que for removido, tudo estará resolvido; tudo o que você quiser, tudo o que você desejar, acontecerá."

Swamiji continuou: "Se o Senhor quiser, faremos deste Math um grande centro de harmonia. Nosso Senhor é a personificação visível da harmonia de todos os ideais. Ele será estabelecido na terra se mantivermos vivo esse espírito de harmonia aqui. Nós Devo cuidar para que pessoas de todos os credos e seitas, desde o Brâhmana até o Chandâla, possam vir aqui e encontrar seus respectivos ideais manifestados. Outro dia, quando instalei Shri Ramakrishna no terreno de Math, senti como se suas idéias disparassem. saiu deste lugar e inundou todo o universo, senciente e insensível. Eu, por exemplo, estou fazendo o meu melhor e continuarei a fazê-lo - todos vocês também explicam às pessoas as idéias liberais de Shri Ramakrishna para que servem; meramente lendo o Vedanta? Devemos provar a verdade do Advaitismo puro na vida prática. Shankara deixou esta filosofia Advaita nas colinas e florestas, enquanto eu vim para trazê-la para fora desses lugares e espalhá-la diante do mundo cotidiano e da sociedade. O rugido do leão de Advaita deve ressoar em cada lar e lar, em prados e

bosques, sobre colinas e planícies. Venham todos vocês em minha ajuda e comecem a trabalhar."

Discípulo: Senhor, mais me agrada perceber esse estado através da meditação do que manifestá-lo em ação.

Swamiji: Isso é apenas um estado de estupefação, como acontece com a bebida alcoólica. Qual será a utilidade de simplesmente permanecer assim? Através do impulso da realização Advaítica, vocês às vezes devem dançar descontroladamente e às vezes permanecer perdidos no sentido exterior. Alguém se sente feliz por saborear uma coisa boa sozinho? Deveríamos compartilhá-lo com os outros. É verdade que você alcança a liberação pessoal por meio da realização do Advaita, mas o que isso importa para o mundo? Você deve libertar todo o universo antes de deixar este corpo. Somente então você será estabelecido na Verdade eterna. Essa felicidade combina, meu garoto? Você será estabelecido naquela bem-aventurança do Infinito que é ilimitada como os céus. Você ficará mudo ao encontrar sua presença em todos os lugares do mundo da alma e da matéria. Você sentirá todo o mundo senciente e insensível como você mesmo. Então você não pode deixar de tratar a todos com a mesma gentileza que demonstra para consigo mesmo. Este é realmente o Vedanta prático. Você me entende? Brahman é um, mas ao mesmo tempo aparece para nós como muitos, no plano relativo. Nome e forma estão na raiz desta relatividade. Por exemplo, o que você encontra quando abstrai o nome e a forma de um jarro? Somente a terra, que é a sua essência. Da mesma forma, através da ilusão você pensa e vê uma jarra, um pano, um mosteiro e assim por diante. O mundo fenomenal depende desta ignorância que obstrui o conhecimento e que não tem existência real. Vemos variedade como esposa, filhos, corpo, mente – apenas no mundo criado pela ignorância por meio de nome e forma. Assim que essa ignorância for removida, o resultado será a realização de Brahman, que existe eternamente.

Discípulo: De onde vem a ignorância?

Swamiji: De onde veio eu lhe direi mais tarde. Quando você começou a correr, confundindo a corda com a cobra, a corda realmente se transformou em cobra? Ou não foi a sua ignorância que o fez fugir dessa maneira?

Discípulo: Eu fiz isso por pura ignorância.

Swamiji: Bem, então considere se, quando você voltar a conhecer a corda como corda, você não rirá de sua ignorância anterior. O nome e a forma não parecerão então uma ilusão?

Discípulo: Eles irão.

Swamiji: Se for assim, o nome e a forma revelam-se irrealis. Assim Brahman, a Existência Eterna, prova ser a única realidade. Somente através deste crepúsculo de ignorância você pensa que isto é sua esposa, que isto é seu filho, isto é seu, aquilo não é seu, e assim por diante, e não consegue perceber a existência do Atman, o iluminador de tudo. Quando, através das instruções do Guru e de sua própria convicção, você vir não este mundo de nome e forma, mas a essência que existe como seu substrato, somente então você perceberá sua identidade com todo o universo, desde o Criador até um tufo de grama. só então você alcançará o estado em que "

मिथ्यते हृदयगन्धिरिच्छन्ते सर्वसंशयाः — Os nós do coração são cortados e todas as dúvidas são dissipadas".

Discípulo: Senhor, deseja-se saber a origem e o fim desta ignorância.

Swamiji: Você entendeu, presumo, que uma coisa que depois deixa de existir é apenas um fenômeno? Aquele que verdadeiramente realizou Brahman dirá – onde está a ignorância, na fé? Ele vê a corda apenas como uma corda, e nunca como uma cobra. E ri do alarme de quem a vê como a cobra. Por esta razão, a ignorância não tem realidade absoluta. Você não pode chamar a ignorância de real nem irreal; "सन्नायसन्नायुभयात्मिका नो — Nem real, nem irreal, nem uma mistura de ambos". Sobre algo que é assim provado ser falso, nem a pergunta nem a resposta têm qualquer significado. Além disso, qualquer pergunta sobre tal assunto não é razoável. Vou explicar como. Esta pergunta e resposta não são feitas do ponto de vista do nome e da forma, do tempo e do espaço? E você pode explicar Brahman que transcende o tempo e o espaço, por meio de perguntas e respostas? Conseqüentemente, os Shastras e Mantras e outras coisas são apenas relativamente, e não absolutamente, verdadeiros. A ignorância não tem, na verdade, nenhuma essência que possa ser chamada de sua; como então você pode entender isso? Quando Brahman se manifestar, não haverá mais espaço para tais questões. Você não ouviu aquela história de Shri Ramakrishna sobre o cule sapateiro? [105] No momento em que se reconhece a ignorância, ela desaparece.

Discípulo: Mas, senhor, de onde vem essa ignorância?

Swamiji: Como pode surgir aquilo que não tem existência alguma? Deve existir primeiro, para admitir a possibilidade de vir.

Discípulo: Como então se originou este mundo de almas e matéria?

Swamiji: Existe apenas uma Existência – Brahman. Você está apenas vendo Isso sob diferentes formas e nomes, através do véu do nome e da forma que são irrealis.

Discípulo: Mas por que esse nome e forma irrealis? De onde eles vieram?

Swamiji: Os Shastras descreveram esta noção arraigada ou ignorância como quase infinita em uma série. Mas tem um fim, enquanto Brahman permanece sempre como é, sem sofrer a menor mudança, como a corda que causa a ilusão da cobra. Portanto, a conclusão do Vedanta é que todo o universo foi sobreposto a Brahman – parecendo um truque de malabarista.

Não causou a menor aberração de Brahman em relação à Sua verdadeira natureza. Você me entende?

Discípulo: Há uma coisa que ainda não consigo entender.

Swamiji: O que é isso?

Discípulo: Você acabou de dizer que a criação, a manutenção e a dissolução, etc. são sobrepostas a Brahman e não têm existência absoluta. Mas como pode ser isso? Nunca se pode ter a ilusão de algo que ainda não tenha sido experimentado. Assim como alguém que nunca viu uma cobra não pode confundir uma corda com uma cobra, então como pode alguém que não experimentou esta criação, confundir Brahman com a criação? Portanto, a criação deve ter dado, ou deve, ter dado origem à ilusão da criação. Mas isso traz uma posição dualista.

Swamiji: O homem realizado irá, em primeiro lugar, refutar a sua objeção, afirmando que, para a sua visão, a criação e coisas desse tipo não aparecem de forma alguma. Ele vê Brahman e Brahman sozinho. Ele vê a corda e não a cobra. Se você argumentar que, de qualquer forma, está vendo esta criação, ou cobra - então ele tentará trazer para você a verdadeira natureza da corda, com o objetivo de curar sua visão defeituosa. Quando, através das instruções dele e do seu raciocínio, você for capaz de perceber a verdade da corda, ou Brahman, então essa ideia ilusória da cobra, ou criação, desaparecerá. Nesse momento, o que mais você pode chamar dessa ideia ilusória de criação, manutenção e dissolução, senão uma sobreposição ao Brahman? Se esta aparição da criação etc. continuou como uma série sem começo, que assim seja; nenhuma vantagem será obtida ao resolver esta questão. Até que Brahman seja compreendido tão vividamente como uma fruta na palma da mão, esta questão não pode ser adequadamente resolvida, e então nem tal questão surge, nem há necessidade de uma solução. A degustação da realidade de Brahman é então como um homem mudo saboreando algo bom, mas sem o poder de expressar seus sentimentos.

Discípulo: Qual será então a utilidade de raciocinar tanto sobre isso?

Swamiji: O raciocínio é necessário para compreender o ponto intelectualmente. Mas a Realidade transcende o raciocínio: "नैषा तर्केण मतिरापनेया — Esta convicção não pode ser alcançada através do raciocínio."

No decorrer dessa conversa, Swamiji chegou ao Math, acompanhado pelo discípulo. Swamiji então explicou aos Sannyasins e Brahmacharins da Matemática a essência da discussão acima sobre Brahman. Ao subir as escadas, ele comentou com o discípulo: "नायमात्मा बलहीनेन लभ्यः — Este Atman não pode ser alcançado pelos fracos."

7.2.10 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: As instalações alugadas da Math em Belur. Ano: 1899.]

A revista quinzenal bengali, Udbodhan, foi iniciada por Swami Trigunatita sob a direção de Swamiji para divulgar as visões religiosas de Shri Ramakrishna entre o público em geral. Depois que o primeiro número saiu, um dia o discípulo foi ao Math no jardim de Nilambar Babu. Swamiji iniciou a seguinte conversa com ele sobre o Udbodhan.

Swamiji: (Caricaturando com humor o nome da revista) Você viu o Udbandhana? (A palavra significa "suicídio por enforcamento".)

Discípulo: Sim, senhor; é um bom número.

Swamiji: Devemos moldar as ideias, a linguagem e tudo o que está nesta revista de uma nova forma.

Discípulo: Como?

Swamiji: Não devemos apenas divulgar as idéias de Shri Ramakrishna a todos, mas também devemos introduzir um novo vigor na língua bengali. Por exemplo, o uso frequente de verbos diminui a força de uma linguagem.

Devemos restringir o uso de verbos pelo uso de adjetivos. Comece a escrever artigos dessa maneira e mostre-os para mim antes de entregá-los para impressão no Udbodhan.

Discípulo: Senhor, é impossível para qualquer outro homem trabalhar para esta revista da mesma forma que Swami Trigunatita faz.

Swamiji: Você acha que esses filhos Sannyasin de Shri Ramakrishna nascem simplesmente para sentarem sob as árvores acendendo fogueiras Dhuni? Sempre que algum deles começar algum trabalho, as pessoas ficarão surpresas ao ver sua energia. Aprenda com eles como trabalhar. Aqui, por exemplo, Trigunatita abandonou suas práticas espirituais, sua meditação e tudo mais, para cumprir minhas ordens, e começou a trabalhar. Isso é uma questão de pequeno sacrifício? Quanto amor por mim está por trás desse espírito de trabalho, você vê? Ele não deixará de ter sucesso! Vocês, moradores, têm tal determinação?

Discípulo: Mas, senhor, parece um tanto estranho aos nossos olhos que Sannyasins em mantos ocre andem de porta em porta como o Swami está fazendo.

Swamiji: Por quê? A circulação da revista é apenas para o bem dos moradores. Pela difusão de novas ideias no país, o público em geral será beneficiado. Você acha que esse trabalho altruísta é inferior às práticas devocionais? Nosso objetivo é fazer o bem à humanidade. Não temos ideia de ganhar dinheiro com a receita deste jornal. Renunciamos a tudo e não temos esposas ou filhos para sustentar após a nossa morte. Se o jornal for um sucesso, todas as suas receitas serão gastas a serviço da humanidade. O seu dinheiro excedente será gasto com lucro na abertura de mosteiros e casas de serviço em diversos locais e em todo tipo de obras de utilidade pública. Não estamos certamente a trabalhar como chefes de família com o plano de encher os nossos próprios bolsos. Saiba com certeza que todos os nossos movimentos são para o bem dos outros.

Discípulo: Mesmo assim, nem todos poderão apreciar este espírito.

Swamiji: E se eles não conseguirem? Não acrescenta nem tira nada de nós. Não iniciamos nenhum trabalho com o olhar crítico.

Discípulo: Então esta revista será quinzenal. Gostaríamos que fosse semanal.

Swamiji: Sim, mas onde estão os fundos? Se através da graça de Shri Ramakrishna os fundos forem arrecadados, isso poderá ser transformado em uma diária, no futuro. Cem mil exemplares podem ser cortados diariamente e distribuídos gratuitamente em todas as ruas e vielas de Calcutá.

Discípulo: Essa sua ideia é capital.

Swamiji: Tenho a intenção de primeiro tornar o jornal autossustentável e depois nomeá-lo como seu editor. Ainda não temos a capacidade de fazer com que qualquer empresa se mantenha de pé. Isso está reservado apenas para esses Sannyasins que renunciam a tudo. Eles trabalharão até a morte, mas nunca cederão. Ao passo que um pouco de resistência ou apenas um pouco de crítica é desconcertante para você.

Discípulo: Senhor, outro dia vi que Swami Trigunatita adorou a fotografia de Sri Ramakrishna na imprensa antes de abrir o trabalho e pediu suas bênçãos para o sucesso do trabalho.

Swamiji: Bem, Shri Ramakrishna é o nosso centro. Cada um de nós é um raio desse centro de luz. Então Trigunatita adorou Shri Ramakrishna antes de começar o trabalho, não é? Foi feito de forma excelente. Mas ele não me contou nada sobre isso.

Discípulo: Senhor, ele tem medo de você e ontem me disse para ir até você e pedir sua opinião sobre o primeiro número da revista, depois do qual, disse ele, o veria.

Swamiji: Quando você for, diga a ele que estou extremamente satisfeito com seu trabalho. Dê a ele minhas amorosas bênçãos. E todos vocês o ajudam na medida do possível. Você estará fazendo o trabalho de Shri Ramakrishna com isso.

Imediatamente após dizer essas palavras, Swamiji chamou Swami Brahmananda até ele e orientou-o a dar a Swami Trigunatita mais dinheiro

para o Udbodhan, se fosse necessário.

Na mesma noite, depois do jantar, Swamiji referiu-se novamente ao tema Udbodhan com as seguintes palavras:

"No Udbodhan devemos dar ao público apenas ideias positivas. Os pensamentos negativos enfraquecem os homens. Você não acha que onde os pais estão constantemente sobrecarregando seus filhos para ler e escrever, dizendo-lhes que eles nunca aprenderão nada, e chamando-os de tolos e assim por diante, estes últimos realmente são assim em muitos casos. Se você falar palavras gentis com os meninos e os encorajar, eles certamente melhorarão com o tempo. O que é bom para as crianças também é bom para as crianças na região dos pensamentos mais elevados. Se você puder dar-lhes ideias positivas, as pessoas crescerão e se tornarão homens e aprenderão a se sustentar com as próprias pernas. Na língua e na literatura, na poesia e nas artes, em tudo devemos apontar não os erros que as pessoas estão cometendo. seus pensamentos e ações, mas a maneira pela qual eles gradualmente serão capazes de fazer essas coisas melhor. Apontar os erros fere os sentimentos de um homem. Vimos como Shri Ramakrishna encorajaria até mesmo aqueles que consideramos inúteis e mudaria o próprio curso. suas vidas assim! Seu próprio método de ensino foi um fenômeno único."

Após uma breve pausa, Swamiji continuou: "Nunca tome a pregação da religião como significando torcer o nariz para tudo e para todos. Em questões físicas, mentais e espirituais – em tudo devemos dar aos homens ideias positivas e nunca odiar ninguém. ... É o seu ódio um pelo outro que causou a sua degradação. Agora teremos que criar os homens espalhando apenas pensamentos positivos. Primeiro, devemos criar toda a raça hindu desta forma e depois o mundo inteiro. Ramakrishna encarnou. Ele nunca destruiu as inclinações especiais de um único homem. Ele deu palavras de esperança e encorajamento até mesmo às pessoas mais degradadas e nós também devemos seguir seus passos e erguê-los. ?

"Sua história, literatura, mitologia e todos os outros Shastras são simplesmente pessoas assustadoras. Eles estão apenas dizendo: 'Você irá para o inferno, você está condenado!' Portanto, esta letargia penetrou nos próprios órgãos vitais da Índia. Portanto, devemos explicar aos homens em

palavras simples as ideias mais elevadas dos Vedas e do Vedanta. Através da transmissão de princípios morais, bom comportamento e educação, devemos fazer surgir o Chandâla. ao nível do Brahmana Venha, escreva todas essas coisas no Udbodhan e desperte todos, jovens e velhos, homens e mulheres. Só então saberei que seu estudo dos Vedas e do Vedanta foi um sucesso. dizer? Você será capaz de fazer isso?"

Discípulo: Através de suas bênçãos e comando, acho que terei sucesso em tudo.

Swamiji: Outra coisa. Você deve aprender a tornar o físico muito forte e ensinar o mesmo aos outros. Você não me encontra exercitando todos os dias com halteres mesmo agora? Caminhe de manhã e à noite e faça trabalho físico. Corpo e mente devem funcionar paralelamente. Não adianta depender dos outros em tudo. Quando a necessidade de fortalecer o físico for trazida às pessoas, elas se esforçarão por conta própria. É para fazê-los sentir esta necessidade que a educação se faz necessária no momento atual.

7.2.11 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: The Belur Math (em construção). Ano: 1899.]

Discípulo: Por que, Swamiji, nossa sociedade e nosso país chegaram a tal degradação?

Swamiji: É você quem é responsável por isso.

Discípulo: Como, senhor? Você me surpreende.

Swamiji: Você tem desprezado as classes mais baixas do país há muito tempo e, como resultado, você agora se tornou objeto de desprezo aos olhos do mundo.

Discípulo: Quando você nos descobriu os desprezando?

Swamiji: Ora, vocês, classe sacerdotal, nunca deixem a classe não-brâmanes ler os Vedas e o Vedanta e todos os Shastras tão pesados – nunca sequer os toquem. Você apenas os manteve abaixados. Foram vocês que sempre fizeram isso por egoísmo. Foram os brâmanes que monopolizaram os livros religiosos e mantiveram a questão da sanção e da proibição em suas próprias mãos. E repetidamente chamando as outras raças da Índia de baixas e vis, eles colocaram em suas cabeças a crença de que realmente eram assim. Se você disser a um homem: “Você é baixo, você é vil”, na época e fora de época, então ele certamente acreditará, com o passar do tempo, que ele realmente é assim. Isso é chamado de hipnotismo. As classes não-brâmanes estão agora despertando lentamente. Sua fé nas escrituras bramânicas e nos mantras está ficando abalada. Através da difusão da educação ocidental, todos os truques dos brâmanes estão cedendo, como as margens do Padmâ na estação das chuvas. Você não vê isso?

Discípulo: Sim, senhor, a restrição da ortodoxia está diminuindo gradualmente hoje em dia.

Swamiji: É como deveria ser. Os brâmanes, de fato, gradualmente adotaram um rumo de grosseira imoralidade e opressão. Através do egoísmo, eles introduziram um grande número de doutrinas estranhas, não-védicas, imorais e irracionais – simplesmente para manter intacto o seu próprio prestígio. E os frutos disso eles estão colhendo imediatamente.

Discípulo: Quais podem ser essas frutas, senhor?

Swamiji: Você não os percebe? É simplesmente por ter desprezado as massas da Índia que você tem vivido uma vida de escravidão nos últimos mil anos; é por isso que vocês são objetos de ódio aos olhos dos estrangeiros e são vistos com indiferença pelos seus compatriotas.

Discípulo: Mas, senhor, mesmo agora são os Brâmanes que dirigem todos os cerimoniais, e as pessoas os observam de acordo com as opiniões dos Brâmanes. Por que então você fala assim?

Swamiji: Eu não acho. Onde ainda existem os dez Samskâras ou cerimônias de purificação prescritas pelos Shastras? Bem, viajei por toda a Índia e em todos os lugares descobri que a sociedade é guiada por costumes locais que são condenados pelos Shrutis e Smritis. Costumes populares, usos locais e observâncias predominantes apenas entre as mulheres – não tomaram estes o lugar dos Smritis em todos os lugares? Quem obedece e quem? Se você puder gastar dinheiro suficiente, a classe sacerdotal estará pronta para escrever quaisquer sanções ou proibições que você quiser! Quantos deles leram os Sutras Védicos Kalpa (Ritual), Grihya e Shrauta? Então vejam, aqui em Bengala o código do Raghunandana é obedecido; um pouco mais adiante você encontrará o código de Mitâkshâra em voga; enquanto em outra parte prevalece o código de Manu! Você parece pensar que as mesmas leis são válidas em todos os lugares! O que desejo, portanto, é introduzir o estudo dos Vedas, estimulando uma maior consideração por eles nas mentes das pessoas, e difundir por toda parte as injunções dos Vedas.

Discípulo: Senhor, hoje em dia é possível colocá-los em movimento?

Swamiji: É verdade que todas as antigas leis védicas não terão efeito, mas se introduzirmos acréscimos e alterações nelas para atender às necessidades dos tempos, codificá-las e mantê-las como um novo modelo para a sociedade, por que eles não passam atual?

Discípulo: Senhor, tive a impressão de que pelo menos as ordens de Manu estavam sendo obedecidas em toda a Índia até agora.

Swamiji: Nada disso. Basta olhar para a sua própria província e ver como o Vâmâchâra (práticas imorais) dos Tantras penetrou na sua medula. Até mesmo o Vaishnavismo moderno, que é o esqueleto do extinto Budismo, está saturado de Vamachara! Devemos conter a maré deste Vamachara, que é contrário ao espírito dos Vedas.

Discípulo: Senhor, é possível agora limpar este estábulo do Egeu?

Swamiji: Que bobagem você diz, seu covarde! Você quase arruinou o país ao gritar: 'É impossível, é impossível!' O que o esforço humano não pode alcançar?

Discípulo: Mas, senhor, tal estado de coisas parece impossível, a menos que sábios como Manu e Yâjnavalkya nasçam novamente no país.

Swamiji: Meu Deus! Não foi a pureza e o trabalho altruísta que os tornaram Manu e Yajnavalkya, ou foi outra coisa? Bem, nós mesmos podemos ser muito maiores do que Manu e Yajnavalkya se tentarmos; por que nossos pontos de vista não prevalecerão então?

Discípulo: Senhor, foi você quem disse há pouco que devemos reviver os antigos usos e observâncias dentro do país. Como então podemos pensar levianamente em sábios como Manu e os demais?

Swamiji: Que dedução absurda! Você não entende meu ponto. Eu apenas disse que os antigos costumes védicos devem ser remodelados de acordo

com a necessidade da sociedade e da época, e transmitidos sob uma nova forma no país. Não foi?

Discípulo: Sim, senhor.

Swamiji: O que você estava falando então? Você leu os Shastras, e minha esperança e fé repousam em homens como você. Entendam minhas palavras em seu verdadeiro espírito e apliquem-se a trabalhar à luz delas.

Discípulo: Mas, senhor, quem nos ouvirá? Por que nossos compatriotas deveriam aceitá-los?

Swamiji: Se você puder realmente convencê-los e praticar o que prega, eles o farão. Se, pelo contrário, como um covarde, você simplesmente pronuncia Shlokas como um papagaio, seja um mero falador e cite apenas autoridades, sem mostrá-las em ação - então quem se importará em ouvi-lo?

Discípulo: Por favor, dê-me alguns conselhos resumidos sobre reforma social.

Swamiji: Ora, eu já lhe dei conselhos suficientes; agora coloque pelo menos algo em prática. Deixe o mundo ver que sua leitura das escrituras e sua escuta foram um sucesso. Os códigos de Manu e muitos outros livros que você leu – qual é a sua base e propósito subjacente? Mantendo essa base intacta, compile à maneira dos antigos Rishis as verdades essenciais deles e complemente-as com pensamentos que sejam adequados aos tempos; apenas tome cuidado para que todas as raças e todas as seitas em toda a Índia sejam realmente beneficiadas ao seguir estas regras. Basta escrever um Smriti assim; Vou revisá-lo.

Discípulo: Senhor, não é uma tarefa fácil; e mesmo que tal Smriti seja escrito, será aceito?

Swamiji: Por que não? Apenas escreva. "कालो ह्ययं निखधिविपुला च पृथ्वी — O tempo é infinito e o mundo é vasto." Se você escrever da maneira correta, chegará o dia em que será aceito. Tenha fé em si mesmo. Vocês já foram os Rishis Védicos. Só que você veio em diferentes formas, só isso. Vejo claramente como a luz do dia que todos vocês têm um poder infinito em vocês. Desperte isso; levantem-se, levantem-se – apliquem-se de coração e alma, cinjam seus lombos. O que você fará com a riqueza e a fama que são tão transitórias? Você sabe o que eu acho? Eu não ligo para Mukti e tudo mais. Minha missão é despertar em você todas essas ideias; Estou pronto para passar por cem mil renascimentos para treinar um único homem.

Discípulo: Mas, senhor, qual será a utilidade de empreender tais obras? A morte não está atrás?

Swamiji: Que vergonha! Se você morrer, morrerá apenas uma vez. Por que você morrerá a cada minuto de sua vida insistindo constantemente na morte como um covarde?

Discípulo: Tudo bem, senhor, posso não pensar na morte, mas que benefício resultará de qualquer tipo de trabalho neste mundo evanescente?

Swamiji: Meu rapaz, quando a morte é inevitável, não é melhor morrer como heróis do que como troncos e pedras? E de que adianta viver mais um ou dois dias neste mundo transitório? É melhor desgastar-se do que enferrujar – especialmente para fazer o mínimo de bem aos outros.

Discípulo: É verdade, senhor. Peço perdão por incomodá-lo tanto.

Swamiji: Não me sinto cansado mesmo se converso durante duas noites inteiras com um questionador sério; Posso desistir de comer e dormir e falar e falar. Bem, se eu quiser, posso sentar-me em Samadhi em uma caverna do Himalaia. E você vê que hoje em dia pela graça da Mãe eu não tenho que pensar em comida, ela vem de qualquer maneira. Por que então não faço isso? E por que estou aqui? Só a visão da miséria do país e a ideia do seu futuro não me deixam mais calar! – Mesmo Samadhi e tudo o que parece fútil – até mesmo a esfera de Brahmâ com seus prazeres torna-se insípida! Meu voto de vida é pensar no seu bem-estar. No dia em que esse voto for cumprido, deixarei este corpo e seguirei em frente!

Ouvindo as palavras de Swamiji, o discípulo ficou sem palavras por um tempo, olhando para ele, pensando em seu coração. Então, com o objetivo de se despedir, ele saudou Swamiji com reverência e pediu permissão para ir.

Swamiji: Por que você quer ir? Por que não viver na matemática? Sua mente ficará novamente poluída se você voltar para a mentalidade mundana. Veja aqui, quão fresco é o ar, lá está o Ganga, e os Sadhus (homens santos) estão praticando meditação e mantendo palestras elevadas! Embora no momento em que você for para Calcutá, você estará pensando em coisas desagradáveis.

O discípulo respondeu alegremente: “Tudo bem, senhor, ficarei hoje no Math”.

Swamiji: Por que “hoje”? Você não pode morar aqui para sempre? Qual é a utilidade de voltar ao mundo?

O discípulo abaixou a cabeça, ouvindo as palavras de Swamiji. Vários pensamentos invadiram seu cérebro e o mantiveram sem palavras.

7.2.12 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: The Belur Math (em construção). Ano: início de 1899.]

Hoje Swamiji está caminhando pelo novo terreno de Matemática à tarde em companhia do discípulo. Parado a uma pequena distância da árvore Bael, Swamiji começou a cantar lentamente uma canção bengali: (Esta é uma das canções cantadas nas casas de Bengala na véspera de Durgâ Pujâ.) "Ó Himalaia, Ganesh é auspicioso para mim" etc. ., terminando com a frase - "E muitos Dandis (Sannyasins) e Yogis com cabelos emaranhados também virão." Enquanto cantava a canção, Swamiji repetiu esta frase para o discípulo e disse: "Você entende? Com o passar do tempo, muitos Sadhus e

Sannyasins virão aqui." Dizendo isso, ele sentou-se sob a árvore e comentou: "O solo sob a árvore Bilva é muito sagrado. Meditar aqui rapidamente provoca um despertar do instinto religioso. Shri Ramakrishna costumava dizer isso."

Discípulo: Senhor, aqueles que se dedicam à discriminação entre o Eu e o não-Eu — eles têm alguma necessidade de considerar a auspiciosidade do lugar, do tempo e assim por diante?

Swamiji: Aqueles que estão estabelecidos no conhecimento do Atman não têm necessidade de tal discriminação, mas esse estado não é alcançado imediatamente. É o resultado de uma longa prática. Portanto, no início é preciso contar com a ajuda de ajudas externas e aprender a ficar de pé sobre as próprias pernas. Mais tarde, quando alguém estiver estabelecido no conhecimento do Atman, não haverá mais necessidade de qualquer ajuda externa.

Os vários métodos de prática espiritual estabelecidos nas escrituras são todos para a obtenção do conhecimento do Atman. É claro que estas práticas variam de acordo com as qualificações dos diferentes aspirantes. Mas também são uma espécie de trabalho, e enquanto houver trabalho, o Atman não será descoberto. Os obstáculos à manifestação do Atman são superados pelas práticas estabelecidas nas escrituras; mas o trabalho não tem poder de manifestar diretamente o Atman, apenas é eficaz para remover alguns véus que cobrem o conhecimento. Então o Atman se manifesta por Sua própria refulgência. Você vê? Portanto, o seu comentarista (Shankara) diz: "Em nosso conhecimento de Brahman, não pode haver o menor toque de trabalho".

Discípulo: Mas, senhor, uma vez que os obstáculos à Auto-manifestação não são superados sem a realização de trabalho de uma forma ou de outra, portanto, indiretamente, o trabalho permanece como um meio para o conhecimento.

Swamiji: Do ponto de vista da cadeia causal, isso parece prima facie. Assumindo esta visão, afirma-se no Purva-Mimâmsâ que o trabalho para um fim definido produz infalivelmente um resultado definido. Mas a visão do Atman, que é Absoluto, não deve ser alcançada por meio do trabalho.

Pois a regra com relação a um buscador do Atman é que ele deve submeter-se à prática espiritual, mas não prestar atenção aos seus resultados. Segue-se daí que estas práticas são simplesmente a causa da purificação da mente do aspirante. Pois se o Atman pudesse ser realizado diretamente como resultado dessas práticas, então as escrituras não teriam ordenado ao aspirante que desistisse dos resultados do trabalho. Portanto, é com o objetivo de combater a doutrina Purva-Mimamsa de trabalho com motivo que produz resultados, que a filosofia do trabalho sem motivo foi apresentada no Gita. Você vê?

Discípulo: Mas, senhor, se alguém tem que renunciar aos frutos do trabalho, por que deveria ser induzido a realizar um trabalho que é sempre problemático?

Swamiji: Nesta vida humana, não se pode deixar de fazer sempre algum tipo de trabalho. Quando o homem tem forçosamente que fazer algum trabalho, o Karma-Yoga ordena-lhe que o faça de uma forma que traga liberdade através da realização do Atman. Quanto à sua objeção de que ninguém será induzido a trabalhar – a resposta é que qualquer trabalho que você faça tem algum motivo por trás; mas quando, pela longa execução do trabalho, percebemos que um trabalho apenas leva a outro, através de uma série de nascimentos e renascimentos, então a discriminação despertada do homem naturalmente começa a questionar-se: "Onde está o fim desta interminável cadeia de trabalho?" É então que ele aprecia o pleno significado das palavras do Senhor no Gita: "Inescrutável é o curso do trabalho". Portanto, quando o aspirante descobre que o trabalho com motivo não traz felicidade, então ele renuncia à ação. Mas o homem é constituído de tal forma que para ele a realização de trabalho é uma necessidade, então que trabalho ele deveria assumir? Ele empreende algum trabalho altruísta, mas desiste de todo desejo pelos seus frutos. Pois ele sabia então que nesses frutos do trabalho estão inúmeras sementes de futuros nascimentos e mortes. Portanto, o conhecedor de Brahman renuncia a todas as ações. Embora aparentemente ele se envolva em algum trabalho, ele não tem apego a ele. Tais homens foram descritos nas escrituras como Karma-Yogins.

Discípulo: Então o trabalho sem motivo do altruísta conhecedor de Brahman é como as atividades de um lunático?

Swamiji: Por que isso? Desistir dos frutos do trabalho significa não realizar trabalho para o bem do próprio corpo ou da mente. O conhecedor de Brahman nunca busca a sua própria felicidade. Mas o que o impede de trabalhar para o bem-estar dos outros? Qualquer trabalho que ele faça sem apego aos seus frutos traz apenas o bem ao mundo - é tudo “para o bem de muitos, para a felicidade de muitos”. Shri Ramakrishna costumava dizer: “Eles nunca dão um passo em falso”. Você não leu no Uttara-Râma-Charita, "ऋषीणाम् पुनराद्यानां वाचमर्थोऽनुधावति — As palavras dos antigos Rishis sempre têm algum significado, nunca são falsas?" Quando a mente se funde no Atman pela supressão de todas as modificações, produz "um desapego pelo desfrute dos frutos do trabalho aqui ou no futuro"; não resta nenhum desejo na mente de qualquer prazer aqui, ou, após a morte, em qualquer esfera celestial. Não há ação e interação de desejos na mente. Mas quando a mente desce do estado superconsciente para o mundo do “eu e meu”, então, pelo impulso do trabalho ou hábito anterior, ou Samskaras (impressões), as funções do corpo continuam como antes. A mente então está geralmente no estado superconsciente; comer e outras funções do corpo são realizadas por mera necessidade, e a consciência corporal é muito atenuada. Qualquer trabalho feito depois de atingir esse estado transcendental é feito corretamente; conduz ao verdadeiro bem-estar dos homens e do mundo; pois então a mente de quem faz não fica contaminada pelo egoísmo ou pelo cálculo de ganho ou perda pessoal. O Senhor criou este universo maravilhoso, permanecendo sempre no reino da superconsciência; portanto não há nada imperfeito neste mundo. Então eu estava dizendo que as ações que o conhecedor do Atman realiza sem apego aos frutos nunca são imperfeitas, mas conduzem ao verdadeiro bem-estar dos homens e do mundo.

Discípulo: Senhor, o senhor disse há pouco que o conhecimento e o trabalho são contraditórios, que no conhecimento supremo não há espaço algum para o trabalho, ou em outras palavras, que por meio do trabalho a realização de Brahman não pode ser alcançada. Por que então você de vez em quando fala palavras calculadas para despertar grandes Rajas (atividades)? Você estava me dizendo outro dia: "Trabalho, trabalho, trabalho - não há outro jeito."

Swamiji: Ao percorrer o mundo inteiro, descubro que as pessoas deste país estão imersas em grandes Tamas (inatividade), em comparação com as pessoas de outros países. Por fora, há uma simulação do estado Sâttvika (calmo e equilibrado), mas por dentro, uma inércia absoluta como a dos troncos e das pedras – que trabalho será feito no mundo por essas pessoas? Quanto tempo uma pessoa tão inativa, preguiçosa e sensual pode viver no mundo? Primeiro viaje pelos países ocidentais, depois contradiga minhas palavras. Quanto empreendimento e devoção ao trabalho, quanto entusiasmo e manifestação de Rajas existem na vida do povo ocidental! Ao passo que, no seu próprio país, é como se o sangue tivesse congelado no coração, de modo que não pudesse circular nas veias – como se a paralisia tivesse tomado conta do corpo e este se tornasse lânguido. Portanto, a minha ideia é, em primeiro lugar, tornar as pessoas ativas, desenvolvendo os seus Rajas, e assim torná-las aptas para a luta pela existência. Sem força no corpo, sem entusiasmo no coração e sem originalidade no cérebro, o que eles farão – esses pedaços de matéria morta! Ao estimulá-los, quero dar-lhes vida – a isso dediquei a minha vida. Eu os despertarei através do poder infalível dos Mantras Védicos. Nasci para lhes proclamar aquela mensagem destemida: "Levanta-te! Desperta!" Sejam vocês meus ajudantes neste trabalho! Vá de aldeia em aldeia, de uma parte do país para outra, e pregue esta mensagem de destemor a todos, do brâmane ao Chandâla. Diga a todos e a cada um que o poder infinito reside dentro deles, que eles são participantes da bem-aventurança imortal. Assim, desperte os Rajas dentro deles – torne-os aptos para a luta pela existência e então fale-lhes sobre a salvação. Primeiro faça com que o povo do país fique de pé, despertando o seu poder interior, primeiro deixe-os aprender a ter boa comida e roupas e muita diversão - depois diga-lhes como se libertarem desta escravidão do prazer.

A preguiça, a maldade e a hipocrisia cobriram toda a extensão do país. Pode um homem inteligente olhar para tudo isso e permanecer quieto? Não traz lágrimas aos olhos? Madras, Bombaim, Punjab, Bengala – para qualquer lado que eu olhe, não vejo sinais de vida. Vocês estão se considerando altamente educados. Que bobagem você aprendeu? Memorizando os pensamentos dos outros numa língua estrangeira, e enchendo o seu cérebro com eles e obtendo alguns diplomas universitários, vocês se consideram educados! Que vergonha! Isso é educação? Qual é o objetivo da sua

educação? Ou um escriturário, ou um advogado malandro, ou no máximo um vice-magistrado, que é outra forma de escriturário — não é só isso? Abra seus olhos e veja que clamor lamentável por comida está surgindo na terra de Bharata, proverbial por sua riqueza! Sua educação atenderá a esse desejo? Nunca. Com a ajuda da ciência ocidental, ponham-se a escavar a terra e a produzir alimentos - não através da servidão mesquinha de outros - mas descobrindo novos caminhos para a produção, através dos seus próprios esforços, auxiliados pela ciência ocidental. Por isso ensino o povo deste país a estar cheio de atividades, para poder produzir alimentos e roupas para si. Por falta de comida e roupas e mergulhado na ansiedade por isso, o país está em ruínas – o que vocês estão fazendo para remediar isso? Deixe de lado suas escrituras no Ganges e ensine primeiro às pessoas os meios de obter comida e roupas, e então você encontrará tempo para ler as escrituras para elas. Se as suas necessidades materiais não forem eliminadas pelo despertar de intensa atividade, ninguém dará ouvidos às palavras de espiritualidade. Portanto eu digo, primeiro desperte o poder inerente do Atman dentro de você, então, despertando a fé do povo em geral nesse poder tanto quanto você puder, ensine-os antes de tudo a fazer provisões para comida, e então ensine-lhes religião. Não há tempo para ficar parado – quem sabe quando a morte irá atingir alguém?

Ao dizer essas palavras, uma expressão mesclada de remorso, tristeza, compaixão e poder brilhou em seu rosto. Olhando para sua aparência majestosa, o discípulo ficou em silêncio. Pouco tempo depois, Swamiji disse novamente: "Essa atividade e autoconfiança devem chegar às pessoas do país com o tempo - eu vejo isso claramente. Não há escapatória. O homem inteligente pode ver claramente a visão dos próximos três Yugas (séculos) à frente. Desde o advento de Shri Ramakrishna, o horizonte oriental tem brilhado com os raios do sol nascente que, com o passar do tempo, iluminarão o país com o esplendor do sol do meio-dia."

7.2.13 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Math. Início de 1899.]

Os atuais edifícios de matemática estão quase completos. Swamiji não está com boa saúde; portanto, os médicos o aconselharam a sair de barco pela manhã e à noite no Ganges.

Hoje é domingo. O discípulo está sentado no quarto de Swamiji conversando com ele. Nessa época, Swamiji elaborou certas regras para a orientação dos Sannyasins e Brahmacharins do Math, cujo objetivo era impedi-los de se misturarem indiscriminadamente com pessoas do mundo. A conversa girou em torno deste assunto.

Swamiji: Hoje em dia sinto um cheiro peculiar de autocontrole frouxo no vestuário e nas roupas das pessoas mundanas; portanto, estabeleci como regra na matemática que os chefes de família não deveriam sentar-se ou deitar-se nas camas dos Sadhus. Antigamente eu costumava ler nos Shastras que tal cheiro é sentido e, portanto, os Sannyasins não suportam o cheiro dos chefes de família. Agora vejo que é verdade. Ao observar estritamente as regras que foram estabelecidas, os Brahmacharins com o tempo se transformarão em Sannyasins genuínos. Quando eles estiverem estabelecidos no ideal de Sannyasa, eles serão capazes de se misturar em pé de igualdade com os homens do mundo, sem qualquer dano. Mas agora, se não forem mantidos dentro das barreiras de regras estritas, todos irão mal. Para atingir o Brahmacharya ideal, é preciso, no início, observar regras estritas em relação à castidade. Não apenas a pessoa deve manter-se estritamente distante da menor associação com o sexo oposto, mas também abandonar até mesmo a companhia de pessoas casadas.

O discípulo que era chefe de família ficou impressionado com essas palavras de Swamiji, sentiu-se desanimado por não ser capaz de se associar livremente como antes com os Sadhus do Math e disse: "Senhor, sinto mais intimidade com o Math e seus habitantes do que com minha própria família. Como se eles fossem conhecidos por mim há muito tempo. A liberdade ilimitada que desfruto na matemática, não sinto em nenhum outro lugar do mundo.

Swamiji: Todos aqueles que são puros de espírito se sentirão assim aqui. Aqueles que não o sentem devem ser considerados como não pertencentes a

esta Matemática e aos seus ideais. Essa é a razão pela qual muitas pessoas vêm aqui por mera promoção de sensações e depois fogem. Aqueles que são desprovidos de continência e correm atrás de dinheiro dia e noite nunca serão capazes de apreciar os ideais da Matemática, nem de considerar o pessoal da Matemática como seu. Os Sannyasins desta Math não são como os antigos, manchados de cinzas, com cabelos emaranhados e pinças de ferro nas mãos, e curando doenças por meio de petiscos medicinais; portanto, vendo o contraste, as pessoas não conseguem apreciá-los. Os modos, movimentos e ideias do nosso Mestre foram todos moldados num novo molde, por isso somos também de um novo tipo. Às vezes vestidos como cavaleiros, estamos empenhados em dar palestras; outras vezes, deixando tudo de lado, com “Hara, Hara, Vyom Vyom” nos lábios, vestidos de cinzas, ficamos imersos em meditação e austeridades em montanhas e florestas.

Agora não adianta apenas citar a autoridade de nossos livros antigos. A onda gigantesca da civilização ocidental está agora a percorrer todo o país. Não adianta simplesmente sentar-se em meditação no topo das montanhas sem perceber a sua utilidade. Agora é necessário – como diz o Senhor no Gita – Karma-Yoga intenso, com coragem ilimitada e força indomável no coração. Só então o povo do país será despertado, caso contrário, continuará a estar tão no escuro quanto você.

O dia está quase terminando. Swamiji desceu, vestido para a excursão de barco no Ganges. Swamiji, acompanhado pelo discípulo e outros dois, embarcou no barco, que passou pelo templo de Dakshineswar e chegou a Panihati, onde foi ancorado abaixo da casa do jardim de Babu Govinda Kumar Chaudhury. Certa vez, foi proposto alugar esta casa para uso do Math. Swamiji desceu do barco, contornou a casa e o jardim e olhando minuciosamente o local disse: "O jardim é bonito, mas fica a uma grande distância de Calcutá. Os devotos de Shri Ramakrishna teriam tido dificuldade em caminhar por tal caminho". longa distância de Calcutá. É uma sorte que a matemática não tenha sido estabelecida aqui." O barco então retornou ao Math em meio à escuridão envolvente.

7.2.14 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Math. Início de 1899.]

O discípulo veio hoje para a Matemática acompanhado de Nag Mahashaya.

Swamiji para Nag Mahashaya (saudando-o): Você está bem, espero?

Nag Mahashaya: Vim hoje para visitá-lo. Glória a Shankara! Glória a Shankara! Sou verdadeiramente abençoado hoje com a visão de Shiva!

Dizendo estas palavras, Nag Mahashaya por reverência ficou de mãos unidas diante dele.

Swamiji: Como está sua saúde?

Nag Mahashaya: Por que você está perguntando sobre esse corpo insignificante – essa gaiola de carne e ossos? Na verdade, sou abençoado hoje por ver você.

Dizendo estas palavras, Nag Mahashaya prostrou-se diante de Swamiji.

Swamiji (levantando-o): Por que você está fazendo isso comigo?

Nag Mahashaya: Vejo com meu olho interior que hoje sou abençoado com a visão do próprio Shiva. Glória a Ramakrishna!

Swamiji (dirigindo-se ao discípulo): Você vê? Como o verdadeiro Bhakti transforma a natureza humana! Nag Mahashaya perdeu-se no Divino, sua consciência corporal desapareceu completamente. (Para Swami Premananda) Compre Prasada para Nag Mahashaya.

Nag Mahashaya: Prasada! (Para Swamiji com as mãos postas) Ao ver você, toda a minha fome terrena desapareceu hoje.

Os Brahmacharins e Sannyasins do Math estavam estudando os Upanishads. Swamiji disse-lhes: "Hoje um grande devoto de Shri

Ramakrishna veio entre nós. Que seja um feriado em homenagem à visita de Nag Mahashaya ao Math." Então todos fecharam seus livros e sentaram-se em círculo ao redor de Nag Mahashaya; Swamiji também sentou-se à sua frente.

Swamiji (dirigindo-se a todos): Vocês veem? Veja Nag Mahashaya; ele é um chefe de família, mas não tem conhecimento da existência mundana; ele sempre vive perdido na consciência Divina. (Para Nag Mahashaya) Por favor, conte a nós e a estes Brahmacharins algo sobre Shri Ramakrishna.

Nag Mahashaya (em reverência): O que você me diz, senhor? O que eu devo dizer? Eu vim ver você – o herói, o ajudante na peça divina de Shri Ramakrishna. Agora as pessoas apreciarão sua mensagem e seus ensinamentos. Glória a Ramakrishna!

Swamiji: Foi você quem realmente apreciou e compreendeu Shri Ramakrishna. Estamos apenas gastos em andanças inúteis.

Nag Mahashaya: O que você me diz, senhor? Você é a imagem de Shri Ramakrishna – o anverso e o reverso da mesma moeda. Quem tem olhos, deixe-os ver.

Swamiji: O início destas Matemáticas e Ashramas, etc., é um passo na direção certa?

Nag Mahashaya: Sou um ser insignificante, o que entendo? Tudo o que você fizer, tenho certeza, contribuirá para o bem-estar do mundo - sim, do mundo.

Muitos, por reverência, começaram a tirar a poeira dos pés de Nag Mahashaya, o que o deixou muito agitado. Swamiji, dirigindo-se a todos, disse: “Não ajam de modo a causar dor a Nag Mahashaya; ele se sente desconfortável”. Ao ouvir isso, todos desistiram.

Swamiji: Por favor, venha e fique no Math. Você será uma lição prática para os meninos daqui.

Nag Mahashaya: Certa vez perguntei a Shri Ramakrishna sobre isso, ao que ele respondeu: “Continue sendo um chefe de família como está fazendo”. Portanto, continuo nessa vida. Vejo todos vocês ocasionalmente e me sinto abençoado.

Swamiji: Irei à sua casa uma vez.

Nag Mahashaya, louco de alegria, disse: "Será que esse dia amanhecerá? Meu lugar será santificado por sua visita, como Varanasi. Devo ser tão afortunado assim!"

Swamiji: Bem, eu tenho o desejo. Agora depende da “Mãe” me levar até lá.

Nag Mahashaya: Quem vai te entender? A menos que a visão interior se abra, ninguém poderá entendê-lo. Somente Shri Ramakrishna entendeu você; todos os outros simplesmente depositaram fé em suas palavras, mas ninguém realmente o compreendeu.

Swamiji: Agora o meu único desejo é despertar o país – o leviatã adormecido que perdeu toda a fé no seu poder e não responde. Se eu puder despertá-lo para o sentido da Religião Eterna, então saberei que o advento de Shri Ramakrishna e nosso nascimento são frutíferos. Esse é o único desejo em meu coração: Mukti e tudo mais parecem sem importância para mim. Por favor, dê-me suas bênçãos para que eu possa ter sucesso.

Nag Mahashaya: Shri Ramakrishna abençoará! quem pode mudar o curso da sua vontade? Tudo o que você quiser, acontecerá.

Swamiji: Bem, nada acontece sem a vontade dele por trás disso.

Nag Mahashaya: A sua vontade e a dele se tornaram uma. Qualquer que seja a sua vontade é a dele. Glória a Shri Ramakrishna!

Swamiji: Para trabalhar é necessário um corpo forte; desde que cheguei a este país, não estou bem; no Ocidente eu gozava de muito boa saúde.

Nag Mahashaya: “Sempre que alguém nasce em um corpo”, Shri Ramakrishna costumava dizer, “é preciso pagar o imposto residencial”.

Doença e tristeza são o imposto. Mas seu corpo é uma caixa de mohurs de ouro e deve-se tomar muito cuidado com ele. Mas quem fará isso? Quem vai entender? Somente Shri Ramakrishna entendeu. Glória a Ramakrishna!

Swamiji: Todos no Math cuidam muito bem de mim.

Nag Mahashaya: Será para o bem deles se o fizerem, quer saibam disso ou não. Se a devida atenção não for dada ao seu corpo, é provável que ele caia.

Swamiji: Nag Mahashaya, não entendo completamente se o que estou fazendo é certo ou não. Em determinados momentos sinto uma grande vontade de trabalhar numa determinada direção, e trabalho de acordo com isso. Se é para o bem ou para o mal, não consigo entender.

Nag Mahashaya: Bem, Shri Ramakrishna disse: “O tesouro agora está trancado”. – Portanto, ele não permite que você saiba completamente. No momento em que você souber disso, seu jogo de vida humana chegará ao fim.

Swamiji estava ponderando algo com olhar firme. Então Swami Premananda trouxe um pouco de Prasada para Nag Mahashaya, que ficou em êxtase de alegria. Pouco depois, Nag Mahashaya encontrou Swamiji cavando lentamente o chão com uma pá perto do lago e segurou-o pela mão, dizendo: "Quando estamos presentes, por que você deveria fazer isso?" Swamiji, deixando a pá, caminhou pelo jardim conversando e começou a narrar a um discípulo: “Após o falecimento de Shri Ramakrishna, ouvimos um dia que Nag Mahashaya estava jejuando em seu humilde alojamento de azulejos em Calcutá. fomos juntos e apareceram na cabana de Nag Mahashaya. Ao nos ver, ele se levantou de sua cama. Nós dissemos, 'Teremos nosso Bhikshâ (comida) aqui hoje.' Imediatamente Nag Mahashaya trouxe arroz, panela, combustível, etc. do bazar e pensamos em comer e fazer com que Nag Mahashaya também comesse, ele nos deu a comida; ele e então sentou-se para comer. Depois disso, pedimos-lhe que levasse comida; ele imediatamente quebrou a panela de arroz e, batendo na testa, começou a dizer: 'Devo dar comida ao corpo no qual Deus não foi realizado?' Vendo isso, ficamos surpresos. Mais tarde, depois de muita persuasão, o induzimos a comer um pouco e depois voltamos.

Swamiji: Nag Mahashaya ficará na aula de matemática esta noite?

Discípulo: Não, ele tem algum trabalho; ele deve retornar hoje.

Swamiji: Então procure um barco. Está ficando escuro.

Quando o barco chegou, o discípulo e Nag Mahashaya saudaram Swamiji e partiram para Calcutá.

7.2.15 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Matemática. Ano: 1899.]

Swamiji está agora com muito boa saúde. O discípulo veio ao Math num domingo de manhã. Depois de visitar Swamiji, ele desceu e está discutindo as escrituras Vedantas com Swami Nirmalananda. Neste momento o próprio Swamiji desceu e dirigiu-se ao discípulo e disse: “O que você estava discutindo com Nirmalananda?”

Discípulo: Senhor, ele estava dizendo: “O Brahman do Vedanta só é conhecido por você e seu Swamiji. Pelo contrário, sabemos que “
कृष्णस्तु भगवान् स्वयं – Shri Krishna é o próprio Senhor. ”

Swamiji: O que você disse?

Discípulo: Eu disse que o Atman é a única Verdade, e que Krishna era apenas uma pessoa que realizou este Atman. Swami Nirmalananda é, no fundo, um crente no Advaita Vedanta, mas externamente ele assume o lado dualista. Sua primeira ideia parece ser discutir o aspecto pessoal do Ishvara e depois, por meio de um processo gradual de raciocínio, fortalecer os fundamentos do Vedanta. Mas assim que ele me chama de “Vaisnava”, esqueço sua real intenção e começo uma discussão acalorada com ele.

Swamiji: Ele te ama e por isso gosta da diversão de provocá-lo. Mas por que você deveria ficar chateado com as palavras dele? Você também responderá: “Você, senhor, é ateu, um crente no Nihilism”.

Discípulo: Senhor, existe alguma declaração nos Upanishads de que Ishvara é uma Pessoa todo-poderosa? Mas as pessoas geralmente acreditam em tal Ishvara.

Swamiji: O princípio mais elevado, o Senhor de tudo, não pode ser uma Pessoa. O Jiva é um indivíduo e a soma total de todos os Jivas é o Ishvara. No Jiva, Avidyâ, ou ignorância, é predominante, mas Ishvara controla Maya composta de Avidya e Vidyâ e projeta independentemente este mundo de coisas móveis e imóveis para fora de Si mesmo. Mas Brahman transcende os aspectos individuais e coletivos, o Jiva e o Ishvara. Em Brahman não há parte. É para facilitar a compreensão que partes foram imaginadas Nele. Aquela parte de Brahman na qual há a sobreposição da criação, manutenção e dissolução do universo tem sido chamada de Ishvara nas escrituras, enquanto a outra porção imutável, com referência à qual não há pensamento de dualidade, é indicada como Brahman. . Mas não pense por isso que Brahman é uma substância distinta e separada dos Jivas e do universo. Os Monistas Qualificados sustentam que foi Brahman quem se transformou em Jivas e no universo. Os Advaitins, pelo contrário, sustentam que os Jivas e o universo foram meramente sobrepostos a Brahman. Mas na realidade não houve nenhuma modificação em Brahman. O Advaitin diz que o universo consiste apenas em nome e forma. Só dura enquanto houver nome e forma. Quando através da meditação e outras práticas o nome e a forma são dissolvidos, então apenas o Brahman transcendente permanece. Então a realidade separada de Jivas e do universo não é mais sentida. Então percebe-se que alguém é a Eterna Essência Pura da Inteligência, ou Brahman. A verdadeira natureza do Jiva é Brahman. Quando o véu do nome e da forma desaparece através da meditação, etc., então essa ideia é simplesmente realizada. Esta é a substância do puro Advaita. Os Vedas, o Vedanta e todas as outras escrituras apenas explicam esta ideia de maneiras diferentes.

Discípulo: Como então é verdade que Ishvara é uma Pessoa todo-poderosa?

Swamiji: O homem é homem na medida em que é qualificado pelo adjunto limitante da mente. Através da mente ele tem que compreender e apreender tudo e, portanto, tudo o que ele pensa deve ser limitado pela mente.

Portanto, é tendência natural do homem argumentar, a partir da analogia de sua própria personalidade, a personalidade de Ishvara (Deus). O homem só pode pensar em seu ideal como ser humano. Quando fustigado pela tristeza neste mundo de doença e morte, ele é levado ao desespero e ao desamparo, então procura refúgio em alguém, confiando em quem possa se sentir seguro. Mas onde encontrar esse refúgio? O onipresente Atman, que não depende de mais nada para sustentá-lo, é o único refúgio. A princípio o homem não encontra isso. Quando a discriminação e o desapego surgem no decorrer da meditação e das práticas espirituais, ele passa a saber disso.

Mas seja qual for a forma como ele progrida no caminho da espiritualidade, todos estão inconscientemente despertando Brahman dentro de si. Mas os meios podem ser diferentes em casos diferentes. Aqueles que têm fé no Deus Pessoal têm que passar por práticas espirituais que se apeguem a essa ideia. Se houver sinceridade, através dela virá o despertar do leão de Brahman interior. O conhecimento de Brahman é o único objetivo de todos os seres, mas as várias ideias são os vários caminhos para alcançá-lo.

Embora a verdadeira natureza do Jiva seja Brahman, ainda que ele tenha identificação com o adjunto qualificador da mente, ele sofre de todos os tipos de dúvidas e dificuldades, prazer e dor. Mas todos, desde Brahmâ até uma folha de grama, estão avançando em direção à realização de sua verdadeira natureza. E ninguém pode escapar do ciclo de nascimentos e mortes até que perceba sua identidade com Brahman. Obtendo o nascimento humano, quando o desejo de liberdade se torna muito forte, e junto com ele vem a graça de uma pessoa de realização, então o desejo do homem pelo Autoconhecimento se intensifica. Caso contrário, a mente dos homens dados à luxúria e à ganância nunca se inclinará para esse lado.

Como deveria surgir o desejo de conhecer Brahman naquele que tem em mente o anseio pelos prazeres da vida familiar, pela riqueza e pela fama?

Aquele que está preparado para renunciar a tudo, que em meio à forte corrente da dualidade do bem e do mal, da felicidade e da miséria, está calmo, firme, equilibrado e desperto para o seu Ideal, sozinho se esforça para alcançar o Autoconhecimento. Somente ele, pela força de seu próprio poder, despedaça a rede do mundo. "निर्गच्छति जगज्जालान् पिञ्जरादिव केशरी —Quebrando as barreiras de Maya, ele emerge como um poderoso leão."

Discípulo: Bem, então, é verdade que sem Sannyasa não pode haver conhecimento de Brahman?

Swamiji: Isso é verdade, mil vezes. É preciso ter Sannyasa interno e externo – renúncia em espírito, bem como renúncia formal. Shankaracharya, ao comentar o texto Upanishad, "Nem por Tapas (prática espiritual) desprovido das insígnias necessárias" (Mundaka Upanishad, III. ii. 4.), ele disse que ao praticar Sadhana sem o distintivo externo de Sannyasa (o Gerua -robe, o cajado, Kamandalu, etc.), Brahman, que é difícil de alcançar, não é realizado. Sem desapego pelo mundo, sem renúncia, sem desistir do desejo de prazer, absolutamente nada pode ser realizado na vida espiritual. "Não é como um doce nas mãos de uma criança que você pode roubar com um truque." (Canção de Ramaprasad.)

Discípulo: Mas, senhor, no decorrer das práticas espirituais, essa renúncia pode ocorrer.

Swamiji: Deixe que aqueles a quem isso acontecerá gradualmente o façam dessa maneira. Mas por que você deveria sentar e esperar por isso? Comece imediatamente a cavar o canal que trará as águas da espiritualidade para sua vida. Shri Ramakrishna costumava depreciar a tibieza nas realizações espirituais, dizendo, por exemplo, que a religião viria gradualmente e que não havia pressa para isso. Quando alguém está com sede, pode ficar parado? Ele não corre em busca de água? Porque a sua sede de espiritualidade não chegou, você está sentado de braços cruzados. O desejo de conhecimento não se fortaleceu, por isso você fica satisfeito com os pequenos prazeres da vida familiar.

Discípulo: Realmente não entendo por que não tenho essa ideia de renunciar a tudo. Abra um caminho para isso, por favor.

Swamiji: O fim e os meios estão todos em suas mãos. Só posso estimulá-los. Você leu tantas escrituras e está servindo e se associando com Sadhus que conheceram Brahman; se mesmo isso não traz a ideia de renúncia, então sua vida é em vão. Mas não será de todo em vão; os efeitos disso se manifestarão de uma forma ou de outra com o tempo.

O discípulo ficou muito abatido e novamente disse a Swamiji: “Senhor, estou sob seu refúgio, abra o caminho de Mukti para mim – para que eu possa realizar a Verdade neste corpo”.

Swamiji: Que medo existe? Sempre discrimine – seu corpo, sua casa, esses Jivas e o mundo são todos absolutamente irreais como um sonho. Pense sempre que este corpo é apenas um instrumento inerte. E o Purusha autocontido dentro de você é a sua verdadeira natureza. O complemento da mente é Sua primeira e sutil cobertura; então, existe este corpo que é Sua cobertura externa grosseira. O indivisível, imutável e auto-refulgente Purusha está escondido sob esses véus ilusórios, portanto, sua verdadeira natureza é desconhecida para você. A direção da mente que sempre corre atrás dos sentidos deve ser voltada para dentro. A mente tem que ser morta. O corpo é apenas grosseiro – ele morre e se dissolve nos cinco elementos. Mas o conjunto de impressões mentais, que é a mente, não morre logo. Permanece por algum tempo na forma de semente e depois brota e cresce na forma de uma árvore – assume outro corpo físico e percorre o ciclo de nascimento e morte, até que o Autoconhecimento surja. Portanto eu digo, pela meditação e concentração e pelo poder da discriminação filosófica, mergulhe esta mente no Oceano da Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. Quando a mente morre, todos os adjuntos limitantes desaparecem e você se estabelece em Brahman.

Discípulo: Senhor, é tão difícil direcionar esta mente descontrolada para Brahman.

Swamiji: Existe algo difícil para o herói? Somente homens de coração fraco falam assim. "वीराणामेव कस्तलगता मुक्तिः न पुनः कापुरुषाणाम् — Mukti é fácil de alcançar apenas para o herói — mas não para os covardes." Diz o Gita (VI. 35), "अभ्यासेन तु कौन्तेय वैराग्येण च गृह्यते - Pela renúncia e pela prática a mente é colocada sob controle, ó Arjuna." O Chitta ou matéria mental é como um lago transparente, e as ondas que nele se elevam pelo impacto das impressões sensoriais constituem Manas ou a mente. Portanto a mente consiste numa sucessão de ondas de pensamento. Dessas ondas mentais surge o desejo. Então esse desejo se transforma em vontade e atua através de seu instrumento grosseiro, o corpo. Novamente, assim como o trabalho é infinito, seus frutos também são infinitos. Conseqüentemente, a mente está

sempre sendo sacudida por inúmeras miríades de ondas – os frutos do trabalho. Esta mente tem que ser despojada de todas as modificações (Vrittis) e reconvertida no lago transparente, para que não permaneça nela uma única onda de modificação. Então Brahman se manifestará. As escrituras dão um vislumbre deste estado em passagens como: “Então todos os nós do coração serão cortados”, etc. Você entende?

Discípulo: Sim, senhor, mas a meditação deve basear-se em algum objeto?

Swamiji: Você mesmo será o objeto de sua meditação. Pense e medite que você é o Atman onipresente. “Eu não sou nem o corpo, nem a mente, nem o Buddhi (faculdade determinante), nem o corpo grosseiro nem o corpo sutil” – por meio deste processo de eliminação, mergulhe sua mente no conhecimento transcendente que é a sua verdadeira natureza. Mate a mente mergulhando-a repetidamente nisso. Só então você perceberá a Essência da Inteligência, ou se estabelecerá em sua verdadeira natureza. O conhecedor e o conhecido, o meditador e o objeto meditado se tornarão então um, e a cessação de todas as sobreposições fenomênicas se seguirá. Isto é denominado nos Shâstras como a transcendência da tríade ou conhecimento relativo (Triputibheda). Não há conhecimento relativo ou condicionado neste estado. Quando o Atman é o único conhecedor, por que meios você pode conhecê-lo? O Atman é Conhecimento, o Atman é Inteligência, o Atman é Sachchidananda. É através do poder inescrutável de Maya, que não pode ser indicado como existente ou inexistente, que a consciência relativa veio sobre o Jiva que não é outro senão Brahman. Isso geralmente é conhecido como estado de consciência. E o estado em que esta dualidade de existência relativa se torna uma no Brahman puro é chamado nas escrituras de estado superconsciente e descrito em palavras como: "

स्तिमितसलिलरशिप्रख्यमाख्याविहीनम् - É como um oceano perfeitamente em repouso e sem nome " (Vivekachudamani, 410).

Swamiji falou estas palavras como se viesse das profundezas de sua compreensão de Brahman.

Swamiji: Toda a filosofia e escrituras vieram do plano do conhecimento relativo do sujeito e do objeto. Mas nenhum pensamento ou linguagem da mente humana pode expressar plenamente a Realidade que está além do plano do Conhecimento relativo! Ciência, filosofia, etc. são apenas verdades parciais. Portanto, eles nunca poderão ser canais adequados de expressão para a Realidade transcendente. Portanto, visto do ponto de vista transcendente, tudo parece irreal – credos religiosos e obras, eu e você, e o universo – tudo é irreal! Só então é percebido: "Eu sou a única realidade; sou o Atman que tudo permeia e sou a prova da minha própria existência." Onde está o espaço para uma prova separada para estabelecer a realidade da minha existência? Eu sou, como dizem as escrituras, "नित्यमस्मत्प्रसिद्धम् - Sempre conhecido por mim mesmo como o sujeito eterno" (Vivekachudâmani, 409). Eu vi esse estado, percebi isso. Você também vê e percebe isso e prega esta verdade de Brahman para todos. Só então você alcançará a paz.

Ao falar estas palavras, o rosto de Swamiji assumiu uma expressão séria e ele ficou perdido em pensamentos. Depois de algum tempo ele continuou: "Realize em sua própria vida este conhecimento de Brahman que abrange todas as teorias e é a razão de todas as verdades, e pregue-o ao mundo. Eu lhe contei hoje a essência de todas as verdades; não há nada mais elevado do que isso."

Discípulo: Senhor, agora você está falando de Jnana; mas às vezes você proclama a superioridade de Bhakti, às vezes do Karma e às vezes do Yoga. Isso confunde nosso entendimento.

Swamiji: Bem, a verdade é esta. O conhecimento de Brahman é o objetivo final – o destino mais elevado do homem. Mas o homem não pode permanecer absorto em Brahman o tempo todo. Quando ele sair dessa situação, ele deve ter algo com que se envolver. Nesse momento ele deverá realizar um trabalho que contribua para o verdadeiro bem-estar das pessoas. Portanto, eu os exorto a servir aos Jivas com um espírito de unidade. Mas, meu filho, as complexidades do trabalho são tais que até os grandes santos ficam presos nelas e se apegam. Portanto, o trabalho tem que ser feito sem qualquer desejo de resultados. Este é o ensinamento do Gita. Mas saiba que no conhecimento de Brahman não há qualquer relação com o trabalho. As boas obras, no máximo, purificam a mente. É por isso que o comentarista

Shankara criticou tão duramente a doutrina da combinação de Jnana e Karma. Alguns alcançam o conhecimento de Brahman por meio de trabalho altruísta. Isto também é um meio, mas o fim é a realização de Brahman. Saiba perfeitamente que o objetivo do caminho da discriminação e de todos os outros modos de prática é a realização de Brahman.

Discípulo: Agora, senhor, por favor, conte-me sobre a utilidade do Raja-Yoga e do Bhakti-Yoga.

Swamiji: Esforçando-se por esses caminhos também alguns alcançam a realização de Brahman. O caminho de Bhakti ou devoção a Deus é um processo lento, mas fácil de praticar. No caminho do Yoga existem muitos obstáculos; talvez a mente corra atrás de poderes psíquicos e assim o afaste de alcançar sua verdadeira natureza. Somente o caminho de Jnana é de rápida fruição e é a lógica de todos os outros credos; portanto, é igualmente estimado em todos os países e em todas as idades. Mas mesmo no caminho da discriminação existe a possibilidade de a mente ficar presa na interminável rede da argumentação vã. Portanto, junto com ela, a meditação deve ser praticada. Por meio da discriminação e da meditação, a meta ou Brahman deve ser alcançada. É certo que alcançaremos a meta praticando dessa maneira. Este, na minha opinião, é o caminho mais fácil para garantir um sucesso rápido.

Discípulo: Agora, por favor, conte-me algo sobre a doutrina da Encarnação de Deus.

Swamiji: Parece que você quer dominar tudo em um dia!

Discípulo: Senhor, se as dúvidas e dificuldades da mente forem resolvidas em um dia, então não terei que incomodá-lo repetidamente.

Swamiji: Aqueles por cuja graça o conhecimento de Atman, tão exaltado nas escrituras, é alcançado em um minuto são os Tirthas móveis (assentos de santidade) - as Encarnações. Desde o seu nascimento eles são conhecedores de Brahman, e entre Brahman e o conhecedor de Brahman não há a menor diferença. "ब्रह्म वेद ब्रह्मैव भवति - Aquele que conhece o Brahman torna-se o Brahman" (Mundaka, III. ii. 9). O Atman não pode ser conhecido pela mente, pois Ele é o Conhecedor – isto eu já disse. Portanto, o

conhecimento relativo do homem alcançou os Avataaras – aqueles que estão sempre estabelecidos no Atman. O ideal mais elevado de Ishvara que a mente humana pode compreender é o Avatara. Além disso não há conhecimento relativo. Tais conhecedores de Brahman raramente nascem no mundo. E muito poucas pessoas conseguem entendê-los. Somente eles são a prova das verdades das escrituras – as torres de luz no oceano do mundo. Pela companhia de tais Avataaras e por sua graça, a escuridão da mente desaparece num piscar de olhos e a compreensão brilha imediatamente no coração. Por que ou por qual processo isso ocorre não pode ser determinado. Mas isso acontece. Eu vi isso acontecer assim. Shri Krishna falou o Gita, estabelecendo-se no Atman. Aquelas passagens do Gita onde Ele fala com a palavra “Eu”, invariavelmente indicam o Atman: “Refugie-se somente em Mim” significa, “Estabeleça-se no Atman”. Este conhecimento do Atman é o objetivo mais elevado do Gita. As referências ao Yoga etc. são apenas incidentais a esta realização do Atman. Aqueles que não têm este conhecimento do Atman são “suicidas”. “Eles se matam pelo apego ao irreal”; eles perdem a vida no laço dos prazeres dos sentidos. Vocês também são homens e não podem ignorar esse lixo de prazer sensual que não dura dois dias? Você também deveria aumentar as fileiras daqueles que nascem e morrem em total ignorância? Aceite o “benéfico” e descarte o “agradável”. Fale deste Atman para todos, mesmo para os mais baixos. Ao continuar falando, sua própria inteligência também se esclarecerá. E repita sempre os grandes Mantras - "तत्त्वमसि - Tu és Isso, "सोऽहमस्मि - Eu sou Isso", "सर्वं खल्विदं ब्रह्म - Tudo isso é verdadeiramente Brahman" - e tenha a coragem de um leão no coração. O que há para temer? O medo é a morte – o medo é o maior pecado. A alma humana, representada por Arjuna, foi tocada pelo medo. o Gita ainda assim, seu medo não o abandonou. Mais tarde, quando Arjuna viu a Forma Universal do Senhor e se estabeleceu no Atman, então com todas as amarras do Karma queimadas pelo fogo do conhecimento, ele lutou a batalha.

Discípulo: Senhor, um homem pode trabalhar mesmo depois da realização?

Swamiji: Após a realização, o que normalmente é chamado de trabalho não persiste. Isso muda seu caráter. O trabalho que o Jnani faz apenas conduz ao bem-estar do mundo. Tudo o que um homem realizado diz ou faz contribui para o bem-estar de todos. Observamos Shri Ramakrishna; ele estava, por

assim dizer, "देहस्योऽपि न देहस्यः - No corpo, mas não dele!" Sobre o motivo das ações de tais personagens apenas isto pode ser dito: "लोकवस्तु लीलाकैवल्यम् — Tudo o que fazem como os homens, simplesmente a título de esporte" (Brahma-Sutras, II. i. 33).

7.2.16 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Matemática. Ano: 1901.]

O discípulo veio para a Matemática hoje acompanhado por Shri Ranadaprasad Das Gupta, fundador e professor da Jubilee Art Academy, Calcutá. Ranada Babu é um artista especialista, um homem culto e um admirador de Swamiji. Após a troca de cortesias, Swamiji começou a conversar com Ranada Babu sobre vários temas relacionados à arte.

Swamiji: Tive a oportunidade de ver as belezas da arte de quase todos os países civilizados do mundo, mas não vi nada parecido com o desenvolvimento da arte que ocorreu no nosso país durante o período budista. Também durante o regime dos imperadores mongóis, houve um notável desenvolvimento da arte - e o Taj e o Jumma Masjid, etc., são monumentos permanentes dessa cultura.

A arte tem sua origem na expressão de alguma ideia em tudo o que o homem produz. Onde não há expressão de ideia, por mais que haja exibição de cores e assim por diante, não pode ser considerada arte verdadeira. Até mesmo os artigos de uso diário, como recipientes para água, ou xícaras e pires, devem ser usados para expressar uma ideia. Na Exposição de Paris vi uma figura maravilhosa esculpida em mármore. Na explicação da figura, abaixo estavam inscritas as seguintes palavras: Arte desvendando a Natureza. É assim que a arte vê a beleza interior da natureza, retirando com as próprias mãos os véus que a cobrem. A obra foi concebida de forma a indicar que a beleza da natureza ainda não foi totalmente revelada; mas o artista está fascinado, por assim dizer, pela beleza do pouco que se tornou

manifesto. Não se pode deixar de elogiar o escultor que tentou expressar esta ideia primorosa. Você também deve tentar produzir algo original como este.

Ranada Babu: Sim, também tenho vontade de fazer modelagens originais nas horas vagas. Mas não encontro nenhum encorajamento neste país; é um país pobre e falta apreciação.

Swamiji: Se você puder, de todo o coração, produzir uma coisa real, se você puder expressar corretamente uma única idéia na arte, ela deverá ganhar apreciação com o passar do tempo. Uma coisa real nunca sofre falta de apreciação neste mundo. Também se ouve dizer que alguns artistas ganharam apreço pelas suas obras mil anos após a sua morte!

Ranada Babu: Isso é verdade. Mas nos tornamos tão inúteis que não temos coragem de gastar muita energia sem propósito. Através destes cinco anos de luta, consegui até certo ponto. Abençoe-me para que meus esforços não sejam em vão.

Swamiji: Se você começar a trabalhar com seriedade, certamente terá sucesso. Quem trabalha em algo de coração e alma não apenas alcança sucesso nisso, mas através de sua absorção nisso ele também realiza a Verdade suprema – Brahman. Quem trabalha de todo o coração recebe ajuda de Deus.

Ranada Babu: Que diferença você encontrou entre a arte do Ocidente e a da Índia?

Swamiji: É quase o mesmo em todos os lugares. Originalidade raramente é encontrada. Nesses países, os quadros são pintados com a ajuda de modelos obtidos pela fotografia de diversos objetos. Mas assim que recorremos à ajuda da maquinaria, toda a originalidade desaparece – não podemos dar expressão às nossas ideias. Os artistas antigos costumavam desenvolver ideias originais a partir de seus cérebros e tentar expressá-las em suas pinturas. Agora que a imagem é uma semelhança com a fotografia, o poder da originalidade e a tentativa de revelação estão cada vez mais escassos. Mas cada nação tem uma característica própria. Nos seus costumes e costumes, no seu modo de viver, na pintura e na escultura encontra-se a

expressão dessa ideia característica. Por exemplo, a música e a dança no Ocidente são todas pontuais em sua expressão. Na dança, eles parecem sacudir os membros; na música instrumental, os sons picam o ouvido como um golpe de espada, por assim dizer; o mesmo acontece na música vocal. Neste país, por outro lado, a dança tem um movimento ondulante e ondulante, e há o mesmo movimento arredondado nas variedades de altura da canção vocal. O mesmo acontece na música instrumental. Portanto, também no que diz respeito à arte, uma expressão diferente é encontrada entre pessoas diferentes. Pessoas que são muito materialistas tomam a natureza como seu ideal e tentam expressar na arte ideias aliadas a ela, enquanto as pessoas cujo ideal é a Realidade transcendente além da natureza tentam expressar isso na arte através dos poderes da natureza. No que diz respeito à primeira classe de pessoas, a natureza é a base primária da arte, enquanto na segunda classe a idealidade é o principal motivo do desenvolvimento artístico. Assim, embora partindo de dois ideais diferentes na arte, eles avançaram nela, cada um à sua maneira. Ao ver algumas pinturas no Ocidente, você as confundirá com objetos naturais reais. Também no que diz respeito a este país, quando na antiguidade a escultura atingia um elevado grau de perfeição, se você olhar para uma estátua da época ela o fará esquecer o mundo material e o transportará para um novo mundo ideal. Tal como nos países ocidentais não se produzem agora pinturas como as de antigamente, também no nosso país não se vêem mais tentativas de dar expressão a ideias originais na arte. Por exemplo, as pinturas da sua escola de arte não têm expressão, por assim dizer. Seria bom se você tentasse pintar os objetos de meditação cotidiana dos hindus, dando-lhes a expressão de ideais antigos.

Ranada Babu: Sinto-me muito encorajado pelas suas palavras. Tentarei seguir suas sugestões.

Swamiji: Tomemos, por exemplo, a figura da Mãe Kali. Nele há a união dos aspectos felizes e terríveis. Mas em nenhuma das imagens se vê a verdadeira expressão destes dois aspectos. Longe disso, não há tentativa de expressar adequadamente nem mesmo um desses dois aspectos! Tentei colocar algumas idéias sobre os aspectos terríveis da Mãe Kali em meu poema inglês, Kali the Mother. Você pode expressar essas ideias em uma imagem?

Ranada Babu: Por favor, deixe-me conhecê-los.

Swamiji trouxe o poema da biblioteca e começou a lê-lo de maneira impressionante para Ranada Babu. Ranada Babu ouviu o poema em silêncio e, depois de um tempo, como se visualizasse a figura com os olhos da mente, voltou-se para Swamiji com um olhar assustado.

Swamiji: Bem, você será capaz de expressar essa ideia na imagem?

Ranada Babu: Sim, vou tentar (Ranada Babu começou a pintar este quadro no dia seguinte, mas nunca foi concluído, nem mostrado a Swamiji.); mas só de imaginar a ideia vira a cabeça.

Swamiji: Depois de fazer o desenho, por favor, mostre-me. A seguir contarei a vocês os pontos necessários para aperfeiçoá-lo.

Então Swamiji trouxe o desenho que ele havia esboçado para o selo (impresso na página de título deste volume) da Missão Ramakrishna, mostrou-o a Ranada Babu e pediu sua opinião sobre ele. Representava um lago no qual um lótus florescia, e havia um cisne, e o todo estava rodeado por uma serpente. Ranada Babu a princípio não conseguiu entender o significado disso e pediu a Swamiji que explicasse. Swamiji disse: "As águas onduladas na imagem simbolizam o Karma; o lótus, de Bhakti; e o sol nascente, de Jnana. A serpente circundante é indicativa do Yoga e da Kundalini Shakti desperta, enquanto o sol na imagem permanece para o Paramâtman (Eu Supremo). Portanto, a ideia da imagem é que pela união de Karma, Jnana, Bhakti e Yoga, a visão do Paramatman é obtida."

Ranada Babu ficou em silêncio, satisfeita ao ouvir o motivo da imagem. Depois de um tempo, ele disse: "Gostaria de poder aprender sobre arte com você!"

Então Swamiji mostrou a Ranada Babu um desenho, retratando seu plano para o futuro Templo Ramakrishna e Math. Então ele começou a dizer: "Na construção deste futuro Templo e Matemática tenho o desejo de reunir tudo o que há de melhor na arte oriental e ocidental. Tentarei aplicar na sua construção todas as ideias sobre arquitetura que reuni em minhas viagens por todo o mundo. Um grande salão de orações será construído com telhado

apoiado em numerosos pilares agrupados. Em suas paredes, centenas de lótus estarão em plena floração. Deve ser grande o suficiente para acomodar mil pessoas sentadas em meditação. . O templo Ramakrishna e a sala de orações deveriam ser construídos juntos de tal forma que à distância seria considerado uma representação do símbolo "Om". Nos dois lados da porta estará representada a figura de um leão e de um cordeiro lambendo o corpo um do outro em amor - expressando a ideia de que grande poder e gentileza se uniram em amor, tenho essas ideias em minha mente; viver o suficiente, eu os cumprirei. Caso contrário, as gerações futuras tentarão, se conseguirem fazê-lo gradualmente. Na minha opinião, Shri Ramakrishna nasceu para vivificar todos os ramos da arte e da cultura neste país. Portanto, esta matemática deve ser construída de tal forma que a religião, o trabalho, o aprendizado, o jnana e o bhakti possam se espalhar pelo mundo a partir deste centro. Sejam vocês meus ajudantes neste trabalho."

Ranada Babu e os Sannyasins e Brahmacharins reunidos ouviram Swamiji com admiração muda. Depois de um tempo, Swamiji continuou: "Estou discutindo longamente o assunto com você, pois você mesmo é um adepto da linha. Agora, por favor, diga-me o que você aprendeu sobre os mais elevados ideais da arte como resultado de seu longo estudo sobre ela. "

Ranada Babu: Que novidade posso te contar? Pelo contrário, foi você quem me abriu os olhos sobre esse assunto. Nunca ouvi palavras tão instrutivas sobre o tema arte em minha vida. Abençoe-me, senhor, para que eu possa elaborar as idéias que recebi de você.

Então Swamiji levantou-se e caminhou pelo gramado, comentando com o discípulo: "Ele é um jovem muito espirituoso".

Discípulo: Senhor, ele fica surpreso ao ouvir suas palavras.

Swamiji, sem responder ao discípulo, começou a cantarolar os versos de uma canção que Shri Ramakrishna costumava cantar: "A mente controlada é um grande tesouro, a pedra filosofal, que produz tudo o que você deseja".

Depois de caminhar um pouco, Swamiji, lavando o rosto, entrou em seu quarto com o discípulo em companhia e leu por algum tempo o artigo sobre

Arte na Enciclopédia Britânica. Depois de terminar, começou a zombar do discípulo, caricaturando as palavras e os sotaques de Bengala Oriental.

7.2.17 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Matemática. Ano: 1901.]

Swamiji acabou de retornar de Bengala Oriental e Assam há alguns dias. Ele está doente e seus pés estão inchados. Chegando ao Math, o discípulo subiu as escadas e prostrou-se aos pés de Swamiji. Apesar de sua saúde debilitada, Swamiji exibia seu habitual rosto sorridente e olhar afetuoso.

Discípulo: Como você está, Swamiji?

Swamiji: O que devo falar da minha saúde, meu filho? O corpo está ficando impróprio para o trabalho dia após dia. Ele nasceu no solo de Bengala e uma doença ou outra sempre o atinge. O físico deste país não é nada bom. Se você quiser fazer algum trabalho extenuante, ele não suportará o esforço. Mas nos poucos dias que o corpo durar, trabalharei para você. Morrerei no arreio.

Discípulo: Se você parar de trabalhar por algum tempo e descansar, então você ficará bem. Sua vida significa bem para o mundo.

Swamiji: Posso ficar sentado quieto, meu filho! Dois ou três dias antes do falecimento de Shri Ramakrishna, Aquela a quem ele costumava chamar de “Kali” entrou neste corpo. É Ela quem me leva aqui e ali e me faz trabalhar, sem me deixar ficar quieto nem me permitir olhar para o meu conforto pessoal.

Discípulo: Você está falando metaforicamente?

Swamiji: Ah, não; dois ou três dias antes de deixar o corpo, um dia ele me chamou ao seu lado e, pedindo-me para sentar diante dele, olhou fixamente para mim e caiu em Samadhi. Então eu realmente senti que uma força sutil como um choque elétrico estava entrando em meu corpo! Em pouco tempo, também perdi a consciência exterior e fiquei imóvel. Não me lembro quanto tempo fiquei naquela condição; quando a consciência retornou, encontrei Shri Ramakrishna derramando lágrimas. Ao interrogá-lo, ele me respondeu afetuosamente: “Hoje, dando-lhe tudo de mim, tornei-me um mendigo. Com esse poder você deverá realizar muitas obras para o bem do mundo antes de retornar”. Sinto que o poder está constantemente me direcionando para este ou aquele trabalho. Este corpo não foi feito para permanecer ocioso.

Ouvindo essas palavras com espanto e admiração, o discípulo pensou - quem sabe como as pessoas comuns entenderão essas palavras? Então ele mudou de assunto e disse: "Senhor, gostou da nossa Bengala Oriental?"

Swamiji: Eu gostei no geral. Os campos, vi, eram ricos em colheitas, o clima também é bom e a paisagem na encosta do morro é encantadora. O Vale do Brahmaputra é incomparável em sua beleza. O povo de Bengala Oriental é um pouco mais forte e ativo do que o desta parte. Pode ser devido ao fato de consumirem muito peixe e carne. Tudo o que fazem, fazem-no com grande persistência. Eles usam muito óleo e gordura na alimentação, o que não é bom, porque ingerir muitos alimentos oleosos e gordurosos produz gordura no corpo.

Discípulo: Como você encontrou a consciência religiosa deles?

Swamiji: Sobre as ideias religiosas, notei que as pessoas são muito conservadoras e muitos se tornaram fanáticos ao tentarem ser liberais na religião. Um dia, um jovem trouxe para mim, na casa de Mohini Babu, em Dacca, uma fotografia e disse: “Senhor, por favor, diga-me quem ele é. Ele é um Avatara?” Eu disse a ele gentilmente muitas vezes que não sei nada sobre isso. Quando, mesmo depois de lhe contar três ou quatro vezes, o menino não parou de questionar persistentemente, fui obrigado a dizer finalmente: "Meu menino, doravante coma um pouco de comida nutritiva e então seu cérebro se desenvolverá. Sem comida nutritiva, eu veja que seu cérebro secou." Com essas palavras, o jovem pode ter ficado muito

descontente. Mas o que eu poderia fazer? A menos que eu falasse assim com os meninos, eles se tornariam malucos aos poucos.

Discípulo: Em nossa Bengala Oriental surgiram recentemente muitos Avataras.

Swamiji: As pessoas podem chamar seu Guru de Avatara; eles podem ter qualquer ideia que gostem dele. Mas as Encarnações de Deus não nascem em qualquer lugar, em qualquer lugar e em todas as estações. Em Dacca ouvi dizer que havia três ou quatro Avataras!

Discípulo: Como você encontrou as mulheres desse lado?

Swamiji: As mulheres são quase iguais em todos os lugares. Achei o Vaishnavismo forte em Dacca. A esposa de H__ parecia ser muito inteligente. Com muito cuidado ela preparava a comida e mandava para mim.

Discípulo: Ouvi dizer que você esteve na casa de Nag Mahashaya.

Swamiji: Sim, indo tão longe, não deveria eu visitar o local de nascimento de uma alma tão grande? Sua esposa me alimentou com muitas iguarias preparadas por ela mesma. A casa é encantadora, como um retiro de paz. Lá tomei banho no lago de uma aldeia. Depois disso tive um sono tão profundo que acordei às duas e meia da tarde. Dos poucos dias em que tive um sono profundo em minha vida, aquele na casa de Nag Mahashaya foi um deles. Ao acordar, tive uma refeição farta. A esposa de Nag Mahashaya me presenteou com um pano que amarrei na cabeça como um turbante e parti para Dacca. Descobri que a fotografia de Nag Mahashaya estava sendo adorada ali. O local onde estão enterrados seus restos mortais deve ser bem conservado. Mesmo agora não é como deveria ser.

Discípulo: As pessoas daquela parte não foram capazes de apreciar Nag Mahashaya.

Swamiji: Como podem as pessoas comuns apreciar um grande homem como ele? Aqueles que tiveram sua companhia são realmente abençoados.

Discípulo: O que você viu em Kâmâkhyâ?

Swamiji: As colinas de Shillong são muito bonitas. Lá conheci Sir Henry Cotton, o comissário-chefe de Assam. Ele me perguntou: “Swamiji, depois de viajar pela Europa e pela América, o que você veio ver aqui nestas colinas distantes?” Um homem tão bom e de bom coração como Sir Henry Cotton raramente é encontrado. Ao saber de minha doença, ele enviou o Cirurgião Civil e perguntou sobre minha saúde, de manhã e à noite. Não pude dar muitas palestras lá, porque minha saúde estava muito ruim. No caminho, Nitai serviu e cuidou muito bem de mim.

Discípulo: Quais são as idéias religiosas daquela parte?

Swamiji: É a terra dos Tantras. Ouvi falar de um “Hankar Deva” que é adorado lá como um Avatara. Ouvi dizer que sua seita é muito difundida. Não consegui determinar se “Hankar Deva” era apenas outra forma do nome Shankaracharya. Eles são monges – talvez Sannyasins Tâtrika, ou talvez uma das seitas Shankara.

Discípulo: O povo de Bengala Oriental não foi capaz de apreciá-lo como é o caso de Nag Mahashaya.

Swamiji: Quer me apreciem ou não, as pessoas de lá são mais ativas e enérgicas do que as destas partes. Com o tempo, ele se desenvolverá mais. O que hoje em dia é conhecido como formas refinadas ou civilizadas ainda não penetrou completamente naquelas paragens. Gradualmente eles irão. Em todos os tempos, a etiqueta e a moda se espalharam da capital para o campo. E isso também está acontecendo em Bengala Oriental. A terra que produziu uma grande alma como Nag Mahashaya é abençoada e tem um futuro promissor. À luz de sua personalidade, Bengala Oriental é radiante.

Discípulo: Mas, senhor, as pessoas comuns não o conheciam como uma grande alma. Ele se escondeu em grande obscuridade.

Swamiji: Lá eles costumavam fazer muito barulho por causa da minha comida e diziam: “Por que você deveria comer essa comida ou comer das mãos de tal e tal?” - e assim por diante. Ao que tive que responder: "Sou um Sannyasin e um frade mendicante e que necessidade tenho de observar tanta formalidade externa em relação à comida, etc.? Suas escrituras não dizem: "चरेन्माधुकरीं वृत्तिमपि स्लेच्छकुलादपि - Deve-se implorar a comida de porta em porta, até mesmo da casa de um pária"? Mas é claro que formas externas são necessárias no início, para a realização interior da religião, a fim de tornar prática a verdade das escrituras na vida de alguém. Haven Você não ouviu falar da história de Shri Ramakrishna sobre “espremer o almanaque em busca de água”? [106] As formas externas e as observâncias são apenas para a manifestação dos grandes poderes internos do homem. O objetivo de todas as escrituras é despertar esses poderes internos. faça-o compreender e perceber sua verdadeira natureza. Os meios são da natureza de ordenanças e proibições. Se você perder de vista a luta ideal apenas pelos meios, de que valerá? os meios estão acontecendo e as pessoas não estão de olho no ideal. Shri Ramakrishna veio mostrar a verdade disso.

A compreensão da verdade é o essencial. Quer você se banhe no Ganga por mil anos ou viva de alimentos vegetais por um período semelhante, a menos que isso ajude à manifestação do Ser, saiba que tudo isso é inútil. Se, por outro lado, qualquer um pode realizar o Atman, sem a observância das formas exteriores, então essa mesma não observância das formas é o melhor meio. Mas mesmo após a realização de Atman, deve-se observar, até certo ponto, as formas externas para dar um exemplo ao povo. A questão é que você deve manter a mente firme em alguma coisa. Se estiver firme em um objeto, atinge a concentração, isto é, suas outras modificações desaparecem e há um fluxo uniforme em uma direção. Muitos ficam totalmente preocupados apenas com as formas externas e observâncias e deixam de direcionar suas mentes para os pensamentos do Atman! Se você permanecer dia e noite dentro do estreito caminho das ordenanças e proibições, como haverá alguma expressão da alma? Quanto mais se avança na realização do Atman, menos depende da observância das formas. Shankaracharya também disse: "निश्चैगुण्ये पथि विचरतां को विधिः को निषेधः - Onde existe alguma ordenança ou proibição para aquele cuja mente está sempre acima do jogo dos Gunas?" Portanto, a verdade essencial é a realização. Saiba que esse é o objetivo. Cada credo distinto é apenas um caminho para a Verdade. O teste do progresso é a quantidade de renúncia que alguém alcançou. Onde você achar que a atração pela luxúria e pela riqueza diminuiu consideravelmente, seja qual for o credo ao qual ele pertença, saiba que seu espírito interior está despertando. A porta da Auto-realização certamente se abriu para ele. Pelo contrário, se você observar mil regras externas e citar mil textos bíblicos, ainda assim, se isso não trouxe o espírito de renúncia em você, saiba que sua vida é em vão. Seja sincero com essa compreensão e coloque seu coração nisso. Bem, você já leu o suficiente das escrituras. Mas diga-me, de que adiantou isso? Alguns talvez pensando em dinheiro se tornaram milionários, enquanto você se tornou um erudito por pensar nas escrituras. Mas ambos são escravidão. Alcance o conhecimento supremo e vá além de Vidyâ e Avidyâ, conhecimento relativo e ignorância.

Discípulo: Senhor, através de sua graça eu entendo tudo, mas meu Karma passado não me permite assimilar esses ensinamentos.

Swamiji: Deixe de lado seu Karma e todas essas coisas. Se é verdade que por sua própria ação passada você obteve este corpo; então, anulando os

efeitos das más obras pelas boas obras, por que você não deveria ser um Jivanmukta neste mesmo corpo? Saiba que a liberdade ou o Autoconhecimento está em suas próprias mãos. No conhecimento real não há toque de trabalho. Mas aqueles que trabalham depois de serem Jivanmuktas o fazem para o bem dos outros. Eles não olham para os resultados dos trabalhos. Nenhuma semente de desejo encontra espaço em suas mentes. E, estritamente falando, é quase impossível trabalhar assim para o bem do mundo, na posição de chefe de família. Em todas as escrituras hindus há um único exemplo do rei Janaka a esse respeito. Mas hoje em dia vocês querem se passar por Janakas (lit. pais) em todas as casas, gerando filhos ano após ano, enquanto ele estava sem a consciência corporal!

Discípulo: Por favor, abençoe-me para que eu possa alcançar a Auto-realização nesta mesma vida.

Swamiji: Que medo? Se houver sinceridade de espírito, eu lhe digo, com certeza, você a alcançará nesta mesma vida. Mas o esforço viril é desejado. Você sabe o que é isso? “Certamente alcançarei o autoconhecimento. Quaisquer que sejam os obstáculos que surgirem, certamente os superarei” – uma determinação firme como essa é Purushakâra. “Quer minha mãe, meu pai, meus amigos, meus irmãos, minha esposa e meus filhos vivam ou morram, quer este corpo permaneça ou desapareça, nunca voltarei atrás até alcançar a visão do Atman” – este esforço resoluto para avançar em direção ao objetivo de alguém, desprezando todas as outras considerações, é denominado esforço viril. Caso contrário, esforce-se pelo conforto que até mesmo os animais e os pássaros apresentam. O homem adquiriu este corpo simplesmente para realizar o autoconhecimento. Se você segue o padrão comum das pessoas no mundo e flutua com a corrente geral, onde está então a sua masculinidade? Bem, as pessoas comuns estão indo para as garras da morte! Mas você veio para conquistá-lo! Avance como um herói. Não se deixe frustrar por nada. Quantos dias durará este corpo, com sua felicidade e miséria? Quando você tiver o corpo humano, então desperte o Atman interior e diga: eu alcancei o estado de destemor! Diga: eu sou o Atman no qual meu ego inferior se fundiu para sempre. Seja perfeito nesta ideia; e então, enquanto o corpo resistir, fale aos outros esta mensagem de destemor: "Tu és Isso", "Levanta-te, desperta e não pares até que o objetivo

seja alcançado!" Se você conseguir isso, saberei que você é realmente um homem tenaz de Bengala Oriental.

7.2.18 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Matemática. Ano: 1901.]

Swamiji está com a saúde indiferente desde seu retorno das colinas de Shillong para Math. Seus pés estão inchados. Tudo isso deixou seus irmãos-discípulos muito ansiosos. A pedido de Swami Niranjanananda, Swamiji concordou em tomar remédios ayurvédicos. Ele deve iniciar o tratamento a partir da próxima terça-feira e desistir totalmente de tomar água e sal. Hoje é domingo. O discípulo perguntou-lhe: "Senhor, está terrivelmente quente agora e você bebe água com muita frequência; será insuportável para você agora parar de tomar água para este tratamento".

Swamiji: O que você me diz? Tomarei a firme resolução, na manhã do dia em que começarei este tratamento, de não tomar água. Depois disso, nenhuma água passará mais pela garganta. Durante três semanas, nem uma gota de água poderá descer pela garganta. O corpo é apenas uma cobertura externa da mente e tudo o que a mente lhe ditar, ela terá que cumprir. Portanto, não há nada a temer. A pedido de Niranjan tenho que fazer esse tratamento. Pois bem, não posso ficar indiferente ao pedido dos meus irmãos-discípulos.

Agora são cerca de dez horas. Swamiji levantou alegremente o tópico de sua futura matemática para mulheres, dizendo: "Com a Santa Mãe como centro de inspiração, uma matemática será estabelecida na margem oriental do Ganges. Como Brahmacharins e Sadhus serão treinados nesta matemática aqui, então também na outra matemática, Brahmacharinis e Sâdhvis serão treinados."

Discípulo: Senhor, a história não nos fala de nenhuma matemática para mulheres na Índia nos tempos antigos. Somente durante o período budista se ouve falar de matemática para mulheres; mas com o passar do tempo surgiram muitas corrupções. O país inteiro foi invadido por grandes práticas malignas.

Swamiji: É muito difícil entender por que neste país há tanta diferença entre homens e mulheres, enquanto o Vedanta declara que um e o mesmo Eu consciente está presente em todos os seres. Você sempre critica as mulheres, mas diga o que você fez para erguê-las? Escrevendo Smritis etc., e vinculando-os a regras rígidas, os homens transformaram as mulheres em meras máquinas de produção! Se você não cria as mulheres, que são a encarnação viva da Mãe Divina, não pense que você tem outra forma de ascender.

Discípulo: As mulheres são uma escravidão e uma armadilha para os homens. Pela sua Maya eles cobrem o conhecimento e o desapego dos homens. É por isso, suponho, que os escritores das escrituras sugerem que o conhecimento e a devoção são difíceis de alcançar para eles.

Swamiji: Em que escrituras você encontra declarações de que as mulheres não são competentes para conhecimento e devoção? No período de degradação, quando os sacerdotes tornaram outras castas incompetentes para o estudo dos Vedas, privaram também as mulheres de todos os seus direitos. Caso contrário, você descobrirá que na era Védica ou Upanishad Maitreyi, Gârgi e outras senhoras de memória reverenciada tomaram os lugares de Rishis através de sua habilidade em discutir sobre Brahman. Em uma assembléia de mil Brahmanas que eram todos eruditos nos Vedas, Gargi corajosamente desafiou Yâjnavalkya em uma discussão sobre Brahman. Visto que tais mulheres ideais tinham direito ao conhecimento espiritual, por que as mulheres não teriam agora o mesmo privilégio? O que aconteceu uma vez certamente pode acontecer novamente. A história se repete. Todas as nações alcançaram a grandeza prestando o devido respeito às mulheres. Aquele país e aquela nação que não respeitam as mulheres nunca se tornaram grandes, nem o serão no futuro. A principal razão pela qual sua raça degenerou tanto é que vocês não têm respeito por essas imagens vivas de Shakti. Manu diz: “Onde as mulheres são respeitadas, os

deuses se deleitam; e onde não estão, todos os trabalhos e esforços são em vão”. (Manu, III. 56.) Não há esperança de ascensão para aquela família ou país onde não há valorização das mulheres, onde vivem na tristeza. Por esta razão, devem ser criados primeiro; e uma matemática ideal deve ser iniciada para eles.

Discípulo: Senhor, quando você retornou do Ocidente, em sua palestra no Star Theatre, você criticou duramente os Tantras. Agora, ao apoiar a adoração das mulheres, conforme ensinado nos Tantras, você está se contradizendo.

Swamiji: Eu denunciei apenas a atual forma corrompida de Vâmâchâra dos Tantras. Eu não denunciei o culto à Mãe dos Tantras, nem mesmo o verdadeiro Vamachara. O objetivo dos Tantras é adorar as mulheres com espírito de Divindade. Durante a queda do Budismo, o Vamachara tornou-se muito corrompido, e essa forma corrompida permanece até hoje. Mesmo agora, a literatura tantra da Índia é influenciada por essas ideias. Denunciei apenas essas práticas corruptas e horríveis – o que faço até agora. Nunca me opus à adoração de mulheres que são a encarnação viva da Mãe Divina, cujas manifestações externas, apelando aos sentidos, enlouqueceram os homens, mas cujas manifestações internas, como conhecimento, devoção, discriminação e desapego, tornam o homem onisciente, de propósito infalível, e um conhecedor de Brahman. “सैषा प्रसन्ना वरदा नृणां भवति मुक्तये - Ela, quando satisfeita, torna-se propícia e a causa da liberdade do homem” (Chandi, I. 57). Sem propiciar a Mãe por meio de adoração e obediência, nem mesmo Brahmâ e Vishnu terão o poder de escapar de Seu domínio e alcançar a liberdade. Portanto, para a adoração dessas deusas familiares, a fim de manifestar o Brahman dentro delas, estabelecerei a matemática feminina.

Discípulo: Pode ser uma boa ideia, mas onde você conseguirá as presidiárias? Com as atuais restrições da sociedade, quem permitirá que as mulheres de sua família se juntem à sua matemática?

Swamiji: Por que isso? Mesmo agora existem mulheres discípulas de Shri Ramakrishna. Com a ajuda deles, começarei esta matemática. A Santa Mãe será sua figura central e as esposas e filhas dos devotos de Shri Ramakrishna serão suas primeiras internadas. Pois eles apreciarão

facilmente a utilidade de tal matemática. Depois disso, seguindo o exemplo deles, muitos chefes de família ajudarão em seu nobre trabalho.

Discípulo: Os devotos de Shri Ramakrishna certamente se juntarão a este trabalho. Mas não creio que o público em geral ajude neste trabalho.

Swamiji: Nenhum grande trabalho foi feito no mundo sem sacrifício. Quem, ao ver o pequeno broto da figueira-da-índia, pode imaginar que com o tempo ela se transformará em uma gigantesca figueira-da-índia? No momento começarei a matemática desta forma. Mais tarde você verá que depois de uma ou duas gerações as pessoas deste país apreciarão o valor desta matemática. Minhas discípulas darão suas vidas por isso. Afastando-se do medo e da covardia, vocês também serão ajudantes nesta nobre missão e manterão esse elevado ideal diante de todos. Você verá, com o tempo seu brilho se espalhará por todo o país.

Discípulo: Senhor, por favor, conte-me tudo sobre o seu plano de matemática para mulheres.

Swamiji: Do outro lado do Ganges será adquirido um grande pedaço de terra, onde viverão meninas solteiras ou viúvas Brahmacharini; mulheres casadas devotas também poderão ficar de vez em quando. Os homens não se preocuparão com esta matemática. Os idosos Sadhus do Math administrarão os assuntos deste Math à distância. Haverá uma escola para meninas anexa a esta matemática feminina, na qual deverão ser ensinadas escrituras religiosas, literatura, sânscrito, gramática e até mesmo um pouco de inglês. Outros assuntos como costura, arte culinária, regras de trabalho doméstico e educação dos filhos também serão ensinados, enquanto Japa, adoração, meditação, etc. constituirão uma parte indispensável do ensino. Aqueles que aqui puderem viver permanentemente, renunciando aos laços domésticos e familiares, receberão alimentos e roupas do Math. Aqueles que não puderem fazer isso poderão estudar esta matemática como alunos diurnos. Com a autorização do chefe do Math, este poderá até mesmo permanecer ocasionalmente no Math, e durante tal permanência será mantido pelo Math. Os Brahmacharinis mais velhos se encarregarão do treinamento das alunas em Brahmacharya. Após cinco ou seis anos de treinamento nesta matemática, os guardiões das meninas podem casar-se com elas. Se forem considerados aptos para o Yoga e para a vida religiosa,

com a autorização dos tutores serão autorizados a permanecer nesta Matemática, fazendo voto de celibato. Estas freiras celibatárias serão com o tempo as professoras e pregadoras da matemática. Nas aldeias e cidades abrirão centros e lutarão pela difusão da educação feminina. Através de tais devotos pregadores de caráter haverá uma verdadeira difusão da educação feminina no país. Enquanto os estudantes permanecerem associados a esta Matemática, eles deverão observar Brahmacharya como o ideal básico desta Matemática.

Espiritualidade, sacrifício e autocontrole serão o lema dos alunos desta Matemática, e o serviço ou Sevâ-dharma o voto de suas vidas. Em vista de tais vidas ideais, quem não as respeitará e não terá fé nelas? Se a vida das mulheres deste país for moldada desta forma, só então haverá o reaparecimento de personagens ideais como Sitâ, Sâvitri e Gângi. A que dificuldades as restrições dos costumes locais reduziram as mulheres deste país, tornando-as sem vida e inertes, você poderia entender se apenas visitasse os países ocidentais. Você é o único responsável por esta condição miserável das mulheres, e cabe a você também criá-las novamente. Portanto eu digo, comece a trabalhar. O que acontecerá se memorizarmos alguns livros religiosos como os Vedas e assim por diante?

Discípulo: Senhor, se as alunas depois de serem treinadas nesta matemática se casarem, como encontrar nelas personagens ideais? Não será melhor se for estabelecida a regra de que aqueles que serão educados nesta matemática não se casarão?

Swamiji: Isso pode acontecer de uma só vez? Eles devem receber educação e ser deixados sozinhos. Depois disso eles agirão como acharem melhor. Mesmo depois do casamento e da entrada no mundo, as meninas educadas como acima inspirarão nobres ideais aos seus maridos e serão mães de filhos heróicos. Mas deve haver esta regra de que os tutores das alunas de matemática feminina não devem sequer pensar em casar com elas antes de atingirem a idade de quinze anos.

Discípulo: Senhor, então essas meninas não terão reputação na sociedade. Ninguém gostaria de se casar com eles.

Swamiji: Por que eles não serão desejados em casamento? Você ainda não entendeu a tendência da sociedade. Essas moças eruditas e talentosas nunca necessitarão de noivos. A sociedade hoje em dia não segue os textos que recomendam o casamento infantil, nem o fará no futuro. Mesmo agora você não vê?

Discípulo: Mas certamente haverá uma oposição violenta contra isso no início.

Swamiji: Deixe estar. O que há para ter medo nisso? A oposição a um trabalho justo iniciado com coragem moral apenas despertará ainda mais o poder moral dos iniciadores. Aquilo que não encontra obstrução, nem oposição, apenas leva os homens ao caminho da morte moral. A luta é o sinal da vida.

Discípulo: Sim, senhor.

Swamiji: Na realidade mais elevada do Parabrahman, não há distinção de sexo. Notamos isso apenas no plano relativo. E quanto mais a mente se torna introspectiva, mais a ideia de diferença desaparece. Em última análise, quando a mente está totalmente imersa no Brahman homogêneo e indiferenciado, ideias como este é um homem ou que uma mulher não permanecem. Na verdade, vimos isso na vida de Shri Ramakrishna. Por isso digo que embora exteriormente possa haver diferença entre homens e mulheres, na sua verdadeira natureza não há nenhuma. Portanto, se um homem pode ser um conhecedor de Brahman, por que uma mulher não pode atingir o mesmo conhecimento? Portanto, eu estava dizendo que se pelo menos uma entre as mulheres se tornasse uma conhecedora de Brahman, então, pelo brilho de sua personalidade, milhares de mulheres seriam inspiradas e despertadas para a verdade, e um grande bem-estar do país e da sociedade resultaria. Você entende?

Discípulo: Senhor, seus ensinamentos abriram meus olhos hoje.

Swamiji: Ainda não completamente. Quando você perceber a realidade todo-iluminadora do Atman, então você verá que esta ideia de distinção sexual desapareceu completamente, só então você verá as mulheres como a verdadeira manifestação de Brahman. Vimos em Shri Ramakrishna como

ele tinha essa ideia da maternidade divina em cada mulher, qualquer que fosse sua casta ou qualquer que fosse seu valor. É porque vi isto que peço a todos vocês tão sinceramente que façam o mesmo e abram escolas para meninas em todas as aldeias e tentem elevá-las. Se as mulheres forem criadas, então os seus filhos glorificarão, através das suas acções nobres, o nome do país – então a cultura, o conhecimento, o poder e a devoção despertarão na terra.

Discípulo: Mas, senhor, resultados contrários parecem ter surgido da atual educação feminina. Com apenas um conhecimento superficial, eles adotam apenas os modos de vida ocidentais, mas não está claro até que ponto estão avançando no espírito de renúncia, autocontrole, austeridade, Brahmacharya e outras qualidades que conduzem ao Brahmajñana.

Swamiji: No começo alguns erros como esse são inevitáveis. Quando uma nova ideia é pregada no país, alguns, não conseguindo compreendê-la adequadamente, erram nesse sentido. Mas o que isso importa para o bem-estar da sociedade em geral? Pois bem, aqueles que são pioneiros no pouco de educação feminina que hoje existe no país foram, sem dúvida, muito generosos. Mas a verdade é que algum defeito ou outro deve infiltrar-se naquela aprendizagem ou cultura que não é fundada numa base religiosa. Mas agora a educação feminina deverá ser difundida tendo a religião como centro. Todos os outros treinamentos deveriam ser secundários em relação à religião. A formação religiosa, a formação do carácter e a observância do voto de celibato – estes devem ser atendidos. Na educação feminina que tem sido obtida até agora na Índia, é a religião que se tornou uma preocupação secundária e, portanto, esses defeitos de que você estava falando surgiram. Mas, portanto, nenhuma culpa é atribuída às mulheres. Os reformadores que iniciaram a educação feminina sem serem eles próprios Brahmacharins tropeçaram assim. Os fundadores de todos os bons empreendimentos, antes de iniciarem o trabalho desejado, devem atingir o conhecimento do Atman através de uma autodisciplina rigorosa. Caso contrário, ocorrerão defeitos em seu trabalho.

Discípulo: Sim, senhor, observa-se que muitas mulheres instruídas passam seu tempo lendo romances e assim por diante; mas em Bengala Oriental,

mesmo com educação, as mulheres não abandonaram as suas práticas religiosas. É assim aqui nesta parte?

Swamiji: Em cada país, as nações têm os seus lados bons e ruins. A nossa tarefa é fazer boas obras em nossas vidas e dar o exemplo diante dos outros. Nenhum trabalho é bem sucedido pela condenação. Isso apenas repele as pessoas. Deixe qualquer um dizer o que quiser, não o contradiga. Neste mundo de Maya, qualquer trabalho que vocês empreendam terá algum defeito. “सर्वारम्भा हि दोषेण धूमेनाविरिवान्मृताः — Todas as obras estão cobertas de defeitos como o fogo está com a fumaça” (Gita, XVIII. 48). Todo incêndio tem chance de ser acompanhado de fumaça. Mas você, por causa disso, ficará inativo? Na medida do possível, você deve continuar fazendo um bom trabalho.

Discípulo: O que é esta boa obra?

Swamiji: Qualquer coisa que ajude na manifestação de Brahman é um bom trabalho. Qualquer trabalho pode ser feito para ajudar, se não diretamente, pelo menos indiretamente, a manifestação do Atman. Mas seguindo o caminho traçado pelos Rishis, esse conhecimento do Atman se manifesta rapidamente; pelo contrário, a prática de obras que foram indicadas pelos escritores das Escrituras como erradas, traz apenas escravidão à alma e, por vezes, esta escravidão da ilusão não desaparece nem mesmo em muitas vidas. Mas em todas as épocas e climas, a liberdade certamente será alcançada pelos Jivas. Pois o Atman é a verdadeira natureza do Jiva. Alguém pode desistir de sua própria natureza? Se você lutar com sua sombra por mil anos, conseguirá afastá-la de você? - sempre permanecerá com você.

Discípulo: Mas, senhor, de acordo com Shankara, Karma é antagônico a Jnana. Ele refutou de diversas maneiras a mistura de Jnana e Karma. Então, como o Karma pode ser útil para a manifestação de Jnana?

Swamiji: Shankara depois de dizer isso descreveu novamente o Karma como uma ajuda indireta para a manifestação de Jnana e o meio para a purificação da mente. Mas não contradigo a sua conclusão de que no conhecimento transcendente não há nenhum toque de qualquer trabalho. Enquanto o homem estiver dentro do domínio da consciência da ação, do

agente e do resultado da ação, ele será impotente para ficar ocioso sem realizar algum trabalho. Então, como o trabalho está enraizado na própria natureza do homem, por que você não continua fazendo trabalhos que sejam úteis para a manifestação do conhecimento do Atman? Que todo trabalho é efeito da ignorância pode ser verdade do ponto de vista absoluto, mas dentro da esfera da consciência relativa tem uma grande utilidade. Quando você realizar o Atman, fazer ou não trabalhar estará sob seu controle, e tudo o que você fizer nesse estado será um bom trabalho, que conduzirá ao bem-estar dos Jivas e do mundo. Com a manifestação de Brahman, até mesmo a respiração que você inspira será para o bem de Jiva. Então você não precisará mais trabalhar por meio de um planejamento consciente. Você entende?

Discípulo: Sim, é uma bela conclusão reconciliando Karma e Jnana do ponto de vista Vedântico.

Neste momento, o sino para o jantar tocou, e o discípulo, antes de participar dele, rezou com as mãos postas: "Abençoe-me, senhor, para que eu possa alcançar o conhecimento de Brahman nesta mesma vida." Swamiji, colocando a mão na cabeça do discípulo, disse: "Não tenha medo, meu filho. Você não é como os homens comuns do mundo - nem chefes de família, nem exatamente Sannyasins - mas um tipo totalmente novo."

7.2.19 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Matemática. Ano: 1901.]

Swamiji está com a saúde indiferente. A pedido sincero de Swami Niranjanananda, ele vem tomando remédios ayurvédicos há seis ou sete dias. De acordo com este tratamento, o consumo de água é estritamente proibido. Ele tem que saciar a sede com leite.

O discípulo chegou ao Math no início do dia. Swamiji ao vê-lo falou com carinho: “Oh, você veio? Muito bem, eu estava pensando em você”.

Discípulo: Ouvi dizer que você está vivendo de leite há seis ou sete dias.

Swamiji: Sim, a pedido sincero de Niranjana, tive que tomar este remédio! Não posso ignorar o pedido deles.

Discípulo: Você tinha o hábito de tomar água com muita frequência. Como você pôde desistir completamente?

Swamiji: Quando ouvi que, de acordo com este tratamento, a água deveria ser abandonada, tomei imediatamente a firme resolução de não tomar água. Agora a ideia de beber água nem sequer passa pela cabeça.

Discípulo: O tratamento está te fazendo bem, espero?

Swamiji: Isso eu não sei. Estou simplesmente obedecendo às ordens dos meus irmãos-discípulos.

Discípulo: Acho que as drogas indígenas, como as usadas pelos Vaidyas, são muito adequadas à nossa constituição.

Swamiji: Minha ideia é que é melhor morrer sob o tratamento de um médico científico do que esperar a recuperação do tratamento de leigos que nada sabem da ciência moderna, mas que seguem cegamente os livros antigos, sem adquirir domínio do assunto - mesmo que eles possam ter curado alguns casos.

Swamiji preparou certos pratos, um dos quais foi preparado com aletria. Quando o discípulo que participou perguntou a Swamiji o que era, ele respondeu: “São algumas minhocas inglesas que trouxe secas de Londres”. Isso gerou risos entre os presentes às custas do discípulo. Apesar de sobrar comida e dormir pouco, Swamiji é muito ativo. Há poucos dias, um novo conjunto da Enciclopédia Britânica foi comprado para o Math. Vendo os novos volumes brilhantes, o discípulo disse a Swamiji: “É quase impossível ler todos estes livros numa única vida”. Ele não sabia que Swamiji já havia terminado dez volumes e começado o décimo primeiro.

Swamiji: O que você me diz? Pergunte-me o que quiser desses dez volumes e responderei a todos.

O discípulo perguntou maravilhado: “Você leu todos esses livros?”

Swamiji: Por que eu deveria pedir que você me questione de outra forma?

Ao ser examinado, Swamiji não apenas reproduziu o sentido, mas em alguns lugares a própria linguagem dos tópicos difíceis selecionados de cada volume. O discípulo, surpreso, deixou os livros de lado, dizendo: “Isso não está ao alcance do poder humano!”

Swamiji: Você vê, simplesmente pela observância estrita do Brahmacharya (continência) todo o aprendizado pode ser dominado em um tempo muito curto – a pessoa tem uma memória infalível do que ouve ou sabe, apenas uma vez. É devido a esta falta de continência que tudo está à beira da ruína no nosso país.

Discípulo: O que quer que você diga, senhor, a manifestação de tal poder sobre-humano não pode ser o resultado de um mero Brahmacharya, deve haver algo mais.

Swamiji não disse nada em resposta.

Então Swamiji começou a explicar lucidamente ao discípulo os argumentos e conclusões sobre os pontos difíceis de todas as filosofias. No decorrer da conversa, Swami Brahmananda entrou na sala e disse ao discípulo: “Você é um bom homem! Swamiji não está bem, e em vez de tentar manter sua mente alegre com conversas leves, você o está fazendo falar incessantemente, levantando o máximo assuntos obscuros!” O discípulo ficou envergonhado. Mas Swamiji disse a Swami Brahmananda: “Deixe de lado a regulamentação do tratamento ayurvédico. Estes são meus filhos; e se meu corpo os ensinar, não me importo.” Depois disso, seguiu-se alguma conversa leve. Surgiu então o tema do lugar de Bhâratchandra na literatura bengali. Desde o início, Swamiji começou a ridicularizar Bharatchandra de várias maneiras e satirizou a vida, os costumes, os costumes do casamento e outros usos da sociedade na época de Bharatchandra, que era um defensor do casamento infantil. Ele expressou a opinião de que os poemas de

Bharatchandra, cheios de mau gosto e obscenidades, não encontraram aceitação em nenhuma sociedade culta, exceto em Bengala, e disse: "Deve-se tomar cuidado para que tais livros não cheguem às mãos de meninos ." Em seguida, levantando o tópico de Michael Madhusudan Dutt, ele acrescentou: "Esse foi um gênio maravilhoso nascido em sua província. Não há outro épico na literatura bengali como o Meghnâdbadh, não há erro nisso; e é difícil encontrar um poema como isso em toda a literatura europeia moderna."

Discípulo: Mas, senhor, acho que Michael gostava muito de um estilo bombástico.

Swamiji: Bem, se alguém em seu país fizer algo novo, você imediatamente o vai. Primeiro examine bem o que ele está dizendo, mas em vez disso, o povo do país irá perseguir qualquer coisa que não esteja de acordo com os velhos hábitos. Por exemplo, para ridicularizar este Meghnabadh Kâvya, que é a joia da literatura bengali, foi escrita a paródia de Chhuchhundaribadh Kâvya (A Morte de uma Toupeira). Eles podem caricaturar o quanto quiserem, não importa. Mas o Meghnadbadh Kavya ainda permanece inabalável em sua reputação como o Himalaia, enquanto as opiniões e escritos de críticos críticos que estão ocupados abrindo buracos nele foram levados ao esquecimento. O que o público vulgar entenderá deste épico que Michael escreveu com uma dicção tão vigorosa e uma métrica original? E atualmente Girish Babu está escrevendo livros maravilhosos em uma nova métrica que seus sábios especialistas estão criticando e criticando. Mas será que G.C. se importa com isso? As pessoas apreciarão o livro depois.

Falando assim sobre o assunto de Michael, ele disse: "Vá e pegue o Meghnadbadh Kavya na biblioteca lá embaixo." Ao trazê-lo, o discípulo disse: "Agora leia, deixe-me ver como você consegue lê-lo".

O discípulo leu uma parte, mas a leitura não sendo do agrado de Swamiji, ele pegou o livro e mostrou-lhe como ler e pediu-lhe que lesse novamente. Então ele perguntou: "Agora, você pode dizer qual porção do Kavya é melhor?" O discípulo não respondeu, Swamiji disse: "Aquela parte do livro que descreve como Indrajit foi morto em batalha e Mandodari, fora de si de tristeza, está dissuadindo Râvana da batalha - mas Ravana expulsando à

força de sua mente a dor por seu filho está firmemente decidido a lutar como um grande herói, e esquecendo-se, numa fúria de raiva e vingança, de sua esposa e filhos, está pronto para correr para a batalha - essa é a parte mais bem concebida do livro, aconteça o que acontecer. , não esquecerei meu dever, quer o mundo permaneça ou se dissolva - estas são as palavras de um grande herói. Inspirado por tais sentimentos, Michael escreveu essa parte.

Dizendo isso, Swamiji abriu a passagem específica e começou a lê-la da maneira mais impressionante.

7.2.20 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Matemática. Ano: 1901.]

Swamiji fica muito melhor com o tratamento ayurvédico. O discípulo está no Math. Enquanto assistia Swamiji, ele perguntou: "O Atman é onipresente, a própria vida da vida de todos os seres, e está muito próximo. Ainda assim, por que não é percebido?"

Swamiji: Você vê a si mesmo que tem olhos? Quando outros falam dos olhos, você se lembra de que tem olhos. Novamente, quando poeira ou areia entra neles e causa irritação, você se sente muito bem por ter olhos. Da mesma forma, a realização deste Atman universal, que é mais interno do que o mais íntimo, não é facilmente alcançada. Lendo as escrituras ou ouvindo os lábios do preceptor, a pessoa tem alguma idéia disso, mas quando os duros açoites da amarga tristeza e dor do mundo fazem o coração doer, quando na morte de um parente próximo e querido, o homem se considera desamparado, quando a escuridão impenetrável e intransponível sobre a vida futura agita sua mente, então o Jiva anseia pela realização do Atman. Portanto, a tristeza é útil para o conhecimento do Atman. Mas devemos lembrar a amarga lição da experiência. Aqueles que morrem, apenas sofrendo as desgraças da vida como cães e gatos, são homens? Ele é

um homem que, mesmo quando agitado pela intensa interação entre prazer e dor, é discriminador e, sabendo que são de natureza evanescente, torna-se apaixonadamente devotado ao Atman. Esta é toda a diferença entre homens e animais. O que está mais próximo é o menos observado. O Atman é o mais próximo dos próximos, portanto a mente descuidada e instável do homem não tem nenhuma pista sobre Ele. Mas o homem que está alerta, calmo, autocontido e discriminador, ignora o mundo externo e mergulha cada vez mais no mundo interior, realiza a glória do Atman e se torna grande. Somente então ele alcança o conhecimento do Atman e percebe a verdade de textos bíblicos como “Eu sou o Atman”, “Tu és Isso, ó Shvetaketu”, e assim por diante. Você entende?

Discípulo: Sim, senhor. Mas por que esse método de alcançar o autoconhecimento através do caminho da dor e do sofrimento? Em vez de tudo isso, teria sido bom se não tivesse havido criação alguma. Todos nós já fomos identificados com Brahman. Por que então esse desejo de criação no caminho de Brahman? Por que novamente esta saída do Jiva (que não é outro senão Brahman) ao longo do caminho do nascimento e da morte, em meio à interação das dualidades da vida?

Swamiji: Quando um homem está intoxicado, ele tem muitas alucinações; mas quando a intoxicação passa, ele os entende como a imaginação de um cérebro aquecido. Tudo o que você vê desta criação que não tem começo, mas tem um fim, é apenas um efeito do seu estado de embriaguez; quando isso passar, tais questões não surgirão de forma alguma.

Discípulo: Então não existe realidade na criação, preservação, etc. do Universo?

Swamiji: Por que não deveria haver? Enquanto você se identificar com o corpo e tiver consciência do ego, tudo isso permanecerá. Mas quando você está desprovido da consciência corporal e se dedica ao Atman e vive no Atman, então, com relação a você, nada disso permanecerá, e questões como se existe alguma criação, nascimento ou morte não terão espaço. Então você terá que dizer -

कव गतं केन वा नीतं कुत्र लीनमीदं जगत् ।
अधुनैव मया दृष्टं नास्ति किं महद्दुःखम् ॥

- "Para onde foi, por quem foi levado, onde o mundo se fundiu? Acabou de ser observado por mim e agora não existe? Que maravilha!"
(Vivekachudamani 483).

Discípulo: Se não há conhecimento da existência do universo, como se pode dizer: "Onde está fundido o mundo?"

Swamiji: Porque é preciso expressar a ideia em linguagem, portanto esse modo de expressão foi usado. O autor tentou expressar no pensamento e na linguagem o estado onde o pensamento ou a linguagem não podem chegar e, portanto, afirmou o fato de que o mundo é totalmente irreal, de um modo relativo como o acima. O mundo não tem uma realidade absoluta que pertença apenas a Brahman, que está além do alcance da mente e da fala. Diga o que mais você tem a perguntar. Hoje vou pôr fim a todos os seus argumentos.

O sino do culto noturno na sala de adoração tocou naquela hora e todos se apressaram. Mas o discípulo permaneceu no quarto de Swamiji, notando que Swamiji disse: "Você não vai para a sala de adoração?"

Discípulo: Eu gostaria de ficar aqui.

Swamiji: Tudo bem.

Depois de algum tempo, o discípulo olhando para fora da sala disse: "É noite de lua nova e todos os cantos estão cobertos de escuridão. É a noite de adoração à Mãe Kali".

Swamiji, sem dizer nada, olhou para o céu oriental por algum tempo e disse: "Você vê que beleza misteriosa e solene existe nesta escuridão!" Dizendo isso e continuando a olhar para a densa massa de escuridão, ele ficou envolto. Depois de alguns minutos, Swamiji lentamente começou a cantar uma canção bengali, "Ó Mãe, na escuridão profunda brilha Tua beleza sem forma", etc. Depois da música, Swamiji entrou em seu quarto e sentou-se com uma palavra ocasional como "Mãe, Mãe", ou "Kali, Kali", em seus lábios.

Inquieto com o humor profundamente abstraído de Swamiji, o discípulo disse: “Agora, senhor, por favor, fale comigo”.

Swamiji disse sorrindo: “Você consegue compreender a beleza e a profundidade do Atman cuja manifestação externa é tão doce e bela?” O discípulo desejou uma mudança de assunto, percebendo isso, Swamiji começou outra canção de Kali: “Ó Mãe, Tu fluindo corrente de néctar, em quantas formas e aspectos Tu tocas na manifestação!” Após a música, ele disse: "Este Kali é Brahman em manifestação. Você não ouviu a ilustração de Shri Ramakrishna da 'cobra em movimento e a cobra em repouso' (representando os aspectos dinâmicos e estáticos da mesma coisa)?"

Discípulo: Sim, senhor.

Swamiji: Desta vez, quando eu melhorar, adorarei a Mãe com o sangue do meu coração, só então Ela ficará satisfeita. Seu Raghunandan também diz isso. O filho da Mãe será um herói, um Mahavira. Na infelicidade, tristeza, morte e desolação, o filho da Mãe permanecerá sempre destemido.

7.2.21 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Matemática. Ano: 1901.]

Swamiji está hospedado no Math hoje em dia. Sua saúde não é muito boa, mas ele sai para passear de manhã e à noite. O discípulo, após curvar-se aos pés de Swamiji, perguntou sobre sua saúde.

Swamiji: Bem, este corpo está em uma condição lamentável, mas nenhum de vocês está se apresentando para ajudar no meu trabalho! O que devo fazer sozinho? Desta vez o corpo saiu do solo de Bengala, então será que ele consegue suportar o esforço de muito trabalho? Vocês que vêm aqui são almas puras; e se vocês não se tornarem meus ajudantes neste trabalho, o que farei sozinho?

Discípulo: Senhor, esses Brahmacharins e Sannyasins abnegados estão atrás de você, e eu acho que cada um deles pode dedicar sua vida ao seu trabalho - ainda assim, por que você fala dessa maneira?

Swamiji: Bem, eu quero um grupo de jovens bengaleses – os únicos que são a esperança deste país. A minha esperança para o futuro reside nos jovens de carácter - inteligentes, que renunciam a tudo em prol do serviço aos outros e obedientes - que possam sacrificar as suas vidas na concretização das minhas ideias e, assim, fazer o bem a si próprios e ao país em geral. Caso contrário, os meninos comuns virão em grupos e virão. A estupidez está escrita em seus rostos – seus corações estão desprovidos de energia, seus corpos são fracos e inadequados para o trabalho e suas mentes são desprovidas de coragem. Que trabalho será feito por eles? Se eu conseguir dez ou doze meninos com a fé de Nachiketâ, poderei direcionar os pensamentos e atividades deste país para um novo canal.

Discípulo: Senhor, tantos jovens estão vindo até você, e você não encontra nenhum entre eles com tal natureza?

Swamiji: Entre aqueles que me parecem de bom calibre, alguns se uniram pelo matrimônio; alguns se venderam para adquirir nome, fama ou riqueza mundana; enquanto alguns são de corpos fracos. Os demais, que constituem a maioria, não conseguem receber nenhuma ideia elevada. Sem dúvida você está apto a receber minhas ideias elevadas, mas não é capaz de realizá-las no campo prático. Por estas razões, às vezes uma angústia vem à mente, e penso que tomando este corpo humano, não poderia fazer muito trabalho devido aos inconvenientes da sorte. É claro que ainda não perdi totalmente a esperança, pois, pela vontade de Deus, dentre esses mesmos meninos poderão surgir, com o tempo, grandes heróis de ação e espiritualidade que, no futuro, concretizarão minhas idéias.

Discípulo: Acredito firmemente que suas ideias amplas e liberais deverão encontrar aceitação universal um dia ou outro. Pois vejo que eles são multifacetados e infundem vigor em todos os departamentos de pensamento e atividade. E o povo do país está a aceitar, aberta ou secretamente, as suas ideias e a ensiná-las ao povo.

Swamiji: O que importa se eles reconhecem meu nome ou não? Basta que aceitem as minhas ideias. Noventa e nove por cento dos Sadhus, mesmo depois de renunciarem à luxúria e à riqueza, ficam finalmente presos ao desejo de nome e fama. “Fama... aquela última enfermidade da mente nobre” – você não leu? Teremos que trabalhar, renunciando completamente a todo desejo de resultados. As pessoas nos chamarão de bons e maus. Mas teremos que trabalhar como leões, mantendo o ideal diante de nós, sem nos importar se “os sábios nos elogiam ou nos culpam”.

Discípulo: Que ideal devemos seguir agora?

Swamiji: Você agora tem que fazer do personagem Mahavira o seu ideal. Veja como ao comando de Râmachandra ele cruzou o oceano. Ele não se importava com a vida ou a morte! Ele era um mestre perfeito de seus sentidos e maravilhosamente sagaz. Vocês têm agora que construir a sua vida sobre este grande ideal de serviço pessoal. Através disso, todos os outros ideais se manifestarão gradualmente na vida. Obediência ao Guru sem questionamento e estrita observância de Brahmacharya – este é o segredo do sucesso. Assim como por um lado Hanumân representa o ideal de serviço, por outro lado representa a coragem leonina, impressionando o mundo inteiro. Ele não hesita em sacrificar sua vida pelo bem de Rama. Uma suprema indiferença a tudo, exceto ao serviço de Rama, até mesmo à obtenção do status de Brahmâ e Shiva, os grandes Deuses do Mundo! Somente cumprir a ordem de Shri Rama é o único voto desta vida! Essa devoção sincera é desejada. Tocar o Khol e o Kartâl e dançar no frenesi do Kirtana degenerou todo o povo. Eles são, em primeiro lugar, uma raça de dispépticos – e se além disso dançam e saltam dessa maneira, como poderão suportar a tensão? Ao tentarem imitar o Sâdhana mais elevado, cuja qualificação preliminar é a pureza absoluta, eles foram engolidos por Tamas terríveis. Em cada distrito e aldeia que visitar, encontrará apenas o som do Khol e do Kartâl! Os tambores não são feitos no país? Não existem trombetas e tambores disponíveis na Índia? Faça os meninos ouvirem o som profundo desses instrumentos. Ouvindo desde a infância o som dessas formas afeminadas de música e ouvindo o kirtana, o país está quase convertido em um país de mulheres. Que mais degradação você pode esperar? Até a imaginação do poeta não consegue desenhar este quadro! O Damaru (um tambor em forma de ampuheta, segurado na mão de Shiva) e

a trompa devem ser tocados, os tambores devem ser batidos de modo a aumentar as notas profundas e marciais, e com "Mahavira, Mahavira" em seus lábios e gritando "Hara, Hara, Vyom, Vyom", os quadrantes devem ser reverberados. A música que desperta apenas os sentimentos mais suaves do homem será interrompida agora por algum tempo. Parando por algum tempo as músicas leves como Kheâl e Tappâ, as pessoas devem se acostumar a ouvir a música Dhrupad. Através do trovão dos dignos hinos védicos, a vida será trazida de volta ao país. Em tudo o espírito austero da masculinidade heróica deve ser revivido. Seguir tal ideal reside no bem do povo e do país. Se você conseguir construir seu caráter de acordo com esse ideal, milhares de outros o seguirão. Mas tome cuidado para não se desviar nem um centímetro do ideal. Nunca desanime. Ao comer, ao vestir-se ou ao mentir, ao cantar ou brincar, ao divertir-se ou à doença, manifeste sempre a mais elevada coragem moral. Somente então você alcançará a graça de Mahashakti, a Mãe Divina.

Discípulo: Senhor, às vezes sou dominado pelo desânimo, não sei como.

Swamiji: Então pense assim: “De quem sou filho? Eu me associo com ele e terei tal fraqueza mental e baixeza de espírito?” Acabando com essa fraqueza da mente e do coração, levante-se e diga: "Sou possuído de heroísmo - sou possuidor de um intelecto firme - sou um conhecedor de Brahman, um homem iluminado." Esteja plenamente consciente de sua dignidade, lembrando: “Eu sou o discípulo de tal e tal que é o companheiro de vida de Shri Ramakrishna, o conquistador da luxúria e da riqueza”. Isso produzirá um bom efeito. Aquele que não tem esse orgulho não desperta Brahman dentro de si. Você não ouviu a música de Râmprasâd? Ele costumava dizer: “A quem temo no mundo, cujo soberano é a Mãe Divina!” Mantenha esse orgulho sempre acordado na mente. Então a fraqueza da mente e do coração não será mais capaz de se aproximar de você. Nunca permita que a fraqueza tome conta de sua mente. Lembre-se de Mahavira, lembre-se da Mãe Divina! E você verá que toda fraqueza, toda covardia desaparecerá de uma vez.

Dizendo essas palavras, Swamiji desceu e sentou-se em seu lugar habitual em uma cama no pátio. Então, dirigindo-se aos Sannyasins e

Brahmacharins reunidos, ele disse: “Aqui está a presença revelada de Brahman. você não vê?

Estas palavras foram ditas de uma forma tão atraente, que todos ficaram imóveis como uma figura pintada numa tela e sentiram como se fossem subitamente atraídos para a profundidade da meditação. . . . Depois de algum tempo, aquela tensão de sentimento passou e eles recuperaram a consciência normal.

Em seguida, durante uma caminhada, Swamiji falou com o discípulo. "Você viu como todos ficaram concentrados hoje? Todos esses são filhos de Shri Ramakrishna e, ao pronunciarem as palavras, eles sentiram a verdade."

Discípulo: Senhor, para não falar deles, até meu coração estava transbordando de uma felicidade sobrenatural! Mas agora parece um sonho desaparecido.

Swamiji: Tudo chegará com o tempo. Agora, continue trabalhando. Dedique-se a algum trabalho para o bem dos homens mergulhados na ignorância e na ilusão. Você verá que tais experiências surgirão por si mesmas.

Discípulo: Sinto-me nervoso para entrar em seus labirintos – nem tenho forças. As escrituras também dizem: “Impenetrável é o caminho do Karma”.

Swamiji: O que você deseja fazer então?

Discípulo: Viver e manter discussões com alguém como você, que percebeu a verdade de todas as escrituras e através de ouvir, pensar e meditar na Verdade para realizar Brahman nesta mesma vida. Não tenho entusiasmo, nem talvez força, para mais nada.

Swamiji: Se você ama isso, bem, você pode continuar fazendo isso. E fale sobre seus pensamentos e conclusões sobre os Shastras para outras pessoas, isso irá beneficiá-las. Enquanto existir o corpo, não se pode viver sem fazer um ou outro trabalho; portanto, deve-se fazer um trabalho que conduza ao bem dos outros. Suas próprias realizações e conclusões sobre as verdades

bíblicas podem beneficiar muitos que buscam a Verdade. Coloque-os por escrito, o que pode ajudar muitos outros.

Discípulo: Primeiro deixe-me compreender a Verdade, depois escreverei. Shri Ramakrishna costumava dizer; "Sem o distintivo de autoridade, ninguém irá ouvi-lo."

Swamiji: Pode haver muitos no mundo que ficaram presos naquele estágio de disciplina espiritual e raciocínio pelo qual você está passando, sem serem capazes de passar além desse estágio. Sua experiência e modo de pensar, se registrados, podem pelo menos ser benéficos para eles. Se você expressar em linguagem fácil a substância das discussões que mantém com os Sadhus deste Math, isso poderá ajudar muitos.

Discípulo: Já que você deseja, tentarei fazê-lo.

Swamiji: Qual é o bem dessa prática ou realização espiritual que não beneficia os outros, não conduz ao bem-estar das pessoas mergulhadas na ignorância e na ilusão, não ajuda a resgatá-las das garras da luxúria e da riqueza? Você acha que enquanto um Jiva permanecer em cativeiro, você terá alguma libertação? Enquanto ele não for liberado – isso pode levar várias vidas – você terá que nascer para ajudá-lo, para fazê-lo realizar Brahman. Cada Jiva é parte de você – que é a razão de todo trabalho para os outros. Assim como você deseja o bem de todo o coração para sua esposa e filhos, sabendo que eles são seus, então quando uma quantidade igual de amor e atração por cada Jiva despertar em você, então saberei que Brahman está despertando em você, não um momento antes. Quando esse sentimento do bem geral de todos, sem respeito por casta ou cor, despertar em seu coração, então saberei que você está avançando em direção ao ideal.

Discípulo: Senhor, é uma afirmação tremenda que sem a salvação de todos, não haverá salvação para um indivíduo! Nunca ouvi falar de uma proposta tão maravilhosa.

Swamiji: Existe uma classe de Vedantistas que defendem tal ponto de vista. Dizem que a libertação individual não é a forma real e perfeita de libertação, mas a libertação universal e colectiva é o verdadeiro Mukti. É

claro que tanto os méritos como os defeitos podem ser apontados nessa visão.

Discípulo: De acordo com o Vedanta, o estado de existência individualizada é a raiz da escravidão, e a Inteligência Infinita, através dos desejos e efeitos das obras, parece presa a essa condição limitante. Quando, por meio da discriminação, essa condição limitante desaparece e o Jiva fica despojado de todos os adjuntos, então como pode haver escravidão para o Atman, que é a essência da Inteligência transcendente? Aquele para quem a ideia do Jiva e do mundo é uma realidade persistente pode pensar que sem a libertação de todos não terá libertação. Mas quando a mente se torna desprovida de todos os complementos limitantes e se funde em Brahman, onde existe alguma diferenciação para ela? Portanto, nada pode funcionar como uma barreira ao seu Mukti.

Swamiji: Sim, o que você diz está certo, e a maioria dos vedantistas mantém essa visão, que também é perfeita. Nessa visão, a libertação individual não é barrada. Mas basta considerar a grandeza de seu coração quem pensa que levará consigo todo o universo para a libertação!

Discípulo: Senhor, pode indicar ousadia de coração, mas não é apoiado pelas escrituras.

Swamiji estava distraído e não ouviu as palavras. Depois de algum tempo ele disse: “Dia e noite pense e medite em Brahman, medite com grande concentração mental. E durante o tempo de despertar para a vida exterior, faça algum trabalho pelo bem dos outros ou repita em sua mente, 'Deixe o bem acontecer para Jivas e para o mundo!' 'Deixe a mente de todos fluir na direção de Brahman!' Mesmo com essa corrente contínua de pensamento, o mundo será beneficiado. Nada de bom no mundo se torna infrutífero, seja trabalho ou pensamento. Suas correntes de pensamento talvez despertem o sentimento religioso de alguém na América.

Discípulo: Senhor, por favor, abençoe-me para que minha mente possa se concentrar na Verdade.

Swamiji: Assim será. Se você tiver desejo sincero, certamente será.

7.2.22 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: A Matemática, Belur. Ano: 1901.]

Na época em que o Belur Math foi estabelecido, muitos hindus ortodoxos costumavam fazer críticas contundentes aos modos de vida no Math. Ao ouvir o relato de tais críticas do discípulo, Swamiji diria (nas palavras do dístico de Tulasidas): “O elefante passa no mercado, e mil malditos começam a latir atrás dele; então os Sadhus não têm nenhum mal-estar”. sentimento quando as pessoas do mundo caluniam.” Ou ainda diria: “Sem perseguição nenhuma ideia benéfica pode entrar no coração de uma sociedade”. Ele exortava a todos: "Continuem trabalhando sem olhar para os resultados. Um dia vocês certamente colherão os frutos disso." Novamente, nos lábios de Swamiji eram ouvidas com frequência as palavras do Gita: “Um praticante do bem nunca fica triste, meu filho”.

Em maio ou junho de 1901, vendo o discípulo no Math Swamiji disse: "Traga-me uma cópia do Ashtâvimshati-tattva (Vinte e oito categorias) de Raghunandan em uma data anterior."

Discípulo: Sim, senhor, mas o que você fará com o Raghunandan Smriti, que a atual Índia educada chama de um monte de superstição?

Swamiji: Por quê? Raghunandan foi um estudioso maravilhoso de sua época. Coletando os antigos Smritis, ele codificou os costumes e observâncias dos hindus, adaptando-os às necessidades dos novos tempos e circunstâncias. Toda Bengala está seguindo as regras por ele estabelecidas. Mas, sob o domínio férreo de suas regras que regulavam a vida de um hindu desde a concepção até a morte, a sociedade hindu foi muito oprimida. Nas questões de comer e dormir, mesmo nas funções ordinárias da vida, para não falar das importantes, ele tentava regular cada uma por meio de regras. Nas novas circunstâncias da época, isso não durou muito. A todo momento, em todos os países, o Karma-kânda, que compreende os costumes e observâncias sociais, muda de forma. Somente o Jnâna-kânda permanece.

Mesmo na era Védica você descobre que os rituais mudaram gradualmente de forma. Mas a parte filosófica dos Upanishads permaneceu inalterada até agora – só que houve muitos intérpretes, só isso.

Discípulo: O que você fará com o Smriti de Raghunandan?

Swamiji: Desta vez desejo celebrar o Durgâ Puja (adoração à deusa Durga). Se as despesas forem possíveis, adorarei o Mahâmâyâ. Portanto, pretendo ler as formas cerimoniais dessa adoração. Quando você vier para a aula de matemática no próximo domingo, deverá trazer um exemplar do livro com você.

Discípulo: Tudo bem, senhor.

No sábado seguinte o discípulo trouxe um exemplar do livro e Swamiji ficou muito satisfeito em recebê-lo. Encontrando-se com o discípulo uma semana depois, ele disse: “Terminei o Raghunandan Smriti apresentado por você. Se possível, celebrarei o Puja da Mãe Divina”.

* * *

O Durga Puja aconteceu com grande entusiasmo na hora certa.

Pouco depois disso, Swamiji realizou um Homa diante da Mãe Kali em Kalighat. Referindo-se a esse incidente, ele falou ao discípulo: "Bem, fiquei feliz em ver que ainda havia uma visão liberal em Kalighat. As autoridades do templo não se opuseram nem um pouco à minha entrada no templo, embora soubessem que eu era um homem que havia retornado do Ocidente, pelo contrário, eles me levaram muito cordialmente aos recintos sagrados e me ajudaram a adorar a Mãe com satisfação.

7.2.23 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: A Matemática, Belur. Ano: 1902.]

Hoje é a celebração do aniversário de Shri Ramakrishna – o último que Swamiji viu. O discípulo apresentou um hino invocatório sobre Shri Ramakrishna a Swamiji. Ele então começou a esfregar suavemente os pés de Swamiji. Antes de começar a ler o poema, Swamiji disse-lhe: “Faça isso com muita delicadeza, pois os pés ficaram muito sensíveis”.

Depois de ler o poema, Swamiji disse: “Está bem feito”.

A doença de Swamiji aumentou tanto que o discípulo, ao observá-la, sentiu uma dor no coração. Compreendendo seu sentimento interior, Swamiji disse: "O que vocês estão pensando? Este corpo nasce e morrerá. Se eu tiver sido capaz de incutir algumas de minhas idéias em todos vocês, então saberei que meu nascimento não ocorreu em vão."

Discípulo: Somos objetos dignos de sua misericórdia? Se você me abençoar, sem levar em consideração minha aptidão, então me considerarei afortunado.

Swamiji: Lembre-se sempre de que a renúncia é a ideia raiz. A menos que alguém seja iniciado nesta ideia, nem mesmo Brahmâ e os Deuses do Mundo têm o poder de atingir Mukti.

Discípulo: É uma questão de profundo pesar que mesmo ouvindo isso de você quase todos os dias, eu não tenha conseguido perceber.

Swamiji: A renúncia deve vir, mas na plenitude do tempo. "कालेनात्मनि विन्दति — Na plenitude do tempo a pessoa alcança o conhecimento dentro de si." Quando os poucos Samskâras (tendências) da vida anterior são gastos, então a renúncia brota no coração.

Depois de algum tempo, ele disse: "Por que você deveria sair e ver a grande multidão? Fique comigo agora. E peça a Niranjan que se sente à porta, para que ninguém possa me incomodar hoje".

Então ocorreu a seguinte conversa entre Swamiji e o discípulo:

Swamiji: Acho que será melhor se a partir de agora o aniversário for comemorado de uma forma diferente. A celebração deveria estender-se por quatro ou cinco dias em vez de um. No primeiro dia poderá haver estudo e interpretação das escrituras; no segundo, discussão sobre os Vedas e o Vedanta e a solução dos problemas relacionados com eles; no terceiro dia poderá haver aula de perguntas. O quarto dia poderá ser marcado para palestras. No último dia, haverá um festival nos moldes atuais. Será como o Durga Puja que se estende por quatro ou cinco dias. Claro, se a celebração estiver nos moldes acima, ninguém além dos devotos de Shri Ramakrishna poderá comparecer nos outros dias, exceto no último. Mas aquilo não importa. Uma grande multidão promíscua não significa uma grande propagação da mensagem de Shri Ramakrishna.

Discípulo: Senhor, é uma bela ideia. Da próxima vez será feito de acordo com seus desejos.

Swamiji: Agora, meu filho, todos vocês irão realizá-las. Não tenho mais inclinação para essas coisas.

Discípulo: Senhor, este ano muitas festas de Kirtana aconteceram.

Ao ouvir essas palavras, Swamiji levantou-se segurando as barras de ferro da janela e olhou para a multidão de devotos reunida. Depois de algum tempo ele se sentou.

Swamiji: Vocês são os atores da Divina Lilâ (peça) de Shri Ramakrishna. Depois disso, para não falar dos nossos, as pessoas também usarão seus nomes. Estes hinos que você está escrevendo serão posteriormente lidos pelas pessoas para a aquisição de amor e conhecimento. Saiba que a obtenção do conhecimento do Atman é o objetivo mais elevado da vida. Se você tiver devoção pelos Avatares que são os professores do mundo, esse conhecimento se manifestará com o tempo.

Discípulo: Senhor, devo alcançar tal conhecimento?

Swamiji: Pelas bênçãos de Shri Ramakrishna você alcançará o amor e o conhecimento divinos. Você não encontrará muita felicidade na vida mundana.

Discípulo: Senhor, se você condescender em destruir a fraqueza da minha mente, só então haverá esperança para mim.

Swamiji: Que medo! Quando você tiver a oportunidade de vir aqui, você estará livre.

Discípulo (com grande súplica): Você deve me salvar e me tirar da ignorância nesta mesma vida.

Swamiji: Diga, quem pode salvar alguém? O Guru só pode remover alguns véus que os cobrem. Quando estes véus são removidos, o Atman brilha em Sua própria glória e se manifesta como o sol.

Discípulo: Então por que encontramos menção à graça nas escrituras?

Swamiji: Graça significa isso. Aquele que realizou o Atman torna-se um depósito de grande poder. Fazendo dele o centro e com um determinado raio forma-se um círculo, e quem entra no círculo fica animado com as ideias daquele santo, ou seja, é dominado pelas suas ideias. Assim, sem muito esforço religioso, herdamos os resultados de sua maravilhosa espiritualidade. Se você chama isso de graça, você pode fazê-lo.

Discípulo: Não há outra graça além desta?

Swamiji: Sim, existe. Quando o Avatara chega, então com ele nascem pessoas liberadas como ajudantes em seu jogo mundial. Somente os Avataras têm o poder de dissipar a escuridão de um milhão de almas e dar-lhes a salvação em uma vida. Isto é conhecido como graça. Você entende?

Discípulo: Sim, senhor. Mas qual é o caminho para aqueles que não foram abençoados com a visão dele?

Swamiji: A maneira para eles é invocá-lo. Invocando-o, muitos são abençoados com a sua visão – podem vê-lo em forma humana como a nossa e obter a sua graça.

Discípulo: Você já teve uma visão de Shri Ramakrishna após sua morte?

Swamiji: Após sua saída do corpo, associei-me por algum tempo com Pavhâri Bâbâ de Ghazipur. Havia um jardim não muito distante do seu Âshrama onde eu morava. As pessoas costumavam dizer que era um jardim assombrado, mas como você sabe, eu também sou uma espécie de demônio e não tenho muito medo de fantasmas. No jardim havia muitos limoeiros que davam numerosos frutos. Naquela época eu estava com diarreia e não havia comida ali, exceto pão. Então, para aumentar a capacidade digestiva, eu tomava bastante limão. Me misturando com Pavhari Baba, gostei muito dele, e ele também passou a me amar profundamente. Um dia pensei que não tinha aprendido nenhuma arte para tornar forte este corpo fraco, apesar de ter vivido com Shri Ramakrishna por tantos anos. Ouvi dizer que Pavhari Baba conhecia a ciência do Hatha-Yoga. Então pensei em aprender com ele as práticas de Hatha-Yoga e, através delas, fortalecer o corpo. Você sabe, eu tenho uma resolução obstinada, e tudo o que eu coloco em meu coração, eu sempre realizo. Na véspera do dia em que deveria receber a iniciação, eu estava deitado numa cama, pensando; e nesse momento vi a forma de Sri Ramakrishna parado ao meu lado direito, olhando fixamente para mim, como se estivesse muito angustiado. Eu havia me dedicado a ele e, ao pensar que iria contratar outro Guru, fiquei muito envergonhado e continuei olhando para ele. Assim se passaram talvez duas ou três horas, mas nenhuma palavra escapou da minha boca. Então ele desapareceu de repente. Minha mente ficou perturbada ao ver Shri Ramakrishna naquela noite, então adiei a ideia da iniciação de Pavhari Baba para aquele dia. Depois de um ou dois dias, novamente a ideia de iniciação de Pavhari Baba surgiu na mente – e novamente à noite houve o aparecimento de Shri Ramakrishna como na ocasião anterior. Assim, quando por várias noites seguidas tive a visão de Shri Ramakrishna, desisti completamente da ideia de iniciação, pensando que, como toda vez que decidia sobre isso, eu estava tendo tal visão, então nada de bom, exceto mal, viria disso. .

Depois de algum tempo ele se dirigiu ao discípulo, dizendo: “Aqueles que viram Shri Ramakrishna são realmente abençoados. Sua família e nascimento foram purificados por isso. que você está muito próximo dele. Ninguém foi capaz de entender quem veio à terra como Sri Ramakrishna. Mesmo seus próprios devotos mais próximos não têm nenhuma pista real sobre isso. .”

A conversa continuava assim quando Swami Niranjanananda bateu à porta. O discípulo levantou-se e perguntou: “Quem veio?” Swami Niranjanananda respondeu: “Irmã Nivedita e algumas outras senhoras inglesas”. Eles foram admitidos na sala, sentaram-se no chão e perguntaram sobre a saúde de Swamiji. Depois de mais algumas palavras eles foram embora. Então Swamiji disse ao discípulo: “Veja como eles são cultos! Se fossem bengalis, teriam me feito falar pelo menos por meia hora, mesmo que me achassem indisposto”.

Já são cerca de duas e meia e há uma grande concentração de pessoas lá fora. Compreendendo a mente do discípulo, Swamiji disse: “Basta ir e dar uma olhada – mas volte logo”.

7.2.24 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: A Matemática, Belur. Ano: 1902.]

Depois de retornar de Bengala Oriental, Swamiji permaneceu em Math e viveu uma vida simples e infantil. Todos os anos alguns trabalhadores Santal trabalhavam na Matemática. Swamiji brincava e zombava deles e adorava ouvir suas histórias de felicidade e tristeza. Um dia, vários cavalheiros notáveis de Calcutá vieram visitar Swamiji no Math. Naquele dia, Swamiji iniciou uma conversa tão calorosa com os Santals que, quando foi informado da chegada daqueles cavalheiros, disse: “Não poderei ir agora. Estou feliz com estes homens”. Realmente, naquele dia, Swamiji não deixou os pobres Santals para ver aqueles visitantes.

Um dos Santals chamava-se Keshta. Swamiji amava muito Keshta. Sempre que Swamiji vinha falar com eles, Keshta costumava dizer a Swamiji: "Ó meu Swamiji, não venha até nós quando estivermos trabalhando, pois enquanto conversamos com você nosso trabalho para e o supervisor Swami nos repreende depois." Swamiji ficaria tocado por essas palavras e diria:

"Não, não, ele não dirá nada; conte-me um pouco sobre a sua parte do país"
- frase que ele costumava apresentar ao tópico de seus assuntos mundanos.

Um dia, Swamiji disse a Keshta: "Bem, você vai levar comida aqui um dia?" Keshta disse: "Não aceitamos comida tocada por você; se você colocar sal em nossa comida e nós a comermos, perderemos nossa casta". Swamiji disse: "Por que você deveria levar sal? Prepararemos curry para você sem sal, então você aceitaria?" Keshta concordou com isso. Então, por ordem de Swamiji, pão, curry, doces, coalhada, etc. foram preparados para os Santals, e ele os fez sentar diante dele para comer. Enquanto comia, Keshta disse: "De onde você conseguiu tal coisa? Nunca provamos nada assim." Alimentando-os suntuosamente, Swamiji disse: "Vocês são Nârâyanas, Deus manifesto; hoje ofereci comida a Narayana". O serviço de "Daridra Narayana" – Deus nos pobres – sobre o qual Swamiji falou, ele próprio realizou um dia assim.

Após a refeição, os Santals foram descansar, e Swamiji, dirigindo-se ao discípulo, disse: "Achei neles a verdadeira personificação de Deus - tanta simplicidade, tanto amor sincero e inocente que não vi em nenhum outro lugar." Então, dirigindo-se aos Sannyasins do Math, ele disse: "Vejam como eles são simples. Vocês podem mitigar um pouco sua miséria? Caso contrário, de que adianta usar o manto Gerua? O sacrifício de tudo pelo bem dos outros é real." Sannyasa. Eles nunca desfrutaram de nada de bom na vida. Às vezes sinto vontade de vender o Math e tudo mais, e distribuir o dinheiro aos pobres e desamparados. Infelizmente, não podemos conseguir alguma coisa para comer, e como podemos ter coragem de levar comida à boca? Quando estive nos países ocidentais, orei à Mãe Divina: "As pessoas aqui dormem em canteiros de flores, comem todo tipo de flores? iguarias e do que não gostam, enquanto as pessoas no nosso país morrem de fome. Mãe, não haverá caminho para eles! Um dos objetivos da minha ida ao Ocidente para pregar religião foi ver se conseguia encontrar algum meio de alimentar o povo deste país.

"Vendo as pessoas pobres do nosso país famintas por comida, surge-me o desejo de derrubar todo culto e aprendizado cerimonial, e ir de aldeia em aldeia coletando dinheiro dos ricos, convencendo-os através da força de caráter e Sadhana, e gastar toda a vida servindo aos pobres.

"Infelizmente! ninguém pensa nos pobres desta terra. Eles são a espinha dorsal do país, que pelo seu trabalho estão produzindo alimentos - essas pessoas pobres, os varredores e trabalhadores, que se pararem de trabalhar por um dia criarão pânico em Mas não há ninguém que simpatize com eles, ninguém que os console na sua miséria. Veja só, por falta de simpatia dos hindus, milhares de párias em Madras estão a tornar-se cristãos. uma pitada de fome; é porque eles não recebem nenhuma simpatia de nossa parte. Estamos dia e noite gritando para eles: 'Não nos toquem!' Existe alguma compaixão ou bondade de coração no país? Somente uma classe de "Não-toques" expulsa esses costumes. Às vezes sinto vontade de romper as barreiras do "Não-tocarismo"; uma vez e clamar: 'Venham, todos os que são pobres, miseráveis, miseráveis e oprimidos', e reuni-los todos em nome de Shri Ramakrishna A menos que eles se levantem, a Mãe não despertará. faça qualquer provisão para comida e roupas para eles - o que fizemos então, eles não sabem nada sobre o mundanismo e, portanto, mesmo depois de trabalharem dia e noite, não podem se abastecer de comida e roupas. luz do dia que existe um Brahman em todos, neles e em mim - uma Shakti habita em todos. A única diferença é a manifestação. A menos que o sangue circule por todo o corpo, algum país surgiu em algum momento? paralisado, mesmo com os outros membros inteiros, não há muito que possa ser feito com esse corpo – tenha certeza disso."

Discípulo: Senhor, existe uma tal diversidade de religiões e ideias entre as pessoas deste país que é difícil trazer harmonia entre elas.

Swamiji (com raiva): Se você acha que algum trabalho é difícil, então não venha aqui. Pela graça de Deus todos os caminhos se tornam fáceis. Seu trabalho é servir os pobres e miseráveis, sem qualquer distinção de casta ou cor, e você não precisa pensar nos resultados. Seu dever é continuar trabalhando, e então tudo seguirá por si mesmo. Meu método de trabalho é construir e não derrubar. Leia a história do mundo e descobrirá que uma grande alma foi a figura central em determinado período de um país. Animadas pelas suas ideias, centenas de pessoas fizeram o bem ao mundo. Vocês são todos garotos inteligentes e já vêm aqui há muito tempo. Diga, o que você fez? Você não poderia dar uma vida pelo serviço dos outros? Na próxima vida você poderá ler Vedanta e outras filosofias. Dê esta vida ao serviço dos outros e então saberei que sua vinda aqui não foi em vão.

Dizendo estas palavras, Swamiji sentou-se em silêncio, imerso em pensamentos profundos. Depois de algum tempo, ele acrescentou: "Depois de tanta austeridade, entendi isso como a verdade real - Deus está presente em cada Jiva; não existe outro Deus além desse. 'Quem serve Jiva, serve a Deus de fato'." Depois de alguma pausa, Swamiji, dirigindo-se ao discípulo, disse: "O que eu lhe disse hoje, grave em seu coração. Certifique-se de não esquecer."

7.2.25 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: A Matemática, Belur. Ano: início de 1902.]

Era sábado e o discípulo chegou ao Math pouco antes do anoitecer. Uma rotina austera era seguida agora no Math em relação às práticas espirituais. Swamiji emitiu uma ordem para que todos os Brahmacharins e Sannyasins deveriam se levantar bem cedo pela manhã e praticar Japa e meditação na sala de adoração. Swamiji dormia pouco durante esses dias e levantava da cama às três da manhã.

Sobre o discípulo saudando Swamiji logo após sua aparição no Math, ele disse: "Bem, veja como eles estão praticando exercícios religiosos aqui hoje em dia. Todo mundo passa um tempo considerável em Japa e meditando de manhã e à noite. Olhe lá - um sino foi tocado adquirido, que é usado para despertar todos do sono. Todos têm que se levantar antes do amanhecer. Shri Ramakrishna costumava dizer, 'De manhã e à noite a mente permanece altamente imbuída de idéias Sattva. '

“Após o falecimento de Shri Ramakrishna, passamos por muitas práticas religiosas no Baranagore Math. Costumávamos levantar às 3 da manhã e depois de lavar o rosto, etc. na sala de adoração e nos absorvíamos em Japa e meditação. Que forte espírito de desapego tínhamos naqueles dias. Não pensávamos nem mesmo se o mundo existia ou não. adoração e serviço, e ocupava a mesma posição no Math que a dona da casa ocupa em uma

família. Era ele quem obtinha, principalmente através da mendicância, os artigos necessários para a adoração de Shri Ramakrishna e nossa subsistência. o Japa e a meditação continuaram desde a manhã até as quatro ou cinco da tarde. Ramakrishnananda esperou e esperou com nossas refeições prontas, até que finalmente ele viesse e nos arrancasse de nossa meditação pela pura força. notei nele!"

Discípulo: Senhor, como você costumava pagar as despesas de matemática naquela época?

Swamiji: Que pergunta! Bem, éramos Sadhus, e o que viria da mendicância e de outros meios seria utilizado para custear as despesas de matemática. Hoje, Suresh Babu (Surendra Nath Mitra) e Balaram Babu não existem mais; se estivessem vivos, teriam ficado extremamente felizes em ver esta matemática. Você sem dúvida já ouviu o nome de Suresh Babu. Era ele quem arcava com todas as despesas do Baranagore Math. Era esse Suresh Mitra quem mais pensava por nós naquela época. Sua devoção e fé não têm paralelo!

Discípulo; Senhor, ouvi dizer que o senhor não o viu com muita frequência enquanto ele estava morrendo.

Swamiji: Só poderíamos fazer isso se fôssemos autorizados (por seus parentes). Bem, é uma longa história. Mas saiba com certeza que, entre as pessoas do mundo, pouco importa para seus parentes e parentes se você vive ou morre. Se você conseguir deixar alguma propriedade, descobrirá ainda durante a sua vida que houve uma briga por causa dela em sua casa. Você não terá ninguém para consolá-lo em seu leito de morte – nem mesmo sua esposa e seus filhos! Assim é o mundo!

Referindo-se à condição passada do Math, Swamiji continuou: "Devido à falta de fundos, às vezes eu lutava pela abolição total do Math. Mas nunca consegui induzir Ramakrishnananda a aderir à proposta. Saiba que Ramakrishnananda é a figura central do Math. Houve dias em que o Math não tinha um grão de comida. Se algum arroz fosse recolhido pela mendicância, não havia sal para levar. Em alguns dias, só havia arroz e sal, mas ninguém se importava com isso! no mínimo, estávamos sendo levados por uma onda de prática espiritual. Folhas de Bimba cozidas, arroz e sal –

esse era o cardápio para um mês inteiro. Ah, aqueles dias maravilhosos eram suficientes! para desanimar seres sobrenaturais, para não falar dos homens. Mas é uma tremenda verdade que, se houver valor real em você, quanto mais as circunstâncias estiverem contra você, mais esse poder interior se manifestará. Camas e uma vida tolerável nesta matemática é que os Sannyasins que estão se matriculando hoje em dia não serão capazes de suportar tanta tensão como nós. Houve a vida de Shri Ramakrishna antes de nós, e foi por isso que não nos importamos muito com privações e dificuldades. Os meninos desta geração não poderão passar por tantas dificuldades. Por isso é que providenciei algum tipo de habitação e uma simples subsistência para eles. Se conseguirem comida e roupas suficientes, os rapazes dedicar-se-ão à prática religiosa e aprenderão a sacrificar as suas vidas pelo bem da humanidade."

Discípulo: Senhor, as pessoas de fora dizem muito contra esse tipo de roupa de cama e mobília.

Swamiji: Deixe-os dizer. Mesmo de brincadeira, eles pensarão pelo menos uma vez nesta matemática. E dizem que é mais fácil alcançar a libertação alimentando um espírito hostil. Shri Ramakrishna costumava dizer: "Os homens deveriam ser ignorados como vermes". Você quer dizer que temos que nos comportar de acordo com a opinião casual dos outros? Pshaw!

Discípulo: Senhor, você às vezes diz: "Todos são Nârâyanas, os pobres e os necessitados são meus Narayanas", e novamente você diz: "Os homens deveriam ser ignorados como vermes". O que você realmente quer dizer?

Swamiji: Bem, não há a menor dúvida de que todos são Narayanas. Mas todos os Narayanas não criticam o mobiliário do Math. Continuarei trabalhando para o bem dos homens, sem me importar nem um pouco com as críticas dos outros – é neste sentido que tem sido usada a expressão "Os homens devem ser ignorados como vermes". Aquele que tem uma determinação obstinada como essa terá tudo. Apenas alguns podem ter isso mais cedo, e outros um pouco mais tarde, só isso. Mas é inevitável que se alcance a meta. É porque tivemos tanta determinação que alcançamos o pouco que temos. Caso contrário, que dias terríveis de privação tivemos de passar! Um dia, por falta de comida, desmaiei na plataforma externa de uma casa à beira da estrada e uma forte chuva caiu sobre minha cabeça antes que

eu recuperasse os sentidos! Outro dia, tive que fazer biscates em Calcutá o dia inteiro sem comer, e fiz minha refeição quando voltei para o Math às dez ou onze da noite. E estes não foram casos solitários.

Dizendo estas palavras, Swamiji sentou-se por um tempo seguindo alguma tendência de pensamento. Então ele retomou:

O verdadeiro monaquismo não é fácil de alcançar. Não existe ordem de vida tão rigorosa como esta. Se você tropeçar um pouco, você será lançado em um precipício – e será feito em pedaços. Um dia eu estava viajando a pé de Agra para Vrindaban. Não havia um centavo comigo. Eu estava a alguns quilômetros de Vrindaban quando encontrei um homem fumando na beira da estrada e tive vontade de fumar. Eu disse ao homem: "Olá, você me deixa dar uma tragada no seu Chillum?" Ele parecia estar hesitando muito e disse: "Senhor, eu sou um varredor". Bem, houve a influência dos antigos Samskaras, e imediatamente recuei e retomei minha jornada sem fumar. Eu tinha percorrido uma curta distância quando me ocorreu o pensamento de que eu era um sannyasin, que havia renunciado à casta, à família, ao prestígio e a tudo mais - e mesmo assim recuei assim que o homem se apresentou como varredor e não conseguiu fumar no Chillum tocado por ele! O pensamento deixou-me inquieto no coração; então eu andei oitocentos metros. Novamente refiz meus passos e cheguei ao varredor que encontrei ainda sentado ali. Apressei-me em dizer-lhe: "Prepare um Chillum de tabaco para mim, meu querido amigo". Não prestei atenção às suas objeções e insisti em recebê-lo. Então o homem foi obrigado a preparar um Chillum para mim. Então, alegremente, dei uma tragada e segui para Vrindaban. Quando alguém abraçou a vida monástica, deve testar se ultrapassou o prestígio da casta e do nascimento, etc. É tão difícil observar o voto monástico com seriedade! Não deve haver a menor divergência entre as palavras e as ações de alguém.

Discípulo: Senhor, às vezes você tem diante de nós o ideal do chefe de família e às vezes o ideal do Sannyasin. Qual devemos adotar?

Swamiji: Bem, continuem ouvindo a todos. Em seguida, atenha-se àquele que lhe agrada - segure-o com força como um buldogue.

Swamiji desceu acompanhado pelo discípulo, enquanto pronunciava essas palavras, e começou a andar de um lado para o outro, pronunciando de vez em quando o nome de Shiva ou cantarolando uma canção para a Mãe Divina, como: "Quem sabe quão diversamente Tu tocas, ó Mãe, Tu fluxo de néctar", e assim por diante.

7.2.26 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: A Matemática, Belur. Ano: 1902.]

O discípulo passou a noite anterior no quarto de Swamiji. Às 4 da manhã, Swamiji o acordou e disse: "Vá e desperte os Sadhus e Brahmacharins com o sino." Cumprindo a ordem, o discípulo tocou a campainha perto dos Sadhus que dormiam. Os reclusos monásticos apressaram-se em ir à sala de adoração para meditar.

De acordo com as instruções de Swamiji, o discípulo tocou vigorosamente a campainha perto da cama de Swami Brahmananda, o que fez este último exclamar: "Meu Deus! O Bângâl (significando um homem de Bengala Oriental, usado como um termo de reprovação cativante para o discípulo.) fez isso. quente demais para ficarmos na matemática!" Quando o discípulo comunicou isso a Swamiji, ele soltou uma gargalhada, dizendo: "Muito bem!"

Então Swamiji também lavou o rosto e entrou na capela acompanhado pelo discípulo.

Os Sannyasins – Swami Brahmananda e outros – já estavam sentados para meditação. Um assento separado foi reservado para Swamiji, no qual ele se

sentou voltado para o leste e, apontando para um assento em frente ao discípulo, disse: “Vá e medite, sentado ali”.

Pouco depois de se sentar, Swamiji ficou perfeitamente calmo e imóvel, como uma estátua, e sua respiração tornou-se muito lenta. Todos os outros mantiveram seus lugares.

Após cerca de uma hora e meia, Swamiji levantou-se da meditação com as palavras “Shiva, Shiva”. Seus olhos estavam vermelhos, a expressão plácida, calma e grave. Curvando-se diante de Shri Ramakrishna, ele desceu e caminhou pelo pátio do Math. Depois de um tempo ele disse ao discípulo. "Você vê como os Sadhus estão praticando meditação etc. hoje em dia? Quando a meditação é profunda, vemos muitas coisas maravilhosas. Enquanto meditava no Baranagore Math, um dia vi os nervos Idâ e Pingalâ. Pode-se vê-los com um pouco esforço. Então, quando se tem uma visão do Shushumnâ, pode-se ver qualquer coisa que se queira. Se um homem tem devoção inabalável ao Guru, as práticas espirituais – meditação, Japa, e assim por diante – surgem naturalmente; eles. 'O Guru é Brahmâ, o Guru é Vishnu, e o Guru é o próprio Shiva.'"

Então o discípulo preparou tabaco para Swamiji e quando ele voltou com ele, Swamiji falou enquanto fumava: "Dentro está o leão - o Atman eternamente puro, iluminado e sempre livre; e diretamente alguém O percebe através da meditação e concentração, este mundo de Maya desaparece. Ele está igualmente presente em todos; e quanto mais alguém pratica, mais rápido o Kundalini (o poder “enrolado”) desperta nele. Quando esse poder atinge a cabeça, a visão da pessoa fica desobstruída. realiza o Atman."

Discípulo: Senhor, só li sobre essas coisas nas escrituras, mas nada foi realizado ainda.

Swamiji: कालेनात्मनि बिन्दति – certamente chegará com o tempo. Mas alguns conseguem isso cedo e outros um pouco tarde. É preciso persistir – determinado a nunca desistir. Esta é a verdadeira masculinidade. Você deve manter a mente fixa em um objeto, como um fluxo ininterrupto de óleo. A mente do homem comum está dispersa em diferentes objetos e, também no momento da meditação, a mente tende a divagar. Mas deixe qualquer desejo surgir na mente, você deve sentar-se calmamente e observar que tipo de ideias estão surgindo. Ao continuar a observar dessa forma, a mente fica calma e não há mais ondas de pensamento nela. Essas ondas representam a atividade mental da mente. Aquelas coisas que você previamente pensou profundamente se transformaram em uma corrente subconsciente e, portanto, surgem na mente durante a meditação. O surgimento dessas ondas, ou pensamentos, durante a meditação é uma evidência de que sua mente tende à concentração. Às vezes a mente está concentrada em um conjunto de ideias – isso é chamado de meditação com Vikalpa ou oscilação. Mas quando a mente se torna quase livre de todas as atividades, ela se funde no Eu interior, que é a essência do Conhecimento infinito, Uno, e em si mesma o seu próprio suporte. Isto é o que chamamos de Nirvikalpa Samâdhi, livre de todas as atividades. Em Shri Ramakrishna notamos repetidas vezes essas duas formas de Samadhi. Ele não teve que lutar para conseguir esses estados. Eles vieram até ele espontaneamente, naquele momento. Foi um fenômeno maravilhoso. Foi vendo-o que pudemos entender corretamente essas coisas. Medite todos os dias sozinho. Tudo se abrirá por si mesmo. Agora a Mãe Divina – a personificação da iluminação – está dormindo dentro de você, portanto você não entende isso. Ela é a Kundalini. Quando, antes de meditar, você proceder à “purificação dos nervos”, deverá golpear mentalmente com força a Kundalini no Mulâdhâra (plexo sacro) e repetir: “Levanta-te, Mãe, levanta-te!” É preciso praticá-los lentamente. Durante a meditação, suprima completamente o lado emocional. Esta é uma grande fonte de perigo. Aqueles que são muito emocionais, sem dúvida, têm sua Kundalini subindo rapidamente, mas é tão rápida para descer quanto para subir. E quando desce, deixa o devoto num estado de ruína total. É por esta razão que os Kirtanas e outros auxiliares do desenvolvimento emocional apresentam uma grande desvantagem. É verdade que dançando e saltando, etc. através de um impulso momentâneo, esse poder é levado a subir, mas nunca é duradouro. Pelo contrário, quando remonta o seu curso, desperta no indivíduo uma luxúria violenta. Ouvindo

minhas palestras na América, através de excitação temporária, muitos entre o público costumavam entrar em estado de êxtase, e alguns até ficavam imóveis como estátuas. Mas, investigando, descobri posteriormente que muitos deles tinham um excesso de instinto carnal imediatamente após esse estado. Mas isso acontece simplesmente devido à falta de prática constante de meditação e concentração.

Discípulo: Senhor, em nenhuma escritura eu já li esses segredos da prática espiritual. Hoje ouvi coisas bastante novas.

Swamiji: Você acha que as escrituras contêm todos os segredos da prática espiritual? Estes estão sendo transmitidos secretamente através de uma sucessão de Gurus e discípulos. Pratique meditação e concentração com o máximo cuidado. Coloque flores perfumadas na frente e queime incenso. No início, peça ajuda externa que torne a mente pura. Ao repetir o nome do seu Guru e Ishta, diga: "A paz esteja com todas as criaturas e com o universo!" Primeiro envie impulsos desses bons votos para o norte, sul, leste, oeste, acima, abaixo – em todas as direções, e depois sente-se para meditar. É preciso fazer isso durante os estágios iniciais. Então, sentado imóvel (você pode olhar para qualquer direção), medite da maneira que lhe ensinei durante a iniciação. Não deixe de fora um único dia. Se você tiver muito trabalho urgente, faça os exercícios espirituais por pelo menos um quarto de hora. Você pode alcançar a meta sem devoção inabalável, meu filho?

Agora Swamiji subiu as escadas e, ao fazê-lo, disse: “Vocês terão seu insight espiritual aberto sem muitos problemas. ., coloquem-se de coração e alma para remover até certo ponto as misérias do mundo, tão cheio de lamentos. Através de duras austeridades quase arruinei este corpo. Quase não resta energia neste pacote de ossos e carne. trabalhem agora e deixem-me descansar um pouco. Se vocês não conseguirem fazer mais nada, bem, vocês podem contar ao mundo em geral sobre as verdades bíblicas que vocês estudaram por tanto tempo. do conhecimento é o maior presente do mundo.”

7.2.27 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: A Matemática, Belur. Ano: 1902.]

Swamiji estava agora hospedado no Math. O discípulo veio ao Math e à noite acompanhou Swamiji e Swami Premananda para uma caminhada. Encontrando Swamiji absorto em pensamentos, o discípulo conversou com Swami Premananda sobre o que Shri Ramakrishna costumava dizer sobre a grandeza de Swamiji. Depois de caminhar um pouco, Swamiji virou-se para voltar ao Math. Vendo Swami Premananda e o discípulo por perto, ele disse: “Bem, do que vocês estavam falando?” O discípulo disse: “Estávamos conversando sobre Shri Ramakrishna e suas palavras”. Swamiji apenas ouviu a resposta, mas novamente caiu em pensamentos e caminhando pela estrada retornou ao Math. Ele sentou-se na cama de acampamento colocada sob a mangueira e, descansando ali por algum tempo, lavou o rosto e então, andando pela varanda superior, falou assim ao discípulo: "Por que você não começa a propagar o Vedanta em sua parte do mundo? o país? Lá o Tântrikismo prevalece de forma terrível. Desperte e agite o país com o rugido do leão do Advaitavâda (monismo). -Sutras. Ensine aos meninos o sistema de Brahmacharya. Ouvi dizer que em seu país há muitos cortes lógicos na escola Nyâya. O que há nela apenas? Pandits da escola Nyaya discutem durante meses! O que isso ajuda para o Conhecimento do Atman Seja na sua aldeia ou na de Nag Mahashaya, abrir uma Chatushpâthi (escola indígena) na qual as escrituras serão estudadas e também a vida e os ensinamentos de Shri? Ramakrishna. Desta forma você promoverá o seu próprio bem, bem como o bem do povo, e sua fama perdurará.

Discípulo: Senhor, não acalento nenhum desejo por nome ou fama. Só que às vezes sinto que devo fazer o que você está dizendo. Mas com o casamento fiquei tão enredado no mundo que temo que meu desejo permaneça sempre apenas na mente.

Swamiji: E se você se casou? Assim como você sustenta seus pais e irmãos com comida e roupas, faça o mesmo com sua esposa; e ao dar-lhe instrução religiosa, atraia-a para o seu caminho. Pense nela como parceira e

auxiliadora na vivência de sua vida religiosa. Outras vezes, olhe para ela com igualdade com os outros. Pensando assim, toda a instabilidade da mente desaparecerá. Que medo?

O discípulo sentiu-se seguro com essas palavras. Após a refeição, Swamiji sentou-se em sua cama e o discípulo teve a oportunidade de prestar-lhe algum serviço pessoal.

Swamiji começou a falar com o discípulo, ordenando-lhe que fosse reverente aos membros do Math: "Esses filhos de Shri Ramakrishna que você vê, são maravilhosos Tyâgis (almas altruístas), e pelo serviço a eles você alcançará a purificação da mente e seja abençoado com a visão do Atman. Você se lembra das palavras do Gita: 'Por meio de interrogatório e serviço à grande alma'. Portanto, você deve servi-los, através do qual você alcançará seu objetivo e saberá o quanto eles o amam. ."

Discípulo: Mas acho muito difícil compreendê-los. Cada um parece ser de um tipo diferente.

Swamiji: Shri Ramakrishna era um jardineiro maravilhoso. Por isso ele fez um buquê de flores diferentes e formou sua Ordem. Todos os diferentes tipos e ideias surgiram e muitos mais virão. Shri Ramakrishna costumava dizer: "Quem orou sinceramente a Deus por um dia deve vir aqui". Conheça cada um daqueles que estão aqui para ter grande poder espiritual. Porque eles permanecem enrugados diante de mim, não pensem que sejam almas comuns. Quando se apagarem, serão a causa do despertar da espiritualidade nas pessoas. Saiba que eles fazem parte do corpo espiritual de Shri Ramakrishna, que foi a personificação de infinitas ideias religiosas. Eu olho para eles com esse olhar. Veja, por exemplo, Brahmananda, que está aqui – mesmo eu não tenho a espiritualidade que ele tem. Shri Ramakrishna considerava-o seu filho nascido da mente; e ele vivia e andava, comia e dormia com ele. Ele é o ornamento da nossa matemática – nosso rei. Da mesma forma, Premananda, Turiyananda, Trigunatitananda, Akhandananda, Saradananda, Ramakrishnananda, Subodhananda e outros; você pode dar a volta ao mundo, mas é duvidoso que encontre homens com tal espiritualidade e fé em Deus como eles. Cada um deles é um centro de poder religioso e, com o tempo, esse poder se manifestará.

O discípulo ouviu maravilhado, e Swamiji disse novamente: “Mas da sua parte do país, exceto Nag Mahashaya, ninguém veio até Shri Ramakrishna. Alguns outros que viram Shri Ramakrishna não puderam apreciá-lo”. Ao pensar em Nag Mahashaya, Swamiji ficou em silêncio por algum tempo. Fazia apenas quatro ou cinco meses que ele faleceu. Swamiji tinha ouvido falar que em uma ocasião uma fonte de água do Ganga surgiu na casa de Nag Mahashaya, e lembrando-se disso ele perguntou ao discípulo: "Bem, como esse evento aconteceu? Conte-me sobre isso."

Discípulo: Só ouvi falar disso, mas não vi com meus próprios olhos. Ouvi dizer que em um Mahavâruni Yoga Nag Mahashaya começou com seu pai para Calcutá. Mas não conseguindo acomodação no trem, ele permaneceu três ou quatro dias em Narayangunge em vão e voltou para casa. Então Nag Mahashaya disse a seu pai: “Se a mente for pura, então a Mãe Ganga aparecerá aqui”. Então, na hora auspiciosa do banho sagrado, um jato de água subiu, perfurando o chão de seu pátio. Muitos daqueles que viram isso estão vivendo hoje. Mas isso foi muitos anos antes de eu conhecê-lo.

Swamiji: Não havia nada de estranho nisso. Ele era um santo de determinação infalsificada. Não considero tal fenômeno nada estranho no caso dele.

Dizendo isso, Swamiji, sentindo-se sonolento, deitou-se de lado. Nisto o discípulo desceu para jantar.

7.2.28 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: De Calcutá à Matemática em um barco. Ano: 1902.]

Certa tarde, enquanto caminhava pelas margens do Ganges em Calcutá, o discípulo viu um Sannyasin à distância aproximando-se de Ahiritola Ghat. Ao se aproximar, o discípulo descobriu que o Sannyasin não era outro senão seu Guru, Swami Vivekananda. Na mão esquerda ele tinha um recipiente de

folhas contendo grama frita, que comia como um menino, e caminhava com grande alegria. Quando ele ficou diante dele, o discípulo caiu a seus pés e perguntou o motivo de sua vinda inesperada a Calcutá.

Swamiji: Vim a negócios. Venha, você vai para a matemática? Coma um pouco do grama frito. Tem um sabor salino agradável e picante.

O discípulo aceitou a comida com alegria e concordou em ir com ele ao Math.

Swamiji: Então procure um barco.

O discípulo apressou-se em alugar um barco. Ele estava acertando o valor do aluguel do barco com o barqueiro, que exigiu oito anás, quando Swamiji também apareceu em cena e interrompeu o discípulo dizendo: "Por que você está barganhando com eles?" e disse ao barqueiro: "Muito bem, vou te dar oito anás", e entrou no barco. Esse barco avançou lentamente contra a corrente e demorou quase uma hora e meia para chegar ao Math. Estando sozinho com Swamiji no barco, o discípulo teve a oportunidade de perguntar-lhe livremente sobre todos os assuntos. Levantando o tema do poema glorificatório que o discípulo compôs recentemente cantando a grandeza dos devotos de Shri Ramakrishna, Swamiji perguntou-lhe: "Como você sabe que aqueles a quem você nomeou em seu hino são os discípulos próximos e íntimos de Shri Ramakrishna? ?"

Discípulo: Senhor, eu me associei com os Sannyasin e discípulos chefes de família de Shri Ramakrishna por tantos anos; Eu ouvi deles que todos são devotos de Shri Ramakrishna.

Swamiji: Sim, eles são devotos de Shri Ramakrishna. Mas nem todos os devotos pertencem ao grupo dos seus discípulos mais íntimos e próximos. Ficando no Jardim Cossipore, Shri Ramakrishna nos disse: "A Mãe Divina me mostrou que todos estes não são meus devotos interiores". Shri Ramakrishna disse isso naquele dia com respeito a seus devotos homens e mulheres.

Então falando sobre a maneira como Shri Ramakrishna indicaria diferentes graus entre os devotos, altos e baixos, Swamiji começou a explicar

detalhadamente ao discípulo a grande diferença que existe entre a vida do chefe de família e a do Sannyasin.

Swamiji: É possível que alguém sirva o caminho da luxúria e da riqueza e entenda Shri Ramakrishna corretamente ao mesmo tempo? Ou algum dia será possível? Nunca coloque sua fé em tais palavras. Muitos entre os devotos de Shri Ramakrishna estão agora se proclamando como Ishvara-koti (da classe Divina), Antaranga (do círculo interno), etc. Eles não conseguiram absorver sua grande renúncia ou desapego, mas dizem que são seus devotos íntimos! Varra todas essas palavras. Ele era um príncipe de Tyagis (abnegados), e obtendo sua graça, alguém pode passar a vida no gozo da luxúria e da riqueza?

Discípulo: Será então, senhor, que aqueles que o procuraram em Dakshineswar não eram seus devotos?

Swamiji: Quem disse isso? Todos que foram para Shri Ramakrishna avançaram na espiritualidade, estão avançando e avançarão. Shri Ramakrishna costumava dizer que os Rishis aperfeiçoados de um Kalpa (ciclo) anterior tomam corpos humanos e vêm à terra com os Avatares. Eles são os associados do Senhor. Deus trabalha através deles e propaga Sua religião. Saiba que é verdade que somente eles são os associados do Avatara que renunciaram a todo o eu pelo bem dos outros, que, desistindo de todos os prazeres dos sentidos com repugnância, passam suas vidas pelo bem do mundo, pelo bem-estar de os Jivas. Os discípulos de Jesus eram todos Sannyasins. Os destinatários diretos da graça de Shankara, Ramanuja, Shri Chaitanya e Buda foram os Sannyasins que renunciaram a tudo. Foram homens desta espécie que, através de uma sucessão de discípulos, espalharam o Brahma-vidyâ (conhecimento de Brahman) no mundo. Onde e quando você ouviu que um homem, sendo escravo da luxúria e da riqueza, foi capaz de libertar outro ou de mostrar-lhe o caminho de Deus? Sem ele mesmo ser livre, como ele poderá libertar os outros? Nos Vedas, Vedanta, Itihâsa (história), Purâna (tradição antiga), você encontrará em todos os lugares que os Sannyasins foram os professores de religião em todas as épocas e climas. A história se repete. Também será da mesma forma agora. Os capazes filhos Sannyasin de Shri Ramakrishna, o professor da grande síntese das religiões, serão honrados em todos os lugares como professores

de homens. As palavras dos outros se dissiparão no ar como um som vazio. Os verdadeiros Sannyasins abnegados da Matemática serão o centro da preservação e difusão das ideias religiosas. Você entende?

Discípulo: Então não é verdade – o que os devotos chefes de família de Shri Ramakrishna estão pregando sobre ele de diversas maneiras?

Swamiji: Não se pode dizer que sejam totalmente falsas; mas o que dizem sobre Shri Ramakrishna é apenas uma verdade parcial. De acordo com a própria capacidade, compreendemos Shri Ramakrishna e por isso estamos discutindo sobre ele. Também não é ruim fazer isso. Mas se algum de seus devotos concluiu que o que ele entendeu dele é a única verdade, então ele é objeto de piedade. Alguns estão dizendo que Shri Ramakrishna era um Tantrika e Kaula, alguns que ele era Shri Chaitanya nascido na terra para pregar “Nâradiya Bhakti” (Bhakti conforme ensinado por Nâradâ); alguns novamente que empreender práticas espirituais se opõe à fé nele como um Avatara, enquanto alguns estão opinando que não está de acordo com seus ensinamentos adotar Sannyasa. Você ouvirá tais palavras dos devotos chefes de família, mas não dê ouvidos a tais estimativas unilaterais. Ele era a personificação concentrada de quantos Avataras anteriores! Mesmo passando a vida inteira em austeridade religiosa, não conseguíamos compreender isso. Portanto, é preciso falar sobre ele com cautela e moderação. Assim como são as capacidades da pessoa, ele a preenche com idéias espirituais. Um borribo do oceano cheio de sua espiritualidade, se realizado, fará dos homens deuses. Tal síntese de ideias universais você não encontrará novamente na história do mundo. Entenda a partir disso quem nasceu na pessoa de Shri Ramakrishna. Quando ele instruía seus discípulos Sannyasin, ele se levantava de seu assento e olhava ao redor para ver se algum chefe de família estava vindo naquela direção ou não. Se não encontrasse nenhum, então, em palavras brilhantes, ele descreveria a glória da renúncia e da austeridade. Como resultado do poder estimulante desse desapego ardente, renunciávamos ao mundo e nos tornamos avessos ao mundanismo.

Discípulo: Ele costumava fazer tais distinções entre chefes de família e sannyasins!

Swamiji: Pergunte e aprenda com os próprios devotos chefes de família sobre isso. E você mesmo pode pensar e saber quais são maiores - aqueles de seus filhos que para a realização de Deus renunciaram a todos os prazeres da vida mundana e estão se dedicando à prática de austeridades em colinas e florestas, Tirthas e Ashramas (lugares sagrados e eremitérios), ou aqueles que estão louvando e glorificando seu nome e praticando sua lembrança, mas não são capazes de se elevar acima da ilusão e da escravidão do mundo? Quais são maiores - aqueles que estão avançando ao serviço da humanidade, considerando-os como o Atman, aqueles que são continentes desde tenra idade, que são as encarnações móveis da renúncia e do desapego, ou aqueles que gostam de moscas estão ao mesmo tempo sentados em uma flor e no momento seguinte em um monte de esterco? Você mesmo pode pensar e chegar a uma conclusão.

Discípulo: Mas, senhor, o que o mundo realmente significa para aqueles que obtiveram a sua graça? Se eles permanecem na vida do chefe de família ou adotam Sannyasa, isso é irrelevante – assim me parece.

Swamiji: A mente daqueles que verdadeiramente receberam a sua graça não pode ser apegada ao mundanismo. O teste de sua graça é o desapego à luxúria ou à riqueza. Se isso não aconteceu na vida de alguém, então ele não recebeu verdadeiramente a sua graça.

Quando a discussão acima terminou assim, o discípulo levantando outro assunto perguntou a Swamiji: “Senhor, qual é o resultado de todos os seus trabalhos aqui e em países estrangeiros?”

Swamiji: Vocês verão apenas uma pequena manifestação do que foi feito. Com o tempo, o mundo inteiro deverá aceitar as ideias universais e católicas de Shri Ramakrishna e disto, apenas o começo foi feito. Antes desta inundação todos serão varridos.

Discípulo: Por favor, conte-me mais sobre Shri Ramakrishna. Gosto muito de ouvi-lo de seus lábios.

Swamiji: Você ouve muito sobre ele o tempo todo, o que mais? Ele mesmo é seu próprio paralelo. Ele tem algum exemplar?

Discípulo: Qual é o caminho para nós que não o vimos?

Swamiji: Você foi abençoado com a companhia desses Sadhus que são os destinatários diretos de sua graça. Como então você pode dizer que não o viu? Ele está presente entre seus discípulos Sannyasin. Ao servi-los, com o tempo ele será revelado em seu coração. Com o tempo você perceberá tudo.

Discípulo: Mas, senhor, você fala sobre outros que receberam sua graça, mas nunca sobre o que ele costumava dizer sobre você.

Swamiji: O que devo dizer sobre mim mesmo? Você vê, eu devo ser um de seus demônios. Mesmo na presença dele, eu às vezes falava mal dele e, ao ouvir isso, ele ria.

Dizendo isso, o rosto de Swamiji assumiu um aspecto grave, e ele olhou para o rio com uma mente distraída e ficou quieto por algum tempo. Em pouco tempo a noite caiu e o barco também chegou ao Math. Swamiji estava então cantarolando uma canção para si mesmo: “Agora, no anoitecer da vida, leve a criança de volta para sua casa”.

Quando a música terminou, Swamiji disse: "Na sua parte do país (Bengala Oriental) não nascem cantores de voz doce. Sem beber a água da mãe Ganga, uma voz doce e musical não é adquirida."

Depois de pagar o aluguel, Swamiji desceu do barco e, tirando o casaco, sentou-se na varanda oeste do Math. Sua pele clara e seu manto ocre apresentavam uma bela vista.

7.2.29 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Do Diário de um Discípulo (Shri Sharat Chandra Chakravarty, BA))

(Traduzido do bengali)

[Local: Belur Matemática. Ano: 1902.]

Hoje é o primeiro dia de Âshârh (junho-julho). O discípulo veio de Bally para Math antes do anoitecer, com seu traje de escritório, pois não encontrou tempo para trocá-lo. Chegando ao Math, ele se prostrou aos pés de Swamiji e perguntou sobre sua saúde. Swamiji respondeu que estava bem, mas olhando para seu vestido, ele disse: “Você veste casaco e calças, por que não coloca golas?” Dizendo isso, ele ligou para Swami Saradananda, que estava perto, e disse: “Dê-lhe amanhã duas coleiras do meu estoque”. Swami Saradananda curvou-se concordando com sua ordem.

O discípulo então mudou seu traje de escritório e foi até Swamiji, que, dirigindo-se a ele, disse: "Ao abandonar o traje nacional e os modos de comer e de viver, a pessoa fica desnacionalizada. Pode-se aprender com todos, mas aquela aprendizagem que leva a a desnacionalização não ajuda a elevação, mas se torna a causa da degradação."

Discípulo: Senhor, não se pode prescindir de vestir roupas aprovadas pelos oficiais superiores europeus nos quartéis oficiais.

Swamiji: Ninguém impede isso. No interesse do seu serviço, você usa trajes oficiais em aposentos oficiais. Mas ao voltar para casa você deve ser um Babu Bengali normal - com roupas esvoaçantes, uma camisa nativa e com o Chudder no ombro. Você entende?

Discípulo: Sim, senhor.

Swamiji: Você vai de casa em casa apenas com a camisa europeia. No Ocidente, visitar pessoas apenas com a camisa é pouco cavalheiresco – alguém é considerado nu. Sem vestir um casaco por cima da camisa, você não será bem-vindo na casa de um cavalheiro. Que bobagem você aprendeu a imitar em matéria de vestimenta! Os meninos e os jovens de hoje adotam uma maneira peculiar de vestir que não é nem indiana nem ocidental, mas uma combinação estranha.

Depois dessa conversa, Swamiji começou a caminhar pela margem do rio, e o discípulo ficou sozinho com ele. Ele estava hesitante em fazer uma pergunta a Swamiji sobre práticas religiosas.

Swamiji: O que você está pensando? Fora com isso.

O discípulo disse com grande delicadeza: “Senhor, tenho pensado que se o senhor puder me ensinar algum método pelo qual a mente se acalme em pouco tempo, pelo qual eu possa mergulhar rapidamente na meditação, me sentirei muito beneficiado. durante a rotina dos deveres mundanos, sinto dificuldade em manter a mente firme na meditação no momento da prática espiritual.”

Swamiji parecia encantado com a humildade e seriedade do discípulo. Em resposta, ele disse afetuosamente: "Depois de algum tempo, venha até mim, quando estiver sozinho lá em cima, falarei com você sobre isso."

Pouco depois, o discípulo descobriu que Swamiji estava sentado em meditação, voltado para o oeste. Seu rosto tinha uma expressão maravilhosa e todo o seu corpo estava completamente imóvel. O discípulo ficou parado, olhando com admiração muda para a figura de Swamiji em meditação, e quando, mesmo depois de ficar muito tempo parado, não encontrou nenhum sinal de consciência externa em Swamiji, ele sentou-se silenciosamente. Depois de meia hora, Swamiji parecia mostrar sinais de retorno à consciência externa. O discípulo percebeu que suas mãos cruzadas começaram a tremer, e alguns minutos depois Swamiji abriu os olhos e olhando para o discípulo disse: “Quando você veio?”

Discípulo: Há pouco tempo.

Swamiji: Muito bem, traga-me um copo de água.

O discípulo trouxe apressadamente um copo de água e Swamiji bebendo um pouco, pediu ao discípulo que colocasse o copo de volta em seu devido lugar. O discípulo fez isso e sentou-se novamente ao lado de Swamiji.

Swamiji: Hoje tive uma meditação muito profunda.

Discípulo: Senhor, por favor, ensine-me para que minha mente também possa ser absorvida pela meditação.

Swamiji: Já lhe contei todos os métodos. Medite todos os dias de acordo e, com o passar do tempo, você se sentirá assim. Agora me diga qual forma de Sadhana mais lhe agrada.

Discípulo: Senhor, pratico todos os dias como você me disse, mas ainda não consigo uma meditação profunda. Às vezes penso que é inútil praticar meditação. Portanto, sinto que não me sairei bem nisso e, portanto, agora desejo apenas a companhia eterna de você.

Swamiji: Essas são fraquezas da mente. Sempre tente se absorver no Atman eternamente presente. Se você obtiver a visão do Atman, obterá tudo – os laços de nascimento e morte serão quebrados.

Discípulo: Você me abençoa para alcançá-lo. Você me perguntou, ainda não consigo uma meditação profunda. De alguma forma, por favor, mantenha minha mente firme.

Swamiji: Medite sempre que tiver tempo. Se a mente entrar no caminho de Sushumna, tudo ficará bem. Você não terá que fazer muito depois disso.

Discípulo: Você me encoraja de muitas maneiras. Mas serei abençoado com uma visão da Verdade? Devo obter liberdade alcançando o verdadeiro conhecimento?

Swamiji: Sim, claro. Todos alcançarão Mukti, desde um verme até Brahmâ, e só você falhará? Estas são fraquezas da mente; nunca pense nessas coisas.

Depois disso, ele disse novamente: "Seja possuidor de Shraddhâ (fé), de Virya (coragem), alcance o conhecimento do Atman e sacrifique sua vida pelo bem dos outros - este é meu desejo e bênção."

Com o sino da refeição tocando neste momento, Swamiji pediu ao discípulo que fosse e participasse dela. O discípulo, prostrando-se aos pés de Swamiji, orou por suas bênçãos. Swamiji, colocando a mão em sua cabeça, abençoou-o e disse: "Se minhas bênçãos forem úteis para você, eu digo - que Bhagavân Shri Ramakrishna lhe dê sua graça! Não conheço nenhuma bênção maior do que esta." Após as refeições, o discípulo não subia até Swamiji, que havia se retirado cedo naquela noite. Na manhã seguinte, o discípulo, tendo que retornar a Calcutá no interesse de seus negócios, apareceu diante de Swamiji no andar de cima.

Swamiji: Você irá imediatamente?

Discípulo: Sim, senhor.

Swamiji: Venha novamente no próximo domingo, não é?

Discípulo: Sim, certamente.

Swamiji: Tudo bem, há um barco chegando.

O discípulo despediu-se de Swamiji. Ele não sabia que este seria seu último encontro com seu Ishtadeva (Ideal escolhido) no corpo físico. Swamiji com o coração feliz despediu-se dele e disse: “Venha no domingo”. O discípulo respondeu: “Sim, vou”, e desceu.

Os barqueiros estavam chamando por ele, então ele correu para o barco. Ao embarcar, ele viu Swamiji andando de um lado para o outro na varanda superior e, saudando-o, entrou no barco.

Sete dias depois disso, Swamiji faleceu da vida mortal. O discípulo não tinha conhecimento da catástrofe iminente. Recebendo a notícia no segundo dia do falecimento de Swamiji, ele foi ao Math e, portanto, não teve a sorte de ver sua forma física novamente!

7.2.30 PRIYA NATH SINHA

(Traduzido do bengali)

[Shri Priya Nath Sinha]

Evidenciamos uma triste falta de moderação na conversa ou em qualquer ação conjunta, como música e assim por diante. Todo mundo tenta se colocar em primeiro lugar. Os empurrões nas estações ferroviárias ou a vapor são outra ilustração disso. Um amigo de Swamiji conversou com ele um dia no Math sobre esse assunto. Swamiji comentou: “Veja, temos um velho ditado: 'Se seu filho não está inclinado a estudar, coloque-o nos Durbars (Sâbha).' A palavra Sabha aqui não significa reuniões sociais, como as que aconteciam ocasionalmente nas casas das pessoas - significa Durbars reais. Nos dias dos reis independentes de Bengala, eles

costumavam realizar suas cortes pela manhã e à noite. O Estado era discutido pela manhã - e como não havia jornais naquela época, o rei conversava com a nobreza dirigente da capital e colhia deles todas as informações sobre o povo e o Estado. Esses senhores tinham que comparecer a essas reuniões, pois se não o fizessem, o rei investigaria o motivo de seu não comparecimento. Tais Durbars eram os centros de cultura em todos os países e não apenas nos nossos dias, nas partes ocidentais da Índia, especialmente em Rajputana. , estão muito melhor neste aspecto do que Bengala, já que algo semelhante a esses antigos Durbars ainda existe lá.

P. – Então, Maharaj, nosso povo perdeu suas boas maneiras porque não temos nossos próprios reis?

Swamiji: É tudo uma degeneração que tem a sua raiz no egoísmo. Que ao embarcar num navio a vapor se siga a máxima vulgar: “Tio, salva a tua preciosa pele”, e na música e nos momentos de recreação todos procurem exibir-se, é uma imagem típica do nosso estado mental. Apenas um pouco de treinamento em auto-sacrifício poderia acabar com isso. A culpa é dos pais que não ensinam boas maneiras aos filhos. O auto-sacrifício, na verdade, é a base de toda civilização.

Por outro lado, devido à dominação indevida exercida pelos pais, os nossos meninos não têm espaço livre para crescer. Os pais consideram cantar impróprio. Mas o filho, quando ouve uma bela peça musical, imediatamente decide como aprendê-la e, naturalmente, deve procurar um Âddâ. (Algo como um clube. A palavra tem um mau cheiro em bengali.) E novamente: "É pecado fumar!" Então, o que mais o jovem pode fazer senão misturar-se com os empregados da casa, para entregar-se a esse hábito em segredo? Em todos existem tendências infinitas, que exigem espaço adequado para satisfação. Mas no nosso país isso não é permitido; e provocar uma ordem diferente de coisas exigiria um novo treinamento dos pais. Essa é a condição! Que pena! Ainda não desenvolvemos um elevado grau de civilização; e apesar disso, nossos educados Babus querem que os britânicos entreguem o governo para eles administrarem! Isso me faz rir e chorar também. Pois bem, onde está aquele espírito marcial que, desde o início, exige saber servir e obedecer e praticar o autodomínio! O espírito

marcial não é autoafirmação, mas auto-sacrifício. É preciso estar pronto para avançar e dar a vida pela palavra de comando, antes de poder comandar os corações e as vidas dos outros. É preciso sacrificar-se primeiro.

Um devoto de Shri Ramakrishna certa vez fez alguns comentários severos, em um livro escrito por ele, contra aqueles que não acreditavam em Shri Ramakrishna como uma Encarnação de Deus. Swamiji convocou o escritor à sua presença e dirigiu-se a ele de maneira espirituosa:

Que direito você tinha de escrever assim, abusando dos outros? O que importa se eles não acreditam no seu Senhor? Criamos uma seita? Somos Ramakrishnitas, para considerarmos qualquer um que não o adore como nosso inimigo? Por sua intolerância você apenas o rebaixou e o tornou pequeno. Se o seu Senhor é o próprio Deus, então você deve saber que seja qual for o nome que alguém o invoque, é apenas sua adoração - e quem é você para abusar dos outros? Você acha que eles vão ouvir você se você atacar eles? Que tolice! Você só pode conquistar o coração dos outros quando se sacrificar por eles; caso contrário, por que eles deveriam ouvi-lo?

Recuperando sua postura natural depois de pouco tempo, Swamiji falou em tom triste:

Alguém, meu querido amigo, pode ter fé ou resignação no Senhor, a menos que ele próprio seja um herói? Nunca o ódio e a maldade poderão desaparecer do coração de uma pessoa, a menos que ela se torne um herói, e a menos que esteja livre deles, como poderá tornar-se verdadeiramente civilizado? Onde neste país está essa masculinidade robusta, esse espírito de heroísmo? Infelizmente, em lugar nenhum. Muitas vezes procurei por isso e encontrei apenas um exemplo disso, e apenas um.

P. – Em quem você encontrou isso, Swamiji?

Swamiji: Somente em G. C. (Babu Girish Chandra Ghosh.) eu vi essa verdadeira resignação – esse verdadeiro espírito de um servo do Senhor. E não foi porque ele estava sempre pronto para se sacrificar que Shri Ramakrishna assumiu toda a sua responsabilidade? Que espírito único de

resignação ao Senhor! Eu não encontrei seu paralelo. Com ele aprendi a lição da auto-entrega.

Dizendo isso, Swamiji levou as mãos postas à cabeça em respeito a ele.

7.2.31 PRIYA NATH SINHA

(Traduzido do bengali)

[Shri Priya Nath Sinha]

Arranjos estavam sendo feitos para que Swamiji deixasse a Índia e fosse para a América pela segunda vez (1899 d.C.). Ele tinha ido a Calcutá para ver um de seus amigos e, voltando de lá, parou por alguns minutos na casa de Balaram Babu, em Baghbazar. Ele então mandou chamar outro amigo para acompanhá-lo ao Math. O amigo veio e ocorreu a seguinte conversa entre ele e Swamiji:

Swamiji: Uma coisa muito engraçada aconteceu hoje. Fui na casa de um amigo. Ele pintou um quadro cujo tema é "Shri Krishna dirigindo-se a Arjuna no campo de batalha de Kurukshetra". Shri Krishna está na carruagem, segurando as rédeas em Suas mãos e pregando o Gita para Arjuna. Ele me mostrou a foto e perguntou se eu gostei dela. "Muito bem", eu disse. Mas como ele insistiu em receber minhas críticas, tive que dar minha opinião honesta, dizendo: "Não há nada nele que possa ser recomendado a mim; primeiro, porque a carruagem da época de Shri Krishna não era como o pagode moderno. em forma de carro, e também não há expressão na figura de Shri Krishna."

P. – A carruagem pagode não estava em uso então?

Swamiji: Você não sabe que desde a era budista tem havido uma grande confusão em tudo no nosso país? Os reis nunca costumavam lutar em carruagens de pagode. Ainda hoje existem carruagens em Rajputana que se assemelham muito às carruagens de antigamente. Você já viu as carruagens nas imagens da mitologia grega? Eles têm duas rodas e uma delas é montada por trás; tínhamos esse tipo de carruagem. De que adianta pintar

um quadro se os detalhes estão errados? Um quadro histórico atinge um padrão de excelência quando, após estudos e pesquisas adequadas, as coisas são retratadas exatamente como eram naquele período. A verdade deve ser representada, caso contrário a imagem não será nada. Hoje em dia, os nossos jovens que se dedicam à pintura são geralmente aqueles que não tiveram sucesso na escola e que foram abandonados em casa como inúteis; que obra de arte você pode esperar deles? Pintar um quadro realmente bom requer tanto talento quanto produzir um drama perfeito.

P. – Como então Shri Krishna deveria ser representado na imagem em questão?

Swamiji: Shri Krishna deveria ser pintado como Ele realmente era, o Gita personificado; e a ideia central do Gita deveria irradiar de toda a Sua forma enquanto Ele ensinava o caminho do Dharma a Arjuna, que havia sido dominado pela paixão e pela covardia.

Assim dizendo, Swamiji se posicionou da maneira como Shri Krishna deveria ser retratado, e continuou: “Olhe aqui, assim ele segura as rédeas dos cavalos – tão apertado que eles são colocados em seus quadris, com suas patas dianteiras lutando contra o ar, e suas bocas abertas. Isso mostrará um tremendo jogo de ação na figura de Shri Krishna. Seu amigo, o herói de renome mundial, deixando de lado seu arco e flechas, afundou como um covarde na carruagem, no meio de tudo. E Shri Krishna, chicoteando em uma mão e apertando as rédeas com a outra, virou-se para Arjuna, com seu rosto infantil brilhando com amor e simpatia sobrenaturais, e um olhar calmo e sereno – e está entregando a mensagem de. o Gita ao seu amado camarada Agora, diga-me que idéia esta imagem do Pregador do Gita transmite a você.”

O amigo: Atividade aliada à firmeza e serenidade.

Swamiji: Sim, é isso! Ação intensa em todo o corpo e com um rosto que expressa a profunda calma e serenidade do céu azul. Esta é a ideia central do Gita – estar calmo e firme em todas as circunstâncias, com o corpo, a mente e a alma centrados em Seus pés sagrados!

कर्मण्यकर्म यः पश्येदकर्मणि च कर्म यः ।
स बुद्धिमान्मनुष्येषु स युक्तः कृत्स्नकर्मकृत् ॥ (Gita IV.18).

Aquele que, mesmo enquanto pratica uma ação, consegue manter a mente calma, e em quem, mesmo quando não pratica nenhuma ação externa, flui a corrente de atividade na forma da contemplação de Brahman, é o inteligente entre os homens, ele de fato é o Yogue. , ele realmente é o trabalhador perfeito.

Nesse momento, o homem que havia sido enviado para arrumar um barco voltou e disse que estava pronto; então Swamiji disse ao amigo: "Agora vamos para a aula de matemática. Você deve ter deixado um recado em casa dizendo que iria lá comigo?"

Eles continuaram a conversa enquanto caminhavam para o barco.

Swamiji: Esta ideia deve ser pregada a todos – trabalho, trabalho, trabalho sem fim – sem olhar para resultados, e sempre mantendo toda a mente e alma firmes aos pés de lótus do Senhor!

P. – Mas isso não é Karma-Yoga?

Swamiji: Sim, isto é Karma-Yoga; mas sem práticas espirituais você nunca conseguirá fazer este Karma-Yoga. Você deve harmonizar os quatro Yogas diferentes; caso contrário, como você pode sempre manter sua mente e coração totalmente no Senhor?

P. – Costuma-se dizer que o trabalho de acordo com o Gita significa a realização de sacrifícios védicos e exercícios religiosos; qualquer outro tipo de trabalho é inútil.

Swamiji: Tudo bem; mas você deve torná-lo mais abrangente. Quem é responsável por cada ação que você faz, cada respiração que você respira e cada pensamento que você pensa? Não é você mesmo?

O amigo: Sim e não. Não consigo resolver isso claramente. A verdade é que o homem é o instrumento e o Senhor é o agente. Portanto, quando sou dirigido pela Sua vontade, não sou de forma alguma responsável pelas minhas ações.

Swamiji: Bem, isso só pode ser dito no mais elevado estado de realização. Quando a mente for purificada pelo trabalho e você perceber que é Ele quem faz com que tudo funcione, somente você terá o direito de falar assim. Caso contrário, é tudo besteira, uma mera hipocrisia.

P. – Por que assim, se alguém está verdadeiramente convencido pelo raciocínio de que somente o Senhor é o responsável por todas as ações?

Swamiji: Pode ser bom quando alguém está tão convencido. Mas dura apenas aquele momento, e nem um pouco depois. Bem, considere isso cuidadosamente: se tudo o que você faz em sua vida cotidiana não está fazendo com uma ideia egoísta de que você mesmo é o agente. Há quanto tempo você se lembra que é o Senhor quem está fazendo você trabalhar? Mas então, analisando repetidamente dessa forma, você chegará a um estado em que o ego desaparecerá e em seu lugar o Senhor entrará. Então você será capaz de dizer com justiça: “Tu, Senhor, estás guardando todas as minhas ações de dentro de.” Mas, meu amigo, se o ego ocupa todo o espaço dentro do seu coração, onde, na verdade, haverá espaço suficiente para o Senhor entrar? O Senhor está verdadeiramente ausente!

P. — Mas é Ele quem está me dando o impulso perverso?

Swamiji: Não, de forma alguma. Seria uma blasfêmia contra o Senhor pensar dessa forma. Ele não está incitando você a ações malignas, é tudo criação do seu desejo de autogratificação. Se alguém diz que o Senhor está fazendo com que tudo seja feito, e voluntariamente persiste em fazer o mal, isso só traz ruína para ele. Essa é a origem do autoengano. Você não sente alegria depois de fazer uma boa ação? Você então se dá o crédito por ter feito algo bom – você não pode evitar, é muito humano. Mas quão absurdo é assumir o crédito de ter feito o bem sobre si mesmo e atribuir a culpa pelo mau ato ao Senhor! É uma ideia muito perigosa – o efeito do Gita e do Vedanta mal digeridos. Nunca tenha essa visão. Em vez disso, diga que Ele está fazendo com que o bom trabalho seja feito enquanto você é responsável pela má ação. Isso trará devoção e fé, e você verá Sua graça manifestada a cada passo. A verdade é que ninguém criou você – você criou a si mesmo. Isto é discriminação, isto é Vedanta. Mas não se entende isso antes da realização. Portanto, o aspirante deve começar com o ponto de vista dualista, de que o Senhor causa as boas ações, enquanto ele pratica as

más. Este é o caminho mais fácil para a purificação da mente. Por isso você encontra o dualismo tão forte entre os Vaishnavas. É muito difícil nutrir ideias Adváiticas (não-dualistas) desde o início. Mas o ponto de vista dualista leva gradualmente à realização do Advaita.

A hipocrisia é sempre uma coisa perigosa. Se não houver auto-engano intencional, isto é, se alguém acredita sinceramente que o impulso mais perverso também é motivado pelo Senhor, tenha certeza de que não terá que praticar esses atos mesquinhos por muito tempo. Todas as impurezas da mente são rapidamente destruídas. Nossos antigos escritores bíblicos entenderam isso muito bem. E penso que a forma de adoração tântrica originou-se na época em que o budismo começou a declinar e, através da opressão dos budistas, as pessoas começaram a realizar os seus sacrifícios védicos em segredo. Não tiveram mais oportunidade de conduzi-los por dois meses seguidos, então fizeram imagens de barro, adoraram-nas e jogaram-nas na água - terminando tudo em uma noite, sem deixar o menor vestígio! O homem anseia por um símbolo concreto, caso contrário seu coração não ficará satisfeito. Assim, em todos os lares, aquele sacrifício de uma noite começou a acontecer. Como Shri Ramakrishna costumava dizer: “Alguns entram na casa pela entrada do necrófago”, então os professores espirituais daquela época viram que aqueles que não podiam realizar qualquer rito religioso devido às suas más propensões, também precisavam de alguma maneira de se aproximar gradualmente. para o caminho da virtude. Para eles, esses estranhos ritos tântricos foram inventados.

P. — Eles continuaram praticando ações más pensando que eram boas. Então, como isso poderia remover suas tendências malignas?

Swamiji: Ora, eles deram uma direção diferente às suas propensões; eles fizeram isso, mas com o objetivo de realizar o Senhor.

P. — Isso pode realmente ser feito?

Swamiji: Dá no mesmo. O motivo deve estar certo. E o que deveria impedi-los de ter sucesso?

P. — Mas muitos são apanhados na tentação do vinho, da carne, etc., ao tentarem conviver com tais meios.

Swamiji: Foi portanto que Shri Ramakrishna veio. Os dias de praticar o Tantra dessa forma acabaram. Ele também praticou o Tantra, mas não dessa forma. Onde há a proibição de beber vinho, ele simplesmente toca a testa com uma gota dele. A forma de adoração tântrica é um terreno muito escorregadio. Por isso digo que esta província está farta do Tantra. Agora deve ir além. Os Vedas devem ser estudados. Uma harmonia dos quatro tipos de Yoga deve ser praticada e a castidade absoluta deve ser preservada.

P. – O que você quer dizer com harmonia dos quatro Yogas?

Swamiji: Discriminação entre o real e o irreal, desapego e devoção, trabalho e práticas de concentração, e junto com estes deve haver uma atitude reverente para com as mulheres.

P. — Como olhar com reverência para as mulheres?

Swamiji: Bem, eles são os representantes da Mãe Divina. E o verdadeiro bem-estar da Índia começará a partir do dia em que a adoração da Mãe Divina realmente começar, e cada homem se sacrificar no altar da Mãe. . . .

P. – Swamiji, em sua infância, quando lhe pedíamos em casamento, você respondia: “Não o farei, mas você verá o que me tornarei”. Você realmente verificou suas palavras.

Swamiji: Sim, querido irmão, você viu como eu estava carente de comida e, além disso, tive que trabalhar duro. Oh, que trabalho tremendo! Hoje os americanos, por amor, me deram esta bela cama e também tenho o que comer. Mas, também, não estou destinado a desfrutar fisicamente – e ficar deitado no colchão só agrava a minha doença. Sinto-me sufocado, por assim dizer. Tenho que descer e deitar no chão para me aliviar!

7.2.32 SRA. WRIGHT

VINGANÇA DA HISTÓRIA

(Sra. Wright)

[No final de agosto de 1893, Swami Vivekananda ficou em Annisquam, na casa do Prof. Swamiji apresentou uma visão tão surpreendente nesta pequena e tranquila vila da Nova Inglaterra que imediatamente surgiram especulações sobre quem poderia ser essa figura majestosa e colorida. De onde ele veio? A princípio, eles decidiram que ele era um brâmane da Índia, mas suas maneiras não estavam totalmente de acordo com suas idéias.] Era algo que precisava de explicação e eles, por unanimidade, foram para a cabana depois do jantar, para ouvir esse estranho novo discurso. . . .

"Foi outro dia", disse ele, com sua voz musical, "ainda outro dia - não há mais de quatrocentos anos." E então seguiram-se histórias de crueldade e opressão, de uma raça paciente e de um povo sofredor, e de um julgamento por vir! "Ah, os ingleses!" ele disse. "Há pouco tempo eles eram selvagens, os vermes rastejavam pelos corpos das mulheres,... e elas se perfumavam para disfarçar o odor abominável de suas pessoas.... Muito horrível! mal emergindo da barbárie."

"Bobagem", disse um de seus ouvintes escandalizados, "isso foi há pelo menos quinhentos anos."

"E eu não disse 'há pouco'? O que são algumas centenas de anos quando você olha para a antiguidade da alma humana?" Depois, com um tom bastante razoável e gentil: "Eles são bastante selvagens", disse ele. "O frio terrível, a necessidade e a privação do clima do norte", prosseguindo mais rápida e calorosamente, "tornaram-nos selvagens. Eles só pensam em matar... Onde está a religião deles? Eles adotam o nome daquele Santo. , eles afirmam amar os seus semelhantes, eles civilizam - pelo Cristianismo - Não foi a sua fome que os civilizou, não o seu Deus. O amor do homem está nos seus lábios, nos seus corações não há nada além do mal e de toda violência. 'Eu te amo meu irmão, eu te amo!' . e durante todo o tempo eles cortaram sua garganta! . . . Então, prosseguindo mais lentamente, sua bela voz se aprofundando até soar como um sino: "Mas o julgamento de Deus cairá sobre eles. 'A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor', e a destruição está chegando. seus cristãos? Nem um terço do mundo. Olhe para esses chineses, milhões deles. Eles são a vingança de Deus que cairá sobre você. Haverá outra invasão dos hunos", acrescentando, com uma pequena risada, "eles. varrerão a Europa, não deixarão pedra sobre pedra.

Homens, mulheres, crianças, todos irão e a idade das trevas voltará. Sua voz era indescritivelmente triste e lamentável; então, de repente e levianamente, deixando cair o vidente: "Eu - eu não me importo! O mundo se levantará melhor com isso, mas está chegando. A vingança de Deus está chegando em breve."

"Breve?" todos eles perguntaram.

"Não demorará mil anos até que isso seja feito."

Eles respiraram aliviados. Não parecia iminente.

"E Deus terá vingança", continuou. "Você pode não ver isso na religião, você pode não ver isso na política, mas você deve ver isso na história, e como tem sido; isso acontecerá. Se você oprimir o povo, você sofrerá. Nós em A Índia está sofrendo a vingança de Deus. Olhe para essas coisas. Eles esmagaram aquelas pessoas pobres por causa de sua própria riqueza, não ouviram a voz da angústia, comeram ouro e prata quando o povo clamava por pão e os maometanos atacaram. eles massacrando e matando: massacrando e matando eles os invadiram, a Índia foi conquistada repetidas vezes durante anos, e por último e o pior de tudo veio o inglês. Você olha para a Índia, o que resta aos templos hindus? os maometanos partiram? Belos palácios. O que o inglês deixou? Nada além de montes de garrafas de conhaque quebradas. E Deus não teve piedade do meu povo, porque eles não tiveram piedade. as pessoas comuns não tinham forças para dar sua ajuda. Se o homem não pode acreditar na Vingança de Deus, certamente não pode negar a Vingança da História. E isso acontecerá com os ingleses; eles têm os calcanhares em nossos pescoços, sugaram a última gota de nosso sangue para seus próprios prazeres, levaram consigo milhões de nosso dinheiro, enquanto nosso povo passou fome em aldeias e províncias. E agora o chinês é a vingança que cairá sobre eles; se os chineses se levantassem hoje e arrastassem os ingleses para o mar, como bem merecem, isso não seria mais do que justiça."

E então, tendo dito o que tinha a dizer, o Swami ficou em silêncio. Um murmúrio de conversa em voz fina surgiu ao seu redor, e ele ouviu, aparentemente sem prestar atenção. De vez em quando ele olhava para o telhado e repetia baixinho: "Shiva! Shiva!" e o pequeno grupo, abalado e

perturbado pela corrente de sentimentos poderosos e de paixão vingativa que parecia fluir como lava derretida sob a superfície silenciosa deste estranho ser, desfez-se, perturbado.

Ele ficou dias [na verdade foi só um fim de semana prolongado]. . . . Durante todo o tempo, seus discursos foram repletos de ilustrações pitorescas e belas lendas. . . .

Uma bela história que ele contou foi a de um homem cuja esposa o repreendeu por seus problemas, o insultou por causa do sucesso dos outros e lhe contou todos os seus fracassos. “Foi isso que o seu Deus fez por você”, ela disse a ele, “depois de servi-Lo por tantos anos?” Então o homem respondeu: “Sou um negociante de religião? Olhe para a montanha. Eu amo Deus.” . . . Houve outra história que ele contou sobre um rei que ofereceu um presente a um Rishi. O Rishi recusou, mas o rei insistiu e implorou que ele fosse com ele. Quando eles chegaram ao palácio, ele ouviu o rei orando, e o rei implorou a Deus por riqueza, por poder, por longos dias. O Rishi ouviu, pensando, até que finalmente pegou sua esteira e partiu. Então o rei abriu os olhos de suas orações e o viu. "Por que você esta indo?" ele disse. "Você não pediu seu presente." “Eu”, disse o Rishi, “pergunto a um mendigo?”

Quando alguém lhe sugeriu que o Cristianismo era um poder salvador, ele abriu sobre ele seus grandes olhos escuros e disse: "Se o Cristianismo é um poder salvador em si mesmo, por que não salvou os Etíopes, os Abissínios?"

Muitas vezes nos lábios de Swamiji estava a frase: “Eles não ousariam fazer isso com um monge”. . . . Às vezes, ele até expressou um grande desejo de que o governo inglês o pegasse e matasse. “Seria o primeiro prego no caixão deles”, dizia ele, com um pequeno brilho nos dentes brancos. "e minha morte percorreria a terra como fogo selvagem."

Sua grande heroína foi a terrível [?] Ranee do motim indiano, que liderou pessoalmente suas tropas. A maioria dos velhos amotinados, disse ele, tornaram-se monges para se esconderem, e isso explicava muito bem a qualidade perigosa das opiniões dos monges. Havia um homem deles que havia perdido quatro filhos e podia falar deles com serenidade, mas sempre

que mencionava o Ranee ele chorava, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Aquela mulher era uma deusa", disse ele, "uma devi. Quando vencida, ela caiu sobre a espada e morreu como um homem." Foi estranho ouvir o outro lado do motim indiano, quando nunca se acreditaria que havia um outro lado, e ter a certeza de que um hindu não poderia matar uma mulher. . . .

7.2.33 O APELO-AVALANCHE

RELIGIÃO, CIVILIZAÇÃO E MILAGRES

(O Apelo-Avalanche)

"Eu sou um monge", disse ele, sentado nos salões da Academia La Salette, (em 21 de janeiro de 1894), que é sua casa enquanto está em Memphis, "e não um padre. Quando estou em casa, viajo de lugar lugar, ensinando as pessoas das aldeias e cidades por onde passo, dependendo delas para meu sustento, pois não estou autorizado a tocar em dinheiro."

"Nasci", continuou ele, em resposta a uma pergunta, "em Bengala e tornei-me monge e celibatário por opção própria. Quando nasci, meu pai mandou tirar um horóscopo da minha vida, mas nunca me disse qual era. Há alguns anos, quando visitei minha casa, depois de meu pai ter morrido, encontrei o mapa entre alguns papéis em poder de minha mãe e vi nele que estava destinado a me tornar um andarilho pela face da terra.

Havia um toque de emoção na voz do orador e um murmúrio de simpatia percorreu o grupo de ouvintes. Kananda (os repórteres americanos geralmente escreviam seu nome como Vive Kananda naquela época) bateu as cinzas do charuto e ficou em silêncio por um tempo.

Atualmente alguém perguntou:

"Se a sua religião é tudo o que você afirma ser, se é a única fé verdadeira, como é que o seu povo não está mais avançado em civilização do que nós? Por que não os elevou entre as nações do mundo?"

“Porque essa não é a esfera de nenhuma religião”, respondeu o hindu gravemente. “Meu povo é o mais moral do mundo, ou tanto quanto qualquer outra raça. Eles consideram mais os direitos de seus semelhantes, e até mesmo os dos animais burros, mas não são materialistas. Nenhuma religião jamais avançou o pensamento ou inspiração de uma nação ou povo. Na verdade, nenhuma grande conquista foi alcançada na história do mundo que a religião não tenha retardado. Seu vangloriado Cristianismo não provou ser uma exceção a esse respeito. , nunca recebi o endosso de seus prelados. Por que, então, criticar minha religião por causa disso?”

“Eu não daria um centavo por uma fé que não tende a elevar a sorte da humanidade na terra, bem como a sua condição espiritual”, disse um membro do grupo, “e nisso não estou preparado para admitir a correção de suas declarações. O Cristianismo fundou faculdades, hospitais e criou os degenerados. Elevou os abatidos e ajudou seus seguidores a viver.”

“Até certo ponto você está certo”, respondeu o monge calmamente, “e ainda assim não está demonstrado que essas coisas sejam o resultado direto do seu cristianismo. Existem muitas causas operando no Ocidente para produzir esses resultados.

"O pensamento religioso deve ser direcionado para o desenvolvimento do lado espiritual do homem. A ciência, a arte, o aprendizado e a pesquisa metafísica, todos têm suas funções próprias na vida, mas se você procurar combiná-los, você destruirá suas características individuais até que, com o tempo, você elimine o espiritual , por exemplo, de todos os religiosos. Vocês, americanos, adoram o quê? Na corrida louca pelo ouro, vocês se esquecem do espiritual até se tornarem uma nação de materialistas. Até mesmo seus pregadores e igrejas são contaminados pelo desejo onipresente. ... Mostre-me alguém na história de seu povo, que levou a vida espiritual que aqueles que posso citar em casa levaram. Onde estão aqueles que, quando a morte chegar, poderiam dizer: 'Ó Irmão Morte, eu te dou as boas-vindas.' Sua religião ajuda você a construir rodas-gigantes e torres Eiffel, mas ela ajuda você no desenvolvimento de sua vida interior?"

O monge falou com seriedade, e sua voz, rica e bem modulada, veio através da penumbra que impregnava o apartamento, meio triste, meio acusadora. Havia algo de estranho nos comentários deste estranho de uma terra cuja

história remonta a 6.000 anos, após a civilização da América do século XIX.

“Mas, ao buscar o espiritual, você perdeu de vista as exigências do presente”, disse alguém. "Sua doutrina não ajuda os homens a viver."

“Isso os ajuda a morrer”, foi a resposta.

"Temos certeza do presente."

"Você não tem certeza de nada."

“O objetivo da religião ideal deveria ser ajudar alguém a viver e preparar alguém para morrer ao mesmo tempo.”

“Exatamente”, disse o hindu rapidamente, “e é isso que estamos buscando alcançar. Acredito que a fé hindu desenvolveu o espiritual em seus devotos às custas do material, e acho que no mundo ocidental o contrário é verdade. Ao unir o materialismo do Ocidente com o espiritualismo do Oriente, acredito que muito pode ser conseguido. Pode ser que, nessa tentativa, a fé hindu perca muito da sua individualidade.

“Não seria necessário revolucionar todo o sistema social da Índia para fazer o que você espera fazer?”

"No entanto, provavelmente, a religião ainda permaneceria intacta."

A conversa aqui girou em torno da forma de adoração dos hindus, e Kananda deu algumas informações interessantes sobre este assunto. Existem agnósticos e ateus na Índia e em outros lugares. A “Realização” é a única coisa essencial na vida dos seguidores de Brahma. A fé não é necessária. Teosofia é um assunto com o qual Kananda não é versado, nem faz parte de seu credo, a menos que ele decida fazê-lo. É mais um estudo separado. Kananda nunca conheceu a Sra. Blavatsky, mas conheceu o Coronel Olcott da Sociedade Teosófica Americana. Ele também conhece Annie Besant. Falando dos “faquires” da Índia, os famosos malabaristas ou músicos [mágicos?], cujos feitos lhes deram uma reputação mundial,

Kananda contou alguns episódios que surgiram sob sua observação e que quase superam a crença.

"Há cinco meses", disse ele, quando questionado sobre este assunto, "ou apenas um mês antes de deixar a Índia para vir para este país, aconteceu de eu estar acompanhado de uma caravana ou grupo de 25 pessoas para procurar um espaço em uma cidade em o interior. Enquanto estávamos lá, soubemos do trabalho maravilhoso de um desses mágicos itinerantes e o trouxemos até nós. Ele nos disse que nos produziria qualquer artigo que desejássemos. e coloquei-o no canto da sala. Joguei meu cobertor de viagem sobre ele e então o chamamos para fazer o que havia prometido. Ele perguntou o que gostaríamos e eu pedi um cacho de uvas da Califórnia [?]. e imediatamente o sujeito os tirou de debaixo do cobertor. Laranjas e outras frutas foram produzidas e, finalmente, ótimos pratos de arroz fumegante.

Continuando, o monge disse acreditar na existência de um “sexto sentido” e na telepatia. Ele não ofereceu nenhuma explicação sobre os feitos dos faquires, apenas dizendo que eles eram maravilhosos. O assunto dos ídolos surgiu e o monge disse que os ídolos faziam parte de sua religião no que diz respeito ao símbolo.

"O que você adora?" disse o monge: "Qual é a sua idéia de Deus?"

“O espírito”, disse uma senhora calmamente.

"Qual é o espírito? Vocês, protestantes, adoram as palavras da Bíblia ou algo além? Nós adoramos a Deus através do ídolo."

“Isto é, você atinge o subjetivo através do objetivo”, disse um cavalheiro que ouviu atentamente as palavras do estranho.

“Sim, é isso”, disse o monge, agradecido.

Vive Kananda continuou discutindo no mesmo tom até que a ligação terminou quando se aproximava a hora da palestra do hindu.

7.2.34 A IMPRENSA LIVRE DE DETROIT

HARMONIA RELIGIOSA

(The Detroit Free Press, 14 de fevereiro de 1894)

Swami é uma pessoa de estatura média, com a tez morena comum às pessoas de sua nacionalidade, de maneiras gentis, cuidadosos nos movimentos e extremamente cortês em cada palavra, movimento e gesto. Mas a característica mais marcante de sua personalidade são os olhos, que são de grande brilho. A conversa naturalmente desviou-se para o tema da religião, quando Swami disse, entre muitas outras observações marcantes:

"Faço a distinção entre religião e credo. Religião é a aceitação de todos os credos existentes, vendo neles o mesmo esforço para o mesmo destino. Credo é algo antagônico e combativo. Existem credos diferentes, porque existem pessoas diferentes, e o credo é adaptado à comunidade, onde fornece o que as pessoas desejam. Assim como o mundo é composto de uma variedade infinita de pessoas de naturezas diferentes, intelectualmente, espiritualmente e materialmente, essas pessoas adotam para si essa forma de crença na existência de um grande e boa lei moral, que é mais adequada para eles. A religião reconhece e se alegra com a existência de todas essas formas por causa do belo princípio subjacente. O mesmo objetivo é alcançado por caminhos diferentes e meu caminho talvez não fosse adequado para o temperamento do meu vizinho ocidental, o mesmo que o seu percurso não se recomenda à minha disposição e modo de pensar filosófico. Pertencço à religião hindu. Esse não é o credo dos budistas, uma das seitas da religião hindu. Nunca nos entregamos ao trabalho missionário. Não procuramos impor os princípios da nossa religião a ninguém. Os princípios fundamentais da nossa religião proíbem isso. Nem dizemos nada contra quaisquer missionários que você envia deste país para qualquer lugar. Para todos nós, eles são inteiramente bem-vindos para penetrar nos recantos mais íntimos da terra. Muitos vêm até nós, mas não lutamos por eles; não temos missionários se esforçando para trazer alguém à nossa maneira de pensar. Sem nenhum esforço da nossa parte, muitas formas da religião Hindu estão a espalhar-se por toda a parte, e estas manifestações tomaram a forma da ciência cristã, da teosofia e da Luz da Ásia de Edwin Arnold. A nossa religião é mais antiga do que a maioria das religiões e o credo cristão – não o chamo de religião, devido às suas características

antagónicas – veio directamente da religião hindu. É um dos grandes desdobramentos. A religião católica também toma de nós todas as suas formas - o confessional, a crença nos santos e assim por diante - e um padre católico que viu esta semelhança absoluta e reconheceu a verdade da origem da religião católica foi destronado da sua posição porque ousou publicar um volume explicando tudo o que ele observou e do que estava convencido."

"Você reconhece agnósticos em sua religião?" foi perguntado.

"Ah, sim; agnósticos filosóficos e o que vocês chamam de infiéis. Quando Buda, que é um santo entre nós, foi questionado por um de seus seguidores: 'Deus existe?' Ele respondeu: 'Deus. Quando te falei sobre Deus? Isto te digo: seja bom e faça o bem.' Os agnósticos filosóficos – há muitos de nós – acreditam na grande lei moral subjacente a tudo na natureza e na perfeição última. Todos os credos que são aceitos por todas as pessoas são apenas os esforços da humanidade para realizar aquela infinidade do Eu que reside. o grande futuro."

“Está abaixo da dignidade da sua religião recorrer ao esforço missionário?”

Para responder, o visitante do Oriente recorreu a um pequeno volume e referiu-se a um édito entre outros editais notáveis.

"Isto", disse ele, "foi escrito em 200 a.C. e será a melhor resposta que posso lhe dar sobre essa questão."

Em tons deliciosamente claros e bem modulados, ele leu:

"O rei Piyadasi, amado dos deuses, honra todas as seitas, tanto ascetas quanto chefes de família; ele as propicia com esmolas e outros presentes, mas atribui menos importância aos presentes e honras do que se esforça para promover as virtudes morais essenciais. É verdade a prevalência das virtudes essenciais difere em diferentes seitas, mas há uma base comum, isto é, gentileza, moderação na linguagem e na moralidade. Assim, não se deve exaltar a própria seita e menosprezar os outros, mas oferecer-lhes em todas as ocasiões a honra que merecem. . Esforçando-se assim, promove-se o bem-estar da sua própria seita, enquanto se esforça de outra forma, não se serve a sua própria seita, ao mesmo tempo que se despreza os outros e quem quer que seja, por apego à sua própria seita e com vista a promovê-la; condena os outros, apenas desfere golpes rudes à sua própria seita. Portanto, somente a concórdia é meritória, de modo que todos suportam e amam suportar as crenças uns dos outros. destino pode ser, devem ser encorajados a promover as doutrinas morais essenciais em cada uma e os respeitos

mútuos para todas as outras seitas. É com este objetivo que os ministros da religião, os inspetores e outros órgãos de oficiais devem trabalhar”.

Depois de ler esta passagem impressionante, Swami Vive Kananda observou que o mesmo rei sábio que fez com que este édito fosse inscrito proibiu a indulgência com a guerra, pois seus horrores eram antagônicos a todos os princípios da grande e universal doutrina moral. "Por esta razão", observou o visitante, "a Índia sofreu no seu aspecto material. Onde a força bruta e o derramamento de sangue fizeram avançar outras nações, a Índia rejeitou tais manifestações brutais; e pela lei da sobrevivência do mais apto, que se aplica a nações, bem como para os indivíduos, ficou para trás como potência na terra no sentido material."

"Mas não será impossível encontrar nos grandes países combativos do Ocidente, onde é necessária uma energia tão tremenda para desenvolver as necessidades práticas prementes do século XIX, esse espírito que prevalece na plácida Índia?"

Os olhos brilhantes brilharam e um sorriso cruzou as feições do irmão oriental.

“Não se pode combinar a energia do leão com a gentileza do cordeiro?” ele perguntou.

Continuando, ele sugeriu que talvez o futuro reserve a conjunção do Oriente e do Ocidente, uma combinação que produziria resultados maravilhosos. Uma condição que fala bem da natureza da nação ocidental é a reverência com que as mulheres são tratadas e a gentil consideração com que são tratadas.

Ele diz como o Buda moribundo: "Trabalhe sua própria salvação. Não posso ajudá-lo. Nenhum homem pode ajudá-lo. Ajude a si mesmo." Harmonia e paz, e não dissensão, é a sua palavra de ordem.

A história a seguir foi contada recentemente por ele a respeito da prática de encontrar falhas entre credos:

"Um sapo vivia num poço. Ele vivia lá há muito tempo. Ele nasceu lá e foi criado lá, e ainda assim era um sapinho. É claro que os evolucionistas não estavam lá para nos dizer se o sapo perdeu sua olhos ou não, mas, para o bem da nossa história, devemos presumir que ele tinha olhos e que todos os dias limpava as águas de todos os vermes e bacilos que viviam nele, com uma energia que daria crédito ao nosso bacteriologistas modernos. Assim continuou e ficou um pouco liso e gordo - talvez tanto quanto eu. Bom, um dia outro sapo que vivia no mar veio e caiu no poço.

"De onde você é?"

"Eu sou do mar."

"O mar? Quão grande é isso? É tão grande quanto o meu poço?" e ele deu um salto de um lado para o outro do poço.

"Meu amigo", diz o sapo do mar, 'como você compara o mar com o seu pequeno poço?'

"Então o sapo deu outro salto e perguntou: 'O seu mar é tão grande?'

"Que bobagem você fala para comparar o mar com o seu poço."

"Bem, então", disse o sapo do poço, "nada pode ser maior que o meu poço; não pode haver nada maior que este; esse sujeito é um mentiroso, então expulse-o."

"Essa tem sido a dificuldade o tempo todo.

"Sou hindu. Estou sentado no meu pequeno poço e pensando que o mundo é o meu poço. O cristão senta-se no seu pequeno poço e o mundo inteiro é o seu poço. O muçulmano senta-se no seu poço e pensa que o mundo inteiro é isso. Tenho que agradecer a vocês, América, pela grande tentativa que estão fazendo para derrubar as barreiras deste nosso pequeno mundo, e esperar que, no futuro, o Senhor os ajude a cumprir esse propósito."

7.2.35 O TRIBUNO DE DETROIT

MULHERES CAÍDAS

(The Detroit Tribune, 17 de março de 1894)

"Lalun é membro da profissão mais antiga do mundo. Lilith era sua bisavó, e isso foi antes dos dias de Eva, como todos sabem. No Ocidente, as pessoas dizem coisas rudes sobre a profissão de Lalun e escrevem palestras sobre isso, e distribuir as palestras aos jovens para que a moralidade seja preservada. No Oriente, onde a profissão é hereditária, descendo de mãe para filha, ninguém escreve palestras nem se importa. - RUDYARD KIPLING.

A história da qual as frases que precedem esta constituem um parágrafo, foi escrita na Índia. Eles foram escritos por Rudyard Kipling, com quem a maioria de nós aprendeu tudo o que definitivamente sabemos sobre a Índia, com exceção do fato de que a Índia produz trigo o suficiente para ser um grande concorrente de nossos próprios agricultores, de que os homens trabalham lá por dois centavos. por dia e que as mulheres joguem seus bebês no Ganga, que é o rio sagrado do país.

Mas Vive Kananda, desde que veio para este país, explodiu a história sobre as mulheres da Índia alimentando os crocodilos com seus bebês, e agora ele diz que nunca ouviu falar de Rudyard Kipling até vir para a América, e que isso não é apropriado. na Índia para falar de uma profissão como a de Lalun, da qual o Sr. Kipling fez uma de suas histórias mais encantadoras e instrutivas.

"Na Índia", disse Kananda ontem, "não discutimos essas coisas. Ninguém jamais fala dessas infelizes mulheres. Quando se descobre que uma mulher é impura na Índia, ela é expulsa de sua casta. Depois disso, ninguém pode tocá-la. ou falar com ela. Se ela entrasse em casa, eles pegariam e limpariam os tapetes e lavariam as paredes contra as quais ela respirava. Ninguém pode ter nada a ver com tal pessoa. Não há mulheres que não sejam virtuosas na Índia. sociedade. Não é nada como neste país. Aqui há mulheres más vivendo lado a lado com mulheres virtuosas em sua sociedade. Não se pode saber quem é mau e quem é bom na América. , ela é uma pária para sempre – ela e seus filhos, filhos e filhas. É terrível, admito, mas mantém a sociedade pura.

"E os homens?" foi perguntado. "A mesma regra se aplica a eles? Eles são excluídos quando se prova que são impuros?"

"Oh, não. É bem diferente com eles. Seria assim, talvez, se pudessem ser descobertos. Mas os homens se movimentam. Eles podem ir de um lugar para outro. Não é possível descobri-los. As mulheres são trancados em casa. Eles certamente serão descobertos se fizerem algo errado. E quando forem descobertos, serão expulsos. Às vezes, é muito difícil quando um pai tem que desistir de sua filha ou de seu marido, sua esposa. Mas se eles não desistirem, serão banidos com eles também. É muito diferente neste país. As mulheres não podem andar por aí e fazer associações como fazem aqui, puro.

"Acho que a falta de castidade é o grande pecado do seu país. Deve ser assim, há tanto luxo aqui. Uma menina pobre se venderia por um chapéu novo. Deve ser assim onde há tanto luxo."

Kipling diz o seguinte sobre Lalun e sua profissão:

"O verdadeiro marido de Lalun, pois até as senhoras da profissão de Lalun têm maridos no Oriente, era uma grande árvore de jujuba. Sua mãe, que se casou com um figo, gastou dez mil rúpias no casamento de Lalun, que foi abençoado por quarenta e sete clérigos da igreja da mamãe e distribuiu 5.000 rúpias em caridade aos pobres. E esse era um costume da terra.

"Na Índia, quando uma mulher é infiel ao marido, ela perde a sua casta, mas nenhum dos seus direitos civis ou religiosos. Ela ainda pode possuir propriedades e os templos ainda estão abertos para ela.

"Sim", disse Kananda, "uma mulher má não pode se casar. Ela não pode se casar com ninguém sem que seja um pária como ela, então ela se casa com uma árvore, ou às vezes com uma espada. É o costume. Às vezes, essas mulheres crescem muito ricas e muito caridosas, mas nunca poderá recuperar a sua casta. Nas cidades do interior, onde ainda aderem aos velhos costumes, ela não pode andar de carruagem, por mais rica que lhe seja permitida; é um par de bois. E então na Índia ela tem que usar um vestido próprio, para que você possa ver essas pessoas passando, mas ninguém fala com elas. nas cidades. Muitas delas também são judias, mas todas elas

vivem em bairros diferentes das cidades. Todas elas vivem separadas. É uma coisa singular que, por mais más que sejam, por mais miseráveis que sejam algumas dessas mulheres. , eles não admitirão um amante cristão. Eles não comerão com eles nem os tocarão – os “bárbaros onívoros”, como eles os chamam. Eles os chamam assim porque comem de tudo. Você sabe como é chamada essa doença, a doença indescritível, na Índia? É chamada de 'Bad Faringan', que significa 'a doença cristã'. Foi o cristão que o trouxe para a Índia.

“Houve alguma tentativa na Índia de resolver esta questão? É uma questão pública como é na América?”

"Não, muito pouco foi feito na Índia. Há um grande campo para as mulheres missionárias se elas converterem prostitutas na Índia. Elas não fazem nada na Índia - muito pouco. Existe uma seita, a Veshnava [Vaishnava] (Palavras em colchetes são nossos. - Ed.), que tentam recuperar essas mulheres. Esta é uma seita religiosa. Acho que cerca de 90 por cento [?] de todas as prostitutas pertencem a esta seita. em todos os lugares, sem referência à casta. Existem certos templos, como o templo de Jagatnot [Jagannath], onde não há casta. Todo mundo que vai para aquela cidade tira sua casta enquanto está lá, porque aquele é um solo sagrado e tudo é suposto. para ser puro lá. Quando ele sai, ele retoma isso novamente, pois a casta é uma mera coisa mundana. Você sabe que algumas das castas são tão exigentes que não comerão nenhum alimento a menos que seja preparado por eles mesmos. qualquer um fora de sua casta. Mas na cidade todos vivem juntos. Esta é a única seita na Índia que faz prosélitos. Faz com que todos se tornem membros de sua igreja. Vai para o Himalaia e converte os homens selvagens. Talvez você não soubesse que havia homens selvagens na Índia. Sim, existem. Eles moram no sopé do Himalaia."

“Existe alguma cerimônia pela qual uma mulher é declarada impura, um processo civil?” Kananda foi questionado.

"Não, não é um processo civil. É apenas um costume. Às vezes há uma cerimônia formal e às vezes não. Eles simplesmente fazem deles párias. Quando alguma mulher é suspeita, às vezes eles se reúnem e lhe dão uma espécie de julgamento, e se for decidido que ela é culpada, então uma nota é enviada a todos os outros membros da casta, e ela é banida.

"Veja bem", exclamou ele, "não quero dizer que esta seja uma solução para a questão. O costume é terrivelmente rígido. Mas você também não tem uma solução para a questão. É uma coisa terrível. É uma grande erro do mundo ocidental."

7.3 TRADUÇÃO DE ESCRITOS

7.3.1 NOTA

Swami Vivekananda partiu de Calcutá com destino ao Ocidente, pela segunda vez, em 20 de junho de 1899, no navio a vapor BISN Golconda. Ao ler estas páginas, o leitor deve lembrar que Swamiji as escreveu num tom leve e humorístico em bengali, que é impossível de traduzir em inglês.

A segunda seção dessas memórias refere-se à sua viagem de retorno do Ocidente no final de 1900.

Estes foram publicados originalmente no Udbodhan.

EDITOR.

7.3.2 MEMÓRIAS DE VIAGENS EUROPEIAS I

(Traduzido do bengali)

Om Namô Nârâyanâya, ("Saudações ao Senhor"; a forma usual de se dirigir a um Sannyasin. Essas memórias de sua segunda viagem ao Ocidente foram endereçadas a Swami Trigunatitananda, Editor, Udbodhan e, portanto, esta forma de tratamento.) Swami. — Pronuncie a última sílaba da segunda palavra em tom agudo, irmão, no estilo Hrishikesh. Há sete dias que estamos a bordo do navio e todos os dias penso em escrever para você algo sobre nosso modo de vida, e em escrever materiais que você também me deu o suficiente, mas a letargia característica de um bengali atrapalha e frustra tudo. Em primeiro lugar, existe a ociosidade; todos os dias penso em

escrever — como vocês chamam — um diário, mas depois, por conta de diversas preocupações, ele é adiado para o interminável “amanhã”, e não avança um centímetro. Em segundo lugar, não me lembro de forma alguma das datas, etc.; você deve me fazer o favor de preenchê-los você mesmo. E, além disso, se você for muito generoso, poderá pensar que, como o grande devoto Hanuman, é impossível para mim lembrar datas e outras trivialidades — devido à presença do Senhor no coração. Mas a verdade é que isso se deve à minha tolice e ociosidade. Que absurdo! Que comparação pode haver entre "a Dinastia Solar" (Swamiji aqui se refere à famosa frase do Raghuvamsham de Kâlidâsa: "Ó, a diferença entre a majestosa Dinastia Solar e meu pobre intelecto!") - peço perdão - entre Hanuman e todo o seu intelecto! coração dado a Shri Râma, a coroa da Dinastia Solar, e a mim, o mais baixo dos mais baixos! Mas então ele cruzou de uma só vez o oceano que se estende por cem Yojanas, enquanto nós o atravessamos confinados dentro de uma casa de madeira, por assim dizer, sendo lançados de um lado para o outro e de alguma forma nos mantendo de pé com a ajuda de postes e pilares. Mas há um ponto de superioridade do nosso lado em que ele teve a visão abençoada de Râkshasas e Râkshasis depois de chegar a Lankâ, enquanto nós estamos indo em companhia deles. Na hora do jantar, aquele brilho de cem facas e o barulho de cem garfos assustaram o irmão T__ (Turiyananda) até perder o juízo. Ele de vez em quando temia que seu vizinho de cabelos ruivos e olhos grisalhos de gato, por inadvertência, pudesse enfiar a faca em sua carne, ainda mais porque ele é bastante elegante e gordo. Eu digo, Hanuman teve enjôo enquanto cruzava o mar? Os livros antigos dizem alguma coisa sobre isso? Todos vocês são homens cultos, proficientes no Ramayana e em outras escrituras, então podem resolver essa questão. Mas as nossas autoridades modernas silenciam sobre esse ponto. Talvez ele não tivesse; mas então o fato de ele ter entrado nas mandíbulas de alguém levanta uma dúvida. O irmão T__ também é de opinião que quando a proa do navio subitamente se eleva em direção ao céu, como se fosse consultar o rei dos deuses, e imediatamente depois mergulha no fundo do oceano, como se fosse perfurar o rei Vali, que reside nos mundos inferiores - ele naquele momento sente que está sendo engolido pelas mandíbulas terríveis e abertas de alguém.

Peço desculpas, você confiou seu trabalho a um homem legal! Devo-lhe uma descrição da viagem marítima de sete dias, que será cheia de poesia e

interesse, e será escrita num estilo retórico polido, mas em vez disso estou falando ao acaso. Mas o fato é que, tendo me esforçado toda a minha vida para comer o caroço de Brahman, depois de jogar fora a casca de Maya, como poderei agora obter o poder de apreciar as belezas da natureza de repente? Durante toda a minha vida estive em movimento por toda a Índia, "de Varanasi a Caxemira, e daí a Khorasan e Gujarat (Tulsidâs.)". Quantas colinas e rios, montanhas e nascentes, e vales e vales, quantos picos cercados de nuvens cobertos de neve perpétua, e oceanos tempestuosos, barulhentos e espumosos, eu não vi, e ouvi falar, e cruzei! Mas sentado numa cama de madeira surrada, num quarto escuro do andar térreo, necessitando de uma lâmpada para ser acesa durante o dia, com as paredes manchadas pela mancha de folhas de betel mastigadas e barulhentas pelos guinchos e cócegas dos ratos e toupeiras e lagartos, à beira da rua principal, ressoando com o barulho dos carros de aluguel e dos bondes e escurecidos pelas nuvens de poeira - em ambiente tão poético, as imagens dos Himalaias, dos oceanos, dos prados, dos desertos, etc., que o poeta Shyamacharan, fumando o tão familiar narguilé, desenhou com uma precisão tão realista, para a glória dos bengalis - é inútil tentarmos imitá-los! Shyamacharan, em sua infância, mudou-se para o interior, onde a água é tão estimulante para as funções digestivas que, se você beber um copo dela mesmo depois de uma refeição muito pesada, cada pedacinho dela será digerido e você sentirá com fome novamente. Foi aqui que o gênio intuitivo de Shyamacharan vislumbrou os aspectos sublimes e belos da natureza. Mas há um problema: dizem que as peregrinações de Shyamacharan se estenderam até Burdwan (em Bengala) e não mais!

Mas, a seu pedido sincero e também para provar que também não sou totalmente desprovido do instinto poético, me dediquei à tarefa em nome de Deus, e você também esteja atento.

Geralmente, nenhum navio sai do porto à noite - especialmente de um porto comercial como Calcutá e em um rio como o Hooghly ou Ganga. Até que o navio chegue ao mar, ele fica a cargo do prático, que atua como Capitão, e é ele quem dá o comando. Seu dever termina em pilotar o navio até o mar ou, se for um navio que chega, da foz do mar até o porto. Temos dois grandes perigos na foz do Hooghly - primeiro, os bancos James e Mary perto de Budge-Budge e, segundo, o banco de areia perto da entrada de Diamond

Harbour. Somente na maré alta e durante o dia o prático pode dirigir seu navio com muito cuidado, e em nenhuma outra condição; conseqüentemente, levamos dois dias para sair do Hooghly.

Você se lembra do Ganga em Hrishikesh? Aquela água límpida e azulada - na qual se podem contar as barbatanas dos peixes cinco metros abaixo da superfície - aquela maravilhosamente doce e gelada "água encantadora do Ganges (do hino de Valmiki.)", e aquele som maravilhoso de "Hara, Hara " da água corrente e o eco de "Hara, Hara" das montanhas vizinhas? Você se lembra daquela vida na floresta, da mendicância de Mâdhukari (ou seja, recolhida de porta em porta, em pequenos pedaços.), esmolas, comer em pequenas ilhas de rocha no leito do Ganges, beber abundantemente daquela água com as palmeiras , e a destemida peregrinação dos peixes por toda parte em busca de migalhas de pão? Vocês se lembram daquele amor pela água do Ganga, daquela glória do Ganga, do toque de sua água que torna a mente desapaixonada, daquele Ganga fluindo sobre o Himalaia, através de Srinagar, Tehri, Uttarkasi e Gangotri - alguns de vocês viram até mesmo a fonte do Ganga! Mas há um certo fascínio inesquecível em nosso Ganga de Calcutá, lamacento e esbranquiçado - como se tivesse entrado em contato com o corpo de Shiva - e carregando em seu seio um grande número de navios. É apenas patriotismo ou impressões da infância? - Quem sabe? Que relação maravilhosa é essa entre a mãe Ganga e os hindus? É apenas superstição? Talvez. Eles passam a vida com o nome do Ganga nos lábios, morrem imersos nas águas do Ganga, homens de lugares distantes levam consigo a água do Ganga, guardam-na cuidadosamente em recipientes de cobre e bebem gotas dela nas festas sagradas. ocasiões. Reis e príncipes guardam-na em potes e, com um custo considerável, pegam a água de Gangotri para despejá-la na cabeça de Shiva em Rameshwaram! Os hindus visitam países estrangeiros – Rangum, Java, Hong Kong, Madagascar, Suez, Aden, Malta – e levam consigo a água do Ganga e o Gitâ.

O Gita e as águas sagradas do Ganges constituem o Hinduísmo dos Hindus. Da última vez que fui ao Ocidente, também levei um pouco comigo, temendo que fosse necessário, e sempre que surgia oportunidade eu costumava beber algumas gotas. E cada vez que bebia, no meio da corrente da humanidade, no meio daquela agitação da civilização, daquela pressa dos passos frenéticos de milhões de homens e mulheres no Ocidente, a

mente tornava-se imediatamente calma e tranquila, por assim dizer. Aquela torrente de homens, aquela intensa atividade do Ocidente, aquele choque e competição a cada passo, aqueles assentos de luxo e opulência celestial – Paris, Londres, Nova Iorque, Berlim, Roma – tudo desapareceria e eu costumava ouvir aquele som maravilhoso de "Hara, Hara", ver aquela floresta solitária nas encostas do Himalaia e sentir o murmúrio do rio celestial percorrendo o coração, o cérebro e todas as artérias do corpo e trovejando: "Hara, Hara, Hara!"

Desta vez você também, pelo que vejo, enviou Mãe Ganga, para Madras. Mas, querido irmão, em que navio estranho você colocou mamãe! O irmão T__ é um Brahmachârin desde sua infância e parece "como fogo ardente através da força de sua espiritualidade (Kumarasambhavam de Kâlidâsa.)". Anteriormente como um Brâhmana ele costumava ser saudado como "Namo Brahmané", e agora é - oh, que sublimidade isso! — "Namo Nârâyanâya", pois é um Sannyâsin. E talvez seja por isso que a Mãe, sob sua custódia, deixou seu assento no Kamandalu de Brahmâ e foi forçada a entrar em uma jarra! De qualquer forma, levantando-me da cama tarde da noite, descobri que mamãe evidentemente não suportaria ficar naquele estranho navio e estava tentando forçar sua saída dele. Achei isso muito perigoso, pois se a Mãe decidisse reencenar aqui aquelas cenas anteriores da sua vida, como perfurar o Himalaia, levar embora o grande elefante Airâvata e demolir a cabana do sábio Jahnu, então seria uma tarefa difícil. caso terrível. Fiz muitas orações à Mãe e disse-lhe em várias frases de súplica: "Mãe, espere um pouco, vamos chegar a Madras amanhã, e lá você poderá fazer o que quiser. deles com cabanas como a de Jahnu – enquanto aquelas cabeças brilhantes e meio raspadas, com amplos tufo de cabelo, são quase feitas de pedra, comparadas com as quais até mesmo o Himalaia seria macio como manteiga. Você pode quebrá-las o quanto quiser; agora, por favor, espere um pouco." Mas todas as minhas súplicas foram em vão. A mãe não quis ouvi-los. Então eu criei um plano e disse a ela: "Mãe, olhe para aqueles servos de turbante e jaquetas, movendo-se de um lado para o outro no navio, eles são muçulmanos, verdadeiros muçulmanos comedores de carne, e aqueles que você encontra andando por aí varrendo e limpando os quartos etc., são verdadeiros necrófagos, discípulos de Lâl Beg e se vocês não me ouvirem, eu os chamarei e pedirei que toquem em vocês. Mesmo que isso não seja suficiente para acalmá-los, apenas enviarei! você

para a casa de seu pai; você vê aquele quarto ali, se você ficar trancado lá, você voltará à sua condição primitiva no Himalaia, quando toda a sua inquietação será silenciada, e você permanecerá congelado em um bloco de gelo. " Isso a silenciou. Assim acontece em toda parte, não apenas no caso dos deuses, mas também entre os homens – sempre que conseguem um devoto, eles tiram uma vantagem indevida sobre ele.

Veja, como novamente me desviei do assunto e estou falando ao acaso. Eu já lhe disse desde o início que essas coisas não estão na minha linha, mas se você tiver paciência comigo, tentarei novamente.

Há uma certa beleza no próprio povo que não se encontra em nenhum outro lugar. Mesmo os habitantes do Paraíso não podem ser comparados em termos de beleza com nossos irmãos e irmãs, ou filhos e filhas, por mais rudes que sejam. Mas, se, mesmo vagando pelo Paraíso e vendo as pessoas de lá, você achar que o seu próprio povo está sendo realmente lindo, então não há limite para o seu deleite. Há também uma beleza especial em nossa Bengala, coberta por intermináveis extensões de grama verdejante e carregando como guirlandas mil rios e riachos. Um pouco desta beleza encontra-se em Malabar e também em Caxemira. Não há beleza na água? Quando há água por toda parte, e fortes pancadas de chuva escorrem pelas folhas de arum, enquanto touceiras de coqueiros e tamareiras inclinam ligeiramente a cabeça sob o aguaceiro, e há o coaxar contínuo de sapos por toda parte - não há beleza em tal cena como esta? E não se pode apreciar a beleza das margens do nosso Ganga, a menos que se esteja regressando de países estrangeiros e entrando no rio pela sua foz em Diamond Harbour. Aquele céu azul, azul, contendo em seu seio nuvens negras, com nuvens esbranquiçadas com franjas douradas abaixo delas, sob as quais touceiras de coqueiros e tamareiras balançam suas cabeças tufadas como mil chowries, e abaixo delas novamente há um conjunto de luz, profundo, amarelados, levemente escuros, e outras variedades de verde aglomeradas - sendo elas a mangueira, o líchio, a amora e a jaca, com uma exuberância de folhas e folhagens que escondem inteiramente o tronco, galhos e galhos - enquanto, perto perto, cachos de bambus balançam ao vento, e ao pé de tudo jaz aquela grama, diante de cuja superfície macia e brilhante os tapetes de Yarkand, da Pérsia e do Turquistão são quase como nada - até onde a vista alcança aquele verde, a grama verde parece uniforme, como se alguém a

tivesse aparado e podado, e estendendo-se até a margem do rio - tão abaixo das margens até onde as ondas suaves do Ganges submergiram e estão empurrando alegremente contra, a terra é emoldurada por grama verde, e logo abaixo está a água sagrada do Ganges. E se você varrer o olhar do horizonte até o zênite, notará, dentro de uma única linha, um jogo de cores tão diversas, vários tons da mesma cor, como você não viu em nenhum outro lugar. Eu digo, você já sentiu o fascínio das cores - o tipo de fascínio que leva as mariposas a morrer nas chamas e as abelhas a morrer de fome na prisão das flores? Uma coisa eu lhe digo: se você quiser apreciar a beleza do cenário Gangético, aproveite-o o quanto quiser agora, pois muito em breve todo o aspecto será alterado. Nas mãos de comerciantes gananciosos, tudo desaparecerá. No lugar dessa grama verde, serão erguidos olarias e serão cavadas covas para as olarias. Onde, agora, as minúsculas ondas do Ganges brincam com a grama, ali estarão atracados as planícies carregadas de juta e aqueles barcos de carga; e aquelas cores variadas de cocos e palmeiras, de mangas e lichis, aquele céu azul, a beleza das nuvens - você sentirá falta disso no futuro; e você encontrará, em vez disso, a fumaça envolvente do carvão e, como fantasmas no meio dessa fumaça, as chaminés meio distintas das fábricas!

Agora nosso navio chegou ao mar. A descrição que você lê no Raghuvamsham de Kalidasa das margens “do mar parecendo azul com florestas de palmeiras e outras árvores” e “parecendo uma fina borda de ferrugem no pneu de uma roda de ferro” etc. preciso e fiel. Com todos os meus respeitos pelo grande poeta, acredito que ele nunca em sua vida viu o oceano ou o Himalaia. (Swamiji posteriormente mudou de opinião em relação à última parte, ou seja, o conhecimento de Kalidasa com o Himalaia.)

Aqui há uma mistura de águas brancas e pretas, lembrando um pouco a confluência do Ganga e Jamuna em Allahabad. Embora Mukti (libertação) possa ser rara na maioria dos lugares, é certa em "Hardwar, Allahabad e na foz do Ganges". Mas dizem que esta não é a verdadeira foz do rio. Contudo, deixe-me saudar o Senhor aqui, pois “Ele tem Seus olhos, cabeça e rosto em todos os lugares (Gita, XIII, 13.)”.

Que bonito! Até onde a vista alcança, as águas azuis profundas do mar sobem em ondas espumosas e dançam ritmicamente ao sabor dos ventos. Atrás de nós jazem as águas sagradas do Ganga, embranquecidas com as cinzas do corpo de Shiva, como lemos na descrição, "os cabelos emaranhados de Shiva embranquecidos pela espuma do Ganga (hino de Shankaracharya.)". A água do Ganges é relativamente parada. À nossa frente está a linha divisória entre as águas. Aí termina a água branca. Agora começam as águas azuis do oceano – antes, atrás e ao redor só há água azul, azul por toda parte, quebrando incessantemente em ondas. O mar tem cabelo azul, seu corpo é de tez azul e sua vestimenta também é azul. Lemos nos Puranas que milhões de Asuras se esconderam no fundo do oceano por medo dos deuses. Hoje chegou a oportunidade deles, hoje Netuno é seu aliado e Éolo está atrás deles. Com rugidos hediondos e gritos trovejantes eles estão hoje dançando uma terrível dança de guerra na superfície do oceano, e as ondas espumosas são o seu riso sombrio! No meio deste tumulto está o nosso navio, e a bordo do navio, percorrendo o convés com passos senhoriais, estão homens e mulheres daquela nação que governa o mundo cercado pelo mar, vestidos com trajes encantadores, com uma tez como os raios da lua – parecendo autossuficiência e autoconfiança personificadas, e aparecendo para as raças negras como imagens de orgulho e arrogância. Acima, o trovão do céu nublado das monções, por todos os lados a dança e o rugido das ondas com cristas de espuma e o barulho dos poderosos motores do nosso navio, anulando a força do mar - era um grande conglomerado de sons, que eu estava ouvindo, perdido de espanto, como se estivesse meio acordado, quando, de repente, abafando todos esses sons, caiu em meus ouvidos a música profunda e sonora de vozes masculinas e femininas misturadas cantando em coro o hino nacional, "Governe a Britannia, a Britannia governa as ondas!" Assustado, olhei em volta e descobri que o navio balançava pesadamente, e o irmão T___, segurando a cabeça com as mãos, lutava contra um ataque de enjôo.

Na segunda turma estão dois jovens bengalis que vão estudar para o Ocidente, cuja condição é pior. Um deles parece tão assustado que ficaria muito feliz em voltar correndo direto para casa se tivesse permissão para pousar. Esses dois rapazes e nós dois somos os únicos indianos no navio – os representantes da Índia moderna. Durante os dois dias em que o navio esteve no Ganges, o irmão T___, sob as instruções secretas do Editor,

Udbodhan, costumava insistir muito para que eu terminasse rapidamente meu artigo sobre "Índia Moderna". Eu também encontrei uma oportunidade hoje e perguntei-lhe: "Irmão, qual você acha que é a condição da Índia moderna?" E ele, lançando um olhar para a segunda turma e outro para si mesmo, disse, com um suspiro: "Muito triste, ficando muito confuso!"

A razão pela qual tanta importância é dada ao braço Hooghly do Ganges, em vez do braço maior, Padmâ, é, segundo muitos, que o Hooghly era o curso primário e principal do rio, e ultimamente o rio mudou seu curso, e criou um outlet pelo Padma. Da mesma forma, o atual "Nullah de Tolley" representa o antigo curso do Ganga e é conhecido como Âdi-Gangâ. O comerciante à vela, herói da obra de Kavikankan, faz sua viagem ao Ceilão por aquele canal. Anteriormente, o Ganges era navegável para grandes navios até Triveni. O antigo porto de Saptagrâm estava situado a uma pequena distância de Triveni ghat, no rio Saraswati. Desde tempos muito antigos, Saptagram foi o principal porto do comércio exterior de Bengala. Gradualmente, a foz do Saraswati ficou assoreada. No ano de 1539 assoreou tanto que os colonos portugueses tiveram que ocupar um local mais abaixo no Ganges, para que os seus navios subissem. O local posteriormente se desenvolveu na famosa cidade de Hooghly. Desde o início do século XVI, tanto os comerciantes indianos como os estrangeiros sentiam muita ansiedade com o assoreamento do Ganges. Mas e daí? A capacidade da engenharia humana tem-se revelado até agora ineficaz contra o assoreamento gradual do leito do rio, que continua até aos dias de hoje. Em 1666, um missionário francês escreveu que o Ganga perto de Suti ficou completamente assoreado naquela época. Holwell, famoso pelo Buraco Negro, a caminho de Murshidabad foi obrigado a recorrer a pequenos barcos rurais devido à pouca profundidade do rio em Santipur. Em 1797, o capitão Colebrook escreveu que os barcos rurais não podiam navegar no Hooghly e no Jalangi durante o verão. Durante os anos de 1822-1884, o Hooghly foi fechado a todo o tráfego de barcos. Durante vinte e quatro anos, nesse período, a água teve apenas 60 ou 90 centímetros de profundidade. No século XVII, os holandeses estabeleceram um assentamento comercial em Chinsura, uma milha abaixo de Hooghly. Os franceses, que chegaram ainda mais tarde, estabeleceram o seu assentamento em Chandernagore, ainda mais abaixo no rio. Em 1723, a Companhia Alemã de Ostende abriu uma fábrica em Bankipore, cinco

milhas abaixo de Chandernagore, do outro lado do rio. Em 1616, os dinamarqueses iniciaram uma fábrica em Serampore, 13 quilômetros abaixo de Chandernagore, e depois os ingleses estabeleceram a cidade de Calcutá ainda mais rio abaixo. Nenhum dos locais acima está agora acessível aos navios, apenas Calcutá está aberta agora. Mas todos têm medo do seu futuro.

Há uma razão curiosa pela qual permanece tanta água no Ganges até cerca de Santipur, mesmo durante o verão. Quando o fluxo das águas superficiais cessa, grandes quantidades de água que se infiltram no subsolo chegam ao rio. O leito do Ganges ainda está consideravelmente abaixo do nível da terra em ambos os lados. Se o nível do leito do rio subir gradualmente devido à subsidência de solo fresco, então o problema começará. E fala-se de outro perigo. Mesmo perto de Calcutá, devido a terremotos ou outras causas, o rio às vezes secava tanto que era possível atravessá-lo a pé. Diz-se que em 1770 tal estado de coisas aconteceu. Há outro relato de que na quinta-feira, 9 de outubro de 1734, durante a vazante do meio-dia, o rio secou completamente. Se tivesse acontecido um pouco mais tarde, durante a última parte desfavorável do dia, deixo para você inferir o resultado. Talvez então o rio não voltasse ao seu leito.

Até agora, então, no que diz respeito à parte superior do Hooghly; agora no que diz respeito à porção abaixo de Calcutá. Os grandes perigos a serem enfrentados nesta parte são os bancos James e Mary. Anteriormente, o rio Damodar confluía com o Ganges, trinta milhas acima de Calcutá, mas agora, através das curiosas transformações do tempo, a confluência está a mais de trinta e uma milhas ao sul dele. Cerca de seis milhas abaixo deste ponto, o Rupnarayan despeja suas águas no Ganges. O fato é que esses dois alimentadores correm para o Ganges em uma feliz combinação – mas como será eliminada essa enorme quantidade de lama? Consequentemente, formam-se grandes bancos de areia no leito do rio, que mudam constantemente de posição e são por vezes bastante soltos e por vezes uma massa compacta, causando medo sem fim. Estão sendo feitas sondagens diurnas e noturnas da profundidade do rio, cuja omissão por alguns dias, por descuido, significaria a destruição de navios. Assim que um navio atacar contra eles, ele virará ou será imediatamente engolido por eles! Registram-se até casos de que meia hora depois de um grande navio de três

mastros atingir um desses bancos de areia, todo ele desapareceu na areia, deixando apenas o topo dos mastros visível. Esses bancos de areia podem ser considerados, com razão, a foz do Damodar-Rupnarayan. (Há um trocadilho com as palavras Damodar-Rupnarayan que não apenas implica os dois rios, mas também significa "Narayana como Damodara, ou engolir tudo (Damodara-rupa-Narayana).") O Damodar agora não está satisfeito com as aldeias Santhal, e está engolindo navios e vapores, etc. como molho, a título de variedade. Em 1877, um navio chamado "County of Sterling", com uma carga de 1.444 toneladas de trigo de Calcutá, mal havia atingido um desses terríveis bancos de areia e, em oito minutos, não havia mais vestígios dele. Em 1874, um navio a vapor transportando uma carga de 2.400 toneladas sofreu o mesmo destino em dois minutos. Abençoada seja tua boca, ó Mãe Ganga! Eu te saúdo por nos permitir sair impunes. O irmão T__ diz: "Senhor, uma cabra deveria ser oferecida à Mãe por sua benignidade". Eu respondi: "Exatamente, irmão, mas por que oferecer apenas um dia, em vez de todos os dias!" No dia seguinte, o irmão T__ leu o assunto, mas fiquei em silêncio. No dia seguinte, na hora do jantar, indiquei-lhe até que ponto a oferta de cabras estava progredindo. O irmão pareceu bastante confuso e disse: "O que você quer dizer? É só você quem está comendo." Então, com muito esforço, tive de explicar-lhe como foi dito que um jovem de Calcutá visitou certa vez a casa de seu sogro, numa aldeia remota, longe do Ganges. Lá, na hora do jantar, ele encontrou pessoas esperando com tambores, etc., e sua sogra insistiu para que ele tomasse um pouco de leite antes de se sentar para jantar. O genro considerou que talvez fosse um costume local ao qual seria melhor obedecer; mas assim que ele tomou um gole de leite, os tambores começaram a tocar por toda parte e sua sogra, com lágrimas de alegria, colocou a mão em sua cabeça e o abençoou, dizendo: "Meu filho, você tem realmente cumprido os deveres de um filho hoje, olhe aqui, você tem em seu estômago a água do Ganga, como você mora em suas margens, e no leite havia o osso em pó de seu falecido sogro; este seu ato, seus ossos alcançaram o Ganga e seu espírito obteve todos os méritos disso." Então aqui estava um homem de Calcutá, e a bordo do navio havia muitos preparados de carne e cada vez que alguém os comia, carne era oferecida à mãe Ganga. Portanto, ele não precisa ficar nem um pouco ansioso com o assunto. O irmão T__ tem uma disposição tão grave que foi difícil descobrir que impressão a palestra lhe causou.

Que coisa maravilhosa é um navio! O mar, que da costa parece tão assustador, em cujo coração o céu parece curvar-se e encontrar-se, de cujo seio o sol nasce lentamente e no qual se afunda novamente, e a menor carranca faz o coração tremer - esse mar foi transformado numa autoestrada, a mais barata de todas as rotas, pelos navios. Quem inventou o navio? Ninguém em particular. Isto é, como todas as máquinas indispensáveis aos homens - sem as quais eles não podem prescindir nem por um único momento, e pela combinação e ajuste das quais foram construídos todos os tipos de fábricas - o navio também é o resultado do trabalho conjunto. Tomemos por exemplo as rodas; quão absolutamente indispensáveis eles são! Do rangente carro de bois ao carro de Jagannath, da roda de fiar ao estupendo maquinário das fábricas, em todos os lugares há uso para a roda. Quem inventou a roda? Ninguém em particular, ou seja, todos em conjunto. O homem primitivo derrubava árvores com machados, rolava grandes troncos em planos inclinados; gradativamente, eles foram cortados no formato de rodas sólidas e, gradualmente, as naves e os raios da roda moderna entraram em voga. Quem sabe quantos milhões de anos foram necessários para fazer isso? Mas na Índia todos os estágios sucessivos de melhoria são preservados. Por mais que possam ser melhorados ou transformados, sempre se encontram homens que ocupam os estágios inferiores da evolução e, conseqüentemente, toda a série é preservada. Primeiramente foi formado um instrumento musical com uma corda fixada em um pedaço de bambu. Gradualmente, passou a ser tocado por um arco de crina de cavalo, e o primeiro violino foi feito; depois passou por várias transformações, com diferentes tipos de cordas e vísceras, e o arco também assumiu diferentes formas e nomes, até que finalmente o violão altamente acabado e o sarang, etc., surgiram. Mas, apesar disso, os cocheiros muçulmanos, mesmo agora, com um arco de crina surrado, não tocam o instrumento grosseiro feito de um cachimbo de bambu preso a um pote de barro e cantam a história de Majwar Kahar tecendo sua rede de pesca? Vá para as Províncias Centrais e você encontrará ainda hoje rodas sólidas rolando nas estradas - embora isso indique um intelecto denso por parte do povo, especialmente nestes dias de pneus de borracha.

Em tempos muito antigos, isto é, na idade de ouro, quando a maioria das pessoas era tão sincera e verdadeira que nem sequer cobriam o corpo por medo da hipocrisia - fazendo com que o exterior parecesse diferente do

interior - não se casavam para não se casar. eles podem contrair o egoísmo, e banindo todas as idéias de distinção entre meum e tuum sempre costumavam considerar a propriedade dos outros "como meros torrões de terra", na força de cacetes, pedras, etc. (Swamiji está descrevendo ironicamente o primitivo nu homem, para quem o casamento era desconhecido e que não tinha respeito pela pessoa ou pela propriedade.); — naqueles tempos abençoados, para viajar sobre a água, construíam canoas e jangadas e assim por diante, queimando o interior de uma árvore ou amarrando alguns troncos de árvores. Você não viu catamarãs ao longo da costa marítima de Orissa a Colombo? E você deve ter observado até onde as jangadas podem ir no mar. Aí você tem rudimentos de construção naval.

E aquele barco dos barqueiros de Bengala Oriental embarcando no qual você deve recorrer aos cinco santos padroeiros do rio para sua segurança; a sua casa-barco tripulada por barqueiros de Chittagong, que mesmo numa tempestade leve faz com que os seus timoneiros declarem a sua incapacidade de controlar o leme, e todos os passageiros são convidados a usar os nomes dos seus respectivos deuses como último recurso; aquele grande barco do interior com um par de fantásticos olhos de bronze na proa, remado pelos remadores em pé; aquele barco da viagem do comerciante Shrimanta (de acordo com Kavikankan, Shrimanta cruzou a Baía de Bengala simplesmente remando e estava prestes a se afogar porque seu barco ficou preso nas antenas de um cardume de lagostas e quase virou! Ele também confundiu um concha para um peixinho, e assim por diante), em outras palavras, o barco Gangasagar - bem coberto e com chão de bambus partidos, e contendo em seu porão fileiras de potes cheios de água do Ganges (que é deliciosamente fresca, peço-lhe). perdão, você visita Gangasagar durante o inverno rigoroso, e o vento frio do norte afasta todo o seu gosto por bebidas refrescantes); e aquele pequeno barco que diariamente leva os Babus bengalis ao seu escritório e os traz de volta para casa, e é supervisionado pelo barqueiro de Bally, muito experiente e muito inteligente - assim que ele avista uma nuvem tão distante como Konnagar, ele coloca o barco em segurança! - eles estão agora passando para as mãos dos homens fortes de Jaunpur que falam um dialeto peculiar, e a quem seu Mahant Maharaj, por diversão, ordenou que capturasse uma garça - que ele denominou jocosamente como "Bakâsur (um demônio da forma de uma grande garça, mencionada no Bhagavâta.)", e isso os intrigou

desesperadamente e eles gaguejaram: "Por favor, senhor, onde vamos conseguir esse demônio. É um enigma para nós"; depois aquele barco (de carga) volumoso e lento, apelidado de "Gâdhâ (burro)" em bengali, que nunca segue em linha reta, mas sempre vai para os lados; e aquela grande espécie de barco, como a escuna, de um a três mastros, que importa cargas de cocos, tâmaras e peixes secos do Ceilão, das Maldivas ou da Arábia; - estes e muitos outros numerosos demais para serem mencionados, representam o desenvolvimento subsequente na construção naval.

Dirigir um navio por meio de velas é uma descoberta maravilhosa. Qualquer que seja a direção em que o vento sopra, através de uma manipulação inteligente das velas, o navio certamente chegará ao seu destino. Mas ela demora mais quando o vento é contrário. Um navio à vela é uma visão belíssima e, à distância, parece um grande pássaro de muitas asas descendo dos céus. As velas, porém, não permitem que o navio siga em frente e, se o vento for um pouco contrário, ele terá que seguir um rumo em zigue-zague. Mas quando há uma calmaria perfeita, o navio fica indefeso e tem que baixar as velas e ficar parado. Nas regiões equatoriais isso acontece com frequência mesmo agora. Hoje em dia, os navios à vela também contêm muito pouca madeira e são, na sua maioria, feitos de ferro. É muito mais difícil ser capitão ou marinheiro de um navio à vela do que de um navio a vapor, e ninguém pode ser um bom capitão de navio à vela sem experiência. Conhecer a direção do vento a cada passo e estar alerta contra locais perigosos muito à frente — essas duas qualificações são indispensavelmente necessárias num navio à vela, mais do que num navio a vapor. Um navio a vapor está em grande parte sob controle humano – os motores podem ser desligados em um momento. Pode ser dirigido à frente, à popa, lateralmente ou em qualquer direção desejada, em muito pouco tempo, mas o veleiro está à mercê do vento. No momento em que as velas podem ser abaixadas ou o leme girado, o navio pode atingir uma margem, bater em uma rocha submarina ou colidir com outro navio. Hoje em dia, os navios à vela raramente transportam passageiros, exceto coolies. Geralmente transportam cargas, e também coisas de qualidade inferior, como sal etc. Pequenos veleiros, como a escuna, fazem comércio de cabotagem. Os navios à vela não se podem dar ao luxo de alugar navios a vapor para os rebocar ao longo do Canal de Suez e gastar milhares de rúpias

como portagem, para que possam ir para Inglaterra em seis meses, contornando África.

Devido a todas essas desvantagens dos navios à vela, a guerra naval no passado era um assunto arriscado. Uma ligeira mudança no curso do vento ou na corrente oceânica decidiria o destino de uma batalha. Mais uma vez, esses navios, sendo feitos de madeira, pegavam fogo frequentemente, o que tinha de ser apagado. A sua construção também foi de um tipo diferente; uma extremidade era plana e muito alta, com cinco ou seis conveses. No convés superior, nesta extremidade, existia uma varanda de madeira, em frente à qual ficavam a sala e o escritório do comandante e de cada lado ficavam os camarotes dos oficiais. Depois havia um grande espaço aberto, no outro extremo do qual havia algumas cabines. Os andares inferiores também tinham corredores cobertos semelhantes, um abaixo do outro. No convés ou porão mais baixo ficavam as salas de dormir e de jantar dos marinheiros, etc. Em cada lado de cada convés havia canhões de longo alcance, com os canos projetando-se através das fileiras de aberturas nas paredes dos navios; e em ambos os lados havia montes de balas de canhão (e sacos de pólvora em tempos de guerra). Todos os conveses desses antigos navios de guerra tinham telhados muito baixos e era preciso manter a cabeça baixa para se movimentar. Naquela época, era um negócio problemático garantir fuzileiros navais para a guerra naval. Havia uma ordem permanente do Governo para alistar homens à força ou com astúcia, onde quer que pudessem ser encontrados. Os filhos foram violentamente arrancados das mães e os maridos das esposas. Assim que foram obrigados a embarcar no navio (o que talvez os pobres coitados nunca tivessem feito em suas vidas), receberam ordem de subir imediatamente nos mastros! E se por medo não cumprissem a ordem, eram açoitados. Alguns também morreriam sob a provação. Foram os homens ricos e influentes do país que fizeram essas leis, foram eles que se apropriariam dos benefícios do comércio, ou da devastação, ou da conquista de diferentes países, e as pessoas pobres deveriam simplesmente derramar o seu sangue e sacrificar as suas vidas – como tem sido a regra ao longo da história do mundo! Agora essas leis já não existem, e o nome do Pressgang já não causa arrepios nos corações dos camponeses e dos pobres. Agora é serviço voluntário, mas muitos jovens criminosos são treinados como marinheiros em navios de guerra, em vez de serem atirados para a prisão.

A energia a vapor revolucionou tudo isso, e as velas são hoje em dia ornamentos quase supérfluos nos navios. Eles dependem muito pouco dos ventos agora, e há muito menos perigo de vendavais e coisas do gênero. Os navios só precisam agora tomar cuidado para não baterem nas rochas submarinas. E os navios de guerra de hoje são totalmente diferentes dos do passado. Em primeiro lugar, não se parecem em nada com navios, mas sim com fortalezas flutuantes de ferro de dimensões variadas. O número de canhões também foi muito reduzido, mas comparados com os modernos canhões de torre, os do passado eram mera brincadeira de criança. E quão rápidos são esses navios de guerra! Os menores deles são os torpedeiros; aqueles que são um pouco maiores são para capturar navios mercantes hostis, e os grandes são os instrumentos pesados para a luta naval propriamente dita.

Durante a Guerra Civil dos Estados Unidos da América, o partido Unionista fixou fiadas de carris de ferro contra as paredes exteriores de um navio de madeira para as cobrir. As balas de canhão do inimigo que os atingiram foram repelidas sem causar nenhum dano ao navio. Depois disso, via de regra, as laterais do navio passaram a ser revestidas de ferro, para que as bolas hostis não penetrassem na madeira. Os canhões do navio também começaram a melhorar - canhões cada vez maiores foram construídos e o trabalho de movê-los, carregá-los e dispará-los passou a ser executado por máquinas, em vez de manualmente. Um canhão que nem mesmo quinhentos homens conseguem mover um centímetro, agora pode ser girado vertical ou horizontalmente, carregado e disparado por um garotinho apertando um botão, e tudo isso em um segundo! À medida que a parede de ferro dos navios começou a aumentar de espessura, também começaram a ser fabricados canhões com o poder do trovão. Atualmente, um navio de guerra é uma fortaleza com paredes de aço e os canhões são quase como a própria Morte. Um único tiro é suficiente para quebrar o maior navio em fragmentos. Mas esta "câmara nupcial de ferro" - com a qual o pai de Nakindar (no popular conto bengali) nunca sequer sonhou, e que, em vez de ficar no topo da "Colina Sâtâli" se move dançando sobre setenta mil vagas semelhantes a montanhas, mesmo esta tem um medo mortal de torpedos! O torpedo é um tubo em forma de charuto e, se disparado contra um objeto, viaja debaixo d'água como um peixe. Então, no momento em que atinge seu objeto, os materiais altamente explosivos que contém explodem com um

barulho terrível, e o navio sob o qual isso ocorre é reduzido à sua condição original, isto é, parcialmente em fragmentos de ferro e madeira, e parcialmente em fumaça. e fogo! E não se encontra nenhum vestígio dos homens apanhados nesta explosão do torpedo - o pouco que se encontra está quase em estado de carne picada! Desde a invenção destes torpedos, as guerras navais não podem durar muito. Uma ou duas lutas e consegue-se uma grande vitória ou uma derrota total. Mas a perda total de homens de ambos os partidos em combates navais que os homens apreenderam antes da introdução destes navios de guerra foi grandemente falsificada pelos factos.

Se uma fração da saraivada de balas descarregadas durante uma luta de campo pelas armas e rifles de cada exército hostil sobre os oponentes atingisse sua mira, então ambos os exércitos rivais seriam mortos até um homem em dois minutos. Da mesma forma, se apenas um dos quinhentos tiros disparados de um navio de guerra em ação atingisse seu alvo, então não restaria nenhum vestígio dos navios em ambos os lados. Mas o que é surpreendente é que, à medida que as armas e as espingardas melhoram em qualidade, à medida que estas últimas se tornam mais leves e as espingardas nos seus canos mais finas, à medida que o alcance aumenta, à medida que a maquinaria de carregamento se multiplica e a cadência de tiro se acelera – mais eles parecem perder o objetivo! Armados com o antiquado mosquete de cano invulgarmente longo - que tem de ser apoiado num suporte de madeira de duas pernas enquanto dispara, e aceso ao atear fogo e soprar nele - os Barakhjais e os Afridis podem disparar com precisão infalível, enquanto o soldado moderno treinado com as metralhadoras altamente complexas dos dias de hoje dispara 150 tiros por minuto e serve apenas para aquecer a atmosfera! O maquinário em pequena proporção é bom, mas o excesso dele mata a iniciativa do homem e faz dele uma máquina sem vida. Os homens nas fábricas realizam o mesmo trabalho monótono, dia após dia, noite após noite, ano após ano, cada grupo de homens realizando um trabalho especial - como moldar cabeças de alfinetes ou unir pontas de fios, ou movendo-se para trás ou para frente com o tear – por toda a vida. E o resultado é que a perda desse emprego especial significa a morte para eles – eles não encontram outro meio de viver e morrem de fome. Fazendo trabalho rotineiro como uma máquina, a pessoa se torna uma máquina sem

vida. Por esse motivo, alguém que serve como professor ou escriturário durante toda a vida acaba se tornando um tolo estúpido.

A forma dos navios mercantes e dos navios de passageiros é de um tipo diferente. Embora alguns navios mercantes sejam construídos de tal forma que em tempos de guerra possam facilmente ser equipados com algumas armas e perseguir navios mercantes hostis e desarmados, pelos quais recebem remuneração dos seus respectivos governos, ainda assim eles geralmente diferem amplamente dos navios de guerra. Actualmente, estes são na sua maioria navios a vapor e geralmente tão grandes e caros que raramente são propriedade de indivíduos, mas sim de empresas. Entre as transportadoras do comércio indiano e europeu, a P. & O. Company é a mais antiga e rica, depois vem a B. I. S. N. Company, e há muitas outras. Entre os de nacionalidade estrangeira, os Messageries Maritimes (franceses), o Lloyd austríaco, o Lloyd alemão e a Companhia Rubattino (italiana), são os mais famosos. Destes, os navios de passageiros da P. & O. Company são geralmente considerados os mais seguros e rápidos. E os arranjos de comida nas Messageries Maritimes são excelentes.

Desta vez, quando partimos para a Europa, as duas últimas companhias tinham parado de reservar passageiros “nativos” por medo da infecção da peste. E existe uma lei do governo indiano que determina que nenhum “nativo” da Índia pode ir para o estrangeiro sem um certificado do Gabinete de Emigração, a fim de garantir que ninguém o atraia para países estrangeiros para o vender como escravo ou para impressionar ele como um cule, mas que ele está indo por vontade própria. Este documento escrito deve ser apresentado antes de levá-lo para o navio. Esta lei permaneceu em silêncio por tanto tempo contra a ida da nobreza indiana para países estrangeiros. Agora, por causa da epidemia de peste, foi reavivado, para que o Governo possa ser informado sobre todas as saídas de “nativos”. Bem, no nosso país ouvimos muito falar de algumas pessoas pertencentes à pequena nobreza e outras às classes mais baixas. Mas aos olhos do Governo todos são “nativos”, sem exceção. Maharajas, Rajas, Brâmanes, Kshatriyas, Vaishyas, Shudras – todos pertencem a uma mesma classe – a dos “nativos”. A lei e o teste que se aplica aos coolies são aplicáveis a todos os “nativos” sem distinção. Graças a você, ó governo inglês, por sua graça, pelo menos por um momento me sinto um com todo o corpo de “nativos”. É

ainda mais bem-vindo porque este meu corpo, vindo de uma família Kayastha, me tornou alvo de ataque de muitos setores. Hoje em dia ouvimos dos lábios de pessoas de todas as castas na Índia que são todos arianos de sangue puro - só que há alguma diferença de opinião entre eles sobre a percentagem exacta de sangue ariano nas suas veias, alguns alegando ter a medida completa. disso, enquanto outros podem ter uma onça a mais ou menos que outra - isso é tudo. Mas nisto todos são unânimes em afirmar que suas castas são todas superiores aos Kayastha! E também é relatado que eles e a raça inglesa pertencem à mesma linhagem - que são primos alemães entre si e que não são "nativos". E vieram para este país por princípios humanitários, como os ingleses. E costumes malignos como o casamento infantil, a poligamia, a adoração de imagens, o suttu, o sistema zenana e assim por diante não têm lugar em sua religião - mas foram introduzidos pelos ancestrais dos Kayasthas e por pessoas desse tipo. . A religião deles também segue o mesmo padrão da dos ingleses! E os seus antepassados eram iguais aos ingleses, só que viver sob o sol tropical da Índia os tornou negros! Agora apresente suas pretensões, se tiver coragem! “Vocês são todos nativos”, diz o Governo. Entre aquela massa preta, não se distingue um tom mais profundo ou mais claro. O Governo diz: “São todos nativos”. Agora é inútil vocês se vestirem à moda inglesa. Seus chapéus europeus, etc., pouco lhe servirão daqui em diante. Se você jogar toda a culpa nos hindus e tentar confraternizar com os ingleses, você receberá uma parcela maior de bofetadas e golpes, e não menos. Bênçãos para você, ó governo inglês! Você já se tornou o filho favorito da Fortuna; que sua prosperidade aumente cada vez mais! Ficaremos felizes mais uma vez em usar nossa tanga e Dhoti – a vestimenta nativa. Pela tua graça continuaremos a viajar de um extremo ao outro do país, com a cabeça descoberta e os pés descalços, e comeremos com vontade a nossa comida habitual de arroz e Dâl com os dedos, à moda indiana. Bendito seja o Senhor! Quase fomos tentados pela moda anglo-indiana e enganados por seu glamour. Ouvimos dizer que, assim que abandonássemos a nossa vestimenta nativa, a religião nativa e os modos e costumes nativos, o povo inglês nos levaria nos ombros e nos tornaria uma celebridade. E estávamos prestes a fazê-lo, quando veio o chicote do inglês e o baque das botas britânicas - e imediatamente os homens foram tomados pelo pânico e se afastaram, despedindo-se dos costumes ingleses, ansiosos por confessar o seu "nativo". aniversário.

"As formas inglesas que copiaríamos com tanto esforço,

As botas britânicas saíram dos nossos cérebros!"

Bendito seja o governo inglês! Que seu trono seja firme e seu governo permanente. E a pouca tendência que restava em mim para seguir os caminhos europeus desapareceu, graças aos americanos. Fiquei muito preocupado com uma barba crescida, mas assim que espiei dentro de um salão de corte de cabelo alguém gritou: "Este não é lugar para pessoas de aparência tão miserável como você." Pensei que talvez ao me ver tão estranhamente vestido com turbante e capa de Gerua, o homem tivesse preconceito contra mim. Então eu deveria ir comprar um casaco e um chapéu ingleses. Eu estava prestes a fazer isso quando felizmente conheci um cavalheiro americano que me explicou que era muito melhor eu estar vestido com minha capa Gerua, pois agora os cavalheiros não me levariam mal, mas se eu me vestisse à moda européia, todo mundo iria me afugentar. Encontrei o mesmo tipo de tratamento em um ou dois outros bares. Depois disso comecei a praticar o barbear com as próprias mãos. Certa vez, eu estava morrendo de fome e entrei em um restaurante e pedi uma coisa específica, ao que o homem disse: "Não temos estoque". "Ora, está aí." "Bem, meu bom homem, em linguagem simples, significa que não há lugar aqui para você sentar e fazer sua refeição." "E porque?" "Porque ninguém comerá na mesma mesa que você, pois será excluído." Então a América começou a parecer agradável para mim, um pouco como o meu próprio país dominado por castas. Fora essas diferenças entre brancos e negros, e essa minúcia sobre a proporção de sangue ariano entre os "nativos"! Como parece estranho que os escravos sejam excessivamente meticulosos com relação ao pedigree! Havia um Dom (um homem da casta dos varredores) que costumava dizer: "Você não encontrará em nenhum lugar do mundo uma casta superior à nossa. Você deve saber que somos Dom-m-m-s!" Mas você vê a graça disso? Os excessos em relação às distinções de castas são mais prevaletentes entre os povos menos honrados entre a humanidade.

Os navios a vapor são geralmente muito maiores que os navios à vela. Os navios a vapor que atravessam o Atlântico são apenas metade do tamanho do "Golconda". (O navio a vapor B.I.S.N. no qual Swami Vivekananda foi para o Ocidente pela segunda vez.) O navio em que cruzei o Pacífico vindo do Japão também era muito grande. No centro dos navios maiores estão os

compartimentos de primeira classe com algum espaço aberto em ambos os lados; depois vem a segunda classe, ladeada pela "dirigência" de cada lado. Em uma extremidade ficam os alojamentos dos marinheiros e dos empregados. A terceira classe corresponde à terceira classe, na qual vão como passageiros pessoas muito pobres, como, por exemplo, aqueles que emigram para a América, Austrália, etc. mão a mão. Não há terceira classe nos navios que navegam entre a Inglaterra e a Índia, mas eles aceitam passageiros no convés. O espaço aberto entre a primeira e a segunda classes é utilizado por eles para sentar ou dormir. Mas não notei um único passageiro no convés destinado a uma longa viagem. Somente em 1893, a caminho da China, encontrei vários chineses viajando como passageiros no convés de Bombaim para Hong Kong.

Durante as tempestades, os passageiros do convés sofrem grandes transtornos e, até certo ponto, também nos portos, quando a carga é descarregada. Com exceção do convés furacão que fica no topo de todos, há uma abertura quadrada em todos os outros conveses, por onde a carga é carregada e descarregada, momento em que os passageiros do convés enfrentam alguns problemas. Fora isso, é muito agradável passear no convés à noite, de Calcutá a Suez, e no verão, pela Europa também. Quando os passageiros da primeira e da segunda classe estão prestes a derreter em seus compartimentos mobiliados por causa do calor excessivo, o convés é quase um paraíso em comparação. A segunda classe em navios deste tipo é muito desconfortável. Só que nos navios da recém-criada Companhia Lloyd Alemã que operam entre Bergen, na Alemanha, e a Austrália, os arranjos de segunda classe são excelentes; há cabines até no convés do furacão, e a alimentação está quase no mesmo nível da primeira classe da "Golconda". Essa linha toca Colombo no caminho.

Na "Golconda" existem apenas duas cabines no convés do furacão, uma de cada lado; um é para o médico e o outro nos foi atribuído. Mas devido ao calor excessivo, tivemos que nos abrigar no convés inferior, pois nossa cabine ficava logo acima da casa de máquinas do navio. Embora o navio seja feito de ferro, as cabines dos passageiros são feitas de madeira. E há muitos buracos na parte superior e inferior das paredes de madeira destas, para a livre passagem do ar. As paredes são pintadas com tinta marfim, que custa quase £ 25 por quarto. Há um pequeno tapete estendido no chão e

contra uma das paredes estão fixadas duas armações que lembram estrados de ferro sem pernas, uma em cima da outra. Da mesma forma na parede oposta. Mesmo em frente à entrada existe um lavatório, sobre o qual se encontram um espelho, duas garrafas e dois copos para água potável. Contra os lados de cada cama está fixada uma rede em armações de latão que pode ser fixada à parede e novamente baixada. Nele os passageiros colocam o relógio e outras necessidades pessoais importantes antes de se aposentarem. Abaixo da cama inferior há espaço para guardar baús e bolsas. Os arranjos de segunda classe têm planta semelhante, só que o espaço é mais estreito e os móveis de qualidade inferior. O negócio de transporte marítimo é quase um monopólio dos ingleses. Portanto, também nos navios construídos por outras nações, os arranjos alimentares, bem como a regulamentação do horário, têm de ser feitos à moda inglesa, para se adequarem ao grande número de passageiros ingleses neles. Existem grandes diferenças entre Inglaterra, França, Alemanha e Rússia, no que diz respeito à alimentação e ao tempo. Tal como no nosso país, existem grandes diferenças entre Bengala, o Norte da Índia, o país Mahratta e Gujarat. Mas essas diferenças são muito pouco observadas nos navios, porque lá, devido à maioria dos passageiros que falam inglês, tudo está sendo moldado à moda inglesa.

O Capitão é a autoridade máxima de um navio. Antigamente o Capitão governava o navio em alto mar, punindo infratores, enforcando piratas e assim por diante. Agora ele não vai tão longe, mas sua palavra é lei a bordo de um navio. Abaixo dele estão quatro oficiais (ou malims, no vernáculo indiano). Depois vêm quatro ou cinco engenheiros, o engenheiro-chefe tendo a mesma classificação que um oficial e recebendo comida de primeira classe. E há quatro ou cinco timoneiros (sukanis, no vernáculo indiano) que seguram o leme alternadamente — também são europeus. O resto, incluindo os criados, os marinheiros e os carvoeiros, são todos indianos, e todos muçulmanos; Marinheiros hindus eu só via no lado de Bombaim, em navios da P.&O. Os criados e os marinheiros são de Calcutá, enquanto os carvoeiros pertencem à Bengala Oriental; os cozinheiros também são cristãos católicos de Bengala Oriental. Além disso, existem quatro varredores, cuja função é retirar a água suja dos compartimentos, preparar o banho e manter as latrinas, etc., limpas e arrumadas. Os servos e lascars muçulmanos não comem comida cozinhada por cristãos; além disso, todos

os dias há preparações de presunto ou bacon a bordo do navio. Mas eles conseguem estabelecer algum tipo de privacidade para si próprios. Não se opõem a levar pão preparado na cozinha do navio, e os criados de Calcutá que receberam a "nova luz" da civilização não observam quaisquer restrições em matéria de alimentação. Há três refeitórios para os homens, um para os criados, um para os marinheiros e um para os carvoeiros. A empresa fornece a cada refeitório um cozinheiro e um criado; cada bagunça tem um lugar separado para cozinhar. Alguns passageiros hindus iam de Calcutá para Colombo e costumavam cozinhar numa dessas cozinhas depois que os criados terminavam a sua. Os servos tiram sua própria água potável. Em cada convés duas bombas são fixadas na parede, uma de cada lado; um é para água doce e outro para água salgada, e os muçulmanos extraem água doce para seu próprio uso. Aqueles hindus que não têm nenhuma objeção a tomar água encanada podem facilmente embarcar nesses navios para a Inglaterra e outros lugares, observando toda a sua ortodoxia em matéria de comida e bebida. Eles podem ter uma cozinha e água potável sem o toque de ninguém, e até mesmo a água do banho não precisa ser tocada por mais ninguém; todos os tipos de alimentos, como arroz, leguminosas, vegetais, peixe, carne, leite e ghee estão disponíveis no navio, especialmente nesses navios onde trabalham principalmente indianos, para os quais arroz, leguminosas, rabanete, repolho e batata, etc. devem ser fornecidos todos os dias. A única coisa necessária é dinheiro. Com dinheiro você pode prosseguir sozinho para qualquer lugar, observando a ortodoxia total.

Esses servos bengalis são hoje empregados em quase todos os navios que operam entre Calcutá e a Europa. Eles estão gradualmente formando uma classe própria. Vários termos náuticos também estão sendo cunhados por eles; por exemplo, o capitão é denominado bariwallah (proprietário); o oficial malim; o mastro 'dôl'; uma vela sarh; derrubar ária; levantar habish (levantar), etc.

O corpo dos lascars e dos carvoeiros tem cada um uma cabeça chamada serang, sob a qual estão dois ou três tindals, e abaixo destes vêm os lascars e os carvoeiros.

O chefe dos khansamas, ou "meninos", é o mordomo, sobre o qual existe um mordomo europeu. Os lascars lavam e limpam o navio, lançam ou enrolam os cabos, pousam ou levantam os barcos e içam ou içam as velas (embora este último seja uma ocorrência rara em navios a vapor) e fazem trabalhos semelhantes. O Serang e o Tindal estão sempre se movimentando, observando-os e auxiliando em seu trabalho. Os carvoeiros mantêm o fogo aceso na casa das máquinas; seu dever é combater o fogo dia e noite e manter os motores arrumados e limpos. E não é tarefa fácil manter aquele motor estupendo e todas as suas peças limpos e arrumados. O Serang e seu assistente (ou “Irmão”, na linguagem do lascar) são de Calcutá e falam bengali; têm uma aparência cavalheiresca e sabem ler e escrever, tendo estudado na escola; eles falam inglês tolerável também. O Serang tem um filho de treze anos, que é servo do Capitão e espera à sua porta como ordenança. Vendo esses lascars, carvoeiros, criados e meninos bengalis trabalhando, o sentimento de desespero que eu tinha em relação aos meus compatriotas diminuiu muito. Como eles estão lentamente desenvolvendo sua masculinidade, com um físico forte – quão destemidos, mas dóceis! Aquela atitude bajuladora e bajuladora comum aos “nativos” que nem mesmo os varredores possuem – que transformação!

Os lascars indianos fazem um excelente trabalho sem murmurar e ganham um quarto do salário de um marinheiro europeu. Isto tem insatisfeito muitos em Inglaterra, especialmente porque muitos europeus estão a perder a sua vida com isso. Às vezes eles criam uma agitação. Não tendo mais nada a dizer contra eles - pois os lascars são mais espertos no trabalho do que os europeus - apenas se queixam de que, em caso de mau tempo, quando o navio está em perigo, perdem toda a coragem. Bom Deus! Nas circunstâncias reais, essa infâmia é considerada infundada. Em tempos de perigo, os marinheiros europeus bebem livremente através do medo e tornam-se estúpidos e inutilizáveis. Os marinheiros indianos nunca beberam uma gota de bebida alcoólica na vida e, até agora, nenhum deles jamais demonstrou covardia em tempos de grande perigo. O soldado indiano demonstra alguma covardia no campo de batalha? Não, mas eles devem ter líderes. Um amigo meu inglês, chamado General Strong, estava na Índia durante o Motim dos Sepoys. Ele costumava contar muitas histórias sobre isso. Um dia, no decorrer da conversa, perguntei-lhe como é que os sipaios que tinham armas, munições e provisões suficientes à sua disposição, e

também eram veteranos treinados, sofreram tal derrota. Ele respondeu que os líderes entre eles, em vez de avançar, apenas gritavam de uma posição segura na retaguarda: "Continuem a lutar, bravos rapazes", e assim por diante; mas a menos que o comandante vá em frente e enfrente a morte, os soldados rasos nunca lutarão com o coração. É o mesmo em todos os ramos. "Um capitão deve sacrificar a cabeça", dizem. Se você puder dar sua vida por uma causa, só você poderá ser um líder. Mas todos queremos ser líderes sem fazer o sacrifício necessário. E o resultado é zero – ninguém nos escuta!

Por mais que vocês exibam sua descendência de ancestrais arianos e cantem as glórias da antiga Índia dia e noite, e por mais que vocês se pavoneiem no orgulho de seu nascimento, vocês, as classes superiores da Índia, vocês acham que estão vivos? Vocês são apenas múmias com dez mil anos de idade! É entre aqueles que seus ancestrais desprezavam como "carne ambulante" que se encontra a pouca vitalidade que ainda existe na Índia; e são vocês os verdadeiros "cadáveres ambulantes". Suas casas, seus móveis parecem espécimes de museu, de tão sem vida e antiquados que são; e mesmo uma testemunha ocular de seus costumes e costumes, de seus movimentos e modos de vida, tende a pensar que está ouvindo a história de uma avó! Quando, mesmo depois de conhecê-lo pessoalmente, voltamos para casa, parece que pensamos que fomos visitar as pinturas de uma galeria de arte! Neste mundo de Maya, vocês são as verdadeiras ilusões, o mistério, a verdadeira miragem no deserto, vocês, as classes altas da Índia! Você representa o pretérito, com todas as suas variedades de formas misturadas em uma só. Aquele que ainda parece te ver no momento, não passa de um pesadelo provocado pela indigestão. Você é o vazio, as insubstanciais insubstanciais do futuro. Habitantes da terra dos sonhos, por que vocês estão vagando mais? Esqueletos sem carne e sem sangue do cadáver da Índia do Passado vocês são, por que não se reduzem rapidamente a pó e desaparecem no ar? Sim, em seus dedos ossudos estão alguns anéis de joias de valor inestimável, guardados como tesouros por seus ancestrais, e dentro do abraço de seus cadáveres fedorentos estão preservados muitos baús de tesouros antigos. Até agora você não teve a oportunidade de entregá-los. Agora, sob o domínio britânico, nestes dias de educação e esclarecimento gratuitos, transmita-os aos seus herdeiros, sim, faça-o o mais rápido que puder. Vocês se fundem no vazio e desaparecem, e

deixam a Nova Índia surgir em seu lugar. Deixe-a surgir – fora da casa dos camponeses, segurando o arado; das cabanas do pescador, do sapateiro e do varredor. Deixe-a saltar da mercearia, do lado do forno do vendedor de bolinhos fritos. Deixe-a emanar da fábrica, dos mercados e dos mercados. Deixe-a emergir de bosques e florestas, de colinas e montanhas. Estas pessoas comuns sofreram opressão durante milhares de anos —#8212; sofri isso sem murmurar e, como resultado, obtive uma fortaleza maravilhosa. Sofreram a miséria eterna, o que lhes deu uma vitalidade inabalável. Vivendo com um punhado de grãos, eles podem convulsionar o mundo; dê-lhes apenas meio pedaço de pão e o mundo inteiro não será grande o suficiente para conter a sua energia; eles são dotados da vitalidade inesgotável de um Raktabija. (Um demônio, no Durgâ-Saptashati, cada gota de cujo sangue caindo no chão produziu outro demônio como ele.) E, além disso, eles têm a força maravilhosa que vem de uma vida pura e moral, que não deve ser encontrado em qualquer outro lugar do mundo. Tanta tranquilidade, tanto contentamento, tanto amor, tanto poder de trabalho silencioso e incessante, e tanta manifestação da força do leão em tempos de ação – onde mais você encontrará isso! Esqueletos do Passado, aí, diante de vocês, estão seus sucessores, a Índia que há de ser. Jogue esses seus baús de tesouro e aqueles anéis de joias entre eles, assim que puder; e você desaparece no ar e não será mais visto - apenas mantenha os ouvidos abertos. Assim que você desaparecer, ouvirá o grito inaugural da Índia Renascentista, ressoando com a voz de um milhão de trovões e reverberando por todo o universo, "Wah Guru Ki Fateh" - vitória para o Guru!

Nosso navio está agora na Baía de Bengala, que é considerada muito profunda. O pouco que era raso foi assoreado pelo Ganges que desmoronou o Himalaia e destruiu as Províncias do Noroeste (UP). Essa região aluvial é a nossa Bengala. Não há indicação de que Bengala se estenda além dos Sunderbans. Alguns dizem que Sunderbans era antigamente o local de muitas aldeias e cidades e era uma região elevada. Mas muitos não admitem isso agora. No entanto, os Sunderbans e a parte norte da Baía de Bengala foram palco de muitos eventos históricos. Estes foram o ponto de encontro dos piratas portugueses; o rei de Arakan fez repetidas tentativas de ocupar esta região, e aqui também o representante do Imperador Mogul fez o possível para punir os piratas portugueses chefiados por Gonzalez; e este

tem sido frequentemente palco de muitas lutas entre cristãos, magnatas, canecas e bengalis.

A Baía de Bengala é naturalmente agitada e, para acrescentar a isso, é a estação das monções, então nosso navio está balançando fortemente. Mas então, isto é apenas o começo e não há como saber o que se seguirá, pois vamos para Madras. A maior parte do Sul da Índia pertence agora à Presidência de Madras. O que há na mera extensão de terra? Até um deserto se transforma em paraíso quando cai sob os cuidados de um dono afortunado. A pequena aldeia desconhecida de Madras, anteriormente chamada de Chinnapattanam ou Madraspattanam, foi vendida pelo Raja de Chandragiri a uma companhia de comerciantes. Na época, os ingleses tinham seu comércio principal em Java, e Bantam era o centro do comércio asiático da Inglaterra. Madras e outros assentamentos comerciais ingleses na Índia estavam sob o controle de Bantam. Onde está aquele Bantam agora? E que desenvolvimento Madras fez! Não é toda verdade dizer que a fortuna favorece o homem empreendedor; atrás deve estar a força que vem da Mãe Divina. Mas também admito que é aos homens empreendedores que a Mãe dá força.

Madras lembra uma província típica do sul da Índia; embora mesmo no Jagannath Ghat de Calcutá, alguém possa ter um vislumbre do Sul ao ver o brâmane Orissa com sua cabeça raspada e cabelos tufados, sua testa pintada de diversas maneiras, os chinelos involutos, nos quais apenas os dedos dos pés podem entrar; aquele nariz irritado de rapé e aquela mania de cobrir o corpo dos filhos com estampas de pasta de sândalo. O brâmane Gujarati, o brâmane Maharashtra, negro como azeviche, e o brâmane de Konkan, excepcionalmente louro, com olhos de gato e cabeça quadrada - embora todos se vistam da mesma maneira e sejam todos conhecidos como Deccanis, ainda assim o típico brâmane do sul é ser encontrado em Madras. Aquela testa coberta pela ampla marca de casta da seita Ramanuja - que para os não iniciados parece tudo menos sublime (e cuja imitação - a marca de casta da seita Ramananda do norte da Índia - é aclamada com muitas rimas jocosas - e o que lança completamente na sombra o costume que prevalece em Bengala entre os líderes da seita Vaishnavita, de imprimir assustadoramente todo o seu corpo); aquela fala em télugo, tâmil e malaiala da qual você não entenderá uma única sílaba, mesmo que a ouça durante

seis anos e na qual há um jogo de todas as variedades possíveis de sons 'l' e 'd'; aquela ingestão de arroz com “sopa dal com pimenta preta” – cada pedaço provoca um arrepio no coração (tão pungente e tão ácido!); aquela adição de folhas de margosa, aveia, etc., a título de aromatizante, aquela ingestão de "arroz e requeijão" etc., aquele banho de óleo de gingili passado no corpo, e a fritura de peixe no mesmo óleo - sem estes como se pode conceber o país do sul?

Mais uma vez, o Sul manteve o hinduísmo vivo durante o domínio muçulmano e mesmo durante algum tempo antes dele. Foi no Sul que nasceu Shankaracharya, entre aquela casta que usa um topete na cabeça e come alimentos preparados com óleo de coco: este foi o país que produziu Ramanuja: foi também o berço de Madhva Muni. O hinduísmo moderno deve sua lealdade somente a estes. Os Vaishnavas da seita Chaitanya formam apenas uma recensão da seita Madhva; os reformadores religiosos do Norte, como Kabir, Dadu, Nanak e Ramsanehi, são todos um eco de Shankaracharya; lá você encontra os discípulos de Ramanuja ocupando Ayodhya e outros lugares. Esses Brâmanes do Sul não reconhecem os do Norte como verdadeiros Brâmanes, nem os aceitam como discípulos, e até mesmo no outro dia não os admitiriam em Sannyasa. O povo de Madras ainda hoje ocupa os principais assentos religiosos. Foi no Sul que, quando as pessoas do Norte da Índia se escondiam em bosques e florestas, abandonando os seus tesouros, as suas divindades domésticas, as suas esposas e filhos, perante o triunfante grito de guerra dos invasores muçulmanos - a suserania do rei de Vidyânagar foi estabelecido firme como sempre. No Sul, mais uma vez, nasceu o maravilhoso Sâyanâchârya - cuja força de armas, vencendo os maometanos, manteve o rei Bukka no seu trono, cujos sábios conselhos deram estabilidade ao Reino de Vidyanagar, cuja política estatal estabeleceu paz e prosperidade duradouras no Deccan, cujo gênio sobre-humano e extraordinária indústria produziram os comentários sobre todos os Vedas - e o produto de cujo maravilhoso sacrifício, renúncia e pesquisas foi o tratado Vedanta chamado Panchadashi - que Sannyasin Vidyâranya Muni ou Sayana (De acordo com alguns, Sayana, o comentarista dos Vedas, era irmão de Vidyaranya Muni.) nasceu nesta terra. A Presidência de Madras é o habitat daquela raça Tamil cuja civilização foi a mais antiga, e um ramo da qual, chamados Sumérios, espalhou uma vasta civilização nas margens do Eufrates em tempos muito

antigos; cuja astrologia, conhecimento religioso, moral, ritos, etc. forneceram a base para as civilizações assíria e babilônica; e cuja mitologia foi a fonte da Bíblia cristã. Outro ramo destes tâmeis espalhou-se a partir da costa do Malabar e deu origem à maravilhosa civilização egípcia, e os arianos também estão em dívida com esta raça em muitos aspectos. Seus templos colossais no Sul proclamam o triunfo das seitas Veera Shaiva e Veera Vaishnava. A grande religião Vaishnava da Índia também surgiu de um pária tâmil - Shathakopa - "que era um negociante de leques, mas era um iogue o tempo todo". E os Tamil Alwars ou devotos ainda merecem o respeito de toda a seita Vaishnava. Mesmo agora, o estudo dos sistemas Dvaita, Vishishtâdvaita e Advaita do Vedanta é cultivado mais no sul da Índia do que em qualquer outro lugar. Mesmo agora a sede de religião é mais forte aqui do que em qualquer outro lugar.

Na noite de 24 de Junho, o nosso navio chegou a Madras. Levantando-me da cama pela manhã, descobri que estávamos dentro do espaço fechado do porto de Madras. Dentro do porto a água estava parada, mas lá fora, ondas gigantescas rugiam, que ocasionalmente se chocavam contra o muro do porto, subiam de cinco a seis metros de altura no ar e se quebravam numa massa de espuma. Em frente ficava a conhecida Strand Road de Madras. Dois inspetores de polícia europeus, um Jamadar de Madras e uma dúzia de policiais embarcaram em nosso navio e me disseram com grande cortesia que os “nativos” não estavam autorizados a desembarcar na costa, mas os europeus sim. Um “nativo”, quem quer que fosse, tinha hábitos tão sujos que havia todas as chances de carregar germes da peste; mas os Madrasis pediram-me uma autorização especial, que poderiam obter. Aos poucos, os amigos de Madras começaram a aproximar-se do nosso navio em pequenos grupos. Como todo contato era estritamente proibido, só podíamos falar da nave, mantendo algum espaço entre eles. Encontrei todos os meus amigos — Alasinga, Biligiri, Narasimachary, Dr. Nanjunda Rao, Kidi e outros nos barcos. Cestas cheias de mangas, bananas, cocos, arroz cozido e requeijão e montes de iguarias doces e salgadas, etc. começaram a chegar.

Gradualmente a multidão foi aumentando — homens, mulheres e crianças em barcos por toda parte. Encontrei também o Sr. Chamier, meu amigo inglês que veio para Madras como advogado. Ramakrishnananda e Nirbhayananda fizeram algumas viagens perto do navio. Eles insistiram em ficar no barco o dia todo sob o sol escaldante, e tive que protestar com eles,

quando desistiram da ideia. E à medida que a notícia de que eu não teria permissão para desembarcar se espalhou, a multidão de barcos começou a aumentar ainda mais. Eu também comecei a sentir exaustão por ficar encostado nas grades por muito tempo. Então me despedi dos meus amigos Madrasi e entrei em minha cabine. Alasinga não teve oportunidade de me consultar sobre o Brahmavadin e o trabalho de Madras; então ele iria me acompanhar até Colombo. O navio saiu do porto à noite, quando ouvi um grande grito e, espiando pela janela da cabine, descobri que cerca de mil homens, mulheres e crianças de Madras, que estavam sentados nas paredes do porto, deram este grito de despedida quando o navio partiu. Numa ocasião alegre, o povo de Madras também, como os bengalis, emite um som peculiar com a língua conhecida como Hulu.

Levamos quatro dias para ir de Madras ao Ceilão. Aquela subida e agitação das ondas que começaram na foz do Ganges começou a aumentar à medida que avançávamos, e depois que saímos de Madras aumentou ainda mais. O navio começou a balançar fortemente e os passageiros sentiram-se terrivelmente enjoados, assim como os dois meninos bengalis. Um deles tinha certeza de que iria morrer, e tivemos que consolá-lo com muita dificuldade, assegurando-lhe que não havia nada a temer, pois era uma experiência bastante comum e ninguém nunca morreu por causa disso. A segunda classe, novamente, estava logo acima da hélice do navio. Os dois rapazes bengalis, sendo nativos, foram colocados numa cabana quase como um buraco negro, onde não havia acesso nem ar nem luz. Assim, os meninos não podiam permanecer na sala e no convés o barulho era terrível. Novamente, quando a proa do navio se acomodou na cavidade de uma onda e a popa foi levantada, a hélice saiu da água e continuou a girar no ar, provocando um tremendo solavanco em todo o navio. E a segunda classe então tremeu como quando um rato é agarrado por um gato e sacudido.

No entanto, esta foi a estação das monções. Quanto mais o navio avançasse para o oeste, mais vendavais e ventos ele teria que enfrentar. O povo de Madras deu muitas frutas, a maior parte das quais, e os doces, e arroz e requeijão, etc., eu dei aos meninos. Alasinga comprou uma passagem às pressas e embarcou descalço no navio. Ele diz que usa sapatos de vez em quando. Os modos e costumes diferem em diferentes países. Na Europa é uma grande vergonha para as senhoras mostrarem os pés, mas não sentem

nenhuma delicadeza em expor metade do busto. No nosso país, a cabeça deve estar sempre coberta, não importa se o resto do corpo está bem coberto ou não. Alasinga, o editor do Brahnavadin, que é um brâmane Mysore da seita Ramanuja, que gosta de Rasam (sopa dal picante e azeda), com cabeça raspada e testa coberta com a marca de casta da seita Tengale, trouxe consigo com muito cuidado, como provisão para a viagem, dois pequenos embrulhos, num dos quais há arroz achatado frito, e no outro arroz estourado e ervilhas fritas! Sua ideia é viver deles durante a viagem ao Ceilão, para que sua casta permaneça intacta. Alasinga já havia estado no Ceilão uma vez, quando seu povo de casta tentou colocá-lo em apuros, sem sucesso. Esta é uma característica salvadora do sistema de castas da Índia – se o povo da casta de alguém não se opuser, ninguém mais tem o direito de dizer algo contra ele. E quanto às castas do Sul da Índia – algumas consistem em quinhentas almas no total, algumas até cem, ou no máximo mil, e o seu limite é tão circunscrito que, por falta de qualquer outra noiva provável, alguém se casa com a filha da irmã! Quando as ferrovias foram introduzidas pela primeira vez em Mysore, os brâmanes que iam de longe para ver os trens foram excluídos! No entanto, raramente se encontram homens como o nosso Alasinga neste mundo – alguém tão altruísta, tão trabalhador e dedicado ao seu Guru, e um discípulo tão obediente é de facto muito raro na terra. Sul da Índia de nascimento, com a cabeça raspada de modo a deixar um tufo no centro, descalço e usando o Dhoti, ingressou na primeira turma; ele passeava de vez em quando no convés e quando estava com fome mastigava um pouco de arroz estourado e ervilhas! Os criados do navio geralmente consideram todos os indianos do sul como Chettis (comerciantes) e dizem que têm muito dinheiro, mas não gastam nem um pouco em roupas ou comida! Mas os servos são de opinião que em nossa companhia a pureza de Alasinga como brâmane está sendo contaminada. E é verdade – pois os indianos do Sul perdem muito dos seus rigores de casta através do contacto connosco.

Alasinga não sentiu enjôo. O irmão T__ sentiu um pouco de dificuldade no início, mas agora está bem. Assim, os quatro dias se passaram em diversas conversas agradáveis e fofocas. À nossa frente está Colombo. Aqui temos Sinhal – Lanka. Shri Ramachandra cruzou para Lanka construindo uma ponte e conquistou Ravana, seu rei. Bem, eu vi a ponte e também, no palácio do Setupati Maharaja de Ramnad, a laje de pedra na qual Bhagavan

Ramachandra instalou seu ancestral como Setupati pela primeira vez. Mas os budistas do Ceilão destes tempos sofisticados não admitirão isto. Dizem que em seu país não existe nem tradição de indicá-lo. Mas o que importa a sua negação? Os nossos “livros antigos” não são autoridades suficientes? Por outro lado, eles chamam seu país de Sinhal e não o chamam de Lanka (significa também “Pimentões” em Bengala.) – e como deveriam? Não há picante nem em suas palavras, nem em seu trabalho, nem em sua natureza, nem em sua aparência! Usando vestidos, com cabelos trançados e com um pente grande - uma aparência bastante feminina! Novamente, eles têm corpos femininos esguios, curtos e macios. Estes – os descendentes de Ravana e Kumbhakarna! Nem um pouco disso! A tradição diz que eles migraram de Bengala – e foi muito bem feito. Esse novo tipo de pessoas que está surgindo em Bengala - vestidas como mulheres, falando com sotaques suaves e delicados, andando com um andar tímido e vacilante, incapazes de olhar alguém nos olhos e desde o nascimento dedicadas a escrever poemas de amor e sofrimento as dores da separação de seus amados — bem, por que eles não vão para o Ceilão, onde encontrarão seus companheiros! O governo está dormindo? Outro dia eles criaram uma grande briga tentando capturar algumas pessoas em Puri. Ora, na própria metrópole há muitos que valem a pena serem apreendidos e despachados!

Havia um príncipe bengali muito travesso, chamado Vijaya Sinha, que brigou com seu pai e, reunindo mais alguns sujeitos como ele, partiu em um navio e finalmente chegou à Ilha do Ceilão. Esse país era então habitado por uma tribo aborígene cujos descendentes são hoje conhecidos como beduínos. O rei aborígene recebeu-o com muita cordialidade e deu-lhe a filha em casamento. Lá ele permaneceu em silêncio por algum tempo, quando uma noite, conspirando com sua esposa, com vários companheiros, pegou o rei e seus nobres de surpresa e os massacrou. Então Vijaya Sinha ascendeu ao trono do Ceilão. Mas a sua maldade não terminou aqui. Depois de um tempo, ele se cansou de sua rainha aborígene e conseguiu mais homens e mais meninas da Índia e se casou com uma garota chamada Anurâdhâ, descartando sua primeira esposa aborígene. Então ele começou a extirpar toda a raça dos aborígenes, quase todos mortos, deixando apenas um pequeno remanescente que ainda pode ser encontrado nas florestas e selvas. Desta forma, Lanka passou a ser chamada de Sinhal e tornou-se, para começar, uma colônia de rufiões bengalis!

Com o passar do tempo, sob o regime do Imperador Asoka, seu filho Mahinda e sua filha Sanghamittâ, que haviam feito o voto de Sannyasa, vieram para a Ilha do Ceilão como missionários religiosos. Chegando lá, descobriram que o povo havia se tornado bastante bárbaro e, dedicando toda a sua vida, trouxeram-nos de volta à civilização, tanto quanto possível; eles elaboraram boas leis morais para eles e os converteram ao budismo. Logo os Ceilões se tornaram budistas muito fiéis e construíram uma grande cidade no centro da ilha e a chamaram de Anuradhapuram. A visão dos restos desta cidade deixa alguém mudo até hoje - enormes estupas e edifícios de pedra dilapidados que se estendem por quilômetros e quilômetros estão de pé até hoje; e grande parte dela está coberta de selvas que ainda não foram desmatadas. Monges e freiras de cabeça raspada, com a tigela de mendicância na mão e vestidos com túnicas amarelas, espalharam-se por todo o Ceilão. Em alguns lugares, foram erguidos templos colossais contendo enormes figuras de Buda em meditação, de Buda pregando a Lei e de Buda em postura reclinada - entrando no Nirvana. E os Ceilões, por maldade, pintaram nas paredes dos templos o suposto estado das coisas no Purgatório - alguns estão sendo espancados por fantasmas, alguns estão sendo serrados, alguns queimados, alguns fritos em óleo quente, e alguns sendo esfolados - completamente um espetáculo hediondo! Quem poderia saber que nesta religião, que pregava “a não-violência como a maior virtude”, haveria espaço para tais coisas! Tal é o caso também na China e também no Japão. Embora preguem tanto o não matar em teoria, eles fornecem uma série de punições que coagulam o sangue de ver. Certa vez, um ladrão invadiu a casa de um homem desse tipo que não mata. Os meninos da casa agarraram o ladrão e lhe deram uma forte surra. O mestre, ouvindo uma grande briga, saiu para a sacada superior e depois de fazer perguntas gritou: "Parem de bater, meus rapazes. Não batam nele. Não ferir é a maior virtude." A fraternidade de jovens não-assassinos parou de bater e perguntou ao mestre o que deveriam fazer com o ladrão. O mestre ordenou: “Coloque-o num saco e jogue-o na água”. O ladrão, muito agradecido por esta dispensação humana, com as mãos postas disse: "Oh! Quão grande é a compaixão do mestre!" Eu tinha ouvido falar que os budistas eram pessoas muito quietas e igualmente tolerantes com todas as religiões. Pregadores budistas vêm a Calcutá e nos insultam com epítetos escolhidos, embora lhes ofereçamos respeito suficiente. Certa vez, eu estava pregando em Anuradhapuram entre os hindus - não entre os

budistas - e isso em um Maidan aberto, não na propriedade de ninguém - quando toda uma multidão de monges budistas e leigos, homens e mulheres, saiu batendo tambores e címbalos e montou um terrível alvoroço. A palestra tinha que ser interrompida, é claro, e havia o risco iminente de derramamento de sangue. Com grande dificuldade tive de convencer os hindus de que, de qualquer forma, poderíamos praticar um pouco de não-ferir, se eles não o fizessem. Então o assunto terminou pacificamente.

Gradualmente, os hindus tamilianos do norte começaram lentamente a migrar para o Ceilão. Os budistas, encontrando-se em circunstâncias desfavoráveis, deixaram a sua capital para estabelecer uma estação montanhosa chamada Kandy, que também os tamilianos arrancaram deles num curto espaço de tempo e colocaram um rei hindu no trono. Depois vieram hordas de europeus – os espanhóis, os portugueses e os holandeses. Por último, os ingleses tornaram-se reis. A família real de Kandy foi enviada para Tanjore, onde vive de pensão e Mulagutanni Rasam.

No norte do Ceilão há uma grande maioria de hindus, enquanto na parte sul preponderam os budistas e os eurasionos híbridos de diferentes tipos. A sede principal dos budistas é Colombo, a atual capital, e a dos hindus é Jaffna. As restrições de casta são muito menores aqui do que na Índia; os budistas têm alguns em assuntos de casamento, mas nenhum em questões de alimentação, aspecto em que os hindus observam algumas restrições. Todos os açougueiros do Ceilão eram antigamente budistas; agora o número está diminuindo devido ao renascimento do Budismo. A maioria dos budistas está agora mudando seus títulos anglicizados por títulos nativos. Todas as castas hindus se misturaram e formaram uma única casta hindu, na qual, como os Punjabi Jats, é possível casar com uma rapariga de qualquer casta – até mesmo com uma rapariga europeia. O filho vai a um templo, coloca a marca sagrada trilinear na testa, pronuncia "Shiva, Shiva" e torna-se hindu. O marido pode ser hindu, enquanto a esposa é cristã. A cristã esfrega um pouco de cinza sagrada na testa, pronuncia "Namah Pârvatipatayé" (saudação a Shiva) e imediatamente se torna hindu. Isto é o que deixou os missionários cristãos tão zangados com você. Desde a sua chegada ao Ceilão, muitos cristãos, colocando cinzas sagradas na cabeça e repetindo "Saudação a Shiva", tornaram-se hindus e voltaram à sua casta. Advaitavâda e Vira-Shaivavâda são as religiões predominantes aqui. No

lugar da palavra “Hindu” deve-se dizer “Shiva”. A dança religiosa e Sankirtana que Shri Chaitanya introduziu em Bengala teve sua origem no Sul, entre a raça Tamil. O Tamil do Ceilão é Tamil puro e a religião do Ceilão é igualmente pura religião Tamil. Aquele canto extático de cem mil homens, e seu canto de hinos devocionais a Shiva, o barulho de mil Mridangas (uma espécie de tambor indiano) com o som metálico de grandes címbalos, e a dança frenética daqueles cobertos de cinzas, Tamilianos atléticos de olhos vermelhos com robustos rosários de contas de Rudrâksha no pescoço, parecendo exatamente com o grande devoto Hanuman - você não pode ter idéia disso, a menos que veja pessoalmente o fenômeno.

Nossos amigos de Colombo haviam conseguido uma licença para nosso desembarque, então pousamos e nos encontramos lá. Sir Coomara Swami é o homem mais importante entre os hindus: sua esposa é uma senhora inglesa e seu filho está descalço e usa as cinzas sagradas na testa. O Sr. Arunachalam e outros amigos vieram me encontrar. Depois de muito tempo comi Mulagutanni e o rei-coco. Eles colocaram alguns cocos verdes na minha cabana. Conheci a Sra. Higgins e visitei seu internato para meninas budistas. Visitei também o mosteiro e a escola da nossa velha conhecida, a Condessa de Canovara. A casa da Condessa é mais espaçosa e mobiliada que a da Sra. Higgins. A Condessa investiu seu próprio dinheiro, enquanto a Sra. Higgins coletou o dinheiro mendigando. A própria condessa usa um pano Gerua no estilo do Sari Bengali. Descobri que os budistas do Ceilão gostaram muito dessa moda. Notei carruagens após carruagens de mulheres, todas usando o mesmo sári bengali.

O principal local de peregrinação para os budistas é Dalada Maligawa ou Templo do Dente em Kandy, que contém um dente do Senhor Buda. Os Ceilões dizem que foi inicialmente no Templo Jagannath em Puri e depois de muitas vicissitudes chegou ao Ceilão, onde também não houve poucos problemas por causa disso. Agora está seguro. Os Ceilões mantiveram bons registos históricos de si próprios, não como os nossos – apenas histórias de galo e touro. E as escrituras budistas também estão bem preservadas aqui no antigo dialeto Magadhi. A partir daqui, a religião budista se espalhou para a Birmânia, o Sião e outros países. Os budistas do Ceilão reconhecem apenas Shâkyamuni mencionado em suas escrituras e tentam seguir seus preceitos. Eles não adoram, como o povo do Nepal, Sikkim, Butão, Ladak, China e

Japão, Shiva e não conhecem a adoração com Mantras místicos de deusas como Târâ Devi e assim por diante. Mas eles acreditam na possessão por espíritos e coisas desse tipo. Os budistas estão agora divididos em duas escolas, a do Norte e a do Sul; a escola do Norte se autodenomina Mahayâna, e a escola do Sul, composta pelos Ceilões, Birmaneses, Siameses, etc., Hinayâna. O ramo Mahayâna adora Buda apenas nominalmente; sua verdadeira adoração é a Tara Devi e a Avalokiteshwara (a quem os japoneses, chineses e coreanos chamam de Wanyin); e há muito uso de vários ritos e mantras enigmáticos. Os tibetanos são os verdadeiros demônios de Shiva. Todos eles adoram deuses hindus, tocam o Damaru (um tabor em forma de ampulheta), mantêm crânios humanos, tocam chifres feitos de ossos de monges mortos, são muito dados a vinho e carne e estão sempre exorcizando espíritos malignos e curando doenças por meio de encantamentos místicos. Na China e no Japão, nas paredes de todos os templos observei vários Mantras monossilábicos escritos em grandes letras douradas, que se aproximam tanto dos caracteres bengalis que é fácil perceber a semelhança.

Alasinga voltou de Colombo para Madras, e também embarcamos em nosso navio, com presentes de alguns limões do pomar de Coomara Swami, alguns cocos-rei e duas garrafas de xarope, etc. como Subrahmanya, Kamâra Swâmi etc. No Sul a adoração deste deus está muito em voga; eles chamam Kartikeya de uma encarnação da fórmula sagrada "Om".)

O navio partiu de Colombo na manhã de 25 de junho. Agora temos que enfrentar condições de monções completas. Quanto mais nosso navio avança, mais a tempestade aumenta e mais alto é o vento uivando - há chuva incessante e escuridão envolvente; ondas enormes batem no convés do navio com um barulho terrível, de modo que é impossível permanecer no convés. A mesa de jantar foi dividida em pequenos quadrados por meio de divisórias de madeira, colocadas longitudinalmente e na largura, chamadas violino, de onde saltam os alimentos. O navio está rangendo, como se fosse se despedaçar. O capitão diz: "Bem, as monções deste ano parecem estar excepcionalmente difíceis". O Capitão é uma pessoa muito interessante que passou muitos anos no Mar da China e no Oceano Índico; um sujeito muito divertido, muito hábil em contar histórias de galo e touro. Inúmeras histórias de piratas – como cules chineses costumavam matar oficiais de

navios, saquear todo o navio e escapar – e outras histórias desse tipo que ele está narrando. E não há mais o que fazer, pois ler ou escrever está fora de cogitação em tão pesada rolagem. É extremamente difícil sentar-se dentro da cabine; a janela foi fechada por medo das ondas entrarem. Um dia o irmão T__ manteve-a entreaberta e um fragmento de onda entrou e inundou toda a cabana! E quem pode descrever o movimento e o movimento no convés! Em meio a tais condições, vocês devem se lembrar, o trabalho para o seu Udbodhan está acontecendo até certo ponto.

Há dois passageiros missionários cristãos em nosso navio, um dos quais é americano, com família – um homem muito bom, chamado Bogesh. Ele está casado há sete anos e tem meia dúzia de filhos. Os servos chamam isso de graça especial de Deus – embora os filhos talvez pensem de forma diferente. Estendendo uma cama surrada no convés, a Sra. Bogesh faz todas as crianças deitarem nela e vai embora. Eles se sujam e rolam no convés, chorando alto. Os passageiros no convés estão sempre nervosos e não podem andar pelo convés, com medo de pisar em algum dos filhos de Bogesh. Fazendo o bebê mais novo deitar em uma cesta quadrada com laterais altas, o Sr. e a Sra. Bogesh ficam sentados em um canto por quatro horas, amontoados. É difícil apreciar a sua civilização europeia. Se enxaguarmos a boca ou lavarmos os dentes em público – dizem que é bárbaro, essas coisas deveriam ser feitas em privado. Tudo bem, mas eu digo a você, se também não é decente evitar atos como o acima mencionado, em público. E você corre atrás dessa civilização! Contudo, não podemos compreender o que o protestantismo fez de bom ao Norte da Europa, a menos que vejamos o clero protestante. Se então dez milhões de ingleses morrerem e apenas os padres sobreviverem, em vinte anos outros dez milhões serão arrecadados!

Devido ao balanço do navio, a maioria dos passageiros está com dor de cabeça. Uma garotinha chamada Tootle acompanha o pai; ela perdeu a mãe. Nossa Nivedita tornou-se mãe dos filhos de Tootle e Bogesh. Tootle foi criada em Mysore com seu pai, que é fazendeiro. Perguntei a ela: "Tootle, como você está?" Ela respondeu: "Esse bangalô não é bom e rola muito, o que me dá enjôo". Para ela cada casa é um bangalô. Uma criança doente de Bogesh sofre especialmente por falta de cuidados; o coitado fica rolando no deck de madeira o dia inteiro. O velho capitão de vez em quando sai de sua

cabine e o alimenta com um pouco de sopa com uma colher, e apontando para suas pernas delgadas diz: "Que criança doente - que tristemente negligenciada!"

Muitos desejam a felicidade eterna. Mas se a felicidade fosse eterna, a miséria também seria eterna, basta pensar nisso. Será que poderíamos, nesse caso, ter chegado a Aden! Felizmente, nem a felicidade nem a miséria são eternas; portanto, apesar de nossa jornada de seis dias ter sido prolongada por quatorze dias, e de nossos terríveis ventos e chuvas, noite e dia, finalmente chegamos a Aden. Quanto mais estávamos à frente de Colombo, mais a tempestade e a chuva aumentavam, o céu tornava-se um lago e o vento e as ondas ficavam mais fortes; e era quase impossível para o navio prosseguir, enfrentando tantos ventos e ondas, e sua velocidade foi reduzida pela metade. Perto da ilha de Socotra, as monções estavam no seu pior momento. O Capitão observou que este era o centro das monções e que, se conseguíssemos ultrapassá-lo, alcançaríamos gradualmente águas mais calmas. E assim fizemos. E esse pesadelo também acabou.

Na noite do dia 8 chegamos a Aden. Ninguém, branco ou negro, pode desembarcar, nem qualquer carga pode entrar no navio. E não há muitas coisas que valem a pena ver aqui. Você tem apenas trechos de areia áridos, com alguma semelhança com Rajputana, e colinas sem árvores e sem verdura. Entre as colinas existem fortes e no topo estão os quartéis dos soldados. Em frente estão os hotéis e lojas dispostos em forma de meia-lua, visíveis do navio. Muitos navios estão ancorados. Um navio de guerra inglês e um alemão entraram; o resto são navios de carga ou de passageiros. Eu tinha visitado a cidade da última vez. Atrás das colinas ficam os quartéis nativos e o bazar. A poucos quilômetros dali, existem grandes covas escavadas nas encostas dos morros, onde a água da chuva se acumula. Antigamente essa era a única fonte de água. Agora, por meio de um aparelho, destilam a água do mar e obtêm água doce de boa qualidade, que, no entanto, é muito cara. Aden é como uma cidade indiana – com a sua grande percentagem de população civil e militar indiana. Há muitos lojistas parses e comerciantes sindi. Áden é um lugar muito antigo – o imperador romano Constâncio enviou aqui um grupo de missionários para pregar o cristianismo. Depois os Árabes levantaram-se e mataram estes Cristãos, após o que o Imperador Romano pediu ao Rei da Abissínia – há muito um

país cristão – que os punisse. O rei da Abissínia enviou um exército e puniu severamente os árabes de Aden. Posteriormente, Aden passou para as mãos dos Reis Samanidi da Pérsia. São eles os primeiros a escavar aquelas cavernas para acumular água. Então, após a ascensão do islamismo, Aden passou para as mãos dos árabes. Depois de certo tempo, um general português fez tentativas infrutíferas de capturar o local. Depois o Sultão da Turquia fez do local uma base naval com o objectivo de expulsar os portugueses do Oceano Índico.

Novamente passou para a posse do governante árabe vizinho. Posteriormente, os ingleses a compraram e construíram a atual cidade. Agora, os navios de guerra de todas as nações poderosas estão navegando por todo o mundo, e todos querem ter voz em todos os problemas que surgem em qualquer parte dele. Cada nação quer salvar a sua supremacia, interesse político e comércio. Portanto, eles precisam de carvão de vez em quando. Como não seria possível obter abastecimento de carvão de um país inimigo em tempos de guerra, cada potência quer ter a sua própria estação de carvão. Os melhores locais já foram ocupados pelos ingleses; os franceses chegaram em segundo lugar; e depois deles as outras potências da Europa garantiram, e estão garantindo, locais para si mesmas, quer pela força, quer por compra, ou por abertura amigável. O Canal de Suez é hoje a ligação entre a Europa e a Ásia e está sob o controle dos franceses. Consequentemente, os ingleses tornaram a sua posição muito forte em Aden, e as outras potências também construíram uma base para si ao longo do Mar Vermelho. Às vezes, esta raiva pela terra traz consequências desastrosas. A Itália, pisada por pés estrangeiros durante sete séculos, ficou de pé depois de enormes dificuldades. Mas imediatamente depois de fazer isso, ela começou a pensar muito em si mesma e tornou-se ambiciosa na conquista estrangeira. Na Europa nenhuma nação pode confiscar um pedaço de terra pertencente a outra; pois todos os Poderes se uniriam para esmagar o usurpador. Também na Ásia, as grandes potências – ingleses, russos, franceses e holandeses – deixaram pouco espaço desocupado. Agora restavam apenas alguns pedaços de África, e para lá a Itália dirigiu a sua atenção. Primeiro ela tentou no Norte da África, onde encontrou oposição dos franceses e desistiu. Então os ingleses deram-lhe um pedaço de terra no Mar Vermelho, com o objetivo ulterior de que daquele centro a Itália pudesse absorver o território abissínio. A Itália

também apareceu com um exército. Mas o rei abissínio, Manalik, deu-lhe uma surra tão grande que a Itália teve dificuldade em salvar-se fugindo de África. Além disso, sendo o cristianismo russo e abissínio, como se alega, muito parecidos, o czar russo é, no fundo, um aliado dos abissínios.

Bem, nosso navio está agora passando pelo Mar Vermelho. O missionário disse: "Este é o Mar Vermelho, que o líder judeu Moisés cruzou a pé com seus seguidores. E o exército que o rei egípcio Faraó enviou para capturá-los foi afogado no mar, as rodas de seus carros de guerra ficaram presas na lama" - como Karna na história do Mahabhârata. Ele disse ainda que isso agora poderia ser provado por razões científicas modernas. Hoje em dia, em todos os países, tornou-se moda apoiar os milagres da religião através de argumentos científicos. Meu amigo, se esses fenômenos fossem resultado de forças naturais, onde então haveria espaço para a intervenção do seu deus "Yave"? Um grande dilema! — Se eles se opõem à ciência, esses milagres são meros mitos e a sua religião é falsa. E mesmo que sejam confirmados pela ciência, a glória do seu deus é supérflua e são como quaisquer outros fenômenos naturais. A isso, o Padre Bogesh respondeu: "Não conheço todas as questões envolvidas nisso, simplesmente acredito". Está tudo bem – pode-se tolerar isso. Mas há também um grupo de homens que são muito claros ao criticar os pontos de vista dos outros e apresentar argumentos contra eles, mas no que diz respeito a eles próprios, dizem simplesmente: "Eu apenas acredito, a minha mente testemunha a sua veracidade". Estes são simplesmente insuportáveis. Poxa! Que peso tem o seu intelecto? Absolutamente nada! Eles são muito rápidos em rotular as crenças religiosas dos outros como supersticiosas, especialmente aquelas que foram condenadas pelos europeus, enquanto no seu próprio caso eles inventam algumas noções fantásticas de Deus e ficam fora de si com emoções por causa delas.

O navio está navegando continuamente para o norte. As fronteiras deste Mar Vermelho foram um grande centro da civilização antiga. Lá, do outro lado, estão os desertos da Arábia, e deste – o Egito. Este é aquele antigo Egito. Há milhares de anos, estes egípcios, começando em Punt (provavelmente Malabar), cruzaram o Mar Vermelho e expandiram continuamente o seu reino até chegarem ao Egito. Maravilhosa foi a expansão do seu poder, do seu território e da sua civilização. Os gregos

foram os discípulos destes. Os maravilhosos mausoléus de seus reis, as Pirâmides, com figuras da Esfinge, e até seus cadáveres são preservados até hoje. Aqui viviam os antigos povos egípcios, com cabelos cacheados e brincos, e usando dhotis brancos como a neve, sem uma das pontas dobrada para trás. Este é o Egito – o palco memorável onde os hicsos, os faraós, os imperadores persas, Alexandre, o Grande, e os Ptolomeus, e os conquistadores romanos e árabes desempenharam o seu papel. Há tantos séculos, eles deixaram sua história inscrita detalhadamente em caracteres hieroglíficos em papel de papiro, em lajes de pedra e nas laterais de vasos de barro.

Esta é a terra onde Ísis foi adorada e Hórus floresceu. Segundo esses antigos egípcios, quando um homem morre, seu corpo sutil se move; mas qualquer dano causado ao cadáver afeta o corpo sutil, e a destruição do primeiro significa a aniquilação total do último. Por isso eles se esforçaram tanto para preservar o cadáver. Daí as pirâmides dos reis e imperadores. Que artifícios, quanto trabalho — infelizmente, tudo em vão! Atraídos pelos tesouros, os ladrões escavaram as pirâmides e, penetrando nos mistérios dos labirintos, roubaram os corpos reais. Agora não – foi obra dos próprios antigos egípcios. Há cerca de cinco ou seis séculos, os médicos judeus e árabes consideravam estas múmias dessecadas como possuidoras de grandes virtudes medicinais e prescreviam-nas a pacientes de toda a Europa. Até hoje, talvez, seja o genuíno "Mumia" dos métodos de tratamento Unani e Hakimi!

O Imperador Asoka enviou pregadores a este Egito durante o reinado da dinastia Ptolomeu. Eles costumavam pregar a religião, curar doenças, viver de alimentos vegetais, levar vidas celibatárias e fazer discípulos Sannyasin. Eles fundaram muitas seitas – os Therapeutae, os Essênios, os Maniqueístas e semelhantes; da qual surgiu o cristianismo moderno. Foi o Egito que se tornou, durante o governo ptolomaico, o berço de todo o saber. Aqui estava aquela cidade de Alexandria, famosa em todo o mundo pela sua universidade, pela sua biblioteca e pelos seus literatos - aquela Alexandria que, caindo nas mãos de cristãos analfabetos, intolerantes e vulgares, sofreu destruição, com a sua biblioteca reduzida a cinzas e a aprendizagem carimbado! Finalmente, os cristãos mataram a serva Hipátia, submeteram o

seu cadáver a todo tipo de insultos abomináveis e arrastaram-no pelas ruas, até que todo pedaço de carne fosse removido dos ossos!

E ao sul ficam os desertos da Arábia – a mãe dos heróis. Você já viu um árabe beduíno, com uma capa e um grande lenço amarrado na cabeça com um monte de cordões de lã? — Esse andar, essa postura em pé e esse olhar você não encontrará em nenhum outro país. Da cabeça aos pés emana a liberdade do ar aberto e irrestrito do deserto – aí está o árabe. Quando a intolerância dos cristãos e a barbárie dos godos extinguiram a antiga civilização grega e romana, quando a Pérsia tentava esconder a sua putrefação interna acrescentando-lhe camada após camada de folhas de ouro, quando, na Índia, o sol do esplendor de Pataliputra e Ujjain havia se estabelecido, deixando alguns reis analfabetos e tiranos para governá-la, e as corrupções de obscenidades terríveis e a adoração da luxúria apodrecendo dentro - quando tal era o estado do mundo, esta raça árabe insignificante e semi-brutal se espalhou como um raio sobre sua superfície.

Lá você vê um navio a vapor vindo de Meca, com uma carga de peregrinos; eis - o turco em traje europeu, o egípcio em traje semi-europeu, o muçulmano sírio em traje iraniano e o verdadeiro árabe vestindo um pano que chega até os joelhos. Antes da época de Maomé, era costume circundar o templo de Cabba em estado de nudez; desde sua época eles têm que se enrolar em um pano. É por esta razão que os nossos maometanos desatam os cordões das calças e deixam a roupa cair até aos pés. Longe vão esses dias para os árabes. Um influxo contínuo de sangue Kaffir, Sidi e Abissínio mudou seu físico, energia e tudo mais – o árabe do deserto está completamente despojado de sua antiga glória. Aqueles que vivem no Norte são cidadãos pacíficos do Estado turco. Mas os súbditos cristãos do Sultão odeiam os turcos e amam os árabes. Dizem que os árabes são receptivos à educação, tornam-se cavalheiros e não são tão problemáticos, enquanto os verdadeiros turcos oprimem muito os cristãos.

Embora o deserto seja muito quente, esse calor não é enervante. Não há mais problemas se você cobrir o corpo e a cabeça contra ele. O calor seco não só não é enervante, pelo contrário, tem um efeito tonificante acentuado. Os povos de Rajputana, da Arábia e da África são exemplos disso. Em certos distritos de Marwar, homens, gado, cavalos e todos são fortes e de

grande estatura. É uma alegria olhar para os árabes e os sidis. Onde o calor é úmido, como em Bengala, o corpo fica muito enervado e todo animal fica fraco.

O próprio nome do Mar Vermelho causa terror nos corações dos passageiros – é terrivelmente quente, especialmente no verão, como é agora. Todos estão sentados no convés e contam a história de algum acidente terrível, segundo seu conhecimento. O capitão superou todos eles. Ele diz que há poucos dias um navio de guerra chinês estava passando pelo Mar Vermelho, e seu capitão e oito marinheiros que trabalhavam na sala de carvão morreram de calor.

Na verdade, aqueles que trabalham na sala do carvão têm, em primeiro lugar, de estar num poço de fogo, e depois há o terrível calor do Mar Vermelho. Às vezes eles enlouquecem, correm para o convés, mergulham no mar e se afogam; ou às vezes morrem de calor na própria casa das máquinas.

Essas histórias foram suficientes para nos deixar quase loucos. Mas felizmente não sentimos tanto calor. A brisa, em vez de ser de sul, continuava a soprar de norte, e era a brisa fresca do Mediterrâneo.

No dia 14 de julho o navio ultrapassou o Mar Vermelho e chegou a Suez. Em frente está o Canal de Suez. O navio tem carga para Suez. Bem, o Egito está agora sob a visita da peste, e possivelmente também carregamos os seus germes. Portanto, existe o risco de contágio de ambos os lados. Comparadas com as precauções aqui tomadas contra o contacto mútuo, bem, as do nosso país não são nada. A mercadoria tem que ser descarregada, mas o cule de Suez não deve tocar no navio. Isso significou muitos problemas extras para os marinheiros do navio. Eles têm que servir como cules, levantar a carga por meio de guindastes e soltá-la, sem tocá-la, nos barcos de Suez que a transportam para terra. O agente da Companhia chegou perto do navio em uma pequena lancha, mas não tem permissão para embarcar. Desde a lancha ele está conversando com o Capitão que está em sua nave. Você deve saber que isto não é a Índia, onde o homem branco está além dos regulamentos da peste e tudo mais – aqui é o início da Europa. E toda essa precaução é tomada para que a praga transmitida pelos ratos não encontre uma entrada neste céu. O período de incubação dos

germes da peste é de dez dias; daí a quarentena de dez dias. No entanto, já ultrapassamos esse período, por isso o desastre foi evitado para nós. Mas ficaremos em quarentena por mais dez dias se tocarmos em qualquer egípcio. Nesse caso, nenhum passageiro será desembarcado nem em Nápoles nem em Marselha. Portanto todo tipo de trabalho está sendo feito à distância, sem contato. Conseqüentemente, eles levarão o dia inteiro para descarregar a carga neste processo lento. O navio pode facilmente cruzar o Canal à noite, se estiver equipado com um holofote; mas para que isso seja feito, o povo de Suez terá que tocar no navio – aí, você tem dez dias de quarentena. Portanto, ela não deve partir durante a noite, e devemos permanecer como estamos neste porto de Suez durante vinte e quatro horas! Este é um porto natural muito bonito, rodeado quase em três lados por montes e colinas arenosas, e a água também é muito profunda. Existem inúmeros peixes e tubarões nadando nele. Em nenhum outro lugar do mundo há tantos tubarões como neste porto e no porto de Sydney, na Austrália – eles estão prontos para engolir homens na menor oportunidade! Ninguém se atreve a descer na água. Os homens, também, por sua vez, estão mortos contra as cobras e os tubarões e nunca deixam escapar uma oportunidade de matá-los.

De manhã, antes mesmo do café da manhã, descobrimos que grandes tubarões se moviam atrás do navio. Nunca tive a oportunidade de ver tubarões vivos – a última vez que vim, o navio fez escala em Suez por um período muito curto, e também perto da cidade. Assim que ouvimos falar dos tubarões, corremos para o local. A segunda classe ficava na popa do navio e, do seu convés, multidões de homens, mulheres e crianças debruçavam-se sobre a amurada para ver os tubarões. Mas nossos amigos, os tubarões, haviam se afastado um pouco quando aparecemos no local, o que desanimou muito nosso ânimo. Mas notamos que cardumes de uma espécie de peixe com cabeça em forma de bico nadavam na água, e havia uma espécie de peixe muito pequeno em grande abundância. De vez em quando, um grande peixe, muito parecido com a hilsa, voava como uma flecha de um lado para outro. Pensei que ele poderia ser um jovem tubarão, mas ao investigar descobri que não era. Bonito era o nome dele. É claro que eu já tinha lido sobre ele, e também li que ele foi importado das Maldivas para Bengala como peixe seco, em barcos de grande porte. Também foi relatado que sua carne era vermelha e muito saborosa. E agora ficamos

felizes em ver sua energia e velocidade. Um peixe tão grande voava pela água como uma flecha, e naquela água vítrea do mar cada movimento de seu corpo era perceptível. Ficamos assim observando os circuitos do bonito e os movimentos inquietos dos peixinhos durante vinte minutos de meia hora. Meia hora – três quartos – estávamos quase cansados disso, quando alguém anunciou – lá estava ele. Cerca de uma dúzia de pessoas gritaram: “Lá vem ele!” Olhando para mim, descobri que a alguma distância uma enorme coisa preta se movia em nossa direção, quinze ou dezoito centímetros abaixo da superfície da água. Gradualmente, a coisa se aproximava cada vez mais. A enorme cabeça chata era visível; agora seu movimento era maciço, não havia nada do esvoaçante do bonito nele. Mas assim que ele virou a cabeça, um grande circuito foi feito. Um peixe gigantesco; ele avança com um passo solene, enquanto à sua frente estão um ou dois peixinhos, e vários peixinhos brincam em suas costas e por todo o seu corpo. Alguns deles estão segurando seu pescoço. Ele é o seu tubarão com comitiva e seguidores. Os peixes que o precedem são chamados de peixes-piloto. Seu dever é mostrar ao tubarão sua presa e talvez ser favorecido com migalhas de sua refeição. Mas quando olhamos para as terríveis mandíbulas abertas do tubarão, duvidamos que eles tenham muito sucesso neste último aspecto. Os peixes que se movem ao redor do tubarão e sobem em suas costas são os “sugadores”. Ao redor do peito há uma porção plana e redonda, de quase dez por cinco centímetros, que é sulcada e estriada, como as solas de borracha de muitos sapatos ingleses. Aquela porção que o peixe aplica no corpo do tubarão e gruda nele; isso os faz parecer que estão montados no corpo e nas costas do tubarão. Eles deveriam viver de vermes, etc., que crescem no corpo do tubarão. O tubarão deve sempre ter seu séquito dessas duas classes de peixes. E ele nunca os fere, considerando-os talvez como seus seguidores e companheiros. Um desses peixes foi capturado com um pequeno anzol e linha. Alguém pressionou levemente a sola do sapato contra o peito e, quando ele levantou o pé, descobriu-se que ele também estava grudado nele. Da mesma forma, adere ao corpo do tubarão.

Os passageiros da segunda classe estão muito entusiasmados. Um deles é militar e seu entusiasmo não tem limites. Vasculhando o navio, eles descobriram um gancho terrível – ele superava os ganchos usados em Bengala para recuperar potes de água que acidentalmente caíram em poços.

Para isso, eles amarraram firmemente cerca de um quilo de carne com uma corda forte, e um cabo forte foi amarrado a ela. A cerca de dois metros dele, um grande pedaço de madeira foi preso para servir de flutuador. Então o anzol com a bóia foi jogado na água. Abaixo do navio, um barco da polícia estava de guarda desde que chegamos, para que não houvesse qualquer contato entre nós e as pessoas em terra. Neste barco dormiam dois homens confortavelmente, o que os tornava muito desprezados aos olhos dos passageiros. Neste momento eles se tornaram grandes amigos. Despertado pelos gritos tremendos, o nosso amigo árabe esfregou os olhos e levantou-se. Ele se preparava para arregaçar o vestido, imaginando que algum problema estava por vir, quando percebeu que tanta gritaria nada mais era do que um pedido para que ele retirasse a trave que servia de boia para pegar o tubarão, junto com o anzol, a uma curta distância. Então ele deu um suspiro de alívio e, sorrindo de orelha a orelha, conseguiu empurrar a bóia até certa distância por meio de uma vara. Enquanto nós, ansiosos, ficávamos na ponta dos pés, debruçados sobre a grade, e esperávamos ansiosamente pelo tubarão - "observando sua chegada com olhos inquietos"; (De Jayadeva, o famoso poeta sânscrito de Bengala.) e como sempre acontece com aqueles por quem alguém pode estar esperando com suspense, sofremos um destino semelhante – em outras palavras, “o Amado não apareceu”. Mas todas as misérias têm um fim, e de repente, a cerca de cem metros do navio, algo parecido com uma bolsa de couro de carregador de água, mas muito maior, apareceu acima da superfície da água, e imediatamente houve um clamor, "Lá está o tubarão!" “Silêncio, meninos e meninas! - o tubarão pode fugir”. - "Olá, pessoal, por que não tiram os chapéus brancos um pouco? - o tubarão pode ficar tímido". — Enquanto gritos como estes chegavam aos ouvidos, o tubarão, habitante do mar salgado, correu para perto, como um barco debaixo de uma lona, com o objectivo de fazer justiça ao pedaço de porco preso ao anzol. Mais dois ou dois metros e meio e as mandíbulas do tubarão tocariam a isca. Mas aquela cauda enorme moveu-se um pouco e o curso reto se transformou em curva. Infelizmente, o tubarão fugiu! Novamente a cauda moveu-se ligeiramente e o corpo gigantesco virou-se e ficou de frente para o anzol. Mais uma vez ele está correndo – boquiaberto, ele está prestes a morder a isca! Novamente a cauda amaldiçoada se moveu e o tubarão girou seu corpo para longe. Novamente ele está dando uma volta e avançando, está boquiaberto novamente; olha agora, ele colocou a isca na mandíbula, aí, ele está

tombado de lado; sim, ele engoliu a isca – puxe, puxe, quarenta ou cinquenta puxem juntos, puxem com toda a força! Que força tremenda tem o peixe, que luta ele faz, como fica boquiaberto! Puxe, puxe! Ele está prestes a subir à superfície, lá está ele girando na água, e novamente virando de lado, puxa, puxa! Infelizmente, ele se livrou da isca! O tubarão fugiu. Na verdade, que pessoas exigentes vocês são! Você mal podia esperar para dar-lhe algum tempo para engolir a isca! E você estava impaciente o suficiente para puxar assim que ele virou de lado! Porém, não adianta chorar pelo leite derramado. O tubarão se livrou do anzol e seguiu em frente. Se ele ensinou uma boa lição ao peixe-piloto, não temos informações, mas o fato é que o tubarão foi limpo. E ele era parecido com um tigre, tendo listras pretas sobre o corpo como um tigre. Porém, o “Tigre”, com o objetivo de evitar a perigosa proximidade do anzol, desapareceu, com o seu séquito de pilotos e otários.

Mas não há necessidade de abandonar totalmente as esperanças, pois ali, bem ao lado do "Tigre" em retirada, está chegando outra, uma enorme criatura de cabeça chata! Infelizmente, os tubarões não têm linguagem! Caso contrário, "Tigre" certamente teria revelado seu segredo ao recém-chegado e assim o avisado. Ele certamente teria dito: “Olá, meu amigo, cuidado, há uma nova criatura chegando ali, cuja carne é muito saborosa e saborosa, mas que ossos duros! e devorei muitos animais - vivos, mortos e semimortos, e enchi meu estômago com muitos ossos, tijolos, pedras e coisas de madeira, mas comparados a esses ossos eles são como manteiga, eu lhe digo. o que aconteceu com meus dentes e mandíbulas". E junto com isso ele certamente teria mostrado ao recém-chegado aquelas mandíbulas abertas que chegavam quase à metade de seu corpo. E o outro também, com a experiência característica dos anos mais maduros, teria prescrito para ele um ou outro remédio marinho infalível, como a bile de um peixe, o baço de outro, o caldo refrescante de ostras, e assim por diante. Mas como nada disso aconteceu, devemos concluir que ou os tubarões carecem tristemente de uma língua, ou que podem ter uma, mas é impossível falar debaixo de água; portanto, até que alguns caracteres adequados para os tubarões sejam descobertos, é impossível usar essa linguagem. Ou pode ser que o "Tigre", misturando-se demais com a companhia humana, tenha absorvido um pouco da disposição humana também e, portanto, em vez de revelar a

verdade, perguntou ao "Cabeça-chata", com um sorriso, se ele estava indo bem, e despediu-se dele: "Devo ser enganado sozinho?"

Então o poema bengali diz: "Primeiro vem Bhagiratha soprando sua concha, depois vem Ganga trazendo a retaguarda" etc. Bem, é claro, nenhum sopro da concha é ouvido, mas primeiro vão os peixes-piloto, e atrás deles vem "Cabeça chata", movendo seu corpo maciço, enquanto ao seu redor dançam as ventosas. Ah, quem resiste a uma isca tão tentadora? Num espaço de cinco metros em todos os lados, a superfície do mar é lustrosa com uma película de gordura, e cabe ao próprio "Cabeça-chata" dizer até que ponto a fragrância se espalhou. Além disso, que espetáculo! Branco, vermelho e amarelo – tudo em um só lugar! Era um verdadeiro porco inglês, amarrado num enorme anzol preto, flutuando sob a água de forma muito tentadora!

Silêncio agora, todos - não se movam e tomem cuidado para não serem muito precipitados. Mas tome cuidado para ficar perto do cabo. Lá ele está se aproximando do anzol e examinando a isca, colocando-a na mandíbula! Deixe-o fazer isso. Calma - agora ele virou de lado - olha, ele está engolindo tudo, silêncio - dê-lhe tempo para fazer isso. Então, quando o "Cabeça Chata", virando-se de lado, engoliu a isca vagorosamente e estava prestes a partir, imediatamente houve o puxão para trás! "Cabeça-chata", atônito, sacudiu a cabeça e quis jogar a isca fora, mas piorou a situação! O gancho o perfurou e, de cima, homens, jovens e velhos, começaram a puxar violentamente o cabo. Vejam, a cabeça do tubarão está acima da água — puxem, irmãos, puxem! Lá, cerca de metade do corpo do tubarão está acima da água! Oh, que mandíbulas! Parece que é tudo mandíbula e garganta! Puxe! Ah, tudo isso está limpo de água. Pronto, o gancho perfurou suas mandíbulas por completo – puxe! Espera espera! — Olá, seu barqueiro da Polícia Árabe, você pode amarrar um barbante no rabo dele? — Ele é um monstro tão grande que é difícil carregá-lo de outra forma. Cuidado, irmão, basta um golpe dessa cauda para fraturar a perna de um cavalo! Puxe – Oh, que pesado! Meu Deus, o que temos aqui! Na verdade, o que é que está pendurado debaixo da barriga do tubarão? Não são as entranhas! Seu próprio peso os forçou a sair! Tudo bem, corte-os e deixe-os cair no mar, isso vai aliviar o peso. Puxem, irmãos! Oh, é uma fonte de sangue! Não, não adianta tentar guardar as roupas. Puxe, ele está quase ao seu alcance.

Agora, coloque-o no convés; cuidado, irmão, tenha muito cuidado, se ele atacar alguém, ele vai arrancar um braço inteiro com uma mordida! E cuidado com essa cauda! Agora, afrouxe a corda – baque! Senhor! Que grande tubarão! E com que baque ele caiu a bordo do navio! Bem, não se pode ter muito cuidado - bater na cabeça com aquela viga - olá, militar, você é um soldado, você é o homem certo para fazer isso. - "Exatamente". O passageiro militar, com o corpo e as roupas salpicados de sangue, ergueu a trave e começou a desferir fortes golpes na cabeça do tubarão. E as mulheres continuaram gritando: "Oh, querido! Que crueldade! Não o mate!" e assim por diante, mas nunca deixou de ver o espetáculo. Deixe essa cena horrível terminar aqui. Como a barriga do tubarão foi rasgada, como uma torrente de sangue fluiu, como o monstro continuou a tremer e a se mover por um longo tempo, mesmo depois de suas entranhas e coração terem sido arrancados e seu corpo desmembrado, como de seu estômago um monte de ossos, pele, carne e madeira, etc. surgiram - deixe todos esses tópicos de lado. Basta dizer que minha refeição quase estragou naquele dia - tudo cheirava a tubarão.

Este Canal de Suez é um triunfo da engenharia de canais. Foi escavado por um engenheiro francês, Ferdinand de Lesseps. Ao ligar o Mediterrâneo ao Mar Vermelho, facilitou enormemente o comércio entre a Europa e a Índia.

De todas as causas que contribuíram para o estado atual da civilização humana desde os tempos antigos, o comércio da Índia é talvez a mais importante. Desde tempos imemoriais, a Índia venceu todos os outros países em termos de fertilidade e indústrias comerciais. Até há um século, toda a procura mundial de tecidos de algodão, algodão, juta, índigo, laca, arroz, diamantes e pérolas, etc., era fornecida pela Índia. Além disso, nenhum outro país poderia produzir tecidos de seda e lã tão excelentes, como o kincob, etc., como a Índia. Mais uma vez, a Índia tem sido a terra de várias especiarias, como cravo, cardamomo, pimenta, noz-moscada e macis. Naturalmente, portanto, desde tempos muito antigos, qualquer país que se tornasse civilizado em qualquer época específica dependia da Índia para obter essas mercadorias. Este comércio costumava seguir duas rotas principais – uma por terra, via Afeganistão e Pérsia, e a outra por mar – através do Mar Vermelho. Após a conquista da Pérsia, Alexandre, o Grande, despachou um general chamado Niarchus para explorar uma rota marítima,

passando pela foz do Indo, através do oceano e através do Mar Vermelho. A maioria das pessoas ignora até que ponto a opulência de países antigos como Babilónia, Pérsia, Grécia e Roma dependia do comércio indiano. Após a queda de Roma, Bagdá, em território muçulmano, e Veneza e Gênova, na Itália, tornaram-se os principais mercados ocidentais do comércio indiano. E quando os turcos se tornaram senhores do Império Romano e fecharam a rota comercial para a Índia para os italianos, então Cristóvão Colombo (Christobal Colon), um espanhol ou genovês, tentou explorar uma nova rota para a Índia através do Atlântico, o que resultou na descoberta do continente americano. Mesmo depois de chegar à América, Colombo não conseguiu se livrar da ilusão de que se tratava da Índia. É por isso que os aborígenes da América são até hoje designados como índios. Nos Vedas encontramos ambos os nomes, “Sindhu” e “Indu”, para o Indo; os persas os transformaram em "hindus" e os gregos em "Indus", de onde derivamos as palavras "Índia" e "índio". Com a ascensão do islamismo, a palavra "Hindu" tornou-se degradada e passou a significar "um sujeito de pele escura", como é o caso da palavra "nativo" agora.

Os portugueses, entretanto, descobriram uma nova rota para a Índia, duplicando a África. A sorte da Índia sorriu para Portugal – depois chegou a vez dos franceses, dos holandeses, dos dinamarqueses e dos ingleses. O comércio indiano, as receitas indianas e tudo mais estão agora na posse dos ingleses; é portanto que eles são as principais de todas as nações agora. Mas agora, os produtos indianos estão a ser cultivados em países como a América e noutros lugares, ainda melhor do que na Índia, e por isso o país perdeu algo do seu prestígio. Isto os europeus não estão dispostos a admitir. Que a Índia, a Índia dos “nativos”, é o principal meio e recurso da sua riqueza e civilização, é um facto que eles se recusam a admitir, ou mesmo a compreender. Nós também, pela nossa parte, não devemos deixar de lhes transmitir isso.

Basta pesar o assunto em sua mente. Aquelas classes inferiores negligenciadas da Índia – os camponeses, os tecelões e o resto, que foram conquistados por estrangeiros e são desprezados pelo seu próprio povo – são eles que desde tempos imemoriais têm trabalhado silenciosamente, sem sequer receber a remuneração de seus trabalhos! Mas que grandes mudanças estão ocorrendo lentamente, em todo o mundo, em conformidade

com a lei da natureza! Países, civilizações e supremacia estão passando por revoluções. Vós, classes trabalhadoras da Índia, como resultado do vosso trabalho silencioso e constante, Babilónia, Pérsia, Alexandria, Grécia, Roma, Veneza, Génova, Bagdad, Samarcanda, Espanha, Portugal, França, Dinamarca, Holanda e Inglaterra alcançaram sucessivamente a supremacia e eminência! E você? — Bem, quem se importa em pensar em você! Meu querido Swami, seus ancestrais escreveram algumas obras filosóficas, escreveram uma dúzia de épicos ou construíram vários templos — isso é tudo, e você rasga os céus com gritos triunfais; enquanto aqueles cujo sangue do coração contribuiu para todo o progresso que foi feito no mundo — bem, quem se importa em elogiá-los? Os heróis conquistadores do mundo da espiritualidade, da guerra e da poesia estão aos olhos de todos e receberam a homenagem da humanidade. Mas onde ninguém olha, ninguém dá uma palavra de encorajamento, onde todos odeiam - que vivendo em tais circunstâncias e demonstrando paciência ilimitada, amor infinito e praticidade destemida, nosso proletariado esteja cumprindo seu dever em suas casas dia e noite, sem o menor murmúrio — bem, não há heroísmo nisso? Muitos se tornam heróis quando têm uma grande tarefa a realizar. Até um covarde desiste facilmente de sua vida, e o homem mais egoísta se comporta desinteressadamente, quando há uma multidão para animá-los; mas realmente abençoado é aquele que manifesta o mesmo altruísmo e devoção ao dever nos menores atos, despercebidos por todos - e são vocês que estão realmente fazendo isso, classes trabalhadoras sempre pisoteadas da Índia! Eu me curvo a você.

Este Canal de Suez também é algo de antiguidade remota. Durante o reinado dos faraós no Egito, várias lagoas foram conectadas entre si por um canal e formaram um canal que tocava os dois mares. Também durante o domínio do Império Romano no Egito, foram feitas tentativas de vez em quando para manter esse canal aberto. Então o general muçulmano Amru, após a conquista do Egito, cavou a areia e mudou certas características dela, de modo que quase se transformou.

Depois disso ninguém prestou muita atenção nisso. O atual canal foi escavado pelo quediwa Ismail do Egito, vice-rei do sultão da Turquia, de acordo com o conselho dos franceses, e principalmente através da capital francesa. A dificuldade deste canal é que, devido ao seu curso através de

um deserto, ele fica repetidamente cheio de areia. Apenas um navio mercante de bom tamanho pode passar por ele de cada vez, e diz-se que navios de guerra ou navios mercantes muito grandes nunca poderão passar por ele. Agora, com vista a evitar que os navios que entram e saem colidam uns contra os outros, todo o canal foi dividido em várias secções, e em ambas as extremidades de cada secção existem espaços abertos suficientemente largos para que dois ou três navios fiquem em posição de descanso. ancorar juntos. A sede fica na entrada do Mediterrâneo e há estações em todos os trechos, como estações ferroviárias. Assim que um navio entra no canal, mensagens são continuamente transmitidas a esta sede, onde são telegrafados relatórios de quantos navios estão entrando e quantos estão saindo, com sua posição em determinados momentos, e são marcados em um grande mapa. . Para evitar que um navio se confronte com outro, nenhum navio pode sair de qualquer estação sem autorização de linha.

O Canal de Suez está nas mãos dos franceses. Embora a maioria das ações da Canal Company seja agora propriedade dos ingleses, ainda assim, por um acordo político, toda a gestão cabe aos franceses.

Agora vem o Mediterrâneo. Não há região mais memorável do que esta, fora da Índia. Marca o fim da Ásia, da África e da civilização antiga. Um tipo de costumes e modos de vida termina aqui e outro tipo de características e temperamento, comida e vestimenta, costumes e hábitos começa – entramos na Europa. Não só isto, mas aqui também está o grande centro daquela mistura histórica de cores, raças, civilizações, cultura e costumes, que se estendeu ao longo de muitos séculos levou ao nascimento da civilização moderna. Aquela religião, cultura, civilização e proeza extraordinária que hoje circundam o globo nasceram aqui, nas regiões que rodeiam o Mediterrâneo. Lá, no sul, fica o muito, muito antigo Egito, o berço da escultura – transbordando em riqueza e alimentos; a leste está a Ásia Menor, a antiga arena das civilizações fenícia, filisteia, judaica, da valente babilônia, da assíria e da persa; e ao norte, a terra onde os gregos — maravilhas do mundo — floresceram nos tempos antigos.

Bem, Swami, você está farto de países, rios, montanhas e mares – agora ouça um pouco da história antiga. Mais maravilhosos são estes anais dos

tempos antigos; não ficção, mas verdade – a verdadeira história da raça humana. Esses países antigos foram quase enterrados no esquecimento por toda a eternidade - o pouco que as pessoas sabiam sobre eles consistia quase exclusivamente nas composições curiosamente fictícias dos antigos historiadores gregos, ou nas descrições milagrosas da mitologia judaica chamada Bíblia. Agora, as inscrições em pedras antigas, edifícios, salas e azulejos, e a análise linguística são volúveis na narração da história desses países. Esta narração apenas começou, mas mesmo agora revelou histórias maravilhosas, e quem sabe o que mais fará no futuro? Grandes estudiosos de todos os países intrigam-se dia e noite com um pedaço de inscrição na rocha ou um utensílio quebrado, um edifício ou um azulejo, e descobrem as histórias de tempos antigos mergulhados no esquecimento.

Quando o líder muçulmano Osman ocupou Constantinopla, e a bandeira do Islão começou a tremular triunfantemente sobre toda a Europa Oriental, então aqueles livros e aquela aprendizagem e cultura dos antigos gregos que foram mantidos escondidos com os seus descendentes impotentes espalharam-se pela Europa Ocidental no despertar dos gregos em retirada. Embora submetidos por muito tempo ao domínio romano, os gregos foram os professores dos romanos no que diz respeito ao aprendizado e à cultura. Tanto é assim que, devido aos gregos terem abraçado o Cristianismo e a Bíblia cristã ter sido escrita na língua grega, o Cristianismo dominou todo o Império Romano. Mas os antigos gregos, a quem chamamos Yavanas, e que foram os primeiros professores da civilização europeia, atingiram o apogeu da sua cultura muito antes dos cristãos. Desde que se tornaram cristãos, todo o seu aprendizado e cultura foram extintos. Mas como alguma parte da cultura dos seus antepassados ainda é preservada nos lares hindus, o mesmo aconteceu com os gregos cristãos; esses livros encontraram seu caminho por toda a Europa. Foi isso que deu o primeiro impulso à civilização entre as nações inglesas, alemãs, francesas e outras. Havia uma mania de aprender a língua grega e as artes gregas. Em primeiro lugar, engoliram tudo o que havia naqueles livros. Então, à medida que sua própria inteligência começou a se iluminar e as ciências começaram a se desenvolver, eles começaram a pesquisar a data, o autor, o assunto e a autenticidade, etc., desses livros. Não houve qualquer restrição na emissão de opiniões livres sobre todos os livros dos gregos não-cristãos, com

exceção apenas das escrituras dos cristãos, e, conseqüentemente, surgiu uma nova ciência - a da crítica externa e interna.

Suponhamos, por exemplo, que esteja escrito num livro que tal ou tal incidente ocorreu em tal ou qual data. Mas será que uma coisa deve ser aceita como autêntica, simplesmente porque alguém teve o prazer de escrever algo sobre ela num livro? Era costume das pessoas, principalmente daquela época, escrever muitas coisas a partir da imaginação; além disso, eles tinham um conhecimento muito escasso sobre a natureza e até mesmo sobre a terra em que vivemos. Tudo isso levantava sérias dúvidas quanto à autenticidade do tema de um livro. Suponhamos, por exemplo, que um historiador grego tenha escrito que em tal e tal data havia um rei na Índia chamado Chandragupta. Se agora também os livros da Índia mencionam aquele rei naquela data específica, o assunto certamente está amplamente comprovado. Se forem encontradas algumas moedas do reinado de Chandragupta, ou um edifício de sua época que contenha referências a ele, a veracidade do assunto é então garantida.

Suponha que outro livro registre um incidente específico ocorrido no reinado de Alexandre, o Grande, mas haja menção a um ou dois imperadores romanos de tal forma que não possam ser considerados interpolações - então fica provado que esse livro não pertence ao livro de Alexandre. tempo.

Ou ainda, linguagem. Cada idioma sofre algumas mudanças ao longo do tempo, e os autores também têm seu estilo peculiar. Se em qualquer livro for introduzida repentinamente uma descrição que não tenha qualquer relação com o assunto e seja num estilo bastante diferente do do autor, será prontamente suspeitada como uma interpolação. Assim, foi descoberta uma nova ciência de averiguar a verdade sobre um livro, por meio de dúvidas, testes e provas de várias maneiras.

Além disso, a ciência moderna começou, com passos rápidos, a lançar nova luz sobre as coisas de todos os lados, com o resultado de que qualquer livro que contivesse uma referência a incidentes sobrenaturais passou a ser totalmente desacreditado.

Para coroar tudo, houve a entrada do maremoto do sânscrito na Europa e a decifração de antigas inscrições lapidares encontradas na Índia, nas margens do Eufrates e no Egito, bem como a descoberta de templos etc., escondidos para idades subterrâneas ou nas encostas das colinas e a leitura correta de sua história.

Eu já disse que esta nova ciência de pesquisa diferenciava bastante a Bíblia ou os livros do Novo Testamento. Agora não existem mais as torturas da Inquisição, existe apenas o medo do descrédito social; desconsiderando isso, muitos estudiosos submeteram esses livros também a uma análise rigorosa. Esperemos que, ao despedaçarem impiedosamente as escrituras hindus e outras, com o tempo mostrem a mesma coragem moral também para com as escrituras judaicas e cristãs. Deixe-me dar uma ilustração para explicar por que digo isso. Maspero, um grande sábio e autor de grande renome em egiptologia, escreveu uma volumosa história dos egípcios e babilônios intitulada *Histoire Ancienne Orientale*. Há alguns anos, li uma tradução do livro para o inglês, feita por um arqueólogo inglês. Desta vez, quando perguntei a um bibliotecário do Museu Britânico sobre certos livros sobre o Egito e a Babilônia, o livro de Maspero foi mencionado. E quando ele soube que eu tinha comigo uma tradução do livro para o inglês, ele disse que não serviria, pois o tradutor era um cristão bastante intolerante, e onde quer que as pesquisas de Maspero atingissem o cristianismo de alguma forma, ele (o tradutor) havia conseguido distorcer e torturar essas passagens! Ele me recomendou que lesse o livro no original em francês. E ao ler descobri que era exatamente como ele havia dito – um problema realmente terrível! Você sabe muito bem como é estranho o preconceito religioso; faz uma confusão de verdade e mentira. Desde então, minha fé nas traduções desses trabalhos de pesquisa foi grandemente abalada.

Outra nova ciência desenvolveu-se – a etnologia, isto é, a classificação dos homens a partir do exame da sua cor, cabelo, físico, formato da cabeça, língua, e assim por diante.

Os alemães, embora mestres em todas as ciências, são especialmente especialistas em sânscrito e na antiga cultura assíria; Benfey e outros estudiosos alemães são exemplos disso. Os franceses são especialistas em egiptologia – estudiosos como Maspero são franceses. Os holandeses são

famosos pelas suas análises das religiões judaicas e cristãs antigas – escritores como Kuenen alcançaram uma celebridade mundial. Os ingleses inauguram muitas ciências e depois vão embora.

Deixe-me agora contar algumas das opiniões desses estudiosos. Se você não gosta dos pontos de vista deles, você pode combatê-los; mas, por favor, não coloque a culpa em mim. De acordo com os hindus, judeus, antigos babilônios, egípcios e outras raças antigas, toda a humanidade descendeu dos mesmos pais primordiais. As pessoas não acreditam muito nisso agora.

Você já viu Kaffirs negros, de nariz achatado, lábios grossos, cabelos encaracolados e testa recuada? E você já viu os Santals, os Andamaneses e os Bhils com quase as mesmas feições, mas de estatura mais baixa e com cabelos menos cacheados? A primeira classe é chamada de Negros; estes vivem na África. A segunda classe é chamada de Negritos (negrinhos); nos tempos antigos, estes habitavam certas partes da Arábia, partes das margens do Eufrates, a parte sul da Pérsia, toda a Índia, os Andamans e outras ilhas, até mesmo até a Austrália. Nos tempos modernos, eles podem ser encontrados em certas florestas e selvas da Índia, nos Andamans e na Austrália.

Você já viu os Lepchas, Bhutias e Chineses – de cor branca ou amarela e com cabelos pretos e lisos? Eles têm olhos escuros - mas dispostos de forma a formar um ângulo - barba e bigode ralos, rosto achatado e ossos malar muito proeminentes. Você já viu os nepaleses, birmaneses, siameses, malaios e japoneses? Eles têm a mesma forma, mas têm estatura menor.

As duas espécies deste tipo são chamadas de mongóis e mongolóides (pequenos mongóis). Os mongóis já ocuparam a maior parte da Ásia. São eles que, divididos em muitos ramos, como os mongóis, os Kalmucks, os hunos, os chineses, os tártaros, os turcos, os manchus, os quirguizes, etc., levam uma vida nômade, carregando tendas e cuidando de ovelhas, cabras, gado e cavalos, e sempre que surgir uma oportunidade, varra como um enxame de gafanhotos e desequilibra o mundo. Só estes chineses e tibetanos são uma exceção. Eles também são conhecidos pelo nome de Turanianos. É o Turan que você encontra na frase popular “Irã e Turan”.

Raça de cor escura mas com cabelos lisos, nariz reto e olhos escuros e retos, habitou o antigo Egito e a antiga Babilônia e hoje vive em toda a Índia, especialmente na porção sul; na Europa também se encontram vestígios deles em lugares raros. Eles formam uma raça e têm o nome técnico de Dravidianos.

Outra raça tem cor branca, olhos retos, mas orelhas e narizes curvados e grossos na ponta, testa recuada e lábios grossos - como, por exemplo, o povo do norte da Arábia, os judeus modernos e os antigos babilônios, assírios, fenícios, etc.; as suas línguas também têm um fundo comum; estes são chamados de raça semítica.

E aqueles que falam uma língua aliada ao sânscrito, que têm nariz, boca e olhos retos, pele branca, cabelos pretos ou castanhos, olhos escuros ou azuis, são chamados de arianos.

Todas as raças modernas surgiram de uma mistura destas raças. Um país que tem preponderância de uma ou outra destas raças, tem também a sua língua e fisionomia em grande parte semelhantes às daquela raça em particular.

Não é uma teoria geralmente aceita no Ocidente que um país quente produza uma tez escura e um país frio produza uma tez branca. Muitos são da opinião de que as tonalidades existentes entre o preto e o branco foram o resultado de uma fusão de raças.

Segundo os estudiosos, as civilizações do Egito e da antiga Babilônia são as mais antigas. Casas e restos de edifícios podem ser encontrados nesses países que datam de 6.000 a.C. ou até antes. Na Índia, o edifício mais antigo que pode ter sido descoberto data, no máximo, da época de Chandragupta; isto é, apenas 300 a.C. Casas de maior antiguidade ainda não foram descobertas. (Os antigos vestígios de Harappa, Mohenjo-daro etc., no Vale do Indo, no noroeste da Índia, que provam a existência de uma civilização urbana avançada na Índia que remonta a mais de 3.000 a.C., não foram escavados antes de 1922. — Ed.) Mas existem livros, etc., de data muito anterior, que não se encontram em nenhum outro país. Pandit Bal Gangadhar Tilak trouxe evidências que mostram que os Vedas dos Hindus existiam na forma atual pelo menos cinco mil anos antes da era cristã.

As fronteiras deste Mediterrâneo foram o berço daquela civilização europeia que agora conquistou o mundo. Nestas costas, as raças semíticas, como os egípcios, os babilônios, os fenícios e os judeus, e as raças arianas, como os persas, os gregos e os romanos, fundiram-se – para formar a moderna civilização europeia.

Uma grande laje de pedra com inscrições, chamada Pedra de Roseta, foi descoberta no Egito. Nele há inscrições em hieróglifos, abaixo das quais há outro tipo de escrita, e abaixo de todas elas há inscrições que lembram caracteres gregos. Um estudioso conjecturou que esses três conjuntos de inscrições apresentavam a mesma coisa e decifrou essas antigas inscrições egípcias com a ajuda de caracteres coptas - sendo os coptas a raça cristã que ainda habita o Egito e que são conhecidos como descendentes dos antigos egípcios. Da mesma forma, os caracteres cuneiformes inscritos nos tijolos e telhas dos babilônios também foram gradualmente decifrados. Enquanto isso, certas inscrições indianas em caracteres em forma de arado foram descobertas como pertencentes à época do imperador Asoka. Nenhuma inscrição anterior a essas foi descoberta na Índia. (Sabe-se agora que a escrita do Indo é contemporânea da suméria e da egípcia. — Ed.) Os hieróglifos inscritos em vários tipos de templos, colunas e sarcófagos por todo o Egito estão sendo gradualmente decifrados e tornando a antiguidade egípcia mais lúcida.

Os egípcios entraram no Egito vindos de um país do sul chamado Punt, através dos mares. Alguns dizem que Punt é o Malabar moderno e que os egípcios e os dravidianos pertencem à mesma raça. Seu primeiro rei chamava-se Menés, e sua antiga religião também se assemelha em algumas partes aos nossos contos mitológicos. O deus Shibu foi envolvido pela deusa Nui; mais tarde, outro deus Shu veio e removeu Nui à força. O corpo de Nui tornou-se o céu, e suas duas mãos e duas pernas tornaram-se os quatro pilares desse céu. E Shibu se tornou a terra. Osíris e Ísis, filho e filha de Nui, são o principal deus e deusa do Egito, e seu filho Hórus é objeto de adoração universal. Esses três costumavam ser adorados em grupo. Ísis, novamente, é adorada na forma de vaca.

Tal como o Nilo na terra, há outro Nilo no céu, do qual o Nilo terrestre é apenas uma parte. Segundo os egípcios, o Sol viaja ao redor da Terra num

barco; de vez em quando uma serpente chamada Ahi o devora, então ocorre um eclipse. A Lua é periodicamente atacada por um javali e despedaçada, dos quais leva quinze dias para se recuperar. As divindades do Egito são algumas delas com cara de chacal, algumas com cara de falcão, outras com cara de vaca, e assim por diante.

Simultaneamente a isso, outra civilização surgiu às margens do Eufrates. Baal, Moloch, Istarte e Damuzi eram os chefes das divindades aqui. Istarte se apaixonou por um pastor chamado Damuzi. Um javali matou este último e Istarte foi ao Hades, abaixo da terra, em busca dele. Lá ela foi submetida a várias torturas pela terrível deusa Alat. Por fim, Istarte declarou que não voltaria mais à Terra a menos que recuperasse Damuzi. Esta foi uma grande dificuldade; ela era a deusa do impulso sexual e, a menos que voltasse, nem os homens, nem os animais, nem os vegetais se multiplicariam. Então os deuses fizeram um acordo de que todos os anos Damuzi residiria no Hades durante quatro meses e viveria na terra durante os oito meses restantes. Depois Istarte voltou, chegou a primavera e seguiu-se uma boa colheita.

Assim Damuzi é novamente conhecido pelo nome de Adunoi ou Adonis! A religião de todas as raças semíticas, com pequenas variações, era quase a mesma. Os babilônios, judeus, fenícios e árabes de uma época posterior usaram a mesma forma de adoração. Quase todos os deuses eram chamados de Moloch — a palavra que persiste até hoje na língua bengali como Mâlik (governante), Mulluk (reino) e assim por diante — ou Baal; mas é claro que houve pequenas diferenças. Segundo alguns, o deus chamado Alat posteriormente se transformou em Alá dos árabes.

A adoração destes deuses também incluía certos ritos terríveis e abomináveis. Antes de Moloch ou Baal, as crianças eram queimadas vivas. No templo de Istarte a satisfação natural e antinatural da luxúria era a característica principal.

A história da raça judaica é muito mais recente que a da Babilônia. Segundo os estudiosos, a escritura conhecida como Bíblia foi composta a partir de 500 a.C. vários anos após a era cristã. Muitas partes da Bíblia que geralmente se supõe serem de origem anterior pertencem a uma data muito posterior. Os principais tópicos da Bíblia dizem respeito aos babilônios. A cosmologia babilônica e a descrição do Dilúvio foram, em muitas partes,

incorporadas integralmente na Bíblia. Além disso, durante o governo dos imperadores persas na Ásia Menor, muitas doutrinas persas encontraram aceitação entre os judeus. Segundo o Antigo Testamento, este mundo é tudo; não há alma nem vida após a morte. No Novo Testamento há menção às doutrinas parseas da vida após a morte e da ressurreição dos mortos, enquanto a teoria de Satanás pertence exclusivamente aos parses.

A principal característica da religião judaica é a adoração de Yave-Moloch. Mas este nome não pertence à língua judaica; segundo alguns, é uma palavra egípcia. Mas ninguém sabe de onde veio. Há descrições na Bíblia de que os israelitas viveram confinados no Egito durante muito tempo, mas tudo isso raramente é aceito agora, e os patriarcas como Abraão, Isaque e José provaram ser meras alegorias.

Os judeus não pronunciavam o nome "Yave", no lugar do qual costumavam dizer "Adunoi". Quando os judeus foram divididos em dois ramos, Israel e Efraim, dois templos principais foram construídos nos dois países. No templo que foi construído pelos israelitas em Jerusalém, uma imagem de Yave, composta por uma figura masculina e feminina unidas, foi preservada num cofre (arca), e havia uma grande coluna fálica na porta. Em Efraim, Yave costumava ser adorado na forma de um touro coberto de ouro.

Em ambos os lugares era costume entregar o filho mais velho vivo às chamas diante do deus, e um grupo de mulheres costumava viver em ambos os templos, dentro dos mesmos recintos dos quais costumavam levar vidas mais imorais e os seus ganhos eram utilizado para despesas do templo.

Com o passar do tempo apareceu entre os judeus uma classe de homens que costumavam invocar a presença de divindades em suas pessoas por meio de música ou dança. Eles eram chamados de Profetas. Muitos destes, através da associação com os persas, opuseram-se à adoração de imagens, ao sacrifício de filhos, à imoralidade, à prostituição e a outras práticas semelhantes. Aos poucos, a circuncisão tomou o lugar do sacrifício humano; e a prostituição e a adoração de imagens, etc. desapareceram gradualmente. Com o passar do tempo, entre esses profetas, o cristianismo surgiu.

Há uma grande disputa sobre se alguma vez nasceu um homem com o nome de Jesus. Dos quatro livros que compõem o Novo Testamento, o Livro de São João foi rejeitado por alguns como espúrio. Quanto aos três restantes, o veredicto é que foram copiados de algum livro antigo; e isso também muito depois da data atribuída a Jesus Cristo.

Além disso, na época em que se acredita que Jesus nasceu entre os próprios judeus, nasceram dois historiadores, Josefo e Fílon. Mencionaram até pequenas seitas entre os judeus, mas não fizeram a menor referência a Jesus ou aos cristãos, ou que o juiz romano o sentenciou à morte na cruz. O livro de Josefo tinha uma única linha sobre o assunto, que agora foi provado ser uma interpolação. Os romanos costumavam governar os judeus naquela época, e os gregos ensinavam todas as ciências e artes. Todos eles escreveram muitas coisas sobre os judeus, mas não fizeram menção nem a Jesus nem aos cristãos.

Outra dificuldade é que os ditos, preceitos ou doutrinas que o Novo Testamento prega já existiam entre os judeus antes da era cristã, vindos de diferentes quadrantes, e eram pregados por rabinos como Hillel e outros. Isto é o que dizem os estudiosos; mas eles não podem, com a segurança de sua reputação, dar veredictos oraculares de improviso sobre sua própria religião, como costumam fazer em relação às religiões estranhas. Então eles procedem lentamente. Isso é o que chamamos de Crítica Superior.

Os estudiosos ocidentais estudam assim as religiões, os costumes, as raças, etc., de países diferentes e distantes. Mas não temos nada parecido em bengali! E como isso é possível? Se um homem, depois de dez anos de trabalho duro, traduzir um livro desse tipo, bem, do que ele viverá e onde conseguirá os fundos para publicar seu livro?

Em primeiro lugar, o nosso país é muito pobre e, em segundo lugar, praticamente não existe cultivo da aprendizagem. Amanhecerá para o nosso país um dia em que estaremos cultivando vários tipos de artes e ciências? — “Aquele cuja graça faz o mudo eloqüente e o coxo escalar montanhas” — Só Ela, a Mãe Divina, sabe!

O navio tocou Nápoles – chegamos à Itália. A capital da Itália é Roma – Roma, a capital daquele antigo e mais poderoso Império Romano, cuja

política, ciência militar, arte de colonização e conquista estrangeira são até hoje o modelo para o mundo inteiro!

Depois de sair de Nápoles, o navio fez escala em Marselha e daí direto para Londres.

Já ouviram falar bastante sobre a Europa – o que comem, como se vestem, quais são os seus costumes e costumes, e assim por diante – por isso não preciso de escrever sobre isto. Mas sobre a civilização europeia, a sua origem, a sua relação connosco e até que ponto devemos adoptá-la - sobre essas coisas terei muito a dizer no futuro. O corpo não faz acepção de pessoas, querido irmão, então tentarei falar sobre eles em outra ocasião. Ou qual é a utilidade? Bem, quem no mundo pode competir conosco (especialmente os bengalis) no que diz respeito a conversar e discutir? Mostre-o em ação, se puder. Deixe seu trabalho proclamar e deixe a língua descansar. Mas deixe-me mencionar uma coisa de passagem, viz. que a Europa começou a avançar a partir da data em que a aprendizagem e o poder começaram a fluir entre as classes mais baixas e pobres. Muitas pessoas pobres e sofredoras de outros países, rejeitadas como lixo, por assim dizer, encontram uma casa e abrigo na América, e estes são a espinha dorsal da América! Pouco importa se os homens ricos e os estudiosos o ouvem, compreendem e elogiam ou culpam - eles são apenas os ornamentos, as decorações do país! — São os milhões de pessoas pobres da classe baixa que são a sua vida. Os números não contam, nem a riqueza ou a pobreza; um punhado de homens pode desequilibrar o mundo, desde que estejam unidos em pensamento, palavra e ação – nunca se esqueça desta convicção. Quanto mais oposição houver, melhor. Um rio adquire velocidade a menos que haja resistência? Quanto mais recente e melhor for uma coisa, mais oposição encontrará no início. É a oposição que prediz o sucesso. Onde não há oposição também não há sucesso. Adeus!

7.3.3 MEMÓRIAS DE VIAGENS EUROPEIAS II

(Traduzido do bengali)

Temos um ditado entre nós que diz que aquele que tem um padrão de disco nas solas dos pés torna-se um vagabundo. Receio que tenha minhas solas inscritas com eles. E também não há muito espaço para probabilidade. Tentei o meu melhor para descobri-los examinando as solas dos pés, mas tudo em vão - os pés foram terrivelmente rachados pela severidade do frio, e nenhum disco ou qualquer coisa do tipo pôde ser rastreada. Porém, quando há tradição, tenho como certo que as minhas solas estão cheias desses sinais. Mas os resultados são bastante evidentes – era meu desejo acalentado permanecer em Paris por algum tempo e estudar a língua e a civilização francesas; Abandonei meus velhos amigos e conhecidos e aguntei um novo amigo, um francês de posses comuns, que não sabia inglês, e meu francês - bem, foi algo extraordinário! Eu tinha em mente que a incapacidade de viver como um homem mudo naturalmente me forçaria a falar francês, e eu alcançaria a fluência nessa língua em pouco tempo - mas, pelo contrário, estou agora em uma viagem por Viena, Turquia, Grécia, Egito e Jerusalém! Bem, quem pode impedir o curso do inevitável! — E esta carta estou escrevendo para você da última capital remanescente da supremacia muçulmana — de Constantinopla!

Tenho três companheiros de viagem – dois deles franceses e o terceiro americano. A americana é Miss MacLeod, que você conhece muito bem; o companheiro francês é Monsieur Jules Bois, um famoso filósofo e literato francês; e a amiga francesa é a cantora de renome mundial Mademoiselle Calvé. "Mister" é "Monsieur" na língua francesa, e "Miss" é "Mademoiselle" - com som Z. Mademoiselle Calvé é a principal cantora — cantora de ópera — da atualidade. Suas apresentações musicais são tão apreciadas que ela tem uma renda anual de três a quatro lakhs de rúpias, exclusivamente cantando. Eu já a conhecia. A principal atriz do Ocidente, Madame Sarah Bernhardt, e a principal cantora, Calvé, são ambas de origem francesa e totalmente ignorantes da língua inglesa, mas visitam a Inglaterra e a América ocasionalmente e ganham milhões de dólares atuando e cantando. O francês é a língua do mundo civilizado, a marca da gentileza no Ocidente, e todos sabem disso; conseqüentemente, essas duas senhoras não têm tempo nem disposição para aprender inglês. Madame Bernhardt é uma senhora idosa; mas quando ela sobe no palco depois de se vestir, sua imitação da idade e do sexo do papel que desempenha é perfeita! Uma menina ou um menino – seja qual for o papel que você queira que ela

desempenhe, ela é uma representação exata disso. E aquela voz maravilhosa! As pessoas aqui dizem que a voz dela soa como cordas prateadas! Madame Bernhardt tem uma consideração especial pela Índia; ela me diz repetidas vezes que nosso país é “trés ancien, tres civilisé” – muito antigo e muito civilizado. Um ano, ela encenou um drama sobre a Índia, no qual montou no palco toda uma cena de rua indiana – homens, mulheres e crianças, Sadhus e Nagas, e tudo mais – uma imagem exata da Índia! Após a apresentação, ela me contou que durante cerca de um mês visitou todos os museus e conheceu os homens e as mulheres e suas roupas, as ruas e os ghats de banho e tudo relacionado à Índia. Madame Bernhardt tem um desejo muito forte de visitar a Índia. — “C'est mon rêve! — É o sonho da minha vida”, diz ela. Mais uma vez, o Príncipe de Gales (Sua Majestade o Rei Eduardo VII, o então Príncipe de Gales) prometeu levá-la para uma excursão de caça a tigres e elefantes. Mas então ela disse que deveria gastar cerca de dois lakhs de rúpias se fosse para a Índia! É claro que ela não precisa de dinheiro. “La divina Sarah” – a divina Sarah – é o seu nome; como pode ela querer dinheiro, ela que só viaja num trem especial! Aquela pompa e luxo que muitos príncipes da Europa não podem permitir-se! Só é possível garantir uma vaga para sua apresentação pagando o dobro das taxas, e isso com um mês de antecedência! Bem, ela não vai sofrer falta de dinheiro! Mas Sarah Bernhardt gosta de gastar muito. Sua viagem à Índia está, portanto, adiada por enquanto.

Mademoiselle Calve não vai cantar neste inverno, vai descansar e vai para climas temperados como o Egito etc. Vou como convidada dela. Calve não se dedicou apenas à música, é bastante erudita e tem um grande amor pela literatura filosófica e religiosa. Ela nasceu em circunstâncias muito pobres; gradualmente, através de seu próprio gênio e passando por muito trabalho e muitas dificuldades, ela acumulou uma grande fortuna e tornou-se objeto de adoração de reis e potentados!

Existem cantoras famosas, como Madame Melba, Madame Emma Ames e outras; e cantores muito ilustres, como Jean de Reszke, Plancon e os demais - todos ganhando dois ou três lakhs de rúpias por ano! Mas à arte de Calvé está associada uma genialidade única. Beleza extraordinária, juventude, genialidade e uma voz celestial – tudo isso conspirou para elevar Calvé à vanguarda de todos os cantores. Mas não há melhor professor do que a dor

e a pobreza! Aquela extrema penúria, dor e dificuldades da infância, contra a qual uma luta constante conquistou esta vitória para Calvé, geraram uma simpatia notável e uma seriedade profunda em sua vida. Novamente, no Ocidente, existem amplas oportunidades juntamente com o espírito empreendedor. Mas no nosso país existe uma triste escassez de oportunidades, mesmo que o espírito empreendedor não esteja ausente. A mulher bengali pode estar interessada em adquirir educação, mas isso não dá em nada por falta de oportunidades. E o que há para aprender na língua bengali? Na melhor das hipóteses, alguns romances e dramas ruins! Por outro lado, a aprendizagem está actualmente confinada a uma língua estrangeira ou ao sânscrito e é apenas para uns poucos escolhidos. Nestes países ocidentais existem inúmeros livros na língua materna; além disso, sempre que algo novo surge numa língua estrangeira, é imediatamente traduzido e colocado diante do público.

Monsieur Jules Bois é um escritor famoso; ele é particularmente adepto da descoberta de verdades históricas nas diferentes religiões e superstições. Ele escreveu um livro famoso que coloca em forma histórica a adoração do diabo, a feitiçaria, a necromancia, o encantamento e outros ritos que estavam em voga na Europa medieval, e os vestígios daqueles que prevalecem até hoje. Ele é um bom poeta e um defensor das ideias vedânticas indianas que se infiltraram nos grandes poetas franceses, como Victor Hugo e Lamartine e outros, e nos grandes poetas alemães, como Goethe, Schiller e outros. A influência do Vedanta na poesia e na filosofia europeias é muito grande. Todo bom poeta é um vedantino, eu acho; e quem escreve algum tratado filosófico deve recorrer ao Vedanta de uma forma ou de outra. Apenas alguns deles não se preocupam em admitir esta dívida e querem estabelecer a sua completa originalidade, como Herbert Spencer e outros, por exemplo. Mas a maioria reconhece abertamente. E como podem eles ajudá-lo – nestes dias de telégrafos, ferrovias e jornais? M. Jules Bois é muito modesto e gentil e, embora fosse um homem de recursos comuns, recebeu-me muito cordialmente como convidado em sua casa em Paris. Agora ele está nos acompanhando nas viagens.

Temos outros dois companheiros de viagem até Constantinopla: Père Hyacinthe e sua esposa. Père, ou seja, Padre Hyacinthe era um monge de uma seção ascética estrita da Igreja Católica Romana. Sua erudição,

eloquência extraordinária e grandes austeridades conquistaram-lhe uma grande reputação na França e em toda a Ordem Católica. O grande poeta Victor Hugo elogiava o estilo francês de dois homens - um deles era Père Hyacinthe. Aos quarenta anos, Père Hyacinthe se apaixonou por uma americana e acabou se casando com ela. Isto criou uma grande sensação e, claro, a Ordem Católica desistiu imediatamente dele. Descartando seu traje ascético de pés descalços e manto largo, Père Hyacinthe pegou o chapéu, o casaco e as botas do chefe de família e tornou-se - Monsieur Loyson. Eu, entretanto, o chamo pelo seu antigo nome. É uma história muito antiga, e o assunto foi o assunto de todo o continente. Os protestantes o receberam com honra, mas os católicos começaram a odiá-lo. O Papa, em consideração às suas realizações, não estava disposto a se separar dele e pediu-lhe que permanecesse um padre greco-católico e não abandonasse a Igreja Romana. (Os padres da seção greco-católica podem se casar apenas uma vez, mas não recebem nenhuma posição elevada). A Sra. Loyson, no entanto, arrastou-o à força para fora do rebanho do Papa. Com o passar do tempo tiveram filhos e netos; agora o já idoso Loyson vai a Jerusalém para tentar estabelecer relações cordiais entre cristãos e muçulmanos. Sua esposa talvez tivesse tido muitas visões de que Loyson poderia se tornar um segundo Martinho Lutero e derrubar o trono do Papa — no Mediterrâneo. Mas nada disso aconteceu; e o único resultado foi, como dizem os franceses, que ele foi colocado entre dois bancos. Mas Madame Loyson ainda acalenta seus curiosos devaneios! O velho Loyson tem uma fala muito afável, é modesto e tem uma mentalidade claramente devocional. Sempre que ele me encontra, ele mantém longas conversas sobre várias religiões e credos. Mas sendo de temperamento devocional, ele tem um pouco de medo do Advaita. A atitude de Madame Loyson em relação a mim é, temo, bastante desfavorável. Quando discuto com o velho assuntos como renúncia e monaquismo, etc., todos aqueles sentimentos há muito acalentados despertam em seu peito envelhecido, e sua esposa provavelmente fica magoada o tempo todo. Além disso, todos os franceses, de ambos os sexos, atribuem toda a culpa à esposa; eles dizem: "Essa mulher estragou um de nossos grandes monges ascetas!" Madame Loyson está realmente numa situação lamentável – especialmente porque eles vivem em Paris, num país católico. Eles odeiam a simples visão de um padre casado; nenhum católico jamais toleraria a pregação da religião por um homem com família. E Madame Loyson também tem um pouco de

animosidade. Certa vez ela expressou sua antipatia por uma atriz, dizendo: "É muito ruim da sua parte viver com o Sr. Fulano de Tal sem se casar com ele". A atriz imediatamente respondeu: "Sou mil vezes melhor que você. Moro com um homem comum; pode ser que não me casei legalmente com ele; embora você seja um grande pecador - você fez um grande monge quebrar sua religião. votos! Se você estava tão desesperadamente apaixonado pelo monge, ora, você poderia muito bem viver como sua empregada doméstica, mas por que você trouxe a ruína para ele ao se casar com ele e assim convertê-lo em um chefe de família?

No entanto, ouço tudo e fico em silêncio. Mas o velho Père Hyacinthe é um homem muito doce e pacífico, está feliz com a sua esposa e família – e o que todo o povo francês pode ter a dizer contra isto? Eu acho que tudo estaria resolvido se a esposa dele descesse um pouco. Mas uma coisa que noto, viz. que homens e mulheres, em cada país, têm formas diferentes de compreender e julgar as coisas. Os homens têm um ângulo de visão, as mulheres outro; os homens discutem de um ponto de vista, as mulheres de outro. Os homens atenuam as mulheres e colocam a culpa nos homens; enquanto as mulheres exoneram os homens e atribuem toda a culpa às mulheres.

Um benefício especial que obtenho da companhia destas senhoras e senhores é que, com exceção de uma senhora americana, ninguém sabe inglês; falar em inglês é totalmente evitado (não é etiqueta no Ocidente falar em companhia de qualquer idioma, exceto aquele conhecido por todas as partes.) e, conseqüentemente, de uma forma ou de outra, tenho que falar e ouvir francês.

De Paris, nosso amigo Máximo me forneceu cartas de apresentação para vários lugares, para que os países pudessem ser vistos adequadamente. Maxim é o inventor da famosa arma Maxim – a arma que dispara uma rodada contínua de bolas e é carregada e descarregada automaticamente sem intervalo. Maxim é americano de nascimento; agora ele se estabeleceu na Inglaterra, onde tem suas fábricas de armas, etc. Maxim fica irritado se alguém alude com muita frequência às suas armas em sua presença e diz: "Meu amigo, não fiz mais nada a não ser inventar aquele motor de destruição?" Maxim é um admirador da China e da Índia e é um bom

escritor sobre religião e filosofia, etc. Tendo lido minhas obras há muito tempo, ele me mantém com grande - devo dizer, excessiva - admiração. Ele fornece armas para todos os reis e governantes e é bem conhecido em todos os países, embora seu amigo particular seja Li Hung Chang, sua consideração especial é pela China e sua devoção pelo confucionismo. Ele tem o hábito de escrever ocasionalmente nos jornais, sob pseudônimos chineses, contra os cristãos – sobre o que os leva à China, o seu verdadeiro motivo, e assim por diante. Ele não suporta de forma alguma os missionários cristãos pregando a sua religião na China! A esposa dele também é igual ao marido no que diz respeito à China e ao ódio ao cristianismo! Maxim não tem problemas; ele é um homem velho e imensamente rico.

O programa da viagem foi o seguinte: de Paris a Viena, e daí a Constantinopla, de trem; depois, de navio a vapor, para Atenas e Grécia, depois através do Mediterrâneo até o Egito, depois para a Ásia Menor, Jerusalém e assim por diante. O "Expresso Oriental" opera diariamente de Paris a Constantinopla e oferece acomodações para dormir, sentar e jantar segundo o modelo americano. Embora não sejam perfeitos como os carros americanos, eles são bastante bem equipados. Devo deixar Paris naquele trem no dia 24 de outubro (1900).

Hoje é 23 de outubro; amanhã à noite vou me despedir de Paris. Este ano, Paris é um centro do mundo civilizado, pois é o ano da Exposição de Paris, e tem havido uma reunião de homens e mulheres eminentes de todos os cantos do globo. Os mestres de todos os países reuniram-se hoje em Paris para espalhar a glória dos seus respectivos países através do seu gênio. O homem afortunado cujo nome os sinos deste grande centro tocarão hoje, coroará ao mesmo tempo o seu país também com glória, perante o mundo. E onde está você, minha pátria, Bengala, na grande capital repleta de estudiosos alemães, franceses, ingleses, italianos e outros? Quem está aí para pronunciar o teu nome? Quem está aí para proclamar a tua existência? De entre aquela galáxia branca de gênios surgiu um distinto jovem herói para proclamar o nome da nossa pátria, Bengala - foi o cientista de renome mundial, Dr. (mais tarde, senhor.) J. C. Bose! Sozinho, o jovem físico bengali, com rapidez galvânica, encantou hoje o público ocidental com seu esplêndido gênio; aquela carga elétrica infundiu pulsações de nova vida no

corpo meio morto da Pátria! No topo de todos os físicos hoje está – Jagadish Chandra Bose, um indiano, um bengali! Muito bem, herói! Quaisquer que sejam os países que o Dr. Bose e sua talentosa e ideal esposa visitem, em todos os lugares eles glorificam a Índia - acrescente novos louros à coroa de Bengala. Casal abençoado!

E a reunião diária de vários homens e mulheres ilustres que o Sr. Leggett promoveu com enormes despesas na sua mansão parisiense, convidando-os para suas casas - isso também termina hoje.

Todos os tipos de personagens ilustres — poetas, filósofos, cientistas, moralistas, políticos, cantores, professores, pintores, artistas, escultores, músicos, e assim por diante, de ambos os sexos — costumavam se reunir na residência do Sr. Leggett, atraídos por sua hospitalidade. e gentileza. Aquele fluxo incessante de palavras, claras e límpidas como uma montanha, aquela expressão de sentimentos que emanam de todos os lados como faíscas de fogo, música encantadora, a corrente mágica de pensamentos de mentes mestres entrando em conflito uns com os outros - que costumava manter todos fascinados , fazendo-os esquecer o tempo e o lugar - estes também acabarão.

Tudo na terra tem um fim. Mais uma vez hoje dei uma volta pela Exposição de Paris - esta massa acumulada de ideias deslumbrantes, como um relâmpago mantido firme, por assim dizer, este conjunto único de panorama celestial na terra!

Tem chovido em Paris nos últimos dois ou três dias. Durante todo esse tempo, o sol, sempre gentil com a França, reteve sua graça habitual. Talvez seu rosto tenha sido escurecido por nuvens de desgosto por testemunhar a corrente secreta de sensualidade por trás desse conjunto de artes e artistas, pessoas eruditas e eruditas, ou talvez ele tenha escondido seu rosto sob um manto de nuvens de tristeza pela destruição iminente. deste paraíso ilusório de madeira e tela multicoloridas.

Nós também ficaremos felizes em escapar. O desmembramento da Exposição é um grande assunto; as ruas deste paraíso na terra, a Paris semelhante ao Éden, ficarão cheias de lama e argamassa até os joelhos. Com exceção de um ou dois edifícios principais, todas as casas e suas

partes são apenas uma exposição de madeira, trapos e caiação - assim como o mundo inteiro! E quando são demolidos, o pó de cal voa e sufoca; trapos e areia etc. tornam as ruas extremamente sujas; e, se chover além disso, é uma bagunça terrível.

Na noite de 24 de outubro o trem partiu de Paris. A noite estava escura e nada podia ser visto. Monsieur Bois e eu ocupamos um compartimento - e fomos dormir cedo. Ao acordarmos, descobrimos que havíamos atravessado a fronteira francesa e entrado em território alemão. Eu já tinha visto a Alemanha completamente; mas a Alemanha, depois da França, produz um efeito bastante chocante. "Por um lado, a lua está se pondo" (*यान्त्येकतोऽस्तशिखरं पतिरोषधीनां* - Do Shakuntalâ de Kalidasa.) - a França abrangente está lentamente se consumindo no fogo da retribuição contemplada - enquanto, por outro lado, centralizada, jovem e a poderosa Alemanha iniciou a sua marcha ascendente acima do horizonte com passos rápidos. De um lado está o trabalho artístico do povo francês de cabelos escuros, comparativamente de baixa estatura, luxuoso e altamente civilizado, para quem a arte significa vida; e, por outro lado, a pintura desajeitada, a manipulação inábil, do alemão alto, gigantesco, de cabelos louros. Depois de Paris não existe outra cidade no mundo ocidental; em todos os lugares é uma imitação de Paris – ou pelo menos uma tentativa de fazê-lo. Mas na França essa arte é cheia de graça e beleza etérea, enquanto na Alemanha, na Inglaterra e na América a imitação é grosseira e desajeitada. Até mesmo a aplicação da força por parte dos franceses é, por assim dizer, bela, ao passo que a tentativa dos alemães de exibir a beleza é até terrível. O semblante do gênio francês, mesmo franzindo a testa de raiva, é lindo; a do gênio alemão, mesmo quando sorridente, parece assustadora, por assim dizer. A civilização francesa está cheia de coragem, como a cânfora ou o almíscar – ela volatiliza e permeia a sala num momento; embora a civilização alemã seja cheia de músculos, pesada como chumbo ou mercúrio – ela permanece imóvel e inerte onde quer que esteja. O músculo alemão pode continuar a desferir pequenos golpes incansavelmente, até à morte; os franceses têm corpos delicados e femininos, mas quando se concentram e atacam, é um golpe de marreta e irresistível.

Os alemães estão construindo grandes casas e mansões à moda francesa, e colocando grandes estátuas, figuras equestres, etc. em cima delas, mas ao

ver um edifício alemão de dois andares ficamos tentados a perguntar - é uma casa de habitação para homens, ou um estábulo para elefantes e camelos, enquanto se confunde um estábulo francês de cinco andares com elefantes e cavalos como uma habitação para fadas.

A América é inspirada nos ideais alemães; centenas de milhares de alemães estão em todas as cidades. A língua é, obviamente, o inglês, mas mesmo assim a América está a ser lentamente germanizada. A Alemanha está a multiplicar rapidamente a sua população e é excepcionalmente resistente. Hoje a Alemanha é a ditadora de toda a Europa, o seu lugar é acima de tudo! Muito antes de todas as outras nações, a Alemanha deu educação obrigatória a homens e mulheres, tornando o analfabetismo punível por lei, e hoje desfruta dos frutos dessa árvore. O exército alemão é o principal em reputação, e a Alemanha prometeu tornar-se também o principal na sua marinha. A produção alemã de mercadorias derrotou até a Inglaterra! As mercadorias alemãs e os próprios alemães estão lentamente a obter um monopólio mesmo nas colónias inglesas. A mando do Imperador Alemão, todas as nações submeteram-se sem má vontade à liderança do Generalíssimo Alemão nos campos de batalha da China!

Durante todo o dia o trem passou pela Alemanha, até que à tarde chegou às fronteiras da Áustria, a antiga esfera da supremacia alemã, mas agora um território estranho. Existem certos problemas em viajar pela Europa. Em todos os países são cobrados enormes impostos sobre certas coisas, ou alguns artigos de mercadoria são monopólio do Governo, como por exemplo o tabaco. Mais uma vez, na Rússia e na Turquia, é totalmente proibido entrar sem passaporte real; um passaporte que você deve ter sempre. Além disso, na Rússia e na Turquia, todos os seus livros e papéis serão apreendidos; e quando, após uma leitura atenta, as autoridades se convencerem de que não há nada neles contra o governo russo ou turco e a religião, só então serão devolvidos, caso contrário serão todos confiscados. Em outros países, o tabaco é uma fonte de grandes problemas. Você deve abrir o baú, o porta-malas e os pacotes para verificar se contêm tabaco, etc. E para chegar a Constantinopla é preciso passar por dois grandes Estados – a Alemanha e a Áustria, e muitos outros pequenos; estes últimos tinham sido anteriormente distritos da Turquia, mas mais tarde os reis cristãos independentes fizeram uma causa comum e arrancaram o maior número

possível destes distritos cristãos das mãos muçulmanas. A picada dessas pequenas formigas é muito pior do que a das maiores.

Na noite de 25 de outubro o trem chegou a Viena, capital da Áustria. Os membros da família real na Áustria e na Rússia são denominados Arquidukes e Arquidukesas. Dois arquidukes descerão em Viena neste trem; e até que o façam, os outros passageiros não poderão descer. Então tivemos que esperar. Alguns oficiais com uniformes rendados e alguns soldados com bonés de penas aguardavam os arquidukes, que desceram cercados por eles. Nós também nos sentimos aliviados e nos apressamos em descer e passar a bagagem. Havia poucos passageiros e não demoramos muito para mostrar nossa bagagem e passá-la. Um hotel já havia sido providenciado e um homem do hotel nos esperava com uma carruagem. Chegamos ao hotel devidamente. Estava fora de questão sair para passear durante a noite; então na manhã seguinte começamos a conhecer a cidade. Em todos os hotéis, e em quase todos os países da Europa, exceto Inglaterra e Alemanha, a moda francesa prevalece. Comem duas vezes por dia como os hindus; de manhã às doze horas e à noite às oito. De manhã cedo, ou seja, por volta das oito ou nove, tomam um cafezinho. O chá está muito pouco em voga, exceto na Inglaterra e na Rússia. A refeição matinal é chamada em francês de *déjeuner* – isto é, café da manhã, e a refeição noturna *dîner* – isto é, jantar. O chá é muito utilizado na Rússia – está muito frio e a China está suficientemente próxima. O chá chinês é excelente e a maior parte vai para a Rússia. O modo russo de beber chá também é análogo ao chinês, ou seja, sem misturar leite. O chá ou o café tornam-se prejudiciais como veneno se você misturar leite com eles. As verdadeiras raças que bebem chá, os chineses, os japoneses, os russos e os habitantes da Ásia Central, tomam chá sem leite. Da mesma forma, as raças originais que tomavam café, como os turcos, tomavam café sem leite. Só na Rússia colocam uma rodela de limão e um torrão de açúcar no chá. O pobre coloca um torrão de açúcar na boca e toma chá por cima, e quando acaba de beber, passa aquele torrão para outro, que repete o processo.

Viena é uma cidade pequena nos moldes de Paris. Mas os austríacos são alemães de raça. O imperador austríaco era até então o imperador de quase toda a Alemanha. Nos tempos atuais, devido à clarividência do rei Guilherme da Prússia, à maravilhosa diplomacia do seu competente

ministro, Bismark, e ao gênio militar do general Von Moltke, o rei da Prússia é o imperador de toda a Alemanha, exceto a Áustria. . A Áustria, despojada da sua glória e roubada do seu poder, está de alguma forma a manter o seu antigo nome e prestígio. A linhagem real austríaca – a Dinastia dos Habsburgos – é a dinastia mais antiga e aristocrática da Europa. Foi esta dinastia austríaca que até agora governou a Alemanha como imperadores - Alemanha cujos príncipes estão sentados nos tronos de quase todos os países da Europa, e cujos pequenos chefes feudais ocupam até os tronos de impérios tão poderosos como a Inglaterra e a Rússia. O desejo por essa honra e prestígio que a Áustria ainda nutre plenamente, só que lhe falta o poder. A Turquia é chamada de “o homem doente” da Europa; então a Áustria deveria ser chamada de "a senhora doente". A Áustria pertence à seita católica e, até recentemente, o Império Austríaco costumava ser chamado de "Sacro Império Romano". A Alemanha moderna tem uma preponderância de protestantes. O Imperador Austríaco sempre foi o braço direito do Papa, seu fiel seguidor e líder da seita católica romana. Agora o Imperador Austríaco é o único Governante Católico na Europa; A França, a filha mais velha da Igreja Católica, é agora uma República, enquanto a Espanha e Portugal estão caídos! A Itália deu apenas espaço suficiente para o trono papal ser estabelecido, roubando todo o esplendor e domínio do Papa; entre o Rei da Itália e o Papa de Roma não há amor perdido, eles não suportam a visão um do outro. Roma, a capital do Papa, é agora a capital da Itália. O Rei vive no antigo palácio do Papa que ele capturou, e o antigo reino italiano do Papa está agora confinado aos arredores do Vaticano. Mas o Papa ainda tem grande influência em questões religiosas – e o principal apoiante disto é a Áustria. Como resultado da luta contra a Áustria – contra a escravidão de longa data da Áustria, aliada do Papa – surgiu a Itália moderna. Consequentemente, a Áustria está contra a Itália – contra, porque a perdeu. Infelizmente, porém, a jovem Itália, sob a orientação errada da Inglaterra, decidiu criar um exército e uma marinha poderosos. Mas onde estava o dinheiro? Assim, envolvida em dívidas, a Itália está a caminho da ruína; e para seu infortúnio, ela trouxe para si um novo problema ao estender seu império na África. Derrotada pelo monarca abissínio, ela afundou, desprovida de glória e prestígio. Entretanto, a Prússia derrotou a Áustria numa grande guerra e empurrou-a para uma grande distância. A Áustria está a morrer lentamente, enquanto a Itália também se acorrentou pelo mau uso da sua nova vida.

A linhagem real austríaca ainda é a mais orgulhosa de todas as famílias reais europeias. Ela se orgulha de ser uma dinastia muito antiga e muito aristocrática. Os casamentos e outras ligações desta linhagem são contraídos com a maior circunspeção, e tal relação não pode ser estabelecida com famílias que não sejam católicas romanas. Foi o glamour de uma ligação com esta linha que levou à queda de Napoleão, o Grande. Curiosamente, ele decidiu se casar com a filha de alguma nobre família real e fundar uma grande dinastia através de uma sucessão de descendentes. O herói que, questionado sobre seu pedigree, respondeu: "Não devo a ninguém o título de minha nobreza - serei o fundador de uma grande dinastia" - isto é, que ele daria origem a uma poderosa dinastia, e que não nasceu para se glorificar com as plumas emprestadas de algum ancestral - esse herói caiu neste abismo de prestígio familiar.

O divórcio da Imperatriz Josefina, a derrota do Imperador Austríaco na batalha e a tomada de sua filha por esposa, o casamento de Bonaparte em grande pompa com Maria Luísa, a Princesa da Áustria, o nascimento de um filho, a instalação do novo-nascido bebê como rei de Roma, a queda de Napoleão, a inimizade de seu sogro, Leipsic, Waterloo, Santa Helena, a imperatriz Maria Luísa morando na casa de seu pai com seu filho, o casamento da consorte real de Napoleão com um soldado comum, a morte do seu único filho, o rei de Roma, na casa do seu avô materno – todos estes são incidentes bem conhecidos da história.

Caída numa condição comparativamente enfraquecida, a França está agora a ruminar sobre a sua glória passada – hoje em dia existem muitos livros sobre Napoleão. Dramaturgos como Sardou estão escrevendo muitos dramas sobre Napoleão morto e desaparecido; e atrizes como Madame Bernhardt e Réjane apresentam essas peças todas as noites em frente a casas de choque. Recentemente Madame Bernhardt criou uma grande atração em Paris ao interpretar um drama intitulado *L'aiglon* (a Jovem Águia).

O jovem Águia é filho único de Napoleão, praticamente internado na residência do avô materno, o Palácio de Viena. O ministro do imperador austríaco, o maquiavélico Metternich, tem sempre o cuidado de não permitir que as histórias de heroísmo de seu pai entrem na mente do menino. Mas alguns dos veteranos de Bonaparte conseguiram ser admitidos

ao serviço do rapaz no Palácio de Schönbrunn, incógnitos; a ideia deles era de alguma forma levar o menino para a França e encontrar a linha Bonaparte expulsando os Bourbons reintegrados pelos potentados europeus combinados. A criança era filho de um grande herói, e logo aquele heroísmo latente despertou nele ao ouvir as gloriosas histórias de batalha de seu pai. Um dia o menino fugiu do Palácio de Schönbrunn acompanhado pelos conspiradores. Mas o intelecto aguçado de Metternich já havia farejado o assunto e ele interrompeu a viagem. O filho de Bonaparte foi levado de volta ao Palácio de Schönbrunn e a Jovem Águia, com as asas amarradas, por assim dizer, logo morreu de coração partido!

Este Palácio de Schönbrunn é um palácio comum. Claro, os quartos etc. são ricamente decorados; num deles talvez se encontrem apenas obras chinesas, noutro apenas obras de arte hindu, num terceiro as produções de algum outro país, e assim por diante; e o jardim anexo ao Palácio é realmente muito encantador. Mas todas as pessoas que agora vão visitar este Palácio vão até lá com o objectivo de ver o quarto onde jazia o filho de Bonaparte, ou o seu escritório, ou o quarto onde morreu, e assim por diante. Muitos homens e mulheres franceses imprudentes estão interrogando o guarda, qual quarto pertencia a "L'aiglon", que cama "L'aiglon" costumava ocupar, e assim por diante. Que perguntas bobas essas! Os austríacos só sabem que ele era filho de Bonaparte, e a relação foi estabelecida casando-se à força a sua filha; esse ódio que ainda não esqueceram. O príncipe era neto do imperador e não tinha onde morar, então não puderam deixar de lhe dar um abrigo, mas não puderam dar-lhe o título de "Rei de Roma"; só que, sendo neto do imperador austríaco, ele era arquiduque, só isso. Pode ser que vocês, franceses, já tenham escrito um livro sobre ele, fazendo dele a Jovem Águia, e a adição de cenários imaginários e a genialidade de Madame Bernhardt tenham criado um grande interesse na história, mas como poderia um guarda austríaco saber disso? nome? Além disso, está escrito nesse livro que o imperador austríaco, seguindo o conselho do seu ministro Metternich, de certa forma matou o filho de Napoleão!

Ao ouvir o nome "L'aiglon", o guarda fez uma careta e continuou mostrando os quartos e outras coisas com profundo nojo; o que mais ele poderia fazer? — era demais para ele abrir mão das gorjetas. Além disso, em países como a Áustria, etc., o departamento militar é demasiado mal

pago e têm de viver quase com uma ninharia; é claro que eles podem voltar para casa depois de alguns anos de serviço. O semblante do guarda escureceu como expressão de seu patriotismo, mas a mão moveu-se instintivamente em direção à ponta. Os visitantes franceses colocaram algumas moedas de prata nas mãos do guarda e voltaram para casa falando de "L'aiglon" e insultando Metternich, enquanto o guarda fechava as portas com uma longa saudação. No fundo, ele deve ter dado nomes doces aos ancestrais de todo o povo francês.

O que mais vale a pena ver em Viena é o Museu, especialmente o Museu Científico, uma instituição de grande benefício para o estudante. Há uma bela coleção de esqueletos de várias espécies de antigos animais extintos. Na Galeria de Arte, as pinturas de artistas holandeses constituem a maior parte. Na escola holandesa há muito pouca tentativa de ser sugestivo; esta escola é famosa por sua cópia exata de objetos e criaturas naturais. Um artista passou anos desenhando uma cesta cheia de peixes, ou um pedaço de carne, ou um copo d'água - e esse peixe, ou carne, ou água no copo é maravilhoso. Mas as figuras femininas da escola holandesa parecem atletas.

É claro que há estudos e intelectualidade alemães em Viena, mas as causas que ajudaram a decadência gradual da Turquia também estão em acção aqui - isto é, a mistura de várias raças e línguas. A população da Áustria propriamente dita fala alemão; o povo da Hungria pertence à linhagem tártara e tem uma língua diferente; embora haja alguns que falam grego e são cristãos pertencentes à Igreja grega. A Áustria não tem o poder de fundir tantas seitas diferentes. Por isso ela caiu.

Nos tempos actuais, uma enorme onda de nacionalismo está a varrer a Europa, onde pessoas que falam a mesma língua, professam a mesma religião e pertencem à mesma raça querem unir-se. Onde quer que tal união esteja sendo efetivamente realizada, há grande poder sendo manifestado; e onde isso é impossível, a morte é inevitável. Após a morte do actual imperador austríaco (Francisco José II morreu em 1916), a Alemanha certamente tentará absorver a porção de língua alemã do Império Austríaco - e a Rússia e outros certamente se oporão a ela; portanto, existe a possibilidade de uma guerra terrível. Sendo o atual Imperador muito velho, essa catástrofe pode ocorrer muito cedo. O imperador alemão é hoje aliado

do sultão da Turquia; e quando a Alemanha tentar tomar o território austríaco, a Turquia, que é inimiga da Rússia, certamente oferecerá alguma resistência à Rússia; portanto, o imperador alemão é muito amigável com a Turquia.

Três dias em Viena foram suficientes para me cansar. Visitar a Europa depois de Paris é como provar uma preparação de qualidade inferior depois de um banquete suntuoso – aquela vestimenta e estilo de comer, a mesma moda em todos os lugares; por todo o país você encontra aquele mesmo terno preto e o mesmo chapéu esquisito – nojento! Além disso, você tem nuvens acima, e esse enxame de pessoas com chapéus e casacos pretos abaixo – a gente se sente sufocado, por assim dizer. Toda a Europa está gradualmente a adotar o mesmo estilo de vestir e o mesmo modo de vida! É uma lei da natureza que tais sejam os sintomas da morte! Ao longo de centenas de anos de exercício, os nossos antepassados moldaram-nos de tal forma que todos nós limpamos os dentes, lavamos o rosto, comemos e fazemos tudo da mesma maneira, e o resultado é que gradualmente nos tornamos meros autómatos; a vida acabou e estamos nos movendo, simplesmente como tantas máquinas! As máquinas nunca dizem “sim” ou “não”, nunca perturbam suas cabeças com nada, elas seguem em frente “do mesmo modo que seus antepassados seguiram”, e então apodrecem e morrem. Os Europeus também irão partilhar o mesmo destino! "O curso do tempo está sempre mudando! Se todas as pessoas adotarem as mesmas roupas, a mesma comida, a mesma maneira de falar e tudo o mesmo, gradualmente elas se tornarão como tantas máquinas, gradualmente trilharão o caminho que seus antepassados trilharam", e como consequência inevitável disso — eles apodrecerão e morrerão!

No dia 28 de Outubro, pelas 21 horas, apanhámos novamente o comboio Expresso do Oriente, que chegou a Constantinopla no dia 30. Nessas duas noites e um dia o trem passou pela Hungria, Sérvia e Bulgária. O povo da Hungria é súbdito do Imperador Austríaco, cujo título, no entanto, é "Imperador da Áustria e Rei da Hungria". Os húngaros e os turcos são da mesma raça, semelhantes aos tibetanos. Os húngaros entraram na Europa ao longo do norte do Mar Cáspio, enquanto os turcos ocuparam lentamente a Europa através das fronteiras ocidentais da Pérsia e da Ásia Menor. O povo da Hungria é cristão e os turcos são muçulmanos, mas o espírito marcial característico do sangue tártaro é perceptível em ambos. Os húngaros lutaram repetidamente pela separação da Áustria e agora estão apenas nominalmente unidos. O imperador austríaco é rei da Hungria apenas no nome. A capital deles, Budapeste, é uma cidade muito bonita e elegante. Os

húngaros são uma raça que gosta de prazer e de música, e você encontrará bandas húngaras por toda Paris.

A Sérvia, a Bulgária e o resto eram distritos da Turquia e tornaram-se praticamente independentes após a Guerra Russo-Turca; mas o Sultão da Turquia ainda é o seu Imperador; e a Sérvia e a Bulgária não têm qualquer direito em matéria de assuntos externos. Existem três nações civilizadas na Europa – os franceses, os alemães e os ingleses. Os restantes estão quase tão mal como nós, e a maioria deles é tão incivilizada que não se encontra nenhuma raça na Ásia tão degradada. Por toda a Sérvia e Bulgária você encontra as mesmas casas de barro, e pessoas vestidas com trapos esfarrapados, e montes de sujeira – e quase me senti inclinado a pensar que estava de volta à Índia! Novamente, como são cristãos, devem ter vários porcos; e um único porco sujará um lugar mais do que duzentos homens bárbaros serão capazes de fazer. Morando em uma casa de barro com telhado de barro, com trapos esfarrapados e cercado de porcos - aí está o seu sérvio ou búlgaro! Depois de muito derramamento de sangue e de muitas guerras, eles libertaram-se do jugo da Turquia; mas junto com isto eles têm uma séria desvantagem – eles devem construir o seu exército segundo o modelo europeu, caso contrário a existência de nenhum deles será segura por um dia. É claro que, mais cedo ou mais tarde, um dia todos eles serão absorvidos pela Rússia; mas mesmo estes dois dias de existência são impossíveis sem um exército. Portanto, eles devem ter recrutamento.

Numa hora má, a França sofreu a derrota da Alemanha. Através da raiva e do medo ela fez de cada cidadão um soldado. Todo homem deve servir por algum tempo no exército e aprender a ciência militar; não há isenção para ninguém. Ele deve ter que viver três anos no quartel e aprender a lutar, portando a arma, mesmo que seja milionário de nascimento. O governo fornecerá comida e roupas, e o salário será de um cêntimo (um pice) por dia. Depois disso, ele deverá estar sempre pronto para o serviço ativo durante dois anos em sua casa; e mais quinze anos ele deverá estar pronto para se apresentar ao serviço na primeira chamada. A Alemanha deixou um leão furioso, então ela também tinha que estar preparada. Noutros países também o recrutamento foi introduzido com receio mútuo – o mesmo acontece em toda a Europa, com excepção apenas da Inglaterra. A Inglaterra, sendo uma ilha, está continuamente a reforçar a sua marinha,

mas quem sabe se as lições da Guerra dos Bôeres não a forçarão a introduzir o recrutamento. A Rússia tem a maior população de todas, por isso pode reunir o maior exército da Europa. Agora, os estados titulares, como a Sérvia e a Bulgária, que as potências europeias estão a criar ao desmembrar a Turquia – eles também, assim que nascem, devem ter exércitos e armas, actualizados, treinados e bem equipados, etc. em última análise, quem fornecerá os fundos? Conseqüentemente, os camponeses tiveram que vestir trapos esfarrapados – enquanto nas cidades você encontrará soldados vestidos com lindos uniformes. Em toda a Europa há uma mania de soldados – soldados em todo o lado. Ainda assim, a liberdade é uma coisa e a escravidão outra; mesmo o melhor trabalho perde seu encanto se alguém for forçado a fazê-lo por outro. Sem a ideia de responsabilidade pessoal, ninguém pode realizar nada de grande. A liberdade com apenas uma refeição por dia e trapos esfarrapados é um milhão de vezes melhor do que a escravidão em correntes de ouro. Um escravo sofre as misérias do inferno aqui e no futuro. Os povos da Europa fazem piadas sobre os sérvios, os búlgaros, etc., e insultam-nos com os seus erros e deficiências. Mas será que eles conseguirão atingir a proficiência em um dia, depois de tantos anos de servidão? Eles estão fadados a cometer erros – sim, às centenas – mas aprenderão com esses erros e os corrigirão quando aprenderem. Dê-lhe responsabilidade e o homem mais fraco se tornará forte, e o homem ignorante, sagaz.

O trem atravessa a Hungria, a Romênia e outros países. Entre as raças que habitam o moribundo Império Austríaco, os húngaros ainda possuem vitalidade. Todas as raças da Europa, exceto uma ou duas pequenas, pertencem à grande linhagem que os estudiosos europeus chamam de raça indo-européia ou ariana. Os húngaros estão entre as poucas raças que não falam uma língua sânscrita. Os húngaros e os turcos, como já foi dito, pertencem à mesma raça. Em tempos comparativamente modernos, esta raça muito poderosa estabeleceu a sua soberania na Ásia e na Europa. O país hoje chamado Turquistão, situado ao norte do Himalaia Ocidental e da cordilheira do Hindukush, foi o lar original dos turcos. O nome turco para esse país é Chagwoi. A dinastia mogol de Deli, a actual linhagem real persa, a dinastia do sultão turco de Constantinopla e os húngaros alargaram gradualmente o seu domínio a partir daquele país, começando pela Índia e avançando até à Europa, e ainda hoje estas dinastias se autodenominam

Chagwois e falam uma língua comum. É claro que esses turcos eram incivilizados há muito tempo e costumavam vagar com rebanhos de ovelhas, cavalos e gado, levando consigo suas esposas, filhos e todos os bens terrenos, e acampar por algum tempo onde quer que pudessem encontrar pasto suficiente para seus animais. E quando faltava grama e água ali, eles costumavam retirá-los para outro lugar. Mesmo agora, muitas famílias desta raça levam vidas nômades desta forma na Ásia Central. Eles têm uma semelhança perfeita com as raças da Ásia Central no que diz respeito à linguagem, mas alguma diferença no ponto de fisionomia. O rosto do turco se assemelha ao do mongol no formato da cabeça e na proeminência da maçã do rosto, mas o nariz do turco não é achatado, mas sim longo, e os olhos são retos e grandes, embora o espaço entre os olhos de largura comparativamente ampla, como aconteceu com os mongóis. Parece que desde muito tempo atrás o sangue ariano e semita encontrou o seu caminho nesta raça turca. Desde tempos imemoriais, os turcos gostam muito da guerra. E a mistura com eles das raças de língua sânscrita e do povo de Kandahar e da Pérsia produziu as raças amantes da guerra, como os afegãos, os Khiljis, os Hazaras, os Barakhais, os Usufjais, etc., para quem a guerra é uma paixão e que frequentemente têm oprimido a Índia.

Em tempos muito antigos, esta raça turca conquistou repetidamente as províncias ocidentais da Índia e fundou extensos reinos. Eles eram budistas, ou se tornariam budistas após ocuparem o território indiano. Na história antiga da Caxemira há menção a esses famosos imperadores turcos, Hushka, Yushka e Kanishka. Foi este Kanishka quem fundou a escola do Budismo do Norte chamada Mahayâna. Muito tempo depois, a maioria deles adotou o islamismo e devastou completamente as principais sedes budistas da Ásia Central, como Kandahar e Cabul. Antes da sua conversão ao islamismo, eles costumavam absorver o conhecimento e a cultura dos países que conquistaram e, ao assimilarem a cultura de outros países, tentavam propagar a civilização. Mas desde que se tornaram muçulmanos, só lhes resta o instinto para a guerra; não possuem o menor vestígio de aprendizado e cultura; pelo contrário, os países que estão sob o seu domínio têm gradualmente a sua civilização extinta. Em muitos lugares do Afeganistão moderno e de Kandahar, etc., ainda existem maravilhosas estupas, mosteiros, templos e estátuas gigantescas construídas pelos seus antepassados budistas. Como resultado da mistura turca e da sua conversão

ao islamismo, esses templos, etc., estão quase em ruínas, e os actuais afegãos e as raças aliadas tornaram-se tão incivilizados e analfabetos que, longe de imitarem essas antigas obras de arquitectura, acreditam que sejam as criação de espíritos sobrenaturais como os Jinn etc., e estão firmemente convencidos de que tais grandes empreendimentos estão além do poder do homem de realizar. A principal causa da atual degradação da Pérsia é que a linhagem real pertence à poderosa e incivilizada linhagem turca, enquanto os súditos são descendentes dos antigos persas, altamente civilizados, que eram arianos. Desta forma, o Império de Constantinopla – a última arena política dos gregos e romanos, os descendentes dos arianos civilizados – foi arruinado sob os pés explosivos da poderosa e bárbara Turquia. Os imperadores mongóis da Índia foram as únicas exceções a esta regra; talvez isso se deva a uma mistura de ideias hindus e sangue hindu. Nas crônicas dos bardos e menestréis Rajput, todas as dinastias muçulmanas que conquistaram a Índia são denominadas turcas. Esta é uma denominação muito correta, pois, independentemente das raças que os exércitos conquistadores maometanos pudessem constituir, a liderança sempre foi atribuída apenas aos turcos.

O que é chamado de invasão, conquista ou colonização muçulmana da Índia significa apenas que, sob a liderança dos turcos muçulmanos que eram renegados do budismo, aqueles setores da raça hindu que continuaram na fé de seus ancestrais foram repetidamente conquistados pelos outros. parte dessa mesma raça que também era renegada do Budismo ou da religião Védica e serviu sob o comando dos Turcos, tendo sido convertida à força ao Maometismo pela sua força superior. É claro que a língua dos turcos, tal como a sua fisionomia, foi consideravelmente misturada; especialmente aquelas seções que se afastaram mais de seu local de origem, Chagwoi, têm a forma de linguagem mais híbrida. Este ano, o Xá da Pérsia visitou a Exposição de Paris e regressou ao seu país de comboio, via Constantinopla. Apesar da imensa diferença de tempo e lugar, o Sultão e o Xá conversavam na sua antiga língua materna turca. Mas o turco do sultão estava misturado com palavras persas, árabes e algumas palavras gregas, enquanto o do Xá era comparativamente puro.

Nos tempos antigos, esses turcos Chagwoi eram divididos em duas seções; uma era chamada de “ovelha branca” e a outra de “ovelha negra”. Mas estas

secções começaram desde a sua terra natal, no norte de Caxemira, cuidando dos seus rebanhos de ovelhas e devastando países, até chegarem à costa do Mar Cáspio. As "ovelhas brancas" penetraram na Europa ao longo do norte do Mar Cáspio e fundaram o Reino da Hungria, apoderando-se de um fragmento do Império Romano então quase em ruínas, enquanto as "ovelhas negras", avançando ao longo do sul do Mar Cáspio, gradualmente ocuparam a porção ocidental da Pérsia e, cruzando o Cáucaso, gradualmente tornaram-se senhores do território árabe, como a Ásia Menor e assim por diante; gradualmente eles tomaram o trono do califa e, pouco a pouco, anexaram o pequeno remanescente do Império Romano Ocidental. Em épocas muito remotas, esses turcos eram grandes adoradores de cobras. Muito provavelmente foram essas dinastias que os antigos hindus costumavam designar como Nagas e Takshakas. Mais tarde tornaram-se budistas; e depois, muitas vezes, costumavam abraçar a religião de qualquer país específico que pudessem conquistar em qualquer momento específico. Em tempos relativamente recentes, das duas secções de que estamos a falar, as “ovelhas brancas” conquistaram os cristãos e converteram-se ao cristianismo, enquanto as “ovelhas negras” conquistaram os maometanos e adoptaram a sua religião. Mas no seu cristianismo ou no islamismo pode-se até agora traçar, através da investigação, os estratos da adoração da serpente e do budismo.

Os húngaros, embora turcos por raça e língua, são cristãos – católicos romanos – na religião. No passado, o fanatismo religioso não respeitava nenhum vínculo – nem o vínculo da língua, nem o do sangue, nem o do país. Os húngaros são sempre os inimigos mortais da Turquia; e se não fosse pela ajuda dos húngaros, os estados cristãos, como a Áustria, etc., não teriam sido capazes de manter a sua existência em muitas ocasiões. Nos tempos modernos, devido à difusão da educação e à descoberta da Linguística e da Etnologia, as pessoas estão a sentir-se mais atraídas pelo parentesco da língua e do sangue, enquanto a solidariedade religiosa diminui gradualmente. Assim, entre os húngaros e turcos instruídos, está a crescer um sentimento de unidade racial. Embora faça parte do Império Austríaco, a Hungria tentou repetidamente separar-se dele. O resultado de muitas revoluções e rebeliões foi que a Hungria é agora apenas nominalmente uma província do Império Austríaco, mas praticamente independente em todos os aspectos. O imperador austríaco é denominado

"imperador da Áustria e rei da Hungria". A Hungria gere todos os seus assuntos internos independentemente da Áustria e nestes os súditos têm pleno poder. O imperador austríaco continua a ser um líder titular aqui, mas mesmo esta relação, ao que parece, não durará muito. A habilidade na guerra, a magnanimidade e outras virtudes características da raça turca estão suficientemente presentes também na húngara. Além disso, não sendo convertidos ao islamismo, eles não consideram as artes celestiais como a música, etc., como uma armadilha do diabo e, conseqüentemente, os húngaros são grandes adeptos da música e são conhecidos por isso em toda a Europa.

Antigamente eu tinha a noção de que as pessoas de climas frios não comiam pimenta, o que era apenas um mau hábito das pessoas de clima quente. Mas o hábito de consumir pimentas, que observamos inicialmente na Hungria e que atingiu seu clímax na Romênia e na Bulgária, etc., pareceu-me vencer até mesmo os indianos do sul.

7.3.4 ADENDOS

(Essas anotações interessantes foram encontradas entre os papéis de Swamiji — Ed.)

(Traduzido do bengali)

A primeira vista de Constantinopla que tivemos do trem. É uma cidade antiga, com grandes esgotos atravessando as paredes, ruas estreitas e tortuosas cheias de terra, e casas de madeira, etc., mas nelas há uma certa beleza pela sua novidade. Na estação tivemos grandes problemas com nossos livros. Mademoiselle Calvé e Jules Bois tentaram muito, em francês, argumentar com os oficiais octroi, o que gradualmente levou a uma briga entre as partes. O chefe dos oficiais era um turco e o jantar estava pronto; então a briga terminou sem maiores complicações. Eles devolveram todos os livros, com exceção de dois que retiveram. Prometeram mandá-los imediatamente para o hotel, o que nunca fizeram. Percorremos a cidade e o bazar de Istambul ou Constantinopla. Além da Pont ou riacho fica o Pera ou alojamentos de estrangeiros, hotéis, etc., de onde subimos numa carruagem, conhecemos a cidade e depois descansamos um pouco. À noite fomos

visitar Woods Pasha, e no dia seguinte iniciamos uma excursão de barco pelo Bósforo. Estava extremamente frio e soprava um vento forte. Então eu e a senhorita MacLeod descemos na primeira estação. Foi decidido que iríamos até Scutari e veríamos Père Hyacinthe. Não sabendo a língua, alugamos um barco apenas por sinalização, atravessamos e alugamos uma carruagem. No caminho vimos a residência de um Faquir Sufi. Esses Faquires curam as doenças das pessoas, o que fazem da seguinte maneira. Primeiro, eles leram uma parte das escrituras, movendo o corpo para frente e para trás; depois começam a dançar e aos poucos vão obtendo uma espécie de inspiração, depois da qual curam a doença pisando no corpo do paciente.

Tivemos uma longa conversa com Père Hyacinthe sobre as faculdades americanas, depois da qual fomos a uma loja árabe onde conhecemos um estudante turco. Depois voltamos de Scutari. — Tínhamos descoberto um barco, mas ele não conseguiu chegar ao destino exato. No entanto, pegamos um bonde no local onde desembarcamos e voltamos para nossos alojamentos no hotel em Istambul. O Museu de Istambul está situado onde ficava o antigo harém dos imperadores gregos. Vimos alguns sarcófagos notáveis e outras coisas, e tivemos uma vista encantadora da cidade de cima de Topkhana. Gostei de comer grão de bico frito aqui depois de tanto tempo, e comi arroz condimentado e alguns outros pratos, preparados à moda turca. Depois de visitar o cemitério de Scutari fomos ver as antigas muralhas. Dentro dos muros ficava a prisão – um lugar terrível. Em seguida conhecemos Woods Pasha e partimos para o Bósforo. Jantamos com o encarregado de negócios francês e conhecemos um paxá grego e um cavalheiro albanês. A Polícia proibiu as palestras do Père Hyacinthe; então eu também não posso dar palestras. Vimos o Sr. Devanmall e Chobeji – um brâmane Gujarati. Há muitos indianos aqui – hindustânicos, muçulmanos, etc. Tivemos uma conversa sobre filosofia turca e ouvimos falar de Noor Bey, cujo avô era francês. Dizem que ele é tão bonito quanto um caxemari. As mulheres aqui não têm sistema purdah e são muito livres. A prostituição é principalmente uma prática muçulmana. Ouvimos falar do Paxá Curdo e do massacre dos Armênios. Os Armênios não têm realmente nenhum país próprio e os países que habitam têm geralmente uma população muçulmana preponderante. Um trecho específico chamado Armênia é desconhecido. O

actual sultão está a construir uma cavalaria hamidiana a partir dos curdos, que será treinada à maneira dos cossacos e estará isenta do recrutamento.

O Sultão chamou os Patriarcas Armênios e Gregos e propôs-lhes o recrutamento como alternativa para pagamento de impostos. Eles poderiam, portanto, servir para proteger sua pátria. Eles responderam que se fossem como soldados para lutar e morressem ao lado dos maometanos, haveria alguma confusão sobre o enterro de soldados cristãos. A resposta do sultão a isto foi que o problema poderia ser remediado providenciando sacerdotes muçulmanos e cristãos em cada regimento, que conduziriam o serviço fúnebre juntos quando, nas exigências da batalha, os cadáveres de soldados cristãos e muçulmanos tivessem de ser enterrados em amontoados, e possivelmente não haveria mal nenhum se as almas dos homens de uma religião ouvissem, além disso, os serviços fúnebres destinados aos da outra religião. Mas os cristãos não concordaram – por isso continuam a pagar impostos. A razão mais segura para não concordarem com a proposta foi o medo de que, vivendo com os maometanos, pudessem tornar-se muçulmanos por atacado. O actual Sultão de Istambul é um homem muito trabalhador e supervisiona pessoalmente tudo, incluindo até a organização de diversões, como representações teatrais, etc., no palácio. Seu antecessor, Murad, era realmente um homem muito inadequado, mas o atual sultão é muito inteligente. A quantidade de melhorias que ele fez nas condições do Estado em que se encontrava aquando da sua adesão é simplesmente maravilhosa. O sistema parlamentar não terá sucesso neste país.

Às 10 da manhã saímos de Constantinopla, passando uma noite e um dia no mar, que estava perfeitamente plácido. Aos poucos chegamos ao Corno de Ouro e ao Mar de Mármora. Numa das ilhas de Mármora vimos um mosteiro de religião grega. Antigamente havia aqui amplas oportunidades para a educação religiosa, pois estava situada entre a Ásia, de um lado, e a Europa, do outro. Durante uma visita matinal ao arquipélago mediterrâneo, encontramos o professor Liper, cujo conhecimento eu já havia conhecido no Pachiappa College, em Madras. Numa das ilhas deparámos com as ruínas de um templo, provavelmente dedicado a Neptuno, a julgar pela sua posição à beira-mar. À noite chegamos a Atenas e, depois de passar uma noite inteira em quarentena, obtivemos permissão para pousar pela manhã. Port Peiraeus é uma cidade pequena, mas muito bonita, com um ar europeu em

todos os aspectos, exceto que de vez em quando se encontra um ou dois gregos vestidos com vestidos de gala. De lá, dirigimos oito quilômetros para dar uma olhada nas antigas muralhas de Atenas que ligavam a cidade ao porto. Depois passamos pela cidade; a Acrópole, os hotéis, as casas e as ruas, e todos eram muito arrumados e limpos. O palácio é pequeno. No mesmo dia, novamente subimos a colina e tivemos uma vista da Acrópole, do templo da Vitória Sem Asas, do Partenon, etc. O templo é feito de mármore branco. Alguns restos de colunas também vimos. No dia seguinte fomos novamente vê-los com Mademoiselle Melcarvi, que nos explicou vários factos históricos relacionados com os mesmos. No segundo dia visitamos o templo de Zeus Olímpico, Teatro Dionísio etc., até a beira-mar. No terceiro dia partimos para Elêusis, que era a principal sede religiosa dos gregos. Era aqui que os famosos mistérios de Elêusis costumavam ser tocados. O antigo teatro deste lugar foi reconstruído por um grego rico. Os jogos olímpicos também foram revividos nos tempos atuais. Eles são mantidos em um lugar perto de Esparta, e os americanos carregam a palma da mão neles em muitos aspectos. Mas os gregos venceram a corrida daquele lugar até este teatro de Atenas. Este ano deram prova incontestável desta sua característica também numa competição com os turcos. Às 10 horas da manhã do quarto dia embarcamos no navio russo Czar, com destino ao Egito. Depois de chegar ao cais, soubemos que o navio deveria partir às 4 da manhã - talvez chegássemos muito cedo ou haveria algum atraso extra no carregamento da carga. Assim, não tendo outra alternativa, demos uma volta e conhecemos superficialmente a escultura de Ageladas e seus três alunos, Fídias, Myron e Policleto, que floresceram entre 576 a.C. e 486 a.C. Mesmo aqui começamos a sentir um grande calor. Num navio russo, a primeira classe fica acima do parafuso e o resto fica apenas no convés – cheio de passageiros, gado e ovelhas. Além disso, não havia gelo disponível neste vaporizador.

A partir de uma visita ao Museu do Louvre, em Paris, pude compreender as três fases da arte grega. Primeiro houve a arte micênica, depois a arte grega propriamente dita. O reino aqueu espalhou seu domínio pelas ilhas vizinhas e também dominou todas as artes que ali floresceram, sendo importadas da Ásia. Foi assim que a arte apareceu pela primeira vez na Grécia. Desde os tempos pré-históricos até 776 a.C. foi a era da arte micenoica. Esta arte dedicava-se principalmente à mera cópia da arte asiática. Então, a partir de

776 a.C. a 146 a.C. foi a era da arte helênica ou da verdadeira arte grega. Após a destruição do Império Aqueu pela raça dórica, os gregos que viviam no continente e no arquipélago fundaram muitas colônias na Ásia. Isto levou a um conflito próximo entre eles e a Babilônia e o Egito, que primeiro deu origem à arte grega. Com o passar do tempo, esta arte abandonou o seu tom asiático e aplicou-se a uma imitação exata da natureza. A diferença entre a arte grega e a arte de outros países consiste em que a primeira delineia fielmente os fenómenos vivos da vida natural.

De 776 a.C. a 475 a.C. é a era da arte grega arcaica. Os números ainda são rígidos – não realistas. Os lábios estão ligeiramente entreabertos, como se estivessem sempre em sorrisos. Neste aspecto assemelham-se às obras de artistas egípcios. Todas as estátuas ficam eretas sobre as pernas – bastante rígidas. O cabelo e a barba, etc., são todos esculpidos em linhas regulares e as roupas das estátuas estão todas enroladas em volta do corpo, em uma confusão - não como um vestido esvoaçante.

Ao lado da arte grega arcaica vem a era da arte grega clássica - de 475 a.C. a 323 a.C., isto é, desde a hegemonia de Atenas até à morte de Alexandre, o Grande. Peloponeso e Ática foram os estados onde a arte deste período mais floresceu. Atenas era a principal cidade da Ática. Um erudito crítico de arte francês escreveu: "A arte grega (clássica) em seu mais alto desenvolvimento libertou-se completamente das amarras de todos os cânones estabelecidos e tornou-se independente. Ela então não reconheceu os regulamentos artísticos de nenhum país, nem se orientou de acordo com eles. O quanto mais estudamos o século V a.C., tão brilhante no seu desenvolvimento artístico - período durante o qual todos os espécimes perfeitos de escultura foram produzidos - mais nos é trazida à mente a ideia de que a arte grega devia a sua vida e vigor à sua liberdade de expressão. do âmbito das regras estereotipadas". Esta arte grega clássica teve duas escolas – a primeira, a Ática, e a segunda, a do Peloponeso. Na escola ática, novamente, havia dois tipos diferentes – o primeiro foi o resultado do gênio do talentoso escultor Fídias, que um estudioso francês descreveu nos seguintes termos: "Uma maravilha de perfeição em beleza e um espécime glorioso". de ideias puras e sublimes, que nunca perderão o seu domínio sobre a mente humana". Os mestres do segundo tipo de escola ática foram Escopas e Praxíteles. O trabalho desta escola era divorciar completamente a

arte da religião e mantê-la restrita ao delineamento da vida meramente humana.

Os principais expoentes da segunda escola de arte grega clássica ou do Peloponeso foram Policleto e Lísipo. Um deles nasceu no século V a.C., e o outro no século IV a.C. Visavam principalmente estabelecer a regra de que a proporção do corpo humano deve ser fielmente reproduzida no art.

De 323 a.C. a 146 a.C., isto é, desde a morte de Alexandre até a conquista da Ática pelos romanos, é o período de decadência da arte grega. Nota-se na arte grega desse período uma atenção indevida aos lindos enfeites e uma tentativa de tornar as estátuas extraordinariamente grandes. Depois, na época da ocupação romana da Grécia, a arte grega contentou-se apenas em copiar as obras de artistas anteriores daquele país; e a única novidade que havia consistia em reproduzir exatamente o rosto de algum indivíduo em particular.

7.4 NOTAS DE CONVERSAS E PALESTRAS

7.4.1 NA ARTE

Na arte, o interesse deve estar centrado no tema principal. O drama é a mais difícil de todas as artes. Nele duas coisas devem ser satisfeitas – primeiro, os ouvidos e, segundo, os olhos. Pintar uma cena, se alguma coisa for pintada, é bastante fácil; mas pintar coisas diferentes e ainda manter o interesse central é muito difícil. Outra coisa difícil é a gestão do palco, isto é, combinar coisas diferentes de forma a manter intacto o interesse central.

7.4.2 SOBRE MÚSICA

Há ciência em Dhruvad, Kheyal, etc., mas é em Kirtana, isto é, em Mâthura e Viraha e outras composições semelhantes, que há música real – pois há

sentimento. O sentimento é a alma, o segredo de tudo. Há mais música nas canções das pessoas comuns e elas deveriam ser reunidas. A ciência de Dhrupad etc., aplicada à música de Kirtana produzirá a música perfeita.

7.4.3 SOBRE MANTRA E MANTRA-CHAITANYA

Os Mantra-Shâstris (defensores da teoria do Mantra) acreditam que algumas palavras foram transmitidas através de uma sucessão de professores e discípulos, e a mera expressão delas levará a alguma forma de realização. Existem dois significados diferentes para a palavra Mantra-chaitanya. Segundo alguns, se você praticar a repetição de um determinado Mantra, verá o Ishta-Devatâ que é o objeto ou divindade desse Mantra. Mas segundo outros, a palavra significa que se você praticar a repetição de um determinado Mantra recebido de um Guru não competente, você terá que realizar certos cerimoniais pelos quais esse Mantra se tornará Chetana ou vivo, e então sua repetição será bem-sucedida. Diferentes Mantras, quando assim “vivos”, apresentam sinais diferentes, mas o sinal geral é que se poderá repeti-lo por muito tempo sem sentir qualquer esforço e que sua mente logo estará concentrada. Isto é sobre os Mantras Tântricos.

Desde a época dos Vedas, duas opiniões diferentes foram sustentadas sobre os Mantras. Yâska e outros dizem que os Vedas têm significados, mas os antigos Mantra-shastris dizem que eles não têm significado, e que seu uso consiste apenas em pronunciá-los em conexão com certos sacrifícios, quando certamente produzirão efeito na forma de vários materiais. prazeres ou conhecimento espiritual. Este último surge da expressão dos Upanishads.

7.4.4 SOBRE CONCEPÇÕES DE DIVINDADE

O desejo interior do homem é encontrar alguém que seja livre, isto é, que esteja além das leis da natureza. Os Vedantins acreditam em tal Ishvara Eterno, enquanto os Budistas e os Sânkhyas acreditam apenas em um Janyeshvara (Deus criado), isto é, um Deus que antes era homem, mas que se tornou Deus através da prática espiritual. Os Purânas reconciliam estas duas posições pela doutrina da Encarnação. Ou seja, dizem que o

Janyeshvara nada mais é do que o Nitya (Eterno) Ishvara, assumindo por Mâyâ a forma de um Janyeshvara. O argumento dos Sankhyas contra a doutrina do Eterno Ishvara, a saber, "como uma alma liberada pode criar o universo", é baseado em fundamentos falsos. Pois você não pode ditar nada a uma alma liberada. Ele é livre, isto é, pode fazer o que quiser. De acordo com o Vedanta, os Janyeshvaras não podem criar, preservar ou destruir o universo.

7.4.5 NA ALIMENTAÇÃO

Você prega aos outros para serem homens, mas não pode dar-lhes boa comida. Tenho pensado sobre esse problema nos últimos quatro anos. Desejo fazer uma experiência para saber se algo da natureza do arroz achatado pode ser feito a partir do trigo. Então podemos conseguir uma comida diferente todos os dias. Sobre a água potável, procurei um filtro que se adequasse ao nosso país. Encontrei um recipiente de porcelana em forma de panela através do qual a água passou, e todos os bacilos permaneceram na panela de porcelana. Mas gradualmente esse filtro se tornaria o foco de todos os germes. Este é o perigo de todos os filtros. Depois de continuar pesquisando, encontrei um método pelo qual a água era destilada e depois o oxigênio era passado para ela. Depois disso, a água tornou-se tão pura que certamente resultaria em grande melhoria da saúde com seu uso.

7.4.6 SOBRE A SANNYÂSA E A VIDA FAMILIAR

Falando sobre os respectivos deveres de um monge e de um chefe de família, Swamiji disse:

Um Sannyasin deve evitar a comida, a roupa de cama, etc., que tenham sido tocados ou usados pelos chefes de família, a fim de se salvar – não do ódio contra eles – desde que não tenha subido ao grau mais elevado, isto é, se tornado um Paramahansa. Um chefe de família deve saudá-lo com "Namo Nârâyanâya", e um Sannyasin deve abençoar o primeiro.

मेरुसर्षपयोर्यद्यत् सूर्यखद्योतयोरिव ।
सरित्सागरयोर्यद्यत् तथा भिक्षुगृहस्थयोः ॥

— Assim como a diferença entre a maior montanha e um grão de mostarda, entre o sol e um pirilampo, entre o oceano e um riacho, é o grande abismo entre um Sannyasin e um chefe de família.

Swami Vivekananda fez com que todos pronunciassem isso e, cantando algumas estrofes do Vedanta, disse: "Vocês devem sempre repetir para si mesmos esses Shlokas. 'Shravana' não significa apenas ouvir o Guru, mas também repetir para nós mesmos. 'आवृत्तिरसकृदुपदेशात् - A verdade bíblica deve ser repetida com frequência, pois foi repetidamente prescrita' - Neste Sutra do Vedanta, Vyasa enfatiza a repetição.

7.4.7 DO QUESTIONAMENTO DA COMPETÊNCIA DO GURU

No decorrer de uma conversa, Swamiji comentou espirituosamente: "Deixe de lado suas idéias comerciais e calculistas. Se você puder se livrar de seu apego a uma única coisa, você estará no caminho da libertação. Não veja uma mulher pública, ou pecadora, ou Sâdhu. Aquela mulher vil também é a Mãe Divina. Um Sannyâsin diz uma vez, duas vezes, que ela é Mãe; então ele se ilude novamente e diz, 'Portanto, ó mulher vil e impura!' Num momento, toda a sua ignorância pode desaparecer. É uma conversa tola que a ignorância se dispersa gradualmente. Há discípulos que foram devotados ao Guru mesmo quando ele caiu do ideal. Vi em Rajputana alguém cujo professor espiritual se tornou cristão. , mas que, mesmo assim, continuou a pagar-lhe o que lhe era devido. Abandone suas idéias ocidentais. Depois de ter comprometido sua fé com um determinado professor, apegue-se a ele com toda a força. Sim, eles estão certos. O Vedanta está acima da moralidade. Falar de coisas elevadas, pois vocês se tornaram Sannyasins."

7.4.8 SHRI RAMAKRISHNA:

O SIGNIFICADO DE SUA VIDA E ENSINAMENTOS

Numa sociedade estreita há profundidade e intensidade de espiritualidade. O riacho estreito é muito rápido. Numa sociedade católica, juntamente com a amplitude de visão, encontramos uma perda proporcional de profundidade

e intensidade. Mas a vida de Sri Ramakrishna perturba todos os registros da história. É um fenômeno notável que em Sri Ramakrishna tenha havido um conjunto de ideias mais profundas que o mar e mais vastas que os céus.

Devemos interpretar os Vedas à luz da experiência de Sri Ramakrishna. Shankaracharya e todos os outros comentaristas cometeram o tremendo erro de pensar que todos os Vedas falavam a mesma verdade. Portanto, eles foram culpados de torturar aqueles textos védicos aparentemente conflitantes que vão contra suas próprias doutrinas, no sentido de suas escolas particulares. Assim como, nos tempos antigos, foi somente o Senhor, o libertador do Gita, quem harmonizou parcialmente essas declarações aparentemente conflitantes, assim, com o objetivo de resolver completamente esta disputa, imensamente ampliada no processo do tempo, Ele próprio veio como Sri Ramakrishna. Portanto, ninguém pode compreender verdadeiramente os Vedas e o Vedanta, a menos que os estude à luz da declaração de Sri Ramakrishna, que exemplificou pela primeira vez em sua vida e ensinou que essas declarações bíblicas que parecem contraditórias à vista superficial, destinam-se a diferentes graus. de aspirantes e são organizados em ordem de evolução. O mundo inteiro, sem dúvida, esquecerá as suas lutas e disputas e se unirá num laço fraterno em assuntos religiosos e outros, como consequência destes ensinamentos.

Se há algo que Sri Ramakrishna nos exortou a abandonar tão cuidadosamente quanto a luxúria e a riqueza, é a limitação da infinitude de Deus, circunscrevendo-a dentro de limites estreitos. Qualquer um, portanto, que tentar limitar os ideais infinitos de Sri Ramakrishna dessa forma, irá contra ele e será seu inimigo.

Uma de suas afirmações é que quem viu o camaleão apenas uma vez conhece apenas uma cor do animal, mas quem viveu debaixo da árvore conhece todas as cores que ele veste. Por esta razão, nenhuma palavra de Sri Ramakrishna pode ser aceita como autêntica, a menos que seja verificada por aqueles que viveram constantemente com ele e a quem ele educou para cumprir a missão de sua vida.

Uma personalidade tão única, uma síntese do máximo de Jnana, Yoga, Bhakti e Karma, nunca antes apareceu entre a humanidade. A vida de Sri Ramakrishna prova que a maior amplitude, a mais elevada catolicidade e a

máxima intensidade podem existir lado a lado no mesmo indivíduo, e que a sociedade também pode ser construída assim, pois a sociedade nada mais é do que um agregado de indivíduos.

Ele é o verdadeiro discípulo e seguidor de Sri Ramakrishna, cujo caráter é perfeito e multifacetado assim. A formação de um caráter tão perfeito é o ideal desta época, e todos deveriam lutar somente por isso.

7.4.9 SOBRE SHRI RAMAKRISHNA E SUAS OPINIÕES

Pela força, pense em pelo menos uma coisa como Brahman. É claro que é mais fácil pensar em Ramakrishna como Deus, mas o perigo é que não podemos formar Ishvara-buddhi (visão da Divindade) nos outros. Deus é eterno, sem qualquer forma, onipresente. Pensar Nele como possuidor de qualquer forma é blasfêmia. Mas o segredo da adoração de imagens é que você está tentando desenvolver sua visão da Divindade em uma coisa.

Shri Ramakrishna costumava se considerar uma Encarnação no sentido comum do termo, embora eu não conseguisse entender isso. Eu costumava dizer que ele era Brahman no sentido vedântico; mas pouco antes de seu falecimento, quando sofria da dificuldade característica de respirar, ele me disse enquanto eu cogitava em minha mente se ele poderia, mesmo com aquela dor, dizer que era uma Encarnação: "Aquele que foi Rama e Krishna agora realmente se tornou Ramakrishna – mas não no seu sentido Vedântico!" Ele costumava me amar intensamente, o que deixava muitos com inveja de mim. Ele conhecia o caráter de alguém de vista e nunca mudava de opinião. Ele poderia perceber, por assim dizer, coisas supra-sensuais, enquanto tentamos conhecer o caráter de alguém pela razão, com o resultado de que nossos julgamentos são muitas vezes falaciosos. Ele chamava algumas pessoas de seus Antarangas ou "pertencentes ao círculo interno", e costumava ensinar-lhes os segredos de sua própria natureza e os do Yoga. Aos forasteiros ou Bahirangas ele ensinou aquelas parábolas hoje conhecidas como "Provérbios". Ele costumava preparar aqueles jovens (a classe anterior) para o seu trabalho e, embora muitos reclamassem com ele sobre eles, ele não lhe dava atenção. Talvez eu tenha uma opinião melhor sobre um Bahiranga do que sobre um Antaranga através de suas ações, mas

tenho uma consideração supersticiosa por este último. “Ame-me, ame meu cachorro”, como dizem. Eu amo intensamente aquele sacerdote brâmane e, portanto, amo tudo o que ele amava, tudo o que ele considerava! Ele estava com medo de que eu pudesse criar uma seita, se fosse deixado sozinho.

Ele costumava dizer a alguns: “Você não alcançará a espiritualidade nesta vida”. Ele sentiu tudo, e isso explicará para alguns sua aparente parcialidade. Ele, como cientista, costumava ver que pessoas diferentes exigiam tratamentos diferentes. Ninguém, exceto aqueles do “círculo interno”, tinha permissão para dormir em seu quarto. Não é verdade que aqueles que não o viram não alcançarão a salvação; nem é verdade que um homem que o viu três vezes alcançará Mukti (libertação).

Devoção ensinada por Nârada, ele pregava para as massas, aqueles que eram incapazes de qualquer formação superior.

Ele costumava ensinar dualismo. Via de regra, ele nunca ensinou o Advaitismo. Mas ele me ensinou isso. Eu já tinha sido dualista antes.

7.4.10 SHRI RAMAKRISHNA: O IDEAL DA NAÇÃO

Para que uma nação possa ascender, ela deve ter um ideal elevado. Agora, esse ideal é, obviamente, o Brahman abstrato. Mas como todos vocês não podem ser inspirados por um ideal abstrato, vocês devem ter um ideal pessoal. Você conseguiu isso na pessoa de Shri Ramakrishna. A razão pela qual outros personagens não podem ser o nosso ideal agora é que seus dias já se foram; e para que o Vedanta possa chegar a todos, deve haver uma pessoa que simpatize com a geração atual. Isto é cumprido em Shri Ramakrishna. Então agora você deve colocá-lo diante de todos. Não importa se alguém o aceita como um Sâdhu ou um Avatâra.

Ele disse que viria mais uma vez conosco. Então, penso eu, ele abraçará Videha-Mukti (Emancipação Absoluta). Se você deseja trabalhar, você deve ter um Ishta-Devatâ, ou Anjo da Guarda, como as nações cristãs o chamam. Às vezes imagino que diferentes nações têm diferentes Ishta-Devatas, e cada um deles está tentando a supremacia. Às vezes eu imagino que tal Ishta-Devata se torna impotente para prestar serviço a uma nação.

7.4.11 MERCINÁRIOS NA RELIGIÃO

(Entregue em Minneapolis em 26 de novembro de 1893:

Relatado no Minneapolis Journal)

A Igreja Unitarista estava lotada ontem de manhã por um público ansioso por aprender algo do pensamento religioso oriental, conforme descrito por Swami Vivekananda, um sacerdote brâmane, que foi proeminente no Parlamento das Religiões em Chicago no verão passado. O ilustre representante da fé brâmane foi trazido a Minneapolis pelo Clube Peripatético e dirigiu-se a esse órgão na noite de sexta-feira passada. Ele foi induzido a permanecer até esta semana, para poder entregar o discurso ontem. . . .

Dr. Simmons, o pastor,. . . leia a lição de fé, esperança e caridade de Paulo, e "a maior delas é a caridade", complementando essa leitura com uma seleção das escrituras brâmanes que ensina a mesma lição, e também uma seleção da fé muçulmana, e poemas do Literatura hindu, todas em harmonia com as declarações de Paulo.

Depois de um segundo hino, Swami Vivekandi [sic] foi apresentado. Ele foi até a beira da plataforma e imediatamente fez com que o público se interessasse pela recitação de uma história hindu. Ele disse em excelente inglês:

"Vou lhe contar a história de cinco cegos. Houve uma procissão em uma aldeia na Índia, e todas as pessoas compareceram para ver a procissão, especialmente o elefante alegremente vestido. As pessoas ficaram encantadas, e como os cinco cegos os homens não podiam ver, decidiram tocar no elefante para se familiarizarem com a sua forma. Foi-lhes dado o privilégio e, depois de a procissão ter passado, regressaram a casa juntamente com o povo e começaram a falar sobre o elefante. ... 'Era como uma parede', disse um. 'Não, não era', disse outro, 'era como um pedaço de corda.' 'Você está enganado', disse um terceiro, 'eu o senti e era apenas uma serpente.' A discussão ficou acirrada e o quarto declarou que o elefante era como um travesseiro. A discussão logo se transformou em expressões mais iradas, e os cinco cegos começaram a brigar. qual é o problema?' A disputa

foi explicada, e então o recém-chegado disse: 'Homens, vocês estão bem: o problema é que vocês tocaram o elefante em diferentes pontos. A parede era a lateral, a corda era a cauda, a serpente era a tromba, e a corda era a cauda. os dedos dos pés eram o travesseiro. Pare de brigar; você está bem, só que você tem visto o elefante de diferentes pontos de vista.

A religião, disse ele, havia se envolvido em tal disputa. O povo do Ocidente pensava que tinha a única religião de Deus, e o povo do Oriente tinha o mesmo preconceito. Ambos estavam errados; Deus estava em todas as religiões.

Houve muitas críticas brilhantes ao pensamento ocidental. Os cristãos foram caracterizados como tendo uma “religião comercial”. Eles estavam sempre implorando a Deus - "Ó Deus, dê-me isto e dê-me aquilo; ó Deus, faça isto e faça aquilo." O hindu não conseguia entender isso. Ele achava errado implorar a Deus. Em vez de mendigar, o homem religioso deveria dar. O hindu acreditava em dar a Deus, aos seus semelhantes, em vez de pedir a Deus que desse a eles. Ele havia observado que as pessoas do Ocidente, muitas delas, pensavam muito em Deus, desde que se dessem bem, mas quando aconteceu o inverso, então Deus foi esquecido: o mesmo não aconteceu com os hindus, que tinham passar a olhar para Deus como um ser de amor. A fé hindu reconhecia tanto a maternidade de Deus como a paternidade, porque a primeira era uma melhor concretização da ideia de amor. O cristão ocidental trabalhava a semana toda pelo dólar e, quando conseguia, orava: "Ó Deus, agradecemos-te por nos dar este benefício", e então colocava todo o dinheiro no bolso; o hindu ganharia o dinheiro e depois o entregaria a Deus, ajudando os pobres e os menos afortunados. E assim foram feitas comparações entre as ideias do Ocidente e as ideias do Oriente. Ao falar de Deus, Vivekanandi disse em substância: "Vocês, povos do Ocidente, pensam que têm Deus. O que é ter Deus? Se vocês O têm, por que existe tanta criminalidade, que nove entre dez pessoas são hipócritas?" "A hipocrisia não pode existir onde Deus está. Vocês têm seus palácios para adorar a Deus e frequentam-nos parcialmente por um período de tempo uma vez por semana, mas quão poucos vão adorar a Deus. É moda no Ocidente frequentar a igreja. e muitos de vocês comparecem por nenhuma outra razão. Vocês, povos do Ocidente, têm algum direito de reivindicar exclusivamente a posse de Deus?"

Aqui o orador foi interrompido por aplausos espontâneos. Ele prosseguiu: “Nós, da fé hindu, acreditamos em adorar a Deus por amor, não pelo que Ele nos dá, mas porque Deus é amor, e nenhuma nação, nenhum povo, nenhuma religião tem Deus até que esteja disposta a adorá-Lo por amor. Vocês, do Ocidente, são práticos nos negócios, práticos em grandes invenções, mas nós, do Oriente, somos práticos na religião. Vocês fazem do comércio o seu negócio; nós fazemos da religião o nosso negócio. no campo, você descobrirá que ele não tem opinião sobre política. Ele não sabe nada de política. Mas você fala com ele sobre religião, e o mais humilde sabe sobre monoteísmo, deísmo e todos os ismos da religião.

“Sob qual governo você vive?’ e ele responderá: ‘Não sei. Eu pago meus impostos e isso é tudo que sei sobre isso.’ Conversei com seus trabalhadores, seus agricultores, e descobri que na política todos eles são democratas ou republicanos e sabem se preferem a prata gratuita ou o padrão ouro. são como o fazendeiro indiano, eles não sabem, eles freqüentam tal igreja, mas não sabem em que ela acredita; eles apenas pagam o aluguel do banco, e isso é tudo que sabem sobre isso – ou sobre Deus”.

As superstições da Índia foram admitidas, “mas que nação não as tem?” ele perguntou. Resumindo, ele sustentou que as nações viam Deus como um monopólio. Todas as nações tinham Deus, e qualquer impulso para o bem era Deus. O povo ocidental, assim como o povo oriental, deve aprender a “querer Deus”, e esse “querer” foi comparado ao homem debaixo d’água, lutando por ar; ele queria isso, ele não poderia viver sem isso. Quando o povo do Ocidente “quisesse” Deus dessa maneira, então eles seriam bem-vindos na Índia, porque os missionários então viriam até eles com Deus, não com a idéia de que a Índia não conhece Deus, mas com amor em seus corações e não dogma.

7.4.12 O DESTINO DO HOMEM

(Entregue em Memphis em 17 de janeiro de 1894:

Relatado em Recurso-Avalanche)

O público foi moderadamente grande e composto pelos melhores talentos literários e musicais da cidade, incluindo alguns dos mais ilustres membros da fraternidade jurídica e de instituições financeiras.

O orador difere em particular em um aspecto de alguns oradores americanos. Ele desenvolve suas ideias com tanta deliberação quanto um professor de matemática demonstra um exemplo de álgebra a seus alunos. Kananda (naquela época, Swamiji era geralmente referido pela imprensa americana como Vive Kananda.) fala com perfeita fé em seus próprios poderes e capacidade de manter com sucesso sua posição contra todos os argumentos. Ele não apresenta ideias, nem faz afirmações que não cheguem a uma conclusão lógica. Grande parte de sua palestra é algo da ordem da filosofia de Ingersoll. Ele não acredita em punição futura nem em Deus como os cristãos acreditam Nele. Ele não acredita que a mente seja imortal, pelo fato de ser dependente, e nada pode ser imortal a menos que seja independente de todas as coisas. Ele diz: "Deus não é um rei sentado em um canto do universo para distribuir punições ou recompensas de acordo com as ações de um homem aqui na terra, e chegará o tempo em que o homem conhecerá a verdade, e se levantará e dirá: 'Eu sou Deus', sou a vida de Sua vida. Por que ensinar que Deus está longe quando nossa verdadeira natureza, nosso princípio imortal é Deus?

"Não se iludam com a sua religião que ensina o pecado original, pois a mesma religião ensina a pureza original. Quando Adão caiu, ele caiu da pureza. (Aplausos) A pureza é a nossa verdadeira natureza, e recuperá-la é o objetivo de toda religião. Todos os homens são puros; todos os homens são bons. Algumas objeções podem ser levantadas contra eles, e você pergunta por que alguns homens são brutos. Aquele homem que você chama de bruto é como o diamante na sujeira e na poeira - limpe a poeira e é um diamante? , tão puro como se nunca tivesse estado sobre ela, e devemos admitir que cada alma é um grande diamante.

"Nada é mais vil do que chamar nosso irmão de pecador. Certa vez, uma leoa atacou um rebanho de ovelhas e matou um cordeiro. Uma ovelha encontrou um leão muito jovem, e ele a seguiu, e ele lhe deu de mamar, e ele cresceu com o ovelhas e aprendeu a comer grama como uma ovelha Um dia, um velho leão viu o leão ovelha e tentou afastá-lo das ovelhas, mas ele

fugiu quando ele se aproximou. ele agarrou-o e levou-o para um lago de água transparente e disse: 'Você não é uma ovelha, mas um leão; O leão das ovelhas, vendo sua imagem refletida na água, disse: 'Eu sou um leão e não uma ovelha.' Não pensemos que somos ovelhas, mas sejamos leões, e não balamos e comamos grama como uma ovelha.

"Há quatro meses estou na América. Em Massachusetts, visitei uma prisão reformatória. O carcereiro daquela prisão nunca sabe por quais crimes os prisioneiros estão encarcerados. O manto da caridade é jogado ao redor deles. Em outra cidade havia três jornais, editado por homens muito instruídos, tentando provar que a punição severa era uma necessidade, enquanto outro jornal afirmava que a misericórdia era melhor que a punição. O editor de um jornal provou pelas estatísticas que apenas cinquenta por cento dos criminosos que receberam punição severa voltaram a ser honestos. vidas, enquanto noventa por cento daqueles que receberam punição leve retornaram a atividades úteis na vida.

"A religião não é o resultado da fraqueza da natureza humana; a religião não está aqui porque tememos um tirano; a religião é amor, desdobrando-se, expandindo-se, crescendo. Tome cuidado - dentro da pequena caixa há uma máquina e uma mola. A mola, quando dá corda, tenta recuperar seu estado natural. Você é como a mola do relógio, e não é necessário que todos os relógios tenham o mesmo tipo de mola, e não é necessário que todos tenhamos a mesma religião. por que deveríamos discutir? Se todos tivéssemos as mesmas ideias, o mundo estaria morto. O movimento externo que chamamos de ação é o pensamento humano. Você diz que é causado pela lei da gravitação. puxa a carroça e Deus puxa o cavalo. Essa é a lei do movimento. Os redemoinhos mostram a força da corrente; pare a corrente e a estagnação ocorre. Devemos ter unidade e variedade. qualquer outro nome, e não importa como é chamada a sua religião.

"Seis cegos viviam numa aldeia. Eles não podiam ver o elefante, mas saíram e apalparam-no. Um colocou a mão na cauda do elefante, um deles ao seu lado, um na língua [tronco], um em sua orelha. Eles começaram a descrever o elefante. Um disse que ele era como uma corda; um disse que ele era como uma grande muralha; um deles disse que ele era como um leque. e começaram a esmurrar uns aos outros. Um homem que enxergava

apareceu e perguntou o problema, e os cegos disseram que tinham visto o elefante e discordaram porque um acusou o outro de mentir. todos mentiram; vocês são cegos e nenhum de vocês viu isso. Esse é o problema da nossa religião. Deixamos os cegos verem o elefante (Aplausos).

"Um monge da Índia disse: 'Eu acreditaria em você se dissesse que eu poderia explorar as areias do deserto e obter petróleo, ou que poderia arrancar o dente da boca do crocodilo sem ser mordido, mas não posso acreditar quando você diz que um fanático pode ser mudado. Você pergunta por que há tanta variação nas religiões? A resposta é esta: os pequenos riachos que correm pelas encostas de milhares de montanhas estão destinados a chegar finalmente ao poderoso oceano. Eles estão finalmente destinados a trazer. -nos ao seio de Deus. Por 1.900 anos você tem tentado esmagar os judeus. Por que você não poderia esmagá-los?

O orador continuou nesta linha de raciocínio por quase duas horas e concluiu dizendo: “Vamos ajudar e não destruir”.

7.4.13 REENCARNAÇÃO

(Entregue em Memphis em 19 de janeiro de 1894:

Relatado em Recurso-Avalanche)

Swami Vive Kananda, o monge de betumado e manto amarelo, discursou novamente ontem à noite para um público de tamanho razoável e agradecido na Academia La Salette, na Terceira rua.

O assunto era "Transmigração da Alma, ou" metempsicose ". Possivelmente Vive Kananda nunca pareceu ter maior vantagem do que neste papel, por assim dizer. A metempsicose é uma das crenças mais amplamente aceitas entre as raças orientais, e que eles estão sempre prontos para defender, em casa ou no exterior. Como disse Kananda:

“Muitos de vocês não sabem que é uma das doutrinas religiosas mais antigas de todas as religiões antigas. Era conhecida entre os fariseus, entre

os judeus, entre os primeiros pais da Igreja Cristã, e era uma crença comum entre os árabes. . E ainda permanece entre os hindus e os budistas.

"Este estado de coisas continuou até os dias da ciência, que é apenas uma contemplação de energias. Agora, vocês, ocidentais, acreditam que esta doutrina é subversiva da moralidade. Para ter uma visão completa do argumento, suas características lógicas e metafísicas , teremos que examinar todos os aspectos. Todos nós acreditamos em um governador moral deste universo, mas a natureza nos revela, em vez de justiça, que um homem nasce sob as melhores circunstâncias. pronto para suas mãos - tudo que conduz à felicidade e a uma ordem superior de coisas. Outro nasce, e em todos os momentos sua vida está em desacordo com a de seu próximo. Ele morre na depravação, exilado da sociedade. parcialidade] na distribuição da felicidade?

“A teoria da metempsicose reconcilia esse acorde desarmônico em suas crenças comuns. Em vez de nos tornar imorais, esta teoria nos dá a idéia de justiça. Alguns de vocês dizem: 'É a vontade de Deus.' Isto não é resposta. Não é científico. Tudo tem uma causa. A única causa e toda a teoria da causação são deixadas com Deus, o que o torna uma criatura muito imoral. a percepção [causalidade?] envolve todas as coisas. Portanto, esta doutrina da transmigração da alma é necessária nestes termos. Esta frase é completamente analisada. é um absurdo. Não é criação, mas manifestação.

“Algo não pode ser efeito de uma causa que não é. Se coloco meu dedo no fogo, a queimadura é um efeito simultâneo, e sei que a causa da queimadura foi a ação de colocar meu dedo em contato com o fogo. E como no caso da natureza, nunca houve um tempo em que a natureza não existisse, porque a causa sempre existiu. Mas, para fins de argumentação, admita que houve um tempo em que não houve existência. Onde estava toda essa massa de matéria? Criar algo novo seria a introdução de muito mais energia no universo. Isso é impossível. Coisas antigas podem ser recriadas, mas não pode haver adição ao universo.

"Nenhuma demonstração matemática poderia ser feita que tivesse esta teoria da metempsicose. De acordo com a lógica, não se deve acreditar em hipóteses e teorias. Mas minha opinião é que nenhuma hipótese melhor foi apresentada pelo intelecto humano para explicar os fenômenos da vida.

"Tive um incidente peculiar enquanto estava em um trem saindo da cidade de Minneapolis. Havia um cowboy no trem. Ele era um sujeito rude e um presbiteriano do tipo nariz azul. Ele se aproximou e me perguntou onde eu estava. era da Índia. Eu disse a ele da Índia. 'O que você é?' ele disse. 'Hindu', eu respondi. 'Então você deve ir para o inferno', ele comentou sobre essa teoria, e depois de explicá-la, ele disse que sempre acreditou nela porque disse aquela. Um dia, quando ele estava cortando uma tora, sua irmãzinha apareceu vestida e disse que ela era um homem. É por isso que ele acreditava na transmigração das almas. Toda a base da teoria é esta: Se as ações de um homem. ser bom, ele deve ser um ser superior e vice-versa.

“Há outra beleza nesta teoria – o motor moral [motivo] que ela fornece. O que está feito está feito. Ela diz: 'Ah, se tivesse sido feito melhor.' Não coloque o dedo no fogo novamente. Cada momento é uma nova chance.”

Vive Kananda falou nesse estilo por algum tempo e foi frequentemente aplaudido.

Swami Vive Kananda palestrará novamente esta tarde, às 16 horas, na Academia La Salette, sobre “Os Modos e Costumes da Índia”.

7.4.14 TEOLOGIA COMPARATIVA

(Entregue em Memphis em 21 de janeiro de 1894:

Relatado em Recurso-Avalanche)

“Teologia Comparada” foi o tema de um discurso ontem à noite por Swami Vive Kananda no Salão da Associação Hebraica de Jovens. Foi a palestra mais marcante da série e, sem dúvida, aumentou a admiração geral que o povo desta cidade nutre pelo erudito cavalheiro.

Até agora, Vive Kananda deu palestras em benefício de um ou outro objeto digno de caridade, e pode-se dizer com segurança que ele lhes prestou ajuda material. Ontem à noite, porém, ele deu uma palestra para seu próprio benefício. A palestra foi planejada e sustentada pelo Sr. Hu L. Brinkley, um dos amigos mais calorosos e admiradores mais fervorosos de Vive

Kananda. Cerca de duzentas pessoas se reuniram no salão ontem à noite para ouvir o eminente oriental pela última vez nesta cidade.

A primeira questão que o orador fez em relação ao assunto foi: “Pode haver tal distinção entre religiões como os seus credos implicariam?”

Ele afirmou que não existiam diferenças agora e refez a linha de progresso feita por todas as religiões e a trouxe de volta aos dias atuais. Ele mostrou que tal divergência de opinião deve necessariamente ter existido entre o homem primitivo no que diz respeito à ideia de Deus, mas que à medida que o mundo avançava passo a passo de uma forma moral e intelectual, as distinções tornaram-se cada vez mais indistintas, até que finalmente se tornou havia desaparecido completamente, e agora havia uma doutrina predominante – a de uma existência absoluta.

“Não se encontra nenhum selvagem”, disse o orador, “que não acredite em algum tipo de deus”.

"A ciência moderna não diz se considera isso uma revelação ou não. O amor entre as nações selvagens não é muito forte. Eles vivem em terror. Para suas imaginações supersticiosas é retratado algum espírito maligno, diante de cujo pensamento eles tremem de medo e terror. Tudo o que ele gosta, ele pensa que irá agradar ao espírito maligno. O que irá pacificá-lo, ele pensa que irá apaziguar a ira do espírito.

O palestrante passou a mostrar por meio de fatos históricos que o homem selvagem passou do culto ancestral ao culto aos elefantes e, posteriormente, aos deuses, como o Deus dos Trovões e das Tempestades. Então a religião do mundo era o politeísmo. “A beleza do nascer do sol, a grandeza do pôr do sol, a aparência mistificadora dos céus estrelados e a estranheza dos trovões e relâmpagos impressionaram o homem primitivo com uma força que ele não conseguia explicar, e sugeriram a ideia de um mundo superior e mais elevado. ser mais poderoso controlando as infinidades que se reuniam diante de seu olhar", disse Vive Kananda.

Depois veio outro período – o período do monoteísmo. Todos os deuses desapareceram e se fundiram em um só, o Deus dos Deuses, o governante do universo. Então o orador traçou a raça ariana até aquele período, onde

eles disseram: “Vivemos e nos movemos em Deus. Ele é movimento”. Depois veio outro período conhecido pela metafísica como o “período do Panteísmo”. Esta raça rejeitou o politeísmo e o monoteísmo, e a ideia de que Deus era o universo, e disse que "a alma da minha alma é a única existência verdadeira. Minha natureza é minha existência e se expandirá para mim".

Vive Kananda então adotou o budismo. Ele disse que eles não afirmaram nem negaram a existência de um Deus. Buda diria simplesmente, quando seu conselho fosse procurado: "Você vê a miséria. Então tente diminuí-la." Para um budista a miséria está sempre presente e a sociedade mede o alcance da sua existência. Os maometanos, disse ele, acreditavam no Antigo Testamento do hindu [hebraico] e no Novo Testamento do cristão. Eles não gostam dos cristãos, pois dizem que são hereges e ensinam a adoração ao homem. Maomé sempre proibiu seus seguidores de terem uma foto sua.

"A próxima questão que surge", disse ele, "serão essas religiões verdadeiras ou algumas delas são verdadeiras e outras falsas? Todas chegaram a uma conclusão, a de uma existência absoluta e infinita. A unidade é o objeto da religião. O múltiplo dos fenômenos que se vê por todos os lados é apenas a infinita variedade da unidade. Uma análise da religião mostra que o homem não viaja da falácia para a verdade, mas de uma verdade inferior para uma verdade superior.

"Um homem traz um casaco para muitas pessoas. Alguns dizem que o casaco não lhes serve. Bem, você sai; você não pode ter um casaco. Pergunte a um ministro cristão qual é o problema com todas as outras seitas que se opõem às suas doutrinas e dogmas, e ele responderá: 'Oh, eles não são cristãos.' Mas temos instruções melhores do que essas. Nossas próprias naturezas, amor e ciência - elas nos ensinam melhor, como os redemoinhos de um rio, leve-os embora e a estagnação se seguirá. O movimento é necessidade. O pensamento é o movimento da mente, e quando isso cessa, a morte começa.

"Se você colocar uma simples molécula de ar no fundo de um copo d'água, ela imediatamente começará uma luta para se juntar à atmosfera infinita acima. O mesmo acontece com a alma. Ela está lutando para recuperar sua natureza pura e para se libertar de este corpo material. Ele quer recuperar

sua própria expansão infinita. Isso é igual em todos os lugares. Entre os cristãos, os budistas, os muçulmanos, os agnósticos ou os sacerdotes, a alma corre milhares de quilômetros pela encosta sinuosa da montanha. junta-se aos mares, e um homem está ali para dizer-lhe para voltar e começar de novo e assumir um curso mais direto. Esse homem é um tolo. Você é um rio que flui das alturas de Sião. Eu fluo dos picos elevados! dos Himalaias, eu não digo a você: volte e desça como eu fiz, você está errado. Isso é mais errado do que tolo. A verdade nunca se perde. cairá em um acidente, mas a verdade é preservada e é assumida por algum homem e devolvida à sociedade, o que prova uma grande e contínua revelação de Deus."

7.4.15 BUDISMO, A RELIGIÃO DA LUZ DA ÁSIA

(Entregue em Detroit em 19 de março de 1894:

Relatado no Detroit Tribune)

Vive Kananda deu uma palestra para um público de cerca de 150 pessoas [de acordo com o Journal, 500] no Auditório ontem à noite sobre "Budismo, a Religião da Luz da Ásia". O Honorável Don M. Dickinson apresentou-o ao público.

"Quem dirá que este sistema de religião é divino e que está condenado?" perguntou o Sr. Dickinson em seus comentários introdutórios. "Quem traçará a linha mística?"

Vive Kananda revisou detalhadamente as primeiras religiões da Índia. Ele contou sobre a grande matança de animais no altar do sacrifício; do nascimento e da vida de Buda; de suas perguntas intrigantes sobre as causas da criação e as razões da existência; da luta sincera de Buda para encontrar a solução da criação e da vida; do resultado final.

Buda, disse ele, estava acima de todos os outros homens. Ele era alguém, disse ele, de quem seus amigos ou inimigos nunca poderiam dizer que ele respirou ou comeu uma migalha de pão, a não ser para o bem de todos.

“Ele nunca pregou a transmigração da alma”, disse Kananda, “exceto que ele acreditava que uma alma era para seu sucessor como a onda do oceano que crescia e morria, deixando nada para a onda seguinte além de sua força. Era um Deus, nem negou que houvesse um Deus.

“‘Por que deveríamos ser bons?’ seus discípulos lhe perguntaram.

“‘Porque’, disse ele, ‘você herdou o bem. Deixe que você, por sua vez, deixe alguma herança de bem para seus sucessores. Vamos todos ajudar na marcha da bondade acumulada, pelo amor de Deus.’

“Ele foi o primeiro profeta. Ele nunca abusou de ninguém nem se arrogou nada. Ele acreditava em desenvolvermos nossa própria salvação na religião.

“‘Não posso dizer a você’, disse ele, em seu leito de morte, ‘nem a ninguém. Não dependa de ninguém. Elabore sua própria religião [salvação]’.

“Ele protestou contra a desigualdade entre homem e homem, ou entre homem e animal. Toda a vida era igual, ele pregou. Ele foi o primeiro homem a defender a doutrina da proibição de bebidas alcoólicas. ‘Seja bom e faça o bem’, disse ele. ‘Se existe um Deus, você o tem por ser bom. Se não existe Deus, ser bom é bom. Ele deve ser culpado por tudo o que sofre. Ele deve ser louvado por todo o seu bem.’

“Ele foi o primeiro a dar origem aos missionários. Ele veio como um salvador para milhões de oprimidos na Índia. Eles não conseguiam entender sua filosofia, mas viram o homem e seus ensinamentos e o seguiram.”

Concluindo, Kananda disse que o Budismo era o fundamento da religião cristã; que a igreja católica veio do budismo.

7.4.16 A CIÊNCIA DO IOGA

(Notas fragmentárias de uma palestra gravada por Ida Ansell e reimpressa de Vedanta and the West, julho-agosto de 1957.)

(Entregue em Tucker Hall, Alameda, Califórnia, em 13 de abril de 1900)

A antiga palavra sânscrita Yoga é definida como [Chittavrittinirodha]. Isso significa que Yoga é a ciência que nos ensina a controlar Chitta a partir do estado de mudança. A Chitta é a matéria da qual nossas mentes são feitas e que está sendo constantemente agitada em ondas por influências externas e internas. O Yoga nos ensina como controlar a mente para que ela não seja desequilibrada em formas de ondas. . . .

O que isto significa? Para o estudante de religião, quase noventa e nove por cento dos livros e pensamentos religiosos são meras especulações. Um homem pensa que a religião é isto e outro, aquilo. Se um homem for mais inteligente que os outros, ele derruba suas especulações e inicia uma nova. Os homens têm estudado novos sistemas religiosos nos últimos dois mil e quatro mil anos – por quanto tempo exatamente ninguém sabe. . . . Quando não conseguiram raciocinar, disseram: "Acredite!" Se fossem poderosos, forçavam suas crenças. Isso está acontecendo até agora.

Mas há um conjunto de pessoas que não está totalmente satisfeito com este tipo de coisas. "Não há saída?" eles perguntaram. Você não especula dessa forma em física, química e matemática. Por que a ciência da religião não pode ser como qualquer outra ciência? Eles propuseram o seguinte: Se algo como a alma do homem realmente existe, se é imortal, se Deus realmente existe como governante deste universo – Ele deve ser [conhecido] aqui; e tudo isso deve ser [realizado] em [sua própria] consciência.

A mente não pode ser analisada por nenhuma máquina externa. Supondo que você pudesse olhar dentro do meu cérebro enquanto estou pensando, você veria apenas certas moléculas trocadas. Você não podia ver o pensamento, a consciência, as ideias, as imagens. Você simplesmente veria a massa de vibrações – mudanças químicas e físicas. A partir deste exemplo, vemos que este tipo de análise não funcionaria.

Existe algum outro método pelo qual a mente possa ser analisada como mente? Se houver, então a verdadeira ciência da religião é possível. A ciência do Raja-Yoga afirma que existe tal possibilidade. Todos nós podemos tentar e ter sucesso até certo ponto. Existe esta grande dificuldade: nas ciências externas o objeto é [comparativamente fácil de observar]. Os instrumentos de análise são rígidos; e ambos são externos. Mas na análise

da mente o objeto e os instrumentos de análise são a mesma coisa. . . . O sujeito e o objeto tornam-se um. . . .

A análise externa irá ao cérebro e encontrará mudanças físicas e químicas. Nunca conseguiria [responder às perguntas]: O que é a consciência? Qual é a sua imaginação? De onde vem essa vasta massa de ideias que você tem e para onde elas vão? Não podemos negá-los. Eles são fatos. Nunca vi meu próprio cérebro. Devo presumir que tenho um. Mas o homem nunca pode negar a sua própria imaginação consciente. .

O grande problema somos nós mesmos. Sou eu a longa cadeia que não vejo – uma peça seguindo a outra em rápida sucessão, mas totalmente desconectada? Sou um tal estado de consciência [para sempre em fluxo]? Ou sou algo mais do que isso – uma substância, uma entidade, o que chamamos de alma? Em outras palavras, o homem tem alma ou não? Ele é um feixe de estados de consciência sem qualquer conexão ou é uma substância unificada? Essa é a grande controvérsia. Se formos apenas feixes de consciência, . . . uma questão como a imortalidade seria apenas uma ilusão. . . . Por outro lado, se há algo em mim que é uma unidade, uma substância, então é claro que sou imortal. A unidade não pode ser destruída ou quebrada em pedaços. Somente compostos podem ser decompostos. . . .

Todas as religiões, exceto o Budismo, acreditam e lutam de uma forma ou de outra para alcançar tal substância. O Budismo nega a substância e está bastante satisfeito com isso. Diz, este assunto sobre Deus, a alma, a imortalidade e tudo mais - não se irrite com tais questões. Mas todas as outras religiões do mundo apegam-se a esta substância. Todos eles acreditam que a alma é a substância do homem, apesar de todas as mudanças, que Deus é a substância que existe no universo. Todos eles acreditam na imortalidade da alma. Estas são especulações. Quem decidirá a controvérsia entre os budistas e os cristãos? O Cristianismo diz que existe uma substância que viverá para sempre. O cristão diz: “Minha Bíblia diz isso”. O budista diz: “Não acredito no seu livro”. . . .

A questão é: somos a substância [a alma] ou esta matéria sutil, a mente mutável e ondulante? . . . Nossas mentes estão mudando constantemente. Onde está a substância dentro? Nós não encontramos isso. Agora sou isso e

agora aquilo. Acreditarei na substância se por um momento vocês conseguirem parar essas mudanças. . . .

É claro que todas as crenças em Deus e no céu são pequenas crenças de religiões organizadas. Qualquer religião científica nunca propõe tais coisas.

Yoga é a ciência que nos ensina a impedir que Chitta [a substância mental] entre nessas mudanças. Suponha que você consiga levar a mente a um estado perfeito de Yoga. Naquele momento você resolveu o problema. Você sabe o que você é. Você dominou todas as mudanças. Depois disso você pode deixar a mente correr, mas ela não será mais a mesma. Está perfeitamente sob seu controle. Não mais como cavalos selvagens que derrubam você. . . . Você viu Deus. Isso não é mais uma questão de especulação. Não existe mais o Sr. Fulano de Tal. . . não há mais livros ou Vedas, ou controvérsia de pregadores, ou qualquer coisa. Você tem sido você mesmo: eu sou a substância além de todas essas mudanças. Eu não sou as mudanças; se estivesse, não poderia detê-los. Posso impedir as mudanças e, portanto, nunca poderei ser as mudanças. Esta é a proposta da ciência do Yoga. . . .

Não gostamos destas mudanças. Não gostamos nada de mudanças. Cada mudança está sendo imposta a nós. . . . No nosso país, os bois carregam nos ombros uma canga [que está ligada por uma vara a um lagar de petróleo]. Do jugo projeta-se um pedaço de madeira [ao qual está amarrado um feixe de capim] apenas o suficiente para tentar o boi, mas ele não consegue alcançá-lo. Ele quer comer a grama e vai um pouco mais longe [girando assim o lagar]. . . . Somos como esses bois, sempre tentando comer a grama e esticando o pescoço para alcançá-la. Damos voltas e mais voltas por aqui. Ninguém gosta dessas mudanças. Certamente não! . . . Todas essas mudanças são impostas a nós. . . . Não podemos evitar. Depois de nos colocarmos na máquina, devemos continuar indefinidamente. No momento em que paramos, o mal é maior do que se continuássemos em frente. . . .

É claro que a miséria chega até nós. É tudo miséria porque não há vontade. É tudo forçado. A natureza nos ordena e nós obedecemos, mas não há muito amor perdido entre nós e a natureza. Todo o nosso trabalho é uma tentativa de fugir da natureza. Dizemos que estamos curtindo a natureza. Se nos analisarmos, descobriremos que estamos tentando escapar de tudo e

inventando maneiras de aproveitar isso e aquilo. . . . [A natureza é] como o francês que convidou um amigo inglês e lhe contou sobre seus vinhos velhos na adega. Ele pediu uma garrafa de vinho velho. Era tão lindo e a luz brilhava por dentro como uma peça de ouro. O mordomo serviu um copo e o inglês bebeu-o calmamente. O mordomo trouxe uma garrafa de óleo de rícino! Bebemos óleo de mamona o tempo todo; não podemos evitar. . . .

[Pessoas em geral] . . . estão tão reduzidos a máquinas que não o fazem. . . até pense. Assim como gatos, cachorros e outros animais, eles também são conduzidos ao chicote pela natureza. Eles nunca desobedecem, nunca pensam nisso. Mas até eles têm alguma experiência de vida. . . .

[Alguns, porém,] começam a questionar: O que é isso? Para que servem todas essas experiências? O que é o Eu? Existe alguma fuga? Algum sentido para a vida? . . .

Os bons morrerão. Os ímpios morrerão. Os reis morrerão e os mendigos morrerão. A grande miséria é a morte. . . .O tempo todo estamos tentando evitá-lo. E se morrermos numa religião confortável, pensamos que depois veremos Johns e Jacks e nos divertiremos.

No seu país eles trazem Johns e Jacks para mostrar a você [nas sessões]. Eu vi essas pessoas inúmeras vezes e apertei a mão delas. Muitos de vocês podem tê-los visto. Eles tocam o piano e cantam "Beulah Land": a América é uma terra vasta. Minha casa fica do outro lado do mundo. Não sei onde fica Beulah Land. Você não o encontrará em nenhuma geografia. Veja nossa boa e confortável religião! A velha, velha crença comida pelas traças!

Essas pessoas não conseguem pensar. O que pode ser feito por eles? Eles foram comidos pelo mundo. Não há nada neles para pensar. Seus ossos tornaram-se ocos, seus cérebros são como queijo. . . . Eu simpatizo com eles. Deixe-os ter seu conforto! Algumas pessoas ficam evidentemente muito confortadas ao verem seus ancestrais da Terra de Beulah.

Um desses médiuns se ofereceu para trazer meus ancestrais até mim. Eu disse: "Pare aí. Faça o que quiser, mas se você trouxer meus ancestrais, não sei se conseguirei me conter". A médium foi muito gentil e parou.

No nosso país, quando começamos a ficar preocupados com as coisas, pagamos algo aos padres e fazemos um acordo com Deus. . . . Por enquanto sentimo-nos confortados, caso contrário não pagaremos aos sacerdotes. Vem um pouco de conforto, mas logo se transforma em reação. . . . Então, novamente, a miséria vem. A mesma miséria está aqui o tempo todo. Seu povo em nosso país diz: “Se você acredita em nossa doutrina, você está seguro”. Nosso povo entre as classes mais baixas acredita em suas doutrinas. A única mudança é que eles se tornam mendigos. . . . Mas isso é religião? É política – não religião. Você pode chamar isso de religião, arrastando a palavra religião para esse sentido. Mas não é espiritual.

Entre milhares de homens e mulheres, alguns estão inclinados a algo mais elevado do que esta vida. Os outros são como ovelhas. . . . Alguns entre milhares tentam compreender as coisas, encontrar uma saída. A questão é: existe uma saída? Se existe uma saída, ela está na alma e em nenhum outro lugar. As saídas de outras fontes já foram tentadas o suficiente, e todas [foram consideradas deficientes]. As pessoas não encontram satisfação. O próprio facto de existirem essas miríades de teorias e seitas mostra que as pessoas não encontram satisfação.

A ciência do Yoga propõe isto: a única saída é através de nós mesmos. Temos que nos individualizar. Se existe alguma verdade, podemos [percebê-la como a nossa própria essência]. . . . Deixaremos de ser levados pela natureza de um lugar para outro. . . .

O mundo fenomênico está sempre mudando: [alcançar o Imutável] esse é o nosso objetivo. Queremos ser Isso, perceber esse Absoluto, a Realidade [imutável]. O que está nos impedindo de perceber essa Realidade? É o fato da criação. A mente criativa está criando o tempo todo e se confunde com a sua própria criação. [Mas também devemos lembrar que] foi a criação que descobriu Deus. Foi a criação que descobriu o Absoluto em cada alma individual. . . .

Voltando à nossa definição: Yoga é impedir que Chitta, a substância mental, entre nessas mudanças. Quando toda esta criação tiver sido interrompida – se for possível pará-la – então veremos por nós mesmos o que somos na realidade. . . . O Incriado, Aquele que cria, se manifesta.

Os métodos do Yoga são vários. Alguns deles são muito difíceis; é preciso muito treinamento para ter sucesso. Alguns são fáceis. Aqueles que têm perseverança e força para segui-lo alcançam grandes resultados. Aqueles que não o fizerem podem adotar um método mais simples e obter algum benefício com isso.

Quanto à análise adequada da mente, vemos imediatamente como é difícil lidar com a própria mente. Nós nos tornamos corpos. Que somos almas, esquecemos completamente. Quando pensamos em nós mesmos, é o corpo que entra em nossa imaginação. Nós nos comportamos como corpos. Falamos como corpos. Somos todos corpo. Deste corpo temos que separar a alma. Portanto, o treinamento começa com o próprio corpo, [até que finalmente] o espírito se manifesta. . . . A ideia central de todo esse treinamento é atingir esse poder de concentração, o poder da meditação.

7.5 EPÍSTOLAS - TERCEIRA SÉRIE

7.5.0 NOTA

Antes de partir para os EUA, Swamiji mudava de nome com frequência. Nos primeiros anos ele assinou como Narendra ou Naren; depois, por algum tempo, como Vividishananda ou Sachchidananda. Mas, para conveniência dos leitores, esses volumes usam o nome mais familiar, Vivekananda.

EDITOR

7.5.1 BALAM BOSE

(Traduzido do bengali)

Glória a Ramakrishna!

BAIDYANATH,

25 de dezembro de 1889.

CARO SENHOR (Shri Balaram Bose),

Estive hospedado nos últimos dias em Baidyanath, no Purna Babu's Lodge. Não está tão frio e minha saúde também é indiferente. Estou sofrendo de indigestão, provavelmente por excesso de ferro na água. Não encontrei nada agradável aqui – nem o lugar, nem a estação, nem a companhia. Parto amanhã para Varanasi. Achyutananda parou na casa de Govinda Chaudhury em Deoghar, e este último, assim que recebeu notícias nossas, insistiu sinceramente para que nos tornássemos seus convidados. Finalmente, ele nos encontrou mais uma vez e nos convenceu a atender ao seu pedido. O homem é um grande trabalhador, mas tem várias mulheres com ele – a maioria mulheres idosas, do tipo Vaishnava comum. . . . Seus funcionários também nos reverenciam muito; alguns deles são muito mal-intencionados com ele e falaram de seus erros. Aliás, levantei o assunto __. Você tem muitas ideias erradas ou dúvidas sobre ela; portanto, escrevo tudo isso após uma investigação específica. Até mesmo os funcionários idosos deste estabelecimento a respeitam e reverenciam muito. Ela parou com __ quando era apenas uma criança e sempre viveu como esposa dele. . . . Todos admitem em uma só voz que sua personagem é impecável. Ela sempre foi uma mulher perfeitamente casta e nunca se comportou com __ em qualquer relação que não fosse de esposa para marido, e ela foi absolutamente fiel. Ela chegou muito cedo para ter incorrido em qualquer mácula moral. Depois de se separar de __, ela escreveu-lhe para dizer que nunca o tratara como nada além de seu marido, mas que era impossível para ela viver com um homem de carácter solto. Seus antigos dirigentes também acreditam que ele tenha um caráter satânico; mas eles consideram __ uma Devi (anjo), e observam que foi após a sua partida que __ perdeu todo o sentimento de vergonha.

Meu objetivo ao escrever tudo isso é que antigamente eu não acreditava na história da infância da senhora. A ideia de que possa haver tal pureza no meio de uma relação que a sociedade não reconhece, eu considerava como romance. Mas depois de uma investigação completa, descobri que está tudo bem. Ela é muito pura, pura desde a infância – não tenho a menor dúvida disso. Por nutrir essas dúvidas, você, eu e todos somos culpados por ela;

Faço-lhe repetidas saudações e peço-lhe perdão pela minha culpa. Ela não é uma mentirosa.

Aproveito esta oportunidade para registrar que tal coragem é impossível numa mulher mentirosa e incasta. Também me disseram que ela também teve uma fé ardente na religião durante toda a vida.

Bem, sua doença ainda não está melhorando! Não creio que este seja um lugar para pacientes, a menos que alguém esteja disposto a gastar muito dinheiro. Por favor, pense em algum curso criterioso. Aqui, todos os artigos terão de ser adquiridos em outro lugar.

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

7.5.2 BALAM BOSE

(Traduzido do bengali)

Glória a Ramakrishna!

ALLAHABAD,

30 de dezembro de 1889.

CARO SENHOR (Shri Balaram Bose),

Gupta deixou um deslize ao chegar e no dia seguinte uma carta de Yogananda me deu todas as notícias e eu imediatamente parti para Allahabad, onde cheguei no dia seguinte, para descobrir que Yogananda havia se recuperado completamente. Ele teve catapora (com uma ou duas erupções cutâneas de varíola também). O médico é uma alma nobre, e eles têm uma irmandade, que são todos grandes homens piedosos e altamente dedicados ao serviço dos Sadhus. Eles estão particularmente ansiosos para que eu passe o mês de Mâgh aqui, mas estou partindo para Varanasi. . . . Como vai você? Rogo a Deus pelo bem-estar de você e de sua família. Por favor, transmita meus cumprimentos a Tulasiram, Chuni Babu e aos demais.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

7.5.3 BALAM BOSE

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,
30 de janeiro de 1890.

Reverenciado senhor (Shri Balaram Bose),

Agora estou parando com Satish Babu em Ghazipur. Dos poucos lugares que visitei recentemente, este é o mais saudável. A água de Baidyanath é muito ruim – causa indigestão. Allahabad está muito congestionado. Nos poucos dias que passei em Varanasi, tive febre dia e noite – o lugar é tão malárico! Ghazipur tem um clima muito salubre - especialmente no bairro onde moro. Visitei a casa de Pavhari Baba - há muros altos em toda a volta e tem o estilo de um bangalô inglês. Há um jardim no interior e grandes salas e chaminés, etc. Ele não permite a entrada de ninguém. Se ele quiser, ele chega até a porta e fala lá de dentro – isso é tudo. Um dia fui e esperei e esperei no frio e tive que voltar. Irei para Varanasi no próximo domingo. Se nesse meio tempo o encontro com o Babaji acontecer, tudo bem, caso contrário eu me despeço dele. Sobre a casa de Pramada Babu escreverei definitivamente de Varanasi. Se Kali Bhattacharya está determinado a vir, deixe-o fazê-lo depois que eu partir para Varanasi no domingo, mas ele prefere não vir. Depois de alguns dias em Varanasi, partirei para Hrishikesh. Pramada Babu pode me acompanhar. Por favor, aceitem a todos vocês minhas cordiais saudações – e bênçãos para Fakir, Ram, Krishnamayi, etc.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

PS. Na minha opinião, será muito bom se você vier e ficar algum tempo em Ghazipur. Aqui Satish poderá garantir um bangalô para você, e há um cavalheiro, de nome Gagan Chandra Ray, que é o chefe do Ópio Office e é extremamente cortês, filantrópico e sociável - eles providenciarão tudo. O aluguel da casa é de quinze a vinte rúpias; o arroz é caro e o leite é vendido por dezesseis a vinte videntes a rúpia; todas as outras coisas são muito baratas. Além disso, sob os cuidados destes senhores, não há possibilidade de qualquer dificuldade. Mas é um pouco caro – custará mais de quarenta a cinquenta rúpias. Varanasi é terrivelmente malárica. Nunca morei no jardim de Pramada Babu. Ele gosta de me ter sempre em sua companhia. O jardim é realmente muito bonito, ricamente planejado, espaçoso e aberto. Desta vez, quando eu for, morarei lá e reportarei a você.

7.5.4 BALAM BOSE

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

C/O Satish Mukherji,

GORABAZAR, GHAZIPUR.

14 de fevereiro de 1890.

Reverenciado senhor (Shri Balaram Bose),

Recebi sua carta de contrição. Não vou sair daqui tão cedo – é impossível evitar o pedido do Babaji. Você expressou remorso por não ter colhido nenhum resultado apreciável servindo aos Sadhus. É verdade, mas não é verdade; é verdade se você olhar para a bem-aventurança ideal; mas se você olhar para trás, para o lugar de onde começou, descobrirá que antes era um animal, agora você é um homem e será um deus ou o próprio Deus no futuro. Além disso, esse tipo de arrependimento e insatisfação é muito bom; é o prelúdio para a melhoria. Sem isso ninguém pode subir. Aquele que coloca um turbante e vê imediatamente o Senhor, progride até aqui e não avança mais. Você é realmente abençoado por ter essa insatisfação

constante assombrando sua mente – tenha certeza de que não há perigo para você. . . . Você é um homem extremamente inteligente e sabe muito bem que a paciência é o melhor meio de sucesso. A esse respeito, não tenho dúvidas de que nós, meninos tontos, temos muito a aprender com vocês. . . . Você é um homem atencioso e não preciso acrescentar nada. O homem tem duas orelhas, mas uma boca. Você é especialmente dado a falar francamente e é cauteloso em fazer grandes promessas - coisas que às vezes me irritam com você, mas, após refletir, descubro que foi você quem agiu com discrição. "Lento, mas seguro." "O que se perde em potência se ganha em velocidade." Contudo, neste mundo tudo depende das palavras de cada um. Obter uma visão por trás das palavras (especialmente, com o seu espírito econômico mascarando tudo) não é dado a todos, e é preciso associar-se por muito tempo com um homem para poder entendê-lo. . . . A religião não está nas seitas, nem na agitação – por que vocês esquecem esses ensinamentos do nosso reverenciado Mestre? Por favor, ajude na medida em que estiver ao seu alcance, mas julgar o que resultou disso, se foi direcionado para o bem ou para o mal, talvez esteja além de nossa jurisdição. . . . Considerando o grande choque que Girish Babu recebeu, lhe dará imensa paz servir a Mãe neste momento. Ele é uma pessoa muito perspicaz. E nosso amado Mestre tinha total confiança em você, não costumava jantar em nenhum outro lugar, exceto em sua casa, e, ouvi dizer, mamãe também tem total confiança em você. Em vista disso, você, por favor, suportará e tolerará todas as nossas deficiências, meninos inconstantes, tratando-as como se fossem cometidas por seu próprio filho. Isso é tudo que tenho a dizer. Por favor, avise-me pelo correio quando o aniversário ocorrerá. Uma dor na região lombar está me causando muitos problemas. Em poucos dias o lugar estará extremamente lindo, com quilômetros e quilômetros de roseiras todas em flor. Satish diz que enviará algumas rosas frescas e mudas para o Festival. . . . Que o Senhor ordene que seu filho se torne um homem, e nunca um covarde!

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Se a Mãe veio, por favor, transmita-lhe minhas inúmeras saudações e peça-lhe que me abençoe para que eu possa ter perseverança inabalável. Ou,

se isso for impossível neste corpo, que ele caia logo!

7.5.5 GUPTA

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,

14 de fevereiro de 1890.

MEU QUERIDO GUPTA (Swami Sadananda),

eu espero que você esteja bem. Faça seus próprios exercícios espirituais e, sabendo que é o servo mais humilde de todos, sirva-os. Aqueles com quem você está hospedado são tais que nem eu sou digno de me chamar de seu mais humilde servo e tirar o pó de seus pés. Sabendo disso, sirva-os e tenha devoção por eles. Não fique com raiva, mesmo que eles abusem ou até mesmo o machuquem gravemente. Nunca se misture com mulheres. Tente ser resistente aos poucos e gradualmente acostume-se a manter o corpo fora do produto da mendicância. Quem toma o nome de Ramakrishna saiba que ele é seu Guru. Todos podem desempenhar o papel de mestre, mas é muito difícil ser servo. Especialmente você deve seguir Shashi. Saiba com certeza que sem devoção constante ao Guru e paciência e perseverança inabaláveis, nada será alcançado. Você deve ter moralidade estrita. Desvie-se um centímetro disso e você desaparecerá para sempre.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

7.5.6 BALAM BOSE

(Traduzido do bengali)

Glória a Ramakrishna!

GHAZIPUR,

15 de março de 1890.

Reverenciado senhor (Shri Balaram Bose),

Recebi sua gentil nota ontem. Lamento muito saber que a doença de Suresh Babu é extremamente grave. O que está destinado certamente acontecerá. É muito lamentável que você também tenha ficado doente. Enquanto durar o egoísmo, qualquer falha na adoção de medidas corretivas deverá ser considerada como ociosidade – é uma falha e uma culpa. Para quem não tem essa ideia egoísta, o melhor caminho é tolerar. A morada do Jivâtman, este corpo, é um verdadeiro meio de trabalho, e quem o converte em um covil infernal é culpado, e quem o negligencia também é culpado. Por favor, aja de acordo com as circunstâncias conforme elas se apresentarem, sem a menor hesitação.

नाभिनन्देत मरणं नाभिनन्देत जीवितम् ।
कालमेव प्रतिश्रेयसं नियमं भूतको यथा ॥

– “O dever mais elevado consiste em fazer o pouco que está ao seu alcance, não buscando nem a morte nem a vida, e aguardando o momento como um servo pronto para cumprir qualquer ordem.”

Há um terrível surto de gripe em Varanasi e Pramada Babu foi para Allahabad. Baburam veio de repente para cá. Ele está com febre; ele estava errado em começar sob tais circunstâncias. . . . Vou deixar este lugar amanhã. . . . Minhas incontáveis saudações à Mãe. Todos vocês me abençoam para que eu possa ter uniformidade de visão, para que depois de evitar as amarras das quais alguém é herdeiro desde o nascimento, eu não possa novamente ficar preso em amarras auto-impostas. Se houver algum Fazedor do bem e se Ele tiver o poder e a oportunidade, que Ele conceda as maiores bênçãos a todos vocês – esta é minha oração constante.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

7.5.7 ATUL CHANDRA GHOSH

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR,

15 de março de 1890.

CARO ATUL BABU (Atul Chandra Ghosh.),

Lamento muito saber que você está passando por aflições mentais. Por favor, faça apenas o que for do seu agrado.

यावज्जननं तावन्मरणं
तावज्जननीजठरे शयनम् ।
इति संसारे स्फुटतरदोषः
कथमिह मानव तव सन्तोषः ॥

– “Enquanto há nascimento, há morte, e novamente entra no ventre da mãe. Este é o mal manifesto da transmigração. Como, ó homem, você deseja satisfação em tal mundo!”

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Vou deixar este lugar amanhã. Deixe-me ver para onde o destino nos leva!

7.5.8 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

SALEM (EUA),

30 de agosto de 1893.

CARO ADHYAPAKJI (PROFESSOR HONRADO) (Prof. John Henry Wright),

Estou saindo daqui hoje. Espero que você tenha recebido alguma resposta de Chicago. Recebi um convite com instruções completas do Sr. Sanborn.

Então, vou para Saratoga na segunda-feira. Meus respeitos à sua esposa. E meu amor para Austin e todas as crianças. Você é um verdadeiro Mahatma (uma grande alma) e a Sra. Wright é incomparável.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

7.5.9 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

SALEM,

Sábado, 4 de setembro de 1893 .

CARO ADHYAPAKJI (Prof. John Henry Wright),

Apresso-me em lhe apresentar minha sincera gratidão por suas cartas de apresentação. Recebi uma carta do Sr. Theles, de Chicago, dando-me os nomes de alguns dos delegados e outras coisas sobre o Congresso.

Seu professor de sânscrito, em sua nota para a senhorita Sanborn, me confunde com Purushottama Joshi e afirma que há uma biblioteca de sânscrito em Boston que dificilmente pode ser encontrada na Índia. Eu ficaria muito feliz em ver isso.

O Sr. Sanborn me escreveu para ir a Saratoga na segunda-feira e estou indo de acordo. Eu parava então numa pensão chamada Sanatório. Se entretanto chegar alguma notícia de Chicago, espero que a envie para o Sanatório de Saratoga.

Você, sua nobre esposa e seus doces filhos deixaram uma impressão em meu cérebro que é simplesmente indelével, e eu me considerava muito mais próximo do céu quando morava com você. Que Ele, o doador de todos os dons, derrame sobre sua cabeça Suas bênçãos mais seletas.

Aqui estão algumas linhas escritas como uma tentativa de poesia. Esperando que seu amor perdoe essa imposição.

Sempre seu amigo,
VIVEKANANDA.

Sobre colinas, vales e cordilheiras,
No templo, na igreja e na mesquita,
Nos Vedas, Bíblia, Al Koran
Eu procurei por Ti em vão.
Como uma criança perdida na floresta mais selvagem
Eu chorei e chorei sozinho,
"Para onde você foi, meu Deus, meu amor?"
O eco respondeu: "desapareceu".
E dias, noites e anos se passaram —
Havia um incêndio no cérebro;
Eu não sabia quando o dia transformava-se em noite,
O coração parecia dividido em dois.
Eu me deitei na costa de Gangâ,
Exposto ao sol e à chuva;
Com lágrimas ardentes coloquei a poeira
E lamentou com o rugido das águas.
Invoquei todos os santos nomes
De todos os climas e credos,
"Mostre-me o caminho, por misericórdia, você
Grandes que alcançaram a meta".

Os anos se passaram em um choro amargo,
Cada momento parecia uma eternidade,
Até que um dia, em meio aos meus gritos e gemidos
Alguém parecia me ligar.

Uma voz suave, suave e calmante
Isso disse "meu filho", "meu filho",
Isso pareceu emocionar em uníssono
Com todos os acordes da minha alma.

Fiquei de pé e tentei encontrar
O lugar de onde veio a voz;
Eu procurei e procurei e virei para ver
Ao meu redor, na frente, atrás.

De novo, de novo parecia falar —
A voz divina para mim.

Em êxtase, toda a minha alma ficou em silêncio,
Em transe, encantado pela felicidade.

Um flash iluminou toda minha alma;
O coração do meu coração se abriu.
Ó alegria, ó felicidade, o que encontro!
Meu amor, meu amor, você está aqui,
E você está aqui, meu amor, meu tudo!
E eu estava te procurando!

Desde toda a eternidade você esteve lá
Entronizado em majestade!

Daquele dia em diante, por onde eu andar,
Eu o sinto esperando
Sobre colina e vale, monte alto e vale,
Muito longe e alto.

A luz suave da lua, as estrelas tão brilhantes,
O glorioso orbe do dia,
Ele brilha neles; Sua beleza — pode —
São luzes refletidas.

A manhã majestosa, a véspera derretida,
O mar agitado e sem limites,
Na beleza da natureza, cantos de pássaros,
Eu vejo através deles — é Ele.

Quando uma terrível calamidade se apodera de mim,
O coração parece fraco e fraco,
Toda a natureza parece me esmagar,
Com leis que nunca se dobram.

Parece que ouço você sussurrando doce
Meu amor, "estou perto", "estou perto".
Meu coração fica forte. Contigo, meu amor,
Mil mortes, sem medo.

Você fala na postura da mãe
Isso fecha os olhos do bebê;
Quando crianças inocentes riem e brincam
Eu te vejo esperando.

Quando a santa amizade aperta a mão,
Ele também está entre eles;
Ele derrama o néctar no beijo da mãe
E a doce "mamãe" do bebê.

Tu eras meu Deus com os profetas antigos;
Todos os credos vêm de Ti;
Os Vedas, a Bíblia e o Alcorão em negrito
Cante em harmonia.

"Tu és", "Tu és" a Alma das almas
Na correnteza da vida.

"Om tat Sat om." (Tat Sat significa apenas existência real. [Nota de Swamiji].) Tu és meu Deus.

Meu amor, eu sou teu, eu sou teu.

7.5.10 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

CHICAGO,

2 de outubro de 1893.

CARO ADHYAPAKJI (Prof. John Henry Wright),

Não sei o que você está pensando do meu longo silêncio. Em primeiro lugar, cheguei ao Congresso na última hora e bastante despreparado; e isso me manteve muito ocupado por algum tempo. Em segundo lugar, eu discursava quase todos os dias no Congresso e não tinha tempo para escrever; e por último e o mais importante de tudo: meu gentil amigo, devo tanto a você que teria sido um insulto à sua amizade ahetuka (altruísta) ter escrito cartas profissionais às pressas. O Congresso acabou.

Querido irmão, eu estava com tanto medo de estar diante daquela grande assembléia de excelentes oradores e pensadores de todo o mundo e falar; mas o Senhor me deu forças, e quase todos os dias eu heroicamente (?) enfrentei a plataforma e o público. Se fiz bem, Ele me deu forças para isso; se falhei miseravelmente - eu sabia disso de antemão - pois sou irremediavelmente ignorante.

Seu amigo Prof. Bradley foi muito gentil comigo e sempre me incentivou. E ah! todos aqui são tão gentis comigo, que não sou nada - que isso está além do meu poder de expressão. Glória a Ele nas alturas, em cujos olhos o pobre monge ignorante da Índia é o mesmo que os eruditos teólogos desta poderosa terra. E como o Senhor está me ajudando todos os dias da minha vida, irmão - às vezes desejo uma vida de [um] milhão de milhões de anos para servi-Lo através do trabalho, vestido com trapos e alimentado pela caridade.

Oh, como eu gostaria que você estivesse aqui para ver alguns de nossos queridos da Índia – o bondoso budista Dharmapala, o orador Mazoomdar – e perceber que naquela distante e pobre Índia há corações que batem em simpatia pelos seus. , nascido e criado neste país poderoso e grande.

Meus eternos respeitos à sua sagrada esposa; e aos seus queridos filhos meu eterno amor e bênçãos.

O coronel Higginson, um homem muito amplo, me contou que sua filha havia escrito para a filha dele sobre mim; e ele foi muito simpático comigo. Estou indo para Evanston amanhã e espero ver o Prof. Bradley lá.

Que Ele nos torne cada vez mais puros e santos para que possamos viver uma vida espiritual perfeita antes mesmo de nos livrarmos deste corpo

terreno.

VIVEKANANDA.

[A carta continua em uma folha separada:]

Agora vou me reconciliar com minha vida aqui. Durante toda a minha vida considereirei todas as circunstâncias como provenientes Dele e me adaptei a elas com calma. No início, na América, eu estava quase fora de controle. Eu estava com medo de ter que desistir da maneira habitual de ser guiado pelo Senhor e cuidar de mim mesmo - e que horrível travessura e ingratidão foi isso. Agora vejo claramente que Aquele que me guiava nos cumes nevados do Himalaia e nas planícies escaldantes da Índia está aqui para me ajudar e me guiar. Glória a Ele nas alturas. Então, cáí calmamente nos meus velhos hábitos. Alguém me dá abrigo e comida, alguém vem me pedir para falar Dele, e eu sei que Ele os envia e o meu é obedecer. E então Ele está suprimindo minhas necessidades, e Sua vontade será feita!

“Aquele que descansa [em] Mim e desiste de todas as outras autoafirmações e lutas, eu carrego para ele tudo o que ele precisa” (Gitâ).

Assim é na Ásia. Então, na Europa. Então, na América. Assim, nos desertos da Índia. Assim, na correria dos negócios na América. Pois Ele também não está aqui? E se Ele não o fizer, eu apenas assumiria como certo que Ele deseja que eu deixe de lado este corpo de barro de três minutos – e espero deitá-lo de bom grado.

Podemos ou não nos encontrar, irmão. Ele sabe. Você é ótimo, erudito e santo. Não me atrevo a pregar para você ou sua esposa; mas para seus filhos cito estas passagens dos Vedas –

"Os quatro Vedas, as ciências, as línguas, a filosofia e todos os outros aprendizados são apenas ornamentais. O verdadeiro aprendizado, o verdadeiro conhecimento é aquele que nos permite alcançar Aquele que é imutável em Seu amor."

“Quão real, quão tangível, quão visível é Aquele através de quem a pele toca, os olhos vêem e o mundo adquire a sua realidade!”

"Ouvindo-o, nada resta a ser ouvido,

Ao vê-lo, nada resta para ser visto,

Atingindo-O, nada resta a ser alcançado."

"Ele é o olho dos nossos olhos, o ouvido dos nossos ouvidos, a Alma das nossas almas."

Ele está mais próximo de vocês, meus queridos, do que até mesmo seu pai e sua mãe. Você é inocente e puro como flores. Permaneça assim e Ele se revelará a você. Querido Austin, quando você está brincando, há outro companheiro brincando com você que o ama mais do que qualquer outra pessoa; e Oh, ele é tão divertido. Ele está sempre brincando - às vezes com grandes bolas que chamamos de sol e terra, às vezes com crianças pequenas como você rindo e brincando com você. Como seria engraçado vê-Lo e brincar com Ele! Meu querido, pense nisso.

Caro Adhyapakji, estou me mudando agora mesmo. Só quando venho para Chicago, sempre vou ver o Sr. e a Sra. Lyons, um dos casais mais nobres que já vi aqui. Se você tiver a gentileza de me escrever, por favor, envie-o aos cuidados do Sr. John B. Lyon, 262 Michigan Ave., Chicago.

“Aquele que se apodera do Um neste mundo de muitos – a única existência constante num mundo de sombras fugazes – a única vida num mundo de morte – ele sozinho atravessa este mar de miséria e luta. (Vedas).

“Aquele que é o Brahman dos Vedântins, Ishvara dos Naiyâyikas, Purusha dos Sâmkhyas, causa dos Mimâmsakas, lei dos budistas, zero absoluto dos ateus, e amor infinito para aqueles que amam, que [Ele] nos leve todos sob Sua proteção misericordiosa": Udayanachârya — um grande filósofo da escola Nyâya ou Dualística. E esta é a Bênção pronunciada logo no início do seu maravilhoso livro Kusumânjali (Um punhado de flores), no qual ele tenta estabelecer a existência de um criador pessoal e governante moral do amor infinito, independentemente da revelação.

Seu sempre grato amigo,

VIVEKANANDA.

7.5.11 SRA. MADEIRAS TANNATT

CHICAGO,

10 de outubro de 1893.

PREZADA SENHORA. MADEIRAS DE TANNATT,

Recebi sua carta ontem. Neste momento estou dando uma palestra sobre Chicago – e estou fazendo muito bem o que penso; custa entre 30 e 80 dólares por palestra, e agora mesmo fui tão bem anunciado em Chicago, gratuitamente, pelo Parlamento das Religiões, que não é aconselhável desistir deste campo agora. Com o que tenho certeza que você concordará. No entanto, posso voltar em breve para Boston, mas não posso dizer quando. Ontem voltei do Streator onde ganhei 87 dólares por uma palestra. Tenho compromissos todos os dias desta semana. E espero que mais venham até o final da semana. Meus cumprimentos ao Sr. Woods e cumprimentos a todos os nossos amigos.

Sinceramente,

VIVEKANANDA.

7.5.12 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

C/O J. LYON,

AVENIDA MICHIGAN 262, CHICAGO,

26 de outubro de 1893.

CARO ADHYAPAKJI (Prof. John Henry Wright),

Você ficaria feliz em saber que estou indo bem aqui e que quase todo mundo tem sido muito gentil comigo, exceto, é claro, os muito ortodoxos.

Muitos dos homens reunidos aqui, vindos de terras distantes, têm projetos, ideias e missões a realizar, e a América é o único lugar onde há uma chance de sucesso para tudo. Mas pensei melhor e desisti totalmente de falar do meu projeto - porque agora tenho certeza - o pagão atrai mais do que o seu projeto. Então, quero trabalhar seriamente no meu próprio projeto, apenas mantendo o projeto em segundo plano e trabalhando como qualquer outro palestrante.

Aquele que me trouxe até aqui e ainda não me deixou, não me deixará nunca que eu estiver aqui. Você ficará feliz em saber que estou indo bem e espero me sair muito bem no que diz respeito à obtenção de dinheiro. É claro que sou muito inexperiente no ramo, mas logo aprenderei meu ofício. Sou muito popular em Chicago. Então quero ficar aqui mais um pouco e ganhar dinheiro.

Amanhã vou dar uma palestra sobre o budismo no clube quinzenal de mulheres – que é o mais influente desta cidade. Como agradecer meu gentil amigo ou Aquele que trouxe você para mim; por enquanto acho provável o sucesso do meu projeto, e foi você quem o tornou assim.

Que bênçãos e felicidade acompanhem cada etapa do seu progresso neste mundo.

Meu amor e bênçãos para seus filhos.

Atenciosamente, sempre,

VIVEKANANDA.

7.5.13 SRA. MADEIRAS

AVENIDA DEARBORN 541, CHICAGO,

19 de novembro de 1893.

PREZADA SENHORA. MADEIRAS,

Desculpe minha demora em responder sua carta. Não sei quando poderei ver você novamente. Vou começar amanhã para Madison e Minneapolis.

O cavalheiro inglês de quem você fala é o Dr. Momerie, de Londres. Ele é um trabalhador conhecido entre os pobres de Londres e é um homem muito gentil. Talvez você não saiba que a igreja inglesa foi a única denominação religiosa no mundo que não nos enviou um representante, e o Dr. Momerie veio ao Parlamento apesar da denúncia do Arcebispo de Canterbury sobre o Parlamento das Religiões.

Meu amor por você, meu gentil amigo, e por seu nobre filho, é o mesmo, quer eu escreva com frequência ou não.

Você pode entregar meus livros e a capa aos cuidados do Sr. Hale? Estou precisando deles. O expresso será pago aqui.

As bênçãos do Senhor sobre você e os seus.

Sempre seu amigo,

VIVEKANANDA.

PS. Se você tiver a oportunidade de escrever para a senhorita Sanborn e outros amigos nossos no leste, por favor, transmita-lhes meus mais profundos respeitos.

Sinceramente,

VIVEKANANDA.

7.5.14 SENHORITA HARRIET MCKINDLEY

DETROIT,

17 de março de 1894.

QUERIDA IRMÃ (Senhorita Harriet McKindley de Chicago.),

Recebi seu pacote ontem. Desculpe por você ter enviado aquelas meias - eu mesmo poderia ter comprado algumas aqui. Que bom que isso mostra seu amor. Afinal, a mochila tornou-se mais do que uma salsicha bem recheada. Não sei como levar isso adiante.

Voltei hoje para a casa da Sra. Bagley porque ela lamentou que eu tivesse ficado tanto tempo com o Sr. Palmer. É claro que na casa de Palmer houve verdadeiros “bons momentos”. Ele é um sujeito muito jovial e sincero, e gosta um pouco demais de “divertir-se” e de seu “uísque quente”. Mas ele é inocente e infantil em sua simplicidade.

Ele lamentou muito que eu tivesse ido embora, mas não pude ajudar. Aqui está uma linda jovem. Eu a vi duas vezes, não lembro o nome dela. Tão inteligente, tão lindo, tão espiritual, tão sobrenatural! Senhor a abençoe! Ela veio esta manhã com a Sra. McDuvell e falou tão lindamente, profundamente e espiritualmente – que fiquei bastante surpreso. Ela sabe tudo sobre os Yogis e está muito avançada na prática!!

“Teus caminhos estão além de qualquer pesquisa.” Senhor a abençoe – tão inocente, santa e pura! Esta é a maior recompensa em minha vida terrivelmente cansativa e miserável: encontrar rostos santos e felizes como você de vez em quando. A grande oração budista é: “Eu me curvo diante de todos os homens santos da terra”. Sinto o verdadeiro significado desta oração sempre que vejo um rosto no qual o dedo do Senhor escreveu com letras inconfundíveis “meu”. Que todos vocês sejam felizes, abençoados, bons e puros como são para todo o sempre. Que seus pés nunca toquem a lama e a sujeira deste mundo terrível. Que você viva e morra como flores ao nascer - é a oração constante de seu irmão.

VIVEKANANDA.

7.5.15 REV. R. A. HUME

DETROIT,

29 de março de 1894.

QUERIDO IRMÃO, [107]

Sua carta acabou de chegar até mim. Estou com pressa, então desculpe alguns pontos nos quais tomaria a liberdade de corrigi-lo.

Em primeiro lugar, não tenho uma palavra a dizer contra qualquer religião ou fundador de religião no mundo – seja o que for que vocês pensem da nossa religião. Todas as religiões são sagradas para mim. Em segundo lugar, é uma afirmação errada eu ter dito que os missionários não aprendem o nosso vernáculo. Ainda mantenho minha afirmação de que poucos deles, se é que algum, prestam alguma atenção ao sânscrito; nem é verdade que eu tenha dito algo contra qualquer entidade religiosa - exceto que insisto na minha afirmação de que a Índia nunca poderá ser convertida ao cristianismo, e ainda nego que as condições das classes mais baixas sejam melhoradas pelo cristianismo, e acrescento que a maioria dos cristãos do sul da Índia não são apenas católicos, mas também o que eles se autodenominam, cristãos de casta, isto é, mantêm-se próximos das suas castas, e estou plenamente convencido de que se a sociedade hindu desistir da sua política exclusiva, noventa por cento deles voltariam correndo ao hinduísmo com todos os seus defeitos.

Por fim, agradeço do fundo do coração por me chamar de seu compatriota. Esta é a primeira vez que um estrangeiro europeu, embora nascido na Índia, ousa chamar um nativo detestado por esse nome - missionário ou não missionário. Você se atreveria a me chamar da mesma forma na Índia? Peça aos seus missionários, nascidos na Índia, que façam o mesmo - e aos que não nasceram, que os tratem como seres humanos. Quanto ao resto, você mesmo me chamaria de tolo se eu admitisse que minha religião ou sociedade se submete ao julgamento de viajantes do mundo ou de narrativas de escritores de histórias.

Meu irmão - desculpe-me - o que você sabe da minha sociedade ou religião, embora tenha nascido na Índia? É absolutamente impossível — a sociedade está tão fechada; e acima de tudo, cada um julga com base em seu padrão preconcebido de raça e religião, não é? Deus te abençoe por me chamar de compatriota. Ainda pode surgir um amor fraterno e companheirismo entre o Oriente e o Ocidente.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

7.5.16 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

NOVA IORQUE,
25 de abril de 1894.

CARO PROFESSOR (Prof. John Henry Wright),

Estou muito grato pelo seu convite. E virá no dia 7 de maio. Quanto à cama – meu amigo, seu amor e coração nobre podem converter a pedra em penugem.

Lamento não ir ao café da manhã dos autores em Salem.

Estou voltando para casa no dia 7 de maio.

Sinceramente,
VIVEKANANDA.

7.5.17 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY

NOVA IORQUE,
26 de abril de 1894.

QUERIDA IRMÃ (Senhorita Isabelle McKindley.),

Sua carta chegou até mim ontem. Você estava perfeitamente certo - eu gostei da diversão do lunático Interior (Chicago Interior, um jornal presbiteriano que se opôs a Swamiji. - Ed.), mas a correspondência que você enviou ontem da Índia foi realmente, como a Mãe Igreja diz em sua carta, uma boa carta. notícias após um longo intervalo. Há uma linda carta de Dewanji. O velho — que Deus o abençoe — oferece-se, como sempre,

para me ajudar. Depois houve um pequeno panfleto publicado em Calcutá sobre mim – revelando que, pelo menos uma vez na minha vida, o profeta foi homenageado no seu próprio país. Há trechos de jornais e revistas americanos e indianos sobre mim. Os trechos impressos nos jornais de Calcutá foram especialmente gratificantes, embora o esforço seja tão intenso que me recuso a enviar o panfleto para você. Chamam-me de ilustre, maravilhoso e todo tipo de bobagem, mas me transmitem a gratidão de toda a nação. Agora eu não me importo com o que até mesmo os do meu próprio povo dizem sobre mim - exceto por uma coisa. Eu tenho uma mãe idosa. Ela sofreu muito durante toda a sua vida e, apesar de tudo o que pôde suportar, entregou-me ao serviço de Deus e do homem; mas ter desistido do mais querido dos seus filhos – a sua esperança – para viver uma vida bestialmente imoral num país distante, como Mazoomdar estava a dizer em Calcutá, tê-la-ia simplesmente matado. Mas o Senhor é grande, ninguém pode ferir Seus filhos.

O gato saiu do saco - sem que eu procurasse. E quem você acha que é o editor de um dos nossos principais jornais que tanto me elogia e agradece a Deus por ter vindo para a América para representar o Hinduísmo? Primo do Mazoomdar!! — Pobre Mazoomdar — ele prejudicou sua causa ao contar mentiras por ciúme. Deus sabe que nunca tentei qualquer defesa.

Li o artigo do Sr. Gandhi no Fórum antes disso.

Se você recebeu a Review of Reviews do mês passado - leia para a mãe o testemunho sobre os hindus em conexão com a questão do ópio na Índia, feito por um dos mais altos funcionários ingleses na Índia. Ele compara os ingleses aos hindus e elogia os hindus até os céus. Sir Lepel Griffin foi um dos maiores inimigos da nossa raça. O que causou essa mudança de frente?

Eu me diverti muito em Boston, na casa da Sra. Breed – e vi o Prof. Wright. Estou indo para Boston novamente. O alfaiate está fazendo meu vestido novo. Vou dar uma palestra na Universidade de Cambridge [Harvard] e serei convidado do Prof. Wright lá. Eles me dão boas-vindas nos jornais de Boston.

Estou cansado de toda essa bobagem. No final de maio voltarei a Chicago e, depois de alguns dias de estadia, voltarei ao Leste novamente.

Falei ontem à noite no hotel Waldorf. A Sra. Smith vendeu ingressos a US\$ 2 cada. Eu tinha um salão cheio que por sinal era pequeno. Ainda não vi nada do dinheiro. Espero ver no decorrer do dia.

Ganhei cem dólares em Lynn, que não mando porque tenho que fazer meu vestido novo e outras bobagens.

Não espere ganhar dinheiro em Boston. Ainda assim, devo tocar o cérebro da América e agitá-lo, se puder.

Seu amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

7.5.18 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY

NOVA IORQUE,

2 [na verdade, 1º] de maio de 1894 .

QUERIDA IRMÃ (Senhorita Isabelle McKindley.),

Receio não poder enviar-lhe o panfleto agora. Mas ontem recebi um recorte de jornal da Índia que enviei para você. Depois de lê-lo, por favor, envie-o para a Sra. Bagley. O editor deste artigo é parente do Sr. Mazoomdar. Agora sinto muito pelo pobre Mazoomdar!! (As duas últimas frases foram escritas transversalmente na margem esquerda.)

Não consegui encontrar aqui a cor laranja exata do meu casaco, então fui obrigado a me satisfazer com a segunda melhor opção - um vermelho cardinal com mais amarelo.

O casaco ficará pronto em alguns dias.

Ganhei cerca de US\$ 70 outro dia dando uma palestra no Waldorf. E espero conseguir mais na palestra de amanhã.

De 7 a 19 há compromissos em Boston, mas pagam muito pouco.

Ontem comprei um cachimbo por US\$ 13 – espuma do mar, não conte isso ao padre Pope. O casaco custará US\$ 30. Estou bem conseguindo comida. . . e dinheiro suficiente. Espero muito em breve colocar algo no banco após a próxima palestra.

. . . à noite vou falar num jantar vegetariano! Bem, eu sou vegetariano. . . , porque prefiro quando posso conseguir. Tenho outro convite para almoçar com Lyman Abbott depois de amanhã. Afinal, estou me divertindo muito e espero passar momentos muito bons em Boston – só que aquela palestra desagradável – nojenta. Mas assim que o dia 19 terminar – um salto de Boston. . . para Chicago. . . e então respirarei fundo e descansarei, descansarei por duas três semanas. Vou simplesmente sentar e conversar – conversar e fumar.

A propósito, o pessoal de Nova York é muito bom – só que tem mais dinheiro do que inteligência.

Vou falar aos estudantes da Universidade de Harvard. Três palestras em Boston, três em Harvard — todas organizadas pela Sra. Breed. Eles estão organizando algo aqui também, para que eu, a caminho de Chicago, volte a Nova York - dê-lhes algumas batidas fortes, embolse o dinheiro e voe para Chicago.

Se você quiser algo de Nova York ou Boston que não possa ser obtido em Chicago – escreva com precisão. Tenho muitos dólares agora. Enviarei o que você quiser em um minuto. De qualquer forma, não pense que seria indelicado – não há nenhuma farsa sobre mim. Se sou irmão, então sou. Odeio apenas uma coisa no mundo: hipocrisia.

Seu carinhoso irmão,

VIVEKANANDA.

7.5.19 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

NOVA IORQUE,

4 de maio de 1894.

CARO ADHYAPAKJI (Prof. John Henry Wright),

Recebi sua gentil nota agora há pouco. E não é necessário que eu diga que ficarei muito feliz em fazer o que você diz.

Também recebi a carta do Coronel Higginson. Eu responderei a ele.

Estarei em Boston no domingo [6 de maio]. Na segunda-feira dou palestra no Clube Feminino da Sra. Howe.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

7.5.20 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

RUA BEACON 17, BOSTON,

Maio de 1894.

CARO ADHYAPAKJI (Prof. John Henry Wright),

A essa altura você já recebeu o panfleto e as cartas. Se quiser, eu lhe enviaria de Chicago algumas cartas de príncipes e ministros indianos - um desses ministros era um dos comissários da antiga comissão do ópio que estava subordinada à Comissão Real na Índia. Se quiser, pedirei que escrevam para você para convencê-lo de que não sou um trapaceiro. Mas, meu irmão, nosso ideal de vida é esconder, suprimir e negar.

Devemos desistir e não aceitar. Se eu não tivesse a “moda” na minha cabeça, nunca teria vindo para cá. E foi com a esperança de que isso ajudaria a minha causa que me juntei ao Parlamento das Religiões - tendo sempre recusado quando o nosso povo quis enviar-me para isso. Eu vim dizendo a eles - "que posso ou não participar daquela assembleia - e vocês podem me mandar se quiserem". Eles me enviaram, deixando-me bastante livre.

Você fez o resto.

Estou moralmente obrigado a proporcionar-lhe todas as satisfações, meu gentil amigo; mas para o resto do mundo não me importa o que digam – o Sannyasin não deve ter autodefesa. Então eu imploro que você não publique ou mostre a ninguém nada daquele panfleto ou das cartas. Não me importo com as tentativas do velho missionário; mas a febre do ciúme que atacou Mazoomdar me causou um choque terrível, e rezo para que ele saiba disso - pois ele é um grande e bom homem que tentou durante toda a sua vida fazer o bem. Mas isso prova uma das palavras do meu Mestre: “Viver num quarto coberto de fuligem preta – por mais cuidadoso que você seja – algumas manchas devem aderir às suas roupas”. Assim, por mais que alguém tente ser bom e santo, enquanto estiver no mundo, alguma parte de sua natureza deverá gravitar para baixo.

O caminho para Deus é o oposto daquele do mundo. E a poucos, muito poucos, é dado ter Deus e Mamom ao mesmo tempo.

Nunca fui missionário, nem jamais seria – meu lugar é no Himalaia. Estou tão satisfeito que posso dizer com plena consciência: “Meu Deus, vi uma miséria terrível entre meus irmãos; procurei e descobri uma saída para isso, tentei o meu melhor para aplicar o remédio, mas falhei. será feito.”

Que suas bênçãos estejam com você e os seus para todo o sempre.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

541 DEARBORN AV., CHICAGO

Vou para Chicago amanhã ou depois.

Seu

V.

7.5.21 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

Avenida DEARBORN, 541,

CHICAGO,

24 de maio de 1894.

CARO ADHYAPAKJI (Prof. John Henry Wright),

Com isso, encaminho a vocês uma carta de um de nossos príncipes governantes de Rajputana, Sua Alteza o Maharaja de Khetri, e outra do comissário do ópio, falecido ministro de Junagad, um dos maiores estados da Índia, e um homem que é chamado de Gladstone da Índia. Espero que isso o convença de que não sou uma fraude.

Uma coisa que esqueci de te contar. De qualquer forma, nunca me identifiquei com o chefe do partido do Sr. Mazoomdar. (Evidentemente, Keshab Chandra Sen.) Se ele diz isso, não fala a verdade.

Espero que, após sua leitura, você gentilmente me envie as cartas, exceto o panfleto, que não me interessa.

Estou obrigado, meu querido amigo, a lhe dar toda a satisfação de ser um sannyasin genuíno, mas somente a você. Não me importo com o que a turba diz ou pensa sobre mim.

"Alguns chamariam você de santo, alguns de chandala; alguns de lunático, outros de demônio. Vá então direto para o seu trabalho sem prestar atenção a nenhum dos dois" - assim diz um de nossos grandes Sannyasins, um antigo imperador da Índia, o rei Bhartrihari, que juntou-se à ordem nos velhos tempos.

Que o Senhor te abençoe para todo o sempre. Meu amor a todos os seus filhos e meus respeitos à sua nobre esposa.

Eu permaneço sempre seu amigo,

VIVEKANANDA.

PS. — Tive ligação com o partido do pundit Shiva Nath Shastri — mas apenas em questões de reforma social. Mazoomdar e Chandra Sen - sempre considerei pouco sincero e não tenho motivos para mudar de opinião até agora. É claro que em questões religiosas, mesmo com meu amigo Punditji, eu divergia muito, sendo o principal, eu pensando em Sannyasa ou (desistindo do mundo) o ideal mais elevado, e ele, um pecado. Portanto, os Brahma Samajistas consideram ser um pecado tornar-se monge!!

Seu,

V.

O Brahma Samaj, como a Ciência Cristã em seu país, difundiu-se em Calcutá por um certo tempo e depois desapareceu. Não estou arrependido, nem feliz por ele ter morrido. Fez o seu trabalho – ou seja, a reforma social. A sua religião não valia um centavo e por isso deveria desaparecer. Se Mazoomdar pensa que fui uma das causas de sua morte, ele está errado. Sou até agora um grande simpatizante das suas reformas; mas a religião “booby” não conseguiu resistir ao velho “Vedanta”. O que devo fazer? Isso é minha culpa? Mazoomdar tornou-se infantil na velhice e adota táticas nada melhores do que alguns de seus missionários cristãos. Senhor o abençoe e mostre-lhe caminhos melhores.

Seu,

VIVEKANANDA.

Quando você vai para Annisquam? Meu amor por Austin e Bime. Meus respeitos à sua esposa; e por você meu amor e gratidão são profundos demais para serem expressos.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

7.5.22 PROF. JOÃO HENRY WRIGHT

AVENIDA DEARBORN 541,

18 de junho de 1894.

CARO ADHYAPAKJI (Prof. John Henry Wright),

Desculpe a demora no envio das outras cartas; Não consegui encontrá-los antes. Estou indo para Nova York em uma semana.

Não sei se irei para Annisquam ou não. As cartas não precisam ser enviadas para mim até que eu lhe escreva novamente. A Sra. Bagley parece estar perturbada com aquele artigo no jornal de Boston contra mim. [108] Ela me enviou uma cópia de Detroit e encerrou a correspondência comigo. Senhor a abençoe. Ela tem sido muito gentil comigo.

Corações fortes como o seu não são comuns, meu irmão. Este é um lugar estranho – este nosso mundo. No geral, sou muito grato ao Senhor pela quantidade de gentileza que recebi das mãos do povo deste país - eu, um completo estranho aqui, sem sequer "credenciais". Tudo funciona para melhor.

Atenciosamente, em gratidão,

VIVEKANANDA.

PS. Os selos da Índia Oriental são para os seus filhos, se quiserem.

7.5.23 MANMATHA NATH BHATTACHARYA

(Traduzido do bengali)

EUA

5 de setembro de 1894.

QUERIDO SENHOR. BHATTACHARYA (Sr. Manmatha Nath
Bhattacharya),

Fiquei muito satisfeito ao ler sua carta afetuosa. Farei perguntas sobre a máquina de tecer assim que puder e avisarei você. Agora estou descansando em Annisquam, uma vila costeira; em breve irei à cidade e cuidarei do assunto da máquina. Esses lugares à beira-mar ficam lotados durante o verão; algumas vêm para se banhar no mar, outras para descansar e outras para pegar maridos.

Há um forte senso de decoro neste país.

É preciso manter-se sempre coberto do pescoço aos pés na presença de mulheres. Não se pode sequer mencionar as funções normais do corpo: ninguém sabe quando alguém vai ao banheiro – é preciso viver com tanta cautela. Neste país, você pode assoar o nariz mil vezes no lenço – não há mal nenhum nisso; mas é altamente incivilizado arrotar. As mulheres às vezes não têm vergonha de expor o corpo acima da cintura – você já deve ter visto o tipo de vestido decotado que elas usam – mas dizem que andar descalça é tão ruim quanto ficar nua. Assim como sempre nos preocupamos com a alma, eles cuidam do corpo, e não há fim para limpá-lo e embelezá-lo. Quem não consegue fazer isso não tem lugar na sociedade.

Nosso método de cozinhar com combustível de esterco de vaca e comer no chão eles consideram comer como porcos: dizem que os hindus não têm nojo e que, como os porcos, comem esterco de vaca. A palavra "esterco de vaca" é tabu em inglês. Por outro lado, muitas pessoas bebem água no mesmo copo sem pensar em lavá-lo e raramente observam a regra de que as coisas devem ser lavadas antes de cozinhar. Mas se a roupa da cozinheira estiver um pouco suja, eles a jogarão fora. A louça é toda impecável. São as pessoas mais ricas do planeta; seus prazeres e luxos são indescritíveis.

Em Rajputana eles imitam os maometanos no seu modo de jantar, o que é, no geral, bom. Eles se sentam em um assento baixo e colocam o prato de arroz em uma mesa baixa. Isto é muito melhor do que espalhar uma folha de bananeira no chão de terra coberto de esterco de vaca e sujeira. E que desastroso se a folha se rasgar! Os hindus não sabiam muito sobre roupas ou comida. Além disso, qualquer que fosse a civilização hindu, existia no Punjab e nas províncias do noroeste. . . .

Nossas mulheres perdem a casta se calçarem sapatos, mas as mulheres Rajput perdem a casta se não calçarem! Diz Manu: “É preciso sempre usar sapatos”. Não há como negar que as pessoas deveriam ter um padrão de vida suficientemente decente. Eu digo que eles devem ser arrumados e limpos, embora não sejam luxuosos. . . . Eu digo, por que temos que ser ingleses? Por enquanto é suficiente imitarmos os nossos irmãos das províncias ocidentais. Se grupo após grupo de indianos viajarem por todo o mundo e voltarem durante alguns anos, a face da Índia mudará dentro de vinte anos só por isso; nada mais precisa ser feito. Mas como acontecerá alguma coisa se as pessoas de uma aldeia não visitarem a próxima? No entanto, tudo acontecerá aos poucos. Pouco a pouco, os teimosos rapazes bengalis despertarão o país. Mas Manmatha Babu, você terá que parar com esse negócio vergonhoso de casar meninas de nove anos. Essa é a raiz de todos os pecados. É um pecado muito grande, meu rapaz. Considere ainda que coisa terrível foi que, quando o governo quis aprovar uma lei proibindo o casamento precoce, nosso povo inútil deu um tremendo grito! Se não pararmos com isso, o governo intervirá naturalmente, e é exactamente isso que quer fazer. Todo o mundo clama por nós. Vocês permanecem trancados em suas casas, mas as pessoas de fora cospem em vocês. Até onde posso brigar com eles? Que horror – até mesmo um pai e uma mãe permitem que sua filha de dez anos seja dada em casamento a um marido gordo e adulto! Ó Senhor, existe algum castigo a menos que tenha havido um pecado? É tudo fruto do Karma. Se a nossa nação não fosse uma nação terrivelmente pecaminosa, então por que deveria ter sido chutada e espancada durante setecentos anos?

Ora, assim como no nosso país os pais sofrem muito para casar a filha, aqui da mesma forma que as meninas sofrem – os pais só um pouco – é função das meninas conquistar maridos. Agora estou intimamente associado a eles em todos os seus assuntos; Sou, por assim dizer, uma mulher entre mulheres. Portanto, eu vi e estou vendo todas as suas brincadeiras. Oferecer jantares, dançar, ir a festas musicais, ir a bares – tudo isso está bem. Mas o tempo todo as jovens planejam consigo mesmas como capturar maridos. Eles andam perto dos meninos. Os meninos, por outro lado, são tão cautelosos que, embora se misturem com as meninas e flertem com elas o tempo todo, na hora de se renderem eles fogem. Os meninos colocam as meninas acima de si; eles mostram-lhes respeito e escravidão por eles; mas

no momento em que as meninas estendem as mãos para pegá-los, elas fogem do seu alcance. Depois de muitos esforços desse tipo, uma menina consegue capturar um menino. Se a menina tem dinheiro, então muitos meninos dançam para atendê-la, mas os pobres têm grandes dificuldades. Se uma moça pobre for extremamente bonita, ela poderá casar-se rapidamente; caso contrário, ela terá que esperar a vida toda. Tal como no nosso país, também aqui um casamento em mil ocorre através do amor e do namoro; o resto é baseado em dinheiro. Depois disso, brigue e então, 'Saia!' - divórcio. Nós não temos isso; a única saída é se enforcar. É o mesmo em todos os países. Só que aqui as meninas resolvem o problema com as próprias mãos; e em nosso país contamos com a ajuda dos pais para dar uma aparência digna à vida de casados. O resultado é o mesmo em ambos os casos.

Hoje em dia, porém, as meninas americanas não querem se casar. Durante a Guerra Civil, um grande número de homens foi morto e as mulheres começaram a fazer todo tipo de trabalho. Desde então, não quiseram abrir mão dos direitos que adquiriram. Eles ganham o seu próprio sustento e, portanto, dizem: "Não adianta casar. Se realmente nos apaixonarmos, então nos casaremos; caso contrário, ganharemos e cobriremos nossas próprias despesas". Mesmo que o pai seja milionário, o filho tem que ganhar o suficiente antes de se casar. Não se pode casar dependendo de uma mesada do pai. As meninas também querem a mesma coisa agora. Quando um filho se casa, ele se torna um estranho para sua própria família, mas quando uma menina se casa, ela traz o marido, por assim dizer, para a casa dos pais. Os homens visitam os pais das suas esposas dez vezes, mas raramente vão aos seus próprios pais. No entanto, eles têm muito medo de ter as sogras no pescoço.

Neste país existem rios de riqueza e ondas de beleza, e uma abundância de conhecimento por toda parte. O país está muito saudável; eles sabem como aproveitar esta terra. . . . Quando os príncipes da Europa ficam pobres, eles vêm casar-se aqui. O americano médio não gosta disso; mas algumas mulheres ricas e bonitas caem nos títulos. No entanto, é muito difícil para as mulheres americanas viver na Europa. Os maridos deste país são escravos das suas esposas; mas as esposas europeias são escravas dos seus maridos – disto as mulheres americanas não gostam. Em tudo, os homens aqui têm

que dizer: 'Sim, querido'; caso contrário, as esposas perderão prestígio diante das pessoas.

As mulheres na América são muito sentimentais e têm mania de romance. Sou, no entanto, um tipo estranho de animal que não tem nenhum sentimento romântico e, portanto, eles não conseguem sustentar tal sentimento por mim e demonstram-me grande respeito. Faço todos me chamarem de “pai” ou “irmão”. Não permito que se aproximem de mim com qualquer outro sentimento, e aos poucos tudo foi se endireitando. . . .

Os ministros deste país. . . estão ansiosos para lançar os pecadores no inferno. Alguns deles são muito bons, no entanto. . . . Tenho uma grande reputação entre as mulheres deste país. Ainda não vi uma única moça incasta entre os solteiros. É uma viúva ou uma mulher casada que se torna impura. As moças solteiras são extremamente boas, porque o seu futuro é brilhante. . . .

Aquelas mulheres ocidentais emaciadas, parecendo frutas velhas e secas, que você vê na Índia, são inglesas, e os ingleses são uma raça feia entre os europeus. Na América, as melhores linhagens sanguíneas da Europa foram misturadas e, portanto, as mulheres americanas são muito bonitas. E como cuidam de sua beleza! Uma mulher pode manter sua beleza se der à luz filhos? . . . a cada hora a partir do décimo ano? Maldita bobagem! Que pecado terrível! Até a mulher mais bonita do nosso país vai parecer uma coruja negra aqui. No entanto, deve-se admitir que as mulheres do Punjab têm feições muito bem desenhadas. Muitas das mulheres americanas são muito bem educadas e envergonham muitos professores instruídos; nem se importam com a opinião de ninguém. E quanto às suas virtudes: que bondade, que nobre pensamento e ação! Imagine só, se um homem deste país visitasse a Índia, ninguém sequer lhe tocaria; no entanto, aqui posso fazer o que quiser nas casas das melhores famílias – como se fosse seu próprio filho! Sou como uma criança; suas mulheres fazem compras para mim, fazem tarefas para mim. Por exemplo: acabei de escrever para uma garota pedindo informações sobre a máquina, que ela irá reunir com cuidado e me enviar. Novamente, um fonógrafo foi enviado ao Maharaj de Khetri: as meninas administraram tudo muito bem. Senhor! Senhor! É a diferença entre o céu e o inferno! “Elas são a deusa Lakshmi em beleza e a

deusa Saraswati em talentos e realizações.” Isto não pode ser alcançado através do estudo de livros. Eu digo, você pode enviar alguns homens e mulheres para conhecer o mundo? Só então o país acordará – não através da leitura de livros. Os homens aqui são muito espertos em ganhar riqueza. Onde outros não veem nem poeira, ali vêem ouro. Quem sair da Índia e visitar outro país ganhará grande mérito.

Manter-se afastado da comunidade das nações é a única causa da queda da Índia. Desde que os ingleses chegaram, eles têm forçado vocês a voltar à comunhão com outras nações, e vocês estão visivelmente subindo novamente. Todo mundo que sai do país traz um benefício para toda a nação; pois é apenas fazendo isso que seu horizonte se expandirá. E como as mulheres não podem aproveitar esta vantagem, quase não fizeram progressos na Índia. Não há estação de descanso; ou você progride para cima ou volta e morre. O único sinal de vida é ir para fora, avançar e expandir. Contração é morte. Por que você deveria fazer o bem aos outros? Porque essa é a única condição de vida; assim você se expande além do seu pequeno eu; você vive e cresce. Toda estreiteza, toda contração, todo egoísmo é simplesmente um suicídio lento, e quando uma nação comete o erro fatal de se contrair e, assim, cortar toda expansão e vida, ela deve morrer. Da mesma forma, as mulheres devem seguir em frente ou tornar-se idiotas e ferramentas sem alma nas mãos dos seus senhores tirânicos. As crianças são o resultado da combinação do tirano e do idiota, e são escravas. E esta é toda a história da Índia moderna. Oh, quem quebraria esta horrível cristalização da morte? Senhor nos ajude! (Este parágrafo foi escrito em inglês.)

Gradualmente, tudo isso acontecerá: “Deve-se atravessar uma estrada devagar e com cautela; deve-se remendar uma colcha com cuidado e cautela; da mesma forma, deve-se ser lento e cauteloso ao atravessar uma montanha”.

Os papéis chegaram devidamente e em bom estado; não houve nenhuma dificuldade quanto a isso. O inimigo foi silenciado. Considere o seguinte: eles permitiram que eu, um jovem desconhecido, vivesse entre suas filhas adultas, e quando meu compatriota, Mazoomdar, diz que sou um trapaceiro, eles não prestam atenção! Quão nobres eles são e quão gentis! Não poderei

pagar esta dívida nem em cem vidas, sou como um filho adotivo para as mulheres americanas; eles são realmente minha mãe. Se eles não florescerem em todos os sentidos, quem o faria?

Há algum tempo, várias centenas de homens e mulheres intelectuais estavam reunidos num lugar chamado Greenacre, e eu estive lá por quase dois meses. Todos os dias eu me sentava à nossa maneira hindu debaixo de uma árvore, e meus seguidores e discípulos sentavam-se na grama ao meu redor. Todas as manhãs eu os instruía, e quão zelosos eles eram!

O país inteiro agora me conhece. Os ministros estão muito zangados; mas, naturalmente, nem todos eles. Há muitos seguidores meus entre os ministros instruídos deste país. Os ignorantes e teimosos entre eles não entendem nada, apenas criam problemas e, portanto, apenas prejudicam a si mesmos. Mas, abusando de mim, Mazoomdar perdeu três quartos da pouca popularidade que tinha neste país. Fui adotado por eles. Quando alguém abusa de mim, é condenado em todos os lugares pelas mulheres.

Não posso dizer quando voltarei à Índia, possivelmente no próximo inverno. Lá terei que vagar, e aqui também faço o mesmo.

Não há mais nada a acrescentar. Por favor, não torne esta carta pública. Você entende, tenho que ter cuidado com cada palavra que digo – agora sou um homem público. Todos estão observando, principalmente o clero.

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

7.5.24 ABHEDANANDA

(Traduzido do bengali)

EUA

(novembro?) 1894.

CARO KALI [ABHEDANANDA],

Obrigado por tudo o que aprendi com sua carta. Não tive notícias de que o telegrama em questão tenha aparecido no Tribune. Já se passaram seis meses desde que deixei Chicago e ainda não tive liberdade para voltar. Então não consegui me manter bem informado. Você realmente se esforçou muito! E por isso, como posso agradecer adequadamente? Todos vocês demonstraram uma maravilhosa capacidade de trabalho. E como as palavras de Shri Rama Krishna podem ser falsas? — Você tem um espírito maravilhoso em você. Sobre Shashi Sanyal, já escrevi. Nada permanece despercebido, pela graça de Shri Ramakrishna. Mas deixe-o fundar uma seita ou o que quiser, que mal? "शिवा वः सन्तु पन्थानः — Que bênçãos acompanhem seu caminho!" Em segundo lugar, não consegui entender o sentido da sua carta. Reunirei meus próprios fundos para construir um mosteiro para nós mesmos, e se as pessoas me criticarem por isso, não vejo nada nisso que nos afete de qualquer maneira. Você tem sua mente elevada e firme, isso não lhe fará mal. Que vocês tenham um amor excessivo entre si, e bastaria ter uma atitude de indiferença diante das críticas públicas. Kalikrishna Babu tem um profundo amor pela causa e é um grande homem. Por favor, transmita meu amor especial a ele. Enquanto não houver sentimento de desunião entre vocês, pela graça do Senhor, garanto-lhes, não há perigo para vocês, "रणे वने पर्वतमस्तके वा - seja na batalha, na floresta ou no topo das montanhas". "श्रेयांसि बहुविधानि — Todos os empreendimentos nobres estão repletos de obstáculos". É bastante da natureza das coisas. Mantenha o mais profundo equilíbrio mental. Não dê a menor atenção ao que as criaturas pueris podem estar dizendo contra você. Indiferença, indiferença, indiferença! Já escrevi detalhadamente para Shashi (Ramakrishnananda). Por favor, não envie mais jornais e folhetos. “Leve o martelo descascador para o céu e lá ele descascará”, como diz o ditado bengali. A mesma marcha aqui como foi na Índia, só que com o acréscimo do carregamento de outras cargas! Como posso conseguir clientes para os livros das pessoas nesta terra? Sou apenas um entre muitos aqui e nada mais. Seja o que for que os jornais e coisas desse tipo neste país escrevam sobre mim, faço uma oferta ao Deus do Fogo. Você também faz o mesmo. Esse é o caminho certo.

Um pouco de demonstração pública foi necessária para o trabalho de Guru Maharaja. Está feito e até agora tudo bem. Agora você não deve, de forma alguma, prestar atenção ao que a ralé pode estar tagarelando sobre nós.

Quer eu faça minha pilha ou faça qualquer outra coisa que me seja reportada, as opiniões da ralé atrapalharão Sua obra? Meu querido irmão, você ainda é um menino, enquanto eu estou ficando grisalho. Que consideração tenho pelos pronunciamentos e opiniões dessas pessoas, você deve adivinhar a partir disso. Enquanto vocês cingirem seus lombos e se unirem atrás de mim, não haverá medo, mesmo que o mundo inteiro se una contra nós. Pelo que entendi, terei que assumir uma atitude muito elevada; creio que não deveria escrever para ninguém, exceto para você. A propósito, onde está Gunanidhi? Tente descobri-lo e traga-o para o Math com toda gentileza. Ele é um homem muito sincero e muito culto. Você deve tentar o seu melhor para garantir dois lotes de terra, deixe as pessoas dizerem o que quiserem. Que alguém escreva qualquer coisa a favor ou contra mim nos jornais; você não deve prestar a menor atenção. E, meu querido irmão, peço-lhe repetidamente que não me envie mais jornais aos montes. Como você pode falar de descanso agora? Só teremos descanso por algum tempo quando abandonarmos este corpo. Apenas comece a celebração uma vez, irmão, com esse espírito, para que todo o país ao redor possa arder de entusiasmo. Bravo! Capital mesmo! Todo o bando de escarnecedores será varrido pela onda do amor. Vocês são elefantes, na verdade, o que vocês temem de uma picada de formiga?

O discurso (O discurso apresentado pelos cidadãos de Calcutá que se reuniram em uma reunião na Câmara Municipal em 5 de setembro de 1894, sob a presidência do Raja Pyari Mohan Mookherjee.) que você me enviou chegou há muito tempo e a resposta a ele também foi despachado para Pyari Babu (18 de novembro de 1894).

Lembre-se: os olhos são dois e os ouvidos também, mas a boca é apenas uma! Indiferença, indiferença, indiferença! “न हि कल्याणकृत्कश्चिद्दुर्गतिं तात गच्छति — Quem pratica boas ações nunca fica triste, meu querido”. Ah! Temer! e a quem vamos temer, irmão? Aqui, os missionários e os seus semelhantes uivaram até ficarem em silêncio - e o mundo inteiro fará o mesmo.

निन्दन्तु नीतिनिपुणा यदि वा स्तुवन्तु
लक्ष्मीः समाविशन्तु गच्छन्तु वा यथेष्टम्
अथैव वा मरणमस्तु शतान्तरे वा
न्याय्यास्थः प्रविचलन्ति पदं न धीराः ॥

— Sejam pessoas habilidosas em políticas elogiam ou culpam, quer a Deusa da Fortuna favoreça ou siga seu caminho, quer a morte aconteça hoje ou depois de centenas de anos — pessoas de mente firme nunca se desviam do caminho da retidão" (Bhartrihari, Nitishataka)

Você não precisa nem se misturar com as pessoas banais, nem implorar a elas. O Senhor está suprindo tudo e o fará no futuro. Que medo, meu irmão? Todos os grandes empreendimentos são alcançados através de obstáculos poderosos.

हे वीर, कुरु पौरुषमात्मनः उपेक्षितव्या जनाः सुकृपणाः कामकाञ्चनवशगाः

– Você, valente, faça seus esforços viris; pessoas miseráveis sob o domínio da luxúria e do ouro merecem ser olhadas com indiferença. Agora tenho uma base sólida neste país e, portanto, não preciso de ajuda. Mas minha única oração a todos vocês é que apliquem ao serviço do Senhor aquele impulso ativo de masculinidade que sua ânsia de me ajudar por meio do amor fraternal despertou em vocês. Não abra sua mente, a menos que sinta que isso será positivamente benéfico. Use uma linguagem agradável e saudável até mesmo com o maior inimigo. O desejo de fama, de riquezas, de prazer é bastante natural para todo mortal, querido irmão, e se isso concorda com servir em ambos os sentidos (isto é, servir a Deus e a Mamom), ora, todos os homens exibiriam grande zelo! Somente o grande santo pode trabalhar, fazendo dos outros uma montanha de um átomo de virtude e não alimentando nenhum desejo senão o do bem do mundo –

"परगुणपरमाणून् पर्वतीकृत्य, त्रिभुवनमुपकारश्चेणिभिः प्रीणयन्तः" etc., (Bhartrihari, Nitishataka, 70).

Portanto, que os idiotas, cujo intelecto está mergulhado na ignorância e que consideram o não-Eu como tudo, façam suas brincadeiras infantis. Eles próprios irão parar no momento em que acharem que está muito quente. Deixe-os tentar cuspir na lua – ela apenas recuará sobre si mesmos.

शुभं भवतु तेषाम् — Boa sorte para eles! Se eles contêm algo substancial, quem pode impedir seu sucesso? Mas se for apenas arrogância vazia devido ao ciúme, então tudo será em vão. Haramohan enviou rosários. Tudo bem. Mas você deve saber que a religião do tipo que existe em nosso país não vai aqui. Você deve adequar ao gosto do povo. Se você pedir que eles se tornem hindus, todos eles se afastarão de você e o odiarão, como fazemos com os missionários cristãos. Eles gostam de algumas ideias das escrituras hindus – isso é tudo. Nada mais do que isso, você deveria saber. Os homens, a maioria deles, não se preocupam com religião e tudo mais. As mulheres estão um pouco interessadas – só isso, mas sem grandes doses! Alguns milhares de pessoas têm fé na doutrina Advaita. Mas eles lhe darão orientação se você falar maneirismos obscuros sobre escritos sagrados, castas ou mulheres. Tudo acontece lentamente, gradualmente. Paciência, pureza, perseverança.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

7.5.25 SHIVANANDA

(Traduzido do bengali)

EUA,

1894 .

QUERIDO IRMÃO SHIVANANDA,

Sua carta acabou de chegar até mim. Talvez a essa altura você já tenha recebido minhas outras cartas e aprendido que não é mais necessário enviar nada para a América. Muito de tudo é ruim. Esta expansão jornalística deu-me, sem dúvida, popularidade, mas o seu efeito é mais na Índia do que aqui.

Aqui, por outro lado, o crescimento constante cria uma aversão nas mentes das pessoas das classes mais altas; então o suficiente. Agora tentem organizar-se na Índia nos moldes dessas reuniões. Você não precisa enviar mais nada para este país. Quanto ao dinheiro, eu decidi primeiro construir algum lugar para a Mãe (Santa Mãe, Shri Sarada Devi.), pois as mulheres precisam dele primeiro. . . . Posso enviar quase Rs. 7.000 por um lugar para a mãe. Se o lugar for garantido primeiro, não me importo com mais nada. Espero conseguir Rs. 1.600 por ano deste país, mesmo quando eu estiver fora. Essa quantia eu vou repassar para o apoio do Lugar da Mulher e depois vai crescer. Já escrevi para você para garantir um lugar. . . .

Eu teria, antes disso, voltado para a Índia, mas a Índia não tem dinheiro. Milhares de pessoas honram Ramakrishna Paramahansa, mas ninguém dará um centavo – essa é a Índia. . . . Enquanto isso, viva em harmonia a qualquer preço. O mundo pouco se importa com princípios. Eles cuidam das pessoas. Elas ouvirão com paciência as palavras de um homem de quem gostam, por mais absurdas que sejam, e não darão ouvidos a ninguém de quem não gostam. Pense nisso e modifique sua conduta de acordo. Tudo dará certo. Seja o servo se você governar. Esse é o verdadeiro segredo. Seu amor dirá mesmo que suas palavras sejam duras. Instintivamente os homens sentem o amor revestido em qualquer língua. (Estes dois parágrafos e a última metade do quarto foram escritos em inglês.)

Meu querido irmão, que Ramakrishna Paramahansa era Deus encarnado, não tenho a menor dúvida; mas então você deve deixar as pessoas descobrirem por si mesmas o que ele costumava ensinar – você não pode impor essas coisas a elas – esta é minha única objeção.

Deixe as pessoas expressarem suas próprias opiniões, por que deveríamos nos opor? Sem estudar primeiro Ramakrishna Paramahansa, nunca se poderá compreender a real importância dos Vedas, do Vedanta, do Bhagavata e dos outros Purânas. Sua vida é um holofote de poder infinito lançado sobre toda a massa do pensamento religioso indiano. Ele era o comentário vivo dos Vedas e de seu objetivo. Ele viveu numa só vida todo o ciclo da existência religiosa nacional na Índia.

Não temos certeza se Bhagavan Shri Krishna nasceu; e Avataras como Buda e Chaitanya são monótonos; Ramakrishna Paramahansa é o mais recente e o mais perfeito – a personificação concentrada do conhecimento, do amor, da renúncia, da catolicidade e do desejo de servir a humanidade. Então, onde está alguém que se compare a ele? Deve ter nascido em vão quem não consegue apreciá-lo! Minha suprema sorte é que sou seu servo vida após vida. Uma única palavra dele é para mim muito mais importante do que os Vedas e o Vedanta. तस्य दासदासदासोऽहम् — Oh, eu sou o servo dos servos de seus servos. Mas a intolerância estreita milita contra seus princípios, e isso me irrita. Em vez disso, deixe seu nome ser afogado no esquecimento, e seus ensinamentos darão frutos! Por que ele era escravo da fama? Certos pescadores e pessoas analfabetas chamavam Jesus Cristo de Deus, mas as pessoas alfabetizadas o mataram. Buda foi homenageado durante sua vida por vários comerciantes e vaqueiros. Mas Ramakrishna foi adorado durante a sua vida – no final do século XIX – pelos demónios e gigantes da universidade como Deus encarnado. . . . Apenas algumas coisas foram anotadas nos livros sobre eles (Krishna, Buda, Cristo, etc.). "É preciso ser uma governanta maravilhosa com quem nunca vivemos!" assim diz o provérbio bengali. Mas aqui está um homem em cuja companhia estivemos dia e noite e ainda o consideramos uma personalidade muito maior do que qualquer um deles. Você consegue entender esse fenômeno?

Vocês ainda não compreenderam o maravilhoso significado da vida da Mãe – nenhum de vocês. Mas gradualmente você saberá. Sem Shakti (Poder) não há regeneração para o mundo. Porque é que o nosso país é o mais fraco e o mais atrasado de todos os países? — Porque Shakti é desonrada lá. A Mãe nasceu para reviver aquela maravilhosa Shakti na Índia; e fazendo dela o núcleo, mais uma vez Gârgis e Maitreyis nascerão no mundo. Querido irmão, você entende pouco agora, mas aos poucos você saberá tudo. Portanto, é a matemática dela que eu quero primeiro. . . . Sem a graça de Shakti nada será realizado. O que encontro na América e na Europa? – a adoração de Shakti, a adoração do Poder. No entanto, eles a adoram ignorantemente através da gratificação dos sentidos. Imagine, então, quanto bem alcançarão aqueles que a adorarem com toda a pureza, num espírito Sattvika, olhando para Ela como sua mãe! Estou começando a entender as coisas com mais clareza a cada dia, meu insight está se abrindo cada vez mais. Portanto, devemos primeiro construir uma matemática para a mãe.

Primeiro a mãe e as filhas da mãe, depois o pai e os filhos do pai – você consegue entender isso? . . . Para mim, a graça da Mãe é cem mil vezes mais valiosa que a do Pai. A graça da mãe, as bênçãos da mãe são fundamentais para mim. . . . Por favor, me perdoe. Sou um pouco preconceituoso em relação à mãe. Se a Mãe ordenar, seus demônios podem fazer qualquer coisa. Irmão, antes de seguir para a América escrevi à Mãe para me abençoar. Suas bênçãos vieram e, de uma só vez, limpei o oceano. Aí, você vê. Neste inverno terrível estou dando palestras de um lugar para outro e lutando contra as adversidades, para que os fundos possam ser arrecadados para a Matemática da Mãe. A mãe de Baburam deve ter perdido o juízo devido à idade e é por isso que ela está prestes a adorar Durga na imagem de terra, ignorando a viva. (Viz. Santa Mãe Shri Sarada Devi.) Irmão, a fé é muito difícil de alcançar. Irmão, mostrarei como adorar a Durga viva e só então serei digno do meu nome. Ficarei aliviado quando você tiver comprado um terreno e estabelecido lá a Durga viva, a Mãe. Até então não retornarei à minha terra natal. Assim que você puder fazer isso, suspirarei de alívio depois de enviar o dinheiro. Você realiza este meu festival de Durga tomando todos os arranjos necessários. Girish Ghosh está adorando a Mãe esplendidamente; bem-aventurado ele e bem-aventurados os seus seguidores. Irmão, muitas vezes, quando me lembro da Mãe, eu exclamo: “Afinal, o que é Rama?” Irmão, é aí que reside o meu fanatismo, eu lhe digo. De Ramakrishna, você pode afirmar, meu irmão, que ele era uma Encarnação ou qualquer outra coisa que você queira, mas que pena daquele que não tem devoção pela Mãe. Niranjan tem uma disposição militante, mas tem uma grande devoção pela Mãe e por todos os seus caprichos que posso facilmente suportar. Ele agora está fazendo o trabalho mais maravilhoso. Estou me mantendo bem informado. E você também tem se saído excelentemente na cooperação com os Madrasis. Querido irmão, espero muito de você, você deve organizar tudo para um trabalho conjunto. Assim que você garantir a terra para mamãe, irei direto para a Índia. Deve ser uma grande trama; que haja uma casa de barro para começar, no devido tempo erguerei um prédio decente, não tenha medo.

A principal causa da malária está na água. Por que você não constrói dois ou três filtros? Se você primeiro ferver a água e depois filtrá-la, ela será inofensiva. . . . Por favor, compre dois filtros grandes à prova de bactérias da Pasteur. Deixem que o cozimento seja feito nessa água e usem-na

também para beber, e vocês nunca mais ouvirão falar de malária. . . . E assim por diante, trabalhe, trabalhe, trabalhe, isso é apenas o começo.

Sempre seu,

VIVEKANANDA.

7.5.26 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

1894 .

QUERIDO E AMADO (Swami Brahmananda.),

. . . Bem, você acha que ainda resta alguma religião na Índia! Os caminhos do conhecimento, da devoção e do Yoga - todos desapareceram, e agora resta apenas o do Não toque - "Não me toque! Não me toque!" O mundo inteiro é impuro e só eu sou puro. Brahmajnana lúcido! Bravo! Bom Deus! Hoje em dia Brahman não está nem nos recônditos do coração, nem no céu mais elevado, nem em todos os seres – agora Ele está na panela.

Anteriormente, a característica de um homem de mente nobre era "

त्रिभुवनमुपकारस्थेणिभिः प्रीणयन्तः - Agradar o universo inteiro com seus numerosos atos de serviço", mas agora é - eu sou puro e o mundo inteiro é impuro - vá e pegue dinheiro e coloque-o aos meus pés. . . . Diga ao sábio sapiente que me escreve para terminar meu trabalho de pregação aqui e voltar para casa. . . que este país é mais a minha casa. O que há no Hindustão? Quem aprecia a religião? Quem aprecia aprender?

Para voltar para casa! Onde fica a casa! Não me importo com libertação, nem com devoção, prefiro ir para cem mil infernos, "वसन्तकल्पोकहितं चरन्तः — Fazer o bem aos outros (silenciosamente) como a primavera" — esta é a minha religião. Não quero ter nenhuma ligação com homens preguiçosos, de coração duro, cruéis e egoístas. Aquele que tem boa sorte pode ajudar nesta grande causa.

. . . Por favor transmita a todos o meu amor, quero a ajuda de todos. Nem o dinheiro compensa, nem o nome, nem a fama, nem o aprendizado; é o caráter que pode romper as paredes adamantinas das dificuldades. Tenha isso em mente. . . .

Sempre seu apaixonado,

VIVEKANANDA.

7.5.27 ALASINGA

1895 .

CARO ALASINGA,

Não temos organização, nem queremos construir nenhuma. Cada um é bastante independente para ensinar, bastante livre para pregar o que quiser.

Se você tiver o espírito interior, nunca deixará de atrair outras pessoas. O método dos Teosofistas nunca poderá ser o nosso, pela simples razão de que eles são uma seita organizada, nós não.

Individualidade é meu lema. Não tenho nenhuma ambição além de treinar indivíduos. Eu sei muito pouco; esse pouco eu ensino sem reservas; onde sou ignorante, confesso-o como tal, e nunca fico tão feliz como quando encontro pessoas sendo ajudadas por teosofistas, cristãos, maometanos ou qualquer pessoa no mundo. Eu sou um Sannyasin; como tal, considero-me um servo, não um senhor do mundo. . . . Se as pessoas me amam, são bem-vindas; se me odeiam, também são bem-vindas.

Cada um terá que se salvar, cada um fará o seu trabalho. Não procuro ajuda, não rejeito nenhuma. Nem tenho qualquer direito no mundo de ser ajudado. Quem me ajudou ou irá ajudar, será misericórdia para mim, não meu direito, e como tal sou eternamente grato.

Quando me tornei um Sannyasin, dei o passo conscientemente, sabendo que este corpo teria que morrer de fome. E daí, eu sou um mendigo. Os meus

amigos são pobres, eu amo os pobres, acolho a pobreza. Fico feliz por às vezes ter que passar fome. Não peço ajuda a ninguém. Qual é a utilidade? A verdade se pregará, não morrerá por falta de minhas mãos amigas!

“Tornando a felicidade e a miséria iguais, tornando o sucesso e o fracasso iguais, continue lutando” (Gita). É esse amor eterno, a equanimidade serena em todas as circunstâncias e a perfeita liberdade do ciúme ou da animosidade que dirão. Isso dirá, nada mais.

Seu,

VIVEKANANDA.

7.5.28 DR. E. JANES

54 W. 33 NOVA IORQUE,

25 de abril de 1895.

QUERIDO IRMÃO (Para o Dr. I. Janes.),

Eu estava nas montanhas Catskill e era quase impossível receber uma carta regularmente postada de onde eu estava - então aceite minhas desculpas pela demora em lhe oferecer meus mais sinceros agradecimentos por sua carta no "Eagle".

Foi tão erudito, verdadeiro e nobre e, ao mesmo tempo, tão permeado pelo seu amor universal natural pelo bem e pela verdade em todos os lugares. É um grande trabalho trazer a este mundo um espírito de simpatia uns pelos outros, mas isso deve ser feito, sem dúvida, quando almas tão corajosas como vocês ainda se mantêm. Senhor, ajude-o sempre e sempre, meu irmão, e que você viva muito para continuar o poderoso trabalho que você e sua sociedade empreenderam.

Com minha gratidão e amor a você e aos membros da Sociedade Ética.

Eu permaneço Seu sempre verdadeiramente,

VIVEKANANDA.

7.5.29 CARO __

54 W. 33 NOVA IORQUE,

Maio de 1895.

QUERIDO __,

Desde que escrevi para você, meus alunos vieram até mim com ajuda, e as aulas continuarão bem agora, sem dúvida.

Fiquei muito feliz porque ensinar se tornou parte da minha vida, tão necessário quanto comer ou respirar.

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Vi muitas coisas sobre __ num jornal inglês, o Borderland. __ está fazendo um bom trabalho na Índia, fazendo com que os hindus apreciem muito sua própria religião. . . . Não encontro nenhuma erudição na escrita de __. . . nem encontro qualquer espiritualidade. No entanto, boa sorte para quem quer fazer o bem ao mundo.

Quão facilmente este mundo pode ser enganado por fraudes e que massa de fraudes se acumulou sobre a cabeça devotada da pobre humanidade desde o início da civilização.

7.5.30 RAKHAL

(Traduzido do bengali)

RUA 38 OESTE, 19,

NOVA IORQUE, agosto de 1895.

AMADO RAKHAL,

. . . Agora estou na cidade de Nova York. A cidade faz calor no verão, exatamente como Calcutá. Você transpira profusamente e não há um sopro de ar. Fiz uma turnê no norte por alguns meses. Por favor, responda a esta carta retornando pelo correio para a Inglaterra, pelo que começarei antes que esta chegue até você.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

7.5.31 ALASINGA

EUA
Março de 1896.

CARO ALASINGA,

Na semana passada escrevi para você sobre o Brahmavâdin. Esqueci de escrever sobre as palestras Bhakti. Eles deveriam ser publicados em um livro todos juntos. Algumas centenas podem ser enviadas para a América, para a Goodyear em Nova York. Dentro de vinte dias navegarei para a Inglaterra. Tenho outros grandes livros sobre Karma, Jnana e Raja Yogas – o Karma já foi lançado, o Raja será um livro muito grande e já está no prelo. O Jnana terá de ser publicado, creio eu, na Inglaterra.

Uma carta que você publicou de Kripananda no Brahmavadin foi bastante infeliz. Kripananda está sofrendo com os golpes que os cristãos lhe deram e esse tipo de carta é vulgar, atingindo todo mundo. Não está de acordo com o tom do Brahmavadin. Portanto, no futuro, quando Kripananda escrever, diminua o tom de tudo que seja um ataque a qualquer seita, por mais excêntrico ou grosseiro que seja. Nada que seja contra qualquer seita, boa ou má, deve entrar no Brahmavadin. É claro que não devemos demonstrar simpatia activa pelas fraudes. Mais uma vez, deixe-me lembrá-lo de que o jornal é técnico demais para encontrar qualquer assinante aqui. O ocidental médio não sabe nem se importa em saber tudo sobre os termos e detalhes técnicos do sânscrito. O jornal é adequado para a Índia – pelo que vejo.

Cada palavra de apelo especial deve ser eliminada dos editoriais, e você deve sempre lembrar que está se dirigindo ao mundo inteiro, não apenas à Índia, e que o mesmo mundo ignora completamente o que você tem a dizer-lhes. Use a tradução de cada termo sânscrito com cuidado e torne as coisas o mais fáceis possível.

Antes que isso chegue até você, estarei na Inglaterra. Então dirija-se a mim a/c E. T. Sturdy, Esq., High View, Caversham, Eng.

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

7.5.32 MEMBROS DE MATEMÁTICA DO ALAMBAZAR

(Traduzido do bengali)

VISTA ALTA, CAVERSHAM,

LENDO,

27 de abril de 1896.

DEAR (Membros do Alambazar Math),

. . . Deixe-me escrever algo para todos vocês. Não é para ganhar autoridade pessoal que faço isso, mas para o seu bem e para cumprir o propósito para o qual o Senhor veio. Ele me encarregou de todos vocês, e vocês contribuirão para o grande bem-estar do mundo - embora a maioria de vocês ainda não esteja ciente disso - esta é a razão especial pela qual escrevo para vocês. Será uma grande pena se algum sentimento de ciúme ou egoísmo ganhar terreno entre vocês. É possível estabelecer relações cordiais na terra aqueles que não conseguem viver cordialmente uns com os outros por muito tempo? Sem dúvida é um mal estar sujeito a leis, mas é necessário, no estágio imaturo, ser guiado por regras; em outras palavras, como o Mestre costumava dizer que a muda deve ser cercada, e assim por diante. Em segundo lugar, é bastante natural que mentes ociosas se entreguem a fofocas, a facções e assim por diante. Por isso anoto as seguintes dicas. Se

você os seguir, sem dúvida prosperará, mas se não o fizer, existe o perigo de todo o nosso trabalho dar em nada.

Primeiro deixe-me escrever sobre o gerenciamento da matemática:

1. Para efeitos de matemática, alugue uma casa ou jardim espaçoso, onde cada um possa ter um pequeno quarto só para si. Deve haver um salão espaçoso onde os livros possam ser guardados e uma sala menor para receber os visitantes. Se possível, deve haver outro grande salão na casa onde o estudo das escrituras e os discursos religiosos serão realizados todos os dias para o público.
2. Qualquer pessoa que deseje visitar alguém no Math deverá vê-lo apenas e partir, sem incomodar os outros.
3. Alternativamente alguém deverá estar presente na sala durante algumas horas todos os dias para o público, para que possa obter respostas satisfatórias ao que vier perguntar.
4. Cada um deve permanecer no seu quarto e, exceto por motivos especiais, não deve ir para o quarto de outras pessoas. Quem quiser pode ir à Biblioteca e ler, mas deve ser expressamente proibido fumar ali ou conversar com outras pessoas. A leitura deve ser silenciosa.
5. Será totalmente proibido reunir-se numa sala e conversar durante todo o dia, com qualquer número de pessoas de fora chegando e juntando-se à agitação.
6. Somente aqueles que buscam a religião podem vir e esperar pacificamente no Salão de Visitantes e quando tiverem visto as pessoas que desejam, deverão partir. Ou, se tiverem alguma dúvida geral a fazer, deverão encaminhá-la ao responsável pela função naquele dia e sair.
7. Contar histórias, conspirar ou relatar escândalos sobre outras pessoas deve ser totalmente evitado.
8. Uma pequena sala deve servir de escritório. O Secretário deverá morar naquela sala, que deverá conter papel, tinta e outros materiais para escrever

cartas. Ele deve manter um registro das receitas e despesas. Toda a correspondência deveria chegar até ele, e ele deveria entregar todas as cartas fechadas aos seus destinatários. Livros e panfletos deverão ser enviados à Biblioteca.

9. Haverá uma pequena sala para fumar, que não deve ser permitida fora desta sala.

10. Aquele que quiser se entregar a invectivas ou mostrar temperamento deve fazê-lo fora dos limites da matemática. Isso não deve ser desviado nem por um centímetro.

O ÓRGÃO GOVERNANTE

1. Todos os anos um Presidente deve ser eleito por maioria de votos. No ano seguinte, outro e assim por diante.

2. Para este ano faça de Brahmananda o Presidente e da mesma forma faça de outro o Secretário, e eleja um terceiro homem para supervisionar o culto, etc., bem como o preparo da comida.

3. O Secretário terá outra função, a saber, zelar pela saúde geral. Em relação a isso tenho três instruções a dar:

(i) Em cada quarto de cada homem deverá haver um charpoy Nair, colchão, etc. Todos devem manter seu quarto limpo.

(ii) Devem ser tomadas todas as providências para fornecer água limpa e pura para beber e cozinhar, pois é um pecado mortal cozinhar alimentos sacramentais em água impura ou suja.

(iii) Dê a todos dois mantos ocre do tipo que você fez para Saradananda e certifique-se de que as roupas sejam mantidas limpas.

4. Qualquer pessoa que deseje ser um Sannyâsin deve ser admitida primeiro como Brahmacharin. Ele deverá viver um ano no Math e um ano fora, após o qual poderá ser iniciado em Sannyasa.

5. Encarregar-se da adoração a um desses Brahmacharins e trocá-los de vez em quando.

DEPARTAMENTOS

Haverá os seguintes departamentos na Matemática:

Eu estudo . II. Propaganda. III. Prática Religiosa.

I. Estudo — O objetivo deste departamento é fornecer livros e professores para quem deseja estudar. Todas as manhãs e noites os professores devem estar prontos para recebê-los.

II. Propaganda — Dentro da Matemática e no exterior. Os pregadores de matemática devem ensinar os inquiridores lendo as escrituras para eles e por meio de aulas de perguntas. Os pregadores no exterior pregarão de aldeia em aldeia e tentarão começar a matemática como acima em diferentes lugares.

III. Prática Religiosa — Este departamento tentará fornecer a quem quiser praticar os requisitos para tal. Mas não se deve permitir que alguém, por ter adotado a prática religiosa, impeça outros de estudar ou pregar. Qualquer pessoa que infrinja esta regra deverá ser imediatamente solicitada a sair, e isso é imperativo.

Os pregadores em casa deveriam dar aulas de devoção, conhecimento, Yoga e trabalho alternadamente; para isso, os dias e horários deverão ser fixados e a rotina pendurada na porta da sala de aula. Isto é, quem busca a devoção pode não se apresentar no dia marcado para o conhecimento e sentir-se ferido por isso; e assim por diante.

Nenhum de vocês está apto para a forma de prática Vâmâchâra. Portanto, isso não deve de forma alguma ser praticado na Matemática. Qualquer pessoa que se oponha a isso deve sair desta Ordem. Esta forma de prática nunca deve ser mencionada na matemática. A ruína se apoderará do homem perverso, tanto aqui como no futuro, que introduziria o vil Vamachara em Seu rebanho!

ALGUMAS OBSERVAÇÕES GERAIS

1. Se alguma mulher vier conversar com um Sannyasin, ela deverá fazê-lo no Salão de Visitantes. Nenhuma mulher será autorizada a entrar em qualquer outra sala – exceto na sala de adoração.
2. Nenhum Sannyasin será autorizado a residir no Women's Math. Qualquer pessoa que se recusar a obedecer a esta regra será expulsa do Math. "Melhor um rebanho vazio do que um rebanho perverso."
3. Homens de mau caráter serão rigorosamente afastados. Sob nenhum pretexto a sombra deles cruzará a soleira do meu quarto. Se alguém entre vocês se tornar mau, expulsem-no imediatamente, seja ele quem for. Não queremos ovelhas negras. O Senhor trará muitas pessoas boas.
4. Qualquer mulher pode comparecer à sala de aula (ou sala de pregação) durante o horário de aula ou de pregação, mas deve deixar o local diretamente quando esse período terminar.
5. Nunca demonstre temperamento, nem guarde ciúmes, nem calunie outra pessoa em segredo. Seria o cúmulo da crueldade e da dureza de coração tomar nota das deficiências dos outros em vez de corrigir as próprias.
6. Deve haver horários fixos para as refeições. Todos devem ter um assento e uma mesa de jantar baixa. Ele se sentará no primeiro e colocará seu prato no segundo, como é costume em Rajputana.

OS OFICIAIS

Todos os titulares de cargos vocês deveriam eleger por votação, como foi o mandato do Senhor Buda. Ou seja, deveria-se propor que tal e tal fosse o Presidente este ano; e todos deveriam escrever em pedaços de papel “sim” ou “não” e colocá-los em uma jarra. Se o “sim” tiver maioria, ele deverá ser eleito Presidente, e assim por diante. Embora você deva eleger titulares de cargos desta forma, sugiro que este ano Brahmananda seja Presidente, Nirmalananda, Secretário e Tesoureiro, Bibliotecário Sadananda, e Ramakrishnananda, Abhedananda, Turiyananda e Trigunatitananda devam

se encarregar do trabalho de ensino e pregação por voltas e assim por diante.

É sem dúvida uma boa ideia que Trigunatita teve de começar uma revista. Mas eu consentirei com isso se vocês puderem trabalhar juntos.

Sobre doutrinas e assim por diante, só tenho a dizer isto: se alguém aceita Paramahansa Deva como Avatâra etc., está tudo bem; se ele não fizer isso, é a mesma coisa. A verdade é que em termos de caráter, Paramahansa Deva bate todos os recordes anteriores; e no que diz respeito ao ensino, ele foi mais liberal, mais original e mais progressista do que todos os seus antecessores. Em outras palavras, os Professores mais antigos eram bastante unilaterais, enquanto o ensinamento desta nova Encarnação ou Professor é que o melhor ponto do Yoga, da devoção, do conhecimento e do trabalho deve ser combinado agora para formar uma nova sociedade. . . . Os mais antigos eram sem dúvida bons, mas esta é a nova religião desta era – a síntese do Yoga, do conhecimento, da devoção e do trabalho – a propagação do conhecimento e da devoção a todos, até aos mais baixos, sem distinção de idade ou de idade. sexo. As Encarnações anteriores foram boas, mas foram sintetizadas na pessoa de Ramakrishna. Para o homem comum e para o iniciante, a devoção constante (Nishthâ) a um ideal é de suma importância. Isto é, ensine-lhes que todas as grandes Personalidades devem ser devidamente homenageadas, mas que a homenagem deve ser prestada agora a Ramakrishna. Não pode haver vigor sem devoção constante. Sem isso não se pode pregar com a intensidade de um Mahavira (Hanumân). Além disso, os anteriores tornaram-se bastante antigos. Agora temos uma nova Índia, com o seu novo Deus, nova religião e novos Vedas. Quando, ó Senhor, nossa terra estará livre desta morada eterna no passado? Bem, um pouco de intolerância também é uma necessidade. Mas não devemos nutrir sentimentos antagônicos em relação aos outros.

Se você considerar sábio guiar-se por minhas idéias e seguir estas regras, então fornecerei todos os fundos necessários. . . . Além disso, por favor, mostre esta carta a Gour-Mâ, Yogin-Mâ e outros, e através deles estabeleça uma Matemática Feminina. Deixe Gour-Ma ser o presidente lá por um ano e assim por diante. Mas nenhum de vocês poderá visitar o local. Eles administrarão seus próprios assuntos. Eles não terão que trabalhar de acordo

com seu ditado. Cuidarei também de todas as despesas necessárias para esse trabalho.

Que o Senhor o guie na direção certa! Duas pessoas foram ver o Senhor Jagannatha. Um deles contemplou a Divindade – enquanto o outro viu algum lixo que assombrava sua mente! Meus amigos, muitos sem dúvida serviram ao Mestre, mas sempre que alguém estiver disposto a considerar-se um personagem extraordinário, deveria pensar que embora estivesse associado com Shri Ramakrishna, viu apenas o lixo que estava em primeiro lugar em sua mente! Se não fosse assim, ele manifestaria os resultados. O próprio Mestre costumava citar: “Eles cantavam e dançavam em nome do Senhor, mas no final sofriam”. A raiz dessa degeneração é o egoísmo – pensar que um é tão grande quanto qualquer outro, na verdade! "Ele costumava me amar também!" - alguém imploraria. Infelizmente, Nick Bottom, você seria então traduzido? Será que tal homem teria inveja ou brigaria com outro e se degradaria? Tenha em mente que através de Sua graça muitos homens serão transformados com a nobreza dos deuses - sim, onde quer que Sua misericórdia caia! . . . A obediência é o primeiro dever. Bem, apenas faça com entusiasmo o que eu lhe peço. Deixe-me ver como você realiza essas pequenas coisas. Então, gradualmente, grandes coisas acontecerão.

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Por favor, leiam o conteúdo desta carta a todos e digam-me se consideram que vale a pena implementar as sugestões. Por favor, diga a Brahmananda que aquele que é o servo de todos é seu verdadeiro mestre. Ele nunca se torna um líder em cujo amor há uma consideração de alto ou baixo. Aquele cujo amor não tem fim e nunca para para considerar o que é alto ou o que é baixo, tem o mundo inteiro a seus pés.

V.

7.5.33 IRMÃ

63 ST. ESTRADA DE GEORGE, LONDRES,

Maio de 1896.

QUERIDA IRMÃ,

Em Londres mais uma vez. O clima agora na Inglaterra é agradável e fresco. Temos fogo na lareira. Temos uma casa inteira só para nós, você sabe, desta vez. É pequeno, mas conveniente, e em Londres não custam tanto quanto na América. Você não sabe o que eu estava pensando – sobre sua mãe! Acabei de escrever uma carta para ela e postei-a devidamente, aos cuidados de Monroe & Co., 7 Rue Scribe, Paris. Alguns velhos amigos estão aqui e a senhorita MacLeod veio do continente. Ela é boa como ouro e gentil como sempre. Temos uma pequena família simpática, em casa, com outro monge da Índia. Pobre homem! - um típico hindu sem nada daquela coragem que eu tenho, ele é sempre sonhador, gentil e doce! Isso não serve. Vou tentar colocar um pouco de atividade nele. Já tive duas aulas - vão durar quatro ou cinco meses e depois vou para a Índia. Mas é para América – lá onde está o coração. Eu amo a terra Yankee. Gosto de ver coisas novas. Eu não me importo nem um pouco em ficar vagando por ruínas antigas e ficar deprimido com histórias antigas e continuar suspirando sobre os antigos. Tenho muito vigor no sangue para isso. Na América é o lugar, as pessoas, a oportunidade para tudo. Tornei-me terrivelmente radical. Só estou indo para a Índia para ver o que posso fazer naquela terrível massa de águas-vivas conservadoras, e começar uma coisa nova, inteiramente nova – simples, forte, nova e fresca como o primeiro bebê nascido. O eterno, o infinito, o onipresente, o onisciente é um princípio, não uma pessoa. Você, eu e todos somos apenas personificações desse princípio, e quanto mais deste princípio infinito estiver incorporado em uma pessoa, maior ela será, e tudo no final será a personificação perfeita disso e, portanto, todos serão um como eles são agora essencialmente. Isso é tudo que existe de religião, e a prática se dá por meio desse sentimento de unidade que é o amor. Todas as velhas formas nebulosas são meras velhas superstições. Agora, por que lutar para mantê-los vivos? Por que dar água para beber às pessoas sedentas enquanto o rio da vida e da verdade flui? Isto é apenas egoísmo humano, nada mais. A vida é curta - o tempo voa - o lugar e as pessoas onde as ideias funcionam melhor deveriam ser o país e o povo para todos. Sim, por uma dúzia de corações ousados, grandes, nobres e sinceros!

Estou realmente muito bem e aproveitando imensamente a vida.

Seu sempre com amor,

VIVEKANANDA.

7.5.34 RAMAKRISHNANANDA

(Traduzido do bengali)

C/O ET STURDY, ESQ.

VISTA ALTA, CAVERSHAM, LEITURA,

Maio (?) 1896.

CARO SHASHI (RAMAKRISHNANANDA),

. . . Esta cidade de Londres é um mar de cabeças humanas – dez ou quinze Calcutás juntas. É provável que alguém se perca nos labirintos, a menos que consiga alguém para encontrá-lo na chegada. . . . No entanto, deixe Kali começar imediatamente. Se ele se atrasar como Sharat, é melhor não deixar ninguém vir. Não adianta ficar vagando e procrastinar assim. É uma tarefa que requer a altura de Rajas (atividade). . . . Todo o nosso país está mergulhado em Tamas, e nada além disso. Queremos Rajas primeiro, e Sattva virá depois – algo muito, muito distante.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

7.5.35 PROF. JOHN HENRY WRIGHT

63 ST. ESTRADA DE GEORGE,

LONDRES, SW

16 de maio de 1896.

CARO ADHYAPAKJI, (Prof. John Henry Wright. A carta foi escrita por ocasião da morte de sua filha, de 16 anos.)

A última correspondência trouxe a notícia muito triste do golpe que caiu sobre você.

Este é o mundo, meu irmão – esta ilusão de Mâyâ – somente o Senhor é verdadeiro. As formas são evanescentes; mas o espírito, estando no Senhor e do Senhor, é imortal e onipresente. Tudo o que já tivemos está ao nosso redor neste minuto, pois o espírito não pode ir nem vir, apenas muda o seu plano de manifestação.

Você é forte e puro, assim como a Sra. Wright, e tenho certeza de que o Divino em você surgiu e jogou fora a mentira e a ilusão de que pode haver morte para qualquer pessoa.

“Aquele que vê neste mundo de multiplicidade aquele suporte de tudo, no meio de um mundo de inconsciência aquela consciência eterna, neste mundo evanescente aquele eterno e imutável, a ele pertence a paz eterna.”

Que a paz do Senhor desça sobre você e sua em abundância seja a oração de

Seu amigo sempre amoroso,

VIVEKANANDA.

7.5.36 SENHORITA NOBRE

63 ST. ESTRADA DE GEORGE, LONDRES,

7 de junho de 1896.

CARA SENHORITA NOBRE,

Na verdade, meu ideal pode ser expresso em poucas palavras: pregar à humanidade sua divindade e como torná-la manifesta em cada movimento da vida.

Este mundo está numa cadeia de superstições. Tenho pena dos oprimidos, sejam homens ou mulheres, e tenho mais pena dos opressores.

Uma ideia que vejo claramente como a luz do dia é que a miséria é causada pela ignorância e nada mais. Quem dará luz ao mundo? O sacrifício no passado foi a Lei, e será, infelizmente, nos séculos vindouros. Os melhores e mais corajosos da terra terão de se sacrificar pelo bem de muitos, pelo bem-estar de todos. Centenas de Budas são necessários com amor e piedade eternos.

As religiões do mundo tornaram-se zombarias sem vida. O que o mundo quer é caráter. O mundo precisa daqueles cuja vida é um amor ardente e altruísta. Esse amor fará com que cada palavra seja contada como um raio.

Tenho certeza de que não é nenhuma superstição para você, você tem em si a capacidade de mover o mundo, e outros também virão. Palavras ousadas e ações mais ousadas são o que queremos. Acordem, acordem, grandes! O mundo está queimando de miséria. Consegues dormir? Vamos clamar e clamar até que os deuses adormecidos acordem, até que o deus interior responda ao chamado. O que mais há na vida? Que trabalho maior? Os detalhes vêm à minha mente à medida que vou. Eu nunca faço planos. Os planos crescem e funcionam sozinhos. Eu só digo, acorde, acorde!

Que todas as bênçãos o acompanhem para sempre!

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

7.5.37 DR. L. I. JANES

63 ST. ESTRADA DE GEORGE,
LONDRES, SW
6 de julho de 1896.

QUERIDO AMIGO E IRMÃO, (Para o Dr. Lewis I. Janes.)

O seu de 25 de junho chegou e me deu grande prazer. Estou muito feliz em ver o nobre trabalho progredindo. Tomei conhecimento com o maior prazer pela Sra. Bull sobre o trabalho que será realizado em Cambridge neste inverno e nenhuma pessoa melhor poderia ter sido selecionada para dirigi-lo do que você. Que todo o poder esteja com você. Ficarei muito feliz em escrever para a revista de vez em quando, e meu primeiro artigo será daqui a algumas semanas, quando espero ter algum lazer. Certamente é desnecessário dizer que nenhum dos tipos que chamamos de religiosos deveria morrer – eles, como as raças, requerem nova infusão de sangue na forma de ideias. É maravilhoso poder simpatizar com os outros do ponto de vista deles.

A essa altura Goodwin e o outro Swami devem ter chegado à América. Confio que eles serão úteis para você em seu nobre trabalho. Boa sorte para todo bom trabalho e bênçãos infinitas para todos os trabalhadores para o bem.

Seu sempre na verdade,

VIVEKANANDA.

7.5.38 SHARAT CHANDRA CHAKRAVARTY

(Escrito para Sj. Sharat Chandra Chakravarti, BA)

ॐ नमो भगवते रामकृष्णाय !

शुभमस्तु ! आशीर्वादप्रेमालिङ्गनपूर्वकमिदं भवतु तव प्रीतये ।
पाञ्चभौतिकं मे पिञ्जस्मधुना किञ्चिद् सुस्थतरम् । अचलगुरोर्हिमनिमण्डितशिखराणि
पुनरुज्जीवयन्ति मृतप्रायानपि जनानिति मन्ये । श्रमबाधापि
कथञ्चित् दूरीभूतेत्यनुभवामि । यत्ते हृदयोद्वेगकरं मुमुक्षुत्वं लिपिभङ्ग्या
व्यञ्जितं तन्मया अनुभूतं पूर्वम् । तदेव शाश्वते ब्रह्मणि मनः समाधातुं
प्रसरति । “नान्यः पन्थाः विद्यतेऽयनाय ।” ज्वलतु सा भावना अधिकमधिकं
यावन्नाधिगत एकान्तक्षयः कृताकृतानाम् । तदनु सहसैव ब्रह्मप्रकाशः सह
समस्तविषयप्रध्वंसेन । आगामिनी सा जीवन्मुक्तिस्तव हिताय तवानुरागदाढ्येणैवानुमेया ।
याचे पुनस्तं लोकगुरुं महासमन्वयाचार्यं श्री १०८ रामकृष्णं
आविर्भवितुम् तव हृदयोद्वेगे येन वै कृतकृत्यार्थस्त्वं आविष्कृतमहाशौर्यः
लोकान् समुद्धर्तुं महामोहसागरात् सम्यक् यतिष्यसे । भव चिराधिष्ठित
ओजसि । वीराणामेव कस्तलगता मुक्तिः न कापुरुषाणाम् । हे वीरा,
ब्रह्मपरिकरा भवत, सम्मुखे शत्रवः महामोहरूपाः । “श्वेयांसि बहुविघ्नानि”
इति निश्चितेऽपि समधिकतरं कुरुत यत्नम् । पश्यत इमान् लोकान् मोहगाहग्रस्तान् ।
शृणुत अहो तेषां हृदयभेदकरं करुण्यपूर्णं शोकनादम् । अग्रगा
भवत, अग्रगा, हे वीरा, मोचयितुं पाशं बद्धानां, श्लथयितुं क्लेशभारं
दीनानां, द्योतयितुं हृदयान्धकूपं अज्ञानाम् । अमीरमीरिति घोषयति
वेदान्तदिण्डिमः । भूयात् स भेदाय हृदयग्रन्थोः सर्वेषां जगन्निवासिनामिति ।

तवैकान्तशुभभावुकः विवेकानन्दः ।

(Traduzido do sânscrito.)

DARJEELING,

19 de março de 1897.

Saudação ao Senhor Ramakrishna!

Que você prospere! Que esta carta de bênçãos e abraço cordial o faça feliz!
Hoje em dia, este meu tabernáculo carnudo está comparativamente bem.
Parece que os picos nevados do Himalaia, o principal entre as montanhas,
trazem até os moribundos de volta à vida. E o cansaço das viagens também
parece ter diminuído um pouco. Já senti aquele anseio pela Liberdade –
potente o suficiente para colocar o coração em turbulência – que a sua carta
sugere que você está experimentando. É esse anseio que gradualmente traz
a concentração da mente no eterno Brahman. "Não há outro caminho a
seguir." Que esse desejo resplandeça cada vez mais em você, até que todo o
seu Karma passado e tendências futuras sejam absolutamente aniquilados.
Logo após isso se seguirá, de repente, a manifestação de Brahman, e com

ela a destruição de todo desejo pelo mundo dos sentidos. Que esta liberdade na vida está se aproximando para o seu bem-estar é facilmente inferida pela força do seu fervor. Agora eu oro para que aquele mestre mundial, Shri Ramakrishna, o Pregador do evangelho da síntese universal, se manifeste na região do seu coração, para que, tendo alcançado a consumação dos seus desejos, você possa, com um coração destemido, tentar o seu melhor livrar os outros deste terrível oceano de paixão. Que você seja sempre possuidor de valor! É somente o herói, e não o covarde, que tem a libertação ao seu alcance. Cinjam seus lombos, heróis, pois diante de vocês estão seus inimigos - o terrível exército da paixão. É sem dúvida verdade que “todas as grandes conquistas estão repletas de numerosos impedimentos”; ainda assim você deve esforçar-se ao máximo para o seu fim. Veja como os homens já estão nas garras do tubarão da paixão! Oh, ouça seus lamentos de partir o coração. Avancem, avanteis, ó almas corajosas, para libertar aqueles que estão acorrentados, para diminuir o fardo da desgraça dos miseráveis e para iluminar a escuridão abismal dos corações ignorantes! Veja como o Vedanta proclama ao som dos tambores: “Não tenha medo!” Que esse som solene remova o nó do coração de todos os habitantes da terra.

Sempre seu simpatizante,

VIVEKANANDA.

7.5.39 Sra. TOURO

ALAMBAZAR MATEMÁTICA, CALCUTÁ,

5 de maio de 1897.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Estou em Darjeeling há um mês para recuperar minha saúde debilitada. Estou muito melhor agora. A doença desapareceu completamente em Darjeeling. Vou amanhã para Almora, outra estação de montanha, para aperfeiçoar esta melhoria.

As coisas não parecem muito esperançosas aqui, pois já lhe escrevi - embora toda a nação tenha se levantado como um só homem para me honrar e as pessoas quase tenham ficado loucas por minha causa! A parte prática não pode ser obtida na Índia. Mais uma vez, o preço dos terrenos subiu muito perto de Calcutá. A minha ideia neste momento é criar três centros em três capitais. Estas seriam as minhas escolas normais, a partir daí quero invadir a Índia.

A Índia já é de Ramakrishna, quer eu viva mais alguns anos ou não.

Recebi uma carta muito gentil do Prof. Janes na qual ele destaca minhas observações sobre o budismo degradado. Você também escreve que Dharmapala está muito furioso com isso. O Sr. Dharmapala é um bom homem e eu o amo; mas seria totalmente errado ele ter ataques por causa de coisas indianas.

Estou perfeitamente convencido de que o que eles chamam de Hinduísmo moderno, com toda a sua feiúra, é apenas um Budismo encalhado. Deixemos que os hindus entendam isto claramente, e então será mais fácil para eles rejeitá-lo sem murmurar. Quanto à forma antiga que o Buda pregou, tenho o maior respeito por ela, bem como pela Sua pessoa. E você bem sabe que nós, hindus, O adoramos como uma Encarnação. Nem o Budismo do Ceilão é bom. A minha visita ao Ceilão desiludiu-me totalmente, e as únicas pessoas vivas lá são os hindus. Os budistas são todos muito europeizados – até mesmo o Sr. Dharmapala e o seu pai tinham nomes europeus, que desde então mudaram. O único respeito que os budistas prestam ao seu grande princípio de não matar é abrir “barracas de açougue” em todos os lugares! E os padres encorajam isso. O verdadeiro budismo, pensei certa vez, ainda faria muito bem. Mas desisti totalmente da ideia e vejo claramente a razão pela qual o Budismo foi expulso da Índia, e ficaremos muito contentes se os Ceilões levarem consigo o que resta desta religião com os seus ídolos hediondos e ritos licenciosos.

Sobre os Teosofistas, você deve lembrar primeiro que na Índia os Teosofistas e os Budistas são nulidades. Eles publicam alguns artigos e fazem muito barulho e tentam atrair os ouvidos ocidentais. . .

Eu era um homem na América e outro aqui. Aqui, toda a nação me considera sua autoridade – lá eu era um pregador muito insultado. Aqui os príncipes puxam minha carruagem, lá eu não seria admitido em um hotel decente. Minhas declarações aqui, portanto, devem ser para o bem da raça, meu povo – por mais desagradáveis que possam parecer para alguns. Aceitação, amor, tolerância por tudo que é sincero e honesto – mas nunca pela hipocrisia. Os teosofistas tentaram me bajular e lisonjear, já que sou agora a autoridade na Índia e, portanto, foi necessário que eu interrompesse meu trabalho, dando qualquer sanção às suas farsas, com algumas palavras ousadas e decisivas; e a coisa está feita. Estou muito feliz. Se minha saúde tivesse permitido, eu já teria livrado a Índia dessas farsas arrogantes, pelo menos teria tentado o meu melhor. . . . Deixe-me dizer-lhe que a Índia já é de Ramakrishna e para um hinduísmo purificado organizei um pouco o meu trabalho aqui.

Seu,

VIVEKANANDA.

7.5.40 SHUDDHANANDA

ALMORA,

11 de julho de 1897.

Meu querido Shuddhananda,

Fiquei muito feliz em receber seu último relatório. Tenho muito poucas críticas a fazer, exceto que você deveria escrever de forma um pouco mais legível.

Estou bastante satisfeito com o trabalho realizado até agora, mas é preciso levá-lo adiante. Ainda não tomei conhecimento da sugestão que fiz antes de adquirir um conjunto de aparatos químicos e físicos e iniciar aulas de Química e Física elementar e experimental, especialmente de Fisiologia.

E quanto à outra sugestão de comprar conjuntos de todos os livros científicos que foram traduzidos para o bengali?

Parece-me agora que deve haver pelo menos três Mahantas (chefes) eleitos de cada vez – um para dirigir a parte empresarial, um para a parte experimental, o outro para a parte intelectual.

A dificuldade é conseguir o diretor de educação. Brahmananda e Turiyananda podem muito bem preencher os outros dois. Dos visitantes, lamento saber que vocês só estão recebendo Babus de Calcutá. Eles não são bons. O que queremos são jovens corajosos que trabalhem, não tolos.

Peça a Brahmananda que escreva para Abhedananda e Saradananda para enviar relatórios semanais ao Math sem falta, e também para enviar artigos e notas em bengali para o futuro jornal. G. C. Ghosh está preparando coisas para o jornal? Trabalhe com vontade e esteja pronto.

Akhandananda está funcionando maravilhosamente bem em Mahula, mas o sistema não é bom. Parece que eles estão desperdiçando suas energias em uma pequena aldeia e isso apenas distribuindo arroz. Não ouvi dizer que alguma pregação tenha sido feita junto com esta ajuda. Toda a riqueza do mundo não poderá ajudar uma pequena aldeia indiana se as pessoas não forem ensinadas a ajudar-se a si mesmas. Nosso trabalho deveria ser principalmente educacional, tanto moral quanto intelectual. Não aprendi nada sobre isso – apenas alguns mendigos são ajudados! Peça a Brahmananda para abrir centros em diferentes distritos para cobrir o maior espaço com nossos poucos recursos.

E então, até agora parece ter sido ineficaz, pois não conseguiram despertar as pessoas do local para iniciarem sociedades para educar as pessoas, para que possam aprender a ser autossuficientes, frugais e não dadas a casar. , e assim salvar-se da fome futura. A caridade abre o coração, mas trabalhe através dessa barreira.

A maneira mais fácil é pegar uma cabana – transformá-la em um templo de Guru Maharaj! Que os pobres venham aqui para serem ajudados, também para adorar. Que haja Kathâ (recitais purânicos) de manhã e à noite lá - através disso você poderá ensinar tudo o que deseja ensinar às pessoas. Aos

poucos, as pessoas ficarão interessadas. Eles mesmos cuidarão do templo; talvez o templo da cabana se transforme em uma grande instituição em alguns anos. Deixe aqueles que vão para o trabalho de socorro primeiro selecionar um local central em cada distrito e iniciar um tal templo-cabana, a partir do qual todo o nosso pequeno trabalho deverá prosseguir.

Até o maior tolo pode realizar uma tarefa se ela for do seu coração. Mas o homem inteligente é aquele que consegue transformar cada obra numa que lhe agrade. Nenhum trabalho é mesquinho. Tudo neste mundo é como uma semente de figueira-de-bengala, que, embora pareça minúscula como uma semente de mostarda, ainda tem a gigantesca figueira-de-bengala latente dentro dela. De fato, é inteligente aquele que percebe isso e consegue tornar todo o trabalho realmente excelente. (Este parágrafo foi traduzido apenas do bengali.)

Além disso, eles precisam cuidar para que os trapaceiros não recebam a comida dos merecedores. A Índia está cheia de malandros preguiçosos e curiosos, eles nunca morrem de fome, sempre conseguem alguma coisa. Peça a Brahmananda para escrever isto a todos os que trabalham com ajuda humanitária – eles não devem ter permissão para gastar dinheiro para nada de bom. Queremos o maior trabalho possível e permanente com o mínimo de gastos.

Agora você vê, você deve tentar pensar em ideias originais - caso contrário, assim que eu morrer, a coisa toda desmoronará. Por exemplo, você realiza uma reunião para considerar: “Como podemos colher os melhores resultados permanentes com os poucos recursos à nossa disposição”. Que todos sejam avisados com alguns dias de antecedência e que cada um sugira algo e discuta todas as sugestões, criticando-as; e depois me envie um relatório.

Por último, você deve lembrar que espero mais dos meus filhos do que dos meus irmãos. Quero que cada um dos meus filhos seja cem vezes maior do que eu jamais poderia ser. Cada um de vocês deve ser um gigante – deve, essa é a minha palavra. Obediência, prontidão e amor pela causa – se você tiver esses três, nada poderá impedi-lo.

Com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

7.5.41 SENHORITA NOBRE

ALMORA,

23 de julho de 1897.

MINHA QUERIDA SENHORITA NOBRE,

Desculpe essas poucas linhas. Escreverei mais detalhadamente assim que chegar a algum lugar. Estou a caminho das colinas para as planícies.

Não entendo o que você quer dizer com franqueza sem familiaridade – eu, pelo menos, darei tudo para me livrar do último resquício de formalidade oriental em mim e falar como um filho da natureza. Ah, viver mesmo que por um dia em plena luz da liberdade, respirar o ar livre da simplicidade! Não é essa a mais alta pureza?

Neste mundo trabalhamos com medo dos outros, falamos com medo, pensamos com medo, infelizmente! nascemos em uma terra de inimigos. Quem conseguiu se livrar desse sentimento de medo, como se todo mundo fosse um espião especialmente designado para vigiá-lo? E aí do homem que avança! Algum dia será uma terra de amigos? Quem sabe? Só podemos tentar.

O trabalho já começou e neste momento o alívio da fome é o que está ao nosso alcance. Vários centros foram abertos e o trabalho continua; alívio da fome, pregação e um pouco de ensino. Por enquanto, é claro, isso é muito insignificante, os meninos em treinamento estão sendo retirados à medida que as oportunidades se oferecem. A esfera de ação atualmente é Madras e Calcutá. Sr. Goodwin trabalhando em Madras. Também se foi a Colombo. A partir da próxima semana, um relatório mensal de todo o trabalho será enviado a você, caso ainda não tenha chegado até você. Eu estou longe do centro de trabalho, então as coisas andam um pouco devagar, né; mas o trabalho é satisfatório no geral.

Você pode fazer mais trabalho para nós na Inglaterra do que vindo para cá. Senhor te abençoe por seu grande auto-sacrifício pelos pobres índios.

Concordo inteiramente com você que o trabalho na Inglaterra melhorará quando eu estiver lá. Mas, mesmo assim, não é apropriado deixar a Índia antes que a máquina esteja se movendo em algum ritmo e tenho certeza de que haverá muitos para orientá-la na minha ausência. Isso será feito em alguns meses. “Se Deus quiser”, como dizem os muçulmanos. Um dos meus melhores trabalhadores está agora na Inglaterra, o Raja de Khetri. Espero-o em breve na Índia e, sem dúvida, ele me será de grande utilidade.

Com amor e bênçãos eternos,

Seu,

VIVEKANANDA.

42 SENHORITA NOBRE

ALMORA,

29 de julho de 1897.

MINHA QUERIDA SENHORITA NOBRE,

Uma carta de Sturdy chegou ontem, informando-me que você está determinado a vir para a Índia e ver as coisas com seus próprios olhos. Respondi a isso ontem, mas o que ouvi da Srta. Muller sobre seus planos torna necessária esta observação adicional, e é melhor que seja direta.

Deixe-me dizer-lhe francamente que agora estou convencido de que você tem um grande futuro no trabalho pela Índia. O que se queria não era um homem, mas uma mulher – uma verdadeira leoa – para trabalhar para os índios, principalmente para as mulheres.

A Índia ainda não pode produzir grandes mulheres, ela deve emprestá-las de outras nações. Sua educação, sinceridade, pureza, imenso amor,

determinação e, acima de tudo, o sangue celta fazem de você a mulher desejada.

No entanto, as dificuldades são muitas. Você não pode formar nenhuma ideia da miséria, da superstição e da escravidão que existem aqui. Você estará no meio de uma massa de homens e mulheres seminus com ideias estranhas de casta e isolamento, evitando a pele branca por medo ou ódio e sendo intensamente odiados por eles. Por outro lado, você será visto pelos brancos como um excêntrico, e cada um de seus movimentos será observado com suspeita.

Então o clima fica terrivelmente quente; nosso inverno na maioria dos lugares é parecido com o verão, e no sul é sempre quente.

Não existe nenhum conforto europeu em lugares fora das cidades. Se, apesar de tudo isso, você ousar se aventurar no trabalho, seja bem-vindo, cem vezes bem-vindo. Quanto a mim, não sou ninguém aqui como em qualquer outro lugar, mas a pouca influência que tenho será dedicada ao seu serviço.

Você deve pensar bem antes de mergulhar; e depois do trabalho, se você falhar nisso ou ficar enojado, de minha parte eu prometo a você que ficarei ao seu lado até a morte, quer você trabalhe para a Índia ou não, quer você desista do Vedanta ou permaneça nele. “As presas do elefante saem, mas nunca mais voltam”; assim são as palavras de um homem que nunca são retratadas. Eu prometo a você isso. Mais uma vez, devo lhe dar um pequeno aviso. Você deve se manter sozinho e não estar sob as asas da Srta. Muller ou de qualquer outra pessoa. A senhorita Muller é uma boa senhora à sua maneira, mas infelizmente lhe ocorreu, quando era menina, que era uma líder nata e que nenhuma outra qualificação era necessária para mover o mundo além do dinheiro! Essa ideia vem à tona repetidas vezes, apesar de tudo, e você descobrirá que será impossível segui-la em poucos dias. Ela agora pretende alugar uma casa em Calcutá para ela, para você e para outros amigos europeus ou americanos que possam vir.

É muito gentil e bom da parte dela, mas o seu plano de Senhora Abadessa nunca será executado por duas razões: o seu temperamento violento e a sua conduta autoritária, e a sua mente terrivelmente vacilante. A amizade com

muitos é melhor à distância, e tudo vai bem com quem se mantém por conta própria.

A Sra. Sevier é uma joia de dama — tão boa, tão gentil! Os Seviers são os únicos ingleses que não odeiam os nativos, sem exceção de Sturdy. O Sr. e a Sra. Sevier são as únicas pessoas que não vieram nos patrocinar, mas ainda não têm planos definidos. Quando você vier, poderá fazer com que eles trabalhem com você, e isso será muito útil para eles e para você. Mas, afinal de contas, é absolutamente necessário manter-se em pé.

Soube pela América que duas amigas minhas, a Sra. Ole Bull, de Boston, e a Srta. MacLeod, virão visitar a Índia neste outono. Senhorita MacLeod, você já conhece em Londres, aquela jovem americana vestida de Paris; A Sra. Ole Bull tem cerca de cinquenta anos e tem sido uma boa amiga para mim na América. Posso sugerir que a sua adesão ao partido possa dissipar o tédio da viagem, pois eles também estão vindo pela Europa.

Fico feliz em receber pelo menos uma nota de Sturdy depois de muito tempo. Mas estava tão duro e frio. Parece que ele está desapontado com o colapso da obra de Londres.

Com amor eterno,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

7.5.43 SMT. SARALA GHOSAL

(Traduzido do bengali)

BELUR MATEMÁTICA,

16 de abril de 1899.

CARA SENHORA (Shrimati Sarala Ghosal, BA),

Muito feliz em receber sua gentil nota. Se pelo sacrifício de algum objeto especialmente querido, seja meu ou de meus irmãos discípulos, muitas almas puras e genuinamente patrióticas se apresentarem para ajudar nossa causa, tenham certeza, não hesitaremos em fazer esse sacrifício nem derramaremos uma lágrima - você verá isso verificado em ação. Mas até agora não vi ninguém se apresentar para ajudar desta forma. Apenas alguns desejaram colocar o seu próprio hobby no lugar do nosso – isso é tudo. Se isso realmente ajudar o nosso país ou a humanidade - para não falar em desistir da adoração do Guru - acredite, estamos preparados para cometer qualquer iniquidade terrível e sofrer a condenação eterna dos cristãos. Mas meus cabelos ficaram grisalhos desde que comecei a estudar o homem. Este mundo é um lugar muito penoso, e já faz muito tempo que comecei a vagar com a lanterna do filósofo grego na mão. Uma canção popular que meu Mestre costumava cantar me vem à mente:

"Aquele que é um homem segundo o coração

Trai-se pela própria aparência.

De fato, isso é raro!

Ele é um homem de percepções estéticas

Quem trilha um caminho contrário aos outros."

Isso da minha parte. Por favor, saibam que nenhuma palavra é exagerada – o que você descobrirá ser realmente o caso.

Mas então tenho algumas dúvidas sobre aquelas almas patrióticas que podem se juntar a nós se desistirmos da adoração ao Guru. Bem, se, enquanto posam, eles estão de fato ofegantes e lutando tanto – quase ao ponto de dissolução do seu corpo – para servir o país, como pode o único acidente da adoração ao Guru parar tudo!

Este rio impetuoso com ondas ondulantes que prometiam varrer colinas e montanhas inteiras - foi um pouco de adoração ao Guru suficiente para devolvê-lo ao Himalaia! Eu pergunto a você: você acha que algo de grande resultará de tal patriotismo, ou algum bem substancial resultará de tal assistência? Cabe a você dizer; Não consigo entender nada disso. Para um

homem sedento pesar tanto os méritos da água, ou para um homem prestes a morrer de fome cogitar tanto e torcer o nariz para a comida apresentada! Bem, as pessoas têm maneiras estranhas de pensar. Eu, por exemplo, estou inclinado a pensar que essas pessoas ficavam melhor numa caixa de vidro; quanto mais eles se afastarem do trabalho real, melhor.

"O amor não para por questões de nascimento.

Nem o homem faminto por comida estragada."

Isso é o que eu sei. Mas posso estar totalmente enganado. Bem, se essa ninharia de adoração ao Guru fica presa na garganta e sufoca alguém até a morte, é melhor livrá-lo dessa situação.

Contudo, desejo muito conversar detalhadamente sobre esses pontos com vocês. Para falar sobre essas coisas, a aflição e a morte me deram permissão até agora, e espero que o façam ainda.

Que todos os seus desejos sejam realizados neste Ano Novo!

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

7.5.44 ET STURDY

C/O FH LEGGETT,

RUA TRINTA E QUARTO OESTE, 21

NOVA IORQUE

Novembro de 1899.

MEU QUERIDO STURDY,

Isto não é para defender minha conduta. As palavras não podem apagar os males que cometi, nem nenhum censor pode impedir de praticar as boas ações, se houver.

Nos últimos meses tenho ouvido falar muito dos luxos que o povo do Ocidente me deu para desfrutar - luxos que o próprio hipócrita tem desfrutado, embora sempre pregue a renúncia: luxos cujo desfrute tem sido o grande obstáculo no meu caminho, pelo menos na Inglaterra. Quase me hipnotizei, acreditando que houve pelo menos um pequeno oásis no deserto sombrio da minha vida, um pequeno ponto de luz em uma vida inteira de miséria e tristeza; um momento de relaxamento em uma vida de trabalho árduo e maldições mais duras – mesmo aquele oásis, aquele local, aquele momento foi apenas de prazer sensorial!!

Fiquei feliz, abençoei cem vezes por dia aqueles que me ajudaram a consegui-lo, quando, eis que sua última carta chega como um trovão, e o sonho desaparece. Começo a não acreditar nas suas críticas – tenho pouca fé em toda essa conversa sobre luxos e prazeres e outras visões que a memória evoca. Isso eu declaro. Espero que você o envie para amigos, se achar adequado, e me corrija onde estou errado.

Lembro-me de sua casa em Reading, onde eu era alimentado com repolho e batatas cozidos, arroz cozido e lentilhas cozidas, três vezes ao dia, com as maldições de sua esposa como molho o tempo todo. Não me lembro de você ter me dado nenhum charuto para fumar — xelins ou centavos. Nem me lembro de ter reclamado da comida ou das incessantes maldições de sua esposa, embora vivesse como um ladrão, tremendo de medo o tempo todo e trabalhando todos os dias para você.

A próxima lembrança é da casa em St. George's Road — você e a Srta. Muller na cabeceira. Meu pobre irmão estava lá doente e a Srta. Müller o levou embora. Lá também não me lembro de ter tido nenhum luxo quanto à comida, à bebida, à cama ou mesmo ao quarto que me foi dado.

A próxima era a casa da senhorita Müller. Embora ela tenha sido muito gentil comigo, eu vivia de nozes e frutas. A próxima lembrança é a do buraco negro de Londres, onde tive que trabalhar quase dia e noite e preparar as refeições muitas vezes para cinco ou seis, e na maioria das noites com um pedaço de pão com manteiga.

Lembro-me da Sra. Sturdy me dando um jantar e uma noite de hospedagem em sua casa, e no dia seguinte criticando o selvagem negro — tão sujo e fumegante por toda a casa.

Com exceção do Capitão e da Sra. Sevier, não me lembro de nenhum pedaço de trapo do tamanho de um lenço que comprei da Inglaterra. Por outro lado, a exigência incessante do meu corpo e da minha mente na Inglaterra é a causa do meu colapso na saúde. Isso foi tudo que vocês, ingleses, me deram, enquanto me faziam trabalhar até a morte; e agora estou amaldiçoado pelos luxos que vivi!! Alguém de vocês me deu um casaco? Quem quer um charuto? Quem quer um pedaço de peixe ou carne? Quem de vocês se atreve a dizer que eu pedi comida, bebida, fumo, roupa ou dinheiro? Pergunte, Sturdy, peça pelo amor de Deus, pergunte aos seus amigos e primeiro pergunte ao seu próprio “Deus interior que nunca dorme”.

Você me deu dinheiro pelo meu trabalho. Cada centavo está lá. Diante de seus olhos mandei meu irmão embora, talvez para a morte; e eu não lhe daria um tostão do dinheiro que não fosse minha propriedade privada.

Por outro lado, lembro-me que, na Inglaterra, o capitão e a senhora Sevier, que me vestiram quando eu estava com frio, cuidaram de mim melhor do que minha própria mãe teria feito, suportaram comigo em minhas fraquezas, minhas provações; e eles não têm nada além de bênçãos para mim. E que a Sra. Sevier, por não se importar com honras, é hoje adorada por milhares de pessoas; e quando ela morrer, milhões de pessoas se lembrarão dela como uma das grandes benfeitoras dos pobres índios. E eles nunca me amaldiçoaram pelos meus luxos, embora estejam prontos para me dar luxos, se eu precisar ou desejar.

Não preciso falar sobre a Sra. Bull, a Srta. MacLeod, o Sr. e a Sra. Leggett. Você conhece o amor e a bondade deles por mim; e a Sra. Bull e a Srta. MacLeod estiveram em nosso país, mudaram-se e viveram conosco como nenhum estrangeiro jamais fez, passando por tudo, e também nunca amaldiçoaram a mim e aos meus luxos; eles ficarão muito felizes se eu comer bem e fumar charutos de um dólar, se eu desejar. E lá Leggetts e Bulls eram as pessoas cujo pão cujo dinheiro comprou meus cigarros e

várias vezes pagou meu aluguel, enquanto eu estava me matando pelo seu povo, quando você estava pegando meu quilo de carne para o buraco sujo e a fome e reservando toda essa acusação de luxo.

"As nuvens do outono fazem muito barulho, mas não enviam chuva;

As nuvens da estação das chuvas, sem uma palavra, inundam a terra."

Veja Sturdy, quem ajudou ou ainda ajuda não tem crítica, não tem maldição: só quem não faz nada, só vem para moer o próprio machado, que maldiz, que critica. Que críticas tão inúteis, sem coração, egoístas e inúteis são a maior bênção que pode vir para mim. Não quero nada na vida como estar a quilômetros de distância desses amoladores de machados extremamente egoístas.

Falando em luxos! Leve esses críticos um após o outro – é tudo carne, toda carne e nenhum espírito em lugar nenhum. Graças a Deus, mais cedo ou mais tarde eles aparecem em suas verdadeiras cores. E você me aconselha a regular minha conduta, meu trabalho, de acordo com os desejos dessas pessoas egoístas e sem coração, e você está perdendo o juízo porque eu não o faço!

Quanto aos meus Gurubhais (irmãos-discípulos), eles não fazem nada além do que eu insisto que façam. Se eles demonstraram algum egoísmo em algum lugar, foi por causa de minhas ordens, e não por causa do que eles próprios fariam.

Você gostaria que seus filhos fossem colocados naquele buraco escuro que você arranhou para mim em Londres, forçados a trabalhar até a morte e quase morrendo de fome o tempo todo? Será que a Sra. Sturdy gostaria disso? Eles são Sannyasins, e isso significa que nenhum Sannyasin deve desperdiçar sua vida desnecessariamente ou enfrentar dificuldades desnecessárias.

Ao passarmos por todas essas dificuldades no Ocidente, apenas quebramos as regras do Sannyasa. Eles são meus irmãos, meus filhos. Não quero que morram em buracos por minha causa. Eu não quero, por tudo que é bom e

verdadeiro, eu não quero que eles morram de fome, trabalhem e sejam amaldiçoados por todas as suas dores.

Mais uma palavra. Ficarei muito feliz se você puder me indicar onde preguei torturando a carne. Quanto aos Shâstras (escrituras), ficarei muito feliz se um Shâstri (Pundit) ousar se opor a nós com as regras de vida estabelecidas para Sannyasins e Paramahamsas.

Bem, Sturdy, meu coração dói. Eu entendo tudo. Eu sei onde você está - você está nas garras de pessoas que querem usá-lo. Não me refiro à sua esposa. Ela é simples demais para ser perigosa. Mas, meu pobre rapaz, você tem cheiro de carne – um pouco de dinheiro – e os abutres estão por aí. Como a vida.

Você falou muito sobre a Índia antiga. Que a Índia ainda vive, Sturdy, não está morta, e que a Índia viva ousa ainda hoje transmitir a sua mensagem sem medo ou favorecimento dos ricos, sem medo da opinião de ninguém, seja na terra onde os seus pés estão acorrentados ou no próprio face daqueles que detêm a ponta da cadeia, seus governantes. Que a Índia ainda viva, Robusta, a Índia do amor eterno, da fidelidade eterna, do imutável, não só nos costumes e nos costumes, mas também no amor, na fé, na amizade. E eu, o menor dos filhos da Índia, amo você, Sturdy, com amor indiano, e daria qualquer dia mil corpos para ajudá-lo a sair dessa ilusão.

Sempre seu,

VIVEKANANDA.

7.5.45 Sra. LEGGETT

CHICAGO,

26 de novembro de 1899.

MINHA QUERIDA SRA. LEGGETT,

Muito, muito obrigado por toda a sua gentileza e especialmente pela gentil nota. Vou partir de Chicago na próxima quinta-feira e já preparei a passagem e a cama para esse dia.

Miss Noble está indo muito bem aqui e trabalhando para sair. Eu vi Alberta outro dia. Ela está aproveitando cada minuto de sua estadia aqui e está muito feliz. Senhorita Adams (Jane Adams), como sempre é um anjo.

Vou telegrafar para Joe Joe antes de começar e ler a noite toda.

Com todo amor ao Sr. Leggett e a você,

Sempre seu carinhosamente,

VIVEKANANDA.

7.5.46 SRA. LEGGETT

CHICAGO,

30 de novembro de 1899.

MINHA QUERIDA MÃE, (Sra. Leggett.)

Nada de novo — exceto a visita de Madame Calvé. Ela é uma ótima mulher. Eu gostaria de ver mais dela. É uma visão grandiosa ver um pinheiro gigante lutando contra um ciclone. Não é?

Saio daqui esta noite. Estas linhas estão às pressas enquanto A__ está esperando. A Sra. Adams é gentil como sempre. Margot está esplendidamente. Escreverei mais da Califórnia.

Com todo amor ao Frankincense,

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

7.5.47 MARGOT

LOS ANGELES,

6 de dezembro de 1899.

QUERIDA MARGOT,

Seu sexto chegou, mas com ele ainda não houve mudança em minha sorte. A mudança seria boa, você acha? Algumas pessoas são feitas assim, para amarem ser infelizes. Se eu não quebrasse meu coração pelas pessoas entre as quais nasci, faria isso por outra pessoa. Estou certo disso. Esse é o jeito de alguns, estou vindo ver. Todos nós buscamos a felicidade, é verdade, mas alguns só ficam felizes por serem infelizes - estranho, não é? Também não há mal nenhum nisso, exceto que a felicidade e a infelicidade são ambas contagiosas. Ingersoll disse uma vez que se ele fosse Deus, faria com que a saúde fosse contagiosa, em vez da doença, sem imaginar que a saúde é tão contagiosa quanto a doença, se não mais! Esse é o único perigo. Não há mal nenhum no mundo em eu ser feliz, em ser infeliz, mas os outros não devem perceber isso. Este é o grande fato. Assim que um profeta se sente miserável pelo estado do homem, ele azeda o rosto, bate no peito e pede a todos que bebam ácido tartárico, mastiguem carvão, sentem-se num monte de esterco coberto de cinzas e falem apenas com gemidos e lágrimas. ! — Acho que todos estavam querendo. Sim eles tem. Se você está realmente pronto para assumir o fardo do mundo, aceite-o por todos os meios. Mas não nos deixe ouvir seus gemidos e maldições. Não nos assuste com seus sofrimentos, para que possamos sentir que estamos melhor com nossos próprios fardos. O homem que realmente assume o fardo abençoa o mundo e segue seu próprio caminho. Ele não tem uma palavra de condenação, uma palavra de crítica, não porque não houvesse mal, mas porque ele o assumiu de boa vontade, voluntariamente. É o Salvador quem deve “seguir alegremente o seu caminho, e não os salvos”.

Esta é a única luz que captei esta manhã. Isso é suficiente se veio morar comigo e permear minha vida.

Venham vocês que estão sobrecarregados e coloquem todo o seu fardo sobre mim, e então façam o que quiserem e sejam felizes e esqueçam que

eu existi.

Sempre com amor,

Seu pai,

VIVEKANANDA.

7.5.48 Sra. LEGGETT

RUA TURK 1719,

SÃO FRANCISCO,

17 de março de 1900.

MINHA QUERIDA MÃE (Sra. Leggett.),

Estou muito feliz em receber sua bela carta. Bem, você pode ter certeza de que estou mantendo contato com meus amigos. No entanto, um atraso às vezes pode causar nervosismo.

O Dr. e a Sra. Hiller retornaram à cidade, muito beneficiados, como declaram, pelas fricções da Sra. Melton. Quanto a mim, tenho várias manchas vermelhas enormes no peito. O que se concretizar mais tarde quanto à recuperação completa, eu avisarei. É claro que meu caso é tal que levará algum tempo para se resolver sozinho.

Muito grato a você e à Sra. Adams pela gentileza. Certamente irei visitá-los em Chicago.

Como vão as coisas com você? Tenho seguido o plano "Coloque a boca ou cale a boca" aqui e até agora não se mostrou ruim. A Sra. Hansborough, a segunda das três irmãs, está aqui e está trabalhando, trabalhando, trabalhando – para me ajudar. Senhor abençoe seus corações. As três irmãs são três anjos, não são? Ver essas almas aqui e ali compensa todas as bobagens desta vida.

Bem, todas as bênçãos para você para sempre é minha oração. Você também é um dos anjos, digo eu.

Com amor para a Srta. Kate,

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

PS. Como é o “filho da mãe”?

Como está a senhorita Spencer? Todo amor para ela. Você já sabe que sou um péssimo correspondente, mas o coração nunca falha. Diga isso à senhorita Spencer.

V.

7.5.49 SRA. LEI

RUA TURK 1719,

SÃO FRANCISCO,

17 de março de 1900.

QUERIDA MÃE (Sra. Leggett.),

Recebi uma carta de Joe pedindo-me para enviar minha assinatura em quatro tiras de papel, para que o Sr. Leggett pudesse colocar meu dinheiro no banco para mim. Como não posso alcançá-la a tempo, envio os recibos para você.

Estou melhorando de saúde e fazendo alguma coisa financeiramente. Estou bastante satisfeito. Não lamento que mais pessoas não tenham respondido ao seu chamado. Eu sabia que eles não iriam. Mas sou eternamente grato a você por toda a sua gentileza. Que todas as bênçãos sigam você e os seus para sempre.

É melhor que minha correspondência seja enviada para 1231 Pine Street, C/o Home of Truth. Pois embora eu esteja me deslocando, aquele lugar é um estabelecimento permanente e as pessoas de lá são muito gentis comigo.

Estou muito feliz em saber que você está muito bem agora. A Sra. Melton deixou Los Angeles — fui informado pela Sra. Blodgett. Ela foi para Nova York? O Dr. e a Sra. Hiller voltaram para São Francisco anteontem. Eles se declaram muito ajudados pela Sra. Melton. A Sra. Hiller espera ficar completamente curada em pouco tempo.

Já dei várias palestras aqui e em Oakland. As palestras em Oakland foram bem pagas. A primeira semana em São Francisco não estava rendendo, esta semana está. Espero que a próxima semana também pague. Estou muito feliz em ouvir o belo arranjo feito pelo Sr. Leggett para a Sociedade Vedanta. Ele é tão bom.

Com todo amor,

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Você sabe alguma coisa sobre Turiyananda? Ele ficou completamente curado?

V.

7.5.50 Sra. LEI

RUA TURK 1719,
SÃO FRANCISCO,
7 de abril de 1900.

QUERIDA MÃE (Sra. Leggett.),

Aceite meus parabéns pela notícia da remoção total da causa da ferida. Não tenho dúvidas de que desta vez você estará perfeitamente curado.

Sua gentil nota me animou bastante. Não me importo nem um pouco se as pessoas vêm me ajudar ou não; Estou ficando calmo e menos preocupado.

Por favor, transmita meus melhores cumprimentos à Sra. Melton. Tenho certeza de que me recuperarei no longo prazo. Minha saúde tem melhorado em geral, embora haja recaídas ocasionais. Cada recaída diminui, tanto no tom quanto no tempo.

É típico de você tratar Turiyananda e Siri. O Senhor o abençoou por seu grande coração. Que todas as bênçãos sempre sigam você e os seus.

É perfeitamente verdade que eu deveria ir para França e trabalhar em francês. Espero chegar à França em julho ou antes. A mãe sabe. Que tudo de bom sempre te siga, é a oração constante de

Seu filho,

VIVEKANANDA.

7.5.51 SR. LEGGETT

17 de abril de 1900.

MEU QUERIDO SR. LEGGETT,

Com isto envio-lhe o testamento executado. Foi executado conforme desejado por ela e, claro, como sempre, peço-lhe que se dê ao trabalho de cuidar dele.

Você e os seus têm sido tão uniformemente gentis comigo. Mas você sabe, querido amigo, é da natureza humana pedir mais favores (agora que eles vieram) de onde eles vêm.

Sou apenas um homem, seu filho.

Lamento muito que A__ tenha causado distúrbios. Ele faz isso de vez em quando, pelo menos costumava fazer. Não me atrevo a me intrometer, com medo de criar mais problemas. Você sabe como gerenciá-lo melhor. Quando você receber esta carta, já estarei em São Francisco. Você poderia gentilmente enviar minha correspondência indiana para Sra. Hale, 10 Aster Street, Chicago, e para Margot no mesmo lugar? Margot escreve com muita gratidão sobre sua doação de mil dólares para a escola dela.

Que todas as bênçãos sempre sigam você e os seus por sua bondade uniforme para comigo e para com os meus, é a oração constante de

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Estou muito feliz em saber que a Sra. Leggett já se recuperou.

V.

7.5.52 TIA ROXY

2 de maio de 1900.

QUERIDA TIA ROXY, (Sra. Blodgett de Los Angeles),

Sua carta muito, muito gentil chegou. Estou novamente com nervosismo e febre, depois de seis meses de trabalho duro. No entanto, descobri que meus rins e coração estão tão bons como sempre. Vou descansar alguns dias no campo e depois partir para Chicago.

Acabei de escrever para a Sra. Milward Adams e também apresentei minha filha, Srta. Noble, para ir visitar a Sra. Adams e dar-lhe todas as informações que desejar sobre o trabalho.

Bem, querida boa mãe, que todas as bênçãos e paz estejam com você. Eu só quero muito um pouco de paz - ore por mim. Com amor para Kate,

Sempre seu filho,
VIVEKANANDA.

PS. Amo a Srta. Spencer - o Basaquisitz (?), a Sra. S__ e os outros amigos.
Um monte de tapinhas amorosos na cabeça para Tricks.

V.

7.5.53 SENHORITA ALBERTA STURGES

CÃES GUIREC
CONSIDERAÇÃO,
22 de setembro de 1900.

Para senhorita Alberta Sturges
em seu aniversário de 23 anos
O coração da mãe, a vontade do herói,
A sensação mais doce da flor mais suave;
O charme e a força que sempre influenciam
O jogo flamejante do fogo do altar;
A força que conduz, no amor obedece;
Sonhos de longo alcance e métodos pacientes,
Fé eterna em si mesmo, em tudo
A visão Divina no grande e no pequeno;
Tudo isso e muito mais do que eu podia ver
Hoje que a “Mãe” te conceda.

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

QUERIDA ALBERTA,

Este pequeno poema é para o seu aniversário. Não é bom, mas tem todo o meu amor. Tenho certeza, portanto, que você vai gostar.

Você poderia gentilmente enviar uma cópia de cada um dos panfletos para madame Besnard, Clairoix, Bres Compiègne, Oise, e fazer o favor?

Seu simpatizante,

VIVEKANANDA.

VOLUME 8

DO PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Desde a publicação do Sétimo Volume das Obras Completas do Swami Vivekananda, pudemos reunir muitos assuntos novos e inéditos, seja em forma de livro ou nesta série. A maior parte deste assunto foi assegurada através da ajuda de vários admiradores devotados do Swami na América e na Europa, e a Seção de Notas de Palestras e Palestras de Classe, bem como muitas das Epístolas pertencem a esta categoria. Também agradecemos ao The Ramakrishna Math, Baghazar, Calcutá, e ao The Ramakrishna Math, Madras pela permissão para incluir alguns assuntos de suas publicações neste volume.

O EDITOR

20 de dezembro de 1951

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

A fim de obter uma distribuição igualitária das páginas, as Epístolas CXCVII-CCXXIV, bem como a XXXVIII da segunda edição, foram transferidas para o quinto volume das Obras Completas; XXXVIII e XXXIX desta edição são novos.

O Índice é revisado em conformidade.

EDITOR

Dezembro de 1959

8.1 PALESTRAS E DISCURSO

8.1.1 JNANA IOGA

8.1.1.1 JNANA IOGA

(Estes foram originalmente registrados por uma proeminente discípula americana do Swami, Srta. S. E. Waldo. Swami Saradananda, enquanto estava na América (1896), copiou-os de seu caderno - Ed.)

Om Tat Sat! Conhecer o Om é conhecer o segredo do universo. O objetivo do Jnâna-Yoga é o mesmo do Bhakti e do Râja Yoga, mas o método é diferente. Este é o Yoga para os fortes, para aqueles que não são nem místicos nem devocionais, mas racionais. Assim como o Bhakti-Yogi trabalha para completar a unidade com o Supremo através do amor e da devoção, o Jnâna-Yogi abre caminho para a realização de Deus pelo poder da razão pura. Ele deve estar preparado para jogar fora todos os velhos ídolos, todas as antigas crenças e superstições, todo desejo por este mundo ou outro, e estar determinado apenas a encontrar a liberdade. Sem Jnana (conhecimento) a libertação não pode ser nossa. Consiste em saber o que realmente somos, que estamos além do medo, além do nascimento, além da morte. O bem maior é a realização do Eu. Está além do sentido, além do pensamento. O verdadeiro “eu” não pode ser apreendido. É o sujeito eterno

e nunca pode tornar-se objeto de conhecimento, porque o conhecimento é apenas do relacionado, não do Absoluto. Todo conhecimento sensorial é limitação, é uma cadeia interminável de causa e efeito. Este mundo é um mundo relativo, uma sombra do real; ainda assim, sendo o plano de equilíbrio onde a felicidade e a miséria estão igualmente equilibradas, é o único plano onde o homem pode realizar seu verdadeiro Eu e saber que ele é Brahman.

Este mundo é “a evolução da natureza e a manifestação de Deus”. É a nossa interpretação de Brahman ou do Absoluto, visto através do véu de Mâyâ ou aparência. O mundo não é zero, tem uma certa realidade; só aparece porque Brahman é.

Como conheceremos o conhecedor? O Vedanta diz: “Nós somos Isso, mas nunca poderemos conhecê-Lo, porque Ele nunca poderá se tornar objeto de conhecimento”. A ciência moderna também diz que não pode ser conhecido. Podemos, no entanto, ter vislumbres disso de vez em quando. Quando a ilusão deste mundo for quebrada, ela voltará para nós, mas não terá mais nenhuma realidade para nós. Conheceremos isso como uma miragem. Alcançar o que está além da miragem é o objetivo de todas as religiões. Que o homem e Deus são um é o ensinamento constante dos Vedas, mas apenas poucos são capazes de penetrar além do véu e alcançar a compreensão desta verdade.

A primeira coisa da qual aquele que deseja ser um Jnâni deve se livrar é do medo. O medo é um dos nossos piores inimigos. Em seguida, não acredite em nada até saber disso. Diga constantemente a si mesmo: “Não sou o corpo, não sou a mente, não sou pensamento, nem sequer sou consciência; sou o Atman”. Quando você puder jogar fora tudo, apenas o verdadeiro Eu permanecerá. A meditação do Jnani é de dois tipos: (1) negar e pensar em tudo o que não somos; (2) insistir no que realmente somos – o Atman, o Ser Único – Existência, Conhecimento e Bem-aventurança. O verdadeiro racionalista deve prosseguir e seguir destemidamente a sua razão até aos seus limites mais distantes. Não vai responder parar em nenhum lugar da estrada. Quando começamos a negar, todos devem ir até chegarmos ao que não pode ser jogado fora ou negado, que é o verdadeiro “eu”. Esse “eu” é a testemunha do universo, é imutável, eterno, infinito. Agora, camada após

camada de ignorância cobre isso de nossos olhos, mas permanece sempre o mesmo.

Dois pássaros pousaram em uma árvore. O pássaro no topo era calmo, majestoso, lindo, perfeito. O pássaro de baixo estava sempre pulando de galho em galho, ora comendo frutas doces e sendo feliz, ora comendo frutas amargas e sendo infeliz. Um dia, depois de comer uma fruta mais amarga do que o normal, ele olhou para o calmo e majestoso pássaro superior e pensou: "Como eu gostaria de ser como ele!" e ele pulou um pouco em direção a ele. Logo ele esqueceu completamente seu desejo de ser como o pássaro superior e continuou como antes, comendo frutas doces e amargas e sendo feliz e infeliz. Novamente ele olhou para cima, novamente ele se aproximou um pouco mais do calmo e majestoso pássaro superior. Isso foi repetido muitas vezes até que finalmente ele se aproximou do pássaro superior; o brilho de sua plumagem o deslumbrou, pareceu absorvê-lo e, finalmente, para seu espanto e surpresa, ele descobriu que havia apenas um pássaro – ele era o pássaro superior o tempo todo e acabara de descobri-lo. O homem é como aquele pássaro inferior, mas se perseverar em seus esforços para se elevar ao ideal mais elevado que pode conceber, ele também descobrirá que era o Eu o tempo todo e que o outro era apenas um sonho. Separar-nos completamente da matéria e de toda crença em sua realidade é o verdadeiro Jnana. O Jnani deve manter sempre em mente o "Om Tat Sat", ou seja, Om a única existência real. A unidade abstrata é a base do Jnana-Yoga. Isto é chamado de Advaitismo ("sem dualismo ou dvaitismo"). Esta é a pedra angular da filosofia Vedanta, o Alfa e o Ômega. "Só Brahman é verdadeiro, todo o resto é falso e eu sou Brahman." Somente dizendo isso a nós mesmos, até torná-lo parte de nosso próprio ser, poderemos nos elevar além de toda dualidade, além do bem e do mal, do prazer e da dor, da alegria e da tristeza, e nos conhecermos como o Um, eterno, imutável, infinito - o "Um sem segundo".

O Jnana-Yogi deve ser tão intenso quanto o mais estreito sectário, mas tão amplo quanto os céus. Ele deve controlar absolutamente a sua mente, ser capaz de ser budista ou cristão, ter o poder de dividir-se conscientemente em todas essas ideias diferentes e ainda assim manter-se firme na harmonia eterna. Somente o exercício constante pode nos permitir obter esse controle. Todas as variações estão no Um, mas devemos aprender a não nos

identificar com o que fazemos, e a não ouvir nada, não ver nada, não falar de nada além do que temos em mãos. Devemos colocar toda a nossa alma e ser intensos. Dia e noite diga a si mesmo: “Eu sou Ele, eu sou Ele”.

8.1.1.2 JNANA IOGA

(Estes foram originalmente registrados por uma proeminente discípula americana do Swami, Srta. S. E. Waldo. Swami Saradananda, enquanto estava na América (1896), copiou-os de seu caderno - Ed.)

O maior professor da filosofia Vedanta foi Shankârachârya. Através de raciocínio sólido ele extraiu dos Vedas as verdades do Vedanta, e sobre elas construiu o maravilhoso sistema de Jnâna que é ensinado em seus comentários. Ele unificou todas as descrições conflitantes de Brahman e mostrou que existe apenas uma Realidade Infinita. Ele mostrou também que, como o homem só pode viajar lentamente na estrada ascendente, todas as diversas apresentações são necessárias para se adequar à sua capacidade variada. Encontramos algo semelhante a isto nos ensinamentos de Jesus, que ele evidentemente adaptou às diferentes capacidades dos seus ouvintes. Primeiro ele lhes ensinou sobre um Pai no céu e como orar a Ele. Em seguida, ele subiu um degrau mais alto e disse-lhes: “Eu sou a videira, vocês são os ramos” e, por último, deu-lhes a verdade mais elevada: “Eu e meu Pai somos um” e “O Reino dos Céus está dentro de vocês. ” Shankara ensinou que três coisas eram os grandes presentes de Deus: (1) corpo humano, (2) sede de Deus e (3) um professor que pode nos mostrar a luz. Quando estes três grandes dons forem nossos, poderemos saber que a nossa redenção está próxima. Somente o conhecimento pode nos libertar e salvar, mas com o conhecimento deve ir a virtude.

A essência do Vedanta é que existe apenas um Ser e que cada alma é esse Ser por completo, não uma parte desse Ser. Todo o sol se reflete em cada gota de orvalho. Aparecendo no tempo, no espaço e na causalidade, este Ser é o homem, como o conhecemos, mas por trás de toda aparência está a única Realidade. Altruísmo é a negação do eu inferior ou aparente. Temos que nos libertar desse sonho miserável de que somos esses corpos. Devemos conhecer a verdade: “Eu sou Ele”. Não somos gotas que caem no

oceano e nos perdemos; cada um é o oceano inteiro e infinito, e saberá disso quando se libertar dos grilhões da ilusão. O infinito não pode ser dividido, o “Um sem segundo” não pode ter segundo, tudo é Esse Um. Este conhecimento chegará a todos, mas devemos lutar para alcançá-lo agora, porque até o termos, não poderemos realmente dar a melhor ajuda à humanidade. Somente o Jivanmukta (“o vivo livre” ou aquele que sabe) é capaz de dar amor verdadeiro, caridade verdadeira, verdade real, e é somente a verdade que nos torna livres. O desejo nos torna escravos, é um tirano insaciável e não dá descanso às suas vítimas; mas o Jivanmukta conquistou todos os desejos ao chegar ao conhecimento de que ele é o Único e que não há mais nada a desejar.

A mente traz diante de nós todas as nossas ilusões – corpo, sexo, credo, casta, escravidão; portanto, temos que dizer a verdade à mente incessantemente, até que ela perceba isso. Nossa verdadeira natureza é toda felicidade, e todo o prazer que conhecemos é apenas um reflexo, um átomo, daquela felicidade que obtemos ao tocar nossa verdadeira natureza. Isso está além do prazer e da dor. É a “testemunha” do universo, o leitor imutável diante de quem vira as folhas do livro da vida.

Através da prática vem o Yoga, através do Yoga vem o conhecimento, através do conhecimento o amor e através do amor a felicidade.

“Eu e o meu” é uma superstição; vivemos nele há tanto tempo que é quase impossível livrar-nos dele. Ainda assim, devemos nos livrar dele se quisermos chegar ao mais alto. Devemos ser brilhantes e alegres, rostos carrancudos não fazem religião. A religião deveria ser a coisa mais alegre do mundo, porque é a melhor. O ascetismo não pode nos tornar santos. Por que um homem que ama a Deus e que é puro deveria ficar triste? Ele deveria ser como uma criança feliz, ser verdadeiramente um filho de Deus. O essencial na religião é purificar o coração; o Reino dos Céus está dentro de nós, mas somente os puros de coração podem ver o Rei. Enquanto pensamos no mundo, ele é apenas o mundo para nós; mas cheguemos a isso com a sensação de que o mundo é Deus e que teremos Deus. Este deve ser o nosso pensamento para com todos e tudo – pais, filhos, maridos, esposas, amigos e inimigos. Pense em como mudaria todo o universo para nós se pudéssemos preenchê-lo conscientemente com Deus! Não veja nada além

de Deus! Toda tristeza, toda luta, toda dor estariam perdidas para sempre para nós!

Jnana é “ausência de credo”, mas isso não significa que despreze os credos. Significa apenas que um estágio acima e além dos credos foi alcançado. Os Jnâni não procuram destruir, mas ajudar a todos. Assim como todos os rios despejam suas águas no mar e se tornam um, todos os credos devem levar a Jnana e se tornarem um.

A realidade de tudo depende de Brahman, e somente quando realmente compreendermos esta verdade é que teremos alguma realidade. Quando deixamos de ver quaisquer diferenças, então sabemos que “Eu e o Pai somos Um”.

Jnana é ensinado muito claramente por Krishna no Bhagavad-Gitâ. Este grande poema é considerado a joia da coroa de toda a literatura indiana. É uma espécie de comentário sobre os Vedas. Mostra-nos que a nossa batalha pela espiritualidade deve ser travada nesta vida; portanto, não devemos fugir dele, mas antes obrigá-lo a nos dar tudo o que possui. Como o Gita tipifica esta luta por coisas superiores, é altamente poético retratar o cenário num campo de batalha. Krishna, disfarçado de cocheiro para Arjuna, líder de um dos exércitos oponentes, exorta-o a não ficar triste, a não temer a morte, pois ele sabe que é imortal, que nada que mude pode estar na natureza real do homem. Capítulo após capítulo, Krishna ensina as verdades mais elevadas da filosofia e da religião a Arjuna. São esses ensinamentos que tornam este poema tão maravilhoso; praticamente toda a filosofia Vedanta está incluída neles. Os Vedas ensinam que a alma é infinita e de forma alguma é afetada pela morte do corpo. A alma é um círculo cuja circunferência não está em parte alguma, mas cujo centro está em algum corpo. A morte (assim chamada) é apenas uma mudança de centro. Deus é um círculo cuja circunferência não está em lugar nenhum e cujo centro está em toda parte, e quando pudermos sair do estreito centro do corpo, realizaremos Deus – nosso verdadeiro Eu.

O presente é apenas uma linha de demarcação entre o passado e o futuro; portanto, não podemos dizer racionalmente que nos preocupamos apenas com o presente, pois ele não existe à parte do passado e do futuro. É tudo

um todo completo, sendo a ideia do tempo apenas uma condição imposta a nós pela forma da nossa compreensão.

8.1.1.3 JNANA IOGA

(Estes foram originalmente registrados por uma proeminente discípula americana do Swami, Srta. S. E. Waldo. Swami Saradananda, enquanto estava na América (1896), copiou-os de seu caderno - Ed.)

Jnâna ensina que o mundo deve ser abandonado, mas não deve ser abandonado por isso. Estar no mundo, mas não ser dele, é o verdadeiro teste do Sannyâsin. Esta ideia de renúncia tem sido, de alguma forma, comum a quase todas as religiões. Jnana exige que olhemos para todos da mesma forma, que vejamos apenas “mesmice”. O elogio e a culpa, o bem e o mal, até mesmo o calor e o frio, devem ser igualmente aceitáveis para nós. Na Índia há muitos homens santos sobre os quais isto é literalmente verdade. Eles vagam pelas alturas cobertas de neve do Himalaia ou pelas areias escaldantes do deserto, totalmente despidos e aparentemente totalmente inconscientes de qualquer diferença de temperatura.

Temos, antes de tudo, de abandonar esta superstição do corpo; nós não somos o corpo. Em seguida deve ir a superstição que temos em mente. Não nos importamos; é apenas o “corpo de seda”, e não qualquer parte da alma. A mera palavra “corpo”, aplicada a quase todas as coisas, inclui algo comum entre todos os corpos. Isto é existência.

Nossos corpos são símbolos do pensamento que está por trás deles, e os próprios pensamentos são, por sua vez, símbolos de algo que está por trás deles, isto é, a única Existência Real, a Alma de nossa alma, o Eu do universo, a Vida de nossa vida, nosso verdadeiro Auto. Enquanto acreditarmos que somos pelo menos um pouco diferentes de Deus, o medo permanecerá conosco; mas quando sabemos que somos o Único, o medo desaparece: do que podemos ter medo? Por pura força de vontade o Jnâni eleva-se além do corpo, além da mente, tornando este universo zero. Assim ele destrói Avidyâ e conhece seu verdadeiro Eu, o Âtman. A felicidade e a miséria estão apenas nos sentidos, não podem tocar o nosso verdadeiro Eu.

A alma está além do tempo, do espaço e da causalidade – portanto ilimitada, onipresente.

O Jnani tem que sair de todas as formas, ir além de todas as regras e livros, e ser o seu próprio livro. Presos pelas formas, cristalizamos e morremos. Ainda assim, o Jnani nunca deve condenar aqueles que ainda não conseguem elevar-se acima das formas. Ele nunca deve sequer pensar em outro: “Eu sou mais santo que tu”.

Estas são as marcas do verdadeiro Jnana-Yogi: (1) Ele não deseja nada, exceto saber. (2) Todos os seus sentidos estão sob perfeita restrição; ele sofre tudo sem murmurar, igualmente contente se sua cama for o chão nu ao ar livre, ou se ele estiver hospedado no palácio de um rei. Ele não evita o sofrimento, ele permanece e o suporta – ele desistiu de tudo, exceto do Ser. (3) Ele sabe que tudo, exceto o Um, é irreal. (4) Ele tem um desejo intenso de liberdade. Com uma vontade forte, ele fixa sua mente em coisas superiores e assim alcança a paz. Se não conhecemos a paz, o que somos mais do que os brutos? Ele faz tudo pelos outros — pelo Senhor — desistindo de todos os frutos do trabalho e não buscando resultado, nem aqui nem no futuro. O que o universo pode nos dar mais do que nossa própria alma? Possuindo isso, possuímos tudo. Os Vedas ensinam que o Atman, ou Eu, é a Existência Una e Indivisível. Está além da mente, da memória, do pensamento ou mesmo da consciência como a conhecemos. Dele procedem todas as coisas. É aquilo através do qual (ou por causa do qual) vemos, ouvimos, sentimos e pensamos. O objetivo do universo é realizar a unidade com o “Om” ou Existência Única. O Jnani deve estar livre de todas as formas; ele não é hindu, nem budista, nem cristão, mas é os três. Toda ação é renunciada, entregue ao Senhor; então nenhuma ação tem poder para vincular. O Jnani é um tremendo racionalista; ele nega tudo. Ele diz a si mesmo dia e noite: "Não existem crenças, nem palavras sagradas, nem céu, nem inferno, nem credo, nem igreja - só existe Atman." Quando tudo foi jogado fora até que o que não pode ser jogado fora seja alcançado, esse é o Ser. O Jnani não considera nada garantido; ele analisa pela razão pura e pela força de vontade, até atingir o Nirvâna que é a extinção de toda relatividade. Nenhuma descrição ou mesmo concepção deste estado é possível. Jnana nunca deve ser julgado por nenhum resultado terreno. Não seja como o abutre que voa quase além da vista, mas que está

sempre pronto para descer ao ver um pedaço de carniça. Não peça cura, longevidade ou prosperidade, peça apenas para ser livre.

Somos “Existência, Conhecimento, Bem-aventurança” (Sachchidânanda). A existência é a última generalização do universo; então existimos, sabemos disso; e a felicidade é o resultado natural da existência sem liga. De vez em quando conhecemos um momento de felicidade suprema, quando não pedimos nada, não damos nada e não conhecemos nada além de felicidade. Então passa e vemos novamente o panorama do universo acontecendo diante de nós e sabemos que é apenas uma “obra de mosaico colocada sobre Deus, que é o pano de fundo de todas as coisas”. Quando voltamos à terra e vemos o Absoluto como relativo, vemos Sachchidananda como Trindade – Pai, Filho, Espírito Santo. Sat = o princípio criador; Chit = o princípio orientador; Ânanda = o princípio realizador, que nos une novamente ao Um. Ninguém pode conhecer a “existência” (Sat) exceto através do “conhecimento” (Chit), e daí a força da palavra de Jesus: Ninguém pode ver o Pai exceto através do Filho. O Vedanta ensina que o Nirvana pode ser alcançado aqui e agora, que não precisamos esperar a morte para alcançá-lo. O Nirvana é a realização do Ser, e depois de ter conhecido isso uma vez, mesmo que apenas por um instante, nunca mais alguém poderá ser iludido pela miragem da personalidade. Tendo olhos, devemos ver o aparente; mas sempre que sabemos o que é, descobrimos sua verdadeira natureza. É a “tela” que esconde o Eu que é imutável. A tela se abre e encontramos o Ser por trás dela – todas as mudanças estão na tela. No santo a tela é fina e a Realidade quase pode brilhar; mas no pecador ela é densa, e podemos perder de vista a verdade de que o Atman está ali, assim como atrás do santo.

Todo raciocínio termina apenas em encontrar a Unidade; então usamos primeiro a análise e depois a síntese. No mundo da ciência, as forças são gradualmente reduzidas na busca por uma força subjacente. Quando a ciência física puder compreender perfeitamente a unidade final, ela terá chegado ao fim, pois ao alcançar a unidade encontraremos descanso. O conhecimento é definitivo.

A religião, a mais preciosa de todas as ciências, descobriu há muito tempo aquela unidade final, cujo objetivo é alcançar o Jnana-Yoga. Existe apenas

um Eu no universo, do qual todos os eus inferiores são apenas manifestações. O Eu, entretanto, é infinitamente mais do que todas as suas manifestações. Tudo é o Eu ou Brahman. O santo, o pecador, o cordeiro, o tigre, até mesmo o assassino, na medida em que tenham alguma realidade, não podem ser outra coisa, porque não há mais nada. "Aquilo que existe é Um, os sábios O chamam de diversas maneiras." Nada pode ser mais elevado do que este conhecimento, e naqueles purificados pelo Yoga ele chega em flashes à alma. Quanto mais alguém for purificado e preparado pelo Yoga e pela meditação, mais claros serão esses lampejos de realização. Isto foi descoberto há 4.000 anos, mas ainda não se tornou propriedade da raça; ainda é propriedade apenas de alguns indivíduos.

8.1.1.4 JNANA IOGA

(Estes foram originalmente registrados por uma proeminente discípula americana do Swami, Srta. S. E. Waldo. Swami Saradananda, enquanto estava na América (1896), copiou-os de seu caderno - Ed.)

Todos os homens, assim chamados, ainda não são realmente seres humanos. Cada um tem que julgar este mundo através de sua própria mente. A compreensão superior é extremamente difícil. O concreto é mais para a maioria das pessoas do que o abstrato. Como ilustração disso, conta-se a história de dois homens em Bombaim – um hindu e o outro jainista – que jogavam xadrez na casa de um rico comerciante de Bombaim. A casa ficava perto do mar, o jogo era longo; a vazante e a vazante da maré sob a varanda onde estavam sentados chamaram a atenção dos jogadores. Um deles explicava isso por meio de uma lenda, segundo a qual os deuses, em suas brincadeiras, jogavam a água num grande poço e depois a jogavam fora novamente. O outro disse: Não, os deuses levam-no até o topo de uma montanha alta para usá-lo e, quando terminam, jogam-no novamente no chão. Um jovem estudante presente começou a rir deles e disse: “Vocês não sabem que a atração da lua causa as marés?” Com isso, os dois homens se voltaram contra ele furiosos e perguntaram se ele os achava tolos. Será que ele supunha que eles acreditavam que a Lua tinha cordas para puxar as marés, ou que ela poderia chegar tão longe? Eles se recusaram totalmente a aceitar qualquer explicação tão tola. Neste momento o anfitrião entrou na

sala e foi apelado por ambas as partes. Ele era um homem culto e, claro, conhecia a verdade, mas vendo claramente a impossibilidade de fazer com que os jogadores de xadrez a compreendessem, fez um sinal ao estudante e depois começou a dar uma explicação das marés que se revelou eminentemente satisfatória para o seu ignorante. ouvintes. "Vocês devem saber", disse-lhes ele, "que ao longe, no meio do oceano, existe uma enorme montanha de esponja - vocês dois viram esponja e sabem o que quero dizer. Esta montanha de esponja absorve uma grande quantidade de a água e depois o mar descem aos poucos, os deuses descem e dançam na montanha e seu peso espreme toda a água e o mar sobe novamente. Isso, senhores, é a causa das marés, e vocês podem ver facilmente. para vocês mesmos quão razoável e simples é esta explicação." Os dois homens que ridicularizaram o poder da lua de causar as marés, não encontraram nada de incrível numa montanha de esponja, dançada pelos deuses! Os deuses eram reais para eles, e eles realmente tinham visto esponjas; o que era mais provável do que o seu efeito conjunto sobre o mar!

“Conforto” não é um teste de verdade; pelo contrário, a verdade muitas vezes está longe de ser “confortável”. Se alguém pretende realmente encontrar a verdade, não deve se apegar ao conforto. É difícil abandonar tudo, mas os Jnâni devem fazê-lo. Ele deve tornar-se puro, eliminar todos os desejos e deixar de se identificar com o corpo. Então, e somente então, a verdade superior poderá brilhar em sua alma. O sacrifício é necessário, e esta imolação do eu inferior é a verdade subjacente que tornou o sacrifício uma parte de todas as religiões. Todas as oferendas propiciatórias aos deuses eram apenas tipos vagamente compreendidos do único sacrifício que tem algum valor real, a entrega do eu aparente, somente através do qual podemos realizar o Eu superior, o Âtman. O Jnani não deve tentar preservar o corpo, nem mesmo desejar fazê-lo. Ele deve ser forte e seguir a verdade, embora o universo caia. Aqueles que seguem “modismos” nunca poderão fazer isso. É um trabalho para toda a vida, ou melhor, o trabalho de cem vidas! Somente poucos se atrevem a perceber o Deus interior, a renunciar ao céu e ao Deus Pessoal e a toda esperança de recompensa. É necessária uma vontade firme para fazer isso; estar ainda vacilante é um sinal de tremenda fraqueza. O homem sempre é perfeito, ou nunca poderia se tornar assim; mas ele tinha que perceber isso. Se o homem estivesse limitado por causas externas, ele só poderia ser mortal. A imortalidade só pode ser

verdadeira para o incondicionado. Nada pode agir sobre o Atman – a ideia é pura ilusão; mas o homem deve identificar-se com isso, não com o corpo ou a mente. Deixe-o saber que ele é a testemunha do universo, então ele poderá desfrutar da beleza do maravilhoso panorama que passa diante dele. Deixe-o dizer a si mesmo: “Eu sou o universo, eu sou Brahman”. Quando o homem realmente se identifica com o Um, o Atman, tudo lhe é possível e toda a matéria se torna sua serva. Como disse Shri Ramakrishna: Depois que a manteiga é batida, ela pode ser colocada em água ou leite e nunca será misturada com nenhum deles; assim, quando o homem tiver realizado o Ser, ele não poderá mais ser contaminado pelo mundo.

"De um balão, nenhuma pequena distinção é visível, então quando o homem subir alto o suficiente, ele não verá pessoas boas e más." "Uma vez que a panela esteja queimada, ela não poderá mais ser moldada; assim, com a mente que uma vez tocou o Senhor e teve um batismo de fogo, ela não poderá mais ser mudada." Filosofia em sânscrito significa "visão clara" e religião é filosofia prática. A mera filosofia teórica e especulativa não é muito considerada na Índia. Não há igreja, nem credo, nem dogma. As duas grandes divisões são os “Dvaitistas” e os “Advaitistas”. Os primeiros dizem: “O caminho para a salvação é através da misericórdia de Deus; a lei da causalidade, uma vez posta em ação, nunca pode ser quebrada; somente Deus, que não está vinculado a esta lei, por Sua misericórdia nos ajuda a quebrá-la”. Os segundos dizem: “Por trás de toda esta natureza há algo que é livre; e encontrar aquilo que está além de toda lei nos dá liberdade; e liberdade é salvação”. O dualismo é apenas uma fase, o Advaitismo vai até o final. Tornar-se puro é o caminho mais curto para a liberdade. Só é nosso o que ganhamos. Nenhuma autoridade pode nos salvar, nenhuma crença. Se existe um Deus, todos podem encontrá-lo. Ninguém precisa saber que está quente; cada um pode descobrir por si mesmo. Assim deveria ser com Deus. Ele deveria ser um fato na consciência de todos os homens. Os hindus não reconhecem o “pecado”, tal como é entendido pela mente ocidental. As más ações não são “pecados”, não estamos ofendendo algum Governante ao cometê-las; estamos simplesmente nos prejudicando e devemos sofrer a pena. Não é pecado colocar o dedo no fogo, mas quem o fizer certamente sofrerá tanto como se o fizesse. Todas as ações produzem certos resultados, e “cada ação retorna para quem a pratica”. O “Trinitarianismo” é um avanço em relação ao “Unitarianismo” (que é o

dualismo, Deus e o homem separados para sempre). O primeiro passo para cima é quando nos reconhecemos como filhos de Deus; o último passo é quando nos percebemos como o Um, o Atman.

8.1.1.5 JNANA IOGA

(Estes foram originalmente registrados por uma proeminente discípula americana do Swami, Srta. S. E. Waldo. Swami Saradananda, enquanto estava na América (1896), copiou-os de seu caderno - Ed.)

A questão de por que não pode haver corpos eternos é em si ilógica, pois “corpo” é um termo aplicado a uma certa combinação de elementos, mutáveis e em sua própria natureza impermanentes. Quando não estivermos passando por mudanças, não teremos corpos (chamados). A “matéria” além do limite de tempo, espaço e causalidade não será matéria de forma alguma. O tempo e o espaço existem apenas em nós, somos o único Ser Permanente. Todas as formas são transitórias, por isso todas as religiões dizem: “Deus não tem forma”. Menandro foi um rei greco-bactriano. Ele foi convertido ao budismo por volta de 150 a.C. por um dos monges missionários budistas e foi chamada por eles de "Milinda". Ele perguntou a um jovem monge, seu professor: “Pode um homem perfeito (como Buda) estar errado ou cometer erros?” A resposta do jovem monge foi: O homem perfeito pode permanecer na ignorância de assuntos menores que não estão em sua experiência, mas ele nunca pode estar errado quanto ao que seu insight realmente realizou. Ele é perfeito aqui e agora. Ele conhece todo o mistério, a Essência do universo, mas pode não conhecer a mera variação externa através da qual essa Essência se manifesta no tempo e no espaço. Ele conhece o barro em si, mas não teve experiência com todas as formas em que ele pode ser moldado. O homem perfeito conhece a própria Alma, mas não conhece todas as formas e combinações de sua manifestação. Ele teria que adquirir um conhecimento mais relativo, assim como nós, embora, devido ao seu imenso poder, ele o aprendesse muito mais rapidamente.

O tremendo “holofote” de uma mente perfeitamente controlada, quando lançado sobre qualquer assunto, rapidamente o reduziria à posseção. É muito importante compreender isto, porque poupa muitas explicações tolas

sobre como um Buda ou um Jesus poderiam estar enganados no Conhecimento relativo comum, como bem sabemos que estavam. Os discípulos não devem ser culpados por terem escrito as palavras erroneamente. É uma farsa dizer que uma coisa é verdadeira e outra falsa em suas declarações. Aceite a conta inteira ou rejeite-a. Como podemos distinguir o verdadeiro do falso?

Se algo acontece uma vez, pode acontecer novamente. Se algum ser humano já alcançou a perfeição, nós também podemos fazê-lo. Se não pudermos nos tornar perfeitos aqui e agora, nunca o conseguiremos em nenhum estado, céu ou condição que possamos imaginar. Se Jesus Cristo não fosse perfeito, então a religião que leva o seu nome cairia por terra. Se ele fosse perfeito, então nós também podemos nos tornar perfeitos. O homem perfeito não raciocina nem “conhece”, como consideramos “conhecer”, pois todo o nosso conhecimento é mera comparação, e não há comparação, nem classificação, possível no Absoluto. O instinto é menos sujeito ao erro do que a razão, mas a razão é superior e leva à intuição, que é ainda mais elevada. O conhecimento é o pai da intuição, que, como o instinto, também é infalível, mas num plano superior. Existem três graus de manifestação nos seres vivos: (1) subconsciente — mecânica, infalível; (2) consciente — saber, errar; (3) superconsciente — intuitivo, infalível; e estes são ilustrados em um animal, homem e Deus. Ao homem que se tornou perfeito, nada resta senão aplicar o seu entendimento. Ele vive apenas para ajudar o mundo, não desejando nada para si mesmo. O que distingue é o negativo – o positivo é cada vez mais amplo. O que temos em comum é o mais amplo de todos: o “Ser”.

“O direito é uma abreviação mental para explicar uma série de fenômenos”; mas o direito como entidade, por assim dizer, não existe. Usamos a palavra para expressar a sucessão regular de certas ocorrências no mundo fenomênico. Não devemos permitir que a lei se torne uma superstição, algo inevitável, ao qual devemos nos submeter. O erro deve acompanhar a razão, mas a própria luta para vencer o erro nos torna deuses. A doença é a luta da natureza para expulsar algo errado; então o pecado é a luta do divino em nós para nos livrarmos do animal. Devemos “pecar” (isto é, cometer erros) para nos elevarmos à Divindade.

Não tenha pena de ninguém. Veja todos como iguais, purifique-se do pecado primordial da desigualdade. Somos todos iguais e não devemos pensar: “Eu sou bom e você é mau, e estou tentando recuperar você”. A igualdade é o sinal do livre. Jesus veio até os publicanos e pecadores e viveu com eles. Ele nunca se colocou em um pedestal. Somente os pecadores veem o pecado. Não veja o homem, veja apenas o Senhor. Nós fabricamos nosso próprio céu e podemos fazer um paraíso até mesmo no inferno. Pecadores só podem ser encontrados no inferno, e enquanto os virmos ao nosso redor, nós mesmos estaremos lá. O espírito não está no tempo nem no espaço. Perceba "Eu sou a Existência Absoluta, o Conhecimento Absoluto, a Bem-aventurança Absoluta - eu sou Ele, eu sou Ele". Alegre-se ao nascer, alegre-se ao morrer, alegre-se sempre no amor de Deus. Livre-se da escravidão do corpo; tornamo-nos escravos dela e aprendemos a abraçar as nossas correntes e a amar a nossa escravidão; tanto que desejamos perpetuá-lo e continuar com “corpo” “corpo” para sempre. Não se apegue à ideia de “corpo”, não procure de forma alguma uma existência futura como esta; não amamos nem queremos o corpo, mesmo daqueles que nos são queridos. Esta vida é nossa professora, e morrer só abre espaço para começar de novo. O corpo é o nosso mestre-escola, mas suicidar-se é uma loucura, é apenas matar o “mestre”. Outro tomará o seu lugar. Portanto, até que tenhamos aprendido a transcender o corpo, devemos tê-lo, e perder um, obterá outro. Ainda assim, não devemos identificar-nos com o corpo, mas considerá-lo apenas como um instrumento a ser usado para alcançar a perfeição. Hanumân, o devoto de Rama, resumiu sua filosofia nestas palavras: Quando me identifico com o corpo, ó Senhor, sou Tua criatura, eternamente separado de Ti. Quando me identifico com a alma, sou uma centelha desse Fogo Divino que Tu és. Mas quando me identifico com o Atman, eu e Tu somos um.

Portanto o Jnani se esforça para realizar o Ser e nada mais.

8.1.1.6 JNANA IOGA

(Estes foram originalmente registrados por uma proeminente discípula americana do Swami, Srta. S. E. Waldo. Swami Saradananda, enquanto estava na América (1896), copiou-os de seu caderno - Ed.)

O pensamento é muito importante, pois “o que pensamos nos tornamos”. Era uma vez um Sannyâsin, um homem santo, que se sentava debaixo de uma árvore e ensinava o povo. Ele bebia leite e comia apenas frutas e fazia intermináveis "Prânâyâmas" e sentia-se muito santo. Na mesma aldeia vivia uma mulher má. Todos os dias o Sannyasin ia alertá-la de que sua maldade a levaria para o inferno. A pobre mulher, incapaz de mudar o seu modo de vida, que era o seu único meio de subsistência, ainda estava muito comovida com o futuro terrível retratado pelo Sannyasin. Ela chorou e orou ao Senhor, implorando que Ele a perdoasse porque ela não conseguia se conter. Aos poucos, tanto o homem santo quanto a mulher má morreram. Os anjos vieram e a levaram para o céu, enquanto os demônios reivindicaram a alma do Sannyasin. "Por que é isso!" ele exclamou: "Eu não vivi uma vida santíssima e não preguei a santidade a todos? Por que eu deveria ser levado para o inferno enquanto esta mulher perversa é levada para o céu?" "Porque", responderam os demônios, "enquanto ela era forçada a cometer atos profanos, sua mente estava sempre fixada no Senhor e ela buscava a libertação, que agora veio para ela. Mas você, pelo contrário, enquanto você realizou apenas coisas sagradas atos, tinha sua mente sempre fixada na maldade dos outros. Você via apenas o pecado e pensava apenas no pecado, então agora você tem que ir para aquele lugar onde só há pecado. A moral da história é óbvia: a vida exterior pouco vale. O coração deve ser puro e o coração puro vê apenas o bem, nunca o mal. Nunca deveríamos tentar ser guardiões da humanidade, ou subir num pedestal como santos reformando pecadores. Em vez disso, purifiquemo-nos e o resultado deverá ser que, ao fazê-lo, ajudaremos os outros.

A física é limitada em ambos os lados pela metafísica. O mesmo acontece com a razão – começa com a não-razão e termina com a não-razão. Se levarmos a investigação suficientemente longe no mundo da percepção, devemos alcançar um plano além da percepção. A razão é realmente uma percepção armazenada e classificada, preservada pela memória. Nunca podemos imaginar ou raciocinar além de nossas percepções sensoriais. Nada além da razão pode ser objeto de conhecimento sensorial. Sentimos o caráter limitado da razão, mas ela nos leva a um plano onde temos um vislumbre de algo além. Surge então a questão: o homem tem um instrumento que transcende a razão? É muito provável que no homem exista um poder de ir além da razão; na verdade, os santos de todas as épocas

afirmam a existência desse poder em si mesmos. Mas é impossível, pela própria natureza das coisas, traduzir ideias e percepções espirituais para a linguagem da razão; e esses santos, todos e cada um, declararam sua incapacidade de tornar conhecidas suas experiências espirituais. É claro que a linguagem não pode fornecer palavras para elas, de modo que só se pode afirmar que estas são experiências reais e podem ser vividas por todos. Só assim poderão tornar-se conhecidos, mas nunca poderão ser descritos. A religião é a ciência que aprende o transcendental na natureza através do transcendental no homem. Sabemos ainda pouco sobre o homem e, conseqüentemente, pouco sobre o universo. Quando conhecermos mais sobre o homem, provavelmente conheceremos mais sobre o universo. O homem é o epítome de todas as coisas e todo o conhecimento está nele. Somente para a porção infinitesimal do universo, que entra na percepção sensorial, somos capazes de encontrar uma razão; nunca podemos dar a razão de qualquer princípio fundamental. Dar uma razão para uma coisa é simplesmente classificá-la e colocá-la num escaninho da mente. Quando nos deparamos com um facto novo, esforçamo-nos imediatamente por colocá-lo numa categoria existente e a tentativa de o fazer é através da razão. Quando conseguimos situar o facto, isso dá uma certa satisfação, mas nunca podemos ir além do plano físico nesta classificação. Que o homem pode transcender os limites dos sentidos é o testemunho enfático de todas as épocas passadas. Os Upanishads disseram há 5.000 anos que a realização de Deus nunca poderia ser obtida através dos sentidos. Até agora, o agnosticismo moderno concorda, mas os Vedas vão além do lado negativo e afirmam nos termos mais claros que o homem pode e transcende este universo congelado e limitado pelos sentidos. Ele pode, por assim dizer, encontrar um buraco no gelo, através do qual pode passar e alcançar todo o oceano da vida. Somente transcendendo assim o mundo dos sentidos, ele poderá alcançar seu verdadeiro Eu e perceber o que ele realmente é.

Jnâna nunca é conhecimento dos sentidos. Não podemos conhecer Brahman, mas somos Brahman, tudo isso, não uma parte. O inextenso nunca pode ser dividido. A variedade aparente nada mais é do que o reflexo visto no tempo e no espaço, como vemos o sol refletido em um milhão de gotas de orvalho, embora saibamos que o próprio sol é um e não muitos. Em Jnana temos que perder de vista a variedade e ver apenas a Unidade. Aqui não há sujeito, nem objeto, nem conhecimento, nem tu, ele ou eu,

apenas o Um, a Unidade absoluta. Somos isso o tempo todo; uma vez livre, sempre livre. O homem não está sujeito à lei da causalidade. A dor e a miséria não estão no homem, são apenas como a nuvem que passa lançando sua sombra sobre o sol, mas a nuvem passa, o sol permanece inalterado; e assim é com o homem. Ele não nasce, não morre, não está no tempo e no espaço. Estas ideias são meros reflexos da mente, mas nós as confundimos com a realidade e assim perdemos de vista a verdade gloriosa que elas obscurecem. O tempo é apenas o método do nosso pensamento, mas somos o tempo eternamente presente. O bem e o mal só existem em relação a nós. Um não pode existir sem o outro, porque nenhum deles tem significado ou existência separado do outro. Enquanto reconhecermos a dualidade, ou separarmos Deus e o homem, teremos de ver o bem e o mal. Somente indo ao centro, unificando-nos com Deus, poderemos escapar das ilusões dos sentidos. Quando abandonarmos a febre eterna do desejo, a sede infinita que não nos dá descanso, quando tivermos saciado para sempre o desejo, escaparemos tanto do bem como do mal, porque teremos transcendido ambos. A satisfação do desejo apenas o aumenta, como o óleo derramado no fogo, mas faz com que ele queime com mais intensidade. Quanto mais longe do centro, mais rápido anda a roda, menos o resto. Aproxime-se do centro, controle o desejo, elimine-o, deixe o falso eu ir, então nossa visão ficará clara e veremos Deus. Somente através da renúncia a esta vida e a toda a vida futura (céu, etc.), podemos chegar ao ponto em que permanecemos firmes no verdadeiro Eu. Embora esperemos qualquer coisa, o desejo ainda nos governa. Fique por um momento realmente “sem esperança” e a névoa se dissipará. Pois o que esperar quando se é tudo da existência? O segredo de Jnana é desistir de tudo e sermos suficientes para nós mesmos. Diga “não” e você se tornará “não”; diga “é” e você se tornará “é”. Adore o Ser interior, nada mais existe. Tudo o que nos prende é a ilusão de Maya.

8.1.1.7 JNANA IOGA

(Estes foram originalmente registrados por uma proeminente discípula americana do Swami, Srta. S. E. Waldo. Swami Saradananda, enquanto estava na América (1896), copiou-os de seu caderno - Ed.)

O Eu é a condição de tudo no universo, mas nunca pode ser condicionado. Assim que sabemos que somos Isso, somos livres. Como mortais, não somos e nunca poderemos ser livres. A mortalidade livre é uma contradição em termos, pois a mortalidade implica mudança e só os imutáveis podem ser livres. Somente o Atman é livre e essa é a nossa verdadeira essência. Sentimos esta liberdade interior; apesar de todas as teorias, de todas as crenças, nós sabemos disso, e cada ação prova que sabemos disso. A vontade não é livre, a sua aparente liberdade nada mais é do que um reflexo do Real. Se o mundo fosse apenas uma cadeia interminável de causa e efeito, onde alguém poderia ajudá-lo? Deve haver um pedaço de terra seca onde o salvador possa pisar, caso contrário, como ele poderá arrastar alguém para fora do riacho e salvá-lo do afogamento? Até o fanático que grita “sou um verme” pensa que está a caminho de se tornar um santo. Ele vê o santo até no verme.

Existem dois fins ou objetivos na vida humana: o conhecimento real (Vijnâna) e a bem-aventurança. Sem liberdade, esses dois são impossíveis. Eles são a pedra de toque de toda a vida. Deveríamos sentir tanto a Unidade Eterna, que deveríamos chorar por todos os pecadores, sabendo que somos nós que estamos pecando. A lei eterna é o auto-sacrifício, não a auto-afirmação. Que eu afirmar quando tudo é um? Não existem “direitos”, tudo é amor. As grandes verdades que Jesus ensinou nunca foram vividas. Vamos tentar o seu método e ver se o mundo não será salvo. O método contrário quase o destruiu. Somente o altruísmo, e não o egoísmo, pode resolver a questão. A ideia de “certo” é uma limitação; realmente não existe “meu” e “teu”, pois eu sou você e você é eu. Temos “responsabilidade”, não “direitos”. Deveríamos dizer: “Eu sou o universo”, e não “Eu sou João” ou “Eu sou Maria”. Todas essas limitações são ilusões e são o que nos mantém em cativeiro, pois assim que penso: “Eu sou John”, quero a posse exclusiva de certas coisas e começo a dizer “eu e meu”, e continuamente faço novas distinções em fazendo isso. Assim, nossa escravidão continua aumentando a cada nova distinção, e nos distanciamos cada vez mais da Unidade central, do Infinito indiviso. Existe apenas um Indivíduo, e cada um de nós é Esse. Somente a unidade é amor e destemor; a separação nos leva ao ódio e ao medo. A unidade cumpre a lei. Aqui, na terra, esforçamo-nos por encerrar pequenos espaços e excluir os estranhos, mas não podemos fazer isso no céu, embora seja isso que a religião sectária tenta fazer quando diz: “Só este

caminho leva à salvação, todos os outros estão errados”. . O nosso objectivo deveria ser eliminar estes pequenos recintos para alargar as fronteiras até que se percam de vista e perceber que todas as religiões conduzem a Deus. Este pequeno eu insignificante deve ser sacrificado. Esta é a verdade simbolizada pelo batismo em uma nova vida, a morte do velho homem, o nascimento do novo – o perecimento do falso eu, a realização do Atman, o único Eu do universo.

As duas grandes divisões dos Vedas são Karma Kânda – a porção referente ao fazer ou trabalhar, e Jnâna Kânda – a porção que trata do conhecimento, do verdadeiro conhecimento. Nos Vedas podemos encontrar todo o processo de crescimento das ideias religiosas. Isto porque quando uma verdade superior foi alcançada, a percepção inferior que levou a ela ainda foi preservada. Isso foi feito porque os sábios perceberam que o mundo da criação sendo eterno, sempre haveria aqueles que precisariam dos primeiros passos para o conhecimento, que a filosofia mais elevada, embora aberta a todos, nunca poderia ser compreendida por todos. Em quase todas as outras religiões, apenas a última ou mais elevada realização da verdade foi preservada, com a consequência natural de que as ideias mais antigas foram perdidas, enquanto as mais novas foram compreendidas apenas por poucos e gradualmente passaram a não ter significado para muitos. Vemos este resultado ilustrado na crescente revolta contra antigas tradições e autoridades. Em vez de aceitá-los, o homem de hoje desafia-os corajosamente a dar razões às suas reivindicações, a tornar claras as razões pelas quais exigem aceitação. Grande parte do Cristianismo consiste na mera aplicação de novos nomes e significados a antigas crenças e costumes pagãos. Se as fontes antigas tivessem sido preservadas e as razões das transições totalmente explicadas, muitas coisas teriam sido mais claras. Os Vedas preservaram as ideias antigas e este fato exigiu enormes comentários para explicá-las e por que foram mantidas. Também levou a muitas superstições, através do apego a velhas formas depois de todo o sentido do seu significado ter sido perdido. Em muitos cerimoniais, são repetidas palavras que sobreviveram de uma linguagem agora esquecida e às quais nenhum significado real pode agora ser atribuído. A ideia de evolução encontrava-se nos Vedas muito antes da era cristã; mas até que Darwin dissesse que era verdade, era considerado uma mera superstição hindu.

Todas as formas externas de oração e adoração estão incluídas no Karma Kanda. Estas são boas quando realizadas com espírito de altruísmo e não podem degenerar em mera formalidade. Eles purificam o coração. O Karma-Yogi quer que todos sejam salvos antes dele. Sua única salvação é ajudar outros a alcançar a salvação. “Servir aos servos de Krishna é a adoração mais elevada.” Um grande santo orou: “Deixe-me ir para o inferno com os pecados do mundo inteiro, mas deixe o mundo ser salvo”. Esta verdadeira adoração leva a um intenso auto-sacrifício. Conta-se que um sábio estava disposto a dar todas as suas virtudes ao seu cão, para que este pudesse ir para o céu, porque este lhe tinha sido fiel durante muito tempo, enquanto ele próprio se contentava em ir para o inferno.

O Jnana Kanda ensina que somente o conhecimento pode salvar, em outras palavras, que ele deve se tornar "sábio para a salvação". O conhecimento é o primeiro objetivo, o Conhecedor conhece a si mesmo. O Eu, o único sujeito, está em manifestação buscando apenas conhecer a si mesmo. Quanto melhor o espelho, melhor reflexo ele pode proporcionar; então o homem é o melhor espelho, e quanto mais puro o homem, mais claramente ele pode refletir Deus. O homem comete o erro de separar-se de Deus e identificar-se com o corpo. Este erro surge através de Maya, que não é exatamente uma ilusão, mas pode-se dizer que vê o real como outra coisa e não como ele é. Esta identificação de nós mesmos com o corpo leva à desigualdade, que inevitavelmente leva à luta e ao ciúme, e enquanto virmos a desigualdade, nunca poderemos conhecer a felicidade. “A ignorância e a desigualdade são as duas fontes de toda miséria”, diz Jnana.

Quando o homem tiver sido suficientemente golpeado pelo mundo, ele despertará para o desejo de liberdade; e buscando meios de escapar do ciclo sombrio da existência terrena, ele busca conhecimento, aprende o que realmente é e é livre. Depois disso, ele vê o mundo como uma máquina enorme, mas toma muito cuidado para manter os dedos fora das rodas. O dever cessa para quem é livre; que poder pode restringir o ser livre? Ele faz o bem porque é de sua natureza, não porque algum dever imaginário o exija. Isto não se aplica àqueles que ainda estão presos aos sentidos. Somente para ele, que transcendeu o eu inferior, é esta liberdade. Ele permanece firme em sua própria alma, não obedece a nenhuma lei; ele é livre e perfeito. Ele desfez as velhas superstições e saiu do volante. A

natureza é apenas o espelho de nós mesmos. Há um limite para a capacidade de trabalho dos seres humanos, mas não há limite para o desejo; por isso nos esforçamos para nos apoderarmos da capacidade de trabalho dos outros e desfrutarmos dos frutos de seu trabalho, escapando nós mesmos do trabalho. Inventar máquinas para trabalhar para nós nunca poderá aumentar o bem-estar, pois ao satisfazer o desejo, apenas o encontramos, e então queremos mais e mais, sem fim. Morrendo, ainda cheios de desejos insatisfeitos, temos que nascer de novo e de novo na vã busca da satisfação. “Tivemos oito milhões de corpos antes de chegarmos ao humano”, dizem os hindus. Jnana diz: “Mate o desejo e livre-se dele”. Essa é a única maneira. Expulse toda causalidade e realize o Atman. Somente a liberdade pode produzir a verdadeira moralidade. Se houvesse apenas uma cadeia interminável de causa e efeito, o Nirvâna não poderia existir. É a extinção do eu aparente, preso por esta corrente. É isso que constitui a liberdade, ir além da causalidade.

Nossa verdadeira natureza é boa, é livre, o ser puro que nunca pode ser ou fazer o que é errado. Quando lemos Deus com nossos olhos e mentes, nós O chamamos disto ou daquilo; mas na realidade existe apenas Um, todas as variações são nossas interpretações desse Um. Tornamo-nos nada; recuperamos nosso verdadeiro Eu. O resumo de Buda sobre a miséria como resultado da “ignorância e casta” (desigualdade) foi adotado pelos Vedantistas porque é o melhor já feito. Manifesta a maravilhosa visão deste maior entre os homens. Sejam então corajosos e sinceros: qualquer caminho que sigamos com devoção, deve levar-nos à liberdade. Uma vez que você segure um elo da corrente, o todo deverá seguir gradualmente. Regue a raiz da árvore e toda a árvore será regada. Não adianta perder tempo regando cada folha. Em outras palavras, busque ao Senhor e obtendo-O teremos tudo. Igrejas, doutrinas, formas – estas são apenas cercas vivas para proteger a tenra planta da religião; mas mais tarde todas elas deverão ser quebradas, para que a plantinha se torne uma árvore. Assim, as diversas seitas religiosas, Bíblias, Vedas e escrituras são apenas “banheiros” para a plantinha; mas tem que sair da banheira e encher o mundo.

Devemos aprender a nos sentir tanto no sol, nas estrelas, como aqui. O Espírito está além de todo tempo e espaço; todo olho que vê é meu olho;

toda boca que louva ao Senhor é a minha boca; todo pecador sou eu. Não estamos confinados a lugar nenhum, não somos corpo. O universo é o nosso corpo. Somos apenas o cristal puro que reflete tudo, mas é sempre o mesmo. Somos mágicos agitando varinhas mágicas e criando cenas diante de nós à vontade, mas temos que ir além das aparências e conhecer o Eu. Este mundo é como água numa chaleira, começando a ferver; primeiro surge uma bolha, depois outra, depois muitas, até que tudo esteja em ebulição e desapareça em vapor. Os grandes professores são como as bolhas quando começam – aqui uma, ali; mas no final toda criatura tem que ser uma bolha e escapar. A criação, sempre nova, trará água nova e passará por todo o processo novamente. Buda e Cristo são as duas maiores “bolhas” que o mundo já conheceu. Eram grandes almas que, tendo alcançado a liberdade, ajudaram outros a escapar. Nenhum dos dois era perfeito, mas devem ser julgados pelas suas virtudes, nunca pelos seus defeitos. Jesus ficou aquém, porque nem sempre viveu de acordo com o seu ideal mais elevado; e sobretudo porque não deu à mulher um lugar igual ao do homem. A mulher fez tudo por ele, mas ninguém foi feito apóstolo. Isto se deveu, sem dúvida, à sua origem semita. Os grandes arianos, Buda entre os demais, sempre colocaram a mulher em posição de igualdade com o homem. Para eles o sexo na religião não existia. Nos Vedas e Upanishads, as mulheres ensinavam as verdades mais elevadas e recebiam a mesma veneração que os homens.

8.1.1.8 JNANA IOGA

(Estes foram originalmente registrados por uma proeminente discípula americana do Swami, Srta. S. E. Waldo. Swami Saradananda, enquanto estava na América (1896), copiou-os de seu caderno - Ed.)

Tanto a felicidade como a miséria são correntes, uma de ouro, a outra de ferro; mas ambos são igualmente fortes para nos amarrar e nos impedir de perceber a nossa verdadeira natureza. O Atman não conhece felicidade nem miséria. Estes são meros “estados”, e os estados devem sempre mudar. A natureza da alma é felicidade e paz imutáveis. Não temos que entender; nós temos isso; lavemos a escória dos nossos olhos e vejamos. Devemos permanecer sempre no Ser e olhar com perfeita calma todo o panorama do

mundo. É apenas uma brincadeira de bebê e nunca deve nos perturbar. Se a mente fica satisfeita com o elogio, ela ficará magoada com a culpa. Todos os prazeres dos sentidos ou mesmo da mente são evanescentes, mas dentro de nós está o único prazer verdadeiro e independente, que não depende de nada exterior. “O prazer do Eu é o que o mundo chama de religião.” Quanto mais nossa felicidade estiver dentro de nós, mais espirituais seremos. Não dependamos do mundo para obter prazer.

Algumas pobres pescadoras, surpreendidas por uma violenta tempestade, encontraram refúgio no jardim de um homem rico. Ele os recebeu gentilmente, alimentou-os e deixou-os descansar numa casa de verão, rodeados de lindas flores que enchiam todo o ar com seu rico perfume. As mulheres deitaram-se neste paraíso cheiroso, mas não conseguiram dormir. Eles perderam algo em suas vidas e não poderiam ser felizes sem isso. Por fim, uma das mulheres levantou-se e foi até o local onde haviam deixado os cestos de peixe, levou-os para a casa de verão e, mais uma vez, felizes com o cheiro familiar, logo adormeceram profundamente.

Não deixemos que o mundo seja a nossa “cesta de peixe” da qual dependemos para nos divertir. Isto é Tâmasika, ou estar vinculado à mais baixa das três qualidades (ou Gunas). Em seguida vêm os egoístas que falam sempre sobre “eu”, “eu”. Às vezes, eles fazem um bom trabalho e podem se tornar espirituais. Estes são Râjasika ou ativos. Mais elevada vem a natureza introspectiva (Sâttvika), aqueles que vivem apenas no Ser. Essas três qualidades estão em cada ser humano em proporções variadas, e outras diferentes predominam em momentos diferentes. Devemos nos esforçar para superar Tamas com Rajas e então submergir ambos em Sattva.

A criação não é uma “fabricação” de algo, é a luta para recuperar o equilíbrio, como quando átomos de cortiça são jogados no fundo de um balde de água: eles correm para o topo sozinhos e em grupos, e quando todos alcançam o o topo e o equilíbrio foram recuperados, todo movimento ou “vida” cessa. O mesmo ocorre com a criação; se o equilíbrio fosse alcançado, todas as mudanças cessariam e a vida, assim chamada, terminaria. A vida deve ser acompanhada pelo mal, pois quando o equilíbrio for recuperado, o mundo deverá acabar, pois a mesmice e a destruição são uma só. Não há possibilidade de ter prazer sem dor, ou bem

sem mal, pois a própria vida é apenas o equilíbrio perdido. O que queremos é liberdade, não vida, nem prazer, nem bem. A criação é eterna, sem começo, sem fim, a ondulação sempre em movimento num lago infinito. Ainda existem profundezas não alcançadas e outras onde a quietude foi recuperada, mas a onda está sempre a progredir, a luta para recuperar o equilíbrio é eterna. Vida e morte são apenas nomes diferentes para o mesmo fato, são as duas faces de uma mesma moeda. Ambos são Mâyâ, o estado inexplicável de lutar em um momento para viver e um momento depois para morrer. Além de tudo isso está a verdadeira natureza, o Atman. Entramos na criação e então, para nós, ela se torna viva. As coisas estão mortas em si mesmas, apenas nós lhes damos vida, e então, como tolos, viramos as costas e temos medo delas ou gostamos delas! O mundo não é verdadeiro nem falso, é a sombra da verdade.

“A imaginação é a sombra dourada da verdade”, diz o poeta. O universo interno, o Real, é infinitamente maior que o externo, que é apenas a projeção sombria do verdadeiro. Quando vemos a “corda”, não vemos a “serpente”, e quando a “serpente” existe, a “corda” não existe. Ambos não podem existir ao mesmo tempo; portanto, embora vejamos o mundo, não percebemos o Ser, ele é apenas um conceito intelectual. Na realização de Brahman, o “eu” pessoal e todo o sentido do mundo são perdidos. A Luz não conhece as trevas, porque não existe na luz; então Brahman é tudo. Embora reconheçamos um Deus, é realmente apenas o Ser que separamos de nós mesmos e adoramos como fora de nós; mas o tempo todo é o nosso verdadeiro Eu, o único Deus. A natureza do bruto é permanecer onde está, do homem procurar o bem e evitar o mal, de Deus não procurar nem evitar, mas apenas ser eternamente feliz. Sejamos Deuses, façamos dos nossos corações um oceano, para ir além de todas as ninharias do mundo e vê-lo apenas como uma imagem. Podemos então aproveitá-lo sem sermos afetados de forma alguma por ele. Por que procurar o bem no mundo, o que podemos encontrar lá? O melhor que tem a oferecer é como se crianças brincando em uma poça de lama encontrassem algumas contas de vidro. Eles os perdem novamente e precisam recomeçar a busca. A força infinita é a religião e Deus. Só somos almas se formos livres, só existe imortalidade se formos livres, só existe Deus se Ele for livre.

Até desistirmos do mundo fabricado pelo ego, nunca poderemos entrar no Reino dos Céus. Ninguém nunca fez, ninguém nunca fará. Desistir do mundo é esquecer completamente o ego, não conhecê-lo, viver no corpo, mas não ser governado por ele. Este ego malandro deve ser destruído. O poder para ajudar a humanidade está com os silenciosos que apenas vivem e amam e retiram inteiramente a sua própria personalidade. Eles nunca dizem “eu” ou “meu”, eles apenas são abençoados por serem instrumentos para ajudar os outros. Eles estão totalmente identificados com Deus, não pedindo nada e não fazendo nada conscientemente. Eles são os verdadeiros Jivanmuktas – os absolutamente altruístas, com sua pequena personalidade completamente destruída e ambição inexistente. Eles são todos princípios, sem personalidade. Quanto mais afundamos o “pequeno eu”, mais Deus vem. Livremo-nos do pequeno “eu” e deixemos apenas o grande “eu” viver em nós. Nosso melhor trabalho e nossa maior influência é quando não pensamos em nós mesmos. São os “indesejáveis” que trazem grandes resultados para acontecer. Abençoe os homens quando eles te insultarem. Pense em quanto bem eles estão fazendo ao ajudar a eliminar o falso ego. Apegue-se ao verdadeiro Eu, pense apenas em pensamentos puros e você realizará mais do que um regimento de meros pregadores. Da pureza e do silêncio surge a palavra de poder.

8.1.1.9 JNANA IOGA

(Estes foram originalmente registrados por uma proeminente discípula americana do Swami, Srta. S. E. Waldo. Swami Saradananda, enquanto estava na América (1896), copiou-os de seu caderno - Ed.)

A expressão é necessariamente degeneração, porque o espírito só pode ser expresso pela “letra”, e como disse São Paulo, “a letra mata”. A vida não pode estar na “letra” que é apenas um reflexo. No entanto, o princípio deve ser revestido de matéria para ser “conhecido”. Perdemos de vista o Real na cobertura e passamos a considerá-lo como o Real, em vez de como o símbolo. Este é um erro quase universal. Todo grande Mestre sabe disso e tenta se proteger contra isso; mas a humanidade, em geral, tende a adorar o que é visível e não o que é invisível. É por isso que uma sucessão de profetas veio ao mundo para apontar repetidamente para o princípio por trás

da personalidade e para dar-lhe uma nova cobertura adequada aos tempos. A verdade permanece sempre inalterada, mas só pode ser apresentada numa “forma”; assim, de tempos em tempos, uma nova “forma” ou expressão é dada à Verdade, à medida que o progresso da humanidade os torna prontos para recebê-la. Quando nos libertamos do nome e da forma, especialmente quando não precisamos mais de nenhum tipo de corpo, bom ou mau, grosseiro ou fino, só então escaparemos da escravidão. “Progressão eterna” seria uma escravidão eterna. Devemos ir além de toda diferenciação e alcançar a eterna “mesmice” ou homogeneidade ou Brahman. O Atman é a unidade de todas as personalidades e é imutável, o “Um sem segundo”. Não é vida, mas está cunhado na vida. Está além da vida e da morte, do bem e do mal. É a Unidade Absoluta. Ouse buscar a Verdade mesmo no inferno. A liberdade nunca pode ser verdadeira em relação ao nome e à forma, ao que está relacionado. Nenhuma forma pode dizer: “Sou livre como forma”. Só quando toda ideia de forma for perdida é que a liberdade virá. Se a nossa liberdade fere os outros, não somos livres. Não devemos machucar os outros. Embora a percepção real seja apenas uma, as percepções relativas devem ser muitas. A fonte de todo o conhecimento está em cada um de nós – tanto na formiga como no anjo mais elevado. A verdadeira religião é uma só; toda discussão é com as formas, os símbolos, as “ilustrações”. O milênio já existe para quem o encontra. A verdade é que nos perdemos e pensamos que o mundo está perdido. "Tolo! Você não ouve? Em seu próprio coração, dia e noite, está cantando aquela Música Eterna - Sachchidânanda, Soham, Soham, (Existência, Conhecimento e Bem-aventurança, eu sou Ele, eu sou Ele)!"

Tentar pensar sem fantasma é tentar tornar possível o impossível. Cada pensamento tem duas partes – o pensamento e a palavra, e devemos ter ambos. Nem os idealistas nem os materialistas são capazes de explicar o mundo; para fazer isso, devemos pegar tanto a ideia quanto a expressão. Todo conhecimento é refletido, pois só podemos ver nossos próprios rostos refletidos em um espelho. Assim, ninguém pode conhecer seu Ser ou Brahman; mas cada um é esse Eu e deve vê-lo refletido para torná-lo um objeto de conhecimento. Ver as ilustrações do Princípio invisível é o que leva à idolatria - a assim chamada. A gama de ídolos é mais ampla do que normalmente se supõe. Eles variam de madeira e pedra a grandes personalidades como Jesus ou Buda. A introdução de ídolos na Índia foi o

resultado das constantes investidas de Buda contra um Deus Pessoal. Os Vedas não os conheciam, mas a reação contra a perda de Deus como Criador e Amigo levou à criação de ídolos dos grandes professores, e o próprio Buda tornou-se um ídolo e é adorado como tal por milhões de pessoas. As tentativas violentas de reforma acabam sempre por retardar a verdadeira reforma. Adorar é inerente à natureza de cada homem; somente a filosofia mais elevada pode elevar-se à pura abstração. Assim, o homem sempre personificará seu Deus para adorá-Lo. Isto é muito bom, desde que o símbolo, seja ele qual for, seja adorado como um símbolo da Divindade por trás e não em si e por si. Acima de tudo, precisamos libertar-nos da superstição de acreditar porque “está nos livros”. Tentar fazer com que tudo – ciência, religião, filosofia e tudo mais – esteja em conformidade com o que qualquer livro diz, é uma tirania horrível. A adoração de livros é a pior forma de idolatria. Era uma vez um veado, orgulhoso e livre, e ele falou de maneira nobre com seu filho: “Olhe para mim, veja meus chifres poderosos! Com um golpe posso matar um homem; é uma coisa boa ser um veado! ” Nesse momento, ouviu-se ao longe o som da corneta do caçador, e o cervo fugiu precipitadamente, seguido por sua criança maravilhada. Quando chegaram a um lugar seguro, ele perguntou: "Por que você voa diante do homem, ó meu pai, quando você é tão forte e corajoso?" O cervo respondeu: "Meu filho, eu sei que sou forte e poderoso, mas quando ouço esse som, algo me agarra e me faz voar, queira ou não." Então conosco. Ouvimos o “som da corneta” das leis estabelecidas nos livros, hábitos e velhas superstições tomam conta de nós; e antes que percebamos, estamos presos e esquecemos nossa verdadeira natureza, que é a liberdade.

O conhecimento existe eternamente. O homem que descobre uma verdade espiritual é o que chamamos de “inspirado”, e o que ele traz ao mundo é a revelação. Mas a revelação também é eterna e não deve ser cristalizada como final e depois seguida cegamente. A revelação pode chegar a qualquer homem que esteja preparado para recebê-la. A pureza perfeita é o mais essencial, pois somente “os puros de coração verão a Deus”. O homem é o ser mais elevado que existe e este é o maior mundo, pois aqui o homem pode realizar a liberdade. O conceito mais elevado que podemos ter de Deus é o de homem. Cada atributo que damos a Ele pertence também ao homem, só que em menor grau. Quando nos elevamos mais alto e queremos sair deste conceito de Deus, temos que sair do corpo, da mente e da

imaginação, e deixar este mundo fora de vista. Quando nos elevamos ao absoluto, não estamos mais no mundo – tudo é Sujeito, sem objeto. O homem é o ápice do único “mundo” que podemos conhecer. Diz-se que aqueles que alcançaram a "mesmice" ou perfeição estão "vivendo em Deus". Todo ódio é “matar a si mesmo por si mesmo”; portanto, o amor é a lei da vida. Chegar a isso é ser perfeito; mas quanto mais “perfeitos” formos, menos trabalho poderemos fazer. Os Sattvika veem e sabem que todo este mundo é mera brincadeira de criança e não se preocupam com isso. Não ficamos muito perturbados quando vemos dois cachorrinhos brigando e se mordendo. Sabemos que não é um assunto sério. A pessoa perfeita sabe que este mundo é Mâyâ. A vida chama-se Samsâra – é o resultado das forças conflitantes que agem sobre nós. O materialismo diz: “A voz da liberdade é uma ilusão”. O idealismo diz: “A voz que fala da escravidão é apenas um sonho”. O Vedanta diz: “Somos livres e não somos livres ao mesmo tempo”. Isso significa que nunca somos livres no plano terreno, mas sempre livres no lado espiritual. O Eu está além da liberdade e da escravidão. Somos Brahman, somos conhecimento imortal além dos sentidos, somos Bem-aventurança Absoluta.

8.1.2 SEIS LIÇÕES DE RAJA-YOGA

8.1.2.1 RAJA-YOGA

(Estas lições são compostas de notas de palestras proferidas por Swami Vivekananda para uma audiência íntima na casa da Sra. Sara C. Bull, uma devotada discípula americana, e foram preservadas por ela e finalmente impressas em 1913 para circulação privada - Ed.)

Raja-Yoga é uma ciência tão importante quanto qualquer outra no mundo. É uma análise da mente, uma reunião dos fatos do mundo supra-sensorial e, assim, a construção do mundo espiritual. Todos os grandes mestres espirituais que o mundo conheceu disseram: “Eu vejo e sei”. Jesus, Paulo e Pedro alegaram ter uma percepção real das verdades espirituais que ensinavam.

Essa percepção é obtida pelo Yoga.

Nem a memória nem a consciência podem ser a limitação da existência. Existe um estado superconsciente. Tanto ele como o estado inconsciente são insensíveis, mas com uma grande diferença entre eles – a diferença entre ignorância e conhecimento. Apresentar o Yoga como um apelo à razão, como uma ciência.

A concentração da mente é a fonte de todo conhecimento.

O Yoga nos ensina a fazer da matéria nossa escrava, como deveria ser. Yoga significa “jugo”, “unir”, ou seja, unir a alma do homem com a Alma suprema ou Deus.

A mente atua dentro e sob a consciência. O que chamamos de consciência é apenas um elo da cadeia infinita que é a nossa natureza.

Este nosso “eu” cobre apenas um pouco de consciência e uma vasta quantidade de inconsciência, enquanto acima dele, e em grande parte desconhecido para ele, está o plano superconsciente.

Através da prática fiel, camada após camada da mente se abre diante de nós e cada uma nos revela novos fatos. Vemos, por assim dizer, novos mundos criados antes de nós, novos poderes são colocados nas nossas mãos, mas não devemos parar no caminho nem deixar-nos deslumbrar por estas “contas de vidro” quando a mina de diamantes está diante de nós.

Só Deus é o nosso objetivo. Se não conseguirmos chegar a Deus, morremos.

Três coisas são necessárias para o aluno que deseja ter sucesso.

Primeiro. Desista de todas as ideias de prazer neste mundo e no próximo, preocupe-se apenas com Deus e a Verdade. Estamos aqui para conhecer a verdade, não para nos divertir. Deixe isso para os brutos que aproveitam como nunca podemos. O homem é um ser pensante e deve lutar até vencer a morte, até ver a luz. Ele não deve gastar-se em vão falando que não dá frutos. A adoração da sociedade e da opinião popular é idolatria. A alma não tem sexo, nem país, nem lugar, nem hora.

Segundo. Desejo intenso de conhecer a Verdade e Deus. Esteja ansioso por eles, anseie por eles, como um homem que está se afogando anseia por respirar. Quer apenas Deus, não aceite mais nada, não deixe mais o “aparente” te enganar. Afaste-se de tudo e busque somente a Deus.

Terceiro. Os seis treinamentos: Primeiro — Restringir a mente de ir para fora. Segundo – Restringir os sentidos. Terceiro – Virar a mente para dentro. Quarto — Sofrer tudo sem murmurar. Quinto – Fixar a mente em uma ideia. Pegue o assunto que está diante de você e pense sobre ele; nunca deixe isso. Não conte o tempo. Sexto – Pense constantemente na sua verdadeira natureza. Livre-se da superstição. Não se hipnotize acreditando em sua própria inferioridade. Dia e noite diga a si mesmo o que você realmente é, até perceber (realmente perceber) sua unidade com Deus.

Sem essas disciplinas, nenhum resultado pode ser obtido.

Podemos estar conscientes do Absoluto, mas nunca poderemos expressá-lo. No momento em que tentamos expressá-lo, limitamo-lo e deixa de ser Absoluto.

Temos que ir além dos limites dos sentidos e transcender até mesmo a razão, e temos o poder para fazer isso.

[Depois de praticar a primeira lição de respiração por semana, o aluno se reporta ao professor.]

PRIMEIRA LIÇÃO

Esta é uma lição que busca trazer à tona a individualidade. Cada individualidade deve ser cultivada. Todos se encontrarão no centro. "A imaginação é a porta para a inspiração e a base de todo pensamento." Todos os profetas, poetas e descobridores tiveram grande poder imaginativo. A explicação da natureza está em nós; a pedra cai para fora, mas a gravitação está dentro de nós, não fora. Aqueles que se empanturram, aqueles que passam fome, aqueles que dormem demais, aqueles que dormem pouco, não podem se tornar Yogis. A ignorância, a inconstância, o ciúme, a preguiça e o apego excessivo são os grandes inimigos do sucesso na prática do Yoga. Os três grandes requisitos são:

Primeiro. Pureza, física e mental; toda impureza, tudo o que desanimaria a mente, deve ser abandonada.

Segundo. Paciência: No início haverá manifestações maravilhosas, mas todas cessarão. Este é o período mais difícil, mas agente firme; no final o ganho é certo se você tiver paciência.

Terceiro. Perseverança: Persevere nos bons e maus momentos, na saúde e na doença, nunca perca um dia de prática.

O melhor momento para a prática é a junção do dia e da noite, o momento mais calmo nas marés do nosso corpo, o ponto zero entre dois estados. Se isso não puder ser feito, pratique ao levantar e ir para a cama. É necessária uma grande limpeza pessoal – um banho diário.

Após o banho, sente-se e segure firme o assento, ou seja, imagine que você está sentado firme como uma pedra, que nada pode te mover. Mantenha a cabeça, os ombros e os quadris em linha reta, mantendo a coluna vertebral livre; toda ação ocorre ao longo dele e não deve ser prejudicada.

Comece com os dedos dos pés e pense em cada parte do seu corpo como perfeita; imagine isso em sua mente, tocando cada parte se preferir. Vá subindo pouco a pouco até chegar à cabeça, pensando em cada um como perfeito, sem faltar nada. Então pense no todo como perfeito, um instrumento dado a você por Deus para capacitá-lo a alcançar a Verdade, o navio no qual você deve cruzar o oceano e alcançar as margens da verdade eterna. Quando isso for feito, respire fundo pelas duas narinas, jogue-o fora novamente e segure-o o máximo que puder confortavelmente. Respire quatro vezes, depois respire naturalmente e ore pela iluminação.

"Eu medito na glória daquele ser que criou este universo; que ele ilumine minha mente." Sente-se e medite sobre isso por dez ou quinze minutos.

Não conte suas experiências para ninguém além do seu Guru.

Fale o mínimo possível.

Mantenha seus pensamentos na virtude; o que pensamos que tendemos a nos tornar.

A meditação sagrada ajuda a queimar todas as impurezas mentais. Todos os que não são Yogis são escravos; vínculo após vínculo deve ser quebrado para nos tornar livres.

Todos podem encontrar a realidade além. Se Deus é verdadeiro, devemos senti-lo como um fato, e se existe uma alma, devemos ser capazes de vê-la e senti-la.

A única maneira de descobrir se existe uma alma é ser algo que não seja o corpo.

Os Yogis classificam nossos órgãos sob dois títulos principais: órgãos dos sentidos e órgãos do movimento, ou conhecimento e ação.

O órgão interno ou mente tem quatro aspectos. Primeiro — Manas, a faculdade de cogitar ou pensar, que geralmente é quase totalmente desperdiçada, porque não é controlada; devidamente governado, é um poder maravilhoso. Segundo — Buddhi, a vontade (às vezes chamada de intelecto). Terceiro — Ahamkâra, o egoísmo autoconsciente (de Aham). Quarto — Chitta, a substância na qual e através da qual todas as faculdades agem, a base da mente, por assim dizer; ou o mar em que as diversas faculdades são ondas.

Yoga é a ciência pela qual evitamos que Chitta assuma ou se transforme em diversas faculdades. Assim como o reflexo da lua no mar é quebrado ou borrado pelas ondas, o mesmo ocorre com o reflexo do Atman, o verdadeiro Eu, quebrado pelas ondas mentais. Somente quando o mar está acalmado até uma calma espelhada, o reflexo da lua pode ser visto, e somente quando a “matéria mental”, o Chitta, é controlado até a calma absoluta, é que o Ser pode ser reconhecido.

A mente não é o corpo, embora seja matéria numa forma mais sutil. Não está eternamente vinculado ao corpo. Isto é provado quando ocasionalmente nos libertamos dele. Podemos aprender a fazer isso à vontade, controlando os sentidos.

Quando pudermos fazer isso plenamente, controlaremos o universo, porque o nosso mundo é apenas o que os sentidos nos trazem. A liberdade é o teste do ser superior. A vida espiritual começa quando você se liberta do controle dos sentidos. Aquele cujos sentidos o governam é mundano – é um escravo.

Se pudéssemos impedir completamente que a nossa matéria mental se transformasse em ondas, isso poria fim aos nossos corpos. Durante milhões de anos trabalhámos tanto para fabricar estes corpos que, na luta, esquecemos o nosso verdadeiro propósito em obtê-los, que era tornarmos-nos perfeitos. Passamos a pensar que a criação de corpos é o fim de nossos esforços. Esta é Maya. Devemos quebrar esta ilusão e retornar ao nosso objetivo original e perceber que não somos o corpo, ele é nosso servo.

Aprenda a retirar a mente e ver que ela está separada do corpo. Dotamos o corpo de sensação e vida e então pensamos que ele está vivo e real. Nós o usamos há tanto tempo que esquecemos que não é idêntico a nós. O objetivo do Yoga é ajudar-nos a despojar-nos do corpo quando quisermos e a vê-lo como nosso servo, nosso instrumento, não como nosso governante. Controlar os poderes mentais é o primeiro grande objetivo nas práticas de Yoga. A segunda é concentrá-los com força total sobre qualquer assunto.

Você não pode ser um Yogi se falar muito.

8.1.2.2 REI DO IOGA

SEGUNDA LIÇÃO

(Estas lições são compostas de notas de palestras proferidas por Swami Vivekananda para uma audiência íntima na casa da Sra. Sara C. Bull, uma devotada discípula americana, e foram preservadas por ela e finalmente impressas em 1913 para circulação privada - Ed.)

Este Yoga é conhecido como Yoga Óctuplo porque está dividido em oito partes principais. Estes são:

Primeiro – Yama. Isto é o mais importante e deve governar toda a vida; tem cinco divisões:

1º. Não ferir nenhum ser por pensamento, palavra ou ação.

2º. Não cobiça em pensamentos, palavras ou ações.

3º. Castidade perfeita em pensamento, palavra ou ação.

4º. Verdade perfeita em pensamentos, palavras ou ações.

5ª. Não recebimento de presentes.

Segundo – Niyama. Os cuidados corporais, banhos diários, dietéticos, etc.

Terceiro – Âsana, postura. Quadris, ombros e cabeça devem ser mantidos retos, deixando a coluna livre.

Quarto – Prânâyâma, restringindo a respiração (para obter controle do Prâna ou força vital).

Quinto – Pratyâhâra, voltar a mente para dentro e impedi-la de ir para fora, revolvendo o assunto na mente a fim de compreendê-lo.

Sexto – Dhâranâ, concentração em um assunto.

Sétimo – Dhyâna, meditação.

Oitavo – Samâdhi, iluminação, o objetivo de todos os nossos esforços.

Yama e Niyama são para prática ao longo da vida. Quanto aos outros, fazemos como a sanguessuga: não abandonamos uma folha de grama antes de agarrar outra com firmeza. Em outras palavras, temos que compreender e praticar completamente um passo antes de dar outro.

O tema desta lição é Pranayama, ou controle do Prana. No Raja-Yoga a respiração entra no plano psíquico e nos leva ao espiritual. É o volante de todo o sistema corporal. Atua primeiro sobre os pulmões, os pulmões atuam sobre o coração, o coração atua sobre a circulação, esta por sua vez sobre o cérebro, e o cérebro sobre a mente. A vontade pode produzir uma sensação externa, e a sensação externa pode despertar a vontade. Nossas vontades são fracas; não percebemos o seu poder, estamos muito ligados à matéria. A maior parte de nossa ação vem de fora para dentro. Fora, a natureza nos

desequilibra e não podemos (como deveríamos) desequilibrar a natureza. Tudo isso está errado; o poder mais forte está realmente dentro.

Os grandes santos e professores foram aqueles que conquistaram dentro de si este mundo de pensamento e assim falaram com poder. A história (para a história veja Obras Completas de Swami Vivekananda, Vol. I.) do ministro confinado em uma torre alta, que foi libertado pelos esforços de sua esposa que lhe trouxe um besouro, mel, um fio de seda, uma corda, e uma corda, ilustram a maneira como obtemos controle de nossa mente usando primeiro a regulação física da respiração como fio de seda. Isso nos permite apegar-nos a um poder após outro até que a corda da concentração nos liberte da prisão do corpo e estejamos livres. Alcançando a liberdade, podemos descartar os meios utilizados para nos levar até lá.

Pranayama tem três partes:

1º. Puraka — inalar.

2º. Kumbhaka — restrição.

3º. Rechaka – expirando.

Existem duas correntes que passam pelo cérebro e descem pelas laterais da coluna, cruzando na base e retornando ao cérebro. Uma dessas correntes, chamada de “sol” (Pingalâ), começa no hemisfério esquerdo do cérebro, cruza na base do cérebro até o lado direito da coluna e cruza novamente na base da coluna, como uma. metade do número oito.

A outra corrente, a “lua” (Idâ), inverte esta ação e completa este número oito. Claro, a parte inferior é muito mais longa que a superior. Essas correntes fluem dia e noite e depositam as grandes forças vitais em diferentes pontos, comumente conhecidos como “plexos”; mas raramente temos consciência deles. Através da concentração podemos aprender a senti-los e a traçá-los por todas as partes do corpo. Essas correntes do “sol” e da “lua” estão intimamente ligadas à respiração e, regulando-a, obtemos o controle do corpo.

No Katha Upanishad, o corpo é descrito como a carruagem, a mente como as rédeas, o intelecto como o cocheiro, os sentidos como os cavalos e os

objetos dos sentidos como seu caminho. O eu é o cavaleiro, sentado na carruagem. A menos que o cavaleiro tenha entendimento e consiga fazer com que o cocheiro controle seus cavalos, ele nunca poderá atingir a meta; mas os sentidos, como corcéis cruéis, irão arrastá-lo para onde quiserem e podem até destruí-lo. Essas duas correntes são as grandes “rédeas” nas mãos do cocheiro, e ele deve controlá-las para controlar os cavalos. Temos que adquirir o poder para nos tornarmos morais; até que façamos isso, não poderemos controlar nossas ações. Somente o Yoga nos permite levar à prática os ensinamentos da moralidade. Tornar-se moral é o objetivo do Yoga. Todos os grandes professores eram Yogis e controlavam todas as correntes. Os Yogis prendem essas correntes na base da coluna e as forçam através do centro da coluna vertebral. Tornam-se então a corrente de conhecimento, que só existe no Yogue.

Segunda lição sobre respiração: um método não é para todos. Essa respiração deve ser feita com regularidade rítmica, e a maneira mais fácil é contando; como isso é puramente mecânico, repetimos a palavra sagrada “Om” um certo número de vezes.

O processo de Pranayama é o seguinte: feche a narina direita com o polegar e depois inspire lentamente pela narina esquerda, repetindo a palavra “Om” quatro vezes.

Em seguida, feche firmemente ambas as narinas, colocando o indicador na esquerda e prenda a respiração, repetindo mentalmente "Om" oito vezes.

Em seguida, retirando o polegar da narina direita, expire lentamente por ele, repetindo "Om" quatro vezes.

Ao fechar a expiração, contraia o abdômen com força para expelir todo o ar dos pulmões. Em seguida, inspire lentamente pela narina direita, mantendo a esquerda fechada, repetindo “Om” quatro vezes. Em seguida, feche a narina direita com o polegar e prenda a respiração enquanto repete “Om” oito vezes. Em seguida, abra a narina esquerda e expire lentamente, repetindo "Om" quatro vezes, contraindo o abdômen como antes. Repita toda esta operação duas vezes em cada sessão, ou seja, fazendo quatro Pranayamas, dois para cada narina. Antes de tomar assento, é bom começar com uma oração.

Isso precisa ser praticado por semana; em seguida, aumente gradativamente a duração da respiração, mantendo a mesma proporção, ou seja, se você repetir "Om" seis vezes na inspiração, faça o mesmo na expiração e doze vezes durante o Kumbhaka. Esses exercícios nos tornarão mais espirituais, mais puros, mais santos. Não se deixe levar por nenhum atalho nem busque poder. O amor é o único poder que permanece conosco e aumenta. Aquele que busca chegar a Deus através do Raja-Yoga deve ser forte mental, física, moral e espiritualmente. Dê cada passo sob essa luz.

Entre centenas de milhares, apenas uma alma dirá: “Irei além e penetrarei em Deus”. Poucos conseguem encarar a verdade; mas para realizar qualquer coisa, devemos estar dispostos a morrer pela Verdade.

8.1.2.3 REI DO IOGA

TERCEIRA LIÇÃO

(Estas lições são compostas de notas de palestras proferidas por Swami Vivekananda para uma audiência íntima na casa da Sra. Sara C. Bull, uma devotada discípula americana, e foram preservadas por ela e finalmente impressas em 1913 para circulação privada - Ed.)

Kundalini: Perceba a alma não como matéria, mas como ela é. Estamos pensando na alma como corpo, mas devemos separá-la dos sentidos e do pensamento. Somente então poderemos saber que somos imortais. A mudança implica a dualidade de causa e efeito, e tudo o que muda deve ser mortal. Isto prova que o corpo não pode ser imortal, nem a mente, porque ambos estão em constante mudança. Somente o imutável pode ser imortal, porque não há nada que possa agir sobre ele.

Nós não nos tornamos isso, nós somos isso; mas temos que remover o véu da ignorância que nos esconde a verdade. O corpo é pensamento objetivado. As correntes do “sol” e da “lua” trazem energia para todas as partes do corpo. O excesso de energia é armazenado em certos pontos (plexos) ao longo da coluna vertebral, comumente conhecidos como centros nervosos.

Estas correntes não são encontradas em cadáveres e só podem ser detectadas num organismo saudável.

O Yogi tem uma vantagem; pois ele é capaz não apenas de senti-los, mas também de vê-los. Eles são luminosos em sua vida, assim como os grandes centros nervosos.

Há ação consciente e também inconsciente. Os Yogis possuem um terceiro tipo, o superconsciente, que em todos os países e em todas as épocas tem sido a fonte de todo o conhecimento religioso. O estado superconsciente não comete erros, mas enquanto a ação do instinto seria puramente mecânica, a primeira está além da consciência.

Tem sido chamada de inspiração, mas o Iogue diz: “Esta faculdade está em cada ser humano e, eventualmente, todos irão desfrutá-la”.

Devemos dar um novo rumo às correntes do “sol” e da “lua” e abrir para elas uma nova passagem pelo centro da medula espinhal. Quando conseguimos trazer as correntes através desta passagem chamada “Sushumnâ”, até o cérebro, ficamos por enquanto completamente separados do corpo.

O centro nervoso na base da coluna, próximo ao sacro, é o mais importante. É a sede da substância geradora da energia sexual e é simbolizada pelo Yogue como um triângulo contendo uma pequena serpente enrolada nele. Esta serpente adormecida é chamada Kundalini, e elevar esta Kundalini é o objetivo do Raja-Yoga.

A grande força sexual, originada da ação animal e enviada para cima, para o grande dínamo do sistema humano, o cérebro, e ali armazenada, torna-se Ojas ou força espiritual. Todo bom pensamento, toda oração, transforma uma parte dessa energia animal em Ojas e ajuda a nos dar poder espiritual. Este Ojas é o homem real e somente nos seres humanos é possível que esse armazenamento de Ojas seja realizado. Aquele em quem toda a força sexual animal foi transformada em Ojas é um deus. Ele fala com poder e suas palavras regeneram o mundo.

O Yogue imagina esta serpente sendo lentamente elevada de estágio em estágio até que o mais elevado, a glândula pineal, seja alcançado. Nenhum homem ou mulher pode ser realmente espiritual até que a energia sexual, o poder mais elevado possuído pelo homem, tenha sido convertida em Ojas.

Nenhuma força pode ser criada; só pode ser direcionado. Portanto, devemos aprender a controlar os grandes poderes que já estão em nossas mãos e, pela força da vontade, torná-los espirituais em vez de meramente animais. Vê-se assim claramente que a castidade é a pedra angular de toda moralidade e de toda religião. Especialmente no Raja-Yoga, a castidade absoluta em pensamentos, palavras e ações é uma condição sine qua non. As mesmas leis se aplicam aos casados e aos solteiros. Se alguém desperdiçar as forças mais potentes do seu ser, não poderá se tornar espiritual.

Toda a história nos ensina que os grandes videntes de todas as épocas eram monges e ascetas ou aqueles que abandonaram a vida de casados; somente os puros em vida podem ver Deus.

Pouco antes de fazer o Prânâyâma, procure visualizar o triângulo. Feche os olhos e imagine isso vividamente em sua imaginação. Veja-o rodeado de chamas e com a serpente enrolada no meio. Quando você puder ver claramente a Kundalini, coloque-a na imaginação na base da coluna e, ao conter a respiração em Kumbhaka, jogue-a com força sobre a cabeça da serpente para despertá-la. Quanto mais poderosa a imaginação, mais rapidamente o resultado real será alcançado e a Kundalini será despertada. Até que isso aconteça, imagine que sim: tente sentir as correntes e tente forçá-las através do Sushumna. Isso acelera sua ação.

8.1.2.4 REI DO IOGA

QUARTA LIÇÃO

(Estas lições são compostas de notas de palestras proferidas por Swami Vivekananda para uma audiência íntima na casa da Sra. Sara C. Bull, uma devotada discípula americana, e foram preservadas por ela e finalmente impressas em 1913 para circulação privada - Ed.)

Antes de podermos controlar a mente, devemos estudá-la. Temos que agarrar esta mente instável e arrastá-la de suas andanças e fixá-la em uma ideia. Repetidamente isso deve ser feito. Pelo poder da vontade devemos controlar a mente e fazê-la parar e refletir sobre a glória de Deus.

A maneira mais fácil de controlar a mente é sentar-se quieto e deixá-la vagar por onde quiser por um tempo. Apegue-se à ideia: "Eu sou a testemunha que observa minha mente vagando. A mente não sou eu." Então veja-o, pense como se fosse algo totalmente separado de você. Identifique-se com Deus, nunca com a matéria ou com a mente.

Imagine a mente como um lago calmo estendido diante de você e os pensamentos que vão e vêm como bolhas subindo e quebrando em sua superfície. Não faça nenhum esforço para controlar os pensamentos, mas observe-os e siga-os na imaginação enquanto eles flutuam. Isto diminuirá gradualmente os círculos. Pois a mente abrange amplos círculos de pensamento e esses círculos se alargam em círculos cada vez maiores, como num lago quando jogamos uma pedra nele. Queremos reverter o processo e, começando com um círculo enorme, torná-lo mais estreito, até que finalmente possamos fixar a mente num ponto e fazê-la permanecer ali. Apegue-se à ideia: "Eu não sou a mente, vejo que estou pensando, estou observando minha mente agir", e a cada dia a sua identificação com o pensamento e o sentimento diminuirá, até que finalmente você possa se separar completamente da mente e realmente saber que ela está separada de você.

Quando isso é feito, a mente é sua serva para controlar como quiser. O primeiro estágio de ser um Yogi é ir além dos sentidos. Quando a mente é conquistada, ele atinge o estágio mais elevado.

Viva sozinho tanto quanto possível. O assento deve ter uma altura confortável; coloque primeiro um tapete de grama, depois uma pele (pele), em seguida uma capa de seda. É melhor que o assento não tenha encosto e fique firme.

Pensamentos sendo imagens, não devemos criá-los. Temos que excluir todos os pensamentos da mente e deixá-los em branco; tão rápido quanto um pensamento surge, temos que bani-lo. Para conseguir isso, devemos

transcender a matéria e ir além do nosso corpo. Toda a vida do homem é realmente um esforço para fazer isso.

Cada alma tem seu próprio significado: em nossa natureza essas duas coisas estão ligadas.

O ideal mais elevado que temos é Deus. Medite Nele. Não podemos conhecer o Conhecedor, mas somos Ele.

Vendo o mal, estamos criando-o. O que somos, vemos lá fora, pois o mundo é o nosso espelho. Este pequeno corpo é um pequeno espelho que criamos, mas todo o universo é o nosso corpo. Devemos pensar nisso o tempo todo; então saberemos que não podemos morrer ou ferir outro, porque ele é nosso. Não nascemos nem morremos e só devemos amar.

“Todo este universo é meu corpo; toda saúde, toda felicidade é minha, porque tudo está no universo.” Diga: “Eu sou o universo”. Finalmente aprendemos que toda ação vem de nós para o espelho.

Embora pareçamos pequenas ondas, todo o mar está às nossas costas e somos um com ele. Nenhuma onda pode existir por si mesma.

A imaginação devidamente empregada é nossa maior amiga; vai além da razão e é a única luz que nos leva a todos os lugares.

A inspiração vem de dentro e temos que nos inspirar por nossas próprias faculdades superiores.

8.1.2.5 REI DO IOGA

QUINTA LIÇÃO

(Estas lições são compostas de notas de palestras proferidas por Swami Vivekananda para uma audiência íntima na casa da Sra. Sara C. Bull, uma devotada discípula americana, e foram preservadas por ela e finalmente impressas em 1913 para circulação privada - Ed.)

Pratyâhâra e Dhâranâ: Krishna diz: “Todos que me procuram por qualquer meio me alcançarão”, “Todos devem me alcançar”. Pratyahara é uma reunião, uma tentativa de controlar a mente e focalizá-la no objeto desejado. O primeiro passo é deixar a mente vagar; observe; veja o que ele pensa; seja apenas a testemunha. A mente não é alma ou espírito. É apenas matéria numa forma mais sutil, e nós a possuímos e podemos aprender a manipulá-la através das energias nervosas.

O corpo é a visão objetiva do que chamamos de mente (subjetiva). Nós, o Ser, estamos além do corpo e da mente; somos "Atman", a testemunha eterna e imutável. O corpo é pensamento cristalizado.

Quando a respiração flui pela narina esquerda, é hora de descansar; quando pela direita, para trabalhar; e quando passar por ambos, é hora de meditar. Quando estamos calmos e respirando igualmente pelas duas narinas, estamos na condição certa para a meditação tranquila. Não adianta tentar se concentrar no início. O controle do pensamento virá por si mesmo.

Após prática suficiente de fechar as narinas com o polegar e o indicador, seremos capazes de fazê-lo pela força da vontade, apenas através do pensamento.

O Prânâyâma agora será ligeiramente alterado. Se o aluno tiver o nome de seu "Ishta" (Ideal Escolhido), ele deve usá-lo em vez de "Om" durante a inspiração e expiração, e usar a palavra "Hum" (pronuncia-se Hoom) durante o Kumbhaka.

Jogue a respiração contida com força sobre a cabeça da Kundalini a cada repetição da palavra Hum e imagine que isso a desperta. Identifique-se apenas com Deus. Depois de um tempo, os pensamentos anunciarão sua chegada e aprenderemos como eles começam e estaremos conscientes do que vamos pensar, assim como neste plano podemos olhar para fora e ver uma pessoa chegando. Este estágio é alcançado quando aprendemos a nos separar de nossas mentes e a nos ver como um só e o pensamento como algo separado. Não deixe que os pensamentos tomem conta de você; fique de lado e eles morrerão.

Siga estes pensamentos sagrados; vá com eles; e quando eles derreterem, você encontrará os pés do Deus Onipotente. Este é o estado superconsciente; quando a ideia derreter, siga-a e derreta-se com ela.

Haloos são símbolos de luz interior e podem ser vistos pelo Yogi. Às vezes podemos ver um rosto como se estivesse cercado por chamas e neles ler o personagem e julgar sem errar. Podemos ter nosso Ishta vindo até nós como uma visão, e este símbolo será aquele no qual poderemos descansar facilmente e concentrar totalmente nossas mentes.

Podemos imaginar através de todos os sentidos, mas fazemos isso principalmente através dos olhos. Até a imaginação é meio material. Em outras palavras, não podemos pensar sem um fantasma. Mas como os animais parecem pensar, mas não têm palavras, é provável que não exista uma ligação inseparável entre pensamento e imagens.

Tente manter a imaginação no Yoga, tomando cuidado para mantê-la pura e sagrada. Todos nós temos nossas peculiaridades no que diz respeito ao poder imaginativo; siga o caminho mais natural para você; será o mais fácil.

Somos o resultado de todas as reencarnações através do Karma: “Uma lâmpada acesa da outra”, diz o budista – lâmpadas diferentes, mas a mesma luz.

Seja alegre, seja corajoso, tome banho diariamente, tenha paciência, pureza e perseverança, então você se tornará um Yogi de verdade. Nunca tente se apressar e, se os poderes superiores vierem, lembre-se de que eles são apenas caminhos secundários. Não deixe que eles o tentem na estrada principal; deixe-os de lado e apegue-se ao seu único objetivo verdadeiro: Deus. Busque apenas o Eterno, encontrando-o em repouso para sempre; tendo tudo, não resta mais nada pelo que lutar, e estaremos para sempre em existência livre e perfeita – Existência absoluta, Conhecimento absoluto, Bem-aventurança absoluta.

8.1.2.6 REI DO IOGA

SEXTA LIÇÃO

(Estas lições são compostas de notas de palestras proferidas por Swami Vivekananda para uma audiência íntima na casa da Sra. Sara C. Bull, uma devotada discípula americana, e foram preservadas por ela e finalmente impressas em 1913 para circulação privada - Ed.)

Sushumna: É muito útil meditar no Sushumna. Você pode ter uma visão disso chegando até você, e esta é a melhor maneira. Então medite por muito tempo sobre isso. É um fio muito fino, muito brilhante, essa passagem viva pela medula espinhal, esse caminho de salvação através do qual devemos fazer subir a Kundalini.

Na linguagem do Yogue, o Sushumna tem suas extremidades em dois lótus, o lótus inferior circundando o triângulo da Kundalini e o lótus superior no cérebro circundando a glândula pineal; entre esses dois estão outros quatro lótus, etapas no caminho:

6º. Glândula Pineal.

5^a. Entre os olhos.

4º. Fundo da Garganta.

3º. Nível com o coração.

2º. Em frente ao umbigo.

1º. Base da coluna vertebral.

Devemos despertar a Kundalini e depois elevá-la lentamente de um lótus para outro até atingir o cérebro. Cada estágio corresponde a uma nova camada da mente.

8.1.3 MULHERES DA ÍNDIA

(Entregue no Shakespeare Club House, em Pasadena, Califórnia, em 18 de janeiro de 1900)

SWAMI VIVEKANANDA: “Algumas pessoas desejam fazer perguntas sobre a Filosofia Hindu antes da palestra e questionar em geral sobre a Índia

depois da palestra; mas a principal dificuldade é que não sei sobre o que devo palestrar. sobre qualquer assunto, seja sobre filosofia hindu ou sobre qualquer coisa relativa à raça, sua história ou sua literatura. Se vocês, senhoras e senhores, sugerirem alguma coisa, eu ficaria muito feliz."

QUESTIONADOR: "Eu gostaria de perguntar, Swami, que princípio especial na filosofia hindu você gostaria que nós, americanos, que somos um povo muito prático, adotássemos, e o que isso faria por nós além do que o cristianismo pode fazer."

SWAMI VIVEKANANDA: "Isso é muito difícil para mim decidir; cabe a você. Se você encontrar algo que você acha que deveria adotar, e que será útil, você deve aceitá-lo. Você vê que eu não sou um missionário, e Não pretendo converter as pessoas à minha ideia. Meu princípio é que todas essas ideias são boas e excelentes, de modo que algumas de suas ideias podem servir para algumas pessoas na Índia, e algumas de nossas ideias podem servir para algumas pessoas aqui; ser lançado no exterior, em todo o mundo."

PERGUNTA: "Gostaríamos de saber o resultado de sua filosofia; sua filosofia e religião elevaram suas mulheres acima de nossas mulheres?"

SWAMI VIVEKANANDA: "Veja, essa é uma pergunta muito desagradável: eu gosto de nossas mulheres e das suas mulheres também."

PERGUNTA: "Bem, você poderia nos contar sobre suas mulheres, seus costumes e educação, e a posição que ocupam na família?"

SWAMI VIVEKANANDA: "Oh, sim, essas coisas eu ficaria muito feliz em lhe contar. Então você quer saber sobre as mulheres indianas esta noite, e não sobre filosofia e outras coisas?"

A PALESTRA

Devo começar dizendo que você talvez tenha que me tolerar bastante, porque pertenço a uma Ordem de pessoas que nunca se casam; portanto, meu conhecimento das mulheres em todas as suas relações, como mãe, como esposa, como filha e irmã, não deve necessariamente ser tão completo

como pode ser com outros homens. E depois, devo lembrar-me, a Índia é um vasto continente, não apenas um país, e é habitado por muitas raças diferentes. As nações da Europa estão mais próximas umas das outras, mais semelhantes entre si, do que as raças da Índia. Você poderá ter uma ideia aproximada se eu lhe disser que existem oito línguas diferentes em toda a Índia. Línguas diferentes – não dialetos – cada uma com sua própria literatura. Somente a língua hindi é falada por 100 milhões de pessoas; o bengali em cerca de 60 milhões, e assim por diante. Então, novamente, as quatro línguas do norte da Índia diferem mais das línguas do sul da Índia do que quaisquer duas línguas europeias entre si. Eles são totalmente diferentes, tão diferentes quanto a sua língua difere do japonês, de modo que você ficará surpreso ao saber que, quando eu for ao sul da Índia, a menos que eu encontre algumas pessoas que falem sânscrito, terei que falar com elas em inglês. . Além disso, essas diversas raças diferem umas das outras em maneiras, costumes, alimentação, vestuário e métodos de pensamento.

Então, novamente, existe a casta. Cada casta tornou-se, por assim dizer, um elemento racial separado. Se um homem viver o suficiente na Índia, ele será capaz de dizer pelas características a que casta pertence. Então, entre castas, os costumes e costumes são diferentes. E todas estas castas são exclusivas; isto é, eles se encontrariam socialmente, mas não comeriam nem beberiam juntos, nem se casariam entre si. Nessas coisas eles permanecem separados. Eles se conheceriam e seriam amigos, mas aí tudo terminaria.

Embora eu tenha mais oportunidades do que muitos outros homens de conhecer as mulheres em geral, da minha posição e da minha ocupação como pregador, viajando continuamente de um lugar para outro e entrando em contato com todos os níveis da sociedade - (e com mulheres, mesmo no norte da Índia). , onde não aparecem diante dos homens, em muitos lugares violariam esta lei da religião e viriam ouvir-nos pregar e falar connosco) - ainda assim seria perigoso da minha parte afirmar que sei tudo sobre as mulheres da Índia .

Então tentarei colocar diante de vocês o ideal. Em cada nação, o homem ou a mulher representa um ideal que está sendo elaborado consciente ou inconscientemente. O indivíduo é a expressão externa de um ideal a ser

concretizado. O conjunto de tais indivíduos é a nação, que também representa um grande ideal; nessa direção ele está se movendo. E, portanto, assume-se corretamente que, para compreender uma nação, é necessário primeiro compreender o seu ideal, pois cada nação recusa ser julgada por qualquer outro padrão que não seja o seu.

Todo crescimento, progresso, bem-estar ou degradação são relativos. Refere-se a um certo padrão, e cada homem, para ser compreendido, deve ser encaminhado a esse padrão de sua perfeição. Você vê isso de forma mais marcante nas nações: o que uma nação considera bom pode não ser considerado assim por outra nação. O casamento entre primos é perfeitamente permitido neste país. Agora, na Índia, é ilegal; não só isso, seria classificado como o incesto mais horrível. O casamento de viúvas é perfeitamente legítimo neste país. Entre as castas mais altas da Índia, seria a maior degradação para uma mulher casar-se duas vezes. Então, veja bem, trabalhamos com ideias tão diferentes que julgar um povo pelos padrões do outro não seria justo nem praticável. Portanto, devemos saber qual é o ideal que uma nação elevou diante de si mesma. Ao falar de diferentes nações, começamos com a ideia geral de que existe um código de ética e o mesmo tipo de ideais para todas as raças; na prática, porém, quando julgamos os outros, pensamos que o que é bom para nós deve ser bom para todos; o que fazemos é a coisa certa, o que não fazemos, claro que nos outros seria ultrajante. Não pretendo dizer isso como uma crítica, mas apenas para trazer a verdade para casa. Quando ouço mulheres ocidentais denunciarem o confinamento dos pés das senhoras chinesas, elas parecem nunca pensar nos espartilhos que estão a causar muito mais danos à raça. Isso é apenas um exemplo; pois você deve saber que câibras nos pés não causam nem um milionésimo do dano à forma humana que o espartilho causou e está causando - quando todos os órgãos são deslocados e a coluna vertebral é curvada como uma serpente. Quando as medições são feitas, você pode observar as curvaturas. Não quero dizer isso como uma crítica, mas apenas para apontar a situação, que enquanto você fica horrorizado com as mulheres de outras raças, pensando que você é supremo, a própria razão pela qual elas não adotam suas maneiras e costumes mostra que elas também ficarão horrorizadas com você.

Portanto, há algum mal-entendido de ambos os lados. Existe uma plataforma comum, uma base comum de entendimento, uma humanidade comum, que deve ser a base do nosso trabalho. Deveríamos descobrir aquela natureza humana completa e perfeita que funciona apenas em partes, aqui e ali. Não foi dado a um homem ter tudo em perfeição. Você tem um papel a desempenhar; Eu, do meu jeito humilde, outro; aqui está alguém que desempenha um pequeno papel; aí, outro. A perfeição é a combinação de todas essas partes. Assim como acontece com os indivíduos, o mesmo ocorre com as raças. Cada raça tem um papel a desempenhar; cada raça tem um lado da natureza humana para desenvolver. E temos que juntar tudo isso; e, possivelmente, num futuro distante, surgirá alguma raça na qual todas essas maravilhosas perfeições raciais individuais, alcançadas pelas diferentes raças, se unirão e formarão uma nova raça, como o mundo ainda não sonhou. Além de dizer isso, não tenho críticas a fazer sobre ninguém. Não viajei pouco em minha vida; Mantive meus olhos abertos; e quanto mais eu ando, mais minha boca fica fechada. Não tenho nenhuma crítica a oferecer.

Agora, a mulher ideal na Índia é a mãe, a mãe primeiro e a mãe por último. A palavra mulher evoca, na mente do hindu, a maternidade; e Deus é chamado de Mãe. Quando crianças, todos os dias, quando somos meninos, temos que ir de manhã cedo com um copinho de água e colocá-lo diante da mãe, e a mãe mergulha o dedão nele e nós bebemos.

No Ocidente, a mulher é esposa. A ideia de feminilidade está concentrada aí – como esposa. Para o homem comum na Índia, toda a força da feminilidade está concentrada na maternidade. No lar ocidental, a esposa governa. Num lar indiano, a mãe manda. Se uma mãe entra num lar ocidental, ela tem de estar subordinada à esposa; à esposa pertence o lar. Uma mãe vive sempre em nossas casas: a esposa deve estar subordinada a ela. Veja toda a diferença de ideias.

Agora, apenas sugiro comparações; Eu exporia os fatos para que possamos comparar os dois lados. Faça esta comparação. Se você perguntar: “O que é uma mulher indiana como esposa?”, o índio pergunta: “Onde está a mulher americana como mãe? seu corpo durante nove meses? Onde está aquela que me daria vinte vezes a sua vida, se eu precisasse? Onde está aquela cujo

amor nunca morre, por mais perverso, por mais vil que eu seja? para o tribunal de divórcio no momento em que eu a trato um pouco mal? Não vou encontrá-la em seu país. Não encontrei o filho que pensa que a mãe está em primeiro lugar. Mesmo assim, quando morrermos, não queremos que as nossas mulheres e os nossos filhos tomem o seu lugar. Nossa mãe! — queremos morrer mais uma vez com a cabeça no colo dela, se morrermos antes dela. Onde ela está? Mulher é um nome que deve ser associado apenas ao corpo físico? Sim! a mente hindu teme todos aqueles ideais que dizem que a carne deve apegar-se à carne. Não não! Mulher! não estarás ligado a nada relacionado com a carne. O nome foi chamado santo de uma vez por todas, pois que nome existe do qual nenhuma luxúria jamais possa se aproximar, nenhuma carnalidade jamais se aproximará, do que a única palavra mãe? Esse é o ideal na Índia.

Pertenço a uma Ordem muito parecida com a que existe nos Frades Mendicantes da Igreja Católica; isto é, temos que andar sem muitas roupas e mendigar de porta em porta, viver assim, pregar às pessoas quando elas querem, dormir onde possamos conseguir um lugar - dessa forma temos que seguir . E a regra é que os membros desta Ordem chamem toda mulher de “mãe”; a cada mulher e menina temos que dizer “mãe”; esse é o costume. Chegando ao Ocidente, esse velho hábito permaneceu e eu dizia às senhoras: “Sim, mãe”, e elas ficam horrorizadas. Eu não conseguia entender por que eles deveriam ficar horrorizados. Mais tarde descobri o motivo: porque isso significaria que eles estão velhos. O ideal de feminilidade na Índia é a maternidade – aquela mãe maravilhosa, altruísta, sofredora e sempre misericordiosa. A esposa caminha atrás da sombra. Ela deve imitar a vida da mãe; esse é o dever dela. Mas a mãe é o ideal do amor; ela governa a família, ela possui a família. É o pai na Índia quem bate e espanca a criança quando a criança faz alguma coisa, e sempre a mãe se coloca entre o pai e a criança. Você vê que é exatamente o oposto aqui. Tornou-se assunto da mãe bater nos filhos neste país, e o pobre pai aparece no meio disso. Veja, os ideais são diferentes. Não quero dizer isso como qualquer crítica. Está tudo bem – é isso que você faz; mas o nosso caminho é o que nos ensinaram há muito tempo. Você nunca ouve falar de uma mãe amaldiçoando o filho; ela perdoa, sempre perdoa. Em vez de “Nosso Pai Celestial”, dizemos “Mãe” o tempo todo; essa ideia e essa palavra estão sempre associadas na mente hindu ao Amor Infinito, sendo o amor da mãe a

abordagem mais próxima do amor de Deus neste nosso mundo mortal.
"Mãe, ó Mãe, tenha misericórdia; eu sou mau! Muitas crianças foram más, mas nunca houve uma mãe má" - assim diz o grande santo Râmprasâd.

Lá está ela – a mãe hindu. A esposa do filho entra como filha; assim como a própria filha da mãe se casou e saiu, o filho dela se casou e trouxe outra filha, e ela tem que cair na linhagem sob o governo da rainha das rainhas, da mãe dele. Até eu, que nunca me casei, pertencente a uma Ordem que nunca se casa, ficaria enojado se minha esposa, supondo que eu tivesse casado, ousasse desagradar minha mãe. Eu ficaria enojado. Por que? Eu não adoro minha mãe? Por que não deveria sua nora? A quem eu adoro, por que não ela? Quem é ela, então, que tentaria passar por cima da minha cabeça e governar a minha mãe? Ela tem que esperar até que sua feminilidade seja cumprida; e a única coisa que realiza a feminilidade, que é a feminilidade na mulher, é a maternidade. Espere até que ela se torne mãe; então ela terá o mesmo direito. Essa, de acordo com a mente hindu, é a grande missão da mulher – tornar-se mãe. Mas, ah, que diferente! Ah, que diferente! Meu pai e minha mãe jejuaram e oraram, durante anos e anos, para que eu nascesse. Eles oram por cada criança antes de nascer. Diz nosso grande legislador, Manu, dando a definição de um ariano: “Ele é o ariano, que nasce através da oração”. Toda criança que não nasce através da oração é ilegítima, segundo o grande legislador. A criança deve receber oração. Aquelas crianças que vêm com maldições, que escapam ao mundo, apenas num momento de inadvertência, porque isso não poderia ser evitado – o que podemos esperar de tal descendência? Mães da América, pensem nisso! Pensem no fundo de seus corações: vocês estão prontas para serem mulheres? Não é qualquer questão de raça ou país, ou aquele falso sentimento de orgulho nacional. Quem se atreve a ter orgulho nesta nossa vida mortal, neste mundo de desgraças e misérias? O que somos diante desta força infinita de Deus? Mas esta noite faço-lhes uma pergunta: todos vocês rezam para que as crianças venham? Você é grata por ser mãe ou não? Você acha que é santificada pela maternidade ou não? Pergunte isso à sua mente. Se não o fizer, o seu casamento será uma mentira, a sua feminilidade será falsa, a sua educação será uma superstição e os seus filhos, se vierem sem orar, serão uma maldição para a humanidade.

Veja os diferentes ideais que agora estão diante de nós. Da maternidade vem uma tremenda responsabilidade. Existe a base, comece por ela. Bem, por que a mãe deve ser tão adorada? Porque nossos livros ensinam que é a influência pré-natal que dá à criança o impulso para o bem ou para o mal. Vá para cem mil faculdades, leia um milhão de livros, associe-se com todos os homens instruídos do mundo – você estará melhor quando nasceu com a marca certa. Você nasceu para o bem ou para o mal. A criança é um deus nascido ou um demônio nascido; isso é o que dizem os livros. A educação e todas essas coisas vêm depois – são uma mera bagatela. Você é o que você nasceu. Nascido insalubre, quantas drogarias, engolidas no atacado, irão mantê-lo bem por toda a vida? Quantas pessoas com vidas boas e saudáveis nasceram de pais fracos, nasceram de pais doentes e envenenados pelo sangue? Quantos? Nenhum – nenhum. Chegamos com um tremendo ímpeto para o bem ou para o mal: nascemos demônios ou nascemos deuses. Educação ou outras coisas são uma bagatela.

Assim dizem nossos livros: direcione a influência pré-natal. Por que a mãe deveria ser adorada? Porque ela se tornou pura. Ela às vezes passava por duras penitências para se manter tão pura quanto possível. Pois, veja bem, nenhuma mulher na Índia pensa em entregar seu corpo a qualquer homem; é dela. Os ingleses, como reforma, introduziram atualmente o que chamam de “Restituição dos direitos conjugais”, mas nenhum indiano tiraria vantagem disso. Quando um homem entra em contato físico com sua esposa, ela controla as circunstâncias por meio de quais orações e de quais votos! Pois aquilo que dá à luz a criança é o símbolo mais sagrado do próprio Deus. É a maior oração entre marido e mulher, a oração que trará ao mundo outra alma repleta de um tremendo poder para o bem ou para o mal. Isso é uma piada? É uma simples satisfação nervosa? É um prazer bruto do corpo? Diz o Hindu: não, mil vezes, não!

Mas então, depois disso, surge outra ideia. A ideia com a qual começamos era que o ideal é o amor pela mãe – ela mesma, toda sofredora, toda tolerante. A adoração que é prestada à mãe tem aí a sua fonte. Ela foi uma santa por me trazer ao mundo; ela manteve seu corpo puro, sua mente pura, sua comida pura, suas roupas puras, sua imaginação pura, por anos, porque eu iria nascer. Porque ela fez isso, ela merece adoração. E o que se segue? Ligada à maternidade está a esposa.

Vocês, ocidentais, são individualistas. Quero fazer isso porque gosto; Vou dar uma cotovelada em cada um. Por que? Porque eu gosto. Quero minha própria satisfação, então me casei com essa mulher. Por que? Porque eu gosto dela. Esta mulher se casa comigo. Por que? Porque ela gosta de mim. Aí termina. Ela e eu somos as únicas duas pessoas em todo o mundo infinito; e eu me caso com ela e ela se casa comigo - ninguém mais fica ferido, ninguém mais é responsável. Seus Johns e suas Janes podem ir para a floresta e lá viver suas vidas; mas quando eles têm que viver em sociedade, seu casamento significa uma enorme quantidade de bem ou de mal para nós. Seus filhos podem ser verdadeiros demônios - queimando, assassinando, roubando, roubando, bebendo, horríveis, vis.

Então, qual é a base da ordem social indiana? É a lei de castas. Nasci para a casta, vivo para a casta. Não me refiro a mim mesmo, porque, tendo aderido a uma Ordem, estamos fora. Refiro-me àqueles que vivem na sociedade civil. Nascido na casta, toda a vida deve ser vivida de acordo com a regulamentação da casta. Por outras palavras, na linguagem actual do seu país, o homem ocidental nasce individualista, enquanto o hindu é socialista – inteiramente socialista. Agora, então, os livros dizem: se eu lhe der liberdade para sair por aí e se casar com qualquer mulher que quiser, e se a mulher se casar com qualquer homem que ela quiser, o que acontece? Você se apaixonou; o pai da mulher era, talvez, lunático ou tuberculoso. A garota se apaixona pelo rosto de um homem cujo pai era um bêbado inveterado. O que diz a lei então? A lei estabelece que todos esses casamentos seriam ilegais. Os filhos de bêbados, tuberculosos, lunáticos, etc., não serão casados. Os deformados, corcundas, loucos, idiotas – nenhum casamento para eles, absolutamente nenhum, diz a lei.

Mas o muçulmano vem da Arábia e tem a sua própria lei árabe; então a lei do deserto árabe foi-nos imposta. O inglês vem com a sua lei; ele nos impõe isso, tanto quanto pode. Estamos conquistados. Ele diz: “Amanhã me casarei com sua irmã”. O que podemos fazer? A nossa lei diz que aqueles que nascem na mesma família, embora a cem graus de distância, não devem casar, isso é ilegítimo, deterioraria ou tornaria a raça estéril. Isso não deve ser, e aí para. Portanto, não tenho voz no meu casamento, nem na minha irmã. É a casta que determina tudo isso. Às vezes somos casados quando crianças. Por que? Porque a casta diz: se tiverem que casar de qualquer

maneira sem o seu consentimento, é melhor que se casem muito cedo, antes de terem desenvolvido esse amor: se lhes for permitido crescer separados, o rapaz pode gostar de outra rapariga, e a menina, algum outro menino, e então algo de mal acontecerá; e então, diz a casta, pare com isso. Não me importa se minha irmã é deformada, ou bonita, ou feia: ela é minha irmã, e isso basta; ele é meu irmão e isso é tudo que preciso saber. Então eles vão se amar. Você pode dizer: "Oh! eles perdem muito prazer - aquelas emoções deliciosas de um homem se apaixonando por uma mulher e uma mulher se apaixonando por um homem. Isso é uma espécie de coisa domesticada, amar um ao outro como irmãos. e irmãs, como se fosse necessário." Que assim seja; mas o hindu diz: "Somos socialistas. Em prol do prazer requintado de um homem ou de uma mulher, não queremos causar miséria a centenas de outros."

Lá estão eles - casados. A esposa chega em casa com o marido; isso é chamado de segundo casamento. O casamento precoce é considerado o primeiro casamento, e eles crescem separados das mulheres e dos pais. Quando crescem, é realizada uma segunda cerimônia, chamada de segundo casamento. E então eles moram juntos, mas sob o mesmo teto com a mãe e o pai. Quando ela se torna mãe, ela assume seu lugar como rainha do grupo familiar.

Agora surge outra peculiar instituição indiana. Acabo de lhe dizer que nas primeiras duas ou três castas as viúvas não podem casar. Eles não podem, mesmo que quisessem. Claro, é uma dificuldade para muitos. Não há como negar que nem todas as viúvas gostam muito, porque o não casamento acarreta para elas a vida de estudante. Isto é, um estudante não deve comer carne ou peixe, nem beber vinho, nem vestir-se exceto com roupas brancas, e assim por diante; existem muitos regulamentos. Somos uma nação de monges – sempre fazendo penitência, e gostamos disso. Agora, veja você, uma mulher nunca bebe vinho ou come carne. Foi uma dificuldade para nós quando éramos estudantes, mas não para as meninas. Nossas mulheres se sentiriam degradadas com a ideia de comer carne. Os homens às vezes comem carne em algumas castas; mulheres nunca. Ainda assim, não ter permissão para casar deve ser uma dificuldade para muitos; Estou certo disso.

Mas devemos voltar à ideia; eles são intensamente socialistas. Nas castas superiores de todos os países, as estatísticas mostram que o número de mulheres é sempre muito maior do que o número de homens. Por que? Porque nas castas superiores, geração após geração, as mulheres levam uma vida fácil. Eles "não trabalham nem fiam, mas Salomão em toda a sua glória não se vestiu como um deles". E os pobres rapazes morrem como moscas. A menina tem nove vidas de gato, dizem na Índia. Você lerá nas estatísticas que eles superaram os meninos em muito pouco tempo, exceto agora, quando eles estão trabalhando tanto quanto os meninos. O número de meninas nas castas superiores é muito maior do que nas castas inferiores. As condições são completamente opostas nas castas inferiores. Lá todos trabalham duro; às mulheres um pouco mais difícil, às vezes, porque elas têm que fazer o trabalho doméstico. Mas, veja bem, eu nunca teria pensado nisso, mas um dos seus viajantes americanos, Mark Twain, escreve isto sobre a Índia: "Apesar de tudo o que os críticos ocidentais disseram sobre os costumes hindus, nunca vi uma mulher atrelada a um arar com uma vaca ou a uma carroça com um cachorro, como é feito em alguns países europeus. Não vi nenhuma mulher ou menina trabalhando nos campos da Índia. Em ambos os lados e à frente (do trem) homens nus de corpo moreno. e os meninos estão arando nos campos. Mas nenhuma mulher nessas duas horas não vi uma mulher ou uma menina trabalhando nos campos. Na Índia, mesmo a casta mais baixa nunca faz nenhum trabalho difícil. em comparação com a mesma classe em outras nações; e quanto à lavoura, eles nunca o fazem".

Agora, aí está você. Entre as classes mais baixas o número de homens é maior que o número de mulheres; e o que você esperaria naturalmente? A mulher tem mais chances de casamento, sendo maior o número de homens.

Em relação a questões como as viúvas que não se casam: entre as duas primeiras castas, o número de mulheres é desproporcionalmente grande, e aqui está um dilema. Ou você tem um problema de viúva e miséria que não pode casar, ou o problema de uma jovem que não consegue um marido. Para enfrentar o problema da viúva ou o problema da solteirona? Aí está você; qualquer um dos dois. Agora, voltemos novamente à ideia de que a mente indiana é socialista. Diz: "Agora olhe aqui! consideramos o problema da viúva como o menor." Por que? "Porque eles tiveram sua chance; eles se

casaram. Se perderam a chance, pelo menos tiveram uma. Sente-se, fique quieto e considere essas pobres meninas: elas não tiveram nenhuma chance de se casar." Senhor te abençoe! Lembro-me de uma vez em Oxford Street, já passava das dez horas, e todas aquelas senhoras chegando lá, centenas e milhares delas fazendo compras; e um homem, um americano, olha em volta e diz: "Meu Senhor! Quantos deles conseguirão maridos, eu me pergunto!" Então a mente indiana disse às viúvas: "Bem, vocês tiveram sua chance, e agora lamentamos muito, muito que tais infortúnios tenham acontecido com vocês, mas não podemos evitar; outros estão esperando."

Então a religião entra em questão; a religião hindu surge como um conforto. Pois, veja bem, nossa religião ensina que o casamento é algo ruim, é apenas para os fracos. O próprio homem ou mulher espiritual não se casaria de forma alguma. Então a mulher religiosa diz: "Bem, o Senhor me deu uma chance melhor. Qual é a utilidade de casar? Graças a Deus, adore a Deus, qual é a utilidade do meu homem amoroso?" É claro que nem todos conseguem pensar em Deus. Alguns acham isso simplesmente impossível. Eles têm que sofrer; mas os outros pobres não deveriam sofrer por eles. Agora deixo isso para seu julgamento; mas essa é a ideia deles na Índia.

A seguir chegamos à mulher como filha. A grande dificuldade da casa indiana é a filha. A combinação de filha e casta arruína a pobre hindu, porque, veja você, ela deve se casar na mesma casta, e mesmo dentro da casta, exatamente na mesma ordem; e assim o homem pobre às vezes tem que se tornar um mendigo para casar sua filha. O pai do menino exige um preço muito alto pelo filho, e esse pobre homem às vezes tem que vender tudo só para conseguir um marido para sua filha. A grande dificuldade da vida do Hindu é a filha. E, curiosamente, a palavra filha em sânscrito é "duhitâ". A verdadeira derivação é que, antigamente, a filha da família estava acostumada a ordenhar as vacas, e por isso a palavra "duhita" vem de "duh", ordenhar; e a palavra "filha" realmente significa leiteira. Mais tarde, encontraram um novo significado para a palavra "duhita", a leiteira – aquela que ordenha todo o leite da família. Esse é o segundo significado.

Estas são as diferentes relações mantidas pelas nossas mulheres indianas. Como já lhes disse, a mãe é a que ocupa a maior posição, a esposa é a próxima e a filha vem depois delas. É uma série de gradações muito

intricada e complicada. Nenhum estrangeiro consegue entender isso, mesmo que viva lá há anos. Por exemplo, temos três formas do pronome pessoal; eles são uma espécie de verbos em nossa língua. Um é muito respeitoso, o outro é mediano e o mais baixo é exatamente como você e você. Aos filhos e servos o último é dirigido. O intermediário é usado com iguais. Veja, isso deve ser aplicado em todas as intrincadas relações da vida. Por exemplo, para minha irmã mais velha, ao longo da minha vida, sempre uso o pronome âpani, mas ela nunca o faz quando fala comigo; ela diz tumi para mim. Ela não deveria, mesmo por engano, dizer apani para mim, porque isso significaria uma maldição. O amor, o amor pelos que são superiores, deve sempre ser expresso nessa forma de linguagem. Esse é o costume. Da mesma forma, eu nunca ousaria me dirigir à minha irmã mais velha ou ao meu irmão mais velho, muito menos à minha mãe ou ao meu pai, como tu, tum ou tumi. Quanto a chamar nossa mãe e nosso pai pelo nome, ora, nós nunca faríamos isso. Antes de conhecer os costumes deste país, levei um grande choque quando o filho, de família muito refinada, se levantou e chamou a mãe pelo nome! Porém, me acostumei com isso. Esse é o costume do país. Mas connosco nunca pronunciamos o nome dos nossos pais quando eles estão presentes. Está sempre na terceira pessoa do plural, mesmo antes deles.

Vemos assim a malha mais complicada na vida social dos nossos homens e das nossas mulheres e no nosso grau de relacionamento. Não falamos com nossas esposas antes dos mais velhos; é apenas quando estamos sozinhos ou quando inferiores estão presentes. Se eu fosse casado, falaria com minha esposa antes de minha irmã mais nova, meus sobrinhos ou sobrinhas; mas não diante de minha irmã mais velha ou de meus pais. Não consigo falar com minhas irmãs sobre seus maridos. A ideia é que somos uma raça monástica. Toda a organização social tem essa ideia diante de si. O casamento é pensado como algo impuro, algo inferior. Portanto, o assunto do amor nunca seria discutido. Não posso ler um romance diante da minha irmã, ou dos meus irmãos, ou da minha mãe, ou mesmo diante dos outros. Fecho o livro.

Então, novamente, comer e beber estão na mesma categoria. Não comemos diante de superiores. Nossas mulheres nunca comem antes dos homens, exceto quando são crianças ou inferiores. A esposa preferiria morrer a,

como ela diz, “mastigar” diante do marido. Às vezes, por exemplo, irmãos e irmãs podem comer juntos; e se eu e minha irmã estamos comendo e o marido bate na porta, minha irmã para e o pobre marido sai voando.

Esses são os costumes peculiares do país. Também observo alguns deles em diferentes países. Como nunca me casei, não sou perfeito em todos os meus conhecimentos sobre a esposa. Mãe, irmãs – eu sei o que são; e as esposas de outras pessoas que vi; daí eu deduzo o que lhe contei.

Quanto à educação e à cultura, tudo depende do homem. Isto é, onde os homens são altamente cultos, aí estão as mulheres; onde os homens não estão, as mulheres não estão. Agora, desde os tempos mais antigos, vocês sabem, a educação primária, de acordo com os antigos costumes hindus, pertence ao sistema de aldeia. Todas as terras desde tempos imemoriais foram nacionalizadas, como você diz - pertenciam ao Governo. Nunca existe qualquer direito privado sobre a terra. A receita na Índia vem da terra, porque cada homem possui muitas terras do governo. Esta terra é propriedade comum de uma comunidade, podendo ser cinco, dez, vinte ou cem famílias. Eles governam todo o país, pagam uma certa quantia de receitas ao Governo, mantêm um médico, um professor de aldeia, e assim por diante.

Aqueles de vocês que leram Herbert Spencer lembram-se do que ele chama de “sistema monástico” de educação que foi tentado na Europa e que em algumas partes provou ser um sucesso; isto é, há um professor, que a aldeia mantém. Estas escolas primárias são muito rudimentares porque os nossos métodos são muito simples. Cada menino traz um matinho; e seu papel, para começar, são folhas de palmeira. Folhas de palmeira primeiro, o papel é muito caro. Cada menino estende sua esteira e senta-se nela, tira seu tinteiro e seus livros e começa a escrever. Um pouco de aritmética, um pouco de gramática sânscrita, um pouco de linguagem e contas – tudo isso é ensinado na escola primária.

Um livrinho de ética, ensinado por um velho, aprendemos de cor, e lembro de uma das lições:

“Para o bem de uma aldeia, um homem deve desistir de sua família;

Para o bem de um país, ele deveria desistir de sua aldeia;

Para o bem da humanidade, ele pode desistir de seu país;

Para o bem do mundo, tudo."

Esses versículos estão nos livros. Nós os decoramos e eles são explicados pelo professor e pelo aluno. Essas coisas aprendemos, meninos e meninas juntos. Mais tarde, a educação é diferente. As antigas universidades sânscritas são compostas principalmente por meninos. As meninas raramente vão para essas universidades; mas existem algumas exceções.

Nos tempos modernos, há um maior impulso para o ensino superior nos moldes europeus, e a tendência de opinião é forte no sentido de as mulheres obterem este ensino superior. É claro que há algumas pessoas na Índia que não querem isso, mas aqueles que querem venceram. É estranho que Oxford e Cambridge estejam hoje fechadas às mulheres, assim como Harvard e Yale; mas a Universidade de Calcutá abriu as suas portas às mulheres há mais de vinte anos. Lembro que no ano em que me formei várias meninas saíram e se formaram — o mesmo padrão, o mesmo curso, igual em tudo aos meninos; e eles se saíram muito bem. E a nossa religião não impede de forma alguma que uma mulher seja educada. Desta forma a menina deveria ser educada; mesmo assim ela deveria ser treinada; e nos livros antigos descobrimos que as universidades eram igualmente utilizadas por meninas e meninos, mas mais tarde a educação de toda a nação foi negligenciada. O que você pode esperar sob domínio estrangeiro? O conquistador estrangeiro não está ali para nos fazer o bem; ele quer seu dinheiro. Estudei muito durante doze anos e me formei na Universidade de Calcutá; agora mal consigo ganhar US\$ 5,00 por mês em meu país. Você acreditaria? Na verdade, é um fato. Portanto, estas instituições educacionais de estrangeiros servem simplesmente para conseguir muitos escravos úteis e práticos por um pouco de dinheiro — para produzir uma série de funcionários, agentes dos correios, operadores de telégrafo, e assim por diante. Aí está.

Como resultado, a educação tanto para rapazes como para raparigas é negligenciada, totalmente negligenciada. Há muitas coisas que deveriam ser feitas naquela terra; mas você deve sempre se lembrar, se me der licença e me permitir usar um de seus próprios provérbios: "O que é molho para o

ganso é molho para o ganso”. Suas senhoras nascidas no exterior estão sempre chorando pelas dificuldades da mulher hindu e nunca se importam com as dificuldades do homem hindu. Todos estão chorando lágrimas salgadas. Mas com quem as meninas são casadas? Alguém, ao ser informado de que todas eram casadas com homens velhos, perguntou: "E o que os jovens fazem? O quê! Todas as meninas são casadas com homens velhos, apenas com homens velhos?" Nascemos velhos – talvez todos os homens lá.

O ideal da raça indiana é a liberdade da alma. Este mundo não é nada. É uma visão, um sonho. Esta vida é uma entre muitos milhões como esta. Toda esta natureza é Maya, é um fantasma, uma praga de fantasmas. Essa é a filosofia. Os bebês sorriem para a vida e a consideram tão bela e boa, mas dentro de alguns anos terão que voltar ao ponto de partida. Eles começaram a vida chorando e vão sair chorando. As nações no vigor da sua juventude pensam que podem fazer tudo e qualquer coisa: "Nós somos os deuses da terra. Somos o povo escolhido." Eles pensam que o Deus Todo-Poderoso lhes deu uma carta para governar todo o mundo, para levar adiante Seus planos, para fazer o que quiserem, para virar o mundo de cabeça para baixo. Eles têm permissão para roubar, assassinar, matar; Deus lhes deu isso, e eles fazem isso porque são apenas bebês. Assim, império após império surgiu - glorioso, resplandecente - agora desapareceu - desapareceu, ninguém sabe para onde; pode ter sido estupendo em sua ruína.

Assim como uma gota d'água sobre uma folha de lótus rola e cai num momento, assim é esta vida mortal. Para onde quer que olhemos há ruínas. Onde hoje fica a floresta já foi um poderoso império com grandes cidades. Essa é a ideia dominante, o tom, a cor da mente indiana. Nós sabemos, vocês, ocidentais, têm o sangue jovem correndo em suas veias. Sabemos que as nações, tal como os homens, têm o seu dia. Onde fica a Grécia? Onde é Roma? Onde está aquele poderoso espanhol do outro dia? Quem sabe, apesar de tudo isso, o que acontece com a Índia? Assim nascem e assim morrem; eles sobem e descem. O hindu, desde criança, conhece o invasor Mogul, cujas coortes nenhum poder na terra poderia deter, que deixou em sua língua a terrível palavra “Tártaro”. O hindu aprendeu a lição. Ele não quer tagarelar, como os bebês de hoje. Povos ocidentais, digam o que têm a dizer. Este é o seu dia. Avante, vá em frente, querido; fale para

fora. Esse é o dia dos bebês, de tagarelar. Aprendemos nossa lição e estamos quietos. Você tem um pouco de riqueza hoje e nos despreza. Bem, este é o seu dia. Tagarelice, querido, tagarelice – esta é a atitude do hindu.

O Senhor dos Senhores não deve ser alcançado por meio de muitas palavras fúteis. O Senhor dos Senhores não pode ser alcançado nem mesmo pelos poderes do intelecto. Ele não é conquistado por muito poder de conquista. Aquele homem que conhece a fonte secreta das coisas e que todo o resto é evanescente, a ele vem Ele, o Senhor; para mais ninguém. A Índia aprendeu a lição ao longo de séculos e séculos de experiência. Ela virou o rosto para Ele. Ela cometeu muitos erros; cargas e mais cargas de lixo são amontoadas sobre a corrida. Deixa para lá; e daí? O que é a retirada do lixo, a limpeza das cidades e tudo mais? Isso dá vida? Aqueles que têm boas instituições morrem. E o que dizer das instituições, aquelas instituições ocidentais de folha-de-flandres, feitas em cinco dias e quebradas no sexto? Uma destas poucas nações não consegue manter-se viva durante dois séculos seguidos. E as nossas instituições resistiram ao teste de séculos. Diz o hindu: "Sim, enterramos todas as antigas nações da terra e estamos aqui para enterrar também todas as novas raças, porque nosso ideal não é este mundo, mas o outro. Assim como é o seu ideal, você também será." Se o seu ideal for mortal, se o seu ideal for desta terra, então você será a matéria. , vivemos para sempre."

8.1.4 MINHA VIDA E MISSÃO

(Entregue no Shakespeare Club de Pasadena, Califórnia, em 27 de janeiro de 1900)

Agora, senhoras e senhores, o tema desta manhã seria a Filosofia Vedanta. Esse assunto em si é interessante, mas um tanto árido e muito vasto.

Entretanto, o seu presidente e algumas das senhoras e senhores aqui presentes pediram-me que lhes contasse algo sobre o meu trabalho e o que tenho feito. Pode ser interessante para alguns aqui, mas não tanto para mim. Na verdade, não sei bem como lhe dizer isso, pois esta terá sido a primeira vez na minha vida que falo sobre esse assunto.

Agora, para entender o que venho tentando fazer, do meu jeito, vou levar você, em imaginação, para a Índia. Não temos tempo para entrar em todos os detalhes e em todas as ramificações do assunto; nem é possível compreender todas as complexidades de uma raça estrangeira neste curto espaço de tempo. Basta dizer que tentarei pelo menos dar-lhes uma pequena imagem de como é a Índia.

É como um edifício gigantesco, todo em ruínas. À primeira vista, portanto, há pouca esperança. É uma nação que se foi e está arruinada. Mas você espera e estuda, então você vê algo além disso. A verdade é que enquanto o princípio, o ideal, do qual o homem exterior é a expressão, não for ferido ou destruído, o homem viverá e haverá esperança para esse homem. Se seu casaco for roubado vinte vezes, não há razão para que você seja destruído. Você pode comprar um casaco novo. O casaco não é essencial. O fato de um rico ser roubado não prejudica a vitalidade do homem, não significa morte. O homem sobreviverá.

Baseando-nos neste princípio, olhamos e vemos – o quê? A Índia já não é uma potência política; é uma raça escravizada. Os indianos não têm voz nem voz no seu próprio governo; são trezentos milhões de escravos – nada mais! A renda média de um homem na Índia é de dois xelins por mês. O estado comum da vasta massa da população é a fome, de modo que, com a menor diminuição dos rendimentos, milhões morrem. Um pouco de fome significa morte. Portanto, também aí, quando olho para aquele lado da Índia, vejo ruína – ruína sem esperança.

Mas descobrimos que a raça indiana nunca representou riqueza. Embora tenham adquirido imensa riqueza, talvez mais do que qualquer outra nação alguma vez adquiriu, ainda assim a nação não representava riqueza. Foi uma corrida poderosa durante séculos, mas descobrimos que aquela nação nunca defendeu o poder, nunca saiu do país para conquistar. Bastante satisfeitos com seus próprios limites, eles nunca lutaram com ninguém. A nação indiana nunca representou a glória imperial. Riqueza e poder, então, não eram os ideais da raça.

E então? Quer estivessem certos ou errados — essa não é a questão que discutimos — aquela nação, entre todos os filhos dos homens, acreditou, e acreditou intensamente, que esta vida não é real. O real é Deus; e eles

devem se apegar a esse Deus em todos os momentos. No meio da sua degradação, a religião veio em primeiro lugar. O homem hindu bebe religiosamente, dorme religiosamente, anda religiosamente, casa religiosamente, rouba religiosamente.

Você já viu um país assim? Se você quiser formar uma gangue de ladrões, o líder terá que pregar algum tipo de religião, depois formular alguma metafísica falsa e dizer que esse método é o caminho mais claro e rápido para obter Deus. Então ele encontra seguidores, caso contrário não. Isto mostra que a vitalidade da raça, a missão da raça é a religião; e porque isso não foi tocado, essa raça vive.

Veja Roma. A missão de Roma era o poder imperial, a expansão. E assim que isso foi tocado, Roma caiu em pedaços, desmaiou. A missão da Grécia era o intelecto, assim que isso foi tocado, ora, a Grécia desmaiou. Assim, nos tempos modernos, na Espanha e em todos esses países modernos. Cada nação tem uma missão para o mundo. Enquanto essa missão não for prejudicada, essa nação viverá, apesar de todas as dificuldades. Mas assim que a sua missão é destruída, a nação entra em colapso.

Agora, essa vitalidade da Índia ainda não foi tocada. Eles não desistiram disso, e ainda é forte – apesar de todas as suas superstições. Existem superstições hediondas, algumas delas revoltantes. Deixa para lá. A vida nacional — atual ainda está aí — a missão da raça.

A nação indiana nunca será um povo conquistador poderoso – nunca. Nunca serão uma grande potência política; isso não é problema deles, essa não é a nota que a Índia deve desempenhar na grande harmonia das nações. Mas o que ela tem para brincar? Deus, e somente Deus. Ela se apegou a isso como uma morte sombria. Ainda há esperança lá.

Então, depois da sua análise, você chega à conclusão de que todas essas coisas, toda essa pobreza e miséria, não têm consequências – o homem ainda está vivendo e, portanto, há esperança.

Bem! Você vê atividades religiosas acontecendo por todo o país. Não me lembro de um ano que não tenha dado origem a várias novas seitas na Índia. Quanto mais forte a corrente, maiores serão os redemoinhos e redemoinhos. As seitas não são sinais de decadência, são um sinal de vida. Que as seitas se multipliquem, até que chegue o tempo em que cada um de nós seja uma seita, cada indivíduo. Não precisamos discutir sobre isso.

Agora, pegue o seu país. (não me refiro a nenhuma crítica). Aqui as leis sociais, a formação política — tudo é feito para facilitar o caminho do homem nesta vida. Ele poderá viver muito feliz enquanto estiver nesta terra. Olhem para as suas ruas – que limpas! Suas lindas cidades! E de quantas maneiras um homem pode ganhar dinheiro! Quantos canais para se divertir nesta vida! Mas, se um homem aqui dissesse: “Agora olhe aqui, vou sentar debaixo desta árvore e meditar; não quero trabalhar”, ora, ele teria que ir para a cadeia. Ver! Não haveria nenhuma chance para ele. Nenhum. Um homem só pode viver nesta sociedade se seguir a linha. Ele tem que participar dessa corrida para desfrutar o que há de bom nesta vida, ou ele morre.

Agora voltemos à Índia. Lá, se um homem dissesse: “Vou sentar no topo daquela montanha e olhar para a ponta do meu nariz pelo resto dos meus dias”, todos dizem: “Vá, e boa sorte para você!” Ele não precisa falar uma palavra. Alguém lhe traz um panozinho e ele fica bem. Mas se um homem dissesse: “Eis que vou aproveitar um pouco desta vida”, todas as portas lhe serão fechadas.

Digo que as ideias de ambos os países são injustas. Não vejo razão para que um homem aqui não se sente e olhe para a ponta do nariz, se quiser. Por que todos aqui deveriam fazer exatamente o que a maioria faz? Não vejo razão.

Nem por que, na Índia, um homem não deveria ter os bens desta vida e ganhar dinheiro. Mas você vê como esses milhões são forçados a aceitar o ponto de vista oposto pela tirania. Esta é a tirania dos sábios. Esta é a tirania dos grandes, a tirania do espiritual, a tirania do intelectual, a tirania dos sábios. E a tirania dos sábios, veja bem, é muito mais poderosa do que a tirania dos ignorantes. Os sábios, os intelectuais, quando decidem impor suas opiniões aos outros, conhecem centenas de milhares de maneiras de criar laços e barreiras que não estão no poder dos ignorantes quebrar.

Agora, eu digo que isso tem que parar. Não adianta sacrificar milhões e milhões de pessoas para produzir um gigante espiritual. Se for possível criar uma sociedade onde o gigante espiritual seja produzido e todo o resto das pessoas também seja feliz, isso é bom; mas se os milhões tiverem de ser reduzidos, isso é injusto. Melhor que o único grande homem sofresse pela salvação do mundo.

Em cada nação você terá que trabalhar através dos seus métodos. Para cada homem você terá que falar em sua própria língua. Agora, em Inglaterra ou na América, se quisermos pregar-lhes religião, teremos de trabalhar através de métodos políticos - criar organizações, sociedades, com votação, votação, um presidente, e assim por diante, porque essa é a linguagem, o método da raça ocidental. Por outro lado, se quisermos falar de política na Índia, devemos falar através da linguagem da religião. Você terá que dizer a eles algo assim: "O homem que limpa sua casa todas as manhãs adquirirá tal e tal mérito, irá para o céu ou irá para Deus." A menos que você coloque dessa forma, eles não ouvirão você. É uma questão de linguagem. A coisa feita é a mesma. Mas com cada raça, você terá que falar a língua deles para alcançar seus corações. E isso é bastante justo. Não precisamos nos preocupar com isso.

Na Ordem a que pertenço somos chamados Sannyâsins. A palavra significa "um homem que renunciou". Esta é uma Ordem muito, muito, muito antiga. Até mesmo Buda, que existiu 560 anos antes de Cristo, pertencia a essa Ordem. Ele foi um dos reformadores de sua Ordem. Isso foi tudo. Tão

antigo! Você o encontra mencionado nos Vedas, o livro mais antigo do mundo. Na antiga Índia havia o regulamento de que cada homem e mulher, no final das suas vidas, devia sair completamente da vida social e não pensar em nada excepto em Deus e na sua própria salvação. Isto foi para se preparar para o grande evento – a morte. Assim, os idosos costumavam se tornar Sannyasins naqueles primeiros dias. Mais tarde, os jovens começaram a desistir do mundo. E os jovens são ativos. Eles não podiam sentar-se debaixo de uma árvore e pensar o tempo todo em sua própria morte, então eles pregaram e iniciaram seitas, e assim por diante. Assim, Buda, sendo jovem, iniciou aquela grande reforma. Se ele fosse velho, teria olhado para a ponta do nariz e morrido silenciosamente.

A Ordem não é uma igreja e as pessoas que aderem à Ordem não são sacerdotes. Existe uma diferença absoluta entre os sacerdotes e os Sannyasins. Na Índia, o sacerdócio, como qualquer outro negócio na vida social, é uma profissão hereditária. O filho de um padre se tornará padre, assim como o filho de um carpinteiro se tornará carpinteiro, ou o filho de um ferreiro, um ferreiro. O padre deve sempre ser casado. O hindu não pensa que um homem seja completo a menos que tenha uma esposa. Um homem solteiro não tem o direito de realizar cerimônias religiosas.

Os Sannyasins não possuem propriedades e não se casam. Além disso não há organização. O único vínculo que existe é o vínculo entre o professor e o ensinado – e isso é peculiar à Índia. O professor não é um homem que vem só para me ensinar, e eu pago tanto para ele, e aí acaba. Na Índia é realmente como uma adoção. O professor é mais do que meu próprio pai, e eu sou verdadeiramente seu filho, seu filho em todos os aspectos. Devo-lhe obediência e reverência em primeiro lugar, antes mesmo de meu próprio pai; porque, dizem, o pai me deu esse corpo, mas ele me mostrou o caminho da salvação, ele é maior que o pai. E carregamos esse amor, esse respeito pelo nosso professor por toda a vida. E essa é a única organização que existe. Eu adoto meus discípulos. Às vezes o professor será um jovem e o discípulo um homem muito velho. Mas não importa, ele é o filho e me chama de “Pai”, e tenho que me dirigir a ele como meu filho, minha filha e assim por diante.

Aconteceu que consegui um velho para me ensinar, e ele era muito peculiar. Ele não se interessava muito pela erudição intelectual, raramente estudava livros; mas quando ele era menino, foi tomado pela tremenda idéia de obter a verdade diretamente. Primeiro ele tentou estudar sua própria religião. Então ele teve a ideia de que deveria obter a verdade de outras religiões; e com essa ideia juntou-se a todas as seitas, uma após a outra. Por enquanto, ele fez exatamente o que lhe disseram para fazer – viveu com os devotos dessas diferentes seitas, até ser interpenetrado com o ideal particular daquela seita. Depois de alguns anos ele iria para outra seita. Depois de passar por tudo isso, ele chegou à conclusão de que todos eram bons. Ele não tinha críticas a oferecer a ninguém; são todos tantos caminhos que levam ao mesmo objetivo. E então ele disse: “É uma coisa gloriosa que existam tantos caminhos, porque se houvesse apenas um caminho, talvez ele servisse apenas para um homem individual. um de nós saber a verdade. Se não posso aprender uma língua, tentarei outra, e assim por diante”. Assim, sua bênção foi para todas as religiões.

Agora, todas as ideias que prego são apenas uma tentativa de ecoar as ideias dele. Nada é meu originalmente, exceto os ímpios, tudo o que digo que é falso e perverso. Mas cada palavra que pronunciei que seja verdadeira e boa é simplesmente uma tentativa de ecoar sua voz. Leia sua vida pelo Prof. Max Muller. (Ramakrishna: His Life and Sayings, publicado pela primeira vez em Londres em 1896. Reimpresso em 1951 por Advaita Ashrama.)

Bem, ali aos seus pés eu concebi essas ideias – ali com alguns outros jovens. Eu era apenas um menino. Fui para lá quando tinha uns dezesseis anos. Alguns dos outros meninos eram ainda mais jovens, alguns um pouco mais velhos – cerca de uma dúzia ou mais. E juntos concebemos que esse ideal tinha que ser difundido. E não apenas difundir, mas tornar prático. Isto é, devemos mostrar a espiritualidade dos Hindus, a misericórdia dos Budistas, a actividade dos Cristãos, a irmandade dos Maometanos, através das nossas vidas práticas. “Vamos começar uma religião universal agora e aqui”, dissemos, “não vamos esperar”.

Nosso professor era um velho que nunca tocava numa moeda com as mãos. Ele aceitou apenas a pouca comida oferecida, apenas alguns metros de tecido de algodão, nada mais. Ele nunca poderia ser induzido a aceitar

qualquer outro presente. Com todas essas ideias maravilhosas, ele era rigoroso, porque isso o tornava livre. O monge na Índia hoje é amigo do príncipe, janta com ele; e amanhã ele está com o mendigo, dorme debaixo de uma árvore. Ele deve entrar em contato com todos, deve estar sempre em movimento. Como diz o ditado: “A pedra que rola não junta musgo”. Nos últimos quatorze anos da minha vida, nunca estive durante três meses seguidos em qualquer lugar – rolando continuamente. Todos nós também.

Agora, este punhado de rapazes apoderou-se destas ideias e de todos os resultados práticos que surgiram destas ideias. Religião universal, grande simpatia pelos pobres e tudo isso é muito bom em teoria, mas é preciso praticar.

Então chegou o triste dia em que nosso antigo professor morreu. Nós cuidamos dele o melhor que pudemos. Não tínhamos amigos. Quem daria ouvidos a alguns garotos com suas noções excêntricas? Ninguém. Pelo menos, na Índia, os meninos não são ninguém. Pense nisso: uma dúzia de rapazes, contando às pessoas grandes e vastas ideias, dizendo que estão determinados a concretizar essas ideias na vida. Ora, todo mundo riu. Do riso ficou sério; tornou-se perseguição. Ora, os pais dos meninos passaram a sentir vontade de bater em cada um de nós. E quanto mais éramos ridicularizados, mais determinados nos tornamos.

Então veio um momento terrível – para mim pessoalmente e para todos os outros meninos também. Mas para mim veio tal infortúnio! De um lado estava minha mãe, meus irmãos. Meu pai morreu naquela época e ficamos pobres. Ah, muito pobre, quase morrendo de fome o tempo todo! Eu era a única esperança da família, a única que poderia fazer alguma coisa para ajudá-los. Eu tive que ficar entre meus dois mundos. Por um lado, eu teria que ver minha mãe e meus irmãos morrerem de fome; por outro, eu acreditava que as ideias deste homem eram para o bem da Índia e do mundo e tinham de ser pregadas e postas em prática. E assim a luta continuou na minha mente por dias e meses. Às vezes eu orava por cinco ou seis dias e noites seguidas sem parar. Oh, a agonia daqueles dias! Eu estava vivendo no inferno! As afeições naturais do coração de meu filho me atraíam para minha família - eu não suportava ver aqueles que eram mais próximos e queridos sofrendo. Por outro lado, ninguém para simpatizar comigo. Quem

simpatizaria com a imaginação de um menino – imaginação que causou tanto sofrimento aos outros? Quem simpatizaria comigo? Nenhum – exceto um.

A simpatia daquele trouxe bênção e esperança. Ela era uma mulher. Nosso professor, esse grande monge, casou-se quando era menino e ela, apenas uma criança. Quando ele se tornou um jovem, e todo esse zelo religioso estava sobre ele, ela foi vê-lo. Embora estivessem casados há muito tempo, eles não se viam muito até crescerem. Então ele disse à esposa: "Eis que sou seu marido; você tem direito a este corpo. Mas não posso viver a vida sexual, embora tenha me casado com você. Deixo isso ao seu critério". E ela chorou e disse: "Deus te abençoe! O Senhor te abençoe! Sou eu a mulher que vai te degradar? Se eu puder, eu te ajudarei. Continue no seu trabalho".

Essa era a mulher. O marido continuou e tornou-se monge à sua maneira; e à distância a esposa continuou ajudando no que podia. E mais tarde, quando o homem se tornou um grande gigante espiritual, ela veio – na verdade, ela foi a primeira discípula – e passou o resto da vida cuidando do corpo desse homem. Ele nunca sabia se estava vivendo ou morrendo, ou algo assim. Às vezes, ao conversar, ele ficava tão entusiasmado que, se sentasse em brasas, não saberia. Carvões vivos! Esquecendo tudo sobre seu corpo, o tempo todo.

Pois bem, aquela senhora, sua esposa, foi a única que simpatizou com a ideia daqueles meninos. Mas ela estava impotente. Ela era mais pobre do que nós. Deixa para lá! Mergulhamos na brecha. Eu acreditava, enquanto vivia, que essas ideias racionalizariam a Índia e trariam dias melhores para muitas terras e raças estrangeiras. Com essa crença, veio a compreensão de que é melhor que algumas pessoas sofram do que que tais ideias morram no mundo. E se uma mãe ou dois irmãos morrerem? É um sacrifício. Deixe isso ser feito. Nenhuma grande coisa pode ser feita sem sacrifício. O coração deve ser arrancado e o coração sangrando colocado sobre o altar. Então grandes coisas são feitas. Existe alguma outra maneira? Ninguém o encontrou. Apelo a cada um de vocês, àqueles que realizaram algo grandioso. Ah, quanto custou! Que agonia! Que tortura! Que sofrimento

terrível está por trás de cada feito de sucesso em cada vida! Vocês sabem disso, todos vocês.

E assim seguimos, aquele bando de meninos. A única coisa que recebemos das pessoas ao nosso redor foi um chute e uma maldição – isso foi tudo. Claro, tivemos que mendigar de porta em porta pela nossa comida: conseguimos quadris e espinhos - o lixo de tudo - um pedaço de pão aqui e ali. Conseguimos uma casa velha em ruínas, com cobras sibilantes vivendo embaixo; e como era o mais barato, entramos naquela casa e moramos lá.

Assim prosseguimos durante alguns anos, entretanto fazendo excursões por toda a Índia, tentando concretizar a ideia gradualmente. Dez anos foram passados sem um raio de luz! Mais dez anos! Mil vezes veio o desânimo; mas sempre havia uma coisa que nos mantinha esperançosos: a tremenda fidelidade mútua, o tremendo amor entre nós. Tenho cem homens e mulheres ao meu redor; se eu me tornar o próprio diabo amanhã, eles dirão: "Aqui estamos ainda! Nunca desistiremos de você!" Isso é uma grande bênção. Na felicidade, na miséria, na fome, na dor, na sepultura, no céu ou no inferno quem nunca desiste de mim é meu amigo. Essa amizade é uma piada? Um homem pode ter salvação através dessa amizade. Isso traz salvação se pudermos amar assim. Se tivermos essa fidelidade, ora, aí está a essência de toda concentração. Você não precisa adorar nenhum deus no mundo se tiver essa fé, essa força, esse amor. E isso estive conosco durante todo aquele período difícil. Isso estava lá. Isso nos fez ir do Himalaia ao Cabo Comorin, do Indo ao Brahmaputra.

Este bando de meninos começou a viajar. Gradualmente começamos a chamar a atenção: noventa por cento era antagonismo, muito pouco disso ajudava. Pois tínhamos um defeito: éramos meninos — na pobreza e com toda a aspereza dos meninos. Quem tem que seguir seu próprio caminho na vida é um pouco rude, não tem muito tempo para ser gentil, suave e educado - "minha senhora e meu cavalheiro", e tudo mais. Você viu isso na vida, sempre. Ele é um diamante bruto, não tem muito polimento, é uma joia num caixão indiferente.

E lá estávamos nós. "Sem compromisso!" foi a palavra de ordem. "Este é o ideal e tem que ser realizado. Se encontrarmos o rei, mesmo que morramos,

devemos dar-lhe um pouco do que pensamos; se for o camponês, o mesmo”. Naturalmente, encontramos antagonismo.

Mas, veja bem, esta é a experiência da vida; se você realmente deseja o bem dos outros, o universo inteiro poderá ficar contra você e não poderá machucá-lo. Ela deve desmoronar diante do poder do próprio Senhor em você, se você for sincero e realmente altruísta. E aqueles meninos eram isso. Eles vieram como crianças, puros e frescos das mãos da natureza. Disse nosso Mestre: Quero oferecer no altar do Senhor apenas aquelas flores que nem sequer foram cheiradas, frutas que não foram tocadas com os dedos. As palavras do grande homem sustentaram a todos nós. Pois ele viu através da vida futura daqueles meninos que recolheu nas ruas de Calcutá, por assim dizer. As pessoas costumavam rir dele quando ele dizia: “Você vai ver – esse garoto, aquele garoto, o que ele se torna”. Sua fé era inalterável: “Mãe me mostrou isso. Posso ser fraco, mas quando Ela diz que é assim – Ela nunca pode cometer erros – deve ser assim.

“Então as coisas continuaram por dez anos sem qualquer luz, mas com minha saúde debilitada o tempo todo. Isso afeta o corpo a longo prazo: às vezes uma refeição às nove da noite, outra vez uma refeição às oito da noite manhã, outro depois de dois dias, outro depois de três dias — e sempre a coisa mais pobre e mais rude. Quem vai dar ao mendigo as coisas boas que ele tem? , escalando picos nevados, às vezes dez milhas de escalada difícil, só para conseguir uma refeição. Eles comem pão ázimo na Índia, e às vezes o guardam por vinte ou trinta dias, até ficar mais duro do que tijolos; dê um quadrado disso, eu teria que ir de casa em casa para coletar o suficiente para uma refeição E então o pão era tão duro que minha boca sangrava literalmente, você pode quebrar os dentes naquele pão. Depois eu colocava-o numa panela e despejava sobre ele a água do rio. Durante meses e meses vivi daquele jeito — é claro que isso prejudicava a saúde.

Então pensei: experimentei a Índia: é hora de experimentar outro país. Naquela época, o seu Parlamento das Religiões seria realizado e alguém seria enviado da Índia. Eu era apenas um vagabundo, mas disse: “Se você me mandar, eu irei. Não tenho muito a perder e não me importo se perder isso”. Foi muito difícil conseguir o dinheiro, mas depois de uma longa luta eles juntaram apenas o suficiente para pagar minha passagem – e eu vim.

Cheguei um ou dois meses antes, então me vi vagando pelas ruas daqui, sem conhecer ninguém.

Mas finalmente o Parlamento das Religiões foi inaugurado e encontrei amigos gentis que me ajudaram desde o início. Trabalhei um pouco, juntei recursos, comecei dois jornais e assim por diante. Depois disso fui para a Inglaterra e trabalhei lá. Ao mesmo tempo, continuei o trabalho pela Índia também na América.

O meu plano para a Índia, tal como foi desenvolvido e centralizado, é o seguinte: contei-vos sobre as nossas vidas como monges lá, como vamos de porta em porta, para que a religião seja levada a todos gratuitamente, excepto, talvez, a um pedaço de pão quebrado. É por isso que vemos os mais baixos da Índia mantendo as ideias religiosas mais exaltadas. Tudo isso se deve ao trabalho desses monges. Mas pergunte a um homem: "Quem são os ingleses?" - ele não sabe. Ele talvez diga: "Eles são filhos daqueles gigantes de que falam nesses livros, não são?" "Quem governa você?" "Nós não sabemos." "O que é o governo?" Eles não sabem. Mas eles conhecem filosofia. É uma falta prática de educação intelectual sobre a vida nesta terra que eles sofrem. Estes milhões e milhões de pessoas estão prontas para a vida além deste mundo – isso não é suficiente para elas? Certamente não. Eles devem ter um pedaço de pão melhor e um pedaço de pano melhor no corpo. A grande questão é: como conseguir pão e trapos melhores para esses milhões afundados.

Em primeiro lugar, devo dizer-lhe que há uma grande esperança para eles, porque, veja bem, são as pessoas mais gentis do mundo. Não que eles sejam tímidos. Quando querem lutar, lutam como demônios. Os melhores soldados que os ingleses possuem são recrutados entre o campesinato da Índia. A morte não é algo sem importância para eles. A atitude deles é: "Já morri vinte vezes antes e morrerei muitas vezes depois disso. E daí?" Eles nunca voltam. Eles não são dados a muitas emoções, mas são ótimos lutadores.

Seu instinto, porém, é arar. Se você os roubar, assassinar, cobrar impostos, fizer qualquer coisa com eles, eles serão quietos e gentis, desde que você os deixe livres para praticar sua religião. Eles nunca interferem na religião dos outros. "Deixe-nos a liberdade de adorar nossos deuses e leve todo o resto!"

Essa é a atitude deles. Quando os ingleses os tocam ali, os problemas começam. Essa foi a verdadeira causa do motim de 1857 – eles não suportariam a repressão religiosa. Os grandes governos muçulmanos foram simplesmente destruídos porque tocaram na religião dos indianos.

Mas, fora isso, são muito pacíficos, muito quietos, muito gentis e, acima de tudo, não são dados ao vício. A ausência de qualquer bebida forte, ah, isso os torna infinitamente superiores às turbas de qualquer outro país. Não se pode comparar a decência da vida entre os pobres na Índia com a vida nos bairros de lata daqui. Uma favela significa pobreza, mas pobreza não significa pecado, indecência e vício na Índia. Noutros países, as oportunidades são tais que apenas os indecentes e os preguiçosos precisam de ser pobres. Não há razão para a pobreza, a menos que alguém seja um tolo ou um canalha – do tipo que deseja a vida na cidade e todos os seus luxos. Eles não entrarão no país. Dizem: “Estamos aqui com toda a diversão e você deve nos dar pão”. Mas esse não é o caso na Índia, onde os pobres trabalham arduamente de manhã até ao pôr-do-sol, e alguém lhes tira o pão das mãos e os seus filhos passam fome. Apesar dos milhões de toneladas de trigo cultivadas na Índia, dificilmente um grão passa pela boca de um camponês. Ele vive do milho mais pobre, que você não daria para alimentar seus canários.

Agora não há razão para que eles sofram tal sofrimento – estas pessoas; ah, tão puro e bom! Ouvimos falar muito sobre os milhões de pessoas afundadas e as mulheres degradadas da Índia – mas ninguém vem em nosso socorro. O que eles dizem? Eles dizem: “Você só pode ser ajudado, você só pode ser bom deixando de ser o que é. É inútil ajudar os hindus”. Essas pessoas não conhecem a história das raças. Não haverá mais Índia se mudarem a sua religião e as suas instituições, porque essa é a vitalidade dessa raça. Ele desaparecerá; então, realmente, você não terá ninguém para ajudar.

Depois, há outro grande ponto a aprender: que você nunca pode realmente ajudar. O que podemos fazer uns pelos outros? Você está crescendo em sua própria vida, eu estou crescendo na minha. É possível que eu possa lhe dar um empurrão na sua vida, sabendo que, no longo prazo, todos os caminhos levam a Roma. É um crescimento constante. Nenhuma civilização nacional

é perfeita ainda. Dê um empurrão nessa civilização e ela alcançará o seu próprio objetivo: não se esforce para mudá-la. Retire as instituições, costumes e costumes de uma nação, e o que restará? Eles mantêm a nação unida.

Mas aí vem um estrangeiro muito instruído e diz: “Olhe aqui; você desiste de todas essas instituições e costumes de milhares de anos, e pegue minha lata idiota e seja feliz”. Isso tudo é um absurdo.

Teremos que ajudar uns aos outros, mas temos que dar um passo além: a primeira coisa é nos tornarmos altruístas na ajuda. "Se você fizer exatamente o que eu lhe disser, eu o ajudarei; caso contrário, não." Isso é ajuda?

E assim, se os hindus quiserem ajudá-lo espiritualmente, não haverá questão de limitações: altruísmo perfeito. Eu dou e aí termina. Isso se foi de mim. Minha mente, meus poderes, tudo o que tenho para dar, é dado: dado com a ideia de dar, e nada mais. Tenho visto muitas vezes pessoas que roubaram metade do mundo e deram 20 mil dólares “para converter os pagãos”. Pelo que? Para o benefício dos pagãos ou para as suas próprias almas? Basta pensar nisso.

E a Nemesis do crime está funcionando. Nós, homens, tentamos enganar nossos próprios olhos. Mas dentro do coração, Ele permaneceu, o verdadeiro Eu. Ele nunca esquece. Nunca poderemos iludi-Lo. Seus olhos nunca serão enganados. Sempre que há algum impulso de verdadeira caridade, ele conta, mesmo que seja ao final de mil anos. Obstruído, ele ainda desperta mais uma vez e explode como um raio. E todo impulso cujo motivo é egoísta, egoísta – embora possa ser lançado com todos os jornais brasonados, todas as multidões de pé e aplaudindo – ele não atinge o alvo.

Não estou me orgulhando disso. Mas, observe, eu contei a história daquele grupo de meninos. Hoje não há uma aldeia, nem um homem, nem uma mulher na Índia que não conheça o seu trabalho e os abençoe. Não há fome na terra onde estes rapazes não mergulham e tentam trabalhar e resgatar o maior número possível. E isso atinge o coração. As pessoas passam a saber disso. Então ajude sempre que puder, mas preste atenção em qual é o seu motivo. Se for egoísta, não beneficiará nem aqueles que você ajuda, nem a

si mesmo. Se for altruísta, trará bênçãos para aqueles a quem for dado, e bênçãos infinitas para você, tão certo quanto você está vivendo. O Senhor nunca pode ser enganado. A lei do Karma nunca pode ser enganada.

Pois bem, os meus planos são, portanto, atingir essas massas da Índia. Suponha que você abra escolas para os pobres em toda a Índia, mas ainda assim não conseguirá educá-los. Como você pode? É melhor que um menino de quatro anos vá para o arado ou para o trabalho do que para a sua escola. Ele não pode ir à sua escola. É impossível. A autopreservação é o primeiro instinto. Mas se a montanha não for até Maomé, então Maomé poderá ir até a montanha. Por que a educação não deveria ir de porta em porta, digo eu. Se o filho de um lavrador não pode frequentar a educação, por que não encontrá-lo no arado, na fábrica, onde quer que ele esteja? Vá junto com ele, como sua sombra. Mas existem centenas e milhares de monges, educando as pessoas no plano espiritual; por que não deixar que esses homens façam o mesmo trabalho no plano intelectual? Por que não deveriam eles falar um pouco com as massas sobre a história – sobre muitas coisas? Os ouvidos são os melhores educadores. Os melhores princípios em nossas vidas foram aqueles que ouvimos de nossas mães através dos nossos ouvidos. Os livros vieram muito mais tarde. Aprender com livros não é nada. Através dos ouvidos obtemos os melhores princípios formativos. Então, à medida que ficam cada vez mais interessados, eles também podem acessar seus livros. Primeiro, deixe rolar indefinidamente - essa é a minha ideia.

Bem, devo dizer-lhe que não acredito muito em sistemas monásticos. Têm grandes méritos e também grandes defeitos. Deveria haver um equilíbrio perfeito entre os monásticos e os chefes de família. Mas o monaquismo absorveu todo o poder na Índia. Representamos o maior poder. O monge é maior que o príncipe. Não há nenhum soberano reinante na Índia que se atreva a sentar-se quando o “pano amarelo” está lá. Ele desiste de seu assento e se levanta. Agora, isso é mau, tanto poder, mesmo nas mãos de homens bons – embora estes monásticos tenham sido o baluarte do povo. Eles ficam entre o sacerdócio e o conhecimento. Eles são os centros de conhecimento e reforma. Eles são exatamente o que os profetas eram entre os judeus. Os profetas estavam sempre pregando contra os sacerdotes, tentando expulsar as superstições. O mesmo acontece com eles na Índia.

Mas mesmo assim tanto poder não é bom ali; melhores métodos devem ser elaborados. Mas você só pode trabalhar na linha de menor resistência. Toda a alma nacional existe no monaquismo. Você vai para a Índia e prega qualquer religião como chefe de família: o povo hindu voltará e sairá. Se você desistiu do mundo, porém, eles dirão: “Ele é bom, ele desistiu do mundo. Ele é um homem sincero, ele quer fazer o que prega”. O que quero dizer é que representa um poder tremendo. O que podemos fazer é apenas transformá-lo, dar-lhe outra forma. Este tremendo poder nas mãos dos Sannyasins itinerantes da Índia tem que ser transformado e irá levantar as massas.

Agora, veja você, colocamos o plano no papel; mas tirei-o, ao mesmo tempo, das regiões do idealismo. Até agora o plano era vago e idealista. Com o passar dos anos, tornou-se cada vez mais condensado e preciso; Comecei a ver, através do trabalho real, seus defeitos e tudo mais.

O que descobri em seu trabalho no plano material? Primeiro, deve haver centros para educar estes monges no método de educação. Por exemplo, mando um dos meus homens, e ele anda com uma câmera: ele mesmo precisa aprender essas coisas. Na Índia, você descobrirá que todos os homens são bastante analfabetos e que o ensino requer centros tremendos. E o que tudo isso significa? Dinheiro. Do plano idealista você chega ao trabalho diário. Bem, trabalhei muito, quatro anos no seu país e dois na Inglaterra. E estou muito grato por alguns amigos terem vindo em socorro. Alguém que está aqui hoje com você está entre eles. Há amigos americanos e amigos ingleses que foram comigo para a Índia, e houve um começo muito difícil. Alguns ingleses vieram e aderiram às ordens. Um homem pobre trabalhou duro e morreu na Índia. Há um inglês e uma inglesa que se aposentaram; eles têm recursos próprios e fundaram um centro no Himalaia, educando as crianças. Dei-lhes um dos artigos que comecei — uma cópia que você encontrará sobre a mesa — A Índia Desperta. E lá estão eles instruindo e trabalhando entre o povo. Tenho outro centro em Calcutá. É claro que todos os grandes movimentos devem proceder da capital. Pois o que é uma capital? É o coração de uma nação. Todo o sangue entra no coração e daí é distribuído; assim, toda a riqueza, todas as ideias, toda a educação, toda a espiritualidade convergirão para a capital e se espalharão a partir dela.

Fico feliz em dizer que tive um começo difícil. Mas quero fazer o mesmo trabalho, em linhas paralelas, para as mulheres. E o meu princípio é: cada um se ajuda. Minha ajuda é à distância. Há mulheres indianas, mulheres inglesas, e espero que as mulheres americanas venham assumir a tarefa. Assim que começam, lavo as mãos. Nenhum homem deve ditar ordens a uma mulher; nem uma mulher para um homem. Cada um é independente. A escravidão que pode existir é apenas a do amor. As mulheres definirão os seus próprios destinos – muito melhor, também, do que os homens alguma vez poderão fazer por elas. Todos os malefícios para as mulheres ocorreram porque os homens se comprometeram a moldar o destino das mulheres. E não quero começar com nenhum erro inicial. Um pequeno erro cometido continuará se multiplicando; e se você tiver sucesso, no longo prazo esse erro terá assumido proporções gigantescas e se tornará difícil de corrigir. Então, se eu cometi este erro de contratar homens para resolver esta parte do trabalho das mulheres, ora, as mulheres nunca se livrarão disso - isso terá se tornado um costume. Mas eu tenho uma oportunidade. Eu lhe contei sobre a senhora que era a esposa do meu Mestre. Todos nós temos um grande respeito por ela. Ela nunca nos dá ordens. Então é bastante seguro.

Essa parte tem que ser cumprida.

8.1.5 MENSAGEM DE BUDA PARA O MUNDO

(Entregue em São Francisco, em 18 de março de 1900)

O Budismo é historicamente a religião mais importante – historicamente, não filosoficamente – porque foi o movimento religioso mais tremendo que o mundo alguma vez viu, a onda espiritual mais gigantesca que alguma vez irrompeu sobre a sociedade humana. Não há civilização sobre a qual o seu efeito não tenha sido sentido de uma forma ou de outra.

Os seguidores de Buda eram muito entusiasmados e de espírito missionário. Foram os primeiros entre os adeptos de diversas religiões a não se contentarem com a esfera limitada da sua Igreja Mãe. Eles se espalharam por toda parte. Eles viajaram para leste e oeste, norte e sul. Eles alcançaram o Tibete mais sombrio; eles foram para a Pérsia, Ásia Menor; eles foram

para a Rússia, a Polônia e muitos outros países do mundo ocidental. Eles foram para a China, Coreia, Japão; eles foram para a Birmânia, Sião, Índias Orientais e além. Quando Alexandre, o Grande, através das suas conquistas militares, colocou o mundo mediterrânico em contacto com a Índia, a sabedoria da Índia encontrou imediatamente um canal através do qual se espalhou por vastas porções da Ásia e da Europa. Os sacerdotes budistas saíram ensinando entre as diferentes nações; e à medida que ensinavam, a superstição e as artimanhas sacerdotais começaram a desaparecer como a névoa diante do sol.

Para compreender adequadamente este movimento, você deve saber quais condições prevaleciam na Índia na época em que Buda veio, assim como para compreender o Cristianismo, você deve compreender o estado da sociedade judaica na época de Cristo. É necessário que se tenha uma ideia da sociedade indiana seiscentos anos antes do nascimento de Cristo, altura em que a civilização indiana já tinha completado o seu crescimento.

Quando você estuda a civilização da Índia, descobre que ela morreu e reviveu diversas vezes; esta é a sua peculiaridade. A maioria das raças sobe uma vez e depois declina para sempre. Existem dois tipos de pessoas; aqueles que crescem continuamente e aqueles cujo crescimento chega ao fim. As nações pacíficas, Índia e China, caem, mas levantam-se novamente; mas os outros, uma vez que descem, não sobem – morrem. Bem-aventurados os pacificadores, porque eles desfrutarão da terra.

Na época em que Buda nasceu, a Índia precisava de um grande líder espiritual, um profeta. Já existia um corpo de sacerdotes muito poderoso. Você entenderá melhor a situação se lembrar a história dos judeus – como eles tinham dois tipos de líderes religiosos, sacerdotes e profetas, os sacerdotes mantendo o povo na ignorância e moendo superstições em suas mentes. Os métodos de adoração prescritos pelos sacerdotes eram apenas um meio pelo qual podiam dominar o povo. Ao longo de todo o Antigo Testamento, você encontra os profetas desafiando as superstições dos sacerdotes. O resultado desta luta foi o triunfo dos profetas e a derrota dos sacerdotes.

Os sacerdotes acreditam que existe um Deus, mas que esse Deus só pode ser abordado e conhecido através deles. As pessoas só podem entrar no

Santo dos Santos com a permissão dos sacerdotes. Você deve pagá-los, adorá-los, colocar tudo em suas mãos. Ao longo da história do mundo, esta tendência sacerdotal surgiu repetidamente – esta tremenda sede de poder, esta sede de tigre, parece fazer parte da natureza humana. Os sacerdotes dominam você, estabelecem mil regras para você. Eles descrevem verdades simples de maneira indireta. Eles contam histórias para apoiar sua própria posição superior. Se você quiser prosperar nesta vida ou ir para o céu após a morte, terá que passar pelas mãos deles. Você tem que realizar todos os tipos de cerimônias e rituais. Tudo isso tornou a vida tão complicada e confundiu tanto o cérebro que, se eu lhe disser palavras simples, você irá para casa insatisfeito. Você ficou completamente confuso. Quanto menos você entende, melhor você se sente! Os profetas têm feito advertências contra os sacerdotes e as suas superstições e maquinações; mas a vasta massa de pessoas ainda não aprendeu a prestar atenção a estes avisos – a educação ainda está por vir para eles.

Os homens devem ter educação. Hoje em dia falam de democracia, da igualdade de todos os homens. Mas como um homem saberá que é igual a todos? Ele deve ter um cérebro forte, uma mente clara, livre de ideias absurdas; ele deve atravessar a massa de superstições que incrustam sua mente até a verdade pura que está em seu Ser mais íntimo. Então ele saberá que todas as perfeições, todos os poderes já estão dentro dele, que estes não devem ser dados a ele por outros. Quando ele percebe isso, ele se torna livre naquele momento, ele alcança a igualdade. Ele também percebe que todos os outros são tão perfeitos quanto ele e não precisa exercer nenhum poder, físico, mental ou moral, sobre seus irmãos. Ele abandona a ideia de que já existiu algum homem inferior a ele. Então ele poderá falar de igualdade; não até então.

Ora, como eu vos dizia, entre os judeus havia uma luta contínua entre os sacerdotes e os profetas; e os sacerdotes procuraram monopolizar o poder e o conhecimento, até que eles próprios começaram a perdê-los e as correntes que colocaram nos pés do povo ficaram nos seus próprios pés. Os senhores sempre se tornam escravos em pouco tempo. O ponto culminante da luta foi a vitória de Jesus de Nazaré. Este triunfo é a história do Cristianismo. Cristo finalmente conseguiu derrubar a massa de bruxaria. Este grande profeta matou o dragão do egoísmo sacerdotal, resgatou das suas garras a joia da

verdade e deu-a a todo o mundo, para que quem desejasse possuí-la tivesse liberdade absoluta para o fazer, e não tivesse que esperar no prazer de qualquer padre ou padres.

Os judeus nunca foram uma raça muito filosófica: não tinham a subtileza do cérebro indiano nem o poder psíquico do indiano. Os sacerdotes da Índia, os brâmanes, possuíam grandes poderes intelectuais e psíquicos. Foram eles que iniciaram o desenvolvimento espiritual da Índia e realizaram coisas maravilhosas. Mas chegou o momento em que o espírito livre de desenvolvimento que inicialmente acionou os brâmanes desapareceu. Eles começaram a arrogar poderes e privilégios para si mesmos. Se um brâmane matasse um homem, ele não seria punido. O Brahmin, desde o seu nascimento, é o senhor do universo! Até o brâmane mais perverso deve ser adorado!

Mas enquanto os sacerdotes floresciam, existiam também os poetas-profetas chamados Sannyâsins. Todos os hindus, quaisquer que sejam as suas castas, devem, para alcançar a espiritualidade, abandonar o seu trabalho e preparar-se para a morte. O mundo não mais terá qualquer interesse para eles. Eles devem sair e tornar-se Sannyasins. Os Sannyasins não têm nada a ver com as duas mil cerimônias que os sacerdotes inventaram: pronunciar certas palavras – dez sílabas, vinte sílabas e assim por diante – todas essas coisas são bobagens.

Assim, estes poetas-profetas da Índia antiga repudiaram os caminhos do sacerdote e declararam a verdade pura. Eles tentaram quebrar o poder dos sacerdotes e tiveram um pouco de sucesso. Mas em duas gerações os seus discípulos voltaram aos modos supersticiosos e indiretos dos sacerdotes - tornaram-se eles próprios sacerdotes: "Vocês só podem obter a verdade através de nós!" A verdade tornou-se cristalizada novamente, e novamente os profetas vieram para quebrar as incrustações e libertar a verdade, e assim continuou. Sim, deve haver o tempo todo o homem, o profeta, ou então a humanidade morrerá.

Você se pergunta por que tem que haver todos esses métodos indiretos dos sacerdotes. Por que você não pode chegar diretamente à verdade? Você tem vergonha da verdade de Deus de ter que escondê-la atrás de todos os tipos de cerimônias e fórmulas intrincadas? Você tem vergonha de Deus por não

poder confessar Sua verdade diante do mundo? Você chama isso de ser religioso e espiritual? Os sacerdotes são as únicas pessoas aptas para a verdade! As massas não estão preparadas para isso! Deve ser diluído! Regue um pouco!

Tomemos como exemplo o Sermão da Montanha e o Gitâ – eles são a própria simplicidade. Até a prostituta pode entendê-los. Que grandioso! Neles você encontra a verdade revelada de forma clara e simples. Mas não, os sacerdotes não aceitariam que a verdade pudesse ser encontrada tão diretamente. Falam de dois mil céus e dois mil infernos. Se as pessoas seguirem as suas prescrições, irão para o céu! Se não obedecerem às regras, irão para o inferno!

Mas o povo aprenderá a verdade. Alguns temem que, se toda a verdade for dada a todos, isso os prejudicará. Eles não deveriam receber a verdade absoluta – é o que dizem. Mas o mundo não fica muito melhor se comprometer a verdade. O que pode ser pior do que já é? Traga a verdade à tona! Se for real, fará bem. Quando as pessoas protestam e propõem outros métodos, elas apenas pedem desculpas pela bruxaria.

A Índia estava cheia disso na época de Buda. Havia as massas populares e elas estavam privadas de todo conhecimento. Se apenas uma palavra dos Vedas chegasse aos ouvidos de um homem, um terrível castigo cairia sobre ele. Os sacerdotes fizeram dos Vedas um segredo – os Vedas que continham as verdades espirituais descobertas pelos antigos hindus!

Finalmente um homem não aguentou mais. Ele tinha o cérebro, o poder e o coração – um coração tão infinito quanto o amplo céu. Ele sentia como as massas eram lideradas pelos padres e como os padres se glorificavam no seu poder, e queria fazer algo a respeito. Ele não queria nenhum poder sobre ninguém e queria quebrar os laços mentais e espirituais dos homens. Seu coração era grande. O coração, muitos ao nosso redor podem ter, e também queremos ajudar os outros. Mas não temos cérebro; não conhecemos as formas e os meios pelos quais a ajuda pode ser prestada. Mas este homem teve o cérebro para descobrir os meios de quebrar as amarras das almas. Ele aprendeu por que os homens sofrem e encontrou a saída para o sofrimento. Ele era um homem realizado, resolvia tudo; ele ensinou a todos sem distinção e os fez perceber a paz da iluminação. Este era o homem Buda.

Você sabe pelo poema de Arnold, A Luz da Ásia, como Buda nasceu príncipe e como a miséria do mundo o atingiu profundamente; como, embora criado e vivendo no luxo, ele não conseguia encontrar conforto na sua felicidade e segurança pessoais; como ele renunciou ao mundo, deixando para trás a princesa e o filho recém-nascido; como ele vagou em busca da verdade de professor em professor; e como ele finalmente alcançou a iluminação. Conheceis a sua longa missão, os seus discípulos, as suas organizações. Todos vocês sabem dessas coisas.

Buda foi o triunfo na luta que estava acontecendo entre os sacerdotes e os profetas na Índia. Uma coisa pode ser dita sobre estes padres indianos: eles não eram e nunca serão intolerantes à religião; eles nunca perseguiram a religião. Qualquer homem tinha permissão para pregar contra eles. A religião deles é essa; eles nunca molestaram ninguém por causa de suas opiniões religiosas. Mas sofriam das fraquezas peculiares de todos os sacerdotes: também procuravam o poder, também promulgavam regras e regulamentos e complicavam desnecessariamente a religião, minando assim a força daqueles que seguiam a sua religião.

Buda eliminou todas essas excrescências. Ele pregou as verdades mais tremendas. Ele ensinou a essência da filosofia dos Vedas a todos sem distinção, ensinou-a ao mundo em geral, porque uma de suas grandes mensagens era a igualdade do homem. Os homens são todos iguais. Nenhuma concessão a ninguém! Buda foi o grande pregador da igualdade. Todo homem e mulher tem o mesmo direito de alcançar a espiritualidade – esse foi o seu ensinamento. A diferença entre os padres e as outras castas ele aboliu. Mesmo os mais baixos tinham direito às realizações mais elevadas; ele abriu a porta do Nirvana para todos. Seu ensino foi ousado até mesmo para a Índia. Nenhuma pregação pode chocar a alma indiana, mas foi difícil para a Índia engolir a doutrina de Buda. Quão mais difícil deve ser para você!

Sua doutrina era esta: Por que há miséria em nossa vida? Porque somos egoístas. Desejamos coisas para nós mesmos – é por isso que existe miséria. Qual é a saída? A desistência de si mesmo. O eu não existe; o mundo fenomênico, tudo isso que percebemos, é tudo o que existe. Não há nada chamado alma subjacente ao ciclo de vida e morte. Existe o fluxo de

pensamento, um pensamento após outro em sucessão, cada pensamento vindo à existência e tornando-se inexistente ao mesmo tempo, isso é tudo; não há pensador do pensamento, não há alma. O corpo está mudando o tempo todo; assim é a mente, a consciência. O eu, portanto, é uma ilusão. Todo egoísmo surge do apego ao eu, a esse eu ilusório. Se conhecermos a verdade de que não existe eu, então seremos felizes e faremos os outros felizes.

Isto foi o que Buda ensinou. E ele não apenas falou; ele estava pronto para desistir de sua própria vida pelo mundo. Ele disse: “Se sacrificar um animal é bom, sacrificar um homem é melhor”, e se ofereceu em sacrifício. Ele disse: "Este sacrifício de animais é outra superstição. Deus e a alma são as duas grandes superstições. Deus é apenas uma superstição inventada pelos sacerdotes. Se existe um Deus, como pregam esses brâmanes, por que há tanta miséria no mundo?" ? Ele é exatamente como eu, um escravo da lei da causalidade. Se ele não está sujeito à lei da causalidade, então por que ele cria tal Deus? universo de acordo com sua doce vontade e deixa todos nós aqui para morrer na miséria - ele nunca tem a bondade de olhar para nós por um momento. Toda a nossa vida é um sofrimento contínuo, mas isso não é castigo suficiente - depois da morte devemos ir para alguns lugares; onde temos outras punições, mas realizamos continuamente todos os tipos de ritos e cerimônias para agradar este criador do mundo!

Buda disse: "Esses cerimoniais estão todos errados. Só existe um ideal no mundo. Destrua todas as ilusões; o que é verdadeiro permanecerá. Assim que as nuvens desaparecerem, o sol brilhará". Como matar a si mesmo? Torne-se perfeitamente altruísta, pronto para desistir de sua vida, mesmo por uma formiga. Não trabalhe por qualquer superstição, não para agradar a nenhum Deus, não para obter qualquer recompensa, mas porque você está buscando sua própria libertação matando a si mesmo. Adoração e oração é tudo mais, tudo isso é bobagem. Todos vocês dizem: “Agradeço a Deus” – mas onde Ele mora? Vocês não sabem, mas estão todos enlouquecidos por Deus.

Os hindus podem desistir de tudo, exceto de seu Deus. Negar a Deus é cortar o chão sob os pés da devoção. Devoção e Deus aos quais os hindus devem se apegar. Eles nunca podem abandonar isso. E aqui, nos

ensinamentos de Buda, não há Deus nem alma – simplesmente trabalho. Pelo que? Não para o eu, pois o eu é uma ilusão. Seremos nós mesmos quando esta ilusão desaparecer. Muito poucos existem no mundo que conseguem chegar a essa altura e trabalhar pelo trabalho.

No entanto, a religião de Buda se espalhou rapidamente. Foi por causa do amor maravilhoso que, pela primeira vez na história da humanidade, transbordou um grande coração e se dedicou ao serviço não só de todos os homens, mas de todos os seres vivos - um amor que não se importava com nada, exceto com encontrar uma forma de libertação do sofrimento para todos os seres.

O homem estava amando a Deus e havia se esquecido completamente de seu irmão. O homem que em nome de Deus pode desistir da sua própria vida, também pode dar meia volta e matar o seu irmão em nome de Deus. Esse era o estado do mundo. Eles sacrificariam o filho para a glória de Deus, roubariam as nações para a glória de Deus, matariam milhares de seres para a glória de Deus, encharcariam a terra com sangue para a glória de Deus. Esta foi a primeira vez que eles se voltaram para o outro Deus – o homem. É o homem que deve ser amado. Foi a primeira onda de intenso amor por todos os homens – a primeira onda de verdadeira sabedoria não adulterada – que, começando pela Índia, inundou gradualmente país após país, norte, sul, leste, oeste.

Este professor queria fazer a verdade brilhar como verdade. Nenhum abrandamento, nenhum compromisso, nenhum favorecimento aos sacerdotes, aos poderosos, aos reis. Nenhuma reverência diante de tradições supersticiosas, por mais antigas que sejam; nenhum respeito por formulários e livros só porque vieram de um passado distante. Ele rejeitou todas as escrituras, todas as formas de prática religiosa. Até mesmo a própria língua, o sânscrito, em que a religião era tradicionalmente ensinada na Índia, ele rejeitou, para que os seus seguidores não tivessem qualquer oportunidade de absorver as superstições que lhe estavam associadas.

Há outra maneira de encarar a verdade que estivemos discutindo: a maneira hindu. Afirmamos que a grande doutrina do altruísmo do Buda pode ser melhor compreendida se for encarada à nossa maneira. Nos Upanishads já existe a grande doutrina do Âtman e do Brahman. O Atman, o Eu, é o

mesmo que Brahman, o Senhor. Este Eu é tudo o que existe; É a única realidade. Mâyâ, ilusão, nos faz vê-la como diferente. Existe um Eu, não muitos. Esse Ser único brilha em várias formas. O homem é irmão do homem porque todos os homens são um. Um homem não é apenas meu irmão, dizem os Vedas, ele sou eu mesmo. Ferindo qualquer parte do universo, eu só me machuquei. Eu sou o universo. É uma ilusão pensar que sou o Sr. Fulano de Tal – essa é a ilusão.

Quanto mais você se aproxima do seu verdadeiro Eu, mais essa ilusão desaparece. Quanto mais todas as diferenças e divisões desaparecem, mais vocês percebem tudo como uma única Divindade. Deus existe; mas Ele não é o homem sentado numa nuvem. Ele é Espírito puro. Onde Ele reside? Mais perto de você do que você mesmo. Ele é a Alma. Como você pode perceber Deus como separado e diferente de você? Quando você pensa Nele como alguém separado de você, você não O conhece. Ele é você mesmo. Essa foi a doutrina dos profetas da Índia.

É egoísmo você pensar que vê o Sr. Fulano de Tal e que todo o mundo é diferente de você. Você acredita que é diferente de mim. Você não pensa em mim. Você vai para casa, janta e dorme. Se eu morrer, você ainda come, bebe e se diverte. Mas não podemos estar realmente felizes quando o resto do mundo está sofrendo. Nós somos todos um. É a ilusão da separação que é a raiz da miséria. Nada existe além do Eu; Não há mais nada.

A ideia de Buda é que não existe Deus, apenas o próprio homem. Ele repudiou a mentalidade subjacente às idéias predominantes de Deus. Ele descobriu que isso tornava os homens fracos e supersticiosos. Se você ora a Deus para lhe dar tudo, quem é então que sai e trabalha? Deus vem para aqueles que trabalham duro. Deus ajuda aqueles que se ajudam. Uma ideia oposta de Deus enfraquece os nossos nervos, amolece os nossos músculos, torna-nos dependentes. Tudo que é independente é feliz; tudo que é dependente é miserável. O homem tem poder infinito dentro de si mesmo e pode realizá-lo – pode perceber-se como o único Eu infinito. Pode ser feito; mas você não acredita. Você ora a Deus e mantém sua pólvora seca o tempo todo.

Buda ensinou o oposto. Não deixe os homens chorarem. Não deixe que eles tenham nada dessa oração e tudo mais. Deus não está fazendo compras. A

cada respiração você está orando a Deus. Eu estou falando; isso é uma oração. Você está escutando; isso é uma oração. Já houve algum movimento seu, mental ou físico, no qual você não participa da infinita Energia Divina? É tudo uma oração constante. Se você chamar apenas um conjunto de palavras de oração, você tornará a oração superficial. Tais orações não são muito boas; eles dificilmente podem produzir frutos reais.

A oração é uma fórmula mágica, repetindo-a, mesmo que você não trabalhe duro, você obtém resultados milagrosos? Não. Todos têm que trabalhar duro; todos têm que alcançar as profundezas dessa Energia infinita. Atrás dos pobres, atrás dos ricos, existe a mesma Energia infinita. Não é que um homem trabalhe arduamente e outro, repetindo algumas palavras, obtenha resultados. Este universo é uma oração constante. Se você considerar a oração nesse sentido, estou com você. Palavras não são necessárias. Melhor é a oração silenciosa.

A grande maioria das pessoas não entende o significado desta doutrina. Na Índia, qualquer compromisso em relação ao Eu significa que entregamos o poder nas mãos dos sacerdotes e esquecemos os grandes ensinamentos dos profetas. Buda sabia disso; então ele deixou de lado todas as doutrinas e práticas sacerdotais e fez o homem ficar de pé. Era necessário que ele fosse contra os costumes do povo; ele teve que provocar mudanças revolucionárias. Como resultado, esta religião sacrificial desapareceu para sempre da Índia e nunca mais foi revivida.

O budismo aparentemente desapareceu da Índia; mas na verdade não aconteceu. Havia um elemento de perigo nos ensinamentos de Buda – era uma religião reformadora. Para provocar a tremenda mudança espiritual que ele fez, ele teve que dar muitos ensinamentos negativos. Mas se uma religião enfatiza demais o lado negativo, corre o risco de ser eventualmente destruída. Nunca poderá uma seita reformadora sobreviver se estiver apenas reformando; apenas os elementos formativos – o impulso real, isto é, os princípios – vivem indefinidamente. Depois de realizada uma reforma, é o lado positivo que deve ser enfatizado; após a conclusão da construção, os andaimes devem ser retirados.

Aconteceu na Índia que, com o passar do tempo, os seguidores de Buda enfatizaram demais o aspecto negativo dos seus ensinamentos e, assim,

causaram a eventual queda da sua religião. Os aspectos positivos da verdade foram sufocados pelas forças da negação; e assim a Índia repudiou as tendências destrutivas que floresceram em nome do Budismo. Esse foi o decreto do pensamento nacional indiano.

Os elementos negativos do Budismo – não existe Deus nem alma – desapareceram. Posso dizer que Deus é o único ser que existe; é uma afirmação muito positiva. Ele é a única realidade. Quando Buda diz que não existe alma, eu digo: “Homem, você é um com o universo; você é todas as coisas”. Quão positivo! O elemento reformador desapareceu; mas o elemento formativo perdurou em todos os tempos. Buda ensinou bondade para com os seres inferiores; e desde então não houve uma seita na Índia que não tivesse ensinado a caridade a todos os seres, até mesmo aos animais. Esta bondade, esta misericórdia, esta caridade – maior do que qualquer doutrina – foi o que o Budismo nos deixou.

A vida de Buda tem um apelo especial. Durante toda a minha vida gostei muito de Buda, mas não de sua doutrina. Tenho mais veneração por esse personagem do que por qualquer outro – essa ousadia, esse destemor e esse amor tremendo! Ele nasceu para o bem dos homens. Outros podem buscar a Deus, outros podem buscar a verdade por si mesmos; ele nem se importava em saber a verdade por si mesmo. Ele buscou a verdade porque as pessoas estavam na miséria. Como ajudá-los, essa era a sua única preocupação. Ao longo de sua vida ele nunca pensou em si mesmo. Como podemos nós, seres humanos ignorantes, egoístas e tacanhos, compreender a grandeza deste homem?

E considere seu cérebro maravilhoso! Sem emocionalismo. Esse cérebro gigante nunca foi supersticioso. Não acredite porque um manuscrito antigo foi produzido, porque ele foi transmitido a você por seus antepassados, porque seus amigos assim o desejam - mas pense por si mesmo; procure a verdade por si mesmo; perceba você mesmo. Então, se você achar que é benéfico para um ou muitos, dê-o às pessoas. Homens de cérebro mole, mente fraca e coração de galinha, não conseguem encontrar a verdade. É preciso ser livre e tão amplo quanto o céu. É preciso ter uma mente cristalina; só então a verdade poderá brilhar nele. Estamos tão cheios de superstições! Mesmo no seu país, onde você pensa que é altamente

educado, quão cheio de estreitezas e superstições você é! Pense só, com todas as suas reivindicações de civilização neste país, em uma ocasião me recusaram uma cadeira para sentar, porque eu era hindu.

Seiscentos anos antes do nascimento de Cristo, na época em que Buda viveu, o povo da Índia deve ter tido uma educação maravilhosa. Devem ter sido extremamente livres de espírito. Grandes massas o seguiram. Os reis renunciaram aos seus tronos; rainhas desistiram de seus tronos. As pessoas puderam apreciar e abraçar o seu ensinamento, tão revolucionário, tão diferente do que lhes foi ensinado pelos sacerdotes ao longo dos tempos! Mas as suas mentes têm sido invulgarmente livres e amplas.

E considere sua morte. Se ele foi ótimo em vida, também foi ótimo na morte. Ele comeu comida que lhe foi oferecida por um membro de uma raça semelhante aos índios americanos. Os hindus não tocam neles, porque comem de tudo indiscriminadamente. Ele disse aos seus discípulos: “Não comam esta comida, mas não posso recusá-la. Vá até o homem e diga-lhe que ele me prestou um dos maiores serviços da minha vida – ele me libertou do corpo”. Um velho veio e sentou-se perto dele – ele havia caminhado quilômetros e quilômetros para ver o Mestre – e Buda o ensinou. Quando encontrou um discípulo chorando, ele o repreendeu, dizendo: “O que é isso? É este o resultado de todos os meus ensinamentos? Que não haja nenhuma falsa escravidão, nenhuma dependência de mim, nenhuma falsa glorificação desta personalidade passageira. O Buda é não uma pessoa; ele é uma realização.

Mesmo quando morresse, ele não reivindicaria qualquer distinção para si mesmo. Eu o adoro por isso. O que vocês chamam de Budas e Cristos são apenas nomes de certos estados de realização. De todos os professores do mundo, ele foi quem mais nos ensinou a ser autossuficientes, que nos libertou não apenas das amarras do nosso falso eu, mas também da dependência do ser ou seres invisíveis chamados Deus ou deuses. Ele convidou todos a entrarem naquele estado de liberdade que ele chamou de Nirvana. Todos deverão alcançá-lo um dia; e essa realização é a realização completa do homem.

8.1.6 DISCIPULADO

(Entregue em São Francisco, em 29 de março de 1900)

Meu tema é “Discipulado”. Não sei como você interpretará o que tenho a dizer. Será bastante difícil para você aceitá-lo – os ideais dos professores e discípulos neste país variam muito daqueles do nosso. Um velho provérbio da Índia me vem à mente: “Existem centenas de milhares de professores, mas é difícil encontrar um discípulo”. Parece ser verdade. A única coisa importante na obtenção da espiritualidade é a atitude do aluno. Quando existe a atitude certa, a iluminação vem facilmente.

O que o discípulo precisa para receber a verdade? Os grandes sábios dizem que para alcançar a verdade basta um piscar de olhos – é apenas uma questão de saber – o sonho se desfaz. Quanto tempo leva? Em um segundo o sonho se foi. Quando a ilusão desaparece, quanto tempo leva? Apenas um piscar de olhos. Quando conheço a verdade, nada acontece, exceto que a falsidade desaparece: tomei a corda pela cobra e agora vejo que é a corda. É apenas uma questão de meio segundo e tudo estará feito. Tu és Isso. Tu és a Realidade. Quanto tempo leva para saber disso? Se somos Deus e sempre fomos assim, não saber disso é muito surpreendente. Saber disso é a única coisa natural. Não deveria levar muito tempo para descobrirmos o que sempre fomos e o que somos agora.

No entanto, parece difícil perceber esta verdade evidente. Séculos e séculos passam antes que comecemos a vislumbrá-lo. Deus é vida; Deus é a verdade. Escrevemos sobre isso; sentimos no íntimo do nosso coração que é assim, que tudo o mais além de Deus não é nada – aqui hoje, amanhã se vai. E, no entanto, a maioria de nós permanece a mesma durante toda a vida. Apegamo-nos à mentira e viramos as costas à verdade. Não queremos alcançar a verdade. Não queremos que ninguém destrua nosso sonho. Veja, os professores não são desejados. Quem quer aprender? Mas se alguém quiser compreender a verdade e superar a ilusão, se quiser receber a verdade de um professor, deve ser um verdadeiro discípulo.

Não é fácil ser discípulo; são necessários grandes preparativos; muitas condições têm que ser cumpridas. Quatro condições principais são estabelecidas pelos Vedantistas.

A primeira condição é que o estudante que deseja conhecer a verdade desista de todos os desejos de ganho neste mundo ou na vida futura.

A verdade não é o que vemos. O que vemos não é verdade enquanto qualquer desejo se insinua na mente. Deus é verdadeiro e o mundo não é verdadeiro. Enquanto houver no coração o menor desejo pelo mundo, a verdade não virá. Deixe o mundo cair em ruínas perto dos meus ouvidos: eu não me importo. O mesmo acontece com a próxima vida; Eu não me importo de ir para o céu. O que é o céu? Apenas a continuação desta terra. Seríamos melhores e os pequenos sonhos tolos que estamos sonhando seriam destruídos mais cedo se não houvesse o céu, se não houvesse continuação desta vida tola na terra. Indo para o céu apenas prolongamos as miseráveis ilusões.

O que você ganha no céu? Vocês se tornam deuses, bebem néctar e contraem reumatismo. Há menos miséria lá do que na terra, mas também menos verdade. Os muito ricos podem compreender a verdade muito menos do que as pessoas mais pobres. "É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus." O homem rico não tem tempo para pensar em nada além da sua riqueza e poder, do seu conforto e indulgências. Os ricos raramente se tornam religiosos. Por que? Porque pensam que, se se tornarem religiosos, não terão mais diversão na vida. Da mesma forma, há muito pouca chance de se tornar espiritual no céu; há muito conforto e prazer ali – os moradores do céu não estão dispostos a desistir de sua diversão.

Dizem que não haverá mais choro no céu. Não confio no homem que nunca chora; ele tem um grande bloco de granito onde deveria estar o coração. É evidente que o povo celestial não tem muita simpatia. Há uma grande quantidade deles por lá, e nós somos criaturas miseráveis que sofrem neste lugar horrível. Eles poderiam tirar todos nós disso; mas eles não o fazem. Eles não choram. Não há tristeza ou miséria ali; portanto, eles não se importam com a miséria de ninguém. Eles bebem seu néctar, as danças continuam; lindas esposas e tudo mais.

Indo além dessas coisas, o discípulo deveria dizer: "Não me importo com nada nesta vida nem com todos os céus que já existiram - não me importo de ir a nenhum deles. Não quero o sentido - a vida em qualquer forma - esta

identificação de mim mesmo com o corpo - como sinto agora: 'Eu sou este corpo - esta enorme massa de carne.' Isto é o que sinto que sou. Recuso-me a acreditar nisso."

O mundo e os céus, todos estes estão ligados aos sentidos. Você não se importa com a terra se não tiver nenhum sentido. O céu também é o mundo. A Terra, o céu e tudo o que existe entre eles têm apenas um nome – terra.

Portanto, o discípulo, conhecendo o passado e o presente e pensando no futuro, sabendo o que significa prosperidade, o que significa felicidade, desiste de tudo isso e procura conhecer a verdade e somente a verdade. Esta é a primeira condição.

A segunda condição é que o discípulo seja capaz de controlar os sentidos internos e externos e esteja estabelecido em diversas outras virtudes espirituais.

Os sentidos externos são os órgãos visíveis situados em diferentes partes do corpo; os sentidos internos são intangíveis. Temos os olhos externos, ouvidos, nariz e assim por diante; e temos os sentidos internos correspondentes. Estamos continuamente à disposição de ambos os grupos de sentidos. Correspondendo aos sentidos estão os objetos dos sentidos. Se algum objeto dos sentidos estiver próximo, os sentidos nos obrigam a percebê-los; não temos escolha ou independência. Aí está o nariz grande. Há um pouco de fragrância; Eu tenho que sentir o cheiro. Se houvesse um mau cheiro, eu diria a mim mesmo: "Não sinta o cheiro"; mas a natureza diz: "Cheiro", e eu sinto o cheiro. Pense no que nos tornamos! Nós nos vinculamos. Eu tenho olhos. Qualquer coisa acontecendo, boa ou ruim, eu preciso ver. O mesmo acontece com a audição. Se alguém falar comigo de maneira desagradável, devo ouvi-lo. Meu sentido de audição me obriga a fazer isso, e como me sinto infeliz! Maldição ou elogio – o homem tem que ouvir. Tenho visto muitos surdos que normalmente não ouvem, mas sempre ouvem qualquer coisa sobre si mesmos!

Todos estes sentidos, externos e internos, devem estar sob o controle do discípulo. Através de muita prática, ele terá de chegar ao estágio em que possa afirmar sua mente contra os sentidos, contra os comandos da natureza. Ele deveria ser capaz de dizer à sua mente: "Você é meu; eu lhe

ordeno, não veja nem ouça nada", e a mente não verá nem ouvirá nada - nenhuma forma ou som reagirá na mente. Nesse estado, a mente tornou-se livre do domínio dos sentidos, tornou-se separada deles. Não está mais ligado aos sentidos e ao corpo. As coisas externas não podem ordenar a mente agora; a mente se recusa a se apegar a eles. Uma bela fragrância está lá. O discípulo diz à mente: "Não cheire", e a mente não percebe a fragrância. Quando você chega nesse ponto, você está apenas começando a ser um discípulo. É por isso que quando todos dizem: "Eu conheço a verdade", eu digo: "Se você conhece a verdade, você deve ter autocontrole; e se você tem controle de si mesmo, mostre-o controlando esses órgãos".

Em seguida, a mente deve ser acalmada. Está correndo. Assim que me sento para meditar, todos os assuntos mais vis do mundo surgem. A coisa toda é nauseante. Por que a mente deveria pensar pensamentos que não quero que ela pense? Sou como se fosse um escravo da mente. Nenhum conhecimento espiritual é possível enquanto a mente estiver inquieta e fora de controle. O discípulo tem que aprender a controlar a mente. Sim, é função da mente pensar. Mas não deve pensar se o discípulo não quiser; deve parar de pensar quando ele ordena. Para se qualificar como discípulo, esse estado mental é muito necessário.

Além disso, o discípulo deve ter grande poder de resistência. A vida parece confortável; e você descobre que a mente se comporta bem quando tudo está indo bem com você. Mas se algo der errado, sua mente perderá o equilíbrio. Isso não é bom. Suporta todo o mal e miséria sem um murmúrio de mágoa, sem um pensamento de infelicidade, resistência, remédio ou retaliação. Essa é a verdadeira perseverança; e que você deve adquirir.

O bem e o mal sempre existem no mundo. Muitos esquecem que existe algum mal – pelo menos tentam esquecer; e quando o mal se abate sobre eles, ficam dominados por ele e se sentem amargurados. Há outros que negam que exista algum mal e consideram tudo bom. Isso também é uma fraqueza; isso também procede do medo do mal. Se algo cheira mal, por que borrifá-lo com água de rosas e chamá-lo de perfumado? Sim, existem o bem e o mal no mundo – Deus colocou o mal no mundo. Mas você não precisa encobri-lo. Por que existe o mal não é da sua conta. Por favor, tenha fé e fique quieto.

Quando meu Mestre, Shri Ramakrishna, adoeceu, um brâmane sugeriu-lhe que aplicasse seu tremendo poder mental para se curar. Ele disse que se meu Mestre apenas concentrasse sua mente na parte doente do corpo, ela seria curada. Shri Ramakrishna respondeu: “O quê! Derrube a mente que entreguei a Deus neste pequeno corpo!” Ele se recusou a pensar em corpo e doença. Sua mente estava continuamente consciente de Deus; foi totalmente dedicado a Ele. Ele não o usaria para nenhum outro propósito.

Este desejo por saúde, riqueza, vida longa e coisas do gênero – o chamado bem – nada mais é do que uma ilusão. Dedicar a mente a eles, a fim de protegê-los, apenas fortalece a ilusão. Temos esses sonhos e ilusões na vida e queremos ter mais deles na vida futura, no céu. Cada vez mais ilusão. Não resista ao mal. Encarar! Você é superior ao mal.

Existe esta miséria no mundo – ela tem que ser sofrida por alguém. Você não pode agir sem fazer mal a alguém. E quando você busca o bem mundano, você apenas evita um mal que deve ser sofrido por outra pessoa. Todo mundo está tentando colocar isso nos ombros de outra pessoa. O discípulo diz: "Deixem que as misérias do mundo venham até mim; eu suportarei todas elas. Deixe os outros irem livres."

Lembre-se do homem na cruz. Ele poderia ter levado à vitória legiões de anjos; mas ele não resistiu. Ele teve pena daqueles que o crucificaram. Ele suportou todas as humilhações e sofrimentos. Ele assumiu o fardo de tudo sobre si: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”. Essa é a verdadeira resistência. Quão alto ele estava acima desta vida, tão alto que não podemos compreender, nós, escravos! Assim que um homem me dá um tapa na cara, minha mão responde: bang, vai! Como posso compreender a grandeza e a bem-aventurança do Glorificado? Como posso ver a glória disso?

Mas não vou arrastar o ideal para baixo. Sinto que sou o corpo, resistindo ao mal. Se tenho dor de cabeça, vou ao mundo todo para curá-la; Bebo dois mil frascos de remédio. Como posso entender essas mentes maravilhosas? Posso ver o ideal, mas quanto desse ideal? Nada desta consciência do corpo, do pequeno eu, dos seus prazeres e dores, das suas mágoas e confortos, nada disto pode alcançar essa atmosfera. Pensando apenas no espírito e mantendo a mente fora da matéria o tempo todo, posso vislumbrar

esse ideal. O pensamento material e as formas do mundo dos sentidos não têm lugar nesse ideal. Tire-os e coloque a mente no espírito. Esqueça sua vida e morte, suas dores e prazeres, seu nome e fama, e perceba que você não é corpo nem mente, mas espírito puro.

Quando digo “eu”, quero dizer este espírito. Feche os olhos e veja que imagem aparece quando você pensa no seu “eu”. É a imagem do seu corpo que surge ou da sua natureza mental? Se sim, você ainda não percebeu o seu verdadeiro “eu”. Chegará o tempo, porém, em que, assim que você disser “eu”, você verá o universo, o Ser Infinito. Então você terá realizado o seu verdadeiro Eu e descoberto que é infinito. Essa é a verdade: você é o espírito, você não é matéria. Existe algo chamado ilusão – e uma coisa é tomada por outra: a matéria é tomada pelo espírito, este corpo pela alma. Essa é a tremenda ilusão. Tem que ir.

A próxima qualificação é que o discípulo deve ter fé no Guru (professor). No Ocidente, o professor simplesmente fornece conhecimento intelectual; isso é tudo. A relação com o professor é a melhor da vida. Meu parente mais querido e mais próximo na vida é meu Guru; a seguir, minha mãe; então meu pai. Minha primeira reverência é ao Guru. Se meu pai disser: “Faça isso”, e meu Guru disser: “Não faça isso”, eu não faço isso. O Guru liberta minha alma. O pai e a mãe me dão este corpo; mas o Guru me faz renascer na alma.

Temos certas crenças peculiares. Uma delas é que existem algumas almas, algumas excepcionais, que já são livres e que nascerão aqui para o bem do mundo, para ajudar o mundo. Eles já estão gratuitos; eles não se importam com a sua própria salvação – eles querem ajudar os outros. Eles não precisam aprender nada. Desde a infância eles sabem tudo; eles podem falar a verdade mais elevada mesmo quando são bebês de seis meses de idade.

Destas almas livres depende o crescimento espiritual da humanidade. São como as primeiras lâmpadas a partir das quais outras lâmpadas são acesas. É verdade que a luz está em todos, mas na maioria dos homens está oculta. As grandes almas são luzes brilhantes desde o início. Aqueles que entram em contato com eles têm, por assim dizer, suas próprias lâmpadas acesas. Com isto a primeira lâmpada não perde nada; ainda assim, comunica sua luz a outras lâmpadas. Um milhão de lâmpadas estão acesas; mas a primeira

lâmpada continua brilhando com luz inabalável. A primeira lâmpada é o Guru, e a lâmpada que é acesa é o discípulo. O segundo, por sua vez, torna-se o Guru, e assim por diante. Esses grandes seres a quem vocês chamam de Encarnações de Deus são poderosos gigantes espirituais. Eles vêm e põem em movimento uma tremenda corrente espiritual, transmitindo seu poder aos seus discípulos imediatos e através deles, geração após geração de discípulos.

Um bispo na Igreja Cristã, pela imposição de mãos, afirma transmitir o poder que supostamente recebeu dos bispos anteriores. O bispo diz que Jesus Cristo transmitiu seu poder aos seus discípulos imediatos e estes aos outros, e que foi assim que o poder de Cristo chegou até ele. Afirmamos que cada um de nós, e não apenas os bispos, deveria ter esse poder. Não há razão para que cada um de vocês não possa ser um veículo da poderosa corrente da espiritualidade.

Mas primeiro você deve encontrar um professor, um verdadeiro professor, e deve lembrar que ele não é apenas um homem. Você pode ter um professor no corpo; mas o verdadeiro professor não está no corpo; ele não é o homem físico – ele não é como parece aos seus olhos. Pode ser que o professor venha até você como ser humano e você receba o poder dele. Às vezes ele virá em sonho e transmitirá coisas ao mundo. O poder do professor pode chegar até nós de muitas maneiras. Mas para nós, mortais comuns, o professor deve vir, e nossa preparação deve continuar até que ele chegue.

Assistimos a palestras e lemos livros, discutimos e raciocinamos sobre Deus e a alma, religião e salvação. Isto não é espiritualidade, porque a espiritualidade não existe em livros, teorias ou filosofias. Não está no aprendizado ou no raciocínio, mas no verdadeiro crescimento interior. Até os papagaios podem aprender coisas de cor e repeti-las. Se você se tornar instruído, o que acontece? Asnos podem carregar bibliotecas inteiras. Assim, quando a verdadeira luz vier, não haverá mais aprendizagem através dos livros – não haverá mais aprendizagem através dos livros. O homem que não consegue escrever nem mesmo o seu próprio nome pode ser perfeitamente religioso, e o homem que tem todas as bibliotecas do mundo na cabeça pode não o ser. Aprender não é uma condição para o crescimento espiritual; bolsa de estudos não é uma condição. O toque do Guru, a

transmissão da energia espiritual, acelerará o seu coração. Então começará o crescimento. Esse é o verdadeiro batismo de fogo. Não há mais paradas. Você continua e continua.

Há alguns anos, um de seus professores cristãos, um amigo meu, disse: “Você acredita em Cristo?” “Sim”, respondi, “mas talvez com um pouco mais de reverência.” “Então por que você não é batizado?” Como eu poderia ser batizado? Por quem? Onde está o homem que pode dar o verdadeiro batismo? O que é o batismo? É borrifar um pouco de água sobre você ou mergulhá-lo na água enquanto murmura fórmulas?

O batismo é a introdução direta na vida do espírito. Se você receber o verdadeiro batismo, você saberá que não é o corpo, mas o espírito. Dê-me esse batismo, se puder. Se não, vocês não são cristãos. Mesmo depois do chamado batismo que você recebeu, você permaneceu o mesmo. Qual é o sentido de simplesmente dizer que você foi batizado em nome de Cristo? Mera conversa, conversa - sempre perturbando o mundo com sua tolice! “Sempre imersos nas trevas da ignorância, mas considerando-se sábios e eruditos, os tolos dão voltas e mais voltas, cambaleando de um lado para outro como cegos conduzidos por cegos.” (Katha Upanishad, I.ii.5) Portanto, não diga que você é cristão, não se gabe do batismo e de coisas desse tipo.

É claro que existe o verdadeiro batismo – houve batismo no início, quando o Cristo veio à terra e ensinou. As almas iluminadas, as grandes que de tempos em tempos vêm à Terra, têm o poder de nos revelar a Visão Superna. Este é o verdadeiro batismo. Veja, antes das fórmulas e cerimônias de cada religião, existe o germe da verdade universal. Com o passar do tempo, esta verdade é esquecida; torna-se como se fosse estrangulado por formas e cerimônias. As formas permanecem – encontramos ali o caixão sem o espírito. Você tem a forma do batismo, mas poucos conseguem evocar o espírito vivo do batismo. O formulário não será suficiente. Se quisermos obter o conhecimento vivo da verdade viva, temos que ser verdadeiramente iniciados nela. Esse é o ideal.

O Guru deve me ensinar e me conduzir para a luz, fazer de mim um elo naquela corrente da qual ele mesmo é um elo. O homem comum não pode afirmar ser um Guru. O Guru deve ser um homem que conheceu, realmente

percebeu a verdade Divina, percebeu a si mesmo como o espírito. Um mero falador não pode ser o Guru. Um tolo falante como eu pode falar muito, mas não pode ser o Guru. Um verdadeiro Guru dirá ao discípulo: “Vá e não peque mais”; e ele não pode mais pecar, a pessoa não tem mais o poder de pecar.

Eu vi homens assim nesta vida. Li a Bíblia e todos esses livros; eles são maravilhosos. Mas o poder vivo você não encontra nos livros. O poder que pode transformar a vida num momento só pode ser encontrado nas almas vivas e iluminadas, naquelas luzes brilhantes que aparecem entre nós de vez em quando. Somente eles estão aptos para serem Gurus. Você e eu somos apenas conversas vazias, não professores. Estamos perturbando mais o mundo falando, emitindo vibrações ruins. Esperamos, oramos e continuamos lutando, e chegará o dia em que chegaremos à verdade e não teremos que falar.

"O professor era um menino de dezesseis anos; ele ensinou um homem de oitenta. O silêncio era o método do professor; e as dúvidas do discípulo desapareceram para sempre." (Dakshinâmurti-stotram, 12 (adaptado).) Esse é o Guru. Pense só, se você encontrar um homem assim, quanta fé e amor você deveria ter por essa pessoa! Ora, ele é o próprio Deus, nada menos que isso! É por isso que os discípulos de Cristo o adoraram como Deus. O discípulo deve adorar o Guru como o próprio Deus. Tudo o que um homem pode conhecer é o Deus vivo, Deus encarnado no homem, até que ele próprio tenha realizado Deus. De que outra forma ele conheceria a Deus?

Aqui está um homem na América, nascido mil e novecentos anos depois de Cristo, que nem sequer pertence à mesma raça de Cristo, a raça judaica. Ele não viu Jesus nem sua família. Ele diz: “Jesus era Deus. Se você não acreditar, você irá para o inferno”. Podemos compreender como os discípulos acreditaram nisso – que Cristo era Deus; ele era o Guru deles, e eles devem ter acreditado que ele era Deus. Mas o que esse americano tem a ver com o homem nascido há mil e novecentos anos? Este jovem me diz que não acredito em Jesus e por isso terei que ir para o inferno. O que ele sabe de Jesus? Ele está apto para um asilo para lunáticos. Esse tipo de crença não servirá. Ele terá que encontrar seu Guru.

Jesus pode nascer de novo, pode vir até você. Então, se você o adorar como Deus, você estará bem. Todos devemos esperar até que o Guru chegue, e o Guru deve ser adorado como Deus. Ele é Deus, ele não é nada menos que isso. Ao olhar para ele, o Guru gradualmente desaparece e o que resta? A imagem do Guru dá lugar ao próprio Deus. O Guru é a máscara brilhante que Deus usa para vir até nós. À medida que olhamos com firmeza, gradualmente a máscara cai e Deus é revelado.

"Eu me curvo ao Guru que é a personificação da Bem-aventurança Divina, a personificação do mais elevado conhecimento e o doador da maior bem-aventurança, que é puro, perfeito, único, eterno, além do prazer e da dor, além de todo pensamento e toda qualificação, transcendental". Tal é na realidade o Guru. Não é de admirar que o discípulo o considere como o próprio Deus e confie nele, o reverencie, o obedeça, o siga sem questionar. Esta é a relação entre o Guru e o discípulo.

A próxima condição que o discípulo deve cumprir é conceber um desejo extremo de ser livre.

Somos como mariposas mergulhando no fogo flamejante, sabendo que ele nos queimará, sabendo que os sentidos apenas nos queimam, que apenas aumentam o desejo. "O desejo nunca é saciado pelo prazer; o prazer apenas aumenta o desejo, assim como a manteiga colocada no fogo aumenta o fogo." (Bhâgavata, IX. xix.14.) O desejo é aumentado pelo desejo. Sabendo de tudo isso, as pessoas ainda mergulham nisso o tempo todo. Vida após vida eles têm perseguido os objetos do desejo, sofrendo extremamente em consequência disso, mas não conseguem desistir do desejo. Até mesmo a religião, que deveria resgatá-los desta terrível escravidão do desejo, eles criaram um meio de satisfazer o desejo. Raramente pedem a Deus que os liberte da escravidão do corpo e dos sentidos, da escravidão aos desejos. Em vez disso, oram a Ele por saúde e prosperidade, por vida longa: "Ó Deus, cure minha dor de cabeça, dê-me algum dinheiro ou algo assim!"

O círculo de visão tornou-se tão estreito, tão degradado, tão bestial, tão animal! Ninguém deseja nada além deste corpo. Oh, que degradação terrível, que miséria terrível! Que pouca carne, os cinco sentidos, o estômago! O que é o mundo senão uma combinação de estômago e sexo? Veja milhões de homens e mulheres – é para isso que vivem. Tire isso deles

e eles acharão sua vida vazia, sem sentido e intolerável. Assim somos nós. E tal é a nossa mente; está continuamente ansiando por maneiras e meios de satisfazer a fome do estômago e do sexo. O tempo todo isso está acontecendo. Também existe um sofrimento sem fim; esses desejos do corpo trazem apenas satisfação momentânea e sofrimento sem fim. É como beber um copo cuja camada superficial é néctar, enquanto por baixo tudo é veneno. Mas ainda ansiamos por todas essas coisas.

O que pode ser feito? A renúncia aos sentidos e aos desejos é a única saída para esta miséria. Se você quer ser espiritual, você deve renunciar. Este é o verdadeiro teste. Desista do mundo – esse absurdo dos sentidos. Existe apenas um desejo real: saber o que é verdadeiro, ser espiritual. Chega de materialismo, chega de egoísmo, devo me tornar espiritual. Forte, intenso deve ser o desejo. Se as mãos e os pés de um homem estivessem tão amarrados que ele não pudesse se mover e então se um pedaço de carvão em chamas fosse colocado em seu corpo, ele lutaria com todas as suas forças para se livrar dele. Quando eu tiver esse tipo de desejo extremo, essa luta incansável, de me livrar deste mundo em chamas, então terá chegado o momento de vislumbrar a Verdade Divina.

Olhe para mim. Se eu perder minha bolsinha com dois ou três dólares dentro, entro vinte vezes em casa para encontrar aquela bolsinha. A ansiedade, a preocupação e a luta! Se um de vocês me contrariar, lembro-me disso há vinte anos, não posso perdoar e esquecer. Pelas pequenas coisas dos sentidos posso lutar assim. Quem há que luta por Deus dessa maneira? "As crianças esquecem tudo em suas brincadeiras. Os jovens ficam loucos atrás do desfrute dos sentidos; eles não se importam com mais nada. Os velhos estão meditando sobre seus erros do passado" (Shankara). Eles estão pensando em seus prazeres passados – homens velhos que não podem ter nenhum prazer. Ruminar – isso é o melhor que podem fazer. Ninguém anseia pelo Senhor com o mesmo espírito intenso com que anseia pelas coisas dos sentidos.

Todos dizem que Deus é a Verdade, a única coisa que realmente existe; só esse espírito é, não importa. No entanto, as coisas que procuram de Deus raramente são espirituais. Eles sempre pedem coisas materiais. Nas suas orações, o espírito não está separado da matéria. Degradação – foi isso que

a religião acabou por ser. A coisa toda está se tornando uma farsa. E os anos passam e nada de espiritual está sendo alcançado. Mas o homem deveria ter fome apenas de uma coisa, o espírito, porque só o espírito existe. Esse é o ideal. Se você não pode alcançá-lo agora, diga: “Não posso fazê-lo; esse é o ideal, eu sei, mas ainda não posso segui-lo”. Mas não é isso que você faz. Você degrada a religião ao seu nível inferior e busca a matéria em nome do espírito. Vocês são todos ateus. Você não acredita em nada, exceto nos sentidos. "Fulano disse tal e tal - pode haver algo nisso. Vamos tentar nos divertir. Possivelmente algum benefício virá; possivelmente minha perna quebrada ficará reta."

Miseráveis são os doentes; eles são grandes adoradores do Senhor, pois esperam que, se orarem a Ele, Ele os curará. Não que isso seja de todo ruim – se tais orações forem honestas e se lembrarem que isso não é religião. Shri Krishna diz no Gitâ (VII.16): “Quatro classes de pessoas Me adoram: os angustiados, os que buscam coisas materiais, os que questionam e os que conhecem a verdade”. Pessoas que estão em perigo se aproximam de Deus em busca de alívio. Se estão doentes, eles O adoram para serem curados; se perderem sua riqueza, eles oram a Ele para recuperá-la. Existem outras pessoas que Lhe pedem todo tipo de coisas, porque estão cheias de desejos – nome, fama, riqueza, posição e assim por diante. Eles dirão: “Ó Virgem Maria, farei uma oferenda a você se conseguir o que quero. Se você conseguir atender minha oração, adorarei a Deus e lhe darei uma parte de tudo”. Homens não tão materiais assim, mas ainda sem fé em Deus, sentem-se inclinados a conhecê-Lo. Eles estudam filosofias, leem as escrituras, ouvem palestras e assim por diante. Eles são os questionadores. A última classe são aqueles que adoram a Deus e O conhecem. Todas essas quatro classes de pessoas são boas, não más. Todos eles O adoram.

Mas estamos tentando ser discípulos. Nossa única preocupação é conhecer a verdade mais elevada. Nosso objetivo é o mais elevado. Dissemos grandes palavras para nós mesmos – realização absoluta e tudo mais. Vamos estar à altura das palavras. Adoremos o espírito em espírito, permanecendo em espírito. Deixe que a base seja o espírito, o espírito intermediário, o espírito culminante. Não haverá mundo em lugar nenhum. Deixe-o ir e gire para o espaço - quem se importa? Permaneça no espírito! Esse é o objetivo. Sabemos que ainda não podemos alcançá-lo. Deixa para lá. Não se

desespere e não arraste o ideal para baixo. O importante é: quanto menos você pensa no corpo, em si mesmo como matéria – como matéria morta, opaca e insensível; quanto mais você pensa em si mesmo como um ser brilhante e imortal. Quanto mais você se considera um espírito brilhante e imortal, mais ansioso você ficará para estar absolutamente livre da matéria, do corpo e dos sentidos. Este é o intenso desejo de ser livre.

A quarta e última condição do discipulado é a discriminação entre o real e o irreal. Só existe uma coisa que é real – Deus. O tempo todo a mente deve ser atraída para Ele, dedicada a Ele. Deus existe, nada mais existe, todo o resto vem e vai. Qualquer desejo pelo mundo é ilusão, porque o mundo é irreal. Cada vez mais a mente deve tornar-se consciente apenas de Deus, até que tudo o mais pareça como realmente é – irreal.

Estas são as quatro condições que quem quer ser discípulo deve cumprir; sem cumpri-los ele não será capaz de entrar em contato com o verdadeiro Guru. E mesmo que tenha a sorte de encontrá-lo, não será estimulado pelo poder que o Guru possa transmitir. Não pode haver qualquer comprometimento destas condições. Com o cumprimento destas condições – com todos estes preparativos – o lótus do coração do discípulo se abrirá e a abelha virá. Então o discípulo sabe que o Guru estava dentro do corpo, dentro dele mesmo. Ele se abre. Ele percebe. Ele atravessa o oceano da vida, vai além. Ele atravessa este terrível oceano; e por misericórdia, sem pensar em ganho ou louvor, ele por sua vez ajuda outros a atravessar.

8.1.7 A VEDANTA É A RELIGIÃO DO FUTURO?

(Entregue em São Francisco em 8 de abril de 1900)

Aqueles de vocês que têm assistido às minhas palestras há mais ou menos um mês devem, a esta altura, estar familiarizados com as ideias contidas na filosofia Vedanta. Vedanta é a religião mais antiga do mundo; mas nunca se pode dizer que se tornou popular. Portanto, a questão “Será esta a religião do futuro?” é muito difícil de responder.

Para começar, posso dizer-lhe que não sei se algum dia será a religião da grande maioria dos homens. Será que algum dia será capaz de dominar uma

nação inteira, como os Estados Unidos da América? Possivelmente pode. No entanto, essa é a questão que queremos discutir esta tarde.

Começarei dizendo-lhe o que o Vedanta não é e depois lhe direi o que é. Mas você deve lembrar que, com toda a sua ênfase em princípios impessoais, o Vedanta não é antagônico a nada, embora não comprometa nem desista das verdades que considera fundamentais.

Todos vocês sabem que certas coisas são necessárias para criar uma religião. Em primeiro lugar, existe o livro. O poder do livro é simplesmente maravilhoso! Seja como for, o livro é o centro em torno do qual se reúne a lealdade humana. Nenhuma religião está viva hoje, mas tem um livro. Apesar de todo o seu racionalismo e conversa fiada, a humanidade ainda se apega aos livros. No seu país, todas as tentativas de iniciar uma religião sem um livro falharam. Na Índia, as seitas surgem com grande sucesso, mas em poucos anos desaparecem, porque não há nenhum livro por trás delas. Assim, em todos os outros países.

Estude a ascensão e queda do movimento unitarista. Representa o melhor pensamento de sua nação. Por que não deveria ter se espalhado como a Metodista, a Batista e outras denominações cristãs? Porque não havia livro. Por outro lado, pense nos judeus. Um punhado de homens, levados de um país para outro, ainda se mantêm unidos porque têm um livro. Pense nos Parses – apenas cem mil no mundo. Cerca de um milhão é tudo o que resta dos jainistas na Índia. E você sabia que esses poucos parses e jainistas ainda vivem apenas por causa de seus livros? As religiões que vivem hoje – cada uma delas tem um livro.

O segundo requisito para fazer uma religião é a veneração por alguma pessoa. Ele é adorado como o Senhor do mundo ou como o grande Mestre. Os homens devem adorar algum homem encarnado! Eles devem ter a Encarnação ou o profeta ou o grande líder. Você encontra isso em todas as religiões hoje. Hindus e Cristãos – eles têm Encarnações: Budistas, Maometanos e Judeus têm profetas. Mas é tudo a mesma coisa – toda a sua veneração gira em torno de alguma pessoa ou pessoas.

O terceiro requisito parece ser que uma religião, para ser forte e segura de si, deve acreditar que só ela é a verdade; caso contrário, não poderá

influenciar as pessoas.

O liberalismo morre porque é seco, porque não pode despertar o fanatismo na mente humana, porque não pode despertar o ódio por tudo, exceto por si mesmo. É por isso que o liberalismo está fadado a cair continuamente. Pode influenciar apenas um pequeno número de pessoas. A razão não é difícil de ver. O liberalismo tenta nos tornar altruístas. Mas não queremos ser altruístas – não vemos nenhum ganho imediato no altruísmo; ganhamos mais sendo egoístas. Aceitamos o liberalismo enquanto formos pobres e não tivermos nada. No momento em que adquirimos dinheiro e poder, tornamo-nos muito conservadores. O pobre é um democrata. Quando ele fica rico, ele se torna um aristocrata. Também na religião a natureza humana age da mesma maneira.

Surge um profeta, promete todos os tipos de recompensas para aqueles que o seguirem e condenação eterna para aqueles que não o seguirem. Assim ele faz com que suas ideias se espalhem. Todas as religiões existentes que estão se espalhando são tremendamente fanáticas. Quanto mais uma seita odeia outras seitas, maior é o seu sucesso e mais pessoas ela atrai para o seu rebanho. A minha conclusão, depois de viajar por boa parte do mundo e de conviver com muitas raças, e tendo em conta as condições que prevalecem no mundo, é que o actual estado de coisas vai continuar, apesar de muito se falar de fraternidade universal.

A Vedanta não acredita em nenhum desses ensinamentos. Primeiro, não acredita num livro – essa é a dificuldade para começar. Nega a autoridade de qualquer livro sobre qualquer outro livro. Nega enfaticamente que qualquer livro possa conter todas as verdades sobre Deus, a alma, a realidade última. Aqueles de vocês que leram os Upanishads lembram-se de que eles dizem repetidas vezes: “Não é pela leitura de livros que podemos realizar o Ser”.

Em segundo lugar, considera ainda mais difícil manter a veneração por alguma pessoa em particular. Aqueles de vocês que são estudantes do Vedanta – por Vedanta sempre se entende os Upanishads – sabem que esta é a única religião que não se apegue a nenhuma pessoa. Nenhum homem ou mulher jamais se tornou objeto de adoração entre os Vedantinos. Não pode ser. Um homem não é mais digno de adoração do que qualquer pássaro,

qualquer verme. Somos todos irmãos. A diferença é apenas em grau. Eu sou exatamente igual ao verme inferior. Você vê quão pouco espaço há no Vedanta para qualquer homem ficar à nossa frente e para nós irmos adorá-lo – ele nos arrasta e somos salvos por ele. O Vedanta não lhe dá isso. Nenhum livro, nenhum homem para adorar, nada.

Uma dificuldade ainda maior diz respeito a Deus. Você quer ser democrático neste país. É o Deus democrático que o Vedanta ensina.

Você tem um governo, mas o governo é impessoal. O seu governo não é autocrático e, no entanto, é mais poderoso do que qualquer monarquia no mundo. Ninguém parece compreender que o verdadeiro poder, a verdadeira vida, a verdadeira força está no invisível, no impessoal, no ninguém. Como uma mera pessoa separada dos outros, você não é nada, mas como uma unidade impessoal da nação que se governa, você é tremendo. Todos vocês são um no governo – vocês são um poder tremendo. Mas onde exatamente está o poder? Cada homem é o poder. Não há rei. Eu vejo todos igualmente iguais. Não tenho que tirar o chapéu e me curvar diante de ninguém. No entanto, há um tremendo poder em cada homem.

Vedanta é apenas isso. Seu Deus não é o monarca sentado num trono, totalmente à parte. Há aqueles que gostam do seu Deus dessa forma – um Deus a ser temido e propiciado. Eles queimam velas e rastejam na poeira diante Dele. Eles querem um rei para governá-los – eles acreditam em um rei no céu para governar todos eles. O rei pelo menos se foi deste país. Onde está o rei do céu agora? Exatamente onde está o rei terreno. Neste país o rei entrou em cada um de vocês. Todos vocês são reis neste país. O mesmo acontece com a religião do Vedanta. Vocês são todos deuses. Um Deus não é suficiente. Todos vocês são deuses, diz o Vedanta.

Isto torna o Vedanta muito difícil. Não ensina de forma alguma a velha ideia de Deus. No lugar daquele Deus que se sentou acima das nuvens e administrou os assuntos do mundo sem pedir nossa permissão, que nos criou do nada só porque Ele gostou e nos fez passar por toda essa miséria só porque Ele gostou, o Vedanta ensina o Deus que está em todos, tornou-se tudo e todos. Sua majestade, o rei, partiu deste país; o Reino dos Céus surgiu do Vedanta há centenas de anos.

A Índia não pode desistir de sua majestade, o rei da terra – é por isso que o Vedanta não pode se tornar a religião da Índia. Há uma chance de o Vedanta se tornar a religião do seu país por causa da democracia. Mas isso só pode acontecer se vocês puderem e entenderem isso claramente, se vocês se tornarem homens e mulheres reais, não pessoas com ideias vagas e superstições em seus cérebros, e se você quiser ser verdadeiramente espiritual, uma vez que o Vedanta se preocupa apenas com a espiritualidade.

.

Qual é a ideia de Deus no céu? Materialismo. A ideia vedântica é o princípio infinito de Deus corporificado em cada um de nós. Deus sentado em uma nuvem! Pense na blasfêmia total disso! É materialismo – materialismo absoluto. Quando os bebês pensam assim, pode estar tudo bem, mas quando homens adultos tentam ensinar essas coisas, é totalmente nojento – é isso que é. É tudo matéria, toda ideia corporal, a ideia grosseira, a ideia sensorial. Cada pedaço é argila e nada além de argila. Isso é religião? Não é mais religião do que a “religião” Mumbo Jumbo da África. Deus é espírito e deve ser adorado em espírito e em verdade. O espírito vive apenas no céu? O que é espírito? Somos todos espírito. Por que não percebemos isso? O que faz você diferente de mim? Corpo e nada mais. Esqueça o corpo e tudo será espírito.

Isto é o que o Vedanta não tem para dar. Nenhum livro. Nenhum homem deve ser isolado do resto da humanidade – “Vocês são vermes e nós somos o Senhor Deus!” - Nada disso. Se você é o Senhor Deus, eu também sou o Senhor Deus. Portanto, o Vedanta não conhece pecado. Existem erros, mas não há pecado; e no longo prazo tudo vai ficar bem. Nada de Satanás – nada dessa bobagem. O Vedanta acredita em apenas um pecado, apenas um no mundo, e é este: no momento em que você pensa que é pecador ou que alguém é pecador, isso é pecado. Daí decorrem todos os outros erros ou o que geralmente é chamado de pecado. Houve muitos erros em nossas vidas. Mas vamos em frente. Glória a nós por termos cometido erros! Dê uma boa olhada em sua vida passada. Se a sua condição atual for boa, ela foi causada por todos os erros e sucessos do passado. Glória ao sucesso! Glória aos erros! Não olhe para trás, para o que foi feito. Vá em frente!

Veja, o Vedanta não propõe pecado nem pecador. Não há Deus para ter medo. Ele é o único ser de quem nunca teremos medo, porque Ele é o nosso próprio Ser. Existe apenas um ser de quem você não pode ter medo; Ele é isso. Então ele não é realmente a pessoa mais supersticiosa que teme a Deus? Pode haver alguém que tenha medo da sua sombra; mas mesmo ele não tem medo de si mesmo. Deus é o próprio Eu do homem. Ele é aquele ser a quem você nunca poderá temer. O que é toda essa bobagem, o temor do Senhor entrando no homem, fazendo-o tremer e assim por diante? Senhor nos abençoe para que não estejamos todos no asilo para lunáticos! Mas se a maioria de nós não somos lunáticos, por que deveríamos inventar ideias como o temor a Deus? O Senhor Buda disse que toda a raça humana é lunática, mais ou menos. É perfeitamente verdade, ao que parece.

Nenhum livro, nenhuma pessoa, nenhum Deus pessoal. Tudo isso deve desaparecer. Novamente, os sentidos devem desaparecer. Não podemos ficar presos aos sentidos. Atualmente estamos amarrados – como pessoas morrendo de frio nas geleiras. Eles sentem uma vontade muito forte de dormir, e quando seus amigos tentam acordá-los, avisando-os da morte, eles dizem: “Deixe-me morrer, quero dormir”. Todos nós nos apegamos às pequenas coisas dos sentidos, mesmo que sejamos arruinados por isso: esquecemos que existem coisas muito maiores.

Existe uma lenda hindu de que o Senhor já encarnou na terra como um porco. Ele tinha um companheiro porco e com o passar do tempo nasceram-lhe vários porquinhos. Ele estava muito feliz com Sua família, vivendo na lama, gritando de alegria, esquecendo-se de Sua glória e senhorio divinos. Os deuses ficaram extremamente preocupados e vieram à terra para implorar que Ele desistisse do corpo de porco e voltasse para o céu. Mas o Senhor não quis nada disso; Ele os expulsou. Ele disse que estava muito feliz e não queria ser incomodado. Não vendo outro caminho, os deuses destruíram o corpo de porco do Senhor. Imediatamente Ele recuperou Sua majestade divina e ficou surpreso por poder ter encontrado alguma alegria em ser um porco.

As pessoas se comportam da mesma maneira. Sempre que ouvem falar do Deus Impessoal, eles dizem: "O que será da minha individualidade? — minha individualidade desaparecerá!" Da próxima vez que esse pensamento

vier, lembrem-se do porco, e depois pensem que mina infinita de felicidade vocês têm, cada um de vocês. Como você está satisfeito com sua condição atual! Mas quando você perceber o que você realmente é, ficará surpreso por não estar disposto a desistir de sua vida sensorial. O que há em sua personalidade? É melhor do que aquela vida de porco? E disso você não quer desistir! Senhor abençoe a todos nós!

O que o Vedanta nos ensina? Em primeiro lugar, ensina que não é preciso nem sair de si mesmo para saber a verdade. Todo o passado e todo o futuro estão aqui no presente. Nenhum homem jamais viu o passado. Algum de vocês viu o passado? Quando você pensa que conhece o passado, você apenas imagina o passado no momento presente. Para ver o futuro, você teria que trazê-lo até o presente, que é a única realidade – o resto é imaginação. Este presente é tudo o que existe. Existe apenas o Um. Tudo está aqui agora. Um momento no tempo infinito é tão completo e abrangente quanto qualquer outro momento. Tudo o que é, foi e será está aqui no presente. Deixe alguém tentar imaginar qualquer coisa fora disso – ele não terá sucesso.

Que religião pode pintar um céu que não seja como esta terra? E é tudo arte, só que esta arte nos vai sendo dada a conhecer aos poucos. Nós, com cinco sentidos, olhamos para este mundo e o achamos grosseiro, tendo cor, forma, som e coisas do gênero. Suponha que eu desenvolva um sentido elétrico – tudo mudará. Suponha que meus sentidos fiquem mais apurados – todos vocês parecerão mudados. Se eu mudar, você muda. Se eu for além do poder dos sentidos, você aparecerá como espírito e Deus. As coisas não são como parecem.

Compreenderemos isso aos poucos e então veremos: todos os céus - tudo - estão aqui, agora, e realmente nada mais são do que aparências na Presença Divina. Esta Presença é muito maior que todas as terras e céus. As pessoas pensam que este mundo é ruim e imaginam que o céu está em outro lugar. Este mundo não é ruim. É o próprio Deus, se você sabe disso. É uma coisa difícil até de entender, mais difícil do que acreditar. O assassino que vai ser enforcado amanhã é todo Deus, Deus perfeito. É muito difícil de compreender, certamente; mas pode ser compreendido.

Portanto, o Vedanta formula não a fraternidade universal, mas a unidade universal. Sou igual a qualquer outro homem, a qualquer animal – bom, mau, qualquer coisa. É um corpo, uma mente, uma alma por completo. O espírito nunca morre. Não há morte em parte alguma, nem mesmo para o corpo. Nem mesmo a mente morre. Como pode até o corpo morrer? Uma folha pode cair – a árvore morre? O universo é meu corpo. Veja como continua. Todas as mentes são minhas. Com todos os pés eu caminho. Por todas as bocas eu falo. Em todos eu resido.

Por que não consigo sentir isso? Por causa dessa individualidade, dessa porcaria. Você ficou preso a esta mente e só pode estar aqui, não ali. O que é imortalidade? Quão poucos respondem: “É esta nossa existência!” A maioria das pessoas pensa que tudo isso é mortal e morto – que Deus não está aqui, que elas se tornarão imortais indo para o céu. Eles imaginam que verão Deus após a morte. Mas se não O virem aqui e agora, não O verão depois da morte. Embora todos acreditem na imortalidade, eles não sabem que a imortalidade não é conquistada morrendo e indo para o céu, mas abandonando essa individualidade suína, não nos amarrando a um corpinho. Imortalidade é nos conhecermos como um com todos, vivendo em todos os corpos, percebendo através de todas as mentes. Estamos fadados a sentir em outros corpos que não este. Somos obrigados a sentir em outros corpos. O que é simpatia? Existe algum limite para essa simpatia, esse sentimento em nossos corpos? É bem possível que chegue o momento em que sentirei todo o universo.

Qual é o ganho? É difícil abandonar o corpo do porco; lamentamos perder o prazer do nosso corpinho de porquinho! O Vedanta não diz: “Desista”: diz: “Transcenda”. Não há necessidade de ascetismo – melhor seria desfrutar de dois corpos, melhor seria três, vivendo em mais corpos do que um! Quando posso desfrutar de todo o universo, todo o universo é meu corpo.

Há muitos que ficam horrorizados quando ouvem esses ensinamentos. Eles não gostam que lhes digam que não são apenas pequenos corpos de porcos, criados por um Deus tirano. Eu digo a eles: "Subam!" Eles dizem que nasceram em pecado – eles não podem surgir, exceto através da graça de alguém. Eu digo: “Você é Divino! Eles respondem: “Seu blasfemador, como ousa falar assim? Como pode uma criatura miserável ser Deus?

Somos pecadores!" Às vezes fico muito desanimado, você sabe. Centenas de homens e mulheres me dizem: "Se não existe inferno, como pode haver religião?" Se essas pessoas vão para o inferno por vontade própria, quem pode evitá-los?

Tudo o que você sonha e pensa, você cria. Se for o inferno, você morre e vê o inferno. Se for mau e Satanás, você terá um Satanás. Se forem fantasmas, você terá fantasmas. Tudo o que você pensa, isso você se torna. Se você tiver que pensar, tenha bons pensamentos, ótimos pensamentos. Isso é assumir que vocês são vermes fracos! Ao declarar que somos fracos, ficamos fracos, não nos tornamos melhores. Suponha que apaguemos a luz, fechemos as janelas e deixemos o quarto escuro. Pense no absurdo! Que bem me faz dizer que sou pecador? Se estou no escuro, deixe-me acender uma lâmpada. A coisa toda desapareceu. No entanto, quão curiosa é a natureza dos homens! Embora sempre conscientes de que a mente universal está por trás de suas vidas, eles pensam mais em Satanás, nas trevas e nas mentiras. Você lhes diz a verdade – eles não a veem; eles gostam mais da escuridão.

Isto constitui a grande questão colocada pelo Vedanta: Por que as pessoas têm tanto medo? A resposta é que eles se tornaram indefesos e dependentes dos outros. Somos tão preguiçosos que não queremos fazer nada por nós mesmos. Queremos um Deus Pessoal, um salvador ou um profeta que faça tudo por nós. O homem muito rico nunca anda, vai sempre de carruagem; mas com o passar dos anos, um dia ele acorda totalmente paralisado. Então ele começa a sentir que a maneira como viveu não era boa, afinal. Nenhum homem pode caminhar por mim. Cada vez que isso acontecia, era para meu prejuízo. Se tudo for feito por um homem por outro, ele perderá o uso dos seus próprios membros. Qualquer coisa que façamos nós mesmos, é a única coisa que fazemos. Qualquer coisa que seja feita por nós por outra pessoa nunca poderá ser nossa. Você não pode aprender verdades espirituais com minhas palestras. Se você aprendeu alguma coisa, eu fui apenas a faísca que a trouxe à tona, a fez brilhar. Isso é tudo que os profetas e mestres podem fazer. Toda essa corrida atrás de ajuda é uma tolice.

Você sabe, existem carros de bois na Índia. Geralmente dois touros são atrelados a uma carroça, e às vezes um feixe de palha é pendurado na ponta

da vara, um pouco à frente dos animais, mas fora de seu alcance. Os touros tentam continuamente alimentar-se da palha, mas nunca conseguem. É exatamente assim que somos ajudados! Achemos que obteremos segurança, força, sabedoria e felicidade de fora. Sempre esperamos, mas nunca realizamos nossa esperança. Nunca nenhuma ajuda vem de fora.

Não há ajuda para o homem. Ninguém jamais existiu, ninguém existe e ninguém existirá. Por que deveria haver? Vocês não são homens e mulheres? Os senhores da terra serão ajudados por outros? Você não tem vergonha? Você será ajudado quando for reduzido a pó. Mas você é espírito. Saia das dificuldades sozinho! Salve-se sozinho! Não há ninguém para ajudá-lo – nunca houve. Pensar que existe é uma doce ilusão. Não adianta nada.

Certa vez, um cristão veio até mim e disse: “Você é um pecador terrível”. Eu respondi: “Sim, estou. Vá em frente.” Ele era um missionário cristão. Aquele homem não me daria nenhum descanso. Quando o vejo, eu voou. Ele disse: “Tenho coisas muito boas para você. Você é um pecador e vai para o inferno”. Eu respondi: “Muito bom, o que mais?” Eu perguntei a ele: “Onde você está indo?” “Vou para o céu”, respondeu ele. Eu disse: “Eu irei para o inferno”. Naquele dia ele me desistiu.

Aí vem um homem cristão e diz: “Vocês estão todos condenados; mas se você acredita nesta doutrina, Cristo irá ajudá-lo”. Se isto fosse verdade – mas é claro que não passa de superstição – não haveria maldade nos países cristãos. Acreditemos nisso – acreditar não custa nada – mas por que não há resultado? Se eu perguntar: “Por que há tantas pessoas más?” eles dizem: “Temos que trabalhar mais”. Confie em Deus, mas mantenha a pólvora seca! Ore a Deus e deixe Deus vir e ajudá-lo! Mas sou eu quem luta, ora e adora; sou eu quem resolvo meus problemas – e Deus leva o crédito. Isto não é bom. Eu nunca faço isso.

Uma vez fui convidado para um jantar. A anfitriã me pediu para dar graças. Eu disse: “Eu lhe darei graças, senhora. Minha graça e agradecimento são para você”. Quando trabalho, dou graças a mim mesmo. Louvado seja mim por ter trabalhado muito e adquirido o que tenho!

Todo o tempo você trabalha duro e abençoa alguém, porque você é supersticioso, você tem medo. Chega dessas superstições criadas ao longo de milhares de anos! É preciso um pouco de trabalho duro para se tornar espiritual. As superstições são todas materialismo, porque todas se baseiam na consciência de corpo, corpo, corpo. Não há espírito lá. O espírito não tem superstições – está além dos desejos vãos do corpo.

Mas aqui e ali esses desejos vãos estão sendo projetados até mesmo no reino do espírito. Participei de diversas reuniões espíritas. Em um deles, o líder era uma mulher. Ela me disse: “Sua mãe e seu avô vieram até mim”. Ela disse que eles a cumprimentaram e conversaram com ela. Mas minha mãe ainda está viva! As pessoas gostam de pensar que mesmo depois da morte os seus parentes continuam a existir nos mesmos corpos, e os espíritas brincam com as suas superstições. Eu ficaria muito triste em saber que meu falecido pai ainda usa seu corpo imundo. As pessoas obtêm consolo com isso: seus pais estão todos envoltos em matéria. Em outro lugar me trouxeram Jesus Cristo. Eu disse: “Senhor, como vai você?” Isso me faz sentir sem esperança. Se aquele grande homem santo ainda usa o corpo, o que será de nós, pobres criaturas? Os espíritas não me permitiram tocar em nenhum daqueles senhores. Mesmo que fossem reais, eu não os desejaria. Eu penso: “Mãe, Mãe! Ateus - isso é o que as pessoas realmente são! Apenas o desejo por esses cinco sentidos! Não satisfeitos com o que têm aqui, querem mais do mesmo quando morrem!”

Qual é o Deus do Vedanta? Ele é princípio, não pessoa. Você e eu somos todos Deuses Pessoais. O Deus absoluto do universo, o criador, preservador e destruidor do universo, é um princípio impessoal. Você e eu, o gato, o rato, o diabo e o fantasma, todos estes são Suas pessoas – todos são Deuses Pessoais. Você quer adorar Deuses Pessoais. É a adoração de si mesmo. Se você seguir meu conselho, você nunca entrará em nenhuma igreja. Saia e vá se lavar. Lave-se repetidas vezes até estar limpo de todas as superstições que se apegaram a você através dos tempos. Ou, talvez, você não goste de fazer isso, já que não se lava com tanta frequência neste país – lavar-se com frequência é um costume indiano, não um costume da sua sociedade.

Muitas vezes me perguntaram: “Por que você ri tanto e faz tantas piadas?” Às vezes fico sério – quando tenho estômago – dor! O Senhor é todo bem-

aventurança. Ele é a realidade por trás de tudo o que existe, Ele é a bondade, a verdade em tudo. Vocês são Suas encarnações. Isso é o que é glorioso. Quanto mais perto você estiver Dele, menos ocasiões terá para chorar ou chorar. Quanto mais longe estivermos Dele, mais rostos tristes surgirão. Quanto mais conhecemos Dele, mais a miséria desaparece. Se alguém que vive no Senhor se torna miserável, qual a utilidade de viver Nele? Qual é a utilidade de tal Deus? Jogue-o ao mar no Oceano Pacífico! Nós não O queremos!

Mas Deus é o ser infinito e impessoal — sempre existente, imutável, imortal, destemido; e vocês são todas Suas encarnações, Suas corporificações. Este é o Deus do Vedanta e Seu céu está em toda parte. Neste céu habitam todos os Deuses Pessoais que existem – vocês mesmos. Saia orando e depositando flores nos templos!

Pelo que você ora? Ir para o céu, conseguir algo e deixar que outra pessoa não o tenha. "Senhor, eu quero mais comida! Deixe alguém morrer de fome!" Que ideia de Deus que é a realidade, a existência infinita e sempre abençoada, na qual não há parte nem falha, que é sempre livre, sempre puro, sempre perfeito! Atribuímos a Ele todas as nossas características, funções e limitações humanas. Ele deve nos trazer comida e nos dar roupas. Na verdade, temos que fazer todas essas coisas nós mesmos e ninguém mais as fez por nós. Essa é a pura verdade.

Mas você raramente pensa nisso. Você imagina que existe um Deus de quem você é um favorito especial, que faz coisas por você quando você Lhe pede; e você não pede favores a Ele para todos os homens, todos os seres, mas apenas para você, sua própria família, seu próprio povo. Quando o hindu está morrendo de fome, você não se importa; naquela época você não pensa que o Deus dos cristãos é também o Deus dos hindus. Toda a nossa ideia de Deus, a nossa oração, a nossa adoração, tudo está viciado pela nossa ignorância, pela nossa ideia tola de nós mesmos como corpo. Você pode não gostar do que estou dizendo. Você pode me amaldiçoar hoje, mas amanhã você me abençoará.

Devemos nos tornar pensadores. Todo nascimento é doloroso. Devemos sair do materialismo. Minha Mãe não nos deixava escapar de Suas garras; no entanto, devemos tentar. Esta luta é toda a adoração que existe; todo o resto

é mera sombra. Você é o Deus Pessoal. Agora mesmo estou adorando você. Esta é a maior oração. Adore o mundo inteiro nesse sentido – servindo-o. Estar numa plataforma elevada, eu sei, não parece adoração. Mas se for serviço, é adoração.

A verdade infinita nunca será adquirida. Está aqui o tempo todo, imortal e não nascido. Ele, o Senhor do universo, está em cada um. Existe apenas um templo – o corpo. É o único templo que já existiu. Neste corpo reside Ele, o Senhor das almas e o Rei dos reis. Não vemos isso, então fazemos imagens Dele em pedra e construímos templos sobre elas. O Vedanta sempre esteve na Índia, mas a Índia está repleta desses templos – e não apenas templos, mas também cavernas contendo imagens esculpidas. “O tolo, morando na margem do Gangâ, cava um poço para buscar água!” Assim somos nós! Vivendo no meio de Deus – devemos ir e fazer imagens. Nós O projetamos na forma de imagem, enquanto Ele existe o tempo todo no templo do nosso corpo. Somos lunáticos e esta é a grande ilusão.

Adore tudo como Deus – cada forma é Seu templo. Todo o resto é ilusão. Sempre olhe para dentro, nunca para fora. Tal é o Deus que o Vedanta prega, e tal é Sua adoração. Naturalmente não há seita, nem credo, nem casta no Vedanta. Como pode esta religião ser a religião nacional da Índia?

Centenas de castas! Se um homem toca na comida de outro, ele clama: “Senhor, ajude-me, estou poluído!” Quando regressei à Índia depois da minha visita ao Ocidente, vários hindus ortodoxos levantaram um grito contra a minha associação com o povo ocidental e a minha violação das regras da ortodoxia. Eles não gostavam que eu ensinasse as verdades dos Vedas ao povo do Ocidente.

Mas como pode haver essas distinções e diferenças? Como pode o rico torcer o nariz para o pobre, e o erudito para o ignorante, se somos todos espíritos e todos iguais? A menos que a sociedade muda, como poderá uma religião como o Vedanta prevalecer? Serão necessários milhares de anos para termos um grande número de seres humanos verdadeiramente racionais. É muito difícil mostrar aos homens coisas novas, dar-lhes grandes ideias. É ainda mais difícil acabar com velhas superstições, muito difícil; eles não morrem facilmente. Com toda a sua educação, até mesmo o

homem instruído fica assustado no escuro – as histórias infantis vêm à sua mente e ele vê fantasmas.

O significado da palavra "Veda", da qual vem a palavra "Vedanta", é conhecimento. Todo conhecimento é Veda, infinito como Deus é infinito. Ninguém jamais cria conhecimento. Você já viu o conhecimento ser criado? Só é descoberto – o que estava coberto é descoberto. Está sempre aqui, porque é o próprio Deus. O conhecimento passado, presente e futuro existe em todos nós. Nós descobrimos, isso é tudo. Todo esse conhecimento é o próprio Deus. Os Vedas são um ótimo livro em sânscrito. Em nosso país, ajoelhamo-nos diante do homem que lê os Vedas e não nos importamos com o homem que estuda física. Isso é superstição; não é Vedanta de forma alguma. É um materialismo absoluto. Com Deus todo conhecimento é sagrado. O conhecimento é Deus. O conhecimento infinito reside dentro de cada um em sua medida máxima. Você não é realmente ignorante, embora possa parecer assim. Vocês são encarnações de Deus, todos vocês. Vocês são encarnações do Princípio Divino Todo-Poderoso e Onipresente. Você pode rir de mim agora, mas chegará o momento em que você entenderá. Você deve. Ninguém ficará para trás.

Qual é o objetivo? Isto de que falei – Vedanta – não é uma religião nova. Tão antigo – tão antigo quanto o próprio Deus. Não está confinado a nenhum tempo e lugar, está em todo lugar. Todo mundo conhece essa verdade. Estamos todos resolvendo isso. O objetivo de todo o universo é esse. Isto se aplica até mesmo à natureza externa – cada átomo está correndo em direção a esse objetivo. E você acha que alguma das infinitas almas puras fica sem conhecimento da verdade suprema? Todos têm isso, todos estão indo para o mesmo objetivo – a descoberta da Divindade inata. O maníaco, o assassino, o homem supersticioso, o homem que é linchado neste país – todos viajam para o mesmo objetivo. Somente aquilo que fazemos ignorantemente devemos fazer conscientemente e melhor.

A unidade de toda a existência – todos vocês já a têm dentro de si. Ninguém jamais nasceu sem ele. Por mais que você negue, ele se afirma continuamente. O que é o amor humano? É mais ou menos uma afirmação dessa unidade: “Eu sou um contigo, minha esposa, meu filho, meu amigo!” Somente você está afirmando a unidade de forma ignorante. "Ninguém

jamais amou o marido por causa do marido, mas por causa do Ser que está no marido." A esposa encontra unidade ali. O marido se vê na esposa — ele faz isso instintivamente, mas não consegue fazê-lo com conhecimento de causa, conscientemente.

Todo o universo é uma existência. Não pode haver mais nada. Das diversidades todos nós caminhamos em direção a esta existência universal. Famílias em tribos, tribos em raças, raças em nações, nações em humanidade - quantas vontades vão para o Um! Tudo é conhecimento, tudo ciência – a realização desta unidade.

Unidade é conhecimento, diversidade é ignorância. Este conhecimento é seu direito de nascença. Eu não tenho que ensinar isso a você. Nunca existiram religiões diferentes no mundo. Todos nós estamos destinados a ter a salvação, quer queiramos ou não. Você tem que alcançá-lo no longo prazo e se tornar livre, porque é da sua natureza ser livre. Já somos livres, só que não sabemos disso e não sabemos o que temos feito. Em todos os sistemas e ideais religiosos existe a mesma moralidade; apenas uma coisa é pregada: “Seja altruísta, ame os outros”. Alguém diz: “Porque Jeová ordenou”. “Alá”, gritou Maomé. Outro grita: “Jesus”. Se fosse apenas uma ordem de Jeová, como poderia chegar àqueles que nunca conheceram a Jeová? Se foi somente Jesus quem deu esta ordem, como poderia alguém que nunca conheceu Jesus entendê-la? Se fosse apenas Vishnu, como poderiam obtê-lo os judeus, que nunca conheceram aquele cavaleiro? Existe outra fonte, maior que todas elas. Cadê? No templo eterno de Deus, nas almas de todos os seres, do mais baixo ao mais alto. Está aí – aquele altruísmo infinito, sacrifício infinito, compulsão infinita para voltar à unidade.

Aparentemente estivemos divididos, limitados, por causa da nossa ignorância; e nos tornamos como se fossem a pequena Sra. fulana e o Sr. fulano de tal. Mas toda a natureza está desmentindo essa ilusão a cada momento. Não sou aquele homenzinho ou aquela pequena mulher isolada de tudo o mais; Eu sou a única existência universal. A alma, em sua própria majestade, está se elevando a cada momento e declarando sua própria Divindade intrínseca.

Este Vedanta está em toda parte, só você deve se tornar consciente dele. Estas massas de crenças e superstições tolas impedem-nos no nosso

progresso. Se pudermos, vamos nos livrar deles e entender que Deus é espírito para ser adorado em espírito e em verdade. Tentem não ser mais materialistas! Jogue fora toda matéria! A concepção de Deus deve ser verdadeiramente espiritual. Todas as diferentes ideias de Deus, que são mais ou menos materialistas, devem desaparecer. À medida que o homem se torna cada vez mais espiritual, ele tem que se livrar de todas essas ideias e deixá-las para trás. Na verdade, em cada país sempre houve alguns que foram fortes o suficiente para jogar fora toda a matéria e se destacarem na luz brilhante, adorando o espírito pelo espírito.

Se o Vedanta – este conhecimento consciente de que tudo é um só espírito – se espalhar, toda a humanidade se tornará espiritual. Mas é possível? Não sei. Não dentro de milhares de anos. As velhas superstições devem acabar. Todos vocês estão interessados em como perpetuar todas as suas superstições. Depois, há as ideias do irmão de família, do irmão de casta, do irmão nacional. Tudo isso são barreiras para a realização do Vedanta. A religião tem sido religião para muito poucos.

A maioria daqueles que trabalharam no campo da religião em todo o mundo foram, na verdade, trabalhadores políticos. Essa tem sido a história dos seres humanos. Raramente tentaram viver de acordo com a verdade de forma intransigente. Eles sempre adoraram o deus chamado sociedade; eles têm estado principalmente preocupados em defender aquilo que as massas acreditam – as suas superstições, a sua fraqueza. Eles não tentam conquistar a natureza, mas sim encaixar-se na natureza, nada mais. Deus para a Índia e pregar um novo credo - eles não vão dar ouvidos a isso. Mas se você lhes disser que isso vem dos Vedas – “Isso é bom!” eles dirão. Aqui posso pregar esta doutrina, e vocês – quantos de vocês me levam a sério? Mas a verdade está toda aqui e devo lhe contar a verdade.

Há outro lado da questão. Todos dizem que a verdade mais elevada e pura não pode ser realizada de uma só vez por todos, que os homens devem ser conduzidos a ela gradualmente através da adoração, da oração e de outros tipos de práticas religiosas predominantes. Não tenho certeza se esse é o método certo ou não. Na Índia, trabalho nos dois sentidos.

Em Calcutá, tenho todas essas imagens e templos – em nome de Deus e dos Vedas, da Bíblia, de Cristo e de Buda. Deixe-se tentar. Mas nas alturas do

Himalaia tenho um lugar onde estou determinado que nada entrará, exceto a pura verdade. Aí eu quero trabalhar essa ideia sobre a qual falei com vocês hoje. Há um inglês e uma inglesa encarregados do local. O objetivo é treinar os que buscam a verdade e criar os filhos sem medo e sem superstições. Eles não ouvirão sobre Cristos e Budas e Shivas e Vishnus – nada disso. Eles aprenderão, desde o início, a se manterem em pé. Eles aprenderão desde a infância que Deus é o espírito e deve ser adorado em espírito e em verdade. Todos devem ser vistos como espírito. Esse é o ideal. Não sei que sucesso resultará disso. Hoje estou pregando o que gosto. Eu gostaria de ter sido criado inteiramente com base nisso, sem todas as superstições dualistas.

Às vezes concordo que há algo de bom no método dualista: ele ajuda muitos que são fracos. Se um homem quiser que você lhe mostre a estrela polar, primeiro mostre-lhe uma estrela brilhante perto dela, depois uma estrela menos brilhante, depois uma estrela fraca e depois a estrela polar. Esse processo torna mais fácil para ele ver isso. Todas as diversas práticas e treinamentos, Bíblias e Deuses, são apenas os rudimentos da religião, os jardins de infância da religião.

Mas então penso no outro lado. Quanto tempo terá o mundo de esperar para alcançar a verdade se seguir este processo lento e gradual? Quanto tempo? E onde está a certeza de que algum dia terá sucesso em algum grau apreciável? Até agora não foi assim. Afinal, gradual ou não gradual, fácil ou difícil para os fracos, o método dualista não é baseado na falsidade? Não estão todas as práticas religiosas predominantes muitas vezes enfraquecendo e, portanto, erradas? Baseiam-se numa ideia errada, numa visão errada do homem. Dois errados tornariam um certo? A mentira se tornaria verdade? A escuridão se tornaria luz?

Sou o servo de um homem que faleceu. Eu sou apenas o mensageiro. Quero fazer o experimento. Os ensinamentos do Vedanta sobre os quais falei nunca foram realmente experimentados antes. Embora o Vedanta seja a filosofia mais antiga do mundo, sempre esteve misturado com superstições e tudo mais.

Cristo disse: “Eu e meu pai somos um”, e você repete isso. No entanto, não ajudou a humanidade. Durante mil e novecentos anos os homens não

entenderam esse ditado. Eles fazem de Cristo o salvador dos homens. Ele é Deus e nós somos vermes! Da mesma forma na Índia. Em todos os países, este tipo de crença é a espinha dorsal de todas as seitas. Durante milhares de anos, milhões e milhões de pessoas em todo o mundo foram ensinadas a adorar o Senhor do mundo, as Encarnações, os salvadores, os profetas. Eles foram ensinados a considerarem-se criaturas indefesas e miseráveis e a dependerem da misericórdia de alguma pessoa ou pessoas para a salvação. Não há dúvida de que há muitas coisas maravilhosas em tais crenças. Mas mesmo no seu melhor, são apenas jardins de infância da religião e têm ajudado muito pouco. Os homens ainda estão hipnotizados em degradação abjeta. No entanto, existem algumas almas fortes que superam essa ilusão. Chegará a hora em que grandes homens se levantarão e abandonarão esses jardins de infância da religião e tornarão vívida e poderosa a verdadeira religião, a adoração do espírito pelo espírito.

8.2 ESCRITOS: PROSA

8.2.1 LUTA PELA EXPANSÃO

(Escrito pelo Swami durante a sua primeira visita à América em resposta a perguntas feitas por um discípulo ocidental.)

O velho dilema, se a árvore precede a semente ou se a semente precede a árvore, permeia todas as nossas formas de conhecimento. Se a inteligência está em primeiro lugar na ordem do ser ou da matéria; se o ideal é o primeiro ou a manifestação externa; se a liberdade é a nossa verdadeira natureza ou a escravidão da lei; se o pensamento cria a matéria ou a matéria o pensamento; se a mudança incessante na natureza precede a ideia de repouso ou se a ideia de repouso precede a ideia de mudança – todas estas são questões da mesma natureza insolúvel. Como a ascensão e queda de uma série de ondas, elas se sucedem numa sucessão invariável e os homens tomam um lado ou outro de acordo com seus gostos, educação ou peculiaridade de temperamentos.

Por exemplo, se for dito, por um lado, que, vendo o ajuste na natureza das diferentes partes, fica claro que é o efeito do trabalho inteligente; por outro

lado, pode-se argumentar que a própria inteligência, sendo criada pela matéria e pela força no curso da evolução, não poderia ter existido antes deste mundo. Se for dito que a produção de toda forma deve ser precedida por um ideal na mente, pode-se argumentar, com igual força, que o próprio ideal foi criado por várias experiências externas. Por um lado, o apelo é à nossa sempre presente ideia de liberdade; por outro, ao fato de que nada no universo é sem causa, tudo, tanto mental quanto físico, está rigidamente limitado pela lei da causalidade. Se for afirmado que, vendo as mudanças do corpo induzidas pela volição, é evidente que o pensamento é o criador deste corpo, é igualmente claro que, como a mudança no corpo induz uma mudança no pensamento, o corpo deve ter produzido a mente. Se for argumentado que a mudança universal deve ser o resultado de um repouso anterior, um argumento igualmente lógico pode ser apresentado para mostrar que a ideia de imutabilidade é apenas uma noção relativa ilusória, provocada pelas diferenças comparativas em movimento.

Assim, em última análise, todo o conhecimento se resume a este círculo vicioso: a interdependência indeterminada de causa e efeito. A julgar pelas leis do raciocínio, tal conhecimento é incorreto; e o fato mais curioso é que esse conhecimento se revela incorreto, não por comparação com o conhecimento verdadeiro, mas pelas próprias leis que dependem, para sua base, do mesmo círculo vicioso. É claro, portanto, que a peculiaridade de todo o nosso conhecimento é que ele prova a sua própria insuficiência. Mais uma vez, não podemos dizer que seja irreal, pois toda a realidade que conhecemos e em que podemos pensar está dentro deste conhecimento. Nem podemos negar que seja suficiente para todos os efeitos práticos. Este estado de conhecimento humano que abrange em seu âmbito tanto o mundo externo como o interno é chamado Mâyâ. É irreal porque prova a sua própria incorrecção. É real no sentido de ser suficiente para todas as necessidades do homem-animal.

Atuando no mundo externo, Maya se manifesta como os dois poderes de atração e repulsão. No interno suas manifestações são o desejo e o não desejo (Pravritti e Nivritti). O universo inteiro está tentando correr para fora. Cada átomo está tentando voar para fora do seu centro. No mundo interno, cada pensamento tenta sair do controle. Mais uma vez, cada partícula do mundo externo é controlada por outra força, a centrípeta, e

atraída para o centro. Da mesma forma, no mundo do pensamento, o poder controlador controla todos esses desejos que se manifestam.

Os desejos de materialização, isto é, de ser arrastado cada vez mais para o plano da ação mecânica, pertencem ao homem-animal. Somente quando surge o desejo de evitar toda essa escravidão aos sentidos é que a religião surge no coração do homem. Vemos assim que todo o objectivo da religião é evitar que o homem caia na escravidão dos sentidos e ajudá-lo a afirmar a sua liberdade. O primeiro esforço deste poder de Nivritti para esse fim é chamado de moralidade. O objetivo de toda moralidade é prevenir esta degradação e quebrar esta escravidão. Toda moralidade pode ser dividida em elementos positivos e negativos; diz: "Faça isso" ou "Não faça isso". Quando se diz "Não", é evidente que se trata de um freio a um certo desejo que faria de um homem um escravo. Quando diz «Fazer», o seu objectivo é mostrar o caminho para a liberdade e para a destruição de uma certa degradação que já se apoderou do coração humano.

Ora, esta moralidade só é possível se houver uma liberdade a ser alcançada pelo homem. Independentemente da questão das possibilidades de alcançar a liberdade perfeita, é claro que todo o universo é um caso de luta para se expandir, ou, por outras palavras, para alcançar a liberdade. Este espaço infinito não é suficiente nem para um átomo. A luta pela expansão deve continuar eternamente até que a liberdade perfeita seja alcançada. Não se pode dizer que esta luta para conquistar a liberdade seja para evitar a dor ou para obter prazer. Os seres de grau mais baixo, que não podem ter tal sentimento, também estão lutando pela expansão; e de acordo com muitos, o próprio homem é a expansão desses mesmos seres.

8.2.2 O NASCIMENTO DA RELIGIÃO

(Escrito pelo Swami durante a sua primeira visita à América em resposta a perguntas feitas por um discípulo ocidental.)

As lindas flores da floresta com suas pétalas multicoloridas balançando a cabeça, pulando, pulando, brincando com cada brisa; os lindos pássaros com sua linda plumagem, seus doces cantos ecoando em cada clareira da

floresta - eles estavam lá ontem, meu consolo, meus companheiros, e hoje eles se foram - para onde? Meus companheiros de brincadeira, os companheiros de minhas alegrias e tristezas, meus prazeres e passatempos — eles também se foram — para onde? Aqueles que me amamentaram quando eu era criança, que durante toda a vida só tiveram um pensamento para mim — o de fazer tudo por mim — também se foram. Todo mundo, tudo se foi, está indo e irá. Onde eles vão? Esta foi a pergunta que pressionou por uma resposta na mente do homem primitivo. "Por quê então?" você pode perguntar: "Ele não viu tudo decomposto, reduzido a pó diante dele? Por que ele deveria ter se preocupado com aonde eles foram?"

Para o homem primitivo, em primeiro lugar, tudo é vida, e para ele a morte no sentido de aniquilação não tem significado algum. As pessoas vêm até ele, vão embora e voltam. Às vezes eles vão embora e não vêm. Portanto, na língua mais antiga do mundo, a morte é sempre expressa por algum tipo de ida. Este é o começo da religião. Assim, o homem primitivo procurava por toda parte uma solução para sua dificuldade — para onde vão todos eles?

Há o sol da manhã radiante em sua glória, trazendo luz, calor e alegria a um mundo adormecido. Lentamente ele viaja e, infelizmente, ele também desaparece, lá embaixo, lá embaixo! Mas no dia seguinte ele reaparece — glorioso, lindo! E há o lótus — aquela flor maravilhosa do Nilo, do Indo e do Tigre, os locais de nascimento da civilização — abrindo-se pela manhã quando os raios solares atingem as suas pétalas fechadas e com o sol minguante fechando-se novamente. Alguns estavam lá então, que iam e vinham e se levantavam de seus túmulos revigorados. Esta foi a primeira solução. O sol e o lótus são, portanto, os principais símbolos nas religiões mais antigas. Por que esses símbolos? porque o pensamento abstrato, seja ele qual for, quando expresso, está fadado a vir revestido de vestimentas visíveis, tangíveis e grosseiras. Esta é a lei. A ideia do desaparecimento não como algo fora da existência, mas dentro dela, tinha de ser expressa apenas como uma mudança, uma transformação momentânea; e reflexivamente, aquele objeto que atinge os sentidos e vai vibrando até a mente e evoca uma nova ideia está fadado a ser tomado como o suporte, o núcleo em torno do qual a nova ideia se espalha para uma expressão. E assim o sol e o lótus foram os primeiros símbolos.

Existem buracos profundos por toda parte – tão escuros e tão sombrios; lá embaixo está tudo escuro e assustador; debaixo d'água não podemos ver, por mais que abramos os olhos; lá em cima está luz, toda luz, mesmo à noite as lindas hostes estreladas irradiando sua luz. Para onde vão então aqueles que amo? Não certamente no lugar muito escuro, mas acima, no reino da Luz Eterna. Isso exigia um novo símbolo. Aqui está o fogo com suas maravilhosas línguas de chama brilhantes - devorando uma floresta em pouco tempo, cozinhando a comida, dando calor e afastando animais selvagens - este fogo que dá vida e salva vidas; e então as chamas – todas sobem, nunca descem. Aqui estava então outro - este fogo que os leva para cima, para os lugares de luz - o elo de ligação entre nós e aqueles que passaram para as regiões de luz. “Tu Ignis”, começa o registro humano mais antigo, “nosso mensageiro para os brilhantes”. Então eles colocaram no fogo comida e bebida e tudo o que acharam que seria agradável para esses “brilhantes”. Este foi o começo do sacrifício.

Até agora a primeira questão estava resolvida, pelo menos no que diz respeito à satisfação das necessidades destes homens primitivos. Depois veio a outra pergunta: De onde veio tudo isso? Por que não veio primeiro? Porque nos lembramos mais de uma mudança repentina. A felicidade, a alegria, a adição e o prazer não causam uma impressão tão profunda em nossa mente quanto a infelicidade, a tristeza e a subtração. Nossa natureza é alegria, prazer, prazer e felicidade. Qualquer coisa que o quebre violentamente causa uma impressão mais profunda do que o curso natural. Assim, o problema da morte foi o primeiro a ser resolvido como o grande perturbador. Depois, com mais avanço, veio a outra pergunta: De onde vieram? Tudo o que vive se move: nós nos movemos; nossa vontade move nossos membros; nossos membros fabricam formas sob o controle de nossa vontade. Tudo o que então se movia tinha uma vontade como motor, tanto para o filho homem dos tempos antigos como para o homem-criança dos dias atuais. O vento tem vontade; a nuvem, toda a natureza, está cheia de vontades, mentes e almas separadas. Eles estão criando tudo isso assim como nós fabricamos muitas coisas; eles – os “Devas”, os “Elohim” são os criadores de tudo isso.

Enquanto isso, a sociedade estava crescendo. Na sociedade havia o rei – por que não entre os brilhantes, os Elohim? Portanto, havia um “Deva”

supremo, um Elohim-Jahveh, Deus dos deuses – o único Deus que pela Sua única vontade criou tudo isso – até mesmo os “brilhantes”. Mas assim como Ele designou diferentes estrelas e planetas, Ele nomeou diferentes "Devas" ou anjos para presidir diferentes funções da natureza - alguns sobre a morte, alguns sobre o nascimento, etc. resto, é a concepção comum nas duas grandes fontes de todas as religiões, as raças ariana e semítica. Mas aqui os arianos iniciam um novo começo, um grande desvio. O Deus deles não era apenas um ser supremo, mas também o Dyaus Pitar, o Pai no céu. Este é o começo do Amor. O Deus semita é apenas um trovão, apenas o terrível, o poderoso Senhor dos exércitos. A tudo isto o Ariano acrescentou uma nova ideia, a de um Pai. E a divergência torna-se cada vez mais óbvia ao longo de todo o progresso, que na verdade parou neste ponto do ramo semita da raça humana. O Deus dos semitas não pode ser visto – ou melhor, é morte vê-lo; o Deus do ariano não pode apenas ser visto, mas Ele é a meta do ser; o único objetivo da vida é vê-Lo. O semita obedece ao seu Rei dos reis por medo do castigo e guarda os Seus mandamentos. O ariano ama o pai; e mais adiante acrescenta mãe, sua amiga. E “Ame-me, ame meu cachorro”, dizem eles. Portanto, cada uma de Suas criaturas deve ser amada, porque são Suas. Para o semítico, esta vida é um posto avançado onde somos colocados para testar a nossa fidelidade; para o ariano esta vida está a caminho do nosso objetivo. Para os semitas, se cumprirmos bem o nosso dever, teremos um lar sempre alegre no céu. Para o ariano, esse lar é o próprio Deus. Para o semita, servir a Deus é um meio para atingir um fim, ou seja, o pagamento, que é alegria e prazer. Para o ariano, o prazer, a miséria – tudo – é um meio, e o fim é Deus. O semita adora a Deus para ir para o céu. O ariano rejeita o céu para ir para Deus. Em suma, esta é a principal diferença. O objetivo e o fim da vida ariana é ver Deus, ver a face do Amado, porque sem Ele não pode viver. “Sem a Tua presença, o sol, a lua e as estrelas perdem a sua luz.”

8.2.3 QUATRO CAMINHOS DO IOGA

(Escrito pelo Swami durante a sua primeira visita à América em resposta a perguntas feitas por um discípulo ocidental.)

Nosso principal problema é ser livre. É evidente então que até que nos percebamos como o Absoluto, não poderemos alcançar a libertação. No entanto, existem várias maneiras de chegar a essa realização. Esses métodos têm o nome genérico de Yoga (unir-se, juntar-se à nossa realidade). Estes Yogas, embora divididos em vários grupos, podem ser classificados principalmente em quatro; e como cada um é apenas um método que conduz indiretamente à realização do Absoluto, eles são adequados a diferentes temperamentos. Agora deve ser lembrado que não é que o homem presumido se torne o homem real ou o Absoluto. Não há devir com o Absoluto. É sempre gratuito, sempre perfeito; mas a ignorância que cobriu Sua natureza por algum tempo deve ser removida. Portanto, todo o objetivo de todos os sistemas de Yoga (e cada religião representa um) é esclarecer esta ignorância e permitir que o Âtman restaure a sua própria natureza. Os principais ajudantes nesta libertação são Abhyâsa e Vairâgya. Vairagya é o desapego à vida, porque é o desejo de desfrutar que traz consigo toda essa escravidão; e Abhyasa é a prática constante de qualquer um dos Yogas.

Karma-Yoga. Karma-Yoga é purificar a mente por meio do trabalho. Ora, se qualquer trabalho for realizado, bom ou mau, deverá produzir como resultado um efeito bom ou mau; nenhum poder pode detê-lo, uma vez que a causa esteja presente. Portanto, uma boa ação produzindo um bom Karma, e uma má ação, um mau Karma, a alma continuará em escravidão eterna, sem nunca esperar pela libertação. Agora, o Karma pertence apenas ao corpo ou à mente, nunca ao Atman (Eu); somente ele pode lançar um véu diante do Atman. O véu lançado pelo mau Karma é a ignorância. O Bom Karma tem o poder de fortalecer os poderes morais. E assim cria o desapego; destrói a tendência para o mau Karma e, assim, purifica a mente. Mas se o trabalho for feito com a intenção de prazer, ele produzirá apenas esse mesmo prazer e não purificará a mente ou Chitta. Portanto, todo trabalho deve ser feito sem qualquer desejo de desfrutar dos seus frutos. Todo medo e todo desejo de desfrutar aqui ou no futuro devem ser banidos para sempre pelo Karma-Yogue. Além disso, este Karma sem desejo de retorno destruirá o egoísmo, que é a raiz de toda escravidão. A palavra de ordem do Karma-Yogue é “não eu, mas Tu”, e nenhuma quantidade de auto-sacrifício é demais para ele. Mas ele faz isso sem qualquer desejo de ir para o céu, ou de ganhar nome, fama ou qualquer outro benefício neste

mundo. Embora a explicação e a lógica deste trabalho altruísta estejam apenas no Jnâna-Yoga, a divindade natural do homem faz com que ele ame todos os sacrifícios simplesmente pelo bem dos outros, sem qualquer motivo oculto, seja qual for o seu credo ou opinião. Novamente, para muitos a escravidão da riqueza é muito grande; e Karma-Yoga é absolutamente necessário para eles, pois quebra a cristalização que se formou em torno de seu amor ao dinheiro.

O próximo é Bhakti-Yoga. Bhakti ou adoração ou amor de uma forma ou de outra é o caminho mais fácil, mais agradável e mais natural do homem. O estado natural deste universo é a atração; e isso é certamente seguido por uma desunião final. Mesmo assim, o amor é o impulso natural de união no coração humano; e embora seja em si uma grande causa de miséria, devidamente dirigida ao objeto adequado, traz libertação. O objetivo de Bhakti é Deus. O amor não pode existir sem sujeito e objeto. O objeto do amor novamente deve ser, em primeiro lugar, um ser que possa retribuir o nosso amor. Portanto, o Deus de amor deve ser, em certo sentido, um Deus humano. Ele deve ser um Deus de amor. Independentemente da questão de saber se tal Deus existe ou não, é um facto que para aqueles que têm amor no coração este Absoluto aparece como um Deus de amor, como pessoal.

As formas inferiores de adoração, que incorporam a ideia de Deus como juiz ou punidor ou alguém a ser obedecido através do medo, não merecem ser chamadas de amor, embora sejam formas de adoração que gradualmente se expandem para formas superiores. Passamos à consideração do próprio amor. Ilustraremos o amor por meio de um triângulo, cujo primeiro ângulo na base é o destemor. Enquanto houver medo, não é amor. O amor bane todo medo. Uma mãe com seu bebê enfrentará um tigre para salvar seu filho. O segundo ângulo é que o amor nunca pede, nunca implora. A terceira ou o ápice é que o amor ama pelo próprio amor. Até a ideia de objeto desaparece. O amor é a única forma pela qual o amor é amado. Esta é a abstração mais elevada e igual ao Absoluto.

O próximo é o Raja-Yoga. Este Yoga se encaixa em cada um desses Yogas. Serve para investigadores de todas as classes, com ou sem qualquer crença, e é o verdadeiro instrumento de investigação religiosa. Assim como cada ciência tem seu método particular de investigação, este Raja-Yoga também

é o método da religião. Esta ciência também é aplicada de diversas maneiras, de acordo com diversas constituições. As partes principais são o Prânâyâma, concentração e meditação. Para aqueles que acreditam em Deus, um nome simbólico, como Om ou outras palavras sagradas recebidas de um Guru, será muito útil. Om é o maior, significando o Absoluto. Meditar no significado desses santos nomes enquanto os repete é a prática principal.

Em seguida vem o Jnâna-Yoga. Isto está dividido em três partes. Primeiro: ouvir a verdade – que o Atman é a única realidade e que todo o resto é Mâyâ (relatividade). Segundo: raciocinar sobre esta filosofia sob todos os pontos de vista. Terceiro: desistir de toda argumentação adicional e perceber a verdade. Essa compreensão vem de (1) ter certeza de que Brahman é real e tudo o mais é irreal; (2) desistir de todo desejo de diversão; (3) controlar os sentidos e a mente; (4) desejo intenso de ser livre. Meditar sempre nesta realidade e lembrar a alma de sua real natureza são os únicos caminhos neste Yoga. É o mais alto, mas o mais difícil. Muitas pessoas conseguem uma compreensão intelectual disso, mas muito poucas alcançam a realização.

8.2.4 DESCANSO E MUDANÇA CÍCLICAS

(Escrito pelo Swami durante a sua primeira visita à América em resposta a perguntas feitas por um discípulo ocidental.)

Todo este universo é um caso de equilíbrio perdido. Todo movimento é a luta do universo perturbado para recuperar o seu equilíbrio, que, como tal, não pode ser movimento. Assim, no que diz respeito ao mundo interno, seria um estado que está além do pensamento, pois o próprio pensamento é um movimento. Agora, quando todas as indicações apontam para o equilíbrio perfeito através da expansão e todo o universo está correndo nessa direção, não temos o direito de dizer que esse estado nunca poderá ser alcançado. Mais uma vez, é impossível que haja qualquer variedade nesse estado de equilíbrio. Deve ser homogêneo; enquanto houver pelo menos dois átomos, eles se atrairão e se repelirão e perturbarão o equilíbrio. Portanto, este estado de equilíbrio é de unidade, de repouso e de

homogeneidade. Na linguagem do interno, esse estado de equilíbrio não é pensamento, nem corpo, nem nada que chamamos de atributo. A única coisa que podemos dizer que ele irá reter é o que é a sua própria natureza como existência, autoconsciência e bem-aventurança.

Este estado da mesma forma não pode ser dois. Deve ser apenas uma unidade, e todas as distinções fictícias de eu, tu, etc., todas as diferentes variações devem desaparecer, pois pertencem ao estado de mudança ou Mâyâ. Pode-se dizer que este estado de mudança atingiu agora o Ser, mostrando que, antes disso, ele tinha um estado de repouso e liberdade; que actualmente o estado de diferenciação é o único estado real, e o estado de homogeneidade é a crueza primitiva a partir da qual este estado mutável é fabricado; e que será apenas degeneração voltar ao estado de indiferenciação. Este argumento teria algum peso se pudesse ser provado que estes dois estados, a saber, a homogeneidade e a heterogeneidade, são os únicos dois estados que acontecem apenas uma vez em todos os tempos. O que acontece uma vez deve acontecer de novo e de novo. O descanso é seguido pela mudança – o universo. Mas esse descanso deve ter sido precedido por outras mudanças, e esta mudança será sucedida por outros descansos. Seria ridículo pensar que houve um período de descanso e depois veio esta mudança que durará para sempre. Cada partícula na natureza mostra que está sempre em repouso e mudança periódicos.

Esse intervalo entre um período de descanso e outro é chamado de Kalpa. Mas este descanso Kálpico não pode ser de perfeita homogeneidade, pois nesse caso haveria um fim para qualquer manifestação futura. Agora, dizer que o atual estado de mudança é de grande avanço em comparação com o estado de repouso anterior é simplesmente absurdo, porque nesse caso o próximo período de descanso, sendo muito mais avançado no tempo, deve ser muito mais perfeito! Não há progressão ou digressão na natureza. Ele está mostrando repetidamente as mesmas formas. Na verdade, a palavra lei significa isso. Mas há uma progressão no que diz respeito às almas. Isto é, as almas se aproximam de suas próprias naturezas, e em cada Kalpa um grande número delas se liberta de serem assim giradas. Pode-se dizer que, sendo a alma individual uma parte do universo e da natureza, retornando continuamente, não pode haver qualquer liberdade para a alma, pois nesse caso o universo tem de ser destruído. A resposta é que a alma individual é

uma suposição através de Maya, e não é mais uma realidade do que a própria natureza. Na realidade, esta alma individual é o Brahman absoluto incondicionado (o Supremo).

Tudo o que é real na natureza é Brahman, apenas parece ser esta variedade, ou natureza, através da sobreposição de Maya. Maya, sendo uma ilusão, não pode ser considerada real, mas está produzindo os fenômenos. Se for perguntado como pode Maya, ela mesma sendo ilusão, produzir tudo isso, nossa resposta é que o que é produzido sendo também ignorância, o produtor também deve ser isso. Como a ignorância pode ser produzida pelo conhecimento? Portanto, este Maya está agindo de duas maneiras como ignorância e ciência (conhecimento relativo); e esta ciência, depois de destruir a ignorância ou a ignorância, também é destruída. Esta Maya se destrói e o que resta é o Absoluto, a Essência da existência, do conhecimento e da bem-aventurança. Agora, tudo o que é realidade na natureza é este Absoluto, e a natureza chega até nós em três formas: Deus, consciente e inconsciente, ou seja, Deus, almas pessoais e seres inconscientes. A realidade de tudo isso é o Absoluto; através de Maya, é visto como diverso. Mas a visão de Deus é a mais próxima da realidade e a mais elevada. A ideia de um Deus Pessoal é a ideia mais elevada que o homem pode ter. Todos os atributos atribuídos a Deus são verdadeiros no mesmo sentido que os atributos da natureza. Contudo, nunca devemos esquecer que o Deus Pessoal é o próprio Absoluto visto através de Maya.

8.2.5 UM PREFÁCIO À IMITAÇÃO DE CRISTO

(Traduzido de um escrito original em bengali do Swami em 1889. A passagem é o prefácio de sua tradução em bengali de A Imitação de Cristo, que ele contribuiu para um periódico mensal em bengali. Ele traduziu apenas seis capítulos com citações de passagens paralelas das escrituras hindus.)

A Imitação de Cristo é um tesouro precioso do mundo cristão. Este grande livro foi escrito por um monge católico romano. “Escrito”, talvez, não seja a palavra adequada. Seria mais apropriado dizer que cada letra do livro está marcada profundamente com o sangue do coração da grande alma que

renunciou a tudo por amor a Cristo. Aquela grande alma cujas palavras, vivas e ardentes, lançaram tal feitiço durante os últimos quatrocentos anos sobre os corações de miríades de homens e mulheres; cuja influência hoje permanece tão forte como sempre e está destinada a perdurar por todos os tempos; diante de cujo gênio e Sâdhanâ (esforço espiritual) centenas de cabeças coroadas se curvaram em reverência; e diante de cuja pureza incomparável as seitas dissonantes da cristandade, cujo nome é legião, afundaram suas diferenças de séculos em veneração comum a um princípio comum - aquela grande alma, estranho dizer, não achou adequado colocar seu nome em um livro tão como este. No entanto, afinal, não há nada de estranho aqui, pois por que deveria? É possível para alguém que renunciou totalmente a todas as alegrias terrenas e desprezou o desejo pela fama de bugiganga como se fosse sujeira e imundície - é possível para tal alma cuidar daquela coisa insignificante, um mero nome de autor? A posteridade, entretanto, supôs que o autor fosse Thomas à Kempis, um monge católico romano. Até que ponto a suposição é verdadeira é conhecido apenas por Deus. Mas seja quem for, que ele merece a adoração do mundo é uma verdade que ninguém pode contestar.

Acontece que agora somos súditos de um governo cristão. Através do seu favor, tem sido nosso destino encontrar cristãos de tantas seitas, tanto nativas como estrangeiras. Quão surpreendente é a divergência entre sua profissão e prática! Aqui está a pregação missionária cristã: "Basta a cada dia o seu mal. Não se preocupe com o amanhã" - e logo depois ocupado, fazendo sua pilha e estruturando seu orçamento com dez anos de antecedência! Lá ele diz que segue aquele que "não tem onde reclinar a cabeça", falando levianamente do sacrifício glorioso e da renúncia ardente do Mestre, mas na prática andando como um noivo alegre desfrutando plenamente de todos os confortos que o mundo pode conceder! Olhe onde podemos, um verdadeiro cristão em nenhum lugar vemos. A horrível impressão deixada em nossa mente pelos cristãos ultraluxuosos, insolentes, despóticos, que conduzem carruagens e berlinas das seitas protestantes, será completamente removida se pelo menos uma vez lermos este grande livro com a atenção que ele merece.

Todos os homens sábios pensam da mesma forma. O leitor, ao ler este livro, ouvirá repetidamente o eco do Bhagavad-Gitâ. Como o Bhagavad-Gita diz: “Desista de todos os Dharmas e siga-Me”. O espírito de humildade, a respiração ofegante da alma angustiada, a melhor expressão de Dâsya Bhakti (devoção como servo) serão encontrados impressos em cada linha deste grande livro e o coração do leitor será profundamente comovido pelos pensamentos de renúncia ardente do autor. , entrega maravilhosa e profundo senso de dependência da vontade de Deus. Para aqueles dos meus compatriotas que, sob a influência da intolerância cega, podem tentar menosprezar este livro porque é obra de um cristão, citarei apenas um aforismo do Vaisheshika Darshana e não direi mais nada. O aforismo é este: आप्तोपदेशवाक्यं शब्दः — o que significa que os ensinamentos de Siddha Purushas (almas aperfeiçoadas) têm força probatória e isso é tecnicamente conhecido como Shabda Pramâna (evidência verbal). Rishi Jaimini, o comentarista, diz que tais Âpta Purushas (autoridades) podem nascer tanto entre os arianos quanto entre os Mlechchhas.

Se nos tempos antigos astrónomos gregos como Yavanâchârya pudessem ter sido tão altamente estimados pelos nossos antepassados arianos, então é incrível que este trabalho do leão dos devotos não seja apreciado pelos meus compatriotas.

Seja como for, apresentaremos a tradução bengali deste livro aos nossos leitores seriatim. Confiamos que os leitores de Bengala gastarão com isso pelo menos um centésimo do tempo que perdem com carrinhos cheios de romances e dramas inúteis.

Tentei fazer a tradução o mais literal possível, mas não posso dizer até que ponto consegui. As alusões à Bíblia em diversas passagens são fornecidas nas notas de rodapé.

8.3 ESCRITOS: POEMAS

8.3.1 UMA CORRESPONDÊNCIA INTERESSANTE

(Para apreciar verdadeiramente esta correspondência, o leitor deve estar informado da ocasião que a originou e também lembrar a relação que existia entre os correspondentes. No início da primeira carta o Swami fala das "duras batidas " que ele deu a este correspondente. Estas nada mais eram do que uma carta muito forte que ele escreveu a ela em defesa de sua posição em 1º de fevereiro de 1895, que será reproduzida no quinto volume das Obras Completas do Swami. Era uma carta muito bonita, cheia do fogo do espírito de um Sannyâsin, e pedimos aos nossos leitores que a leiam antes de lerem o seguinte texto. Mary Hale, para quem o Swami escreveu, era uma das duas filhas do Sr. Sra. Hale, a quem o Swami costumava chamar de Pai Papa e Mãe Igreja. As senhoritas Hales e suas duas primas eram como irmãs para ele, e elas também, por sua vez, mantinham o Swami com grande amor e reverência. o Swami foi escrito para eles.

Na presente correspondência, o Swami é visto sob uma nova luz, lúdico e intensamente humano, mas ligado ao tema central de sua vida, Brahmajnâna. A primeira carta foi escrita de Nova York, 15 de fevereiro de 1895 — Ed.)

Agora, Irmã Mary,

Você não precisa se desculpar

Pelas batidas duras que dei a você,

Você sabe muito bem,

Embora você goste de mim,

De todo o coração eu amo você.

Os bebês, aposto,

Os melhores amigos que conheci,

Ficará ao meu lado na felicidade e na tristeza.

E eu também farei,

Você também sabe disso.

Vida, nome ou fama, nem Deus esqueça
Para as doces irmãs quatro
Sem censura e sem medo,
O mais verdadeiro, mais nobre, firme e melhor.

A cobra ferida abre seu capuz,
A chama acesa arde,
O ar do deserto ressoa os chamados
Da fúria de um leão de coração partido.

A nuvem exerce sua força de dilúvio
Quando um raio corta seu peito,
Quando a alma é agitada até o mais íntimo
Os grandes revelam o que têm de melhor.

Deixe os olhos escurecerem e o coração desmaiar,
E a amizade falha e o amor trai,
Deixe o destino enviar seus cem horrores,
E a escuridão coagulada bloqueia o caminho.

Toda a natureza tem uma carranca raivosa,
Para acabar com você — ainda sei, minha alma,

Você é divino. Março sem parar,
Nem direita nem esquerda, mas em direção ao gol.

Nem anjo eu, nem homem, nem bruto,
Nem corpo, mente, nem ele ou ela,
Os livros param maravilhados e mudos
Para contar minha natureza; Eu sou Ele.

Antes do sol, da lua, da terra,
Antes que as estrelas ou os cometas se libertem,
Antes que o tempo tenha nascido,
Eu fui, sou e serei.

A bela terra, o sol glorioso,
A lua calma e doce, o céu estrelado,
As leis da causação os fazem funcionar;
Eles vivem em laços, em laços eles morrem.

E cuidado com seu manto de rede sonhadora
Lance todos eles e segure-os rapidamente.
Na urdidura e na trama do pensamento estão definidos,
Terra, infernos e céus, ou pior ou melhor.

Saiba que estes são apenas a crosta externa —

Todo espaço e tempo, todo efeito, causa.

Estou além de todos os sentidos, de todos os pensamentos,

A testemunha do universo.

Não dois ou muitos, mas um,

E assim em mim tudo o que tenho;

Não posso odiar, não posso evitar

Eu mesmo, de mim, só posso amar.

Dos sonhos acordados, dos laços sejam livres,

Não tenha medo. Este mistério,

Minha sombra não pode me assustar,

Saiba de uma vez por todas que eu sou Ele.

Bem, até agora minha poesia. Espero que você esteja bem. Dê meu amor à mãe e ao padre Pope. Estou muito ocupado e quase não tenho tempo para escrever uma linha sequer. Então, desculpe-me se mais tarde eu chegar um pouco atrasado para escrever.

Seu eternamente,

VIVEKANANDA.

Senhorita M.B.H. enviou a Swami o seguinte doggerel em resposta:

O monge ele seria um poeta

E cortejou a musa com sinceridade;

Em pensamento e palavra ele poderia muito bem vencê-la,
O que o incomodava era o medidor.

Seus pés eram muito curtos e longos,
A forma não é adequada para sua música;
Ele tentou o soneto, lírico, épico,
E trabalhou tanto que ficou dispéptico.

Enquanto durou a mania poética
Ele até jejuou de vegetais,
Que Léon [109] teve com carinho
Preparado para a deliciosa refeição de Swami.

Um dia ele sentou-se e refletiu sozinho —
De repente, uma luz brilhou ao redor dele,
A "voz mansa e delicada" que seus pensamentos inspiram
E suas palavras brilham como brasas.

E brasas de fogo provaram ser
Amontoado na cabeça de mim arrependido —
Lamento minha carta de repreensão
E implore perdão continuamente.

As linhas que você enviou para suas irmãs quatro

Tenha certeza de que eles vão valorizar para sempre
Pois você os fez ver claramente
A única verdade principal é que “tudo é Ele”.

Então Swami:

Antigamente,
Pregando na costa de Ganga,
Um velho padre estava ensinando
Como deuses eles vêm
As Sitâ Râm,
E a gentil Sita ansiando, chorando.
Os sermões terminam,
Eles voltam para casa —
Os ouvintes meditando, pensando.

Quando da multidão
Uma voz em voz alta
Esta pergunta foi feita suplicante, buscando —
"Senhor, diga-me, ore,
Quem eram, mas eles
Esses Sita Ram você estava ensinando, falando!"

Então, Mary Hale,

Deixe-me contar,
você estraga minhas doutrinas erradas, hesitantes.
Eu nunca ensinei
Que pensamento estranho
Tudo isso era Deus — conversas sem sentido!

Mas isso eu digo,
Lembre-se de orar,
Que Deus é verdadeiro, todo o resto não é nada,
Este mundo é um sonho
Embora pareça verdade,
E a única verdade é Ele, o vivo!
O verdadeiro eu não é senão Ele,
E nunca, nunca importa mudar!
Com amor eterno e gratidão a todos vocês. . . .

VIVEKANANDA.

E então a senhorita M.B.H. :

A diferença que vejo claramente
'Twixt tweedledum e tweedledee —
Essa é uma proposta sensata,
Mas realmente está além da minha veia

Para deixar sua lógica oriental clara.

Se "Deus é a verdade, todo o resto é nada",
Este "mundo de sonho", ilusão forjada,
O que pode existir que Deus não exista?

Todos aqueles que "muitos" veem têm muito a temer,
Só vive para quem o "Um" é claro.
Então eu digo novamente
Do meu jeito pobre,
Não consigo ver, mas isso tudo é Ele,
Se eu estou Nele e Ele em mim.

Então o Swami respondeu:

De temperamento rápido, uma garota única,
Ela é uma aberração da natureza,
Uma bela senhora, sem dúvida,
Alma rara é Miss Mary.
Ela não consegue manter seus sentimentos profundos,
Mas finalmente assuste-os,
Um espírito livre, posso prever,
Deve ser de um tom de fogo.

Embora muitos leigos, sua musa possa zurrar,
E toque piano também,
O coração dela é tão legal, geralmente arrepia
O tolo que vem para cortejar.
Porém, irmã Mary, ouvi dizer
A influência que sua beleza ganha,
Seja cauteloso agora e não se curve,
Por mais gentil que seja, para as correntes.

Para breve, outra música
O companheiro atingido pela lua ouvirá
Se a vontade dele entrar em conflito, suas palavras serão misturadas
E destrua a vida dele, eu temo.
Estas linhas são para você, Irmã Mary,
De graça eu ofereço, aceite
Olho por olho" — uma conversa de macaco,
Somente um monge pode fazer.

8.3.2 SONHO ABENÇOADO

(Escrito para Miss Christine Greenstidel de Paris, 14 de agosto de 1900.)

Se as coisas correrem mal ou bem —

Se a alegria repercutindo se espalhar pelo rosto,

Ou um mar de tristeza aumenta —

Uma peça — cada um de nós tem um papel,

Cada um chore ou ria como quiser;

Cada um tem seu vestido para vestir —

Suas cenas, alternativas de brilho e chuva.

Tu sonhas, ó sonho abençoado!

Espalhe longe e perto o teu véu de névoa,

Suavize as linhas de forma nítida,

Suavize o que parece rugosidade.

Não há magia senão em você!

Teu toque dá vida ao deserto.

Trovão forte, canção mais doce,

Caiu a morte, a doce libertação.

8.3.3.LUZ

(De uma carta para Miss MacLeod, 26 de dezembro de 1900 (Vide Vol. VI.))

Eu olho para trás e depois

E descubra que está tudo bem,

Nas minhas mais profundas tristezas

Existe uma alma de luz.

8.3.4 O DEUS VIVO

(Escrito a um amigo americano de Almora, 9 de julho de 1897.)

Aquele que está dentro e fora de você,
Que trabalha com todas as mãos,
Quem anda com todos os pés,
De quem são todos vocês,
Adore-o e quebre todos os outros ídolos!

Aquele que é ao mesmo tempo o alto e o baixo,
O pecador e o santo,
Deus e verme,
Adoração a Ele — visível, cognoscível, real, onipresente,
Quebre todos os outros ídolos!

Em quem não há vida passada
Nem nascimento nem morte futura,
Em quem sempre fomos
E sempre será um,
Ele adora. Quebre todos os outros ídolos!

Vocês, tolos! que negligenciam o Deus vivo,

E Suas infinitas reflexões com as quais o mundo está cheio.

Enquanto você corre atrás de sombras imaginárias,

Isso só leva a brigas e brigas,

Adore-o, o único visível!

Quebre todos os outros ídolos!

8.3.5 PARA UMA VIOLETA ANTECIPADA

(Escrito para uma discípula ocidental de Nova York, 6 de janeiro de 1896.)

E se sua cama fosse terra congelada,

Tua capa é a explosão arrepiante;

E se não houver companheiro para alegrar seu caminho,

Teu céu com escuridão obscurecida;

E se o próprio amor falhar,

Tua fragrância espalhada em vão;

E se o mal sobre o bem prevalecer,

E o vício sobre a virtude reina:

Não mude sua natureza, flor gentil,

Tu violeta, doce e pura,

Mas sempre derrame seu doce perfume
Sem perguntar, sem restrições, claro!

8.3.6 PARA MINHA PRÓPRIA ALMA

(Composto em Ridgely Manor, Nova York, em 1899.)

Espere um pouco, Coração Forte,
Não fazer parte de um jugo para toda a vida
Embora arruinado pareça a escuridão do presente e do futuro.

E parece que envelhecemos desde que você e eu começamos nosso
Marche subindo ou descendo a colina. Navegando suavemente
Mares que são tão raros —
Você está mais perto de mim do que muitas vezes eu mesmo -
Proclamando movimentos mentais antes que eles existissem!

Refletor verdadeiro — Teu pulso tão sincronizado com o meu,
Tu nota de pensamentos perfeita, por mais fina que seja —
Devemos nos separar agora, Gravador, digamos?

Em ti está a amizade, a fé,
Pois você avisou quando maus pensamentos estavam se formando —

E embora, infelizmente, seu aviso tenha sido jogado fora,
Continuou como sempre - bom e verdadeiro.

8.3.7 A DANÇA DE SHIVA

(Traduzido de uma música em hindi / bengali.)

Veja, o Deus está dançando
— Shiva, o destruidor de tudo e Senhor da criação,
O Mestre do Yoga e o portador do Pinâka. (Tridente.)
Suas mechas flamejantes encheram o céu,
Sete mundos tocam o ritmo
Enquanto a terra trêmula balança quase até a dissolução,
Veja, o Grande Deus Shiva está dançando.

8.3.8 SHIVA EM ÊXTASE

(Traduzido de uma música bengali.)

Shiva está dançando, perdido no êxtase do Eu, soando seu
próprias bochechas.
Seu tabor está tocando e a guirlanda de caveiras está balançando

no ritmo.

As águas do Ganges rugem entre seus emaranhados
fechaduras.

O grande tridente está vomitando fogo e a lua em seu
a testa está ferozmente em chamas.

8.3.9 PARA SHRI KRISHNA

(Uma música em hindi)

Ó Krishna, meu amigo, deixe-me ir para a água,

Ó, deixe-me ir hoje.

Por que pregar peças em alguém que já é seu escravo?

Ó amigo, deixe-me ir hoje, deixe-me ir.

Tenho que encher minha jarra nas águas do Jumna.

Eu oro com as mãos postas, amigo, deixe-me ir.

8.3.10 UM HINO A SHRI RAMAKRISHNA

(Em sânscrito)

ॐ ह्रीं ऋतं त्वमचलो गुणजित् गुणेश्वरो
नक्तं दिवं सकलं तव पादपदम् ।
मोहद्वेषं बहुकृतं न भजे यतोऽहं
तस्मात्त्वमेव शरणं मम दीनबन्धो ॥१॥

1. Ah! Hrim! Tu és o Verdadeiro, o Imperturbável, transcendendo as três Gunas e ainda assim adorado por Tuas virtudes! Visto que eu não adoro dia e noite, com desejo, Teus compassivos pés de lótus que destroem toda a ignorância, portanto, ó Tu amigo dos humildes, Tu és meu único refúgio.

भक्तिर्मगश्च भजनं भवभेदकारि
गच्छन्त्यलं सुविपुलं गमनाय तत्त्वम् ।
वबनोद्धतन्तु हृदि मे न च भासि किञ्चित्
तस्मात्त्वमेव शरणं मम दीनबन्धो ॥२॥

2. Os poderes espirituais, a reverência e a adoração que põem fim a este ciclo de nascimento e morte são suficientes para conduzir à maior Verdade. Mas isso, embora encontrar expressão pela boca, não está de forma alguma sendo levado ao meu coração. Portanto, ó amigo dos humildes, Tu és meu único refúgio.

तेजस्तस्मिन् तस्मा त्वयि वृत्तवृष्णाः
रागे कृते ऋतपथे त्वयि रामकृष्णे ।
मर्त्यामृतं तव पदं मरणोर्मिनाशं
तस्मात्त्वमेव शरणं मम दीनबन्धो ॥३॥

3. Se a devoção é dirigida a Ti, ó Ramakrishna, o caminho da Verdade Divina, então com desejos todos satisfeitos em Ti, eles imediatamente atravessam este mar de Rajas: pois Teus pés são como néctar para os mortais, reprimindo as ondas da morte . Portanto, ó amigo dos humildes, Tu és meu único refúgio.

कृत्यं करोति कलुषं कुहकान्तकारि
ष्णान्तं शिवं सुविमलं तव नाम नाथ ।
यस्मादहं त्वशरणो जगदेकगम्य
तस्मात्त्वमेव शरणं मम दीनबन्धो ॥४॥

4. Ó Tu, dissipador da ilusão, Teu nome terminando em "shna", puro e auspicioso, converte a pecaminosidade em pureza. Porque, ó Tu, o único objetivo de todos os seres, não tenho nenhum abrigo, portanto Tu és, ó amigo dos humildes, meu único refúgio.

8.3.11 UM HINO A SHRI RAMAKRISHNA

(Em sânscrito)

आचण्डालाप्रतिहतरयो यस्य प्रेमप्रवाहः
लोकालीतोऽप्यह न जहौ लोककल्याणमार्गम् ।
त्रैलोक्येऽप्यप्रतिममहिमा जानकीप्राणबन्धो
भक्त्या ज्ञानं कृतब्रवपुः सीतया यो हि रामः ॥१॥

1. Aquele que foi Shri Rama, cuja corrente de amor fluiu com poder irresistível até mesmo para o Chandâla (o pária); Ó, quem já esteve empenhado em fazer o bem ao mundo, embora sobre-humano por natureza, cujo renome não há igual nos três mundos, o amado de Sitâ, cujo corpo de Conhecimento Supremo foi coberto pela doce devoção na forma de Sita.

स्तब्धीकृत्य प्रलयकलितं बाहवोत्थं महान्तं ।
हित्वा रात्रिं प्रकृतिसहजामन्धतामिधमिथाम् ।
गीतं शान्तं मधुरमपि यः सिंहनादं जगज्ज
सोऽयं जातः प्रथितपुरुषो रामकृष्णस्त्विदानीम् ॥२॥

2. Aquele que reprimiu o barulho, terrível como aquele no momento da destruição, resultante da batalha (de Kurukshetra), que destruiu a terrível, mas natural noite de ignorância (de Arjuna) e que rugiu o Gita doce e apaziguador; Essa alma renomada nasce agora como Shri Ramakrishna.

नरदेव देव जय जय नरदेव ।
शक्तिसमुद्गसमुत्थतरङ्गं
दर्शितप्रेमविजृम्भितरङ्गम् ॥
संशयराक्षसानाशमहास्रं
यामि गुरुं शरणं भववैद्यम् ।
नरदेव देव जय जय नरदेव ॥३॥

3. Salve, ó Senhor dos Homens! Vitória para você! Eu me entrego ao meu Guru, o médico para a doença do Samsâra (existência relativa), que é, por assim dizer, uma onda subindo no oceano de Shakti (Poder), que demonstrou vários esportes de Amor Divino, e que é o arma para destruir o demônio da dúvida.

Salve, ó Senhor dos Homens! Vitória para você!

नरदेव देव जय जय नरदेव ।
अद्वयतत्त्वसमाहितचित्तं
प्रोज्ज्वलभक्तिपटावृतवृत्तम् ॥
कर्मकलेवरमदुतचेष्टं
यामि गुरुं शरणं भववैद्यम् ।
नरदेव देव जय जय नरदेव ॥४॥

4. Salve, ó Senhor dos Homens! Vitória para você! Eu me entrego ao meu Guru, o Homem-Deus, o médico para a doença deste Samsara (existência relativa), cuja mente sempre habitou na Verdade não-dualística, cuja personalidade foi coberta pelo pano da Devoção Suprema, que estava sempre ativo (para o bem da humanidade) e cujas ações foram todas sobre-humanas.

Salve, ó Senhor dos Homens! Vitória para você!

8.3.12 NINGUÉM PARA CULPAR

(Escrito de Nova York, 16 de maio de 1895.)

O sol se põe, seus raios vermelhos
Ilumine o dia que está morrendo;
Lanço um olhar surpreso para trás
E considero meu triunfo uma vergonha;
Ninguém além de mim é o culpado.

Cada dia minha vida eu faço ou estrago,
Cada ação gera sua espécie,
Bom, bom, ruim, ruim, a maré já está definida

Ninguém pode parar ou conter;
Ninguém além de mim é o culpado.

Eu sou meu próprio passado corporificado;
Foi aí que o plano foi feito;
A vontade, o pensamento, para isso se conformar,
Para isso, o quadro externo;
Ninguém além de mim é o culpado.

O amor volta refletido como amor,
O ódio gera um ódio mais feroz,
Eles medem suas medidas, confie em mim
Através da vida e da morte, sua reivindicação;
Ninguém além de mim é o culpado.

Eu abandonei o medo e o remorso vão,
Sinto a influência do meu Karma
Enfrento os fantasmas que minhas ações levantaram —
Alegria, tristeza, censura, fama;
Ninguém além de mim é o culpado.

Bom, ruim, amor, ódio e prazer, dor
Vá para sempre vinculado,

Sonho com prazer sem dor,
Nunca, nunca aconteceu;
Ninguém além de mim é o culpado.

Eu desisto do ódio, eu desisto do amor,
Minha sede de vida se foi;
A morte eterna é o que eu quero,
Nirvanam acende a chama da vida;
Ninguém é culpado.

Um só homem, um só Deus, uma alma sempre perfeita,
Um único sábio que desprezou os caminhos obscuros e duvidosos,
Um único homem que ousou pensar e ousou mostrar o objetivo —
Que a morte é uma maldição, assim como a vida, e melhor quando deixa de ser.

Om Nama Bhagavate Sambuddhaya
Om, saúdo o Senhor, o desperto.

8.4.NOTAS DE AULAS E PALESTRAS

8.4.1 NOTAS DAS CONVERSAS DE AULA

QUANDO CRISTO VOLTARÁ?

Nunca presto muita atenção a essas coisas. Vim para lidar com princípios. Eu só tenho que pregar que Deus vem de novo e de novo, e que Ele veio à Índia como Krishna, Rama e Buda, e que Ele virá novamente. Quase pode ser demonstrado que a cada 500 anos o mundo afunda, e surge uma tremenda onda espiritual, e no topo da onda está um Cristo.

Há uma grande mudança ocorrendo agora em todo o mundo, e este é um ciclo. Os homens estão descobrindo que estão perdendo o controle da vida; para que lado eles vão virar, para baixo ou para cima? Para cima, certamente. Como pode cair? Mergulhe na violação; preencha a brecha com seu corpo, sua vida. Como você deve permitir que o mundo desmorone enquanto você está vivo?

A DIFERENÇA ENTRE O HOMEM E CRISTO

Há muita diferença nos seres manifestados. Como um ser manifestado você nunca será Cristo. Do barro faça um elefante de barro, do mesmo barro faça um rato de barro. Mergulhe-os em água, eles se tornam um só. Como o barro, eles são eternamente um; como coisas moldadas, são eternamente diferentes. O Absoluto é o material de Deus e do homem. Como Ser Absoluto e Onipresente, somos todos um; e como seres pessoais, Deus é o mestre eterno e nós somos os servos eternos.

Você tem três coisas em você: (1) o corpo, (2) a mente, (3) o espírito. O espírito é intangível, a mente nasce e morre, e o corpo também. Você é esse espírito, mas muitas vezes pensa que é o corpo. Quando um homem diz: “Estou aqui”, ele pensa no corpo. Então chega outro momento em que você está no plano mais elevado; você não diz: “Estou aqui”. Mas se um homem abusa de você ou te amaldiçoa e você não se ressentir disso, você é o espírito. “Quando penso que sou a mente, sou uma centelha daquele fogo eterno que Tu és; e quando sinto que sou o espírito, Tu e eu somos um” – assim diz um devoto do Senhor. A mente está à frente do espírito?

Deus não raciocina; por que você deveria raciocinar se soubesse? É um sinal de fraqueza termos de continuar a rastejar como vermes para obter alguns factos e construir generalizações, e depois tudo desmorona novamente. O espírito se reflete na mente e em tudo. É a luz do espírito que torna a mente sensata. Tudo é expressão do espírito; as mentes são tantos

espelhos. O que você chama de amor e medo, ódio, virtude e vício são todos reflexos do espírito; somente quando o refletor está na base a reflexão é ruim.

CRISTO E BUDA SÃO IDÊNTICOS?

É minha particular impressão que o mesmo Buda se tornou Cristo. Buda profetizou: “Virei novamente em quinhentos anos”, e Cristo veio aqui em quinhentos anos. Estas são as duas Luzes de toda a natureza humana. Dois homens foram produzidos, Buda e Cristo; estes são os dois gigantes, enormes personalidades gigantescas, dois deuses. Entre eles eles dividem o mundo inteiro. Onde quer que haja o mínimo de conhecimento no mundo, as pessoas se curvam diante de Buda ou de Cristo. Seria muito difícil produzir mais como eles, mas espero que haja. Maomé veio quinhentos anos depois, quinhentos anos depois veio Lutero com sua onda protestante, e isto é quinhentos anos depois disso novamente. É algo grandioso, em poucos milhares de anos, produzir dois homens como Jesus e Buda. Não são dois suficientes? Cristo e Buda eram deuses, os outros eram profetas. Estude a vida desses dois e veja a manifestação de poder neles - calmos e não resistentes, pobres mendigos que não possuem nada, sem um centavo no bolso, desprezados por toda a vida, chamados de hereges e tolos - e pense no imenso poder espiritual eles exerceram sobre a humanidade.

SALVAÇÃO DO PECADO

Devemos ser salvos do pecado sendo salvos da ignorância. A ignorância é a causa da qual o pecado é o resultado.

VOLTANDO PARA A MÃE DIVINA

Quando uma enfermeira leva um bebê para o jardim e brinca com ele, a Mãe pode mandar uma mensagem para que o bebê entre em casa. O bebê fica absorto na brincadeira e diz: "Não irei; não quero comer". Depois de um tempo, o bebê fica cansado de brincar e diz: “Irei para a mãe”. A enfermeira diz: “Aqui está uma boneca nova”, mas o bebê diz: “Não ligo mais para boneca. Vou para a mamãe”, e ele chora até ir embora. Somos todos bebês. A Mãe é Deus. Estamos absortos na busca de dinheiro, riqueza

e todas essas coisas; mas chegará o tempo em que despertaremos; e então esta natureza tentará nos dar mais bonecos, e diremos: "Não, já chega; irei para Deus".

NÃO HÁ INDIVIDUALIDADE ALÉM DE DEUS

Se somos inseparáveis de Deus, e sempre um, não temos individualidade? Oh sim; isso é Deus. Nossa individualidade é Deus. Esta não é a verdadeira individualidade que vocês têm agora. Você está vindo em direção a esse verdadeiro. Individualidade significa aquilo que não pode ser dividido. Como você pode chamar esse estado – que estamos agora – de individualidade? Uma hora você está pensando de uma maneira, e na hora seguinte de outra, e duas horas depois de outra. Individualidade é aquilo que não muda. Seria tremendamente perigoso para o estado atual permanecer na eternidade, então o ladrão permaneceria sempre um ladrão, e o canalha, um canalha. Se um bebê morresse, teria que continuar sendo um bebê. A verdadeira individualidade é aquela que nunca muda e nunca mudará; e isso é Deus dentro de nós.

8.4.2 O HOMEM, O FABRICANTE DO SEU DESTINO

Houve uma dinastia muito poderosa no sul da Índia. Eles estabeleceram como regra fazer o horóscopo de todos os homens proeminentes que viviam de tempos em tempos, calculado a partir da época de seu nascimento. Dessa forma, eles obtiveram um registro dos principais fatos previstos e compararam-nos posteriormente com os eventos à medida que aconteciam. Isto foi feito durante mil anos, até que se encontraram certos acordos; estes foram generalizados e registrados e transformados em um livro enorme. A dinastia morreu, mas a família dos astrólogos sobreviveu e teve o livro em sua posse. Parece possível que tenha sido assim que a astrologia surgiu. A atenção excessiva às minúcias da astrologia é uma das superstições que mais feriu os hindus.

Acho que os gregos primeiro levaram a astrologia para a Índia e pegaram dos hindus a ciência da astronomia e a levaram consigo da Europa. Porque na Índia você encontrará altares antigos feitos de acordo com um certo

plano geométrico, e certas coisas tinham que ser feitas quando as estrelas estavam em certas posições, portanto acho que os gregos deram astrologia aos hindus, e os hindus deram-lhes astronomia.

Tenho visto alguns astrólogos que previram coisas maravilhosas; mas não tenho motivos para acreditar que eles as tenham previsto apenas a partir das estrelas, ou algo parecido. Em muitos casos, é simplesmente leitura de mentes. Às vezes são feitas previsões maravilhosas, mas em muitos casos são um lixo flagrante.

Em Londres, um jovem vinha até mim e me perguntava: "O que será de mim no próximo ano?" Perguntei-lhe por que ele me perguntou isso. "Perdi todo o meu dinheiro e fiquei muito, muito pobre." O dinheiro é o único Deus de muitos seres. Homens fracos, quando perdem tudo e se sentem fracos, tentam todos os tipos de métodos misteriosos para ganhar dinheiro e recorrem à astrologia e a todas essas coisas. "É o covarde e o tolo que diz: 'Isto é o destino'" – assim diz o provérbio sânscrito. Mas é o homem forte que se levanta e diz: "Eu farei o meu destino". São as pessoas que estão envelhecendo que falam de destino. Os jovens geralmente não frequentam a astrologia. Podemos estar sob influência planetária, mas isso não deveria nos importar muito. Buda diz: "Aqueles que ganham a vida calculando as estrelas através de tal arte e outros truques mentirosos devem ser evitados"; e ele deveria saber, porque foi o maior hindu que já nasceu. Deixem as estrelas virem, que mal há? Se uma estrela perturbasse a minha vida, não valeria um centavo. Você descobrirá que a astrologia e todas essas coisas místicas são geralmente sinais de uma mente fraca; portanto, assim que eles se tornarem proeminentes em nossas mentes, devemos consultar um médico, comer bem e descansar.

Se você pode obter uma explicação de um fenômeno a partir de sua natureza, não faz sentido procurar uma explicação de fora. Se o mundo se explica por si mesmo, não faz sentido sair de casa em busca de uma explicação. Você já viu algum fenômeno na vida de um homem que não possa ser explicado pelo poder do próprio homem? Então, qual é a utilidade de ir às estrelas ou a qualquer outra coisa no mundo? Meu próprio Karma é explicação suficiente para meu estado atual. Assim, no caso do próprio Jesus. Sabemos que seu pai era apenas carpinteiro. Não precisamos recorrer

a mais ninguém para encontrar uma explicação para o seu poder. Ele foi o resultado do seu próprio passado, e tudo isso foi uma preparação para esse Jesus. Buda volta e volta aos corpos dos animais e nos conta como ele finalmente se tornou Buda. Então, qual é a utilidade de recorrer às estrelas para obter explicações? Eles podem ter um pouco de influência; mas é nosso dever ignorá-los em vez de ouvi-los e ficar nervosos. Estabeleço isto como o primeiro elemento essencial em tudo o que ensino: qualquer coisa que traga fraqueza espiritual, mental ou física, não toque com os dedos dos pés. A religião é a manifestação da força natural que existe no homem. Uma mola de poder infinito está enrolada e está dentro deste pequeno corpo, e essa mola está se espalhando. E à medida que vai se espalhando, corpo após corpo se torna insuficiente; isso os expulsa e toma corpos superiores. Esta é a história do homem, da religião, da civilização ou do progresso. Aquele gigante Prometeu, que está preso, está se libertando. É sempre uma manifestação de força, e todas essas ideias como a astrologia, embora possam conter um pouco de verdade, devem ser evitadas.

Há uma velha história de um astrólogo que foi até um rei e disse: “Você vai morrer em seis meses”. O rei estava morrendo de medo e quase morrendo de medo. Mas o seu ministro era um homem inteligente, e este homem disse ao rei que aqueles astrólogos eram tolos. O rei não acreditaria nele. Assim, o ministro não viu outra maneira de fazer o rei ver que eles eram tolos, a não ser convidar o astrólogo ao palácio novamente. Lá ele perguntou se seus cálculos estavam corretos. O astrólogo disse que não poderia haver engano, mas para satisfazê-lo ele fez novamente todos os cálculos e depois disse que estavam perfeitamente corretos. O rosto do rei ficou lívido. O ministro disse ao astrólogo: “E quando você acha que vai morrer?” “Em doze anos”, foi a resposta. O ministro rapidamente desembainhou a espada e separou a cabeça do astrólogo do corpo e disse ao rei: "Você vê esse mentiroso? Ele está morto neste momento."

Se você quer que sua nação viva, fique longe de todas essas coisas. O único teste das coisas boas é que elas nos tornam fortes. O bem é a vida, o mal é a morte. Estas ideias supersticiosas estão a surgir como cogumelos no vosso país, e as mulheres que desejam uma análise lógica das coisas estão prontas a acreditar nelas. É porque as mulheres lutam pela libertação e ainda não se estabeleceram intelectualmente. Uma pessoa memoriza alguns versos de

poesia do início de um romance e diz que conhece Browning inteira. Outra assiste a um curso de três palestras e depois pensa que sabe tudo no mundo. A dificuldade é que eles não conseguem se livrar da superstição natural das mulheres. Têm muito dinheiro e alguma aprendizagem intelectual, mas quando passarem por esta fase de transição e chegarem a terreno firme, ficarão bem. Mas eles são manipulados por charlatões. Não se desculpe; Não pretendo machucar ninguém, mas tenho que dizer a verdade. Você não vê como você está aberto a essas coisas? Você não vê como essas mulheres são sinceras, como essa divindade latente em todos nunca morre? É apenas saber apelar ao Divino.

Quanto mais vivo, mais me convenço a cada dia de que todo ser humano é divino. Em nenhum homem ou mulher, por mais vil que seja, essa divindade morre. Só ele ou ela não sabe como alcançá-lo e espera pela Verdade. E pessoas perversas estão tentando enganá-lo com todo tipo de tolices. Se um homem engana outro por dinheiro, você diz que ele é um tolo e um canalha. Quão maior é a iniquidade de quem quer enganar os outros espiritualmente! Isso é muito ruim. É o único teste: a verdade deve torná-lo forte e colocá-lo acima da superstição. O dever do filósofo é elevar você acima da superstição. Mesmo este mundo, este corpo e esta mente são superstições; que almas infinitas vocês são! E ser enganado por estrelas cintilantes! É uma condição vergonhosa. Vocês são divindades; as estrelas cintilantes devem sua existência a você.

Certa vez, eu estava viajando pelo Himalaia e uma longa estrada se estendia diante de nós. Nós, pobres monges, não conseguimos que ninguém nos carregasse, por isso tivemos que percorrer todo o caminho a pé. Havia um velho conosco. O caminho sobe e desce por centenas de quilômetros, e quando aquele velho monge viu o que estava diante dele, ele disse: "Oh, senhor, como atravessá-lo; não posso mais andar; meu peito vai quebrar." Eu disse a ele: "Olhe para os seus pés". Ele o fez, e eu disse: "A estrada que está sob seus pés é a estrada pela qual você passou e é a mesma estrada que você vê diante de você; em breve estará sob seus pés". As coisas mais elevadas estão sob seus pés, porque vocês são Estrelas Divinas; todas essas coisas estão sob seus pés. Você pode engolir as estrelas aos poucos, se quiser; tal é a sua verdadeira natureza. Seja forte, supere todas as superstições e seja livre.

8.4.3 DEUS: PESSOAL E IMPESSOAL

Minha ideia é que o que vocês chamam de Deus Pessoal é o mesmo que o Ser Impessoal, um Deus Pessoal e Impessoal ao mesmo tempo. Somos seres impessoais personalizados. Se usarmos a palavra no sentido absoluto, somos impessoais; mas se você usar isso em um significado relativo, somos pessoais. Cada um de vocês é um ser universal, cada um é onipresente. Pode parecer surpreendente a princípio, mas tenho tanta certeza disso quanto estou diante de vocês. Como o espírito pode ajudar a ser onipresente? Não tem comprimento, nem largura, nem espessura, nem qualquer atributo material; e se somos todos espíritos não podemos ser limitados pelo espaço. O espaço apenas limita o espaço, a matéria importa. Se estivéssemos limitados a este corpo seríamos algo material. Corpo e alma e tudo mais seriam materiais, e palavras como “viver no corpo”, “corporificar a alma” seriam apenas palavras usadas por conveniência; além disso, eles não teriam significado. Muitos de vocês se lembram da definição que dei da alma; que cada alma é um círculo cujo centro está em um ponto e a circunferência em nenhum lugar. O centro é onde está o corpo e a atividade se manifesta ali. Você é onipresente; só você tem a consciência de estar concentrado em um ponto. Esse ponto absorveu partículas de matéria e transformou-as numa máquina para se expressar. Aquilo através do qual ele se expressa é chamado de corpo. Então você está em toda parte; quando um corpo ou máquina falha, você, o centro, segue em frente e pega outras partículas de matéria, mais finas ou mais grosseiras, e trabalha com elas. Este é o homem. E o que é Deus? Deus é um círculo com circunferência em lugar nenhum e centro em todo lugar. Cada ponto desse círculo é vivo, consciente, ativo e funciona igualmente; conosco, almas limitadas, apenas um ponto é consciente, e esse ponto se move para frente e para trás. Assim como o corpo tem uma existência infinitesimal em comparação com a do universo, o universo inteiro, em comparação com Deus, não é nada. Quando falamos de Deus falando, dizemos que Ele fala através do Seu universo; e quando falamos Dele além de todas as limitações de tempo e espaço, dizemos que Ele é um Ser Impessoal. No entanto, Ele é o mesmo Ser.

Para dar uma ilustração: estamos aqui e vemos o sol. Suponha que você queira ir em direção ao sol. Depois de chegar alguns milhares de quilômetros mais perto, você verá outro sol, muito maior. Supondo que

você chegue muito mais perto, verá um sol muito maior. Finalmente você verá o sol real, com milhões e milhões de quilômetros de extensão. Suponha que você divida esta jornada em muitas etapas, e tire fotos de cada etapa, e depois de tirar o sol real, volte e compare-as; todos parecerão diferentes, porque a primeira vista era uma pequena bola vermelha, e o sol real era milhões de quilômetros maior; no entanto, era o mesmo sol. O mesmo acontece com Deus: o Ser Infinito que vemos de diferentes pontos de vista, de diferentes planos mentais. O homem inferior O vê como um ancestral; à medida que a sua visão se eleva, como o Governador do planeta; ainda mais elevado como o Governador do universo, e o homem mais elevado O vê como ele mesmo. Era o mesmo Deus, e as diferentes realizações eram apenas graus e diferenças de visão.

8.4.4 A ENCARNAÇÃO DIVINA OU AVATARA

Jesus Cristo era Deus – o Deus Pessoal se tornou homem. Ele se manifestou muitas vezes em diferentes formas e somente estas são o que você pode adorar. Deus, em Sua natureza absoluta, não deve ser adorado. Adorar tal Deus seria um absurdo. Temos que adorar Jesus Cristo, a manifestação humana, como Deus. Você não pode adorar nada superior à manifestação de Deus. Quanto mais cedo você desistir da adoração a Deus separada de Cristo, melhor para você. Pense no Jeová que você fabrica e no belo Cristo. Sempre que você tenta criar um Deus além de Cristo, você mata tudo. Somente Deus pode adorar a Deus. Não é dado ao homem, e qualquer tentativa de adorá-Lo além das Suas manifestações normais será perigosa para a humanidade. Mantenha-se perto de Cristo se quiser a salvação; Ele é mais elevado do que qualquer Deus que você possa imaginar. Se você pensa que Cristo era um homem, não O adore; mas assim que você perceber que Ele é Deus, adore-O. Aqueles que dizem que Ele era um homem e depois O adoram cometem blasfêmia; não há meio-termo para você; você deve aproveitar toda a força disso. “Quem viu o Filho, viu o Pai”, e sem ver o Filho não se pode ver o Pai. Seria apenas conversa fiada e filosofia espumosa, sonhos e especulações. Mas se você deseja manter a vida espiritual, apegue-se a Deus manifestado em Cristo.

Filosoficamente falando, não existia nenhum ser humano vivo como Cristo ou Buda; vimos Deus através deles. No Alcorão, Maomé repete repetidas vezes que Cristo nunca foi crucificado, foi uma aparência; ninguém poderia crucificar Cristo.

O estado mais baixo da religião filosófica é o dualismo; a forma mais elevada é o estado Triuno. A natureza e a alma humana são interpenetradas por Deus, e isso vemos como a Trindade de Deus, natureza e alma. Ao mesmo tempo você percebe que todos esses três são produtos do Um. Assim como este corpo é a cobertura da alma, também este é, por assim dizer, o corpo de Deus. Assim como sou a alma da natureza, Deus também é a alma da minha alma. Você é o centro através do qual vê toda a natureza em que está. Esta natureza, alma e Deus formam um ser individual, o universo. Portanto são uma unidade; mas ao mesmo tempo eles estão separados. Depois, há outro tipo de Trindade que é muito parecida com a Trindade Cristã. Deus é absoluto. Não podemos ver Deus em Sua natureza absoluta, só podemos falar disso como “isso não, isso não”. No entanto, podemos obter certas qualidades como a abordagem mais próxima de Deus. O primeiro é a existência, o segundo é o conhecimento, o terceiro é a bem-aventurança – correspondendo muito ao seu Pai, Filho e Espírito Santo. Pai é a existência da qual tudo provém; Filho é esse conhecimento. É em Cristo que Deus se manifestará. Deus estava em toda parte, em todos os seres, antes de Cristo; mas em Cristo nos tornamos conscientes Dele. Este é Deus. A terceira é a bem-aventurança, o Espírito Santo. Assim que você obtiver esse conhecimento, você obterá felicidade. Assim que você começar a ter Cristo dentro de você, você terá felicidade; e isso unifica os três.

8.4.5 PRANAYAMA

Primeiramente tentaremos entender um pouco do significado do Prânâyama. Prâna representa na metafísica a soma total da energia que existe no universo. Este universo, segundo a teoria dos filósofos, procede na forma de ondas; sobe, e novamente diminui, derrete, por assim dizer; então, novamente, ele prossegue com toda essa variedade; então, novamente, ele retorna lentamente. Então continua como uma pulsação. Todo este universo é composto de matéria e força; e de acordo com os filósofos sânscritos, tudo

o que chamamos de matéria, sólida e líquida, é o resultado de uma matéria primordial que eles chamam de Âkâsha ou éter; e a força primordial, da qual são manifestações todas as forças que vemos na natureza, eles chamam de Prana. É esse Prana agindo sobre o Akasha que cria este universo, e após o término de um período, denominado ciclo, ocorre um período de descanso. Um período de atividade é seguido por um período de descanso; esta é a natureza de tudo. Quando chega esse período de descanso, todas essas formas que vemos na terra, no sol, na lua e nas estrelas, todas essas manifestações se dissolvem até se tornarem éter novamente. Eles se dissipam como éter. Todas essas forças, tanto no corpo quanto na mente, como gravitação, atração, movimento, pensamento, dissipam-se e vão para o Prana primordial. Podemos entender daí a importância deste Pranayama. Assim como esse éter nos envolve por toda parte e somos interpenetrados por ele, também tudo o que vemos é composto desse éter, e estamos flutuando no éter como pedaços de gelo flutuando em um lago. Eles são formados pela água do lago e flutuam nele ao mesmo tempo. Então tudo o que existe é composto deste Akasha e está flutuando neste oceano. Da mesma forma, estamos rodeados por este vasto oceano de Prana – força e energia. É este Prana pelo qual respiramos e pelo qual ocorre a circulação do sangue; é a energia nos nervos e nos músculos, e o pensamento no cérebro. Todas as forças são manifestações diferentes deste mesmo Prana, assim como toda matéria é uma manifestação diferente do mesmo Akasha. Sempre encontramos as causas do grosseiro no sutil. O químico pega um pedaço sólido de minério e o analisa; ele quer encontrar as coisas mais sutis das quais esse grosseiro é composto. O mesmo ocorre com nosso pensamento e nosso conhecimento; a explicação do mais grosseiro está no mais sutil. O efeito é o grosseiro e a causa o sutil. Este nosso universo grosseiro, que vemos, sentimos e tocamos, tem sua causa e explicação por trás do pensamento. A causa e a explicação disso também estão mais para trás. Assim, neste nosso corpo humano, encontramos primeiro os movimentos grosseiros, os movimentos das mãos e dos lábios; mas onde estão as causas disso? Os nervos mais sutis, cujos movimentos não podemos perceber de forma alguma, são tão finos que não podemos vê-los, tocá-los ou rastreá-los de forma alguma com nossos sentidos, e ainda assim sabemos que eles são a causa desses movimentos mais grosseiros. Esses movimentos nervosos, novamente, são causados por movimentos ainda mais sutis, que chamamos de pensamento; e isso é causado por algo ainda

mais sutil que está por trás, que é a alma do homem, o Ser, o Âtman. Para nos compreendermos, primeiro temos que melhorar a nossa percepção. Nenhum microscópio ou instrumento já inventado nos permitirá ver os delicados movimentos que ocorrem no interior; nunca poderemos vê-los por nenhum desses meios. Assim, o Yogue possui uma ciência que fabrica um instrumento para o estudo de sua própria mente, e esse instrumento está na mente. A mente atinge poderes de percepção mais refinada que nenhum instrumento jamais será capaz de atingir.

Para alcançar esse poder de percepção superfina, temos que começar pelo grosseiro. E à medida que o poder se torna cada vez mais sutil, nos aprofundamos cada vez mais em nossa própria natureza; e todos os movimentos grosseiros serão primeiro tangíveis para nós, e depois os movimentos mais sutis do pensamento; seremos capazes de rastrear o pensamento antes de seu início, traçar onde vai e onde termina. Por exemplo, na mente comum surge um pensamento. A mente não sabe como tudo começou ou de onde vem. A mente é como o oceano no qual surge uma onda, mas embora o homem veja a onda, ele não sabe como a onda chegou lá, de onde nasceu, ou onde ela se funde novamente; ele não pode mais rastreá-lo. Mas quando a percepção se torna mais apurada, podemos traçar essa onda muito, muito antes de ela vir à tona; e seremos capazes de rastreá-la por uma longa distância depois que ela desaparecer, e então poderemos compreender a psicologia como ela realmente é. Hoje em dia os homens pensam isto ou aquilo e escrevem muitos volumes, que são totalmente enganosos, porque não têm o poder de analisar as suas próprias mentes e falam de coisas que nunca conheceram, mas apenas teorizaram. Toda a ciência deve basear-se em factos, e estes factos devem ser observados e generalizados. Até que você tenha alguns fatos para generalizar, o que você vai fazer? Portanto, todas estas tentativas de generalização baseiam-se no conhecimento das coisas que generalizamos. Um homem propõe uma teoria e acrescenta teoria a teoria, até que todo o livro seja uma colcha de retalhos de teorias, nenhuma delas com o menor significado. A ciência do Râja-Yoga diz que primeiro você deve reunir fatos sobre sua própria mente, e isso pode ser feito analisando sua mente, desenvolvendo seus poderes mais sutis de percepção e vendo por si mesmos o que está acontecendo dentro dela; e quando você tiver esses fatos, então generalize; e só então você terá a verdadeira ciência da psicologia.

Como eu disse, para chegar a qualquer percepção mais refinada, devemos contar com a ajuda da parte mais grosseira dela. A corrente de ação que se manifesta externamente é a mais grosseira. Se conseguirmos nos apoderar disso e ir cada vez mais longe, ele se tornará cada vez mais refinado e, finalmente, o mais refinado. Portanto, este corpo e tudo o que temos neste corpo não são existências diferentes, mas, por assim dizer, vários elos na mesma cadeia que vai do fino ao grosseiro. Você é um todo completo; este corpo é a manifestação externa, a crosta, do interior; o externo é mais grosseiro e o interno mais fino; e tão mais e mais até chegar ao Ser. E finalmente, quando chegamos ao Ser, passamos a saber que era apenas o Ser que estava manifestando tudo isso; que foi o Ser que se tornou a mente e se tornou o corpo; que nada mais existe além do Eu, e todos esses outros são manifestações desse Eu em vários graus, tornando-se cada vez mais grosseiros. Assim, descobriremos, por analogia, que em todo este universo existe a manifestação grosseira, e por trás dela está o movimento mais sutil, que podemos chamar de vontade de Deus. Mesmo por trás disso, encontraremos esse Eu Universal. E então saberemos que o Eu Universal se torna Deus e se torna este universo; e que não é que este universo seja um e Deus outro e o Eu Supremo outro, mas que eles são diferentes estados de manifestação da mesma Unidade por trás.

Tudo isso vem do nosso Pranayama. Esses movimentos mais sutis que acontecem dentro do corpo estão ligados à respiração; e se conseguirmos controlar essa respiração, manipulá-la e controlá-la, chegaremos lentamente a movimentos cada vez mais sutis e, assim, entraremos, por assim dizer, ao controlar essa respiração, nos reinos da mente.

A primeira respiração que ensinei em nossa última lição foi simplesmente um exercício temporário. Alguns desses exercícios respiratórios, novamente, são muito difíceis, e tentarei evitar todos os difíceis, porque os mais difíceis exigem muitas dietas e outras restrições que é impossível para a maioria de vocês cumprir. Então tomaremos os caminhos mais lentos e os mais simples. Essa respiração consiste em três partes. A primeira é a inspiração, que em sânscrito é chamada de Puraka, preenchimento; e a segunda parte chama-se Kumbhaka, retendo, enchendo os pulmões e impedindo a saída do ar; o terceiro é chamado Rechaka, expirando. O primeiro exercício que vou lhe dar hoje é simplesmente inspirar e parar a

respiração e expirar lentamente. Depois, há mais um passo na respiração que não lhe darei hoje, porque você não consegue se lembrar de todos eles; seria muito complicado. Essas três partes da respiração formam um Pranayama. Essa respiração deve ser regulada, porque se não for, há perigo no caminho para vocês. Portanto, é regulado por números, e darei a vocês primeiro os números mais baixos. Respire em quatro segundos, depois prenda a respiração por oito segundos e expire novamente lentamente em quatro segundos. (Esse processo é mais difícil quando a proporção é dois, oito e quatro: para comentários adicionais, veja mais adiante.) Então comece de novo, e faça isso quatro vezes pela manhã e quatro vezes à noite. Há mais uma coisa. Em vez de contar um, dois, três e todas essas coisas sem sentido, é melhor repetir qualquer palavra que seja sagrada para você. Em nosso país temos palavras simbólicas, “Om” por exemplo, que significa Deus. Se isso for pronunciado em vez de um, dois, três, quatro, servirá muito bem ao seu propósito. Mais uma coisa. Essa respiração deve começar pela narina esquerda e sair pela narina direita, e da próxima vez deve ser aspirada pela direita e expelida pela esquerda. Em seguida, inverta novamente e assim por diante. Em primeiro lugar, você deve ser capaz de conduzir a respiração através de qualquer narina à vontade, apenas pela força da vontade. Depois de um tempo você achará isso fácil; mas agora temo que você não tenha esse poder. Portanto, devemos tapar uma narina enquanto respiramos pela outra com o dedo e durante a retenção, claro, ambas as narinas.

As duas primeiras lições não devem ser esquecidas. A primeira coisa é manter-se ereto; segundo, pensar no corpo como são e perfeito, saudável e forte. Então lance uma corrente de amor por toda parte, pense no universo inteiro sendo feliz. Então, se você acredita em Deus, ore. Então respire.

Em muitos de vocês ocorrerão certas mudanças físicas, espasmos por todo o corpo, nervosismo; alguns de vocês sentirão vontade de chorar, às vezes um movimento violento ocorrerá. Não tenha medo; essas coisas têm que acontecer à medida que você pratica. Todo o corpo terá que ser reorganizado, por assim dizer. Novos canais para o pensamento serão criados no cérebro, nervos que não atuaram durante toda a sua vida começarão a funcionar e toda uma nova série de mudanças ocorrerá no próprio corpo.

8.4.6 MULHERES DO ORIENTE

(Tantas mulheres quanto puderam lotar o Hall 7 ontem à tarde reuniram-se lá para ouvir algo sobre a vida de suas irmãs do Oriente. A Sra. Potter Palmer e a Sra. Charles Henrotin sentaram-se na plataforma, cercadas por representantes das mulheres do Oriente com turbantes. o leste.

Pode interessar aos leitores saber que os discursos publicados de Swami Vivekananda no Parlamento das Religiões em Chicago não são exaustivos e muitos discursos, especialmente aqueles proferidos na Secção Científica do Parlamento, não foram todos relatados. As Sessões Científicas foram realizadas simultaneamente com a sessão aberta no Salão de Colombo. Swami Vivekananda falou sobre os seguintes assuntos na Seção Científica:

1. Hinduísmo Ortodoxo e a Filosofia Vedanta.

- *Sexta-feira, 22 de setembro de 1893, das 10h30*

2. As religiões modernas da Índia.

- *Sessão da tarde de sexta-feira, 22 de setembro de 1893.*

3. Sobre o assunto dos endereços anteriores.

— *Sábado, 23 de setembro de 1893.*

4. A Essência da Religião Hindu.

- *Segunda-feira, 25 de setembro de 1893.*

O Chicago Daily Inter-Ocean de 23 de setembro de 1893 publicou a seguinte nota sobre a primeira palestra.

"Na Seção Científica, ontem de manhã, Swami Vivekananda falou sobre 'Hinduísmo Ortodoxo'. O Salão III estava lotado e centenas de perguntas foram feitas pelos auditores e respondidas pelo grande Sannyasin com maravilhosa habilidade e lucidez. No final da sessão ele estava repleto de perguntas ansiosas que imploravam para que ele desse uma palestra semi-pública em algum lugar sobre o assunto de sua religião. Ele disse que já tinha o projeto em consideração.")

(Relatório de uma palestra no Chicago Daily Inter-Ocean, 23 de setembro de 1893)

Swami Vivekananda, numa reunião especial, discutiu o presente e o futuro das mulheres do Oriente. Ele disse: "O melhor termômetro para o progresso de uma nação é o tratamento dispensado às mulheres. Na Grécia antiga não havia absolutamente nenhuma diferença no estado do homem e da mulher. Existia a ideia de igualdade perfeita. Nenhum hindu pode ser sacerdote até ele é casado, e a ideia é que um homem solteiro é apenas meio homem e é imperfeito. A ideia da feminilidade perfeita é a independência perfeita. um círculo cuja firmeza depende de sua castidade. Foi o extremo dessa ideia que fez com que as viúvas hindus fossem queimadas. As mulheres hindus são muito espirituais e muito religiosas, talvez mais do que qualquer outra mulher no mundo. puder preservar essas belas características e ao mesmo tempo desenvolver o intelecto de nossas mulheres, a mulher hindu do futuro será a mulher ideal do mundo."

8.4.7 CONGRESSO DE UNIDADE RELIGIOSA

(Relatório de uma palestra no Chicago Sunday Herald, 24 de setembro de 1893)

Swami Vivekananda disse: "Todas as palavras ditas neste parlamento chegam à conclusão comum de que a irmandade do homem é o fim muito desejado. Muito tem sido dito sobre esta irmandade como sendo uma condição natural, uma vez que somos todos filhos de um só Deus. Agora, existem seitas que não admitem a existência de Deus - isto é, um Deus Pessoal, a menos que desejemos deixar essas seitas de lado - e nesse caso a nossa irmandade não será universal. devemos ter a nossa plataforma ampla o suficiente para abranger toda a humanidade. Foi dito aqui que devemos fazer o bem aos nossos semelhantes, porque cada ação má ou mesquinha reage sobre quem o faz. Isto parece-me ser do gosto do lojista – nós mesmos primeiro. , nossos irmãos depois, acho que devemos amar nosso irmão, quer acreditemos na paternidade universal de Deus ou não, porque toda religião e todo credo reconhece o homem como divino, e você não deve fazer mal a ele para não prejudicar aquilo que é. divino nele."

8.4.8 O AMOR DE DEUS-I

(Relatório de uma palestra no Chicago Herald, 25 de setembro de 1893)

Uma audiência que lotou o auditório da Terceira Igreja Unitária nas ruas Laflin e Monroe ouviu Swami Vivekananda pregar ontem de manhã. O tema de seu sermão foi o amor de Deus, e seu tratamento do tema foi eloquente e único. Ele disse que Deus era adorado em todas as partes do mundo, mas com nomes e maneiras diferentes. É natural que os homens, disse ele, adorem o que é grandioso e belo, e que a religião faz parte da sua natureza. A necessidade de Deus foi sentida por todos, e Seu amor os levou a atos de caridade, misericórdia e justiça. Todos os homens amavam a Deus porque Ele era o próprio amor. O orador tinha ouvido falar muito desde que chegou a Chicago sobre a irmandade dos homens. Ele acreditava que um laço ainda mais forte os ligava, na medida em que todos são frutos do amor de Deus. A irmandade do homem era a sequência lógica de Deus como o Pai de todos. O orador disse que viajou pelas florestas da Índia e dormiu em cavernas, e de sua observação da natureza tirou a crença de que havia algo acima da lei natural que impedia os homens de errar, e que, concluiu ele, era o amor de Deus. Se Deus tivesse falado com Cristo, Maomé e os Rishis dos Vedas, por que Ele não falou também com ele, um de seus filhos?

“Na verdade, ele fala comigo”, continuou o Swami, “e com todos os Seus filhos. Nós O vemos ao nosso redor e ficamos continuamente impressionados com a imensidão do Seu amor, e desse amor extraímos a inspiração para o nosso bem-estar. estar e fazer bem.”

8.4.9 O AMOR DE DEUS-II

(Uma palestra proferida na Igreja Unitária de Detroit em 20 de fevereiro de 1894

e relatado no Detroit Free Press)

Vivekananda proferiu uma palestra sobre “O Amor de Deus” na Igreja Unitária ontem à noite diante do maior público que já teve. A tendência das observações do palestrante foi mostrar que não aceitamos a Deus porque realmente O queremos, mas porque precisamos Dele para propósitos

egoístas. O amor, disse o orador, é algo absolutamente altruísta, aquilo que não pensa além da glorificação e adoração do objeto ao qual nossos afetos são concedidos. É uma qualidade que se curva e adora e não pede nada em troca. Apenas amar é o único pedido que o verdadeiro amor tem a fazer.

Diz-se de uma santa hindu que, quando se casou, disse ao marido, o rei, que já era casada. "A quem?" perguntou o rei. "A Deus", foi a resposta. Ela esteve entre os pobres e necessitados e ensinou a doutrina do amor extremo a Deus. Uma de suas orações é significativa, mostrando a maneira como seu coração foi tocado: "Não peço riquezas; não peço posição; não peço salvação; coloque-me em cem infernos se for Teu desejo, mas deixe-me continuo a considerar-Te como meu amor." A linguagem antiga está repleta de belas orações desta mulher. Quando chegou o seu fim, ela entrou em Samâdhi às margens de um rio. Ela compôs uma linda canção, na qual afirmava que iria encontrar seu Amado.

Os homens são capazes de análise filosófica da religião. A mulher é devota por natureza e ama a Deus de coração e alma e não de mente. Os cânticos de Salomão são uma das partes mais bonitas da Bíblia. A linguagem neles é muito daquele tipo afetuoso que é encontrado nas orações da santa hindu. E ainda assim ouvi dizer que os cristãos vão remover essas canções incomparáveis. Ouvi uma explicação dos cânticos em que se diz que Salomão amava uma jovem e desejava que ela retribuísse seu afeto real. A menina, porém, amava um rapaz e não queria ter nada a ver com Salomão. Esta explicação é excelente para algumas pessoas, porque elas não conseguem compreender o amor maravilhoso por Deus que está incorporado nas canções. O amor a Deus na Índia é diferente do amor a Deus em outros lugares, porque quando você chega a um país onde o termômetro marca 40 graus abaixo de zero, o temperamento das pessoas muda. As aspirações das pessoas no clima onde se diz que os livros da Bíblia foram escritos eram diferentes das aspirações das nações ocidentais de sangue frio, que estão mais aptas a adorar o todo-poderoso dólar com o calor expresso nas canções do que para adorar a Deus. O amor a Deus parece basear-se em "o que posso ganhar com isso?" Em suas orações eles pedem todo tipo de coisas egoístas.

Os cristãos estão sempre querendo que Deus lhes dê algo. Eles aparecem como mendigos diante do trono do Todo-Poderoso. Conta-se a história de um mendigo que pediu esmolas a um imperador. Enquanto esperava, chegou a hora do imperador fazer orações. O imperador orou: "Ó Deus, dê-me mais riqueza; dê-me mais poder; dê-me um império maior." O mendigo começou a sair. O imperador se virou e perguntou: "Por que você está indo?" "Não peço mendigos", foi a resposta.

Algumas pessoas acham realmente difícil compreender o frenesi de fervor religioso que comoveu o coração de Maomé. Ele rastejava na poeira e se contorcia em agonia. Homens santos que experimentaram essas emoções extremas foram chamados de epiléticos. A ausência do pensamento de si mesmo é a característica essencial do amor a Deus. A religião hoje em dia se tornou um mero hobby e moda. As pessoas vão à igreja como um rebanho de ovelhas. Eles não abraçam a Deus porque precisam Dele. A maioria das pessoas são ateus inconscientes que pensam complacentemente que são crentes devotos.

8.4.10 ÍNDIA

(Relatório de uma palestra proferida em Detroit na quinta-feira, 15 de fevereiro de 1894, com

os comentários editoriais do Detroit Free Press)

Uma audiência que lotou a Igreja Unitarista ouviu o renomado monge Swami Vivekananda proferir uma palestra ontem à noite sobre os costumes e costumes de seu país. Seu jeito eloquente e gracioso agradava aos ouvintes, que o acompanhavam do começo ao fim com a maior atenção, demonstrando de vez em quando aprovação por meio de aplausos. Embora a sua palestra tivesse um carácter mais popular do que o célebre discurso antes do congresso religioso em Chicago, foi muito divertida, especialmente quando o orador se desviou das porções instrutivas e foi levado a uma narração eloquente de certas condições espirituais do seu próprio povo. É nas questões religiosas e filosóficas (e necessariamente espirituais) que o irmão oriental é mais impressionante e, ao mesmo tempo que delineia os deveres que se seguem à consideração conscienciosa da grande lei moral da

natureza, os seus tons suavemente modulados, uma peculiaridade do seu povo, e seus modos emocionantes são quase proféticos. Ele fala com marcada deliberação, exceto quando apresenta aos seus ouvintes alguma verdade moral, e então sua eloquência é do tipo mais elevado.

Parecia um tanto estranho que o monge oriental, que desaprova tão abertamente o trabalho missionário por parte da igreja cristã na Índia (onde, afirma ele, a moralidade é a mais elevada do mundo), tivesse sido apresentado pelo Bispo Ninde que em junho partirá para a China no interesse das missões cristãs estrangeiras. O Bispo espera permanecer afastado até dezembro; mas se ele ficar mais tempo, irá para a Índia. O Bispo referiu-se às maravilhas da Índia e à inteligência das classes instruídas de lá, apresentando Vivekananda de uma forma alegre. Quando aquele cavalheiro moreno se levantou, vestido com seu turbante e vestido brilhante, com rosto bonito e olhos brilhantes e inteligentes, apresentava uma figura impressionante. Ele agradeceu ao Bispo pelas suas palavras e passou a explicar as divisões raciais no seu próprio país, os costumes do povo e as diferentes línguas. Principalmente existem quatro línguas do norte e quatro do sul, mas existe uma religião comum. Quatro quintos da população de 300 milhões de pessoas são hindus e o hindu é uma pessoa peculiar. Ele faz tudo de maneira religiosa. Ele come religiosamente; ele dorme religiosamente; ele se levanta religiosamente pela manhã; ele faz coisas boas religiosamente; e ele também faz coisas ruins religiosamente. Neste ponto, o palestrante atingiu a grande nota moral do seu discurso, afirmando que com o seu povo havia a crença de que todo o não-eu é bom e todo o eu é mau. Este ponto foi enfatizado durante toda a noite e pode ser denominado texto do discurso. Construir uma casa é egoísmo, argumenta o hindu; então ele o constrói para a adoração a Deus e para o entretenimento dos convidados. Cozinhar é egoísta, então ele cozinha para os pobres; ele se servirá por último se algum estranho faminto se candidatar, e esse sentimento se estende por toda a extensão da terra. Qualquer homem pode pedir comida e abrigo, e qualquer casa lhe será aberta.

O sistema de castas não tem nada a ver com religião. A profissão do homem é hereditária: o carpinteiro nasce carpinteiro; um ourives, um ourives; um trabalhador, um trabalhador; e um padre, um padre. Mas este é um mal social comparativamente moderno, uma vez que existe apenas há cerca de

1.000 anos. Este período de tempo não parece tão grande na Índia como neste e em outros países. Dois presentes são especialmente apreciados – o dom do aprendizado e o dom da vida. Mas o dom do aprendizado tem precedência. Pode-se salvar a vida de um homem, e isso é excelente; alguém pode transmitir a outro conhecimento, e isso é melhor. Instruir por dinheiro é um mal, e fazer isso traria opróbrio à cabeça do homem que troca conhecimento por ouro, como se fosse um artigo comercial. O governo faz presentes de tempos em tempos aos instrutores, e o efeito moral é melhor do que seria se as condições fossem as mesmas que existem em certos países alegadamente civilizados. O orador perguntou em toda a extensão do país qual era a definição de civilização, e ele fez a pergunta em muitos países. Às vezes a resposta era dada: o que somos é a civilização. Ele implorou para diferir na definição da palavra. Uma nação pode controlar os elementos, desenvolver problemas utilitários de vida aparentemente até o limite, e ainda assim não perceber que no indivíduo o tipo mais elevado de civilização é encontrado naquele que aprendeu a conquistar a si mesmo. Essa condição é encontrada mais na Índia do que em qualquer país da terra, pois lá as condições materiais são subservientes às espirituais, e o indivíduo busca as manifestações da alma em tudo que tem vida, estudando a natureza para esse fim. Daí aquela disposição gentil de suportar com paciência indomável as aventuras do que parece uma fortuna cruel, enquanto há plena consciência de uma força e conhecimento espiritual maiores do que aqueles possuídos por qualquer outro povo; daí a existência de um país e de um povo de onde flui uma corrente interminável que atrai a atenção de pensadores distantes e próximos para se aproximarem e tirarem de seus ombros um opressivo fardo terreno. O primeiro rei, que em 260 a.C. ordenou que não houvesse mais derramamento de sangue, nem guerras, e que enviou em vez de soldados um exército de instrutores, agiu com sabedoria, embora nas coisas materiais a terra tenha sofrido. Mas embora esteja escravizado por nações brutais que conquistam pela força, a espiritualidade do índio dura para sempre e nada pode tirá-la dele. Há algo de cristão na humildade do povo para suportar os aguilhões e flechas da fortuna indignada, enquanto a alma avança em direção ao objetivo mais brilhante. Tal país não precisa de missionários cristãos para “pregar ideias”, pois a religião deles é que torna os homens gentis, doces, atenciosos e afetuosos para com todas as criaturas de Deus, sejam homens ou animais. Moralmente, disse o orador, a Índia está muito acima dos Estados Unidos

ou de qualquer outro país do globo. Os missionários fariam bem em ir até lá e beber das águas puras e ver que bela influência sobre uma grande comunidade tem a vida de uma multidão de homens santos.

Depois foi descrita a condição do casamento; e os privilégios estendidos às mulheres nos tempos antigos, quando o sistema de co-educação floresceu. Nos registros dos santos da Índia há a figura única da profetisa. No credo cristão são todos profetas, enquanto na Índia as mulheres santas ocupam um lugar de destaque nos livros sagrados. O morador tem cinco objetos para adoração. Um deles é aprender e ensinar. Outra é a adoração de criaturas mudas. É difícil para os americanos compreenderem o último culto e é difícil para os europeus apreciarem o sentimento. Outras nações matam animais por atacado e matam umas às outras; eles existem em um mar de sangue. Um europeu disse que a razão pela qual na Índia os animais não eram mortos era porque se supunha que continham os espíritos dos antepassados. Esta razão era digna de uma nação selvagem que não está a muitos passos do bruto. O fato é que a afirmação foi feita por um grupo de ateus na Índia que criticaram a ideia védica de não matar e de transmigração de almas. Nunca foi uma doutrina religiosa, foi uma ideia de um credo materialista. A adoração de animais mudos foi retratada de maneira vívida. O espírito hospitaleiro – a regra de ouro indiana, foi ilustrado por uma história. Um Brâmane, sua esposa, seu filho e a esposa de seu filho não comiam comida há algum tempo por causa da fome. O chefe da casa saiu e após uma busca encontrou uma pequena quantidade de cevada. Ele trouxe para casa e dividiu em quatro porções, e a pequena família estava prestes a comer quando ouviu uma batida na porta. Foi um convidado. As diferentes porções foram postas diante dele, e ele partiu com a fome saciada, enquanto o quarteto que o entretinha perecia. Esta história é contada na Índia para ilustrar o que se espera do sagrado nome da hospitalidade.

O orador concluiu de forma eloquente. Durante todo o tempo, seu discurso foi simples; mas sempre que ele se entregava a imagens, elas eram deliciosamente poéticas, mostrando que o irmão oriental tinha sido um observador próximo e atento das belezas da natureza. A sua excessiva espiritualidade é uma qualidade que se faz sentir junto dos seus ouvintes, pois manifesta-se no amor pelas coisas animadas e inanimadas e na

perspicácia aguçada do funcionamento misterioso da lei divina da harmonia e das intenções bondosas.

8.4.11 HINDUS E CRISTÃOS

(Uma palestra proferida em Detroit em 21 de fevereiro de 1894 e relatada na Detroit Free Press)

Das diferentes filosofias, a tendência do Hindu não é destruir, mas harmonizar tudo. Se alguma ideia nova chega à Índia, não a antagonizamos, mas simplesmente tentamos aceitá-la, harmonizá-la, porque este método foi ensinado primeiro pelo nosso profeta, Deus encarnado na terra, Shri Krishna. Esta Encarnação de Deus pregou-se primeiro: “Eu sou o Deus Encarnado, sou o inspirador de todos os livros, sou o inspirador de todas as religiões”. Assim, não rejeitamos nenhum.

Há uma coisa que é muito diferente entre nós e os cristãos, algo que nunca ensinamos. Essa é a ideia da salvação através do sangue de Jesus, ou da purificação pelo sangue de qualquer homem. Tivemos nosso sacrifício como os judeus tiveram. Nossos sacrifícios significam simplesmente isto: Aqui está um pouco de comida que vou comer, e até que alguma porção seja oferecida a Deus, ela é ruim; então eu ofereço a comida. Esta é a ideia pura e simples. Mas com o judeu a ideia é que o seu pecado recaia sobre o cordeiro, e que o cordeiro seja sacrificado e ele saia impune. Nunca desenvolvemos esta bela ideia na Índia e estou feliz por não o termos feito. Eu, por exemplo, não seria salvo por tal doutrina. Se alguém viesse e dissesse: “Seja salvo pelo meu sangue”, eu lhe diria: “Meu irmão, vá embora; irei para o inferno; não sou covarde por levar sangue inocente para ir para o céu; sou pronto para o inferno.” Portanto, essa doutrina nunca surgiu entre nós, e nosso profeta diz que sempre que o mal e a imortalidade prevalecerem na terra, Ele descerá e apoiará Seus filhos; e isso Ele está fazendo de vez em quando e de lugar em lugar. E sempre que na terra você vir um homem santo extraordinário tentando elevar a humanidade, saiba que Ele está nele.

Então você vê que essa é a razão pela qual nunca lutamos contra nenhuma religião. Não dizemos que o nosso é o único caminho para a salvação. A perfeição pode ser alcançada por todos, e qual é a prova? Porque vemos os homens mais santos em todos os países, bons homens e mulheres em todos os lugares, nascidos na nossa fé ou não. Portanto, não se pode afirmar que o nosso seja o único caminho para a salvação. “Como tantos rios fluindo de diferentes montanhas, todos vindo e misturando suas águas no mar, todas as diferentes religiões, nascendo de diferentes pontos de vista dos fatos, vêm a Ti”. Isto faz parte da oração diária das crianças na Índia. Com essas orações diárias, é claro, ideias como lutar por causa de diferenças religiosas são simplesmente impossíveis. Isto é o que acontece com os filósofos da Índia. Temos grande consideração por todos esses homens, especialmente este profeta, Shri Krishna, por causa de sua maravilhosa catolicidade em harmonizar todas as revelações anteriores.

Depois o homem que se curva diante do ídolo. Não é no mesmo sentido que você ouviu falar da idolatria babilônica e romana. É peculiar aos hindus. O homem está diante do ídolo, fecha os olhos e tenta pensar: “Eu sou Ele; não tenho vida nem morte; não tenho pai nem mãe; não estou limitado pelo tempo ou espaço; sou Existência infinita, Bem-aventurança infinita e Conhecimento infinito; eu sou Ele, eu sou Ele. Não estou preso a livros, nem a lugares sagrados, nem a peregrinações, nem a nada; ” Ele repete isso e então diz: “Ó Senhor, não posso conceber-Te em mim mesmo; sou um homem pobre.” A religião não depende do conhecimento. É a própria alma, é Deus, que não pode ser alcançado pelo simples conhecimento de livros ou pela capacidade de falar. Você pode pegar o homem mais instruído que tiver e pedir-lhe que pense no espírito como espírito; ele não pode. Você pode imaginar o espírito, ele pode imaginar o espírito. É impossível pensar em espírito sem treino. Portanto, não importa quanta teologia você aprenda – você pode ser um grande filósofo e um grande teólogo – mas o menino hindu diria: “Bem, isso não tem nada a ver com religião”. Você pode pensar em espírito como espírito? Somente então toda dúvida cessa e toda tortuosidade do coração é endireitada. Somente então todos os medos desaparecem e todas as dúvidas ficam para sempre silenciosas quando a alma do homem e Deus ficam face a face.

Um homem pode ser maravilhosamente instruído no sentido ocidental, mas pode não conhecer o ABC da religião. Eu diria isso a ele. Eu perguntaria a ele: "Você consegue pensar no espírito como tal? Você está avançado na ciência da alma? Você manifestou sua própria alma acima da matéria?" Se não o fez, então eu lhe digo: "A religião não chegou até você; é tudo conversa, livro e vaidade". Mas este pobre hindu senta-se diante daquele ídolo e tenta pensar que ele é Aquilo, e então diz: "Ó Senhor, não posso conceber-Te como espírito, então deixe-me conceber-Te nesta forma"; e então ele abre os olhos e vê esta forma, e prostrando-se ele repete suas orações. E quando sua oração termina, ele diz: "Ó Senhor, perdoe-me por esta adoração imperfeita a Ti".

Sempre ouvem que os hindus adoram blocos de pedra. Agora, o que você acha dessa natureza fervorosa das almas dessas pessoas? Sou o primeiro monge a vir para estes países ocidentais – é a primeira vez na história do mundo que um monge hindu atravessa o oceano. Mas ouvimos tais críticas e ouvimos falar destas conversações, e qual é a atitude geral da minha nação em relação a vós? Eles sorriem e dizem: "Eles são crianças; podem ser excelentes em ciências físicas; podem construir coisas enormes; mas na religião são simplesmente crianças". Essa é a atitude do meu povo.

Uma coisa eu lhe diria, e não me refiro a nenhuma crítica cruel. Você treina, educa, veste e paga homens para fazerem o quê? Vir ao meu país para amaldiçoar e abusar de todos os meus antepassados, da minha religião e de tudo mais. Eles andam perto de um templo e dizem: "Vocês, idólatras, irão para o inferno". Mas eles não ousam fazer isso com os maometanos da Índia; a espada estaria desembainhada. Mas o hindu é muito brando; ele sorri, segue em frente e diz: "Deixe os tolos falarem". Essa é a atitude. E então vocês, que treinam homens para abusar e criticar, se eu apenas tocá-los com o mínimo de crítica, com o propósito mais gentil, vocês se encolhem e gritam: "Não nos toque; somos americanos. Criticamos todas as pessoas. no mundo, amaldiçoe-os e abuse deles, diga qualquer coisa, mas não nos toque; Você pode fazer o que quiser; mas ao mesmo tempo vou lhe dizer que nos contentamos em viver como somos; e numa coisa estamos melhor: nunca ensinamos nossos filhos a engolir coisas tão horríveis: "Onde toda perspectiva agrada e só o homem é vil." E sempre que os seus ministros nos criticarem, lembrem-se disto: se toda a Índia se levantar e

pegar toda a lama que está no fundo do Oceano Índico e atirá-la contra os países ocidentais, não estará a fazer uma parte infinitesimal disso. o que você está fazendo conosco. E para quê? Já enviamos um missionário para converter alguém no mundo? Dizemos a você: “Bem-vindo à sua religião, mas permita-me ter a minha”. Você chama a sua de religião agressiva. Você é agressivo, mas quantos você já tomou? Cada sexto homem no mundo é um súdito chinês, um budista; depois há o Japão, o Tibete, a Rússia, a Sibéria, a Birmânia e o Sião; e pode não ser palatável, mas esta moralidade cristã, a Igreja Católica, é toda derivada deles. Bem, e como isso foi feito? Sem o derramamento de uma gota de sangue! Com todas as suas ostentações e jactâncias, onde o seu cristianismo teve sucesso sem a espada? Mostre-me um lugar no mundo inteiro. Um, digo, ao longo da história da religião cristã – um; Eu não quero dois. Eu sei como seus antepassados foram convertidos. Eles tiveram que ser convertidos ou mortos; isso foi tudo. O que você pode fazer melhor do que o islamismo, com toda a sua ostentação? “Nós somos os únicos!” E porque? “Porque podemos matar outros.” Os árabes disseram isso; eles se gabaram. E onde está o árabe agora? Ele é o beduíno. Os romanos costumavam dizer isso, e onde estão eles agora? Bem-aventurados os pacificadores; eles desfrutarão da terra. Essas coisas desmoronam; é construído sobre areia; não pode permanecer por muito tempo.

Tudo o que tem o egoísmo como base, a competição como mão direita e o prazer como objetivo, mais cedo ou mais tarde morrerá. Essas coisas devem morrer. Deixe-me dizer-lhes, irmãos, se vocês querem viver, se vocês realmente querem que sua nação viva, voltem para Cristo. Vocês não são cristãos. Não, como nação você não é. Volte para Cristo. Volte para aquele que não tinha onde reclinar a cabeça. “Os pássaros têm seus ninhos e os animais suas tocas, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.” A sua religião é pregada em nome do luxo. Que ironia do destino! Inverta isso se você quiser viver, inverta isso. É tudo hipocrisia o que ouvi neste país. Se esta nação vai sobreviver, deixe-a voltar para ele. Você não pode servir a Deus e a Mamom ao mesmo tempo. Toda essa prosperidade, tudo isso vem de Cristo! Cristo teria negado todas essas heresias. Toda prosperidade que vem com Mammon é transitória, apenas por um momento. A verdadeira permanência está Nele. Se você puder unir esses dois, essa maravilhosa prosperidade com o ideal de Cristo, está tudo bem.

Mas se você não puder, é melhor voltar para ele e desistir disso. É melhor estar pronto para viver em trapos com Cristo do que viver em palácios sem ele.

8.4.12 CRISTIANISMO NA ÍNDIA

(Uma palestra proferida em Detroit em 11 de março de 1894 e relatada na Detroit Free Press)

"Vive Kananda falou para um público lotado na Ópera de Detroit ontem à noite. Ele foi recebido de forma extremamente cordial e fez seu discurso mais eloqüente aqui. Ele falou por duas horas e meia.

Exmo. T. W. Palmer, ao apresentar o ilustre visitante, referiu-se à antiga história do escudo que era de cobre de um lado e de prata do outro e à competição que se seguiu. Se olharmos para ambos os lados de uma questão, haverá menos disputa. É possível que todos os homens concordem. A questão das missões estrangeiras tem sido cara ao coração religioso. Vive Kananda, do ponto de vista cristão, disse o Sr. Palmer, era um pagão. Seria agradável ouvir de um cavalheiro falar sobre o lado de cobre do escudo.

Vive Kananda foi recebido com muitos aplausos." . . .

Não sei muito sobre missionários no Japão e na China, mas estou bem informado sobre a Índia. O povo deste país considera a Índia um vasto deserto, com muitas selvas e alguns ingleses civilizados. A Índia tem metade do tamanho dos Estados Unidos e tem trezentos milhões de pessoas. Muitas histórias estão relacionadas e estou cansado de negá-las. Os primeiros invasores da Índia, os arianos, não tentaram exterminar a população da Índia como os cristãos fizeram quando foram para uma nova terra, mas foram feitos esforços para elevar pessoas de hábitos brutais. Os espanhóis chegaram ao Ceilão com o cristianismo. Os espanhóis pensavam que o seu Deus lhes ordenara matar e assassinar e destruir os templos pagãos. Os budistas tinham um dente de trinta centímetros de comprimento, que pertencia ao seu Profeta, e os espanhóis atiraram-no ao mar, mataram alguns milhares de pessoas e converteram algumas dezenas. Os portugueses

vieram para a Índia Ocidental. Os hindus acreditam na Trindade e tinham um templo dedicado à sua crença sagrada. Os invasores olharam para o templo e disseram que era uma criação do diabo; e então eles trouxeram seus canhões para atacar a maravilhosa estrutura e destruíram uma parte dela. Mas os invasores foram expulsos do país pela população enfurecida. Os primeiros missionários tentaram apoderar-se da terra e, no seu esforço para garantir uma posição segura pela força, mataram muitas pessoas e converteram várias. Alguns deles se tornaram cristãos para salvar suas vidas. Noventa e nove por cento dos cristãos convertidos pela espada portuguesa foram obrigados a fazê-lo e disseram: “Não acreditamos no cristianismo, mas somos obrigados a chamar-nos cristãos”. Mas o Cristianismo Católico logo recaiu.

A Companhia das Índias Orientais tomou posse de uma parte da Índia com a ideia de fazer feno enquanto o sol brilhasse. Eles mantiveram os missionários afastados. Os hindus foram os primeiros a acolher os missionários, e não os ingleses, que se dedicavam ao comércio. Tenho grande admiração por alguns dos primeiros missionários do período posterior, que foram verdadeiros servos de Jesus e não difamaram o povo nem espalharam falsidades vis sobre ele. Eles eram homens gentis e gentis. Quando os ingleses se tornaram senhores da Índia, o empreendimento missionário começou a estagnar, uma condição que caracteriza os esforços missionários na Índia hoje. Dr. Long, um dos primeiros missionários, apoiou o povo. Ele traduziu um drama hindu que descrevia os males perpetuados na Índia pelos plantadores de índigo, e qual foi o resultado? Ele foi colocado na prisão pelos ingleses. Esses missionários foram benéficos para o país, mas faleceram. O Canal de Suez abriu uma série de males.

Agora vai o missionário, um homem casado, que está prejudicado porque é casado. O missionário nada sabe do povo, não fala a língua, por isso invariavelmente se instala na pequena colônia branca. Ele é forçado a fazer isso porque é casado. Se ele não fosse casado, poderia ir para o meio do povo e dormir no chão, se necessário. Então ele vai para a Índia em busca de companhia para sua esposa e filhos. Ele permanece entre as pessoas de língua inglesa. O grande coração da Índia está hoje absolutamente intocado pelo esforço missionário. A maioria dos missionários são incompetentes. Não conheci um único missionário que entenda sânscrito. Como pode um

homem absolutamente ignorante do povo e de suas tradições simpatizar com eles? Não pretendo ofender, mas os cristãos enviam como missionários homens que não são pessoas capazes. É triste ver dinheiro gasto para fazer conversões quando nenhum resultado real de natureza satisfatória é alcançado.

Aqueles que são convertidos são os poucos que ganham a vida andando com os missionários. Os convertidos que não são mantidos em serviço na Índia deixam de ser convertidos. Isso é tudo em poucas palavras. Quanto à forma de conversão, é absolutamente absurdo. O dinheiro que os missionários trazem é aceito. Os colégios fundados por missionários estão bem, no que diz respeito à educação. Mas com a religião é diferente. O hindu é perspicaz; ele morde a isca, mas evita o anzol! É maravilhoso como as pessoas são tolerantes. Um missionário disse certa vez: “Isso é o pior de tudo. Pessoas que são autocomplacentes nunca poderão ser convertidas”.

Quanto às missionárias, elas vão a certas casas, ganham quatro xelins por mês, ensinam-lhes algo da Bíblia e mostram-lhes como tricotar. As meninas da Índia nunca serão convertidas. O ateísmo e o ceticismo no país é o que está empurrando o missionário para outros países. Quando cheguei a este país, fiquei surpreso ao conhecer tantos homens e mulheres liberais. Mas depois do Parlamento das Religiões foi publicado um grande jornal presbiteriano que me deu o benefício de um artigo fervilhante. Isso o editor chamou de entusiasmo. Os missionários não se despojam nem podem abandonar a nacionalidade – não são suficientemente amplos – e por isso não realizam nada no sentido da conversão, embora possam passar bons momentos de convívio entre si. A Índia necessita da ajuda de Cristo, mas não do anticristo; esses homens não são semelhantes a Cristo. Eles não agem como Cristo; eles são casados, vêm morar confortavelmente e ganham um sustento justo. Cristo e seus discípulos realizariam muito bem na Índia, assim como fazem muitos dos santos hindus; mas esses homens não têm esse caráter sagrado. Os hindus acolheriam com alegria o Cristo dos cristãos, porque a sua vida era santa e bela; mas eles não podem e não aceitarão as declarações estreitas dos homens ignorantes, hipócritas ou autoenganadores.

Os homens são diferentes. Se não o fossem, a mentalidade do mundo seria degradada. Se não existissem religiões diferentes, nenhuma religião sobreviveria. O cristão exige a sua religião; o hindu precisa do seu próprio credo. Todas as religiões lutaram umas contra as outras durante anos. Aqueles que foram fundados em um livro ainda permanecem de pé. Por que os cristãos não conseguiram converter os judeus? Por que não conseguiram tornar os persas cristãos? Por que eles não conseguiram converter os maometanos? Por que não é possível causar qualquer impressão na China ou no Japão? O Budismo, a primeira religião missionária, tem o dobro do número de convertidos de qualquer outra religião, e eles não usaram a espada. Os maometanos usaram a maior violência. Elas são a menor das três grandes religiões missionárias. Os maometanos tiveram o seu dia. Todos os dias você lê sobre nações cristãs adquirindo terras por meio de derramamento de sangue. Que missionários pregam contra isso? Por que deveria a nação mais sedenta de sangue exaltar uma suposta religião que não é a religião de Cristo? Os Judeus e os Árabes foram os pais do Cristianismo, e como foram perseguidos pelos Cristãos! Os cristãos foram pesados na balança na Índia e foram considerados deficientes. Não pretendo ser cruel, mas quero mostrar aos cristãos como eles se parecem aos olhos dos outros. Os missionários que pregam a fogueira são vistos com horror. Os maometanos rolaram onda após onda sobre a Índia brandindo a espada, e hoje onde estão eles?

O mais longe que todas as religiões podem ver é a existência de uma entidade espiritual. Portanto, nenhuma religião pode ensinar além desse ponto. Em cada religião existe a verdade essencial e o caixão não essencial onde esta joia está. Acreditar no livro judaico ou no livro hindu não é essencial. As circunstâncias mudam; o receptáculo é diferente; mas a verdade central permanece. Sendo o essencial o mesmo, as pessoas instruídas de cada comunidade retêm o essencial. Se você perguntar a um cristão quais são seus fundamentos, ele deverá responder: “Os ensinamentos do Senhor Jesus”. Muito do resto é bobagem. Mas a parte absurda está certa; forma o receptáculo. A concha da ostra não é atraente, mas a pérola está dentro dela. O Hindu nunca atacará a vida de Jesus; ele reverencia o Sermão da Montanha. Mas quantos cristãos conhecem ou ouviram falar dos ensinamentos dos homens santos hindus? Eles permanecem no paraíso dos tolos. Antes de uma pequena fração do mundo

ser convertida, o Cristianismo estava dividido em muitos credos. Essa é a lei da natureza. Por que escolher um único instrumento da grande orquestra religiosa da terra? Deixe a grande sinfonia continuar. Seja puro. Abandone a superstição e veja a maravilhosa harmonia da natureza. A superstição leva a melhor sobre a religião. Todas as religiões são boas, pois o essencial é o mesmo. Cada homem deveria ter o exercício perfeito de sua individualidade, mas essas individualidades formam um todo perfeito. Esta condição maravilhosa já existe. Cada credo tem algo a acrescentar à maravilhosa estrutura.

Tenho pena do hindu que não vê a beleza do caráter de Jesus Cristo. Tenho pena do cristão que não reverencia o Cristo hindu. Quanto mais um homem vê de si mesmo, menos vê o próximo. Aqueles que se convertem, que estão muito ocupados salvando as almas dos outros, em muitos casos esquecem as suas próprias almas. Uma senhora me perguntou por que as mulheres da Índia não eram mais elevadas. Isso se deve em grande parte aos invasores bárbaros de diferentes épocas; isso se deve em parte ao próprio povo da Índia. Mas nossas mulheres são sempre melhores do que as damas deste país que são devotas de romances e bailes. Onde está a espiritualidade que se esperaria num país que se orgulha tanto da sua civilização? Eu não encontrei. “Aqui” e “depois” são palavras para assustar as crianças. Está tudo “aqui”. Viver e mover-se em Deus – mesmo aqui, mesmo neste corpo! Todo eu deveria sair; toda superstição deveria ser banida. Esses homens vivem na Índia. Onde estão esses neste país? Seus pregadores falam contra os “sonhadores”. O povo deste país estaria melhor se houvesse mais “sonhadores”. Se um homem aqui seguisse literalmente as instruções de seu Senhor, ele seria chamado de fanático. Há uma grande diferença entre sonhar e gabar-se do século XIX. As abelhas procuram as flores. Abra o lótus! O mundo inteiro está cheio de Deus e não de pecado. Deixe-nos ajudar uns aos outros. Vamos nos amar. Uma bela oração do budista é: eu me curvo diante de todos os santos; Eu me curvo diante de todos os profetas; Eu me curvo diante de todos os homens e mulheres santos de todo o mundo!

8.4.13 A RELIGIÃO DO AMOR

(Notas de uma palestra proferida em Londres em 16 de novembro de 1895)

Assim como é necessário que um homem passe primeiro por símbolos e cerimônias para chegar à profundidade da realização, também dizemos na Índia: “É bom nascer em uma igreja, mas é ruim morrer em uma”. Uma muda deve ser protegida por uma cerca viva, mas quando se torna uma árvore, uma cerca viva seria um obstáculo. Portanto, não há necessidade de criticar e condenar as velhas formas. Esquecemos que na religião deve haver crescimento.

A princípio pensamos em um Deus Pessoal e o chamamos de Criador, Onipotente, Onisciente e assim por diante. Mas quando o amor chega, Deus é apenas amor. O adorador amoroso não se importa com o que Deus é, porque não quer nada Dele. Diz um santo indiano: “Não sou um mendigo!” Ele também não teme. Deus é amado como ser humano.

Aqui estão alguns dos sistemas baseados no amor. (1) Shânta, um amor comum, pacífico, com pensamentos como os de paternidade e ajuda; (2) Dâsya, o ideal de serviço; Deus como mestre ou general ou soberano, dando punições e recompensas; (3) Vâtsalya, Deus como mãe ou filho. Na Índia a mãe nunca pune. Em cada uma dessas etapas, o adorador forma um ideal de Deus e o segue. Então (4) Sakhya, Deus como amigo. Aqui não há medo. Há também o sentimento de igualdade e familiaridade. Existem alguns hindus que adoram a Deus como amigo e companheiro de brincadeiras. Em seguida vem (5) Madhura, o amor mais doce, o amor de marido e mulher. Disto Santa Teresa e os santos extáticos foram exemplos. Entre os persas, Deus era visto como a esposa, entre os hindus como o marido. Podemos recordar a grande rainha Mira Bâi, que pregava que o Divino Esposo era tudo. Alguns levam isso a tal extremo que chamar Deus de “poderoso” ou “pai” lhes parece uma blasfêmia. A linguagem desta adoração é erótica. Alguns até usam o da paixão ilícita. A este ciclo pertence a história de Krishna e das meninas Gopi. Tudo isso provavelmente parece acarretar grande degeneração para o adorador. E assim acontece. No entanto, muitos grandes santos foram desenvolvidos por ele. E nenhuma instituição humana está isenta de abusos. Você não cozinaria nada porque há mendigos? Você não possuiria nada porque há ladrões? “Ó Amado, um beijo de Teus lábios, uma vez provado, me deixou louco!”

O fruto desta ideia é que não se pode mais pertencer a nenhuma seita, nem suportar cerimoniais. A religião na Índia culmina em liberdade. Mas mesmo isso acaba sendo abandonado, e tudo é amor pelo amor.

Por último vem o amor sem distinção, o Eu. Há um poema persa que conta como um amante chegou à porta de sua amada e bateu. Ela perguntou: "Quem é você?" e ele respondeu: "Eu sou fulano de tal, teu amado!" e ela respondeu apenas: "Vá! Não conheço ninguém assim!" Mas quando ela pediu pela quarta vez, ele disse: "Eu sou você mesmo, ó meu Amado, portanto abra-se para mim!" E a porta foi aberta.

Um grande santo disse, usando a linguagem de uma menina, descrevendo o amor: "Quatro olhos se encontraram. Houve mudanças em duas almas. E agora não posso dizer se ele é um homem e eu sou uma mulher, ou se ele é uma mulher e eu um homem. Só me lembro disso, duas almas vieram, e havia uma.

No amor mais elevado, a união é apenas do espírito. Todo amor de qualquer outro tipo desaparece rapidamente. Só o espiritual dura, e este cresce.

O amor vê o Ideal. Este é o terceiro ângulo do triângulo. Deus foi Causa, Criador, Pai. O amor é o ápice. A mãe lamenta que seu filho seja corcunda, mas depois de amamentá-lo por alguns dias, ela o ama e o acha muito bonito. O amante vê a beleza de Helena na testa da Etiópia. Geralmente não percebemos o que acontece. A testa da Etiópia é apenas uma sugestão: o homem vê Helen. Seu ideal é lançado sobre a sugestão e a cobre, como a ostra transforma a areia em pérola. Deus é este ideal, através do qual o homem pode ver tudo.

Daí passamos a amar o próprio amor. Este amor não pode ser expresso. Nenhuma palavra pode expressar isso. Somos burros quanto a isso.

Os sentidos ficam muito aguçados no amor. O amor humano, devemos lembrar, está misturado com atributos. Depende também da atitude do outro. As línguas indianas têm palavras para descrever esta interdependência de amor. O amor mais inferior é egoísta; consiste no prazer de ser amado. Dizemos na Índia: "Um dá a bochecha, o outro beija". Acima disso está o amor mútuo. Mas isso também cessa mutuamente. O

verdadeiro amor é tudo doação. Não queremos nem ver o outro, nem fazer nada para expressar o nosso sentimento. Basta dar. É quase impossível amar um ser humano assim, mas é possível amar a Deus.

Na Índia não há ideia de blasfêmia se meninos brigando nas ruas usarem o nome de Deus. Dizemos: “Coloque sua mão no fogo, e quer você sinta isso ou não, você será queimado. Portanto, pronunciar o nome de Deus só pode trazer o bem”.

A noção de blasfêmia vem dos judeus, que ficaram impressionados com o espetáculo da lealdade persa. As ideias de que Deus é juiz e punidor não são más em si mesmas, mas são baixas e vulgares. Os três ângulos do triângulo são: O amor não implora; O amor não conhece o medo; O amor é sempre o ideal.

"Quem seria capaz de viver um segundo,

Quem seria capaz de respirar por um momento,

Se o Amado não tivesse preenchido o universo?"

A maioria de nós descobrirá que nasceu para servir. Devemos deixar os resultados para Deus. O trabalho foi feito apenas por amor a Deus. Se o fracasso ocorrer, não haverá necessidade de tristeza. O trabalho foi feito apenas por amor a Deus.

Nas mulheres, a mãe natureza está muito desenvolvida. Eles adoram a Deus como uma criança. Eles não pedem nada e farão qualquer coisa.

A Igreja Católica ensina muitas destas coisas profundas e, embora seja estreita, é religiosa no sentido mais elevado. Na sociedade moderna, o protestantismo é amplo, mas superficial. Julgar a verdade pelo bem que ela traz é tão ruim quanto questionar o valor de uma descoberta científica para um bebê.

A sociedade deve ser superada. Devemos esmagar a lei e nos tornar bandidos. Permitimos a natureza, apenas para conquistá-la. A renúncia significa que ninguém pode servir a Deus e a Mamom.

Aprofunde seu próprio poder de pensamento e amor. Faça seu próprio lótus florescer: as abelhas surgirão por si mesmas. Acredite primeiro em você mesmo, depois em Deus. Um punhado de homens fortes moverá o mundo. Precisamos de um coração para sentir, de um cérebro para conceber e de um braço forte para fazer o trabalho. Buda se entregou pelos animais. Torne-se um agente adequado para trabalhar. Mas é Deus quem trabalha, não você. Um homem contém todo o universo. Uma partícula de matéria tem toda a energia do universo em suas costas. Num conflito entre o coração e o cérebro, siga o seu coração.

Ontem, a concorrência era a lei. Hoje, a cooperação é a lei. Amanhã não há lei. Deixe os sábios te louvarem ou deixe o mundo culpar. Deixe a própria fortuna vir, ou deixe que a pobreza e os trapos olhem de frente. Coma as ervas da floresta, um dia, como alimento; e no próximo, compartilhe um banquete de cinquenta pratos. Não olhando nem para a direita nem para a esquerda, siga em frente!

O Swami começou contando, em resposta a perguntas, a história de como Pavhâri Bâbâ arrebatou seus próprios recipientes e correu atrás do ladrão, apenas para cair a seus pés e dizer:

"Ó Senhor, eu não sabia que Tu estavas lá! Leve-os! Eles são Teus! Perdoe-me, Teu filho!"

Novamente ele contou como o mesmo santo foi picado por uma cobra, e quando, ao anoitecer, ele se recuperou, disse: "Um mensageiro do Amado veio até mim".

8.4.14 JNANA E KARMA

(Notas de uma palestra proferida em Londres, em 23 de novembro de 1895)

A maior força é derivada do poder do pensamento. Quanto mais fino o elemento, mais poderoso ele é. O poder silencioso do pensamento influencia as pessoas mesmo à distância, porque a mente é uma e também muitas. O universo é uma teia de aranha; mentes são aranhas.

O universo é igual aos fenômenos de um Ser Universal. Ele, visto através dos nossos sentidos, é o universo. Esta é a Maia. Então o mundo é ilusão, ou seja, a visão imperfeita do Real, uma semi-revelação, assim como o sol da manhã é uma bola vermelha. Assim, todos os males e maldades são apenas fraqueza, a visão imperfeita do bem.

Uma linha reta projetada infinitamente torna-se um círculo. A busca pelo bem volta ao Eu. Eu sou todo o mistério, Deus. Sou um corpo, o eu inferior; e eu sou o Senhor do universo.

Por que um homem deveria ser moral e puro? Porque isso fortalece sua vontade. Tudo o que fortalece a vontade revelando a verdadeira natureza é moral. Tudo o que faz o contrário é imoral. O padrão varia de país para país, de indivíduo para indivíduo. O homem deve recuperar do seu estado de escravidão às leis, às palavras, e assim por diante. Não temos liberdade de vontade agora, mas teremos quando formos livres. A renúncia é esta renúncia ao mundo. Através dos sentidos, vem a raiva e a tristeza. Enquanto a renúncia não existir, o eu e a paixão que o anima serão diferentes. Finalmente eles se identificam e o homem é imediatamente um animal. Torne-se possuído pelo sentimento de renúncia.

Uma vez tive um corpo, nasci, lutei e morri: Que alucinações horríveis! Pensar que alguém estava com o corpo apertado, chorando pela salvação!

Mas será que a renúncia exige que todos nos tornemos ascetas? Quem então deve ajudar os outros? Renúncia não é ascetismo. Todos os mendigos são Cristo? A pobreza não é sinónimo de santidade; muitas vezes o inverso. A renúncia é da mente. Como isso acontece? Num deserto, quando estava com sede, vi um lago. Estava no meio de uma bela paisagem. Havia árvores ao redor e seus reflexos podiam ser vistos na água, de cabeça para baixo. Mas tudo se revelou uma miragem. Então eu soube que todos os dias durante um mês eu tinha visto isso; e só naquele dia, com sede, aprendi que isso era irreal. Todos os dias, durante um mês, eu deveria vê-lo novamente. Mas eu nunca deveria considerar isso real. Assim, quando chegarmos a Deus, a ideia do universo, do corpo e assim por diante, desaparecerá. Ele retornará depois. Mas da próxima vez saberemos que é irreal.

A história do mundo é a história de pessoas como Buda e Jesus. Os sem paixão e desapegados fazem mais pelo mundo. Imagine Jesus nas favelas. Ele vê além da miséria: “Vocês, meus irmãos, são todos divinos”. Seu trabalho é tranquilo. Ele remove as causas. Você será capaz de trabalhar para o bem do mundo quando souber com certeza que todo esse trabalho é ilusão. Quanto mais inconsciente for esse trabalho, melhor, porque então será mais superconsciente. Nossa busca não é pelo bem ou pelo mal; mas a felicidade e o bem estão mais próximos da verdade do que os seus opostos. Um homem enfiou um espinho no dedo e com outro espinho o arrancou. O primeiro espinho é o Mal. O segundo espinho é bom. O Ser é aquela Paz que vai além do mal e do bem. O universo está derretendo: o homem se aproxima de Deus. Por um momento ele é real – Deus. Ele é rediferenciado – um profeta. Diante dele, agora, o mundo treme. Um tolo dorme e acorda um tolo – um homem inconsciente; e superconsciente, ele retorna com poder, pureza e amor infinitos - o Deus-Homem. Este é o uso do estado superconsciente.

A sabedoria pode ser praticada mesmo no campo de batalha. O Gitâ foi pregado assim. Existem três estados de espírito: o ativo, o passivo e o sereno. O estado passivo é caracterizado por vibrações lentas; o ativo pelas vibrações rápidas e o sereno pelas vibrações mais intensas de todas. Saiba que a alma está sentada na carruagem. O corpo é a carruagem; os sentidos externos são os cavalos; e a mente as rédeas; e o intelecto, o cocheiro. Assim o homem atravessa o oceano de Maya. Ele vai além. Ele chega a Deus. Quando um homem está sob o controle dos seus sentidos, ele pertence a este mundo. Quando ele controlou os sentidos, ele renunciou.

Mesmo o perdão, se for fraco e passivo, não é verdadeiro: lutar é melhor. Perdoe quando você puder levar legiões de anjos à vitória. Krishna, o cocheiro de Arjuna, o ouve dizer: “Perdoemos nossos inimigos”, e responde: “Você fala as palavras de homens sábios, mas não é um homem sábio, mas um covarde”. Como uma folha de lótus, vivendo na água, mas intocada por ela, assim deveria ser a alma no mundo. Este é um campo de batalha, lute para sair. A vida neste mundo é uma tentativa de ver Deus. Faça da sua vida uma manifestação de vontade fortalecida pela renúncia.

Devemos aprender a controlar conscientemente todos os nossos centros cerebrais. O primeiro passo é a alegria de viver. O ascetismo é diabólico. Rir é melhor do que orar. Cantar. Livre-se da miséria. Pelo amor de Deus, não contamine outras pessoas com isso. Nunca pense que Deus vende um pouco de felicidade e um pouco de infelicidade. Cerque-se de flores, imagens e incenso. Os santos foram ao topo das montanhas para desfrutar da natureza.

O segundo passo é a pureza.

O terceiro é o treinamento completo da mente. Raciocine o que é verdadeiro daquilo que não é verdade. Veja que somente Deus é verdadeiro. Se por um momento você pensar que não é Deus, um grande terror se apoderará de você. Assim que você pensar “Eu sou Ele”, grande paz e alegria virão até você. Controle os sentidos. Se um homem me amaldiçoar, eu ainda veria nele Deus, a quem, através da minha fraqueza, vejo como um amaldiçoador. O pobre homem a quem você faz o bem está lhe concedendo um privilégio. Ele permite que você, através de Sua misericórdia, O adore dessa forma.

A história do mundo é a história de alguns homens que tiveram fé em si mesmos. Essa fé chama a divindade interior. Você pode fazer qualquer coisa. Você falha apenas quando não se esforça o suficiente para manifestar o poder infinito. Assim que um homem ou uma nação perde a fé, a morte chega.

Existe um divino interior que não pode ser superado nem pelos dogmas da igreja nem pela difamação. Um punhado de gregos fala onde quer que haja civilização. Deve haver sempre alguns erros. Não se preocupe. Tenha uma ótima visão. Não pense: "O que está feito está feito. Oh, isso foi feito melhor!" Se o homem não fosse Deus, a humanidade já teria enlouquecido, com as suas litanias e as suas penitências.

Ninguém será deixado, ninguém será destruído. No final, tudo será aperfeiçoado. Diga, dia e noite: "Subam, meus irmãos! Vocês são o oceano infinito de pureza! Sejam Deus! Manifestem-se como Deus!"

O que é civilização? É o sentimento do divino interior. Quando encontrar tempo, repita essas ideias para si mesmo e deseje a liberdade. Isso é tudo.

Negue tudo que não seja Deus. Afirme tudo o que é Deus. Afirme isso mentalmente, dia e noite. Então o véu fica mais fino:

"Não sou homem nem anjo. Não tenho sexo nem limite. Sou o próprio conhecimento. Eu sou Ele. Não tenho raiva nem ódio. Não tenho dor nem prazer. Morte ou nascimento nunca tive. Pois sou Conhecimento Absoluto , e Felicidade Absoluta eu sou Ele, minha alma, eu sou Ele!

Encontre-se sem corpo. Você nunca teve um corpo. Era tudo superstição. Devolva a consciência divina a todos os pobres, os oprimidos, os oprimidos e os doentes.

Aparentemente, a cada quinhentos anos ou mais, uma onda desse pensamento se espalha pelo mundo. Pequenas ondas surgem em muitas direções: mas uma engole todas as outras e varre a sociedade. Aquela onda que tem mais personalidade faz isso.

Confúcio, Moisés e Pitágoras; Buda, Cristo, Maomé; Lutero, Calvino e os Sikhs; Teosofia, Espiritismo e similares; tudo isso significa apenas a pregação do Divino-no-Homem.

Nunca diga que o homem é fraco. Sabedoria-Yoga não é melhor que os outros. O amor é o ideal e não requer nenhum objeto. Amor é Deus. Assim, mesmo através da devoção alcançamos o Deus subjetivo. Eu sou ele! Como se pode trabalhar se não se ama a cidade, o campo, os animais, o universo? A razão leva à descoberta da unidade na variedade. Deixe o ateu e o agnóstico trabalharem pelo bem social. Então Deus vem.

Mas você deve se proteger contra isso: não perturbe a fé de ninguém. Pois você deve saber que a religião não está nas doutrinas. A religião reside no ser e no tornar-se, na realização. Todos os homens nascem idólatras. O homem inferior é um animal. O homem mais elevado é perfeito. E entre estes dois, todos têm que pensar em som e cor, em doutrina e ritual.

O teste para ter deixado de ser um idólatra é: “Quando você diz 'eu', o corpo entra em seu pensamento ou não? Se isso acontecer, então você ainda é um adorador de ídolos”. A religião não é de forma alguma um jargão intelectual, mas sim uma realização. Se você pensa em Deus, você é apenas

um tolo. O homem ignorante, através da oração e da devoção, pode ir além do filósofo. Para conhecer a Deus não é necessária nenhuma filosofia. Nosso dever é não perturbar a fé dos outros. Religião é experiência. Acima de tudo e em tudo, seja sincero; a identificação traz miséria, porque traz desejo. Assim, o pobre vê ouro e se identifica com a necessidade de ouro. Seja a testemunha. Aprenda a nunca reagir.

8.4.15 AS REIVINDICAÇÕES DO VEDANTA SOBRE O MUNDO MODERNO

(Relatório de uma palestra proferida em Oakland no domingo, 25 de fevereiro de 1900, com

comentários editoriais do Oakland Enquirer)

O anúncio de que Swami Vivekananda, um ilustre sábio do Oriente, exporia a filosofia do Vedanta no Parlamento das Religiões na Igreja Unitária na noite passada, atraiu uma imensa multidão. O auditório principal e as antessalas ficaram lotados, o auditório anexo do Wendte Hall foi aberto, e este também ficou lotado, e estima-se que 500 pessoas, que não conseguiram assentos ou lugares em pé onde pudessem ouvir convenientemente, foram rejeitados.

O Swami criou uma impressão marcante. Frequentemente recebia aplausos durante a palestra e, ao concluir, contava com uma multidão de admiradores entusiasmados. Ele disse em parte, sob o tema “As Reivindicações do Vedanta no Mundo Moderno”:

O Vedanta exige a consideração do mundo moderno. O maior número da raça humana está sob sua influência. Repetidas vezes, milhões e milhões atacaram os seus adeptos na Índia, esmagando-os com a sua grande força, e ainda assim a religião continua viva.

Em todas as nações do mundo, será possível encontrar tal sistema? Outros surgiram para ficar sob sua sombra. Nasceram como cogumelos, hoje estão vivos e florescendo e amanhã desaparecerão. Não será esta a sobrevivência do mais apto?

É um sistema ainda não completo. Ela vem crescendo há milhares de anos e ainda está crescendo. Portanto, posso dar-lhe apenas uma ideia de tudo o que diria em uma breve hora.

Primeiro, para contar a história da ascensão do Vedanta. Quando surgiu, a Índia já havia aperfeiçoado uma religião. A sua cristalização já se arrastava há muitos anos. Já havia cerimônias elaboradas; já havia sido aperfeiçoado um sistema de moral para as diferentes fases da vida. Mas surgiu uma rebelião contra as zombarias e zombarias que invadiram muitas religiões ao longo do tempo, e grandes homens surgiram para proclamar através dos Vedas a verdadeira religião. Os hindus receberam sua religião da revelação destes Vedas. Foi-lhes dito que os Vedas não tinham começo nem fim. Pode parecer ridículo para este público – como um livro pode não ter começo nem fim; mas pelos Vedas nenhum livro se refere a nenhum livro. Significam o tesouro acumulado de leis espirituais descobertas por diferentes pessoas em diferentes épocas.

Antes da chegada desses homens, já existiam as idéias populares de um Deus governando o universo e de que o homem era imortal. Mas aí eles pararam. Pensava-se que nada mais poderia ser conhecido. Aí veio a ousadia dos expositores do Vedanta. Eles sabiam que a religião destinada às crianças não é boa para os homens pensantes; que há algo mais entre o homem e Deus.

O agnóstico moral conhece apenas a natureza externa morta. A partir disso ele formaria a lei do universo. Ele poderia muito bem cortar meu nariz e pretender formar uma ideia de todo o meu corpo, argumentando assim. Ele deve olhar para dentro. As estrelas que varrem os céus, até mesmo o universo, são apenas uma gota no balde. Seu agnóstico não vê o melhor e fica assustado com o universo.

O mundo do espírito é maior que tudo – o Deus do universo que governa – nosso Pai, nossa Mãe. O que é essa palhaçada pagã que chamamos de mundo? Há miséria por toda parte. A criança nasce com um grito nos lábios; é sua primeira expressão. Esta criança torna-se um homem, e tão habituado à miséria que a dor do coração é escondida por um sorriso nos lábios.

Onde está a solução deste mundo? Quem olha para fora nunca o encontrará; eles devem voltar os olhos para dentro e encontrar a verdade. A religião vive lá dentro.

Um homem prega, se você cortar sua cabeça, você terá a salvação. Mas ele consegue alguém para segui-lo? O seu próprio Jesus diz: “Dê tudo aos pobres e siga-me”. Quantos de vocês já fizeram isso? Você não seguiu esta ordem e, ainda assim, Jesus foi o grande professor da sua religião. Cada um de vocês é prático em sua própria vida e acham que isso seria impraticável.

Mas o Vedanta não oferece nada que seja impraticável. Cada ciência deve ter seu próprio assunto para trabalhar. Todos necessitam de certas condições e de muito treino e aprendizagem; mas qualquer Jack na rua pode lhe contar tudo sobre religião. Você pode querer seguir uma religião e seguir um especialista, mas talvez você só queira conversar com Jack, pois ele pode falar sobre isso.

Você deve lidar com a religião como com a ciência, entrar em contato direto com os fatos e sobre essa base construir uma estrutura maravilhosa.

Para ter uma religião verdadeira é preciso ter instrumentos. A crença não está em questão; de fé você não pode fazer nada, pois você pode acreditar em qualquer coisa.

Sabemos que na ciência à medida que aumentamos a velocidade, a massa diminui; e à medida que aumentamos a massa, a velocidade diminui. Assim temos matéria e força. A matéria, não sabemos como, desaparece em força e a força em matéria. Portanto, há algo que não é nem força nem matéria, pois estes dois não podem desaparecer um no outro. Isto é o que chamamos de mente – a mente universal.

Seu corpo e meu corpo estão separados, você diz. Sou apenas um pequeno redemoinho no oceano universal da humanidade. Um redemoinho, é verdade, mas uma parte do grande oceano.

Você fica ao lado da água em movimento, onde cada partícula está mudando, e ainda assim você chama isso de riacho. A água está mudando, é

verdade, mas as margens continuam as mesmas. A mente não está mudando, mas o corpo – quão rápido é o seu crescimento! Fui um bebê, um menino, um homem, e em breve serei um homem velho, curvado e envelhecido. O corpo está mudando, e você diz: a mente não está mudando também? Quando eu era criança, pensava: tornei-me maior, porque minha mente é um mar de impressões.

Há por trás da natureza uma mente universal. O espírito é simplesmente uma unidade e não é matéria. Pois o homem é um espírito. A pergunta: “Para onde vai a alma após a morte?” deveria ser respondida como o menino quando perguntou: “Por que a terra não cai?” As questões são semelhantes e as suas soluções são semelhantes; pois para onde poderia ir a alma?

Para você que fala de imortalidade, eu pediria, quando voltar para casa, que tente imaginar que está morto. Fique parado e toque seu cadáver. Você não pode, pois não pode sair de si mesmo. A questão não é sobre a imortalidade, mas se Jack encontrará sua Jenny após a morte.

O grande segredo da religião é saber por si mesmo que você é um espírito. Não grite: “Sou um verme, não sou ninguém!” Como diz o poeta: “Eu sou Existência, Conhecimento e Verdade”. Nenhum homem pode fazer qualquer bem no mundo clamando: “Eu sou um dos seus males”. Quanto mais perfeito, menos imperfeições você vê.

8.4.16 AS LEIS DA VIDA E DA MORTE

(Relatório de uma palestra proferida em Oakland em 7 de março de 1900, com comentários editoriais do Oakland Tribune)

Swami Vivekananda deu uma palestra ontem à noite sobre o tema “As Leis da Vida e da Morte”. O Swami disse: “Como se livrar deste nascimento e morte – não como ir para o céu, mas como alguém pode parar de ir para o céu – este é o objeto da busca do hindu”.

O Swami continuou dizendo que nada permanece isolado – tudo faz parte da interminável procissão de causa e efeito. Se existem seres superiores ao

homem, eles também devem obedecer às leis. A vida só pode surgir da vida, o pensamento do pensamento, a matéria da matéria. Um universo não pode ser criado a partir da matéria. Ela existe desde sempre. Se os seres humanos viessem ao mundo recém-saídos das mãos da natureza, viriam sem impressões; mas não viemos dessa forma, o que mostra que não fomos criados de novo. Se as almas humanas são criadas do nada, o que as impede de voltar ao nada? Se quisermos viver todo o tempo no futuro, devemos ter vivido todo o tempo no passado.

É crença dos hindus que a alma não é mente nem corpo. O que é que permanece estável – que pode dizer: “Eu sou eu”? Não o corpo, pois está sempre mudando; e não a mente, que muda mais rapidamente do que o corpo, que nunca tem os mesmos pensamentos nem por alguns minutos. Deve haver uma identidade que não mude – algo que seja para o homem o que as margens são para o rio – as margens que não mudam e sem cuja imobilidade não teríamos consciência do fluxo em constante movimento. Atrás do corpo, atrás da mente, deve haver algo, a saber, a alma, que unifica o homem. A mente é apenas o excelente instrumento através do qual a alma – o mestre – atua sobre o corpo. Na Índia dizemos que um homem abandonou o seu corpo, enquanto você diz que um homem abandonou o seu fantasma. Os hindus acreditam que o homem é uma alma e tem um corpo, enquanto os ocidentais acreditam que ele é um corpo e possui uma alma.

A morte supera tudo o que é complexo. A alma é um elemento único, não composta de mais nada e, portanto, não pode morrer. Pela sua própria natureza, a alma deve ser imortal. Corpo, mente e alma giram na roda da lei – ninguém pode escapar. Não podemos transcender a lei, assim como não podemos transcender as estrelas, assim como o sol – tudo é um universo de leis. A lei do Karma é que toda ação deve ser seguida, mais cedo ou mais tarde, por um efeito. A semente egípcia que foi tirada da mão de uma múmia depois de 5.000 anos e que ganhou vida quando plantada é o tipo de influência sem fim dos atos humanos. A ação nunca pode morrer sem produzir ação. Agora, se os nossos actos só podem produzir os seus efeitos apropriados neste plano de existência, segue-se que todos devemos voltar para completar o círculo de causas e efeitos. Esta é a doutrina da reencarnação. Somos os escravos da lei, os escravos da conduta, os escravos da sede, os escravos do desejo, os escravos de mil coisas. Somente

fugindo da vida poderemos escapar da escravidão para a liberdade. Deus é o único que é livre. Deus e a liberdade são um e o mesmo.

8.4.17 A REALIDADE E A SOMBRA

(Relatório de uma palestra proferida em Oakland em 8 de março de 1900,
com comentários editoriais

do Oakland Tribune)

Swami Vivekananda, o filósofo hindu, proferiu outra palestra no Wendte Hall na noite passada. Seu tema foi: “A Realidade e a Sombra”. Ele disse:

"A alma do homem está sempre lutando pela certeza, para encontrar algo que não mude. Ela nunca está satisfeita. A riqueza, a gratificação da ambição ou do apetite são todos mutáveis. Uma vez alcançados, o homem não fica satisfeito. A religião é o ciência que nos ensina como satisfazer esse anseio pelo imutável. Por trás de todas as cores e derivações locais, eles ensinam a mesma coisa - que só existe realidade na alma do homem.

“A filosofia do Vedanta ensina que existem dois mundos, o externo ou sensorial, e o interno ou subjetivo – o mundo do pensamento.

"Ele postula três conceitos fundamentais - tempo, espaço e causação. Destes constitui-se Mâyâ, a base essencial do pensamento humano, não o produto do pensamento. Esta mesma conclusão foi alcançada posteriormente pelo grande filósofo alemão Kant.

"Minha realidade, a da natureza e a de Deus, é a mesma, a diferença está na forma de manifestação. A diferenciação é causada por Maya. O contorno da costa pode moldar o oceano em uma baía, estreito ou enseada; mas quando isso a força modeladora ou Maya é removida, a forma separada desaparece, a diferenciação cessa, tudo é oceano novamente.”

O Swami então falou sobre as raízes da teoria da evolução encontradas na filosofia Vedanta.

Todas as religiões modernas começam com a ideia”, continuou o orador, “de que o homem já foi puro, caiu e se tornará puro novamente. Não vejo de onde tiraram essa ideia. A sede do conhecimento é a alma; as circunstâncias externas simplesmente estimulam a alma; o conhecimento é o poder da alma. Século após século, ela vem fabricando corpos. As diversas formas de encarnação são apenas capítulos sucessivos da história da vida da alma. Estamos constantemente construindo nossos corpos. Todo o universo está num estado de fluxo, de expansão e contração, de mudança. Vedanta afirma que a alma nunca muda em essência, mas é modificada por Maya. A natureza é Deus limitado pela mente. A evolução da natureza é a modificação da alma. A alma em essência é a mesma em todas as formas de ser. Sua expressão é modificada pelo corpo. Esta unidade da alma, esta substância comum da humanidade, é a base da ética e da moralidade. Neste sentido, todos são um, e ferir o irmão é ferir a si mesmo.

"O amor é simplesmente uma expressão desta unidade infinita. Com base em que sistema dualista você pode explicar o amor? Um dos filósofos europeus diz que beijar é uma sobrevivência do canibalismo, uma espécie de expressão de 'quão bom você tem'. Eu não acredito isto.

"O que todos nós buscamos? Liberdade. Todo o esforço e luta da vida é pela liberdade. É a marcha universal das raças, dos mundos e dos sistemas.

"Se estamos presos, quem nos prendeu? Nenhum poder pode prender o Infinito, exceto ele mesmo."

Depois do discurso, houve oportunidade para fazer perguntas ao orador, que dedicou meia hora para respondê-las.

8.4.18 CAMINHO PARA A SALVAÇÃO

(Relatório de uma palestra proferida em Oakland na segunda-feira, 12 de março de 1900, com

comentários editoriais do Oakland Enquirer)

O Wendte Hall da Primeira Igreja Unitarista estava lotado ontem à noite com um grande público para ouvir o “Caminho para a Salvação” do ponto de vista do sacerdote hindu, Swami Vivekananda. Esta foi a última palestra de uma série de três que o Swami proferiu. Ele disse em parte:

Um homem diz que Deus está no céu, outro que Deus está na natureza e presente em todos os lugares. Mas quando chega a grande crise, descobrimos que o objetivo é o mesmo. Todos trabalhamos em planos diferentes, mas o final não é diferente.

As duas grandes palavras de ordem de toda grande religião são a renúncia e o auto-sacrifício. Todos nós queremos a verdade e sabemos que ela deve acontecer, quer queiramos ou não. De certa forma, todos nós lutamos por esse bem. E o que nos impede de alcançá-lo? Somos nós mesmos. Seus ancestrais costumavam chamar isso de diabo; mas é o nosso próprio falso eu.

Vivemos em escravidão e morreríamos se estivessemos fora dela. Somos como o homem que viveu na escuridão total durante noventa anos e quando foi levado para o sol quente da natureza, rezou para ser levado de volta à sua masmorra. Você não deixaria esta velha vida para entrar em uma liberdade mais nova e maior que se abre.

A grande dificuldade é ir ao cerne das coisas. Esses pequenos delírios degradantes de Jack Fulano de Tal, que pensa ter uma alma infinita, por menor que seja com suas diferentes religiões. Num país, por uma questão de religião, um homem tem muitas esposas; em outra, uma mulher tem muitos maridos. Portanto, alguns homens têm dois deuses, alguns têm um Deus e outros não têm Deus algum.

Mas a salvação está no trabalho e no amor. Você aprende algo completamente; com o tempo, você pode não conseguir lembrar aquela coisa. No entanto, penetrou na sua consciência interior e faz parte de você. Assim, à medida que você trabalha, seja ele bom ou ruim, você molda seu futuro curso de vida. Se você fizer um bom trabalho com a ideia de trabalho – trabalhar pelo trabalho – você irá para o céu da sua ideia e sonhará com o céu.

A história do mundo não é dos seus grandes homens, dos seus semideuses, mas sim das pequenas ilhas do mar, que se constroem em grandes continentes a partir de fragmentos da deriva do mar. Então a história do mundo está nos pequenos atos de sacrifício realizados em cada família. O homem aceita a religião porque não deseja se basear em seu próprio julgamento. Ele considera isso a melhor maneira de sair de um lugar ruim.

A salvação do homem está no grande amor com que ama o seu Deus. Sua esposa diz: “Ó John, eu não poderia viver sem você”. Alguns homens quando perdem o dinheiro têm que ser mandados para o asilo. Você se sente assim em relação ao seu Deus? Quando você consegue abrir mão do dinheiro, dos amigos, dos pais e mães, dos irmãos e irmãs, de tudo o que existe no mundo e apenas orar a Deus para que Ele lhe conceda algo do Seu amor, então você encontrou a salvação.

8.4.19 O POVO DA ÍNDIA

(Relatório de uma palestra proferida em Oakland na segunda-feira, 19 de março de 1900, com

comentários editoriais do Oakland Enquirer)

A palestra que o Swami Vivekananda proferiu na noite de segunda-feira em seu novo curso sobre "O Povo da Índia" foi interessante, não apenas pelo que ele tinha a relatar sobre o povo daquele país, mas pela compreensão de suas atitudes mentais e preconceitos que o orador deu sem realmente querer dizer isso. É evidente que o Swami, homem educado e intelectual que é, não é nenhum admirador da civilização ocidental. Evidentemente, ele ficou bastante amargurado com a conversa sobre as crianças viúvas, a opressão das mulheres e outras barbáries alegadas contra o povo da Índia, e está um tanto inclinado a recorrer ao tu quoque em resposta.

Ao iniciar seu discurso, ele deu aos ouvintes uma ideia das características raciais do povo. Ele disse que o vínculo de unidade na Índia, como em outros países da Ásia, não é a língua ou a raça, mas a religião. Na Europa a raça faz a nação, mas na Ásia pessoas de diversas origens e línguas diferentes tornam-se uma nação se tiverem a mesma religião. O povo do

Norte da Índia está dividido em quatro grandes classes, enquanto no Sul da Índia as línguas são tão diferentes das do Norte da Índia que não existe qualquer parentesco. O povo do Norte da Índia pertence à grande raça ariana, à qual todos os povos da Europa, excepto os bascos nos Pirenéus, e os finlandeses, supostamente pertencem. O povo do sul da Índia pertence à mesma raça dos antigos egípcios e dos semitas. Para ilustrar as dificuldades de aprender as línguas uns dos outros na Índia, o Swami disse que quando tinha a oportunidade de ir ao sul da Índia, sempre conversava com os nativos em inglês, a menos que pertencessem aos poucos selecionados que falavam sânscrito.

Grande parte da palestra foi dedicada a uma discussão sobre o sistema de castas que o Swami caracterizou dizendo que tinha seu lado ruim, mas que seus benefícios superavam suas desvantagens. Em resumo, este sistema de castas cresceu pela prática do filho sempre seguir os negócios do pai. Com o passar do tempo, a comunidade passou a ser dividida em uma série de classes, cada uma mantida rigidamente dentro de seus próprios limites. Mas ao mesmo tempo que isto dividia o povo, também o unia, porque todos os membros de uma casta eram obrigados a ajudar os seus semelhantes em caso de necessidade. E como nenhum homem poderia sair da sua casta, os hindus não têm lutas pela supremacia social ou pessoal que amarguem os povos de outros países.

A pior característica da casta é que ela suprime a concorrência, e o controlo da concorrência tem sido realmente a causa da queda política da Índia e da sua conquista por raças estrangeiras.

Respeitando o tão discutido assunto do casamento, os hindus são socialistas e não vêem nada de bom nos casamentos feitos por um casal de jovens que podem ser apegados um ao outro, sem levar em conta o bem-estar da comunidade, que é mais importante do que isso. de quaisquer duas pessoas. “Porque eu amo Jennie e Jennie me ama”, disse o Swami, “não há razão para nos casarmos”.

Ele negou que a condição das crianças viúvas seja tão ruim quanto tem sido representado, dizendo que na Índia a posição das viúvas em geral é de grande influência, porque grande parte da propriedade do país é detida por

viúvas. . Na verdade, a posição das viúvas é tão invejável que uma mulher ou um homem quase poderia orar para ficar viúvo.

As crianças viúvas, ou as mulheres que ficaram noivas de crianças que morreram antes do casamento, poderiam ter pena se o casamento fosse o único objectivo real na vida, mas, de acordo com o modo de pensar hindu, o casamento é mais um dever do que um privilégio, e a negação do direito das crianças viúvas de se casarem não constitui uma dificuldade especial.

8.4.20 EU SOU O QUE SOU

(Notas de uma palestra proferida em São Francisco em 20 de março de 1900)

O assunto desta noite é o homem, o homem em contraste com a natureza. Durante muito tempo a palavra “natureza” foi usada quase exclusivamente para denotar fenômenos externos. Descobriu-se que esses fenômenos se comportavam metodicamente; e muitas vezes se repetiam: o que havia acontecido no passado aconteceu de novo – nada aconteceu apenas uma vez. Assim concluiu-se que a natureza era uniforme. A uniformidade está intimamente associada à ideia de natureza; sem ele os fenômenos naturais não podem ser compreendidos. Essa uniformidade é a base do que chamamos de direito.

Gradualmente, a palavra "natureza" e a ideia de uniformidade passaram a ser aplicadas também aos fenômenos internos, aos fenômenos da vida e da mente. Tudo o que é diferenciado é a natureza. A natureza é a qualidade da planta, a qualidade do animal e a qualidade do homem. A vida do homem se comporta de acordo com métodos definidos; o mesmo acontece com sua mente. Os pensamentos não acontecem simplesmente, existe um certo método em sua ascensão, existência e queda. Em outras palavras, assim como os fenômenos externos estão sujeitos à lei, os fenômenos internos, isto é, a vida e a mente do homem, também estão sujeitos à lei.

Quando consideramos a lei em relação à mente e à existência do homem, torna-se imediatamente óbvio que não pode existir livre arbítrio e livre existência. Sabemos como a natureza animal é totalmente regulamentada

por lei. O animal não parece exercer qualquer livre arbítrio. O mesmo se aplica ao homem; a natureza humana também está sujeita à lei. A lei que rege as funções da mente humana é chamada de lei do Karma.

Ninguém jamais viu nada ser produzido do nada; se alguma coisa surge na mente, também deve ter sido produzida a partir de alguma coisa. Quando falamos de livre arbítrio, queremos dizer que a vontade não é causada por nada. Mas isso não pode ser verdade, a vontade é causada; e uma vez que é causado, não pode ser livre – está sujeito à lei. Que eu esteja disposto a falar com você e você venha me ouvir, isso é lei. Tudo o que faço, penso ou sinto, cada parte da minha conduta ou comportamento, cada movimento meu – tudo é causado e, portanto, não é livre. Esta regulação da nossa vida e mente – essa é a lei do Karma.

Se tal doutrina tivesse sido introduzida em tempos antigos numa comunidade ocidental, teria produzido uma tremenda comoção. O homem ocidental não quer pensar que a sua mente é governada pela lei. Na Índia, foi aceito assim que foi proposto pelo mais antigo sistema filosófico indiano. Não existe liberdade da mente; não pode ser. Por que este ensinamento não criou qualquer perturbação na mente indiana? A Índia recebeu-o com calma; essa é a especialidade do pensamento indiano, onde difere de todos os outros pensamentos do mundo.

As naturezas externa e interna não são duas coisas diferentes; eles são realmente um. A natureza é a soma total de todos os fenômenos. “Natureza” significa tudo o que existe, tudo o que se move. Fazemos uma tremenda distinção entre matéria e mente; pensamos que a mente é totalmente diferente da matéria. Na verdade, eles são apenas uma natureza, metade da qual atua continuamente na outra metade. A matéria pressiona a mente na forma de várias sensações. Essas sensações nada mais são do que força. A força de fora evoca a força de dentro. Da vontade de responder ou de se afastar da força externa, a força interna se torna o que chamamos de pensamento.

Tanto a matéria quanto a mente nada mais são do que forças; e se você analisá-los o suficiente, descobrirá que no fundo eles são um só. O próprio facto de a força externa poder de alguma forma evocar a força interna mostra que algures elas se juntam – devem ser contínuas e, portanto,

basicamente a mesma força. Quando você chega à raiz das coisas, elas se tornam simples e gerais. Visto que a mesma força aparece numa forma como matéria e noutra forma como mente, não há razão para pensar que matéria e mente são diferentes. A mente se transforma em matéria, a matéria se transforma em mente. A força do pensamento torna-se força nervosa, força muscular; a força muscular e nervosa torna-se força do pensamento. A natureza é toda essa força, expressada como matéria ou mente.

A diferença entre a mente mais sutil e a matéria mais grosseira é apenas de grau. Portanto, todo o universo pode ser chamado de mente ou de matéria, não importa qual. Você pode chamar a mente de matéria refinada ou o corpo de mente concretizada; faz pouca diferença o nome pelo qual você chama qual. Todos os problemas decorrentes do conflito entre o materialismo e a espiritualidade são devidos ao pensamento errado. Na verdade, não há diferença entre os dois. Eu e o porco mais baixo diferimos apenas em grau. É menos manifestado, eu sou mais. Às vezes estou pior, o porco está melhor.

Nem adianta discutir o que vem primeiro – a mente ou a matéria. É a mente que vem primeiro, de onde surgiu a matéria? Ou é a matéria que vem primeiro, da qual a mente surgiu? Muitos dos argumentos filosóficos procedem destas questões fúteis. É como perguntar se o ovo ou a galinha vem primeiro. Ambos são os primeiros e ambos os últimos – mente e matéria, matéria e mente. Se eu disser que a matéria existe primeiro e que a matéria, tornando-se cada vez mais sutil, torna-se mente, então devo admitir que antes da matéria deve ter existido a mente. Caso contrário, de onde veio a matéria? A matéria precede a mente, a mente precede a matéria. É a questão da galinha e do ovo o tempo todo.

Toda a natureza está sujeita à lei da causalidade e está no tempo e no espaço. Não podemos ver nada fora do espaço, mas não conhecemos o espaço. Não podemos perceber nada fora do tempo, mas não conhecemos o tempo. Não podemos compreender nada exceto em termos de causalidade, mas não sabemos o que é causalidade. Estas três coisas – tempo, espaço e causalidade – estão em e através de todos os fenômenos, mas não são fenômenos. São, por assim dizer, as formas ou moldes nos quais tudo deve

ser moldado antes de poder ser apreendido. A matéria é substância mais tempo, espaço e causalidade. A mente é substância mais tempo, espaço e causalidade.

Este fato pode ser expresso de outra forma. Tudo é substância mais nome e forma. Nome e forma vêm e vão, mas a substância permanece sempre a mesma. Substância, forma e nome compõem este jarro. Quando está quebrado, você não o chama mais de jarro, nem vê sua forma de jarro. Seu nome e forma desaparecem, mas sua substância permanece. Toda a diferenciação em substância é feita pelo nome e pela forma. Não existem reais, porque desaparecem. O que chamamos de natureza não é a substância, imutável e indestrutível. A natureza é tempo, espaço e causalidade. A natureza é nome e forma. A natureza é Maya. Maya significa nome e forma, na qual tudo é moldado. Maya não é real. Não poderíamos destruí-lo ou mudá-lo se fosse real. A substância é o númeno, Maya é o fenômeno. Existe o “eu” real que nada pode destruir, e existe o “eu” fenomenal que está continuamente mudando e desaparecendo.

O fato é que tudo que existe tem dois aspectos. Um é numênico, imutável e indestrutível; o outro é fenomenal, mutável e destrutível. O homem em sua verdadeira natureza é substância, alma, espírito. Esta alma, este espírito, nunca muda, nunca é destruído; mas parece estar revestido de uma forma e ter um nome associado a ele. Esta forma e nome não são imutáveis ou indestrutíveis; eles mudam continuamente e são destruídos. No entanto, os homens procuram tolamente a imortalidade neste aspecto mutável, no corpo e na mente – eles querem ter um corpo eterno. Eu não quero esse tipo de imortalidade.

Qual é a relação entre mim e a natureza? Na medida em que a natureza representa nome e forma ou tempo, espaço e causalidade, não faço parte da natureza, porque sou livre, sou imortal, sou imutável e infinito. A questão não se coloca se tenho livre arbítrio ou não; Estou além de qualquer vontade. Onde quer que haja vontade, nunca é livre. Não existe qualquer liberdade de vontade. Há liberdade daquilo que se torna vontade quando o nome e a forma se apoderam dele, tornando-o seu escravo. Essa substância – a alma – por assim dizer, molda-se a si mesma, por assim dizer, lança-se no molde do nome e da forma, e imediatamente fica presa, ao passo que

antes era livre. E, no entanto, a sua natureza original ainda está lá. É por isso que diz: “Sou livre; apesar de toda esta escravidão, sou livre”. E nunca se esquece disso.

Mas quando a alma se tornou vontade, ela não é mais realmente livre. A natureza puxa os cordelinhos e tem que dançar como a natureza quer. Assim você e eu dançamos ao longo dos anos. Todas as coisas que vemos, fazemos, sentimos, conhecemos, todos os nossos pensamentos e ações nada mais são do que dançar de acordo com os ditames da natureza. Não houve e não há liberdade em nada disso. Do mais baixo ao mais alto, todos os pensamentos e ações estão sujeitos a leis, e nenhum deles pertence ao nosso verdadeiro Eu.

Meu verdadeiro Eu está além de toda lei. Esteja em sintonia com a escravidão, com a natureza, e você viverá sob a lei, você será feliz sob a lei. Mas quanto mais você obedece à natureza e aos seus ditames, mais limitado você se torna; quanto mais em harmonia com a ignorância você estiver, mais estará à disposição de tudo no universo. Esta harmonia com a natureza, esta obediência à lei, está de acordo com a verdadeira natureza e destino do homem? Que mineral já brigou e contestou alguma lei? Que árvore ou planta já desafiou alguma lei? Esta mesa está em harmonia com a natureza, com a lei; mas permanece sempre uma mesa, não fica melhor. O homem começa a lutar e lutar contra a natureza. Ele comete muitos erros, ele sofre. Mas eventualmente ele conquista a natureza e realiza sua liberdade. Quando ele está livre, a natureza se torna sua escrava.

O despertar da alma para a sua escravidão e o seu esforço para se levantar e afirmar-se – isto é chamado vida. O sucesso nesta luta é chamado de evolução. O triunfo final, quando toda a escravidão for destruída, chama-se salvação, Nirvâna, liberdade. Tudo no universo está lutando pela liberdade. Quando estou limitado pela natureza, pelo nome e pela forma, pelo tempo, pelo espaço e pela causalidade, não sei o que realmente sou. Mas mesmo nesta escravidão o meu verdadeiro Eu não está completamente perdido. Eu me esforço contra as amarras; um por um, eles se quebram e me torno consciente de minha grandeza inata. Então vem a libertação completa. Alcanço a consciência mais clara e plena de mim mesmo - sei que sou o espírito infinito, o mestre da natureza, não seu escravo. Além de toda

diferenciação e combinação, além de espaço, tempo e causalidade, eu sou o que sou.

8.4.21 UNIDADE

(Notas de uma palestra proferida na Vedanta Society, Nova York, em junho de 1900)

Todos os diferentes sistemas sectários da Índia irradiam de uma ideia central de unidade ou dualismo.

Eles estão todos sob o Vedanta, todos interpretados por ele. A sua essência final é o ensino da unidade. Isto, que vemos como muitos, é Deus. Percebemos a matéria, o mundo, sensações múltiplas. No entanto, existe apenas uma existência.

Esses vários nomes marcam apenas diferenças de grau na expressão Daquele. O verme de hoje é o Deus de amanhã. Essas distinções que amamos são todas partes de um fato infinito e diferem apenas no grau de expressão. Esse fato infinito é a conquista da liberdade.

Por mais equivocados que estejamos quanto ao método, toda a nossa luta é realmente pela liberdade. Não buscamos nem miséria nem felicidade, mas liberdade. Este objetivo é o segredo da sede insaciável do homem. A sede do homem, diz o hindu, a sede do homem, diz o budista, é uma sede ardente e insaciável de mais e mais. Vocês, americanos, estão sempre em busca de mais prazer, mais diversão. Você não pode ficar satisfeito, é verdade; mas no fundo o que você procura é a liberdade.

Esta vastidão do seu desejo é realmente o sinal da própria infinitude do homem. É porque ele é infinito que só pode ser satisfeito quando o seu desejo é infinito e a sua realização infinita.

O que então pode satisfazer o homem? Não é ouro. Não é prazer. Não é beleza. Somente um Infinito pode satisfazê-lo, e esse Infinito é Ele mesmo. Quando ele percebe isso, só então vem a liberdade.

"Esta flauta, com os órgãos dos sentidos como fechadura,
Com todas as suas sensações, percepções e músicas,
Está cantando apenas uma coisa. Ansiamos por voltar ao
madeira de onde foi cortada!"

"Entregue-se sozinho!

Ah, não se deixe afundar!

Pois você é seu maior amigo.

E você mesmo é o seu maior inimigo."

Quem pode ajudar o Infinito? Até mesmo a mão que vem até você através da escuridão terá que ser a sua.

O medo e o desejo são as duas causas de tudo isto, e quem os cria? Nos mesmos. Nossas vidas são apenas uma passagem de sonho em sonho. Homem, o sonhador infinito, sonhando sonhos finitos!

Oh, que bênção é que nada externo pode ser eterno! Eles mal sabem o que querem dizer, cujos corações estremecem quando ouvem que nada neste mundo relativo pode ser eterno.

Eu sou o céu azul infinito. Sobre mim passam essas nuvens de várias cores, permanecem por um momento e desaparecem. Eu sou o mesmo azul eterno. Eu sou a testemunha, a mesma testemunha eterna de todos. Entendo, portanto a natureza existe. Eu não vejo, portanto ela não. Nenhum de nós poderia ver ou falar se esta unidade infinita fosse quebrada por um momento.

8.4.22 A ADORAÇÃO À MÃE DIVINA

(Notas fragmentárias tiradas numa tarde de domingo em Nova York, em junho de 1900)

Do Deus-tribal ou de clã, o homem chega, em todas as religiões, à soma, ao Deus dos deuses.

Somente Confúcio expressou a única ideia eterna de ética. "Manu Deva" foi transformado em Ahriman. Na Índia, a expressão mitológica foi suprimida; mas a ideia permaneceu. Num antigo Veda encontra-se o Mantra: "Eu sou a imperatriz de tudo o que vive, o poder em tudo".

A adoração à mãe é uma filosofia distinta em si. O poder é a primeira das nossas ideias. Ela atinge o homem a cada passo; o poder sentido dentro é a alma; sem, natureza. E a batalha entre os dois faz a vida humana. Tudo o que sabemos ou sentimos é apenas a resultante destas duas forças. O homem viu que o sol brilha tanto para os bons quanto para os maus. Aqui

estava uma nova ideia de Deus, como o Poder Universal por trás de tudo – nasceu a ideia-Mãe.

A atividade, segundo Sâmkhya, pertence à Prakriti, à natureza, não ao Purusha ou à alma. De todos os tipos femininos na Índia, a mãe é preeminente. A mãe apoia o filho em tudo. Esposa e filhos podem abandonar um homem, mas sua mãe nunca! A mãe, novamente, é a energia imparcial do universo, por causa do amor incolor que não pede, não deseja, não se importa com o mal em seu filho, mas o ama ainda mais. E hoje a adoração à Mãe é a adoração de todas as classes mais elevadas entre os Hindus.

O objetivo só pode ser descrito como algo ainda não alcançado. Aqui não há objetivo. Este mundo é todo parecido com o jogo da Mãe. Mas esquecemos isso. Até a miséria pode ser desfrutada quando não há egoísmo, quando nos tornamos testemunhas da nossa própria vida. O pensador desta filosofia ficou impressionado com a ideia de que um poder está por trás de todos os fenômenos. Em nosso pensamento sobre Deus, existe limitação humana, personalidade: com Shakti vem a ideia de Um Poder Universal. “Eu estico o arco de Rudra quando Ele deseja matar”, diz Shakti. Os Upanisads não desenvolveram este pensamento; pois o Vedanta não se importa com a ideia de Deus. Mas no Gita vem a frase significativa para Arjuna: “Eu sou o real e sou o irreal. Trago o bem e trago o mal.”

Mais uma vez a ideia dormiu. Mais tarde veio a nova filosofia. Este universo é um fato composto de bem e mal; e um Poder deve se manifestar através de ambos. “Um universo coxo de uma perna só produz um Deus coxo de uma perna só.” E isso, no final, nos leva à falta de simpatia e nos torna brutais. A ética construída sobre tal conceito é uma ética da brutalidade. O santo odeia o pecador, e o pecador luta contra o santo. No entanto, mesmo isso leva adiante. Pois finalmente a mente perversa e autossuficiente morrerá, esmagada por repetidos golpes; e então acordaremos e conheceremos a Mãe.

Somente a entrega eterna e inquestionável à Mãe pode nos dar paz. Ame-a por si mesma, sem medo ou favor. Ame-a porque você é filho dela. Veja-a em tudo, tanto no bem quanto no mal. Só então virá a “Mesmice” e a Bem-aventurança Eterna que é a Própria Mãe quando a realizarmos assim. Até

então, a miséria nos perseguirá. Somente descansando na Mãe estaremos seguros.

8.4.23 A ESSÊNCIA DA RELIGIÃO

(Relato de palestra proferida na América)

Na França, os “direitos do homem” foram durante muito tempo uma palavra de ordem da raça; na América, os direitos das mulheres ainda suplicam aos ouvidos do público; na Índia sempre nos preocupamos com os direitos dos Deuses.

O Vedanta inclui todas as seitas. Temos uma ideia peculiar na Índia. Suponha que eu tivesse um filho; Eu não deveria lhe ensinar nenhuma religião, mas sim a prática de concentrar sua mente; e apenas uma linha de oração - não oração no seu sentido, mas esta: "Eu medito Nele que é o Criador do universo; que Ele ilumine minha mente." Então, quando já tem idade suficiente, ele ouve as diferentes filosofias e ensinamentos, até encontrar aquilo que lhe parece a verdade. Ele então se torna o Shishya ou discípulo do Guru (professor) que está ensinando esta verdade. Ele pode escolher adorar Cristo, Buda ou Maomé: reconhecemos os direitos de cada um deles e o direito de todas as almas ao seu próprio Ishta ou caminho escolhido. É, portanto, perfeitamente possível que o meu filho seja budista, a minha mulher seja cristã e eu próprio seja muçulmano ao mesmo tempo, com absoluta liberdade de atritos.

Estamos todos felizes em lembrar que todos os caminhos levam a Deus; e que a reforma do mundo não depende de todos verem Deus através dos nossos olhos. Nossa ideia fundamental é que a sua doutrina não pode ser minha, nem a minha, sua. Eu sou minha própria seita. É verdade que criámos um sistema religioso na Índia que acreditamos ser o único sistema religioso racional existente; mas a nossa crença na sua racionalidade baseia-se na inclusão total dos que buscam a Deus; sua absoluta caridade para com todas as formas de culto e sua eterna receptividade às idéias que tendem à evolução de Deus no universo. Admitimos a imperfeição do nosso sistema, porque a realidade deve estar além de todo sistema; e nesta admissão reside

o presságio e a promessa de um crescimento eterno. Seitas, cerimônias e livros, na medida em que sejam os meios de um homem realizar sua própria natureza, estão corretos; quando ele percebe isso, ele desiste de tudo. "Eu rejeito os Vedas!" é a última palavra da filosofia Vedanta. Rituais, hinos e escrituras, através dos quais ele viajou para a liberdade, desaparecem para ele. "So'ham, So'ham" - eu sou Ele, eu sou Ele - irrompe de seus lábios, e dizer "Tu" a Deus é blasfêmia, pois ele é "um com o Pai".

Pessoalmente, aceito tanto os Vedas quanto concordo com a razão. Partes dos Vedas são aparentemente contraditórias. Eles não são considerados inspirados no sentido ocidental da palavra, mas como a soma total do conhecimento de Deus, a onisciência, que possuímos. Mas dizer que apenas os livros que chamamos de Vedas contêm esse conhecimento é mero sofisma. Sabemos que isso é compartilhado em vários graus pelas escrituras de todas as seitas. Manu diz que apenas a parte dos Vedas que concorda com a razão são os Vedas; e muitos dos nossos filósofos adotaram esta opinião. De todas as escrituras do mundo, são somente os Vedas que declaram que o estudo dos Vedas é secundário.

O verdadeiro estudo é aquele “pelo qual percebemos o Imutável”, e isso não ocorre nem pela leitura, nem pela crença, nem pelo raciocínio, mas pela percepção superconsciente e pelo Samâdhi. Quando um homem atinge esse estado perfeito, ele é da mesma natureza do Deus Pessoal: “Eu e meu Pai somos um”. Ele se conhece como um com Brahman, o Absoluto, e se projeta como o Deus Pessoal. O Deus Pessoal é o Absoluto visto através da névoa de Mâyâ – ignorância.

Quando nos aproximamos Dele com os cinco sentidos, só podemos vê-Lo como o Deus Pessoal. A ideia é que o Eu não pode ser objetivado. Como pode o conhecedor conhecer a si mesmo? Mas ele pode lançar uma sombra, por assim dizer, e a forma mais elevada dessa sombra, essa tentativa de objetivar o próprio Ser, é o Deus Pessoal. O Eu é o sujeito eterno, e estamos eternamente lutando para objetivar esse Eu, e dessa luta surgiu este fenômeno do universo: aquilo que chamamos de matéria. Mas estas são tentativas fracas, e a mais elevada objetivação do Ser, possível para nós, é o Deus Pessoal.

“Um Deus honesto é a obra mais nobre do homem”, disse um dos vossos pensadores ocidentais. Deus é como o homem é. Nenhum homem pode ver Deus senão através dessas manifestações humanas. Por mais que fale, por mais que tente, você não pode pensar em Deus senão como um homem; e como você é, Ele é. Foi pedido a um homem ignorante que fizesse uma imagem do Deus Shiva; e depois de muitos dias de dura luta ele só conseguiu fabricar a imagem de um macaco! Assim, quando tentamos pensar em Deus como Ele é na Sua perfeição absoluta, deparamo-nos com um fracasso miserável, porque estamos limitados e obrigados pela nossa constituição atual a ver Deus como homem. Se os búfalos desejarem adorar a Deus, eles, de acordo com a sua própria natureza, O verão como um enorme búfalo; se um peixe deseja adorar a Deus, o conceito que tem dele seria inevitavelmente um peixe grande; e o homem deve pensar Nele como homem. Suponha que o homem, o búfalo e o peixe representem tantos navios diferentes; que todos esses vasos vão ao mar de Deus para serem enchidos, cada um de acordo com seu formato e capacidade. No homem a água toma a forma do homem; no búfalo a forma do búfalo; e no peixe a forma do peixe; mas em cada um destes vasos está a mesma água do mar de Deus.

Dois tipos de mente não adoram Deus como homem – o bruto humano que não tem religião, e o Paramahansa que transcendeu os limites da sua própria natureza humana. Para ele, toda a natureza tornou-se o seu próprio Ser; só ele pode adorar a Deus como Ele é. O bruto humano não adora por causa de sua ignorância, e os Jivanmuktas (almas livres) não adoram porque realizaram Deus em si mesmos. “So'ham, So'ham” – eu sou Ele, eu sou Ele – eles dizem; e como eles se adorarão?

Vou te contar uma pequena história. Era uma vez um filhote de leão deixado por sua mãe moribunda entre algumas ovelhas. As ovelhas alimentaram-no e deram-lhe abrigo. O leão cresceu rapidamente e disse "Ba-a-a" quando a ovelha disse "Ba-a-a". Um dia outro leão apareceu. "O que você faz aqui?" disse o segundo leão surpreso, pois ouviu o leão-ovelha balir com os demais. “Ba-a-a”, disse o outro. “Sou uma ovelhinha, sou uma ovelhinha, estou com medo.” "Absurdo!" rugiu o primeiro leão, "venha comigo; eu lhe mostrarei." E ele o levou para a margem de um riacho suave e mostrou-lhe o que estava refletido nele. "Você é um leão; olhe para mim, olhe para as

ovelhas, olhe para você mesmo." E a ovelha-leão olhou e então disse: "Ba-a-a, eu não pareço com a ovelha – é verdade, eu sou um leão!" e com isso ele rugiu um rugido que abalou as colinas até o fundo.

É isso. Somos leões em pele de cordeiro por hábito, somos hipnotizados até a fraqueza pelo que nos rodeia. E o domínio do Vedanta é a autodesipnotização. O objetivo a ser alcançado é a liberdade. Discordo da ideia de que liberdade é obediência às leis da natureza. Eu não entendo o que isso significa. De acordo com a história do progresso humano, foi a desobediência à natureza que constituiu esse progresso. Pode-se dizer que a conquista das leis inferiores se deu através das superiores, mas mesmo aí a mente conquistadora ainda buscava a liberdade; assim que descobriu que a luta era através da lei, desejou conquistá-la também. Então o ideal é sempre a liberdade. As árvores nunca desobedecem à lei. Nunca vi uma vaca roubar. Uma ostra nunca contou uma mentira. No entanto, estes não são maiores que o homem.

A obediência à lei, na última questão, faria de nós simplesmente importantes – seja na sociedade, seja na política, ou na religião. Esta vida é uma tremenda afirmação de liberdade; excesso de leis significa morte. Nenhuma nação possui tantas leis como os hindus, e o resultado é a morte nacional. Mas os hindus tinham uma ideia peculiar – eles nunca criaram quaisquer doutrinas ou dogmas na religião; e este último teve o maior crescimento. Nisto somos práticos – onde você é impraticável – em nossa religião.

Alguns homens se reúnem na América e dizem: "Teremos uma sociedade anônima"; em cinco minutos está feito. Na Índia, vinte homens podem discutir uma sociedade por ações durante semanas, e ela pode não ser formada; mas se alguém acredita que mantendo as mãos no ar durante quarenta anos alcançará a sabedoria, isso será feito! Então somos práticos no nosso, você no seu caminho.

Mas o caminho de todos os caminhos para a realização é o amor. Quando alguém ama o Senhor, todo o universo se torna querido para ele, porque é todo dele. "Tudo é Dele, e Ele é meu Amante; eu O amo", diz o Bhakta. Desta forma, tudo se torna sagrado para o Bhakta, porque todas as coisas são Dele. Como, então, podemos ferir alguém? Como, então, podemos não

amar o outro? Com o amor de Deus virá, como efeito, o amor de cada um no longo prazo. Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais começamos a ver que todas as coisas habitam Nele, nosso coração se tornará uma fonte perene de amor. O homem é transformado na presença desta Luz do Amor e percebe finalmente a bela e inspiradora verdade de que o Amor, o Amante e o Amado são realmente um.

8.5 PROVÉRBIOS E ENUNCIÇÕES

1. "Buda ensinou que muitos eram reais e o ego irreal, enquanto o hinduísmo ortodoxo considera o Um como real e os muitos como irrealis?" o Swami foi questionado. "Sim", respondeu o Swami. "E o que Ramakrishna Paramahansa e eu acrescentamos a isso é que os Muitos e o Um são a mesma Realidade, percebida pela mesma mente em momentos diferentes e em atitudes diferentes."
2. "Lembre-se!" ele disse uma vez a um discípulo: "Lembre-se! A mensagem da Índia é sempre 'Não a alma para a natureza, mas a natureza para a alma!'"
3. "O que o mundo quer hoje são vinte homens e mulheres que ousem ficar nas ruas e dizer que não possuem nada além de Deus. Quem irá? Por que alguém deveria temer? Se isso for verdade, o que mais poderia importar? Se não for verdade, o que importam nossas vidas!"
4. "Oh, quão calmo seria o trabalho de quem realmente compreendeu a divindade do homem! Para tal, não há nada a fazer, a não ser abrir os olhos dos homens. Todo o resto faz sozinho."
5. "Ele (Shri Ramakrishna) estava contente simplesmente em viver aquela grande vida e deixar que outros encontrassem a explicação!"
6. "Planos! Planos!" Swami Vivekananda explicou indignado, quando um de seus discípulos lhe ofereceu alguma sabedoria mundana. "É por isso que... os ocidentais nunca poderão criar uma religião! Se algum de vocês

alguma vez o fez, foram apenas alguns santos católicos que não tinham planos. A religião nunca foi pregada por planejadores!"

7. "A vida social no Ocidente é como uma gargalhada; mas por baixo é um lamento. Termina em um soluço. A diversão e a frivolidade estão todas na superfície: na verdade, é cheia de intensidade trágica. Agora aqui, é triste e sombrio por fora, mas por baixo há descuido e alegria.

"Temos uma teoria de que o universo é a manifestação de Deus apenas por diversão, que as Encarnações vieram e viveram aqui 'apenas por diversão'. Brincadeira, foi tudo brincadeira. Por que Cristo foi crucificado? Foi mera brincadeira. E então de vida. Apenas brinque com o Senhor. Diga: "É tudo brincadeira, é tudo brincadeira".

8. "Estou convencido de que um líder não é feito em uma vida. Ele tem que nascer para isso. Pois a dificuldade não está em organizar e fazer planos; o teste, o verdadeiro teste, do líder, reside em manter amplamente pessoas diferentes juntas ao longo da linha de suas simpatias comuns. E isso só pode ser feito inconscientemente, nunca por tentativa."

9. Ao explicar a doutrina das Idéias de Platão, Swamiji disse: "E então você vê, tudo isso é apenas uma manifestação débil das grandes idéias, que por si só são reais e perfeitas. Em algum lugar há um ideal para você, e aqui está um tente manifestá-lo! A tentativa ainda é insuficiente em muitos aspectos. Mesmo assim, você interpretará o ideal algum dia.

10. Respondendo à observação de uma discípula que sentia que seria melhor para ela voltar sempre a esta vida e ajudar as causas que lhe interessavam, em vez de lutar pela salvação pessoal com um profundo desejo de sair da vida, o Swami respondeu rapidamente: "Isso é porque você não pode superar a ideia de progresso. Mas as coisas não melhoram. Elas permanecem como estão; e nós crescemos melhor pelas mudanças que fazemos nelas."

11. Foi em Almora que um certo homem idoso, com o rosto cheio de uma fraqueza amável, veio e fez-lhe uma pergunta sobre o Karma. O que eles deveriam fazer, perguntou ele, de quem era o Karma ver os fortes oprimirem os fracos? O Swami voltou-se para ele com surpresa e

indignação. "Ora, derrote os fortes, é claro!" ele disse: "Você esquece sua própria parte neste Karma: seu é sempre o direito de se rebelar!"

12. "Deve-se procurar uma oportunidade de morte em defesa do direito, ou deve-se aprender a lição do Gitâ e aprender a nunca reagir?" o Swami foi questionado. "Não aceito nenhuma reação", disse o Swami, falando devagar e com uma longa pausa. Depois acrescentou: "— para os Sannyâsins. Legítima defesa para o chefe de família!"

13. "É um erro sustentar que o motivo de todos os homens é o prazer. Muitos nascem para buscar a dor. Adoremos o Terror por Ele mesmo."

14. "Ramakrishna Paramahansa foi o único homem que teve a coragem de dizer que devemos falar com todos os homens em sua própria língua!"

15. "Como eu odiava Kali!" ele disse, referindo-se aos seus próprios dias de dúvidas em aceitar o ideal de Kali: "E todos os Seus caminhos! Essa foi a base da minha luta de seis anos - que eu não a aceitaria. Mas finalmente tive que aceitá-la! Ramakrishna Paramahansa me dedicou a Ela, e agora acredito que Ela me guia em tudo que faço, e faz comigo o que Ela quer. Eu vi sua pureza maravilhosa. Naquela época, eu sempre pensei que ele era um bebê com problemas cerebrais. vendo visões e o resto eu odiei. E então eu também tive que aceitá-La!

"Não, o que me fez fazer isso é um segredo que morrerá comigo. Tive grandes infortúnios na época... Foi uma oportunidade... Ela me fez um escravo. Essas foram as próprias palavras : 'um escravo seu'. E Ramakrishna Paramahansa me entregou a Ela. Ele viveu apenas dois anos depois de fazer isso, e na maior parte do tempo ele ficou sofrendo. saúde e brilho.

"O Guru Nanak era assim, você sabe, procurando pelo único discípulo a quem ele daria seu poder. E ele ignorou toda a sua própria família - seus filhos não eram nada para ele - até que ele encontrou o menino a quem ele deu isso; e então ele poderia morrer.

"O futuro, você diz, chamará Ramakrishna Paramahansa de uma Encarnação de Kali? Sim, acho que não há dúvida de que Ela trabalhou o

corpo de Ramakrishna para Seus próprios fins.

"Veja, não posso deixar de acreditar que existe em algum lugar um grande Poder que se considera feminino e chamado Kali e Mãe... E eu acredito em Brahman também... Mas não é sempre assim? É não é a multidão de células no corpo que constitui a personalidade, os muitos centros cerebrais, e não aquele, que produz a Unidade em complexidade. E por que deveria ser diferente? Brahman. É o Único. E ainda assim – e ainda assim – são os deuses também!"

16. "Quanto mais velho fico, mais tudo me parece residir na masculinidade. Este é o meu novo evangelho."

17. Referindo-se a alguma referência europeia ao canibalismo, como se fosse uma parte normal da vida em algumas sociedades, o Swami observou: "Isso não é verdade! Nenhuma nação jamais comeu carne humana, exceto como sacrifício religioso, ou na guerra, por vingança. Você não vê? Esse não é o jeito dos animais gregários!"

18. "Amor sexual e criação! Estes estão na raiz da maioria das religiões. E estes na Índia são chamados de Vaishnavismo, e no Ocidente de Cristianismo. Quão poucos ousaram adorar a Morte ou Kali! Adoremos a Morte! Vamos abraçar o Terrível, porque é terrível, sem pedir que seja atenuado. Tomemos a miséria pela própria miséria!"

19. "Os três ciclos do Budismo foram quinhentos anos de Lei, quinhentos anos de imagens e quinhentos anos de Tantras. Você não deve imaginar que alguma vez existiu uma religião na Índia chamada Budismo, com templos e sacerdotes próprios. ordem! Nada disso. Sempre estive dentro do Hinduísmo. Somente em uma época a influência de Buda foi primordial, e isso tornou a nação monástica."

20. "Todo o ideal do conservador é a submissão. Seu ideal é a luta. Conseqüentemente, somos nós que aproveitamos a vida, e nunca você! Você está sempre se esforçando para mudar o seu para algo melhor; e antes que uma milionésima parte da mudança seja realizada, você morre. O ideal ocidental é estar fazendo; o oriental, estar sofrendo. A vida perfeita seria uma harmonia maravilhosa entre fazer e sofrer."

"No nosso sistema é aceite que um homem não pode ter tudo o que deseja. A vida está sujeita a muitas restrições. Isto é feio, mas traz à tona pontos de luz e força. Os nossos liberais vêem apenas a feiúra e tentam livrar-se dela. Mas eles substituem algo igualmente ruim; e o novo costume leva tanto tempo quanto o antigo para que trabalhemos em seus centros de força.

"A vontade não é fortalecida pela mudança. Ela é enfraquecida e escravizada por ela. Mas devemos estar sempre absorvendo. A vontade fica mais forte pela absorção. E consciente ou inconscientemente, a vontade é a única coisa no mundo que admiramos. Suttee é ótimo em aos olhos do mundo inteiro, pela vontade que manifesta.

"É o egoísmo que devemos procurar eliminar. Acho que sempre que cometi um erro em minha vida, foi sempre porque o eu entrou no cálculo. Onde o eu não esteve envolvido, meu julgamento foi direto ao ponto. .

"Sem o eu, não teria havido sistema religioso. Se o homem não quisesse nada para si mesmo, você acha que ele teria toda essa oração e adoração? Ora! Ele nunca teria pensado em Deus, exceto talvez por um pequenos elogios de vez em quando, ao ver uma bela paisagem ou algo assim. E essa é a única atitude que deveria haver. Todo elogio e agradecimento.

"Você está completamente errado quando pensa que lutar é um sinal de crescimento. Não é nada disso. A absorção é o sinal. O hinduísmo é um gênio da absorção. Nunca nos importamos com a luta. É claro que poderíamos desferir um golpe de vez em quando, em defesa de nossos lares! Mas nunca nos preocupamos em lutar por si só. Todos tiveram que aprender isso. o fim!"

21. "A totalidade de todas as almas, não apenas a humana, é o Deus Pessoal. Nada pode resistir à vontade da Totalidade. É o que conhecemos como lei. E é isso que queremos dizer com Shiva e Kali e assim por diante. "

22. "Adore o Terrível! Adore a Morte! Todo o resto é vão. Toda luta é vã. Essa é a última lição. No entanto, este não é o amor do covarde pela morte, nem o amor dos fracos ou do suicida. É o bem-vindo do homem forte que sonda tudo ao fundo e sabe que não há alternativa."

23. "Discordo de todos aqueles que estão devolvendo suas superstições ao meu povo. Assim como o interesse do egiptólogo pelo Egito, é fácil sentir um interesse pela Índia que é puramente egoísta. Alguém pode desejar ver novamente a Índia dos seus livros, os estudos, os sonhos. Minha esperança é ver novamente os pontos fortes daquela Índia, reforçados pelos pontos fortes desta época, apenas de uma forma natural. A nova etapa das coisas deve ser um crescimento a partir de dentro.

"Portanto, eu prego apenas os Upanishads. Se você olhar, descobrirá que nunca citei nada além dos Upanishads. E dos Upanishads, é apenas aquela ideia única, a força. A quintessência dos Vedas e do Vedanta e de tudo reside em essa única palavra o ensinamento do Buda era não-resistência, ou não-ferimento. Mas penso que esta é uma maneira melhor de ensinar a mesma coisa, pois por trás dessa não-ferimento existe uma fraqueza terrível. ... Não penso em punir ou escapar de uma gota de água do mar. Não é nada para mim. Mas para o mosquito isso seria grave. Santo que mataram no Motim e que quebrou o silêncio, quando apunhalado no coração, para dizer: 'E tu também és Ele!'

“Mas você pode perguntar: 'Qual é o lugar de Ramakrishna neste esquema?'

"Ele é o método, aquele maravilhoso método inconsciente! Ele não se entendia. Ele não sabia nada sobre a Inglaterra ou os ingleses, exceto que eles eram pessoas estranhas do outro lado do mar. Mas ele viveu aquela grande vida: e eu li o significado. Nunca uma palavra de condenação para ninguém! Uma vez que eu estava atacando uma de nossas seitas de diabólicos, fiquei delirando por três horas, e ele ouviu em silêncio. 'Bem, bem!' disse o velho quando terminei, 'talvez toda casa tenha uma porta dos fundos, quem sabe?'

"Até agora, o grande defeito da nossa religião indiana residiu em conhecer apenas duas palavras: renúncia e Mukti. Somente Mukti aqui! Nada para o chefe de família!

“Mas estas são exatamente as pessoas que quero ajudar. Pois não são todas as almas da mesma qualidade?

"E assim a força deve chegar à nação através da educação."

24. Os Puranas, considerou o Swami, eram o esforço do Hinduísmo para trazer ideias elevadas à porta das massas. Houve apenas uma mente na Índia que previu esta necessidade, a de Krishna, provavelmente o maior homem que já existiu.

O Swami disse: “Assim é criada uma religião que termina na adoração de Vishnu, como a preservação e o desfrute da vida, levando à realização de Deus. Nosso último movimento, o Caitanyaísmo, você se lembra, foi para o prazer. O Jainismo representa o outro extremo, a lenta destruição do corpo pela autotortura. Portanto, o Budismo, como você vê, é o Jainismo reformado e este é o verdadeiro significado da saída do Buda da companhia dos cinco ascetas. existe um ciclo de seitas que representa cada gradação da prática física, desde o extremo da autotortura até o extremo do excesso. E durante o mesmo período sempre será desenvolvido um ciclo metafísico, que representa a realização de Deus como ocorrendo por meio de. cada gradação de meios, desde o uso dos sentidos como instrumento até o da aniquilação dos sentidos. Assim, o Hinduísmo sempre consiste, por assim dizer, em duas contra-espírais, completando-se, em torno de um único eixo.

'''Sim!'' O Vaishnavismo diz: 'está tudo bem - este tremendo amor pelo pai, pela mãe, pelo irmão, marido ou filho. Está tudo bem, se apenas você pensar que Krishna é a criança, e quando você lhe der comida, isso! você está alimentando Krishna!' Este foi o grito de Chaitanya, 'Adore a Deus através dos sentidos', em contraposição ao grito do Vedanta, 'Controle os sentidos, suprima os sentidos!'

"Vejo que a Índia é um organismo jovem e vivo. A Europa é jovem e viva. Nenhum dos dois chegou a um estágio de desenvolvimento tal que possamos criticar com segurança as suas instituições. São duas grandes experiências, nenhuma das quais ainda está completa. Na Índia temos o comunismo social, com a luz do Advaita – isto é, o individualismo espiritual – atuando sobre ele e em torno dele, na Europa vocês são socialmente individualistas, mas o seu pensamento é dualista, que é o comunismo espiritual. pelo pensamento individualista, enquanto o outro é constituído por instituições individualistas dentro da barreira do pensamento comunista.

"Agora devemos ajudar a experiência indiana como ela é. Movimentos que não tentam ajudar as coisas como elas são, não são, desse ponto de vista, bons. Na Europa, por exemplo, respeito o casamento tanto quanto o não-casamento. ... Nunca se esqueça de que um homem se torna grande e perfeito tanto por seus defeitos quanto por suas virtudes. Portanto, não devemos tentar roubar o caráter de uma nação, mesmo que possa ser provado que o caráter é todo defeito.

25. "Você sempre pode dizer que a imagem é Deus. O erro que você deve evitar é pensar que Deus é a imagem."

26. Certa ocasião, o Swami foi apelado para condenar o fetichismo dos hotentotes. "Não sei", respondeu ele, "o que é fetichismo!" Então, uma imagem sinistra foi rapidamente colocada diante dele, do objeto alternadamente adorado, espancado e agradecido. "Eu faço isso!" ele exclamou. "Vocês não veem", continuou ele, um momento depois, cheio de ressentimento pela injustiça cometida contra os humildes e ausentes, "vocês não veem que não existe fetichismo? Oh, seus corações estão endurecidos, que vocês não podem veja que a criança está certa! A criança vê a pessoa em todos os lugares. O conhecimento nos rouba a visão da criança. Mas finalmente, através do conhecimento superior, nós o recuperamos. Ele conecta um poder vivo com pedras, paus, árvores e o resto. E não há um Poder vivo por trás deles? É simbolismo, não fetichismo. Você não vê?

27. Um dia ele contou a história do sacrifício de Satyabhâmâ e como a palavra "Krishna", escrita em um pedaço de papel e jogada na balança, fez o próprio Krishna, do outro lado, chutar a trave. "Hinduísmo ortodoxo", começou ele, "faz Shruti, o som, tudo. A coisa é apenas uma manifestação débil da ideia pré-existente e eterna. Portanto, o nome de Deus é tudo: o próprio Deus é apenas a objetificação dessa ideia. na mente eterna. Seu próprio nome é infinitamente mais perfeito que o da pessoa que você é. O nome de Deus é maior que Deus!

28. "Eu não adoraria nem mesmo os deuses gregos, pois eles estavam separados da humanidade! Somente deveriam ser adorados aqueles que são como nós, mas maiores. A diferença entre os deuses e eu deve ser apenas uma diferença de grau."

29. "Uma pedra cai e esmaga um verme. Daí inferimos que todas as pedras, ao cair, esmagam vermes. Por que reaplicamos assim imediatamente uma percepção? Experiência, diz alguém. Mas acontece, suponhamos, pela primeira vez. Jogue um bebê no ar e ele chorará. Experiência de vidas passadas Mas por que aplicada ao futuro? Porque existe uma conexão real entre certas coisas, uma difusão, apenas cabe a nós ver que a qualidade não se sobrepõe, nem se sobrepõe? fica aquém da instância. Desta discriminação depende todo o conhecimento humano.

“No que diz respeito às falácias, deve-se lembrar que a própria percepção direta só pode ser uma prova, desde que o instrumento, o método e a persistência da percepção sejam todos mantidos puros. Portanto, a própria percepção direta é apenas um modo de inferência. Portanto, todo conhecimento humano é incerto e pode ser errôneo. Quem é uma testemunha verdadeira para quem a coisa dita é uma percepção direta? eles consistem na evidência de pessoas competentes. Mas esse poder de percepção é peculiar a alguém? Não! O Rishi, o Ariano e o Mlechchha o possuem?

"A Bengala moderna sustenta que a evidência é apenas um caso especial de percepção direta, e que a analogia e a paridade de raciocínio são apenas inferências ruins. Portanto, das provas reais existem apenas duas, percepção direta e inferência.

“Um conjunto de pessoas, veja você, dá prioridade à manifestação externa, o outro à ideia interna. O que é anterior, o pássaro ao ovo, ou o ovo ao pássaro? petróleo? Este é um problema para o qual não há solução.

30. "Por que eu deveria me importar se o próprio mundo desaparecesse? De acordo com minha filosofia, isso, você sabe, seria uma coisa muito boa! Mas, na verdade, tudo o que está contra mim deve estar comigo no final. Eu não sou seu soldado?"

31. "Sim, minha própria vida é guiada pelo entusiasmo de uma certa grande personalidade, mas e daí? A inspiração nunca foi filtrada para o mundo através de um homem!

"É verdade que acredito que Ramakrishna Paramahansa foi inspirado. Mas então eu também estou inspirado. E você está inspirado. E seus discípulos serão; e os deles depois deles; e assim por diante, até o fim dos tempos!

"Você não vê que a era da interpretação esotérica acabou? Para o bem ou para o mal, esse dia desapareceu, para nunca mais voltar. A verdade, no futuro, é estar aberta ao mundo!"

32. "Buda cometeu o erro fatal de pensar que o mundo inteiro poderia ser elevado ao auge dos Upanishads. E o interesse próprio estragou tudo. Krishna era mais sábio, porque Ele era mais político. Mas Buda não faria concessões. O mundo antes já tinha visto até mesmo o Avatâra ser arruinado por transigência, torturado até a morte por falta de reconhecimento e perdido. Mas Buda teria sido adorado como Deus em sua própria vida, por toda a Ásia, por um momento de transigência. E sua resposta foi apenas: 'O estado de Buda é uma conquista, não uma pessoa!' Em verdade, Ele foi o único homem no mundo que já foi bastante são, o único homem são que já nasceu!"

33. As pessoas disseram ao Swami no Ocidente que a grandeza de Buda teria sido mais atraente se ele tivesse sido crucificado! Ele estigmatizou isso como "brutalidade romana" e apontou: "O gosto mais baixo e animalesco é pela ação. Portanto, o mundo sempre amará o épico. Felizmente para a Índia, porém, ela nunca produziu um Milton, com seu 'arremessado de cabeça para baixo no abismo íngreme'! Tudo isso foi bem trocado por algumas linhas de Browning! Foi esse vigor épico da história, em sua opinião, que atraiu o romano. Foi a crucificação que levou o cristianismo ao mundo romano. "Sim Sim!" ele reiterou. "Vocês, ocidentais, querem ação! Vocês ainda não conseguem perceber a poesia de cada pequeno incidente comum na vida! Que beleza poderia ser maior do que a da história da jovem mãe indo a Buda com seu filho morto? Ou o incidente das cabras? Vejam, a Grande Renúncia não era nova na Índia. Mas depois do Nirvana, vejam a poesia!

“É uma noite chuvosa e ele chega à cabana do vaqueiro e se reúne na parede sob o beiral gotejante. A chuva está caindo e o vento está aumentando.

"Lá dentro, o vaqueiro vê um rosto pela janela e pensa: 'Ha, ha! Traje amarelo! Fique aí! É bom o suficiente para você!' E então ele começa a cantar.

"'Meu gado está alojado e o fogo brilha intensamente. Minha esposa está segura e meus bebês dormem bem! Portanto, vocês podem chover, se quiserem, ó nuvens, esta noite!'

"E o Buda responde de fora: "Minha mente está controlada: meus sentidos estão todos reunidos; meu coração firme. Portanto, vocês podem chover, se quiserem, ó nuvens, esta noite!'

"Novamente o vaqueiro: 'Os campos estão ceifados e o feno está rápido no celeiro. O riacho está cheio e as estradas estão firmes. Portanto, vocês podem chover, se quiserem, ó nuvens, esta noite.'

"E assim continua, até que finalmente o vaqueiro se levanta, em contrição e admiração, e se torna um discípulo.

"Ou o que seria mais bonito que a história do barbeiro?

O Abençoado passou pela minha casa,
minha casa — a do Barbeiro!

Corri, mas Ele se virou e me esperou,
Esperava por mim — o Barbeiro!

"Eu disse: 'Posso falar, ó Senhor, contigo?'

E Ele disse 'Sim!'

'Sim!' para mim — o Barbeiro!

"E eu disse: 'O Nirvana é para pessoas como eu?'

E Ele disse 'Sim!'

Até para mim: o Barbeiro!

"E eu disse: 'Posso seguir-te?'

E Ele disse: 'Ah, sim!'

Até eu, o Barbeiro!

E eu disse: 'Posso ficar, ó Senhor, perto de Ti?'

"E Ele disse: 'Tu podes!'

Até para mim – o pobre Barbeiro!”

34. “O grande ponto de contraste entre o Budismo e o Hinduísmo reside no fato de que o Budismo disse: 'Perceba tudo isso como uma ilusão', enquanto o Hinduísmo disse: 'Perceba que dentro da ilusão está o Real.' Sobre como isso deveria ser feito, o hinduísmo nunca presumiu enunciar qualquer lei rígida. A ordem budista só poderia ser cumprida através do monaquismo; as mais altas e maiores expressões da Fé são colocadas na boca de um açougueiro, pregando por ordem de uma mulher casada a um Sannyasin. Assim, o Budismo tornou-se a religião de uma ordem monástica, mas o Hinduísmo, apesar de sua exaltação do monaquismo, permanece sempre a religião da fidelidade ao dever, seja ele qual for, como o caminho pelo qual o homem pode alcançar Deus”.

35. “Estabeleça as regras para o seu grupo e formule suas idéias”, disse o Swami, tratando do ideal monástico para as mulheres, “e coloque um pouco de universalismo, se houver espaço para isso. uma dúzia de pessoas em todo o mundo estão sempre prontas para isso. Deve haver espaço para seitas, bem como para se elevar acima das seitas. Você terá que fabricar suas próprias leis, mas estruturá-las dessa maneira. que quando as pessoas estão prontas para viver sem eles, elas podem destruí-los. Nossa originalidade reside em combinar liberdade perfeita com autoridade perfeita.

36. "Duas raças diferentes se misturam e se fundem, e delas surge um tipo forte e distinto. Este tenta se salvar da mistura, e aqui você vê o início da casta. Olhe para a maçã. Os melhores exemplares foram produzidos pelo cruzamento ; mas uma vez cruzado, tentamos preservar a variedade intacta."

37. Referindo-se à educação das meninas na Índia, ele disse: "Na adoração aos deuses, é claro que você deve usar imagens. Mas você pode mudá-las. Kali não precisa estar sempre na mesma posição. Incentive suas meninas a pensar em novas maneiras de imaginando-a. Tenha centenas de concepções diferentes de Saraswati. Deixe-os desenhar, modelar e pintar suas próprias ideias.

“Na capela, o jarro no degrau mais baixo do altar deve estar sempre cheio de água, e as luzes das grandes lamparinas têmeis devem estar sempre acesas. Se, além disso, a manutenção da adoração perpétua pudesse ser organizada, nada poderia estar mais de acordo com o sentimento hindu.

"Mas as cerimônias empregadas devem ser védicas. Deve haver um altar védico, no qual, na hora da adoração, acender o fogo védico. E as crianças devem estar presentes para participar do serviço de oblação. Este é um rito que seria reivindicar o respeito de toda a Índia.

"Reúna todos os tipos de animais ao seu redor. A vaca é um ótimo começo. Mas você também terá cães e gatos e pássaros e outros. Deixe as crianças terem um tempo para ir alimentá-los e cuidar deles.

"Depois, há o sacrifício do aprendizado. Isso é o mais belo de tudo. Você sabia que todo livro é sagrado na Índia, não apenas os Vedas, mas também o inglês e o muçulmano? Todos são sagrados.

"Reviva as artes antigas. Ensine suas meninas a modelar frutas com leite endurecido. Dê-lhes culinária artística e costura. Deixe-as aprender pintura, fotografia, corte de desenhos em papel, filigrana e bordado de ouro e prata. Faça com que todos saibam alguma coisa através do qual ela pode ganhar a vida em caso de necessidade.

"E nunca se esqueça da Humanidade! A ideia de um culto humanitário ao homem existe em núcleo na Índia, mas nunca foi suficientemente especializada. Deixe os seus alunos desenvolvê-lo. Faça poesia, faça arte, disso. Sim, um culto diário no pés de mendigos, depois do banho e antes da refeição, seriam um maravilhoso treinamento prático de coração e mãos. Em alguns dias, novamente, a adoração pode ser de crianças, de seus próprios alunos. Ou você pode pegar emprestados bebês e amamentar e

alimentá-los. O que foi que Mâtâji (Tapaswini Mataji, fundadora do Mahakâli Pâthasâlâ, Calcutá.) me disse 'Swamiji eu não tenho ajuda!' Ela sente, veja bem, que está servindo Umâ no Kumâri, e esse é um pensamento maravilhoso para começar uma escola."

38. "O amor é sempre uma manifestação de felicidade. A menor sombra de dor que cai sobre ele é sempre um sinal de fisicalidade e egoísmo."

39. "O Ocidente considera o casamento como consistindo em tudo o que está além do vínculo legal, enquanto na Índia é pensado como um vínculo lançado pela sociedade em torno de duas pessoas para uni-las por toda a eternidade. Esses dois devem se casar, seja eles irão ou não, vida após vida, cada um adquire metade do mérito do outro. E se um parece ter ficado irremediavelmente para trás nesta vida, cabe ao outro apenas esperar e vencer o tempo, até que ele ou ela o alcance. de novo!"

40. "A consciência é um mero filme entre dois oceanos, o subconsciente e o superconsciente."

41. "Eu não pude acreditar no que ouvi quando ouvi os ocidentais falando tanto sobre consciência! Consciência? O que importa a consciência! Ora, não é nada comparado com as profundezas insondáveis do subconsciente e as alturas do superconsciente! Neste Eu nunca poderia ser enganado, pois não tinha visto Ramakrishna Paramahansa reunir em dez minutos, da mente subconsciente de um homem, todo o seu passado, e determinar a partir disso o seu futuro e os seus poderes?"

42. "Todas estas (visões, etc.) são questões secundárias. Elas não são o verdadeiro Yoga. Elas podem ter uma certa utilidade em estabelecer indiretamente a verdade de nossas afirmações. Mesmo um pequeno vislumbre dá fé de que há algo por trás da matéria grosseira. No entanto, aqueles que dedicam tempo a essas coisas correm graves perigos.

"Estas (desenvolvimentos psíquicos) são questões de fronteira! Nunca poderá haver qualquer certeza ou estabilidade de conhecimento alcançada pelos seus meios. Não disse eu que eram 'questões de fronteira'? A linha de fronteira está sempre a mudar!"

43. “Agora, do lado Advaitico, afirma-se que a alma não vem nem vai, e que todas essas esferas ou camadas do universo são apenas alguns produtos variados de Âkâsha e Prâna. é a Esfera Solar, consistindo no universo visível, no qual Prana aparece como força física, e Akasha como matéria sensível. A próxima é chamada de Esfera Lunar, que circunda a Esfera Solar. Esta não é a lua, mas a habitação. dos deuses; isto é, Prana aparece nele como forças psíquicas, e Akasha como Tanmatras ou partículas finas. Além disso está a Esfera Elétrica, isto é, uma condição inseparável de Akasha, e você dificilmente pode dizer se é eletricidade; O próximo é o Brahmaloaka, onde não há nem Prana nem Akasha, mas ambos estão fundidos na substância mental, a energia primordial. E aqui – não havendo nem Prana nem Akasha – o Jiva contempla todo o universo como Samashti. ou a soma total de Mahat ou mente. Isto aparece como Purusha, uma Alma Universal abstrata, mas não o Absoluto, pois ainda existe multiplicidade. A partir disso o Jiva finalmente encontra aquela Unidade que é o fim. O Advaitismo diz que estas são as visões que surgem em sucessão diante do Jiva, que não vai nem vem, e que da mesma forma esta presente visão foi projetada. A projeção (Srishti) e a dissolução devem ocorrer na mesma ordem, apenas uma significa retroceder e a outra sair.

"Agora, como cada indivíduo só pode ver o seu próprio universo, esse universo é criado com a sua escravidão e vai embora com a sua libertação, embora permaneça para outros que estão na escravidão. Agora, o nome e a forma constituem o universo. Uma onda no o oceano só é uma onda na medida em que é limitado por nome e forma. Se a onda diminui, é o oceano, mas esse nome e forma desaparecem imediatamente para sempre, de modo que o nome e a forma de uma onda nunca poderiam existir. estar sem a água que foi moldada na onda por eles. No entanto, o nome e a forma em si não eram a onda; eles morrem assim que retornam à água, mas outros nomes e formas vivem em relação a outras ondas. A forma-e-é chamada Maya e a água é Brahman. A onda não era nada além de água o tempo todo, mas como onda ela tinha nome e forma. Novamente, este nome-e-forma não pode permanecer nem por um momento separado da onda. , embora a onda, como a água, possa permanecer eternamente separada do nome e da forma. Mas como o nome e a forma nunca podem ser separados, nunca se pode dizer que eles existem. No entanto, eles não são zero. Isso se chama Maya."

44. "Eu sou o servo dos servos dos servos de Buda. Quem já existiu como ele? - o Senhor - que nunca realizou uma ação para si mesmo - com um coração que abraçou o mundo inteiro! Tão cheio de piedade que ele — príncipe e monge — daria a vida para salvar um cabrito. Tão amoroso que se sacrificou à fome de uma tigresa — à hospitalidade de um pária e o abençoou! E entrou no meu quarto quando eu era menino! , e caí a seus pés! Pois eu sabia que era o próprio Senhor!

45. "Ele (Shuka) é o Paramahansa ideal. Somente a ele, entre os homens, foi dado beber um punhado das águas daquele Oceano indiviso de Sat-Chit-Ânanda - Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta! A maioria dos santos morre , tendo ouvido apenas o trovão de suas ondas na costa. Alguns ganham a visão, e menos ainda, o sabor Dele. Mas ele bebeu do Mar da Felicidade! "

.

46. "O que é esta ideia de Bhakti sem renúncia? É muito perniciosa."

47. "Não adoramos nem a dor nem o prazer. Procuramos através de ambos chegar àquilo que transcende a ambos."

48. "Shankaracharya captou o ritmo dos Vedas, a cadência nacional. Na verdade, sempre imagino que ele teve alguma visão como a minha quando era jovem, e recuperou a música antiga dessa forma. De qualquer forma, o trabalho de toda a sua vida nada mais é do que isso, a pulsação da beleza dos Vedas e dos Upanishads."

49. "Embora o amor de uma mãe seja em alguns aspectos maior, ainda assim o mundo inteiro toma o amor do homem e da mulher como o tipo (da relação da alma com Deus). Nenhum outro tem um poder de idealização tão tremendo. O amado realmente se torna o que ele imagina ser. Este amor transforma seu objeto."

50. "É tão fácil ser Janaka - sentar-se em um trono absolutamente desapegado, não se importando com riqueza ou fama, com esposa ou filho? Um após o outro no Ocidente me disse que alcançou isso. Mas eu só poderia diga: "Tais grandes homens não nascem na Índia!"".

51. "Nunca se esqueça de dizer para si mesmo e de ensinar aos seus filhos, como a diferença entre um vaga-lume e o sol escaldante, entre o oceano infinito e um pequeno lago, entre um grão de mostarda e a montanha Meru, tal é a diferença entre o chefe de família e o Sannyasin!"

"Tudo está repleto de medo: só a renúncia é destemida.

"Abençoados sejam até mesmo os Sâdhus fraudulentos e aqueles que falharam em cumprir os seus votos, na medida em que também testemunharam o seu ideal e, portanto, são, em certa medida, a causa do sucesso de outros!"

"Nunca, nunca, esqueçamos o nosso ideal!"

52. "É puro o rio que corre, é puro o monge que vai!"

53. "O Sannyasin que pensa em ouro, para desejá-lo, comete suicídio."

54. "Que me importa se Maomé era um homem bom, ou Buda? Isso eleva minha bondade ou maldade? Sejamos bons para nosso próprio bem e sob nossa própria responsabilidade."

55. "Vocês, pessoas deste país, têm tanto medo de perder sua individualidade! Ora, vocês ainda não são indivíduos. Quando vocês compreenderem toda a sua natureza, alcançarão sua verdadeira individualidade, não antes. Há outra coisa que ouço constantemente neste país: devemos viver em harmonia com a natureza. Você não sabe que todo o progresso já feito no mundo foi feito pela conquista da natureza? resistir à natureza em todos os pontos se quisermos fazer algum progresso."

56. "Na Índia, eles me dizem que não devo ensinar Advaita Vedanta às pessoas em geral; mas eu digo que posso fazer até uma criança entendê-lo. Você não pode começar muito cedo a ensinar as verdades espirituais mais elevadas."

57. "Quanto menos você ler, melhor. Leia o Gita e outras boas obras sobre o Vedanta. Isso é tudo que você precisa. O atual sistema de educação está totalmente errado. A mente está repleta de fatos antes de saber como pensar.

Controle da mente deveria ser ensinada primeiro, se eu tivesse a minha educação para superar novamente e tivesse alguma voz no assunto, eu aprenderia a dominar a minha mente primeiro, e depois reuniria os fatos, se eu quisesse. aprendem coisas porque não conseguem concentrar suas mentes à vontade."

58. "Se chegar um momento ruim, o que acontece? O pêndulo deve voltar para o outro lado. Mas isso não é melhor. A coisa a fazer é pará-lo."

8.6 EPÍSTOLAS – QUARTA SÉRIE

8.6.0 NOTA

Antes de partir para os EUA, Swamiji mudava de nome com frequência. Nos primeiros anos ele assinou como Narendra ou Naren; depois, por algum tempo, como Vividishananda ou Sachchidananda. Mas, para conveniência dos leitores, esses volumes usam o nome mais familiar, Vivekananda.

8.6.1 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

BAGHBAZAR,

CALCUTÁ,

28 de novembro de 1888.

PREZADO SENHOR, (Shri Pramadadas Mitra)

Recebi o livro de Pânini que você tão gentilmente me enviou. Por favor, aceite minha gratidão pelo mesmo.

Tive um ataque de febre novamente – por isso não pude responder imediatamente. Por favor, desculpe. Estou muito doente. Estou orando à Mãe Divina para mantê-lo feliz física e mentalmente.

Seu servo,

VIVEKANANDA.

8.6.2 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

BARANAGORE,

22 de fevereiro de 1889.

PREZADO SENHOR, (Shri Pramadadas Mitra)

Eu pretendia ir para Varanasi e planejei chegar lá depois de visitar o local de nascimento do meu Mestre. Mas, infelizmente, no caminho para aquela aldeia, tive um ataque de febre alta, seguido de vômitos e purgações, como na cólera. Houve novamente febre depois de três ou quatro dias - e como o corpo está agora tão fraco que mal consigo dar dois passos, fui agora obrigado a desistir da minha intenção anterior. Não sei qual é a vontade de Deus, mas meu corpo é totalmente inadequado para trilhar esse caminho. Enfim, o corpo não é tudo. Recuperando a saúde depois de alguns dias aqui, tenho a esperança de visitá-los lá. A vontade de Vishweshwara, o Senhor do universo, prevalecerá – seja ela qual for. Você também gentilmente me abençoe. Meus respeitos a você e ao irmão Jnanananda.

Seu servo,

VIVEKANANDA.

8.6.3 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

BAGHBAZAR,

CALCUTÁ,

21 de março de 1889.

RESPEITADO SENHOR, (Shri Pramadadas Mitra)

Já se passaram vários dias desde que recebi sua última carta. Desculpe a demora na resposta, que se deveu a alguns motivos especiais. Estou muito doente no momento; há febre de vez em quando, mas não há distúrbio no baço ou em outros órgãos. Estou em tratamento homeopático. Agora tive que desistir completamente da intenção de ir para Varanasi. Tudo o que Deus dispensar acontecerá mais tarde, de acordo com o estado do corpo. Se você encontrar o irmão Jnanananda, por favor, diga-lhe para não ficar retido lá na expectativa da minha vinda. Minha ida para lá é muito incerta. Meus cumprimentos a você e Jnanananda.

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

8.6.4 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

SIMLA(CALCUTÁ),

14 de julho de 1889.

RESPEITADO SENHOR, (Shri Pramadadas Mitra)

Fiquei muito feliz em receber sua carta. Em tais circunstâncias, muitos aconselham a inclinar-se para a vida mundana. Mas você é sincero e tem um coração adamantino. Fiquei muito confortado com suas palavras encorajadoras e animadoras. Minhas dificuldades aqui quase chegaram ao

fim – só contratei os serviços de um corretor para a venda de um terreno e espero que a venda termine logo. Nesse caso, estarei livre de todas as preocupações e irei imediatamente até Varanasi.

Seu servo,

VIVEKANANDA.

8.6.5 PRAMADADAS MITRA

(Traduzido do bengali)

BAGHBAZAR,

CALCUTÁ,

4 de junho de 1890.

RESPEITADO SENHOR, (Shri Pramadadas Mitra)

Recebi sua carta. Não há dúvida de que seu conselho é muito sábio. É bem verdade que a Vontade do Senhor prevalecerá. Também estamos nos espalhando aqui e ali em pequenos grupos de dois ou três. Também recebi duas cartas do irmão Gangadhar. Ele está atualmente na casa de Gagan Babu sofrendo de um ataque de gripe. Gagan Babu está cuidando especialmente dele. Ele virá aqui assim que se recuperar. Nossas respeitadas saudações a você.

Seu servo,

VIVEKANANDA.

PS. Abhedananda e outros estão todos bem.

V.

8.6.6 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

BARODA,

26 de abril de 1892.

CARO DIWANJI SAHEB, (Shri Haridas Viharidas Desai)

Muito feliz em receber sua gentil carta até aqui. Não tive a menor dificuldade em chegar à sua casa vindo da estação de Nadiad. E seus irmãos, eles são o que deveriam ser, seus irmãos. Que o Senhor derrame suas bênçãos mais seletas sobre sua família. Nunca encontrei um tão glorioso em todas as minhas viagens. Seu amigo, Sr. Manibhai, proporcionou-me todo o conforto; mas, quanto à sua companhia, só o vi duas vezes; uma vez por um minuto, outra por dez minutos no máximo quando ele falou sobre o sistema de ensino aqui. Claro, vi a Biblioteca e as fotos de Ravi Varma, e vale a pena ver isso aqui. Portanto, partirei esta noite para Bombaim. Meus agradecimentos ao Diwanji aqui (ou a você) por seu comportamento gentil. Mais de Bombaim.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Em Nadiad conheci o Sr. Manilal Nabhubhai. Ele é um cavalheiro muito culto e piedoso, e gostei muito de sua companhia.

8.6.7 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

CASA DE ELLAPA BALRAM,

C/O. THAKORE DE LIMDI,

LINHA NEUTRA, POONA,

15 de junho de 1892.

CARO DIWANJI SAHEB, (Shri Haridas Viharidas Desai)

Já faz muito tempo que não tenho notícias suas. Espero não ter ofendido você de qualquer maneira. Vim com o Thakore Saheb de Mahabaleshwar e

estou morando aqui com ele. Eu ficaria aqui uma semana ou mais e depois seguiria para Rameshwaram via Hyderabad.

Talvez a essa altura todos os obstáculos tenham sido removidos do seu caminho em Junagad; Pelo menos eu espero que sim. Estou muito ansioso para saber da sua saúde, principalmente daquela entorse, sabe.

Eu vi seu amigo, o tutor Surti do Príncipe de Bhavnagar. Ele é um cavalheiro perfeito. Foi um grande privilégio conhecê-lo; ele é um homem tão bom e de natureza nobre.

Minhas mais sinceras saudações aos seus nobres irmãos e aos nossos amigos. Por favor, envie ao Sr. Nabhubhai meus sinceros votos de boa sorte em sua carta para casa. Espero que você me satisfaça com uma resposta rápida.

Com meus mais sinceros respeitos, gratidão e orações por você e pelos seus, permaneço,

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

8.6.8 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

BOMBAIM,

1892

CARO DIWANJI SAHEB, (Shri Haridas Viharidas Desai)

O portador desta carta, Babu Akshaya Kumar Ghose, é um amigo meu em particular. Ele vem de uma família respeitável de Calcutá. Encontrei-o em Khandwa, onde o conheci, embora já conhecesse sua família muito antes, em Calcutá.

Ele é um menino muito honesto e inteligente e é estudante de graduação na Universidade de Calcutá. Você sabe como a luta é difícil em Bengala hoje

em dia, e o pobre rapaz saiu em busca de emprego. Conhecendo sua bondade natural de coração, acho que não estou incomodando você pedindo e suplicando que faça algo por este jovem. Não preciso escrever mais. Você o achará um rapaz honesto e trabalhador. Se um único ato de bondade feito a um próximo torna feliz toda a sua vida, não preciso lembrá-lo de que esse menino é um Pâtra (uma pessoa que merece ajuda), nobre e gentil como você.

Espero que você não fique perturbado e preocupado com este meu pedido. Este é o primeiro e o último desse tipo e feito apenas em circunstâncias muito peculiares. Esperando e contando com sua natureza gentil, eu permaneço,

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

8.6.9 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

BOMBAIM,

22 de agosto de 1892.

CARO DIWANJI SAHEB, (Shri Haridas Viharidas Desai)

Estou muito satisfeito ao receber sua carta, principalmente porque é a prova de que você tem a mesma gentileza para comigo.

Sobre a gentileza e cavalheirismo de seu amigo Sr. Bederkar de Indore e dos Dakshinis em geral, quanto menos se falar, melhor; mas é claro que existem Dakshinis e Dakshinis, e eu apenas citaria para você o que Shankar Pandurang me escreveu em Mahabaleshwar ao informá-lo de que havia encontrado abrigo com o Limdi Thakore:

"Estou muito feliz em saber que você encontrou Limdi Thakore lá, caso contrário você estaria em sérios problemas, pois nosso povo Maratha não seria tão gentil quanto os Gujaratis." Tão gentil? céu e inferno!

Estou muito feliz que sua articulação esteja quase perfeitamente curada. Por favor, diga ao seu nobre irmão para desculpar minha quebra de promessa, pois tenho aqui alguns livros em sânscrito e ajuda também para ler, os quais não espero conseguir em outro lugar, e estou ansioso para terminá-los. Ontem eu vi seu amigo, Sr. Manahsukharam, que hospedou com ele um amigo Sannyâsin. Ele é muito gentil comigo e seu filho também.

Depois de permanecer aqui por 15 a 20 dias, eu seguiria em direção a Rameshwaram e, ao retornar, certamente iria até você.

O mundo é realmente enriquecido por homens de grande alma, de mente nobre e gentis, como você; o resto é “apenas como machados que cortam a árvore da juventude de suas mães”, como diz o poeta sânscrito.

É impossível que eu esqueça sua bondade paternal e cuidado comigo, e o que mais um pobre faquir como eu pode fazer em troca de um ministro poderoso senão rezar para que o Doador de todos os dons possa lhe dar tudo o que é desejável na terra e no final - que Ele pode adiar para um dia muito, muito futuro - pode levá-lo em Seu abrigo de bem-aventurança, felicidade e pureza infinita.

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Uma coisa que lamento muito notar por aqui é a total falta de sânscrito e outros conhecimentos. As pessoas desta parte do país têm como religião um certo conjunto de superstições locais sobre comer, beber e tomar banho, e isso diz respeito a toda a sua religião.

Pobres companheiros! O que quer que os sacerdotes malandros e astutos lhes ensinem - todos os tipos de bobagens e tolices como a própria essência dos Vedas e do Hinduísmo (veja bem, nem esses sacerdotes malandros nem seus antepassados viram um volume dos Vedas nos últimos 400 anos). gerações) — eles seguem e se degradam. Senhor, ajude-os dos Râkshasas na forma dos Brâmanes do Kaliyuga.

Enviei um menino bengali para você. Espero que ele seja tratado com gentileza.

8.6.10 HARIPADA MITRA

(Traduzido do bengali)

MARGÃO,

1893 .

CARO HARIPADA,

Acabei de receber uma carta sua. Cheguei aqui seguro. Fui visitar Panjim e algumas outras aldeias e templos próximos. Voltei hoje mesmo. Não desisti da intenção de visitar Gokarna, Mahabaleshwar e outros lugares. Parto para Dharwar amanhã no trem da manhã. Levei a bengala comigo. O amigo do doutor Yagdekar foi muito hospitaleiro comigo. Por favor, dê meus cumprimentos ao Sr. Bhate e a todos os outros presentes. Que o Senhor derrame Suas bênçãos sobre você e sua esposa. A cidade de Panjim é muito arrumada e limpa. A maioria dos cristãos aqui são alfabetizados. Os hindus são em sua maioria sem instrução.

Atenciosamente,

SACHCHIDANANDA.

(Swamiji costumava se chamar assim naquela época.)

8.6.11 ALASINGA PERUMAL

A/C Babu Madhusudan Chattopadhyaya

Engenheiro Superintendente

KHARTABAD, HYDERABAD,

11 de fevereiro de 1893.

CARO ALASINGA,

Seu amigo, o jovem graduado, veio me receber na estação, também um cavalheiro bengali. Atualmente estou morando com o cavalheiro bengali; amanhã irei morar com seu jovem amigo por alguns dias, e então verei diferentes paisagens aqui, e dentro de alguns dias você poderá me esperar em Madras. Pois lamento muito dizer-lhe que não posso voltar no momento para Rajputana. Já está terrivelmente quente aqui. Não sei quão quente estaria em Rajputana e não consigo suportar o calor. Então a próxima coisa que eu faria seria voltar para Bangalore e depois para Ootacamund para passar o verão lá. Meu cérebro ferve de calor.

Então todos os meus planos foram frustrados. É por isso que eu queria sair mais cedo de Madras. Nesse caso, eu ainda teria meses em mãos para procurar alguém entre nossos príncipes do norte que me enviasse para a América. Mas, infelizmente, agora é tarde demais. Primeiro, não posso vagar neste calor – eu morreria. Em segundo lugar, os meus amigos rápidos em Rajputana manter-me-iam preso ao seu lado se me conseguissem e não me deixariam ir para a Europa. Então meu plano era entrar em contato com alguma pessoa nova sem o conhecimento dos meus amigos. Mas este atraso em Madras destruiu todas as minhas esperanças, e com um suspiro profundo desisto, e seja feita a vontade do Senhor! No entanto, você pode ter quase certeza de que o verei dentro de alguns dias, por um ou dois dias em Madras e depois irei para Bangalore e de lá para Ootacamund para ver "se" o M-Maharaja me manda subir. "Se" – porque você vê, não posso ter certeza de nenhuma promessa de um Raja Dakshini (do sul). Eles não são Rajputs. Um Rajput preferiria morrer a quebrar sua promessa. Contudo, o homem aprende à medida que vive, e a experiência é o maior professor do mundo.

"Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu, porque tua é a glória e o reino para todo o sempre." Meus cumprimentos a todos vocês.

Seu etc.,

SACHCHIDANANDA.

(Swamiji costumava se chamar assim naquela época.)

8.6.12 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

KHETRI

28 de abril de 1893.

CARO DIWANJI SAHEB,

No caminho para cá, eu queria ir até sua casa em Nadiad e resgatar minha promessa, mas certas circunstâncias me impediram, e a maior delas foi que você não estava lá; e interpretar Hamlet deixando de fora o papel de Hamlet é algo ridículo; e como tenho certeza de que você retornará em alguns dias para Nadiad, e como voltarei para Bombaim em breve, digamos em 20 dias, achei melhor adiar minha visita para esse período.

Aqui o Khetri Rajaji estava muito, muito ansioso para me ver e enviou seu secretário particular a Madras; e então fui obrigado a partir para Khetri. Mas o calor é intolerável e por isso partirei muito em breve.

Aos poucos, conheci quase todos os Dakshini Rajas e vi cenas muito estranhas em muitos lugares, das quais eu lhe contaria detalhadamente no próximo encontro. Conheço o seu amor por mim e tenho certeza de que você me desculparia por não ir até sua casa. No entanto, irei até você em alguns dias.

Mais uma coisa. Você tem filhotes de leão em Junagad? Você pode me emprestar um para meu Raja? Ele pode lhe dar alguns animais Rajputana em troca, se você quiser.

Eu vi Ratilalbhai no trem. Ele é o mesmo cavalheiro simpático e gentil; e o que mais devo desejar para você, meu querido Diwanji Saheb, senão que o Senhor seja o seu tudo em seu final bem merecido, bem aplaudido e universalmente respeitado de uma vida que foi sempre santa, boa e devotada? ao serviço de tantos filhos e filhas do grande Pai das Misericórdias. Amém!

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.13 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

KHETRI

Maio de 1893.

CARO DIWANJI SAHEB,

Certamente minha carta não chegou até você antes de você me escrever. A leitura de sua carta me deu prazer e dor simultaneamente: prazer, ver que tenho a sorte de ser amado por um homem com seu coração, poder e posição; e dor, ao ver que meu motivo foi mal interpretado o tempo todo. Acredite em mim, que eu te amo e respeito como um pai e que minha gratidão para com você e sua família é certamente ilimitada. O fato é este. Você deve se lembrar que antes eu tinha o desejo de ir para Chicago. Quando em Madras, as pessoas de lá, por sua própria vontade, em conjunto com Sua Excelência de Mysore e Ramnad, fizeram todos os preparativos para me enviarem. E você também deve se lembrar que entre SS de Khetri e eu existem laços de amor mais estreitos. Bem, eu, é claro, escrevi para ele que estava indo para a América. Ora, o Raja de Khetri pensava, em seu amor, que eu certamente o veria uma vez antes de partir, especialmente porque o Senhor lhe deu um herdeiro ao trono e grandes regozijos estavam acontecendo aqui; e para ter certeza da minha vinda, ele enviou seu secretário particular até Madras para me buscar, e é claro que eu viria com certeza. Enquanto isso, telegrafei para seu irmão em Nadiad para saber se você estava lá e, infelizmente, não consegui obter a resposta; portanto, o secretário que, pobre sujeito, havia sofrido terrivelmente por seu mestre ao ir e voltar de Madras e com o olho totalmente no fato de que seu mestre ficaria infeliz se não conseguíssemos chegar a Khetri dentro do Jalsa (festival), comprou ingressos imediatamente para Jaipur. No caminho encontramos o Sr. Ratilal que me informou que meu telegrama foi recebido e devidamente respondido e que o Sr. Viharidas estava me esperando. Agora cabe a você julgar, cujo dever há tanto tempo é fazer justiça. O que eu faria ou poderia fazer nesse sentido? Se eu tivesse descido, não teria conseguido chegar a tempo para as comemorações de Khetri; por outro

lado, meus motivos podem ser mal interpretados. Mas conheço o amor que você e seu irmão têm por mim, e também sabia que teria de voltar para Bombaim dentro de alguns dias, a caminho de Chicago. Achei que a melhor solução seria adiar a minha visita até ao meu regresso. Quanto ao meu sentimento de ofensa por não ter sido atendido por seus irmãos, é uma nova descoberta sua com a qual nunca sonhei; ou, Deus sabe, talvez você tenha se tornado um leitor de pensamentos. Brincadeiras à parte, meu querido Diwanji Saheb, sou o mesmo brincalhão e travesso, mas garanto a você, garoto inocente, você me encontrou em Junagad, e meu amor por seu nobre eu é o mesmo ou aumentou cem vezes, porque tive um problema mental comparação entre você e os Diwans de quase todos os estados de Dakshin, e que o Senhor seja minha testemunha de como minha língua era fluente em seus elogios (embora eu saiba que meus poderes são bastante inadequados para avaliar suas nobres qualidades) em todas as cortes do Sul. Se esta não for uma explicação suficiente, imploro-lhe que me perdoe como um pai perdoa um filho, e não me deixe assombrar pela impressão de que alguma vez fui ingrato para com alguém que foi tão bom para mim.

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Dependo de você para remover qualquer equívoco da mente de seu irmão sobre eu não descer e que, mesmo que eu fosse o próprio diabo, não poderia esquecer sua gentileza e bons ofícios para comigo.

Quanto aos outros dois Swamis, eles eram meus Gurubhais, que foram até você pela última vez em Junagad; deles um é nosso líder. Conheci-os depois de três anos e viemos juntos até Abu e depois deixei-os. Se desejar, posso levá-los de volta para Nadiad, a caminho de Bombaim. Que o Senhor derrame Suas bênçãos sobre você e os seus.

Seu,

V.

8.6.14 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

BOMBAIM,

22 de maio de 1893.

CARO DIWANJI SAHEB,

Cheguei a Bombaim há alguns dias e partiria em alguns dias. Seu amigo, o cavalheiro Banya a quem você escreveu solicitando a acomodação, escreve para dizer que sua casa já está cheia de hóspedes e alguns deles estão doentes e que ele lamenta muito não poder me acomodar. Afinal temos um lugar agradável e arejado.

. . . O secretário particular de Sua Excelência de Khetri e eu agora moramos juntos. Não posso expressar minha gratidão a ele por seu amor e bondade para comigo. Ele é o que eles chamam de Tazimi Sardar em Rajputana, ou seja, um daqueles que os Rajas recebem ao se levantarem de seus assentos. Mesmo assim ele é tão simples, e às vezes seu serviço para mim me deixa quase envergonhado.

. . . Frequentemente, vemos que até mesmo os melhores homens são perturbados e visitados por tribulações neste mundo; pode ser inexplicável; mas é também a experiência da minha vida que o coração e o âmago de tudo aqui é bom, que quaisquer que sejam as ondas superficiais, no fundo e subjacentes a tudo, existe uma base infinita de bondade e amor; e enquanto não atingirmos essa base, estaremos perturbados; mas, uma vez alcançada essa zona de calma, deixe os ventos uivar e as tempestades se enfurecerem. A casa construída sobre uma rocha milenar não pode tremer. Acredito plenamente que um homem bom, altruísta e santo como você, cuja vida inteira foi dedicada a fazer o bem aos outros, já alcançou esta base de firmeza que o próprio Senhor denominou como “descanso em Brahman” no Gita.

Que os golpes que você recebeu o aproximem daquele Ser que é o único a ser amado aqui e no futuro, para que você possa realizá-lo em tudo o que é passado, presente e futuro, e encontrar tudo o que está presente ou perdido nele e somente nele. . Amém!

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.15 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

CHICAGO,

29 de janeiro de 1894.

CARO DIWANJI SAHEB,

Sua última carta chegou até mim há alguns dias. Você tinha ido ver minha pobre mãe e meus irmãos. Estou feliz que você fez isso. Mas você tocou o único lugar suave do meu coração. Você deveria saber, Diwanji, que não sou um bruto de coração duro. Se há algum ser que eu amo no mundo inteiro, é minha mãe. No entanto, eu acreditava e ainda acredito que, sem eu desistir do mundo, a grande missão que Ramakrishna Paramahansa, meu grande Mestre, veio pregar, não veria a luz, e onde estariam aqueles jovens que permaneceram como baluartes contra as ondas crescentes de materialismo e luxo da época? Estes fizeram um grande bem à Índia, especialmente a Bengala, e isto é apenas o começo. Com a ajuda do Senhor, eles farão coisas pelas quais o mundo inteiro os abençoará durante séculos. Assim, por um lado, a minha visão do futuro da religião indiana e do mundo inteiro, o meu amor pelos milhões de seres que afundam continuamente há séculos, sem ninguém para os ajudar, ou melhor, ninguém que sequer pense neles; por outro lado, tornando infelizes aqueles que são mais próximos e queridos de mim; Eu escolho o primeiro. "Senhor fará o resto." Ele está comigo, tenho certeza disso, se é que tem alguma coisa. Enquanto eu for sincero, nada poderá resistir a mim, porque Ele será minha ajuda. Muitos e muitos na Índia não conseguiam me compreender; e como poderiam eles, pobres homens? Seus pensamentos nunca se desviaram além da rotina diária de comer e beber. Sei que apenas algumas almas nobres como você me apreciam. Senhor abençoe seu nobre eu. Mas com ou sem apreciação, nasci para organizar esses jovens; não, centenas de outras pessoas em todas as cidades estão prontas para se juntar a mim; e quero enviá-los como ondas irresistíveis sobre a Índia, trazendo conforto, moralidade, religião, educação às portas dos mais mesquinhos e oprimidos. E isso farei ou morrerei.

Nosso povo não tem ideia, não tem apreciação. Por outro lado, aquele ciúme horrível e essa natureza desconfiada que é o resultado natural de mil anos de escravidão fazem com que eles se tornem inimigos de qualquer ideia nova. Mesmo assim o Senhor é grande.

Sobre o Ârati, bem como outras coisas das quais você fala, é a forma em cada um dos mosteiros em todas as partes da Índia, e a adoração do Guru é o primeiro dever inculcado nos Vedas. Tem seus lados bons e ruins. Mas você deve lembrar que somos uma empresa única, ninguém entre nós tem o direito de impor sua fé aos outros. Muitos de nós não acreditamos em nenhuma forma de idolatria; mas eles não têm o direito de objetar quando outros o fazem, porque isso quebraria o primeiro princípio da nossa religião. Novamente, Deus só pode ser conhecido no homem e através dele. As vibrações da luz estão por toda parte, mesmo nos cantos mais escuros; mas é somente na lâmpada que ela se torna visível ao homem. Da mesma forma, Deus, embora em todos os lugares, só podemos concebê-lo como um grande homem. Todas as ideias de Deus, tais como preservador misericordioso, ajudador, protetor – todas estas são ideias humanas, antropomórficas; e novamente estes devem se apegar a um homem, chamá-lo de Guru ou Profeta ou Encarnação. O homem não pode ir além da sua natureza, assim como você não pode saltar para fora do seu corpo. Que mal há em algumas pessoas adorarem seu Guru quando esse Guru era cem vezes mais santo do que até mesmo todos os seus profetas históricos juntos? Se não há mal nenhum em adorar a Cristo, Krishna ou Buda, por que haveria algum mal em adorar este homem que nunca fez ou pensou nada profano, cujo intelecto apenas através da intuição está acima de todos os outros profetas, porque eles foram todos unilateral? Foi ele quem primeiro trouxe ao mundo esta ideia de verdade, não em, mas em todas as religiões, que está ganhando terreno em todo o mundo, e isso sem a ajuda da ciência ou da filosofia ou de qualquer outra aquisição.

Mas mesmo isto não é obrigatório, nenhum dos irmãos lhe disse que todos devem adorar o seu Guru. Não não não. Mas, novamente, nenhum de nós tem o direito de objetar quando outro adora. Por que? Porque isso derrubaria a sociedade mais singular que o mundo já viu, dez homens com dez noções e ideias diferentes vivendo em perfeita harmonia. Espere, Diwanji, o Senhor é grande e misericordioso, você verá mais.

Nós não apenas toleramos, mas aceitamos todas as religiões, e com a ajuda do Senhor estou tentando pregar isso ao mundo inteiro.

Três coisas são necessárias para tornar cada homem grande, cada nação grande:

1. Convicção dos poderes do bem.
2. Ausência de ciúme e suspeita.
3. Ajudar todos os que estão tentando ser e fazer o bem.

Por que a nação hindu, com toda a sua inteligência maravilhosa e outras coisas, teria desmoronado? Eu te responderia, ciúme. Nunca houve pessoas com maior inveja umas das outras, com mais inveja da fama e do nome umas das outras do que esta miserável raça hindu. E se você alguma vez se assumir no Ocidente, a ausência disso é o primeiro sentimento que você verá nas nações ocidentais.

Três homens não conseguem atuar juntos na Índia por cinco minutos. Cada um luta pelo poder e, a longo prazo, toda a organização desmorona. Senhor! Senhor! Quando aprenderemos a não ter ciúmes! Em tal nação, e especialmente em Bengala, criar um grupo de homens que estão ligados e unidos por um amor eterno, apesar da diferença - não é maravilhoso? Essa banda aumentará. Esta ideia de liberalidade maravilhosa, aliada à energia e ao progresso eternos, deve espalhar-se pela Índia. Deve electrificar toda a nação e deve entrar nos próprios poros da sociedade, apesar da horrível ignorância, do despeito, do sentimento de casta, da velha besteira e do ciúme que são a herança desta nação de escravos.

Você é uma das poucas naturezas nobres que permanecem como rochas fora d'água neste mar de estagnação universal. Senhor te abençoe para todo o sempre!

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.16 IRMÃS HALE

DETROIT,

12 de março de 1894.

QUERIDAS IRMÃS,

Agora estou morando com o Sr. Palmer. Ele é um cavalheiro muito simpático. Na noite anterior, ele ofereceu um jantar a um grupo de velhos amigos, cada um com mais de 60 anos, que ele chama de seu "clube dos velhos meninos". Falei em uma ópera por duas horas e meia. As pessoas ficaram muito satisfeitas. Estou indo para Boston e Nova York. Chegarei aqui o suficiente para cobrir minhas despesas lá. Esqueci os endereços de Flagg e do Prof. Wright. Não vou dar palestras em Michigan, o Sr. Holden tentou me persuadir esta manhã a dar palestras em Michigan, mas estou bastante inclinado a conhecer um pouco de Boston e Nova York. Para falar a verdade, quanto mais eu ganho popularidade e facilidade para falar, mais fico farto. Meu último endereço foi o melhor que já entreguei. O Sr. Palmer estava em êxtase e o público permaneceu quase fascinado, tanto que foi depois da palestra que descobri que havia falado tanto tempo. Um orador sempre sente o desconforto ou a desatenção do público. Senhor, salve-me de tal absurdo, estou farto. Eu descansaria em Boston ou Nova York se o Senhor permitir. Meu amor a todos vocês. Que você seja feliz!

Seu carinhoso irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.17 IRMÃS HALE

DETROIT,

15 de março de 1894.

QUERIDOS BEBÊS,

Estou me dando bem com o velho Palmer. Ele é um velhinho muito alegre e bom. Ganhei apenas 127 dólares na minha última palestra. Vou falar novamente em Detroit na segunda-feira. Sua mãe me pediu para escrever para uma senhora em Lynn. Eu nunca a vi. É etiqueta escrever sem qualquer introdução? Por favor, envie-me uma pequena carta sobre esta senhora. Onde se encontra Lynn? A coisa mais engraçada que foi dita sobre mim aqui foi num dos jornais que dizia: "O hindu ciclônico chegou e é convidado do Sr. Palmer. O Sr. Palmer tornou-se hindu e está indo para a Índia; só ele insiste que duas reformas deveria ser realizado: em primeiro lugar, que o Carro de Jagannath fosse puxado por Percherons criados na Fazenda Loghouse do Sr. Palmer e, em segundo lugar, que a vaca Jersey fosse admitida no panteão das vacas sagradas hindus. Palmer gosta apaixonadamente do cavalo Percheron e da vaca Jersey e tem um grande estoque de ambos em sua Fazenda Loghouse.

A primeira palestra não foi bem administrada, sendo o custo da sala de 150 dólares. Eu desisti de Holden. Aqui está outro sujeito que apareceu; deixe-me ver se ele se sai melhor. Sr. Palmer me faz rir o dia todo. Amanhã haverá outro jantar. Até agora está tudo bem; mas não sei — fiquei muito triste no coração desde que cheguei aqui — não sei por quê.

Estou cansado de palestras e todas essas bobagens. Esta mistura com centenas de variedades do animal humano me perturbou. Eu lhe direi o que é do meu agrado; Não consigo escrever e não consigo falar, mas posso pensar profundamente e, quando estou aquecido, posso falar fogo. Deveria ser, no entanto, para um seletor, muito seletor — poucos. Deixe-os, se quiserem, transmitir e espalhar minhas idéias - não eu. Esta é apenas uma divisão justa de trabalho. O mesmo homem nunca conseguiu pensar e dispersar seus pensamentos. Um homem deve ser livre para pensar, especialmente pensamentos espirituais.

Só porque esta afirmação de independência, esta prova de que o homem não é uma máquina, é a essência de todo o pensamento religioso, é impossível pensá-lo da forma mecânica rotineira. Foi esta tendência para reduzir tudo ao nível de uma máquina que deu ao Ocidente a sua maravilhosa prosperidade. E foi isso que afastou todas as religiões de suas portas. Mesmo o pouco que resta, o Ocidente reduziu-o a um exercício sistemático.

Eu realmente não sou "ciclônico". Longe disso. O que eu quero não está aqui, nem posso mais suportar esta atmosfera "ciclônica". Este é o caminho para a perfeição, esforçar-se para ser perfeito e esforçar-se para aperfeiçoar alguns homens e mulheres. Minha ideia de fazer o bem é esta: desenvolver alguns gigantes, e não jogar pérolas aos porcos, e assim perder tempo, saúde e energia.

Há pouco recebi uma carta de Flagg. Ele não pode me ajudar nas palestras. Ele diz: "Primeiro vá para Boston". Bem, eu não ligo mais para palestras. É muito nojento essa tentativa de me adequar aos modismos de qualquer pessoa ou de qualquer público. Contudo, voltarei a Chicago por pelo menos um ou dois dias antes de sair deste país. Senhor abençoe a todos.

Sempre agradecido ao seu irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.18 SENHORITA MARY HALE

DETROIT,

18 de março de 1894.

QUERIDA IRMÃ MARIA,

Meus sinceros agradecimentos pela gentileza de me enviar a carta de Calcutá. Foi enviado por meus irmãos de Calcutá e foi escrito por ocasião de um convite particular para comemorar o aniversário de meu Mestre, sobre quem vocês tanto ouviram falar de mim – por isso envio-o para vocês. A carta diz que Mazoomdar voltou para Calcutá e está pregando que Vivekananda está cometendo todos os pecados existentes na América. . . . Este é o maravilhoso homem espiritual da sua América! Não é culpa deles; até que alguém seja realmente espiritual, isto é, até que tenha uma visão real da natureza de sua própria alma e tenha um vislumbre do mundo da alma, não será possível distinguir o joio da semente, a conversa fiada da profundidade, e assim por diante. . Lamento pelo pobre Mazoomdar que ele tenha se rebaixado tanto! Senhor abençoe o velho!

O endereço dentro da carta está em inglês e é meu antigo nome, escrito por um companheiro de minha infância que também atendia encomendas. É um nome muito poético. O que está escrito na carta é uma abreviatura, o nome completo é Narendra, que significa "Chefe dos homens" ("nara" significa "homem", e "indra" significa "governante", "chefe") - muito ridículo, não é? Mas estes são os nomes no nosso país; não podemos ajudar, mas estou feliz por ter desistido disso.

Eu estou bem. Esperando que seja o mesmo com você.

Eu continuo sendo seu irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.19 SENHORITA MARY HALE

DETROIT,

30 de março de 1894.

QUERIDA IRMÃ,

As cartas sua e da Mãe Igreja chegaram há pouco, confirmando o recebimento do dinheiro. Estou muito feliz em receber a carta de Khetri, que envio de volta para sua leitura. Você descobriria que ele quer alguns recortes de jornais. Acho que não tenho nenhum, exceto o de Detroit, que enviarei a ele. Se você conseguir encontrar outros, por favor, envie alguns para ele, se for possível e conveniente. Você sabe o endereço dele – S. H. o Marajá de Khetri, Rajputana, Índia. É claro que esta carta é apenas para leitura da sagrada família. A Sra. Breed me escreveu primeiro uma carta dura e ardente, e então hoje recebi um telegrama dela me convidando para ser seu convidado por uma semana. Antes disso, recebi uma carta da Sra. Smith, de Nova York, escrevendo em seu nome e de outra senhora, Srta. Helen Gould e outro Dr.____, para virem a Nova York. Como o Lynn Club me quer no dia 17 do próximo mês, irei primeiro para Nova York e chegarei a tempo para a reunião deles em Lynn.

No próximo verão, se eu não for embora, o que a Sra. Bagley insiste que não devo fazer, poderei ir para Annisquam, onde a Sra. Bagley alugou uma bela casa. A Sra. Bagley é uma senhora muito espiritual, e o Sr. Palmer um cavalheiro espirituoso, mas muito bom. O que devo escrever mais? Estou bem, com boa saúde de corpo e mente. Que todas vocês sejam abençoadas, sempre abençoadas, minhas queridas irmãs. A propósito, a Sra. Sherman me presenteou com muitas coisas, entre as quais um conjunto de pregos, um porta-cartas e uma pequena bolsa, etc., etc. - cabos de pérola, ela insistiu e eu tive que pegá-los, embora não saiba o que fazer com aquele instrumento de escovação. Senhor abençoe a todos. Ela me deu um conselho: nunca usar esse vestido Afrikee na sociedade. Agora sou um homem da sociedade! Senhor! O que vem depois? A vida longa traz experiências estranhas! Meu amor inexprimível por todos vocês, minha sagrada família.

Seu irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.20 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

CHICAGO,

20 de junho de 1894.

CARO DIWANJI SAHEB,

Seu bilhete muito gentil chegou hoje. Lamento muito ter causado dor a um coração tão nobre como o seu com minhas palavras fortes e precipitadas. Eu me curvo às suas leves correções. “Teu filho sou eu, ensina-me a me curvar assim” – Gita. Mas você bem sabe, Diwanji Saheb, foi meu amor que me levou a dizer isso. Os caluniadores, devo dizer-lhe, não me beneficiaram indiretamente; por outro lado, magoaram-me imensamente, tendo em conta o facto de o nosso povo hindu não ter movido um dedo para dizer aos americanos que eu os representava. Se o nosso povo tivesse enviado algumas palavras agradecendo ao povo americano pela sua gentileza para comigo e afirmando que eu os estava representando! . . . tenho dito ao povo americano que só usei o traje de Sannyasin na América e que fui um

trapaceiro, puro e simples. No que diz respeito à recepção, não tem efeito sobre a nação americana; mas no que diz respeito a me ajudar com fundos, isso tem um efeito terrível, fazendo com que eles tirem de mim as mãos que me ajudam. E já faz um ano que estou aqui, e nenhum homem importante da Índia achou adequado fazer com que os americanos soubessem que não sou um trapaceiro. Lá, novamente, os missionários estão sempre procurando algo contra mim, e estão ocupados recolhendo qualquer coisa dita contra mim pelos jornais cristãos da Índia e publicando-o aqui. Agora você deve saber que as pessoas aqui sabem muito pouco sobre a distinção na Índia entre o cristão e o hindu.

Primeiramente, minha vinda foi para arrecadar fundos para um empreendimento próprio. Deixe-me contar tudo para você novamente.

Toda a diferença entre o Ocidente e o Oriente reside nisto: eles são nações, nós não, isto é, civilização, a educação aqui é geral, penetra nas massas. As classes mais altas na Índia e na América são as mesmas, mas a distância é infinita entre as classes mais baixas dos dois países. Por que foi tão fácil para os ingleses conquistar a Índia? Foi porque eles são uma nação, nós não. Quando um dos nossos grandes homens morre, devemos aguardar durante séculos para ter outro; eles podem produzi-los tão rápido quanto morrem. Quando o nosso Diwanji Saheb falecer (o que o Senhor pode atrasar muito para o bem do meu país), a nação verá imediatamente a dificuldade de ocupar o seu lugar, o que é visto ainda agora no facto de não poderem dispensar os seus serviços. . É a escassez dos grandes. Por quê então? Porque eles têm um campo muito maior para recrutar os melhores, nós temos um campo tão pequeno. Uma nação de 300 milhões de habitantes tem o menor campo de recrutamento dos seus grandes, em comparação com nações de trinta, quarenta ou sessenta milhões, porque o número de homens e mulheres instruídos nessas nações é muito grande. Agora, não me confunda, meu bom amigo, este é o grande defeito da nossa nação e deve ser removido.

Educar e elevar as massas, e só assim uma nação é possível. Os nossos reformadores não vêem onde está a ferida, querem salvar a nação casando-se com as viúvas; você acha que uma nação é salva pelo número de maridos que suas viúvas conseguem? Nem a culpa é da nossa religião, pois um ídolo

mais ou menos não faz diferença. Todo o defeito está aqui: a verdadeira nação que vive em chalés esqueceu sua masculinidade, sua individualidade. Pisoteados pelos hindus, muçulmanos ou cristãos, eles passaram a pensar que nasceram para serem pisados por todos que têm dinheiro suficiente no bolso. Eles devem receber de volta sua individualidade perdida. Eles devem ser educados. Quer os ídolos permaneçam ou não, quer as viúvas tenham maridos suficientes ou não, quer a casta seja boa ou má, não me preocupo com essas questões. Cada um deve desenvolver a sua própria salvação. Nosso dever é juntar os produtos químicos, a cristalização virá através das leis de Deus. Coloquemos ideias nas suas cabeças e eles farão o resto. Agora, isso significa educar as massas. Aqui estão essas dificuldades. Um governo pobre não pode e não fará nada; então não há ajuda daquele trimestre.

Mesmo supondo que estejamos em condições de abrir escolas gratuitamente em cada aldeia, ainda assim os meninos pobres prefeririam ir para o arado para ganhar a vida do que vir para a sua escola. Nem nós temos o dinheiro, nem podemos fazê-los frequentar a educação. O problema parece desesperador. Eu encontrei uma saída. É isto. Se a montanha não chega até Maomé, Maomé deve ir até a montanha. Se os pobres não podem aceder à educação, a educação deve alcançá-los no arado, na fábrica, em todo o lado. Como? Você viu meus irmãos. Agora posso conseguir centenas deles, por toda a Índia, altruístas, bons e educados. Deixemos que estes homens vão de aldeia em aldeia trazendo não só a religião à porta de todos, mas também a educação. Então eu tenho um núcleo de organização das viúvas também como instrutoras das nossas mulheres.

Agora suponhamos que os aldeões, depois de um dia de trabalho, cheguem à sua aldeia e, sentados debaixo de uma árvore ou em algum outro lugar, estejam fumando e conversando o tempo todo. Suponha que dois desses Sannyasins educados os peguem lá e com uma câmera lancem imagens astronômicas ou outras, cenas de diferentes nações, histórias, etc. Assim, com globos, mapas, etc. caminho, Diwanji? Não é que o olho seja a única porta do conhecimento; o ouvido pode fazer o mesmo. Assim, eles teriam ideias e moralidade e esperariam o melhor. Aqui termina nosso trabalho. Deixe-os fazer o resto. O que levaria os Sannyasins a fazerem este sacrifício, a empreenderem tal tarefa? - entusiasmo religioso. Cada nova

onda religiosa requer um novo centro. A velha religião só pode ser revivificada por um novo centro. Pendure seus dogmas ou doutrinas, eles nunca compensam. É um personagem, uma vida, um centro, um Deus-homem que deve liderar o caminho, que deve ser o centro em torno do qual todos os outros elementos se reunirão e então cairão como uma onda gigantesca sobre a sociedade, carregando tudo diante dela, lavando todas as impurezas. Novamente, um pedaço de madeira só pode ser cortado facilmente ao longo da fibra. Assim, o velho Hinduísmo só pode ser reformado através do Hinduísmo, e não através dos novos movimentos de reforma. Ao mesmo tempo, os reformadores devem ser capazes de unir em si a cultura tanto do Oriente como do Ocidente. Agora você não acha que já viu o núcleo de um movimento tão grande, que já ouviu os estrondos baixos do maremoto que se aproxima? Esse centro, esse Deus-homem para liderar nasceu na Índia. Ele era o grande Ramakrishna Paramahansa, e ao redor dele esse grupo está lentamente se formando. Eles farão o trabalho. Agora, Diwanji Maharaj, isto requer uma organização, dinheiro – pelo menos um pouco para colocar a roda em movimento. Quem nos teria dado dinheiro na Índia? — Então, Diwanji Maharaj, cruzei para a América. Você deve se lembrar que eu implorei todo o dinheiro aos pobres e não aceitei as ofertas dos ricos porque eles não conseguiam entender minhas idéias. Agora, lecionando durante um ano neste país, não consegui ter sucesso algum (é claro, não tenho necessidades para mim) em meu plano de arrecadar alguns fundos para a instalação do meu trabalho. Primeiro, este ano é um ano muito ruim na América; milhares de seus pobres estão sem trabalho. Em segundo lugar, os missionários e os Brahma Samajistas tentam frustrar todos os meus pontos de vista. Em terceiro lugar, passou um ano e os nossos compatriotas não puderam sequer fazer por mim a ponto de dizer ao povo americano que eu era um verdadeiro sannyasin e não trapaceiro, e que representava a religião hindu. Mesmo isso, o gasto de algumas palavras, eles não poderiam fazer! Bravo, meus compatriotas! Eu os amo, Diwanji Saheb. Ajuda humana eu rejeito com o pé. Aquele que esteve comigo através de colinas e vales, através de desertos ou florestas, estará comigo, espero; caso contrário, alguma alma heróica surgiria em algum momento na Índia, muito mais capaz do que eu, e levaria a cabo a tarefa. Então eu contei a você tudo sobre isso. Diwanji, desculpe minha longa carta, meu nobre amigo, um dos poucos que realmente sente por mim, tem verdadeira bondade para comigo. Você tem liberdade, meu amigo, de pensar que sou

um sonhador, um visionário; mas acredite pelo menos que sou sincero até a espinha dorsal, e meu maior defeito é que amo meu país demais, demais. Que você e os seus sejam abençoados para todo o sempre, meu nobre, nobre amigo. Que a sombra do Todo-Poderoso repouse sempre sobre todos aqueles que você ama. Ofereço minha eterna gratidão a você. Minha dívida com você é imensa, não só porque você é meu amigo, mas também porque durante toda a sua vida serviu tão bem ao Senhor e à sua pátria.

Sempre seu em gratidão,

VIVEKANANDA.

8.6.21 UM DISCÍPULO DE MADRAS

Avenida DEARBORN, 541,

CHICAGO,

28 de junho de 1894.

QUERIDO__ ,

Outro dia recebi uma carta de G. G., Mysore. G. G. infelizmente pensa que sou onisciente, caso contrário teria escrito seu endereço canarês no topo da carta de forma mais legível. Então, novamente, é um grande erro endereçar-me cartas para qualquer outro lugar que não seja Chicago. É claro que foi um erro meu no início, porque eu deveria ter pensado no excelente Buddhi (intelecto) de nossos amigos que estão jogando cartas para mim em qualquer lugar onde encontram um endereço no topo. Mas diga aos nossos Madras Brihaspatis (isto é, companheiros sábios) que eles já sabiam muito bem que antes de suas cartas chegarem, posso estar a 1.600 quilômetros de distância daquele lugar específico, pois estou viajando continuamente. Em Chicago há um amigo cuja casa é minha sede.

Agora, quanto às minhas perspectivas aqui – são quase zero. Ora, porque embora eu tivesse o melhor propósito, ele foi anulado e sem efeito por essas causas. Tudo o que recebo sobre a Índia vem das cartas de Madras. Suas cartas dizem repetidas vezes como estou sendo elogiado na Índia. Mas isso

é entre mim e você, pois nunca vi um único jornal indiano escrevendo sobre mim, exceto os três centímetros quadrados que Alasinga me enviou. Por outro lado, tudo o que é dito pelos cristãos na Índia é diligentemente recolhido pelos missionários e publicado regularmente, e eles vão de porta em porta para fazer com que os meus amigos me desistam. Eles tiveram muito sucesso, pois não há uma palavra para mim na Índia. Os jornais indianos hindus podem me elogiar, mas nem uma palavra disso chegou à América, de modo que muitas pessoas neste país me consideram uma fraude. Diante dos missionários e com a inveja dos hindus que estão aqui para apoiá-los, não tenho uma palavra a dizer.

Agora penso que foi uma tolice da minha parte ir ao Parlamento com base na insistência dos rapazes de Madras. Afinal, eles são meninos. É claro que estou eternamente grato a eles, mas, afinal de contas, são jovens entusiasmados, sem qualquer capacidade executiva. Eu vim aqui sem credenciais. De que outra forma posso mostrar que não sou uma fraude diante dos missionários e do Brahmo Samaj? Agora não achei nada tão fácil quanto dizer algumas palavras; Achei que nada seria tão fácil quanto realizar uma reunião com algumas pessoas respeitáveis em Madras e Calcutá e aprovar uma resolução agradecendo a mim e ao povo americano por serem gentis comigo e enviando-a oficialmente, ou seja, através do Secretário da função, para A América, por exemplo, enviando um ao Dr. Barrows e pedindo-lhe que o publicasse nos jornais e assim por diante, em diferentes jornais de Boston, Nova York e Chicago. Afinal de contas, descobri que é uma tarefa terrível demais para a Índia empreender. Não houve uma voz a meu favor em um ano e nem todas contra mim, pois o que quer que vocês digam de mim em suas casas, quem sabe alguma coisa sobre isso aqui? Há mais de dois meses escrevi para Alasinga sobre isso. Ele nem sequer respondeu à minha carta. Receio que o coração dele tenha ficado morno. Então você deve primeiro pensar nisso e depois mostrar esta carta ao povo de Madras. Por outro lado, meus irmãos falam bobagens tolamente sobre Keshab Sen; e os Madrasis, contando aos Teosofistas tudo o que escrevo sobre eles, estão criando apenas inimigos. . . . Oh! Se ao menos eu tivesse um homem com verdadeiras habilidades e inteligência para me apoiar na Índia! Mas a Sua vontade será feita. Eu sou uma fraude neste país. Foi uma tolice minha ir ao Parlamento sem quaisquer credenciais,

esperando que houvesse muitas para mim. Eu tenho que resolver isso lentamente.

No geral, os americanos são um milhão de vezes mais nobres que os hindus, e posso trabalhar melhor aqui do que no país dos ingratos e dos sem coração. Afinal, devo resolver meu Karma. No que diz respeito às circunstâncias pecuniárias, estou bem e ficarei bem. O número de Teosofistas em toda a América é de apenas 625 no último censo. Misturar-me com eles vai me esmagar em um minuto, em vez de me ajudar de alguma forma. Que absurdo Alasinga quis dizer com minha ida a Londres para ver o Sr. Velho etc. Tolo! os meninos lá não sabem o que estão falando. E esse bando de bebês de Madras não consegue nem manter um conselho em seu abençoado macarrão! Fale bobagem o dia todo e, quando se trata de negócios, eles não estão em lugar nenhum! Os idiotas, que não conseguem organizar algumas reuniões de 50 homens cada e enviar algumas palavras vazias apenas para me ajudar, falam muito sobre influenciar o mundo. Escrevi para você sobre o fonógrafo. Agora há aqui um ventilador elétrico que custa US\$ 20 e funciona lindamente. A bateria funciona 100 horas e depois pode ser reabastecida em qualquer central elétrica. Adeus, já estou farto dos hindus. Agora que Sua vontade seja feita, eu obedeço e me curvo ao meu Karma. No entanto, não me considere ingrato. . . . O povo de Madras fez por mim mais do que eu merecia e mais do que estava ao seu alcance. Foi a minha tolice – esquecer por um momento que nós, hindus, ainda não nos tornamos seres humanos e desistir por um momento da minha autoconfiança e confiar nos hindus – que fiquei triste. A cada momento eu esperava algo da Índia. Não, isso nunca aconteceu. Especialmente nos últimos dois meses, fui torturado a cada momento. Não, nem mesmo um jornal da Índia! Meus amigos esperaram – esperaram mês após mês; nada veio, nem uma voz. Conseqüentemente, muitos esfriaram e finalmente desistiram de mim. Mas é o castigo por confiar no homem e nos animais, pois os nossos compatriotas ainda não são homens. Eles estão prontos para serem elogiados, mas quando chega a sua vez de dizer uma palavra, eles não estão em lugar nenhum.

Meus agradecimentos eternos aos jovens de Madras. Que o Senhor os abençoe para sempre. A América é o melhor campo do mundo para dar continuidade à minha ideia; então não penso em deixar a América em

breve. E porque? Aqui tenho comida, bebida e roupas, e todo mundo muito gentil, e tudo isso por algumas boas palavras! Por que eu deveria desistir de uma nação tão nobre para ir para a terra dos brutos e ingratos e dos idiotas estúpidos mantidos em eterna escravidão de miseráveis supersticiosos, impiedosos e impiedosos? Então, adeus novamente. Você pode mostrar esta carta às pessoas com discrição, até mesmo a Alasinga, sobre quem tanto construí. A propósito, você poderia gentilmente enviar algumas cópias do esboço da vida de Ramakrishna Paramahansa escrito por Mazumdar para Chicago? Eles têm muitos em Calcutá. Não se esqueça do endereço 541 Dearborn Avenue (não Street), Chicago, ou c/o Thomas Cook, Chicago. Qualquer outro endereço causaria muito atraso e confusão, pois estou viajando continuamente e Chicago é meu quartel-general, embora nem isso tenha ocorrido aos nossos amigos de Madras. Por favor, dê a G. G., Alasinga, Secretário e todos os outros minhas bênçãos eternas. Estou sempre orando pelo bem-estar deles e não estou nem um pouco descontente com eles, mas não estou satisfeito comigo mesmo. Cometi um erro terrível – de calcular com base na ajuda dos outros – uma vez na vida – e paguei por isso. A culpa foi minha e não deles. Senhor abençoe todo o povo de Madras. Eles são pelo menos muito superiores aos bengalis, que são simplesmente tolos e não têm alma, nem resistência alguma. Tchau Tchau. Lancei meu barco nas ondas, aconteça o que acontecer. Em relação às minhas críticas brutais, não tenho realmente o direito de fazê-las. Você fez por mim infinitamente mais do que eu mereço. Devo suportar meu próprio Karma, e isso sem murmurar. Senhor abençoe a todos.

Sinceramente,

VIVEKANANDA.

PS. Receio que a faculdade de Alasinga tenha fechado, mas não tenho nenhuma indicação disso e ele nunca me deu seu endereço residencial. Kidi desistiu, infelizmente.

V.

8.6.22 Sra. GEORGE W. HALE

C/O Dr. E. Guernsey,
FISHKILL LANDING, Nova York,
Julho de 1894.

QUERIDA MÃE,

Vim ontem para este lugar e ficarei aqui alguns dias. Recebi em Nova York uma carta sua, mas não recebi nenhuma Interior, pelo que estou feliz, porque ainda não sou perfeito, e conhecendo o "amor altruísta" que os padres presbiterianos, especialmente o Interior, têm por "mim", eu quero evitar despertar sentimentos ruins em relação a esses "doces cavalheiros cristãos" em meu coração. Nossa religião ensina que a raiva é um grande pecado, mesmo que seja "justo". Cada um deve seguir sua própria religião. Eu não conseguia, em minha alma, distinguir jamais a distinção entre "raiva religiosa" e "raiva comum", "assassinato religioso" e "assassinato comum", "calúnia religiosa e irreligiosa", e assim por diante. Nem poderá essa "bela" distinção ética alguma vez entrar na ética da nossa nação! Brincadeiras à parte, Mãe Igreja, não me importo nem um pouco com as brincadeiras que esses homens fazem, visto que faço completamente a insinceridade, a hipocrisia e o amor a si mesmo e ao nome que é a única força motriz nesses homens.

Quanto às fotografias, na primeira vez os Bebês ganharam alguns exemplares, e na segunda vez você trouxe alguns exemplares; você sabe que eles devem dar 50 cópias no total. Irmã Isabelle sabe melhor do que eu.

Com meu mais sincero amor e respeito por você e pelo Padre Pope.

Eu permaneço,

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Como você está aproveitando o calor? Estou suportando muito bem o calor aqui. Recebi um convite para ir a Swampscott, no mar, de uma senhora muito rica que conheci no inverno passado em Nova York, mas

recusei e agradei. Tenho muito cuidado para não aceitar a hospitalidade de ninguém aqui, especialmente dos ricos. Recebi alguns outros convites de algumas pessoas muito ricas daqui. Eu recusei; A essa altura, já vi todo o negócio. Senhor abençoe você e os seus, Mãe Igreja, pela sua sinceridade. Oh! é tão raro neste mundo.

Atenciosamente,

V.

8.6.23 IRMÃS HALE

(Sobre a reunião de Calcutá de 5 de setembro de 1894)

NOVA IORQUE

9 de julho (setembro?), 1894.

Ó MINHAS IRMÃS,

Glória a Jagadambâ (Mãe do Universo)! Ganhei além das expectativas. O profeta foi honrado e com vingança. Estou chorando como uma criança à Sua misericórdia – Ele nunca abandona Seu servo, irmãs. A carta que lhe envio explicará tudo, e as coisas impressas estão chegando ao povo americano. Os nomes aí são a própria flor do nosso país. O presidente era o principal nobre de Calcutá, e o outro homem, Mahesh Chandra Nyâyaratna, é o diretor do Colégio de Sânscrito e o principal brâmane em toda a Índia e reconhecido pelo governo como tal. A carta contará tudo a você. Ó irmãs! Que trapaceiro sou eu, que diante de tais misericórdias às vezes a fé vacila - vendo a cada momento que estou em Suas mãos. Mesmo assim, a mente às vezes fica desanimada. Irmã, existe um Deus — um Pai — uma Mãe que nunca abandona Seus Filhos, nunca, nunca, nunca. Deixem de lado as teorias misteriosas e tornem-se crianças e refugiem-se Nele. Não posso escrever mais – estou chorando como uma mulher.

Bendito, bendito és Tu, Senhor Deus da minha alma!

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.24 IRMÃS HALE

SWAMPSCOTT,
26 de julho de 1894.

QUERIDOS BEBÊS,

Agora não deixe minhas cartas se perderem além do círculo, por favor. Recebi uma linda carta da irmã Mary. Veja como estou conseguindo o traço, a irmã Jeany me ensina tudo isso. Ela pode pular, correr, brincar, xingar como um demônio e falar gírias a uma velocidade de 500 por minuto; só que ela não liga muito para religião, só um pouco. Ela foi para casa hoje e eu estou indo para Greenacre. Eu tinha ido ver a Sra. Breed. A Sra. Stone estava lá, com quem reside a Sra. Pullman e todos os insetos dourados, meus velhos amigos por aqui. Eles são gentis como sempre. No caminho de volta de Greenacre, irei a Annisquam para passar alguns dias com a Sra. Bagley.

Droga, esqueça tudo. Eu tinha patos no mar como um peixe. Estou gostando de tudo isso. Que absurdo foi a música que Harriet me ensinou "dans la plaine", o diabo, pegue. Conte isso a um estudioso francês e ele riu e riu até que o sujeito quase explodiu com minha maravilhosa tradução. É assim que você teria me ensinado francês! Vocês são um bando de tolos e pagãos, eu lhes digo. Agora você está ofegante como um enorme peixe encalhado? Estou feliz que você esteja fervendo. Oh! como é bom e fresco aqui, e aumenta cem vezes quando penso nas quatro solteironas ofegantes, chiando, fervendo e fritando, e em como sou legal e agradável aqui. Uau!

A senhorita Phillips tem um lugar lindo em algum lugar do estado de Nova York - montanha, lago, rio, floresta no total - o que mais? Vou fazer um Himalaia lá e começar um mosteiro tão certo quanto estou vivendo - não vou deixar este país sem jogar mais uma maçã da discórdia neste

redemoinho já rugindo, lutando, chutando e louco da religião americana. Bem, queridas solteironas, às vezes vocês têm um vislumbre do lago e em cada meio-dia quente, pensam em descer até o fundo do lago, descer, descer, descer, até que esteja fresco e agradável, e então deitar-se. o fundo, com aquela frescura acima e ao redor, e ficar ali imóvel, em silêncio, e apenas cochilar - não dormir, mas cochilar sonhador, meio inconsciente, uma espécie de felicidade - muito parecida com aquela que o ópio traz; isso é delicioso; e beber muita água gelada. Senhor abençoe minha alma - várias vezes tive cólicas que matariam um elefante. Então espero me manter longe da água fria.

Que sejam todas felizes, queridas jovens do fim do século, é a oração constante de VIVEKANANDA.

8.6.25 IRMÃS HALE

GREENACRE,

11 de agosto de 1894.

QUERIDAS IRMÃS,

Estive todo esse tempo em Greenacre. Eu gostei muito deste lugar. Eles têm sido todos muito gentis comigo. Uma senhora de Chicago, a Sra. Pratt de Kenilworth, queria me dar US\$ 500; ela ficou muito interessada em mim; mas eu recusei. Ela me fez prometer que lhe enviaria uma mensagem sempre que precisasse de dinheiro, o que espero que o Senhor nunca me coloque. Somente Sua ajuda é suficiente para mim. Não ouvi nada de você nem de mamãe. Também não tenho notícias da Índia sobre a chegada do fonógrafo.

Se houve algo ofensivo em minha carta para vocês, espero que todos saibam que eu quis dizer tudo com amor. É inútil expressar minha gratidão a você por sua gentileza. Senhor o abençoe e derrame Suas bênçãos mais escolhidas sobre você e aqueles que você ama. Estou sempre em dívida com sua família. Você sabe. Você sente isso. Eu não posso expressar isso. No domingo irei dar uma palestra em Plymouth nas reuniões de “Simpatia

pelas Religiões” do Coronel Higginson. Com isso envio uma fotografia que Cora Stockham tirou do grupo debaixo da árvore. É apenas uma prova e desaparecerá sob exposição, mas não consigo obter nada melhor no momento. Por favor, transmita meu sincero amor e gratidão à Srta. Howe. Ela tem sido tão, tão gentil comigo. Não preciso de nada no momento. Terei muito prazer em avisá-lo se precisar de alguma coisa. Acho que vou de Plymouth para Fishkill, onde ficarei apenas alguns dias. Vou escrever para você novamente de Fishkill. Espero que vocês estejam todos felizes, ou melhor, eu sei que estão. Almas puras e boas nunca podem ser infelizes. Vou me divertir muito nas poucas semanas que estiver aqui. Estarei em Nova York no próximo outono. Nova York é um lugar grandioso e bom. O povo de Nova Iorque tem uma tenacidade de propósito desconhecida em qualquer outra cidade. Recebi uma carta da Sra. Potter Palmer me pedindo para vê-la em agosto. Ela é uma senhora muito gentil e gentil, etc. Não tenho muito a dizer. Lá está meu amigo Dr. Janes, de Nova York, presidente da Sociedade de Cultura Ética, que iniciou suas palestras. Devo ir ouvi-lo. Ele e eu concordamos muito. Que você seja sempre feliz!

Sempre seu irmão bem-intencionado,

VIVEKANANDA.

8.6.26 SENHORITA MARY HALE

C/O. SRA. BAGLEY,
ANUALMENTE,

31 de agosto de 1894.

QUERIDA IRMÃ,

A carta do povo de Madras foi publicada no Boston Transcript de ontem. Espero lhe enviar uma cópia. Você pode ter visto isso em algum jornal de Chicago. Tenho certeza de que há alguma correspondência para mim na Cook & Sons – estarei aqui pelo menos até terça-feira, dia em que darei uma palestra aqui em Annisquam.

Por favor, pergunte ao Cook's minha correspondência e envie-a para Annisquam.

Faz algum tempo que não tenho notícias suas. Enviei ontem duas fotos para a Igreja Matriz e espero que gostem. Estou muito preocupado com o correio indiano. Com amor por todos, sou seu sempre carinhoso irmão,

VIVEKANANDA.

PS. Como não sei onde você está, não poderia enviar mais nada que tenho que enviar para você.

V.

8.6.27 SR. LEON LANDSBERG

HOTEL BELLEVUE,

BOSTON,

13 de setembro de 1894.

CARO LEÃO,

Perdoe-me, mas tenho o direito, como seu Guru, de aconselhá-lo, e insisto que você compre algumas roupas para si mesmo, pois a falta delas impede

que você faça qualquer coisa neste país. Depois de começar, você pode se vestir da maneira que quiser. As pessoas não se opõem.

Você não precisa me agradecer, pois isso é apenas um dever. De acordo com a lei hindu, se um Guru morre, seu discípulo é seu herdeiro, e nem mesmo seu filho – supondo que ele tenha tido um antes de se tornar um Sannyasin. Este é, você vê, um relacionamento espiritual real, e não é da sua conta de "tutor" ianque!

Com todas as bênçãos e orações pelo seu sucesso,

Seu,

VIVEKANANDA.

8.6.28 SENHORITA MARY HALE

HOTEL BELLEVUE,

BEACON ST., BOSTON,

13 de setembro de 1894.

QUERIDA IRMÃ,

Sua gentil nota chegou até mim esta manhã. Estou neste hotel há cerca de uma semana. Ainda ficarei em Boston por algum tempo. Na verdade, já tenho muitos vestidos, mais do que posso carregar com facilidade. Quando tomei banho em Annisquam, eu estava com aquele lindo terno preto que você tanto aprecia, e não creio que possa ser danificado de forma alguma; também foi penetrado pelas minhas profundas meditações sobre o Absoluto. Estou muito feliz que você tenha gostado tão bem do verão. Quanto a mim, estou vagabundo. Diverti-me muito outro dia ao ler a descrição de Abe Hue dos lamas vagabundos do Tibete – uma imagem verdadeira da nossa fraternidade. Ele diz que eles são pessoas queer. Eles vêm quando querem, sentam-se à mesa de todos, com ou sem convite, vivem onde querem e vão para onde querem. Não há uma montanha que eles não tenham escalado, nem um rio que eles não tenham atravessado,

nem uma nação que eles não conheçam, nem uma língua que eles não falem. Ele pensa que Deus deve ter colocado neles uma parte daquela energia que faz os planetas girarem e girarem eternamente. Hoje esse lama vagabundo foi tomado pelo desejo de continuar rabiscando, então desci e entrei em uma loja e comprei todo tipo de material de escrita e um lindo portfólio que fecha com fecho e tem até um tinteiro de madeira. Até agora promete bem. Espero que continue. No mês passado recebi bastante correspondência da Índia e estou muito satisfeito com os meus compatriotas pela sua generosa apreciação pelo meu trabalho. Bom o suficiente para eles. Não consigo encontrar mais nada para escrever. O professor Wright, sua esposa e filhos estavam tão bons como sempre. Palavras não podem expressar minha gratidão a eles.

Até agora, tudo não está indo mal comigo, exceto que eu tive um forte resfriado. Agora acho que o sujeito se foi. Desta vez experimentei a Ciência Cristã para a insônia e realmente descobri que funcionava muito bem. Desejando-lhe toda a felicidade, continuo sendo sempre seu afetuoso irmão,

VIVEKANANDA.

PS. Por favor, diga à mamãe que não quero nenhum casaco agora.

8.6.29 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

CHICAGO,

Setembro de 1894.

CARO DIWANJI SAHEB (Shri Haridas Viharidas Desai),

Sua gentil carta chegou há muito tempo, mas como eu não tinha nada para escrever, demorei a responder.

Sua gentil nota para G. W. Hale foi muito gratificante, pois eu devia muito a eles. Tenho viajado por todo este país todo esse tempo e visto tudo. Cheguei à conclusão de que só existe um país no mundo que entende de religião – é a Índia; que, apesar de todos os seus defeitos, os hindus estão muito acima

de todas as outras nações em moralidade e espiritualidade; e que com o devido cuidado, tentativa e luta de todos os seus filhos desinteressados, combinando alguns dos elementos activos e heróicos do Ocidente com as virtudes calmas dos Hindus, surgirá um tipo de homens muito superior a qualquer um que alguma vez existiu. neste mundo.

Não sei quando voltarei; mas já vi o suficiente deste país, creio, e em breve irei para a Europa e depois para a Índia.

Com meu melhor amor, gratidão a você e a todos os seus irmãos,

Eu permaneço, seu fielmente,

VIVEKANANDA.

8.6.30 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

CHICAGO(?),

Setembro de 1894 (3?), [110]

CARO DIWANJI SAHEB (Shri Haridas Viharidas Desai),

Foi muito gentil da sua parte enviar um homem perguntando sobre minha saúde e conforto. Mas isso combina bastante com seu caráter paternal. Estou bem aqui. Sua gentileza não deixou mais nada a desejar aqui. Espero vê-lo em breve em alguns dias. Não preciso de nenhum transporte enquanto desço. A descida é muito ruim, e a subida é a pior parte do trabalho, isso é igual em tudo no mundo. Minha sincera gratidão a você.

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

8.6.31 SRA. GEORGE W. HALE

1125 ST. Rua Paulo,

BALTIMORE,
Outubro de 1894.

QUERIDA MÃE,

Você vê onde estou agora. Você viu um telegrama da Índia no Chicago Tribune? Eles imprimiram o endereço de Calcutá? Daqui vou para Washington, daí para Filadélfia e depois para Nova Iorque; envie-me o endereço de Miss Mary na Filadélfia para que eu possa dar uma olhada no caminho para Nova York. Espero que sua preocupação tenha acabado.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.32 SENHORITA MARY HALE

C/O SRA. E. TOTTEN,
1703, 1ª RUA,
WASHINGTON,
[1º de novembro (?), 1894]

QUERIDA IRMÃ,

Recebi duas cartas que você teve a gentileza de se dar ao trabalho de escrever. Vou falar aqui hoje, amanhã em Baltimore, depois novamente na segunda-feira em Baltimore e na terça-feira novamente em Washington. Estarei na Filadélfia alguns dias depois disso. Escreverei para você no dia em que partir de Washington. Estarei na Filadélfia por alguns dias apenas para ver o Prof. Wright, e depois irei para Nova York e correrei por um tempo entre Nova York e Boston, e depois irei para Chicago via Detroit; e depois "whist" . . . , como diz o senador Palmer, para a Inglaterra.

A palavra "Dharma" significa religião. Lamento muito que tenham tratado muito mal Petro em Calcutá. Fui muito bem tratado aqui e estou muito bem.

Enquanto isso, nada de extraordinário, exceto que fiquei irritado por receber um monte de jornais da Índia; então, depois de enviar um carrinho carregado para a Igreja Matriz e outro para a Sra. Guernsey, tive que escrever para eles pararem de enviar seus jornais. Já tive "boom" suficiente na Índia. Alasinga escreve que todas as aldeias de todo o país já ouviram falar de mim. Bem, a velha paz se foi para sempre e não há descanso em lugar algum desde então. Estes jornais da Índia serão a minha morte, tenho certeza. Agora vão falar o que comi em tal e tal encontro e como espirrei. Senhor os abençoe, foi tudo uma tolice minha. Eu realmente vim aqui para arrecadar um pouco de dinheiro secretamente e ir até lá, mas fui pego na armadilha e agora não tenho mais uma vida reservada.

Desejando a você todas as alegrias,

Eu permaneço, seu carinhosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.33 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

CHICAGO,

15 de novembro de 1894 (3?).

CARO DIWANJI SAHEB (Shri Haridas Viharidas Desai),

Recebi aqui sua gentil nota. É muito gentil da sua parte lembrar-se de mim mesmo aqui, eu não vi seu Narayan Hemchandra. Ele não está na América, eu acredito. Tenho visto muitas paisagens estranhas e coisas grandiosas. Fico feliz que haja uma boa chance de você vir para a Europa. Aproveite-o de qualquer maneira. O facto do nosso isolamento de todas as outras nações do mundo é a causa da nossa degeneração e o seu único remédio é voltar à corrente do resto do mundo. O movimento é o sinal de vida. A América é um grande país. É um paraíso para os pobres e as mulheres. Quase não há pobres no país e em nenhum outro lugar do mundo as mulheres são tão livres, tão educadas, tão cultas. Eles são tudo na sociedade.

Esta é uma ótima lição. O Sannyasin não perdeu nem um pouco do seu Sannyasin, nem mesmo do seu modo de vida. E neste país tão hospitaleiro, todos os lares estão abertos para mim. O Senhor que me guia na Índia, não me guiaria aqui? E Ele tem.

Você pode não entender por que um Sannyasin deveria estar na América, mas era necessário. Porque a única reivindicação que você tem para ser reconhecido pelo mundo é a sua religião, e bons exemplares de nossos religiosos devem ser enviados ao exterior para dar a outras nações a ideia de que a Índia não está morta.

Alguns homens representativos devem sair da Índia e ir a todas as nações da terra para mostrar pelo menos que vocês não são selvagens. Você pode não sentir a necessidade disso em sua casa indiana, mas, acredite, muito depende disso para sua nação. E um Sannyasin que não tem ideia de fazer o bem aos seus semelhantes é um bruto, não um Sannyasin.

Não sou um turista nem um viajante ocioso; mas você verá, se viver para ver, e me abençoe por toda a sua vida.

Os documentos do Sr. Dvivedi eram demasiado grandes para o Parlamento e tiveram de ser abreviados.

Falei no Parlamento das Religiões, e com que efeito posso citar alguns jornais e revistas à mão. Não preciso ser presunçoso, mas a você, em confiança, sou obrigado a dizer, por causa do seu amor, que nenhum hindu causou tal impressão na América, e se minha vinda não fez nada, fez isso que os americanos têm venha a saber que a Índia ainda hoje produz homens a cujos pés até as nações mais civilizadas podem aprender lições de religião e moralidade. Você não acha que isso é suficiente para a nação hindu enviar para cá seu sannyasin? Você ouviria os detalhes de Virchand Gandhi.

Cito-os dos diários: "Mas por mais eloquentes que tenham sido muitos dos breves discursos, ninguém expressou tão bem o espírito do Parlamento (das religiões) e as suas limitações como o monge hindu. Copio o seu discurso na íntegra, mas posso apenas sugerir seu efeito sobre o público; pois ele é um orador por direito divino, e seu rosto forte e inteligente em seu cenário pitoresco de amarelo e laranja não era menos interessante do que essas

palavras sinceras e a rica expressão rítmica que ele lhes deu. (Aqui o discurso é citado in extenso.) Crítica de Nova York.

"Ele pregou em clubes e igrejas até que sua fé se tornou familiar para nós... Sua cultura, sua eloquência e sua personalidade fascinante nos deram uma nova idéia da civilização hindu... Seu rosto fino e inteligente e seu rosto voz musical profunda, convincente ao mesmo tempo a seu favor. Ele fala sem notas, apresentando seus fatos e suas conclusões com a maior arte e a mais convincente sinceridade, e elevando-se frequentemente a uma rica e inspiradora eloquência. (ibid.)

"Vivekananda é sem dúvida a maior figura no Parlamento das Religiões. Depois de ouvi-lo, sentimos como é tolo enviar missionários a esta nação erudita." Herald (o maior jornal aqui).

Deixo de citar mais, para que você não me considere vaidoso; mas isso era necessário para vocês que se tornaram quase sapos no poço e não queriam ver como o mundo está indo em outros lugares. Não me refiro a você pessoalmente, meu nobre amigo, mas à nossa nação em geral.

Eu sou o mesmo aqui que na Índia, só que aqui nesta terra altamente cultural há uma apreciação, uma simpatia com a qual os nossos tolos ignorantes nunca sonharam. Lá nosso povo dá a nós, monges, uma migalha de pão, aqui eles estão dispostos a pagar mil rúpias por palestra e permanecem gratos pelas instruções para sempre.

Sou apreciado por esses estranhos mais do que jamais fui na Índia. Posso, se quiser, viver aqui toda a minha vida com o maior luxo; mas eu sou um Sannyasin, e "Índia, com todas as tuas falhas eu ainda te amo". Portanto, voltarei depois de alguns meses e continuo plantando as sementes da religião e do progresso de cidade em cidade, como vinha fazendo há tanto tempo, embora entre um povo que não sabe o que são apreço e gratidão.

Envergonho-me da minha própria nação quando comparo a sua ingratidão miserável, egoísta, pouco apreciativa e ignorante com a ajuda, a hospitalidade, a simpatia e o respeito que os americanos demonstraram por mim, um representante de uma religião estrangeira. Portanto, saia do país, veja outros e compare.

Agora, depois dessas citações, você acha que valeu a pena enviar um Sannyasin para a América?

Por favor, não publique. Odeio a notoriedade da mesma forma que odeio na Índia.

Estou fazendo a obra do Senhor e aonde quer que Ele me guie, eu sigo. मूकं करोति वाचालं etc.— Aquele que faz o mudo eloqüente e o coxo atravessar uma montanha, Ele me ajudará. Eu não me importo com ajuda humana. Ele está pronto para me ajudar na Índia, na América, no Pólo Norte, se achar adequado. Se Ele não o fizer, ninguém mais poderá me ajudar. Glória ao Senhor para todo o sempre.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.34 HARIDAS VIHARIDAS DESAI

AVENIDA DEARBORN 541,

CHICAGO,

Novembro (?), 1894.

CARO DIWANJI (Shri Haridas Viharidas Desai),

Sua carta me agradou extremamente. É claro que entendo a piada, mas não sou o tipo de criança que se deixa desanimar com uma piada; agora pegue mais.

O segredo do sucesso dos ocidentais é o poder de organização e combinação. Isso só é possível com confiança, cooperação e ajuda mútuas. Ora, aqui está Virchand Gandhi, o jainista, que você conheceu bem em Bombaim. Este homem nunca come nada além de vegetais puros, mesmo neste clima terrivelmente frio, e com unhas e dentes tenta defender seus compatriotas e sua religião. As pessoas deste país gostam muito dele, mas o que estão fazendo aqueles que o enviaram? Eles estão tentando expulsá-lo.

O ciúme é um vício necessariamente gerado nos escravos. Mais uma vez, é o ciúme que os detém.

Aqui estavam . . .; todos eles estavam tentando dar palestras e ganhar dinheiro com isso. Eles fizeram alguma coisa, mas eu tive mais sucesso do que eles – ora, não me coloquei como um obstáculo para o sucesso deles. Foi a vontade do Senhor. Mas tudo isso. . . exceto . . . fabricaram e divulgaram as mentiras mais horríveis sobre mim neste país e pelas minhas costas. Os americanos nunca se rebaixarão a tal maldade.

. . . Se algum homem tentar avançar aqui, todos estarão prontos para ajudá-lo. Na Índia, você pode tentar amanhã escrever uma única linha de elogio para mim em qualquer um de nossos jornais (hindu), e no dia seguinte eles estarão todos contra mim. Por que? É a natureza dos escravos. Eles não podem sofrer ao ver qualquer um de seus irmãos colocando a cabeça no mínimo acima de sua posição. . . . Você pretende comparar essas coisas com esses filhos da liberdade, da autoajuda e do amor fraternal? A abordagem mais próxima do nosso povo são os escravos libertos dos EUA, os negros. Ora, no Sul são cerca de vinte milhões e agora são gratuitos. Os brancos são um punhado, mas os brancos os seguram do mesmo jeito. Por que razão, mesmo quando eles têm todos os direitos por lei, uma guerra sangrenta entre os irmãos foi travada para libertar estes escravos? O mesmo defeito – ciúme. Nenhum desses negros suportaria ver seu irmão negro elogiado ou pressionado. Imediatamente eles se juntariam aos brancos para esmagá-lo. Você não pode ter ideia disso até sair da Índia. Está tudo bem para aqueles que têm muito dinheiro e posição deixarem o mundo andar assim, mas eu o chamo de traidor aquele que, tendo sido educado, nutrido no luxo pelo sangue do coração de milhões de trabalhadores pobres oprimidos, nunca sequer pensa neles. Onde, em que período da história, os seus homens ricos, os nobres, os seus sacerdotes e potentados pensaram nos pobres - cuja opressão dos rostos é o próprio sangue vital do seu poder?

Mas o Senhor é grande, a vingança veio mais cedo ou mais tarde, e aqueles que sugaram o sangue vital dos pobres, cuja própria educação foi às suas custas, cujo próprio poder foi construído sobre a sua pobreza, foram por sua vez vendidos como escravos por centenas e milhares, suas esposas e filhas

desonradas, suas propriedades roubadas durante os últimos 1.000 anos, e você acha que foi sem motivo?

Por que razão entre os pobres da Índia tantos são muçulmanos? Não faz sentido dizer que eles foram convertidos pela espada. Foi para ganhar sua liberdade do . . . zemindars e do . . . sacerdote, e como consequência você descobre que em Bengala há mais muçulmanos do que hindus entre os cultivadores, porque havia muitos zemindars lá. Quem pensa em levantar esses milhões de oprimidos e afundados? Alguns milhares de graduados não fazem uma nação, alguns homens ricos não fazem uma nação. É verdade que as nossas oportunidades são menores, mas ainda há o suficiente para alimentar e vestir e tornar 300 milhões de pessoas mais confortáveis, ou melhor, luxuosas. Noventa por cento do nosso povo não tem educação – quem pensa nisso? – esses Babus, os chamados patriotas?

Agora, deixe-me dizer: ainda existe um Deus, não é brincadeira. Ele está ordenando nossas vidas, e embora eu saiba que uma nação de escravos não pode deixar de tentar morder a mão que quer dar-lhes remédios, ainda assim, ore comigo, você - um dos poucos que tem verdadeira simpatia por tudo que é bom, por tudo ótimo, pelo menos alguém que eu sei ser um homem de caráter verdadeiro, nobreza de natureza e uma sinceridade completa de cabeça e coração - ore comigo:

"Lidere, gentilmente Light,
em meio à escuridão circundante."

Eu não me importo com o que eles dizem. Amo meu Deus, minha religião, meu país e, acima de tudo, a mim mesmo, um pobre mendigo. Amo os pobres, os ignorantes, os oprimidos, sinto por eles – o Senhor sabe o quanto. Ele me mostrará o caminho. Não me importo nem um pouco com aprovação ou crítica humana. Penso na maioria deles como crianças ignorantes e barulhentas – eles não penetraram na natureza interior da simpatia, no espírito que é todo amor.

Tenho essa percepção através da bênção de Ramakrishna. Estou tentando trabalhar com meu bando, todos esses pobres mendigos como eu, vocês já viram. Mas as obras do Senhor sempre foram feitas pelos humildes, pelos

pobres. Você me abençoa para que eu possa ter fé em meu Guru, em meu Deus e em mim mesmo.

A única maneira é amor e simpatia. A única adoração é o amor.

Que Ele ajude você e os seus sempre e sempre!

Com orações e bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.35 SENHORITA MARY HALE

168, RUA BRATTLE,

CAMBRIDGE,

8 de dezembro de 1894.

QUERIDA IRMÃ,

Estou aqui há três dias. Tivemos uma bela palestra de Lady Henry Somerset. Tenho aula todas as manhãs aqui sobre Vedanta e outros assuntos. Talvez você já tenha recebido o exemplar do Vedantismo que deixei com o Templo Mãe para ser enviado. Outro dia fui jantar com os Spaldings. Naquele dia, apesar dos meus repetidos protestos, instaram-me a criticar os americanos. Receio que eles não tenham gostado. É claro que é sempre impossível fazê-lo. E a Mãe Igreja e a família em Chicago? Fazia muito tempo que não recebia cartas deles. Eu teria corrido até a cidade para ver você antes disso, se tivesse tempo. Eu fico muito ocupado o dia todo. Depois, há o medo de não te conhecer.

Se tiver tempo, você pode escrever, e aproveitarei a primeira oportunidade para vê-lo. Meu horário claro é sempre à tarde, tanto tempo que estarei aqui, ou seja, até o dia 27 ou 28 deste mês; Terei que estar muito ocupado de manhã até às 12 ou 13h.

Com meu amor para todos vocês,

Sempre seu irmão afetuoso,

VIVEKANANDA.

8.6.36 SENHORITA MARY HALE

CAMBRIDGE,

Dezembro de 1894.

QUERIDA IRMÃ,

Recebi sua carta agora há pouco. Se isso não é contra as regras da sua sociedade, por que você não vem ver a Sra. Ole Bull, a Srta. Farmer e a Sra. Adams, a culturista física de Chicago?

Qualquer dia você os encontrará lá.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.37 SENHORITA MARY HALE

CAMBRIDGE,

21 de dezembro de 1894.

QUERIDA IRMÃ,

Eu não recebi nada de você desde o seu último. Vou viajar na próxima terça-feira para Nova York. Você deve ter recebido a carta da Sra. Bull nesse meio tempo. Se você não puder aceitar, ficarei muito feliz em vir aqui qualquer dia – tenho tempo agora, pois as palestras terminaram, exceto no próximo domingo.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

.6.38 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY

528, 5TH AVE., NOVA IORQUE,

24 de janeiro de 1895.

CARA SENHORITA BELL,

Espero que você esteja bem. . . .

Minha última palestra não foi muito apreciada pelos homens, mas muito apreciada por vemen. Você sabe que este Brooklyn é o centro dos movimentos anti-direitos das mulheres; e quando lhes disse que as mulheres merecem e estão aptas para tudo, é claro que não gostaram. Não importa, as mulheres estavam em êxtase.

Estou novamente com um pouco de frio. Estou indo para Guernsey. Também tenho uma sala no centro da cidade, onde irei várias horas para dar aulas, etc. A Igreja Matriz deve estar bem a esta hora e todos vocês estão aproveitando este clima agradável. Dê à Sra. Adams o maior amor e consideração de minha parte quando a vir da próxima vez.

Envie minhas cartas como sempre para os Guernseys.

Com amor por todos,

Sempre seu aff. irmão.,

VIVEKANANDA.

8.6.39 SR. FRANCIS LEGGETT

NOVA IORQUE,

10 de abril de 1895.

CARO AMIGO,

É impossível expressar minha gratidão por você gentilmente me convidar para sua residência no campo [Ridgely]. Estou envolvido em um erro agora e acho impossível vir amanhã. Amanhã tenho aula na casa da senhorita Andrews, na 40 W. 9th Street. Como a senhorita MacLeod me deu a entender que aquela aula poderia ser adiada, fiquei muito feliz com a perspectiva de ingressar na empresa amanhã. Mas descobri que a Srta. MacLeod estava enganada e a Srta. Andrews veio me dizer que não poderia de forma alguma interromper a aula amanhã ou mesmo avisar os membros, que são cerca de 50 ou 60.

Em vista disso, lamento sinceramente minha incapacidade e espero que a Srta. MacLeod e a Sra. Sturges compreendam que é uma circunstância inevitável, e não a vontade, que impede que eu aproveite seu gentil convite.

Ficarei muito feliz em vir depois de amanhã, ou em qualquer outro dia desta semana, conforme for mais conveniente para você.

Sinceramente seu,

VIVEKANANDA.

8.6.40 SR. ET STURDY

54 W. RUA 33RD,

NOVA IORQUE,

24 de abril de 1895.

CARO AMIGO,

Estou perfeitamente consciente de que, embora alguma verdade esteja subjacente à massa de pensamento místico que irrompeu no mundo ocidental ultimamente, ela está na maior parte cheia de motivos indignos ou insanos. Por esta razão, nunca tive nada a ver com estas fases da religião,

nem na Índia nem em qualquer outro lugar, e os místicos, como classe, não são muito favoráveis a mim. . . .

Concordo plenamente com você que somente a filosofia Advaita pode salvar a humanidade, seja no Oriente ou no Ocidente, da "adoração do diabo" e de superstições afins, dando tom e força à própria natureza do homem. A própria Índia exige isto, tanto ou até mais que o Ocidente. No entanto, é um trabalho árduo e árduo, pois primeiro temos que criar um gosto, depois ensinar e, por último, proceder à construção de todo o tecido.

Sinceridade perfeita, santidade, intelecto gigantesco e uma vontade conquistadora. Deixe apenas um punhado de homens trabalhar com estes, e o mundo inteiro será revolucionado. Fiz bastante trabalho em plataformas neste país no ano passado e recebi muitos aplausos, mas descobri que estava trabalhando apenas para mim mesmo. É a paciente edificação do carácter, a intensa luta para compreender a verdade, a única que dirá o futuro da humanidade. Portanto, este ano espero trabalhar nesta linha – treinando para a realização prática do Advaita um pequeno grupo de homens e mulheres. Não sei até onde terei sucesso. O Ocidente é o campo de trabalho se um homem quiser beneficiar a humanidade, em vez de beneficiar a sua própria seita ou país. Concordo perfeitamente com a sua ideia de revista. Mas não tenho nenhuma capacidade comercial para fazer essas coisas. Posso ensinar e pregar, e às vezes escrever. Mas tenho uma fé intensa na Verdade. O Senhor enviará ajuda e mãos para trabalhar comigo. Deixe-me apenas ser perfeitamente puro, perfeitamente sincero e perfeitamente altruísta.

“Somente a verdade triunfa, não a mentira; somente através da verdade se estende o caminho para o Senhor” (Atharva-Veda). Aquele que abandona o pequeno eu pelo mundo descobrirá que todo o universo é seu. . . . Estou muito inseguro sobre vir para a Inglaterra. Não conheço ninguém lá e aqui estou trabalhando. O Senhor guiará, em Seu próprio tempo.

8.6.41 SR. ET STURDY

19 W. Rua 38,
NOVA IORQUE

CARO AMIGO,

Recebi devidamente o seu último e, como tinha um acordo prévio para vir à Europa no final deste mês de agosto, aceito o seu convite como um Chamado Divino.

"Somente a verdade triunfa, não a mentira. Somente através da verdade está o caminho para Devayâna (o caminho para os deuses)." Aqueles que pensam que um pouco de açúcar na mentira ajuda a espalhar a verdade estão enganados e descobrirão, a longo prazo, que uma única gota de veneno envenena toda a massa. . . . O homem que é puro e ousa, faz todas as coisas. Que o Senhor sempre o proteja da ilusão e da ilusão! Estou sempre pronto para trabalhar com você, e o Senhor nos enviará centenas de amigos, se primeiro formos nossos próprios amigos. "Somente o Atman é amigo do Atman."

A Europa sempre foi a fonte do poder social e a Ásia do poder espiritual; e toda a história do mundo é a história das diversas combinações desses dois poderes. Lentamente, uma nova página está sendo virada na história da humanidade. Os sinais disso estão por toda parte. Centenas de novos planos serão criados e destruídos. Somente os que estão em forma sobreviverão. E o que senão o verdadeiro e o bom é o adequado?

Seu etc.,

VIVEKANANDA.

8.6.42 IRMÃS HALE

NOVA IORQUE,

5 de maio de 1895.

QUERIDOS BEBÊS,

O que eu esperava chegou. Sempre pensei que, embora o Prof. Max Muller, em todos os seus escritos sobre a religião hindu, acrescente no último uma

observação depreciativa, ele deve ver toda a verdade no longo prazo. Assim que puder, adquira um exemplar de seu último livro Vedantismo; lá você o encontrará engolindo tudo - reencarnação e tudo.

É claro que você não achará nada difícil de entender, pois é apenas uma parte do que tenho lhe contado todo esse tempo.

Você encontrará muitos pontos no meu jornal em Chicago.

Estou feliz agora que o velho viu a verdade, porque essa é a única maneira de ter religião diante da pesquisa e da ciência modernas.

Espero que você esteja gostando do Rajastão de Todd.

Com todo amor, seu irmão,

VIVEKANANDA.

PS. Quando Miss Mary vem para Boston? -V.

8.6.43 ALASINGA PERUMAL

A/C SENHORITA PHILIPS,

RUA 38 OESTE, 19,

NOVA IORQUE

28 de maio de 1895.

CARO ALASINGA,

Com isto envio cem dólares ou £20-8-7 em dinheiro inglês. Espero que isso ajude um pouco no início do seu artigo. Na esperança de fazer mais aos poucos.

Eu permaneço, sempre seu, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. Responda imediatamente C/o no endereço acima. Nova York será minha sede daqui em diante.

Finalmente consegui fazer algo neste país.

V.

8.6.44 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

21 W. Rua 34,
NOVA IORQUE,
Junho de 1895.

CARO JOE,

As experiências estão se acumulando um pouco ao seu redor. Tenho certeza de que levantarão muitos outros véus.

O Sr. Leggett me contou sobre seu fonógrafo. Eu disse a ele para pegar alguns cilindros - eu falo neles através do fonógrafo de alguém e os mando para Joe - ao que ele respondeu que poderia comprar um, porque "eu sempre faço o que Joe me pede para fazer". Fico feliz que haja tanta poesia oculta em sua natureza.

Vou hoje morar com os Guernseys porque o médico quer me observar e me curar. . . . O doutor Guernsey, depois de examinar outras coisas, estava sentindo meu pulso, quando de repente Landsberg (a quem haviam proibido de entrar na casa) entrou e retirou-se imediatamente após me ver. O Dr. Guernsey caiu na gargalhada e declarou que teria pago aquele homem por ter vindo naquele momento, pois ele estava certo do diagnóstico do meu caso. O pulso anterior era tão regular, mas só ao ver Landsberg quase parou de emoção. Com certeza é apenas um caso de nervosismo. Ele também me aconselha veementemente a continuar o tratamento do Dr. Helmer. Ele acha que Helmer me fará muito bem, e é disso que preciso agora. Ele não é amplo?

Espero ver “a vaca sagrada” hoje na cidade. Estarei em Nova York mais alguns dias. Helmer quer que eu faça três tratamentos por semana durante quatro semanas, depois dois por semana durante mais quatro, e ficarei bem. Caso eu vá para Boston, ele me recomenda um ostad (especialista) muito bom de lá, a quem ele aconselharia sobre o assunto.

Disse algumas palavras gentis a Landsberg e subi até Madre Guernsey para salvar o pobre Landsberg do constrangimento.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.45 SENHORITA MARY HALE

(Escrito em casca de bétula)

PERCY NH,

17 de junho de 1895.

QUERIDA IRMÃ,

Indo amanhã para o Thousand Islands, Miss Dutcher's, Thousand Island Park, NY. Onde você está agora? Onde vocês estarão no verão? Tenho chance de ir para a Europa em agosto, irei ver você antes de ir. Então escreva para mim. Também espero livros e cartas da Índia. Por favor, envie-lhes cuidados, Srta. Phillips, 19 W. 38th Street, NY. Esta é a casca em que todos os escritos sagrados estão escritos na Índia. Então escrevo em sânscrito: Que o marido de Uma (Shiva) proteja você sempre.

Que todos vocês sejam abençoados para todo o sempre.

VIVEKANANDA.

8.6.46 SENHORITA MARY HALE

54 W. RUA 33RD,
NOVA IORQUE,
22 de junho de 1895.

QUERIDA IRMÃ,

As cartas da Índia e o pacote de livros chegaram-me sãos e salvos. Estou muito feliz em saber da chegada do Sr. Sam. Tenho certeza de que ele está "cuidado com os vídeos" muito bem. Conheci um amigo do Sr. Sam um dia na rua. Ele é um inglês com nome terminado em "ni". Ele foi muito legal. Ele disse que estava morando na mesma casa que Sam em algum lugar de Ohio.

Estou agindo quase da mesma maneira antiga. Falando quando posso e calado quando forçado a isso. Não sei se irei para Greenacre neste verão. Eu vi a Srta. Farmer outro dia. Ela estava com pressa de ir embora, então conversei muito pouco com ela. Ela é uma senhora nobre e nobre.

Como você está indo com suas aulas de Ciência Cristã? Espero que você vá para Greenacre. Lá você encontrará um bom número deles e também os espíritas, giradores de mesa, quiromantes, astrólogos, etc., etc. Você obterá todas as "curas" e todos os "ismos" presididos pela Srta. Farmer.

Landsberg foi morar em outro lugar, então fiquei sozinho. Estou vivendo principalmente de nozes, frutas e leite, e também acho isso muito bom e saudável. Espero perder cerca de 30 a 40 libras. este Verão. Tudo bem para o meu tamanho. Receio ter esquecido completamente as lições de caminhada da Sra. Adam. Terei que renová-los quando ela voltar para Nova York. Gandhi foi para a Inglaterra, a caminho da Índia, vindo de Boston, suponho.

Eu gostaria de saber sobre sua "acompanhante", Sra. Howard, e seu atual estado de luto. Fico muito feliz em saber que os tapetes não desceram ao fundo do Atlântico e estão finalmente a chegar.

Este ano mal consegui manter a cabeça erguida e não comecei a dar palestras. Os três grandes comentários sobre a filosofia Vedanta

pertencentes às três grandes seitas de dualistas, dualistas qualificados e monistas estão sendo enviados para mim da Índia. Espero que eles cheguem em segurança. Então terei realmente um banquete intelectual. Pretendo escrever um livro neste verão sobre a filosofia Vedanta. Este mundo será sempre uma mistura de bem e mal, de felicidade e miséria; esta roda sempre subirá e descenderá; dissolução e resolução é a lei inevitável. Bem-aventurados aqueles que lutam para ir além. Bem, estou feliz que todos os bebês estejam bem, mas lamento que não tenha havido nenhuma "pegadinha" mesmo neste inverno, e a cada inverno as chances estão diminuindo. Aqui, perto de meus alojamentos, fica o Waldorf-Hotel, o ponto de encontro de muitos europeus nobres, mas sem um tostão, expostos para as herdeiras "ianques" comprarem. Você pode ter qualquer seleção aqui, o estoque é muito completo e variado. Existe o homem que não fala inglês; há outros que balbuciam algumas palavras que ninguém consegue entender; e há outros que falam um bom inglês, mas suas chances não são tão grandes quanto as dos burros - as meninas não os consideram suficientemente estrangeiros que falam inglês simples e fluentemente.

Li em algum lugar em um livro engraçado que um navio americano estava naufragando no mar; os homens estavam desesperados e, como último consolo, queriam que algum serviço religioso fosse realizado. A bordo estava o "Tio Josh", que era um presbítero da Igreja Presbiteriana. Todos começaram a suplicar: "Faça algo religioso, tio Josh! Todos nós vamos morrer." Tio Joseph pegou o chapéu na mão e fez uma coleta na hora!

Isso é tudo sobre religião que ele conhecia. E isso é mais ou menos característico da maioria dessas pessoas. As coleções são sobre todas as religiões que eles conhecem ou conhecerão. Senhor os abençoe. Adeus por presente. Vou comer alguma coisa; Sinto muita fome.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.47 SENHORITA MARY HALE

A/C SENHORITA DUTCHER,

PARQUE DE MIL ILHAS, NY

26 de junho de 1895.

QUERIDA IRMÃ,

Muito obrigado pelo correio indiano. Trouxe muitas boas notícias. A esta altura vocês estão gostando, espero, dos artigos do Prof. Max Müller sobre a “Imortalidade da Alma” que enviei à Mãe Igreja. O velho absorveu o Vedanta, com ossos e tudo, e corajosamente saiu. Estou muito feliz em saber da chegada dos tapetes. Havia algum dever a pagar? Se assim for, pagarei isso, insisto nisso. Chegará outro grande pacote do Raja de Khetri contendo alguns xales, brocados e bugigangas. Quero apresentá-los a diferentes amigos. Mas eles não chegarão antes de alguns meses, tenho certeza.

Sou solicitado repetidamente, como você encontrará nas cartas da Índia, para repassar. Eles estão ficando desesperados. Agora, se eu for para a Europa, irei como convidado do Sr. Francis Leggett, de Nova York. Ele viajará por toda a Alemanha, Inglaterra, França e Suíça durante seis semanas. De lá irei para a Índia ou posso retornar para a América. Tenho uma semente plantada aqui e desejo que ela cresça. O trabalho deste inverno em Nova York foi esplêndido, e ele pode morrer se eu for repentinamente para a Índia, por isso não tenho certeza se irei para a Índia em breve.

Nada de notável aconteceu durante esta visita às Mil Ilhas. O cenário é muito bonito e tenho alguns amigos aqui comigo para falar de Deus e da alma ad libitum. Estou comendo frutas e bebendo leite e assim por diante, e estudando enormes livros em sânscrito sobre Vedanta que eles gentilmente me enviaram da Índia.

Se eu for para Chicago, não poderei ir pelo menos dentro de seis semanas ou mais. Baby não precisa alterar nenhum de seus planos para mim. Verei todos vocês de uma forma ou de outra antes de partir.

Você se preocupou muito com minha resposta a Madras, mas ela produziu um efeito tremendo ali. Um discurso recente do Presidente do Madras

Christian College, Sr. Miller, incorpora uma grande parte das minhas ideias e declara que o Ocidente necessita de ideias hindus sobre Deus e o homem e apela aos jovens para irem pregar aos Oestes. Isto criou um grande furor, é claro, entre as Missões. O que você alude como publicado na Arena eu não vi nem um pouco. As mulheres não fizeram nenhum alarido por minha causa em Nova York. Seu amigo deve ter se inspirado na imaginação. Eles não eram do tipo “mandões”. Espero que o Padre Pope vá também à Europa e à Mãe Igreja. Viajar é a melhor coisa da vida. Tenho medo de morrer se for obrigado a ficar num lugar por muito tempo. Nada como uma vida nômade!

Quanto mais se aprofundam as sombras ao redor, mais os fins se aproximam e mais se compreende o verdadeiro sentido da vida, que ela é um sonho; e começamos a compreender o fracasso de todos em compreendê-lo, pois apenas tentaram extrair sentido daquilo que não tem sentido. Tirar a realidade de um sonho é um entusiasmo infantil. “Tudo é evanescente, tudo é mutável” – sabendo disso, o sábio abre mão do prazer e da dor e torna-se testemunha desse panorama (o universo) sem se apegar a nada.

“Eles de fato conquistaram o Céu mesmo nesta vida, cuja mente se tornou fixa na mesmice. Deus é puro e igual para todos, portanto, diz-se que eles estão em Deus” (Gita, V.19). Desejo, ignorância e desigualdade – esta é a trindade da escravidão.

A negação da vontade de viver, do conhecimento e da mesmice é a trindade da libertação.

A liberdade é o objetivo do universo.

"Nem amor, nem ódio, nem prazer, nem dor, nem morte, nem vida, nem religião, nem irreligião: nem isso, nem isso, nem isso."

Sempre seu,

VIVEKANANDA.

8.6.48 SENHORITA MARY HALE

A/C SENHORITA DUTCHER,
PARQUE DE MIL ILHAS, NY

26 de junho de 1895.

QUERIDA IRMÃ,

Muito obrigado pelo correio indiano. Não consigo expressar em palavras minha gratidão a você. Como você já leu no artigo de Max Müller sobre a Imortalidade que enviei à Mãe Igreja, que ele pensa que aqueles que amamos nesta vida devemos ter amado no passado, então parece que devo ter pertencido à Sagrada Família em alguma vida passada. Estou esperando alguns livros da Índia. Espero que eles tenham chegado. Se sim, você poderia gentilmente enviá-los para cá? Se alguma postagem for devida, enviarei assim que receber a notificação. Você não escreveu sobre o imposto sobre os tapetes; haverá outro grande pacote de Khetri contendo tapetes e xales e alguns brocados e outras bugigangas. Escrevi-lhes para que o imposto fosse pago lá, se possível, através do cônsul americano em Bombaim. Se não, terei que pagar aqui. Eu não acho que eles chegarão por alguns meses ainda. Estou ansioso com os livros. Por favor, envie-os assim que chegarem.

Meu amor à Mãe e ao Padre Pope e a todas as irmãs. Estou gostando imensamente deste lugar. Muito pouco comendo e muito pensando, conversando e estudando. Uma calma maravilhosa está tomando conta da minha alma. Todos os dias sinto que não tenho nenhum dever a cumprir; Estou sempre em descanso e paz eternos. É Ele quem trabalha. Somos apenas os instrumentos. Bendito seja o Seu nome! A tríplice escravidão da luxúria, do ouro e da fama, por assim dizer, caiu de mim por enquanto, e mais uma vez, mesmo aqui, sinto o que às vezes sentia na Índia: "De mim caiu toda a diferença, tudo bem ou errado, toda ilusão e ignorância desapareceram, estou caminhando no caminho além das qualidades." Que lei eu obedeco, que lei eu desobedeço? Daquela altura o universo parece uma poça de lama. Hari Om Tat Sat. Ele existe; nada mais faz. Eu em Ti e

Tu em mim. Sê Senhor meu refúgio eterno! Paz, Paz, Paz! Sempre com amor e bênçãos,

Seu irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.49 SR. ET STURDY

19 WEST 38TH ST., NOVA IORQUE,

2 de agosto de 1895.

CARO AMIGO,

Sua amável mensagem foi recebida hoje. Vou primeiro para Paris com um amigo e parto para a Europa no dia 17 de agosto. No entanto, ficarei em Paris apenas uma semana para ver meu amigo casado e depois irei para Londres.

Seu conselho sobre uma organização foi realmente muito bom. E estou tentando agir nessa linha.

Tenho muitos amigos fortes aqui, mas infelizmente a maioria deles são pobres. Portanto, o trabalho aqui deve ser lento. Além disso, serão necessários mais alguns meses de trabalho em Nova Iorque para o levar a alguma forma visível: como tal, terei de regressar a Nova Iorque no início deste Inverno, e no Verão voltarei a Londres novamente. Pelo que vejo agora, só posso ficar algumas semanas em Londres. Mas se o Senhor quiser, esse pequeno período pode ser o começo de grandes coisas. De Paris irei informá-lo por telegrama quando chegar à Inglaterra.

Alguns teósofos vieram às minhas aulas em Nova York, mas assim que os seres humanos percebem a glória do Vedanta, todos os abracadabras desaparecem por si mesmos. Esta tem sido minha experiência uniforme. Sempre que a humanidade atinge uma visão superior, a visão inferior desaparece por si mesma. A multidão não conta para nada. Alguns homens

sinceros, cheios de energia e de coração podem fazer mais num ano do que uma multidão num século. Se houver calor em um corpo, então os outros que se aproximarem dele deverão captá-lo. Esta é a lei. Portanto, o sucesso é nosso, desde que mantenhamos o calor, o espírito da verdade, da sinceridade e do amor. Minha própria vida tem sido muito conturbada, mas sempre achei verificadas as palavras eternas: "Somente a verdade triunfa, não a mentira. Somente através da verdade está o caminho para Deus."

Que o Sat em você seja sempre seu guia infalível! Que Ele alcance rapidamente a liberdade e ajude outros a alcançá-la!

Sempre seu no sábado,

VIVEKANANDA.

8.6.50 RM. ET STURDY

9, RUA 38 OESTE,

NOVA IORQUE,

9 de agosto de 1895.

CARO AMIGO,

. . . É justo que eu tente dar-lhes um pouco da minha opinião. Acredito plenamente que há fermentos religiosos periódicos na sociedade humana, e que tal período está agora a varrer o mundo educado. Além disso, embora cada fermento pareça dividido em várias pequenas bolhas, todas elas são eventualmente semelhantes, mostrando que a causa ou causas por trás delas são as mesmas. Esse fermento religioso que atualmente está ganhando maior influência sobre os homens pensantes, tem a característica de que todos os pequenos redemoinhos de pensamento nos quais ele se quebrou declaram um único objetivo - uma visão e uma busca pela Unidade do Ser. Nos planos físico, ético e espiritual, está no ar uma generalização cada vez mais ampla – que conduz a um conceito de Unidade Eterna; e sendo assim,

todos os movimentos da época podem ser considerados como representando, consciente ou inconscientemente, a mais nobre filosofia da unidade que o homem já teve - o Advaita Vedanta.

Mais uma vez, sempre se observou que, como resultado das lutas dos vários fragmentos de pensamento numa determinada época, uma bolha sobrevive. O resto surge apenas para se fundir e formar uma única grande onda, que varre a sociedade com uma força irresistível.

Na Índia, na América e na Inglaterra (os países que conheço), centenas deles estão em dificuldades neste momento. Na Índia, as fórmulas dualistas já estão em declínio, só o Advaita mantém o campo em vigor. Na América, muitos movimentos lutam pelo domínio. Todos estes representam mais ou menos o pensamento Advaita, e aquela série, que está se espalhando mais rapidamente, aproxima-se mais dele do que qualquer uma das outras. Agora, se alguma coisa ficou clara para mim, é que um deles deve sobreviver, engolindo todo o resto, para ser o poder do futuro. Qual é?

Referindo-nos à história, vemos que apenas o fragmento adequado sobreviverá, e o que torna adequado sobreviver senão o caráter? Advaita será a futura religião da humanidade pensante. Não há dúvida disso. E de todas as seitas, somente ganharão o dia aquelas que forem capazes de mostrar mais caráter em suas vidas, não importa quão longe estejam.

Deixe-me contar uma pequena experiência pessoal. Quando meu Mestre deixou o corpo, éramos uma dúzia de jovens desconhecidos e sem um tostão. Contra nós estavam uma centena de organizações poderosas, lutando arduamente para nos cortar pela raiz. Mas Ramakrishna nos deu um grande presente: o desejo e a luta ao longo da vida, não para conversar sozinhos, mas para viver a vida. E hoje toda a Índia conhece e reverencia o Mestre, e as verdades que ele ensinou estão se espalhando como fogo selvagem. Há dez anos não consegui reunir cem pessoas para comemorar o aniversário dele. No ano passado foram cinquenta mil.

Nem números, nem poderes, nem riqueza, nem aprendizagem, nem eloquência, nem qualquer outra coisa prevalecerão, mas a pureza, viver a vida, em uma palavra, anubhuti, realização. Que haja uma dúzia dessas almas de leões em cada país, leões que quebraram suas próprias amarras,

que tocaram o Infinito, cuja alma inteira foi para Brahman, que não se importam com riqueza, nem poder, nem fama, e isso será suficiente. para abalar o mundo.

Aqui está o segredo. Diz Patanjali, o pai do Yoga: “Quando um homem rejeita todos os poderes sobre-humanos, então ele alcança a nuvem da virtude”. Ele vê Deus. Ele se torna Deus e ajuda os outros a se tornarem iguais. Isso é tudo que tenho para pregar. As doutrinas foram expostas o suficiente. Existem livros aos milhões. Oh, por um pouco de prática!

Quanto às sociedades e organizações, estas surgirão por si mesmas. Pode haver ciúme onde não há motivo para ter ciúme? Os nomes daqueles que desejarão nos ferir serão numerosos. Mas não é este o sinal mais seguro de que possuímos a verdade? Quanto mais me opunha, mais a minha energia sempre encontrava expressão. Fui conduzido e adorado por príncipes. Fui caluniado tanto por padres como por leigos. Mas e daí? Abençoe todos eles! Eles são o meu próprio Eu e não me ajudaram agindo como um trampolim a partir do qual minha energia poderia alçar vôos cada vez mais altos?

. . . Eu descobri um grande segredo: não tenho nada a temer dos que falam sobre religião. E os grandes que percebem – não se tornam inimigos de ninguém! Deixe os locutores falarem! Eles não sabem melhor! Deixe-os se fartar de nome, fama, dinheiro e mulheres. Mantenhamo-nos firmes na realização, em ser Brahman, em nos tornarmos Brahman. Apeguemo-nos à verdade até a morte e de vida em vida. Não prestemos a menor atenção ao que os outros dizem, e se, depois de um esforço de uma vida inteira, uma alma, apenas uma, puder quebrar os grilhões do mundo e ser livre, teremos feito o nosso trabalho. Hari Om!

. . . Mais uma palavra. Sem dúvida eu amo a Índia. Mas a cada dia minha visão fica mais clara. O que é a Índia, a Inglaterra ou a América para nós? Somos servos daquele Deus que pelos ignorantes é chamado de HOMEM. Quem derrama água pela raiz não rega a árvore inteira?

Existe apenas uma base de bem-estar, social, político ou espiritual – saber que eu e meu irmão somos um. Isto é verdade para todos os países e todas as pessoas. E os ocidentais, deixe-me dizer, perceberão isso mais

rapidamente do que os orientais, que quase se esgotaram na formulação da ideia e na produção de alguns casos de realização individual.

Trabalhem sem desejar nome, fama ou domínio sobre os outros. Sejam livres dos laços triplos da luxúria, da ganância do ganho e da raiva. E esta verdade está conosco!

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.51 SR. ET STURDY

A/C SENHORITA MACLEOD,

HOTEL HOLANDA,

RUE DE LA PAIX,

PARIS,

5 de setembro de 1895.

QUERIDO E ABENÇOADO AMIGO,

É inútil expressar minha gratidão pela sua gentileza; é grande demais para ser expresso. . . .

Recebi um convite cordial da senhorita Müller e, como a casa dela é muito próxima da sua, acho que seria bom ir primeiro à casa dela por um ou dois dias e depois ir até você.

Meu corpo ficou muito doente por alguns dias, o que causou essa demora em escrever para você.

Esperando em breve o privilégio de unir corações e cabeças.

Eu permaneço, sempre seu em amor e comunhão no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.52 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

C/O ET STURDY, ESQ.,
VISTA ALTA, CAVERSHAM,
LEITURA, INGLATERRA,
Setembro de 1895.

CARO JOE JOE,

Mil perdões por não lhe escrever prontamente. Cheguei em segurança a Londres, encontrei meu amigo e estou bem em sua casa. É lindo. Sua esposa é certamente um anjo e sua vida está repleta de Índia. Ele está lá há anos – misturando-se com os Sannyasins, comendo sua comida, etc., etc.; então você vê que estou muito feliz. Já encontrei vários generais aposentados da Índia; eles foram muito educados e educados comigo. Aquele conhecimento maravilhoso dos americanos que identificam todo homem negro com o negro está totalmente ausente aqui, e ninguém sequer me olha na rua.

Sinto-me muito mais em casa aqui do que em qualquer outro lugar fora da Índia. Os ingleses nos conhecem, nós os conhecemos. O padrão de educação e civilização é muito elevado aqui – o que representa uma grande mudança, assim como a educação de muitas gerações.

As pombas-tartarugas voltaram? O Senhor abençoe a eles e aos deles para todo o sempre. Como estão os bebês – Alberta e Holister? Dê a eles meus oceanos de amor e conheça você mesmo.

Sendo meu amigo um estudioso de sânscrito, estamos ocupados trabalhando nos grandes comentários de Shankara etc. Nada além de filosofia e religião aqui, Joe Joe. Vou tentar conseguir aulas em outubro em Londres.

Sempre carinhosamente com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.53 SWAMI ABHEDANANDA

(Traduzido do bengali)

C/O ET STURDY, ESQ.,
VISTA ALTA, CAVERSHAM,
LEITURA, INGLATERRA,
Outubro de 1895.

CARO KALI,

Você pode ter recebido minha carta anterior. No momento, envie-me todas as cartas para o endereço acima. O Sr. Sturdy é conhecido por Târakdâ. Ele me trouxe para sua casa e nós dois estamos tentando criar um rebuliço na Inglaterra. Este ano partirei novamente em novembro para a América. Portanto, necessito de um homem com conhecimentos de sânscrito e inglês, particularmente desta última língua – ou Shashi, ou você, ou Sâradâ. Agora, se você se recuperou completamente, muito bem, você vem; caso contrário, envie Sharat. O trabalho é ensinar os devotos que deixarei aqui, fazê-los estudar o Vedanta, fazer um pequeno trabalho de tradução para o inglês e ministrar palestras ocasionais. "O trabalho pode obscurecer a visão espiritual." X__ está muito ansioso para vir, mas a menos que a base esteja firmemente estabelecida, há toda a probabilidade de tudo desabar. Estou lhe enviando um cheque junto com esta carta. Compre roupas e outras coisas necessárias – quem vier. Estou enviando o cheque em nome do Mestre Mahashay Mahendra Babu. A choga tibetana de Gangâdhar está na matemática; peça ao alfaiate para fazer uma choga semelhante na cor gerúa. Veja que a gola fica um pouco alta, ou seja, a garganta e o pescoço devem ficar cobertos. . . . Acima de tudo, é preciso ter um sobretudo de lã, pois faz muito frio. Se você não vestir um sobretudo no navio, você sofrerá muito. . . . Estou enviando uma passagem de segunda classe, pois não há muita diferença entre uma cama de primeira classe e uma cama de segunda classe.

. . . Se for decidido enviar Shashi, informe com antecedência o comissário do navio para lhe fornecer dieta vegetariana.

Vá para Bombaim e fale com os Srs. King, King & Co., Fort, Bombay, e diga-lhes que você é o homem do Sr. Eles então lhe darão uma passagem para a Inglaterra. Uma carta está sendo enviada daqui para a Companhia com instruções. Estou escrevendo ao Marajá de Khetri para instruir seu agente em Bombaim a cuidar da reserva de sua passagem. Se esta soma de Rs. 150/- não é suficiente para sua roupa, pegue o restante com Rakhal. Enviarei a quantia a ele depois. Fique com outros Rs. 50/- para despesas de bolso - pegue de Rakhal; Pagarei de volta mais tarde. Até agora não recebi nenhum reconhecimento do valor que enviei para Chuni Babu. Comece o mais rápido possível. Informe Mahendra Babu que ele é meu agente em Calcutá. Diga-lhe para enviar uma carta ao Sr. Sturdy pelo próximo correio informando-o de que ele está pronto para cuidar de todas as transações comerciais em Calcutá em seu nome. Na verdade, o Sr. Sturdy é meu secretário na Inglaterra, Mahendra Babu em Calcutá e Alasinga em Madras. Envie esta informação para Madras também. Algum trabalho pode ser feito, a menos que todos nós cingamos os nossos lombos? E esteja pronto e fazendo! "A fortuna favorece os corajosos e enérgicos." Não olhe para trás – para frente, energia infinita, entusiasmo infinito, ousadia infinita e paciência infinita – somente então grandes feitos poderão ser realizados. Devemos incendiar o mundo inteiro.

Agora, no dia da partida do navio, escreva uma carta ao Sr. Sturdy informando-o por qual navio você está partindo para a Inglaterra. Caso contrário, há alguma probabilidade de você ter dificuldades quando chegar a Londres. Pegue o navio que vem direto para Londres, pois mesmo que a viagem demore alguns dias a mais, a tarifa é menor. No momento nossa bolsa está magra. Com o tempo enviaremos pregadores em grande número a todos os cantos do globo.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Escreva imediatamente ao Maharaja de Khetri, que você está indo para Bombaim e que ficará feliz se o agente dele atender à reserva de sua

passagem e acompanhá-lo fora do tabuleiro.

Mantenha meu endereço com você escrito em uma carteira, para que não haja dificuldades depois.

8.6.54 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

VISTA ALTA, CAVERSHAM,

LEITURA, INGLATERRA,

Outubro de 1895.

CARO JOE JOE,

Fiquei tão feliz em ouvir de você. Tive medo que você tivesse me esquecido.

Vou dar algumas palestras em e sobre Londres. Um deles, público, estará no Princes' Hall no dia 22, das 8h30.

Venha e tente formar uma turma. Ainda não fiz quase nada aqui. Claro, quebrar o gelo é sempre lento. Levei dois anos na América para trabalhar o pouco que tínhamos em Nova York.

Com amor por todos,

Sempre seu,

VIVEKANANDA.

8.6.55 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

VISTA ALTA, CAVERSHAM,

LEITURA, INGLATERRA,

20 de outubro de 1895.

CARO JOE JOE,

Esta nota é para dar as boas-vindas aos Leggetts em Londres. Sendo este, em certo sentido, o meu país natal, dou-lhe primeiro as minhas boas-vindas. Receberei as suas boas-vindas na próxima terça-feira, dia 22, no Salão dos Príncipes, às 20h30.

Estou tão ocupado até terça-feira que infelizmente não poderei ir vê-lo. Eu, no entanto, irei vê-lo qualquer dia depois disso. Possivelmente posso ir na terça-feira.

Com amor e bênçãos eternos,

Seu,

VIVEKANANDA.

8.6.56 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

RUA OAKLEY, 80,

CHELSEA,

31 de outubro de 1895.

CARO JOE JOE,

Ficarei muito feliz em vir almoçar na sexta-feira e ver o Sr. Coit no Albemarle.

Duas senhoras americanas, mãe e filha, que moram em Londres, vieram para a aula ontem à noite - a Sra. e a Srta. Netter. Eles foram muito simpáticos, é claro. A aula lá na casa do Sr. Chamier acabou. Começarei em meus alojamentos a partir do próximo sábado à noite. Espero ter uma ou duas salas de bom tamanho para minhas aulas. Também fui convidado para a Sociedade Ética de Moncure Conways, onde falarei no dia 10. Terei uma palestra na Balboa Society na próxima terça-feira. O Senhor ajudará. Não

tenho certeza se posso ir com você no sábado. De qualquer forma, você vai se divertir muito no campo, e o Sr. e a Sra. Sturdy são pessoas muito legais.

Com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. Por favor, peça alguns vegetais para mim. Não ligo muito para arroz – pão também serve. Eu me tornei um péssimo vegetariano agora.

V.

8.6.57 SR. ET STURDY

80 OAKLEY ST., CHELSEA,

31 de outubro de 1895 (17h).

CARO AMIGO (Sr. E. T. Sturdy),

Agora há pouco dois jovens cavalheiros, o Sr. Silverlock e seu amigo, partiram. A senhorita Müller também veio esta tarde e saiu justamente quando esses senhores chegaram.

Um é engenheiro e o outro trabalha no comércio de grãos. Eles leram bastante sobre a filosofia e a ciência modernas e ficaram muito impressionados com a semelhança das últimas conclusões de ambas com o antigo pensamento hindu. Eles são homens muito bons, inteligentes e educados. Um desistiu da Igreja, o outro me perguntou se deveria ou não. Agora, duas coisas me impressionaram depois desta entrevista. Primeiro, devemos apressar o livro. Desta forma, atingiremos uma classe que é filosoficamente religiosa, sem o menor mistério. Segundo, ambos querem conhecer os rituais do meu credo! Isso abriu meus olhos. O mundo em geral deve ter alguma forma. Na verdade, no sentido comum, a religião é uma filosofia concretizada através de rituais e símbolos.

É absolutamente necessário formar algum ritual e ter uma Igreja. Isto é, devemos estabelecer algum ritual o mais rápido que pudermos. Se você

puder vir no sábado de manhã ou antes, iremos à biblioteca da Sociedade Asiática ou você pode conseguir para mim um livro chamado Hemâdri Kosha, onde podemos obter o que queremos, e gentilmente trazer os Upanishads. Vamos consertar algo grandioso, desde o nascimento até a morte de um homem. Um mero sistema frouxo de filosofia não tem influência sobre a humanidade.

Se conseguirmos concluí-lo, antes de terminarmos as aulas, e publicá-lo, realizando publicamente um ou dois cultos sob ele, ele continuará. Eles querem formar uma congregação e querem um ritual; essa é uma das razões pelas quais - nunca terá influência sobre os ocidentais.

A Ethical Society enviou-me outra carta agradecendo-me pela aceitação desta oferta. Também uma cópia de seus formulários. Eles querem que eu traga comigo um livro para ler por dez minutos. Você trará o Gita (tradução) e o Jâtaka budista (tradução) com você?

Eu não faria nada neste assunto sem ver você primeiro.

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.58 SR. ET STURDY

RUA OAKLEY, 80,

CHELSEA,

1º de novembro de 1895.

CARO AMIGO (Sr. E. T. Sturdy),

Os ingressos da Balleren (?) Society são em número de 35.

O tema é "Filosofia Indiana e Sociedade Ocidental". Presidente em branco.

Como você não me pediu para enviá-los, eu não mandei. Recebi suas cartas corretamente.

Seu no sábado,
VIVEKANANDA.

8.6.59 SR. ET STURDY

2 de novembro de 1895.

CARO AMIGO (Sr. E. T. Sturdy),

Eu acho que você está certo; trabalharemos em nossas próprias linhas e deixaremos as coisas crescerem.

Envio-lhe a nota da palestra.

Irei no domingo se nada de extraordinário me impedir.

Seu com amor,
VIVEKANANDA.

8.6.60 RM. ET STURDY

RMS "BRITÂNICO"

ABENÇOADO E AMADO (Sr. E. T. Sturdy),

Até agora a viagem tem sido muito bonita. O comissário foi muito gentil comigo e me deu uma cabana só para mim. A única dificuldade é a comida – carne, carne, carne. Hoje eles prometeram me dar alguns vegetais.

Estamos ancorados agora. A neblina é muito densa para permitir que o navio prossiga. Então aproveito esta oportunidade para escrever algumas cartas.

É uma névoa estranha, quase impenetrável, embora o sol brilhe forte e alegre. Beije o bebê por mim; e com amor e bênçãos para você e a Sra.

Sturdy,

Eu permaneço, seu,

VIVEKANANDA.

PS. Por favor, transmita meu amor à Srta. Müller. Deixei a camisola na Avenue Road. Então terei que ficar sem nenhum até que o baú seja retirado do porão.

8.6.61 SR. ET STURDY

RUA 39 OESTE, 228,

NOVA IORQUE,

8 de dezembro de 1895.

CARO AMIGO (Sr. E. T. Sturdy),

Depois de dez dias de uma viagem muito tediosa e difícil, cheguei em segurança a Nova York. Meus amigos já alugaram algumas salas acima, onde moro agora, e pretendo dar aulas em breve. Enquanto isso, os teosofistas ficaram muito alarmados e estão fazendo o possível para me machucar; mas eles e seus seguidores não têm qualquer importância.

Fui ver a Sra. Leggett e outros amigos, e eles estão tão gentis e entusiasmados como sempre.

Você ouviu alguma coisa da Índia sobre a vinda do Sannyasin?

Escreverei mais tarde detalhes mais completos do trabalho aqui.

Por favor, transmita meus melhores cumprimentos à Srta. Müller, à Sra. Sturdy e a todos os outros amigos e dê um beijo no bebê por mim.

Seu sempre no sábado,

VIVEKANANDA.

8.6.62 SENHORITA JOSEPHINE MCLEOD

RUA 39 OESTE, 228,

NOVA IORQUE,

8 de dezembro de 1895.

CARO JOE JOE,

Depois de 10 dias da viagem mais desastrosa que já fiz, cheguei a Nova York. Fiquei tão doente por vários dias.

Depois das cidades limpas e bonitas da Europa, Nova Iorque parece muito suja e miserável. Vou começar a trabalhar na próxima segunda-feira. Seus pacotes foram entregues com segurança ao par celestial, como Alberta os chama. Eles são, como sempre, muito gentis. Vi a Sra. e o Sr. Salomon e outros amigos. Por acaso conheci a Sra. Peak na casa da Sra. Guernsey, mas ainda não tenho notícias da Sra. Rothinburger. Indo com as aves do paraíso para Ridgely neste Natal. Queria tanto que você estivesse lá.

Você teve uma boa visita com Lady Isabelle? Por favor, dê meu amor a todos os nossos amigos e conheça você mesmo os oceanos.

Desculpe esta curta carta. Escreverei maiores na próxima.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.63 SR. ET STURDY

NOVA IORQUE,

1895 .

O trabalho aqui está acontecendo esplendidamente. Tenho trabalhado incessantemente em duas aulas por dia desde que cheguei. Amanhã sairei da cidade com o Sr. Leggett para passar uma semana de férias. Você conheceu Madame Antoinette Sterling, uma de suas maiores cantoras? Ela está muito interessada no trabalho.

Transferi toda a parte secular do trabalho para uma comissão e estou livre de todo esse incômodo. Não tenho aptidão para organizar. Quase me quebra em pedaços.

. . . E o Nârada-Sutra? Haverá uma boa venda do livro aqui, tenho certeza. Agora peguei os Yoga-Sutras e os tomei um por um e passei por todos os comentaristas junto com eles. Essas palestras são todas anotadas e, quando concluídas, formarão a tradução mais completa e comentada de Patanjali em inglês. Claro que será um grande trabalho.

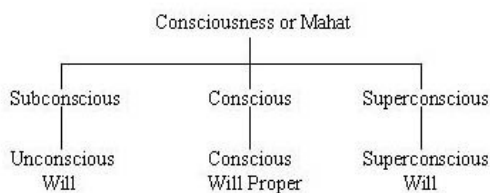
Na casa do Trübner acho que tem uma edição do Kurma Purâna. O comentarista, Vijnâna Bhikshu, cita continuamente esse livro. Eu nunca vi o livro. Você poderia gentilmente encontrar tempo para ver se há alguns capítulos sobre Yoga? Se sim, você poderia gentilmente me enviar uma cópia? Também do Hatha-Yoga-Pradipikâ, do Shiva-Samhitâ e de qualquer outro livro sobre Yoga? Os originais, claro. Enviarei o dinheiro para eles assim que chegarem. Também uma cópia de Sâmkhya-Kârikâ de Ishwara Krishna de John Davies. Agora mesmo sua carta chegou junto com cartas indianas. O único homem que está pronto está doente. Os outros dizem que não podem vir no calor do momento. Até agora parece azar. Lamento que eles não tenham podido vir. O que pode ser feito? As coisas andam devagar na Índia!

A teoria de Ramanuja é que a alma vinculada ou Jiva tem suas perfeições envolvidas, inseridas em si mesma. Quando esta perfeição evolui novamente, ela se torna livre. O Advaitin declara que ambos ocorrem apenas para exibição; não houve involução nem evolução. Ambos os processos eram maias, ou apenas aparentes.

Em primeiro lugar, a alma não é essencialmente um ser conhecedor. Sachchidânanda é apenas uma definição aproximada e Neti Neti é a definição essencial. Schopenhauer captou essa ideia de vontade dos

budistas. Temos isso também em Vâsanâ ou Trishnâ, Pali tanhâ. Admitimos também que é a causa de todas as manifestações que são, por sua vez, os seus efeitos. Mas, sendo uma causa, deve ser uma combinação do Absoluto e de Maya. Mesmo o conhecimento, sendo um composto, não pode ser o próprio Absoluto, mas é a abordagem mais próxima dele, e superior a Vasana, consciente ou inconsciente. O Absoluto torna-se primeiro a mistura do conhecimento, depois, no segundo grau, a da vontade. Se for dito que as plantas não têm consciência, que são, na melhor das hipóteses, apenas vontades inconscientes, a resposta é que mesmo a vontade inconsciente da planta é uma manifestação da consciência, não da planta, mas do cosmos, o Mahat da Filosofia Sankhya. A análise budista de tudo em vontade é imperfeita, em primeiro lugar, porque a própria vontade é um composto e, em segundo lugar, porque a consciência ou conhecimento, que é um composto de primeiro grau, a precede. Conhecimento é ação. Primeira ação, depois reação. Quando a mente percebe, então, como reação, ela deseja. A vontade está na mente. Portanto, é absurdo dizer que a vontade é a última análise. Deussen está fazendo o jogo dos darwinistas.

Mas a evolução deve ser harmonizada com a ciência mais exata da Física, que pode demonstrar que toda evolução deve ser precedida por uma involução. Sendo assim, a evolução do Vasana ou vontade deve ser precedida pela involução do Mahat ou consciência cósmica. (Veja também Vol VIII Provérbios e Enunciados 43 e Vol V Carta ao Sr. Sturdy - Epístola 57.)



Não há querer sem saber. Como podemos desejar a menos que conheçamos o objeto do desejo?

A aparente dificuldade desaparece assim que você divide o conhecimento também em subconsciente e consciente. E porque não? Se a vontade pode ser tratada dessa forma, por que não o seu pai?

VIVEKANANDA.

8.6.64 SR. ET STURDY

RUA 39 OESTE, 228,

NOVA IORQUE,

16 de dezembro de 1895.

ABENÇOADO E AMADO,

Todas as suas cartas foram recebidas por um só correio hoje. A senhorita Müller também me escreve uma. Ela leu no Indian Mirror que Swami Krishnananda está vindo para a Inglaterra. Se for assim, ele é o homem mais forte que posso conseguir.

As aulas que eu tinha aqui eram seis por semana, além de uma aula de perguntas. A assistência geral varia entre 70 a 120. Além disso, todos os domingos tenho uma palestra pública. No último mês, minhas palestras foram em uma pequena sala com capacidade para cerca de 600 pessoas. Mas, como regra, 900 virão, 300 em pé e cerca de 300 saindo, sem encontrar espaço. Esta semana portanto tenho um salão maior, com capacidade para 1200 pessoas.

Não há cobrança de ingresso nessas palestras, mas uma arrecadação cobre o aluguel. Os jornais me abordaram esta semana e, no geral, agitei consideravelmente Nova York este ano. Se eu pudesse ter ficado aqui neste verão e organizado um local de verão, o trabalho estaria em bases seguras aqui. Mas como pretendia vir à Inglaterra em maio, terei de deixá-lo inacabado. Se, no entanto, Krishnananda vier para a Inglaterra e você o achar forte e capaz, e se você achar que o trabalho em Londres não será prejudicado pela minha ausência neste verão, eu preferiria estar aqui neste verão.

Mais uma vez, temo que minha saúde esteja piorando devido ao trabalho constante. Eu quero descansar um pouco. Não estamos acostumados com esses métodos ocidentais, especialmente com o cumprimento do tempo.

Vou deixar você decidir tudo isso. O Brahmavādin está acontecendo aqui de forma muito satisfatória. Comecei a escrever artigos sobre Bhakti; envie-lhes também um relato mensal do trabalho. A senhorita Müller quer vir para a América. Não sei se ela o fará ou não. Alguns amigos aqui estão publicando minhas palestras de domingo. Enviei-lhe algumas cópias do primeiro. Enviarei a você no próximo e-mail algumas das próximas duas palestras e, se você gostar delas, pedirei que lhe enviem um número. Você consegue vender algumas centenas de cópias na Inglaterra? Isso os encorajará a publicar os subsequentes.

No próximo mês irei para Detroit, depois para Boston e para a Universidade de Harvard. Então descansarei e depois irei para a Inglaterra, a menos que você pense que as coisas continuam sem mim e com Krishnananda.

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.65 SWAMI SARADANANDA

RUA 39 OESTE, 228,

NOVA IORQUE,

23 de dezembro de 1895.

CARO SHARAT,

Sua carta só me deixou triste. Vejo que você perdeu todo o entusiasmo. Conheço todos vocês, seus poderes e suas limitações. Eu não o teria chamado para nenhuma tarefa para a qual você fosse incompetente. A única tarefa que eu teria dado a você seria ensinar sânscrito elementar e, com a ajuda de dicionários e outras coisas, ajudar S. em suas traduções e ensinamentos. Eu teria moldado você para isso. Qualquer um poderia ter feito o mesmo – apenas um pouco de sânscrito era absolutamente necessário. Bem, tudo é para melhor. Se for a obra do Senhor, o homem certo para o lugar certo aparecerá no tempo certo. Nenhum de vocês precisa se sentir perturbado. Quanto a Sanyal, não me importa quem aceita dinheiro

ou não, mas tenho um forte ódio pelo casamento infantil. Sofri terrivelmente com isso, e é o grande pecado pelo qual nossa nação tem que sofrer. Como tal, eu me odiaria se ajudasse direta ou indiretamente esse costume diabólico. Escrevi para você de maneira bastante clara sobre isso, e Sanyal não tinha o direito de me pregar uma farsa sobre seu "processo" e suas tentativas de se tornar livre. Lamento por ele pregar peças em mim, que nunca lhe fez mal algum. Este é o mundo. O bem que você faz não vale nada, mas se você parar de fazê-lo, então, que Deus o ajude, você será considerado um trapaceiro. Não é? Naturezas emocionais como a minha são sempre atacadas por parentes e amigos. Este mundo é impiedoso. Este mundo é nosso amigo quando somos seus escravos e nada mais. Este mundo é amplo o suficiente para mim. Sempre haverá um canto encontrado para mim em algum lugar. Se o povo da Índia não gostar de mim, haverá outros que sim. Devo colocar o meu pé o melhor que puder neste costume diabólico do casamento infantil. Nenhuma culpa será atribuída a você. Você mantém uma distância segura se estiver com medo. Sinto muito, sinto muito, não posso ter nenhuma parceria com coisas como conseguir maridos para bebês. Senhor me ajude, eu nunca tive e nunca terei. Pense no caso de M__ Babu! Você já conheceu alguém mais covarde ou brutal do que esse? Posso matar o homem que arranja um marido para um filho. O resultado de tudo isso é: quero que espíritos ousados, ousados e aventureiros me ajudem. Caso contrário, trabalharei sozinho. Tenho uma missão a cumprir. Eu vou resolver isso sozinho. Eu não me importo com quem vem ou quem vai. Sanyal já está acabado pelo Samsâra. Cuidado, garoto! Esse foi todo o conselho que considereei meu dever lhe dar. Claro, vocês são ótimas pessoas agora - minhas palavras não terão valor para vocês. Mas espero que chegue o momento em que você verá com mais clareza, saberá melhor e terá pensamentos diferentes dos que está fazendo agora.

Adeus! Eu não iria incomodá-los mais, e todas as bênçãos vão com todos vocês. Estou muito feliz por ter prestado algum serviço a você às vezes, se você pensa assim. Pelo menos estou satisfeito comigo mesmo por ter tentado o meu melhor para cumprir os deveres que meu Guru me impôs, e bem ou mal, estou feliz por ter tentado. Então adeus. Diga a Sanyal que não estou nem um pouco zangado com ele, mas sinto muito, muito mesmo. Não é o dinheiro – que não conta nada – mas a violação de um princípio que me magoou e a peça que ele pregou em mim. Adeus a ele também e a todos

vocês. Um capítulo da minha vida está encerrado. Deixe que os outros venham na devida ordem. Eles vão me encontrar pronto. Você não precisa se preocupar comigo. Não quero ajuda de nenhum ser humano em nenhum país. Então adeus! Que o Senhor abençoe a todos para todo o sempre!

VIVEKANANDA.

8.6.66 SR. ET STURDY

MANSÃO RIDGELY,

29 de dezembro de 1895.

CARO AMIGO,

A essa altura, as cópias das palestras já devem ter chegado até você. Espero que eles possam ser de alguma utilidade.

Penso que, em primeiro lugar, há muitas dificuldades a superar; em segundo lugar, pensam que não servem para nada – essa é a doença nacional; em terceiro lugar, têm medo de enfrentar o inverno imediatamente; o homem do Tibete, eles não acham que seja um homem muito forte para trabalhar na Inglaterra. Alguém virá mais cedo ou mais tarde.

Seu no sábado,

VIVEKANANDA.

PS. Minhas saudações de Natal a todos os nossos amigos – à Sra. e ao Sr. Johnson, à Lady Margesson, à Sra. Clark, à Srta. Hawes, à Srta. Müller, à Srta. Steel e a todos os demais. -V.

Beije o bebê por mim e o abençoe. Minhas saudações à Sra. Sturdy. Nós vamos trabalhar . "Wah guru ki destino." -V.

8.6.67 SENHORITA MARY HALE

NOVA IORQUE,

6 de janeiro de 1896.

QUERIDA IRMÃ,

Muito obrigado pelas suas gentis saudações de Ano Novo. Fico feliz em saber que você gostou de suas seis semanas com o Esq. embora estejam apenas jogando golfe. Estive no meio de um artigo genuíno na Inglaterra. O povo inglês recebeu-me de braços abertos e eu moderei bastante as minhas ideias sobre a raça inglesa. Primeiro de tudo, descobri que aqueles sujeitos como Lund etc. que vieram da Inglaterra para me atacar não estavam em lugar nenhum. A sua existência é simplesmente ignorada pelo povo inglês. Ninguém, exceto uma pessoa pertencente à Igreja Inglesa, é considerado gentil. Mais uma vez, alguns dos melhores homens da Inglaterra pertencentes à Igreja Inglesa e alguns dos mais elevados em posição e fama tornaram-se meus amigos mais verdadeiros. Este foi um tipo de experiência bem diferente daquela que conheci na América, não foi?

O povo inglês riu e riu quando lhes contei sobre minha experiência com os presbiterianos e outros fanáticos daqui e minha recepção em hotéis, etc. Também descobri imediatamente a diferença de cultura e criação entre os dois países e passei a entender por que as meninas americanas vão em cardumes para se casar com europeus. Todos foram gentis comigo lá, e deixei muitos amigos nobres de ambos os sexos aguardando ansiosamente meu retorno na primavera.

Quanto ao meu trabalho lá, o pensamento Vedântico já permeou as classes mais altas da Inglaterra. Muitas pessoas de educação e posição, e entre elas não poucos clérigos, disseram-me que a conquista de Roma pela Grécia estava a ser reencenada em Inglaterra.

Existem dois tipos de ingleses que viveram na Índia. Aquele que consiste naqueles que odeiam tudo o que é indiano, mas não têm educação. O outro, para quem a Índia é a terra santa, o seu próprio ar é sagrado. E eles tentam superar Herodes Herodes em seu hinduísmo. Eles são péssimos vegetarianos e querem formar uma casta na Inglaterra. É claro que a maioria do povo inglês acredita firmemente nas castas. Eu tinha oito aulas

por semana, além das palestras públicas, e elas estavam tão lotadas que muitas pessoas, até mesmo senhoras de alto escalão, sentavam-se no chão e não pensavam nada a respeito. Na Inglaterra encontro homens e mulheres obstinados que assumem o trabalho e o levam adiante com a peculiar garra e energia inglesas. Este ano meu trabalho em Nova York está indo esplendidamente. O Sr. Leggett é um homem muito rico de Nova York e está muito interessado em mim. O nova-iorquino tem mais firmeza do que qualquer outra pessoa neste país, por isso decidi centrar-me aqui. Neste país os meus ensinamentos são considerados estranhos pela aristocracia “Metodista” e “Presbiteriana”. Na Inglaterra, é a filosofia mais elevada para a aristocracia da Igreja Inglesa.

Além disso, essas conversas e fofocas, tão características da mulher americana, são quase desconhecidas na Inglaterra. A inglesa é lenta; mas quando ela desenvolve uma ideia, ela certamente a terá; e eles realizam regularmente meu trabalho lá e enviam um relatório semanalmente - pense nisso! Aqui estou eu fora por uma semana, tudo desmorona. Meu amor a todos – a Sam e a você mesmo. Que o Senhor te abençoe sempre e sempre!

Seu carinhoso irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.68 SR. ET STURDY

RUA 39 OESTE, 228,

NOVA IORQUE,

16 de janeiro de 1896.

ABENÇOADO E AMADO,

Muito obrigado pelos livros. O Sankhya Karika é um livro muito bom, e o Kurma Purana, embora não encontre nele tudo o que era esperado, tem alguns versos sobre Yoga. As palavras citadas em minha última carta foram Yoga-Sutra, que estou traduzindo com notas de diversas autoridades. Quero incorporar o capítulo do Kurma Purana em minhas anotações. Tenho relatos

muito entusiasmados de suas aulas da Srta. MacLeod. O Sr. Galsworthy parece estar muito interessado agora.

Comecei minhas palestras de domingo aqui e também as aulas. Ambos são recebidos com muito entusiasmo. Faço tudo de graça e faço uma coleta para pagar o salão etc. A palestra do domingo passado foi muito apreciada e está na imprensa. Enviarei algumas cópias para você na próxima semana. Foi o esboço do nosso trabalho.

Como meus amigos contrataram um estenógrafo (Goodwin), todas essas aulas e palestras públicas foram retiradas. Pretendo lhe enviar uma cópia de cada um. Eles podem sugerir algumas idéias.

Minha grande necessidade aqui é um homem forte como você, que possua intelecto, habilidade e amor. Nesta nação de educação universal, todos parecem derreter-se na mediocridade, e os poucos capazes são oprimidos pelo eterno ganho de dinheiro.

Tenho a oportunidade de conseguir um terreno no campo, com alguns edifícios, muitas árvores e um rio, para servir como um resort de meditação no verão. Isso, naturalmente, exige uma comissão que cuide do assunto na minha ausência, bem como do tratamento do dinheiro, da impressão e de outros assuntos.

Afastei-me inteiramente das questões financeiras, mas sem ele o movimento não pode continuar. Portanto, necessariamente terei que entregar tudo o que é executivo a um comitê, que cuidará dessas coisas na minha ausência. O trabalho constante não está na linha dos americanos. A única maneira de trabalharem é em rebanho. Então deixe-os ficar com isso. Quanto à parte de ensino, meus amigos percorrerão este país de um lugar para outro, cada um independente, e os deixarão formar círculos independentes. Essa é a maneira mais fácil de espalhar. Então, quando houver forças suficientes, teremos reuniões anuais para concentrar as nossas energias.

O comitê é inteiramente executivo e está confinado apenas a Nova York. . .
.

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.69 ALASINGA

23 de janeiro de 1896.

CARO ALASINGA,

A essa altura você já deve ter recebido bastante matéria sobre Bhakti de mim. A última cópia, datada de 21 de dezembro, do Brahmavadin está disponível. Tenho sentido algum cheiro desde as últimas edições do Brahmavadin. Você vai se juntar aos teosofistas? Desta vez vocês simplesmente desistiram. Ora, você recebe um aviso das palestras dos Teosofistas no corpo de suas notas! Qualquer suspeita da minha ligação com os Teósofos estragará o meu trabalho tanto na América como na Inglaterra, e bem pode ser. Eles são considerados errados por todas as pessoas sãs, e é verdade que assim são considerados, e você sabe disso muito bem. Receio que você queira me ultrapassar. Você acha que pode conseguir mais assinantes na Inglaterra anunciando Annie Besant? Tolo que você é.

Não quero discutir com os Teósofos, mas a minha posição é ignorá-los completamente. Eles pagaram pelo anúncio? Por que você deveria anunciá-los? Conseguirei assinantes mais do que suficientes na Inglaterra na próxima viagem.

Agora, eu não teria traidores, digo-lhe claramente, não seria enganado por nenhum malandro. Sem hipocrisia comigo. Erga sua bandeira e anuncie publicamente em seu jornal que você desistiu de todas as conexões comigo e junte-se ao. . . acampamento dos Teósofos ou deixará de ter qualquer coisa a ver com eles. Eu lhe dou palavras muito claras, de fato. Terei apenas um homem para me seguir, mas ele deve ser verdadeiro e fiel até a morte. Eu não me importo com o sucesso ou sem sucesso. Estou cansado dessa bobagem de pregar em todo o mundo. Alguém do pessoal de Annie Besant

veio em meu auxílio quando eu estava na Inglaterra? Doce de açúcar! Devo manter meu movimento puro ou não terei nenhum.

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Responda com precisão sua decisão. Estou muito decidido neste ponto. Você deveria ter me dito isso antes, se suas intenções tivessem sido tais desde o início. O Brahmavadin é para pregar o Vedanta e não a Teosofia. Quase perco a paciência quando vejo essas negociações dissimuladas. Este é o mundo - aqueles que você mais ama e mais ajuda tentam enganá-lo. -V.

8.6.70 RM. ET STURDY

RUA 39 OESTE, 228,

NOVA IORQUE,

29 de fevereiro de 1896.

ABENÇOADO E AMADO,

Irei antes de maio, se possível. Você não precisa se preocupar com isso. O panfleto era lindo. Os recortes de jornais daqui serão encaminhados se conseguirmos obtê-los.

Os livros e panfletos aqui foram preparados desta forma. Um comitê foi formado em Nova York. Eles pagaram todas as despesas de estenografia e impressão com a condição de que os livros lhes pertencessem. Portanto, esses panfletos e livros são deles. Um livro, o Karma-Yoga, já foi publicado; o Raja-Yoga, muito maior, está em fase de publicação; o Jnana-Yoga poderá ser publicado posteriormente. Serão livros populares, cuja linguagem será a falada, como você já viu. Eliminei tudo o que era questionável e eles me ajudam a levantar os livros.

Os livros são propriedade deste Comitê, do qual a Sra. Ole Bull é a principal apoiadora, também a Sra. Leggett.

É justo que eles tenham os livros, pois pagaram todas as despesas. Não há medo de que os editores se intrometam neles, pois são eles próprios os editores.

Se algum livro vier da Índia, por favor, guarde-o.

O estenógrafo, que é um inglês chamado Goodwin, ficou tão interessado no trabalho que agora fiz dele um Brahmachârin, e ele está andando comigo, e iremos juntos para a Inglaterra. Ele será muito útil como sempre foi.

Atenciosamente, com todas as bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.71 SR. ET STURDY

NOVA IORQUE,

17 de março de 1896.

ABENÇOADO E AMADO,

Recebi o seu último agora há pouco e isso me assustou imensamente.

As palestras foram proferidas sob os auspícios de alguns amigos que pagaram a estenografia e todas as outras despesas com a condição de que somente eles tivessem o direito de publicá-las. Como tal, já publicaram as palestras de domingo, bem como três livros sobre "Karma-Yoga", "Raja-Yoga" e "Jnana-Yoga". O Raja-Yoga especialmente foi muito alterado e reorganizado junto com a tradução dos "Yoga-Sutras de Patanjali". O Raja-Yoga está nas mãos de Longmans. Os amigos daqui estão furiosos com a ideia de esses livros serem publicados na Inglaterra; e como eles foram transferidos legalmente para eles, não sei o que fazer. A publicação dos panfletos não foi tão séria, mas os livros foram tão reorganizados e alterados que a edição americana não reconhecerá a inglesa. Agora, por favor, não publique esses livros, pois eles me colocarão em uma posição muito falsa e criarão brigas sem fim e destruirão meu trabalho americano.

Pela última correspondência vinda da Índia, descobri que um Sannyasin partiu da Índia. Recebi uma linda carta da Srta. Müller, também da Srta. MacLeod; a família Leggett tornou-se muito apegada a mim.

Não sei nada sobre o Sr. Chatterji. Ouvi de outras fontes que o seu problema é o dinheiro, que os teosofistas não podem lhe fornecer. Além disso, a ajuda que ele poderá me dar é muito rudimentar e inútil diante do fato de vir da Índia um homem muito mais forte. Até agora com ele. Não precisamos ter pressa.

Rogo-lhe novamente que pense sobre este negócio editorial e escreva algumas cartas para a Sra. Ole Bull e através dela peça a opinião dos amigos americanos do Vedanta, lembrando "nosso é o Evangelho da unidade de todos os seres", e de todos os sentimentos nacionais são apenas superstições perversas. Além disso, estou certo de que a pessoa que está sempre disposta a ceder às opiniões dos outros descobre finalmente que a sua opinião triunfou. Ceder sempre conquista finalmente. Com amor a todos os nossos amigos,

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. Estou chegando em março o mais cedo possível.

V.

8.6.72 SENHORITA MARY HALE

QUERIDA IRMÃ,

Receio que você tenha ficado ofendido e não tenha respondido nenhuma das minhas cartas. Agora peço cem mil perdões. Por muita sorte, encontrei o pano laranja e vou mandar fazer um casaco assim que puder. Fico feliz em saber que você conheceu a Sra. Bull. Ela é uma senhora tão nobre e amiga gentil. Agora, irmã, há dois panfletos em sânscrito muito finos em casa. Por favor, envie-os se isso não o incomoda. Os livros da Índia chegaram são e

salvos e não tive que pagar nenhuma taxa sobre eles. Estou surpreso que os tapetes ainda não cheguem. Não fui mais ver o Templo Mãe. Não consegui encontrar tempo. Cada pouco de tempo que tenho, passo na biblioteca.

Com eterno amor e gratidão a todos vocês,

Sempre seu amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

PS. O Sr. Howe tem sido um estudante muito constante, exceto nos últimos dias. Por favor, dê minhas lembranças à Srta. Howe.

V.

8.6.73 IRMÃS HALE

RUA 43 OESTE 6,

NOVA IORQUE,

14 de abril de 1896.

QUERIDAS IRMÃS,

Cheguei são e salvo no domingo e por motivo de doença não pude escrever antes. Embarco a bordo do White Star Line Germanic amanhã às 12 horas. Com memória eterna de amor, gratidão e bênçãos,

Eu sou, seu sempre amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.74 SR. ET STURDY

MANSÕES WAVENEY,

JARDINS FAIRHAZEL,

LONDRES NO.

Abril de 1896

Quinta à tarde .

CARO STURDY,

Esqueci de lhe contar pela manhã que o Prof. Max Müller também se ofereceu em sua carta para mim para fazer tudo o que pudesse se eu fosse lecionar em Oxford.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Você escreveu para o Artharva-Veda Samhita editado por Shankara Pandurang?

V.

8.6.75 IRMÃS HALE

ALTA VISÃO, LEITURA,

20 de abril de 1896.

QUERIDAS IRMÃS,

Saudações para você da outra margem. A viagem foi agradável e desta vez não houve doenças. Eu me dei tratamento para evitá-lo. Fiz uma pequena corrida pela Irlanda e por algumas cidades da Inglaterra Antiga e agora estou mais uma vez em Reading, entre Brahma, Maya e Jiva, a alma individual e universal, etc. O outro monge está aqui; ele é um dos homens mais legais que conheço e também é um monge bastante erudito. Estamos ocupados editando livros agora. Nada de importante aconteceu no caminho. Era monótono, monótono e prosaico como a minha vida. Eu amo mais a

América quando estou fora dela. E, afinal, nesses anos houve alguns dos melhores que já vi.

Você está tentando conseguir alguns assinantes para o Brahmavadin? Dê meu melhor amor e lembrança mais gentil à Sra. Adams e à Sra. Conger. Escreva-me assim que for conveniente sobre vocês e o que estão fazendo, o que quebra a monotonia de comer, beber e andar de bicicleta. Estou com pressa agora, escreverei uma carta maior mais tarde; então adeus e que você seja sempre feliz.

Seu sempre carinhoso irmão,

VIVEKANANDA.

PS. Escreverei à Mãe Igreja assim que tiver tempo. Dê minhas lembranças a Sam e à irmã Locke.

V.

8.6.76 SENHORITA MARY HALE

63 ST. ESTRADA DE GEORGE,

LONDRES, SW,

30 de maio de 1896.

QUERIDA MARY,

Sua carta chegou agora há pouco. É claro que você não ficou com ciúmes, mas de repente sentiu simpatia pela pobre Índia. Bem, você não precisa ter medo. Escrevi uma carta para a Mãe Igreja semanas atrás, mas ainda não consegui obter uma resposta dela. Receio que todo o grupo tenha recebido ordens e entrado num convento católico – quatro solteironas são suficientes para levar qualquer mãe a um convento. Tive uma linda visita com o Prof. Max Müller. Ele é um santo – um Vedantista por completo. O que você acha? Ele tem sido um admirador dedicado do meu antigo Mestre há anos. Ele escreveu um artigo sobre meu Master in The Nineteenth Century, que

será publicado em breve. Conversamos muito sobre coisas indianas. Eu gostaria de ter metade do amor dele pela Índia. Vamos começar mais uma pequena revista aqui. E quanto ao Brahmavadin? Você está forçando isso? Se quatro solteironas insistentes não conseguem publicar um diário, fico impressionado. Você terá notícias minhas de vez em quando. Não sou um alfinete que se perde debaixo do alqueire. Estou tendo aulas aqui agora há pouco. Começo as palestras de domingo a partir da próxima semana. As turmas são muito grandes e ficam em casa. Alugamos para temporada. Ontem à noite fiz um prato. Era uma mistura tão deliciosa de açafrão, lavanda, macis, noz-moscada, cubeba, canela, cravo, cardamomo, creme, suco de limão, cebola, passas, amêndoas, pimenta e arroz, que eu mesmo não consegui comê-la. Não havia assa-fétida, embora isso tornasse a ingestão mais fácil.

Ontem fui a um casamento à la mode. A senhorita Müller, uma senhora rica, amiga que adotou um menino hindu e para ajudar no meu trabalho alugou quartos nesta casa, nos levou para conhecer. Uma de suas sobrinhas era casada com o sobrinho de alguém, suponho. Que bobagem cansativa! Estou feliz que você não se case. Adeus, amor a todos. Não tenho mais tempo, pois vou almoçar com a Srta. MacLeod.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.77 IRMÃS HALE

LONDRES,

7 de julho de 1896.

QUERIDOS BEBÊS,

O trabalho aqui progrediu maravilhosamente. Eu tive um monge aqui da Índia. Enviei-o para os EUA e mandei buscar outro da Índia. A temporada está encerrada; as aulas, portanto, e as palestras dominicais serão encerradas no próximo dia 16. E no dia 19 vou passar um mês ou mais para descansar e

descansar nas montanhas suíças para voltar no próximo outono a Londres e começar de novo. O trabalho aqui tem sido muito satisfatório. Ao despertar o interesse aqui, faço realmente mais pela Índia do que pela Índia. Mamãe me escreveu dizendo que se você pudesse alugar seu apartamento, ela ficaria feliz em levá-lo com ela para conhecer o Egito. Vou com três amigos ingleses para Swiss Hills. Mais tarde, no final do inverno, espero ir para a Índia com alguns amigos ingleses que vão morar lá no meu mosteiro, que, aliás, ainda está no ar. Está lutando para se materializar em algum lugar do Himalaia.

Onde você está? Agora que o verão está a todo vapor, até Londres está ficando muito quente. Por favor, transmita meus melhores cumprimentos à Sra. Adams, à Sra. Conger e a todos os demais amigos de Chicago.

Seu carinhoso irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.78 SR. ET STURDY

GRANDE HOTEL,

VALAIS,

SUÍÇA.

ABENÇOADO E AMADO,

. . . Estou lendo um pouco, morrendo de fome e praticando muito mais. Os passeios na mata são simplesmente deliciosos. Estamos agora situados sob três enormes geleiras e a paisagem é muito bonita.

A propósito, quaisquer escrúpulos que eu pudesse ter quanto à origem dos arianos nos lagos suíços foram eliminados da minha mente. O suíço é um tártaro sem trança. . . .

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.79 SR. ET STURDY

SUÍÇA,

5 de agosto de 1896.

ABENÇOADO E AMADO,

Chegou uma carta esta manhã do Prof. Max Müller me dizendo que o artigo de Shri Ramakrishna Paramahansa foi publicado no número de agosto do Século XIX. Você leu isso? Ele perguntou minha opinião sobre isso. Ainda não tendo visto, não posso escrever nada para ele. Se você tiver, por favor, envie para mim. Também O Brahmavadin, se algum chegou. Max Müller quer saber sobre nossos planos. . . e novamente sobre a revista. Ele promete muita ajuda e está pronto para escrever um livro sobre Shri Ramakrishna Paramahansa.

Acho que é melhor que você se corresponda diretamente com ele sobre a revista, etc. Você verá pela carta que lhe enviarei assim que eu responder (depois de ler O Século XIX) que ele está muito satisfeito com nosso movimento. e está pronto para ajudá-lo tanto quanto puder. . . .

Atenciosamente, com bênçãos e amor,

VIVEKANANDA.

PS. Espero que você considere bem o plano para a grande revista. Algum dinheiro pode ser arrecadado na América e, ao mesmo tempo, podemos manter a revista só para nós. Pretendo escrever para a América ao ouvir sobre o plano que você e o Prof. Max Muller decidirão. “Devemos refugiar-nos numa grande árvore, quando ela tem frutos e sombra. Se, no entanto, não obtivermos os frutos, quem nos impede de desfrutar da sombra?” Portanto, grandes tentativas devem ser feitas, é a moral.

8.6.80 KRIPANANDA

SUÍÇA,

Agosto de 1896.

QUERIDO-,

Seja santo e, acima de tudo, sincero; e não desista nem por um momento de sua confiança no Senhor, e você verá a luz. Tudo o que é verdade permanecerá para sempre; o que não é, ninguém pode preservar. Somos ajudados a nascer numa época em que tudo é rapidamente descoberto. Não importa o que os outros pensem ou façam, não abaijem o seu padrão de pureza, moralidade e amor a Deus; acima de tudo, tome cuidado com todas as organizações secretas. Ninguém que ama a Deus precisa temer qualquer malabarismo. A santidade é o poder mais elevado e divino na terra e no céu. “Somente a verdade triunfa, não a mentira. Somente através da verdade se abre o caminho para Deus” (Mundaka, III. i. 6). Não se importe nem por um momento com quem dá as mãos a você ou não, tenha certeza de tocar a mão do Senhor. É suficiente. . . .

Ontem fui ao glaciar do Monte Rosa e colhi algumas flores resistentes que cresciam quase no meio da neve eterna. Envio-lhe uma nesta carta esperando que você alcance uma resistência espiritual semelhante em meio a toda a neve e gelo desta vida terrena. . . .

Seu sonho foi muito, muito lindo. Nos sonhos, nossas almas leem uma camada de nossa mente que não lemos em nossas horas de vigília, e por mais insubstancial que a imaginação possa ser, é por trás da imaginação que estão todas as verdades psíquicas desconhecidas. Tenha coragem. Tentaremos fazer o que pudermos para o bem da humanidade – o resto depende do Senhor. . . .

Bem, não fique ansioso, não tenha pressa. O trabalho lento, persistente e silencioso faz tudo. O Senhor é grande. Teremos sucesso, meu rapaz. Devemos. Bendito seja o Seu nome! . . .

Aqui na América não existem Ashramas. Será que havia um! Como eu gostaria e que bem isso faria a este país!

8.6.81 SR. JJ GOODWIN

SUÍÇA,

8 de agosto de 1896.

CARO GOODWIN,

Agora estou descansando. Eu li muito em diferentes cartas sobre Kripananda. Sinto muito por ele. Deve haver algo errado em sua cabeça. Deixe-o em paz. Nenhum de vocês precisa se preocupar com ele.

Quanto a me machucar, isso não está no poder de deuses ou demônios. Portanto, fique em repouso. É o amor inabalável e o altruísmo perfeito que conquistam tudo. Nós, vedantistas, em todas as dificuldades, deveríamos fazer a pergunta subjetiva: "Por que vejo isso?" "Por que não consigo conquistar isso com amor?"

Estou muito feliz pela recepção que o Swami teve, e também pelo bom trabalho que ele está fazendo. Um ótimo trabalho requer um esforço grande e persistente por muito tempo. Nem precisamos nos preocupar se alguns falharem. É da natureza das coisas que muitos caiam, que surjam problemas, que surjam tremendas dificuldades, que o egoísmo e todos os outros demônios do coração humano lutem arduamente quando estão prestes a ser expulsos pelo fogo da espiritualidade. . O caminho para o Bem é o mais difícil e íngreme do universo. É uma maravilha que tantos tenham sucesso, não é de admirar que tantos caiam. O caráter tem que ser estabelecido através de mil tropeços.

Estou muito revigorado agora. Olho pela janela e vejo as enormes geleiras bem diante de mim e sinto que estou no Himalaia. Estou bastante calmo. Meus nervos recuperaram a força habitual; e pequenos aborrecimentos, como aqueles sobre os quais você escreve, não me tocam de forma alguma. Como poderei ser perturbado pela brincadeira desta criança? O mundo

inteiro é uma mera brincadeira de criança – pregação, ensino e tudo incluído. “Saiba que ele é o Sannyasin que não odeia nem deseja” (Gita, V.3). E o que há a desejar neste pequeno mundo lamacento, com sua miséria, doença e morte sempre recorrentes? “Aquele que desistiu de todos os desejos, só ele é feliz.”

Este descanso, descanso eterno e pacífico, estou vislumbrando agora neste lindo local. “Tendo uma vez sabido que somente o Atman, e nada mais, existe, desejando o quê, ou pelo desejo de quem, você sofrerá sofrimento em relação ao corpo?” (Brihadâraṇyaka, IV. iv. 12.)

Sinto como se tivesse minha parcela de experiência no que chamam de “trabalho”. Eu terminei, estou com vontade de sair agora. “Entre milhares, apenas um se esforça para atingir a Meta. E mesmo entre aqueles que lutam muito, mas poucos conseguem” (Gita, VII. 3); pois os sentidos são poderosos, eles arrastam os homens para baixo.

"Um mundo bom", "um mundo feliz" e "progresso social" são termos igualmente inteligíveis com "gelo quente" ou "luz negra". Se fosse bom, não seria o mundo. A alma pensa tolamente em manifestar o Infinito na matéria finita, a Inteligência através de partículas grosseiras; mas finalmente descobre seu erro e tenta escapar. Este retrocesso é o início da religião e do seu método, a destruição de si mesmo, isto é, o amor. Não o amor pela esposa, pelo filho ou por qualquer outra pessoa, mas pelo amor a tudo o mais, exceto a este pequeno eu. Nunca se iluda com a conversa fiada, da qual você ouvirá tanto na América, sobre “progresso humano” e coisas assim. Não há progresso sem uma digressão correspondente. Numa sociedade existe um conjunto de males; em outro, outro. O mesmo ocorre com períodos da história. Na Idade Média havia mais ladrões, agora mais trapaceiros. Num determinado período, há menos ideia da vida de casado; em outro, mais prostituição. Em um deles, mais agonia física; em outro, mil vezes mais mental. O mesmo acontece com o conhecimento. A gravitação já não existia na natureza antes de ser observada e nomeada? Então que diferença faz saber que ele existe? Você é mais feliz que os índios vermelhos?

O único conhecimento que tem algum valor é saber que tudo isso é uma farsa. Mas poucos, muito poucos, saberão disso. “Conheça apenas o Atman

e desista de todas as outras palavras vãs." Este é o único conhecimento que obtemos com toda essa agitação no universo. Este é o único trabalho que apela à humanidade para "Despertar, levantar-se e não parar até que o objetivo seja alcançado". É a renúncia, Tyâga, que se entende pela religião, e nada mais.

Ishwara é a soma total dos indivíduos; contudo, Ele próprio também é um indivíduo, da mesma forma que o corpo humano é uma unidade, da qual cada célula é um indivíduo. Samashti ou o Coletivo é Deus. Vyashti ou o componente é a alma de Jiva. A existência de Ishwara, portanto, depende da de Jiva, como o corpo na célula, e vice-versa. Jiva e Ishwara são seres coexistentes. Enquanto um existir, o outro também deverá existir. Novamente, como em todas as esferas superiores, exceto na nossa Terra, a quantidade de bem excede largamente a quantidade de mal, pode-se dizer que a soma total ou Ishwara é Todo-Bom, Todo-Poderoso e Onisciente. Estas são qualidades óbvias, e não necessitam de argumentos para serem provadas, a partir do próprio facto da totalidade.

Brahman está além de ambos e não é um estado. É a única unidade que não é composta por muitas unidades. É o princípio que permeia tudo, desde a célula até Deus, e sem o qual nada pode existir. Tudo o que é real é esse princípio ou Brahman. Quando penso "Eu sou Brahman", então só eu existo. É assim também quando você pensa assim, e assim por diante. Cada um é o todo desse princípio. . . .

Há alguns dias, senti um desejo repentino e irresistível de escrever para Kripananda. Talvez ele estivesse infeliz e pensando em mim. Então escrevi-lhe uma carta calorosa. Hoje, pelas notícias americanas, vejo por que foi assim. Enviei-lhe flores colhidas perto das geleiras. Peça à senhorita Waldo que lhe envie algum dinheiro e muito amor. O amor nunca morre. O amor do pai nunca morre, independentemente do que os filhos façam ou sejam. Ele é meu filho. Ele tem a mesma ou mais participação no meu amor e ajuda, agora que está na miséria.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.82 SR. ET STURDY

GRANDE HOTEL, TAXA SAAS,

VALAIS, SUÍÇA,

8 de agosto de 1896

ABENÇOADO E AMADO,

Um grande pacote de cartas veio junto com o seu. Com isto lhe envio a carta que Max Müller me escreveu. É muito gentil e bom da parte dele.

A senhorita Müller pensa que em breve partirá para a Inglaterra. Nesse caso não poderei ir a Berna para o Congresso da Pureza que prometi. Somente se os Seviere concordarem em me levar junto, irei a Kiel e escreverei para você antes. Os Seviere são bons e gentis, mas não tenho o direito de tirar vantagem de sua generosidade. Nem posso aceitar o mesmo da senhorita Müller, pois as despesas lá são terríveis. Como tal, penso que é melhor desistir do Congresso de Berna, pois ele acontecerá em meados de Setembro, muito longe.

Estou pensando, portanto, em ir para a Alemanha, terminando em Kiel, e daí voltar para a Inglaterra.

Bala Gangadhara Tilak (Sr. Tilak) é o nome e Orion o do livro.

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Há também um de Jacobi – talvez traduzido nas mesmas linhas e com as mesmas conclusões.

PS. Espero que você pergunte a opinião da Srta. Müller sobre os alojamentos e o Hall, pois temo que ela ficará muito descontente se ela e outros não forem consultados.

V.

A senhorita Müller telegrafou ao professor Deussen ontem à noite; a resposta chegou esta manhã, 9 de agosto, dando-me as boas-vindas; Estarei em Kiel, na casa de Deussen, no dia 10 de setembro. Então, onde você vai me encontrar? Em Kiel? Miss Müller vai da Suíça para a Inglaterra. Vou com os Seviere para Kiel. Estarei lá no dia 10 de setembro.

V.

PS. Ainda não resolvi nada sobre a palestra. Não tenho tempo para ler. A Sociedade Salem provavelmente é uma comunidade hindu e sem modismos.

V.

8.6.83 SR. ET STURDY

SUÍÇA,

12 de agosto de 1896.

ABENÇOADO E AMADO,

Hoje recebi uma carta da América, que envio a vocês. Escrevi-lhes que a minha ideia, claro, é a concentração, pelo menos para o presente início. Eu também lhes sugeri que, em vez de terem muitos papéis, pudessem começar por colocar algumas folhas no The Brahmavadin – escrito na América – e aumentar um pouco a assinatura que cobrirá as despesas americanas. Não sei o que eles farão.

Começaremos daqui em direção à Alemanha na próxima semana. A senhorita Müller vai para a Inglaterra assim que atravessamos para a Alemanha.

O Capitão e a Sra. Sevier e eu esperamos vocês em Kiel.

Ainda não escrevi nada nem li nada. Na verdade, estou descansando bem. Não fique ansioso, você terá o artigo pronto. Recebi uma carta do Math informando que o outro Swami está pronto para começar. Ele será, tenho

certeza, exatamente o homem que você deseja. Ele é um dos melhores estudiosos de sânscrito que temos. . . e pelo que ouvi dizer, ele melhorou muito seu inglês. Recebi vários recortes de jornais americanos sobre Saradananda – ouvi dizer que ele se saiu muito bem lá. A América é um bom campo de treinamento para revelar tudo o que há em um homem. Há uma grande simpatia no ar. Recebi cartas de Goodwin e Saradananda. S. manda lembranças para você, para a Sra. Sturdy e para o bebê.

Com amor e bênçãos eternos,

VIVEKANANDA.

8.6.84 SR. ET STURDY

COMO,

10 de setembro de 1896.

CARO AMIGO,

Finalmente vi o Prof. Deussen. . . . O dia de ontem foi passado muito bem com o Professor, passeando e discutindo sobre o Vedanta.

Ele é o que eu deveria chamar de “um Advaitista guerreiro”. Sem compromisso com mais nada. "Ishwara" é seu bicho-urso. Ele não aceitaria nada disso se pudesse. Ele está muito encantado com a ideia da sua revista e quer conversar com você sobre esses assuntos em Londres, para onde irá em breve. . . .

8.6.85 SENHORITA MARY HALE

AIRLIE LODGE, JARDINS DE RIDGEWAY,

WIMBLEDON, INGLATERRA,

17 de setembro de 1896.

QUERIDA IRMÃ,

Hoje cheguei a Londres, depois de dois meses de escalada, caminhada e observação de geleiras na Suíça. Isso me fez bem: alguns quilos de tecido adiposo desnecessário retornaram ao estado gasoso. Bem, nem mesmo nisso há segurança, pois o corpo sólido deste nascimento teve a ilusão de ultrapassar a mente em direção à expansão infinita. Se continuar assim, em breve terei de perder toda a identidade pessoal, mesmo na carne – pelo menos para todo o resto do mundo.

É impossível expressar em palavras minha alegria pelas boas novas contidas na carta de Harriet. Escrevi para ela hoje. Lamento não poder ir vê-la casada, mas estarei presente em “belo corpo” com todos os bons votos e bênçãos. Bem, espero essas notícias de você e de outras irmãs para completar minha alegria. Agora, minha querida Mary, vou lhe contar uma grande lição que aprendi nesta vida. É isto: “Quanto mais elevado é o seu ideal, mais miserável você é”; pois algo como um ideal não pode ser alcançado no mundo, nem mesmo nesta vida. Quem quer a perfeição no mundo é um louco, pois não pode ser.

Como você pode encontrar o Infinito no finito? Por isso lhe digo que Harriet terá uma vida muito abençoada e feliz, porque ela não é tão imaginativa e sentimental a ponto de fazer papel de boba. Ela tem sentimento suficiente para tornar a vida doce, e bom senso e gentileza suficientes para suavizar os pontos difíceis da vida que devem ocorrer a todos. O mesmo aconteceu com Harriet McKindley em um grau ainda mais elevado. Ela é a garota certa para dar o melhor de si como esposa, só que este mundo é tão cheio de idiotas que poucos conseguem penetrar além da carne! Quanto a você e Isabelle, direi a verdade e minha “linguagem é clara”.

Você, Mary, é como um árabe impetuoso – grandioso, esplêndido. Você será uma rainha esplêndida – fisicamente, mentalmente. Você brilhará ao lado de um marido arrojado, ousado, aventureiro e heróico; mas, minha querida irmã, você será uma das piores esposas. Você tirará a vida de nossos maridos tranquilos, práticos e trabalhosos do mundo cotidiano. Veja bem, minha irmã, embora seja verdade que há mais romance na vida real do que em qualquer romance, ainda assim é raro. Portanto, meu conselho para você

é que, até que você reduza seus ideais a um nível mais prático, você não deve se casar. Se você fizer isso, o resultado será miserável para vocês dois. Em poucos meses você perderá todo o respeito por um jovem comum, bom e simpático, e então a vida se tornará insípida. Quanto à irmã Isabelle, ela tem o mesmo temperamento que você; só este jardim de infância lhe ensinou uma boa lição de paciência e tolerância. Talvez ela seja uma boa esposa.

Existem dois tipos de pessoas no mundo. Aquele - forte, quieto, submisso à natureza, não dado a muita imaginação, mas bom, gentil, doce, etc. Pois assim é este mundo; só eles nasceram para serem felizes. Há ainda outros com os nervos à flor da pele, tremendamente imaginativos, com sentimentos intensos, sempre subindo num momento e descendo no seguinte. Para eles não há felicidade. A primeira aula terá um teor quase uniforme de felicidade; o último deverá correr entre o êxtase e a miséria. Mas só destes são feitos os que chamamos de gênios. Há alguma verdade na teoria recente de que “o gênio é uma espécie de loucura”.

Agora, pessoas desta classe, se quiserem ser grandes, devem lutar para terminar – limpar o baralho para a batalha. Sem ônus – sem casamento, sem filhos, sem apego indevido a nada, exceto a uma ideia, e viva e morra por isso. Eu sou uma pessoa desse tipo. Adotei a ideia do “Vedanta” e “limpei o baralho para a ação”. Você e Isabelle são feitos deste metal; mas deixe-me dizer que, embora seja difícil, vocês estão estragando suas vidas em vão. Ou pegue uma ideia, limpe o baralho e dedique a vida a ela; ou seja contente e prático; abaixe o ideal, case-se e tenha uma vida feliz. Ou “Bhoga” ou “Yoga” – aproveite esta vida ou desista e seja um Yogi; ninguém pode ter os dois em um. Agora ou nunca, selecione rápido. “Quem é muito exigente não ganha nada”, diz o provérbio. Agora, sinceramente, realmente e para sempre, determine-se a “preparar o terreno para a luta”, adote qualquer coisa, filosofia, ciência, religião ou literatura, e deixe que isso seja o seu Deus pelo resto da sua vida. Alcance a felicidade ou alcance a grandeza. Não tenho simpatia por você e Isabelle; você não é nem para isso nem para aquilo. Desejo ver você feliz, como Harriet escolheu bem, ou ótimo. Comer, beber, vestir-se e as bobagens da sociedade não são coisas nas quais se possa jogar uma vida - especialmente você, Mary. Você está destruindo um cérebro e habilidades esplêndidas, para as quais não há a menor desculpa.

Você deve ter ambição de ser grande. Eu sei que vocês aceitarão essas observações um tanto duras de mim com o espírito certo, sabendo que eu gosto de vocês tanto ou mais do que eu as chamo, minhas irmãs. Há muito tempo eu estava pensando em lhe contar isso e, à medida que a experiência vai se acumulando, sinto vontade de lhe contar. As alegres notícias de Harriet me incentivaram a lhe contar isso. Ficarei muito feliz em saber que você também é casado e feliz, na medida em que a felicidade pode ser alcançada aqui, ou gostaria de saber que você realizou grandes feitos.

Tive uma visita agradável com o Prof. Deussen na Alemanha. Tenho certeza de que você já ouviu falar dele como o maior filósofo alemão vivo. Ele e eu viajamos juntos para a Inglaterra e hoje nos reunimos para ver meu amigo aqui, com quem passarei o resto da minha estadia na Inglaterra. Ele (Deussen) gosta muito de falar sânscrito e é o único estudioso de sânscrito no Ocidente que consegue falar nessa língua. Como ele quer praticar, ele nunca fala comigo em qualquer outro idioma além do sânscrito.

Vim para cá com meus amigos, trabalharei por algumas semanas e depois voltarei para a Índia no inverno.

Sempre seu amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.86 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

JARDINS DE CASACO CINZENTO,

WESTMINSTER, SW,

LONDRES,

3 de dezembro de 1896.

CARO JOE,

Muito, muito obrigado, querido Joe Joe, pelo seu gentil convite; mas o Querido Deus dispôs as coisas desta forma, ou seja, devo partir para a Índia

no dia 16 com o Capitão, a Sra. Sevier e o Sr. Goodwin. Os Seviers e eu embarcamos em Nápoles. E como serão quatro dias em Roma, passarei por aqui para me despedir de Alberta.

As coisas estão em alta aqui agora; o grande salão da turma, 39 Victoria, está lotado e ainda mais estão chegando.

Pois bem, o bom e velho país agora me chama; Eu tenho que ir. Então, adeus a todos os projetos de visitar a Rússia em abril.

Acabei de começar um pouco as coisas na Índia e estou de partida novamente para os sempre belos EUA e Inglaterra, etc.

Foi muito gentil da sua parte enviar a carta para Mabel. Boas notícias, de fato. Só que sinto um pouco pela pobre Fox. No entanto, Mabel escapou dele; isso é melhor.

Você não escreveu nada sobre como as coisas estão acontecendo em Nova York. Espero que esteja tudo bem aí. Pobre Cola! ele é capaz agora de ganhar a vida?

A vinda de Goodwin foi muito oportuna, pois capturou as palestras aqui que estão sendo publicadas em formato periódico. Já houve assinantes suficientes para cobrir as despesas.

Três palestras na próxima semana e meu trabalho em Londres nesta temporada estará concluído. É claro que todos aqui acham tolice desistir agora mesmo que o “boom” está acontecendo, mas o Querido Senhor diz: “Comece pela Velha Índia”. Eu obedeco.

Ao Frankincense, à Mãe, a Holister e a todos os outros, meu eterno amor e bênçãos, e o mesmo para você,

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.87 SWAMI BRAHMANANDA

HOTEL MINERVA, FLORENÇA,

20 de dezembro de 1896.

CARO RAKHAL,

Como você pode ver, a essa altura já estou a caminho. Antes de sair de Londres, recebi sua carta e o panfleto. Não dê atenção à loucura de Mazoomdar. Ele certamente enlouqueceu de ciúme. A linguagem chula que ele usou só faria as pessoas rirem dele num país civilizado. Ele derrotou seu propósito pelo uso de palavras tão vulgares.

Mesmo assim, não devemos permitir que Hara Mohan ou qualquer outra pessoa vá lutar contra Brahmos e outros em nosso nome. O público deve saber que não temos qualquer conflito com nenhuma seita, e se alguém provoca um conflito, está a fazê-lo sob a sua própria responsabilidade. Brigar e abusar uns dos outros são nossas características nacionais. Preguiçosos, inúteis, vulgares, ciumentos, covardes e briguentos, isso é o que somos, bengalis. Qualquer um que queira ser meu amigo deve desistir disso. Vocês também não permitem que Hara Mohan imprima qualquer livro, porque tal impressão como ele faz apenas engana o público.

Se houver laranjas em Calcutá, mande cem para Madras, aos cuidados de Alasinga, para que eu possa tê-las quando chegar a Madras.

Mazoomdar escreve que os Ditos de Shri Ramakrishna publicados no Brahmavadin não são genuínos e são mentiras! Nesse caso, peça a Suresh Dutt e Ram Babu que lhe contem a mentira no The Indian Mirror. Como não fiz nada sobre a coleção dos Uktis (Provérbios), não posso dizer nada.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Não se importe com esses tolos; “Não há tolo como um velho tolo” é o provérbio. Deixe-os latir um pouco. A ocupação deles acabou. Pobres almas! Deixe-os ter um pouco de satisfação em latir.

8.6.88 SENHORITA MARY HALE

STEAMER, "PRÍNCIPE REGENTE LEOPOLD"

3 de janeiro de 1897.

QUERIDA MARY,

Recebi sua carta enviada de Londres para Roma. Foi muito gentil da sua parte escrever uma carta tão linda, e eu gostei de cada parte dela. Não sei nada sobre a evolução da orquestra na Europa. Estamos nos aproximando de Port Said depois de quatro dias de navegação terrivelmente ruim desde Nápoles. O navio está balançando o máximo que pode, e você deve perdoar meus rabiscos sob tais circunstâncias.

De Suez começa a Ásia. Mais uma vez Ásia. O que eu sou? Asiático, Europeu ou Americano? Sinto em mim uma curiosa mistura de personalidades. Você não escreveu nada sobre Dharmapala, suas atividades e ações. Estou muito mais interessado nele do que em Gandhi.

Dentro de alguns dias desembarco em Colombo e pretendo "fazer" um pouco o Ceilão. Houve um tempo em que o Ceilão tinha mais de 20 milhões de habitantes e uma enorme capital cujas ruínas cobriam quase cem quilômetros quadrados!

Os Ceilões não são dravidianos, mas puros arianos. Foi colonizado a partir de Bengala por volta de 800 a.C., e eles mantiveram uma história muito clara de seu país desde então. Era o maior centro comercial do mundo antigo e Anuradhapuram era a Londres dos antigos.

Gostei de Roma mais do que qualquer coisa no Ocidente e, depois de ver Pompeia, perdi todo o respeito pela chamada "Civilização Moderna". Com exceção do vapor e da eletricidade, eles tinham todo o resto e infinitamente mais concepções e execuções artísticas do que os Modernos.

Por favor, diga à senhorita Locke que me enganei quando lhe disse que a escultura da figura humana não foi desenvolvida na Índia como entre os gregos. Estou lendo em Fergusson e outras autoridades que em Orissa ou

Jagannath, que não visitei, existem entre as ruínas figuras humanas que, em beleza e habilidade anatômica, seriam comparadas a qualquer produção dos gregos. Há uma figura colossal da Morte, um enorme esqueleto feminino coberto por uma pele enrugada - a terrível fidelidade aos detalhes anatômicos é assustadora e nojenta. Diz meu autor, uma das figuras femininas do nicho é exatamente igual à Vênus de Médici e assim por diante. Mas você deve lembrar que quase tudo foi destruído pelos iconoclastas maometanos, mas os restos são mais do que todos os detritos europeus juntos! Viajei oito anos e não vi muitas das obras-primas.

Diga também à irmã Locke que há um templo em ruínas em uma floresta na Índia que Fergusson e o Partenon da Grécia consideram como o clímax da arte arquitetônica - cada um de seu tipo - um da concepção, o outro da concepção e do detalhe. Os edifícios Mogul posteriores, etc., a arquitetura indo-sarracena, não se comparam nem um pouco com os melhores tipos dos antigos. . . .

Com todo o meu amor,

VIVEKANANDA.

PS. Por acaso vi a Madre Igreja e o Padre Papa em Florença. Você já sabe disso.

V.

8.6.89 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

MADRAS,

12 de fevereiro de 1897.

CARO RAKHAL,

Devo começar por SS Mombasa no próximo domingo. Tive de desistir de convites de Poona e de outros lugares por causa de problemas de saúde.

Estou muito abatido pelo trabalho duro e pelo calor.

Os Teosofistas e outros queriam intimidar-me. Portanto, tive que dar-lhes um pouco do que penso. Você sabe que eles me perseguiram o tempo todo na América, porque eu não me juntei a eles. Eles queriam começar aqui. Então eu tive que limpar minha posição. Se isso desagrade algum dos meus amigos de Calcutá, "Deus os ajude". Não precisa ter medo, eu não trabalho sozinho, mas Ele está sempre comigo. O que eu poderia fazer de outra forma?

Seu,

VIVEKANANDA.

PS. Leve a casa se mobiliada – V.

8.6.90 SWAMI RAMAKRISHNANANDA

(Traduzido do bengali)

DARJEELING,

20 de abril de 1897.

CARO SHASHI,

Todos vocês, sem dúvida, já chegaram a Madras a esta altura. Acredito que Biligiri certamente está cuidando muito bem de você e que Sadananda o serve como seu atendente. Em Madras a adoração deve ser feita de maneira completamente sáttvica, sem nenhum traço de Rajas. Espero que Alasinga já tenha regressado a Madras. Não entre em brigas com ninguém – mantenha sempre uma atitude calma. Por enquanto, que a adoração de Shri Ramakrishna seja estabelecida e continuada na casa de Biligiri. Mas veja que o culto não se torna muito elaborado e longo. O tempo assim economizado deve ser utilizado na realização de aulas e na pregação. É bom iniciar o máximo que puder. Supervisione o trabalho dos dois jornais e ajude no que puder. Biligiri tem duas filhas viúvas. Por favor, eduque-as e

faça esforços especiais para que, através delas, mais mulheres viúvas obtenham uma base sólida em sua própria religião e aprendam um pouco de inglês e sânscrito. Mas todo esse trabalho deveria ser feito à distância. É preciso ser extremamente cuidadoso com as mulheres jovens. Depois que você cai, não há saída e o pecado é imperdoável.

Lamento muito saber que Gupta foi mordido por um cachorro; mas ouvi dizer que o cachorro não era louco, então não há motivo para alarme. De qualquer forma, faça com que ele tome o remédio enviado por Gangadhar.

De manhã cedo, termine diariamente sua adoração e outros deveres brevemente, e reunindo Biligiri com sua família, leia diante deles o Gita e outros livros sagrados. Não há a menor necessidade de ensinar o Amor divino de Radhâ e Krishna. Ensine-lhes a devoção pura a Sitâ-Râm e Hara-Pârvati. Veja que nenhum erro é cometido a esse respeito. Lembre-se de que os episódios do relacionamento divino entre Radha e Krishna são bastante inadequados para mentes jovens. Especialmente Biligiri e outros seguidores de Râmânujachârya são adoradores de Rama; portanto, certifique-se de que sua atitude inata de pura devoção nunca seja perturbada.

À noite, dê algum ensinamento espiritual como esse ao público em geral. Assim, gradualmente, “até a montanha é atravessada”.

Veja que uma atmosfera de perfeita pureza seja sempre mantida e que não entre o menor traço de Vâmachâra. De resto, o próprio Senhor te guiará, não há medo. Dê a Biligiri minhas respeitadas saudações e saudações amorosas, e transmita minhas saudações a devotos semelhantes.

Minha doença agora é muito menor – pode até ser curada completamente, se o Senhor quiser. Meu amor, bênçãos e saudações para você.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Por favor, apresente minhas saudações e bênçãos especialmente afetuosas ao Dr. Nanjunda Rao e ajude-o tanto quanto puder. Faça o seu

melhor para encorajar particularmente o estudo do sânscrito entre os não-brâmanes.

V.

8.6.91 IRMÃ NIVEDITA

ALAMBAZAR MATEMÁTICA,

CALCUTÁ,

5 de maio de 1897.

MINHA QUERIDA SENHORITA NOBRE,

Sua carta muito gentil, amorosa e encorajadora me deu mais força do que você imagina.

Há momentos em que nos sentimos totalmente desanimados, sem dúvida — especialmente quando trabalhamos em prol de um ideal durante toda a vida e justamente quando há um pouco de esperança de vê-lo parcialmente realizado, ocorre um tremendo golpe frustrante. Não ligo para a doença, mas o que me deprime é que meus ideais ainda não tiveram a menor oportunidade de serem trabalhados. E você sabe, a dificuldade é o dinheiro.

Os hindus fazem procissões e tudo mais, mas não podem dar dinheiro. A única ajuda que recebi no mundo foi na Inglaterra, da senhorita Müller e do senhor Sevier. Achei que mil libras seriam suficientes para iniciar pelo menos o centro principal em Calcutá, mas meu cálculo baseou-se na experiência de Calcutá há dez ou doze anos. Desde então, os preços subiram três ou quatro vezes.

O trabalho foi iniciado de qualquer maneira. Uma casinha velha e precária foi alugada por seis ou sete xelins, onde cerca de vinte e quatro jovens estão sendo treinados. Tive que passar um mês em Darjeeling para recuperar a saúde, e tenho o prazer de lhe dizer que estou muito melhor, e você acreditaria, sem tomar nenhum remédio, apenas pelo exercício da cura mental! Amanhã irei novamente para outra estação de montanha, pois faz

muito calor nas planícies. Sua sociedade ainda está viva, tenho certeza. Enviar-lhe-ei um relatório, pelo menos todos os meses, do trabalho realizado aqui. O trabalho em Londres não está indo nada bem, ouvi dizer, e essa foi a principal razão pela qual eu não viria para a Inglaterra agora mesmo - embora alguns dos nossos Rajas que vão para o Jubileu tenham feito o possível para me levar com eles - como eu faria. Temos que trabalhar duro novamente para reavivar o interesse pelo Vedanta. E isso significaria muito mais problemas físicos.

No entanto, posso vir aqui por um mês ou mais em breve. Somente se eu pudesse ver meu trabalho iniciado aqui, com que alegria e liberdade eu viajaria!

Até agora sobre trabalho. Agora sobre você pessoalmente. Tal amor, fé, devoção e apreço como os seus, querida Srta. Noble, compensam cem vezes mais do que qualquer quantidade de trabalho que alguém sofre nesta vida. Que todas as bênçãos sejam suas. Toda a minha vida está ao seu serviço, como podemos dizer na nossa língua materna.

Nunca foi e nunca será nada além de muito bem-vinda qualquer carta sua e de outros amigos da Inglaterra. O Sr. e a Sra. Hammond escreveram duas cartas muito gentis e simpáticas e o Sr. Hammond um belo poema em O Brahmavadin, embora eu não o merecesse nem um pouco. Voltarei a escrever-te do Himalaia, onde o pensamento será claro à vista das neves e os nervos mais calmos do que nestas planícies ardentes. A senhorita Müller já está em Almora. O Sr. e a Sra. Sevier vão para Simla. Eles estão em Darjeeling há muito tempo. Então as coisas vêm e vão, querido amigo. Somente o Senhor é imutável e Ele é Amor. Que Ele faça do nosso coração Sua habitação eterna é a oração constante de,

VIVEKANANDA.

8.6.92 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

ALMORA,

20 de maio de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Da sua carta recebi todas as notícias importantes. Também recebi uma carta de Sudhir e também uma do Mestre Mahashay. Também recebi duas cartas de Nityananda (Yogen Chatterjee) de áreas carentes.

Mesmo agora, o dinheiro está flutuando nas águas, por assim dizer. . . mas certamente virá. Quando chegar a hora, edifícios, terrenos e um fundo permanente – tudo dará certo. Mas nunca se pode ficar tranquilo até que as galinhas nasçam; e não irei agora para as planícies quentes dentro de dois ou três meses. Depois disso farei um tour e certamente conseguirei algum dinheiro. Sendo assim, se você pensa que o [terreno com] fachada de oito Kâthâs não pode ser adquirido. . . , não há mal nenhum em pagar o dinheiro sério ao vendedor intermediário, como se você o estivesse perdendo por nada. Em todos esses assuntos, use seu próprio critério; Não posso dar mais conselhos. Existe particularmente uma chance de cometer erros por causa da pressa. . . . Diga ao Mestre Mahashay que aprovo totalmente o que ele disse.

Escreva para Gangadhar que se ele achar difícil conseguir esmolas etc. lá, ele deve se alimentar gastando de seu próprio bolso e que deve publicar uma carta semanal no jornal de Upen (The Basumati). Nesse caso, outros também podem ajudar.

Eu entendo por uma carta de Shashi. . . ele quer Nirbhayananda. Se você acha que este curso é o melhor, envie Nirbhayananda e traga Gupta de volta. . . . Envie a Sashi uma cópia das Regras e Regulamentos de Matemática em Bengali ou uma versão em inglês delas, e escreva para ele para garantir que o trabalho ali seja feito de acordo com as Regras e Regulamentos.

Fico feliz em saber que a Associação em Calcutá está indo bem. Não importa se um ou dois ficam de fora. Aos poucos todos virão. Seja amigável e solidário com todos. Palavras doces são ouvidas de longe; é particularmente necessário tentar fazer com que cheguem novas pessoas. Queremos cada vez mais novos membros.

Yogen está indo bem. Por causa do grande calor em Almora, estou agora num excelente jardim a trinta quilômetros dali. Este lugar é comparativamente fresco, mas ainda quente. O calor não parece ser particularmente menor que o de Calcutá. . . .

A febre desapareceu. Estou tentando ir para um lugar ainda mais fresco. Acho que o calor ou a fadiga de caminhar causam imediatamente problemas no fígado. O ar aqui é tão seco que há uma sensação de queimação no nariz o tempo todo, e a língua se torna, por assim dizer, uma lasca de madeira. Você parou de criticar; caso contrário, eu teria ido para um lugar mais frio a essa altura só por diversão. “Ele constantemente negligencia as restrições alimentares” – que merda você fala? Você realmente ouve as palavras desses tolos? É como se você não me permitisse tomar Kalâi-dâl (leguminosas pretas), porque contém amido! E mais: não haverá amido se o arroz e o Roti (pão) forem consumidos depois de fritos! Que conhecimento maravilhoso, minha querida. O fato é que minha velha natureza está voltando – isso eu estou vendo claramente. Nesta parte do país agora, uma doença assume a cor e a moda desta localidade; e naquela parte do país assume a cor e a forma das doenças daquela localidade. Estou pensando em fazer minhas refeições à noite bem leves; Comerei até fartar pela manhã e ao meio-dia; à noite leite, frutas, etc. Por isso fico neste pomar, “na expectativa de frutas”! Você não vê?

Agora não se assuste. Um companheiro de Shiva morre tão rapidamente? Agora mesmo a lâmpada da noite foi acesa e o canto deve ser cantado durante toda a noite. Hoje em dia meu temperamento também não é muito irritável, e a febre é toda por causa do fígado – vejo isso claramente. Bem, farei com que isso também fique sob controle – que medo? . . . Bravamente, prepare-se e trabalhe; vamos criar uma comoção poderosa.

Apresente meu amor a todos no Math. Na próxima reunião da Associação, cumprimente a todos e diga-lhes que embora eu não esteja fisicamente presente ali, ainda assim meu espírito está onde o nome de Nosso Senhor é cantado - "यावत्तव कथा राम सञ्चरिष्यति मेदिनीम्", isto é, "Ó Rama, enquanto a história da sua vida circular pela terra" – porque, veja você, o Atman é onipresente.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.93 SUDHIR

ALMORA,

20 de maio de 1897.

CARO SUDHIR,

Sua carta me deu muito prazer. Talvez me tenha esquecido de lhe dizer uma coisa: guardar uma cópia da carta que me enviou. Além disso, todas as comunicações importantes para o Math de diferentes pessoas e para diferentes pessoas devem ser copiadas e preservadas.

Estou muito feliz por saber que as coisas vão bem, que o trabalho lá progride continuamente, assim como o de Calcutá.

Estou bem agora, exceto pelo cansaço da viagem que tenho certeza que desaparecerá em alguns dias.

Meu amor e bênçãos para todos vocês.

Seu,

VIVEKANANDA.

8.6.94 MARIA HALBOISTER

ALMORA,

2 de junho de 1897.

QUERIDA MARIE,

Começo aqui minha prometida grande carta tagarela com a melhor intenção quanto ao seu crescimento, e se falhar, será devido ao seu próprio Karma.

Tenho certeza de que você está desfrutando de uma saúde esplêndida. Tenho estado muito, muito mal; agora recuperando um pouco - espero recuperar muito em breve.

E o trabalho em Londres? Receio que se desfaça. Você visita Londres de vez em quando? Sturdy não ganhou um novo bebê?

As planícies da Índia estão em chamas agora. Eu não posso aguentar isso. Então estou aqui nesta estação montanhosa – um pouco mais fria que as planícies.

Estou morando num lindo jardim pertencente a um comerciante de Almora – um jardim confinante com vários quilômetros de montanhas e florestas. Anteontem à noite um leopardo veio aqui e levou uma cabra do rebanho mantido neste jardim. Era um barulho terrível feito pelos criados e latidos dos grandes cães de guarda do Tibete. Esses cães são mantidos acorrentados à distância durante toda a noite desde que estou aqui, para que não perturbem meu sono com seus latidos profundos. O leopardo encontrou assim a oportunidade e conseguiu uma refeição decente, talvez depois de semanas. Que isso lhe faça muito bem!

Você se lembra da senhorita Müller? Ela veio aqui há alguns dias e ficou bastante assustada quando soube do incidente do leopardo. A procura de peles bronzeadas em Londres parece muito grande, e isso está a causar estragos aos nossos leopardos e tigres mais do que qualquer outra coisa.

Enquanto escrevo para você, diante de mim, refletindo o fluxo da tarde, estão longas, longas filas de enormes picos nevados. Eles ficam a cerca de trinta quilômetros daqui em linha recta, e quarenta através das estradas tortuosas da montanha.

Espero que suas traduções tenham sido bem recebidas no jornal da Condessa. Tive uma grande inteligência e uma ótima oportunidade de vir para a Inglaterra nesta época do Jubileu com alguns de nossos príncipes, mas meus médicos não permitiram que eu me aventurasse no trabalho tão cedo. Pois ir para a Europa significa trabalho, não é? Sem trabalho, sem pão.

Aqui o pano amarelo é suficiente e eu teria comida suficiente. De qualquer forma estou descansando muito desejado, espero que me faça bem.

Como você está indo com seu trabalho? Com alegria ou tristeza? Você não gosta de descansar bem, digamos por alguns anos, e não trabalhar? Durma, coma e faça exercícios; exercitar, comer e dormir - é isso que farei daqui a alguns meses. O Sr. Goodwin está comigo. Você deveria tê-lo visto com suas roupas indianas. Muito em breve vou raspar sua cabeça e fazer dele um monge completo.

Você ainda pratica alguns dos Yogas? Você encontra algum benefício neles? Fiquei sabendo que o Sr. Martin está morto. Como está a Sra. Martin? Você a vê de vez em quando?

Você conhece a senhorita Noble? Você já a viu? Aqui minha carta chega ao fim, enquanto uma enorme tempestade de poeira sopra sobre mim e é impossível escrever. É todo o seu Karma, querida Marie, pois eu pretendia escrever tantas coisas maravilhosas e contar-lhe histórias tão belas; mas terei que guardá-los para o futuro e você terá que esperar.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.95 IRMÃ NIVEDITA

ALMORA,

20 de junho de 1897.

MINHA QUERIDA SENHORITA NOBRE,

. . . Deixe-me dizer claramente. Cada palavra que você escreve eu valorizo, e cada carta é bem-vinda cem vezes. Escreva sempre que tiver vontade e oportunidade, e o que quiser, sabendo que nada será mal interpretado, nada será desvalorizado. Faz muito tempo que não recebo notícias do trabalho.

Você pode me dizer alguma coisa? Não espero nenhuma ajuda da Índia, apesar de todo o júbilo que sinto por mim. Eles são tão pobres!

Mas comecei a trabalhar da mesma forma que fui treinado - isto é, sob as árvores, e de qualquer maneira mantendo corpo e alma juntos. O plano também mudou um pouco. Enviei alguns dos meus rapazes para trabalhar nos distritos famintos. Agiu como um milagre. Acho, como sempre pensei, que é através do coração, e só ele, que o mundo pode ser alcançado. O plano actual é, portanto, treinar um grande número de jovens (das classes mais altas, não das mais baixas. Para estas últimas terei de esperar um pouco), e o primeiro ataque será feito enviando alguns deles para o exterior. um distrito. Quando estes sapadores e mineiros da religião abrirem o caminho, haverá tempo suficiente para introduzir teoria e filosofia.

Vários meninos já estão em treinamento, mas o recente terremoto destruiu o pobre abrigo onde tínhamos que trabalhar, que, de qualquer forma, só era alugado. Deixa para lá. O trabalho deve ser feito sem abrigo e sob dificuldades. . . . Até agora são cabeças raspadas, trapos e refeições casuais. Contudo, isto tem de mudar, e mudará, pois não estamos a trabalhar para isso, de cabeça e de coração? . . .

De certa forma, é verdade que as pessoas aqui têm tão pouco do que renunciar – mas a renúncia está no nosso sangue. Um dos meus meninos em formação é engenheiro executivo, responsável por um distrito. Isso significa uma posição muito grande aqui. Ele desistiu como palha! . . .

Com todo amor,

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.96 IRMÃ NIVEDITA

ALMORA,
4 de julho de 1897.

MINHA QUERIDA SENHORITA NOBRE,

Estou sendo curiosamente manipulado por influências boas e más de Londres nestes tempos aqui. . . . Por outro lado, suas cartas são cheias de vida e luz solar, e trazem força e esperança ao meu espírito, e eles infelizmente as desejam agora. Deus sabe.

Embora eu ainda esteja no Himalaia, e deva ficar aqui por pelo menos mais um mês, comecei o trabalho em Calcutá antes de vir, e eles escrevem o progresso toda semana.

Neste momento estou muito ocupado com a fome e, exceto pela formação de vários jovens para trabalhos futuros, não tenho conseguido dedicar mais energia ao trabalho docente. O “trabalho de alimentação” está absorvendo toda a minha energia e meios. Embora por enquanto só possamos trabalhar numa escala muito pequena, o efeito é maravilhoso. Pela primeira vez desde os dias de Buda, meninos brâmanes são encontrados amamentando ao lado da cama de párias acometidos de cólera.

Na Índia, palestras e ensino não trazem nenhum benefício. O que queremos é Religião Dinâmica. E isso, “se Deus quiser”, como dizem os muçulmanos, estou determinado a mostrar. . . . Concordo inteiramente com o prospecto da sua Sociedade, e você pode considerar minha concordância com tudo o que fará no futuro. Tenho plena fé na sua capacidade e simpatia. Já tenho uma dívida imensa com você e você me impõe obrigações infinitas todos os dias. Meu único consolo é que isso é para o bem dos outros. Caso contrário, não mereço nem um pouco a maravilhosa bondade demonstrada pelos amigos de Wimbledon. Vocês, bons, firmes e genuínos ingleses, que o Senhor sempre os abençoe. Agradeço você a cada dia mais e mais à distância. Por favor, transmita meu amor eterno a ___ e todos os outros amigos de lá.

Com todo amor, seu sempre na Verdade,

VIVEKANANDA.

8.6.97 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

ALMORA,

10 de julho de 1897.

MEU QUERIDO JOE JOE,

Fico feliz em saber que você finalmente descobriu que tenho tempo para ler suas cartas.

Fui para o Himalaia, cansado de palestras e discursos. Lamento muito que os médicos não tenham permitido que eu fosse com o Raja de Khetri para a Inglaterra, e isso deixou Sturdy furioso.

Os Seviere estão em Simla e a senhorita Müller aqui em Almora.

A peste diminuiu, mas a fome ainda está aqui e, ao que parece (por ainda não chover), pode ainda assumir um aspecto terrível.

Estou muito ocupado daqui dirigindo o trabalho dos meus meninos em alguns dos distritos famintos.

Venha por todos os meios; só você deve se lembrar disso. Os europeus e os hindus (chamados de “nativos” pelos europeus) vivem como óleo e água. Misturar-se com os nativos é prejudicial para os europeus.

Não há bons hotéis dignos de nota, mesmo nas capitais. Você terá que viajar com vários criados ao seu redor (custa mais barato que hotéis). Você terá que suportar pessoas que usam apenas tanga; você me verá apenas com uma tanga sobre mim. Sujeira e sujeira por toda parte, e pessoas morenas. Mas você terá muitos homens para conversar com você sobre filosofia. Se você se misturar muito com os ingleses aqui, terá mais conforto, mas não verá nada dos hindus como eles são. Possivelmente não poderei comer com você, mas prometo que viajarei para muitos lugares com você e farei tudo ao meu alcance para tornar sua viagem agradável. Isso é o que você espera; se algo de bom vier, tanto melhor. Talvez Mary Hale possa vir com você. Há uma jovem, senhorita Campbell, de Orchard Lake, Orchard Island, Michigan, que é uma grande adoradora de Krishna e vive sozinha naquela ilha, jejuando e orando. Ela dará tudo para poder ver a Índia uma vez, mas é

terrivelmente pobre. Se você a trouxer com você, de qualquer maneira conseguirei pagar suas despesas. Se a Sra. Bull trouxer o velho Landsberg com ela, isso estará salvando a vida daquele tolo, por assim dizer.

Muito provavelmente posso acompanhá-lo de volta à América. Beije Holister por mim e pelo bebê. Meu amor a Alberta, aos Leggetts e a Mabel. O que a Fox está fazendo? Dê a ele meu amor quando você o vir. À Sra. Bull e S. Saradananda meu amor. Estou tão forte como sempre, mas tudo depende de levar uma vida tranquila para sempre. Não há mais tumulto.

Eu estava pensando muito em ir ao Tibete este ano; mas eles não me permitiram, pois a estrada é terrivelmente cansativa. No entanto, contento-me em galopar com força sobre precipícios em pôneis montanheses. (Isso é até mais emocionante do que a sua bicicleta, embora eu tenha tido uma experiência disso em Wimbledon.) Quilômetros e quilômetros de subida e quilômetros e quilômetros de descida, a estrada com alguns metros de largura pairando sobre precipícios íngremes, vários milhares de metros de profundidade abaixo.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS. A melhor época para vir é chegar à Índia em outubro ou início de novembro. Dezembro, janeiro e fevereiro você vê tudo de novo e começa no final de fevereiro. A partir de março começa a esquentar. O sul da Índia é sempre quente.

V.

Goodwin foi trabalhar em Madras num trabalho que será iniciado lá em breve.

V.

8.6.98 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

DEULDHAR, ALMORA,

13 de julho de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Indo daqui para Almora fiz esforços especiais para Yogen. Mas ele partiu para as planícies assim que se recuperou um pouco. Do vale de Subhala ele me escreverá sobre sua chegada segura lá. Como é impossível conseguir um Dandi (cadeira de transporte) ou qualquer outro meio de transporte, Latu não pôde ir. Achyut e eu voltamos novamente a este lugar. Hoje minha saúde está um pouco ruim por causa dessa cavalgada em velocidade vertiginosa sob o sol. Tomei o remédio de Shashi Babu por duas semanas – não encontrei nenhum benefício especial. . . . A dor no fígado passou e, devido a muito exercício, minhas mãos e pernas tornaram-se musculosas, mas o abdômen está distendido muito. Sinto-me sufocado ao me levantar ou sentar. Talvez isso se deva à ingestão de leite. Pergunte a Shashi se posso desistir do leite. Anteriormente sofri dois ataques de insolação. A partir daí, meus olhos ficam vermelhos se me exponho ao sol, e a saúde continua ruim por dois ou três dias seguidos.

Fiquei muito satisfeito por receber todas as notícias do Math e também ouvi dizer que o trabalho de combate à fome está a correr bem. Por favor, deixe-me saber se algum dinheiro foi recebido do escritório do Brahmavadin para alívio da fome. Algum dinheiro será enviado daqui em breve também. Há fome em muitos outros lugares também, por isso não é necessário ficar tanto tempo no mesmo lugar. Diga-lhes para se mudarem para outras

localidades e escreva para cada homem para ir para um lugar separado. Todo esse trabalho é trabalho real. Se o campo for preparado desta forma, as sementes do conhecimento espiritual poderão ser plantadas. Lembre-se sempre disso – que a única resposta para aqueles fanáticos conservadores que abusam de nós é esse tipo de trabalho. Não tenho nenhuma objeção em imprimir o documento, como Shashi e Sarada sugeriram.

Vocês mesmos decidem qual deve ser o nome do Math. . . . O dinheiro chegará dentro de sete semanas; mas não tenho mais notícias sobre o terreno. Neste assunto parece-me que será bom se conseguirmos o jardim de Kristo Gopal em Cossipore. (Onde Shri Ramakrishna passou seus últimos dias.) O que você me diz? No futuro, grandes obras serão realizadas. Se você concorda comigo, não revele esse assunto a ninguém, seja dentro ou fora da Matemática, mas faça perguntas discretamente. O trabalho fica estragado se os planos não forem mantidos em segredo. Se puder ser comprado com quinze ou dezesseis mil, compre imediatamente – claro, apenas se você achar que é bom. Se for exigido algo mais, faça algum adiantamento e aguarde essas sete semanas. Minha opinião é que por enquanto é melhor comprá-lo. Todo o resto virá aos poucos. Todas as nossas associações giram em torno desse jardim. Na realidade, essa é a nossa primeira matemática. Deixe a coisa ser feita de forma muito privada.

Uma obra só pode ser julgada pelos seus resultados, tal como se pode inferir a natureza das tendências mentais anteriores pela sua resultante no comportamento presente. . . .

Sem dúvida o preço do terreno do jardim de Cossipore aumentou; mas nossa bolsa, por outro lado, diminuiu. Faça uma coisa ou outra, mas faça-o rapidamente. Todo trabalho é prejudicado pela lentidão. Este jardim também tem que ser adquirido – se não hoje, amanhã – por maior que seja o Math nas margens do Ganges. Será ainda melhor se você puder abordar o assunto através de um procurador. Se eles ouvirem que estamos dispostos a comprar, eles farão lances altos. Faça o trabalho com muita confidencialidade. Não tenha medo; Shri Ramakrishna é nosso ajudante, que medo? Dê meu amor a todos.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. (na cobertura): . . . Faça esforços especiais para Cossipore. . . . Desista da terra em Belur. Se os pobres (as pessoas atingidas pela fome pelas quais a Sociedade Mahabodhi concordou em pagar, com a condição de que o trabalho fosse feito em seu nome) morressem de fome enquanto vocês, pessoas no topo, estão se entregando à controvérsia sobre a quem deveria ser concedido o crédito? ir? Se “Mahabodhi” leva todo o crédito, deixe-o. Deixe os pobres serem beneficiados. Que o trabalho esteja indo bem é uma boa notícia. Trabalhe com mais energia. Estou começando a enviar artigos. A sacarina e o limão chegaram.

V.

8.6.99 MARIA HALBOISTER

ALMORA,

25 de julho de 1897.

MINHA QUERIDA MARIA,

Tenho tempo, vontade e oportunidade agora para cumprir minha promessa. Assim começa minha carta. Já faz algum tempo que estou muito fraco e, com isso e outras coisas, a minha visita à Inglaterra nesta época do Jubileu teve de ser adiada.

A princípio, fiquei muito triste por não poder reencontrar meus queridos e queridos amigos, mas o Karma não pode ser evitado e tive que ficar satisfeito com meu Himalaia. Afinal, é uma troca lamentável; pois a beleza do espírito vivo que brilha através do rosto humano é muito mais prazerosa do que qualquer quantidade de beleza material.

Não é a alma a Luz do mundo?

O trabalho em Londres teve que ser lento - por vários motivos, e por último, mas não menos importante, estava l'argent, mon amie! Quando estou lá,

l'argent entra de alguma forma, para manter a égua em movimento. Agora todo mundo encolhe os ombros. Devo voltar e tentar o meu melhor para reviver o trabalho.

Estou praticando bastante equitação e exercícios, mas tive que beber muito leite desnatado por prescrição dos médicos, e por isso fico mais para a frente do que para trás! Porém, sou sempre um homem atrevido - mas não quero ser muito proeminente agora e desisti de beber leite.

Fico feliz em saber que você está fazendo suas refeições com bom apetite.

Você conhece a senhorita Margaret Noble de Wimbledon? Ela está trabalhando duro para mim. Corresponda-se com ela, se puder, e você me ajudará bastante nisso. O endereço dela é Brantwood, Worple Road, Wimbledon.

Então você viu minha amiguinha, Srta. Orchard, e também gostou dela... que bom. Tenho grandes esperanças nela. E como eu gostaria de estar totalmente afastado das atividades da vida quando estiver muito velho, e ouvir o mundo ressoar com os nomes de meus queridos, queridos jovens amigos como você e a senhorita Orchard, etc.!

Aos poucos, fico feliz em descobrir que estou envelhecendo rapidamente, meu cabelo está ficando grisalho. “Fios de prata entre o ouro” – quero dizer, pretos – estão chegando rapidamente.

É ruim para um pregador ser jovem, você não acha? Eu faço, como fiz durante toda a minha vida. As pessoas confiam mais em um homem velho e ele parece mais venerável. No entanto, os velhos bandidos são os piores bandidos do mundo, não é?

O mundo tem o seu código de julgamento que, infelizmente, é muito diferente daquele da verdade.

Portanto, a sua “Religião Universal” foi rejeitada pela Revue de deux Mondes. Não importa, tente novamente em outro papel. Depois que o gelo é quebrado, você entra rapidamente, tenho certeza. E fico muito feliz que

você goste do trabalho: ele vai dar certo, não tenho dúvidas disso. Nossas ideias têm futuro, ma chère Marie – e ele será realizado em breve.

Acho que esta carta irá encontrá-lo em Paris – sua bela Paris – e espero que você me escreva muito sobre o jornalismo francês e a próxima “Feira Mundial” lá.

Estou muito feliz que você tenha sido ajudado pelo Vedanta e pelo Yoga. Infelizmente, às vezes sou como o palhaço de circo que faz os outros rirem, ele próprio infeliz!

Você tem naturalmente um temperamento alegre. Nada parece tocar você. E você é, além disso, uma garota muito prudente, na medida em que se manteve escrupulosamente afastada do "amor" e de todas as suas tolices. Então você vê que criou seu bom Karma e plantou a semente do seu bem-estar para toda a vida. Nossa dificuldade na vida é que somos guiados pelo presente e não pelo futuro. O que nos dá um pouco de prazer agora nos arrasta a segui-lo, e como resultado sempre compramos uma massa de dor no futuro por um pouco de prazer no presente.

Eu gostaria de não ter ninguém para amar e ter sido órfão na infância. A maior miséria da minha vida tem sido meu próprio povo – meus irmãos e irmãs e minha mãe, etc. Parentes são como obstruções mortais para o progresso de alguém, e não é de admirar que as pessoas ainda continuem a encontrar novos parentes através do casamento!!!

Quem está sozinho é feliz. Faça o bem a todos, como a todos, mas não ame ninguém. É uma escravidão, e a escravidão só traz miséria. Viva sozinho em sua mente – isso é felicidade. Não ter ninguém para cuidar e não se importar com quem cuida de alguém é o caminho para ser livre.

Invejo tanto o seu estado de espírito - quieto, gentil, leve, mas profundo e livre. Você já está livre, Marie, já está livre – você é Jivanmukta. Eu sou mais mulher do que homem, você é mais homem do que mulher. Estou sempre arrastando para dentro de mim a dor dos outros - à toa, sem poder fazer bem a ninguém - assim como as mulheres, se não têm filhos, dão todo o seu amor a um gato!!!

Você acha que isso tem alguma espiritualidade? Bobagem, tudo isso é uma escravidão nervosa material – é isso que é. Ó! para se livrar da escravidão da carne!

Sua amiga, a Sra. Martin, muito gentilmente me envia exemplares de sua revista todos os meses — mas parece que o termômetro de Sturdy agora está abaixo de zero. Ele parece estar muito desapontado com a minha não chegada à Inglaterra neste verão. O que eu poderia fazer?

Iniciamos dois Maths (mosteiros) aqui, um em Calcutá e outro em Madras. O Calcutá Math (uma miserável casa alugada) foi terrivelmente abalado no último terremoto.

Recebemos vários meninos e eles estão em treinamento; também abrimos ajuda contra a fome em vários lugares e o trabalho está avançando em ritmo acelerado. Tentaremos iniciar centros semelhantes em diferentes lugares da Índia.

Dentro de alguns dias irei para as planícies e de lá irei para as partes ocidentais das montanhas. Quando estiver mais frio nas planícies, farei um tour de palestras por toda parte e verei que trabalho pode ser feito.

Aqui não encontro mais tempo para escrever – tanta gente está esperando – então aqui paro, querida Marie, desejando a você toda alegria e felicidade.

Que você nunca seja atraído pela carne é a oração constante de -

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.100 SWAMI RAMAKRISHNANANDA

(Traduzido do bengali)

ALMORA,

29 de julho de 1897.

CARO SHASHI,

Recebi informações de que seu trabalho lá está indo muito bem. Obtenha um domínio completo dos três Bhâshyas (comentários) e também estude bem a filosofia europeia e assuntos afins - cuide disso sem falhar. Para lutar com os outros é preciso espada e escudo – este fato nunca deve ser esquecido. Espero que Sukul já tenha chegado lá e esteja cuidando de você, tudo bem. Se Sadananda não quiser ficar lá, mande-o para Calcutá. Não se esqueça de enviar semanalmente para a Matemática um relatório do trabalho incluindo receitas e despesas e outras informações.

O marido da irmã de Alasinga pediu emprestadas quatrocentas rúpias de Badridas, prometendo devolvê-las assim que chegasse a Madras; pergunte a Alasinga e diga-lhe para enviá-lo rapidamente. Pois vou deixar este lugar depois de amanhã — se vou para Mussoorie Hills ou para qualquer outro lugar, decidirei mais tarde.

Ontem proferi uma palestra no círculo dos ingleses locais e todos ficaram muito satisfeitos com ela. Mas fiquei muito satisfeito com a palestra em hindi que proferi no dia anterior - antes não sabia que poderia orar em hindi.

Há algum garoto novo ingressando no Math? Se for assim, continue o trabalho da mesma maneira que está sendo feito em Calcutá. No momento, não use muito a sua sabedoria, para que ela não fique completamente esgotada – você poderá fazer isso mais tarde.

Preste especial atenção à sua saúde, mas mimar demais o corpo, pelo contrário, também prejudicará a saúde. Se não houvesse a força do conhecimento, ninguém se importaria nem um centavo com o toque da campainha - isso é certo; e sabendo disso com certeza, equipe-se adequadamente. O amor e as bênçãos do meu coração para você e para Goodwin e outros.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

101 SWAMI RAMAKRISHNANANDA

(Traduzido do bengali)

AMBALA,

19 de agosto de 1897.

CARO SHASHI,

Lamento muito ouvir que o trabalho em Madras não está prosperando por falta de fundos. Apraz-me saber que o montante emprestado pelo cunhado de Alasinga (marido da irmã) foi recebido em Almora. Goodwin me escreveu para informar o Comitê de Recepção para retirar algum dinheiro para despesas do valor que sobrou como resultado da palestra. É uma coisa muito cruel gastar o dinheiro recebido por ocasião daquela palestra com o propósito da Recepção – e não gosto de contar nada a ninguém sobre este assunto. Compreendi muito bem o que são as pessoas do nosso país quando se trata de questões financeiras. . . . Em meu nome, você conversa pessoalmente com os amigos de lá e educadamente os faz entender que está tudo bem se eles encontrarem formas e meios de arcar com as despesas; mas se eles não puderem fazer isso, todos vocês voltem para a Matemática em Calcutá ou vão para Ramnad e estabeleçam a Matemática lá.

Agora estou indo para as colinas de Dharamsala. Niranjan, Dinu, Krishnalal, Latu e Achyut ficarão em Amritsar. Por que você não mandou, todos esses dias, Sadananda para o Math? Se ele ainda estiver lá, envie-o para Punjab após receber uma carta de Niranjan de Amritsar. Pretendo começar a trabalhar no Punjab depois de mais alguns dias de descanso nas colinas do Punjab. O Punjab e o Rajputana são de facto campos de trabalho. Escreverei para você novamente logo após começar a trabalhar. . . .

Minha saúde estava muito ruim recentemente. Agora estou me recuperando muito lentamente. Tudo ficará bem se eu ficar nas montanhas por mais alguns dias. Meu amor para você e para Alasinga, G. G., R. A., Goodwin, Gupta, Sukul e todos os outros.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.102 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

AMRITSAR,

2 de setembro de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Yogen me disse em uma carta para comprar a casa em Baghbazar por Rs. 20.000. Mesmo que compremos aquela casa ainda há muitas dificuldades; por exemplo, teremos que desmontá-lo em parte e transformar a sala de estar num grande salão, e alterações e reparos semelhantes. Além disso, a casa é muito antiga e em ruínas. Porém, consulte Girish Babu e Atul e faça o que achar melhor. Hoje parto no trem das duas horas com todo o meu grupo para Caxemira. A recente estadia em Dharamsala Hills melhorou muito minha saúde e a amigdalite, a febre, etc. desapareceram completamente.

De uma carta sua recebi todas as novidades. Niranjan, Latu, Krishnalal, Dinanath, Gupta e Achyut vão todos para a Caxemira comigo.

O cavalheiro de Madras que doou Rs. 1.500 para alívio da fome quer um relato de como exatamente o dinheiro foi gasto. Envie-lhe essa conta. Estamos mais ou menos bem.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Dê meu amor a todos no Math.

V.

8.6.103 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

C/O RISHIBAR MUKHOPADHYAYA,

JUSTIÇA CHEFE,

SRINAGAR, CAXEMIRA,

13 de setembro de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Agora Caxemira. Os excelentes relatos que você ouviu sobre este lugar são todos verdadeiros. Não há lugar tão bonito como este; e o povo também é justo e bonito, embora seus olhos não sejam bonitos. Mas também nunca vi em nenhum outro lugar aldeias e cidades tão horivelmente sujas. Em Srinagar estou agora hospedado na casa de Rishibar Babu. Ele é muito hospitaleiro e gentil. Envie todas as minhas cartas para o endereço dele. Dentro de alguns dias sairei para algum outro lugar em excursões; mas, ao retornar, passarei por Srinagar e também receberei as cartas. Li a carta que você enviou sobre Gangadhar. Escreva-lhe que há muitos órfãos na Índia Central e em Gorakhpur. A partir daí, os Punjabis estão recebendo muitos filhos. Você deve persuadir Mahendra Babu e levantar uma agitação sobre este assunto, para que o povo de Calcutá seja induzido a assumir a responsabilidade desses órfãos – tal movimento é muito desejável. Especialmente um memorial deveria ser enviado ao Governo solicitando-lhe que garanta que os órfãos assumidos pelos missionários sejam devolvidos aos Hindus. Diga a Gangadhar para vir; e em nome da Sociedade Ramakrishna uma campanha dilacerante deveria ser feita. Cinjam os lombos e vão a todas as casas para continuar a campanha. Faça reuniões em massa, etc. Quer você tenha sucesso ou não, inicie uma agitação furiosa. Obtenha todos os fatos dos importantes amigos bengalis em Gorakhpur, escrevendo-lhes, e deixe que haja uma agitação em todo o país sobre isso. Que a Sociedade Ramakrishna seja totalmente estabelecida. O segredo de tudo isso é agitar e agitar sem trégua. Estou muito satisfeito em ver a ordem do trabalho de Sarada. Gangadhar e Sarada não deveriam ficar satisfeitos até conseguirem criar um centro em cada lugar que visitam.

Agora mesmo recebi uma carta de Gangadhar. É uma boa notícia que ele esteja determinado a abrir um centro naquele distrito. Escreva-lhe dizendo que seu amigo, o Magistrado, enviou uma excelente resposta à minha carta. Assim que descermos da Caxemira para as planícies, enviarei de volta Latu, Niranjan, Dinu e Khoka. Pois não há mais trabalho adequado para eles aqui; também dentro de três a quatro semanas, envie Shuddhananda, Sushil e mais um para mim. Envie-os para a casa do Sr. Shyamacharan Mukhopadhyaya, Medical Hall, Cantonment, Ambala. De lá irei para Lahore. Deverão ter, cada um, duas camisas grossas da cor gerúa e dois cobertores como roupa de cama. Comprarei para eles chaddars de lã e outras necessidades de lã em Lahore. Se a tradução do Râja-Yoga foi concluída, publique-a arcando com todos os custos. . . . Onde o idioma for obscuro, torne-o muito simples e claro e deixe Tulsi fazer uma tradução para o hindi, se puder. Se esses livros forem publicados, eles ajudarão muito a matemática.

Espero que sua saúde esteja bem agora. Desde que cheguei a Dharamsala estou bem. Gosto dos lugares frios; aí o corpo fica bem. Tenho vontade de visitar alguns lugares na Caxemira e depois escolher um local excelente e viver lá uma vida tranquila, ou continuar flutuando na água. Farei o que o médico aconselha. O Raja não está aqui agora. Seu irmão, o próximo a ele em idade, é o Comandante-em-Chefe. Esforços estão sendo feitos para organizar uma palestra sob sua presidência. Escreverei tudo sobre isso depois. Se a reunião para a palestra for daqui a um ou dois dias, ficarei lá, caso contrário sairei novamente em minhas viagens. Sevier ainda está em Murree. Sua saúde está muito ruim – andando nos solavancos tongas e jutkas. Os cavalheiros bengalis de Murree são muito bons e corteses. Apresente meus respeitos a G. C. Ghosh, Atul, Mestre Mahashay e outros, e mantenha o ânimo de todos. Quais são as novidades sobre a casa que Yogen sugeriu que comprássemos? Em outubro descerei daqui e darei algumas palestras no Punjab. Depois disso, poderei passar por Sind até Cutch, Bhuj e Kathiawar — até mesmo até Poona, se as circunstâncias forem favoráveis; caso contrário, vou para Rajputana via Baroda. De Rajputana vou para a Província do Noroeste (naquela época era composta por Uttar Pradesh e parte do Punjab), depois para o Nepal e, finalmente, Calcutá – este é o meu programa atual. Tudo, porém, está nas mãos de Deus. Meu amor e saudações a todos.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.104 SWAMI SHUDHANANDA

C/O RISHIBAR MUKHOPADHYAYA,
JUSTIÇA CHEFE,
SRINAGAR, CAXEMIRA,
15 de setembro de 1897.

MEU QUERIDO SHUDDHANANDA,

Finalmente estamos na Caxemira. Não preciso falar de todas as belezas do lugar. É a única terra adequada para os iogues, na minha opinião. Mas a terra agora é habitada por uma raça que embora possua grande beleza física é extremamente suja. Vou viajar de barco por um mês vendo os pontos turísticos e me fortalecendo. Mas a cidade está com muita malária neste momento, e Sadananda e Kristolal estão com febre. Sadananda está bem hoje, mas Kristolal ainda está com febre. O médico veio hoje e deu-lhe um purgante. Ele estará bem amanhã, esperamos; e começamos também amanhã. O Estado me emprestou uma de suas barcas, que é boa e bastante confortável. Eles também enviaram ordens aos Tahsildars de diferentes distritos. As pessoas aqui estão lotando os bancos para nos ver e estão fazendo tudo o que podem para nos deixar confortáveis.

Um recorte do The Indian Mirror, citando passagens de um artigo escrito pelo Dr. Barrows num jornal americano, foi-me enviado por alguém sem nome e perguntando-me que resposta dar. Eu devolvo o recorte para Brahmananda com minha resposta às passagens que são malditas mentiras!

Fico feliz em saber que você está indo bem lá e continuando com seu trabalho habitual. Também recebi uma carta de Shivananda dando detalhes do trabalho lá.

Depois de um mês, voltarei para Punjab e esperarei três de vocês em Ambala. Caso um centro seja fundado, um de vocês ficará no comando. Niranjana, Lata e Kristolal serão mandados de volta.

Pretendo fazer uma marcha rápida através do Punjab e Sind via Kathiawar e Baroda, de volta a Rajputana, e daí para o Nepal e por último Calcutá.

Escreva para mim C/o Rishibar Babu em Srinagar. Vou pegar a carta no caminho de volta.

Com amor a todos e bênçãos,

Seu,

VIVEKANANDA.

8.6.105 HARIPADA MITRA

(Traduzido do bengali)

SRINAGAR, CAXEMIRA,

1897 .

CARO HARIPADA,

Minha saúde tem estado muito ruim nos últimos nove meses e o calor piorou ainda mais. Então, tenho vagado pelas colinas de um lugar para outro. Agora estou na Caxemira. Viajei por toda parte, mas nunca vi um país assim. Em breve partirei para o Punjab e voltarei a trabalhar. De Sadananda ouvi todas as notícias sobre você e continuo recebendo. Tenho certeza de que irei para Karachi depois de visitar o Punjab. Então nos encontraremos pessoalmente lá.

Com bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.106 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

SRINAGAR, CAXEMIRA,

30 de setembro de 1897.

MINHA QUERIDA Srta. MACLEOD,

Venha logo se você realmente pretende vir. De novembro a meados de fevereiro a Índia faz frio; depois disso está quente. Você será capaz de ver tudo o que quiser dentro desse período, mas ver tudo leva anos.

Estou com pressa; portanto, desculpe esta carta precipitada. Por favor, apresente meu amor à Sra. Bull e meus bons votos e sinceros pensamentos para a rápida recuperação de Goodwin. Meu amor à mãe, a Alberta, ao bebê, a Holister e, por último, e não menos importante, a Franky.

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.107 SWAMI BRAHMANANDA

SRINAGAR, CAXEMIRA,

30 de setembro de 1897

CARO RAKHAL,

Recebi sua carta carinhosa e também a carta do Math. Partirei para Punjab em dois ou três dias. Recebi o correio estrangeiro. A seguir estão minhas respostas às perguntas da senhorita Noble em sua carta:

1. Quase todas as filiais foram iniciadas, mas o movimento está apenas começando.
2. A maioria dos monges é educada. Aqueles que não o são também estão tendo educação secular. Mas, acima de tudo, para fazer o bem, é

absolutamente necessário um altruísmo perfeito. Para garantir isso, é dada mais atenção aos exercícios espirituais do que a qualquer outra coisa.

3. Educadores seculares: Recebemos principalmente aqueles que já se educaram. O que é necessário é treiná-los em nosso método e na construção de caráter. O treinamento visa torná-los obedientes e destemidos; e o método consiste em ajudar primeiro os pobres fisicamente e depois avançar para regiões mais elevadas de mentalidade.

Artes e Indústrias: Esta parte do programa por si só não pode ser iniciada por falta de fundos. O método mais simples a ser trabalhado actualmente é induzir os indianos a usar os seus próprios produtos e obter mercados para artigos de arte indianos, etc., noutros países. Isto deve ser feito por pessoas que não apenas não sejam intermediários, mas que dediquem todos os rendimentos deste ramo em benefício dos trabalhadores.

4. Será necessário vagar de um lugar para outro até que “as pessoas venham para a educação”. O caráter religioso dos monges errantes terá consigo um peso muito maior do que o contrário.

5. Todas as castas estão abertas à nossa influência. Até agora, apenas os mais elevados foram trabalhados. Mas como o departamento de trabalho está em pleno funcionamento em diferentes centros de fome, influenciamos cada vez mais as classes mais baixas.

6. Quase todos os Hindus aprovam o nosso trabalho, mas não estão habituados à cooperação prática em tais trabalhos.

7. Sim, desde o início não fazemos distinção nas nossas instituições de caridade ou outras boas obras entre as diferentes religiões da Índia. (Escrito até agora em inglês. Resto traduzido do bengali.)

Responda à Srta. N. de acordo com essas dicas.

Certifique-se de que não haja negligência alguma no tratamento médico de Yogen - se necessário, gaste dinheiro recorrendo ao capital. Você foi conhecer a esposa de Bhavanath?

Se Brahmachari Hariprasanna puder vir, será muito útil. O Sr. Sevier ficou muito impaciente com a ideia de adquirir uma casa em algum lugar; será bom se algo for feito rapidamente a respeito! Hariprasanna é engenheiro; então ele poderá fazer algo rapidamente a respeito. Ele também entende melhor sobre a adequação dos locais. Eles (os Seviers) gostam de ter um lugar perto de Dehra Dun ou Mussoorie; ou seja, o local não deve ser muito frio e deve ser habitável durante todo o ano. Então envie Hariprasanna imediatamente direto para Sj. Shyamapada Mukherjee, Salão Médico, Acantonamento de Ambala. Assim que eu for para Punjab, enviarei o Sr. Sevier junto com ele. Estou retornando (para Math) em um piscar de olhos, depois de uma viagem por Punjab, Karachi e depois via Rajputana, não via Kathiawar e Gujarat - para o Nepal. Tulsi foi para Madhya Bharat – é para o trabalho de combate à fome? . . .

Minhas bênçãos e amor a todos. Recebi a notícia de que Kali chegou a Nova York; mas ele não escreveu nenhuma carta. Sturdy escreve que seu trabalho aumentou tanto que as pessoas ficaram maravilhadas - e algumas pessoas também me escreveram elogiando-o muito. Contudo, não há tantas dificuldades na América; o trabalho continuará de uma forma ou de outra. Envie Shuddhananda e seu irmão junto com Hariprasanna. Da festa apenas Gupta e Achyut me acompanharão.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.108 SWAMI RAMAKRISHNANANDA

(Traduzido do bengali)

SRINAGAR, CAXEMIRA,

30 de setembro de 1897

MEU QUERIDO SHASHI,

Agora estou voltando de uma visita a lugares na Caxemira. Dentro de um ou dois dias partirei para o Punjab. Como minha saúde está muito melhor agora, decidi fazer uma turnê novamente da mesma forma que antes. Não muitas palestras – uma ou duas palestras, talvez, no Punjab, caso contrário, nenhuma. O povo do nosso país ainda não me ofereceu nem um centavo pelas minhas despesas de viagem – e para completar, para levar consigo um grupo inteiro, bem, você pode facilmente compreender como tudo isso é problemático. É também uma vergonha ter que recorrer apenas aos discípulos ingleses. Então, como antes, começo “só com um cobertor”. Neste lugar não há necessidade de ninguém como Goodwin, como você pode ver.

Um monge do Ceilão, de nome P. C. Jinawar Vamar, escreveu-me, entre outras coisas, que deseja visitar a Índia. Talvez ele seja o mesmo monge que vem da família real siamesa. Seu endereço é Wellawatta, Ceilão. Se for conveniente, convide-o para ir a Madras. Ele acredita no Vedanta. Não será tão difícil mandá-lo de Madras para outros lugares. Também é bom ter uma pessoa assim na Ordem. Meu amor e bênçãos para você e todos os outros.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. O Marajá de Khetri chegará a Bombaim no dia 10 de Outubro. Não se esqueça de apresentar-lhe um endereço de boas-vindas.

V.

8.6.109 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

SRINAGAR, CAXEMIRA,

30 de setembro de 1897

CARO RAKHAL,

Soube por uma carta de Gopal Dada que você viu aquele pedaço de terra em Konnagar. Parece que aquele local não tem aluguel e mede 16 bighas (cerca de 5 acres), e que o preço está abaixo de oito ou dez mil rúpias. Faça o que achar melhor depois de considerar a salubridade e outros fatores. Dentro de um ou dois dias partirei para o Punjab. Portanto, não me escreva mais cartas neste endereço. Telegrafarei para você meu próximo endereço. Não se esqueça de enviar Hariprasanna. Diga assim a Gopal Dada: "Sua saúde logo ficará boa - o inverno está chegando, que medo? Coma bem e seja feliz." Escreva uma carta para a Sra. C. Sevier em Spring Dale, Murree, sobre o atual estado de saúde de Yogen, marcando na capa "aguardar a chegada". Dê meu amor e bênçãos a todos.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. O Marajá de Khetri chega a Bombaim no dia 10 de outubro. Não se esqueça de dar a ele um endereço de boas-vindas.

V.

8.6.110 IRMÃ NIVEDITA

SRINAGAR, CAXEMIRA,

1º de outubro de 1897.

Querida Margo,

Algumas pessoas fazem o melhor trabalho quando lideradas. Nem todo mundo nasceu para liderar. O melhor líder, porém, é aquele que “lidera como um bebê”. O bebê, embora aparentemente dependa de todos, é o rei da casa. Pelo menos, na minha opinião, esse é o segredo. . . . Muitos sentem, mas poucos conseguem expressar. É o poder de expressar amor, apreço e simpatia pelos outros que permite que uma pessoa tenha melhor sucesso na divulgação da ideia do que outras. . . .

Não tentarei descrever-lhe a Caxemira. Basta dizer que nunca senti pena de deixar qualquer país, exceto este Paraíso na Terra; e estou tentando o meu melhor, se puder, para influenciar o Raja na criação de um centro. Tanta coisa para fazer aqui, e o material tão esperançoso! . . .

A grande dificuldade é esta: vejo pessoas me dando quase todo o seu amor. Mas não devo dar a ninguém tudo o que tenho em troca, pois naquele dia o trabalho estaria arruinado. No entanto, há alguns que procurarão tal retorno, não tendo a amplitude da visão impessoal. É absolutamente necessário para o trabalho que eu tenha o amor entusiástico de tantas pessoas quanto possível, enquanto eu mesmo permaneço inteiramente impessoal. Caso contrário, o ciúme e as brigas acabariam com tudo. Um líder deve ser impessoal. Tenho certeza que você entende isso. Não quero dizer que alguém deva ser um bruto, fazendo uso da devoção dos outros para seus próprios fins, e enquanto isso rindo secretamente. O que quero dizer é o que sou, intensamente pessoal no meu amor, mas tendo o poder de arrancar o meu próprio coração com as minhas próprias mãos, se for necessário, "para o bem de muitos, para o bem-estar de muitos", como disse Buda. disse. Loucura de amor, e ainda assim sem escravidão. A matéria transformou-se em espírito pela força do amor. Não, essa é a essência do nosso Vedanta. Existe apenas Um, visto pelos ignorantes como matéria, pelos sábios como Deus. E a história da civilização é a leitura progressiva do espírito na matéria. O ignorante vê a pessoa na não-pessoa. O sábio vê a não-pessoa na pessoa. Através da dor e do prazer, da alegria e da tristeza, esta é a única lição que estamos aprendendo. . . .

Seu sempre com amor e verdade,

VIVEKANANDA.

8.6.111 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

MURREE,

11 de outubro de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Sinto que tenho trabalhado como se estivesse sob um impulso irresistível durante os últimos dez dias, começando pela Caxemira. Pode ser uma doença física ou mental. Agora cheguei à conclusão de que não estou apto para continuar trabalhando. . . . Agora entendo que fui muito duro com todos vocês. Mas eu sabia, entretanto, que você suportaria todas as minhas deficiências; na matemática não há mais ninguém que o faça. Tenho sido cada vez mais duro com você. O que quer que tenha acontecido já passou – é tudo resultado do Karma passado. Qual é o benefício do meu arrependimento? Eu não acredito nisso. É tudo Carma. Qualquer que fosse o trabalho da Mãe que deveria ser realizado através de mim, Ela me obrigou a fazê-lo, e agora me jogou de lado, destruindo meu corpo e minha mente. Ela será feita!

Agora me aposento de todo esse trabalho. Dentro de um ou dois dias desistirei de tudo e vagarei sozinho; Passarei o resto da minha vida tranquilamente em algum lugar ou outro. Perdoem-me se todos quiserem, ou façam o que quiserem.

A Sra. Bull deu grande parte do dinheiro. Ela tem confiança implícita em Sharat. Faça o trabalho de matemática com o conselho de Sharat; ou faça o que quiser.

Mas sempre fui como um herói - quero que meu trabalho seja rápido como um raio e firme como inflexível. Da mesma forma eu morrerei também. Portanto, por favor, faça o meu trabalho por mim – nenhuma questão de sucesso ou derrota entra aqui. Eu nunca recuei em uma luta - devo agora. . . ? Há sucesso e fracasso em todo trabalho. Mas estou inclinado a acreditar que quem é covarde nascerá após a morte como um inseto ou um verme, que não há salvação para um covarde, mesmo depois de milhões de anos de penitência. Bem, afinal, devo nascer como um verme? . . . Aos meus olhos, este mundo é uma mera brincadeira – e sempre permanecerá como tal. Deveríamos passar seis longos meses meditando sobre as questões de honra e desgraça, ganhos e perdas relacionadas a isso? . . . Eu sou um homem de ação. Simplesmente conselhos após conselhos estão sendo dados – este diz isso, aquele diz aquilo; de novo aquele homem ameaça, e este assusta! Esta vida não é, na minha opinião, uma coisa tão doce que eu desejasse viver

com tanto cuidado, cautela e medo. Dinheiro, vida, amigos e parentes, e o amor dos homens e de mim mesmo - se alguém quiser entrar no trabalho totalmente seguro de tudo isso - se tiver que ser dominado pelo medo, então obterá exatamente o que Gurudeva usou. dizer: "O corvo se considera muito inteligente, mas..." (O corvo se acha muito esperto, mas não consegue evitar de comer sujeira.) — bem, ele vai entender isso. Afinal, qual é o propósito por trás de tudo isso – dinheiro e riqueza, matemática e instituições, pregação e palestras? Existe apenas um propósito em toda a vida – a educação. Caso contrário, qual é a utilidade dos homens e das mulheres, da terra e da riqueza?

Portanto, perda de dinheiro ou perda de qualquer outra coisa – não posso me preocupar com isso e não vou. Quando luto, luto com os lombos cingidos – isso eu entendo perfeitamente; e também entendo aquele homem, aquele herói, aquele deus, que diz: "Não se preocupe, seja destemido. Ó valente, aqui estou ao seu lado!" A tal homem-deus ofereço um milhão de saudações. A sua presença purifica o mundo, eles são os salvadores do mundo. E os outros que sempre choram: "Ah, não vá em frente, existe esse perigo, existe aquele perigo" — esses dispépticos — eles sempre tremem de medo. Mas pela graça da Mãe Divina minha mente é tão forte que mesmo a mais terrível dispepsia não me tornará um covarde. Aos covardes, que conselho devo oferecer? – absolutamente nada tenho a dizer. Mas isso eu desejo, que eu encontre abrigo aos pés daquelas almas corajosas que ousaram realizar grandes feitos mesmo sem terem conseguido, daqueles heróis que nunca hesitaram nem se esquivaram, daqueles lutadores que nunca desobedeceram às ordens por medo ou orgulho . Sou filho da Mãe Divina, fonte de todo poder e força. Para mim, encolher-se, bajular, choramingar, inércia degradante e o inferno são a mesma coisa. Ó Mãe do Universo, ó meu Gurudeva, que dizia constantemente: "Este é um herói!" — Rezo para que eu não precise morrer covarde. Esta é a minha oração, ó irmão. "उत्पत्यतेऽस्ति मम कोऽपि समानधर्मा — certamente existe, ou nascerá alguém igual a mim"; algum ou outro certamente surgirá desses milhares de devotos de Shri Ramakrishna que serão como eu e que serão capazes de me compreender.

Ó herói, acorde e não sonhe mais. A morte pegou você pelo topete. . . ainda não tema. O que eu nunca fiz – fugir da batalha – bem, isso vai acontecer

hoje? Por medo da derrota devo recuar da luta? A derrota é o ornamento com que o herói se enfeita. O que, reconhecer a derrota sem lutar! Ó Mãe, Mãe! . . . Ninguém é capaz de sequer tocar o segundo violino e ainda assim a mente se enche de uma auto-importância mesquinha: “Nós entendemos tudo”. . . . Agora eu me aposento; . . . tudo que deixo sob seu controle. Se a Mãe me enviar novamente homens em cujo coração há coragem, em cujas mãos há força, em cujos olhos há fogo, verdadeiros filhos da Mãe - se Ela me der pelo menos um desses, então trabalharei novamente, então retornarei. Caso contrário, presumirei que, pela vontade da mãe, este é o fim. Estou com muita pressa, quero trabalhar na velocidade de um furacão e quero corações destemidos.

Eu repreendi severamente a pobre Sarada. O que fazer? . . . Eu repreendo; mas também tenho muito a reclamar. . . . Quase sufocado pela respiração curta, em pé e em pé, escrevi um artigo para ele. . . . Está tudo bem, caso contrário, como virá a renúncia? . . . Será que a mãe acabará me matando de apego? Eu ofendi todos vocês – façam o que quiserem.

Abençoo a todos vocês de coração cheio. Que a Mãe se consagre em seus corações como força: अभयं प्रतिष्ठा — o apoio que é o destemor — que Ela torne todos vocês destemidos. Isto eu tenho visto na vida: quem é excessivamente cauteloso consigo mesmo corre perigos a cada passo; quem tem medo de perder a honra e o respeito só recebe desgraça; quem sempre tem medo da perda sempre perde. . . . Que tudo de bom esteja presente a todos vocês.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.112 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

MURREE,

12 de outubro de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Escrevi longamente na carta de ontem. Acho desejável dar-lhe orientações especiais sobre determinados assuntos. . . . (1) A todos aqueles que arrecadam dinheiro e enviam para o Math. . . o reconhecimento dos valores será emitido a partir do Math. (2) O aviso deverá ser em duas vias, uma para o remetente e outra para arquivamento no Math. (3) Deve haver um grande cadastro no qual serão inseridos todos os nomes e endereços dos doadores. (4) Devem ser mantidas contas, precisas até o último bolo, dos valores que são doados ao Fundo de Matemática, e contas totalmente precisas devem ser obtidas de Sarada e de outros a quem o dinheiro é dado. Por falta de uma contabilidade precisa. . veja que não sou acusado de trapaceiro. Estas contas deverão ser posteriormente publicadas. (5) Vá imediatamente e registre um testamento sob orientação de um advogado no sentido de que, caso você e eu morramos, Hari e Sharat terão sucesso em tudo o que existe em nossa matemática.

Ainda não recebi nenhuma notícia de Ambala, quer Hariprasanna e outros tenham chegado lá ou não. Dê a outra metade desta carta ao Mestre Mahashay.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.113 IRMÃ NIVEDITA

JAMMU,
3 de novembro de 1897.

MINHA QUERIDA SENHORITA NOBLE, (Esta foi a última carta recebida na Inglaterra pela Irmã Nivedita.)

. . . Muito sentimento prejudica o trabalho. “Duro como o aço e macio como uma flor” é o lema.

Em breve escreverei para Sturdy. Ele está certo em dizer que, em caso de problemas, estarei ao seu lado. Você terá tudo se eu encontrar um pedaço de

pão na Índia – pode ter certeza disso. Vou escrever para Sturdy de Lahore, para onde começo amanhã. Estou aqui há 15 dias para conseguir algumas terras na Caxemira do Marajá. Pretendo voltar à Caxemira no próximo verão, se estiver aqui, e começar algum trabalho lá.

Com amor eterno,

Seu,

VIVEKANANDA.

8.6.114 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

LAHORE,

11 de novembro de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

A palestra em Lahore acabou de alguma forma. Partirei para Dehra Dun dentro de um ou dois dias. Adiei agora minha viagem ao Sind, porque nenhum de vocês concorda com isso e também por causa de vários outros obstáculos. Alguém abriu minhas duas cartas da Inglaterra no caminho. Portanto, não me envie mais cartas por enquanto. Envie-os depois que eu tiver escrito para eles de Khetri. Se você for para Orissa, então providencie para que alguém faça todo o trabalho como seu representante – diz Hari, especialmente agora, quando espero diariamente cartas da América.

Talvez o testamento que lhe pedi para fazer a favor de Hari e Sharat já tenha sido feito.

Provavelmente deixarei Sadananda e Sudhir aqui depois de estabelecer uma Sociedade. Agora chega de palestras - vou com pressa direto para Rajputana.

O estabelecimento da Matemática deve ter precedência sobre tudo.

Sem exercício regular o corpo não mantém a forma; falar, falar o tempo todo traz doenças – tenha certeza disso. Meu amor a todos.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.115 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

LAHORE,
15 de novembro de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Espero que você e Hari estejam agora com boa saúde. O trabalho em Lahore transcorreu com grande entusiasmo. Agora vou para Dehra Dun. A turnê do Sind foi adiada. Ainda não tenho notícias se Dinu, Latu e Krishnalal chegaram a Jaipur. Babu Nagendranath Gupta coletará assinaturas e doações daqui e as enviará ao Math para cobrir despesas. Envie-lhe recibos regulares. Deixe-me saber se você recebeu alguma coisa de Murree, Rawalpindi e Sialkot.

Responda-me C/o Post Master, Dehra Dun. Outras cartas você pode me enviar depois de receber notícias minhas de Dehra Dun. Minha saúde está boa; só tenho que me levantar à noite uma ou duas vezes. Estou tendo um sono profundo; o sono não é prejudicado mesmo depois de palestras exaustivas; e estou fazendo exercícios todos os dias. . . . Não há nenhum problema. Agora, vamos lá, trabalhe com energia redobrada. Fique de olho naquele grande pedaço de terra – com todo o sigilo. Estamos fazendo esforços regulares para que o grande Utsava (celebração do aniversário de Shri Ramakrishna) possa ser realizado lá. Meu amor a todos.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

PS. Será muito bom se o Mestre Mahashay escrever de vez em quando sobre nós no The Tribune, para que Lahore não volte a ficar fria – agora está bastante aquecida. Gaste dinheiro um pouco economicamente; as despesas de peregrinação deverão ser suportadas pessoalmente por você; despesas de pregação e propaganda devem ser cobradas do Math.

V.

8.6.116 SWAMI PREMANANDA

(Traduzido do bengali)

DEHRA DUN,

24 de novembro de 1897.

MEU QUERIDO BABURAM,

Recebi todas as notícias sobre você através de Hariprasanna. Estou especialmente satisfeito em saber que Rakhal e Hari estão agora bastante bem.

Agora Babu Raghunath Bhattacharya de Tehri está sofrendo muito com algumas dores no pescoço; Também venho sofrendo há muito tempo com algumas dores na nuca. Se você conseguir um pouco de ghee muito antigo, envie um pouco para ele em Dehra Dun e um pouco para mim também no meu endereço em Khetri. Você tem certeza de obtê-lo com Habu ou Sharat (advogado). Dirija-o a Babu Raghunath Bhattacharya, Dehra Dun, N.W.P. . . e isso o alcançará.

Depois de amanhã partirei para Saharanpur; de lá para Rajputana.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Meu amor a todos.

V.

8.6.117 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

DELI,

30 de novembro de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Parte do dinheiro prometido pela senhorita Müller chegou a Calcutá. O equilíbrio virá depois, em pouco tempo. Também temos alguma quantia. A senhorita Müller depositará o dinheiro em seu nome e também no meu com os Srs. Grindlay & Co. Como você tem a procuração, só você pode sacar todo o dinheiro. Assim que o dinheiro for depositado, você e Hari vão para Patna e encontram aquele cavalheiro e, de uma forma ou de outra, influenciam-no; e se o preço do terreno for razoável, compre-o. Se não for possível, tente outro terreno. Estou tentando conseguir algum dinheiro por aqui também. Devemos realizar o grande festival em nosso próprio terreno - lembre-se de que este deve ser o seu primeiro e mais importante trabalho, aconteça o que acontecer.

Você mostrou grande coragem; o trabalho que você realizou nos últimos oito ou nove meses lhe dá um grande crédito. Agora você deve cuidar para que uma matemática e um centro em Calcutá sejam firmemente estabelecidos antes de tudo. Trabalhe duro para esse fim, mas silenciosamente e em segredo. Obtenha informações sobre a casa Cossipore também. Amanhã irei para Khetri via Alwar. Minha saúde está boa, embora eu tenha pegado um resfriado. Envie todas as cartas para Khetri. Meu amor a todos.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. E o testamento que lhe pedi para fazer em favor de Sharat e Hari? Ou você comprará o terreno e outras coisas em meu nome, e eu farei um testamento?

V.

8.6.118 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

DELI,

8 de dezembro de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Partiremos para Khetri amanhã. Aos poucos a bagagem aumentou muito. Depois de Khetri pretendo mandar todos para o Math. Não consegui realizar por meio deles nada do trabalho que esperava. Quer dizer, é certo que nenhum deles poderá fazer nada se permanecer sempre comigo. A menos que cada um aja de forma independente, não será capaz de fazer nada. O fato é: quem cuidará deles se estiverem na minha empresa? Apenas perda de tempo. Então, estou enviando-os para o Math.

Mantenha como fundo para algum trabalho permanente o saldo do dinheiro que sobrou após o alívio da fome. Não gaste esse dinheiro para qualquer outro propósito, e depois de prestar contas completas do trabalho da fome, anote assim: “Resta tanto saldo para algum outro bom trabalho”. . . .

Trabalho que eu quero – não quero nenhuma farsa. Para aqueles que não têm vontade de trabalhar eu digo: “Meu caro amigo, agora vá e siga seu próprio caminho”. Assim que chegar a Khetri, enviar-lhe-ei a procuração com a minha assinatura, caso o documento tenha chegado lá entretanto. Abra apenas as cartas da América que tenham o carimbo de Boston, e não as outras. Envie todas as minhas cartas para Khetri. Vou conseguir dinheiro no próprio Rajputana; não há motivo para ansiedade nesse aspecto. Tente

energicamente o pedaço de terra; devemos ter a celebração em nosso próprio terreno desta vez.

O dinheiro está no Banco de Bengala ou você o guardou em outro lugar? Tenha muito cuidado com questões financeiras; manter contas detalhadas e, em relação ao dinheiro, saber com certeza que não se pode confiar nem mesmo no próprio pai.

Dê meu amor a todos. Escreva para mim como Hari está. Recentemente conheci em Dehra Dun o Udâsi Sâdhu, Kalyân Dev e alguns outros. Ouvi dizer que as pessoas em Hrishikesh estão muito ansiosas para me ver e perguntam continuamente sobre mim.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.119 BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

KHETRI,
14 de dezembro de 1897.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Enviei hoje sua procuração com minha assinatura. . . . Saque o dinheiro o mais cedo que puder e envie-me um telegrama assim que o fizer. Um Raja de um lugar em Bundelkhand chamado Chatrapur me convidou. Visitarei o local a caminho do Math. O Raja de Limbdi também está escrevendo com seriedade. Não posso evitar ir para lá também. Farei um passeio relâmpago por Kathiawar – é aí que tudo chegará. Sentirei grande alívio assim que chegar a Calcutá. . . . Ainda não há notícias de Boston; talvez Sharat esteja chegando; de qualquer forma, sempre que vier alguma notícia de qualquer lugar, escreva-me imediatamente.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Como está Kanai? Ouvi dizer que a saúde dele não está boa. Preste atenção especial a ele e certifique-se de que ninguém receba ordens indevidas. Escreva-me sobre sua saúde e também sobre a de Hari.

V.

8.6.120 SWAMI SHIVANANDA

(Traduzido do bengali)

JAIPUR,

27 de dezembro de 1897.

MEU QUERIDO SHIVANANDA,

O Sr. Setlur de Girgaon, Bombaim, que você conhece muito bem de Madras, escreve-me para enviar alguém à África para cuidar das necessidades religiosas dos emigrantes indianos na África. É claro que ele enviará o homem e arcará com todas as despesas.

Receio que o trabalho não seja agradável no momento, mas é realmente o trabalho para um homem perfeito. Você sabe que os emigrantes não são apreciados pelos brancos de lá. Cuidar dos índios e ao mesmo tempo manter a calma para não criar mais conflitos – é o trabalho aí. Não se pode esperar nenhum resultado imediato, mas a longo prazo revelar-se-á um trabalho mais benéfico para a Índia do que qualquer outro já tentado. Desejo que você tente a sorte nisso. Se concordar, por favor escreva para Setlur, sobre a sua disponibilidade e peça mais informações, mencionando esta carta. E boa sorte para você! Não estou muito bem, mas daqui a alguns dias irei para Calcutá e ficarei bem.

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.121 RAJA PYARI MOHAN MUKHERJEE

A MATEMÁTICA, BELUR,

25 de fevereiro de 1898.

MEU QUERIDO RAJAJI,

Minha gratidão pelo seu amável convite para falar. Tive uma conversa com o Sr. Bhattacharya sobre o assunto há alguns dias e estou tentando o meu melhor para encontrar tempo para a sua Sociedade. Também prometi avisar o resultado no domingo.

Um amigo a quem devo muito está aqui, provavelmente, para me levar à sua casa em Darjeeling.

Alguns amigos americanos vêm, e cada momento livre é ocupado trabalhando para a nova matemática e várias organizações dela, e espero deixar a Índia no próximo mês e ir para a América.

Acredite, estou me esforçando ao máximo para poder aproveitar este seu convite e comunicarei o resultado a você no domingo através do Sr. Bhattacharya.

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.122 SWAMI RAMAKRISHNANANDA

MATEMÁTICA, BELUR,

HOWRAH PO,

25 de fevereiro de 1898.

MEU QUERIDO SHASHI,

Nossos parabéns pela realização bem-sucedida do Mahotsava (Grande celebração do aniversário de Shri Ramakrishna) em Madras. Espero que você tenha tido uma boa reunião e bastante alimento espiritual. Estamos todos muito felizes por você ter se preparado para ensinar mais espiritualidade ao povo de Madras do que aquelas torções de dedos e kling phat (Mantras Crípticos ou fórmulas sonoras) de que você tanto gosta. Realmente sua palestra sobre Shriji (Shri Ramakrishna) foi esplêndida. Só consegui receber um relatório no Madras Mail em Khandwa, e o pessoal da matemática não recebeu nenhum. Por que você não nos envia uma cópia?

Fiquei sabendo que você reclama do meu silêncio, não é? Contudo, escrevi-lhe mais cartas do que você alguma vez me escreveu, até da Europa e da América. Você deveria me dar todas as notícias que puder de Madras toda semana. A maneira mais simples é colocar algumas linhas e algumas notícias todos os dias em uma folha.

Minha saúde não tem estado bem ultimamente; atualmente está muito melhor. Calcutá está excepcionalmente legal agora, e os amigos americanos que estão aqui estão gostando muito. Hoje tomamos posse da terra que compramos e, embora não seja viável ter o Mahotsava nela neste momento, devo ter alguma coisa no domingo. De qualquer forma, as relíquias de Shriji devem ser levadas para nossa casa durante o dia e adoradas. Gangadhar está aqui e me pede para escrever para você que embora ele tenha conseguido algumas assinaturas para o Brahnavadin, sendo a entrega muito irregular, ele tem medo de perdê-las também em breve. Recebi sua carta de recomendação para o jovem com a velha história de “não ter o que comer, Meritíssimo”; só acrescentou na edição de Madras: “tenho vários filhos também”, para gerar os quais não foi necessária nenhuma recomendação! Ficaria muito feliz em ajudá-lo, mas a verdade é que não tenho dinheiro; cada centavo que eu tinha, entreguei a Raja (Rakhal ou Swami Brahmananda), pois todos dizem que sou um perdulário e têm medo de manter dinheiro comigo. Entretanto, enviei a carta a Rakhal se ele puder encontrar uma maneira de ajudar seu amigo, o jovem, a ter mais filhos. Ele escreve que os cristãos irão ajudá-lo se ele se converter, mas ele não o fará. Talvez ele tenha medo de que a sua conversão faça com que a Índia hindu perca uma das suas jóias mais brilhantes e que a sociedade hindu perca o benefício do seu poder de propagação da miséria eterna!

Os meninos aqui são bastante decadentes devido à quantidade incomum de ar puro e fresco que são obrigados a respirar e a viver nas margens do Ganges, no novo Math. Sarada teve sua malária trazida de Dinajpur. Outro dia fiz com que ele comesse uma dose de ópio sem muitos benefícios para ele, exceto para seu cérebro, que progrediu por algumas horas em direção à sua direção natural, ou seja, a idiotice. Hari também tem um toque; Espero que isso tire um pouco do seu avoirdupois. A propósito, começamos mais uma vez o negócio da dança aqui, e seu coração ficaria feliz em ver Hari e Sarada e eu mesmo numa valsa. Como mantemos o equilíbrio é uma maravilha para mim.

Sharat chegou e está trabalhando duro como sempre. Temos alguns bons móveis agora, e um grande salto do antigo Châtai (tapete) no antigo Math para belas mesas e cadeiras e três Khâts (berços), veja bem. Nós reduzimos bastante o trabalho de Pujâ (adoração), e a quantidade de podas que seus klings, phats e svâhês sofreram faria você desmaiar. O puja durou apenas o dia e eles dormiram profundamente a noite toda. Como estão Tulsi e Khoka? Eles são mais tratáveis com você do que com Rakhal? Você pode correr para Calcutá por alguns dias e dar conta de Tulsi, mas é muito caro, e então você deve voltar, pois Madras precisa ser completamente trabalhada. Vou para a América novamente com a Sra. Bull dentro de alguns meses.

Dê lembranças a Goodwin e diga-lhe que, de qualquer forma, iremos vê-lo em nosso caminho para o Japão. Shivananda está aqui, e eu diminuí um pouco seu grande desejo de ir ao Himalaia para comer! Tulsi está pensando na mesma coisa? A toca do bandicoot será uma caverna suficiente para ele, suponho.

Portanto, a matemática aqui é um fato consumado e estou indo buscar mais ajuda. . . . Trabalhe com energia. A Índia é um cadáver podre por dentro e por fora. Nós iremos revivê-lo pelas bênçãos de Shri Maharaj. Com todo amor,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.123 SENHORITA MARIA HALE

MATEMÁTICA, BELUR,
DISTRITO DE HOWRAH,
BENGAL, ÍNDIA,
2 de março de 1898.

MINHA QUERIDA MARIA,

Espero que você já tenha notícias minhas através da carta que escrevi à Madre Igreja. Vocês são todos tão gentis, toda a família, comigo, devo ter pertencido a vocês no passado, como dizemos nós, hindus. O meu único arrependimento é que os milionários não se concretizem: e desejo-os tanto agora que estou a ficar decrépito, velho e quente no meio da construção e da organização. Embora Harriet tenha uma entre um milhão de virtudes, alguns milhões de virtudes em dinheiro a teriam tornado mais brilhante, tenho certeza; então você não comete o mesmo erro.

Um certo jovem casal tinha tudo para torná-los marido e mulher, exceto que o pai da noiva estava determinado a não dar a filha a quem não tivesse um milhão. Os jovens ficaram desesperados quando um casamenteiro inteligente veio em seu socorro. Ele perguntou ao noivo se ele estava disposto a abrir mão do nariz mediante o pagamento de um milhão – o que ele recusou. O casamenteiro então jurou perante o pai da noiva que o noivo tinha em estoque mercadorias no valor de vários milhões, e o casamento foi concluído. Não pegue milhões.

Bem, bem, você não conseguiu o milionário, então eu não consegui o dinheiro; então tive que me preocupar muito e trabalhar duro em vão; então eu peguei a doença. São necessários cérebros como o meu para descobrir a verdadeira causa - estou encantado comigo mesmo!

Bem, foi no sul da Índia, quando cheguei de Londres e quando as pessoas estavam festejando, festejando e extraindo todo o meu trabalho, que uma antiga doença hereditária apareceu. A tendência sempre esteve presente e o excesso de trabalho mental fez com que ela se “expressasse”. Seguiram-se o

colapso total e a prostração extrema, e tive de deixar Madras imediatamente em direção ao norte mais fresco; um dia de atraso significava esperar uma semana naquele calor terrível por outro navio. A propósito, soube mais tarde que o Sr. Barrows chegou a Madras no dia seguinte e ficou muito decepcionado por não me encontrar como esperava, embora eu tenha ajudado a conseguir um endereço para ele e providenciado sua recepção. Pobre homem, ele mal sabia que eu estava às portas da morte.

Estive viajando pelo Himalaia durante todo o verão passado; e um clima frio, descobri imediatamente, me trouxe de volta; mas assim que entro no calor das planícies, desço novamente. A partir de hoje o calor em Calcutá está ficando intenso e em breve terei que voar. Desta vez para refrescar a América, já que a Sra. Bull e a Srta. MacLeod estão aqui. Comprei um terreno para a instituição às margens do rio Ganga, perto de Calcutá, onde há uma casinha onde moram agora; a poucos passos está a casa onde está situada a Matemática atualmente em que vivemos.

Então eu os vejo todos os dias e eles estão gostando imensamente à L'Inde. Eles pretendem fazer uma viagem à Caxemira dentro de um mês, e eu irei com eles como guia, amigo e filósofo, talvez, se eles quiserem. Depois disso, todos navegaremos para a terra da liberdade e do escândalo.

Você não precisa se alarmar comigo, pois a doença levará dois ou três anos, na pior das hipóteses, para me levar embora. Na melhor das hipóteses, pode continuar a ser um companheiro inofensivo. Eu estou contente. Só que estou trabalhando duro para acertar as coisas e sempre para que a máquina avance quando estou fora do palco. A morte conquistei há muito tempo quando desisti da vida. Minha única ansiedade é o trabalho, e mesmo isso ao Senhor eu dedico, e Ele sabe o que é melhor.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.124 SWAMI RAMAKRISHNANANDA

MATEMÁTICA, BELUR,

(Howrah),

Março de 1898.

MEU QUERIDO SHASHI,

Esqueci de escrever para você sobre duas coisas. 1. Que Tulsi deveria aprender taquigrafia com Goodwin, pelo menos no começo. 2. Tive que escrever uma carta para quase todas as correspondências para Madras enquanto estava fora da Índia. Em vão escrevi pedindo uma cópia dessas cartas. Envie-me todas essas cartas. Quero escrever minhas viagens. Não falhe, e eu os enviarei de volta assim que estiverem esgotados. The Dawn consegue ter 200 assinantes para ser lançado regularmente por Rs. 40/- uma despesa de emissão. Este é um ótimo fato para saber. O P. B. (Prabuddha Bhârata) parece muito desorganizado; tente melhor organizá-lo. Pobre Alasinga, sinto muito por ele. A única coisa que posso fazer é deixá-lo totalmente livre por um ano para que ele possa dedicar toda a sua energia ao trabalho Brahmavadin. Diga a ele para não se preocupar; Tenho-o sempre em mente, pobre criança; sua devoção nunca poderei retribuir.

Estou pensando em ir para Caxemira novamente com a Sra. Bull e a Srta. MacLeod. (I) voltar para Calcutá e partir daqui para a América.

Miss Noble é realmente uma aquisição. Ela em breve superará a Sra. Besant como oradora, tenho certeza.

Cuide de Alasinga. Tenho a impressão de que ele está se quebrando com o trabalho. Diga a ele que o melhor trabalho só é feito alternando repouso e trabalho. Dê a ele todo o meu amor. Tivemos duas palestras públicas em Calcutá, uma da Srta. Noble e outra do nosso Sharat. Ambos se saíram muito bem; houve um grande entusiasmo, o que mostra que o público de Calcutá não nos esqueceu. Alguns dos membros do Math tiveram um toque de gripe. Eles estão bem agora. A coisa está funcionando bem. Shri (Santa) Mãe está aqui, e as senhoras européias e americanas foram outro dia vê-la, e o que você acha, Mãe comeu com elas até lá! Não é grandioso? O Senhor está cuidando de nós; não há medo; não perca os nervos, mantenha a saúde e vá com calma. É sempre bom dar algumas braçadas fortes e descansar nos remos. Rakhal está convivendo com os novos terrenos e edifícios. Não

fiquei satisfeito com o Mahotsava este ano. O que deveria ser é uma grande mistura de todas as diferentes fases aqui. Tentaremos no próximo ano – enviarei instruções. Com amor a todos vocês e bênçãos.

VIVEKANANDA.

8.6.125 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

DARJEELING,

18 de abril de 1898.

MEU QUERIDO JOE JOE,

Eu estava com febre causada, talvez, pelo excessivo alpinismo e pela má saúde na estação.

Estou melhor hoje e pretendo sair daqui um ou dois dias. Apesar do calor intenso, eu dormia bem em Calcutá e tinha bastante apetite. Aqui ambos desapareceram – este é todo o ganho.

Ainda não consegui falar com a senhorita Müller sobre Marguerite; mas pretendo escrever para ela hoje. Ela está fazendo todos os preparativos para recebê-la aqui. Gupta também é convidado a ensinar-lhes bengali. Ela agora pode fazer algo a respeito. Contudo, escreverei.

Será fácil para Marguerite ver Caxemira a qualquer momento durante a sua estadia; mas se a senhorita M. não quiser, haverá novamente uma grande briga para ferir ela e Marguerite.

Não tenho certeza se irei para Almora novamente. Parece que pedalar muito certamente trará uma recaída. Esperarei por você em Simla... enquanto você visita os Seviars. Pensaremos nisso quando eu chegar. Fico muito feliz em saber que a senhorita Noble fez um discurso no R.K. Missão. Com todo amor à Trindade,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.126 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

DARJEELING,

23 de abril de 1898.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Minha saúde estava excelente quando voltei de Sandukphu (11.924 pés) e de outros lugares; mas depois de regressar a Darjeeling, tive primeiro um ataque de febre e, depois de recuperar, estou agora com tosse e constipação. Tento escapar deste lugar todos os dias; mas eles têm adiado isso constantemente há muito tempo. Porém, amanhã, domingo, vou embora; depois de parar em Kharsana por um dia, parto novamente para Calcutá na segunda-feira. Enviarei um telegrama para você depois de começar. Deveríamos realizar uma reunião anual da Missão Ramakrishna, e também uma para a Matemática. Em ambas as reuniões deverão ser apresentadas as contas da ajuda à fome e o relatório da ajuda à fome deverá ser publicado. Mantenha tudo isso pronto.

Nityagopal diz que administrar uma revista inglesa não custará muito. Portanto, vamos primeiro publicar este e depois cuidaremos da revista bengali. Todos esses pontos terão que ser discutidos. Yogen está disposto a assumir a responsabilidade de administrar o jornal? Shashi escreve que se Sharat for a Madras por algum tempo, eles poderão fazer uma turnê de palestras juntos. Oh, como está quente agora! Pergunte a Sharat se G. G., Sarada, Shashi Babu e outros já prepararam seus artigos. Dê meu amor e bênção à Sra. Bull, Srta. MacLeod e Nivedita.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.127 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

DARJEELING,

29 de abril de 1898.

MEU QUERIDO JOE JOE,

Tive vários ataques de febre, o último foi gripe.

Isso me deixou agora, só que ainda estou muito fraco. Assim que reuni forças para empreender a viagem, desço para Calcutá.

No domingo saio de Darjeeling, provavelmente parando por um ou dois dias em Kurseong e depois vou direto para Calcutá. Calcutá deve estar muito quente agora. Não importa, é melhor para a gripe. Caso a peste irrompa em Calcutá, não devo ir a lugar nenhum; e você parte para a Caxemira com Sadananda. O que você achou do velho cavalheiro Devendra Nath Tagore? Não tão estiloso quanto "Hans Baba" com Deus da Lua e Deus do Sol, é claro. O que ilumina seu interior em uma noite escura, quando o Deus do Fogo, o Deus do Sol, o Deus da Lua e as Deusas das Estrelas adormeceram? É a fome que mantém minha consciência elevada, descobri. Oh, a grande doutrina da correspondência de luz! Pense em como o mundo tem sido escuro durante todos esses tempos sem ele! E todo esse conhecimento e amor e trabalho e todos os Budas e Krishnas e Cristos - vãos, vãos foram suas vidas e trabalhos, pois eles não descobriram aquilo "que mantém a luz interior quando o Sol e a Lua foram para o limbo" para a noite! Delicioso, não é?

Se a peste chegar à minha cidade natal, estou determinado a fazer de mim mesmo um sacrifício; e isso, tenho certeza, é uma "visão maldita, melhor caminho para o Nirvâna" do que derramar oblações a tudo o que já brilhou.

Tenho mantido muita correspondência com Madras e, como resultado, não preciso enviar-lhes nenhuma ajuda neste momento. Por outro lado, vou começar um jornal em Calcutá. Ficarei muito grato se você me ajudar a começar isso. Como sempre com amor eterno,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.128 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

ALMORA,

20 de maio de 1898.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Recebi todas as novidades da sua carta e já respondi ao seu telegrama. Niranjan e Govindalal Shah esperarão em Kathgodam por Yogen-Ma. Depois que cheguei a Naini Tal, Baburam foi daqui para Naini Tal a cavalo contra o conselho de todos e, ao retornar, também nos acompanhou a cavalo. Eu estava muito atrasado porque estava em um Dandi. Quando cheguei ao bangalô escuro à noite, ouvi dizer que Baburam havia caído novamente do cavalo e machucado um dos braços - embora não tivesse fraturas. Para que eu não o repreendesse, ele ficou numa pensão particular. Por causa de sua queda, a senhorita MacLeod deu-lhe seu Dandi e ela mesma montou no cavalo. Ele não me encontrou naquela noite. No dia seguinte eu estava providenciando um Dandi para ele, quando soube que ele já havia partido a pé. Desde então não ouvi falar dele. Liguei para um ou dois lugares, mas não há notícias. Talvez ele esteja hospedado em alguma aldeia. Muito bem! Eles são especialistas em aumentar as preocupações.

Haverá um Dandi para Yogen-Ma; mas todo o resto terá que ir a pé.

Minha saúde está muito melhor, mas a dispepsia não passou e novamente a insônia se instalou. Será muito útil se você puder enviar em breve algum bom remédio ayurvédico para dispepsia.

Dado que ali ocorreram apenas um ou dois casos esporádicos de peste, há muitos alojamentos no hospital governamental para a peste e fala-se em ter

hospitais em todos os distritos. Levando tudo isso em consideração, faça o que a situação exige. Mas lembre-se que algo dito por alguém em Baghbazar não constitui opinião pública. . . . Tome cuidado para que os fundos não falhem em momentos de necessidade e para que não haja desperdício de dinheiro. Por enquanto, compre um terreno para Ramlal em nome de Raghuvir (a divindade da família do local de nascimento de Shri Ramakrishna, Kamarpukur, sendo Ramlal seu sobrinho.) após consideração cuidadosa. . . . A Santa Mãe será a Sebâit (adoradora responsável); depois dela virá Ramlal, e Shibu os sucederá como Sebait; ou faça qualquer outro arranjo que pareça melhor. Você pode, se achar certo, começar a construção do prédio agora mesmo. Pois não é bom morar em uma casa nova durante os primeiros um ou dois meses, pois estará úmida. . . . A parede anti-erosão pode ser concluída posteriormente. Estou tentando arrecadar dinheiro para a revista. Veja que a soma de Rs. 1.200 que dei para a revista são guardados apenas para essa conta.

Todos os outros estão bem aqui. Sadananda torceu o pé ontem. Ele diz que ficará bem à noite. O clima em Almora é excelente nesta época. Além disso, o bangalô alugado por Sevier é o melhor de Almora. No lado oposto, Annie Besant está hospedada em um pequeno bangalô com Chakravarty. Chakravarty é agora genro de Gagan (de Ghazipur). Um dia fui vê-lo. Annie Besant me disse de forma suplicante que deveria haver amizade entre a organização dela e a minha em todo o mundo, etc., etc. Hoje Besant virá aqui para tomar chá. Nossas senhoras estão em um pequeno bangalô próximo e estão muito felizes. Apenas a senhorita MacLeod está um pouco indisposta hoje. Harry Sevier está se tornando cada vez mais um Sadhu com o passar dos dias. . . . O irmão Hari lhe envia suas saudações e Sadananda, Ajoy e Suren lhe enviam suas respeitadas saudações. Meu amor para você e todos os outros.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Dê minhas lembranças a Sushil e Kanai e a todos os outros.

V.

8.6.129 SR. ET STURDY

Caxemira,

3 de julho de 1898.

CARO STURDY,

Ambas as edições tiveram meu consentimento, pois foi combinado entre nós que não faríamos objeções à publicação de meus livros por ninguém. A Sra. Bull sabe de tudo e está escrevendo para você.

Recebi uma linda carta da Srta. Souter outro dia. Ela está tão amigável como sempre.

Com amor para as crianças, Sra. Sturdy, e para você

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.130 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

SRINAGAR,

17 de julho de 1898.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Recebi todas as novidades da sua carta. . . . Minha opinião sobre o que você escreveu sobre Sarada é apenas que é difícil fazer uma revista paga em bengali; mas se todos vocês juntos conseguirem assinantes de porta em porta, isso pode ser possível. Neste assunto, façam o que todos decidirem. A pobre Sarada já ficou desapontada uma vez. Que mal há se perdermos mil rúpias apoiando uma pessoa tão altruísta e muito trabalhadora? E quanto à impressão do Raja-Yoga? Como último recurso, você pode entregá-lo à Upen sob certas condições de participação no lucro das vendas.

. . . Sobre questões financeiras, o conselho dado anteriormente é final. De agora em diante, faça o que achar melhor em relação às despesas e outras coisas. Vejo muito bem que a minha política está errada, e a sua está correta, no que diz respeito a ajudar os outros; isto é, se você ajudar com muito dinheiro de uma vez, as pessoas, em vez de se sentirem gratas, dizem, pelo contrário, que têm um simplório com quem confiar. Sempre perdi de vista a influência desmoralizante da caridade sobre quem a recebe. Em segundo lugar, não temos o direito de nos desviarmos, nem que seja ligeiramente, dos objectivos para os quais recolhemos os donativos. A Sra. Bull receberá seu rosário se você o enviar aos cuidados do Chefe de Justiça Rishibar Mukhopadhyaya, Caxemira. O Sr. Mitra e o Chefe de Justiça estão cuidando muito bem deles. Ainda não conseguimos obter um terreno em Caxemira, mas há uma possibilidade de o conseguirmos em breve. Se você puder passar o inverno aqui, certamente recuperará sua saúde. Se a casa for boa e você tiver combustível suficiente e agasalhos, a vida em uma terra de neve não será nada além de agradável. Também para problemas estomacais o clima frio é um remédio infalível. Traga Yogen com você; pois a terra aqui não é pedregosa, é argilosa como a de Bengala.

Se o jornal for divulgado em Almora, o trabalho progredirá muito; pois o pobre Sevier terá algo para fazer e a população local também conseguirá algum trabalho. A gestão hábil consiste em dar a cada homem um trabalho segundo o seu coração. Por todos os meios ao nosso alcance, a Escola para Meninas Nivedita, em Calcutá, deveria ser colocada em bases firmes. Trazer o Mestre Mahashay para Caxemira ainda é muito difícil, pois demorará muito até que uma faculdade seja estabelecida aqui. Mas ele escreveu que é possível abrir uma faculdade em Calcutá, tendo ele como diretor, com um custo inicial de mil rúpias. Ouvi dizer que todos vocês também são a favor desta proposta. Neste assunto, façam o que todos considerarem melhor. Minha saúde está bem. Tenho que me levantar raramente à noite, embora tome duas vezes por dia arroz com batatas, açúcar ou o que quer que consiga. A medicina é inútil – ela não tem ação sobre o sistema de um Conhecedor de Brahman! Tudo será digerido – não tenha medo.

As senhoras estão bem e enviam-lhe saudações. Chegaram duas cartas de Shivananda. Também recebi uma carta de seu discípulo australiano. Ouvi

dizer que o surto de peste em Calcutá diminuiu completamente.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.131 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

SRINAGAR,

1º de agosto de 1898.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Você está sempre sob uma ilusão, e ela não o abandona por causa da forte influência, boa ou má, de outros cérebros. É o seguinte: sempre que lhe escrevo sobre contas, você sente que não tenho confiança em você. . . . A minha grande ansiedade é esta: o trabalho de alguma forma foi iniciado, mas deve continuar e progredir mesmo quando não estivermos aqui; tais pensamentos me preocupam dia e noite. Qualquer quantidade de conhecimento teórico que se possa ter; mas a menos que alguém faça a coisa de fato, nada se aprende. Refiro-me repetidamente à eleição, às contas e à discussão para que todos possam estar preparados para assumir o trabalho. Se um homem morre, outro – ora, apenas outro, dez se necessário – deveria estar pronto para assumir o cargo. Em segundo lugar, se o interesse de um homem por alguma coisa não for despertado, ele não trabalhará de todo o coração; todos devem ser levados a compreender que todos têm uma participação no trabalho e na propriedade, e uma voz na gestão. Isto deve ser feito enquanto ainda há tempo. Dê um cargo de responsabilidade a todos alternadamente, mas fique atento para poder controlar quando necessário; assim, somente os homens podem ser treinados para o trabalho. Configure uma máquina que funcione automaticamente, não importa quem morra ou viva. Nós, indianos, sofremos de um grande defeito: não podemos criar uma organização

permanente - e a razão é que nunca gostamos de partilhar o poder com os outros e nunca pensamos no que acontecerá depois de partirmos.

Já escrevi tudo sobre a peste. A Sra. Bull e a Srta. Müller e outros são de opinião que não é desejável gastar dinheiro inutilmente quando hospitais foram inaugurados em todas as enfermarias. Prestamos nossos serviços como enfermeiros e afins. Aqueles que pagam o flautista devem comandar a música.

O Marajá da Caxemira concordou em nos ceder um terreno. Também visitei o site. Agora o assunto será finalizado em poucos dias, se o Senhor quiser. Neste momento, antes de partir, espero construir uma casinha aqui. Deixarei isso a cargo do juiz Mukherjee quando partir. Por que não vem aqui com outra pessoa e passa o inverno? Sua saúde melhorará e uma necessidade também será atendida. O dinheiro que reservei para a imprensa será suficiente para esse propósito, mas tudo será como você decidir. Desta vez certamente receberei algum dinheiro do N.W.P., Rajputana e de outros lugares. Bem, dê conforme as instruções. . . dinheiro para algumas pessoas. Estou pegando esse valor emprestado do Math e vou devolvê-lo com juros.

Minha saúde está bem de certa forma. É uma boa notícia que as obras tenham começado. Meu amor a todos.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.132 SENHORITA MARIA HALE

SRINAGAR, CAXEMIRA,

28 de agosto de 1898.

MINHA QUERIDA MARIA,

Não tive oportunidade de escrever-lhe mais cedo e, sabendo que você não tinha pressa em receber uma carta, não pedirei desculpas. Pelo que ouvi,

você está aprendendo tudo sobre Caxemira e sobre nós mesmos com a carta da Srta. MacLeod à Sra. Leggett — portanto, é desnecessário entrar em longas ladainhas sobre o assunto.

A busca pelos Mahatmas de Heinsholdt na Caxemira será totalmente infrutífera; e como tudo tem primeiro de ser estabelecido como proveniente de uma fonte credível, a tentativa também será um pouco precoce. Como estão a Madre Igreja e o Padre Papa e onde? Como estão vocês, jovens e velhas? Continuar com o jogo antigo com mais entusiasmo agora que caiu na hierarquia? Como é a senhora que se parece com uma certa estátua em Florença? (esqueci o nome) Sempre abençôo seus braços quando penso na comparação.

Estive ausente alguns dias. Agora vou me juntar às senhoras. O grupo então vai para um local agradável e tranquilo atrás de uma colina, em uma floresta, através da qual flui um riacho murmurante, para meditar profunda e longamente sob os deodars (árvores de Deus) de pernas cruzadas à la Buda.

Isto acontecerá durante cerca de um mês, quando nessa altura a nossa boa obra terá esgotado os seus poderes e cairemos novamente deste Paraíso para a terra; então resolveremos nosso Karma por alguns meses e então teremos que ir para o inferno por causa do mau Karma na China, e nossas más ações nos farão afundar em maus odores com o mundo em Cantão e outras cidades. Daí o Purgatório no Japão? E reconquistar o Paraíso mais uma vez nos EUA da América. Isto é o que Pumpkin Swami, irmão do Coomra Swami, prediz (em bengali Coomra significa abóbora). Ele é muito esperto com as mãos. Na verdade, sua habilidade com as mãos o colocou diversas vezes em grandes perigos.

Eu queria te enviar tantas coisas legais, mas, infelizmente! a ideia da tarifa faz desaparecer os meus desejos “como a juventude nos sonhos das mulheres e dos mendigos”.

A propósito, estou feliz agora por estar ficando grisalho a cada dia. Minha cabeça será um lótus branco totalmente desenvolvido quando você me ver da próxima vez.

Ah! Mary, se você pudesse ver a Caxemira – apenas a Caxemira; os maravilhosos lagos cheios de lótus e cisnes (não há cisnes, mas gansos - licença poética) e a grande abelha negra tentando pousar no lótus sacudido pelo vento (quero dizer, o lótus acena para ele recusando um beijo - poesia), então você poderia ter uma boa consciência no seu leito de morte. Como este é o paraíso terrestre e como a lógica diz que um pássaro na mão é igual a dois voando, um vislumbre disso é mais sábio, mas economicamente o outro é melhor; sem problemas, sem trabalho, sem despesas, uma pequena vida de boneca e mais tarde, isso é tudo.

Minha carta está se tornando um tédio. . . então eu paro. (É pura ociosidade). Boa noite.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

Meu endereço sempre é:

Matemática, Belur,

Howrah Dist., Bengala, Índia.

8.6.133 HARIPADA MITRA

(Traduzido do bengali)

SRINAGAR, CAXEMIRA,

17 de setembro de 1898.

CARO HARIPADA,

Recebi todas as notícias da sua carta e telegrama. Que você possa passar facilmente no exame em Sindi é minha oração ao Senhor.

Recentemente minha saúde estava muito ruim e por isso me atrasei, caso contrário pretendia partir para Punjab esta semana. O médico me

aconselhou a não ir para a planície no momento, pois lá faz muito calor. Talvez eu chegue a Karachi por volta da última semana de outubro. Agora estou indo um pouco bem. Não há mais ninguém comigo agora, exceto duas amigas americanas – senhoras. Provavelmente me separarei deles em Lahore. Eles vão me esperar em Calcutá ou em Rajputana. Provavelmente visitarei Cutch, Bhuj, Junagad, Bhavnagar, Limbdi e Baroda e depois seguirei para Calcutá. Meu plano atual é ir para a América via China e Japão em novembro ou dezembro, mas está tudo nas mãos do Senhor. Os amigos americanos acima mencionados arcam com todas as minhas despesas, e eu assumirei deles todas as minhas despesas, incluindo a passagem ferroviária até Karachi. Mas se for conveniente para você, envie-me Rs. 50/- por transferência C/o Rishibar Mukhopadhyaya, Chefe de Justiça, Estado da Caxemira, Srinagar. Será uma grande ajuda para mim, pois ultimamente tenho incorrido em muitas despesas extras devido a doença, e sinto um pouco de vergonha por ter que depender sempre de meus devotos estrangeiros. Com os melhores votos,

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.134 HARIPADA MITRA

(Traduzido do bengali)

LAHORE,

16 de outubro de 1898.

MEU QUERIDO HARIPADA,

Na Caxemira, minha saúde piorou completamente e não testemunhei o Durga-Puja nos últimos nove anos; então estou partindo para Calcutá. Por enquanto desisti do plano de ir para a América. Acho que terei bastante tempo para ir a Karachi durante o inverno.

Meu irmão-discípulo Saradananda enviará Rs. 50/- de Lahore a Carachi. Não ceda à tristeza – tudo está nas mãos de Deus. Certamente não irei a lugar nenhum este ano sem conhecer todos vocês. Minhas bênçãos para todos.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.135 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

RUA RAM KANTA BOSE, 57,
CALCUTÁ,
12 de novembro de 1898.

MEU QUERIDO JOE,

Convidei alguns amigos para jantar amanhã, domingo. . . .

Esperamos você no chá. Tudo estará pronto então.

Shri Mãe irá esta manhã ver o novo Math. Eu também estou indo para lá. Hoje às 18h. Nivedita vai presidir. Se você quiser, e a Sra. Bull for forte, venha.

Sempre seu no Senhor,
VIVEKANANDA.

8.6.136 SENHORITA MARIA HALE

MATEMÁTICA, BELUR,
DISTRITO DE HOWRAH,
16 de março de 1899.

MINHA QUERIDA MARIA,

Obrigado à Sra. Adams; ela finalmente despertou vocês, garotas travessas, para uma carta. “Longe da vista, longe do coração” – tão verdadeiro na Índia como na América. E a outra jovem, que acabou de deixar seu amor ao passar, merece uma esquiva, suponho.

Bem, tenho estado numa espécie de carrossel com meu corpo que há meses tenta me convencer de que ele existe demais.

No entanto, não tenha medo, com quatro irmãs de cura mental como eu, não vou afundar agora. Dê-me um puxão forte e um longo puxão, por favor, todos juntos, e então estou de pé!

Por que você fala tanto sobre mim em sua carta por ano e tão pouco sobre as quatro bruxas murmurando Mantras sobre a panela fervendo em um canto de Chicago?

Você leu o novo livro de Max Müller, Ramakrishna: His Life and Sayings?

Se ainda não o fez, faça-o e deixe a mãe ver. Como está a mãe? Ficando cinza? E o Padre Papa? Quem foram nossos últimos visitantes da América, você acha? “Irmão, o amor é uma carta de desenho” e “Senhorita Meel”; eles têm se saído muito bem na Austrália e em outros lugares; os mesmos velhos “felies”, pouco alterados, se houver. Eu gostaria que você viesse visitar a Índia – isso acontecerá em algum dia no futuro. A propósito, Mary, ouvi há alguns meses, quando estava bastante preocupado com o seu longo silêncio, que você estava apenas fisgando um “Willy” e tão ocupada com seus bailes e festas; isso explicava, é claro, sua incapacidade de escrever. Mas com “Willy” ou sem “Willy”, preciso do meu dinheiro, não se esqueça. Harriet está discretamente em silêncio desde que ganhou seu filho; mas onde está meu dinheiro, por favor? Lembre a ela e ao marido disso. Se ela é Woolley, eu sou bengali gorduroso, como os ingleses nos chamam aqui — Senhor, onde está meu dinheiro?

Afinal de contas, agora consegui um mosteiro no Ganges, graças a amigos americanos e ingleses. Diga à mãe para ficar atenta. Vou inundar a sua terra ianque com missionários idólatras.

Diga ao Sr. Woolley que ele conseguiu a irmã, mas ainda não pagou ao irmão. Além disso, foi a aparição negra e gorda, vestida de maneira estranha, fumando na sala que afugentou muitas tentações, e essa foi uma das causas que prenderam Harriet ao Sr. Woolley; portanto, quero ser pago pela minha grande participação no trabalho, etc., etc.

Eu gostaria muito de poder ir para a América com Joe neste verão; mas o homem propõe e quem dispõe? Não Deus certamente sempre. Bem, deixe as coisas correrem como quiserem. Aqui está Abhayananda, Marie Louse, vocês conhecem, e ela foi muito bem recebida em Bombaim e Madras. Ela estará em Calcutá amanhã e também lhe daremos uma boa recepção.

Meu amor à Srta. Howe, à Sra. Adams, à Mãe Igreja, ao Padre Pope e a todos os meus amigos através dos sete oceanos. Acreditamos em sete oceanos - um de leite, um de mel, um de requeijão, um de vinho, um de caldo de cana, um de sal, um não sei o quê. Para vocês quatro irmãs, levo meu amor através do oceano de mel. . . .

Sinceramente, seu irmão,

VIVEKANANDA.

PS. Escreva quando encontrar tempo entre as danças.

V.

8.6.137 SR. ET STURDY

PORTO SAÍDO,

14 de julho de 1899.

MEU QUERIDO STURDY,

Recebi sua carta agora há pouco. Também tenho um do Sr. Nobel de Paris. Miss Noble tem vários da América.

M. Nobel me escreve para adiar minha visita a Paris para outra data, de Londres, pois ele terá que se ausentar por um longo período. Como você sabe, não terei muitos amigos hospedados agora em Londres, e a Srta. MacLeod deseja muito que eu vá. Uma estadia na Inglaterra nestas circunstâncias não é aconselhável. Além disso, não me resta muita vida. Pelo menos devo continuar com essa suposição. Quero dizer, se alguma coisa precisa ser feita na América, é hora de levarmos ao máximo a nossa influência dispersa na América - se não nos organizarmos regularmente. Então estarei livre para retornar à Inglaterra dentro de alguns meses e trabalhar com vontade até retornar à Índia.

Acho que você deseja absolutamente reunir, por assim dizer, o trabalho americano. Se você puder, portanto, você deveria vir comigo. Turiyananda está comigo. O irmão de Saradananda vai para Boston. . . . Caso você não possa vir para a América, eu deveria ir, não deveria?

Seu,

VIVEKANANDA.

8.6.138 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

OS LYMES,

WOODSIDES, WIMBLEDON,

3 de agosto de 1899.

MEU QUERIDO JOE,

Finalmente chegamos. Turiyananda e eu temos lindos alojamentos aqui. O irmão de Saradananda está com Miss Noble e começa na próxima segunda-feira.

Eu me recuperei bastante com a viagem. Isso foi provocado pelo exercício com halteres e pelas tempestades de monções que derrubavam o navio nas ondas. Que estranho, não é? Espero que permaneça. Onde está nossa Mãe, a

Venerável vaca Brahmini da Índia? Ela está com você em Nova York, eu acho.

Sturdy está fora, a Sra. Johnson e todos. Margo está bastante preocupada com isso. Ela não pode vir para os EUA até o próximo mês. Já passei a amar o mar. O peixe Avatâra está em mim, receio - muito dele em mim, tenho certeza, um bengali.

Como está Alberta, . . . os velhos e o resto deles? Recebi uma linda carta da querida Sra. Brer Rabbit; ela não poderia nos encontrar em Londres; ela começou antes de chegarmos.

É agradável e quente aqui; um pouco demais, eles dizem. Por enquanto, tornei-me um Shunyavâdi, um crente no nada, ou no vazio. Sem planos, sem reflexão tardia, sem tentativa de nada, laissez faire ao máximo. Bem, Joe, Margo sempre ficava do seu lado a bordo do navio, sempre que eu criticava você ou a Vaca Divina. Pobre criança, ela sabe tão pouco! O resultado de tudo isso, Joe, é que não pode haver trabalho em Londres porque você não está aqui. Você parece ser meu destino! Continue, senhora; é Karma e ninguém pode evitar. Diga, pareço vários anos mais jovem nesta viagem. Só quando o coração dá um solavanco é que sinto minha idade. Afinal, o que é essa osteopatia? Cortarão uma ou duas costelas para me curar? Não eu, nenhuma fabricação de . . . das minhas costelas, claro. Seja o que for, será um trabalho árduo para ele encontrar meus ossos. Meus ossos estão destinados a formar corais no Ganges. Agora vou estudar francês se você me der aula todos os dias; mas nada de gramática - apenas eu lerei e você explicará em inglês. Por favor, dê lembranças a Abhedananda e peça-lhe que se prepare para Turiyananda. Eu irei com ele. Escreva logo.

Com todo amor etc.,

VIVEKANANDA.

8.6.139 SENHORITA MARIA HALBOISTER

A/C SENHORITA NOBLE,

21A RUA ALTA, WIMBLEDON.

Agosto de 1899.

MINHA QUERIDA MARIA,

Estou em Londres novamente. Desta vez, não ocupado, sem pressa, mas calmamente acomodado em um canto - esperando para partir para a América dos EUA na primeira oportunidade. Quase todos os meus amigos estão fora de Londres, no campo e noutros lugares, e a minha saúde não é suficientemente boa.

Então você está feliz no meio de seus lagos e jardins e na reclusão no Canadá. Estou feliz, muito feliz em saber que você está novamente no topo da maré. Que você permaneça lá para sempre!

Você ainda não conseguiu terminar a tradução do Raja-Yoga – tudo bem, não há pressa. O tempo e a oportunidade devem chegar para que isso seja feito, você sabe, caso contrário, nos esforçaremos em vão.

O Canadá deve estar lindo agora, com seu verão curto, mas vigoroso, e muito saudável.

Espero estar em Nova York dentro de algumas semanas e não sei o que vem a seguir. Espero voltar para a Inglaterra na próxima primavera.

Desejo ardentemente que nenhuma miséria chegue perto de ninguém; no entanto, é só isso que nos dá uma visão das profundezas de nossas vidas, não é?

Em nossos momentos de angústia, portões trancados para sempre parecem se abrir e deixar entrar muitas luzes.

Aprendemos à medida que crescemos. Infelizmente! não podemos usar nosso conhecimento aqui. No momento em que parecemos aprender, somos apressados para fora do palco. E esta é Maya!

Este mundo dos brinquedos não estaria aqui, esta brincadeira não poderia continuar, se conhecêssemos os jogadores. Devemos jogar com os olhos

vendados. Alguns de nós assumiram o papel de bandidos da peça, alguns heróicos - não importa, é tudo uma brincadeira. Este é o único consolo. Há demônios, leões, tigres e outras coisas no palco, mas estão todos amordaçados. Eles estalam, mas não podem morder. O mundo não pode tocar nossas almas. Se você quiser, mesmo que o corpo esteja dilacerado e sangrando, você poderá desfrutar da maior paz em sua mente.

E o caminho para isso é atingir a desesperança. Você conhece isso? Não a atitude imbecil do desespero, mas o desprezo do conquistador pelas coisas que conquistou, pelas coisas pelas quais lutou e depois descarta como abaixo do seu valor.

Essa desesperança, falta de desejo, falta de objetivo é apenas a harmonia com a natureza. Na natureza não há harmonia, nem razão, nem sequência; antes era um caos, está tão quieto.

O homem inferior está em consonância com a natureza em sua cabeça terrena; o mais elevado é o mesmo na plenitude do conhecimento. Todos os três sem rumo, à deriva, sem esperança – todos os três felizes.

Você quer uma carta tagarela, não é? Não tenho muito o que conversar. O Sr. Sturdy veio nos últimos dois dias. Ele volta para casa no País de Gales amanhã.

Tenho que reservar minha passagem para Nova York em um ou dois dias.

Ainda não vi nenhum dos meus velhos amigos, exceto Miss Souter e Max Gysic, que estão em Londres. Eles foram muito gentis, como sempre foram.

Não tenho novidades para lhe dar, pois ainda não sei nada sobre Londres. Não sei onde está Gertrude Orchard, caso contrário teria escrito para ela. Senhorita Kate Steel também está ausente. Ela vem na quinta ou no sábado.

Recebi um convite para ficar em Paris com um amigo, um francês muito culto, mas desta vez não pude ir. Espero outra hora para morar com ele alguns dias.

Espero ver alguns de nossos velhos amigos e dizer bom dia a eles.

Espero ver você na América com certeza. Ou posso aparecer inesperadamente em Ottawa em minhas peregrinações ou você vem para Nova York.

Adeus, toda a sorte seja sua.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.140 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

LONDRES,

10 de agosto de 1899.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Recebi muitas novidades com sua carta. Minha saúde estava muito melhor no navio, mas, após o desembarque, devido à flatulência, está bastante ruim agora. . . . Há muita dificuldade aqui – todos os amigos saíram da cidade durante o verão. Além disso, minha saúde não está muito boa e há muitos transtornos em relação à alimentação, etc. Então, dentro de alguns dias, partirei para a América. Envie um relato para a Sra. Bull sobre quanto foi gasto na compra de terrenos, quanto em edifícios, quanto em manutenção etc.

Sarada escreve que a revista não vai bem. . . . Deixe-o publicar o relato de minhas viagens e anunciá-lo minuciosamente com antecedência - ele terá assinantes correndo. As pessoas gostam de uma revista se três quartos dela estão cheios de coisas piedosas? De qualquer forma preste atenção especial à revista. Mentalmente, tome isso como se eu não estivesse. Aja de forma independente nesta base. “Dependemos do irmão mais velho para ter dinheiro, aprender, tudo” – tal atitude é o caminho para a ruína. Se todo o dinheiro, até mesmo para a revista, for coletado por mim e todos os artigos

também vierem de minha caneta - o que vocês farão? O que nossos sahibs estão fazendo então? Eu terminei minha parte. Você faz o que falta fazer. Ninguém está lá para arrecadar um único centavo, ninguém para fazer qualquer pregação, ninguém tem inteligência suficiente para cuidar adequadamente de seus próprios assuntos, ninguém tem a capacidade de escrever uma linha e todos são santos por nada! . . . Se esta for a sua condição, então durante seis meses entregue tudo nas mãos dos meninos – revistas, dinheiro, pregação, etc. agir como mendigos. Não recebo nenhuma notícia do Math. O que Sharat está fazendo? Quero ver o trabalho feito. Antes de morrer, quero ver se aquilo que estabeleci como resultado da minha luta ao longo da vida é colocado em condições mais ou menos operacionais. Consulte o Comitê em todos os detalhes sobre questões financeiras. Obtenha as assinaturas do Comitê para cada item de despesa. Caso contrário, você também terá uma má fama. É comum que as pessoas queiram uma vez ou outra uma conta de suas doações. É muito errado não tê-lo pronto a cada passo. . . . Com tanta letargia no início, as pessoas finalmente se tornam trapaceiras. Faça um comitê com todos aqueles que estão na Matemática, e nenhuma despesa será feita que não seja assinada por eles – nenhuma! Quero trabalho, quero vigor – não importa quem viva ou morra. O que são a morte e a vida para um Sannyasin?

Se Sharat não conseguir despertar Calcutá,. . . se você não conseguir construir o aterro este ano, verá a diversão! Eu quero trabalho - sem farsa sobre isso. Minhas respeitosas saudações à Santa Mãe.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.141 Sra. TORRO VELHO

MANSÃO RIDGELY,

4 de setembro de 1899.

MINHA QUERIDA MÃE,

É um período terrível de azar que aconteceu comigo nos últimos seis meses. O infortúnio me segue onde quer que eu vá. Na Inglaterra, Sturdy parece ter ficado enojado com o trabalho; ele não vê nenhum ascetismo em nós da Índia. Assim que chego aqui, Olea recebe um forte ataque.

Devo correr até você? Sei que não posso ajudar muito, mas farei o possível para ser útil.

Espero que tudo dê certo em breve com você e que Olea recupere a saúde perfeita antes mesmo que isso chegue até você. Mamãe sabe mais; isso é tudo sobre mim.

Sempre seu carinhosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.142 SR. ET STURDY

MANSÃO RIDGELY,

14 de setembro de 1899.

MEU QUERIDO STURDY,

Simplesmente estive descansando na casa dos Leggetts e não fazendo nada. Abhedananda está aqui. Ele tem trabalhado duro.

Ele sai em um ou dois dias para retomar seu trabalho em lugares diferentes durante um mês. Depois disso, ele vem para Nova York para trabalhar.

Estou tentando fazer algo na linha que você sugeriu, mas não sei até que ponto um relato sobre os hindus será apreciado pelo público ocidental quando vier de um hindu. . . .

A Sra. Johnson é de opinião que nenhuma pessoa espiritual deveria estar doente. Também lhe parece agora que fumar é um pecado, etc., etc. Essa foi a razão pela qual a Srta. Müller me deixou, minha doença. Eles podem estar perfeitamente certos, pelo que eu sei - e você também - mas eu sou o que

sou. Na Índia, os mesmos defeitos e a alimentação dos europeus foram rejeitados por muitos. Fui expulso de um templo particular pelos proprietários por comer com europeus. Eu gostaria de ser maleável o suficiente para ser moldado em qualquer coisa que alguém desejasse, mas infelizmente nunca vi um homem que pudesse satisfazer a todos. Nem alguém que tenha de ir a lugares diferentes pode satisfazer a todos.

Quando vim para a América pela primeira vez, eles me maltratavam se eu não estivesse de calça. Em seguida, fui forçado a usar punhos e golas, caso contrário eles não me tocariam, etc., etc. Eles me achavam muito engraçado se eu não comesse o que eles ofereciam, etc., etc. . .

Na Índia, no momento em que desembarquei, me fizeram raspar a cabeça e usar "Kaupin" (tanga), o que resultou em diabetes etc. Saradananda nunca desistiu da roupa íntima - isso salvou sua vida, com apenas um toque de reumatismo e muitos comentários do nosso povo.

Claro, é o meu Karma, e estou feliz que seja assim. Pois, embora seja uma dor de cabeça, é outra grande experiência de vida, que será útil, seja nesta ou na próxima. . . .

Quanto a mim, estou sempre em meio a altos e baixos. Eu sempre soube disso e sempre preguei que todo prazer trará sua cota de dor, se não com juros compostos. Tenho muito amor que o mundo me deu; Eu mereço muito ódio, portanto. Fico feliz que seja assim - pois prova minha teoria de que "cada onda tem seu mergulho correspondente" em minha própria pessoa.

Quanto a mim, mantenho-me fiel à minha natureza e ao meu princípio - uma vez amigo, sempre amigo - também o verdadeiro princípio indiano de procurar subjectivamente a causa do objectivo.

Tenho certeza de que a culpa é minha, e somente minha, por cada onda de antipatia e ódio que recebo. Não poderia ser de outra forma. Agradecendo a você e à Sra. Johnson por me chamarem mais uma vez para o interno,

Permaneço como sempre com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.143 SENHORITA MARIA HALE

MANSÃO RIDGELY,

Setembro de 1899.

MINHA QUERIDA MARIA,

Sim, eu cheguei. Recebi uma carta de Isabelle de Greenacre. Espero vê-la em breve e Harriet. Harriet Woolley manteve-se uniformemente silenciosa. Não importa, esperarei a minha hora e, assim que o Sr. Woolley se tornar milionário, exigirei meu dinheiro. Você não escreveu nenhum detalhe sobre a Mãe Igreja e o Padre Papa, apenas notícias de algo sobre mim em alguns jornais. Há muito que deixei de ter qualquer interesse por jornais; só que eles me mantêm diante do público e conseguem a venda dos meus livros "de qualquer maneira", como você diz. Você sabe o que estou tentando fazer agora? Escrever um livro sobre a Índia e seu povo - algo curto e simples. Mais uma vez vou aprender francês. Se eu não conseguir fazê-lo este ano, não poderei "realizar" adequadamente a Exposição de Paris do próximo ano. Bem, espero aprender muito francês aqui, onde até os criados falam.

Você nunca viu a Sra. Leggett, não é? Ela é simplesmente grandiosa. Vou a Paris no próximo ano como convidado deles, como fiz da primeira vez.

Agora tenho um mosteiro no Ganges para o ensino de filosofia e religião comparada e um centro de trabalho.

O que você tem feito todo esse tempo? Leitura? Escrita? Você não fez nada. Você poderia ter escrito muito a essa altura. Mesmo que você tivesse me ensinado francês, eu seria um verdadeiro Froggy agora, e você não o fez, apenas me fez falar bobagens. Você nunca foi a Greenacre. Espero que esteja ganhando força a cada ano.

Digamos que você tenha 24 pés e 600 libras. da Ciência Cristã, você não poderia me ajudar com seus tratamentos. Estou perdendo muita fé em seus poderes de cura. Onde está Sam? "Cuidado" todo esse tempo que pôde; abençoe seu coração, um menino tão nobre!

Eu estava ficando grisalho rapidamente, mas de alguma forma isso foi controlado. Sinto muito, apenas alguns cabelos grisalhos agora; uma pesquisa irá revelar muitos. Gosto e vou cultivar um cabrito branco e comprido. A Madre Igreja e o Padre Papa estavam se divertindo muito no continente. Eu vi um pouco no caminho para casa. E você está fazendo Cinderela em Chicago - bom para você. Convença os idosos a irem a Paris no próximo ano e levarem você junto. Deve haver paisagens maravilhosas para ver; os franceses estão a travar uma última grande luta, dizem, antes de fechar negócio.

Bem, você não me escreveu por muito, muito tempo. Você não merece esta carta, mas — sou tão bom, você sabe, especialmente porque a morte se aproxima — não quero brigar com ninguém. Estou morrendo de vontade de ver Isabelle e Harriet. Espero que eles tenham um grande suprimento de poder de cura no Greenacre Inn e me ajudem a sair da minha atual queda. Na minha época, a pousada estava bem abastecida com alimento espiritual e menos material. Você sabe alguma coisa sobre osteopatia? Aqui está um em Nova York que realmente faz maravilhas.

Vou mandar revistar meus ossos por ele em uma semana. Onde está a senhorita Howe? Ela é uma alma tão nobre, uma amiga. A propósito, Maria, é curioso que a sua família, a Mãe Igreja e o seu clero, tanto monástico como secular, tenham me impressionado mais do que qualquer família que conheço. Senhor te abençoe sempre e sempre.

Estou descansando agora e os Leggetts são muito gentis. Sinto-me perfeitamente em casa. Pretendo ir a Nova York ver a procissão de Dewy. Não vi meus amigos lá.

Escreva-me tudo sobre vocês. Anseio tanto por ouvir. Você conhece Joe Joe, é claro. Eu estraguei a visita deles à Índia com meus constantes colapsos, e eles foram tão bons, tão indulgentes. Durante anos, a Sra. Bull e ela foram meus anjos da guarda. A Sra. Bull é esperada aqui na próxima semana.

Ela já estaria aqui antes disso, mas sua filha (Olea) passou por uma doença. Ela sofreu muito, mas agora está fora de perigo. A Sra. Bull alugou uma das casas de Leggett aqui, e se o tempo frio não chegar mais rápido do que o

normal, teremos um mês maravilhoso aqui mesmo agora. O lugar é tão lindo — bem arborizado e com gramados perfeitos.

Tentei jogar golfe outro dia; Não creio que seja nada difícil – apenas requer boas práticas. Você nunca foi à Filadélfia visitar seus amigos jogadores de golfe? Quais são seus planos? O que você pretende fazer pelo resto da vida? Você já pensou em algum trabalho? Escreva-me uma carta longa, sim? Quando eu estava passando, vi uma senhora nas ruas de Nápoles, acompanhada de outras três pessoas, devem ser americanas, tão parecidas com você que quase ia falar com ela; quando cheguei perto, vi meu erro. Adeus por enquanto. Escreva com precisão. . . .

Sempre seu irmão afetuoso,

VIVEKANANDA.

8.6.144 SENHORITA MARIA HALE

MANSÃO RIDGELY,

3 de outubro de 1899.

MINHA QUERIDA MARIA,

Obrigado pelas suas amáveis palavras. Estou muito melhor agora e crescendo a cada dia. A Sra. Bull e sua filha são esperadas hoje ou amanhã. Esperamos assim ter mais um período de diversão - você está se divertindo o tempo todo, é claro. Fico feliz que você esteja indo para a Filadélfia, mas não tanto agora como naquela época – quando o milionário estava no horizonte. Com todo amor,

Sempre seu irmão afetuoso,

VIVEKANANDA.

8.6.145 SENHORITA MARIA HALE

MANSÃO RIDGELY,

30 de outubro de 1899.

MEU QUERIDO OPTIMISTA,

Recebi sua carta e estou grato por algo ter acontecido para forçar o *laissez faire* otimista a entrar em ação. Contudo, as suas perguntas exploraram a própria fonte do pessimismo. O domínio britânico na Índia moderna tem apenas uma característica redentora, embora inconsciente; trouxe a Índia mais uma vez ao palco mundial; forçou-lhe o contato com o mundo exterior. Se isso tivesse sido feito visando o bem das pessoas envolvidas, como as circunstâncias favoreceram o Japão, os resultados poderiam ter sido mais maravilhosos para a Índia. Nada de bom pode ser feito quando a ideia principal é sugar sangue. No geral, o antigo regime foi melhor para o povo, pois não tirou tudo o que tinha, e houve alguma justiça, alguma liberdade.

Algumas centenas de homens modernizados, semi-educados e desnacionalizados são tudo o espetáculo da moderna Índia inglesa - nada mais. Os hindus eram 600 milhões, segundo Ferishta, o historiador muçulmano, no século XII – agora menos de 200 milhões.

Apesar dos séculos de anarquia que reinaram durante as lutas dos ingleses pela conquista, do terrível massacre que os ingleses perpetraram em 1857 e 1858, e das fomes ainda mais terríveis que se tornaram a consequência inevitável do domínio britânico (nunca há fome num estado nativo) e que retira milhões, houve um bom aumento da população, mas ainda não o que era quando o país era totalmente independente - isto é, antes do domínio muçulmano. A mão-de-obra e a produção indianas podem sustentar com conforto cinco vezes mais pessoas do que há agora na Índia, se tudo não lhes for retirado.

Este é o estado das coisas – até mesmo a educação não poderá mais se espalhar; a liberdade de imprensa já parou (é claro que já fomos desarmados há muito tempo), o pouco de autogoverno que lhes foi concedido durante alguns anos está a ser rapidamente retirado. Estamos observando o que vem a seguir! Por escreverem algumas palavras de crítica

inocente, homens estão sendo levados às pressas para transporte vitalício, outros presos sem qualquer julgamento; e ninguém sabe quando sua cabeça será arrancada.

Há alguns anos que existe um reinado de terror na Índia. Os soldados ingleses estão a matar os nossos homens e a ultrajar as nossas mulheres – apenas para serem mandados para casa com passagem e pensão às nossas custas. Estamos numa terrível escuridão – onde está o Senhor? Mary, você pode se dar ao luxo de ser otimista, posso? Suponha que você simplesmente publique esta carta – a lei que acaba de ser aprovada na Índia permitirá que o governo inglês na Índia me arraste daqui para a Índia e me mate sem julgamento. E eu sei que todos os seus governos cristãos irão apenas se alegrar, porque somos pagãos. Devo também dormir e ficar otimista? Nero era a pessoa mais otimista! Eles acham que não vale a pena escrever essas coisas terríveis nem mesmo como notícias! Se necessário, o agente de notícias da Reuter dá notícias exatamente opostas, fabricadas sob encomenda! O assassinato de pagãos é apenas um passatempo legítimo para os cristãos! Seus missionários vão pregar a Deus e não ousam falar uma palavra de verdade por medo dos ingleses, que os expulsarão no dia seguinte.

Todas as propriedades e terras concedidas pelos governos anteriores para apoiar a educação foram engolidas e o actual governo gasta ainda menos do que a Rússia na educação. E que educação?

A menor demonstração de originalidade é estrangulada. Maria, não há esperança para nós, a menos que realmente exista um Deus que seja o pai de todos, que não tenha medo dos fortes para proteger os fracos e que não seja subornado pela riqueza. Existe tal Deus? O tempo mostrará.

Bem, acho que irei para Chicago em algumas semanas e falarei sobre o assunto completamente! Não cite sua autoridade.

Com todo amor, sempre seu irmão,

VIVEKANANDA.

PS. Quanto às seitas religiosas – o Brahmo Samaj, o Arya Samaj e outras seitas têm sido misturas inúteis; eram apenas vozes de desculpas aos nossos mestres ingleses para nos permitirem viver! Iniciámos uma nova Índia — um crescimento — à espera para ver o que virá. Acreditamos em novas ideias apenas quando a nação as deseja e no que for verdade para nós. O teste da verdade para este Brahmo Samaj é “o que nossos mestres aprovam”; conosco, o que o raciocínio e a experiência indiana aprovam. A luta começou – não entre o Brahmo Samaj e nós, pois eles já se foram, mas uma luta mais difícil, mais profunda e mais terrível.

V.

8.6.146 SR. ET STURDY

C/O F. LEGGETT ESQ.,

MANSÃO RIDGELY,

CONDADO DE ULSTER, NY

MEU QUERIDO STURDY,

Sua última carta chegou até mim depois de algumas batidas por falta de endereço.

É bastante provável que muitas das suas críticas sejam justas e corretas. Também é possível que algum dia você descubra que tudo isso resulta de sua antipatia por certas pessoas, e eu era o bode expiatório.

Não há necessidade de haver amargura, entretanto, por causa disso, pois acho que nunca posei para nada além do que sou. Nem nunca me é possível fazê-lo, pois uma hora de contacto é suficiente para fazer com que todos percebam o meu fumo, o meu mau humor, etc. "Toda reunião deve ter uma separação" - esta é a natureza das coisas. Não carrego nem um sentimento de decepção. Espero que você não tenha amargura. É o Karma que nos une e o Karma separa.

Sei como você é tímido e como não gosta de ferir os sentimentos dos outros. Entendo perfeitamente meses de tortura em sua mente, quando você luta para trabalhar com pessoas que eram tão diferentes do seu ideal. Eu não poderia adivinhar isso antes, caso contrário eu poderia ter evitado muitos problemas mentais desnecessários. É Karma novamente.

As contas não foram apresentadas antes, pois a obra ainda não está concluída; e pensei em enviar ao meu doador um relato completo quando tudo estivesse concluído. O trabalho só começou no ano passado, pois tivemos de esperar muito tempo pelos fundos, e o meu método nunca é pedir, mas sim esperar por ajuda voluntária.

Sigo a mesma ideia em todo o meu trabalho, pois estou tão consciente de que minha natureza é positivamente desagradável para muitos, e espero até que alguém me queira. Também me mantenho pronto para partir a qualquer momento. Assim, no que diz respeito à partida, nunca me sinto mal por isso nem penso muito nisso, pois, na vida constante e itinerante que levo, estou constantemente fazendo isso. Sinto muito, eu incomodo os outros sem querer. Você poderia gentilmente enviar se houver alguma correspondência para mim em seu endereço?

Que todas as bênçãos o acompanhem e a sua para todo o sempre será a oração constante de

VIVEKANANDA.

8.6.147 SRA. TORRO VELHO

C/O E. GUERNSEY, MD,

O MADRI, 180 W. 59,

15 de novembro de 1899.

MINHA QUERIDA SRA. TOURO,

Afinal de contas, decidi vir para Cambridge agora mesmo. Devo terminar as histórias que comecei. Acho que o primeiro não me foi devolvido pela

Margo.

Minhas roupas estarão prontas depois de amanhã e então estarei pronto para começar; só o meu medo é que seja durante todo o inverno um lugar para ficar nervoso e não para acalmar os nervos, com festas e palestras constantes. Bem, talvez você possa me dar um quarto em algum lugar, onde eu possa me esconder de tudo o que acontece no local. Mais uma vez estou muito nervoso de ir para um lugar onde indiretamente estará a matemática indiana. O próprio nome desse pessoal da matemática é suficiente para me assustar. E eles estão determinados a matar com essas cartas etc.

De qualquer forma, venho assim que tiver minhas roupas – esta semana. Você não precisa vir para Nova York por minha causa. Se você tem seu próprio negócio, isso é outro assunto. Recebi um convite muito gentil da Sra. Wheeler de Montclair. Antes de partir para Boston, passarei em Montclair por pelo menos algumas horas.

Estou muito melhor e estou bem; não há nada de errado comigo, exceto minha preocupação, e agora tenho certeza de que vou jogar tudo isso ao mar.

Só quero uma coisa – e temo não conseguir de você – que não haja nenhuma comunicação sobre mim em suas cartas para a Índia, mesmo que indireta. Quero me esconder por um tempo ou para sempre. Como amaldiçoo o dia que me trouxe celebridade!

Com todo amor,

VIVEKANANDA.

8.6.148 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali.)

EUA,

20 de novembro de 1899.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Recebi algumas notícias da carta de Sharat. . . . Ganhe experiência enquanto ainda há chance; Não estou preocupado se você ganha ou perde. . . . Não tenho nenhuma doença agora. De novo. . . . Vou passear de um lugar para outro. Não há motivo para ansiedade, não tenha medo. Tudo voará diante de você; apenas não seja desobediente e todo o sucesso será seu. . . . Vitória para Kali! Vitória para a Mãe! Vitória para Kali! Wâh Guru, Wah Guru ki Fateh (Vitória para o Guru)!

. . . Na verdade, não há pecado maior do que a covardia; covardes nunca são salvos – isso é certo. Posso suportar todo o resto, menos isso. Posso negociar com alguém que não desista disso? . . . Se alguém receber um golpe, deverá devolver dez com fúria redobrada. . . . Então apenas um é homem. . . . O covarde é um objeto digno de pena.

Eu abençoo todos vocês; hoje, neste dia sagrado à Mãe Divina, nesta noite, que a Mãe dance em seus corações e traga força infinita aos seus braços. Vitória para Kali! Vitória para Kali! A Mãe certamente descera – e com muita força trará toda a vitória, a vitória mundial. A mãe está chegando, que querido? A quem temer? Vitória para Kali! Aos passos de cada um de vocês a terra tremerá. . . . Vitória para Kali! Novamente em frente, em frente! Uau Guru! Vitória para a Mãe! Kali! Kali! Kali! Doença, tristeza, perigo, fraqueza – tudo isso se afastou de todos vocês. Toda vitória, toda boa sorte, toda prosperidade é sua. Não tenha medo! Não tenha medo! A ameaça de calamidade está desaparecendo, não tema! Vitória para Kali! Vitória para Kali!

VIVEKANANDA.

PS. Eu sou o servo da Mãe, todos vocês são servos da Mãe – que destruição, que medo existe para nós? Não permitam que o egoísmo entre em suas mentes e que o amor nunca se afaste de seus corações. Que destruição pode tocar você? Não tema. Vitória para Kali! Vitória para Kali!

V.

8.6.149 SENHORITA MARIA HALE

1 EAST 39 ST., NOVA IORQUE,

20 de novembro de 1899.

MINHA QUERIDA MARIA,

Começo amanhã provavelmente para a Califórnia. No caminho, parava por um dia ou dois em Chicago. Mando um telegrama para você quando começar. Mande alguém para a delegacia, pois nunca fui tão ruim quanto agora em encontrar o caminho de entrada e saída.

Sempre seu irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.150 SWAMI BRAHMANANDA

Rua 21 WEST 34,

NOVA IORQUE,

21 de novembro de 1899.

MEU QUERIDO BRAHMANANDA,

As contas estão bem. Entreguei-os à Sra. Bull, que se encarregou de reportar as diferentes partes das contas aos diferentes doadores. Não importa o que eu disse em cartas duras anteriores. Eles fariam bem a você. Em primeiro lugar, eles farão com que você se torne um profissional no futuro para manter contas regulares e claras e envolver os irmãos nisso. Em segundo lugar, se essas repreensões não o tornarem corajoso, não terei mais esperanças em você. Eu quero até ver você morrer, mas você deve lutar. Morra obedecendo aos comandos como um soldado e vá para o Nirvana, mas sem covardia.

É necessário que eu desapareça por algum tempo. Que ninguém me escreva ou me procure nesse período, é absolutamente necessário para minha saúde. Estou apenas nervoso, só isso, nada mais.

Todas as bênçãos seguem você. Não importa minha dureza. Você sempre conhece o coração, não importa o que os lábios digam. Todas as bênçãos para você. Durante o último ano ou mais, não perdi o juízo. Eu não sei porque. Eu tive que passar por esse inferno – e passei. Estou muito melhor – bem, na verdade. Senhor ajude todos vocês. Em breve irei para o Himalaia para me aposentar para sempre. Meu trabalho está feito.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS. A Sra. Bull manda lembranças.

V.

8.6.151 SRA. TORRO VELHO

22 de dezembro de 1899.

MEU QUERIDO DHIRA MATA,

Recebi hoje uma carta de Calcutá, pela qual soube que seus cheques chegaram; muitos agradecimentos e palavras de agradecimento também vieram.

A senhorita Souter, de Londres, me enviou uma saudação impressa de Ano Novo. Acho que ela já deve ter recebido as contas que você enviou a ela.

Por favor, envie as cartas de Saradananda que chegaram aos seus cuidados.

Quanto a mim, tive uma ligeira recaída recentemente, para a qual o curador arrancou vários centímetros da minha pele.

Agora mesmo estou sentindo isso, o inteligente. Recebi um bilhete muito esperançoso de Margo. Estou trabalhando em Pasadena; espero que algum resultado saia do meu trabalho aqui. Algumas pessoas aqui estão muito entusiasmadas; o livro Raja-Yoga prestou realmente grandes serviços nesta costa. Estou mentalmente muito bem; na verdade, nunca estive tão calmo ultimamente. As palestras, por um lado, não perturbam meu sono, isso é algum ganho. Estou escrevendo também. As palestras aqui foram anotadas por um estenógrafo, o pessoal daqui quer imprimi-las.

Fiquei sabendo que eles estão bem e fazendo um bom trabalho em matemática – pela carta de Swami Saradananda para Joe. Lentamente, como sempre, os planos estão funcionando; mas mamãe sabe, como eu digo. Que Ela me dê libertação e encontre outros trabalhadores para Seus planos. A propósito, descobri o método mental para realmente praticar o que o Gita ensina, para trabalhar sem olhar para os resultados. Tenho visto muita luz sobre concentração, atenção e controle da concentração, que, se praticados, nos livrarão de toda ansiedade e preocupação. É realmente a ciência de reprimir nossas mentes sempre que quisermos. Agora, e você, pobre Dhira Mata! Este é o resultado da maternidade e das suas penas; todos pensamos em nós mesmos e nunca na Mãe. Como vai você? Como vão as coisas com você? E sua filha? sobre a Sra. Briggs?

Espero que Turiyananda esteja completamente recuperado e trabalhando. Pobre homem, o sofrimento é demais! Deixa para lá; há prazer em sofrer mesmo quando é para os outros, não é? A Sra. Leggett está bem; Joe também; Eu - eles dizem - eu também sou. Pode ser que eles estejam certos. Eu trabalho de qualquer maneira e quero morrer no arreio; se é isso que mamãe quer, estou bastante contente.

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

8.6.152 SRA. TORRO VELHO

921 W. RUA 21,

LOS ANGELES,

27 de dezembro de 1899.

AMADOS OLHOS DE DHIRA,

Um Ano Novo agitado e feliz para você e muitos retornos!

Minha saúde está muito melhor – capaz o suficiente para trabalhar mais uma vez. Já comecei a trabalhar e enviei algum dinheiro para Saradananda – Rs. Já 1.300 – como despesas com o processo judicial. Enviarei mais, se precisarem. Tive um sonho muito ruim esta manhã e não recebi nenhuma notícia de Saradananda por três semanas. Pobres meninos! Como sou duro com eles às vezes. Bem, eles sabem que, apesar de tudo isso, sou o melhor amigo deles.

O Sr. Leggett recebeu um pouco mais de £500 que eu tinha com Sturdy por conta do Raja-Yoga e do Maharaja de Khetri. Tenho agora cerca de mil dólares com o Sr. Leggett. Se eu morrer, por favor, envie esse dinheiro para minha mãe. Telegrafei para os meninos há três semanas dizendo que estava perfeitamente curado. Se eu não piorar, toda a saúde que tenho agora será suficiente. Não se preocupe por minha causa; Estou de pé e trabalhando com vontade.

Lamento não poder escrever mais histórias. Escrevi algumas outras coisas e pretendo escrever algo quase todos os dias.

Estou muito mais tranquilo e acho que a única maneira de manter a paz é ensinando os outros. O trabalho é minha única válvula de segurança.

Eu só quero uma cabeça de negócios clara para cuidar dos detalhes enquanto prossigo e trabalho. Receio que levará muito tempo para encontrar tais pessoas na Índia e, se houver, deveriam ser educados por alguém do Ocidente.

Novamente, só consigo trabalhar quando estou totalmente sobre meus próprios pés. Estou no meu melhor quando estou sozinho. A mãe parece ter

arranjado isso. Joe acredita que grandes coisas estão surgindo – no copo da mãe; espero que seja assim.

Parece que Joe e Margot se tornaram verdadeiros profetas. Só posso dizer que cada golpe que sofri nesta vida, cada dor, só se tornará um sacrifício alegre se a Mãe se tornar propícia à Índia mais uma vez.

A senhorita Greenstidel me escreve uma linda carta, a maior parte sobre você. Ela também pensa muito em Turiyananda. Dê a Turiyananda meu amor. Tenho certeza que ele funcionará bem. Ele tem coragem e resistência.

Em breve irei trabalhar na Califórnia; quando eu partir, mandarei chamar Turiyananda e o farei trabalhar na costa do Pacífico. Tenho certeza de que aqui é um ótimo campo. O livro Raja-Yoga parece ser muito conhecido aqui. A senhorita Greenstidel encontrou grande paz sob seu teto e está muito feliz. Estou tão feliz que seja assim. Que as coisas corram um pouco melhor com ela a cada dia. Ela tem uma boa cabeça de negócios e senso prático.

Joe descobriu uma mulher de cura magnética. Nós dois estamos sob tratamento dela. Joe acha que ela está me puxando esplendidamente. Nela ocorreu um milagre, afirma ela. Quer se trate da cura magnética, do ozônio da Califórnia ou do fim do atual período de mau Karma, estou melhorando. É ótimo poder caminhar cinco quilômetros, mesmo depois de um jantar pesado.

Todo amor e bênçãos para Olea. Meus cumprimentos à Dra. Janes e outros amigos de Boston.

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

8.6.153 SENHORITA MARIA HALE

C/O SRA. BLODGETT,

921, Rua 21 OESTE,

LOS ANGELES,

27 de dezembro de 1899.

MINHA QUERIDA MARIA,

Feliz Natal e Feliz Ano Novo e muitos, muitos retornos gloriosos no seu aniversário. Todos esses desejos, orações e saudações de uma só vez. Estou curado, você ficará feliz em saber. Foi apenas indigestão e nenhuma doença cardíaca ou renal, disseram os curandeiros; nada mais. E caminho cinco quilômetros por dia – depois de um jantar pesado.

Diga - a pessoa que me curou insistiu que eu fumasse! Portanto, estou tendo meu cachimbo muito bem e estou melhor com isso. Em inglês simples, o nervosismo etc. era tudo devido à dispepsia e nada mais.

. . . Eu também estou no trabalho; trabalhando, trabalhando, não muito; mas não me importo e quero ganhar dinheiro desta vez. Diga isso para Margot, especialmente para o negócio de tubos. Você sabe quem está me curando? Não sou médico, nem curandeiro da Ciência Cristã, mas uma mulher de cura magnética que me esfolta toda vez que me trata. Maravilha – ela realiza operações esfregando – operações internas também, dizem seus pacientes.

Está ficando tarde da noite. Tenho que desistir de escrever cartas separadas para Margot, Harriet, Isabelle e Madre Church. Desejo é metade do trabalho. Todos eles sabem como eu os amo com ternura e paixão; então você se torna o meio para meu espírito naquele momento e leva a eles minhas mensagens de Ano Novo.

Aqui é exatamente como o inverno do norte da Índia, só que alguns dias um pouco mais quentes; as rosas estão aqui e as lindas palmeiras. A cevada está nos campos, as rosas e muitas outras flores ao redor da casa onde moro. A Sra. Blodgett, minha anfitriã, é uma senhora de Chicago – gorda, velha e extremamente espirituosa. Ela me ouviu em Chicago e é muito maternal.

Lamento muito, os ingleses capturaram um tártaro na África do Sul. Um soldado de serviço fora de um acampamento gritou que havia capturado um

tártaro. “Traga-o para dentro”, foi a ordem de dentro da tenda. “Ele não virá”, respondeu a sentinela. “Então você vem você mesmo”, tocou o pedido novamente. “Ele também não vai me deixar ir”. Daí a frase “pegar um tártaro”. Não pegue nenhum.

Estou feliz agora e espero continuar assim pelo resto da minha vida. Agora mesmo sou Ciência Cristã – sem maldade, e “o amor é uma carta de desenho”.

Ficarei muito feliz se conseguir ganhar muito dinheiro. Estou fazendo alguns. Diga a Margot que vou ganhar muito dinheiro e voltar para casa passando pelo Japão, Honolulu, China e Java. Este é um ótimo lugar para ganhar dinheiro rápido; e São Francisco é melhor, ouvi dizer. Ela fez algum?

Você não poderia pegar o milionário. Por que você não começa com meio ou um quarto milhão? Alguma coisa é melhor que nada. Queremos dinheiro; ele pode ir para o Lago Michigan, não temos a menor objeção. Tivemos um pequeno terremoto aqui outro dia. Espero que tenha ido para Chicago e levantado a poça de lama de Isabelle. Está ficando tarde. Estou bocejando, então desisto.

Adeus; todas as bênçãos, todo amor,

VIVEKANANDA.

8.6.154 SRA. TORRO VELHO

17 de janeiro de 1900.

MEU QUERIDO DHIRA MATA,

Recebi o seu com os recintos para Saradananda; e houve boas notícias. Espero receber mais novidades esta semana. Você não escreveu nada sobre seus planos. Recebi uma carta da senhorita Greenstidel expressando sua profunda gratidão por sua gentileza – e quem não a recebe? Turiyananda está melhorando a essa altura, espero.

Consegui remeter Rs. 2.000 para Saradananda, com a ajuda da Srta. MacLeod e da Sra. Leggett. Claro que eles contribuíram com a melhor parte. O resto foi obtido por meio de palestras. Não espero muita coisa aqui ou em qualquer lugar dando palestras. Mal consigo fazer despesas. Não, nem isso; sempre que se trata de pagar, as pessoas não estão em lugar nenhum. O campo do ensino neste país está sobrecarregado; as pessoas superaram isso.

Estou decididamente melhor em saúde. O curador pensa que agora tenho liberdade para ir a qualquer lugar que escolher, o processo continuará e me recuperarei completamente em alguns meses. Ela insiste nisso, que já estou curado; somente a natureza terá que resolver o resto.

Bem, vim aqui principalmente pela saúde. Eu tenho isso; além disso, recebi Rs. 2.000, para custear as despesas legais. Bom.

Agora me ocorre que minha missão na plataforma terminou e não preciso prejudicar minha saúde novamente com esse tipo de trabalho.

Está ficando mais claro para mim que abandono todas as preocupações da matemática e, por um tempo, volto para minha mãe. Ela sofreu muito através de mim. Devo tentar suavizar seus últimos dias. Você sabe, isso foi exatamente o que o próprio grande Shankarâchârya teve que fazer! Ele teve que voltar para sua mãe nos últimos dias de vida dela! Eu aceito, estou resignado. Estou mais calmo do que nunca. A única dificuldade é a parte financeira. Bem, o povo indiano deve algo. Vou tentar Madras e alguns outros amigos na Índia. De qualquer forma, devo tentar, pois tenho o pressentimento de que minha mãe não terá muitos anos de vida. Então, novamente, isso parece ser o maior de todos os sacrifícios a fazer, o sacrifício da ambição, da liderança, da fama. Estou resignado e devo fazer a penitência. Os mil dólares com o Sr. Leggett e se um pouco mais for arrecadado, serão suficientes para recorrer em caso de necessidade. Você vai me mandar de volta para a Índia? Estou pronto a qualquer momento. Não vá para França sem me ver. Tornei-me prático, pelo menos em comparação com os sonhos visionários de Joe e Margot. Deixe-os resolver seus sonhos para mim – eles não são mais do que sonhos. Quero firmar um contrato fiduciário do Math em nome de Saradananda, Brahmananda e de você mesmo. Farei isso assim que receber os papéis de Saradananda. Então

estou desistindo. Quero descansar, uma refeição, alguns livros e quero fazer algum trabalho acadêmico. A Mãe mostra esta luz vividamente agora. Claro que foi você quem Ela mostrou primeiro. Eu não acreditaria então. Mas então, está agora demonstrado que – deixar a minha mãe foi uma grande renúncia em 1884 – é uma renúncia maior voltar para a minha mãe agora. Provavelmente a Mãe quer que eu passe pelo mesmo que Ela fez o grande Âchârya passar nos velhos tempos. É isso? Tenho mais certeza da sua orientação do que da minha. Joe e Margot são grandes almas, mas para vocês a Mãe está agora enviando a luz para minha orientação. Você vê luz? O que você aconselha? Pelo menos não saia deste país sem me mandar para casa.

Sou apenas uma criança; que trabalho devo fazer? Meus poderes eu passei para você. Eu vejo isso. Não posso mais dizer a partir da plataforma. Não conte isso a ninguém – nem mesmo a Joe. Estou feliz. Eu quero descansar; não que eu esteja cansado, mas a próxima fase será o toque milagroso e não a língua – como a de Ramakrishna. A palavra foi para você e a voz para Margo. Não está mais em mim. Estou feliz. Estou resignado. Apenas me leve para a Índia, certo? A mãe vai obrigar você a fazer isso. Estou certo.

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

8.6.155 SRA. TORRO VELHO

LOS ANGELES,

15 de fevereiro de 1900.

CARO DHIRA MATHA,

Antes que isso chegue até você, irei para São Francisco. Você já sabe tudo sobre o trabalho. Não tenho trabalhado muito, mas meu coração está ficando mais forte a cada dia, física e mentalmente. Alguns dias sinto que posso suportar tudo e sofrer tudo. Não havia nada digno de nota no maço de

papéis enviado pela Srta. Müller. Não escrevi para ela, sem saber seu endereço. Então, novamente, estou com medo.

Sempre posso trabalhar melhor sozinho e fico melhor física e mentalmente quando estou totalmente sozinho! Quase não tive um dia de doença durante meus oito anos de vida solitária longe de meus irmãos. Agora estou me levantando novamente, ficando sozinho. Estranho, mas é isso que mamãe quer que eu seja. “Vagando sozinho como o rinoceronte”, como Joe gosta. Acho que as conferências terminaram. O pobre Turiyananda sofreu tanto e nunca me contou; ele é tão forte e bom. O pobre Niranjan, soube pela Sra. Sevier, está tão gravemente doente em Calcutá que não sei se faleceu ou não. Bem, o bem e o mal amam companhia; estranho, eles vêm em cordas. Recebi uma carta da minha prima me dizendo que a filha dela (a criança adotiva) estava morta. O sofrimento parece ser o destino da Índia! Bom. Estou ficando um tanto insensível e afetado ultimamente. Bom. A mãe sabe. Estou tão envergonhado de mim mesmo – desta demonstração de fraqueza nos últimos dois anos! Ainda bem que acabou.

Sempre seu filho amoroso,

VIVEKANANDA.

8.6.156 SENHORITA MARIA HALE

PASADENA,

20 de fevereiro de 1900.

MINHA QUERIDA MARIA,

Sua carta trazendo a triste notícia do falecimento do Sr. Hale chegou até mim ontem. Lamento, porque apesar da formação monástica, o coração continua vivo; e então o Sr. Hale foi uma das melhores almas que conheci na vida. É claro que você está arrependido, infeliz, assim como a Mãe Igreja, Harriet e o resto, especialmente porque esta é a primeira dor desse tipo que você enfrenta, não é? Perdi muitos, sofri muito, e a causa mais curiosa do sofrimento quando alguém vai embora é a sensação de que não

fui bom o suficiente para aquela pessoa. Quando meu pai morreu, foi uma angústia durante meses, e eu fui muito desobediente. Você tem sido muito zeloso; se você sentir algo assim, é apenas uma forma de tristeza.

Receio que agora a vida comece para você, Mary, para valer. Podemos ler livros, ouvir palestras e conversar por quilômetros, mas a experiência é o único professor, o único que abre os olhos. É melhor como está.

Aprendemos, através de sorrisos e lágrimas aprendemos. Não sabemos por que, mas vemos que é assim; e isso é suficiente. É claro que a Mãe Igreja tem o consolo da sua religião. Eu gostaria que todos pudéssemos sonhar bons sonhos imperturbáveis.

Você teve abrigo durante toda a sua vida. Eu estava sob o brilho, queimando e ofegante o tempo todo. Agora, por um momento, você teve um vislumbre do outro lado. Minha vida é feita de golpes contínuos como esse, e cem vezes piores, por causa da pobreza, da traição e da minha própria tolice! Pessimismo! Você vai entender como isso acontece. Bem, bem, o que devo dizer a você, Mary? Você conhece todas as palestras; apenas digo isto e é verdade: se fosse possível trocar a dor, e se eu tivesse uma mente alegre, trocaria a minha pela sua dor, sempre e sempre. Mamãe sabe mais.

Seu sempre fiel irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.157 SENHORITA MARIA HALE

RUA DO PINHO 1251,

SÃO FRANCISCO,

2 de março de 1900.

QUERIDA MARY,

Foi muito gentil da sua parte me escrever para me convidar para ir a Chicago. Eu gostaria de poder estar aí neste minuto. Mas estou ocupado ganhando dinheiro; só que eu não ganho muito. Bem, de qualquer forma,

tenho que ganhar o suficiente para pagar minha passagem para casa. Aqui está um novo campo, onde encontro centenas de ouvintes prontos, preparados de antemão pelos meus livros.

É claro que ganhar dinheiro é lento e tedioso. Se eu pudesse ganhar algumas centenas, ficaria muito feliz. A essa altura você já deve ter recebido minha nota anterior. Irei para o leste dentro de um mês ou seis semanas, espero.

Como vocês estão? Dê à mãe meu amor sincero. Eu gostaria de ter a força dela, ela é uma verdadeira cristã. Minha saúde está muito melhor, mas a velha força ainda não chegou. Espero que isso aconteça algum dia, mas era preciso trabalhar muito para fazer a mínima coisa. Gostaria de ter descanso e paz pelo menos por alguns dias, o que tenho certeza de que poderei conseguir com as irmãs de Chicago. Bem, mamãe sabe o que é melhor, como sempre digo. Ela sabe o que é melhor. Os últimos dois anos foram especialmente ruins. Tenho vivido num inferno mental. Agora está parcialmente levantado e espero dias melhores, estados melhores. Todas as bênçãos para você, para as irmãs e para a mãe. Mary, você sempre foi a nota mais doce em minha vida chocante e conflitante. Então você teve o grande e bom Karma para começar sem um ambiente opressivo. Nunca conheço um momento de vida pacífica. Sempre foi uma pressão alta, mentalmente. Senhor te abençoe.

Sempre seu amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

8.6.158 SRA. TORRO VELHO

RUA JONES 1502,

SÃO FRANCISCO,

4 de março de 1900.

CARO DHIRA MATHA,

Faz um mês que não recebo uma palavra sua. Estou em Frisco. As pessoas aqui foram preparadas de antemão pelos meus escritos e vêm em grandes multidões. Mas resta saber quanto desse entusiasmo perdura quando se trata de pagar na porta. O Rev. Benjamin Fay Mills me convidou para ir a Oakland e me deu grandes multidões para pregar. Ele e sua esposa têm lido meus trabalhos e monitorados meus movimentos o tempo todo. Enviei a carta de apresentação da Srta. Thursby para a Sra. Hearst. Ela me convidou para um de seus musicais no próximo domingo.

Minha saúde é praticamente a mesma; não encontre muita diferença; está melhorando, talvez, mas de forma muito imperceptível. Posso usar minha voz, no entanto, para fazer com que 3.000 pessoas me ouçam, como fiz duas vezes em Oakland, e também dormir bem depois de duas horas de palestra.

Eu descobri que Margot está com você. Quando você embarcará para a França? Sairei daqui em abril e irei para o Leste. Estou muito desejoso de chegar à Inglaterra em maio, se puder. Não devo voltar para casa antes de tentar a Inglaterra mais uma vez.

Tenho lindas cartas de Brahmananda e Saradananda; eles estão todos bem. Eles estão tentando trazer o município de volta ao bom senso; Estou feliz. Neste mundo de Maya não é preciso ferir, mas “abrir o capuz, sem bater”. É suficiente.

As coisas devem mudar; se não o fizerem, está tudo bem. Também tenho uma carta muito bonita da Sra. Sevier. Eles estão bem nas montanhas. Como está a Sra. Vaughan? Quando sua conferência será encerrada? Como é Turiyananda?

Com amor e gratidão eternos.

Seu filho,

VIVEKANANDA.

8.6.159 SRA. TORRO VELHO

RUA JONES 1502,
SÃO FRANCISCO,
7 de março de 1900.

CARO DHIRA MATHA,

Sua carta, incluindo apenas uma carta de Saradananda e as contas, chegou. Estou muito tranquilo com todas as notícias que recebi da Índia desde então. Quanto às contas e à alienação dos Rs. 30.000, faça o que quiser. Eu entreguei a você a gestão, o Mestre lhe mostrará o que é melhor fazer. O dinheiro é de Rs. 35.000; os Rs. 5.000, para construir a casa de campo no Ganga, escrevi para Saradananda para não usar agora. Já peguei Rs. 5.000 desse dinheiro. Eu não vou aguentar mais. Eu paguei Rs. 2.000 ou mais desses Rs. 5.000 na Índia. Mas parece, Brahmananda, querendo mostrar o máximo dos Rs. 35.000 intactos que pôde, valeu-se de meus Rs. 2.000; então devo a eles Rs. 5.000 ainda nessa pontuação.

De qualquer forma, pensei que poderia ganhar dinheiro aqui na Califórnia e pagá-los tranquilamente. Agora falhei totalmente financeiramente na Califórnia. É pior aqui do que em Los Angeles. Eles vêm em multidões quando há uma palestra gratuita e muito poucos quando há algo para pagar.

Ainda tenho algumas esperanças na Inglaterra. É necessário que eu chegue à Inglaterra em maio. Não há a menor utilidade em prejudicar minha saúde em São Francisco por nada. Além disso, com todo o entusiasmo de Joe, ainda não encontrei nenhum benefício real no curador magnético, exceto algumas manchas vermelhas no meu peito por causa de arranhões! O trabalho na plataforma está quase acabando para mim, e forçá-lo apenas está acelerando o fim. Saio daqui muito em breve, assim que conseguir dinheiro para uma passagem. Tenho 300 dólares em mãos, feitos em Los Angeles. Farei palestra aqui semana que vem e depois paro. Quanto à matemática e ao dinheiro, quanto mais cedo eu me livrar desse fardo, melhor.

Estou pronto para fazer tudo o que você me aconselhar. Você tem sido uma verdadeira mãe para mim. Você assumiu um dos meus grandes fardos –

quero dizer, meu primo pobre. Sinto-me bastante satisfeito. Quanto à minha mãe, voltarei para ela – para os meus últimos dias e os dela. Os mil dólares que tenho em Nova York renderão Rs. 9 por mês; então comprei para ela um terreno que renderá Rs. 6; e sua antiga casa – isso renderá, digamos, Rs. 6. Saio de casa em litígio por consideração, pois não a tenho. Eu, minha mãe, minha avó e meu irmão viveremos com Rs. 20 por mês fácil. Eu começaria agora mesmo, se conseguisse ganhar dinheiro para uma passagem para a Índia, sem tocar nos 1.000 dólares de Nova York.

De qualquer forma, vou juntar trezentos ou quatrocentos dólares — 400 dólares serão suficientes para uma passagem de segunda classe e para uma estadia de algumas semanas em Londres. Não peço que você faça mais nada por mim; Eu não quero isso. O que você fez é mais, muito mais do que eu mereço. Eu dei meu lugar solenemente a você no trabalho de Shri Ramakrishna. Estou fora disso. Toda a minha vida fui uma tortura para a minha pobre mãe. Toda a sua vida foi de miséria contínua. Se for possível, minha última tentativa deveria ser fazê-la um pouco feliz. Eu planejei tudo. Servi a Mãe durante toda a minha vida. Está feito; Recuso-me agora a moer Seu machado. Deixe-a encontrar outros trabalhadores – eu faço greve.

Você foi um amigo com quem Shri Ramakrishna se tornou o objetivo da vida – esse é o segredo da minha confiança em você. Outros me amam pessoalmente. Mas eles nem sonham que aquilo pelo que me amam é Ramakrishna; deixando-O, sou apenas uma massa de emoções tolas e egoístas. De qualquer forma, esse estresse é terrível, pensando no que pode vir a seguir, desejando o que deveria vir a seguir. Não estou à altura da responsabilidade; Eu sou achado em falta. Devo desistir deste trabalho. Se o trabalho não contém vida, deixe-o morrer; se assim for, não precisa de esperar por trabalhadores pobres como eu.

Agora o dinheiro, Rs. 30.000, está em meu nome, em títulos públicos. Se forem vendidos agora, perderemos terrivelmente, por causa da guerra; então, como podem ser mandados para cá sem serem vendidos para lá? Para vendê-los lá, devo assiná-los. Não sei como tudo isso vai ser resolvido. Faça o que achar melhor sobre tudo isso. Enquanto isso, é absolutamente necessário que eu execute um testamento a seu favor para tudo, caso eu morra repentinamente. Envie-me um rascunho de testamento o mais rápido

possível e eu o registrarei em São Francisco ou Chicago; então minha consciência estará segura. Não conheço nenhum advogado aqui, caso contrário eu teria feito isso; nem eu tenho dinheiro. A vontade deve ser feita imediatamente; a confiança e as coisas têm tempo suficiente para eles.

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

8.6.160 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

RUA JONES 1502,

SÃO FRANCISCO,

7 de março de 1900.

CARO JOE,

Soube pela carta da Sra. Bull que você está em Cambridge.

Também fiquei sabendo pela Srta. Helen que você não recebeu as histórias. Sinto muito. Margot tem cópias que pode lhe dar. Estou tão bem de saúde. Sem dinheiro. Trabalho duro. Nenhum resultado. Pior que Los Angeles.

Eles vêm em multidão quando a palestra é gratuita – quando há pagamento, eles não vêm. Isso é tudo. Tenho uma recaída – há alguns dias – e estou me sentindo muito mal. Acho que dar palestras todas as noites é a causa. Espero fazer alguma coisa em Oakland, pelo menos, para conseguir minha passagem para Nova York, onde pretendo trabalhar para conseguir minha passagem para a Índia. Posso ir para Londres se ganhar dinheiro aqui para pagar alguns meses de hospedagem lá.

Você pode me enviar o endereço do nosso General? Até o nome escapa da memória agora!

Adeus. Posso ver você em Paris, talvez não. Senhor te abençoe, você fez por mim mais do que eu mereço.

Com infinito amor e gratidão,

Seu,

VIVEKANANDA.

8.6.161 SWAMI BRAHMANANDA

(Traduzido do bengali)

SÃO FRANCISCO,

12 de março de 1900.

MEU QUERIDO RAKHAL,

Recebi uma carta sua há algum tempo. Uma carta de Sharat chegou até mim ontem. Vi uma cópia das cartas-convite para o aniversário de Gurudeva (Divino Mestre). Estou assustado ao saber que Sharat sofre de reumatismo. Infelizmente, a doença, a tristeza e a dor têm sido minhas companheiras nos últimos dois anos. Diga a Sharat que não vou mais trabalhar tanto. Mas quem não trabalha o suficiente para ganhar o seu sustento terá de morrer de fome! . . . Espero que Durgaprasanna já tenha feito tudo o que for necessário para o muro do complexo. . . . Afinal, a construção de um muro composto não é algo difícil. Se eu puder, construirei lá uma pequena casa e servirei minha velha avó e minha mãe. As más ações não deixam ninguém impune; Mãe nunca poupa ninguém. Admito que minhas ações foram erradas. Agora, irmão, todos vocês são Sadhus e grandes santos, por favor, ore à Mãe para que eu não tenha mais que arcar com todos esses problemas e fardos. Agora desejo um pouco de paz — parece que não me restam mais forças para suportar o fardo do trabalho e da responsabilidade — descanso e paz para os poucos dias que ainda viverei! Vitória para o Guru! Vitória para o Guru! . . . Não há mais palestras ou qualquer coisa desse tipo. Paz!

Assim que Sharat enviar o contrato fiduciário do Math, colocarei minha assinatura nele. Todos vocês conseguem - realmente preciso de descanso. Esta doença é chamada neurastenia, uma doença dos nervos. Quando chega,

continua por alguns anos. Mas depois de um descanso completo de três ou quatro anos ela está curada. Este país é o lar da doença e aqui ela me pegou. No entanto, não só não é uma doença fatal, como também faz o homem viver muito. Não fique ansioso por minha causa. Vou continuar rolando. Mas há apenas esta tristeza porque o trabalho de Gurudeva não está progredindo; há esse arrependimento por não ter conseguido realizar nada de seu trabalho. Quanto eu abuso de todos vocês e falo duramente! Eu sou o pior dos homens! Hoje, no aniversário do seu aniversário, coloque a poeira dos seus pés na minha cabeça - e minha mente ficará firme novamente. Vitória para o Guru! Vitória para o Guru! Você é meu único refúgio – você é meu único refúgio! Agora que minha mente está firme, deixe-me dizer-lhe que esta resignação é a atitude permanente da minha mente. Todos os outros estados de espírito que surgem são, você deve saber, apenas doenças. Por favor, não me permita mais trabalhar. Agora farei Japa e meditação silenciosamente por algum tempo – nada mais. Mamãe sabe de todo o resto. Vitória para a Mãe do Universo!

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.162 SENHORITA MARIA HALE

RUA TURK 1719,
SÃO FRANCISCO,
12 de março de 1900.

QUERIDA MARY,

Como vai você? Como está a mãe e as irmãs? Como vão as coisas em Chicago? Estou em Frisco e ficarei aqui por mais ou menos um mês. Partirei para Chicago no início de abril. Escreverei para você antes disso, é claro. Como eu gostaria de poder estar com você por alguns dias; cansa-se tanto de trabalhar. Minha saúde está ótima, mas minha mente está muito tranquila e tem estado assim há algum tempo. Estou tentando entregar toda

ansiedade ao Senhor. Sou apenas um trabalhador. Minha missão é obedecer e trabalhar. Ele sabe o resto.

“Desistindo de todos os aborrecimentos e caminhos, refugie-se em Mim. Eu te salvarei de todos os perigos” (Gita, XVIII.66).

Estou me esforçando para perceber isso. Que eu possa fazer isso em breve.

Sempre seu irmão afetuoso,

VIVEKANANDA.

8.6.163 SRA. TORRO VELHO

RUA TURK 1719,

SÃO FRANCISCO,

12 de março de 1900.

MEU QUERIDO DHIRA MATA,

Sua carta de Cambridge chegou ontem. Agora tenho um endereço fixo, 1719 Turk Street, São Francisco. Espero que você tenha tempo para escrever algumas linhas em resposta a isso. Recebi um relato manuscrito enviado por você. Enviei de volta como você desejou; além disso, eu não tinha outras contas. Está tudo certo.

Recebi uma bela carta da Srta. Souter de Londres. Ela espera ter o Sr. . . para jantar com ela.

Fico feliz em saber do sucesso de Margot. Eu a entreguei a você e tenho certeza de que você cuidará dela. Estarei aqui mais algumas semanas e depois irei para o Leste. Estou apenas esperando a estação quente.

Não tive nenhum sucesso financeiro aqui, mas não estou passando necessidade. De qualquer forma, as coisas continuarão normalmente comigo, tenho certeza; e se não o fizerem, o que acontecerá?

Estou perfeitamente resignado. Recebi uma carta do Math; eles tiveram o Utsava ontem. Não pretendo ir pelo Pacífico. Não me importo onde eu vou e quando. Agora perfeitamente resignado; A mãe sabe; uma grande mudança, a paz está vindo sobre mim. Mãe, eu sei, cuidará disso. Eu morro como Sannyasin. Você tem sido mais que mãe para mim e para os meus. Todo amor, todas as bênçãos sejam suas para sempre, é a oração constante de

VIVEKANANDA.

PS. Por favor, diga à Sra. Leggett que meu endereço por algumas semanas será Turk Street, 1719, São Francisco.

V.

8.6.164 SENHORITA MARIA HALE

RUA TURK 1719,
SÃO FRANCISCO,
22 de março de 1900.

MINHA QUERIDA MARIA,

Muito obrigado pela sua amável nota. Você está certo ao dizer que tenho muitos outros pensamentos a pensar além dos indianos, mas todos eles devem ficar em segundo plano antes da missão que tudo absorve – o trabalho do meu Mestre.

Eu gostaria que esse sacrifício fosse agradável. Não é, e naturalmente às vezes deixa a pessoa amarga; pois saiba, Maria, que ainda sou um homem e não consigo me esquecer completamente; espero que sim algum dia. Reze por mim.

É claro que não devo ser responsabilizado pelas opiniões da senhorita MacLeod ou da senhorita Noble ou de qualquer outra pessoa sobre mim ou qualquer outra coisa, certo? Você nunca me achou inteligente sob críticas.

Estou feliz que você esteja indo para a Europa por um longo período. Faça um longo passeio, você é uma pomba doméstica há muito tempo.

Quanto a mim, estou cansado, por outro lado, da eterna caminhada; é por isso que quero voltar para casa e ficar quieto. Eu não quero mais trabalhar. Minha natureza é a aposentadoria de um estudioso. Eu nunca entendo! Rezo para que eu consiga, agora que estou todo quebrado e malhado. Sempre que recebo uma carta da Sra. Sevier de sua casa no Himalaia, tenho vontade de voar para fora do Himalaia. Estou realmente farto deste trabalho de plataforma e da eterna caminhada e de ver novos rostos e palestras.

Você não precisa se preocupar em conseguir aulas em Chicago. Estou ganhando dinheiro em Frisco e em breve ganharei o suficiente para voltar para casa.

Como você e as irmãs estão? Espero chegar a Chicago em algum momento no início de abril.

Seu,

VIVEKANANDA.

8.6.165 SENHORITA MARIA HALE

RUA TURK 1719,

SÃO FRANCISCO,

28 de março de 1900.

BEM-AVENTURADA MARIA,

Isto é para que você saiba "Estou muito feliz". Não que eu esteja entrando num otimismo sombrio, mas meu poder de sofrer está aumentando. Estou sendo elevado acima do miasma pestilento das alegrias e tristezas deste mundo; eles estão perdendo o significado. É uma terra de sonhos; não importa se a pessoa gosta ou chora; eles são apenas sonhos e, como tais, devem acabar mais cedo ou mais tarde. Como vão as coisas com vocês aí?

Harriet vai se divertir em Paris. Tenho certeza de encontrá-la lá e parler français! Estou decorando um dicionário francês! Também estou ganhando algum dinheiro; trabalho duro de manhã e à noite; ainda melhor por tudo isso. Bom sono, boa digestão, irregularidade perfeita.

Você está indo para o Oriente. Espero chegar a Chicago antes do final de abril. Se não puder, certamente encontrarei você no Leste antes de partir.

O que as meninas McKindley estão fazendo? Comendo misturas de toranja e engordando? Vá em frente, a vida é apenas um sonho. Você não está feliz que seja assim? Meu! Eles querem um paraíso eterno! Graças a Deus, nada é eterno exceto Ele mesmo. Só ele pode suportar isso, tenho certeza. Eternidade de bobagens!

As coisas estão começando a zumbir para mim; eles irão rugir atualmente. Mesmo assim, permanecerei quieto. As coisas não estão funcionando para você agora. Sinto muito, isto é, estou tentando sentir, pois não posso lamentar nada e muito mais. Estou alcançando a paz que excede todo o entendimento, que não é nem alegria nem tristeza, mas algo acima de ambos. Diga isso à mamãe. Minha passagem pelo vale da morte, física e mental, nos últimos dois anos, me ajudou nisso. Agora estou me aproximando dessa Paz, do silêncio eterno. Agora quero ver as coisas como elas são, tudo naquela paz, perfeito à sua maneira. "Aquele cuja alegria está apenas em si mesmo, cujos desejos estão apenas em si mesmo, aprendeu suas lições." Esta é a grande lição que estamos aqui para aprender através de miríades de nascimentos, céus e infernos – que não há nada a ser pedido, desejado, além do próprio Eu. "A melhor coisa que posso obter é o meu Eu." "Sou livre", portanto não necessito de mais nada para minha felicidade. "Sozinho por toda a eternidade, porque fui livre, sou livre e permanecerei livre para sempre." Isso é Vedantismo. Preguei a teoria por tanto tempo, mas, ah, que alegria! Mary, minha querida irmã, estou percebendo isso todos os dias. Sim, estou – "Estou livre". "Sozinho, sozinho, sou eu quem não tem segundo."

Sempre seu no Sat-Chit-Ânanda,

VIVEKANANDA.

PS. Agora serei verdadeiramente Vivekananda. Você já gostou do mal! Ha! ah! sua garota boba, está tudo bem! Absurdo. Alguns bons, alguns maus. Gosto do bem e gosto do mal. Eu era Jesus e era Judas Iscariotes; tanto minha brincadeira quanto minha diversão. "Enquanto houver dois, o medo não te abandonará." Método avestruz? Escondam a cabeça na areia e pensem que ninguém está vendo vocês! Tudo está bem! Seja corajoso e enfrente tudo - venha o bem, venha o mal, ambos sejam bem-vindos, vocês dois são minha peça. Não tenho nenhum bem a alcançar, nenhum ideal a que me apegar, nenhuma ambição a realizar; Eu, a mina de diamantes, estou brincando com pedrinhas, boas e más; bom para você – mal, venha; bom para você, bom, você vem também. Se o universo gira em volta dos meus ouvidos, o que isso significa para mim? Eu sou a Paz que excede todo o

entendimento; a compreensão só nos dá o bem ou o mal. Estou além, sou paz.

V.

8.6.166 SWAMI TURYANANDA

(Traduzido do bengali)

SÃO FRANCISCO,

Março de 1900.

CARO HARIBHAI,

Acabei de receber um conhecimento de embarque da Sra. Banerji. Ela enviou alguns Dâl (leguminosas) e arroz. Estou enviando o conhecimento de embarque para você. Dê para a Srta. Waldo; ela trará todas essas coisas quando elas vierem.

Na próxima semana deixarei este lugar para Chicago; daí vou para Nova York. Estou progredindo de alguma forma. . . . Onde você está colocando agora? O que você está fazendo?

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.167 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

RUA TURK 1719,

SÃO FRANCISCO,

30 de março de 1900.

MEU QUERIDO JOE,

Muito obrigado pelo pronto envio dos livros. Eles vão vender rápido, eu acredito. Você se tornou pior do que eu ao mudar seus planos, pelo que vejo. Eu me pergunto por que ainda não tenho nenhuma Índia Desperta. Minha correspondência está ficando tão espalhada, receio.

Estou trabalhando duro – ganhando algum dinheiro – e melhorando minha saúde. Trabalhe de manhã e à noite, vá para a cama às 12h. depois de um jantar pesado! - e caminhe por toda a cidade! E melhore também!

Então a Sra. Milton está aí, dê-lhe meus cumprimentos, sim? A perna de Turiyananda não ficou boa?

Enviei a carta de Margot para a Sra. Bull como ela queria. Estou muito feliz em saber do presente que a Sra. Leggett lhe deu. As coisas têm que mudar; de qualquer forma, eles estão obrigados a fazê-lo, porque nada é eterno.

Ficarei mais uma ou duas semanas aqui se achar que vale a pena, depois irei para um lugar próximo chamado Stockton e então... não sei. As coisas estão indo de qualquer maneira.

Estou muito tranquilo e quieto, e as coisas estão indo de qualquer maneira - simplesmente acontecem. Com todo amor,

VIVEKANANDA.

PS. Senhorita Waldo é a pessoa certa para realizar a edição do Karma-Yoga com acréscimos, etc.

V.

168 SWAMI TURYNANDA

(Traduzido do bengali)

CARO HARIBHAI,

Fico feliz em saber que sua perna está bem e que você está fazendo um trabalho esplêndido. Meu corpo está indo bem. O problema é que fico doente quando tomo muitos cuidados. Estou cozinhando, comendo o que aparece, trabalhando dia e noite, estou bem e dormindo profundamente!

Estou indo para Nova York dentro de um mês. A revista da Sarada saiu de circulação? Eu não estou entendendo mais. Despertado também foi dormir, eu acho. Eles não estão mais enviando para mim. Deixe isso para lá. Há um surto de peste no nosso país; quem sabe quem está vivo e quem está morto! Bem, uma carta de Achu chegou hoje. Ele havia se escondido na cidade de Ramgarh, no estado de Sikar. Alguém lhe disse que Vivekananda estava morto; então ele escreveu para mim! Estou enviando uma resposta para ele.

Tudo bem aqui. Espero que isso encontre você e todos os outros bem.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.169 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

RUA TURK 1719,

SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA.

Abril de 1900.

MEU QUERIDO JOE,

Apenas uma linha antes de partir para França. Você está passando pela Inglaterra? Recebi uma linda carta da Sra. Sevier na qual descubro que a Srta. Müller enviou simplesmente um papel, sem quaisquer outras palavras, para Kali, que estava com ela em Darjeeling.

Congreave é o nome do sobrinho dela, e ele está na guerra do Transvaal; foi por isso que ela sublinhou isso, para mostrar o seu sobrinho lutando contra os bôeres no Transvaal. Isso foi tudo. Não consigo entender isso mais agora do que naquela época, é claro.

Estou fisicamente pior do que em Los Angeles, mentalmente muito melhor, mais forte e em paz. Espero que continue assim.

Não recebi resposta à minha carta para você; Espero isso em breve.

Uma carta indiana minha foi dirigida por engano à Sra. Wheeler; no final, tudo deu certo para mim. Recebi lindas notas de Saradananda; eles estão indo lindamente por lá. Os meninos estão trabalhando; bem, a bronca tem os dois lados, sabe; isso os inventa e faz. Nós, índios, somos tão dependentes há tanto tempo que é preciso, sinto muito, muita língua para torná-los ativos. Um dos sujeitos mais preguiçosos assumiu o comando do aniversário deste ano e conseguiu. Eles planejaram e estão trabalhando com sucesso no combate à fome por conta própria, sem a minha ajuda. . . . Tudo isso vem da terrível bronca que tenho dado, claro!

Eles estão de pé sobre seus próprios pés. Eu estou tão feliz. Veja Joe, a mãe está trabalhando.

Enviei a carta da Srta. Thursby para a Sra. Hearst. Ela me enviou um convite para seu musical. Eu não poderei ir. Eu tive um forte resfriado. Então isso foi tudo. Outra senhora para quem recebi uma carta da senhorita Thursby, uma senhora de Oakland, não respondeu. Não sei se ganharei o suficiente em Frisco para pagar minha passagem para Chicago! O trabalho de Oakland foi bem-sucedido. Espero conseguir cerca de US\$ 100 de Oakland, só isso. Afinal, estou contente. É melhor que eu tentei. . . . Mesmo o curador magnético não tinha nada para mim. Bem, as coisas continuarão para mim de qualquer maneira; Eu não me importo como. . . . Estou muito tranquilo. Soube por Los Angeles que a Sra. Leggett voltou a ser má. Telegrafei para Nova York para saber que verdade havia nisso. Receberei uma resposta em breve, espero.

Diga, como você vai cuidar da minha correspondência quando os Leggetts estiverem do outro lado? Você pode providenciar para que eles me alcancem corretamente?

Eu não tenho mais nada a dizer; todo amor e gratidão são seus; você já sabe disso. Você já fez mais do que eu merecia. Não sei se irei para Paris ou não, mas devo ir para a Inglaterra com certeza em maio. Não devo voltar para

casa sem experimentar a Inglaterra por mais algumas semanas. Com todo amor,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS. A Sra. Hansborough e a Sra. Appenul alugaram um apartamento por um mês no número 1719 da Turk Street. Estou com eles e demorarei algumas semanas.

V.

8.6.170 Sra. TORRO VELHO

RUA TURK 1719,

SÃO FRANCISCO,

1º de abril de 1900.

CARO DHIRA MATHA,

Sua amável nota chegou esta manhã. Estou muito feliz em saber que todos os amigos de Nova York estão sendo curados pela Sra. Milton. Parece que ela não teve muito sucesso em Los Angeles, como me disseram todas as pessoas que apresentamos. Alguns estão em pior estado do que antes do aparamento da pele. Por favor, dê lembranças à Sra. Milton; suas fricções costumavam me fazer bem naquela época, pelo menos. Pobre Dr. Nós o enviamos rapidamente para Los Angeles para curar sua esposa. Você deveria tê-lo visto outra manhã e ouvido também! A Sra. Hiller, ao que parece, é muitas vezes pior, apesar de todas as esfregações dadas; e ela tem apenas alguns ossos; e, sobretudo, o médico teve que gastar 500 dólares em Los Angeles. Isso faz com que ele se sinta muito mal. É claro que eu não escreveria isso para Joe; ela está feliz em seus sonhos de ter feito tanto bem aos pobres sofredores. Mas, ah, se ela pudesse ouvir o pessoal de Los Angeles e esse velho Dr. Hiller, ela mudaria de ideia imediatamente e aprenderia a sabedoria de um velho ditado que diz que não se recomenda

remédios a ninguém. Estou tão feliz por não ter escrito sobre a entusiasmo do velho Dr. Hiller em ir para Los Angeles quando ouviu falar dessa cura por Joe. Ela deveria ter visto o velho dançar pelo meu quarto, com maior entusiasmo! 500 dólares eram demais para o velho; ele é alemão; ele dança, bate nos bolsos e diz: "Você não pode ficar com os quinhentos, a não ser por essa cura boba!"

Depois, há pessoas pobres que às vezes pagavam três dólares por massagem e agora elogiavam Joe e a mim. Não conte isso para Joe. Você e ela podem se dar ao luxo de perder dinheiro com qualquer pessoa. O mesmo aconteceu com o velho médico alemão, mas o pobre rapaz acha isso um pouco difícil. O velho médico agora está convencido de que alguns demônios estão bagunçando seus negócios ultimamente. Ele contava tanto para me ter como hóspede, e sua esposa se acertou, mas ele teve que fugir para Los Angeles e isso atrapalhou todo o plano; e agora, embora ele faça o possível para que eu seja seu convidado, fico tímido, não com ele, mas com sua esposa e cunhada. Ele tem certeza: "Demônios devem estar envolvidos"; ele foi um estudante teosófico. Eu lhe disse para escrever para a senhorita MacLeod para procurar um condutor do diabo em algum lugar para que ele pudesse fugir com sua esposa e gastar mais quinhentos! Fazer o bem nem sempre é fácil!

Quanto a mim, eu me divirto com isso - contanto que Joe pague - quebra-ossos, ou parador de pele, ou qualquer sistema que seja. Mas isso não foi justo da parte de Joe - depois de ter trazido toda aquela gente para ser esfregado, fugir e me deixar receber todos os elogios! Fico feliz que ela não esteja apresentando nenhum estranho para ser esfolado. Caso contrário, Joe teria ido para Paris, deixando o pobre Sr. Leggett para receber os elogios. Enviei um curandeiro da Ciência Cristã ao Dr. Hiller para compensar o delito de Joe, mas a esposa dele bateu a porta na cara dela e não quis ter nada a ver com a cura estranha.

De qualquer forma, espero e rezo sinceramente que a Sra. Leggett fique bem desta vez. Eles analisaram a picada?

Espero que o testamento chegue logo; Estou um pouco ansioso com isso. Eu esperava receber um rascunho do contrato fiduciário também por este

correio da Índia; nenhuma carta chegou, nem mesmo a Índia Desperta, embora eu descubra que a Índia Desperta chegou a São Francisco.

Li nos jornais outro dia sobre 500 mortes em uma semana de peste em Calcutá! Mãe sabe o que é bom.

Então o Sr. Leggett criou a V. Society. Bom.

Como está Olea? Onde se encontra Margot? Escrevi uma carta para ela outro dia para 21 W. 34, NY. Estou muito feliz por ela estar progredindo. Com todo amor,

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

PS. Estou conseguindo todo o trabalho que posso fazer e muito mais. De qualquer forma, farei minha passagem. Embora eles não possam me pagar muito, ainda assim pagam alguma coisa, e com trabalho constante ganharei o suficiente para pagar minhas despesas e ter algumas centenas no bolso de qualquer maneira. Então você não precisa ficar nem um pouco preocupado comigo.

V.

8.6.171 IRMÃ NIVEDITA

EUA,

6 de abril de 1900.

QUERIDA MARGOT,

Que bom que você voltou. Que bom que você está indo para Paris. Irei a Paris, claro, só não sei quando. A Sra. Leggett acha que eu deveria estudar imediatamente francês. Bem, pegue o que vier. Então você também.

Termine seus livros e em Paris conquistaremos os Froggies. Como está Maria? Dê a ela meu amor. Meu trabalho aqui está feito. Irei para Chicago em quinze dias se Mary estiver lá. Ela irá embora para o Leste em breve. Com bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. A mente é onipresente e pode ser ouvida e sentida em qualquer lugar.

V.

8.6.172 UM AMIGO AMERICANO

SÃO FRANCISCO,

7 de abril de 1900.

. . . Estou mais calmo e quieto agora do que nunca. Estou com meus próprios pés, trabalhando duro e com prazer. Para trabalhar eu tenho o direito. A mãe sabe o resto.

Veja, terei que ficar aqui mais tempo do que pretendia e trabalhar. Mas não se perturbe. Vou resolver todos os meus problemas. Estou com meus próprios pés agora e começo a ver a luz. O sucesso teria me desviado e eu teria perdido de vista a verdade de que sou um Sannyasin. É por isso que a Mãe está me proporcionando esta experiência.

Meu barco está se aproximando do porto calmo de onde nunca mais será expulso. Glória, glória à Mãe! Não tenho desejo nem ambição agora. Bendita seja Mãe! Eu sou o servo de Ramakrishna. Sou apenas uma máquina. Não sei mais nada. Nem quero saber. Glória, glória a Shri Guru!

8.6.173 SRA. TORRO VELHO

RUA TURK 1719,

SÃO FRANCISCO,

8 de abril de 1900.

CARO DHIRA MATHA,

Aqui está uma longa carta de A__. Ele parece estar totalmente chateado. Tenho certeza de que um pouco de gentileza o conquistará completamente. Ele acha que você quer expulsá-lo de Nova York, etc. Ele aguarda minhas ordens. Eu disse a ele para confiar em você em tudo e permanecer em Nova York até eu chegar.

Acho que, do jeito que as coisas estão em Nova York, eles exigem minha presença. Você? Nesse caso, irei em breve.

Tenho ganhado dinheiro suficiente para pagar minha passagem. Vou parar no caminho em Chicago e Detroit.

É claro que a essa altura você já estará de folga. A__ fez um bom trabalho até agora; e, claro, você sabe que não me intrometo de forma alguma com meus trabalhadores.

O homem que sabe trabalhar tem individualidade própria e resiste a qualquer pressão. Essa é a minha razão para deixar os trabalhadores inteiramente livres. Claro que você está no local e sabe o que é melhor. Aconselhe-me o que fazer.

A remessa para Calcutá foi devidamente recebida. Recebi a notícia por este e-mail. Minha prima envia respeitos e agradecimentos, mas lamenta não poder escrever em inglês.

Estou melhorando a cada dia e até subindo ladeiras. Há quedas de vez em quando, mas a duração diminui constantemente. Meus agradecimentos à Sra. Milton.

Recebi um pequeno bilhete de Siri Gryanander. Pobre menina, ela está muito grata por ser confiável. Isso é exatamente como a Sra. Leggett - bom, bom, bom. Afinal, o dinheiro não é mau - em boas mãos. Espero fervorosamente que Siri se recupere completamente, pobre criança.

Sairei daqui em cerca de duas semanas. Vou para um lugar chamado Star Klon e depois parto para o Leste. Pode ser que eu vá para Denver também. Com todo amor para Joe,

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

PS. Não duvido mais da minha cura definitiva; você deveria me ver trabalhando como uma máquina a vapor, cozinhando, comendo tudo e qualquer coisa e, ao mesmo tempo, dormindo bem e me mantendo bem!

Não escrevi nada - não tive tempo. Estou tão feliz que a Sra. Leggett esteja muito melhor e andando naturalmente. Espero sua recuperação completa em breve e rezo por isso.

V.

PS. Recebi uma bela carta da Sra. Sevier; eles estão progredindo esplendidamente com o trabalho. A peste eclodiu severamente em Calcutá, mas desta vez não houve alvoroço.

V.

PS. Você revelou a A__ que eu lhe entreguei a responsabilidade de todo o trabalho? Bem, você sabe melhor como fazer as coisas; mas ele parece estar magoado com isso.

V.

8.6.174 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

RUA TURK 1719,
SÃO FRANCISCO,
10 de abril de 1900.

CARO JOE,

Há uma disputa em Nova York, pelo que vejo. Recebi uma carta de A__ informando que ele iria deixar Nova York. Ele pensou que a Sra. Bull e você escreveram muito contra ele para mim. Escrevi-lhe de volta para ser paciente e esperar, e que a Sra. Bull e a Srta. MacLeod escreveram apenas coisas boas sobre ele.

Bem, Joe Joe, você conhece meu método em todas essas linhas; para deixar todas as linhas em paz! A “mãe” cuida de todas essas coisas. Eu terminei o meu trabalho. Estou aposentado, Joe. "Mãe" funcionará agora sozinha. Isso é tudo.

Agora, como você disse, vou mandar todo o dinheiro que ganhei para cá. Eu poderia fazer isso hoje, mas estou esperando para fazer mil. Espero ganhar mil em Frisco até o final desta semana. Comprarei um saque em Nova York e enviarei ou perguntarei ao banco a melhor forma de fazê-lo.

Tenho muitas cartas do centro de matemática e do Himalaia. Esta manhã chegou um de Swarupananda. Ontem uma da Sra. Sevier.

Contei à Sra. Hansborough sobre as fotos.

Diga ao Sr. Leggett para fazer o que for melhor em relação ao assunto da Sociedade Vedanta. A única coisa que vejo é que em cada país temos que seguir o seu próprio método. Como tal, se eu fosse você, convocaria uma reunião de todos os membros e simpatizantes e perguntaria-lhes o que querem fazer. Se eles querem se organizar ou não, que tipo de organização eles querem, se houver, etc. Mas, Senhor, faça isso por conta própria. Estou desistindo. Somente se você achar que minha presença seria de alguma ajuda, poderei ir em quinze dias.

Terminei meu trabalho aqui; só que, fora de São Francisco, Stockton é uma pequena cidade onde quero trabalhar alguns dias; então eu vou para o leste. Acho que deveria descansar agora, embora eu possa ter uma média de US\$ 100 por semana nesta cidade, o tempo todo. Desta vez quero deixar sobre Nova York o comando da Brigada Ligeira.

Com todo amor,

Sempre seu carinhosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Se todos os trabalhadores são avessos à organização, acha que há algum benefício nisso? Você sabe melhor. Faça o que achar melhor. Recebi uma carta de Margot de Chicago. Ela faz algumas perguntas; Eu vou responder.

V.

8.6.175 UM AMIGO AMERICANO

ALAMEDA, CALIFÓRNIA,

12 de abril de 1900.

A mãe está se tornando propícia mais uma vez. Coisas estão melhorando. Eles devem.

O trabalho sempre traz consigo o mal. Paguei o mal acumulado com problemas de saúde. Estou feliz. Minha mente está melhor com isso. Há uma suavidade e uma calma na vida agora, que nunca existiram antes. Estou aprendendo agora como ser desapegado e apegado, e me tornar mentalmente meu próprio mestre. . . .

A Mãe está fazendo o Seu próprio trabalho; Eu não me preocupo muito agora. Mariposas como eu morrem aos milhares a cada instante. Seu trabalho continua do mesmo jeito. Glória à Mãe! . . . Sozinho e à deriva na corrente de vontade da Mãe tem sido toda a minha vida. No momento em que tentei quebrar isso, naquele momento fui ferido. Ela será feita! . . .

Estou feliz, em paz comigo mesmo e mais sannyasin do que nunca. O amor pelos meus amigos e parentes está diminuindo a cada dia, e o amor pela Mãe aumentando. Memórias de longas noites de vigília com Shri Ramakrishna sob o Dakshineswar Banyan estão despertando mais uma vez.

E trabalhar? O que é trabalho? Trabalho de quem? Para quem devo trabalhar?

Eu estou livre. Eu sou filho da mãe. Ela trabalha, ela brinca. Por que devo planejar? O que devo planejar? As coisas iam e vinham, como Ela queria, sem meu planejamento. Nós somos seus autômatos. Ela é a puxadora de arame.

8.6.176 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

ALAMEDA, CALIFÓRNIA,

20 de abril de 1900.

MEU QUERIDO JOE,

Recebi sua nota hoje. Escrevi uma para você ontem, mas a enviei para a Inglaterra pensando que você estaria lá.

Dei a sua mensagem à Sra. Betts. Lamento muito que essa pequena briga tenha ocorrido com A__. Recebi também a carta que você enviou. Ele está correto ao dizer: "Swami me escreveu: 'O Sr. Leggett não está interessado em Vedanta e não ajudará mais. Você se sustenta por conta própria.'" Foi como você e a Sra. Leggett desejaram que eu escrevesse. ele de Los Angeles sobre Nova York - em resposta à sua pergunta sobre o que fazer para obter fundos.

Bem, as coisas tomarão seu próprio rumo, mas parece que na mente da Sra. Bull e na sua há alguma ideia de que devo fazer alguma coisa. Mas, em primeiro lugar, não sei nada sobre as dificuldades. Nenhum de vocês me escreve nada sobre a finalidade disso, e não sou um leitor de pensamentos. Você simplesmente me escreveu uma ideia geral de que A__ queria manter as coisas em suas mãos. O que posso entender disso? Quais são as dificuldades? Quanto ao motivo das diferenças, estou tão no escuro quanto sobre a data exata do Dia da Destruição! E, no entanto, as cartas da Sra. Bull e as suas mostram bastante aborrecimento! Essas coisas às vezes ficam complicadas, apesar de nós mesmos. Deixe-os tomar a sua forma.

Assinei e enviei o testamento ao Sr. Leggett conforme desejado pela Sra. Bull.

Continuo, às vezes bem e outras vezes doente. Não posso dizer, em minha consciência, que fui o menos beneficiado pela Sra. Milton. Ela tem sido boa comigo, estou muito grato. Meu amor por ela. Espero que ela beneficie outras pessoas.

Por escrever esse fato à Sra. Bull, recebi um sermão de quatro páginas sobre como devo ser grato e agradecido, etc., etc. Tudo isso é, com certeza, o resultado desse negócio de A__! Sturdy e a Sra. Johnson foram perturbados por Margot e atacaram-me. Agora A__ perturba a Sra. Bull e, claro, tenho que suportar o peso disso. Como a vida!

Você e a Sra. Leggett queriam que eu escrevesse para ele ser livre e independente e que o Sr. Leggett não iria ajudá-los. Eu escrevi - agora o que posso fazer? Se John ou Jack não obedecerem, serei enforcado por isso? O que eu sei sobre esta Sociedade Vedanta? Eu comecei? Eu tive alguma participação nisso? Então, novamente, ninguém se digna a me escrever nada sobre o que é o caso! Bem, este mundo é muito divertido.

Estou feliz que a Sra. Leggett esteja se recuperando rapidamente. Rezo a cada momento pela sua recuperação completa. Partirei para Chicago na segunda-feira. Uma gentil senhora me deu um passe para Nova York para ser usado dentro de três meses. A Mãe cuidará de mim. Ela não vai me abandonar agora, depois de me proteger por toda a minha vida.

Sempre seu com gratidão,

VIVEKANANDA.

8.6.177 SENHORITA MARIA HALE

23 de abril de 1900.

MINHA QUERIDA MARIA,

Eu deveria ter começado hoje, mas as circunstâncias aconteceram e não posso renunciar à tentação de estar num acampamento sob as enormes sequoias da Califórnia antes de partir. Por isso adiei por três ou quatro dias. Novamente, depois do trabalho incessante, preciso respirar o ar livre de Deus antes de iniciar esta jornada de quatro dias de quebrar ossos.

Margot insiste em sua carta que devo cumprir minha promessa de visitar tia Mary dentro de quinze dias. Será mantido – apenas em vinte dias, em vez de quinze. Com isso evito a forte tempestade de neve que Chicago teve ultimamente e também ganho um pouco de força.

Parece que Margot é uma grande partidária da tia Mary, e outras pessoas além de mim têm sobrinhas, primos e tias.

Parto amanhã para a floresta. Uau! encher meus pulmões de ozônio antes de entrar em Chicago. Enquanto isso, guarde minha correspondência para mim quando se trata de Chicago e não a envie para cá como uma boa menina como você é.

Eu terminei o trabalho. Apenas alguns dias de descanso, insistem meus amigos — três ou quatro — antes de enfrentar a ferrovia.

Tenho passe livre por três meses daqui até Nova York; nenhuma despesa, exceto o vagão-leito; então, você vê, grátis, grátis!

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

8.6.178 SENHORITA MARIA HALE

30 de abril de 1900.

MINHA QUERIDA MARIA,

Uma indisposição repentina e febre ainda me impedem de partir para Chicago. Começarei assim que estiver forte para a jornada. Recebi uma

carta de Margot outro dia. Dê-lhe gentilmente meu amor e conheça você mesmo meu amor eterno. Onde se encontra Harriet? Ainda em Chicago? E as irmãs McKindley? A todo meu amor.

VIVEKANANDA.

8.6.179 IRMÃ NIVEDITA

2 de maio de 1900.

MINHA QUERIDA NIVEDITA,

Estive muito doente – mais uma recaída provocada por meses de trabalho árduo. Bem, isso me mostrou que não tenho nenhuma doença renal ou cardíaca, apenas nervosismo sobrecarregado. Estou, portanto, hoje no campo por alguns dias até me recuperar completamente, o que tenho certeza que acontecerá dentro de alguns dias.

Enquanto isso, não quero ler nenhuma carta da Índia com notícias sobre a peste, etc. Minha correspondência está chegando para Mary; ela ou você fica com eles (você, se ela for embora) até eu voltar.

Vou me livrar de todas as preocupações e dar glória à Mãe.

A Sra. C. P. Huntington, uma senhora muito, muito rica, que me ajudou, veio; quer ver e ajudar você. Ela estará em Nova York no dia primeiro de junho. Não vá embora sem vê-la. Se eu não puder chegar cedo o suficiente, enviarei uma apresentação para ela.

Dê meu amor a Maria. Estou saindo daqui em alguns dias.

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS. A carta anexa é para apresentá-lo à Sra. M. C. Adams, esposa do Juiz Adams. Vá vê-la imediatamente. Muita coisa boa pode resultar disso. Ela é

bem conhecida; descubra o endereço dela.

V.

8.6.180 IRMÃ NIVEDITA

SÃO FRANCISCO,

26 de maio de 1900.

CARA NIVEDITA,

Todas as bênçãos para você. Não desanime nem um pouco. Shri wah Guru! Shri wah Guru! Você vem do sangue de um Kshatriya. Nosso traje amarelo é o manto da morte no campo de batalha. A morte pela causa é o nosso objetivo, não o sucesso. Shri wah Guru! . . .

Negras e grossas são as dobras do destino sinistro. Mas eu sou o mestre. Eu levanto minha mão e eis que eles desaparecem! Tudo isso é um absurdo. E medo? Eu sou o Medo do medo, o Terror do terror, sou o destemido e inigualável, sou a Regra do destino, o Limpador dos fatos. Shri wah Guru! Calma, criança, não se deixe comprar por ouro ou qualquer outra coisa, e nós venceremos!

VIVEKANANDA.

8.6.181 SENHORITA MARIA HALE

RUA W. 21, 1921,

LOS ANGELES,

17 de junho de 1900.

MINHA QUERIDA MARIA,

É verdade que estou muito melhor, mas ainda não completamente recuperado; de qualquer forma, a aparência da mente pertence a todos os que sofrem. Não é gás nem qualquer outra coisa.

A adoração de Kali não é um passo necessário em nenhuma religião. Os Upanishads nos ensinam tudo o que há de religião. A adoração de Kali é minha moda especial; você nunca me ouviu pregar isso, ou leu sobre minha pregação na Índia. Eu só prego o que é bom para a humanidade universal. Se houver algum método curioso que se aplique inteiramente a mim, mantenho-o em segredo e aí termina. Não devo explicar-lhe o que é a adoração de Kali, pois nunca a ensinei a ninguém.

Você está totalmente enganado se pensa que os Boses são rejeitados pelo povo hindu. Os governantes ingleses querem encurralá-lo. É claro que eles não gostam desse tipo de desenvolvimento na raça indiana. Eles deixam tudo quente para ele, é por isso que ele procura ir para outro lugar.

Por "anglicizados" entende-se as pessoas que, pelas suas maneiras e conduta, mostram que têm vergonha de nós, pobres e velhos hindus. Não tenho vergonha da minha raça, do meu nascimento ou da minha nacionalidade. Que tais pessoas não sejam apreciadas pelos hindus, não posso admirar.

Cerimoniais e símbolos, etc. não têm lugar em nossa religião, que é a doutrina dos Upanishads, pura e simples. Muitas pessoas pensam que o cerimonial etc. as ajuda a realizar a religião. Eu não tenho objeção.

Religião é aquilo que não depende de livros, professores, profetas ou salvadores, e aquilo que não nos torna dependentes nesta ou em qualquer outra vida de outras pessoas. Neste sentido, o Advaitismo dos Upanishads é a única religião. Mas salvadores, livros, profetas, cerimoniais, etc. têm seus lugares. Eles podem ajudar muitos, assim como a adoração de Kali me ajuda em meu trabalho secular. Eles são bem vindos.

O Guru, entretanto, é uma ideia diferente. É a relação entre o transmissor e o receptor da força – poder psíquico e conhecimento. Cada nação é um tipo, física e mentalmente. Cada um recebe constantemente ideias de outros apenas para elaborá-las de acordo com o seu tipo, isto é, ao longo da linha

nacional. Não chegou a hora da destruição dos tipos. Toda educação, de qualquer fonte, é compatível com os ideais de cada país; apenas devem ser nacionalizados, ou seja, alinhar-se com o resto do tipo de manifestação.

A renúncia é sempre o ideal de toda raça; apenas outras raças não sabem o que são obrigadas a fazer inconscientemente pela natureza. Através dos tempos, um propósito é certo. E isso terminará com a destruição desta terra e do sol! E os mundos estão sempre em progresso, de fato! E ninguém ainda se desenvolveu o suficiente em qualquer um dos mundos infinitos para se comunicar conosco! Bobagem! Eles nascem, apresentam os mesmos fenômenos e morrem da mesma morte! Aumentando o propósito! Bebês! Vivam na terra dos sonhos, seus bebês!

Bem, agora sobre mim. Você deve convencer Harriet a me dar alguns dólares todos os meses, e pedirei a outros amigos que façam o mesmo. Se eu tiver sucesso, voo para a Índia. Estou cansado de trabalhar na plataforma para ganhar a vida. Isso não me agrada mais. Eu me aposento e escrevo um pouco se puder fazer algum trabalho acadêmico.

Em breve irei para Chicago, espero estar lá em alguns dias. Diga, a Sra. Adams não conseguiria arranjar uma aula para eu pagar minha passagem?

Claro que vou tentar lugares diferentes. Cheguei a mim com tanto otimismo, Mary, que eu deveria voar para o Himalaia se tivesse asas.

Trabalhei por este mundo, Maria, toda a minha vida, e ele não me dá um pedaço de pão sem levar meio quilo de carne.

Se consigo um pedaço de pão por dia, me aposento totalmente; mas isso é impossível – este é o propósito crescente que está revelando toda a interioridade diabólica, à medida que envelheço!

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS. Se alguma vez um homem encontrou a vaidade das coisas, eu a tenho agora. Este é o mundo, cadáver horrível e bestial. Quem pensa em ajudar é

tolo! Mas temos que resolver a nossa escravidão fazendo o bem ou o mal; Eu resolvi isso, espero. Que o Senhor me leve para a outra margem! Amém! Abandonei todos os pensamentos sobre a Índia ou qualquer outra terra. Agora sou egoísta, quero me salvar!

"Aquele que revelou a Brahmâ (o primeiro dos deuses) os Vedas, que se manifestam em cada coração, a Ele eu me refugio, esperando a libertação da escravidão."

V.

8.6.182 SENHORITA MARIA HALE

SOCIEDADE VEDANTA,

146 E. RUA 55,

NOVA IORQUE,

23 de junho de 1900.

MINHA QUERIDA MARIA,

Muito, muito obrigado pela sua linda carta. Estou muito bem e feliz e como sempre. As ondas devem vir antes da ascensão. Então comigo. Estou muito feliz que você vai orar. Por que você não organiza uma reunião campal metodista? Isso terá um efeito mais rápido, tenho certeza.

Estou determinado a me livrar de todo sentimentalismo e emocionalismo, e me enforcar se algum dia você me achar emocionado. Eu sou o Advaitista; nosso objetivo é o conhecimento – sem sentimentos, sem amor, pois tudo o que pertence à matéria, à superstição e à escravidão. Eu sou apenas existência e conhecimento.

Greenacre lhe dará um bom descanso. Estou certo. Desejo a todos alegria lá. Não se preocupe nem por um momento por minha causa. "Mãe" cuida de mim. Ela está me tirando rapidamente do inferno do emocionalismo e me trazendo para a luz da razão pura. Com desejos eternos de sua felicidade,

Sempre seu irmão,

VIVEKANANDA.

PS. Margot começa no dia 26. Posso seguir em uma ou duas semanas. Ninguém tem poder sobre mim, pois eu sou o espírito. Não tenho ambição; é tudo trabalho da Mãe; Eu não tenho participação.

V.

Não consegui digerir sua carta porque a dispepsia foi bastante intensa nos últimos dias.

V.

O desapego sempre existiu. Chegou em um minuto. Muito em breve estarei onde nenhum sentimento, nenhum sentimento, pode me tocar.

V.

8.6.183 SENHORITA MARIA HALE

RUA E. 58, 102,
NOVA IORQUE,
11 de julho de 1900.

MINHA QUERIDA IRMÃ DEVOTADA,

Fiquei feliz em receber seu bilhete e também em saber que você estava indo para Greenacre. Espero que você tenha muito lucro. Fui muito censurado por todos por cortar meu cabelo comprido. Sinto muito. Você me forçou a fazer isso.

Eu estive em Detroit e voltei ontem. Tentando o mais rápido possível ir para a França, de lá para a Índia. Muito poucas novidades aqui; a obra está encerrada. Estou fazendo refeições regularmente e dormindo – isso é tudo.

Sempre fiel e amoroso irmão,

VIVEKANANDA.

PS. Escreva para as meninas para enviarem meus e-mails, se houver, para Chicago.

V.

8.6.184 SWAMI TURYANANDA

RUA E. 58, 102,
NOVA IORQUE,
18 de julho de 1900.

MEU QUERIDO TURYANANDA,

Sua carta chegou até mim redirecionada. Fiquei em Detroit apenas três dias. Está terrivelmente quente aqui em Nova York. Não houve correspondência indiana para você na semana passada. Ainda não tive notícias da Irmã Nivedita.

As coisas estão acontecendo da mesma maneira conosco. Nada de especial. A senhorita Müller não pode vir em agosto. Não vou esperar por ela. Eu pego o próximo trem. Espere até chegar. Com amor à Srta. Boocke,

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS. Kali partiu há cerca de uma semana para as montanhas. Ele não pode voltar antes de setembro. Estou sozinho e me lavando; Eu gosto disso. Você tem visto meus amigos? Dê a eles meu amor.

V.

8.6.185 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

RUA E. 58, 102,
NOVA IORQUE,
20 de julho de 1900.

CARO JOE,

Possivelmente, antes que isto chegue até você, estarei na Europa, em Londres ou em Paris, quando surgir a oportunidade do navio.

Eu resolvi meus negócios aqui. As obras foram sugeridas pelo Sr. Whitmarsh nas mãos da Srta. Waldo.

Tenho que conseguir a passagem e navegar. A mãe sabe o resto.

Minha amiga íntima ainda não se materializou e escreve que virá em algum momento de agosto, e está morrendo de vontade de ver um hindu, e sua alma está ardendo pela Mãe Índia.

Escrevi-lhe que posso vê-la em Londres. A mãe sabe de novo. A Sra. Huntington manda lembranças para Margot e espera receber notícias dela se ela não estiver muito ocupada com suas exposições científicas.

Com todo amor à “vaca sagrada” da Índia, a você mesmo, aos Leggetts, à senhorita (qual é o nome dela?), a seringueira americana.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.186 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

RUA E. 58, 102,
NOVA IORQUE,

24 de julho de 1900.

CARO JOE,

O sol = Conhecimento. A água tempestuosa = Trabalho. O lótus = Amor. A serpente = Yoga. O cisne = o Eu. O Lema = Que o Cisne (o Eu Supremo) nos envie isso. É o lago mental. (Isto explica o desenho do selo Ramakrishna Math and Mission, impresso na página de título deste volume – Ed.) Você gostou dele? Que o Cisne preencha você com tudo isso de qualquer maneira.

Devo partir na próxima quinta-feira, no vapor francês La Champagne. Os livros estão nas mãos de Waldo e Whitmarsh. Eles estão quase prontos.

Estou bem, melhorando – e tudo bem até ver você na próxima semana.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.187 SWAMI TURYANANDA

(Traduzido do bengali)

RUA E. 58, 102,

NOVA IORQUE,

25 de julho de 1900.

CARO TURYANANDA,

Recebi uma carta da Sra. Hansborough contando sobre sua visita a ela. Eles gostam imensamente de você e tenho certeza de que você encontrou neles amigos genuínos, puros e absolutamente altruístas.

Partirei para Paris amanhã. Todas as coisas ficam assim. Kali não está aqui. Ele está bastante preocupado com a minha partida, mas tem que ser.

Envie sua próxima carta para mim, aos cuidados do Sr. Leggett, 6 Place des États Unis, Paris, França.

Dê minhas lembranças à Sra. Wyckoff, Hansborough e Helen. Reanime um pouco os clubes e peça à Sra. Hansborough que recolha as quotas à medida que caem e as envie para a Índia. Sarada escreve que eles estão passando por momentos bastante difíceis. Meus melhores cumprimentos à Srta. Boocke.

Com todo amor,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

8.6.188 HARENDRA NATH

(Traduzido do bengali)

Para um Brahmacharin (Brahmachari Harendra Nath) do Advaita Ashrama,
Mayavati

NOVA IORQUE,

Agosto de 1900.

QUERIDO __,

Recebi uma carta sua há vários dias, mas não pude responder antes. O Sr. Sevier fala bem de você em sua carta. Estou muito satisfeito com isso.

Escreva-me detalhadamente quem está lá e o que cada um está fazendo. Por que você não escreve cartas para sua mãe? O que é isso? A devoção à mãe é a raiz de todo bem-estar. Como vão os estudos do seu irmão em Calcutá? Os nomes Sannyasin daqueles que estão ali escapam da minha memória – como abordar cada um deles? Dê meu amor a todos juntos. Recebi a notícia de que Khagen já se recuperou totalmente. Esta é uma boa notícia. Escreva-me se os Seviers estão cuidando de seu conforto e de outros detalhes. Fico

feliz em saber que a saúde de Dinu está bem. O menino Kali tem tendência a engordar; mas tudo isso certamente desaparecerá se você subir e descer constantemente as colinas de lá. Diga a Swarup que estou muito satisfeito com a condução do artigo. Ele está fazendo um trabalho esplêndido. Dê a todos os outros também meu amor e bênçãos. Diga a todos que minha saúde agora está boa. Daqui irei para a Inglaterra e de lá para a Índia muito em breve.

Com todas as bênçãos,

VIVEKANANDA.

8.6.189 SWAMI TURYANANDA

(Traduzido do bengali)

6 LUGAR DOS ESTADOS UNIDOS,

PARIS,

13 de agosto de 1900.

QUERIDO IRMÃO HARI,

Recebi sua carta da Califórnia. Assim, três pessoas estão em transe espiritual; bem, não é ruim. Mesmo disso, muitas coisas boas virão. Shri Ramakrishna sabe! Deixe as coisas acontecerem como quiserem. Seu trabalho Ele conhece, você e eu somos apenas servos e nada mais.

Estou enviando esta carta para São Francisco – aos cuidados da Sra. C. Panel. Agora há pouco recebi algumas notícias de Nova York. Eles estão bem. Kali está em turnê. Escreva detalhadamente sobre sua saúde e trabalho em São Francisco. E não fique indiferente à questão de enviar dinheiro para o Math. Veja que o dinheiro sai certamente todos os meses, de Los Angeles e São Francisco.

No geral estou indo bem. Em breve partirei para a Inglaterra. Recebo notícias de Sharat. Recentemente ele teve um ataque de disenteria. O resto

está tudo bem. Desta vez, poucos contraíram malária; nem é tão prevalente nas margens do Ganges. Este ano, devido à escassez de chuvas, há medo de fome também em Bengala.

Pela graça da Mãe, continue trabalhando, irmão. Mamãe sabe, e você sabe – mas estou indo! Agora vou descansar.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.190 SR. JOÃO FOX

BULEVARD HANS SWAN,
PARIS,
14 de agosto de 1900.

JOHN FOX, ESQ.,
Rua Dr. Wolf, 6,
Dorchester, Massachusetts, EUA, América.

Por favor, escreva para Mohin (Mahendranath Datta, irmão mais novo de Swamiji) que ele tem minhas bênçãos em tudo o que faz. E o que ele está fazendo agora é certamente muito melhor do que advogar, etc. Gosto de ousadia e aventura e minha raça precisa muito desse espírito. Somente como minha saúde está piorando e não espero viver muito, Mohin deve encontrar uma maneira de cuidar da mãe e da família. Posso falecer a qualquer momento. Estou muito orgulhoso dele agora.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

8.6.191 SWAMI TURYANANDA

(Traduzido do bengali)

6 LUGAR DOS ESTADOS UNIDOS,

PARIS,

Agosto de 1900.

QUERIDO IRMÃO HARI,

Agora estou na costa marítima da França. A sessão do Congresso de História das Religiões terminou. Não foi um grande problema; cerca de vinte estudiosos conversaram muito sobre a origem do Shâlagrâma e a origem de Jeová, e assuntos semelhantes. Eu também disse algo na ocasião.

Meu corpo e minha mente estão destruídos; Preciso muito descansar. Além disso, não existe uma única pessoa em quem eu possa confiar; por outro lado, enquanto eu viver, todos se tornarão muito egoístas, dependendo de mim para tudo. . . . Lidar com pessoas acarreta constante desconforto mental. . . . Eu me isolei por um testamento. Agora escrevo para dizer que ninguém terá o poder exclusivo. Tudo será feito de acordo com a opinião da maioria. . . . Se um contrato fiduciário em linhas semelhantes puder ser executado, então estou livre. . . .

O que vocês estão fazendo também é trabalho de Guru Maharaj. Continue fazendo isso. Agora fiz a minha parte. Não me escreva mais sobre essas coisas; nem mencione o assunto. Não tenho opinião alguma a dar sobre esse assunto. . . .

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

PS. Transmita meu amor a todos.

8.6.192 SWAMI TURYANANDA

(Traduzido do bengali)

6 LUGAR DOS ESTADOS UNIDOS,
DA FOREST P.O., SANTA CLARA CO.,
PARIS, FRANÇA,

1º de setembro de 1900.

MEU QUERIDO HARI,

Aprendi tudo com sua carta. Anteriormente, tive um pressentimento de algum problema entre o Vedantista de pleno direito e o Lar da Verdade – alguém escreveu isso. Tais coisas ocorrem; a sabedoria consiste em continuar o trabalho mantendo todos de bom humor com inteligência.

Já faz algum tempo que vivo incógnito. Ficarei com os franceses para aprender a língua deles. Estou um pouco livre de preocupações; isto é, assinei o contrato fiduciário e outras coisas e as enviei para Calcutá. Não reservei nenhum direito ou propriedade para mim. Você agora possui tudo e administrará todo o trabalho pela graça do Mestre.

Não tenho mais vontade de me matar fazendo turnê. No momento, sinto vontade de me estabelecer em algum lugar e passar meu tempo entre os livros. Dominei um pouco a língua francesa; mas se eu ficar entre os franceses por um ou dois meses, poderei manter uma boa conversa. Se alguém dominar suficientemente esta língua e o alemão, poderá praticamente familiarizar-se bem com a aprendizagem europeia. O povo da França são meros intelectualistas, correm atrás das coisas mundanas e acreditam firmemente que Deus e as almas são supersticiosos; eles são extremamente relutantes em falar sobre esses assuntos. Este é um país verdadeiramente materialista!

Deixe-me ver o que esse Senhor faz. Mas este país está à frente da cultura ocidental e Paris é a capital dessa cultura.

Irmão, liberte-me de todo trabalho relacionado à pregação. Agora estou distante de tudo isso, você mesmo administra. Tenho a firme convicção de

que a Mãe realizará o trabalho através de todos vocês cem vezes mais do que através de mim.

Há muitos dias recebi uma carta de Kali. Ele já deve ter chegado a Nova York. Senhorita Waldo manda notícias de vez em quando.

Eu me mantenho às vezes bem e às vezes mal. Ultimamente estou recebendo novamente aquela massagem da Sra. Milton, que diz: "Você já se recuperou!" Isto é o que vejo: seja qual for a flatulência, não sinto dificuldade em me mover, andar ou mesmo escalar. De manhã faço exercícios vigorosos e depois mergulho em água fria.

Ontem fui conhecer a casa do senhor com quem ficarei hospedado. Ele é um pobre estudioso, tem seu quarto cheio de livros e mora em um apartamento no quinto andar. E como não há elevadores neste país como na América, é preciso subir e descer. Mas isso não está mais tentando comigo.

Há um belo parque público ao redor da casa. O cavalheiro não fala inglês; essa é mais uma razão para minha ida. Terei que falar francês forçosamente. É tudo vontade da mãe. Ela sabe melhor o que quer que seja feito. Ela nunca fala abertamente, "só fica calada". Mas até agora noto que há cerca de um mês tenho praticado intensa meditação e repetição do nome do Senhor.

Por favor, transmita meu amor à Srta. Boocke, Srta. Bell, Sra. Aspinel, Srta. Beckham, Sr. George, Dr. Logan e outros amigos e aceite-o você mesmo. Meu amor a todos em Los Angeles também.

Seu,

VIVEKANANDA.

193 SWAMI TURYANANDA

(Traduzido do bengali)

6 LUGAR DOS ESTADOS UNIDOS,

Setembro de 1900.

MEU QUERIDO TURYANANDA,

Agora mesmo recebi sua carta. Através da vontade da Mãe, todo o trabalho continuará; não tenha medo. Em breve partirei para algum outro lugar. Talvez eu esteja em turnê por Constantinopla e outros lugares por algum tempo. A mãe sabe o que virá a seguir. Recebi uma carta da Sra. Wilmot. A partir disso, também, parece que ela está muito entusiasmada. Sente-se firme e livre de preocupações. Tudo ficará bem. Se ouvir o Nada etc. faz mal a alguém, ele pode se livrar disso se desistir da meditação por um tempo e começar a comer peixe e carne. Se o corpo não ficar progressivamente fraco, não há motivo para alarme. A prática deve ser lenta.

Deixarei este lugar antes que sua resposta chegue. Portanto, não envie aqui a resposta a esta carta. Recebi todas as edições do jornal de Sarada e escrevi muito para ele há algumas semanas. Estou pensando em enviar mais mais tarde. Não há como saber onde será minha próxima parada. Até aqui posso dizer que estou tentando me livrar dos cuidados.

Também recebi uma carta de Kali hoje. Enviar-lhe-ei uma resposta amanhã. O corpo está de alguma forma rolando. O trabalho deixa-o doente e o descanso mantém-no bem – isso é tudo. A mãe sabe. Nivedita foi para Inglaterra. Ela e a Sra. Bull estão arrecadando fundos. Ela pretende administrar uma escola em Kishengarh com as meninas que teve lá. Deixe-a fazer o que puder. Não intervenho mais em nenhum assunto – isso é tudo.

Meu amor para você. Mas não tenho mais nada a aconselhar em relação ao trabalho.

Seu serviço,

VIVEKANANDA.

(Traduzido do original em francês)

6 PLACE DES ETATS UNIS, PARIS,

Outubro de 1900.

MINHA QUERIDA MADEMOISELLE,

Estou muito feliz e contente aqui. Estou me divertindo muito depois de muitos anos. Acho a vida aqui com o Sr. Bois muito satisfatória – os livros, a calma e a ausência de tudo o que costuma me incomodar.

Mas não sei que tipo de destino me espera agora.

Minha carta é engraçada, não é? Mas é minha primeira tentativa.

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

8.6.195 IRMÃ CHRISTINE

(Traduzido do original em francês)

6 LUGAR DOS ESTADOS UNIDOS,

PARIS,

14 de outubro de 1900.

Deus te abençoe a cada passo, minha querida Christine, tal é minha oração constante!

Sua carta, tão linda e tão calma, me deu aquela energia renovada que muitas vezes perco.

Estou feliz, sim, estou feliz, mas a nuvem não me abandonou totalmente. Às vezes volta, infelizmente, mas não tem mais a morbidade de antes.

Estou hospedado na casa de um famoso escritor francês, M. Jules Bois. Eu sou seu convidado. Como é um homem que ganha a vida com a caneta, não é rico; mas temos muitas ideias excelentes em comum e nos sentimos felizes juntos.

Ele me descobriu há alguns anos e já traduziu alguns dos meus panfletos para o francês. No final encontraremos o que procuramos, não é?

Assim, viajarei com Madame Calve, Miss MacLeod e M. Jules Bois. Serei convidado de Madame Calve, a famosa cantora. Iremos a Constantinopla, ao Oriente Próximo, à Grécia e ao Egito. No regresso, visitaremos Veneza.

Pode ser que eu dê algumas palestras em Paris depois de meu retorno, mas elas serão em inglês, com um intérprete. Não tenho mais tempo nem capacidade para estudar um novo idioma na minha idade. Eu sou um homem velho, não é?

A Sra. Funke está doente. Acho que ela trabalha demais. Ela já teve alguns problemas nervosos. Espero que ela fique bem em breve.

Estou enviando todo o dinheiro que ganhei na América para a Índia. Agora estou livre, o monge mendicante como antes. Também renunciei à Presidência do Mosteiro. Graças a Deus, estou livre! Não cabe mais a mim carregar tal responsabilidade. Estou tão nervoso e tão fraco.

"Assim como os pássaros que dormiram nos galhos de uma árvore acordam, cantando ao amanhecer, e voam para o céu azul profundo, assim é o fim da minha vida."

Tive muitas dificuldades e também alguns sucessos muito grandes. Mas todas as minhas dificuldades e sofrimentos não contam para nada, pois consegui. Eu alcancei meu objetivo. Encontrei a pérola pela qual mergulhei no oceano da vida. Fui recompensado. Estou satisfeito.

Assim, parece-me que se abre um novo capítulo da minha vida. Parece-me que a Mãe agora me conduzirá lenta e suavemente. Chega de esforço em estradas cheias de obstáculos, agora é a cama preparada com penugem de pássaros. Você entende isso? Acredite em mim, tenho certeza.

A experiência de toda a minha vida, até agora, me ensinou, graças a Deus, que sempre encontro com avidez o que procuro. Às vezes é depois de muito sofrimento, mas não importa! Tudo é esquecido na suavidade da recompensa. Você também está passando por problemas, meu amigo, mas receberá sua recompensa. Infelizmente! O que você encontra agora não é uma recompensa, mas uma aflição adicional.

Quanto a mim, vejo a nuvem se erguendo, desaparecendo, a nuvem do meu mau Karma. E o sol do meu bom Karma nasce – brilhante, lindo e poderoso. Este também será o seu caso, meu amigo. Meu conhecimento desta língua não tem o poder de expressar minha emoção. Mas qual linguagem pode realmente fazer isso?

Então eu deixo isso de lado, deixando para o seu coração revestir meu pensamento com uma linguagem suave, amorosa e brilhante. Boa noite, boa noite!

Seu amigo devotado,

VIVEKANANDA.

PS. Partiremos de Paris com destino a Viena no dia 29 de outubro. Leggett partirá para os Estados Unidos na próxima semana. Notificaremos os Correios para encaminhar nossas cartas para nossos destinos posteriores.

V.

8.6.196 SENHORITA JOSEPHINE MACLDEOD

PORTO TEWFICK

26 de novembro de 1900.

CARO JOE,

O navio estava atrasado; então estou esperando. Graças a Deus, entrou no Canal esta manhã em Port Said. Isso significa que chegará em algum momento da noite se tudo correr bem.

É claro que estes dois dias são como uma prisão solitária, e estou mantendo minha alma com paciência.

Mas eles dizem que a mudança é três vezes cara. O agente do Sr. Gaze me deu instruções erradas. Em primeiro lugar, não havia ninguém aqui para me dizer nada, muito menos para me receber. Em segundo lugar, não me disseram que teria de trocar o meu bilhete do Gaze por um de vapor no escritório do agente, e isso foi em Suez, não aqui. Por um lado, foi bom, portanto, que o navio estivesse atrasado; então fui ver o agente do vapor e ele me disse para trocar o passe do Gaze por uma passagem normal.

Espero embarcar no navio em algum momento esta noite. Estou bem e feliz e estou gostando imensamente da diversão. Como está a senhorita? Onde se encontra Bois? Dê minha eterna gratidão e bons votos à Sra. Parir. Ela é uma boa senhora.

Esperamos que você aproveite sua viagem.

Sempre carinhosamente seu,

VIVEKANANDA.

8.6.197 SRA. TORRO VELHO

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGAL, ÍNDIA,

15 de dezembro de 1900.

MINHA QUERIDA MÃE,

Há três dias cheguei aqui. Foi bastante inesperado – minha visita, e todos ficaram muito surpresos.

As coisas aqui correram melhor do que eu esperava durante a minha ausência, apenas o Sr. Sevier faleceu. Foi um golpe tremendo, claro, e não

sei o futuro do trabalho no Himalaia. Aguardo diariamente uma carta da Sra. Sevier, que ainda está lá.

Como vai você? Onde você está? Meus assuntos aqui serão resolvidos em breve, espero, e estou fazendo o possível para resolvê-los.

A remessa que você envia ao meu primo deverá doravante ser enviada diretamente para mim, sendo as contas sacadas em meu nome. Vou descontá-los e enviar-lhe o dinheiro. É melhor que o dinheiro vá para ela através de mim.

Saradananda e Brahmananda estão muito melhores e este ano há muito pouca malária aqui. Esta estreita faixa às margens do rio está sempre livre de malária. Somente quando conseguirmos um grande suprimento de água pura as condições serão aperfeiçoadas aqui.

VIVEKANANDA.

VOLUME 9

PREFÁCIO

Quarenta e cinco anos se passaram desde que o Oitavo Volume das Obras Completas de Swami Vivekananda apareceu pela primeira vez. Alguns dos discursos e escritos de Swami Vivekananda que vieram à luz após a publicação do Oitavo Volume em 1951 foram acomodados em alguns dos volumes anteriores. Mas mais material continuou a ser descoberto; a maior parte foi publicada nas obras monumentais de Marie Louise Burke e do Prof. Shankari Prasad Basu e no jornal mensal Prabuddha Bharata. O restante do material foi preservado em diversos arquivos na Índia e na América. A necessidade de reunir toda a novidade num volume separado já se faz sentir há muito tempo. É com a ideia de satisfazer esta necessidade que o Nono Volume das Obras Completas de Swami Vivekananda está sendo publicado agora.

Com relação às principais obras deste volume, deve-se notar que, sempre que possível, foram obtidos rascunhos originais ou xeroxados das obras manuscritas do Swami; caso contrário, os textos datilografados mais precisos disponíveis foram utilizados como fontes. No caso das reportagens de jornais – que são os únicos textos datilografados conhecidos de palestras e aulas específicas – foram reproduzidas as versões mais completas disponíveis. A fonte de cada obra deste volume foi citada, às vezes com abreviatura. As fontes diretas ou indiretas das cartas deste volume são fornecidas separadamente no Apêndice III. Um índice cronológico para todas as cartas das Obras Completas Vol I a Vol IX com informações relevantes sobre o destinatário é fornecido no Apêndice I. No Apêndice II foi adicionado um Índice por Destinatário para todas as cartas do Vol I a Vol IX.

Ao longo deste volume, salvo especificação em contrário, a ortografia e a pontuação em inglês foram feitas para estar em conformidade com o estilo dos volumes anteriores das Obras Completas. Para acomodar o leitor em geral, a grafia do sânscrito segue a versão original e simplificada de transliteração das Obras Completas. A única marca diacrítica desenhada é a vogal longa “a” (a), aparecendo apenas na primeira citação de cada obra. Por uma questão de clareza, certas definições de termos sânscritos incomuns foram colocadas entre colchetes ou notas de rodapé, assim como ideias e costumes hindus estranhos ao leitor ocidental. Novas palavras adicionadas por nós para esclarecimento são fornecidas entre colchetes [].

Estamos profundamente gratos aos conhecidos pesquisadores de Vivekananda, Marie Louise Burke e Prof. Sankari Prasad Basu, por nos permitirem incluir uma grande quantidade de materiais publicados em seus livros. Nossa dívida também se deve às autoridades do Belur Math, do Udbodhan, dos arquivos da Vedanta Society of Southern California, da Vivekananda Vedanta Society de Chicago, do Sri Sarada Math, de Dakshineswar, das Coleções Especiais da Biblioteca Morris, da Southern Illinois University em Carbondale, editora do Avadhuta Gita tr. Pandit Ramram Samjani e de Swami Vivekananda – Um capítulo esquecido de sua vida. Através de sua cortesia recebemos as cartas deste volume. Finalmente, gostaríamos de expressar nossa gratidão a Pravrajika Brahma-prana, sob a orientação de Swami Swahananda, e aos monges e

devotos da Vedanta Society of Southern California e de outros centros americanos de Vedanta, que nos prestaram imensa ajuda na coleta de material, edição, composição, revisão, indexação e, na verdade, em tudo em cada etapa do projeto ao longo dos últimos longos anos.

As Obras de Swami Vivekananda publicadas nos volumes anteriores têm sido uma fonte infalível de luz e força para a humanidade ao longo das décadas. Confiamos que os leitores acharão o presente volume igualmente esclarecedor.

31 de janeiro de 1997

EDITOR

AGRADECIMENTOS E ABREVIATURA

Basu, Sankari Prasad e Ghosh, Sunil Bihari, eds. Vivekananda em jornais indianos: 1893-1902. Calcutá: Dineschandra Basu, Basu Bhattacharya and Co., 1969. (Também como: Vivekananda em jornais indianos ou VIN.)

BURKE, Marie Louise. Swami Vivekananda no Ocidente: novas descobertas. 6 volumes. Calcutá: Advaita Ashrama, 1983-87. (Também como Novas Descobertas ou ND.)

Discípulos Orientais e Ocidentais. A Vida de Swami Vivekananda, 2 vols. Calcutá: Advaita Ashrama, 1979,. (Também como: A Vida de Swami Vivekananda.)

Nivedita, Irmã. As Obras Completas da Irmã Nivedita. Vol. I. Calcutá: Advaita Ashrama, 1982. (Também como: The Complete Works of Sister Nivedita, Vol. I ou CWSN, I.)

Nivedita, Irmã. Cartas da Irmã Nivedita. 2 volumes. Compilado e editado por Sankari Prasad Basu. Calcutá: Nababharat Publishers, 1982. (Também como: LSN.)

Nivedita, Irmã. Notas de algumas andanças com o Swami Vivekananda. Calcutá: Udbodhan Office, 1978, (também como: Notas de algumas andanças.)

Nivedita, Irmã. Notas não publicadas de algumas andanças com o Swami Vivekananda. Editado por Barendra Nath Neogy. Calcutá: Bangiya Sahitya Parisad. 1983. (Também como: Não publicado)

Vivekananda, Swami. As Obras Completas de Swami Vivekananda. 8 volumes. Calcutá: Advaita Ashrama, (Também como: Obras Completas.)

9.1 CARTAS – QUINTA SÉRIE

9.1.1 BALÂRAM BOSE

(Traduzido do bengali)

Glória a Ramakrishna

GHAZIPUR

6 de fevereiro de 1890

SENHOR RESPEITADO,

Conversei com Pavhari Baba. Ele é um santo maravilhoso – a personificação da humildade, da devoção e do Yoga. Embora seja um Vaishnava ortodoxo, ele não tem preconceito contra outras pessoas de crenças diferentes. Ele tem um amor tremendo por Mahaprabhu Chaitanya, e ele [Pavhari Baba] fala de Shri Ramakrishna como “uma encarnação de Deus”. Ele me ama muito e vou ficar aqui alguns dias a pedido dele.

Pavhari Baba pode viver em Samâdhi por dois a seis meses seguidos. Ele sabe ler bengali e mantém uma fotografia de Shri Ramakrishna em seu quarto. Ainda não o vi cara a cara, pois ele fala atrás de uma porta, mas

nunca ouvi uma voz tão doce. Tenho muitas coisas a dizer sobre ele, mas não apenas neste momento.

Por favor, tente conseguir uma cópia do Chaitanya-Bhâgavata para ele e envie-a imediatamente para o seguinte endereço: Gagan Chandra Roy, Departamento de Ópio, Ghazipur. Por favor, não esqueça.

Pavhari Baba é um Vaishnava ideal e um grande erudito; mas ele está relutante em revelar seu aprendizado. Seu irmão mais velho atua como seu acompanhante, mas nem mesmo ele tem permissão para entrar em seu quarto.

Por favor, envie-lhe também uma cópia do Chaitanya-Mangala, se ainda estiver impresso. E lembre-se de que se Pavhari Baba aceitar seus presentes, essa será sua grande fortuna. Normalmente, ele não aceita nada de ninguém. Ninguém sabe o que ele come ou mesmo o que faz.

Por favor, não deixe que se saiba que estou aqui e não me mande notícias de ninguém. Estou ocupado com um trabalho importante.

Seu servo,

NARENDRA

9.1.2 BALAM BOSE

(Traduzido do bengali)

Glória a Ramakrishna

GHAZIPUR

11 de fevereiro de 1890

SENHOR RESPEITADO

Recebi seu livro. Em Hrishikesh, Kali [Swami Abhedananda] teve uma recaída e está novamente sofrendo do que parece ser malária. Quando

chega, a febre não desaparece facilmente daqueles que nunca a tiveram antes. Eu também sofri da mesma forma quando tive o primeiro ataque de febre. Kali nunca teve febre antes. Não recebi nenhuma carta de Hrishikesh. Onde é . . . ?

Estou sofrendo terrivelmente com uma dor nas costas que começou em Allahabad. Já havia me recuperado há algum tempo, mas voltou. Então terei que ficar aqui mais algum tempo por causa das minhas costas e também porque Babaji [Pavhari Baba] solicitou isso.

O que você escreveu sobre pão cru é verdade. Mas um monge morre assim, não como se quebrasse uma xícara e um pires. Desta vez não vou ser dominado pela fraqueza de forma alguma. E se eu morrer, isso será bom para mim. É melhor partir deste mundo muito em breve.

Seu servo,

NARENDRA

9.1.3 BALÂRAM BOSE

(Traduzido do bengali)

Saudação a Bhagavan Shri Ramakrishna

GHAZIPUR

Fevereiro de 1890

SENHOR RESPEITADO,

Recebi uma carta anônima que não consegui rastrear até a alma gigantesca que a escreveu. Na verdade, deveríamos prestar homenagem a tal homem. Aquele que considera uma grande alma como Pavhari Baba nada mais do que água na pegada de um casco, aquele que não tem nada a aprender neste mundo e que sente uma vergonha ser ensinado por qualquer outro homem - verdadeiramente, uma encarnação tão nova deve ser visitado. Espero que se o governo descobrir a identidade desta pessoa, ela seja tratada com cuidado

especial e colocada no jardim [zoológico] de Alipore. Se acontecer de você conhecer este homem, por favor, peça-lhe que me abençoe, para que até mesmo um cachorro ou um chacal possa ser meu Guru – para não falar de uma grande alma como Pavhari Baba.

Tenho muitas coisas para aprender. Meu mestre dizia: “Enquanto eu viver, tanto tempo aprenderei”. Por favor, diga também a este sujeito que infelizmente não tenho tempo para “atravessar os sete mares e treze rios” ou ir ao Sri Lanka para dormir depois de ter colocado óleo nas narinas. [111]

Seu servo,

NARENDRA

P.S. Por favor, traga a água de rosas da residência de Ishan Babu [Ishan Chandra Mukherjee] se houver atraso [no envio para o Baranagore Math]. As rosas ainda não floresceram. A água de rosas acaba de ser enviada para a residência de Ishan Babu.

9.1.4 BALÂRAM BOSE

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR

12 de março de 1890

BALARAM BABU,

Assim que você receber o recibo da ferrovia, envie alguém ao armazém ferroviário em Fairlie Place (Calcutá) para pegar as rosas e enviá-las para Shashi. Certifique-se de que não haja demora em trazê-los ou enviá-los.

Baburam irá para Allahabad em breve. Eu estou indo para outro lugar.

NARENDRA

PS. Tenha certeza de que tudo ficará estragado se atrasar.

NARENDRA

9.1.5 FANTASMA DE TULSIRAM

(Traduzido do bengali)

GHAZIPUR

10 de maio de 1890

CARO TULSIRAM: [112]

Uma cesta de rosas será enviada a você em alguns dias em Chitpur. Por favor, envie-os imediatamente para Shashi [Swami Ramakrishnananda, no Baranagore Math]. Elas não seriam enviadas aos cuidados de Balaram Basu, pois haveria atrasos tão agradáveis e isso significaria a morte das flores. Acho que se fosse enviado para Chitpur, para o seu depósito, chegaria até você no mesmo lugar; se não, escreva com nitidez. Baburam [Swami Premananda] está aqui, subindo em um ou dois dias para Allahabad. Eu também vou sair deste lugar muito em breve. Eu talvez vá para Bareilly e para cima. O que Balaram Babu [Balaram Bose] está fazendo?

Meus Pranâms etc. para todos vocês.

Atenciosamente,

NARENDRA

9.1.6 SWAMI SARADANANDA

Saudação a Bhagavan Ramakrishna

CALCUTÁ

32 ASHADHA [15 DE JULHO DE 1890]

MEU QUERIDO SHARAT

Lamento saber que os hábitos de [Vaikunthanath] Sanyal ainda não são Pucca [firmes]; e quanto a Brahmacharya? Não entendo você. Se for assim, o melhor para vocês dois é vir morar aqui. A viúva de Mohindra Mukherjee está tentando de cabeça e coração erguer uma matemática para você, e Surendranath Mitra deixou outros mil para que muito provavelmente você consiga em breve um lindo lugar no rio. Quanto a todas as dificuldades lá em cima, reservo minhas próprias opiniões.

Não era minha intenção descer, apenas a morte de Balaram Bose me fez dar uma espiada aqui e voltar. Se as montanhas são tão ruins, há lugar mais que suficiente para mim; só eu saio de Bengala. Se um não servir, outro servirá. Então essa é a minha determinação. Todos aqui ficarão muito felizes com seu retorno e, pela sua carta, vejo que seria totalmente prejudicial para você se não descesse. Então desça na primeira oportunidade. Deixarei este lugar antes que esta carta chegue até você; só que não irei para Almora. Tenho meus próprios planos para o futuro e eles serão um segredo.

Quanto a Sanyal, não vejo como posso beneficiá-lo. Claro, você tem a liberdade de ter sua própria opinião sobre a Sanga [companhia sagrada] aqui. O fato de eu poder encontrar lugares em Sudrishya [com beleza cênica] e Subhiksha [onde há esmolas disponíveis] é o suficiente. Sanga não é muito, ou, creio eu, nem um pouco necessário para mim.

Seu, etc.,

NARENDRA.

9.1.7 SRA. CASA GW

MINNÉPOLIS

21 de novembro de 1893

QUERIDA MÃE,

Cheguei em Madison em segurança, fui para um hotel e enviei uma mensagem ao Sr. Updike. Ele veio me ver. Ele é Congregacional e por isso, é claro, não foi muito amigável no início; mas no decorrer de mais ou menos uma hora tornou-se muito gentil comigo e me levou para conhecer todo o lugar e a Universidade. Tive um ótimo público e US\$ 100. Imediatamente após a palestra, peguei o trem noturno para Minneapolis.

Tentei conseguir a passagem dos clérigos, mas eles não conseguiram me dar, não sendo a sede. A única coisa a ser feita é obter uma licença de cada sede de cada linha em Chicago. Talvez seja possível para o Sr. Hale conseguir as licenças para mim. Se for assim, espero que ele se dê ao trabalho de mandá-los para mim, para Minneapolis, se conseguirem me contatar até o dia 25, ou para Des Moines, se até o dia 29. Caso contrário, eu faria isso na próxima vez em Chicago. Peguei o dinheiro em saque no banco, o que me custou 40 centavos.

Que você seja abençoado para sempre, meu gentil amigo; você e toda a sua família causaram em mim uma impressão tão celestial que eu carregaria por toda a minha vida.

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA

9.1.8 SRA. CASA GW

MINNÉPOLIS

24 de novembro de 1893.

QUERIDA MÃE

Ainda estou em Minneapolis. Devo dar uma palestra esta tarde e depois de amanhã irei para Des Moines.

No dia em que cheguei aqui, eles nevaram pela primeira vez, e nevou dia e noite, e eu aproveitei muito o ártico. [113] Fui ver as cataratas congeladas

de Minnehaha. Eles são muito bonitos. A temperatura hoje está 21o abaixo de zero, mas eu estava andando de trenó e gostei muito. Não tenho o menor medo de perder as pontas das orelhas ou do nariz.

O cenário de neve aqui me agradou mais do que qualquer outra vista neste país.

Ontem vi pessoas patinando em um lago congelado.

Estou indo bem. Esperando que isso encontre você do mesmo jeito, eu continuo,

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.9 SRA. CASA GW

DETROIT,

14 de fevereiro de 1894.

QUERIDA MÃE,

Chegou com segurança anteontem à 1 hora da manhã. O trem estava sete horas atrasado, sendo bloqueado por nevascas no caminho. No entanto, gostei da novidade da visão: vários homens cortando e limpando a neve e duas máquinas puxando e puxando eram uma visão nova para mim.

Aqui conheci o Sr. Bagley, o mais jovem [Paul F. Bagley], esperando por mim na estação; e, sendo muito tarde da noite, a Sra. Bagley [114] havia se retirado, mas as filhas sentaram-se para mim.

Eles são muito ricos, gentis e hospitaleiros. A Sra. Bagley está especialmente interessada na Índia. As filhas são muito boas, educadas e bonitas. O mais velho ofereceu-me um almoço num clube onde conheci algumas das melhores damas e cavalheiros da cidade. Ontem à noite houve uma recepção aqui na casa. Hoje vou falar pela primeira vez. A Sra. Bagley

é uma senhora muito simpática e gentil. Espero que as palestras a agradem. Com meu amor e cumprimentos por todos vocês, eu permaneço,

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA.

PS — Recebi uma carta de Slayton [115] em resposta àquela em que lhe escrevi que não posso ficar. Ele me dá esperança. Qual é o seu conselho? Anexo a carta [de Narasimhacharya] em outro envelope. [116]

Seu,

V.

9.1.10 Sra. CASA GW

DETROIT,

20 de fevereiro de 1894.

QUERIDA MÃE

Minhas palestras aqui terminaram. Fiz alguns bons amigos aqui, entre eles o Sr. Palmer, [117] Presidente da falecida Feira Mundial. Estou completamente enojado com esse negócio de Slayton [118] e estou tentando ao máximo me libertar. Perdi pelo menos US\$ 5.000 ao me juntar a este homem. Espero que você esteja bem. A Sra. Bagley e suas filhas são muito gentis comigo. Espero fazer algumas palestras particulares aqui e depois ir para Ada e depois voltar para Chicago. Está nevando aqui esta manhã. Eles são pessoas muito legais aqui e os diferentes clubes demonstraram muito interesse em mim.

É um tanto cansativo essas recepções e jantares constantes; e seus jantares horríveis — cem jantares concentrados em um só — e quando estão em um clube masculino, ora, continuar fumando entre os pratos e depois começar de novo. Achei que só os chineses faziam um jantar de meio dia com intervalos para fumar!

No entanto, eles são homens muito cavalheirescos e, é estranho dizer, um clérigo episcopal [119] e um rabino judeu [120] têm grande interesse em mim e me elogiam. Agora, o homem que deu as palestras aqui ganhou pelo menos mil dólares. Assim, em todos os lugares. E este é o dever de Slayton fazer por mim. Em vez disso, ele, o mentiroso, sempre me disse que tem agentes em todos os lugares e que anunciaria e faria tudo isso por mim. E é isso que ele está fazendo. A vontade dele será feita. Eu estou indo para casa. Vendo o gosto que o povo americano tem por mim, eu poderia, a essa altura, ter recebido uma quantia bem grande. Mas Jimmy Mills [121] e Slayton foram enviados pelo Senhor para atrapalhar. Seus caminhos são inescrutáveis.

No entanto, isso é um segredo. O Presidente Palmer foi a Chicago para tentar me libertar desse Slayton mentiroso. Ore para que ele tenha sucesso. Vários juízes aqui viram meu contrato e dizem que é uma fraude vergonhosa e que pode ser quebrado a qualquer momento; mas sou um monge – sem autodefesa. Portanto, é melhor eu largar tudo e ir para a Índia.

Meu amor a Harriets, Mary, Isabelle, Mother Temple, Sr. Matthews, Padre Pope e todos vocês. [122]

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

9.1.11 Sra. CASA GW

DETROIT

22 de fevereiro de 1894

QUERIDA MÃE

Recebi os US\$ 200 para os compromissos, US\$ 175 e US\$ 117 para palestras particulares [123] e US\$ 100 como presente de uma senhora.

Esta quantia será enviada a você amanhã em cheques pela Sra. Bagley. Hoje, com os bancos fechados, não conseguimos.

Vou amanhã dar uma palestra em Ada, Ohio. Não sei se irei de Ada para Chicago ou não. No entanto, por favor, não deixe Slayton saber nada sobre o resto do dinheiro, pois vou me separar dele.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

9.1.12 SRA. CASA GW

DETROIT,
10 de março de 1894.

QUERIDA MÃE,

Cheguei em segurança a Detroit ontem à noite. [124] As duas filhas mais novas esperavam-me numa carruagem. Então estava tudo bem. Espero que a palestra seja um sucesso, pois uma das meninas disse que os ingressos estão vendendo como pão quente. Aqui encontrei uma carta do Sr. Palmer me esperando com um pedido para que eu fosse até sua casa e fosse seu convidado.

Não pude ir ontem à noite. Ele virá no decorrer do dia para me assumir. Enquanto estou indo para a casa do Sr. Palmer, não abri a sacola terrivelmente embalada. A própria ideia de reembalar me parece inútil. Então não pude fazer a barba esta manhã. No entanto, espero fazer a barba ao longo do dia. Estou pensando em ir para Boston e Nova York agora mesmo, como cidades de Michigan que posso visitar e dominar no verão; mas a moda de Nova York e Boston desaparecerá. Senhor mostrará o caminho.

A Sra. Bagley e toda a família estão muito felizes com meu retorno e as pessoas estão novamente vindo me ver.

O fotógrafo aqui me enviou algumas das fotos que ele fez. Eles são positivamente vilões – a Sra. Bagley não gosta nem um pouco deles. A verdade é que entre as duas fotos meu rosto ficou tão gordo e pesado – o que os pobres fotógrafos podem fazer?

Por favor, envie mais de quatro cópias de fotografias. Ainda não fiz nenhum acordo com Holden. [125] Tudo promete ser muito bom. "Ssenator Ppalmer" [126] é um cavalheiro muito gentil e muito gentil comigo. Ele tem um chef francês – Deus abençoe seu estômago! Estou tentando morrer de fome e o mundo inteiro está contra mim!! Ele costumava oferecer os melhores jantares de Washington! Sem esperança! Estou resignado!

Escreverei mais da casa do Sr. Palmer.

Se o Himalaia se tornar o tinteiro, a tinta do oceano, se o eterno Devadaroo celestial [127] se tornar a caneta, e se o próprio céu se tornar papel, ainda assim eu não seria capaz de escrever uma gota da dívida de gratidão que tenho para com você. e o seu. Por favor, transmita meu amor às quatro notas completas e às quatro mínimas da gama Hale. [128]

Que as bênçãos do Senhor estejam sobre você e os seus para todo o sempre.

Sempre seu com afeição grata,

VIVEKANANDA.

9.1.13 Sra. CASA GW

DETROIT

16 de março de 1894

QUERIDA MÃE,

Desde o último, não houve nada de interesse aqui. Exceto que o Sr. Palmer é um homem muito generoso, alegre, bom e muito rico. Ele tem sido uniformemente gentil comigo. Amanhã voltarei para a casa da Sra. Bagley porque temo que ela esteja bastante desconfortável com minha longa

estadia aqui. Sou suficientemente perspicaz para saber que em todos os países em geral, e na América em particular, “ela” é a verdadeira operadora na linha do nariz.

Vou dar uma palestra aqui na segunda-feira [129] e em dois lugares próximos à cidade na terça e na quarta. [130] Não me lembro da senhora a quem você me indicou, [131] e ela está em Lynn; o que é Lynn, onde está sua posição no globo - eu não sei. [132] Eu quero ir para Boston. Que bem me faria parar em Lynn? Por favor, me dê uma ideia mais específica. Nem consegui ler o nome da senhora em cuja casa você diz que a conheci. No entanto, não estou de forma alguma muito ansioso. Estou levando a vida com muita facilidade do meu jeito natural. Não tenho nenhum desejo específico de ir a lugar nenhum, seja Boston ou não. Estou apenas com um bom humor, aconteça o que acontecer. Algo deveria acontecer, bom ou ruim. Agora tenho o suficiente para pagar minha passagem e ainda por cima fazer alguns passeios turísticos. Quanto aos meus planos de trabalho, estou plenamente convencido de que, no ritmo em que avança, terei que voltar quatro ou cinco vezes para colocá-lo em qualquer forma.

Quanto a informar os outros e fazer o bem dessa forma, não consegui me convencer de que realmente tenho algo a transmitir ao mundo. Portanto, estou muito feliz agora e bastante à vontade. Com quase ninguém nesta vasta casa e com um charuto entre os lábios, estou sonhando e filosofando sobre a febre do trabalho que se apoderou de mim. É tudo um disparate. Eu não sou nada, o mundo não é nada, só o Senhor é o único trabalhador. Somos simplesmente ferramentas em Suas mãos, etc., etc., etc. Você tem as informações do Alasca? Em caso afirmativo, por favor, envie-o para mim, aos cuidados da Sra. Bagley.

Você vem para o Leste neste verão? Com eterna gratidão e amor,

Seu filho,

VIVEKANANDA.

9.1.14 Sra. CASA GW

DETROIT

Terça-feira, 27 de março de 1894

QUERIDA MÃE,

Com isso envio dois cheques de US\$ 114 e US\$ 75 para serem depositados nos bancos para mim. Eu os apoiei aos seus cuidados.

Estou indo para Boston em um ou dois dias. Tenho \$57 comigo. Eles percorrerão um longo caminho. Algo vai acontecer, como sempre acontece. Não sei para onde vou de Boston. Escrevi para a Sra. [Francis W.] Breed, mas ainda não tive notícias dela. [133] Sua vontade seja feita. Não eu, mas Tu - esse é sempre o lema da minha vida.

Com minha eterna gratidão, amor e admiração pela Mãe Igreja e por todos os dignitários,

Eu continuo sendo seu filho,

VIVEKANANDA.

9.1.15 Sra. CASA GW

C/O DR. GUERNSEI

QUINTA AVENIDA 528

NOVA IORQUE

2 de abril de 1894

QUERIDA MÃE,

Eu estou em Nova Iorque. O cavalheiro [Dr. Guernsey], de quem sou hóspede, é um homem muito simpático, culto e próspero. Ele tinha um filho único que perdeu em julho passado. Tem apenas uma filha agora. O casal de idosos recebeu um grande choque, mas eles são pessoas puras e amantes de Deus e suportam isso com coragem. A dona da casa é muito, muito gentil e

boa. Eles estão tentando me ajudar no que podem e farão um bom negócio, não tenho dúvidas.

Aguardando novos desenvolvimentos. Nesta quinta-feira [5 de abril] eles vão convidar algumas pessoas inteligentes do Union League Club e de outras localidades das quais o Doutor é membro, e ver o que acontece. Palestras em salão são um ótimo recurso nesta cidade, e cada uma dessas palestras pode gerar mais do que palestras em plataformas em outras cidades.

É uma cidade muito limpa. Nada daquela fumaça preta manchando todo mundo em cinco minutos; e a rua onde o Doutor mora é bonita e tranquila.

Espero que as irmãs estejam bem e gostando da música, tanto na ópera quanto no salão. Tenho certeza de que teria apreciado a música da ópera sobre a qual Miss Mary me escreveu. Tenho certeza de que os músicos de ópera não mostram a anatomia interna de suas gargantas e pulmões.

Por favor, transmita ao irmão Sam meu profundo amor. Tenho certeza de que ele está tomando cuidado com os vídeos. [135] Alguns dos Baby Bagleys estão indo para Chicago. Eles irão ver você e tenho certeza que você gostaria muito deles.

Nada mais para escrever. Com todo respeito, amor e obediência,

Seu filho,

VIVEKANANDA.

PS — Não preciso pedir endereços agora. A Sra. Sherman [136] me deu um livrinho com as marcas A., B., C., etc., e escreveu embaixo dele todos os endereços de que preciso; e espero escrever todos os discursos futuros da mesma maneira. Que exemplo de autoajuda eu sou!! [137]

V.

9.1.16 SRA. CASA GW

[C/O DR. EGBERT GUERNSEY

528 QUINTA AVENIDA]

NOVA IORQUE

10 de abril de 1894

QUERIDA MÃE,

Acabei de receber sua carta. Tenho a maior consideração pelos Salvacionistas; na verdade, eles e os cavalheiros da Missão Oxford são os únicos missionários cristãos pelos quais tenho alguma consideração. Eles vivem com o povo, como povo e para o povo da Índia. Senhor os abençoe. Mas eu lamentaria muito, muito mesmo, qualquer truque pregado por eles. Nunca ouvi falar de nenhum Senhor na Índia, muito menos no Ceilão. [138] O povo do Ceilão e do norte da Índia difere mais do que os americanos e os hindus. Nem há qualquer ligação entre o sacerdote budista e o hindu. Nossas roupas, maneiras, religião, comida e língua diferem inteiramente do sul da Índia, muito menos para falar do Ceilão. Você já sabe que eu não conseguia falar uma palavra na língua de Narasimha!! Embora isso fosse apenas Madras. Bem, você tem princesas hindus; por que não um Senhor, que não é um título superior.

Havia uma certa Sra. Smith em Chicago. [139] Eu a conheci na casa da Sra. Stockham. Ela me apresentou aos Guernseys. O Dr. Guernsey é um dos médicos-chefes desta cidade e é um bom e velho cavalheiro. Eles gostam muito de mim e são pessoas muito legais. Na próxima sexta-feira irei para Boston. Não tenho dado palestras em Nova York. Voltarei e darei algumas palestras aqui.

Nos últimos dias fui hóspede da Srta. Helen Gould — filha do rico Gould [140] — em sua palaciana residência de campo, a uma hora de viagem da cidade. Ela tem uma das mais belas e grandes estufas do mundo, cheia de todos os tipos de plantas e flores curiosas. Eles são presbiterianos e ela é uma senhora muito religiosa. Eu me diverti muito lá.

Encontrei meu amigo, o Sr. Flagg [141] várias vezes. Ele está voando alegremente. Há outra Sra. Smith aqui que é muito rica e piedosa. Ela me

convidou para jantar hoje.

Quanto às palestras, desisti de arrecadar dinheiro. Não posso mais me degenerar. Quando um determinado propósito estava em vista, eu poderia trabalhar; sem isso, não posso ganhar para mim mesmo. Tenho o suficiente para voltar. Não tentei ganhar um centavo aqui e recusei alguns presentes que amigos aqui queriam me dar. Especialmente Flagg – recusei o dinheiro dele. Em Detroit, tentei devolver o dinheiro aos doadores e disse-lhes que, como não havia quase nenhuma chance de sucesso em meu empreendimento, eu não tinha o direito de ficar com o dinheiro deles; mas eles recusaram e me disseram para jogar aquilo nas águas, se eu quisesse. Mas não posso aceitar com mais consciência. Estou muito bem, mãe. Em todos os lugares o Senhor me envia pessoas e lares gentis; então não adianta nada eu entrar no mundanismo bestial.

O povo de Nova Iorque, embora não tão intelectual como os bostonianos, é, penso eu, mais sincero. Os bostonianos sabem bem tirar vantagem de todos. E temo que nem a água possa escapar por entre os dedos fechados!!! Senhor os abençoe!!! Prometi ir e devo ir; mas, Senhor, faze-me conviver com os sinceros, os ignorantes e os pobres, e não passar pela sombra dos hipócritas e dos faladores que, como dizia meu Mestre, são como os abutres que voam alto e alto em suas conversas, mas o coração está realmente em um pedaço de carniça no chão.

Eu seria convidado da Sra. Breed por alguns dias e, depois de conhecer um pouco de Boston, voltaria para Nova York.

Espero que as irmãs estejam bem e gostando imensamente dos shows. Não há muita música nesta cidade. Isso é uma bênção (?) Fui ver o circo do Barnum outro dia. Sem dúvida é algo grandioso. Ainda não estive no centro da cidade. Esta rua é muito agradável e tranquila.

Outro dia ouvi uma linda peça musical no Barnum's - eles chamam de Serenada Espanhola. Seja o que for, gostei muito. Infelizmente, Miss Guernsey não é dada a muita batida, embora tenha uma boa variedade de todas as músicas barulhentas do mundo - e por isso ela não poderia tocá-las, o que lamento muito.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

PS – Muito provavelmente irei para Annisquam como convidado da Sra. Bagley. Ela tem uma bela casa lá neste verão. Antes disso, voltarei a Chicago mais uma vez, se puder.

V.

9.1.17 Sra. CASA GW

C/O SENHORITA FLORENCE GUERNSEY
QUINTA AVENIDA 528
NOVA IORQUE
4 de maio de 1894

QUERIDA MÃE

Com isto envio mais de US\$ 125 em cheque ao Banco da 5ª Avenida para ser depositado quando você quiser.

Vou para Boston no domingo, depois de amanhã, e escrevo para você de Boston. Com meu amor a toda família.

Eu permaneço seu verdadeiramente,
VIVEKANANDA

9.1.18 Sra. JOHN J. BEGLEY

HOTEL BELLEVUE
PLANO EUROPEU

BOSTON

8 de maio de 1894

QUERIDA MÃE,

Cheguei em Boston novamente. Na tarde passada [eu] falei no clube da Sra. Julia Ward Howe – é claro que de graça, mas isso me dá prestígio. Eu vi lá a Sra. [Ednah Dean] Cheney. Você não escreveria uma carta para ela por mim? Embora eu tenha dito a ela que recebi um cartão seu, acho que uma carta é melhor.

Sinceramente,

VIVEKANANDA

9.1.19 SRA. CASA GW

HOTEL BELLEVUE, PLANO EUROPEU

RUA BEACON, BOSTON

11 de maio de 1894

QUERIDA MÃE,

Estou desde o dia 7 dando palestras aqui todas as tardes ou noites. Na casa da Sra. Fairchild conheci a sobrinha da Sra. Howe. Ela esteve aqui hoje para me convidar para jantar com ela hoje. Ainda não vi o Sr. Volkinen. É claro que o pagamento pelas palestras é aqui o mais baixo, e todo mundo tem um machado para trabalhar. Recebi uma longa carta cheia de tagarelices dos bebês. [142] Sua cidade, ou seja, Nova York, paga muito melhor que Boston, então estou tentando voltar para lá. Mas aqui é possível conseguir trabalho quase todos os dias.

Acho que quero descansar um pouco. Sinto como se estivesse muito cansado, e essas viagens constantes de um lado para outro abalaram um pouco meus nervos, mas espero me recuperar em breve. Nos últimos dias

tenho sofrido com um resfriado e uma leve febre e por tudo isso estou dando palestras; espero me livrar dele em um ou dois dias.

Tenho um vestido muito bonito por 30 dólares. A cor não é exatamente a do antigo, mas sim cardeal, com mais amarelo – não conseguia a cor exata do antigo nem em Nova York.

Não tenho muito o que escrever, pois é a repetição da velha história: falar, falar, falar. Anseio voar para Chicago e calar a boca e dar um longo descanso à boca, aos pulmões e à mente. Se não for chamado em Nova York, irei em breve para Chicago.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

9.1.20 Sra. CASA GW

PLANO EUROPEU DO HOTEL BELLEVUE

RUA BEACON, BOSTON

14 de maio de 1894

QUERIDA MÃE,

Sua carta foi tão, tão agradável, em vez de longa; Eu gostei de tudo isso.

Recebi uma carta da Sra. Potter Palmer [143] pedindo-me para escrever para algumas de minhas compatriotas sobre sua sociedade, etc. Eu a verei pessoalmente quando vier para Chicago; enquanto isso escreverei para ela tudo o que sei. Talvez você tenha recebido US\$ 125 enviados de Nova York. Amanhã enviarei mais US\$ 100 daqui. Os bostonianos querem triturar seus próprios machados!!

Oh, eles são tão, tão secos – até as meninas falam de metafísica seca. Aqui é como o nosso Benares onde tudo é metafísica seca e seca!! Ninguém aqui entende “meu Amado”. A religião para essas pessoas é a razão, e é terrivelmente pedregosa. Não me importo com ninguém que não consiga

amar o meu “Amado”. Não conte isso à Srta. Howe – ela pode ficar ofendida.

O panfleto eu não enviei porque não gosto das citações dos jornais indianos – especialmente porque eles dão uma carga de carvão para alguém. Nosso povo não gosta tanto do Brâhmo Samâj que só quer uma oportunidade de mostrá-lo a eles. Eu não gosto disso. Qualquer quantidade de inimizade para com certas pessoas não pode apagar as boas obras de uma vida. E então eles eram apenas crianças na religião. Eles nunca foram muito religiosos - isto é, eles só queriam conversar e raciocinar, e não lutavam para ver o Amado; e até que alguém faça isso, não digo que ele tenha alguma religião. Ele pode ter livros, formas, doutrinas, palavras, razões, etc., etc., mas não religião; pois isso começa quando a alma sente a necessidade, o desejo, o anseio pelo “Amado”, e nunca antes. E, portanto, a nossa sociedade não tem o direito de esperar deles nada mais do que de um “dono de casa” comum.

Espero chegar a Chicago antes do final deste mês. Ah, estou tão cansado.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

9.1.21 Sra. CASA GW

AVENIDA DEARBORN 541

CHICAGO

9 de junho de 1894

QUERIDA MÃE,

Estamos todos muito bem aqui. Ontem à noite as irmãs [144] convidaram a mim e à Sra. Norton, à Srta. Howe e ao Sr. Frank Howe. Tivemos um grande jantar com caranguejo softshell e muitas outras coisas, e nos divertimos muito. A senhorita Howe partiu esta manhã.

As irmãs e a Mãe Temple [145] estão cuidando muito bem de mim. Agora mesmo vou ver meu “oh, meu querido” Gandhi. [146] Narasimha esteve aqui ontem; ele queria ir para Cincinnati, onde diz ter mais chances de sucesso do que qualquer outro lugar do mundo. Dei-lhe a passagem e espero ter tirado o elefante branco das minhas mãos por enquanto. Como está o Padre Pope agora? Espero que ele tenha sido muito beneficiado pelo negócio do mudfish. [147]

Recebi uma carta muito bonita da Srta. Guernsey, de Nova York, dando-lhe lembranças. Estou indo ao centro para comprar um novo par de sapatos e também para conseguir algum dinheiro, pois minha bolsa foi esvaziada por Narasimha.

Nada mais para escrever. Sim, fomos ver a "Tia do Charley". [148] Quase me matei de tanto rir. Padre Pope vai gostar muito. Eu nunca tinha visto nada tão engraçado.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

9.1.22 SRA. CASA GW

NOVA IORQUE
28 de junho de 1894

QUERIDA MÃE,

Chegou em segurança há duas horas. Landsberg [149] estava esperando na estação. Fui à casa do Dr. Guernsey. Ninguém estava lá, exceto um servo. Tomei banho e fui com Landsberg até algum restaurante onde fiz uma boa refeição. Então, acabei de retornar aos aposentos de Landsberg na Sociedade Teosófica e estou escrevendo esta carta para você.

Ainda não fui ver meus outros amigos. Depois de um bom e longo descanso durante a noite, espero ver a maioria deles amanhã. Meu amor a todos

vocês. A propósito, alguém pisou no meu guarda-chuva a bordo do trem e quebrou o nariz dele.

Seu filho carinhoso,

VIVEKANANDA.

PS – Eu ainda não me acomodei. Para direcionar cartas para mim, elas podem ser dirigidas a Leon Landsberg, 144 Madison Ave., Nova York.

9.1.23 SRA. CASA GW

C/O LEON LANDSBERG

AVENIDA MADISON 144

NOVA IORQUE

1º de julho de 1894

QUERIDA MÃE,

Espero que você esteja em paz a esta altura. Os bebês estão bem em Mudville [150] – em seu convento, tenho certeza. Faz muito calor aqui, mas de vez em quando sopra uma brisa que o esfria. Agora estou com a senhorita [Mary A.] Phillips. Sairei daqui na terça-feira para outro lugar.

Aqui encontro uma citação de um discurso de Sir Monier Williams, professor de Sânscrito na Universidade de Oxford. É muito estranho vir de alguém que todos os dias espera ver toda a Índia convertida ao cristianismo. "E, no entanto, é uma característica notável do Hinduísmo o fato de ele não exigir nem tentar fazer convertidos. Nem está atualmente de forma alguma diminuindo em número, nem está sendo expulso do campo por duas religiões de proselitismo como o Mahomedanismo [sic] e o Cristianismo, pelo contrário, está atualmente crescendo rapidamente. E muito mais notável do que isso é que é totalmente receptivo, abrangente e abrangente. natureza, de todo o mundo. Ele não se preocupa em se opor ao progresso do Cristianismo nem de qualquer outra religião, pois não tem dificuldade em

incluir todas as outras religiões em seus braços abrangentes e em seu rebanho cada vez maior. algo a oferecer que é adequado a todas as mentes. Sua própria força reside em sua infinita adaptabilidade à infinita diversidade de personagens e tendências humanas. Tem seu lado altamente espiritual e abstrato adequado às classes filosóficas superiores. O seu lado prático e concreto adequa-se ao homem de negócios e ao homem do mundo. Seu lado estético e cerimonial é adequado ao homem de sentimento poético e imaginação. Seu lado quiescente e contemplativo é adequado ao homem da paz e amante da reclusão.

"Na verdade, os hindus eram espinosistas 2.000 anos antes do nascimento de Spinoza, darwinistas séculos antes do nascimento de Darwin, e evolucionistas séculos antes de a doutrina da evolução ter sido aceita pelos Huxleys de nosso tempo, e antes de qualquer palavra como evolução existir em qualquer linguagem do mundo."

Isto, vindo de um dos mais ferrenhos defensores do Cristianismo, é realmente maravilhoso. Mas ele parece ter entendido a ideia corretamente.

Agora vou enviar o casaco laranja hoje; quanto aos livros que me chegaram da Filadélfia, não creio que sejam dignos de serem enviados. Não sei o que farei a seguir. Espere pacientemente e me resigne à Sua orientação – esse é o meu lema. Meu amor a todos vocês.

Seu filho carinhoso,

VIVEKANANDA

9.1.24 Sra. CASA GW

C/O DR. E.GUERNSEY

GRAMADO DE CEDRO, MATANÇA DE PEIXES NO HUDSON

19 de julho de 1894

QUERIDA MÃE,

Sua amável mensagem chegou até mim ontem à noite. Fico muito feliz em saber que os bebês estão gostando. Comprei o Interior e estou muito feliz em ver o livro do meu amigo Mazoomdar [151] tão falado. Mazoomdar é um grande e bom homem e fez muito pelos seus semelhantes.

É um lindo lugar de verão, este Cedar Lawn dos Guernseys. A senhorita Guernsey foi visitar Swampscott. Também tive um convite para lá, mas achei melhor ficar aqui naquele lugar calmo e silencioso, cheio de árvores e com o lindo Hudson passando e a montanha ao fundo.

Estou muito grato pela sugestão da senhorita Howe e também estou pensando nela. Muito provavelmente irei para Inglaterra muito em breve. Mas entre você e eu, sou uma espécie de místico e não posso me mover sem ordens, e isso ainda não aconteceu. O Sr. [Charles M.] Higgins, um jovem advogado rico e inventor do Brooklyn, está organizando algumas palestras para mim. Ainda não decidi se vou parar por eles ou não.

Meu eterno agradecimento a você por sua gentileza. Minha vida inteira não pode pagar minha dívida com você. [152] Você pode ver pela carta de Madras que não há uma palavra sobre Narasimha. O que posso fazer mais? Ainda não recebi o cheque descontado, pois não havia necessidade. A senhorita Phillips foi muito gentil comigo. Ela é uma senhora idosa, com cerca de 50 anos ou mais. Você não precisa se preocupar com o fato de eu estar sendo cuidado. O Senhor sempre cuida dos Seus servos; e enquanto eu for realmente Seu servo e não do mundo, estou muito confiante de que conseguirei tudo o que seria bom para mim. Os Guernsey me amam muito e há muitas famílias em Nova York e no Brooklyn que cuidariam melhor de mim.

Recebi uma linda carta do Sr. Snell, [153] dizendo que uma mudança repentina para melhor ocorreu em sua sorte e me oferecendo três vezes o dinheiro que lhe emprestei como contribuição para meu trabalho. E ele também tem lindas cartas de Dharmapala e de outros da Índia. Mas, claro, recusei educadamente o seu pagamento.

Até agora tudo bem. Eu vi o Sr. [Walter Hines] Page, o editor do Fórum aqui. Ele lamentou não ter lido o artigo sobre missionários. Mas prometi

escrever sobre outros assuntos interessantes. Espero ter paciência para fazer isso.

Recebi ontem uma carta da senhorita Harriet, [154] pela qual soube que eles estão gostando muito de Kenosha [155]. O Senhor abençoe você e os seus, Mãe Igreja, para todo o sempre. Não consigo nem expressar minha gratidão a você.

Quanto a mim, você não precisa se preocupar nem um pouco. Toda a minha vida é a de um vagabundo – sem-teto, vagabundo; qualquer tarifa, boa ou ruim, em qualquer país, é boa o suficiente para mim.

Seu sempre em amor e obediência,

SWAMI VIVEKANANDA

9.1.25 SRA. CASA GW

SWAMPSCOTT, MASSACHUSETTS

23 de julho de 1894

QUERIDA MÃE

Acho que respondi a todas as suas perguntas e você está de bom humor novamente.

Estou gostando muito deste lugar; Vou para Greenacre hoje ou amanhã e, no caminho de volta, pretendo ir para Annisquam, para a casa da Sra. Bagley — escrevi para ela. A Sra. Breed [156] diz: “Você é muito sensível”.

Felizmente, não descontei seu cheque [157] em Nova York. Eu queria descontar aqui, quando eis! você não assinou seu nome nele. O hindu é um sonhador, sem dúvida, mas quando o cristão sonha, ele sonha com vingança.

Não fique angustiado. Alguém me deu muito dinheiro para me movimentar. Eu seria cuidado imediatamente. Envio aqui o cheque de volta para você.

Recebi uma carta muito bonita de Miss Mary. Meu amor por eles.

O que o Padre Pope está fazendo? Está muito quente em Chicago? Não me importo com o calor deste país. Não é nada comparado ao calor da Índia. Estou indo esplendidamente. Outro dia tive cólera de verão; e cólicas, etc. vieram me telefonar. Tivemos várias horas de conversa agradável e gemidos e então eles partiram.

No geral estou indo muito bem. O tubo de espuma do mar chegou a Chicago? [158] Fiz um bom passeio de iate, um bom banho de mar e estou me divertindo como um pato. A senhorita Guernsey foi para casa agora há pouco. Não sei mais o que escrever.

Senhor abençoe a todos.

Carinhosamente,

VIVEKANANDA

9.1.26 Sra. CASA GW

POUSADA GREENACRE

ELIOT, MAINE

5 de agosto de 1894

QUERIDA MÃE

Recebi sua carta e estou muito envergonhado por minha má memória. Infelizmente esqueci completamente o cheque. Talvez você já tenha sabido que estou em Greenacre. Eu me diverti muito aqui e estou gostando imensamente. No outono vou dar uma palestra no Brooklyn, em Nova York. Ontem recebi a notícia de que já finalizaram toda a publicidade lá. Recebi hoje um convite de um amigo de Nova York para ir com ele a algumas montanhas ao norte deste estado do Maine. Não sei se irei ou não. Estou indo muito bem. Entre palestras, ensinamentos, piqueniques e outras emoções, o tempo está voando rapidamente. Espero que você esteja muito

bem e que o Padre Pope esteja em boa forma. É um local muito bonito - este Greenacre - e [eu] tenho uma companhia muito boa de Boston: o Dr. Everett Hale, [159] você sabe, de Boston, e a Sra. Ole Bull, de Cambridge. Não sei se aceitarei ou não o convite do meu amigo de Nova York.

Até agora só há uma certeza: irei dar uma palestra em Nova York no próximo outono. E Boston, claro, é um bom campo. As pessoas aqui são principalmente de Boston e todos gostam muito de mim. Você está se divertindo e Padre Pope? A pintura da sua casa foi concluída? Os bebês, tenho certeza, estão gostando de Mudville.

Não estou com dificuldades por dinheiro. Tenho bastante o que comer e beber.

Com meu maior amor e gratidão a você e ao Padre Pope e aos Bebês.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

Desculpe este rabisco apressado. A caneta é muito ruim.

V.

O pessoal de Harrison me enviou duas fotos de "posição desagradável" - isso é tudo que tenho delas, quando deveriam me dar 40 menos as 10 ou 15 que já tenho!!!

V.

9.1.27 Sra. CASA GW

POUSADA GREENACRE

Eliot, Maine

8 de agosto de 1894

QUERIDA MÃE

Recebi a carta que você me enviou vinda da Índia.

Vou deixar este lugar na próxima segunda-feira para Plymouth [Massachusetts], onde a Associação Religiosa Livre [160] está realizando sua sessão. Eles custearão minhas despesas, é claro.

Estou bem, gozando de boa saúde, e as pessoas aqui são muito gentis e simpáticas comigo. Até o momento não tive oportunidade de descontar nenhum cheque, pois tudo está indo bem. Não ouvi nada dos bebês. Espero que eles estejam bem. Você também não tinha nada para escrever; no entanto, sinto que você está indo bem.

Eu teria ido para outro lugar, mas o convite do Sr. Higginson deveria ser atendido. E Plymouth é o lugar onde os pais do seu país desembarcaram pela primeira vez. Quero, portanto, ver.

Eu estou bem. É inútil reiterar meu amor e gratidão a você e aos seus - você sabe tudo. Que o Senhor derrame Suas bênçãos mais seletas sobre você e os seus.

Este encontro é composto pelos melhores professores do seu país e de outras pessoas, por isso devo comparecer; e então eles me pagariam. Ainda não determinei todos os meus planos, apenas vou dar uma palestra em Nova York no próximo outono; todo arranjo está completo para isso. Eles imprimiram anúncios às suas próprias custas e deixaram tudo pronto.

Dê o meu melhor amor aos Bebês, ao Padre Pope, e acredite sempre em mim na gratidão e no amor,

Seu filho,

VIVEKANANDA.

P.S. Estou muito grato às irmãs por me pedirem para lhes dizer se quero alguma coisa. De qualquer maneira, não tenho necessidade - tenho tudo que preciso e mais de sobra.

"Ele nunca desiste de Seus servos."

Meu agradecimento e gratidão eterna às irmãs pela gentileza em perguntar sobre meus desejos.

V.

9.1.28 Sra. CASA GW

C/O SRA. JJ BAGLEY, ANNISQUAM

20 de agosto de 1894

QUERIDA MÃE

Suas cartas acabaram de chegar até mim. Recebi algumas cartas lindas da Índia. A carta de Ajit Singh [162] mostra que o fonógrafo ainda não chegou e estava datado de 8 de junho. Portanto, não creio que ainda seja hora de obter uma resposta. Não me surpreende que meus amigos peçam à Cook & Sons que me procure; Faz muito tempo que não escrevo.

Tenho uma carta de Madras que diz que em breve enviarão dinheiro para Narasimha [163] – na verdade, assim que receberem uma resposta à carta escrita a Narasimha. Então, por favor, informe Narasimha disso. As fotos não chegaram até mim – exceto duas de Fishkill da última vez que estive lá. Landsberg [164] gentilmente enviou as cartas. A partir daqui provavelmente irei para Fishkill. A espuma do mar [165] não foi enviada diretamente por mim, mas deixei-a para os Guernseys. E eles são uma família preguiçosa nesse aspecto.

Tenho lindas cartas das irmãs.

A propósito, os seus missionários tentam fazer de mim um descontente perante o governo inglês na Índia, e o vice-governador de Bengala, num discurso recente, sugeriu que o recente renascimento do hinduísmo era contra o governo. Senhor abençoe o missionário. Tudo é justo no amor e (religião?).

A palavra Shri significa "de boa sorte", "abençoado", etc. Paramahansa é um título para um Sannyâsi que alcançou a meta, ou seja, Deus realizado. Nem sou abençoado nem alcancei a meta; mas eles são corteses, isso é tudo. Em breve escreverei aos meus irmãos na Índia. Sou tão preguiçoso e não posso enviar bobagens para os jornais dia após dia.

Quero um pouco de sossego, mas parece que não é a vontade do Senhor. Em Greenacre eu tinha que conversar em média 7 a 8 horas por dia – isso era descanso, se é que algum dia foi. Mas foi do Senhor, e isso traz consigo vigor.

Não tenho muito o que escrever e não me lembro de nada do que disse ou fiz em todos esses lugares. Então espero ser dispensado.

Estarei aqui pelo menos mais alguns dias e, portanto, acho que seria melhor enviar minha correspondência para cá.

Quase fiquei tonto ao ler uma correspondência pesada e grande, então desculpe meus rabiscos apressados.

Sempre carinhosamente seu,

SWAMI VIVEKANANDA.

9.1.29 Sra. CASA GW

ANUAL

23 de agosto de 1894

QUERIDA MÃE

As fotografias chegaram com segurança ontem. Não sei dizer exatamente se Harrison deveria me dar mais ou não. Eles me enviaram apenas dois em Fishkill [166] - mas não a pose que eu ordenei.

Narasimha talvez já tenha conseguido sua passagem a esta altura. Ele vai conseguir isso em breve, quer sua família lhe dê o dinheiro ou não. Escrevi

aos meus amigos em Madras para cuidar disso, e eles me escreveram que o farão.

Eu ficaria muito feliz se ele se tornasse cristão ou muçulmano ou qualquer religião que lhe conviesse; mas temo que, por algum tempo, nada seja adequado ao nosso amigo. Somente se ele se tornar cristão, ele terá a oportunidade de se casar novamente, mesmo na Índia – os cristãos de lá permitem isso. Lamento muito saber que foi a “escravidão da Índia pagã” que, afinal de contas, foi a causa de todo esse mal. Aprendemos enquanto vivemos. Então, estivemos todo esse tempo culpando ignorantemente e cegamente nosso muito sofredor, perseguido e santo amigo Narasimha, enquanto toda a culpa era realmente devida à “escravidão da Índia pagã”!!!!

Mas para dar ao diabo o que lhe é devido, esta Índia pagã tem-lhe fornecido dinheiro para sair em farra repetidas vezes. E desta vez também a “Índia pagã” [tirará] ou já tirou nosso amigo “iluminado” e perseguido de sua situação atual, e não a “América Cristã”!! Afinal, o plano da Sra. Smith não é ruim: transformar Narasimha em uma missionária de Cristo. Mas, infelizmente para o mundo, muitas e muitas vezes a bandeira de Cristo foi confiada a tais mãos. Mas eu gostaria de acrescentar que ele será então apenas um missionário do cristianismo americano smithiano, e não de Cristo. Arrant farsa! Aquela coisa de pregar Senhor Jesus!!! Ele precisa de homens para defender Sua bandeira? Poxa! a própria ideia é revoltante. Faça o bem à Índia, de fato! Agradeça à sua instituição de caridade e ligue de volta para o seu cachorro - como disse o vagabundo. Mantenha esses bons trabalhadores para a América. Os hindus terão uma quarentena contra todos esses [párias] para proteger a sua sociedade. Aconselho vivamente Narasimha a tornar-se cristão – peço-lhe perdão, um convertido ao americanismo – porque tenho a certeza de que tal jóia é invendável na pobre Índia. Ele é bem-vindo a qualquer coisa que tenha um preço. Conheço perfeitamente o cavalheiro cujo nome você cita, e você pode dar-lhe qualquer informação que desejar sobre mim. Não me importo em enviar recados [167] e conseguir um boom para mim. E esses amigos da Índia me incomodam o suficiente com as bobagens dos jornais. Eles são amigos muito devotados, fiéis e santos. Não tenho muitos desses restos agora. Depois de uma longa pesquisa, encontrei um trecho em um Boston

Transcript. Eu envio para você. [168] Esta vida pública é um grande incômodo. Estou quase maluco.

Para onde voar? Na Índia, tornei-me terrivelmente público – multidões me seguirão e tirarão minha vida. Recebi uma carta indiana de Landsberg. Cada grama de fama só pode ser comprada ao custo de meio quilo de paz e santidade. Eu nunca tinha pensado nisso antes. Fiquei totalmente enojado com esse brasão. Estou com nojo de mim mesmo. O Senhor me mostrará o caminho para a paz e a pureza. Ora, Mãe, eu lhe confesso: nenhum homem pode viver numa atmosfera de vida pública, mesmo na religião, sem que o demônio da competição de vez em quando enfie a cabeça na serenidade do seu coração. Aqueles que são treinados para pregar uma doutrina nunca a sentem, pois nunca conheceram a religião. Mas aqueles que estão atrás de Deus, e não do mundo, sentem imediatamente que cada pedaço de nome e fama é à custa de sua pureza. Já se foi muito daquele ideal de perfeito altruísmo, perfeito desrespeito ao ganho, ao nome ou à fama. Senhor, me ajude. Reze por mim, mãe. Estou muito enojado comigo mesmo. Oh, por que o mundo é tal que não se pode fazer nada sem se colocar na frente; por que não se pode agir escondido, invisível e despercebido? O mundo ainda não deu um passo além da idolatria. Eles não podem agir a partir de ideias, não podem ser liderados por ideias. Mas eles querem a pessoa, o homem. E qualquer homem que queira fazer alguma coisa deve pagar a penalidade – sem esperança. Esse absurdo do mundo. Shiva, Shiva, Shiva.

A propósito, tenho uma edição tão linda de Thomas à Kempis. Como eu amo aquele velho monge. Ele teve um vislumbre maravilhoso do “por trás do véu” – poucos conseguiram isso. Que coisa, isso é religião. Nenhuma farsa do mundo. Nada de conversa fiada, conversa fiada, conjecturas - presumo, acredito, penso. Como eu gostaria de sair dessa farsa pintada que eles chamam de mundo belo com Thomas à Kempis – além, além, que só pode ser sentido, nunca expresso.

Isso é religião. Mãe, existe Deus. Ali se encontram todos os santos, profetas e encarnações. Além da Babel das Bíblias e dos Vedas, credos e ofícios, ingênuos e doutrinas – onde está toda luz, todo amor, onde o miasma desta terra nunca pode alcançar. Ah! quem me levará até lá? Você simpatiza comigo, mãe? Minha alma está gemendo agora sob as centenas de tipos de

escravidão que estou colocando sobre ela. De quem é a Índia? Quem se importa? Tudo é Dele. O que nós somos? Ele está morto? Ele está dormindo? Aquele, sem cujo comando uma folha não cai, um coração não bate, que está mais perto de mim do que eu mesmo. É besteira e absurdo fazer o bem, fazer o mal ou fazer confusão. Não fazemos nada. Nós não somos. O mundo não é. Ele é, Ele é. Só Ele é. Ninguém mais é. Ele é.

Oh, aquele sem segundo. Ele em mim, eu nele. Sou como um pedaço de vidro em um oceano de luz. Eu não sou, eu não sou. Ele é, Ele é, Ele é.

Oh, aquele sem segundo.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

9.1.30 Sra. CASA GW

ANUAL
DATA NÃO SEI

[Carimbado: 28 de agosto de 1894]

QUERIDA MÃE

Estou há três dias em Magnólia. Magnólia é um dos balneários mais elegantes e bonitos desta parte. Acho que o cenário é melhor que o de Annisquam. As rochas ali são muito bonitas e as florestas descem até a beira da água. Existe um pinhal muito bonito. Uma senhora de Chicago e sua filha, a Sra. Smith e a Sra. Sawyer, foram as amigas que me convidaram para ir lá. Eles também organizaram uma palestra para mim, da qual ganhei US\$ 43. Conheci muitas pessoas de Boston - a Sra. Smith Junior, que disse conhecer Harriet, e a Sra. Smith, a mais velha, [que] conhece você bem.

Outro dia, em Boston, conheci um clérigo unitarista que disse morar perto de você em Chicago. Infelizmente esqueci o nome dele. A Sra. Smith é uma senhora muito simpática e me tratou com toda a cortesia. A Sra. Bagley está

gentil como sempre, e infelizmente terei que ficar aqui mais alguns dias. O Prof. Wright e eu estamos nos divertindo. O professor Bradley de Evanston [169] foi para casa. Se você o encontrar em Evanston, dê-lhe meus melhores cumprimentos e amor. Ele é realmente um homem espiritual.

Não encontro mais nada para escrever.

Algun amigo desconhecido me enviou de Nova York uma caneta-tinteiro. Então estou escrevendo com ele para testá-lo. Está funcionando muito bem e bem, como você pode julgar pela escrita. Talvez as dificuldades de Narasimha já tenham sido resolvidas a esta altura, e a “Índia pagã” ainda o tenha ajudado, espero.

O que o Padre Pope está fazendo? O que os bebês estão fazendo e onde estão? Quais notícias do nosso Sam? [170] Espero que ele esteja prosperando. Por favor, dê a ele meu melhor amor. Onde está o Templo Mãe agora?

Bem, afinal, eu poderia preencher duas páginas. Sim, havia uma senhorita Barn (?) que disse que me encontrou na sua casa. Ela é uma jovem de Chicago.

Magnólia é um bom local para banho e tomei dois banhos de mar. Uma grande multidão de homens e mulheres vai lá tomar banho todos os dias – a maioria homens. E estranho, as mulheres não desistem da cota de malha nem durante o banho. Foi assim que essas guerreiras da América, vestidas de malha, obtiveram superioridade sobre os homens.

Nossos poetas sânscritos esbanjam todo o poder de expressão que possuem sobre o corpo mole das mulheres – a palavra sânscrita para mulheres é “Komala”, o corpo mole; mas os couraçados deste país são “tatus”, eu acho. Você não pode imaginar o quão ridículo isso parece para um estrangeiro que nunca viu isso antes. Shiva, Shiva.

Agora a Sra. Smith de Narasimha não tortura mais você com cartas, espero. Já lhe contei que conheci sua amiga, a Sra. H. O. Quarry, em Swampscott? — ela pode inundar uma casa com tudo isso, sem falar em um chalé — e que eu conheci lá a mulher que puxa pelo nariz o Sr. Pullman? [171] E eu

também ouvi lá a melhor cantora americana, [172] eles disseram - ela cantou lindamente; ela cantou "Bye Baby Bye". Estou me divertindo muito, muito bem o tempo todo, Senhor seja louvado.

Escrevi à Índia para não me incomodar com cartas constantes. Ora, quando estou viajando pela Índia, ninguém me escreve. Por que eles deveriam gastar toda a sua energia supérflua rabiscando cartas para mim na América? Toda a minha vida será a de um andarilho – aqui, ali ou em qualquer lugar. Não estou com pressa. Eu tinha um plano tolo na minha cabeça, indigno de um Sannyasin. Desisti agora e pretendo levar a vida com calma. Sem pressa indecente. Você não vê, Mãe Igreja? Você deve sempre lembrar, Mãe Igreja, que não posso me estabelecer nem mesmo no Pólo Norte, que devo vagar - esse é o meu voto, a minha religião. Portanto, Índia ou Pólo Norte ou Pólo Sul – não importa onde. Nos últimos dois anos tenho viajado entre raças cuja língua nem eu consigo falar. "Não tenho pai, nem mãe, nem irmãos, nem irmãs, nem amigos, nem inimigos, nem lar, nem país - um viajante no caminho da eternidade, que não pede outra ajuda, não procura outra ajuda senão Deus."

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

9.1.31 Sra. CASA GW

[GLOUCESTER, MASSACHUSETTS]

4 de setembro de 1894

QUERIDA MÃE

O pacote era o relatório da reunião. Espero que você consiga publicar alguns nos jornais de Chicago.

Aqui está uma carta de Dewanji [173] para você que explicará o envio de um panfleto ao Sr. Hale. [174] Os tapetes estão chegando. Quando eles vierem, receba-os, pagando até o imposto, se houver. Eu pagarei a você

depois. Tenho muito dinheiro, mais de US\$ 150 no bolso. Receberemos mais esta noite. Aqui estão alguns recortes de jornais e um Indian Mirror que enviarei mais tarde. Alguns foram enviados ao Sr. Barrows; [175] não espero que ele lhes dê publicidade. Agora, para a sua Sra. Bartlett.

Estou com pressa. [Vou] escrever mais com os recortes. Escreva-me sempre, gentil Mãe - fico muito ansioso quando não tenho notícias suas. Escreva, quer eu responda bruscamente ou não.

Seu filho,

VIVEKANANDA

9.1.32 SRA. CASA GW

ANUAL

5 de setembro de 1894

QUERIDA MÃE

A notícia da chegada do fonógrafo de Khetri ainda não chegou. Mas não estou ansioso, porque acabei de receber outra carta da Índia onde não há menção às fotografias que enviei, mostrando que os pacotes chegam mais tarde do que as cartas.

Com isto envio-lhe uma carta autografada de Sua Santidade o Marajá de Mysore, o principal rei hindu da Índia. Você pode ver no mapa que seu território ocupa uma grande parte do sul da Índia.

Estou muito feliz que ele esteja lentamente sendo conquistado para o meu lado. Se ele quiser, ele pode definir todos os meus planos para funcionar em cinco dias. Ele tem uma renda de US\$ 150 milhões de dólares; pense nisso.

Que Jagadamba [a Mãe do Universo] volte sua mente para o bom trabalho. Ele diz que aprecia bastante as minhas boas palavras – eram sobre os meus planos para educar os pobres. Espero que em breve ele mostre isso em forma material.

Meu amor a todos. Por que os bebês não tagarelam?

Seu filho,

VIVEKANANDA

9.1.33 SRA. CASA GW

HOTEL BELLEVUE, PLANO EUROPEU

RUA BEACON, BOSTON

12 de setembro de 1894

QUERIDA MÃE

Espero que você me envie imediatamente o pequeno recado do Indian
Mirror sobre minhas palestras em Detroit que lhe enviei.

Seu,

VIVEKANANDA

9.1.34 SRA. CASA GW

HOTEL BELLEVUE

RUA BEACON, BOSTON

13 de setembro de 1894

QUERIDA MÃE

Sua nota muito gentil chegou agora há pouco. Eu estava sofrendo nos últimos dias de resfriado e febre. Estou bem agora. Estou feliz que todos os papéis tenham chegado até você em segurança. Os recortes de jornais estão com a Sra. Bagley; apenas uma cópia foi enviada para você. A propósito, a Sra. Bagley fica com ciúmes se eu mandar tudo para você. Isso é entre você e eu. O Indian Mirror está com o Prof. Wright, [176] e ele o enviará para você. Ainda não há notícias do fonógrafo. Espere mais uma semana e então perguntaremos. Se você vir uma carta com o carimbo Khetri, certamente a notícia está chegando. Não fumo nem um terço do que costumava fumar quando a caixa eterna do Padre Pope estava pronta e aberta dia e noite. Haridasbhai deve ser tratado apenas como Shri. No envelope deveria estar escrito Dewan Bahadoor, pois é um título. Talvez a nota do Marajá de Mysore já tenha chegado até você neste momento.

Ficarei ainda alguns dias em Boston e arredores. A caderneta bancária está no banco. Não retiramos, mas o talão de cheques está comigo. Vou escrever meus pensamentos sobre religião; nisso, nenhum missionário tem lugar. Vou dar palestras em Nova York no outono, mas gosto mais de ensinar em pequenos círculos, e haverá palestras suficientes em Boston.

Os tapetes que eu queria que me mandassem da Índia; e virão de Punjab, onde são feitos os melhores tapetes.

Recebi uma linda carta da Irmã Mary. [177]

Narasimha já deve ter conseguido dinheiro ou passagem, e seu pessoal teve o cuidado de enviar-lhe a passagem de Thomas Cook de um lugar para outro. Acho que ele se foi agora.

Não creio que o Senhor permitirá que seu servo seja inflado de vaidade diante da apreciação de seus compatriotas. Fico feliz que eles me apreciem - não por minha causa, mas porque estou firmemente convencido de que um homem nunca melhora com abusos, mas com elogios, e o mesmo acontece com as nações. Pense em quantos abusos foram lançados desnecessariamente contra a cabeça do meu devotado e pobre país, e para quê? Eles nunca prejudicaram os cristãos, nem a sua religião, nem os seus pregadores. Eles sempre foram amigáveis com todos. Então você vê, mãe,

cada palavra boa que uma nação estrangeira lhes diz tem um grande poder para o bem na Índia. A apreciação americana pelo meu humilde trabalho aqui realmente lhes trouxe muitos benefícios. Envie uma boa palavra, um bom pensamento - pelo menos para os oprimidos, vilipendiados e pobres milhões de pessoas da Índia, em vez de abusar deles dia e noite. É isso que peço a todas as nações. Ajude-os se puder; se não puder, pelo menos pare de abusar deles.

Não vi nenhuma impropriedade nos balneários à beira-mar, mas apenas vaidade em alguns: naqueles que entraram na água de espartilho, só isso.

Ainda não recebi nenhuma cópia do Inter-Ocean. [178]

Com meu amor ao Padre Pope, aos bebês e a vocês, continuo

Seu filho obediente,

VIVEKANANDA

9.1.35 SRA. CASA GW

HOTEL BELLEVUE

RUA BEACON, BOSTON

19 de setembro de 1894

QUERIDA MÃE

O enorme pacote recebido. Foram alguns panfletos que me foram enviados do meu mosteiro em Calcutá. Nenhuma notícia sobre o fonógrafo. Acho que já é hora de fazê-los investigar isso.

Os dois volumes da história do Rajastão de Todd [Tod] foram apresentados a mim pela Sra. Potter Palmer. Pedi a ela que o enviasse aos seus cuidados. Os bebês vão gostar muito de lê-lo e, quando terminarem, eu o enviarei junto com meus livros em sânscrito para Calcutá.

Não pedi que você me enviasse os recortes de notícias datilografados, mas um pequeno pedaço que enviei há algum tempo do Indian Mirror. Talvez não tenha chegado até você. Você não precisa enviar nada datilografado.

Não preciso de nenhuma roupa aqui; há muitos deles. Estou cuidando bem dos meus punhos e golas, etc.

Tenho mais roupas do que o necessário. Muito em breve terei que desembolsar pelo menos metade deles.

Escreverei para você antes de ir para a Índia. Não vou partir sem lhe dar a devida indicação.

Seu,

VIVEKANANDA

P.S. — Meu amor aos bebês e ao padre Pope.

9.1.36 SRA. CASA GW

HOTEL BELLEVUE

RUA BEACON, BOSTON

24 de setembro de 1894

QUERIDA MÃE,

Faz muito tempo que não tenho notícias suas. Ainda estou em Boston e ficarei mais alguns dias.

Receio que o fonógrafo ainda não tenha chegado à Índia ou que haja algo de errado com ele. Por favor, peça ao Sr. — para perguntar. O recibo está com você sobre o qual eles irão perguntar.

Sempre carinhosamente seu,

VIVEKANANDA

9.1.37 SRA. CASA GW

HOTEL BELLEVUE

RUA BEACON, BOSTON

27 de setembro de 1894

QUERIDA MÃE

Todos os pacotes chegaram com segurança. Um deles eram jornais da Índia. O outro foi o breve esboço do meu Mestre publicado pelo Sr. Mazumdar há muito tempo. Neste último pacote há dois sextos ou panfletos. Um, o esboço do meu mestre; o outro, um pequeno trecho para mostrar como o que o Sr. [Keshab] Chandra Sen e [Pratap Chandra] Mazumdar pregaram como sua “Nova Dispensação” foi roubado da vida do meu Mestre. Este último, portanto, você não precisa distribuir, mas espero que distribua a vida do meu Mestre a muitas pessoas boas.

Peço-lhe que envie alguns para a Sra. Guernsey, Fishkill on the Hudson, NY; Sra. Arthur Smith e Sra. [Senhorita Mary A.] Phillips, 19 West 38th Street, Nova York (ambas); à Sra. Bagley, Annisquam, Massachusetts; e Prof. J. Wright, Professor de Grego, Harvard, Mass.

Os jornais... você pode fazer o que quiser, e espero que envie para a Índia qualquer recorte de jornal que conseguir sobre mim.

Seu etc.,

VIVEKANANDA

9.1.38 Sra. CASA GW

C/O SRA. OLE BULL

RUA BRATTLE 168
CAMBRIDGE, MASSA.

5 de outubro de 1894

QUERIDA MÃE,

Faz muito tempo que não tenho notícias suas. Você recebeu os pacotes enormes que enviei para você? Você ouviu alguma coisa sobre o fonógrafo da agência expressa?

Estarei com a Sra. Ole Bull por alguns dias e depois irei para Nova York, para a casa da Sra. Guernsey.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA

9.1.39 Sra. CASA GW

C/O SRA. OLE BULL
RIVERVIEW, 168 BRATTLE STREET
CAMBRIDGE, MASSA.

[Carimbado: 10 de outubro de 1894, 4h30]

QUERIDA MÃE,

Recebi duas cartas suas e um grande número da Índia, mas nenhuma de Khetri.

Lamento que as irmãs estejam resfriadas e mais ainda por você ter ficado preocupada com isso. Nada pode deixar um cristão preocupado. Espero que Narasimha seja um bom menino desta vez. Irmã Mary está vindo para Boston – ótimo. Parto daqui amanhã para Baltimore. Eu tinha o suficiente para pagar todas as minhas despesas aqui; e como estou morando com a

Sra. Bull, não há despesas. Ela é uma senhora rica e altamente culta. Ela me deu US\$ 500 pelo meu trabalho ou qualquer coisa que eu goste. Como não irei para o oeste tão cedo, terei uma conta bancária aqui em Boston. Da Filadélfia vou para Washington e depois correrei entre Nova York e Boston. Portanto, não creio que poderei vê-la, exceto talvez a Irmã Mary. Quero muito que Mary veja a Sra. Bull e outros amigos meus aqui. Tenho a gordura da terra como sempre, e meu jantar está cozinhando muito bem aqui e na Índia. Não torne isso público, mãe – isso é entre mim e você e os bebês – e não se preocupe com nada. Todas as coisas vêm para aquele que espera. Vou enviar a maior parte do dinheiro que tenho para a Índia e então o dinheiro chegará mais rápido. Sempre descobri que quanto mais rápido gasto, mais rápido ele chega. A natureza abomina o vácuo. Estou de muito bom humor, só que você não deve parar de me manter informado sobre você, os Bebês e o Padre Pope de vez em quando.

Talvez você se lembre das duas cartas que vieram de Mysore – quero que um daqueles envelopes com o selo do Rei de Mysore do lado de fora seja enviado para Miss Phillips, 19 West 38th Street, Nova York.

Não posso agora ir para Nova York nem para Chicago, embora tenha recebido vários convites e ofertas de ambos os lugares. Preciso ver agora a capital e as outras cidades. Estou em Suas mãos. Se Miss Mary estiver em Boston, algum dia posso esperar vê-la.

Estou feliz que Narasimha nunca tenha sido rápido – espero que nunca seja.

Da Índia eles sempre me escrevem para vir, vir, vir. Eles não sabem o segredo. Estou agindo mais daqui do que jamais farei de lá.

Por favor, envie minhas cartas para este endereço e elas chegarão em segurança onde quer que eu esteja. Esta será uma das minhas casas quando estiver em Boston.

Senhor abençoe a todos, querida mãe.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.40 Sra. TORRO VELHO

RUA SÃO PAULO 1123, BALTIMORE,

17 de outubro de 1894.

PREZADA SENHORA. TOURO,

Não consegui encontrar tempo antes para escrever para você - estava batendo incessantemente. Tivemos uma ótima reunião no domingo passado em Baltimore e [teremos] mais uma no próximo domingo. Claro, eles não me ajudam financeiramente nem um pouco; mas como prometi ajudá-los e gostei da ideia, falo por eles. [179]

Nas cartas que você enviou da Índia havia um endereço que me foi enviado de Calcutá pelos meus concidadãos pelo meu trabalho aqui e vários recortes de jornais. Vou enviá-los para você mais tarde.

Ontem fui visitar Washington e conheci a Sra. Colville e a Srta. Young, que foram muito gentis comigo.

Vou falar novamente em Washington e depois irei para Filadélfia e de lá para Nova York.

Seu afetuoso filho,

VIVEKANANDA.

9.1.41 SENHORITA EMMA QUINTA-FEIRA

[WASHINGTON, DC

26 de outubro de 1894]

CARA SENHORITA QUINSBY, [180]

Recebi sua gentil nota e as cartas introdutórias. Farei questão de ver as senhoras e espero ser muito beneficiado com isso.

Recebi uma linda carta do Sr. Flagg. [181] Em breve irei para Nova York, onde espero vê-lo.

Com meu mais profundo amor e gratidão,

Eu permaneço seu fielmente,

VIVEKANANDA

9.1.42 Sra. CASA GW

[WASHINGTON, DC

27 de outubro de 1894]

QUERIDA MÃE,

Recebi sua nota muito gentil e todas as cartas da Índia agora há pouco. Farei questão de ver a Sra. Whitland [?]. Fui muito gentilmente tratado pela Sra. [Enoch] Totten.

Você poderia gentilmente encomendar 100 fotografias de Harrison e enviá-las para a Índia, para Ramdayal Chakravarty, a/c Swami Ramakrishnananda, Varahanagar Math, Alambazar, Calcutá? Pagarei por isso quando vier para Chicago.

Não tenho nada de especial para escrever – exceto que fui bem tratado em todos os lugares. Como anseio abandonar esta vida de cansaço e brasão dia e noite.

Irei daqui para Nova York e voltarei para vê-lo em Chicago antes de partir para a Inglaterra.

Seu etc.,

VIVEKANANDA

9.1.43 Sra. CASA GW

BALTIMORE, [MARYLAND]

3 de novembro de 1894

QUERIDA MÃE,

Não sei o que dizer sobre esse negócio de fonógrafo. Demora seis meses para ir para a Índia!! e a empresa não poderá obter uma consulta em mais seis meses!!! Expresso americano, de fato!! Bem, no entanto, eles certamente ganharão meu dinheiro. Mãe, não perca o recibo da empresa expressa.

Irei para Nova York o mais rápido possível.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.44 SRA. CASA GW

NOVA IORQUE

18 de novembro de 1894

QUERIDA MÃE

Desta vez, demorei muito para lhe escrever, pois a Irmã Mary [182] já lhe escreveu, sem dúvida, sobre mim.

As roupas chegaram todas em segurança, só vou mandar algumas roupas de verão e outras roupas, pois será impossível carregar o fardo comigo.

A certeza de ir para a Europa em dezembro desapareceu; então não tenho certeza de quando irei.

Irmã Mary melhorou muito desde a última vez que a vi. Ela mora com vários escudeiros caçadores de raposas e está muito feliz. Espero que ela se case com um daqueles caras de bolsos compridos. Amanhã irei vê-la novamente na casa da Sra. Spalding. Estive lá ontem à tarde. Estarei em NY este mês; depois vou para Boston e talvez fique lá durante todo o mês de dezembro. Quando fiquei doente em Boston, na primavera passada, fui para Chicago, e não para Detroit, como a Sra. Bagley esperava. Portanto, desta vez irei primeiro para Detroit e depois para Chicago, se possível. Caso contrário, desisto completamente do plano de ir para o Ocidente em breve.

Há mais possibilidades de concretizar os meus planos no Oriente do que no Ocidente, como parece agora.

Recebi notícias do fonógrafo – ele chegou em segurança, e o Rajá [183] escreveu-me uma carta muito bonita sobre isso. Tenho muitos endereços e outras bobagens da Índia. Escrevi para eles para não enviarem mais jornais. Meu amor pelos bebês em casa e vou visitá-los [184] no exterior.

A Sra. Guernsey esteve às portas da morte. Ela agora está se recuperando lentamente. Eu não a vi ainda. Ela não é forte o suficiente para ver ninguém. Espero que ela logo fique forte.

Meu amor ao Padre Pope e a todos.

Seu filho sempre carinhoso,

VIVEKANANDA

9.1.45 SRA. CASA GW

C/O SRA. OLE BULL

RUA BRATTLE 168

CAMBRIDGE, MASSA.

6 de dezembro de 1894

QUERIDA MÃE

Não tenho notícias suas há muito tempo. Qual é o seu problema? Estou aqui em Cambridge e ficarei aqui por três semanas e terei palestras e aulas. Aqui está uma senhora de Chicago, a Sra. [Milward] Adams, que dá palestras sobre construção de tom, etc.

Hoje tivemos uma palestra de Lady Henry Somerset [185] sobre o sufrágio feminino. A senhorita Willard [186] de Chicago estava aqui e Julia Ward Howe.

Coronel Higginson, Dr. Estlin] Carpinteiro do Eng. e muitos outros amigos estavam presentes. No geral, foi um grande acontecimento. Recebi uma carta da Índia informando-me que o fonógrafo foi devidamente recebido.

Enviei parte do meu dinheiro para a Índia e pretendo enviar quase todo o dinheiro muito em breve. Apenas guardarei o suficiente para a passagem de volta. Vi Mother Temple várias vezes em Nova York. Ela foi gentil como sempre. A Sra. Spalding também.

Irmã Mary me escreveu uma carta de Brookline [Massachusetts]. Tenho certeza de que ela teria gostado muito da palestra de Lady Somerset. Escrevi para ela sobre isso, mas ainda não tive notícias dela.

Irei vê-la no primeiro dia que tiver tempo. Eu estou muito ocupado. Espero que as irmãs que estão em casa estejam se divertindo. Tentarei ir a Chicago por alguns dias, se puder.

Por favor, escreva-me tudo sobre a sagrada família assim que tiver tempo.

A Sra. Guernsey estava muito doente e ainda tão fraca que não conseguia sair do quarto.

Miss Helen Bagley [187] foi acometida de difteria em Nova York e sofreu bastante. Ela se recuperou, entretanto, e os Bagleys voltaram para casa em Detroit.

Com meu amor a todos vocês, eu permaneço,

Sempre seu carinhosamente,

VIVEKANANDA

P.S. — Por favor, envie minha correspondência da Índia para a Sra. Sara
Ole Bull, 168 Brattle Street, Cambridge, Mass.

V.

9.1.46 SRA. CASA GW

[CAMBRIDGE, MASSA.

21 de dezembro de 1894]

QUERIDA MÃE,

Estou feliz que Haridas Viharidas [188] tenha enviado os tapetes. Receio que demorem muito para chegar aqui. O Raja [189] ficou muito satisfeito com o fonógrafo enquanto escreve, e ouviu minha voz diversas vezes. Espero que ele traga isso à vida.

Ainda não vi a Irmã Mary, mas espero vê-la esta semana, pois irei para Nova York na próxima terça-feira. Não posso de forma alguma ir a Chicago agora, pois espero ir de Nova York para Washington e espero estar bastante ocupado em Nova York.

Se eu conseguir alguns dias entre a palestra no Brooklyn no dia 30 e a próxima série em Nova York, voarei para Chicago por alguns dias. Se eu tivesse tempo agora, teria sido melhor para mim, pois a meia tarifa expira depois deste mês.

Tenho estado muito ocupado aqui este mês, então não pude ir a Boston nem por um dia. Agora tenho tempo e espero ver a Irmã Mary.

Como estão os bebês em casa? A Sra. M. Adams, de Chicago, que dá palestras sobre construção da voz, caminhada, etc., tem dado palestras aqui todo esse tempo. Ela é uma grande senhora em todos os aspectos e muito

inteligente. Ela conhece todos vocês e gosta muito das “garotas Hale”. Irmã Isabel[le] a conhece especialmente, eu acho.

Você não entende, mãe? Estou determinado a concretizar meu projeto. Eu devo ver a luz. A Índia pode torcer sozinha – mas sem dinheiro. No Leste e no Sul estou conseguindo aos poucos amigos que vão me ajudar no meu trabalho, tenho certeza, como já fizeram. Todos eles gostam de mim cada vez mais.

Fiz amizade com Lady Somerset e Srta. Willard, você ficará feliz em saber. Então veja, mãe, você é a única atração em Chicago; e enquanto estiver neste país, onde quer que você more, é minha casa. Assim que tiver tempo, irei correndo ver você e as irmãs. Mas não tenho outras esperanças no Ocidente; nem você me aconselhará a destruir a única esperança que tenho de sucesso nestas partes do país, abandonando-a e indo para Chicago para ficar ociosa enquanto o dia é longo.

A Sra. Bull e algumas outras senhoras aqui que estão me ajudando não são apenas sinceras e me amam, mas têm o poder de agir como líderes da sociedade. Gostaria que você tivesse milhões.

Com meu amor para todos vocês,

Seu sempre carinhoso Filho,

VIVEKANANDA

9.1.47 SENHORITA EMMA QUINTA-FEIRA

CHICAGO

AVENIDA DEARBORN 541

17 de janeiro de 1895

CARA SENHORITA QUINTA-FEIRA,

Lamento muito saber do falecimento do Sr. Thorp. [190] A Sra. Bull deve ter sentido isso profundamente. Mesmo assim ele faleceu depois de uma vida boa e útil. Tudo é para melhor.

Tenho dado palestras todos os dias para uma turma nas salas da Sra. Adams no Auditório. Hoje também dou palestras lá e à noite para uma turma da Srta. Josephine Locke [192] no Plaza Hotel.

Você viu a Sra. Peake [193] em Nova York? Ela está dando uma palestra para uma turma na casa da Sra. Guernsey.

Senhorita Locke é tão gentil como sempre. Ela está apaixonada pela Sra. Peake, assim como muitos dos amigos da Srta. Locke, você ficará feliz em saber.

A Sra. Peake causou uma impressão muito favorável em Chicago. Então ela faz onde quer que vá.

A Sra. Adams me convidou para um concerto de órgão no Auditório. Ela é tão boa e gentil comigo. Senhor a abençoe.

Não vi o Sr. Young e, infelizmente, não terei tempo para vê-lo, pois partirei para Nova York na próxima sexta-feira.

Vou ouvi-lo uma vez em Nova York.

Estive muito ocupado aqui essas duas semanas.

Comprei um novo casaco escarlate, mas não consigo comprar nenhum laranja aqui.

Sempre com bênçãos,

Seu irmão,

VIVEKANANDA

RUA 54 W. 33

NOVA IORQUE

1º de fevereiro de 1895

CARO ADHYAPAKJI,

Você deve estar imerso em seu trabalho agora; porém, aproveitando sua gentileza para comigo, quero incomodá-lo um pouco.

Qual era a ideia grega original da alma, tanto filosófica quanto popular? Que livros posso consultar (traduções, claro) para obtê-lo?

O mesmo acontece com os egípcios, os babilônios e os judeus?

Você poderia gentilmente me nomear os livros? Tenho certeza de que você está perfeitamente bem, assim como a Sra. Wright e as crianças.

Sempre grata e fraternalmente,

Seu,

VIVEKANANDA

9.1.49 Sra. CASA GW

54 W. 33., NOVA IORQUE

18 de março [fevereiro] de 1895

QUERIDA MÃE,

Tenho certeza de que você está bem a esta altura. Os bebês escrevem de vez em quando e por isso recebo notícias regularmente. Miss Mary está com vontade de dar palestras agora - bom para ela. Espero que ela não deixe suas energias se desperdiçarem agora – um centavo economizado é um centavo ganho. A Irmã Isabel[le] me enviou os livros franceses e os panfletos de Calcutá chegaram, mas os grandes livros em sânscrito

deveriam vir. Eu os quero muito. Faça-os pagar aqui, se possível, ou eu lhe enviarei a postagem.

Eu estou indo muito bem. Apenas alguns desses grandes jantares me atrasaram, e voltei para casa às 2 horas da manhã por vários dias. Esta noite irei a um destes. Este será o último desse tipo. Tanta coisa para ficar acordado a noite não me faz bem. Todos os dias, das 11 às 13 horas, tenho aulas nas minhas salas e converso com eles até cansarem. O curso do Brooklyn terminou ontem. Outra palestra que tenho lá na próxima segunda-feira.

Sopa de feijão e arroz ou cevada são agora minha dieta geral. Estou me saindo bem. Financeiramente estou conseguindo fazer face às despesas e nada mais porque não cobro nada pelas aulas que tenho nas minhas salas. E as palestras públicas têm que passar por muitas mãos.

Tenho muitas palestras planejadas em Nova York, que espero ministrar em breve. Irmã Isabel me escreveu uma linda carta e faz muito por mim. Minha eterna gratidão a ela.

Baby [194] parou de escrever; Eu não sei porque.

Por favor, diga a Baby para me enviar um livrinho em sânscrito que veio da Índia. Esqueci de trazê-lo. Quero traduzir algumas passagens dele.

O Sr. [Charles M.] Higgins está cheio de alegria. Foi ele quem planejou tudo isso para mim e está muito feliz por tudo ter dado tão certo.

A Sra. Guernsey vai desistir desta casa e ir para outra casa. A senhorita [Florence] Guernsey quer se casar, mas seu pai e sua mãe não gostam nada disso. Sinto muito por ela, pobre “Irmã Jenny” [195] – e muitos homens estão atrás dela. Aqui está um cavalheiro ferroviário muito rico chamado Sr. [Austin] Corbin; sua única filha, Srta. [Anna] Corbin, está muito interessada em mim. E embora ela seja uma das líderes dos 400, [196] ela também é muito intelectual e espiritual, de certa forma. A casa deles está sempre repleta de gente e aristocracia estrangeira. Príncipes e Barões e outros enfeites de todo o mundo. Alguns destes estrangeiros são muito inteligentes. Lamento que sua aristocracia caseira não seja muito

interessante. Atrás de sua sala ela tem um longo caramanchão com todos os tipos de palmeiras e assentos e luz elétrica. Lá terei uma pequena aula na próxima semana de uma vintena de bolsos longos. A diversão não é ruim. “Afimal, este mundo é uma grande farsa”, Mãe. "Só Deus é real; todo o resto é apenas um sonho." Mother Temple [197] diz que não gosta de ser mandada por você e é por isso que ela não vem para Chicago. Ela está muito feliz por perto. Entre ondas e jantares Delmonico e Waldorf, minha saúde ficaria prejudicada. Então rapidamente me tornei um vegetariano completo para evitar todos os convites. Os ricos são realmente o sal deste mundo – não são comida nem bebida. Adeus por enquanto.

Seu sempre carinhoso Filho,

VIVEKANANDA

9.1.50 Sra. CASA GW

54 W. 33RD ST., NOVA IORQUE

11 de março de 1895

QUERIDA MÃE,

Muito obrigado pela sua amável carta. Ficarei muito feliz em ter um casaco laranja, desde que esteja claro porque o verão se aproxima.

Não me lembro se as cartas de crédito do Cook que possuo são limitadas quanto ao tempo ou não. Já é hora de investigá-los. Se forem limitados, não acha melhor colocá-los em algum banco? Tenho cerca de mil dólares no banco de Boston e algumas centenas no banco de Nova York – todos eles irão para a Índia nesta semana ou na próxima. Portanto, é melhor que eu dê uma olhada nas cartas do cozinheiro, e será uma tolice me meter em encrencas por tê-las ultrapassadas.

Há mais alguns livros em sânscrito que não foram enviados – um bem grosso e largo, os outros dois muito finos. Por favor, envie-os assim que puder.

Sra. [Milward] Adams, Sra. [Ole] Bull e Srta. Emma Thursby foram para Chicago hoje.

Com amor eterno aos bebês e a você e ao Padre Pope.

Eu permaneço sempre seu filho afetuoso,

VIVEKANANDA

9.1.51 Sra. CASA GW

[54 W. 33RD ST., NOVA IORQUE]

14 de março de 1895

QUERIDA MÃE,

A última carta que você enviou é um aviso dos correios de Chicago sobre um pacote recebido por eles. Acho que são alguns livros que me foram enviados da Índia. Os tapetes não podem passar pelos correios (?) não sei o que fazer. Portanto, devolvo-lhe este aviso e, se eles o entregarem a você, tudo bem; caso contrário, espero que você peça a eles que o enviem para Nova York e tenham a gentileza de fornecer meu endereço.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.52 Sra. CASA GW

[NOVA IORQUE]

25 de abril de 1895]

QUERIDA MÃE,

Fiquei muito tempo fora do país. Voltei anteontem.

Acho que o casaco de verão está em Chicago. Em caso afirmativo, você poderia gentilmente enviá-lo para Miss Phillips, 19 W. 38 Str., Nova York? Está ficando quente aqui todos os dias.

Ficarei em Nova York até o final de maio, pelo menos.

Esperamos que todos estejam com perfeita saúde. Eu permaneço seu verdadeiramente,

VIVEKANANDA

9.1.53 Sra. CASA GW

54 W. 33.

NOVA IORQUE

[26 de abril de 1895]

QUERIDA MÃE,

Talvez você não tenha recebido minha carta pedindo que enviasse os panfletos de Calcutá sobre o Paramahansa Ramakrishna. Por favor, envie-os para mim, 54 W. 33, e também os panfletos sobre a reunião de Calcutá, se tiver algum. Também o casaco de verão aos cuidados da senhorita Phillips, 19 W. 38.

Como não vejo nenhuma probabilidade de ir logo para Chicago, estou pensando em sacar todo o meu dinheiro do banco de Chicago para Nova York. Você poderia, por favor, verificar o valor total exato que tenho em Chicago, para que eu possa sacá-lo imediatamente e depositá-lo em algum banco de Nova York?

Por favor, faça isso e não vou incomodá-lo mais. Escrevi para a Índia há muito tempo sobre tapetes. Não sei se Dewanj [198] está vivo ou morto. Eu não tenho informações.

Estou bem e ainda estarei mais de um mês em Nova York. Depois disso irei para as Mil Ilhas – onde quer que seja esse lugar – para um pouco de tranquilidade e descanso de verão. A Sra. Bagley esteve aqui para me ver e assistiu a várias de minhas aulas.

As aulas continuam com um boom; quase todos os dias eu tenho um, e eles estão lotados. Mas não há “dinheiro” – a não ser que eles se mantenham. Não cobro taxas, exceto quando os membros contribuem voluntariamente para o aluguel, etc.

É muito provável que eu vá embora neste verão.

Com meu amor a todos,

Sempre agradecido seu,

VIVEKANANDA

9.1.54 SRA. CASA GW

54 W. 33 NOVA IORQUE

1º de maio de 1895

QUERIDA MÃE,

Muito, muito obrigado por enviar o casaco. Agora estou bem equipado para o verão. Lamento muito que os tapetes não tenham chegado antes de eu deixar este país. Eles virão se Dewanji estiver vivo.

Estive fora da cidade há alguns dias e agora voltei bem – saudável como sempre.

Senhor te abençoe sempre e sempre por sua bondade incansável para comigo.

Sempre seu filho agradecido,

VIVEKANANDA

P.S. A História do Rajastão [199] Apresento você e a mochila aos bebês.
Seu,

VIVEKANANDA

9.1.55 SR. FRANCIS H. LEGGETT

54 W. Rua 33.

NOVA IORQUE

4 DE MAIO DE 95

CARO AMIGO,

Muito obrigado pelo seu gentil presente. Os charutos são realmente deliciosos – e cem vezes mais, se vindos de você.

Com amor e cumprimentos eternos,

Eu permaneço seu verdadeiramente,

VIVEKANANDA

9.1.56 SRA. CASA GW

54 W. 33

NOVA IORQUE

16 de maio de 95

QUERIDA MÃE,

Sua gentil nota foi devidamente recebida. Os livros chegaram seguros e mais estão chegando. Os livros em sânscrito não pagam impostos, sendo

clássicos. Espero um grande pacote de Khetri. O grande pacote era do Raja de Khetri, enviando-me um discurso de uma reunião realizada pela nobreza Rajput em Mount Abu, para o meu trabalho neste país.

Não sei se poderei ir para Chicago ou não. Estou tentando conseguir um passe livre; caso eu consiga, irei, senão não. Financeiramente, o trabalho deste inverno não foi nenhum sucesso – eu mal conseguia me manter em pé – mas espiritualmente foi muito bom. Vou passar o verão nas Mil Ilhas para visitar um amigo e alguns dos meus alunos estarão lá.

Agora tenho muitos livros da Índia para ler e estarei bastante ocupado neste verão.

O pacote Khetri não chegará em breve, então, por favor, providencie para que ele seja recebido durante sua ausência, caso você vá embora. [Lá] terá que ser pago um imposto pesado por [isso], receio.

A Sra. [Florence] Adams me trouxe o amor das Irmãs [Hale] em seu caminho para a Europa. Ela começou esta manhã. Um grande pacote de livros também espero em breve. Os Upanishads originais – não há nenhum dever sobre eles.

Tive alguns problemas de estômago; espero que tudo acabe em alguns dias.

Com amor a todos, sou sempre seu filho carinhoso,

VIVEKANANDA

9.1.57 Sra. TORRO VELHO

NOVA IORQUE

28 de maio de 95

QUERIDA MÃE,

Sua última carta gentil em mãos. Esta semana será a última das minhas aulas. Vou na próxima terça-feira com o Sr. Leggett para o Maine. Ele tem um belo lago e uma floresta lá. Estarei lá duas ou três semanas. [200] Dali vou para as Mil Ilhas. Também tenho um convite para falar num parlamento de religiões em Toronto, Canadá, no dia 18 de julho. Eu irei das Mil Ilhas para lá e voltarei.

Até agora está tudo indo bem comigo.

Sempre seu filho grato,

VIVEKANANDA

P.S. Meus cumprimentos e amor à sua filha e oro por sua rápida recuperação.

V.

9.1.58 DR. Caro Paulo

19 W. Rua 38,

NOVA IORQUE

28 de junho [maio] de 95

DR. PAUL CARUS, LA SALLE, Illinois.

CARO SENHOR,

Acabei de receber sua carta e ficarei muito feliz em participar do Congresso de Religiões em Toronto. Somente, como você bem sabe, os recursos financeiros de um “Bhikshu” [201] são muito limitados. Terei todo o prazer em fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo e aguardar mais detalhes e instruções.

Espero receber notícias suas em breve e muito obrigado pela sua grande simpatia pela Índia Budista.

Permaneço sempre fraternalmente seu,

VIVEKANANDA

9.1.59 Sra. TORRO VELHO

4 de junho de 95

QUERIDA MÃE

Hoje saio de Nova York às 17h. de navio com o Sr. Leggett.

As aulas foram encerradas no último sábado [1º de junho] e até agora o trabalho tem dado muito certo, grande parte disso se deve a vocês.

Sempre orando por você e pelos seus,

Eu sou sempre seu filho fiel,

VIVEKANANDA

P.S. Vou informá-lo sobre meu paradeiro assim que eu mesmo souber.

9.1.60 DR. Caro Paulo

C/O SENHORITA DUTCHER

PARQUE DE MIL ILHAS

Nova York

[Junho de 1895]

CARO DOUTOR,

Estou neste lugar agora e tive que mudar alguns dos meus planos por conta do Congresso de Toronto.

Portanto, não tenho certeza se poderei comparecer à Conferência de Oak Island. É muito possível, no entanto, que eu consiga fazê-lo.

Também espero que o Sr. [Charles Carroll] Bonney venha. Ele é uma alma nobre, nobre – alguém que deseja sinceramente a comunhão de toda a humanidade.

Não é verdade, Dr., que o Sr. Bonney, como tenho todos os motivos para pensar, originou o plano do parlamento das religiões?

Certamente farei o meu melhor para vir.

Muito obrigado pela sua gentileza, permaneço

Sempre seu no Senhor da Compaixão,

VIVEKANANDA

P.S. Você poderia gentilmente me informar quais linhas de pensamento você quer que eu siga.

V.

9.1.61 SRA. CASA GW

A/C SENHORITA DUTCHER'S

PARQUE DE MIL ILHAS

Nova York

2 de julho de 1895

QUERIDA MÃE -

Faz muito tempo que você não me escreve uma única linha. Nem a Irmã Mary escreveu sobre o imposto pago sobre os tapetes [do Dewan de Junagadh]. Receio que os tapetes sejam pequenos.

Aqui está outra remessa do Raja Ajit Singh [o Marajá de Khetri] consistindo de tapetes, xales, etc., etc., para a qual o conhecimento de embarque que você me enviou outro dia. Esta remessa não tem obrigação de pagar porque foi toda pré-paga na Índia, e o conhecimento de embarque diz isso expressamente. Enviarei a você o conhecimento de embarque e o recibo do imposto. Por favor, dê mais um trabalho para mim e tire-o da empresa expressa. E guarde-o com você até eu chegar. A mercadoria chegou a Nova York e recebi um aviso disso. Eles estão a caminho de Chicago.

Dentro de dois ou três dias enviarei para você o conhecimento de embarque e o recibo do imposto pago. Tolamente, pedi à senhorita Phillips, assim que recebi o aviso da Companhia [202], que os retirasse antes que eu recebesse o conhecimento de embarque. Agora o conhecimento de embarque mostra que ele tem como destino Chicago. Portanto, estou fadado a lhe causar esse problema. Sinto muito. Novamente com meus instintos comerciais habituais - esqueci de anotar o nome da empresa expressa. Por isso escrevi para Nova York solicitando as cartas da Companhia. Assim que chegar eu envio para você.

Vou para a Europa no final de agosto ou um pouco mais tarde.

Irei ver você no final de agosto.

Senhor abençoe você e os seus para todo o sempre.

Seu sempre carinhoso Filho,

VIVEKANANDA

9.1.62 Sra. CASA GW

PARQUE DE MIL ILHAS, NY

C/O SENHORITA DUTCHER

3 de julho de 1895

QUERIDA MÃE -

Com isto envio-lhe o conhecimento de desembarque e o inventário das mercadorias enviadas da Índia. O imposto, como você descobrirá, foi pré-pago, portanto não há nenhum problema nesse sentido. A mercadoria chegou a Hull. [203] Eles estarão aqui em meados deste mês. E se você vir uma carta com o nome Morris American Express Co. no envelope, rasgue-a. Você não precisa encaminhá-lo para mim, pois esse será o aviso de chegada a Chicago. Tenho certeza de que os tapetes de Dewanji eram pequenos demais, mas por que você não me escreve sobre o imposto se tinha que pagá-lo? Eu insisto em pagar sozinho. As coisas do Raja parecem acontecer muito rápido. Também estou muito feliz por ter algo para apresentar à Sra. Bagley, à Sra.

[Anexada à carta acima estava a seguinte nota.]

Avenida DEARBORN, 541.

CHICAGO.

PARA A MORRIS EXPRESS CO.-

CARO SENHOR,

Por favor, permita que a Sra. G. W. Hale, de 541 Dearborn Ave., Chicago, atue em meu nome sobre as mercadorias enviadas para mim da Índia e receba as mesmas.

Tenho a honra de ser, senhor, seu servo mais obediente,

SWAMI VIVEKANANDA

9.1.63 Sra. TORRO VELHO

C/O SENHORITA DUTCHER

PARQUE DE MIL ILHAS

Nova York

13 [carimbado em 11 de julho] de julho de 95.

QUERIDA MÃE,

As camisas chegaram ontem; eles são legais e me cabem bem.

Todo mundo gostou deles.

Landsberg chegou esta manhã com uma foto de Shri Ramakrishna.

O caso de Toronto fracassou porque o clérigo se opôs a um pagão. Há um convite da União Cristã de Oak Beach. Não sei se irei para lá.

Como pretendo ir para Chicago, em agosto, devo dedicar todo o tempo que puder às pessoas daqui.

Ainda não sei a data exacta em que partirei [para a Europa] – mas algures no final de Agosto, tenho a certeza.

Landsberg envia lembranças a todos os demais.

Sempre seu em amor e gratidão,

VIVEKANANDA

9.1.64 Sra. CASA GW

PARQUE DE MIL ILHAS

C/O SENHORITA DUTCHER

Nova York

27 de julho de 95

QUERIDA MÃE -

Ficarei muito grato se você gentilmente investigar o caso das "contas".
[204] Acho que haverá um pequeno imposto a pagar. Eu pagarei a você quando eu vier.

Começo aqui na próxima semana. Estarei em Detroit um ou dois dias no caminho. Estarei lá no dia três ou quatro de agosto.

Com amor eterno, seu Filho,

VIVEKANANDA

[Anexada à carta acima estava a seguinte nota.]

27 de julho de 95

PARA A EMPRESA EXPRESSA DOS ESTADOS UNIDOS
DEPARTAMENTO ESTRANGEIRO.

CARO SENHOR,

Com isto autorizo a Sra. George W. Hale a receber as "contas" que me foram enviadas da Índia. Esperando que eles sejam entregues regularmente a ela, continuo sendo seu obedientemente,

SWAMI VIVEKANANDA

9.1.65 Sra. CASA GW

C/O SENHORITA DUTCHER

PARQUE DE MIL ILHAS

30 de agosto [julho] de 95

QUERIDA MÃE,

Eu estava partindo para Chicago na próxima quinta-feira [1º de agosto], mas sua carta me impediu. A carta e o pacote chegaram em segurança.

Escreva para mim ou telegrafe se quiser que eu vá para Chicago. Partirei então para Chicago na próxima semana, ou seja, na próxima terça-feira [6 de agosto]. Pensei que a Irmã Mary estivesse em casa. Quando chegarão os outros bebês? A minha ida para a Europa ainda não está definitivamente decidida. Os bebês não me escreveram uma linha – nenhum deles.

Oh, mãe, meu coração está tão, tão triste. As cartas trazem a notícia da morte de Dewanji. Haridas Viharidas deixou o corpo. Ele era como um pai para mim. Coitado, ele estava há 5 anos buscando a aposentadoria da vida empresarial, e finalmente conseguiu, mas não conseguiu aproveitar por muito tempo. Rezo para que ele nunca mais volte a este buraco sujo que chamam de Terra. Ele também não pode nascer no céu ou em qualquer outro lugar horrível. Que ele nunca mais use um corpo – bom ou ruim, grosso ou fino. Que farsa e ilusão é este mundo, Mãe, que escárnio é esta vida. Rezo constantemente para que toda a humanidade conheça a realidade, ou seja, Deus, e que esta “Loja” aqui seja fechada para sempre.

Meu coração está cheio demais para escrever mais. Escreva para mim ou telegrafe se quiser.

Seu sempre obediente Filho,

VIVEKANANDA

P.S. Pensaremos no próximo pacote [do Marajá de Khetri] em Chicago. Quanto tempo você ficará em Chicago? Se for apenas uma semana ou mais, não preciso ir. Encontro você em Nova York. Se for mais do que isso, venho ver você.

Seu,

V.

C/O SENHORITA DUTCHER

PARQUE DE MIL ILHAS

Nova York

[31 de julho de 1895]

QUERIDA MÃE -

Receio não poder ir vê-lo e você também não me aconselhará. Vou com um amigo [205] para a Europa, às custas dele. Vamos primeiro para Paris e de lá para Londres. Meu amigo irá para a Itália e eu para Londres. Voltarei, no entanto, a Nova York em setembro. Então não vou embora para sempre.

Começo no dia 17. Então você vê, é impossível ir e vir assim por 3 ou 4 dias.

O pacote da Índia já deveria ter chegado a essa altura. Se eles vierem, [206] gentilmente receba a entrega e envie-a de volta para Nova York para Miss Mary Phillips, 19 W. 38. Se o pacote não chegar a Chicago antes de você partir, então gentilmente envie o conhecimento de embarque, etc. para Miss Mary Phillips, 19 anos. W. 38. Os bebês [as filhas Hale] não me escreveram uma única linha, nem informaram onde estão. Eu absolutamente não sei nada sobre eles. Como eles não querem isso, parece que não devo incomodá-los com minhas cartas. Mas você gentilmente transmite a eles meu amor e bênçãos eternas e imortais. Então, para você, Mãe e Padre Papa. Escreverei uma epístola mais longa em alguns dias. Nos veremos na próxima primavera em Chicago, mãe, se todos sobrevivermos.

Sempre agradecido ao seu Filho,

VIVEKANANDA

9.1.67 SR. FRANCIS LEGGETT

[PARQUE DE MIL ILHAS, EUA]

Agosto de 1895]

CARO AMIGO,

Recebi sua nota devidamente.

É muito gentil e nobre da sua parte me pedir para ter meu próprio tempo em Londres. Muito obrigado por isso. Mas não tenho pressa para Londres e, além disso, quero ver você casado em Paris e depois vou para Londres.

Estarei pronto, Padre Leggett, na hora e na hora certa - não tema.

Atenciosamente, sempre,

VIVEKANANDA

9.1.68 Sra. CASA GW

A EMPRESA DE TELÉGRAFO DA WESTERN UNION.

RECEBIDO EM: LOJA DE DROGAS DO PLAZA HOTEL,

AV. NORTE. & RUA CLARK.

MIL ILHA, NY, 2, '95

[2 de agosto de 1895]

8 JW ws 11 pago às 13h33.

SRA. CASA GW

Avenida Dearborn, 541.

POR QUE QUALQUER TAXA PRÉ-PAGA [207] VOCÊ TEM
DOCUMENTOS E ESCREVA INDICAÇÕES COMPLETAS.

VIVEKANANDA

9.1.69 IRMÃ CHRISTINE

RUA 38 OESTE 19

9 de agosto de 95

QUERIDA CRISTINA,

Você deve estar gostando muito do clima lindo. Aqui faz muito calor, mas isso não me preocupa muito. Fiz uma viagem agradável de Thousand Islands a Nova York; e embora a locomotiva tivesse descarrilado, eu não sabia de nada, pois estava dormindo o tempo todo. Miss Waldo saiu do trem em Albany. Eu não a vi partir enquanto estava dormindo. Ainda não ouvi nada dela. Espero ouvir em breve. Dr. L. Wight] e a senhorita [Ruth] Ellis devem ter ido para casa a essa hora.

Demos-lhes uma mensagem telepática, mas a Srta. Ellis não tem certeza, caso contrário ela escreveria.

Estou fazendo preparativos para minha partida.

Cheguei a tempo para uma das reuniões aqui e tive outra ontem à noite – terei mais uma esta noite e quase todas as noites até eu passar.

O que a Sra. Funkey [Mary Caroline Funke] e a Srta. [Mary Elizabeth] Dutcher estão fazendo? Você vai meditar na montanha como sempre? Você teve notícias de Kripananda?

Escreva para mim assim que puder - estou muito ansioso para ouvir de você.

Sempre seu com bênçãos e amor,

VIVEKANANDA

P.S. Meu amor e bênçãos à Sra. Funkey e à Srta. Dutcher.

V.

9.1.70 Sra. TORRO VELHO

RUA 38 OESTE 19

NOVA IORQUE

9 de agosto de 95

QUERIDA MÃE -

Sua nota foi devidamente recebida. Eu também vi a Srta. Thursby ontem. Depois do trabalho duro nas Mil Ilhas, estou tirando alguns dias de tranquilidade e preparação para minha partida. Portanto, não posso ir para Greenacre. Estou com a senhorita Phillips e ficarei até o dia 17, dia em que partirei para a Europa. Eu vi o Sr. Leggett. Você se lembra da Sra. Sturges, a viúva de preto das minhas aulas. Ela vai se casar com o Sr. Leggett em Paris. Eles vão se casar na primeira semana em que chegarmos, e depois farão uma turnê pela Europa, e eu, pela Inglaterra. Espero voltar em algumas semanas – de volta a Nova York.

Por favor, entregue à senhorita Hamlin [Elizabeth L. Hamlen], à senhorita [Sarah] Farmer, ao Dr. L. Wight] e Srta. Howe, e todos os nossos amigos, minhas saudações, amor e adeus.

Sempre sinceramente seu Filho,

VIVEKANANDA

9.1.71 IRMÃ CHRISTINE

[O seguinte telegrama foi enviado em nome de Swami Vivekananda.]

EMPRESA DE CABO TELÉGRAFO POSTAL

RECEBIDO NO ESCRITÓRIO SEDE, COR. GRISWOLD

E LAFAYETTE AVE., DETROIT, MICH.

43. Nova Iorque. FC. C. . . 10 PAGOS. 12h45

NOVA IORQUE, NY

[17 de agosto de 1895]

SENHORITA CHRISTINA GREENSTIDEL,

418 ALFRED ST., DETROIT, MICH.

SWAMM [SWAMI] SAINDO ENVIA VOCÊ E A SRA. FUNKE AMOR E
BÊNÇÃO.

KRIPANANDA.

9.1.72 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY

RUA OAKLEY, 80

CHELSEA, SW

LONDRES.

24 de outubro de 95

Nós nos encontramos e nos separamos. Esta é a lei
e sempre será.

Eu pergunto com tristeza, ó gentis

Você se lembra de mim?

Não recebi notícias de Chicago, nem escrevi porque não queria incomodá-
los - também não sabia para onde ir.

Acompanhando está um anúncio de jornal sobre uma palestra que proferi
em Londres. Não é ruim. O público londrino é muito culto e crítico, e a
natureza inglesa está longe de ser efusiva. Tenho alguns amigos aqui – fiz
mais alguns – então vou em frente.

Minha cama está cheia de espuma

Que me importa, amigo, o orvalho!

A minha vida é estranha: sempre viajando, sem descanso. O descanso será minha morte – tal é a força do hábito. Pouco sucesso aqui, pouco ali – e muitos obstáculos. Vi um bom [negócio] em Paris. A senhorita Josephine M'cLeod [MacLeod], uma amiga de Nova York, mostrou-me tudo durante um mês. Mesmo aí, a gentil garota americana! Aqui na Inglaterra eles nos conhecem mais. Aqueles que não gostam dos hindus os odeiam; aqueles que gostam, eles os adoram.

É um trabalho lento aqui, mas com certeza. Nem espumoso, nem superficial. As mulheres inglesas, em regra, não são tão educadas como as mulheres americanas, nem são tão bonitas. Elas são esposas bastante submissas ou filhas escondidas ou mães que frequentam a igreja – as personificações da convencionalidade cristalizada. Vou ter algumas aulas no endereço acima.

Às vezes - e geralmente quando obtenho um sucesso - sinto desânimo; Sinto como se tudo fosse vão – como se esta vida não tivesse sentido, como se fosse um sonho acordado. Amor, amizade, religião, virtude, bondade – tudo, um estado de espírito momentâneo. Parece que estou com muita vontade de ir; apesar de mim mesmo eu digo, quão longe – Oh, quão longe! No entanto, o corpo e a mente terão de resolver o seu Karma. Espero que não seja ruim.

Como vocês estão indo? Onde fica Igreja Matriz? Ela está entrevistando os fantasmas de Thotmes e Ramsés [208] nas Pirâmides – ou cumprindo calmamente suas tarefas em casa?

No entanto, a vida parece aprofundar-se e ao mesmo tempo perder o controle sobre si mesma.

Não nojo, nem alegria pela vida, mas uma espécie de indiferença – as coisas seguirão seu curso; quem pode resistir - apenas fique parado e observe. Bem, não vou falar muito sobre mim. Egoísta flagrante! Eu sempre fui isso, você sabe. E vocês todos? Muito divertido esta vida, não é? Não vá aos

extremos. Uma vida de casado calma, tranquila e estável é boa para a maioria da humanidade. O Sr. [Edward T.] Sturdy, o amigo com quem estou morando agora, esteve na Índia diversas vezes. Ele se misturou com nossos monges e tem hábitos muito ascéticos, mas finalmente se casou e se estabeleceu. E [ele] tem um lindo bebezinho. A vida deles é muito boa. A esposa, é claro, não se importa muito com metafísica ou sânscrito, mas toda a sua vida está no marido – e a alma do marido está na metafísica sânscrita! No entanto, é uma boa combinação de teoria e prática, eu acho. Escreva-me tudo sobre você se tiver tempo e disposição, e dê à Mãe Igreja minha eterna gratidão.

Meus movimentos são tão, tão incertos. Mesmo assim, ficarei mais um mês em Londres.

Com gratidão e amor sem fim,

VIVEKANANDA

9.1.73 IRMÃ CHRISTINE

228 W. RUA 39

[NOVA IORQUE]

8 de dezembro de 95

QUERIDA CRISTINA,

Estou mais uma vez em solo americano e me hospedei em 228 W. 39, onde começarei a trabalhar na próxima segunda-feira. Algum tempo depois do Natal pretendo fazer um tour por Detroit e Chicago.

Não me importo nem um pouco com palestras públicas – e não creio que terei mais palestras públicas cobrando admissão. Se você visitar a Sra. Phelps e outros amigos nossos e organizar algumas aulas (estritamente sem pagamento), isso facilitará bastante as coisas.

Escreva o mais rápido possível e dê à Sra. Phunkey [Funke] e a todos os nossos amigos meu mais profundo amor e gratidão.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

P.S. Kripananda está cheio de elogios a você e à Sra. Funkey [Funke] e envia seus cumprimentos amorosos para você.

9.1.74 IRMÃ CHRISTINE

228 W. RUA 39

[NOVA IORQUE]

10 de dezembro de 1895

QUERIDA CRISTINA,

Talvez a esta altura você já tenha recebido minha primeira carta. Recebi o seu agora há pouco.

Tive um sucesso esplêndido na Inglaterra e deixei lá um núcleo para trabalhar até minha chegada no próximo verão. Você ficará surpreso ao saber que alguns dos meus amigos mais fortes são grandes “armas” da Igreja da Inglaterra.

Neste Natal vou viajar por uma semana, a partir de 24 de dezembro, para o campo com o Sr. e a Sra. Leggett - depois disso retomo meu trabalho. Enquanto isso as aulas já começaram.

Escrevi para você minha intenção de dar uma volta rápida por Detroit e Chicago enquanto isso e [depois] voltar.

Dê lembranças à Sra. Phelps e gentilmente organize as aulas [em Detroit] com ela. O melhor é organizar uma palestra pública onde eu apresente meu plano geral de trabalho. A igreja unitária está disponível; e se a palestra for

gratuita, haverá uma grande multidão. A arrecadação provavelmente cobrirá as despesas. Então, a partir disso, obteremos os materiais para uma grande turma e os apressaremos, deixando a Sra. Phelps, você e a Sra. Funkey [Funke] trabalhando com eles.

Este plano é inteiramente viável e se a Sra. Phelps e a Sra. Bagley o desejarem, poderão resolvê-lo muito rapidamente.

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.75 IRMÃ CHRISTINE

228 W. RUA 39

NOVA IORQUE

12 de dezembro de 1895

QUERIDA CRISTINA,

Sairei da cidade a partir do dia 24 deste mês e retornarei no dia 2 de janeiro. Do dia 24 ao dia 2 não estarei aqui. Marcarei as datas para Detroit e Chicago depois de ouvir de você e de Chicago.

[Parágrafo retirado da carta original.]

Meus cumprimentos à Sra. Phunkey [Funke] [extirpada] e todos os outros amigos.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.76 MAHARAJA DE LIMDI, CATHIAWAD, BOMBAIM

CHICAGO

14 de dezembro de 95

SUA ALTEZA,

O cavalheiro que tenho o prazer de apresentar-vos foi o presidente do Parlamento das Religiões realizado em Chicago.

Ele é um cavalheiro santo e nobre. Temos para com ele uma profunda dívida de gratidão; e como ele vai fazer uma viagem pela Índia, espero que Vossa Alteza lhe estenda a mesma hospitalidade que tem para conosco.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.77 DEWAN DE MYSORE, MADRAS

(Sua Excelência Seshahari Iyer, K.C.S.I.)

CHICAGO,

14 de dezembro de 95

CARO SENHOR -

O cavalheiro que tenho o prazer de apresentar a vocês era o presidente do Parlamento das Religiões de Chicago.

Toda a Índia tem para com ele uma profunda dívida de gratidão. Ele está agora em turnê pelo nosso país e tenho certeza de que você o ajudará a conhecer sua parte do país e o fará.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.78 IRMÃ CHRISTINE

228 W. RUA 39

NOVA IORQUE

24 de dezembro de 1895

QUERIDA CRISTINA —

Feliz Natal e próspero Ano Novo para você. Vou hoje para o campo.
Retorno em 10 dias.

Sobre a turnê por Detroit – vou consertar isso mais tarde. Receio que se eu
for agora, tudo aqui vai desmoronar.

Irei de qualquer maneira, mas temo que seja mais tarde do que esperava.

Meus cumprimentos à Sra. Phelps, Sra. Phunkey [Funke] e todos os nossos
amigos e saudações de Natal.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

P.S. Kripananda também envia saudações.

V.

9.1.79 SRA. TORRO VELHO

228W.39

NOVA IORQUE

24 de dezembro de 1895

Feliz Natal e próspero Ano Novo para você, querida Sra. Bull. E que a paz
e a saúde repousem sobre você e os seus para sempre. Vou sair da cidade

hoje e estarei de volta em dez dias.

Meu amor a todos.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.80 EDITOR, LUZ DO ORIENTE

1896 .

CARO SENHOR, [209]

Muito obrigado pela gentileza de me enviar vários exemplares da Luz do Oriente. Desejo todo sucesso ao jornal.

Como você pediu minha sugestão [que] eu possa fazer para melhorar o artigo - devo afirmar francamente que em minha experiência ao longo da vida no trabalho, sempre achei o "Ocultismo" prejudicial e enfraquecedor para a humanidade. O que queremos é força. Nós, índios, mais do que qualquer outra raça, queremos um pensamento forte e vigoroso. Temos o suficiente do superfino em todas as questões. Durante séculos estivemos cheios de mistério; o resultado é que a nossa digestão intelectual e espiritual fica quase irremediavelmente prejudicada, e a raça foi arrastada para as profundezas da imbecilidade sem esperança - nunca antes ou depois experimentada por qualquer outra comunidade civilizada. Deve haver frescor e vigor de pensamento para formar uma raça viril. Mais do que suficiente para fortalecer o mundo inteiro existe nos Upanishads. O Advaita é a eterna mina de força. Mas exige ser aplicado. Deve primeiro ser limpo da incrustação da escolástica e, então, em toda a sua simplicidade, beleza e sublimidade, ser ensinado em toda a extensão do país, aplicado até mesmo aos mínimos detalhes da vida diária. "Esta é uma encomenda muito grande"; mas devemos trabalhar nesse sentido, no entanto, como se isso fosse ser realizado amanhã. De uma coisa tenho certeza: quem quiser ajudar os seus semelhantes através do amor genuíno e do altruísmo fará maravilhas.

Sinceramente,

VIVEKANANDA

9.1.81 Sra. TORRO VELHO

228 W. RUA 39

NOVA IORQUE

3 de janeiro de 96

PREZADA SENHORA. TOURO-

Recebi uma carta do Sr. Trine [210] pedindo-me para ter algumas aulas na Procopeia [211] em fevereiro. Não vejo como ir a Boston em fevereiro, por mais que eu goste. Desisti por enquanto do meu plano de ir a Detroit e Chicago em fevereiro. Mais tarde vou tentar. A senhorita [Josephine] Locke cuidará para que eu tenha aulas em Chicago e eu tenho alguns amigos em Detroit. Talvez eu vá para Baltimore por alguns dias enquanto isso. Gostei muito da minha visita aos Leggetts. Isso me preparou para mais trabalho. Estou muito bem tanto fisicamente quanto mentalmente.

Desejando a você um feliz ano novo,

Continuo seu carinhosamente,

VIVEKANANDA

9.1.82 SRA. CHARLES (MARIA) FUNKE

228W.39

NOVA IORQUE,

6 de janeiro de 1896.

PREZADA SENHORA. FUNKEY [FUNKE] —

Muito, muito obrigado pelas lindas flores. Isso me lembra os belos momentos que passamos nas Mil Ilhas e pressagia muitas dessas reuniões de verão.

O trabalho aqui começou com toda a seriedade e iremos avançá-lo mais este ano do que no ano passado.

Portanto, não tenho certeza da data exata da minha vinda a Detroit. Eu irei, no entanto, muito em breve.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.83 SRA. TORRO VELHO

228 W. RUA 39

NOVA IORQUE

10 de janeiro de 1896

PREZADA SENHORA. TOURO,

Recebi sua carta e também outra do secretário do Clube Metafísico de Harvard. [212]

Ficarei muito feliz em vir a Boston especialmente para a palestra em Harvard - mas estas são as dificuldades no caminho: primeiro, o trabalho aqui cairá em pedaços; em segundo lugar, comecei a escrever com toda a seriedade. Quero terminar alguns livros didáticos para servirem de base de trabalho quando eu partir. Quero ler rapidamente quatro livrinhos antes de ir.

É claro que é impossível vir este mês, pois os avisos das quatro palestras dominicais já foram divulgados. Na primeira semana de fevereiro terei

novamente uma palestra no Brooklyn, na casa do Dr. Janes. Minha ideia agora é fazer uma turnê por Boston, Detroit e Chicago em março e depois voltar para Nova York daqui a uma semana ou mais e depois partir para a Inglaterra. Em março poderei ficar algumas semanas em cada um desses lugares. É claro que é verdade que ainda não tenho pessoas competentes aqui para continuar o trabalho como Sturdy na Inglaterra, nem qualquer amigo sincero para me apoiar, exceto você.

Farei tudo o que você quiser, e se você acha que é bom eu ir a Boston em fevereiro, estou pronto.

Sempre seu com gratidão, amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

P.S. Não tenho muita fé nesse negócio da Procopeia, [213] exceto como um núcleo a partir do qual trabalhar.

Meus cumprimentos à senhorita Hamlin e a todos os outros amigos de lá.

SEU, V.

9.1.84 IRMÃ CHRISTINE

24 de janeiro de '95 ['96]

QUERIDA CRISTINA,

Não tenho notícias suas há muito tempo. Espero que tudo esteja indo bem com você e a Sra. Phunkey [Funke].

Você recebeu meu poema? [214] Recebi uma carta da Sra. Phelps hoje. Irei para Detroit no próximo mês de março, pois terei que terminar meu curso de fevereiro em Nova York. As palestras públicas serão impressas à medida que forem proferidas. As palestras das aulas serão em breve coletadas e editadas em pequenos volumes.

Que o Senhor te abençoe sempre e sempre.

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.85 Sra. TORRO VELHO

228W.39

NOVA IORQUE

6 de fevereiro de 96

PREZADA SENHORA. TOURO -

Recebi devidamente o seu último, mas devido a muitas coisas desisti de descansar no próximo mês. Vou para Detroit na primeira semana de março e depois, no meio ou na semana passada, venho para Boston. Não tenho muita fé em trabalhar coisas como a Procopeia [Clube] etc. – porque esses conglomerados confusos de todos os ismos e realidades – principalmente modismos – perturbam a estabilidade da mente, e a vida se torna uma massa de frivolidades. Estou muito feliz, porém, por ter a oportunidade de conversar com os formandos de Harvard. Isso não significa que eu não venha para a Procopeia. Eu irei, mas será apenas por sua causa. Porém, existe um se - e é se eu for fisicamente capaz. Minha saúde quase piorou. Não dormi profundamente nem uma única noite em Nova York desde que cheguei; e este ano há um trabalho incessante, tanto com a caneta como com a boca. O trabalho acumulado e a preocupação de anos estão sobre mim agora, infelizmente. Então uma grande luta me espera na Inglaterra. Desejo ir ao fundo do mar e ter um bom e longo sono.

Devo ir para Detroit, vivo ou morto, pois os desapontei várias vezes no ano passado. Houve grandes ofertas de dinheiro perto de Chicago. Eu os rejeitei porque não acredito mais em palestras pagas e na sua utilidade em qualquer país. Se depois de Detroit eu sentir que o corpo é capaz de se arrastar para Boston, irei; caso contrário, permanecerei em Detroit ou em algum outro lugar tranquilo e descansarei para me recuperar para o próximo trabalho na Inglaterra. Até agora tenho tentado trabalhar conscientemente – deixar que

os frutos pertençam ao Senhor. Se fossem bons, brotariam mais cedo ou mais tarde; se forem ruins, quanto mais cedo morrerem, melhor. Estou bastante satisfeito com minha tarefa na vida. Tenho sido muito mais ativo do que um Sannyasin deveria ser. Agora vou desaparecer completamente da sociedade. O toque do mundo está me degenerando, tenho certeza, então é hora de ir embora. O trabalho não tem mais valor além de purificar o coração. Meu coração é bastante puro; por que devo me preocupar em fazer o bem aos outros? "Se você conheceu o Atman como o único, apenas a existência e nada mais existe, desejando o quê? - pelo desejo de quem você se preocupa?" [215] Este universo é um sonho, puro e simples. Por que me preocupar com um sonho? A própria atmosfera do mundo é um veneno para o Yogue, mas estou despertando. Meu velho coração de ferro está voltando – todos os apegos de parentes, amigos, discípulos estão desaparecendo rapidamente. “Nem através da riqueza nem através da progênie, mas abandonando tudo como joio, a imortalidade é alcançada” [216] – os Vedas. Estou tão cansado de falar também; Quero fechar meus lábios e ficar sentado em silêncio por anos. Toda conversa é bobagem.

Com os melhores cumprimentos,

VIVEKANANDA

9.1.86 SENHORITA EMMA QUINTA-FEIRA

228 W. RUA 39

NOVA IORQUE,

26 de fevereiro de 1896

CARA SENHORITA QUINTA-FEIRA,

Você poderia me fazer o favor de fornecer ao Sr. Goodwin todos os detalhes que puder com referência aos acordos comerciais feitos para minhas 6 palestras com a Srta. Corbin. Ele a verá, com a ideia de obter pagamento.

Agradecendo antecipadamente e com os melhores cumprimentos,

Muito verdadeiramente seu,

VIVEKANANDA

9.1.87 GIRIDHARIDAS MANGALDAS VIHARIDAS DESAI

228 W. RUA 39

NOVA IORQUE

2 de março de 1896

CARO AMIGO,

Desculpe a demora em responder à sua linda mensagem.

Seu tio [217] era uma grande alma e toda a sua vida foi dedicada a fazer o bem ao seu país. Espero que todos vocês sigam seus passos.

Estou vindo para a Índia neste inverno e não posso expressar minha tristeza por não ver Haribhai mais uma vez.

Ele era um amigo forte e nobre, e a Índia perdeu muito ao perdê-lo.

Muito em breve irei para Inglaterra onde pretendo passar o verão, e no próximo inverno venho para a Índia.

Recomende-me aos seus tios e amigos.

Sempre sempre o simpatizante de sua família,

VIVEKANANDA

PS: Meu endereço na Inglaterra é: C/o E. T. Sturdy, Esq., High View, Caversham, Reading, Inglaterra.

9.1.88 IRMÃ CHRISTINE

C/O PROCOPEIA
Rua BOTOLPH, 45
BOSTON, MASSA.

22 de março de 96

QUERIDA CRISTINA,

Com isto [palavras extirpadas] para referenda-lo e colocá-lo [palavras extirpadas]. Receio ter cometido um erro ao escrever Senhorita em seu nome. Nesse caso você terá que assinar também como Senhorita etc.

Estou gostando muito de Boston, especialmente dos velhos amigos daqui.

Eles são todos gentis. Responda prontamente. Escreva completamente mais tarde.

Com amor e bênçãos eternos,

Seu etc.,

VIVEKANANDA

9.1.89 Sra. CHARLES (MARIA) FUNKE

C/O PROCOPEIA
Rua BOTOLPH, 45
BOSTON, MASSA.

22 de março de 96

PREZADA SENHORA. FUNKEY [FUNKE] —

Não tive tempo nem de escrever uma linha, estava muito ocupado. Estou gostando imensamente de Boston, só trabalho duro. O encontro com velhos amigos é muito prazeroso, sem dúvida. A chamada turma chegou a 500

pessoas ontem à noite e, temo, continuará aumentando. Tudo acontecendo esplendidamente. Sr. Goodwin tão gentil como sempre. Somos todos amigos aqui. Vou na próxima semana para Chicago.

Espero que tudo esteja indo bem com você aí. Por favor, dê minhas lembranças à Sra. Phelps, ao Sr. Phelps e a todos os outros amigos.

Com todo amor e bênçãos,

Seu,

VIVEKANANDA

9.1.90 IRMÃ CHRISTINE

Avenida INDIANA, 1628.

CHICAGO, Illinois.

[6 de abril de 1896]

QUERIDA CRISTINA,

[Linha cortada.] responda o mais rápido possível.

Vou para Nova York na quinta-feira [9 de abril] e partirei para a Inglaterra no dia 15 de abril.

Adeus e amor a todos vocês - à Sra. Funkey [Funke], à Sra. Phelps e a todos os nossos amigos.

Nesta vida nos encontramos e nos separamos continuamente; mas a mente é onipresente e pode estar, ouvir e sentir em qualquer lugar.

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

P.S. Dê a Kripananda e à senhorita [Martha] Hamilton meu amor e bênçãos na próxima vez que os encontrar.

V.

[Escrito na margem:] Irei para Nova York na próxima sexta-feira [10 de abril].

9.1.91 IRMÃ CHRISTINE

VISTA ALTA, CAVERSHAM

LENDON, LONDRES.

26 de abril de 96

QUERIDA CRISTINA,

Como vão as coisas com você? Estou são e salvo aqui na Inglaterra. Vou começar a trabalhar a partir de quatro de maio. Como está a Sra. Funkey [Funke]?

Dê-lhes todo o meu amor. Escreva-me tudo sobre você e a Sra. Funkey quando tiver tempo. Endereço: 63 St., George's Road, S.W. Londres.

Onde está Krip. [Swami Kripananda]? O que ele está fazendo agora? Ele já conseguiu assistir alguma aula? Seu temperamento diminuiu?

Dê a eles todo o meu amor - e [à] Srta. Hamilton e a todos os meus amigos e ao Rabino [Grossman de Detroit].

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.92 Sra. TORRO VELHO

63 ST. ESTRADA DE GEORGE

LONDRES. SW

8 de maio de 1896

PREZADA SENHORA. TOURO -

Sua última carta para Sturdy está em mãos. Eles, lamento dizer, não nos deixam em lugar nenhum. Eu não consegui fazer nada com eles.

O que devemos fazer? O livro será publicado ou não? A introdução do Prof. [William] James [218] não tem utilidade na Inglaterra. Então, por que esperar tanto por isso; e para que servem essas longas explicações sobre ele?

Nossas mãos estão amarradas. Por que você não escreve algo claro e decisivo? A vida é curta e o tempo voa. Lamento muito que você esteja perdendo isso de vista. Suas cartas estão cheias de explicações [e] orientações, mas nenhuma palavra sobre o que deve ser feito!!! Tanta burocracia para imprimir um livrinho!! Os impérios são administrados com menos manipulação do que isso, tenho certeza!! Então, por favor, escreva o mais cedo possível algo preciso sobre o livro e se ele será impresso ou não, e reze para que a escrita seja um pouco legível.

O pobre Sturdy não sabe o que fazer; ele passou pelo Mss. muito tempo atras.

Brincadeiras à parte, sinto muito que você não venha este ano. Estamos na casa de Dona Isabel. [219] A senhorita [Henrietta] Müller também alugou alguns quartos. Goodwin está aqui conosco. Ainda não fizemos grande agitação aqui. As aulas começaram; eles ainda não são o que esperávamos. Nós [tivemos] apenas dois ainda.

Trabalharemos de forma constante nos próximos 4 ou 5 meses. Sturdy está tão paciente, perseverante e esperançoso como sempre.

Ainda está fresco o suficiente aqui para ter fogo na lareira.

Dê minhas lembranças à Sra. Adams, à Srta. Thursby e a todos os outros amigos. Meu amor ao Sr. Fox e bênçãos.

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.93 SR. FRANCIS LEGGETT

63 ST. ESTRADA DE GEORGE, LONDRES, SW

6 de julho de 1896

PARA FRANCIS LEGGETT, ESQ. [220]

CARO SENHOR,

Com isto eu o constituo como meu advogado e representante em relação a todos os panfletos de publicação, etc., escritos ou ditados por mim, seus direitos autorais, venda, etc., nos EUA da América.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.94 Sra. TORRO VELHO

63 ST. ESTRADA DE GEORGE, LONDRES, SW

6 de julho de 1896

PREZADA SENHORA. TOURO -

Enviei ao Sr. Leggett por último correio a procuração e, como você desejou, esta é para notificá-lo do fato e absolvê-lo das responsabilidades da procuração que lhe dei na América no ano passado.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

Saradananda e Goodwin já chegaram, tenho certeza, a essa altura. Recebi uma bela carta do Dr. Jain [Dr. Lewis G. Janes]. Vou passar férias na Suíça daqui a alguns dias. Pretendo ficar lá um mês ou mais. Voltarei a Londres no próximo outono. Não sei quando voltarei para a Índia.

As coisas estão crescendo bem aqui.

Com amor a todos,

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.95 SRA. CASA GW

7 de julho de 1896

QUERIDA MÃE -

[No] dia 18 deste mês parto para a Suíça de férias. Voltarei a Londres para trabalhar no outono. O trabalho na Inglaterra parece ser muito melhor e mais profundo do que nos EUA. E aqui em Londres também está o coração da Índia. Onde você está agora? Estou passando por Genebra a caminho das Colinas. Estarei lá um ou dois dias.

Se você estiver em algum lugar próximo, farei questão de ir vê-lo. Você ouviu Annie Besant? Como você gostou dela? E seus planos de ir para a Índia no próximo inverno? E os inocentes [221] em casa? Não tive notícias deles. Meu amor ao Padre Pope, à Mãe Temple [222] e a você mesmo. Por favor responda, pois ficarei apenas alguns dias aqui.

Sempre seu com amor e gratidão,

VIVEKANANDA

9.1.96 EDITOR, LUZ

Uma carta ao editor, publicada na edição de 11 de julho de 1896 da Light

63, ST. GEORGE'S-ROAD, SW.

SENHOR,

Permita-me colocar algumas palavras em seu estimável diário como comentários sobre um artigo de seu jornal datado de 4 de julho. Devo agradecer sem reservas o espírito gentil e amigável manifestado ao longo do artigo em relação a mim e à filosofia que prego; mas, como há medo de má interpretação em uma parte dele – especialmente por parte de meus amigos espíritas – quero esclarecer minha posição. A verdade da correspondência entre os vivos e os mortos está, creio eu, em todas as religiões, e em nenhum lugar mais do que nas seitas vedânticas da Índia, onde o fato da ajuda mútua entre os falecidos e os vivos tornou-se a base da lei de herança. Lamentaria muito se fosse confundido como antagônico a qualquer seita ou forma de religião, desde que sejam sinceras. Também não defendo que qualquer sistema possa alguma vez ser julgado pelas fraudes e falhas que naturalmente se acumulariam em torno de todos os métodos nas actuais circunstâncias. Mas, mesmo assim, não posso deixar de acreditar que qualquer pessoa sensata concordaria comigo quando afirmo que as pessoas devem ser avisadas dos seus perigos, com amor e simpatia. A palestra aludida poderia apenas tocar acidentalmente no tema do Espiritismo; mas aproveito esta oportunidade para transmitir a minha profunda admiração pela comunidade espírita pelo bem positivo que já fizeram e ainda fazem: (1) a pregação de uma simpatia universal; (2) o trabalho ainda maior de ajudar a raça humana a sair de doutrinas que inculcam medo e não amor. Sempre prontos a cooperar e a servir todos os que se esforçam para trazer a luz do espírito,

Eu permaneço seu sinceramente,

VIVA KANANDA

9.1.97 SRA. TORRO VELHO

63 ST. ESTRADA DE GEORGE

18 de julho de 96

PREZADA SENHORA. TOURO,

Recebi devidamente sua última mensagem - e você já sabe minha gratidão e amor por você e que concordo perfeitamente com a maioria de suas ideias e trabalhos.

Não entendi, porém, um ponto. Você fala de Sturdy e eu como membros. Membros de quê? Eu, como você bem sabe, não posso me tornar membro de nenhuma sociedade.

Fico muito feliz em saber que você ficou favoravelmente impressionado com Saradananda. Há um grande erro sob o qual você está trabalhando. O que você quer dizer com [eu] escrever para meus funcionários de forma mais confidencial e não para você? Raramente escrevo para alguém - não tenho tempo para escrever. Não tenho trabalhadores. Todos são independentes para trabalhar como quiserem. Eu não me preocupo nem um pouco com essas pequenas coisas. Posso dar ideias — isso é tudo; deixe as pessoas resolvê-los da maneira que quiserem e boa sorte para todos.

“Aquele que trabalha desapegado das pessoas e desistindo dos frutos do trabalho é um verdadeiro trabalhador” – Gitâ.

Atenciosamente, com amor e gratidão,

VIVEKANANDA

9.1.98 IRMÃ CHRISTINE

[POSTMARKED: SAAS-FEE]

SUÍÇA

5 de agosto de 1896

ABENÇOADO E AMADO,

Cercado por todos os lados por picos nevados eternos, sentado na grama de um lindo bosque, meus pensamentos vão para aqueles que amo - por isso escrevo.

Estou na Suíça – em constante movimento – descansando muito. É um Himalaia em miniatura e tem o mesmo efeito de elevar a mente até o Ser e afastar todos os sentimentos e laços terrenos. Estou gostando intensamente. Eu me sinto tão, tão elevado. Não posso escrever, mas desejo que você tenha o mesmo para sempre – quando seus pés não quiserem, por assim dizer, tocar a terra material – quando a alma se encontrar flutuando, por assim dizer, em um oceano de espiritualidade.

O Prof. Max Müller escreveu no século XIX um artigo sobre meu mestrado. Leia se puder – número de agosto.

Espero que você esteja aproveitando este lindo verão e esteja perfeitamente descansado depois de muito trabalho.

Meu amor a todos. Bênçãos para todos.

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

P.S. Algumas flores alpinas crescendo quase no meio da neve eterna eu lhe envio, orando para que você possa alcançar a resistência espiritual em meio a todas as neves e gelo desta vida.

V.

9.1.99 IRMÃ CHRISTINE

AIRLIE LODGE, JARDINS DE RIDGEWAY

WIMBLEDON, INGLATERRA

6 de outubro de 1896

QUERIDA CRISTINA,

Tenho certeza de que você recebeu minha carta da Suíça.

Estou agora em Londres, de volta depois de ter viajado pela Alemanha e pela Holanda.

Como vão as coisas com você? Você teve um bom verão? Como você está fisicamente e espiritualmente? Como estão a Sra. Fhunkey [Funke] e todos os outros amigos? Você tem alguma notícia do bebê? [223] Onde está Kr [Kripananda] e o que ele está fazendo agora?

Tenho outro Sannyasin aqui comigo agora, que trabalhará aqui enquanto eu estiver na Índia, para onde irei neste inverno.

Escreverei para você in extenso mais tarde; esta noite é tão tarde e estou tão cansado.

Com todo amor e bênçãos,

Seu,

VIVEKANANDA

9.1.100 IRMÃ NIVEDITA

14, JARDINS GREYCOAT

WESTMINSTER

29 de outubro de 1896

QUERIDA SENHORITA [MARGARET] NOBLE —

Estarei na sua casa na próxima sexta-feira, às 16h.

Eu não sabia de nenhum acordo feito para encontrar alguém na sexta-feira passada, daí a minha ausência.

Seu,

VIVEKANANDA

9.1.101 IRMÃ NIVEDITA

14, JARDINS GREYCOAT

WESTMINSTER, SW

5 de dezembro de 1896

CARA SENHORITA NOBRE —

Muito obrigado por enviar o gentil presente do Sr. Beatty. Escrevi para ele reconhecendo seu lindo presente.

Quanto a você, meu querido, nobre e gentil amigo, eu apenas diria isto: nós, índios, carecemos de muitas coisas, mas não há ninguém na terra que nos supere em gratidão. Eu permaneço,

Sempre seu com gratidão,

VIVEKANANDA

9.1.102 IRMÃ CHRISTINE

A BORDO DO PRINZ REGENT LUITPOLD

3 de janeiro de 1897.

QUERIDA CRISTINA,

Por volta das duas da tarde. hoje chego a Port Said. Ásia mais uma vez. Não tenho notícias suas há muito tempo. Espero que tudo esteja indo bem com você. Como estão a Sra. Funke, a Sra. Phelps e todos os outros amigos?

Meu amor a todos. Escreva quando tiver vontade.

VIVEKANANDA.

9.1.103 COMITÊ MADRAS

[Depois de Swami Vivekananda Colombo na sexta-feira, 15 de janeiro de 1897, o Comitê de Madras, que planejava uma recepção para o Swami, enviou a seguinte mensagem: "A pátria se alegra em recebê-lo de volta". Em resposta, Swami Vivekananda enviou um telegrama.]

[Carimbado: 15 de janeiro de 1897]

MEU AMOR E GRATIDÃO AOS MEUS PAÍSES.

9.1.104 ESTUDANTES HINDU DE TRICHINAPALLY

Aos Estudantes Hindus de Trichinapally

[16 de fevereiro de 1897]

SENHORES, [224]

Recebi seu endereço com grande prazer e agradeço sinceramente pelas gentis expressões nele contidas.

Lamento muito, porém, que o tempo efetivamente me impeça de fazer, mesmo que brevemente, uma visita a Triquinopólio. No outono, porém, proponho fazer uma viagem de palestras por toda a Índia, e vocês podem ter certeza de que não deixarei de incluir o triquinopólio no programa.

Mais uma vez agradecendo e com minhas bênçãos a todos.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

9.1.105 IRMÃ CHRISTINE

DARJEELING,
[ENDEREÇO DE RETORNO: ALAMBAZAR MATH, CALCUTÁ]

16 de março de 1897.

QUERIDA CRISTINA,

Muito, muito obrigado pela fotografia e pelo poema. Nunca vi nada tão bonito. O trabalho que tive que fazer para chegar a Calcutá vindo do Ceilão foi tão imenso que não pude antes reconhecer o seu precioso dom. O trabalho me destruiu completamente e peguei “diabetes”, uma doença incurável, que deve me levar embora – pelo menos dentro de alguns anos.

Agora estou escrevendo para você de Darjeeling, a estação montanhosa mais próxima de Calcutá, com um clima tão fresco quanto o de Londres. Isso me reanimou um pouco. Se eu viver, irei para a América no próximo ano ou depois.

Como vão as coisas com todos vocês? Como estão a Sra. Funkey [Funke] e a Sra.

Você está gastando alguns dólares sempre que pode? Isso é muito importante.

Estou com pressa pelo correio. Você ficará feliz em saber que o povo indiano, por assim dizer, se levantou em massa para me homenagear. Eu sou o ídolo do dia. O Sr. Goodwin publicará em forma de livro todos os discursos que me foram feitos e os discursos em resposta. As manifestações por todo o lado foram simplesmente únicas.

Seu com todo amor,

VIVEKANANDA.

9.1.106 SRA. TORRO VELHO

MATEMÁTICA DO ALAMBAZAR

CALCUTÁ

[DARJEELING]

26 de março de 1897

PREZADA SENHORA. TOURO -

As manifestações e júbilos nacionais por minha causa acabaram – pelo menos tive que interrompê-las, pois minha saúde piorou completamente. O resultado deste trabalho constante no Ocidente e do tremendo trabalho de um mês na Índia sobre a constituição de Bengala é a “diabetes”. É um inimigo hereditário e está destinado a me levar, na melhor das hipóteses, dentro de alguns anos. Comer apenas carne e não beber água parece ser a única forma de prolongar a vida – e, acima de tudo, de descansar perfeitamente o cérebro. Estou dando ao meu cérebro o descanso necessário em Darjeeling, de onde estou escrevendo para você agora.

Estou muito feliz em saber do sucesso de Saradananda. Dê a ele meu melhor amor e não permita que ele trabalhe muito. O corpo bengali não é igual ao americano.

O Sr. Chatterjy (Mohini) veio me ver em Calcutá e foi muito amigável. Eu dei a ele sua mensagem. Ele está bastante disposto a trabalhar comigo. Nada mais a escrever, apenas estou empenhado em ver meu mosteiro iniciado; e assim que isso for feito, voltarei para a América mais uma vez.

A propósito, enviarei a você uma jovem da Inglaterra – uma certa Gertrude Orchard. Ela foi governanta, mas tem talento para arte, etc., e eu desejava que ela tentasse sua chance na América. Vou entregar a ela uma carta para você e a Sra. [Florence] Adams.

Com meu amor à Sra. Adams, Srta. Thursby, Srta. Farmer (a nobre irmã) e todos os demais amigos.

Com eterno amor e gratidão,

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.107 PANDIT RAM RAM SAMJAMI

(Traduzido do bengali)

DARJEELING

[Abril] 1897

CARO RAM RAM,

Recebi sua primeira carta em Calcutá. Eu estava ocupado lá e parece que esqueci de responder. O senhor deplorou isso na sua carta, mas isso não está certo. Não me esqueço de ninguém — especialmente daqueles que receberam a graça “Dele”.

Enquanto estive na Inglaterra, recebi seu Avadhuta-Gitâ. Está lindamente impresso. Você mencionou Karma-Yoga – não tenho esse livro comigo. Foi impresso em Madras. Se houver alguma cópia no Math, pedirei que enviem uma para você.

Estive muito doente, então agora estou hospedado em Darjeeling. Assim que me sentir melhor, voltarei para Calcutá. . . .

Por favor, aceite meu amor especial. Rezo sempre pelo seu bem-estar.

Seu etc.,

VIVEKANANDA

9.1.108 IRMÃ NIVEDITA

DARJEELING,

3 de abril de 1897.

CARA SENHORITA NOBRE,

Acabei de encontrar um trabalho importante para você fazer em nome das massas oprimidas da Índia.

O cavalheiro que tomo a liberdade de apresentar-lhe está na Inglaterra em nome dos Tiyas, uma casta plebéia do estado natal de Malabar.

Você perceberá, por meio deste cavalheiro, quanta tirania existe sobre essas pobres pessoas, simplesmente por causa de sua casta.

O Governo Indiano recusou-se a interferir com base na não interferência na administração interna de um Estado nativo. A única esperança destas pessoas é o Parlamento Inglês. Faça tudo o que estiver ao seu alcance para ajudar este assunto a ser levado ao público britânico.

Sempre seu na verdade,

VIVEKANANDA.

9.1.109 LALA BADRI SAH

DARJEELING

7 de abril de 97.

CARO LALAJEE,

Acabei de receber seu gentil convite por telegrama. Talvez você já tenha ouvido falar que fui atacado pela “Diabetes”, uma doença grave.

Isso atrapalhou todos os nossos planos e tive que correr para Darjeeling, pois era muito fresco e muito bom para a doença.

Desde então tenho me sentido muito melhor e os médicos não querem que eu me mova, pois isso provoca uma recaída. Se o meu actual estado de saúde continuar por um ou dois meses, penso que estarei em condições de descer às planícies e vir a Almora ver-vos a todos. Lamento muito ter lhe causado muitos problemas, mas você vê que não havia nada a fazer — o corpo não estava sob meu controle.

Com todo amor para você e outros amigos de Almora.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.110 LALA BADRI SAH

DEVALDHAR BAGICHA, [225]

Quinta-feira, [junho de 1897]

CARO BADRI SAH,

Lamento muito saber que você não está bem. Ficaria muito feliz se você viesse aqui por alguns dias, pelo menos, conosco; e tenho certeza de que isso lhe faria bem.

Atenciosamente, com bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.111 Sra. FRANCIS LEGGETT

ALMORA

20 de junho de 97

QUERIDA MÃE -

Com isso, tomo a liberdade de apresentar a senhorita Tremayne, de Londres, uma amiga minha que está viajando para os Estados Unidos.

Qualquer ajuda dada a ela seria muito útil.

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.112 SRA. TORRO VELHO

ALMORA

20 de junho de 97

PREZADA SENHORA. TOURO -

Com isto tomo a liberdade de apresentar a senhorita Tremayne de Londres.

Nada me agrada tanto quanto ser útil a pessoas jovens e enérgicas - e qualquer ajuda dada a ela na América será muito útil.

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.113 SR. SOKANATHAN, COLOMBO

ALMORA

30 de junho de 1897.

MEU CARO AMIGO,

O portador desta nota, Swami Shivananda, está [sendo] enviado ao Ceilão, conforme prometido por mim durante minha estada. Ele está perfeitamente apto para o trabalho que lhe foi confiado, é claro, com a sua gentil ajuda.

Espero que você o apresente a outros amigos do Ceilão.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.114 SWAMI SHIVANANDA

(Traduzido do bengali)

ALMORA,

9 de julho de 1897

CARO SHIVANANDA, [226]

Ainda não recebi nenhuma notícia de sua chegada. Ouvi dizer que Alasinga foi para lá com seus parentes, passando por Jaipur. Ficamos no Binsar Dak Bungalow [casa de repouso] por dois ou três dias e depois parti para Shyamdhura. Com isso, a senhorita [Henrietta] Müller ficou furiosa e partiu para Almora. Terrivelmente chateada, a senhorita Müller acusou Shivananda de primeiro lhe dizer que eu iria morar com um amigo como seu convidado e de alugar mais tarde uma casa tão grande para a temporada por 80 rúpias, sem consultá-la. Muito zangada com todo mundo, ela vem repreendendo a todos, mas se acalmou um pouco quando eu disse que pagaria metade do aluguel. . . .

O próprio Shashi [Swami Ramakrishnananda] deve cuidar da quantia total de 100 rúpias que o Raja de Ramnad está doando (todos os meses); ele deverá enviar um relato detalhado das receitas e despesas mensais para o Math - caso contrário não haverá qualquer verificação. Aconselhe-o a gastar o mínimo necessário na adoração de Thakur, [227] pois o dinheiro é [principalmente] "para a propagação da Verdade". [228]

Caso Gupta [Swami Sadananda] tenha perdido o equilíbrio mental, peça-lhe que venha para Almora - mas somente quando o menino selecionado para Shashi chegar lá. Recebi uma carta de R. A. [Rajam Aiyer?]. O dinheiro que ele enviou chegou ao Math. Recebi dois volumes de comentários de Ramanuja. Aconselhe-o a me enviar o terceiro. Peça a G. G. [Narasimhachari] que me envie comentários semelhantes de Madhva e outros, se puder.

Uma reunião pública deverá ser organizada em Madras para apresentar um discurso de boas-vindas ao Raja [Ajit Singh] de Khetri e a Pratap Singh de

Jodhpur pela ousadia em visitar a Inglaterra, bem como por representar seus principados na Índia na celebração do Jubileu. . Isto tem que ser feito no seu retorno à Índia, mas para isso vocês têm que se esforçar a partir de agora. Por favor, vá a Colombo e organize uma reunião pública semelhante lá.

Dê minhas lembranças a Kidi [Singaravelu Mudaliar] e ao Doutor [Nanjunda Rao]; pergunte a Kidi por que ele não escreveu para mim. O que está errado com ele? Ele perdeu sua devoção? Tenha isso em mente que você não deve assumir o lugar de professor no início. Faça todo o seu trabalho com humildade; caso contrário, tudo desmoronará. Por favor, certifique-se de que não há oposição, crítica ou obstáculos ao trabalho de Shashi em Madras, pois todos devem obedecê-lo – quem quer que seja responsável por um determinado centro. Se Shashi for para o Ceilão, ele terá que obedecer à sua autoridade, etc. Certifique-se de que cada centro envie um relatório semanal para o Math. Ainda não vi nenhum de Shashi. "Ó Rama! Como é difícil transformar um burro em cavalo, mesmo com espancamento!"

Acima de tudo, “obediência” e “espírito de corpo”. [229] A obra não pode ter sucesso a menos que haja perfeita obediência à autoridade da Ordem e sacrifício de pontos de vista individuais pelo bem da Ordem. Trinair gunatvam âpannair badhyante mattadantinah — "Lâminas de grama tecidas em uma corda podem conter até elefantes loucos".

Com amor a Sashi e Gupta, [230]

VIVEKANANDA

9.1.115 IRMÃ CHRISTINE

KHETRI,

13 de dezembro de 1897.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Que engraçados todos esses seus sonhos e maus prognósticos! Você não quer me enviar influências malignas pensando assim a meu respeito! Ficarei muito feliz em perder 50 libras. do meu peso. Um pouco de descanso me enche de orgulho e sou o mesmo monge inchado de sempre.

Estou bem, exceto por um forte resfriado nos últimos dias, devido à exposição e à viagem no deserto. Agradeço-lhe pela carta, no entanto. Estou extremamente satisfeito com isso, pois mostra a mente.

Dê a Sra. Funkey [Funke], Baby [Stella Campbell], e todo o resto meu amor, e, como você sabe, você mesmo -

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS — Vou escrever uma nota melhor quando esse frio passar.

V.

9.1.116 IRMÃ CHRISTINE

JODHPUR, RAJPUTANA,

4 de janeiro de 1898.

Amor e saudações, etc. para você, querida Christina, e um feliz Ano Novo. Que isso o encontre mais jovem de coração, mais forte de corpo e mais puro de espírito.

Ainda estou viajando na temporada e fora de temporada. Dando palestras, trabalhando bastante.

Você viu o Sr. [Edward T.] Sturdy, da Inglaterra, que, segundo soube, esteve em Detroit? Você gostou dele?

Estou muito bem e forte. Espero encontrá-lo neste ano abençoado novamente na América.

Dentro de alguns dias vou para Calcutá, onde pretendo ficar o resto deste frio. No próximo verão, provavelmente partirei para a Inglaterra ou a América.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

9.1.117 IRMÃ NIVEDITA

CALCUTÁ

30 de janeiro de 1898

MINHA QUERIDA SENHORITA NOBRE,

Isto é para apresentar o Prof. M. Gupta, [231] que já foi apresentado a você a bordo do barco que o trouxe à costa.

Ele gentilmente consentiu em dedicar uma hora ou mais todos os dias para lhe ensinar bengali. Não preciso afirmar que ele é uma alma genuína, boa e grande.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

P.S. Receio que você tenha se sentido mal hoje.

V.

9.1.118 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELOOR, DIST. HOWRAH,
BENGAL, ÍNDIA,

11 de março de 1898.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Eu simplesmente me pergunto o que aconteceu com você. Faz um tempo que não tenho notícias suas e esperava muito depois da visita de Sturdy a Detroit. O que você achou do homem? E quanto a Baby e os Devendorfs? Como está a Sra. Funkey [Funke]? O que você vai fazer neste verão? Descanse, querida Cristina; Tenho certeza de que você precisa muito disso.

A Sra. Bull de Boston e a Srta. MacLeod de Nova York estão agora na Índia. Mudamos a nossa matemática da casa velha e desagradável para uma casa às margens do Ganges. Isso é muito mais saudável e bonito. Também temos um bom terreno bem próximo, do mesmo lado onde a Sra. Bull e a Srta. MacLeod estão morando agora. É maravilhoso como eles se adaptam à nossa vida indiana de privações e dificuldades! Que coisa, esses ianques podem fazer qualquer coisa! Depois dos luxos de Boston e Nova York, estar bastante contente e feliz nesta casinha miserável!! Pretendemos viajar um pouco juntos pela Caxemira, e depois irei para a América com eles e certamente serei calorosamente recebido por meus amigos. O que você acha? É uma boa notícia para você? É claro que não posso suportar a mesma quantidade de trabalho de antes; isso, querida Christina, sinto muito, não poderei mais fazer. Vou trabalhar um pouco e descansar bastante. Chega de receber multidões e fazer barulho, mas o trabalho silencioso, silencioso e pessoal será tudo o que pretendo fazer.

Desta vez irei e irei embora em silêncio, vendo apenas meus velhos amigos, e sem barulho.

Escreva logo, pois estou muito ansioso.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

"Existem dois tipos de pessoas - um tipo tem coração de água, o outro de pedra. Um deles facilmente recebe uma impressão e a descarta com a mesma facilidade; o outro raramente recebe uma impressão, mas uma vez

que ocorre, está lá para sempre. Não, quanto mais eles lutam para se livrar disso, mais isso penetra profundamente na alma de pedra. - RK
[Ramakrishna] Paramahansa

8.1.119 IRMÃ NIVEDITA

MATEMÁTICA, BELUR.

HOWRAH, BENGALA.

16 de março de 1898.

MINHA QUERIDA MARGARIDA,

Nem é preciso dizer que você atendeu a todas as minhas expectativas em sua última palestra.

Parece-me que a plataforma é o grande campo onde você me será de grande ajuda, além dos seus planos educacionais. Fico feliz em saber que a senhorita [Henrietta] Müller vai ter uma casa no rio. Você também vai para Darjeeling? Então você trabalhará melhor depois de uma viagem até lá! Na próxima temporada estou planejando uma série de palestras para vocês por toda a Índia.

Sempre seu com todo amor e bênçãos,

[Carimbo com retrato de Swamiji]

O MENINO DE CALCUTÁ.

9.1.120 Sra. TORRO VELHO

DARJEELING

4 de abril de 98

MEU QUERIDO DHIRA MATA —

Receio que você esteja sendo assado lá embaixo, no calor de Calcutá. Aqui é agradável e fresco e bastante frio quando chove, o que acontece quase todos os dias. Ontem a vista das neves era simplesmente soberba, e é a cidade mais pitoresca do mundo; há uma grande quantidade de cores em todos os lugares, especialmente nas vestimentas dos Lepchas, Bhutias e Paharees. Se não fossem os horríveis telhados de ferro corrugado por toda parte, teria sido vinte vezes mais pitoresco.

Minha saúde não estava ruim em Calcutá; aqui é a mesma coisa - só que o açúcar desapareceu completamente, a gravidade específica sendo de apenas 13. Dormi muito bem ontem à noite também; mas a subida matinal de alguns quilômetros está sendo demais para meus tecidos adiposos. As roupas de flanela só me deixaram pior, então desisti delas e mudei para o meu vestido de verão e estou bem.

Já lhe enviei a carta de Sturdy, coitado, não sei o que fazer por ele. Ele está realmente “vivendo em um deserto que ele mesmo criou” – veja, uma coisa não é boa para todos. O casamento realmente provou ser um inferno para Sturdy. E ele não pode vir, embora “esteja contornando a costa da Índia”. Senhor ajude o pobre menino. Que Ele corte todas as suas amarras e o liberte logo. Sim, é bom que ele esteja sentindo a escravidão – e não “abraçando e beijando seus raios de agonia”.

Ontem dei uma pequena palestra aos hindus aqui e contei-lhes todos os seus defeitos propositalmente e com a permissão deles. Espero que isso os faça uivar.

A senhorita Müller alugou um bangalô aqui e vem na quarta-feira. Não sei se Miss Noble irá com ela. É melhor que ela [Senhorita Noble] seja sua convidada na Caxemira, de acordo com nosso plano.

Você já comprou aquele lugar ou mudou de [lugar]? De qualquer forma, irei para Caxemira, como prometi.

Estarei aqui apenas alguns dias e depois irei para Calcutá, para ficar lá apenas uma semana - e [então] partirei para o N.W. É claro que este não é o momento para ver nada no N.W.P.; [232] tudo está queimando lá. No entanto, esse calor é muito mais saudável que o de Bengala.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.121 MUNSHI JAGMOHANLAL

A BOLA SERIA

DARJEELING

15 de abril de 1898

MEU QUERIDO JAGMOHAN, [233]

Se você puder descobrir todas as cartas que enderecei a Sua Santidade no meu caminho para – e permanecer no – Japão, Europa e América, por favor envie-as cuidadosamente embaladas, sob capa registrada, para meu endereço no Math, o mais cedo possível .

Com bênção para você,

Eu permaneço,

Sinceramente,

VIVEKANANDA

9.1.122 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

DARJEELING

19 de abril de 98

MINHA QUERIDA Srta. MACLEOD,

A senhorita Müller está muito feliz em saber que você pretende convidar a senhorita Noble para se juntar ao nosso grupo na Caxemira.

Tem sua aprovação sincera. No caminho de volta, a senhorita Müller começará algo para ela em Calcutá. Ela não precisa vir para Darjeeling.

Espero que você esteja gostando bastante da confeitaria. Provavelmente começo esta semana.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

**9.1.123 OFICIAL RESPONSÁVEL PELOS TELEGRAMAS,
SRINAGAR**

19 de abril de 1898.

SENHOR,

Por favor, permita que a Srta. M'cLeod [MacLeod] ou seu agente receba quaisquer telegramas que você tenha recebido para mim e os receba.

Sinceramente,

VIVEKANANDA

**9.1.124 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD OU SRA. TORRO
VELHO**

SESHNAG

CHANDANBARI, CAXEMIRA

[NO CAMINHO DE SRINAGAR PARA AMARNATH]

[Final de julho de 1898]

Mando de volta o velho Dandi [234], pois é difícil realizá-lo. Eu tenho outro como o de Margaret. Por favor, envie-o de volta para o Tahsildar de

Vernag, Khand Chand, Esq., que você já conhece. Estamos bem. Margot descobriu algumas flores novas e está feliz. Não há muito gelo, então a estrada é boa.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

P.S. Fique com este Dandi até eu chegar e pagar aos cules (2) 4 Rs., 2 annas cada.

Coolie – País

[Lista de contas]

[Palavra ilegível]: 20

Data: 26

Coolies 16: 2 horas. = 8 reais.

Coolies 4: 2 horas e meia. às 4 como. por hora. = 2 Rs. 8 como.

Dandi 26: 3 horas e meia. às 6 como. por hora. = 34 reais. 2 como.

4 extras: 1 hora. às 4 como. por hora. = 1 Re. 0 como.

2 pôneis: 2 horas e meia. às 12 como. por hora. = 3 Rs. 12 como.

1 pônei: 1 hora. às 12 como. por hora. = 0 Ré. 12 como.

Total 50 Rs 2 como.

2 Dandis 3" horas. [Palavras ilegíveis]

[Palavras ilegíveis] 8 — [0]

60 — [0]

Cadeiras-cama: 4 Rs.

Bagagem: 25 rupias.

Dandi: 26 Rs.

55 rupias.

55 rupias. tudo incluído

Dois cavalos—— 1ª etapa——12 milhas

Batacooti——

Phahalgaon [Pahalgam] — próxima etapa

9.1.125 SR. MÃE DE JJ GOODWIN

[Ao receber a notícia da morte prematura de Josiah J. Goodwin, Swami Vivekananda enviou o seguinte parágrafo junto com o poema "Requiescat in Pace" [\[235\]](#) aos jornais, bem como à mãe de Goodwin.]

ALMORA

Junho de 1898

Com infinita tristeza recebo a triste notícia da partida do Sr. Goodwin desta vida, ainda mais porque foi terrivelmente repentina e, portanto, impediu todas as possibilidades de eu estar ao seu lado no momento da morte. A dívida de gratidão que tenho com ele nunca poderá ser paga, e aqueles que pensam ter sido ajudados por qualquer pensamento meu devem saber que

quase todas as palavras foram publicadas através dos esforços incansáveis e mais altruístas do Sr. Goodwin. Nele perdi um amigo verdadeiro como o aço, um discípulo de devoção nunca falha, um trabalhador que não sabia o que era cansativo, e o mundo é menos rico por um daqueles poucos que nascem, por assim dizer, para viver apenas para os outros.

[NÃO ASSINADO]

9.1.126 MAHARAJA AJIT SINGH, RAJA DE KHETRI

SRINAGAR

10 de agosto de 1898

SUA ALTEZA-

Faz muito tempo que não tenho notícias suas. Como estão as coisas com você, tanto física quanto mentalmente?

Fui ver Shri Amarnathji. [236] Foi uma viagem muito agradável e o Darshana [237] foi glorioso.

Estarei aqui por mais um mês e depois voltarei para as planícies. Por favor, peça a Jagmohan que escreva ao Dewan Saheb de Kishangarh para conseguir para mim as cópias de Nimbârka Bhâshya que ele prometeu.

Com todo amor,

Seu,

VIVEKANANDA

9.1.127 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELOOR, DIST. HOWRAH,

25 de outubro de 1898.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Como vai você? Estou muito preocupado com sua saúde. Faz muito tempo que não recebo nenhuma carta sua.

Minha saúde novamente falhou gravemente. Tive, portanto, de deixar Caxemira às pressas e vir para Calcutá. Os médicos dizem que eu não deveria andar de novo neste inverno. Isso é uma grande decepção, você sabe. No entanto, estou vindo para os EUA neste verão. A Sra. Bull e a Srta. MacLeod gostaram imensamente da viagem deste ano à Caxemira e agora estão tendo um vislumbre dos antigos monumentos e edifícios de Delhi, Agra, Jeypore [Jaipur], etc.

Escreva uma carta bonita e longa se tiver tempo e não se esforce até a morte. Dever é dever, sem dúvida; mas temos nossos deveres, não apenas para com nossa mãe, etc., mas também para com os outros. Às vezes, um dever exige sacrifício físico, enquanto o outro insiste no grande cuidado com a nossa saúde. É claro que seguimos o motivo mais forte, e [eu] não sei qual será o mais forte no seu caso. De qualquer forma, cuide bem do seu corpo, agora que suas irmãs vieram em seu auxílio.

Como você administra a família? - as despesas etc? Escreva-me tudo o que você gosta de escrever. Me dê uma longa conversa, sim? Fazer!

Estou melhorando a cada dia - e depois nos longos meses antes de poder partir para os EUA. Não importa, a "mãe" sabe o que é melhor para nós. Ela mostrará o caminho. Agora estou em Bhakti. À medida que envelheço, Bhakti está tomando o lugar de Jnâna. Você conseguiu a nova Índia Desperta? Como é que você gosta?

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.128 MAHARAJA AJIT SINGH, RAJA DE KHETRI

Maharaja Ajit Singh, o Raja de Khetri

MATEMÁTICA BELUR

22 de novembro de 1898

SUA ALTEZA -

Muito obrigado pela sua gentil nota e pelo Nimbarka Bhashya - alcançado através de Jaga Mohan Lalji.

Aproximo-me hoje de Vossa Alteza para tratar de um assunto muito importante meu, sabendo bem que não tenho a menor vergonha de abrir minha mente para você e que o considero meu único amigo nesta vida. Se o seguinte lhe agrada, ótimo; se não, perdoe minha tolice como um amigo deveria fazer.

Como você já sabe, estou doente desde que voltei. Em Calcutá, Vossa Alteza garantiu-me a sua amizade e ajuda para mim pessoalmente e [aconselhou-me] a não me preocupar com esta doença incurável. Esta doença foi causada por excitação nervosa; e nenhuma mudança pode me fazer bem, a menos que a preocupação, a ansiedade e a excitação sejam tiradas de mim.

Depois de experimentar nestes dois anos um clima diferente, estou piorando a cada dia e agora quase à beira da morte. Apelo ao trabalho, à generosidade e à amizade de Vossa Alteza. Tenho um grande pecado sempre latente em meu peito: [para] prestar um serviço ao mundo, infelizmente negligenciei minha mãe. Novamente, desde que meu segundo irmão se foi, ela ficou terrivelmente exausta de tristeza. Agora meu último desejo é fazer com que Sevâ [preste serviço] e sirva minha mãe, pelo menos por alguns anos. Quero morar com minha mãe e casar meu irmão mais novo para evitar a extinção da família. Isto certamente suavizará meus últimos dias, assim como os de minha mãe. Ela agora mora em um casebre. Quero construir uma casa pequena e decente para ela e fazer algumas provisões para o mais novo, pois há muito pouca esperança de que ele seja um homem com bons rendimentos. É demais para um descendente real de Ramchandra fazer por alguém que ele ama e chama de amigo? Não sei a quem mais recorrer. O dinheiro que recebi da Europa foi para o “trabalho”, e quase cada centavo foi destinado a esse trabalho. Nem posso implorar aos outros

por ajuda para mim mesmo. Sobre meus próprios assuntos familiares... eu me expus a Vossa Alteza e ninguém mais saberá disso. Estou cansado, triste e morrendo. Faça, eu oro, este último grande trabalho de bondade para comigo, condizente com sua grande e generosa natureza e [como] um elogio às inúmeras gentilezas que você me mostrou. E como Vossa Alteza tornará meus últimos dias suaves e fáceis, que Aquele a quem tentei servir durante toda a minha vida possa derramar Suas bênçãos mais seletas sobre você e os seus.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

P.S. Isto é estritamente privado. Você poderia, por favor, passar um telegrama para mim, quer você faça isso ou não?

Sempre seu,

VIVEKANANDA

9.1.129 MAHARAJA AJIT SINGH, RAJA DE KHETRI

MATEMÁTICA BELOOR

DISTRITO DE HOWRAH

1º de dezembro de 1898

SUA ALTEZA -

Seu telegrama me agradou além de qualquer descrição e é digno de sua nobre pessoa. Venho aqui dar-lhe os detalhes do que desejo.

A estimativa mais baixa possível para construir uma casinha em Calcutá é de pelo menos dez mil rúpias. Com isso, dificilmente é possível comprar ou construir uma casa em algum bairro afastado da cidade – uma casinha adequada para quatro ou cinco pessoas morarem.

Quanto às despesas de subsistência, os 100 Rs. um mês que sua generosidade fornece para minha mãe é suficiente para ela. Se outros 100 Rs. um mês será adicionado a ele durante toda a minha vida para minhas despesas - que infelizmente esta doença aumentou, e que, espero, não será por muito tempo uma fonte de problemas para você, já que espero viver apenas alguns anos, na melhor das hipóteses - Ficarei perfeitamente feliz. Mais uma coisa peço a você – se possível, os 100 Rs. um mês para minha mãe se tornar permanente, para que mesmo depois de minha morte possa alcançá-la regularmente. Ou mesmo que Vossa Alteza algum dia tenha motivos para interromper seu amor e bondade por mim, minha pobre e velha mãe poderá ser provida, lembrando-se do amor que você uma vez teve por um pobre Sâdhu.

Isso é tudo. Faça este pequeno trabalho entre os muitos outros atos nobres que você realizou, sabendo bem que, seja o que for que possa ser provado ou não, o poder do Karma é evidente para todos. As bênçãos deste bom Karma sempre seguirão você e os seus. Quanto a mim, o que direi: tudo o que sou no mundo foi quase totalmente graças à sua ajuda. Você tornou possível que eu me livrasse de uma ansiedade terrível, enfrentasse o mundo e trabalhasse. Pode ser que você esteja destinado pelo Senhor a ser novamente o instrumento para ajudar uma obra ainda maior, tirando mais uma vez esse fardo de minha mente.

Mas quer você faça isso ou não, “uma vez amado é sempre amado”. Deixe todo o meu amor, bênçãos e orações seguirem você e os seus, dia e noite, pelo que já lhe devo; e que a Mãe, cujo jogo é este universo e em cujas mãos somos meros instrumentos, os proteja sempre de todo mal.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.130 IRMÃ NIVEDITA

15:00. Domingo.

[Início de 1899]

MINHA QUERIDA MARGOT,

Lamento não poder ir ver o Dr. Mahoney [238] - estou doente. Ainda não quebrei meu jejum.

Você parou de ensinar meu priminho?

Seu com amor,

VIVEKANANDA

9.1.131 IRMÃ NIVEDITA

[Início de 1899?]

MINHA QUERIDA NIVEDITA,

O endereço do meu primo é Rua Manicktala, 127. O nome do marido é Durga Prasanna Bose. O nome da esposa provavelmente não é conhecido pelas pessoas que você conhecerá no departamento masculino. Portanto é costume pedir a esposa de fulano de tal.

A Rua Manicktala é aquela que corre de leste a oeste, ao sul do jardim do tanque.

Seu com amor,

VIVEKANANDA

9.1.132 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH, BENGALA, ÍNDIA,

26 de janeiro de 1899.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Desculpe esta longa demora em responder à sua linda mensagem. O fato é que eu estava mais uma vez no vale da morte. O antigo diabetes desapareceu. Em seu lugar veio o que alguns médicos chamam de asma, outros de dispepsia, devido à prostração nervosa. No entanto, é uma doença muito preocupante, que dá a sensação de sufocamento – às vezes por dias. Sou melhor apenas em Calcutá; então estou aqui para descanso e sossego e dieta baixa. Se eu melhorar até março, partirei para a Europa. A Sra. Bull e outros se foram; desculpe, não pude acompanhá-los devido a esta doença.

Eu pesei cuidadosamente seus planos para vir. Ficarei muito feliz em vê-lo, você sabe disso muito bem; mas, minha querida, o verão indiano não combina com você e, se começar agora, será o meio do verão quando chegar à Índia. Então, você não deve esperar ganhar a vida aqui. É impossível para mim ganhar a vida na maioria das vezes no meu próprio país. Então todos os arredores são tão miseráveis e diferentes do que você vê ao seu redor, por ex. você vai me encontrar andando de tanga - isso vai te chocar? Três quartos da população usam apenas uma tira de pano branco na cintura – você consegue suportar isso?

Devo parar por aqui; Estou tão fraco. Se eu não melhorar até março, escreverei para você vir, pois desejo muito vê-lo uma vez antes de falecer.

Não fique nem um pouco ansioso, querido. As coisas devem ser como a “Mãe” deseja. A nossa é apenas obedecer e trabalhar.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS. A Sra. Bull chegará a Cambridge, Massachusetts, em breve. Você pode escrever para ela lá sobre os detalhes.

Seu,

V.

PPS. Perdi novamente seu endereço. Por favor, forneça o correto no próximo.

V.

9.1.133 SWAMI BRAHMANANDA

A MATEMÁTICA, BELUR

Sexta-feira [março (?) 1899]

MEU QUERIDO RAJA,

Por favor, pague 100 rupias. imediatamente à Irmã Nivedita pelo trabalho sobre a peste e creditá-lo numa conta separada sobre a peste.

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

9.1.134 SWAMI SWARUPANANDA

Para Swami Swarupananda, editor de Prabuddha Bharata, Mayavati

[Março de 1899]

MEU QUERIDO S[WARUPANANDA],

Não tenho nenhuma objeção se o nome da Sra. Sevier vai no topo, ou o meu ou o de qualquer outra pessoa; o prospecto deveria ir em nome dos Seviers, incluindo meu nome também, se necessário. Envio-lhe algumas linhas [239] para sua consideração no prospecto. O resto está bem.

Em breve enviarei a minuta da escritura.

V.

9.1.135 IRMÃ NIVEDITA

A MATEMÁTICA, BELUR,

2 de março de 1899

MINHA QUERIDA MARGOT,

Você poderia procurar em seus baús um livro meu em sânscrito, que estava, você sabe, sob sua guarda na Caxemira. Não o encontro em nossa biblioteca aqui.

Estou pensando na vinda de sua amiga Srta. [Sarala] Ghosal para ver o Math no domingo. A dificuldade está aqui. A maré vazante vai até as 17h. Nesse caso o nosso grande barco pode descer facilmente para animar a festa; e voltando, se a festa começar muito antes das 17h, digamos 16h, tudo bem. A subida levará pelo menos duas horas de Baghbazar. Se a festa começar em Baghbazar - digamos às 12h - e chegar ao Math às 14h. para o almoço e depois volta às 16h, vai ser bom.

Se você não puder começar tão cedo, aconselho que envie a carruagem para esperar em Baranagore, do outro lado, para que nosso barco possa transportar a festa quando quiserem. A viagem de barco nesse caso será apenas em chegada.

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.136 ISHWAR CHANDRA GHOSH

MATEMÁTICA, BELUR

DIST. HOWRAH.

6 de março de 99

MEU CARO SENHOR,

Muito obrigado pelo seu gentil convite. Lamento que haja tantos dias de atraso na resposta à sua nota.

Eu estava muito doente na época, e o cavalheiro a quem cabia responder não pôde fazê-lo, ao que parece. Tomei conhecimento disso agora há pouco.

Ainda não estou suficientemente recuperado para aproveitar sua gentileza. Neste inverno fiz questão de visitar sua parte do país. Mas meu Karma terá o contrário. Terei que esperar para ter o prazer de visitar a sede da civilização da antiga Bengala.

Com meus agradecimentos novamente por toda sua gentileza, eu permaneço,

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.137 IRMÃ NIVEDITA

A MATEMÁTICA, BELUR,

25 de abril de 1899

MINHA QUERIDA MARGOT,

Eu não pude vir hoje. Eu sinto muito, muito mesmo. O corpo não permitiria – nem eu posso ir até a casa dos Boses. [240] Escrevi-lhes.

Tenho um compromisso amanhã.

Possivelmente posso vê-lo à noite.

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.138 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA, ÍNDIA,

10 de maio de 1899.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Estou melhorando de novo. Na minha opinião, toda a minha queixa é má assimilação dos alimentos e exaustão nervosa. O primeiro, eu estou cuidando; a segunda passará completamente quando eu te encontrar novamente. A grande alegria de reencontrar velhos, velhos amigos, você sabe! Alegrar! Não há motivo para ansiedade. Não acredite em nenhuma linha desanimadora que escrevo agora, porque às vezes não sou eu mesmo. Eu fico tão nervoso.

De qualquer forma, começo este verão pela Europa, como você diz na América. Com todo amor e bênçãos,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

9.1.139 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

[Quando Swami Vivekananda partiu de Calcutá, ele despachou o seguinte telegrama.]

[CALCUTÁ,

21 de junho de 1899]

INICIADO. FIO RESISTENTE.

9.1.140 IRMÃ CHRISTINE

SUEZ,

14 de julho de 1899.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Veja, desta vez estou realmente fora e espero chegar a Londres em duas semanas. Tenho certeza de que irei à América este ano e espero sinceramente ter a oportunidade de vê-lo. Eu sou tão materialista ainda, você sabe! Quero ver meus amigos no corpo bruto.

Recebi uma linda carta de Baby [Stella Campbell] antes de partir. Em breve escreverei uma resposta aos seus cuidados, conforme orientado. Não pude escrever para ela antes.

Eu estava tão, tão mal de saúde na Índia. Meu coração deu errado - com o alpinismo, o banho nas águas das geleiras e a prostração nervosa! Eu costumava ter ataques terríveis [de asma] – os últimos durando cerca de sete dias e noites. O tempo todo eu estava sufocando e tive que me levantar.

Esta viagem quase fez de mim um novo homem. Sinto-me muito melhor e, se isto continuar, espero estar bastante forte antes de chegar à América. Como vai você? O que você está fazendo? Escreva tudo sobre você, a/c E. T. Sturdy Esq., 25 Holland Villas Road, Londres, W.

Com amor e bênçãos eternos,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

9.1.141 IRMÃ CHRISTINE

MARSELHA,

23 de julho de 1899.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Seu telegrama muito, muito bem-vindo acabou de chegar. No próximo domingo [241] chegaremos a Londres, Albert Dock. [242] Somos um grupo de quatro: eu, outro Sannyasin, [243] um menino de Calcutá, [244] indo estudar na América, e a senhorita [Margaret] Noble. Miss Noble é uma jovem de Wimbledon, perto de Londres, que trabalha na Índia na educação de meninas.

Receio que a nossa estadia em Inglaterra não será longa, pois esta não é a época e não estou em condições de trabalhar muito. De qualquer forma, estaremos em Londres por algumas semanas - pelo menos eu - e depois iremos para os EUA. Conversaremos sobre tudo isso e infinitas coisas além disso quando nos encontrarmos. Não creio que nem mesmo os dias de verão ingleses sejam longos o suficiente para toda a conversa com que irei atacá-lo.

Vamos passar um ou dois dias em Wimbledon e depois volto para Londres e procuro alojamento para mim e faço planos.

Venha ao Dock se isso for possível e discreto. Sim, é discreto, pois há uma senhora na festa e outras pessoas virão ao seu encontro. Só que, Christina, não faça isso se você se sentir um pouco cansada ou indisposta. Espero que você esteja gostando imensamente de Londres.

Os orientais não gostam de nenhuma efusão de sentimentos. Eles são treinados para esconder todas as expressões.

A Sra. Funkey [Mary Caroline Funke] está com você? Se sim, dê a ela meu melhor amor.

Estou muito, muito melhor agora. Sou realmente outro homem desta vez. Eu estava quase morto em Calcutá quando comecei, mas esta viagem me melhorou imensamente.

Esperando ver você em breve,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

9.1.142 IRMÃ CHRISTINE

TELEGRAMA

PARA:

CHRISTINA GRINNSTIDEL [GREENSTIDEL]

23 CROWHURST RD., ANGELL RD.

BRIATON, LDN.

30 de julho de 1899

GOLCONDA DEVE DOCAS 6H DE SEGUNDA-FEIRA. [245]

9.1.143 SRA. TORRO VELHO

LYMES, FLORESTA

WIMBLEDON, INGLATERRA

6 de agosto de 1899

MINHA QUERIDA MÃE,

Sua carta dirigida a Sturdy está em mãos. Estou muito grato por suas amáveis palavras. Quanto a mim, não sei o que devo fazer a seguir ou o que fazer. A bordo do navio eu estava bem, mas desde que desembarquei estou me sentindo muito mal novamente. Quanto à preocupação mental, ultimamente tem havido o suficiente. A tia que você viu tinha um plano bem elaborado para me enganar, e ela e seu pessoal planejaram me vender uma casa por 6.000 Rs., ou £400, e eu a comprei para minha mãe de boa fé. Então eles não me dariam a posse, esperando que eu não fosse ao tribunal pela vergonha de tomar posse à força como um Sannyasin.

Acho que não gastei nem uma rúpia do que você e outros me deram pelo trabalho. Boné. Sevier me deu 8.000 Rs. com o desejo expresso de ajudar minha mãe. Esse dinheiro, ao que parece, [também] foi para os cães. Além

disso, nada foi gasto com minha família ou mesmo com minhas despesas pessoais – minha alimentação, etc., sendo paga pelo Khetri Raja, e mais da metade disso ia para o Math todos os meses. Somente, se Brahmananda gastar algum dinheiro no processo [contra a tia], já que não devo ser roubado dessa maneira – se ele gastar, eu farei isso de qualquer maneira, se viver para fazê-lo.

O dinheiro que ganhei na Europa e na América dando palestras sozinho, gastei como quis; mas cada centavo que recebi pelo trabalho foi contabilizado e está na matemática, e a coisa toda deveria ficar clara como a luz do dia se Brahmananda nunca me enganasse. Não acredito que ele algum dia me enganará. Recebi uma carta de Saradananda em Aden informando que eles estavam preparando um relatório. Ainda não recebi nenhum.

Ainda não tenho planos, nem pretendo fazer nenhum. Nem desejo trabalhar. Deixe a Mãe encontrar outros trabalhadores. Já tenho meu fardo suficiente.

Sempre seu filho dedicado,

VIVEKANANDA

9.1.144 SENHORITA ISABELLE MCKINDLEY

MANSÃO RIDGELY

STONE RIDGE, Nova York

31 de agosto de 99

MINHA QUERIDA ISABEL —

Muito obrigado pela sua amável nota. Ficarei muito, muito feliz em ver você. A senhorita M'cLeod [MacLeod] vai escrever para você passar um dia e uma noite aqui em seu caminho para o Ocidente.

Meu amor à sagrada família em Chicago e espero certamente poder vir para o Oeste e me divertir muito.

Então você finalmente está em Greenacre. Este é o primeiro ano que você está lá? Como você gosta do lugar? [Você] viu Miss Farmer, é claro. Por favor, transmita a ela meus mais sinceros cumprimentos e a todos os demais amigos de lá.

Sempre seu carinhosamente,

VIVEKANANDA

9.1.145 IRMÃ CHRISTINE

MANSÃO RIDGELY,

20 de setembro de 1899.

QUERIDA CRISTINA,

Estou muito melhor, obrigado. Até agora, com exceção de três dias, não houve nenhum tempo chuvoso digno de menção aqui. A senhorita [Margaret] Noble veio ontem e estamos nos divertindo muito. Lamento muito dizer que estou engordando novamente. Isso é mau. Comerei menos e emagrecerei novamente.

Você está de novo no trabalho – eu também acho – apenas com uma pequena variação da antiga ocupação. Melhor descansar do que ficar parado. Você gosta do meu novo poema? [246] Senhorita Noble acha que é legal. Mas esse é o jeito dela em tudo que faço. Então você também diz. Agora enviarei meus escritos para jornais missionários para receber críticas ferozes.

Com todo amor para você e a Sra. Funkey [Funke],

Sempre seu carinhosamente,

VIVEKANANDA.

9.1.146 Sra. CASA GW

MANSÃO RIDGELY

5 de outubro de 1899

MINHA QUERIDA MÃE IGREJA,

Muito, muito obrigado pelas suas amáveis palavras.

Estou tão feliz que você esteja trabalhando como sempre. Fico feliz porque a onda de otimismo ainda não os alcançou. É muito bom dizer que tudo está certo, mas isso pode degenerar numa espécie de laissez-faire. Eu acredito com você que o mundo é mau – tornado mais horrível com algumas pitadas de bem.

Todas as nossas obras têm apenas este valor, que despertam alguns para a realidade deste horror - e [aqueles] fogem em busca de refúgio para algum lugar além, que é chamado de Deus, ou Cristo, ou Brahma, ou Buda, etc. fazer muita diferença.

Novamente, devemos sempre lembrar que o nosso objetivo é apenas trabalhar – nunca alcançamos resultados. Como podemos nós? O bem nunca pode ser feito sem fazer o mal. Não podemos respirar sem matar milhares de pobres animais. A prosperidade nacional é outro nome para a morte e degradação de milhões de outras raças. Assim como a prosperidade individual é a pobreza de muitos. O mundo é mau – e sempre permanecerá assim. É a sua natureza e não pode ser mudada - "Qual de vocês, pensando..." etc.

Essa é a verdade. A sabedoria está, portanto, na renúncia, isto é, em fazer do Senhor o nosso tudo em todos. Seja uma verdadeira cristã, Mãe - como Cristo, renuncie a tudo e deixe o coração, a alma e o corpo pertencerem a Ele e somente a Ele. Toda esta bobagem que as pessoas construíram em torno do nome de Cristo não é o Seu ensino. Ele ensinou a renunciar. Ele nunca diz que a Terra é um lugar agradável. E chegou a sua hora de se livrar de todas as vaidades – até mesmo do amor aos filhos e ao marido – e pensar no Senhor e somente Nele.

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA

9.1.147 SRA. CASA GW

[RIDGELY MANOR], NOVA IORQUE, NY

23 de outubro de 1899

MINHA QUERIDA MÃE,

Eu estava descansando completamente por alguns dias e por isso estou atrasado em responder à sua gentil nota. Aceite meus parabéns pelo aniversário de seu casamento. Rezo para que muitos, muitos desses retornos cheguem a você.

Tenho certeza de que minha carta anterior foi influenciada pelo estado do meu corpo, assim como toda a existência para nós. No entanto, mãe, há mais dor do que prazer na vida. Se não, por que me lembro de você e de seus filhos quase todos os dias da minha vida, e não de muitos outros? A felicidade é muito apreciada porque é muito rara, não é? Cinquenta por cento da nossa vida é mera letargia, tédio; do restante, quarenta por cento é dor, apenas dez felicidade – e isso para os excepcionalmente afortunados. Muitas vezes confundimos esse estado de tédio com prazer. É antes um estado negativo, enquanto tanto o prazer como a dor são mais positivos, embora não positivos.

Prazer e dor são sentimentos e não vontade. São apenas processos que transmitem à mente excitações ou motivos de ação. A verdadeira ação positiva é a vontade, ou impulso para trabalhar, da mente – iniciada quando a sensação é absorvida (prazer e dor); assim, o real não é nem prazer nem dor. Não tem ligação com nenhum dos dois. Bem diferente de ambos. O latido do cachorro desperta seu dono para se proteger de um ladrão ou receber seu amigo mais querido. Não se segue, portanto, que o cão e seu dono sejam da mesma natureza ou tenham qualquer grau de parentesco. Da

mesma forma, os sentimentos de prazer ou dor despertam a alma para a atividade, sem qualquer parentesco.

A alma está além da dor, além do prazer, é suficiente em sua própria natureza. E nenhum inferno pode puni-lo, nem nenhum céu pode abençoá-lo. Até agora filosofia.

Irei em breve para Chicago e espero dizer “Senhor te abençoe” para você e seus filhos. Todo amor como sempre aos meus parentes cristãos, científicos ou charlatões.

VIVEKANANDA

9.1.148 IRMÃ CHRISTINE

C/O FH LEGGETT, ESQ.,

MANSÃO RIDGELY,

STONE RIDGE, ULSTER CO., NY

25 de outubro de 1899.

QUERIDA CRISTINA,

Qual é o seu problema? Escreva-me uma linha para me dizer como você está e o que está fazendo agora.

Estou cansado deste lugar e em breve passarei alguns dias em Nova York. Partirei de lá para Chicago e, se você quiser, pararei em Detroit a caminho de How-do-you-do. Estou muito melhor, na verdade um homem bem diferente, embora não completamente curado – para isso é necessário tempo.

Seu,

VIVEKANANDA.

9.1.149 IRMÃ CHRISTINE

MANSÃO RIDGELY,

30 de outubro de 1899.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Você não recebeu minha última carta? Estou muito ansioso para saber como você está. Escreva uma linha para me dizer que você está com muito boa saúde.

Receio que o anterior tenha sido mal direcionado, então envio este a/c Sra. Funkey [Funke].

Escreva logo. Estou pensando na comida de Battle Creek. [248] Baby insiste nisso. Você acha que isso vai me fazer bem? Escreva logo.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

PS – Onde fica Battle Creek? É perto de Detroit? Estou pensando seriamente em fazer um teste. Não sou mau, mas impróprio para qualquer esforço, até mesmo para caminhar. Esse tipo de vida não é bom de se viver. Vou tentar Battle Creek e, se falhar, saia rápido.

V.

Escreva-me sobre Battle Creek.

V.

9.1.150 IRMÃ CHRISTINE

MANSÃO RIDGELY,

4 de novembro de 1899.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

A carta foi bem recebida. Foi apenas meu nervosismo. Tenho certeza que você entenderá e desculpará isso. Espero ansiosamente vê-lo em Cambridge. Estou indo para Nova York na próxima semana. De lá vou por alguns dias para Washington e depois para Cambridge. Venha. E lembre-se, preciso aprender alemão. Estou determinado a ser um estudioso francês e alemão. Acho que consigo falar francês com a ajuda de um dicionário. Se eu conseguir fazer tanto alemão em um mês, ficarei muito feliz.

Naturalmente, leva tempo para uma carta chegar daqui. Temos uma entrega e uma postagem por dia.

Com todo amor,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

Meu eterno amor e bênçãos para a Sra. Funkey [Funke].

9.1.151 IRMÃ CHRISTINE

RUA 34 OESTE, 21,

NOVA IORQUE,

10 de novembro de 1899.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Recebi sua carta agora há pouco. Agora estou em Nova York. O Dr. [Egbert] Guernsey analisou minha urina ontem e não havia açúcar nem albumina nela. Então meus rins estão bem, pelo menos no momento. O coração só fica nervoso, precisa de calma! - alguma companhia alegre e amigos bons e amorosos e tranquilos. A única dificuldade é a dispepsia, e isso é o mal. Por exemplo, estou bem de manhã e posso caminhar quilômetros, mas à noite é impossível caminhar depois de uma refeição – o

gás – que depende inteiramente da comida, não é? Eu deveria experimentar a comida de Battle Creek. Se eu for para Detroit, haverá tranquilidade e comida de Battle Creek para mim.

Mas se você vier a Cambridge com todas as instruções sobre a comida de Battle Creek, eu a prepararei lá; ou, entre você e eu, vamos cozinhar. Eu sou bom nisso. Você não sabe nada sobre culinária. Bem, você pode ajudar na limpeza dos pratos, etc. Sempre ganho dinheiro quando preciso muito dele. A “mãe” sempre cuida disso. Então, não há perigo nessa cabeça. Não corro o menor perigo de vida, concordam os médicos – apenas se esta dispepsia passar. E isso é “comida”, “comida”, “comida” e não se preocupe. Oh, que preocupação eu tive! Digamos que vamos para outro lugar e fazemos uma festinha e cuidamos da casa nós mesmos. Em Cambridge, a Sra. Bull tem um lugar tranquilo e separado - seu estúdio. Você pode ter quartos lá. Desejo que você conheça a Sra. Bull. Ela é uma santa, uma verdadeira santa, se é que alguma vez existiu. Espere pela minha próxima carta. Escreverei hoje novamente, ou amanhã, depois de ver a Sra. Bull.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

9.1.152 IRMÃ CHRISTINE

C/O DR. E. GUERNSEY,

RUA 59 OESTE, 180,

NOVA IORQUE,

12 de novembro de 1899.

CRISTINA -

A Sra. Bull foi para Boston sem me ver. Estou com os Guernseys. Todos hoje estão resfriados.

Oh, esses resfriados desagradáveis. O médico aqui declara que meu caso é inteiramente de exaustão nervosa. Até a dispepsia é totalmente nervosa.

Ainda ficarei alguns dias aqui e depois não sei para onde vou. Tenho muita vontade de experimentar alimentos saudáveis. Quanto a você, escreva sem reservas onde gostaria que eu estivesse. Se você acha que é melhor eu ir para Detroit, escreva ou telegrafe após receber isto. Eu irei imediatamente. A única dificuldade agora é a dispepsia.

Com amor à Sra. Funkey [Funke],

Sempre seu com bênçãos,

VIVEKANANDA.

P.S. Se Cambridge for o melhor, diga isso imediatamente.

V.

9.1.153 SRA. TORRO VELHO

180 W. 59,

C/O E. GUERNSEY, MD,

12 de novembro de 1899

PREZADA SENHORA. TOURO -

Estou de cama com um forte resfriado. As roupas não estão prontas – estarão na próxima semana. Não sei qual será meu próximo passo. Dr. Guernsey é muito gentil. Vários médicos me examinaram e nenhum detectou nenhuma doença orgânica.

Até as complicações renais do presente desapareceram.

Bem, então a coisa toda é dispepsia. Quero muito experimentar a comida de Battle Creek. Há um restaurante que cozinha apenas comida de Battle

Creek. Você acha que seria melhor eu tentar agora? Se sim, vou para Detroit. Nesse caso, envie-me meu casaco grosso de caxemira de terracota.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

Já fiz três tratamentos com Helmer. [249] Vou levar alguns na próxima semana. Ninguém pode fazer nada por esse “vento”. É por isso que a dieta deve ser tentada a qualquer custo.

V.

9.1.154 IRMÃ CHRISTINE

RUA 34 OESTE, 21,

NOVA IORQUE,

21 de novembro de 1899.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

As circunstâncias pioraram tanto que tenho que partir para a Califórnia amanhã. É também para meu benefício físico; como diz o médico, é melhor eu ir para onde o inverno rigoroso do Norte não pode chegar.

Bem, assim meus planos são feitos e estragados. De qualquer forma - venha para Cambridge quando quiser. A Sra. Bull ficará muito feliz em fazer tudo o que puder por você.

Espero parar em Detroit no caminho de volta. A vontade do Senhor – como dizemos.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

9.1.155 SRA. TORRO VELHO

CHICAGO

30 de novembro de 1899

MEU QUERIDO DHIRA MATA —

Vou deixar este lugar esta noite. Eles me deram um baú novo – um baú grande. O livro Maspero [250] está comigo, apenas o segundo volume. O primeiro volume deve estar em Boston. Por favor, envie-o aos cuidados de Joe [Senhorita Josephine MacLeod].

Eles têm sido muito gentis. Madame [Emma] Calvé veio me ver anteontem. Ela é uma ótima mulher.

Não tenho nada para escrever aqui exceto que Margo [Irmã Nivedita] está muito bem, exceto que algumas pessoas reclamaram ontem à noite que ela as assustou com sua afirmação de que Swami não pode cometer erros!!!

Espero que as coisas estejam indo muito bem com você. Isso está com pressa. Escrevo longamente da Califórnia.

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA

Meus cumprimentos à Sra. [Olea] Vaughn. [251]

9.1.156 SRA. CASA GW

A CALIFÓRNIA LIMITADA

ROTA DE SANTA FÉ

1º de dezembro de 1899

MINHA QUERIDA MÃE,

Desculpe este rabisco, pois o trem está dançando.

Passei uma boa noite e espero me divertir o tempo todo. Com todo o amor pelas irmãs e pelo Sr. [Clarence] Woolley [252] e Bud e Padre Pope.

Com amor,

VIVEKANANDA

9.1.157 IRMÃ NIVEDITA

A CALIFÓRNIA LIMITADA

ROTA DE SANTA FÉ

2 de dezembro de 1899

MINHA QUERIDA MARGOT,

Duas noites se passaram – hoje chegará a terceira. Se for tão agradável e sonolento quanto os dois últimos, eu me alegrarei.

O cenário pelo qual estou passando hoje é muito parecido com o bairro de Delhi, o início de um grande deserto, colinas desoladas, arbustos escassos e espinhosos, muito pouca água. Os pequenos riachos estão congelados, mas durante o meio do dia faz calor. Deve ser [ilegível], presumo, no verão.

Envio isto aos cuidados da Sra. Adams, [253] pois não sei seu endereço. O trabalho de Chicago não lhe trará muito, tenho certeza, exceto na educação nos métodos daqui, que tenho certeza que funcionarão em breve.

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.158 SRA. CASA GW

LOS ANGELES

6 de dezembro de 1899

MINHA QUERIDA MÃE,

Algumas linhas para dizer que cheguei bem e vou retomar meu trabalho habitual de palestras aqui.

Estou muito melhor do que estava em Chicago e espero em breve ficar bem novamente.

Não posso dizer como gostei mais uma vez da pequena visita à minha mãe e às minhas irmãs americanas.

Harriet realmente marcou um triunfo. Estou encantado com o Sr. Woolley - só espero que Mary tenha a mesma sorte. Ver as pessoas felizes me dá uma nova vida. Que todos sejam felizes.

Sempre com amor, seu filho,

VIVEKANANDA

9.1.159 IRMÃ CHRISTINE

RUA 21 OESTE 921,

LOS ANGELES,

9 de dezembro de 1899.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Afinal, é bom para mim, e bom para aqueles que amo, que eu venha aqui. Finalmente aqui na Califórnia! Um dos nossos poetas diz: "Onde está Benares, onde está Caxemira, onde está Khorasan, onde está Gujarat! Ó Tulsi! assim, o Karma passado do homem o arrasta". E eu estou aqui. Afinal é o melhor, não é? Você está indo para Boston? Receio que você não esteja.

Não atrapalhei nenhum dos seus planos, não é? — despesas desnecessárias? Bem, se houver, eu compensarei. Somente o problema é seu. Tenho vergonha das minhas excentricidades. Então como você está? O que você está fazendo? Como vão as coisas com você? Durma se puder; é melhor dormir do que acordar. Rezo para que todo o bem chegue a ti – toda a paz, toda a força para fazer e sofrer. Tenho muita força para fazer, mas muito pouco para sofrer.

Sou tão egoísta de novo, sempre pensando em meus próprios sofrimentos e não prestando atenção aos outros. Reze por mim; envie pensamentos fortes para que eu tenha forças para sofrer. Eu sei que você vai. Agora pretendo permanecer algumas semanas nesta cidade. Depois disso, “Mãe” sabe. Estou fisicamente muito melhor agora do que há meses. A fraqueza do coração quase desapareceu. A dispepsia também está muito melhor e [há] muito pouca. Posso caminhar quilômetros agora sem sentir isso no coração. Se isso continuar, espero ter uma nova vida. Lamento muito ter pedido que você viesse para Boston e voasse para longe. Se você estiver lá, espero que goste do lugar e dos encontros. Se você desistiu – bem, você tirou licença e não foi para Boston? Meu! que bagunça! Bem, peço mil perdões, se for esse o caso. As coisas devem parecer mais brilhantes de qualquer maneira, mais cedo ou mais tarde. E esses pequenos, poucos dias de vida!

Como está a Sra. Funke? Muito amor por ela. Quanto tempo você tem de licença no Natal? Quando é que começa? Se você se sentir inclinado e disposto, escreva-me um bilhete longo, certo? Mas não conte aos meus amigos meu paradeiro. Quero me afastar do mundo por um tempo, se puder. Poderia, por favor, enviar o endereço do Sr. Freer para a Sra. Bull? Ela precisa disso. Eu tive uma palestra aqui ontem à noite. O salão não estava lotado, pois havia muito pouca propaganda, mas um público de tamanho bastante bom. Espero que eles tenham ficado satisfeitos. Se eu me sentir melhor, em breve terei aulas nesta cidade. Estou no caminho dos negócios desta vez, você sabe. Quero alguns dólares rápido, se puder.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

9.1.160 SWAMI BRAHMANANDA

[Swami Vivekananda enviou o seguinte cabograma a seu irmão monge.]

[Carimbado: 13 de dezembro de 1899]

PERFEITAMENTE CURADO. ABENÇOE A TODOS. VIVEKANANDA.

9.1.161 IRMÃ CHRISTINE

RUA 21 OESTE 921, LOS ANGELES,

27 de dezembro de 1899.

QUERIDA CRISTINA,

Então você está acordado e não consegue mais dormir. Bom! Mantenha-se acordado, bem acordado. Foi bom eu ter vindo aqui. Pois, em primeiro lugar, estou curado. O que você acha disso – ser capaz de caminhar, e todos os dias caminhar cinco quilômetros depois de um jantar pesado! Bom! Não é?

Estou ganhando dinheiro rápido – vinte e cinco dólares por dia agora. Em breve trabalharei mais e ganharei cinquenta dólares por dia. Em São Francisco espero fazer ainda melhor – para onde irei dentro de duas ou três semanas. Bom de novo - melhor, eu digo - pois vou guardar o dinheiro só para mim e não desperdiçá-lo mais. E então comprarei um pequeno lugar no Himalaia – uma colina inteira – com cerca de dois mil metros de altura, digamos, com uma vista magnífica das neves eternas. Deve haver nascentes e um pequeno lago. Cedros – as florestas de cedro do Himalaia – e flores, flores por toda parte. Terei uma casinha; no meio, minhas hortas, que eu mesmo cultivarei — e — e — e — meus livros — e só verei o rosto do homem de vez em quando. E o mundo pode ruir em volta dos meus ouvidos, eu não me importaria. Terei terminado todo o meu trabalho – secular ou espiritual – e me aposentarei. Meu! como estive inquieto durante toda a minha vida! Nasceu nômade. Não sei; esta é a visão atual. O futuro ainda está por vir. Curioso — todos os meus sonhos sobre minha própria

felicidade estão, por assim dizer, fadados a dar em nada; mas sobre o bem-estar dos outros — eles, via de regra, revelam-se verdadeiros.

Estou tão feliz que você esteja feliz e em paz sob o teto hospitaleiro da Sra. Bull. Ela é uma grande mulher - alguém que ver é uma peregrinação.

Não há neve aqui – exatamente como no norte da Índia no inverno. Alguns dias são ainda mais quentes - frescos de manhã e à noite, a meio do dia, quentes, ao sol, quentes. As rosas estão ao nosso redor, os jardins por toda parte e as lindas palmeiras. Mas eu gosto da neve: crocante, crepitante sob os pés, branca, branca, branca – toda branca!

Acho que não tenho nada nos rins ou no coração. A coisa toda era sobre indigestão e agora está quase curada. Mais um mês e serei forte como um leão e resistente como uma mula. Os pobres ingleses estão ficando irritados com os bôeres. Luto em todas as casas da Inglaterra e a guerra continua. Essa é a loucura humana. Quanto tempo levará para o homem se tornar civilizado! As guerras algum dia cessarão? Mãe sabe! O Ano Novo certamente trará uma grande mudança. Ore para que algo de bom chegue à Índia. Envio a vocês toda alegria, todo amor, todo sucesso para o Ano Novo e muitos, muitos mais que virão.

Então você pensa que fez bem em procurar a Sra. Bull. Estou feliz. Queria que você conhecesse a Sra. Bull completamente. Permaneça lá o máximo que puder. Isso lhe fará bem, tenho certeza. Anime-se e tenha ânimo, pois o próximo ano certamente trará muitas alegrias e cem bênçãos.

Sinceramente,

VIVEKANANDA.

9.1.162 IRMÃ NIVEDITA

LOS ANGELES

[Início de fevereiro de 1900]

CARA MARGO [MARGOT],

Você tem o Gopala. [254] Adicione a história de Sâvitri [255] a isso. Envio-lhe mais quatro aqui. Eles deveriam fazer um bom volume. Trabalhe um pouco neles, sim. Se você conseguir uma editora em Chicago, tudo bem; caso contrário, o Sr. Leggett prometeu publicá-los há algum tempo.

Seu,

VIVEKANANDA

P.S. As partes preliminares devem ser eliminadas.

9.1.163 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

RUA DO PINHO 1231

SÃO FRANCISCO.

2 de março de 1900

CARO JOE —

Sua nota contendo dois da França e três da Índia acaba de ser recebida. Recebi boas notícias em geral e estou feliz.

Financeiramente, tenho US\$ 300 em Los Angeles. Sobre a Sra. Bowler, [256] ela tem cerca de cem dólares em dinheiro. A Sra. Hendrick e ela ainda não pagaram. Esse dinheiro – US\$ 300 no total – está com ela. Ela vai me enviar sempre que eu escrever.

O reverendo Benjamin Fay Mills, [257] um pregador unitarista muito popular em Oakland, convidou-me daqui e pagou a passagem para São Francisco. Falei duas vezes em Oakland para 1.500 pessoas cada vez. Da última vez recebi da coleção \$30. Vou ter aulas com entrada de 50 centavos cada.

São Francisco deu uma palestra outra noite [23 de fevereiro] a 50 centavos cada. Pagou suas despesas. Nesta segunda [domingo?] vou falar de graça — depois disso uma aula.

Fui ver a Sra. Hurst [Hearst]. [258] Ela não estava em casa. Deixei um cartão — portanto com o Prof. Le Conte. [259]

Mary [Hale] escreve que você escreveu para ela sobre minha vinda ao Oriente qualquer dia. Não sei. Aqui tenho um grande número de seguidores — prontos — feitos pelos meus livros. Conseguirá algum dinheiro, não muito. São Francisco [Francis Leggett] pode colocar o dinheiro no banco para mim — mas isso pode ser feito sem a minha assinatura? E eu estou aqui? É bom se isso puder ser feito. Você viu alguma possibilidade de meus livros serem vendidos definitivamente para alguma editora?

O convite francês [260] está certo. Mas parece impossível escrever um artigo decente sobre o assunto que escolhemos. Porque se eu tiver que dar palestras e ganhar dinheiro, sobrará pouquíssimo tempo para mais alguma coisa. Novamente, não consigo encontrar nenhum livro (sânscrito) aqui. Então, deixe-me tentar ganhar algum dinheiro, se puder, e ir para a França mesmo assim, mas não mande nenhum papel para eles. Nenhum trabalho acadêmico pode ser feito desta forma aleatória e apressada. Significa tempo e estudo.

Devo escrever ao Sr. [Gerald] Nobel um reconhecimento e agradecimento? Escreva-me detalhadamente sobre esses assuntos, se puder, antes de partir [para a Europa]. Minha saúde está indo da mesma maneira. A gasolina está mais ou menos aí e essa cidade está toda subindo [colina] — isso me cansa muito.

Com todo amor,

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

P.S. Alguém mais respondeu ao chamado da Sra. Leggett?

9.1.164 IRMÃ CHRISTINE

RUA TURK 1719,
SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA,

12 de março de 1900.

QUERIDA CRISTINA,

Acabei de receber uma carta sua através de Nova York. Eu, outro dia, escrevi uma para você, Sra. Funke, pois não tinha certeza de qual dos seus endereços em meu caderno era o correto! Telepatia mental ou tolice – o que é?

A essa altura você já deve ter conseguido o meu. Não há nada de especial em mim, exceto que as coisas estão acontecendo no mesmo ritmo – muito pouco dinheiro – ganhando, muito trabalho e me movimentando. Saio daqui em abril e venho passar alguns dias em Chicago, depois em Detroit e depois, por Nova York, vou para a Inglaterra. Espero que você esteja bem. Estou muito calmo e tranquilo mentalmente e espero continuar assim pelo resto da minha vida.

Como estão a Sra. Funkey [Funke] e o resto dos nossos amigos?

Com todo amor,
VIVEKANANDA.

9.1.165 IRMÃ CHRISTINE

RUA TURK 1719,
SÃO FRANCISCO,
[9 de abril de 1900]

Olá! Qual é o problema com você – foi dormir? Faz muito tempo que não recebo notícias suas.

Estou melhorando a cada dia, e um dia desses - digamos, em algumas semanas - virei direto para dizer como vai você. Bem, ficarei aqui mais duas semanas, depois num lugar chamado Stockton — daí para o Leste. Posso parar alguns dias em Chicago. Talvez eu não.

No início de maio, com certeza irei para Detroit. É claro que escreverei para você. Como está a vida com você - opressor, como sempre? Alguma melhoria? Escreva uma carta tagarela, se desejar. Estou morrendo de vontade de receber notícias.

Sempre seu na Verdade,

VIVEKANANDA.

9.1.166 IRMÃ NIVEDITA

C/O DR. LOGAN,

RUA CARVALHO 770,

SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA,

17 de maio [1900].

QUERIDA MARGOT,

Sinto muito, ainda não posso ir a Chicago por alguns dias. O médico (Dr. Logan) diz que não devo viajar até que esteja completamente forte. Ele está empenhado em me tornar forte. Meu estômago está muito, muito bom e os nervos em ordem. Estou progredindo. Mais alguns dias e ficarei bem. Recebi sua carta com o anexo.

Se você partir para Nova York em breve, leve minha correspondência com você. Estou indo direto para Nova York. Se você sair de Nova York antes de mim, coloque minha correspondência em uma capa e deposite com Turiyananda, e diga-lhe para guardá-la para mim e não abri-la em qualquer conta, nem em nenhuma de minhas cartas indianas. Turiyananda assumirá o

comando. Veja também que minhas roupas e livros estão nas salas da Vedanta Society em Nova York.

Escreverei mais em breve – uma apresentação à Sra. Huntington. [261] Este caso deve ser privado.

Com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

P.S. Como tenho que parar em Chicago para comprar minha passagem, você poderia pedir a alguém que me hospedasse por um ou dois dias, se a Sra. Hale já tiver ido para o Leste a essa hora?

V.

9.1.167 IRMÃ NIVEDITA

RUA CARVALHO 770,
SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA,

18 de maio de 1900.

QUERIDA MARGOT,

Em anexo encontra-se a carta de apresentação à Sra. Huntington. Ela pode, se quiser, tornar sua escola um fato com um toque de caneta. Que a mãe a faça fazer isso!

Receio ter de ir direto para Nova York, pois a essa altura o Hales já terá partido. Não posso começar por pelo menos duas semanas ainda. Dê aos Hales meu amor.

Com amor e bênçãos,

Seu,

VIVEKANANDA.

P.S. Recebi sua carta, incluindo a de Yum [Srta. Josephine MacLeod].

V.

9.1.168 SRA. OLE BULL (EM LONDRES)

SÃO FRANCISCO

18 de maio de 1900

MINHA QUERIDA MÃE,

Muito obrigado pelas cartas de Joe [Senhorita Josephine MacLeod] e por suas cartas. Tive novamente uma recaída grave - e [estou] lutando para superá-la. Desta vez tenho plena certeza de que comigo todas as doenças são nervosas. Quero descansar por dois, três anos - e nem um pouco de trabalho entre eles. Vou descansar com os Seviers no Himalaia.

A Sra. [James Henry] Sevier me deu 6.000 Rs. para a família - foi distribuído entre meu primo, tia, etc. Os 5.000 Rs. para comprar a casa foi emprestado dos fundos da Math. Não interrompa a remessa que você envia ao meu primo, independentemente do que Saradananda diga em contrário. Claro que não sei o que ele diz.

Há muito que desisti da ideia de uma casinha no Ganges, pois não tenho dinheiro para isso.

Mas tenho alguns em Calcutá e alguns com os Leggetts, e se você der mais mil, isso será um fundo para minhas despesas pessoais (como você sabe, nunca aceitei dinheiro de matemática), bem como para minha mãe. Por favor, escreva para Saradananda para desistir da planta da casinha. Ainda não escreverei mais durante semanas - até me recuperar completamente. Espero superar isso daqui a algumas semanas – foi uma recaída terrível. Estou com um amigo médico [Dr. Milburn H. Logan], e ele está cuidando de mim.

Diga a Joe que ir entre pessoas diferentes com uma mensagem também não pertence ao Sannyasin; para um Sannyasin, [há] silêncio e isolamento, mal vendo a face do homem.

Agora estou maduro para isso, pelo menos fisicamente. Se eu não me aposentar, a natureza me forçará a isso. Muito obrigado porque as coisas temporais foram tão bem organizadas por você.

Com todo amor para Joe e para você -

Seu filho,

VIVEKANANDA

9.1.169 IRMÃ CHRISTINE

C/O DR. LOGAN,

RUA CARVALHO 770,

SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA,

19 de maio de 1900.

QUERIDA CRISTINA,

Como vai você? Quando começarão suas férias? Ainda estou na Califórnia. Espero partir para o Leste em mais duas ou três semanas.

Escreva-me tudo sobre você e como as coisas estão acontecendo. Como está a Sra. Funkey [Funke]? E os outros amigos?

Seu como sempre,

VIVEKANANDA.

9.1.170 SWAMI ABHEDANANDA

RUA OAK 770
SÃO FRANCISCO, CAL.
C/O DR. LOGAN, MD
[19 de maio de 1900?]

MEU QUERIDO ABHEDANANDA

Estou muito, muito feliz em saber sobre a nova sede da Sociedade Vedanta. Do jeito que as coisas estão, terei que vir direto daqui para Nova York - sem paralisações - mas ainda serão duas ou três semanas, receio. As coisas estão acontecendo tão rápido que não posso deixar de mudar meus planos e parar mais alguns dias.

Estou tentando o meu melhor para conseguir que um de vocês faça uma visita rápida a esta costa – é um ótimo país para o Vedanta.

Leve todos os meus livros e roupas etc. para sua casa. Eu irei em breve. Meus cumprimentos à Sra. Crane. Ela ainda vive de bife e água quente? Senhorita [Sarah Ellen] Waldo e Sra. Coulston [262] escrevem sobre a publicação de uma nova edição do Karma-Yoga. Escrevi para a senhorita Waldo tudo sobre isso. O dinheiro obtido com a venda de livros deveria ser gasto, é claro.

Você vê meus livros e roupas todos seguros lá? Eles estavam com a Sra. Bull em Boston.

Com todo amor,
VIVEKANANDA

9.1.171 IRMÃ CHRISTINE

SOCIEDADE VEDANTA,
RUA 58 LESTE, 102,

NOVA IORQUE,

9 de junho de 1900.

QUERIDA CRISTINA,

Não pude escrever mais, pois as últimas semanas da minha estadia na Califórnia foram mais uma recaída e um grande sofrimento. No entanto, obtive um grande benefício com isso, na medida em que descobri que realmente não tenho nenhuma doença, exceto preocupação e medo. Meus rins estão tão saudáveis quanto os de qualquer outro homem saudável. Todos os sintomas da doença de Bright, etc., são provocados apenas pelos nervos.

Escrevi-lhe uma, porém, de 770 Oak Street, São Francisco, à qual não obtive resposta. Claro, eu estava acamado e minha agenda não estava no lugar onde eu estava. Houve um erro no número. Não posso acreditar que você não respondeu de bom grado.

Como você pode ver, agora estou em Nova York e ficarei aqui por alguns dias. Recebi um convite da Sra. Walton, de Cleveland, Ohio. Eu aceitei isso. Ela me escreve que você também está convidado e aceitou o convite dela. Bem, então nos encontraremos em Cleveland. Tenho certeza de que o verei antes de ir para a Europa – seja lá ou em qualquer lugar que você desejar. Se você acha que não seria possível vir para Ohio, irei a qualquer outro lugar que você queira que eu vá para me despedir.

Quando sua escola vai fechar? Escreva-me tudo sobre seus planos - faça!

Miss Noble quer muito que eu vá para Cleveland. Eu ficaria muito, muito feliz em ter algumas semanas de reclusão e descanso antes de começar com amigos que não me incomodam em nada. Sei que assim encontrarei descanso e paz, e você pode me ajudar com qualquer quantia nisso. Em Cleveland, é claro, sempre haverá alguns amigos e muita conversa, é claro. Então, se você acha que terei paz e descanso de verdade em outro lugar, basta escrever tudo sobre isso.

Minha resposta à senhora de Cleveland depende da sua carta.

Como eu gostaria de estar em Detroit ou em outro lugar agora, entre amigos que sei que são sempre bons e verdadeiros. Isto é fraqueza; mas quando a vitalidade física diminui e os nervos ficam à flor da pele, sinto que dependo muito de alguém. Você ficará feliz em saber que ganhei algum dinheiro no Ocidente. Então poderei pagar minhas despesas.

Escreva logo.

Atenciosamente,
VIVEKANANDA.

9.1.172 IRMÃ CHRISTINE

SOCIEDADE VEDANTA,
RUA 58 LESTE, 102,
NOVA IORQUE,
13 de junho de 1900.

QUERIDA CRISTINA,

Não há motivo para qualquer ansiedade. Conforme escrevi, estou mais saudável do que nunca; além disso, todo o medo anterior de problemas renais desapareceu. A “preocupação” é a única doença que tenho e estou vencendo-a rapidamente.

Estarei aqui uma ou duas semanas e depois irei para Detroit. Se acontecerem coisas que eu não possa ir, certamente mandarei chamá-lo. De qualquer forma, não vou sair deste país antes de ver você. Claro, claro – preciso ver você primeiro e depois ir para a Europa.

As coisas parecem alegres mais uma vez, e a boa sorte, assim como a má sorte, também vem aos montes. Portanto, tenho certeza de que tudo será tranquilo agora, pelo menos por algum tempo.

Com amor à Sra. Funkey [Funke],

Sempre seu na Verdade,

VIVEKANANDA.

9.1.173 IRMÃ CHRISTINE

SOCIEDADE VEDANTA,

RUA 58 LESTE, 102,

NOVA IORQUE,

15 de junho de 1900.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Estou melhorando a cada dia, só que Nova York é um lugar ruim para dormir. Mais uma vez, estou trabalhando um pouco, embora não muito, para reunir os velhos amigos e colocar a coisa em forma.

Agora, você sabe, dentro de uma semana ou mais terminarei este trabalho e então estarei pronto para um verdadeiro silêncio de uma semana ou duas ou mais.

Detroit, infelizmente! não será melhor que Nova Iorque. Com tantos velhos amigos! Como você pode evitar amigos que você realmente ama?

Terei liberdade perfeita na sua casa - claro - mas como posso evitar ver amigos e as eternas visitas e visitas e muito falatório? Você conhece algum outro lugar dentro de oito ou dez horas (quero evitar passeios noturnos) de Nova York onde eu possa ficar quieto e livre das pessoas? (Deus os abençoe.) Estou muito cansado de ver as pessoas agora. Pense nisso e em tudo mais; se, afinal, você acha que Detroit é o melhor lugar para mim, estou pronto para ir.

Sinceramente,

VIVEKANANDA.

PS — Também estou pensando em um lugar tranquilo.

V.

9.1.174 IRMÃ CHRISTINE

SOCIEDADE VEDANTA,

RUA 58 LESTE, 102,

NOVA IORQUE,

27 de junho de 1900.

QUERIDA CRISTINA,

Este é o meu plano agora. Terei que permanecer em Nova York por mais alguns dias para terminar meus livros. Vou publicar outra edição do Karma-Yoga e das palestras de Londres em forma de livro. Miss Waldo os está editando e o Sr. Leggett irá publicá-los.

Então, penso que, se vou permanecer neste país mais algumas semanas, é melhor que você descanse e se troque. Newport [263] é um local famoso à beira-mar – a quatro horas de Nova York. Estou convidado para lá. Irei para lá esta semana e, como prometido, encontrarei sossego, aposentadoria e liberdade. Tentarei encontrar um lugar para você e te telegrafarei assim que for encontrado.

Tenho certeza de que em Detroit você não pode descansar. Uma pequena mudança de lugar e silêncio de vez em quando é um grande fator para renovar o vigor.

Bem, se você acha que seria melhor descansar e sossegar em Detroit, escreva e eu irei. São apenas dezessete horas de Nova York a Detroit, e estou bastante forte para empreendê-lo. Já estou livre para ir; só que eu

realmente quero que você descanse bem e por muito tempo, pelo menos por algumas semanas.

Não tenha medo das despesas. Mamãe providenciou isso amplamente e irá providenciar, desde que eu seja altruísta.

Pense em todos os prós e contras e escreva o mais rápido possível.

De qualquer forma, estou indo para Newport, só para ver como é. Escreverei tudo sobre isso assim que chegar lá.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

9.1.175 SRA. ALICE (SHANTI) HANSBROUGH

A SOCIEDADE VEDANTA,

102 EAST 58TH STREET, NOVA IORQUE, NY

[Final de junho de 1900]

PREZADA SENHORA. HANSBROUGH -

Não escrevi uma linha desde que você saiu de São Francisco. Estou bem e as coisas estão indo bem comigo.

Estou mais uma vez em Nova York, onde agora eles conseguiram um lar para a Sociedade e sua sede. Eu e os outros Swamis também moramos lá.

Uma senhora de São Francisco [Senhorita Minnie C. Boock] agora aqui é proprietária de um terreno perto do Monte. Hamilton, 19 quilômetros a leste do observatório Lick – 160 acres de área. Ela vai nos dar um presente com isso. Seria bom termos uma reunião de verão na Califórnia. Se os amigos quiserem ir para lá agora, enviarei a eles a autorização por escrito. Você poderia escrever para a Sra. Aspinall e a Srta. Bell, etc., sobre isso? Estou

bastante desejoso que seja ocupado neste verão o mais rápido possível. Há apenas uma cabana de madeira no terreno; para o resto, devem ter tendas.

Lamento não poder dispensar um Swami ainda.

Com todo amor para você e a Sra. [Carrie Mead] Wyckoff e o bebê da família.

Sempre seu na Verdade,

VIVEKANANDA

P.S. Diga a Helen [a irmã mais nova de Mead]: agradeço a ela por seu gentil convite, mas sinto muito por não poder aceitá-lo agora. Afinal, vocês três irmãs se tornaram parte da minha mente para sempre. E o clube?

V.

9.1.176 IRMÃ CHRISTINE

[Em 3 de julho de 1900, antes de partir para Detroit com Swami Turiyananda e Miss Minnie Boock, Swami Vivekananda enviou um telegrama.]

[CARREGADO: NOVA IORQUE

3 de julho de 1900]

COMEÇOU O ALCANCE AMANHÃ, QUARTA-FEIRA, ÀS 14h.
VENHA ESTAÇÃO WABASH.

SWAMI VIVEKANANDA

9.1.177 SRA. ALICE (SHANTI) HANSBROUGH

RUA E. 58, 102,

NOVA IORQUE,

3 de julho de 1900.

MINHA QUERIDA SRA. HANSBROUGH -

Isto é para apresentar Swami Turiyananda. A senhora que cedeu o terreno para o trabalho do Vedanta pertence a Los Angeles. Ela levou Turiyananda com ela. Ele é um grande professor espiritual — mas não tem experiência em trabalho em plataformas.

A melhor coisa seria ajudá-lo a fundar um centro de sossego, descanso e meditação nas terras próximas a San José.

Com todo amor à Santíssima Trindade. [264]

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.178 SWAMI ABHEDANANDA

RUA E. 58, 102,

NOVA IORQUE,

24 de julho de 1900.

CARO ABHEDANANDA,

Eu teria ficado aqui com prazer, mas sastây kisti mât. [265] Consegui um ótimo lugar - um quarto só para mim - em um belo navio. [266] Assim que chegar Agosto haverá uma Bhida [multidão] terrível, pois as empresas estão a reduzir os preços.

As coisas estão indo muito bem. O Sr. Johnson voltou para sua casa e todos os quartos estão ocupados, exceto dois. Você escreve para a Sra. Crane, querendo ou não.

Você não precisa sentir a menor ansiedade em relação ao trabalho em Nova York; será um touro de casamento na próxima temporada. Dê lembranças à Sra. [Mary B.] Coulston e explique-lhe as circunstâncias.

Com todo amor,

VIVEKANANDA

9.1.179 IRMÃ CHRISTINE

A BORDO DO LINER LA CHAMPAGNE,

Sexta-feira de manhã, às 9h,

3 de agosto de 1900.

QUERIDA CRISTINA,

Está nublado esta manhã. Estamos no canal – esperamos chegar a [Le Havre] às 12h [meio-dia]. Foi uma viagem muito ruim – rolando, chovendo e escuro quase o tempo todo. Terrível rolando por toda parte. Só ontem à noite dormi bem. Outras vezes o rolar me faz dormir bem, mas desta vez não sei o que houve; a mente estava tão girando. De qualquer forma, estou bem e em breve chegarei à terra.

Espero chegar a Paris esta noite.

Envio isto para Detroit, esperando você lá.

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

9.1.180 SRA. FRANCIS LEGGETT

[Swami Vivekananda enviou o seguinte telegrama na sexta-feira, 3 de agosto de 1900, quando o S.S. Champagne (no qual ele embarcou em Nova

York em 26 de julho) atracou em Le Havre, França.]

[Carimbado: sexta-feira, 3 de agosto de 1900]

CHEGA A HUIT HRES STLAZARE - VIVEKANANDA

[Tradução: "Chego às oito horas (da noite) St. Lazare - VIVEKANANDA".]

9.1.181 IRMÃ CHRISTINE

6, PLACE DES ETATS-UNIS

14 de agosto de 1900

QUERIDA CRISTINA,

Sua carta de Nova York chegou agora há pouco. Você deve ter recebido o meu da França, direcionado ao 528 Congresso.

Bem, foi uma época triste, semelhante a um funeral. Pense no que significa para um homem mórbido como eu!

Vou à Exposição, etc., tentando passar o tempo. Teve uma palestra aqui. Père Haycinth [Hyacinthe], o célebre clero – homem aqui, parece gostar muito de mim. Bem, bem, o que? Nada. Só que você é tão bom e eu sou um tolo mórbido – isso é tudo. Mas “Mãe” – Ela sabe o que é melhor. Eu a servi na felicidade ou na desgraça. Seja feita a tua vontade. Bem, tenho notícias do meu irmão perdido [Mahendranath Datta]. Ele é um grande viajante, isso é bom. Então você vê, a nuvem está se levantando lentamente. Meu amor para sua mãe e irmã e para a Sra. Funkey [Funke].

Com amor,

VIVEKANANDA

9.1.182 IRMÃ NIVEDITA

6, PLACE DES ETATS UNIS,

PARIS,

23 de agosto de 1900.

CARA NIVEDITA,

Os relatos manuscritos do Math acabaram de chegar. É uma leitura deliciosa. Estou tão satisfeito com isso.

Vou imprimir mil ou mais para serem distribuídos na Inglaterra, na América e na Índia. Acrescentarei apenas um parágrafo implorante no final.

Qual você acha que será o custo?

Com amor para você e a Sra. Bull,

VIVEKANANDA.

9.1.183 IRMÃ CHRISTINE

6, PLACE DES ETATS-UNIS, PARIS

23 de agosto de 1900

QUERIDA CRISTINA,

Qual é o seu problema? Você está doente? Infeliz? O que te deixa em silêncio? Recebi apenas um pequeno bilhete seu em todo esse tempo.

Estou ficando um pouco nervoso com você - não muito. Caso contrário, estou gostando desta cidade. A Sra. A. P. Huntington escreveu para você?

Estou bem – mantendo-me bem, tanto quanto possível.

Com amor,

VIVEKANANDA

9.1.184 IRMÃ CHRISTINE

6, PLACE DES ETATS UNIS,

PARIS,

15 de setembro de 1900.

QUERIDA CRISTINA,

Sua carta foi muito reconfortante. Estou tão feliz que este verão lhe fez bem. Então você não se apaixonou pela cidade de Nova York.

Bem, estou ficando apaixonado por Paris. Agora moro com um tal M. Jules Bois, um sábio francês, que tem sido aluno e admirador de minhas obras.

Ele fala muito pouco inglês; em consequência, tenho de usar o meu jargão francês e estou a ter sucesso, diz ele. Agora posso entender se ele falará devagar.

Depois de amanhã vou para Bretagne [Bretanha], onde nossos amigos americanos estão aproveitando a brisa do mar – e a massagem. [267]

Vou com o Sr. Bois para uma breve visita; après cet [depois disso] não sei para onde vou. Estou ficando bastante francês, conhecedor [você sabe]? Também estou estudando gramática e trabalhando duro. [Frase arrancada] Em alguns meses espero ser francês, mas nessa altura esquecerei isso ficando na Inglaterra.

Estou forte, bem e contente – sem morbidez.

Tchau ,

VIVEKANANDA.

9.1.185 Sra. TORRO VELHO

66, RUE AMPERE

22 de outubro de 1900

QUERIDA MÃE,

Lamento saber que você não está bem. Espero que você melhore em breve. As coisas parecem melhorar para mim.

O Sr. Maxim, famoso pelas armas, está muito interessado em mim e quer colocar em seu livro sobre a China e os chineses algo sobre meu trabalho na América. [268] Não tenho comigo nenhum documento; se você tiver, por favor, entregue-os a ele. Ele virá ver você e conversar sobre isso com você. Canon Hawes [Reverendo Hugh Reginald Haweis] também acompanha meu trabalho na Inglaterra. Tanta coisa sobre isso. Pode ser que a Mãe elabore agora o meu plano original de trabalho internacional. Nesse caso, você descobrirá que seu trabalho na Conferência [269] não foi em vão.

Parece que depois desta queda na minha saúde, física e mental, vai abrir-se dessa forma – um trabalho maior e mais internacional. Mamãe sabe mais.

Toda a minha vida foi dividida em sucessivas depressões e subidas – e assim, acredito, é a vida de todos. Estou feliz, em vez de não, essas quedas acontecerem. Eu entendo tudo; ainda assim, eu sofro, resmungo e me enfureço!! Talvez isso seja parte da causa da próxima convulsão.

Acho que você estará na América quando voltarmos; caso contrário, verei você em Londres novamente. De qualquer forma, adeus por enquanto. Começaremos depois de amanhã para o Egito, etc. E todas as bênçãos estejam com você e a sua é, como sempre, minha oração.

Seu filho,

VIVEKANANDA

PS: Para Margot [Irmã Nivedita], meu amor, e tenho certeza de que ela terá sucesso.

V.

9.1.186 SENHORITA ALBERTA STURGES

[Swami Vivekananda enviou o seguinte cartão postal.]

[CONSTANTINOPLA,

1º de novembro de 1900]

QUERIDA ALBERTA,

Como vai você? Estou me divertindo muito na Turquia.

Seu,

VIVEKANANDA

9.1.187 IRMÃ CHRISTINE

[Em um cartão postal, retratando as antigas muralhas decadentes de Istambul, Swami Vivekananda escreveu a seguinte nota.]

[Carimbado: 1º de novembro de 1900]

QUERIDA CRISTINA —

Estou me divertindo aqui. Então, espero que você também esteja em Detroit

-

Sinceramente,

VIVEKANANDA.

9.1.188 IRMÃ NIVEDITA

[Em um cartão postal mostrando dervixes e comerciantes de peixes locais, Swami Vivekananda escreveu a seguinte nota.]

[CARREGADO: CONSTANTINOPLA

1º de novembro de 1900]

Querida Margo [Margot], as bênçãos dos dervixes uivantes vão com você -
suas no Senhor,

VIVEKANANDA.

P.S. Todo amor à Sra. Bull.

V.

9.1.189 IRMÃ CHRISTINE

*[Em um cartão postal mostrando o templo de Hepaistos, popularmente
chamado de Thesion, Swami Vivekananda escreveu.]*

[CARREGADO: ATENAS,

11 de novembro de 1900]

Muito divertido. Escrevo sem possibilidade de receber cartas, pois estou
mudando de lugar o tempo todo. Como vai?

VIVEKANANDA

9.1.190 MAHARAJA AJIT SINGH, RAJA DE KHETRI

A MATEMÁTICA

BELOOR

DIST. HOWRAH.

[Dezembro de 1900]

SUA ALTEZA -

Estou muito feliz em saber que você e o Coomar [o Príncipe Real] estão gozando de boa saúde. Quanto a mim, meu coração ficou muito fraco. A mudança, não creio, me fará bem, já que nos últimos 14 anos não me lembro de ter parado em um lugar por três meses seguidos. Por outro lado, se por acaso eu conseguir viver meses num mesmo lugar, espero que isso me faça bem. Não me importo com isso, entretanto; Sinto que meu trabalho nesta vida está concluído. Através do bem e do mal, da dor e do prazer, meu bote salva-vidas foi arrastado. A única grande lição que aprendi é que a vida é uma miséria, nada além de miséria. A mãe sabe o que é melhor. Cada um de nós está nas mãos do Karma – ele se resolve sozinho, e não, não. Só existe um elemento na vida que vale a pena ter a qualquer custo – e é o amor. Amor imenso e infinito, amplo como o céu e profundo como o oceano. Este é o grande ganho na vida. Bem-aventurado aquele que consegue.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.191 Sra. OLE BULL (EM LONDRES)

DACCA,

20 de março de 1901.

MINHA QUERIDA MÃE,

Finalmente estou em Bengala Oriental. Esta é a primeira vez que estou aqui e nunca soube que Bengala era tão bonita. Você deveria ter visto os rios aqui – oceanos regulares de água doce e tudo tão verde – produção contínua. As aldeias são as mais limpas e bonitas de toda a Índia.

Joe [Senhorita Josephine MacLeod] talvez já esteja no Japão. Recebi uma longa e linda carta de Margot. Diga a Margot que ultimamente tem havido uma queda regular na fortuna do Raja da Caxemira; todas as coisas estão mudando em seu benefício. Mookherjey é agora governador da Caxemira. Saradananda teve uma febre forte. Ele está bem agora, mas fraco. Ele

possivelmente vai para Darjeeling para variar. Sra. N.] Banerjey, que está em Calcutá, está muito ansioso para levá-lo para as colinas. Mohin [Mahendranath Datta], meu irmão, está na Índia, em Karachi, perto de Bombaim, e se corresponde com Saradananda. Ele escreve para dizer que vai para a Birmânia, para a China, etc. Os comerciantes que o atraem têm lojas em todos esses lugares. Não estou nem um pouco preocupado com ele. Ele é um homem muito egoísta.

Não tenho notícias de Detroit. Recebi uma carta de Christina há nove meses, mas não respondi. Talvez isso a tenha irritado.

Estou em paz e calmo - e descubro todos os dias que a velha vida de mendicância e penúria é o melhor para mim, afinal.

Sra. Sevier, deixei em Belur. Ela é convidada da Sra. Banerjey, que alugou a casa de Nilambar Mookherjey às margens do rio (a antiga Math). Ela vai muito em breve para a Europa.

As coisas estão acontecendo, como é da natureza das coisas. Para mim veio a demissão.

Com todo amor,

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

PS — Todas as bênçãos para o trabalho da Margot. Minha mãe está liderando, tenho certeza.

V.

9.1.192 RAMESH CHANDRA DUTTA

A MATEMÁTICA, P.O. BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

4 de abril de 1901. [270]

CARO SENHOR, [271]

Estou muito feliz em saber, através de uma pessoa de sua autoridade, sobre o bom trabalho que a Irmã Nivedita está realizando na Inglaterra. Uno-me em oração sincera com a esperança que você nutre de seus futuros serviços à Índia por meio de sua pena.

Não tenho o menor desejo de que ela deixe seu atual campo de utilidade e venha para a Índia.

Tenho uma profunda dívida de gratidão com você, senhor, por ter feito amizade com minha filha, e espero que nunca deixe de aconselhá-la sobre a duração de sua estada na Inglaterra e o tipo de trabalho que ela deve realizar.

Seu livro sobre Kâli é muito popular na Índia. A dívida que a nossa Pátria já lhe tem é imensa e aguardamos ansiosamente o seu novo livro.

Que todas as bênçãos sempre o acompanhem e sua seja a oração constante de -

Atenciosamente,

VIVEKANANDA.

9.1.193 IRMÃ NIVEDITA

A MATEMÁTICA, BELUR,

DISTRITO DE HOWRAH, BENGALA,

4 de abril de 1901.

QUERIDA MARGOT,

Chegou recentemente uma carta do Sr. R. Dutt [Ramesh Dutta] elogiando muito você e seu trabalho na Inglaterra e pedindo-me que desejasse que você ficasse mais tempo na Inglaterra.

Não é preciso imaginação para saber que estou muito feliz com todas as notícias sobre você que o Sr. Dutt tão gentilmente envia.

Claro, você fica o tempo que achar que está trabalhando bem. Yum [Senhorita Josephine MacLeod] conversou sobre você com a Mãe [Santa Mãe, Sarada Devi], e ela desejou que você viesse. Claro, era apenas o amor e a ansiedade dela em ver você - isso era tudo; mas o pobre Yum foi muito sério pela primeira vez, e daí todas essas cartas. No entanto, estou feliz que isso tenha acontecido, pois aprendi muito sobre o seu trabalho com o Sr. Dutt, que não pode ser acusado do amor cego de um parente.

Já escrevi à Sra. Bull sobre este assunto. Finalmente estou em Dacca e tive algumas palestras aqui. Parto amanhã para Chandranath, perto de Chittagong, a extremidade oriental de Bengala. Minha mãe, tia, prima, viúva de outro primo e nove meninos estão comigo. Todos eles lhe enviam amor.

Recebi há pouco algumas linhas da Sra. Bull, e também uma carta do Sr. Sturdy. Como seria quase impossível para mim escrever há alguns dias, peço-lhe que agradeça à Sra. Bull por sua carta e diga-lhe gentilmente que acabei de receber uma longa carta da Srta. [Christina] Greenstidel, de Detroit. Ela menciona uma linda carta da Sra. Bull. Sturdy escreve sobre a publicação de qualquer edição adicional do Raja-Yoga de Longmans. Deixo essa consideração com a Sra. Bull. Ela pode conversar sobre o assunto com Sturdy e fazer o que achar adequado.

Por favor, dê a Sturdy meus melhores cumprimentos e diga-lhe que estou em marcha e que reservarei algum tempo para responder à sua carta; enquanto isso, o negócio será cuidado pela Sra. Bull.

Com amor e bênçãos eternos,

VIVEKANANDA.

9.1.194 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

[4 de abril de 1901]

QUERIDA CRISTINA,

Os procedimentos subsequentes foram muito interessantes; e o interesse tem crescido tão rapidamente ultimamente que mal se consegue pronunciar uma palavra. [272]

Fico feliz em saber da doce carta da Sra. [Ole] Bull para você; ela é um anjo. Você está em paz e feliz - bom. Estou crescendo nessa direção também.

Estou a caminho de Chandranath em peregrinação.

Tenho esperado ansiosamente por uma carta sua e parecia que ela nunca chegaria.

Tenho certeza de que estarei feliz — não posso deixar de pensar assim. Depois de tanta luta o resultado deve chegar. As coisas seguem seu próprio curso; sou eu quem deve me alegrar, eu acho. E estou tentando o meu melhor. E você pode me ajudar escrevendo cartas bonitas de vez em quando; você poderia?

Margot [Irmã Nivedita] está fazendo um trabalho esplêndido na Inglaterra com o apoio da Sra. Bull. As coisas estão indo bem.

Estou dormindo melhor e a saúde geral não está ruim.

Com amor e bênçãos eternos,

VIVEKANANDA.

P.S. Por favor, pergunte à Srta. [Sarah Ellen] Waldo sobre a publicação de Karma e Jnâna Yogas e escreva.

9.1.195 CARTA DE INTRODUÇÃO

GAUHATI

17 de abril de 1901

Tenho grande prazer em atestar a grande amabilidade e prestatividade dos irmãos Shivakanta e Lakshmikanta, Pandas de Shri Kamakhya Peetham.

São os homens que mais ajudam e que ficam satisfeitos com o mínimo.

Posso recomendá-los sem hesitação ao público hindu que visita este santuário santíssimo.

SWAMI VIVEKANANDA

9.1.196 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH, BENGALA,

13 de maio de 1901.

QUERIDA CRISTINA,

Cheguei na matemática ontem. Esta manhã chegou seu breve bilhete. Você já deve ter recebido minhas cartas e espero que isso lhe dê uma ideia de como às vezes o silêncio vale ouro.

Recebi lindas cartas de todos os lugares esta manhã e estou muito feliz. Fiz uma longa visita de dois meses a Assam e a diferentes partes do leste de Bengala. Para paisagens combinadas de montanha e água, esta parte do país é incomparável.

Ou eu irei para a Europa neste verão e de lá para os EUA, ou vocês virão para a Índia – tudo está se preparando para esse fim. A Mãe conhece Seus caminhos. Por um lado, estou calmo, muito calmo, e espero manter esse estado de controle por muito tempo; e você é minha melhor ajuda para manter esse equilíbrio, não é? Escreverei mais no próximo; agora mesmo, estas poucas linhas - e cem perdões, peço-lhes por sua escassez. No entanto, o silêncio às vezes diz mais do que todo o discurso do mundo.

Com todo amor e bênçãos,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA.

9.1.197 SRA. TORRO VELHO

A MATEMÁTICA, BELUR

13 de maio de 1901

QUERIDA MÃE,

Cheguei ontem a Calcutá. Esta manhã chegou sua carta contendo três cheques para meu primo. Eles devem alcançá-la regularmente.

Não recebi nenhuma carta de Joe [Senhorita Josephine MacLeod] do Japão, mas encontrei várias me esperando a bordo do navio. Ela também me envia um recorte de jornal para ser enviado ao professor Geddes. Anexo-o nesta carta e espero que você o encaminhe ao Prof. Geddes.

Saradananda está há três semanas em Darjeeling, onde melhorou muito. Desejo que ele permaneça mais algum tempo lá. Sr. Bannerjy é o mais gentil dos anfitriões.

Sevier está em Londres em 2, Maisemore Mansions, Canfield Gardens, Londres, N.W.

Você está certo: minhas experiências estão trazendo calma – grande calma.

A Sra. Patterson e as crianças vão para a Europa. Geral [C. B. Patterson] está sozinho e deseja muito que eu ligue. Eu irei na próxima vez que for à cidade.

Minha prima e minha mãe e o resto mandam amor, e meu amor eterno você sempre conhece.

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA

P.S. Todo amor e bênçãos para Margot [Irmã Nivedita].

9.1.198 SRA. ALICE (SHANTI) HANSBROUGH

A MATEMÁTICA

DIST. HOWRAH,

BENGAL, ÍNDIA

3 de junho de 1901

PREZADA SENHORA. HANSBROUGH -

A contribuição de seis libras e três xelins para o Math pelo clube de Los Angeles foi devidamente alcançada. Swami Brahmananda escreverá para você um agradecimento separado. Mas como estou aqui agora e não tenho tido nenhuma comunicação direta com você há muito tempo, sinto vontade de conversar com você como antigamente, mesmo que seja pelo correio. Agora, como estão você e o Bebê e a Santíssima Trindade e o mais velho que cuida da retaguarda?

Como estão todos os nossos amigos de Los Angeles? Ouvi dizer que a pobre Sra. [Emeline F.] Bowler faleceu. Ela era um anjo. Onde está a senhorita Strickney? Por favor, ofereça a ela meu mais sincero amor, gratidão e orações quando você a encontrar novamente.

Como estão todos os amigos de São Francisco? Como é a nossa Senhora [273] – a nobre, a altruísta? O que ela está fazendo agora? Voltou silenciosamente para seu trabalho na Casa da Verdade?

Você está satisfeito com Turiyananda e seu trabalho? O [Shanti] Ashrama está progredindo?

Com amor e bênçãos eternos,

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

9.1.199 SR.

A MATEMÁTICA, BELUR

HOWRAH DIS.

BENGAL, ÍNDIA

18 de junho de 1901

CARO AMIGO -

Permita-me chamá-lo de amigo. Devemos ter sido assim em algum nascimento passado. Seu cheque de 300 rúpias foi devidamente recebido e muito obrigado pelo mesmo.

Estou apenas pensando em ir para o Japão, mas com uma coisa ou outra e minha saúde precária, não consigo agilizar as coisas como desejo.

O Japão para mim é um sonho - tão lindo que assombra a pessoa por toda a vida.

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

Kakuzo [Kakuzo] Okakura Esq.

Tóquio, Japão

9.1.200 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR

DIST. HOWRAH, BENGALA, ÍNDIA,

[Final de junho de 1901]

QUERIDA CRISTINA,

Sua carta de boas-vindas acabou de chegar. Há poucos dias também chegou um pedacinho precioso de poema. Eu gostaria muito que você fosse o escritor disso. De qualquer forma, a maioria de nós sente, embora seja incapaz de expressar; e então: “Há pensamentos que são profundos demais para serem chorados”. A regularidade em qualquer coisa não está na minha linha de vida, mas isso não precisa torná-lo irregular. Rogo-lhe que deixe algumas linhas de vez em quando. Claro, quando eu não estiver neste corpo, tenho certeza que a notícia chegará até você, e então você terá que parar de escrever.

A senhorita MacLeod deseja que eu me junte a ela no Japão, mas não tenho certeza. Muito provavelmente não irei, especialmente porque espero ela e a Sra. Ole Bull na Índia, em novembro. Dois meses inteiros consumidos em idas e vindas; apenas um mês de estadia no Japão — infelizmente, isso não compensa.

Diga, estou engordando enormemente na cintura - infelizmente!

A Sra. [Charlotte] Sevier, que agora está na Inglaterra, retorna em alguns meses para a Índia. Ela convidou a Sra. Bull etc. para serem seus convidados no Himalaia. Eu gostaria que eles pudessem estar lá durante o verão.

Eu suportei corajosamente o terrível calor do meu país nas planícies e agora estou enfrentando as chuvas torrenciais do meu país. Você sabe como estou descansando? Tenho algumas cabras e ovelhas e vacas e cães e guindastes! E estou cuidando deles o dia todo! Não é tentar ser feliz; Pelo que? Por que não haveria de ser infeliz também – sendo ambos absurdos? - mas apenas para matar o tempo.

Você se corresponde com a Sra. Bull ou com Nivedita?

Não se preocupe, não fique ansioso; para mim a “Mãe” é minha proteção e refúgio; e tudo deve acontecer em breve, melhor do que meus melhores sonhos podem pintar.

Com todo amor,

VIVEKANANDA.

9.1.201 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

6 de agosto de 1901.

As cartas às vezes são, querida Cristina, como misericórdia: boas para quem envia e para quem recebe.

Estou tão feliz que você esteja calmo e resignado como sempre. Você é sempre isso. “Mãe sabe”, de fato; só eu sei que a “Mãe” não apenas sabe, mas sabe – e vai fazer algo muito bom por mim num futuro próximo. O que você acha que será muito bom para mim na terra? Prata? Ouro? Poxa! Tenho algo infinitamente melhor; mas um pouco de ouro não será supérfluo para manter minha joia em um ambiente adequado, e ele está chegando, não acha?

Sou um homem que se preocupa muito, mas espera mesmo assim; e a maçã chega sozinha à minha boca. Então, está vindo, vindo, vindo.

Agora, como você está? Cada vez mais magro, mais magro, mais magro, hein? Tenha um bom apetite e um bom sono em antecipação ao bom momento que se aproxima - para estar em condições de receber seu advento.

Como foi o calor este ano? Lemos todo tipo de histórias horríveis sobre as ondas de calor americanas. Você bateu os recordes mundiais, mesmo no calor – isso é um impulso ianque, com certeza.

Bem, você tem razão quanto ao gosto: renuncio ao amarelo do ouro e ao branco da prata, mas fico sempre com o âmbar – isso é do meu gosto.

Âmbar e corais que sempre odiei; mas ultimamente estou despertando para sua beleza. A gente aprende enquanto vive, não é?

Amanhã irei passar alguns dias em Darjeeling e escreverei para você de lá. Agora gute Nacht [boa noite] e au revoir [adeus] por enquanto.

Sempre seu verdadeiramente,

VIVEKANANDA.

9.1.202 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

27 de agosto de 1901.

QUERIDA CRISTINA,

Estou esperando uma longa, longa carta sua; e, como todas as minhas expectativas, temo que não se concretize.

Bem, não preciso incomodá-lo com a habitual série de perguntas: Como vai você? O que você está fazendo durante todo esse verão? etc. Tenho certeza de que a Mãe fará tudo para mantê-los com boa saúde, pelo menos.

Agora, Christina, por muitas razões esta carta é muito curta. Foi escrito com o propósito especial de que, assim que você conseguir isso, me envie sua última fotografia.

Você escreveu para a senhorita [Sarah Ellen] Waldo sobre a publicação dos livros? Não recebo notícias e, o que é mais importante, nenhum dinheiro (isso é entre você e eu) da venda.

Você teve alguma notícia de Margot [Irmã Nivedita], da Sra. [Ole] Bull etc.? E você está feliz? Às vezes sinto que estou, outras vezes está nublado. Bem, afinal de contas, é todo o corpo – material. Adeus.

Atenciosamente, com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS — Envie a foto o mais rápido possível.

V.

9.1.203 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

2 de setembro de 1901.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Estive olhando uma de suas fotos antigas – a única que você enviou há quatro ou cinco anos; e então me lembro de como você parecia mudado e reduzido no verão passado; e me ocorreu que você deve estar muito magro agora, pois parece muito difícil para você se livrar das ansiedades. Isto é simplesmente tolice. É claro que as coisas tomarão a sua forma. Nós só nos tornamos infelizes por ficarmos deprimidos. É muito difícil manipular a própria filosofia para contribuir com as necessidades diárias. Assim é com você, assim como comigo. Mas a maneira mais fácil é sentar na cadeira do

professor e dar uma palestra. E esse tem sido o negócio da minha vida!! Na verdade, essa é a razão pela qual há mais discípulos do que professores. O resultado de tudo isso é que você deve criar um apetite enorme, depois se empanturrar, depois dormir e engordar, engordar, engordar. Plump é a palavra inglesa, não é?

Quanto a mim, estou muito feliz. É claro que Bengala traz asma de vez em quando, mas está ficando controlada e as coisas terríveis – a doença de Bright e o diabetes – desapareceram completamente. A vida em qualquer clima seco acabará completamente com a asma, tenho certeza. Eu fico reduzido, é claro, durante um ataque, mas depois não levo tempo para colocar algumas camadas de gordura. Tenho muitas vacas, cabras, algumas ovelhas, cachorros, gansos, patos, uma gazela domesticada e muito em breve terei alguns búfalos leiteiros. Estes não são o seu bisão americano, mas coisas enormes - sem pelos, de hábitos meio aquáticos e [que] fornecem uma enorme quantidade de leite muito rico.

Nos últimos meses, tive dois ataques [de asma] ao ir a duas das estações montanhosas mais úmidas de Bengala – Shillong e Darjeeling. Não vou mais experimentar as montanhas de Bengala.

A Sra. Bull e Nivedita estão na Noruega. Não sei quando eles virão para a Índia. Senhorita MacLeod está no Japão. Não tenho notícias dela há muito tempo. Todos eles são esperados aqui em novembro, e passarão "tempos quentes nesta cidade velha" [274] etc. Rezo para que vocês possam vir, e a Mãe abrirá a porta para isso. Não posso deixar de dizer que a maioria das minhas orações foram ouvidas e atualizadas.

Bem, agora, Christina, envie-me uma de suas fotos mais recentes no próximo e-mail, sim? Quero ver quanta gordura você acumulou em um ano.

De qualquer forma, terei de ir para a América com a Sra. Bull, tenho certeza. [Excisão] [275] A propósito, desculpe-moi, [276] nossa Calcutá nunca é tão quente quanto sua Detroit ou Nova York, com sua vantagem adicional - nossa sociedade não exige que usemos muitas coisas. Os antigos gregos pensavam que usar roupas demais e [sentir] vergonha de mostrar qualquer parte do corpo era uma peculiaridade dos bárbaros! Assim pensam os hindus, até os dias de hoje. Somos as pessoas mais escassamente vestidas

do mundo. Bendito seja o Senhor! Como alguém viveria de outra forma em nosso clima!

3 de setembro -

Deixei a carta inacabada ontem à noite. O correio estrangeiro em inglês começa depois de amanhã. Então comece de novo. A lua ainda não nasceu, mas há um brilho sem sol no rio. Nosso poderoso Ganges (ela é realmente poderoso agora, durante as chuvas) está batendo nas paredes da casa. Numerosos barcos minúsculos flutuam para cima e para baixo no escuro; eles vieram pescar nossos sáveis, que sobem o rio nesta temporada.

Como eu gostaria que você estivesse aqui para provar nossos shads — um dos peixes mais delicados do mundo. Está chovendo lá fora — torrencialmente. Mas no momento em que esta chuva cessa, chovo por todos os poros — ainda está muito quente. Todo o meu corpo está coberto por grandes manchas de calor espinhoso. Graças a Deus não há nenhuma senhora por perto! Se eu tivesse que me cobrir nesse estado de coisas, certamente enlouqueceria.

Também tenho o meu tema, mas não estou desanimado. Tenho certeza de que muito em breve se transformará em um belo êxtase [excisão]. Sou meio louco por natureza; então meus nervos sobrecarregados me deixam ultrajante de vez em quando. Como resultado, não encontro ninguém que me suporte pacientemente! Estou tentando o meu melhor para ser gentil como um cordeiro. Espero ter sucesso em algum nascimento. Você é tão gentil. Às vezes eu te assustava muito, não é, Christina? Eu gostaria de ser tão gentil quanto você. A mãe sabe o que é melhor.

Eu não jantaria hoje à noite, pois comi bastante da supracitada sombra! Então eu tenho que pensar, pensar, pensar no meu tema; e alguns assuntos que considero melhores na cama porque o todo fica claro para mim no sonho. Portanto, vou para a cama e gute Nacht, bon soir, [277] etc., etc. Não, não, agora são cerca de 10 horas da manhã em Detroit. Portanto, um dia muito feliz para você. Que todas as boas realidades cheguem até você hoje enquanto espero sonhos.

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

9.1.204 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

25 de setembro de 1901.

QUERIDA CRISTINA,

Não pude escrever a última correspondência, desculpe [desculpa]. Mas há muito tempo que esperava um de você. Espero que alguém chegue por este e-mail.

Estou pensando em ir para o Japão, pois a senhorita [Josephine] MacLeod é tão insistente. Talvez algo seja feito; quem sabe?

Do Japão, é claro, uma espiada na América parece inevitável.

Não há muitas notícias da Sra. [Ole] Bull ou de Margot [Irmã Nivedita]. Margot está descansada, bem e forte. Ela virá para a Índia algum dia, talvez. Em breve estarei esperando a Sra. [Charlotte] Sevier. Seu trabalho está precisando dela. A sua bela casa nas florestas do Himalaia é uma tentação, especialmente agora que um enorme tigre vagueia pelo seu complexo e matou um cavalo, um búfalo e o seu par de mastins em plena luz do dia; vários ursos estão destruindo sua horta; e muitos porcos-espinhos [estão] fazendo travessuras por toda parte!!! Ela se esforçou para comprar um terreno em uma floresta – ela e o marido gostaram muito.

Não há muito o que escrever esta semana. As palavras cansam apenas um, exceto aquele que é inesgotável, infinito.

Então, adeus até a próxima semana.

Sempre com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

PS — Chegou agora mesmo um telegrama da Srta. MacLeod e uma carta também. Ela é tão insistente que estou pensando em ir para o Japão. Nesse caso, atravessaremos para a América neste inverno e daí para a Inglaterra.

Seu,

V.

9.1.205 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

8 de outubro de 1901.

QUERIDA CRISTINA,

O seu de 9 de setembro chegou ontem. Parabênizo você pela sua visita bem-sucedida ao Lago Huron; mais alguns deles (de acordo com a sua carta) irão forçá-lo a simpatizar com a nossa condição - ah, a respiração ofegante, o derretimento, o sopro e todo o resto!

No entanto, nada no mundo se compara a uma fruta madura e carnuda.

Tive que desistir da viagem ao Japão: primeiro porque ainda não estou em condições de trabalhar; em segundo lugar, [eu] não me importo muito em fazer uma viagem tão longa (um mês) sozinho; em terceiro lugar, o que devo falar com eles, pergunto-me.

Nosso calor também tem sido forte e continua extraordinariamente longo este ano. A essa altura sou mais negro que um negro.

O trabalho na Califórnia está progredindo notoriamente. Eles querem mais um ou dois homens. Eu enviaria, se pudesse, mas não tenho mais homens

sobrando. O pobre Turiyananda ainda sofre de malária e está terrivelmente sobrecarregado.

Você sabe se eles publicaram meu Jnana-Yoga ou não? Recebi apenas uma cópia de uma segunda edição do Karma-Yoga.

Estou balançando para cima e para baixo na corrente da vida. Hoje está um pouco em baixa, por isso termino a carta aqui.

Atenciosamente, com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

9.1.206 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

14 de outubro de 1901.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Há pouco recebi uma carta da Sra. Bull, mas nenhuma de você, pois eu esperava uma nesta correspondência.

A Sra. Bull escreve: "Escrevi recentemente para Cristina para perguntar-lhe se ela seria livre caso se abrisse a oportunidade para ela ir para o Oriente. Envio-lhe a resposta dela".

Li diversas vezes sua carta para a Sra. Bull. Certamente foi horrível; e você esteve todo esse tempo escondendo de mim a real situação e posando de muita alegria!!

Você será um tolo precioso se perder a oportunidade se ela surgir e for oferecida pela Sra. Bull. Você só terá que tirar um ano de licença. O resto será providenciado pela Sra. Bull, incluindo, tenho certeza, toda a sua ansiedade por aqueles que terá de deixar para trás em Detroit.

Você tem sido bom, bom demais para ser humano, e ainda é assim. Mas não adianta tornar-se desnecessariamente infeliz. “Vontade de mãe”, certamente, se surgir a oportunidade; e tem que acontecer, eu sei.

Eu não escreveria para você sobre minha saúde; pois depois de todo esse esconde-esconde, mesmo que tenha sido para o meu bem, acho que você não tem muito direito de saber a verdade sobre minha saúde.

Mas para algumas coisas você tem direitos eternos e, entre outras, para meu eterno amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

9.1.207 IRMÃ NIVEDITA

A MATEMÁTICA,

PO BELUR, HOWRAH,

12 de novembro de 1901.

MINHA QUERIDA MARGO [MARGOT],

Desde o Durgâ Puja tenho estado muito doente e por isso não pude responder à sua carta anterior.

Tivemos um grande Puja aqui em Durga, que durou quase quatro dias; mas, infelizmente, eu estava com febre o tempo todo.

Tínhamos uma grande imagem e foi um enorme Puja. Então tivemos o Lakshmi Puja seguindo de perto e, anteontem, tivemos o Kali Puja. É sempre depois da meia-noite – este Puja. Estou melhor agora e encontraremos uma casa para você assim que vier.

Estou tão feliz que você esteja acompanhando a Sra. [Ole] Bull. Ela requer todos os cuidados; e ela sempre pensa em si mesma por último. Joe [Senhorita Josephine MacLeod] chegará à Índia em breve – na época do

Natal com alguns amigos japoneses. Espera-se que eu a encontre em Madras.

Estou indo para o N.W.P. [Províncias do Noroeste] etc. em breve, pois Bengala está com malária - agora que as chuvas acabaram.

A Sra. Bull tem sido uma mãe para todos nós, e qualquer tempo e serviço despendido para ela não é nada comparado ao que ela tem feito por todos nós. Fique com ela o tempo que ela quiser - o trabalho pode esperar bem; A “mãe” cuida do seu trabalho. Não precisamos ficar ansiosos.

A propósito, a senhorita [Henrietta] Müller está aqui em Calcutá. Ela escreveu uma carta para Akhandananda, com quem mantém correspondência regular – cuidando do Math. Então enviei algumas flores e frutas e uma carta de boas-vindas ao hotel dela. Ainda não tive resposta.

Sra. [Charlotte] Sevier, eu espero, já começou. Swarupananda teve seu coração enfraquecido pelas constantes subidas e descidas. Ele está aqui e melhorando.

As coisas estão indo bem conosco, lenta mas seguramente. Os meninos ultimamente têm estado muito ativos, e é apenas o trabalho que conta e nada mais.

Atenciosamente, com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

9.1.208 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, P.O. BELUR, HOWRAH,

12 de novembro de 1901.

QUERIDA CRISTINA,

O correio da manhã trouxe-me uma fotografia de Detroit. Agradeço muito ao remetente pela presteza. Bem, eu gostei muito. Mas o antigo é a

visualização de perfil; isso, a frente. Então, novamente, a gordura fenomenal parece ser apenas imaginária por parte de alguém. De certa forma, estou mais habituado ao antigo e, como tal, não posso menosprezar um velho amigo. Então, deixe-me dizer que ambos são bons. Um é uma evolução do outro – para melhor. Eu esperava uma fila, mas ela ainda não chegou; [isso] pode ser amanhã. Temos aqui um provérbio: “Um rio equivale a quarenta milhas”. Existe apenas um rio entre Calcutá e nossa Math, e ainda assim um caminho tão circular para o correio. Às vezes vem driblar por dias.

A Sra. [Ole] Bull e Nivedita devem ter partido para os EUA a esta altura. Nivedita certamente o verá em Detroit. A Sra. Bull está ansiosa para induzi-lo a se juntar ao seu grupo indiano via Japão. Se você puder tirar férias por alguns meses, venha. A mãe providenciará de qualquer maneira; Eu não preciso me preocupar.

A Sra. Sevier já começou, ao que parece – sozinha.

Tivemos grandes Pujas (adorações) aqui em nosso Math este ano. O maior dos nossos Pujas é o culto à Mãe, que dura quase quatro dias e quatro noites. Trouxemos uma imagem de barro da Mãe com dez mãos, com um pé sobre um leão e o outro sobre um demônio. Suas duas filhas – a Deusa da Riqueza e a Deusa do Aprendizado e da Música – em cada lado dos lótus; abaixo, seus dois filhos – o Deus da Guerra e o da Sabedoria.

Milhares de pessoas se divertiram, mas não pude ver o Puja, infelizmente! Eu estava com febre alta o tempo todo. Anteontem, porém, veio o Puja de Kali. Também tínhamos uma imagem, sacrificamos uma cabra e queimamos muitos fogos de artifício. Esta noite todas as casas hindus estão iluminadas e os meninos enlouquecem com os fogos de artifício. É claro que existem vários casos de queimaduras graves nos hospitais. Tivemos menos fogos de artifício, mas mais Puja, recitação de Mantras, oferendas de flores, comida e canções. Durou apenas uma noite.

Espera-se que eu deixe Calcutá e Bengala dentro de alguns dias, pois este país fica muito malárico este mês, depois das chuvas. Está agradável e fresco agora, e o vento norte do Himalaia está soprando.

Cercamos muitos de nossos terrenos para proteger nossos vegetais de nossas vacas, cabras e ovelhas. Outro dia, um dos meus [uma porção extirpada]. . . mas a mãe era muito má ou [uma parte foi extirpada]. . . que ela não olharia para seus filhos. Tentei mantê-los vivos com leite de vaca, mas os coitados morreram durante a noite! Dois dos meus patos estão pousando nos ovos. Como é a primeira vez e o macho não os ajuda nem um pouco, estou tentando ao máximo manter as forças deles com uma boa alimentação. Não podemos criar galinhas aqui – elas são proibidas para nós.

Com todo amor,

VIVEKANANDA.

9.1.209 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, P.O. BELUR, HOWRAH,

25 de novembro de 1901.

QUERIDA CRISTINA,

Parece que seu frasco de tônico nervoso não lhe fez muito bem, e suas garantias dizem o contrário. Deve ter sido um erro curioso. Eu devia estar com febre, asma ou alguma outra coisa naquela época. Ainda mil, mil perdões. Esta foi a minha primeira e será a minha última ofensa. Sua carta que foi para a senhorita [Josephine] MacLeod ainda não voltou. Talvez a senhorita MacLeod esteja trazendo a carta com ela, já que ela mesma está vindo do Japão para a Índia, acompanhada por seus convertidos japoneses (homens, é claro, já que ela é uma senhora missionária).

Bem, bem, eu gostaria muito que as coisas se organizassem para que eu pudesse ver você mais uma vez. A mãe sabe. A propósito, meu olho direito está falhando muito. Vejo muito pouco com isso. Durante algum tempo ser-me-á difícil ler ou escrever; e como está piorando a cada dia, meu povo está me incentivando a ir a Calcutá e consultar um médico. Irei em breve, assim que me recuperar de um forte resfriado que estou tomando.

Estou tão feliz que você tenha ficado tão impressionado com Abhedananda; só pensei que um hindu fosse bom para o resto da vida.

Pobre senhorita Joe [senhorita Josephine MacLeod] - então ela permanece ignorante quanto à verdadeira causa de eu não ter ido ao Japão! Você não precisa ficar nem um pouco ansioso – não há nenhum dano causado; e se houvesse, Joe e especialmente a Sra. [Ole] Bull assumem como dever de sua vida fazer amizade com aqueles que amo.

Vou experimentar o seu tônico quando ele chegar; e o presente, eu oro, será até mesmo seguido pelo doador, pois certamente a [palavras extirpadas]. . . é mais estimulante e curativo do que drogas mortas.

Com todo amor,

VIVEKANANDA.

9.1.210 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, P.O. BELUR, HOWRAH

27 de novembro de 1901.

QUERIDA CRISTINA,

É quase certo que não escrevi nenhuma carta para você naquela semana em que cometi aquele erro infame. Como lhe escrevi duas cartas alguns dias antes, não é de todo provável que lhe tenha escrito outra. Então a senhorita [Josephine] MacLeod [teria] enviado a carta de volta. Devo ter escrito apenas uma carta naquela semana para a senhorita MacLeod, dando-lhe minhas razões para não ir ao Japão; e de alguma forma aconteceu que a mão escreveu o nome mais familiar no envelope. Portanto, você não precisa esperar nenhuma carta sua do Japão, pois não houve nenhuma; e se houvesse, você o terá.

Estou passando por outro período de catarro e asma. Ontem um ciclone passou sobre o local e várias árvores e um pouco do telhado ficaram

danificados. Ainda está sombrio e frio. Você sabe que é quase impossível escrever com asma. Então au revoir [adeus].

VIVEKANANDA.

9.1.211 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, P.O. BELUR, HOWRAH

12 de dezembro de 1901

QUERIDA CRISTINA,

Pois bem, você queria saber tudo sobre meu estado de saúde e insiste. Você o terá.

Você sabe, nos últimos três anos tenho tido albuminúria de vez em quando. Não é constante, nem ainda tem qualquer caráter orgânico. Os rins estão estruturalmente bem. Só que eles jogam fora a albumina de vez em quando.

Isso é pior do que jogar fora o açúcar no diabetes. A albumina envenena o sangue, ataca o coração e causa todo tipo de maldade. Pegar um resfriado sempre aumenta isso. Desta vez, causou o rompimento de um pequeno vaso sanguíneo no olho direito, de modo que mal enxergo com esse olho.

Então a circulação tornou-se muito rápida. Os médicos me colocaram na cama; e estou proibido de comer carne, de andar ou mesmo de ficar de pé, de ler e escrever.

Já há algum benefício neste processo de deitar, pois durmo muito, tenho bom apetite e estou digerindo as refeições. Curioso, não é, que a inatividade provoque sono e apetite? Não há motivo para ficar ansioso.

A Sra. [Charlotte] Sevier chegou a Calcutá há três dias; e pelo último conselho de Nivedita, a Sra. Bull e ela partirão no dia 13 de dezembro, se conseguirem garantir vagas, ou no dia 30 de dezembro, pelo menos. Rezo para que a Sra. Bull já tenha convidado você e que você tenha recebido seu ano de licença e venha, e que você receba esta carta na Índia redirecionada.

Se a Mãe não cumprir esta oração, com certeza Ela me levará através da água em breve, e [linha extirpada] O médico diz que se eu ficar de cama por três meses ficarei completamente curado.

Agora, não se preocupe. Se os dias bons não chegarem, nós os faremos, só isso. Pendure! Devo ter bons dias agora e isso também, muito em breve. Você sabe, eu sempre mantenho minha palavra. A mãe tem que fazer isso, ou eu a jogo ao mar. Não sou tão submisso quanto você.

Nossos médicos da velha escola despejam toneladas de ferro e outros metais – incluindo ouro, prata, pérolas, etc. – goela abaixo. Eu deveria ser um homem de ferro a essa altura; talvez o seu seja o último toque para tornar meu corpo de aço.

Esta é a nossa melhor época para comer tartarugas, mas elas são todas pretas. Os verdes só podem ser encontrados na América. Infelizmente! Estou impedido do sabor da carne.

Agora, nobre coração, tenha coragem. Não fique deprimido: você já enfrentou muitas tempestades na vida, velho cavalo de guerra, para ser como uma garota boba de internato. As coisas devem correr bem. Não vou morrer ou ficar doente agora; Estou determinado a ser saudável. Você conhece minha coragem.

Senhorita [Josephine] MacLeod lhe enviou sua carta. O que foi isso? Houve algo estranho? Estou feliz que ela tenha conseguido. Ela escreve lindamente sobre você. Ela já começou e teremos uma ótima companhia neste inverno aqui em Calcutá. Sra. [Ole] Bull, Srta. MacLeod, Sra. Sevier e Nivedita e eu ficaremos muito felizes se alguém mais participar da barganha. Não consigo mais valor, né? Eu devo parar. Vou cuidar dos meus gansos e patos apenas por cinco minutos, quebrando a ordem do médico de ficar deitado o tempo todo. Um dos gansos é um pássaro bobo e medroso, sempre desanimado e ansioso. Ela gosta de ficar sozinha e se sente infeliz – muito parecida com outro ganso que conheço em outro lugar.

Aqui termina minha história

E curvas superiores de espinafre.

Por que o espinafre está murchando?

Porque a cabra está pastando.

Por que a cabra está pastando?

Porque não há grama crescendo.

Por que não cresce grama?

O jardineiro não está regando.

Por que não há rega?

O Mestre não está comandando.

Por que ele não está comandando?

Uma formiga mordeu o Mestre!

Esta é uma canção infantil contada após uma história e é verdadeira para todos nós. Afinal, é apenas uma picada de formiga – o problema aqui; não é?

Sempre seu,

VIVEKANANDA.

9.1.212 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH, BENGALA, ÍNDIA,

18 de dezembro de 1901.

QUERIDA CRISTINA,

Estou muito melhor e o resto está me fazendo bem. Descobri que ficar deitado na cama o tempo todo me dá o sono que desejo e também uma boa

digestão. A albumina e o açúcar desaparecem imediatamente [quando] começo a descansar.

A Sra. Bull e Nivedita partem hoje de Marselha para a Índia e, a menos que mudem o seu plano, [eles] devem estar na Índia antes que isto chegue até você - duas semanas antes.

Com isso, envio-lhe quatrocentos e oitenta dólares em cheque emitido na Thomas Cook & Son, Broadway, Nova York. Eles não têm filial em Detroit. Ao receber este documento, você escreve para Thomas Cook & Son, Broadway, Nova York, informando que recebeu um cheque da Índia - mencionando o valor e o número - sacado por Thomas Cook & Son, da firma Thomas Cook & Son, e deseja para ser avisado sobre como descontá-lo. Não envie o cheque antecipadamente. (Desculpe todos esses detalhes. Sinto que você é um bebê nos negócios, embora eu seja pior.) Isto é para pagar sua "passagem para a Índia" [278] se achar adequado aceitar o convite da Sra. Sevier. Se você sair e vier, tenho certeza de que encontrará alguém que está vindo para a Inglaterra, pelo menos. Então, de lá, novamente, alguém que está vindo para o Egito. Você vem com eles até a Itália, de lá direto de barco para a Índia.

A passagem de segunda classe através do Atlântico é boa, mas a segunda classe da Itália para Bombaim é bastante ruim. Sempre há alguns homens rudes e mulheres rápidas. Há dinheiro suficiente para viajar em primeira classe, se você quiser.

A Mãe cuidará disso, assim como [Ela fez quando] esse dinheiro chegou. Escreva-me assim que iniciar sua passagem - melhor com uma semana de antecedência; caso contrário, não vejo como a carta poderá chegar até mim. O navio para a Índia você chega em Londres; e possivelmente uma carta pode chegar até mim com o nome do navio, etc. Em qualquer caso, porém, você me telegrafia assim que desembarcar e se hospedar em um bom hotel. Você encontrará muitas pessoas para recebê-lo - e a mim também, muito provavelmente.

Caso, porém, as coisas tomem outro rumo e você não possa vir, não importa. Faça com o dinheiro o que lhe agrada.

É muito provável que depois que a Srta. [Josephine] MacLeod e a Sra. [Ole] Bull tenham passado pela Índia, elas estejam voltando para casa via Japão; e, claro, vou com eles. Nesse caso estarei na Califórnia no próximo outono.

Será uma bela viagem, e não seria uma bela volta ao mundo se você fosse embora e viesse?

Façam como a Mãe abre o caminho para vocês e não se preocupem.

Atenciosamente, com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA

9.1.213 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH, BENGALA, ÍNDIA,

25 de dezembro de 1901.

Um Feliz Natal e Próspero Ano Novo é a felicitação de sempre. Infelizmente! As estrelas trouxeram-te um tremendo golpe. [279] Bendito seja o nome do Senhor. Afinal, é apenas “seja feita a tua vontade” – o nosso único refúgio. Não vou insultá-lo oferecendo-lhe consolo – você já sabe de tudo. Apenas esta linha para lembrá-lo de alguém que tem total simpatia por você e que sabe que todos os seus planos devem ser bons na alegria ou na tristeza, pois você é dedicado à Mãe Eterna. Pois bem, a Mãe fenomenal fundiu-se na Mãe absoluta, eterna. Seja feita a tua vontade.

A essa altura você já deve ter tomado uma decisão, ou melhor, a “Mãe” lhe mostrou o caminho, com certeza. Eu descanso contente.

O soldado da Rainha foi para o exterior lutar pela causa dela, deixando tudo o que ama aos seus cuidados. O soldado deve cumprir seu dever. A Rainha do Universo sabe o resto.

Com todo amor como sempre,

VIVEKANANDA.

9.1.214 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR, DIST. HOWRAH,

23 de janeiro de 1902.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

A essa altura você já deve ter resolvido seus planos. Não se preocupe, entretanto, por minha causa. Só quero ver você descansado e bem descansado, onde quer que esteja.

Desculpe esta longa demora na escrita. Por vários motivos, não pude, mas [estava] mentalmente lhe enviando bons votos o tempo todo.

A senhorita [Josephine] MacLeod chegou com seus amigos japoneses: o Sr. Okakura [Kakuzo], um professor de arte, e o Sr. Hori, um Brahmachârin. Este último veio para a Índia para estudar sânscrito e inglês. Os primeiros vieram conhecer a Índia, a pátria da cultura e da arte japonesas. Bem, a Sra. [Ole] Bull e Nivedita também são esperados em alguns dias. Ao que parece agora, toda esta festa vai para o Japão – menos Nivedita. Ela permanece aqui para trabalhar.

Agora vou tentar a sorte no Japão e, se possível, na China. Ah, como eu gostaria que você viesse com Nivedita para fazer uma festa no Japão! No entanto, não se coloque em problemas desnecessários por isso. Afinal, existe o Japão e, afinal, existem os EUA, onde nos encontramos. Você só vai se quebrar tentando "apressar-se". Não se apresse, não se preocupe. Estou bastante ansioso por não ter notícias suas há semanas. Rezo para que você não esteja doente, de qualquer maneira.

Para a mãe eu entreguei você. Ela protege os Seus, sempre e sempre, não tenho medo.

Com todo amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

9.1.215 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

VILLA GOPAL LAL, ANCANTAMENTO DE BENARAS

7 de fevereiro. 1902.

MEU QUERIDO JOE -

Chegamos com segurança a Benaras e o Sr. Okakura [Kakuzo] já fez Benaras. Ele vai ver Sarnath (o antigo lugar budista) hoje e começa sua excursão amanhã.

Ele pediu a Niranjan [Swami Niranjanananda] para acompanhá-lo e ele consentiu.

Kanay [Nirbhayananda] forneceu-lhe tudo o que ele pediu – e ele me pede também para lhe enviar as contas. Isso, na outra página.

Espero que Nivedita e a Sra. [Ole] Bull tenham chegado em segurança. Sou bastante melhor do que em Buddha Gaya. Esta casa é bonita – bem mobiliada e tem muitos quartos e salas. Há um grande jardim ao redor e lindas rosas – e árvores gigantescas. É bem mais fresco aqui do que em Gaya. Não houve nenhum problema para nossos amigos serem admitidos no templo principal e [permitidos] tocar o Sinal de Shiva e adorar. Os budistas, ao que parece, são sempre admitidos.

Com todo amor e boas-vindas à Sra. Bull e Nivedita - se eles chegaram - e tudo para você,

VIVEKANANDA

[Incluída na carta acima estava a seguinte lista de contas.]

4 DE FEVEREIRO DE 1902. Rs 100

Rs. Como. P.

Aluguel de trem de Gaya para Benares 20 4 0

Aluguel de táxi 5 0 0

Mensagem telefônica 2 0 0

Sala de Refresco (Manhã) 1 8 0

Legal contratar Gaya 0 10 0

Tabaco etc. 0 5 0

Sala de bebidas (noite) 2 0 3

Aluguel legal (em Benares) 1 1 0

Aluguel de táxi em Benares 1 10 0

Total 34 6 3

5 DE FEVEREIRO

Pago à medicina para

Sr. K. Okakura 1 8 0

"[Idem] Aveia e milho - farinha 1 4 0

"Tabaco etc. 0 6 3

"Pão etc. 0 2 0

Pago ao Barbeiro 0 3 0

"Peixe 0 7 6

Total 3 14 9

6 DE FEVEREIRO DE 1902

Picles 1 0 0

Doces 0 9 0

Aluguel de carruagem 1 8 0

Sacerdotes de Vishvanath etc. 10 4 0

Total 13 5 0

Coisas compradas para loja na Gopal Lal Villa antes da chegada de Swamiji

17 11 9

Total 69 5 9

Pago em despesas de Calcutá para BuddhGaya

30 10 3

Rs. 100 0 0 [280]

9.1.216 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

VILLA GOPAL LAL

ANCANTAMENTO DE BENARAS

14 de fevereiro de 1902.

CARO JOE —

Recebi ontem uma nota do Sr. Okakura [Kakuzo]. Eles viram Agra a caminho de Gwalior. Eles devem estar lá agora.

O telegrama que ele enviou ao Japão foi para o Sr. [Tokuno] Oda vir imediatamente. Houve um trabalho. "Seis" também.

Está muito fresco aqui até agora - e continuará assim durante este mês, pelo menos. Está esquentando em Calcutá?

Espero que a Sra. [Ole] Bull e Nivedita estejam bem descansados depois daquela tremenda viagem.

Eu estou tão tão.

Todos os meninos mandam amor.

Sempre seu com amor e bênçãos,

VIVEKANANDA.

9.1.217 SRA. ALICE (SHANTI) HANSBROUGH

BENARAS

14 de fevereiro de 1902

MINHA QUERIDA SRA. HANSBROUGH,

Estou eternamente grato a você pelo que você fez por mim no passado, e infinitamente mais agora pelo que você está fazendo por Turiyananda.

Uma tristeza tomou conta do Math quando a notícia de sua grave doença chegou a Calcutá. Agora, espero, ele se recuperou completamente e ficarei muito feliz em receber notícias suas.

Parece que o clima americano não lhe agrada. Nesse caso, será melhor para ele vir para a Índia sempre que achar conveniente.

Com toda a probabilidade irei para o Japão dentro de um ou dois meses. Ramakrishnananda me acompanha. Turiyananda pode vir para o Japão e eu para a América. A “Mãe” sabe o que é melhor, porém, e nós obedecemos.

Estou agora em Benaras por alguns dias. Todas as cartas devem, no entanto, ser endereçadas ao Belur Math.

Por favor, transmita meu melhor amor a Turiyananda e a você, à sagrada família e aos outros amigos.

Sempre seu no Senhor,

VIVEKANANDA

PS. Deixe Turiyananda descansar o tempo todo agora. Ele não deve trabalhar até eu chegar ao Japão ou à América.

9.1.218 IRMÃ NIVEDITA

VILLA GOPAL LAL,

ANCANTAMENTO DE BENARAS,

4 de março de 1902.

MINHA QUERIDA MARGO [MARGOT],

Já é noite e mal consigo sentar-me ou escrever, mas ainda me sinto no dever de lhe escrever esta carta, temendo que esta se torne a minha última e possa causar problemas a outros.

Minha condição não é nada grave, mas pode se tornar [assim] a qualquer momento; e não sei o que significa febre baixa que quase nunca me abandona e dificuldade para respirar.

Bem, enviei £ 100 para Christina [Greenstidel] da Sra. [Charlotte] Sevier para uma viagem à Índia, pois ela perdeu a mãe naquela época. Sua última carta me informa que ela partirá no dia 15 de fevereiro. Nesse caso, sua chegada à Índia está muito próxima. Espero, é claro, algumas informações sobre o porto e o navio na próxima semana. Caso eu faleça, o que gostaria muito de fazer nesta cidade de Shiva, você abre as cartas que me são dirigidas, recebe a menina e a manda de volta para casa. Se ela não tiver dinheiro para voltar, dê-lhe passagem – mesmo que tenha que implorar.

Gastei o pouco dinheiro que trouxe da Europa para alimentar a minha mãe e pagar as suas dívidas. O pouco que resta não posso mexer, pois é a despesa do processo pendente.

Caso eu me reúna, informarei o horário de sua chegada e, nesse caso, você deverá providenciar para que ela chegue em segurança a alguma estação de Bareilly, onde a encontrarei. E ela será convidada da Sra. [Charlotte] Sevier. Também vou arriscar outra vez em Almora.

Ramakrishnananda veio algumas semanas antes de eu partir, e a primeira coisa que ele fez foi deitar aos meus pés 400 Rs. ele colecionou em tantos anos de trabalho duro!!! Foi a primeira vez que tal coisa aconteceu na minha vida. Mal consigo reprimir minhas lágrimas. Ah, mãe!! Mãe! Não existe toda gratidão, todo amor, toda masculinidade morta!!! E, querido filho, uma é suficiente – uma semente é suficiente para reflorestar o mundo.

Bem, esse dinheiro está depositado no Math. Nunca pretendi tocar em um centavo disso. Quando pedi a Ramakrishnananda que desse aquele dinheiro ao seu povo, ele respondeu que não se importava nem um pouco em dar a ninguém, exceto a mim, e só lamentava ter conseguido juntar esse pouco em quatro anos! Bem, se eu falecer, veja aqueles 400 Rs. é reembolsado – cada rúpia para ele. Senhor abençoe você e Ramakrishnananda.

Estou bastante satisfeito com meu trabalho. Ter deixado duas almas verdadeiras está além da ambição dos maiores.

Sempre seu pai amoroso,

VIVEKANANDA.

9.1.219 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,
DIST. HOWRAH, BENGALA,

30 de março de 1902.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Você sabe como é bem-vindo – não preciso expressar isso. Esta é uma terra onde as expressões são cuidadosamente controladas. Margot [Irmã Nivedita] e Joe [Senhorita Josephine MacLeod] já escreveram e fizeram arranjos em Bombaim. Espero e espero por você aqui em Calcutá. Gostaria de poder estar em Bombaim para recebê-lo, mas todos os nossos desejos não serão realizados.

Venha direto; apenas tome muito cuidado com o calor, protegendo a parte de trás da cabeça.

Os trens aqui não são tão seguros como no seu país, então tome um pouco de cuidado com suas coisas durante as viagens noturnas.

Se você se sentir cansado, descanse em Bombaim. Sra. [Ole] Bull, Joe e Margot estão esperando ansiosamente por você, e também

VIVEKANANDA.

9.1.220 Sra. TORRO VELHO

[A MATEMÁTICA, P.O. BELUR, DIST. HOWRAH,

Março (?) 1902]

QUERIDA MÃE, [281]

Estou feliz que Chinnu tenha chegado. Qualquer hora que você quiser será adequada para sua vinda amanhã. Mas faz um calor intenso aqui das 11h às

17h.

Eu sugeriria, portanto, que você começasse depois do café da manhã e passasse o dia aqui e almoçasse peixe de Bengala, e voltasse à noite.

Insisto em que você pegue um táxi aqui e volte. Um táxi para ir e vir custa tanto ou menos que um barco, e não há mudança [de transporte]. Se o taxista não entender Belur, diga-lhe para ir a um lugar três quilômetros ao sul de Bally. Ele deve conhecer Bally e então deixá-lo perguntar o caminho para a aula de matemática.

Uma experiência tão encharcada e virada como a que o Sr. Okakura [Kakuzo] teve outro dia irá perturbar seus nervos por dias; e esperamos um clima tão difícil todas as noites deste mês. A rota terrestre é mais próxima, mais fácil e mais barata de onde você está. Também instruí seu servo, o portador da carta.

Sempre seu filho,

VIVEKANANDA.

9.1.221 SENHORITA JOSEPHINE MACLEOD

A MATEMÁTICA

2 de abril de 1902

MEU QUERIDO JOE -

O telegrama já foi enviado e espero que você faça todos os preparativos lá.

Os bangalôs Dak a caminho de Mayavati não fornecem comida nem cozinheiros.

É necessário tomar providências em Kathgodam e tomar providências.

Se encontrar alguma dificuldade, vá direto para Almora e faça seus preparativos com calma. Os bangalôs Dak no caminho para Almora

fornece comida e em Almora há um belo bangalô Dak.

Esperando que tudo aconteça do seu jeito, como sempre acontece - (exceto a saúde do vovô [282]).

Atenciosamente,

VIVEKANANDA

Eu gosto muito do Sr. [Tokuno] Oda – ele fala sério.

V.

9.1.222 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR,

DIST. HOWRAH,

15 de maio de 1902.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Que bom saber que você gosta de Mayavati. O calor aqui está forte e não choveu. Eu bebo muito pouca água, no entanto.

Desisti de ir para Mayavati ou Almora. Aguento bem o calor, mas as chuvas aqui devem ser evitadas. Eu irei me mudar para outro lugar então.

Nenhuma notícia de Calcutá. Estou com pressa. Escreva-me os detalhes de tudo o que você vê ou sente lá – sobre homens e coisas.

Seu com todo amor,

VIVEKANANDA.

9.1.223 SRA. EMMA CALVÉ

[Esta carta de condolências foi escrita por ocasião da morte da Sra. Pai de Calvé e incluída em uma carta para Miss Josephine MacLeod.]

A MATEMÁTICA, BELUR

DISTRITO DE HOWRAH

BENGAL, ÍNDIA

15 de maio de 1902

MINHA QUERIDA MADEMOISELLE,

Com grande tristeza tomo conhecimento do triste luto que se abateu sobre você.

Esses golpes devem cair sobre todos nós. Eles estão na natureza das coisas, mas são tão difíceis de suportar.

A força da associação transforma este mundo irreal em realidade; e quanto mais longa a companhia, mais real parece a sombra. Mas chega o dia em que o irreal se transforma em irreal e, ah, que tristeza de suportar.

No entanto, aquilo que é real, a Alma, está sempre conosco, onipresente. Abençoada é a pessoa que viu o real neste mundo de sombras que desaparecem.

Espero, querida Mademoiselle, que sua saúde tenha melhorado muito desde nosso último encontro no Egito.

Que o Senhor sempre derrame Suas bênçãos mais seletas sobre você, é a oração eterna de

VIVEKANANDA

9.1.224 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR, DIST. HOWRAH,

27 de maio de 1902.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Lamento não poder visitar as montanhas desta vez. Minha saúde, embora não tenha melhorado tanto quanto eu desejava, não está ruim. O fígado foi beneficiado – [isso] é um grande ganho. As chuvas começarão muito em breve nas colinas. Portanto, é inútil para mim assumir todo o trabalho desse caminho terrível.

Estou muito feliz em saber que as montanhas estão fazendo bem a você. Coma muito, durma o máximo que puder e engorde. Encha-se até engordar ou explodir.

Então o lugar não combinava com o Sr. Okakura [Kakuzo] – por quê? Deve ter havido algo que o irritou muito por ele ter deixado o local tão abruptamente. Ele não gostou da paisagem? Não foi sublime o suficiente para ele? Ou os japoneses não gostam nada de sublimidade? Eles só gostam de beleza.

Um dos meninos escreve que o menino está ficando desobediente, etc. A Sra. Sevier quer que eu o derrube. Então eu faço. Pedi a Sadananda e a outro monge (a quem quero trabalhar aqui) que fossem a Almora e esperassem a monção e, quando esta começasse, descessem.

Se você acha que está se tornando menos pesado para a Sra. Sevier, escreva-me imediatamente. Seria um pecado pressioná-la ainda mais – ela faz muito por mim. No entanto, ela gosta muito de você e escreve que você fica linda em sáris.

Acabei de adicionar dois filhos e três cordeiros à família. Havia mais um garoto, mas ele se afogou no aquário amarelo. Como está Margot? Ela ainda está lá ou foi embora com o Sr. Okakura? Como ela está se saindo com os meninos?

O que você faz o dia inteiro? Como você passa o dia? Escreva-me todos os detalhes e com frequência; mas não espere cartas longas minhas com frequência.

Dê minhas lembranças à Sra. Sevier, à Margot e ao resto, e você pode tomar algumas colheradas, se quiser,

com apenas isso,

VIVEKANANDA.

PS – Fique de olho no garotinho. Os meninos já estão com ciúmes dele. Eles estragaram outro garoto dessa maneira antes.

V.

9.1.225 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR, DIST. HOWRAH,

14 de junho de 1902.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Suas cartas tiveram que esperar alguns dias, pois eu estava fora da cidade, em um vilarejo. [283] Bem, muito obrigado por todas as informações que obtive. O Sr. Okakura [Kakuzo] foi ao Math, mas eu estava fora. Ele estará em Calcutá mais algumas semanas e depois irá para Bombaim. Ele pretende alugar uma casa perto da cidade para conhecer intimamente os costumes dos bengalis. Estou muito feliz em saber da intenção de Margo [Irmã Nivedita] de permanecer mais tempo em Mayavati. Ela realmente precisa de um bom descanso, e não teve nenhum na Europa, disso tenho certeza. Se ela aceitasse meus conselhos de antigamente, eu tiraria dela cada livro e cada pedaço de papel, a faria caminhar um pouco, comeria muito e dormiria muito mais. Quanto a conversar, eu teria a conversa mais alegre o tempo todo.

Recebi uma linda carta da Sra. Sevier e estou muito feliz em saber que ela ama você cada vez mais. Mas a gordura é o critério, mon amie [meu amigo], para '[tudo] isso.

Portanto, houve uma grande agitação em nosso pombal por causa de minhas cartas, mas a essa altura as coisas já devem ter assumido sua antiga forma. O menino, meu sobrinho, ainda estará no Ashrama; faça-o falar inglês com um bom sotaque - faça. Nenhuma língua estrangeira pode ser aprendida adequadamente a menos que você a fale desde a infância.

O Sr. Bose [284] ainda está lá, espero; e você deve ter gostado imensamente dele. Ele é um homem, um tijolo. Apresente-lhe meus melhores cumprimentos, sim?

Você tem água nos lagos agora? Você deixa a neve mais clara? Choveu durante todo o verão aqui. Tivemos poucos dias de queima, apenas alguns abafados. Nossas chuvas também estão quase começando. Em uma semana o dilúvio começará para valer.

Quanto a mim, estou muito mais forte do que antes; e quando onze quilômetros de solavancos em uma carroça de bois e uma viagem de trem de trinta e quatro milhas não trouxeram de volta a hidropisia aos pés, tenho certeza de que ela não retornará.

Mas de qualquer forma, é a matemática que melhor me convém neste momento.

Com todo amor,

VIVEKANANDA.

9.1.226 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR, DIST. HOWRAH,

15 de junho de 1902.

QUERIDA CRISTINA,

Acabei de receber sua nota. Minha mente está bastante tranquila enquanto você mora com a Sra. [Charlotte] Sevier em Mayavati. Você sabe, a ansiedade é algo que devo evitar para me recuperar. Ficarei muito ansioso

se você estiver em Calcutá, em Baghbazar. Estou me recuperando lentamente. Fique com a Sra. Sevier o máximo que puder. Não desça com Margot [Irmã Nivedita].

Com amor,

VIVEKANANDA.

9.1.227 IRMÃ CHRISTINE

A MATEMÁTICA, BELUR, DIST. HOWRAH,

21 de junho de 1902.

MINHA QUERIDA CRISTINA,

Você não tem o menor motivo para estar ansioso. Estou progredindo de qualquer maneira e sou bastante forte. Quanto à dieta, acho que tenho que me restringir e não seguir a prescrição do meu médico para comer o que gosto. As pílulas continuam, no entanto. Você poderia perguntar aos meninos se eles podem conseguir frutas "Amalaki" [Emblic myrobalan] no local agora? Não podemos levá-los para as planícies agora. Eles são bastante azedos e enrugados comidos crus; mas faça marmelada inteira – deliciosa. Então são as melhores coisas para fermentação que já consegui.

Nenhuma ansiedade quanto à chegada de Maria Luísa [285] a Calcutá. Ela ainda não fez nenhum barulho.

As coisas continuam iguais. Estou tentando ir para Monghyr – um lugar perto de Calcutá e considerado muito salubre.

Pensaremos na sua vinda a Baghbazar depois que Nivedita tiver começado; até então fique quieto e deite-se na comida.

Com todo amor para você, os meninos e a mãe [Sra. Charlotte Sevier],

VIVEKANANDA.

PS — Estou me deitando rápido no tecido adiposo — principalmente na região abdominal: "Dá medo de ver!"

9.2 PALESTRAS E DISCURSOS

9.2.1 AS MULHERES DA ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 411-26.)

A palestra a seguir foi proferida em Cambridge, em 17 de dezembro de 1894, e gravada pela estenógrafa da senhorita Frances Willard.

Swami Vivekananda enfrentou a intolerância na América em várias questões da cultura indiana – uma delas era a mulher indiana. Naturalmente, ele procurou corrigir os equívocos ocidentais. Quando ele deu palestras em seu próprio país, porém, não houve maior defensor da melhoria da vida das mulheres indianas do que o Swami.

Ao falar das mulheres da Índia, senhoras e senhores, sinto que vou falar das minhas mães e irmãs na Índia às mulheres de outra raça, muitas das quais têm sido como mães e irmãs para mim. Mas embora, infelizmente, nos últimos tempos tenha havido bocas apenas para amaldiçoar as mulheres do nosso país, descobri que há algumas que também as abençoam. Encontrei almas tão nobres nesta nação como a Sra. [Ole] Bull e a Srta. [Sarah] Farmer e a Srta. [Frances] Willard, e aquele maravilhoso representante da mais alta aristocracia do mundo, cuja vida me lembra daquele homem da Índia, seiscentos anos antes do nascimento de Cristo, que abriu mão de seu trono para se misturar com o povo. Lady Henry Somerset foi uma revelação para mim. Torno-me ousado quando encontro almas tão nobres que não amaldiçoam, cujas bocas estão cheias de bênçãos para mim, para o meu país, para os nossos homens e mulheres, e cujas mãos e corações estão sempre prontos para servir a humanidade.

Pretendo primeiro dar uma olhada em tempos passados da história indiana e encontraremos algo único. Todos vocês sabem, talvez, que vocês,

americanos e nós, hindus, e esta senhora da Islândia [Sra. Sigrid Magnusson] são descendentes de um ancestral comum conhecido como arianos. Acima de tudo, encontramos três ideias onde quer que os arianos vão: a comunidade da aldeia, os direitos das mulheres e uma religião alegre. [286]

A primeira [ideia] é o sistema de comunidades aldeãs – como acabamos de ouvir da Sra. Bull a respeito do Norte. Cada homem era seu [senhor?] e possuía a terra. Todas estas instituições políticas do mundo que vemos agora são o desenvolvimento desses sistemas de aldeia. À medida que os arianos foram para diferentes países e se estabeleceram, certas circunstâncias desenvolveram esta instituição, outras aquela.

A próxima ideia dos arianos é a liberdade das mulheres. É na literatura ariana que encontramos as mulheres nos tempos antigos tendo a mesma participação que os homens, e em nenhuma outra literatura do mundo.

Voltando aos nossos Vedas - eles são a literatura mais antiga que o mundo possui e são compostos pelos seus e pelos meus ancestrais comuns (eles não foram escritos na Índia - talvez na costa do Báltico, talvez na Ásia Central - não sabemos).

Sua porção mais antiga é composta de hinos, e esses hinos são aos deuses adorados pelos arianos. Posso ser perdoado por usar a palavra deuses; a tradução literal é “os brilhantes”. Esses hinos são dedicados ao Fogo, ao Sol, a Varuna e outras divindades. Os títulos são: “tal e tal sábio compôs este verso, dedicado a tal e tal divindade”.

No décimo capítulo surge um hino peculiar — pois o sábio é uma mulher — e é dedicado ao Deus único que está na base de todos esses deuses. Todos os hinos anteriores são falados na terceira pessoa, como se alguém se dirigisse às divindades. Mas este hino muda: Deus [como a Devi] está falando por si mesmo. O pronome usado é “eu”. “Eu sou a Imperatriz do Universo, a Cumpridora de todas as orações.” [287]

Este é o primeiro vislumbre do trabalho das mulheres nos Vedas. À medida que avançamos, descobrimos que eles assumem uma participação maior – até mesmo oficiando como sacerdotes. Não há uma única passagem em

toda a literatura dos Vedas que possa ser interpretada, mesmo que indiretamente, como significando que uma mulher nunca poderia ser sacerdote. Na verdade, existem muitos exemplos de mulheres oficiando como sacerdotes.

Então chegamos à última parte destes Vedas – que é realmente a religião da Índia – cuja sabedoria concentrada não foi superada nem mesmo neste século. Também aí encontramos mulheres proeminentes. Uma grande parte desses livros são palavras que saíram da boca de mulheres. Está lá — gravado com seus nomes e ensinamentos.

Há aquela bela história do grande sábio Yâjnavalkya, aquele que visitou o reino do grande rei Janaka. E ali, naquela assembleia de eruditos, as pessoas vinham fazer-lhe perguntas. Um homem perguntou-lhe: “Como devo realizar este sacrifício?” Outro lhe perguntou: “Como devo realizar o outro sacrifício?” E depois que ele as respondeu, levantou-se uma mulher que disse: "Essas são perguntas infantis. Agora, tome cuidado: eu pego essas duas flechas, minhas duas perguntas. Responda-as se puder, e então o chamaremos de sábio." . A primeira é: O que é a alma? A segunda é: O que é Deus?” [288]

Assim surgiram na Índia as grandes questões sobre a alma e Deus, e estas vieram da boca de uma mulher. O sábio teve que passar por um exame antes dela e passou bem.

Chegando ao próximo estrato da literatura, os nossos épicos, descobrimos que a educação não degenerou. Especialmente na casta dos príncipes, esse ideal foi sustentado de maneira mais maravilhosa.

Nos Vedas encontramos esta ideia de casamento – as meninas escolhem por si mesmas; então os meninos. No estrato seguinte são casados pelos pais, exceto em uma casta.

Mesmo aqui eu pediria que você olhasse para outro lado. Independentemente do que se diga dos hindus, eles são uma das raças mais eruditas que o mundo já produziu. O hindu é o metafísico; ele aplica tudo ao seu intelecto. Tudo tem que ser resolvido por cálculo astrológico.

A ideia era que as estrelas governassem o destino de cada homem e mulher. Ainda hoje, quando nasce uma criança, é feito um horóscopo. Isso determina o caráter da criança. Uma criança nasce de natureza divina, outra de natureza humana, outras de caráter inferior.

A dificuldade era: se uma criança com caráter de monstro fosse unida a uma criança com caráter divino, eles não teriam a tendência de degenerar um ao outro?

A próxima dificuldade era: nossas leis não permitiam o casamento dentro do mesmo clã. Não apenas alguém não pode se casar com alguém de sua própria família - ou mesmo com um de seus primos - mas também não deve se casar com alguém do clã de seu pai ou mesmo de sua mãe.

Uma terceira dificuldade era: se tivesse havido lepra, tísica ou qualquer outra doença incurável dentro de seis gerações, quer da noiva quer do noivo, então não deveria haver casamento.

Agora, levando [em conta] essas três dificuldades, o Brâmane diz: "Se eu deixar para a escolha do menino ou da menina com quem se casar, o menino ou a menina ficarão fascinados por um rosto bonito. E então muito provavelmente todas essas circunstâncias irão trazer ruína para a família". Esta é a ideia principal que rege as nossas leis matrimoniais, como você descobrirá. Seja certo ou errado, existe essa filosofia em segundo plano. Prevenção é melhor que a cura.

Que a miséria existe neste mundo é porque damos à luz a miséria. Portanto, toda a questão é como evitar o nascimento de crianças miseráveis. Até que ponto os direitos de uma sociedade devem estender-se ao indivíduo é uma questão em aberto. Mas os hindus dizem que a escolha do casamento não deve ser deixada nas mãos do rapaz ou da rapariga.

Não quero dizer que esta seja a melhor coisa a fazer. Também não vejo que deixá-lo nas mãos deles seja uma solução perfeita. Ainda não encontrei uma solução em minha mente; nem vejo que algum país tenha um.

Chegamos ao lado de outra foto. Eu lhe contei que existia outra forma peculiar de casamento (geralmente entre a realeza) onde o pai da menina

convidava diversos príncipes e nobres e eles faziam uma assembléia. A jovem, filha do rei, foi transportada numa espécie de cadeira diante de cada um dos príncipes. E o arauto repetia: “Este é o Príncipe Fulano de Tal, e estas são as suas qualificações”. A jovem esperava ou dizia: "Siga em frente". E diante do próximo príncipe, o arauto também dava uma descrição, e a menina dizia: “Continue”. (Tudo isso seria combinado de antemão; ela já gostava de alguém antes disso.) Então, finalmente, ela pedia a um dos servos que jogasse a guirlanda na cabeça do homem, e ela seria jogada para mostrar que ele foi aceito. . (O último desses casamentos foi a causa da invasão muçulmana da Índia.) [289] Esses casamentos foram especialmente reservados para a casta do príncipe.

O poema sânscrito mais antigo que existe, o Râmâyana, incorporou o mais elevado ideal hindu de mulher na personagem Sitâ. Não temos tempo para viver sua vida de infinita paciência e bondade. Nós a adoramos como Deus encarnado, e ela recebeu o nome de seu marido, Râma. Não dizemos "Sr. e Sra.", mas "Sra. e Sr." e assim por diante, com todos os deuses e deusas, nomeando primeiro a mulher.

Existe outra concepção peculiar do hindu. Aqueles que têm estudado comigo sabem que a concepção central da filosofia hindu é a do Absoluto; esse é o pano de fundo do universo. Este Ser Absoluto, de quem nada podemos pregar, tem Seus poderes chamados de Ela - isto é, o verdadeiro Deus pessoal na Índia é Ela. Esta Shakti do Brahman está sempre no gênero feminino.

Rama é considerado o tipo do Absoluto e Sita o do Poder. Não temos tempo para repassar toda a vida de Sita, mas citarei uma passagem de sua vida que é muito adequada às mulheres deste país.

A imagem começa quando ela estava na floresta com o marido, para onde foram banidos. Havia uma sábia que ambos foram ver. Seus jejuns e devoções haviam emagrecido seu corpo.

Sita se aproximou deste sábio e se curvou diante dela. O sábio colocou a mão na cabeça de Sita e disse: "É uma grande bênção possuir um corpo bonito; você tem isso. É uma bênção maior ter um marido nobre; você tem

isso. É a maior bênção para seja perfeitamente obediente a tal marido; você é isso.

Sita respondeu: "Mãe, estou feliz por Deus ter me dado um corpo lindo e por ter um marido tão dedicado. Mas quanto à terceira bênção, não sei se obedeco a ele ou se ele me obedece. Só uma coisa eu sei. lembre-se de que quando ele me pegou pela mão diante do fogo sacrificial - fosse um reflexo do fogo ou se o próprio Deus o fez aparecer para mim - descobri que eu era dele e ele era meu. E desde então, eu tenho. descobri que eu sou o complemento da vida dele e ele da minha".

Partes deste poema foram traduzidas para o idioma inglês. Sita é o ideal de mulher na Índia e adorada como Deus encarnado.

Chegamos agora a Manu, o grande legislador. Agora, neste livro há uma descrição elaborada de como uma criança deve ser educada. Devemos lembrar que era obrigatório para os arianos que uma criança fosse educada, qualquer que fosse a sua casta. Depois de descrever como uma criança deve ser educada, Manu acrescenta: "Na mesma linha, as filhas devem ser educadas – exatamente como os meninos". [290]

Tenho ouvido muitas vezes que há outras passagens onde as mulheres são condenadas. Admito que em nossos livros sagrados há muitas passagens que condenam as mulheres por oferecerem tentações; você pode ver isso por si mesmo. Mas também há passagens que glorificam as mulheres como o poder de Deus. E há outras passagens que afirmam que naquela casa onde cai uma gota de lágrima de uma mulher, os deuses nunca ficam satisfeitos e a casa vai à ruína. Beber vinho, matar uma mulher e matar um brâmane são os crimes mais graves da religião hindu. Admito que há sentenças condenatórias [em alguns de nossos livros]; mas aqui reivindico a superioridade destes livros hindus, pois nos livros de outras raças só há condenação e nenhuma palavra boa para uma mulher.

A seguir, voltarei aos nossos antigos dramas. O que quer que digam os livros, os dramas são a representação perfeita da sociedade tal como existia então. Nestes, que foram escritos quatrocentos anos antes de Cristo em diante, encontramos até universidades cheias de meninos e meninas. Não encontraríamos [agora] mulheres hindus, pois desde então elas foram

excluídas do ensino superior. [291] Mas [naquela época], eles eram em todos os lugares praticamente iguais aos deste país - saindo para os jardins e parques para passear.

Há outro ponto que apresento a vocês e onde a mulher hindu ainda é superior a todas as outras mulheres no mundo – os seus direitos. O direito de possuir propriedade é tão absoluto para as mulheres na Índia como para os homens – e tem sido assim há milhares e milhares de anos.

Se você tem algum amigo advogado e pode ler comentários sobre a lei hindu, você encontrará tudo por si mesmo. Uma menina pode trazer um milhão de dólares para o marido, mas cada dólar desse valor é dela. Ninguém tem o direito de tocar em um dólar disso. Se o marido morrer sem descendência, todos os bens do marido vão para ela, mesmo que o pai ou a mãe estejam vivos. E essa tem sido a lei desde o passado até o presente. Isso é algo que a mulher hindu teve além das mulheres de outros países.

Os livros mais antigos – ou mesmo os livros mais recentes – não proíbem as viúvas hindus de se casarem; é um erro pensar assim. Eles lhes dão a escolha, e isso é dado tanto a homens quanto a mulheres. A ideia em nossa religião é que o casamento é para os fracos, e não vejo nenhuma razão para abandonar essa ideia hoje. Aqueles que se acham completos – qual é a utilidade de se casarem? E aqueles que se casam – eles têm uma chance. Quando essa oportunidade acaba, tanto os homens como as mulheres são desprezados se casarem novamente; mas não é que sejam proibidos. Em nenhum lugar se diz que uma viúva não deve se casar. A viúva e o viúvo que não se casam são considerados mais espirituais.

Os homens, é claro, violam esta lei e vão se casar; enquanto as mulheres – sendo elas de uma natureza espiritual superior – cumprem a lei. Por exemplo, nossos livros dizem que comer carne é ruim e pecaminoso, mas você ainda pode comer tal e tal carne – carneiro, por exemplo. Já vi milhares de homens que comem carne de carneiro e nunca na minha vida vi uma mulher de casta superior que comesse qualquer tipo de carne. Isto mostra que a sua natureza é guardar a lei – mantendo-se mais em direção à religião. Mas não julgue com demasiada severidade os homens hindus. Você também deve tentar olhar para a lei hindu da minha posição, pois sou um homem hindu.

Este não casamento de viúvas gradualmente se tornou um costume. E sempre que na Índia um costume se torna rígido, é quase impossível rompê-lo – assim como no seu país, você descobrirá como é difícil romper um costume de moda de cinco dias. Nas castas inferiores, exceto duas, as viúvas se casam novamente.

Há uma passagem em nossos livros jurídicos posteriores [que afirma] que uma mulher não deve ler os Vedas. Mas eles são proibidos até mesmo para um brâmane fraco. Se um menino brâmane não tiver uma mente forte, a lei também será aplicada a ele. Mas isso não mostra que a educação lhes seja proibida, pois os Vedas não são tudo o que os hindus possuem. Todos os outros livros que as mulheres podem ler. Toda a massa da literatura sânscrita, todo esse oceano de literatura – ciência, drama, poesia – é tudo para eles. Eles podem ir lá e ler tudo, exceto as escrituras [védicas]. [292]

Mais tarde, a ideia era que a mulher não deveria ser sacerdote; então qual é a utilidade dela estudar os Vedas? Nisso, os hindus não estão tão atrás de outras nações. Quando as mulheres desistem do mundo e se juntam à nossa Ordem, já não são consideradas nem homens nem mulheres. Eles não fazem sexo. Toda a questão da casta alta ou baixa, homem ou mulher, desaparece completamente.

Tudo o que sei sobre religião aprendi com meu mestre, e ele aprendeu com uma mulher.

Voltando à mulher Rajput, tentarei trazer-vos uma história retirada de alguns dos nossos livros antigos – como durante a conquista muçulmana, uma destas mulheres foi a causa do que levou à conquista da Índia.

Um príncipe Rajput de Kanauj – uma cidade muito antiga – teve uma filha [Samjukta]. Ela tinha ouvido falar da fama militar de Prithvi Raj [Rei de Ajmere e Delhi] e de toda a sua glória, e estava apaixonada por ele.

Agora o pai dela queria realizar um sacrifício Râjasuya, então convidou todos os reis do país. E nesse sacrifício, todos tiveram que prestar-lhe serviços servis porque ele era superior a todos; e com esse sacrifício ele declarou que haveria uma escolha por parte de sua filha.

Mas a filha já estava apaixonada por Prithvi Raj. Ele era muito poderoso e não iria reconhecer lealdade ao rei, o pai dela, então recusou o convite. Então o rei fez uma estátua dourada de Prithvi Raj e colocou-a perto da porta. Ele disse que essa era a função que lhe havia incumbido de cumprir: a de porteiro.

O resultado de todo o caso foi que Prithvi Raj, como um verdadeiro cavaleiro, veio e levou a senhora atrás dele em seu cavalo, e os dois fugiram.

Quando a notícia chegou ao pai dela, ele a perseguiu com seu exército, e houve uma grande batalha na qual a maioria dos dois exércitos foi morta. E [assim os Rajputs ficaram tão enfraquecidos que] o império maometano na Índia começou.

Quando o império maometano estava a ser estabelecido no norte da Índia, a Rainha de Chitore [Râni Padmini] era famosa pela sua beleza. E a notícia de sua beleza chegou ao sultão, e ele escreveu uma carta para a rainha ser enviada ao seu harém. O resultado foi uma guerra terrível entre o rei de Chitore e o sultão. Os muçulmanos invadiram Chitore. E quando os Rajputs descobriram que não podiam mais se defender, todos os homens pegaram a espada e mataram e foram mortos, e as mulheres morreram nas chamas.

Depois que todos os homens morreram, o conquistador entrou na cidade. Lá na rua subia uma chama horrível. Ele viu círculos de mulheres circulando ao redor, liderados pela própria rainha. Quando ele se aproximou e pediu à rainha que não pulasse nas chamas, ela disse: "É assim que a mulher Rajput trata você" e se jogou no fogo.

Diz-se que 74.500 mulheres morreram nas chamas naquele dia para salvar a sua honra das mãos dos maometanos. Ainda hoje, quando escrevemos uma carta, depois de selá-la, escrevemos "74½" nela, o que significa que se alguém se atrever a abrir esta carta, o pecado de matar 74.500 mulheres cairá sobre sua cabeça.

Vou contar a história de outra linda garota Rajput. [293] Existe um costume peculiar em nosso país chamado "proteção". As mulheres podem enviar

pequenas pulseiras de fio de seda aos homens. E se uma garota manda um desses para um homem, esse homem se torna seu irmão.

Durante o reinado do último imperador mongol — o homem cruel que destruiu o império mais brilhante da Índia — ele também ouviu falar da beleza da filha de um chefe Rajput. Foram enviadas ordens para que ela fosse levada ao harém Mogul.

Então um mensageiro do imperador veio até ela com sua foto e ele a mostrou. Com escárnio, ela pisou nele e disse: "Assim a garota Rajput trata seu imperador Mogul". Como resultado, o exército imperial marchou para Rajputana.

Em desespero, a filha do chefe pensou num dispositivo. Ela pegou várias dessas pulseiras e as enviou aos príncipes Rajput com uma mensagem: "Venham nos ajudar". Todos os Rajputs se reuniram e as forças imperiais tiveram que voltar novamente.

Vou lhe contar um provérbio peculiar em Rajputana. Existe uma casta na Índia chamada classe comercial, os comerciantes. Eles são muito inteligentes – alguns deles – mas os hindus os consideram bastante espertos. Mas é curioso que as mulheres dessa casta não sejam tão inteligentes quanto os homens. Por outro lado, o homem Rajput não é tão inteligente quanto a mulher Rajput.

O provérbio comum em Rajputana é: "A mulher inteligente gera o filho chato, e a mulher chata gera o filho esperto". O facto é que sempre que qualquer estado ou reino em Rajputana foi gerido por uma mulher, foi maravilhosamente bem gerido.

Chegamos a outra classe de mulheres. Esta moderada raça hindu produz mulheres lutadoras de vez em quando. Alguns de vocês devem ter ouvido falar da mulher [Lakshmi Bai, Rainha de Jhansi] que, durante o Motim de 1857, lutou contra os soldados ingleses e manteve sua posição por dois anos - liderando exércitos modernos, gerenciando baterias e sempre atacando no chefe de seu exército. Esta rainha era uma garota brâmane.

Um homem que conheço perdeu três dos seus filhos naquela guerra. Quando fala delas ele fica calmo, mas quando fala dessa mulher sua voz fica animada. Ele costumava dizer que ela era uma deusa – ela não era um ser humano. Este velho veterano pensa que nunca viu um comando melhor.

A história de Chand Bibi, ou Chand Sultana [1546 - 1599], é bem conhecida na Índia. Ela era a Rainha da Golconda, onde ficavam as minas de diamantes. Durante meses ela se defendeu. Por fim, foi feita uma brecha nas paredes. Quando o exército imperial tentou invadir lá, ela estava com armadura completa e forçou as tropas a recuar. [294]

Ainda mais tarde, talvez você fique surpreso ao saber que um grande general inglês teve certa vez de enfrentar uma garota hindu de dezesseis anos.

As mulheres na gestão de territórios, no governo de países e até na guerra, provaram ser iguais aos homens - se não superiores. Na Índia não tenho dúvidas disso. Sempre que tiveram oportunidade, provaram que têm tanta habilidade quanto os homens, com a vantagem de que raramente degeneram. Eles mantêm o padrão moral, que é inato em sua natureza. E assim, como governadores e governantes do seu estado, revelam-se — pelo menos na Índia — muito superiores aos homens. John Stuart Mill menciona esse fato.

Mesmo nos dias de hoje, vemos mulheres na Índia administrando vastas propriedades com grande habilidade. Onde nasci havia duas senhoras que eram proprietárias de grandes propriedades e patrocinadoras do ensino e da arte e que administravam essas propriedades com seus próprios cérebros e cuidavam de cada detalhe do negócio.

Cada nação, além de uma humanidade geral, desenvolve uma certa peculiaridade de caráter - assim na religião, na política, no corpo físico, no hábito mental, nos homens e nas mulheres, no caráter. Uma nação desenvolve uma peculiaridade de caráter, outra adquire outra peculiaridade. Nos últimos anos, o mundo começou a reconhecer isso.

A própria peculiaridade das mulheres hindus, que elas desenvolveram e que é a ideia da sua vida, é a da mãe. Se você entrar na casa de um hindu, não

descobrirá que a esposa é a mesma companheira do marido como você a encontra aqui. Mas quando você encontra a mãe, ela é o pilar do lar hindu. A esposa deve esperar para se tornar mãe, e então ela será tudo.

Se alguém se tornar monge, seu pai terá que saudá-lo primeiro, porque ele se tornou monge e, portanto, é superior a ele. Mas para sua mãe ele – monge ou não – terá que se ajoelhar e prostrar-se diante dela. Ele então colocará um copinho d'água diante dos pés dela, ela mergulhará o dedo do pé nele e ele terá que beber. Um filho hindu faz isso com prazer mil vezes! [295]

Onde os Vedas ensinam moralidade, as primeiras palavras são: “Deixe a mãe ser o seu Deus” [296] - e ela é. Quando falamos de mulher na Índia, nossa ideia de mulher é mãe. sermos mães da raça humana. Essa é a ideia dos hindus.

Vi meu velho mestre pegar garotinhas pelas mãos, colocá-las em uma cadeira e realmente adorá-las – colocando flores a seus pés e prostrando-se diante dessas criancinhas – porque elas representavam o Deus mãe.

A mãe é o Deus da nossa família. A ideia é que o único amor verdadeiro que vemos no mundo, o amor mais altruísta, está na mãe – sempre sofrendo, sempre amando. E que amor pode representar mais o amor de Deus do que o amor que vemos na mãe? Assim, a mãe é a encarnação de Deus na terra para o hindu.

“Só aquele menino pode compreender Deus, aquele que foi ensinado pela sua mãe.” Ouvi histórias malucas sobre o analfabetismo de nossas mulheres. Até os dez anos de idade, fui ensinado pela minha mãe. Vi minha avó viva e minha bisavó viva, e garanto que nunca houve em minha linhagem uma ancestral feminina que não soubesse ler nem escrever, ou que tivesse que colocar “sua marca” em um papel. Se houvesse uma mulher que não soubesse ler nem escrever, meu nascimento teria sido impossível. As leis de castas tornam isso imperativo.

Portanto, estas são histórias malucas que às vezes ouço – como a afirmação de que na Idade Média a leitura e a escrita foram tiradas das mulheres

hindus. Refiro-me à História do Povo Inglês, de Sir William Hunter, onde ele citou mulheres indianas que podiam calcular um eclipse solar.

Disseram-me que ou o excesso de adoração à mãe torna a mãe egoísta, ou o excesso de amor dos filhos pela mãe os torna egoístas. Mas eu não acredito nisso. O amor que minha mãe me deu fez de mim o que sou, e tenho uma dívida com ela que nunca poderei pagar.

Por que a mãe hindu deveria ser adorada? Nossos filósofos tentam encontrar uma razão e chegam a esta definição: Nós nos chamamos de raça Ariana. O que é um ariano? Ele é um homem cujo nascimento se dá através da religião. Este é um assunto peculiar, talvez, neste país; mas a ideia é que o homem deve nascer através da religião, através das orações. Se você ler nossos livros jurídicos, encontrará capítulos dedicados a isso — a influência pré-natal da mãe sobre a criança.

Sei que antes de eu nascer minha mãe jejuava e orava e fazia centenas de coisas que eu não conseguia fazer nem por cinco minutos. Ela fez isso por dois anos. Acredito que qualquer cultura religiosa que eu tenha, devo a isso. Foi de forma consciente que minha mãe me trouxe ao mundo para ser o que sou. Qualquer bom impulso que eu tenha me foi dado por minha mãe – e conscientemente, não inconscientemente.

“Uma criança nascida materialmente não é ariana; a criança nascida na espiritualidade é ariana.” Apesar de todo esse problema – porque ela tem que se tornar tão pura e santa para ter filhos puros – ela tem um direito peculiar sobre a criança hindu. E o resto [de suas características] é o mesmo com todas as outras nações: ela é tão altruísta. Mas a mãe é quem sofre mais em nossas famílias.

A mãe tem que comer por último. Muitas vezes me perguntaram em seu país por que o marido [hindu] não se senta com a esposa para comer – se a ideia é, talvez, que o marido pensa que ela é um ser muito inferior. Esta explicação não está nada correta. Você sabe, o cabelo de um porco é considerado muito sujo. Um hindu não consegue escovar os dentes com escovas feitas dele, então ele usa fibras de plantas. Algum viajante viu um hindu escovando os dentes com isso e então escreveu que "um hindu se levanta de manhã cedo e pega uma planta, mastiga e engole!" Da mesma

forma, alguns viram o marido e a mulher não comerem juntos e deram a sua própria explicação. Existem tantos explicadores neste mundo e tão poucos observadores – como se o mundo estivesse morrendo de vontade de obter suas explicações! É por isso que às vezes penso que a invenção da imprensa não foi uma bênção absoluta. A verdade é que, tal como no seu país muitas coisas não devem ser feitas pelas mulheres antes dos homens, também no nosso país o facto é que é muito indecoroso mastigar e mastigar diante dos homens. Se uma senhora estiver comendo, ela poderá comer antes dos irmãos. Mas se o marido entra, ela para imediatamente e o marido sai rapidamente. Não temos mesas para sentar, e sempre que um homem tem fome ele entra, faz sua refeição e sai. Não acredite que um marido hindu não permita que sua esposa se sente à mesa com ele. Ele não tem mesa alguma.

A primeira parte da comida — quando estiver pronta — pertence aos convidados e aos pobres, a segunda aos animais inferiores, a terceira aos filhos, a quarta ao marido e por último vem a mãe. Quantas vezes vi minha mãe indo fazer a primeira refeição às duas horas. Pegamos a nossa às dez e ela às duas porque tinha muitas coisas para fazer. [Por exemplo], alguém bate na porta e diz: “Convidado”, e não há comida exceto a que foi para minha mãe. Ela daria isso a ele de boa vontade e então esperaria por ela mesma. Essa era a vida dela e ela gostava. E é por isso que adoramos as mães como deuses.

Eu gostaria que você gostasse menos de ser apenas acariciado e patrocinado e mais adorado! [Você], um membro da raça humana! – o pobre hindu não entende isso [sua inclinação]. Mas quando você diz: “Somos mães e mandamos”, ele se curva. Este é o lado que os hindus desenvolveram.

Voltando às nossas teorias – as pessoas no Ocidente chegaram, há cerca de cem anos, ao ponto de terem de tolerar outras religiões. Mas sabemos agora que a tolerância não é suficiente para com outra religião; devemos aceitá-lo. Portanto não se trata de subtração, mas de adição. A verdade é o resultado da soma de todos esses lados diferentes. Cada uma de todas essas religiões representa um lado, sendo a plenitude a adição de todos eles. E assim, em toda ciência, é a adição que é a lei.

Agora o Hindu desenvolveu este lado. Mas será este lado suficiente? Deixe a mulher hindu que é a mãe tornar-se também uma esposa digna, mas não tente destruir a mãe. Essa é a melhor coisa que você pode fazer. Assim, você obtém uma visão melhor do universo, em vez de percorrer o mundo inteiro, invadindo diferentes nações, criticando-as e dizendo: "Os horríveis desgraçados - todos dignos de serem assados por toda a eternidade!"

Se assumirmos esta posição – que cada nação sob a vontade do Senhor está a desenvolver uma parte da natureza humana – nenhuma nação será um fracasso. Até agora eles se saíram bem, agora devem fazer melhor!
[Aplausos]

Em vez de chamar os hindus de “pagãos”, “miseráveis”, “escravos”, vá para a Índia e diga: “Até agora seu trabalho é maravilhoso, mas isso não é tudo. desenvolveu esse lado da mulher como mãe. Agora ajude o outro lado – a esposa dos homens”.

E da mesma forma, penso (digo-o com o melhor espírito) que seria melhor acrescentar ao seu carácter nacional um pouco mais do lado materno da natureza hindu! Este foi o primeiro versículo que aprendi em minha vida, no primeiro dia em que fui para a escola: "Ele realmente é um homem culto que considera todas as mulheres como sua mãe, que considera a propriedade de cada homem como pó, e olha sobre cada ser como sua própria alma".

Existe a outra ideia da mulher trabalhando com o homem. Não é que os hindus não tivessem esses ideais, mas não conseguiram desenvolvê-los.

É somente na língua sânscrita que encontramos quatro palavras que significam marido e mulher juntos. É somente em nosso casamento que eles [ambos] prometem: “O que foi meu coração agora pode ser o seu”. É lá que vemos que o marido é levado a olhar para a estrela polar, tocando a mão de sua esposa e dizendo: “Assim como a estrela polar está fixada nos céus, assim posso estar fixo em minha afeição por ti”. ". E a esposa faz o mesmo.

Até uma mulher que é vil o suficiente para sair às ruas pode processar o marido e receber pensão alimentícia. Encontramos os germes dessas ideias

em todos os nossos livros por todo o país, mas não fomos capazes de desenvolver esse lado do personagem.

Devemos ir muito além do sentimento quando queremos julgar. Sabemos que não é só a emoção que governa o mundo, mas há algo por trás da emoção. As causas económicas, as circunstâncias envolventes e outras considerações influenciam o desenvolvimento das nações. (Não está no meu plano atual abordar as causas que desenvolvem a mulher como esposa.)

Portanto, neste mundo, à medida que cada nação é colocada sob circunstâncias peculiares e desenvolve o seu próprio tipo, está chegando o dia em que todos esses tipos diferentes serão misturados - quando aquele tipo vil de patriotismo que significa "roube todo mundo e dê para mim" desaparecerá. Então não haverá mais desenvolvimento unilateral em todo o mundo, e cada uma destas [nações] verá que fez o que era certo.

Vamos agora trabalhar e misturar as nações e deixar a nova nação vir.

Você vai me deixar contar minha convicção? Grande parte da civilização que compreende o mundo hoje veio daquela raça peculiar da humanidade – os arianos. [297]

A civilização [ariana] tem sido de três tipos: a romana, a grega, a hindu. O tipo romano é o tipo de organização, conquista, firmeza – mas carente de natureza emocional, apreciação da beleza e das emoções mais elevadas. Seu defeito é a crueldade. O grego é essencialmente entusiasta do belo, mas frívolo e tem tendência a tornar-se imoral. O tipo hindu é essencialmente metafísico e religioso, mas carece de todos os elementos de organização e trabalho.

O tipo romano é agora representado pelo anglo-saxão; o tipo grego, mais pelos franceses do que por qualquer outra nação; e os velhos hindus não morrem! Cada tipo tem sua vantagem nesta nova terra prometida. Eles têm a organização romana, o poder do maravilhoso amor dos gregos pelo belo e a espinha dorsal da religião e do amor a Deus dos hindus. Misture tudo e traga a nova civilização.

E deixe-me dizer, isso deveria ser feito por mulheres. Existem alguns de nossos livros que dizem que a próxima encarnação, e a última (acreditamos em dez), virá na forma de uma mulher.

Vemos que ainda restam recursos no mundo porque todas as forças que existem no mundo não foram utilizadas. A mão agiu durante todo esse tempo enquanto outras partes do corpo permaneciam em silêncio. Deixe que as outras partes do corpo sejam despertadas e talvez, numa ação harmoniosa, todo o sofrimento seja curado. Talvez, nesta nova terra, com este sangue novo nas veias, você possa trazer essa nova civilização – e, talvez, através das mulheres americanas.

Quanto àquela terra sempre abençoada que me deu este corpo, olho para trás com grande veneração e abençoar o ser misericordioso que me permitiu nascer naquele lugar mais sagrado da terra. Quando o mundo inteiro tenta traçar a sua ascendência a partir de homens distinguidos pelas armas ou pela riqueza, só os hindus se orgulham de traçar a sua descendência a partir de santos.

Aquele navio maravilhoso que há séculos transporta homens e mulheres através deste oceano da vida pode ter surgido pequenos vazamentos aqui e ali. E sobre isso, também, só o Senhor sabe o quanto é devido a eles próprios e quanto àqueles que desprezam os hindus.

Mas se tais vazamentos existem, eu, o mais cruel de seus filhos, acho que é meu dever impedir que ela afunde, mesmo que tenha que fazer isso com a minha vida. E se eu achar que todas as minhas lutas são em vão, ainda assim, como o Senhor é minha testemunha, direi-lhes com minha sincera bênção: "Meus irmãos, vocês fizeram bem - ou melhor, melhor do que qualquer outra raça poderia ter feito sob nas mesmas circunstâncias. Você me deu tudo o que tenho. Conceda-me o privilégio de estar ao seu lado até o fim e deixe-nos afundar todos juntos".

9.2.2 O PRIMEIRO PASSO EM DIREÇÃO A JNANA

[Uma aula de Jnâna-Yoga ministrada em Nova York, quarta-feira, 11 de dezembro de 1895, e gravada por Swami Kripananda [\[298\]](#).]

A palavra Jnâna significa conhecimento. É derivado da raiz Jnâ – conhecer – a mesma palavra da qual deriva sua palavra em inglês conhecer. Jnana-Yoga é Yoga por meio do conhecimento. Qual é o objetivo do Jnana-Yoga? Liberdade. Liberdade de quê? Liberdade das nossas imperfeições, liberdade da miséria da vida. Por que somos infelizes? Somos infelizes porque estamos presos. Qual é a escravidão? A escravidão é da natureza. Quem é que nos liga? Nos mesmos.

Todo o universo está sujeito à lei da causalidade. Não pode haver nada, nenhum fato — seja no mundo interno ou no mundo externo — que não tenha causa; e toda causa deve produzir um efeito.

Agora, esta escravidão em que estamos é um fato. Não é necessário provar que estamos em cativeiro. Por exemplo: eu ficaria muito feliz em sair desta sala através desta parede, mas não posso; Eu ficaria muito feliz se nunca ficasse doente, mas não posso evitar; Eu ficaria muito feliz em não morrer, mas tenho que morrer; Eu ficaria muito feliz em fazer milhões de coisas que não posso fazer. A vontade existe, mas não conseguimos realizar o desejo. Quando temos algum desejo e não temos meios de realizá-lo, temos aquela reação peculiar chamada miséria. Quem é a causa do desejo? Eu mesmo. Portanto, eu mesmo sou a causa de todas as misérias em que me encontro.

A miséria começa com o nascimento da criança. Fraco e indefeso, ele entra no mundo. O primeiro sinal de vida é o choro. Agora, como poderíamos ser a causa da miséria quando a encontramos logo no início? Nós causamos isso no passado. [Aqui Swami Vivekananda entrou em uma discussão bastante longa sobre “a teoria muito interessante chamada Reencarnação”. Ele continuou:]

Para compreender a reencarnação, precisamos primeiro saber que neste universo algo nunca pode ser produzido do nada. Se existe uma alma humana, ela não pode ser produzida do nada. Se algo pudesse ser produzido do nada, então algo também desapareceria no nada. Se formos produzidos do nada, também voltaremos ao nada. Aquilo que tem um começo deve ter

um fim. Portanto, como almas, não poderíamos ter tido nenhum começo. Nós existimos o tempo todo.

Então, novamente, se não existíssemos anteriormente, não há explicação para a nossa existência atual. A criança nasce com um conjunto de causas. Quantas coisas vemos numa criança que nunca poderão ser explicadas até que admitamos que a criança teve experiências passadas – por exemplo, o medo da morte e um grande número de tendências inatas. Quem ensinou o bebê a beber leite e a fazê-lo de maneira peculiar? Onde adquiriu esse conhecimento? Sabemos que não pode haver conhecimento sem experiência, pois dizer que o conhecimento é intuitivo na criança, ou instintivo, é o que os lógicos chamariam de "petitio principii". [299]

Seria a mesma [lógica] de quando um homem me pergunta por que a luz passa através de um vidro, e eu respondo: “Porque é transparente”. Isso não seria realmente nenhuma resposta, porque estou simplesmente traduzindo sua palavra para uma palavra maior. A palavra “transparente” significa “aquilo através do qual a luz vem” – e essa era a questão. A pergunta era por que a luz passa pelo vidro, e eu respondi: “Porque ela passa pelo vidro”.

Da mesma forma, a questão era por que essas tendências estão presentes na criança. Por que deveria ter medo da morte se nunca viu a morte? Se esta é a primeira vez que nasce, como soube sugar o leite materno? Se a resposta for “Ah, foi instinto”, isso é simplesmente devolver a pergunta. Se um homem se levanta e diz: “Não sei”, ele está em melhor posição do que aquele que diz: “É instinto” e todas essas bobagens.

Não existe instinto; não existe natureza separada do hábito. O hábito é a segunda natureza de uma pessoa, e o hábito também é a sua primeira natureza. Tudo o que está em sua natureza é resultado do hábito, e o hábito é resultado da experiência. Não pode haver nenhum conhecimento senão da experiência.

Então esse bebê também deve ter tido alguma experiência. Este fato é garantido até mesmo pela ciência materialista moderna. Isso prova, sem sombra de dúvida, que o bebê traz consigo um fundo de experiência. Ele não entra neste mundo com uma “tabula rasa” – uma mente vazia sobre a

qual nada está escrito – como alguns dos antigos filósofos acreditavam, mas já equipado com um pacote de conhecimento. Até agora tudo bem.

Mas embora a ciência moderna admita que este conjunto de conhecimentos que a criança traz consigo foi adquirido através da experiência, ela afirma, ao mesmo tempo, que não é o seu próprio - mas o do seu pai, do seu avô e do seu bisavô. O conhecimento vem, dizem, por transmissão hereditária.

Agora, este é um passo à frente daquela velha teoria do “instinto”, que só serve para bebês e idiotas. Esta teoria do “instinto” é um mero trocadilho de palavras e não tem qualquer significado. Um homem com o menor poder de pensamento e o menor conhecimento da precisão lógica das palavras nunca ousaria explicar tendências inatas por “instinto”, termo que equivale a dizer que algo surgiu do nada. Mas a teoria moderna da transmissão através da experiência – embora, sem dúvida, um passo à frente da antiga – não é de todo suficiente. Por que não? Podemos compreender uma transmissão física, mas uma transmissão mental é impossível de compreender.

O que faz com que eu – que sou alma – nasça com um pai que transmitiu certas qualidades? O que me faz voltar? O pai, tendo certas qualidades, pode ser uma causa vinculativa. Tomando como certo que sou uma alma distinta que existia antes e deseja reencarnar – o que faz minha alma entrar no corpo de um homem em particular? Para que a explicação seja suficiente, temos de assumir uma transmissão hereditária de energias e algo como a minha própria experiência anterior. Isto é o que se chama Karma, ou, em inglês, Lei da Causalidade, a lei da adequação.

Por exemplo, se todas as minhas ações anteriores foram voltadas para a embriaguez, gravitarei naturalmente em torno de pessoas que transmitem o caráter de um bêbado. Só posso aproveitar o organismo produzido por aqueles pais que têm transmitido uma certa influência peculiar para a qual estou apto pelas minhas ações anteriores. Vemos assim que é verdade que uma certa experiência hereditária é transmitida de pai para filho, e assim por diante. Ao mesmo tempo, é a minha experiência passada que me une à causa específica da transmissão hereditária.

Uma teoria de transmissão simplesmente hereditária afetará apenas o homem físico e seria perfeitamente insuficiente para a alma interna do

homem. Mesmo quando se olha para o assunto do ponto de vista materialista mais puro - viz. que não existe alma no homem, e que o homem nada mais é do que um feixe de átomos influenciados por certas forças físicas e que funciona como um autômato - mesmo tomando isso como certo, a mera teoria da transmissão seria bastante insuficiente.

As maiores dificuldades relativas à simples hipótese da mera transmissão física estarão aqui: se não existe alma no homem, se ele nada mais é do que um feixe de átomos influenciados por certas forças, então, no caso da transmissão, a alma do pai diminuiria proporcionalmente ao número de seus filhos; e o homem que tem cinco, seis ou oito filhos deve, no final, tornar-se um idiota. A Índia e a China – onde os homens se reproduzem como ratos – estariam então cheias de idiotas. Mas, pelo contrário, descobrimos que a menor quantidade de loucura ocorre na Índia e na China.

A questão é: o que queremos dizer com a palavra transmissão? É uma palavra grande, mas, como tantos outros termos impossíveis e absurdos do mesmo tipo, passou a ser usada sem que as pessoas a entendessem. Se eu lhe perguntasse o que é transmissão, você descobriria que não tem uma concepção real do seu significado porque não há nenhuma ideia ligada a ela.

Vejamos um pouco mais de perto o assunto. Digamos, por exemplo, aqui está um pai. Uma criança nasce para ele. Vemos que as mesmas qualidades [que o pai possui] entraram em seu filho. Muito bom. Agora, como as qualidades do pai surgiram no filho? Ninguém sabe. Portanto, esta lacuna os físicos modernos querem preencher com a grande transmissão de palavras. E o que significa esta transmissão? Ninguém sabe.

Como podem as qualidades mentais da experiência ser condensadas e fazer com que vivam em uma única célula do protoplasma? Não há diferença entre o protoplasma de um pássaro e o do cérebro humano. Tudo o que podemos dizer com respeito à transmissão física é que ela consiste em duas ou três células protoplasmáticas cortadas do corpo do pai. Isso é tudo. Mas que absurdo supor que eras e eras de experiência humana passada foram comprimidas em algumas células protoplasmáticas! É uma pílula tremenda demais que eles pedem para você engolir com esta pequena transmissão de palavras.

Antigamente as igrejas tinham prestígio, mas hoje a ciência o tem. E tal como antigamente as pessoas nunca perguntavam por si mesmas — nunca estudavam a Bíblia, e por isso os sacerdotes tinham uma oportunidade muito boa de ensinar o que quisessem — também hoje a maioria das pessoas não estuda por si mesmas e, ao mesmo tempo, , têm um tremendo espanto e medo diante de qualquer coisa chamada científica. Você deve se lembrar que está chegando um papado pior do que jamais existiu na igreja — o chamado papado científico, que se tornou tão bem-sucedido que nos impõe ordens com mais autoridade do que o papado religioso.

Estes papas da ciência moderna são, de facto, grandes papas, mas por vezes pedem-nos que acreditemos em coisas mais maravilhosas do que qualquer padre ou qualquer religião alguma vez acreditou. E uma dessas coisas maravilhosas é a teoria da transmissão, que nunca consegui entender. Se eu perguntar: “O que você quer dizer com transmissão?” eles apenas facilitam um pouco dizendo: “É transmissão hereditária”. E se eu lhes disser: “Isso é um tanto grego para mim”, eles facilitam ainda mais dizendo: “É a adesão de qualidades paternas nas células protoplasmáticas”. Dessa forma, fica cada vez mais fácil, até que minha mente fica confusa e enojada com a coisa toda.

Agora vemos uma coisa: produzimos pensamento. Estou falando com você esta noite e isso está produzindo pensamentos em seu cérebro. Por este ato de transmissão entendemos que meus pensamentos estão sendo transmitidos para o seu cérebro e para a sua mente, e produzindo outros pensamentos. Este é um fato cotidiano.

É sempre racional ficar do lado das coisas que você pode compreender — ficar do lado dos fatos. A transmissão do pensamento é perfeitamente compreensível. Portanto, somos capazes de adotar o [conceito de] transmissão do pensamento, e não apenas das impressões hereditárias das células protoplasmáticas. Não precisamos deixar de lado a teoria, mas a ênfase principal deve ser colocada na transmissão do pensamento.

Ora, um pai não transmite pensamento. É somente o pensamento que transmite o pensamento. A criança que nasce existia anteriormente como pensamento. Todos nós existimos eternamente como pensamento e continuaremos existindo como pensamento.

O que pensamos, que o nosso corpo se torna. Tudo é fabricado pelo pensamento e, portanto, somos os fabricantes das nossas próprias vidas. Somente nós somos responsáveis por tudo o que fazemos. É tolice gritar: "Por que estou infeliz?" Eu criei minha própria infelicidade. Não é culpa do Senhor de forma alguma.

Alguém aproveita a luz do sol para invadir sua casa e roubar você. E aí, quando for pego pelo policial, ele pode gritar: "Oh sol, por que você me fez roubar?" Não foi culpa do sol, porque há milhares de outras pessoas que fizeram muito bem aos seus semelhantes sob a luz do mesmo sol. O sol não disse a este homem para roubar e roubar.

Cada um de nós colhe o que semeou. Estas misérias sob as quais sofremos, estas escravidões sob as quais lutamos, foram causadas por nós mesmos, e ninguém mais no universo é culpado. Deus é o menos culpado por isso.

"Por que Deus criou este mundo maligno?" Ele não criou este mundo maligno de forma alguma. Nós o tornamos mau e temos que torná-lo bom. "Por que Deus me criou tão miserável?" Ele não fez. Ele me deu os mesmos poderes que [Ele deu] a todos os seres. Eu cheguei a esse ponto.

Deus é o culpado pelo que eu mesmo fiz? Sua misericórdia é sempre a mesma. Seu sol brilha tanto sobre os maus quanto sobre os bons. Seu ar, Sua água, Sua terra dão as mesmas chances aos maus e aos bons. Deus é sempre o mesmo Pai eterno e misericordioso. A única coisa que devemos fazer é arcar com os resultados dos nossos próprios atos.

Aprendemos que, em primeiro lugar, existimos eternamente; em segundo lugar, que somos os criadores das nossas próprias vidas. Não existe destino. Nossas vidas são o resultado de nossas ações anteriores, nosso Karma. E segue-se naturalmente que, tendo sido nós próprios os criadores do nosso Karma, devemos também ser capazes de desfazê-lo.

A essência do Jnana-Yoga é mostrar à humanidade o método de desfazer esse Karma. Uma lagarta tece um pequeno casulo a partir da substância de seu próprio corpo e finalmente se vê aprisionada. Pode chorar, chorar e uivar ali; ninguém virá em seu socorro até que ela se torne sábia e então saia, uma linda borboleta. Então, com essas nossas escravidões. Estamos

dando voltas e mais voltas através de incontáveis eras. E agora nos sentimos miseráveis e choramos e lamentamos a nossa escravidão. Mas chorar e chorar não adiantará. Devemos nos dedicar a cortar essas amarras.

A principal causa de toda escravidão é a ignorância. O homem não é mau por sua própria natureza – de forma alguma. Sua natureza é pura, perfeitamente santa. Cada homem é divino. Cada homem que você vê é um Deus por sua própria natureza. Esta natureza está coberta pela ignorância, e é a ignorância que nos prende. A ignorância é a causa de toda miséria. A ignorância é a causa de toda maldade; e o conhecimento tornará o mundo bom. O conhecimento removerá toda a miséria. O conhecimento nos tornará livres. Esta é a ideia do Jnana-Yoga: o conhecimento nos tornará livres! Que conhecimento? Química? Física? Astronomia? Geologia? Eles nos ajudam um pouco, só um pouco. Mas o principal conhecimento é o da sua própria natureza. "Conhece a ti mesmo." Você deve saber o que você é, qual é a sua verdadeira natureza. Você deve se tornar consciente dessa natureza infinita interior. Então suas amarras explodirão.

Estudando apenas o externo, o homem começa a sentir-se nada. Estes vastos poderes da natureza, estas tremendas mudanças que ocorrem – comunidades inteiras varridas da face da terra num piscar de olhos, uma erupção vulcânica despedaçando continentes inteiros – percebendo e estudando estas coisas, o homem começa a sentir-se fraco. Portanto, não é o estudo da natureza externa que torna [alguém] forte. Mas existe a natureza interna do homem – um milhão de vezes mais poderosa que qualquer erupção vulcânica ou qualquer lei da natureza – que conquista a natureza, triunfa sobre todas as suas leis. E só isso ensina ao homem o que ele é.

“Conhecimento é poder”, diz o provérbio, não é? É através do conhecimento que o poder vem. O homem tem que saber. Aqui está um homem de poder e força infinitos. Ele próprio é, por sua própria natureza, potente e onisciente. E isso ele deve saber. E quanto mais ele se torna consciente de seu próprio Ser, mais ele manifesta esse poder, e suas amarras se rompem e, finalmente, ele se torna livre.

Como nos conhecer? a questão permanece agora. Existem várias maneiras de conhecer esse Eu, mas no Jnana-Yoga não é necessária a ajuda de nada

além do puro raciocínio intelectual. Somente a razão, somente o intelecto, elevando-se à percepção espiritual, mostram o que somos.

Não há questão de acreditar. Desacredite em tudo – essa é a ideia do Jnani. Não acredite em nada e não acredite em tudo – esse é o primeiro passo. Ouse ser um racionalista. Ouse seguir a razão onde quer que ela o leve.

Ouvimos pessoas comuns dizerem ao nosso redor: “Ouso raciocinar”. Contudo, é uma coisa muito difícil de fazer. Eu percorreria trezentos quilômetros para olhar o rosto do homem que ousa raciocinar e seguir a razão. Nada é mais fácil de dizer e nada é mais difícil de fazer. Somos obrigados a seguir superstições o tempo todo - superstições antigas e antiquadas, sejam nacionais ou pertencentes à humanidade em geral - superstições pertencentes à família, aos amigos, ao país, à moda, aos livros, ao sexo e a tudo o mais.

Fala de razão! Muito poucas pessoas raciocinam, na verdade. Você ouve um homem dizer: “Oh, não gosto de acreditar em nada; não gosto de tatear na escuridão. Preciso raciocinar”. E então ele raciocina. Mas quando a razão despedaça as coisas que ele abraça contra o peito, ele diz: "Chega! Esse raciocínio está certo até quebrar meus ideais. Pare aí!" Esse homem nunca seria um Jnani. Esse homem carregará sua escravidão por toda a sua vida e por toda a vida futura. Repetidamente ele ficará sob o poder da morte. Tais homens não foram feitos para Jnana. Existem outros métodos para eles – como bhakti-yoga, Karma-Yoga ou Râja-Yoga – mas não Jnana-Yoga.

Quero prepará-lo dizendo que esse método só pode ser seguido pelos mais ousados. Não pense que o homem que não acredita em nenhuma igreja ou que não pertence a nenhuma seita, ou o homem que se vangloria da sua incredulidade, é um racionalista. De jeito nenhum. Nos tempos modernos é bastante bravata fazer algo assim.

Ser racionalista requer mais do que descrença. Você deve ser capaz não apenas de raciocinar, mas também de seguir os ditames da sua razão. Se a razão lhe diz que este corpo é uma ilusão, você está pronto para desistir dele? A razão lhe diz que o calor e o frio são meras ilusões dos seus sentidos; você está pronto para enfrentar essas coisas? Se a razão lhe diz que nada do que os sentidos transmitem à sua mente é verdade, você está

pronto para negar a sua percepção sensorial? Se você ousar, você é um racionalista.

É muito difícil acreditar na razão e seguir a verdade. Este mundo inteiro está cheio de supersticiosos ou de hipócritas indiferentes. Prefiro ficar do lado da superstição e da ignorância do que ficar do lado desses hipócritas indiferentes. Eles não são bons. Eles ficam em ambos os lados do rio.

Pegue qualquer coisa, conserte seu ideal e siga-o com ousadia até a morte. Esse é o caminho para a salvação. A indiferença nunca levou a nada. Seja supersticioso, seja fanático se quiser, mas seja alguma coisa. Seja algo, mostre que você tem algo; mas não seja como esses idiotas com a verdade - esses pau para toda obra que só querem obter uma espécie de excitação nervosa, uma dose de ópio, até que esse desejo pelo sensacional se torne um hábito.

O mundo está ficando cheio dessas pessoas. Ao contrário dos apóstolos que, segundo Cristo, eram o sal da terra, estes companheiros são as cinzas, a sujeira da terra. Portanto, vamos primeiro limpar o terreno e compreender o que significa seguir a razão, e então tentaremos compreender quais são as obstruções à nossa razão seguinte.

A primeira obstrução à nossa razão seguinte é a nossa relutância em ir à verdade. Queremos que a verdade chegue até nós. Em todas as minhas viagens, a maioria das pessoas me disse: "Oh, essa não é uma religião confortável da qual você fala. Dê-nos uma religião confortável!"

Não entendo o que querem dizer com esta "religião confortável". Nunca me ensinaram nenhuma religião confortável em minha vida. Quero a verdade para minha religião. Se é confortável ou não, eu não me importo. Por que a verdade deveria ser sempre confortável? A verdade muitas vezes bate forte - como todos sabemos pela nossa experiência. Gradualmente, depois de um longo relacionamento com essas pessoas, descobri o que elas queriam dizer com suas frases estereotipadas. Essas pessoas caíram na rotina e não ousam sair dela. A verdade deve pedir desculpas a eles.

Certa vez conheci uma senhora que gostava muito de seus filhos, de seu dinheiro e de tudo. Quando comecei a pregar para ela que o único caminho

para Deus é desistir de tudo, ela parou de vir no dia seguinte. Um dia ela veio e me disse que o motivo de ela ter ficado longe era porque a religião que eu pregava era muito desconfortável. "Que tipo de religião seria confortável para você?" Eu perguntei para testá-la. Ela disse: "Quero ver Deus nos meus filhos, no meu dinheiro, nos meus diamantes".

"Muito bem, senhora", respondi. "Você agora tem todas essas coisas. E você terá que ver essas coisas ainda por milhões de anos. Então você será esbarrado em algum lugar e chegará à razão. Até que esse tempo chegue, você nunca virá a Deus. Enquanto isso, vá em ver Deus em seus filhos e em seu dinheiro e seus diamantes e suas danças."

É difícil, quase impossível, que essas pessoas abandonem o prazer dos sentidos. Ela cresceu sobre eles de nascimento a nascimento. Se você pedir a um porco que desista de seu chiqueiro e entre em seu salão mais bonito, isso será a morte do porco. "Solta, tenho que morar lá", diz o porco.

[Aqui Swami Vivekananda explicou a história da dona de peixe: "Certa vez, uma dona de peixe era hóspede na casa de um jardineiro que cultivava flores. Ela chegou lá com sua cesta vazia, depois de vender peixe no mercado, e foi convidada a dormir em um quarto onde as flores eram guardadas. Mas, por causa da fragrância das flores, ela não conseguiu dormir por muito tempo. Sua anfitriã viu sua condição e disse: 'Olá! ' A peixeira disse: 'Não sei, amigo. Talvez o cheiro das flores esteja perturbando meu sono.'] [300]

Então conosco. A maioria da humanidade deleita-se com este cheiro de peixe — este mundo, este prazer dos sentidos, este dinheiro e riqueza e bens móveis e esposa e filhos. Toda essa bobagem do mundo — esse cheiro de peixe — cresceu sobre nós. Não podemos ouvir nada além dele, não podemos ver nada além dele; nada vai além disso. Este é o universo inteiro.

Toda essa conversa sobre o céu, Deus e a alma não significa nada para um homem comum. Ele já tem o céu aqui. Ele não tem outra ideia além deste mundo. Quando você lhe fala de algo mais elevado, ele diz: "Essa não é uma religião confortável. Dê-nos algo confortável". Isso quer dizer que a religião nada mais é do que o que ele está fazendo.

Se ele for um ladrão e você lhe disser que roubar é a coisa mais elevada que podemos fazer, ele dirá: “Essa é uma religião confortável”. Se ele estiver trapaceando, você deve dizer a ele que está tudo bem com o que ele está fazendo; então ele aceitará o seu ensino como uma “religião confortável”. O problema é que as pessoas nunca querem sair da rotina – nunca querem se livrar da velha cesta de peixe e do cheiro, para poder viver. Se disserem: “Quero a verdade”, isso significa simplesmente que querem o cesto de peixe.

Quando você alcançou o conhecimento? Quando você está equipado com essas quatro disciplinas [ou seja, as quatro qualificações para realização discutidas na literatura Vedanta: discriminação entre o real e o irreal, renúncia, os seis tesouros da virtude começando com tranquilidade e anseio pela libertação]. Você deve abandonar todo desejo de prazer, seja nesta vida ou na próxima. Todos os prazeres desta vida são vãos. Deixe-os ir e vir como quiserem.

O que você ganhou com suas ações passadas, ninguém pode tirar de você. Se você mereceu a riqueza, pode enterrar-se na floresta e ela virá até você. Se você merece boa comida e roupas, você pode ir para o Pólo Norte e eles serão trazidos até você. O urso polar os trará. Se você não os mereceu, poderá conquistar o mundo e morrer de fome. Então, por que você se preocupa com essas coisas? E, afinal, para que servem?

Quando crianças, todos nós pensamos que o mundo é muito agradável e que muitos prazeres estão simplesmente esperando que os encontremos. Esse é o sonho de todo estudante. E quando ele sai para o mundo, para o mundo cotidiano, logo seus sonhos desaparecem. O mesmo acontece com as nações. Quando vêem como cada cidade é construída sobre ruínas – cada floresta se ergue sobre uma cidade – então eles se convencem da vaidade deste mundo.

Todo o poder do conhecimento e da riqueza outrora adquiridos desapareceu – todas as ciências dos antigos, perdidas, perdidas para sempre. Ninguém sabe como. Isso nos ensina uma grande lição. Vaidade das vaidades; tudo é vaidade e aborrecimento do espírito. Se vimos tudo isso, ficamos enojados com este mundo e com tudo o que ele nos oferece. Isto se chama Vairâgya, desapego, e é o primeiro passo em direção ao conhecimento.

O desejo natural do homem é ir em direção aos sentidos. Afastar-se dos sentidos o leva de volta a Deus. Portanto, a primeira lição que temos de aprender é afastar-nos das vaidades do mundo.

Por quanto tempo você continuará afundando, mergulhando e subindo por cinco minutos, para afundar novamente, subir novamente e afundar, e assim por diante - jogado para cima e para baixo? Por quanto tempo você ficará girando nesta roda do Karma – para cima e para baixo, para cima e para baixo? Quantas milhares de vezes vocês foram reis e governantes? Quantas vezes você esteve cercado de riqueza e mergulhou na pobreza? Quantas milhares de vezes você foi possuído pelos maiores poderes? Mas novamente vocês tiveram que se tornar homens, rolando nesta corrida louca das águas do Karma. Esta tremenda roda do Karma não pára nem pelas lágrimas da viúva nem pelo choro do órfão.

Quanto tempo você vai continuar? Quanto tempo? Você será como aquele velho que passou toda a vida na prisão e, quando solto, implorou para ser trazido de volta para sua cela escura e imunda na masmorra? Este é o caso de todos nós! Agarramo-nos com todas as nossas forças a esta cela baixa, escura e imunda chamada este mundo – a esta existência hedionda e quimérica onde somos chutados como uma bola de futebol por cada vento que sopra.

Somos escravos nas mãos da natureza – escravos de um pedaço de pão, escravos do elogio, escravos da culpa, escravos da esposa, do marido, do filho, escravos de tudo. Ora, eu ando por todo o mundo - mendigo, roubo, roubo, faço qualquer coisa - para fazer feliz um menino que é, talvez, corcunda ou de aparência feia. Farei todas as coisas perversas para fazê-lo feliz. Por que? Porque eu sou o pai dele. E, ao mesmo tempo, há milhões e milhões de rapazes neste mundo que morrem de fome – rapazes bonitos de corpo e mente. Mas eles não são nada para mim. Deixe todos morrerem. Estou apto a matar todos eles para salvar esse patife a quem dei à luz. Isso é o que você chama de amor. Eu não. Eu não. Isso é brutalidade.

Há milhões de mulheres – bonitas de corpo e mente, boas, gentis, virtuosas – morrendo de fome neste minuto. Eu não me importo com eles. Mas aquela Jennie que é minha - que me bate três vezes ao dia e me repreende o

dia inteiro - por essa Jennie vou implorar, pedir emprestado, trapacear e roubar para que ela tenha um vestido bonito.

Você chama isso de amor? Eu não. Isto é mero desejo, desejo animal – nada mais. Afaste-se dessas coisas. Não há fim para esses sonhos horríveis? Dê um basta neles.

Quando a mente chega a esse estado de desgosto por todas as vaidades da vida, isso se chama afastar-se da natureza. Este é o primeiro passo. Todos os desejos devem ser abandonados – até mesmo o desejo de alcançar o céu.

O que são esses céus, afinal? Lugares onde cantar salmos o tempo todo. Pelo que? Morar ali e ter um corpo bonito e saudável com luz fosforescente ou algo desse tipo saindo de todas as partes, com uma auréola em volta da cabeça, e com asas e poder de penetrar na parede?

Se houver poderes, eles deverão desaparecer mais cedo ou mais tarde. Se existe um céu – como pode haver muitos céus com vários graus de prazer – não pode haver um corpo que viva para sempre. A morte nos alcançará, mesmo lá.

Toda conjunção deve ter uma disjunção. Nenhum corpo, mais fino ou mais grosseiro, pode ser fabricado sem que partículas de matéria se juntem. Sempre que duas partículas se juntam, elas são mantidas por uma certa atração; e chegará um momento em que essas partículas se separarão. Esta é a lei eterna. Assim, onde quer que haja um corpo – seja mais grosseiro ou mais fino, seja no céu ou na terra – a morte o vencerá.

Portanto, todos os desejos de prazer nesta vida, ou na vida futura, devem ser abandonados. As pessoas têm um desejo natural de desfrutar; e quando não encontram seus prazeres egoístas nesta vida, pensam que depois da morte terão muitos prazeres em outro lugar. Se esses prazeres não nos levam ao conhecimento nesta vida, neste mundo, como poderão nos trazer conhecimento em outra vida?

Qual é o objetivo do homem? Prazer ou conhecimento? Certamente não é diversão. O homem não nasceu para ter prazer nem para sofrer dor. O

conhecimento é o objetivo. O conhecimento é o único prazer que podemos ter.

Todos os prazeres dos sentidos pertencem ao bruto. E quanto mais surge o prazer no conhecimento, esses prazeres sensoriais caem. Quanto mais animal é o homem, mais ele desfruta dos prazeres dos sentidos. Nenhum homem pode comer com o mesmo gosto que um cachorro faminto. Nunca nasceu nenhum homem que pudesse sentir o mesmo prazer em comer que um touro comum. Veja como toda a sua alma está nessa comida. Ora, os seus milionários dariam milhões por esse prazer de comer — mas não podem tê-lo.

Este universo é como um oceano perfeitamente equilibrado. Você não pode levantar uma onda em um lugar sem fazer um buraco em outro. A soma total da energia no universo é sempre a mesma. Você gasta em algum lugar, perde em outro. O bruto conseguiu, mas gastou-o nos seus sentidos; e cada um de seus sentidos é cem vezes mais forte que o do homem.

Como o cachorro cheira à distância! Como ele traça um passo! Não podemos fazer isso. Então, no homem selvagem. Seus sentidos são menos aguçados que os dos animais, mas mais aguçados que os do homem civilizado.

As classes mais baixas de todos os países desfrutam intensamente de tudo que é físico. Seus sentidos são mais fortes que os dos cultos. Mas à medida que você sobe cada vez mais na escala, você vê o poder do pensamento aumentando e o poder dos sentidos diminuindo, na mesma proporção.

Pegue um [bruto], corte-o [por assim dizer] em pedaços, e em cinco dias ele estará bem. Mas se eu te arranhar, é dez para um que você sofrerá durante semanas ou meses. Essa energia de vida que ele exhibe – você também a tem. Mas com você, ele é usado na formação do seu cérebro, na fabricação do pensamento. O mesmo acontece com todos os prazeres e todos os prazeres. Desfrute do prazer dos sentidos – viva como um bruto e torne-se um bruto – ou renuncie a essas coisas e torne-se livre.

As grandes civilizações – de que morreram? Eles foram por prazer. E eles desceram cada vez mais até que, sob a misericórdia de Deus, selvagens

vieram exterminá-los, para que não víssemos brutos humanos rosnando. Os selvagens mataram as nações que foram brutalizadas através do prazer dos sentidos, para que o elo perdido de Darwin fosse encontrado.

A verdadeira civilização não significa reunir-se em cidades e viver uma vida tola, mas ir em direção a Deus, controlar os sentidos e, assim, tornar-se o governante nesta casa do Eu.

Pense na escravidão em que estamos [presos]. Cada bela forma que vejo, cada som de louvor que ouço, imediatamente me atrai; cada palavra de culpa que ouço imediatamente me repele. Todo tolo tem influência sobre minha mente. Cada pequeno movimento no mundo causa uma impressão em mim. Esta é uma vida que vale a pena viver?

Então, quando você perceber a miséria desta existência física – quando você se convencer de que tal vida não vale a pena ser vivida – você deu o primeiro passo em direção a Jnana.

9.2.3 BHAKTI-YOGA

(Novas Descobertas, Vol. 3, pp. 543-54.)

[Uma aula de bhakti-yoga ministrada em Nova York, na manhã de segunda-feira, 20 de janeiro de 1896, e gravada pelo Sr. Josiah J. Goodwin]

Terminamos na nossa última [aula o assunto] sobre Pratikas. Mais uma ideia do Bhakti preparatório e depois passaremos ao Parâ, o Supremo. Esta ideia é chamada de Nishthâ, devoção a uma ideia.

Sabemos que todas essas ideias de adoração são corretas e totalmente boas, e vimos que a adoração a Deus, e somente a Deus, é Bhakti. A adoração de qualquer outro ser não será Bhakti, mas Deus pode ser adorado de várias formas e através de várias ideias. E vimos que todas estas ideias são certas e boas, mas a dificuldade está aqui: se pararmos com esta última conclusão, descobriremos que no final desperdiçamos as nossas energias e não fizemos nada.

É uma grande tendência entre os liberais tornarem-se pau para toda obra e não dominarem nada - mordiscando um pouco aqui e ali e, no longo prazo, descobrirem que não têm nada. Neste país muitas vezes se transforma numa espécie de doença – ouvir várias coisas e não fazer nada.

Aqui está o conselho de um de nossos antigos Bhaktas: “Pegue o mel de todas as flores, misture com todas com respeito, diga sim, sim a todas, mas não desista do seu lugar”. Esta não renúncia ao seu próprio lugar é chamada de Nishtha. Não é que se deva odiar, ou mesmo criticar, os ideais de outras pessoas; ele sabe que eles estão bem. Mas, ao mesmo tempo, ele deve se ater ao seu próprio ideal com muito rigor.

Há uma história de Hanumân, que era um grande adorador de Rama. Assim como os cristãos adoram Cristo como a encarnação de Deus, os hindus adoram muitas encarnações de Deus. Segundo eles, Deus veio nove vezes à Índia e virá mais uma vez. Quando ele veio como Rama, este Hanuman era seu grande adorador. Hanuman viveu muito e foi um grande iogue.

Durante sua vida, Rama voltou como Krishna; e Hanuman, sendo um grande Yogi, sabia que o mesmo Deus havia retornado como Krishna. Ele veio e serviu Krishna, mas disse-lhe: “Quero ver essa sua forma Rama”. Krishna disse: “Esta forma não é suficiente? Eu sou este Krishna; eu sou este Rama. Todas estas formas são minhas”. Hanuman disse: “Eu sei disso, mas a forma Rama é para mim. O Senhor de Jânaki [301] e o Senhor de Shri [302] são o mesmo. Rama é meu tudo em tudo”. Isto é Nishtha – saber que todas estas diferentes formas de adoração são corretas, mas apegar-se a uma e rejeitar as outras. Não devemos adorar os outros; não devemos odiá-los ou criticá-los, mas respeitá-los.

O elefante tem dois dentes saindo da boca. Estes são apenas para exibição; ele não pode comer com eles. Mas os dentes que estão dentro são aqueles com os quais ele mastiga a comida. Então misture-se com todos, diga sim, sim para todos, mas não se junte a nenhum. Atenha-se ao seu próprio ideal de adoração. Quando você adora, adore aquele ideal de Deus que é o seu próprio Ishta, o seu próprio Ideal Escolhido. Se não o fizer, você não terá nada. Nada crescerá.

Quando uma planta está crescendo, é necessário que ela seja cercada para que nenhum animal a coma. Mas quando ela se tornar forte e se tornar uma árvore enorme e gigantesca, não se preocupe com nenhuma sebe - ela é perfeita por si só. Então, quando apenas a semente da espiritualidade está crescendo, para desperdiçar as energias em todos os tipos de ideias religiosas – um pouco disso e um pouco daquilo: um pouco de cristianismo, um pouco de budismo e, na realidade, de nada – destrói a alma.

Essa [aceitação] tem seu lado bom; e no final chegaremos a isso. Só não coloque a carroça na frente dos bois.

Em primeiro lugar, estamos fadados a nos tornar sectários. Mas este deveria ser o ideal do sectarismo – não evitar ninguém. Cada um de nós deve ter uma seita, e essa seita é o nosso próprio Ishta – o nosso caminho escolhido. No entanto, isso não deve fazer-nos querer matar outras pessoas – apenas para nos mantermos no nosso próprio caminho. É sagrado e não deve ser contado aos nossos próprios irmãos, porque a minha escolha é sagrada, e a dele [também] é sagrada. Portanto, mantenha essa escolha como sua. Essa deveria ser a [atitude de] adoração de todos. Quando você ora ao seu próprio Ideal, ao seu próprio Ishta, esse é o único Deus que você terá. Deus existe em várias fases, sem dúvida, mas por enquanto, o seu próprio Ishta é a única fase para você.

Então, depois de um longo curso de treinamento neste Ishta – quando esta planta da espiritualidade tiver crescido e a alma se tornar forte e você começar a perceber que seu Ishta está em toda parte – [então] naturalmente todas essas amarras cairão. Quando a fruta amadurece, ela cai com o próprio peso. Se você colher uma fruta verde ela será amarga, azeda. Então teremos que crescer nesse pensamento.

Simplesmente ouvir palestras e todo esse absurdo – fazer da Batalha de Waterloo no cérebro, simplesmente ideias não ajustadas [não digeridas?] – não é bom. Devoção a uma ideia – aqueles que a têm se tornarão espirituais, verão a luz. Você vê todo mundo reclamando: “Eu tento isso” e “Eu tento aquilo”, e se você questioná-los sobre o que eles tentam, eles dirão que ouviram algumas palestras em um lugar e outro, um punhado de palestras em um canto e outro. E por três horas, ou alguns dias, eles adoraram e

pensaram que já tinham feito o suficiente. Esse é o caminho dos tolos, não o caminho para a perfeição – não o caminho para alcançar a espiritualidade.

Pegue uma ideia, seu Ishta, e deixe toda a alma se dedicar a ela. Pratique isso dia após dia até ver o resultado, até que a alma cresça. E se for sincero e bom, essa mesma ideia se espalhará até cobrir todo o universo. Deixe que se espalhe por si mesmo; tudo virá de dentro para fora. Então você dirá que o seu Ishta está em toda parte e que Ele está em tudo.

É claro que, ao mesmo tempo, devemos sempre lembrar que devemos reconhecer os Ishtas dos outros e respeitá-los – as outras ideias de Deus – ou então a adoração degenerará em fanatismo. Há uma velha história de um homem que era adorador de Shiva. Existem seitas em nosso país que adoram a Deus como Shiva, e outras que O adoram como Vishnu. Este homem era um grande adorador de Shiva, e a isso acrescentou um ódio tremendo por todos os adoradores de Vishnu e não queria ouvir o nome de Vishnu ser pronunciado. Há um grande número de adoradores de Vishnu na Índia, e ele não pôde deixar de ouvir o nome. Então ele fez dois furos nas orelhas e amarrou nelas dois sininhos. Sempre que um homem mencionava o nome de Vishnu, ele movia a cabeça e tocava os sinos, o que o impedia de ouvir o nome.

Mas Shiva disse-lhe em um sonho: "Que tolo você é! Eu sou Vishnu e sou Shiva; eles não são diferentes - apenas no nome. Não existem dois deuses". Mas este homem disse: "Eu não me importo. Não terei nada a ver com esse negócio de Vishnu".

Ele tinha uma pequena estátua de Shiva e a fez muito bonita, construiu um altar para ela. Um dia ele comprou um lindo incenso e foi para casa acender um pouco do incenso para o seu Deus. Enquanto a fumaça de seu incenso subia no ar, ele descobriu que a imagem estava dividida em duas: uma metade permanecia Shiva e a outra metade era Vishnu. Então o homem deu um pulo e colocou o dedo sob a narina de Vishnu para que nenhuma partícula do cheiro pudesse chegar lá.

Então Shiva ficou enojado e o homem tornou-se [foi transformado em] um demônio. Ele é [conhecido como] o pai de todos os fanáticos, o demônio "orelhudo". Ele é respeitado pelos meninos da Índia e eles o adoram. É um

tipo de adoração muito peculiar. Eles fazem uma imagem de barro e o adoram com todo tipo de flores de cheiro horrível. Existem algumas flores nas florestas da Índia que têm um cheiro pestilento. Eles o adoram com isso e depois pegam paus grandes e batem na imagem. Ele [o demônio com orelhas de sino] é o pai de todos os fanáticos que odeiam todos os outros deuses, exceto o seu.

Este é o único perigo neste Nishthâ Bhakti – tornar-se este demônio fanático. O mundo fica cheio deles. É muito fácil odiar. A generalidade da humanidade fica tão fraca que, para amar um, deve odiar outro; eles devem retirar a energia de um ponto para colocá-la em outro. Um homem ama uma mulher e depois ama outra; e para amar o outro, ele tem que odiar o primeiro. O mesmo ocorre com as mulheres. Esta característica está em todas as partes da nossa natureza e, portanto, na nossa religião. O cérebro comum e subdesenvolvido da humanidade não pode amar um sem odiar outro. Essa mesma [característica] se torna fanatismo na religião. Amar o próprio ideal é sinônimo de odiar qualquer outra ideia.

Isto deve ser evitado e, ao mesmo tempo, o outro perigo deve ser evitado. Não devemos desperdiçar todas as nossas energias, [caso contrário] a religião se tornará um nada para nós – apenas ouvindo sermões. Estes são os dois perigos. O perigo dos liberais é que eles são demasiado expansivos e não têm intensidade. Você vê que nestes dias a religião se tornou muito expansiva, muito ampla. Mas as ideias são tão amplas que não há profundidade nelas. A religião tornou-se para muitos apenas um meio de fazer um pequeno trabalho de caridade, apenas para diverti-los depois de um árduo dia de trabalho – eles têm cinco minutos de religião para diverti-los. Este é o perigo do pensamento liberal. Por outro lado, os sectários têm a profundidade, a intensidade, mas essa intensidade é muito estreita. Eles são muito profundos, mas sem amplitude. Não só isso, mas atraí ódio a todos os outros.

Agora, se pudermos evitar ambos os perigos e tornarmo-nos tão amplos como os liberais extremos e tão profundos como os fanáticos mais azuis, então resolveremos o problema. Nossa ideia é como isso pode ser feito. É por esta teoria de Nishtha – sabendo que todos estes ideais que vemos são [bons] e verdadeiros, que todos estes são tantas partes do mesmo Deus e, ao

mesmo tempo, pensando que não somos fortes o suficiente para adorar Ele em todas essas formas e, portanto, deve se ater a um ideal e fazer desse ideal a nossa vida. Quando você conseguir fazer isso, todo o resto virá. Aqui termina a primeira parte de Bhakti: a formal, a cerimonial e a preparatória.

Você deve se lembrar que a primeira lição deste Bhakti foi sobre o discípulo. Quem é o discípulo? Quais são as qualificações necessárias para um discípulo? Você lê nas escrituras: “Onde o orador é maravilhoso, o ouvinte também o é. Quando o professor é maravilhoso, o ensinado também o é. Somente então essa espiritualidade virá”.

A humanidade geralmente pensa que tudo se espera do professor. Muito poucas pessoas entendem que não estão preparadas para serem ensinadas. No discípulo primeiro é necessário isto: que ele queira – ele deve realmente querer a espiritualidade.

Queremos tudo menos espiritualidade. O que significa querer? Assim como queremos comida. Luxos não são desejos, mas necessidades são desejos. A religião é algo necessário para poucos; e para a vasta massa da humanidade é um luxo. Há uma centena de coisas na vida sem as quais eles podem viver, até que chegam à loja e veem algo novo e artístico e querem comprá-lo. Noventa e nove e nove décimos por cento da humanidade chegam à religião desta forma. É um dos muitos luxos que eles têm na vida. Não há mal nenhum nisso. Deixe-os ter tudo o que quiserem; mas estão totalmente enganados se pensam que podem enganar a Deus. Ele não pode ser enganado. Eles apenas se enganarão e afundarão cada vez mais até se tornarem brutos. Portanto, tornar-se-ão espirituais aqueles que desejam [espiritualidade] - que sentem a necessidade da religião, assim como sentem a necessidade de roupas, a necessidade de trabalho, a necessidade de ar para respirar.

Uma coisa necessária é aquilo sem a qual não podemos viver; e um luxo é aquilo que é simplesmente a satisfação de um desejo momentâneo.

A segunda qualificação do discípulo é que ele deve ser puro; e a outra é que ele deve ser perseverante – ele deve trabalhar. A audição é apenas uma parte; e a outra parte está fazendo.

A segunda necessidade em Bhakti era o professor. O professor deve ser devidamente qualificado. A ideia principal daquela palestra era que o professor deveria ter a semente da espiritualidade. O professor não é um falador, mas o transmissor da força espiritual que recebeu de seu professor, e ele de outros, e assim por diante, numa corrente ininterrupta. Ele deve ser capaz de transmitir essa corrente espiritual.

Quando o professor e o ensinado estão ambos prontos, então chega o primeiro passo do bhakti-yoga. A primeira parte do bhakti-yoga é chamada de [estágio] preparatório, onde você trabalha através das formas.

A próxima palestra foi sobre o Nome – como em todas as escrituras e em todas as religiões o Nome foi exaltado e como esse Nome nos faz bem. O Bhakti-Yogue deve sempre pensar que o próprio Nome é Deus – nada diferente de Deus. O Nome e Deus são um.

A seguir, foi ensinado como, para o Bhakti-Yogue, a humildade e a reverência são necessárias. O Bhakti-Yogue deve considerar-se um homem morto. Um homem morto nunca aceita um insulto, nunca retalia; ele está morto para todos. O Bhakti-Yogue deve reverenciar todas as pessoas boas, todas as pessoas santas, pois a glória do Senhor brilha sempre através de Seus filhos.

A próxima lição foi sobre os Pratikas. Nisso foi ensinado que Bhakti ocorre somente quando você adora a Deus. Adorar qualquer outra pessoa não é Bhakti. Mas podemos adorar qualquer coisa que quisermos se pensarmos que é Deus. Se não pensarmos que é Deus, essa adoração não é Bhakti. Se você pensa que é Deus, está tudo bem.

Havia um certo iogue que praticava meditação numa parte solitária da floresta, às margens de um rio. Havia um pobre pastor de vacas, um homem muito ignorante, que cuidava do seu rebanho naquela floresta. Todos os dias ele via esse mesmo Yogi meditando por hora, praticando austeridades, morando sozinho e estudando. De alguma forma, o vaqueiro ficou curioso para saber o que ele fez. Então ele foi até o Iogue e disse: “Senhor, você pode me ensinar o caminho para Deus?” Este Yogi era um grande homem muito erudito, e ele respondeu: "Como você vai entender Deus - seu

vaqueiro comum? Cabeça-dura, vá para casa e cuide de suas vacas e não incomode sua cabeça com essas coisas".

O pobre sujeito foi embora, mas de alguma forma uma necessidade real lhe ocorreu. Então ele não conseguiu descansar e voltou novamente ao Yogi e disse: "Senhor, você não vai me ensinar algo sobre Deus?"

Mais uma vez ele sentiu repulsa: "Ah, seu idiota, o que você entende de Deus? Vá para casa". Mas o vaqueiro não conseguia dormir; ele não conseguia comer. Ele deve saber algo sobre Deus.

Então ele veio de novo; e o Iogue, para acalmar o homem, como ele tanto insistia, disse: "Vou te ensinar sobre Deus".

O homem perguntou: "Senhor, que tipo de ser é Deus? Qual é a Sua forma? Como Ele se parece?"

O Iogue disse: "Deus é como o grande touro do seu rebanho. Isso é simplesmente Deus. Deus se tornou aquele grande touro".

O homem acreditou nele e voltou para seu rebanho. Dia e noite ele tomou aquele touro para Deus e começou a adorá-lo. Ele trouxe a grama mais verde para aquele touro, descansou perto dele e deu-lhe luz, sentou-se perto dele e o seguiu. Assim se passaram dias, meses e anos. Toda a sua alma estava lá [no touro].

Um dia ele ouviu uma voz, por assim dizer, saindo do touro. "O touro fala!" [o vaqueiro pensou.]

"Meu filho, meu filho."

"Ora, o touro está falando! Não, o touro não pode falar."

Novamente ele foi embora e sentou-se ali perto, meditando com grande tristeza em seu coração. Ele não sabia de nada. Novamente ouviu a voz que saía do touro: "Meu filho, meu filho".

Ele se aproximou. "Não, o touro não pode falar." Então ele voltou e sentou-se desanimado.

Novamente a voz veio, e dessa vez ele descobriu. Foi de seu próprio coração. Ele descobriu que Deus estava nele. Então ele aprendeu a maravilhosa verdade do Mestre de todos os professores: “Estou sempre contigo”. E o pobre vaqueiro aprendeu todo o mistério.

Então ele volta para o Yogue, e quando ele está a alguma distância, o Yogue o vê. O Iogue tem sido o homem mais culto do país, praticando austeridade há anos – meditando, estudando. E esse vaqueiro, um idiota ignorante, nunca estudou um livro nem aprendeu as letras. Mas ele vem – todo o seu corpo, por assim dizer, transfigurado, seu rosto mudado, a luz do céu brilhando em torno de seu rosto. O Yogue levantou-se. "O que é essa mudança? Onde você conseguiu isso?"

Senhor, você me deu isso."

"Como? Eu te contei isso de brincadeira."

"Mas levei isso a sério. E consegui tudo o que queria daquele touro, pois Ele não está em todo lugar?"

Então aquele touro era o Pratika. E aquele homem adorou o touro como seu Pratika – como Deus – e tirou tudo disso. Então esse amor intenso – esse desejo – traz tudo à tona. Tudo está em nós, e o mundo externo e a adoração externa são as formas, as sugestões que o chamam. Quando eles se tornam fortes, o Senhor interior desperta.

O professor externo é apenas a sugestão. Quando a fé no professor externo é forte, então o Professor de todos os professores internos fala; a sabedoria eterna fala no coração daquele homem. Ele não precisa mais consultar nenhum livro, nenhum homem ou nenhum ser superior; ele não precisa correr atrás de seres sobrenaturais ou sobrenaturais para obter instrução. O próprio Senhor se torna seu instrutor. Ele consegue tudo o que quer de si mesmo. [Não há] mais necessidade de ir a nenhum templo ou igreja. Seu próprio corpo tornou-se o maior templo do mundo, e nesse templo vive o Senhor da Criação. Em todos os países nasceram grandes santos, vidas maravilhosas foram [vividas] – vindas do puro poder do amor.

Assim, todas estas formas externas de Bhakti – esta repetição do Nome, adoração de Pratika, este Nishtha, este Ishta – são apenas os preparativos até que esse poder eterno desperte. Só então surge a espiritualidade – quando se vai além dessas leis e limites. Então todas as leis caem por terra, todas as formas desaparecem, os templos e as igrejas desmoronam em pó e morrem. É bom nascer numa igreja, mas é o pior destino possível morrer numa igreja. É bom nascer numa seita, e a pior coisa possível é morrer numa seita com ideias sectárias.

Que seita pode conter um filho do Senhor? Que leis o vinculam? Que formas ele deve seguir? Que homem ele deve adorar? Ele adora o próprio Senhor. Ele mesmo o ensina. Ele vive no templo de todos os templos, a Alma do homem.

Portanto, este é o objetivo para o qual estamos indo – o Bhakti supremo – e tudo o que leva a isso é apenas preparação. Mas é necessário. Prepara a Alma infinita para sair desta escravidão de livros, seitas e formas; estes [em última análise] voam e deixam apenas a Alma do homem. Estas são superstições de uma quantidade infinita de tempo. Esta “religião de meu pai”, “religião de meu país”, ou “meu livro”, ou meu isto e aquilo, são apenas superstições de séculos; eles desaparecem. Assim como quando alguém é picado por um espinho, ele pega outro espinho para tirar o primeiro e depois joga os dois fora, assim também esta superstição está em nós.

Em muitos países – mesmo nos cérebros moles dos bebês – são colocadas as mais horríveis e diabólicas bobagens, como ideias de seitas. Os pais pensam que estão fazendo o bem à criança, mas estão apenas assassinando-a para satisfazer a Sra. Grundy. Que egoísmo! Não há nada que os homens, por medo de si mesmos ou por medo da sociedade, não façam. Os homens matarão os seus próprios filhos, as mães matarão as suas próprias famílias à fome, os irmãos odiarão os irmãos para satisfazer as formalidades - porque a Sra. Fulana de Tal ficará satisfeita e satisfeita.

Vemos que a vasta massa da humanidade nasce em alguma igreja ou templo de alguma forma [religiosa] e nunca sai dela. Por que? Essas formas ajudaram no crescimento da espiritualidade? Se através destas formas pisamos na plataforma mais elevada do amor, onde as formas desaparecem

e todas estas ideias sectárias desaparecem, como é que a grande maioria dos homens está sempre rastejando de uma forma ou de outra? Eles são todos ateus; eles não querem nenhuma religião.

Se um homem chega a este país sem nenhum amigo ou sem conhecer ninguém – supondo que ele seja um canalha no seu próprio país – a primeira coisa que fará neste país será filiar-se a uma igreja. Esse sujeito algum dia terá religião?

Você quer dizer que aquelas mulheres que vão às igrejas para mostrar seus vestidos algum dia terão religião ou sairão das formas? Eles vão voltar e voltar. E quando morrerem, tornar-se-ão como animais.

Você quer dizer que aqueles homens que vão à igreja para ver os belos rostos das mulheres algum dia terão religião? Aqueles que têm certas religiões sociais – porque a sociedade exige que eles pertençam à igreja do Sr. Fulano de Tal ou porque essa era a igreja do seu pai – algum dia terão religião? Eles compreendem certas visões amplas, mas devem manter uma certa posição social – e irão mantê-la por toda a eternidade.

O que você quer, você consegue. O Senhor cumpre todos os desejos. Se quiser manter uma determinada posição na sociedade, você o fará; se você quiser a igreja, você conseguirá isso e não Ele. Se você quiser bancar o tolo durante toda a sua vida com todas essas igrejas e organizações tolas, você as terá e terá que viver nelas por toda a sua vida. "Aqueles que desejam os que partiram, vão até os que partiram e pegam fantasmas; mas aqueles que O amam, todos vêm a Ele." Assim, aqueles que amam somente a Ele virão a Ele, e aqueles que amam os outros irão para onde quer que amem.

Aquele negócio de exercícios nos templos e igrejas – ajoelhar-se em um determinado momento, ficar à vontade, e toda aquela bobagem de exercícios, tudo mecânico, com a mente pensando em outra coisa – tudo isso não tem nada a ver com a verdadeira religião.

Houve um grande profeta na Índia, Guru Nânak, nascido [cerca de] quatrocentos anos atrás. Alguns de vocês já ouviram falar dos Sikhs – o povo guerreiro. Guru Nanak foi [o fundador e também] um seguidor da religião Sikh.

Um dia ele foi à mesquita dos maometanos. Estes muçulmanos são temidos no seu próprio país, tal como num país cristão ninguém ousa dizer nada contra a sua religião. . . . Então Guru Nanak entrou e havia uma grande mesquita, e os maometanos estavam orando. Eles ficam em fila: ajoelham-se, levantam-se e repetem certas palavras ao mesmo tempo, e um colega lidera. Então Guru Nanak foi para lá. E quando o mulá dizia “Em nome do Deus mais misericordioso e bondoso, Mestre de todos os professores”, Guru Nanak começou a sorrir. Ele diz: “Olhe para aquele hipócrita”. O mulá ficou apaixonado. "Por que você sorri?"

"Porque você não está rezando, meu amigo. É por isso que estou sorrindo."

"Não está orando?"

"Certamente que não. Não há oração em você."

O mulá ficou muito zangado e apresentou queixa a um magistrado e disse: "Este malandro pagão ousa vir à nossa mesquita e sorri para nós quando estamos rezando. A única punição é a morte instantânea. Mate-o".

Guru Nanak foi levado perante o magistrado e perguntou por que ele sorria.

"Porque ele não estava orando."

"O que ele estava fazendo?" — perguntou o magistrado.

"Eu lhe direi o que ele estava fazendo se você o trazer até mim."

O magistrado ordenou que o mulá fosse trazido. E quando ele chegou, o magistrado disse: “Aqui está o mulá. [Agora] explique por que você riu quando ele estava orando”.

Guru Nanak disse: "Dê ao mulá um pedaço do Alcorão [para jurar]. [Na mesquita] quando ele estava dizendo 'Alá, Alá', ele estava pensando em um frango que havia deixado em casa".

O pobre mulá ficou confuso. Ele foi um pouco mais sincero do que os outros e confessou que estava pensando na galinha, e então deixaram o Sikh ir. "E", disse o magistrado [ao mulá], "não volte à mesquita. É melhor não ir

do que cometer blasfêmia e hipocrisia lá. Não vá quando não tiver vontade de rezar. Não seja hipócrita e não pense na galinha e diga o nome do Deus Misericordioso e Bem-aventurado”.

Um certo muçulmano estava orando num jardim. Eles são muito regulares em suas orações. Quando chega a hora, onde quer que estejam, eles simplesmente começam, caem no chão, levantam-se e caem, e assim por diante. Um deles estava em um jardim quando veio o chamado para oração, então ele se ajoelhou prostrado no chão para orar. Uma garota esperava no jardim por seu amante e o viu do outro lado. E na pressa de alcançá-lo, ela não viu o homem prostrado e passou por cima dele. Ele era um maometano fanático – exatamente o que vocês chamam aqui de presbiteriano, da mesma raça. Ambos acreditam no churrasco para sempre. Então você pode imaginar a raiva desse muçulmano quando seu corpo foi atropelado – ele queria matar a garota. A garota era esperta e disse: "Pare com essa bobagem. Você é um tolo e um hipócrita".

"O quê! Eu sou um hipócrita?"

"Sim, vou encontrar meu amante terreno e não vi você lá. Mas você vai encontrar seu amante celestial e não deveria saber que uma garota estava passando por seu corpo."

9.2.4 O MUNDAKA UPANISHAD

(Novas Descobertas, Vol. 3, pp. 557-68)

[Uma aula de Jnâna-Yoga ministrada em Nova York, 29 de janeiro de 1896, e gravada pelo Sr. Josiah J. Goodwin]

Na última palestra de Jnana-Yoga [303], lemos um dos Upanishads; leremos outro [o Mundaka Upanishad]. Brahmâ foi o primeiro dos Devas, o Senhor deste ciclo e seu protetor. Ele deu este conhecimento de Brahman, que é a essência de todo conhecimento, a seu filho Atharvan. Este último entregou-o ao seu filho Angiras, ele ao seu filho, Bharadvāja, e assim por diante.

Havia um homem chamado Shaunaka, um homem muito rico, que foi para Angiras como aluno. Ele se aproximou do professor e fez uma pergunta. "Diga-me, senhor, o que é aquilo que, sendo conhecido, todo o resto é conhecido?"

Um [conhecimento] é supremo e o outro é inferior. O Rig-Veda é o nome de uma das diferentes partes dos Vedas. Shikshâ é o nome de outra parte. Todas as diferentes ciências são inferiores. Qual é a ciência suprema? Essa é a única ciência, a ciência suprema, pela qual alcançamos o Imutável. Mas isso não pode ser visto, não pode ser sentido, não pode ser especificado. Sem cor, sem olhos, sem ouvidos, sem nariz, sem pés — o Eterno, o Onipresente, o “Onipenetrante”, o Absoluto — Aquele de quem tudo vem. Os sábios O veem, e esse é o conhecimento supremo.

Assim como o Urnanâbhi, uma espécie de aranha, cria um fio a partir de seu próprio corpo e o recupera, assim como as plantas crescem por sua própria natureza, e todas essas coisas ainda estão separadas e aparentemente diferentes (o cabelo é, como parece). eram diferentes das outras partes do corpo de um homem; as plantas são diferentes da terra;), então deste Imutável veio este universo.

Primeiro, de Brahman vem o conhecimento do desejo e daí vem a manifestação do Criador, ou o Útero Dourado. Disso vem a inteligência, daí vem a matéria e todos esses mundos diferentes.

Esta é a verdade – que para aqueles que desejam alcançar a salvação ou alcançar outros prazeres, vários caminhos são narrados nos Vedas.

Então [o Mundaka Upanishad] continua dizendo como eles alcançarão essas bênçãos. Quando morrerem, irão através dos raios do sol para lugares muito bonitos, onde após a morte irão para o céu e viverão por algum tempo, mas de lá cairão novamente.

Aqui estão duas palavras – Ishtam e Purtam. Os rituais de sacrifício e outros são chamados de Ishtam, e Purtam está construindo estradas, construindo hospitais e assim por diante. “Tolos são aqueles que pensam que os rituais e o bom trabalho são elevados e que não há nada superior.” Eles conseguem o que desejam e vão para o céu, mas todo prazer e toda tristeza devem ter um fim. E assim isso termina, e eles caem para trás e para trás e se tornam homens novamente, ou ainda mais baixos. Aqueles que desistem do mundo e aprendem a controlar os sentidos vivem na floresta. Através dos raios do sol alcançam aquela imortalidade onde vive Aquele que é o Absoluto.

Assim, o sábio, examinando todos os desejos de boas ou más obras, descarta todos os deveres e quer saber que, conseguindo-os, não há mais retorno, não há mais mudança. E para saber disso, ele vai até o Guru, o professor, com combustível na mão.

Existe um mito em nosso país de ir ao Guru com combustível nas mãos em sinal de ajudá-lo a fazer sacrifícios, pois ele não aceita presentes.

Quem é professor? Aquele que conhece os segredos das escrituras, aquele cuja alma foi para Brahman, que não se importa com obras ou com ir para o céu ou com todas essas coisas.

Para tal discípulo, que controlou sua mente, tornou-se pacífico e calmo, abandonou toda essa tremenda onda que surge na mente pelo desejo ("Eu farei isto e aquilo" e todos aqueles desejos que são, na melhor das hipóteses, apenas perturbadores). , como o nome e a fama, que impelem a humanidade a fazer todo tipo de coisas) - para aquele discípulo em quem todos esses desejos vexatórios foram acalmados, o professor ensina o caminho que é a ciência de Brahman, pelo qual ele pode saber que Aquele que nunca muda e que é a Verdade.

Aí vem o que ele [Angiras] ensinou:

Esta é a verdade, ó gentil, como de uma massa de chama ardente miríades de faíscas saem da mesma natureza que o fogo, mesmo assim deste Imutável todas estas formas, todas estas ideias, toda esta criação, saem; e para Ele [a criação] volta.

Mas o Eterno é eterno, sem forma, sem começo, dentro e fora de cada ser - além de toda vida, além de toda mente, o Puro, além até mesmo do imutável, além de tudo.

Dele nasce o princípio vital. Dele vem a mente. Dele vêm todos os órgãos dos sentidos. Dele vêm o ar, a luz, a água e esta terra que contém todos os seres. Esses céus são, por assim dizer, Sua cabeça; Seus olhos, o sol e a lua. Os pontos cardeais são, por assim dizer, Seus ouvidos. O conhecimento eterno dos Vedas é, por assim dizer, Sua fala manifestada. Sua vida é o ar. Seu coração é este universo; Seus pés, este mundo. Ele é o Eu Eterno de cada ser.

Dele vieram os diferentes Vedas. Dele vieram os deuses dos Sâdhya. Estes últimos são homens superiores, muito superiores aos homens comuns e muito parecidos com os deuses.

Dele procedem todos os homens. Dele procedem todos os animais. Dele vem toda a vida; Dele, todas as forças da mente; Dele toda verdade, toda castidade.

Os sete órgãos são todos Dele. Os sete objetos de percepção vêm dele; as sete ações de percepção vêm Dele.

Dele procedem os sete mundos nos quais fluem as correntes vitais. Dele vêm todos esses mares e oceanos. Dele vêm todos os rios que desembocam no mar; Dele vêm todas as plantas e todos os líquidos.

Ele é o interior. Ele é a Alma interior de cada ser. Este grande Purusha, este grande Ser – Ele é este universo, Ele é o trabalho, Ele é o sacrifício. Ele é Brahman e é a trindade. Quem O conhece liberta a própria alma do laço da ignorância e se torna livre.

Ele é o brilhante. Ele está dentro de cada alma humana. Dele procedem todos os nomes e formas; todos os animais e homens vêm Dele. Ele é o Supremo. Quem O conhece se torna livre.

Como conhecê-Lo? Façam este arco, que é o Upanishad, o conhecimento do Vedanta; coloque sobre esse arco a vara afiada [flecha] de adoração; esticar esse arco em quê? – fazendo com que a mente tenha a mesma forma que Ele, sabendo que você é Ele. Assim, ataque-o; ataque aquele Brahman com esta vara.

Este é o arco. Esta mente humana é a vara [seta]. Brahman é o objeto que queremos atingir. Este objeto deve ser atingido concentrando a mente. E justamente quando a vara atinge [seu alvo], a vara penetra no objeto e se torna uma com ele – uma unidade. Mesmo assim, esta alma, a vara, deve ser lançada sobre o objeto para que se torne uma com Ele – em quem estão os céus, esta terra e os céus, em quem estão a mente e tudo o que vive.

Nos Upanishads há certas passagens que são chamadas de grandes palavras, [304] que são sempre citadas e mencionadas.

Nele, aquele Um – somente Nele, o Atman – existem todos os outros mundos. Qual é a utilidade de todas as outras conversas? Conheça-O sozinho. Esta é a ponte sobre esta vida para alcançar a universalidade.

Ele [Angiras] passa a mostrar um caminho prático. Até agora é muito figurativo.

Assim como todos os raios de uma roda se encontram no eixo, também neste corpo está o lugar de onde fluem todas as artérias e onde todas elas se encontram. Aí, medite no Om que está no coração. Que você tenha sucesso.

Que o gentil com sucesso alcance a meta. Que você vá além de todas as trevas até Aquele que é onisciente, o Onisciente. Sua glória está no céu, na terra e em todos os lugares.

Aquele que se tornou a mente, o Prânâ, Aquele que é o líder do corpo, Aquele que se estabelece no alimento, a energia da vida. Pelo conhecimento supremo os sábios vêem Aquele cuja natureza é a bem-aventurança, que brilha como a imortalidade. [305] (Esta é outra das frases muito citadas.)

São duas palavras: uma é Jnâna, a outra Vijnâna. Jnana pode ser traduzido como ciência – isto significa apenas [conhecimento] intelectual – e Vijnana como realização. Deus não pode ser percebido pelo conhecimento intelectual. Aquele que realizou [o Ser] por meio desse conhecimento supremo – o que será desse homem?

Todos os nós do coração serão desfeitos. Toda a escuridão desaparecerá para sempre quando você tiver visto a Verdade.

Como você pode duvidar? Quão tolos e infantis vocês acharão essas brigas e disputas de diferentes ciências e diferentes filosofias e tudo isso. Você vai sorrir para eles. Todas as dúvidas desaparecerão e todo o trabalho irá embora. Todo o trabalho desaparecerá.

Além, o invólucro dourado está lá – sem qualquer impureza, sem partes [indivisíveis] – Ele, o Brahman. Dele é o brilho, a Luz de toda luz - os conhecedores do Atman O percebem como tal.

E quando você tiver feito isso, o sol não poderá iluminar, nem a lua, nem as estrelas. Um relâmpago não pode iluminar o lugar; é mental – distante, no fundo da mente. Ele brilha, todo o resto brilha; quando Ele brilha por dentro, todo o homem brilha. Este universo brilha através de Sua luz.

Pegue essas passagens [para memorizar] mais tarde, ao estudar os Upanishads.

A diferença entre a mente hindu e a mente europeia é que, enquanto no Ocidente se chega às verdades através do exame do particular, o hindu

segue o caminho oposto. Não existe [tal] sublimidade metafísica como nos Upanishads.

Ele [o Mundaka Upanishad] conduz você além dos sentidos – infinitamente mais sublime que os sóis e as estrelas. Primeiro Angiras tentou descrever Deus pelas sublimidades dos sentidos – que Seus pés são a terra, Sua cabeça os céus. Mas isso não expressava o que ele queria dizer. Em certo sentido, foi sublime. Ele primeiro deu essa ideia ao aluno e depois lentamente o levou além, até que lhe deu a ideia mais elevada – a negativa – alta demais para ser descrita.

Ele é imortal, Ele está diante de nós, Ele está atrás de nós, Ele está do lado direito, Ele está do lado esquerdo, Ele está acima, Ele está abaixo.

Na mesma árvore há dois pássaros com lindas asas, e os dois pássaros sempre andam juntos – sempre vivem juntos. Destes, um come os frutos da árvore; o outro, sem comer, fica olhando.

Portanto, neste corpo os dois pássaros estão sempre andando juntos. Ambos têm a mesma forma e lindas asas. Uma é a alma humana, comendo os frutos; o outro é o próprio Deus, da mesma natureza. Ele também está neste corpo, a Alma da nossa alma. Ele não come frutos bons nem maus, mas fica de pé e observa.

Mas o pássaro inferior sabe que é fraco, pequeno e humilde e conta todo tipo de mentiras. Ele diz que é mulher, ou é homem ou menino. Ele diz que fará o bem ou o mal; ele irá para o céu e fará centenas de tipos de coisas. No delírio ele fala e trabalha, e a ideia central do seu delírio é que ele é fraco.

Assim ele fica com toda a miséria porque pensa que não é ninguém. Ele é um pequeno ser criado. Ele é escravo de alguém; ele é governado por algum deus ou deuses e, portanto, é infeliz.

Mas quando ele se une a Deus, quando se torna um Yogue, ele vê que o outro pássaro, o Senhor, é a sua própria glória. "Ora, foi a minha própria glória quem chamei de Deus, e esse pequeno "eu", essa miséria, foi tudo

alucinação; nunca existiu. Nunca fui uma mulher, nunca fui um homem, nunca qualquer uma dessas coisas." Então ele desiste de toda a sua tristeza.

Quando este Dourado, que deve ser visto, é visto – o Criador, o Senhor, o Purusha, o Deus deste universo – então o sábio lavou todas as manchas de boas e más ações. (As boas ações são tanto manchas quanto as más ações.) Então ele atinge a mesmice total com o Puro.

O sábio sabe que Aquele que é a Alma de todas as almas – este Atman – brilha através de todas.

Ele é o homem, a mulher, a vaca, o cachorro – em todos os animais, no pecado e no pecador. Ele é o Sannyâsin, Ele está no governante, Ele está em toda parte.

Sabendo disso, o sábio não fala. (Ele desiste de criticar qualquer um, de repreender qualquer um, de pensar mal de alguém.) Seus desejos foram para o Atman. Este é o sinal dos maiores conhecedores de Brahman – que eles não veem nada além dele.

Ele está brincando com todas essas coisas. Várias formas – desde os deuses mais elevados até os vermes mais baixos – são todas Ele. As ideias querem ser ilustradas.

Em primeiro lugar o escritor nos mostrou a ideia de que se quisermos chegar ao céu e a todos esses lugares, chegaremos lá. Isto é, na linguagem dos Vedas, tudo o que alguém deseja, ele vê.

Como já lhes disse em palestras anteriores, o Atman não vem nem vai. Não tem nascimento nem morte. Todos vocês são onipresentes, vocês são o Atman. Você está neste momento no céu e nos lugares mais escuros também. Você está em todos os lugares. Onde você não está? Portanto, como você pode ir a algum lugar? Essas idas e vindas são todas ficções – o Atman nunca pode ir nem ir.

Essas visões mudam. Quando a mente está numa condição particular, ela vê uma certa visão, sonha um certo sonho. Portanto, nesta condição, todos nós

estamos vendo este mundo e o homem e os animais e todas estas coisas. Mas neste mesmo lugar esta condição mudará. E aquilo que vemos como terra, veremos como céu, ou podemos vê-lo como o lugar oposto ou como qualquer lugar que quisermos.

Tudo isso depende dos nossos desejos. Mas esse sonho não pode ser permanente, assim como sabemos que qualquer sonho noturno deve acabar. Nenhum desses sonhos será permanente. Sonhamos aquilo que pensamos que faremos. Então essas pessoas que estão sempre pensando nesta vida em ir para o céu e encontrar seus amigos, terão isso assim que o sonho desta vida terminar. E eles serão compelidos pelos seus desejos desta vida a ver esses outros sonhos. E aqueles que são supersticiosos e se assustam com todas essas idéias, sonharão que estão em um lugar quente. Aqueles cujas ideias nesta vida são brutais – quando morrerem, se tornarão porcos e porcos e todas essas coisas. Com cada um, o que deseja ele encontra.

Este livro começa nos dizendo que aqueles que não sabem nada melhor do que construir estradas ou hospitais e essas boas obras terão um bom sonho quando morrerem. Eles sonharão que estão em um lugar onde terão corpos divinos e poderão comer o que quiserem, pular, atravessar paredes e assim por diante, e às vezes descer e assustar alguém.

Em nossa mitologia existem os Devas, que vivem no céu, e os Devakas, que são praticamente iguais, mas um pouco mais perversos. Os Devas são como seus anjos, apenas alguns deles de vez em quando se tornam maus e descobrem que as filhas dos homens são boas. Nossas divindades são celebradas por esse tipo de coisa. O que você pode esperar deles? Eles estão aqui – simplesmente fabricantes de hospitais – e não têm mais conhecimento do que outros homens. Eles fazem um bom trabalho e o resultado é que se tornam Devas. Eles fazem seu bom trabalho por fama, nome ou alguma recompensa e recebem essa recompensa, sonhando que estão no céu e fazendo todas essas coisas.

Depois, há demônios que fizeram o mal nesta vida. Mas nossos livros dizem que esses sonhos não durarão muito, e então eles retornarão e assumirão novamente o antigo sonho como seres humanos, ou ainda pior. Portanto, de acordo com esses livros, cabe a todo homem sensato e de

pensamento correto, de uma vez por todas, deixar de lado todas as idéias tolas como céus e infernos.

Existem duas coisas no mundo – sonho e realidade. O que chamamos de vida é uma sucessão de sonhos – sonho dentro de sonho. Um sonho é chamado de céu, outro de terra, outro de inferno e assim por diante. Um sonho é chamado de corpo humano, outro de corpo animal, e assim por diante — todos são sonhos. A realidade é o que se chama Brahman, aquele Ser que é Existência, Conhecimento, Bem-aventurança.

Ele é o Guru – o sábio que quer se livrar de todos esses sonhos, ficar de lado e conhecer sua própria natureza – que quer ir além desse auto-hipnotismo.

Quando desejamos, estamos nos hipnotizando. Assim como desejo “irei para o céu”, isso me hipnotiza, e começo a descobrir que estou no céu, logo morrerei e verei anjos e todo tipo de coisas. Já vi cerca de cinquenta pessoas que saíram das portas da morte e todas me contaram histórias sobre estar no céu. Estas são as mitologias do nosso país, e isso mostra que tudo é hipnotismo.

É aqui que os ocidentais cometem um grande erro. Na medida em que você tem essas ideias de céu e inferno, concordamos com você. Mas você diz que esta terra é real. Aquilo não pode ser. Se isso for real, os céus e os infernos são reais, porque a prova de cada um deles é a mesma. Se alguém está em estado hipnótico, tudo deve ser assim.

Os vedantistas dizem que não apenas os céus são hipnóticos, mas também esta vida e tudo o que existe aqui. Algumas pessoas querem passar de uma condição hipnótica para outra, e estes são o que chamamos de tolos do mundo – os Samsârin, os viajantes que vão de sonho em sonho, de um transe hipnótico para outro. Durante cinquenta anos eles pensaram que são homens e mulheres.

Que absurdo é [isso –] um homem ou uma mulher na alma? É um hipnotismo terrível. Como pode a alma fazer sexo? É auto-hipnotismo. Vocês se hipnotizaram e pensam que são homens e mulheres. Se formos tolos, nos hipnotizaremos novamente e desejaremos ir para o céu, e

ouviremos todo esse lixo de deuses e deusas e todo tipo de farsa, e nos ajoelharemos e oraremos, e teremos corpos divinos aos milhões para adorar. tronos. No final, temos que nos hipnotizar novamente.

Estamos todos no mesmo barco aqui, e todos que estão no mesmo barco se veem. Fique de lado – livre, além do sonho e do hipnotismo. Alguns tolos se hipnotizaram pensando que têm corpos e esposas e todas essas coisas. Eu também sou um tolo e me hipnotizei pensando que tenho sentidos e todas essas coisas. Então estamos todos no mesmo barco e nos vemos. Podem estar aqui milhões de pessoas que não vemos, tocamos ou sentimos. Assim como no hipnotismo pode haver três livros diante de você, mas você está hipnotizado e lhe dizem que um deles não existe. E você pode viver um ano nessa condição e nunca ver isso. Suponhamos que trinta homens estejam sob a mesma influência hipnótica e sejam informados de que este livro não existe. Aqueles que estão nesta condição não conseguirão ver o livro. Homens, mulheres, animais estão todos hipnotizados e todos veem esse sonho porque estão todos no mesmo barco.

A filosofia Vedanta diz que todo este universo – mental, físico, moral – é hipnótico. Quem é a causa desse hipnotismo? Você mesmo é o culpado. Esse choro, esse lamento e bater a cabeça nos cantos [contra paredes de tijolos, por assim dizer] não lhe farão o menor bem.

No entanto, bater na cabeça de tudo [que é hipnótico] [leva ao] que é chamado de desapego; e apegar-se cada vez mais ao hipnotismo é apego. É por isso que em todas as religiões você descobrirá que eles queriam desistir do mundo, embora muitos deles não entendam isso. Esses sujeitos passavam fome na floresta e viam o diabo vindo até eles.

Você já ouviu aquelas histórias maravilhosas da Índia – de como aqueles mágicos podem fazer um homem ver uma corda subindo do chão até o céu. Eu não vi nenhum deles. Um dos imperadores mongóis, Jahangir, menciona isso. Ele diz: “Alá, o que esses demônios fazem? Eles pegam uma corda ou uma corrente, e a corrente é jogada para cima e para cima até ficar firme – como se estivesse presa a alguma coisa. - depois um cachorro, depois um lobo, depois um tigre, depois um leão. Todos sobem pela corrente e desaparecem. Às vezes, eles enviam homens pela corrente. Dois homens sobem e começam a lutar, e então ambos desaparecem. ... E depois de um

tempo você ouve um barulho de luta - e [então] uma cabeça, uma mão e um pé caem e, veja bem, há duas ou três mil pessoas presentes. ". Dizem que isso é hipnotismo – lançar uma rede sobre o público.

Isso é o que eles chamam de sua ciência. Existe dentro de um certo limite. Mas se você ultrapassar esse limite ou entrar nele, você não verá isso. O homem que está brincando não vê nada. Então, se você ficar perto dele, você não verá nada. Tal é o hipnotismo aqui.

Portanto, primeiro temos que ir além do círculo (Jnana) ou ficar dentro do círculo do hipnotismo (Bhakti) com Deus, o grande Jogador que está atuando em todas essas coisas – todo o universo que Ele projeta.

Capítulo após capítulo vem e vai. Isso se chama Mâyâ, o poder que cria todas essas coisas tremendas. Aquele que é o governante deste Maya é Deus; e aquele que é governado por Maya [é a alma]. Assim como no caso daquela corrente – o homem que estava no centro tinha o poder e não estava iludido, mas toda aquela audiência era governada por Maya. Portanto, aquela porção do Atman que governa Maya é chamada de Deus, e os pequenos pedaços do Atman iludidos por ela são chamados de almas – você e eu.

O Bhakta diz: Rasteje cada vez mais perto do hipnotizador e quando você chegar ao centro você não verá nada. Você se livra disso.

O Jnâni não se importa em passar por todos esses problemas – é um caminho perigoso. A menos que um homem se torne lunático, quando se encontrar coberto de lama, ele usará mais lama para se lavar? Então, por que aumentar o hipnotismo? Saia do círculo; corte-o e seja livre. Quando estiver livre você poderá jogar, mesmo sem ser pego. Agora você foi pego, então você vai pegar – essa será toda a diferença.

Portanto, na primeira parte deste livro, somos informados de que devemos abandonar toda essa ideia de céu, de nascimento, morte e assim por diante. É tudo bobagem; nenhum homem jamais nasceu ou morreu. Eles estão todos em hipnotismo. Assim como a vida eterna e toda essa bobagem. O céu é hipnotismo e a terra também.

Não é como dizem os materialistas: que o céu é uma superstição e Deus é uma superstição, mas ele próprio não é uma superstição. Se formos superstições – se um elo for inexistente – toda a cadeia será inexistente. A existência de toda a cadeia depende da existência de um elo – e da existência de um elo, no geral.

Se não existe céu, não existe terra; e se não existe Deus, não existe homem. Você está sob esse hipnotismo; e enquanto você estiver sob ela, você terá que ver Deus, a natureza e a alma. E quando você estiver além desse hipnotismo, Deus desaparecerá (306) - assim como a natureza e a alma.

Portanto, antes de tudo, teremos que abandonar todas essas ideias de Deus e do céu e desfrutar dos frutos delas; e toda essa ida para o céu será mais um sonho.

A seguir, depois de mostrar essas coisas, o livro continua nos contando como sair desse hipnotismo. E a única ideia que surge através de todas essas ideias é ser um com esse Ser Universal. A coisa manifestada – o Ser Universal – não é nada disso; tudo isso é bobagem – Maya. [307] Mas aquilo sobre o qual todas essas coisas estão sendo representadas - o pano de fundo sobre o qual toda esta imagem está escrita - [somos nós mesmos]; somos um com Ele [aquele Ser Universal]. Você sabe que é um com Ele, só você deve perceber isso.

Ele nos deu duas palavras: uma é conhecimento intelectual e a outra é realização. Isto é, o assentimento intelectual está dentro desta realização e a realização está além dela. Portanto, o consentimento intelectual não é suficiente.

Qualquer pessoa pode dizer que esta teoria está certa, mas isso não é realização; ele deve perceber isso. Todos podemos dizer que entendemos que isto é hipnotismo, mas isso não é realização. Será então que o hipnotismo será interrompido – mesmo que por um momento. Isso virá num piscar de olhos; isso deve acontecer. Se você lutar, isso virá.

Quando ele desaparecer, toda ideia de corpo irá junto com ele – que você faz sexo ou corpo – assim como uma lâmpada se apaga. Então o que será de você? Se alguma parte do seu Karma permanecer, este mundo voltará – mas

não com a mesma força. Você sabe que é o que é; você não conhecerá mais escravidão. Enquanto você tiver olhos, terá que ver; ou ouvidos [você terá que] ouvir - mas não com a mesma força.

Eu tinha lido todo tipo de coisa sobre a miragem, mas nunca a tinha visto antes, até cerca de quatro anos atrás, quando estava viajando pelo oeste da Índia. É claro que, como sannyasin, eu viajava a pé, fazendo marchas lentas. Então demorei cerca de um mês para viajar por aquele país. Todos os dias eu via lagos lindos e as sombras das árvores nas margens desses lagos, e tudo tremulava com a brisa - e pássaros voando, e animais. Todos os dias eu via isso e pensava que país lindo era. Mas quando cheguei a uma aldeia, descobri que era tudo areia. Eu disse: Como é?

Um dia eu estava com muita sede e pensei em beber um pouco de água no lago. Mas quando me aproximei, ele desapareceu, e num piscar de olhos [o pensamento] veio à minha mente: “Esta é a miragem sobre a qual li toda a minha vida”. Mas o estranho é que estive viajando durante um mês e nunca consegui reconhecer que era uma miragem – e num momento ela desapareceu. Fiquei muito feliz em saber que essa era a miragem sobre a qual li durante toda a minha vida.

Na manhã seguinte vi o lago novamente e junto com ele veio a ideia: “Essa é a miragem”. Durante todo aquele mês eu vi a miragem e não consegui distinguir entre realidade e miragem. Mas naquele momento eu peguei a ideia.

A partir desse momento, quando eu vir uma miragem, direi: “Isso é uma miragem”, e nunca mais sentirei isso. Assim será com este mundo quando tudo desaparecer uma vez; e depois disso, se você tiver que viver seu trabalho passado, não será enganado.

Pegue uma carruagem com duas rodas. Suponha que eu corte uma das rodas do eixo. A outra roda funcionará por algum tempo com seu impulso anterior e então cairá. O corpo é uma roda e a alma outra; e eles são unidos pelo eixo da ilusão. O conhecimento é o machado que cortará o eixo, e a alma irá parar imediatamente – desistirá de todos esses sonhos vãos.

Mas sobre o corpo está aquele impulso passado, e ele correrá um pouco, fazendo isso e aquilo, e então cairá. Mas só restará o bom impulso, e esse corpo só pode fazer o bem. Isto é para alertá-lo para não confundir um malandro com um homem livre. Será impossível para esse homem [livre] fazer o mal. Então você não deve ser enganado.

Quando você se liberta, todo o hipnotismo desaparece e você conhece a distinção entre a realidade e a miragem. [A miragem] não será mais uma escravidão. As coisas mais terríveis não serão capazes de assustá-lo. Uma montanha [poderia] cair sobre você, mas você não se importará. Você saberá disso como uma miragem.

9.2.5 HISTÓRIA DA RAÇA ARIANA

[Uma aula de Jnâna-Yoga ministrada em Londres, Inglaterra, na manhã de quinta-feira, 7 de maio de 1896, e gravada pelo Sr. Josiah J. Goodwin] [\[308\]](#)

Eu lhe contei como dividiria o assunto em quatro Yogas, mas, como o rumo de todos esses vários Yogas é o mesmo – o objetivo ao qual eles querem chegar é o mesmo – é melhor começar com a parte filosófica: o Jnana -Ioga. Jnâna significa conhecimento e, antes de entrar nos princípios da filosofia Vedanta, creio ser necessário esboçar em poucas palavras a origem, o início e o desenvolvimento – a porção histórica desse sistema. A maioria de vocês agora está familiarizada com as palavras Arya e Ariano, e muitas coisas foram escritas nessas palavras.

Há cerca de um século, havia um juiz inglês em Bengala, Sir William Jones. Na Índia, você sabe, existem maometanos e hindus. Os hindus foram o povo original, e os maometanos vieram e os conquistaram e os governaram durante setecentos anos. Houve muitas outras conquistas na Índia; e sempre que há uma nova conquista, as leis penais do país são alteradas. A lei penal é sempre a lei da nação conquistadora, mas a lei civil permanece a mesma. Assim, quando os ingleses conquistaram a Índia, mudaram a lei penal; mas a lei civil permaneceu. Os juízes, porém, eram ingleses e não conheciam a língua do país em que as leis civis foram escritas, e por isso tiveram que contar com a ajuda de intérpretes, advogados da Índia, e assim por diante. E

quando surgisse qualquer dúvida sobre a lei indiana, esses estudiosos seriam encaminhados.

Um desses juízes, Sir William Jones, era um estudioso muito maduro e queria ir pessoalmente até a fonte, aprender ele mesmo a língua e estudá-la, em vez de depender desses intérpretes que, por exemplo, poderiam ser subornado para dar qualquer veredicto. Então ele começou a estudar a lei dos Gentoos, como eram chamados os hindus. Gentoo é provavelmente uma forma da palavra gentio, usada pelos portugueses e espanhóis — ou “pagão”, como você chama agora. Quando o juiz começou a traduzir alguns dos livros para o inglês, descobriu que era muito difícil traduzi-los corretamente para o inglês em primeira mão. Qual não foi a sua surpresa quando descobriu que se os traduzisse primeiro para o latim e depois para o inglês, seria muito mais fácil. Então ele descobriu, ao traduzir, que um grande número de palavras em sânscrito eram quase iguais às do latim. Foi ele quem introduziu o estudo do sânscrito aos europeus. Depois, à medida que os estudos alemães cresciam — assim como os franceses — eles aprenderam a língua e começaram a estudá-la.

Com o seu tremendo poder de análise, os alemães descobriram que havia uma semelhança entre o sânscrito e todas as línguas europeias. Entre as línguas antigas, o grego era o mais próximo em semelhança. Mais tarde, descobriu-se que existia uma língua chamada lituano, falada em algum lugar nas margens do Báltico – um reino independente na época e sem ligação com a Rússia. A língua dos lituanos é muito semelhante ao sânscrito. Algumas das frases lituanas são menos alteradas em relação às formas sânscritas do que as línguas do norte da Índia. Descobriu-se assim que existe uma ligação íntima entre todas as várias línguas faladas na Europa e as duas línguas asiáticas – o persa e o sânscrito. Muitas teorias são construídas sobre como surgiu essa conexão. Teorias eram construídas todos os dias e todos os dias destruídas. Não há como saber onde isso vai parar.

Então surgiu a teoria de que nos tempos antigos havia uma raça que se autodenominava ariana. Eles descobriram na literatura sânscrita que havia um povo que falava sânscrito e se autodenominava ariano, e isso também é mencionado na literatura persa. Assim, eles fundaram a teoria de que houve

nos tempos antigos uma nação [de pessoas] que se autodenominavam arianos e que falavam sânscrito e viviam na Ásia Central. Esta nação, disseram eles, dividiu-se em vários ramos e migrou para a Europa e a Pérsia; e onde quer que fossem, levavam suas próprias línguas. O alemão, o grego e o francês são apenas restos de uma língua antiga, e o sânscrito é a mais desenvolvida destas línguas.

Estas são teorias e ainda não foram provadas; são meras conjecturas e suposições. Muitas dificuldades surgem no caminho – por exemplo, como os indianos são sombrios e os europeus são justos. Mesmo dentro das mesmas nações que falam estas línguas – na própria Inglaterra – há muitos com cabelos amarelos e muitos com cabelos pretos. Assim, há muitas questões que ainda não foram resolvidas.

Mas é certo que todas as nações da Europa, exceto os bascos, os húngaros, os tártaros e os [finlandeses?] [309] - exceto estes, todos os europeus, todos os indianos do norte e os persas falam ramos da mesma língua . Existem vastas massas de literatura em todas estas línguas arianas: em grego, em latim, em línguas europeias modernas – alemão, inglês, francês – em persa antigo, em persa moderno e em sânscrito.

Mas, em primeiro lugar, a literatura sânscrita por si só constitui uma massa muito grande. Embora, talvez, três quartos tenham sido destruídos e perdidos através de invasões sucessivas, ainda assim, penso, a soma total da quantidade de literatura em sânscrito superaria quaisquer três ou quatro línguas europeias tomadas em conjunto, em número de livros. Ninguém sabe quantos livros existem e onde estão, porque é a mais antiga de todas essas línguas arianas. E aquele ramo da raça ariana que falava a língua sânscrita foi o primeiro a tornar-se civilizado e o primeiro a começar a escrever livros e literatura. Então eles continuaram por milhares de anos. Quantos milhares de anos eles escreveram, ninguém sabe. Existem várias suposições – de 3.000 a.C. a 8.000 a.C. – mas todas essas datas são mais ou menos incertas.

Cada homem que escreve sobre esses livros e datas antigos é, antes de tudo, prejudicado pela sua educação anterior, depois pela sua religião e depois pela sua nacionalidade. Se um muçulmano escreve sobre os hindus, ele escrupulosamente põe de lado qualquer coisa que não glorifique a sua

própria religião. O mesmo acontece com os cristãos – você pode ver isso com seus próprios escritores. Nos últimos dez anos a sua literatura tornou-se mais respeitável. Enquanto eles [os cristãos] se divertissem, escreviam em inglês e estavam protegidos das críticas hindus. Mas, nos últimos vinte anos, os hindus começaram a escrever em inglês, por isso são mais cuidadosos. E você descobrirá que o tom mudou bastante nos últimos dez ou vinte anos.

Outra curiosidade sobre a literatura sânscrita é que ela, como qualquer outra língua, sofreu muitas alterações. Tomando toda a literatura nestas diversas línguas arianas – o grego ou o latim ou todas estas outras – descobrimos que todos os ramos europeus eram de data muito recente. O grego veio muito mais tarde – uma mera criança em comparação com o egípcio ou o babilônico.

Os egípcios e os babilônios, é claro, não são arianos. São raças separadas e as suas civilizações são anteriores a toda a civilização europeia. Mas, com exceção dos antigos egípcios, eles eram quase contemporâneos [dos arianos]; em alguns relatos, eles foram ainda mais antigos. No entanto, na literatura egípcia, há certas coisas a serem explicadas – a introdução do lótus indiano em templos antigos, o lótus Gangético. É sabido que isso só cresce na Índia. Depois, há as referências à terra de Punt. Embora tenham sido feitas grandes tentativas para fixar a terra de Punt nas mãos dos árabes, isso é muito incerto. E há também as referências aos macacos e ao sândalo do sul da Índia – que só podem ser encontrados lá.

Os judeus eram de uma época muito posterior aos arianos gregos. Apenas um ramo da raça semítica da Babilônia e esta raça indefinida e incognoscível – os egípcios – eram muito mais velhos que os arianos, excepto os hindus.

Portanto, este sânscrito sofreu muitas mudanças naturalmente, tendo sido falado e escrito ao longo de milhares de anos. Segue-se necessariamente que em outras línguas arianas, como no grego e no romano, a literatura deve ser de data muito posterior ao sânscrito. Não apenas isso, mas existe esta peculiaridade: de todos os livros regulares que temos no mundo, os mais antigos estão em sânscrito – e essa é a massa de literatura chamada Vedas. Existem peças muito antigas na literatura babilônica ou egípcia, mas não

podem ser chamadas de literatura ou livros, mas apenas de algumas notas, uma carta curta, algumas palavras e assim por diante. Mas como literatura culta e acabada, os Vedas são os mais antigos.

Estes Vedas foram escritos no peculiar sânscrito arcaico, e durante muito tempo - ainda hoje - muitos antiquários europeus pensam que estes Vedas não foram escritos, mas foram transmitidos de pai para filho, aprendidos de cor e, portanto, preservados. Nos últimos anos, a opinião está mudando e eles estão começando a pensar que devem ter sido escritos em tempos muito antigos.

É claro que eles têm que criar teorias dessa maneira. Teoria após teoria terá que ser construída e destruída até chegarmos à verdade. Isto é bastante natural. Mas quando o assunto é indiano ou egípcio, os filósofos cristãos apressam-se a elaborar teorias; enquanto se o assunto estiver mais perto de casa, eles pensam duas vezes primeiro. É por isso que falham tanto e têm de continuar a elaborar novas teorias a cada cinco anos. Mas é verdade que esta massa de literatura, escrita ou não, foi transmitida e, não apenas isso, mas atualmente é transmitida de boca em boca. Isto é considerado sagrado.

Você descobre que em todas as nações, quando surge uma nova ideia, uma nova forma, uma nova descoberta ou invenção, as coisas antigas não são descartadas de uma só vez, mas são relegadas à religião da santidade. Os antigos hindus costumavam escrever em folhas de palmeira e casca de bétula; e quando o papel foi inventado eles não jogavam fora todas as folhas de palmeira, mas consideravam sagrada a escrita nas folhas de palmeira e na casca da bétula. O mesmo aconteceu com os judeus – eles costumavam escrever apenas em pergaminhos, e agora o pergaminho é usado para escrever em seus templos. Então você descobre que quando novos costumes surgem, os antigos se tornam sagrados. Portanto, esta forma de transmitir a literatura dos Vedas de professor para discípulo, de boca em boca, embora antiquada e quase inútil agora, tornou-se sagrada. O aluno pode refrescar a memória com os livros, mas tem que aprender através do boca a boca do professor. Muitas modificações sempre ocorrerão em torno de tal fato para tornar sua santidade mais racional, mas esta é a lei.

Esses Vedas constituem uma vasta massa de literatura por si só. Isto é, naqueles tempos antigos, em todos os países, a religião foi o primeiro ideal

a brotar do coração do homem, e todo o conhecimento secular que os homens obtiveram foi transferido para a religião.

Em segundo lugar, as pessoas que lidam com religião e que mais tarde passaram a ser chamadas de sacerdotes - sendo os primeiros pensadores de cada nação - não pensavam apenas em assuntos religiosos, mas também em assuntos seculares; e, como tal, todo o conhecimento estava confinado a eles. Estas massas de conhecimento – tanto secular como religioso – serão sempre reunidas e transformadas numa vasta massa de literatura.

Em tempos muito posteriores, este é o caso. Por exemplo, ao estudar a Bíblia dos judeus, encontramos a mesma coisa. O Talmud continha uma vasta massa de informações sobre todos os assuntos, assim como o Pentateuco. Da mesma forma, os Vedas fornecem informações sobre vários assuntos. Eles se uniram e formaram um livro. E em tempos posteriores, quando outros assuntos foram separados da religião – quando a astronomia e a astrologia foram retiradas da religião – esses assuntos, estando ligados aos Vedas e sendo antigos, foram considerados muito sagrados.

Quase a maior parte dos Vedas foi perdida. Os padres que levaram isso à posteridade foram divididos em muitas famílias; e, conseqüentemente, os Vedas foram divididos em muitas partes. Cada parte foi atribuída a uma família. Os rituais, as cerimônias, os costumes, a adoração daquela família deveriam ser obtidos daquela [respectiva] porção dos Vedas. Eles o preservaram e realizaram todas as cerimônias de acordo com isso. Com o passar do tempo, [algumas dessas] famílias foram extintas; e com eles, sua porção dos Vedas foi perdida, se esses relatos antigos forem verdadeiros.

Alguns de vocês sabem que os Vedas estão divididos em quatro partes. Um é chamado Rig-Veda, outro Yajur-Veda, outro Sâma-Veda e o quarto Atharva-Veda. Cada um deles, novamente, foi dividido em vários ramos. Por exemplo, o Sama-Veda tinha mil ramos, dos quais restam apenas cerca de cinco ou seis; o resto está todo perdido. O mesmo acontece com os outros. O Rig-Veda tinha 108, dos quais resta apenas um; e o resto está todo perdido.

Depois [houveram] essas várias invasões. A Índia tem sido o único país para o qual todas as nações que se tornaram fortes desejam ir e conquistar –

tendo a reputação de ser muito rica. A riqueza do povo tornou-se uma fábula, mesmo na história mais antiga. [Muitos invasores estrangeiros] correram para enriquecer na Índia e conquistaram o país. Cada uma destas invasões destruiu uma ou mais destas famílias, incendiou muitas bibliotecas e casas. E quando isso aconteceu, muita literatura foi perdida. Foi apenas nos últimos anos que começaram a surgir ideias sobre a retenção destas várias religiões e livros. Antes disso, a humanidade teve que sofrer toda essa pilhagem e desintegração. A maioria das criações de arte estupendas foram perdidas para sempre. Edifícios maravilhosos – onde, a partir de alguns vestígios agora na Índia, pode-se imaginar quão maravilhosos eram – desapareceram completamente. . . .

[A crença fanática de muitos destes invasores na Índia é] que aqueles que não pertencem à sua seita não têm direito de viver. Eles irão para um lugar onde o fogo nunca se apagará quando morrerem; nesta vida eles só servem para serem escravizados ou assassinados; e que eles têm apenas o direito de viver como escravos dos “verdadeiros crentes”, mas nunca como homens livres. Assim, desta forma, quando estas ondas rebentaram sobre a Índia, tudo ficou submerso. Livros, literatura e civilização afundaram.

Mas há uma vitalidade nessa raça que é única na história da humanidade, e talvez essa vitalidade venha da não-resistência. A não resistência é a maior força. Na mansidão e na brandura reside a maior força. No sofrimento há maior força do que no fazer. Resistir às próprias paixões é uma força muito maior do que ferir os outros. E essa tem sido a palavra de ordem da raça através de todas as suas dificuldades, dos seus infortúnios e da sua prosperidade. É a única nação que nunca ultrapassou as suas fronteiras para cortar a garganta dos seus vizinhos. É uma coisa gloriosa. Faz-me bastante patriótico pensar que nasci hindu, um descendente da única raça que nunca saiu para fazer mal a ninguém, e cuja única ação sobre a humanidade tem sido dar, esclarecer, purificar e ensinar, mas nunca roubar.

Três quartos da riqueza do mundo vieram da Índia, e ainda hoje o fazem. O comércio da Índia foi o ponto de viragem, o pivô da história do mundo. Qualquer que fosse a nação, ela se tornaria poderosa e civilizada. Os gregos entenderam e se tornaram os poderosos gregos; os romanos entenderam e se tornaram os poderosos romanos. Mesmo na época dos fenícios era assim.

Após a queda de Roma, os genoveses e os venezianos conseguiram. E então os árabes se levantaram e criaram um muro entre Veneza e a Índia; e na luta para encontrar um novo caminho até lá, a América foi descoberta. Foi assim que a América foi descoberta; e os povos originais da América eram chamados de índios, ou “índios”, por esse motivo. Até os holandeses conseguiram - e os bárbaros - e os ingleses e tornaram-se a nação mais poderosa do planeta. E a próxima nação que conseguir isso será imediatamente a mais poderosa.

Pense em toda essa massa de energia que nossa nação exhibe – onde ela a consegue? Na Índia, eles são os produtores e vocês os desfrutadores, sem dúvida. Eles produziram isto – o paciente, trabalhando milhões de hindus sob o chicote e a escravidão de todos. Mesmo os missionários, que se levantam para amaldiçoar milhões de pessoas na Índia, engordaram com o trabalho desses milhões e não sabem como isso foi feito. Sobre o seu sangue, a história do mundo tem mudado desde que conhecemos a história, e terá de mudar durante mais milhares de anos. Qual é o benefício? Isso dá força àquela nação. Eles são, por assim dizer, um exemplo. Eles devem sofrer e resistir a tudo, lutando pelas verdades da religião - como um sinal, um farol - para dizer à humanidade que é muito mais elevado não resistir, muito mais elevado é sofrer, que se a vida for o objetivo, como até mesmo seus conquistadores admitirão, somos a única raça que pode ser chamada de imortal, que nunca pode ser morta. [310]

Onde estão os gregos hoje – aqueles cujos exércitos marcharam por todo o mundo? Já se foi, milhares de anos – ninguém sabe onde. Desapareceram assim que os bárbaros do norte vieram e os atacaram. Onde estão os poderosos romanos, cujas coortes vieram e pisotearam a face da terra? Onde eles estão hoje? Desapareceu — desapareceu como o orvalho da manhã e foi deixado para trás na marcha.

Mas aqui estão os hindus – trezentos milhões de pessoas. E pense na fertilidade da raça! Eles podem aumentar mais do que o mundo inteiro pode matá-los. Esta é a vitalidade da raça. Embora não pertença muito ao nosso assunto, queria trazer essas coisas diante de vocês.

Geralmente as mentes incultas, as mentes vulgares de todas as nações, como as turbas vulgares em todas as grandes cidades, não conseguem

captar, não conseguem ver, não conseguem compreender nenhum movimento sutil. As causas, os movimentos reais neste nosso mundo, são muito bons; são apenas os efeitos que são grosseiros e musculares. A mente é a verdadeira causa deste corpo, os movimentos delicados por trás dele. O corpo é o grosseiro, o externo. Mas todo mundo vê o corpo; muito poucos vêem a mente. O mesmo acontece com tudo; as massas, as massas brutais e ignorantes de todas as raças, veem uma procissão triunfante, com cavalos, armas e canhões em disparada, e eles entendem isso. Mas esses trabalhos delicados e delicados que estão acontecendo por trás — só o filósofo, o homem ou a mulher altamente cultos, podem compreender.

Voltando ao nosso Vedanta, eu disse que o sânscrito em que os Vedas foram escritos não é o mesmo sânscrito em que os livros foram escritos cerca de mil anos depois dos Vedas – os livros que você lê em suas traduções de poetas e outros livros clássicos. escritores da Índia. O sânscrito dos Vedas era muito simples, arcaico em sua composição e possivelmente era uma língua falada. Mas o sânscrito que temos agora nunca foi uma língua falada, pelo menos nos últimos três mil anos. Curiosamente, a vasta massa de literatura foi escrita numa língua que estava morta, abrangendo um período de três mil anos. Dramas e romances foram escritos nesta língua morta. E o tempo todo isso não era falado nos lares; era apenas a linguagem dos eruditos.

Mesmo na época de Buda, cerca de 560 anos antes da era cristã, descobrimos que o sânscrito deixou de ser uma língua falada. Alguns de seus discípulos queriam ensinar em sânscrito, mas o mestre recusou cuidadosamente. Ele queria ensinar na língua [do povo], porque dizia que era o profeta do povo. E foi assim que a literatura budista está em Pali, que era o vernáculo da época.

Esta vasta massa de literatura – os Vedas – encontramos em três grupos. O primeiro grupo são os Samhitâs, uma coleção de hinos. O segundo grupo é chamado de Brâhmanas, ou o [grupo que lida com diferentes tipos de] sacrifício. A palavra Brahmana [por uso] significa [o que é alcançado por meio de] sacrifício. E o outro grupo é chamado de Upanishads (sessões, palestras, livros filosóficos). Novamente, as duas primeiras partes juntas — os hinos e os rituais — são chamadas de Karmakânda, a porção de trabalho;

e a segunda, ou porção filosófica (os Upanishads), é chamada de Jñānakāṇḍa, a porção do conhecimento. Esta é a mesma palavra que a palavra conhecimento em inglês e a palavra grega gnōs – assim como você tem a palavra em agnóstico, e assim por diante.

A primeira parte é uma coleção de hinos em louvor a certos deuses, como Agni, fogo; Mitra, o sol; e assim por diante. Eles são elogiados e oblações são oferecidas a eles. Eu disse que esses hinos são para os deuses. Usei a palavra deuses até familiarizá-los com a palavra sânscrita Deva, porque a palavra deuses é muito enganosa. Esses Devas significam os "brilhantes", e os deuses na Índia são menos pessoas do que posições. Por exemplo, Indra e Agni não são nomes de pessoas específicas, mas postos específicos neste universo. Existe o posto de Presidente, o posto de presidência sobre certos elementos, o posto de presidência sobre certos mundos, e assim por diante. De acordo com esses teólogos, você e eu — a maioria de nós — provavelmente já fomos alguns desses deuses diversas vezes. É apenas temporariamente que uma alma pode ocupar uma destas posições. E depois que seu tempo acaba, ele cede; outra alma é elevada deste mundo por boas obras e assume essa posição – ela se torna [por exemplo] Agni. Ao lerem filosofia ou teologia sânscrita, as pessoas sempre ficam incomodadas com a mudança desses deuses. Mas esta é a teoria – que são nomes de posições, que todas as almas terão de preenchê-las repetidas vezes; e esses deuses, quando a alma atingir essa posição, poderão ajudar a humanidade. Então, presentes e elogios são oferecidos a eles. Não sabemos como essa ideia chegou aos arianos, mas na parte mais antiga do Rig-Veda encontramos essa ideia aperfeiçoada e completada.

Atrás e além de todos esses Devas e homens e animais e mundos está o Governante deste universo, Ishvara – algo semelhante ao que no Novo Testamento é chamado de Deus, o Criador, Preservador, o Governante deste universo. Esses Devas não devem ser confundidos com Ishvara, mas na língua inglesa você tem a mesma palavra para ambos. Você usa a palavra Deus no singular e no plural. Mas os deuses são os brilhantes – os Devas – e Deus é Ishvara. Encontramos isso até nas porções mais antigas dos Vedas.

Outra peculiaridade é que este Ishvara, este Deus, está se manifestando em todas estas diversas formas de seres brilhantes. Esta ideia – de que o mesmo

Deus se manifesta em várias formas – é uma ideia muito rudimentar dos Vedas, mesmo nas porções mais antigas. Houve um tempo em que uma espécie de ideia monoteísta entrou nos Vedas, mas foi rapidamente rejeitada. À medida que avançamos, talvez concordem comigo que foi muito bom que tenha sido rejeitado.

Assim, encontramos nessas porções mais antigas dos Samhitas que havia esses vários Devas - [sendo elogiados como] as manifestações de alguém muito mais elevado do que eles [deixaram] para trás, de modo que às vezes cada um deles era retomado e os adjetivos empilhados nele e finalmente foi dito: “Tu és o Deus do universo”. Então ocorreram passagens como esta: “Eu sou Deus, adorado como o fogo”, e assim por diante. “É o Único; os sábios O chamam de diversas maneiras.” “Ele é aquela existência única; os sábios O chamam por vários nomes.” Peço-lhe que se lembre disso, porque este é o ponto de viragem, a nota-chave de todo o pensamento que a Índia produziu – “Ele é aquele Ser Único; os sábios O chamam de vários modos”. Toda a filosofia hindu – seja teísta ou ateuísta ou monoteísta, dualista ou não dualista – tem isso como o núcleo, o centro. E por milhares de anos de cultura na raça, é impossível para a raça hindu se afastar dessa ideia.

Esse germe tornou-se uma grande árvore; e é por isso que nunca houve uma perseguição religiosa na Índia, pelo menos por parte dos hindus. Isso explica a sua liberalidade e acolhimento a qualquer religião de qualquer parte do mundo que ali se estabelecesse. É assim que, mesmo nos dias de hoje, os rajás indianos realizam cerimônias muçulmanas e entram nas mesquitas muçulmanas, embora [alguns] muçulmanos tenham aproveitado a primeira oportunidade para matar vários “pagãos”.

“Ele é o Ser Único; os sábios O chamam de diversas maneiras.”

Houve duas teorias avançadas nos tempos modernos com relação ao crescimento das religiões. A primeira é a teoria tribal; a outra é a teoria do espírito. A teoria tribal é que a humanidade no seu estado selvagem permanece dividida em muitas pequenas tribos. Cada tribo tem um deus próprio – ou às vezes o mesmo deus dividido em muitas formas, como o deus desta cidade veio para aquela cidade, e assim por diante; Jeová desta cidade e de tal e tal montanha [veio a tal e tal cidade ou montanha]. Quando as tribos se uniram, uma delas tornou-se forte.

Tomemos o caso dos judeus. Eles foram divididos em muitas tribos, e cada tribo tinha um deus chamado Baal ou Moloch, que no Antigo Testamento é traduzido como “o Senhor”. Havia o Moloch deste estado e daquele estado, desta montanha e daquela montanha, e havia o Moloch do baú, que morava em um baú. Esta última tribo tornou-se forte e conquistou as tribos vizinhas e triunfante. Assim, Moloch foi proclamado o maior de todos os Molochs. "Tu és o Java [?] Dos Molochs. Tu és o governante de todos os Baals e Molochs." No entanto, o baú permaneceu. Portanto, esta ideia foi obtida dos deuses tribais.

Existe a outra teoria do Espiritismo – que a religião começa com a adoração dos antepassados. O culto aos ancestrais estava entre os egípcios, entre os babilônios, entre muitas outras raças – os hindus, os cristãos. Não existe uma forma de religião entre a qual não tenha havido esse culto aos ancestrais de uma forma ou de outra.

Antes pensavam que este corpo tinha um duplo dentro dele e que quando este corpo morre o duplo sai e vive enquanto este corpo existir. O duplo fica com muita fome ou sede, quer comer ou beber e quer aproveitar as coisas boas deste mundo. Então ele [o duplo] vem buscar comida; e se ele não conseguir, prejudicará até mesmo seus próprios filhos. Enquanto o corpo for preservado, o duplo viverá. Naturalmente a primeira tentativa, como vemos, foi preservar o corpo, mumificar o corpo, para que o corpo vivesse para sempre.

O mesmo aconteceu com os babilônios com esse tipo de adoração espiritual. Mais tarde, à medida que as nações avançavam, as formas cruéis desapareceram e as formas melhores permaneceram. Foi dado algum lugar àquilo que se chama céu, e colocaram comida aqui para que chegasse ao dobro de lá. Mesmo agora, os devotos hindus devem, pelo menos um dia por ano, colocar comida para os seus antepassados. E o dia em que abandonarem [este hábito] será um dia triste para os antepassados. Então você também acha que esse culto aos ancestrais é uma das causas da religião. Nos tempos modernos, existem filósofos que defendem a teoria de que esta tem sido a raiz de todas as religiões. Há outros que defendem a teoria de que a raiz de todas as religiões foi a assimilação tribal dos deuses em um só.

Entre os judeus do Antigo Testamento você não encontra nenhuma menção à alma. É somente no Talmud que isso é encontrado. Eles herdaram isso dos Alexandrinos, e os Alexandrinos dos Hindus – assim como o Talmud [desenvolveu] mais tarde a ideia da transmigração da alma. Mas os antigos judeus tinham grandes ideias sobre Deus. O Deus dos Judeus desenvolveu-se no Grande Deus – o Onipotente, Onisciente, Todo-Misericordioso – e tudo isso lhes veio dos Hindus, mas não através da ideia da alma. Então o Espiritismo não poderia ter desempenhado nenhum papel nisso, porque como poderia o homem que não acreditava em nenhuma alma após a morte ter alguma coisa a ver com o Espiritismo?

Por outro lado, na porção mais antiga dos Vedas, há muito pouco de Espiritismo, se é que existe alguma coisa. Esses Devas [dos Vedas] não eram [relacionados ao Espiritismo] – embora mais tarde tenham se tornado assim; e esta ideia de Alguém por trás deles, de quem eram manifestações, está nas partes mais antigas.

Outra ideia é que quando o corpo morre, a alma [que] é imortal permanece beatificada. A mais antiga literatura ariana – seja alemã ou grega – tem esta ideia de alma. A ideia de alma veio dos hindus.

Duas pessoas deram toda a religião ao mundo – os hindus e os judeus. Mas é apenas com os hindus que a ideia de alma surge inicialmente, e isso foi partilhado pelas raças arianas.

A peculiaridade que você encontra é que as raças semíticas e os egípcios tentam preservar os cadáveres, enquanto os arianos tentam destruí-los. Os gregos, os alemães, os romanos – os vossos antepassados antes de se tornarem cristãos – costumavam queimar os mortos. Foi somente quando Carlos Magno fez de vocês cristãos com a espada - e quando vocês recusaram, [ele] cortou algumas centenas de cabeças e o resto pulou na água - é que o enterro veio aqui. Você vê imediatamente o significado metafísico de queimar os mortos. O sepultamento dos mortos (311) só pode permanecer quando não há ideia da alma e o corpo é tudo. Na melhor das hipóteses, surgiu mais tarde a ideia de que este mesmo corpo terá outra vida, depois de tantos anos - as múmias sairão e começarão a andar novamente pelas ruas.

Mas com os arianos a ideia era desde o início que a alma não é o corpo, mas continuaria a viver. Existem alguns hinos antigos no Rig-Veda: quando os corpos são queimados eles dizem: “Leve-o gentilmente, purifique-o, dê-lhe um corpo brilhante, leve-o para a terra onde vivem os pais – onde não há mais tristeza e onde há alegria para sempre”. [312]

É curioso que, embora nos tempos modernos muitas formas hediondas e cruéis de religião tenham penetrado na Índia, há uma ideia peculiar que divide os arianos de todas as outras raças do mundo: que a sua religião, na forma hindu, aceitou este Indra como um [com a Realidade Última]. Três quartos da mitologia dos Vedas são iguais aos dos gregos; apenas os antigos deuses tornaram-se santos na nova religião. Mas eles eram originalmente os deuses dos Samhitas.

Observamos uma outra peculiaridade – que é uma religião alegre, alegre, às vezes quase hilariante; não há nenhum pessimismo nisso. A terra é linda, os céus são lindos, a vida é imortal. Mesmo após a morte eles adquirem um corpo ainda mais belo, que não possui nenhuma das imperfeições deste corpo, e vão viver com os deuses e desfrutar o céu para sempre.

Por outro lado, com as raças semíticas, o primeiro surgimento da religião foi de horror. Um homem agachado em sua casinha de medo. Ao redor de sua casa havia aqueles duplos. Os ancestrais da família dos judeus estavam lá, prontos para atacar qualquer um e despedaçá-lo se sacrifícios sangrentos não lhes fossem oferecidos. Mesmo quando você descobre que essa ideia [dupla] coagulou-se em uma só – “Tu és o Elohim dos judeus, Tu és o Elo[ele] dos [babilônios?]” [313] – mesmo assim a ideia de sacrifício permaneceu.

A ideia de sacrifício na Índia não estava presente nesta primeira porção. Mas na próxima parte encontramos a mesma ideia também na Índia, nos Brahmanas. A ideia de sacrifício era originalmente simplesmente dar comida [aos deuses], mas gradualmente foi aumentando até se tornar um sacrifício a Deus. A filosofia veio mistificá-lo ainda mais e tecer teias de lógica em torno dele. Sacrifícios sangrentos entraram em voga. Em algum lugar lemos que trezentos novilhos foram assados, ou os deuses estão sentindo o cheiro dos sacrifícios e ficando muito contentes. Então surgiram todos os tipos de noções místicas - como o sacrifício deveria ser feito na

forma de um triângulo ou quadrado, um triângulo dentro de um quadrado, um pentágono e todos os tipos de figuras. Mas o grande benefício foi a evolução da geometria. Quando eles tiveram que fazer todas essas figuras - e foi estabelecido estritamente quantos tijolos deveriam ser usados, e como deveriam ser colocados, e qual o tamanho que deveriam ter - naturalmente a geometria surgiu. Os egípcios desenvolveram a geometria [por] sua [irrigação] - [eles] fizeram canais para levar a água do Nilo para dentro de seus campos - e os hindus, por seus altares.

Agora há outra diferença particular entre a ideia de sacrifício na Índia e [a] dos judeus. O verdadeiro significado do sacrifício é a adoração, uma forma de adoração por meio de oblações. No início era simplesmente dar comida aos seres brilhantes, ou aos seres superiores. Eles tinham comida nojenta, assim como nós. Mais tarde, a filosofia entrou em cena e surgiu a ideia de que eles, sendo seres superiores, não poderiam comer a mesma comida que nós. Seus corpos são feitos de partículas mais finas. Nossos corpos não podem atravessar uma parede; os deles não encontram resistência na matéria grosseira. Como tal, não se pode esperar que comam da mesma forma grosseira que nós.

[Algumas partes da transcrição do restante desta palestra, gravada pelo Sr. J. J. Goodwin, foram encontradas gravemente danificadas. Portanto, reproduzimos abaixo apenas os fragmentos legíveis tal como apareciam no original.]

. . . "Ó Indra, eu lhe ofereço esta oblação. Ó Agni, eu lhe ofereço esta oblação." A resposta é que estas palavras têm um poder místico em sânscrito. E quando um homem, num certo estado de espírito, pronuncia estas palavras, ele põe em movimento um conjunto de causas psicológicas, e estas causas produzem um certo efeito. Essa é a evolução do pensamento.

Para deixar mais claro, suponhamos que um homem não tivesse filhos e desejasse um filho. Ele adorava Indra, e se ele tivesse um filho, ele dizia que Indra lhe deu o filho. Mais tarde disseram que Indra não existia. Quem, então, lhe deu o filho? A coisa toda é uma questão de causa e efeito.

Eles disseram que não era dar comida aos deuses, mas simplesmente colocar meus pecados sobre a cabeça de outra vítima. "Meus pecados vão

para a cabeça do bode e, se o bode for morto, meus pecados serão perdoados." Essa ideia de sacrifício dos judeus nunca entrou na Índia, e talvez isso nos tenha poupado muitas dores, muitos problemas.

A natureza humana é egoísta e a grande maioria dos homens e mulheres é fraca; e ensinar o sacrifício vicário nos torna cada vez mais fracos. Toda criança aprende que não é nada até que o pobre sujeito seja hipnotizado até virar nada. Ele sai em busca de alguém para se agarrar e nunca pensa em se agarrar a si mesmo. . . . [314]

9.3 NOTAS DE PALESTRAS E AULAS

9.3.1 NOTA

Swami Vivekananda proferiu inúmeras palestras e aulas durante seu ministério relativamente curto. Infelizmente, o Swami nem sempre estava acompanhado por um estenógrafo profissional que pudesse acompanhar a velocidade excepcional de suas entregas improvisadas. Porém, alguns alunos conseguiram tomar notas de algumas palestras e aulas, que são hoje os únicos registros disponíveis de obras que de outra forma teriam sido perdidas para o mundo.

As aspas originais dos anotadores foram reproduzidas.

- Editora

9.3.2 A RELIGIÃO DA ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 145-49, 155-56.)

Estas anotações das aulas matinais diárias proferidas em Greenacre, Maine, no verão de 1894 e registradas pela Srta. Emma Thursby foram descobertas entre os papéis da Srta. Emma Thursby na Sociedade Histórica de Nova York. Eles foram ligeiramente editados para se adequarem ao estilo das Obras Completas.

Notas tiradas diversamente de discursos proferidos por Swami Vivekananda sob o "Pine" em Greenacre em julho e agosto de 1894.

O nome do mestre de Swami era Ramakrishna Paramahansa. O significado de Vivekananda é bem-aventurança consciente.

A meditação é uma espécie de oração e a oração é meditação. A meditação mais elevada é não pensar em nada. Se você conseguir permanecer um momento sem pensar, um grande poder virá. Todo o segredo do conhecimento é a concentração. A alma se desenvolve melhor amando a Deus de todo o coração. A alma é o princípio pensante do homem, do qual a mente é uma função. A alma é apenas o canal do Espírito para a mente.

Todas as almas estão brincando, algumas conscientemente, outras inconscientemente. A religião é aprender a brincar conscientemente.

O Guru é o seu Eu Superior.

Busque o mais elevado, sempre o mais elevado, pois no mais elevado está a bem-aventurança eterna. Se vou caçar, caçarei o rinoceronte. Se eu roubar, roubarei o tesouro do rei. Busque o mais alto.

[Algumas das passagens a seguir são traduções gratuitas do Swami das escrituras indianas, incluindo o Avadhuta-Gitâ de Dattâtreyâ.]

Se você sabe que está vinculado [você está vinculado]; se você sabe que é livre, você é livre. Minha mente nunca esteve presa aos anseios deste mundo; pois, como o eterno céu azul, eu sou a essência do Conhecimento, da Existência e da Bem-aventurança. Por que você chora, irmão? Nem morte nem doença para ti. Por que você chora, irmão? Nem miséria nem infortúnio para ti. Por que você chora, irmão? Nem a mudança nem a morte foram atribuídas a ti. Tu és a Existência Absoluta.

Eu sei o que é Deus; Não posso falar Dele para você. Não sei [o que] Deus é; como posso falar dele para você? Mas você não vê, meu irmão, que você era Ele, você era Ele? Por que ir buscar a Deus aqui e ali? Não procure, e isso é Deus. Seja você mesmo – Aquele que não pode ser confessado ou

descrito, Aquele que pode ser percebido no fundo do nosso coração. Um além de qualquer comparação, além do limite, imutável como o céu azul. Oh! aprenda o Todo Santo. Não procure mais nada.

Onde as mudanças da natureza não podem alcançar, o pensamento além de todo pensamento, imutável, imóvel, a quem todos os livros declaram, todos os sábios adoram, ó Santo! Não procure mais nada.

Incomparável, Unidade Infinita – nenhuma comparação é possível. Água acima, água abaixo, água à direita, água à esquerda. Nenhuma onda naquela água, nenhuma ondulação. Todo silêncio, toda felicidade eterna. Isso chegará ao seu coração. Não procure mais nada. Tu és nosso pai, nossa mãe, nosso querido amigo. Tu carregas o fardo deste mundo. Ajude-nos a carregar o fardo de nossas vidas. Você é nosso amigo, nosso amante, nosso marido. Você é nós mesmos.

Quatro tipos de pessoas Me adoram. Alguns desejam as delícias do mundo físico. Alguns querem dinheiro, alguns querem religião. Alguns Me adoram porque Me amam.

O verdadeiro amor é amor por amor. Não peço saúde, dinheiro, vida ou salvação. Envie-me para mil infernos, mas deixe-me amar-Te por amor. Mirâ Bâi, a grande rainha, ensinou a doutrina do amor pelo amor.

Nossa consciência atual é apenas um pedacinho de um mar infinito da mente. Não se limite a esta consciência.

Três grandes coisas devem ser desejadas para o desenvolvimento da alma: Primeiro, o nascimento humano; segundo, sede pelo mais elevado; terceiro, encontrar alguém que tenha alcançado o mais elevado – um Mahatmâ, alguém cuja mente, palavras e ações estejam cheias do néctar da virtude, cujo único prazer é fazer o bem ao universo, que considere as virtudes dos outros, sejam elas apenas como um grão de mostarda, mesmo como se fossem uma montanha, expandindo assim o seu próprio eu e ajudando outros a se expandirem. Assim é o Mahatma.

A palavra Yoga é a raiz da qual nossa palavra jugo é uma derivação - que significa "unir-se" - e Yoga significa "unir-nos a Deus" - unir-me ao meu verdadeiro Eu.

Todas as ações agora involuntárias ou automáticas já foram voluntárias, e nosso primeiro passo é adquirir conhecimento das ações automáticas – a ideia real é revivificar e tornar voluntárias todas as ações automáticas, para trazê-las à consciência. Muitos Yogis podem controlar as ações de seus corações.

Voltar à consciência e trazer à tona coisas que esquecemos é um poder comum, mas pode ser aumentado. Todo conhecimento – tudo isso – pode ser extraído da consciência interior, e fazer isso é Yoga. A maioria das ações e pensamentos são automáticos ou agem por trás da consciência. A sede da ação automática está na medula oblonga e desce pela medula espinhal.

A questão é como encontrar o caminho de volta à nossa consciência interior. Saímos através do espírito, da alma, da mente e do corpo, e agora devemos voltar do corpo para o espírito. Primeiro, controle o ar [respiração], depois o sistema nervoso, depois a mente, depois o Atman, ou espírito. Mas neste esforço devemos ser perfeitamente sinceros em desejar o mais elevado.

A lei das leis é a concentração. Primeiro, concentre todas as energias nervosas e todo o poder alojado nas células do corpo em uma única força e direcione-a à vontade. Então traga a mente, que é uma matéria mais sutil, para um centro. A mente tem camada após camada. Quando a força nervosa concentrada passa pela coluna vertebral, uma camada da mente é aberta. Quando está concentrado em um osso [plexo, ou “lótus”], outra parte do mundo se abre. Assim, de mundo em mundo, vai até tocar a glândula pineal, no centro do cérebro. Esta é a sede da conservação da energia potencial, a fonte tanto da atividade quanto da passividade.

Comece com a ideia de que podemos terminar todas as experiências neste mundo, nesta encarnação. Devemos ter como objetivo nos tornarmos perfeitos nesta vida, neste exato momento. O sucesso só chega àquela vida entre os homens que querem fazer isso, neste exato momento. É adquirido

por quem diz: “Fé, espero pela fé, aconteça o que acontecer”. Portanto, continue sabendo que você terminará neste exato momento. Lute muito e, se não conseguir, você não tem culpa. Deixe o mundo elogiar ou culpar você. Deixe toda a riqueza da terra chegar aos seus pés, ou deixe você se tornar o mais pobre da terra. Deixe a morte chegar neste momento ou daqui a centenas de anos. Não se desvie do caminho que você seguiu. Todos os bons pensamentos são imortais e vão formar Budas e Cristos.

A lei é simplesmente um meio de [sua] expressão [de] vários fenômenos trazidos à sua mente. A lei é o seu método de compreender os fenômenos materiais e trazê-los à unidade. Toda lei está encontrando unidade na variedade. O único método de conhecimento é a concentração nos planos físico, mental e espiritual; e concentrar os poderes da mente para descobrir um em muitos é o que se chama conhecimento.

Tudo o que contribui para a unidade é moral, tudo o que contribui para a diversidade é imoral. Conheça o Um sem um segundo, isso é perfeição. Aquele que se manifesta em tudo é a base do universo; e toda religião, todo conhecimento, deve chegar a este ponto.

[A seguir estão algumas das anotações desconexas feitas pela Srta. Emma Thursby durante a última aula do Swami em Greenacre, proferida na manhã de domingo, 12 de agosto de 1894.]

Eu sou a Existência Absoluta Kundalini

Bliss Absolute Circle mãe

Eu sou Ele, Shivo ham

Eu sou Ele, Shivo ham

Ele é o homem instruído que vê que a propriedade de cada homem não é nada. Cada mulher é sua mãe.

Shanti — paz —

Meditamos na Glória de Hrim [315]

Mãe

Oração Budista

Eu me curvo a todos os santos da Terra

Eu me curvo aos fundadores da religião

a todos os homens e mulheres santos

Profetas da Religião

que estiveram na Terra

Oração hindu

Medito na Glória do produtor deste Universo

que Ele ilumine nossas mentes.

9.3.3 MENSAGEM DE CRISTO AO MUNDO

(Novas Descobertas, Vol. 5, p. 379.)

[Das anotações do Sr. Frank Rhodehamel sobre uma palestra proferida em São Francisco, Califórnia, em 11 de março de 1900]

Tudo progride em ondas. A marcha da civilização, a progressão dos mundos, ocorre em ondas. Todas as atividades humanas também progridem em ondas – arte, literatura, ciência, religião.

Grandes ondas se sucedem, e entre essas grandes ondas há um silêncio, uma calmaria, um período de descanso, um período de recuperação.

Toda vida manifesta parece exigir um período de sono, de calma, para ganhar força adicional, vigor renovado, para a próxima manifestação, ou despertar para a atividade. Assim é a marcha de todo progresso, de toda

vida manifesta – em ondas, ondas sucessivas, [de] atividade e repouso. As ondas se sucedem em uma cadeia interminável de progressão.

A religião, como tudo mais, progride em ondas; e no cume de cada grande onda está uma alma iluminada, um poderoso líder espiritual e professor de homens. Tal pessoa foi Jesus de Nazaré.

9.3.4 MENSAGEM DE MOHAMMED PARA O MUNDO

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 401-3. Cf. "Mohammed", Obras Completas, Vol. 1.)

[Trechos da primeira transcrição de Ida Ansell da palestra de Swami Vivekananda em São Francisco proferida no domingo, 25 de março de 1900]

Maomé

[Depois de afirmar que “pegaria Maomé e traria à tona o trabalho específico do grande profeta árabe”, Swami Vivekananda continuou sua palestra.]

Cada grande mensageiro não apenas cria uma nova ordem de coisas, mas é ele mesmo a criação de uma certa ordem de coisas. Não existe uma causa ativa e independente. Todas as causas são causa e efeito por sua vez. Pai é pai e filho por sua vez. Mãe é mãe e filha por sua vez. É necessário compreender o ambiente e as circunstâncias em que eles [os grandes mensageiros] vêm. . . .

Esta é a peculiaridade da civilização. Uma onda de raça irá de seu local de nascimento para uma terra distante e formará uma civilização maravilhosa. O resto ficará na barbárie. Os hindus chegaram à Índia e as tribos da Ásia Central foram deixadas na barbárie. Outros vieram para a Ásia Menor e para a Europa. Então, você se lembra da saída dos israelitas do Egito. A casa deles era o deserto da Arábia. Disso surge um novo trabalho. . . . Todas as civilizações crescem dessa forma. Uma certa raça se torna civilizada. Depois vem uma raça nômade. Os nômades estão sempre prontos para lutar.

Eles vêm e conquistam uma corrida. Eles trazem sangue melhor, físicos mais fortes. Eles pegam a mente da raça conquistada e acrescentam-na ao seu corpo e levam a civilização ainda mais longe. Uma raça torna-se culta e civilizada até que o corpo se desgaste. Então, como um redemoinho, surge uma raça forte no físico, e eles adotam as artes, as ciências e a mente, e impulsionam a civilização ainda mais. Isto deve ser. Caso contrário, o mundo não existiria.

* * * *

No momento em que um grande homem surge, eles constroem uma bela [mitologia] em torno dele. Ciência e verdade é toda a religião que existe. A verdade é mais bela do que qualquer mitologia do mundo. . . .

Os antigos gregos já tinham desaparecido, toda a nação [estava] sob os pés dos romanos que aprendiam a sua ciência e arte. O romano era um bárbaro, um homem conquistador. Ele não tinha olho para poesia ou arte. Ele sabia como governar e como centralizar tudo naquele sistema de Roma e aproveitar isso. Aquilo estava doce. E esse Império Romano se foi, destruído por todo tipo de dificuldades, luxo, uma nova religião estrangeira e tudo mais. O Cristianismo já existia há seiscentos anos no Império Romano. . . .

Sempre que uma nova religião tenta impor-se a outra raça, ela terá sucesso se a raça for inculta. Se [a raça] for culta, destruirá a [religião]. . . . O Império Romano foi um exemplo disso, e o povo persa percebeu isso. O cristianismo era outra coisa com os bárbaros do norte. [Mas] o cristianismo do Império Romano era uma mistura de tudo, algo da Pérsia, dos judeus, da Índia, da Grécia, tudo.

* * * *

A raça é sempre morta pela [guerra]. A guerra leva embora os melhores homens, faz com que sejam mortos e os covardes ficam em casa. Assim vem a degeneração da raça. . . . Os homens tornaram-se pequenos. Por que? Todos os grandes homens se tornaram [guerreiros]. É assim que a guerra mata as raças, leva o que há de melhor para os campos de batalha.

Depois os mosteiros. Todos foram para o deserto, para as cavernas para meditação. Os mosteiros tornaram-se gradualmente centros de riqueza e luxo. . . .

A raça anglo-saxónica não seria anglo-saxónica se não fosse por estes mosteiros. Todo homem fraco era pior que um escravo.. . . Nesse estado de caos estes mosteiros eram centros de luz e proteção.

Onde [as culturas] diferem muito, elas não discutem. Todos esses elementos conflitantes e conflitantes [eram originalmente] todos um.

No meio de todo esse caos nasceu o profeta. . . .

[Isso concluiu a primeira parte da palestra do Swami. Vide "Mohammed", Obras Completas, Vol. Eu, pelo restante da palestra.]

9.3.5 AULAS DE MEDITAÇÃO POR SWAMI VIVEKANANDA

(Novas Descobertas, Vol. 6, p. 10.)

[Senhor. Notas de Frank Rhodehamel sobre uma aula ministrada em São Francisco, Califórnia, na segunda-feira, 26 de março de 1900]

O primeiro ponto é a posição. Sente-se com a coluna perfeitamente livre, com o peso apoiado nos quadris. O próximo passo é respirar. Inspire pela narina esquerda e expire pela direita. Encha os pulmões e ejete todo o ar. Limpe os pulmões de todo o ar impuro. Respire plena e profundamente. O próximo passo é pensar no corpo como luminoso, cheio de luz. O próximo passo é concentrar-se na base da coluna, não de fora, mas olhar para baixo, na coluna vertebral, para dentro, até a base da coluna.

9.3.6 O GITA

(Novas Descobertas, Vol. 6, pp. 175-76.)

*[Senhor. Notas de Frank Rhodhamel sobre uma aula do Bhagavad-Gitâ
proferida na quinta-feira, 24 de maio de 1900, em São Francisco,
Califórnia]*

O Gitâ é a essência dos Vedas. Não é a nossa Bíblia; os Upanishads são a nossa Bíblia. Ele [o Gita] é a essência dos Upanishads e harmoniza as muitas partes contraditórias dos Upanishads.

Os Vedas são divididos em duas partes – a parte do trabalho e a parte do conhecimento. A porção de trabalho contém cerimoniais, regras sobre alimentação, vida, realização de trabalhos de caridade, etc. O conhecimento veio depois e foi enunciado pelos reis.

A parte do trabalho estava exclusivamente nas mãos dos sacerdotes e pertencia inteiramente à vida sensorial. Ensinou a fazer boas obras para que se pudesse ir para o céu e desfrutar da felicidade eterna. Na verdade, qualquer coisa que alguém desejasse poderia ser-lhe proporcionada pelo trabalho ou pelos cerimoniais. Forneceu todas as classes de pessoas boas e más. Nada poderia ser obtido através dos cerimoniais, exceto pela intercessão dos sacerdotes. Portanto, se alguém quisesse alguma coisa, mesmo que fosse matar um inimigo, bastava pagar ao padre; e o sacerdote, por meio desses cerimoniais, obteria os resultados desejados. Era, portanto, do interesse dos sacerdotes que a porção cerimonial dos Vedas fosse preservada. Com isso eles ganhavam a vida. Conseqüentemente, eles fizeram tudo ao seu alcance para preservar aquela parte intacta. Muitos desses cerimoniais eram muito complicados e demoravam anos para serem realizados.

A porção do conhecimento veio depois e foi promulgada exclusivamente pelos reis. Foi chamado de Conhecimento dos Reis. Os grandes reis não gostavam da parte do trabalho, com todas as suas fraudes e superstições, e fizeram tudo ao seu alcance para destruí-la. Este conhecimento consistia no conhecimento de Deus, da alma, do universo, etc. Esses reis não tinham utilidade para os cerimoniais dos sacerdotes, seus trabalhos mágicos, etc. Eles consideravam tudo uma farsa; e quando os sacerdotes vinham até eles em busca de presentes, questionavam os sacerdotes sobre Deus, a alma, etc., e como os sacerdotes não conseguiam responder a tais perguntas, eram mandados embora. Os sacerdotes voltaram para seus pais para perguntar

sobre as coisas que os reis lhes perguntaram, mas não conseguiram aprender nada com eles, então voltaram novamente para os reis e se tornaram seus discípulos. Muito poucos cerimoniais são seguidos hoje. A maioria deles foi eliminada e apenas alguns dos mais simples são seguidos hoje.

Então, nos Upanishads existe a doutrina do Karma. Karma é a lei da causalidade aplicada à conduta. De acordo com esta doutrina devemos trabalhar para sempre, e a única maneira de nos livrarmos da dor é fazer boas obras e assim desfrutar dos bons efeitos; e depois de viver uma vida de boas obras, morra e vá para o céu e viva para sempre em felicidade. Mesmo no céu não poderíamos estar livres do Karma, apenas seria um Karma bom, não ruim.

A parte filosófica denuncia todo trabalho, por melhor que seja, e todo prazer, como amar e beijar a esposa, o marido ou os filhos, como inúteis. De acordo com esta doutrina, todas as boas obras e prazeres nada mais são do que tolices e, em sua própria natureza, impermanentes. "Tudo isso deve acabar em algum momento, então termine agora; é vão." Assim diz a parte filosófica dos Upanishads. Afirma que toda a dor do mundo é causada pela ignorância, portanto a cura é o conhecimento.

Esta ideia de alguém ser reprimido pelo Karma passado, ou trabalho, é totalmente absurda. Não importa quão denso ou ruim seja, um raio de luz dissipará tudo. Um fardo de algodão, por maior que seja, será totalmente destruído por uma faísca. Se uma sala estiver escura há séculos, uma lâmpada acabará com tudo. Assim, com cada alma, por mais ignorante que seja, ela não está absolutamente obrigada pelo seu Karma passado a trabalhar durante séculos vindouros. "Um raio de Luz Divina irá libertá-lo, revelar-lhe sua verdadeira natureza."

Bem, o Gita harmoniza todas essas doutrinas conflitantes. Quanto a Krishna, se ele já viveu ou não, eu não sei. "Muitas histórias são contadas sobre ele, mas eu não acredito nelas."

"Duvido muito que ele tenha vivido e acho que seria bom se nunca tivesse existido. Haveria um deus a menos no mundo."

9.3.7 O GITA - I

(New Discoveries, Vol. 6, pp. 205-7. Cf. notas de Ida Ansell de "The Gita I", Complete Works, Vol. 1.)

[Senhor. Notas de Frank Rhodehamel sobre uma palestra do Bhagavad-Gitâ proferida no sábado, 26 de maio de 1900, em São Francisco, Califórnia]

O Gitâ é para os hindus o que o Novo Testamento é para os cristãos. Tem cerca de cinco mil anos, e o dia das celebrações religiosas com os hindus é o aniversário da Batalha de Kurukshetra, há cerca de cinco mil anos. Como eu disse, os Vedas estão divididos em duas grandes divisões, a filosófica e a Karmakânda, ou porção de trabalho.

Entre os reis, que promulgaram a porção filosófica, e os sacerdotes surgiu um grande conflito. Os padres tinham o povo ao seu lado porque tinham toda a utilidade que apelava ao espírito popular. Os reis tinham toda a espiritualidade e nenhum elemento econômico; mas como eles eram poderosos e governavam a nação, a luta foi dura e amarga. Os reis gradualmente ganharam um pouco de terreno, mas suas ideias eram elevadas demais para as massas, de modo que a parte cerimonial, ou de trabalho, sempre contava com a massa do povo.

Lembre-se sempre disto: sempre que um sistema religioso ganha terreno junto do povo em geral, tem um forte lado econômico. É o lado econômico de uma religião que encontra alojamento junto do povo em geral, e nunca o seu lado espiritual ou filosófico. Se você pregasse a maior filosofia nas ruas durante um ano, não teria um punhado de seguidores. Mas você poderia pregar as bobagens mais flagrantes e, se tivesse um elemento econômico, teria todo o povo com você.

Ninguém sabe por quem os Vedas foram escritos; eles são tão antigos. De acordo com os hindus ortodoxos, os Vedas não são palavras escritas, mas consistem nas próprias palavras faladas oralmente com enunciação e entonação exatas. Esta vasta massa de religião foi escrita e consiste em milhares e milhares de volumes. Qualquer pessoa que conheça a pronúncia e a entonação precisas conhece os Vedas, e mais ninguém. Nos tempos

antigos, certas famílias reais eram guardiãs de certas partes dos Vedas. O chefe da família podia repetir cada palavra de cada volume que possuía, sem perder uma palavra ou entonação. Esses homens tinham intelectos gigantescos, memórias maravilhosas.

Os crentes estritamente ortodoxos dos Vedas, os Karmakanda, não acreditavam em Deus, na alma ou em qualquer coisa do gênero, mas que nós, como somos, éramos os únicos seres no universo, materiais ou espirituais. Quando lhes perguntaram o que significam as muitas alusões a Deus nos Vedas, eles disseram que não significam absolutamente nada; que as palavras bem articuladas têm um poder mágico, um poder de criar certos resultados. Fora isso, eles não têm significado.

Sempre que você suprime um pensamento, você simplesmente o pressiona para fora da vista em uma espiral, como uma mola, apenas para saltar novamente a qualquer momento com toda a força reprimida como resultado da supressão, e o faz em poucos momentos. o que teria feito num período muito mais longo.

Cada grama de prazer traz seu quilo de dor. É a mesma energia que num momento se manifesta como prazer e noutro momento como dor. Assim que um conjunto de sensações cessa, outro começa. Mas em alguns casos, em pessoas mais avançadas, pode-se ter dois, sim, ou mesmo cem pensamentos diferentes entrando em operação ativa ao mesmo tempo. Quando um pensamento é suprimido, ele fica simplesmente enrolado, pronto para surgir com fúria reprimida a qualquer momento.

"A mente é de sua própria natureza. A atividade mental significa criação. O pensamento é seguido pela palavra, e a palavra pela forma. Toda essa criação terá que parar, tanto mental quanto física, antes que a mente possa refletir a alma. "

"Meu antigo mestre [316] não conseguia escrever seu próprio nome sem cometer um erro. Ele cometeu três erros de ortografia, ao escrever seu próprio nome."

"No entanto, esse é o tipo de homem a cujos pés me sentei."

"Você quebrará a lei da natureza apenas uma vez, e será a última vez. A natureza não será nada para você."

9.3.8 O GITA – III

(New Discoveries, Vol. 6, pp. 213-16. Cf. notas de Ida Ansell de "The Gita III", Complete Works, Vol. 1.)

[Senhor. Notas de Frank Rhodhamel sobre a palestra do Bhagavad-Gitâ proferida na terça-feira, 29 de maio de 1900, em São Francisco, Califórnia]

1. "Se você sabe tudo, não perturbe a fé infantil dos inocentes."
2. "A religião é a realização do Espírito como Espírito. Não do espírito como matéria."
3. "Vocês são espíritos. Percebam-se como espíritos. Façam isso da maneira que puderem."
4. "A religião é um crescimento": cada um deve experimentá-la.
5. "Todo mundo pensa que 'meu método é o melhor'. É verdade, mas é o melhor para você."
6. "O espírito deve ser revelado como espírito."
7. "Nunca houve um tempo em que o espírito pudesse ser identificado com a matéria."

8. "O que é real na natureza é o espírito."

9. "A ação está na natureza."

10. "'No princípio existia Aquela Existência. Ele olhou e tudo foi criado.'"

11. "Cada um trabalha de acordo com sua própria natureza."

12. "Você não está sujeito à lei. Isso está na sua natureza. A mente está na natureza e está sujeita à lei."

13. "Se você quer ser religioso, fique longe de discussões religiosas."

14. "Governos, sociedades, etc., são males."

"Todas as sociedades são baseadas em generalizações ruins."

"Uma lei é aquilo que não pode ser violado."

15. "É melhor nunca amar, se esse amor nos faz odiar os outros."

16. "O sinal da morte é a fraqueza; o sinal da vida é a força."

[Os parágrafos numerados a seguir estão correlacionados com as sentenças numeradas anteriores.]

4. O cristão acredita que Jesus Cristo morreu para salvá-lo. Para você é a crença em uma doutrina, e essa crença constitui a sua salvação. Conosco, a doutrina não tem nada a ver com a salvação. Cada um pode acreditar na

doutrina que quiser ou em nenhuma doutrina. Para nós, a realização é religião, não doutrina. Que diferença faz para você se Jesus Cristo viveu em uma determinada época? O que tem a ver com você o fato de Moisés ter visto Deus em uma sarça ardente? O fato de Moisés ter visto Deus na sarça ardente não significa que você O viu, não é? Se isso acontecer, então o fato de Moisés ter comido é suficiente para você; você deveria parar de comer. Um é tão sensato quanto o outro. Os registros de grandes homens espirituais do passado não nos fazem nenhum bem, exceto que nos incentivam a fazer o mesmo, a experimentar a religião nós mesmos. O que quer que Cristo, Moisés ou qualquer outra pessoa tenha feito, não nos ajuda em nada, exceto para nos encorajar.

5. Cada um tem uma natureza especial que lhe é peculiar, que deve seguir e através da qual encontrará o caminho para a liberdade. Seu professor deve ser capaz de lhe dizer qual é o seu caminho particular na natureza e colocá-lo nele. Ele deve saber pela sua cara onde você pertence e deve ser capaz de indicá-lo para você. Nunca devemos tentar seguir o caminho de outra pessoa, pois esse é o caminho dele, não o seu. Quando esse caminho for encontrado, você não terá nada a fazer senão cruzar os braços e a maré o levará à liberdade. Portanto, quando você encontrá-lo, nunca se desvie dele. Seu caminho é o melhor para você, mas isso não é sinal de que seja o melhor para outro.

6. Os verdadeiramente espirituais veem o espírito como espírito, não como matéria. O espírito como tal nunca pode tornar-se matéria, embora a matéria seja espírito num ritmo vibratório baixo. É o espírito que faz a natureza se mover; é a Realidade na natureza, portanto a ação está na natureza, mas não no espírito. O Espírito é sempre o mesmo, imutável, eterno. Espírito e matéria são na realidade a mesma coisa, mas o espírito, como tal, nunca se torna matéria, e a matéria, como tal, nunca se torna espírito. A matéria, como tal, nunca se torna espírito como tal, pois é simplesmente um modo de espírito, ou espírito com baixa vibração. Você come o alimento e ele se torna mente, e a mente, por sua vez, se torna o corpo. Assim, mente e corpo, espírito e matéria são distintos, embora um possa dar lugar ao outro; mas eles não devem ser identificados.

8. “O que é real na natureza é o Espírito”. O espírito é a vida em todas as ações da natureza. É o espírito que dá à natureza a sua realidade e poder de ação.

9. "A ação está na natureza." "O espírito nunca age. Por que deveria?" Simplesmente é, e isso é suficiente. É pura existência absoluta e não tem necessidade de ação.

12. Toda a natureza está sujeita à lei, à lei da sua própria ação; e esta lei nunca pode ser quebrada. Se você pudesse quebrar uma lei da natureza, toda a natureza acabaria num instante. Não haveria mais natureza. Aquele que alcança a liberdade quebra a lei da natureza e para ele a natureza desaparece e não tem mais poder sobre ele. Cada um infringirá a lei, mas de uma vez por todas, e isso acabará com seus problemas com a natureza. "Você não está sujeito à lei. Isso está na sua natureza. A mente está na natureza e está sujeita à lei."

14. No momento em que vocês formam uma organização, vocês começam a odiar todos fora dessa organização. Quando você se junta a uma organização você está colocando laços sobre si mesmo, você está limitando sua própria liberdade. Por que vocês deveriam formar uma ordem com regras e regulamentos, limitando assim cada um quanto à sua ação independente? Se alguém viola a lei de uma ordem ou sociedade, é odiado pelos demais. Que direito tem alguém de estabelecer regras e leis que regem os outros? Tais leis não são leis de forma alguma. Se fosse uma lei, não poderia ser violada. O facto de estas chamadas leis serem violadas mostra claramente que não são leis.

9.3.9 CLASSE GITA

(Novas Descobertas, Vol. 6, pp. 275-76.)

[Notas da irmã Nivedita sobre uma aula do Bhagavad-Gitâ em Nova York, registradas em uma carta de 16 de junho de 1900 para a senhorita Josephine MacLeod]

Esta manhã a lição sobre o Gitâ foi grandiosa. Começou com uma longa conversa sobre o facto de que os ideais mais elevados não são para todos. A não resistência não é para o homem que pensa na substituição do verme da ferida pelo santo leproso com “Come, irmão!” nojento e horrível. A não resistência é praticada pelo amor de uma mãe para com um filho irritado. É uma farsa na boca de um covarde ou na cara de um leão.

Sejamos verdadeiros. Nove décimos da energia da nossa vida são gastos tentando fazer com que as pessoas pensem que somos aquilo que não somos. Essa energia seria gasta de maneira mais correta para nos tornarmos aquilo que gostaríamos de ser. E assim foi – começando com a saudação a uma encarnação:

Saudação a ti — o Guru do universo,
Cujo escabelo é adorado pelos deuses.

Tu, uma alma ininterrupta,
Médico das doenças do mundo.

Guru até dos deuses,
A ti nossa saudação.

A ti nós saudamos. A ti nós saudamos. A ti nós saudamos.
Nos tons indianos – pelo próprio Swami.

Houve uma implicação ao longo da palestra de que Cristo e Buda eram inferiores a Krishna - no domínio dos problemas - na medida em que pregavam a ética mais elevada como um caminho mundial, enquanto Krishna via o direito do todo, em todas as suas partes - ao seu próprios ideais diferentes.

9.3.10 OBSERVAÇÕES DE VÁRIAS PALESTRAS

(Novas Descobertas, Vol. 6, pp. 209-10.)

[Senhor. Notas aleatórias de palestras de Frank Rhodhamel, a maioria das quais parece pertencer ao capítulo dois do Bhagavad-Gitâ]

"A espiritualidade nunca poderá ser alcançada até que a materialidade desapareça."

O primeiro discurso do Gita pode ser interpretado alegoricamente.

"Os Vedas apenas ensinam sobre coisas da natureza, apenas ensinam sobre a natureza."

Estamos sempre deixando o sentimento usurpar o lugar do dever e nos gabando de que estamos agindo em resposta ao amor verdadeiro.

Devemos ir além do emocionalismo se quisermos renunciar. A emoção pertence aos animais. Eles são criaturas inteiramente emocionais.

Não é um sacrifício de alto nível morrer pelos jovens. Os animais fazem isso, e tão prontamente quanto qualquer mãe humana já fez. Não é sinal de amor verdadeiro fazer isso; emoção meramente cega.

Estamos sempre tentando fazer com que nossa fraqueza pareça força, nosso sentimento como amor, nossa covardia como coragem, etc.

Diga à sua alma em relação às vaidades, fraquezas, etc.: "Isto não lhe convém. Isto não lhe convém".

9.4 ESCRITOS: PROSA E POEMAS

9.4.1 O ÉTER

Este artigo apareceu pela primeira vez anonimamente na edição de fevereiro de 1895 do New York Medical Times, uma prestigiosa revista médica mensal fundada e editada pelo Dr. Egbert Guernsey. [317]

A classificação ou agrupamento de fenómenos pelas suas semelhanças é o primeiro passo no conhecimento científico – talvez seja tudo. Um agrupamento organizado, que nos revela uma semelhança que permeia todo o grupo, e uma convicção de que, em circunstâncias semelhantes, o grupo se organizará da mesma forma – estendendo-se ao longo de todos os tempos, passado, presente e futuro – é o que chamamos de lei.

Esta descoberta da unidade na variedade é realmente o que chamamos de conhecimento. Esses diferentes grupos de semelhantes são guardados nos escaninhos da mente, e quando um fato novo surge diante de nós, começamos a procurar um grupo semelhante já existente em um dos escaninhos da mente. Se conseguirmos encontrar um já pronto, acolhemos imediatamente o recém-chegado. Caso contrário, ou rejeitamos o novo facto, ou esperamos até encontrarmos mais da sua espécie, e formarmos um novo lugar para o grupo.

Fatos extraordinários nos perturbam; mas e quando encontramos muitos como eles, eles deixam de perturbar, mesmo quando o nosso conhecimento sobre a sua causa permanece o mesmo de antes.

As experiências comuns de nossas vidas não são menos maravilhosas do que quaisquer milagres registrados em qualquer livro sagrado do mundo; nem somos mais esclarecidos quanto à causa dessas experiências comuns do que os chamados milagres. Mas o milagroso é “extraordinário” e a experiência cotidiana é “comum”. O “extraordinário” assusta a mente, o “comum” satisfaz.

O campo do conhecimento é muito variado, e quanto maior a diferença estiver em relação ao centro, mais amplamente os raios divergem.

No início, pensava-se que as diferentes ciências não tinham qualquer ligação umas com as outras; mas à medida que mais e mais conhecimento

chega - isto é, quanto mais nos aproximamos do centro - os raios convergem cada vez mais e parece que estão às vésperas de encontrar um centro comum. Será que algum dia eles encontrarão isso?

O estudo da mente foi, acima de tudo, a ciência para a qual os sábios da Índia e da Grécia dirigiram a sua atenção. Todas as religiões são o resultado do estudo do homem interior. Aqui encontramos a tentativa de encontrar a unidade, e na ciência da religião, ao se posicionar sobre proposições gerais e massivas, encontramos a manifestação mais ousada e mais vigorosa dessa tendência a encontrar a unidade.

Algumas religiões não conseguiram resolver o problema além da descoberta de uma dualidade de causas, uma boa e outra má. Outros chegaram ao ponto de encontrar uma causa pessoal inteligente, alguns foram ainda mais além do intelecto, além da personalidade, e encontraram um ser infinito.

Naqueles, e somente naqueles sistemas que ousaram transcender além da personalidade de uma consciência humana limitada, encontramos também uma tentativa de resolver todos os fenômenos físicos em unidade.

O resultado foi o “Akasha” dos hindus e o “Éter” dos gregos.

Este “Akasha” foi, depois da mente, a primeira manifestação material, disseram os sábios hindus, e deste “Akasha” tudo isto evoluiu.

A história se repete; e novamente durante a última parte do século XIX, a mesma teoria está surgindo com mais vigor e mais luz.

Está sendo provado mais claramente do que nunca que, assim como existe uma correlação de forças físicas, existe também uma correlação de diferentes [ramos do] conhecimento, e que por trás de todos esses grupos gerais existe uma unidade de conhecimento.

Foi demonstrado por Newton [318] que se a luz consistisse em partículas materiais projetadas a partir de corpos luminosos, elas deveriam se mover mais rapidamente nos sólidos e líquidos do que no ar, para que as leis da refração pudessem ser satisfeitas.

Huyghens, [319], por outro lado, mostrou que, para explicar as mesmas leis na suposição de que a luz consistia no movimento ondulatório de um meio elástico, ela deveria se mover mais lentamente em sólidos e fluidos do que em gases. Fizeau [320] e Foucault [321] consideraram as previsões de Huyghens corretas.

A luz consiste, então, no movimento vibratório de um meio, que deve, é claro, preencher todo o espaço. Isso é chamado de éter.

O fato de a teoria de um éter cósmico explicar completamente todos os fenômenos de radiação, refração, difração e polarização da luz é o argumento mais forte a favor da teoria.

Ultimamente, a gravitação, a ação molecular, as atrações e repulsões magnéticas, elétricas e eletrodinâmicas têm sido assim explicadas.

O calor sensível e latente, a eletricidade e o magnetismo têm sido ultimamente explicados quase satisfatoriamente pela teoria do éter onipresente.

Zöllner, [322] entretanto, baseando seus cálculos nos dados fornecidos pelas pesquisas de Wilhelm Weber [323], pensa que a transmissão da força vital entre os corpos celestes é efetuada em ambos os sentidos, pela ondulação de um meio e pelo próprio evidência de partículas.

Weber descobriu que as moléculas, as menores partículas dos corpos, eram compostas de partículas ainda menores, que ele chamou de partículas elétricas, e que nas moléculas estão em movimento circular constante. Essas partículas elétricas são parcialmente positivas e parcialmente negativas.

Aqueles com a mesma eletricidade repelem aqueles com eletricidade diferente; atraindo-se mutuamente, cada molécula contém a mesma quantidade de partículas elétricas, com um pequeno excedente de positivo ou negativo alterando rapidamente o equilíbrio.

Sobre isso Zöllner constrói estas proposições:

(1) As moléculas são compostas por um grande número de partículas – as chamadas partículas elétricas, que estão em constante movimento circular umas em torno das outras dentro da molécula.

(2) Se o movimento interno de uma molécula aumenta acima de um certo limite, então são emitidas partículas elétricas. Eles então viajam de um corpo celeste através do espaço até chegarem a outro corpo celeste, onde são refletidos ou absorvidos por outras moléculas.

(3) As partículas elétricas que atravessam o espaço são o éter do físico.

(4) Essas partículas de éter têm um movimento duplo: primeiro, seu movimento próprio; segundo, um movimento ondulatório, para o qual recebem o impulso das partículas de éter girando nas moléculas.

(5) O movimento das menores partículas corresponde ao dos corpos celestes.

O corolário é:

A lei da atração que vale para os corpos celestes também vale para as menores partículas.

Sob essas suposições, aquilo que chamamos de espaço está realmente cheio de partículas elétricas, ou éter.

Zöllner também encontrou o seguinte cálculo interessante para os átomos elétricos:

Velocidade: 50.143 milhas geográficas por segundo.

Quantidade de partículas de éter em uma molécula de água: 42 bilhões.

Distância um do outro: 0,0032 milímetros.

Até onde vai, então, a teoria de um éter cósmico universal é a mais adequada para explicar os vários fenômenos da natureza.

No que diz respeito a isso, a teoria de que este éter consiste em partículas, elétricas ou não, também é muito valiosa. Mas, em todas as suposições, deve haver espaço entre duas partículas de éter, por menor que seja; e o que preenche esse espaço interetéreo? Se as partículas forem ainda mais finas, precisaremos de partículas etéreas ainda mais finas para preencher o vácuo entre cada duas delas, e assim por diante.

Assim, a teoria do éter, ou das partículas materiais no espaço, embora dê conta dos fenômenos no espaço, não pode dar conta do próprio espaço.

E assim somos forçados a descobrir que o éter que compreende as moléculas explica os fenômenos moleculares, mas ele próprio não pode explicar o espaço porque não podemos deixar de pensar no éter como estando no espaço. E, portanto, se há algo que explique este espaço, deve ser algo que compreenda no seu ser infinito o próprio espaço infinito. E o que há que possa compreender até mesmo o espaço infinito senão a Mente Infinita?

9.4.2 NOTAS

(Novas Descobertas, Vol. 3, pp. 440-41.)

[Um manuscrito de uma página, sem data e sem título, com a caligrafia do próprio Swami Vivekananda]

Meus nervos agem sobre meu cérebro – o cérebro envia de volta uma reação que, no lado mental, é este mundo.

Algo — x — atua no cérebro através dos nervos, a reação é este mundo.

Por que x não está também no corpo – por que fora?

Porque descobrimos que o mundo exterior já criado (como resultado de uma reação anterior do cérebro) atua sobre nós, provocando uma reação posterior.

Assim, o interior torna-se exterior e cria outra ação, cuja ação interior cria outra reação, que novamente se torna exterior e novamente atua dentro.

A única maneira de conciliar idealismo e realismo é sustentar que um cérebro pode ser afetado pelo mundo criado como reação interna de outro cérebro, ou seja, a mistura x + mente que um cérebro libera pode afetar outro, ao qual é similarmente externo. .

Portanto, assim que entramos na influência deste círculo hipnótico, ou influência, criado por centenas de cérebros anteriores, começamos a sentir este mundo como eles o veem.

A mente é apenas uma fase da matéria, isto é, dos fenômenos em constante mudança, dos quais a matéria e a mente são estados ou visões diferentes. Deve haver algo em cuja presença esta rede eterna e fenomênica se espalha – isso é a Substância, o Brahman.

9.4.3 NOTAS DE AULA

(Novas Descobertas, Vol. 4, pp. 213-14.)

Provavelmente na virada do século, a Srta. Ellen Waldo entregou estas notas sem data, com a letra de Swami Vivekananda, à sua amiga Irmã Devamata, membro do Boston Vedanta Center, onde mais tarde foram disponibilizadas para publicação.

O homem precisará de uma religião enquanto for constituído como hoje.

Os formulários mudarão de tempos em tempos

A insatisfação com os sentidos.

O anseio além.

Houve invasões da religião nos domínios da ciência física - essas [invasões] que a religião está desistindo todos os dias.

No entanto, há um vasto campo coberto pela religião onde as ciências físicas são mudas.

A [vã?] tentativa de manter o homem estritamente dentro dos limites dos sentidos —

Porque - há homens que vislumbram de vez em quando o infinito além.

Os tipos de homens.

O trabalhador - o místico, o emocional, o intelectual.

Cada tipo é necessário para o bem-estar da sociedade. Os perigos de cada um —

Uma mistura minimiza o perigo

O Oriente é muito cheio de místicos e o Ocidente meditativo de trabalhadores —

Uma troca será para o bem de ambos.

A necessidade da religião —

Os quatro tipos de homens

que vêm para a religião —

a base da Unidade — a Divindade

no homem. Por que usar este termo?

a sociedade ocidental tem trabalho

e filosofia intelectual —

Mas o trabalho não deve ser destrutivo

de outros.

Filosofia – não deve ser apenas intelectualidade árida

9.4.4 MACROCOSMO E MICROCOSMO

(A Vida de Swami Vivekananda, Vol. I. p. 250.)

Após sua experiência do macrocosmo dentro do microcosmo enquanto absorto em meditação sob a árvore peepul em Kakrighat, em 1890, Swami Vivekananda anotou em bengali fragmentos de sua realização em seu caderno.

No princípio era a Palavra etc.

O microcosmo e o macrocosmo são construídos no mesmo plano. Assim como a alma individual está encerrada no corpo vivo, a Alma universal também está na Prakriti [Natureza] Viva – o universo objetivo. Shiva [ou seja, Kâli] está abraçando Shiva: isso não é uma fantasia. Esta cobertura de uma [Alma] pela outra [Natureza] é análoga à relação entre uma ideia e a palavra que a expressa: elas são uma e a mesma; e é apenas por uma abstração mental que podemos distingui-los. O pensamento é impossível sem palavras. Portanto, no princípio era o Verbo etc.

Este aspecto dual da Alma Universal é eterno. Então o que percebemos ou sentimos é esta combinação do Eternamente Formado e do Eternamente Sem Forma.

9.4.5 NOTAS DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA PARA A *IMITAÇÃO DE CRISTO*

(Prabuddha Bharata, setembro de 1982, pp. 390-93.)

Em 1889, Swami Vivekananda traduziu para o bengali seleções do Livro I, capítulos 1-6 de A Imitação de Cristo, de Thomas à Kempis. Eles foram publicados junto com um prefácio em uma revista mensal bengali extinta, Sâhitya Kalpadruma. O prefácio do Swami e a tradução em bengali, intitulada "Ishânusharana" [324], foram posteriormente publicados nas Obras Completas de Bengali (primeira edição), VI, pp. 16-28. No entanto, apenas o prefácio de A Imitação de Cristo foi publicado na edição inglesa das Obras Completas, VIII.

A tradução parcial em bengali de Swami Vivekananda de A Imitação de Cristo inclui como notas de rodapé citações de escrituras hindus paralelas às idéias, comentários ou comentários de Kempis. Para maior clareza, essas notas de rodapé (numeradas de 1 a 17) foram anexadas aos seus respectivos versículos em A Imitação de Cristo (indicados entre parênteses), organizadas sob os títulos apropriados dos capítulos do livro e reproduzidas aqui em negrito.

Muitas das notas de rodapé em sânscrito da tradução bengali foram posteriormente traduzidas para o inglês durante as palestras ou escritos de Swami Vivekananda. Por uma questão de interesse, estas traduções em inglês também foram adicionadas ao texto restaurado da nota de rodapé do Swami. Caso contrário, os versos em sânscrito foram traduzidos pela Editora para conveniência do leitor.

- Editora

RESERVAR I [\[325\]](#)

CAPÍTULO 1

Da Imitação de Cristo e do Desprezo de todas as Vaidades de o mundo

1. “Quem me segue não anda em trevas”, diz o Senhor [João 8.12]. (A Imitação de Cristo V.1.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: BHAGAVAD-GITA 7.14

दैवी ह्येषा गुणमयी मम माया दुरत्यया ।
मामेव ये प्रपद्यन्ते मायामेतां तरन्ति ते ॥

TRADUÇÃO DE SWAMI VIVEKANANDA: Esta Minha Mâyâ é divina, feita de qualidades e muito difícil de atravessar. No entanto, aqueles que vêm a Mim atravessam o rio da vida. [326]

2. Portanto, nosso principal esforço seja meditar na vida de Jesus Cristo. (A Imitação de Cristo V.1.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: Adhyâta
Râmâyana,

UTTARA-KANDA 5.54 (RAMAGITA)

ध्यात्वैवमात्मानमहर्निशं मुनिः ।
लिङ्गैस्सदा मुक्तसमस्तबन्धनः ॥

TRADUÇÃO DO EDITOR: Meditando assim sobre o Ser dia e noite, deixe o sábio permanecer livre de toda escravidão.

3. A doutrina de Cristo excede todas as doutrinas dos homens santos; e aquele que tem o Espírito encontrará nele o maná escondido. (A Imitação de Cristo V.2.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA:

Quando os israelitas foram afligidos pela falta de comida no deserto, Deus derramou sobre eles uma espécie de “maná”.

4. Mas acontece que muitos que freqüentemente ouvem o Evangelho de Cristo ainda são pouco afetados, porque estão vazios do Espírito de Cristo. Mas quem quiser compreender plena e profundamente as palavras de Cristo, deve esforçar-se por conformar sua vida inteiramente à vida de Cristo. (A Imitação de Cristo V.2.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA (A): BHAGAVAD-
GITA 2.29

श्रुत्वाप्येनं वेदं न चैव कश्चित् ।

TRADUÇÃO DE SWAMI VIVEKANANDA: Outros, ouvindo isso, não entendem. [327]

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA (B):
Vivekachudâmani 62

न गच्छति विना पानं व्याधिरौषधशब्दतः ।
विनाऽपरोक्षानुभवं ब्रह्मशब्देन मुच्यते ॥

TRADUÇÃO DA EDITORA: Uma doença não sai do corpo simplesmente repetindo o nome do medicamento; é preciso tomar o remédio. Da mesma forma, a libertação não vem simplesmente dizendo a palavra Brahman. Brahman deve ser experimentado.

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA (C):
MAHABHARATA

(edição crítica) 12.309.91

श्रुतेन किं येन न धर्ममाचरेत् ।

TRADUÇÃO DO EDITOR: De que adianta ler os Vedas sem praticar a religião?

5. De que adiantará você contestar profundamente a Trindade se você for desprovido de humildade e, portanto, desagradar à Trindade? (A Imitação de Cristo V.3.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA:

De acordo com os cristãos, Deus Pai, Espírito Santo e Deus Filho são Um em três e Três em Um.

6. Certamente grandes palavras não tornam um homem santo e justo; mas uma vida virtuosa o torna querido por Deus. (A Imitação de Cristo V.3.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: Vivekachudamani 58

वाग्वैखरी शब्दझरी शास्त्रव्याख्यानकौशलम् ।
वैदुष्यं विदुषां तद्वद् भुक्तये न तु मुक्तये ॥

TRADUÇÃO DE SWAMI VIVEKANANDA: Métodos maravilhosos de unir palavras, poderes retóricos e explicar os textos dos livros de várias maneiras – estes são apenas para o prazer dos eruditos, e não para a religião. [328]

7. Se você soubesse de cor toda a Bíblia e os ditos de todos os filósofos, que lhe aproveitaria sem o amor de Deus e sem a graça? (A Imitação de Cristo V.3.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: [somente referência]

—**I Coríntios 13.2.**

8. “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Eclesiastes), exceto amar a Deus e servi-lo somente. (A Imitação de Cristo V.3.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: Maniratnamâlâ

के सन्ति सन्तोऽखिलवीतरागाः।
अपास्तमोहाः शिवतत्त्वनिष्ठाः ॥

TRADUÇÃO DO EDITOR: Somente eles são homens santos (Sâdhus) que são desprovidos de qualquer desejo por objetos mundanos, livres de ilusão e são devotados à verdade de Shiva.

9. Lembre-se sempre daquele provérbio “Os olhos não se satisfazem em ver, nem os ouvidos se enchem de ouvir”. (A Imitação de Cristo V.5.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: [somente referência]

—**Ecles. 1.8.**

10. Esforce-se, portanto, para afastar seu coração do amor pelas coisas visíveis e voltar-se para o invisível. Pois aqueles que seguem as suas

concupiscências mancham as suas próprias consciências e perdem a graça de Deus. (A Imitação de Cristo V.5.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: MAHABHARATA,
2.63 (YAYATIGATHA)

न जातु क्रमः कामः कामानामुपभोगेन शाम्यति ।
हविषा कृष्णवर्त्मनो भूय एवाभिवर्धते ॥

TRADUÇÃO DE SWAMI VIVEKANANDA: O desejo nunca é satisfeito pelo desfrute dos desejos; só aumenta ainda mais, como o fogo quando se derrama manteiga sobre ele. [329]

CAPÍTULO 3

Da Doutrina da Verdade

11. O que é útil para criticar e discutir muito sobre coisas obscuras e ocultas; por ignorância da qual não seremos reprovados no dia do julgamento? (A Imitação de Cristo V.1.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA:

De acordo com a visão cristã, Deus julgará todos os seres no último dia (o dia da dissolução do mundo) e concederá o céu ou o inferno de acordo com as virtudes ou vícios dos diferentes indivíduos.

12. Aquele a quem a Palavra Eterna fala está livre de muitas opiniões. (A Imitação de Cristo V.2.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA:

Esse Palavra é um pouco semelhante ao Maya dos Vedantistas. Isto mesmo foi manifestado na forma de Cristo.

CAPÍTULO 5

Da Leitura das Sagradas Escrituras

13. A verdade, e não a eloqüência, deve ser buscada nas Sagradas Escrituras. Cada parte da Escritura deve ser lida com o mesmo Espírito com que foi escrita. (A Imitação de Cristo V.1.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: KATHA
UPANISHAD 1.2.9

नैषा तर्केण मतिरापनेया ।

TRADUÇÃO DE SWAMI VIVEKANANDA: A mente também não deve ser perturbada por argumentos vãos, pois não é mais uma questão de discussão; é uma questão de fato. [330]

14. Não deixe que a autoridade do escritor te ofenda, seja ele de grande ou pequeno conhecimento; mas deixe o amor pela verdade pura levá-lo à leitura. (A Imitação de Cristo V.1.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: Leis de Manu 2.238

आददीत शुभां विद्यां प्रयत्नाद्वरादपि ।

TRADUÇÃO DE SWAMI VIVEKANANDA: Aprenda conhecimento supremo com serviço, mesmo com o homem de origem inferior. [331]

CAPÍTULO 6

De afetos desordenados

15. Sempre que um homem deseja algo desordenadamente, ele fica imediatamente inquieto consigo mesmo. (A Imitação de Cristo V.1.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: BHAGAVAD-GITA
2.67

इन्द्रियाणां हि चरतां यन्मनोऽनुविधीयते ।
तदस्य हरति प्रज्ञां वायुर्नाविमिवाम्भसि ॥

TRADUÇÃO DE SWAMI VIVEKANANDA: Pois a mente que segue o rastro dos sentidos errantes leva consigo seu discernimento como um vento (desvia seu curso) de um barco nas águas.

16. Os orgulhosos e avarentos nunca descansam. Os pobres e humildes de espírito vivem juntos em toda a paz.

O homem que ainda não está perfeitamente morto para si mesmo é rapidamente tentado e vencido em coisas pequenas e insignificantes. (A Imitação de Cristo V.1.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: BHAGAVAD-GITA
2.62-63

ध्यायतो विषयान्मुंसः संगस्तेषूपजायते ।
संगात्संजायते कामः कामात्क्रोधोऽभिजायते ॥
क्रोधाद्भवति संमोहात्स्मृतिविभ्रमः ।
स्मृतिभ्रंशाद् बुद्धिनाशो बुद्धिनाशात्प्रणश्यति ॥

TRADUÇÃO DO EDITOR: Ao pensar sobre os objetos dos sentidos, forma-se o apego a eles. Do apego surge o desejo, e o desejo gera raiva. Da raiva vem a ilusão, e da ilusão, a memória confusa. Da memória confusa vem a ruína da discriminação; e da ruína da discriminação, um homem perece.

17. Não há então paz no coração do homem carnal, nem naquele que é viciado nas coisas exteriores, mas no homem espiritual e devoto. (A Imitação de Cristo V.2.)

NOTA DE RODAPÉ DE SWAMI VIVEKANANDA: BHAGAVAD-GITA
2.60

यत्ततो ह्यपि कौन्तेय पुरुषस्य विपश्चितः ।
इन्द्रियाणि प्रमाथीनि हरन्ति प्रसभं मनं ॥

TRADUÇÃO DO EDITOR: Os sentidos turbulentos, ó filho de Kunti, arrebatam violentamente a mente até mesmo de um homem sábio que luta pela perfeição.

9.4.6 O MANIFESTO DA PRAGA

Om Saudações a Bhagavan Shri Ramakrishna

Irmãos de Calcutá! [332]

1. Ficamos felizes quando você está feliz e sofremos quando você sofre. Portanto, durante estes dias de extrema adversidade, estamos nos esforçando e orando incessantemente pelo seu bem-estar e por uma maneira fácil de salvá-lo da doença e do medo de uma epidemia.
2. Se essa doença grave - temendo que tanto os altos como os baixos, os ricos e os pobres estejam todos fugindo da cidade - realmente surgir em nosso meio, então, mesmo que morramos enquanto servimos e cuidamos de você, nos consideraremos afortunados. porque todos vocês são personificações de Deus. Quem pensa o contrário – por vaidade, superstição ou ignorância – ofende a Deus e incorre em grande pecado. Não há a menor dúvida sobre isso.
3. Oramos humildemente a você - por favor, não entre em pânico devido a um medo infundado. Dependendo de Deus e procure com calma encontrar os melhores meios para resolver o problema. Caso contrário, dê as mãos àqueles que estão fazendo exatamente isso.
4. O que há para temer? O terror que entrou no coração das pessoas devido à ocorrência da peste não tem fundamento real. Pela vontade de Deus, nada da terrível forma que a peste assume, como visto em outros lugares, ocorreu em Calcutá. As autoridades governamentais também nos foram particularmente úteis. Então, o que há para temer?

5. Vinde, abandonemos este falso medo e, tendo fé na infinita compaixão de Deus, cingimos os nossos lombos e entremos no campo de ação. Vamos viver vidas puras e limpas. Doenças, medo de uma epidemia, etc., desaparecerão no ar por Sua graça.

6. (a) Mantenha sempre limpa a casa e suas dependências, os quartos, roupas, cama, ralo, etc.

(b) Não coma alimentos estragados e estragados; em vez disso, coma alimentos frescos e nutritivos. Um corpo fraco é mais suscetível a doenças.

(c) Mantenha sempre a mente alegre. Todo mundo morrerá uma vez. Os covardes sofrem as dores da morte repetidas vezes, unicamente devido ao medo em suas próprias mentes.

(d) O medo nunca abandona aqueles que ganham a vida por meios antiéticos ou que causam danos a outros. Portanto, neste momento em que enfrentamos o grande medo da morte, desista de todo esse tipo de comportamento.

(e) Durante o período de epidemia, abstenham-se de raiva e de luxúria – mesmo que sejam chefes de família.

(f) Não dê atenção a rumores.

(g) O governo britânico não vacinará ninguém à força. Somente quem estiver disposto será vacinado.

(h) Não faltarão esforços no tratamento dos pacientes aflitos em nosso hospital sob nosso cuidado e supervisão especiais, prestando total respeito à religião, à casta e à modéstia (Purdah) das mulheres. Deixe os ricos fugirem! Mas somos pobres; entendemos a dor de cabeça dos pobres. A Mãe do Universo é ela mesma o apoio dos desamparados. A Mãe está nos assegurando: “Não temas! Não temas!”

7. Irmão, se não houver ninguém para ajudá-lo, envie informações imediatamente aos servos de Shri Bhagavan Ramakrishna em Belur Math.

Não haverá escassez de ajuda que seja fisicamente possível. Pela graça da Mãe, a ajuda monetária também será possível.

— N. B. Para eliminar o medo da epidemia, você deve cantar Nâma Sankirtanam [o nome do Senhor] todas as noites e em todas as localidades.

9.4.7 MAIS UM CÍRCULO

[Um poema fragmentário composto em Ridgely Manor, em 1899] [\[333\]](#)

Mais um círculo, o caminho espiral da vida sobe
E a incansável nave do tempo — correndo de um lado para outro
Através de um labirinto de urdidura e trama
de brilhar
fios da vida – tece uma peça mais forte. [334]

De mãos dadas eles ficam de pé e tentam
sondar as profundezas de onde
brota o amor eterno, um nos olhos do outro;

E encontre
Não há controle sobre essa idade, mas traz a juventude de novo -
E o tempo – o bom, o puro, o verdadeiro.

सामाख्याद्यैर्गीतिसुमधुरैर्मैघगम्भीरघोषैः
यज्ञध्वनध्वनितगगनैर्बाह्यैर्ज्ञातवेदैः ।
वेद्यन्ताख्यैः सुविहितमखोट्टिन्नमोहान्धकारैः
स्तुतो गीतो य इह सततं तं भजे रामकृष्णम् ॥

Aquele que foi elogiado pelos Brâhmanas, aqueles conhecedores dos Vedas que fizeram o céu reverberar com os sons sagrados do sacrifício e fizeram com que a escuridão da ilusão desaparecesse através de rituais bem executados e do conhecimento conhecido como Vedanta - aquele cuja grandeza foi cantada nos doces cantos do Sâma-Veda etc., com vozes trovejando como nuvens [335] – a esse Shri Ramakrishna, eu ofereço minha adoração eterna.

9.4.9 UM POEMA INACABADO

(New Discoveries, Vol. 3. p. 490. Este poema sem data está preservado nos arquivos do Vedanta Center, Cohasset, Massachusetts. Cf. "My Play is Done", Complete Works, Vol. 6.)

De vida em vida estou esperando aqui nos portões — eles
não abra.

Minha língua está ressecada por orações incessantes e turva
meus olhos cresceram

Com esforço constante na escuridão para pegar
um raio há muito procurado;

Meu coração está tomado por um desespero sombrio, toda esperança está
bem-

quase voou.

E de pé no cume estreito da vida, abaixo do

abismo eu vejo —

Conflito e tristeza, escuridão profunda da vida turbulenta e

morte,

De comoção louca, lutas vãs, de perambulação louca

grátis.

De um lado esse abismo escuro — estremeço até de ver —

Do outro esta parede. . .

9.4.10 VERSOS DE BHARTRIHARI SOBRE A RENÚNCIA

Esta é a tradução gratuita de versos de Swami Vivekananda do poema sânscrito Vairâgya Shatakam de Bhartrihari. [336]

A tradução do Swami é das Notas não publicadas de algumas andanças com o Swami Vivekananda da Irmã Nivedita - versos selecionados gravados quase literalmente, mas não necessariamente na ordem de Bhartrihari, pela Irmã Nivedita enquanto Swami Vivekananda os traduzia oralmente para alguns de seus discípulos ocidentais durante uma peregrinação ao Himalaia em 1898.

Para benefício do pesquisador, os versículos 14-15, 18, 24-26, 31 e 33 foram anotados como versos correspondentes retirados da tradução manuscrita original de Swami Vivekananda, que foi dada à Sociedade Vedanta do Sul da Califórnia pela Srta. Josephine MacLeod, em breve antes de seu falecimento em 1948. Esta versão manuscrita com notas de rodapé

foi publicada pela primeira vez na coleção de poesia intitulada Em Busca de Deus e Outros Poemas (Mayavati: Advaita Ashrama, 1968).

As diferenças estilísticas na tradução geral do poema de Bhartrihari por Swami Vivekananda são devidas às variações inerentes às duas fontes mencionadas. Erros tipográficos e de pontuação óbvios foram corrigidos.

Os números dos versos, conforme disponíveis, correspondem à numeração de Bhartrihari.

- Editora

VERSOS DE BHARTRIHARI SOBRE A RENÚNCIA

[Uma tradução de versos do poema sânscrito Vairagya Shatakam de Bhartrihari]

Já viajei por muitos países, é difícil viajar,

E não obtive resultado;

Desistir do orgulho de nascimento e posição,

Servi a todos.

Como um corvo entrando furtivamente em uma cozinha,

Com medo, comi o pão dos outros em suas casas,

No entanto, tu, Desejo, que conduzes às más ações,

Não me deixe!

(Verso 2)

Cruzei oceanos para encontrar riqueza.

Explodi montanhas para conseguir joias.

Passei noites inteiras em cemitérios

repetindo mantras

E obtive — não o búzio quebrado

de bem-aventurança

Ah, Desejo, desista de mim agora.

(Versículo 3)

Eu suportei as palavras perversas dos iníquos;

Para agradar os tolos, quando meu coração está chorando,

meus lábios sempre riram.

Parando meu julgamento, estou de mãos postas

Permaneceu diante de pessoas indignas.

Mesmo agora, meu Desejo, por que você me faz dançar

como um tolo?

(Versículo 4)

Para esta vida, que é como uma gota d'água

em uma folha de lótus,

Não desfrutamos, mas os prazeres nos agradaram.

Não fizemos penitência, mas as penitências nos queimaram.

O tempo não voou, mas já partimos.

Ficamos decrepitos com a idade, mas não tanto com o Desejo.

A enfermidade nos assalta, a pele enruga-se,

O cabelo embranquece, o corpo fica torto,

A velhice chega.

Só o desejo fica mais jovem a cada dia.

(Versículos 5-8)

Esperança é o nome deste rio, cuja água é Desejo,

E tem sede de suas ondas.

A paixão é o crocodilo que vive naquela água,

Resoluções vãs são os pássaros que residem

Na árvore da virtude nas margens e mate-a.

Mas existem os redemoinhos da Ilusão

E Desânimo, os bancos altos.

Os grandes Yogis são felizes porque eles,

Com suas mentes puras, nunca cruzaram este rio.

(Versículo 10)

Bem-aventurados aqueles que vivem até no

cavernas de montanhas,

Medite na Luz suprema.

Até os pássaros beberão destemidamente do

lágrimas de prazer

Isso flui dos olhos deles.

Infelizmente, [337] nossas mentes se tornam familiares, até mesmo na
imaginação,

Com palácios e prazeres — jardins,

E assim nossas vidas passam rapidamente.

(Versículo 14)

Mesmo quando o único alimento é obtido mendigando,
e isso é de mau gosto;

A cama, a terra seca;

Toda a família, seu próprio corpo;

Sua única roupa, um pedaço de pano esfarrapado —

Infelizmente, o desejo de diversão não abandona o homem.

(Versículo 15)

Sem conhecer o poder da chama, o inseto cai nela.

O peixe engole a isca, sem conhecer o anzol que está dentro.

Que, bem ciente da vaidade e dos perigos do mundo,

Não podemos desistir —

Esse é o poder da Ilusão.

(Versículo 18)

Esses lugares no Himalaia foram extintos

Que um homem deveria mendigar na porta dos outros?

Todas as raízes das florestas montanhosas desapareceram?

As fontes estão todas secas?

As árvores estão todas murchas e dão frutos doces

E latir em busca de roupas

Que um homem olhe com medo o rosto de um tolo,
De quem é a cabeça virada por um pouco de riqueza?
(Lit., "Cujas sobrancelhas dançam com o vento do
orgulho de um pouco de riqueza".)
(Versículos 24-25)

Surgir! Vamos para a floresta
Onde raízes e frutas puras serão nosso alimento,
Água pura é nossa única bebida,
Pure sai da nossa cama,
E onde os mesquinhos, os imprudentes,
E aqueles cujos corações estão cheios de riqueza
Não existe.
(Versículo 26)

No prazer está o medo da doença;
No nascimento nobre, o medo de perder a casta;
Na riqueza, o medo dos tiranos;
Em homenagem, o medo de perdê-la;
Em força, o medo dos inimigos;
Na beleza, o medo do outro sexo; [338]
No conhecimento, o medo da derrota;
Na virtude, o medo do escândalo;
No corpo, o medo da morte.

Nesta vida, tudo está repleto de medo.

A renúncia por si só é destemida.

(Versículo 31)

A raiz da saúde sempre esteve em torno dela

Mil vermes na forma de perigos e doenças.

Onde a fortuna cair, abra cem portões de perigo.

Quem nasce, a morte certamente o engolirá.

Diga, onde está aquela Providência que criou

Alguma coisa que não morreu?

(Versículo 33) [339]

A vida é como uma onda nas águas,

A juventude permanece apenas alguns dias.

A riqueza é como uma fantasia da mente,

Ele desaparece imediatamente.

O prazer é como um relâmpago

entre nuvens escuras.

Nosso ente mais querido é apenas por um momento.

Sabendo disso, ó homem, dê seu coração a Brahman

Para cruzar este oceano da vida.

(Versículo 36)

. . . Vivendo em quem deuses como Indra, Brahmâ

e outros parecem uma folha de grama,
Cuja raiva pode destruir os mundos em um momento.
Ó sábio, conheça-O, aquele Supremo
Quem não morre,
E não se preocupe com o falso prazer.
(Versículo 40)

Ah, onde está a felicidade nesta vida?

(Na melhor das hipóteses, dura apenas cem anos, dos quais metade é gasto dormindo; da outra metade, metade em decrepitude; do que resta, metade vai para a infância e, do resto, metade ainda servindo aos outros!)

Ó homem, nesta vida fútil e ondulada
Onde está a felicidade?
(Versículo 49)

Agora você aparece como criança
E agora, como um jovem, cuja única ocupação é o amor.
Neste momento pobre, outro rico,
Agora um bebê e novamente um velho decrepito.
Ó ator, finalmente você desapareceu do palco
Quando a morte acena para você nos bastidores!
(Versículo 50)

Você é um rei, mas servimos Gurus,
Que são ótimos em conhecimento.
Você é conhecido por sua riqueza como rei,
Agradecemos nosso conhecimento.
Há uma diferença infinita entre nós e você,
Portanto, não somos pessoas para atendê-lo,
Ó reis!

(Versículo 51)

Ah, quando esse dia chegará,
Quando estiver em uma floresta, dizendo "Shiva", "Shiva",
Meus dias passarão?
Uma serpente e uma guirlanda iguais,
O inimigo forte e o amigo são iguais,
O canteiro de flores e o canteiro de pedras são iguais,
Uma linda mulher e uma folha de grama iguais!

(Versículos 85, 90)

Ó Shiva, quando poderei cortar
Até as raízes do meu Karma,
Tornando-se solitário, sem desejos, quieto —
Minhas mãos meu único prato e os pontos cardeais
minhas roupas?

(Versículo 99)

As frutas são alimento suficiente,
As águas da montanha jantar suficiente,
A terra é uma cama suficiente,
E latir uma roupa suficiente —
Todos são bem-vindos.
Só que não suporto as palavras orgulhosas dos tolos,
Cujos órgãos estão todos desordenados pela bebida
Do vinho da nova riqueza!
(Versículo 54)

E se você tiver a riqueza que satisfaz todos os desejos?
Se seu pé estiver na cabeça dos seus inimigos,
E daí?
Se você enriqueceu todo o seu amor,
Se o seu corpo continuar sendo um Kalpa [340] — e daí?
A única coisa a desejar é a Renúncia
O que dá todo amor a Shiva.
(Versículo 67)

Tema apenas a vida, que traz nascimento e morte,
Não tenha amor pelos amigos, nem luxúria, nem apego.
Sozinho, morando sozinho em uma floresta,
O que há de mais desejável do que esta Renúncia.
(Versículo 68)

Procurando nas regiões mais baixas,
Indo para os céus,
Viajando por todos os mundos,
Isso é apenas a inconstância da mente.
Ah, amigo, você nunca se lembra do Senhor
Quem reside dentro de você!
Como você pode obter felicidade?
(Versículo 70)

O que há na leitura dos Vedas,
Os Shrutis, os Purânas e a realização de sacrifícios?
A liberdade por si só tira o peso
deste mundo terrível,
E manifesta auto-bem-aventurança.
A verdade é a seguinte: o resto é tudo trabalho de loja.
(Versículo 71)

Quando o corpo ainda está saudável e sem doenças,
Quando a velhice ainda não o atacou,
Quando os órgãos ainda não perderam seu poder,
E a vida continua plena e inalterada,
Agora, agora, continue lutando, prestando grande ajuda a si mesmo!
Meu amigo, não adianta tentar cavar um poço
Em uma casa que já está pegando fogo!

(Versículo 75)

Em Shiva, que é o Senhor deste Universo,
Ou Vishnu, sua alma, não vejo diferença,
Mesmo assim, meu amor é por Ele
Quem tem a lua jovem na testa.

(Versículo 84)

Ah, quando chegará essa hora,
Quando estiver em uma linda noite de lua cheia,
Sentado às margens de algum rio,
E de uma forma calma, mas com notas altas repetindo
"Shiva! Shiva! Shiva!"
Todos os meus sentimentos sairão pelos olhos
Na forma de lágrimas?

(Versículo 85)

Quando, vestindo apenas o Kaupina, [341]
Deitado nas areias do sagrado Ganges em Benares,
Quando devo chorar em voz alta, "Ó Senhor dos carnicais",
Dizendo isso, dias inteiros passarão como momentos?

(Versículo 87)

Quando, banhando-se nas águas puras do Ganges,

Adorando a Ti, Onipresente, com frutos sagrados
e flores,
Esticando-me sobre pedras em uma caverna rochosa,
Toda a minha alma entrará em meditação,
E de acordo com a voz do meu Guru,
Evitarei toda miséria e purificarei
A mente contaminada em servir aos ricos.
(Versículo 88)

Toda esta terra é minha cama,
Meus lindos travesseiros, meus próprios braços,
Meu maravilhoso dossel no céu azul,
E o ar fresco da noite para me abanar,
A lua e as estrelas são minhas lâmpadas,
E minha linda esposa, Renúncia, ao meu lado,
Que rei pode dormir de prazer como eu?
(Versículo 94)

Este Universo é apenas um pequeno círculo.
O que há para desejar nisso?
O oceano se transformará em ondas
Pelo salto de um pequeno [peixe?]?
(Versículo 92)

Houve um tempo em que eu não via nada além de mulheres
neste mundo:

E agora que meus olhos estão abertos,
Não consigo ver nada além de Brahman.

Lindos são os raios da lua,
Lindos são os gramados da floresta,
Belo é o encontro do bom,
Bela é a poesia e
Belo é o rosto do amado.
Mas para mim nada disso é bonito,
Saber que eles são evanescentes.

(Versículo 79)

Oh mãe terra, pai vento,
Amiga luz, querida água,
Irmão céu,
Aqui, minha última saudação
Com as mãos postas!
Por hoje estou derretendo em Brahman,
Porque meu coração se tornou puro,
E toda ilusão desapareceu
Através do poder da sua boa companhia.

(Versículo 100)

A velhice nos observa, rugindo como uma tigresa.

As doenças, assim como os inimigos, nos atingem com frequência.

A vida está fluindo como água de uma jarra quebrada.

Ainda é curioso como os homens praticam más ações neste mundo!

(Versículo 38)

Essas lindas cidades.

Esses poderosos monarcas.

Esses nobres poderosos.

Essas montagens aprendidas.

Aquelas mulheres com cara de lua.

Esses príncipes orgulhosos.

E aqueles que cantaram seus louvores —

Todos eles foram varridos da memória
do homem.

Minha saudação, portanto, é ao Tempo que trabalha
tudo isso!

(Versículo 41)

O sol indo e vindo a cada hora

está diminuindo a vida do homem.

O tempo voa sem o nosso conhecimento,

Esmagados como estamos pela carga de muitas obras.

Vendo os males do nascimento, da velhice, do perigo e da morte

Não temos medo.

Ah, eu, bebendo o vinho da ilusão,

O mundo enlouqueceu.

(Versículo 43)

Não aprendi aquele conhecimento que derrota tudo
oponentes!

Nem foram capazes, na ponta da espada,

Que pode cortar as costas de um elefante,

Para enviar nossa glória até os céus;

Nem, sob a luz da lua cheia,

Beba o néctar dos lábios fluorescentes do Amado.

Minha juventude se tornou infrutífera

Como uma lâmpada em uma casa vazia.

(Versículo 46)

9.5 CONVERSAS E ENTREVISTAS

9.5.1 PRIMEIRO ENCONTRO COM MADAME EMMA CALVÉ

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 484-86.)

[A história do primeiro encontro de Swami Vivekananda e Madame Emma Calvé, contada na autobiografia de Calvé, *My Life*]

. . . [Swami Vivekananda] estava dando palestras em Chicago um ano quando eu estava lá; e como naquela época eu estava muito deprimido

mental e fisicamente, decidi ir até ele.

. . . Antes de ir, disseram-me para não falar até que ele se dirigisse a mim. Quando entrei na sala, fiquei diante dele em silêncio por um momento. Ele estava sentado em uma atitude nobre de meditação, seu manto amarelo-açafrão caindo em linhas retas no chão, a cabeça envolta em um turbante curvado para a frente, os olhos no chão. Depois de uma pausa, ele falou sem erguer os olhos.

“Minha filha”, disse ele, “que clima conturbado você tem. Tenha calma. É essencial”.

Então, com voz calma, serena e distante, esse homem que nem sabia meu nome falou comigo sobre meus problemas e ansiedades secretos. Ele falou de coisas que eu achava que eram desconhecidas até mesmo dos meus amigos mais próximos. Parecia milagroso, sobrenatural.

"Como você sabe tudo isso?" Eu perguntei finalmente. "Quem falou de mim para você?"

Ele olhou para mim com seu sorriso tranquilo, como se eu fosse uma criança que tivesse feito uma pergunta tola.

“Ninguém falou comigo”, ele respondeu gentilmente. "Você acha que é necessário? Eu li em você como em um livro aberto."

Finalmente chegou a hora de eu partir.

"Você deve esquecer", ele disse quando me levantei. "Torne-se alegre e feliz novamente. Construa sua saúde. Não fique em silêncio sobre suas tristezas. Transmute suas emoções em alguma forma de expressão externa. Sua saúde espiritual exige isso. Sua arte exige isso."

Deixei-o profundamente impressionado com suas palavras e sua personalidade. Ele parecia ter esvaziado meu cérebro de todas as suas complexidades febris e colocado ali seus pensamentos claros e calmantes. Tornei-me mais uma vez vivaz e alegre, graças ao efeito de sua poderosa vontade. Ele não usou nenhuma das influências hipnóticas ou mesméricas.

Foi a força do seu caráter, a pureza e a intensidade do seu propósito que transmitiram convicção. Pareceu-me, quando o conheci melhor, que ele embalava os pensamentos caóticos num estado de aquiescência pacífica, de modo que se pudesse dar atenção total e total às suas palavras.

9.5.2 PRIMEIRA REUNIÃO COM JOHN D. ROCKEFELLER

(Um trecho do diário de Madame Verdier citado em New Discoveries, Vol. 1, pp. 487-88.)

[Conforme contado por Madame Emma Calvé, para Madame Drinette Verdier]

O Sr. X, em cuja casa Swamiji estava hospedado em Chicago, era sócio ou associado em algum negócio de John D. Rockefeller. Muitas vezes John D. ouviu seus amigos conversando sobre esse extraordinário e maravilhoso monge hindu que estava hospedado com eles, e muitas vezes ele foi convidado para conhecer Swamiji, mas, por uma razão ou outra, sempre recusou. Naquela época Rockefeller ainda não estava no auge de sua fortuna, mas já era poderoso e obstinado, muito difícil de lidar e um homem difícil de aconselhar.

Mas um dia, embora não quisesse conhecer Swamiji, foi empurrado por um impulso e foi diretamente para a casa de seus amigos, afastando o mordomo que abriu a porta e disse que queria ver o monge hindu.

O mordomo o conduziu para a sala de estar e, sem esperar para ser anunciado, Rockefeller entrou no escritório adjacente de Swamiji e ficou muito surpreso, presumo, ao ver Swamiji atrás de sua escrivaninha, sem sequer levantar os olhos para ver quem havia entrado.

Depois de um tempo, como aconteceu com Calvé, Swamiji contou a Rockefeller muito de seu passado que só ele próprio conhecia, e o fez compreender que o dinheiro que já havia acumulado não era dele, que ele era apenas um canal e que seu dever era fazer o bem ao mundo – que Deus lhe deu toda a sua riqueza para que ele pudesse ter a oportunidade de ajudar e fazer o bem às pessoas.

Rockefeller ficou irritado porque alguém ousou falar com ele dessa maneira e dizer-lhe o que fazer. Ele saiu da sala irritado, sem nem se despedir. Mas cerca de uma semana depois, novamente sem ser anunciado, ele entrou no escritório de Swamiji e, encontrando-o como antes, jogou sobre sua mesa um papel que falava de seus planos de doar uma enorme soma de dinheiro para o financiamento de uma instituição pública.

"Bem, aí está você", disse ele. "Você deve estar satisfeito agora e pode me agradecer por isso."

Swamiji nem sequer levantou os olhos, não se moveu. Depois, pegando o papel, leu-o calmamente, dizendo: "Cabe a você me agradecer". Isso foi tudo. Esta foi a primeira grande doação de Rockefeller para o bem-estar público.

9.5.3 UM FILÓSOFO ESCURO DA ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 389-94.)

(Para preservar a autenticidade histórica das reportagens jornalísticas nesta seção, sua ortografia original foi mantida em grande parte; no entanto, sua pontuação foi tornada consistente com o estilo das Obras Completas.

- Editora.)

[Uma entrevista por Blanche Partington, San Francisco Chronicle, 18 de março de 1900]

.

. . . Curvando-se muito ao estilo oriental ao entrar na sala, depois estendendo a mão no bom estilo americano, o filósofo sombrio das margens do Ganges cumprimentou amigavelmente o representante daquela instituição totalmente ocidental, a imprensa diária.

. . . Pedi uma foto para ilustrar este artigo, e quando alguém me entregou um certo "corte" que tem sido amplamente utilizado em anúncios de

palestras aqui, ele protestou moderadamente contra seu uso.

“Mas isso não se parece com você”, eu disse.

"Não, é como se eu quisesse matar alguém", disse ele sorrindo, "tipo - tipo -"

"Otelo", inseri precipitadamente. Mas a pequena audiência de amigos apenas sorriu quando o Swami reconheceu, risonho, a absurda semelhança da imagem com o mouro ciumento. Mas eu não uso essa imagem.

“É verdade, Swami”, perguntei, “que quando você voltou para casa depois de palestrar no Congresso das Religiões após a Feira Mundial, os príncipes se ajoelharam aos seus pés, meia dúzia de soberanos governantes da Índia arrastaram sua carruagem pelas ruas, como nos disseram os jornais? Não tratamos assim os nossos sacerdotes”.

“Não é bom falar disso”, disse o Swami. "Mas é verdade que a religião governa lá, e não o dinheiro."

"E quanto à casta?"

"E quanto aos seus quatrocentos?" ele respondeu, sorrindo. "A casta na Índia é uma instituição dificilmente explicável ou inteligível para a mente ocidental. É reconhecida como uma instituição imperfeita, mas não reconhecemos um resultado social superior das suas tentativas de distinção de classe. A Índia é o único país que até agora conseguiu impor uma casta permanente ao seu povo, e duvidamos que uma troca pelas superstições e males ocidentais fosse vantajosa para ela."

“Mas sob tal regime – onde um homem não pode comer isto, nem beber aquilo, nem casar com outro – a liberdade que você ensina seria impossível”, arrisquei.

“É impossível”, concordou o Swami; “mas até que a Índia supere a necessidade de leis de castas, as leis de castas permanecerão”. “É verdade que você não pode comer comida preparada por um estrangeiro – incrédulo?” Perguntei.

"Na Índia, o cozinheiro - que não é chamado de servo - deve ser da mesma casta ou de uma casta superior àqueles para quem a comida é preparada, pois se considera que tudo o que um homem toca fica impressionado com sua personalidade, e com a comida, com a qual um homem constrói o corpo através do qual se expressa, é considerado sujeito a tal impressão. Quanto aos alimentos que comemos, presume-se que certos tipos de alimentos nutrem certas propriedades dignas de cultivo e que outras retardam o nosso crescimento espiritual. Por exemplo, não matamos para comer. Tal alimento serviria para nutrir o corpo animal, às custas do corpo espiritual, no qual se diz que a alma está vestida ao sair deste invólucro físico, além de depositar o corpo. pecado de culpa de sangue do açougueiro."

"Eca!" exclamei involuntariamente, uma visão terrível de cordeirinhos reprovadores, pequenos fantasmas de galinha, espíritos de vacas pairando - de qualquer maneira, eu sempre tive medo de vacas - surgindo diante de mim.

“Veja”, explicou o Brâmane [Kshatriya], “o universo é todo um, desde o inseto mais inferior até o Yogi mais elevado. É tudo um, somos todos um, você e eu somos um -”. Aqui o público ocidental sorriu, o monge inconsciente cantando a unidade das coisas em sânscrito e o consequente pecado de tirar qualquer vida.

. . . Ele andava de um lado para o outro na sala durante a maior parte do tempo durante a nossa conversa, de vez em quando parado diante do caixa — era uma manhã fria para esse filho do sol — e fazia com graça e liberdade tudo o que lhe ocorria, até mesmo, por fim, fumando um pouco.

“Você mesmo ainda não alcançou o controle supremo sobre todos os desejos”, arrisquei. A franqueza do Swami é contagiante.

“Não, senhora”, e sorriu o sorriso largo e brilhante de uma criança; “Eu pareço?” Mas o Swami, da terra do haxixe e dos sonhos, sem dúvida não relacionou minha pergunta com sua origem enfumaçada.

"É comum entre o sacerdócio hindu casar-se?" Aventurei-me novamente.

“É uma questão de escolha individual”, respondeu este membro do sacerdócio hindu. "Ninguém se casa para não ser escravo de uma mulher e de filhos, nem permite que uma mulher lhe seja escravizada."

"Mas o que será da população?" instou o anti-Malthusiano.

"Você está tão feliz por ter nascido?" retrucou o pensador oriental, seus grandes olhos brilhando com desprezo. "Você não consegue conceber nada mais elevado do que este mundo guerreiro, faminto e ignorante? Não tema que o você possa estar perdido, embora a consciência sórdida e miserável do agora possa desaparecer. O que vale a pena ter [estaria] perdido?"

"A criança vem chorando ao mundo. Bem, ela pode chorar! Por que deveríamos chorar para deixá-lo? Você já pensou" - aqui o sorriso ensolarado voltou - "nos diferentes modos do Oriente e do Ocidente de expressar a morte? Nós digamos do homem morto: 'Ele entregou seu corpo'; você disse, 'ele entregou o fantasma'. Como pode ser isso o que permite que o fantasma parta?"

"Mas, no geral, Swami, você acha que é melhor estar confortavelmente morto do que um leão vivo?" persistiu o defensor das populações.

"Swâhâ, Swaha, que assim seja!" gritou o monge.

"Mas como é que sob tal filosofia os homens consentem em viver?"

"Porque a própria vida do homem é sagrada como qualquer outra vida, e não se pode deixar capítulos sem aprender", respondeu o filósofo.

"Adicione poder e diminua o tempo, e os dias letivos serão mais curtos; assim como o professor erudito pode fazer em doze anos a bola de gude que a natureza levou séculos para formar. É tudo uma questão de tempo."

"A Índia, que tem recebido esse ensinamento há tanto tempo, ainda não aprendeu a lição?"

"Não, embora ela esteja talvez mais próxima do que qualquer outro país, pois aprendeu a amar a misericórdia."

"E a Inglaterra na Índia?" Perguntei.

"Se não fosse pelo domínio inglês, eu não poderia estar aqui agora", disse o monge, "embora o seu negro americano mais baixo, nascido livre, ocupe uma posição política mais elevada na Índia do que a minha. Brâmane e cule, somos todos 'nativos'. Mas é tudo bem, apesar do mal-entendido e da opressão, a Inglaterra é o Tharma [Karma?] da Índia, atraída inevitavelmente por alguma fraqueza inerente, erros do passado, mas de seu sangue e fibra virá a nova esperança nacional para meus compatriotas. um súdito leal da Imperatriz da Índia!" e aqui o Swami fez um salaame diante de um potentado imaginário, curvando-se muito, talvez muito baixo para ser reverenciado.

"Mas um tal apóstolo da liberdade —", murmurei.

"Ela é viúva há muitos anos, e temos muito valor na Índia", disse o filósofo seriamente. "Quanto à liberdade, sim, acredito que o objetivo de todo o desenvolvimento é a liberdade, a lei e a ordem. Há mais lei e ordem no tumulto do que em qualquer outro lugar - experimente."

"Tenho que ir", eu disse. "Tenho que pegar um trem".

"Isso é como todos os americanos", sorriu o Swami, e tive um vislumbre de toda a eternidade em sua total tranquilidade. "Você sempre deve pegar esse vagão ou aquele trem. Não há outro, mais tarde?"

Mas não tentei explicar a concepção ocidental do valor do tempo a este filho do Oriente, percebendo a sua total desesperança e a minha própria simpatia renegada. Deve ser maravilhoso viver na terra do "tempo suficiente". No Oriente parece haver tempo para respirar, tempo para pensar, tempo para viver; como diz o Swami, o que temos em troca? Vivemos no tempo; eles na eternidade.

9.5.4 "ESTAMOS HIPNOTIZADOS EM FRAQUEZA PELO NOSSO AMBIENTE"

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 396-98.)

[Uma entrevista do San Francisco Examiner, 18 de março de 1900]

Filósofo hindu que ataca a raiz de alguns

Males ocidentais e relatos de como devemos adorar a Deus

Simplesmente e não com muitas orações vãs.

.

Um amigo americano de quem ele pode ter certeza – o Swami é uma pessoa encantadora para entrevistar.

Andando pelo quartinho onde está hospedado, ele manteve a pequena plateia de entrevistador e amigo entretida por algumas horas.

"Falar-lhe sobre os ingleses na Índia? Mas não quero falar de política. Mas do ponto de vista mais elevado, é verdade que, se não fosse pelo domínio inglês, eu não poderia estar aqui. Nós, nativos, sabemos que é através da mistura de Sangue inglês e ideias de que a salvação da Índia virá. Há cinquenta anos, toda a literatura e religião da raça foram encerradas na língua sânscrita; hoje, o drama e o romance são escritos no vernáculo, e a literatura religiosa é escrita; sendo traduzido. Esse é o trabalho dos ingleses, e é desnecessário, na América, decantar sobre o valor da educação das massas."

"O que você acha da Guerra dos Bôeres?" foi perguntado.

"Oh! Você viu o jornal da manhã? Mas não quero discutir política. Ingleses e bôeres estão ambos errados. É terrível - terrível - o derramamento de sangue! Os ingleses vencerão, mas a que custo terrível! Ela parece a nação do Destino."

E o Swami com um sorriso começou a cantar em sânscrito por não estar disposto a discutir política.

Depois falou longamente sobre a antiga história russa, sobre as tribos errantes da Tartária e sobre o domínio mouro na Espanha, demonstrando uma memória e uma pesquisa surpreendentes. A este interesse infantil por

todas as coisas que o tocam deve-se sem dúvida muito do conhecimento curioso e universal que parece possuir.

9.5.5 CASAMENTO

(Novas Descobertas, Vol. 5, p. 138.)

Da carta de Miss Josephine MacLeod de fevereiro de 1908 para Mary Hale, na qual ela descreveu a resposta de Swami Vivekananda à pergunta de Alberta Sturges:

ALBERTA STURGES: Não existe felicidade no casamento?

SWAMI VIVEKANANDA: Sim, Alberta, se o casamento for celebrado como uma grande austeridade – e tudo for abandonado – até mesmo o princípio!

9.5.6 LINHA DE DEMARCAÇÃO

(Novas Descobertas, Vol. 5, p. 225.)

Das reminiscências da Sra. Alice Hansbrough de uma troca de perguntas e respostas após a aula intitulada “Dicas sobre Espiritualidade Prática”:

P: Swami, se todas as coisas são uma só, qual é a diferença entre um repolho e um homem?

R: Enfie uma faca na perna e você verá a linha de demarcação.

9.5.7 DEUS É!

(Novas Descobertas, Vol. 5, p. 276.)

Registro de Alice Hansbrough de uma sessão de perguntas e respostas após uma palestra:

P: Então, Swami, o que você afirma é que tudo está bem?

R: De forma alguma. Minha afirmação é que nem tudo existe – apenas Deus existe! Isso faz toda a diferença.

9.5.8 RENÚNCIA

(Novas Descobertas, Vol. 6, p. 11-12.)

Das reminiscências de Alice Hansbrough de uma sessão de perguntas e respostas após uma das aulas de Swami Vivekananda em São Francisco relativas à renúncia:

ALUNA: Bem, Swami, o que seria do mundo se todos renunciassem?

SWAMI VIVEKANANDA: Senhora, por que você vem até mim com essa mentira nos lábios? Você nunca considerou nada neste mundo além do seu próprio prazer!

9.5.9 DISCÍPULO DE SHRI RAMAKRISHNA

(Novas Descobertas, Vol. 6, p. 12.)

A Sra. Edith Allan descreveu uma troca professor-aluno em uma das aulas de Swami Vivekananda em São Francisco:

SWAMI VIVEKANANDA: Sou discípulo de um homem que não sabia escrever seu próprio nome e não sou digno de desatar seus sapatos. Quantas vezes desejei poder pegar meu intelecto e jogá-lo no Ganges!

ALUNO: Mas, Swami, essa é a parte de você que eu mais gosto.

SWAMI VIVEKANANDA: Isso é porque você é uma tola, senhora – como eu.

9.5.10 A ENCARNAÇÃO DIVINA DO MESTRE

(Novas Descobertas, Vol. 6, p. 17.)

Das reminiscências da Sra. Edith Allan:

SWAMI VIVEKANANDA: Tenho que voltar mais uma vez. O Mestre disse que devo voltar mais uma vez com ele.

SRA. ALLAN: Você tem que voltar porque Shri Ramakrishna diz isso?

SWAMI VIVEKANANDA: Almas assim têm grande poder, senhora.

9.5.11 UMA ADMISSÃO PRIVADA

(Novas Descobertas, Vol. 6, p. 121.)

Das reminiscências da Sra. Edith Allan sobre a estada de Swami Vivekananda no norte da Califórnia, 1900:

ALUNA: Oh, se eu tivesse vivido antes, poderia ter visto Shri Ramakrishna!

SWAMI VIVEKANANDA (virando-se calmamente para ela): Você disse isso e me viu?

9.5.12 UMA SAUDAÇÃO

(Novas Descobertas, Vol. 6, p. 136.)

Das reminiscências do Sr. Thomas Allan sobre a visita de Swami Vivekananda à Alameda, Califórnia, 1900:

SENHOR. ALLAN: Bem, Swami, vejo que você está na Alameda!

SWAMI VIVEKANANDA: Não, Sr. Allan, não estou na Alameda; A Alameda está em mim.

9.5.13 "ESTE MUNDO É UM ANEL DE CIRCO"

(Novas Descobertas, Vol. 6, p. 156.)

Das reminiscências da Sra. Alice Hansbrough sobre a conversa de Swami Vivekananda com a Srta. Bell em Camp Taylor, Califórnia, em maio de 1900:

SENHORITA BELL: Este mundo é uma antiga escola onde aprendemos nossas lições.

SWAMI VIVEKANANDA: Quem lhe disse isso? [A senhorita Bell não conseguia se lembrar.] Bem, acho que não. Acho que este mundo é um picadeiro de circo no qual somos os palhaços caindo.

SENHORITA BELL: Por que caímos, Swami?

SWAMI VIVEKANANDA: Porque gostamos de cair. Quando ficarmos cansados, desistiremos.

09/05/14 É KALI

(As Obras Completas da Irmã Nivedita, Vol. I, p. 118.)

A reminiscência da Irmã Nivedita de uma conversa com Swami Vivekananda na época em que ela estava aprendendo a adoração de Kâli:

IRMÃ NIVEDITA: Talvez, Swamiji, Kali seja a visão de Shiva! É ela?

SWAMI VIVEKANANDA: Bem! Bem! Expresse-o à sua maneira. Expresse do seu jeito!

9.5.15 TREINAMENTO SOB SHRI RAMAKRISHNA

(As Obras Completas da Irmã Nivedita, Vol. I, pp. 159-60.)

Enquanto estava a bordo de um navio para a Inglaterra, Swami Vivekananda ficou tocado pela devoção infantil dos servos do navio:

SWAMI VIVEKANANDA: Veja, eu amo nossos muçulmanos!

IRMÃ NIVEDITA: Sim, mas o que quero entender é esse hábito de ver cada pessoa pelo seu lado mais forte. De onde veio? Você o reconhece em algum personagem histórico? Ou é de alguma forma derivado de Shri Ramakrishna?

SWAMI VIVEKANANDA: Deve ter sido o treinamento de Ramakrishna Paramahansa. Todos nós seguimos seu caminho até certo ponto. É claro que não foi tão difícil para nós, pois ele mesmo fez isso. Ele comeria e se vestiria como as pessoas que queria compreender, receberia sua iniciação e usaria sua linguagem. “É preciso aprender”, disse ele, “a colocar-se na alma de outro homem”. E esse método era dele! Ninguém jamais na Índia se tornou cristão, muçulmano e vaisnava, por sua vez!

9.6 TRECHOS DO LIVRO DA IRMÃ NIVEDITA

9.6.0 NOTAS DE ALGUMAS PASSEIAS COM O

SWAMI VIVEKANANDA

Nota: No trabalho a seguir foram impressos apenas os trechos que apresentam as ideias de Swami Vivekananda ou citações diretas. As descrições que marcam o contexto de fundo destas conversações também foram mantidas por uma questão de clareza e continuidade. Reticências marcam as partes excluídas. A ortografia e a pontuação foram feitas de acordo com o estilo das Obras Completas.

- Editora

9.6.00 PREFÁCIO

PESSOAS: O Swami Vivekananda, Gurubhais, [342] e um grupo de convidados e discípulos europeus, entre os quais estavam Dhira Mata, a "Mãe Firme" [Sra. Velho Touro]; alguém cujo nome era Jaya [Senhorita Josephine MacLeod]; e Irmã Nivedita. [343]

LUGAR: Diferentes partes da Índia.

TEMPO: O ano de 1898.

Lindos foram os dias deste ano. Neles o Ideal tornou-se o Real. Primeiro em nossa casa ribeirinha em Belur; depois, no Himalaia, em Naini Tal e Almora; depois vagando aqui e ali pela Caxemira - em todos os lugares chegaram horas que nunca serão esquecidas, palavras que ecoarão para sempre em nossas vidas, e uma vez, pelo menos, um vislumbre da Visão Beatífica.

Foi tudo uma brincadeira.

Vimos um amor que seria o dos mais humildes e ignorantes, vendo o mundo no momento através de seus olhos, como se a crítica não o fosse; rimos do capricho colossal do gênio; nos aquecemos em fogueiras heróicas; e estivemos presentes, por assim dizer, no despertar do Santo Menino.

Mas não houve nada de sombrio ou sério em nenhuma dessas coisas. A dor chegou perto de todos nós. Aniversários solenes já passaram. Mas a tristeza foi elevada a uma luz dourada, onde se tornou radiante e não destruiu.

Fain, se pudesse, descreveria nossas viagens. Enquanto escrevo, vejo as íris florescendo em Baramulla; o arroz jovem sob os choupos em Islamabad; cenas de luz das estrelas nas florestas do Himalaia; e as belezas reais de Delhi e do Taj. Ansiamos por tentar algum memorial deles. Seria pior que inútil. Não, portanto, em palavras, mas à luz da memória, eles estão consagrados para sempre, juntamente com o povo gentil e gentil que habita entre eles e em quem confiamos sempre ter deixado a alegria por nossa vinda.

Aprendemos algo sobre o clima em que nascem as novas crenças e sobre as pessoas que inspiram tais crenças. Pois estivemos com alguém que atraiu todos os homens para si - ouvindo a todos, sentindo com todos e não recusando ninguém. Conhecemos uma humildade que eliminou toda pequenez, uma renúncia que morreria pelo desprezo da opressão e da piedade dos oprimidos, um amor que abençoaria até os pés da tortura e da morte que se aproximavam. Demos as mãos àquela mulher que lavou os pés do Senhor com as suas lágrimas e os enxugou com os cabelos da sua cabeça. Não nos faltou a ocasião, mas a sua consciência apaixonada de si mesmo.

Sentados sob uma árvore no jardim dos imperadores mortos, tivemos uma visão de todas as coisas ricas e esplêndidas da Terra, oferecendo-se como um santuário para os grandes de alma. As célebres janelas das catedrais e os tronos adornados com jóias dos reis, os estandartes dos grandes capitães e as vestimentas dos sacerdotes, os desfiles das cidades e os retiros dos orgulhosos – todos vieram e todos foram rejeitados.

Nas vestes do mendigo, desprezado pelo estrangeiro, adorado pelo povo, nós o vimos; e apenas o pão do trabalho, o abrigo dos telhados das casas e a estrada comum que atravessa os campos de milho parecem suficientemente reais como pano de fundo desta vida. . Entre os seus, os ignorantes o amavam tanto quanto os estudiosos e os estadistas. Os barqueiros vigiavam o rio, na sua ausência, à espera do seu regresso, e os criados disputavam com os hóspedes para lhe prestarem serviço. E apesar de tudo isso, o véu da brincadeira nunca foi derrubado. “Eles brincaram com o Senhor” e instintivamente sabiam disso.

Para aqueles que conheceram essas horas, a vida é mais rica e doce, e nas longas noites até o vento nas palmeiras parece gritar: "Mahadeva! Mahadeva! Mahadeva!"

9.6.1 A CASA NO GANGES

LUGAR: Uma cabana em Belur, ao lado do Ganges.

ÉPOCA: março a maio de 1898.

Sobre a casa perto do Ganges, o Mestre disse a alguém: “Você achará aquela casinha de Dhira Mata como o paraíso, pois é tudo amor, do começo ao fim.

Foi assim mesmo. Por dentro, uma harmonia ininterrupta, e por fora, tudo igualmente belo - a grama verde, os altos coqueiros, os pequenos vilarejos marrons na selva e a Nilkantha que construiu seu ninho em uma árvore - no topo ao nosso lado, de propósito para traga-nos as bênçãos de Shiva. De manhã as sombras ficavam atrás da casa, mas à tarde podíamos sentar-nos na frente adorando o próprio Ganges – grande mãe leonina! – e à vista de Dakshineswar.

Chegaram um e outro com tradições do passado, e ficamos sabendo das peregrinações de oito anos do Mestre; do nome mudou de aldeia para aldeia; do Nirvikalpa Samâdhi; e daquela tristeza sagrada, profunda demais para palavras ou para visão comum, que só quem amou viu. E lá também veio o próprio Mestre, com suas histórias de Umã e Shiva, de Râdhâ e Krishna, e seus fragmentos de canções e poesias.

Parecia que ele sabia que o primeiro material de uma nova consciência deveria ser uma sucessão de experiências vívidas mas isoladas, espalhadas sem a devida sequência, de modo a provocar a mente do aluno a trabalhar na sua própria concepção de ordem e relação. . . . Na maior parte, foram as religiões indianas que ele retratou para nós – hoje lidando com uma e amanhã com outra – a sua escolha foi guiada, aparentemente, pelo capricho do momento. Mas não foi apenas a religião que ele derramou sobre nós. Às vezes seria história. Novamente, seria folclore. Ainda noutra ocasião seriam as múltiplas anomalias e inconsistências de raça, casta e costumes. Na verdade, a própria Índia tornou-se, como se ouve nele, o último e mais nobre dos Purânas, pronunciando-se através de seus lábios.

Outro ponto em que ele captou um grande segredo psicológico foi o de nunca tentar suavizar para nós aquilo que à primeira vista seria difícil ou repulsivo. Em questões indianas, ele preferiria apresentar, na sua forma extrema no início da nossa experiência, tudo o que poderia parecer impossível para as mentes europeias desfrutarem. Assim ele citava, por exemplo, alguns versos sobre Gauri e Shankar de uma só forma:

De um lado cresce o cabelo em longos cachos pretos,
E por outro lado, amarrado como uma corda.
De um lado são vistas lindas guirlandas,
Do outro, brincos de osso e espirais em forma de cobra.
Um lado está branco com cinzas, como as montanhas nevadas,
A outra, dourada como a luz do amanhecer.
Pois Ele, o Senhor, assumiu uma forma,
E essa foi uma forma dividida,
Metade mulher e metade homem

.

Qualquer que fosse o assunto da conversa, ela terminava sempre com a nota do infinito. . . . Ele pode parecer abordar qualquer assunto – literário, etnológico ou científico – mas sempre nos fez sentir isso como uma ilustração da Visão Suprema. Não havia para ele nada de secular. Ele tinha aversão à escravidão e horror àqueles que "cobrem correntes com flores", mas nunca deixou de fazer a distinção do verdadeiro crítico entre esta e as formas mais elevadas de arte.

Um dia estávamos recebendo convidados europeus e ele iniciou uma longa conversa sobre poesia persa. Então, de repente, encontra-se citando o poema que diz: "Por uma verruga no rosto do meu Amado, eu daria toda a riqueza de Samarcanda!" ele se virou e disse energicamente: "Eu não daria um canudo, você sabe, para o homem que era incapaz de apreciar uma canção de amor!" Sua palestra também estava repleta de epigramas.

Foi nessa mesma tarde, no decurso de uma longa discussão política, que disse: "Para nos tornarmos uma nação, parece que precisamos tanto de um ódio comum como de um amor comum".

Vários meses depois, ele comentou que antes de alguém que tinha uma missão, ele nunca falava de nenhum dos deuses, exceto Uma e Shiva. Pois

Shiva e a Mãe foram os grandes trabalhadores. No entanto, às vezes me pergunto se ele sabia, naquela época, que o final de cada tema era Bhakti. Por mais que temesse o luxo da emoção espiritual para aqueles que poderiam ficar enervados por ela, ele não pôde deixar de dar vislumbres do que significava ser consumido pela intoxicação de Deus. E então ele cantava para nós poemas como:

Eles fizeram Radha rainha, na bela
bosques de Vrindaban.

No portão dela está Krishna, de guarda.

A flauta dele canta o tempo todo:

Radha está prestes a distribuir uma riqueza infinita de amor.

Embora eu seja guarda, todo o mundo pode entrar.

Venham todos vocês que têm sede! Diga apenas 'Glória a Radha!'

Entre na região do amor!

Ou ele nos daria o grande Coro antifonal dos Cowherds, escrito por seu amigo: [344]

Homens: Tu és a Alma das almas,

Tu vestido de amarelo,

Com teus olhos azuis.

Mulheres: Tu, morena! Você

Pastor de Vrindaban!

Ajoelhando-se aos pés das Pastoras.

Homens: Minha alma canta louvores à glória do Senhor,

Quem assumiu a forma humana.

Mulheres: Tua beleza para nós, as Gopis.

Homens: Tu, Senhor do Sacrifício.

Salvador dos fracos.

Mulheres: Quem ama Radha e seu corpo flutua em suas próprias lágrimas.

.

25 DE MARÇO.

. . . Nessa época, o Swami mantinha o costume de chegar cedo à cabana e passar lá as horas da manhã, retornando novamente no final da tarde. Na segunda manhã desta visita, porém – sexta-feira, festa cristã da Anunciação – ele nos levou de volta ao Math, e lá na sala de adoração foi realizado um pequeno serviço de iniciação onde alguém era feito Brahmachârini. Essa foi a mais feliz das manhãs.

Após o culto, fomos levados para cima. O Swami colocou as cinzas, os brincos de osso e os cabelos emaranhados de um Shiva-Yogue e cantou e tocou para nós – música indiana em instrumentos indianos – durante uma hora.

E à noite, em nosso barco no Ganges, ele abriu seu coração para nós e nos contou muitas de suas dúvidas e ansiedades em relação à confiança que ele depositava em seu próprio Mestre.

Mais uma semana e ele partiria para Darjeeling; e até o dia em que a declaração da peste o trouxe de volta, não o vimos mais.

3 DE MAIO.

Então dois de nós o encontramos na casa de nossa Santa Mãe. O céu político estava negro. Parecia que uma tempestade estava prestes a estourar. . . . A peste, o pânico e os tumultos faziam o seu trabalho terrível. E o

Mestre virou-se para os dois e disse: "Há alguns que zombam da existência de Kali. No entanto, hoje ela está lá fora, entre as pessoas. Eles estão frenéticos de medo, e os soldados foram chamados para lidar com a morte. Quem posso dizer que Deus não se manifesta tão mal quanto bom, mas apenas o hindu ousa adorá-lo no mal".

Ele voltou e a antiga vida foi retomada mais uma vez, tanto quanto possível, visto que uma epidemia estava em perspectiva e que havia medidas para dar confiança ao povo. Enquanto esta possibilidade obscurecesse o horizonte, ele não deixaria Calcutá. Mas passou, e com ele aqueles dias felizes, e chegou a hora de partirmos.

9.6.2 EM NAINI TAL E ALMORA

PESSOAS: O Swami Vivekananda, Gurubhâis e um grupo de europeus e discípulos, entre os quais estavam Dhira Mata, a "Mãe Firme"; alguém cujo nome era Jaya; e Nivedita.

LUGAR: Himalaia.

HORA: 11 a 25 de maio de 1898.

Éramos um grande grupo, ou na verdade dois grupos, que partiram da estação de Howrah na quarta-feira à noite e na sexta-feira de manhã avistaram o Himalaia. . . .

Naini Tal ficou lindo por três coisas: o prazer do Mestre em nos apresentar seu discípulo, o Raja de Khetri; as dançarinas que nos encontraram e nos perguntaram onde encontrá-lo, e foram recebidas por ele apesar dos protestos de outros; e pelo cavalheiro muçulmano que disse: "Swamiji, se posteriormente alguém o reivindicar como um Avatâra, uma encarnação especial da Deidade - lembre-se de que eu, um muçulmano, sou o primeiro!"

Foi aqui também que ouvimos uma longa palestra sobre Ram Mohan Roy, na qual ele apontou três coisas como as notas dominantes da mensagem deste professor - a sua aceitação do Vedanta, a sua pregação do patriotismo

e o amor que abraçou o muçulmano igualmente com o hindu. Em todas essas coisas, ele afirmou ter assumido a tarefa que a amplitude e a visão de Ram Mohan Roy haviam traçado.

O incidente das dançarinas ocorreu em consequência de nossa visita aos dois templos no topo do lago. . . . Aqui, prestando adoração, encontramos duas mulheres-natas. Quando terminaram, vieram até nós e nós, em linguagem entrecortada, começamos a conversar com eles. Nós os tomamos por damas respeitáveis da cidade e ficamos muito surpresos mais tarde com a tempestade que evidentemente se abateu sobre a audiência do Swami por sua recusa em mandá-los embora. Estarei enganado ao pensar que foi em conexão com essas dançarinas de Naini Tal que ele nos contou pela primeira vez a história, muitas vezes repetida, da garota náutica de Khetri? Ele ficou zangado com o convite para vê-la, mas, sendo convencida a ir, ela cantou:

Ó Senhor, não olhe para minhas más qualidades!

Teu nome, ó Senhor, é Mesma Visão.

Faça de nós dois o mesmo Brahman!

Um pedaço de ferro é a faca na mão do açougueiro,

E outro pedaço de ferro é a imagem do templo.

Mas quando tocam na pedra filosofal,

Ambos se transformam em ouro!

Uma gota d'água está no sagrado Jamuna,

E um deles caiu em uma vala à beira da estrada.

Mas quando eles caem no Ganges,

Ambos se tornam santos!

Então, Senhor, não olhe para minhas más qualidades!

Teu nome, ó Senhor, é Mesma Visão.

Faça de nós dois o mesmo Brahman!

E então, disse o Mestre sobre si mesmo, as escamas caíram de seus olhos e, vendo que todos eram realmente um, ele não condenou mais. . . .

Já era fim de tarde quando partimos de Naini Tal para Almora, e a noite nos alcançou enquanto ainda viajávamos pela floresta. . . . até chegarmos a um bangalô Dak pitorescamente localizado, na encosta da montanha, no meio de árvores. Lá, depois de algum tempo, Swamiji chegou com seu grupo, cheio de diversão e entusiasmado em apreciar tudo que dizia respeito ao conforto de seus convidados. . . .

Desde o dia em que chegamos a Almora, o Swami renovou o hábito de vir até nós para o café da manhã e passar algumas horas conversando. Naquela época e sempre ele tinha o sono extremamente leve, e imagino que sua visita a nós, por mais cedo que fosse, era muitas vezes feita durante seu retorno com seus monges de uma caminhada ainda anterior. Às vezes, mas raramente, o víamos novamente à noite, seja encontrando-o quando saíamos para passear ou indo até a casa do capitão Sevier, onde ele e seu grupo estavam hospedados, e o víamos lá. E uma vez ele veio naquele momento nos visitar.

Nessas conversações matinais em Almora, um elemento novo e estranho, doloroso mas salutar de lembrar, surgiu. Parecia haver, por um lado, uma curiosa amargura e desconfiança e, por outro, irritação e desafio. O mais jovem dos discípulos do Swami nessa época, deve ser lembrado, era uma mulher inglesa, e do quanto este fato significava intelectualmente - que forte preconceito ele implicava, e sempre implica, na leitura da Índia, que idealismo da raça inglesa e todos os seus feitos e história - o próprio Swami não teve concepção até o dia seguinte à sua iniciação no mosteiro. Então ele lhe fez uma pergunta exultante sobre a qual nação ela pertencia agora, e ficou surpreso ao descobrir com que paixão de lealdade e adoração ela olhava para a bandeira inglesa, dando-lhe muito do sentimento que uma mulher indiana daria. para ela Thakur. Sua surpresa e decepção naquele

momento eram quase imperceptíveis. Um olhar assustado, nada mais. Nem a descoberta da maneira superficial como essa discípula se uniu ao seu povo afetou em qualquer grau sua confiança e cortesia durante as semanas restantes passadas nas planícies.

Mas com Almora parecia que a ida à escola tinha começado. . . . Nunca foi mais do que isso; nunca o ditado de opinião ou credo; nunca mais do que a emancipação da parcialidade. Mesmo no final da terrível experiência em que este método, no que diz respeito à raça e ao país, foi renunciado, para nunca mais ser retomado sistematicamente, o Swami não apelou a qualquer confissão de fé, a qualquer declaração de nova opinião. Ele abandonou toda a questão. Seu ouvinte foi libertado. Mas ele havia revelado um ponto de vista diferente em pensamento e sentimento, tão completa e tão fortemente que tornou impossível para ela descansar, até que mais tarde, por seu próprio trabalho, ela chegou a uma visão em que ambas essas representações parciais eram racionalizadas e contabilizado.

“Realmente, patriotismo como o seu é pecado!” ele exclamou uma vez, muitas semanas depois, quando o processo de obtenção de um julgamento incontestado sobre algum incidente tinha sido mais do que normalmente exasperante. "Tudo o que quero que você veja é que as ações da maioria das pessoas são a expressão de interesse próprio, e você constantemente se opõe a isso à ideia de que uma certa raça são todos anjos. A ignorância tão determinada é maldade!" . . .

Estas palestras matinais em Almora assumiram, portanto, a forma de ataques a preconceitos profundamente enraizados - sociais, literários e artísticos - ou de longas comparações da história e dos sentimentos indianos e europeus, muitas vezes contendo observações extensas de grande valor. Uma característica do Swami era o hábito de atacar aberta e vigorosamente os abusos de um país ou sociedade quando ele estava em seu meio, ao passo que, depois de deixá-lo, muitas vezes parecia que nada além de suas virtudes era lembrado por ele. Ele estava sempre testando os seus discípulos, e a forma destes discursos particulares foi provavelmente adotada para pôr à prova a coragem e a sinceridade de alguém que era ao mesmo tempo mulher e europeu.

9.6.3 CONVERSAS DA MANHÃ EM ALMORA

LUGAR: Almora.

ÉPOCA: maio e junho de 1898.

Na primeira manhã a conversa foi sobre os ideais centrais da civilização – no Ocidente, a verdade; no Oriente, a castidade. Ele justificou os costumes matrimoniais hindus como decorrentes da busca desse ideal e da necessidade de proteção da mulher, em combinação. E ele traçou a relação de todo o sujeito com a filosofia do Absoluto.

Outra manhã, ele começou observando que, assim como havia quatro castas principais – Brâmane, Kshatriya, Bâniyâ [Vaishya], Shudra – também havia quatro grandes funções nacionais: a religiosa ou sacerdotal, desempenhada pelos hindus; os militares, pelo Império Romano; o mercantil, pela Inglaterra hoje; e o democrático, pela América no futuro. E aqui ele lançou uma brilhante previsão profética de como a América ainda resolveria os problemas do Shudra – os problemas de liberdade e cooperação – e passou a relatar a um ouvinte não americano a generosidade dos arranjos que aquele povo tinha. tentaram fazer para seus aborígenes.

Mais uma vez, seria um resumo ávido da história da Índia ou dos mongóis, cuja grandeza nunca o cansou. De vez em quando, durante todo o verão, ele fazia descrições de Delhi e Agra. Certa vez, ele descreveu o Taj como "uma penumbra, e novamente uma penumbra, e ali - um túmulo!"

Outra vez ele falou de Shah Jehan, e então, com uma explosão de entusiasmo: "Ah! Ele era a glória de sua linhagem! Um sentimento e uma discriminação da beleza sem paralelo na história. E ele próprio um artista! Eu vi um manuscrito iluminado por ele que é um dos tesouros artísticos da Índia. Que gênio!"

Mais frequentemente ainda, era de Akbar que ele falava, quase com lágrimas na voz e uma paixão mais fácil de compreender, ao lado daquele túmulo sem cúpula, aberto ao sol e ao vento - o túmulo de Secundra em Agra.

Mas todas as formas mais universais de sentimento humano estavam abertas ao Mestre. Com certo humor, ele falou da China como se ela fosse o tesouro do mundo e nos contou a emoção com que viu inscrições em antigos caracteres bengalis (Kutil?) nas portas dos templos chineses.

Poucas coisas poderiam ser mais eloquentes sobre a imprecisão das ideias ocidentais em relação aos povos orientais do que o facto de um dos seus ouvintes ter alegado a falsidade como uma qualidade notória daquela raça. . . . O Swami não quis nada disso. Inverdade! Rigidez social! O que eram esses termos, exceto termos muito, muito relativos? E quanto à falsidade em particular, poderia a vida comercial, a vida social ou qualquer outra forma de cooperação continuar por um dia se os homens não confiassem nos homens? A falsidade como uma necessidade de etiqueta? E como isso era diferente da ideia ocidental? O inglês está sempre contente e sempre arrependido no lugar apropriado? Mas ainda há uma diferença de grau? Talvez — mas apenas em grau!

Ou ele poderia vagar até a Itália, aquele “maior dos países da Europa – terra da religião e da arte; tanto da organização imperial quanto de Mazzini; mãe das ideias, da cultura e da liberdade!

Um dia foram Shivaji e os Mahrattas e o ano de peregrinação como Sannyâsin que o levaram para casa em Raigarh. “E até hoje”, disse o Swami, “a autoridade na Índia teme o Sannyasin, com medo de que ele esconda sob seu traje amarelo outro Shivaji”.

Freqüentemente, a pergunta “Quem e o que são os arianos?” absorveu sua atenção; e, sustentando que a sua origem era complexa, contava-nos como na Suíça se sentia na China, tal como eram os tipos. Ele também acreditava que o mesmo acontecia em algumas partes da Noruega. Depois, havia fragmentos de informações sobre países e fisionomias, uma história apaixonada do estudioso húngaro que rastreou a origem dos hunos até o Tibete, jazidas enterradas em Darjeeling e assim por diante. . . .

Às vezes, o Swami lidava com a discórdia entre brâmanes e kshatriyas, pintando toda a história da Índia como uma luta entre os dois e mostrando que estes últimos sempre incorporaram os impulsos ascendentes e destruidores de grilhões da nação. Ele também poderia dar excelentes

razões para a fé que havia nele de que os Kayasthas da Bengala moderna representavam os Kshatriyas pré-Mauryan. Ele retrataria os dois tipos opostos de cultura: aquela, clássica, intensiva e saturada com um sentido cada vez mais profundo de tradição e costume; o outro, desafiador, impulsivo e liberal na sua perspectiva. Fazia parte de uma lei profunda do desenvolvimento histórico que Rama, Krishna e Buda tivessem surgido na casta real e não na casta sacerdotal. E neste momento paradoxal o Budismo foi reduzido a uma fórmula de destruição de castas – “uma religião inventada pelos Kshatriyas” como uma réplica esmagadora ao Brahminismo!

Foi realmente um grande momento quando ele falou de Buda; pois, captando uma palavra que parecia identificá-lo com seu espírito anti-brâmane, um ouvinte incompreensível disse: "Ora, Swami, eu não sabia que você era budista!

“Senhora”, disse ele, virando-se para ela, todo o seu rosto brilhando com a inspiração daquele nome, “Eu sou o servo dos servos dos servos de Buda. uma ação para si mesmo — com um coração que abraçou o mundo inteiro. Tão cheio de piedade que ele — príncipe e monge — daria a vida para salvar uma cabrinha tão amorosa que se sacrificou à fome de uma tigresa! a hospitalidade de um pária e o abençoou! E ele entrou no meu quarto quando eu era menino e caí a seus pés!

Muitas vezes ele falou de Buda desta forma, às vezes em Belur e às vezes depois. E uma vez ele nos contou a história de Ambâpâli, a bela cortesã que o festejou. . . .

O sentimento nacional não seguiu seu próprio caminho. Certa manhã, quando o abismo parecia ser maior, houve uma longa conversa sobre Bhakti — aquela identidade perfeita com o Amado que a devoção de Ray Ramananda, o nobre bengali, diante de Chaitanya ilustra tão lindamente:

Quatro olhos se encontraram. Houve mudanças em duas almas.

E agora não consigo lembrar se ele é homem

E eu sou uma mulher, ou ele é uma mulher e eu sou um homem!

Tudo que sei é que eram dois, o amor veio e
há um!

Foi nessa mesma manhã que ele falou dos Babistas da Pérsia, na sua era de martírio – da mulher que inspirou e do homem que adorou e trabalhou. E sem dúvida então ele percorreu sobre aquela sua teoria - um tanto curiosa e surpreendente para mentes desacostumadas, não tanto pela questão da afirmação quanto pela explicitação da expressão - da grandeza e da bondade dos jovens, que podem amar sem procurar expressão pessoal de seu amor e de sua alta potencialidade.

Outro dia chegando ao nascer do sol, quando as neves podiam ser vistas, iluminadas pelo amanhecer, do jardim, era Shiva e Umâ quem ele pensava - e era Shiva lá em cima, os picos brancos da neve e a luz que caía sobre Ele era a Mãe do Mundo! Pois um pensamento sobre o qual ele estava pensando muito naquela época era que Deus é o Universo - não dentro ou fora dele e não o universo Deus ou a imagem de Deus, mas Ele, e o Todo.

Às vezes, durante todo o verão, ele ficava sentado durante horas contando-nos histórias, aqueles contos de berço do hinduísmo cuja função não é de forma alguma a de nossas ficções infantis, mas muito mais parecida com os mitos da criação humana do velho mundo helênico. Achei que o melhor de tudo era a história de Shuka, e contemplamos as montanhas de Shiva e o cenário sombrio de Almora na noite em que a ouvimos pela primeira vez. . .

Shuka era de fato o santo do Swami. Ele era o tipo, para ele, daquela realização mais elevada para a qual a vida e o mundo são apenas um jogo. Muito tempo depois, aprendemos como Shri Ramakrishna falou dele em sua infância como “meu Shuka”. E nunca poderei esquecer o olhar, como o de alguém que contempla profundamente as profundezas da alegria, com o qual uma vez se levantou e citou as palavras de Shiva em louvor ao profundo significado espiritual do Bhagavad-Gitâ e da grandeza de Shuka: "Eu conheço o verdadeiro significado dos ensinamentos do Bhagavad-Gita, e Shuka sabe, e talvez Vyāsa saiba – um pouco!"

Outro dia, em Almora, o Swami falou das grandes vidas humanizadoras que surgiram em Bengala, durante o longo curso da primeira onda de consciência moderna nas antigas costas da cultura hindu. Já tínhamos ouvido falar de Ram Mohan Roy em Naini Tal. E agora do Pundit Vidyâsâgar ele exclamou: "Não há um homem da minha idade no norte da Índia sobre quem sua sombra não tenha caído!" Foi uma grande alegria para ele lembrar que esses homens e Shri Ramakrishna nasceram a poucos quilômetros um do outro.

O Swami apresentou-nos Vidyasagar agora como "o herói do novo casamento da viúva e da abolição da poligamia". Mas sua história favorita sobre ele era a daquele dia em que voltou para casa depois da Assembleia Legislativa, ponderando sobre a questão de adotar ou não a vestimenta inglesa nessas ocasiões. De repente, alguém se aproximou de um magnata gordo que voltava para casa de maneira preguiçosa e pomposa na frente dele, com a notícia: "Senhor, sua casa está pegando fogo!" O Mogul não foi nem mais rápido nem mais devagar em busca dessa informação, e logo o mensageiro conseguiu expressar um discreto espanto, ao que seu mestre se voltou contra ele com raiva. "Infeliz!" ele disse. "Devo abandonar o andar dos meus antepassados porque alguns gravetos estão queimando?" E Vidyasagar, andando atrás, decidiu ficar com o Châdar, o Dhoti e as sandálias, nem mesmo adotando casaco e chinelos.

A imagem de Vidyasagar entrando em retiro por um mês para o estudo dos Shâstras, quando sua mãe lhe sugeriu o novo casamento de crianças viúvas, era muito convincente. "Ele saiu de sua aposentadoria da opinião de que eles não eram contra tal novo casamento, e obteve as assinaturas dos especialistas que concordavam com esta opinião. Então, a ação de certos príncipes nativos levou os especialistas a abandonarem suas próprias assinaturas para que, se o governo não tivesse decidido ajudar o movimento, este não poderia ter sido levado a cabo - e agora", acrescentou o Swami, "a dificuldade tem uma base económica e não social".

Poderíamos acreditar que um homem que foi capaz de desacreditar a poligamia apenas pela força moral era "intensamente espiritual". E foi realmente maravilhoso perceber a indiferença indiana para com um credo formal quando ouvimos como este gigante foi levado pela fome de 1864 –

quando 140.000 pessoas morreram de fome e doenças – a não ter mais nada a ver com Deus e a tornar-se inteiramente agnóstico em relação a Deus. pensamento.

A este homem, como um dos educadores de Bengala, o Swami associou o nome de David Hare, o velho escocês e ateu a quem o clero de Calcutá recusou o enterro cristão. Ele havia morrido cuidando de um velho aluno que sofria de cólera. Então seus próprios meninos carregaram seu cadáver e o enterraram em um pântano e fizeram do túmulo um local de peregrinação. Esse lugar tornou-se agora College Square, o centro educacional, e sua escola agora está dentro da universidade. E até hoje os estudantes de Calcutá fazem peregrinação ao túmulo.

Neste dia aproveitamos o rumo natural da conversa para interrogar o Swami sobre a possível influência que o Cristianismo poderia ter exercido sobre ele. Ele ficou muito divertido ao saber que tal declaração havia sido arriscada e nos contou com muito orgulho sobre seu único contato com influências missionárias, na pessoa de seu antigo mestre escocês, o Sr. Hastie. Esse velho cabeça-quente vivia de nada e considerava seu quarto tanto como a casa de seus meninos quanto como sua. Foi ele quem primeiro enviou o Swami a Shri Ramakrishna, e no final de sua estada na Índia ele costumava dizer: “Sim, meu rapaz, você estava certo, você estava certo! ” “Estou orgulhoso dele!” gritou o Swami. “Mas não creio que se possa dizer que ele me cristianizou muito!” . . .

Também ouvimos histórias encantadoras sobre assuntos menos sérios. Havia uma pensão numa cidade americana, por exemplo, onde ele tivera de cozinhar a sua própria comida e onde encontraria, no decorrer das operações, “uma atriz que comia peru assado todos os dias, e um marido e uma mulher que vivia fazendo fantasmas”. E quando o Swami protestou com o marido e tentou persuadi-lo a desistir de enganar as pessoas, dizendo: “Você não deveria fazer isso!” a esposa vinha por trás e dizia ansiosamente: “Sim, senhor! É exatamente isso que eu digo a ele; pois ele faz todos os fantasmas e a Sra. Williams fica com todo o dinheiro!”

Ele nos contou também sobre um jovem engenheiro, um homem culto, que, numa reunião espírita, “quando a gorda Sra. Williams apareceu por trás da

tela como sua mãe magra, exclamou: 'Mãe querida, como você cresceu no espírito'. -mundo!' "

“Com isso”, disse o Swami, “meu coração se partiu, pois pensei que não poderia haver esperança para aquele homem”. Mas nunca perplexo, ele contou a história de um pintor russo que recebeu a ordem de pintar o retrato do falecido pai de um camponês, sendo a única descrição dada: "Cara! Não lhe digo que ele tinha uma verruga no nariz?" ?" Quando finalmente o pintor fez o retrato de algum camponês desgarrado e afixou uma grande verruga no nariz, o quadro foi declarado pronto e o filho foi instruído a ir vê-lo. Ele ficou diante dela, muito emocionado, e disse: "Pai! Pai! Como você mudou desde a última vez que o vi!" Depois disso, o jovem engenheiro nunca mais falou com o Swami, o que pelo menos mostrou que ele conseguia entender o sentido da história. Mas com isso o monge hindu ficou genuinamente surpreso.

Apesar de tais interesses gerais, porém, o conflito interno aumentou e o pensamento pressionou na mente de um dos membros mais antigos do nosso partido de que o próprio Mestre precisava de serviço e paz. Muitas vezes ele falou com admiração sobre a tortura da vida, e quem pode dizer quantos sinais havia de amarga necessidade? Uma ou duas palavras foram ditas – poucas, mas suficientes – e ele, depois de muitas horas, voltou e nos disse que ansiava por sossego e que iria sozinho para as florestas e encontraria conforto.

E então, olhando para cima, ele viu a jovem lua brilhando acima de nós e disse: "Os maometanos pensam muito na lua nova. Vamos também, com a lua nova, começar uma nova vida!" E abençoou sua filha com uma grande bênção para que ela, pensando que seu antigo relacionamento estava rompido, nem sonhando que uma vida nova e mais profunda lhe estava sendo dada, soubesse apenas que a hora era estranha e doce e passageira. . .

25 DE MAIO

Ele foi. Era quarta-feira. E no sábado ele voltou. Ele ficava no silêncio das florestas dez horas por dia, mas ao voltar para sua tenda à noite, era cercado por uma assistência tão ansiosa que chegava a quebrar o clima, e ele fugiu. No entanto, ele estava radiante. Ele havia descoberto em si mesmo o Sannyasin dos velhos tempos, capaz de andar descalço e suportar o calor, o frio e a escassez de alimentos, preservados pelo Ocidente. . . .

2 DE JUNHO.

E então, enquanto estávamos trabalhando na sexta-feira de manhã, chegou um telegrama, com um dia de atraso, que dizia: "Goodwin morreu ontem à noite em Ootacamund". Nosso pobre amigo parecia ter sido uma das primeiras vítimas do que se revelaria uma epidemia de febre tifóide. E parecia que em seu último suspiro ele havia falado do Swami e ansiava por sua presença ao seu lado.

5 DE JUNHO.

No domingo à noite o Swami voltou para casa. Seu caminho o levou através do nosso portão e pelo terraço, e lá nos sentamos e conversamos com ele por um momento. Ele não sabia de nossas novidades, mas uma grande escuridão já pairava sobre ele, e logo ele quebrou o silêncio para nos lembrar daquele santo que chamou a mordida da cobra de "mensageiro do Amado", alguém a quem ele amava, perdendo apenas para Shri. próprio Ramakrishna. "Acabei de receber", disse ele, "uma carta que diz: 'Pavhari Baba completou todos os seus sacrifícios com o sacrifício do seu próprio corpo. "Swami!" exclamou alguém entre seus ouvintes. "Isso não foi muito errado?"

"Como posso eu saber?" disse o Swami, falando com grande agitação. "Ele era um homem grande demais para eu julgar. Ele mesmo sabia o que estava fazendo."

Muito pouco foi dito depois disso, e o grupo de monges faleceu. Ainda não haviam sido divulgadas as outras notícias.

6 DE JUNHO.

Na manhã seguinte, ele chegou cedo e de ótimo humor. Ele estava acordado, disse depois, desde as quatro. E um deles saiu ao seu encontro e contou-lhe sobre a morte do Sr. Goodwin. O golpe caiu silenciosamente. Alguns dias depois, recusou-se a permanecer no lugar onde o havia recebido e queixou-se da fraqueza que trazia constantemente à sua mente a imagem de seu discípulo mais fiel. Não era mais viril, protestou ele, ser assim dominado pela memória do que reter as características do peixe ou do cão. O homem deve vencer esta ilusão e saber que os mortos estão aqui ao nosso lado e conosco tanto como sempre. É a sua ausência e separação que são um mito. E então ele iria explodir novamente com alguma declaração amarga contra a loucura de imaginar a Vontade Pessoal para guiar o universo. "Como se", exclamou ele, "não fosse direito e dever de alguém lutar contra tal Deus e matá-lo por matar Goodwin! E Goodwin, se tivesse vivido, poderia ter feito tanto!" E na Índia era-se livre para reconhecer isto como o mais religioso, porque o humor mais inabalavelmente verdadeiro de todos!

E enquanto falo desta declaração, talvez possa colocar ao lado outra que ouvi um ano depois, pronunciada pelo mesmo espanto feroz diante dos sonhos com os quais nos confortamos. "Por que!" ele disse então. "Cada magistrado e oficial mesquinho tem direito ao seu período de aposentadoria e descanso. Somente Deus, o Magistrado Eterno, deve julgar para sempre e nunca sair em liberdade!"

Mas nestas primeiras horas o Swami estava calmo com a sua perda e sentou-se e conversou calmamente conosco. Ele estava cheio naquela manhã de Bhakti passando para o ascetismo, a paixão divina que carrega a alma em suas marés altas, longe do alcance das pessoas, mas que a deixa novamente lutando para evitar aquelas doces armadilhas da personalidade.

O que ele disse naquela manhã de renúncia revelou-se um evangelho difícil para alguém que o ouviu, e quando ele voltou ela expôs-lhe como sua convicção de que amar sem apego não envolvia dor e era em si mesmo ideal.

Ele se voltou para ela com uma súbita solenidade. “Qual é esta ideia de Bhakti sem renúncia?” ele disse. “É muito pernicioso!” E, ali parado por uma hora ou mais, ele falou da terrível autodisciplina que alguém deve impor a si mesmo se quiser realmente ser desapegado, da nudez necessária dos motivos egoístas e do perigo de que a qualquer momento o mais florido- tal alma pode ter suas pétalas sujas com as manchas mais grosseiras da vida. Ele contou a história de uma freira indiana a quem perguntaram quando um homem poderia ter certeza de segurança naquela estrada e que enviou de volta um pequeno prato de cinzas como resposta. Pois a luta contra a paixão foi longa e feroz, e a qualquer momento o conquistador poderia tornar-se o conquistado. . . .

. . . Semanas mais tarde, em Caxemira, quando ele voltava a falar de forma semelhante, um de nós aventurou-se a perguntar-lhe se o sentimento que assim despertava não era aquele culto à dor que a Europa abomina como mórbido.

"A adoração do prazer é, então, tão nobre?" foi sua resposta imediata. “Mas, na verdade”, acrescentou após uma pausa, “não adoramos nem a dor nem o prazer. Procuramos através de ambos chegar àquilo que transcende a ambos”.

9 DE JUNHO.

Na manhã desta quinta-feira houve uma palestra sobre Krishna. Era característico da mente do Swami, e também característico da cultura hindu da qual ele havia surgido, que um dia ele pudesse se prestar ao prazer e à representação de uma idéia que no dia seguinte veria submetida a uma análise impiedosa e deixada morta. o campo. Ele participava plenamente da crença de seu povo de que, desde que uma ideia fosse espiritualmente verdadeira e consistente, pouco importava quanto à sua realidade objetiva. E esse modo de pensar lhe foi sugerido pela primeira vez em sua infância por seu próprio mestre. Ele havia mencionado algumas dúvidas quanto à autenticidade de uma certa história religiosa. "O que!" disse Sri Ramakrishna. “Você não acha então que aqueles que puderam conceber tais ideias devem ter sido a própria coisa?”

A existência de Krishna, então, como a de Cristo, ele muitas vezes nos disse "de maneira geral", ele duvidava. Somente Buda e Maomé, entre os professores religiosos, tiveram a sorte de ter “tanto inimigos quanto amigos”, de modo que suas carreiras históricas eram indiscutíveis. Quanto a Krishna, ele era o mais obscuro de todos. Um poeta, um vaqueiro, um grande governante, um guerreiro e um sábio talvez tenham sido todos fundidos em uma bela figura segurando o Gitâ em suas mãos.

Mas hoje Krishna era “o mais perfeito dos Avatâras”. E seguiu-se uma imagem maravilhosa do cocheiro que controlava seus cavalos enquanto examinava o campo de batalha e, com um breve olhar, notou a disposição das forças, no mesmo momento em que começou a transmitir ao seu pupilo real as profundas verdades espirituais de o Gita.

E, de facto, ao percorrermos as zonas rurais do norte da Índia neste Verão, tivemos muitas oportunidades de notar quão profundamente este mito de Krishna deixou a sua marca no povo. As canções que os dançarinos cantavam enquanto dançavam nas aldeias à beira da estrada eram todas de Râdhâ e Krishna. E o Swami gostava de uma afirmação, sobre a qual, é claro, não podíamos ter opinião, de que os adoradores de Krishna da Índia haviam esgotado as possibilidades do motivo romântico na poesia lírica. . . .

Mas durante esses dias o Swami estava preocupado por estar longe e sozinho. O lugar onde ouvira falar da perda do Sr. Goodwin era intolerável para ele, e as cartas a serem escritas e recebidas renovavam constantemente a ferida. Ele disse um dia que Shri Ramakrishna, embora parecesse ser totalmente Bhakti, estava realmente dentro de todo Jnana; mas ele próprio, aparentemente todo Jnana, estava cheio de Bhakti, e por isso estava apto a ser tão fraco quanto qualquer mulher.

Um dia ele retirou algumas linhas erradas da escrita de alguém e trouxe de volta um pequeno poema, que foi enviado à mãe viúva como homenagem ao filho dela. . . . [Vide "Requiescat in Pace", Obras Completas, Vol. 4.]

E então, porque não restava mais nada do original e ele temia que aquela que foi corrigida (porque suas falas tinham sido "em três metros") pudesse se machucar, ele discorreu longa e seriamente sobre o tema, que era tão é maior sentir poeticamente do que simplesmente encadear sílabas em rima e

métrica. [345] Ele poderia ser muito severo com uma simpatia ou opinião que parecia aos seus olhos sentimental ou falsa. Mas um esforço que fracassou encontrou sempre no Mestre o seu mais caloroso defensor e a mais terna defesa.

E quão feliz foi aquele reconhecimento da mãe enlutada para ele quando, em meio à sua tristeza, ela lhe escreveu e lhe agradeceu pelo caráter de sua influência sobre o filho que havia morrido tão longe!

10 DE JUNHO.

Foi na nossa última tarde em Almora que ouvimos a história da doença fatal de Shri Ramakrishna. O Dr. Mahendra Lal Sarkar foi chamado e declarou que a doença era câncer de garganta, deixando os jovens discípulos com muitos avisos quanto à sua natureza infecciosa. Meia hora depois, "Naren", como era então, entrou e os encontrou amontoados discutindo os perigos do caso. Ele ouviu o que lhes foi dito e então, olhando para baixo, viu a seus pés o copo de mingau que havia sido parcialmente tomado por Shri Ramakrishna e que devia conter os germes das descargas fatais de muco e pus, pois era saiu em suas tentativas frustradas de engolir a coisa por causa da obstrução da passagem alimentar na garganta. Ele pegou e bebeu diante de todos. Nunca mais a infecção do câncer foi mencionada entre os discípulos.

9.6.4 A CAMINHO PARA KATHGODAM

11 DE JUNHO.

No sábado de manhã saímos de Almora. Levamos dois dias e meio para chegar a Kathgodam. . . .

Em algum lugar no caminho, perto de um curioso e antigo moinho de água e de uma forja deserta, o Swami contou a Dhira Mata sobre uma lenda que falava desta encosta como assombrada por uma raça de fantasmas semelhantes a centauros, e de uma experiência que ele conhecia pela qual

alguém tinha visto formas lá pela primeira vez e só depois ouviu o conto popular.

A essa altura, as rosas já haviam desaparecido, mas desabrochava uma flor que se desfazia ao toque, e ele destacou isso por causa de sua riqueza de associações na poesia indiana.

12 DE JUNHO.

Na tarde de domingo, descansamos perto das planícies, no que consideramos ser um hotel afastado, acima de um lago e de uma cachoeira, e lá ele traduziu para nós a oração de Rudra:

Do irreal nos leve ao Real.

Das trevas conduza-nos à luz.

Da morte conduza-nos à imortalidade.

Alcance-nos através de nós mesmos.

E proteja-nos sempre – Ó Tu Terrível! —

Da ignorância, por Tua face doce e compassiva.

Ele hesitou muito na quarta linha, pensando em traduzi-la: “Abrace-nos no fundo do nosso coração”. Mas finalmente ele nos mostrou sua perplexidade, dizendo timidamente: “O verdadeiro significado é: Alcance-nos através de nós mesmos”. Evidentemente, ele temia que esta frase, com a sua extraordinária intensidade, pudesse não fazer sentido em inglês. . . . Eu entendi que uma tradução mais literal seria: "Ó Tu que és manifesto somente a Ti mesmo, manifesta-Te também a nós!" Considero agora a sua tradução como uma transcrição rápida e direta da própria experiência do Samâdhi. Ele arranca o coração vivo do sânscrito, por assim dizer, e o traduz novamente na forma inglesa.

Foi realmente uma tarde de traduções, e ele nos deu fragmentos da grande bênção após o luto, que é um dos mais belos sacramentos hindus:

Os ventos felizes são doces para nós.

Os mares estão derramando felicidade sobre nós.

Que o milho em nossos campos nos traga felicidade.

Que as plantas e ervas nos tragam felicidade.

Que o gado nos dê felicidade.

Ó Pai Celestial, seja feliz para nós!

Teu próprio pó da terra está cheio de felicidade.

E então, a voz morrendo em meditação:

É tudo felicidade - tudo felicidade - tudo felicidade.

E novamente tivemos a canção de Suradāsa, que o Swami ouviu da garota náutica de Khetri:

Ó Senhor, não olhe para minhas más qualidades!

Teu nome, ó Senhor, é Mesma Visão.

Faça de nós dois o mesmo Brahman! . . .

Foi nesse mesmo dia ou em outro dia que ele nos contou sobre o velho Sannyāsin de Benares que o viu incomodado com tropas de macacos e, com medo de que ele pudesse se virar e correr, gritou: “Enfrente sempre o bruto!”?

Essas viagens foram encantadoras. Sempre lamentamos chegar a um destino. Naquela época, levamos uma tarde inteira para cruzar o Terai de trem — aquela faixa de país com malária onde, como ele nos lembrou, Buda havia nascido.

Ao descermos as estradas da montanha, encontramos grupos de camponeses fugindo para as colinas mais altas com suas famílias e todos os seus bens, para escapar da febre que os assolaria com as chuvas. E agora no trem havia a mudança gradual da vegetação a ser observada e o prazer do Mestre,

maior do que o de qualquer proprietário, em nos mostrar os pavões selvagens, ou aqui e ali um elefante ou uma caravana de camelos. . . .

9.6.5 A CAMINHO PARA BARAMULLA

PESSOAS: O Swami Vivekananda, Gurubhais e um grupo de europeus e discípulos, entre os quais estavam Dhira Mata, a "Mãe Firme"; alguém cujo nome era Jaya; e Nivedita.

LOCAL: De Bareilly a Baramulla, Caxemira.

HORA: 14 a 20 de junho de 1898.

14 DE JUNHO.

Entramos no Punjab no dia seguinte e grande foi a excitação do Swami com o fato. Quase parecia que ele tinha nascido ali, tão próximo e especial era o seu amor por esta província. Ele falou das garotas em suas rodas de fiar ouvindo "So'ham! So'ham!" - Eu sou ele! Eu sou ele! Depois, através de uma transição rápida, ele voltou-se para o passado distante e desenrolou-nos o grande panorama histórico do avanço dos gregos no Indo, da ascensão de Chandragupta e do desenvolvimento do império budista. Ele estava determinado neste verão a encontrar o caminho para Attock e ver com seus próprios olhos o local para onde Alexander foi rejeitado. Ele descreveu-nos as esculturas de Gandhara, que deve ter visto no Museu de Lahore no ano anterior, e perdeu-se num indignado repúdio à absurda afirmação europeia de que a Índia alguma vez se sentara aos pés da Grécia nas coisas artísticas.

Depois houve vislumbres de cidades há muito esperadas - Ludhiana, onde certos discípulos ingleses de confiança viveram quando crianças; Lahore, onde terminaram suas palestras sobre a Índia; e assim por diante. Chegamos também aos leitos secos de cascalho de muitos rios e aprendemos que o espaço entre um par se chamava Doab e a área que continha todos eles, Punjab.

Foi ao entardecer, atravessando um desses trechos pedregosos, que ele nos contou aquela grande visão que lhe ocorreu anos atrás, quando ainda era

novo nos modos de vida de um monge, retribuindo-lhe, como sempre mais tarde acreditou, o antigo modo de cantar em sânscrito.

“Era noite”, disse ele, “naquela época em que os arianos haviam acabado de chegar ao Indo. Vi um velho sentado na margem do grande rio. cantando do Rig-Veda Então acordei e continuei cantando. Eram os tons que usávamos há muito tempo”.

. . . Aqueles que estavam constantemente preocupados com a imaginação em relação ao seu próprio passado sempre despertaram seu desprezo. Mas nesta ocasião em que contou a história, ele deu uma ideia dela de um ponto de vista muito diferente.

"Shankarâchârya", dizia ele, "havia captado o ritmo dos Vedas, a cadência nacional. Na verdade eu sempre imagino", continuou ele de repente com voz sonhadora e olhar distante, "eu sempre imagino que ele teve alguma visão tal como o meu quando ele era jovem, e assim recuperou a música antiga. Enfim, todo o trabalho de sua vida nada mais é do que isso, o pulsar da beleza dos Vedas e dos Upanishads". . . .

De Rawalpindi a Murree fomos de tonga, e lá passamos alguns dias antes de partirmos para Caxemira. Aqui o Swami chegou à conclusão de que qualquer esforço que pudesse fazer para induzir os ortodoxos a aceitar um europeu como discípulo, ou no sentido da educação da mulher, seria melhor feito em Bengala. A desconfiança em relação ao estrangeiro era demasiado forte no Punjab para admitir que o trabalho lá tivesse sucesso. De vez em quando, ele ficava muito ocupado com esta questão e às vezes comentava o paradoxo apresentado pela combinação bengali de antagonismo político aos ingleses e prontidão para amar e confiar. . . .

18 DE JUNHO.

A maior parte da tarde fomos obrigados por uma tempestade a passar dentro de casa; e um novo capítulo foi aberto em Dulai no nosso conhecimento do Hinduísmo, pois o Swami falou-nos grave e francamente dos seus abusos modernos e falou da sua própria hostilidade intransigente para com aquelas práticas malignas que passam sob o nome de Vâmâchâra.

Quando perguntamos como Shri Ramakrishna – que nunca suportou condenar a esperança de qualquer homem – olhou para essas coisas, ele nos disse que “o velho” havia dito: “Bem, bem! Entrada!” E destacou que todas as seitas do diabolismo em qualquer país pertenciam a esta classe. . . .

19 DE JUNHO.

Nós nos revezamos para dirigir com o Swami em sua tonga, e o dia seguinte pareceu cheio de reminiscências.

Ele falou de Brahavidyâ, a visão do Uno, do Único – Real, e contou como o amor era a única cura para o mal. Ele teve um colega de escola que cresceu e ficou rico, mas perdeu a saúde. Era uma doença obscura, que minava diariamente sua energia e vitalidade, mas que confundia totalmente a habilidade dos médicos. Por fim, porque sabia que o Swami sempre fora religioso e que os homens se voltavam para a religião quando tudo o mais falhava, ele mandou implorar-lhe que fosse até ele. Quando o Mestre o alcançou, aconteceu uma coisa curiosa. Veio-lhe à mente um texto: "Aquele, o brâmane, vence aquele que pensa que está separado do brâmane. Aquele que pensa que está separado do brâmane, vence aquele que pensa que está separado do Kshatriya. E o universo conquista aquele que pensa que está separado do universo". E o doente percebeu isso e se recuperou. "E então", disse o Swami, "embora eu muitas vezes diga coisas estranhas e raivosas, lembre-se que em meu coração nunca pretendi seriamente pregar nada além do amor! Todas essas coisas só darão certo quando percebermos que amamos uns aos outros. outro".

Foi então, ou no dia anterior, que, falando do grande Deus, ele nos contou como, quando ele era criança, sua mãe suspirava por causa de sua maldade e dizia: "Tantas orações e austeridades, e em vez de uma boa alma, Shiva me enviou você!" até que ele foi hipnotizado e acreditou que ele era realmente um dos demônios de Shiva. Ele pensou que, como punição, havia sido banido por um tempo do paraíso de Shiva, e que seu único esforço na vida deveria ser voltar para lá.

Seu primeiro ato de sacrilégio, ele nos contou uma vez, foi cometido aos cinco anos de idade, quando ele iniciou uma discussão tempestuosa com sua mãe, no sentido de que, quando sua mão direita estivesse suja de tanto comer, seria mais limpo levá-la. copo de água com a esquerda. Para esta ou outras perversidades semelhantes, seu remédio mais drástico era colocá-lo sob a torneira e, enquanto a água fria escorria sobre sua cabeça, dizer "Shiva! Shiva!" Isso, disse ele, nunca falhou em seu efeito. A oração o lembraria de seu exílio, e ele diria para si mesmo: "Não, não, desta vez não!" e assim retornar ao silêncio e à obediência.

Ele tinha um amor extraordinário por Mahadeva e uma vez disse sobre as mulheres indianas do futuro que se, em meio às suas novas tarefas, elas apenas se lembrassem de vez em quando de dizer "Shiva! Shiva!" seria adoração suficiente. O próprio ar do Himalaia estava carregado para ele com a imagem daquela "meditação eterna" que nenhum pensamento de prazer poderia quebrar. E ele entendeu, disse ele, pela primeira vez neste verão, o significado da história da natureza que fez o Ganges cair sobre a cabeça do grande Deus e vagar para dentro e para fora entre Seus cabelos emaranhados antes que Ela encontrasse uma saída no planícies abaixo. Ele havia procurado muito, disse ele, as palavras que os rios e cachoeiras pronunciavam, entre as montanhas, antes de perceber que era o grito eterno "Bom! Bom! Hara! Hara!"

"Sim!" ele disse um dia sobre Shiva: "Ele é o grande Deus - calmo, belo e silencioso! E eu sou Seu grande adorador".

Novamente o seu tema foi o casamento, como o tipo de relação da alma com Deus. "É por isso", exclamou ele, "embora o amor de uma mãe seja em alguns aspectos maior, ainda assim o mundo inteiro toma o amor do homem e da mulher como modelo. Nenhum outro tem um poder de idealização tão tremendo. ele é imaginado como sendo. Este amor transforma o seu objeto".

Depois a conversa desviou-se para os tipos nacionais, e ele falou da alegria com que o viajante que regressa saúda mais uma vez a visão dos homens e mulheres do seu próprio país. Toda a vida tem sido uma educação subconsciente para permitir que alguém compreenda cada leve ondulação de expressão no rosto e na forma.

E novamente passamos por um grupo de Sannyâsins que caminhavam a pé, e ele irrompeu em ferozes injúrias contra o ascetismo, chamando-as de "selvageria". . . . Mas a visão de viajantes percorrendo lentamente quilômetros a pé em nome de seus ideais parecia despertar em sua mente uma série de associações dolorosas, e ele ficou impaciente em nome da humanidade diante da "tortura da religião". Então, novamente, o clima passou tão repentinamente quanto surgira e deu lugar à afirmação igualmente forte da convicção de que, se não fosse por essa "selvageria", o luxo teria roubado do homem toda a sua masculinidade.

Paramos naquela noite no bangalô Uri Dak e, ao anoitecer, todos caminhamos pelos prados e pelo bazar. Como era lindo o lugar! Uma pequena fortaleza de barro — exatamente no padrão feudal europeu — pairava sobre a calçada enquanto ela descia para um grande teatro aberto de campos e colinas. Ao longo da estrada acima do rio ficava o bazar, e voltamos ao bangalô por um caminho que atravessava os campos, passando por cabanas em cujos jardins as rosas floresciam. Quando chegávamos, também acontecia que aqui e ali alguma criança mais ousada que outras brincava conosco.

20 DE JUNHO.

No dia seguinte, passando pela parte mais bonita do desfiladeiro e vendo as rochas da catedral e um antigo templo do sol em ruínas, chegamos a Baramulla. A lenda é que o Vale da Caxemira já foi um lago e que neste ponto o Javali Divino perfurou as montanhas com suas presas e deixou o Jhelum ir livre. Outro pedaço de geografia em forma de mito. Ou é também história pré-histórica?

9.5.6 O VALE DA CAXEMIRA

PESSOAS: O Swami Vivekananda e um grupo de europeus e discípulos, entre os quais estavam Dhira Mata, a "Mãe Firme"; alguém cujo nome era Jaya; e Nivedita.

LUGAR: Rio Jhelum – Baramulla a Srinagar.

HORA: 20 a 22 de junho.

“Diz-se que o próprio Senhor é o peso ao lado dos afortunados!” gritou o Swami com grande alegria, retornando ao nosso quarto no bangalô Dak e sentando-se com o guarda-chuva nos joelhos. Como não trouxera companhia, ele se encarregou de realizar todos os pequenos ofícios masculinos comuns e saiu para alugar Dungas [casas flutuantes] e fazer o que fosse necessário. Mas ele imediatamente se apaixonou por um homem que, ao ouvir seu nome, assumiu todo o negócio e o mandou de volta livre de responsabilidades.

Então aproveitamos o dia. Bebemos chá de Caxemira num Samovar e comemos a geléia do país, e por volta das quatro horas tomamos posse de uma flotilha de Dungas, em número de três, na qual partimos para Srinagar. Na primeira noite, porém, estávamos atracados no jardim do amigo do Swami. . . .

No dia seguinte nos encontramos no meio de um lindo vale cercado por montanhas nevadas. Este é conhecido como Vale da Caxemira, mas talvez possa ser descrito com mais precisão como Vale de Srinagar. . . .

Naquela primeira manhã, fazendo uma longa caminhada pelos campos, encontramos uma imensa árvore chennaar no meio de um amplo pasto. Realmente parecia que a passagem poderia abrigar as proverbiais vinte vacas! O Swami caiu nas visões arquitetônicas de como o local poderia ser adaptado como moradia para um eremita. Na verdade, uma pequena cabana poderia ter sido construída no oco desta árvore viva. E então ele falou sobre meditação, de forma a consagrar cada chennaar que deveríamos ver.

Viramos com ele para o curral vizinho. Lá encontramos, sentada debaixo de uma árvore, uma senhora idosa singularmente bonita. Ela usava a tiara carmesim e o véu branco da esposa da Caxemira e sentava-se para fiar lã, enquanto ao seu redor, ajudando-a, estavam suas duas noras e seus filhos. O Swami já havia visitado esta fazenda uma vez, no outono anterior, e desde então falou muitas vezes da fé e do orgulho desta mesma mulher. Ele implorou por água, que ela imediatamente lhe deu. Então, antes de ir, ele

perguntou-lhe baixinho: "E qual é a sua religião, mãe?" "Agradeço a Deus, senhor!" soou a velha voz com orgulho e triunfo. "Pela misericórdia do Senhor, sou muçulmano!" Toda a família o recebeu agora como um velho amigo e estava pronta para mostrar toda a cortesia aos amigos que ele trouxera.

A viagem para Srinagar durou de dois a três dias, e uma noite, enquanto caminhávamos pelos campos antes do jantar, alguém que tinha visto o Kalighat queixou-se ao Mestre sobre o abandono dos sentimentos ali, que a abalou. "Por que eles beijam o chão diante da imagem?" ela exclamou. O Swami estava apontando para a colheita de Til - que ele pensava ser o original do endro inglês - e chamando-a de "a mais antiga semente oleaginosa dos arianos". Mas a esta pergunta ele deixou cair a pequena flor azul de suas mãos, e um grande silêncio tomou conta de sua voz enquanto ele permanecia imóvel e dizia: "Não é a mesma coisa beijar o chão diante daquela imagem que beijar o chão diante destes? montanhas?"

Nosso mestre havia prometido que antes do final do verão nos levaria para um retiro e nos ensinaria a meditar. . . . Foi decidido que deveríamos primeiro conhecer o país e depois fazer o retiro.

Na primeira noite em Srinagar jantamos fora com alguns funcionários bengalis e, durante a conversa, um dos convidados ocidentais afirmou que a história de cada nação ilustrava e desenvolvia certos ideais aos quais o povo daquela nação deveria se manter fiel. Foi muito curioso ver como os hindus presentes se opuseram a isso. Para eles, era claramente uma escravidão à qual a mente do homem não poderia submeter-se permanentemente. Na verdade, na sua revolta contra os grilhões da doutrina, pareciam incapazes de fazer justiça à própria ideia. Finalmente o Swami interveio. "Acho que você deve admitir", disse ele, "que a unidade última é psicológica. Isto é muito mais permanente do que a geográfica". E depois falou de casos conhecidos de todos nós, de uma que ele sempre considerou a "cristã" mais típica que já tinha visto, embora fosse uma mulher bengali, e de outra, nascida no Ocidente, que era "uma melhor hindu do que ele mesmo". E não era este, afinal, o estado ideal das coisas, que cada um nascesse no país do outro para difundir o ideal dado até onde ele pudesse ser levado?

9.6.7 VIDA EM SRINAGAR

LUGAR: Srinagar.

HORA: 22 de junho a 15 de julho de 1898.

De manhã ainda tínhamos longas conversas como antes - por vezes sobre os diferentes períodos religiosos pelos quais a Caxemira tinha passado, ou sobre a moralidade do Budismo, ou sobre a história do culto a Shiva, ou talvez sobre a posição de Srinagar sob Kanishka.

Certa vez, ele estava conversando com um de nós sobre o Budismo e de repente disse: "O fato é que o Budismo tentou fazer, na época da Ashoka, o que o mundo nunca estava preparado para fazer até agora!" Ele se referiu à federalização das religiões. Era um quadro maravilhoso do imperialismo religioso da Ashoka, repetidamente destruído por ondas sucessivas de cristianismo e islamismo, cada um reivindicando direitos exclusivos sobre a consciência da humanidade e finalmente parecendo ter uma possibilidade, dentro de uma distância mensurável de hora, hoje!

Outra vez a conversa foi sobre Gêngis, ou Chenghis, Khan, o conquistador da Ásia Central. "Você ouve as pessoas falarem dele como um agressor vulgar", gritou ele apaixonadamente, "mas isso não é verdade! Eles nunca são gananciosos ou vulgares, essas grandes almas! mundo. Sim, Napoleão foi moldado no mesmo molde E outro, Alexandre Apenas aqueles três, ou talvez uma alma que se manifesta em três conquistas diferentes! E então ele passou a falar daquela alma que ele acreditava ter surgido repetidamente na religião, carregada do impulso divino para realizar a unidade do homem em Deus.

Neste momento, a transferência do Prabuddha Bharata de Madras para o recém-criado Ashrama em Mayavati estava em nossos pensamentos. O Swami sempre teve um amor especial por este papel, como indicava o lindo nome que ele lhe deu. Ele sempre esteve ansioso também pelo estabelecimento de seus próprios órgãos. O valor do jornal na educação da Índia moderna era perfeitamente evidente para ele, e ele sentiu que a mensagem e o modo de pensamento de seu mestre precisavam ser difundidos por esse meio, bem como pela pregação e pelo trabalho. Dia

após dia, portanto, sonhava com o futuro dos seus jornais, bem como com o trabalho nos seus vários centros. Dia após dia ele falava do próximo primeiro número sob a nova direção de Swami Swarupananda. E uma tarde ele nos trouxe, enquanto estávamos sentados juntos, um papel no qual dizia ter "tentado escrever uma carta, mas ela viria por aqui!" . . . [Vide "To the Awakened India", Obras Completas, Vol. 4 (4.4.3)]

26 DE JUNHO.

O Mestre desejava deixar todos nós e ir para algum lugar tranquilo, sozinho. Mas nós, sem saber disso, insistimos em acompanhá-lo às Fontes Coloridas, chamadas “Kshir Bhavâni”, ou “Leite da Mãe”. Dizia-se que era a primeira vez que cristãos ou muçulmanos desembarcavam ali, e nunca poderemos estar suficientemente gratos pelo vislumbre que tivemos dele, uma vez que mais tarde se tornaria o mais sagrado de todos os nomes para nós. . . .

29 DE JUNHO.

Outro dia saímos em silêncio e sozinhos e visitamos o Takt-i-Suleiman, um pequeno templo construído de forma maciça no cume de uma pequena montanha de 600 ou 900 metros de altura. Era pacífico e bonito, e os famosos Jardins Flutuantes podiam ser vistos abaixo de nós a quilômetros de distância. O Takt-i-Suleiman foi uma das grandes ilustrações do argumento do Swami quando ele abordou o tema do amor hindu pela natureza, demonstrado na escolha de locais para templos e monumentos arquitetônicos. Assim como havia declarado, em Londres, que os santos viviam no topo das colinas para apreciar a paisagem, agora ele salientava - citando um exemplo após outro - que o nosso povo indiano sempre consagrou lugares de beleza e importância peculiares, fazendo ali estão seus altares de adoração. E não havia como negar que o pequeno Takt, coroando a colina que dominava todo o vale, era um exemplo disso.

Muitos fragmentos encantadores daqueles dias vêm à mente, como:

Portanto, Tulasi, tome cuidado para morar com todos, para quem sabe onde ou com que roupa, o próprio Senhor poderá vir até você em seguida? Um Deus está escondido em tudo isso, o Torturador de todos, o Despertador de todos, o Reservatório de todo ser, Aquele que está desprovido de tudo qualidades.

Lá o sol não brilha, nem a lua, nem as estrelas.

Houve a história de como Râvana foi aconselhado a assumir a forma de Râma para enganar Sitâ. Ele respondeu: "Não pensei nisso? Mas para assumir a forma de um homem você deve meditar nele; e Rama é o próprio Senhor; então, quando medito nele, até mesmo a posição de Brahmâ se torna uma mera palha. Como?" , então, eu poderia pensar em uma mulher?"

“E assim”, comentou o Swami, “mesmo na vida mais comum ou mais criminosa, existem esses vislumbres”. Sempre foi assim. Ele interpretava constantemente a vida humana como a expressão de Deus, nunca insistindo na hedionda ou maldade do ato ou caráter.

"Naquilo que é noite escura para o resto do mundo, ali o homem que tem autocontrole está acordado. Aquilo que é vida para o resto do mundo é sono para ele."

Falando um dia de Thomas à Kempis, e de como ele próprio costumava vagar como Sannyâsin tendo o Gitâ e a Imitação como toda a sua biblioteca, uma palavra, disse ele, voltou à sua mente, inseparavelmente associada ao nome do monge ocidental :

Silêncio! vós, professores do mundo, e silêncio!

vós, profetas! Fala somente Tu, Senhor, à minha alma!

De novo:

A suave flor Shirisha pode suportar o peso de
abelhas zumbindo, mas não de pássaros —

Então Umã, não vá fazer Tapasyâ!

Venha, Uma, venha! deleite e ídolo da minha alma!

Sente-se, mãe, no lótus do meu coração,
E deixe-me dar uma boa olhada em você.

Desde o meu nascimento, estou olhando,

Mãe, na sua cara —

Sei que você está sofrendo que problemas,
e dor?

Sente-se, portanto, Abençoado,
no lótus do meu coração,
E habitar lá para sempre.

De vez em quando havia longas conversas sobre o Gita — "aquele poema maravilhoso, sem nenhuma nota de fraqueza ou falta de masculinidade". Ele disse um dia que era absurdo reclamar que o conhecimento não era dado às mulheres ou aos Shudras. Pois toda a essência dos Upanishads estava contida no Gita. Sem isso, na verdade, dificilmente poderiam ser compreendidos; e as mulheres e todas as castas podiam ler o Mahabhârata.

4 DE JULHO.

Com muita diversão e sigilo, o Swami e seu único discípulo não-americano prepararam-se para celebrar o Quatro de Julho. Em sua audiência, foi expresso um pesar por não termos nenhuma bandeira americana para receber os outros membros do partido no café da manhã em seu festival

nacional; e no final da tarde do terceiro dia, ele trouxe um Pundit Durzey [alfaiate brâmane] muito entusiasmado, explicando que este homem ficaria feliz em imitá-lo se lhe dissessem como. As estrelas e listras estavam representadas de maneira muito grosseira, temo, no pedaço de algodão que foi pregado com ramos de sempre-vivas na cabeceira do barco da sala de jantar quando os americanos subiram a bordo para tomar chá no Dia da Independência! Mas o Swami adiou uma viagem para estar presente no pequeno festival, e ele próprio contribuiu com um poema para os discursos que agora eram lidos em voz alta como forma de saudação. . . . [Vide "Ao Quatro de Julho", Obras Completas, Vol. 5 (5.7.8)]

5 DE JULHO.

Naquela noite, alguém o magoou contando os caroços de cereja que restavam em seu prato, para ver quando ela se casaria. De alguma forma, ele levou a peça a sério e chegou na manhã seguinte carregado de paixão pela renúncia ideal.

6 DE JULHO.

"Essas sombras do lar e do casamento passam pela minha cabeça de vez em quando!" — exclamou ele, com aquele terno desejo de se tornar um com o pecador que tantas vezes demonstrava. Mas foi através de oceanos de desprezo por aqueles que glorificariam o chefe de família que ele procurou nesta ocasião pregar a vida religiosa. "É tão fácil", exclamou ele, "ser Janaka? Sentar em um trono absolutamente desapegado? Não se importando com riqueza ou fama, com esposa ou filho? Um após outro no Ocidente me disse que havia alcançado isso. Mas eu só poderia dizer: 'Tais grandes homens não nascem na Índia!'"

E então ele se virou para o outro lado.

"Nunca se esqueça", disse ele a um dos seus ouvintes, "de dizer a si mesmo e de ensinar aos seus filhos: como é a diferença entre um vaga-lume e o sol escaldante, entre o oceano infinito e um pequeno lago, entre uma mostarda -

seed e a montanha de Meru, tal é a diferença entre o chefe de família e o Sannyasin!"

"Tudo está repleto de medo: só a renúncia é destemida."

"Abençoados sejam até mesmo os Sâdhus fraudulentos, e aqueles que falharam em cumprir seus votos, na medida em que também testemunharam o ideal e, portanto, são, em certa medida, a causa do sucesso de outros!"

“Nunca, nunca, esqueçamos o nosso ideal!”

Nesses momentos, ele identificar-se-ia inteiramente com o pensamento que procurava demonstrar e, no mesmo sentido em que uma lei da natureza poderia ser considerada cruel ou arrogante, a sua exposição poderia ter essas qualidades. Sentados e ouvindo, sentimo-nos confrontados com o invisível e o absoluto.

Tudo isso aconteceu no nosso retorno a Srinagar da verdadeira celebração do Quatro de Julho, que foi uma visita ao Lago Dahl. . . .

Às nove horas da noite do domingo seguinte, 10 de julho, os dois primeiros [Dhira Mata e Jaya] voltaram inesperadamente, e atualmente, de muitas fontes diferentes, reunimos a notícia de que o Mestre havia ido para Amarnath de carro. pela rota Sonamarg e voltaria por outro caminho. Ele começou sem um tostão, mas isso não preocupava seus amigos, em um estado hindu de origem. . . .

15 DE JULHO.

O que estávamos planejando? Estávamos nos preparando para descer o rio na sexta-feira, e já eram quase cinco da tarde quando os servos reconheceram alguns de seus amigos à distância e foram informados de que o barco do Swami estava vindo em nossa direção.

Uma hora depois ele estava conosco, dizendo como era bom estar de volta. O verão foi excepcionalmente quente e algumas geleiras cederam, tornando

impraticável a rota de Sonamarg para Amarnath. Este fato causou seu retorno.

Mas a partir deste momento datava o primeiro dos três grandes incrementos de alegria e realização que vimos nele durante nossos meses na Caxemira. Era quase como se pudéssemos verificar por nós mesmos a verdade daquela afirmação do seu Guru: "Há realmente uma certa ignorância. Foi colocado lá pela minha Santa Mãe para que o seu trabalho possa ser feito. Mas é apenas como um filme. de papel de seda. Pode ser alugado a qualquer momento".

9.6.8 O TEMPLO DE PANDRENTHAN

PESSOAS: O Swami Vivekananda e um grupo de europeus e discípulos, entre os quais estavam Dhira Mata, a "Mãe Firme"; alguém cujo nome era Jaya; e Nivedita.

LUGAR: Caxemira.

HORA: 16 a 19 de julho de 1898.

16 DE JULHO.

Coube a um dos discípulos do Swami no dia seguinte descer o rio com ele em um pequeno barco. Enquanto isso, ele cantava uma música após a outra de Râmprasâd, e de vez em quando traduzia um verso:

Eu te invoco, mãe.

Pois embora sua mãe o bata,

A criança grita: "Mãe! Oh, mãe!"

Embora eu não possa te ver,

Não sou uma criança perdida!

Eu ainda choro: "Mãe! Mãe!"

E então, com a altiva dignidade de uma criança ofendida, algo que terminava: “Eu não sou filho para chamar qualquer outra mulher de 'Mãe'!”

17 DE JULHO.

Deve ter sido no dia seguinte que ele entrou no Dunga de Dhira Mata e falou sobre Bhakti. Primeiro foi aquele curioso pensamento hindu de Shiva e Umã num só. É fácil dizer as palavras, mas sem a voz elas parecem comparativamente mortas! E depois havia o ambiente maravilhoso – a pitoresca Srinagar, altos choupos da Lombardia e neves distantes. Ali, naquele vale do rio, a algum espaço do sopé das grandes montanhas, ele cantou para nós como "o Senhor tomou uma forma e essa era uma forma dividida, metade mulher e metade homem. De um lado, lindas guirlandas; do outro de outro, brincos de osso e enrolamentos de cobras. De um lado, os cabelos pretos, lindos e cacheados, do outro, enrolados como corda". E então, passando imediatamente para a outra forma do mesmo pensamento, citou:

Deus se tornou Krishna e Râdhâ —

O amor flui em milhares de espirais.

Quem quiser, leva.

O amor flui em milhares de espirais —

A maré do amor e do passado amoroso,

E enche a alma de felicidade e alegria!

Ele estava tão absorto que seu café da manhã passou despercebido muito depois de estar pronto, e quando finalmente ele saiu relutantemente - dizendo: "Quando alguém tem todo esse Bhakti, o que ele quer com a comida?" - foi apenas para voltar novamente rapidamente e retomar o assunto.

Mas agora ou em algum outro momento ele disse que não falava de Radha e Krishna onde procurava ações. Foi Shiva quem criou trabalhadores severos

e zelosos, e a Ele o trabalhador deve ser dedicado.

No dia seguinte ele nos deu um ditado curioso de Shri Ramakrishna, comparando os críticos dos outros a abelhas ou moscas, conforme escolhessem o mel ou as feridas.

E então partimos para Islamabad e, na verdade, como ficou provado, para Amarnath.

19 DE JULHO.

Na primeira tarde, num bosque ao lado do Jhelum, descobrimos o tão procurado templo de Pandrenthan (Pandresthan, lugar dos Pândavas?).

Estava afundado num lago, e este estava densamente coberto de espuma de onde se erguia, uma minúscula catedral de tempos passados, construída em pesado calcário cinzento. O templo consistia em uma pequena cela com quatro portas que se abriam para os pontos cardeais. Externamente, era uma pirâmide cônica - com o topo truncado, para dar apoio a um arbusto - apoiada em um pedestal de quatro perfurações. Na sua arquitetura, o trifólio e os arcos triangulares combinavam-se de forma inusitada entre si e com o lintel de linha reta. Foi construído com uma solidez maravilhosa e as linhas necessárias foram um tanto obscurecidas por pesados ornamentos. . . .

Para todos, exceto para o próprio Swami, esta foi a nossa primeira espiada na arqueologia indiana. Então, depois de passar por isso, ele nos ensinou como observar o interior.

No centro do teto havia um grande medalhão de sol, colocado num quadrado cujos pontos eram os pontos cardeais. Isso deixou quatro triângulos iguais nos cantos do teto, que foram preenchidos com esculturas em baixo relevo, figuras masculinas e femininas entrelaçadas com serpentes, lindamente executadas. Na parede havia espaços vazios, onde parecia haver uma faixa de topes.

Do lado de fora, as esculturas foram distribuídas de forma semelhante. Num dos arcos de trevo - creio que acima da porta oriental - havia uma bela

imagem do Buda Ensinador, de pé, com a mão erguida. Ao redor dos contrafortes havia um friso muito desfigurado de uma mulher sentada com uma árvore - evidentemente Mâyâ Devi, a mãe de Buda. Os outros três nichos de porta estavam vazios, mas uma laje à beira do lago parecia ter caído de um deles, e continha uma figura ruim de um rei, que os camponeses diziam representar o sol.

A alvenaria deste pequeno templo era soberba e provavelmente foi responsável pela sua longa preservação. Um único bloco de pedra seria cortado de modo a corresponder não a um tijolo numa parede, mas a uma secção do plano do arquitecto. Viraria uma esquina e faria parte de duas paredes distintas, ou às vezes até de três. Este facto fez com que se considerasse o edifício muito, muito antigo, possivelmente até anterior a Marttanda. A teoria dos operários parecia muito mais a da carpintaria do que da construção! A água ao redor provavelmente foi um transbordamento da fonte sagrada para o pátio do templo que a própria capela pode ter sido colocada, como o Swami pensava, para consagrar.

Para ele, o lugar era deliciosamente sugestivo. Foi um memorial direto do Budismo, representando um dos quatro períodos religiosos em que já havia dividido a história da Caxemira: (1) adoração de árvores e cobras, de onde datavam todos os nomes das nascentes que terminavam em Nag, como Verinag, e assim por diante; (2) Budismo; (3) Hinduísmo, na forma de adoração ao sol; e (4) Maometismo.

A escultura, disse-nos ele, era a arte característica do Budismo, e o medalhão do sol, ou lótus, um dos seus ornamentos mais comuns. As figuras com as serpentes referiam-se ao pré-budismo. Mas a escultura deteriorou-se muito sob a adoração do sol, daí a crueza da figura de Surya. . .

Era a hora do pôr do sol – que pôr do sol! As montanhas no oeste eram todas de um roxo brilhante. Mais ao norte, eles estavam azuis de neve e nuvens. O céu era verde e amarelo e com toques de vermelho - chamuscas brilhantes e cores de narciso, contra um fundo azul e opala. Ficamos parados e olhamos, e então o Mestre, avistando o trono de Salomão – aquele pequeno Takt que já amávamos – exclamou: “Que genialidade o Hindu demonstra ao colocar seus templos! Takt comanda toda a Caxemira

A rocha de Hari Parbat surge vermelha da água azul, como um leão deitado, coroadado E o templo de Marttanda tem o vale a seus pés!

Nossos barcos estavam atracados perto da orla do bosque, e pudemos perceber que a presença da capela silenciosa, do Buda, que havíamos acabado de explorar, comoveu profundamente o Swami. Naquela noite, todos nos reunimos na casa-barco de Dhira Mata, e um pouco da conversa foi anotada.

Nosso mestre estava falando do ritual cristão como derivado do budista, mas alguém do grupo não aceitava nenhuma teoria.

"De onde veio o próprio ritual budista?" ela perguntou.

"Do Védico", respondeu brevemente o Swami."

Ou como estava presente também no sul da Europa, não seria melhor supor uma origem comum para ele e para os rituais cristãos e védicos?"

"Não não!" ele respondeu. "Você esquece que o Budismo estava inteiramente dentro do Hinduísmo! Mesmo a casta não foi atacada - ainda não estava cristalizada, é claro! - e Buda apenas tentou restaurar o ideal. Aquele que alcança Deus nesta vida, diz Manu, é o Brâmane. . Buda teria feito isso, se pudesse."

"Mas como os rituais védicos e cristãos estão conectados?" persistiu seu oponente. "Como eles poderiam ser iguais? Você não tem nada que corresponda ao rito central de nossa adoração!"

"Porque sim!" disse o Swami. "O ritual védico tem sua missa, a oferenda de comida a Deus; seu Santíssimo Sacramento, nosso Prasâdam. Só que é oferecido sentado, não ajoelhado, como é comum em países quentes. Eles se ajoelham no Tibete. Então também o ritual védico tem suas luzes, incenso, música."

"Mas", foi o argumento um tanto indelicado, "tem alguma oração comum?" As objeções levantadas dessa forma sempre suscitavam algum paradoxo ousado que continha uma generalização nova e impensada.

Ele refletiu sobre a questão. "Não! E o cristianismo também não! Isso é o protestantismo puro e o protestantismo o tirou dos maometanos, talvez através da influência mourisca!

"O Maometismo é a única religião que destruiu completamente a ideia do sacerdote. O líder da oração fica de costas para o povo, e apenas a leitura do Alcorão pode ocorrer no púlpito. O Protestantismo é uma abordagem para isso.

"Até a tonsura existia na Índia, na cabeça raspada. Vi uma foto de Justiniano recebendo a Lei de dois monges, na qual as cabeças dos monges estão totalmente raspadas. recebe ordens da Tebaida."

"Nesse ritmo, então, você aceita o ritual católico como ariano!"

"Sim, acredito que quase todo o cristianismo é ariano. Estou inclinado a pensar que Cristo nunca existiu. Tenho duvidado disso desde que tive meu sonho - aquele sonho ao largo de Creta! [346] As ideias indianas e egípcias se encontraram em Alexandria e seguiram adiante para o mundo, mesclado com o Judaísmo e o Helenismo, como o Cristianismo.

"Os Atos e as Epístolas, você sabe, são mais antigos que os Evangelhos, e S. João é espúrio. A única figura da qual podemos ter certeza é S. Paulo, e ele não foi uma testemunha ocular, e de acordo com seu próprio testemunho. foi capaz do Jesuitismo — 'salvar almas por todos os meios' - não é?

"Não! Buda e Maomé, os únicos entre os professores religiosos, destacam-se com distinção histórica - tendo tido a sorte de ter, enquanto viviam, tanto inimigos quanto amigos. Krishna - duvido; um Iogue, um pastor e um grande rei foram todos amalgamados em uma bela figura, segurando o Gitã em suas mãos.

"A vida de Jesus de Renan é mera espuma. Ela não toca Strauss, o verdadeiro antiquário. Duas coisas se destacam como toques pessoais na vida de Cristo - a mulher apanhada em adultério, a mais bela história da literatura, e a mulher em o poço. Quão estranhamente verdade é esta última na vida indiana! Uma mulher que vem tirar água encontra, sentado à beira

do poço, um monge vestido de amarelo. lendo e assim por diante. Somente em uma história indiana, quando ela foi chamar os aldeões para olhar e ouvir, o monge teria aproveitado a oportunidade e fugido para a floresta!

“No geral, acho que o velho Rabino Hillel é responsável pelos ensinamentos de Jesus, e uma obscura seita judaica de nazarenos - uma seita de grande antiguidade - repentinamente galvanizada por São Paulo, forneceu a personalidade mítica como um centro de adoração.

“A ressurreição, é claro, é simplesmente uma cremação na primavera. De qualquer forma, apenas os gregos e romanos ricos tiveram a cremação, e o novo mito do sol apenas a impediria entre poucos.

"Mas Buda! Buda! Certamente ele foi o maior homem que já existiu. Ele nunca respirou fundo para si mesmo. Acima de tudo, ele nunca reivindicou adoração. Ele disse: 'Buda não é um homem, mas um estado. Eu encontrei o porta. Entrem, todos vocês!

"Ele foi à festa de Ambâpâli, 'o pecador'. Ele jantou com o pária, embora soubesse que isso o mataria, e enviou uma mensagem ao seu anfitrião em seu leito de morte, agradecendo-lhe pela grande libertação. Cheio de amor e piedade por um cabrito, mesmo antes de ele ter alcançado a verdade. Você se lembra de como ele ofereceu sua própria cabeça, a do príncipe e do monge, se ao menos o rei poupasse o cabrito que ele estava prestes a sacrificar, e como o rei estava prestes a sacrificar! ficou tão impressionado com sua compaixão que salvou sua vida? Essa mistura de racionalismo e sentimento nunca foi vista! Certamente, certamente, não houve ninguém como ele!

9.6.9 ANDA E CONVERSA AO LADO DO JHELUM

PESSOAS: O Swami Vivekananda e um grupo de europeus e discípulos, entre os quais estavam Dhira Mata, a "Mãe Firme"; alguém cujo nome era Jaya; e Nivedita.

LUGAR: Caxemira.

HORA: 20 a 29 de julho de 1898.

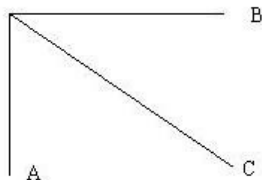
20 DE JULHO.

.

Naquela manhã o rio era largo, raso e claro, e dois de nós caminhamos com o Swami pelos campos e ao longo das margens cerca de cinco quilômetros. Ele começou falando sobre o sentido do pecado, como ele era egípcio, semita e ariano. Aparece nos Vedas, mas desmaia rapidamente. O diabo é reconhecido ali como o Senhor da Ira. Então, com os budistas, ele se tornou Mara, o Senhor da Luxúria, e um dos títulos mais amados do Senhor Buda foi “Conquistador de Mara”. (Veja o léxico sânscrito Amarkosha que Swami aprendeu a balbuciar quando era uma criança de quatro anos!) Mas embora Satanás seja o Hamlet da Bíblia, nas escrituras hindus o Senhor da Ira nunca divide a criação. Ele sempre representa a contaminação, nunca a dualidade.

Zoroastro foi um reformador de alguma religião antiga. Mesmo Ormuzd e Ahriman com ele não eram supremos; eles eram apenas manifestações do Supremo. Essa religião mais antiga deve ter sido Vedanta. Assim, os egípcios e os semitas apegam-se à teoria do pecado, enquanto os arianos, como os indianos e os gregos, rapidamente a perdem. Na Índia, a justiça e o pecado tornam-se Vidyâ e Avidyâ – ambos a serem transcendidos. Entre os arianos, os persas e os europeus tornam-se semitizados pelas ideias religiosas; daí o sentido do pecado. [347]

E então a conversa desviou-se, como sempre foi habitual, para questões do país e do futuro. Que ideia deve ser apresentada a um povo para lhe dar força? A linha do seu próprio desenvolvimento segue num sentido, A. A nova adesão da força deve ser compensatória, B? Isto produziria um desenvolvimento intermediário entre os dois, C – apenas uma alteração



geométrica. Mas

não foi assim.

A vida nacional era uma questão de forças orgânicas. Devemos reforçar a corrente dessa própria vida e deixar que ela faça o resto. Buda pregou a renúncia e a Índia ouviu. No entanto, no espaço de mil anos, ela atingiu o seu ponto mais alto de prosperidade nacional. A vida nacional na Índia tem a renúncia como fonte. Seus ideais mais elevados são serviço e Mukti. A mãe hindu come por último. O casamento não é para a felicidade individual, mas para o bem-estar da nação e da casta. Certos indivíduos da reforma moderna, tendo embarcado numa experiência que não conseguiu resolver o problema, “são os sacrifícios sobre os quais a raça tem de caminhar”.

E então a tendência da conversa mudou novamente e tornou-se toda diversão e alegria, piadas e histórias. E enquanto ríamos e ouvíamos, os barcos surgiram e a conversa do dia terminou.

Durante toda aquela tarde e noite o Swami permaneceu em seu barco, doente. Mas no dia seguinte, quando desembarcamos no templo de Bijbehara – já lotado de peregrinos de Amarnath – ele pôde se juntar a nós por um tempo. “Subir e descer rapidamente”, como ele dizia de si mesmo, sempre foi sua característica. Depois disso, ele ficou conosco a maior parte do dia e à tarde chegamos a Islamabad. . . .

Ao entardecer daquela noite, alguém entrou no pequeno grupo entre as macieiras e encontrou o Mestre envolvido no mais raro dos raros acontecimentos, uma conversa pessoal com Dhira Mata e ela, cujo nome era Jaya. Ele havia pegado duas pedras na mão e estava dizendo como, quando estivesse bem, sua mente poderia se direcionar para isso e aquilo, ou sua vontade poderia parecer menos firme; mas deixe que venha o menor toque de dor ou doença, deixe-o olhar a morte de frente por um tempo, e "Eu sou tão duro assim (batendo as pedras), pois toquei os pés de Deus".

E lembrava-se, a propósito dessa frieza, a história de uma caminhada pelos campos da Inglaterra, onde ele, um homem e uma mulher ingleses foram perseguidos por um touro furioso. O inglês correu francamente e chegou em segurança ao outro lado da colina. A mulher correu o máximo que pôde e depois caiu no chão, incapaz de fazer mais esforços. Vendo isso, e incapaz de ajudá-la, o Swami - pensando "Então este é o fim, afinal de contas" - posicionou-se diante dela, com os braços cruzados. Ele contou mais tarde

como sua mente estava ocupada com um cálculo matemático sobre a distância que o touro seria capaz de lançar. Mas o animal parou de repente a alguns passos e depois, erguendo a cabeça, recuou taciturno.

Uma coragem semelhante - embora ele próprio estivesse longe de pensar nestes incidentes - manifestou-se na sua juventude, quando ele silenciosamente montou num cavalo em fuga e o apanhou nas ruas de Calcutá, salvando assim a vida da mulher que ocupava o carruagem atrás.

A conversa continuou, enquanto nos sentávamos na grama, sob as árvores, e ficamos, por uma ou duas horas, meio sérios, meio alegres. Ouvimos muitas das brincadeiras que os macacos faziam em Vrindaban. E suscitamos histórias de duas ocasiões distintas em sua vida errante, quando ele teve previsões claras de ajuda que foram cumpridas. Um desses eu me lembro. Pode ter ocorrido no momento em que ele estava sob o voto de não pedir nada e estava há vários dias (talvez cinco) sem comida. De repente, enquanto estava quase morrendo de exaustão numa estação ferroviária, ocorreu-lhe que deveria se levantar e seguir por uma determinada estrada e que ali encontraria um homem que lhe traria ajuda. Ele obedeceu e encontrou um carregando uma bandeja de comida. "Você é aquele para quem fui enviado?" disse este homem, aproximando-se dele e olhando-o de perto.

Então uma criança foi trazida até nós, com a mão gravemente cortada, e o Swami aplicou uma cura para mulheres idosas. Lavou a ferida com água e depois colocou sobre ela, para estancar o sangramento, as cinzas de um pedaço de chita. Os aldeões foram acalmados e consolados, e nossa fofoca terminou naquela noite.

23 DE JULHO.

Na manhã seguinte, um grupo heterogêneo de cules reuniu-se sob as macieiras e esperou algumas horas para nos levar às ruínas de Marttanda. Era um edifício antigo e maravilhoso — evidentemente mais uma abadia do que um templo — numa posição maravilhosa; e seu grande interesse residia na óbvia aglomeração de estilos e períodos em que cresceu. . . . A sua

presença é uma lembrança perpétua de que o Oriente foi o lar original do monaquismo. O Swami trabalhou num instante em observações e teorias, apontando a cornija que corria ao longo da nave desde a entrada do santuário, a oeste, encimada pelos altos trevos dos dois arcos e também por um friso; ou mostrando-nos os painéis contendo querubins; e antes de terminarmos, pegamos algumas moedas. A viagem de volta sob a luz do pôr do sol foi encantadora. De todas essas horas, do dia anterior e do dia seguinte, fragmentos de conversas voltam à minha mente.

"Nenhuma nação, nem a grega nem outra, alguma vez levou o patriotismo tão longe como os japoneses. Eles não falam, eles agem - desistem de tudo pelo país. Há nobres que vivem agora no Japão como camponeses, tendo desistido dos seus principados sem uma palavra para criar a unidade do império [348] E nenhum traidor foi encontrado na guerra japonesa!

Mais uma vez, falando da incapacidade de alguns de expressar sentimentos, "Pessoas tímidas e reservadas, tenho notado, são sempre as mais brutais quando despertadas".

Novamente, evidentemente falando da vida ascética e dando as regras de Brahmacharya – "O Sannyâsin que pensa em ouro, para desejá-lo, comete suicídio", e assim por diante.

24 DE JULHO.

A escuridão da noite e da floresta, um grande fogo de pinheiro sob as árvores, duas ou três tendas brancas destacando-se na escuridão, as formas e vozes de muitos servos em suas fogueiras ao longe, e o Mestre com três discípulos, tais é a próxima foto. . . . De repente, o Mestre virou-se para um membro do grupo e disse: "Você nunca menciona sua escola agora. Você às vezes se esquece dela? Veja", ele continuou, "Tenho muito em que pensar. Um dia me volto para Madras e pense no trabalho lá. Outro dia eu dou toda a minha atenção para a América ou para a Inglaterra ou para o Ceilão ou para Calcutá.

Naquele momento o Mestre foi chamado para jantar, e só quando ele voltou a confiança que ele havia convidado foi dada.

Ele ouviu tudo, o desejo deliberado de um plano provisório, de começos pequeninos, e a inclinação final de se afastar da ideia de inclusão e amplitude e de basear todo um esforço educativo na vida religiosa e no culto. de Sri Ramakrishna.

"Porque você deve ser sectário para conseguir esse entusiasmo, não é?" ele disse. "Você fará uma seita para se elevar acima de todas as seitas. Sim, eu entendo".

Haveria dificuldades óbvias. A coisa nessa escala parecia quase impossível por vários motivos. Mas, no momento, o único cuidado necessário é querer corretamente; e se o plano fosse sólido, meios e meios seriam encontrados, isso era certo.

Ele esperou um pouco depois de ouvir tudo e então disse: "Você me pede para criticar, mas isso não posso fazer. Pois considero você tão inspirado, tão inspirado quanto eu. Você sabe que essa é a diferença entre outras religiões e nós. Outras pessoas acreditam que seu fundador foi inspirado, e nós também, mas eu também, assim como ele, e você como eu, e depois de você, suas meninas e seus discípulos também serão. irá ajudá-lo a fazer o que achar melhor".

Depois voltou-se para Dhira Mata e para Jaya e falou da grandeza da confiança que deixaria nas mãos daquele discípulo que deveria representar os interesses das mulheres quando fosse para o Ocidente, de como isso excederia a responsabilidade do trabalho para homens. E acrescentou, voltando-se para o trabalhador do partido: "Sim, você tem fé, mas não tem aquele entusiasmo ardente de que precisa. Você quer ser consumido [com] energia. Shiva! Shiva!" E assim, invocando a bênção de Mahadeva, ele disse boa noite e nos deixou, e logo fomos dormir.

25 DE JULHO.

Na manhã seguinte tomamos café da manhã cedo em uma das tendas e seguimos para Achhabal. Um de nós sonhou com joias antigas perdidas e restauradas, todas brilhantes e novas. Mas o Swami, sorrindo, interrompeu a história, dizendo: "Nunca fale de um sonho tão bom quanto esse!"

Em Achhabal encontramos mais jardins de Jehangir. Seria aqui ou em Verinag o seu local de descanso preferido?

Perambulamos pelos jardins e tomamos banho em uma piscina tranquila em frente à Zenana do Pathan Khan, depois almoçamos no primeiro jardim e à tarde descemos para Islamabad.

Enquanto almoçávamos, o Swami convidou sua filha para ir com ele à caverna de Amarnath e ser dedicada a Shiva. Dhira Mata sorriu com permissão e a meia hora seguinte foi dedicada ao prazer e aos parabéns. Já havia sido combinado que iríamos todos para Pahalgam e esperaríamos lá pelo retorno do Swami da peregrinação. Assim, naquela noite, chegamos aos barcos, fizemos as malas e escrevemos cartas, e no dia seguinte, à tarde, partimos para Bawan.

9.6.10 O SANTUÁRIO DE AMARNATH

LUGAR: Caxemira.

HORA: 29 de julho a 8 de agosto de 1898.

29 DE JULHO.

Desde então vimos muito pouco o Swami. Ele estava cheio de entusiasmo com a peregrinação e vivia principalmente com uma refeição por dia, não procurando muita companhia, exceto a de Sadhus. Às vezes ele ia a um acampamento com contas na mão. Esta noite dois membros do grupo foram passear por Bawan, que parecia uma feira de aldeia, toda modificada por uma tendência religiosa centrada nas fontes sagradas. Depois, com Dhira Mata, foi possível ir e ouvir, na porta da tenda, a multidão de Sadhus de língua hindi que faziam perguntas ao Swami.

Na quinta-feira chegamos a Pahalgam e acampamos na extremidade inferior do vale. Descobrimos que o Swami teve que encontrar grande oposição sobre a questão da nossa admissão. Ele foi apoiado pelos Naked Swamis, um dos quais disse: "É verdade que você tem essa força, Swamiji, mas você não deveria manifestá-la!" Ele cedeu à palavra. Naquela tarde, porém, ele

levou a filha ao acampamento para ser abençoada, o que na verdade significava distribuir esmolas - e seja porque ele era considerado rico ou porque era reconhecido como forte, no dia seguinte nossas tendas foram transportadas para um linda colina no topo do acampamento. . . .

30 DE JULHO.

Que lindo foi o caminho até a próxima parada, Chandanwari! Lá acampamos à beira de uma ravina. Choveu a tarde inteira e fui visitado pelo Swami apenas para uma conversa de cinco minutos. Mas recebi inúmeras e tocantes gentilezas dos servos e de outros peregrinos. . . .

. . . Perto de Chandanwari o Swami insistiu que eu fizesse minha primeira geleira a pé e teve o cuidado de apontar cada detalhe de interesse. Uma tremenda subida de alguns milhares de pés foi a experiência seguinte. Depois, uma longa caminhada por um caminho estreito que serpenteava montanha após montanha e, finalmente, outra subida íngreme. No topo da primeira montanha, o chão estava simplesmente coberto de edelweiss. Então a estrada passou quinhentos metros acima de Sheshnag com suas águas turvas, e finalmente acampamos num lugar frio e úmido entre os picos nevados, a 5.500 metros de altura. Os abetos estavam muito abaixo, e durante toda a tarde e noite os cules tiveram que procurar zimbro em todas as direções. As tendas dos Tahsildar, do Swami e as minhas estavam todas juntas, e à noite uma grande fogueira foi acesa na frente. Mas não queimou bem e muitos metros abaixo ficava a geleira. Não vi o Swami depois de acamparmos.

Panchatarani – o lugar dos cinco riachos – não foi uma marcha tão longa. Além disso, era mais baixo que Sheshnag e o frio era seco e estimulante. Em frente ao acampamento havia um leito de rio seco, todo de cascalho, e por este corriam cinco riachos, em todos os quais era dever do peregrino banhar-se, andando de um para outro com roupas molhadas. Esforçando-se para escapar completamente da observação, Swamiji, no entanto, cumpriu a lei até a última letra a esse respeito. . . .

Nessas alturas, muitas vezes nos encontrávamos em grandes círculos de picos nevados, aqueles gigantes mudos que sugeriram à mente hindu a ideia do Deus coberto de cinzas.

2 DE AGOSTO.

Na terça-feira, 2 de agosto, o grande dia de Amarnath, o primeiro grupo de peregrinos deve ter deixado o acampamento às duas! Saímos à luz da lua cheia. O sol nasceu enquanto descíamos pelo vale estreito. Não era muito seguro nesta parte da viagem. Mas quando deixamos os nossos Dandies e começamos a subir, o verdadeiro perigo começou. . . . Então, tendo finalmente chegado ao fundo da encosta mais distante, tivemos que caminhar ao longo da geleira, quilômetro após quilômetro, até a caverna. . . .

O Swami, exausto, já havia ficado para trás. . . . Ele finalmente chegou e com uma palavra me mandou prosseguir; ele ia tomar banho. Meia hora depois ele entrou na caverna. Com um sorriso, ajoelhou-se primeiro numa extremidade do semicírculo, depois na outra. O lugar era vasto, grande o suficiente para abrigar uma catedral; e o grande Shiva de gelo, num nicho de sombra mais profunda, parecia estar entronizado em sua própria base. Alguns minutos se passaram e então ele se virou para sair da caverna.

Para ele, os céus se abriram. Ele tocou os pés de Shiva. Ele teve que se conter, disse ele depois, para não "desmaiar". Mas o seu esgotamento físico era tão grande que um médico disse mais tarde que o seu coração deveria ter parado de bater, mas em vez disso sofreu um aumento permanente. Quão estranhamente próximas estavam as palavras de seu Mestre: "Quando ele perceber quem e o que ele é, ele desistirá deste corpo!"

"Eu gostei muito!" ele disse meia hora depois, enquanto estava sentado em uma pedra acima da margem do riacho, almoçando com o gentil Naked Swami e eu. "Achei que o Linga de gelo fosse o próprio Shiva. E não havia brâmanes ladrões, nem comércio, nada de errado. Era tudo adoração. Nunca gostei tanto de nenhum lugar religioso!"

Depois, ele contava muitas vezes sobre a visão avassaladora que parecia arrastá-lo quase ao seu vértice. Ele falava da poesia do pilar de gelo branco; e foi ele quem sugeriu que a primeira descoberta do local foi feita por um grupo de pastores, que num dia de verão vagaram muito em busca de seus rebanhos e entraram na caverna para se encontrarem diante do gelo que não derretia, na presença de o próprio Senhor. Ele sempre disse também que a graça de Amarnath lhe fora concedida ali, de não morrer até que ele próprio desse consentimento. E para mim ele disse: "Você não entende agora. Mas você fez a peregrinação e ela continuará funcionando. As causas devem trazer seus efeitos. Você entenderá melhor depois. Os efeitos virão".

Como era linda a estrada pela qual voltamos na manhã seguinte a Pahalgam! Montamos barracas naquela noite imediatamente após retornarmos a elas e acampamos mais tarde durante a noite em uma passagem nevada, um estágio inteiro adiante. Pagamos alguns anás a um cule para continuar com uma carta; mas quando chegamos na tarde seguinte, descobrimos que isso tinha sido totalmente desnecessário, pois durante toda a manhã grupos de peregrinos passaram pelas tendas e apareceram, da maneira mais amigável, para dar aos outros notícias sobre nós e sobre nossa chegada iminente. De manhã já estávamos de pé e partimos muito antes do amanhecer. Enquanto o sol nascia diante de nós, enquanto a lua se punha atrás, passamos acima do Lago da Morte, onde cerca de quarenta peregrinos foram soterrados um ano por uma avalanche iniciada por seus hinos. Depois disso, chegamos ao pequeno caminho de cabras que descia pela face de um penhasco íngreme, através do qual pudemos encurtar muito a viagem de volta. Isso era pouco melhor do que uma corrida, e todos tinham forçosamente que fazer isso a pé. No fundo, os aldeões tinham algo parecido com o café da manhã pronto. As fogueiras estavam acesas, os chapatties assavam e o chá estava pronto para ser servido. A partir de então, grupos de peregrinos deixavam o corpo principal em cada encruzilhada dos caminhos, e o sentimento de solidariedade que cresceu entre nós ao longo da viagem tornou-se cada vez menor.

Naquela noite, na colina acima de Pahalgam, onde uma grande fogueira de troncos de pinheiro foi acesa e Dhurries espalhados, todos nós nos sentamos e conversamos. Nosso amigo, o Swami Nu, juntou-se a nós e nos divertimos muito e brincamos com bobagens, mas logo, quando todos

tinham ido embora, exceto nosso pequeno grupo, continuamos sentados com a grande lua no alto e as neves altas, os rios caudalosos e os pinheiros das montanhas. E o Swami falou de Shiva e da caverna e do grande limite da visão.

8 DE AGOSTO.

Partimos para Islamabad no dia seguinte e, na manhã de segunda-feira, enquanto tomávamos o café da manhã, fomos rebocados em segurança para Srinagar.

9.6.11 EM SRINAGAR NA VIAGEM DE VOLTA

PESSOAS: O Swami Vivekananda e um grupo de europeus e discípulos, entre os quais estavam Dhira Mata, a "Mãe Firme"; alguém cujo nome era Jaya; e Nivedita.

LOCAL: Caxemira – Srinagar.

HORA: 9 a 13 de agosto de 1898.

9 DE AGOSTO.

Nessa época o Mestre sempre falava em nos deixar. E quando encontro o verbete “É puro o rio que corre, é puro o monge que vai”, sei exatamente o que significa — o clamor apaixonado “Sou sempre muito melhor quando tenho que passar por dificuldades e mendigar meu pão”. , o anseio pela liberdade e o toque das pessoas comuns, a imagem de si mesmo fazendo um longo circuito pelo país a pé e nos encontrando novamente em Baramulla para a viagem de volta para casa.

Sua família de barqueiros, com quem ele manteve amizade firme durante duas temporadas, nos deixou hoje. Depois, ele se referiria a todo o incidente da ligação deles com ele como prova de que mesmo a caridade e a paciência poderiam ir longe demais.

10 DE AGOSTO.

Já era noite e todos saímos para fazer uma visita. Na volta chamou seu discípulo Nivedita para caminhar com ele pelos campos. Sua palestra foi toda sobre o trabalho e suas intenções nele. Ele falou da inclusão da sua concepção do país e das suas religiões; de sua própria distinção como sendo unicamente em seu desejo de tornar o Hinduísmo ativo, agressivo, uma fé missionária; do "não toque" como a única coisa que ele repudiava. Depois falou com profundo sentimento da gigantesca espiritualidade de muitos dos mais ortodoxos. A Índia queria praticidade, mas nunca deveria abandonar a antiga vida meditativa para isso. "Ser tão profundo quanto o oceano e tão amplo quanto o céu", disse Shri Ramakrishna, era o ideal. Mas esta profunda vida interior na alma encerrada na ortodoxia é o resultado de uma associação accidental, não essencial. "E se nos colocarmos aqui mesmo, o mundo estará certo, pois não somos todos um? Ramakrishna Paramahansa estava vivo nas profundezas do seu ser, mas no plano exterior ele era perfeitamente ativo e capaz."

E então, sobre aquela questão crítica da adoração de seu próprio mestre: "Minha própria vida é guiada pelo entusiasmo dessa grande personalidade, mas os outros decidirão por si mesmos até que ponto isso é verdade para eles. A inspiração não é filtrada para o mundo. através de um homem".

11 DE AGOSTO.

Houve ocasião neste dia para o Swami repreender um membro deste partido por praticar quiromancia. Foi algo que ele disse que todos desejavam, mas toda a Índia desprezava e odiava. Sim, disse ele, em resposta a um pequeno pedido especial, até mesmo de leitura de caracteres que ele desaprovava. "Para dizer a verdade, eu teria considerado até mesmo a sua encarnação mais honesta se ele e seus discípulos não tivessem realizado milagres. Buda destituiu um monge por fazer isso." Mais tarde, falando sobre o assunto para o qual havia transferido sua atenção, ele falou com horror sobre a exibição de qualquer coisa que certamente provocaria um reflexo terrível.

12 E 13 DE AGOSTO.

O Swami agora contratou um cozinheiro brâmane. Muito comoventes foram os argumentos dos Amarnath Sâdhus contra a sua disposição de deixar até mesmo um muçulmano cozinhar para ele. “Pelo menos não na terra dos Sikhs, Swamiji”, disseram eles, e ele finalmente consentiu. Mas, no momento, ele estava adorando seu pequeno filho-barco muçulmano como Umâ. Toda a sua ideia de amor era serviço, e no dia em que ele deixou Caxemira, ela, pequenina, teve vontade de carregar ela mesma uma bandeja de maçãs para ele até a tonga. Ele nunca a esqueceu, embora parecesse bastante indiferente na época. Na própria Caxemira, ele gostava de relembrar a época em que ela viu uma flor azul no caminho de reboque e sentou-se diante dela, e golpeou-a de um lado para outro, "ficou sozinha com aquela flor por vinte minutos".

Havia um pedaço de terra à beira do rio onde cresciam três chennaars, para os quais os nossos pensamentos se voltavam com um amor peculiar nesta época. Pois o Mahârâjâ estava ansioso para dá-lo a Swamiji, e todos nós o imaginávamos como um centro de trabalho no futuro - trabalho que deveria concretizar a grande ideia de "pelo povo, para o povo, como uma alegria para o trabalhador e para o servido". "

Tendo em vista o sentimento indiano em relação a uma propriedade rural abençoada por mulheres, foi sugerido que devêssemos anexar o local, acampando ali por um tempo. Além disso, alguém do nosso grupo desejava pessoalmente um silêncio especial neste momento. Então foi decidido que deveríamos estabelecer “uma matemática feminina”, por assim dizer, antes que o Maharaja exigisse a terra para conferi-la ao Swami. E isso foi possível porque o local era um dos menores acampamentos utilizados pelos europeus.

9.6.12 O ACAMPAMENTO SOB OS CHENNARS

PESSOAS: O Swami Vivekananda e um grupo de europeus e discípulos, entre os quais estavam Dhira Mata, a "Mãe Firme"; alguém cujo nome era Jaya; e Nivedita.

LOCAL: Caxemira – Srinagar.

HORA: 14 a 20 de agosto de 1898.

14 DE AGOSTO.

Era domingo de manhã e na tarde seguinte o Swami foi persuadido a vir tomar chá conosco a fim de encontrar um convidado europeu que parecia estar interessado no assunto Vedanta. Ele estava pouco inclinado a se preocupar com o assunto, e acho que seu verdadeiro motivo ao aceitar foi provavelmente proporcionar aos seus discípulos muito ansiosos uma oportunidade de se convencerem da total futilidade de todas as tentativas como essa. Certamente ele se esforçou infinitamente com o inquiridor e, como certamente, seu trabalho foi desperdiçado.

Lembro-me de ele ter dito, entre outras coisas: "Como eu gostaria que uma lei pudesse ser violada. Se fôssemos realmente capazes de violar uma lei, seríamos livres. O que vocês chamam de violar a lei é, na verdade, apenas outra maneira de cumpri-la". Depois tentou explicar um pouco da vida superconsciente. Mas suas palavras chegaram a ouvidos que não podiam ouvir.

16 DE AGOSTO.

Na terça-feira ele veio mais uma vez ao nosso pequeno acampamento para o almoço. Perto do fim, começou a chover forte o suficiente para impedir seu retorno, e ele pegou a História do Rajastão, de Tod, que estava perto, e começou a falar de Mira Bâi. "Dois terços das ideias nacionais agora em Bengala", disse ele, "foram recolhidas deste livro".

Mas o episódio de Mira Bai, a rainha que não seria rainha, mas vagaria pelo mundo com os amantes de Krishna, sempre foi seu favorito, até mesmo em Tod. Ele falou sobre como ela pregava submissão, oração e serviço a todos, em contraste com Chaitanya, que pregava amor ao nome de Deus e misericórdia para todos.

Mira Bai sempre foi uma de suas grandes padroeiras. Ele colocaria em sua história muitos tópicos com os quais agora estamos familiarizados em outras conexões, como a conversa de dois grandes ladrões e o final com uma imagem de Krishna abrindo-a e engolindo-a. Certa ocasião, ouvi-o recitar e traduzir uma de suas canções para uma mulher. Eu gostaria de poder lembrar o todo, mas começou em sua tradução com as palavras "Agarre-se a isso, agarre-se a isso, agarre-se a isso, irmão", e terminou com "Se Ankâ e Bankâ, os irmãos ladrões; Sujan, o caído o açougueiro; e a cortesã que, brincando, ensinou seu papagaio a repetir o nome do Senhor Krishna foram salvos, há esperança para todos".

Novamente, eu o ouvi contar aquela história maravilhosa de Mira Bai na qual, ao chegar a Vrindaban, ela mandou chamar um certo Sâdhu famoso. [349] Ele se recusou a alegar que as mulheres não poderiam ver os homens em Vrindaban. Quando isso aconteceu três vezes, Mira Bai foi até ele dizendo que não sabia que existiam seres como homens ali; ela supôs que somente Krishna existia. E quando ela viu o atônito Sadhu, ela se revelou completamente, com as palavras "Tolo, você se chama de homem?" E quando ele se prostrou diante dela com um grito de admiração, ela o abençoou como uma mãe abençoa seu filho.

Hoje o Swami passou à conversa de Akbar e cantou-nos uma canção de Tânsen, o poeta-laureado do imperador:

Sentado no trono, um deus entre os homens,

Tu, o Imperador de Delhi.

Abençoada foi a hora, o minuto, o segundo,

Quando você ascender ao trono,

Ó Deus entre os homens,

Tu, o Senhor de Delhi.

Viva a tua coroa, o teu cetro, o teu trono,

Ó Deus entre os homens,

Tu, Imperador de Delhi.

Viva muito e permaneça sempre desperto,

Ó filho de Humayoon,

Alegria do sol, Deus entre os homens,

Tu, o Imperador de Delhi!

Depois a palestra passou para o “nosso herói nacional” Pratâp Singh, que nunca pôde ser submetido. Uma vez, de fato, ele se sentiu tentado a ceder, naquele momento em que, tendo fugido de Chitore e a própria rainha tendo preparado a escassa refeição noturna, um gato faminto mergulhou naquele bolo de pão que era a porção das crianças, e o rei de Mewar ouviu seus bebês choram por comida. Então, de fato, o coração forte do homem falhou. A perspectiva de tranquilidade e alívio o tentou. E por um momento ele pensou em cessar o conflito desigual e enviar sua aliança para Akbar, apenas por um instante. A Vontade Eterna protege a sua. No momento em que a imagem passou diante de sua mente, apareceu um mensageiro com aqueles despachos de um famoso chefe Rajput que dizia: "Restou apenas um entre nós que manteve seu sangue livre de mistura com o estrangeiro. Nunca se diga isso. sua cabeça tocou o pó". E a alma de Pratap respirou fundo de coragem e fé renovada; e ele se levantou e varreu o país de seus inimigos e voltou para Udaipur.

Depois houve a maravilhosa história da princesa virgem Krishna Kumâri, cuja mão foi procurada por vários pretendentes reais ao mesmo tempo. E quando três exércitos estavam no portão, seu pai não conseguiu pensar em nada melhor do que dar-lhe veneno. A tarefa foi confiada ao tio dela, e ele entrou no quarto dela, enquanto ela dormia, para realizá-la. Mas ao ver sua beleza e juventude, lembrando-se dela também quando bebê, o coração do soldado falhou e ele não conseguiu cumprir sua tarefa. Mas ela foi acordada por um som e, ao ouvir o que lhe era proposto, estendeu a mão para pegar o copo e bebeu o veneno com um sorriso. E assim por diante, e assim por diante. Pois as histórias de heróis Rajput desse tipo são infinitas.

20 DE AGOSTO.

No sábado, o Swami e aquele cujo nome era Soong foram ao Lago Dahl para serem convidados do cônsul americano e sua esposa por alguns dias. Eles retornaram na segunda-feira, e na terça-feira o Swami veio até o novo Math, como o chamávamos, e fez com que seu barco fosse transferido para perto do nosso para que pudesse ficar conosco por alguns dias antes de partir para Ganderbal.

9.6.13 PALAVRAS FINAIS DO EDITOR

De Ganderbal o Swami regressou na primeira semana de Outubro e anunciou a sua intenção de partir para as planícies dentro de alguns dias por motivos urgentes. O partido europeu já tinha planos de visitar as principais cidades do norte da Índia, por exemplo, Lahore, Delhi, Agra, etc., assim que o inverno chegasse. Assim, ambos os lados decidiram regressar juntos e vieram para Lahore. A partir daqui, o Swami e seu grupo retornaram para Calcutá, deixando o restante para executar seus planos de passeios turísticos no norte da Índia.

9.7 PROVÉRBIOS E ENUNCIÇÕES

LISTA DE ABREVIACÕES

Nesta seção, apenas as palavras diretas de Swami Vivekananda foram colocadas entre aspas. As referências foram identificadas pelas seguintes abreviaturas:

ND Burke, Marie Louise. Swami Vivekananda no Ocidente: Novas Descobertas. 6 volumes. Calcutá: Advaita Ashrama, 1983-87.

CWSN Nivedita, Irmã. As Obras Completas da Irmã Nivedita. Vol. 1. Calcutá: Advaita Ashrama, 1982.

LSN Nivedita, Irmã. Cartas da Irmã Nivedita. 2 volumes. Compilado e editado por Sankari Prasad Basu. Calcutá: Nababharat Publishers, 1982.

VIN Basu, Sankari Prasad e Ghosh, Sunil Bihari, eds. Vivekananda em jornais indianos: 1893-1902. Calcutá: Dineshchandra Basu, Basu Bhattacharya and Co., 1969.

1. Da descrição da Sra. Prince Woods sobre a partida de Swami Vivekananda da residência dos Woods em Salem, Massachusetts, em agosto de 1893. Swami Vivekananda deu sua equipe, seu bem mais precioso, ao Dr. , e seu baú e seu cobertor para a Sra. Kate T. Woods, dizendo:

"Apenas os meus bens mais preciosos devo dar aos meus amigos que me fizeram sentir em casa neste grande país." (ND 1: 42)

2. No verso da transcrição de Swami Vivekananda do livro de Louis Rousselet, India and Its Native Princes — Travels in Central India and in the Presidencies of Bombay and Bengal, datado de 11 de fevereiro de 1894:

"Eu digo que só há um remédio para alguém muito ansioso pelo futuro: cair de joelhos." (ND 1: 225)

3. Um trecho de uma oração que Swami Vivekananda fez no Parlamento Mundial das Religiões de Chicago:

"Tu és Aquele que carrega os fardos do universo; ajuda-me a carregar o pequeno fardo desta vida." (ND 2: 32)

4. Um trecho de outra oração oferecida por Swami Vivekananda no Parlamento Mundial das Religiões de Chicago:

"À frente de todas essas leis, em e através de cada partícula de matéria e força, está Aquele por cujo comando o vento sopra, o fogo queima, as nuvens chovem e a morte espreita sobre a terra. E qual é a Sua natureza? Ele está em toda parte o Puro e sem forma, o Todo-Poderoso e o Todo Misericordioso. Tu és nosso Pai. (ND 2: 33)

5. Extraído do diário de Mary T. Wright datado de sábado, 12 de maio de 1894:

As viúvas de casta elevada na Índia não se casam, disse ele; apenas as viúvas de casta inferior podem casar, comer, beber, dançar, ter quantos maridos quiserem, divorciar-se de todos, em suma, desfrutar de todos os benefícios da mais alta sociedade deste país. . . .

“Quando somos fanáticos”, disse ele, “nós nos torturamos, nos jogamos debaixo de carros enormes, cortamos nossas gargantas, deitamos em camas com espinhos; mas quando você é fanático você corta a garganta de outras pessoas, você as tortura com fogo e coloque-os em camas com espinhos! Você cuida muito bem de sua própria pele! (ND 2: 58-59)

6. Um extrato de 1894 do Greenacre Voice, citando um dos ensinamentos do Swami proferido em Greenacre, Maine:

"Você, eu e tudo no universo somos esse Absoluto, não partes, mas o todo. Você é o todo desse Absoluto." (ND 2: 150)

7. Numa carta de 5 de março de 1899 da Irmã Nivedita à Srta. Josephine MacLeod:

"No fundo, sou um místico, Margot, todo esse raciocínio é apenas aparente - estou realmente sempre à procura de sinais e coisas - e por isso nunca me preocupo com o destino de minhas iniciações. Se eles querem tanto ser Sannyâsins, eu Sinto que o resto não é da minha conta. É claro que tem o seu lado ruim. Às vezes tenho que pagar caro pelo meu erro - mas isso tem uma vantagem: isso me manteve como um Sannyasin durante tudo isso - e essa é a minha ambição. morrer como um verdadeiro Sannyasin como Ramakrishna Paramahansa realmente era - livre de luxúria - e desejo de riqueza e sede de fama. Essa sede de fama é a pior de todas as impurezas." (ND 3: 128-29)

8. Da carta de John Henry Wright de 27 de março de 1896 para Mary Tappan Wright, na qual Swami Vivekananda afirmou que a Inglaterra é exatamente como a Índia com suas castas:

"Eu tinha que ter aulas separadas para as duas castas. Para as pessoas da casta alta - Lady This e Lady That, Honorável Isto e Honorável Aquilo - eu tinha aulas pela manhã; para as pessoas da casta inferior, que vinham desordenadamente, eu tinha aulas à noite." (ND 4: 73)

9. Enquanto Swami Vivekananda oferecia flores aos pés da Virgem Maria numa pequena capela na Suíça, no verão de 1896, ele disse:

"Pois ela também é a Mãe." (ND 4: 276)

10. Da carta do Sr. J. J. Goodwin de 23 de outubro de 1896 para a Sra. Ole Bull, citando a conversa de Swami Vivekananda em Greycoat Gardens, em Londres

"É muito bom ter um ideal elevado, mas não o torne muito elevado. Um ideal elevado eleva a humanidade, mas um ideal impossível a rebaixa da própria impossibilidade do caso." (ND 4: 385)

11. Uma entrada de 20 de novembro de 1896 do diário de Swami Abhedananda, citando a observação de Swami Vivekananda sobre o povo inglês:

"Não se pode fazer amigos aqui sem conhecer seus costumes, comportamento, política. É preciso conhecer os costumes dos ricos, dos cultos e dos pobres". (ND 4: 478)

12. Na carta do Sr. J. J. Goodwin de 11 de novembro de 1896 à Sra. Ole Bull, citando a declaração não publicada de Swami Vivekananda no final de "Practical Vedanta - IV":

"Um Jiva nunca pode atingir Brahman de forma absoluta até que todo Mâyâ desapareça. Enquanto ainda houver um Jiva em Maya, não pode haver nenhuma alma absolutamente livre... Os Vedantistas estão divididos neste ponto." (ND 4: 481)

13. Da carta de Swami Saradananda a um irmão-discípulo, a respeito dos últimos dias de Swami Vivekananda:

Às vezes ele dizia: "A morte chegou à minha cabeceira; já trabalhei e me divirto bastante; deixe o mundo perceber a contribuição que dei; levará muito tempo para entender isso". (ND 4: 521)

14. Numa carta de 13 de outubro de 1898 à Sra. Ashton Jonson, escrita da Caxemira, a Irmã Nivedita descreveu o humor espiritual de Swami Vivekananda:

Para ele, neste momento, "fazer o bem" parece horrível. "Só a Mãe faz alguma coisa. Patriotismo é um erro. Tudo é um erro. É tudo Mãe... Todos os homens são bons. Só que não podemos alcançar todos... Nunca mais vou ensinar. Quem sou Eu deveria ensinar alguém? (ND 5: 3-4)

15. Da carta do Sr. Sachindranath Basu recontando as observações finais de Swami Vivekananda em sua palestra aos swamis e noviços reunidos em Belur Math, 19 de junho de 1899:

"Meus filhos, sejam todos homens. É isso que eu quero! Se vocês tiverem pelo menos um pouco de sucesso, sentirei que minha vida tem sido significativa." (ND 5: 17)

16. Durante uma conversa noturna com Swami Saradananda na primavera de 1899:

"Os homens deveriam ser ensinados a serem práticos e fisicamente fortes. Uma dúzia desses leões conquistarão o mundo, e não milhões de ovelhas. Os homens não deveriam ser ensinados a imitar um ideal pessoal, por maior que fosse." (ND 5: 17)

17. Das reminiscências da Sra. Mary C. Funke de sua viagem à América em agosto de 1899 com Swamis Vivekananda e Turiyananda:

"E se tudo isso Maya é tão lindo, pense na beleza maravilhosa da Realidade por trás disso!" (ND 5: 76)

"Por que recitar poesia quando aí [apontando para o mar e o céu] está a própria essência da poesia?" (Ibid.)

18. Na carta da Srta. Josephine MacLeod de 3 de setembro de 1899 à Sra.

"Na hora de maior necessidade, a pessoa fica sozinha." (ND 5: 122)

19. Extraído do diário da Irmã Nivedita de 27 de outubro de 1899 em Ridgely Manor, no qual Swami Vivekananda expressou sua preocupação por Olea Bull Vaughn:

"Os pesadelos sempre começam de forma agradável - apenas no pior momento [o] sonho é quebrado - então a morte quebra [o] sonho da vida. Ame a morte." (ND 5: 138)

20. Numa carta de Dezembro de 1899 da Srta. Josephine MacLeod à Irmã Nivedita:

"Todas as ideias que os californianos têm de mim emanaram de Chicago." (ND 5: 179)

21. Das reminiscências da Sra. Alice Hansbrough, que citou Swami Vivekananda dizendo ao Sr.

“Posso falar sobre o mesmo assunto, mas não será a mesma palestra.” (ND 5: 230)

22. Reminiscências da Sra. Alice Hansbrough relatando a resposta de Swami Vivekananda às suas tentativas de passeios turísticos:

"Não me mostre paisagens. Eu vi o Himalaia! Eu não daria dez passos para ver paisagens; mas caminharia mil milhas para ver um [grande] ser humano!" (ND 5: 244)

23. Das reminiscências da Sra. Alice Hansbrough relatando o interesse de Swami Vivekananda no problema da educação infantil:

Ele não acreditava em punição. Isso nunca o ajudou, disse ele, e acrescentou: “Eu nunca faria nada que deixasse uma criança com medo”. (ND 5: 253)

24. Registro da Sra. Alice Hansbrough sobre a explicação de Swami Vivekananda sobre Deus para Ralph Wyckoff, de dezessete anos:

"Você consegue ver seus próprios olhos? Deus é assim. Ele está tão próximo quanto seus próprios olhos. Ele é seu, mesmo que você não possa vê-Lo." (ND 5: 254)

25. Reminiscências da Sra. Alice Hansbrough a respeito da opinião de Swami Vivekananda sobre os soldados ingleses de casta inferior que ocuparam a Índia:

“Se alguém saqueasse a casa do inglês, o inglês o mataria, e com razão. Mas o hindu apenas fica sentado e reclama!

"Você acha que um punhado de ingleses poderia governar a Índia se tivéssemos um espírito militante? Eu ensino o consumo de carne em toda a Índia, na esperança de que possamos construir um espírito militante!" (ND 5: 256)

26. As reminiscências da Sra. Alice Hansbrough de um piquenique em Pasadena, Califórnia, quando uma mulher da Ciência Cristã sugeriu a Swami Vivekananda que se deveria ensinar as pessoas a serem boas:

"Por que eu deveria desejar ser 'bom'? Tudo isso é obra Dele [acenando com a mão para indicar as árvores e o campo]. Devo me desculpar por Sua obra? Se você quiser reformar John Doe, vá morar com ele; não tente reformá-lo. Se você tiver algum do Fogo Divino, ele o pegará." (ND 5: 257)

27. Das reminiscências da Sra. Alice Hansbrough:

"Quando você considerar uma ação, não deixe que nada o dissuada. Consulte seu coração, não os outros, e então siga seus ditames." (ND 5: 311)

28. Das anotações do Sr. Frank Rhodehamel feitas durante uma palestra em março de 1900 em Oakland, Califórnia:

"Nunca amei o marido, a esposa por causa da esposa, nem a esposa, o marido por causa do marido. É Deus na esposa que o marido ama, e Deus no marido que a esposa ama. atraí-nos para aquele que está apaixonado. [É] Deus em tudo, em todos que nos fazem amar. Deus é o único amor. (ND 5: 362)

29. Das anotações do Sr. Frank Rhodehamel feitas durante uma palestra em março de 1900 em Oakland, Califórnia:

Ah, se vocês se conhecessem! Vocês são almas; vocês são deuses. Se alguma vez sinto [que estou] blasfemando, é quando te chamo de homem." (ND 5: 362)

30. Um trecho das reminiscências do Sr. Thomas J. Allan da série de palestras de Swami Vivekananda em março de 1900 em São Francisco sobre a Índia:

“Envie-nos mecânicos para nos ensinar como usar as mãos, e nós lhe enviaremos missionários para lhe ensinar espiritualidade”. (ND 5: 365)

31. Reminiscências da Sra. Edith Allan sobre as observações filosóficas de Swami Vivekananda enquanto cozinhava no apartamento da Turk Street:

“O Senhor habita nos corações de todos os seres, ó Arjuna, por Seu poder ilusório fazendo com que todos os seres girem como se estivessem montados em uma roda de oleiro.' [Bhagavad-Gitâ XVIII.61] Tudo isso já aconteceu antes, como o lançamento de um dado, assim é na vida; , aquela cebola e batata. O que podemos fazer, senhora, Ele nos colocou na roda da vida. (ND 6: 17)

32. Das reminiscências da Sra. Edith Allan de uma conversa após o almoço:

"O Mestre disse que voltaria em cerca de duzentos anos - e eu irei com ele. Quando um Mestre vem, ele traz seu próprio povo." (ND 6: 17)

33. Reminiscências da Sra. Edith Allan sobre o conselho de “cozinha” de Swami Vivekananda enquanto ele estava em São Francisco, Califórnia, em 1900:

“Se me considero maior que a formiga que rasteja pelo chão, sou ignorante.” (ND 6: 19)

"Senhora, tenha a mente aberta; sempre veja dois caminhos. Quando estou nas alturas eu digo: 'Shivoham, Shivoham: eu sou Ele, eu sou Ele!' e quando tenho dor de estômago eu digo: 'Mãe, tenha piedade de mim!'" (Ibid.)

"Aprenda a ser testemunha. Se dois cachorros estão brigando na rua e eu saio, me envolvo na briga; mas se fico quieto no meu quarto, presencio a briga pela janela. Então aprenda a ser a testemunha." (Ibid.)

34. Das reminiscências do Sr. Thomas J. Allan de uma conversa privada com Swami Vivekananda em São Francisco, Califórnia, 1900:

“Não progredimos do erro para a verdade, mas sim da verdade para a verdade. Portanto, devemos cuidar para que ninguém possa ser culpado pelo que está fazendo, porque, neste momento, está fazendo o melhor que pode. abra a navalha, não tente tirá-la dele, mas dê-lhe uma maçã vermelha ou um brinquedo brilhante, e ele deixará cair a navalha. Mas quem colocar a mão no fogo se queimará, só aprendemos com a experiência. " (ND 6: 42)

35. Das reminiscências da Sra. Alice Hansbrough de uma caminhada para casa com Swami Vivekananda após uma de suas palestras em São Francisco em 1900:

"Vocês ouviram que Cristo disse: 'Minhas palavras são espírito e são vida'. Assim como minhas palavras são espírito e vida; elas entrarão em seu cérebro e você nunca se livrará delas!" (ND 6: 57-58)

36. Das reminiscências da Sra. Alice Hansbrough em São Francisco, 1900 – referindo-se ao grande coração de Swami Vivekananda:

"Talvez eu tenha que nascer de novo porque me apaixonei por um homem." (ND 6: 79)

37. Das reminiscências de Swami Vivekananda da Sra. George Roorbach em Camp Taylor, Califórnia, em maio de 1900:

"No meu primeiro discurso neste país, em Chicago, dirigi-me àquele público como 'Irmãs e Irmãos da América', e vocês sabem que todos eles se levantaram. Vocês podem se perguntar o que os levou a fazer isso, vocês podem se perguntar se eu tinha algum poder estranho. Deixe-me dizer que eu tinha um poder e é isso - nunca em minha vida me permiti ter um único pensamento sexual. Treinei minha mente, meu pensamento e os poderes que os homens geralmente têm. usei ao longo dessa linha que coloquei em um canal mais alto, e ele desenvolveu uma força tão forte que nada poderia resistir." (ND 6: 155)

38. Numa conversa com Swami Turiyananda, que provavelmente ocorreu em Nova York:

"O chamado veio do Alto: 'Venha embora, apenas vá embora - não há necessidade de preocupar sua cabeça para ensinar os outros'. Agora é a vontade da Grande Velha Senhora [351] que a peça acabe." (ND 6: 373)

39. Em um elogio de Prabuddha Bharata de julho de 1902, "um discípulo ocidental" escreveu:

O Swami tinha pouca simpatia pelos iconoclastas, pois, como ele sabiamente observou: "O verdadeiro filósofo se esforça para destruir nada, mas para ajudar a todos". (VIN: 638)

40. As reminiscências da Irmã Nivedita sobre Swami Vivekananda em uma carta de 9 de outubro de 1899 para a Srta. Josephine MacLeod:

Ele voltou atrás em tantas coisas - "Deixe sua vida no mundo nada mais ser do que um pensamento para si mesmo". (LSN I: 213)

41. Observações do almoço de Swami Vivekananda para a Sra. Ole Bull, registradas pela Irmã Nivedita em uma carta de 18 de outubro de 1899 para a Srta. Josephine MacLeod:

“Veja, existe uma coisa chamada amor, e existe outra coisa chamada união. E a união é maior que o amor.

"Eu não amo a religião. Identifiquei-me com ela. É a minha vida. Portanto, nenhum homem ama aquilo em que sua vida foi gasta, em que ele realmente realizou algo. Aquilo que amamos ainda não somos nós mesmos. Seu marido não amava a música que sempre defendeu. Ele amava a engenharia, na qual ainda sabia relativamente pouco. Esta é a diferença entre Bhakti e Jnana; (LSN I: 216)

42. Observações de Swami Vivekananda sobre seu ministério espiritual, registradas na carta da Irmã Nivedita de 15 de outubro de 1904 à Srta. Josephine MacLeod:

"Só quando partirem é que saberão quanto receberam." (LSN II: 686)

43. As reminiscências da Irmã Nivedita em uma carta de 5 de novembro de 1904 para Alberta Sturges (Lady Sandwich) sobre a palestra de Swami Vivekananda sobre a renúncia enquanto ele estava hospedado em Ridgely Manor:

"Na Índia, nunca dizemos que você deve renunciar a algo superior por algo inferior. É melhor estar absorvido pela música ou pela literatura do que pelo conforto ou prazer, e nunca dizemos o contrário." (LSN II: 690)

44. Na carta da Irmã Nivedita de 19 de novembro de 1909 à Srta. Josephine MacLeod:

“O fogo queima se mergulharmos a mão nele – quer sintamos ou não – o mesmo acontece com aquele que fala o nome de Deus.” (LSN II: 1030)

45. Reminiscências de Swami Vivekananda sobre Shri Ramakrishna, registradas na carta da Irmã Nivedita de 6 de julho de 1910 ao Dr.

"Ele não conseguia se imaginar professor de ninguém. Era como um homem brincando com bolas de várias cores e deixando que outros escolhessem quais escolheriam por si mesmos." (LSN II: 1110)

46. As reminiscências da Irmã Nivedita sobre uma conversa com Swami Vivekananda em Ridgely Manor, registrada em uma carta de 1899 escrita de Ridgely Manor para a Srta. Josephine MacLeod:

Nunca ouvi o Profeta falar tanto de Shri Ramakrishna. Ele nos contou o que eu tinha ouvido antes sobre o julgamento infalível [de seu mestre] sobre os homens. . . .

“E então”, disse Swami, “você vê, minha devoção é a devoção do cachorro. Estive errado tantas vezes e ele sempre esteve certo, e agora confio cegamente em seu julgamento”. E então ele nos contou como hipnotizaria qualquer um que chegasse até ele e em dois minutos soubesse tudo sobre ele, e Swami disse que com isso ele aprendeu a considerar nossa consciência como uma coisa muito pequena. (LSN II: 1263)

47. Da carta da Irmã Nivedita de 27 de janeiro de 1900 à Irmã Christine:

Swami disse hoje que está começando a ver as necessidades da humanidade sob uma luz bem diferente – que já tem certeza do princípio que é ajudar, mas está gastando horas todos os dias tentando resolver os métodos. Que o que ele sabia até agora era para os homens que vivem numa caverna - sozinhos, sem serem perturbados - mas agora ele dará à "humanidade algo que lhe dará força no stress da vida quotidiana". (LSN II: 1264)

48. Numa carta de 7 de julho de 1902 à Irmã Christine, a Irmã Nivedita registrou uma das observações feitas por Swami Vivekananda enquanto dava uma aula aos monges em Belur Math em 4 de julho de 1902:

"Não me copie. Expulse o homem que imita." (LSN II: 1270)

49. O comentário do Swami depois de ter feito uma declaração sobre o ideal da liberdade da alma, o que o colocou em aparente conflito com a concepção ocidental do serviço à humanidade como o objectivo do indivíduo:

"Você dirá que isso não beneficia a sociedade. Mas antes que esta objeção possa ser admitida, você terá primeiro que provar que a manutenção da sociedade é um objeto em si." (CWSN 1: 19)

50. Irmã Nivedita escreveu:

Abordou a questão da sua própria posição de professor itinerante e expressou a desconfiança indiana em relação à organização religiosa ou, como alguém diz, “em relação a uma fé que termina numa igreja”. “Acreditamos”, disse ele, “que a organização sempre gera novos males”.

Ele profetizou que certos desenvolvimentos religiosos então muito em voga no Ocidente morreriam rapidamente, devido ao amor ao dinheiro. E declarou que “o homem caminha da verdade para a verdade, e não do erro para a verdade”. (CWSN 1: 19-20)

51. "O universo é como uma teia de aranha e as mentes são as aranhas; pois a mente é uma e também muitas." (CWSN 1: 21)

52. "Que ninguém se arrependa de ter sido difícil convencê-los! Lutei contra meu Mestre por seis anos e o resultado foi que conheço cada centímetro do caminho! Cada centímetro do caminho!" (CWSN 1: 22)

53. Swami Vivekananda estava elucidando a que alturas de altruísmo leva o caminho do amor e como ele extrai as melhores faculdades da alma:

"Suponha que houvesse um bebê no caminho do tigre! Qual seria o seu lugar então? Na boca dele - qualquer um de vocês - tenho certeza disso." (CWSN 1: 24)

54. "Aquilo pelo qual tudo isso está permeado, saiba que é o próprio Senhor!" (CWSN 1: 27)

55. *Quanto à atitude de Swami Vivekananda em relação à religião:*

A religião era uma questão de crescimento do indivíduo, “uma questão sempre de ser e de vir a ser”. (CWSN 1: 28)

56. "Perdoe quando você também pode levar legiões de anjos a uma vitória fácil." Embora a vitória ainda fosse duvidosa, apenas um covarde em seu pensamento daria a outra face. (CWSN 1: 28-29)

57. "É claro que eu cometeria um crime e iria para o inferno para sempre se com isso pudesse realmente ajudar um ser humano!" (CWSN 1: 34)

58. *Para um pequeno grupo, incluindo a Irmã Nivedita, após uma palestra:*

"Tenho uma superstição - não é nada, você sabe, mas uma superstição pessoal! - de que a mesma alma que veio uma vez como Buda veio depois como Cristo." (CWSN 1:35)

59. *Depois que Swami Vivekananda foi informado da disposição da Irmã Nivedita em servir a Índia:*

“De minha parte, encarnarei duzentas vezes, se for necessário, para fazer entre o meu povo este trabalho que empreendi.” (CWSN 1: 36)

60. Memória de um incidente da Irmã Nivedita:

Certa ocasião, ele estava cavalgando com o Raja de Khetri, quando viu que seu braço sangrava profusamente e descobriu que o ferimento havia sido causado por um galho espinhoso que ele havia deixado de lado para passar. Quando o Swami protestou, o Rajput riu do assunto. “Não somos sempre os defensores da fé, Swamiji?” ele disse.

"E então", disse o Swami, contando a história, "eu ia dizer-lhe que eles não deveriam mostrar tal honra ao Sannyasin, quando de repente pensei que talvez eles estivessem certos, afinal. Quem sabe? Talvez eu também estou preso no brilho desta lanterna da sua civilização moderna, que é apenas por um momento".

"- Fiquei enredado", disse ele simplesmente a alguém que protestou que, em sua opinião, o Sâdhu errante dos anos anteriores, que havia espalhado seu conhecimento e mudado seu nome à medida que avançava, tinha sido maior do que o abade de Belur, sobrecarregado com muito trabalho e muitos cuidados. "Eu fiquei enredado." (CWSN 1: 43)

61. Irmã Nivedita escreveu:

Um dia ele estava falando no oeste de Mirâ Bâi - aquela santa que outrora foi Rainha de Chitore - e da liberdade que seu marido lhe oferecera se ela permanecesse na reclusão real. Mas ela não podia ser vinculada. "Mas por que ela não deveria?" alguém perguntou surpreso. "Por que ela deveria?" ele respondeu. "Ela estava morando aqui neste lamaçal?" (CWSN 1: 44)

62. Com o passar dos anos, o Swami ousou cada vez menos fazer planos determinados ou dogmatizar sobre o desconhecido:

"Afinal, o que sabemos? Mamãe usa tudo. Mas estamos apenas nos atrapalhando." (CWSN 1: 44)

63. *Citando Swami Vivekananda, a Irmã Nivedita lembrou:*

O amor não era amor, insistiam, a menos que fosse “sem razão” ou sem “motivo”. . . . (CWSN 1: 52)

64. *Sobre Swami Vivekananda, a Irmã Nivedita escreveu:*

Quando questionado por alguns dos seus próprios o que considerava, depois de os ver no seu próprio país, a maior conquista dos ingleses, respondeu "que eles souberam combinar a obediência com o respeito próprio". (CWSN 1: 54)

65. *Swami Sadananda relatou que de manhã cedo, enquanto ainda estava escuro, Swami Vivekananda se levantava e chamava os outros, cantando:*

"Acordem! Despertem! Todos vocês que desejam beber do néctar divino!" (CWSN 1: 56)

66. *Irmã Nivedita lembrou:*

Nessa época [durante os dias itinerantes do Swami, perto de Almora] ele passou alguns meses em uma caverna que pairava sobre uma aldeia nas montanhas. Apenas duas vezes o vi aludindo a esta experiência. Uma vez ele disse: "Nada em toda a minha vida me encheu tanto de sensação de trabalho a ser feito. Foi como se eu tivesse sido expulso daquela vida em cavernas para vagar de um lado para outro nas planícies abaixo". E novamente ele disse a alguém: “Não é a forma de sua vida que faz um Sadhu. Pois é possível sentar-se em uma caverna e ter toda a mente preenchida com a questão de quantos pedaços de pão serão trazidos para alguém”. para o jantar!" (CWSN 1: 61)

67. *Sobre seu próprio poema "Kali, a Mãe":*

"Espalhando pragas e tristezas", ele citou seus próprios versos,

Dançando loucamente de alegria,

Venha, mãe, venha!

Pois terror é o Teu nome!

A morte está em Tua respiração.

E cada passo trêmulo

Destroys a world for e'er.

“Tudo se tornou realidade, cada palavra”, ele se interrompeu para dizer.

Quem ousa a miséria, amor.

Dance na dança da Destruição,

E abraçar a forma da morte, . . .

"Para ele a Mãe realmente vem. Eu provei isso. Pois abracei a forma da Morte!" (CWSN 1: 98-99)

68. Irmã Nivedita, referindo-se aos seus planos para uma escola para meninas:

Apenas num aspecto ele [Swami Vivekananda] era inflexível. O trabalho pela educação das mulheres indianas, ao qual ele daria o seu nome, poderia ser tão sectário quanto eu quisesse. "Você deseja através de uma seita ascender além de todas as seitas." (CWSN 1: 102)

69. Comentando a visita da Irmã Nivedita à residência de Gopaler-Ma – uma pequena cela:

"Ah! esta é a velha Índia que você viu, a Índia das orações e das lágrimas, das vigílias e dos jejuns, que está passando, para nunca mais voltar!"

(CWSN 1: 109)

70. Sobre os objetivos da Ordem Ramakrishna:

O mesmo propósito falou novamente na sua definição dos objetivos da Ordem de Ramakrishna - "efectuar uma troca dos mais elevados ideais do Oriente e do Ocidente e realizá-los na prática". . . . (CWSN 1: 113)

71. Depois de ensinar à Irmã Nivedita a adoração de Shiva, Swami Vivekananda culminou com uma oferenda de flores aos pés do Buda. Ele disse, como se estivesse se dirigindo a cada alma que algum dia viesse a ele em busca de orientação:

"Vá e siga Aquele que nasceu e deu Sua vida pelos outros quinhentas vezes antes de alcançar a visão do Buda!" (CWSN 1: 114)

72. Ao retornar de uma peregrinação na Caxemira:

"Esses deuses não são apenas símbolos! Eles são as formas que os Bhaktas viram!" (CWSN 1: 120)

73. As reminiscências da Irmã Nivedita sobre as palavras de Swami Vivekananda ouvidas muito antes:

"O Deus Impessoal visto através das brumas dos sentidos é pessoal." (CWSN 1: 120)

74. Comentário de Swami Vivekananda quando foi lembrado da raridade da criminalidade na Índia:

"Oxalá fosse diferente em minha terra, pois esta é verdadeiramente a virtuosidade da morte!" (CWSN 1: 123)

75. Swami Vivekananda disse:

“A vida inteira é apenas um canto de cisne! Nunca se esqueça dessas falas:

O leão, quando atingido no coração,

emite seu rugido mais poderoso.

Ao ser atingida na cabeça, a cobra levanta o capuz.

E a majestade da alma surge,

somente quando um homem está profundamente ferido." (CWSN 1: 124)

76. Após ouvir sobre a morte de Shri Durga Charan Nag (Nag Mahashay):

"[Ele] foi uma das maiores obras de Ramakrishna Paramahansa." (CWSN 1: 129)

77. Sobre o poder transformador de Shri Ramakrishna, Swami Vivekananda disse:

"Foi uma piada que Ramakrishna Paramahansa tocasse uma vida? É claro que ele fez novos homens e novas mulheres daqueles que vieram até ele, mesmo nesses contatos fugazes!" (CWSN 1: 130)

78. Ao falar sobre o verdadeiro espírito de um Sannyasin, Swami Vivekananda disse:

"Vi muitos grandes homens em Hrishikesh. Um caso de que me lembro foi o de um homem que parecia louco. Ele vinha nu pela rua, com meninos o perseguindo e atirando pedras nele. O homem inteiro estava borbulhando de tanto rir. enquanto o sangue escorria por seu rosto e pescoço, eu o peguei e lavei o ferimento, colocando cinzas para estancar o sangramento. E o tempo todo, com gargalhadas, ele me contou sobre a diversão que os meninos e ele estavam se divertindo. as pedras. 'Então o Pai brinca', disse ele.

"Muitos desses homens se escondem para se protegerem contra invasões. As pessoas são um problema para eles. Um tinha ossos humanos espalhados pela caverna e dizia que vivia de cadáveres. Outro atirava pedras. E assim por diante... .

"Às vezes a coisa lhes ocorre num piscar de olhos. Havia um menino, por exemplo, que costumava ler os Upanishads com Abhedananda. Um dia ele se virou e disse: 'Senhor, tudo isso é realmente verdade?'

"'Oh sim!' disse Abhedananda, 'Pode ser difícil de perceber, mas é certamente verdade'.

"E no dia seguinte, aquele menino era um Sannyasin silencioso, nu, a caminho de Kedarnath!

"O que aconteceu com ele? você pergunta. Ele ficou em silêncio!

"Mas o Sannyasin não precisa mais adorar ou ir em peregrinação ou realizar austeridades. Qual é então o motivo de tudo isso ir de peregrinação em peregrinação, de santuário em santuário, e de austeridade em austeridade? Ele está adquirindo mérito e dando-o ao mundo!" (CWSN 1: 133)

79. Referindo-se à história de Shibi Rana:

"Ah, sim! Estas são as histórias que estão no fundo do coração de nossa nação! Nunca se esqueça que o Sannyasin faz dois votos: um para perceber a verdade e outro para ajudar o mundo - e que o mais rigoroso dos requisitos rigorosos é que ele deve renunciar qualquer pensamento do céu!" (CWSN 1: 134)

80. À Irmã Nivedita:

"O Gitâ diz que existem três tipos de caridade: a Tâmásica, a Râjasica e a Sâttvica. A caridade tamásica é realizada por impulso. Está sempre cometendo erros. O fazedor não pensa em nada além de seu próprio impulso de ser gentil. Caridade rajásica é o que um homem faz para sua

própria glória. E a caridade sáttvica é aquela que é dada à pessoa certa, da maneira certa e no momento adequado.

“Quando se trata do sáttvico, penso cada vez mais em uma certa grande mulher ocidental em quem tenho visto aquela doação silenciosa, sempre para a pessoa certa, da maneira certa, na hora certa, e nunca cometendo erros.

“De minha parte, tenho aprendido que até a caridade pode ir longe demais.

"À medida que envelheço, descubro que procuro cada vez mais a grandeza nas pequenas coisas. Quero saber o que um grande homem come e veste e como ele fala com seus servos. Quero encontrar um Sir Philip Sidney [352] grandeza! Poucos homens se lembrariam da sede dos outros, mesmo no momento da morte.

"Mas qualquer um será grande em uma ótima posição! Até o covarde se tornará corajoso sob o brilho da ribalta. O mundo observa. O coração de quem não vai bater? O pulso de quem não vai acelerar até que ele possa fazer o seu melhor?

"Cada vez mais a verdadeira grandeza me parece ser a do verme cumprindo seu dever silenciosamente, de forma constante, de momento a momento e de hora em hora." (CWSN 1: 137)

81. Referindo-se ao grande indivíduo – a encarnação divina, o Guru e o Rishi:

"Você ainda não entende a Índia! Nós, indianos, somos homens - adoradores, afinal! Nosso Deus é homem!" (CWSN 1: 144)

82. Em outra ocasião, Swami Vivekananda usou a palavra “adoradores de homens” num sentido totalmente diferente:

"Esta ideia de adoração ao homem existe em núcleo na Índia, mas nunca foi expandida. Você deve desenvolvê-la. Faça poesia, faça arte disso.

Estabeleça a adoração dos pés dos mendigos como se fazia na Europa medieval. Faça adoradores de homens." (CWSN 1: 144-45)

83. À Irmã Nivedita:

"Há uma seita peculiar de maometanos que são tão fanáticos que pegam cada bebê recém-nascido e o expõem, dizendo: 'Se Deus te fez, perece! Se Ali te fez, viva!' Agora, isto que eles dizem à criança, eu digo, mas no sentido oposto, para você esta noite: 'Vá para o mundo e lá, se eu te criei, seja destruído. Se a Mãe te criou, viva!' (CWSN 1: 151)

84. Muito depois de os magnatas do Sul na América terem pedido desculpas a Vivekananda quando souberam que ele havia sido confundido com um negro e, portanto, foi-lhe recusada a admissão em hotéis, o Swami comentou consigo mesmo:

"O quê! subir às custas de outro! Eu não vim à terra para isso!... Se sou grato ao meu ancestral ariano de pele branca, sou muito mais grato ao meu ancestral mongol de pele amarela e, principalmente e acima de tudo, ao Negritóide de pele negra! (CWSN 1: 153)

85. Comentando sobre as masmorras dos prisioneiros medievais no Mont-Saint-Michel:

"Que lugar maravilhoso para meditação!" (CWSN 1: 154)

"Oh, eu sei que vaguei por toda a terra, mas na Índia não procurei nada, exceto a caverna para meditar!" (Ibid.)

86. Embora considerasse a descendência do Império Romano brutal e a noção japonesa de casamento um horror, Swami Vivekananda resumiu os ideais construtivos, nunca os defeitos, de uma comunidade:

"Pelo patriotismo, os japoneses! Pela pureza, o hindu! E pela masculinidade, o europeu! Não há outro no mundo que entenda, como o inglês, o que deveria ser a glória de um homem!" (CWSN 1: 160)

87. Swami Vivekananda disse sobre si mesmo antes de partir para a América em 1893:

"Vou pregar uma religião da qual o Budismo nada mais é do que um filho rebelde e o Cristianismo, com todas as suas pretensões, apenas um eco distante!" (CWSN 1: 161)

88. Descrevendo a noite em que Buda deixou sua esposa para renunciar ao mundo, Swami Vivekananda disse:

"Qual era o problema que o incomodava? Por quê! Era ela quem ele estava prestes a sacrificar pelo mundo! Essa era a luta! Ele não se importava com nada!" (CWSN 1: 172)

89. Depois de descrever a comovente despedida de Buda para sua esposa, o Swami disse:

"Você nunca pensou nos corações dos heróis? Como eles eram ótimos, ótimos, ótimos - e macios como manteiga?" (CWSN 1: 172)

90. A descrição de Swami Vivekananda da morte de Buda e sua semelhança com a de Shri Ramakrishna:

Ele contou como o cobertor foi estendido para ele debaixo da árvore e como o Abençoado se deitou, “descansando sobre seu lado direito como um leão” para morrer, quando de repente veio até ele alguém que correu para receber instruções. Os discípulos teriam tratado o homem como um intruso, mantendo a paz a qualquer custo no leito de morte de seu Mestre, mas o Abençoado ouviu e disse: "Não, não! Aquele que foi enviado está sempre

pronto", ele apoiou-se no cotovelo e ensinou. Isso aconteceu quatro vezes e então, e somente então, Buda se manteve livre para morrer. "Mas primeiro ele falou para repreender Ananda por chorar. O Buda não era uma pessoa, mas uma realização, e isso qualquer um deles poderia alcançar. E com seu último suspiro ele os proibiu de adorar qualquer um."

A história imortal chegou ao fim. Mas para quem ouviu, o momento mais significativo foi aquele em que o narrador fez uma pausa - segundo suas próprias palavras, "se apoiou no cotovelo e ensinou" - e disse, em breves parênteses: "Eu vi isso, você sabe, no caso de Ramakrishna Paramahansa". E surgiu diante da mente a história de alguém, destinado a aprender com aquele professor, que viajou cem milhas e só chegou a Cossipore quando estava morrendo. Aqui também os discípulos teriam recusado a admissão, mas Shri Ramakrishna interveio, insistindo em receber o recém-chegado e ensiná-lo. (CWSN 1: 175-176)

91. Comentando sobre o significado histórico e filosófico da doutrina budista:

"Forma, sentimento, sensação, movimento e conhecimento são as cinco categorias em perpétuo fluxo e fusão. E nestas reside Maya. De qualquer onda nada pode ser predicado, pois não existe. Ela apenas foi e se foi. Saiba, ó Cara, você é o mar! Ah, essa era a filosofia de Kapila, mas seu grande discípulo [Buda] trouxe o coração para fazê-lo viver! (CWSN 1: 176)

92. No que diz respeito ao Primeiro Conselho Budista e à disputa quanto ao seu Presidente:

"Você pode imaginar qual era a força deles? Um disse que deveria ser Ananda, porque ele O amava mais. Mas alguém se adiantou e disse não! pois Ananda foi culpado de chorar no leito de morte. E então ele foi aprovado sobre!" (CWSN 1: 177)

93. Considerando a reencarnação uma “especulação científica” e não um artigo de fé:

"Ora, uma vida no corpo é como um milhão de anos de confinamento, e eles querem despertar a memória de muitas vidas! Basta para um dia o mal disso!... Sim! O Budismo deve estar certo! A reencarnação é apenas uma miragem! Mas esta visão deve ser alcançada somente pelo caminho do Advaita!" (CWSN 1: 180-81)

94. “Se eu tivesse vivido na Palestina, nos dias de Jesus de Nazaré, teria lavado seus pés, não com minhas lágrimas, mas com o sangue do meu coração!” (CWSN 1: 189)

95. "Para o Advaitin, portanto, o único motivo é o amor... É o Salvador quem deve seguir seu caminho regozijando-se, não os salvos!" (CWSN 1: 197-98)

96. Sobre a necessidade de moderação na vida do discípulo:

"Lute para se realizar sem nenhum traço de emoção!... Observe a queda das folhas, mas reúna o sentimento da visão de dentro em algum momento posterior!" (CWSN 1: 207)

"Mente! Nada de pães e peixes! Nada de glamour do mundo! Tudo isso deve ser interrompido. Deve ser erradicado. É sentimentalismo - o transbordamento dos sentidos. Chega a você na cor, na visão, no som e nas associações . Corte isso. Aprenda a odiá-lo. (Ibid., 207-208)

97. Sobre o valor dos tipos:

"Duas raças diferentes se misturam e se fundem, e delas surge um tipo forte e distinto. Um tipo forte e distinto é sempre a base física do horizonte. É muito bom falar de universalismo, mas o mundo não estará pronto para isso por milhões de anos!

"Lembre-se! se você quiser saber como é um navio, o navio deve ser especificado como é - seu comprimento, largura, forma e material. E para compreender uma nação, devemos fazer o mesmo. A Índia é idólatra. Você deve ajudá-la como ela é. Aqueles que a deixaram não podem fazer nada por ela! (CWSN 1: 209)

98. Descrevendo o ideal indiano de Brahmacharya na vida do estudante, Swami Vivekananda disse:

“Brahmacharya deveria ser como um fogo ardente nas veias!” (CWSN 1: 216)

99. Com relação ao casamento por acordo em vez de escolha, Swami Vivekananda disse:

"Há tanta dor neste país! Tanta dor! Algumas, claro, sempre devem ter existido. Mas agora a visão dos europeus com os seus costumes diferentes aumentou-a. A sociedade sabe que existe outro caminho!

[Para um europeu] "Nós exaltamos a maternidade e você, a esposa; e acho que ambos poderiam ganhar com algum intercâmbio.

"Na Índia, a esposa não deve sonhar em amar nem mesmo um filho como ama seu marido. Ela deve ser Sati. Mas o marido não deve amar sua esposa como ama sua mãe. Portanto, uma afeição retribuída não é considerada tão elevada quanto uma não devolvido. É 'loja'. A alegria do contato entre marido e mulher não é admitida na Índia. Isso nós temos que tomar emprestado do Ocidente. Nosso ideal precisa ser renovado pelo seu. nossa devoção à maternidade." (CWSN 1: 221-22)

100. Falando a um discípulo com grande compaixão:

"Você não precisa se importar se essas sombras do lar e do casamento às vezes passam pela sua cabeça. Até para mim, elas aparecem de vez em quando!" (CWSN 1: 222)

101. Ao saber da intensa solidão de um amigo:

"Todo trabalhador às vezes se sente assim!" (CWSN 1: 222)

102. Quanto aos ideais monásticos e não monásticos hindus e budistas:

"A glória do Hinduísmo reside no fato de que, embora tenha definido ideais, nunca ousou dizer que qualquer um deles por si só era o único caminho verdadeiro. Nisto difere do Budismo, que exalta o monaquismo acima de todos os outros como o caminho que deve ser assumido por todas as almas para alcançar a perfeição. A história contada no Mahabhârata do jovem santo que foi obrigado a buscar a iluminação, primeiro de uma mulher casada e depois de um açougueiro, é suficiente para mostrar isso. ', disse cada um deles quando questionado, 'cumprindo meu dever em minha própria posição, alcancei esse conhecimento'. Não há carreira então que não possa ser o caminho para Deus. A questão da realização depende apenas do último recurso, na sede da alma." (CWSN 1: 223)

103. Referindo-se à ideia de que o amante sempre vê o ideal no amado, Swami Vivekananda respondeu ao amor recém-confessado de uma garota:

"Agarre-se a esta visão! Enquanto vocês dois puderem ver o ideal um do outro, sua adoração e felicidade crescerão mais em vez de menos." (CWSN 1: 224)

104. "A verdade mais elevada é sempre a mais simples." (CWSN 1: 226)

105. Observações de Swami Vivekananda sobre as sessões espíritas americanas:

"Sempre a maior fraude pelos meios mais simples." (CWSN 1: 233)

106. Sobre as visões ocidentais e orientais de uma pessoa como corpo ou alma:

"As línguas ocidentais declaram que o homem é um corpo e tem uma alma; as línguas orientais declaram que ele é uma alma e tem um corpo." (CWSN 1: 236-37)

107. Quanto à reverência de Swami Vivekananda por seu Guru:

"Posso criticar até mesmo um Avatâra [encarnação divina] sem a menor diminuição do meu amor por ele! Mas sei muito bem que a maioria das pessoas não é assim; e para elas é mais seguro proteger seu próprio Bhakti!" (CWSN 1: 252)

"A minha é a devoção do cachorro! Não quero saber por quê! Contento-me simplesmente em segui-lo!" (Ibid., 252-53)

108. "Ramakrishna Paramahansa costumava começar todos os dias andando em seu quarto por algumas horas, dizendo 'Satchidânanda!' ou 'Shivoham!' ou alguma outra palavra sagrada." (CWSN 1: 255)

109. Poucos meses antes de falecer, Swami Vivekananda disse:

"Quantas vezes um homem arruína seus discípulos permanecendo sempre com eles! Quando os homens são treinados, é essencial que seu líder os abandone; pois sem sua ausência eles não podem se desenvolver!" (CWSN 1: 260)

110. Poucos dias antes de seu falecimento, o Swami disse:

"Estou me preparando para a morte. Uma grande Tapasyâ e meditação vieram sobre mim, e estou me preparando para a morte." (CWSN 1: 261-62)

111. Na Caxemira, após uma doença, Swami Vivekananda disse enquanto levantava algumas pedras:

"Sempre que a morte se aproxima de mim, toda fraqueza desaparece. Não tenho medo, nem dúvida, nem penso no externo. Simplesmente me ocupo em me preparar para morrer. Estou tão duro quanto isso [as pedras se chocaram em sua mão] - pois toquei os pés de Deus!" (CWSN 1: 262)

9.8 RELATÓRIOS DE JORNAL

9.8.1 RELATÓRIOS DE JORNAIS AMERICANOS

9.8.1.1 NOTA

Para preservar a autenticidade histórica dessas reportagens jornalísticas, sua ortografia, gramática e pontuação originais foram mantidas. Para maior clareza, as palavras originais de Swami Vivekananda foram colocadas entre citações em bloco e os títulos fornecidos pela Editora foram marcados com asteriscos. Sempre que possível, foram selecionados os textos datilografados originais das notícias, em vez de suas reimpressões estrangeiras tardias.

- Editora

9.8.1.2 RESPOSTA AO BEM-VINDO

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 83-84.)

[Síntese editorial de quatro reportagens de jornais de Chicago de:

Herald, Inter Ocean, Tribune e Record, ca. 11 de setembro de 1893]

(Cf. "Response to Welcome", Complete Works, Vol. 1, para uma versão um pouco diferente.)

[Irmãs e Irmãos da América,]

Enche-me o coração de uma alegria indescritível levantar-me em resposta às grandiosas palavras de boas-vindas que nos foram dadas por vós. Agradeço-lhe em nome da mais antiga ordem de monges que o mundo já viu, da qual Gautama era apenas um membro. Agradeço-te em nome da Mãe das religiões, das quais o Budismo e o Jainismo são apenas ramos; e agradeço-vos, finalmente, em nome de milhões e milhões de hindus de todas as castas e seitas. Os meus agradecimentos também a alguns dos oradores na plataforma que vos disseram que estes diferentes homens de nações distantes levarão às diferentes terras a ideia de tolerância que podem ver aqui. Meus agradecimentos a eles por esta ideia.

Tenho orgulho de pertencer a uma religião que ensinou ao mundo tanto a tolerância como a aceitação universal. Acreditamos não apenas na tolerância universal, mas aceitamos que todas as religiões sejam

verdadeiras. Tenho orgulho de vos dizer que pertenço a uma religião em cuja língua sagrada, o sânscrito, a palavra exclusão é intraduzível. (Aplausos) Tenho orgulho de pertencer a uma nação que acolheu os perseguidos e os refugiados de todas as religiões e de todas as nações da terra. Tenho orgulho de vos dizer que reunimos no nosso seio o remanescente mais puro dos israelitas, um remanescente do qual veio para o sul da Índia e se refugiou connosco nos mesmos anos em que o seu templo sagrado foi despedaçado pela tirania romana. Tenho orgulho de pertencer à religião que abrigou e ainda promove o remanescente da grande nação zoroastriana.

Vou citar para vocês, irmãos, alguns versos de um hino que toda criança hindu repete todos os dias. Sinto que o próprio espírito deste hino, que me lembro de ter repetido desde a minha mais tenra infância, que é repetido todos os dias por milhões e milhões de homens na Índia, finalmente se concretizou. “Assim como os diferentes riachos, tendo suas fontes em lugares diferentes, todos misturam suas águas no mar; ó Senhor, assim os diferentes caminhos que os homens tomam através de diferentes tendências, por mais diferentes que pareçam, tortuosos ou retos, todos levam a Ti.”

A presente convenção, que é uma das mais augustas assembléias já realizadas, é em si uma indicação, uma declaração ao mundo da maravilhosa doutrina pregada no Gita: “Todo aquele que vem a Mim, através de qualquer forma que eu o alcance, todos são lutando por caminhos que no final sempre levam a mim.” O sectarismo, a intolerância e o horrível fanatismo de seus descendentes dominam há muito tempo esta bela terra. Encheu a terra com violência, encharcou-a muitas e muitas vezes com sangue humano, destruiu a civilização e levou nações inteiras ao desespero. Mas chegou a sua hora, e acredito fervorosamente que o sino que tocou esta manhã em homenagem aos representantes das diferentes religiões da terra, neste parlamento reunido, é a sentença de morte para todo o fanatismo (aplausos), que é a sentença de morte para toda perseguição com a espada ou a caneta, e para todos os sentimentos pouco caridosos entre irmãos que seguem seu caminho para o mesmo objetivo, mas por caminhos diferentes.

9.8.1.3 CONVERSA DE SALA

(Novas descobertas.)

[Registro de Chicago, 11 de setembro de 1893]

Quatro líderes do pensamento religioso estavam sentados na sala do Dr. Barrow [Barrows] - o Jain, George Candlin [Candlin], o missionário que passou dezesseis anos na China, Swami Vivekananda, o erudito Brahman [354] Hindu, e o Dr. H. Barrows, o Presbiteriano de Chicago. Esses quatro conversavam como se fossem irmãos da mesma fé. [355]

O Hindu tem um semblante suave. Seu rosto bastante carnudo é brilhante e inteligente. Ele usa um turbante laranja e um manto da mesma cor. O inglês dele é muito bom. “Não tenho casa”, disse ele.

Viajo de uma faculdade para outra na Índia, dando palestras aos estudantes. Antes de partir para a América estive algum tempo em Madras. Desde que cheguei a este país, fui tratado com a maior cortesia e gentileza. É muito gratificante para nós sermos reconhecidos neste Parlamento, que pode ter uma influência tão importante na história religiosa do mundo. Esperamos aprender muito e levar algumas grandes verdades aos nossos 15 milhões de fiéis brâmanes.

9.8.1.4 RELIGIÃO NÃO É A NECESSIDADE DA ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 123-26.)

[Uma transcrição literal do discurso, entregue no

Parlamento das Religiões, 20 de setembro de 1893]

(Cf. "Religion Not the Crying Need of India", Complete Works, Vol. 1, para citações selecionadas do endereço completo.)

[Chicago Inter Ocean, 21 de setembro de 1893]

Marido de Vivekananda

No final da leitura do artigo do Sr. Headland sobre “Religião em Pequim”, o Dr. Momerie anunciou que os outros oradores anunciados para a noite não haviam comparecido. Eram apenas 9 horas e o auditório principal e as galerias estavam bem lotados. Houve uma explosão de aplausos quando avistaram o monge hindu, Vivekananda, sentado na plataforma com seu manto laranja e turbante escarlate.

Este popular hindu respondeu aos aplausos generosos dizendo que não veio falar esta noite. Ele aproveitou a oportunidade, entretanto, para criticar muitas das declarações feitas no jornal pelo Sr. Headland. Referindo-se à pobreza que prevalece na China, ele disse que os missionários fariam melhor em trabalhar para apaziguar a fome do que em tentar persuadir os chineses a renunciarem à sua fé de séculos e a abraçarem o Cristianismo ao preço dos alimentos. E então o hindu voltou para a plataforma e sussurrou ao Bispo Keane, da Igreja Católica, por um momento.

Ele então retomou seu discurso dizendo que o Bispo Keane lhe dissera que os americanos não se ofenderiam com críticas honestas. Ele disse que tinha ouvido falar de todas as coisas terríveis e condições horríveis que prevalecem na China, mas não tinha ouvido falar de quaisquer asilos que tivessem sido construídos por cristãos para remediar todas estas dificuldades. Ele disse:

Irmãos cristãos da América, vocês gostam tanto de enviar missionários para salvar as almas dos pagãos. Eu pergunto o que você fez e está fazendo para salvar seus corpos da fome? (Aplausos). Na Índia, existem 300 milhões de homens e mulheres que vivem em média com pouco mais de 50 centimos por mês. Eu os vi vivendo durante anos de flores silvestres. Sempre que havia um pouco de fome, centenas de milhares morriam de fome. Os missionários cristãos vêm e oferecem a vida, mas apenas com a condição de que os hindus se tornem cristãos, abandonando a fé dos seus pais e antepassados. Está certo? Existem centenas de asilos, mas se os maometanos ou os hindus forem para lá, serão expulsos. Existem milhares de asilos construídos por hindus onde qualquer pessoa seria recebida. Existem centenas de igrejas que foram erguidas com a ajuda dos hindus, mas nenhum templo hindu pelo qual um cristão tenha dado um centavo.

O que o Oriente precisa

Irmãos da América, o mal clamoroso do Oriente não é a religião. Temos mais do que religião suficiente; o que eles querem é pão, mas recebem uma pedra. (Aplausos). É um insulto a um homem sofrendo, morrendo de fome, pregar-lhe metafísica. Portanto, se você deseja ilustrar o significado de “irmandade”, trate o hindu com mais gentileza, mesmo que ele seja hindu e seja fiel à sua religião. Envie-lhes missionários para lhes ensinar como ganhar melhor um pedaço de pão melhor e não para lhes ensinar bobagens metafísicas. (Grandes aplausos).

E então o monge disse que hoje estava com problemas de saúde e queria ser dispensado. Mas houve aplausos e gritos de “Continue” e o Sr. Vivekananda continuou.

O jornal que acabamos de ler diz algo sobre o padre miserável e ignorante. O mesmo pode ser dito da Índia. Sou um daqueles monges que foram descritos como mendigos. Esse é o orgulho da minha vida. (Aplausos). Nesse sentido, tenho orgulho de ser semelhante a Cristo. Como o que tenho hoje e não penso no amanhã. "Eis os lírios do campo; eles não trabalham, nem fiam." O Hindu faz isso literalmente. Muitos cavalheiros presentes em Chicago, sentados nesta plataforma, podem testemunhar que nos últimos doze anos eu nunca soube de onde viria minha próxima refeição. Tenho orgulho de ser um mendigo por causa do Senhor. A ideia no Oriente é [que] pregar ou ensinar qualquer coisa por causa do dinheiro é baixo e vulgar, mas ensinar o nome do Senhor por pagamento é uma degradação tal que faria com que o sacerdote perdesse a casta e fosse cuspidor. . Há uma sugestão no documento que é verdadeira: se os sacerdotes da China e da Índia fossem organizados, haveria uma enorme quantidade de energia potencial que poderia ser usada para a regeneração da sociedade e da humanidade. Tentei organizá-lo na Índia, mas falhei por falta de dinheiro. Pode ser que eu consiga a ajuda que desejo na América.

Mas sabemos que é muito difícil para um pagão obter ajuda do “povo cristão”. (Grandes aplausos). Tenho ouvido falar tanto desta terra de

liberdade, de liberdade e de liberdade de pensamento que não desanimo. Agradeço-vos, senhoras e senhores.

E então o popular visitante curvou-se graciosamente e tentou retirar-se com um sorriso gracioso, mas o público gritou para que ele prosseguisse. O Sr. Vivekananda, bastante entusiasmado com uma expressão de boa natureza, explicou então a teoria hindu da [re]encarnação. No final do discurso, o Dr. Momerie [um delegado da Inglaterra] disse que agora entendia por que os jornais haviam chamado bem este parlamento de uma abordagem para o milênio. . . .

9.8.1.5 A CARTA DE CHICAGO

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 162-63.)

[Crítico de Nova York, 11 de novembro de 1893]

. . . Foi uma conseqüência do Parlamento das Religiões, que abriu nossos olhos para o fato de que a filosofia dos credos antigos contém muita beleza para os modernos. Quando percebemos isso claramente, nosso interesse por seus expoentes acelerou e, com avidez característica, partimos em busca de conhecimento. O meio mais disponível para obtê-lo, após o encerramento do Parlamento, foi através dos discursos e palestras de Suami Vivekananda, que ainda se encontra nesta cidade. Seu propósito original ao vir para este país era despertar o interesse dos americanos no início de novas indústrias entre os hindus, mas ele abandonou isso por enquanto, porque acha que, como "os americanos são as pessoas mais caridosas do mundo", todo homem com um propósito vem aqui em busca de ajuda para realizá-lo. Quando questionado sobre a situação relativa dos pobres aqui e na Índia, ele respondeu que nossos pobres seriam príncipes lá, e que ele havia sido levado pelo pior bairro da cidade apenas para encontrá-lo, do ponto de vista de seu conhecimento, confortável. e até agradável.

Um brâmane dos brâmanes, Vivekananda desistiu de sua posição para se juntar à irmandade dos monges, onde todo orgulho de casta é renunciado

voluntariamente. E ainda assim ele carrega a marca da raça em sua pessoa. A sua cultura, a sua eloquência e a sua personalidade fascinante deram-nos uma nova ideia da civilização hindu. Ele é uma figura interessante, seu rosto fino, inteligente e móvel em seu cenário de amarelos, e sua voz profunda e musical, ao mesmo tempo cativante a seu favor. [356] Portanto, não é estranho que ele tenha sido adotado pelos clubes literários, tenha pregado e palestrado em igrejas, até que a vida de Buda e as doutrinas de sua fé se tornaram familiares para nós. Ele fala sem anotações, apresentando seus fatos e suas conclusões com a maior arte, a mais convincente sinceridade; e elevando-se às vezes a uma eloquência rica e inspiradora. Tão erudito e culto, aparentemente, como o jesuíta mais talentoso, ele também tem algo de jesuítico no caráter de sua mente; mas embora os pequenos sarcasmos lançados em seus discursos sejam tão agudos quanto um florete, eles são tão delicados que muitos de seus ouvintes passam despercebidos. No entanto, sua cortesia é infalível, pois essas investidas nunca são direcionadas tão diretamente aos nossos costumes a ponto de serem rudes. Atualmente ele se contenta em nos esclarecer sobre sua religião e as palavras de seus filósofos. Ele aguarda com expectativa o momento em que passaremos além da idolatria - agora necessária em sua opinião para as classes ignorantes - além da adoração, até mesmo, para o conhecimento da presença de Deus na natureza, da divindade e da responsabilidade do homem. "Trabalhe a sua própria salvação", diz ele com o Buda moribundo; "Eu não posso ajudá-lo. Nenhum homem pode ajudá-lo. Sirva-se."

9.8.1.6 RELIGIÕES DA ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 1, p. 191.)

Viva Kananda, a oradora hindu, apresenta uma palestra interessante

(Do qual não há transcrição literal disponível. Cf. Obras Completas, Vol. 3 para um relatório menos abrangente da mesma palestra.)

[Daily Cardinal, Universidade de Wisconsin em Madison,

21 de novembro de 1893]

Uma casa lotada cumprimentou Viva Kananda na Igreja Congregacional na noite passada. O orador estava trajado com traje indígena, que consistia em turbante creme, com toga amarela e faixa cardeal.

A primeira parte da palestra foi dedicada a ilustrar as muitas semelhanças do sânscrito [sic], a língua dos hindus, com a do inglês. Eles não têm nenhuma palavra na sua língua que signifique salvação; para eles é liberdade da escravidão. Eles acreditam que a verdadeira natureza do homem é perfeita e que causa e efeito controlam tudo, exceto Deus. A religião foi ilustrada apropriadamente pela história dos cegos, cada um sentindo uma porção de um enorme elefante, e cada um pensava que o animal se parecia com a parte específica que sentia dele; assim, com a religião, cada uma das várias seitas tem uma parte de toda a verdade, enquanto a própria verdade é infinita e nenhum homem pode dizer “Eu vi tudo”.

A crença hindu mostrou ser uma das crenças mais caridosas. A perseguição é algo desconhecido na Índia; não existe tal palavra em sua língua. O palestrante desafiou o mundo a mostrar um exemplo no progresso hindu, de um missionário cristão sendo perseguido. Um historiador grego, escrevendo sobre eles, disse: "Nenhum homem hindu é desonesto, nenhuma mulher hindu é impura."

Viva Kananda veio da Índia para este país no interesse do congresso mundial de religiões, e sua palestra na noite passada sobre as “Religiões da Índia” foi uma inspiração para todos que o ouviram. Ele tem um rosto agradável, nítido e moreno, e modos e porte decididamente impressionantes. Sua voz é baixa e agradável, com algo secreto que prende sua atenção no início.

9.8.1.7 TODAS AS RELIGIÕES SÃO VERDADEIRAS

TAL É A MENSAGEM TRAZIDA DA ÍNDIA

POR UM MONGE HINDU

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 200-202.)

[Diário Iowa Capitol, 28 de novembro de 1893]

SWAMI VIVEKANANDA FALA DA FÉ ANTIGA

FALA DE NOVO ESTA NOITE

(A palestra foi "A Religião Hindu", proferida em 27 de novembro de 1893, da qual não há transcrição literal disponível. Cf. Obras Completas, Vol. 3 para diferentes destaques da mesma palestra.)

Foi um prazer raro e também estranho que o povo de Des Moines desfrutou ontem à noite na Igreja Central de Cristo. Um monge, da antiga fé de Brahma, fez uma feliz apresentação dessa fé, não tanto de suas peculiaridades, mas de seus princípios subjacentes. A assistência foi grande, talvez 500 ou 600 pessoas presentes. O andar principal estava bem cheio e talvez houvesse algumas centenas na galeria.

O orador começou dizendo que todos os sistemas religiosos eram uma tentativa de responder à pergunta O que sou eu? Este e os afins, De onde venho? e para onde estou indo? são constantemente recorrentes. Sem acompanhar o palestrante durante toda a palestra, basta dizer que subjacente à religião hindu, segundo o palestrante, está a crença de que “somos todos divinos”. Em cada um há um espírito consciente que sobrevive ao corpo e à mente e é parte do absoluto. O orador defendeu muito habilmente a religião contra os ataques da ciência. Este último só pode usar os cinco sentidos e, a menos que se possa provar que uma coisa existe por meio desses sentidos, ele está disposto a duvidar de sua existência. Mas será que a ciência sabe que existem apenas cinco sentidos? O orador defendeu a existência de um sentido supra-sensorial; através do qual o homem obtém revelações de verdades espirituais. A palavra hindu para revelação é “Veda”. Conseqüentemente, os “Vedas” são as revelações. Estes escritos não se limitam aos dos hindus, mas incluem os de todos os povos; porque disse o orador, todas as religiões são verdadeiras.

Quando as “revelações” se comprometem a falar de coisas materiais, elas entram num domínio que pertence à ciência e não devem ser aceitas. Havia uma antiga superstição de que, porque Moisés deu uma revelação da vontade de Deus, tudo o que Moisés escreveu deveria ser verdade. Existe

uma superstição moderna de que, porque há erros nos escritos de Moisés, nada que Moisés escreveu é verdade. Quando Moisés escreveu as tábuas da lei, ele foi inspirado. Quando ele contou sobre a criação, o que ele disse foram apenas especulações de Moisés, o judeu.

O orador não ficou favoravelmente impressionado com os esforços para fazer convertidos hindus - pervertidos, como ele os chama - ao cristianismo, nem o contrário. Sendo todas as religiões verdadeiras, tais perversões não servem para nenhum fim bom. A religião hindu que o orador afirmou não está disposta a antagonizar qualquer crença; ele os absorve. Quanto a tolerar diferentes crenças, a língua hindu não possui nenhuma palavra correspondente à palavra inglesa “intolerância”. Essa língua tinha uma palavra para religião e outra para seita. O primeiro abraçou todas as crenças. O orador ilustrou a concepção deste último contando a história do sapo, que não fazia ideia da existência de mundo fora do poço em que sempre viveu.

O orador exortou seus ouvintes a cultivarem o divino dentro deles e a descartarem o “absurdo” das seitas.

O palestrante é um orador capaz, digno e enérgico. Seu domínio do inglês é perfeito, havendo apenas leves indícios de sotaque estrangeiro. O palestrante foi acompanhado com muita atenção pelo público. Após a palestra, o palestrante consentiu em responder perguntas a uma parcela do público que permaneceu para esse fim. No decorrer das respostas ele disse que os hindus se opunham totalmente à destruição da vida de qualquer animal. Ele admitiu a adoração da vaca sagrada. Ele disse ainda que os hindus não tinham nada a responder às nossas organizações religiosas. Ele era seu próprio sacerdote, bispo e papa. . . .

9.8.1.8 UMA MENSAGEM DA ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 204-6.)

Vive Kananda, o famoso monge e estudioso hindu,

Aparece em Des Moines

[Registro do Estado de Iowa, 28 de novembro de 1893]

UM JOVEM DE TRINTA ANOS

E UM CÉREBRO GRANDE E ATIVO E UM CORAÇÃO VERDADEIRO

O povo de Des Moines teve um vislumbre da vida oriental e pensou ontem no seu melhor, dos lábios do famoso monge hindu, Swami Vive Kananda. Uma figura central no grande Parlamento das Religiões em Chicago neste verão, onde lidou com algumas das maiores mentes do país com honra para si e para o seu povo, ele deu àqueles que o ouviram, e especialmente aqueles que o conheceram no Dr. Breeden's, algo novo para se pensar. Foi uma mensagem vinda do outro lado do mar, de outro povo com ambientes, formação, costumes e tradições totalmente diferentes, mas como diz o monge, os princípios básicos são os mesmos em todas as religiões. É sua doutrina que existe o bem em todas as religiões e ele prega isso com grande poder. . . .

Ontem à tarde ele conheceu um grande número das mulheres mais brilhantes de Des Moines, membros de vários clubes literários, a convite da Sra. H. O. Breeden, em sua casa, 1318 Woodland avenue, (Uma conversa informal da qual não há transcrição literal disponível.) e ele conversou com eles por duas ou três horas sobre sua religião, sua visão do cristianismo, com a qual concorda sinceramente, e sobre os costumes e costumes de seu povo. O que Vive Kananda mais insiste é que a religião hindu não deve ser responsabilizada por tudo o que há de ruim na Índia, assim como o cristianismo não deve ser responsabilizado por tudo o que há de ruim na América. E ele insiste que é absurdo dar crédito ao Cristianismo por todos os maravilhosos empreendimentos e realizações das pessoas que o apreciam. Ele se junta ao elogio das coisas sublimes da Bíblia [sic], mas diz que quando Moisés se comprometeu a falar da criação do mundo, ele era apenas Moisés, o judeu e nada mais.

Essa visão do outro lado, e ainda por cima um lado simpático, é muito útil, instrutiva e intensamente interessante. Vive Kananda usa o inglês mais puro, pois foi bem educado na universidade inglesa de Calcutá.

Ele elogia as mulheres americanas com mais entusiasmo.

Não sei o que seria de mim se não fosse por suas mulheres,

ele disse a um repórter do The Register ontem à noite.

Eles me acolheram e cuidaram de mim e fizeram todos os preparativos necessários para mim. Elas são as melhores mulheres do mundo. Eles têm sido tão gentis comigo,

[o Swami disse] com um sorriso agradecido.

.....

9.8.1.9 REENCARNAÇÃO

(Novas Descobertas, Vol. 1, p. 206-7.)

[Diário Iowa Capitol, 29 de novembro de 1893]

Swami Vivekananda falou ontem à noite sobre reencarnação. [357] Baseia-se, argumentou ele, no fato de que nunca houve uma nova criação; que a criação existiu coevamente com Deus desde toda a eternidade. As almas que partiram encontram corpos para habitar melhor ou pior do que o seu antigo cortiço, conforme as tornaram adequadas para um ou outro. O palestrante falará novamente na noite de Ação de Graças, no mesmo local, sobre os costumes e costumes da Índia.

9.8.1.10 UMA FESTA INTELECTUAL

(Novas Descobertas, Vol. 1, p. 208.)

[Registro do Estado de Iowa, 30 de novembro de 1893]

As notáveis discussões iniciadas pelo famoso monge hindu Vive Kananda foram ontem tema de interesse nos círculos intelectuais. [358]

Especialmente o seu comentário sobre o trabalho dos missionários americanos na Índia e a sua forte defesa do seu próprio povo, da moral e da religião. A sua posição é que o povo da Índia não precisa de mais religião, mas de formação nas coisas práticas da vida que lhes permitirá lidar com os ingleses que ocuparam a Índia. Vive Kananda foi ontem convidado do Sr. F. W. Lehman e do Sr. O. H. Perkins e na companhia deles visitou a Casa do Estado, que ele muito admirava. Ele teve um interesse especial pelos retratos dos índios americanos que ali viu. . . .

9.8.1.11 UMA REUNIÃO DE ORAÇÃO

(Novas Descobertas, Vol. 1, p. 207.)

[Des Moines Daily News, 30 de novembro de 1893]

Vivekananda participou de uma reunião de oração na noite de quarta-feira e testemunhou o batismo de duas jovens. O serviço o impressionou muito. Ele disse:

Eu vejo. O sentimento é enobrecedor e a cerimônia bela. É ainda mais impressionante que o ministro seja honesto, sério e acredite no que diz.

9.8.1.12 SOBRE MULHERES AMERICANAS

(Novas Descobertas, Vol. 1, p. 208.)

[Diário Iowa Capitol, 30 de novembro de 1893]

O agora célebre monge hindu Swami Vivekananda fará uma palestra pela última vez em Des Moines esta noite. Ele falará sobre “Vida na Índia” [“Modos e Costumes da Índia”], um tema muito interessante. O renomado hindu é um homem brilhante de cerca de 30 anos. Ele diz que as mulheres americanas são adoráveis, mas os homens americanos são práticos demais.

9.8.1.13 NO BRAHMO SAMAJ

(Novas Descobertas, Vol. 1, p. 215.)

[Registro do Estado de Iowa, 1º de dezembro de 1893]

Antes de deixar a cidade [Des Moines, Iowa], Vive Kananda aproveitou a ocasião para dizer uma calorosa palavra de elogio ao Bramo-Somaj [sic], ao trabalho que está realizando na Índia, especialmente para as mulheres, e ao seu representante na este país. A visita de Vive Kananda, agitando profundamente os centros intelectuais da cidade e iniciando uma animada discussão religiosa, preparou o caminho para o atual visitante [Nagarkar] do Oriente e aumentou o interesse público em tudo o que ele pudesse ter a dizer .

9.8.1.14 UM HINDU ESPIRITUAL

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 216-17.)

[Minneapolis Journal, 15 de dezembro de 1893]

SWAMI VIVEKANANDA

ENTRETENHA OUTRO GRANDE PÚBLICO

Um grande número de pessoas reuniu-se na igreja Unitarista ontem à noite com o propósito de ouvir Swami Vivekananda da Índia. Os costumes e costumes do povo daquele país foram descritos, [359] e durante sua palestra o brâmane aproveitou a oportunidade para mostrar alguns dos pontos difíceis da América. Ele é da ordem humorista e suas respostas rápidas e ataques espirituosos raramente deixavam de suscitar aplausos. Ele não admitia que o seu povo estava errado em tudo, mas havia muitas coisas peculiares à Índia que os americanos não aprovavam e que, no entanto, poderiam ficar bem. Ele nunca tinha visto marido e mulher comparecerem diante de um magistrado para contar seus problemas. Eles cresceram com a ideia de que se casariam e se amavam como irmãos e irmãs.

Ele descreveu os costumes de seu país, os templos, a arte do malabarista e todas as outras peculiaridades dos países orientais de uma forma encantadora. Após o discurso, uma série de perguntas foram feitas por pessoas na audiência.

9.8.1.15 OS MODOS E COSTUMES DA ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 217-19.)

[Minneapolis Tribune, 15 de dezembro de 1893]

Swami Vive Kananda, o sacerdote brâmane, foi recebido por uma casa lotada ontem à noite na Primeira Igreja Unitária, quando compareceu diante de sua segunda audiência em Minneapolis. Vive Kananda é um orador inteligente e perspicaz, pronto em todos os momentos para atacar ou defender, e insere um humor em seus discursos que não passa despercebido aos seus ouvintes. Ele falou ontem à noite sob os auspícios do Kappa Kappa Gammas da Universidade, e o público abraçou um grande número de homens e mulheres de pensamento sério, satisfeitos por serem esclarecidos sobre os "Modos e Costumes da Índia", que foi o tema escolhido. [360]

Vestido em seu traje nativo, com a maior parte das mãos cruzadas atrás das costas, Kananda anda de um lado para o outro na estreita plataforma, falando enquanto anda, com longas pausas entre suas frases, como se desejasse que suas palavras afundassem no mais profundo solo. Seu discurso não é tão pesado que a mente frívola possa não apreciar algumas de suas palavras, mas ele também fala uma filosofia que carrega a verdade mais grave. Ele fala dos costumes e costumes da Índia, da vida dividida entre homens e mulheres, da reverência e da santidade das mulheres e, novamente, de sua degeneração; da vida calma e pacífica, que ainda não é a verdadeira vida porque não é liberdade; ele fala dos maometanos, que constituem um quinto da população indiana, e desses 65 milhões, o que equivale a toda a população dos Estados Unidos. Ele descreve a magnificência dos templos, a arte dos malabaristas, que são os ciganos da raça indiana, e aborda as superstições do povo, de como enchem os jarros de água e os colocam na porta antes de iniciar uma caminhada. jornada; fala

do conhecimento metafísico do lavrador, que só sabe que “paga impostos ao governo”; ele admite a reverência dos hindus pelo rio Ganges e seu desejo sempre persistente de morrer em suas margens; ele conta todas essas coisas com uma voz calma e meio arrogante que logo leva a algum comentário sobre o jeito americano de fazer as coisas, e então seu público cai na gargalhada, e um tremor de palmas expressa um reconhecimento divertido de seu sarcasmo. . . .

Quando alguém, no final de sua palestra, lhe perguntou: “Que classe de pessoas são alcançadas e convertidas pelos missionários?” ele respondeu rapidamente: “Você sabe muito sobre isso, o americano vê os relatórios, nós nunca”, ele transformou a pergunta em motivo de sorriso, e enquanto a casa recupera a compostura ele anda calmamente de um lado para outro. O discurso foi seguido com a maior atenção e complementado por diversas perguntas e respostas entre o público, a quem convidou ao interrogatório.

9.8.1.16 FILOSOFIA HINDU

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 366-69.)

[Detroit Tribune, 18 de fevereiro de 1894]

—

SUA EXPRESSÃO RECENTE POR VIVE KANANDA.

—

SUA MISSÃO DIGNA SÉRIA ATENÇÃO
DOS AMERICANOS.

—

AS DUAS COISAS NOTÁVEIS NOS ESTADOS UNIDOS
O QUE GRATIFICA O DISTINGUIDO PAGÃO — O QUE

MEIO AMBIENTE SERVE PARA QUALQUER PESSOA — RAP EM MISSIONÁRIOS.

Raramente houve tamanha sensação nos círculos cultos de Detroit, como a criada pelo advento de Swami Vive Kananda, o erudito monge hindu, cujo domínio excepcional da nossa própria língua nos permitiu receber impressões sobre nós mesmos de um ponto de vista oriental e adquirir conhecimento de um povo de cuja civilização e filosofia peculiar tanto ouvimos.

Tanto em público como em privado, o irmão hindu falou livre e francamente. Ele reconhece que as massas na Índia são muito pobres, muito ignorantes e estão divididas numa diversidade de seitas, com formas de culto que variam desde a idolatria absoluta até à forma mais ampla e liberal de concepção divina baseada na fraternidade do homem e na unidade do Deus. A sua missão, diz ele, não é fazer-nos proselitismo - tentar fazer-nos pensar como ele - mas conseguir meios para iniciar uma faculdade na Índia para a formação de professores que irão para o meio do povo comum e trabalharão numa reforma da males existentes, dos quais existem muitos. Ele afirma que a Índia é dominada por padres em um grau angustiante. É a arte sacerdotal que distorce a verdade e perpetua a ignorância. É uma arte sacerdotal que substitui a verdade pelas suas próprias interpretações cruas e estreitas, o que perverte o povo e impede o seu progresso moral. O Swami considera todas as seitas e credos de uma forma ampla. Ele até vê o que há de bom na idolatria. É um ideal, pensa ele, para os ignorantes cuja capacidade mental é insuficiente para compreender ideias abstratas e que requerem uma personificação direta em alguma forma material. Ele afirma francamente que nós, do Ocidente, também somos retardados em nosso progresso por excesso de artimanhas sacerdotais, e que não estamos livres de práticas idólatras, na medida em que algumas de nossas seitas adoram santuários, figuras e imagens e até mesmo a santidade com que o tribuna e púlpito de uma igreja moderna é considerada uma idolatria ideal.

Duas coisas notáveis neste país

O Swami nota duas coisas mais notáveis neste país, quando questionado sobre a sua opinião franca sobre nós: Primeiro, a superioridade das nossas

mulheres, no que diz respeito à influência na posição e no intelecto. Em segundo lugar, nas nossas instituições de caridade e no tratamento dos pobres, diz ele, quase resolvemos o problema sobre o que deve ser feito com eles. Não apenas nisso, na direção de hospitais e instituições de caridade, mas no nosso tremendo desenvolvimento de maquinaria que economiza trabalho. Ele não tem admiração pelo nosso progresso material, pois ele não torna o homem melhor, nem pela nossa alardeada civilização, já que apenas imitamos e imitamos os costumes e costumes dos ingleses - por vezes de forma muito ridícula. Ainda somos demasiado jovens para termos uma civilização distinta; ainda temos de assimilar o esgoto humano da Europa que permitimos que fosse derramado sobre nós, antes de produzirmos um tipo americano distinto.

[O escritor prossegue dizendo que a origem indiana do Swami torna difícil para ele compreender que a competitividade ocidental não é indesejável, mas uma lei primordial da própria natureza - a sobrevivência do mais apto - e que, na medida em que "a filosofia sonhadora e sentimental da os hindus" explicam a sua pobreza, degradação e dominação por um "mero punhado de ingleses", o Swami faria bem em não ignorar nem desprezar o materialismo do Ocidente. Tendo assim editorializado, ele continua:]

Sua crítica aos missionários

Se o que ele afirma for verdade sobre os resultados alcançados pelas missões estrangeiras na Índia, os vários conselhos destas diversas organizações fariam bem em consultá-lo e seguir os seus conselhos. É para o bem do seu povo que ele está aqui. Mas ele diz que o trabalho missionário não traz nenhum benefício; apenas acrescenta seitas e credos adicionais a um país já dominado por seitas; que os ensinamentos dos Vedas, com os quais todo hindu está familiarizado, são idênticos aos ensinamentos de Cristo. Ele faz o argumento razoável de que credos e dogmas estrangeiros não estão em consonância com as tendências ou civilização herdadas e, conseqüentemente, são difíceis de propagar.

A missão de Kananda é, no entanto, aquela que deveria ser recomendada a todos os amantes da humanidade. Ele espera ver o melhor de nossa filosofia material e progresso infundido na civilização hindu, e que, também, possamos aprender lições deles, até que todos nos tornemos, como já fomos

em eras passadas, irmãos arianos, possuidores de uma civilização comum. – a exaltada filosofia do não-eu, ser semelhante, sem seita ou credo, em unidade com Deus.

FRED H. SEYMOUR. [361]

9.8.1.17 UM DEUS CADA DIA

[Detroit Tribune, 19 de fevereiro de 1894]

RABINO GROSSMAN É REFRESCADO POR SWAMI VIVE
KANANDA [362]

. . . “Eu levo o seu Jesus”, disse Kananda na noite do último sábado [17 de fevereiro]. [363]

Eu o levo em meu coração enquanto levo tudo de bom e grande de todas as terras e de todos os tempos. Mas você, você aceitará meu Krishna em seu coração? Não – você não pode, você não ousa – ainda assim você é o culto e eu sou o pagão. . . .

9.8.1.18 FOLHAS VIVE KANANDA

(Novas Descobertas, Vol. 1, p. 380.)

[Detroit Journal, 23 de fevereiro de 1894]

—

ELE CONTA ALGO

SOBRE AS CONDIÇÕES DOS TRABALHADORES HINDOO.

Swami Vive Kananda retribuiu a admiração de suas conhecidas escrevendo versos, ao mesmo tempo religiosos e semi-sentimentais, ontem à tarde.

[364] Ele partiu esta manhã para Ada, O. [Ohio].

Numa conversa sobre a condição material dos trabalhadores hindus, o erudito monge disse que os pobres viviam apenas de mingau. O trabalhador comeu mingau no café da manhã, saiu para seu trabalho diário e voltou à noite para outro café da manhã com mingau e chamou-o de jantar. Na maioria das províncias, os agricultores eram tão pobres que não tinham dinheiro para comer o trigo cultivado. Um diarista numa fazenda recebia apenas 12 centavos por dia, mas um dólar na Índia rendeu 10 vezes mais do que neste país. O algodão era cultivado, mas sua fibra era tão curta que precisava ser tecida à mão, e mesmo assim foi necessário importar algodão americano e egípcio para misturá-lo.

9.8.1.19 CULTURA EM CASA

(Novas Descobertas, Vol. 1, p. 365.)

[Detroit Evening News, 25 de fevereiro de 1894]

ANEDOTAS DA VISITA DE SWAMI VIVE KANANDA A DETROIT.

As anedotas da visita de Swami Vive Kananda são numerosas e divertidas – pelo menos devem ter sido divertidas para ele, embora um pouco humilhantes para o amor-próprio americano. Uma senhora disse:

"Eu realmente fiquei envergonhado com o contraste entre o conhecimento que ele possuía e o de alguns de nossos homens de Detroit que se consideram cavalheiros da cultura. Em um jantar, um cavalheiro perguntou a Kananda quais livros ele o aconselharia a ler sobre química, ao que o hindu O monge respondeu com uma longa lista de obras inglesas sobre esta ciência, sobre as quais naturalmente se esperaria que um americano soubesse mais do que um hindu. Outro cavalheiro, seguido de um pedido de livros sobre astronomia, ao qual Kananda gentilmente respondeu com outra lista igualmente boa. de obras astronômicas inglesas, mas seu crescente espanto atingiu o clímax quando uma senhora falou de 'O Cristo' e disse: 'O

que essas palavras significam?' Ele novamente forneceu a informação desejada, mas num tom cada vez mais sarcástico."

Provavelmente o melhor exemplo da civilização e da cultura do século XIX foi dado por uma senhora, que perguntou a Kananda se ele gostava dos ingleses. Ele respondeu muito naturalmente que não. Depois ela continuou, com muito tato, a aprofundar ainda mais o assunto, fazendo referências tocantes àquele evento agradável, a rebelião dos cipayos. À medida que o hindu ficava entusiasmado, ela sorriu ironicamente para ele e disse:

"Achei que poderia perturbar sua calma filosófica oriental."

9.8.1.20 KANANDA, O PAGÃO

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 410-16.)

[Detroit Tribune, 11 de março de 1894]

MISSÕES CRISTÃS ATACADAS NA PALESTRA DA NOITE ÚLTIMA.

—

E SUAS PALAVRAS FORAM CALORMENTE APLAUDIDAS
PELO AUDIÊNCIA.

—

NAÇÕES CRISTÃS MATAM E ASSASSINAM, DISSE ELE, E
IMPORTAM

DOENÇA EM PAÍSES ESTRANGEIROS E ADICIONE INSULTO A
LESÃO PELA PREGAÇÃO DE UM CRISTO CRUCIFICADO.

Swami Vive Kananda deu uma palestra para um grande público na Ópera de Detroit ontem à noite sobre "Missões Cristãs na Índia". [365] Pode-se acreditar que a palestra pretendia ser uma resposta às muitas declarações de

missionários que foram destinadas a Kananda durante as últimas duas semanas nesta cidade.

Kananda foi apresentado ontem à noite pelo Honorável Thomas W. Palmer, que recitou uma fábula como prefácio. “Certa vez, dois cavaleiros de honra se encontraram no campo”, disse ele, “e, vendo um escudo pendurado em uma árvore, pararam. Um deles disse: 'Que belo escudo de prata.' O outro respondeu que não era prata, mas cobre. Cada um contestou a afirmação do outro até que finalmente desceram dos cavalos, amarraram-nos à árvore e, desembainhando as espadas, lutaram por várias horas. sangue, eles cambalearam um contra o outro e caíram em lados opostos de onde estavam lutando. Então um deles olhou para o escudo pendente e disse: 'Você estava certo, meu amigo. O escudo é de cobre.' O outro ergueu os olhos e disse: 'Fui eu que me enganei. O escudo é de prata.' Se eles tivessem olhado para os dois lados do escudo em primeiro lugar, isso teria evitado a perda de muito sangue. Acho que se olhássemos para os dois lados de cada questão, haveria menos discussões e brigas.

"Temos conosco esta noite um cavaleiro que, do ponto de vista cristão, é, suponho, um pagão. Mas ele pertence a uma religião que já era antiga muito antes de a nossa ser pensada pelos homens. Tenho certeza de que será agradável ouvir do lado de cobre do escudo. Nós olhamos para ele apenas do lado prateado.

Kananda, que permaneceu sentado no palco durante os comentários do Sr. Palmer, deu um passo à frente, vestido com o manto laranja e o turbante exclusivo do sacerdote Brahman [sic], curvou-se em reconhecimento aos aplausos de boas-vindas e lançou-se imediatamente em seu assunto.

O que é a Índia

[O Swami disse:]

Não conheço os esforços dos missionários cristãos na China e no Japão, exceto através da leitura de livros e literatura sobre o assunto, mas posso falar sobre os esforços de cristianização da Índia. Mas antes de entrar nisso, quero apresentar a vocês uma ideia do que é a Índia.

Depois explicou detalhadamente como os 300 milhões de habitantes da Índia estão divididos em castas, entre as quais não pode haver filiação, como os nativos do sul não conseguem compreender a língua dos do norte e vice-versa. Ele contou como a casta inferior vivia da carne de animais mortos e nunca banhava seus corpos, e como seria impossível para a classe superior misturar-se com eles, embora lhes fosse concedida a proteção das mesmas leis.

Ele se referiu à primeira aparição dos cristãos na tentativa de evangelizar os seguidores de Buda [Buda]. Eles eram espanhóis, disse ele, e descobriram um templo perto do Ceilão, no qual foi apresentado um dente de Buda como relíquia sagrada. “Os cristãos espanhóis pensavam que o seu Deus lhes ordenava que fossem e lutassem, matassem e assassinassem”, disse ele,

e então eles agarraram o dente de Buda e o destruíram. A propósito, não era um dente de Buda, mas uma relíquia fabricada pelos sacerdotes – tinha trinta centímetros de comprimento. (Risada)

Cada religião tem os seus milagres; você não precisa rir porque o dente tinha trinta centímetros de comprimento. Bem, depois que os espanhóis retiraram o dente, converteram algumas centenas e mataram alguns milhares; e aí a Espanha pára na história dos esforços missionários entre os budistas.

Os cristãos portugueses [sic], disse ele, descobriram o grande templo de Bombaim, construído em forma de corpo com três cabeças, em representação da trindade, tal como os hindus acreditam numa trindade.

"Os portugueses viram e não conseguiram explicar", disse Kananda, com um tom sarcástico na voz,

e assim concluíram que era do diabo, reuniram suas forças e derrubaram as três cabeças do templo. O diabo é um homem muito habilidoso. Lamento vê-lo desaparecer tão rapidamente.

Em seguida, Kananda descreveu as várias etapas da evangelização cristã na Índia e prestou grande homenagem a dois ou três missionários, que, disse ele, foram grandes exceções à regra e viveram entre o povo para elevar e ministrar às suas necessidades.

Antagonizar interesses nativos

O sacerdote hindu contou como, assim que a terra passou a ser propriedade do povo inglês, cada aldeia teve a sua colônia branca, que se amontoou e se retirou de qualquer associação com os nativos. Então, quando os missionários chegassem ao país, disse ele, naturalmente iriam imediatamente para o meio do povo inglês, que simpatizava com eles e com quem poderiam conversar. Os missionários nada sabem da língua nativa, diz ele, e por isso não podem conviver com o povo. A maioria deles são casados e, para conseguirem inserir suas esposas na sociedade inglesa, identificam-se com todos os seus interesses e, ao fazê-lo, antagonizam diretamente os interesses dos nativos e tornam impossível entrar em contato com eles.

“Às vezes temos fome na Índia”, disse ele.

E assim os jovens missionários ficarão no final da fome e darão 5 xelins a um nativo faminto, e aí está ele, um cristão pronto; pegue-o. Provavelmente era um missionário batista, e assim, quando um missionário metodista aparece, ele dá ao mesmo nativo 5 xelins, e seu nome é novamente registrado como um convertido. O único grupo de conversos em torno de cada missionário é composto por aqueles que dependem dele para viver. Eles têm que ser cristãos ou morrerão de fome. E estão diminuindo à medida que a oferta monetária diminui. Fico feliz se você quiser tornar cristãos na Índia, dando trabalho e pão aos pobres. Deus o acelere para fazer isso. Há um benefício que deve ser creditado ao movimento missionário. Isso torna a educação barata. Os missionários trazem consigo algum dinheiro das pessoas que os enviam, e o governo indiano se apropria de algum, de modo que há algumas faculdades e escolas muito boas disponíveis para os nativos através dos missionários. Mas serei franco com você. Não há conversões das escolas para a religião cristã. O menino hindu é muito inteligente. Ele morde a isca, mas nunca pega o anzol.

O orador disse que a missionária vai a certas casas, ganha quatro xelins por mês, lê a Bíblia, enquanto as moças nativas dão atenção indiferente, e ensina-as a tricotar enquanto prestam muita atenção. As meninas, assim como os meninos, disse ele, estão sempre alertas para aprender coisas práticas, mas darão pouca atenção à religião cristã, embora a adotem se necessário para obter outras vantagens.

A Maioria Dos Missionários Incompetentes

“A maioria dos homens que você nos envia como missionários são incompetentes”, disse ele.

Nunca conheci um único homem que tenha estudado sânscrito [sic] antes de ir para a Índia como missionário e ainda assim todos os nossos livros e literatura estejam impressos nele.

Ele sugeriu como explicação das visitas dos missionários que “talvez o ateísmo e o ceticismo em casa sejam os missionários em todo o mundo”. Quando esteve na Índia, ele disse que pensava que o único objetivo de impulsionar o cristianismo [era] enviar todas as pessoas para o fogo do inferno, mas desde que chegou à América ele descobriu que há muitos homens liberais. Ele se referiu ao parlamento das religiões e contou como um certo editor de um jornal presbiteriano havia escrito um artigo no encerramento do parlamento intitulado “O Mentiroso Hindu”, no qual ele o havia criticado severamente.

No artigo, o editor dizia que “enquanto estava no parlamento ele esteve aqui como nosso convidado, mas agora que tudo acabou, deveríamos fazer um ataque entusiástico contra ele e suas falsas doutrinas”.

Referindo-se aos missionários médicos na Índia, Kananda disse:

A Índia exige saúde, mas deve ser saúde para as pessoas. E como você pode ajudar nosso pessoal se não entrar em contato com eles? Quando vocês vêm até nós como missionários, devem abandonar toda ideia de nacionalidade. Jesus não andava entre os oficiais ingleses que participavam de jantares com champanhe. Ele não queria que sua esposa

entrasse na alta sociedade europeia. Se o seu missionário não segue a Cristo, que direito ele tem de se chamar cristão? Queremos missionários de Cristo. Que estes venham para a Índia às centenas e milhares. Traga-nos a vida de Cristo e deixe-a permear o próprio âmago da sociedade. Deixe-O ser pregado em todas as aldeias e cantos da Índia. Mas não deixe seus missionários escolherem sua profissão como meio de subsistência. Deixe-os receber o chamado de Cristo. Deixe-os sentir que nasceram para esse trabalho.

No que diz respeito à conversão da Índia ao cristianismo, não há esperança. Se fosse possível, não deveria ser feito. Seria perigoso; marcaria a destruição de todas as religiões. Se todo o universo viesse a ter o mesmo temperamento, físico ou mental, a destruição ocorreria imediatamente. Por que você não conseguiu converter o judeu? Por que você não conseguiu tornar os persas cristãos? Por que é que para cada africano que se torna cristão 100 se tornam seguidores de Maomé? Por que você não consegue impressionar a Índia, a China e o Japão? Porque a unidade de temperamento mental em todo o mundo seria a morte. A natureza é muito sábia para permitir tais coisas.

Encheu o mundo com derramamento de sangue

[O Swami disse:]

As nações cristãs encheram o mundo com derramamento de sangue e tirania. Agora é o dia deles. Você mata e assassina e traz embriaguez e doenças em nosso país, e então acrescenta insulto à injúria ao pregar Cristo e Ele crucificado. Que voz cristã percorre o país protestando contra tais horrores? Eu nunca ouvi nenhum. Vocês bebem no leite de suas mães a ideia de que vocês são anjos e nós somos demônios. Não basta que haja luz solar; você deve ter olhos para ver. Não é apenas necessário que haja bondade nas pessoas; vocês devem ter a apreciação da bondade dentro de si para distingui-la. Isto está em cada coração até que seja assassinado pela superstição e pela blasfêmia hedionda.

Então Kananda desenhou um belo símile para ilustrar que as verdades essenciais de todas as religiões são [as] mesmas, e tudo o mais é apenas um ambiente incidental e sem importância. Ele contou como o homem selvagem poderia encontrar algumas joias e, valorizando-as, amarrá-las com uma tira grosseira e pendurá-las no pescoço. À medida que se tornasse um pouco civilizado, talvez trocasse a tanga por um barbante. Tornando-se ainda mais esclarecido, ele prendia suas jóias com um cordão de seda; e quando possuía uma civilização elevada, ele fazia uma elaborada moldura de ouro para seus tesouros. Mas apesar de todas as mudanças nas configurações, as jóias – o essencial – permaneceriam as mesmas.

Se o hindu deseja criticar a religião cristã, ele fala das fábulas e dos milagres, e de todas as bobagens da Bíblia, mas não diz uma palavra que menospreze o sermão da montanha ou a bela vida de Jesus. E assim, quando o cristão critica a religião hindu, ele fala sobre os dogmas e os templos, mas não diz nada [não deveria dizer nada] contra a moralidade e a filosofia do hinduísmo. Ajude o judeu e deixe-o ajudá-lo. Ajude o Hindu e deixe-o ajudá-lo. Nego que qualquer ser humano tenha a faculdade de ver o bem se não puder vê-lo em todos os lugares. Existe a mesma beleza no caráter de Cristo e no caráter de Buda. Não é uma assimilação que queremos, mas sim ajustamento e harmonia. Peço aos pregadores que abandonem, em primeiro lugar, a ideia de nacionalidade; e segundo, a ideia de seitas. Os filhos de Deus não têm seitas.

Muito se tem falado sobre as senhoras da Índia e sobre as suas falhas e condições. Existem falhas; Deus nos ajude a corrigi-los. Agradecemos suas críticas às nossas mulheres. Mas enquanto você fala delas, direi que ficaria feliz em ver uma dúzia de mulheres espirituais na América. Belos vestidos, riqueza, sociedade brilhante, óperas, romances... Mesmo a intelectualidade não é tudo o que existe para um homem ou uma mulher. Deveria haver também espiritualidade, mas esse lado está totalmente ausente dos países cristãos. Eles moram na Índia.

O grande público de Vive Kananda ouviu seus comentários com muito respeito na noite passada e aplaudiu calorosamente uma ou duas vezes.

9.8.1.21 COMO A ONDA SEGUE A ONDA

(Novas Descobertas, Vol. 1, pp. 441-43.)

[Detroit Tribune, 20 de março de 1894]

ASSIM A ALMA SEGUE A ALMA, DE ACORDO COM KANANDA.

Vive Kananda deu uma palestra para um público de cerca de 150 pessoas [de acordo com o Journal, 500] no Auditório ontem à noite sobre “Budismo, a Religião da Luz da Ásia”. [366] O Honorável Don M. Dickinson apresentou-o ao público.

“Quem dirá que este sistema de religião é divino e que está condenado?” perguntou o Sr. Dickinson em seus comentários introdutórios. “Quem traçará a linha mística?”

Ele também disse que em certa época os seguidores de Buda eram aliados relutantes da religião cristã. Kananda apareceu com um manto amarelo alaranjado com um cordão em forma de faixa na cintura e um turbante pendurado em algum tecido oriental de textura sedosa, cuja ponta esvoaçante era colocada na frente sobre um ombro.

Vive Kananda revisou detalhadamente as primeiras religiões da Índia. Ele contou sobre a grande matança de animais no altar do sacrifício; do nascimento e da vida de Buda; de suas perguntas intrigantes sobre as causas da criação e as razões da existência; da luta sincera de Buda para encontrar a solução da criação e da vida; do resultado final.

Buda, disse ele, estava acima de todos os outros homens. Ele era alguém, disse ele, de quem seus amigos ou inimigos nunca poderiam dizer que ele respirou ou comeu uma migalha de pão, a não ser para o bem de todos.

“Ele nunca pregou a transmigração da alma”, disse Kananda,

exceto que ele acreditava que uma alma era para seu sucessor como a onda do oceano que crescia e morria, não deixando nada para a onda

seguinte além de sua força. Ele nunca pregou que existia um Deus, nem negou que existisse um Deus.

"Por que deveríamos ser bons?" seus discípulos lhe perguntaram.

"Porque", disse ele, "você herdou o bem. Deixe você, por sua vez, deixar alguma herança de bem para seus sucessores. Vamos todos ajudar na marcha da bondade acumulada, pelo amor de Deus."

Ele foi o primeiro profeta. Ele nunca abusou de ninguém nem se arrogou nada. Ele acreditava que desenvolveríamos nossa própria salvação na religião.

"Não posso contar a você", disse ele, em seu leito de morte, "nem a ninguém. Não dependa de ninguém. Desenvolva sua própria religião [salvação]."

Ele protestou contra a desigualdade entre homem e homem, ou entre homem e animal. Toda a vida era igual, ele pregou. Ele foi o primeiro homem a defender a doutrina da proibição de bebidas alcoólicas. "Seja bom e faça o bem", disse ele. "Se existe um Deus, você o tem por ser bom. Se não existe Deus, ser bom é bom. Ele deve ser culpado por tudo o que sofre. Ele deve ser elogiado por todo o seu bem."

Ele foi o primeiro que deu origem aos missionários. Ele veio como um salvador para os milhões de oprimidos da Índia. Eles não conseguiam entender sua filosofia, mas viram o homem e seus ensinamentos e o seguiram.

Concluindo, Kananda disse que o Budismo era o fundamento da religião cristã; que a igreja católica veio do budismo.

9.8.1.22 HISTÓRIAS DE CAMINHO

(Novas Descobertas, Vol. 1, p. 436.)

[Detroit Evening News, 21 de março de 1894]

A curiosidade, diz o nosso visitante hindu, é a característica mais evidente do povo americano, mas acrescentou que é o caminho para o conhecimento. Esta tem sido há muito a estimativa europeia do carácter americano, ou mais estritamente do carácter ianque, e talvez o comentário do hindu tenha sido um eco do que ele tinha ouvido os ingleses na Índia dizerem do "ianque".

9.8.1.23 UM MONGE HINDOO

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 6-7. Cf. "Swami Vivekananda on India", (Obras Completas, Vol. 2.)

[Bay City Times Press, 21 de março de 1894]

Ele deu uma palestra interessante na Opera House ontem à noite. É raro que as pessoas de Bay City tenham a oportunidade de ouvir uma palestra semelhante à proferida ontem à noite por Swami Vive Kananda. O senhor é natural da Índia e nasceu em Calcutá há cerca de 30 anos. O andar inferior da Ópera estava quase meio cheio quando o orador foi apresentado pelo Dr. C. T. Newkirk. Durante o seu discurso, ele pontuou o povo deste país pela sua adoração ao todo-poderoso dólar. É verdade que existe casta na Índia. Lá, um assassino nunca pode chegar ao topo. Aqui, se ele ganhar um milhão de dólares, será tão bom quanto qualquer outro. Na Índia, se um homem for criminoso uma vez, será degradado para sempre. Um dos grandes fatores da religião hindu é a tolerância para com outras religiões e crenças. Os missionários são muito mais severos com as religiões da Índia do que com as de outros países orientais, porque os hindus o permitem, cumprindo assim uma das suas crenças fundamentais, a da tolerância. Kananda é um cavalheiro altamente educado e polido. Diz-se que lhe perguntaram em Detroit se os hindus jogavam seus filhos no rio. Ao que ele

respondeu que não, nem queimam bruxas na fogueira. O palestrante dá uma palestra em Saginaw esta noite.

9.8.1.24 KANANDA CHEGA

(Novas Descobertas, Vol. 2, p. 11.)

[Saginaw Evening News, 21 de março de 1894]

Swami Vive Kananda, o monge hindu, chegou esta tarde de Bay City e está registrado no Vincent. Ele se veste como um americano abastado e fala inglês excelente. Ele tem estatura ligeiramente acima da média, é robusto e sua tez lembra a de um índio. Em resposta a uma pergunta feita por um representante do NEWS, ele disse que aprendeu inglês com professores particulares e pelo contato com europeus que visitaram o Hindustão. Ele afirmou ainda que sua palestra esta noite seria explicativa da religião dos hindus e para mostrar que eles não são pagãos, mas acreditam em um estado futuro.

9.8.1.25 OS MODOS E COSTUMES DA ÍNDIA

(The Vedanta Kesari, Edição Anual de 1987, pp. 445-46 e New Discoveries, Vol. 2. pp. 37-39.)

[O item noturno diário de Lynn, (data?)]

CLUBE DA COSTA NORTE

A reunião, terça-feira à tarde, dirigida por Suami Vive Kananda, um monge erudito da Índia - Descrição dos costumes e costumes de seu país

(Entregue em 17 de abril de 1894, do qual não há transcrição literal disponível.)

Na reunião do North Shore Club, terça-feira à tarde, o público foi numeroso e brilhante, representando a mais alta cultura, e incluindo muitos convidados ilustres. Suami Vive Kananda, da Índia, um monge erudito que fala inglês com facilidade e fluência, fez uma descrição intensamente interessante dos costumes e costumes de seu país. Suami Vive Kananda, que usava o manto amarelo e o turbante da sua ordem, começou por dizer que a Índia está dividida em duas partes, a norte e a sul. Em cada um, a língua e os costumes são tão diferentes que o orador que era da porção norte, ao encontrar um compatriota no Parlamento das Religiões do sul, era obrigado a conversar com ele em inglês, sem ser capaz de compreender a língua nativa do outro. . Em todo o país são falados nove idiomas e 100 dialetos.

Existe alguma uniformidade religiosa, mas cada seita é uma religião e uma lei em si mesma. Muitas descrições errôneas foram escritas sobre a Índia, baseadas em conhecimentos imperfeitos, dos quais foram extraídas inferências que foram muito prejudiciais. Com o hindu tudo é subserviente à religião e ele desiste de tudo o que lhe é antagônico, sendo seu credo que ele não deve aproveitar a vida, mas conquistá-la e obter um domínio supremo sobre si mesmo, que é o tipo mais elevado de civilização. As distinções de castas que estão a ser obliteradas são simplesmente os arianos e os não-arianos – os brâmanes e os sudras. O Brâmane, que é filho de uma cultura de mil anos, deve levar uma vida de disciplina rígida; mas ao Sudra, que é ignorante, é permitida grande latitude.

A mulher na posição de mãe recebe reverência universal na Índia. Quando um filho que se tornou monge retorna para sua casa, seu pai, ao cumprimentá-lo, deve ajoelhar-se e tocar a testa na terra; mas o monge deve ajoelhar-se diante de sua mãe. As mulheres na Índia não jogam seus filhos nos rios para serem devorados por crocodilos. As viúvas não são queimadas na pira funerária do marido, a menos que seja um ato voluntário de autoimolação.

Não há divórcio permitido para a classe alta; uma mulher que abandona o marido, mesmo que seja muito degradada, ainda tem interesse na propriedade dele. Suami Vive Kananda recitou uma bela passagem da Lenda do Ramayana, um dos maiores poemas da Índia, que mostrava como

deveria ser o amor de uma esposa pelo marido. O amor de Sita por Rama. Ele acrescentou: “Hoje se fala muito sobre a 'sobrevivência do mais apto'” e as nações ocidentais usam isso como um argumento contra a Índia, raciocinando que sua própria riqueza, prosperidade e poder mostram que eles são maiores e sua religião mais elevada e mais elevada. mais puro.

Mas a Índia viu nações poderosas ascenderem e caírem, cujo objectivo tem sido apenas o poder da conquista e a glória desta vida. A Índia foi repetidamente espoliada, carregou o jugo do conquistador e suportou o fardo da opressão com paciência indomável e mostrou tolerância para com todos, porque possuía o conhecimento de que o seu povo se apegava firmemente a uma religião que se baseia firmemente numa espiritualidade elevada. e não na areia movediça do prazer presente.

9.8.1.26 UMA PALESTRA SOBRE "ÍNDIA E HINDUÍSMO"

(Novas Descobertas, Vol. 2, p. 42.)

[New York Daily Tribune, 25 de abril de 1894]

Swami Vivekananda deu uma palestra diante da roda de conversa da Sra. Arthur Smith na noite passada no Waldorf sobre “Índia e Hinduísmo”. [367] Miss Sara Humbert, contralto, e Miss Annie Wilson, soprano, cantaram várias seleções. O palestrante vestia um casaco laranja e o turbante amarelo que o acompanhava, chamado de terno de mendigo. Isso é usado quando um budista desistiu de "tudo por Deus e pela humanidade". A teoria da reencarnação foi discutida. O orador disse que muitos clérigos que eram mais agressivos do que instruídos perguntaram: “Por que alguém não tem consciência de uma vida anterior, se tal coisa aconteceu?” A resposta foi que “Seria infantil estabelecer uma base para a consciência, já que o homem está inconsciente de seu nascimento nesta vida e também de muito do que aconteceu”.

O orador disse que "não existia tal coisa" como "um Dia do Julgamento" em sua religião, e que seu deus não punia nem recompensava. Se algo errado fosse cometido, a punição natural era imediata. A alma, acrescentou,

passou de um corpo para outro, até se tornar um espírito perfeito, capaz de prescindir das limitações de um corpo. . . .

9.8.1.27 NO SMITH COLLEGE, NORTHAMPTON, MASSACHUSETTS

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 36-37.)

[Smith College Monthly, maio de 1894]

No domingo, 15 de abril, Swami Vivekananda, o monge hindu cuja exposição acadêmica do Bramanismo causou comentários tão favoráveis no Congresso das Religiões, falou nas Vésperas. [368] — Falamos muito da fraternidade dos homens e da paternidade de Deus, mas poucos compreendem o significado destas palavras. A verdadeira fraternidade só é possível quando a alma se aproxima tanto do Pai de Todos que os ciúmes e as reivindicações mesquinhas de superioridade devem desaparecer porque estamos muito acima deles. Devemos ter cuidado para não nos tornarmos como o sapo do poço da velha história hindu, que, tendo vivido durante muito tempo num lugar pequeno, finalmente negou a existência de um espaço maior.

9.8.1.28 UMA PALESTRA SOBRE ÍNDIA E REENCARNAÇÃO

(Novas Descobertas, Vol. 2, p. 45.)

[New York Daily Tribune, 3 de maio de 1894]

Swami Virekanmda [sic] deu uma palestra sobre "Índia e Reencarnação" ontem à noite na casa da Srta. Mary Phillips, No. 19 West Thirty-eight-st. [369] Ele mencionou, entre outros pontos importantes sobre o Hinduísmo, ou Brahminismo, que sua religião não tinha nenhum nome distinto; que se considerava que a crença na verdade de todos os credos era religião, e que a crença de que um determinado dogma era a verdadeira e única religião era uma seita. A lei cármica de causa e efeito foi explicada, bem como as naturezas externa e interna em suas estreitas relações entre si. As ações

neste mundo, governadas por uma vida anterior e pela mudança para outra vida, foram abordadas em detalhes.

9.8.1.29 PALESTRA DO MONGE HINDOO

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 65-68.)

Swami Vivekananda fala sobre a religião da casta alta

índios [\[370\]](#)

[Lawrence, Massachusetts, Evening Tribune, 16 de maio de 1894]

O Liberty Hall estava confortavelmente lotado ontem à noite, por ocasião da palestra de Swami Vivekananda, o notável monge brâmane, que foi uma personalidade proeminente no parlamento mundial das religiões em Chicago no verão passado, e que está passando algum tempo neste país, estudando seus costumes e costumes. A palestra foi realizada sob os auspícios do clube feminino e foi uma ocasião nova e interessante. O famoso hindu foi agradavelmente apresentado pela presidente do clube, Srta. Wetherbee, que aludiu à grande antiguidade da Índia, à sua maravilhosa história e às elevadas qualidades intelectuais da raça hindu.

O orador da noite estava vestido com trajes nativos, ou seja, um manto escarlate brilhante, preso na cintura por um longo lenço da mesma cor, e usava um pitoresco turbante de seda branca enrolado na cabeça. À primeira vista, via-se a tez morena, os olhos escuros e sonhadores e os modos introspectivos de um brâmane de casta elevada, cuja vida é devotada à religião e que também é celibatário. O fato de ele ser uma pessoa muito educada, transparece em seu maravilhoso domínio do inglês e em seu poder de argumentação, enquanto uma citação ocasional de Milton e Dickens mostrava que ele apreciava os grandes clássicos ingleses.

Ele falou pela primeira vez daquela notável peculiaridade da condição social da casta hindu, afirmando que ela não é agora uma instituição tão rígida como no passado, embora ainda hoje tudo seja herdado. A mistura de castas, embora não seja absolutamente proibida, acarreta desvantagens para

as crianças. O brâmane ou pessoa de casta superior dedica a primeira parte de sua vida ao estudo dos Vedas ou livros sagrados e a última parte à meditação na divindade, supondo-se que ele superou o humano em si mesmo e é apenas uma alma.

O orador não hesitou em criticar negativamente alguns costumes ocidentais, especialmente alguns relacionados com a posição da mulher. Ele afirmou que adoramos as mulheres na esposa, enquanto todas as mulheres para os hindus representam o elemento mãe. Na América, quando uma mulher deixa de ser jovem e bonita, ela passa por momentos difíceis, mas na Índia os reis devem se afastar para que uma mulher idosa passe, tão grande é o respeito que eles têm. Ele afirmou que algumas das mais belas porções dos Vedas, a Bíblia hindu, foram escritas por mulheres, mas que não havia outra Bíblia neste mundo na qual elas tivessem alguma participação.

Foi dedicado um tempo considerável à refutação da afirmação, que caracterizou como falsa, no que diz respeito à crueldade praticada contra as viúvas na Índia, referindo-se o orador, no decurso das suas observações, às viúvas zenana, que têm sido durante algum tempo o ponto objectivo de missionários cristãos de outros países. O casamento é uma instituição protegida com muita segurança e, além da lei que determina que um brâmane não deve se casar com um parente, ninguém pode se casar se tiver uma doença conhecida como tuberculose ou qualquer doença física incurável. As regras estritas de casta que impedem uma pessoa de beber do mesmo copo que outra, e outras regulamentações afins, embora [não] façam parte da religião, foram excelentes em seus resultados sobre a condição física de um país, com 285 milhões de habitantes, em a prevenção da propagação de doenças contagiosas. O orador ficou horrorizado, como bem poderia estar, com o consumo promíscuo de água visto em trens e estações ferroviárias neste país. As crianças aprendem, antes de tudo, a bondade para com todos os seres vivos e esse treinamento é tão completo que a criança menor instintivamente evita pisar em um verme. É estranho pensar que entre esses chamados pagãos não há necessidade da sociedade de nome longo que muitas vezes falha em sua missão em terras cristãs. [371] O hóspede de uma casa, isto é, um homem que chega à porta e diz: "Estou com fome", é a própria imagem de Deus para o hindu e é tratado com a

maior bondade e consideração, sendo alimentado diante do mestre. e dona do estabelecimento.

O orador aludiu com tristeza à pobreza do seu país, pois, embora a casta superior viva com conforto, há milhões cujo único alimento são flores secas, e que estão tão abaixo na escala de existência que mal têm uma identidade, e são objetos lamentáveis no plano da existência. Ele insinuou com bastante veemência que a alimentação e a educação seriam melhores do que os sermões que os cristãos e os maometanos lhes vinham lançando nos últimos cem anos. Muitos dos costumes simples e primitivos deste povo peculiar foram contados com ingenuidade e inocência, o que foi revigorante nesta época em que as palavras são usadas para ocultar pensamentos. Ele disse que não havia flerte ou coquete entre seus rapazes e empregadas, e que estes últimos não se pavoneavam em lugares públicos com toda a sua bravura [elegância?] com o propósito de conseguir um marido, o que tornava os habitantes de esta grande e gloriosa república se pergunta se algo não estava ligeiramente podre no estado da Dinamarca. É bom ver os dois lados do escudo para poder decidir com um olhar imparcial, e muitos dos ouvintes saíram bastante confusos ao ouvir alguns de seus costumes americanos favoritos, acusados por um hindu e um pagão.

O discurso foi muito interessante e foi ouvido com profunda atenção por todos os presentes. No final, muitas [perguntas] foram apresentadas ao atencioso monge, que desperdiçou muito poucas palavras em floreios sociais ou conversas sem sentido. Ele parecia muito interessado no Dr. Bowker, o único na plateia que já havia visitado a estranha terra que existia há séculos antes do nascimento desta república.

9.8.1.30 O MONGE BRAHMAN

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 68-71.)

Swami Vivekananda, o convidado do Clube da Mulher [\[372\]](#)

[Lawrence American e Andover Advertiser, 18 de maio de 1894]

ELE APONTA AS MELHORES FASES DO BRAHMANISMO.

E ENTREGA UMA MENSAGEM APONTADA AOS CRISTÃOS.

Swami Vivekananda, o monge Brahman, dirigiu-se a um público muito interessado na noite de terça-feira no Library Hall, sob os auspícios do Lawrence Woman's Club.

Miss Wetherbee apresentou o orador e preparou o caminho para uma recepção cordial que a cortesia americana raramente deixa de oferecer a um distinto visitante de outra nação.

Miss Wetherbee referiu-se sabiamente a ele como uma personalidade proeminente no Parlamento Mundial das Religiões, também à forte impressão causada por ele na Feira Mundial. . . .

Suas iterações

. . . No seu próprio país, na sua própria classe, ele se dirige a todas as mulheres como mães. O brâmane é educado para pensar nas mulheres como mães e um homem não pode se casar com sua mãe. Naquele país o instinto materno se desenvolve na mulher; nisso ele pensou que o instinto de esposa era cultivado, e a coisa mais bonita em sua palestra foi sua homenagem à mãe, e não passou despercebida a referência à bondade de coração da pequena criança hindu que instintivamente o faria se afastar de seu caminho em vez de esmagar um verme.

O Assunto do Casamento

constituiu grande parte de sua palestra. Entre as classes altas, chamadas de arianas, as mulheres consideram o casamento indecente [?]. Não se espera que uma viúva se case novamente. Um homem que nunca se casa é altamente elogiado e até adorado, mas se ele se casasse, em poucos minutos tudo mudaria. Aquele que não se casa é considerado nobre, santo e espiritual.

Entre os arianos nenhum dinheiro é pago em casamento [?], e como as crianças do sexo feminino são em grande parte a maioria, é uma das coisas

mais difíceis para um pai casar com sua filha, e desde o momento do nascimento dela ele quebra a cabeça para encontrar ela um marido.

Com as duas classes mais baixas, as regras relativas ao casamento são todas diferentes. As viúvas casam-se novamente e as esposas e maridos, se desejarem, divorciam-se. Quando uma criança nasce, um astrólogo vem e faz um horóscopo para a criança, ele delineia o caráter futuro do menino ou da menina – é decidido se ele é másculo ou uma criança diabólica; se for diabólico, ele é casado com alguém da mesma casta e, assim, obtém uma mínima chance de melhorar a condição da criança diabólica.

A questão do casamento não é deixada à decisão da criança, pois nesse caso ela poderia se casar porque [estava] apaixonada por um bom nariz ou bons olhos e, portanto, fazer o que queria estragaria tudo. Enfatizou-se o fato de que apenas as classes mais altas pensam em uma

A Verdadeira Vida Espiritual

e de adorar a Deus em vez de pensar em casamento. Ele falou da condição lamentável das classes mais baixas, da sua pobreza e da sua ignorância. Milhões e milhões são [in]capazes de escrever seus nomes e ainda assim ele disse:

Todos nós estamos pregando sermões para eles, quando suas mãos estão estendidas para pegar o pão. A pobreza é tão extrema nas classes mais baixas que cinquenta centavos por mês é a renda média de um hindu. Milhões vivem com uma refeição pobre por dia e milhões subsistem de flores silvestres como alimento.

Ele falou sobre a ideia predominante de que não havia eruditos entre as mulheres da Índia e afirmou que isso era um erro, já que muitas mulheres dos brâmanes se casaram, mas se tornaram eruditas, e com evidente orgulho ele se referiu ao fato de que em nenhuma nação poderia uma linha ser encontrada

Em qualquer Bíblia

que foi escrito por uma mulher, exceto em seu próprio país, onde muitas coisas bonitas em sua Bíblia foram escritas por mulheres.

Swami Vivekananda não deixou de informar ao público, em palavras inglesas que não poderiam ser mal interpretadas, que o esforço para educar o seu povo, ensinando-lhes a religião cristã, era uma tarefa ingrata. Ele disse:

Vimos os gregos e os persas virem até nós - vimos os espanhóis armados virem para nos tornar cristãos, ainda assim somos hindus e assim permaneceremos.

Se Vivekananda tivesse usado todo o poder de seus olhos brilhantes e de sua voz expressiva, teria sido um discurso muito dramático quando disse:

Ouso aqui na América dizer que nós, da Índia, devemos defender a nossa religião.

Ele disse que nossos costumes eram bons para nós e que éramos bem-vindos a eles. Ele ficou diante de nós como fez diante de muitos públicos americanos cultos - ele, o erudito expoente da religião Brahman, o único hindu que já veio a este país para nos contar - tão veementemente quanto ousou e tão educadamente quanto pôde e ainda assim, sejamos enérgicos - não diga mais nada ao pobre hindu, mas sejamos tão gentis a ponto de cuidar da nossa própria vida.

Após a palestra, muitos dos presentes aproveitaram de bom grado a oportunidade oferecida pelo Sr. e pela Sra. Young para conhecer Vivekananda em sua residência, onde ele foi recebido e provou ser um convidado muito agradável.

9.8.1.31 SWAMI VIVEKANANDA

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 144-145.)

[Sra. Ole Bull submeteu ao Boston Evening Transcript o seguinte relatório da palestra pública de Swami Vivekananda em Greenacre, Maine, proferida na sexta-feira, 3 de agosto de 1894, da qual não há transcrição literal disponível. Veja as notas dos discursos proferidos em Greenacre, Maine, intitulados "A Religião da Índia", neste volume das Obras Completas.]

[Transcrição da noite de Boston, 11 de agosto de 1894]

Uma defesa de Maomé [sic] por um hindu para um público cristão; a lição de que todos os profetas devem ser reverenciados e os seus ensinamentos estudados com reverência; que os seguidores desses professores não deveriam confundir para nós, pelo seu comportamento, a revelação feita por Deus ao homem pela profecia - foi o tema ontem em Greenacre.

O pensamento e a declaração claros corrigiram pacientemente as críticas e comentários adversos, grosseiros e superficiais, que haviam sido feitos a respeito da crença oriental – a reencarnação. A declaração foi magistral, porque simples, e foi trazida para casa por meio de ilustrações familiares e comuns. Isto foi seguido por um apelo nobre e eloquente ao espírito judicial no julgamento da história da época e da fé do próprio Maomé e do serviço prestado à raça humana pelos elementos essenciais desta fé como profeta de Deus. Homens e mulheres presentes, muitos dos quais temiam o calor, ficaram comovidos ao nos contar que Wendell Phillips [373] costumava comover os corações duros a considerar o pecado da escravidão.

O desprezo, a inteligência e o intelecto prestaram um nobre serviço com toda a gentileza e dignidade neste apelo para que os defeitos, os horrores de cada uma e de todas as religiões fossem postos de lado, para que o essencial comum a todas - a imortalidade da alma, um Deus, o Pai e seus profetas sagrados, cada um para alguma divisão da família humana, e cada um tendo a verdade para dar o que é necessário a todos - devem ser reconhecidos e reverenciados para a salvação.

O orador, Swami Vivekananda, deu o que só uma grande alma é capaz de dar. Foi uma hora que nunca será esquecida. Este homem trouxe os presentes à luz da verdade, quaisquer que fossem seus preconceitos e treinamento, à medida que Phillips Brooks uniu o unitarismo e o episcopalismo, e todos os que amam o bom e o verdadeiro passaram a

considerá-lo seu bispo. Portanto, este hindu, em seu pensamento construtivo, quando o dá, pode nos tornar conhecido o poder dos profetas por sua própria presença.

9.8.1.32 NIRVANASHATKAM

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 149-50 (Arena, outubro de 1899, p. 499).)

[Tradução parcial de Swami Vivekananda do "Nirvânashatkam" de Shankara, recitado em Greenacre, Maine, e relatado em uma edição de 1894 do Greenacre Voice [374]]

Sob o famoso pinheiro do Swami em Greenacre, Vivekananda disse:

"Eu não sou corpo nem mudanças do corpo; nem sou sentidos nem objetos dos sentidos. Eu sou Existência Absoluta. Bem-aventurança Absoluta. Conhecimento Absoluto. Eu sou Isso. Eu sou Isso.

"Eu não sou a morte nem o medo da morte; nem nasci, nem tive pais. Eu sou a Existência Absoluta. A Felicidade Absoluta. O Conhecimento Absoluto. Eu sou Isso. Eu sou Isso.

"Eu não sou miséria nem tenho miséria. Não sou inimigo nem tenho inimigos. Eu sou Existência Absoluta. Bem-aventurança Absoluta. Conhecimento Absoluto. Eu sou Isso. Eu sou Isso.

"Estou sem forma, sem limite, além do espaço, além do tempo; estou em tudo, sou a base do universo - em todos os lugares estou. Eu sou Existência Absoluta. Bem-aventurança Absoluta. Conhecimento Absoluto. Eu sou Isso. Eu sou Isso."

9.8.1.33 O BONECO DAS NAÇÕES

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 154-155.)

[Transcrição da noite de Boston, 15 de agosto de 1894]

Um breve resumo é dado abaixo da última das palestras de Vivekananda sob os pinheiros em Eliot, [375] no templo dos deuses, para parafrasear a linha de Bryant [376] -

"Os bosques foram o primeiro templo de Deus."

Qual é a nação? O que é lei? Temos leis apenas para que possamos nos tornar fora da lei (acima da lei).

Existe a liberdade da alma; através disso conhecemos a liberdade da lei. Eu sou da nação daqueles que buscam a liberdade da alma. Eu sou da nação daqueles que adoram a Deus.

Os divinos de Deus são todos meus Mestres. Aprendo sobre o seu Cristo aprendendo sobre Krishna, sobre Buda, aprendendo sobre Maomé. Eu adoro somente a Deus. "Eu sou a existência absoluta, a felicidade absoluta, o Conhecimento Absoluto." Não condeno nada do que encontro na nação, no estado ou na religião, encontrando Deus em tudo. Nosso crescimento não é do mal para o bem, mas do bem para o melhor, e assim por diante. Aprendo com tudo o que é chamado de mal ou bem. A nação e todas essas bobagens podem desaparecer. É amor, amor, amor a Deus e ao meu irmão.

9.8.1.34 UM SUMO SACERDOTE DA ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 191-192.)

[Baltimore americano, 13 de outubro de 1894]

**SWAMI VIVEKANANDA CHEGA A BALTIMORE
SUAS OPINIÕES SOBRE A RELIGIÃO**

Swami Vivekananda, um sumo sacerdote brâmane da Índia, chegou a Baltimore ontem à noite e é convidado do Rev. Walter Vrooman. . . .

Para um repórter americano na noite passada, Swami Vivekananda disse:

Fiquei muito impressionado com as instituições americanas durante a minha estadia neste país. Meu tempo foi dividido entre quatro cidades – Chicago, Nova York, Boston e Detroit. Nunca ouvi falar de Chicago quando estive na Índia, mas ouvia falar frequentemente de Baltimore. A principal crítica que tenho a fazer à América é que há muito pouca religião aqui. Na Índia eles têm demais. Penso que o mundo seria melhor se parte do excedente religioso da Índia pudesse ser enviado para cá, ao passo que seria vantajoso para a Índia se o seu povo pudesse ter algum do avanço industrial e da civilização da América. Eu acredito em todas as religiões. Acho que há verdade na minha religião; Acho que há verdade em sua religião. É a mesma verdade em todas as religiões, aplicando-se através de vários canais para o mesmo fim. Acredito que a grande necessidade do mundo é menos leis e mais homens e mulheres piedosos. . . .

9.8.1.35 SACERDOTE SWAMI NA CIDADE

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 196-200.)

[Baltimore News, 13 de outubro de 1894]

Um hindu de alta casta visitando Baltimore

SEU LINDO TRAJE ATRAI MUITA ATENÇÃO NO LOBBY DO
RENNERT - ELE ASSOBIÁ E SE ENTREGA COM A SAÚDE DO
LESTE DA ÍNDIA - ELE VEM PARA BALTIMORE EM UM TOUR
PELO PAÍS E VAI FALAR NO LYCEUM AMANHÃ À NOITE.

Swami Vivekananda, Sumo Sacerdote dos Hindus, entrou no saguão do Hotel Rennert nesta manhã vestido com uma capa vermelha flamejante e

um berrante turbante amarelo que o tornava o centro de todos os olhares. . .
.

Sua ideia de humor

Swami Vivekananda tem senso de humor. Ele falava esta manhã sobre o Food Show, que pretende visitar. Ele diz que não sabe muito sobre comida, exceto engoli-la, e isso é um exemplar muito representativo da inteligência de Ormus [377] e de Ind.

Outra vez, ele falou dos direitos das mulheres e disse, rindo, que as mulheres tinham mais direitos em todo o mundo do que lhes era atribuído. Quando trocou o casaco preto, antes de ir para o Rennert, e vestiu a vestimenta vermelha cardinalícia com o turbante amarelo, saiu sorridente do quarto e disse:

"Uma transformação!"

O Sumo Sacerdote pode assobiar e tem música suficiente em sua alma para iniciar as músicas nas reuniões de classe, se ele fosse metodista em vez de hindu. Ele assobiou alguns acordes em seu quarto esta manhã para um repórter do The News. Não era “Daisy Bell” nem “Sweet Marie”, e devia ser algum tipo de jingle hindu pagão. . . .

Visualizações sobre os tópicos do dia

Swami está viajando pelo país, como ele diz, dando palestras e estudando instituições americanas, mas parece não ter entrado muito no cerne da sociologia americana, pois nada sabe sobre questões como a imigração europeia, o divórcio, o problema racial, etc. ., que preocupam os economistas do país.

Ele, no entanto, está informado sobre a imigração oriental e diz que os Estados Unidos não têm o direito de impedir a entrada dos chineses. Ele diz que a lei do amor deve prevalecer e a força deve ceder. Ele prevê a queda de qualquer nação que use a força. Ele diz também que os Estados Unidos deveriam abrir as portas ao mundo. Ele acredita que a parte sul do continente deveria estar repleta de hindus e chineses.

“Não existe divórcio na Índia”, disse ele;

nossa lei não permite isso. Nossas mulheres são mais limitadas em sua esfera do que as mulheres da América. Alguns deles são igualmente altamente qualificados. Eles estão entrando na profissão médica até certo ponto agora. Não vejo razão para que as mulheres americanas não devam votar.

Ele evitou ser questionado sobre a posição das mulheres hindus em suas casas e o tratamento que recebem de seus maridos. Pode ser que ele não saiba muito sobre isso. Ele não é um homem casado. Os sacerdotes de sua casta não se casam.

Ele mencionou duas coisas que disse que o impressionaram na América. Uma era a ausência de pobreza no país em geral e a outra era a prevalência incomum da ignorância no Sul.

Gosta do elevador

Quando foi até o elevador da Rennert ele disse:

Existe uma instituição americana que não temos de forma alguma na Índia. Eu gosto muito disso.

Uma senhora estava saindo do elevador. Ela ficou um tanto surpresa com o traje vermelho e amarelo do padre, mas seu semblante imperturbável não dava nenhum sinal de consciência da atenção que atraía.

Seu discurso amanhã à noite no Liceu será principalmente introdutório a ele mesmo e explicativo da nação hindu. Ele falará brevemente, mas permanecerá em Baltimore e falará mais longamente uma semana a partir de amanhã à noite.

9.8.1.36 UM HOMEM SÁBIO ENTRE NÓS

(Novas Descobertas, Vol. 2, pp. 200-202.)

[Baltimore Sunday Herald, 14 de outubro de 1894]

Visita de um ilustre sacerdote hindu a esta cidade

ELE É CONVIDADO DOS IRMÃOS VROOMAN E ESTÁ INTERESSADO NO ESTABELECIMENTO DE UMA UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DE RELIGIÕES - SEU LINDO TRAJE.

.....

... Vivecananda conversou com um repórter do Sunday Herald, falando inglês com facilidade e com um sotaque semelhante ao de um italiano culto. Ele demonstrou a maior familiaridade com as instituições deste país, religiosas, políticas e sociais.

O Sr. Vivecananda veio a Baltimore a convite dos irmãos Vrooman, Hiram, Carl e Walter, e enquanto estiver nesta cidade será seu convidado. O Rev. Hiram Vrooman foi visto em sua residência, 1122 North Calvert Street, ontem, e falou livremente em referência à visita do ilustre convidado.

"O Sr. Vivecananda", disse ele, "é um dos homens mais inteligentes que já conheci. Ele veio a esta cidade a nosso convite e, enquanto estiver aqui, conversará conosco sobre a fundação da universidade internacional, que é proposta para ser estabelecida como resultado do Congresso Mundial de Religiões, que foi uma característica tão interessante da Feira Mundial. Esta universidade é uma das ideias favoritas do Sr. Vivecananda, e tem a total simpatia de mim e dos meus irmãos, e também de um número de senhores de riqueza e posição, incluindo diversas religiões. Entre seus promotores estão membros das religiões católica romana e hebraica.

"Uma das ideias do Sr. Vivecananda ao estabelecer a universidade é que ela pode servir para educar um tipo superior de missionário para o trabalho na Índia. Embora ele seja firme em sua própria crença religiosa, ele deseja que

o atual sistema de envio de homens ignorantes como missionários para a Índia podem ser descontinuados e enviados para lá homens que possam ensinar a religião cristã de um ponto de vista elevado. Nesse desejo, ele é animado apenas pelo desejo do bem da religião geral.

"O Sr. Vivecananda me contou que seu pai era um grande crente no Senhor Jesus, como ele O chamava, e que quando menino ele leu no Evangelho de São João a emocionante descrição da crucificação do Salvador e chorou por ela. Ele permanecerá nesta cidade por várias semanas. Amanhã à noite ele fará um breve discurso em nossa reunião no Liceu, e na semana de domingo falará longamente em nossa segunda reunião sobre o plano universitário.

9.8.1.37 A ESSÊNCIA DA RELIGIÃO DO AMOR

Vive Kananda, um monge brâmane,

Prega na Igreja do Povo [\[378\]](#)

[Washington Times, segunda-feira, 29 de outubro de 1894]

Vive Kananda, o monge brâmane, falou à congregação da Igreja do Povo, nº 423 da Rua G, a noroeste, às 11h de ontem. [379] . . . O Dr. Kent apresentou o monge. . . .

Vive Kananda, apresentando-se, disse que quando menino, na universidade, estudou religião comparada. Na Índia existem muitas religiões. Um quinto são maometanos. Um milhão são cristãos. Ele estudou tudo. Ele ouviu um grande pregador hindu e, quando terminou, disse:

"Meu irmão, você viu Deus?

"O pregador olhou surpreso.

"Não."

"Como, então, você sabe que essas coisas são verdadeiras?"

"Meu pai me contou."

"Quem contou ao seu pai?"

“Seu pai”, e assim por diante, através de seus ancestrais até as nuvens.

Ele ouviu um pregador cristão de grande eloquência. Este homem disse ao buscador da verdade que se ele não fosse imerso em água imediatamente, corria grande perigo de ser assado vivo. Após novas perguntas, este cristão também, através dos registros de seus livros, voltou aos seus antepassados, e assim voltou às nuvens.

O aluno não satisfeito

Isso não satisfez o aluno. Ele começou a orar. Ele orou às vezes por três dias e noites com muito choro e sem comida. Ele finalmente encontrou um homem que não conhecia livros, nem mesmo escrever seu próprio nome. Este sábio estava pregando sua religião. Quando questionado sobre a velha pergunta, ele respondeu:

"Sim, eu vejo Deus agora e vou te ensinar a vê-Lo."

Este homem trazia a marca de Deus em suas feições. Foi o mesmo certificado que veio ao homem de Nazaré quando a pomba desceu sobre Ele no Jordão. Ele fez seu ouvinte acreditar que Deus vive e que a religião não é uma zombaria.

Durante doze anos, Kananda sentou-se aos pés deste homem. Ele era o mestre. Ele disse um dia: “Pegue este livro”. Kananda pegou o livro e leu. Era um calendário. Ele leu onde a chuva foi prevista. Dizia que dentro de um certo tempo muitas toneladas de chuva cairiam em um determinado

distrito. “Agora”, disse a professora, “feche o livro e pressione-o”. Ele fez isso. “Aperte com muita força.” Ele obedeceu. “Saiu alguma água do livro?” “Nenhum.” Assim são todos os livros. A verdadeira religião está aqui, no coração.

A verdade é que as pessoas não querem Deus. Longe disso. A religião está em grande parte na moda. Minha senhora tem uma bela sala, móveis elegantes, um piano, lindas joias, vestidos caros e bem ajustados, um chapéu que é a última novidade. Ela não consegue viver sem uma pitada de religião para acompanhar seu conjunto. Existe muito dessa religião, mas é hipocrisia, e a hipocrisia é a raiz de todo mal. Esse tipo de religião não é de Deus. É apenas a sombra. Pessoas com essa religião às vezes tornam-se sérias e falam sobre coisas religiosas como se tivessem alguma realidade. Então, falando sobre religião sem tê-la, essas pessoas caem em brigas e brigas. “Meu, meu”, é o grito, nunca “teu, teu”. “Minha religião é a melhor.” “Não, meu”, e então eles lutam como fizeram as tribos selvagens por causa de seus deuses rivais, Mambo e Jumbo. A competição na religião, como nos negócios, é a ruína de todos.

O amor permanece

O seu próprio Paulo diz: “tudo o mais perecerá, mas o amor permanece”. Essa é a grande verdade. Essa falsa doutrina de que minha nação será engrandecida às custas de todas as outras nações não é de Deus.

Um jovem foi até seu mestre e disse: “Quero conhecer a Deus”. O mestre prestou pouca atenção, mas o jovem persistiu e não desanimou. Finalmente, um dia o mestre disse: “Vamos descer até o rio e tomar banho”. Então eles desceram e o jovem mergulhou. O mestre o seguiu e, caindo sobre ele, o prendeu. O jovem lutou, mas o mestre não o deixou desistir. Finalmente, quando parecia quase morto, desistiu, tirou-o da água e reanimou-o. “O que você mais queria quando estava na água?” o mestre perguntou. “Respiração”, foi a resposta. “Então você não quer Deus.”

Assim é com os homens, o que você quer? Você quer respirar, sem ela você não pode viver; você quer pão, sem ele você não pode viver; você quer uma casa, sem ela você não pode viver. Quando você deseja a Deus como deseja essas coisas, Ele se manifesta a você. É uma grande coisa querer Deus.

A maioria dos homens e mulheres neste mundo deseja os prazeres dos sentidos. Foi-lhes dito que existe um Deus distante e que se lhe enviarem uma carroça cheia de palavras, ele os ajudará a obter estas coisas boas deste mundo. Mas em cada país há algumas pessoas que desejam a Deus. Eles seriam um com a essência do bem e da verdade. Religião não é fazer compras. O amor não pede retorno; o amor não implora; o amor dá.

A religião não é uma consequência do medo; a religião é alegre. É a explosão espontânea do canto dos pássaros e a bela vista da manhã. É uma expressão do espírito. É de dentro uma expressão do espírito livre e nobre.

Se a miséria é religião, o que é o inferno? Nenhum homem tem o direito de se tornar infeliz. Fazer isso é um erro; é um pecado. Cada gargalhada é uma oração enviada a Deus.

Voltando atrás, o que aprendi é o seguinte: a religião não está nos livros, nem nas formas, nem nas seitas, nem nas nações; a religião está no coração humano. Está gravado lá. A prova disso está em nós mesmos.

Faço dois pontos. Existem seitas. Deixe-os continuar aumentando em número até que cada um seja uma seita por si só. Ninguém pode ver Deus exatamente como outro; cada um deve acreditar Nele e servi-Lo como o vê. Então quero uma harmonização das seitas. A individualidade não está em luta com a universalidade.

Que cada um por si e todos juntos lutem contra os males. Se você tem uma potência de oito e eu uma potência de quatro, e você vem e me destrói, você perdeu pelo menos quatro. Você só tem quatro para vencer o mal. Só o amor pode vencer o ódio. Se há poder no ódio, há infinitamente mais poder no amor.

9.8.1.38 O OTIMISTA HINDOO

[Washington Times, 2 de novembro de 1894] [380]

Vive Kananda compara religiões e fala sobre

Reencarnação [\[381\]](#)

O otimismo é a característica da crença dos arias ou hindus, distinta das religiões ocidentais, de acordo com o monge brâmane, Vive Kananda, que falou para um grande público no Metzerott Hall na noite passada. Seu assunto era reencarnação. Grande parte de sua palestra foi dedicada à comparação do hinduísmo com a doutrina cristã.

Para ilustrar o princípio da reencarnação, ele comparou o corpo humano a um rio. Cada gota de água passa e é substituída por outra. Todo o corpo de água, observou ele, muda completamente em poucos momentos, mas nós o chamamos de mesmo rio. Da mesma forma as partículas do corpo são constantemente substituídas por outras e não temos o mesmo corpo por dois dias, mas preservamos a nossa identidade.

O espírito permanece assim, acreditam os hindus, que a pessoa pode sofrer uma mudança diferente, mais repentina e violenta na morte e ainda assim passar sua existência para algum outro lugar no universo, para algum outro planeta ou estrela, e então assumir um corpo de carne novamente ou de algum outro tipo.

Ele disse que não deveria haver conversa sobre pecado. Os erros do passado devem ser usados apenas como orientação no futuro, para nunca serem lamentados. Quando a lição for aprendida com eles, eles deverão ser esquecidos.

"Acenda uma luz", disse ele, "não fique sentado na escuridão e na tristeza. Faça sempre melhor e seja feliz." . . .

9.8.1.39 PALESTRA DE VIVEKANANDA

(Novas Descobertas, Vol. 2, p. 203.)

[Baltimore News, 3 de novembro de 1894]

Swami Vivekananda, sumo sacerdote hindu, deu uma palestra ontem à noite no Harris' Academy of Music Concert Hall. Seu tema era “Índia e sua

religião”. [382] Ele explicou a crença das várias religiões orientais, incluindo a sua própria, que é o Brahminismo. Ele ridicularizou a idéia de enviar missionários de tantas religiões diferentes para terras pagãs, e disse que as diversas religiões engajadas no trabalho missionário deveriam ser unidas. O Sr. Vivekananda explicou que a religião hindu é otimista e não pessimista. Seu ponto principal era a doutrina da reencarnação, o que significa que todos existiram antes e viverão novamente em outras formas. O produto da palestra será aplicado no trabalho de fundação de uma faculdade internacional.

9.8.1.40 DEIXE A ÍNDIA EM SOZINHA

(Novas Descobertas, Vol. 2, p. 314.)

[Daily Eagle, 8 de abril de 1895]

Então vai sair tudo bem,

Diz Swami Vivekananda

O povo inglês foi criticado ontem à noite por Swami Vivekananda, da Índia, que deu uma palestra para uma multidão na mansão Pouch. [383] Ele disse que os ingleses usaram três B's - Bíblia, conhaque e baionetas - na civilização da Índia. O pregador avançou com a Bíblia para obter a configuração das fortificações. Os ingleses, disse ele, exageraram as condições sociais da Índia nos seus escritos. Eles herdaram suas ideias dos párias, que eram uma espécie de necrófagos humanos. Nenhum hindu que se preze, declarou ele, se associaria a um inglês. A história sobre viúvas se jogando sob a carruagem de Juggernaut ele declarou ser um mito. O casamento infantil e a casta, ele concordou, eram ruins. A casta, disse ele, originou-se das guildas de mecânicos. O que a Índia precisava era ser deixada em paz e tudo daria certo.

9.8.1.41 SOBRE O IDEAL DE BEN ADHEM

(New Discoveries, Vol. 3, pp. 316-18. Abou Ben Adhem, o herói do famoso poema de Leigh Hunt, pediu a um anjo registrador que o listasse como alguém que amava seus semelhantes.)

[New York World, 8 de dezembro de 1895]

SWAMI VIVEKANANDA, O IOGUE, VEM DE BOMBAY,

PREGANDO O AMOR PELO SEU IGUAL.

Encontrar um asceta do tipo mais oriental vestido com um manto hindu vermelho e esvoaçante sobre calças americanas inconfundíveis é necessariamente uma surpresa. Mas em outras coisas, além do vestuário, Swami Vivekananda é surpreendente. Em primeiro lugar, ele declara que a sua religião ou a religião de qualquer outra pessoa é tão boa quanto a dele, e se acontecer de você ser cristão ou muçulmano, batista ou brâmane, ateu, agnóstico ou católico, não fará diferença ele. Tudo o que ele pede é que você aja com retidão de acordo com sua luz.

O Yogi, com suas noções peculiares de vestimenta e adoração, chegou sexta-feira no Brittanic. Ele foi para o número 228 da West Thirty, nona rua. Enquanto estiver em Nova York, ele dará palestras sobre metafísica e psicologia, e também divulgará de maneira geral suas idéias sobre a religião universal que não pede a nenhum homem que pegue outro pela garganta porque seu credo é diferente. "Deixe-me ajudar meu próximo; isso é tudo que procuro", diz ele.

"Existem quatro tipos gerais de homens", diz ele,

o racional, o emocional, o místico e o trabalhador. Para eles devemos ter a adoração adequada. Aí vem o homem racional, que diz: "Não me importo com esta forma de adoração. Dê-me o filosófico, o racional - que eu possa apreciar." Portanto, para o homem racional é o culto racional e filosófico.

Aí vem o trabalhador. Ele diz: "Não me importo com a adoração do filósofo. Dê-me trabalho para fazer pelos meus semelhantes." Assim para

ele é feito um culto, como para o místico o emocional. Na religião de todos esses homens estão os elementos de sua fé.

"Não", disse o Swami, muito suavemente, em resposta a uma pergunta,

Eu não acredito no oculto. Se uma coisa é irreal, não é. O que é irreal não existe. Coisas estranhas são fenômenos naturais. Eu sei que são questões de ciência. Então eles não são ocultos para mim. Não acredito em sociedades ocultas. Eles não fazem o bem e nunca poderão fazer o bem.

Na verdade, o Swami não pertence a nenhuma sociedade, culto ou credo. A sua é uma religião que abrange todo o culto, todas as classes, todas as crenças.

Swami, que é um jovem de feições muito morenas e de boa aparência, explicou seu credo ontem em um inglês notavelmente puro. Quando ele falava, esquecia-se que uma gargantilha ortodoxa espiava por cima do manto de Bombaim, que por sua vez escondia mal as calças americanas. Em vez disso, via-se um sorriso vitorioso e um par de olhos negros profundos e brilhantes.

Swami acredita na reencarnação. Ele acredita que com a purificação do corpo a alma ascende a uma condição superior, e à medida que a purificação através da matéria continua, o espírito sobe, até ser libertado de novas migrações e se juntar ao espírito universal.

Um homem como o provocador de judeus [Hermann?] Ahlwardt, que acaba de chegar a este país, o Swami não consegue compreender. "Você diz", ele disse,

que ele vem aqui para pregar o ódio contra seus semelhantes. Ele não está pensando errado? Ele tem permissão para espalhar esse ódio? Os médicos deveriam examinar seu cérebro para descobrir o que estava errado.

O nome peculiar do Iogue significa, literalmente, “A bem-aventurança da discriminação”. Ele é o primeiro Yogi indiano que veio para este país. Ele vem de Bombaim.

9.8.1.42 A DOUTRINA DO SWAMI

(Novas Descobertas, Vol. 3, pp. 340-41.)

[New York Herald, 19 de janeiro de 1896]

A seguir está um breve esboço dos ensinamentos fundamentais do Swami:
[384]

Cada homem deve desenvolver-se de acordo com a sua própria natureza. Assim como toda ciência tem seus métodos, toda religião também tem. Os métodos para atingir o objetivo da nossa religião são chamados de Yoga, e as diferentes formas de Yoga que ensinamos são adaptadas às diferentes naturezas e temperamentos dos homens. Nós os classificamos da seguinte maneira, em quatro títulos:

(1) Karma Yoga — A maneira pela qual um homem realiza sua própria divindade por meio de obras e deveres.

(2) Bhakti Yoga — A realização de uma divindade através da devoção e do amor a um Deus pessoal.

(3) Rajah Yoga — A realização da divindade através do controle da mente.

(4) Gnana Yoga — A realização da própria divindade do homem através do conhecimento.

Todas essas são estradas diferentes que levam ao mesmo centro – Deus. Na verdade, as variedades de crenças religiosas são uma vantagem, uma vez que todas as crenças são boas, na medida em que encorajam o homem à vida religiosa. Quanto mais seitas houver, mais oportunidades haverá para fazer apelos bem-sucedidos ao instinto divino em todos os homens.

9.8.1.43 "RELIGIÃO UNIVERSAL"

(Novas Descobertas, Vol. 3, pp. 475-79.)

Palestra de Vivekananda sobre os credos do mundo

[Hartford Daily Times, 1º de fevereiro de 1896]

Uma bela casa cumprimentou o monge hindu Vivekananda ontem à noite. . . . Ele foi apresentado pelo Sr. C. B. Patterson, com alguns comentários apropriados. . . . Seu tema ontem à noite foi “O Ideal ou Religião Universal”. [385]

Em todo o universo existem duas forças constantemente em ação, a centrífuga e a centrípeta, a positiva e a negativa, a ação e a reação, a atração e a repulsão. Encontramos amor e ódio, bem e mal. Qual plano é mais forte que o plano espiritual, o plano da religião? O mundo não fornece nenhum ódio mais forte do que aquele gerado pela religião, e nenhum amor mais forte. Nenhum ensinamento trouxe mais infelicidade ao mundo, nem mais felicidade. Os belos ensinamentos de Buda foram levados através do Himalaia, a uma altura de 6.000 metros, por seus discípulos. Quinhentos anos depois chegaram os ensinamentos do seu lindo Cristo, e estes foram carregados nas asas do vento. Por outro lado, olhe para a sua bela terra inundada de sangue no interesse da propaganda e da religião. Assim que um homem entra na companhia daqueles que não acreditam como ele, sua própria natureza muda. É pelas suas próprias opiniões que ele luta, não pela religião. Ele se torna a personificação da crueldade e do fanatismo. A sua religião é boa, mas quando ele começa a lutar pelas suas próprias opiniões egoístas, ele está completamente errado. As pessoas estão indignadas com os massacres armênios e turcos, mas as suas consciências não dizem uma palavra quando os massacres são cometidos no interesse da sua própria

religião. Nos seres humanos encontramos uma curiosa mistura de Deus, homem e diabo, e a religião desperta este último mais do que qualquer outra coisa. Quando todos pensamos da mesma forma, o lado divino da nossa natureza aparece; mas que haja um choque de opiniões e pronto, mude! o diabo tem a palavra. Isto tem sido assim desde tempos imemoriais e sempre será assim. Na Índia sabemos o que significa fanatismo, pois esse país tem sido, nos últimos mil anos, campo especial de missionários. Mas acima do choque de opiniões e da luta pelas religiões, surge a voz da paz. Durante 3.000 anos, foram feitos esforços para harmonizar as diferentes religiões. Mas sabemos como esse esforço falhou. E sempre falhará, e deveria falhar. Temos uma rede de palavras sobre amor, paz e fraternidade universal, que originalmente tinham o significado correto, mas as repetimos como papagaios, e para nós elas não significam nada. Existe uma filosofia universal para o mundo? Ainda não. Cada religião tem seus próprios credos e dogmas e insiste em propagá-los. Você não pode criar uma religião para o mundo inteiro. Isso não deve ser. Os Armênios dizem que tudo ficará bem se todos vocês se tornarem Armênios. E o Papa de Roma diz: “Sim, é uma coisa muito fácil. Se todos vocês se tornarem católicos romanos, tudo ficará bem”. E o mesmo acontece com a igreja grega, e com a igreja protestante, e com todo o resto. Nunca poderá haver apenas uma religião, seria a morte para todas as outras religiões. Se todos pensassem da mesma forma, não haveria mais pensamento para pensar. Se todos fossem iguais, que monotonia! Pareçamos e pensemos da mesma forma – o que poderíamos fazer senão sentar e morrer em desespero? Não podemos viver como uma fileira de esquilos; a variação pertence à vida humana. Um Deus, uma religião é uma canção antiga, mas há perigo nisso. Mas, graças a Deus, isso nunca poderá acontecer. Comece com sua bolsa comprida, armas e canhões para promover sua propaganda. E suponha que você tenha sucesso por um tempo? Em dez anos a sua chamada unidade seria dividida em fragmentos. É por isso que existem tantas seitas. Tomemos como exemplo a maior religião, o Budista. Eles tentam ajudar o mundo a ser melhor. Em seguida vêm os cristãos, com muitas coisas para ensinar. Eles têm três deuses em um e um em três, e um dos três levou os pecados do mundo e foi morto. Quem não acredita nele, vai para um lugar muito quente. E Maomé, quem não acreditar nele terá sua pele queimada, e então uma nova será fornecida para ser queimada, para que ele saiba que Allah é o Todo-Poderoso. Todas as religiões vieram originalmente do Oriente. Esses grandes professores ou

encarnações vêm em diferentes formas. Os Hindus têm dez encarnações; o primeiro era um peixe, e assim por diante, até o quinto, e a partir daí eram todos homens. Os budistas dizem: “Não nos importamos em ter tantas encarnações; queremos apenas uma”. Os cristãos dizem: “Teremos apenas um, e este é Cristo”. E dizem que ele é o único. Mas o budista diz que eles começaram no tempo; seu grande professor veio quinhentos anos antes. E os muçulmanos dizem que o deles veio por último e, portanto, é o melhor. Cada um ama o seu, assim como uma mãe ama o seu filho. O budista nunca vê qualquer falha em Buda; o cristão nunca vê nenhuma falha em Cristo, e o muçulmano nunca vê nenhuma falha em Mohammed. O cristão diz que seu Deus tomou a forma de uma pomba e desceu, e isso eles dizem não ser mitologia, mas história. O hindu diz que seu deus se manifesta em uma vaca e isso não é superstição, mas história. O judeu pensa que seu Santo dos Santos pode estar contido em uma caixa ou baú, com um anjo de guarda de cada lado. Mas o Deus do cristão, na forma de um belo homem ou mulher, é um ídolo horrível. "Divida!" eles dizem. O profeta de um homem fez tais e tais coisas maravilhosas, enquanto outros chamam isso apenas de superstição. Então, onde está sua unidade? Depois, há seus rituais. O católico romano veste seu manto, assim como eu vesti o meu. Ele tem seus sinos, velas e água benta, e diz que são bons e necessários, mas o que você faz, ele diz, é apenas superstição. Nunca poderemos perturbar tudo isto e ter apenas uma religião, pois a própria vida do pensamento é a diferenciação do pensamento. Devemos aprender a amar aqueles que pensam exatamente o oposto de nós. Temos a humanidade como pano de fundo, mas cada um deve ter sua individualidade e seu pensamento. Empurre as seitas para frente e para frente até que cada homem e mulher sejam seitas para si mesmos. Devemos aprender a amar o homem que difere de nós em opinião. Devemos aprender que a diferenciação é a vida do pensamento. Temos um objetivo comum: a perfeição da alma humana, o deus dentro de nós. A religião é a grande força que ajuda a revelar o deus dentro do homem. Mas temos que nos desenvolver à nossa maneira. Não podemos todos assimilar o mesmo tipo de alimento. Deixe que suas aspirações sejam as mais elevadas e suas inspirações estarão em harmonia com a razão e com todas as leis conhecidas, e o Senhor estará sempre com você.

9.8.1.44 FILOSOFIA DE VIVEKANANDA

(Novas Descobertas, Vol. 4, p. 20.)

[Tribuna, 5 de março de 1896]

Ele teria muitos tipos de religião

Vivekananda, o missionário hindu, deu uma palestra no Hotel Richelieu ontem à noite. [386] Os salões do hotel privado estavam lotados de uma multidão de senhoras. Quando Vivekananda chegou ao hotel, foi com dificuldade que ele conseguiu entrar. Ele subiu as escadas e logo desceu novamente vestido com um vestido roxo, preso na cintura por um cordão roxo.

Vivekananda em sua palestra disse que havia várias religiões e cada crente pensava que sua religião era a única religião verdadeira. Foi um erro, disse ele, supor que todos deveriam ter a mesma religião.

“Se todos tivessem a mesma opinião religiosa”, disse ele,

não haveria religião. Assim que uma religião começa, ela se despedaça. O processo consiste em que a religião continue a dividir-se até que cada homem tenha a sua própria religião, até que cada homem tenha pensado nos seus próprios pensamentos e criado para si a sua própria religião.

Vivekananda permanecerá em Detroit cerca de duas semanas e dará aulas todas as manhãs às 11 horas e todas as noites às 8 horas no hotel. . . .

9.8.1.45 OUVI FALAR SWAMI

(Novas Descobertas, Vol. 4, p. 41.)

[News Tribune, 16 de março de 1896]

VIVEKANANDA PALESTRA NO TEMPLO BETH EL

Falou sobre o ideal de uma religião universal

Ele provavelmente partirá na terça-feira

O Templo Beth El estava lotado nas portas ontem à noite quando Swami Vivekananda fez seu discurso sobre “O Ideal de uma Religião Universal”. [387] O horário anunciado para o culto era 8 horas, mas a congregação começou a se reunir no templo no início da noite, de modo que as portas tiveram que ser abertas às 18h25. Fecharam às 7 horas e as centenas que chegaram depois desse horário tiveram que ser rejeitadas.

Todos ouvimos falar de fraternidade universal e de como as sociedades se levantam e querem pregar isto. Mas o que isso significa? Assim que você cria uma seita, você protesta contra a igualdade e, portanto, ela não existe mais,

disse Swami.

A unidade na variedade é o plano do universo. Assim como somos todos homens, estamos todos separados. Descobrimos então que, se pela ideia de uma religião universal se entende que um conjunto de doutrinas deve ser acreditado por toda a humanidade, é impossível, nunca poderá ser, assim como não haverá um tempo em que todas as faces serão iguais. . Não devemos procurar que todos pensemos da mesma forma, como múmias egípcias num museu, olhando-se umas para as outras sem pensar em pensar. É esta diferença de pensamento, esta diferenciação, esta perda do equilíbrio do pensamento, que é a própria alma do nosso progresso, a alma do pensamento.

Swami provavelmente partirá na terça-feira [17 de março]. No final do seu discurso de ontem à noite, ele agradeceu ao povo de Detroit pela gentil recepção dispensada a ele e à sua filosofia.

9.8.1.46 FILOSOFIA DA LIBERDADE

(Novas Descobertas, Vol. 4, pp. 56-58.)

[Transcrição da noite de Boston, 21 de março de 1896]

SWAMI VIVEKANANDA COMPARA ENSINAMENTOS DA SABEDORIA HINDU E RELIGIÕES OCIDENTAIS

O Swami Vivekananda, que será lembrado como o delegado hindu no Parlamento Mundial das Religiões, está na cidade como palestrante da turma de março na Procopeia, rua St. Botolph, 45. [388] O Swami tem feito um trabalho muito valioso e bem-sucedido em palestras sistemáticas em Nova York, com audiências cada vez maiores, durante os últimos dois invernos, e chega a Boston no momento mais oportuno.

O Swami dá a seguinte descrição de seu trabalho. Na explicação do termo sannyasin, ele disse, [Vide "The Sannyasin", Complete Works, Vol. 5 (5.3.10)].

Ao dar uma ideia do seu trabalho e dos seus métodos, o Swami diz que deixou o mundo porque desde a infância tinha um profundo interesse pela religião e pela filosofia, e os livros indianos ensinam a renúncia como o ideal mais elevado a que um homem pode aspirar.

Os ensinamentos do Swami, como ele os expressa,

é a minha própria interpretação de nossos livros antigos à luz que meu mestre (um célebre sábio hindu) lançou sobre eles. Não reivindico nenhuma autoridade sobrenatural. Seja o que for que nos meus ensinamentos possa apelar à mais elevada inteligência e ser aceite pelos homens pensantes, a sua adoção será a minha recompensa. Todas as religiões têm por objeto o ensino da devoção, ou conhecimento, ou atividade, de forma concreta. Agora, a filosofia do Vedanta é a ciência abstrata que abrange todos esses métodos, e é isso que eu ensino, cabendo a cada um aplicá-lo à sua própria forma concreta. Remeto cada indivíduo à sua própria experiência, e quando é feita referência a livros, estes são acessíveis e podem ser estudados por cada um por si mesmo.

O Swami não ensina nenhuma autoridade de seres ocultos, através de objetos visíveis, assim como não afirma aprender com livros ocultos ou MSS. Ele acredita que nada de bom pode vir de sociedades secretas.

A verdade se sustenta por sua própria autoridade, e a verdade pode trazer a luz do dia.

Ele ensina apenas o Ser, escondido no coração de cada indivíduo e comum a todos. Um punhado de homens fortes, conhecendo esse Eu e vivendo à sua luz, revolucionaria o mundo, ainda hoje, como foi o caso de homens fortes e solteiros antes, cada um em sua época.

Sua atitude em relação às religiões ocidentais é brevemente esta. Ele propõe uma filosofia que pode servir de base a todos os sistemas religiosos possíveis no mundo, e a sua atitude para com todos eles é de extrema simpatia. Seu ensino não é antagônico a ninguém. Ele dirige sua atenção para o indivíduo, para torná-lo forte, para ensiná-lo que ele próprio é divino, e apela aos homens para que se tornem conscientes da divindade interior. A sua esperança é imbuir os indivíduos com os ensinamentos aos quais se referiu e encorajá-los a expressá-los aos outros à sua própria maneira; deixe-os modificá-los como quiserem; ele não os ensina como dogmas; a verdade, finalmente, deve prevalecer inevitavelmente. . . .

9.8.1.47 FORA DO LESTE

(Novas Descobertas, Vol. 4, pp. 60-62.)

[Boston Daily Globe, 24 de março de 1896]

**Mensagem Trazida pelo Swami Vivekananda —
em seu país, os deuses são "brilhantes" que ajudam**

O Swami Vivekananda está desfrutando de um grau de popularidade tão grande em sua atual visita a Boston quanto quando a sociedade, elegante, intelectual e fashionista, enlouqueceu por ele em sua visita anterior. . . .

. . . Um jornal de Nova York publicou uma entrevista com o Swami, na qual ele teria expressado a opinião de que em Boston "as mulheres são todas modistas, todas inconstantes, meramente decididas a seguir algo novo e estranho". [389] Mas Swami Vivekananda diz que esta é uma apresentação exagerada e distorcida de uma crítica que ele fez a todas as mulheres americanas, de que elas eram muito superficiais e muito propensas a seguir o sensacional e a mudar de uma coisa para outra. Isso ele diz que sua observação o impôs. As mulheres americanas são intelectuais, mas não são firmes, sérias e sinceras.

A primeira das palestras do Swami foi proferida diante de uma audiência de 400 pessoas no ginásio Allen, no sábado à noite, sobre “A Ciência do Trabalho”, e a segunda do curso sobre “Devoção” [390] foi ministrada no mesmo local. o salão estava lotado e vários deles foram rejeitados, incapazes de serem admitidos.

A palestra foi extremamente interessante e a maneira do palestrante foi muito magnética. Em seu país, disse o Swami, os deuses eram os “brilhantes” que ajudavam os homens e recebiam ajuda deles. Os deuses são apenas seres humanos que são um tanto elevados após a morte, mas Deus, o mais elevado, nunca recebe oração ou ajuda. Ele recebe apenas amor e adoração, sem que nada seja pedido em troca. Existem duas fases deste Deus, uma, o Deus abstrato por trás da substância do universo, e a outra, o Deus pessoal que é visto através do intelecto humano e recebe atributos por ele.

O amor que é dado a Deus nunca tira, mas sempre dá, e não depende de nada. O adorador não ora por saúde, dinheiro ou qualquer outra coisa, mas se contenta com a sorte que lhe é atribuída.

As pessoas que perguntam sobre religião por meros motivos de curiosidade tornam-se modistas, estão sempre à procura de alguma coisa nova e os seus cérebros degeneram até se tornarem trapos velhos. É uma dissipação religiosa para eles.

Não é o lugar que faz o céu ou o inferno, mas a mente. O amor não conhece o medo, não pode haver amor onde ele está. No amor de qualquer tipo, os objetos externos são apenas sugeridos por algo interno - é o próprio ideal projetado, e Deus é o ideal mais elevado que pode ser concebido.

O ódio ao mundo não afasta dele os homens bons, mas o mundo foge dos grandes e santos. O mundo, a vida familiar e social são todos campos de treino, só isso.

Quando alguém percebe que Deus é amor, não importa quais sejam seus outros atributos, esse é o único essencial.

Quanto mais um homem se descarta, mais Deus entra, daí a abnegação, que é o segredo de toda religião e moralidade.

Muitas pessoas derrubam seus ideais. Eles querem uma religião confortável, mas não existe tal. É tudo auto-entrega e esforço ascendente.

9.8.1.48 DISSE QUE UMA RELIGIÃO UNIVERSAL É IMPOSSÍVEL

(Novas Descobertas, Vol. 4, pp.64-65.)

[Transcrição da noite de Boston, 27 de março de 1896]

Swami Vivekananda disse ao grande público que lotou o Allen Gymnasium para ouvi-lo falar sobre o "Ideal de uma Religião Universal", ontem à noite, [391] que o recente Parlamento das Religiões em Chicago provou, até aquela data, que a religião universal era impossível . “Natureza”, disse ele,

é mais sábia do que pensávamos que ela fosse. É a competição de ideias, o choque de pensamentos, que mantém o pensamento vivo. As seitas sempre foram antitéticas e sempre se dividirão em pequenas variedades de si mesmas. E a maneira de sair dessa luta de religiões é deixar as seitas continuarem a se subdividir.

Não há unidade nos três elementos da religião – filosofia [teologia?], mitologia e cerimônia. Cada teólogo quer a unidade, mas a sua ideia de unidade é o ajuste de todos os outros credos aos seus. Concorro com os antigos profetas desde que eles concordem comigo. Mas há um elemento de religião que se eleva acima de tudo; isto é, filosofia. O filósofo busca a verdade, que é sempre a mesma. E é aceitável para os quatro lados de toda natureza religiosa – o emocional, o místico, o ativo e o filosófico. E aquele que ousa buscar a verdade pela verdade é o maior entre os homens.

9.8.1.49 PARA A RELIGIÃO UNIVERSAL

(Novas Descobertas, Vol. 4, pp. 81-86.)

[Transcrição da noite de Boston, 30 de março de 1896]

O SWAMI HINDU DÁ PALESTRAS PARA VÁRIAS SOCIEDADES.

O Swami Vivekananda conduziu, durante os últimos dias, um trabalho muito bem sucedido em conexão com a Procopeia. Durante esse período, ele deu quatro palestras para o próprio clube, com público constante de quatrocentas e quinhentas pessoas, no Allen Gymnasium, 44, rua St. Botolph, duas na casa da Sra. um diante dos professores e alunos de pós-graduação do departamento filosófico da Universidade de Harvard.

A ideia, que trouxe o Swami para a América há três anos como delegado hindu no Parlamento das Religiões, e tem sido o motivo orientador de todo o seu trabalho subsequente, tanto na América como na Inglaterra, é uma ideia que apela fortemente às pessoas cuja criação o o parlamento era, mas os métodos que ele propõe são peculiarmente seus. Uma de suas palestras durante a semana foi “O Ideal de uma Religião Universal”, [392] mas uma “religião harmoniosa” talvez também atendesse ao caso, se, de fato, não expressasse mais adequadamente aquilo para o qual ele está se esforçando. O Swami não é um pregador de teoria. Se há alguma característica da filosofia Vedanta que ele propõe que parece especialmente revigorante é sua

intensa capacidade de demonstração prática. Nós nos tornamos quase apegados à ideia de que a religião é uma teoria sublime que só pode ser posta em prática e tornada tangível para nós em outra vida, mas o Swami nos mostra a loucura disso. Ao pregar a Divindade do Homem, ele inculca em nós um espírito de força que não terá nenhuma daquelas barreiras entre esta vida e a realização real do sublime que, para o homem comum, parece intransponível.

Ao discutir as linhas gerais segundo as quais lhe parece que a religião universal pode ser a única que pode ser estabelecida, ele não reivindica para o seu plano nenhuma superautoridade. Como ele diz:

Eu também tenho meu pequeno plano. Não sei se vai funcionar ou não, e quero apresentá-lo para discussão. Em primeiro lugar, pediria à humanidade que reconhecesse esta máxima: “Não destrua”. Os reformadores iconoclastas não fazem bem ao mundo. Ajude, se puder; se não puder, cruze as mãos, aguarde e veja as coisas acontecerem. Portanto, não diga uma palavra contra as convicções de qualquer homem, desde que sejam sinceras. Em segundo lugar, leve o homem onde ele está e, a partir daí, dê-lhe uma carona. [393]

A unidade na variedade é o plano do universo. Assim como somos todos homens, estamos todos separados. Como humanidade, sou um com você; como Sr. Fulano de Tal, sou diferente de você. Como homem você está separado da mulher, mas como ser humano você é um; como ser vivo você é um com os animais e tudo o que vive, mas como homem você está separado. Essa existência é Deus, a unidade última neste universo. Nele somos todos um. Descobrimos, então, que se pela ideia de uma religião universal se entende que um conjunto de doutrinas deve ser acreditado por toda a humanidade, isso é impossível, nunca poderá ser, assim como todas as faces serão iguais. Novamente, se esperamos que exista uma mitologia universal, isso também é impossível; não pode ser. Nem pode haver um ritual universal. Quando chegar esse momento, o mundo será destruído, porque a variedade é o primeiro princípio da vida. O que nos torna seres formados? Diferenciação. O equilíbrio perfeito será a destruição. [394]

O que quero dizer então com ideal de uma religião universal? Não me refiro a uma filosofia universal, ou a uma mitologia universal, ou a um ritual universal, mas quero dizer que este mundo deve continuar, roda dentro de roda. O que podemos fazer? Podemos fazê-lo funcionar suavemente, podemos diminuir o atrito, podemos lubrificar as rodas, por assim dizer. Pelo quê? Ao reconhecer a variação. Tal como reconhecemos a unidade, pela nossa própria natureza, também devemos reconhecer a variação. Devemos aprender que a verdade pode ser expressa de mil maneiras, e cada uma ainda assim ser verdadeira. Devemos aprender que a mesma coisa pode ser vista de centenas de pontos de vista diferentes e ainda assim ser a mesma coisa. [395]

Na sociedade, vemos muitas naturezas diversas da humanidade. Uma generalização prática será impossível, mas para o meu propósito simplesmente os caracterizei em quatro. Primeiro, o homem ativo; depois o homem emocional; depois o homem místico e, por último, o filósofo.

Para ser universal, a religião deve proporcionar a possibilidade de realizar a verdade através de meios adequados a qualquer uma destas mentes, e uma religião que diz que através de um só todos os homens devem lutar, quer estas mentes sejam capazes de lutar ou não, deve terminar no agnosticismo. .

Em sua palestra sobre Karma Yoga, [396] Swami tratou da ciência do trabalho. A maior parte da palestra analisou os motivos que os homens têm no trabalho, e particularmente o motivo do céu como recompensa pelo bom trabalho na terra. Isto, disse o Swami, é religião comercial. O trabalho por si só atinge o seu ponto mais alto quando é feito absolutamente sem esperança de recompensa, trabalho pelo trabalho e sem consideração pelas consequências.

Ao discutir Bhakti Yoga, Devoção, o Swami explicou a lógica de um Deus Pessoal. Esta ideia de devoção e adoração a algum ser que deve ser amado e que pode refletir o amor ao homem é universal. O estágio mais baixo da manifestação desse amor e devoção é o ritualismo, quando o homem deseja coisas concretas e as ideias abstratas são quase impossíveis. Ao longo da

história do mundo, descobrimos que o homem tenta compreender o abstrato através de formas-pensamento, ou símbolos, e das manifestações externas da religião. Sinos, música, rituais, livros, imagens estão sob essa cabeça. O homem só pode pensar com forma e palavra. Imediatamente o pensamento vem, forma e nome surgem com eles na mente, de modo que quando pensamos em Deus, seja como o Deus Pessoal com forma humana, ou como o Princípio Divino, ou em qualquer outro aspecto, estamos sempre pensando em nosso próprio aspecto. ideal mais elevado com uma ou outra forma, geralmente humana, porque a forma do homem é a mais elevada que o homem pode conceber. Mas, embora reconhecendo isto como uma necessidade da fraqueza humana, e ao mesmo tempo que fazemos uso proporcional de rituais, símbolos, livros e igrejas, devemos sempre lembrar que é muito bom nascer numa igreja, mas é muito mau morrer numa igreja. uma igreja. Se um homem morre dentro dos limites destas formas, isso mostra que ele não cresceu, que não houve descoberta do real, da Divindade, dentro dele.

O amor verdadeiro pode ser considerado um triângulo. O primeiro ângulo é que o amor não conhece barganha. Então, quando um homem está orando a Deus, “dê-me isto e dê-me aquilo”, isso não é amor. Como pode ser? “Eu te dou minha pequena oração e você me dá algo em troca”; isso é mera loja. O segundo ângulo é que o amor não conhece o medo. Enquanto Deus for considerado um recompensador ou um punidor, não poderá haver amor por ele. O terceiro ângulo, o ápice, é que o amor é sempre o ideal mais elevado. Quando chegamos ao ponto em que podemos adorar o ideal como ideal, todos os argumentos e dúvidas desapareceram para sempre. O ideal nunca pode escapar, porque faz parte da nossa própria natureza.

Em sua palestra na Universidade de Harvard, o Swami traçou a história, até onde se sabe, da filosofia Vedanta, e mostrou até que ponto os Vedas (as escrituras hindus) são aceitos como confiáveis; apenas como fundamento da filosofia, na medida em que apelam à razão. Ele comparou as três escolas, os Dualistas, que reconhecem um ser supremo e um ser inferior que se manifesta nos homens, mas eternamente separado dos homens. Em seguida, ele descreveu a filosofia dos não-dualistas qualificados, cuja idéia particular é que existe um Deus e existe uma natureza, mas que a alma e a natureza são simplesmente a expansão, ou o corpo de Deus, assim como o corpo do

homem é para o corpo do homem. alma. Eles afirmam, em apoio desta teoria, que o efeito nunca é diferente da causa, mas que é a causa reproduzida de outra forma, e como Deus, portanto, é a causa deste universo, ele também é o efeito. Os Monistas. . . declare que se existe um Deus, esse Deus deve ser tanto a causa material quanto a causa eficiente do universo. Ele não é apenas o Criador; mas ele também é o criado. Ele próprio é este universo, aparentemente; mas, na realidade, este universo não existe – é mera hipnotização. A diferenciação está apenas no nome e na forma. Só existe uma alma no universo, não duas, porque aquilo que é imaterial não pode ser limitado, deve ser infinito; e não pode haver dois infinitos, porque um limitaria o outro. A alma é pura, e a aparência do mal é como um pedaço de cristal, que é puro em si mesmo, mas parece ter cores variadas quando flores são colocadas diante dele.

Ao discutir Raja Yoga, o caminho psicológico para a união com Deus, o Swami expandiu o poder que a mente pode alcançar através da concentração, tanto em referência ao mundo físico quanto ao espiritual. É o único método que temos em todo o conhecimento. Do mais baixo ao mais alto, do menor verme ao mais sábio, eles têm que usar este método. O astrónomo utiliza-o para descobrir os mistérios dos céus, o químico no seu laboratório, o professor na sua cadeira. Este é o único chamado, a única batida, que abre os portões da natureza e deixa escapar torrentes de luz. Esta é a única chave, o único poder: concentração. No estado atual de nossos corpos estamos tão distraídos que a mente está desperdiçando suas energias em uma centena de tipos de coisas. Através do controle científico das forças que atuam no corpo, isso pode ser feito, e seu efeito final é a realização. A religião não pode consistir em conversa. Só se torna religião quando se torna tangível, e enquanto não nos esforçarmos para sentir aquilo de que tanto falamos, não seremos melhores que os agnósticos, pois estes últimos são sinceros e nós não.

O Twentieth Century Club teve o Swami como convidado no sábado [28 de março], e ouviu um discurso dele sobre o "Lado Prático da Filosofia Vedanta". [399] Ele deixa Boston hoje e, dentro de alguns dias, navegará para a Inglaterra, a caminho da Índia.

9.8.1.50 SWAMI VIVEKANANDA

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 184-86.)

Palestras sobre religião e filosofia hindu

[Los Angeles Times, 9 de dezembro de 1899]

.

. . . O conhecido expositor da filosofia hindu, vestido com o manto amarelo da casta brâmane, falou em parte o seguinte: [400]

Venho diante de vocês, senhoras e senhores, para não trazer nenhuma nova religião. Desejo simplesmente contar-lhes alguns pontos que unem todas as religiões. Abordarei algumas coisas do pensamento da civilização oriental que lhe parecerão estranhas e outras que espero que lhe atraiam. Todas as religiões do mundo têm uma espinha dorsal de unidade. Este é o princípio da filosofia e da tolerância.

Muito poucas pessoas neste país entendem o que é a Índia. É um país com metade do tamanho dos Estados Unidos e que contém 300 milhões de pessoas, que falam várias línguas diferentes, mas todas unidas pelas ideias de uma religião comum. Através destas ideias, os hindus fizeram sentir a sua influência através dos tempos, trabalhando gentilmente, silenciosamente e pacientemente, enquanto a civilização ocidental foi conquistando pela força das armas. O futuro mostrará o que é mais poderoso: a força física ou o poder das ideias. As artes e as ciências dos hindus espalharam-se por toda a terra – os seus numerais, o seu pensamento matemático, a sua ética. Não foi na Índia, ali e somente ali, que a doutrina do amor foi pregada pela primeira vez, e não apenas a doutrina do amor ao próximo, mas do amor a todos os seres vivos, sim, até mesmo ao mais cruel verme que rasteja sob nossos pés. Quando você começa a estudar as artes e as instituições da Índia, você fica magnetizado, fascinado. Você não pode fugir.

Na Índia, como em outros lugares, encontramos a condição mais antiga de divisão em pequenas tribos. Cada uma dessas diferentes tribos tinha seu deus diferente, seu cerimonial diferente. Mas, ao entrarem em contacto umas com as outras, as tribos não seguiram o rumo que a civilização ocidental tomou - não se perseguiram umas às outras por causa destas diferenças, mas esforçaram-se por encontrar os germes de ideias comuns em todas as religiões. E deste esforço surgiu o hábito da tolerância, que é a tônica da religião indiana. A verdade é uma só, só pode ser uma, embora possa ser expressa em linguagem diferente.

Outra grande diferença entre a religião oriental e ocidental reside na recepção de uma visão filosófica e científica do universo. No Ocidente, o agnosticismo tem vindo a crescer nos últimos anos e, com a perda da esperança na imortalidade individual, que o ocidental está sempre a desejar e a procurar, uma nota de desespero insinuou-se no pensamento ocidental. Há muito tempo, os hindus perceberam que o universo era regido por lei e que, sob a lei, tudo muda. Portanto, uma individualidade imperecível é uma impossibilidade. Mas este pensamento não é de desespero para os hindus. Pelo contrário - e isto é o que o ocidental menos consegue compreender do pensamento oriental - ele anseia pela liberdade, pela libertação da escravidão dos sentidos, da escravidão da dor e da escravidão do prazer.

A civilização ocidental procurou um Deus pessoal e desesperou-se com a perda de crença nele. O hindu também procurou. Mas Deus não pode ser conhecido pelos sentidos externos. O Infinito, o Absoluto, não pode ser compreendido. No entanto, embora nos escape, não podemos inferir a sua inexistência. Isso existe. O que é que não pode ser visto pelo olho exterior? O próprio olho. Pode contemplar todas as outras coisas, mas não pode espelhar a si mesmo. Esta é então a solução. Se Deus não pode ser encontrado pelos sentidos externos, volte seu olhar para dentro e encontre, em você mesmo, a alma de todas as almas. O próprio homem é o Tudo. Não posso conhecer a realidade fundamental, porque sou essa realidade fundamental. Não há dualidade. Esta é a solução de todas as questões de metafísica e ética. A civilização ocidental tem tentado em

vão encontrar uma razão para o altruísmo. Aqui está. Eu sou meu irmão e a dor dele é minha. Não posso feri-lo sem me ferir, ou fazer mal a outros seres sem causar esse mal à minha própria alma. Quando eu tiver percebido que eu mesmo sou o Absoluto, para mim não haverá mais morte, nem vida, nem dor, nem prazer, nem casta, nem sexo. Como pode aquilo que é absoluto morrer ou nascer? As páginas da natureza são viradas diante de nós como as páginas de um livro, e pensamos que nós mesmos estamos virando, quando na realidade permanecemos sempre os mesmos.

9.8.1.51 FILOSOFIA HINDU

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 194-95.)

CONCEPÇÃO DO UNIVERSO NA ÍNDIA DISTANTE

[Los Angeles Times, 13 de dezembro de 1899]

Swami Vivekananda, o filósofo hindu, discursou na reunião mensal regular da Academia de Ciências do Sul da Califórnia na Igreja da Unidade na noite passada. [401] O público foi grande e agradecido, e no final da palestra uma série de perguntas foram feitas pelos membros do público e respondidas pelo palestrante. . . .

O orador começou com uma referência aos contos mitológicos dos hindus, nos quais eles tentavam explicar a origem do universo, e falou também dos esforços dos antigos para explicar os mistérios que os rodeavam.

De acordo com a crença deles, disse ele, a primeira idéia do homem é sobre si mesmo. Sua vontade move todos os seus membros. A ideia de poder de uma criança está em sua vontade. Todo movimento do universo tem uma vontade por trás dele. Os hindus acreditam, disse o orador, que só existe um Deus, e ele é uma pessoa como todos eles, mas infinitamente maior. A mente deles é filosófica o suficiente para não admitir a existência de dois

deuses, um mau e um bom. Para eles a natureza é uma unidade, a unidade em toda a existência é o universo, e Deus é o mesmo que a natureza.

“Não existe um sistema de filosofia”, disse o orador,

desde a dos antigos egípcios até a da Igreja Católica Romana, que não apresenta vestígios do mesmo pensamento. Todas as forças que existem no mundo mental e físico foram resolvidas, na Índia, na única palavra “Pai” [“Prâna”?]. Tudo o que existe foi projetado por Ele.

Para encerrar, o filósofo disse que a antiga voz da Índia encontrou eco no século XIX nos escritos de Herbert Spencer.

9.8.1.52 CONCEPÇÃO DO UNIVERSO

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 192-94.)

[Los Angeles Herald, 13 de dezembro de 1899]

A palestra de Swami Vivekananda perante a Academia de Ciências

A igreja da Unidade ficou lotada ontem à noite com um grande público para ouvir o Swami Vivekananda, um nativo da Índia, palestrar sobre o cosmos, ou a concepção Veda do universo [402] sob os auspícios da Academia de Ciências do Sul da Califórnia. . . .

Ao introduzir o seu assunto, o orador revisou a mitologia do dilúvio, que entre os babilônios, os egípcios, os assírios e outras raças é semelhante à história das escrituras hebraicas, mostrando que todos tinham uma crença semelhante a respeito da criação do universo.

Na adoração ao sol e às forças da natureza, vemos as tentativas dos povos antigos de explicar os mistérios que os cercam. A primeira ideia de força do homem foi ele mesmo. Quando uma pedra caiu, ele não viu nenhuma força nela, exceto a vontade por trás dela, e concebeu a ideia de que todo o universo era movido pela força da vontade. Gradualmente, essas vontades tornaram-se uma só, e a ciência começou a crescer. Os deuses começam a desaparecer e em seu lugar surge a unidade, e agora Deus corre o risco de ser destronado pela ciência moderna. A ciência quer explicar as coisas pela sua própria natureza e tornar o universo autossuficiente.

Os testamentos gradualmente começaram a desaparecer e em seu lugar veio o testamento. Este foi o processo de desenvolvimento em todas as nações do mundo, e assim foi na Índia. Suas ideias e deuses eram praticamente os mesmos de outras terras, só que na Índia eles não pararam por aí. Eles aprenderam que somente a vida pode produzir vida e que a morte nunca pode produzir vida. Em nossas especulações sobre Deus chegamos ao monoteísmo. Em todos os outros lugares a especulação pára aí; fazemos com que tudo seja o princípio e o fim de tudo, mas na Índia não para por aí. Uma vontade gigantesca não consegue explicar todos esses fenômenos que vemos ao nosso redor. Mesmo no homem há algo por trás da vontade. No bom senso, algo como a circulação do sangue, descobrimos que a vontade não é a força motriz.

Concebemos Deus como uma pessoa como nós, só que infinitamente maior, e porque existe bondade, misericórdia e felicidade no mundo, deve haver um ser que possua esses atributos, mas também existe o mal. A mente hindu é demasiado filosófica para admitir a existência de dois deuses, um bom e um mau. A Índia permaneceu fiel à ideia de unidade. O que é mau para mim pode ser bom para outra pessoa; o que é bom para mim pode ser mau para os outros. Somos todos elos de uma corrente. Daí vem a especulação dos Upanishads, a religião de 300 milhões de pessoas da raça humana. A natureza é uma unidade; a unidade está em toda a existência, e Deus é o mesmo que a natureza. Esta é uma das especulações indianas conhecidas em todo o mundo fora da Índia.

Não existe um sistema de religião ou filosofia no mundo que não mostre a influência da especulação da Índia, mesmo para a Igreja Católica. A conservação da energia, considerada uma descoberta nova, ficou conhecida lá pelo nome de pai [Prâna?]. Tudo o que existe vem do pai. Brahma [Prana?] deve energizar alguma coisa, e isso eles dizem ser um éter invisível. Brahma [Prana?] vibrando no éter, o sólido, o líquido, o luminoso, é tudo o mesmo éter. A potencialidade de tudo está aí. No início do próximo período Brahma [Prana?] começará a vibrar cada vez mais.

Assim, esta especulação das escrituras da Índia é muito semelhante à ciência moderna. A mesma ideia é retomada pela evolução moderna. Até os nossos corpos, diferentes apenas em dignidade, são elos da mesma cadeia. Num indivíduo existem as possibilidades de todos os outros indivíduos. A entidade viva contém a possibilidade de toda vida, mas só pode expressar aquilo que o ambiente exige. As especulações mais maravilhosas são formadas na ciência moderna. O que me interessa como pregador de religião é a unidade de todas as religiões [vida?]. Quando a voz de Herbert Spencer diz que a mesma vida que brota na planta é a vida que brota no indivíduo, a religião indiana encontrou uma voz no século XIX.

9.8.1.53 CONTADO SOBRE A ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 227-29.)

[Los Angeles Herald, 3 de janeiro de 1900]

Palestra ontem à noite no Blanchard Hall por

Swami Vivekananda

Swami Vivekananda, membro de uma antiga ordem de monges hindus, que está ministrando uma série de lições e palestras nesta cidade, discursou ontem à noite no salão Blanchard sobre a “História da Índia” [“O Povo da

Índia”]. [403] O Swami apareceu diante de seu público em trajes americanos, perdendo em grande parte a personalidade peculiar e característica que lhe foi dada pelas estéticas vestes de seda e pelo turbante usado por sua ordem.

O orador disse que a Índia não é um país, mas um continente que contém uma enorme massa de raças unidas pela religião. A Índia era antiga. Era habitada quando, pelo desejo de chegar até lá por uma passagem mais curta, Colombo descobriu a América, e sua produção de algodão, açúcar, índigo e especiarias enriqueceu o mundo. Este país habitado por 200 milhões de pessoas, está cheio de pequenas aldeias que se estendem por todos os vales e sobem as montanhas a milhares de metros acima do nível do mar. A imensa fertilidade do solo deve muito às tremendas chuvas, que costumam atingir 1.800 polegadas [sic] em uma estação, com média de talvez 600 polegadas. Muitas pessoas, porém, apesar das produções abundantes, vivem inteiramente de milho-miúdo, uma espécie de cereal; nenhum alimento animal é consumido; sem carne, ovos ou peixe.

O país desde os tempos mais antigos manteve os seus próprios costumes, as suas próprias línguas e as suas castas. Através da sua religião salvou-se enquanto via outras secções [nações] ascenderem e decaírem. A civilização babilônica não era nova, mas a Índia data de muito antes de sua ascensão e queda. A língua mais antiga, o sânscrito, é falada pelos sacerdotes e já foi falada por todas as diferentes raças. O orador deu exemplos de muitas das nossas palavras comuns em inglês, provenientes de raízes sânscritas, e atribuiu as antigas ideias religiosas e até mesmo a mitologia às antigas raças arianas.

Muitos dos costumes do país foram esboçados, e ainda foi mostrado como este país era a sede da civilização, o centro das artes, das ciências, do pensamento filosófico do mundo.

O povo da Índia salvou-se construindo um muro à sua volta, tornando as castas absolutas. Um imperador na Índia fica feliz em saber que é descendente de um sacerdote, que é a casta mais elevada. As castas não existem como antigamente, mas estão divididas em muitas divisões e subdivisões. Há centenas deles. Nenhuma pessoa de casta diferente come junto ou cozinha junto. O casamento não é legal se for feito fora da casta. A

complexidade das leis de castas é muito grande e se ramifica nos mínimos detalhes. O mendigo mais pobre ou o vice-rei da Índia podem pertencer à mesma casta.

Não é permitido o uso de sapatos, pois são feitos de pele de animal. As mulheres prestam ainda mais atenção a esses detalhes do que os homens. Todos esses costumes têm sua filosofia. Esta é a verdadeira democracia, é a ideia socialista, o desenvolvimento das massas, não do indivíduo.

O orador encerrou comparando a posição das mulheres na Índia com a deste país. Na Índia, toda a ideia de feminilidade é a mãe. A mãe é reverenciada. Ela é a doadora da vida, a fundadora da raça.

9.8.1.54 AS LENDAS RELIGIOSAS DA ÍNDIA

(Novas Descobertas, Vol. 5, p. 269.)

[Los Angeles Times, 17 de janeiro de 1900]

O Swami

Vestido com seu manto marrom, Swami Vivekananda dirigiu-se a um pequeno público composto em sua maioria por mulheres, no Shakespeare Club esta noite [16 de janeiro]. [404] Ele relatou as lendas religiosas do Bramanismo, que estão incorporadas na vida cotidiana dos hindus, da origem de Shiva e de sua entrega ao espírito puro de sua esposa, hoje a mãe de toda a Índia, cujo culto é levada a tal ponto que nenhuma fêmea pode ser morta. Vivekananda citou livremente o sânscrito, traduzindo à medida que avançava.

9.8.1.55 A CIÊNCIA DO IOGA

(Novas Descobertas, Vol. 5, p. 276.)

[Los Angeles Herald, 26 de janeiro de 1900]

Swami Vivekananda, o vidente oriental, deu uma palestra no clube de Shakespeare esta manhã [quinta-feira, 25 de janeiro] sobre “A Ciência do Yoga”. [405] Ele disse que não há diferença de espécie entre nada na natureza, mas que todas as diferenças são meramente de grau. A mente é o poder supremo, o motor do mundo.

9.8.1.56 SWAMI VIVEKANANDA NA CASA DE LOS ANGELES

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 218-20.)

[Unidade, fevereiro (?) 1900]

.

. . . Tivemos oito palestras no Lar do Swami [406] e todas foram intensamente interessantes, embora alguns descontentes reclamassem porque ele não forneceu alguns atalhos para o Reino [do Céu] e mostrou um caminho fácil para a obtenção de poderes mentais. ; em vez disso, ele diria:

Vá para casa e prometa a si mesmo que não vai se preocupar por um mês inteiro, mesmo que a empregada quebre todas as suas melhores porcelanas.

Combina-se no Swami Vivekananda o aprendizado de um reitor de universidade, a dignidade de um arcebispo, com a graça e a simpatia de um filho natural livre. Subindo na plataforma sem um momento de preparação, ele logo estaria no meio de seu assunto, às vezes tornando-se quase trágico, pois sua mente vagaria da metafísica profunda para a condição predominante nos países cristãos hoje, que vão e procuram reformar os filipinos com as espadas em uma mão e a Bíblia na outra, ou na África do Sul permitem que filhos do mesmo pai se cortem em pedaços. Para contrastar esta situação, ele descreveu o que aconteceu durante a última fome na Índia, onde os homens preferiam morrer de fome ao lado de seu gado a estender a mão para matar. (Será que os leitores da Unity se lembrarão dos cinquenta milhões de hindus que estão morrendo de fome hoje e lhes enviarão uma bênção?)

Em vez de tentar transmitir diretamente muito do que ouvimos do Swami, acrescentarei algumas das palavras de seu mestre, Ramakrishna, que indicarão melhor a natureza de seus ensinamentos. Seu principal objetivo parece ser encorajar as pessoas a viverem vidas simples, tranquilas e saudáveis - que a vida seja a religião, não algo separado e à parte.

À verdadeira mãe ele dá o lugar mais elevado, considerando-a mais estimada do que aqueles que simplesmente andam por aí ensinando. "Qualquer um pode falar", disse ele,

mas se eu tivesse que cuidar de um bebê, não poderia suportar a existência por mais de três dias.

Freqüentemente ele falava da “mãe” como falamos do “pai”, e dizia “a mãe cuidará de nós” ou “a mãe cuidará das coisas”.

Tivemos uma palestra no dia de Natal do Swami intitulada “A Missão de Cristo para o Mundo”, e nunca ouvi uma melhor sobre este assunto. Nenhum ministro cristão poderia ter apresentado Jesus como um personagem digno da maior reverência de forma mais eloquente ou mais poderosa do que este erudito hindu, que nos contou que neste país, por causa de sua pele escura, lhe foi recusada a admissão em hotéis, e até mesmo os barbeiros às vezes se opõem a barbeá-lo. É de admirar que nossos irmãos “pagãos” nunca deixem de mencionar o fato de que até mesmo “nosso” Mestre era oriental?

9.8.1.57 PALESTRAS DE MONGE HINDOO

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 315-16.)

[San Francisco Chronicle, 24 de fevereiro de 1900]

O tema de Swami Vivekananda é "A ideia de religião universal"

Na noite passada, no Golden Gate Hall, Swami Vivekananda, um monge hindu, entreteve o público durante uma hora e meia com sua palestra sobre

“A Idéia de Religião Universal”. [407] . . .

Rastreando a religião desde o início da história, ele falou da existência de credos. As seitas eram conhecidas desde os primeiros tempos, disse ele. Com o passar do tempo, começaram várias disputas pela supremacia entre as várias seitas. A história, declarou ele, era uma mera repetição de matança sob o disfarce da religião. A superstição, pensava ele, estava rapidamente se tornando uma coisa do passado através da expansão das mentes dos homens. Eles tinham mais liberalidade de pensamento agora. Eles eram estudantes mais profundos de filosofia e através dos princípios da verdadeira filosofia somente a religião em sua forma mais profunda poderia ser encontrada. Até que os homens pudessem conceder aos outros o direito de crença livre em todos os assuntos, e estivessem dispostos a acreditar na verdade sob qualquer forma que ela pudesse aparecer, nenhuma religião universal seria manifesta ao mundo, declarou ele. Nunca seria promulgado por nenhuma sociedade, mas cresceria instintivamente à medida que o intelecto do homem se desenvolvesse.

9.8.1.58 VEDANTISMO, E O QUE É E O QUE NÃO É

(Novas Descobertas, Vol. 5, pp. 329-31.)

Palestra de Swami Vivekananda sobre a religião dos hindus

[Oakland Tribune, 26 de fevereiro de 1900]

É o único credo, diz ele, que pode ser ensinado sem

Mentiras e sem compromisso

As reivindicações da religião brâmane, ou Vedantismo, sobre o mundo moderno foram apresentadas esta noite no Congresso de Religiões na Primeira Igreja Unitária por Swami Vivekananda, [408] um expositor notavelmente eloquente dessa fé. . . .

Aos seus ouvintes esta noite ele explicou o Vedantismo como a religião dos Vedas, ou antigos livros hindus, que, afirmou ele, é “a mãe da religião”.

“Pode parecer ridículo como um livro pode não ter começo nem fim”, disse ele,

mas pelos Vedas nenhum livro se refere a nenhum livro. Eles significam o tesouro acumulado de leis espirituais descobertas por diferentes pessoas em diferentes épocas. O hindu acredita que é um espírito. A ele a espada não pode perfurar, a ele o fogo não pode queimar, a ele a água não pode derreter, a ele o ar não pode secar. Ele acredita que toda alma é um círculo cuja circunferência não está em lugar nenhum, mas cujo centro está localizado em um corpo. A morte significa a mudança deste centro de corpo para corpo. Nós somos filhos de Deus. A matéria é nossa serva.

O Vedantismo é uma espécie de rebelião contra a zombaria do passado. Alguns homens são tão práticos que, se soubessem que cortando a cabeça poderiam obter a salvação, muitos o fariam. Tudo isso é externo; você deve voltar seus olhos para dentro para aprender o que está em sua alma. A alma é o espírito onipresente. Para onde vai a alma após a morte? Para onde a terra poderia cair? Para onde pode ir a alma? Onde já não está? A grande pedra angular do Vedantismo é o reconhecimento do Eu. Cara, tenha fé em você mesmo. A alma é a mesma em todos. É tudo pureza e perfeição e quanto mais puros e perfeitos nós [você] formos, mais pureza e perfeição você verá.

Um homem ou pregador que grita: "Oh, Senhor, sou apenas um verme rastejante!" deve ficar quieto e rastejar para dentro de seu buraco. Seus gritos apenas acrescentam mais miséria ao mundo. Achei divertido ler em um de seus artigos: “Como Cristo editaria um artigo!” Que tolice. Como Cristo prepararia uma refeição? No entanto, vocês são o povo avançado do Ocidente. Se Cristo viesse aqui, você fecharia a loja e sairia com ele para a rua para ajudar os pobres e oprimidos. O Vedantismo é a única religião que pode ser ensinada sem mentiras, sem esticar os textos, sem concessões.

9.8.1.59 RELIGIÃO VERDADEIRA

(Novas Descobertas, Vol. 6, pp. 405-6.)

[A Alameda Encinal, 5 de abril de 1900]

Filósofo hindu expõe suas ideias

Ontem à noite, o Swami Vivekananda deu a primeira de uma série de três palestras públicas no Tucker Hall sobre “O Desenvolvimento de Ideias Religiosas”. (Do qual nenhuma transcrição literal está disponível.)

O orador deteve-se brevemente na semelhança de ideias nas mentes dos cristãos ortodoxos, maometanos e hindus no que diz respeito à origem das suas religiões. Cada um acreditava que seu profeta ou professor específico havia sido inspirado de alguma forma misteriosa por um Deus ou Deuses, que, por assim dizer, regulavam ou influenciavam os assuntos deste mundo à distância. A mente científica moderna, pelo contrário, em vez de procurar causas externas ou sobrenaturais para os fenômenos, esforçou-se por encontrar a causa na própria coisa ou condição.

Embora à primeira vista este método de investigação possa parecer retirar da religião alguns dos seus elementos vitais, na realidade resultou na descoberta do homem de que os atributos espirituais da divindade e os estados mentais que produzem o céu e o inferno estavam todos dentro de si mesmo, e embora o resultado desta investigação racional moderna pode parecer contradizer muito do que foi transmitido nos antigos escritos religiosos, como a Bíblia, o Alcorão e os Vedas, mas a contradição era mais aparente do que real, pois os profetas e professores da antiguidade tinham percepções verdadeiras, mas se enganaram apenas ao atribuir suas experiências a agentes externos, em vez de perceberem que elas eram o desenvolvimento e a expressão de elementos em suas próprias almas antes desconhecidos e não reconhecidos.

O palestrante traçou algumas das crenças comuns sobre a localização dos céus e infernos, de vários ritos e costumes funerários, e falou das impressões deixadas na mente primitiva que resultaram na personificação

das forças naturais ativas nos fenômenos com os quais estamos lidando. cercado. . . .

9.8.2 RELATÓRIOS DE JORNAIS EUROPEUS

9.8.2.1 SWAMI VIVEKANANDA SOBRE O AMOR

(Novas Descobertas, Vol. 3, pp. 237-40.)

[Conselheiro de Maidenhead, 23 de outubro de 1895]

Na quinta-feira o Swami Vivekananda proferiu uma palestra na Câmara Municipal de Maidenhead, tendo como tema “A Doutrina Oriental do Amor”. [409] Devido a outras atrações na cidade, o público não foi grande. Grande parte do público também associou o conferencista à Sociedade Teosófica, com a qual, no entanto, segundo fomos informados, ele não tem nada a ver, nem com qualquer outra sociedade, nem se propõe formar ele próprio qualquer sociedade. Ele acredita em expor seus pontos de vista a quem quer que os ouça e deixar que esses indivíduos os defendam como um todo, ou com quaisquer modificações que considerem adequadas, ou rejeitá-los completamente, acreditando que, a partir do conflito de todas as opiniões, a verdade é longamente prevalece.

A cadeira foi tomada às 20h. E. Gardner, J.P., C.C., e ele apresentou brevemente o palestrante, que estava vestido com seu traje nativo. O Swami então passou a expressar sua opinião sobre a devoção à divindade, ou, como mais comumente expresso no Oriente - amor (Bhakti), com o seguinte efeito: - A religião pode ser dividida em duas formas, a primeira quase inteiramente supersticiosa e a segunda meramente metafísico, mas para que qualquer um deles tenha alguma força, deve ser acompanhado de amor. Trabalhar sozinho sem esse elemento não satisfaz. A terra poderia estar coberta de hospitais, penetrada por boas estradas; poderia haver grandes instituições sociais bem conduzidas e bom saneamento, mas todos estes eram processos físicos externos e por si só não aproximavam o homem da Divindade. Tanto o realista como o idealista eram necessários e complementares um do outro. O idealista trouxe a aspiração ousada para a terra, o realista fez com que ela tomasse forma através do trabalho. O amor

não pode ser definido em termos positivos, apenas negativamente. Sua natureza é a forma de renúncia. No seu sentido mais geral, pode ser dividido em três partes: (1) Aquele amor que é para o próprio prazer, independentemente do prazer ou da dor dos outros - o puramente egoísta, o mais baixo. (2) Aquele amor que troca — "Eu amarei você se você me amar. Faremos um ao outro mutuamente felizes" — o caminho parcialmente egoísta, o caminho do meio trilhado pela grande maioria da humanidade. (3) Aquele amor que tudo dá e nada pede, sem premeditação e que nunca se arrepende, invencível por qualquer mal feito àquele de quem emana. É o mais elevado, o divino. Somente com este último tipo estamos preocupados aqui. O primeiro é o caminho do sensualista e do animal, o segundo é o caminho da luta da humanidade em seu caminho para coisas melhores, o terceiro é o verdadeiro caminho do amor, trilhado por aqueles que renunciam ao mundo e se põem no caminho que leva a Paz eterna. Nesse amor não há medo. O amor mata o medo. Um leão pode ficar perto de um bebê e ameaçar sua vida; a mãe não conhece o medo, não voa, mas se opõe. Nesse momento o amor destrói o terror; outras vezes, a mesma mulher fogia de um cachorrinho. Um feroz guerreiro maometano [sic] foi a um jardim para orar. No mesmo jardim uma moça havia marcado encontro com seu amante. O guerreiro estava prostrado de bruços de acordo com a forma prescrita de sua religião. Naquele momento a moça avistou seu amante e, correndo alegremente ao seu encontro, pisou sobre a forma prostrada. Ele deu um pulo e colocar a mão sobre a espada teria matado a garota. "Como você ousa?" gritou ele, "prostituta vil, perturbe minha adoração, minha devoção a Deus, com seus pés baixos." "Adoração! Devoção!" - gritou a menina -, você não sabe o que são. Você não tinha devoção, deitada ali, nenhum espírito de adoração. Se eu, uma menina tímida, pudesse esquecer a presença de um objeto de pavor como você, em minha adoração e devoção ao meu amante terreno a ponto de pisar em você e nem mesmo saber disso, quanto mais você deveria, se seu coração estivesse absorvido no amor e na devoção a Deus, ter ignorado que eu toquei em você?" O guerreiro ficou humilhado e apaziguado e foi embora. Nosso mais elevado ideal de amor é a imagem que formamos da divindade para nós mesmos. Um povo bárbaro tem um deus tirânico e cruel. Um povo sábio e nobre vê Deus em potências cada vez maiores. Deus é sempre Deus, mas as opiniões que os homens e as nações podem ter dele variam. Nenhuma visão mais elevada é conhecida do que a do amor. O homem que

tem em seu coração um amor ininterrupto por toda criatura, quer reconheça que essa criatura é uma manifestação de Deus, na qual ele está realmente presente, quer a considere meramente como moldada pela Deidade, esse homem está no caminho certo. caminho para a Deidade, no grande caminho da devoção e da renúncia. Ele não pode ferir a criatura de Deus, por mais repulsiva que seja a sua visão mais estreita do que deveria ou não deveria ser. Ele dá por amor, não por orgulho; ao amar a Deidade, ele ama suas manifestações, trabalha com elas e as respeita.

A palestra foi proferida de forma impressionante e, no final, um voto de agradecimento foi concedido ao Presidente (por proposta do Sr. E. T. Sturdy, de Caversham).

O processo durou pouco mais de meia hora.

9.8.2.2 UM ASCÉTICO INDIANO

(Novas Descobertas, Vol. 3, pp. 246-47.)

[Padrão, 23 de outubro de 1895]

Desde os dias de Ramahoun [Ram Mohan] Roy, diz o Standard, com a única exceção de Keshub Chunder [Keshab Chandra] Sen, não apareceu em uma plataforma inglesa uma figura indiana mais interessante do que o Brahman que lecionou em Princes' [Prince's] Hall ontem à noite. . . .

A palestra [410] foi uma exposição muito destemida e eloqüente da filosofia panteísta da escola Vedanta, e o Swami parece ter incorporado em seu sistema também uma boa parte do elemento moral da escola de Yoga, como a passagem final de sua palestra apresentada de uma forma modificada, não a defesa da mortificação, que é a principal característica desta última escola, mas a renúncia de todos os chamados confortos e bênçãos materiais, como o único meio de entrar em perfeita união com o Ser supremo e absoluto . As passagens iniciais da palestra foram uma revisão da ascensão da forma mais grosseira do Materialismo no início do século atual e do desenvolvimento posterior das várias formas de pensamento metafísico, que por um tempo varreram o materialismo. A

partir disso ele passou a discutir a origem e a natureza do conhecimento. Em alguns aspectos, as suas opiniões sobre este ponto eram quase uma declaração de puro Fichteísmo, mas eram expressas em linguagem, incorporavam ilustrações e faziam admissões que nenhum transcendentalista alemão teria usado. Ele admitiu que havia um mundo material grosseiro lá fora, mas confessou que não sabia o que era a matéria. Ele afirmou que a mente era uma matéria mais sutil, e que por trás estava a alma do homem, que era imóvel, fixa, diante da qual os objetos externos passavam, por assim dizer, em uma procissão, que não tinha começo nem fim - em outras palavras, que era eterno e, finalmente, que era Deus. Ele elaborou esta concepção panteísta da identidade pessoal do homem e de Deus com grande abrangência e ampla riqueza de ilustrações, e passagem após passagem de grande beleza, solenidade e seriedade. “Só existe uma Alma no Universo”, disse ele:

Não existe “você” ou “eu”; toda variedade é fundida na unidade absoluta, a única existência infinita – Deus.

Disto, é claro, seguiu-se a imortalidade da alma e algo como a transmigração das almas para manifestações mais elevadas de perfeição. Como já foi dito, a sua peroração de vinte minutos foi uma declaração da doutrina da renúncia. Durante o processo, ele fez algumas críticas implacavelmente depreciativas sobre o trabalho que as fábricas, os motores e outras invenções, e os livros, estavam realizando para o homem, em comparação com meia dúzia de palavras proferidas por Buda ou Jesus. A palestra foi evidentemente bastante improvisada e proferida com uma voz agradável, livre de qualquer tipo de hesitação.

9.8.2.3 PALESTRANTE ÍNDIO NATIVO NO PRINCES' HALL

(Novas Descobertas, Vol. 3, p. 248.)

[London Morning Post, 23 de outubro de 1895]

- Ontem à noite, no Princes' Hall, em Piccadilly, Swami Vivekananda, um iogue indiano, que está atualmente em visita a este país, fez o que foi descrito como uma "oração" sobre o tema do "Autoconhecimento". [411] Um Iogue, foi explicado, é aquele que renuncia formalmente ao mundo e se entrega ao estudo e à devoção. Swami Vivekananda originalmente deixou sua terra natal com o propósito de dar sua interpretação da filosofia Vedanta no Parlamento das Religiões, que foi realizado há dois anos em Chicago, e desde então ele tem se empenhado em ministrar palestras sobre o mesmo assunto na América. No decurso do seu discurso de ontem à noite, ele declarou que havia indícios, nestes últimos dias do século XIX, de que o pêndulo do pensamento científico estava a oscilar para trás, pois homens de todo o mundo estavam a vasculhar as páginas de registos antigos, e antigos religiosos as formas estavam novamente vindo à tona. Para muitos isto parecia ser um caso de degeneração, enquanto outros o consideravam como uma daquelas explosões de superstição que periodicamente visitavam a sociedade, mas para o estudante científico havia no estado actual das coisas um prognóstico de grandes benefícios futuros. O conferencista então passou a descrever longamente o sistema peculiar de filosofia que ele ensina e traçou os três diferentes estágios da religião que dele surgiu. Ele falou com bastante fluência e seus comentários foram ouvidos com atenção pelo pequeno público.

9.8.2.4 A COMUNIDADE CRISTÃ

(Novas Descobertas, Vol. 3, pp. 267-69.)

[Comunidade Cristã, 14 de novembro de 1895]

Palestra na Capela South Place

“O Swami Vivekananda” iluminou a congregação na Capela South-place no último domingo de manhã sobre “As Bases da Moralidade Vedanta”. [412] .
..

O Swami explicou que no sistema de moralidade que ele estava expondo as ações não eram inspiradas por qualquer esperança de recompensa, aqui ou no futuro, nem por qualquer medo de punição neste mundo ou no além:

"Devemos trabalhar simplesmente a partir do ímpeto interior , trabalhar pelo trabalho, dever pelo dever." Esta ideia de moralidade é considerada superior à religião de Jesus, e por isso tem enganado alguns chamados cristãos para o budismo ou outras filosofias orientais. Mas a essência do verdadeiro Cristianismo é que, se as suas ações forem inspiradas pelo reino celestial dentro de você, o Paraíso será o resultado, ao passo que, se você agir em harmonia com o reino do diabo externo, você cairá na Perdição. O cristão genuíno não age, como o Swami parecia sugerir, com o propósito de evitar punições, mas ao mesmo tempo vê as consequências finais de todas as ações. . . .

9.8.2.5 UMA RELIGIÃO UNIVERSAL

(Novas Descobertas, Vol. 3, pp. 276-77.)

[A Rainha, Jornal da Senhora, 23 de novembro de 1895]

O primeiro outono da Sra. sem humor, as oportunidades e os encantos de uma religião universal. [413] Ele mostrou que os princípios subjacentes de todas as grandes religiões do mundo se assemelhavam, e entre os grandes profetas ele colocou o Redentor Cristão em uma posição muito elevada, implicando, no entanto, que Seu ensino às vezes era pouco confirmado por Seus professos seguidores. . Não havia impossibilidade radical de reconciliação entre seitas, agora mordendo-se e devorando-se umas às outras pelos melhores motivos, se a caridade e a simpatia fossem levadas para o quiosque, o templo e a igreja. O Cônego Basil Wilberforce e o Rev. H. R. Haweis fizeram discursos interessantes em resposta ao Swami. . . . Os convidados eram 150.

9.8.2.6 EDUCAÇÃO

(Novas Descobertas, Vol. 4, p. 157.)

[Crônica Diária, 14 de maio de 1896]

O Clube Sésamo. - Em uma reunião do Sesame Club na noite de terça-feira [12 de maio], o presidente, Sr. Ashton Jonson, disse que lamentava anunciar que a Sra. voltamos para a terra." Conseqüentemente, Swami Vivekananda fez um discurso sobre o assunto da educação, [414] no qual ele insistia que ninguém poderia obter grandeza intelectual até que fosse fisicamente puro. A moralidade deu força; os imorais sempre foram fracos e nunca conseguiram se elevar intelectualmente, muito menos espiritualmente. Assim que a imoralidade começou a entrar na vida nacional, os seus alicerces começaram a apodrecer. Como o sangue vital de cada nação se encontrava nas escolas onde meninos e meninas recebiam sua educação, era absolutamente essencial que os jovens estudantes fossem puros, e essa pureza deveria ser ensinada a eles.

9.8.2.7 ESPIRITUALISMO E A FILOSOFIA VEDANTA

(Novas Descobertas, Vol. 4, pp. 229-30.)

[Luz, 4 de julho de 1896]

Quando soubemos pela primeira vez que o Swami Vivekananda estava vindo a Londres para expor a Filosofia Vedanta, tínhamos esperança de que seus ensinamentos não apenas confirmariam a fé dos Espiritualistas, mas também poderiam aumentar seu número. Esperávamos isso, porque a própria essência da filosofia hindu é que o homem é um espírito e tem um corpo, e não que o homem é um corpo e pode ter também um espírito; que é o máximo que muitas mentes ocidentais podem alcançar. . . .

Tem sido um privilégio glorioso do nosso Espiritismo moderno provar através de demonstração real a existência do espírito separado da carne, e pareceria, portanto, razoável procurar a cooperação por parte dos expoentes da Filosofia Vedanta e dos defensores do Espiritismo. Não temos certeza, contudo, de que esta consumação desejável possa ser alcançada, pois as observações feitas muito recentemente pelo Swami são calculadas apenas para dividir as duas seitas. [415] A Filosofia Vedanta coloca diante do estudante um objetivo ideal! Nada menos, na verdade, do que o desdobramento do Deus dentro dele, e nada poderia ser mais

impressionante e inspirador do que a apresentação desta ideia por um orador com a força e a eloquência do Swami. Só podíamos respeitar e admirar, até que se aludiu ao Espiritismo moderno, e isso de uma maneira que nos deixou a impressão de que o Swami condenava sem reservas todos os que observavam os fenômenos. Ele admitiu ter sentado para observação com médiuns profissionais e sustentou que todos haviam praticado fraude. “Vozes espirituais”, de acordo com o Swami, nunca são ouvidas em conflito! À medida que o "sepulcral desaparece, a voz da criança pequena se eleva", insinuando assim que o ventriloquismo era invariavelmente responsável pelos sons. “Mensagens espirituais”, observou ele,

eram totalmente inúteis, pois nunca ultrapassaram o nível de "Estou bem e feliz" ou "Dê um pedaço de bolo ao John".

Esta afirmação só poderia, é claro, ser feita na ignorância do conteúdo dos “Ensinaamentos Espirituais”, um livro que, pensamos, pode muito bem ser comparado até mesmo com o exaltado ensinamento do Swami Vivekananda. O processo de confecção de materializações falsas e de trabalho da figura na ponta de um fio também foi descrito em detalhes.

Estávamos presentes novamente na noite seguinte, [416] quando um documento com perguntas relacionadas às críticas adversas do Swami foi lido para a reunião. Cerca de trinta minutos se passaram então para qualificar e explicar suas observações da noite anterior e, para nossa profunda satisfação, o Swami não apenas confessou sua crença na possibilidade de espíritos se comunicarem com mortais, mas até expressou sua convicção de que às vezes espíritos de um alto grau visitou a Terra para ajudar a humanidade. Contudo, concebemos que não faz parte da Filosofia Vedanta recomendar a busca de tal relação, devido aos seus possíveis “perigos”. É comum afirmar que o espírito subdesenvolvido pode comunicar-se mais facilmente com o homem, conseqüentemente o Swami proferiu sua palavra de advertência e reteve qualquer palavra de encorajamento. . . .

9.8.2.8 UMA REVISÃO DA AULA DE OUTUBRO

(Novas Descobertas, Vol. 4, pp. 370-71.)

[Luz, 28 de outubro de 1896]

No sexto andar de uma das sombrias mas convenientes casas da rua Victoria, ouvimos recentemente um discurso de Swami Vivekananda – um de uma longa série sobre a Religião e a Filosofia Hindus. [417] . . . Durante uma hora e meia ele falou, sem nenhum bilhete. É verdade que o discurso foi mais um fluxo de observações do que um estudo interligado, mas foi tudo extremamente interessante.

O assunto, em geral, eram os Vedas, mas tivemos excursões sobre Evolução, Ciência Moderna, Idealismo e Realismo, a Supremacia do Espírito, etc. No geral, concluímos que o orador era um pregador da religião universal de ascendência espiritual e harmonia espiritual. Certas passagens dos Vedas – lindamente traduzidas e lidas, aliás – eram encantadoras em sua relação com a humanidade e a nítida realidade de uma vida além do véu. Ansiava-se por mais disso.

Ficamos muito impressionados com a admissão de que havia muitas contradições nos Vedas e que os devotos hindus nunca pensaram em negá-las nem em reconciliá-las. Cada um era livre para pegar o que quisesse. Em diferentes estágios e em diferentes planos, tudo era verdade.

Conseqüentemente, os hindus nunca excomungaram e nunca perseguiram. As contradições nos Vedas são como as contradições da vida – são muito reais, mas são todas verdadeiras. Isso parece impossível, mas há bom senso nisso. Em todo o caso, no que diz respeito à excomunhão e à perseguição, desejamos apenas que os cristãos pudessem fazer a afirmação dos hindus.

9.8.3 RELATÓRIOS DE JORNAL INDIANO

9.8.3.1 UM BENGALI SADHU

[Correio de Madura, 28 de janeiro de 1893] [418]

UM BENGALI SADHU SOBRE RELIGIÃO E SOCIOLOGIA HINDU

Um jovem bengali Sanyashi [Sannyâsin] de cerca de trinta e dois anos de idade e mestre em artes pela Universidade de Calcutá foi entrevistado na semana passada na Sociedade Literária Triplicana por cerca de cem indianos instruídos, entre os quais Dewan Bahadur Raghunatha Rao. Um resumo do que foi afirmado pelo Sadhu é publicado pelo Indian Social Reformer, do qual fazemos os seguintes extratos: [419]

A Religião Védica

A religião perfeita é a religião védica. Os Vedas têm duas partes, obrigatória e opcional. As liminares obrigatórias são eternamente vinculativas para nós. Eles constituem a religião hindu. Os opcionais não são assim. Estes têm mudado e foram alterados pelos Rishis para se adequarem aos tempos. Os brâmanes já comeram carne e se casaram com sudras. [Um] bezerro foi morto para agradar um convidado. Sudras cozidos para os brâmanes. A comida preparada por um brâmane do sexo masculino era considerada comida poluída. Mas mudamos nossos hábitos para nos adequarmos ao yug[a] atual. Embora as nossas regras de castas tenham mudado até agora desde a época de Manu, mesmo assim, se ele viesse até nós agora, ainda nos chamaria de hindus. Casta é uma organização social e não religiosa. Foi o resultado da evolução natural da nossa sociedade. Foi considerado necessário e conveniente ao mesmo tempo. Ele serviu ao seu propósito. Se não fosse por isso, já teríamos nos tornado maometanos há muito tempo [sic]. É inútil agora. Pode ser dispensado. A religião hindu não requer mais o apoio do sistema de castas. Um brâmane pode interceder com qualquer pessoa, até mesmo com um pária. Ele não perderá assim sua espiritualidade. Um grau de espiritualidade que é destruído pelo toque de um pária é uma quantidade muito pobre. Está quase no ponto zero. A espiritualidade de um brâmane deve transbordar, arder e queimar [de modo] a aquecer na vida espiritual não um pária, mas milhares de párias que possam tocá-lo. Os antigos Rishis não observavam distinções ou restrições com relação à alimentação. Um homem que sente que sua própria espiritualidade é tão frágil que a visão de um homem de casta inferior a aniquila, não precisa se aproximar de um pária e deve manter seu pouco precioso para si mesmo.

O Ideal Hindu de Vida

O Ideal Hindu de vida é "Nivarti" [Nivritti]. [420] Nivarti significa subjugação e conquista das paixões malignas, da natureza Tamasa de luxúria, vingança e avareza. Isso não significa conquista de todos os desejos. Significa apenas a aniquilação dos desejos grosseiros. Todo homem é obrigado a amar e simpatizar com seus semelhantes. [A] Sanyasi é alguém que venceu todas as suas paixões egoístas e jurou dedicar sua vida ao bem dos outros. Ele ama tudo. "Pravirti" [Pravritti] significa amor a Deus e a todas as suas criaturas. Sanyasis deveriam ser alimentados. Eles não são como os bispos e arcebispos cristãos que devem ser pagos para fazerem o seu trabalho com milhares de libras por ano; todos aqueles cujos ganhos são gastos em seu próprio luxo – suas esposas e filhos. [O] Sanyasi quer apenas um pedaço de comida e então coloca todo o seu conhecimento e serviços à disposição do público. Ele é um missionário errante. Os indivíduos e a sociedade têm que evoluir do "bruto, através do homem, para o divino". Mesmo o mais inferior dos hindus, o pária, tem menos brutalidade do que um britânico num estatuto social semelhante. Este é o resultado de uma antiga e excelente civilização religiosa. Esta evolução para um estado espiritual superior só é possível através da disciplina e da educação.

A Cerimônia Shraddha [Shraddha] [\[421\]](#)

Cada instituição, casta, casamento precoce, etc., que atrapalhe a educação, deve ser imediatamente golpeada na cabeça. Até mesmo "Shradh" pode ser abandonado, se a sua execução envolver perda de tempo que poderia ser melhor utilizado para a auto-educação. Mas "Shradh" não deve ser abandonado. O significado dos Mantras é muito edificante. Os Mantras retratam o sofrimento e o cuidado que nossos pais tiveram em nosso favor. A sua realização é uma honra prestada à memória da soma total do espírito dos nossos antepassados, cujas virtudes herdamos. Shradh não tem nada a ver com a salvação de alguém. No entanto, nenhum hindu que ama a sua religião, o seu país e os seus grandes homens do passado deveria desistir de Shradh. As formalidades externas e a alimentação dos Brâmanes não são essenciais. Não temos brâmanes hoje em dia dignos de serem alimentados nos dias de Shradh. Os Brâmanes alimentados não devem ser comedores profissionais, mas Brâmanes que alimentam os discípulos gratuitamente e ensinam-lhes as verdadeiras doutrinas Védicas. Nestes dias, Shradh pode ser realizado mentalmente.

Educação das Mulheres

A zelosa tutela das nossas mulheres mostra que nós, hindus, declinámos nas nossas virtudes nacionais, que regressámos ao “estado brutal”. Todo homem deve disciplinar sua mente de modo a considerar todas as mulheres como suas irmãs ou mães. As mulheres devem ter liberdade para ler e receber uma educação tão boa quanto a dos homens. O desenvolvimento individual é impossível com a ignorância e a escravidão.

Emancipação dos Hindus

Através da escravidão de mil anos, os hindus degeneraram atualmente. Eles esqueceram seu próprio respeito próprio. Todo menino inglês é ensinado a sentir sua importância, ele se considera membro de uma grande raça, os conquistadores da Terra. O hindu sente desde a infância exatamente o contrário: nasceu para ser escravo. Não podemos nos tornar uma grande nação a menos que amemos a nossa religião e tentemos respeitar a nós mesmos, e respeitar os homens do nosso país e a sociedade. Os hindus dos tempos modernos são geralmente hipócritas. Devem elevar-se e combinar a fé na verdadeira religião Védica com o conhecimento das verdades políticas e científicas dos Europeus. Os males das castas parecem ser mais prevalentes no Sul do que em Bengala. Em Bengala, um Brâmane usa a água tocada pelos Sudras, mas aqui o Sudra é mantido a uma grande distância pelo Brâmane. Não há brâmanes em [o] Kali Yug[a]. Os párias, nossos semelhantes, deveriam ser educados pelas castas superiores, deveriam [. . .] verdades da religião hindu e ser [. . .] Brâmanes. O primeiro dever de um brâmane é amar a todos. Deve haver primeiro um amálgama dos Brâmanes, depois de todos os Dwijas, [422] e depois dos Dwijas e Sudras.

9.8.3.2 O PARLAMENTO DAS RELIGIÕES

(Vivekananda em jornais indianos, p. 4.)

POR HR HAWAIS

[O Espelho Indiano (do The Daily Chronicle),

28 de novembro de 1893]

. . . Vivekananda, o popular monge hindu, cuja fisionomia tinha a mais impressionante semelhança com a face clássica do Buda, denunciou a nossa prosperidade comercial, as nossas guerras sangrentas e a nossa intolerância religiosa, declarando que a tal preço o "hindu brando" não teria nada da nossa alardeada civilização. . . . "Você vem", ele gritou,

com a Bíblia em uma mão e a espada do conquistador na outra - você, com sua religião de ontem, para nós, que fomos ensinados há milhares de anos por nossos preceitos Rishis tão nobres e vidas tão santas quanto os de seu Cristo. Você nos pisoteia e nos trata como poeira sob seus pés. Você destrói vidas preciosas em animais. Vocês são carnívoros. Você degrada nosso povo com bebida. Você insulta nossas mulheres. Você despreza a nossa religião – em muitos pontos como o seu, só que melhor, porque mais humana. E então você se pergunta por que o Cristianismo progride tão lentamente na Índia. Digo-lhe que é porque você não é como o seu Cristo, a quem poderíamos honrar e reverenciar. Você acha que, se você viesse às nossas portas como ele, manso e humilde, com uma mensagem de amor, de vida, de trabalho e de sofrimento pelos outros, como ele fez, deveríamos fazer ouvidos moucos? Oh não! Devemos recebê-lo e ouvi-lo, e como fizemos com nossos próprios Rishis (professores) inspirados. . . .

9.8.3.3 PARLAMENTO DAS RELIGIÕES EM CHICAGO

(Vivekananda em jornais indianos, pp. 5-6.)

[O Espelho Indiano, 7 de dezembro de 1893]

HINDU CRITICA O CRISTIANISMO

MR.VIVEKANUNDA DIZ RELIGIÃO DOS VEDAS É RELIGIÃO DO AMOR

VIVEKANUNDA DIZ QUE O CRISTIANISMO É INTOLERANTE

O Dr. Noble presidiu a sessão da tarde. O Salão de Colombo [Colombo] estava muito lotado. . . . O Dr. Noble então apresentou Swami Vivekananda, o monge hindu, que foi aplaudido ruidosamente ao avançar para o centro da plataforma. Ele usava uma túnica laranja, amarrada com uma faixa escarlate, e um turbante amarelo claro. O sorriso habitual estava em seu rosto bonito e seus olhos mostravam-se animados. Disse ele:

Nós, que viemos do Oriente, sentámo-nos aqui na plataforma, dia após dia, e ouvimos de uma forma condescendente que deveríamos aceitar o Cristianismo porque as nações cristãs são as mais prósperas. Olhamos à nossa volta e vemos a Inglaterra, a nação cristã mais próspera do mundo, com o pé no pescoço de 250 milhões de asiáticos. Olhamos para trás na história e vemos que a prosperidade da Europa cristã começou com Espanha. A prosperidade da Espanha começou com a invasão do México. O Cristianismo conquista a sua prosperidade cortando a garganta dos seus semelhantes. A tal preço o hindu não terá prosperidade. [423]

Sentei-me aqui hoje e ouvi o cúmulo da intolerância. Tenho ouvido o credo dos muçulmanos ser aplaudido, quando hoje a espada muçulmana está trazendo destruição para a Índia. O sangue e a espada não são para os hindus, cuja religião se baseia na lei do amor. [424]

Quando os aplausos cessaram, o Sr. Vivekananda continuou a ler seu artigo, cujo resumo segue: [Vide "Paper on Hinduism", Complete Works, Vol. 1 (1.1.3)]. . . .

9.8.3.4 SOBRE A CONVERSÃO CRISTÃ

(Vivekananda em jornais indianos, p. 25.)

[The Indian Mirror, 14 de junho de 1894]

Tem havido uma correspondência animada entre Swami Vivekanand e um missionário cristão aposentado sobre o trabalho e as perspectivas do cristianismo na Índia. Entre outras coisas, o Swami teria dito que “a forma de conversão é absolutamente absurda”;

Os médicos missionários não fazem nenhum bem, porque não estão em contacto com o povo. . . . Eles não realizam nada em termos de conversão, embora possam ter bons momentos de sociabilidade entre si, etc.

O reverendo cavalheiro criticou as palavras, sustentando que, falando bem o vernáculo, nenhum dos estrangeiros entende e simpatiza melhor com os índios do que com os missionários. Os Missionários são, sem dúvida, pessoas boas e bem-intencionadas; mas pensamos que a afirmação do Swami de que eles raramente estão em contato com o povo não é infundada. Com o renascimento do Hinduísmo, manifestado em todas as partes do país, é duvidoso que o Cristianismo tenha qualquer influência sobre os Hindus. O presente é um momento crítico para as Missões Cristãs na Índia. O Swami agradeceu ao Missionário por chamá-lo de seu compatriota. “Esta é a primeira vez”, escreveu ele,

qualquer estrangeiro europeu, embora nascido na Índia, ousou chamar um nativo detestado por esse nome - missionário ou não. Você se atreveria a me chamar da mesma forma na Índia?

.

9.8.3.5 A IDEIA CENTRAL DOS VEDAS

(Vivekananda em jornais indianos, p. 30.)

[O Espelho Indiano, 20 de julho de 1894]

Swami Vivekananda explicou na América a ideia central dos Vedas da seguinte forma:

Peço humildemente que discorde daqueles que vêem no monoteísmo, no reconhecimento de um Deus pessoal, à parte da Natureza, o ápice do desenvolvimento intelectual. Acredito que seja apenas uma espécie de antropomorfismo com que a mente humana se depara nos seus primeiros esforços para compreender o desconhecido. A satisfação última da razão e dos costumes humanos reside na realização daquela essência universal que é o Todo. E tenho uma evidência irrefutável de que essa ideia está presente nos Vedas, apesar dos numerosos deuses e de suas invocações. Esta ideia do Todo sem forma, o Sat, isto é, esse ou ser, chamado Atman e Brahman nos Upanishads, e explicado posteriormente nos Darsans, é a ideia central dos Vedas, ou melhor, a ideia raiz da religião hindu em geral. . (Fonte não identificada.)

9.8.3.6 SWAMI VIVEKANANDA NO MOVIMENTO DE VIAGEM MARÍTIMA

(Vivekananda em jornais indianos, pp. 260-62.)

[O Bengalee, 18 de maio de 1895]

Não há um hindu que não se orgulhe de Vivekananda Swami – que não o honre e aos seus ensinamentos. Ele honrou a si mesmo, à sua raça e à sua religião. Se estivermos certos nesta visão, segue-se que as opiniões de Vivekananda têm direito à mais alta consideração. Isto é o que ele diz a respeito do movimento das viagens marítimas: -

Expansão é vida; contração é morte. O amor é vida, o ódio é morte. Começamos a morrer no dia em que começamos a nos contrair – a odiar outras raças – e nada pode impedir a nossa morte, até que voltemos à vida, à expansão. Devemos nos misturar, portanto, com todas as raças da terra e cada hindu que sai para viajar em terras estrangeiras traz mais benefícios ao seu país do que centenas daqueles feixes de superstição e

egoísmo cujo único objetivo na vida é ser o cachorro. na manjedoura. Essas maravilhosas estruturas de vida nacional que as nações ocidentais criaram são apoiadas por pilares de carácter - e até que possamos produzi-las às centenas, é inútil preocupar-nos e irritar-nos contra este ou aquele poder. Alguém merece liberdade se não estiver pronto para dá-la aos outros? Vamos trabalhar com calma e de maneira viril - em vez de dissipar nossas energias em preocupações e irritações desnecessárias e eu, por exemplo, acredito plenamente que nenhum poder no universo pode negar a alguém tudo o que ele realmente merece. O passado foi ótimo, sem dúvida, mas acredito sinceramente que o futuro que nos reserva ainda é glorioso. [425]

Devemos nos misturar com outras nações e tirar delas tudo de bom que elas têm para nos dar. É a nossa exclusividade, a nossa falta de vontade de aprender com as nações estrangeiras, que é a principal responsável pela nossa actual degradação. Nós nos considerávamos os eleitos do céu e superiores às nações da terra em todos os aspectos. Nós os considerávamos bárbaros, seu toque como poluição, seu conhecimento pior que a ignorância. Vivíamos em um mundo criado por nós mesmos. Não ensinaríamos nada ao estrangeiro – não aprenderíamos nada com o estrangeiro. Finalmente veio a desilusão. O estrangeiro tornou-se o nosso mestre – o árbitro dos nossos destinos. Adotamos ansiosamente seu aprendizado. Descobrimos que havia muita coisa nova nele, muita coisa que era altamente útil. Descobrimos que, no que diz respeito aos confortos materiais da vida, o estrangeiro nos distanciava enormemente - que o seu controle sobre os poderes da natureza era muito maior do que qualquer outro que havíamos sonhado. Ele aniquilou o tempo e o espaço e subordinou os poderes da natureza à conveniência do homem. Ele tinha muitas coisas maravilhosas para nos ensinar. Nós os aprendemos ansiosamente. Mas ainda não visitamos o país dele. Se o fizermos, perderemos a casta. Estamos sob um governo estrangeiro. Estudamos avidamente uma língua e literatura estrangeira e admiramos tudo o que há de bom e belo nelas. Utilizamos artigos estrangeiros para vestimenta e consumo. Mas ainda assim não ousamos visitar o país dos nossos governantes, por medo de excomunhão. Contra este preconceito sem sentido, o grande Swami, que é um hindu dos hindus, indignadamente

levanta a sua voz de protesto. Os objetores, em sua linguagem expressiva, são como o cachorro na manjedoura. Eles não viajarão para países estrangeiros – não permitirão que outros viajem. No entanto, permanece o facto, diz o Swami, que estes hindus viajados trazem mais benefícios ao seu país do que

centenas desses feixes de superstição e egoísmo, cujo único objetivo na vida é ser como o cachorro na manjedoura. [426]

.

Se tivéssemos nossos Rishis nesta era, como os tivemos nas eras passadas, temos certeza de que eles teriam retirado a interdição à viagem marítima, se de fato tal interdição tivesse sido imposta no passado. A sociedade é um organismo que obedece à lei imutável do progresso; e a mudança, uma mudança criteriosa e cautelosa, é necessária para o bem-estar e, na verdade, para a preservação do sistema social. Seja como for, é algo saber que uma autoridade tão elevada e um hindu tão bom como Swami Vivekananda apoia viagens para países estrangeiros. . . .

9.8.3.7 UM RESUMO DE "BUDDISMO, O CUMPRIMENTO DO HINDUÍSMO"

(Vivekananda em jornais indianos, p. 73.)

[The Indian Mirror, 29 de junho de 1895]

O discurso de Swami Vivekananda, proferido em Chicago na apresentação dos budistas em 26 de setembro de 1893, foi publicado na edição de MacNeely da "História do Parlamento das Religiões". As seguintes foram suas palavras finais: -

Não podemos viver sem você, nem você sem nós. Então acredite que a separação nos mostrou que você não pode permanecer sem o cérebro e a filosofia do Brahman [sic], nem nós sem o seu coração. Esta separação entre o Budista e o Brahman [Brahmin] é a causa da queda da Índia. É

por isso que a Índia tem sido escrava de conquistadores nos últimos 1000 anos. Unamos então o maravilhoso intelecto do Brahman [Brahmin] com o coração, a alma nobre, o maravilhoso poder humanizador do Grande Mestre. [427]

9.8.3.8 FILOSOFIA INDIANA E SOCIEDADE OCIDENTAL

(Vivekananda em jornais indianos, pp. 85-86.)

[O Espelho Indiano, 1º de dezembro de 1895]

Na reunião semanal da Balloon Society, um discurso sobre "Homem e Sociedade à Luz do Vedanta" [428] foi proferido por Swami Vivekananda. O Swami que usava o manto vermelho de sua seita falou com grande fluência e em inglês perfeito por mais de uma hora sem a ajuda de uma única nota. Ele disse que a religião era o fator mais maravilhoso no organismo social. Se o conhecimento fosse o maior ganho que a ciência poderia proporcionar, o que poderia ser maior do que o conhecimento de Deus, da alma, da própria natureza do homem, proporcionado pelo estudo da religião? Não só era impossível que houvesse uma religião para todo o mundo, mas também seria perigoso. Se todo o pensamento religioso estivesse no mesmo nível, seria a morte do pensamento religioso; variedade era sua vida. Havia quatro tipos de religião – (1) a trabalhadora, (2) a emocional, (3) a mística e (4) a filosófica. Infelizmente, cada homem tornou-se tão apegado ao seu próprio tipo que não tinha olhos para ver o que existia no mundo. Ele lutou para fazer outros do mesmo tipo. Seria perfeita aquela religião que desse âmbito a todos os diferentes personagens. A religião Vedanta abrangia tudo, e cada um podia escolher o que sua natureza exigia. Seguiu-se uma discussão.

9.8.3.9 SWAMI VIVEKANANDA NA AMÉRICA

(Vivekananda em jornais indianos, pp. 89-90.)

[The Indian Mirror (do New York Herald),

25 de março de 1896]

Muitas pessoas conhecidas procuram seguir os ensinamentos da Filosofia de Swami Vivekananda.

.

Uma palestra do Swami

Swami Vivekananda sentou-se no centro, vestido com um manto de cor ocre. O hindu teve sua audiência dividida em ambos os lados e havia entre cinquenta e cem pessoas presentes. A aula foi de Karma-Yoga, que tem sido descrita como a realização de si mesmo como Deus por meio de obras e deveres.

Seu tema era: -

“O que vocês plantam, vocês colhem”, seja do bem ou do mal.

Após a palestra ou instrução, o Swami realizou uma recepção informal, e o magnetismo do homem foi demonstrado pela maneira ansiosa com que aqueles que o ouviam se apressaram em apertar a mão ou implorar pelo favor de uma apresentação. Mas a respeito de si mesmo o Swami não dirá mais do que é absolutamente necessário. Ao contrário do que afirmam alguns dos seus alunos, ele declara que veio para este país sozinho e não representando oficialmente qualquer ordem de monges hindus. Ele pertence aos Sanyasis, ele dirá; e, portanto, está livre para viajar sem perder sua casta. Quando lhe é apontado que o hinduísmo não é uma religião de proselitismo, ele diz que tem uma mensagem para o Ocidente assim como Buda tinha uma mensagem para o Oriente. Quando questionado sobre a religião hindu, e questionado se pretende introduzir as suas práticas e rituais no seu país, ele declara que está pregando simplesmente filosofia.

9.8.3.10 SOBRE EDUCAÇÃO

(Vivekananda em jornais indianos, p. 101.)

[The Indian Mirror, 19 de junho de 1896]

Swami Saradananda, em uma carta de Londres escrita ao Editor do Brahnavadin, diz: -

Swami Vivekananda começou muito bem aqui. Um grande número de pessoas assiste regularmente às suas aulas e as palestras são muito interessantes. Canon Haweis, um dos líderes da Igreja Anglicana, veio outro dia e ficou muito interessado. Ele viu o Swami antes, nas feiras de Chicago, e amou-o desde então. Na última terça-feira, o Swami deu uma palestra sobre “Educação” no Clube Sésamo. É um clube respeitável fundado por mulheres para difundir a educação feminina. Nisto ele tratou do antigo sistema educacional da Índia, apontou de forma clara e impressionante que o único objetivo do sistema era "criar o homem" e não abarrotar e comparou-o com o sistema atual. Ele sustentava que a mente do homem é um reservatório infinito de conhecimento, e todo conhecimento, presente, passado ou futuro, está dentro do homem, manifestado ou não, e o objetivo de todo sistema de educação deveria ser ajudar a mente. para manifestá-lo. Por exemplo, a lei da gravitação estava dentro do homem, e a queda da maçã ajudou Newton a pensar sobre ela e a trazê-la de dentro de sua mente. Seus dias de aula foram organizados da seguinte forma: -

Terças-feiras, manhã e noite; Quintas-feiras, manhã e noite; Sexta-feira, aulas de perguntas à noite. Assim, o Swami tem que dar quatro palestras e uma aula sobre questões todas as semanas. Na aula expositiva, ele começou com Gnan [Jnâna-]Yoga. Um relatório resumido destas palestras está sendo feito pelo Sr. Goodwin, que é um grande admirador do Swami, e estas palestras serão publicadas mais tarde.

9.8.3.11 O SWAMI VIVEKANANDA NA INGLATERRA

(Vivekananda em jornais indianos, pp. 493-95.)

[O Brahnavadin, 18 de julho de 1896]

SENHOR,

Tenho certeza de que você ficará feliz em ter uma ideia do progresso do trabalho do Swami na Inglaterra, como suplemento à carta que o Swami Saradananda lhe enviou há algumas semanas. Naquela época, uma série de palestras dominicais estava sendo organizada, e três delas já foram proferidas. Eles são realizados em uma das galerias do Instituto Real de Pintores em aquarela, 191 Piccadilly, e até agora têm sido notavelmente bem-sucedidos em atingir seu objetivo, o de alcançar pessoas que, por uma razão ou outra, não podem assistir às palestras de classe. . O primeiro da série foi "A Necessidade da Religião". [429] O Swami afirmou que a religião é e tem sido a maior força na moldagem dos destinos da raça humana. Com relação à sua origem, ele disse que qualquer uma das duas teorias, (1) Origem do Espírito, (2) Busca pelo infinito, atenderá ao caso, e, em sua opinião, nenhuma contradiz a outra, porque a busca pelos falecidos do Egípcios e babilônios, e a tentativa dos arianos de espiar por trás do véu do amanhecer, da noite, da tempestade ou de outros fenômenos naturais, podem ser incluídas como uma busca pelo supra-sensível e, portanto, pelo ilimitado. Este ilimitado, com o passar do tempo, tornou-se abstraído, primeiro como pessoa, depois como presença e, por último, como essência de toda a existência. Para ele, o estado de sonho é a primeira sugestão de investigação religiosa, e visto que o estado desperto sempre foi, e sempre será acompanhado pelo estado de sonho, uma sugestão de existência mais refinada do que a do estado desperto, embora desaparecendo durante ele, a mente humana estará sempre predisposta a favor da existência espiritual e de uma vida futura. É no nosso estado de sonho que realmente encontramos, em certo sentido, a nossa imortalidade. Mais tarde, à medida que se descobre que os sonhos são apenas manifestações mais brandas do estado desperto, começa a busca por planos ainda mais profundos da mente, o estado superconsciente da mente. Todas as religiões afirmam ser fundadas em fatos descobertos neste estado. Os dois pontos importantes a considerar neste contexto são que todos os factos descobertos desta forma são, no sentido mais elevado, abstrações, e em segundo lugar, que há uma luta constante na corrida para chegar a este ideal, e tudo o que frustra nosso progresso nessa direção que sentimos como uma limitação. Esta luta logo termina na descoberta de que é impossível encontrar felicidade infinita, ou poder, ou conhecimento, ou qualquer outra infinidade, através dos sentidos,

e então começa a luta por outros canais de expansão, e encontramos a necessidade da religião. A segunda palestra foi sobre o tema “Uma Religião Universal”, [430] quando o Swami proferiu, em essência, a palestra que a maioria de seus leitores viu impressa quando foi proferida em Nova York. Como esta palestra pode ser chamada de “plano de campanha” de Swami, sempre aguardamos sua entrega com grande interesse, e é muito encorajador notar que a impressão causada aqui em Londres foi tão boa quanto quando a palestra foi proferida. no Hardman Hall, Nova York. A terceira da série nos trouxe até o último domingo, 21 de junho, quando "The Real and the Apparent Man" (Cf. a transcrição publicada do Sr. J. J. Goodwin "The Real Nature of Man", Complete Works, Vol. 2) foi o assunto em discussão. Nisto o Swami, elo por elo, olhou para o fio de pensamento que gradualmente avançou a partir da consideração dos homens como entidades separadas de Deus e do resto do universo, até o ponto em que admitimos a impossibilidade de mais de um O infinito, e a consequência necessária, aquilo que agora consideramos como homens, como animais, como o universo da matéria, não pode ser a unidade real; que o real deve ser algo indivisível e imutável; e quando a razão nos força a concluir que este mundo fenomenal só pode ser uma ilusão, através da qual nós, como entidades na ilusão, temos que passar para descobrir a nossa verdadeira natureza, "Aquilo que existe é um; os sábios chamam-no de várias maneiras". Mas o Swami não se limitou à teoria; ele mostrou qual seria o efeito prático de tal teoria, a eliminação gradual da sociedade das distinções de classe e das distinções entre homem e homem, por meio de maior altruísmo nas questões de dinheiro e poder. Respondendo à objeção de que tal religião significa perda de individualidade, ele argumentou que aquilo que é mutável não pode ser a individualidade real, e que a descoberta gradual da realidade atrás de nós significaria a assunção da individualidade e não a sua destruição.

As três palestras assim proferidas foram recebidas tão favoravelmente, e houve tantos desejos expressos para sua continuação que mais três palestras serão ministradas. . . .

Atenciosamente

UM DISCÍPULO (Provavelmente Sr. E. T. Sturdy.)

(Correspondência)

63, St.

Londres, SW

23 de junho de 1896

9.8.3.12 NOS ALPES SUÍÇOS

(Vivekananda em jornais indianos, p. 117.)

[O Espelho Indiano, 22 de setembro de 1896]

Swami Vivekananda escreve do Lago Luzern [Lucerna] Suíça, na data de 23 de agosto passado. (Evidentemente, um extrato não publicado de uma das três (1, 2, 3) cartas que o Swami escreveu de Lucerna (Vide "Epístolas", Obras Completas, V e VI).) Ele tem caminhado por várias partes da Cis-Alpina. país, apreciando as agradáveis vistas da natureza que ali existe. Ele diz que o cenário não é em nenhum aspecto menos grandioso que o do Himalaia. Ainda assim, ele destaca dois pontos de diferença entre as duas regiões montanhosas. No primeiro, a colonização rápida e densa tem prejudicado a beleza do lugar. Neste último caso, ainda não se registou uma tendência tão acentuada. O primeiro tornou-se um balneário principalmente para sanatórios e veranistas; e este último principalmente para os peregrinos e devotos. O Swami visitará em breve a Alemanha, onde terá lugar uma entrevista com o Prof. Deussen, após a qual, até 24 de Setembro, regressará a Inglaterra. Para a Índia, muito provavelmente, como ele diz, ele retornará no próximo inverno. Ele pretende residir no Himalaia.

9.8.3.13 "O IDEAL DA RELIGIÃO UNIVERSAL"

(Vivekananda em jornais indianos, pp. 331-33.)

[O Jornal da Sociedade Maha-Bodhi, novembro de 1896]

Recebemos uma cópia de um livreto intitulado “Ideal da Religião Universal”, publicado pela Brahmavadin Publishing Company, Madras. É uma palestra de Swami Vivekananda, proferida na América. A palestra é muito interessante e instrutiva. É uma tentativa de reconciliação entre a diversidade das religiões. Saudamos o folheto como o sintoma dos tempos, pois é evidente, por razões óbvias, que os homens estão a começar a despertar para a importância deste problema da harmonia religiosa. Recentemente, nestes países, líderes de diferentes seitas religiosas tentaram, à sua maneira, reconciliar esta diversidade religiosa, e falharam; eles aspiraram defender os seus dogmas com base em visões distorcidas do sectarismo. Swami Vivekananda propôs uma solução filosófica e ao mesmo tempo muito prática para este problema de harmonia religiosa. Segundo ele, o Vedanta é o elo entre as diferenças religiosas sempre conflitantes. No mundo interno, assim como no mundo externo, existe também a ação centrípeta e centrífuga. Repelimos algo, atraímos algo. Hoje somos atraídos por alguns, amanhã somos repelidos por alguns. A mesma lei não pode ser aplicada em todos os momentos e em todos os casos. “A religião é o lugar mais elevado do pensamento e da vida humana, e aqui o funcionamento destas duas forças foi mais marcante.” À primeira vista, parece que não pode reinar uma harmonia ininterrupta neste plano de luta poderosa. Em cada religião existem três partes: filosofia, mitologia e rituais. Toda religião reconhecida [tem] todas essas três coisas. Mas não pode haver filosofia, mitologia e rituais universais para o mundo inteiro. Onde então a universalidade? Como é possível então ter uma forma universal de religião? “Todos nós ouvimos”, diz Swami Vivekananda,

sobre a fraternidade universal, e como as sociedades se levantam praticamente para pregar isso, fraternidade universal, ou seja, gritamos como homens bêbados, somos todos iguais, portanto, vamos fazer uma seita. Assim que você cria uma seita, você protesta contra a igualdade e, portanto, ela não existe mais. (Cf. a palestra americana, proferida em 12 de janeiro de 1896 (Complete Works, Vol. 2, "The Ideal of an Universal Religion)."

Os maometanos falam de fraternidade universal, mas o que resulta deles na realidade? Ninguém que não seja maometano será admitido na irmandade,

terá a garganta cortada. Achamos que não podemos fazer melhor do que citar suas próprias palavras, nas quais ele, com sua maravilhosa lucidez e profundidade de pontos de vista e com uma mente notavelmente católica, propõe vigorosamente a filosofia da religião universal (Cf. a palestra americana, proferida em 12 de janeiro de 1896 (Complete Obras, Vol. 2, "O Ideal de uma Religião Universal).).

Na sociedade existem várias naturezas dos homens. Alguns são trabalhadores ativos, existe o homem emocional, depois existe o homem místico e por último existe o filósofo. Vivekananda atinge a nota chave de toda a sua filosofia quando declara que a tentativa de ajudar a humanidade a tornar-se maravilhosamente equilibrada em todas essas quatro direções é o seu ideal de religião e esta religião é chamada na Índia de Yoga. O trabalhador é chamado de Karma-yogin; quem busca a união através do amor é chamado Bhakti-yogin; aquele que busca através do misticismo é chamado Raja-yogin; e aquele que busca isso através da filosofia é chamado Jnan[a]-yogin. A religião que tem lugar para homens de todas essas naturezas e uma religião que satisfaz a sede de homens de inclinações diferentes, pode ser a religião universal, e essa religião é o Vedanta. Recomendamos cordialmente este livrinho admirável aos nossos leitores. Pois contém algumas expressões claras e definidas de pontos de vista sobre o problema mais vital que está atraindo a atenção séria dos teólogos. O preço do livro é As. 3, e pode ser obtido no Escritório Brahmavadin, Triplicane, Madras.

9.8.3.14 O BANQUETE PARA RANJIT SINJHI

(Novas Descobertas, Vol. 4, pp. 479-80.)

[O Espelho Indiano, 16 de dezembro de 1896]

No dia 21 deste mês [novembro], o Cambridge "Indian Majlis" ofereceu um jantar de cortesia no University Arms Hotel [em Cambridge] ao Príncipe Ranjit-sinhji e ao Sr. O Sr. Hafiz G. Sarwir, do St. John's College, assumiu a presidência. Estavam presentes cerca de cinquenta indianos e alguns ingleses. . . .

Swami Vivekananda levantou-se em seguida para responder [ao brinde da Índia] em meio a aplausos altos e ensurdecedores. (Não há transcrição literal disponível. Cf. a seguinte reportagem de um jornal indiano de 8 de janeiro de 1897, "The Majlis in Cambridge".) O Swami começou dizendo que não sabia exatamente por que deveria ser escolhido para responder ao brinde, a menos que é porque ele, em tamanho físico, tinha uma notável semelhança com o animal nacional da Índia (risos). Ele desejava parabenizar o convidado da noite e considerou literalmente verdadeira a declaração feita pelo presidente de que o Sr. Chatterjee iria corrigir o erro dos historiadores anteriores da Índia. Pois do passado o futuro deve surgir e ele não conhecia fundamento maior e mais permanente para o futuro do que um verdadeiro conhecimento do que havia precedido antes. O presente é o efeito da infinidade de causas que representam o passado. Eles tinham muitas coisas a aprender com os europeus, mas o seu passado, a glória da Índia que já havia passado, deveria constituir uma fonte ainda maior de inspiração e instrução. As coisas sobem e decaem, há ascensão e queda em todo o mundo. . . . [Veja a citação em bloco em "The Majlis In Cambridge" para o texto restante deste relatório.]

9.8.3.15 O MAJLIS EM CAMBRIDGE

(Vivekananda em jornais indianos, pp. 310-11.)

[O Amrita Bazar Patrika, 8 de janeiro de 1897]

. . . O encontro foi único, pois os índios se reuniram para conversar (no Majlis todos falam) sobre os sucessos de Ranjit Sing[h] e Atul Chandra Chatterjee. É uma pena que o nome do Professor Bose não tenha sido associado aos dois acima; e pensamos que Swami Vivekananda, que esteve presente na ocasião, também mereceu um reconhecimento. Não cometeremos, contudo, o erro de omitir os dois últimos ao observarmos o que os indianos conseguiram realizar no Ocidente.

O que o Swamiji fez foi remover da mente dos americanos a impressão de que os índios eram bárbaros, supersticiosos em suas crenças e viciados em crueldades monstruosas. O advento do Swamiji no Ocidente prestou este

serviço, criou em muitos lugares a impressão de que os indianos não são uma raça inferior, como Sir Charles Elliot os chamou, e que podem, em assuntos como religião e filosofia, dizer coisas que não são conhecidas nem mesmo pelo Ocidente. O advento do Swamiji no Ocidente sem dúvida melhorou o caráter dos indianos no Ocidente. . . .

Disse Swami Vivekananda: -

E embora a Índia esteja hoje caída, ela certamente se levantará novamente. Houve um tempo em que a Índia produziu grandes filósofos e profetas e pregadores ainda maiores. A memória daqueles dias deveria enchê-los de esperança e confiança. Esta não foi a primeira vez na história da Índia que eles ficaram tão baixos. Períodos de depressão e degradação ocorreram antes disso, mas a Índia sempre triunfou no longo prazo e o mesmo aconteceria novamente no futuro. (No momento, não há uma transcrição literal completa disponível. Cf. a reportagem de um jornal indiano anterior de 16 de dezembro de 1896, "O Banquete para Ranjit Sinhji".)

.

9.8.3.16 VIVEKANANDA NO OESTE

(Vivekananda em jornais indianos, p. 312.)

[O Amrita Bazar Patrika, 20 de janeiro de 1897]

Swami Vivekananda recebeu a ovação de um herói conquistador ao voltar para casa. A última vez que ouvimos falar dele em Inglaterra foi quando recebeu um discurso de despedida dos seus discípulos ingleses, que expressaram o seu amor eterno pela Índia. . . .

Ninguém tem conhecimento preciso do que Swami Vivekananda estava fazendo no Ocidente. Ouvimos dizer que ele causou alguma impressão na América e também na Inglaterra. . . .

O Swami está, no entanto, bem consciente da natureza da missão que tem pela frente. Ele diz que o Vedantismo ensina a verdade, que é que o homem é um ser divino e que o mais elevado e o mais baixo são as manifestações do mesmo Senhor. Ele não admite, porém, que o conhecimento por si só seja suficiente para a salvação do homem. Diz ele: -

Mas seu conhecimento não deveria ser uma teoria, mas sim vida. A religião é uma realização, não é conversa, nem doutrinas, nem teorias, por mais belas que sejam. A religião é ser e se tornar, não ouvir ou reconhecer. Não é um consentimento intelectual; mas toda a natureza da pessoa se transforma nisso. Assim é a religião. Através de um consentimento intelectual podemos chegar a uma centena de coisas tolas e mudar no dia seguinte, mas este ser e vir a ser é o que é a religião.

Nos nobres sentimentos acima, o Swami mostra que entende a situação muito bem. Aquilo que produz o renascimento de um homem é a religião. Sob a influência da religião, o homem se torna um ser bem diferente do que era antes. A menos que isso seja resultado de sua religião, sua religião é um mito.

.

9.8.3.17 BHAKTI

(Vivekananda em jornais indianos, pp. 203-4.)

[O Espelho Indiano, 24 de fevereiro de 1898]

Swami Vivekananda tem instado o povo de Lahore e Sialkote sobre a necessidade de trabalho prático. (Cf. "Bhakti" (um relatório do The Tribune), Complete Works, Vol. 3, para uma passagem parafraseada um pouco diferente.) Os milhões de famintos, ele insistiu, não podem viver de especulação metafísica; eles precisam de pão; e em uma palestra que proferiu em Lahore sobre Bhakti, ele sugeriu como a melhor religião para hoje que cada homem deveria, de acordo com suas possibilidades, sair para a rua e procurar Narayans famintos, levá-los para suas casas, alimentá-los e vesti-los. O doador deve dar ao homem, lembrando-se de que ele é o templo mais elevado de Deus. Ele tinha visto caridade em muitos países, e a razão do seu fracasso foi o espírito com que foi realizada. "Aqui, pegue isso e vá embora". A caridade desmentiu seu nome enquanto foi dada para ganhar reputação ou aplausos do mundo.

9.8.3.18 NOSSA MISSÃO NA AMÉRICA

(Vivekananda em jornais indianos, p. 208.)

[O Espelho Indiano, 24 de abril de 1898]

Swami Vivekananda, ao apresentar o palestrante Swami Saradananda, disse:

Senhoras e senhores, – O orador desta noite acaba de chegar da América. Como todos vocês sabem aqui, a América é para o seu país, embora nossos compatriotas, especialmente Swami Dayananda Saraswati, costumavam chamar este país de Patal, habitado por Lapônias, Rakshas e Asurs, etc. (Risos e aplausos). Bem, senhores, seja Patal ou não, vocês deveriam decidir isso vendo aquelas poucas senhoras aqui presentes, que vieram do país do seu chamado Patal, sejam elas Naga Kanyas ou não. (Saúde). Agora, a América é perfeitamente um país novo. Foi descoberto por Colombo, o italiano, e antes disso uma reivindicação prévia é apresentada pelos noruegueses que dizem ter descoberto a parte norte dela, e antes disso há outra reivindicação anterior dos chineses, que em um O tempo pregou a nobre doutrina do Budismo em todas as partes do mundo, e diz-se que missionários budistas também foram enviados da Índia para a América, e especialmente para Washington, onde alguns tipos de registros ainda devem ser rastreados por qualquer viajante indo lá. Bem, a mesa finalmente virou há um século ou mais e, em vez de a América ser descoberta, ela descobre pessoas que passam para ela. (Vivos aplausos). É um fenômeno que observamos todos os dias lá, multidões de pessoas vindo de todas as partes do país [mundo?] e sendo descobertas nos Estados Unidos. É um fato, bem conhecido de todos vocês aqui, que vários de nossos compatriotas foram descobertos dessa maneira. (Saúde). Hoje, apresento aqui diante de vocês um de seus meninos de Calcutá, que foi descoberto de forma semelhante pelos americanos. (Saúde).

9.8.3.19 SWAMI VIVEKANANDA [SOBRE EDUCAÇÃO] EM BELUR

(Vivekananda em Jornais Indianos, p. 215.)

[O Espelho Indiano, 15 de fevereiro de 1901]

Um correspondente escreve: - "O seguinte é um resumo do discurso de Swami Vivekananda feito na Escola Belur M.E. no dia de distribuição de prêmios realizado no dia 22, domingo, quando o Swami foi convidado para presidir. A audiência era composta principalmente por meninos da escola e alguns senhores idosos de Belur."

O estudante moderno não é prático. Ele está bastante indefeso. O que nossos alunos desejam não é tanto musculatura corporal, mas resistência. Eles estão querendo autoajuda. Eles não estão acostumados a usar os olhos e as mãos. Nenhum artesanato é ensinado. O atual sistema de educação inglesa é inteiramente literário. O aluno deve ser levado a pensar por si mesmo e trabalhar por si mesmo. Suponha que haja um incêndio. É o primeiro a avançar e apagar o fogo quem está habituado a usar os olhos e as mãos. Há muita verdade nas críticas dos europeus relativamente à preguiça do bengali, à maneira desleixada de fazer as coisas. Isso pode ser remediado em breve se os alunos aprenderem algum artesanato além do seu aspecto utilitário, é uma educação em si.

Em segundo lugar, quantos milhares de estudantes que conheço que vivem da pior comida possível e vivem nos ambientes mais horríveis, não é de admirar que existam tantos idiotas, imbecis e covardes entre eles. Eles morrem como moscas. A educação que se dá é unilateral, enfraquece, está matando aos centímetros. As crianças são obrigadas a amontoar muita matéria inútil e são encarceradas em cinquenta ou setenta salas de aula cada, cinco horas seguidas. Eles recebem comida ruim. Esquece-se que a saúde futura do homem está na criança. Esquece-se que a natureza nunca pode ser enganada e que as coisas não podem ser empurradas demasiado cedo. Ao dar educação a uma criança, a lei do crescimento deve ser obedecida. E devemos aprender a esperar. Nada é mais importante do que a criança ter um corpo forte e saudável. O corpo

é a primeira coisa a alcançar a virtude. Sei que somos a nação mais pobre do mundo e não podemos dar-nos ao luxo de fazer muito. Só podemos trabalhar nas linhas de menor resistência. Deveríamos garantir pelo menos que os nossos filhos estejam bem alimentados. A máquina do corpo da criança nunca deve se esgotar. Na Europa e na América, um homem com milhões de rúpias envia o seu filho, se estiver doente, para os agricultores, para cultivarem a terra. Depois de três anos ele volta para o pai saudável, rosado e forte. Então ele está apto para ser enviado para a escola. Por estas razões, não devemos forçar ainda mais o atual sistema de educação.

Em terceiro lugar, o nosso carácter desapareceu. A nossa educação inglesa destruiu tudo e não deixou nada no seu lugar. Nossos filhos perderam a educação. Falar bem é degradante. Ser reverente aos mais velhos é degradante. A irreverência tem sido o sinal da liberdade. Já é tempo de voltarmos à nossa antiga educação. Os reformadores não têm nada para dar em lugar do que tiraram. No entanto, apesar do clima mais adverso, etc., conseguimos fazer muito, temos de fazer muito mais. Tenho orgulho da minha raça, não me desespero, vejo diariamente um futuro glorioso e maravilhoso em minhas visões [mentais] servis. Cuidem muito bem destes jovens, dos quais depende o nosso futuro.

9.8.3.20 JANELAS HINDU

(Vivekananda em jornais indianos, p. 458.)

[O reformador social indiano, 16 de junho de 1901]

Tendo surgido uma questão na América sobre a atitude do Swami Vivekananda em relação às questões sociais, uma senhora escreve a um jornal americano o seguinte: "Em uma de suas palestras na Mansão Bolsa, (Provavelmente "Presente da Índia para o Mundo", proferida em 25 de fevereiro, 1895, dos quais não há transcrição literal disponível Cf. dois artigos de jornais americanos publicados em Complete Works, Vol 2, para

relatos um tanto diferentes sobre esta questão.) ele falou das viúvas hindus, declarando ser injusto afirmar que elas. eram geralmente submetidos à crueldade ou opressão nos lares indianos [sic]. Ele admitiu que o preconceito contra o novo casamento e o costume que torna a viúva um membro da família do marido em vez de seus próprios pais infligiram algumas dificuldades às viúvas na Índia. , e favoreceu esforços sábios para a sua educação, o que os tornaria auto-suficientes e, desta forma, aliviaria a sua condição. Ele enfatizou o seu desejo de educação e elevação das mulheres do seu país, incluindo as viúvas, oferecendo-se voluntariamente para dar a totalidade dos rendimentos. de uma de suas palestras em apoio à escola de Babu Sasipada Banerjee, em Baranagar, perto de Calcutá, cuja instituição precedeu a do Pandita Ramabai, em Poona, e onde, se não me engano, a própria Pandita obteve o primeiro inspiração de seu trabalho. Esta palestra foi proferida, e os lucros foram encaminhados para Babu Sasipada Banerjee, e devidamente reconhecidos."

9.8.4 Índice das Fontes das Cartas de Swami Vivekananda no Vol. 9 (Anexo III da versão impressa)

Carta

Fonte do número

1890

1 Udbodhan 43º ano 6ª edição

2 Udbodhan 43º ano 6ª edição

3 Udbodhan 43º ano 6ª edição

4 PB 1977, p. 287

5 Udbodhan 43º ano 6ª edição

6 PB 1978, pp.

1893

7 PB 1979, pp. 24-5

8 PB 1979, p. 25

1894

9 PB 1979, pp. 25-6

10 PB 1979, pp. 311-2

11 PB 1979, pp. 312

12 PB 1979, pp. 312-3

13 PB 1979, pp. 351-2

14 PB 1979, pp. 352

15 PB 1979, pp. 352-3

16 PB 1979, pp. 353-5

17 PB 1979, pp. 394

18 Arquivos VSSC

19 PB 1979, pp. 394-5

20 PB 1979, p. 395

21 PB 1979, p. 396

22 PB 1979, pp. 396-7

23 PB 1979, pp. 433-4

24 PB 1979, pp. 434-5

25 PB 1979, pp. 435-6

26 PB 1979, p. 436

27 PB 1979, p. 470

28 PB 1979, p. 471

29 PB 1980, pp. 69-71

30 PB 1979, pp. 472-3

31 PB 1980, p. 510

32 PB 1980, p. 511

33 PB 1980, p. 511

34 PB 1980, pp. 511-2

35 PB 1981, pp. 311-2

36 PB 1981, pp. 312

37 PB 1981, p. 312

38 PB 1981, p. 313

39 PB 1981, pp. 313-4

40 PB 1981, p. 391

41 ND Vol. 213-4

42 PB 1981, p. 314

43 PB 1981, p. 314

44 PB 1981, pp. 352-3

45 PB 1981, pp. 353-4

46 PB 1981, pp. 354-5

1895

47 ND Vol. 12-3

48 ND Vol. 59-60

49 ND Vol. 64-5

Arquivos 50 BM

51 Arquivos BM

52 ND Vol. 3. pág. 85

53 ND Vol. 3. pág. 86

54 ND Vol. 87-8

55 Arquivos VSSC

56 ND Vol. 137-8

57 ND Vol. 3.93-4

58 spl. Coleção Morris

59 ND Vol. 3. pág. 94

60 spl. Coleção Morris

61 ND Vol. 185-6

62 ND Vol. 186-7

63 ND Vol. 3. pág. 169

64 ND Vol. 187-8

65 ND Vol. 167-8

66 ND Vol. 189-90

67 Arquivos VSSC

68 Arquivos BM

69 ND Vol. 182-3

70 ND Vol. 3. pág. 192

71 Arquivos BM

72 ND Vol. 250-2

73 ND Vol. 3. pág. 331

74 ND Vol. 3. pág. 332

75 Arquivos BM

76 Arquivos VVSC

77 Arquivos VVSC

78 ND Vol. 3. pág. 378

79 PB 1963 p. 151

1896

80 PB 1977, p. 88

81 ND Vol. 3. pág. 386

82 ND Vol. 3. pág. 389

83 Arquivos BM

84 ND Vol. 3. pág. 389

85 ND Vol. 487-8

86 ND Vol. 3. pág. 509

87 PB 1981, pp. 391-2

88 ND Vol. 4. pág. 68

89 ND Vol. 4. pág. 69

90 ND Vol. 128-9

91 ND Vol. 4. pág. 140

92 ND Vol. 4. pág. 148

93 Arquivos VSSC

94 Arquivos VSSC

95 ND Vol. 4. pág. 237

96 ND Vol. 4. pág. 231

97 Arquivos VSSC

Arquivos 98 BM

99 ND Vol. 4. pág. 311

100 ND Vol. 4. pág. 513

101 ND Vol. 4. pág. 513

1897

102 PB 1977, pp. 392-3

103 Vivekananda em jornais indianos p. 123

104 PB 1977, p. 288

105 PB 1977, p. 393

106 Swami Vivekananda: Sua segunda visita ao Ocidente. (Documentos de Sara Chapman Bull) pp.

107 Avadhuta Gita (edição bengali) Pandit Ram Ram Samjam, apêndice

108 PB 1977, p. 353

109 PB 1977, p. 89

110 PB 1978, p. 469-70

111 Arquivos VSC

112 Arquivos VSSC

113 PB 1977, p. 89

114 Belur Matemática

115 PB 1977, p. 394

1898

116 PB 1977, pp. 394-5

117 PB 1977, p. 354

118 PB 1977, p. 395

119 PB 1977, p. 355

120 ND Vol. 59-60

121 Swami Vivekananda – Um capítulo esquecido de sua vida, pp.

122 Arquivos VSSC

123 Arquivos VSSC

124 PB 1977, p. 289

125 ND Vol. 4. pág. 563

126 Swami Vivekananda – Um capítulo esquecido de sua vida, pp.

127 PB 1977, pp. 180-1

128 Swami Vivekananda – Um capítulo esquecido de sua vida, pp.

129 Swami Vivekananda – Um capítulo esquecido de sua vida, pp.

1899

130 Sri Sarada Math, Dakshineswar

131 PB 1977, p. 355

132 PB 1977, p. 435-6

133 Sri Sarada Math, Dakshineswar

134 ND Vol. 254-5

135 Sri Sarada Math, Dakshineswar

136 PB 1981, p. 392

137 Sri Sarada Math Dakshineswar

138 PB 1977, p. 437

139 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente, p. 61

140 PB 1977, pp. 469-70

141 PB 1977, pp. 470-1

142 Arquivos BM

143 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente, pp. 65-6

144 Arquivos VVSC

145 PB 1977, pp. 472-3

146 PB 1981, p. 355

147 PB 1981, p. 356

148 PB 1977, p. 473

149 PB 1977, p. 473-474

150 PB 1977, p. 475

151 PB 1977, p. 475-6

152 PB 1977, p. 511

153 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente

154 PB 1977, p. 512

155 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente

156 PB 1981, p. 356

157 Sri Sarada Math, Dakshineswar

158 BM Arquivos

159 PB 1978, pp. 28-9

160 ND Vol. 5. pág. 211

161 PB 1978, pp. 29-30

1900

162 Udbodhan (data desconhecida)

163 Arquivos VSSC

164 PB 1978, p. 34

165 PB 1978, p. 34

166 PB 1977, pp.

167 PB 1977, p. 356

168 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente, pp.

169 PB 1978, p. 35

170 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente, pp.

171 PB 1978, pp. 69-70

172 PB 1978, p. 70

173 PB 1978, pp. 70-1

174 PB 1978, p. 72

175 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente, pp.

176 ND Vol. 6. pág. 303

177 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente, p. 666

178 PB 1981, pp. 392-3

179 PB 1978, p. 73

180 PB 1967, (março)

181 PB 1977, p. 93

182 PB 1977, p. 356

183 PB 1977, p. 92

184 PB 1978, pp. 74-5

185 PB 1977, pp.

186 VSSC (Coleção Leggett)

187 PB 1977, p. 96

188 PB 1977, p. 97

189 PB 1977, (abril) p. 188 (placa 2)

190 Swami Vivekananda – Um capítulo esquecido de sua vida, pp.

1901

191 PB 1978, p. 470

192 PB 1978, p. 471

193 PB 1977, p. 357

194 PB 1978, pp. 75-6

195 Advaita Ashrama, filial de Calcutá

196 PB 1978, p. 76

197 Sara Chapman Bull Papers

198 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente, p. 256

199 Arquivos VSSC

200 PB 1978, p. 235

201 PB 1978, pp. 230-1

202 PB 1978, p. 231

203 PB 1978, pp. 231-3

204 PB 1978, pp. 234

205 PB 1978, p. 235-6

206 PB 1978, p. 268

207 PB 1977, pp. 390-1

208 PB 1978, pp. 269-70

209 PB 1978, p. 270

210 PB 1978, p. 270-1

211 PB 1978, p. 271-2

212 PB 1978, p. 271-3

213 PB 1978, p. 312

1902

214 PB 1978, pp. 312-2

215 Arquivos VSSC

216 Arquivos VSSC

217 Swami Vivekananda: Sua Segunda Visita ao Ocidente, pp.

218 PB 1977, pp. 391-2

219 PB 1978, p. 313

220 PB 1978, p. 471

221 Arquivos VSSC

222 PB 1978, p. 354

223 PB 1974, (março)

224 PB 1978, pp. 354-5

225 PB 1978, p. 429

226 PB 1978, p. 430

227 PB 1978, p. 430

Abreviações: PB para Prabuddha Bharata, ND para Swami Vivekananda no Ocidente: Novas Descobertas, VVSC para Vivekananda Vedanta Society of Chicago, VSSC para Vedanta Society of Southern California, B.M. Arquivos para Belur Math Archives

NÃO PUBLICADO

10.1 MAHARAJA DE KHETRI

MADRAS

15 de fevereiro [1893]

SUA ALTEZA,

Duas coisas estou dizendo a Vossa Alteza. Um – um fenômeno maravilhoso que vi numa aldeia chamada Kumbakonam, e outro sobre mim mesmo.

Na referida aldeia mora um homem da casta Chetty, geralmente se passando por astrólogo. Eu, com outros dois jovens, fomos vê-lo. Dizia-se que ele contava qualquer coisa em que um homem pensasse. Então, eu queria colocá-lo à prova. Há dois meses sonhei que minha mãe estava morta e fiquei muito ansioso para saber dela. A segunda era se o que meu Guru me disse estava certo. A terceira era uma pergunta-teste – uma parte do mantra budista, em língua tibetana. Essas questões eu decidi dois dias antes de ir para Govinda Chetty. Outro jovem recebeu veneno de uma de suas cunhadas, por mão desconhecida, do qual ela se recuperou. Mas ele queria conhecer o autor daquela entrega.

Quando o vimos pela primeira vez, o sujeito estava quase feroz. Ele disse que alguns europeus vieram vê-lo com o Dewan de Mysore e que desde então através de seu 'Dristee Dosham' ele estava com febre e que não poderia nos dar uma sessão espírita somente se lhe pagássemos 10 Rs., ele consentiria em nos contar nossos 'pranas'. Os jovens que estavam comigo, é claro, estavam dispostos a pagar seus honorários. Mas ele vai para o seu quarto privado e imediatamente volta e me diz que se eu lhe desse algumas cinzas para curá-lo da febre, ele consentiria em nos dar uma sessão espírita. É claro que eu disse a ele que não me orgulho de nenhum poder de cura de doenças, mas ele disse: 'Isso não importa, só eu quero [as cinzas]'. Então eu consenti e ele nos levou para a sala privada e, pegando uma folha de papel, escreveu alguma coisa e entregou a um de nós e me fez assinar e guardar no bolso de um dos meus companheiros. Então ele me disse diretamente: 'Por que você, um Sannyasi, está pensando em sua mãe?' Respondi que até o grande Shankaracharya cuidaria de sua mãe; e ele disse: 'Ela está bem e eu escrevi o nome dela naquele papel que está em poder de seu amigo' e então continuou dizendo: 'Seu Guru está morto. Tudo o que ele lhe disse, você deve acreditar, pois ele era um grande homem', e continuou me dando uma descrição do meu Guru que era maravilhosa e então ele disse: 'O que mais você quer saber sobre o seu Guru?' Eu disse a ele: 'Se você puder me dar o nome dele, ficarei satisfeito', e ele disse: 'Qual nome? Um Sannyasi recebe diferentes tipos de nomes'. Respondi: 'O nome pelo qual ele era conhecido do público', e disse: 'Que nome maravilhoso, já o escrevi. E você queria saber sobre um mantra em tibetano, que também está escrito naquele papel. E ele então me disse para pensar em qualquer coisa em qualquer idioma e contar a ele, eu disse a ele 'Om Namo Bhagavate Vasudevaya', e ele disse:

'Isso também está escrito no papel em posse de seu amigo. Agora tire e veja'. E olha! Maravilha! Estavam todos lá como ele disse e até o nome da minha mãe estava lá!! Tudo começou assim: sua mãe com tal e tal nome está bem. Ela é muito santa e boa, mas está sentindo a sua separação como a morte e dentro de dois anos ela morrerá; então se você quiser vê-la, deve ser dentro de dois anos.

Em seguida foi escrito - seu Guru Ramakrishna Paramahansa está morto, mas ele vive em Sukshma, isto é, corpo etéreo, e está cuidando de você, etc. e então foi escrito 'Lamala capsechua', em tibetano, e finalmente foi escrito 'Em conformidade com o que escrevi, dou-lhe também este mantra que você me daria uma hora depois de ter escrito; 'Om Namó Bhagavate etc.'; e então ele teve o mesmo sucesso com meus amigos. Aí eu vi pessoas vindo de aldeias distantes e assim que ele as vê ele diz: 'Seu nome é tal e tal e você vem de tal e tal aldeia para esse fim'. No momento em que ele estava me lendo, ele se acalmou bastante e disse: 'Não vou aceitar dinheiro de você. Por outro lado, você deve tirar um pouco de 'seva' de mim'. E eu levei um pouco de leite na casa dele e ele trouxe toda a sua família para se curvar diante de mim e eu toquei em algum 'vibhutee' trazido por ele e então perguntei a ele a fonte de seus maravilhosos poderes. Primeiro ele não quis dizer, mas depois de um tempo ele veio até mim [e] disse: 'Maharaj, é "siddhi de mantras" através do "sahaya" de "Devi".' Na verdade, há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que a sua filosofia jamais sonhou - Shakespeare.

A segunda é sobre mim. Aqui está um zamindar de Ramnath, agora hospedado em Madras. Ele vai me mandar para a Europa e, como você já sabe, tenho muita vontade de conhecer esses lugares. Então decidi aproveitar esta oportunidade de fazer uma turnê pela Europa e pela América. Mas não posso fazer nada sem perguntar a Vossa Alteza, o único amigo que tenho na Terra.

Então, por favor, dê sua opinião sobre isso. Quero apenas fazer um pequeno passeio por esses lugares. De uma coisa tenho certeza: sou [um] instrumento nas mãos [de] um poder sagrado e superior. Eu mesmo, não tenho paz, estou queimando literalmente dia e noite, mas de uma forma ou de outra, onde quer que eu vá, centenas e, em alguns [lugares] como em

Madras, milhares viriam até mim dia e noite e seriam curados de seu ceticismo e incredulidade, mas eu...! Estou sempre infeliz!! Seja feita a tua vontade!! Portanto, não sei o que este poder exige de mim, para ser feito na Europa. Não posso deixar de obedecer. 'Seja feita a tua vontade'!! Não há escapatória.

Felicito Vossa Alteza pelo nascimento de um filho e herdeiro. Que o infante príncipe fique quieto como seu nobre pai e que o Senhor derrame sempre suas bênçãos sobre ele e seus pais.

Então irei em duas ou três semanas para a Europa. Não posso dizer nada sobre o futuro do corpo. Só rezo a Vossa Alteza se for apropriado cuidar de minha mãe para que ela não morra de fome.

Ficaria muito grato em obter uma resposta em breve e rogo a Vossa Alteza que mantenha confidencial a última parte desta carta, ou seja, minha ida para a Inglaterra, etc.

Que você seja abençoado por toda a sua vida, você e a sua, é a oração que dia e noite é oferecida por,

VIVEKANANDA

C/o. Esquadrão M. Bhattacharya

Contador Geral Assistente

Monte São Tomé, Madras

10.2 MAHARAJA DE KHETRI

BOMBAIM

22 de maio [18]93

SUA ALTEZA,

Saindo de Khetri, não aconteceu nada de especial para relatar, exceto que tive todo o conforto no caminho, interrompi a viagem em Kharari e depois [fui] para Nariad [Nadiad]. Haridas Bhai foi, como sempre, muito gentil comigo e tivemos muitas e muitas conversas sobre Vossa Alteza, tanto que ele estava realmente muito ansioso para vê-lo e pretende prestar seus respeitos a Vossa Alteza em sua próxima viagem de inverno ao norte. E ouse dizer que Vossa Alteza também ficaria muito satisfeito em ver este velho de grande experiência que foi durante vinte e cinco anos o mentor de Kathiawad. Além disso, ele é o único remanescente da velha escola de políticos muito conservadores. Ele é um homem perfeitamente capaz de organizar e pôr em perfeita ordem uma maquinaria existente; mas ele seria o último homem a dar um passo adiante.

Em Bombaim fui ver meu amigo Ramdas, advogado. Ele é um cavalheiro bastante sentimental e ficou tão impressionado com o caráter de Vossa Alteza que me disse que, se não fosse o meio do verão, preferiria voar para ver tal príncipe.

O pai dele pretende ir para Chicago no dia 31; se assim fosse, iríamos juntos em busca de companhia. Hoje vou comprar alguns baús de aço, etc., e estou apenas esperando o dinheiro de Madras chegar. Embora eu tenha telegrafado para eles de Jeypore, eles ficaram bastante desconfiados e esperaram por minhas futuras comunicações e eu novamente telegrafei para eles e escrevi também .

No caminho tivemos a companhia do Sr. Ramnath, o diretor charan da escola nobre de Jeypore. Ele e eu discutimos quando saí de Khetri pela primeira vez, anos atrás, sobre vegetarianismo. Nesse ínterim, ele procurou alguns escritores americanos e me atacou com seus argumentos. Seu autor, disse ele, provou, para sua satisfação, que os órgãos digestivos humanos, incluindo os dentes, são exatamente iguais aos da vaca. Portanto, o homem foi concebido por natureza para ser um animal vegetariano. Ele é um cavalheiro muito bom e simpático e eu não queria perturbar a sua confiança no aquarista americano, mas uma coisa estava na ponta da minha língua - se o nosso aparelho digestivo é exactamente como o de uma vaca - devemos e devemos ser capazes para comer e digerir grama. Nesse caso, os pobres índios são tolos por morrerem de fome em tempos de fome, enquanto seu

alimento natural, a grama, é tão abundante, e os servos de Vossa Alteza são tolos por servi-lo enquanto precisam apenas subir no outeiro mais próximo e encher a barriga de grama em vez de passar por todos os problemas de servir aos outros!!! Grande descoberta americana, de fato!!! Só espero que o esterco sagrado dessas vacas humanas possa ser de grande utilidade para o maravilhoso autor americano e seu discípulo indiano. Amém. Chega de teoria vaca-humano.

Não encontrei mais nada para anunciar a Vossa Alteza, então, peço que pare por aqui.

Que o doador de todo o bem conceda suas melhores bênçãos a você e aos seus, eu permaneço,

Seu no Senhor,

VIVEKANANDA

10.3 NÃO TINHA CARNES NO JANTAR

(New York Times, 2 de maio de 1894)

Membros do V Club ouvem sobre a dieta vegetariana do Extremo Oriente

O segundo jantar vegetariano do V Club foi realizado no St. Denis Hotel, na Broadway com a Eleventh Street, ontem à noite. Cerca de cinquenta membros estavam presentes.

Apenas vegetais e frutas apareciam no cardápio, e água esterilizada, chocolate, café e chá compunham os bebíveis.

Entre os brindes, várias músicas originais foram interpretadas por J. Williams Macy.

S. C. T. Dodd respondeu ao brinde "Vaidade", e Mary T. Burt, na ausência da Sra. Ella Dietz Clymer, ao de "Virtude".

Swami Vivekananda, um hindu de casta superior, disse que o vegetarianismo teve início na Índia. "É frequentemente afirmado", disse ele, "que porque os hindus acreditam na transmigração de almas, eles não matariam e comeriam animais porque temiam que comessem alguns dos seus antepassados. Não há uma palavra de verdade nesta afirmação. Alguns dos maiores propagandistas do vegetarianismo não acreditam em Deus nem na alma. Portanto, o medo de comer um de seus ancestrais não poderia afetá-los.

“Quase três quartos da população da Índia são vegetarianos. Eles o são porque são gentis demais para matar animais para se alimentar.

"Neste país, quando os animais são feridos, é costume matá-los. Na Índia é regra mandá-los para um hospital. Ao se aproximar de Bombaim, a primeira coisa que o viajante encontra é um hospital para animais muito grande. Esta tem sido a prática há 4.000 anos.

A Sra. J. De La M. Lozier, vice-presidente da Sorosis, falou sobre os pequenos vícios dos homens. O primeiro foi a embriaguez. Os homens voltaram para casa e se esconderam atrás de um jornal. Eles nunca tiveram nada agradável para dizer. Uma mulher casada há quarenta anos disse ao marido: "Gostaria que você me dissesse que me ama. Já faz tanto tempo que você disse isso, que eu gostaria de ouvir como isso soa." Outro vício era a loquacidade ou a repreensão. Talvez este não fosse um vício comum. Mas alguns maridos eram muito gentis quando estavam fora de casa e muito desagradáveis quando estavam perto da lareira. Uma mulher chamou o marido de “anjo da rua”. Quando ele morreu, ela se recusou a usar luto. Outros pequenos vícios eram fumar, usar gírias e falta de sinceridade, ou tentar parecer o que não eram.

St. Clair McKerway respondeu aos argumentos de alguns dos outros oradores com humor.

NOTAS DE RODAPÉ

[1]

Nota do devoto

Marie Louise Burke (Irmã Gargi) faz o seguinte comentário:

Em todos os primeiros relatórios do artigo de Swamiji sobre o Hinduísmo (que ele evidentemente escreveu à mão e entregou à imprensa) a palavra "Pacífico" foi transcrita como "Tasifu", que os repórteres podem ter pensado ser algum mar interior distante do Oriente. mistério e romance. A verdade é que os Ps de Swamiji pareciam Ts; e seu "Pacífico" como "Tasifu". Por algum processo desconhecido, "Tasifu" tornou-se "Sanpo" (um nome tibetano para o rio Brahmaputra) no *Obras Completas*; assim, o "horizonte do Oriente" recuou cada vez mais. Mas, caracteristicamente, Swamiji usou palavras compreensíveis para todos nas suas palestras perante o Parlamento; na verdade, nunca, ao falar ao público (ou, até onde sabemos, em particular), ele foi esotérico ou obscuro. "Pacífico", claro, simples e sensato, foi certamente o que ele escreveu e disse em seu artigo.

Swami Vivekananda no Ocidente – Novas Descobertas, Marie Louise Burke (Vol. 1, página 143).

[2] A distinção entre os três tipos de concentração mencionados nos aforismos 9, 11 e 12 é a seguinte: No primeiro, as impressões perturbadas são meramente retidas, mas não totalmente obliteradas pelas impressões de controle que acabam de surgir; no segundo, os primeiros são completamente suprimidos pelos últimos, que se destacam em grande relevo, enquanto no terceiro, que é o mais elevado, não se trata de suprimir, mas apenas impressões semelhantes se sucedem em fluxo. -Ed.

[3] Os Vedas são divididos principalmente em duas porções: o Karma-kânda e o Jnâna-kânda – a porção do trabalho e a porção do conhecimento. Ao Karma-kanda pertencem os famosos hinos e os rituais dos Brâhmanas. Aqueles livros que tratam de assuntos espirituais além dos cerimoniais são chamados de Upanishads. Os Upanishads pertencem ao Jnana-kanda, ou porção de conhecimento. Não é que todos os Upanishads tenham sido compostos como uma porção separada dos Vedas. Alguns estão intercalados entre os rituais, e pelo menos um está no Samhita, ou porção do hino. Às vezes, o termo Upanishad é aplicado a livros que não estão incluídos nos Vedas – por exemplo, o Gita, mas como regra é aplicado aos tratados filosóficos espalhados pelos Vedas. Esses tratados foram coletados e são chamados de Vedanta.

[4] Diz-se que os Upanishads são em número de cento e oito. Suas datas não podem ser fixadas com certeza – apenas é certo que são mais antigas que o movimento budista. Embora alguns dos Upanishads menores contenham alusões indicando uma data posterior, isso não prova a data posterior do tratado, pois em muitos casos na literatura sânscrita, a substância de um livro, embora de data muito antiga, recebe um revestimento, por assim dizer, de acontecimentos posteriores nas mãos dos sectários, para exaltar a sua seita particular.

[5] Os comentários são de vários tipos, como Bhâshya, Tikâ, Tippani, Churni, etc., dos quais todos, exceto o Bhashya, são explicações do texto ou palavras difíceis no texto. O Bhashya não é propriamente um comentário, mas a elucidação de um sistema de filosofia a partir de textos, cujo

objetivo não é explicar as palavras, mas revelar uma filosofia. Assim, o escritor de um Bhashya expande seu próprio sistema, tomando os textos como autoridades para seu sistema.

Houve vários comentários sobre o Vedanta. Suas doutrinas encontraram sua expressão final nos aforismos filosóficos de Vyasa. Este tratado, chamado Uttara Mimâmsâ, é a autoridade padrão do Vedantismo – ou melhor, é a exposição mais autorizada das escrituras hindus. As seitas mais antagônicas foram compelidas, por assim dizer, a adotar os textos de Vyasa e a harmonizá-los com sua própria filosofia. Mesmo em tempos muito antigos, os comentaristas da filosofia Vedanta formaram-se nas três célebres seitas hindus de dualistas, não-dualistas qualificados e não-dualistas. Os comentários antigos talvez estejam perdidos; mas foram revividos nos tempos modernos pelos comentaristas pós-budistas Shankara, Râmânúja e Madhva. Shankara reviveu a forma não-dualista, Ramanuja, a forma não-dualista qualificada do antigo comentarista Bodhayana; e Madhva, a forma dualística. Na Índia as seitas diferem principalmente na sua filosofia; a diferença nos rituais é pequena, sendo a base de sua filosofia e religião a mesma.

[6]A palavra que é “criação”, na língua inglesa é exatamente “projeção” em sânscrito, porque não existe nenhuma seita na Índia que acredite na criação tal como é considerada no Ocidente – algo que surge do nada. O que queremos dizer com criação é a projeção daquilo que já existia.

[7]A filosofia Vedanta e a filosofia Sankhya são muito pouco opostas uma à outra. O Deus Vedanta se desenvolveu a partir do Purusha do Sankhya. Todos os sistemas adotam a psicologia do Sankhya. Tanto o Vedanta quanto o Sankhya acreditam na alma infinita, apenas o Sankhya acredita que existem muitas almas. De acordo com o Sankhya, este universo não requer nenhuma explicação externa. O Vedanta acredita que existe uma Alma, que aparece como muitas; e nos baseamos na análise do Sankhya.

[8]Um dispositivo de diversão que consiste em uma roda gigante de aço movida a energia, giratória em seu eixo estacionário e carregando vários carros de passageiros equilibrados em torno de sua borda." - Webster, G. W. G. Ferris ergueu o primeiro desse tipo para a Exposição de Chicago de 1893. Na Índia temos um dispositivo de madeira correspondente, muito comum em feiras – Ed.

[9]Pesquisas posteriores mostraram que embora Shri Ramakrishna fosse quase analfabeto no sentido ocidental, ele sabia ler e escrever bengali.

[10]Naquela época, o nome de Swami Vivekananda era escrito de várias maneiras pelos jornais dos EUA, e as reportagens eram imprecisas principalmente devido à novidade dos assuntos.

[11]Os repórteres americanos acrescentaram todos os tipos de epítetos como "Rajá", "Brâmane", "sacerdote", etc., pelos quais só eles eram responsáveis.

[12]Embora em alguns pontos, como será visto, o repórter infelizmente falhou em seguir o argumento de Swamiji a respeito da conversão, ele capturou o suficiente para permitir que o leitor que está familiarizado com o pensamento de Swamiji compreendesse seu significado.

[13]É bastante improvável que Swamiji tenha feito a observação que lhe foi atribuída a respeito do casamento de monges. Isto deve ter sido uma aberração por parte do repórter, pois, como é bem sabido, se um sannyasin toma uma esposa, ele é considerado pela sociedade hindu como uma pessoa decaída e fora dos limites.

[14] Esta purificação dos elementos, conhecida como Bhuta-shuddhi, faz parte do culto ritualístico. O adorador tenta sentir que está dissolvendo terra, água, fogo, ar e éter com suas essências sutis e os órgãos dos sentidos na mente. A mente, o intelecto e o sentido do ego individual fundem-se em Mahat, o ego cósmico; Mahat é dissolvido em Prakriti, o poder de Brahman, e Prakriti se funde em Brahman, a Realidade última. A Kundalini, o poder enrolado na base da coluna vertebral, em seus pensamentos é conduzido ao centro mais elevado de consciência no cérebro, onde ele medita em sua unidade com o Espírito supremo.

[15] Este texto foi traduzido para o alemão por Brugsch, *O mundo da tumba egípcia*, pp. 39, 40, e para o francês por Maspero, *Estudos Egípcios*, vol. I., pp.

[16] *OM agnimiile purohita.m yajnasya devamRitvijam. hotaara.m ratnadhaatamam.. R^igvedaH. 1. 1. 1.* (Sânscrito no formato ITRANS)

[17] *OM ishhetvorjetvaa vaayavaH sthopaayavaH stha devo vaH savitaa praapayatu shreshhThatamaaya karmaNe. yajurvedaH. 1. 1. 1.* (Sânscrito no formato ITRANS)

[18] *OM shanno deviirabhiishhTaye aapo bhavantu piitaye sha.myorabhisravantu naH.. atharvavedaH. 1. 1. 1.* (Sânscrito no formato ITRANS)

[19] “Mas também (as pessoas que estão) entre (estão qualificadas para o conhecimento); pois isso é visto (nas Escrituras).” – III. 4. 36. Uma pessoa, mesmo que não pertença a um Ashrama (não possuindo os meios que lhe dêem direito a um ou outro dos Ashramas, estágios da vida) e, portanto, esteja entre eles, por assim dizer, está qualificada para o conhecimento de Brahman; pois encontramos passagens bíblicas declarando que pessoas de tal classe possuíam o conhecimento de Brahman. Vide Chhand. Upa. 4. eu; Bri. Upa. III. vi. e viii.

[20] “(O sábio) não deve perturbar o entendimento dos ignorantes, apegados à ação.” A linha também ocorre no Gita (III. 26).

[21] Quando uma noiva é trazida à casa de seu marido pela primeira vez, ele lhe mostra uma pequena estrela, chamada Arundhati. Para fazer isso, ele tem que direcionar o olhar dela para a direção certa, o que ele faz pedindo que ela olhe para algo próximo e grande na direção da estrela, por exemplo, um galho de uma árvore. Em seguida, ele chama a atenção dela para uma grande estrela brilhante observada além deste galho e assim por diante, até que, através de vários passos, ele consegue direcionar os olhos dela para a coisa certa. Este método de conduzir a um objeto sutil através de passos fáceis e graduais é chamado Arundhati Nyaya.

[22] Agnivarna era um príncipe da raça Solar, que nunca saía do serralho e morreu de tuberculose devido à indulgência excessiva.

[23] O grande rei Asoka foi inicialmente chamado de Chandashoka, ou seja, Asoka feroz, por causa de sua ascensão ao trono matando seu irmão e seus outros atos cruéis. Após nove anos de reinado, ele se converteu ao budismo e seu caráter passou por uma transformação completa; ele passou a ser conhecido por suas boas ações pelo nome de Dharmashoka, Virtuoso Asoka.

[24]Supressão de qualquer faculdade corporal, causando assim a ruína de uma pessoa, removendo-a de uma posição, subjugando-a e obtendo domínio sobre ela, e matando-a por meio de encantamentos mágicos.

[25]Extraído dos conhecidos versos didáticos do estadista-Pandit, Chânakya, que diz assim: "Que o pai trate com ternura o filho até os cinco anos, que ele (o pai) o repreenda (o filho) pelos próximos dez anos; quando o filho atinge a idade de dezesseis anos, o pai deve tratá-lo como seu amigo."

[26]Sua história ocorre no*Bhagavata*. O rei Vena considerava-se superior a Brahmâ, Vishnu e Maheshvara, e declarou conseqüentemente que toda adoração deveria ser oferecida a ele. Os Rishis uma vez o procuraram e tentaram através de bons conselhos fazê-lo desistir de tal egoísmo, mas ele em troca os insultou e ordenou que o adorassem, e então, dizem, ele foi destruído pelo fogo da ira dos Rishis.

[27]O socialismo nasceu em 1835 d.C. O iniciador do anarquismo foi Bakunin, que nasceu em 1814 d.C. O niilismo foi inaugurado na Rússia em 1862.

[28](1) O pai de Vasishta era Brahmâ e a mãe desconhecida. (2) A mãe de Narada era uma empregada doméstica e pai desconhecido. (3) A mãe de Satyakama Jabala era uma empregada doméstica, de nome Jabâlâ, e pai desconhecido. (4) O pai de Vyasa era um sábio brâmane Parâshara, e sua mãe Matsyagandhâ, a filha virgem de um pescador. (5) O pai de Kripa era um sábio brâmane, Sharadvân Gautama, e sua mãe era a deusa Jânapadi. (6) O pai de Drona era o sábio brâmane Bharadvâja, e sua mãe era a deusa Ghritâchi. (7) A mãe de Karna era Kunti, que concebeu durante sua virgindade, e pai do deus sol. Para informações detalhadas, veja os relatos de seus nascimentos: para (1), ver capítulo 174, Âdiparva, Mahabharata, ou em Rigveda, 7, 33, 11-13; para (2), capítulo 6, Skandha I,*Srimad-Bhagavata*, para (3) seção 4 Prapâthaka iv, Chhândogya Upanishad; para (4), (5), (6) e (7) capítulos 105, 130, 130 e 111, respectivamente do Âdiparva do Mahabharata.

[29]Em sua ansiedade para salvar sua reputação, Kunti jogou o recém-nascido Karna na água. Um cocheiro encontrou a criança em condições lamentáveis e o adotou como filho.

[30]"Neti, Neti", "Isso não, isso não." Brahman não pode ser descrito de forma positiva.

[31]Uma fabulosa montanha de sândalo no sul. Conseqüentemente, a brisa da Malásia significa uma brisa perfumada do sul.

[32]Um besouro parecido com uma abelha, que vive exclusivamente de mel.

[33]O tempo da destruição cósmica.

[34]style='font-size:12.0pt'> Uma espécie de fruta de uma rica cor vermelha.

[35]Ela com cabelos despenteados, nome de Kâli, a Divina Mãe do Universo.

[36]Literalmente, aquele que está enfeitado com flores silvestres. O pastor Krishna em seu aspecto do esporte juvenil.

[37]A ideia é que só os corajosos podem ser compassivos, e não os covardes.

[38]A roda de nascimento e morte constantes, daí o mundo.

[39]O local da cremação.

[40] O Escuro, Kali.

[41] O nome de uma fabulosa montanha em torno da qual dizem que giram os planetas.

[42] Isabelle McKindley. Swamiji teve prazer em provocar gentilmente as irmãs Hale (das quais Isabelle era uma) sobre seu estudo e prática da Ciência Cristã. Ele escreveu esta breve nota de Nova York, e nela zombou maliciosamente da prática dos “cientistas” de nunca confessar a doença.

[43] Sra. Dora Rosthlesberger, uma ocultista que apresentou a Srta. MacLeod e a Sra. Sturges a Swami Vivekananda.

[44] Acampamento do Sr. Leggett em New Hampshire. A partir daqui, Swami Vivekananda foi para o Thousand Island Park.

[45] Mahendra Nath Gupta, autor do *Evangelho de Sri Ramakrishna*.

[46] Sr. Okakura era carinhosamente chamado assim. "Kura" aproximando-se de "Khurhâ" em bengali, que significa tio; Swamiji, por diversão, o chama de tio.

[47] Literalmente, 'semelhante a uma abelha'. O sistema de mendigar a comida aos poucos em várias casas, para não sobrecarregar o chefe de família, como uma abelha colhe mel de flores diferentes.

[48] Lord Curzon, que tomou medidas para elevar o padrão da educação universitária a um nível tão alto que a tornou muito cara e, portanto, quase inacessível aos meninos da classe média.

[49] Certa vez houve uma briga entre Shiva e Rama. Shiva era o Guru de Rama, e Rama era o Guru de Shiva. Eles brigaram, mas tornaram-se amigos novamente. Mas não houve fim para as brigas e disputas entre os demônios de Shiva e os macacos de Rama.

[50] Ou seja, hipócrita religioso. A garça, segundo a história, revelou aos peixes que havia abandonado seu antigo hábito de pescar e se tornado altamente religioso. Então ele ficou à beira da água e fingiu estar meditando, quando na realidade estava sempre esperando a oportunidade de pegar o peixe incauto.

[51] *siitaamaadaaya baahubhyaa.m madhurmaidrayaka.m shuchi.*

paayayaamaasa kaakutsthaH shaciimindro yathaamR^itam..

maa.msaani ca sumR^ishhTaani vividhaani phalaani ca.

raamasyaabhyavahaaraartha.m ki.mkaraastuurNamaaharan..(Sânscrito no formato ITRANS)

- "Abraçando Sitâ com ambos os braços, Kâkutstha (Râma) a fez beber vinho Maireya puro, assim como Indra faz Shachi beber néctar.

Os servos rapidamente serviram carne preparada de várias maneiras e frutas de vários tipos para o uso de Rama." (Ramayana - Uttarakanda 42.18-20)

[52] *ubhau madhvaasavakshhiptaavubhau candanaruushhitau.*

sragvinau varavastrau tau divyaabharaNabhuushhitau..(Sânscrito no formato ITRANS)

- "(Eu vi) ambos (Krishna e Arjuna) bêbados com Madhvâsava (licor doce e espirituoso feito de mel), ambos adornados com pasta de sândalo, enfeitados com guirlandas e usando roupas caras e

belos ornamentos." (Mahabharata - Udyoga, LVIII. 5)

[53] *suraaghaTasahasreNa maa.msabhuutaudanena ca.*

yakshhye tvaa.m priiyataa.m devi purii.m punarupaagataa..(Sânscrito no formato ITRANS)

– “Tenha misericórdia de nós, ó deusa, e eu, ao voltar para casa, te adorarei com mil potes de araca (licor espirituoso) e arroz bem temperado com carne.” (Ramayana - Ayodhyakanda 55.19-20)

[54] As cartas 1 - 4, 6 - 14, 16 - 22, 24 - 26, 29 - 33 e 124 são traduzidas de cartas bengalis escritas para Pramadas Mitra de Varanasi, um hindu ortodoxo, por cuja profunda erudição e piedade Swamiji tinha a mais alta consideração. Estas cartas são muito interessantes por terem sido escritas (exceto a última) numa época em que, após o falecimento de seu Mestre, Swamiji levava uma vida de monge errante. Nos primeiros dias, ele costumava assinar seu nome como Narendranath, embora seu agora famoso nome, Vivekananda, esteja impresso em todas essas páginas para facilitar a compreensão.

[55] Shankarâchârya em seu comentário sobre o *Vedanta-Sutras*, 1. iii. 34-37, interpreta os aforismos para provar que a sabedoria Upanishad foi transmitida a Janashruti e Satyakama, apenas porque eles foram ~~nao~~ Shudras, conforme confirmado por textos reais. Mas como estes textos são duvidosos mesmo após a explicação de Shankaracharya, Swamiji quer ser encaminhado para outros textos védicos semelhantes.

[56] "*jagadvyaapaaravarjam prakaraNaadasa.mnihitvatvaacca*" - "Tendo em conta o contexto que atribui a função tríplice relativa ao universo apenas a Deus, e porque o fato de sua distinção mental consciente ocorre entre essa função e seu estado liberado, temos que concluir que o estado de liberação final ou Mukti, no caso dos homens, é desprovido da capacidade de criar, preservar e dissolver o universo." Portanto, se esta capacidade é reservada apenas para Deus, o que isso significa, pergunta Swamiji, ao dizer que no Nirvana o humano se funde completamente no Divino? Devemos lembrar que muitas das questões aqui refletem os estágios intelectuais através dos quais Swamiji estava alcançando naqueles dias aquela plenitude de sabedoria Vedanta que seria sua nos anos futuros. Também encontramos um vislumbre dos processos através dos quais o seu intelecto crescia em direcção a uma compreensão mais completa das nossas antigas escrituras e costumes.

[57] Kapila é tão falado no Shvetâshvatara Upanishad, V.2 Em seu comentário sobre *Vedanta-Sutras*, II. eu. 1, Shankara duvida da identidade do Kapila Védico com o Sankhyan Kapila.

[58] Madhuparka era uma cerimônia védica, geralmente em homenagem ao convidado, na qual era feita uma oferenda respeitosa composta, entre outras guloseimas, de carne bovina. O texto que Swamiji cita parcialmente proíbe tal alimento. O texto completo significa que no Kali-Yuga os seguintes cinco costumes devem ser abandonados: O sacrifício de cavalo, cerimônias de matança de vacas, oferendas de carne em Shraddha, Sannyasa, e manutenção da linha de descendência através do irmão mais novo do marido em caso de fracasso através do marido.

[59] Em sua ansiedade de defender a pureza da religião védica contra os excessos do tantrismo, que capturava as bases de seus compatriotas, Shankara negligenciou o problema destes últimos, estigmatizados como Shudras pelos vedicistas. Este é talvez o significado de Swamiji. Parece que ele

nunca poderia perdoar Shankara por ter aplicado em seu comentário sobre o *Brahma-Sutras* da velha lógica de proibir rituais védicos aos Shudras até a questão mais moderna de seu direito a modos mais elevados de adoração (Upâsanâ) e conhecimento (Jnâna) do Jnâna-kânda.

[60] Ex-Dewan de Junagarh. Pouco antes de Swamiji deixar a Índia e ir para a América, ele conheceu intimamente esse cavalheiro e foi apresentado por ele a muitos príncipes indianos.

[61] Girish Chandra Ghosh, o grande ator-dramaturgo de Bengala e um devoto convicto de Shri Ramakrishna.

[62] Por algum tempo depois dos discursos em Chicago, Swamiji deu palestras em nome de um escritório de palestras. Ele logo desistiu de restringir sua independência e dedicou a maior parte do dinheiro assim ganho a várias obras de caridade nos EUA e na Índia.

[63] Ave do folclore bengali que, segundo a lenda, vive exclusivamente na atmosfera e cujos ovos, depositados no alto, eclodem durante a queda acentuada em direção ao solo, e os filhotes voam para cima antes de tocarem a terra. Shri Ramakrishna costumava comparar as almas eternamente liberadas a esses jovens pássaros.

[64] Os Cristãos Ortodoxos rotulam os Hindus e pessoas de outras religiões com este nome e olham para eles com desprezo.

[65] Um desdobramento do Vaishnavismo degenerado, chamando Deus de "Kartâ" ou Mestre, e conhecido pela eficiência na cura pela fé.

[66] O Rei dos Asuras e filho do santo Prahlâda. Ele foi até Brahma em busca de autoconhecimento, mas a má compreensão de Seus ensinamentos o tornou materialista. (Chhândogya Upa., VIII).

[67] A partir de evidências internas, parece que a carta nº 54 foi escrita no início de 1894, pois se refere às "ações de Mazoomdar" e ao frio "tornando-se escasso aos poucos".

A carta seguinte deve ter sido escrita em março ou abril de 1894, como inferimos da biografia bengali de Swami Akhandananda.

A carta número 56 pertence ao verão de 1894, pois foi escrita após o festival de Shri Ramakrishna.

A carta número 75 pertence muito provavelmente ao início de 1895, pois dá instruções sobre a celebração do aniversário de Shri Ramakrishna naquele ano; fala também do retiro do inverno e refere-se a certos livros a serem enviados por Sanyal (ver cartas LIX e LXXIII).

A ordem destas cartas, no entanto, não é alterada na ausência de provas mais convincentes.

Agosto de 1963. - Editor

[68] As quatro castas principais, a saber, Brahmin, Kshatriya, Vaishya e Shudra.

[69] As quatro ordens de vida, a saber: Brahmacharya, Gârhashthya, Vânaprastha e Sannyâsa.

[70] Por algum tempo, Shri Ramakrishna se vestiu de mulher e praticou Sâdhanâ concebendo-se como mulher para se livrar da ideia sexual.

[71]Aceso. Criança Krsna. O Swami refere-se ao nascimento de uma menina no lugar de um filho esperado.

[72]Esta é a última carta escrita para Pramada Das Mitra. É um desafio ousado ao antigo amor e comunhão espiritual das duas mentes representativas daquela época e, como tal, Swamiji expõe o seu próprio caso em todas as suas tendências e tendências extremas, de modo a exigir do seu correspondente uma profundidade sincera de amor e do poder de harmonizar.

[73] *yaavaanartha udapaane sarvataH sa.mplutodake.*

taavaansarveshhu vedeshhu braahmaNasya vijaanataH..(Sânscrito em ITRANS fromat) (Gita II. 46.)

[74]Mahendra Nath Gupta ou "Mestre Mahashaya", gravador de *Sri Ramakrishna Kathamrita*, ou o *Evangelho de Shri Ramakrishna*, em bengali.

[75]Durgacharan Nag, o grande santo e alma aperfeiçoada, vivendo como chefe de família, que refletiu maravilhosamente em sua vida – em muitas de suas fases – a grandeza do Mestre, Shri Ramakrishna.

[76]Na antiga tradição indiana, Virochana foi o primeiro grande rei dos Asuras, possuindo poderes sobrenaturais. Investigações recentes na mitologia assíria provam a existência de uma tradição na história assíria sobre tal rei, chamado Berosus em certas genealogias antigas.

[77]O famoso ator e dramaturgo de Bengala e um dos principais devotos de Shri Ramakrishna.

[78]Do Hino de Vyâsa a Vishvanâtha, que significa "cujos cabelos emaranhados ficam encantadores com as ondas do Ganga brincando entre eles".

[79] *patati patatre vicalati patre sha~Nkitabhavadupyanam.*

racayati shayana.m sacakitanayana.m pashyati tava panthaanam..(Sânscrito no formato ITRANS)
- "Ao voar de um pássaro ou ao agitar de uma folha, ela imagina que você está chegando; ela arruma sua cama com os olhos todos alertas olhando para o caminho por onde você viria."

[80] *vidyudvanta.m lalitavasanaaH sendracaapa.m sacitraaH*

sa~Ngiitaaya prahatamurajaaH snigdhagambhiiraghoshham.

antastoya.m maNimayabhuvastu~Ngamabhra.m lihaagraaH

praasaadaastvaa.m tulayatumala.m yatra taistairvisheshhaiH..(Sânscrito em ITRANS)

– “As mansões daquela cidade podem muito bem ser comparadas a você, ó nuvem, há correspondência nas características: enquanto relâmpagos brincam dentro de você, eles têm donzelas vestidas de maneira encantadora movendo-se dentro deles; enquanto você tem o arco-íris, eles têm suas pinturas você tem seu estrondo profundo e ondulante, eles têm seus tambores soando música, você contém água transparente dentro de você, eles têm seu interior enfeitado com gemas transparentes, você voa tão alto, seus telhados também beijam o céu" (*Meghaduta*, II. 1).

Kalidasa apresenta assim sua descrição dos prazeres de Alakâpuri. Portanto, a referência aqui não é apenas ao primeiro versículo citado, mas também a toda a descrição que se segue.

[81]Panchavati é um bosque de cinco árvores especiais arranjadas e cultivadas para servir a propósitos de prática espiritual. A Vilva também é uma árvore sagrada desse tipo.

[82]Este termo usado para designar pessoas vindas de Bengala Oriental costuma ter um tom de escárnio. Mas no caso do discípulo, muito fácil e naturalmente tornou-se um termo de carinho peculiar. -Ed.

[83]Referindo-se, isto é, a alguns passos da cerimônia védica de iniciação de um brâmane.

[84]O presente especial que um discípulo deve dar ao seu Guru como símbolo da relação mútua que está sendo consumada.

[85]Ghatâkâsha e Mahakâsha são termos técnicos no Vedanta, significando o espaço fechado pelo jarro e o onipresente. Os dois são um e o mesmo, apenas o primeiro é limitado pelo Upâdhi (adjunto) do Ghata ou jarro.

[86]Isso não é totalmente correto, pois sabe-se que pelo menos mais dois discípulos, a saber, Nityagopal Goswami e Pundit Kaliprasad Chakravarty, vieram de Dacca. -Ed.

[87]No sentido de que um conhecedor de Brahman pode declarar sua identidade com qualquer ser, como Manu e assim por diante. Veja o *Vedanta-Sutra* eu. 30.

[88]Mathura Nath Biswas, genro de Rani Rasmani, fundadora do templo de Dakshineswar.

[89]Com seu egoísmo perfeitamente imerso na consciência da Mãe, o uso da palavra “aqui” por Shri Ramakrishna muitas vezes representaria a referência comum ao eu. Por “aqui” evidentemente se entende o centro da auto-revelação da Mãe.

[90]À medida que muitas novidades surgiram posteriormente, um novo volume foi adicionado à série, e a maioria dos volumes existentes foi aumentada em tamanho. - EDITOR

[91]Isso foi descontinuado, pois cada um dos novos *ampliados* volumes tem um índice separado. - EDITOR

[92]Parses, os seguidores de Zoroastro que ensinaram que toda a criação surgiu de dois princípios primários, sendo um deles chamado *Ormuzd* (o princípio do Bem) e o outro *Ahrimã* (o princípio do Mal).

[93]A mãe macaca gosta muito de seus filhotes, mas se uma placa de ferro esquentar sob seus pés e ficar insuportável, ela joga o bebê no chão e fica em cima dele para se salvar.

[94]Como o conhecedor só pode conhecer o seu reflexo e não a si mesmo, ele é sempre incognoscível. Assim, o conhecimento é distinto e separado do conhecedor e, como tal, é um pensamento externalizado ou um pensamento situado fora do conhecedor como uma entidade separada. Visto que o conhecedor atende pelo nome de Espírito, aquilo que é distinto e separado dele deveria receber o nome de Matéria. Por isso o Swami diz: “A matéria é apenas pensamento externalizado”.

[95]O infinito é um sem segundo, sempre indivisível e não manifestado. Por “manifestação infinita” o Swami quer dizer o universo, tanto visível quanto invisível. Embora seja composto de inúmeras

formas que são limitadas pela sua própria natureza, ainda assim, como um todo, é sempre infinito, ou melhor, até mesmo uma parte dele é infinita, pois cada porção está inseparavelmente unida a ele.

[96]A influência do Hinduísmo sobre o Maometismo na Índia deu origem à seita conhecida como Sufis.

[97]Nome de uma ordem militar e religiosa existente na Síria no século XI e notória pelo número de assassinatos secretos cometidos pelos seus membros em obediência à vontade do seu chefe. O significado literal da palavra é “comedor de haxixe” e foi aplicado à ordem por causa do uso habitual desta droga especial para fortalecer os assassinos para sua tarefa.

[98]Como toda a criação existente no espaço, no tempo e na causalidade nunca pode existir além da mente ou da memória, manifestando-se como pensamento, sentimento e vontade, todo o espaço, tempo e causalidade devem estar nela. Portanto, a mente é onipresente. A mente individual é uma porção da mente onipresente ou universal.

[99]Descubra que a relação entre você e a máquina é como entre um trabalhador e seu instrumento. Nunca se identifique com isso.

[100]Assim como no ataque a um forte, noventa entre cem soldados podem morrer, e os dez restantes podem vencer. É apenas numa sociedade com ideais muito elevados que nascem tais grandes almas, mas as massas, não conseguindo viver de acordo com esses ideais, degradam-se.

[101]Certa vez, um homem pobre foi capaz de propiciar um certo deus que lhe deu três bênçãos para pedir junto com três lançamentos de dados. O homem feliz comunicou esta notícia à sua esposa, que imediatamente lhe disse para buscar a riqueza primeiro. A isso o homem disse: "Nós dois temos narizinhos muito feios, por isso as pessoas riem de nós. Vamos primeiro escolher lindos narizes aquilinos." Mas a esposa queria primeiro a riqueza e então agarrou a mão dele para impedi-lo de jogar os dados. O homem rapidamente retirou a mão e imediatamente jogou os dados, exclamando: "Vamos ambos ter narizes lindos e nada além de narizes." De repente, seus corpos ficaram cobertos por muitos narizes lindos, mas eles provaram ser um incômodo tão grande para eles que ambos concordaram em atirar pela segunda vez, pedindo sua remoção. Estava feito, mas eles também perderam seus pequeninos com isso! Havia apenas mais um benefício a pedir. Tendo perdido o nariz, eles pareciam mais feios do que antes. Eles queriam ter dois lindos narizes, mas temiam ser questionados sobre sua transformação, para que não fossem considerados por todos como dois grandes tolos que não conseguiriam consertar suas circunstâncias nem com a ajuda de três bênçãos. Então, os dois concordaram em recuperar seus narizinhos feios e os dados foram lançados de acordo.

[102]Um doce geralmente com cerca de cinco centímetros de comprimento, feito principalmente de queijo fresco frito em ghee e colocado em calda.

[103]Tio dos irmãos Pândava e personagem santíssimo, considerado uma encarnação do Dharma.

[104]Um homem havia plantado um lindo jardim onde um dia uma vaca se perdeu e causou muitos ferimentos. O homem furioso deu alguns golpes na vaca que a matou. Então, para evitar o terrível pecado, ele pensou em um truque; sabendo que Indra era a divindade presidente da terra, ele tentou

colocar a culpa nele. Indra percebendo seu sofisma apareceu em cena disfarçado de brâmane e por meio de uma série de perguntas extraiu dele a resposta de que cada item relacionado ao jardim era obra do próprio homem; então Indra expôs sua astúcia com a observação cortante: "Bem, tudo aqui foi feito por você, e somente Indra é responsável pela morte da vaca, eh!"

[105] Certa vez, um brâmane, desejoso de ir à casa de um discípulo, precisava de um cule para carregar sua carga. Não encontrando ninguém pertencente a uma boa casta, finalmente pediu a um sapateiro que exercesse a função. O homem inicialmente recusou, alegando que era um homem pertencente à casta intocável. Mas o brâmane insistiu em enfrentá-lo, dizendo-lhe que ele escaparia da detecção mantendo-se em silêncio absoluto. O homem foi finalmente persuadido a ir e, quando o grupo chegou ao destino, alguém pediu ao criado-sapateiro que tirasse um par de sapatos. O servo que achou melhor ficar calado, conforme as instruções, não prestou atenção à ordem, que foi repetida, ao que o homem, irritado, gritou: "Por que não me ouve, senhor? Você é sapateiro?" "Ó Mestre", exclamou o perplexo sapateiro, "fui descoberto. Não posso ficar mais tempo." Dizendo isso, ele imediatamente seguiu em frente.

[106] O almanac bengali faz uma previsão da precipitação anual, mas não sai uma gota ao apertar suas páginas! Da mesma forma, as escrituras são inúteis, a menos que suas verdades sejam percebidas em vida.

[107] Reverendo R. A. Hume, Diretor de uma Missão na Índia, que escreveu a Swami Vivekananda de Auburndale, Massachusetts, em 21 de março de 1894, numa tentativa óbvia de atraí-lo para um debate público. O Sr. Hume nasceu na Índia e começou sua carta com "Swami Vivekananda, meu compatriota da Índia". Sua tese era que os Missionários estavam justificados no que fizeram na Índia e na forma como falaram sobre ela no exterior e que Swamiji estava deturpando a Índia e os Missionários Cristãos em Detroit e outros lugares nos EUA - Ed.

[108] O silêncio dela após enviar a Swamiji o artigo no jornal de Boston foi certamente mal interpretado por ele, mas permaneceu o fato de que, assediado por todos os lados, ele pensou que a Sra. Bagley havia perdido a fé nele, e isso certamente deve tê-lo magoado profundamente. -Ed.

[109] Leon Landberg, discípulo do Swami que viveu com ele por algum tempo.

[110] Diwanji nunca visitou os EUA. A hora e o local informados por seus parentes estão obviamente errados.

[111] Aqui o Swami está se referindo a Kumbhakarna, o irmão do vilão Ravana do Râmâyana. Ele era de uma natureza tão letárgica e maligna que Brahmâ concedeu-lhe a bênção de que ele dormisse seis meses seguidos. Colocar óleo de mostarda nas narinas é considerado uma ajuda para dormir profundamente.

"Cruzando sete mares e treze rios" é uma frase bengali que significa viajar uma grande distância. Sri Lanka é o antigo nome da ilha do Sri Lanka e foi a capital do reino de Ravana.

[112] O mais velho de três irmãos (Tulsiram, Baburam e Shantiram) e uma irmã (Krishnabhavini), casado com Balaram Bose.

[113] Uma capa de sapato impermeável.

[114]Sra. John Judson Bagley (1833 – 1898) foi uma das mulheres mais influentes de Detroit, que conheceu Swami Vivekananda no Parlamento das Religiões em Chicago. Ela era uma grande admiradora e apoiadora do Swami e foi sua anfitriã durante esse período. Ela o homenageou com uma enorme recepção de gala para a qual a elite de Detroit foi convidada.

[115]O Slayton Lyceum Lecture Bureau de Chicago, com quem o Swami assinou um contrato de três anos. Mais tarde, ele quebrou o contrato ao perceber que a Agência o estava enganando.

[116]Narasimhacharya de Madras foi delegado ao Parlamento das Religiões, realizado em Chicago em 1893, onde conheceu Swami Vivekananda. Após o término do Parlamento, ele permaneceu alguns meses nos Estados Unidos. Ele havia escrito uma carta para Swami Vivekananda do Nicholson Hotel, em Nashville, Tennessee, onde estava preso. A carta diz: “Querido Swami, vim aqui e, sem poder sair, estou parando; e ficaria muito grato se você gentilmente me enviasse US\$ 50 para que eu possa consertar tudo e vir para Chicago. , de onde voltarei para casa. Por favor, faça isso imediatamente, pois estou com problemas em breve, continuo, Atenciosamente, Narasimhacharya". Swami Vivekananda enviou esta carta para a Sra. GW Hale em 14 de fevereiro de 1894, de Detroit com uma linha: "O que você aconselha, mãe? Vivekananda".

[117]O Sr. Thomas W. Palmer, de Detroit, era um rico empresário e estadista. Em 1883 foi eleito para o Senado dos Estados Unidos e mais tarde tornou-se Ministro na Espanha (Ministro Plenipotenciário ou Embaixador). Ele foi escolhido presidente da Comissão da Feira Mundial quando a Exposição Mundial da Colômbia foi organizada em Chicago, na década de 1890. Com toda a probabilidade, foi no Parlamento das Religiões que ele conheceu e admirou Swami Vivekananda.

[118]O Slayton Lyceum Lecture Bureau de Chicago. Na capa desta carta alguém, talvez a Sra. Hale, havia escrito: "22 de fevereiro, o Presidente Palmer quebra o contrato de Slayton".

[119]Reverendo Reed Stuart, da Igreja Unitária, que era um admirador do Swami.

[120]Rabino Grossman do Templo Beth El. No domingo, 18 de fevereiro de 1894, o Rabino Grossman falou em seu templo sobre “O que Swami Vivekananda nos ensinou”. O Rabino tornou-se um amigo devotado de Swami Vivekananda, e o Swami, durante sua visita a Detroit em 1896, deu palestras no templo do Rabino.

[121]Jimmy, ou Irving, Mills poderia ter sido um agente de palestras individual ou um agente do Slayton Lyceum Lecture Bureau.

[122]Aqui, “Harriets” refere-se a Harriet McKindley e Harriet Hale; Harriet e Isabelle McKindley eram filhas da irmã da Sra. Hale. Harriet e Mary Hale eram suas próprias filhas. Swami Vivekananda costumava se dirigir à irmã do Sr. Hale (Sra. James Matthews) como "Templo Mãe", Sr.

[123]Quando Swami Vivekananda percebeu que o Slayton Lyceum Lecture Bureau o estava enganando, ele começou a organizar palestras em particular, sem saber que o Sr. T. W. Palmer, que havia ido a Chicago em seu nome, havia quebrado o contrato no dia em que esta carta foi escrita.

[124]Na sexta-feira, 23 de fevereiro de 1894, Swami Vivekananda deixou Detroit e foi para Ada, Ohio, e de lá pode ter retornado para Chicago. Parece que os seus admiradores de Detroit o chamaram de volta para combater o ataque cristão que havia sido lançado contra ele.

[125]Um agente de palestras em Detroit.

[126]Como o Sr. T. W. Palmer era gago, Swami Vivekananda soletrou seu nome desta forma.

[127]Lit.: “uma árvore de anjos”; em sânscrito *Deva* significa "deus" ou "anjo" e *Daru* significa "árvore" ou "madeira".

[128]As quatro notas completas da família Hale eram Sr. e Sra. G. W. Hale e Sr. as meias notas eram Harriet e Mary Hale e Harriet e Isabelle McKindley - respectivamente, as filhas e sobrinhas da Sra.

[129]Na segunda-feira, 19 de março, Swami Vivekananda falou no Auditório de Detroit sobre “Budismo, a Religião da Luz da Ásia”.

[130]Na terça-feira, 20 de março, Swami Vivekananda proferiu uma palestra sobre Hinduísmo em Bay City, Michigan; e na quarta-feira, 21 de março, ele falou sobre a “Harmonia das Religiões em Saginaw, Michigan.

[131]Sra. Francis W. Breed, líder social de Lynn e esposa de um fabricante de botas e calçados extremamente rico.

[132]Lynn, Massachusetts, uma pequena cidade industrial na baía de Massachusetts, dezesseis quilômetros ao norte de Boston.

[133]Logo depois o Swami recebeu um telegrama da Sra. Breed convidando-o a ir a Lynn para ser seu convidado por uma semana; ele aceitou e passou uma semana na casa dela em meados de abril.

[134]Sam Hale, irmão mais novo de Mary e Harriet. Ele estava então no Alasca.

[135]Uma referência no romance de Charles Dickens *Papéis pickwick* para um Sr. Weller, cujo segundo casamento com uma viúva dominadora o levou a alertar seu filho Sam: "Tenha cuidado com as viúvas durante toda a sua vida..., Sammy".

[136]Filha casada da Sra. Bagley.

[137]No final da carta, Mary Hale acrescentou a seguinte nota: "Caro Sam [Hale], certifique-se de não perder nenhuma dessas cartas e devolva-as o mais rápido possível. Sentimos muita falta de você. Esperamos que você esteja bem e feliz e cuidadoso com os vidders, como diz Swami. Carinhosamente sua irmã, Mary".

[138]Agora Sri Lanka.

[139]Sra. Em 24 de abril, Swami Vivekananda falou diante do “Círculo de Conversa” da Sra. Smith no Hotel Waldorf em Nova York; sua primeira palestra conhecida naquela cidade.

[140]Sr. Jay Gould, um dos homens mais ricos da América. Após sua morte em 1892, parte de sua imensa fortuna foi herdada por sua filha Helen.

[141]William Joseph Flagg.

[142]Mary e Harriet Hale e Isabelle e Harriet McKindley.

[143]Rainha social de Chicago que conheceu Swami Vivekananda no Parlamento das Religiões, no qual ela atuou. *Vide* Obras Completas, Vol. 6, Epístola 42.

[144]As filhas da Sra. Hale: Mary e Harriet.

[145]Sra. James Matthews, irmã do Sr.

[146]Provavelmente o Sr. Virchand Gandhi, que representou o Jainismo no Parlamento Mundial das Religiões de Chicago, em 1893.

[147]O senhor e a senhora Hale estavam hospedados no resort de fontes minerais em Indiana. Os "banhos de lama" eram supostas curas para todas as doenças.

[148] *Tia de Charley* foi uma comédia muito popular da época.

[149]Sr. Leon Landsberg, que mais tarde foi iniciado por Swami Vivekananda em Sannyâsa no Thousand Island Park e ficou conhecido como Swami Kripananda.

[150]Kenosha, Wisconsin

[151]Pratap Chandra Mazumdar.

[152]Carta original: sua dívida.

[153]Sr. Merwin-Marie Snell, que foi Presidente da Seção Científica do Parlamento Mundial das Religiões de Chicago.

[154]Filha da Sra. Hale.

[155]Um porto no sudeste de Wisconsin, no Lago Michigan.

[156]Sra. Francis W. Raça de Lynn, Massachusetts.

[157]A grafia britânica de "cheque" também é usada nesta carta.

[158]O Swami comprou este cachimbo em Nova York como presente para o Sr. Hale.

[159]Edward Everett Hale (1822 – 1909), um famoso clérigo e autor.

[160]A Associação Religiosa Livre, fundada em 1867, foi uma ramificação liberal da então conservadora Igreja Unitarista. Entre seus membros estavam alguns dos melhores pensadores da América.

[161]O coronel Thomas Wentworth Storrow Higginson (1823 – 1911), presidente da Associação Religiosa Livre, foi um conhecido escritor e reformador liberal. Ele conheceu Swami Vivekananda no Parlamento Mundial de Religiões de Chicago.

[162]O Raja de Khetri, um discípulo muito dedicado do Swami.

[163]Narasimhacharya. *Vide* carta datada de 14 de fevereiro de 1894, vol. 9.

[164]Leon Landsberg. *Vide* carta datada de 28 de junho de 1894, Vol 9.

[165]Swami Vivekananda comprou um cachimbo de espuma do mar em Nova York como presente para o Sr. Hale.

[166]Fishkill Landing, um resort no estado de Nova York onde o Swami passou alguns dias com seus amigos Dr. e Sra. Guernsey da cidade de Nova York.

[167]Aparentemente, Swami Vivekananda referia-se a recortes de jornais que provavam a aprovação e o apoio da Índia hindu ao seu trabalho na América.

[168]Dois recortes de jornais – nenhum deles do *Transcrição de Boston*—foram anexados a esta carta e são fornecidos abaixo.

(De *Espelho Indiano*, 14 de julho de 1894): "Houve uma correspondência animada entre Swami Vivekananda e um missionário cristão aposentado sobre o trabalho e as perspectivas do cristianismo

na Índia. Entre outras coisas, o Swami teria dito que 'a forma de conversão é absolutamente absurdo'; "Os médicos missionários não fazem nenhum bem, porque não estão em contacto com o povo". 'Eles não realizam nada em termos de conversão, embora possam ter bons momentos de sociabilidade entre si, etc.' O reverenciado cavalheiro criticou as palavras, sustentando que, falando bem o vernáculo, nenhum estrangeiro entende e simpatiza melhor com os indianos do que os missionários. Os missionários são, sem dúvida, pessoas boas e bem-intencionadas, mas consideramos a afirmação do Swami de que eles; raramente estão em contacto com o povo não é infundado. Com o renascimento do Hinduísmo, manifestado em todas as partes do país, é duvidoso que o Cristianismo tenha alguma influência sobre os Hindus. O presente é um momento crítico para as Missões Cristãs na Índia. ... O Swami agradeceu ao Missionário por chamá-lo de seu compatriota 'Esta é a primeira vez', escreveu ele, 'que qualquer estrangeiro europeu, por mais nascido na Índia, ousou chamar um nativo detestado por esse nome - Missionário. ou nenhum missionário. Você se atreveria a me chamar da mesma forma na Índia?' Ele iria, de fato?".

(De *Amrita Bazar Patrika*, 24 de agosto de 1894): "A insinuação de que Swami Vivekananda não é um hindu 'ortodoxo' deve sua origem à influência missionária. É simplesmente impossível para os missionários amarem Vivekananda e, portanto, é natural que tentem trazê-lo. E por que Vivekananda não é um hindu ortodoxo? É porque, dizem eles, ele atravessou o oceano e comeu comida não-hindu. Mas a restrição que o hinduísmo impõe aos seus membros não tem força sobre os libertados – os sannyasis, a qual classe o Swami pertence. O hindu que cortou sua conexão com o mundo tem liberdade para pegar qualquer coisa e ir a qualquer lugar que desejar, Vivekananda. O mundo agora é governado pelo Ocidente, na América, todo homem é um monarca. Causar qualquer impressão em tal país está além das possibilidades dos mais capazes de nossa espécie. O trabalho de Vivekananda na América é um milagre, e ele é sem dúvida um instrumento nas mãos de Deus.

[169] Uma cidade no nordeste de Illinois, no Lago Michigan, perto de Chicago.

[170] Sam Hale, o único filho da Sra. Hale.

[171] Possivelmente a Sra. George Mortimer Pullman, esposa do rico e poderoso Pullman da Pullman Palace Car Company.

[172] Senhorita Emma Thursby.

[173] Shri Haridas Viharidas Desai, ou Haridasbhai, o Dewan de Junagadh.

[174] Anexa à carta acima estava uma carta do Dewan de Junagadh, Haridas Viharidas Desai, endereçada ao Sr. Hale e datada de 2 de agosto de 1894. Em vista da calúnia lançada sobre Swami Vivekananda naquela época, o Dewan atestou sua sinceridade e probidade. O panfleto referido trazia as referências do Dewan.

[175] Dr. John Henry Barrows, que serviu como Presidente do Comitê Geral do Parlamento Mundial das Religiões em Chicago, 1893.

[176] Dr. John Henry Wright, professor de clássicos gregos na Universidade de Harvard.

[177] Maria Hale.

[178]Um importante jornal de Chicago.

[179]Durante sua primeira visita à América, Swami Vivekananda falou ocasionalmente para outras organizações, tanto americanas quanto indianas. Desta vez ele veio a Baltimore a convite dos irmãos Vrooman, que tinham um projeto para estabelecer uma Universidade Internacional de Religiões, que o Swami endossou ao falar em nome dos irmãos. Os leitores devem, no entanto, notar que o projeto da Universidade Internacional dos irmãos Vrooman de Baltimore e o “Templo Universal” de Swami Vivekananda proposto em Nova York eram dois projetos completamente diferentes.

[180]Emma Thursby, a célebre cantora, amiga íntima da Sra. Ole Bull e fervorosa admiradora de Swami Vivekananda.

[181]William Joseph Flagg, um conhecido advogado, congressista, autor e amigo do Swami.

[182]Mary Hale, filha da Sra. GW Hale.

[183]Ajit Singh, o Maharaja de Khetri, um discípulo dedicado de Swami Vivekananda.

[184]Os "bebês em casa" referem-se à filha da Sra. Hale e às duas sobrinhas: Harriet Hale e Isabelle e Harriet McKindley. O “bebê no exterior” refere-se a Mary Hale.

[185]Presidente da União Britânica de Temperança das Mulheres.

[186]Senhorita Frances Willard, fundadora e presidente da União Mundial de Temperança Feminina Cristã.

[187]A filha da Sra. John Bagley.

[188]O Dewan de Junagadh.

[189]Maharaja Ajit Singh, o Raja de Khetri.

[190]Joseph G. Thorp, pai da Sra. Ole Bull.

[191]Florence Adams, esposa de Milward Adams, gerente da Opera House em Chicago.

[192]Miss Josephine Locke foi Diretora de Arte nas escolas públicas de Chicago.

[193]Um professor itinerante de metafísica.

[194]Harriet McKindley, a mais nova das "irmãs".

[195]Talvez ao comparar a senhorita Florence Guernsey à "Irmã Jenny", o Swami estivesse se referindo à antiga canção infantil, que as irmãs Hale podem ter lhe ensinado. Robin Redbreast prometeu a Jenny Wren que se ela fosse sua esposa, ele a vestiria "como um peixinho dourado ou qualquer pavão gay". Ela respondeu que tudo isso é muito bom, mas "devo usar meu vestido marrom liso e nunca ficar tão bem".

[196]"The Four Hundred" - um termo então atual para o conjunto social mais exclusivo de Nova York.

[197]Sra. James Matthews, irmã casada do Sr.

[198]Shri Haridas Viharidas Desai, Dewan de Junagadh.

[199]Este livro de James Tod foi dado a Swami Vivekananda pela Sra. Potter Palmer.

[200]Em 4 de junho de 1895, o Sr. Leggett e seu grupo de cinco pessoas - incluindo Swami Vivekananda - pegaram um trem de Portland, Maine, para a cabana do Sr.

[201]Um monge hindu ou budista.

[202]Carta original: Empresas.

[203]Inglaterra, não Nova Iorque como o Swami pensava.

[204]Contas de Rudrâksha enviadas da Índia. Vide carta datada de 17 de janeiro de 1895, Epístola 58 em *Obras Completas*, vol. 6.

[205]Sr.

[206]Os bens mencionados na carta de Swami Vivekananda datada de 2 de julho de 1895, Vol. 9. (Carta 61)

[207]Evidentemente, isto novamente se refere às mercadorias enviadas pelo Maharaja de Khetri. Vide carta endereçada à Sra. G. W. Hale datada de 2 de julho de 1895, Vol. 9. (Carta 61)

[208]"Thotmeses" refere-se aos quatro faraós egípcios da 18ª dinastia (Tutmés I, II, III e IV), que reinaram de 1504 a.C. até 1391 a.C. Os Ramsés foram faraós da XIX dinastia. Nenhuma dessas famílias construiu pirâmides, mas foram todas enterradas no Vale dos Reis.

[209]Esta carta foi publicada na edição de dezembro de 1896 da *Luz do Oriente*, um conhecido jornal mensal da época, publicado em Calcutá. O editor, Satishchandra Mukherjee, amigo de infância de Swami Vivekananda, era o terceiro filho de Ishanchandra, um discípulo muito querido de Shri Ramakrishna.

[210]Ralph Waldo Trine, jornalista que mais tarde se tornou um conhecido escritor de metafísica.

[211]Um clube em Boston que atraiu uma variedade de metafísicos e serviu de plataforma para suas crenças.

[212]Muito provavelmente o Clube Filosófico de Harvard, perante o qual Swami Vivekananda discursou em março de 1896.

[213]O Clube Procopeia.

[214]Vol. 8, Escritos: Poemas, To An Early Violet, escrito em 6 de janeiro de 1896.

[215]Brihadâranyaka Upanishad 4.4.12 (adaptado).

[216]Mahânârâyana Upanishad 12.14 (adaptado) e *Taittiriya Aranyaka* 10.10.21. (adaptado).

[217]Shri Haridas Viharidas Desai, o falecido Dewan de Junagadh, que foi um amigo leal e apoiador de Swami Vivekananda.

[218]Prefácio ao livro de Swami Vivekananda *Raja-Yoga*.

[219]A casa foi alugada de Lady Isabel Margesson.

[220]Swami Vivekananda anexou o seguinte documento em 6 de julho de 1896, Vol. 6, carta escrita para Francis Leggett.

[221]Mary e Harriet Hale e Isabelle e Harriet McKindley.

[222]Sra. James Matthews, irmã do Sr. Hale.

[223]Stella Campbell, uma das alunas de Swami Vivekananda no Thousand Island Park.

[224]Uma delegação composta pelos Srs. KS Krishnamachari e SM Raja Ram atendeu Swami Vivekananda no "Nilgiri Hall", Kumbhakonam, com um memorial assinado por cerca de 750 estudantes (representando a população estudantil de Trichinópolis) solicitando ao Swami que ficasse

pelo menos um ou dois dias. Esta foi a resposta dada por Swami Vivekananda. Foi publicado no *Padrão Madras* de 16 de fevereiro de 1897.

[225] Quando Swami Vivekananda visitou Almora no verão de 1897, foi convidado de Lala Badri Sah por cerca de dois meses e meio. Durante este período, o Swami permaneceu principalmente na casa de Badri Sah no bazar e ocasionalmente retirou-se para a casa do jardim dos Sahs em Devaldhar, cerca de trinta quilômetros ao norte de Almora. Em hindi, a palavra *jardim* significa "jardim".

[226] Este endereço foi escrito em inglês.

[227] *Thakur* é uma palavra bengali que significa "senhor" ou "mestre" e, neste caso, refere-se a Shri Ramakrishna.

[228] A frase “para propagação da Verdade” foi escrita em inglês.

[229] Swami Vivekananda escreveu esta frase em inglês. A frase francesa *espírito de corpo* significa "o espírito de lealdade".

[230] Este encerramento também foi escrito em inglês.

[231] Mahendra Nath Gupta, escritor de *O Evangelho de Sri Ramakrishna*.

[232] Províncias do Noroeste, agora Uttar Pradesh.

[233] O Dewan e secretário particular do Maharaja Ajit Singh de Khetri.

[234] Um simples palanquim.

[235] Este poema foi publicado anteriormente em *Complete Works*, Vol. 4.

[236] Uma caverna no Himalaia da Caxemira, onde um Lingam de gelo de Shiva é adorado.

[237] Prestar homenagem a um lugar ou pessoa sagrada por meio de uma visita cerimonial; também as bênçãos ou purificação sentidas na presença da santidade.

[238] O Dr. Mahoney era o Oficial Médico Distrital que costumava inspecionar as obras sanitárias realizadas em Calcutá durante o alívio da peste no início de 1899, pela Missão Ramakrishna sob a liderança da Irmã Nivedita.

[239] *Vide* O Advaita Ashrama, Himalaia, Vol. 5.

[240] O famoso botânico Dr. J. C. Bose e sua esposa, Abala.

[241] Talvez em Marselha Swami Vivekananda tenha recebido informação de que o seu navio, o S.S. *Golconda*, chegaria a Londres no domingo (30 de julho de 1899); no entanto, ele soube mais tarde que chegaria lá na segunda-feira (31 de julho de 1899). Para informar Christina da mudança, o Swami enviou-lhe um telegrama de Camberwell, B.O. em 30 de julho: "Golconda atraca às 6h de segunda-feira".

[242] O S.S. *Golconda* na verdade, chegou ao Tilbury Dock, em Londres, em vez do Albert Dock, na manhã de segunda-feira.

[243] O irmão-discípulo de Swami Vivekananda, Swami Turiyananda.

[244] Satish Chandra Chakravarty, irmão de Swami Saradananda.

[245] *Vide* Carta anterior 141 de Swami Vivekananda datada de 23 de julho de 1899. (Vol. 9)

[246] *Vide Obras Completas*, vol. 4 para o texto do poema “Paz” anexo a esta carta.

[247] Mateus 6.27.

[248] Battle Creek é uma cidade no centro de Michigan, Estados Unidos, famosa por seu Centro de Saúde, conhecido desde 1876 como Sanatório de Battle Creek. Sob a direção de John Harvey Kellogg (1876 – 1943), o Sanatório fez experiências com alimentos saudáveis, que se tornaram a principal indústria da cidade.

[249] Um osteopata recomendado pela senhorita Josephine MacLeod.

[250] *História Oriental Antiga* por Sir Gaston Maspero, um egiptólogo e arqueólogo francês.

[251] Filha da Sra. Ole Bull.

[252] Marido da filha da Sra. Hale, Harriet.

[253] Provavelmente a Sra. Milward Adams.

[254] Gopala é o nome do bebê Krishna.

[255] A rainha indiana Savitri, cuja vida está registrada no Mahabhârata, tipifica o ideal do amor conjugal.

[256] Sra. Emeline F. Bowler, presidente do Pasadena Shakespeare Club e amiga de Swami Vivekananda no sul da Califórnia.

[257] Ministro da Primeira Igreja Unitária em Oakland, onde Swami Vivekananda falou várias vezes.

[258] Sra. Phoebe Apperson Hearst, mãe do magnata dos jornais William Randolph Hearst.

[259] Provavelmente Joseph Le Conte, um conhecido geólogo, então na década de 1870, e professor da Universidade da Califórnia em Berkeley.

[260] Um convite para falar em setembro no Congresso de História das Religiões na Exposição de Paris.

[261] Sra. Collis Potter Huntington, esposa de um dos ricos "Big Four" da Ferrovia do Pacífico Central nos Estados Unidos.

[262] A Sra. , que, em 2 de abril de 1899, deu-lhe os votos Brahmacharya com outros cinco, incluindo Gurudasa (Swami Atulananda).

[263] Newport é um elegante resort à beira-mar às margens do rio Narragansett, em Rhode Island. A Dra. Kate Stanton (Brahmacharini Shantikama), uma discípula de Swami Abhedananda, morava lá e provavelmente convidou o Swami para visitar a cidade para descansar.

[264] As três irmãs Mead: Sra. Alice Mead Hansbrough, Sra. Carrie Mead Wyckoff e Srta. Helen Mead.

[265] Uma frase bengali que significa literalmente "Xeque-mate quando barato"; isto é, "Obtenha enquanto é bom".

[266] Em 26 de julho de 1900, Swami Vivekananda embarcaria no S.S. *champanhe*, com destino a Le Havre, França, e daí viajar de trem para Paris.

[267] A curandeira magnética Sra. Melton (também conhecida como Sra. Walden) estava na Bretanha naquela época.

[268] Senhor Hiram Maxim. No prefácio de seu livro *L. Hung Chang's* Álbum de recortes (1913), Maxim escreveu longamente sobre a aparição de Swami Vivekananda no Parlamento das Religiões. Vide Marie Louise Burke *Swami Vivekananda no Ocidente*, vol. 6, pp.

[269] As Conferências de Cambridge, uma série anual de palestras de pessoas eminentes, que a Sra. Bull organizou em sua casa em Cambridge.

[270] Esta carta foi escrita em Dacca, que hoje é a capital de Bangladesh.

[271] Ramesh Chandra Dutta conheceu a irmã Nivedita na Inglaterra, onde permaneceu após se aposentar do serviço público indiano.

[272] Como não havia comunicação conhecida entre Swami Vivekananda e Christine durante o primeiro trimestre de 1901, talvez o Swami estivesse se referindo ao fato de que ele estava então em peregrinação a Bengala Oriental, com um grande grupo, e estava ocupado demais para escrever a alguém durante este período.

[273] Sra.

[274] A citação é de uma canção intitulada "Camptown Races" do compositor americano Stephen Foster.

[275] O papel da carta original é tão velho e quebradiço que algumas partes se desintegraram.

[276] Expressão francesa que significa "com licença".

[277] Expressões alemãs e francesas que significam "boa noite" e "boa noite", respectivamente.

[278] Provavelmente o Swami colocou esta frase entre aspas porque é o título de um poema da obra de Walt Whitman. *Folhas de grama*.

[279] A mãe da irmã Christine faleceu.

[280] "P." significa torta-s, doze delas perfazendo uma Anna (As.) e dezesseis anás perfazendo uma rupia (Rs.).

[281] No momento desta carta, a Sra. Ole Bull estava hospedada com a Irmã Nivedita, o Sr. Okakura Kakuzo e a Srta. Josephine MacLeod no Consulado Americano em Calcutá. A Sra. Bull veio para a Índia com a Irmã Nivedita na segunda semana de fevereiro e deixou Calcutá em 17 de abril de 1902.

[282] Aqui *Grandpare* refere-se ao próprio Swami Vivekananda.

[283] De acordo com o diário de Swami Brahmananda, Swami Vivekananda partiu para Boro Jagulia em 6 de junho. Primeiro ele viajou de trem de Sealdah para Kanchrapara, uma distância de cerca de trinta e quatro milhas. De lá, o Swami percorreu cerca de onze quilômetros em carro de bois até a aldeia de Boro Jagulia, a pedido de seu discípulo Shrimati Mrinalini Basu, em cuja casa ele ficou.

[284] Senhor. A. M. Bose, presidente do Sadharan Brahmo Samaj, veio a Mayawati em 23 de maio.

[285] Swami Abhayananda, um dos discípulos Sannyasin de Swami Vivekananda.

[286] Desde a época de Swami Vivekananda, tem havido mais pesquisas sobre a difusão da cultura ariana.

[287] Vide "Devi Sukta", Rig-Veda 10.125

[288] Brihadâraṇyaka Upanishad 3.8.1.-12.

[289] *Vide* mais tarde, este capítulo conta a história de Samjuktâ, filha de um príncipe Rajput, que se tornou rainha de Delhi.

[290] Nota: O texto desta frase não é encontrado no Manu Samhitâ existente. *Vide* Mahanirvana Tantra 8.47.

[291] Desde a época de Swami Vivekananda, o ensino superior entre as mulheres na Índia se espalhou rapidamente.

[292] Hoje as mulheres indianas não estão mais proibidas de ler quaisquer escrituras – védicas ou não-védicas.

[293] Chârumati, ou Rupamati, filha de Vikram Singh, rei de Kishangarh, no Rajastão. Charumati é a heroína de *Rajasimha*, um romance histórico bengali escrito por Bankim Chandra Chatterjee.

[294] Os soldados ficaram tão impressionados com as proezas militares e a coragem de Chand Bibi que se referiram a ela como Chand Sultana, que significa "Chand - a Imperatriz".

[295] Este costume é um gesto que visa reconhecer a mãe não apenas como a primeira professora e preceptora na vida de alguém, mas também como uma personificação do Deus todo-amoroso.

[296] Taittiriya Upanishad 1.11.

[297] Pode-se notar aqui que hoje muitos historiadores e antropólogos descreveriam os arianos como um grupo linguístico e não como uma raça. - Editora.

[298] Arquivos da Sociedade Vedanta do Norte da Califórnia. *Veja Novas Descobertas*, vol. 3, pp. 358-63. O título desta classe foi fornecido pelo Editor.

[299] "Petitio principii" refere-se a uma falácia lógica em que uma conclusão é considerada certa na premissa.

[300] M., *O Evangelho de Sri Ramakrishna*, trad. Swami Nikhilananda (Nova York: Ramakrishna-Vivekananda Center, 1952), p. 433.

[301] Janaki é um nome de Sitâ.

[302] Shri é o nome de Laksmi.

[303] *Vide Obras Completas*, vol. 2. "O Caminho para a Bem-aventurança".

[304] Em cada um dos quatro Vedas existe uma "grande palavra", ou grande expressão, chamada Mahâvâkyâ: "Prajnânânam Brahma" ("A Consciência é Brahman"); "Aham Brahmâsmi" ("Eu sou Brahman"); "Tat Twam Asi" ("Aquele que és"); e "Ayam Atmâ Brahma" ("Este Eu é Brahman").

[305] Mundaka Upanishad 2.2.8.

[306] Aqui Swami Vivekananda está se referindo a Ishvara, ou o Deus Pessoal.

[307] O Swami tem discutido os dois aspectos de Maya. Na página anterior (alguns parágrafos antes) ele descreveu Maya como o poder de Brahman; aqui ele está se referindo a Maya como a aparência do mundo.

[308] Arquivos da Sociedade Vedanta do Norte da Califórnia. *Veja Novas Descobertas*, vol. 4, pp. 154-56 para extratos desta classe.

[309] *Vide Obras Completas*, vol. 8, "O Povo da Índia".

- [310] *Vide Obras Completas*, vol. 4, "Meu Mestre".
- [311] Preservar os mortos pelo sepultamento do corpo.
- [312] Rig Veda 10.16.4.
- [313] Os colchetes neste parágrafo marcam partes ilegíveis do texto datilografado original do Sr. Goodwin.
- [314] *Vide Obras Completas*, vol. 8., "Hindus and Christians" para ideias semelhantes.
- [315] Um Bija Mantra, ou palavra-semente, para a Mãe Divina.
- [316] Sri Ramakrishna.
- [317] Reimpresso em *Novas descobertas*, vol. 3, pp. 55-59. Como o artigo manuscrito original do Swami não está disponível, fizemos com que a ortografia, pontuação e gramática de sua versão publicada se ajustassem ao estilo do *Obras Completas*. - Editora.
- [318] Isaac Newton, 1642-1727.
- [319] Christian Huyghens, 1629 – 1695.
- [320] Armand Hippolyte Louis Fizeau, 1819 – 1896.
- [321] Jean Bernard Léon Foucault, 1819 – 1868.
- [322] Johann KF Zöllner, 1834 – 1882.
- [323] Wilhelm Eduard Weber, 1804 – 1891.
- [324] Em bengali, a palavra Ishâ significa Cristo e Anusharana, “seguir”; daí Ishânusharana significa “seguir a Cristo”.
- [325] Versos são citados do livro de Thomas à Kempis *Da Imitação de Cristo* (Londres: Oxford University Press, 1961.) Esta tradução - baseada na de F. B. (o jesuíta Anthony Hoskins), que apareceu pela primeira vez c. 1613 - foi levemente editado para se adequar à gramática, pontuação e estilo do *Obras Completas*- Editora.
- [326] *Vide* "Maya e Liberdade", *Obras Completas*, vol. 2.
- [327] *Vide* "O Gita II", *Obras Completas*, vol. 1.
- [328] *Vide* "Realização", *Obras Completas*, vol. 2.
- [329] *Vide* "Maya e Ilusão", *Obras Completas*, vol. 2.
- [330] *Vide* "Realização", *Obras Completas*, vol. 2.
- [331] *Vide* "As bases comuns do hinduísmo", *Obras Completas*, vol. 3.
- [332] *Udbodhan*, Chaitra 1329, Vol. 25, Número 3, pág. 169 (março de 1926). Em maio de 1898, quando uma epidemia de peste eclodiu em Calcutá e vários residentes aterrorizados fugiram da cidade em pânico, Swami Vivekananda escreveu este manifesto em bengali, que foi impresso e distribuído gratuitamente entre o povo.
- [333] Arquivos da Sociedade Vedanta do Sul da Califórnia. A Sra. Frances Leggett encontrou este documento em Ridgely Manor estacionário e o enviou para a Vedanta Society of Southern California no verão de 1962. O título do poema foi fornecido pelos editores de *Vedanta Kesari* (maio de 1973).

[334]Cf. uma versão ligeiramente diferente dos três primeiros versos deste poema que apareceu com a caligrafia do próprio Swami Vivekananda no lado esquerdo do papel dobrado contendo o rascunho original (veja o fac-símile a seguir):

Mais um círculo, o caminho espiral da vida sobe

E o incansável ônibus espacial do Tempo funcionando

de um lado para o outro

através do labirinto de urdidura e trama gira um

peça mais forte.

[335]Na mitologia indiana, as nuvens podem causar trovões e relâmpagos.

[336]A irmã Nivedita *Notas não publicadas de algumas andanças com o Swami Vivekananda* (Calcutá: Bangiya Sahitya Parishad, 1983) pp. 13-20, 41-42.

[337]Aqui começa a tradução manuscrita de Swami Vivekananda.

[338]A tradução literal do sânscrito é: “Na beleza existe o medo da idade”.

[339]Aqui termina a tradução manuscrita de Swami Vivekananda. A versão editada publicada em *Em Busca de Deus e Outros Poemas* segue nesta nota: Infelizmente, nossas mentes [perambulam, mas] na imaginação com palácios e jardins de prazer, e assim nossas vidas são gastas. A única comida [de alguém] é a mendicância – e isso também não tem gosto; a cama, a terra seca; toda a família, o próprio corpo; e a única roupa é um pedaço de pano esfarrapado em volta da cintura - infelizmente, ainda assim o desejo de prazer não abandona o homem. (Versículos 14-15)

Não conhecendo o poder da chama,

O inseto cai nele.

O peixe engole a isca,

Não conhecendo o gancho dentro.

E conhecendo muito bem as vaidades

e perigos do mundo.

Não podemos desistir -

Tal é o poder da ilusão.

[Com pedras resfriadas] pelos borrifos das águas do Ganges,

Onde os Vidyâdharas adoram praticar esportes —

Esses lugares no Himalaia foram extintos

Que um homem deveria mendigar (em desgraça) na porta dos outros? (Versículo 18, 24)

Todas as raízes das florestas montanhosas desapareceram?

As fontes estão todas secas? As árvores estão todas murchas

Que dão frutos doces e cascas para vestimentas

Que um homem deveria olhar com medo no rosto

Do tolo, cujas sobrancelhas estão dançando

[No] vento do orgulho de um pouco de riqueza? (Versículo 25)

Levante-se, vamos para a floresta, onde raízes e frutas puras serão nosso alimento, água pura nossa única bebida, e folhas puras nossa cama – E onde os mesquinhos, os irrefletidos e aqueles cujos corações estão cancerosos pela riqueza fazem não existe. (Versículo 26)

No prazer está o medo da doença,

No nascimento nobre, o medo de perder a casta,

Na riqueza, o medo dos tiranos,

Em homenagem ao medo de perdê-lo,

Em força, o medo dos inimigos,

Na beleza, o medo da [velhice],

No conhecimento, o medo da derrota,

No corpo, o medo da morte,

Nesta vida tudo está repleto de medo:

A renúncia por si só é destemida. (Versículo 31)

A saúde [de uma pessoa] [é destruída por] milhares de [preocupações] e doenças. Onde a fortuna cai sobre cem portões de perigo. Quem nasce, a morte certamente o engolirá. Diga, [a] Providência já criou algo que não morreu? (Versículo 33)

[340]Um ciclo periódico de criação e dissolução.

[341]Tanga.

[342]Irmãos espirituais; discípulos de um mesmo mestre são assim chamados.

[343]Dhira Mata e Jaya eram americanos; Nivedita era britânica. - Editora.

[344]O dramaturgo bengali Girish Chandra Ghosh.

[345]No manuscrito original do livro, a Irmã Nivedita acrescentou a seguinte nota:

“Em obediência ao querido desejo de S. Sara, dou aqui as falas originais:

Acelere, alma solitária, em seu caminho estrelado,

Espalhe, alma solitária, em seu caminho meditativo,

Livre das névoas do tempo e dos sentidos —

Subir;

Serviço concluído e serviço aceito, de

Tua casa no fundo do coração do Amor Transcendente encontre

Incenso, flores e música preencham o teu lugar atrás de ti,

Descanse, alma cansada!

Cortou todos os laços que te prendiam, encerrou sua busca -

Então perdido no oceano – um com o Life Immortal.

Paz, alma feliz!

'''Tem três metros' - disse o Mestre. Novamente, ele disse: 'A linha que realmente atinge a nota poética é esta - "Tua casa no coração profundo do Amor Transcendente encontra".'''

[346]Ao viajar de Nápoles para Port Said, no caminho de volta à Índia, em janeiro de 1897, o Swami teve um sonho com um homem velho e barbudo que apareceu diante dele, dizendo: "Esta é a ilha de Creta", e mostrando-lhe um lugar na ilha que ele poderia posteriormente identificar. A visão prosseguiu dizendo que a religião do Cristianismo se originou na ilha de Creta e, em conexão com

isso, deu-lhe duas palavras europeias - uma das quais era *Terapêutica* – que declarou serem derivados do sânscrito. Therapeutae significava "filhos" (do sânscrito *Putra*) dos Theras, ou monges budistas. A partir disso, o Swami entendeu que o Cristianismo se originou em uma missão budista. O velho acrescentou: “As provas estão todas aqui”, apontando para o chão. "Cave e você verá!" Ao acordar, sentindo que este não era um sonho comum, o Swami levantou-se e caiu no convés. Aqui ele encontrou um oficial voltando de seu turno. "Que horas são?" disse o Swami. "Meia-noite!" foi a resposta. "Onde estamos?" ele então perguntou, quando, para seu espanto, a resposta voltou: "A cinquenta milhas de Creta!"

Nosso mestre ria de si mesmo pela força da impressão que esse sonho lhe causava. Mas ele nunca conseguiu se livrar disso. O facto de a segunda das duas etimologias ter sido perdida é profundamente lamentável. O Swami teve que dizer que antes de ter seu sonho, nunca lhe ocorreu duvidar que a personalidade de Cristo fosse estritamente histórica. Devemos lembrar que, de acordo com a filosofia hindu, é a completude de uma ideia que é importante, e não a questão da sua autenticidade histórica. O Swami certa vez perguntou a Shri Ramakrishna, quando ele era menino, sobre esse mesmo assunto. “Você não acha”, respondeu seu Guru, “que aqueles que poderiam inventar tais coisas eram eles mesmos?”

[347] Uma das pessoas que ouviu esta palestra teve mais tarde uma oportunidade maravilhosa de apreciar a precisão e a amplitude do conhecimento do Swami, quando viu dois parses felizes em sentar-se a seus pés e aprender com ele a história de suas próprias idéias religiosas. -N.

[348] Isto é, talvez, um erro. Foram aos seus privilégios políticos, e não às suas propriedades, que os samurais japoneses renunciaram.

[349] Sanâtana, o famoso discípulo Sannyâsin de Shri Chaitanya de Bengala que abandonou seu cargo de ministro do nababo de Bengala para se tornar um devoto religioso.

[350] Cf. *Brihadâranyaka Upanishad* II.4.5.

[351] A “Grande Velhinha” era uma figura de uma brincadeira infantil, cujo toque colocava a pessoa fora da brincadeira.

[352] Sir Philip Sidney (1554-1586): poeta, soldado e político inglês.

[353] Lit.: “o Tathagata”. “Uma palavra”, explicou Swami Vivekananda, “que é muito parecida com o seu ‘Messias’”.

[354] O Swami era um Kshatriya, não um brâmane.

[355] Uma palestra não identificada (provavelmente ocorrendo no domingo, 10 de setembro), da qual não há transcrição literal disponível.

[356] O Swami citou esta passagem em sua carta a Shri Haridas Viharidas Desai, escrita em 15 de novembro de 1893 (*Vide Obras Completas*, vol. 8, Epístola 33.)

[357] Dos quais não há transcrição literal disponível.

[358] Das discussões, palestras e palestras do Swami em Des Moines, Iowa, que duraram de 27 de novembro a 1º de dezembro, não há transcrições literais disponíveis.

[359] A palestra foi "Os costumes e costumes da Índia", da qual não há transcrição literal disponível. Cf. a seguinte reportagem de um jornal americano, "The Manners and Customs of India", para outros destaques da palestra.

[360]Dos quais não há transcrição literal disponível. Cf. a reportagem anterior do jornal americano, "A witty Hindu", para outros destaques da palestra.

[361]Um dos convidados do jantar de Charles L. Freer oferecido em homenagem a Swami Vivekananda, no sábado, 17 de fevereiro de 1894.

[362] Vide : *Novas descobertas*, vol. 1, pág. 348. Este trecho é de um sermão do Rabino Grossman, "What Vive Kananda Has Taught Us", proferido em 18 de fevereiro de 1894.

[363] Vide "A Divindade do Homem" (*Obras Completas*, vol. 3) e "A Índia é um país esquecido?" (*Obras Completas*, vol. 4).

[364]No pequeno chá de despedida que a Sra. John J. Bagley ofereceu ao seu convidado que estava partindo.

[365]Cf. "Cristianismo na Índia", *Obras Completas*, vol. 8 para um relatório um pouco menos abrangente da mesma palestra.

[366]Dos quais não há relato literal disponível.

[367]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[368]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[369]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[370]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[371]Swami Vivekananda pode estar se referindo à Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade contra os Animais.

[372]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível Cf. a reportagem anterior do jornal americano, "Lecture by Hindoo Monge" do Lawrence Evening Tribune, para outros destaques da mesma palestra.

[373]Orador e reformador americano (1811-1884).

[374] Vide as notas dos discursos proferidos em Greenacre, Maine, intitulados "A Religião da Índia", neste volume do *Obras Completas*.

[375]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível. Vide "A Religião da Índia" - notas de discursos proferidos em Greenacre, Maine - em *Obras Completas*, vol. 9.

[376]William Cullen Bryant (1794–1878).

[377]Hormuz, ou Ormuz, uma antiga cidade iraniana.

[378]Ray e Wanda Ellis, "Swami Vivekananda em Washington DC", *O Vedanta Kesari*, 1991, pp.

[379]No domingo, 28 de outubro de 1894, Swami Vivekananda proferiu duas palestras na Igreja do Povo, das quais não há transcrições literais disponíveis. Cf. *Obras Completas*, vol. 2 para uma entrevista com o Swami dada após o sermão desta manhã.

[380]Ray e Wanda Ellis, "Swami Vivekananda em Washington D.C.", *O Vedanta Kesari*, 1991, pp.

[381]A palestra não transcrita anunciada como "Karma e Reencarnação", proferida na Igreja do Povo, domingo, 28 de outubro de 1894.

[382]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[383]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível. Cf. a reportagem do jornal "Alguns costumes dos hindus", *Obras Completas*, vol. 2, para relatório complementar da mesma palestra.

[384]Um resumo dos ensinamentos do Swami retirado do que parece ser uma declaração escrita.

[385]"O Ideal de uma Religião Universal" foi entregue em 31 de janeiro de 1896, do qual não há transcrição literal disponível.

[386]A aula foi "O Ideal de uma Religião Universal", da qual não há transcrição escrita disponível.

[387]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[388]Não há transcrições literais disponíveis dessas aulas.

[389]Cf. *Obras Completas*, vol. 5, Provérbios e Enunciados #38.

[390]Entregue em 21 e 23 de março de 1896, respectivamente, dos quais não há transcrições literais disponíveis.

[391]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[392]Embora este tenha sido um dos assuntos recorrentes de Swami Vivekananda, não há nenhuma transcrição literal disponível desta palestra de 26 de março de 1896. Cf. *Obras Completas*, vol. 2, "O Ideal de uma Religião Universal".

[393]Cf. *Obras Completas*, vol. 2, "O Ideal de uma Religião Universal".

[394]Cf. *Obras Completas*, vol. 2, "O Ideal de uma Religião Universal".

[395]Cf. *Obras Completas*, vol. 2, "O Ideal de uma Religião Universal".

[396]Provavelmente a aula de 21 de março intitulada "A Ciência do Trabalho", da qual não há transcrição literal disponível.

[397]Provavelmente a aula de 23 de março intitulada "Devoção", da qual não há transcrição literal disponível.

[398]Na verdade, "Realização, ou o Último da Religião", da qual não há transcrição literal disponível.

[399] *Vide Obras Completas*, vol. 1, "O Espírito e a Influência do Vedanta" e Vol. 5, "Perguntas e Respostas no 20th Century Club, Boston, respectivamente, para a palestra e a discussão que se seguiu.

[400]Esta foi a primeira palestra pública de Swami Vivekananda proferida na Califórnia, intitulada "A Filosofia Vedanta ou Hinduísmo como Religião", da qual não há transcrição literal disponível.

[401]Cf. no dia 13 de dezembro seguinte de 1899 *Arauto de Los Angeles* reportagem de jornal sobre a mesma palestra (Concepção do Universo).

[402]Esta foi a segunda palestra de Swami Vivekananda na Califórnia, intitulada "O Cosmos, ou a Concepção Veda do Universo", da qual não há transcrição literal disponível. Cf. as duas palestras do Swami em Nova York sobre o Cosmos, proferidas em 1896 em *Complete Works*, Vol. 2 ("O Cosmos: O Macrocosmo" e "O Cosmos: O Microcosmo").

[403]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[404]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[405]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[406]Esta reportagem de jornal é uma visão geral de oito palestras proferidas na Casa da Verdade em dezembro de 1899 e janeiro de 1900, das quais há apenas uma transcrição literal, "Dicas sobre Espiritualidade Prática", publicada em *Obras Completas*, vol. 2.

[407]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível.

[408]A palestra foi intitulada "As Reivindicações do Vedanta no Mundo Moderno", da qual não há transcrição literal disponível. Cf. *Obras Completas*, vol. 8 para um relatório um pouco diferente, que não inclui a maioria das citações diretas do Swami que aparecem no *Tribuna de Oakland*.

[409]A palestra, da qual não há transcrição literal disponível, foi proferida em 17 de outubro de 1895.

[410]A palestra foi "Autoconhecimento", da qual não há transcrição literal disponível.

[411]Dos quais nenhuma transcrição literal está disponível. Cf. a reportagem do jornal anterior 'An Indian Ascetic', para outra reportagem da mesma palestra, proferida em 22 de outubro de 1895.

[412]Palestra proferida em Londres, Inglaterra, em 10 de novembro de 1895, da qual não há transcrição literal disponível.

[413]Este discurso de Londres, do qual não há transcrição literal disponível, foi proferido em 16 de novembro de 1895.

[414]Não há transcrição literal disponível. Cf. a reportagem do jornal indiano "On Education".

[415]Uma aula de quinta-feira à noite, ministrada no verão de 1896, em St. George's Road, da qual não há transcrição literal disponível.

[416]Uma aula de sexta-feira à noite ministrada no verão de 1896, em St. George's Road, da qual não há transcrição literal disponível.

[417]Provavelmente "Ideais Religiosos Védicos", entregues em Londres, Inglaterra, na quarta-feira, 28 de outubro de 1896, dos quais não há transcrição literal disponível.

[418]Basu, Sri Sankari Prasad, "Swami Vivekananda em Madras: 1892-1893 - Algumas novas descobertas", *Prabuddha Bharata*, 1974, pp.

[419]O único relato literal das idéias de Swami Vivekananda neste período de sua vida.

Embora este extrato não mencione Swami Vivekananda pelo nome, refira-se a um mestrado que o Swami nunca recebeu e o descreva como dois anos mais velho do que sua idade real - ainda há evidências internas indubitáveis de que o Sâdhu bengali era Swami Vivekananda. Além disso, a data coincide exatamente com a estadia do Swami em Madras, e a referência anterior a este evento foi publicada no *Reformador Social Indiano*, em 13 de julho de 1902 é adicionada a confirmação. Aliás, nenhuma cópia do *Reformador Social Indiano* de 1892-1893 está disponível hoje.

[420]Nivritti e Parvritti são conceitos-chave na filosofia hindu, e Swami Vivekananda tem frequentemente interpretado e elaborado sobre eles (por exemplo, ver *Obras Completas*, Vol. 1, *Karma-Yoga*, cap. 6) em suas conotações tradicionais. Mas a interpretação dos termos aqui atribuídos a ele pelo repórter do *Reformador Social Indiano* não está de acordo com o que o Swami disse em outro lugar.

[421]Cerimônia religiosa em que comida e bebida são oferecidas a parentes ou ancestrais falecidos.

[422] Lit., “nascido duas vezes” — aplicável às três castas superiores da sociedade hindu em virtude da investidura do cordão sagrado, significando o renascimento espiritual.

[423] Vide "Observações rabugentas", *Obras Completas*, vol. 3.

[424] Este último parágrafo é um extrato até então inédito.

[425] Vide *Obras Completas*, vol. 4, “Responder ao endereço de Calcutá”.

[426] Vide *Obras Completas*, vol. 4, “Responder ao endereço de Calcutá”.

[427] Vide "Budismo, a Realização do Hinduísmo", *Obras Completas*, vol. 1, para um parágrafo de resumo um pouco diferente.

[428] Segundo Swami Vivekananda, o tema era "Filosofia Indiana e Sociedade Ocidental", do qual não há transcrição literal disponível. *Veja Novas Descobertas*, vol. 3, pág. 262.

[429] Cf. Transcrição publicada do Sr. J. J. Goodwin "A Necessidade da Religião", *Obras Completas*, vol. 2.

[430] Nenhuma transcrição literal disponível.



Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.



z-library.sk

z-lib.gs

z-lib.fm

go-to-library.sk



[Official Telegram channel](#)



[Z-Access](#)



<https://wikipedia.org/wiki/Z-Library>